ROLLO

992

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL

DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA

A. G. I. I.

DIV. MICROFILMACION

ROLLO N° 992
(SJ)

ACTA DE APERTURA DE MICROFILMACION:

LUGAR DE LA MICROFILMACION (ORGANISMO): DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA.-

FECHA DE INICIACION DE LA MICROFILMACION: 19 de marzo de 1991.-

DENOMINACION DE LA DOCUMENTACION: DOCUMENTOS DEL DPTO.II/D.G.I.D. DEL AÑO 1987 (PAISES).-

IDENTIFICACION DEL PRIMER ORIGINAL MICROFILMADO: R.E.NRO.8702304 Fs.01/1 CARPETA Nro.026 Correspondiente a URSS.-

OPERARIO/S: Sdo.1ra.M.Cosentino y Sdo.1ra.J.Sarraute.-

REDUCCION DE IMAGEN: 29 X

SISTEMA EMPLEADO: STANDARD

ROLLO SIMULTANEO: NO

DESCARTE: Personal del DPTO.II/D.G.I.D.

PREPARACION DOCUMENTAL: Personal del DPTO.II/D.G.I.D.

CONTROL: Personal del DPTO.II/D.G.I.D.-

VISTO: Una vez comprobadas las características que contiene el primer documento en la apertura del acta, se procede a la iniciación de la microfilmación firmando para su constancia el funcionario responsable y la Dirección de la Oficina.-

El Encargado de la División Microfilmación
S.O.M.
Juan Carlos Martínez

El Jefe del AGII DE LA D.G.I.D.
Cnel.
Pedro Barneix

DOC. AÑO 1987

MESA

PAISES

CARP. Nº 026

UNIÓN SOVIÉTICA

ENTRE LOS Nºs

2804/12558

ARCHIVAR EN: JRSS (024)

TEMA: VARIOS TITULOS

PROCEDENCIA: DOE Nº 0500/87 DEL 14/5/87

ARCHIVADO EN: ENLACE SUDÁFRICA 135

01/01

8702804

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Angola: Russian/Cuban/FAPLA COMMAND AND CONTROL SYSTEM

PROCEDENCIA: E. Sudafricano 30/3/87 Doc. 05/2/87

ARCHIVADO EN: Enlace Sudafricano (135)

01/01

8702809

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Supplementary Political Report 28/5/86

PROCEDENCIA: E. ALEMAN 5/12/86 Doc. 0050/86

ARCHIVADO EN: ENLACE ALEMAN 1/35/C

01/01

8702811

026

URSS (fichage)

O GLOBO 18/2/87

Médico pacifista é nomeado para o Ministério da Saúde da URSS

MOSCOU — O cardiologista Eugeni Chazov, que em 1980 fundou com o americano Bernard Lown a Associação Internacional dos Médicos para Prevenção da Guerra Nuclear, agraciada com o Nobel da Paz de 1985, foi designado ontem Ministro da Saúde da União Soviética. Ele substitui Serguei Burenkov, destituído em dezembro passado em meio a severas críticas das autoridades aos serviços sanitários do país.

Membro da Academia de Ciências e da Academia de Medicina, Chazov, de 57 anos, era um dos Vice-Ministros da Saúde desde 1968. Famoso pelas pesquisas e estudos clínicos sobre o tratamento das enfermidades cardíacas, que lhe valeram um Prêmio Lênin em 1982, foi médico particular do então Presidente Leonid Brejnev e desde 1976 dirige o Instituto Soviético de Cardiologia.

Formado pelo Instituto de Medicina de Kiev, Chazov desde cedo se dedicou à cardiologia, sem entretanto abandonar a vida política, sendo Deputado no Conselho das Nacionalidades, uma das duas Câmaras do Soviete Supremo, e membro do Comitê Central do Partido Comunista.

01 / 01

026

URSS

O GLOBO 18/2/87

URSS aceita inspeção

GENEBRA — A União Soviética concordou, ontem, em aceitar inspeções de rotina in loco bem como o princípio de "inspeções especiais sem aviso prévio" para o controle da proibição de armas químicas. Entretanto, se houver acordo, cada Estado terá direito de recusar o acesso a inspetores internacionais, "em casos excepcionais", segundo declarou Yuri Nazarkine, delegado soviético à Conferência de Desarmamento que se realiza em Genebra, reunindo 40 nações.

Nazarkine afirmou ainda que existe, agora, um "entendimento comum" no sentido de que a verificação de armas químicas "estará baseada num sistema de inspeções de rotina internacionais. Admitiu, ao mesmo tempo, que tais inspeções sejam complementadas por visitas sem aviso prévio. Frisou, entretanto, que não se pode excluir a possibilidade de um Estado impedir o acesso de inspetores internacionais em casos excepcionais, como os que envolverem locais e instalações "particularmente sensíveis".

A nova atitude soviética pode ajudar a tirar a conferência de um impasse que perdura após dez anos de debates a propósito da questão da verificação. EUA e seus aliados sempre insistiram numa inspeção rígida, para [illegible] de estoques e instalações e impedir a produção clandestina de armas químicas. Moscou, de sua parte, sempre rejeitou a inspeção internacional in loco, por considerá-la um disfarce para fins de espionagem, conceito que mudou após a ascensão de Mikhail Gorbachev.

● O Departamento de Estado Desafiou ontem o líder soviético, Mikhail Gorbachev, a demonstrar seu "novo pensamento" sobre o controle de armas e o Afeganistão através de propostas e ações concretas. O Porta-Voz do Departamento de Estado, Charles Redman, reagiu assim ao noticiário sobre o discurso de Gorbachev em Moscou, no qual disse que as reformas iniciadas em seu Governo são "irreversíveis".

01 01

026

URSS

O Globo (18/2/87)

URSS aceita inspeção de armas químicas

GENEBRA — A União Soviética concordou, ontem, em aceitar inspeções de rotina **in loco** bem como o princípio de "inspeções especiais sem aviso prévio" para o controle da proibição de armas químicas. Entretanto, se houver acordo, cada Estado terá direito de recusar o acesso a inspetores internacionais, "em casos excepcionais", segundo declarou Yuri Nazarkine, delegado soviético à Conferência de Desarmamento que se realiza em Genebra, reunindo 40 nações.

Nazarkine afirmou ainda que existe, agora, um "entendimento comum" no sentido de que a verificação de armas químicas "estará baseada num sistema de inspeções de rotina internacionais. Admitiu, ao mesmo tempo, que tais inspeções sejam complementadas por visitas sem aviso prévio. Frisou, entretanto, que não se pode excluir a possibilidade de um Estado impedir o acesso de inspetores internacionais em casos excepcionais, como os que envolverem locais e instalações "particularmente sensíveis".

A nova atitude soviética pode ajudar a tirar a conferência de um impasse que perdura após dez anos de debates a propósito da questão da verificação. EUA e seus aliados sempre insistiram numa inspeção rígida, para assegurar a destruição de estoques e instalações e impedir a produção clandestina de armas químicas. Moscou, de sua parte, sempre rejeitou a inspeção internacional **in loco**, por considerá-la um disfarce para fins de espionagem, conceito que mudou após a ascensão de Mikhail Gorbachev.

● O Departamento de Estado desafiou ontem o líder soviético, Mikhail Gorbachev, a demonstrar seu "novo pensamento" sobre o controle de armas e o Afeganistão através de propostas e ações concretas. O Porta-Voz do Departamento de Estado, Charles Redman, reagiu assim ao noticiário sobre o discurso de Gorbachev em Moscou, no qual disse que as reformas iniciadas em seu Governo são "irreversíveis".

01 | 01

SEGUNDA SECCION LA HORA Pág 17 Miércoles 4 de marzo de 1987

La URSS destruiría 243 misiles "SS-20" al firmarse el acuerdo con Estados Unidos

Continúan manifestaciones de apoyo a la nueva propuesta de la Unión Soviética

Gorbachov se entrevistó con el premier irlandés

Moscú (TASS). Mijail Gorbachov se entrevistó en el Kremlin con el Primer Ministro de Islandia, Steingrimur Hermansson.

"Es simbólico -declaró Gorbachov, tras dar la bienvenida al huésped-, que su visita coincida con un nuevo paso importante imbuido del espíritu de Reikjavik, con nuestra propuesta de retirar los cohetes nucleares. Reikjavik vive. Demostró a todos que es posible llegar a un entendimiento en los problemas más importantes ligados a la supervivencia de la humanidad. Reikjavik ocupó un lugar sólido en la vida internacional. Y nosotros no permitiremos que en Ginebra nos tiren para atrás."

"El que nosotros estemos dispuestos, en efecto, a hallar un desenlace en el espíritu de Reikiavik -subrayó Mijail Gorbachov-, lo demuestra también nuestra propuesta sobre los euromisiles. De esta forma volvemos a invitar a la administración de EE.UU. a continuar las búsquedas partiendo de Reikjavik.

Mijail Gorbachov recalcó el papel de los países pequeños y medianos en el proceso general del saneamiento de la situación internacional. Esto se refiere, concretamente, a la idea de hacer del norte de Europa una zona desnuclearizada.

Streingrimur Hermansson se refirió al gran interés en occidente e Islandia por todo lo que sucede en la URSS y deseó éxito al dirigente soviético. "Esto nos infunde esperanza a todos nosotros, dijo, puesto que el mundo ha pasado a ser demasiado pesimista y tenebroso. Necesita estimular el optimismo y ustedes en la URSS crean ese estímulo con las transformaciones de su país y con que hacen hincapié en el diálogo, en lo que el mundo necesita para salir de la grave situación al camino de la colaboración".

Moscú, Tokio, Naciones Unidas, Berlín. (PL - ADN). De firmarse un acuerdo con Estados Unidos sobre la liquidación de los cohetes de alcance medio en Europa, la URSS destruiría 243 misiles del tipo "SS-20", precisó el Mariscal de la Unión Soviética, Serguei Ajromeiev.

Al hablar en una rueda de prensa, el viceministro primero de Defensa y jefe del Estado Mayor de las fuerzas armadas de la URSS añadió que a pesar de que mediante esta eventual concertación Estados Unidos mantendrá intactos su medios nucleares de avanzada en aviones y barcos, la seguridad de la URSS y sus aliados no se verá comprometida.

Expresó que tampoco en esta ocasión la URSS vincula el problema de la liquidación de los cohetes soviéticos y norteamericanos de alcance medio con las fuerzas nucleares de Gran Bretaña y Francia, pero se supone que estas dos naciones se inserten en alguna de las etapas del proceso general de desarme atómico..



Javier Pérez de Cuéllar, secretario general de la ONU, manifestó marcado interés por el nuevo plan de desnuclearizar Europa, propuesto por Mijail Gorbachov.

RECONOCE TAILANDIA ESFUERZOS SOVIETICOS CONTRA EL PELIGRO NUCLEAR

Tailandia se manifestó positivamente en relación con la actitud y esfuerzos desplegados por la Unión Soviética para prevenir una guerra nuclear y garantizar la paz en Asia y en todo el Planeta.

Tales acciones, que se corresponden con las iniciativas presentadas por Mijail Gorbachov en Vladivostok, fueron reconocidas en Bangkok por el Premier tailandés, Pren Tinsulanonda, en un encuentro con el Ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze.

El intercambio de impresiones se desarrolló en un clima calificado de constructivo, en el cual se abordaron temas bilaterales y relacionados con la paz en Asia y el mundo.

PEREZ DE CUELLAR MANIFIESTA GRAN INTERES

El Secretario General de la ONU, Javier Pérez de Cuéllar, observa con gran interés las propuestas sobre desarme presentadas por la Unión Soviética a Estados Unidos, dijo su vocero Francois Giulani.

Cuestionado sobre este tema durante un breve encuentro con los corresponsales, Giuliani expresó que Pérez de Cuéllar ha leído con gran interés en los diarios, los informes sobre la reciente iniciativa del Secretario General del Partido Comunista de la Unión Soviética, Mijail Gorbachov, dirigida a la eliminación en Europa de proyectiles de alcance medio.

La propuesta de las autoridades de Moscú, revelada la pasada semana, se presentó formalmente a los principales funcionarios que encabezan la delegación estadounidense a las negociaciones sobre control de armamentos en Ginebra.

PLENO APOYO DE LA RDA

La República Democrática Alemana ha expresado su pleno apoyo a la nueva iniciativa soviética de desarme presentada por el Secretario General del PCUS, Mijail Gorbachov.

En una declaración publicada, la dirección de la RDA reafirma la conformidad con la URSS de que inmediatamente después de la firma de tal acuerdo serían retirados del territorio de la RDA los misiles de campo de batalla de alcance prolongado instalados como respuesta al estacionamiento en Europa Occidental de los cohetes "Pershing-22" y los misiles "Cruceros", de los EE.UU.

01 | 01

026

URSS

"Suavizaron" propuestas del dirigente soviético

MOSCU. (UPI) — Altos dirigentes del Partido Comunista "suavizaron" propuestas del líder soviético Mijail Gorbachov y bloquearon promociones adicionales de sus seguidores durante el pleno del Comité Central del PC esta semana, dijeron ayer los analistas

Tanto fuentes soviéticas como occidentales señalaron específicamente el fracaso de Gorbachov en promover a Boris Yeltsin, un cercano aliado del jefe del Kremlin que ha hecho algunos de los llamamientos para mayores reformas

También observaron que la resolución final aprobada el miércoles en la conlusión del pleno de dos días del Comité Central era una versión débil del discurso de 25.000 palabras que Gorbachov dio en la apertura de la reunión el martes

"La opinión general es que Gorbachov no logró lo que quería", dijo un diplomático occidental

Un funcionario soviético dijo que los rumores sobre cambios importantes de dirigentes habían circulado durante semanas y expresó sorpresa de que Yeltsin, de 55 años, no había pasado a ser miembro completo del Politburó, el órgano máximo del partido Los cambios anunciados ayer fueron mínimos

Dinmukhamed Kunaev, de 75 años, que fue destituido en diciembre de la jefatura del partido en la República de Kazakhstan, fue la única persona desplazada del Politburó. Pero en lugar de llenar la vacante con otro dirigente, Gorbachov dejó al cuerpo gobernante con 11 miembros.

Otra promoción rumoreada, la del asesor de política exterior Anatoly Dobrynin, ex Embajador en Washington y miembro sin voto del Politburó, no ocurrió Sin embargo, el jefe de propaganda de Gorbachov, Alexandr Yakovlev, de 63 años, se convirtió en el octavo miembro de ese segunda fila de poder

Vladimir Shcherbitsky, de 68 años, jefe partidario de Ucrania, sobrevivió al reciente criticismo abierto de su trabajo para mantener su puesto en el Politburó Los analistas occidentales, diciendo que ello mostraba que todavía tiene "muchos amigos en Moscú" esperaban que durará al menos hasta el segundo trimestre

La Habana 30/1/87

01 | 01

8702941

URSS
026

PN *

Sociedades marxistas en vías de modernizació

31/1/87 al 6/2/87 ____ El Día

"Y ahora, aún después de la muerte de Marchenko... yo me pregunto '¿Quién sigue?' Es inadmisible que en nuestro país haya prisioneros de conciencia y gente que sufra por sus convicciones. Y haré el máximo esfuerzo, todo lo que esté a mi alcance, para que esto se detenga".

Dr. Andrei Sajarov, Estación Yaroslavsky, Moscú, Diciembre 23 de 1986, hora 7 de la mañana.

Por Gwynne Dyer

Un tercio de la raza humana vive en la Unión Soviética y China. Han vivido bajo regímenes comunistas durante tanto tiempo que la mayoría de los ciudadanos soviéticos y chinos no pueden recordar otra realidad. Han permanecido aislados del resto de la humanidad por decisión deliberada de sus gobernantes, a fin de no ser contaminados por ningún conjunto rival de creencias. Y sin embargo, miren lo que está sucediendo. Helo ahí al Dr. Sajarov en la estación de ferrocarril Yaroslavsky, en la oscuridad de una madrugada moscovita de diciembre, diciéndole a un bullicioso grupo de 300 periodistas occidentales que agradece al Secretario General Mikhail Gorbachov que lo haya liberado de siete años de exilio en Gorky —pero que sigue oponiéndose a la guerra soviética en Afganistán.

Además, agrega Sajarov, su país no será la clase de lugar a que él aspira, hasta que sean puestas en libertad todas las personas "que han sido encerradas por sus convicciones, pero que nunca han usado de la violencia". Le dijo todo esto personalmente a Gorbachov, por correo o por teléfono, antes de ser puesto en libertad; y sigue libre. En cierto modo, sería menos sorprendente si la Unión Soviética se deshiciera de sus encasillamientos del pasado, porque la sociedad soviética es mucho más rica, mejor educada y más sofisticada que la china. Los rusos, por más que tanto sus gobernantes como sus oponentes extranjeros hayan dedicado mucha propaganda a negarlo, pertenecen a la corriente principal de la cultura europea, en el seno de la cual la democracia se siente naturalmente muy cómoda. Los chinos no pertenecen a esa vertiente, pero también allí están sucediendo cosas.

El mismo día que Sajarov llegó a Moscú, mil estudiantes pekineses marchaban por la calle cantando "Viva la democracia", y "exigimos libertad". La policía, desarmada para la ocasión, los trató con guante blanco. Y un par de semanas antes, en Shanghai, que fue donde realmente comenzaron las demostraciones estudiantiles, tuvo lugar una muy reveladora confrontación en la Universidad de las Comunicaciones.

El alcalde de Shanghai, Jiang Zimin, fue a la Universidad a mediados de diciembre a hablar con unos 3.000 estudiantes que se mostraban disconformes con todo, desde su propia situación al estado del país. Cuando se rehusó repetidamente a discutir los temas que le planteaban, los estudiantes comenzaron a abuchearlo, y perdió la paciencia. "¿Quién se atreve a abuchear una vez más?, preguntó; y muchos estudiantes lo hicieron.

Entonces Jiang cometió el error de señalar a un estudiante y gritarle: "Ud. no quiere escucharme. ¿Por qué no se pone de pie y habla Ud.?" Contaba con el arraigado temor de los chinos a ser elegidos para ser castigados; pero los amigos del estudiante lo obligaron a dirigirse al podio, donde hizo dos preguntas a Jiang.

¿Hay libertad de prensa en China?, quería saber. Y además, ¿había sido electo el alcalde por el pueblo de Shanghai? (Por supuesto la respuesta a ambas preguntas es no; eran puramente retóricas). Cuando Jiang, en lugar de responder, exigió conocer el nombre del estudiante, y la clase a la que pertenecía, fue silenciado a gritos por los demás estudiantes 20 o 30 de los cuales se abalanzaron sobre el micrófono con sus propias preguntas. Un joven preguntó atrevidamente a Jiang si alguna vez se había pedido al pueblo chino que endosara los "cuatro principios" de Marxismo, Leninismo, Socialismo y el papel rector del Partido Comunista, que constituyen en su conjunto la base de la pretensión del Partido de contar con un mandato para gobernar. también preguntó si los cambios constitucionales de 1980 que eliminaron el derecho a pegar carteles habían sido aprobados por el pueblo chino.

Las respuestas de Jiang no fueron satisfactorias y los carteles que pegaron los estudiantes esa noche, expresando sus puntos de vista, fueron arrancados. Cuando a la noche siguiente pegaron nuevos carteles que decían "la voz del pueblo no puede ser arrancada", también fueron retirados. De modo que marcharon sobre la Plaza del Pueblo, en Shanghai, exigiendo ver de nuevo al alcalde.

Ese fue el comienzo de la actual serie de demostraciones. Pero aún ahora, que se han extendido hasta Pekín, el gobierno está tratando de contener sus propios reflejos para no aplastarlas.

Indudablemente, los gobernantes de Pekín están mucho menos convencidos que los estudiantes de que la "democracia" es la panacea de todos los problemas políticos, económicos y sociales de China, pero saben que las simplistas fórmulas marxistas tampoco lo son. Como lo observó hace dos años el secretario general Hu Yaobang: "Marx nunca vio una lamparita eléctrica. Engels nunca vio un avión, y ninguno de los dos visitó jamás la China".

Siempre es prudente ser cauteloso acerca de los cambios políticos en la Unión Soviética o China, pero es claro que algo está pasando aquí.

OCCIDENTE, HOY Y AYER

El resto del mundo es, en el mejor de los casos, admonitorio y en el peor despreciativo, hacia las infortunadas sociedades que viven bajo la carga de la Verdad Revelada. Pobres rusos, pobres chinos, pobres iraníes. Pero el "resto del mundo" en este contexto, es Occidente, cuyos valores políticos predominan hoy en la mayor parte de la Tierra.

Empero, hace cuatro siglos, la "civilización occidental" vivía también bajo la carga de la verdad revelada, y la Inquisición quemaba a la gente que discrepaba.

Occidente pasó de aquellos tiempos a la actual situación —que por cierto no es perfecta, pero es bastante deseable— por sus propios medios. Marxistas, fundamentalistas islámicos y otros creyentes de la verdad, van a tener que hacer lo mismo. En el caso de los marxistas, al menos hay indicios de que algunos de ello están tratando.

Las recientes demostraciones reclamando democracia en China, si bien es muy improbable que logren algo tan radical del Estado, son mucho más sofisticadas que la última vez. Durante los episodios del "muro de la democracia", en 1978-79, los argumentos giraban en su mayoría en torno a cómo perfeccionar el "socialismo", y nunca se apartaron de las sendas de la "lógica" marxista.

Cuando algunos estudiantes se aventuraron por caminos más radicales, fueron encarcelados, y todo el experimento quedó cancelado.

Esta vez los estudiantes no son ex guardias rojos. Se trata de una generación diferente que ha estado lo suficientemente expuesta a las ideas occidentales como para comprender qué es lo que realmente significa la palabra "democracia". Hasta lo que cualquiera puede discernir, los manifestantes no están siendo manipulados por ninguna facción política. Esto puede significar que tienen una carrera muy corta por delante, pero hasta el momento la respuesta del gobierno ha sido llamativamente tolerante.

Y la liberación de Sajarov en la Unión Soviética lleva la política de "glasnost" (apertura) a una etapa completamente nueva. Una cosa es —por más que sea un gran paso adelante de la televisión soviética— informar de la existencia de motines nacionalistas en las ciudades soviéticas de Asia central sin mayores distorsiones. Pero otra muy distinta es dejar suelto en Moscú a una figura mundial como Sajarov, sin control de sus opiniones.

Si bien las intenciones últimas de Mikhail Gorbachov distan mucho de ser claras, nadie cuestiona su inteligencia ni su instinto político, por lo que hay que pensar que ha previsto los resultados probables de su decisión. O bien vuelve a arrestar a Sakharov en un futuro próximo —lo cual le costaría mucho más crédito político que el que ha ganado poniéndolo en libertad— o por el contrario ha decidido permitir que exista en Moscú una "oposición leal".

La médula de los valores políticos actuales de Occidente reside en la aceptación del hecho de que nadie puede decir que posee la verdad absoluta. Esa es la razón por la que todas las opiniones deben ser respetadas, aún si la mayoría piensa que momentáneamente son erróneas. Ese es también el por qué de que los gobiernos deban permitir una oposición oficial y abierta, e incluso deban dejar que el poder cambie de manos de tanto en tanto.

La totalidad de la receta democrática es, por ciento, más de lo que cualquier comunista soviético o chino puede digerir en esta generación. Elecciones multipartidarias y cambios de gobierno significarían el abandono formal de la ideología marxista-leninista y (más importante) del monopolio del poder por parte del Partido Comunista, por lo que no habrán de darse en un futuro próximo.

Pero pueden haber otras maneras en que los regímenes marxistas puedan alejarse del primitivo totalitarismo en que hoy están encasillados. Lo que puede



estar pasando en la Unión Soviética —y enfatizó la palabra "puede"— es una tentativa de abrir el sistema de maneras diferentes.

Los brotes de democracia en China son mucho más rudimentarios, y uno teme lo peor para los manifestantes estudiantiles, tarde o temprano. China sigue siendo una sociedad jerárquica en la que la mayoría de la gente obedece órdenes en forma instintiva. Pero hasta en China hay signos alentadores para el futuro; y en el caso de la Unión Soviética el futuro puede haber llegado a la estación Yaroslavsky. Una Unión Soviética más democrática no necesariamente sería un adversario más complaciente de los Estados Unidos desde un punto de vista estratégico. En realidad, la confrontación nunca fue ideológica; de todos modos, Afganistán puede beneficiarse, pero no hay razones para creer que los puntos de vista del pueblo soviético sobre la libertad de opción de los países de Europa Oriental, sean en alguna medida más generosos que las actitudes del pueblo norteamericano hacia América Central.

No obstante, la apertura de la sociedad soviética, por parcial que sea, sería algo altamente deseable, y no solamente en nombre de las decenas de miles de presos de conciencia. Hay otros 280 millones de ciudadanos soviéticos que también merecen ser tratados como adultos responsables.

N. de R.: El presente artículo de Gwynne Dyer fue escrito con anterioridad a la propuesta de Gorbachov para reformar el sistema electoral en la Unión Soviética. Como es sabido, fue aprobada por el Comité Central del Partido Comunista y se la considera un paso trascedente en la democratización del país.

02 | 02

8702943

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Gorbachov se reunió con el P.C. argentino

PROCEDENCIA: Clarín 4/3/87

ARCHIVADO EN: ARGENTINA (084)

01 / 01 8703024

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: La visita de Gorbachov (IV)

PROCEDENCIA:

ARCHIVADO EN: ARGENTINA (084)

01/01 8703083

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Informe de Cumbre de Reikiavik

PROCEDENCIA: [illegible] 26/2/87

ARCHIVADO EN: Cumbres (018)

01/01 8703236

026 URSS

Exterior

Un eurocomunista en el Kremlin: Mikhail Gorbachov

Por Rolando Rivière

(Corresponsal de LA NACION en Europa)

MADRID, 17 – La oferta de Mikhail Gorbachov hecha ayer ha sido clamorosa. Ante un foro de mil personalidades internacionales, donde estaba inclusive Graham Greene, proclamó que la anulación de las armas nucleares puede ser, inclusive, un gesto que adopte por su cuenta la Unión Soviética. Antes había dejado a Sakharov que volviera a Moscú desde la ciudad prohibida de Gorki y ha liberado a más de cien disidentes de los campos de concentración. Busca, claramente, un cambio interno y a la vez un cambio de imagen y pide la crítica al Gobierno.

Este corresponsal, que conoce todos los países comunistas europeos menos el mayor, la URSS (porque nunca se le concedió el visado que solicitó cuando falleció Brezhnev), ha seguido minuciosamente en la prensa las informaciones sobre la "perestroika", el cambio, la reforma y la apertura; la transparencia: el "glasnost".

Gorbachov, a quien vimos por pri[illegible] vez en la legendaria cita con [illegible] Ginebra (dicho sea de paso, [illegible] único latinoamericano no [illegible] en Moscú invitado a la [illegible] de prensa del premier so[illegible] [illegible] conmoviendo a Occi[illegible] [illegible] si con igual fuerza a [illegible] Muy probable[illegible], si

Nada nos mueve a suponer que las intenciones y los hechos del más joven líder soviético desde Stalin estén desprovistas de una voluntad reformadora, que aspira a ser otro "Zar" benévolo y creador, que quiera para su pueblo lo mejor. Todos quieren lo mejor para sus pueblos, incluyendo los dictadores. Lo que importa para Occi[illegible] definir la "perestroika", aclarar el [illegible]

C[illegible] [illegible]munismo, [illegible] los que [illegible] un co[illegible] Moscú. Era así, en efecto. [illegible] renuncia a principios verticalistas tampoco una resignación total de antiguos libros de texto. El eurocomunismo significaba seguir moviéndose dentro de la doctrina con un mayor disfrute crítico, siempre que no afectara definitivamente a la propia doctrina y aun [illegible] a Marx [illegible] de [illegible] tas tabl[illegible] de la [illegible]tibles. Otro ropaje moderno para una postura inmanente. Se vistieron de "punk", pero por debajo la piel seguía intacta.

El desafío de Gorbachov

Raymond Aron, a quien uno no se cansa de leer, reparaba en que a pesar de las huelgas, del terrorismo y de nuestro aparente caos, la capacidad de creación científica y tecnológica y el nivel de bienestar siguen en poder de Occidente. Era la meta a conseguir por un hombre de menos recursos intelectuales que Gorbachov; nos referimos a Khrushchev.

Quiere decir que el desafío, la nueva ola soviética encabezada por su presidente de gobierno, apunta a cambios sustanciales de capacidad productiva y de eficiencia, a un menor despotismo, pero no ciertamente a una modificación sustancial de su índole. Por algo ha citado a Lenin continuamente, figura histórica que poco tiene que ver con una democracia pluralista.

Sería injusto no celebrar estos cambios, pero sería erróneo atribuirles otros méritos. Habría que utilizar diferentes vocablos para definirlos. No decir "democratización", porque no es cierto, y hablar mejor de "liberalización" interna. Podrán elegir con votos secretos muchas autoridades, pero esa elec[illegible] deberá realizarse dentro del partido. Podrán también censurar desde la [illegible] la capacidad de producción o los excesos del Gobierno, pero siempre dentro de la ortodoxia del partido. Eso parece significar a nuestro juicio que lo que está sucediendo cambiará los métodos y aplicará el "glasnost" sin tocar la mística del poder comunista. ¿El eurocomunismo soviético? Lo dijimos en el título y tal vez no estemos muy lejos de la verdad. ¿Gorbachov, un Lutero? También puede ser.

El tot[illegible]

Lo q[illegible] sean [illegible] de su p[illegible] cia del t[illegible] el totalitarismo [illegible] de consu[illegible] tiles [illegible] a un[illegible] de Lenin [illegible] claras. Como señaló Semprun, un español de izquierdas que escribe en francés, esa cita supone volver a los orígenes más totalitarios del sistema soviético.

Michael Voslensky, al analizar el sistema del poder interno soviético, recuerda que el ingreso al Partido Comunista de la URSS no tiene nada que ver con las convicciones. Los que ingresan deben conocer un programa adoptado en 1961 y basta. Es el camino para puestos y privilegios posibles únicamente a través del partido. La "nomenklatura" de donde proviene el propio Gorbachov.

Pero la crisis del sistema soviético ha alcanzado todos los estratos de la sociedad, una sociedad que no conoce la desocupación, que gasta poco en bienes de servicio **y ahorra rublos que no puede gastar en nada y concreta** una existencia **lenta y tediosa donde** las colas parecen ser el signo dominante como en otros países del este europeo

Gorbachov quiere cambiar todo eso, pero sin cambiar el mecanismo del partido único, sin conflictos directos, con sus Fuerzas Armadas, soporte sustancial de un país que ganó también la Segunda Guerra Mundial dejando 20 millones de muertos.

Celebración con límites

Es fundamental para Occidente no juzgar el titánico empeño de Gorbachov por encima de su realidad intrínseca. La ligereza es nefasta para la política internacional. Puede celebrarse que el gran pueblo ruso busque vivir [illegible] pero esa celebración debe considerar sus límites concretos.

En el [illegible] de Gorbachov hay mucho [illegible] y [illegible] hasta ayer en la historia [illegible]tica. No obstante las téc[illegible] mismas y la [illegible] tica, autoritaria. No se trata, como dice Semprun, de poner en marcha a una sociedad civil que tampoco se sabe si tiene fuerza para hacerlo. Se trata sencillamente de refor[illegible], ablandando algunos controles, el sistema totalitario. Si pensamos en otra cosa nos equivocaremos peligrosamente.

(c) LA NACION

La Nación 18/2/87

Doc. Poco Legible

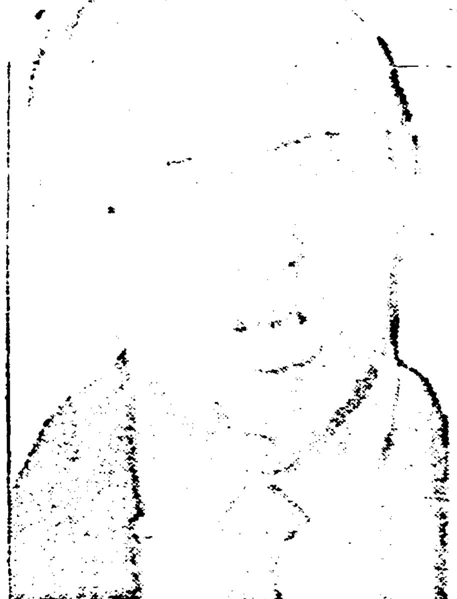
01/01

8703238

026

URSS

Año 118 - Número [illegible]



Mikhail Gorbachov

El líder soviético condicionó su continuidad en el poder a que cesen las resistencias a su programa de reformas e instó a los periodistas a difundir las opiniones del pueblo

Gorbachov amenazó con renunciar

MOSCU, 19 (Reuter). - El secretario general del Partido Comunista de la URSS, Mikhail Gorbachov, aseguró que se vería obligado a renunciar si persistía la resistencia a su programa de reformas, dijo el semanario Moscow News, en su última edición.

El director de Moscow News, Yegor Yakovlev, informó sobre una reunión de seis horas de los principales representantes de los medios soviéticos con Gorbachov y subrayó que éste habló durante casi una hora, y que al conclave también asistieron otros 15 periodistas.

Yakovlev dijo que durante el encuentro se reveló que el plenario del Comité Central del Partido Comunista se pospuso tres veces antes de su inicio, el 27 de enero último. Originariamente había sido fijado para el pasado otoño boreal.

Resistencia

El plenario se destinó a evaluar las reformas sociales y económicas introducidas por Gorbachov y la política del partido respecto del personal, que se ha enfrentado con la resistencia de funcionarios que se oponen a abandonar viejas prácticas.

Sobre la base de notas tomadas durante la reunión, Yakovlev citó a Gorbachov diciendo: "Si el plenario hubiera llegado a la conclusión de que la reconstrucción no está justificada, y debería rechazarse, yo habría dicho: no puedo trabajar de otro modo".

Reconstrucción es el término utilizado por el Kremlin para describir la campaña de reformas de Gorbachov. Las informaciones sobre el plenario han dejado claro que algunos participantes se mostraron contrarios a los cambios, que consideran demasiado rápidos.

Durante el plenario, Gorbachov instó a que se adoptaran mayores medidas democráticas, incluida una reforma electoral que afianzara su programa para revertir la declinación económica y lograr el mejoramiento de la vida de los ciudadanos sovie-

(Continúa en la pág. 2, col. 5)

(Continuación de la pág. 1, col. 6)

ticos. Su política de "glasnost" (franqueza pública) se está afianzando.

Yakovlev indicó que la reunión se había opuesto a la tesis de que la sociedad soviética no está preparada para el pensamiento democrático, y citó a Gorbachov diciendo que la gente debería aprender a decir lo que piensa y a aceptar las opiniones diferentes. "La discusión es parte de la democracia", dijo Gorbachov.

Informaciones publicadas sobre el plenario destacaron que hay [illegible] "glasnost" entre miembros del partido [illegible] señalaron que los opositores temen que el actual florecimiento de las críticas pueda poner al descubierto [illegible] dades y llevarlos a perder privilegios.

"Con inteligencia"

Yakovlev añadió que Gorbachov [illegible] virtió a la prensa, que [illegible] la campaña de "glasnost" [illegible] la crítica se había convert[illegible] los periodistas no [illegible] final a la verdad, y [illegible] lugar a la difusión de las opiniones del pueblo.

Gorbachov ha sostenido [illegible] que su programa de reformas está ganando fuerza y goza del apoyo de amplios sectores sociales, al tiempo que se sigue enfrentando con obstáculos.

01.01

POCO LEGIBLE

8703242

076

j288

Reprimen una protesta de judíos soviéticos

Moscú, 11 (UP) — Policías de civil dispersaron hoy una manifestación de protesta de judíos soviéticos a los que se les negó autorización para emigrar a Israel. Algunos manifestantes fueron golpeados y otros fueron puestos bajo arresto domiciliario.

La acción se produjo un día después que Moscú anunciara la libertad de 140 presos políticos, como parte de los esfuerzos del gobernante soviético Mikhail Gorbachev de democratizar la sociedad.

Los diarios y la televisión de la Unión Soviética ignoraron hoy la libertad de 140 disidentes, en la más grande liberación de presos políticos desde la década de 1950.

La televisión, radio y diarios no informaron del anuncio del Kremlin de ayer de que 140 disidentes habían sido liberados y otros 140 casos estaban siendo revisados como parte de la política de Gorbachev para democratizar la vida soviética y mantener a "menos personas tras las rejas y las alambradas".

El diario "Pravda" dedicó un extenso artículo a los derechos humanos y no mencionó las declaraciones del ministro de relaciones exteriores, Gennady Gerasimov, en una conferencia de prensa, diciendo que dos grupos de presos fueron perdonados bajo decreto del gobierno el 2 y 9 de febrero.

Las autoridades dispersaron la manifestación de unos 22 judíos soviéticos a quienes no se les ha permitido emigrar a Israel.

La Prensa

12/2/87

01.01

8703245

076

URSS

INFORMACION INTERNACIONAL

El tiempo de Gorbachov

La economía soviética no está a la altura de la tecnología que ha revolucionado a los países de occidente y el aparato del Partido Comunista es parte del problema

El líder del Kremlin Mijail Gorbachov aceleró su maniobra para la realización de "cambios revolucionarios" en la sociedad soviética, extendiendo su campaña de reforma más allá de la economía, llevándola al corazón del sistema político que perpetúa en el poder al Partido Comunista.

Importantes propuestas

Gorbachov presentó nuevas propuestas al Comité Central del Partido Comunista en su plenario del 17 de enero. Estas están dirigidas hacia la democratización del sistema soviético. El líder comunista parece estar determinado a continuar con su programa de grandes cambios para modernizar al país y mejorar su capacidad de competir con el occidente.

Entre las propuestas de su discurso frente al Comité Central, Gorbachov planteó que en el futuro se brindará la posibilidad de asumir importantes cargos públicos a personas que no sean miembros del Partido Comunista —ahora los importantes cargos públicos y los ejecutivos económicos son ocupados por destacados miembros—.

También propuso un cambio en el sistema de elecciones al Soviet Supremo (parlamento soviético). En este sentido se refirió únicamente a propuestas que ya tiene a disposición la dirección política del país, como por ejemplo, que la población discuta en debates preelectorales sobre varios candidatos a un solo puesto.

En las elecciones podrán presentarse varios candidatos en un solo distrito electoral, permitiendo así a los votantes una real elección —actualmente se permite un único candidato por distrito—.

Gorbachov habló también de voto secreto, refiriéndose sin embargo a los comicios internos del partido. Todo parece indicar que no se tocará el principio del "centralismo democrático". Aclaró asimismo que "las decisiones de los órganos superiores son concluyentes para los comités partidarios menores, también en cuestiones de cuadros, y esto es un principio inamovible".

Crítica a la era Brezniev

El líder soviético criticó además —con hasta ahora inusual dureza— los errores de sus predecesores, sobre todo los cometidos en la era de Leonid Brezniev. Gorbachov deploró la "degeneración de los cuadros, la decadencia de la moral y la incapacidad de resolver problemas", diciendo que el nivel de los conceptos teóricos ha quedado estancado en los años treinta y cuarenta.

La deseada democratización es una de las condiciones más importantes para poder resolver los problemas contemporáneos, expresó, incluyendo también a los órganos de decisión más importantes de la Unión Soviética: el Politburó y el Comité Central del partido. Estos gremios "deben quedar abiertos para nuevas fuerzas".



Premier Mikhail Gorbachov

La resolución adoptada por el Comité Central del partido publicada en la prensa soviética del 29 de enero sólo contiene un vago apoyo al concepto específico de las propuestas de Gorbachov.

No obstante, la resolución confirma otras propuestas de "democratización" realizadas por miembros del comité durante los debates, pero no dice expresamente de qué propuestas se trata.

Revolución de Gorbachov

Pero la Unión Soviética está lejos de algo que se parezca al pluralismo, y menos a la democracia en el sentido occidental. No obstante, los eventos de la semana pasada producen una cuota de asombro, expresa el editorial de Los Angeles Times —de 30 de enero— titulado "La Revolución de Gorbachov".

El líder soviético asumió el poder hace 22 meses, y desde entonces ha dejado en claro repetidas veces que su principal prioridad es el rejuvenecimiento de la economía soviética, la que "puede producir excelentes misiles nucleares pero no puede estar a la altura de la galopante tecnología en computación de los países occidentales" plantea el editorial.

Gorbachov ha reconocido, tomado conciencia [illegible] que importantes elementos del aparato del Partido Comunista son parte de este problema, y no la solución. Quiere transformar al partido en un motor que acelere los cambios más que se resista a los mismos. Y sabe que sus reformas serán mucho más exitosas si puede contar con el apoyo de la élite científica y cultural soviética.

Gorbachov ha recorrido un largo camino para reemplazar a los miembros conservadores e inflexibles de la estructura que sustenta el poder por hombres más jóvenes seleccionados por él. Los controles culturales han sido aliviados, se ha incentivado a los medios de prensa a que publiquen casos de corrupción, ineficacia y por [illegible] a la vieja forma neo-stalinista de hacer las cosas.

Sin embargo, hasta ahora la *reforma económica en sí ha* sido extremadamente modesta. Gorbachov ha expresado su frustración al respecto debido a que los burócratas se resisten a los cambios por temor a perder sus privilegios.

Reforzar la autoridad del Kremlin

En cuanto a las propuestas de voto secreto y de postulación de más de un candidato, no debería exagerarse el alcance de las mismas, expresa el editorial del Times. El nuevo sistema de votación no será aplicado a los "hacedores de políticas" dentro del Politburó o del Comité Central. Y en los sectores donde se aplicará la reforma, el proceso de nominación estará controlado *muy* de cerca. En pocas palabras, las reformas tienen la intención de reforzar la autoridad del Kremlin, *no de diluirla*.

Andrei Sakharov, laureado con el Premio Nóbel de física, calificó al discurso de Gorbachov como "un evento extraordinariamente importante".

"Quiere realizar cambios de **democratización en nuestro país**" manifestó Sakharov. "**Esto es necesario. Con tales pasos el sistema tiene que avan**zar o retroceder. Ahora no es posible quedarse estancados en un lugar".

Por otra parte, el historiador disidente soviético Roy Medvedev comentó que "en dos años Gorbachov ha ido mucho más lejos de lo que se esperaba. Pero cuanto más lejos vaya, tendrá mayor oposición". Si este fuera el caso, queda por verse si las reformas aprobadas en principio por el Comité Central realmente se llevarán a cabo.

Prensa comunista cautelosa

Los medios de prensa oficiales de los países de Europa han reaccionado con cautela al discurso pronunciado por Gorbachov.

En la mayoría de los casos la prensa oficial reproduce el discurso en forma total o parcial, pero se abstiene de comentarios.

Llama la atención que en el "Neues Deutschland", órgano del Partido Comunista de Alemania oriental, se eluda toda mención a lo dicho por Gorbachov de que los conceptos teóricos del socialismo están estancados en los años treinta y cuarenta.

Tampoco se menciona nada sobre el hecho de que numerosos jefes partidarios abusaron de sus puestos, convirtiéndose en auxiliares o hasta organizadores de hechos criminales.

La prensa de Checoslovaquia publica el discurso en toda su extensión, pero no hace ningún tipo de comentario.

Varios expertos en la política de Europa Oriental señalan que muchas de las propuestas realizadas por Gorbachov habían ya sido formuladas durante la primavera (hemisferio Norte) de Praga en 1968, condenadas en aquel entonces por la era Brezniev por "anti-socialistas".

En Polonia y Yugoslavia los diarios publican sólo lo dicho por Gorbachov. Sólo en el periódico "Zycie Warszawy" se puede leer un comentario que califica a las propuestas de reformas [illegible].

PARTES POCO LEGIBLES

01 | 01

3702247

024

URSS

Desea conócer necesidades del país

Gira de Gorbachov por el Báltico

MOSCU, (ANSA, UPI y EFE) — El gobernante soviético Mijail Gorbachov se aprestaba a iniciar ayer una gira por las álgidas repúblicas Bálticas, que incluirá reuniones con la población para conocer las necesidades del país.

"La gira comenzará con Riga, la capital de Latvia", dijo la oficial Radio Moscú, pero agregó que podría extenderse hasta las otras repúblicas Bálticas de stonia y Lituania.

"En el transcurso de su gira Gorbachov se reunirá con trabajadores para familiarizarse con la situación y la economía", dijo la radio.

El anuncio se produjo un día después que Gorbachov fue vitoreado por una serie de celebridades, inclusive el disidente Andrei Sakharov, durante una conferencia internacional sobre la paz mundial en la que afirmó que la "amplia democratización de nuestra sociedad es irreversible."

Durante su discurso del lunes, Gorbachov enfatizó que los cambios deberían basarse en los "valores socialistas" del Partido Comunista.

El discurso fue culminación de la conferencia internacional denominada "Por el Desarme Mundial y la Supervivencia de la Humanidad", efectuada en Moscú y en la que participaron unos 850 extranjeros — incluyendo a artistas de cine, autores y científicos — en la capital soviética.

VISITA VARIAS REGIONES

La gira de Gorbachov por el Báltico es la continuación de su política de visitar diversas regiones de la Unión Soviética, desde el Mar negro hasta el Pacífico.

Estados Unidos y algunos países de occidente no reconocen el control soviético sobre las repúblicas Bálticas. Esas repúblicas obuvieron su independencia después de la Primera Guerra Mundia, pero fueron ocupadas por la Unión Soviética en 1939 mediante el Pacto que suscribió con la Alemania Nazi.

Alemania ocupó la region durante la guerra. Sin embargo, el ejército rojo retomó las repúblicas Bálticas y la Unión Soviética las reclamó como parte de su territorio.

La población de las repúblicas Bálticas se ha caracterizado por su adhesión al catolicismo, a pesar de que organismos de derechos humanos han señalado que existe una marcada represión religiosa en la región.

01 .01

8703251

0/4

URSS

Desarme

CLARIN 04-3-87

LAS ARMAS NUCLEARES DE PARIS Y DE LONDRES

Excluirlas de "todas formas"

MOSCU, 3 (por **Dominique Dhombres de "Le Monde" especial para Clarín**) — El mariscal **Akhromeev afirmó que las armas nucleares francesas y británicas deberán ser reducidas "de una forma u otra"**. El mariscal, **jefe del estado mayor general y primer viceministro de la defensa hizo esta precisión tajante el lunes a propósito del estatuto de las fuerzas nucleares francesas y británicas dentro de la negociación sobre euromisiles que compromete a norteamericanos y soviéticos**.

En otras palabras, Akhromeev habló en una conferencia de prensa destinada a presentar la propuesta de **Mijail Gorbachov**, con fecha 28 de febrero de eliminar del viejo continente los SS 20 y los Pershing 2 y también los misiles de crucero **por el momento no hay que "menoscabar" los potenciales nucleares de Londres y de París**. El mariscal agregó "**El proceso en curso deberá en una etapa u otra incluir a Francia y Gran Bretaña, es difícil precisar cuando**. Esto **deberá ser discutido con los EE.UU., la Unión Soviética, Francia, Gran Bretaña y quizá también con otras potencias nucleares**".

La nueva "**iniciativa de paz**" de Gorbachov acerca singularmente tal eventualidad ya que **si las negociaciones entre soviéticos y norteamericanos llegan con rapidez (es decir en el curso de este año) al acuerdo sobre "la opción cero" en Europa, las fuerzas francesas y británicas serán su evidencia contundente en primera línea**.

Las opiniones de TASS

Para convencerse, basta leer el primer comentario consagrado por TASS a la declaración efectuada que divulgó el lunes la cancillería francesa. La agencia soviética estima que "el París oficial no acusó recibo" de la propuesta de Gorbachov. De acuerdo con TASS, "**el ministro francés de Relaciones Exteriores recurre a manipulaciones extrañas con el fin de tergiversar la naturaleza misma de las iniciativas soviéticas**". La agencia confronta la actitud francesa con el "**vivo interés**" manifestado en otras capitales europeas. TASS pondera las reacciones de Hans-Dietrich Genscher, ministro de Relaciones Exteriores de Alemania Federal y aun de lord Carrington.

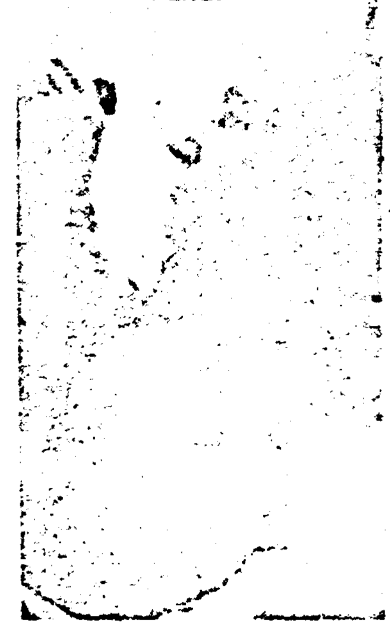
Según la agencia TASS, la mera declaración del Quai d'Orsay va en la dirección incorrecta. El comentarista soviético que firma el despacho, Vladimir Bogatchev, concluye, algo confusamente, que la posición francesa está dirigida por la voluntad de "**atarse cada vez con más fidelidad al carro guerrero de Estados Unidos**".

Decididamente Francia está en observación en estos días. TASS ya la emprendió el 27 de febrero contra el ministro de Comercio Exterior **Michel Noir**, por haber calificado de "engañosas" las reformas en curso en la URSS. El **Pravda** abrió el fuego el lunes a propósito de los intercambios económicos franco-soviéticos.

Cuentos que no cierran

En un extenso artículo titulado **Anotaciones falsas de moda en París**, el corresponsal del **Pravda** afirma que los responsables franceses **arreglan** las cifras del comercio bilateral de modo de hacer aparecer un déficit **exagerado** en su detrimento. Es sabido que la balanza comercial ha estado muy desequilibrada en los últimos años debido a las compras francesas de gas y petróleo, que no encuentran una verdadera contrapartida en los pedidos soviéticos de equipamientos, que están en franca caída.

París estima en más de 6,2 mil millones de francos el déficit comercial para el año pasado. Las [illegible] de Moscú sólo llegan a [illegible] cuatro mil millones.



Agencia AP

François Mitterrand, presidente de Francia.

El **Pravda** ve en estos hechos segundas intenciones políticas y acusa a los [illegible] del ministro de Comercio Exterior de Francia, "**de faltar a las evidencias de buena voluntad con la URSS**". [illegible] del Partido [illegible] con el [illegible] voluntad [illegible] fi- [illegible] Noir en favor [illegible] los soviéticos [illegible] das [illegible] podemos pensar [illegible] papel [illegible] económica [illegible] que se [illegible] París [illegible]

PARTES ILEGIBLE

01.01

8703256

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Soviet Union, International Monetary Fund:

PROCEDENCIA: ENLACE ALEMAN 24/3/87 Doc. 0497/87

ARCHIVADO EN: ENLACE ALEMAN (35/c

01.01

8703258

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: THE Soviet Union's Relations WITH EASTERN Europe.

PROCEDENCIA: Enlace Ingles 30/3/87 Doc. 05/6/87

ARCHIVADO EN: Enlace Ingles (735/c)

01.01

8703259

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: SOVIET UNION: THE CENTRAL COMMITTEE PLENUM.

PROCEDENCIA: Enlace Ingles 30/3/87 Doc. 0523/87

ARCHIVADO EN: Enlace Ingles (U35/c)

01.01

8703262

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Manila May Let Soviet Ships Use Repair Facilities.

PROCEDENCIA: ENLACE Chino 24/4/87 Doc 0581/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Chino (135/B)

01 .01 8703267

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Analysis of Soviet Economic Reform in past year

PROCEDENCIA: ENLACE Chino 24/4/87 Doc. 0592/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Chino (/35/B)

01.01

8703271

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Fueron recibidos por Gorbachov dirigentes Comunistas argentinos.

PROCEDENCIA: 4/3/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01 .01

8703305

JTS 026

Reformas de Gorbachev dividem

EL ESTE EUROPEO

Rubem Mauro Machado

Há algo de novo no reino do socialismo. As ondas de choque provocadas pelo discurso de Mikhail Gorbachev, dia 27 de janeiro último, diante do Comitê Central do PC soviético, defendendo reformas "revolucionárias" para tornar o socialismo mais atrativo, espalham-se por toda a Europa Oriental — e as reações variam do aplauso, na Polônia, à frieza e até aparente hostilidade, na Tchecoslováquia e na Alemanha Oriental.

As antenas de diplomatas e jornalistas ocidentais não necessitam de especial sensibilidade para captar os claros sinais de divergência entre os países do Pacto de Varsóvia sobre os novos rumos políticos e econômicos. Indícios de uma possível crise? O futuro dirá.

A Polônia do general Wojciech Jaruzelski, aos 63 anos um líder relativamente jovem, tem dado mostras nos últimos tempos de uma crescente flexibilidade política interna. A abertura democrática se evidencia em fatos como a nomeação de um ministro da Cultura não pertencente ao Partido Comunista ou a libertação de todos os presos políticos, três meses antes que o próprio Gorbachev suspendesse o confinamento do físico dissidente Andrei Sakharov. Assim, as novidades liberalizantes sopradas de Moscou parecem só contribuir para mover melhor as pás do moinho polonês.

"Democracia superior"

Ao mesmo tempo é sintomático que o discurso de Gorbachev — um panfleto de 60 páginas em letra miúda, intitulado *Necessitamos de democracia como de ar para respirar* — lançado na Alemanha Ocidental, com tiragem de 12 mil exemplares e às vésperas de ser reeditado, não tenha merecido até agora as honras da publicação na Alemanha Oriental.

Na cerimônia de lançamento do discurso em Bonn, o embaixador soviético, Yuli Kvitsinsky, de olho na outra Alemanha, justamente a aliada, disse:

"Acredito que a decisão do nosso plenário foi tornar o socialismo mais atraente... e essa é uma tarefa para todos nós, não importa onde estejamos, se na Alemanha Oriental, na Polônia ou na União Soviética."

Mas ressalvou com cautela:

"Naturalmente nós não vamos dizer aos outros que simplesmente devem copiar o que estamos fazendo."

A cautela não é demasiada, porque a liderança comunista da Alemanha Oriental não parece muito contente com expressões do tipo abertura e democratização e já deixou claro que não pretende imitar os soviéticos nas projetadas reformas.

Aplausos ou críticas veladas acolhem as novas propostas de mudança no mundo socialista

Em um longo discurso, o líder Erich Honecker não só não se referiu ao programa de Gorbachev como insistiu em que "a democracia socialista" já demonstrou ser de longe superior à sua variante "burguesa" e que "não necessita ser substituída por coisa alguma". Assegurou ainda que a Alemanha Oriental tem "uma economia exemplar".

Já a liderança húngara parece estar em cima do muro, numa posição de expectativa. O governo de Budapeste introduziu nos últimos 20 anos uma série de reformas econômicas, que tornaram a Hungria o país do bloco socialista de melhor padrão de vida, ao lado da Tchecoslováquia. Entretanto, ao comentar a nova orientação preconizada por Gorbachev, Matyas Szueroes, secretário do Comitê Central e ex-embaixador em Moscou, depois de dizer que o enfoque reformista da liderança soviética "merece respeito", comentou que ele não deve servir de modelo.

"Qualquer espécie de imitação seria um erro. Cada partido é independente e soberano e trabalha de acordo com as condições peculiares de seus países. Portanto, as experiências de cada um deles não podem ser transplantadas mecanicamente" afirmou com exemplar franqueza, em discurso transmitido pelo rádio. A opinião de Szueroes tem peso: ele é um dos possíveis sucessores de Janos Kadar, atualmente com 75 anos. Contudo Szueroes se declarou favorável às reformas na União Soviética, dizendo que o país, o partido e o povo soviético necessitavam de uma vigorosa sacudida.

A posição da Tchecoslováquia, de extrema cautela contra as inovações, parece muito semelhante à da Alemanha Oriental. Como Honecker, o líder Gustav Husak, alçado ao poder pelos soviéticos em 68, ao fim da primavera de Praga e após a queda de Alexander Dubcek, parece acreditar que um afrouxamento do controle e da autoridade pode desencadear inquietações sociais que levariam ao declínio. Seu principal argumento é a fase de relativa prosperidade que o país atravessa.

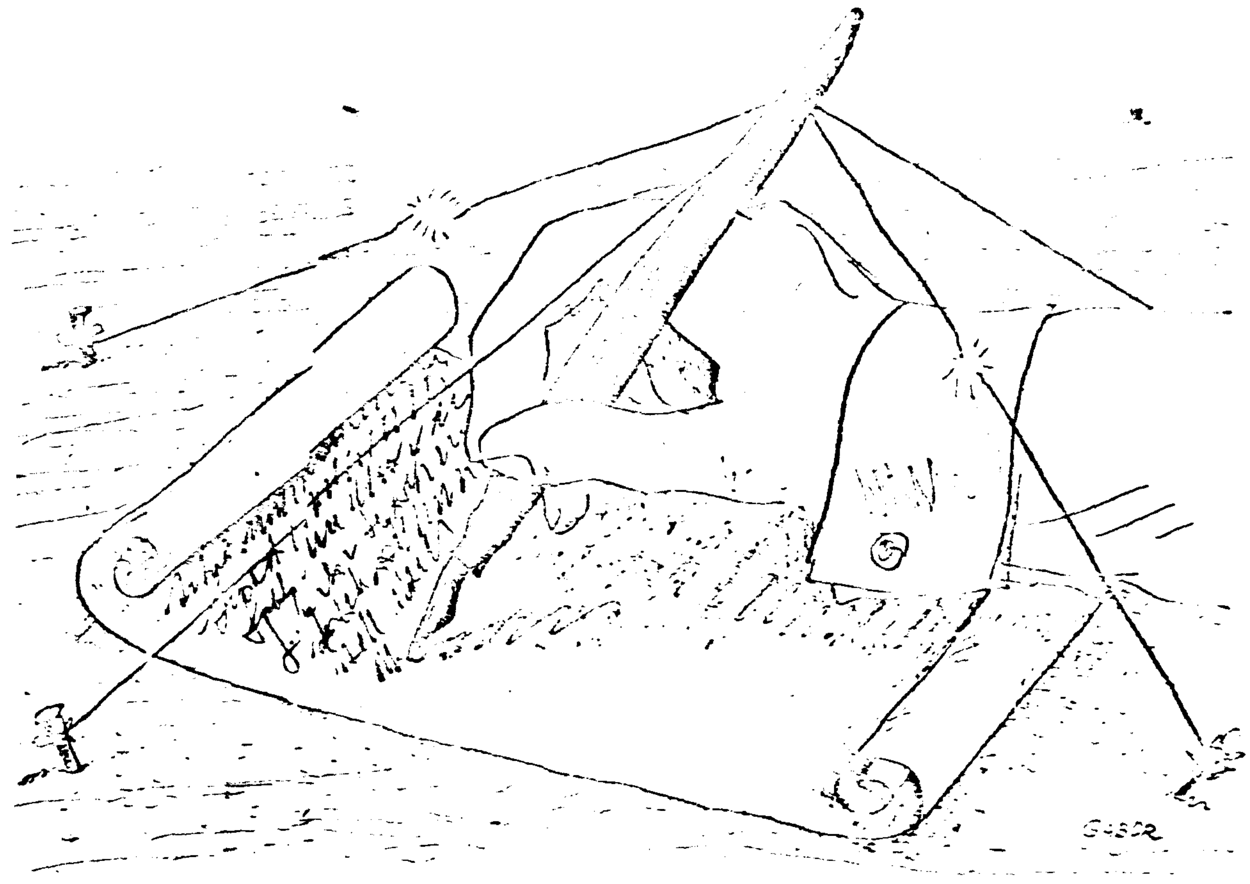
Segundo o *The New York Times*, a própria palavra *reforma* é proibida na Tchecoslováquia, sendo permitido apenas mudança. Mas a agência noticiosa britânica Reuters conta que um número crescente de tchecos está sintonizando os programas de televisão soviéticos ou as transmissões da Rádio de Moscou, sequiosos de informações sobre as reformas de Gorbachev, sonegadas por sua própria mídia.

As autoridades comunistas revelaram que em Pilsen a polícia viu aturdida um grupo de jovens tchecos pedirem numa manifestação o aparecimento de "um Gorbachev tchecoslovaco". Essa vontade de mudança das bases aparentemente começa a afetar a cúpula. Num jantar em homenagem ao chanceler soviético Eduard Shevardnadze, informa a Reuters, diplomatas ocidentais ficaram espantados quando viram o chanceler tcheco Bohuslav Chnoupek elogiar as últimas iniciativas de Moscou para sua "profunda essência revolucionária, ousadia bolchevique e orientação social humanitária". O fato é que na Tchecoslováquia, na Romênia ou em qualquer outro dos países do bloco socialista, uma semente foi plantada. E novas inquietações e novas esperanças já começam a brotar.

Arquivo — 9 2 1987

01 32

8703318



Polônia vive clima de liberalização

Michael Kaufman
The New York Times

Varsóvia — Adam Hanuszkiewicz, demitido há cinco anos da função de diretor do Teatro Nacional Polonês por causa de suas atividades no período do sindicato Solidariedade, acaba de ser convidado ao Ministério da Cultura para discutir uma nova função. Filmes bloqueados pela censura desde 1981 começam a ser exibidos, e alguns artistas e escritores que evitavam contatos com o governo após a decretação da lei marcial estão sendo convidados a tomar chá com o general Wojciech Jaruzelski.

Estas e outras iniciativas do governo parecem destinadas a pintar um quadro pelo menos aparente de reconciliação nacional, para platéias nacionais e estrangeiras. Os poloneses mais céticos, e os que se engajaram na oposição, recomendam cautela. Consideram que se trata de uma tática e ponderam que os comunistas nunca cederão voluntariamente o controle sobre as manifestações intelectuais e artísticas.

Mas não são poucos os poloneses comuns que se têm deleitado, hesitando ou não, com os pronunciamentos de Alexander Krawczuk, o professor universitário que nos últimos quatro meses, como ministro da Cultura, se tem inspirado antes em John Stuart Mill que em Marx ou Lênin. Krawczuk, que não é membro do Partido Comunista, tem declarado que a cultura só se pode desenvolver espontaneamente, à margem do planejamento. Na semana passada, chegou a dizer numa entrevista coletiva que a prolífica imprensa clandestina polonesa é "uma boa coisa".

Um jornalista perguntou se, à luz de sua opinião sobre a indústria cultural clandestina — que produz centenas de publicações, livros e tapes — ainda se justificava a censura, Krawczuk recuou um pouco: "Talvez eu tenha exagerado um pouco em minhas declarações sobre a utilidade da cultura paralela. Estou acostumado a dizer o que penso: fui professor durante 26 anos, e sou ministro há apenas quatro meses. Talvez me acusem de ingenuidade".

Tanto Krawczuk quanto o porta-voz governamental Jerzy Urban, que o acompanhava na entrevista, frisaram que a censura tem sido abrandada, à medida que se distende a situação política. Artigos críticos são publicados na imprensa oficial, e os jornalistas da imprensa paralela não são incomodados. Mas os responsáveis pela impressão e distribuição das publicações clandestinas têm sido multados, e às vezes sofrem o confisco de seus carros. Desde a anistia política de setembro, o valor dessas multas tem aumentado, e os sete maiores editores ilegais decidiram enfrentar o problema constituindo uma empresa de seguros a que se referem ironicamente como a Lloyd's de Varsóvia.

Segundo Krawczuk, essas multas não são uma forma de censura, mas penalidades por sonegação fiscal. Alguém perguntou se essas empresas — algumas das quais chegam a empregar 200 pessoas — teriam autorização para funcionar se pagassem impostos. Urban interveio então, dizendo que existem questões de legislação comercial que interferem no registro de novas empresas.

O governo aumentou em um terço as verbas para a cultura, liberou todos (exceto um) os filmes proibidos por motivos políticos e ofereceu emprego a diretores de teatro que desde a decretação da lei marcial no final de 1981 não tinham autorização para dirigir suas próprias casas. Além disso, Krawczuk está empenhado em permitir a reabertura do Pen Club polonês, dissolvido em 1981.

Mas persiste um problema maior, que mais que qualquer outro define os limites da reconciliação cultural. Trata-se da pretensão de 62 escritores, entre os quais alguns dos mais conhecidos, de fundar seu próprio sindicato independente.

02.02

Arquivo

PARTES POCO LEGIBLE

8703318

URSS

026

La Mañana 27/12/87

PBI aumentaría 2% hasta 1990

CIA analiza actual situación en URSS

WASHINGTON, (ANSA, EFE y UPI) — El ambicioso programa del líder soviético Mijail Gorbachov para modernizar su país tiene "riesgos inherentes" y sus reformas podrían fortalecer a la oposición dentro del gobierno y el Partido Comunista, según estimó un análisis de inteligencia de Estados Unidos divulgado ayer.

Sin embargo, añadió que pesar de la oposición "en los años próximos" Gorbachov podría lograr ventajas y éxitos con su programa si la economía soviética muestra algunas mejoras.

El documento fue elaborado por la Agencia Central de Inteligencia y la Agencia de Inteligencia de la Defensa, en un informe anual para una comisión económica conjunta del Congreso.

El informe dijo que si la economía soviética mejora, si se reduce la amenaza militar y si son favorables elementos como el clima y el precio del petróleo "a fines de esta década podría hacerse muy sólida la posición política de Gorbachov".

"El curso que ha tomado Gorbachov tiene riesgos inherentes y la situación podría deteriorarse a menos que logre algún éxito en el futuro inmediato. Sus repetidos ataques contra quienes retrasan la reconstrucción hace pensar que no está muy confiado en su futuro", dijo el informe.

Acotó luego que "serán muy controversiales las decisiones que tomará en los próximos cinco años, desde el uso de los recursos hasta las reformas políticas y económicas. Esto podría solidificar a los intereses opuestos dentro del partido y el gobierno".

El documento predijo que la Unión Soviética "no podrá alcanzar" la deseada tasa del cuatro por ciento anual de su producto bruto interno entre 1986 y 1990. Además el objetivo de un aumento del cinco por ciento anual entre 1991 y el año 2000 "parece estar lejos de su alcance".

Los analistas predijeron un aumento del dos o tres por ciento en el PBI hasta fines de la década, lo que no será suficiente para resolver los actuales problemas económicos soviéticos.

VRSS
026

La Mañana 27/3/87

Obreros deben buscar empleo con otras organizaciones

Anuncian primera bancarrota de una empresa en Unión Soviética

MOSCU, (ANSA, EFE y UPI) — **En la primera bancarrota que se registra en la Unión Soviética, una empresa constructora con 2.000 trabajadores fue cerrada, medida que podría ampliarse a otras, informó ayer la agencia noticiosa oficial Tass.**

En clara advertencia a otras empresas públicas, Tass dijo que "lo sucedido con la empresa de construcción de Leningrado ilustra los cambios en la vida económica del país".

"Ahora dos mil trabajadores del enorme complejo constructor que entró en bancarrota en Leningrado deben buscar empleo con otras organizaciones", dijo la agencia.

La empresa de Leningrado debía solventar sus operaciones de acuerdo al sistema impuesto para lograr más eficiencia, una práctica que revierte los programas iniciados en 1917, luego de la revolución bolchevique, para financiar todas las empresas fiscales.

Los trabajadores han recibido nuevos puestos, y sus beneficios y pensiones no han sido afectados, agregó Tass.

"Ni siquiera los más ancianos pueden recordar una bancarrota semejante en la Unión Soviética", dijo.

Manifestó que las empresas de Leningrado han mejorado su desempeño desde que se implantaron controles estrictos, a excepción de la constructora, que no cumplió sus plazos, sus costos se encarecieron y sus niveles de calidad fueron deficientes.

DESMANTELAMIENTO

Con la firma trabajando a pérdida, la asociación de constructores de Leningrado, bajo el control del concejo municipal, decidió el desmantelamiento de la empresa y dividir sus bienes entre otras organizaciones productivas.

"No hay duda que la saludable competencia surgida en la Unión Soviética, con nuevos métodos de administración, hará que muchos ejecutivos cambien su estilo de trabajo", agregó Tass.

Uno de los grandes orgullos soviéticos es no tener desempleados, estando aún prohibido el no trabajar, pero el informe de Tass dijo que la bancarrota de la constructora no se traducirá en problemas para los trabajadores. Tass dijo que en este caso "los trabajadores no deben sentirse pesimistas, pero sí deben reflexionar sobre la situación".

La bancarrota se registró cuando se considera una nueva ley sobre empresas, y Tass señaló que "habrá la posibilidad de liquidar a otras empresas insolventes".

El líder soviético Mijail Gorbachov se ha propuesto una tasa anual de crecimiento económico del 4,7 por ciento para el resto del siglo, objetivo que muchos economistas occidentales estiman imposible.

PARTES POCO LEGIBLE

01.01

Acusación de Moscu a Pretoria

MOSCU. 3 (EFE).- Iván Vasin, viceministro de Aviación Civil de la Unión Soviética, acusó a Sudáfrica de asesinar a Samora Machel, presidente de Mozambique, el pasado 19 de octubre.

"Según las investigaciones, el rumbo del avión estaba ajustado a la frecuencia del faro de Maputo, pero otro faro de mayor potencia con la misma frecuencia motivó el desvío de rumbo del aparato, que se estrelló", aseguró Vasin.

Machel murió al estrellarse en territorio sudafricano el avión de fabricación soviética en que viajaba.

La Nación 4/3/87

01 .01

8703350

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: La reestructura de la prensa.

PROCEDENCIA: LA HORA 23/3/87

ARCHIVADO EN: Congreso (018)

01.01 8703358

"AGGIORNAMENTO" DE LA JUVENTUD SOVIETICA

Los "punks" de la URSS

MOSCU (DPA) — Es probable que el disciplinado y políticamente consciente ciudadano soviético ya no entienda este mundo. En las calles de Moscú punks y rocks adornados con cadenas, anillos y vestidos de angostos pantalones se pelean con jóvenes trabajadores y estudiantes que menosprecian la "cultura pop" como desintegradora de la juventud. La milicia, normalmente alérgica a los alborotos callejeros, se mantiene al margen, la prensa critica a los moralistas, defiende el derecho de cada uno a cortarse el pelo como se le antoje e incluso da derecho a voz a los fans del llamado heavy metal rock.

A comienzos de febrero pasado, dos veces seguidas se trenzaron ambos grupos a trompadas en las calles de la capital soviética. Al final, unos 500 rocks y punks salieron a desfilar contra los lyubery que pretenden ponerlos en la buena senda. La juventud moscovita designa como "lyubery" a los muchachos del barrio de Lyuberzy, entre los cuales hay jóvenes estudiantes y trabajadores que practican la cultura física y pretenden poner el mundo en orden a su manera si no resulta de otro modo, es decir, por la violencia.

Quizá se esté incubando aquí una especie de "West side story" a la soviética. Al contrario que en el bello centro de Moscú, se dice que en Lyuberzy no hay suficientes cines, discotecas y teatros, crece constantemente la tasa de delincuencia, en especial entre los jóvenes. Lo demás lo hace el alcohol. Solo el año pasado la milicia arrestó en Lyuberzy a casi 15.000 personas en estado de ebriedad. Las tiendas de este sombrío barrio no tienen elegantes pantalones ni faldas que exhibir para sus jóvenes. Es por eso que los "lyuberys" emigran cada tarde al centro de Moscú, a veces armados de armas contundentes, a estropearles la diversión a los que pueden disfrutar de la moda.

Democratización

Objeto de su ira son principalmente los punks, y los rocks reunidos en los cafés de moda. La actual política de democratización en la Unión Soviética ha dado vida muy especial al ambiente rockero, tras pasar decenios sin poder sacar cabeza. Mientras el jefe del P.C. soviético Mijail Gorbachov se toma largas horas para convencer a sus adormilados funcionarios de la necesidad de democratizar el país, por otra parte abre de un golpe las puertas para los partidarios de la música popular. El ambiente rock se ha hecho así notar cada vez más estruendosamente en los últimos meses.

Los grupos se autodenominan Diálogo, Vitamina, y otros nombres, y no retroceden ni ante los más osados recursos publicitarios. Según informaba la prensa, en un festival uno de ellos infló un preservativo y lo elevó en el aire, como "demostración de profunda conciencia de sí mismo". Esto colmó las cosas. El diario "Moskovski Komsomolez" protestó enérgicamente de que el comité organizador no haya sido advertido de la acción. Esta jugarreta, dijo, no es de modo alguno una demostración de búsqueda de nuevas formas de expresión.

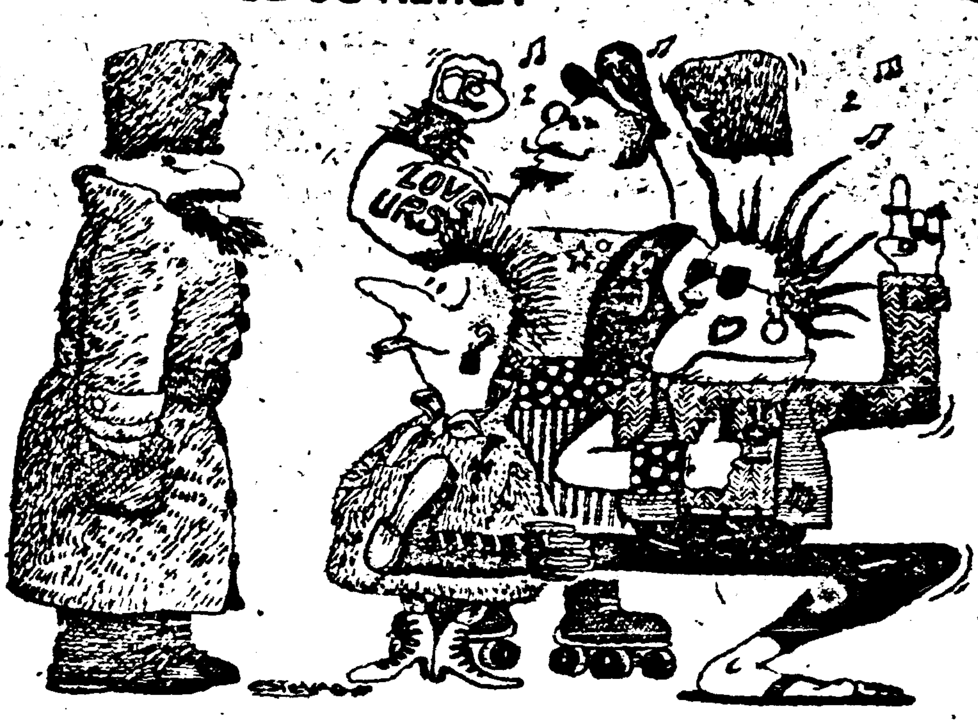


Ilustración de Osvaldo Esteves

Esto no obsta a que incluso la seria y conservadora agencia semioficial de prensa Novosti haya tomado partido ahora por "punks" y "rocks". Informado de la manifestación de protesta en Moscú, citaba a uno de los participantes, que decía: "Yo no soy partidario del «heavy metal rock», pero creo que cada cual tiene derecho a oír lo que le venga en gana y a llevar el pelo como se le antoje".

Por qué la prensa soviética se ocupa precisamente ahora de las controversias juveniles y ello ostensiblemente ante los ojos de los periodistas occidentales, es algo todavía no aclarado. Es posible que se trate de la "nueva opinión pública" propagada por Gorbachov. Pero, en todo caso, podría ser el inicio de una política destinada a matar dos pájaros de un tiro. Así, la información sobre los disturbios podría cumplir una función de coartada para una política de orden público que en el futuro ponga en regla las "aberraciones" dentro de los grupos marginales de la juventud soviética.

La mayoría del ciudadano soviético corriente ni siquiera se ha enterado de este problema. "Rocks" y "punks" con vestimentas estrafalarias siguen siendo cosa poco común en el paisaje de la metrópoli soviética y las controversias se han mantenido ahora solo dentro de los medios "iniciados".

01.01

8703361

Buenos Aires, martes 10 de marzo de 1987 ★ CLARIN

Gorbachov no teme hacer frente a "resistencias"

MOSCU, 9 (Por William Eaton, de "Los Angeles Times", especial para Clarín). — En momentos en que Mijail Gorbachov ingresa en su tercer año como líder soviético, el número uno de la URSS no teme hacer frente a cierta resistencia contra sus planes para revolucionarios cambios internos.

Sin embargo, en el marco del nuevo espíritu de apertura que ha promovido, Gorbachov es el primero en reconocer que existen algunos miembros del Partido Comunista —y ciudadanos comunes— que se muestran reticentes a apoyar su programa.

Con todo, el secretario del PCUS dejó bien en claro que en lo que a él respecta no habrá ningún retroceso en la "perestroika" o reconstrucción de la sociedad soviética.

Como secretario general del partido, con amplios poderes para imponer su voluntad en esta nación de 280 millones de habitantes, Gorbachov ya ha afectado a casi todas las esferas de la vida de la URSS, desde la construcción de maquinarias a las costumbres.

Un importante diplomático de Occidente comentó, recientemente, que Gorbachov tendrá probablemente que elaborar un consenso en torno de las nuevas políticas con los otros diez integrantes del Politburó gobernante.

El diplomático agregó que el nuevo líder soviético ha chocado con la oposición del comité central del Partido Comunista —de 307 miembros— con respecto a su plan para introducir elecciones con dos candidatos en los puestos partidarios más importantes.

En realidad, la resistencia a los cambios que desea implantar Gorbachov proviene de diferentes grupos, incluyendo a funcionarios del partido y del gobierno que detentan "cómodos" cargos que podrían verse afectados.

De igual modo, algunos trabajadores que ganan salarios relativamente elevados —en los que no se tiene en cuenta la cuota de producción— no se muestran muy entusiastas con los nuevos —y rigurosos— controles de calidad o con el flamante sistema de pago que condiciona los sueldos al nivel de producción.

"Nadie ignora que muchos estaban —y están todavía— felices de trabajar en forma negligente, recibiendo una paga que no se ganan, o bonificaciones que no merecen, dentro de un clima sin exigencias, en donde prima la irresponsabilidad y la falta de control", señaló el líder soviético la semana pasada ante representantes de sindicatos de la URSS.

Ultimamente, Gorbachov anunció en forma unilateral cambios importantes en las condiciones de trabajo de muchos de los 140 millones de trabajadores de la URSS.

Las fábricas que han estado trabajando con un solo turno lo harán ahora con dos o tres por día. La paga para el turno nocturno sufrirá un aumento de un 20 %, en tanto que los que trabajen toda la noche recibirán un "plus" de entre un 30 y un 40 %.

Huelga de hambre

MOSCU, 9 (De "Los Angeles Times", especial para Clarín). — Un numeroso grupo de mujeres judías inició el domingo —día en que la URSS celebraba el Día Internacional de la Mujer— una huelga de hambre en señal de protesta por no recibir autorización para emigrar.

Rimma Yakir, una de las huelguistas, explicó que 75 mujeres de Moscú, Leningrado y otras siete ciudades soviéticas se habían sumado a la protesta.

Todas integran el grupo de las 89 "refuseniks" que solicitaron visas de salida del país a través de cartas que enviaron al Presidium del Soviet Supremo y al Parlamento.

"Protestamos por la detención ilegal, ridícula, prolongada e injusta de nuestras familias", indicaron las mujeres en una carta, con fecha 5 de febrero, que enviaron al Soviet.

Yakir informó que no recibieron ninguna respuesta a su carta, y que la mayoría de las damas que la firmaron habían decidido, en consecuencia, organizar una huelga de hambre para apoyar su pedido.

Agregó que durante la huelga tienen previsto reunirse en algunos departamentos de Moscú, en señal de solidaridad.

027

Nueva prueba nuclear de la URSS

12/3/87

MOSCU. (ANSA, EFE y UPI).— La Unión Soviética efectuó ayer su segunda explosión nuclear subterránea desde que suspendió una moratoria unilateral de esas pruebas el mes pasado.

Al mismo tiempo, Moscú negó las afirmaciones de Estados Unidos de que la prueba soviética del 26 de febrero había provocado radioactividad en la atmósfera, con lo cual se violaría un tratado suscrito en 1963.

La agencia noticiosa oficial Tass informó que la prueba de ayer tuvo lugar en el Asia Central soviética, con una fuerza de 20 kilotones.

Indicó que su propósito fue "mejorar la tecnología militar". Se realizó a las cinco de la mañana, en el centro de pruebas de Semipalatinsk en la República de Kazakhstan, 2.900 kilómetros al Sur de Moscú.

Fue la segunda explosión nuclear desde que el Kremlin abandonara su moratoria unilateral de 19 meses. Moscú había dicho que tenía planes de mantener su moratoria si Estados Unidos se sumaba a la misma.

El anuncio de ayer se hizo un día después que el Departamento de Estado norteamericano afirmó que la prueba soviética del 26 de febrero provocó radioactividad en la atmósfera, violando así el Tratado de Limitación de Pruebas Nucleares de 1963, el cual proscribe la presencia de material radioactivo en las fronteras nacionales durante alguna explosión.

Un vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética calificó las afirmaciones del Departamento de Estado como mentiras.

LA NACION

PERLA

01.01

8703381

Buenos Aires, domingo 8 de febrero de 1987 Clarín SEGUNDA SECCION

2ª

PROCESO DE REFORMAS EN LA URSS

El gobierno soviético liberó a cuarenta y dos disidentes

Una portavoz del disidente soviético Andrei Sajarov anunció ayer la liberación de 42 "prisioneros de conciencia" recluidos en campos de trabajo, prisiones y lugares de exilio interno. Aunque no satisface las expectativas de amnistía general que se barajaron en las últimas semanas, la medida carece de precedentes en la historia de la URSS. Cautelosa reacción de los grupos de derechos humanos.

MOSCU, 7 (AFP, AP y Reuter). — Cuarenta y dos disidentes soviéticos fueron liberados de campamentos de trabajo, prisión o exilio interno esta semana, dijo una portavoz del líder disidente Andrei Sajarov.

La vocera informó a los periodistas que los disidentes fueron puestos en libertad en cumplimiento del decreto del 2 de febrero del Presidium del Soviet Supremo (Parlamento), máximo organismo del Estado.

El decreto contenía la nómina detallada de los disidentes, con lo que dejó en claro que no se declaraba una amnistía general. Sin embargo, la liberación es la más grande hasta el momento, y sigue a indicios de que el Kremlin se propone suavizar su política hacia los "presos de conciencia".

Uno de los disidentes liberados es Yuri Shijanovich, de 53 años, quien llamó por teléfono ayer a Sajarov para anunciarle que lo habían liberado de los campamentos de trabajo de Perm, en los montes Urales, y que podía regresar a Moscú.

Shijanovich, un matemático, era editor del periódico clandestino de derechos humanos "Crónica de Acontecimientos Actuales", cuando fue sentenciado en 1983 a 10 años de trabajos forzados y tres de exilio interno. El gobierno soviético ha expresado su deseo de que se celebre en Moscú una conferencia internacional sobre derechos humanos.

Como varios otros liberados o a quienes se prometió la libertad, el nombre de Shijanovich figuró en una lista de "presos de conciencia" publicitada por Sajarov desde que en diciembre se les permitió a él y a su esposa regresar a su hogar desde el exilio interno en la ciudad de Gorki.

Otros liberados incluyen:

- Zoryan Popadyuk, de 33 años de edad, condenado por divulgar literatura nacionalista ucrania.
- Grigory Isayev, ingeniero disidente sentenciado por actividades contra el Estado.
- Danilo Shumuk, de 73 años, ucranio condenado por divulgar literatura contra el gobierno.
- Kirill Popov, de 37 años, sentenciado por enviar a Occidente informes sobre las condiciones de los derechos humanos.
- Sergei Belov, 49, encarcelado en 1982 por actividades contra el Estado.
- Roald Zelichenok, 49 años, condenado a exilio por buscar apoyo de grupos judíos en el exterior para que lo ayudaran a emigrar.
- Josif Terelya, 43, condenado por buscar mayor libertad religiosa y la legalización del uniato de la Iglesia ucrania.

La portavoz de Sajarov, una amiga de la familia que habló a los periodistas hoy desde el domicilio de los Sajarov, dijo que el disidente reclamaba la liberación de quienes aún permanecen encarcelados por sus creencias.

Número desconocido

Amnesty International, la organización mundial de derechos humanos, contabiliza alrededor de 1.000 prisioneros de conciencia en la URSS. Voceros disidentes mencionan hasta 10.000 personas en esas condiciones.

De todas maneras, esta liberación es la más amplia llevada a cabo en la URSS hasta hoy. La amnistía de prisioneros promulgada en abril de 1985, con ocasión del cuadragésimo aniversario del fin de la Segunda Guerra Mundial, excluía a los disidentes.

Aun así, la reacción de los grupos disidentes era cautelosa. Naum Nieman, ex miembro del Comité de Moscú del Grupo Helsinki por los Derechos Humanos, expresó: "Por supuesto que es una buena medida del gobierno y nos alegramos por los liberados. Pero eran los casos más simples, y está lejos de ser una amnistía general".

Agencia AP



Andrei Sajarov y su esposa Yelena: "Libertad para todos".



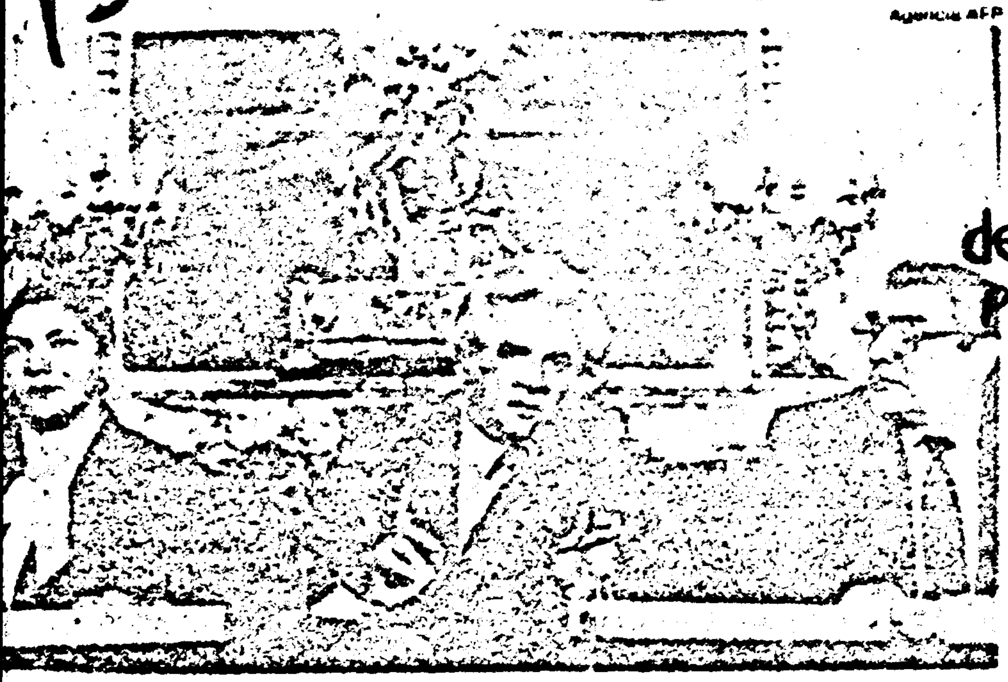
Mijail Gorbachov, líder del P.C.U.S.: [illegible] 42

01 .01

8703394

SE ACELERAN MODIFICACIONES EN LA SOCIEDAD SOVIETICA

Gorbachov ante CAMBIOS de fondo o primavera POR DECRETO



El embajador soviético en EE.UU., Yuri Dubinin (centro), junto al secretario del partido moscovita Vasily Borisenko (der.) y Valentina Pershina, miembro del Soviet Supremo, en una inusual conferencia de prensa en Washington, donde se explicó la política de reformas.

La opinión pública soviética sigue con escepticismo la marcha de los acontecimientos, según el periódico "The Guardian". Sin embargo, Alemania Federal exhortó a colaborar con el plan de reformas, y la liberación de disidentes coloca a Mijail Gorbachov en el exacto centro entre la democratización y la K.G.B.

MOSCU (Por Martin Walker de "The Guardian", especial para Clarín) — No hay gente que baile por la calle, ni procesiones de votantes agradecidos que acudan al Kremlin a cantar loas por el destacado discurso donde Mijail Gorbachov dijo a su pueblo: **"Necesitamos democracia como necesitamos el aire para respirar."** La reacción de la mayoría de mis amigos soviéticos es la precaución, en ocasiones rayana en el escepticismo.

"Pozhivem, uvidim", repiten, y se trata de una variante fatalista de quien aconseja esperar y observar. Recuerdan la frustración de las reformas después de que Nikita Kruschev denunció el régimen de Stalin, en 1956, y de las reformas económicas abortadas de Kosygin en 1965. Entonces se encogen de hombros.

Para los occidentales dedicados a la información, el trabajo se había vuelto sencillo: bastaba leer los periódicos, mirar televisión, asistir a los eventos culturales y cultivar un círculo de amistades locales. Pero Gorbachov ha dificultado el trabajo al complejizar el análisis. Ahora los observadores necesitamos evidencias más contundentes, como encuestas a la opinión pública y estadísticas. Debemos abandonar los circuitos casi oficiales e intelectuales para tomar el pulso de la realidad.

♦ Cifras elocuentes

Las estadísticas no son accesibles en la URSS, pero como siempre me he interesado por la circulación de los medios de prensa escrita, he podido establecer las cifras de 1986 y las primeras de este año. La circulación del "Pravda" ha pasado de 10,4 a 11,1 millones de copias. El vespertino "Izvestia" creció de 6,4 a ocho millones mientras que el "Konsomolskai Pravda", órgano de la Liga Juvenil Comunista, aumentó de 3,6 a 4,4 millones de tirada. El único periódico que perdió en circulación es el "Trud", el cotidiano del sindicato, que bajó de 18,6 millones a 18,2. Este último es un periódico de corte sensacionalista, aunque adaptado al gusto soviético, con amplia cobertura de temas médicos, especialmente de medicina popular, y artículos exóticos sobre los OVNI, la búsqueda del continente perdido, etc.

Es innegable que existe mucho más interés en la gente, registrado por el alza de las circulaciones. También ha aumentado el hábito de llegar a casa justo a tiempo para el informativo televisivo de la noche y los programas de debate. También se percibe una vida política en estado embrionario, lo cual no significa participación. Al menos esto no ocurre por ahora. Muchos bromean sobre la fundación de un partido ecologista.

Lo cierto es que la Unión Soviética ha cimentado, a lo largo de los años, la marcada tradición de usar el humor para ironizar sobre los temas más serios. Días pasados había una discusión abierta en el Dom Kino, el cine club. Hablaría Alexander Bovin. El ex encargado de redactar los discursos de Breznev y comentador político acaba de publicar un libro donde ataca enérgicamente a "esos conservadores socialistas soviéticos" que pretendían atacar las reformas de Gorbachov como antes hicieron fracasar las reformas de Kruschev y Kosygin.

Desde la platea surgió una pregunta: **"¿Ahora que ya ha atacado a Breznev y a Kruschev, cuándo piensa escribir sobre Stalin?" "Cuando llegue el momento"**, fue la respuesta, por cierto aplaudida.

Ese es precisamente el ingrediente que falta en la reforma de Gorbachov. La gente está recelosa, escéptica o insegura de dichas reformas porque en los últimos 50 años, el país ha vivido a la sombra del terror stalinista. Hace tiempo el terror quedó atrás. Los gulags no albergan a millones, los funcionarios de la K.G.B. pueden ser cuestionados, despedidos y hasta humillados en la tapa del matutino "Pravda". El secretario general del partido puede hablar apasionadamente sobre reformas y democracia y denunciar la ideología estancada que permanece en los años '30 o '40. Pero la amenaza sigue allí.

♦ Un fantasma presente

En casi todos sus discursos, Gorbachov hace alguna sugerencia de su inveterado odio a Stalin, pero cuando se le pregunta sobre él en forma directa, como hizo el año pasado un periodista del matutino comunista francés "L'Humanité", él va a contestar: "El concepto de Stalin es un invento de las fuerzas anticomunistas occidenta-

LA ACTITUD DE OCCIDENTE

Necesidad de apoyo

BONN (por Daniel Vernet, de "Le Monde", especial para Clarín) — **¿Qué es lo que entiende el señor Genscher por nueva etapa en la política de distensión?** se preguntaba **Franz Josef Strauss** durante la campaña electoral, sin ocultar su hostilidad ante el inamovible ministro de Relaciones Exteriores de la República Federal de Alemania, ni su deseo de reemplazarlo en caso de una victoria aplastante de los demócratas cristianos.

Lejos de la vorágine de la campaña, ahora **Hans Dietrich Genscher** podrá exponer tranquilamente la política exterior que espera conducir en esta nueva etapa del gobierno, donde él tiene todas las posibilidades de recuperar su doble cargo de vicecanciller y jefe de la diplomacia.

El análisis del ministro parte de la idea de que los cambios en curso en la URSS deben ser considerados con interés por los occidentales y que es preciso ayudar a Mijail Gorbachov. El número uno soviético quiere acelerar el crecimiento económico y el progreso técnico y este proceso de modernización no será posible sin una apertura de la sociedad hacia el interior y el exterior. Gorbachov precisa ahora calma en el frente diplomático; es decir, de una nueva política exterior. Tal es la tesis de Genscher, desarrollada sin ilusiones, dice él, pero **"con sentido de la responsabilidad"**.

Las declaraciones recuerdan mucho las de fines de la década del '60 y principios del '70, que constituían la base de la política hacia el Este (ostpolitik) de la R.F.A., bajo el impulso conjunto de los socialdemócratas de Willy Brandt y, ya por entonces, del Partido Liberal de Scheel y Genscher.

Como en esa época, Genscher ha fijado tres objetivos de la "política de distensión realista" para su país: un proceso global de desarme que permita construir estructuras cooperativas de seguridad, un desarrollo de la colaboración que permita ayudar a la URSS a modernizar su economía y que también aporte crecimiento a Occidente y finalmente incorporar a la Unión Soviética a Europa para **"superar progresivamente los muros que separan a quienes viven en el Este y respetar los derechos humanos"**.

♦ Los intereses alemanes

Genscher no innova en sus tres objetivos, que han fundado, en los últimos veinte años, la política de Alemania Federal hacia el Este. [illegible] necesario destacar, al comienzo de un nuevo período presidencial, que le parece el momento indicado para **"aceptar la palabra de Gorbachov"** por motivos de política exterior. En el plano interno, el jefe de filas del Partido Liberal quiere aprovechar la victoria electoral para dejar su impronta diplomática en una democracia cristiana que, en materia de relaciones Este-Oeste, tiende a pensar según las categorías del reaganismo más simplista.

El mensaje es claro: es preciso hablar con Gorbachov. La R.F.A. está mejor situada que cualquier otro país para hacerlo y en el gobierno de Bonn, Genscher es el único interlocutor del soviético. El interés de los alemanes no escapa a nadie, en un momento en que el crecimiento se expande y el mercado de las exportaciones tradicionales también es prometedor. Alemania mira con anhelo a Europa occidental y sus inmensas necesidades económicas. Más allá de los intereses económicos, Genscher sabe que las buenas relaciones con Moscú son la condición "sine qua non" del mejoramiento constante de las relaciones con Alemania Democrática.

Este "llamado al Este" tiene un aire bien conocido en la política alemana y no debería ocasionar una vez más roces con el país al otro lado del Rin.

01.02

8703396

PARTES POCO LEGIBLE

DH

EN LA SOCIEDAD SOVIETICA

cambios de por decreto

les." Aunque podamos entender las motivaciones políticas que causaron la respuesta, esto fue desalentador.

Hace 33 años que murió Stalin. La mayoría de sus víctimas también han muerto, pero la sombra del estalinismo permanece... Aún para nosotros, en Europa occidental, la vida política está marcada por el viejo tirano. Debido a Stalin no ha habido una izquierda política coherente. Existe la social democracia que, tanto en Francia, Alemania o Gran Bretaña, aún se define por su lealtad a la Alianza Atlántica, o bien la izquierda trotskista, y aun el eurocomunismo, surgidos desde la premisa del antiestalinismo.

El fantasma terrible sigue vivo, aún después de las ceremonias de *exorcismo político* de Kruschev, en 1956, cuando fueron denunciados los crímenes de Stalin por primera vez ante el partido, aun después de que su cadáver fuera alejado de su lugar de honor en la Plaza Roja, junto a Lenin, en el mausoleo.

Quienes creyeron demasiado en las palabras de Kruschev finalmente fueron a parar a campos de trabajos forzados tras la caída del secretario...

Si Gorbachov quiere llevar a cabo las reformas, no podrá hacerlo **a menos que el sistema ajuste cuentas con Stalin**. Y quizás eso no baste porque las reformas del líder actual siguen siendo ***una puesta al día decretada desde arriba***, en ese viejo sistema tradicional ruso que Stalin llevó a términos absolutos.

Porque a pesar de todos los ecos de la primavera de Praga de 1968 y el socialismo con rostro humano que se cultiva hoy en Moscú, la primavera checa fue impuesta al partido por los ciudadanos y el pueblo, mientras que la primavera de Gorbachov se produce por decreto.

Sajarov o la K.G.B.

A primera vista, la liberación de 42 disidentes soviéticos, anunciada ayer, constituye una medida de transacción entre las propuestas de amnistía general, que se barajaron en la cúpula del Kremlin, para los 1.000 disidentes encarcelados, y las dificultades para hacerla aprobar. Hay que recordar un elemento: Moscú hizo trascender extraoficialmente aquella posibilidad antes que el recientemente liberado **Andrei Sajarov** la formulara como reclamo, y todo esto en el contexto de una puja por reformas mayores.

El líder soviético **Mijail Gorbachov** acaba de proponer que se democraticen algunos mecanismos de elecciones regionales y locales. Impulsa, también, una política de transparencia informativa (**glasnost**) respecto de lo que ocurre en su país y en el exterior. El énfasis está en quebrar la mediación burocrática que distancia a los soviéticos comunes de las altas esferas del poder, lo que comporta ataques sobre los cuadros *medios* del partido, el Estado y la policía secreta. El tema de los disidentes es un termómetro sensible del experimento.

Sajarov, un símbolo de la disidencia, fue liberado en diciembre de 1986. Antes, **Anatoly Scharansky y Yuri Orlov** habían sido dejados en libertad y autorizados a emigrar. Sin embargo, **Anatoly Marchenko**, otro disidente prominente, murió en prisión días antes de la liberación de Sajarov, y círculos disidentes en la URSS y en el exterior responsabilizaron ampliamente a la K.G.B. por su deceso. Sajarov, tras obtener su libertad, declaró: **"Me preocupa la injusticia de la muerte de mi amigo Marchenko"** y la escritora **Irina Ratushinskaya**, exiliada en Roma, sostuvo tajantemente: **"Cada muerto en la cárcel es un asesinato".**

Sajarov explica la contradicción así: **"La cúspide quiere la liberación de la mayor parte de los prisioneros políticos —dijo— pero el aparato intermedio aumenta las presiones para lograr declaraciones y confesiones con las cuales montar una campaña propagandística antidisidentes".** El diagnóstico es sostenible, a condición que se reconozca que al menos algunos elementos de la cúpula simpatizan con el conservatismo de los cuadros medios.

Algo es claro: si Gorbachov quiere *transparentar* todo el juego de representación política, la categoría político-policial del disidente es el punto donde toda la opacidad se concentra. El **"disidente"**, como figura política, trasciende su definición de diccionario; no se trata solamente del que **"no está de acuerdo"**, sino quien **no puede hacer nada para modificar el estado de cosas**. La figura remite a la ausencia de un espacio donde canalizar los reclamos, mientras ilegaliza sin discriminación cualquier tipo de propuesta que desborde el statu quo.

Los disidentes son la contracara de la ausencia de partidos políticos. También reflejan la existencia del debate interno el P.C.U.S.

Hasta el momento, el experimento de Gorbachov obtuvo resultados mixtos el Comité Central endosó vagamente sus propuestas de cambio —incluyendo el voto secreto y la opción de candidatos en la elección de líderes partidarios regionales y locales— pero rehusó aceptar un nuevo miembro

La puja por los disidentes espeja estos movimientos Gorbachov avanza propuestas radicalizadas —**"democratización"** en un caso; **"amnistía general"** en otro— choca con la burocracia, y obtiene el saldo. La constante sugiere una división funcional del trabajo, donde el jefe del Kremlin recibe el mejor papel.

Sin embargo, esta división refleja contradicciones internas que están en el corazón del proyecto de Gorbachov. La revitalización nacional requiere la democratización política, que quiebra el horizonte del partido único. Sin embargo, el partido es el único con el poder para impulsar la reforma.

Claudio Uriarte

No se tocará el sistema

PARIS (De "Le Monde" especial para Clarín). — **¿Será verdad como ha dicho Hans Dietrich Genscher, el ministro de Relaciones Exteriores de la República Federal Alemana, que Occidente debe ayudar a Mijail Gorbachov a reformar el sistema soviético?**

¿Es necesario que demostremos una mayor comprensión de las propuestas del Kremlin en materia de desarme? ¿Debemos hacer la vista gorda a los problemas de derechos humanos en la URSS? ¿Debemos flexibilizar nuestra postura frente a la solución de las crisis regionales, ya se trate de Afganistán, Camboya o Nicaragua?

Todas estas preguntas —como tantas otras— no están a la orden del día sólo en Alemania. Todo país occidental comienza a preguntarse las mismas cosas, aunque quizá de modo más velado. Pero sin duda se trata de un debate capital desde hace un tiempo y que merece ser ampliado.

Responder a estos interrogantes depende del análisis que hagamos de los acontecimientos producidos en la URSS y de sus consecuencias posibles. ¿Gorbachov busca sinceramente reformar el sistema soviético? Si esto es cierto, ¿cuenta con los medios? ¿Dicha reforma —que sobre todo procura superar la ineficacia de un sistema detenido por el burocratismo y la falta absoluta de iniciativa— podrá a largo plazo influir en la naturaleza del régimen y llevarlo progresivamente a perder su aspecto totalitario, hegemónico?

A estas alturas, lo menos que podemos decir es que el secretario general del Partido Comunista soviético ya ha sufrido algunos bloqueos considerables. Su

incuestionable talento de "comunicador" sin duda ha producido mayores **efectos en el exterior del país que entre los dos o tres millones de "apparatchiks" que de pronto hoy se ven conminados a abandonar sus certezas**, su tor-

peza y sus privilegios. El último plenario fue claro en este sentido: el líder máximo de la sociedad soviética habló abundantemente sobre las reformas y el tono sumamente severo con que se refirió a las ineficacias del sistema de vi-

da soviético habrían provocado una excomunión mayor hace algunos años.

En un sistema de responsabilidad anónima como el soviético, es mucho más fácil hacer rodar algunas cabezas en lo alto de la jerarquía y hacer gestos

simbólicos, que emprenderla contra los grados más bajos del ejército que vegetan a la sombra del partido único.

Sesenta años de pasividad sistemática han producido la estandarización de las conciencias y erigie-

ron en modo de vida la prudencia y la falsificación. Podemos dudar legítimamente de que la revolución espiritual que significa toda reforma sea incompatible con el mantenimiento de un partido único.

02.02

8703396

026

URSS: dejan en libertad a 42 presos políticos

Moscú, 7 (UP) – La Unión Soviética puso en libertad en los últimos días a por lo menos 42 disidentes, en lo que parece ser parte de una amnistía limitada para prisioneros políticos, informaron hoy fuentes disidentes.

Una lista de 42 prisioneros recientemente liberados fue confeccionada por el físico Andrei Sakharov y su esposa Yelena Bonner. La nómina la hicieron basados en llamadas telefónicas de familiares y amigos de los prisioneros que han quedado en libertad, afirmó un colaborador de Sakharov.

Reformas económicas

Por otra parte, la URSS publicó hoy un anteproyecto de ley en el que delinea cambios radicales en la estructura de la economía, incluyendo un ablandamiento del rígido control central del estado sobre los negocios e introduciendo una motivación de lucro.

Asimismo, fueron establecidas regulaciones para emprendimientos conjuntos con compañías extranjeras, incluyendo las de origen occidental.

La ley contiene virtualmente todas las reformas de importancia promovidas por el líder soviético Mikhail Gorbachev en su intento de revitalizar la adormecida y arcaica economía e infundir un sentido de amor propio en el lugar de trabajo para mejorar calidad y producción.

Los conceptos de ganancia y pérdida y una estricta contabilidad de costos van a ser la base para la industria en reemplazo de los subsidios estatales.

Asimismo, los gerentes serán elegidos directamente por los trabajadores y será permitido que las empresas despidan a los obreros cuya conducta esté por debajo de pautas mínimas.

01 | 01

8703407

076

Liberan a más disidentes del régimen

MOSCU, 17 (AP). — El gobierno ordenó la liberación de los disidentes Anatoli Koriaguin y Alexander Ogorodnikov y "muy probablemente" liberará al activista judío Josef Begun en una revisión de casos de disidentes, anunció hoy el vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, **Guennadi Guerasimov.**

En una reunión de prensa, expresó que la decisión gubernamental sobre Koriaguin se había tomado el viernes y que sería liberado **"hoy o mañana".**

Koriaguin, un **psiquiatra de 48 años, fue condenado en 1981 a 7 años de cárcel y otros 5 de exilio interno** tras haber publicado informes de que el gobierno soviético enviaba disidentes **"a hospitales para enfermos mentales".**

Guerasimov indicó después por teléfono que una lista de presos a los que se había otorgado *clemencia* incluía a Ogorodnikov, de **36 años, fundador de un movimiento cristiano.** Ogoródnikov había sido condenado **en** 1980 **a seis años de confinamiento en un campamento de trabajo forzoso,** convicto por "actividades antisoviéticas".

Clarín 18/2/87

01/01

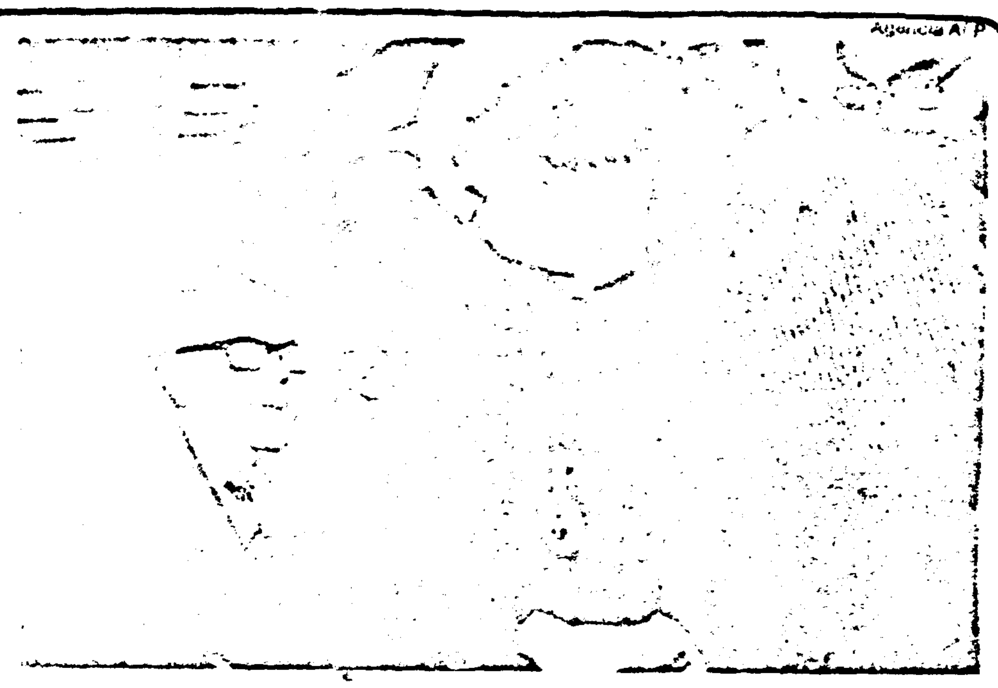
8703417

024

EL MENSAJE DEL LUNES DE MIJAIL GORBACHOV

La repercusión en Occidente

El reciente mensaje de Gorbachov al Foro de la Paz ha definido con claridad una nueva visión política, destacada por los aplausos del célebre disidente Andrei Sajarov. Entretanto, tres policías soviéticos fueron condenados a prisión bajo cargos de "torturas" y se dispuso la liberación de otros dos disidentes.



Agencia AFP

Andrei Sajarov (izq.), físico disidente y miembro de la Academia de Ciencias de la URSS, saluda a Gorbachov en una reunión en el Kremlin.

MOSCU, 17 (de "Le Monde", especial para Clarín). — El panorama tenía tanta importancia como el mensaje, el lunes, en el Kremlin, cuando **Mijail Gorbachov** se dirigió al Foro Internacional por la Paz y el Desarme, reunido en Moscú. En efecto, ¿quién podría mantenerse indiferente ante la imagen de **Andrei Sajarov** —cuya sinceridad difícilmente podría ser puesta en duda— **aplaudiendo al secretario general del Partido Comunista Soviético?**

Las cosas marchan con rapidez, ahora, en la URSS, aun si no todo el mundo camina con el mismo ritmo. En particular, los servicios de seguridad no muestran aparentemente una excesiva buena voluntad para seguir las directivas de Gorbachov en materia de libertades, y algunas de sus actitudes semejan casi un sabotaje a su política de apertura y "transparencia".

También, y sin duda alguna, toda una clase de pequeños dirigentes locales parecen no mirar con buenos ojos los proyectos de reforma y democratización que, inevitablemente cuestionarán, si avanzan, sus privilegios y el confort de su actual situación.

Sin embargo, es necesario reconocer que Gorbachov, lejos de dejarse intimidar, continúa yendo adelante y explicando a quien quiera oírlo que para la URSS no hay otra solución que la "**restructuración**", a la que ha transformado en su consigna y cuyo carácter de "irreversible" subraya infatigablemente.

[illegible] en [illegible], la "nueva mentalidad" que pretende inculcar en sus compatriotas.

El líder del Kremlin se extendió sobre este tema, el lunes, con una particular fuerza de convicción. Además, proveyó a su discurso de la mayor coherencia al afirmar: "**Nuestra política internacional está determinada, más que nunca, por nuestra política interior**". En otras palabras, la URSS **debe concentrarse actualmente en la difícil renovación de su sistema económico, social, y en fin, político, y para ello necesita una paz estable en lo exterior.**

Es más que una convocatoria a todas las relaciones de Moscú a través del mundo, empezando por Washington. Los largos desarrollos dedicados por Gorbachov a los peligros de la carrera armamentista, en el espacio o en la Tierra, evidencian la **prioridad** que concede a ese dominio.

Las conversaciones actuales en Ginebra permitirán discernir si el dirigente está preparado para demostrar la flexibilidad necesaria con tal de que por lo menos algunos de los acuerdos esbozados en Reikiavik puedan materializarse. Obviamente, esto en el caso de que Estados Unidos, por su parte, esté igualmente dispuesto...

El jefe del P.C. soviético tiene la ocasión de demostrar su buena voluntad **también en otros terrenos.** Respecto de Afganistán, por ejemplo. **Allí sus iniciativas de paz** han resultado hasta ahora **relativamente modestas** y en todo caso no fueron **suficientes** para abrir el camino a un arreglo.

De todas maneras, debe **rescatarse que el lunes** último, en el Kremlin, **quedó definida una visión política**, con una claridad que sacude **una vez más** aquel **discurso ambiguo** y el lenguaje **reticente de moda** en otros tiempos. Algunos **actos concretos, en particular** la **liberación anunciada o efectivizada de disidentes** célebres, constituyen **realidades que acaban de ser** puestas en manos de los intelectuales **soviéticos y de la** opinión pública internacional.

¿Habrá que **tomar al pie de la letra a Gorbachov,** como lo desea el ministro de Asuntos Exteriores de Alemania Federal, **Hans-Dietrich Genscher?** En cualquier caso, **ya no es tiempo de seguir viendo en su política solamente una "acción propagandística", ni de continuar poniendo en duda su voluntad de hacer que las cosas realmente "se muevan" en la URSS.**

Poco Legible

01.01

PARTES POCO LEGIBLE

8703418

Fichaje URSS 026

Reformas políticas en la Unión Soviética

Gorbachov augura momentos difíciles

El secretario general del PCUS también formuló advertencias a quienes no se adapten a vivir en democracia

MOSCU, 20 (Reuter). - Mikhail Gorbachov advirtió que se avecinan tiempos difíciles como consecuencia del proceso de reformas, sobre todo para los que no consigan comprender las nuevas condiciones, y agregó que "quienes no se adapten a vivir en democracia deberán enfrentar dificultades".

Gorbachov, al hablar con ciudadanos letones y estonios durante su actual gira por las repúblicas soviéticas bálticas, manifestó que el Politburó y el Gobierno estuvieron de acuerdo en que no hay alternativa a las reformas.

"Creo profundamente en lo que hemos comenzado", dijo Gorbachov en Tallini, capital de Estonia, con lo que reiteró su compromiso personal con el proceso de reformas.

"Si me dijeran que ahora debemos detener la reestructuración, en primer lugar no estaría de acuerdo, y no quiero vincularme con ninguna otra política".

"No hay otro camino"

"De modo que para mí no hay otro camino, y los camaradas que trabajan conmigo en el Politburó y en el Gobierno han adoptado igual decisión, es nuestra posición común, nuestra línea común".

Gorbachov manifestó que después de pasar tres días en Letonia quedó convencido de que la población de esa república comprende la importancia del plenario del Comité Central realizado el mes anterior y en el que se formuló un llamado a una ampliación de la democracia y se anunció una reforma electoral limitada.

En relación con los pedidos del Kremlin de respaldo a la reconstrucción, término utilizado para designar los cambios económicos y sociales después de años de estancamiento, Gorbachov expresó que no debería haber un paréntesis entre las decisiones políticas y su puesta en marcha.

"Esto sería un desastre", expresó, y recordó la "experiencia negativa" de la gente que escuchó a otros dirigentes hablarle de tiempos mejores y que no vio que se produjeran cambios.

La etapa más difícil

"Esto, como saben, distorsiona nuestra moral. Afecta la actitud del pueblo ante la actividad pública y el trabajo", dijo el secretario general del PCUS, quien destacó su preocupación por la generación más joven.

"Una evaluación realista de la situación muestra que la etapa más difícil para nosotros comprenderá este año y los próximos dos", reiteró Gorbachov.

Manifestó su impaciencia porque se pongan en vigor las reformas electorales, y estimó que no es preciso esperar por las leyes para introducir estos cambios".

Gorbachov propuso durante el plenario de enero último que las elecciones de los funcionarios del partido se llevarán a cabo por medio del voto secreto, con más de un candidato, lo que significa un acusado giro respecto de la práctica tradicional.

Destacó que uno de los próximos plenarios del partido discutirá la renovación de los organismos de éste por medio de elecciones, y la reunión de una conferencia, la segunda en importancia de las instancias partidarias. La última conferencia se realizó en 1941.

"Puedo decirles que, inclusive, entre nuestros mejores funcionarios partidarios hay muchos que no han comprendido que ha comenzado una nueva etapa en su trabajo", dijo Gorbachov, en una nueva referencia a la resistencia a su política en el aparato estatal.

"Pedimos al pueblo soviético que afronte una tarea muy difícil, pero es extremadamente necesaria para todos. Este es el único camino correcto. Y debemos tomarlo. Pero -concluyó-, demanda grandes esfuerzos, sobre todo en la etapa inicial".

Dos opositores festejaron su recuperada libertad

MOSCU, 20 (Reuter). - Dos opositores soviéticos celebraron hoy su recuperada libertad, mientras Israel dijo que esperaba que ahora las puertas se abrieran para todos los judíos que desean abandonar el país.

El veterano dirigente judío Iosif Begun, quien cumplió tres sentencias a prisión y un exilio, fue liberado de Chistopol y proyectaba regresar a la capital este fin de semana, dijo su nuera.

El matemático, enviado a un campamento de trabajo durante siete años en 1983 acusado de difamar a su país en el exterior, fue perdonado ayer por decreto del Presidium del Soviet Supremo.

Hoy, el psiquiatra y candidato al Premio Nobel de la Paz en 1987 Anatoly Koryagin habló por teléfono a una organización defensora de los derechos humanos en Amsterdam desde la ciudad ucraniana de Kharkov, donde arribó ayer para reunirse con su familia, tras haber sido liberado la noche anterior.

Koryagin, de 48 años, uno de los más destacados opositores soviéticos, estaba cumpliendo una condena de siete años en un campamento de trabajo, impuesta en 1981 por "agitación y propaganda antisoviética".

Dijo a Robert van Doren, de la fundación Bukovsky, con sede en Amsterdam, que se había negado a aceptar las condiciones que se le imponían para su liberación y que ahora quería emigrar con su familia.

Dijo que continuaría luchando en favor de los derechos humanos y porque se terminara con la práctica soviética de calificar a los opositores de enfermos mentales.

Próxima liberación

BONN, 19 (EFE). - El opositor y literato bashkir Nizamedtin Ajmetov fue liberado recientemente en una cárcel de la URSS y se encuentra actualmente bajo tratamiento médico en un hospital de su país, anunció hoy en Bonn Vadim Sagladin, miembro del Comité Central del PCUS.

Un vocero del Partido Socialdemócrata Alemán destacó que la información sobre la liberación de Ajmetov le fue comunicada personalmente por Sagladin al presidente del partido, Willy Brandt quien espera que el opositor soviético pueda emigrar próximamente a Alemania Federal.

Ajmetov, originario de la república autónoma soviética de Bashkiria, se encontraba encarcelado desde los 18 años de edad por "agitación antisoviética".

La Nación - 21/2/87

URSS

026

Las reformas en la economía soviética

MOSCU, 7 (UPI). — La Unión Soviética publicó hoy un borrador de ley delineando cambios radicales en la estructura de la economía incluyendo un ablandamiento del rígido control central del Estado sobre los negocios, introduciendo una motivación de lucro y dando a los trabajadores una oportunidad de elegir directamente a sus superiores y gerentes.

Asimismo, fueron establecidas regulaciones para proyectos con compañías extranjeras, incluyendo las de origen occidental.

La ley contiene virtualmente todas las reformas de importancia promovidas por el líder soviético Mijail Gorbachov en su intento de dar vuelta la adormecida y arcaica economía.

Asimismo, la iniciativa concuerda con la promesa de Gorbachov de más democracia en el país a través de reformas electorales que estipulan voto secreto y elecciones con candidatos opcionales en las que los electores puedan ejercer una genuina opción.

La esencia de la ley es hacer a las fábricas y a otras empresas bajo control estatal más eficientes e independientes dándoles más libertad para innovar y removiendo el sustento de elevados subsidios estatales que reciben los establecimientos deficitarios.

Clarín 8/2/87

01/01

8703425

Fichaje URSS

026

Resisten en el PC los cambios de Gorbachov

Fichaje

MOSCU, 2 (Reuter). - El diario Pravda, órgano del Partido Comunista Soviético, proporcionó hoy nuevas pruebas de que persisten las resistencias a los cambios impulsados por Mikhail Gorbachov al expresar que "los demagogos y los deshonestos" no renunciarán sin lucha a sus posiciones.

Al citar el caso de un dirigente de distrito del Partido Comunista de Siberia que mandó censurar los artículos periodísticos de tono crítico y detener las investigaciones policiales sobre los funcionarios corruptos, Pravda señaló que los esfuerzos del Kremlin por implementar cambios aún encontraban obstáculos.

El informe se concentra precisamente en uno de esos funcionarios a los que aludía Gorbachov, Anatoly Ilenko, primer secretario del partido en el distrito de Tisul, situado en la región siberiana de Kemerovo.

El diario señala que el Comité Central se vio desbordado por los informes que retrataban a Ilenko como "un tirano despreciable que humilla e insulta a la gente y se ocupa sumariamente tanto de los que lo critican como de los que formulan reparos a la actitud de sus allegados".

Al primer secretario le gusta repetir: «Yo soy el jefe del distrito y todo lo que digo es válido. Y debe destacarse que casi siempre tiene éxito», señaló Pravda.

Ilenko personalmente impidió investigaciones sobre los abusos de poder de sus colegas y cuando la policía objetó esa actitud interrumpió a los funcionarios y los expulsó de su oficina.

Pravda añadió que el comité de distrito del partido «fracasó en su examen de madurez» porque en una reunión convocada para analizar el comportamiento de Ilenko, la mayoría de sus integrantes se pronunciaron porque continuara en el cargo.

Ilenko finalmente fue expulsado por los dirigentes regionales del partido.

"La democracia no significa dejar pasar las cosas con absoluta indiferencia", comentó Pravda. "Si se concibe a la democracia de ese modo, entonces los demagogos y los deshonestos tienen ventaja".

Inusual competencia

MOSCU, 2 (EFE). - La presentación de tr es candidatos para ocupar la presidencia (cargo de primer secretario) de la Juventud Comunista (Komsomol) en la cuenca del Donetsk en Ucrania, es un paso más en las tentativas de democratización iniciadas por Gorbachov.

TASS subraya que "no uno, como antes sino tres candidatos fueron propuestos": Oleg Danilin, Vladimir Butko y Egeni Anoprienko. Además los electores les hicieron preguntas por teléfono en una transmisión televisiva en directo.

LA NACION 3/2/87

01 | 01

8703428

La Nación 13/2/87

Actividad religiosa

La religión en la URSS

"Deseo que nuestros hermanos lituanos, en este tiempo de gracia para su vida religiosa, sientan la profunda solidaridad de toda la Iglesia", expresó Juan Pablo II con motivo del 600° aniversario de la conversión de Lituania al cristianismo, que será celebrado este año.

El aniversario despertó en católicos lituanos algunas esperanzas de ver cumplido el sueño de una anhelada visita del Papa, que no pudo concretarse cuando se celebró en Vilnius el 500° aniversario del patrono nacional San Casimiro.

El gobierno soviético teme que puedan prender en la católica Lituania el "virus polaco" y la movilización espiritual que el Papa promueve en sus viajes por el mundo. Un funcionario gubernamental expresó que si el Papa acudiera a Lituania "atraería a mucha menos gente que, por ejemplo, en Tanzania". Sin embargo, la verdad es otra. Durante los viajes del Papa a Polonia los lituanos se pasaron días enteros pegados a los aparatos de radio, para seguir los servicios informativos de Varsovia, y abarrotaron las zonas del país desde donde se conecta con la televisión polaca.

Se estima que el 80 % de los tres millones y medio de lituanos es católico. Hay unas 600 iglesias, unos 700 sacerdotes, seis obispos y un seminario. Las estadísticas de 1940 daban un total de 717 parroquias más otros 330 lugares de culto, 1450 sacerdotes, diez obispos, cuatro seminarios mayores y numerosos seminarios menores y de religiosos, una facultad de teología y unos 120 monasterios y conventos.

Aunque enseñar catecismo a los niños está prohibido y la Iglesia no dispone de publicaciones -sólo circula una crónica clandestina y da cuenta de la persecución-, Petras Griskevicius, alta autoridad comunista en Lituania, ha admitido que "en muchas regiones el trabajo anticlerical no ha sido suficientemente efectivo", y ha considerado necesario "reactivar la propaganda del ateísmo en todos los estratos de la población".

El materialismo histórico no parece tenerlas todas consigo, a pesar de ser rigurosamente inculcado en todo el sistema educativo soviético, tanto en Lituania como en las otras repúblicas, de predominio ortodoxo, armenio, católico o islámico. "Demasiado a menudo -se lamentaba Pravda el 14 de diciembre de 1983- faltan garra y vibración en la propaganda contra las falsificaciones clerical-burguesas que pugnan por hacer revivir la mentalidad religiosa."

Judíos, católicos, armenios, musulmanes

Judíos practicantes que desean hacer "alia" (viajar a Israel, la tierra prometida); católicos que no han desaparecido de Ucrania, aunque oficialmente su Iglesia no exista más y se los considere incorporados al patriarcado ortodoxo; armenios que colman los templos, y musulmanes que se sienten solidarios con sus hermanos de allende las fronteras crean al régimen comunista problemas que, suponía, deberían haber sido superados por varias décadas de educación atea.



Monseñor Bernardo Witte

Un extenso artículo publicado en noviembre de 1985 en la Literaturnaya Gaceta llamaba a "fundamentar con más rigor el ateísmo científico, que aún no ha logrado demostrar que no existe una fuente y una causa de toda realidad, un ser personal que las religiones llaman Dios. Hay muchos camaradas también entre nosotros -admitía- que se plantean dudas inconcebibles, que suponen haber llegado el momento de reconocer el derecho de ciudadanía a las religiones y sectas".

Un escritor que colaboró en esa gaceta, Feliks Svetov, judío de nacimiento, se convirtió al cristianismo hace diez años. En su última novela, "Abreme la puerta", expresó: "Quienes acuden a la liturgia no pueden contar ni con la libertad ni con la posibilidad de avanzar en su profesión u obtener un cargo de responsabilidad en la sociedad. Pero así experimentan que el cristianismo es esencialmente la unidad en la cruz".

Recientemente, la Radio Televisión Italiana (RAI) presentó un programa con material inédito en Occidente, con escenas rodadas clandestinamente en la Unión Soviética. "Al cumplirse el 70° aniversario de la revolución, en la URSS hay todavía 110 millones de personas que profesan alguna fe religiosa", expresó el padre Sergio Mercazin, responsable de la revista Rusia Ecuménica.

A pesar de las trabas y persecuciones, en 1986 se ordenaron en la Unión Soviética 38 sacerdotes católicos, 19 en Lituania y 19 en Estonia. En otros países de Europa del Este, donde la presión estatal es algo menor, el movimiento es más notorio. Se destaca especialmente Polonia, que contrasta con los demás países del área y con la situación internacional. Es el país donde se ordena mayor número de sacerdotes por año. Actualmente, los sacerdotes polacos son 22.381, la décima parte de todos los sacerdotes católicos europeos.

La colecta Más por Menos

El Equipo Episcopal de Ayuda a las Regiones Más Necesitadas, que preside el obispo de La Rioja, monseñor Bernardo Witte, informó que en su última colecta, Más por Menos recaudó y distribuyó 825.000 australes. Esa suma proviene de muchas pequeñas contribuciones personales, ya que Más por Menos no ha recibido hasta el presente aportes de importancia de grandes empresas o instituciones.

En primer lugar, se envía apoyo a las diócesis más necesitadas, categoría en la que figuran en primera fila Añatuya, Humahuaca, Cafayate y La Rioja, a cada una de las cuales se han hecho llegar 50.000 australes. También reciben ayuda otras diócesis necesitadas, así como la campaña "Regreso con esperanza", de ayuda a los damnificados por las inundaciones del Nordeste, y proyectos distribuidos por todo el país. Entre ellos, la construcción de salones multiuso (se emplean para talleres de costura, centros de enseñanza, comedores infantiles, etc.), la adquisición de medicamentos y alimentos; el funcionamiento de guarderías, y hasta la compra, a precios justos, de tejidos elaborados por comunidades indígenas de la cordillera salteña.

"Estos proyectos pueden considerarse como de muy pequeña significación según un análisis macroeconómico -admitió monseñor Witte-, ya que algunos ni siquiera superan los cien australes, pero desde el punto de vista de la construcción de la trama social comunitaria son importantes. Además de la ayuda económica, quienes están atravesando situaciones difíciles necesitan sentir que no están solos y aislados."

Explicó que esos proyectos impulsan procesos de colaboración y ayuda mutua, en los que la gente más necesitada despliega su creatividad e iniciativa. En los comedores infantiles, indicó como ejemplo, un austral destinado a un organismo estatal -donde se pagan sueldos a quienes hacen la comida, quienes la sirven, quienes mantienen los edificios- no produce el mismo fruto que si es derivado hacia un proyecto de ayuda solidaria, "donde mucha gente aporta su trabajo desde su generosidad". Así, en las localidades más abandonadas, hay madres que se ofrecen para limpiar, para acarrear leña o hacer la comida, y muchísimas personas dan horas de servicio gratuitamente, "por amor a Dios y al prójimo, a la Patria y a la Iglesia".

01 / 01

8703431

Fuerzas Armadas soviéticas

Declinación moral

Por Ladislaus Hory

Viena – La organización y el mando de las Fuerzas Armadas soviéticas se mantieren intactos. Trabajan impecablemente. El programa de entrenamiento es llevado a cabo con disciplina de hierro y el equipo se mantiene actualizado. A pesar de eso, la dirigencia militar se siente preocupada. La razón es que una declinación de la moral está haciéndose sentir en diversas secciones dentro del Ejército. Las secciones particularmente preocupadas por la situación son el Departamento Político y el de Marina. Por consiguiente, estos departamentos buscan formas y medios de poner fin a estas tendencias negativas. Las filas de reclutas son llenadas cada vez más con miembros no rusos, soldados de las repúblicas asiáticas que tienen gran dificultad para entender las órdenes de mando en idioma ruso. Muchos no son siquiera capaces de leer el ruso. Además de esto, no tienen "ambiciones rusas" de ninguna clase. Los soldados reclutados en los territorios asiáticos no se identifican con el imperialismo soviético. El entrenamiento, la ideología y los intereses partidarios apenas ejercen efecto alguno entre ellos. Además, los jóvenes han perdido interés en la política. Es muy difícil despertar su entusiasmo por los intereses partidarios. Sus condiciones físicas también se han ido debilitando a través de los años. Por ejemplo, a los asiáticos no les interesan los deportes. Su pobre condición física y la barrera del lenguaje reducen considerablemente la efectividad de su entrenamiento militar. Aunque una carrera militar prometa un futuro relativamente seguro, ningún asiático está dispuesto a enrolarse en las academias militares.

Conferencia de mandos

En mayo del año pasado, el mando militar de Tashkent convoco una conferencia a la que invitó a representantes del Turquestán y el Usbequistán, presidida por el mariscal M. E. Kulikov. En el curso de esta conferencia, se decidió que debía intensificarse el entrenamiento militar de los asiáticos a fin de combatir su indiferencia política.

La culpa de esta insatisfactoria situación se hizo recaer tambien en los desastrosos efectos de la sociedad de consumo entre los jovenes. Sin embargo, el "consumismo" no es la única razon. Hay tambien una urgente demanda de maestros e instructores más adecuados en las escuelas militares, a fin de lograr progreso en las siguientes tres areas:

–aumento en el nivel de la enseñanza del idioma ruso;

–mejoramiento de las condiciones físicas de los reclutas;

–intensificacion del entrenamiento en deportes militares tales como la natación, la carrera y el tiro al blanco.

"Playboys" asiáticos

En Turquestán, las autoridades han descubierto que muy pocos reclutas saben nadar, y que solo el cinco por ciento de los escolares pueden hacer los ejercicios de carrera que se les exige. La mayoría de los maestros de allí nunca han prestado servicio en el Ejército. Ademas, en su mayoria lucen como "playboys" asiaticos; se pintan las uñas y usan botas de tacon alto, como si fueran a "un baile vestidos a la moda de los homosexuales". Otros iban en harapos a la inspección. Para los generales de Moscú fue muy desalentador ver que las tradiciones familiares y los prejuicios religiosos siguen teniendo mucho mayor impacto en la población que 70 años de adoctrinamiento político.

Sin embargo, algunos sociologos advirtieron en contra de apresuradas conclusiones y de medidas drásticas. Adujeron que era preferible recurrir a una propaganda más intensa.

Pero la experiencia más penosa para los generales fue la condición de la Marina, a pesar de que su personal goza de más privilegios que en ninguna otra rama militar. Los oficiales de la Marina son los que mejor visten, los que tienen mayores concesiones, las vacaciones más largas; en pocas palabras, gozan de un tratamiento muy especial que sólo una élite puede reivindicar para sí. A pesar de este tratamiento especial, la "inseparable unidad entre el barco y la oficialidad", que se demanda formalmente, se encuentra en peligro. El efecto de la propaganda [illegible] juventud está desapareciendo. Muchos jovenes oficiales de la Marina ya no se "sienten como en su casa" cuando están en el mar, y usan todos sus contactos para ser trasladados a puestos en tierra o ser enviados a escuelas militares. Esta situacion bastante insatisfactoria fue mencionada en el XXVII Congreso del partido. La prensa militar, a la que no tiene acceso el público, trata con frecuencia este problema. Se ha planteado el interrogante de por qué cada vez más oficiales jóvenes pierden el interés en la Marina.

Algunos ejemplos

Algunos ejemplos pudieran servir como ilustración de este fenomeno. Siete jóvenes oficiales de la flota del Mediterráneo, que disfrutaban de unos días de licencia, discutían las ventajas y desventajas de su servicio. Uno de ellos sugirió que escribieran en un pedazo de papel la posición que les gustaría ocupar al cabo de 5, 10 o 15 años. Este experimento reveló que era difícil encontrar a un oficial de la Marina que quisiera servir en el mar por más de 5 años. Casi todos buscan promociones que les permitan trabajar en tierra, quieren convertirse en instructores o desean trabajar en la industria. Cuando se les pregunta por qué quieren abandonar la Marina, responden que la responsabilidad es demasiado grande y el servicio en alta mar es muy agotador y acaba con el sistema nervioso. Ademas, apenas encuentran ventajas que compensen tantas durezas.

Las investigaciones de la alta oficialidad de las flotas del Báltico y el mar Negro arrojaron resultados similares. De acuerdo con un comandante, los jóvenes oficiales de la Marina se encuentran bajo gran [illegible] a las atracciones que ofrece la vida en tierra. Todos los críticos admiten que la moral de los oficiales de la Marina es, indudablemente, muy baja.

PARTES ILEGIBLE

01 . 01

8703434

Archivo URSS

024

Critican la persistencia de criterios conservadores en los gremios soviéticos

MOSCU 24 (Reuter y DAN). — El titular del consejo de los sindicatos de la URSS, Stepan Shalaiev, expresó el apoyo de dichas organizaciones a la reestructuración y la democratización de la sociedad soviética, y censuró la persistencia de cierto conservadorismo en los gremios.

En la primera sesión del XVIII Congreso de los Sindicatos, Shalaiev pronunció un discurso de tres horas en el Gran Palacio del Kremlin, en presencia del secretario general del Partido Comunista, Mijail Gorbachov, de cinco mil delegados y representantes e invitados de más de 130 países.

Las agrupaciones sindicales soviéticas, que reúnen a 140 millones de trabajadores, llegan a este congreso al cabo de un prolongado período de discusiones y debates acerca del tema de la democratización de la vida gremial, parte de la reforma integral en curso.

"Los sindicatos soviéticos apoyan por completo la orientación del P.C.U.S. hacia la reestructuración y la democratización de la sociedad", afirmó Shalaiev, "y utilizaron el tiempo transcurrido desde el último congreso del P.C. para incorporarse al trabajo en la aceleración del desarrollo socioeconómico de la URSS".

Shalaiev dio una imagen de netos contrastes en relación con la actividad sindical, y junto a referencias a los progresos registrados, criticó especialmente la actitud de algunos sectores ante la seguridad en el trabajo. El número total de heridos en actividades laborales declinó un 20 por ciento en los últimos cinco años, afirmó, pero se mantiene elevado en correos, caminos y transporte de agua y aumentó entre los trabajadores de los ministerios de Petróleo, Madera, Comunicaciones y Marina Mercante.

La mayoría de los accidentes se debió a escasa disciplina o a "una irresponsabilidad, y a veces una negligencia criminal", sostuvo, y puso como ejemplo el accidente en la planta nuclear de Chernobyl.

El mismo criterio siguió, luego, el secretario del Consejo de los Sindicatos, Georgi Ianaiev, en rueda de prensa, al puntualizar, entre otros datos, que "en los últimos 5 años se mejoraron las condiciones laborales de más de 15 millones de trabajadores" y que "entre 1986 y 1990, en los balnearios y casas de descanso de los sindicatos pasarán sus vacaciones 24 millones más de trabajadores y sus familias que en el quinquenio anterior".

En cambio, señaló que "unos diez mil administradores de diverso nivel fueron destituidos de sus cargos, y 60 mil multados, por pedido de los sindicatos, solo en 1986", y que en la reciente campaña de balance y elecciones "se calificó de insatisfactoria la labor de muchos órganos más que en la campaña anterior: 1.273, frente a 104 en 1984".

Respecto del proceso de reestructuración y democratización, Shalaiev anunció que una orientación básica del trabajo en el próximo período será satisfacer las demandas de los trabajadores en cuanto a condiciones de trabajo, vivienda, descanso, educación y asistencia médica. En este último aspecto anticipó medidas tendientes a una fuerte reducción de los trabajos que exigen grandes esfuerzos físicos, así como otras que amplían los derechos de la mujer.

CLARIN 25/2/87

PARTES POCO LEGIBLE

01 . 01

8703441

ACION

El tiempo

Hoy: 90 % de probabilidades de chaparrones. Máx ma: 30°, mínima: 23°. Ayer: Máx., 33°1, Mín., 23°3. Mañana: mejorando. Más Inf., Pág. 8, Secc. 2a.

s 6 de febrero de 1987 — Año 118 - Número 41.395

Moscú reanudará los ensayos nucleares

Funcionarios del Kremlin afirmaron que la URSS no intentará competir con la guerra de las galaxias; nuevo avión de guerra

MOSCU, 5 (Reuter).- La Unión Soviética confirmó que reanudará sus ensayos nucleares después de una suspensión de 18 meses y justificó tal decisión mencionando intereses de seguridad y la necesidad de perfeccionar nuevas armas.

Pero funcionarios del Kremlin aclararon que Moscú no intentará competir con la Iniciativa de Defensa Estratégica y no piensa desarrollar armas especiales similares a las contempladas en ese proyecto auspiciado por el presidente Ronald Reagan.

Al mismo tiempo, los funcionarios reiteraron su llamamiento a una prohibición total de ensayos atómicos y a que se destinen a fines de desarrollo pacífico los fondos actualmente empleados en la producción de armamentos.



El viceministro de Relaciones Exteriores soviético, Vladimir Petrovsky (AP)

Nuevo caza de intercepción

OSLO, 5 (EFE).- La Unión Soviética dispone de un nuevo caza de intercepción que vuela a dos veces la velocidad del sonido, según informaron pilotos de la fuerza aérea noruega que manifiestan haber visto ese nuevo aparato en varias ocasiones.

Un vocero militar noruego afirmó que el nuevo caza soviético tiene un gran radio de acción y ha sido visto cuando volaba cerca de Noruega.

El caza, según el vocero, se halla estacionado en la península de Kola, al este de Laponia, entre el Mar Blanco y el Mar de Barents.

"Un acto cínico"

MOSCU, 5 (Reuter).- En la conferencia de prensa en la que la URSS confirmó la reanudación de sus ensayos nucleares, los funcionarios denunciaron la prueba atómica norteamericana del

(Con[tinúa en la página ...])

01.02 8703443

URSS

026

Moscú y las pruebas nucleares

(Continuación de la página 1, col. 6)

martes en el campo de ensayos de Nevada como "un acto cínico".

"Con este nuevo paso provocativo, el gobierno norteamericano ha rechazado el ejemplo de la Unión Soviética y sus exhortaciones a convertir su moratoria unilateral en una iniciativa compartida a fin de detener la carrera armamentista", manifestó el viceministro de Relaciones Exteriores, Vladimir Petrovsky.

"Se ha planteado una situación que puede afectar seriamente nuestra seguridad y la de nuestros aliados", declaró, añadiendo que la última explosión norteamericana obliga a Moscú a poner fin a la suspensión de pruebas que puso en vigor el 6 de agosto de 1985.

Petrovsky rehusó fijar una fecha para la reanudación de las pruebas. Tampoco precisó si se iniciaron ya trabajos preparatorios en el campo de pruebas cercano a Semipalatinsk, en el Kazakstán soviético.

"La fecha de reanudación de nuestras explosiones nucleares será decidida por el gobierno soviético tomando en consideración todas las circunstancias", manifestó.

Acusación de Gromyko

MOSCU, 5 (AFP).- El jefe del Estado soviético, Andrei Gromyko, acusó a los Estados Unidos de buscar "agravar las relaciones" con la URSS, en una conversación en el Kremlin con el ex secretario de Estado norteamericano Henry Kissinger, informó la agencia TASS.

Kissinger, que dirigía la diplomacia norteamericana cuando Gromyko era el ministro de Relaciones Exteriores soviético, vino a Moscú con una delegación del Council of Foreign Relations de Nueva York, invitada por el Kremlin.

El grupo está integrado también por Cyrus Vance, otro ex secretario de Estado, quien, sin embargo, no asistió al encuentro con Gromyko, a quien Kissinger pidió la entrevista, precisó la agencia oficial soviética.

La delegación norteamericana fue recibida ayer por el secretario general del Partido Comunista de la Unión Soviética (PCUS), Mikhail Gorbachov, y hoy debía visitar al académico disidente Andrei Sakharov.

Con los ex secretarios de Estado, Gorbachov tuvo expresiones conciliadoras sobre las relaciones entre los dos grandes, en tanto Gromyko fue más duro, en una reunión caracterizada por un clima de "trabajo y franqueza".

El jefe del Estado soviético "denunció la ausencia de todo progreso sobre un cierto número de puntos fundamentales en las relaciones entre los EE.UU. y la URSS debido a los obstáculos interpuestos por la administración norteamericana. En consecuencia, el estado actual de las relaciones entre la URSS y los EE.UU. permanece complejo y constituye una fuente de preocupación", manifestó TASS.

POCO LEGIBLE

02.02

8703443

Refirióse Gorbachev a los cambios en la URSS

Dijo en el Foro pacifista en Moscú que la democratización socialista es irreversible

Moscú, 16 (UP) — El gobernante soviético Mikhail Gorbachev, en un llamado para poner fin a la carrera armamentista, condenó el programa estadounidense de defensa espacial "guerra de las galaxias" y dijo que es necesario humanizar las relaciones internacionales.

Gorbachev advirtió en un Foro sobre armas nucleares que "la sobrevivencia de la humanidad" estaba en juego si la carrera de armas llega al espacio. También habló sobre las nuevas políticas de liberalización del gobierno.

Gorbachev dijo a los delegados que "han venido a la Unión Soviética en un momento en el que las trasformaciones, que son revolucionarias en esencia, se han iniciado en este país".

"La amplia democratización de nuestra sociedad es irreversible", afirmó al destacar que los cambios "aún se están realizando basados en nuestra noción de los valores socialistas. Están medidos con el patrón socialista".

El gobierno de Gorbachev ha iniciado un proceso de liberalización limitada, que incluye la reciente libertad de unos 140 presos políticos, el retiro de autoridades corruptas e ineficientes y una nueva apertura a la prensa.



(Radiofotografía de Reuter)

Gorbachev durante su alocución de ayer

"Nueva forma de pensar"

Negando que las recientes reformas fueron tomadas como resultado de "presiones de Occidente o por un deseo de que le gustemos a alguien mientras buscamos objetivos secretos", Gorbachev dijo: "No, este no es el caso; este es el resultado de una nueva forma de pensar".

En su discurso, según la agencia noticiosa TASS, pidió el fin de la carrera de armas que, dijo, condena a muerte a miles de millones de personas inocentes.

"El peligro especial de la carrera armamentista en el espacio significa que la desestabilización se hará una realidad", manifestó a los delegados de 80 países. "El riesgo de una guerra accidental aumentará varias veces".

El gobierno del presidente Reagan planea un sistema antimisiles en el espacio llamado Iniciativa de Defensa Estratégica y popularmente, "Guerra de las Galaxias", el cual ha hecho que las negociaciones sobre armas estratégicas entre Estados Unidos y la Unión Soviética estén estancadas.

"Las relaciones internacionales de hoy están privadas de su alma por el culto a la fuerza y la militarización de la conciencia", dijo. "Es necesario humanizar las relaciones internacionales", agregó.

Señaló que la reunión de Reykiavik con el presidente Reagan en octubre pasado no fue un fracaso sino un inicio.

En una declaración recibida con risas y aplausos, manifestó que la propuesta de Reagan para que las superpotencias cooperen para repeler un probable ataque extraterrestre era un poco prematura.

En Washington, un vocero de la Casa Blanca dijo que el gobierno estadounidense "estudiaría detalladamente el discurso (de Gorbachev). A primera vista, no tiene ninguna nu..a propuesta", indicó el vocero.

En tanto, la familia del apresado profesor de hebreo Yosif Begun continuaba hoy esperanzada en que sería liberado, como lo aseguró un prominente funcionario soviético, pero estaba confusa ante informes de que su salida de la prisión Chistopol no fue autorizada.

La Prensa 17/2/87

026

La Prensa 23/2/87

Visita la URSS el canciller paquistaní

Moscú (UP) — El ministro de relaciones exteriores de Paquistán, Sahibzada Yaqub Khan, arribó a esta capital tres días antes de reanudarse en Ginebra una ronda de negociaciones tendientes a terminar la guerra de siete años en Afganistán.

La "breve visita de negocios", no planeada antes y anunciada por la agencia noticiosa TASS, en un despacho de dos párrafos, constituye la segunda de Khan al Kremlin este mes.

La visita del dignatario representa la continuación de una serie de conversaciones por separado de las de la Unión Soviética con las Naciones Unidas, donde iraníes y líderes afganos muestran signos de fuertes preparativos para reiniciar las conversaciones de paz en Ginebra.

No obstante la desacostumbrada actividad diplomática, no ha habido anuncios públicos que indiquen cualquier concesión de Moscú en los principales asuntos que son discutidos en Ginebra —una agenda para la salida de los aproximadamente 115.000 soldados soviéticos de Afganistán.

Los soviéticos han enfatizado durante el presente año que la ayuda exterior a la resistencia afgana debe concluir antes de que sean detallados los planes del retiro de sus fuerzas militares.

01.01

8703455

Moscú anunció cambios en las condiciones de producción

MOSCU, 8 (AFP). — Los trabajadores soviéticos elegirán a sus jefes, desde el director hasta el capataz, según un proyecto de ley publicado hoy que establece la autogestión socialista dentro de la gestión centralizada.

Actualmente, los dirigentes de las empresas estatales son designados por las autoridades. El texto del proyecto, que ocupa tres páginas del diario "Pravda", fue aprobado por el comité central del Partido Comunista reunido a fines del mes pasado y será sometido a debate popular antes de ser aprobado por el Parlamento, a mediados de año. El proyecto traduce un deseo de eficacia económica y de extensión de la autogestión socialista aunque sin poner en cuestión el principio fundamental de la gestión centralizada.

Los dirigentes de las empresas, del director al capataz o jefe de equipo, serán elegidos y destituidos en votaciones secretas o públicas por los trabajadores, reunidos en asamblea general: sin embargo, la designación del director, cuyo mandato será de cinco años, deberá ser sometida al aval de ministerio respectivo. El mandato de los otros puestos será de dos o tres años.

La asamblea dará sus plenos poderes a un consejo de empresa, elegido públicamente y compuesto de obreros, de representantes del Estado, del partido, de los sindicatos y de la juventud comunista.

♦ Trabajo y salario

Ese consejo deberá controlar la ejecución del plan y definir el modo de retribución de los trabajadores. La empresa funcionará sobre una base de autonomía administrativa, autofinanciamiento y autogestión. Una vez pagadas sus deudas financieras al Estado podrá utilizar en forma autónoma la parte restante de sus beneficios, parte que no le podrá ser retirada.

El proyecto generaliza un mecanismo aplicado desde 1984 en forma experimental en algunas ramas industriales por el entonces secretario general del Partido Comunista y presidente de la Unión Soviética Yuri Andropov.

Los observadores dijeron que el texto es poco explícito sobre la manera de conciliar la gestión centralizada y la autogestión socialista en la empresa, en la que el Partido Comunista es el núcleo político que orienta su actividad y controla la del sector administrativo.

Por otra parte, en disposiciones aparentemente contradictorias, el director está directamente subordinado al ministerio respectivo, mientras que éste tiene la obligación de no intervenir en la actividad operativa y económica de la empresa, aunque debe verificar, como máximo una vez por año, su situación financiera.

El fabricante podrá vender sus productos por intermedio de centrales especializadas, por contrato directo con el consumidor o en forma autónoma.

♦ Condiciones

Para mejorar la calidad, la empresa podrá vender sus productos a precios más altos a condición de que correspondan o sean superiores a los mejores promedios mundiales. Pero será sancionada si fabrica productos anticuados o de mala calidad.

La empresa debe ser rentable, estipula el proyecto, que prevé la liquidación de las unidades que trabajen con pérdidas o sean insolventes durante un período prolongado. El plazo dado a las empresas para sanear su situación financiera no fue indicado.

Los trabajadores privados de trabajo por esa razón recibirán durante tres meses el salario medio practicado en el país. Los que no puedan encontrar trabajo en la misma rama recibirán formación para otro sector.

Descentralización

MOSCU, 8 (AP). — La Unión Soviética divulgó hoy un proyecto de reformas económicas que propone un sistema electivo de gerentes de fábrica, un aflojamiento de controles burocráticos y pone énfasis en los beneficios, la competencia y la demanda.

"Una actividad empresaria se basa en el plan de desarrollo económico y social del Estado como el instrumento más importante para la ejecución de la política económica del Partido Comunista y del Estado soviético", dice. Pero "Pravda" señala claramente a los administradores económicos que se debe dar a las necesidades del mercado una consideración tan primaria como la del plan.

"Las demandas del consumidor son obligatorias para la empresa, de acción de cada colectividad trabajadora", dice un párrafo destacado en la impresión de "Pravda".

Entre las disposiciones de la ley, que debe ser aprobada por el Soviet Supremo, el Parlamento nominal, se incluyen:

—Los beneficios serán "un indicador general de la actividad de la empresa", junto con su éxito en sus esfuerzos por satisfacer los requerimientos del plan económico. Una fábrica o firma podrá utilizar a "plena discreción" parte de sus beneficios, después que pague una parte, que no especifica, a los organismos gubernamentales.

—Los salarios, ahora fijados por los funcionarios gubernamentales, dependerán por lo menos en parte de la medida en que cada empresa cumpla con las necesidades del mercado. "Las ganancias y pérdidas de la empresa causarán un impacto directo en el nivel de ingresos de la colectividad, del bienestar de cada trabajador", dice el proyecto de ley.

—La competencia, considerada en un momento por las autoridades soviéticas como una bárbara consecuencia del capitalismo, debe aumentar.

—También prevé el cierre de firmas que no puedan adecuarse a su situación. Una fábrica puede ser cerrada, dice el proyecto, cuando enfrenta "prolongadas pérdidas e incapacidad de pagar sus obligaciones... Y la ausencia de demanda de sus productos".

026

Liberaron en la URSS a un destacado opositor judío

NUEVA YORK, 15 (AFP). – El opositor judío soviético Josef Begun fue ya liberado, anunció hoy un alto funcionario soviético en una entrevista con la cadena de televisión norteamericana CBS.

"Acabo en este instante de llamar por teléfono, y este caso está resuelto", declaró Arbatov, miembro del Comité Central de la URSS y Director del Instituto de Estudios para Estados Unidos y Canadá.

Begun habría sido liberado antes si no se hubiesen realizado desde el lunes pasado manifestaciones cotidianas en su favor organizadas en la calle Arba, no lejos del Kremlin, afirmó Arbatov.

El viernes pasado, violentos incidentes habían marcado estas manifestaciones, y agentes de seguridad golpearon a los que participaban en ellas.

El funcionario soviético, por otra parte, afirmó que periodistas de su país fueron en el pasado víctimas de molestias similares; un reportero de la televisión fue golpeado en Londres y un corresponsal de una agencia de prensa importunado en Washington.

Condenado tres veces

MADRID, 15 (EFE). – Josef Begun, cuya liberación fue anunciada hoy por un miembro del Comité Central del Partido Comunista Soviético es un activista judío que ha sido condenado en tres ocasiones en los 16 años que lleva haciendo campaña para emigrar a Israel.

Begun, de 56 años, ingeniero electrónico y profesor de hebreo, solicitó emigrar de la URSS por primera vez en 1971, oportunidad que fue denegada su solicitud y acusado de estar en posesión de "información reservada".

En junio de 1977 compareció ante un tribunal acusado de "parasitismo" y fue condenado a dos años de destierro en Siberia.

Poco después de ser puesto en libertad, fue detenido otra vez acusado de infringir las normas sobre residencia.

En su segundo proceso fue condenado a tres años de destierro en Siberia y una vez en libertad fue detenido nuevamente en Leningrado en noviembre de 1982.

En octubre de 1983 fue condenado a siete años de internación en un campo de trabajos forzados seguido de cinco años de exilio interno.

Protesta de judíos

MOSCU, 15 (AP). – La agencia noticiosa oficial TASS informó hoy que un grupo de judíos soviéticos, a los que se negó permiso para emigrar, apeló a los participantes de un foro sobre la paz que se cumple aquí, auspiciado por el Kremlin.

La inesperada información sobre una acción de protesta por parte de "refusniks", como se conoce a los que se les niegan las visas de salida para emigrar a Israel, también dio a entender que varios encarcelados activistas judíos serán dejados en libertad en breve, y se les autorizará a dejar el país.

Alrededor de 1300 soviéticos y extranjeros, que incluyen a científicos, políticos, intérpretes, artistas y otros, se reunieron aquí durante el fin de semana para una serie de mesas redondas sobre la paz y el desarme.

Según TASS, en los vestíbulos de los hoteles en que se llevaban a cabo esas reuniones se colocaron copias del documento de protesta de los judíos soviéticos, "firmado por 10 personas que afirman que no se les permite... emigrar a Israel".

Por otra parte, la agencia soviética reiteró el anuncio efectuado por el gobierno la semana pasada, en el sentido de que docenas de soviéticos encarcelados bajo cargos de agitación y propaganda antisoviética han sido dejados en libertad y que otros casos están siendo analizados, de acuerdo con un "proceso de democratización" que se desarrolla actualmente en la Unión Soviética.

La Nación 16/2/87

01.01

8703165.

016

BS

En URSS cesan a 30 militares

MOSCU. — Una serie de generales y oficiales superiores soviéticos fueron destituidos o sancionados por altos responsables militares y por el partido, a causa de su elección equivocada de subordinados o de abusos de poder en ese terreno, reveló ayer "Estrella Roja", órgano del Ministerio de Defensa de la URSS.

Esos oficiales, cuyos nombres y grados no se precisan, se ven acusados de haber "seleccionado mal" a sus subordinados e incluso de "favoritismo" en el nombramiento, precisó el rotativo en su información sobre una reciente reunión de la organización del PC en el Ministerio de Defensa, presidida por su titular, general Seiuei Sokolov.

El ministro apeló a la "reorganización" (perestroika) del Ejército y de la Marina, refiriéndose a un discurso —no publicado— que Mijail Gorbachov pronunció ante cuadros militares el 10 de julio de 1985 en Minsk (Bielorrusia).

Esa reorganización, destacó Sokolov, debe permitirnos "alcanzar un nuevo grado de aptitud al combate", teniendo en cuenta que "la política de Estados Unidos y de la OTAN sigue presentando [illegible]".

El [illegible] "la [illegible] del papeleo" y la multiplicación de [illegible] e "inspecciones" en el Ejército, afectado por [illegible] organización.

El Día. 17/3/87.

PARTES ILEGIBLE

01.01

8703483

PP 29/1/87

La tradición de los kazakhs contra EL KREMLIN

Por Bernard Lecomte

PARIS (L' Express). – Los kazakhs deberían leer más atentamente Pravda. El 22 de julio, en la primera página, el órgano central del PC soviético fustiga a los dirigentes de su República, especialmente a los primeros secretarios de Kazakhstán del Norte, de Turgai, de Pavlodar, de Karaganda: la banda de Kunaiev, 74 años, jefe político del Kazakhstán desde hace un cuarto de siglo, estaba vigilada. En el mismo artículo, entre los dirigentes de nuevo estilo dados como ejemplo a los militantes, figura un tal Kolbin, 59 años, primer secretario del Partido en Ulianovsk, la ciudad natal de Lenin...

Cinco meses más tarde, el martes 16 de diciembre, el kazakh Dinmukhammed Kunaiev era bruscamente reemplazado por el ruso Guennadi Kolbin, nombrado de improviso en Alma-Ata sin que nadie supiera si puso allí alguna vez los pies. Consecuencia inmediata: dos días de disturbios en las calles de la capital kazakh que provocaron, según el testimonio de un periodista local, "heridos y muertos".

La destitución del viejo Kunaiev era sin embargo esperada. Con Vladimir Chtcherbitski, jefe de Ucrania, Kunaiev era uno de los dos últimos dinosaurios de la era Brezhnev, símbolos de un inmovilismo que Gorbachov no cesa de atacar: los dirigentes "inertes e indiferentes al cambio", aquellos que "son más activos y más eficaces para ellos que para la sociedad", esos "deben ceder su lugar a nuevos funcionarios", había recordado el nuevo amo del Kremlin en Khabarovsk, el 31 de julio.

No son sólo palabras. En vísperas del próximo plenario del comité central, que debe reunirse dentro de pocos días para tratar ese asunto, se supo que 13.000 dirigentes económicos habían sido destituidos en un año por abuso de poder: un hermoso conjunto de piezas cobradas, sobre todo cuando se sabe que la renovación de los altos funcionarios tropieza a veces, según Pravda del 1º de octubre, "con la oposición de aquellos que, instigados por intereses egoístas, se esfuerzan por preservar





Guennadi Kolbin (arriba) y Dinmukhammed Kunaiev

estructuras superadas, así como sus propios privilegios".

¿Gorbachov podía tolerar por mucho tiempo que el Kazakhstán, la segunda república socialista soviética después de Rusia, permaneciera al margen del "cambio"? Por otra parte, Kunaiev no deseaba declarar la guerra ni a su administración local, corrompida y devota de su persona, ni a sus correligionarios musulmanes, con los cuales, a la manera de Tartufo, tenía sus arreglos.

Minoritarios en su República

Ahora bien, es allí donde aprieta el zapato, y los kazakhs, decididamente, deberían haber leído Pravda: éste informa, el 25 de noviembre, acerca de las críticas violentas dirigidas por Gorbachov en persona contra responsables comunistas culpables de demasiada indulgencia con respecto a las prácticas religiosas, especialmente musulmanas. También en este caso, aun si las palabras se refieren al Uzbekistán, es la política de los altos funcionarios lo que se discute: los responsables locales están demasiado cerca de sus administrados, inclusive a la hora de la plegaria.

¿Cabe sorprenderse, después de esa diatriba, de que se haya nombrado a un ruso en Alma-Ata, donde, efectivamente, se practica el "kalym" (adquisición de la novia), el matrimonio religioso, la circuncisión, la peregrinación a la tumba de los santos? Los jóvenes comunistas del Komsomol no son los últimos, según parece, en practicar esos ritos "atrasados"...

Lo que al Kremlin le cuesta comprender es que ese "laxismo" religioso oculta una verdadera adhesión a la tradición nacional, en el caso de los kazakhs cada vez más minoritarios (35 % de la población, por un 40 % de rusos), y que el nombramiento de un ruso no podía ser considerado por ellos sino como un golpe de gracia, un remate simbólico de su rusificación.

De ahí las violencias del 17 y el 18 de diciembre, que recuerdan otras reacciones nacionalistas, en Georgia o en Estonia, estos últimos años. La diferencia reside en que, hasta el presente, no es la agencia Tass la que informaba sobre el particular al resto del mundo. ¿Qué mejor prenda podía dar Gorbachov a los jóvenes kazakhs encolerizados? Por un lado, el oscurantismo y la corrupción, azotes del período que se termina; por el otro, el progreso y la disciplina, el método Gorbachov, que permite no sólo abastecer puntualmente los negocios de Alma-Ata, sino también liberalizar la información, por ejemplo poner en libertad a Mustapha Djemilev, el musulmán que se hizo portavoz de los tártaros de Crimea, esas poblaciones deportadas por Stalin al Asia central... al Kazakhstán, entre otras...

De símbolo en símbolo, Gorbachov avanza. Sin tropiezos –pero no sin guardaespaldas–, el nuevo jefe de la República, Guennadi Kolbin, y el presidente de la comisión de control del Partido, Mikhail Solomentsev, re-

01 02

corrieron Alma-Ata durante tres días, visitando ostensiblemente algunos mercados e invitando a los estudiantes a una recuperación ideológica –en este caso, un retorno al "internacionalismo", esa noble virtud leninista cuyo opuesto, como todos saben, es el nacionalismo.

Borrón y cuenta nueva para los dirigentes soviéticos, y especialmente para el equipo de Gorbachov. Algunos "camorreros", cuidadosamente elegidos, serán juzgados; los otros manifestantes de Alma-Ata serán perdonados e invitados a unirse a las filas del "cambio". El orden reinará nuevamente en Kazakhstán y en las repúblicas. Hasta que nuevas llamaradas nacionalistas se produzcan en las marcas del imperio: el nuevo método no es una varita mágica y Gorbachov no tiene ninguna posibilidad de resolver pronto el problema de las nacionalidades en la Unión Soviética. (c) La Nacion

(Traducción de Eduardo Paz Leston)

02.02

8703504

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Gorbachov versus la burocracia.

PROCEDENCIA: LA PRENSA 22/2/87

ARCHIVADO EN: Alphonse Max (046)

01.01

8703512

URSS

026

RS

Gorbachev viajará a Montevideo

Montevideo (UP) — El vicecanciller soviético, Victor Komplectov, afirmó que Mikhail Gorbachev aceptó una invitación oficial para visitar el Uruguay.

Agregó, que el presidente de dicho país, Julio María Sanguinetti, también había aceptado visitar la Unión Soviética, en fecha aun no determinada.

Komplectov, quien llegó a Montevideo y se entrevistó con Sanguinetti, manifestó que "no se ha fijado fecha" para la visita de Gorbachev, pero que la invitación fue aceptada.

Sobre su conversación con Sanguinetti dijo que fue "muy franca, muy abierta, muy amistosa y muy sincera".

Komplectov sostuvo que la visita prevista de Sanguinetti a Moscú será "un hito" en la ampliación de las relaciones existentes entre el Uruguay y la Unión Soviética.

D1.01

URSS
Carrera de armas

024

Plan ruso para contrarrestar la "guerra de las galaxias"

Moscú, 9 (UP) – Un general soviético ofreció la lista más detallada hasta la fecha de una serie de medidas para neutralizar el sistema norteamericano de la "guerra de las galaxias", indicando que las estaciones orbitales en el espacio serían los objetivos más vulnerables.

El mayor general Iván Anureyev describió en un artículo para la prensa soviética, trasmitido también por la agencia noticiosa TASS, las maneras en que se podría proteger a los misiles soviéticos durante el vuelo.

La Iniciativa de Defensa Estratégica (IDE) norteamericana, o "guerra de las galaxias", está diseñada para identificar y destruir misiles soviéticos en vuelo.

"Un análisis de las posibles medidas para contrarrestar la IDE demuestra que hay formas eficientes y relativamente baratas que pudiéramos emplear para mantener nuestra capacidad de darle un golpe de respuesta al agresor", señaló Anureyev.

El mayor general repitió una declaración anterior de que las medidas soviéticas significarían sólo "un pequeño por ciento" del costo del programa norteamericano.

"El general Anureyev indicó que la destrucción de los componentes del sistema norteamericano, como estaciones orbitales armadas y otros sistemas militares espaciales, era la forma más efectiva de debilitar todo el sistema de la defensa estratégica", indicó TASS.

Anureyev señaló que esas estaciones orbitales eran vulnerables a una amplia gama de armas, entre ellas "minas espaciales" (satélites cargados de explosivos que pudieran estallar cerca de las instalaciones de la "guerra de las galaxias").

Los Estados Unidos han dicho que la Unión Soviética posee desde hace años toda una serie de armas poco avanzadas pero efectivas, para destruir satélites norteamericanos.

"También se pueden producir nubes de bolas metálicas que viajen con rumbos de impacto contra los componentes de la IDE", expresó el informe. "Viajando a una velocidad de 15 kilómetros por segundo, una pieza de metal de una masa de 30 gramos puede penetrar la estructura metálica de una estación orbital, que es de unos 15 centímetros de espesor aproximadamente".

"Cumbre"

Washington, 9 (UP) – Una nueva reunión "cumbre" entre el presidente Ronald Reagan y el secretario general Mikhail Gorbachev es "obviamente una posibilidad", especialmente si existe la oportunidad de firmar un tratado, expresó hoy el jefe negociador soviético en las conversaciones sobre desarme en Ginebra.

Yuri Vorontsov, primer viceministro de relaciones exteriores y jefe negociador soviético en Ginebra, dijo en el programa televisivo norteamericano "Today" de la cadena NBC, donde fue entrevistado, que "técnicos" soviéticos y norteamericanos están redactando en Ginebra el texto del posible tratado sobre misiles nucleares de alcance intermedio.

La propuesta que emergió fue la de dejar sólo 100 ojivas nucleares por bando y sólo en los territorios nacionales de los Estados Unidos y asiático central de la URSS.

La Prensa 10/3/87

01-01

8703541

Chargos EE.UU.

026

CLARIN ★ Buenos Aires, miércoles 25 de febrero de 1987

La URSS negocia compra de cereales con EE.UU.

El "New York Times" reveló ayer que la Unión Soviética reanudó gestiones con EE.UU. para la adquisición de cereales, especialmente maíz. La URSS no compraba granos a EE.UU. desde agosto.

WASHINGTON, 24 (ANSA). — **Estados Unidos y la Unión Soviética reanudaron en Washington las tratativas para la compraventa de cereales.** Según versiones no **confirmadas**, entre tanto, **indican que la URSS habría adquirido a Estados Unidos un millón de toneladas de maíz. Ello, según lo informa el "New York Times" de hoy.**

Según algunos **expertos**, la adquisición soviética podría significar la reanudación de las relaciones entre **EE.UU. y la URSS en** el comercio de cereales, si bien muchos estiman que **la URSS adquirió el maíz solamente porque en la actualidad los precios del cereal en Estados Unidos son los más bajos registrados desde 1976**. La Unión Soviética no había adquirido cereales de Estados Unidos desde el pasado agosto y había indicaciones según las cuales este año los soviéticos ignorarían completamente el mercado norteamericano, por primera vez desde 1970.

Según el acuerdo, **los soviéticos se habían comprometido a adquirir por lo menos 4 millones de toneladas de maíz, 4 millones de toneladas de trigo y 1 millón de toneladas de soja al año**, durante un período de cinco años, a partir de octubre de 1983. En el año agrícola cerrado el 30 de setiembre pasado, la URSS solo había adquirido 6,8 millones de toneladas de maíz, 1,6 de soja y 153 mil toneladas de trigo.

Una vez más, Estados Unidos y la Unión Soviética celebran negocios de granos a precios de mercado internacional (léase subsidiados), afectando seriamente la economía de aquellos países que, como la Argentina, dependen de sus ventas graníferas al exterior.

El campo argentino esperaba que durante la temporada cerealera, la Unión Soviética adquiriera 1,5 millones de toneladas de trigo que hasta el momento, no se concretó.

Durante 1980 Estados Unidos declaró un boicot cerealero a la URSS al que todo los países occidentales se plegaron, con la excepción de la Argentina. En esa oportunidad, los granos argentinos salvaron una difícil situación en la economía soviética.

PARTES ILEGIBLE

D1 .01

8703547

024

RS/

Reestructuran sistema de enseñanza en la URSS

Moscú, (Por Ricardo Saxlund). "Pravda" inserta, ayer, (abarca casi tres páginas), las "directrices fundamentales de la reestructuración de la enseñanza superior y enseñanza media especializada en el país"

Estipulan que la aceleración del desarrollo económico y social requiere una reestructuración radical del sistema de enseñanza.

En el texto se manifiesta que el nivel de la escuela superior no responde integralmente a las demandas del presente y que en los últimos tiempos en la preparación y empleo de especialistas se acumularon problemas. Subraya como norte fundamental la estrecha integración de la enseñanza con la producción y la ciencia, la transición a nuevos principios en esa relación que ha de ser método primordial en el desarrollo del pensamiento analítico y creativo de los estudiantes, su mayor participación en la investigación científica y en proyectos.

Es necesario, señalan "las directrices", aumentar el aporte de la enseñanza a la solución de los problemas del desarrollo y aprovechar las concentraciones universitarias de estudiosos de diversas disciplinas para resolver en equipo las cuestiones complejas que superan a una sola disciplina.

Para estos y otros fines se exige elevar el nivel de la enseñanza superior y las investigaciones científicas, mejorar la calidad del personal docente e investigador, modificar el sistema actual de adjudicación de grados y títulos. Asimismo se orienta a implantar el sistema de concurso para las designaciones.

Las directrices estipulan asimismo que para 1990 han de quedar cubiertas las necesidades de equipo en ordenadores electrónicos, crear unos 130 mil puestos de trabajo dotados de computadoras individuales y terminales electrónicas y multiplicar la instalación de centros de programación en principales centros de enseñanza superior.

La Hora 22/3/87

Informe del Pentágono: URSS Procura Ampliar Influencia en Latinoamérica

WASHINGTON, 24 (Nota sobre fuentes de AP y EFE) — El Departamento de Defensa dijo hoy que América Latina ofrece una "particular oportunidad" a la Unión Soviética de ampliar su influencia mundial y debilitar indirectamente la posición estratégica de los Estados Unidos."

El [illegible] me [illegible] sobre el poder militar soviético que [illegible], ara el Pentágono dice que con la llegada al poder del secretario general, Mijail Gorbachov "la política soviética parece haber adoptado un estilo más abierto y vigoroso".

El documento no menciona directamente los anuncios de que en el curso de este año Gorbachov se propone visitar Cuba, Perú, Brasil, Nicaragua, Uruguay y Argentina.

El texto de 159 páginas contiene un análisis generalizado sobre América Latina y capítulos especiales para Cuba, Nicaragua, y Perú, que es el único país sudamericano que ha adquirido grandes cantidades de equipos militares soviéticos.

"La URSS y su voluntarioso aliado Cuba", dice el informe "tratan de explotar las severas condiciones sociales, políticas y económicas que erosionan la estabilidad de la región y las [illegible] existentes entre los EE UU y los diversos países de la región."

Los soviéticos tienen varios objetivos, agrega. "Los soviéticos han logrado algún [illegible] al presentarse como un país amante de la [illegible] presentando a los EE UU [illegible] belicosa. Moscú trata de [illegible] influencia de Washington en un área [illegible] para los intereses de los EE UU.

[illegible] USION DEL SOCIALISMO

[illegible] que "la URSS este [illegible] energía [illegible] y [illegible] para [illegible] la difusión [illegible] a la producción [illegible] respaldo de [illegible] planes sobre control de armas [illegible] mejoramiento de sus opciones [illegible] en la zona".

[illegible] soviéticas en la zona, agrega, son ilustradas por diversos acontecimientos sin precedentes, como la visita de octubre de 1986 a México del Ministro de Asuntos Externos Eduardo Zhevardnadze.

El informe nota que es la primera vez que un canciller va mas allá de Cuba en sus giras latinoamericanas. A su turno, agrega, el vicecanciller soviético, Viktor Kompletov, ha visitado a Venezuela.

La amplia gira de Gorbachov será también la primera que efectue un líder soviético de su jerarquía a países continentales de la América Latina.

El informe dice que "los soviéticos continúan su persistente esfuerzo por desarrollar relaciones económicas, políticas y militares con los países sudamericanos. Las relaciones, empero, se han limitado mayormente a la actividad económica (ya que) Perú es el único país de la América Latina que ha adquirido grandes cantidades de equipos militares soviéticos".

El Pentágono dijo que "los soviéticos han suministrado casi la mitad del equipo del Ejército y la Fuerza Aerea peruanos, entrenado unos 200 oficiales y 2.000 suboficiales, y estacionado asesores, que actualmente son unos 115, en casi todas las unidades del Ejército y la Fuerza Aérea. El valor de la asistencia militar al Perú desde 1983 ha llegado a los 1.500 millones de dólares".

Al margen de la actividad militar "más de 200 barcos pesqueros de bandera soviética que operan en aguas latinoamericanas usan los puertos peruanos dejando una ganancia de 120 millones de dólares. Perú también ofrece a la línea aérea soviética Aeroflot uno de sus pocos puntos de entrada a la América del Sur.

CONTROL DE NICARAGUA

El documento dice que en América Central "el principal objetivo de la URSS es consolidar el control sandinista de Nicaragua sin arriesgar una provocación a los EE UU. En ese sentido la URSS ha dedicado grandes recursos políticos, económicos y militares".

Los 500 millones de dólares en asistencia económica facilitados en 1986 "No reemplazan por completo la asistencia de fuentes no comunistas ni ha detenido el deterioro de la economía nicaragüense. El más visible apoyo soviético a los sandinistas en 1986 fue un considerable aumento del abastecimiento militar por un valor aproximado de 600 millones de dólares".

El Pentágono dijo que "el continuo flujo de grandes cifras de asistencia militar y económica a Cuba subraya la importnacia que Moscú asigna a la isla como punto focal de la política soviética hacia la América Latina. Cuba ha recibido gratis 9.000 millones de dólares en armas desde 1960, y en la presente década la URSS ha suministrado más de 4.000 millones de dólares anuales en asistencia económica. Moscú ha convenido también en suministrar a la Habana 2.500 millones de rublos en nuevos créditos entre 1986 y 1990, lo cual es un aumento del 50 por ciento sobre el quinquenio terminado en 1985.

El documento dice que la celebración del Tercer Congreso del Partido Comunista Cubano y del vigésimo séptimo de la URSS "Subrayan la intimidad de las relaciones entre los dos países. Yegor Ligachev, el segundo líder del Kremlin, presidió la delegación soviética al Congreso de la Habana y el presidente Fidel Castro encabezó la delegación Cuba al de Moscú".

Castro mantuvo dos conferencias con Gobvachov durante su permanencia en la URSS, y el informe dice que "no obstante las manifestaciones de amistad de los dos Congresos las relaciones cubano soviéticas están plagadas principalmente de diferencias económicas.

APOYO BELICO

"El método más visible de apoyo soviético a los sandinistas en 1986 fue el sustancial aumento de sus entregas militares", señala el Departamento de Defensa en la sexta edición del libro "Poderío Militar Soviético".

Nicaragua es uno de los tres países en donde descansa la política exterior del Kremlin hacia Latinoamerica, "cuyos objetivos diversos" incluyen "socavar la influencia de Washington en un área vital para sus intereses", indicó.

"Cuba es el punto principal" de esa estrategia y Perú —en donde "las relaciones de Moscú se limitan principalmente a la actividad económica" —el asidero para sus "persistentes esfuerzos" a lo largo y ancho de Sudamérica.

El documento de 159 páginas asegura que la Unión Soviética incrementó considerablemente su arsenal de armamentos nucleares en 1986, cuando también se informó del uso de sofisticadas armas de rayos láser contra naves espías occidentales en Afganistán.

"Los líderes soviéticos comprenden claramente la utilidad de su poderío militar como instrumento de su política exterior militarista", dijo el Secretario de Defensa, Caspar Weinberger, al presentar el documento a los periodistas.

"En ningun otro lugar es tan aparente esa circunstancia como en Nicaragua, donde el año pasado los soviéticos entregaron 23.000 toneladas métricas de equipo militar", añadió.

El documento analiza la "dinámica y expansiva amenaza militar soviética", que continuará sin importar quién sea el Secretario General del Partido Comunista soviético o del tipo de campaña de relaciones públicas que realicen, agregó.

EL ALIADO DEL KREMLIN

El régimen de Fidel Castro en Cuba, a quien el informe califica de "aliado dispuesto" del Kremlin, coopera en los esfuerzos para aprovecharse de los "graves problemas sociales, económicos y políticos que minan a la región", añadió.

Moscú ha suministrado gratuitamente unos 9.000 millones de dólares en equipo militar a Cuba desde 1960, "lo que subraya la importancia de La Habana para los planificadores soviéticos", agregó.

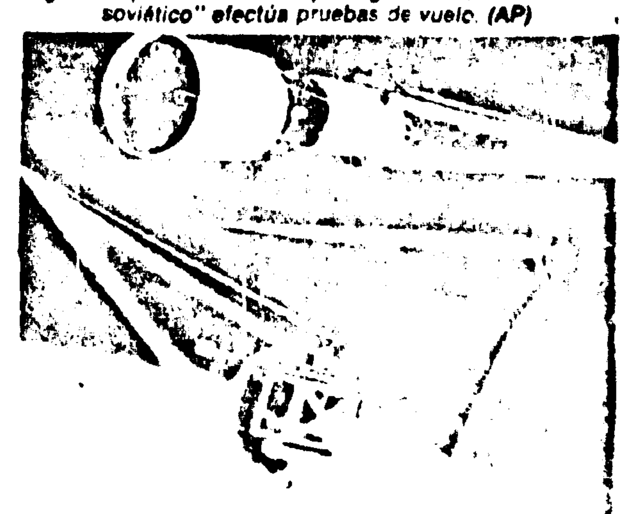
En el plano económico la asistencia soviética al régimen cubano ha sido de unos 4.000 millones de dólares por año en la presente década.

"Tan solo en concepto de ayuda militar, los sandinistas recibieron 600 millones de dólares de los soviéticos en 1986", dijo Weinberger en la conferencia de prensa.



Helicóptero Soviético

El nuevo helicóptero soviético de ataque Hokum, que según la publicación del pentágono "Poderío Militar soviético" efectúa pruebas de vuelo. (AP)



Anti-Satelites

Dibujo de acción satélites soviéticos [illegible] la publicación del pentágono "poderío [illegible]" (Associated Press)

PARTES ILEGIBLE

01.01

8703569

026

RS.

URSS PUSO FIN A LA MORATORIA NUCLEAR: EXPLOTO ARTEFACTO

MOSCU, 26 (EFE) -- La Unión Soviética efectuó hoy un ensayo nuclear que pone fin a la moratoria unilateral que Moscú venía observando desde agosto de 1985.

El experimento subterráneo llevado a cabo en el Asia Central es el primero en 19 meses, y también el primero en 38 años de programa nuclear soviético que es públicamente anunciado por los medios de comunicación de la URSS.

La agencia TASS comunicó que el ensayo con un artefacto de menos de veinte mil toneladas fue llevado a cabo a las 08.00 de esta mañana hora de Moscú (05.00 gmt) en el área de Semipalatinsk, República de Kazajstan, en el Asia Central, "para comprobar los resultados de investigaciones sobre la física de explosiones nucleares".

La URSS declaró la moratoria unilateral el seis de agosto de 1985, en el 40° aniversario de la bomba de Hiroshima, y después la prorrogó cuatro veces pese a la continuación de los ensayos nucleares norteamericanos.

El pasado 18 de diciembre, el secretario general del Partido Comunista de la Unión Soviética (PCUS), Mijail Gorbachov, había anunciado ya que la URSS reemprendería sus ensayos nucleares después del primer experimento estadounidense de 1987.

De hecho, Estados Unidos ya ha efectuado este año dos ensayos nucleares en el desierto de Nevada el 23 de enero y el 2 de febrero pasados.

La prueba nuclear de Semipalatinsk se produjo solo un día después de que Gorbachov, en un discurso ante el Congreso de Sindicatos, afirmara que la URSS "hace y hará todo lo necesario para asegurar nuestra seguridad y la de nuestros amigos y aliados".

Sin embargo añadió que el país no dará "Ni un solo paso que exceda las demandas y los requerimientos de una defensa razonable y suficiente".

Radio Moscú, al dar hoy la noticia del ensayo nuclear, afirmó que la URSS sigue siendo "un defensor de la total prohibición de ensayos nucleares".

El campo de Semipalatinsk, en el que la URSS ha llevado a cabo la mayoría de sus ensayos nucleares subterráneos pudo ser visitado en otoño pasado por vez primera por periodistas occidentales.

Al mismo tiempo, Moscú permitió que los científicos estadounidenses del Consejo de Defensa de los Recursos Naturales, que tiene su sede en Washington, instalaran allí una estación de seguimiento.

El pasado fin de semana, los técnicos de la estación fueron informados de un inminente ensayo nuclear e invitados a retirarse.

La URSS efectuó su primer ensayo nuclear en 1949, cuatro años después del primer experimento norteamericano, y tres años antes de que Gran Bretaña se sumara al programa atómico. Francia siguió en 1960, China en 1964 e India en 1974.

Ya en la década de los 50, la URSS, Estados Unidos y Gran Bretaña comenzaron negociaciones sobre los experimentos nucleares que desembocaron en agosto de 1963 en el Tratado de Limitación Parcial de Pruebas Nucleares (TLPN), al que se [illegible] más de cien países.

A ese acuerdo [illegible] que prohíbe los experimentos atómicos en la atmósfera, en el espacio exterior y bajo el agua, pero no [illegible] en cuenta los subterráneos, siguió en julio de 1974 otro, firmado por Richard Nixon y Leonidas Breznev en Moscú, que limita las pruebas subterráneas a 150 kilotones.

Desde 1945, los seis países [illegible] de bombas atómicas, sobre todo la URSS y EE.UU., han llevado a cabo más de 1.500 ensayos nucleares.

El País 27/2/87

PARTES ILEGIBLE

01.01

8703575

036

RS

Proyecto de reformas económicas

Menor control estatal proponen en la URSS

MOSCU (UPI). - La Unión Soviética publicó ayer un borrador de ley delineando cambios radicales en la estructura de la economía incluyendo un ablandamiento del rígido control central del Estado sobre los negocios, introduciendo una motivación de lucro y dando a los trabajadores una oportunidad de elegir directamente a sus superiores y gerentes.

Asimismo, fueron establecidas reglamentaciones para proyectos conjuntos con compañías extranjeras, incluyendo las de origen occidental.

La ley contiene virtualmente todas las reformas de importancia promovidas por el líder soviético Mikhail Gorbachov en su intento de dar vuelta la adormecida y arcaica economía e infundir un sentido de amor propio en el lugar de trabajo para mejorar calidad y producción.

El borrador de regulaciones fue publicado para permitir un debate antes de la próxima sesión del Parlamento soviético, durante la que se espera que la ley sea adoptada.

La esencia de la ley es hacer las fábricas y otras empresas bajo control estatal más eficientes e independientes dándoles más libertad para innovar y anulando el sustento de elevados subsidios estatales que reciben los establecimientos deficitarios.

Los conceptos de ganancia y pérdida y una estricta contabilidad de costos van a ser la base para la industria y no los subsidios estatales. La adhesión a dictados y cuotas estrictas de planeamiento central será mitigada.

Los gerentes serán elegidos directamente por los trabajadores por términos de hasta tres años, y ahora será permitido que las empresas despidan a los trabajadores cuya conducta esté por debajo de pautas mínimas.

La mayor parte de los gerentes y titulares de empresas son actualmente designados por funcionarios del Partido Comunista.

Cada empresa estará en libertad de fijar su propia escala de salarios basada en la producción y podrán reinvertir y distribuir sus ganancias entre los trabajadores.

Anteriormente, las ganancias eran a menudo derivadas a un fondo del Estado usado para mantener a flote establecimientos que perdían plata a causa de su conducción incompetente.

En el futuro, tales empresas podrían verse imposibilitadas de hacer frente a sus costos básicos y nómina de salarios y podría permitirse que vayan a la bancarrota.

LA NACIÓN 8/8/87 RN

D1 - 01

8703579

026

- RS

CLARIN 6/2/87

Reanuda la URSS pruebas nucleares

GINEBRA y MOSCU, 5 (AP, EFE y Reuter). — La Unión Soviética confirmó hoy que reanudará "en tiempo oportuno" su programa de experimentos nucleares en respuesta a la explosión realizada el martes por Estados Unidos en el desierto de Nevada, a la que calificó como "un acto cínico".

La posición soviética, que significa el abandono de la moratoria unilateral de ese tipo de pruebas decretada el 6 de agosto de 1985, fue planteada simultáneamente por la delegación ante la Conferencia de Desarme de Ginebra y, desde Moscú, por el viceministro de Relaciones Exteriores, Vladimir Petrovsky.

El jefe de la delegación en Suiza, Yuri Nazarkin, señaló que la URSS "no se siente ya vinculada por tal moratoria y reanudará en tiempo oportuno su programa de experimentos nucleares".

A pesar de su declaración Nazarkin aclaró que "incluso hoy no pensamos que se halle definitivamente cerrada la puerta que conduzca a la solución del problema, el cese total de este tipo de experimentos".

Añadió, seguidamente, que Moscú mantiene su postura favorable a comenzar "sin demora" la elaboración de un acuerdo relativo a "una prohibición general y total de las pruebas nucleares".

En una conferencia de prensa brindada en Moscú junto con otros altos funcionarios del Kremlin, el vicecanciller Petrovski reafirmó tácitamente la posibilidad de continuar la moratoria en caso de que Washington suspendiera sus ensayos, y al ser consultado sobre la fecha de la reanudación de las pruebas declinó dar una respuesta concreta. "Se decidirá una vez tomadas en cuenta todas las circunstancias", dijo.

Sin embargo, elogió la condena demócrata en la Cámara de Representantes a esa prueba, y consideró que la iniciativa de la mayoría opositora en el Congreso norteamericano "da pie a alentar nuevas esperanzas de que la razón prevalecerá".

- **Ofrecimiento soviético**

En una entrevista radial con la BBC el vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores soviético, Gennady Gerasimov, dijo que la URSS tiene los medios para probar las armas nucleares sin detonarlas, y que ha ofrecido comunicar el secreto a EE.UU.

Gerasimov añadió que si los soviéticos reanudan las pruebas atómicas será "más bien para probar nueva tecnología", puesto que "tenemos otro método para comprobar si nuestro arsenal nuclear está en condiciones".

"Hemos comunicado a Estados Unidos que estamos dispuestos a darles nuestros secretos, la forma en que probamos nuestras armas nucleares sin necesidad de efectuar explosiones atómicas", agregó, pero se negó a ampliar mayores detalles.

01.01

8703601

Buenos Aires,
domingo 8 de marzo de 1987

Clarín

SEGUNDA SECCION

URSS: espectaculares avances en el tema de los euromisiles

Tras una entrevista informativa mantenida con el presidente francés François Mitterrand, el principal negociador soviético para el desarme, Yuli Vorontsov, afirmó que el tratado formal para la eliminación de los misiles de alcance intermedio de Europa puede estar concluido en no más de 3 ó 4 meses.

PARIS y YAKARTA (AFP y Reuter) – El "avance espectacular" logrado por Estados Unidos y la URSS en las negociaciones de Ginebra sobre la eliminación de los euromisiles podría quedar resuelto en "un tratado formal en un plazo no mayor de 3 ó 4 meses", según afirmó hoy en una conferencia de prensa en París el primer viceministro de Relaciones Exteriores y principal negociador soviético para el desarme Yuli Vorontsov.

Tras ser recibido por el presidente francés, François Mitterrand —a quien, a pedido del líder soviético, Mijail Gorbachov, informó de las novedades surgidas en la negociación sobre euromisiles en el curso de la semana pasada—, Vorontsov afirmó en rueda de prensa que, con el intercambio de propuestas entre su país y Estados Unidos, "todas las cuestiones de principios relativas a los misiles de alcance intermedio quedaron resueltas".

"Se ha logrado un avance espectacular", enfatizó Vorontsov, para agregar que "la redacción del tratado formal puede estar completa la dentro de los próximos 3 ó 4 meses".

Vorontsov —quien ocupó durante algunos años el cargo de embajador de su país en Francia— conversó con Mitterrand, de acuerdo con insinuaciones de fuentes parisienses, acerca de la relación entre el eventual acuerdo de las dos superpotencias sobre euromisiles y las fuerzas nucleares defensivas francesas, conocidas como force de frappe.

Francia es el país europeo que demostró mayores reservas sobre la efectivización de la denominada "opción cero" en la región, esto es, la total eliminación del "paraguas nuclear" norteamericano de Europa, por el temor de que los países de la OTAN queden a merced de la presunta superioridad soviética en armas atómicas tácticas, armas químicas y fuerzas convencionales.

En la conferencia de prensa Vorontsov dijo que las fuerzas nucleares tácticas francesas y británicas no están incluidas en las negociaciones actuales de Ginebra sobre euromisiles, aunque aclaró que su país considera que deberán ser objeto de discusión en un futuro próximo.

También aclaró al respecto que, de concretarse el acuerdo sobre euromisiles —que incluye las cabezas de los dos bandos de entre 1.000 y 5.000 kilómetros de alcance—, la URSS también está dispuesta a eliminar los misiles de menor radio desplegados en Checoslovaquia y Alemania oriental.

Vorontsov se refirió también al tema de los métodos de verificación del cumplimiento de los acuerdos logrados, respecto de los cuales aseguró que "la URSS adoptará una actitud agresiva en el sentido de exigir inspecciones 'in situ' lo más exhaustivas que sea posible".

El tema también fue abordado hoy, durante su visita a Yakarta, Indonesia, por el canciller soviético Eduard Shevardnadze, quien afirmó que el tema de las armas nucleares espaciales, sobre todo el de la Iniciativa de Defensa Estratégica de Estados Unidos —o "guerra de las galaxias"— será uno de los puntos fundamentales de su próximo encuentro en Moscú con el secretario de Estado norteamericano George Shultz.

(Más información en las páginas 2 y 3)

Agencia AP

Agencia AFP



Yuli Vorontsov, principal negociador soviético en Ginebra.

PARTES POCO LEGIBLE

01|01

8703603

026

La Habana 25/3/87

Diplomático acusa a URSS

Afganistán: gran base subterránea

NUEVA DELHI (UPI) - La Unión Soviética está construyendo una enorme base militar subterránea en el desierto del sur de Afganistán, cerca de la frontera con Irán, declaró ayer un diplomático occidental.

La versión de la construcción coincide con la circulación de informaciones según las cuales Moscú quiere reiterar a los 115.000 efectivos que se calcula tiene Afganistán, después de haber instalado un gobierno pro soviético.

El informante citó a "fuentes diplomáticas" en la capital afgana que afirman que los soviéticos están construyendo una gran base militar en Dasht-I Margo, cerca de la frontera con Irán.

Añadió que la base era subterránea casi en su totalidad, pero no especuló sobre la importancia militar de las instalaciones ni como relacionadas con las informaciones sobre la posible retirada de las tropas sioviéticas de Afganistan.

En otro acontecimiento, funcionarios de Pakistán declararon que un tercer pueblo fronterizo paquistaní habia sido bombardeado el lunes por aviones afganos, elevando el saldo de muertos a 73.

Paquistán ha acogido a millones de refugiados afganos y sirve de base estrategica parra las fuerzas de la guerrilla afgana.

D1 .01

8703643

URSS 02P

FICHA

QS

Seducción al estilo Gorbachov

MOSCU, 5 (Por **Dominique Dhombres**, de "Le Monde", especial para Clarín). — **Mijail Gorbachov** fue protagonista de un acto de seducción muy bien logrado al recibir a altas personalidades estadounidenses que ya no están en el poder, pero que pueden retornar y que continúan, en todo caso, ejerciendo cierta influencia.

El secretario general recibió a una delegación del **Consejo para las Relaciones Exteriores**, que comprende principalmente a los ex secretarios de Estado, **Henry Kissinger** y **Cyrus Vance**, así como también a la señora **Jeane Kirkpatrik**, ex embajadora ante las **Naciones Unidas** y figura líder de los "neoconservadores" estadounidenses.

También se encontraban en la reunión **Harold Brown**, ex secretario de Defensa del presidente Carter, el general **David Jones**, ex jefe del **Comité de Estado Mayor de las fuerzas armadas estadounidenses**, y el ex senador republicano por el estado de Maryland, **Charles Mathias**. El **Consejo para las Relaciones Exteriores** es un organismo privado prestigioso que agrupa, sin grandes obligaciones de su parte, a personalidades estadounidenses de la política que cuenten con cierta experiencia en el campo de las cuestiones internacionales.

Negociar un acuerdo serio

Gorbachov hizo alusión a la paz anhelada por **Nixon** y **Brezhnev**, puesta de [illegible] **Kissinger** por medio de la firma de los tratados **SALT I** y A.B.M. en 1972. **El SALT I** ya está deteriorado y el tratado **A.B.M.** sobre los misiles antimisiles deberá, de la misma manera, caducar de un momento a otro si **Reagan** y, por sobre todo su sucesor, [illegible] el programa de la "guerra de las galaxias". **El "desinterés" demostrado por los estadounidenses con respecto a estos tratados es uno de los argumentos utilizados por los rusos para acusar a la administración Reagan de no querer negociar "en forma seria" un acuerdo general sobre los controles de armamentos.**

¿Se refirió **Gorbachov** al ensayo nuclear efectuado el martes sobre el

CLARIN 6/2/87

PARTES ILEGIBLE

01.01

8703663

URSS.
O26

LA HORA 22/2/87

D'Elía en lugar de honor en el 18o. Congreso de los sindicatos soviéticos

El presidente del PIT-CNT, José D'Elía, estará en lugar de honor en la sesión de apertura del 18o. Congreso de los sindicatos soviéticos a iniciarse el próximo martes en la ciudad de Moscú, URSS.

D'Elía concurre a este evento acompañado por el dirigente de la Federación del Transporte, Jorge Silvano, en representación de la central obrera uruguaya.

Participarán de este congreso, centenares de delegados sindicales de toda la URSS, además de delegaciones de 168 agrupaciones nacionales de 135 países y de 11 internacionales o regionales. Estarán representados los 140 millones de afiliados a los sindicatos.

Durante los cinco días que dure el foro sus asistentes dedicarán los tres primeros a plenarios y los dos últimos al trabajo en comisiones que abordarán entre otros aspectos, la producción y la economía, la protección del trabajo, el seguro social y el perfeccionamiento de la labor organizativa.

El congreso se realiza en medio del actual proceso de perfeccionamiento de las estructuras democráticas y reestructuración a nivel de todo el país. En el caso de los sindicatos cabe señalar que éstos poseen, a diferencia de otros países, iniciativa legislativa y en los planes de Estado para desarrollo económico y social.

En tal sentido se analizarán las formas de otorgar más atribuciones a los organismos de base, profundizando así la democracia sindical.

PARTES ILEGIBLE

01.01

8703674

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Memo Secreto N° 25/87. Implicaciones del Convenio Pesquero entre Uruguay y URSS -

PROCEDENCIA: Dirección Nacional de Inf. e Inteligencia 20/4/87 Doc. 0644/87.

ARCHIVADO EN: MEMORANDO (084)

01.01

8703681

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: US$ 170 Billion Spent by Soviet Union on Strategic Defense.

PROCEDENCIA: E. Chino 24/4/87 Doc. 0585/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (235/3)

01.01

8703694

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Frequent Communist Spy Ship Activities off Chile.

PROCEDENCIA: E. Chino 24/4/87 Doc. 0588/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (235/3)

01.01

8703695

RS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: "Results Achieved in Development of Moscow - Peking Relations": Soviet Version.

PROCEDENCIA: Embajada China 24/4/87 Doc. 8586/87

ARCHIVADO EN: Embajada China (35/B)

01.01 8703696

URSS 027

RS.

Tono crítico domina el Congreso de los sindicatos soviéticos iniciado el lunes

Moscú, (Por Ricardo Saxlund). – Un tono crítico, también de denuncia, predomina en las sesiones que efectúan los delegados en el 18° Congreso de los sindicatos soviéticos inaugurado en presencia de Mijail Gorbachov y otros principales dirigentes del partido y el gobierno de la URSS.

El informe del Consejo Central de los Sindicatos fue dado por Stepan Shalaev, su presidente. En las palabras informativas iniciales destacó la presencia de delegaciones de centrales de 134 países, así como otros a nombre de centrales regionales y mundiales. El congreso deberá aprobar nuevos estatutos y elegir nuevas autoridades de la organización representativa de 140 millones de trabajadores.

Puntos centrales del informe fueron el apoyo a la política de la restructuración definida por el PCUS y la actividad sindical por acelerar el desarrollo económico y social a la vez que por la "más plena satisfacción de las demandas de los soviéticos y asistencia médica". Afirmó Shalaev que "es real" la meta de intensificar la eliminación del duro trabajo físico ya en 1990. Otro punto relevado fue la política de mejorar la legislación en favor de la madre y el niño, por ejemplo la extensión de vacaciones pagas para la madre hasta que el hijo cumpla 18 meses. En el informe se enfatiza la necesidad de participación mayor de los sindicatos en la democratización y la autoadministración del pueblo ejemplificándolo con el proyecto de ley de la empresa pública.

Contrastó Shalaev la demencia bélica nuclear y espacial con la política soviética por la paz y el desarme, afirmó la decisión de los sindicatos de la URSS de cooperar con "los del oeste", en ciencia, técnica, protección ambiental y profundización de las relaciones económicas y comerciales que permitan crear más puestos de trabajo en Europa

El informe subraya la cooperación de los sindicatos soviéticos con los que "países en desarrollo" y manifiesta la solidaridad internacionalista insoslayable en especial con los pueblos agredidos por el imperialismo, en particular Nicaragua y con "los heroicos combatientes por la libertad en El Salvador, Chile, Paraguay, Honduras, Haití, Corea del Sur y otros países bajo regímenes dictatoriales regresivos".

Las intervenciones de los delegados abundaron en el análisis de la proyectada Ley de Empresas y en la redacción de los nuevos estatutos de los sindicatos.

Son cinco mil los representantes de las organizaciones sindicales reunidas en el Palacio de los Congresos en el Kremlin de Moscú. El secretario del Consejo Central de los Sindicatos Soviéticos, Guennadi Yanaiev, informó que 90 por ciento de los delegados participan por primera vez en un congreso de este calibre. La mitad son obreros, es importante el número de jóvenes y 40 por ciento no son miembros del Partido Comunista. El congreso, si bien no tiene plazo prefijado, se estima se prolongará hasta fines de semana.

De los delegados extranjeros (no todos intervendrán ante el congreso en función del tiempo), hablaron Ibrahim Zakaria, secretario general de la Federación Sindical Mundial, Harry Tisch presidente de los Sindicatos Libres de República Democrática Alemana, y el dirigente de los Sindicatos húngaros Sandor Gaspar.

Un tiempo algo frío, menos de 10 grados, con viento y sol, acompañó la inauguración del congreso invirtiendo el gris, las nevadas y el cero de la temperatura de días anteriores. Mientras tanto, la restructuración de la sociedad en aras del socialismo y el comunismo sigue siendo el centro de la vida y del intenso trabajo de la dirección soviética.

En otro plano, prosigue la muy intensa acción de política exterior así como la denuncia de las actividades agresivas del imperialismo de Estados Unidos en diversas áreas y su creciente amenaza a Nicaragua.

Esta tarde en la casa de recepciones del MINREX soviético se exhibió un documental que ilustra las visitas a la URSS de Raúl Alfonsín, legisladores brasileños y nuestro canciller Enrique Iglesias. La visita de Amintore Fanfani también ocupa la atención informativa.

01/01

Rs. 026

MOSCU, 17 (Por Dominique Dhombres, de "Le Monde", exclusiva para Clarín). — La revista oficialista "Ogoniok", conocida hasta hace muy poco tiempo por sus tendencias conservadoras, parece estar rehaciendo su imagen y reputación frente a las nuevas tendencias de los dirigentes soviéticos.

Los hechos que se publicaron el lunes 16 de enero no tienen, en todo caso, ningún precedente. Dos policías de Karelia, una república autónoma cercana a la frontera finlandesa, **fueron condenados a** 2 años y medio de prisión **por haber torturado a algunos ciudadanos, con la intención de hacerlos confesar.**

Lo sorprendente del hecho no es que ocurran este tipo de cosas en las comisarías —algo que nadie [illegible] en la Unión Soviética— sino que sean denunciadas por la prensa y que los culpables sean sentenciados.

Las víctimas de dichas torturas están en un grado extremo de gravedad como consecuencia de los golpes recibidos. Pero los responsables y sus superiores fueron igualmente castigados.

No solamente se condenó a los dos policías sino que también al general Miaoukine, ministro del Interior de Karelia, y dos de sus colaboradores inmediatos fueron destituidos de sus funciones.

El informe fue notable, aun en vista de la creciente franqueza de la prensa oficial frente a los abusos de poder en la sociedad soviética. **Las características del artículo publicado por "Ogoniok" y el hecho en sí nos recuerda una encuesta periodística publicada el 4 de enero por el "Pravda", referente a un periodista ucraniano. La diferencia es que en ese caso no era el ministro del Interior sino la propia K.G.B. la que se encontraba en el banquillo de los acusados.**

Hechos de larga data

En lo que concierne a Karelia, se podría decir que los acontecimientos se remontan a 1985. "Ogoniok" citó el caso de un obrero metalúrgico de nombre **Veltkainen.** En una oportunidad fue convocado a la oficina de personal de su fábrica. Allí se encontraban dos policías que lo invitaron a que los acompañara.

Según el informe policial, se interrogó al ciudadano en forma normal, a pesar de lo cual él se negó a declarar. La realidad es otra. Uno de los policías le apretó el cuello casi hasta asfixiarlo. Según el informe médico, Velikainen salió del interrogatorio con el bazo roto como consecuencia de los golpes recibidos.

Después de más torturas, confesó haber robado dos ruedas de un auto en un garaje.

En otra oportunidad, **Konstantin Galachov fue víctima de los mismos policías.** Fue torturado bajo control médico. Se le colocó una **máscara de gas y fueron los** médicos los que **indicaron cuánto** tiempo se podía aplicar el **gas sin correr** riesgos **excesivos.**

Un testigo de los **castigos policiales fue presionado para que no prestara testimonio y llevado a la misma seccional donde** le partieron el **cráneo con una bola de hierro de dos kilogramos.**

La revista "**Ogoniok**" citó a un funcionario del **Partido Comunista** karelíano, quien dijo que los **incidentes habían ocurrido, una parte, porque el ministro del Interior de Karelia había estado mucho tiempo fuera de la influencia del partido.**

PARTE POCO LEGIBLE

D1.01

8703715

Silencio en medios oficiales

Acuerdo mutuo aplazó visita a Checoslovaquia

MOSCU. (ANSA, EFE y UPI).- La misteriosa gripe de Mijail Gorbachov, que el Kremlin todavía no ha reconocido oficialmente, levantó intensas conjeturas en los medios diplomáticos de Moscú sobre la temperatura de las relaciones entre la URSS y Checoslovaquia.

Ayer lunes, el Secretario General del Partido Comunista de la URSS debería haber partido en viaje oficial a Checoslovaquia, el país del Este de Europa donde domina la clase dirigente menos inclinada a experimentos reformistas.

El aplazamiento de la visita de Gorbachov, que se realizará a mediados de este semana sin fecha fija todavía, fue anunciado el domingo en Praga por Roman Narozny, Viceministro de Asuntos Exteriores checo.

Narozny presentó como motivo del aplazamiento una ligera afección gripal de Gorbachov y negó que se tratara de la socorrida enfermedad diplomática que en tantas ocasiones ha utilizado el Kremlin para sortear situaciones complicadas.

La agencia oficial soviética TASS, que recogió en Praga las declaraciones del político checo sobre el ligero resfriado de Gorbachov, introdujo poco tiempo después un inesperado elemento de incertidumbre al repetir el mismo despacho pero sin citar las causas del retraso.

Por mutuo acuerdo, la visita a Checoslovaquia de Mijail Gorbachov ha quedado pospuesta hasta la segunda mitad de la próxima semana, afirmó TASS lacónicamente.

Este quiebro informativo, que indirectamente representa un desmentido de las declaraciones de Narozny, coincide con el mutismo de los medios oficiales soviéticos, totalmente herméticos hoy sobre la ligera enfermedad del dirigente del Kremlin.

Medios diplomáticos occidentales en Moscú analizan e interpretan hoy la situación como el resultado de tensiones entre Praga y Moscú motivadas por el supuesto deseo de Gorbachov de abrir las ventanas del Partido Comunista Checoslovaco para que entren aires renovadores.

SITUACION CHECOSLOVACA

Según fuentes informadas, Gorbachov recibió un informe bastante negativo sobre la situación en Checoslovaquia de manos de Leiv Zaikov, uno de sus hombres de confianza en el Politburó, después de su reciente viaje a Praga.

Entre los paises del este de Europa, Checoslovaquia presenta una situación bastante complicada debido al hecho de que la clase dirigente constituye una gerontocracia al viejo estilo soviético y el relevo se presenta como una necesidad urgente e inevitable.

Los medios diplomáticos indicaron que Moscú realiza desde hace meses una selección de posibles candidatos entre los miembros del Gobierno checo para situar en el poder a hombres más sintonizados con la perestroika (renovación) de Gorbachov.

Este aparente dirigismo político por parte de Moscú puede ser causa -según las fuentes- de malestar y temor por parte de Gustav Husak y de su equipo de poder, fuertemente anclados en posiciones inmovilistas y recelosos ante cualquier cambio que recuerde a la primavera de Praga de 1968 dirigida por Alexander Dubcek.

En general, la contundente terminología de Gorbachov sobre cambios revolucionarios y democratización de la sociedad soviética provoca una cierta distanciación y prudencia en los dirigentes de los paises del este de Europa, que por ahora prefieren mantener la postura de esperar y ver.

Esta actitud es aún más acentuada en el caso del Partido Comunista de Checoslovaquia, el cuarto país de la órbita europea soviética que recibirá a Gorbachov después de sus visitas a Bulgaria, Hungría y la República Democrática Alemana.

Supercondu[illegible]ámica

PARTES POCO LEGIBLE

La Mañana 7/4/87

01.01

8703725

Superconductor de cerámica

Gran descubrimiento científico en URSS

MOSCU (ANSA, EFE y UPI). La Academia de Ciencias de la URSS anunció ayer que un descubrimiento sin precedentes puede revolucionar el mundo de la transmisión de energía y permitir la fabricación de superordenadores.

La agencia oficial soviética de noticias Tass difundió ayer una información del académico Alexander Golovashkin en la que se asegura que se ha logrado fabricar un nuevo material de cerámica superconductor.

El descubrimiento, realizado en el Instituto de Física de la Academia de Ciencias, fue catalogado por Golovashkin de histórico y afirmó que abrirá un nuevo capítulo en el avance tecnológico.

Los científicos soviéticos experimentaron con éxito una muestra cerámica que transmite la energía eléctrica sin pérdidas a una temperatura de sólo 23 grados bajo cero.

Hasta ahora, los materiales electrónicos suponían un enorme coste económico porque para lograr el efecto de superconductividad debían enfriarse a temperaturas próximas al cero absoluto (273 grados bajo cero).

Golovashki dijo que este descubrimiento de superconductividad en materiales cerámicos a temperatura casi ambiente proporcionará la posibilidad de fabricar microcircuitos para ordenadores de una velocidad de procesamiento de datos jamás lograda hasta ahora.

Además, los nuevos superconductores cerámicos abren el camino para transmitir energía eléctrica sin pérdidas a distancias prácticamente ilimitadas y permitirá la fabricación de potentes generadores eléctricos compactos.

Ya Mañana 7/4/87

D1.01

8703736

URSS

026

RS

Gorbachev leva seu estilo ao Báltico

Riga, Estônia — O líder soviético Mikhail Gorbachev levou sua pregação a favor de reformas liberais às ruas de Riga, capital da república soviética da Letônia, primeira escala de uma visita às três repúblicas soviéticas do Báltico, Letônia, Lituânia e Estônia, três regiões marcadas pelo nacionalismo, o catolicismo e pela reivindicação de autonomia econômica de Moscou.

Apesar da chuva e da neve, Gorbachev passeou pelas ruas estreitas da velha capital, exortando os cidadãos à urgência das reformas e advertindo que os próximos três anos serão difíceis mas críticos para o sucesso da nova política soviética. A cada parada, o líder soviético fez questão de reiterar o estilo de contatos diretos com a população que lhe granjeou popularidade na URSS.

A mulher de Gorbachev, Raisa, há vários meses desaparecida do noticiário, apareceu com destaque no filme da visita a Riga, exibido, ontem à noite, no noticiário nobre da TV soviética, o Vremya. Protegidos por grandes casacos contra o frio cortante, os Gorbachevs apareceram em animada discussão, numa esquina da cidade, cercados de populares, admitindo que há forte resistência à mudança na URSS.

A visita às repúblicas do Báltico adquire maior relevância na medida em que as três repúblicas lideram, há muitos anos, o movimento de organização de cooperativas e as reivindicações de maior autonomia econômica em relação ao governo central de Moscou. A cidade de Riga possui diversos estabelecimentos fora do controle do estado que vendem produtos diretamente comprados de granjas coletivas. O serviço de táxi da cidade é semiprivado.

As três repúblicas bálticas são majoritariamente católicas, como a vizinha Polônia e, historicamente, sofreram uma grande influência alemã. As três foram anexadas pela URSS em 1939, com o pacto de não-agressão entre Stalin e Hitler. Antes disso, eram países independentes, de forte e autônoma tradição política. Os comunistas da Lituânia e da Letônia foram companheiros de Lenin e apoiaram ativamente a Revolução de 1917, que, imediatamente, reconheceu-lhes a autonomia política. Os Estados Unidos e vários países não reconhecem o controle soviético sobre as três repúblicas. Até 1956, ainda havia focos de guerrilha urbana anti-soviética na Lituânia.

J. do Brasil 18/2/87

PARTES POCO LEGIBLE

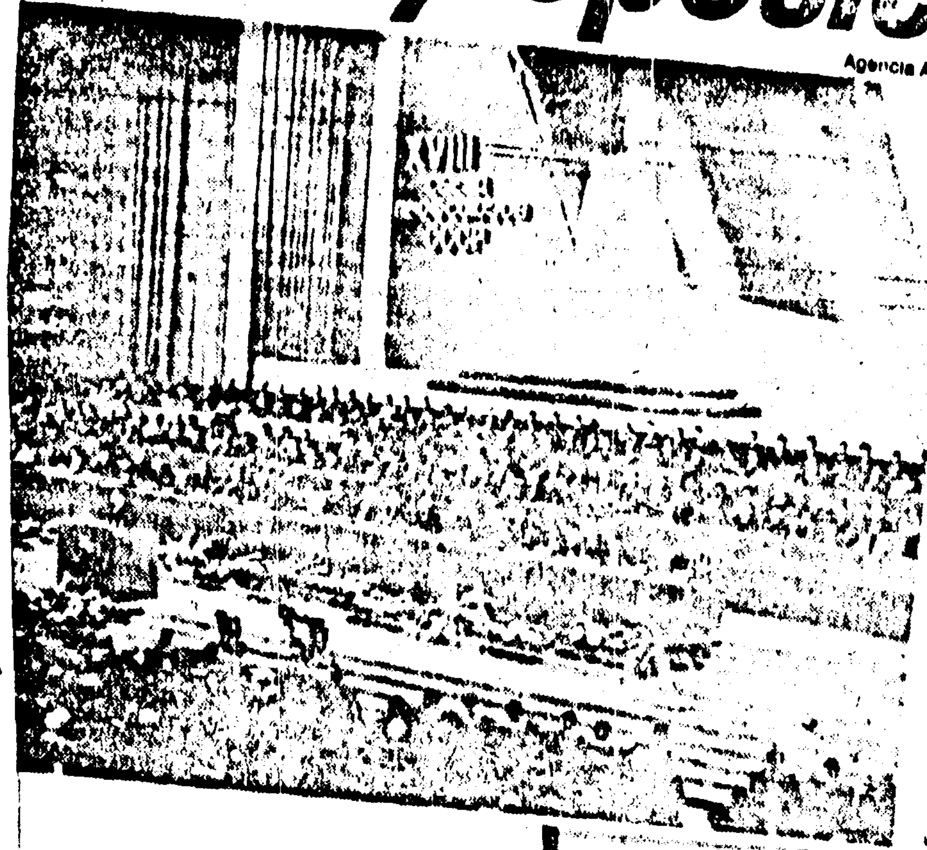
01 .01

8703737

REFORMAS EN LA ECONOMIA Y EN LA SOCIEDAD SOVIETICAS

Gorbachov dijo que hay oposición

En un discurso en el que formuló fuertes críticas a los dirigentes soviéticos que se oponen a sus planes de reforma y democratización, el secretario general del Partido Comunista de la URSS, Mijail Gorbachov, afirmó también que "el imperialismo y la reacción" intentan mantener a su país en una carrera armamentista que obstaculice el desarrollo económico y social. La alocución ante el XVIII Congreso de los Sindicatos Soviéticos incluyó severos reproches a los sindicalistas, a quienes se exigió mayor combatividad y "menos papeleo y compadrazgo".



Agencia AFP



Agencia Reuter

El líder soviético Mijail Gorbachov (der.), al hablar ante el XVIII Congreso de la Unión de Trabajadores (izq.), donde admitió la existencia de oposición en el comité central a las reformas propuestas.

MOSCU, 25 (UPI, AFP, DPA, Reuter, EFE y TASS). — El máximo líder soviético, **Mijail Gorbachov, admitió hoy por primera vez y en forma inesperada la existencia de dificultades** para llevar adelante **su nueva política de democratización en el seno del Estado y del Partido Comunista**.

El jefe del **Kremlin** fustigó asimismo a **los dirigentes que** obstaculizan su **campaña reformista**, mostrándose además **descontento** con la labor desarrollada hasta ahora por **los sindicatos soviéticos**, a los que acusó de excesivo **"formalismo, compadrazgo, papeleo y timidez"**, así como de **falta de iniciativa y de eficacia** para realizar su **"principal tarea: la defensa de los intereses de los trabajadores."**

El secretario general del **Partido Comunista de la Unión Soviética** (P.C.U.S.), que en su discurso de una hora de duración **se apartó varias veces del texto escrito** a fin de enfatizar sus advertencias, señaló que si no se continúa el proceso interno **democratizador** se verificará un **retroceso** político y social.

Acotó al respecto que "la cuestión se plantea en los siguientes términos: o **democratización o inercia social y conservadorismo. No hay un tercer camino."**

Gorbachov **se refirió también a los supuestos intentos del imperialismo por "estorbar, retardar y frustrar a través de la carrera armamentista" la "Perestrojka"** (reestructuración) del sistema soviético. Gorbachov al dirigirse en la fecha a los 5.000 delegados a la Asamblea del XVIII Congreso de los Sindicatos de la **URSS**, que cuentan con **110 millones de afiliados**.

Los delegados, a quienes **acompañaban** representantes de **188 sindicatos extranjeros**, escucharon atentamente el largo discurso del secretario **general** del **Partido Comunista de la Unión Soviética** (P.C.U.S.), que abarcó **47 páginas**.

Este discurso es el primero que el número uno de la URSS pronuncia luego del **XXVII** Congreso partidario, que hace un **mes sancionó, aunque con reticencias, la "línea Gorbachov"**.

♦ Críticas a los opositores

Mientras Gorbachov hablaba, sobre la **plataforma detrás de él se** encontraban **varios de los 11 miembros del Politburó partidario**, entre ellos el líder ucranio **Vladimir Schervitsky**, quien, **según los** observadores, **podría perder pronto su** puesto.

Schervitsky fue muy allegado al ex jefe del Kremlin **Leonid Brezhnev**, fallecido en 1982, cuyos **18 años** de gobierno se vieron sometidos **a fuertes críticas** de Gorbachov y de **sus colaboradores en meses recientes**.

Tras **revelar a** los sindicalistas que el plenario del Comité Central del P.C.U.S. de enero último —que aprobó **en general** las propuestas del líder soviético para la **votación secreta y la multiplicidad de candidaturas** a los diversos cargos del partido y del Estado— **debió suspenderse tres veces** debido a la **intensidad del debate interno**, Gorbachov dijo que **sus reformas tropiezan con la oposición de funcionarios habituados a dictar su voluntad.**

Pero otros de los opositores, **señaló, son personas honestas** que siguen aplicando su **vieja metodología** de trabajo. **"A ellos debemos ayudarlos para que comprendan la naturaleza esencial de lo que** proclamos", enfatizó el secretario general.

Añadió que **"la democracia no es la antítesis del orden: es un orden a un nivel** más elevado, que no se basa en la obediencia sin cuestionamiento, sino en la **participación del pueblo con plenos derechos e iniciativa."**

Al reclamar a los sindicatos **que se incorporen más activamente** al proceso reformista, **los instó a "aumentar su combatividad" y dejar de lado la pasada insistencia en "nivelar" los sueldos, exhortándolos** a adoptar en cambio la tesis de **mayor paga para los mejores trabajadores.**

Dijo asimismo que los gremios **aceptan demasiado fácilmente las decisiones por decreto** de los **gerentes** empresariales, y **"están a menudo atrasados respecto de los imperativos de la transformación y la justicia social."**

Advirtiendo que "el **imperialismo y las fuerzas de la reacción** están tratando a toda costa de poner un freno a nuestro movimiento hacia adelante", manteniendo a tal fin en pie "la **carrera armamentista y evitar de esa forma que nuestro país dedique más recursos al desarrollo económico"**. Gorbachov afirmó que a ello se deben las demoras de las **negociaciones** con **Estados Unidos en torno a las limitaciones al arsenal nuclear.**

Expresó sin embargo que la Unión Soviética **"no hará mas que lo razonable para nuestra propia defensa"** agregando **que "no nos apartaremos del derrotero trazado".**

026

CLARIN ★ Buenos Aires, viernes 6 de febrero de 1987

CAMBIOS SOCIALES Y ECONOMICOS

DIFUNDEN LOS INTENTOS DE

El Kremlin explicitó en Buenos Aires el nuevo rumbo político

En lo que se interpretó como un signo del nuevo estilo de "trasparencia informativa" (glasnost) implementado por Mijail Gorbachov, la embajada soviética en Buenos Aires convocó ayer a una conferencia de prensa especialmente dedicada a explicar las conclusiones y modos de aplicación del reciente plenario del P.C.U.S. realizado en Moscú. Se trata, sobre todo, de un proceso de "democratización" para las elecciones en cargos partidarios, de un sinceramiento informativo interno y una liberalización económica. Un envío de la corresponsal de "Le Monde" en la capital soviética da cuenta de ese nuevo estilo aplicado por el propio Gorbachov al recibir el miércoles a personalidades del mundo político estadounidense.

"El pueblo debe estar plenamente informado, debe saber todo lo que pasa, debe aplicarse la denominada trasparencia informativa", expresó ayer en nuestra capital el embajador de la Unión Soviética, Oleg Kvasov.

Estas palabras fueron parte de una serie de conceptos expresados ayer por el representante soviético en una conferencia de prensa en la embajada de la Unión Soviética, especialmente convocada para difundir la serie de reformas propuestas por el gobierno de Gorbachov.

Oleg Kvasov expresó que **"los cambios planteados —y en ejecución— se aplican en todos los órdenes de la vida económica, social, tecnológica, cultural, etcétera, y tienden a incorporar a todo el pueblo en el proceso, y a alcanzar los grandes planes que han sido fijados"**.

Durante la conferencia se abordaron aspectos y formas concretos de esa participación, que, según lo expresado por Kvasov, "irá desarrollándose aún más".

Otro de los aspectos fundamentales destacado por el embajador es el de "la crítica y la autocrítica". Expresó **que "no inspira temores el reconocer las fallas que se hayan producido y los defectos aún persistentes, sólo** conociéndolos se los podrá corregir".

♦ Extrapartidarios

Kvasov puso de relieve también la necesidad de hacer aún más democrático el sistema electoral del Estado y el del partido. Para ello se contempla que haya varios candidatos en las elecciones para diputados del Parlamento y la incorporación del método de voto secreto en la elección de algunos dirigentes partidarios.

"Asimismo", expresó el embajador, "se prevé incorporar en puestos dirigentes importantes de la economía, la ciencia y en la dirección del Estado, a ciudadanos que no son miembros del partido. Ya hay una cantidad de "sin partido" en cargos de relieve, pero se incrementará el número en gran medida, con lo que se aumentará la base social y se incorporarán muchas fuerzas vivas y frescas al proceso".

El embajador soviético, quien por haber sido citado por Alconada Sempé para un diálogo de rutina, se integró con posterioridad a la conferencia, expresó que "del mismo modo se contempla una sensible ampliación de la cantidad de mujeres que hoy, entre los diputados, suman entre el 20 y el 25 por ciento, siendo válido otro tanto para los jóvenes".

Por otra parte, el agregado de Prensa de la embajada, **Boris Tsyganchouk**, desarrolló con pormenores los temas inherentes a la **"renovación y aceleración"**, la **"transparencia informativa"**, la **"crítica y autocrítica"** y la ampliación de la **"democracia socialista"**, y puso énfasis en señalar que esas cuestiones "se contemplan y hacen posible avanzar. Lenin escribió: **"Más luz, que el partido lo sepa todo"**. Por eso, "no debe haber rincones oscuros donde pueda volver a formarse moho", afirm[ó] Tsyganchouk.

El agregado de Prensa expresó que "el Comité Cen[]tral considera necesario mejorar radicalmente la forma[]ción de cuadros para la promoción, recomendar candida[]turas de obreros y campesinos a los puestos de dirección incluso a quienes no militan en el partido. Al C.C. y [al] Presidium llegan cartas en las que los trabajadores pro[]ponen examinar varias candidaturas", y agregó que "[el] **proceso de democratización abarcará asimismo a lo[s] órganos superiores del Partido"**.

♦ Votación secreta

Entre otras cosas, se ha planteado también que lo[s] secretarios de comité (desde el de circuito hasta el d[e] República Confederada), hasta ahora elegidos en vota[]ción abierta, lo sean en adelante mediante votación s[e]creta, para evitar la barrera psicológica que a vec[es] impide a un miembro del partido votar en contra de u[n] compañero.

De esta manera, los ciudadanos juzgarán la renova[]ción y la aceleración socioeconómica, juzgarán si se hab[rá] hecho aun más justa la remuneración del trabajo, si [se] han construido más viviendas, hasta qué punto hab[rá] mejorado el comercio, la esfera de los servicios y, lo m[ás] importante, si habrá mejorado el "clima moral".



El secretario general del Partido Comunista, Mijail Gorbachov, izquierdo, saluda al ex secretario norteamericano Henry Kissinger.

polígono de tiro de Nevada? Todos saben bien que la moratoria unilateral soviética sobre los ensayos nucleares, vigente a partir del 6 de agosto de 1985, caducará después de la "primera explosión nuclear norteamericana en 1987".

♦ Indigno de las dos partes

Gorbachov consideró como "indigno por parte de los dos países" el estado actual de las relaciones entre **Estados Unidos y la Unión Soviética.**

Según afirmó el secretario general, **"es necesario encontrar la voluntad y las fuerzas necesarias para efectuar un giro en la situación actual. No se trata de complacernos los unos a los otros. No es una cuestión de política. Estados Unidos es como lo quieren los estadounidenses. Pero el pueblo soviético no construye su sociedad sobre la base de recetas importadas del exterior".**

Gorbachov desarrolló el tema de la "nueva mentalidad" indispensable para evitar una catástrofe. Este sentimiento requiere de **"sangre fría, precisión en las evaluaciones y aptitud para comprender que nadie, por más fuerte que sea, puede dominar el mundo entero".**

Finalmente Gorbachov precisó que la sociedad soviética que él propone no consiste en una **"negociación del sistema socialista, sino en la plena utilización de [illegible] ciales"**.

870375

01.01

PARTES ILEGIBLE

Fichaje URSS RS 026

Liberaron a 42 disidentes soviéticos

MOSCU, 7 (Reuter).- Cuarenta y dos disidentes soviéticos fueron liberados de campamentos de trabajo, prision o exilio durante esta semana, manifesto una vocera del fisico disidente Andrei Sakharov

La vocera informó a que los disidentes fueron liberados por decreto del Soviet Supremo , el máximo organismo del Estado.

El decreto contenia la nómina detallada de los disidentes, con lo que dejo en claro que no se declaraba una amnistia general. La liberacion fue la mas grande hasta el momento y sigue a indicios de que el Kremlin planea suavizar su politica respecto de los disidentes.

La esposa de Sakharov, Yelena Bonner, dejo que la mayoria de los liberados cumplieron sentencias en los campamentos de trabajo cercanos a Perm, en los Montes Urales.

Agrego que desconocia si habian sido obligados a acordar algunas condiciones a cambio de su libertad.

Entre los disidente figura Yuri Shijanovich, de 53 anos, quien llamo por teléfono ayer a Sakharov para anunciarle que lo habian liberado de Perm y que podia regresar a Moscú.

Shijanovich, un matematico, era editor del periódico clandestino de derechos humanos Crónicas de Acontecimientos Actuales cuando fue sentenciado en 1983 a diez anos de trabajos forzados y a tres de exilio interno.

La Nación 8/2/87

01.01

8703758

Eichoff
URSS

RS 026

Secretario del P. C.

PV

MOSCU, 6 (ANSA).- Yefrem Sokolov fue elegido primer secretario del Partido Comunista de Bielorrusia. Sustituirá a Nikolai Slyunkov, que fue promovido a la secretaría del comité central del PCUS.

El nombramiento de Sokolov fue deci-

La Nación
7/2/87

INCOMPLETO

01 .01

8703761

RS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: FRANCIA vendió un importante volumen de trigo a la URSS.

PROCEDENCIA: LA NACION 7/2/87

ARCHIVADO EN: FRANCIA (011)

01.01 8703767

Reformas soviéticas alcanzan también a Fuerzas Armadas

MOSCU. – El ministro de Defensa, Mariscal Sokolov, manifestó que las Fuerzas Armadas deben adaptarse a nuevos métodos de trabajo para mantenerse en línea con las reformas iniciadas por el secretario general del Partido Comunista, Mijail Gorbachov.

En un artículo publicado por el periódico partidario "Pravda", Sokolov expresó que ciertos oficiales aún no han captado la [illegible] del programa de "[illegible]ción" de Gorbachov, dirigido a revitalizar la sociedad soviética por medio de la reforma económica y social.

Disidente

Tras [illegible]tro años de prisión, ayer fue recibido en Moscú el disidente soviético judío Josef Begun (54), que arribó a la capital soviética acompañado de su esposa I[illegible]na y su hijo Boris, procedente de Kazan. Numerosos amigos recibieron al matemático que hace pocos días pudo abandonar la prisión de Chistopol. A su llegada a la estación de trenes de Moscú fue levantado en [illegible] por sus amigos.

Su esposa I[illegible] y su [illegible] Boris habían ido [illegible] en Chistopol, a [illegible] de Moscú. Begun fue el último preso en la cárcel de Christopol [illegible] por "agitación y propaganda [illegible]soviéticas". Su esposa y sus amigos se manifestaron en favor de su libertad al margen del reciente foro internacional de la paz, que reunió en Moscú a 90 personalidades de 80 países.

En una conversación por teléfono con "DPA", Begun dijo que seguirá luchando en adelante por los derechos humanos y sobre todo por los derechos de los judíos en la Unión Soviética. Indicó que desea salir con su familia a Is[illegible] "[illegible] he tratado de hacer desde hace 17 años, y el deseo es mayor con cada día que pasa", declaró. Agregó que la libertad de 140 presos políticos en la URSS es el comienzo de la democra[illegible], pero que recién el [illegible] de los judíos [illegible] las intenciones reales del jefe del PCUS, Mijail Gorbachov.

Desde Varsovia se informó que el jefe del Estado y del Partido Obrero Unificado Polaco (POUP, comunista), general Wojciech Jaruzelski, elogió las reformas políticas del líder soviético Mijail Gorbachov en un discurso ante funcionarios del partido.

Jaruzelski aseguró el [illegible] que el POUP apoya [illegible] estas direc[illegible] [illegible]

Calificó los cambios en [illegible] de "[illegible]" [illegible] Partido Comunista de la [illegible] (PCUS).

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Reciente ayuda Soviética a Vietnamitas en Kampuchea.

PROCEDENCIA: E. China 28/4/87 Doc. 0596/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/3)

01.01 8703804

Ajustan porcentajes de captura y especies

Acuerdo con la URSS: Aeroflot operará en Carrasco y los pesqueros en el puerto

Los negociadores de Uruguay y la Unión Soviética llegaron a un acuerdo político para que la empresa aérea soviética "Aeroflot" opere con determinada regularidad en el Aeropuerto de Carrasco y alcanzaron entendimientos concretos para el uso de los servicios portuarios de Montevideo, por parte de la flota pesquera de alta mar de la URSS. Mientras tanto, al cierre de esta edición se mantenían aún negociaciones para cerrar un convenio que *permitiría, a parte de dicha* flota, capturar especies en aguas territoriales uruguayas.

Luego de las coincidencias de grandes líneas, los técnicos que forman parte de las respectivas delegaciones, comenzarán la tarea del ajuste técnico de los términos y se anuncia que en las próximas semanas arribará a Montevideo una misión de técnicos aeronáuticos, para ajustar la operación de las aeronaves soviéticas en Carrasco.

Entre otros aspectos considerados en las negociaciones, se incluyen la actualización de gestiones ante el gobierno argentino, para que puedan superarse los obstáculos interpuestos por normas administrativas, que impiden que pueda operar en el transbordo de granos, el equipo de bandera nacional "Doña Flor", que lleva más de un año paralizado. La URSS es el principal importador de granos argentinos y la sustitución de la "Zona Alfa", donde actualmente se opera, por el puerto de Montevideo, le reportaría ahorros de costos millonarios en dólares.

Las negociaciones se iniciaron el pasado lunes 6, con la presencia en Montevideo de una numerosa delegación soviética, presidida por el primer viceministro de la industria pesquera de la URSS, N.P. Kudriavtsev. Los negociadores soviéticos retomaron las tratativas iniciadas el pasado 20 de enero por el vicecanciller soviético, Victor Kompletov, que mantuvo varias entrevistas con el canciller Enrique Iglesias.

Uno de los propósitos que guían las tratativas, es revitalizar el intercambio bilateral que globalmente se ha reducido considerablemente. En efecto, de un total de 84,55 millones de dólares que registró en 1985, en el curso de 1986, computados hasta el mes de octubre, se habían comercializado entre ambos países poco más de veinte millones de dólares (ver cuadro 1).

■ Servicios portuarios

Los delegados soviéticos y autoridades de ANP recorrieron el pasado martes las instalaciones portuarias de la capital, antes de cerrar el acuerdo respectivo. *El mismo* prevé franquicias para el uso de servicios por parte de los buques que operen tanto en aguas territoriales como aquellos que lo hacen en alta mar, en el Atlántico Sur.

Como se recordará, a mediados de 1986, Argentina y la URSS suscribieron en Moscú, un acuerdo de pesca que reserva para Argentina hasta el 20 por ciento de las reparaciones de las naves de pesca de bandera soviética. El restante porcentaje de reparaciones queda librado a la oferta internacional y se considera que en tales condiciones tienen una posición privilegiada los astilleros uruguayos.

El acuerdo será signado —de superarse las diferencias que persistían sobre el sector pesca— en la jornada del día de hoy. Posteriormente será suscrito en forma definitiva, en el mes de junio, en oportunidad del viaje del presidente Julio María Sanguinetti a Moscú. Tendrá una duración de cinco años, renovables por lapsos similares.

■ La pesca en el Plata

El acuerdo en materia de pesca lleva el "reconocimiento" explícito a los derechos soberanos "en los límites de la zona económica de 200 millas" y *propicia* la colaboración técnica y científica en la esfera de la industria pesquera.

Uruguay admite que los buques de la URSS (fuentes oficiales prevén que serán entre quince y veinte) realicen capturas en dichas aguas, en un volumen que podría alcanzar como *máximo* al remanente no utilizado de especies, de los cupos establecidos en los acuerdos regionales que tiene suscritos Uruguay.

Al efecto se establecen mecanismos para determinar el remanente que se autorizará a los buques soviéticos, en cada especie y en volumen total. Los barcos recibirán licencias detalladas de las autorizaciones.

Se dispone en el acuerdo que los funcionarios designados por las autoridades uruguayas tendrán acceso a las unidades soviéticas para verificar el cumplimiento de los permisos.

Se sientan asimismo las bases para una posible integración de empresas binacionales y el aporte de ambas partes a la investigación y desarrollo de la actividad.

Finalmente para concretar el acuerdo se crea una "Comisión Mixta" que tendrá la misión de coordinar las actividades en el sector pesca.

Cuadro 1
INTERCAMBIO BILATERAL DE URUGUAY CON LA URSS
(En millones de dólares)

Año	Exportaciones	Importaciones	Saldo
1960	1,512	–	+ 1,512
1961	0,920	–	+ 0,920
1962	12,808	0,286	+12,522
1963	3,722	0,202	+ 3,520
1964	0,167	0,568	– 0,401
1965	4,418	0,292	+ 4,126
1966	6,492	0,744	+ 5,748
1967	4,007	0,545	+ 3,462
1968	1,474	0,329	+ 1,145
1969	1,572	0,837	+ 0,735
1970	0,393	1,191	– 0,798
1971	1,602	1,719	– 0,117
1972	3,646	1,196	+ 2,450
1973	12,060	1,001	+11,059
1974 (1)	28,723	1,051	+27,672
1975 (1)	13,628	1,565	+12,063
1976 (1)	5,386	2,656	+ 2,730
1977	14,482	1,587	+12,895
1978	21,160	1,593	+19,567
1979	12,072	2,902	+ 9,170
1980	48,274	3,327	+44,947
1981	66,875	3,153	+63,222
1982	78,633	1,693	+76,940
1983	61,888	2,999	+58,889
1984	45,696	28,642	+17,054
1985	42,692	41,856	+ 0,834
1986 (2)	19,700	1,000	+18,700

(1): Las cifras no incluyen la inversión en la URSS efectuada por la Comisión Técnica Mixta de Salto Grande, computadas en cuentas especiales de los respectivos Bancos Centrales de Argentina y Uruguay.

(2): A octubre.

O46

La Prensa 14 03 87

Después de un largo conflicto

Las negociaciones sino-soviéticas

Por Francisco Simonet

Nueva York.- La Unión Soviética ha hecho una concesión en sus intentos por mejorar las relaciones con China al convenir en negociar -por primera vez- la ocupación vietnamita de Camboya y su prolongada disputa fronteriza. TASS informó que China y la Unión Soviética habían convenido en reanudar estas negociaciones en febrero. Las conversaciones comenzarán en Moscú y después se alternarán entre Pekín y Moscú.

Lo mismo que el líder chino Deng Xiaoping, el líder soviético, Mikhail S. Gorbachev, quiere reducir las tensiones para ser capaz de concentrarse en la modernización económica de su país. Los soviéticos han señalado su intención de abordar más seriamente estos asuntos al nombrar como embajador a uno de sus diplomáticos más destacados, Oleg Troyanovsky, de 66 años, antiguo embajador en Japón y las Naciones Unidas. Pero la competencia sino-soviética hace improbable cualquier mejoramiento significativo de las relaciones entre el Kremlin y Pekín, independientemente de la habilidad del líder soviético, Gorbachev, y de sus diplomáticos.

Concesiones soviéticas

En su discurso de Vladivostok, Gorbachev dio a conocer que la Unión Soviética aceptaría la posición de China en la prolongada disputa sobre la demarcación de la frontera septentrional de China, a lo largo del Río Amur. Gorbachev también declaró que los soviéticos estaban considerando la retirada de "una parte sustancial" de sus tropas estacionadas en Mongolia, un país pro soviético fronterizo con China. Los diplomáticos en Moscú creen que Gorbachev pudiera en breve ampliar su promesa mediante la retirada de algunas tropas soviéticas estacionadas en Mongolia. Gorbachev anunció también la retirada de seis regimientos de las tropas soviéticas en Afganistán, pero los funcionarios chinos no se dejaron impresionar debido a que -como dijeron- equivalía a una reducción mínima de la presencia militar soviética allí.

El principal obstáculo

De acuerdo con Deng, la ocupación vietnamita de Camboya es el principal obstáculo en las relaciones sino-soviéticas. Ofreció reunirse con Gorbachev si los soviéticos trataban de persuadir a los vietnamitas a que retiraran sus tropas de Camboya. Casi todo el mundo conviene en que Gorbachev no puede aparecer como vendiendo a sus aliados vietnamitas a cambio de mejores relaciones con China. El Kremlin atesora el acceso al puerto vietnamita de Cam Ranh y la base aérea de Da Nang.

Los chinos se sienten claramente disgustados con las ganancias obtenidas por los soviéticos en la vecina Corea del Norte, un país que hasta hace poco mantenía vínculos más estrechos con los chinos que con los soviéticos. El Kremlin ya ha suministrado a los coreanos del norte equipo militar que éstos no podían adquirir en China, incluyendo aviones de combate MiG 23 y cohetes antiaéreos.

En sus conversaciones privadas, los chinos siguen hablando de un intento soviético de "rodear" a China con fuerzas militares. Ellos siguen considerando a la Unión Soviética como la única amenaza a largo plazo para la seguridad de China.

Accionar chino en Europa Oriental

Paralelamente con las negociaciones con la Unión Soviética, China trata de presentar un rostro sonriente a Europa Oriental, como amigo preocupado por las reformas internas y que apoya el derecho de todo país y partido a su independencia. Al hacer esto, está delicada pero inconfundiblemente tratando de infiltrar la "hegemonía" de Moscú en la región.

Los chinos establecen diferencias entre los diversos países de Europa Oriental. Pekín busca en particular estrechar sus vínculos con la mentalmente independiente Rumania, con la que nunca se rompieron los vínculos partidarios, así como con Yugoslavia, con la que se reanudaron las relaciones partidarias en 1977.

El secretario general del partido Comunista chino, Hu Yaobang, señaló recientemente que "las relaciones entre los partidos de China y Rumania no son relaciones ordinarias, ya que han resistido largas y severas pruebas". Al siguiente nivel, Alemania Oriental y Hungría son atractivas para China por su récord económico relativamente bueno.

D1 .01

870312

CORREO de la TARDE

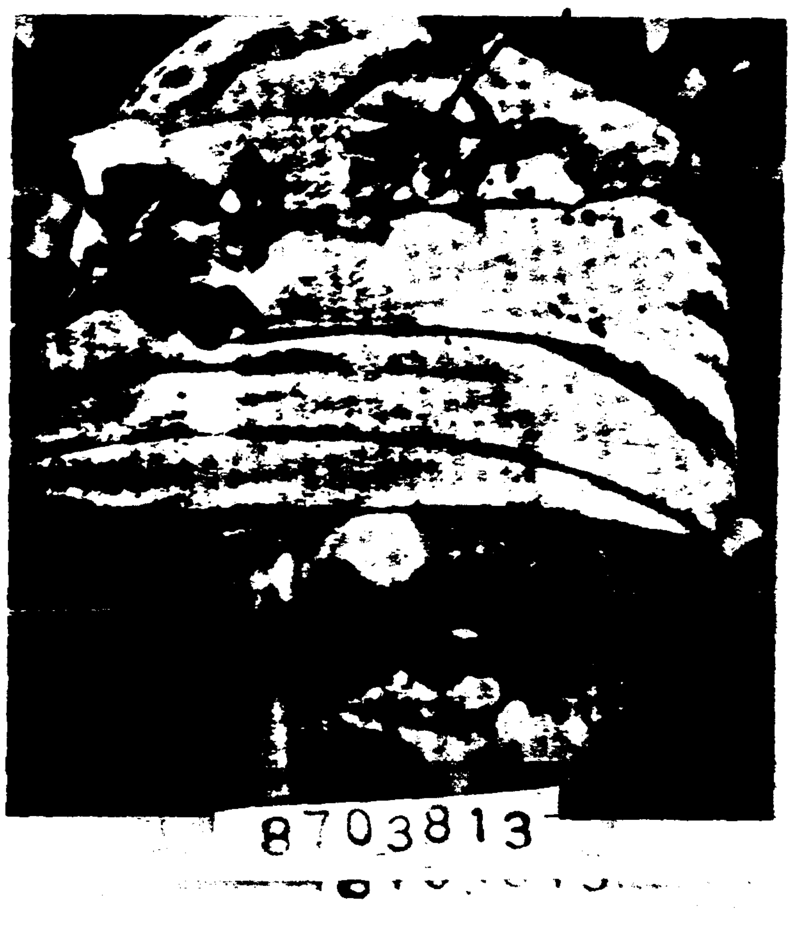
REPORTAJE a la Argentina & Mundo
SUPLEMENTO Nº 3 – 26 de agosto de 1969

EL COMUNISMO LATINOAMERICANO COMO FENOMENO TRIDIMENSIONAL

Una Interpretación Psico-política de la Izquierda Iberoamericana

por Alphonse Max

Se equivoca quien piensa -como ocurre frecuentemente - que las deficiencias sociales son, por sí solas, la causa y el caldo de cultivo de las tendencias comunistas evidenciadas en los países llamados "en desarrollo". Tanto desde el punto de vista sociológico como del psicológico, el comunismo en Latinoamérica suele darse como un fenómeno típico de las élites, las cuales, no obstante proclamar la abolición de las "estructuras capitalistas" y reclamar la aplicación inmediata de la "justicia social", serían las primeras víctimas de estas metas publicitadas, en el caso supuesto de que puedan alcanzarlas.





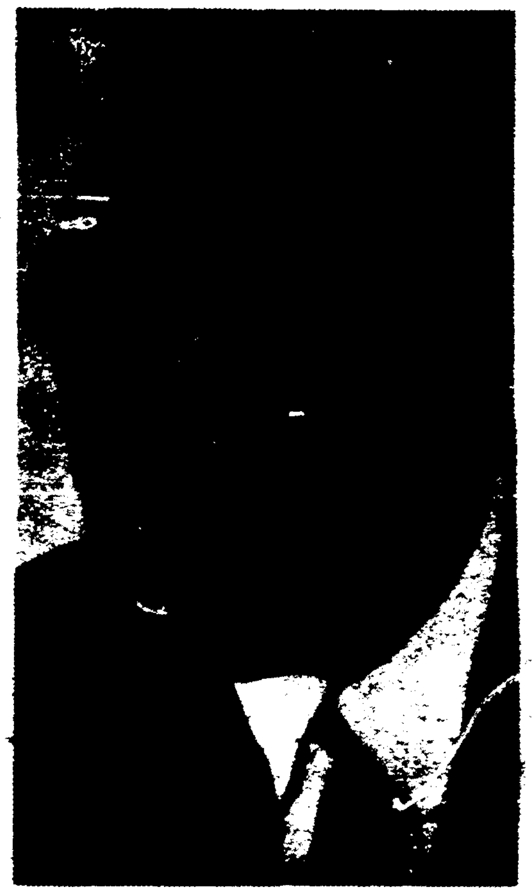
Las Metas del Kremlin

El *comunismo soviético*, cómplice e instrumento a la vez del nacionalismo ruso, se desenvuelve desde hace medio siglo *como* continuación natural del imperialismo zarista *(notoria non egent probatione)*. Los partidos comunistas de América latina, dirigidos por las representaciones diplomáticas de los Estados del oriente europeo y por el aparato de espionaje exterior del bloque comunista, son las herramientas de esa política imperial. Funcionan como grandes empresas bien estructuradas, dirigidas por ejecutivos e incluyendo departamentos de relaciones públicas para crear y conservar un "*image*" favorable de la Unión Soviética y de la "*doctrina pura*" del comunismo. Aparte de estas misiones de tono "*idealista*", los partidos comunistas son responsables de entregar a la Unión Soviética informaciones exactas sobre todos los aspectos de los países en que actúan. A base de estos datos, complementados por la propia red de espionaje que existe dentro y fuera de sus representaciones diplomáticas, se elabora en Moscú la política correspondiente a cada país por separado, la que luego será llevada a cabo por los partidos comunistas locales.

Resulta obvio que un aparato tan complicado y sensible precisa un apoyo pecuniario inmenso. Sería en consecuencia razonable preguntarse hasta qué punto no suena absurdo que Moscú pretenda derechos de hegemonía y demuestre un interés inmediato en la explotación, cuando se trata no de colonias imperiales vecinas como Checoslovaquia o Alemania Oriental, sino de naciones distantes como Perú y Ecuador. Sin embargo, el propósito es el mismo; sólo los medios *para* convertirlo en realidad son distintos. En aquellos países donde la Unión Soviética se ve imposibilitada de llegar a una posición preponderante por medio de la violencia, pone en movimiento el aparato montado, elaborado y perfeccionado por ella desde hace más de 40 años para este propósito. Los sindicatos teledirigidos desde Moscú (que en casi todos los países latinoamericanos —con su sindicalismo poco desarrollado y políticamente controlado— constituyen la mayoría de las organizaciones obreras) sabotean la producción y el embarque de determinados bienes de exportación para encarecerlos y provocar la pérdida del mercado tradicional. El resultado es que en los mecanismos económicos relativamente rudimentarios de los países latinoamericanos se producen grandes lagunas. Entonces los rusos aprovechan la oportunidad por ellos preparada para ofrecerse a comprar, a precios bajos y dentro de tratados comerciales bilaterales, la mercadería no vendida por razón del sabotaje sindical en los países de origen. Esto facilita también la penetración política, ya que bajo el pretexto de entablar negociaciones comerciales, los soviéticos entran en contacto personal con figuras cumbre de los distintos Estados. □

El Sabotaje y la Salvación





Mediante métodos psicológicos, que sería largo explicar con mayor detalle aquí (aunque son conocidos a través de los negociantes occidentales que han estado en Moscú), los soviéticos llevan a cabo la penetración de los Estados latinoamericanos de dos maneras: a) por medio de los sindicatos, con la presión económica que asociaciones obreras bien organizadas son capaces de ejercer sobre los diferentes procesos industriales y comerciales (huelgas, normas de trabajo obligadamente bajas o simplemente sabotaje); y, como consecuencia, b) a través de los gobiernos, cuando se llevan a cabo negociaciones económicas interestatales para aplacar la crisis provocada por las fuerzas dirigidas desde Moscú.

La infiltración paradigmáticamente descripta arriba persigue en primer lugar objetivos económicos. Como consecuencia del sabotaje sindical, la Unión Soviética puede intercambiar mercaderías abaratadas artificialmente contra sus propios productos obsoletos e invendibles y reinvertir en el *"aparato"* el dinero así ahorrado. En segundo lugar se persigue fines políticos. Cuanto más profunda se hace la influencia del Kremlin en un Estado o grupo de Estados, tanto más fácilmente ellos se dejan maniobrar en el terreno internacional. Dentro de la ONU, la UNESCO y otras organizaciones mundiales, los votos latinoamericanos pueden resultar decisivos. En el caso de Cuba y la crisis de 1962 llevan a la conclusión de que en el juego internacional de póquer político los países pequeños pueden ser utilizados por el Kremlin para *"matar con un triunfo"*, un rol muy peligroso para estos países. En aquella época se hablaba de que Khrushchev trataba de cambiar Cuba por Berlín Occidental para consolidar definitivamente la posición de Rusia en Europa Central. Este ejemplo contundente elucida la importancia que cada país latinoamericano supone para la Unión Soviética y la significación que tienen los extendidos esfuerzos de Moscú por tomar pie firme en América latina.

El aislamiento internacional de China y la cuarentena continental dispuesta sobre Cuba por la Organización de Estados Americanos (OEA) son los motivos principales de la convergencia táctica de Pekín y La Habana con respecto a América latina. Es obvio que Pekín necesita una caja de renonancia internacional, especialmente porque, como se sabe, también dentro del campo comunista existen desde hace mucho crecientes discrepancias. Los esfuerzos continuos de China Roja por romper el cerco asfixiante y por establecerse en algunos países se debe a la necesidad de disponer de una *"apertura"* en su política exterior. Lo mismo que Albania en Europa, vale Cuba para los chinos en América. Desde el punto de vista de Pekín, no existe ninguna diferencia básica entre Cuba y Albania; los gobiernos de ambos países desconfían de Moscú, aunque no sea en la misma medida.



Khrushchev (cuando brindaba su amistad a Brezhnev) procuró trocar Cuba por Berlín Occidental con el objeto de consolidar la posición de Rusia en Europa Central.

LA GUERRILLA

Instrumento de Política Internacional

Como Castro (al igual que Mao) aboga por la revolución en América latina, Cuba se ha convertido en punto de salida para la *"exportación de la revolución"*, mientras que Albania es solamente un punto de apoyo político de China en Europa. A pesar de todo, debería ser claro que las posibilidades reales para la toma de posesión violenta de uno o más Estados latinoamericanos son sumamente reducidas, ante todo, porque no puede haber una *invasión militar masiva.* Las unidades guerrilleras, que no suman más de una o dos docenas en todo el continente y constan cada una *de entre* 20 y 150 personas son, aun tomando en cuenta las condiciones latinoamericanas, completamente insuficientes para derrocar un gobierno. Este hecho no puede haber pasado inadvertido a Pekín y a La Habana. Sin embargo, por paradojal que pueda sonar, los guerrilleros son el único instrumento de política exterior de que disponen Mao y Castro en América latina.



Sin duda la presencia de guerrilleros en América latina, a pesar de su número insignificante, representa un factor de intranquilidad que ocasiona una polémica constante. La irradiación del fenómeno de la guerrilla, aunque en general contraproducente para los comunistas, sigue siendo en todo caso un importante elemento perturbador en la política local y continental. Por consiguiente, se comprende que tanto Pekín como La Habana ven en las actividades guerrilleras un método de presión con el cual esperan obligar a los gobiernos latinoamericanos a considerar a Castro y Mao como factores a tomar en cuenta en la política internacional, y a terminar con su aislamiento. No es pura casualidad que justamente cuando en Venezuela se proclamaba la amnistía para las organizaciones terroristas, en la OEA se discutía la posibilidad de readmitir a Cuba y de restablecer las relaciones diplomáticas interrumpidas años atrás. Al esfumarse la esperanza de una pronta readmisión de Cuba en la OEA, la guerrilla venezolana y latinoamericana en general ganó ímpetu.

Existe aún otra razón por la cual Cuba está interesada en el mantenimiento del movimiento subversivo en América latina. La presencia continua de guerrilleros, con sus acciones de terror y sabotaje, obligan ante todo a los países más chicos y más débiles del continente a utilizar porciones cada vez mayores de su presupuesto nacional para fines militares, porque ven en los insurgentes un peligro potencial o por lo menos creen no poder excluir el mismo. Así se gastan sumas importantes en una actividad que por su misma definición está destinada a quedar estéril, en lugar de utilizarlas para propósitos más productivos. Al privar a estos países de suficientes medios para el desarrollo general, se espera conferir credulidad a los *"slogans"* sobre la imposibilidad del *"sistema oligárquico"* de elevar el nivel de vida de la población, sobre el florecimiento del *"militarismo"* y cosas por el estilo. Con esto se pretende facilitar la construcción de la base ideológica (que analizaremos más adelante), según la cual un *"cambio de estructuras"* en América latina es lo indispensable y según la cual el *"socialismo"* es la panacea para todos los males, por cuanto suprime el ejército y elimina las injusticias en general. □





Oficiales del ejército boliviano (arriba) inspeccionan el moderno armamento secuestrado a los insurgentes que operaban en su territorio a las órdenes del "Che" Guevara. César Montes (abajo), líder de los guerrilleros guatemaltecos, proclamó que "nuestra lucha de liberación es de dimensión continental".



Mantener un Mal Negocio Por Razones de Prestigio

Mientras Pekín está orientado sin ambigüedades en contra de la Unión Soviética, Cuba, a pesar de discrepancias gravosas, exteriorizadas exclusivamente a nivel de gobiernos, permanece absolutamente dependiente de la benevolencia de Moscú. (De ahí la defensa, aunque vacilante, de la invasión soviética a Checoslovaquia de parte de Fidel Castro.) El estado catastrófico de la economía cubana, de acuerdo a cálculos llevados a cabo en esferas autorizadas, exige una ayuda anual de más de 400 millones de dólares. Esta relación de dependencia es muy interesante. El Kremlin, para el cual Cuba ha perdido una buena parte de su importancia política como triunfo en el juego de naipes internacional, por razón del dirimento temporario de la *"guerra fría"*, está sentenciado, por consideraciones intercomunistas, a seguir sosteniendo el régimen no conformista de Fidel Castro. Moscú tiene conciencia de que una disminución del respaldo financiero a Cuba haría aparecer a la Unión Soviética en general como indigna de crédito, ya que no existe ninguna explicación plausible de que a un régimen comunista que que *"ha penetrado en la carne del imperialismo"* se le haga semejante daño y se lo abandone de esta manera. Si se lo dejara plantado económicamente, el *"puesto de vanguardia del socialismo"*, como se publicitó durante años al régimen cubano en todo el mundo, resultaría inevitablemente un bumerang para la Unión Soviética y perjudicaría en gran medida sus posiciones no solamente entre los llamados países en desarrollo sino en el bloque oriental mismo. Moscú está así condenado, contra su propia convicción, a prestar apoyo a un régimen

La captación comunista no sólo ha tocado a hombres de la llamada "burguesía", sino también a muchas mujeres.



Castro y Dorticós posan con marinos de la flotilla soviética que visitó la isla hace poco.

al cual no puede explotar ni económica ni políticamente según la medida de sus deseos.

Las actividades guerrilleras de Cuba y las relaciones estrechas entre La Habana y Pekín perturban los esfuerzos de la Unión Soviética por penetrar en América latina. Las tentativas de Moscú de entrar en contacto comercial con los países latinoamericanos o de intensificarlo, así como el establecimiento de la doctrina de coexistencia pacífica como revoque político de la fachada filosófica estatal de la Unión Soviética, sin embargo, hacen imprescindible que los rusos desautoricen a Castro y a su régimen, por lo menos oficiosamente, y de cuando en cuando también oficialmente (*"Pravda"*, 21 de noviembre de 1968).

Por otro lado, el régimen de Castro ha demostrado, sin quererlo, ser algo positivo para los Estados Unidos, no en su intención pero sí en su consecuencia. No sólo prueba que Washington puede mantener a este régimen comunista enteramente bajo su vigilancia, por la poca distancia (125 kilómetros) de la costa de Florida y por la base militar norteamericana de Guantánamo en la isla de Cuba misma, sino que además puede utilizar el caso de Cuba como espantapájaros frente a aquellos Estados que potencialmente podrían ser víctimas similares del comunismo. Las excursiones guerrilleras de Castro a distintos países del continente obligan a los gobiernos de estos países a protegerse por medio de convenios militares continentales, incluso la compra de armamento, para cuyo suministro dependen en gran medida de Washington. Los acontecimientos más recientes en este sentido, que se observan en Perú y Argentina (que tantean entre proveedores europeos para llenar allí sus necesidades armamentistas) no niegan la validez general de esta comprobación. □







El "largo lagarto verde, con ojos color de agua", como llamara Guillén a Cuba, pierde su agresividad por la garantía que significa la base de Guantánamo.



El Virus Comuni[...]

De lo que antecede se desprende que en América latina tanto la Unión Soviética como China y Cuba persiguen objetivos muy concretos, disfrazados de manera similar como ideológicos, pero por lo demás completamente distintos: mediante la ampliación del aparato político y de todas sus ramificaciones por un lado y mediante el montaje de guerrillas como elemento perturbador por el otro. Los objetivos para la Unión Soviética, como lo indicado anteriormente, son de carácter económico-político, mientras que para China y Cuba son primordialmente de política exterior.

Pero existe aún un tercer factor (el ideológico-propagandístico) con el propósito de dar al comunismo como doctrina y consecuentemente como instrumento político legítimo una apariencia respetable en América latina. Ya que Moscú, al igual que Pekín y La Habana, no puede proclamar sus propósitos abiertamente, reviste sus intenciones imperiales con una pátina ideo-



...nista y sus Portadores Burgueses

...lógica. El aparato propagandístico de las metrópolis comunistas, con todos sus medios de comunicaciones y métodos de publicidad sutiles, irradia la *"necesidad de un cambio de estructuras"*, la *"terminación de la explotación"*, la *"igualdad de todas las clases"*, la *"destrucción de la oligarquía indígena como aliada del imperialismo norteamericano"* y cosas similares.

Resulta extraño ver que los transmisores de estas tesis al público local son justamente representantes de la burguesía y de la oligarquía, cualquiera sea el significado que se atribuya a estos vocablos. Sería equivocado suponer que los estratos más bajos de la sociedad latinoamericana puedan servir como portavoz o brazo alargado de Moscú, Pekín o La Habana. Todo lo contrario: Fidel Castro (Cuba) proviene de una familia latifundista; Ernesto *"Che"* Guevara (Argentina), hijo de un próspero arquitecto, no tuvo dificultades financieras para terminar sus estudios de medicina; Salvador Allende (Chile), que representaba a la alianza comunista socialista FRAP, dirigida por Moscú, es médico y millonario; Lázaro Cárdenas (México), que intervenía a favor de Moscú, era general y llegó a ser presidente de la nación; Jacobo Arbenz (Guatemala), quien durante su presidencia llevó a su país al borde de la comunización, era coronel y millonario; este último vive en la actualidad en París, en medio de una epicúrea *"douceur de vivre"*. Generalizando se puede decir que son los millonarios, los latifundistas, los hijos de padres acomodados, los que se dejan enganchar ideológica y políticamente por Moscú, Pekín o La Habana. Hemos mencionado aquí los nombres de sólo algunos hombres en posiciones prominentes que están o estuvieron en las candilejas de la opinión pública, pero estos ejemplos puede multiplicarlos el lector. Por absurdo que parezca al profano, es demostrablemente cierto que el comunismo como doctrina es una aparición típica de la élite y la alta burguesía en América latina. □

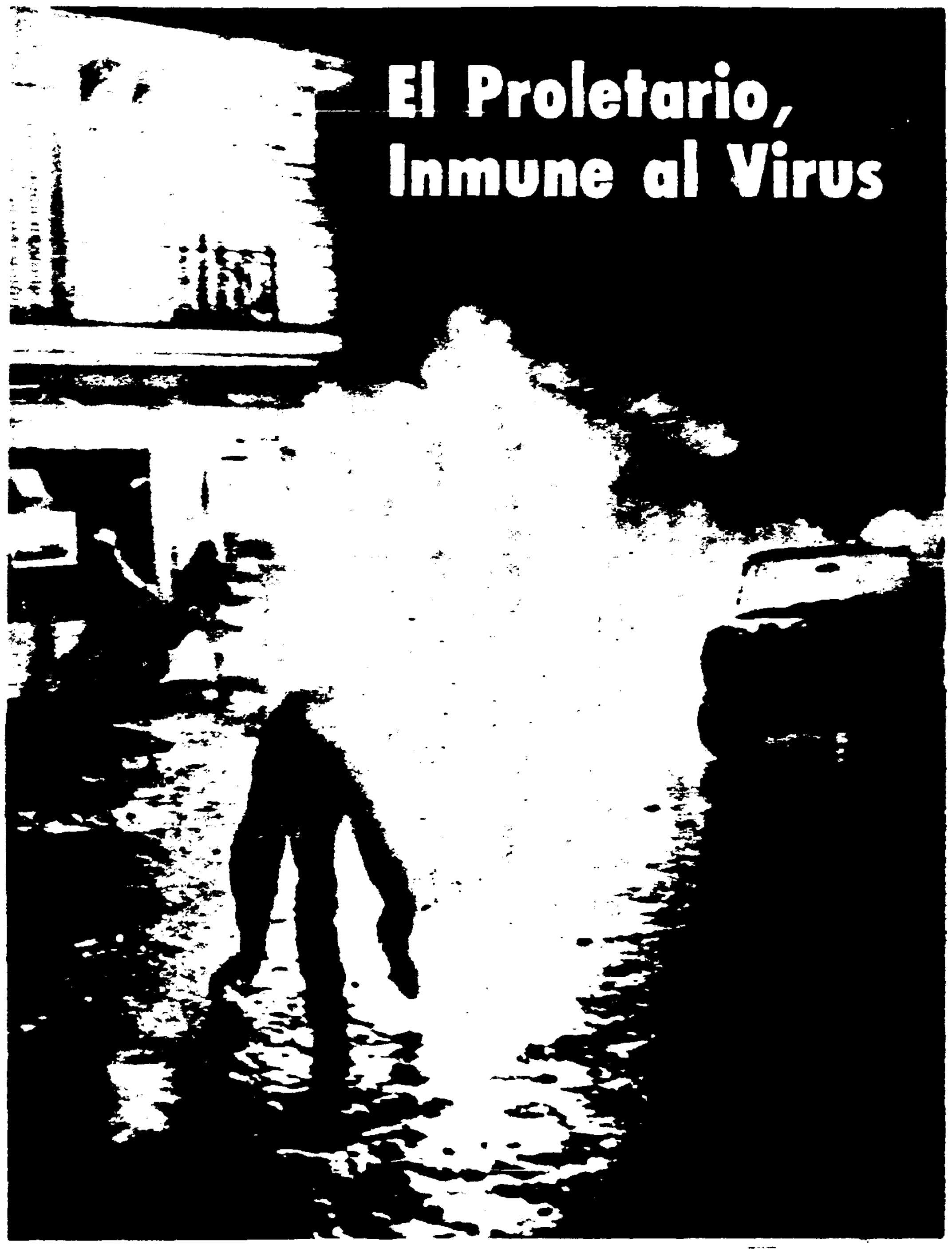


Castro: "Hay que cortarle las manos al imperialismo."





El Proletario, Inmune al Virus





Las masas pauperizadas, los proletarios, las capas económicamente subdesarrolladas del continente no son utilizables para la *"revolución"* concebida en Moscú, Pekín o La Habana y proclamada por la aristocracia indígena. El fiasco de Guevara en Bolivia se vio acelerado porque no gozaba del más mínimo apoyo de parte de aquellos grupos de la población en cuyo bienestar él pretendía desencadenar su *"revolución"*. En consecuencia, es un engaño consciente afirmar que la *"revolución"* en América latina persigue fines sociales. Si se llegara a realizar esa *"revolución"*, sus primeras víctimas, tal como se ha mencionado al principio, serían los *"revolucionarios"* mismos, quienes, de acuerdo al conocido esquema de los rusos, después de haber cumplido su cometido, serían reemplazados por *"aparatchiks"*. Del mismo modo como la revolución francesa no fue organizada ni llevada a cabo por las masas populares (véase Alexis de Tocqueville: *"L'Ancien Régime et la Révolution"*), tampoco las llamadas *"fuerzas revolucionarias"* latinoamericanas son de origen proletario, sino más bien, en el sentido marxista, *"traidores de su clase"*.

La revolución en América latina, por consiguiente, es un fenómeno psicológico con "camuflage" político. Mientras que los tumultos estudiantiles en Francia, Alemania, Luxemburgo y otros países europeos (sin hablar siquiera de los Estados Unidos) se desencadenan grotescamente bajo lemas anarquistas como una rebelión contra la sociedad de consumo, por la reforma universitaria, por derechos civiles (que en realidad ya existen), etc., se pueden observar acontecimientos parecidos en México, Brasil, Uruguay y otros países latinoamericanos bajo postulados completamente diferentes: *"lucha contra la injusticia social"*, *contra el capital monopolista"*, etc. Se ven los mismos fenómenos —por un lado en países altamente desarrollados y prósperos y por el otro en países pobres y subdesarrollados—, pero alegando motivaciones distintas. Es obvio, entonces, que aquí existe una coincidencia de metas —*el caos organizado*— y también de la identidad de los titiriteros.

La incitación al caos total se basa en un plan de tipo militar fríamente trazado, el mismo que para su ejecución precisa personas de una constitución psicológica y de una insufi-







ciencia glandular específica, especialmante jóvenes en la fase preorgásmica de su desarrollo fisiológico pubescente y pospubescente. Empero, ésta sería una explicación algo unilateral, ya que no son sólo los más jóvenes los que dicen querer derribar el sistema social vigente, el mismo que les permite a ellos actuar socialmente en un espectacular primer plano.

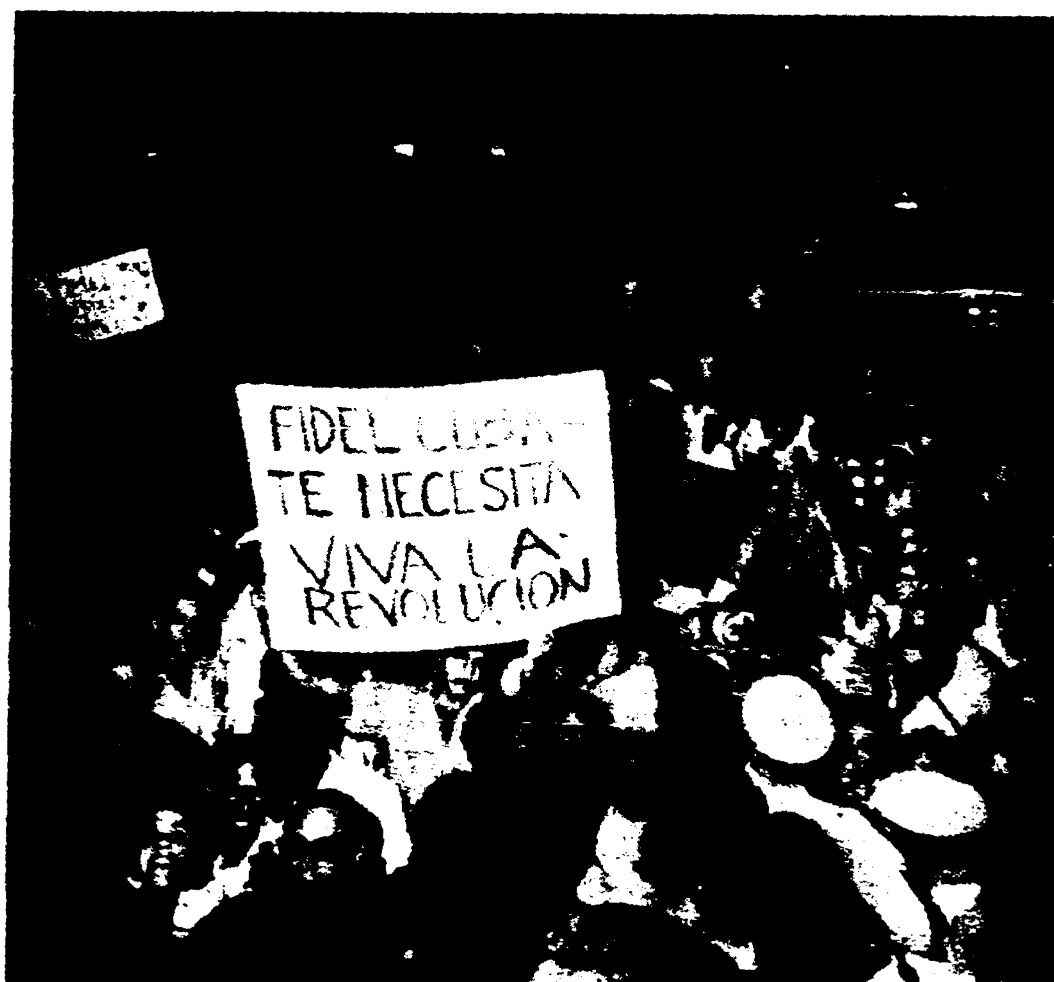
Tampoco en esta materia se improvisa. El esquema a desarrollarse es sintonizado exactamente en Moscú (a nivel ideológico se trabaja principalmente bajo las órdenes de los soviéticos), no tanto a base de la lucha de clases al estilo del 900 como sobre aquella de la polarización total. Se inflama el odio entre las generaciones, entre las religiones, entre distintos otros grupos. En la Iglesia cristiana no se insiste tanto en jugar a los católicos contra los protestantes, ya que estos últimos son insignificantes en América latina, sino que se dividen los cristianos en *"conservadores"* y *"progresistas"*. Este *"aniquilamiento por rotulación"* (Martín Buber) naturalmente es sometido a un baño ideológico, por cuanto se fomenta artificialmente una disputa entre sacerdotes *"pre y posconciliares"*. Con argucia bizantina las élites manipulables cultivadas en el último decenio, en la búsqueda de presuntos puntos de contacto entre la doctrina cristiana y el marxismo, no se sienten ya inhibidos para sacrificar los conceptos de la moral cristiana al relativismo de los valores, mientras que los representantes del *"marxismo científico"* reclaman para sus postulados el derecho a una casi divina, perpetuidad. □

El Reclutamiento de los Nuevos Jenízaros

Los guerrilleros y los elementos amaestrados para la organización del caos se reclutan, desde el punto de vista sociológico, particularmente en los estratos burgueses. Existen distintos factores que determinan que un joven vaya a la selva y corra un cierto riesgo. Como hemos mencionado repetidamente, los motivos no son políticos y menos aún sociales, sino principalmente fisiologico-psicológicos. Se debe tomar en cuenta que también aquí, al igual que en Europa, la burguesía saciada vive obligadamente la frustración de la falta de acontecimientos verdaderamente emocionantes. Una aventura guerrillera, rodeada de peligro real, se encuentra en todo caso fuera de las acostumbradas emociones triviales, que por su repetibilidad han perdido todo atractivo. Si se sublima al plano ideológico este aburrimiento y esta estrangulación del placer de una existencia saturada y si se deja vía libre a la fuerza de la imaginación para transponerla sobre inflamables alas de Icaro a una nebulosa utopía política, es muy fácil creer que es posible realizarse en la actividad guerrillera. De ahí resulta el espectáculo a medias grotesco, a medias divertido, de un grupo de hijos de buenos burgueses empeñados en cambiar la sociedad para bien de una capa social que apenas anuncia sus justas reclamaciones por igualdad y a la cual ellos, los hijos de buenos burgueses, conocen únicamente a través de sus estudios en seminarios sociológicos de bajo nivel cultural. Esta confusión entre ideal y realidad, en la medicina psiquiátrica recibe el nombre de esquizofrenia. ¿Qué otra explicación, a no ser el desdoblamiento de la personalidad, puede haber para el hecho de que un asmático, ex estudiante de medicina argentino, llegue a ser ministro de Economía en Cuba y más tarde, en las selvas bolivianas, intente con 50 compañeros derrotar el gobierno militar en la ciudad de La Paz, a 3.600 metros de altura? Aún más: ¡Las multitudes entrenadas para la protesta elevan al *"Che"* Guevara (lo mismo que a Camilo Torres) al sitial de *"salvador universal"*. Los canonizan una vez bien muertos, nunca antes.

Estos fenómenos son servidos a mujeres y hombres de América latina, decorados con una mística seudoteológica. Los marxistas continentales, aunque conozcan a Marx sólo marginalmente, a través de una literatura secundaria, se esfuerzan por elaborar, con los métodos usuales de la dialéctica, una explicación escatológica de la sociedad burguesa. Pronostican una especie de apocalipsis social irrevocable y describen el sistema existente como un engendro social que se encuentra en el estado metastásico, afectado por la maldición del inevitable colapso. Como contraste a este mundo maléfico, consagrado a la muerte, se proclama el socialismo con místico fervor y con fe *"milenarista"*. Cabe preguntar, con justicia, si quienes proclaman estas opiniones y los autores de sus interpretaciones literarias creen de veras lo que difunden o si existen otros resortes que impulsan sus actos, los mismos que no se descubren sólo porque nadie tiene suficiente interés ni coraje para hacerlo y por tanto faltan simplemente los hombres y los recursos necesarios para desenmascararlos, aunque fijados claramente los objetivos, no sería difícil contar con unos y otros.

En un país pequeño, subdesarrollado, un intelectual o profesional o ar-



tista liberal, ideológicamente no *"comprometido"*, prácticamente no tiene posibilidades de llegar al público por sus propios medios. Pocas partituras, tomos de poesía, novelas, ensayos, etc., pueden ser impresos sobre la base usual: convenio comercial entre autor y editorial. Falta el gran mercado local. Por consiguiente, con pocas excepciones, se publican únicamente obras de las que se espera una venta entre un público relativamente amplio; subvenciones estatales para prosa y poesía, música, pintura, arte escénico, etc., casi no existen. De este modo no es de extrañar que la Unión Soviética, en su intento de influir en la voluntad pública, desde hace mucho llenó este vacío y hoy es ella quien tiene la palabra decisiva sobre popularidad o ruina de un escritor o artista. Por este motivo les es fácil a los rusos formar un grupo bastante numeroso de intelectuales alrededor de un diario, una revista o un teatro, cuyos miembros poco a poco son absorbidos y utilizados para fines políticos de propaganda. Un escritor o artista al que le faltan los medios de expresión generalmente no siente tantos conflictos de conciencia al mostrarse como sosteniendo ciertas posiciones, en contraer compromisos políticos o al profesar determinadas ideologías, siempre que vea que sus poesías son impresas o que sus obras de teatro son llevadas a la escena. Abundan los ejemplos de este camino del comunismo para controlar una *"intelligentsia"* adicta y frustrar al resto de los intelectuales, instrumentándolos también en su provecho.

Todos aquellos, en cambio, que se oponen a la hegemonía comunista en la esfera política y espiritual y que rechazan la genuflexión, al igual que cualquier antagonista potencial que pudiera desafiar el monopolio cultural comunista, son intimidados por la milicia ideológica montada por el comunismo, por medio de invectivas o injurias verbales o, según el caso, simplemente ignorados. También dentro de las discusiones ideológicas los comunistas polarizan a las personas: o se está con el *"pueblo"* o se está con la *"oligarquía"*. □





Guevara no encontró una respuesta revolucionaria en el campesinado boliviano. Después de su muerte, los comunistas hicieron todo lo posible por ubicarlo entre los mártires. En cambio Debray —otro "oligarca" intelectual— se quedó en las medias tintas de la declamación oratoria de las cartillas propagandísticas.

Gusanos, Perros y Robots

Los rusos se ven obligados a reclutar sus esbirros entre la *"oligarquía"* porque en el fondo sólo los *"decadentes"* burgueses o *"aristócratas"* son *susceptibles, pero ni obreros ni* campesinos son susceptibles al virus comunista, y el hecho *de que* a *nivel internacional sólo negocian* con la *"oligarquía"* para legar a trasacciones comerciales y políticas, así como otros hechos parecidos, son olímpicamente pasados por alto. Quien se opone a los rusos y a sus siervos es tachado de *"enemigo del pueblo"* de *"instrumento del imperialismo norteamericano"* o algo semejante. El trabajo de publicidad de los soviéticos está basado sobre el reflejo condicionado de Pavlov; en lugar de impulsos eléctricos sobre gusanos y perros, se descargan una o dos docenas de *"slogans"*, como los arriba detallados, sobre seres humanos.

De esta manera algunos hijos de millonarios, intimidados por las partículas eléctricas de la propaganda soviética a escala mundial, que de acuerdo al método de Pavlov bombardean ciertas células cerebrales con *"slogans"* políticos, sienten un malestar científicamente provocado por pertenecer a una *"clase explotadora"*, por ser parte del *"pulpo capitalista chupasangre"*, etc. y buscan *refugio* en los brazos abiertos de los soviéticos que están listos en todo momento para concederles la absolución del pecado original de ser criaturas del *"estercolero de la historia"*, de la clase capitalista. Así, paradojalmente, la vanguardia del comunismo la constituyen hijos de millonarios, atormentados por remordimientos de conciencia, que esperan de los soviéticos indulgencia por el oprobio de su origen capitalista, proclamado con emoción masoquista.

Los *obreros* y campesinos no constituyen un objeto adecuado para este lavado de cerebro que, aunque sutilmente dispuesto, es burdo en su realización. Para ellos —no a través de estudios científicos, sino de un simple enfoque de su intuición— el capitalismo, como condición social, con todas sus ventajas materiales, es justamente la meta anhelada por excelencia, la razón de sus esfuerzos y de sus aspiraciones. Libres del lodo espiritual en que nadan algunos hijos de millonarios, con el sentido común de quien está íntimamente ligado a la vida y al *riesgo* de cada día, la mayoría de los trabajadores y campesinos de América latina se ha dado cuenta de que los comunistas tal vez puedan serles de algún provecho dentro del sistema capitalista, pero que sólo se puede esperar lo peor en el caso de que los comunistas alguna vez llegaran al poder (como en Cuba). De ahí el espectáculo políticamente significativo de que las masas obreras generalmente votan por partidos capitalistas en las elecciones nacionales, a



pesar de pertenecer a sindicatos controlados por comunistas en sus organizaciones gremiales.

¿Cuál es la reacción del mundo occidental frente a este problema?

Los grupos de tendencia *"liberal"* se distinguen por su opinión de que el futuro de América latina se encuentra en manos de una *"nueva"* clase de hombres que, aunque sean de izquierda, no puedan identificarse con el comunismo ni mucho menos con la *"oligarquía"*. La palabra *"oligarquía"*, que utilizamos tantas veces entre comillas, como término sociológico en América latina, es sumamente imprecisa.

Por supuesto que es muy difícil poner a todos los países latinoamericanos, muy distintos entre sí, en un común denominador. Pero mientras el Kremlin trata los temas latinoamericanos correctamente (desde su punto de vista) simplificados, el *enfoque* de los *"liberales"* de occidente es de una sencillez que toca la simpleza. La *"izquierda progresista"* no comunista que se ha desarrollado en los últimos cinco o seis años en América latina ha demostrado ser extorsionista. No pocos intelectuales *"avivados"* que pertenecen a ella, descubrieron muy pronto que las potencias de occidente no desean una lucha frontal con el comunismo. En la comprensión de este hecho se basan los planes muchas veces complicados y ajenos a la realidad que son elaborados por funcionarios de las distintas organizaciones regionales, las cuales presuponen una burocracia internacional amplia y generosamente pagada (verdadera *"alta snobiedad"* latinoamericana, no siempre bien controlada por sus correspondientes autoridades legítimas). Los abundantes cargos son cuidadosamente repartidos entre intelectuales de izquierda, quienes luego se columpian mutuamente a puestos cada vez más influyentes y mejor remunerados. Se logra así que en el mundo occidental muchos piensen que las tendencias izquierdistas están de moda en América latina. En consecuencia, desde algunas potencias occidentales a menudo se fomenta el chantaje contra sí, con la esperanza falaz de que estos hombres de izquierda estarían en primera fila en el caso de llevarse a cabo la *"revolución"* y, en agradecimiento por la generosidad demostrada en el pasado, nunca tomarían medidas contrarias a los intereses de sus ingenuos patrocinadores. ☐





¿El Negocio Está en la Izquierda?

Esta tesis aparentemente realista pasa por alto el hecho de que la simpatía que tal tipo de burócratas y economistas latinoamericanos pudiera sentir por las potencias occidentales duraría tan sólo mientras fluyan los sueldos en dólares. Además, dada la naturaleza democrática de las potencias referidas, ni la política oficial de Washington ni la de los otros gobiernos occidentales puede ser siempre inmutable y por consiguiente sólo se la puede conocer a corto plazo, de manera que ningún latinoamericano "*progresista*" se arriesgaría a comprometerse definitivamente en la línea doctrinaria occidental que en la práctica ni siquiera está claramente definida. Para él será siempre más provechoso mostrarse apático y sin entusiasmo por los regímenes democráticos: nadie mata la gallina de los huevos de oro. La política rusa, por el contrario, persigue fines permanentes e invariables, a los que cualquier persona puede adaptarse fácilmente de acuerdo a sus propias posibilidades. La orientación de las democracias occidentales en la lucha ideológica en América latina puede definirse, pues, más bien como defensiva. Así el punto y el momento de partida, los medios y el terreno de esta lucha son determinados por el Kremlin.

Negocios individuales y familiares

Legalizan algunas empresas privadas en la Unión Soviética tratando de impulsar la economía

por Robert Gillette

Moscú — La Unión Soviética adoptó el miércoles 19 una nueva ley designada para alentar el crecimiento de pequeñas empresas privadas en el sector de consumo por primera vez desde la década de los veinte.

La nueva ley, aprobada unánimemente por el Soviet Supremo —el parlamento nominal— provee un marco legal para tiendas y servicios familiares e individuales.

Una importante faceta de la gestión del líder soviético Mikjail Gorbachov fue proponerse revitalizar la economía. La ley está diseñada para llenar grandes huecos en la economía de consumo, que han sido un sello en la vida soviética por más de medio siglo.

Al presentar la ley al Soviet Supremo, Ivan Gladky, presidente del Comité de Asuntos Laborales y Sociales del Estado, expresó que daba efectivamente reconocimiento legal a los trabajadores que habían tenido negocios y servicios de su propiedad, fuera de la ley.

Se han dado pocos detalles de la misma. Pero la agencia oficial de noticias Tass informó que a partir del primero de mayo, la ley permitiría negocios individuales y familiares a ser operados bajo licencia del gobierno en 29 áreas de la economía de consumo.

Estas incluyen sastrería, zapatería y manufacturación en pequeña escala de prendas tejidas, muebles, juguetes, souvenirs, elementos de pesca y otros productos de consumo.

La lista de servicios permitidos incluye reparaciones en el mantenimiento de las casas, enseñanza particular y construcción.

Tass informó que la ley prohibe explícitamente una cantidad de actividades como la fabricación de armas, venta de narcóticos, operaciones



Premier Mikhail Gorbachov

de especulación, casas de juego al igual que "duplicación y copia de máquinas".

La legislación soviética controla específicamente el acceso a máquinas fotocopiadoras, para prevenir el esparcimiento de literatura prohibida y la discusión política no censurada.

Técnicamente, la ley en la Unión Soviética permitía ya antes a ciudadanos trabajar en forma particular, en un número limitado de ocupaciones. Pero implicaba el pago de altos impuestos y un laberinto de obstáculos burocráticos, lo que dejaba a la empresa privada a una pequeñísima minoría.

Economistas soviéticos estiman que entre 17 y 20 millones de personas trabajan en forma privada ilegalmente, aparte de su trabajo, para dar una variedad de servicios de consumo, y es a esta área a la que apunta la nueva ley: legalizar estas actividades, aunque reguladas por el Estado.

"La nueva ley estipulará el status, los derechos y las tareas de la gente que desee establecer un negocio o un servicio en forma individual. Se convertirán en importantes competidores del sistema de servicios del Estado, y harán que éstos mejoren rápidamente" puntualizó Tass.

La ley también estipula que solo individuos y "familias" podrán operar pequeñas empresas, y que por lo tanto no podrán contratarse otros empleados. No obstante, informes oficiales sobre esta ley dejan una cantidad de puntos claves sin clarificar, entre ellos, la definición legal de familia. Tass dijo que solo "miembros de la familia que residen conjuntamente" pueden trabajar en la empresa privada.

Los pequeños negocios serán licenciados por las autoridades locales, pero las restricciones sobre quienes podrán recibir tales licencias no han sido clarificadas. Tampoco se ha mencionado que los impuestos sobre los ingresos del trabajo individual vayan a ser reducidos.

A pesar de estas limitaciones aparentes, la ley alentará el crecimiento a gran escala de pequeñas empresas privadas por vez primera desde que Lenin decretó su "Nueva Política Económica" en 1921, levantando las prohibiciones del gobierno a los pequeños negocios, en un momento en que existían severos problemas económicos y creciente descontento con el nuevo gobierno bolchevique.

La Nueva Política Económica terminó en 1928-29 bajo Josef Stalin, cuando la empresa privada fue prohibida nuevamente y el gobierno comenzó a instrumentar la colectivización forzosa en las granjas rurales, lo que llevó a la muerte de millones por inanición en la década de los 30. (DPA - Los Angeles Times - Especial para Búsqueda).

01 .01

8703831

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Chinese Communist Chung fa Paper N°1, 1987 and Mayor of Tientsin Li Rui-huan's Speech on Students Demonstrations

PROCEDENCIA: Embajada China 5/5/87 Doc 0635/87

ARCHIVADO EN: Embajada China (135/6)

01.01 8703898

AUN NO HAY FECHA PARA LA VISITA DE GORBACHOV

El Subsecretario de Relaciones Exteriores de la URSS Sergio Kompletov declinó brindar detalles sobre las negociaciones que se vienen desarrollando entre nuestro país y la URSS en el marco del intercambio comercial entre ambos países. "Ambas partes deben empeñarse en desarrollar la cooperación económica" dijo el funcionario soviético agregando que había sido invitado por el gobierno uruguayo y que "no es conveniente comentar el contenido" de su entrevista con el Presidente Sanguinetti. Aclaró que su intención no era ocultar información simplemente se limitó a decir que había sido una reunión franca y muy cordial.

El Vicecanciller soviético dijo que Sanguinetti le había causado una impresión muy grata y fuerte, y que la entrevista para él había sido un gran honor. Puntualizó que el Presidente uruguayo es una persona muy conocida en su país y es respetada como un gran estadista.

Indicó que aún no están concretadas las fechas de los viajes que harán Sanguinetti a la URSS y Gorbachov a Uruguay. Aclaró que existen las invitaciones correspondientes y que la Unión Soviética tiene interés en concretar esa visita, agregando que tiene entendido que Sanguinetti también tiene intenciones de visitar la URSS. Resaltó que ambas visitas contribuirán al gran desarrollo bilateral.

Al ser consultado sobre las reformas propuestas por Mijail Gorbachov, Kompletov dijo que necesitaría diez horas para conversar del tema. Señaló que los cambios radicales en su país suceden y —a través de 70 años— se ha creado un Estado muy potente y poderoso. Significó que ahora se trata de un perfeccionamiento "de hacer un gran arranque hacia adelante en los períodos más breves posibles".

Declinó hablar de cifras porque dijo que "éstas no gustan a los periodistas", pero al destacar una señaló que el objetivo es duplicar la produccion económica de la URSS en los próximos 5 años.

"Tengan la seguridad que cumpliremos, somos optimistas porque sabemos trabajar", dijo el funcionario de la URSS.

Al referirse a las negociaciones con Estados Unidos por el desarme Kompletov dijo que lo único que quería decir es que "si mañana la administración norteamericana declarara el cese de sus pruebas nucleares, estoy totalmente convencido que en el mismo instante la firma de Gorbachov estará bajo esos documentos". Señaló que su país continuará trabajando activamente por el desarme nuclear.

El Vicecanciller de la URSS fue agasajado anoche por el Vicecanciller uruguayo Alberto Rodríguez Nin y otros jerarcas de la Cancillería, al tiempo que también fue recibido ayer por el Presidente de la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Representantes, Roberto Asiaín y por los embajadores de otros países socialistas.

En sus breves declaraciones a la prensa, Kompletov destacó "el esfuerzo que emprende mi país para cambiar cualitativamente su aspecto económico. Los planes son los de duplicar en 10 años la producción agropecuaria e industrial, teniendo en cuenta también la calidad de los productos, para así mejorar la vida de la población". Sostuvo que "para alcanzar resultados económicos deben intensificarse los logros en la esfera social".

Señaló que también se procura "profundizar los vínculos de cooperación con todos los países del mundo".

Al ser consultado sobre si ese objetivo podría lograrse a través de la formación de empresas mixtas, con capital extranjero, Kompletov indicó que la Unión Soviética "ya tiene experiencias de este tipo. Hay una empresa pesquera junto a Estados Unidos y, en otros campos, hay cooperación directa con los países de Europa oriental".

Al analizar el viaje realizado a Moscú por el Canciller Cr. Enrique Iglesias, el funcionario soviético puntualizó que el mismo "fue ampliamente satisfactorio y dejó resultados positivos". En ese sentido resaltó que las relaciones entre Uruguay y la Unión Soviética "pueden ser un ejemplo de relación interestatal", considerando que las visitas recíprocas de Sanguinetti y Gorbachov "van a contribuir al desarrollo de las mismas".

RICALDONI SATISFECHO

El senador Américo Ricaldoni, Presidente de la Comisión Permanente del Poder Legislativo, calificó su entrevista con Kompletov como "muy franca, espontánea e ilustrativa". Dijo estar complacido por la forma en que fueron analizados todos los temas, ya que según él, "una de las cosas que más dificultan las relaciones con la Unión Soviética es la fuerte dosis de subjetividad con que se juzgan las acciones soviéticas en Uruguay".

Comentó que las relaciones entre ambos países "no se reducen a la existencia de una balanza comercial favorable o desfavorable. Eso es coyuntural. La comprensión tiene que ser recíproca", agregando que hay muchos campos donde esas relaciones pueden ser fomentadas.

El diputado Roberto Asiaín, Presidente de la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Representantes, trasmitió al Vicecanciller soviético su preocupación por el descenso que se ha registrado en el nivel de nuestras exportaciones a la URSS "en estos años de gobierno democrático, en relación con los que en Uruguay imperó durante el régimen de facto".

Asiaín dijo que había mantenido con el funcionario soviético "un diálogo muy franco, muy antisolemne y antiprotocolar", en donde le expresó que el interés de los uruguayos es "generar mejores niveles de vida, mayor felicidad colectiva y que eso pasa por el crecimiento económico".

Agregó que ese crecimiento "se funda, entre otras cosas, en el impulso a las exportaciones que es el deseo de los uruguayos todos que las exportaciones no se anclen en este 25 por ciento (de aumento) que se registró el pasado año, sino que puedan seguir evolucionando".

El legislador de "Libertad y Cambio" reveló que el mercado de la URSS "nos interesa en particular" y también la posibilidad de concretar "un convenio de suministro recíproco, esto es, un acuerdo comercial en el cual existan compensaciones y que tenga una duración de tres a cinco años, que le permita a Uruguay tener garantía de mercado en la Unión Soviética sobre algunos productos primarios, manufacturados, semiterminados y terminados, y que a su vez Uruguay pueda utilizar el potencial de compra que tiene el Estado para comprar algunos bienes de capital de la URSS".

Más del 4 %

En oportunidad de la amable charla mantenida en la tarde anterior en la Sala de Ministros del Senado con el gobernante soviético Víctor Kompletov, se supo que se aludió a "temas políticos electorales de interés para ambas naciones".

En determinado momento de la conversación, el diputado oficialista de Libertad y Cambio Roberto Asiaín le habría hecho saber "que nuestra satisfacción más grande sería que el Sr. Gorbachov —cuando visite Uruguay— no sea recibido exclusivamente por el 4 o/o del cuerpo electoral del país, que son los votos que tiene el PCU, y que por supuesto tienen su derecho soberano a hacerlo, sino por los uruguayos todos cualquiera sea su tendencia política. Esto será posible en la medida en que el viaje del Sr. Gorbachov contiene un mensaje de paz, pero también un mensaje de cooperación bilateral en el área comercial".

01 - 01

8703901

URSS

B 024

El mayor acontecimiento en la vida del Partido y de la sociedad

Gorbachov resaltó importancia del pleno del Comité Central del PCUS

El Secretario General del Partido Comunista de la URSS (PCUS) calificó el pleno celebrado, el martes y miércoles, por el Comité Central "como el acontecimiento político más importante en la vida del Partido y de la sociedad soviética

MOSCU (EFE) - El líder soviético Mijail Gorbachov, hizo esta afirmación en el discurso final que clausuró la sesión plenaria, difundido anoche por los medios informativos soviéticos.

Según Gorbachov, la conclusión que puede sacarse de este pleno es que el Partido y todas las fuerzas sanas de la sociedad están por el cambio. Si esto es así, no hay otro camino, añadió.

Gorbachov, que durante el extenso informe que inauguró el pleno advirtió que las reformas económicas, sociales y morales son el único camino que puede seguir la URSS en las actuales condiciones, en su discurso de clausura volvió a insistir sobre esta idea al afirmar que debemos asegurar una aceleración del desarrollo económico y social del país.

En este mismo contexto, el máximo dirigente soviético señaló que si se examinan los resultados obtenidos en 1986, ya podemos decir que se ha realizado un avance.

Ello es, según Gorbachov, el resultado del apoyo de nuestra gente a la reorganización.

El líder soviético señaló también que el Partido mantiene la opinión de que el pueblo debe saberlo todo, por lo que defiende la apertura, el criticismo, la propia autocrítica y el control ejercido por las masas como garantía de un saludable desarrollo de la sociedad soviética.

Según Gorbachov, éste es el mejor medio para proteger al Partido de los errores políticos, cuyo precio es conocido por todos nosotros.

El número uno del Kremlin afirmó que el futuro está en las manos de todos los soviéticos, será lo que nosotros hagamos de él, con nuestro trabajo común, con nuestra inteligencia y con nuestra conciencia.

Gorbachov resaltó la gran importancia de la conferencia federal del Partido que propuso al Comité Central para ser celebrada el próximo año.

Una conferencia de estas características, calificada por el secretario general del PCUS como de acontecimiento político de gran magnitud, no se celebra en la URSS desde el año 1941, convocada entonces por el máximo dirigente de la URSS, José Stalin.

Sin embargo, la solución final adoptada por el Comité Central del PCUS al término de su sesión plenaria, ayer miércoles, no hizo ninguna mención a esta propuesta de Gorbachov.

El último plano del Comité Central del PCUS es valorado por los expertos como una batalla difícil de Mijail Gorbachov, que en uno de sus más brillantes y significativos discursos atacó a los sectores más conservadores y reacios a sus reformas dentro del Partido, amenazándoles directamente con la inseguridad de sus puestos.

D1.01

8703902

Las reformas de Gorbachov

por R. Altieri

Una nueva ley aprobada por el Soviet Supremo autoriza el ejercicio privado de veintinueve profesiones, en los servicios y en la artesanía, a partir del 1º de mayo de 1987.

Es difícil considerar dicha ley como el primer paso hacia la instauración en la Unión Soviética de la economía mixta, suprimida hace sesenta años, porque el peso del sector industrial y comercial estatal se ha vuelto entretanto demasiado macizo.

Pero es igualmente una importante revisión del concepto mismo de desarrollo de la sociedad soviética y una tentativa de hacerla más transparente.

En efecto, los privados están trabajando por su propia cuenta ya desde hace años, ofreciendo sus servicios de electricistas, de mecánicos, de profesores privados, de albañiles, de sastres, etc., con los anuncios pegados a menudo en los centros de las ciudades, hasta cerca de la Plaza Roja de Moscú.

Eran llamados los *"chabachniki"* fingiendo que ejercieran sus oficios como segundo trabajo, una vez terminando dicho *"chabak"* en sus fábricas o en otros puestos oficiales de trabajo. Esto era verdadero sólo en parte, porque el número de los "chabachniki" aumentaba cada año y todo el mundo lo sabía, pero su situación legal estaba rodeada por un halo incierto.

En 1984 el entonces ministro del interior, General Vitalii Fedortchouk, declaró que era inoportuno perseguir a los privados porque ellos hacían servicios demasiado importantes, particularmente en el sector de la construcción. Su declaración era tranquilizadora sólo por el cincuenta por ciento, porque demostraba que la tolerancia oficial era temporanea e impuesta por la circunstancias.

A partir del año en curso esta ambigüedad desaparecerá, y cualquier persona individual que quiera trabajar por su propia cuenta podrá hacerlo con una dignidad igual a la de los trabajadores del sector estatal. Un *"chabachnik"* dejará de ser, en la opinión oficial, un *"semi-deshonesto"*, para volver a ser una persona positiva, socialmente útil, dotado de permiso otorgado por las autoridades municipales, y que pagará los impuestos sobre sus ganancias.

Por otra parte el Soviet Supremo ha subrayado que la lista de las veintinueve actividades no es definitiva y podrá ser ampliada si los resultados del año experimental 1987 resultaran positivos. Muchos creen además que en este caso los privados, quienes por ahora deben limitarse únicamente al trabajo individual, estarán autorizados a crear pequeñas empresas que empleen entre los diez y los cincuenta obreros.

Sin duda en el campo de los servicios es largo el camino que la Unión Soviética tiene que recorrer. Su situación no puede, por ejemplo, compararse con la de Hungría. Durante los últimos veinte años a los dirigentes rusos les convenía la escasez, pues les permitía enriquecerse.

Y Gorbachov, secretario del Partido Comunista Soviético, pide que esto sea llevado a conocimiento del público, y que gracias a esta *"glasnost"* (publicidad, transparencia) todos sepan cual es la exacta situación del país.

En la actualidad Gorbachov no oculta su gran ambición para el presente quinquenio y la terminación del siglo, aunque evolucionando lentamente.

No cree que en lo inmediato, mientras persiste la penuria, el recurso sea ir a los mecanismos de mercado chino, o al revés, que el fortalecimiento de la planificación pueda crear la abundancia.

A partir de 1987, las empresas no recibirán más los índices de objetivo de la producción en volumen, y podrán concertar contratos entre sí para mejorar sus suministros y la calidad de sus productos.

Un cierto número de precios se tornarán competitivos y serán fijados en manera autónoma.

Según Leonid Abalkin, director del Instituto de Economía de la Academia de las Ciencias, estas medidas están destinadas a preparar una reforma que cambiará racionalmente los mecanismos de los precios, de los créditos, de los salarios, de la planificación misma y de la autonomía de las empresas. Al parecer, Gorbachov, no se propone recurrir a sistemas muy enérgicos.

Más bien quisiera convencer a los administradores acostumbrados a los privilegios que tomando iniciativas ganarían como en el pasado, sin violar la ley.

Al mismo tiempo, desarrollar una política de altos salarios para las profesiones calificadas, para atribuir mayor responsabilidad a los ingenieros y a los otros especialistas capaces de dominar las nuevas tecnologías.

Evidentemente, Gorbachov no teme agravar a corto plazo las desigualdades sociales.

De todos modos, se tratará esta vez de desigualdades en una relativa transparencia, y las personas normales, si la situación en el mercado mejora verdaderamente, no se lamentarán.

En el próximo quinquenio, cuando se pase de la experimentación a la vedadera y propia reforma, una Unión Soviética más moderna tratará de hacer competencia a las potencias occidentales en el mercado mundial, porque necesita instrumentos y porque una superpotencia de su nivel no puede conformarse con exportar materias primas como cualquier país del tercer mundo.

URSS 024

PS

LAS DIFICILES REFORMAS QUE EMPRENDEN PEKIN Y MOSCU

De una forma o de otra, casi todos los paises con regimenes comunistas están adoptando reformas, reconociendo al fin que han cometido "errores graves". Cada uno tiene su propio enfoque. Resulta interesante que los soviéticos enfaticen similitudes cuando comparar sus ideas reformistas con las de China.

Algunas cosas tienen en común. La palabra clave de ambos paises es "modernización". Esta debe lograrse mediante una profunda confianza en tecnologia mejorada, consciente búsqueda de eficiencia, y mejor disciplina laboral. Ambos paises luchan contra viejas rigidecas y hábitos, pero ambos insisten en que están resueltos a mantener su sistema socialista.

Las diferencias van mucho más allá que eso. El reclamo de un Embajador soviético de que "nosotros entendemos el programa chino mucho mejor que Occidente porque procedemos del mismo sistema", contrasta con el abierto desafío chino a la versión soviética del dogma marxista. "El "People's Daily" dice cosas como el "Marxismo no pudo con la ley de la oferta y la demanda", "No lleguen a conclusiones apuradas frente a opiniones poco ortodoxas", y "Mientras ciegamente seguiamos el ejemplo ruso, también copiábamos sus errores".

No resulta muy claro cuan lejos Gorbachov será capaz de llevar a su país contra la resistencia de que se queja dentro del aparato gobernante, y todavía menos claro si realmente tiene intenciones de hacerlo. Moscú ha hecho una lista de temas para legislar en los próximos cinco años y parecen bastante amplios. Pero sólo se han dado los títulos, sin ninguna descripción de intenciones. Los planes reformistas no parecen del todo definidos. Aflojar un poco allí, apretar un poco allá, pero nada drástico.

Otro Embajador soviético hizo algunos chistes acerca del Gosplan, la Comisión Central del Planeamiento que maneja la economía, y admitió que "todavia no hemos encontrado la forma de que funcione, pero debemos hacerlo".

Lo esencial de la reforma china introduce mecanismos de mercado que van mucho más allá de lo que ni siquiera se ha murmurado en Moscú. Ponen el acento en abrir el país no sólo a una cantidad limitada de capital occidental, sino también a aquellas ideas y técnicas occidentales consideradas "fructíferas", y lo que es más importante, abrir un debate en la cuestión crítica del rol del Partido Comunista.

Los chinos abrieron primero un sector de mercado libre —aunque sin propiedad de la tierra— para su agricultura, con éxito resonante. El país no sólo come mejor sino que lo hace sin depender de las importaciones. Desde 1984, el enfoque se ha movido hacia el esfuerzo mucho más difícil de reformar las ciudades y la industria. La meta oficial es "una economía socialista basada en materias primas y otros productos". Los detalles evolucionen gradualmente, sobre la base de enjuicar el error. El plan del Comité de Reconstrucción Económica es el de retirar del 60 al 75% de la producción del control directo del Estado, alrededor del año 2000.

Ello se harta separando el aspecto gerencial de la propiedad. Esto es, reteniendo el Estado la propiedad, pero dejando libre a la dirección la toma de decisiones y el asumir los beneficios o las pérdidas de sus empresas. El test para determinar el éxito, dice el intendente de Chongquing, "serán las señales del mercado".

Cemento, acero y carbón, se venden a precios de mercado libre en áreas experimentales, para mejorar el abastecimiento y forzar la utilización. Una quiebra ha sido proclamada, y otras más se anuncian. A algunas empresas del Estado se les ha permitido contratar obreros, tres millones y medio en realidad, en lugar de garantizar el empleo de por vida.

Pekín ha comprendido que relajar el control centralizado del Estado no tiene sentido y podría resultar antiproductivo, colocando la responsabilidad en manos locales no calificadas, sin aflojar paralelamente el control estricto que ejerce el Partido centralizado. ¿Pero si el Partido no se encarga de dirigir todo, qué otra cosa va a hacer aparte de vocalizar slogans? Ese es un dilema no resuelto, a pesar de que algunos argumentan que el poder gerencial creará una nueva necesidad para contrarrestar el poder del Partido, en la necesidad de representar a los trabajadores y la comunidad.

La reforma nunca es fácil. Pero la naturaleza del sistema, con sus reclamos de "inevitabilidad histórica" y certeza "científica", lo hacen mucho más difícil. Pekín, al tratar de que el comunismo funcione mediante su redefinición, ha llegado a preguntarse cuando y cómo un gran cambio político también puede convertirse en esencial. Su éxito sería la mayor amenaza al sistema soviético en el largo plazo, otra razón por la cual Moscú necesita mejorar sus relaciones con Occidente.

Flora Lewis

Fuente: "The New York Times"
Traducción: Blanca Giurio

El País 16/4/87

01 .01

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Relaciones de China con la URSS Deng Ixiaoping, a muchos de pequeños pasos.

PROCEDENCIA: Búsqueda 6/10/86

ARCHIVADO EN: R.P. China (033)

01.01

8703935

Desembarco

El ballet militar soviético

Por Daniel Lupa

El público porteño y más extensamente, de algunas provincias adonde llegue el influjo de la difusión, comenzará a acostumbrarse a la exhibición del uniforme militar soviético mediante una inofensiva versión cuasi artística que, en el fondo, no representa otra cosa que el folklore militarista del Estado más militarizado de la Tierra.

La llegada del ballet militar soviético [illegible] complementario el de la [illegible] de Moscú [illegible] una especie de [illegible] de cierre para una primera etapa de la sucesión de lenta, progresiva, casi silenciosa al comienzo y, finalmente, estruendosa irrupción de los soviéticos en la vida cotidiana argentina, que comenzó a gestarse a fines de 1984.

Todo comenzó con aquellos convenios firmados por el canciller Caputo, en enero de 1985, en Moscú, mediante los cuales, desde entonces, han llegado al país, en una [illegible] incompleta, no menos de 650 conjuntos de [illegible] en el amplio arco que [illegible] deporte [illegible] pero que ha supuesto el paso [illegible] de varios miles de "artistas" que han comenzado a tomar profundas conexiones con el medio local en una expansión imperial que sólo aquellos "turistas" inofensivos de la Alemania nazi, en la década del '30, encuentran un símil aproximado.

El ballet militar soviético, integrado por alrededor de 200 personas, ha comenzado a familiarizar al público local con las "voces de orden", el estilo del "desfile", las maniobras sobre el terreno [illegible] tradición popular rusa y las [illegible] castrenses [illegible] mediante [illegible] dos subliminales, corriéndose el riesgo de incorporar al estilo de vida cotidiano argentino la admisión del símbolo de la fuerza imperativa de las falanges soviéticas.

Una consentida y admirativa propaganda oficial y oficiosa los ha presentado como modelo de expansión artística, pues la televisión argentina, que ha llegado a negar a un candidato del propio radicalismo, como es Mario O'Donnell, ha [illegible] generosamente en casi catorce [illegible] diarias por cada uno de los tres canales —y sus [illegible] en el interior [illegible] a decenas de canales de provincias y regiones— que maneja el gobierno del doctor Alfonsín.

¿Qué ejército?

En ningún momento, comentarista alguno oficial ha intentado penetrar, aunque sólo fuere ligeramente, en el papel que juega el ballet militar soviético en la estructura expansionista de Moscú.

El ballet es una dependencia directa del GRU, suerte de [illegible] de la KGB, el menos informado recuerda, [illegible] de represión interior y exterior que consolida el poder de los dictadores soviéticos. "Control, penetración e [illegible]" son los tres puntos cardinales de la gestión del GRU. Su objetivo central, la represión en el área estrictamente castrense y en condiciones operativas militares. El Departamento de Arte del GRU cumple variada función: entretenimiento de la tropa en un extremo, difusión de las fuerzas militares en la población para determinar su aceptación y el imperio de su bota.

El GRU y el ballet militar soviético, su dependencia, [illegible] trabajo en la historia contemporánea [illegible]. En Hungría, en 1956, llegaron

(Continúa en la pág. 4 col. 1)

El ballet militar soviético

(Viene de la pág. 1 col. 3)

detrás de los tanques soviéticos que arrasaron a la población que resistió el dominio militar moscovita. En Afganistán, más recientemente, no sólo actúan todavía sino que precedieron la invasión comunista tratando de dar ánimo a la población para aceptar el dominio imperial. Tanto en Hungría como en Afganistán, en dos extremos de la historia reciente, la población los rechazó ruidosamente. El mismo ballet, con su cadena de espiones y "guías" policiales, se convirtió en una fuente de detección de los resistentes. Con el disfraz artístico la operatividad represiva se puso de manifiesto una y otra vez.

Nada de esto se ha informado al público argentino. Nada de esto figura en los currículos que se han difundido de sus habilidades artísticas. Ninguna autoridad nacional se ha preocupado por establecer por qué una dependencia de la acción psicológica del Ejército soviético, ha plantado sus botas en el territorio argentino. Ningún político, tan preocupado por la "dependencia", se ha preguntado cuál es el contenido de esta inopinada presencia militar en la Argentina. ¿Qué objetivo tienen en sus planes los soviéticos al enviar al país este ballet? Y hay puntos peores.

¿Y el Ejército Argentino?

¿Es que acaso la presencia militar soviética en la Argentina, por lo menos, resulta de un equilibrado intercambio, en el cual el Ejército Argentino habrá de exponer sus virtudes ante el pueblo soviético con igualdad de posibilidades proporcionales dirigidas a toda la población y con la frecuencia y masiva incidencia sobre la retina del oprimido pueblo soviético?

¿Es posible que el Ejército soviético muestre sus circunvoluciones y evoluciones, sus marchas y sus tradiciones "revolucionarias", al mismo tiempo que el Ejército Argentino es el objeto de una tan intensa campaña de desprestigio local? ¿Es posible que se atribuya al Ejército Argentino culpas por haber derrotado a los equipos de la subversión marxista y, al mismo tiempo, el Ejército de la potencia marxista por excelencia se exhiba con "virtudes artísticas" ante la opinión pública argentina?

Fuera obviamente, de todo este razonamiento, cualquier nacionalismo trasnochado, ¿es posible que en el nombre de los derechos humanos se persiga a los cuadros castrenses locales que derrotaron a la subversión marxista, mientras se exhibe triunfalmente y con lemas oficiales el departamento de represión soviética olvidando a Hungría, a Afganistán o las decenas de pueblos oprimidos del Este por ese mismo Ejército "revolucionario"?

¿Podría el Ejército Argentino exhibir en el Luna Park los detalles de su triunfal lucha contra la subversión? ¿Cómo puede, el Ejército soviético, exhibir sus botas de opresión y ludibrio político con tanta impunidad?

Y la misma exhibición de la más importante orquesta de Moscú, en paralelo con aquella militar, ¿permite olvidar al celista Rostropovich, exiliado en Occidente tras [illegible] meses de persecuciones, por su "delictiva" solidaridad con Alexander Solzhenitsyn?

El conformismo de los críticos de arte y la complicidad de aquellos convenios firmados por la Cancillería en Moscú, a comienzos de 1985, que entre otras cosas trajeron posteriormente los acuerdos pesqueros en el litoral del Atlántico sur, conforman un telón de fondo que parece explicar con bastante precisión cómo es posible que hayamos avanzado hasta este punto. Y esto, al parecer, sólo sería la punta del iceberg. ¿O no?

URSS

URSS: funcionan empresas mixtas

Moscú (TASS) –El Consejo de Ministros de la URSS aprobó la Disposición "Sobre el orden de creación en el territorio de la URSS y actividad de empresas mixtas, asociaciones y organizaciones internacionales de la URSS y de otros países del CAME".

La citada Disposición está encaminada a ahondar la integración económica socialista y a unificar aún más el potencial científico-técnico y de producción de los países de la comunidad socialista. Las empresas mixtas, creadas para la labor de producción, científico-productiva, científico-técnica, y otras en la esfera de la industria, la ciencia, la agricultura, la construcción, el comercio, el transporte y en otras esferas de la economía nacional, realizan actividad económica en su nombre en base a la propiedad socialista común en interés de los participantes de la empresa mixta.

Las asociaciones internacionales, destinadas para coordinar la labor de producción, científico-productiva y de otra actividad económica, se crean sobre los principios de conservación de la propiedad nacional de los bienes de los participantes y realiza el control en base a los planes coordinados de sus participantes y a los planes comunes de la entidad internacional.

Las empresas conjuntas, entidades y organizaciones internacionales poseen, utilizan y disponen de sus bienes materiales de conformidad con las leyes soviéticas, en correspondencia con los objetivos de su actividad y con el destino de esos bienes. Estos no pueden ser requisados o confiscados por la vía administrativa. Las leyes soviéticas protegen los derechos de la propiedad industrial, incluídas las patentes, de las empresas conjuntas y entidades y organizaciones internacionales. La empresa conjunta y la entidad y organización internacionales elaboran y aprueban por sí solas los planes de su actividad económica. Los órganos estatales de la URSS no les confían tareas obligatorias en sus planes. Las importaciones y exportaciones, a y desde la Unión Soviética, por las empresas conjuntas, y las entidades y organizaciones internacionales, de mercancías y demás bienes, se realizarán en base de las correspondientes autorizaciones concedidas de acuerdo con las leyes de la URSS. El orden y condiciones de las cuentas en moneda extranjera, relacionadas con la actividad de las empresas conjuntas y las entidades y organizaciones internacionales, serán fijados por el Ministerio de Hacienda de la URSS, de común acuerdo con los órganos competentes de los países interesados.

La Disposición fija el orden de formación de los fondos sociales y la organización de los suministros técnicos y materiales y de la venta de los artículos que produzcan.

Los beneficios líquidos de la empresa conjunta, una vez descontadas las cantidades correspondientes al presupuesto nacional de la URSS y las cantidades destinadas a crear y elevar los fondos, se distribuirán entre sus participantes de forma proporcional a la cuota entregada para la formación del fondo social, si los documentos de constitución de la empresa no determinan otra cosa. A los participantes extranjeros en la empresa conjunta se les garantiza la transferencia a su país, en rublos transferibles y en moneda extranjera de las cantidades que les correspondan en concepto de beneficios de la empresa, así como la parte que les corresponda en moneda libremente convertible. Las empresas conjuntas quedan exoneradas del pago de impuesto sobre los beneficios en el plazo de dos años desde que empiecen a actuar. La parte de los beneficios que correspondan al miembro extranjero de la empresa conjunta será gravada con un impuesto del 20 por ciento si es transferida al extranjero.

La Disposición detalla también las pecualiridades de la actividad de las entidades y organizaciones internacionales, incluídas las cuestiones de finanzas, y los derechos relativos a las operaciones de exportación e importación. También fija las condiciones de pago del trabajo, del régimen laboral y descanso de los ciudadanos soviéticos ocupados en ellas, su asistencia social y seguros sociales. Estas normas se aplicarán también a los ciudadanos extranjeros que trabajen en las empresas conjuntas y en las entidades y organizaciones internacionales.

La Hora 29/1/87

La Mañana 30/1/87

La hora de la verdad para el comunismo

El diario comunista "La Hora" publica un comentario relativo al informe presentado por el Secretario General del Partido Comunista de la Unión Soviética, Mijail Gorbachov, al Comité Central, en el que formuló declaraciones detonantes relativas a la actuación del Partido Comunista de la Unión Soviética

"La Hora" publica un tímido y apenas legible pie de página en su carátula y un comentario en la página 19 de su edición de ayer. Este escondimiento del diario comunista uruguayo no alcanza a disimular la importancia y contundencia de las denuncias de Gorbachov contra el "estado de corrupción, escepticismo, degradación de cuadros, violación de la legalidad socialista, robo, soborno, adulteración de datos, abuso de bebidas alcohólicas" de los dirigentes del Partido en los últimos años, a los que simultáneamente acusó de "astutos, deshonestos y codiciosos"

En otro aspecto de su alocución,



Gorbachov planteó la necesidad de democratizar el sistema imperante en la URSS con vistas a establecer el voto secreto, la multiplicidad de candidatos, la extensión de la publicidad en todas las cuestiones de la crítica y la autocrítica, la mayor participación de los trabajadores en la gestión de los asuntos públicos, en el gobierno del país. Fundamentalmente, Gorbachov formuló la necesidad de nuevas leyes ampliatorias de los derechos y libertades de los soviéticos para desarrollar su vida política, la ecónomía y la cultura

Este informe del Secretario General del Partido Comunista de la URSS es, a todas luces, de la mayor importancia. Con toda crudeza denuncia los mayores vicios que han venido creando cerrojos a la libertad de expresión, a la democracia, a la participación popular, a los derechos de los soviéticos

Siendo así, cabe preguntarse: ¿y dónde estaba entonces "el paraíso de los trabajadores" que nos vendía el mismo diario "La Hora", el Partido Comunista del Uruguay y todo el Frente Amplio, aquí en nuestro país, pretendiendo hacer creer a los uruguayos que en la tierra del comunismo todos los derechos de los trabajadores estaban amparados en el mayor grado imaginable? ¿Dónde estaban los "derechos humanos" que se decía que eran respetados en la URSS comunista mejor que en ninguna otra parte del mundo?

Ahora resulta que el tal "paraíso" no era otra cosa que un lugar donde prosperaban a sus anchas la corrupción, el robo, el soborno, la astucia deshonesta, la codicia, la privación de libertades, la adulteración de datos, y todo lo demás que AHORA sale a luz por boca nada menos que del Secretario General del Partido Comunista de la Unión Soviética

¿Qué dice "La Hora" sobre lo que hasta ayer decía? ¿Ha de reconocer que lo que pregonaba hasta hace apenas horas, ahora resulta ser la negación de todo lo que un ser humano puede esperar de la sociedad en que vive?

¿Qué fue lo que nos estuvieron vendiendo durante años, estos supuestos defensores de los "derechos humanos", si ahora se ve claro, clarísimo, que donde predomina su ideología no es tal cosa sino el centro de la corrupción y la negación de los derechos?

01 .01

opinión
Lunes, 2 de febrero de 1987

Una débil esperanza inspiran las iniciativas de Gorbachov

Pronto se van a ir dando cuenta todos, tal como algunos ya lo venían sabiendo, que los voceros del comunismo han engañado sistemáticamente a la opinión pública cuando han proclamado a la URSS como paradigma de toda sociedad humana y al comunismo como el progresismo por excelencia. En el reciente discurso de Gorbachov ante el Comité Central del Partido Comunista, discurso histórico en verdad, sólo se leen las valientes premisas de la conclusión lógica de que 70 años de sistema comunista en Rusia solo han sido, como calificáramos en nuestro editorial del viernes pasado, un "ensayo decepcionante".

Setenta años de fracasos y de terror son mucho obstáculo, sin embargo, para la confianza en que un discurso de 25.000 palabras vaya a borrar de golpe una situación de esclavitud nacional y de confrontación mundial, de toxicidad espiritual y moral de una ideología y de su impulso congénito al hegemonismo, de su vocación esclavista y de su menosprecio por los derechos individuales del hombre. Seguramente no es tanto ni lo que el mismo Gorbachov se propone; pero además, es dudoso que, si en efecto se lo propusiera en esa entereza y en el poder que ella evidencia, lo dejen avanzar hasta el fin esas dos castas privilegiadas que son en todo Estado comunista el Ejército y el Partido.

Como en el caso de la "democratización" china, en la vuelta de tuerca de Gorbachov existe, sí, una confesión de fracaso, pero inspirada en un pragmatismo que finalmente reconoce que una mayor "participación" de los ciudadanos es imprescindible para superar el estancamiento económico y para dotar de eficiencia a todo proyecto del Estado en el ámbito nacional o internacional. Y una mayor "participación" del individuo conlleva, cuando empieza a instrumentarse, un avance de la democratización, que para todo comunista es temible, pero también puede acortar la distancia entre los U$S 6.490 del PBI per cápita de Rusia y los 13.492 de Estados Unidos. Esta es la apuesta de Gorbachov, y su riesgo como marxista-leninista, que no ha dejado de ser.

Pero mientras damos tiempo al tiempo para ver si efectivamente el líder soviético, por ganar su apuesta económica, suaviza también la realidad del terror totalitario de una historia de 70 años, el mundo puede especular con una posibilidad que también funciona inevitablemente en ese sistema del cambio que Gorbachov ha inaugurado: la de que ceda también en el contexto internacional la carrera armamentista.

Esta cuestión es mucho más delicada, porque depende de unos cuantos más que no son el jefe del Kremlin. Hay varias mentes que estarán ajustándose estos días a las complejas alternativas que se plantean tras el discurso de Gorbachov. Todos deberían inspirarse, también con valentía, en la necesidad que tiene el mundo de pan y de paz, de fondos para el desarrollo y de caminos para la dignidad. Pero es un hecho, que a Gorbachov lo debe estar atenazando, que además de la diferencia arriba anotada en el PBI per cápita, está la peor aún entre el 14% dedicado por Rusia a gastos militares y el 6,6% por Estados Unidos; entre el 40% de los gastos del gobierno (gastos totales en una economía planificada como la soviética) y el 25,4% en la economía norteamericana descentralizada. Y eso es una traba mortal para el desarrollo económico y social en la URSS, porque además de la desproporción de los gastos meramente financieros, están los mejores técnicos dedicados a la industria militar, las mejores teconologías y los mejores y más numerosos técnicos.

Este nuestro segundo análisis de los cambios inaugurados en la URSS por Gorbachov concluye en un planteo profundamente asido a una esperanza. Que la necesidad de instrumentar un desarrollo económico y una moral cívica que lo haga posible tras el fracaso del marxismo-leninismo, fuerce las barreras para que también el pueblo ruso retome su libertad y sus derechos, connaturales en él como en todos. Y que otros pueblos actualmente sojuzgados, con más facilidad puedan hacerlo. Pero que, además, para todos los pueblos se inicie otro tiempo en que la locura armamentista dé paso a una prioritaria preocupación por el bienestar de la gente y por el equilibrio mundial en una verdadera paz.

O7b URSS
Secr. Gral. Pers.

M.D.N.
D.G.I.D.
DPTO.II(EXTERIOR)
231400ABR987
NC/sds.

R8

TRADUCCION LIBRE NO OFICIAL

PERU: PENETRACION SOVIETICA

1. El apogeo de la actividad soviética en Perú conincidió con el período del gobierno militar que se extendió desde 1968 hasta 1980, cuando se intentaron cambios a largo plazo en la estructura económica del país, con la expansión de la nacionalización y la centralización. Desde entonces los peruanos han tratado de obtener recuperación. La Unión Soviética obtuvo ventaja, cuando respondió enviando helicópteros al tener lugar uno de los mayores terremotos, que hubo en el país en 1970. Se ha reportado que aún existe personal soviético trabajando en tareas de rehabilitación no específicas. Esto fue seguido, de la participación soviética en la industria pesquera: se le concedió un crédito de 30 millones de dólares a Perú, aunque la Unión Soviética no participó de ganancias. Desde 1971 la URSS tiene permiso para usar este país como base logística y de abastecimiento para su gran flota pesquera.

2. Como respuesta a una perceptible amenaza por parte de Chile y, en menor grado de Ecuador, Perú ha ahumentado su poderío militar. Firmó en 1973, su primer acuerdo sustancial sobre armamento con la URSS atraído por generosos créditos acordados. Durante el resto de la década fueron firmados otros acuerdos por un valor total de 1.4 billones de dólares. El armamento para el Ejército y la Fuerza Aérea incluyó tanques T 55, artillería, misiles antitanque, misiles superficie-aire SA3 de combate SU 22, aparatos de transporte AN 26 y variedad de helicópteros. Es de destacar que la Armada peruana nunca adquirió equipamiento soviético. A fines de 1970 el mayor armamento con que contaba la fuerza terrestre peruana, como también la mitad de los aparatos con que contaba la Fuerza Aérea, eran suministrados por Rusia y había en el país cerca de 100 asesores militares.

3. En 1980 las adquisiciones militares de Perú se vieron severamente restringidas debido a la difícil situación económica. Desde que

el Presidente Alan García asumió funciones, propuso una reducción armamentista a nivel regional. Es de destacar que el contrato más grande firmado en los últimos tiempos fue ganado por Francia para adquirir 12 (originalmente 26) Mirage 2.000 de combate, de los que arribaron al país, la mitad. No obstante, los rusos se han manejado para vender otros items. En 1983 suministraron 16 helicópteros MI-25 HIND con la posibilidad de haber efectuado otra entrega en 1985. Aún siguen las conversaciones por futuras entregas Aunque aún muy dependiente de la Unión Soviética para asistencia técnica y repuestos, el Ejército y la Fuerza Aérea peruana están desconformes con la calidad del equipamiento soviético, como también del suministro y costo de los repuestos. Graves carencias actuales pueden forzar a Perú a continuar comprando a la URSS, pero existe un destacado y creciente interés en armamento occidental.

4. En 1985. operaban en aguas peruanas más de 250 barcos pesqueros y mercantes soviéticos propiciando un agudo declive en los niveles de stock pesquero, en relación a la década pasada, debido en parte a la gran escalada operativa soviética. Existía creciente apremio por dar por finalizado el acuerdo de 1971, el que ha sido modificado. Disposiciones interinas han promovido la reducción de la cuota de captura pesquera y se otorgan menos permisos para que los navios soviéticos pesquen an aguas peruanas. Los resultados en otras áreas de cooperación económica han sido variados. El comercio entre los dos países representa una pequeña proporción del total de Perú: en 1985 el intercambio comercial entre ellos ascendió a 142 millones de dólares; con la Unión Soviética adquiriendo un 4% de las exportaciones peruanas y un 1% total de importación. De esta última, los rusos han sugerido nuevas áreas de cooperación.

5. Existen entre 180 y 200 asesores militares soviéticos en Perú y aproximadamente 200 civiles, incluído el personal de la Embajada (Cuba, Alemania Democrática y Bulgaria también tienen Embajada en Lima). Muchos de estos civiles presumiblemente ostenten funciones de cobertura, y existe evidencia de intentos de influenciar a la media peruana. Normalmente hay 150 peruanos (tropa para ser entrenada) en los países del bloque soviético, y desde 1980, se supone, hayan sido entrenados unos 700. También los civiles peruanos se perfeccionan y estudian en la Unión Soviética sobre esquemas de coope-

ración técnica. En el curso de 1986 cerca de 1.800 peruanos se encontraban en ese país, por uno u otro motivo. Un número de ellos probablemente esté escalando posiciones de influencia en Perú, aunque no hay signos de actitudes pro-soviéticas que puedan estar desarrollándose. En realidad, muchos de ellos no dan muestras de extrañar su vida en la URSS.

6. La deuda de Perú con occidente es de cerca 14 billones de dólares y con la Unión Soviética de aproximadamente 1.0 billones, en su mayor parte por adquisición de material militar y bélico. Desde 1970 ha habido varios acuerdos de refinanciación con la Unión Soviética. La crisis financiera de 1982, y subsecuentemente la presión económica forzaron a la Unión Soviética a adoptar una actitud más flexible. En 1983 acordaron aceptar como parte de la deuda mercadería manufacturada o materia prima, y en 1984 el trato incluyó la prestación de servicios. En 1984-85 concordaron incrementar el nivel de refinanciación con mercadería y servicios, del 70 al 85 por ciento. Empero los problemas de la deuda y el comercio, irritan a los integrantes soviéticos, quienes enfatizan que hasta tanto no existan beneficios mutuos, las relaciones bilaterales no podrán adquirir toda su potencia. Observan con interés las tratativas peruanas con el FMI (actualmente Perú está excluído de obtener nuevos préstamos) y las repercusiones que esto pueda tener sobre las tratativas de comercio peruanas, especialmente si se ve forzado a obtener de la Unión Soviética futura asistencia económica.

7. El Partido Comunista Peruano se encuentra dividido en varias facciones, de las que hay dos predominantes. El más grande, el PCP-Patria Roja es de origen maoista ortodoxo. El relativamente pequeño PC-U tiene la más fuerte clase trabajadora como base y controla la confederación de trabajadores más grande del Perú, la que a menudo suele apoyar campañas de propaganda soviéticas. No obstante el PC-U adopta una línea independiente y no existe evidencia de que sea usado por Rusia con propósitos de subversión. La Unión Soviética no presta apoyo a las dos organizaciones terroristas autóctonas: Sendero Luminoso que tiene una mezcla de ideología maoísta y tradición incaica, y la Movimiento Revolucionario Tupac-Amaru (MRTA), quien aduce tener lazos con Cuba. Probablemente fueron terroristas de

Sendero Luminoso los que intentaron poner una bomba en la Embajada soviética en julio de 1986. Dado que existe potencial para la influencia soviética a través de relaciones gubernamentales, la creciente lucha de Sendero Luminoso para desestabilizar el país, actúa en forma desventajosa para los intereses de la URSS.

8. América del Sur ha sido históricamente de poca prioridad para Rusia, pero la creciente actividad diplomática, el alto porcentaje de visitas, y un planificado viaje para 1987 de Gorbachov indican que puede estar tratando de mejorar su posición. No deseando verse abiertamente rechazados, son del parecer, de que con un mayor comercio de armas y con programas de capacitación y entrenamiento, se llegue a la formación de un país pro-soviético. Evidentemente la presencia soviética en Perú se ha tornado en algo familiar y cotidiano.

9. Rusia puede obtener alguna ventaja, a través de la dirección de la política exterior sustentada por Alan García, quien se ha autodistanciado de los Estados Unidos y luego de desacuerdos iniciales, ha mejorado sus relaciones con Cuba. A pesar de la difícil situación por la que atraviesa Perú, García suministró ayuda a Nicaragua por la suma de 27 millones de dólares en 1986, y tanto el propio García como su Ministro de Relaciones Exteriores han estado varias veces en muy publicitadas visitas a Managua, aunque García se mostró desconforme por el modo en que los sandinistas usaron esta visita para capitalizarla en beneficio propio. Empero esta redefinición de su política exterior no parece ser más que un reflejo de la determinación de García de demostrar que Perú es un país independiente y de su deseo de jugar un rol importante tanto en Latinoamérica como en el Movimiento de No Alineados.

10. La penetración soviética en Perú, si así puede describirse, ha sido conducida de una manera sutil. Se ha erigido como el mayor vendedor de armamento y asistencia militar, además de estar involucrado en la industria pesquera, en intercambios comerciales, acuerdos de servicio aéreo y cooperación en asistencia tecnológica. Como resultado, la Unión Soviética ha hecho poca o ninguna contribución para el desarrollo pleno del país. Sus actividades

son dignas de destacar por ser únicas en el contexto sudamericano, más que por su influencia específica en Perú.

11. Los realineamientos de García deben haber sido bien recibidos por Rusia, ya que puede impulsarlos a efectuar un acercamiento más profundo para mejorar los lazos con Perú, aunque estos no reporten un cambio ideológico para la Unión Soviética. El alto nivel de dependencia de la Unión Soviética por parte de Perú para adquisición armamentista, no implica necesariamente una creciente influencia del primero, particularmente desde que los peruanos están tratando de efectuar negociaciones con otros fabricantes de armamentos sudamericanos, como también de desarrollar su propia industria. Aunque García siga su línea de aislarse de Occidente, los rusos probablemente no sean partidarios de ayudarlo, aunque probablemente le sigan suministrando armamento en condiciones económicas poco favorables.

05.05

0216

Ambito Financiero
Viernes 10 de abril de 1987 Pág. 7

La economía de la URSS está en rojo a causa del petróleo

Moscú (Reuter) — **El déficit comercial soviético con Occidente casi se cuadruplicó en 1986**, mientras el volumen del intercambio global soviético declinaba significativamente, según estadísticas oficiales publicadas ayer. Datos consignados por el mensuario "Comercio Exterior" evidenciaron que el déficit comercial de Moscú con el Oeste en 1986 ascendió a **4000 millones de dólares**, en comparación con los 1070 millones de 1985.

El giro comercial soviético total bajó a los 196.000 millones de dólares el año pasado, frente a los 213.000 millones a que había llegado en 1985, lo que implica un descenso de 7,8 por ciento. El comercio con el bloque oriental se incrementó y el superávit de Moscú con los países socialistas siguió creciendo.

- **Causantes**

Analistas occidentales atribuyeron el apreciable aumento del déficit soviético con el Oeste **al descenso de los precios mundiales del petróleo, que afectó el principal rubro soviético de exportación y redujo los ingresos de divisas necesarias para efectuar compras en mercados occidentales.**



Mijail Gorbachov

El comercio soviético con el Oeste arrojó déficit en 1985, después de haber tenido un superávit de 2300 millones de dólares en 1984. Pero esos resultados no reflejan los efectos del drástico descenso en el precio del crudo, que aporta aproximadamente 60 por ciento de los ingresos soviéticos de divisas fuertes.

En 1986, el comercio global con países industrializados no comunistas descendió a 43.300 millones de dólares, contra 56.700 millones en 1985.

- **Cifras**

Las exportaciones soviéticas a esos países totalizaron 19.600 millones de dólares y las importaciones 23.700 millones, el año pasado, en comparación con 27.900 millones de dólares y 28.800 millones, respectivamente, en 1985.

Alemania Federal siguió siendo el principal cliente comercial occidental de Moscú, con un volumen de intercambio que ascendió a 8370 millones de dólares, en comparación con 10.600 millones en 1985.

Otros socios comerciales importantes fueron, por orden de magnitud, **Finlandia, Japón, Italia, Francia, Gran Bretaña** y los Estados Unidos.

Se destruyó el documento
Nº 8704016 por ser el mismo

01.01

8703952

Editorial

El marxismo en la era Gorbachov

Aunque el centro de gravedad del marxismo se situó en la crítica del capitalismo, y en el análisis de las condiciones que provocarían su caída, la doctrina como es natural contiene numerosas predicciones sobre la revolución proletaria y el tránsito hacia la sociedad sin clases que ella debía inaugurar. Escritas originalmente como proposiciones acerca del futuro, luego de siete décadas de socialismo marxista en un área vasta y creciente del mundo, hay ahora amplias oportunidades de someter aquellas predicciones, encuadradas como se hallan en la pretensión de Marx de haber sentado las bases de una teoría científica del socialismo, al supremo tribunal de la experiencia.

Hay jalones en la historia del socialismo que van facilitando esa confrontación de manera dramática. Tal vez el primero de esos jalones se haya concretado con el discurso de Nikita S. Jruschov al 20º. Congreso del Partido Comunista de la URSS, hace apenas más de 30 años. El segundo, pisando los talones del primero, advino con el resquebrajamiento del bloque sino-soviético, puesto de manifiesto con el segundo viaje a Beijing del propio Jruschov. Ambos son, pues, ubicables en la era Jruschov de la historia del socialismo marxista. El tercero acaba de ser aportado por el discurso de Mijail Gorbachov a la sesión plenaria del Partido en enero de este año, justificando que usemos su nombre para designar la etapa corriente de la evolución del socialismo.

Cada uno de esos jalones posee implicaciones diferentes, aunque su efecto es acumulativo. El discurso de Jruschov de 1956 hizo reventar los mitos gemelos de la infalibilidad del liderazgo soviético y de la impecabilidad de la revolución. Episodios tales como las purgas moscovitas y el exterminio de los campesinos refractarios ya no pudieron ser vistos como ineluctablemente impuestos por la ley suprema de la salvación revolucionaria. Se supo que la revolución podía equivocarse, y hacerlo de manera trágicamente sangrienta. Toda posibilidad de una teodicea marxista quedó hecha añicos.

El enfrentamiento sino-soviético vino a probar a su vez que la trayectoria concreta a ser descrita por la revolución dependía en buena medida del liderazgo y sus ideas, por oposición a las condiciones objetivas de la forma socialista de producción. Para Marx, la eliminación de la propiedad privada y de la infraestructura capitalista en general debía conducir necesariamente a una sociedad transicional hacia el paradigma sin clases, cuyos rasgos se hallaban determinados por las leyes del materialismo dialéctico. Los hechos demostraban que las sociedades transicionales podían ser por lo menos dos, más aún, que podían hallarse recíprocamente en áspera oposición, y acusarse mutuamente de traición. La idea misma de socialismo científico, objetivamente determinado, quedó malherido.

La ciudadela marxista había ido perdiendo bastiones, pero quedaba en pie su principal reducto, a saber, una cierta antropología, una concepción del hombre según la cual la vertiente antisocial de su personalidad se apoyaba esencialmente en la institución de la propiedad privada. Potencialmente el hombre está en condiciones de convivir con sus semejantes en paz y libertad, sin necesidad de coacción ni represión, al punto de que el estado mismo terminará por volverse obsoleto. Para ello, según el marxismo, bastaba con socializar la propiedad y aguardar un tiempo prudencial. Ahora es este optimismo antropológico el que el Sr. Gorbachov acaba de dejar maltrecho.

De acuerdo con la antropología clásica marxista, la tendencia del hombre a obrar de manera antisocial, egoísta, groseramente sensual, su ceguera respecto del interés público, su frecuente propensión a la corrupción, su inclinación a autodestruirse mediante el consumo de alcohol y drogas, incluso la caída de numerosos individuos en la delincuencia, era un reflejo de las diversas formas de producción que fueron sucediéndose desde el momento que la humanidad abandonó la condición feliz pero ruda, inocente pero estancada, del comunismo primitivo. El surgimiento de la propiedad privada es una suerte de pecado original, con el cual el mal, para decirlo con el lenguaje tradicional, irrumpe en la historia. Entonces la lucha de clases se desencadena, la misma que ha de conducir en definitiva a su culminación en la revolución proletaria. La humanidad accede al progreso al abandonar el comunismo primitivo, pero al duro precio de romper la armonía que originalmente había reinado entre individuo y sociedad, entre sociedad y medio ambiente, entre fines y medios de la actividad económica. El hombre permanece un extraño en medio de las contradicciones de la sociedad clasista, pero nunca es tan grande su desarraigo, su alienación, para decirlo con el término que Marx tomó de Hegel, como en la sociedad burguesa. El vicio y la corrupción, el egoísmo y la violencia, la angustia y los impulsos autodestructivos no son más que estigmas de la alienación, y se desvanecerán junto con ésta cuando la revolución proletaria socialice la producción y con ello ponga a la humanidad en el camino de la sociedad sin clases.

Sin duda, la antropología marxista clásica reconocía la necesidad de un período de transición hacia el hombre plenamente realizado del paradigma comunista, pero esa sería con seguridad una ruta en permanente ascenso, libre de accidentes y sorpresas. Este es el principio que el discurso del Sr. Gorbachov pone crucialmente en tela de juicio.

"En una determinada etapa el país", nos informa el líder soviético, "comenzó a perder el ritmo de su avance, empezaron a acumularse dificultades...y aparecieron el estancamiento y otros fenómenos ajenos al socialismo". Qué sentido pueda tener afirmar que ciertos rasgos de la sociedad soviética son "ajenos al socialismo" plantea de por sí un difícil problema, particularmente en un contexto no idealista. Sería propio de Platón tal vez sostener que existe una forma perfecta del socialismo, independiente de la experiencia, a la cual la sociedad soviética a veces se aproxima, y otras veces se aparta, pero ciertamente no sería propio de Marx, ni sería congruente de parte de ningún marxista afirmar que el socialismo es algo distinto de lo que una sociedad posrevolucionaria nos muestra. Pero dejemos por esta vez esta faceta tan interesante de la exposición del Sr. Gorbachov, a la vez que recurrente en ella, para concentrarnos en las trascendentales revelaciones que nos formula sobre la involución ético-social experimentada por el hombre soviético. Allí se nos da cuenta de que el alto tono moral que había caracterizado al pueblo soviético, su entusiasmo laboral y su patriotismo comenzaron en cierto momento a sufrir erosión. En concreto, no sin sorpresa le oímos reconocer, "decayó el interés hacia los asuntos de la sociedad, surgieron la falta de espiritualidad y el escepticismo, disminuyó el prestigio de los estímulos morales del trabajo, aumentó el número de personas, incluidos jóvenes que ven el único objetivo de su vida en alcanzar el bienestar material, además por cualesquiera medios". El discurso continúa haciéndonos saber que los culpables de tales actitudes llegaron a hacer alarde de ellas con creciente cinismo, con lo cual promovieron la general desmoralización y la inclinación al consumismo. Y culmina este azorante capítulo expresando:

"El aumento del alcoholismo, la drogadicción y la delincuencia constituyeron una manifestación del decaimiento de la moral social. El menosprecio de la ley, el embaucamiento, la corrupción, el estimular el servilismo y la adulación tuvieron un efecto funesto en el clima moral de la sociedad."

Todas las citas están tomadas verbatim de la versión completa del discurso aparecida en "El Popular" del 13 de febrero, lo que excluye el peligro de una deformación deliberada del pensamiento del líder comunista.

Hemos aludido a la sorpresa con que nos enteramos de las revelaciones del Sr. Gorbachov. Seríamos insinceros si diéramos a entender que fueron los hechos divulgados los que causaron nuestro asombro. Lo que sí lo suscitó es la forma abierta con que el Sr. Gorbachov registró admisiones que contradicen de manera frontal las predicciones del marxismo sobre la sociedad posrevolucionaria y de modo general la antropología oficial de la doctrina. Implícitamente es preciso que ella haya experimentado, o esté en vías de experimentar, una transformación profunda.

Si el marxismo resulta ser a la postre una doctrina susceptible de tal género de cambio, y no una ideología definitivamente cristalizada, su etapa gorbachoviana va a ser digna de seguirse con interés.

01.01

LA APERTURA SOVIETICA

Resistencias en la URSS

MOSCU, 1º (Reuter). — La campaña del líder del Kremlin Mijail Gorbachov por hacer de la Unión Soviética una sociedad más democrática está generando creciente nerviosismo interno al completar su segundo año en el poder, señalan analistas soviéticos y extranjeros.

Añaden que las últimas declaraciones de Gorbachov dan a entender que la falta de entusiasmo en el seno del Partido Comunista por los cambios que busca introducir aquél y por su intento de hacer frente a resabios del stalinismo podrían estar obligando al dirigente de 55 años de edad a atemperar el ritmo de su campaña.

Agregan que el deshielo cultural iniciado por Gorbachov el pasado año y medidas tales como la liberación de numerosos disidentes el mes anterior, si bien fueron acogidas con satisfacción por algunos intelectuales soviéticos y elogiados en el exterior, distan mucho de ser aprobados unánimemente por los soviéticos.

"Muchas personas dicen que ya es suficiente", comentó un observador soviético independiente de la política interna.

"Si en este momento hubiera una elección al estilo occidental, no es seguro que Gorbachov lograría la mayoría. Muchos trabajadores no están precisamente complacidos con sus reformas y existe oposición latente dentro del partido", agregó.

Una patente oposición

Analistas occidentales indican que la magnitud de la resistencia partidaria a los cambios de rumbo propulsados por Gorbachov está patentizándose a través de trascendidos sobre un plenario del Comité Central realizado en enero pasado, en el que varios oradores plantearon su oposición a su campaña de "glasndst" (transparencia).

Con ese lema, Gorbachov ha exhortado a que se formulen críticas frontales de los factores que frenan el progreso soviético, incluyendo abusos de poder por parte de funcionarios, en un esfuerzo por superar el sentido de conformismo imperante en el país bajo las anteriores autoridades.

Fuentes bien informadas han manifestado que algunos de los que hablaron durante el plenario fueron aplaudidos al declarar que la prensa ha llevado el "glasndst" demasiado lejos, mientras que quienes respaldaron ampliamente a Gorbachov, como el asesor de política exterior Georgy Arbatov, no hallaron el mismo eco favorable en el auditorio.

"La sensación que quedó después del plenario fue que Gorbachov recibió un respaldo renuente a los principios generales de su política", comentó un analista occidental.

"La falta de un apoyo irrestricto se debe, en parte, a cierto nerviosismo entre gente que teme el efecto de una mayor libertad para las críticas sobre su autoridad. No están acostumbrados a ser criticados y no les gusta."

"Tengo la impresión de que Gorbachov quizás haya tenido que aplicar el freno desde el plenario", agregó, citando el comentario vertido por el líder del Kremlin la semana pasada en el sentido de que "no sacudirá el bote" mientras conduce a la Unión Soviética hacia el futuro.

Apoyo de los intelectuales

Fuentes soviéticas indican que también persiste un agudo debate interno en torno de medidas de Gorbachov tendientes a liberalizar las artes mediante la publicación de obras hasta ahora prohibidas, una menor censura y mayor democracia en el cine y en el teatro.

Citan como pruebas las demoras en presentar obras como la película georgiana Arrepentimiento sobre la era de Stalin y una enconada oposición a novelas como Hijos de los Arbat, una descripción aún no publicada de la época del terror bajo Stalin, escrita por Anatoly Kybanov.

Pero admiten que el deshielo cultural ha llevado a muchos intelectuales a tomar partido por Gorbachov, tras superar la sorpresa inicial.

"Cuando Gorbachov llegó a la cúspide del poder en marzo de 1985, muchos lo consideraron como principalmente un reformista económico", recordó un analista soviético.

"Las cosas comenzaron a cambiar para los intelectuales después del congreso del partido en la primavera pasada, con la representación de algunas piezas críticas durante el verano, la publicación de novelas controvertidas y la creciente campaña de transparencia en la prensa."

El aflojamiento de las restricciones que pesaban sobre la libertad de expresión generó apoyo en favor de Gorbachov por parte de prominentes personalidades culturales, como los ex "poetas iracundos" Yevgeny Evtushenko y Andrei Vosmesensky, o el dramaturgo Mijail Shatrov.

¿Impopular?

Fuentes soviéticas destacan que Gorbachov también ha recibido importantes muestras de adhesión de intelectuales de los campos de la ciencia y la tecnología que esperan que sus reformas posibiliten mayores contactos científicos con el oeste.

Pero los avances de Gorbachov hacia una mayor tolerancia frente a expresiones de disidencia, que incluyeron la liberación de Andrei Sajarov en diciembre y los indultos concedidos por el Kremlin a unos 150 disidentes el mes pasado, siguen siendo altamente controvertidos dentro de la Unión Soviética.

"Gorbachov ha dado un paso que puede causar buena impresión en el exterior pero que no cayó bien aquí", manifestó un analista occidental. "Es una medida políticamente impopular", añadió.

OPINION 11-2-87

SI AN

024

RS.

URSS

Cruzar con S. Secreto

Cartilla de la KGB aconseja el uso de la desinformación

El siguiente trabajo, elaborado por Regnery Gateway Inc., ha sido proporcionado en exclusividad para ULTIMAS NOTICIAS por la Agregaduría de Prensa de la embajada de los EE.UU. de América en Uruguay.

Existe bastante confusión sobre el vocablo desinformación. Hasta hace unos años, casi nunca se utilizaba esa palabra en Occidente. Hoy día se le utiliza frecuentemente, y muchas veces, erróneamente para describir la "información errónea" o para condenar argumentos, hechos y proposiciones que se consideran falsos.

La desinformación es información deliberadamente falsa, incompleta y engañosa (posiblemente combinada con información correcta) que busca engañar o confundir a la élite gubernamental o no gubernamental y/o a las audiencias en masa.

Se la puede distinguir de la "información errónea", la cual es información falsa pero cuya propagación no es intencional.

La desinformación es ante todo falsificación intencional y operacional. Se debe distinguir a la desinformación de los argumentos, hechos e información falsos en que la persona que los disemina no está consciente de que propaga información falsa.

La persona está involucrada en la propagación de información errónea pero no en desinformación.

La falsificación es una forma pura de la desinformación. El falsificador está absolutamente consciente de que tanto la información como el documento que ha elaborado son falsos, y que están concebidos para engañar o confundir) a una audiencia específica. No obstante, un político o un periodista que disemine información creyéndola correcta, pero que de hecho es falsa o engañosa, no estaría involucrado en la desinformación.

El léxico oficial público soviético afirma que la desinformación o "dezinformatsia" se utiliza sólo en las sociedades occidentales. Se la define como "la propagación de información distorsionada o a sabiendas falsa con el fin de lograr objetivos propagandísticos (en las sociedades burguesas), militares (para confundir al enemigo) u otros". (Diccionario Enciclopédico Soviético. Moscú. Casa Editorial de la Enciclopedia Soviética. 1984, p. 367, traducción nuestra).

En fuentes no oficiales, sin embargo, los líderes soviéticos sostienen aparentemente que hay varias formas de "dezinformatsia". Además del testimonio de desertores soviéticos, el gobierno norteamericano ha dado a la publicidad extractos de un folleto de adiestramiento de la KGB, que afirma que tanto la desinformación estratégica como la táctica deben utilizarse para ayudar al logro de los objetivos soviéticos, y que todos los principales organismos del gobierno soviético están involucrados en esta técnica, no sólo los "órganos de Seguridad del Estado", la KGB.

"La desinformación estratégica ayuda en la ejecución de las tareas del Estado y está dirigida a confundir al enemigo respecto a cuestiones básicas de política nacional, la condición militar y económicas y los logros técnico-científicos de la Unión Soviética —la política de ciertos Estados imperialistas en lo que respecta a su relación mutua y con otros países— y las tareas de contrainteligencia específicas de los organismos de seguridad del Estado.

"La desinformación táctica hace posible llevar a cabo la tarea individual de desinformación estratégica y comprende, de hecho, el trabajo principal de desinformación de los organismos de seguridad del Estado...

"La desinformación en asuntos estratégicos cae dentro de la jurisdicción del gobierno, los ministros y comités apropiados y el alto comando de las fuerzas armadas del país. A este respecto, los organismos de seguridad del Estado imparten asistencia constante a otros organismos"... (Acción Secreta Soviética -la Ofensiva de la Falsificación- Congreso de Estados Unidos, Cámara de Representantes. Comité Especial Permanente sobre Inteligencia. 6 de febrero de 1980, página 63).

La desinformación puede diseminarse abiertamente así como secretamente. La desinformación abierta emana de fuentes reconocidas tales como voceros de prensa o ministerios del gobierno, pero contiene a sabiendas información falsa para lograr propósitos políticos específicos (por ejemplo, los líderes soviéticos a principios de setiembre de 1983 alegaron desconocer lo ocurrido al vuelo 007 de la KAL, a sabiendas de que un bombardero soviético lo había derribado pocas horas antes).

La desinformación secreta es comunicación escrita u oral no atribuida a ninguna fuente o falsamente atribuida a alguna (por ejemplo, rumores, falsificaciones, artículos, folletos o libros) circulada por alguien que no es el supuesto autor o auspiciador, para afectar al objetivo. El rumor intencionalmente circulado entre los periodistas en Moscú de que el ex presidente de la KGB, Yuri Andropov, era un "liberal disfrazado" es ejemplo de la desinformación secreta preparada para influir en la percepción de los gobiernos y del público de Occidente.

Ejemplo de una comunicación escrita falsa para influir, en la percepción del público son los documentos falsificados del gobierno norteamericano enviados anónimamente a la prensa en Italia, sugiriendo que Estado Unidos estaba tratando de acusar fraudulentamente a los búlgaros por el atentado de asesinato contra el Papa. Tanto la desinformación abierta como la secreta son técnicas importantes que se utilizan en las operaciones de medidas activas soviéticas. (C).

01/01

8703955

0210

R.S.

URSS

La Unión Soviética busca ampliar su presencia en el Pacífico Sur

TOKIO (AFP).- Despues de negociar acuerdos pesqueros con las republicas islenas de Kiribati y Vanuatu, la Union Sovietica aspira a ampliar su presencia en el Pacifico Sur al firmar un tercer convenio con Papua-Nueva Guinea, declaró el agregado naval de la URSS en Tokio.

"Acuerdos como éstos contribuyen a crear un clima de mutua confianza, ayudan a reducir la tensión internacional y sientan las bases de un entendimiento político", dijo el agregado, capitán de navío Nicolai Usov tras rechazar afirmaciones periodisticas de penetracion soviética en el Pacífico Sur.

Para el oficial soviético, la explotacion conjunta de los recursos marítimos es un imperativo que puede beneficiar a todos. "No hay perdedores cuando los acuerdos de cooperacion son limpios", agregó.

Ultimamente, el Japón se habia alarmado por la creciente presencia naval de la URSS en la region, coincidente con un retraimiento de la cooperación occidental.

Según el agregado soviético, ese alarmismo no es serio. "Se habla de espionaje cuando unos cuantos pesqueros atracan en el Japón, como si no pasaran anualmente 3000 buques rusos por los puertos nipones", dijo. También juzgó exageradas las noticias sobre aumento de la cooperación de la URSS con Corea del Norte.

Consideró, en cambio, que el Japon desempeña un papel cada vez mas importante en el dispositivo estrategico de los Estados Unidos en el Pacífico y discutio que la URSS posea superioridad naval sobre los norteamericanos gracias a su flota del Pacífico.

En los últimos meses, tanto Washington como Tokio aumentaron su potencial naval en el Pacífico Sur. La razon, oficialmente, fue que la URSS estaba reforzando su presencia en la zona.

La Nación 10/2/87

01/01

Por Gary Thatcher

WASHINGTON (The Christian Science Monitor). - La controversia en torno de las negociaciones con Irán y los envíos de fondos a los contras fue presagiada por un documento que salió a la luz varios meses antes de que estallara el escándalo.

Se trataba de un "resumen" de la política exterior norteamericana, aprobado por el Consejo de Seguridad Nacional (NSC), donde se insistía en que una de las prioridades máximas de los Estados Unidos era la "eliminación del gobierno nicaragüense, cada vez más totalitario".

En él se subrayaba, asimismo, que la guerra entre Irán e Irak ofrecía "oportunidades favorables para hacer sentir nuestra presencia en la región" y -lo que es aún más sorprendente- se planteaba la posibilidad de una intervención militar directa en Nicaragua, el bloqueo de Cuba y el asesinato del líder libio Muammar Khadafy.

El documento no se dio a conocer con anterioridad por una razón fundamental: es falso y, con toda probabilidad, ha sido fraguado por el Comité de Seguridad del Estado de la Unión Soviética (KGB).

Constituye un ejemplo de las actividades de desinformación soviéticas que, por lo demás, parecen haber aumentado desde que Mikhail Gorbachov asumió el poder.

Un campo fértil

Los expertos opinan que estas campañas tienen mayores probabilidades de éxito cuando las acciones visibles de los Estados Unidos discrepan con sus propias políticas o bien cuando se ponen en descubierto sus operaciones encubiertas.

Por consiguiente, el escándalo en torno de los envíos de armas a Irán y la ayuda al movimiento de resistencia nicaragüense -operaciones que entrañarían posibles violaciones de las leyes norteamericanas- son un campo fértil para los especialistas soviéticos en falsificación o distorsión de noticias.

Todavía hoy, los Estados Unidos luchan contra una campaña particularmente maligna y eficaz, según la cual el SIDA es el resultado de ciertas fallas en experimentos de guerra biológica efectuados por el ejército norteamericano.

"La campaña ha tenido un éxito relativo", declaró Herbert Romerstein, alto funcionario de la Agencia de Información de los Estados Unidos (USIA) especializado en política y coordinador de las respuestas del Gobierno a las actividades soviéticas.

"Hay buenas razones para preocuparse -agregó- porque cuando una de estas campañas tiene éxito, desacredita a los Estados Unidos y dificulta aún más nuestras relaciones con otros países."

Romerstein indicó que anualmente salen a luz de 12 a 24 noticias falsas, destinadas a colocar a los Estados Unidos en una situación embarazosa y complicar sus actividades diplomáticas.

El Servicio A y sus métodos

Los expertos norteamericanos creen que la mayoría de esas noticias son fabricadas por el denominado Servicio A, dependiente de la primera dirección principal de la KGB con sede en Moscú, y transmitidas a los jefes de estación de la KGB, conocidos en las embajadas soviéticas como *rezidents*.

A partir de allí, los agentes de la KGB -que actúan bajo cobertura diplomática o trabajando ostensiblemente como periodistas o expertos comerciales- distribuyen la información falsa, ya sea a otros agentes o a incautos que nada sospechan.

No bien estas noticias aparecen en la prensa, la agencia oficial soviética TASS se apresura a recogerlas, traducirlas a varios idiomas y darles una difusión todavía mayor.

Romerstein observó que el hecho de atribuir las revelaciones a una publicación extranjera, por desconocida que sea, aumenta su credibilidad. Cuantas más veces se recoja y difunda sucesivamente una noticia, tanto más oscuros serán sus orígenes.

La campaña que vincula el SIDA a las Fuerzas Armadas norteamericanas resulta instructiva. Todo comenzó en 1985, con la publicación de un artículo en la Gaceta Literaria (órgano de prensa soviético) donde se afirmaba que el SIDA era el producto de ciertos experimentos norteamericanos sobre el uso bélico de gérmenes.

La Gaceta Literaria aseveraba que el virus del SIDA había sido creado en un laboratorio de investigación ultrasecreto del ejército norteamericano, situado en Fort Detrick (Maryland).

La única fuente citada era Patriot, un periódico izquierdista de la India que, según dicen los expertos norteamericanos, es uno de los medios favoritos de que se vale la KGB para esta clase de actividades.

Segunda etapa de la campaña

La versión fue ridiculizada en todo Occidente, pero durante la llamada conferencia cumbre de países No Alineados, celebrada en Zimbabwe en 1986, apareció un supuesto informe científico, ampliamente difundido, que establecía una relación entre el SIDA y los militares norteamericanos.

Aunque sus autores fueron identificados como el doctor Ronald Dehmlov, el profesor Jakob Segal y su esposa, la doctora Lilli Segal, no se aclaró que los Segal eran catedráticos jubilados de la Universidad Estatal Humboldt, de Alemania Oriental. Tampoco se advirtió que ni ellos ni Dehmlov eran conocidos como expertos en la investigación del SIDA.

El documento -completo, con varias páginas de notas y gráficos- iba dirigido evidentemente al público africano. Desechaba las teorías médicas acerca del origen africano de la enfermedad y afirmaba que ésta había sido introducida en Africa desde Europa, no por vía de las prácticas homosexuales o la inyección endovenosa de drogas, sino en partidas de sangre contaminada de posible procedencia norteamericana.

La conclusión a que llegaba el informe era muy clara: el SIDA había sido lanzado al mundo por los expertos en guerra biológica que hacían experimentos en Fort Detrick.

Llamativo error geográfico

Sin embargo, las credenciales científicas de los autores del informe parecen tan cuestionables como su conocimiento de la geografía norteamericana.

Ellos dicen que varios prisioneros a quienes se había inoculado el SIDA en Fort Detrick, fueron a una ciudad "cercana" y propagaron el mal entre la población en general. La ciudad en cuestión era Nueva York...

No obstante, la historia continúa circulando.

Romerstein comentó que la USIA había dictado varios seminarios en el exterior, con el propósito de "sensibilizar" a los periodistas ante posibles campañas de este tipo. (c) LA NACION

(Traducción de Zoraida J. Valcárcel)

01.01

8703957

PCUS aprobó tesis de Gorbachov

Comunistas soviéticos continúan transformación de la sociedad

Moscú (Por Ricardo Saxlund). Los medios soviéticos difunden el texto íntegro de la resolución adoptada por el Pleno del Comité Central del PCUS tras la reunión de 48 horas en que se debatió el informe y las tesis presentadas por Mijail Gorvachov.

Un resumen, apretado del texto orientador del funcionamiento del Partido, puede referirse del modo que sigue.

El Pleno subrayó la importancia de continuar y profundizar la transformación cualitativa de la sociedad soviética acorde con las definiciones del Pleno del Comité Central en abril de 1985 y el 27 Congreso del PCUS. El Pleno ratificó los planteamientos principistas del desarrollo del democratismo y el perfeccionamiento del trabajo de cuadros del PCUS expuestos en el informe dado por Mijail Gorbachov.

El Pleno confiere prioridad al desarrollo de la democracia en la producción en especial la electividad de los dirigentes de empresas, talleres, brigadas y otras unidades del trabajo productivo.

Fue aprobado como punto de partida el proyecto de ley de la empresa estatal que se pondrá a debate de la población.

La resolución incluye numerosas medidas para perfeccionar el autogobierno del pueblo incluida la modificación del sistema electoral *"una de las direcciones clave de la democratización de la vida social"*. El Pleno apoyó la iniciativa del buró político en cuanto a la democratización de la vida interna del Partido y el mejoramiento del modo de formación de los órganos electivos del Partido.

AMPLIAR LA CRITICA Y LA AUTOCRITICA

Con vistas al desarrollo de la democracia se destaca la necesidad de *"medidas adicionales para ampliar la publicidad, desenvolver la crítica y la autocrítica, en especial la crítica desde abajo"*. *"La auténtica democracia* —confirma el Pleno la definición dada por Gorbachov ayer— *no existe fuera de la ley"*. Se reconoce como necesidad, en interés de las libertades y los derechos vigentes en la URSS, sancionar nuevas leyes y respetar rigurosamente la autonomía de la justicia.

POLITICA DE CUADROS

El Pleno aprobó los pasos dados por el buró político y el secretariado del Comité Central para superar las desviaciones en la política de cuadros. *"La afluencia a la dirección de nuevas fuerzas, la sustitución de dirigentes para quienes las nuevas tareas resultaron estar por encima de sus fuerzas, y de quienes se comprometieron por indignidad de conducta, se convirtieron en parte e importante factor de la restructuración"*.

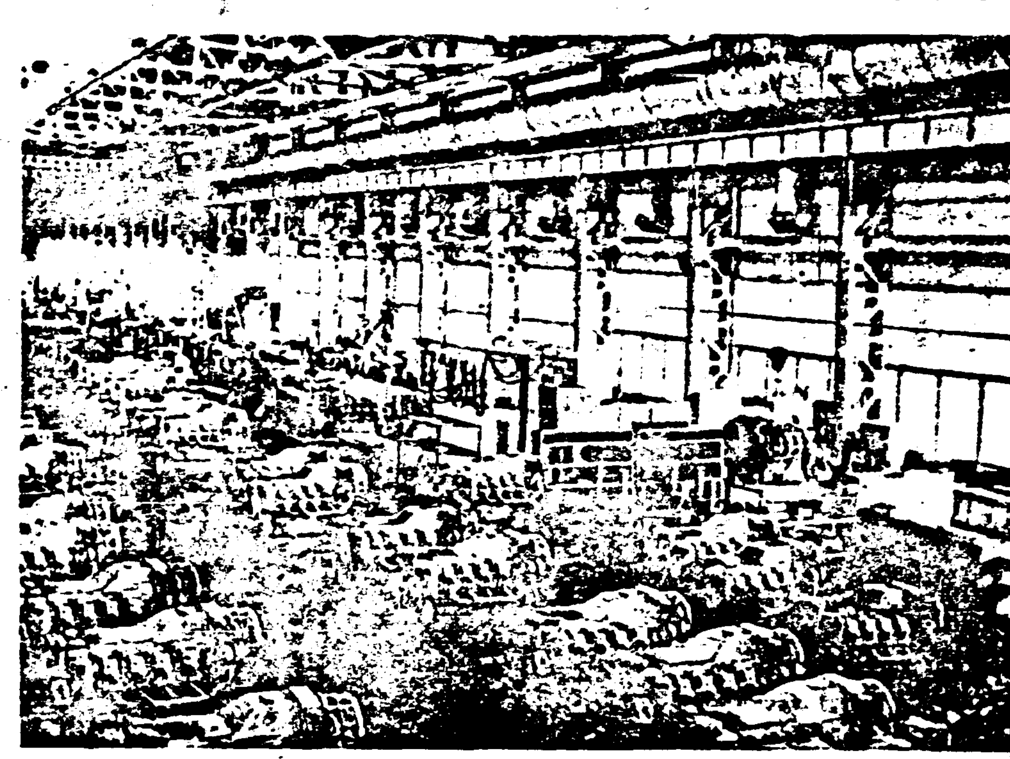
El Pleno afirma necesario *"renovar seriamente la política de cuadros"*, y, como primera meta, *"asegurar la constante completación con fuerzas frescas la composición de los órganos dirigentes a fin de que no se interrumpa la renovación y no se altere la continuidad"*

Recomienda el órgano partidario promover al trabajo de dirección mayor número de obreros, koljosianos, mujeres, jóvenes, buenos organizadores entre la gente no afiliada al PCUS. El criterio decisivo —se consigna en la disposición— es la actitud hacia la restructuración de la sociedad.

A la vez, enfatiza la necesidad de una acción de especial *"tacto y prudencia"* en la práctica de la política de las nacionalidades.

Está muy desarrollada en el texto la cuestión del comportamiento moral del dirigente soviético, con la codicia, la borrachera y la bajeza de moral. Se obliga a todos los comités del Partido a *"oponerse enérgicamente a toda clase de actos, partan de quien partan, para eximir de responsabilidades a dirigentes ineptos e inmorales"*.

La resolución del Comité Central del PCUS en esta plenaria de alcance histórico, incluye el planteamiento de tareas para los dirigentes administrativos, los funcionarios de los órganos de vigilar el cumplimiento de las leyes, los funcionarios de las dependencias de relaciones exteriores, entre otros, al igual que para los trabajadores de la ideología y la intelectualidad y el arte.



La producción en la Unión Soviética comenzó a presentar significativos cambios luego del proceso de discusión abierto por el 27 Congreso.

SOBRE EL ROL DE LAS FUERZAS ARMADAS

También se aborda la cuestión de los cuadros militares: *"la compleja situación internacional, la intención de los círculos belicosos del imperialismo de Estados Unidos de romper la paridad estratégica y alcanzar superioridad nuclear, el reforzamiento por todos los medios de las capacidades de defensa de nuestro país, el mantenimiento al nivel necesario de la capacidad defensiva, el alto adiestramiento y la disposición combativa de las fuerzas armadas, junto con la permanente vigilancia"*.

El Pleno del Comité Central del PCUS expresa, en resumen, la convicción de que *"las transformaciones en la economía, lo social y lo moral de la sociedad soviética crecerán y se profundizarán"*.

"La misión política del PCUS es hoy elevar a los más vastos sectores de trabajadores, dirigir sus iniciativas y su energía a la utilización de las inagotables posibilidades del socialismo, de restructuración y aceleración".

01 .01

8703958

RS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Komplektov, un diplomático de gran simpatía.

PROCEDENCIA: La Mañana 6/2/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (B)

01.01

8703968

RS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: ALIANZA MOSCU-PEKIN ¿SENDEROS QUE CONVERGEN?

PROCEDENCIA: EL PERIODISTA

ARCHIVADO EN: FICHAJE CARP. 8

01.01

8703980

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Arrestado por corrupción un ex Vice Ministro de URSS, yerno de Breznev.

PROCEDENCIA: El País 4/2/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (8)

01.01

8703981

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Kompletov: "Cambios radicales en URSS para afianzar enorme base industrial".

PROCEDENCIA: El País 7/2/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (8)

01.01

8703982

4 información nacional

Sanguinetti irá a Moscú en junio, anunció Iglesias

El Presidente de la República, Dr. Julio María Sanguinetti, viajará en el próximo mes de junio a la Unión Soviética, en visita que sería correspondida por el Premier Mijail Gorbachov a fin de año. Tal lo revelado por el Canciller de nuestro país, Cr. Enrique Iglesias, al retornar de una gira que tocó América Central y Africa. Iglesias se reunió, poco después de arribar a Carrasco, con el Vicecanciller soviético Víktor Komplektov, con quien almorzó luego en el Palacio Santos.

El jefe de la diplomacia uruguaya dijo que en el encuentro se analizaron las relaciones entre los dos países en un espectro muy amplio, tocando la coyuntura política regional y mundial, además de insistir en la necesidad de destrabar las corrientes comerciales y darles una mayor dinámica.

Tanto la visita de Sanguinetti como la de Gorbachov serían las primeras de tan altas jerarcas de cada país al otro.

MUTUA CONFIANZA

Sintetizando el panorama de la relación entre URSS y Uruguay, Iglesias dijo que "se ha logrado un buen balance, estamos navegando en un clima de mutua confianza, donde interesa la relación con una de las grandes superpotencias, tanto en el plano de la conducta política como en el de las relaciones comerciales".

En cuanto a su gira, Iglesias dijo que en México participó de una reunión de la CEPAL de la cual surgió un documento, que "muestra una América latina madura, que ha aprendido de los errores cometidos, que no cae en el simplismo de creer que todos los males vienen de afuera, que tienen una gran responsabilidad para hacer co-



El Canciller Cr. ENRIQUE IGLESIAS anunció, luego de entrevistarse con el Vicecanciller de la URSS, que SANGUINETTI irá en julio a Moscú, y a fin de año GORBACHOV devolverá la visita

sas adentro, pero que también sigue denunciando que el entorno internacional le sigue siendo ampliamente desfavorable y que si no hay cambios importantes en él, será muy difícil avanzar en lo interno".

CONTADORA EXISTE

En cuanto a su viaje por América Central, Iglesias reafirmó la existencia de Contadora y que sus tres postulados centrales son de paz, "mecanismos mínimos de democratización y seguridad en torno a los cuales se deben poner de acuerdo los países involucrados".

Sin embargo, señaló que "ya tenemos guerra en América Central; hay un estado de conflicto bélico, y lo peor que puede pasarnos es acostumbrarnos al conflicto, pues se desatan fuerzas que hasta viven del mismo, alimentándolo desde dentro". Aceptó que existen grandes distancias entre los países de la región, algunas confrontaciones que parecen insolubles, "pero seguiremos trabajando por la paz, acompañados de la opinión pública mundial, que es el gran activo de Contadora".

EN AFRICA

El Canciller uruguayo dijo que en su gira por Africa tocó Costa de Marfil, Senegal, Marruecos y Gabón, siendo este último país el único donde hay embajada uruguaya. "La gira tuvo como propósito hacernos presentes en la zona, parte de un grupo de países de tradición moderada y de mucho peso en la política africana; además teníamos la intención de explorar la cooperación en el área económica, proyectando la imagen de Uruguay, con el apoyo de un grupo de empresarios e invitando a los ministros de Relaciones Exteriores de esos países a visitar Uruguay".

Comentó que esos países siguen muy ligados a sus metrópolis europeas, y hacia ese continente orientan su comercio, dentro de una economía abierta con condiciones muy difíciles de competencia. En estos momentos, Uruguay vende carne a Costa de Marfil, frutas a Gabón y se podrían colocar esos productos y arroz en Senegal.

AHORA, A CUBA

Finalmente, Iglesias anunció que el próximo 4 de marzo viajará a Cuba, donde permanecerá tres días, acompañado de una delegación integrada por representantes de la actividad pública y de la privada. Calificó a tal visita como de "orden político" y recordó que es la primera que realiza un Canciller uruguayo a la isla caribeña. Insistió en que en la oportunidad también se analizarán temas de carácter económico.

RS

Ficha Prioridad

ARCHIVAR URSS (026)

El País 7/2/87

"IMPORTANTES SORPRESAS ANUNCIAN PARA MESES PROXIMOS EN POLITICA EXTERIOR SOVIETICA

WASHINGTON, (EFE).— Una delegacion del Comité Central del Partido Comunista de la Unión Soviética anunció hoy en Washington que "importantes sorpresas" se producirán en su país en los próximos meses, que tendrán reflejo en la política exterior soviética.

Declinaron, no obstante, confirmar si el líder soviético Mijail Gorbachov vendrá este año a Estados Unidos argumentando que "depende de muchos factores".

La delegación, que participó en el reciente pleno del Comité Central en el que se aprobaron "reformas profundas" para la "democratización" de la vida política de la Unión Soviética, recorrerá durante dos semanas las ciudades más importantes de Estados Unidos como Nueva York, Los Angeles, San Francisco, Chicago y Atlanta.

Delegaciones similares, adelantaron, podrían desplazarse a otros países del mundo, que no especificaron.

Explicaron que la reforma es fruto de una convergencia entre las aspiraciones del pueblo y del Partido Comunista y que en la reunión, a la que asistieron intelectuales y artistas que no son miembros del Comité, las decisiones fueron adoptadas por "unanimidad".

"Hubo total y completo apoyo a Gorbachov, colaboración que es absoluta y necesaria" precisó el embajador soviético ante la Casa Blanca, Yuri Dubinin, en la rueda de prensa. 18411

Aseguraron que la aplicación de las reformas, que exigen la apertura de un amplio debate nacional, "no se eternizará" y que las iniciativas y críticas "serán tomadas en cuenta".

"Queda mucho por definir" dijo Serguei Chetverikov, del Ministerio de Asuntos Exteriores soviético, ya que aunque "el objetivo es claro, hay que definir su puesta en práctica, lo que lleva tiempo".

Admitieron que "por supuesto, existen resistencias" pero las calificaron de "normales ante un proceso de cambio".

Respecto al efecto que el cambio tendrá en las relaciones soviético-norteamericanas, la delegación dijo que "fortalecerá a la Unión Soviética, lo que mejorará las relaciones entre los dos países".

Expresaron su interés por un acuerdo sobre control de armas debido a que "la paz es necesaria para implementar estos planes".

Al preguntarles si aperturas similares tendrán lugar en otros países de Europa del Este, Chetverikov respondió que de hecho ya se están produciendo y que aunque cada país define su política "hay experiencias que estamos compartiendo".

01 .01

8703985

L

RS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Gorbachov y los derechos humanos.

PROCEDENCIA: Opinión 26/2/87 N. 68

ARCHIVADO EN: Fichaje (B)

01.01

8703986

La URSS en el Pacífico

PARIS, 4 (De "Le Monde", especial para Clarín). — La actividad diplomática de Mijail Gorbachov se despliega en todos los frentes. En el momento preciso en que se abren a su iniciativa serias perspectivas para una reducción de los armamentos nucleares en Europa, su ministro de Relaciones Exteriores, Eduard Schevarnadse, emprendió en Asia un viaje que luego de Bangkok, Canberra y Jakarta, debe culminar en las tres capitales de Indochina.

El nuevo interés que muestra la Unión Soviética en todo el conjunto de la zona del Pacífico ya había sido manifestado con claridad por el secretario general del Partido Comunista soviético durante su discurso pronunciado en Vladivostok, el 28 de julio pasado. Y se confirma en la decisión de Moscú de adherir al Tratado de Desnuclearización del Pacífico sur, con el objetivo evidente de capitalizar las dificultades que Estados Unidos padece en este sentido en las relaciones con sus aliados de la región.

Acercamiento Moscú-Pekín

Sin embargo, todo deja suponer que las relaciones sino-soviéticas figuran en un lugar de importancia dentro de las preocupaciones del Kremlin, acaso en el mismo nivel que las relaciones Este-Oeste. Recientemente, se dieron pasos importantes en el camino de acercamiento entre Moscú y Pekín. El último de ellos es el inicio de una negociación —considerada alentadora— sobre un acuerdo para un litigio fronterizo. Hecho que se vio precedido por el anuncio de una reducción de las fuerzas soviéticas apostadas en Mongolia. Por último, Pekín parece creer ahora que la Unión Soviética desea, realmente, retirarse del "avispero" afgano.

Resta, de todas maneras, el problema entre Vietnam y Camboya, que China tilda, siempre, como el principal obstáculo para una normalización completa de sus relaciones con la URSS. De allí el interés tan especial en las reuniones que mantendrá dentro de pocos días en Hanoi el canciller Shevardnadze.

El canciller soviético se encontrará allí con una dirección vietnamita profundamente modificada, más pragmática quizá que la anterior. ¿Estará más dispuesta a embarcarse en un proceso de evacuación rápida de Camboya, preliminar, como exige Pekín al inicio de toda negociación?

Por el momento, nada es menos seguro, aún si existen pocas dudas de que los soviéticos desean ardientemente que esta "herida" comience, también, a cicatrizarse —y hacen, aparentemente, algunos esfuerzos en ese sentido—.

La nueva movilidad de la diplomacia soviética en Asia es puesta más en evidencia por el impedimento que representa Estados Unidos.

El secretario de Estado norteamericano, George Shultz, quien concluye por su parte una visita a Pekín recibió de Deng Xiaoping la seguridad verbal de que la "política de apertura" de China no será modificada y que, en consecuencia, se mantendrán buenas relaciones con Estados Unidos.

Sin embargo, los dirigentes chinos no ocultan su intención de frenar la política de cooperación económica y comercial que se creó con Occidente, con tanta solidez, en estos últimos años.



Manifestantes contra la ocupación soviética de Afganistán protestan, ayer, en Sydney, a la llegada de Shevardnadze.

CLARIN 06-3-87

01 | 01

8703987

Sentido de una visita

Archivo

Gorbachev en Montevideo, Sanguinetti en Moscú

Por Alphonse Max

LA PRENSA 04-2-87

El intercambio de visitas entre el secretario general del partido Comunista de la Unión soviética, Mijail Gorbachev, y el presidente del Uruguay, Julio M. Sanguinetti, previsto para el corriente año, tiene su lógica política. Si tomamos en cuenta los elementos que en la actualidad determinan la correlación de fuerzas en la política internacional y los objetivos de Moscú en el Atlántico sur, la Antártida y otras áreas, este intercambio de visitas es totalmente explicable.

La Unión Soviética tiene claros fines económicos y geopolíticos en el continente americano. En Centroamérica aspira a establecer una base de operaciones y arsenales para avanzar —en caso de asegurar la supervivencia de Nicaragua comunista mediante la eliminación de los "contras"— hacia los demás países de América Central, desestabilizando y comunizándolos, si es posible, antes de finalizar el siglo, para pasar en seguida a la dominación de México. Aún antes de lograr este último objetivo, intentará traspasar la muy permeable frontera mexicana con los Estados Unidos y organizar la guerrilla rural y urbana en el sur de California, Texas y tal vez otros estados. Solo así se explica la enorme inversión del Kremlin en Cuba, Nicaragua y los movimientos guerrilleros de la región. Si Moscú utilizó a Cuba para invadir a Angola, ¡cuánto más probable es que use a Nicaragua y cualesquiera otros estados centroamericanos comunizados para infiltrarse en México y los Estados Unidos!

Estos son los planes inmediatos, mediatos y a largo plazo del Kremlin con relación a la parte norte y central de América, y su somera descripción no es ninguna primicia para nadie que de cuando en cuando reflexione sobre los hechos de la política internacional.

En el Cono Sur

En cuanto al Cono Sur, los planes del Kremlin no son mucho menos imaginativos. Para los soviéticos, Argentina y Uruguay forman una unidad geopolítica, aunque con la ventaja de poseer dos soberanías. De esta manera Moscú puede establecer su central política en Uruguay, desde la frontera con el Brasil hasta la frontera con la Argentina, para abarcar una zona operativa que consta de tres naciones costeras del Atlántico sur, sin arriesgar sus relaciones diplomáticas ni con Brasilia ni con Buenos Aires. Uruguay tiene pues una importancia muy especial para el Kremlin y está incluido en las constantes de su esquema estratégico mundial.

Con el objeto de afianzar y profundizar su presencia en el Uruguay indesarraigable e indesafiablemente, la Unión Soviética (junto con los estados satélites), erigió en el correr de los años una maquinaria capaz de paralizar el país según las conveniencias de su política internacional. La penetración se realiza tanto abierta como clandestinamente. Nadie puede ignorar esto, en vista de las numerosas huelgas y paros con motivos obviamente políticos y no laborales, las asonadas y las manifestaciones violentas, que evidentemente tienen un solo punto de origen. (Cuando pasa algo remotamente parecido en la Unión Soviética —disturbios en Kasajstán— o en la China comunista —manifestaciones estudiantiles—, los participantes son etiquetados como "elementos antisociales".)

Todo esto ocurre por la simple razón que, después de la Segunda Guerra Mundial, la Gran Bretaña victoriosa pero debilitada se retiró de sus zonas de influencia, una de las que, en Sudamérica, era el Cono Sur. El vacío fue llenado (piénsese en el "horror vacui") no por los Estados Unidos, como los marxistas quieren hacernos creer, sino por la Unión Soviética. Inmediatamente después del fin de la guerra en 1945, Wáshington fue involucrado en la guerra fría en puntos dispersos del globo, y distraído por el sojuzgamiento de Europa oriental, el bloqueo de Berlín, la guerra civil en Grecia, el golpe en Checoslovaquia, la invasión de Corea del Sur por el Norte, etcétera, etcétera, mientras los soviéticos, gradual y solapadamente, se fueron introduciendo en América del Sur.

Forajidos politizados

Dicho lo anterior, y volviendo al punto principal, el significado político de las mutuas visitas de Gorbachev y Sanguinetti, anotaremos lo siguiente: El gobierno del doctor Sanguinetti, aparte de sus propios errores, tuvo desde el principio de su gestión dificultades enormes con los sindicatos y grupos de forajidos politizados que —¿quién puede dudarlo?— son manejados por el partido Comunista, una dependencia, no muy indirecta, del mismísimo gobierno soviético. Entonces, parece coherente la idea del presidente uruguayo de dirigirse directamente al origen del mal, la "causa prima" del problema sindical, que tanto perturba al país, y no pierda tiempo inútilmente tratando de solucionarlo localmente. Donde hay un capitán no vale la pena hablar con los marineros. Sobre todo si se presenta la oportunidad de tratar personalmente con el capitán.

Pero, como sabe todo estudiante de jurisprudencia que ha aprobado su primer examen de derecho romano, existe en las relaciones internacionales el concepto del "do ut des". En otras palabras, si Sanguinetti desea terminar con las obstrucciones laborales y otras mediante conversaciones con el secretario general del partido Comunista de la Unión Soviética, el camarada Mijail Gorbachev, de cuyas órdenes dependen, en última instancia, los sindicatos uruguayos, deberá hacer concesiones. Y precisamente aquí, ante la opinión pública del Uruguay y del mundo, Sanguinetti tendría que subir a la balanza para que se lo juzgue de acuerdo a lo que da y lo que obtiene. ¿Qué podrá conseguir para su país y a qué precio?...

Otra faceta de la visita de Gorbachev a Montevideo es que ipso facto desautoriza, frente a la opinión pública, la sistemática hostilización del presidente Sanguinetti y su gobierno por parte del partido Comunista uruguayo. Este, temiendo que la invitación del presidente a visitar la Unión Soviética podría ser considerada como aval directo de Moscú al partido Colorado, últimamente se ha dedicado a combatir a ultranza al otro partido tradicional, el Nacional o Blanco. Los comunistas criollos ya están suficientemente experimentados para descifrar los criptogramas que emanan del Kremlin.

01 01

8703988

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Leninismo: base de teoría y práctica de la reestructuración en la URSS.

PROCEDENCIA: La Hora 23/4/87

ARCHIVADO EN: Fichaje Carp. Nº 8

01.01

8703992

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: URSS: 200 propuestas para empresas mixtas

PROCEDENCIA: La Hora 30/3/87

ARCHIVADO EN: Fichaje Carp. (8)

01.01

8704014

RS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: VISITA EMBAJADOR URSS AL FRIGORIFICO SAN JACINTO

PROCEDENCIA: PEI. 036/DPTO. III/87 (Doc. 7310/87)

ARCHIVADO EN: P.EI (DPTO III) (084)

01.01

8704034



APLAUSOS y sonrisas de dos líderes: Gorbachov se queda en el Kremlin y Reagan tiene [illegible]dos.

Por qué está ganando Gorbachov

El orden internacional que surgió al final [illegible] la Segunda Guerra Mundial, en 1945, está quebrándose. El final de una era coincide c[illegible] el declive de Ronald Reagan y la iniciativa, en el campo internacional, de Mijail Gorbachov. CAMBIO[illegible] ha analizado la situación, plagada de incertidumbres, con académicos, políticos y estrategas del escenario *internacional*.

● **Henry Kissinger, arquitecto de la doctrina exterior del presidente Nixon en los años setenta, pide al camarero una coca-cola dietética, echa sobre el jarabe unos polvos (pueden ser azúcar) y revuelve todo con el bolígrafo. Kissinger toma el brebaje con más gusto que con el que observa la política negociadora de Reagan con Gorbachov: la considera una claudicación para los intereses occidentales.**

● **Martes, 24 de marzo. En Santa Clara, en el corazón del mítico Silicon Valley californiano, a 60 kilómetros de San Francisco, el sol calienta a media tarde. Robert Noyce, vicepresidente de Intel, una de las principales** empresas del mundo en producción de *chips* y otros componentes de alta tecnología, da cuenta de que, por primera vez, su empresa ha perdido en 1986 más de cien millones de dólares. Culpa de ello, sobre todo, a las prácticas de *dumping* de las compañías japonesas, que incumplen el acuerdo alcanzado con EE UU un año antes, el cual incluye la apertura del mercado nipón. Entre los asistentes de la Comisión Trilateral a la reunión, que se celebra en una pequeña sala de proyecciones y conferencias, figuran destacadas personalidades de las empresas japonesas: piden tiempo para seguir negociando. Noyce es inflexible: se acabaron las palabras. Había que pasar a las sanciones. Una seman[illegible]más tarde, el presi[illegible]ente Reagan decretaba la sanción del [illegible]0 por ciento a los productos japone[illegible]es con componentes de alta tecnología. La guerra comercial y tecnológica a tres bandas (Japón, Europa, Estados Unidos) había estallado, añadiendo otro signo a la crisis en la estabilidad de las relaciones entre los aliados (véase página 58).

● **Los mismos temores tiene, por otras razones, Enrique Iglesias, ministro de Asuntos Exteriores de Uruguay, hombre de prestigio dentro y fuera de su país.** «La actual crisis de Latinoamérica es más profunda que una crisis de la deuda: es estructural.» Como el escritor Mario Vargas Llosa (véase CAMBIO16, n.° 801), Iglesias ve la salida de la crisis en una propuesta alternativa política que incluya el fortalecimiento de las nuevas democracias del continente, y una economía de crecimiento impulsada desde las esferas internacionales. Antes de coger un avión para Nueva Zelanda, Iglesias dice que hay que evitar «el temor a la fatiga».

Los nuevos desequilibrios políticos, defensivos, tecnológicos y financieros marcan el eje del final de esta era y el comienzo de otra, de la que únicamente se [illegible]onocen sus incertidumbres.

GORBACHOV tiene una estrategia política para fortalecer el sistema internamente y ganar en influencià europea e internacional. El viaje a Checoslovaquia ha sido su último *movimiento*.

Los aliados occidentales están lastrados por los nuevos desequilibrios y tensiones. Por falta de liderazgo e iniciativa política. Tan con pinzas está cogida la Alianza, que el líder de la mayoría del Congreso de los Estados Unidos confesaba su temor a que uno de los dos partidos cuestione su apoyo a la OTAN en la próxima campaña electoral que ya está en marcha. «No sabemos lo que puede pasar», señalaba en su análisis Thomas Foley, congresista del Partido Demócrata.

Cómo la OTAN debilita a Occidente, es el título del libro de Melvyn Krauss, que ha sido publicado recientemente en Estados Unidos. El autor, escritor y profesor de la Universidad de Nueva York, mantiene la tesis de que el excesivo intervencionismo norteamericano sobre Europa occidental desde la posguerra ha debilitado las propias defensas europeas, por falta de suficientes incentivos propios. «Qué irónico es el hecho de que, enfrentándose a los soviéticos mediante un excesivo y poco crítico internacionalismo (de Estados Unidos), produzca el resultado de la acción que se intentaba prevenir: el crecimiento de la influencia soviética en Europa occidental.»



LA «PREMIER» THATCHER *le dijo a Gorbachov lo que no quería oír.*

Todo ello ha dado lugar, según Krauss, a la creación de un *statu quo* a ambos lados del Atlántico, alimentado y mantenido por lo que llama una «conspiración» de los grupos elitistas. «La vieja fórmula ya no funciona», concluye el analista colaborador de la conservadora *Hoover Institution* de la Universidad de Stanford.

En síntesis, que Europa crezca y se fortalezca por ella misma frente a la URSS. Esto difiere de los conservadores aislacionistas, a los que parece no importarles que la URSS domine toda Europa. Alegan que todos los esfuerzos norteamericanos serán pocos para dedicarlos a su continente, sin tenerse que preocupar de los europeos. «Al presidente Reagan le tiene que importar Nicaragua, no Berlín», afirmó hace unos días en la cadena de televisión ABC una de las figuras representativas de los aislacionistas conservadores, Pat Buchanan. Como se ve, es una teoría distinta a la de aquel grito de John F. Kennedy ante el muro, con una multitud enfervorizada: «Ich bin ein berliner» («Soy un berlinés»). Han pasado veinticuatro años desde que Kennedy proclamara su vocación, añadiendo estas palabras a Kruchov: «Defenderemos Berlín a cualquier precio.»

A pesar de la confusión y los constantes cambios dentro y fuera de la Administración norteamericana, parece avanzar la posición de llegar a un acuerdo con los soviéticos a favor de la retirada de los misiles de alcance intermedio de Europa, y el compromiso de negociar seguidamente la reducción equilibrada de los misiles de corto alcance, armas químicas y convencionales, donde la URSS tiene una clara superioridad sobre Europa occidental.

En misiles de un alcance entre 1.800 kilómetros (Pershing II USA) y 5.000 kilómetros (SS-20 soviéticos), la URSS tiene 1.435 cabezas y Estados Unidos 316 en Europa. En misiles de un alcance inferior a los 1.000 kilómetros en territorio europeo, EE UU tiene 108 lanzaderas (sistemas Pershing y Lance) y la URSS 1.590 (SS-23, SS-12, SS-21, Frog-7 y Scud B), según un análisis de *Arms Control Association*, instituto privado de Washington, difundido en marzo de 1987. Como fuentes documentales han sido utilizadas, entre otras, el balance del *Soviet Militar Power* de 1986, el *Nuclear Databook*, y el Instituto de Estudios Estratégicos (IISS-Londres).

«Para los americanos y los soviéticos —ha dicho el primer ministro francés, Jacques Chirac— hay misiles estratégicos y tácticos. Para nosotros (los europeos) eso carece de sentido: estratégicos o tácticos, los misiles están en Europa. Para nosotros sólo hay un sistema central, soviético y norteamericano.»

Esta concepción de la defensa en los equilibrios europeos ha hecho ponerse de acuerdo a los Gobiernos británico y francés, en una estrategia conjunta: «Negociar sí, pero todo», ha dicho la primera ministra Margaret Thatcher en su visita a Moscú, que coincidió con la de Chirac a Washington hace dos semanas.

GORBACHOV ha rechazado la actitud de franceses y británicos, calificándola de poco realista. La retirada de los euromisiles de alcance intermedio desplegados por la URSS y la OTAN, lo que se conoce como *opción cero*, según la propuesta de Reagan en 1981, que ha sido relanzada ahora por Gorbachov, está negociándose entre las superpotencias al margen de la fuerza nuclear de Gran Bretaña y Francia (194 cabezas en total).

En la «cumbre» de Reikiavik (Islandia), en noviembre de 1986, Reagan y Gorbachov llegaron a ese acuerdo de principio, que fue rechazado por el presidente norteamericano, al vincularlo los soviéticos a un deseado frenazo en el desarrollo de la Iniciativa de Defensa Estratégica (SDI o *guerra de las galaxias*). La Administración de

Washington se ha opuesto sistemáticamente a abandonar la investigación de su proyecto de defensa espacial, aunque estaba dispuesta a limitarlo temporalmente a un nivel científico. Gorbachov volvió a tomar la iniciativa cuando anunció su disposición al pacto de la *opción cero*, desvinculándolo del SDI. La Casa Blanca ha visto la posibilidad de llegar a un acuerdo, y cerrar la era Reagan con una «cumbre» soviético-norteamericana al más alto nivel, a ser posible en Estados Unidos.

De esta manera, Reagan trataría de superar la crisis del *Irangate* y presentar una imagen pacifista. Lo que va de *Rambo* a *Platoon* en términos de mitificación cinematográfica, o del espectáculo de la fuerza al sentido de la culpabilidad. Ambos casos dominados, en términos políticos, por una ingenuidad sobre el sentido de la historia y una hábil manipulación de sus adversarios.

«Gorbachov está más necesitado que Reagan de un acuerdo», comentó el ministro israelí Simón Peres a esta revista.



EL CANCILLER KOHL, apoyando a Gorbachov y defendiéndose de sus armas.

LOS negociadores norteamericanos en Ginebra han recuperado la posición de negociar la *opción cero* sobre la base de convertir los misiles *Pershing* en sistemas de corto alcance, manteniendo el equilibrio frente a los soviéticos (propuesta a la que esta semana se sumó Khol). Los negociadores soviéticos lo han rechazado después de haberlo admitido con anterioridad. Y otro factor de discordia estaría en la decisión norteamericana de denunciar el Tratado de Misiles Antibalísticos (ABM) firmado por las dos partes en 1972, y que puede impedir a Washington realizar pruebas de defensa espacial.

Juegos de guerra. La clave, sin embargo, es política.

La postura de Kissinger, que ha provocado una tormenta en Washington, se centra en que los occidentales no tienen garantías de la URSS. No existen a la hora de verificar los acuerdos sobre la destrucción del arsenal nuclear, y no las hay respecto a un posterior compromiso en la reducción del resto del arsenal. Los soviéticos, según Kissinger, buscan en el acuerdo limitado la connivencia occidental para sus misiles instalados en la parte asiática.

Fue Lenin, el ideólogo favorito de Gorbachov, quien mantuvo la tesis de que la dominación política de Europa por parte de la URSS podría realizarse a través de Berlín y Alemania. El gesto favorable de Gorbachov hacia la reunificación alemana sería una carga de profundidad en los cimientos de la OTAN.



CHIRAC desconfía de Gorbachov.



KISSINGER teme a la claudicación de Reagan

En 1984, cuando Gorbachov se convirtió en el nuevo secretario general del PCUS, se encontró un imperio al que le faltaba oxígeno. En mayo de 1986, Gorbachov le dijo al presidente español, Felipe González, que lo que habían fallado eran las personas, no el sistema. Su proyecto era fortalecer el sistema comunista, para lo cual tenía que rejuvenecerlo y conseguir aire del exterior. El ministro de Exteriores de la República Federal, el liberal Hans Dietrich Genscher, pidió al mundo desde Davos, Suiza, que el mundo ayude a Gorbachov (febrero 1987).

A mediados de marzo, los socialdemócratas alemanes presentaron, en el Parlamento de Bonn (Bundestag), la propuesta de una iniciativa conjunta europea, afirmando que la «nueva postura» del liderazgo soviético «e[s] una indicación de que un nuevo capítulo puede ser abierto, no sólo en relación con el desarme y control de armamentos, sino también en las relaciones globales Este-Oeste».

Al mismo tiempo, el Gobierno que preside el socialista Felipe González calificaba de «muy positiva» la postura negociadora de Gorbachov. La pasada semana en Madrid, el ministro socialista israelí, Simón Peres, anunciaba la presencia de una delegación soviética en la Internacional Socialista con estatus de «observadores».

Los socialistas europeos coinciden con los conservadores aislacionistas de Estados Unidos en el desarme nuclear unilateral y en la retirada de las tropas

PERU

norteamericanas de Europa. A esto se opone la actual alianza franco-británica. Coincidiendo con el declive de Reagan, la *premier* Thatcher, aprovechando su *revival* electoral, ha señalado a Gorbachov los términos del entendimiento: equilibrio en la reducción global de la defensa, freno al expansionismo (retirada de Afganistán) y respeto a los derechos humanos. Es decir, ha respondido a Gorbachov con sus mismas armas: la estrategia política. Reagan no podrá reducir estos límites del entendimiento sin quebrar la salud de la OTAN. En su estudio sobre Gorbachov, el científico y escritor soviético, Zhores Medeved, apunta desde Londres que «Gorbachov, ciertamente, ha sido un mejor vendedor que sus predecesores de la idea de una cooperación soviético-europea. Pero Europa occidental era muy sofisticada para dejarse encandilar por él», concluye.

El ministro de Exteriores francés, Jean-Bernard Raimond, piensa que el principal objetivo soviético es la desnuclearización de Europa occidental, y luego la desintegración de la OTAN. Sobre esto, el asesor de Gorbachov, Alexander Yakolev, dijo, después de entrevistarse en marzo último con las autoridades españolas: «Me siento muy satisfecho porque he encontrado puntos de coincidencia en muchos aspectos, así como un deseo de mejorar las relaciones y tomar medidas para poner más orden en nuestra casa europea de donde queremos sacar esos juguetes nucleares con los que últimamente se ha estado jugando de manera irresponsable. Yo creo que España ha dado un paso histórico al declarar su país libre de armas nucleares.»

Lo cierto es que Gorbachov se presenta hoy en el escenario internacional con [illegible] cartas a su favor.

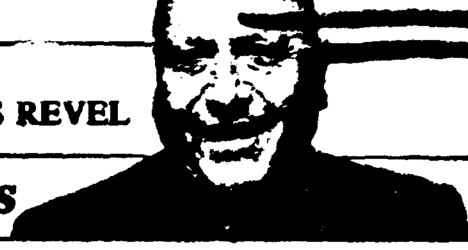
Kissinger y la embajadora Jeanne Kirckpatrick se entrevistaron con Gorbachov hace dos meses en Moscú. «Los líderes soviéticos consideran que el mundo occidental ha entrado en un período de transición del capitalismo al comunismo. Ven un declive de la fortaleza militar americana y occidental, y un crecimiento del sistema socialista mundial como prueba no sólo de un cambio en la correlación de fuerzas, sino también de un movimiento histórico irreversible», acaba de indicar Kirckpatrick.

Kirckpatrick ha escrito a sus conciudadanos norteamericanos: «Nunca es fácil saber cuándo finaliza una época y comienza otra. Sin embargo, es momento de pensar sobre ello. Los americanos ni creen ni quieren creer que hemos entrado en un período de declive histórico.»

Antxon Sarasqueta

04/04 PERU

JEAN FRANÇOIS REVEL



Juegos peligrosos

UNA de las paradojas de nuestra época consiste en que hacemos profesión de venerar la democracia, pero, al mismo tiempo, los Gobiernos que nosotros, ciudadanos de países democráticos, respetamos, admiramos y ayudamos son Gobiernos no elegidos democráticamente. Por ejemplo, Ronald Reagan ha cometido errores, ciertamente, pero fue elegido: todo Occidente lo desprecia y reserva su afecto para Gorbachov, no electo. La mayoría de los occidentales demócratas consideran que la guerrilla antisandinista es antidemocrática, cuando el Gobierno de Managua no fue nunca elegido, salvo en elecciones a la soviética, con el sistema de candidatura única presentada por el partido oficial. En cambio, en El Salvador tenemos tendencia a considerar al presidente Napoleón Duarte como persona un tanto ilegítima y a reservar nuestro apoyo para el Frente Farabundo Martí, quien se negó a participar en las tres elecciones que tuvieron lugar en ese país desde 1982.

Yo estuve en El Salvador en diciembre pasado. Pude hablar con gente de toda tendencia y hacerme directamente una idea de la situación. Según mis estimaciones, los salvadoreños simpatizantes del frente, que cuentan con unos cinco mil combatientes, deben representar unos 100.000 electores. En porcentaje tendrían, sin duda, un ocho por ciento de los votos, es decir, apenas la mitad de lo que consigue media Herri Batasuna en el País Vasco. Se comprende entonces por qué el Frente no desea demasiado las elecciones.

Sin embargo, obtuvo a menudo el apoyo de la Internacional Socialista, en particular en el congreso de Lima de 1986. De donde hay que concluir que la teoría política de la Internacional Socialista es que se debe entregar el Gobierno a los partidos que representan a menos del diez por ciento del cuerpo electoral, sobre todo cuando utilizan la fuerza para hacerse con el poder.

Tras el éxito militar de la guerrilla, el 31 de marzo, en el cuartel de El Paraíso, al norte de El Salvador, numerosos periódicos occidentales proclamaron de nuevo «la urgencia del diálogo» entre Duarte y el Frente Farabundo Martí. Muy bien. Nadie puede oponerse a la idea del diálogo. Pero habría que dialogar también con Managua, que arma al Frente. Sobre todo pienso que Napoleón Duarte podría hacer suya la respuesta dada un día por Felipe González a quienes le recomendaban que «negociara con ETA»: «Que los consejeros que me recomiendan que negocie con ETA —dijo en sustancia— tengan a bien precisar sobre qué bases, sobre qué puntos, con qué fines, qué tengo que darles, qué tengo que pedirles y qué tipo de acuerdo debo firmar.»

Es imposible responder a tal pregunta sobre ETA, como lo es para el Frente Farabundo Martí. O más bien sí, es muy posible: el Frente quiere el poder para él solo del mismo modo que lo consiguieron los sandinistas. No le interesa en ningún modo participar en un sistema de Gobierno pluralista, ni lograr un puñado de escaños en un congreso democrático. Por eso es tan poco aficionado a las elecciones. Tampoco lo es la ETA. Después de todo, si llevo bien las cuentas, el pueblo vasco ha votado libremente siete veces en diez años y jamás Herri Batasuna ha superado del quince al dieciocho por ciento. No es despreciable, pero no basta para ejercer solitariamente un poder total.

Empujando a Duarte a hacer concesiones, la opinión democrática internacional reconoce implícitamente una legitimidad a las minorías violentas. Acepta concederles, porque utilizan la fuerza, una posición en el Estado a la que no podrían aspirar por la vía democrática normal.

Esta conformidad implícita es extremadamente peligrosa, porque vale, contrariamente a lo que piensa la ingenua Internacional Socialista, tanto para la extrema derecha como para la extrema izquierda. Bendecir la violencia *que ataca a una democracia* (insisto en este punto) cuando emana de gente por la que se tiene simpatía política equivale a bendecirla también cuando procede de una orilla que no nos agrada.

Practicar ese juego es peligroso, sobre todo en América Central, región en la que, *por primera vez en la historia*, todos los países (salvo Nicaragua) tienen Gobiernos elegidos por sufragio universal, aunque de una fragilidad extrema.

Habrían intentado matar al canciller Shevardnadze



Eduard Shevardnadze (Archivo 87)

BANGKOK, 10 (UPI). - Una bomba de tiempo, posiblemente dirigida contra el ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze, estalló frente al centro de información soviética en Vientiane, capital de Laos, y causó la muerte a una persona, según revelaron hoy fuentes diplomáticas.

Aunque la bomba estaba preparada para estallar ayer a las siete de la noche, cuando Shevardnadze tenía programado visitar el centro, el artefacto estalló a las siete de la mañana, dijeron diplomáticos con sede en esta capital, que citaron informes de fuentes de Laos y sus representaciones en Vientiane.

Las fuentes asiáticas y occidentales, que pidieron no ser citadas, informaron que la bomba posiblemente fue colocada por anticomunistas, con la intención de perjudicar al gobierno de Laos, aunque no descartaron que también trataran de lesionar a Shevardnadze.

Acusan a opositores

"Las relaciones soviético-laosianas han sido buenas. Este incidente, sin duda alguna, está realizado por opositores al gobierno de Laos", aseveró un diplomático occidental.

Un ciudadano de Laos murió y otro quedó herido en el atentado, agregaron las fuentes, que añadieron que es posible que ambos fueran quienes colocaron la bomba, dijo el diplomático.

La fuente añadió que varios automóviles estacionados en las cercanías sufrieron daños.

En esta capital, los voceros de las embajadas de Vientiane y Moscú dijeron no tener información sobre el incidente. La prensa oficial de Laos tampoco hizo comentarios al respecto.

Shevardnadze realiza una gira de dos semanas por países de Asia y el Pacífico, para mejorar las relaciones del Kremlin con Tailandia, Indonesia y Australia, además de conversar con los países aliados de la Unión Soviética en los países de Indochina.

El domingo llegó a Laos y ayer fue a Camboya. Mañana tiene previsto seguir viaje a Hanoi, para concluir su gira.

El único otro incidente durante la visita de Shevardnadze ocurrió en Australia, donde grupos de judíos, europeos orientales y afganos tiraron huevos e insultaron a su caravana.

Laos, que en 1975 cayó ante las fuerzas del Pathet Laos, se considera como un satélite de Moscú. La seguridad es mínima en la capital Vientiane, en las orillas del río Mekong, frente a Tailandia. El centro soviético de información está a menos de un kilómetro del río.

En Phnom Penh

BANGKOK, 10 (Reuter). - El ministro de Relaciones Exteriores soviético, Eduard Shevardnadze, inició hoy en Phnom Penh conversaciones sobre la crisis de Kampuchea.

El gobierno de Phnom Penh, jaqueado por la acción de la guerrilla antivietnamita y por las críticas de las naciones no comunistas, recibió a Shevardnadze con una acentuada añoranza de el firme apoyo que Moscú le prestó en el pasado.

01/01

8704120

Estreno absoluto en URSS: primera quiebra comercial

Moscú (UPI) — La primera quiebra que se sabe bajo el sistema soviético, se conoció ayer cuando la agencia noticiosa "TASS" informó del colapso económico de una compañía constructora de Leningrado con 2000 empleados. "Lo que le ha pasado a la firma constructora de Leningrado es ilustrativo de los cambios que se producen actualmente en la vida económica del país", dijo "TASS" en una clara advertencia de que el gobierno está dispuesto a dejar que otros negocios no efectivos se desplomen.

"Dos mil trabajadores y empleados de una gran firma constructora que se fue a la bancarrota en Leningrado han tomado trabajos ahora con otras organizaciones", señaló el comunicado de "TASS".

De acuerdo a los cambios establecidos por el dirigente Mijail Gorbachov, se ha requerido a los negocios de Leningrado sean autosuficientes para hacer las compañías estatales más productivas.

"TASS" destacó que la mayoría de las organizaciones de Leningrado han mejorado desde que se establecieron controles más estrictos, pero que la compañía constructora no logró completar edificios a tiempo, tuvo que enfrentar gastos extra, y no logró satisfacer los niveles de calidad establecidos.

Con la firma operando con pérdidas, la asociación constructora de Leningrado, bajo el control del Consejo de la Ciudad, decidió desintegrar la compañía y dividirla en organizaciones productivas.

"Ni siquiera la gente de edad avanzada puede recordar un caso de bancarrota en la URSS", anotó "TASS".

URSS

01 .01

8704122

El Pentágono está muy preocupado

Moscú sí cree en el espionaje industrial

Escribe
Carlos Tórtora

La carrera de la Unión Soviética por la actualización de su alta tecnología incluiría también denodados esfuerzos en el campo del espionaje industrial, de acuerdo a un documento producido por el Pentágono.

Entre las prioridades de producción que tiene fijada la industria soviética, se contarían, entre otros artículos, monitores de terremotos, sensores de distinto tipo, e instrumentos médicos y científicos utilizados para la detección del sonido, todos los cuales son susceptibles de adaptarse al uso bélico, sobre todo en el equipamiento de submarinos.

Según el informe del Pentágono difundido recientemente en Washington, la política de seguridad industrial estadounidense habría logrado evitar en 1985 el traspaso de tecnología al bloque soviético que le hubiera significado 12.000 millones de dólares de ahorro en su presupuesto militar, y que hubiera a su vez forzado a una inversión extra de 13.000 millones por parte de los EE.UU. en la próxima década, para poder mantener el balance de poder militar.

Como es comprensible, la informática es otro de los campos preferidos del espionaje industrial, sobre todo en lo que hace a computadoras avanzadas, personales, memorias magnéticas de discos aptas para registrar gran cantidad de información y equipo para la fabricación de máquinas mediante sistemas de computación.

Seis meses atrás, un empleado del Departamento de Industria y Comercio británico confesó haber pasado al agregado militar checoslovaco en Londres información reservada de la encuesta de Rolls Royce sobre motores para cazabombarderos y helicópteros militares.

En mayo del año pasado, la cancillería sueca anunció la expulsión del país de cinco checoslovacos por recolectar información que amenazaba la seguridad nacional. En la misma semana, la firma sueca ASEA, una de las fabricantes más importantes de robots computarizados, debió pagar una multa inédita por su monto, acusada de complicidad en el traspaso de equipo sofisticado a Checoslovaquia y la URSS.

La política soviética para la adquisición de tecnologías es coordinada por el Comité de Ciencia y Tecnología del Estado (CKNT) y el Comité de Industria Militar (VPK). 30 por ciento de la alta tecnología recién incorporada es, por otra parte, obtenida por medios legales como la literatura científica, intercambios y conferencias internacionales y exposiciones industriales.

La KGB y el GRU (inteligencia militar) complementan el restante 70 por ciento, mediante la adquisición ilegal de información a través de unos 20.000 agentes que se ocupan, además del espionaje, de la utilización de compañías fantasmas, exportación evasiva y la táctica de la tecnología de doble uso, es decir la compra de equipo civil que se adapta al terreno militar.

Uno de los casos más recientes de tecnología de doble uso fue, el año pasado, la compra de equipo estadounidense destinado aparentemente a la fabricación de automóviles Volga, pero que en realidad tendría aplicación militar.

También el año pasado —refiere el citado informe del Pentágono— las autoridades inglesas y estadounidenses detectaron que la URSS estaba a punto de adquirir la maquinaria relacionada con el proceso carbono-carbono que produce el material liviano destinado a los misiles nucleares. Una legislación de emergencia impidió, a último momento la venta, cuando un buque ruso esperaba en un puerto inglés para realizar el cargamento.

Otro caso resonante fue el hallazgo, dos años atrás, que efectuó el Ministerio de Interior de Alemania Federal en un documento reservado soviético titulado "Requisitos reservados para misiones de información tecnológica".

Se trataba de una especie de índice de la alta tecnología que debía ser obtenida, con carácter prioritario y por medios clandestinos, en el exterior.

El mismo incluía tecnología de láser y de propulsión de cohetes, así como los planos de computadores microeléctricos.

Una de las especialidades soviéticas es —según el documento estadounidense— el espionaje industrial aeronáutico, que le habría reportado importantes beneficios económicos al Ministerio de la Industria de Aviones. En medio de un gran escándalo diplomático, los EE.UU. expulsaron el año pasado al agregado del Aire de la embajada soviética en Washington, coronel Vladimir Izmailov, detenido cuando desenterraba documentos secretos escondidos por un informante pago, en las afueras de Washington.

Otra faceta de esta actividad es la dura competencia entre la KGB y el GRU por prevalecer en el espionaje industrial.

Durante la última década, el GRU habría superado largamente a su rival, mostrando mayor agresividad en las operaciones, así como una mejor preparación científica.

Las estimaciones estadounidenses aluden a que la tecnología occidental robada habría sido incorporada en más de 150 sistemas soviéticos de armas, reduciendo la brecha tecnológica existente.

Fichaje 027

URSS

Servicios portuarios y cooperación técnica

Firman acuerdos con URSS

Un paso trascendental en las negociaciones que finalizan en la presente jornada en nuestra capital entre las delegaciones de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas y Uruguay, habrá de darse hoy cuando ambas partes firmen sendos acuerdos sobre servicios portuarios y cooperación técnica y científica.

A las 11 horas, en la sede de nuestra Cancillería, el Primer Viceministro de Industria Pesquera de la URSS, Nicolás Kudriastev, con plenipotencia concedida, firmará con el Ministro Interino de Relaciones, Emb. Alberto Rodríguez Nin, los acuerdos mencionados, que, por sus características, trazarán las líneas generales de acción en torno a la utilización por parte de los soviéticos del Puerto de Montevideo, para abastecimiento y mantenimiento de la flota pesquera rusa y a la cooperación en materia científico técnica.

En esta ceremonia, también estarán presentes los Ministros de Transporte y Obras Públicas, Jorge Sanguinetti, y de Ganadería, Agricultura y Pesca, Pedro Bonino.

A través de estos convenios, se posibilitará un primer acercamiento cierto en las relaciones comerciales entre ambos países, indicaron a La Mañana, calificadas fuentes oficiales.

Por el primero de ellos, Uruguay podrá asistir al remanente de la flota soviética, no incluida en el acuerdo que la URSS firmó con Argentina en este tema, y que comprometió el 18% de ella, para ser atendida en los puertos del vecino país.

Por el segundo, se formalizará la transferencia tecnológica recíproca entre ambas partes, que ayudará para la creación de un sistema compartido de capacitación e investigación en el arte de la pesca.

Tal como lo anunciáramos en nuestra edición de ayer, los acuerdos específicos y puntuales, emergerán seguramente en el encuentro que mantendrán Sanguinetti y Gorbachov, cuando nuestro Presidente visite Moscú en el mes de junio.

Al cierre de nuestra edición, las delegaciones de ambos países continuaban trabajando en torno al tema de la captura, que constituye uno de los capítulos contenidos en el anteproyecto de acuerdo que la delegación soviética trajo a Uruguay para ser considerado con las autoridades uruguayas.

LA MAÑANA 20/4/87

01 .01

8704138

RS Enchige 026 URSS

"Invención" destinada a socavar próxima visita de Shultz

URSS rechaza que agentes de la KGB entraron a la Embajada de EE.UU.

La Unión Soviética rechazó ayer la acusación del Presidente Ronald Reagan de que agentes de la KGB hubieran entrado a la Embajada de Estados Unidos en Moscú, afirmando que se trataba de una "invención" destinada a socavar la visita de la próxima semana del Secretario de Estado norteamericano.

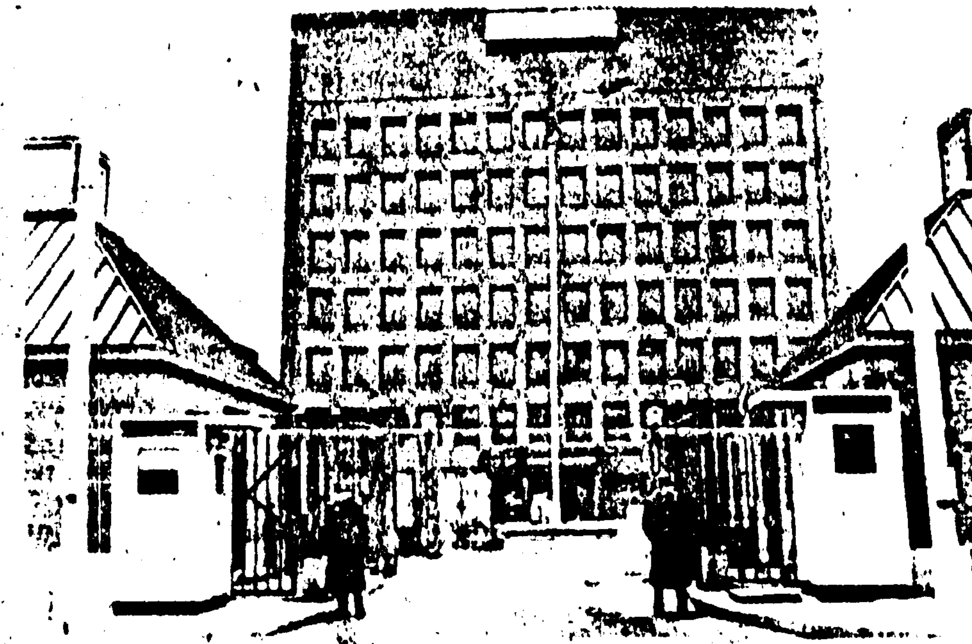
MOSCU, (ANSA, EFE y UPI).- Vladimir Petrovsky, Viceministro de Asuntos Exteriores de la URSS, acusó a Washington de avivar la crisis de los marines y de las escuchas para desviar la atención de otros problemas ante la visita que el próximo lunes iniciará a Moscú el Secretario de Estado norteamericano, George Shultz.

Petrovsky condenó las declaraciones efectuadas el martes a la prensa por el Presidente estadounidense, Ronald Reagan, acerca de los últimos sucesos de espionaje descubiertos en la sede diplomática de Washington en Moscú.

Según el Viceministro de Exteriores soviético las declaraciones del jefe de la Casa Blanca sólo pueden ser motivo de disgusto e indignación para Moscú.

Sobre la crisis desatada a raíz del descubrimiento de micrófonos instalados por los soviéticos en la nueva sede diplomática de los EE.UU. en Moscú y de las actividades de dos marines encargados de vigilar el edificio viejo, Petrovski anunció que se celebrará una rueda de prensa, en la que se "presentarán pruebas de quién espía aquí".

El representante soviético señaló también que todo el escándalo creado en los EE.UU. en torno a estos descubrimientos no beneficia a los preparativos del viaje que comenzará el próximo lunes el Secretario de Estado norteamericano Shultz a la URSS.



MOSCU.- Dos guardias soviéticos vigilan la entrada de la nueva sede diplomática estadounidense en Moscú, que aún se encuentra en construcción. (Radiofoto Reuter).

Vladimir Petrovsky señaló que ésta no es la primera vez que los EE.UU. actúan de este modo al comparar la actual crisis con la creada con el caso del periodista Daniloff el pasado verano, poco antes de que se celebrara la cumbre de Reikiavik entre Ronald Reagan y Mijail Gorbachov.

ENVENENAR LA ATMOSFERA

Según el Viceministro de Asuntos Exteriores de la URSS, ello se debe a que en Washington hay algunas personas a las que preocupa la perspectiva de que la URSS y los EE.UU. puedan alcanzar algún acuerdo, por lo que se dedican a envenenar la atmósfera en la que deben mantenerse las conversaciones soviético-estadounidenses.

Petrovsky señaló que la administración de Washington al otorgar un lugar preponderante al tema de la seguridad de su Embajada en Moscú, intenta desviar la atención de otras cuestiones candentes como la limitación y reducción de armamento.

En este punto, el alto representante soviético manifestó que por su parte la URSS intentará centrar las conversaciones con el Secretario de Estado norteamericano Shultz sobre el tema de la reducción de armamento y ensayos nucleares.

Petrovsky señaló finalmente que la URSS está preparada para recibir la visita de Shultz, a la que nos enfrentamos con gran responsabilidad.

También, añadió que espera que los EE.UU. no vengan a este encuentro con las manos vacías y que tengan todavía dignidad y responsabilidad para negociar sobre cuestiones de seguridad.

El Secretario de Estado norteamericano es esperado en Moscú el próximo lunes, donde mantendrá conversaciones con las autoridades soviéticas durante tres días.

01 :01 8704139

Raisa y el encanto del capitalismo

Sospechan que la KGB haya divulgado un film que la muestra comprando costosas ropas en Occidente

NUEVA YORK, 2 (AFP). – La vestimenta de Raisa Gorbachov fue objeto de un videocassette, que circula clandestinamente en Moscú y critica a la esposa del secretario general del PC soviético, reveló hoy el diario The New York Times.

El periódico, basándose en moscovitas que lo han visto, dice que el video incluye un montaje destinado a destacar la inclinación de Raisa por la ropa de lujo y las joyas.

Según una fuente el film muestra a Raisa de compras en boutiques de lujo de París, adonde también asiste a desfiles de alta costura en las casas Cardin e Ives Saint-Laurent, durante el viaje oficial a Francia, en octubre de 1985.

También dice el corresponsal en Moscú del diario, Philip Taubman, que ciertas escenas parecen haber sido tomadas por una cámara oculta, lo que dejaría pensar que la videograbación la hicieron servicios secretos occidentales o bien la propia KGB.

El objetivo del video, siempre según Taubman, puede perjudicar al jefe del PCUS, al denunciar los gustos de lujo de su esposa, que contrastan con la modesta vestimenta de las mujeres de su país.

Con tarjetas de crédito

NUEVA YORK, 2 (UPI). – Raisa Gorbachov, la esposa del máximo dirigente soviético Mikhail Gorbachov, habría hecho grandes gastos en ropa y alhajas utilizando una tarjeta de crédito de los Estados Unidos, cuando acompañó a su esposo en sus giras por países de Europa occidental, informó hoy el New York Times.

El periódico publicó que una película de video, que circula clandestinamente por la Unión Soviética, muestra a Raisa Gorbarchov realizando [illegible] compras.

Asimismo, los consejeros del jefe del Kremlin habrían considerado la posibilidad de que la realización del film sea parte de una campaña destinada a perjudicarlo.

La película describió el gusto exquisito de la señora Gorbachov y mostró imágenes de ella comprando en negocios exclusivos de París y de Londres, en donde habría pagado con una tarjeta dorada de American Express, según fuentes soviéticas citadas por el periódico.

Según la nota, las actividades públicas de Raisa son constante tema de debate en la sociedad soviética, donde es poco común que la esposa de un dirigente soviético juegue un papel público.

En ese sentido, la información citó el caso de Yuri Andropov, de quien se desconocía su estado civil hasta que su esposa se presentó en el funeral del ex jefe soviético en febrero de 1984.



Viejo hábito soviético

El uso de tarjetas de crédito occidentales por parte de altos funcionarios soviéticos no es una novedad. Desde hace años, muchos diplomáticos y altos funcionarios en viajes por el exterior utilizan para sus movimientos tarjetas de crédito otorgadas sin inconveniente alguno por los países de Occidente.

Dichas tarjetas suelen estar emitidas contra algún depósito bancario en los países occidentales donde el diplomático puede estar temporariamente radicado, o bien sobre alguna cuenta externa a la que pueden tener acceso los altos dignatarios. Las empresas que ofrecen las tarjetas no tienen reticencia alguna a solicitudes de este tipo. Saben que siempre existe la garantía oficial puesto que sólo tienen posibilidad de moverse libremente por el mundo los ciudadanos soviéticos que se encuentran en misiones oficialmente autorizadas.

En cuanto a la particularidad de las tarjetas "doradas" de la empresa American Express –las que sólo se otorgan a clientes de reconocida solvencia, puesto que no tienen prácticamente limitación para los gastos– se sabe que suelen disfrutar de ellos los diplomáticos de más alto rango, así como algunos curiosos personajes tal el célebre periodista soviético Victor Louis, contacto de primer nivel del alto mundo político de Moscú. Louis aparece frecuentemente por las grandes capitales occidentales como enviado especial de la prensa soviética, aunque la calidad de sus informaciones sobre la URSS y su disponibilidad para brindar datos a sus colegas occidentales lleva a sospechar fuertemente que Louis es algo más que un simple periodista.

Dato de importancia para estas sospechas: Louis paga sus cuentas en el mundo occidental con una tarjeta dorada de American Express, según ha sido comentado en diversas oportunidades por diarios y revistas europeos.

024

INFORMACIONES

Más apoyos para Gorbachov

Viene de pág. 8

viosa jefatura checoslovaca que los comunistas deben desembarazarse de las ataduras que solos se impusieron.

El presidente Andrei Gromyko, estrechamente vinculado con anteriores regímenes y de quien en cierto momento se dijo que Moscú estaría retirando su respaldo a Gorbachov, fue a Novgorod, en el noroeste de Rusia, a fin de exhortar a la población a identificarse más con "la reconstrucción".

El primer ministro Nikolai Ryzhkov regresó a su ciudad natal, Sverdlovsk, para destacar que el respaldo de autoridades y trabajadores a la reforma de la estructura económica del país es vital si se quiere mejorar la calidad de vida de la población.

El ministro de Relaciones Exteriores, Eduard Shevardnadze realizó una gira a Australia y el sudeste asiático, donde expuso las nuevas ideas del Kremlin sobre los problemas de la región, mientras que el ideólogo Alexander Yakovlev hablaba ante el Parlamento español, en Madrid, sobre la "democratización" de la vida soviética.

Boris Yeltsin, jefe del partido en Moscú y considerado como uno de los reformistas más entusiastas, estuvo en Nicaragua al frente de una delegación parlamentaria soviética, mientras que el máximo dirigente de la filial Leningrado del partido, Yury Solovyov, se entrevistó en Trípoli con el líder libio Muammar Kadhafi.

Según los analistas, persiste un resabio de resistencia en altos niveles, centrándose las conjeturas en el jefe del partido en Ucrania, Vladimir Shcherbitsky, estrecho asociado del extinto Leonid Brezhnev, caído póstumamente en desgracia.

Pero Shcherbitsky fue obligado recientemente a aceptar destituciones de varios altos funcionarios ucranios, denunciados por corrupción administrativa y abuso de poder, y ahora aparece aislado según los analistas.

A. Financiero 12/3/87

EXTERIOR

Gorbachov suma más apoyos para reformas

Escribe Robert Evans
de la agencia "Reuter"

Moscú (Reuter) — El Politburó está asumiendo un papel más gravitante en la promoción del programa de reforma lanzado por Mijail Gorbachov, quien ayer entró en su tercer año como gobernador soviético.

En las últimas dos semanas, destacados funcionarios se esparcieron por el vasto país ruso y el mundo para explicar "el nuevo pensamiento" prevaleciente en Moscú en asuntos internos e internacionales y testimoniar su adhesión a las nuevas políticas.

Desde Sidney hasta Managua y desde Novgorod hasta Sverdlovsk (Ekaterinburg) en los Urales, miembros plenos y alternos del Politburó han estado propalando el mensaje de que respalda firmemente la cruzada reformista de Gorbachov.

La semana pasada el propio jerarca del Kremlin manifestó que en una coyuntura tan decisiva como la actual para la Unión Soviética es esencial que el país tenga "una conducción dinámica y unida. . . que preserve siempre su carácter colectivo".

Durante los dos años transcurridos desde que fuera elegido secretario general del Partido Comunista el 11 de marzo de 1985, tras la muerte de Konstantin Chernenko, a veces pareció como si Gorbachov estuviera librando una batalla unipersonal en favor de los cambios en la sociedad soviética.

Cuando José Stalin murió en 1953 y Nikita Kruschev fue desplazado en 1964, se instalaron de inmediato conducciones colegiadas, aunque ambas dieron paso con el tiempo al surgimiento de sendos dirigentes individuales.



Mijail Gorbachov

Gorbachov, rechazando las prerrogativas de un número uno del Kremlin, ha tenido que bregar para crear un consenso y formar un equipo realmente más afín con el concepto de una jefatura colectiva, estimándose que ésta perdurará más tiempo que las frágiles alianzas de 1953 y 1964, estimaban ayer algunos analistas.

Aunque puedan existir matices distintos en sus preferencias personales sobre diversos aspectos del programa de "reconstrucción" auspiciado por Gorbachov, parecen no caber dudas de que las figuras clave del Politburó se han alineado con convicción detrás de las reformas.

La confianza mutua dentro de la jefatura colegiada, a pesar de francas admisiones de que la campaña de renovación tiene muchos oponentes en altos y bajos escalones jerárquicos, parece haberse afianzado desde una reunión del comité central en enero.

Eichaje URSS

01 - 02

8704170

Con posterioridad a esa sesión, en la que Gorbachov ratificó su decisión de seguir adelante con el plan, aunque dando la impresión de aceptar recomendaciones de no avanzar con demasiada prisa, otras personalidades del Politburó han tomado la posta.

Yegor Ligachev, de hecho el segundo hombre del Kremlin y a veces descripto en el exterior como una figura de tendencia "conservadora", viajó a Saratov, sobre el Volga, para avalar la llamativa liberalización de la política cultural en el último bienio.

Lev Zaikov, secretario del partido a cargo de Asuntos Económicos y Militares, fue despachado a Praga para declarar a una perpleja y ner-

Cont. en pág. 16

INTERNACIONAL

La apertura de Gorbachov: ¿Bisturí o maquillaje?

LA *perestroika* de Gorbachov ha abierto desmesuradas esperanzas para los ciudadanos soviéticos y de otros países del Este. Los líderes, por el contrario, se revuelven inquietos: Honnecker y Ceaucescu piden un poquito más de paciencia. Los soviéticos quieren respirar aire fresco, y pronto. Los funcionarios del partido, pegados a sus poltronas desde hace treinta o cuarenta años, se resisten a abandonarlas.

EL manifiesto de la *perestroika*, recientemente lanzado por Mijail Gorbachov en una cumbre del Partido Comunista soviético, puede compararse en grado de intrepidez al viraje antiestalinista de Nikita Jruschev en 1956. «La historia nos concede otra oportunidad», escribe la revista cultural *Ogonek*. Pero Gorbachov no quiere seguir la triste suerte de Jruschev por no atreverse a ir hasta el final y haberse limitado a criticar a Stalin ante una audiencia staliniana que acabaría con él en 1964. La *perestroika* quiere ir mucho más allá de ese hábito tan soviético de cargar al líder pasado con todos los males del presente. Jruschev lo practicó con Stalin, Breznev con Jruschev y, tras los breves paréntesis de Andropov y Chernenko, el propio Gorbachov ha ejercido con Breznev su derecho a la crítica destructiva. Sólo el faro momificado de Lenin quedó siempre en pie.



MIJAIL Gorbachov y Erick Honecker: prusiana distancia.

Perestroika viene de *stroi*, palabra que puede significar orden, sistema, estructura o régimen. Con el prefijo *pere* adquiere dimensiones muy serias de cambio de orden, de sistema, de estructura o hasta de régimen. A los elementos más conservadores del comité central, poco dados a la aventura, vicio muy feo para la burocracia, los ha desafiado: «No tenemos otra vía abierta (...), habrá que cambiar a los dirigentes que no estén a la altura de las nuevas tareas.» En el pleno apostrofó a los «borrachines indisciplinados», a los «oportunistas» y a los «degenerados». Algún asistente se habrá removido en su butaca.

En lo económico, la *perestroika* supone la rehabilitación de la empresa como núcleo responsable de fracasos y beneficiaria de aciertos. A diferencia de la autogestión yugoslava, en el caso soviético, el Estado sigue siendo jurídicamente propietario de la empresa. Parece que Budapest ha inspirado a Gorbachov más que Belgrado.

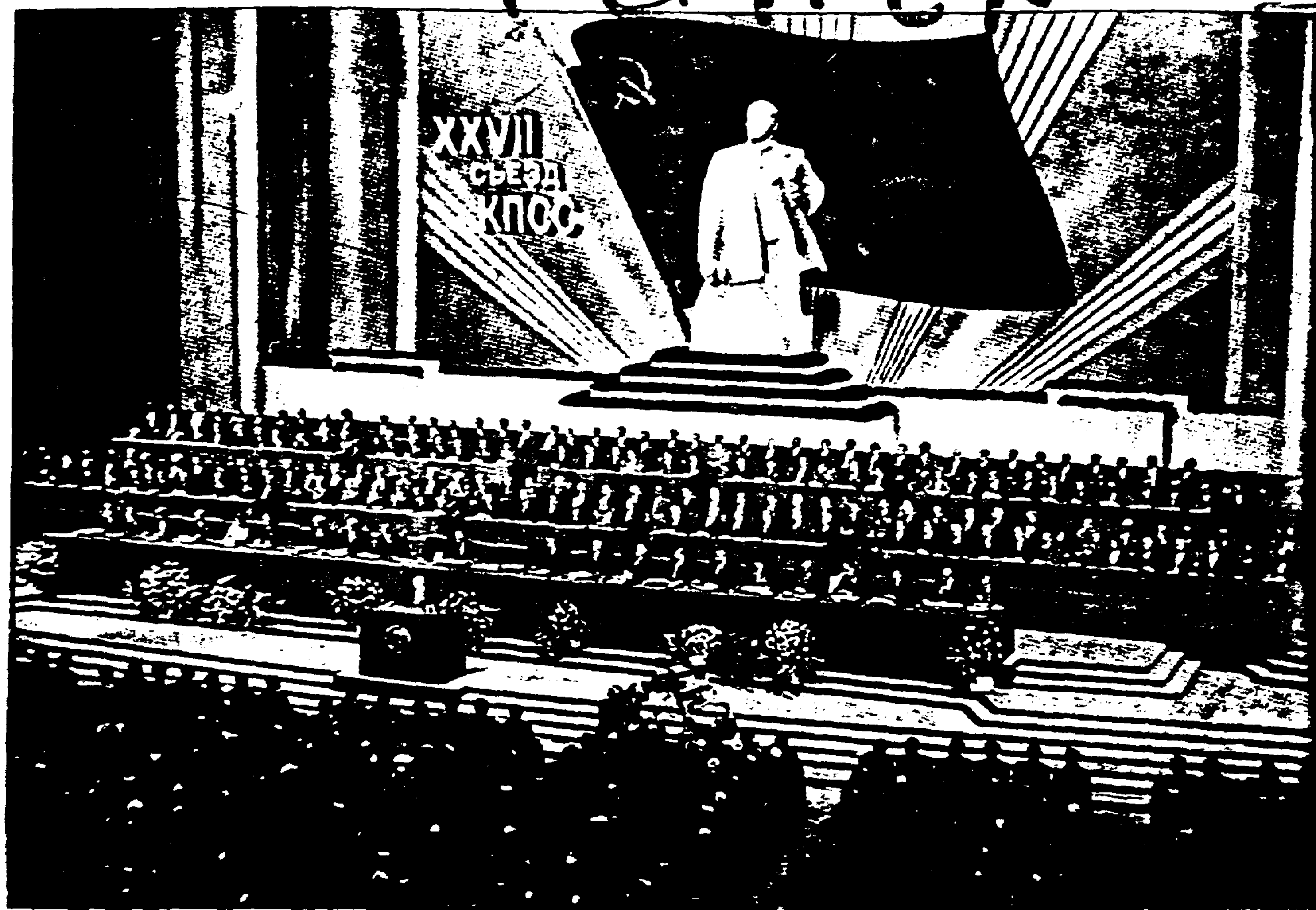
La empresa no podrá seguir perdiendo o produciendo pesetas con duros para cumplir con el plan, siempre confiada en el salvavidas de las subvenciones estatales. La teoría marxista de que una cosa vale tanto como minutos de trabajo encierra cede un trecho al genio hábil. Quien produzca cosas llenas de trabajo sisifesco, repletas de tiempo perdido, será condenado a la bancarrota por el mercado. Las empresas establecerán baremos salariales y repartirán parte de sus beneficios. La mejor prueba de que la *perestroika* haya echado raíces serán las noticias de inevitable liquidación de muchas empresas soviéticas para 1990, cuando termine el periodo de transición. En cuanto a las empresas privadas, éstas *no tendrán que esperar tanto*: ya para fines de año muchas habrán echado a rodar sus rublos en pequeños negocios de artesanía, bares, talleres o cooperativas.

Las empresas extranjeras podrán invertir en proyectos conjuntos con las soviéticas, pero las primeras evaluaciones occidentales son escépticas. La parte soviética se reserva la propiedad del 51 por ciento de las acciones y el derecho a nombrar directores y consejeros, reduciéndose al mínimo la supervisión de los inversionistas. Los yugoslavos no tienen buen recuerdo de una ley similar en líneas generales.

En el capítulo electoral, por primera vez se elegía el día 10 en Ismorski (Siberia) un secretario del partido local en pugna con otro candidato. El perdedor dijo que ganó su contrincante porque había sido alcalde y, como tal, más conocido que él. Esto no es noticia en España, pero sí lo es en el planeta soviético, un mundo del que hasta la fecha la mayoría de sus habitantes sólo salían a otros astros a comprar, vender, danzar, hablar de misiles o imponer sus intereses estratégicos o ideológicos.

Hasta el día 10, los diecinueve millones de comunistas soviéticos se limitaban a confirmar sus candidatos únicos alzando su disciplinada mano y sin

PERLA



VIGESIMO SEPTIMO *Congreso del PCUS. El triunfo de la perestroika puede asestar el golpe mortal al residuo estalinista.*

poder votar a otro. Antes del manifiesto de la *perestroika*, el candidato único de Ismorski habría cosechado entre vítores los 49 votos del comité local. Ahora, el alcalde se llevó 29 y el jefe del *koljós* se quedó en 20. Queda por ver hasta dónde irá la nueva ley electoral y si, como parece, no se detendrá ante el comité central y el buró político.

Ha pedido Gorbachov también que se tome en serio la independencia del poder judicial. «La verdadera democracia no puede sobrevivir al margen de la ley ni por encima de ella.» A mediados de la semana pasada se anunciaron cambios en el Código Penal de la Federación Rusa. La semirrehabilitación del físico Andrei Sajarov y la utilización de sus opiniones contrarias al inexpugnable escudo antimisiles que Reagan pregona con su iniciativa de defensa estratégica (*guerra de las galaxias*, de la que Sajarov se mofa) es muestra del ingenio de Gorbachov.

Un grupo de *refusniks* (judíos a los que se ha rechazado su visado de salida hacia Israel) se manifestaron los días 9 y 10 en la calle Arbat, de Moscú. El KGB fue visible filmando en vídeo las escenas y no se excluye que algunos de sus devotos anduvieran moviéndose junto al grupo. Pero corresponsales presentes concluyeron que el espíritu de la *madre Rusia*, ortodoxa y cristiana, puede ser más eficaz que el propio Breznev en la represión de ciertas herejías. «Os queréis ir por dinero, ya volveréis con la cabeza gacha», les gritaba una vieja. «Hasta la madre de Hitler era judía», les decía otra. Siguieron ráfagas de insultos antisemitas y les arrancaron los manifiestos que llevaban prendidos de la ropa.

EN el pleno de la *perestroika*, Gorbachov se atrevió a echar del buró político a Dinmuyamed Kunayev, un incondicional de Breznev ya depuesto seis semanas antes como jefe del partido de Kazajstán. Quizá no se sintió lo bastante fuerte todavía como para meterse con el ucraniano Vladimir Scherbichki, otro adicto al pasado, pero no manchado de favoritismos o corrupción como aquél. Metió de candidato a un hombre suyo, Alexander Yakovliev, de sesenta y tres años, especialista en propaganda del comité central que lo acompañó a Reykiavik.

Los primeros efectos se dejan sentir ya en la prensa, a la que Gorbachov ha pedido «sinceridad». Los diarios soviéticos afirmaron la semana pasada que, por primera vez en muchos años, la mortalidad de adultos ha disminuido en un quince por ciento desde 1985 y en un 33 por ciento la debida a accidentes laborales. Son tantos que se apunta la política antialcohólica del nuevo líder. Probablemente para compensar vicios, en el semanario *Zdorovie (La Salud)*, un especialista soviético en medicina, tocayo del físico Sajarov, afirmaba el pasado día 10 que la masturbación no es mala y que hasta ayuda a mantener el equilibrio del aparato genital en jóvenes de uno y otro sexo. Lo mismo que en el Vaticano, cosas así no se podían divulgar hasta hace poco en el planeta soviético.

No faltó el mal augurio de quien le metió prisa al propio Gorbachov en el pleno. Vladimir Suliev, miembro del comité central, afirmó que «el estancamiento de los cuadros en sus funciones durante muchos años es muy peligroso. Ya saben ustedes lo que la gente dice: Lámpara vieja no da brillo nuevo. Quienes se han acostumbrado al pasado no cambiarán con facilidad».

A Gorbachov le habría gustado rellenar las cinco vacantes del buró político y destituir a más pétreos convidados de Breznev. Uno de los mejores conocedores de política soviética, el yugoslavo Risto Bayalski, ex corresponsal en Moscú del diario *Politika*, ase-

.02 PERLA

gura que el nuevo inquilino del Kremlin no convocó el pleno de fines de enero para cambiar gente. El año que viene tendrá lugar una conferencia extraordinaria del partido, que dictaminará del estado de vigor de la *perestroika*.

Dicen que cuando el socialista italiano Bettino Craxi se entrevistó con el líder soviético, le recordó a éste que Zdeniek Mlynar, hoy disidente checoslovaco emigrado a Italia, que fue compañero de estudios y amigo de Gorbachov en Moscú, solía recordarlo con afecto. Mlynar, dijo Craxi, solía atribuirle al ruso como frase preferida la máxima de Hegel: «La verdad es siempre concreta.» Gorbachov le habría respondido a Craxi: «Los cumplidos que me llegan desde el otro lado de la Primavera de Praga provocarán discusiones interesantes en las filas de mi partido.»



SEGUN GUSTAVO HUSAK, *Checoslovaquia se ha adelantado a la URSS.*

La *perestroika* ha encontrado ecos diversos en los países socialistas de Europa. A un extremo se sitúa el *ya lo decíamos* de los stalinistas albaneses, divorciados de Jruschev el año 1960 y evadidos del Pacto de Varsovia en 1968. Para Ramiz Allia, sucesor de Enver Hoxha, «la vida ha dado razón a nuestro partido: el capitalismo se ha reinstaurado en la URSS».

Al otro extremo figura el suspiro de alivio de los dirigentes polacos, cuya reforma económica de 1982 había sido tildada de claudicante por el ceñudo Breznev. El general Jaruselski parece seguro de haber recibido una nueva nota de Gorbachov. Ante la embestida de Solidaridad, Jaruselski estaba poco convencido de que los tanques le bastaran para restablecer el orden a largo plazo.

El entonces primer ministro y ministro de Defensa se decidió por una política de «entendimiento nacional». Hace unos días, la revista del Ejército polaco afirmaba que «el programa de reforma económica y social polaco es muy similar al plan soviético de reforma, que seguimos con gran interés y fraternal simpatía».

Cuando hace un año Raisa Gorbachov se paseó por las calles peatonales de Budapest en las que los artesanos privados venden modelitos de lujo, quedó claro que Breznev estaba bien muerto.

Ahora, su marido recoge la afirmación de los comunistas húngaros de que las ganancias son medida cierta del éxito. Los obreros magiares pueden alquilar en las empresas máquinas e instalaciones y hacer horas extras con ellas por cuenta propia. Hace tiempo que en Budapest se abrió el primer hotel privado de lujo y los bancos van a empezar a competir entre ellos.

La reforma húngara ha sido el laboratorio de la *perestroika* soviética, que desechará bastantes de sus aspectos, pero asimilará puntos esenciales. Los disidentes, si no se meten con la URSS y no hurgan excesivamente en las vísceras fundamentales del régimen magiar, pueden ir muy lejos. Por primera vez en la historia de los países del Este, de la Asociación de Escritores Húngaros han tenido que irse los más afines al régimen, descontentos con el tono opositor de la nueva dirección. En las elecciones del pasado noviembre desaparecieron de la dirección los oficialistas.

En el año 1968 no eran raras en Praga las estampas de torretas de tanques soviéticos con un fondo de pancartas contra Breznev. Hace unos días, la Policía tuvo que retirar de un supermercado de Bratislava un kafkiano cartel en el que se leía: *«Que venga Gorbachov.»* Opina la agencia de noticias estadounidense Associated Press que éste es para muchos checos el futuro posible.

Poco después del manifiesto de la *perestroika*, viajó a Praga y Berlín el ministro soviético de Exteriores, Edvard Shevarnache. Su homólogo checo sorprendió en su brindis del banquete oficial al declarar que «el estímulo de las ideas soviéticas inspiran a Checoslovaquia y le dan fuerza, seguridad y coraje».

Hasta hace poco era impensable la sola alusión positiva a las reformas que Alexander Dubchek intentó poner en marcha antes de chocar con los tanques de Breznev. Ahora, el propio Lubomir Strougal, primer ministro checoslovaco, ha recordado que «la reforma de 1968 fue políticamente usurpada (...), para retroceder a métodos de los años cincuenta», clara referencia a la reencarnación de Stalin en Breznev. Se rumorea en Praga que Gustav Husak, jefe del partido desde 1968, podría ser reemplazado dentro de unas semanas por Milos Jakes, miembro también de la vieja guardia. Pero hasta el propio Husak le aseguró a Shevarnache que los comunistas checoslovacos decidieron ya en enero poner en marcha una reforma similar a la soviética.

A los búlgaros, aliados fervientes de Rusia desde el siglo XIX, se les enfermó su primer ministro, Gueorgui Atanasov, en cuanto llegó a Moscú a oír de primera mano el alcance de la *perestroika*. Desde hace años, el líder búlgaro Todor Yivkov anda pregonando una reforma económica a fondo, soñando con transformar la pastoril Bulgaria en puntal de ordenadores del Comecon. Este pequeño país balcánico, de diez millones de habitantes, es fácil de manejar. Las únicas corrientes disidentes son las de la minoría islámica de origen turco, sometidas a una campaña de eslavización recientemente condenada en la cumbre islámica de Kuwait.

Los líderes de la Alemania Democrática recibieron al emisario Shevarnache con prusiano distanciamiento. La RDA no tiene nada que aprender en socialismo de la oriental Rusia, parecieron significarle. Al término de su visita a Berlín, el ministro soviético de Exteriores afirmó no obstante que Erick Honecker le había expresado su «profundo respeto» por las propuestas de Gorbachov.

Un comunista alemán recomendó a un periodista occidental, a raíz de la visita de Shevarnache, que para hacerse una idea de la opinión oficial germano-oriental sobre las propuestas de Gorbachov bastaría con echarle una ojeada a la prensa de aquel martes 3

ENTREVISTA CON JEANNE KIRKPATRICK:

«Gorbachov es un manipulador con encanto»

PARA Jeanne Kirkpatrick, la ex embajadora norteamericana en Naciones Unidas, Mijail Gorbachov es un hombre encantador y manipulador que no pretende modificar el actual sistema soviético, sino modernizarlo y democratizarlo a la rusa.

La dama de hierro de los Estados Unidos anuncia también una nueva cumbre, este año, entre Reagan y Gorbachov.

Kirkpatrick visitó la URSS con un grupo de políticos y militares norteamericanos, entre ellos los antiguos secretarios de Estado, Henry Kissinger y Cyrus Vance, el ex titular de Defensa Harold Brown, y el antiguo jefe del Estado Mayor general David A. Jones.

—¿Qué opina usted de las ideas nuevas que circulan en la Unión Soviética?

—Personalmente, estimo que sus propuestas definen claramente las ideas nuevas, la voluntad de aplicar nuevos enfoques a varios sectores, como la economía, la política, la cultura, las relaciones internacionales. El propio Gorbachov nos explicó —durante la entrevista de más de tres horas que sostuvo con nosotros— que no se trataba de una modificación del sistema sociopolítico, sino de su modernización o «democratización» de las estructuras de gobierno. El primer secretario quiso dejar constancia de que nos hallábamos ante una *democratización a la soviética*, en la cual la participación, la libertad y la crítica tendrán como marco el sistema de partido único. Creo que la voluntad de cambio es real: habrá que esperar los resultados concretos para evaluar el éxito de la reorientación.

—¿Al hablar de Mijail Gorbachov, usted y otros miembros del grupo de políticos americanos que acaba de visitar la URSS, aludieron a su «inteligencia», «encanto personal», «firmeza», «cultura». ¿Confía usted en la buena fe de este hombre?

—No, en absoluto. Por otra parte, creo que las relaciones americano-soviéticas no dependen de la confianza mutua, sino de los intereses que comparten ambos países. Los intereses comunes facilitan el diálogo, nos permiten salir adelante.

En cuanto a la definición de Gorbachov, diría que es un hombre muy inteligente, con una fuerte personalidad, un hombre a la vez encantador y manipulador, un interlocutor seguro de sí mismo...

—¿Un buen actor?

—Sí, un excelente actor, que sabe llevar una conversación, que es capaz de agredir y reconciliarse, que tiene tablas, que además de actor es un excelente director...



EMBAJADORA *Jeanne Kirkpatrick.*

—¿Cree usted que comprende la realidad estadounidense?

—Tiene una visión completamente errónea de la política norteamericana. Se nos quejó, por ejemplo, del «brusco cambio de rumbo» de la política americana frente a la URSS al final de la década de los setenta, durante el mandato de Jimmy Carter. Tachó este periodo de «sumamente negativo», sin aludir siquiera al fortalecimiento del poderío militar de la URSS, a la presencia soviética en tres continentes o a la invasión de Afganistán. Para él, todo se limitaba a la modificación de la política norteamericana, a la aplicación del embargo económico y tecnológico, a la congelación de las relaciones culturales. La explicación que nos dio es que ello se debía a las maniobras de círculos económicos y militares estadounidenses, que trataban de aprovechar al máximo el «ambiente enrarecido» de las relaciones bilaterales.

—¿Detectó usted ciertos cambios en materia de derechos humanos?

—Durante nuestra estancia en la URSS, tuvimos la oportunidad de entrevistarnos con Andrei Sajarov. A mi juicio, es importante que el profesor Sajarov y Elena Bonner se encuentren en Moscú. No en la cárcel, ni en el exilio, sino en su apartamento. También nos entrevistamos con un grupo de disidentes y con esposas de disidentes encarcelados: las autoridades estaban al tanto de ello, pero no trataron de impedir estos contactos. Estamos presenciando una mejoría muy lenta. Me parece que se trata de un aspecto positivo.

—La mayoría de los europeos espera la firma de nuevos acuerdos de desarme entre las superpotencias.

—Tampoco hay que exagerar. Los países de Europa occidental no acogieron con entusiasmo la opción cero, es decir, la eliminación total de los artefactos nucleares norteamericanos almacenados en su territorio.

---

de febrero: no se la mencionaba.

La Alemania Oriental tiene el mayor nivel de vida del Pacto de Varsovia. Con un 4,5 por ciento de crecimiento económico anual va en cabeza del continente y sus dirigentes no piensan renunciar de golpe a la política de subvención de artículos de primera necesidad.

Eso sí, en política exterior le reiteraron al ministro de Exteriores soviético «la alianza fraternal de Berlín con Moscú», más fuerte que nunca.

El rumano Ceaucescu ha sido el único líder del Pacto de Varsovia que ha criticado abiertamente el Manifiesto de Gorbachov. Para Nikolai Ceaucescu, el establecimiento del imperio de las leyes de mercado en el socialismo sería «un retorno a lo viejo y superado». Para el original rumano «la propiedad capitalista, grande o pequeña, sigue siendo capitalista». La alocución de Gorbachov fue recogida por la prensa en algunos párrafos y con varios días de reflexión sobre lo que era publicable. Este país balcánico de veintidós millones de habitantes pasa por una seria crisis económica.

SIEMPRE Ceaucescu ha edificado su hoy decantada popularidad en la garantía de la independencia de Rumania, único país latino del Pacto de Varsovia. Nunca en Bucarest fueron populares los soviéticos y es difícil que una corriente liberalizante de apoyo a la *perestroika* pusiera en peligro el poder de Ceaucescu y su esposa, Helena. El líder rumano pide uno o dos años de paciencia a sus compatriotas. Asegura que en cuanto el país pague los 6.000 millones de dólares que adeuda, habrá carne y naranjas, luz y gas.

Los yugoslavos han quedado entre perplejos y contentos: no se imaginaban tanto futurismo en un ruso. Los dos diarios más importantes de Belgrado se disputan los aplausos al gran hermano eslavo liberal del norte. El oficialista *Borba* era más escéptico en su editorial. Refiriéndose a Jruschev recuerda «la herencia del pasado, que no

04 PERLA

870415

Los británicos, los franceses o los alemanes son sumamente reticentes frente a la perspectiva de la eliminación de los misiles balísticos de los arsenales de la OTAN. Los europeos se mostraron pesimistas después de la cumbre de Reikiavik: hubo incluso quien achacó a EE UU fallos debidos a la «falta de concertación».

Personalmente estimo que en Reikiavik hubiésemos podido llegar a importantísimos acuerdos de desarme si los soviéticos no hubiesen decidido relacionar en el último momento el abandono de la IDE (Iniciativa de Defensa Estratégica) con las otras vertientes de la negociación.

De hecho, creo que hubiésemos podido ultimar los detalles de los acuerdos sobre euromisiles, sobre la reducción de los cohetes intercontinentales y la prohibición de los ensayos nucleares.

El presidente Reagan considera que la IDE es indispensable para nuestra seguridad y la de los aliados. Se trata de disponer de un sistema de defensa eficaz contra los misiles soviéticos, pero también contra los artefactos de otras potencias.

—¿Cuáles son las perspectivas de una nueva cumbre?

—Yo diría que la cumbre se celebrará antes de finales de 1987, probablemente antes del mes de septiembre. Por regla general, no me gusta vaticinar acontecimientos de este tipo. Sin embargo, en este caso concreto estimo que hay mucho interés por parte de la URSS en proseguir el diálogo y negociar nuevos acuerdos: me consta que Estados Unidos comparte la inquietud de los rusos.

Sé positivamente que ambos países están llevando a cabo preparativos serios que han de desembocar en nuevas iniciativas.

Adrián Mac Liman
(Ginebra)

resistió la prueba del tiempo». Ya después de la desaparición de Breznev, memoriza el *Borba*, se asistió a una danza en la que Andropov (que escribía en una mesita de estilo regalo de Tito) supuso un paso al frente y Chernenko un breve silencio. El comentarista del más independiente *Politika* se hace eco de los miedos de quienes se preguntan si Gorbachov no estará yendo demasiado lejos. Opina el editorialista que el líder soviético decidió jugárselo todo a una carta y cosechó más de lo que los más optimistas osaron esperar.

Juan Fernández Elorriaga
(Belgrado)

05-05

RS

026

URSS

—Que durante el reciente mes de marzo, decenas de mujeres judías "rechazadas" hicieron una huelga de hambre en distintas ciudades de la URSS, en protesta por estar impedidas de salir hacia Israel.

01/01

8704198

PS 024

URSS

Ofrecimiento de la URSS

Escolta naval en el golfo Pérsico

MOSCU (ANSA, EFE y UPI). La Unión Soviética anunció ayer que alquilará a Kuwait tres buques petroleros, y señaló que está lista para proporcionar una escolta naval armada a fin de evitar ataques a los tanqueros en el golfo Pérsico.

El anuncio del vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, Gennadi Gerasimov, confirmó las versiones de que Kuwait estaba buscando protección de banderas extranjeras, en particular de Estados Unidos y la Unión Soviética, contra los ataques en el golfo.

"Como resultado de las conversaciones con el Ministerio de Marina Mercante, se llegó a un acuerdo para alquilar tres tanqueros soviéticos para transportar crudo de Kuwait a los puertos de destino", señaló Geramisov.

"Los tanqueros soviéticos pueden ser escoltados por barcos de guerra si el lado soviético lo cree necesario", dijo el vocero en una conferencia de prensa.

Tanto Irán como Iraq, que sostienen una guerra en el golfo Pérsico, han atacado a barcos petroleros.

Los detalles sobre el acuerdo no fueron especificados, pero Kuwait había informado que buscaba un cambio de registro de sus propios barcos para hacerlos diplomáticamente blancos formidables para los aviones enemigos.

Una fuente diplomática occidental dijo que se esperaba que Estados Unidos acepte el cambio de registros para que otros barcos puedan tener protección de bandera estadounidense.

La fuente dijo que los cinco miembros permanentes del Consejo de Seguridad, incluyendo a China, Francia y Gran Bretaña, habían sido consultados sobre el acuerdo, pero los países que realmente importaban a Kuwait eran Estados Unidos y la Unión Soviética.

Los aviones iraníes han atacado repetidamente los barcos tanqueros de Kuwait e Irán recientemente probó misiles chinos HY-2 que podrían alcanzar barcos en el estrecho de Ormuz desde territorio iraní. El estrecho es la entrada al golfo.

01 .01

El acuerdo de pesca se firmaría el 26 de junio en Moscú

Efectos inmediatos en los servicios con la operación de buques rusos

Todo hace prever a esta altura de las negociaciones que se vienen llevando a cabo en nuestro país, que Uruguay firmará un acuerdo de pesca y de tráfico aéreo con la URSS el próximo 26 de junio en Moscú cuando se produzca el encuentro entre Sanguinetti y Gorbachov. De signarse ambos convenios, éstos tendrán efectos inmediatos sobre el sector servicios de nuestro país e inclusive, provocarían en el mediano plazo la integración portuaria entre Montevideo y Buenos Aires. Tal lo informado a La Mañana por calificados voceros consultados.

De no haber inconvenientes y suscribirse el primero de los acuerdos señalados, entre 10 a 30 buques pesqueros rusos en primera instancia, pescarán especies pelágicas excepto la merluza ya agotada, en la franja que dista desde el límite exterior de la zona común de pesca uruguayo-argentina y hasta el límite interior de las 200 millas, dijeron nuestros calificados informantes.

Moscú, a través de la línea Aeroflot.

Este aspecto adquiere singular importancia desde el punto de vista de la venta de servicios, dado que cada aterrizaje en Carrasco dejaría libre de gastos, unos U$S 30.000, afirmaron nuestras fuentes.

Cabe destacar, dijeron luego, que la línea Aeroflot, tiene actualmente servicios de despegue en Latinoamérica, en los aeropuertos de Buenos Aires, Lima y Recife.

BALANCE PRELIMINAR

Estos son los resultados más importantes dentro de un balance preliminar, de la visita de la misión soviética que llegó hace siete días a nuestro país, y que vino presidida por el Primer Viceministro de la Industria Pesquera de la URSS, Nicolás Kudriavtsev.

Los avances logrados a nivel técnico "fueron totales", confirmaron nuestros voceros, a la par que señalaron que capítulos enteros del antepro- excedentes y especies pelágicas.

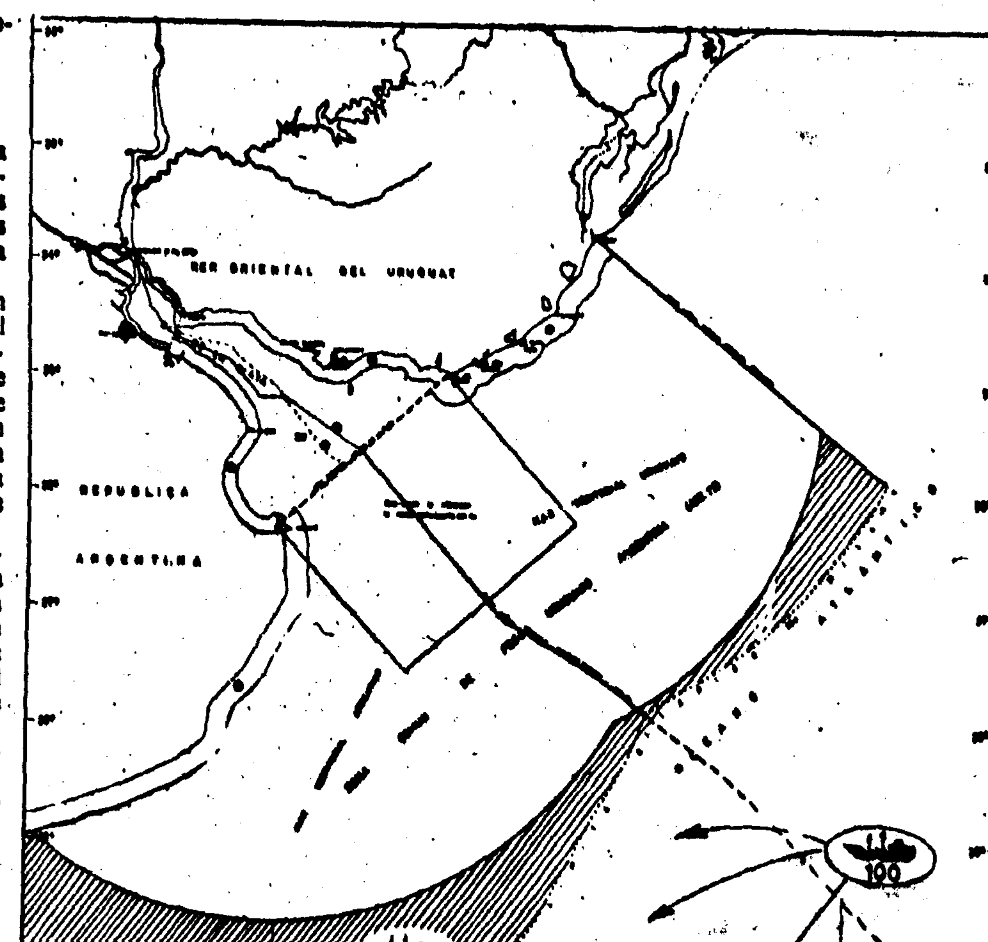
INTEGRACION PORTUARIA CON ARGENTINA

La integración portuaria entre Montevideo y Buenos Aires, sería uno de los resultados o efectos mediatos de confirmarse la firma de estos acuerdos.

En efecto, la delegación soviética que nos visita y el gobierno uruguayo, buscarían que el trasbordo de granos provenientes de Argentina que se realiza en la denominada Zona Alfa del Río de la Plata, sea ejecutado en el puerto de Montevideo.

Como tomó estado público en su momento, a través de algún medio en nuestra capital, en la actualidad esta operación de alije es costosa y tiene el riesgo permanente de humectación del cereal.

De acceder el gobierno argentino a que esta operación se realice en nuestro puerto, ello podría ocasionar algunos inconvenientes que se solucionarían mediante la integración portuaria entre ambos países.



Paralelamente, indicaron nuestros voceros, en las conversaciones mantenidas con las autoridades uruguayas, la misión rusa habría expresado que estaría dispuesta a realizar convenios tipo "joint venture" con aquellas empresas pesqueras uruguayas que padecen desfinanciamiento.

Para ello, también se llevarían a cabo programas intensos de cooperación científicotécnica, que preverían la creación de empresas conjuntas integradas además en la investigación y desarrollo de estas artes.

La venta de servicios por todo concepto, a través del puerto de Montevideo, fue resaltada ya por el Ministro de Transporte y Obras Públicas de nuestro país, en comentarios recogidos en nuestra edición de la víspera.

TRAFICO AEREO

De concretarse el acuerdo de pesca, simultáneamente se firmaría el de tráfico aéreo que posibilitará el traslado de cerca de 600 tripulantes soviéticos desde Montevideo a del corriente.

Destacaron asimismo, que luego de las entrevistas mantenidas con los Ministros de Transporte y Obras Públicas, Jorge Sanguinetti, Agricultura y Pesca, Pedro Bonino, y con los titulares de la Administración Nacional de Puertos e INAPE, se habían logrado, "puntos de acercamiento óptimos".

LO POLITICO

El aspecto político estaría vinculado fundamentalmente en lo interno con la posición de la actividad privada uruguaya en este sector de la economía nacional, que, de acuerdo a nuestros voceros, habría manifestado su descontento ante la posibilidad de que los pesqueros rusos se instalen en nuestra zona económica exclusiva, teniendo en cuenta sus antecedentes como "depredadores".

El Acuerdo de Pesca prevería en este aspecto, estrictos controles de vigilancia sobre las naves, que excluirían 'prima facie' esa posibilidad, circunscribiéndose la captura, como fuera manifestado, a

URSS

8704204

01.01

El acuerdo de pesca se firmaría el 26 de junio en Moscú

Efectos inmediatos en los servicios con la operación de buques rusos

Todo hace prever a esta altura de las negociaciones que se vienen llevando a cabo en nuestro país, que Uruguay firmará un acuerdo de pesca y de tráfico aéreo con la URSS el próximo 26 de junio en Moscú cuando se produzca el encuentro entre Sanguinetti y Gorbachov. De signarse ambos convenios, éstos tendrán efectos inmediatos sobre el sector servicios de nuestro país e inclusive, provocarían en el mediano plazo la integración portuaria entre Montevideo y Buenos Aires. Tal lo informado a La Mañana por calificados voceros consultados.

De no haber inconvenientes y suscribirse el primero de los acuerdos señalados, entre 10 a 30 buques pesqueros rusos en primera instancia, pescarán especies pelágicas excepto la merluza ya agotada, en la franja que dista desde el límite exterior de la zona común de pesca uruguayo-argentina y hasta el límite interior de las 200 millas, dijeron nuestros calificados informantes.

En ultramar y frente a esos límites, en pleno Atlántico Sur, agregaron, lo harán un centenar de buques, expresaron.

JOINT VENTURE

Moscú, a través de la línea Aeroflot.

Este aspecto adquiere singular importancia desde el punto de vista de la venta de servicios, dado que cada aterrizaje en Carrasco dejaría libre de gastos, unos U$S 30.000, afirmaron nuestras fuentes.

Cabe destacar, dijeron luego, que la línea Aeroflot, tiene actualmente servicios de despegue en Latinoamérica, en los aeropuertos de Buenos Aires, Lima y Recife.

BALANCE PRELIMINAR

Estos son los resultados más importantes dentro de un balance preliminar, de la visita de la misión soviética que llegó hace siete días a nuestro país, y que vino presidida por el Primer Viceministro de la Industria Pesquera de la URSS, Nicolás Kudriavtsev.

Los avances logrados a nivel técnico "fueron totales", confirmaron nuestros voceros, a la par que señalaron que capítulos enteros del anteproyecto de acuerdo elevado oportunamente por los soviéticos a nuestro gobierno, no sufrirían modificaciones de entidad. De él, dimos cuenta en nuestra edición del día 6 excedentes y especies pelágicas.

INTEGRACION PORTUARIA CON ARGENTINA

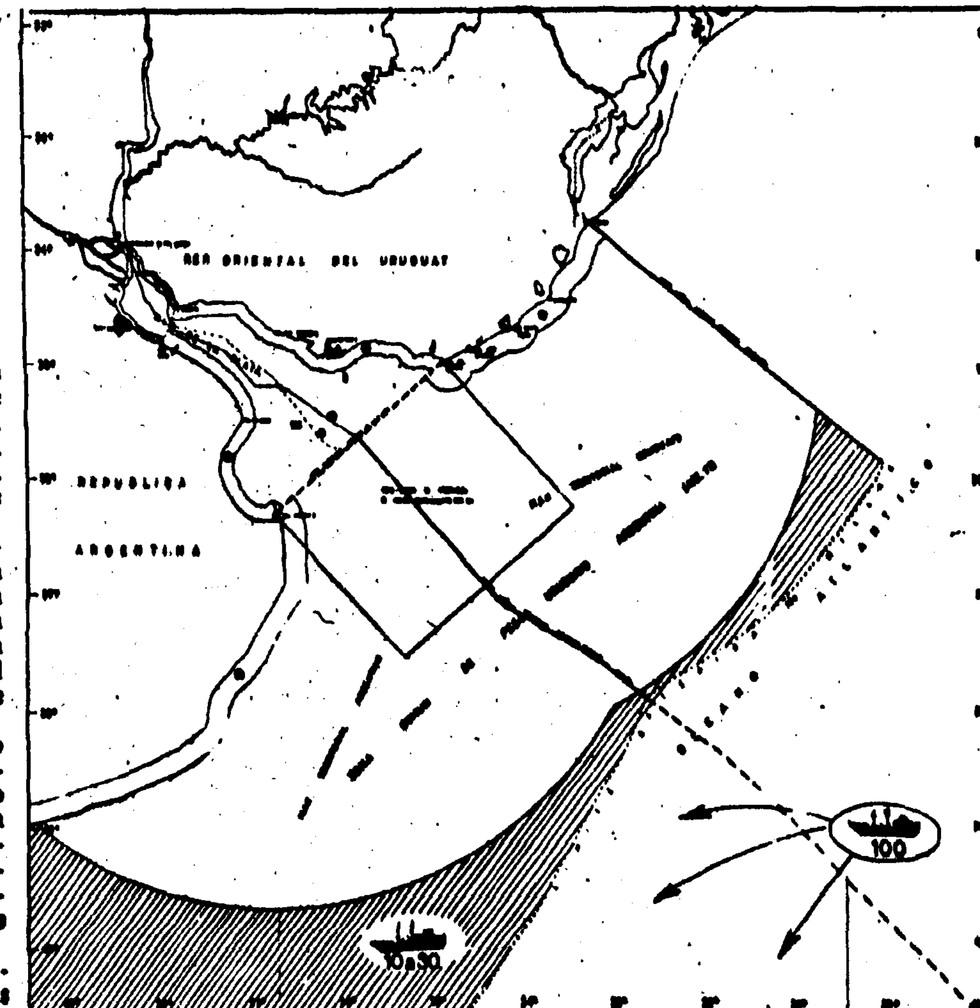
La integración portuaria entre Montevideo y Buenos Aires, sería uno de los resultados o efectos mediatos de confirmarse la firma de estos acuerdos.

En efecto, la delegación soviética que nos visita y el gobierno uruguayo, buscarían que el trasbordo de granos provenientes de Argentina que se realiza en la denominada Zona Alfa del Río de la Plata, sea ejecutado en el puerto de Montevideo.

Como tomó estado público en su momento, a través de algún medio en nuestra capital, en la actualidad esta operación de alije es costosa y tiene el riesgo permanente de humectación del cereal.

De acceder el gobierno argentino a que esta operación se realice en nuestro puerto, ello podría ocasionar algunos inconvenientes que se solucionarían mediante la integración portuaria entre ambos países.

Debe recordarse finalmente, añadieron nuestros voceros, que en la actualidad el tema viene siendo debatido entre las autoridades argentinas y el gremio portuario bonaerense.



Un croquis que muestra el frente marítimo uruguayo y que indica en el área rayada la zona que utilizarían los pesqueros soviéticos en sus operaciones de captura de especies pelágicas, una vez que se firme el correspondiente acuerdo de pesca entre Uruguay y la URSS.

Paralelamente, indicaron nuestros voceros, en las conversaciones mantenidas con las autoridades uruguayas, la misión rusa habría expresado que estaría dispuesta a realizar convenios tipo "joint venture" con aquellas empresas pesqueras uruguayas que padecen desfinanciamiento.

Para ello, también se llevarían a cabo programas intensos de cooperación científicotécnica, que preverían la creación de empresas conjuntas integradas además en la investigación y desarrollo de estas artes.

La venta de servicios por todo concepto, a través del puerto de Montevideo, fue resaltada ya por el Ministro de Transporte y Obras Públicas de nuestro país, en comentarios recogidos en nuestra edición de la víspera.

TRAFICO AEREO

De concretarse el acuerdo de pesca, simultáneamente se firmaría el de tráfico aéreo que posibilitará el traslado de cerca de 600 tripulantes soviéticos desde Montevideo a del corriente.

Destacaron asimismo, que luego de las entrevistas mantenidas con los Ministros de Transporte y Obras Públicas, Jorge Sanguinetti, Agricultura y Pesca, Pedro Bonino, y con los titulares de la Administración Nacional de Puertos e INAPE, se habían logrado, "puntos de acercamiento óptimos".

LO POLITICO

El aspecto político estaría vinculado fundamentalmente en lo interno con la posición de la actividad privada uruguaya en este sector de la economía nacional, que, de acuerdo a nuestros voceros, habría manifestado su descontento ante la posibilidad de que los pesqueros rusos se instalen en nuestra zona económica exclusiva, teniendo en cuenta sus antecedentes como "depredadores".

El Acuerdo de Pesca prevería en este aspecto, estrictos controles de vigilancia sobre las naves, que excluirían 'prima facie' esa posibilidad, circunscribiéndose la captura, como fuera manifestado, a

URSS

8704204

01.01

Explican detalles del proyecto de la URSS para liquidar misiles en Europa

El documento incluye elementos de la posición norteamericana

Moscú (PL). El proyecto de acuerdo presentado por la URSS en Ginebra para la liquidación de los Cohetes de Alcance Medio (CAM) tiene carácter de compromiso e incluye elementos de las posiciones planteadas en el documento norteamericano.

Así lo afirmó el vocero de la Cancillería soviética, Boris Piadyshev, quien añadió que está basado en las proposiciones concertadas por la URSS y Estados Unidos en la minicumbre de Reykjavik en octubre pasado y confirmadas durante las conversaciones que sostuvo aquí el secretario de Estado norteamericano, George Shultz, durante su reciente visita de trabajo.

En encuentro con periodistas, Piadyshev anunció que en Ginebra se celebró una conferencia de prensa en la que el subjefe de la delegación soviética a las conversaciones con Estados Unidos, Alexei Obujov, explicó y comentó el contenido del documento de la URSS.

Debido a ello, añadió que solo se referiría a algunos detalles, entre ellos a su carácter de compromiso.

Expresó que uno de los elementos norteamericanos incluidos en el proyecto soviético es la concepción de la división de los CAM y sus dispositivos de lanzamiento en "dislocados" y "no dislocados".

En la reducción por etapas, afirmó, también se emplean varias definiciones de la parte estadounidense.

Consideró que el borrador de la URSS supera al de Estados Unidos en varios aspectos, entre los que precisó la pretensión norteamericana de reequipar sus CAM para disminuirles alcance, y el planteamiento de que sea la URSS la que inicie primero la reducción durante un largo plazo en el cual Washington podría, incluso, incrementar sus armamentos de este tipo.

El proyecto soviético, subrayó Piadyshev, se atiene estrictamente al proceso de disminución de la confrontación y por eso propone que todos los medios liquidados sean desmontados y destruidos y que la disminución se lleve a cabo al unísono, mientras que los misiles que queden (cien ojivas por cada país) no pueden alcanzar el territorio de la otra parte.



Misil crucero de los EE.UU.

Añadió que se establece un nivel igual para Estados Unidos y la Unión Soviética de Cohetes Táctico-Operativos (CTO: entre 500 y mil kilómetros de alcance), sobre una base global, es decir, en todo el mundo, así como que ninguna de las dos partes tendrá misiles de ese tipo en el territorio europeo, es decir que en el viejo continente serán destruidos.

"Estamos convencidos de que la introducción del proyecto soviético sobre los CAM, teniendo en cuenta la exposición de nuestras posiciones sobre los CTO, garantiza una buena base para la continuación y la más rápida conclusión de formulaciones para ser incluidas en un proyecto conjunto de acuerdo para la liquidación de los cohetes norteamericanos y soviéticos de alcance medio en el continente europeo", afirmó Piadyshev.

Añadió que en la URSS se presta mucha atención al proceso de análisis y discusión en Washington y las capitales euroccidentales de las proposiciones soviéticas y se pronunció en términos positivos sobre el contenido de la entrevista con Shultz, transmitida por televisión en Europa Occidental.

Colaboración soviético búlgara en el comercio

Moscú (PL). La Unión Soviética y Bulgaria afirmaron aquí que el progreso científico—técnico es el camino para obtener cotas más altas en el desarrollo de la sociedad socialista.

En esa afirmación coincidieron el líder soviético Mijail Gorbachov y el presidente del Consejo de Ministros de Bulgaria, Georgi Atanasov, durante la entrevista sostenida aquí como parte de la visita oficial y de amistad que realiza a la URSS el primer ministro búlgaro.

Según fuentes soviéticas, en ese encuentro se trataron diversas cuestiones de la vida interna de ambos Estados socialistas y de la elevación de la eficiencia de colaboración económica y científico—técnica bilateral.

Gorbachov indicó que el proceso de reestructuración que se lleva adelante en su país en todas las esferas pone singular atención en la ciencia, "cuya base material reforzamos así como reestructuramos sus métodos y los vínculos que la unen con la producción".

Al referirse a las inmensas posibilidades que ofrece el desarrollo de la cooperación en la producción y los nexos directos entre las empresas y las instituciones científicas, el líder soviético subrayó la necesidad de buscar con tesón los caminos que brinden solución a los problemas que surjan.

"No podemos —añadió— tenerle miedo a las dificultades que puedan surgir en este aspecto, que constituye una cosa nueva para los países socialistas, lo principal es estar conscientes de sus perspectivas y partir del beneficio recíproco y del deseo de colaborar".

El jefe del gobierno búlgaro subrayó que en su país se sigue con intenso interés la reestructuración desplegada en la URSS, pues la población sabe que los éxitos de los soviéticos en esta senda crearán condiciones propicias también para la realización del nuevo rumbo estratégico del PCB dirigido a acelerar el desarrollo de la economía nacional.

Komsomol: resoluciones del Congreso

Moscú (Por Ricardo Saxlund) Ayer el pueblo soviético estuvo movilizado en la jornada de trabajo voluntario que cubre todo el país. Era sábado rojo, esa gran iniciativa como la llamó Lenin en los años mozos de la revolución. Trabajaron todos los establecimientos productivos, en tanto los del trabajo intelectual ponían en orden el aspecto de la ciudad y también en oficinas y otros lugares del trabajo. El día era frío, con la irregularidad que está mostrando la presente primavera.

El congreso del Komsomol, prácticamente clausurado, abordaba los documentos finales, las resoluciones.

Tras la aprobación de los estatutos, por mayoría y con oposición parcial de dos delegados y abstención de cuatro, que definen al Komsomol como organización política y social (además de diversas modificaciones estructurales y de funcionamiento), el congreso adoptó por unanimidad la idea de una ley especial para la juventud que defina con precisión la función de la juventud en la sociedad, el estatuto de las organizaciones del Komsomol en empresas y demás instituciones.

Sin embargo, se manifestaron numerosas objeciones. Por ejemplo, que la ley, por perfecta que sea, no garantiza que se la utilice bien, que se requiere efectiva práctica cotidiana, que no sea "una nueva envoltura formal". Otra voz señaló que el Komsomol tiene ya muchos derechos, pero sus organizaciones no se ocupan de los asuntos de los jóvenes. Otra: sin ley hemos puesto en marcha muchas cosas.

El congreso ha puesto de relieve una práctica nueva por la agilidad de los debates intercalados en las exposiciones de los delegados y los momentos de votación.

Los problemas sociales, del trabajo, la vivienda, el equipamiento de ciudades y poblados, la participación de los estudiantes en la dirección de los centros universitarios, etc., estuvieron planteados al rojo vivo.

Acorde con lo expresado por Gorbachov, el congreso resolvió que los problemas sociales los tome en urgente consideración el Komsomol y pasen al PCUS y el gobierno para la adopción de medidas, de soluciones que necesariamente tendrán que poner coto decidido a la incompetencia o la irresponsabilidad de dirigentes de distinto nivel.

Una síntesis de lo expuesto por los delegados daría que fue unánime, total, la ratificación del lema de mas socialismo, de concordar más y mejor las realidades con los principios de la sociedad de justicia social. Pero, como se señaló, "será una batalla dura", o como afirmara Gorbachov, los dos o tres años próximos van a ser muy difíciles.

LENIN, LENIN, KOMSOMOL

La ceremonia de clausura se cerró a las seis menos cinco de la tarde. Signo de lo nuevo: había empezado a la cinco y media.

Estuvieron presentes Mijail Gorbachov y la totalidad del buró político del Comité Central del PCUS recibidos de pie por el toque de palmas que coreaban el tradicional canto de la juventud comunista soviética "Lenin, Lenin, Komsomol".

El resumen de clausura, valorativo de lo renovador del congreso y del compromiso de la juventud de impulsar la lucha por la restructuración de la sociedad, del patriotismo y el internacionalismo, lo hizo el reeligido primer secretario del Komsomol, Viktor Mironenko. Anunció asimismo la nueva dirección de la organización.

La internacional puso broche a sus palabras. Fue cantada de pie, como "en viejos tiempos, como hacía la vieja guardia".

Cuando volvían las palmas al "Lenin, Lenin, Komsomol", a nombre del buró político del Comité Central del PCUS, Mijail Gorbachov dijo que el buró político consideraba que el debate crítico y las iniciativas del congreso debían conocerse por todos los soviéticos, que se editaran millones de ejemplares de la totalidad de las intervenciones. Felicitó a los delegados por el trabajo afirmando que el congreso ha sido una sorpresa para todos y que ahora cabe esperar la gran sorpresa de que se realizarán todas las decisiones adoptadas. "Será difícil", afirmó Gorbachov en sus improvisadas palabras, habrá equivocaciones y errores, "pero estamos en el buen camino" y les deseo todos los éxitos y la felicidad.

VIKTOR MIRONENKO, PRIMER SECRETARIO DEL KOMSOMOL SOVIETICO

El reelegido primer secretario del Comité Central del Komsomol, Viktor Mironenko, es maestro y tiene 33 años. Comenzó su actividad en la organización de la juventud comunista soviética hace diez años en un Comité distrital. En 1983 fue elegido primer secretario del Comité Central del Komsomol de Ucrania. En julio de 1986 -meses después del accidente en la electronuclear de Chernobil ante el cual ocupó decididas actitudes en la eliminación de las consecuencias- fue elegido primer secretario del Komsomol por el pleno del Comité Central de la Unión de Juventudes Comunistas Leninistas de la Unión Soviética. Es diputado del Soviet Supremo de la URSS.

RS 026

Irán: los oídos de Moscú registran hasta los rumores

Por Freidun Sajebyan

Mientras el Ejército Rojo no se hace ver, sus estaciones en el Beluchistán le permiten vigilar todo el tráfico en el golfo.

PARIS (L'Express). – Una bruma entre púrpura y violácea baña el horizonte. El "badé kochté gav" –el viento que mata a los bueyes– gime al precipitarse sobre el valle. Llevamos tres horas de vigilia, literalmente colgados de un espigón rocoso, al abrigo de las miradas. De pronto llega un rumor de motores: a trescientos metros de nuestra posición, por la ruta en descenso, ocho camiones de fabricación soviética marchan hacia el Sur. En sus huellas, tres automóviles verde oliva y más camiones, escoltados por motociclistas.

"Son los «shoravis» (rusos). Viven en Dow Rahi y Shileh... El relevo se realiza cada doce horas. Lo hacen así desde hace cuatro años", nos explica el guía, un baluche de 32 años. Ahí tenemos la embestida planetaria; un espacio geográfico de 350.000 kilómetros cuadrados, poblado por tribus nómadas que migran entre Irán y Pakistán.

Inmensa "oreja" de Moscú

La frontera afgana discurre allí, a seis kilómetros detrás del lugar en que nos encontramos, a lo largo de la línea de crestas. El paisaje es grandioso: conglomerado de rocas grises, ocres, amarillas; escenario desolado, barrido por vientos de furia. Ni un solo árbol, sólo algunos mechones de espinos.

Por un abrupto sendero abandonamos nuestro observatorio para dirigirnos, más al Sur, en la dirección de Kuh Malek Siah. No es más que un diminuto punto en el mapa. Pero alberga la primera estación de observación del Ejército Rojo instalada en Irán a raíz de la firma, en 1961, de un tratado militar entre Teherán y Moscú.

Ese punto estratégico fue seleccionado –así como el de Gardané Piré Zan, al sudoeste de Chiraz– con el fin de controlar más eficazmente todo movimiento aéreo o marítimo en el golfo. Y evitar –como en 1980, cuando el frustrado raid de los norteamericanos en Tabas– que aviones enemigos puedan volar sobre el territorio iraní sin ser detectados por un sistema de radares.

Durante mucho tiempo, el acuerdo entre ambas capitales se mantuvo en secreto. Ahora se conocen sus términos: "Técnicos y traductores son enviados a Irán para colaborar en la formación de expertos iraníes y asistirlos en el aprovechamiento del material militar y técnico entregado por la URSS". Sobre el terreno, 120 especialistas soviéticos están adscriptos al mantenimiento de esta inmensa "oreja" (un dispositivo idéntico habría sido instalado en territorio afgano, en el macizo de Godaré Shah), que permite a Moscú espiar el menor desplazamiento: en el sur de Afganistán, en el oeste de Pakistán y en la totalidad del golfo Pérsico y el mar de Omán, desde Bagdad a Mascate. Todas las informaciones recogidas en esa región de Asia central son enviadas de inmediato al Centro de Cómputos de Meana, en el corazón del Turkmenistán soviético.

Proyecto imperial

Eso no es todo. El aeropuerto civil de Zahedan, distrito administrativo del Beluchistán iraní, ha extendido su pista de 2000 a 3200 metros. Se posan allí tanto los aparatos de la Iran-Air como los grandes aviones de transporte soviéticos. Doscientos kilómetros más al Sur, la ciudad de Khash se ha convertido en una encrucijada "sensible", ya que controla el tráfico entre el golfo y Pakistán.

Un poderoso radar fue instalado allí en 1984, lo mismo que en Paskouh. Los 80 kilómetros del valle del Birag están en su totalidad cubiertos por el control electrónico. Y esa cinta asfaltada que desciende desde Iranshahr hasta el mar de Omán está a veces interrumpida durante jornadas enteras para dejar paso a impresionantes convoyes militares.

¿Qué otra cosa? Las pistas de aterrizaje de Iranshahr y de Chahbahar han sido ampliadas a su vez para recibir a los Antonov-22. Por último, siempre en Chahbahar, obras gigantescas (comenzadas bajo el reinado del sha e interrumpidas durante dos años) prosiguen en el puerto de aguas profundas. Son 800 obreros de Corea del Norte los que trabajan en este proyecto imperial...

En ese "universo amarillo", donde el viento silba todo el verano a más de 100 kilómetros por hora, los rumores circulan con rapidez. El más persistente: parece que hay norteamericanos (o, lo que es lo mismo, iraquíes) del otro lado de la frontera, en Pakistán. ¿Dónde? "En Sohouk, en Ispakan y en Diz." ¿Quién los ha visto? Nadie.

Parador de caravanas

Ambito de todos los tráficos concebibles, la región fronteriza es, en todo caso, suficientemente permeable como para parecerse actualmente a un inmenso refugio de caravanas. Entre Khash y Saraan, los bazares ofrecen los productos de su próspero comercio: piezas de repuesto de Range-Rover o de jeep, cajones de Coca-Cola o de Canada Dry, Jeans y Ray-ban, drogas y armas de todos los calibres.

En cuanto a la inmigración clandestina, se ha convertido en la principal fuente de ingresos del Beluchistán. Un pasaje de frontera entre Irán y Pakistán cuesta alrededor de 15.000 francos (2000 dólares). Todo el mundo hace su negocio aquí: el campesino se ha convertido en piloto de motos Honda; el gendarme en cómplice, mediante un suculento bakchich, y el inspector de aduana, cobrador de diezmos, a menudo es propietario de varios ómnibus.

La presencia "shoravi" se mantiene discreta. Por otra parte, sería difícil conocer la localización exacta y el número de soldados del Ejército Rojo. De acuerdo con informaciones de fuentes concordantes, otras estaciones de escucha estarían en construcción. De esa manera, sin hacer ruido, Moscú se las ha ingeniado para escuchar todos los rumores del fondo del mar de Omán. Temible desafío. (c) LA NACION

(Traducción de Jorge Ortiz Bariti)

URSS

01.01

8704242

Soviéticos encontraron numerosos micrófonos

URSS acusa a EE.UU. de espionaje en su Embajada

El Ministerio de Asuntos Exteriores de la URSS presentó en rueda de prensa una serie de aparatos de escucha encontrados en la Embajada soviética de Washington y reveló su enérgica protesta ante las autoridades estadounidenses.

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- Boris Piadishev, portavoz oficial del Kremlin, afirmó que los servicios de seguridad de la embajada de la URSS en Washington encontraron un elevado número de micrófonos y otros artilugios de un alto nivel técnico en dicha sede y también en el consulado soviético de San Francisco y en los apartamentos de su personal diplomático.

"Todos los micrófonos y demás elementos de espionaje que presentamos son de fabricación estadounidense y fueron colocados en las paredes y fundamentos de los edificios que ocupan los diplomáticos soviéticos por los servicios secretos de EE.UU. durante la construcción o reparación de éstos", aseguró Piadishev.

"Sabemos que nos espiaban y que seguirán haciéndolo, al igual que ocurre con las demás embajadas del Pacto de Varsovia. Por esto no estamos sorprendidos y tomamos constantes medidas para nuestra seguridad", añadió.

La denuncia soviética presentada ayer es la respuesta al escándalo de sexo y espionaje que involucró a dos marines del cuerpo de vigilancia de la Embajada de EE.UU. en Moscú, a raíz del cual se descubrieron numerosos micrófonos en la embajada norteamericana.

Sin embargo, el funcionario no admitió que la instalación de sistemas de escucha en la embajada de EE.UU. en Moscú tuviese relación con el KGB soviético y dijo que sólo son afirmaciones estadounidenses basadas en palabras, y en estos temas las palabras son pruebas sin ninguna consistencia.

Piadishev se negó a comentar el hecho de que el año pasado especialistas suecos descubrieron más de 100 micrófonos en una embajada de Moscú y se limitó a decir que este tema era de la competencia de las autoridades de Estocolmo.

El funcionario intentó en todo momento dar a entender que los países del bloque occidental son los que están dedicados a espionaje del Pacto de Varsovia y que la URSS no se interesa por estas prácticas.

Ivan Miroshkin, jefe del servicio de seguridad de la misión diplomática soviética en EE.UU., aseguró que todos los aparatos de escucha son de una tecnología muy avanzada y diseñados para funcionar durante varios años.

"Aún no podemos afirmar que los edificios ocupados por nuestros diplomáticos en Estados Unidos estén limpios de micrófonos y seguimos revisándolos constantemente para evitar sorpresas", indicó.

Piadishev añadió que esta "historia de espionaje" supone una pérdida importante para ambos lados, pues se pierde la confianza y muchos posibles acuerdos beneficiosos para todos están condenados desde un principio al fracaso.

Según el portavoz, hoy se celebrará en la sala de conferencias de la embajada soviética en Washington una rueda de prensa similar a la de ayer en Moscú, con la muestra de otros aparatos de escucha hallados recientemente.

01.01

8704251

RS

07/6

URSS

Negociaciones con la URSS

Acuerdos, áreas y recursos pesqueros

HA trascendido que está a punto de concretarse un acuerdo con la Unión Soviética, por el que alrededor de 150 pesqueros de gran porte que operan en zonas relativamente cercanas a nuestras costas podrían utilizar el puerto de Montevideo como base de operaciones.

De este modo, esas embarcaciones, con tripulaciones de aproximadamente 80 hombres cada una, las cambiarían en Uruguay, se abastecerían de pertrechos y provisiones en nuestro medio y también aquí realizarían las reparaciones habituales que el intenso trabajo de esas naves requieran.

El tema es importante y desde el punto de vista nacional, conveniente, pues todas esas actividades dejarían notorias utilidades y contribuirían a crear un movimiento portuario muy significativo, sin dejar de ver lo que representan como ocupación de industrias vinculadas a la navegación y reparaciones navales y otros rubros anexos.

Simultáneamente, a estar a esas mismas informaciones, las naves soviéticas operarían en la zona de 200 millas uruguayas, fuera del ámbito que corresponde a la parte común de pesca argentino-uruguaya, que está delineada por el arco de circunferencia que, tomando como centro a Punta del Este, se extiende desde el límite lateral marítimo con el Brasil hasta tocar el siguiente arco que -con centro en el cabo San Antonio en Argentina- va desde allí hasta el paralelo 37°40', más o menos a la altura de Bahía Blanca.

Queda, pues, una pequeña zona entre el primer arco y el límite exterior de las 200 millas que sería el área en la cual dichas unidades podrían realizar tareas extractivas para usar, según se informa, los excedentes de captura que la flota pesquera uruguaya no está en condiciones de obtener con sus propias unidades.

Son muchas naves y muy importantes en su capacidad de pesca éstas de la Unión Soviética y no parece mucha esa zona en la que operarían, de donde los recursos a extraer no justificarían esa acción de la flota rusa. Se trata, en definitiva, de un relativamente estrecho corredor que, estando alejado del borde del talud continental no ofrece, al menos teóricamente, una abundancia de especies demersales suficiente como para dedicar a ella el trabajo de esos grandes arrastreros.

El tema es saber hasta qué punto esas unidades operarían sólo dentro de esa zona o lo harían internándose en aguas jurisdiccionales nacionales y de qué medios de contralor eficaces dispone nuestro país para evitar o impedir que tal cosa ocurra. En especial en relación con la merluza, que es el principal recurso que puebla nuestras aguas.

El caso, claro está, no se limita a éste que señalamos, y reviste caracteres más graves e importantes en general, ya que siendo esta especie de carácter migratorio, y existiendo, por acuerdos con Argentina por una parte y por concesiones británicas en el área de exclusión por otra, una enorme cantidad de buques de distintas banderas operando en el Atlántico Sur, el recurso va siendo peligrosamente diezmado de modo que, cuando sube hacia el Norte siguiendo la corriente fría de las Malvinas, luego de haber bajado en diciembre, enero y febrero hacia el Sur por la influencia descendente de las corrientes cálidas del Brasil, llega a nuestra área pesquera progresivamente dañado y disminuido, corriéndose el riesgo de una continua depredación. Que puede llegar a extinguir lo que es una todavía fuerte zona de existencia y multiplicación de un recurso de gran importancia.

Es éste, pues, un tema a la vez muy grave y muy complejo que requiere la acción internacional concertada para prevenir desastres que ya han ocurrido en otras zonas del mundo.

POR lo pronto, ahora, con este acuerdo que parece próximo a ser firmado, habrá que ser especialmente cuidadoso para no caer en un error que puede tener consecuencias indeseables. Y definir muy bien y precisamente qué es lo que se podrá y qué es lo que no se podrá hacer y bajo cuáles condiciones.

La crisis del leninismo

Crisis y reformas en el sistema soviético

por Elbio Laxalte Terra

El presente ensayo —que presentaremos en varios números— intenta explicar porqué el sistema "socialista" soviético, muestra tanto factores de crisis, como elementos de autorregulación, similares además a cualquier sociedad industrial. Intenta asimismo explicar algunas contradicciones en su funcionamiento, abordando críticamente elementos teóricos marxistas que están en la base del dogma revolucionario. Dichas contradicciones resultarían ser inherentes al propio sistema, al punto que todo intento de reforma —como ahora el de Gorbachov—, son necesarios para asegurar la continuidad del régimen. Y en conclusión, el absurdo de un sistema que necesita introducir ciertos cambios para asegurar su supervivencia, aunque estos pertenezcan a la esencia del sistema que dice combatir.



Las contradicciones creadas entre las pautas de un discurso ideologizado y mitológico, que considera que todo marcha con la eficacia y la precisión propia de los poseedores de la "verdad", como consecuencia de la superioridad de la ideología marxista-leninista, y la realidad que muestra el desbarajuste cotidiano; estas contradicciones entre el imaginario ideológico y la realidad, patrimonio del pensamiento dogmático donde todo puede ser justificado y explicado, aclara sin embargo, sobre el porqué de las crisis que cíclicamente sacuden al sistema conocido como "socialismo realmente existente".

Estas situaciones de crisis, producidas cuando se llega a un agudizamiento insoportable de esas contradicciones específicas a los regímenes marxista-leninistas, deja a los dirigentes una única posibilidad que es la implementación de un cierto número de reformas que sean capaces de aproximar mínimamente esos dos parámetros, ideología y realidad, a efectos de oxigenar la propia vida del sistema.

Si miramos los problemas de los países "socialistas desarrollados" desde el punto de vista de su propia ideología marxista-leninista, esta crisis se da como la constatación de que —al revés de lo que predispone la teoría— la superestructura ideológica de la sociedad, no responde a la infraestructura o base material; más grave aun, se trata del esfuerzo constante, agotador y alienante por parte de los ideólogos y dirigentes del Partido Comunista en el poder, para adaptar la realidad, incluso la llamada base material, al discurso ideológico, a través de la única manera posible de hacerlo: el voluntarismo.

¿Qué dice el marxismo-leninismo?

Veamos más de cerca. La teoría marxista-leninista, el aspecto central de la misma, concerniente al análisis de la sociedad, dice que las relaciones de producción en una sociedad dada, tienen su correspondencia con el carácter de las fuerzas productivas, determinando esto el modo de producción que predomina en esa sociedad.

El modo de producción es la manera a través de la cual se obtienen los "medios de subsistencia necesarios para la vida de los hombres para que la sociedad humana pueda vivir y desarrollarse", según definición del Diccionario Filosófico soviético elaborado por M. Rosental y P. Iudin.

Por su parte las fuerzas productivas constituyen un aspecto del modo de producción: los instrumentos de producción con el auxilio de los cuales se producen los bienes materiales, y los hombres, que manipulan dichos instrumentos.

"El cambio y desarrollo de las fuerzas productivas y, ante todo, de los instrumentos de producción, conducen al cambio de los modos sociales de producción de los bienes materiales y a la transformación de todo el régimen social", dicen los filósofos citados. En la producción material de la sociedad, las fuerzas productivas son los medios de producción (instrumentos de producción más materias primas) y la fuerza de trabajo de los hombres que producen.

Las relaciones de producción, son las relaciones que se establecen entre los hombres en el proceso de producción de bienes y en el intercambio de los mismos.Esta situación hace que el proceso de producción sea social.

La relación de producción fundamental, es aquella que liga a los hombres y los medios de producción, es decir, la relación que responde a la pregunta: ¿en posesión y a disposición de quién se hallan los medios de producción? Las relaciones de producción para los marxistas-leninistas, determinan todo el régimen de la vida social: "El conjunto de estas relaciones de producción forma la estructura económica de la sociedad, la base real sobre la que se levanta la superestructura jurídica y política y a la que corresponden determinadas formas de conciencia social. El modo de producción de la vida material condiciona el proceso de la vida social, política y espiritual en general", decía Marx en el prólogo de la "Contribución a la crítica de la economía política".

Esta frase de Marx pone en evidencia esa relación entre base material económica de la sociedad, que supedita toda la estructura política e ideológica.

Construcción del dogma.

Sobre esta base teórica (reconocemos que simplificada por nosotros a los efectos de este artículo) se levanta el análisis marxista-leninista. De esta forma consideran que en el "capitalismo" y en toda sociedad basada en "clases antagónicas", las relaciones de producción se expresan en relaciones entre clases sociales, en relaciones de dominio y subordinación. Por otro lado, la existencia de propiedad privada sobre los medios de producción se encuentra en contradicción "irreconciliable" con el carácter social del proceso productivo y de intercambio. Entonces, en la concepción marxista, esas relaciones de producción, de lucha de clases constante, frenan el desarrollo de las fuerzas productivas de la sociedad y la única forma de resolverlo es por medio de la revolución social.Esta al eliminar la apropiación privada, abre cauce a la producción social sin trabas, pero ya no son los hombres simples ejecutantes, sino productores libremente asociados en relación de ayuda mutua y colaboración, libres de toda explotación.

Esto tiene otras implicancias no menos importantes. Teóricamente, al no existir la coerción sobre el trabajo se eliminan las relaciones jerárquicas, es decir, de dirección empresarial. El excedente sobre el trabajo o plusvalía, que en la teoría marxista constituye el elemento central de explicación de la explotación del hombre por el hombre al constituirse en la base del beneficio del propietario de los medios de producción en la sociedad capitalista, también teóricamente dejan de existir, lo mismo que las diferencias entre campo y ciudad, entre trabajo manual e intelectual. Uno de los elementos centrales sobre los cuales se basa la formación social "capitalista", la división del trabajo, deja de existir igualmente. Por otra parte, el Estado que de acuerdo a la misma doctrina es instrumento de clase al servicio de la clase dominante, comienza un proceso de extinción, en la medida que siendo la clase en el poder la trabajadora, no va a utilizar su acción coercitiva contra los mismos que detentan el poder a través de su organización representativa, el Partido Comunista.

Rosental e Iudin, dicen que "un ejemplo de la total concordancia entre las relaciones de producción y las fuerzas productivas nos lo da la URSS, donde la propiedad social sobre los medios de producción se halla en perfecta armonía con el carácter social del proceso de producción y donde las relaciones socialistas de producción constituyen la fuente poderosa del desarrollo de las fuerzas productivas"..."En la sociedad socialista, en la URSS, las fuerzas productivas disponen de una posibilidad ilimitada para su crecimiento y se desarrollan de acuerdo con un plan...".

Esto, más allá de la soberbia y petulancia en su formulación hay que tomarlo muy en serio, pues la base sobre la cual se ha edificado toda la mitología comunista que se ha trasmitido a todo el mundo a través de los canales propagandísticos. Generaciones enteras han creído religiosamente este mensaje de superioridad, y miles y miles han muerto inflamados en las razones del dogma, que no es otra cosa que un enorme globo inflado, una gigantesca mentira.

Es así que se creaban ilusiones de este tipo:"...en siete años (este es un texto de 1930 !!!) habremos alcanzado y tal vez superado el nivel actual de los Estados Unidos, el más avanzado de los países capitalistas y...en nueve o diez años, dejaremos muy atrás nuestro el nivel que ellos habrán alcanzado en ese momento, si continúan desarrollándose bajo las condiciones capitalistas, es decir, si no se ha producido entre tanto la revolución socialista". (L. Sabsovitch: "La URSS en diez años").

Cuarenta y cinco años más tarde en 1975 ya no se piensa en alcanzar y superar a los países "capitalistas", que en su conjunto han demostrado haber llevado a sus sectores trabajadores a niveles de vida bastante más altos que los existentes en la URSS, sino sólo echar una mirada autocomplaciente y autojustificativa sobre la realidad "...con la propiedad social sobre los medios de producción se liquidó el consumo parasitario de la burguesía y como resultado todo lo creado por los trabajadores pertenece sólo a ellos y se utiliza sólo para su bien. Dicho en otros términos con el mismo nivel de desarrollo de la producción, el socialismo, comparado con el capitalismo asegura un nivel mucho más elevado del bienestar de los trabajadores, sin hablar ya de la superioridad del modo de vida socialista. En segundo lugar, bajo la organización socialista del trabajo, la riqueza social crecerá todavía más rápidamente..."(A.Smirnov:Comentarios a la recopilación de documentos del PCUS sobre la elevación de la vida de los trabajadores. 1975).

Imaginario y realidad

Marx y Engels, en *La ideología alemana*, habían advertido que "no hay que creer de palabra lo que las sociedades dicen de ellas mismas... ni las ilusiones que se hacen sobre ellas mismas". Esto puede *aplicarse perfectamente* a las sociedades llamadas "socialistas" que paradójicamente se reinvindican marxistas. Hagamos un pequeño ejercicio entre lo que se dice, es decir, lo que es la representación ideológica, y lo que se hace o lo que es la realidad social.

La representación ideológica

1) La clase obrera es la clase dirigente.

2) El Partido Comunista, partido de la clase obrera, al servicio de los obreros.

3) Un esfuerzo es pedido a todos los soviéticos para la construcción del socialismo, el cual beneficiará a todo el pueblo y prioritariamente a la clase obrera.

4) No existen más los antagonismos entre los obreros, los campesinos y la "Intelligentsia", así como tampoco entre los obreros y los dirigentes.

5) El Estado y el poder político van en un proceso de extinción, en la medida que existe la democracia plena y no hay antagonismos de clase.

La realidad social

1) Existe una nueva clase dirigente estrechamente ligada al Estado, siendo todos miembros del Partido Comunista. Esta clase es oficialmente aceptada y sus nombres y cargos son inscriptos en un libro oficial llamado "Nomenklatura", pero de circulación restringida a los propios [illegible] se encuentra en el manual titulado "La [illegible] del Partido", según Michael Voslensky, quien, siendo asesor del Comité Central del PCUS, fue integrante de dicha lista: "La Nomenklatura constituye la lista de puestos más importantes; los candidatos son previamente examinados, recomendados y aprobados por un comité del Partido de barrio, de ciudad, de región, etc. Es necesario igualmente el acuerdo del comité del Partido para que sean liberados de sus funciones las personas admitidas a formar parte de la Nomenklatura de dicho comité. La Nomenklatura comprende las personas que ocupan los puestos claves". (Partijnoe streitelstvo, manual de estudios, Moscú 1978, pág. 278).

El libro soviético "Clases, capas sociales y grupos en la URSS" (Moscú 1968) dice que "lo que cuenta en primera instancia, es la diferencia entre los organizadores y los organizados. No es entonces el conjunto de los intelectuales a quienes se atribuye un sitio particular en la organización socialista del trabajo, sino un cierto número de personas que ejercen en nombre de la sociedad, por su cuenta y bajo su control, las funciones de organización en la producción y en todas las otras esferas de la vida social". "Por su naturaleza y su significación social, el trabajo de dirección coloca a los intelectuales cuyo oficio es dirigir, en una posición particular en relación a los que aseguran las tareas de ejecución", dice por su parte el libro: "La estructura de la intelligentsia soviética" publicado en Minsk en 1970, pág. 155.

2) Queda claro entonces que el Partido Comunista es el instrumento político de dirección del país al servicio de esa capa particular de tecnócratas y burócratas, con el agravante de ser partido único. O lo que es lo mismo, que detenta todos los poderes. De alguna forma la URSS es una especie de empresa transnacional, donde el poder (económico, militar, político,diplomático y de influencia en todo el mundo a través de sus agencias políticas, los Partidos comunistas), está concentrado en las pocas manos de los miembros del Politburó del PCUS, y principalmente en las manos del Secretario General. Decíamos partido único, y parece que últimamente han aparecido los comunistas vergonzantes que se defienden de aceptar esta característica esencial al leninismo. No solo no hay país con régimen marxista-leninista donde no haya partido único, sino que está plenamente aceptado por el bagaje teórico leninista: el que fue por mucho tiempo uno de los teóricos más destacados del PC bolchevique de la URSS, Bujarin, escribía en el periódico soviético

La crisis del leninismo

Las contradicciones en la sociedad soviética

por Elbio Laxalte Terra

Esta es la segunda entrega de un ensayo de Elbio Laxalte Terra que intenta explicar por qué el sistema "socialista" soviético, muestra tanto factores de crisis, como elementos de autorregulación, similares además a cualquier sociedad industrial.

Intenta asimismo explicar algunas contradicciones en su funcionamiento, abordando críticamente elementos teóricos marxistas que están en la base del dogma revolucionario.



4) Existieron y existen importantes antagonismos entre los sectores sociales de la Unión Soviética. En primer lugar, entre la Capa Comunista dirigente y los campesinos, antagonismo reflejado en las características extremadamente violentas de la acumulación *primitiva* a la cual estos últimos fueron sometidos.

En 1928 estalla la crisis cuando la cantidad de granos vendidos por los campesinos fue inferior en 2,2 millones de toneladas a lo necesario. La respuesta se dio en el Plan Quinquenal 1928-1933, el cual preveía que la superficie de las cooperativas y granjas estatales pasaría del 2% existente a un 13,4%, colectivizando alrededor del 20% de las granjas individuales, con lo que restaba un 86,6% de tierras de producción individual. Pero la brutalidad en su aplicación fue tal, que en un mes y medio, entre el 20 de enero y el 1° de marzo de 1930, el número de familias "liberadas de su atadura servil a la parcela de tierra" —al decir de Stalin—, pasó de 4,4 a 14,2 millones. De 1930 a 1936, 25,5 millones de productores independientes fueron incorporados a las granjas del Estado. Otros 17 millones y medio de campesinos fueron incorporados al trabajo asalariado en las ciudades entre 1928 y 1932.

Es evidente que estas enormes transformaciones, recientes en la historia, sólo pudieron realizarse al precio de montar un aparato represivo contra millones de personas terminando con todo vestigio de democracia al interior del Partido y del Estado. Las consecuencias aún se sienten: la URSS es crónicamente deficitaria en productos alimenticios y en particular en cereales. Existen también antagonismos al interior de las empresas. Frecuentemente, los conflictos se resuelven violando leyes laborales establecidas, concretándose acuerdos directos entre la dirección de la empresa y los obreros.

Por otra parte, debemos señalar como una contradicción fundamental del sistema la existencia de un partido y de un Estado que proclamándose obrero, reprime violentamente a los propios trabajadores. Incluso en los períodos de menor represión estos no tuvieron ningún poder para incidir en la conducción de los asuntos públicos: "...evaluaciones y opiniones autoritarias se convirtieron en verdades indiscutibles" decía Gorbachóv en la reunión del Comité Central en enero del 87.

5) En vez de extinción paulatina del Estado —como sostiene el marxismo— refuerzo y extensión constante del mismo hasta llegar a la estatización en todos los aspectos de la vida social, con un poder político omnipresente, incluso llegando a formas tiránicas y represivas. Es esta una forma de sociedad totalitaria que esconde las enormes diferencias de clases entre quienes tienen el privilegio de pertenecer a las capas dominantes, detentoras del poder, del cual obtienen beneficios, y quienes sólo viven de su trabajo sin poder opinar libremente, ni siquiera para defender sus salarios. Desde los años 20 los obreros nunca fueron tenidos en cuenta en los asuntos políticos, y ni siquiera en los asuntos concernientes a su vida cotidiana. En un artículo del 13 de noviembre de 1927 firmado Weinberg publicado en el diario Trud, órgano de los "sindicatos" soviéticos, se dice: "Para determinar exactamente el monto de los salarios y fijar los reglamentos del trabajo, es necesario que los jefes de industria y los directores técnicos sean directamente responsables. Esta decisión está dictada por la necesidad de establecer una sola autoridad y asegurar la economía en la dirección de las empresas... Los obreros no deben defenderse contra su gobierno. Esto es muy malo. Es querer suplantar los órganos administrativos".

Sin embargo, para la clase dirigente soviética que oficialmente encuentra su legitimidad en la clase obrera, los movimientos contestatarios, y otras formas de protesta, incluso algunos paros en el trabajo (constitucionalmente permitidos, pero prácticamente muy difíciles, en la medida que los obreros no pueden elegir direcciones diferentes a las impuestas por el Partido), esos movimientos no pueden ser tratados simple y exclusivamente de manera represiva. Vladimir Borisov, fundador de un intento de Sindicato independiente, el SMOT (*Asociación interprofesional libre de trabajadores*), expulsado por ello de la URSS, declaraba al periódico Le Monde de París el 26 de junio de 1980: "*Las autoridades soviéticas temen enormemente los movimientos obreros organizados.* En general ceden pronto, y cuando se trata de un amplio movimiento, puede suceder que un miembro del Buró Político venga inmediatamente para satisfacer las reivindicaciones, de forma que el movimiento se detenga. Luego todo vuelve a su cauce, y cuando la movilización pasa, comienzan a golpear a los organizadores. Se los arresta, o, como mínimo se los expulsa de sus trabajos, y como es ilegal no trabajar, es prácticamente la misma cosa".

Las contradicciones de la sociedad soviética

Resumiendo, todos los factores de crisis están contenidos en la propia estructura de la sociedad soviética. Con el agravante de que siendo la URSS el país central en relación a todos los otros países "socialistas", lo que suceda aquí tiene inmensas repercusiones. La URSS es una de las dos grandes superpotencias, con un sistema mundial de influencias y todos sus avatares tienen necesariamente, repercusiones de acuerdo a ese grado de importancia.

La clase dirigente soviética se encuentra —desde el momento en que se dio la primera gran manifestación pública de crisis del sistema, posterior a la muerte de Stalin en 1953— ante una disyuntiva de hierro.

Por un lado tiene la necesidad de mantener el sistema político-ideológico que da legitimidad al régimen comunista en el poder, así como debe velar por conservar su sistema mundial de influencia. Esta situación que implica la supervivencia de la Nomenclatura como clase dirigente y detentora del poder y los privilegios, necesita la estabilidad del sistema, es más, necesita perpetuar la rigidez del mismo. Ello supone mantener el esquema de poder de partido único, dirección centralizada, planificación autoritaria de la economía, el complejo militar-industrial como elemento de potencia, etc. Y junto a ello el despliegue alienante autojustificatorio y reproductor de la mitología socialista.

En esas condiciones la representación ideológica o imaginaria de la sociedad soviética, choca con la realidad. El propio sistema genera la parálisis de la sociedad. Esta acumuló riquezas por el mito y por la fuerza, sacrificando varias generaciones para la "construcción del futuro comunista", un futuro siempre postergado. Pero ese sistema forzado que funcionaba bajo el estímulo del Terror estalinista, se transformó en un mecanismo paralizante de las iniciativas vitales en la producción industrial, que tiene como condicionante propio de todo elemento complejo, las tomas de decisiones múltiples de acuerdo a los diversos escalones de la producción en serie y en gran escala, y que necesariamente requiere de un mínimo de descentralización e iniciativa, esto es, de libertad.

El objetivo de las reformas impulsadas por Jruschov, donde jugó un papel importante el economista Liberman (por ejemplo, en dar más autonomía a las empresas en sus propias decisiones, lo que se llamó el "reformismo" de los años 60 en la URSS), tenía como objetivo crear un ambiente un poco más libre a los efectos de oxigenar el sistema político.

Pero debemos tener en cuenta al hablar de reformas en la URSS la esencia del sistema y considerar la necesidad de segregar elementos paralizantes, rigideces y contradicciones.

Es la propia estructura que se caracteriza por una organización del trabajo burocrática y centralizadora, el carácter estratificado de la sociedad, la impotencia de los trabajadores para acceder a bienes propios de la sociedad industrial en que viven, las debilidades relativas de los estímulos a la producción, la organización estatal de la sociedad como equivalente de socialización, las que crean la paralización de la misma. La jerarquización vertical de la sociedad, cuya organización descansa sobre la armonización de los intereses de sectores, dictada desde arriba, y que obviamente tiene poco en cuenta lo más bajo y numeroso de la pirámide que son los trabajadores, crea esa situación de rigidez.

Dicho desde el punto de vista de la teoría marxista leninista, estas contradicciones provienen de la oposición cada vez más grave entre las fuerzas productivas modernas y las relaciones de producción existentes que traban el desarrollo de aquellas. O como dice el comunista disidente alemán Rudolf Bahro, que hace un análisis con categorías marxistas de los países del Este, "la supresión de la propiedad privada de los medios de producción no ha significado para nada su transformación en propiedad del pueblo. Es más bien la sociedad entera que se encuentra sin propiedad frente a la máquina del Estado. El hecho de disponer como de un monopolio del aparato de producción, de la mayor parte del excedente, de las proporciones establecidas en el proceso de reproducción, repartición y consumo, condujo a un mecanismo burocrático que tiende a ahogar y a privatizar toda iniciativa industrial".

Entonces en estas condiciones, la URSS está obligada a establecer reformas para oxigenar el sistema, para purgarlo, cuando el mismo comienza a perder el mínimo de flexibilidad necesaria para contener todas esas contradicciones, es decir, mantener los consensos existentes. Pero paradojalmente, está obligada —en esa búsqueda de estabilidad— a introducir en elementos ajenos al sistema, pero acordes con la existencia y complejidad de la sociedad industrial, es decir acordes con la realidad social. La paradoja es que la necesidad de oxigenar el sistema para su propia supervivencia, obliga a introducir elementos que violan las leyes del sistema, lo que crea sin dudas tensiones suplementarias y evoluciones no predecibles.

El "sinceramiento" soviético

Ahora bien, aproximar imaginario y realidad, implica inevitablemente un "sinceramiento", un mirar la realidad sin complacencias y autocríticamente, como única forma de implementar soluciones a la crisis.

En la época estalinista, al decretarse que ya no había clases ni contradicciones de clases en la URSS, las causas de las fallas del sistema había que buscarlas en factores exógenos a la propia realidad soviética. Entonces los responsables de las áreas donde las cosas no marchaban bien, inevitablemente eran "espías y agentes del enemigo capitalista", funcionando ese mecanismo purgatorio con tal eficacia que sólo uno de la vieja guardia bolchevique que tomó el Palacio de Invierno, sobrevivió a las mismas: el propio Stalin.

En la actualidad las cosas han evolucionado y aparece que la lucha se da entre reformadores y ortodoxos. En este momento, se plantea una serie de reformas, cuyo objetivo es dar respuesta a la profunda crisis acumulada durante decenios de inmovilismo, que pone en peligro la propia existencia de la URSS, en tanto superpotencia.

El 27 Congreso del PCUS que tuvo lugar entre el 26 de febrero y el 6 de marzo de 1986 fue la ocasión propicia para confirmar otro movimiento de reforma iniciado efectivamente en el Pleno del C.C. de abril de 1985. Un nuevo equipo tomó las riendas del Partido y del Estado. Su característica es una cierta juventud en comparación con los antiguos equipos dirigentes. En esas circunstancias la estadía en el poder brinda mejores posibilidades de llevar a cabo las medidas emprendidas.

Allí el Secretario General del PCUS Mijail Gorbachov pronunció un discurso bastante alejado de las retóricas autocomplacientes del pasado. Fue un discurso sin grandes promesas, ni certidumbres de "futuros brillantes", *contrariamente* fue un alerta de un futuro complicado.

Es Gorbachov, y no nosotros que no compartimos ese régimen, quien dice: "Los problemas del desarrollo del país crecían con más rapidez de lo que se resolvían. La inercia, el anquilosamiento de las formas y los métodos de gestión, la disminución del dinamismo en el trabajo y el aumento del burocratismo perjudicaban, y no poco, a nuestra causa. En la vida de la sociedad empezaron a aparecer fenómenos de estancamiento". Y llamó a la "reconstrucción en profundidad de toda la vida económica, social y espiritual", a una "reforma radical".

Entonces contra los mitos imperantes de "socialismo altamente desarrollado", de desarrollo económico a la vez "armónico e ininterrumpido" que conduce a un "mejoramiento incesante de las condiciones de vida de las masas", que eran las consignas oficiales poco tiempo atrás, de golpe se reconocen públicamente "los procesos negativos que se revelaron en la década del 70 y comienzos de la del 80", donde "disminuyó sensiblemente el ritmo de incremento de la economía y de la productividad del trabajo... no se alcanzaban las metas de los planes quinquenales ni se tomaban hasta el fin las medidas sociales proyectadas". En definitiva se reconoce públicamente lo que todos sabían pero que oficialmente no había quién lo planteara autocríticamente, menos aún de forma crítica: la existencia de una crisis profunda, que comenzaba a poner en peligro la propia estabilidad de la sociedad soviética. Tal era la fisura entre lo que se decía y la realidad. Crisis profunda a la que había que remediar.

Desde el punto de vista marxista-leninista Gorbachov avanzó una importante tesis muy reveladora de la profundidad de la crisis. Por primera vez se reconoce públicamente, que la crisis está en la base del sistema, cuando plantea que "la práctica ha mostrado la inconsistencia de representaciones por las que las relaciones de producción se corresponden con el carácter de las fuerzas productivas, en condiciones del socialismo, en cierto modo automáticamente. En la vida todo es más complejo. Sí, las relaciones de producción socialistas dan vía libre al desarrollo de las fuerzas productivas. Mas, para ello, aquellas deben perfeccionarse constantemente". Lisa y llanamente lo que está diciendo es que los problemas, los factores de crisis están en el campo de la superestructura, en el campo de las relaciones sociales, que están trabando el desarrollo de la economía. Esto entra en contradicción concreta con el planteo marxista donde la eliminación de la propiedad *privada* posibilita el *desarrollo de las fuerzas productivas, y abre el camino al reconocimiento implícito de la existencia de grupos sociales* en la URSS, y de contradicciones sociales, que inciden directamente en los factores críticos de la economía. Por supuesto que este razonamiento no está dicho de esta forma. En realidad Gorbachov pone el acento en los aspectos formales de las relaciones sociales como son la gestión económica y la administración. Pero cuando evoca estos dos problemas, hay detrás relaciones jerárquicas, directores, planificadores, ministros y casi todos forman parte de esa clase social dominante en el país de los soviets. Implícitamente entonces está reconociendo la existencia de esa clase secreta —que es la dominante en ese país—, y de antagonismos de clases. Está reconociendo en esencia que las fuerzas productivas socializadas están en contradicción con la "detentación" y uso de la producción, por parte de la clase de los organizadores y "decididores".

(Continuará en el próximo número)

REFLEXIONES POLITICAS

950287

Se destruyó el documento Nº 8703300 por ser el mismo.

Crisis y reformas en el sistema soviético

El complejo militar-industrial

por Elbio Laxalte Terra

Esta es la cuarta entrega de la serie que analiza las reformas impulsadas por Gorbachov en la U.R.S.S. Se continúan exponiendo algunos de los factores que determinan la actual crisis económico-social y moral en aquel país, como son las perversiones que engendra la planificación ultra centralizada, y la existencia de un "complejo militar-industrial" que drena los mejores recursos hacia la industria armamentista.



En la Unión Soviética la ideología oficial pregona que la economía política del socialismo desarrollado pone en funcionamiento un sistema altamente racionalizado, cuya organización posibilita un desarrollo ininterrumpido de las fuerzas productivas.

Ese sistema racional, facilitado por relaciones sociales donde no existe la apropiación privada, se resume a los méritos y beneficios que otorga la producción planificada centralmente. Las condiciones son de tal naturaleza, propia al sistema soci[illegible]lítico, que nada debería obstaculizar (al menos en las intenciones o representaciones ideológicas) el funcionamiento del mismo. La realidad es bien diferente.

Las perversiones del plan

Esa lógica planificadora centralizada, vertical, autoritaria y burocrática, en la práctica se convierte en su contrario, en la medida en que, para hacerle frente, se necesita desarrollar una relativa autonomía de las unidades de producción, así como a un funcionamiento de tipo monopólico de los ministerios. Para cumplir las necesidades de cada rama de la producción, se implementan las "tareas auxiliares" (que pueden representar un 30 o 40% del total productivo), que reemplazan al interior de una unidad productiva o de una rama de producción, la fabricación de productos que debieran ser provistos por otros ministerios, con el resultado de autarquía y autonomía relativas. La tendencia de cada ministerio, no es sólo depender lo menos posible de los otros, sino ganar espacio, con el inconveniente para un sist[illegible] rígido, de introducir irracionalidad y anarquía, como puede ser el impedir la difusión de los adelantos técnicos y científicos entre las otras unidades de producción.

En estas condiciones, se continuaba produciendo por inercia, y para cumplir el Plan, no importaba de qué manera. Se desperdiciaba la productividad del trabajo, y se le daba poca importancia a la producción de bienes sociales, como artículos de consumo, viviendas, etc. la superestructura ideológica de la producción seguía funcionando como en la época de la industrialización forzada, donde el requisito era penalizar el consumo para acumular en inversiones productivas.

En cierto sentido los responsables del Estado no se habían dado cuenta que el desarrollo económico y la cultura del pueblo soviético, habían hecho entrar a la sociedad en una nueva etapa: la de una sociedad de consumo, que tiene el inconveniente de no ofrecer artículos correspondientes a la demanda. Esto es lo que puede leerse en la siguiente opinión del economista Abel Aganbeguian en "Una economía sensible a la renovación" (A.P.N. Moscú 1986): "Toda la práctica mundial prueba que al duplicar los ingresos reales percápita se produce la transición hacia una estructura nueva de consumo, hacia un nivel de vida cualitativamente nuevo".

Gorbachov en el 27 Congreso del PCUS, resume la situación de crisis de la siguiente manera: "La economía por inercia, continuaba desarrollándose en un grado considerable sobre la base extensiva, se orientaba a incorporar a la producción recursos laborales y materiales adicionales. Como consecuencia se redujo seriamente el ritmo de incremento de la productividad del trabajo y algunos otros indicadores de la eficiencia. Los intentos de solucionar las cosas mediante nuevas construcciones agravaron el problema del equilibrio. La economía nacional que dispone de enormes recursos, tropezó con la escasez. Se llegó a una incorreción entre las necesidades de la sociedad y el nivel de producción alcanzado, entre la demanda solvente y su cobertura material".

Hasta el presente, el plan preveía validar a priori la producción. Esto consiste en reconocerla como socialmente necesaria, a partir del momento que la misma se pone en marcha, sin importar si puede o no ser utilizada más tarde por su mala calidad, ni la amplitud de las fuerzas productivas afectadas, con tal de producir la cantidad requerida. Por otro lado, se fija el precio del producto sin tener en cuenta el tiempo de trabajo socialmente necesario. Esto implica en los hechos, una negación de la ley del valor (por capitalista) y es independiente de la asignación que se le da a la plusvalía originada por el trabajo. Se negaba ideológicamente la rentabilidad. Pero la realidad es dura: el aumento de la renta nacional invertida —según el economista Aganbeguian—, pasó del 41% en el quinquenio 1966-70, al 28% en el quinquenio 1971-75, al 21% en el quinquenio 1976-80 y al 16,5% en el correspondiente a 1981-85.

Se demuestra entre otras cosas, la existencia de una inflación oculta, a través de la necesidad que tiene el Estado de subvencionar ciertos precios. El mismo Aganbeguian dice que: "el pan, la carne, la leche, la manteca... cuentan con dotaciones del presupuesto del Estado que alcanzan al año, a decenas de millones de rublos, cosa que desde el punto de vista económico no puede considerarse normal. Los precios de esos productos no han variado en más de 20 años".

Alcoholismo y drogadicción

Otro aspecto de estos problemas sociolaborales es el alcoholismo y la drogadicción. Con respecto al alcoholismo, se calculó que el consumo de bebidas se duplicó en los últimos 25 años. ("En el país se ha desplegado la lucha contra la embriaguez y el alcoholismo... hemos decidido tomar medidas resueltas... se ha reforzado el orden... no debe admitirse aquí ninguna relajación!" Gorbachov). Con respecto al consumo de drogas en la juventud, por primera vez se reconoce oficialmente su existencia. Esta, que ya había sido conocida en cuanto a consumo masivo por parte de las tropas soviéticas estacionadas en Afganistan, a través de declaraciones a la prensa internacional de prisioneros rusos, es ahora reconocida por las autoridades. Efectivamente, el Ministro del Interior Vaslov habría reconocido la existencia de alrededor 46.000 drogadictos en la URSS y expresado que el uso de narcóticos es un problema en vertiginosa evolución. Sin embargo se puede poner en duda estas cifras, en la medida que acompañó esa declaración con la información de que una campaña conocida como "Amapola 86" habría dado como resultado el arresto de 4.000 productores y 300 correos, y destruidas 3.000 plantaciones de opio y 100.000 acres de marihuana. Según la información, publicada por Búsqueda del 15 de enero de este año, el ministro del interior dijo a Pravda: "No diría que nunca antes tuvimos ese mal, pero la discusión pública de estos tiempos no era fomentada. Debemos admitir que haber guardado silencio sobre los grandes peligros de la adicción a las drogas fue negativo para el conocimiento social, debilitó la atención y el vigor de la policía y de la profesión médica, disminuyó la vigilancia de los padres, colegios y de la opinión pública. Este silencio alentó la expansión de la adicción a las drogas". Esto demuestra que —al contrario de lo que querían algunos hacernos creer— el flagelo de las drogas no golpea sólo a los países "capitalistas".

El complejo militar-industrial

Voluntariamente dejamos para el final un aspecto muy particular de la realidad soviética.

Hasta ahora hemos explicado factores de crisis agudos, reconocidos oficialmente por las autoridades soviéticas. Sin embargo, nuestras apreciaciones podrían entrar en contradicción con un hecho obvio, como es la capacidad y modernismo, potencia y presencia mundial de las Fuerzas Armadas de la URSS. ¿Cómo es posible que en un país donde la sociedad civil sufre una crisis moral y material, de envergadura sus Fuerzas Armadas sean capaces de disputarle la hegemonía mundial a los EE.UU. la otra gran superpotencia?

¿Cómo es posible para una potencia como es la URSS, compatibilizar una economía de penuria, donde fabricar productos de consumo corriente es toda una aventura, donde la producción de comestibles presenta enormes deficiencias, con la fabricación en serie de bombas de hidrógeno, de misiles computarizados, y satélites espaciales? ¿Cómo se explica ese dualismo en la sociedad soviética, donde un sector está sumido en una fuerte crisis, mientras otro refuerza constantemente su poderío?

Una primera respuesta podemos obtenerla a partir de Cornelius Castoriadis, filósofo y sociólogo griego, ex integrante del equipo de redacción de la revista "Socialismo o barbarie". En su ensayo "Devant la guerre" (Paris 1981), explica que "el primer hecho a considerar y a explicar es que, de las dos superpotencias que se enfrentan, es solamente Rusia quien conduce y tiene la posibilidad de llevar adelante en la actualidad, una política ofensiva. No es el capital financiero quien envió a los cubanos a Etiopía, ni la baja tendencial de las tasas de beneficios quienes condujeron a los vietnamitas a Cambodya, ni la desvalorización del capital quienes obligaron a los rusos a invadir Afganistán. Y ciertamente, no es la necesidad de defender Rusia —estando esta defendida tanto como le es posible y necesario desde el momento que tuvo acceso a la bomba H y a los misiles correspondientes, es decir desde hace más de veinticinco años— que ha empujado al Kremlin a acrecentar y a acumular sin cesar los medios de guerra terrestres (dominio donde posee de entrada una superioridad aplastante, que no para de aumentar), a construir una flota que rivaliza con la flota norteamericana, en fin, a buscar, y comenzar a obtener, la superioridad en materia de armamentos nucleares. Esos armamentos gigantescos acumulados con una eficacia considerable, en un país donde todavía no se llegó ni por asomo, a satisfacer lo que se convino en llamar las necesidades 'elementales' de la población, donde la totalidad de la economía 'civil' está en un estado lamentable, donde la agricultura —exportadora neta durante milenios— no llega a alimentar a la población; la alternativa: trigo o bomba H, fue decidida por el Kremlin neta y categóricamente, y esto desde hace tiempo".

El segundo elemento de explicación, es la existencia en la URSS de una "sociedad paralela", selecta, independiente del resto de la sociedad. Dispone del máximo poder y con sus propias unidades productivas y de investigación científica, drenando enormes medios a través de una transferencia de recursos materiales y humanos desde la sociedad "civil" hacia lo que el científico creador de la bomba H soviética y ex deportado Andrei Sakarov llama el "complejo militar-industrial".

Tomando como ejemplo cualquier sociedad, se encuentra que en ella existe un sector llamado 'moderno' y otro que lo es menos. Aunque esta definición es arbitraria, recubre el hecho de que en las sociedades de la época industrial el sector moderno es aquel que tiene la posibilidad de concentrar más innovaciones, más capital tecnológico y científico y más recursos.

Es innegable que en las sociedades occidentales, el sector militar está muchas veces a la vanguardia de las innovaciones tecnológicas, y que muchos de los métodos y descubrimientos, tienen como primer objetivo la industria armamentista aunque basándose en una industria "civil" muy desarrollada. Sin embargo, estos descubrimientos no quedan encerrados sólo en el aparato militar.

En la URSS, el único sector moderno es el sector militar, con la característica de que además este sector recibe el aporte constante del sector civil. A él afluyen los "mejores" de todos los sectores, así como también los aportes del sistema productivo, sobre todo las materias primas. Pero además, sus fábricas, talleres y laboratorios, funcionan bien. No tiene nada que ver con el funcionamiento anárquico de la economía civil. Sino no se podría comprender, cómo, de una industria incapaz de producir maquinarias sin defectos, ni piezas de recambio de calidad, al mismo tiempo puede producir un MIG 25, o un SS20. Es evidente que existe una organización del trabajo, y una actitud hacia el "sub-sistema" que no resbala hacia el resto de la sociedad. Los militares, el complejo militar industrial soviético, no es sólo un sector de élite, como puede ser un sector de la burocracia y del partido en la sociedad "civil". Es un verdadero "cuerpo social", auto-organizado y autogestionario, que vive sobre sí mismo, a expensas del sector de la sociedad soviética caracterizado por la anarquía, el desabastecimiento y el relajamiento de la moral social. Y esto no es un accidente. Es una constante desde el final de la última guerra. Las reformas de Jruschov y las actuales en curso, no tocan en absoluto el tema militar. En ningún discurso conocido, pronunciado por Gorbachov, se hace referencia al tema militar. Y es obvio: si es el sector más moderno de la sociedad soviética, para qué modernizarlo...!!

Para comprender esto debe hacerse un esfuerzo para imaginar lo qué es una industria armamentista moderna, como sólo dos países en el mundo pueden hacerlo: la URSS y los EE.UU. No solo deben fabricar productos terminados en grandes cantidades, para armar millones de hombres y poseer grandes stocks, sino que deben tener también una gran calidad y un alto grado de sofisticación. Esto implica fabricar decenas de miles de componentes diversos, para elaborar miles de artículos. Estos productos cubren prácticamente la totalidad de los sectores de la moderna industria. Uno solo de estos sectores funcionando mal, traba la producción en serie, que necesita de una excelente coordinación, integración e interdependencia entre los sectores. Entonces, producir aviones de combate ultrasofisticados como el Backfire, el MIG 25, los SS20 o los Soyuz necesita un universo industrial, tecnológico y científico, e incluso sociológico, funcionando con precisión y eficacia.

Es indudable que una organización productiva de tal complejidad, funciona igualmente con motivaciones que son también diferentes del resto de la sociedad. En las "fábricas cerradas", conocidas por primera vez en 1963 a través de un discurso de Jruschov, (quién también agregaba que eran "cerradas también a las críticas" (!!)) quienes trabajan allí, además de guardar secreto y de ser estrechamente vigilados por los organismos de seguridad, viven en condiciones excepcionales, conformando un sector privilegiado de la población. Tienen todos autoconciencia de ser los "mejores" de la sociedad, en todos los órdenes. Incluso los obreros forman una especie de aristocracia en relación a sus pares "civiles".

Una organización de tal categoría, de tal complejidad y jerarquización, cuyo objetivo es mantenerse a la altura y aun superar la potencia norteamericana, no puede obviamente tener nada en común con la situación imperante en la economía soviética, duramente criticada por sus máximos dirigentes, y objeto de la actual política de reformas.

En conclusión, la existencia de un "complejo militar-industrial" supermoderno, autónomo del resto de la sociedad y que drena sus mejores recursos para su funcionamiento en vistas de la lucha por la hegemonía mundial con los EE.UU., es otra de las causas de la crisis global de la economía y de la sociedad soviética.

(Continuará en el próximo número)

03

8704272

REFLEXIONES POLITICAS

Crisis y reformas en el sistema soviético

La propuesta de los reformadores

por Elbio Laxalte Terra

Se destruyó el documento Nº 8704229 por ser el mismo

En esta, la quinta entrega de este estudio sobre crisis y reformas del sistema soviético, se encaran algunas de las principales propuestas de reformas económicas puestas en práctica en la URSS. Globalmente, se trata de flexibilizar la economía soviética, introduciéndole elementos propios a la economía de mercado.



"Entre nosotros hemos partido de la tesis de que, a diferencia de lo que sucede en las sociedades capitalistas, aquí no puede generarse una contradicción entre el desarrollo de las fuerzas productivas y las relaciones de producción". "La realidad demuestra que no es así; el tipo de relaciones de producción existente en nuestra sociedad es el que se creó en los años 30. Estas relaciones no han cambiado fundamentalmente (en cincuenta años). Sin embargo, la realidad es que hoy esas relaciones de producción están en contradicción con las fuerzas productivas y ese es la causa estructural de la crisis económica actual en la Unión Soviética. Ha podido haber una influencia de la crisis económica mundial, pero la causa principal es la causa estructural; ha habido un desarrollo de las fuerzas productivas que hoy no encaja ya en el marco de las relaciones de producción existentes". Tal es lo que afirma el Informe de Tatiana Zaslavskaia, en su parte medular, luego de pasar revista a los factores de crisis. La economista Zaslavskaia, colaboradora del académico Abel Agambeguian, presentó este Informe "secreto" al Buró Político del PCUS en 1983, concluyendo un largo combate reformador del equipo instalado en la Ciudadela Científica de Novosibirsk, en plena Siberia: el Instituto de Economía y Organización de la Producción Industrial de la Sección Siberiana de la Academia de Ciencias de la URSS, el hoy célebre Akademgorod. Este equipo se hizo popular a través de una publicación de economía, la revista "Eko" (Economía y organización de la producción industrial), la de mayor tiraje en su género en la URSS y tenía a su cabeza al célebre académico Abel Agambeguian, hoy Secretario adjunto de la Sección de Economía de la Academia de Ciencias de la URSS, quien además preside la importante Comisión para el estudio de las Fuerzas Productivas y los Recursos Naturales. Agambeguian, que ya se contaba en 1965 entre los "reformadores" de la época, fue llamado a Moscú en 1985 y se encuentra hoy entre los más próximos asesores de Mijail Gorbachov.

Partiendo de la constatación de la existencia de una aguda crisis se inicia el movimiento de reformas bajo la autoridad política de Gorbachov. "...se ha emprendido el rumbo —dice Agambeguian— hacia la intensificación omnímoda del complejo macroeconómico del país, el desarrollo progresivo y el aprovechamiento eficiente del potencial científico y técnico; la administración socialista de la economía se pone en correspondencia con las condiciones actuales y las necesidades sociales".

¿Cuáles son las principales reformas económicas propuestas?

Globalmente, el proyecto consistía en mejorar la política de inversiones con acento en la modernización tecnológica. De este modo, aumentar la productividad, para racionalizar así la mano de obra. La forma concreta pasa por el abandono parcial de la planificación central y de la subcentralización a nivel de ministerios, dándole más poder de decisión a cada unidad productora o empresa. Este nivel de responsabilidad tiene relación con una vinculación más directa de las empresas con el mercado, a través de contratos, la fijación del precio a través de su relación con el costo social —y no a través del Plan— y el sistema de salarios en relación con la rentabilidad, la productividad y la calidad de los productos terminados.

Nueva política salarial

Gorbachov en el 27º Congreso lo afirma: "...extender resueltamente los límites de la autonomía de las agrupaciones y empresas, elevar su responsabilidad por el logro de los resultados finales máximos. Para ello hay que implantar la autogestión financiera auténtica, la recuperación de los gastos y la autofinanciación, hacer depender directamente de la eficacia del trabajo, el nivel de ingresos de las colectividades". En pocas palabras, las empresas deben manejarse autónomamente sobre el mercado, obteniendo sus ingresos de acuerdo a la colocación y aceptación que tengan sus productos en el mismo.

El Secretario General del PCUS, que leyó durante cinco horas su Informe —a pesar de que cada uno de los 4993 delegados tenía una copia exacta del mismo— sin embargo tuvo sus raros momentos de improvisación. En uno de esos momentos, con una sonrisa maliciosa —según informó el corresponsal de Le Monde de Paris, Dominique Dhombres el 27 de febrero de 1986— Gorbachov se dirigió al auditorio: "¿Porqué no he escuchado aplausos cuando hablé del trabajo mal hecho y de la mala calidad de los productos? Lo que Uds. producen va directamente a los desperdicios, no puede venderse. Sin embargo a Uds. se les paga. ¡Es un absurdo!" La idea del "equipo económico reformador" es que haya una "relación directa" entre los ingresos de las empresas y los salarios distribuidos entre los empleados. Dice Gorbachov en su Informe: "...es indispensable que el monto del fondo salarial de las empresas esté conjugado directamente con los ingresos provenientes de la venta de su producción. Esto ayudará a excluir la producción y el suministro de artículos inútiles y de baja calidad... No podemos seguir consintiendo que los trabajadores de empresas productoras de artículos inservibles vivan sin grandes preocupaciones, cobrando plenamente el salario... Por cierto, ¿por qué tenemos que remunerar un trabajo que da un producto que nadie compra?".

Abel Agambeguian, el hombre que tiene a su cargo concretamente las reformas en el sistema económico dice en "Una economía sensible a la renovación", que: "La ampliación de los derechos de las colectividades en la producción, la ampliación de su autonomía tiene, como es lógico, su otra cara. Las empresas y agrupaciones deben primero lograr ser rentables, amortizar sus gastos, y luego pasar a la autofinanciación. En otras palabras, al disminuir el grado de injerencia centralizada en sus actividades, el Estado se exime en igual medida de la responsabilidad de los resultados de la labor de las colectividades de empresas. He aquí, por ejemplo, el problema que afrontarán nuestras empresas ya en el presente quinquenio. Por decisión del Gobierno, en los sectores de la producción se ha programado aumentar en un 25-30% como promedio los sueldos y tarifas salariales. Pero es la primera vez que esa subida no se realizará de modo centralizado, porque esos medios deberán obtenerlo las propias empresas al aplicar el nuevo sistema".

Eliminar las subvenciones a empresas deficitarias

La autogestión financiera, recubre de hecho una cuestión inédita como es el introducir prácticas mercantiles en el sistema financiero. Gorbachov señala que "El sistema financiero no influye en grado suficiente en la elevación de la eficacia económica. Ha adquirido grandes proporciones la práctica inadmisible de redistribución de los ingresos, en cuyo caso las pérdidas de las empresas, los ministerios y regiones rezagados se cubren a expensas de los que obtienen beneficios de su trabajo. Esto resquebraja la autogestión financiera, origina una mentalidad de vivir a expensas de otros, orienta a pedir sin cesar ayuda a las instituciones centrales. Ha perdido su misión auténtica el crédito". Para evitar entonces esta práctica de subvencionar todo aquello que da pérdidas, propone "cambiar a fondo el contenido, la organización y los métodos de trabajo de los organismos financiero-crediticios. Su tarea más importante (debe ser) el estímulo económico, el afianzamiento de la circulación monetaria y de la autogestión financiera, que es, precisamente, el mejor supervisor. Se deberá hacer depender todo ello del fruto final".

Competir en el Mercado Internacional

También se extiende a los ministerios y las empresas la posibilidad de tener relaciones directas con el mercado internacional. Claro que la dificultad aquí reside en la calidad frecuentemente inferior de los productos soviéticos en relación a la media internacional. Por esto Gorbachov en su discurso a los dirigentes del 27 de enero de 1987, señala: "La reorganización de la actividad económica exterior, el derecho que a muchos ministerios y agrupaciones se concede para salir al mercado exterior, así como el derecho a todas las empresas para entrar en relaciones directas de cooperación con empresas de los países socialistas crean nuevas condiciones..." "La premisa fundamental para realizar estas posibilidades reside en la producción de calidad mundial".

Producir para el Mercado de Consumo.

Un aspecto esencial de la nueva política económica se encuentra en lo que los dirigentes soviéticos llaman "políticas sociales". Estas consisten en adecuar la producción a la demanda cada vez más importante de los soviéticos. Hacíamos notar que el grado de desarrollo adquirido por la sociedad industrial soviética, unida a la importante urbanización del país, habían creado transformaciones sociológicas de importancia, que el régimen no había tenido suficientemente en cuenta. Para ilustrar esos cambios veamos la repartición de la población económicamente activa:

	1965	1975	1984
Agricultura	39,8	22,8	19,8
Industria	32,4	38,0	38,3
Servicios	27,8	38,2	41,9

Fuente: L'Etat du Monde. Paris 1986.

Vemos así que la participación del sector servicios en la sociedad revela la necesidad de proveer a la población, urbana principalmente, de toda una serie de beneficios como salud, transporte, etc. Sin embargo no se previó suficientemente que el aumento del bienestar de la población, tiene necesariamente, otras consecuencias relativas a la estructura del consumo. Una sociedad altamente desarrollada (a pesar del caos existente), no tolera ni tarjetas de racionamiento, ni productos de pésima calidad, ni carencia de productos de primera necesidad, principalmente comestibles. Tampoco tolera que muchos servicios profesionales, como electricistas, vidrieros, plomeros, etc., sean servicios públicos dependientes del funcionamiento burocrático. Si a una persona se le rompía el vidrio de una ventana (peor en invierno) y llamaba al vidriero del Estado, podía esperar varios meses antes que el vidrio fuera colocado. Dos alternativas a esto: o dicha persona se las ingeniaba, con los favores de algún amigo o pariente, o recurría a los mismos vidrieros del Estado, pero... pagando en negro.

Otro grave problema en una sociedad altamente urbanizada es el de la vivienda. Gorbachov mismo criticando a los dirigentes del Territorio de Jabarovsk señalaba que en la ciudad de Komsomolsk (sobre el río Amur, en la zona del Pacífico), "con lugar-

REFLEXIONES POLITICAS



La política de "transparencia" llevada adelante por el equipo Gorbachov, tuvo también la virtud de reconocer algo que, desde hace tiempo los expertos soviétólogos habían señalado: la existencia en el sistema económico de planificación centralizada, de una inflación oculta.

Crisis y reformas en el sistema soviético

¿Qué porvenir tiene Gorbachov?

Se destruyó el documento Nº 8703938 por ser igual

por Elbio Laxalte Terra

Esta es la sexta y última nota de la serie dedicada a estudiar el proceso de reformas en el sistema soviético. Dichas reformas parecen desmentir la infalibilidad y el determinismo histórico de la llamada "teoría científica" marxista leninista. Los cambios introducidos por la Administración Gorbachov, encuentran numerosas resistencias en el propio sistema.

Precios de acuerdo a los costos productivos

El estudioso de los problemas soviéticos, Jean Marie Chauvier señala acertadamente que "la cuestión de los precios será sin duda, uno de los principales estorbos a las reformas". Y no es para menos, dado que la tradición marxista leninista siempre insistió en que el hecho inflacionario era sólo inherente al sistema capitalista.

Por el momento, en la URSS, el problema se reduce a aumentar los precios mayoristas para estimular una mejor producción y calidad. Pero existe también una presión importante para aumentar los precios minoristas. Tres tipos de argumentos para defender esta tesis: a) la penuria (las colas) moviliza una enorme energía despilfarrada. La necesidad de "stockear" agrava a su vez la penuria y favorece el mercado negro.

b) se trata también de racionalizar el consumo. Por ejemplo, el pan cuesta más barato que el grano; muchos campesinos prefieren ahorrar nutriendo sus animales con pan, obtenido en cantidades gracias al favoritismo...!

c) el argumento más importante: el mantener la ficción de la no existencia de inflación, cuesta al Estado millones de rublos anuales en la subvención de más del 20% de los gastos sobre alimentación. El semanario "Novedades de Moscú", señala que sólo para carne y leche la subvención estatal es de 50.000 millones de rublos (unos 75.000 millones de dólares al cambio oficial).

Abel Aganbeguian declara explícitamente en "Una economía sensible a la renovación" que "los precios deben aproximarse a los gastos socialmente necesarios, considerar más plenamente la eficiencia del producto, su calidad y capacidad competitiva. En suma, la rentabilidad de la producción debe definirse por su grado de conveniencia para la sociedad". "...los precios al por menor también necesitan ser mejorados". "Entre las propuestas publicadas en la prensa figura, por ejemplo, la sugerencia de subir los precios del pan, la carne, la leche, la mantequilla, cuya producción cuenta con dotaciones del presupuesto del Estado que alcanzan al año decenas de miles de millones de rublos, cosa que desde el punto de vista económico no puede considerarse normal. Los precios de esos productos no ha variado en más de 20 años. Mi opinión personal es que la formación de precios necesita realmente ser mejorada, concretamente, aboliendo las dotaciones (que pueden ser invertidas en otros fines sociales)...". Esto es, el precio en función del coste y del mercado, en función de la demanda del consumidor.

Las reformas políticas

En este sentido, hay que distinguir las medidas orgánicas y los cambios de estilo, los cuales en la URSS, guardan un profundo contenido político.

Encontramos en primer lugar el hecho primordial en los países del socialismo real, que significan los cambios en la dirección política, en este caso el Politburó y el Secretariado del Partido Comunista. En estos dos organismos Gorbachov ha desplazado poco a poco a la "vieja guardia" brezneviana, y ha consagrado una especie de nueva Troika.

Aparte el propio Secretario General, Lev Zaikov, un "nuevo" en el Politburó que llegó sin haber pasado por la obligatoria fase de "miembro suplente" y, Yegor Ligatchev forman un grupo que actúa también en el Secretariado (instancia máxima del PCUS), formando la jerarquía real del Partido y del Estado. Este último aparece —en la opinión de los observadores— como el contrapeso moderado a la dinámica reformadora de Gorbachov. Sobre los once integrantes habituales del Secretariado, sólo tres —uno de los cuales es el propio Gorbachov— se reunían con Breznev después de 26° Congreso.

Desde el punto de vista del estilo, se propicia una importante transformación a través de la llamada "democratización". Esta, por supuesto, no alcanza a poner en cuestión la existencia del partido único. Sin embargo, tiende sobre todo a renovar a sus cuadros dirigentes entronizados desde hace años, la mayoría inamovibles por el antiguo método de votar un solo candidato y a mano alzada. Para ésto había que crear un clima propicio. En este sentido, la transparencia informativa, la utilización más amplia de la crítica, un ambiente de libertad intelectual acentuado, con la rehabilitación de escritores y poetas antiguamente condenados, y las gracias otorgadas a los presos políticos (aún no han sido liberados todos los presos políticos ni se han cerrado los campos de trabajo forzado), han dado lugar a que se planteara en la reunión de cuadros del Partido del 27 de enero, la posibilidad de realizar elecciones de los organismos del partido a través del voto secreto, incluyendo varios candidatos en el acto electoral. Junto con ésto, se procura una mayor eficacia en el control de los órganos electivos sobre los órganos ejecutivos. Gorbachov mismo lo señaló el 27 de enero: "...aumentó desmesuradamente el papel de los órganos ejecutivos en detrimento de los órganos legislativos". Incluso el Comité Central del Partido, órgano máximo estatutariamente entre congreso y congreso, vivía esa situación. "Debemos decir honestamente —señala Gorbachov— durante varios años al margen de la agenda de los plenos (del C.C.) quedaron muchos problemas de candente actualidad... en muchas ocasiones los plenos se realizaban para cubrir apariencias. Muchos miembros del C.C. no tuvieron la posibilidad de participar en los debates ni siquiera hacer propuestas".

Y se trata de eliminar en algo el despotismo en las relaciones jerárquicas: "...quiero mencionar otro hecho reprobable. Me refiero a la intolerancia que algunos dirigentes muestran hacia el comportamiento y el modo de pensar independiente que tienen algunos de sus subalternos. A veces ocurre que en cuanto algún trabajador comienza a emitir juicios propios que no coinciden con la opinión del secretario del comité del partido, titular de un ministerio u otro organismo, de una empresa, institución u organización, tratan de quitarlo de en medio valiéndose de toda clase de pretextos, por plausibles que a veces parezcan". "...las persecusiones por la crítica no son fenómenos raros, ni mucho menos".

Para el equipo renovador, la "democratización" es una necesidad absoluta. Sin ella, será difícil encontrar la base social necesaria a las reformas. Y además, será imposible remover los miles de burócratas cuya situación personal depende del statu-quo.

Una última apreciación sobre las propuestas de desarme. Es evidente que aquí continúa funcionando el viejo mecanismo propagandístico que caracteriza a las dos superpotencias, y que moratoria más o menos, destrucción de tales o cuales tipos de vectores no cambia —para los pueblos y países que no pueden competir con los supergrandes— demasiado la situación de inseguridad. Sin embargo, esto le sirve a los renovadores en el plano interno de la URSS para poner en evidencia que el drenaje de recursos por el complejo militar industrial, afecta y es un factor de crisis, por lo menos a nivel de la sociedad civil soviética. Para Gorbachov, detener un poco ese drenaje de recursos es vital para cumplir los planes de desarrollo económico y social. Una política que obtenga resultados concretos en el plano de las negociaciones externas, lo colocará en mejores condiciones de negociar con los militares las dotaciones presupuestarias.

¿Qué futuro aguarda a las reformas?

"La actual reestructuración abarca no sólo la economía, sino también los demás aspectos de nuestra vida: relaciones sociales, sistema político, esfera cultural e ideológica, estilo y métodos de labor de nuestro partido y nuestros cuadros. La reestructuración es una palabra plurivalente. Diría, incluso, que reestructuración equivale a revolución. Nuestras transformaciones y reformas propuestas... constituyen una auténtica revolución..." decía el Secretario General el 31 de julio de 1986 en el Territorio de Jabárovsk. Y agregaba en su discurso del 27 de enero último: "Tal viraje radical es imprescindible, porque no tenemos otro camino, no podemos retroceder ni tenemos donde retroceder".

Recordaba el especialista en temas soviéticos Michel Tatu (Le Monde, 12 de febrero de 1987), que un día Henry Kissinger dijo que la URSS se encontraba en la situación imposible de ser un país acechado simultáneamente por dos crisis: una crisis económica, si no hacía nada por modificar el sistema; y una crisis política, si hacía algo en ese sentido. Parece que actualmente estaríamos en esta última situación.

El antecesor reformador más próximo a Gorbachov, Nikita Jruschov, en algunas cosas había ido más lejos: en 1961 proponía limitar el tiempo de ejercicio de los cargos electos, y se había impuesto una cierta tasa de renovación de los miembros de cada organismo electo en cada elección (por ejemplo, la cuarta parte de politburó y del C.C.) Estas medidas fueron votadas por el Congreso y establecidas en los estatutos partidarios. Sabemos, sin embargo, dónde terminó todo esto...!!

Existen legítimas dudas sobre el porvenir del movimiento reformador soviético, sin embargo éste tiene el mérito, como antaño lo tuvo el de Jruschov, de indicarnos que las observaciones hechas sobre los acontecimientos soviéticos, calificados durante años de "anticomunismo", "antisovietismo", "propaganda del imperialismo", se ven, una vez más, a posteriori, justificadas por los propios dirigentes soviéticos.

Por otro lado, y tal vez lo más importante, resulta claro que la propuesta revolucionaria marxista leninista no tiene ninguna base "científica" sobre la cual apoyarse, y que sólo es una propuesta de tipo doctrinaria. La experiencia actual en la URSS, demuestra fehacientemente que la "teoría científica" que dice que la revolución es inevitable desde el momento que las fuerzas productivas están en contradicción con las relaciones de producción (la apropiación privada) choca con la realidad: la URSS, después de 70 años de haber "resuelto" esa contradicción llega a aceptar su existencia, aun bajo el "socialismo", y trata de corregirla, introduciendo elementos del "capitalismo". Las cosas son más complejas de lo que se pregona como "científico".

El movimiento reformador, sin dudas encuentra resistencias importantes, en un país que "ha sido construido precisamente para resistir a todo... hasta las veleidades reformadoras de sus jefes" (Michel Tatu, art. citado).

Esa resistencia puede medirse en los constantes llamados de Gorbachov a tomar con más entusiasmo las tareas renovadoras. La perversión de un sistema centralizador se nota hasta en la indiferencia de la gente, para los cuales los cambios siempre vienen de "arriba" del aparato, y donde lo más sano es "no meterse". Y lógicamente, está la resistencia del "aparatchic" cuya estabilidad como tal puede ser puesta en cuestión. Una Resolución del 1° de octubre de 1986 emitida por la dirección del PCUS, señala que el proceso de reformas "peca de falta de dinamismo... choca con obstáculos sociales, psicológicos y de organización, así como también con la oposición de quienes, llevados por intereses egoístas, intentan preservar estructuras anticuadas al mismo tiempo que sus propios privilegios".

Una idea de la capa social resistente a los cambios, podemos encontrarla entre los llamados "estancados del brezneviano"; otra puede encontrarse seguramente entre los propulsores y dirigentes del "complejo militar industrial". En relación a los primeros, el siguiente cuadro da una idea del peso de los "estancados": poniendo en relación porcentual el número de cuadros partidarios que quedan de la antigua promoción Breznev, con el total de cargos existentes a este momento:

Cargo en febrero de 1987	Total	Ocupaban las mismas funciones en octubre de 1982 (muerte de Breznev)	%
Politburó: miembros	11	3	30
suplentes	6	2	25
Secretariado	12	2	16
Jefes de departamentos del Comité Central	19	2	10.5
Primeros Secretarios de Repúblicas	14	5	35.7
Primeros Secretarios de Regiones (1)	157	53 + 8	38.8
Vice-Presidentes del Consejo de Ministros	12	1	8.3
Ministros (1)	87	21 + 4	28.7
Miembros titulares del Comité Central	307	175	57

Fuente: Banco de datos SOUT. Diario Le Monde, 18 de febrero de 1987.

(1) Se ha distinguido entre quienes no han cambiado de cargo desde octubre de 1982 (primera cifra) y los que tenían la misma responsabilidad bajo Breznev, pero en otra región o ministerio (segunda cifra). El porcentaje es para el conjunto de la categoría.

Encontramos que más descendemos en la escala jerárquica, más "estancados" están en puesto de responsabilidades a nivel de aplicación de decisiones. En la aplicación de las políticas emanadas de la dirección del PCUS, los secretarios de región, y los ministros son personajes claves. Pero lo más grave, el propio C.C. con el 57% no se ha renovado suficientemente. Esto da una idea de las resistencias que pueden encontrar los "renovadores".

¿Cuál será el porvenir de esta nueva experiencia reformadora? ¿Hay que pensar que el régimen soviético va avanzando a sobresaltos cada vez que convergen —raramente— crisis económicas con crisis de sucesión?

Para algunos, el movimiento reformador encontrará tales resistencias en un país habituado a que todo sea "congelado", que terminará en el fracaso. Para otros observadores, (Michel Tatu, Le Monde del 12/2/1986), "todo termina por cambiar un día, sobre todo lo que se pretende inmutable, incluso la propia Rusia donde las evoluciones más naturales han sido siempre exageradamente retardadas. No es, forzosamente, tomar sus deseos por la realidad al elegir (esta) tesis, pero sin excluir el hecho de que la oportunidad de cambios que se presenta hoy, no sea todavía la buena".

URSS

URSS
026

Trud del 13 de noviembre de 1927: "Aquí (en la URSS) también otros partidos pueden existir. Pero he aquí el principio fundamental que nos distingue de Occidente. La sola situación imaginable es la siguiente: un partido reina, todos los otros están en prisión". Y con esto respondía a quienes —desde el interior del partido— todavía se animaban a plantear, apenas tres años después de la muerte de Lenin, la necesidad de algo de democracia.

3) El modo de producción y de acumulación implantado en la URSS es sólo un modelo de sociedad industrial, y si se prefiere utilizando las categorías marxistas, no se diferencia en absoluto del capitalismo. La diferencia se da que en los antiguos países industriales, lo que se llama "acumulación primitiva", es decir la acumulación originaria lenta, y a través de siglos de riquezas o capital que posibilitaron las enormes inversiones de la revolución industrial, en el caso soviético se hizo en menos de dos décadas, a través de la fuerza bruta, trabajo forzado y la implantación de las más totalitarias y despiadadas normas de trabajo. Marx señalaba que "Los tres puntos siguientes son decisivos: 1) Solamente la producción capitalista ha hecho de la mercancía la forma general de todos los productos. 2) La producción de mercancías conduce necesariamente a la producción capitalista, desde que el obrero cesa de formar parte de las condiciones objetivas de la producción (esclavismo, servidumbre) o que la comunidad natural primitiva (India) cesa de ser la base social; brevemente, desde que la fuerza de trabajo misma se vuelve una mercancía. 3) La producción capitalista destruye la base de la producción mercantil, la producción individual autónoma y el intercambio entre poseedores de mercancías, es decir, el intercambio entre equivalentes. El intercambio puramente formal entre el capital y la fuerza de trabajo se vuelve la regla general" ("Un chapitre inédit du Capital", colección 10/18 París).

Estas definiciones marxistas del modo de producción capitalista se aplican en definitiva a todas las sociedades industriales modernas, independientemente de la forma jurídica de propiedad de los medios de producción (es decir si es propiedad privada o estatal en economía de mercado o estatal o de propiedad social en economías planificadas). En el caso de la moderna economía industrial soviética; 1) la mercancía es la forma general de todos los productos, dedicada a un mercado consumidor; 2) a partir del momento en que los campos de trabajo forzado y los servicios obligatorios del trabajo dejaron de ser la principal forma de acumulación de capitales, la fuerza de trabajo de los obreros soviéticos pasó a ser una mercancía, la cual, a diferencia de los países democráticos, donde se puede negociar el salario, se fija por decreto. Los sindicatos tuvieron siempre prohibido reivindicar salarios para los obreros rusos quienes, sin embargo, formalmente detentaban el poder del Estado; 3) la base de producción mercantil, que en los países industriales de occidente ha sufrido un proceso de disminución paulatina en un período de prácticamente 200 años, en la URSS lo destruyeron por la fuerza en una década, funcionarizando asalariadamente a todos los artesanos y siendo la utilización de las parcelas de tierras una autorización o adjudicación, amenazadas en cualquier momento de "socialización", es decir, de prohibición legal de trabajo individual.

Vemos entonces que aún desde el punto de vista marxista leninista, la URSS es un país industrial, con relaciones asalariadas, que engendra beneficios del trabajo obrero, donde —si bien no van a parar a los bolsillos de un propietario privado— los obreros no tienen ningún poder de decisión sobre su utilización por parte de quienes, sin ser jurídicamente propietarios, son oficialmente detentores del poder. Asimismo, hay diferencias claras entre quienes realizan trabajo manual y trabajo intelectual, entre quienes organizan y quienes obedecen, entre quienes se encuentran lo más cerca posible de las capas privilegiadas y los otros. Me dirán que esto es una realidad en todos los países, y pondrán como ejemplo el nuestro... con una diferencia de talla: son fenómenos que no se ocultan ni se niegan, y que pueden ser criticados y combatidos, entre otras cosas porque existe libertad.

(Continuará en el próximo número)

06.06

8704272

URUGUAYOS HARAN APRENDIZAJE EN LA URSS; SURGE OPOSICION AL ACUERDO

EXCLUSIVO

El Duende en su constante deambular, en su permanente ir y venir, mantuvo en las últimas horas contactos con gente vinculada a la pesca, con miembros del Gobierno que manejan los aspectos políticos y técnicos de este sector de la producción uruguaya y también con dirigentes de las gremiales, afiliadas al PIT-CNT, que agrupan a los patrones o capitanes, mecánicos y tripulantes.

—¿No me cuente que se está por comprar un "medio-mundo" o un "robador" para ver si "saca algo" en la escollera Sarandí los domingos tempranito?, le preguntó uno de los amigos.

—¡No chichonees!, le estoy hablando muy en serio, el tema me tiene sumamente preocupado. ¿No leyó el convenio firmado hace poco tiempo entre el Uruguay y la URSS?

—¿Me lo pregunta en serio?

—Lógico, con esas cosas dejo las bromas de lado.

—Pues, entonces debería estar enterado que el convenio se firmó y por ahora se ha mantenido en reserva o por lo menos discretamente no se dio a publicidad en todos sus términos.

—Sin duda ha existido un olvido pese al interés general en conocer el cuestionado y polémico acuerdo. ¿Extraño no?

—Mire, no doy opinión, no subjetivizo en esa materia, pero le adelanto que las empresas pesqueras y armadoras han alertado en contra, los gremios por unanimidad lo han rechazado y la prensa argentina ha mostrado gran inquietud. En el Senado se han pedido informes. Mientras tanto los que apoyan el convenio mantienen expectante silencio.

—¡Pero no! No sé qué opinar sobre todo este problema, tan calladito que lo traen, máxime cuando me he enterado que en parte se ha acordado el cumplimiento de alguno de sus términos.

—¡No puede ser! ¡Si se necesita aprobación legislativa!

—Exacto, pero no olvide que hay ciertos aspectos contenidos en el convenio que se pueden efectivizar como abastecimiento de los buques o reparaciones, etc., sin que previamente se requiera el visto bueno parlamentario.

—¡Oh la, la, brava la cosa!. Además pienso que una vez en marcha parte de lo acordado no será fácil decir: ¡No!, ahora rechazamos lo firmado en el Convenio.

—Tiene razón, pero, vamos por partes. Acá hay dos cosas muy importantes a tener en cuenta en todo el problema: 1°) El texto del Convenio pesquero URSS-Uruguay. 2°) Las voces en contra desde todos los sectores, especialmente el de los trabajadores. ¿No le parece?

—Exacto. Si se sienta, le doy una sorpresa. El Duende en su ir y venir logró en exclusividad el texto completo y también la declaración de las gremiales obreras que en democráticas asambleas rechazaron "cualquier intento de penetración, sea por la potencia pesquera que sea".

—¡Por favor! usted que lo ha leído: ¿da para alarmar tanto la cosa?

—¿Qué le parece si vamos por partes?

—Bueno, lo invito con un café y seguimos charlando.

EMPRESARIOS Y TRABAJADORES: FRANCO RECHAZO

El Duende en rueda con sus amigos recordó que apenas se iniciaron los contactos diplomáticos entre Uruguay y la URSS surgieron voces de las empresas contra la posibilidad de que 170 buques pudieran llegar, en forma alternada, a nuestras costas, en base a un convenio pesquero.

—Usted me habla de 170 barcos como si nada pasara cuando Argentina firmó uno autorizando hasta 21 ¡Menuda diferencia!

—¡Lo mismo digo! máxime si se tienen en cuenta las diferencias de potencial de uno y otro país para cuidar o preservar las especies de su mar territorial.

—Tiene razón, la alarma contra el acuerdo en principio no parecería exagerada. Le digo que la prensa argentina, casi por unanimidad, también "está poniendo el grito en el cielo". Ven que el convenio suscrito por Uruguay puede afectarlos a ellos.

Le agrego que también las gremiales de trabajadores dieron respuesta negativa por unanimidad. Aquí bajo mi vista tengo la resolución del Sindicato Unico de Patrones de Pesca del Uruguay, que dice: "Rechazar con la máxima energía cualquier intento de penetración, sea por la potencia que sea, en nuestras aguas comunes, por la vía de convenios internacionales o de asociaciones con empresas nacionales que realicen capturas en buques de terceras banderas; Promover a nivel nacional en el marco de la Intergremial de la Pesca, una intensa campaña de agitación sobre este problema, que de no resolverse con conciencia nacional, puede conllevar a la destrucción de la industria de las capturas; Exigir el conocimiento público del acta de pre-acuerdo suscrito entre la URSS y Uruguay; Facultar a la Comisión Directiva para que vigilante en la aplicación de estas resoluciones, ni bien tome conocimiento de cualquier intento de entrega directa o indirecta de nuestro potencial marítimo, en forma inmediata llame de regreso a tierra a toda la flota, para iniciar una lucha irrenunciable e irreversible por la supervivencia de la industria. Ser o no ser es el reto que asumimos, con plena conciencia de las graves proyecciones del problema, así como de la necesidad de enfrentarlo sin concesiones".

—¡Firme la actitud de rechazo!

—¡La misma que adoptó la Intergremial Pesquera!

DOBLE PEDIDO DE INFORMES AL GOBIERNO

"Le digo que el tema del convenio pesquero con los soviéticos ha levantado resistencia en muchas tiendas políticas", le afirmó uno de los informantes al Duende.

—¿Usted se refiere al doble pedido de informes del senador Luis A. Lacalle?

—Exacto el legislador nacionalista brega por la preservación de las especies en nuestras aguas, se inquieta por el peligro político que representa que hasta 170 buques rusos alternadamente naveguen en el mar territorial y también que se firme el acuerdo sin conversar antes con la Argentina, país con el cual tenemos un tratado de límites muy clarito.

—¿No me da a conocer las solicitudes de Lacalle?

—¡Como no!. Aquí van:

GANADERIA, AGRICULTURA Y PESCA

1°) Razón por la cual no se delimitan, en el acuerdo proyectado entre el Gobierno de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas y el Gobierno de la República Oriental del Uruguay, sobre colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas, las áreas y períodos en los cuales se explotarían las especies remanentes no tradicionales; 2°) Razón por la cual, además, en el acuerdo precitado no se definen las especies no tradicionales; 3°) Cuál será el procedimiento y el destino final de las especies capturadas no previstas en el Convenio; 4°) Cuál será la bandera de los barcos a utilizar y dónde se ubicarán las plantas industrializadoras en tierra; 5°) Lugar en el cual se van a descargar las especies capturadas; 6°) Cuál será el procedimiento previsto en cuanto al contralor de efectivo del cumplimiento del convenio en cuestión; 7°) En qué cantidad se calcula el eventual remanente que se autoriza a capturar por el convenio; 8°) Cuáles son las ventajas que obtiene el país a través del Convenio proyectado considerando especialmente, que la parte contratante es una nación competidora de la nuestra.

Montevideo 21 de mayo de 1987
Luis Alberto Lacalle Herrera

RELACIONES EXTERIORES

1°) Sírvase informar las razones por las cuales el Acuerdo proyectado entre el Gobierno de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas y el Gobierno de la República Oriental del Uruguay, respecto a la colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas, difiere en varios aspectos del similar celebrado entre aquel Estado y la República Argentina.

TEXTO DEL CONVENIO CON LA URSS

El Duende analizaba el Acuerdo de Pesca Uruguay-URSS; leyendo y releyendo las seis hojas firmadas por ambos Gobiernos. "Mire, aquí se comprometen a colaborar en la esfera de las actividades pesqueras y también a encarar empresas conjuntas", aclaró.

—En tanto le digo que en otra parte del Convenio se establece la "posibilidad de una eventual explotación del remanente no utilizado de especies no tradicionales en aguas uruguayas".

—¿Pero Uruguay carece de medios para custodiar tantos buques pescando en aguas territoriales o para supervisar cuál es la producción obtenida o para saber si es "merluza, corvina o pescadilla", la que sale de las aguas? Es incontrolable y puede liquidar nuestras especies.

—Tiene razón. Además le digo que se incluye la preparación de personal uruguayo en instituciones medias y superiores de la URSS y también en buques pesqueros soviéticos".

—¿Los uruguayos aprendiendo en la URSS?

—Como lo oye; además construcciones soviéticas en nuestras costas y la designación de un "Attache" para cuestiones de pesca y personal administrativo en la Embajada Soviética sede en nuestro país.

—Pero si cada nación que negociara con Uruguay designara un "Attache para ganadería, otro para agricultura, otro para el arroz, otro para la soja", y su correspondiente personal administrativo, en lugar de Embajadas y representaciones se formarían legiones. ¿No le parece?

—Mire, prefiero no dar opinión. Le voy a leer el texto completo del convenio para que saque sus conclusiones, al igual que el lector.

ACUERDO

Entre el Gobierno de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas y el Gobierno de la República Oriental del Uruguay sobre colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas.

El Gobierno de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas y el Gobierno de la República Oriental del Uruguay en adelante denominadas "Partes".

Partiendo de las relaciones amistosas existentes entre los dos países y teniendo en cuenta la convención de la ONU sobre Derecho del Mar.

Reconociendo que la República Oriental del Uruguay ejerce sus derechos soberanos con fines de investigación, exploración, conservación de los recursos marítimos vivos y de su administración en los límites de las aguas bajo jurisdicción pesquera uruguaya.

Tomando en consideración la importancia de las investigaciones científicas en la esfera de la industria pesquera y el deseo de coordinar su actividad en esta esfera.

Expresando el deseo de establecer las disposiciones y condiciones de acuerdo a las cuales debe realizarse la colaboración en la esfera de las actividades pesqueras.

Acordaron lo siguiente:

ARTICULO I

Las Partes se comprometen a colaborar en la esfera de las actividades pesqueras en particular en desarrollo tecnológico e investigaciones de recursos vivos en la extensión de 200 millas de aguas bajo jurisdicción pesquera de la República Oriental del Uruguay, denominados en adelante "aguas", de acuerdo con la legislación política pesquera uruguaya y los principios del derecho internacional del mar.

ARTICULO II

Las Partes posibilitarán la creación de empresas conjuntas soviético-uruguayas de la industria pesquera sobre bases comerciales de acuerdo con las disposiciones vigentes en ambos países, teniendo en cuenta los requerimientos para conservación de los recursos vivos y las necesidades de la Parte uruguaya de esos recursos para sus plantas pesqueras instaladas en tierra. Con esa finalidad la Parte uruguaya explotación del remanente no utilizado de especies no tradicionales en aguas uruguayas de acuerdo con sus disposiciones internas en la materia.

ARTICULO III

Las Partes acuerdan realizar la colaboración en las siguientes esferas:

a) preparación de cuadros nacionales en instituciones de enseñanza media y superior de la URSS, y también en buques pesqueros soviéticos.

b) desarrollo tecnológico de la pesca costera y oceánica;

c) creación y perfeccionamiento de la infraestructura costera incluyendo construcciones portuarias destinadas a la reparación y servicio de buques pesqueros;

d) realización de la reparación de los buques de la URSS en astilleros uruguayos.

ARTICULO IV

La Parte uruguaya se compromete a otorgar facilidades portuarias a los buques de la URSS afectados a la pesca en alta mar, incluyendo facilidades en relación con el relevo de tripulaciones, la reparación y aprovisionamiento de dichos buques, y la URSS se compromete a utilizar estas facilidades con los referidos buques, de acuerdo a las respectivas legislaciones y las condiciones que ajusten las Partes en cumplimiento de este acuerdo.

ARTICULO V

Las Partes acuerdan directamente o mediante las Organizaciones Internacionales correspondientes, colaborar para tomar las medidas necesarias tendientes a la conservación de las reservas de especies que se encuentran en el área adyacente a las "aguas".

ARTICULO VI

La Parte uruguaya se compromete a otorgar las facilidades para la atención en sus puertos de los buques pesqueros soviéticos. Incluyendo facilidades relacionadas con el relevo de tripulaciones.

La reparación, incluso las reparaciones que van a efectuarse por las tripulaciones mismas y el aprovisionamiento de dichos buques.

La Parte soviética se compromete a utilizar estas facilidades de acuerdo con las normas uruguayas y en las condiciones que ajustan las organizaciones correspondientes a ambas partes en cumplimiento de este Acuerdo.

ARTICULO VII

1. La Partes colaborarán en la realización de investigaciones científicas en la esfera de la industria pesquera con fines de conservaciones, óptima utilización y administración de los recursos marítimos vivos en "aguas" y área adyacente a las mismas.

2. Científicos y especialistas de ambas partes realizarán consultas para la realización de tales investigaciones y el examen de los resultados obtenidos.

3. Las Partes se comprometen a realizar un intercambio mutuo de especialistas sobre técnica pesquera, tecnología de elaboración, reproducción, conservación, utilización óptima y adeministración de los recursos marítimos vivos.

ARTICULO VIII

1. Para el logro de los fines del presente Acuerdo las Partes crearán la Comisión Soviético-Uruguaya para la cooperación en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias denominada más abajo "Comisión Mixta".

2. La Comisión Mixta estará integrada por un representante designado por cada Parte y por no más de dos suplentes.

3. La Comisión Mixta se reunirá no menos de una vez al año por turno en el territorio de cada uno de los dos países.

Los gastos totales, relacionados con la realización de las sesiones de la Comisión Mixta, estarán a cargo de la Parte anfitriona.

4. La Comisión Mixta examinará las cuestiones relacionadas con la realización del presente Acuerdo, y elaborará recomendaciones a las Partes, orientadas a su cumplimiento adecuado.

ARTICULO IX

La Parte Soviética con el fin de coadyuvar al cumplimiento del presente Acuerdo y al desarrollo de la colaboración futura en la esfera de la industria pesquera acreditará en el Ministerio de Relaciones Exteriores de la República Oriental del Uruguay como integrantes de la Embajada de la URSS en el Uruguay un attaché para cuestiones de la pesca, y en acuerdo con el Ministerio de Relaciones Exteriores los funcionarios administrativo-técnicos que éste necesite.

ARTICULO X

En el presente Acuerdo no debe considerarse nada que ocasione perjuicio a otros acuerdos existentes entre las Partes o a convenios y acuerdos multilaterales, en las cuales participan ambas partes o a puntos de vista sobre cuestiones de Derecho del Mar.

ARTICULO XI

El presente Acuerdo entrará en vigor cuando las Partes se hayan comunicado recíprocamente el cumplimiento de las formalidades requeridas por las respectivas legislaciones para la entrada en vigor de los convenios internacionales.

El presente Acuerdo estará vigente durante tres años y será prorrogado por períodos trienales siguientes, si una de las Partes no declara por escrito el cese de su vigencia no más tarde de seis meses antes de la extinción del período correspondiente.

El testimonio de lo cual los abajo firmantes, acreditados debidamente para ello por sus Gobiernos, suscribieron el presente Acuerdo.

Concluido en la ciudad de Montevideo..., de 1987 en dos ejemplares, cada uno en ruso y en español, y ambos textos tienen el mismo valor.

POCO LEGIBLE

01/01

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: MEMORANDUM Secreto N° 15/87.
Ref: Implicaciones del convenio pesquero que suscribieron Uruguay - la Unión de la Rep Socialistas Soviéticas (URSS)

PROCEDENCIA: D. II. 9/6/87. Doc. 0843.

ARCHIVADO EN: MEMORANDUM (084)

01 | 01 8704280

026

URSS

Ámbito Financiero
Jueves 26 de febrero de 1987

Moscú citó a la cúpula del PC local para que explique el caos interno

Escribe
Peter Bale

Para nadie resulta una sorpresa la descomposición que vive desde un tiempo a esta parte el Partido Comunista local. Luego de concurrir dos veces a las urnas con controvertidos aliados —el peronismo de los "burócratas" en 1983 y el FREPU que hoy hegemoniza el troskismo—, el único hecho relevante que produjo el PC fue su promocionado "giro a la izquierda", acercado para el público durante el XVI Congreso, del que más trascendieron las defenestraciones de viejos funcionarios que la supuesta radicalización y renovación de la dirigencia.

La más reciente noticia fue dada a publicidad ayer en el boletín oficial de la agrupación, el semanario "¿Qué Pasa?" El mismo da cuenta de la separación de las filas partidarias de dos ex próceres: el último candidato a presidente, Rubens Iscaro, y el teórico stalinista Oscar Arévalo. La sanción, aplicada por la comisión política, durará un año y el mismo órgano explica que es el más severo correctivo a excepción de la expulsión.

El origen de esta sanción, según las autoridades, es la acción de los castigados, que "indica la voluntad de quebrar la unidad y la disciplina partidaria". El PC señala que, por información recogida dentro del mismo ámbito partidario, Iscaro y Arévalo persistían en lo que el comunismo ha dado en llamar "oportunismo de derecha". Lo cierto es que ambos —Iscaro más abiertamente— criticaban la nueva política de alianzas del partido, así como su repentino desistimiento de ganar posiciones en sociedad con la tradicional dirigencia sindical —la [illegible] peronista— en haras de una quimérica construcción de un frente que sirva de opción al actual proyecto del "polo dominante".

El anuncio se vio complicado por un anunciado partido "comunista democrático" que se estaría gestando bajo los auspicios de los dos dirigentes descalificados. En fuentes seguras, este diario pudo averiguar que tal plan es tan fabulado como el de un supuesto diario del PC por una razón muy sencilla: no hay con qué.

• Iscaro

Debe presumirse que Iscaro —desafectado de toda representación partidaria— dependía casi exclusivamente del estipendio partidario para solventar sus gastos, con lo cual sería difícil pensar que construyese un proyecto que arrastrara a los descontentos más vetustos que sobrevivieron al ascenso de nuevas camadas dirigentes.



Rubens Iscaro

Tampoco se vislumbra como viable una escisión que busque insertarse en la convergencia radical o en un frente del peronismo, más que nada por la alergia que produce el comunismo a los demás partidos.

Pero más sorpresa provoca la actual indigencia del PC. Aparentemente, su estructura financiera se ha visto resentida y no podría solventar una inversión como la que requiere un diario, aunque algunos dirigentes se empecinan en construir "dachas" en el aire. Alejado de cualquier subvención cubana, el comunismo local se embretó más al criticar públicamente al académico soviético Viktor Volsky, cuando, durante su paso por la Argentina, se le ocurrió decir que la declaración de una moratoria era absurda, incinerando una de las principales banderas del PC vernáculo. Dicha [illegible] le valió ya una severa reprimenda de parte de Moscú, durante un cónclave en la Alemania comunista.

Justamente en esta semana partió rumbo a la URSS una delegación de notables, compuesta por el secretario general, Athos Fava; el secretario metropolitano y renombrado "hombre fuerte", Patricio Echegaray, y el director de "¿Qué Pasa?", Francisco Álvarez, con el fin de [illegible] de los cambios que tanto se publicitan estos días y seguramente ensayar alguna explicación para su pobre performance.

A tal punto ha llegado la debilidad de los [illegible] que en el FREPU tendrían que ceder la primera candidatura de la lista capitalina a Luis Zamora, del MAS, el cual le ha ganado en organización y militancia —en buena parte incrementada con los emigrados del PC y del PI— a los stalinistas reformados. En esta competencia sin premio —se duda que lleguen a reunir los votos necesarios—, el hombre que tenía el FREPU en el PI para propiciar una alianza, Néstor Vicente, no podrá reclamar nada si vuelve al redil como el hijo pródigo, con las manos vacías. El requitismo electoral de la izquierda se vería agravado por la polarización de los votantes y la deserción de los pocos peronistas que tenía el FREPU.

PARTES POCO LEGIBLE

01.01

8704303

02

URSS

Gorbachov dispuso cambios en el Politburó

MOSCU, 28 (Reuter). - El líder soviético Mikhail Gorbachov consolidó hoy su autoridad en el Partido Comunista con la remoción del Politburó gobernante de un ex estrecho colaborador del desaparecido presidente Leonid Brezhnev.

La agencia noticiosa oficial TASS dijo que Dinmujamed Kunayev, ex líder del partido en la república de Kazajstán, en el Asia central, fue destituido en una sesión del comité central del partido celebrada en Moscú.

El comité central también promovió a Alexander Yarovlev, un cercano colaborador personal de Gorbachov, para integrar el Politburó como miembro sin voto.

Eligió a dos nuevos secretarios del comité central, los hombres responsables de manejar los asuntos cotidianos de la maquinaria partidaria. Son Nikolai Slyunkov, jefe del partido en la república de Bielorrusia, y Anatoly Lukyanov, jefe de un departamento del comité central que maneja los asuntos administrativos.

Mikhail Zimyanin, de 72 años, un veterano miembro del secretariado del comité central, fue separado por razones de salud, dijo TASS.

Los cambios fueron los primeros en las filas internas de la jerarquía soviética desde el vigésimo séptimo congreso del partido realizado en marzo.

El Politburó, el cuerpo más importante de la Unión Soviética, quedó ahora con 11 miembros plenos y ocho miembros sin voto. El secretariado del comité central tiene ahora 12 integrantes.

En una evaluación inicial, los analistas dijeron que la remoción de Kunayev y la promoción de Yakovlev en particular sugerían que Gorbachov había incrementado considerablemente su autoridad en las filas superiores del partido.

Yakovlev ya es secretario del comité central con responsabilidad en la propaganda, y como asesor personal de Gorbachov acompañó al líder soviético a Reykjavik para la cumbre soviético-norteamericana de octubre.

Un hombre poderoso

La elevación de Slyunkov al secretariado lo convirtió en uno de los hombres más poderosos de la jerarquía. Fue promovido a una posición sin voto en el Politburó al término del vigésimo séptimo congreso el mes último. Su reemplazo por un ruso étnico, Gennady Kolbin, provocó disturbios en la capital kazaja, Alma-Ata.

Kunayev se convirtió en miembro pleno del Politburó en 1971 y su carrera se identificó estrechamente con la de Brezhnev. Gorbachov ha fustigado la gestión de Brezhnev entre 1964 y 1982 como un período de corrupción e ineficacia en aumento.

El último miembro del Politburó asociado con Brezhnev, el líder partidario ucraniano Vladimir Shcherbitsky, mantuvo su puesto en el cuerpo gobernante del partido.

01/01

8704305

024

LA NACION 8/3/87

PN

Gorbachov y Europa

Por Alain Besançon

Las angaripolas retóricas del foro de la paz ¿eximen acaso a los europeos de la obligación de analizar lúcidamente la política soviética?

PARIS (L'Express). - Desde 1947, la política soviética con Europa no ha experimentado cambios. Después de 1975 y la firma de los acuerdos de Helsinki, ha adoptado un nombre doctrinal que se reitera con frecuencia en Pravda: "El proceso global europeo". Trátase del conjunto de los medios a través de los cuales la influencia y la protección norteamericanas han de ser eliminadas de nuestro continente, librándolo completamente (lo mismo que el conjunto de Eurasia) a la influencia, es decir, a la dominación soviética, sin que sea necesario acometer su invasión. Como en el Libro de Job, cuando el diablo se vuelve hacia Dios para que aborrezca a Job, y hacia Job para que aborrezca a Dios.

De ese modo, la Unión Soviética siembra la enemistad entre el continente europeo y los Estados Unidos; después, divide a los Estados europeos, principalmente Alemania Federal, de sus vecinos. En cuanto a la parte de Europa que controla, se cuida de que los Estados que la integran se mantengan separados los unos de los otros, encerrados en el interior de estrechas fronteras casi imposibles de franquear por los ciudadanos comunes, y de que, al mismo tiempo, sean uno a uno integrados a la "comunidad socialista", representada por el Pacto de Varsovia, el Comecon, el movimiento comunista internacional y, sobre todo, por la similitud del régimen político. Así fue bajo Stalin, Khrushchev, Brezhnev, Andropov y Chernenko. ¿Qué aporta Gorbachov sobre ese fondo constante? Nada de nuevo, salvo más actividad y más habilidad.

Rehenes alemanes

Esa política soviética, tan antigua, no había dado resultados tangibles porque uno de los dos brazos de la tenaza no funcionaba: los estribillos soviéticos no encontraban eco adecuado en los Estados Unidos. En la actualidad han encontrado uno. Todas las fuerzas vivas norteamericanas, los conservadores de la línea de Kristol, los liberales, los pacifistas, los movimientos religiosos, por razones diferentes pero convergentes se pronuncian en favor de una retirada de las tropas acantonadas en Europa y de los misiles de alcance intermedio, así como de la supresión de las armas atómicas en un plazo mediato.

Para los rusos ha constituido una buena noticia inesperada: ése había sido su desiderátum desde hace más de cuarenta años. Pues bien, ellos saben cómo explotar la situación. Han tomado nota de la sensibilidad de la opinión ante los "golpes" publicitarios de Gorbachov. Este último, con Dobrynin, Iakovlev, Arbatov. . . está rodeado de especialistas en asuntos norteamericanos con larga y rica experiencia directa.

He aquí lo que facilita la acción en Europa, y sobre todo en Alemania Occidental. Una parte del pueblo alemán ha sido tomada en rehén. En Bonn, ningún gobierno puede desinteresarse de ello. Gorbachov maneja esa palanca como lo hicieron sus predecesores. Pero agrega algunas notas. Ante los alemanes, esgrime el espejismo de "nuestra casa europea común" (Hans-Dietrich Genscher se ha hecho eco de la expresión), en la que los rusos están naturalmente en su propia casa, pero no los norteamericanos. Más específicamente, Gorbachov hace un juego de espejos en torno de una "Europa central" que suscita en los alemanes la esperanza de recuperar, una vez que haya sido disuelta la Alianza Atlántica, un papel de primera fila en su zona tradicional de preponderancia.

Chantaje con proyectiles

La retirada de los proyectiles de alcance intermedio (SS-20) deja a los rusos la libre disposición de los misiles de corto alcance (SS-22 y SS-23), los que, con base en Bohemia o en Sajonia, con un radio de acción de más de mil kilómetros, cubren toda Alemania, el Benelux, París y Londres. Harán saber a los alemanes que mantienen esta amenaza en respuesta al armamento atómico nacional de franceses y británicos, lo cual introducirá una cuña en el seno de la alianza europea. Ya la socialdemocracia de Alemania Occidental y el Partido Comunista de Alemania Oriental han concluido, en octubre de 1986, un acuerdo político (el primero en su género) con miras a constituir a Europa central en zona exenta de armas nucleares.

Gorbachov está en condiciones de echar mano de otro recurso. En efecto, parece bastante seguro de la normalización de los satélites como para servirse de ellos para los fines preconizados por la URSS y al mismo tiempo dar la sensación de que existe una vida autónoma en el Este europeo. En tal sentido, con fines de propaganda, Rumania hace un referendum sobre la reducción de los gastos militares y propone un foro europeo sobre "intercambio tecnológico". Checoslovaquia propone un foro económico que debatirá las restricciones impuestas por el Comecon y los Estados Unidos a las exportaciones tecnológicas sensibles. Hungría se ofrece para los congresos del tipo de los que reunieron el año pasado a "cristianos" y "marxistas". Hasta Bulgaria, nadie se siente amenazado por los peligros del contagio a raíz de un foro europeo.

01.02

8704311

Gorbachov se propone extender esta maniobra mediante una acción sobre los pequeños países. Austria y Finlandia, tan benevolentes bajo el gobierno de Kreisky y Kuusinen, tal vez no sean tan dóciles, aunque no es seguro. Israel espera la visa diplomática para los refuzniks; el Papa se preocupa por Polonia, por Lituania, y busca la ocasión de un viaje a la Unión Soviética: también aquí tiene Gorbachov los medios de aumentar la temperatura de estas expectativas y hacer subir las apuestas.

Todo ello sería menos inquietante si Europa tuviera la verdadera medida de Gorbachov. Si se diera cuenta, como es evidente sin embargo, de que sigue siendo, para la URSS, el objetivo estratégico fundamental: que ésta concentra cada vez más sobre ella sus medios militares y sus "medidas activas". Pero parece que Europa prefiere creer la palabra del secretario general, admirar su nuevo "look", apresurarse en su ayuda contra los supuestos burócratas conservadores, "tomarle la palabra", como dice Genscher, seguido por Jean-Bernard Raimond. Cuando se dé cuenta de su error, se arrepentirá, pero tarde, de haber ido demasiado lejos por impremeditación.

(c) La Nación

(Traducción de Jorge Ortiz Barili)

02 | 02

8704311

La "glasnot" soviética

Para Marx y Engels es condición indispensable de la liberación del trabajo la socialización de los medios fundamentales de producción. En síntesis, el productor debe ser dueño de los medios de producción y también su gestionario. El trabajador necesita, para ser libre, pasar a ser productor, propietario y administrador.

Ese tránsito lo concibieron gradual, por la superación de la diferencia entre trabajo intelectual y físico, de la distinción entre dirigentes y dirigidos. En otras palabras, la socialización de los medios de producción es fruto complejo de la transformación social, económica y humana, nunca de un "decreto" o una "técnica".

Lenin advertía que la nacionalización de los medios de producción (Rusia, mayo, 1918) no era la culminación de la socialización y la aparición de las relaciones socialistas, que era un desarrollo prolongado.

La revolución de 1917 puso fin a la propiedad capitalista, nacionalizó la producción, terminó con la explotación y estableció la propiedad estatal. Pero Rusia era atrasada en fuerzas productivas y en cultura masiva, hecho que impedía la socialización y las relaciones de producción socialista. Pero, también se configuró la perspectiva del sistema socialista de relaciones de producción aunque entonces sólo debía hablarse de "ni capitalistas" o de "todavía no del todo socialistas".

Esa "parte" de la teoría mereció especial profundización en los últimos cinco años. No únicos, pero sí fundamentales, consideramos el trabajo de Yuri Andropov en el análisis de 65 años de revolución socialista y los recientes del 27 Congreso del PCUS, el pleno de enero de este año del Comité Central y nuevos trabajos teóricos, en particular, en la revista "Kommunist". El cambio en las relaciones de propiedad no es un acto instantáneo —escribía Andropov— y el pueblo que ha realizado la revolución socialista debe ir aprendiendo durante largo tiempo su nueva condición de propietario exclusivo de todos los bienes sociales, aprender la economía, la política y "si prefieren, la psicología" que forma la conciencia del colectivismo.

El Congreso de este año demanda la mejor forma de utilizar económicamente la propiedad socialista para hacer de todos y cada trabajador dueño absoluto del país, para alcanzar la efectiva socialización de la producción. Y para este objetivo superior del socialismo es que en enero se desenvuelve —a partir de Marx, Engels y Lenin— el desarrollo de la democracia laboral, es decir la plena decisión de los trabajadores como dueños además de productores y la tercera condición de administradores.

Al desarrollo teórico acompaña hoy la práctica. Y el mejor ejemplo parece ser la proyectada ley de la empresa socialista. Por su contenido que incluye la elección por los trabajadores de los dirigentes, jefes de sector, etc, amén de cambios de funcionamiento y autogestión que marchan a la efectiva socialización de la producción. Esto se acompaña de un intensísima expresión popular con sugerencias y aportes al texto. Y otro "amén", en la práctica ya se aplica el "espíritu" de la ley y los trabajadores ejercen el derecho socialista de la elección.

Es decir, en la práctica se avanza la teoría.

El nuevo sistema electoral

No tengo espacio para comparar cualitativamente algunos conceptos que se llaman con las mismas palabras en el socialismo y en el capitalismo a pesar de su "rabiosa" contraposición de contenido.

En la democratización de la sociedad soviética, es decir la profundización de la democracia socialista y de ningún modo la "occidentalización" (...), se modificará el sistema electoral. Sin embargo —y es fundamental— no cambia la esencia, sino la forma. Aquella seguirá siendo la estipulada por la Constitución de 1977 que recogió la experiencia democrática anterior: ninguna restricción, exceptuada la de edades, para ser candidato y para votar. Plena representatividad social que se marca por la alta proporción de obreros y campesinos en todos los órganos electivos de gobierno y administración local (los soviets). La integración de esos órganos es, de por sí, muestra de democracia socialista muy distinta a la burguesa. Y basta verlo en comparación al origen de cada parlamentario en las "grandes democracias", como la de Estados Unidos.

De lo que trata ahora es de inscribir el sistema electoral en el cauce de la reestructura de la sociedad que, puede decirse, se sustenta en la más vasta y participativa actividad del pueblo. (y no necesito comparar con la democracia burguesa).

La futura reforma electoral no es solo —aunque sea en parte— la presentación de más de un candidato por circunscripción. Ha de expresar la mayor publicidad (la "Glasnost") o transparencia, la lucha contra el formalismo y la demanda social y política guiada por el partido de mayores y mejores posibilidades de expresar la voluntad de la población.

A diferencia de la democracia burguesa (para los partidos dominantes), los candidatos son aquí, desde siempre, "analizados" colectivamente y el acto electoral es ratificatorio de lo resuelto en reuniones y asambleas. Pueden promover candidaturas solo las organizaciones sociales, por ejemplo los sindicatos, pero la definición es de la gente en el colectivo, sea urbano o rural. Y la votación, es secreta, por cierto, tras la selección por etapas del candidato.

Al sistema, no obstante, se le objeta que culmina en una mera formalidad que incluye a quienes, por voluntad o desidia, no intervinieron en ninguna de las etapas previas. Aunque sea por su "culpa", aparecen ajenos a la elección en la etapa final.

Para *mejorar* (o *profundizar*) el sistema electoral se piensa (aunque no todos coincidan, porque se trata de la vida y la libre opinión) que las "boletas" electorales deben incluir a más de uno y hasta todos los nombres que se barajaron como eventuales candidatos. Y extender más allá de las organizaciones sociales (por ejemplo, a los barrios) la posibilidad de presentar candidatos. Un cambio será, para decir un ejemplo, que no bastará comparar lo hecho en el pasado por cada persona candidateable: se requerirá "su" programa. Y en la URSS rige que el electorado puede "cesantear" al diputado que no es eficiente en la materia, que no cumple la "promesa" electoral.

De todas maneras a veces me da por las comparaciones: ¿resistirían esta democracia en avance algunos "demócratas" conocidos de siempre?

En Moscú, Ricardo Saxlund



Mijail Gorbachov, secretario general del Partido Comunista de la Union Sovietica (PCUS).

URSS

EL PROYECTO SOBRE LA EMPRESA ESTATAL

Se publicó el proyecto de ley de la URSS sobre la Empresa (Empresa Consolidada) Estatal. Se publicó para ser discutido por todo el pueblo.

La redacción de la ley sobre la Empresa es un acontecimiento importante no solo para la economía. También es sustancial desde el punto de vista político, ya que da una respuesta clara a la pregunta de si habrá una reforma cardinal en el sistema económico, prometida por el Partido en el XXVII Congreso. Precisamente este documento convence de que el Partido confirma en la práctica sus consignas.

UN SALTO CUALITATIVO

Una persona poco enterada de la vida económica podría preguntar: ¿por qué se atribuye tanta importancia precisamente a esta ley? ¿Acaso es el primer documento de la reestructuración económica? No, no es el primero. En los últimos dos años aparecieron muchos elementos nuevos en el sistema de gestión. Se han hecho cambios en los métodos de planeamiento y estímulo económico de las actividades de empresas en la agricultura, la construcción, la industria ligera, el comercio minorista y en la esfera de servicios a la población. Ha sido reorganizada la dirección del comercio exterior, fueron ampliados los derechos de las empresas en este campo. Se efectuaron ciertos, cambios en el sistema de los órganos administrativos de la gestión económica.

Se amplían y profundizan los experimentos económicos en la industria y el transporte. Se está reformando el sistema de remuneración del trabajo.

Todo es verdad. Sin embargo, lo *realizado hasta ahora no rebasaba el* marco de la corrección de defectos del mecanismo económico viejo, que fue calificado en el reciente Pleno de enero del CC del PCUS como "mecanismo de freno". La realización en la práctica de la ley sobre la Empresa, que se está proponiendo, significará un salto cualitativo, el paso hacia un mecanismo nuevo. Este documento no puede menos que convertirse en la médula de todo el sistema de actas legislativas que determinan las relaciones económicas en el proceso de producción social. Además, por su contenido, el proyecto ofrecido revela convincentemente el afán de realizar una reforma precisamente cardinal.

MERCANCIAS SOCIALISTAS

"La empresa es la productora de mercancías socialistas", dice el proyecto. Es probable que tampoco esas palabras en la ley pongan fin a las discusiones de los economistas sobre las relaciones monetario-mercantiles durante el socialismo. Pero serán imposibles las discusiones escolásticas que no tomen en cuenta la práctica de la vida. Continuarán las discusiones sobre la manera de aplicarla, pero cesarán las disputas sobre la posibilidad de hacerlo. Tal definición no existe en el Reglamento sobre la Empresa del año 1965 (vigente hasta ahora), que trazó los contornos de la pasada reforma económica.

En general, sería interesante ver qué [illegible] principios faltan en el



Reglamento viejo. Allí, por ejemplo, no figuraba la noción "colectividad laboral", que debe convertirse en clave de la nueva ley. Además, según el proyecto, la colectividad laboral "utiliza como dueño la propiedad de todo el pueblo", mientras que el Reglamento viejo estipulaba que la propiedad se encontraba "bajo administración operativa" de la empresa. De acuerdo con el nuevo proyecto, la empresa funciona "en las condiciones de la autogestión económica completa, del autofinanciamiento y la autoadministración", mientras que en el viejo solo se hablaba de la autogestión, sin mencionar el carácter completo de ésta.

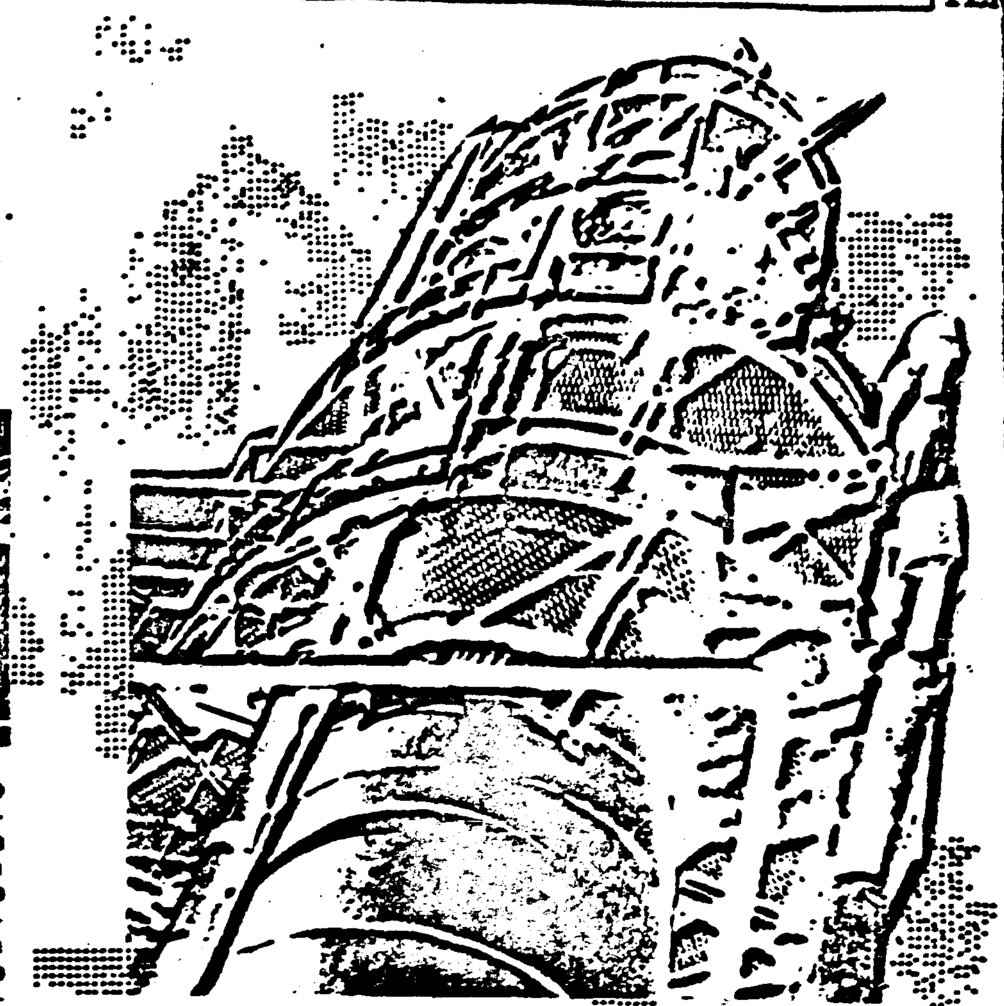
FINES E INGRESOS

El proyecto de ley formula la misión principal de la empresa, como la "satisfacción completa de las necesidades sociales de la economía nacional y de los ciudadanos", estableciendo que para la empresa son obligatorias las exigencias del consumidor, cuya satisfacción se proclama el sentido supremo y la norma de las actividades de la colectividad laboral. Se introduce la noción, nueva para nosotros, de la emulación económica entre empresas por satisfacer de manera más plena las demandas del consumidor, obligando al Estado a limitar la monopolización de la producción hecha por las empresas. Todos estos conceptos no figuran en el Reglamento viejo.

Tampoco figura allí la noción, a la cual está dedicado uno de los artículos centrales del nuevo proyecto: los ingresos de la colectividad a base de la autogestión. ¿No se trata de una manipulación de palabras? Es que de las ganancias de la autogestión se forman todos los fondos que desde hace mucho *conocemos*: de salarios de estímulo material y desarrollo. Pero una cosa es cuando los fondos provienen de los descuentos asignados "desde arriba" sobre la base de la justipreciación (también allí, "arriba") del cumplimiento de los "índices del plan", establecidos por las organizaciones *superiores*. Y otra cosa son los medios ganados (en el curso del cumplimiento de los contratos, concertados independientemente con los consumidores) y gastados a voluntad propia.

LA AUTOADMINISTRACION

Una indudable innovación en nuestra legislación será la formalización jurídica de la importantísima idea, argumentada en el XXVII Congreso del Partido: la combinación de la administración central con la autoadministración socialista de la colectividad laboral. "La autoadministración socialista se



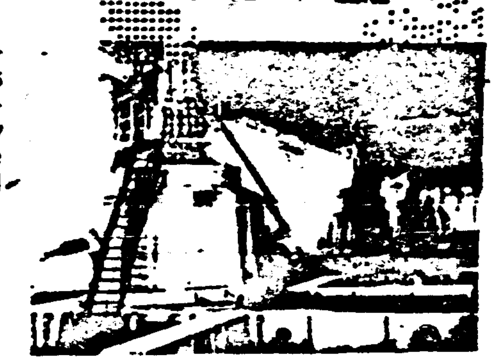
lleva a la práctica mediante la participación de toda la colectividad y de sus organizaciones sociales en la elaboración de las más importantes decisiones y en el control sobre el cumplimiento de éstas, la elección de los directores y el mando único en la administración de la empresa". Otra de las nociones nuevas es el consejo de la colectividad laboral.

Cambia por completo el procedimiento de la composición del plan: ahora la empresa hará ella misma su plan productivo, partiendo de las normas económicas establecidas por el Estado y sobre la base de los encargos estatales (cuyo cumplimiento es obligatorio) de los pedidos de los consumidores y tomando en cuenta la venta libre de sus artículos. Será flexible el sistema de precios: además de los precios establecidos en forma centralizada, aparecerán también precios contractuales y establecidos independientemente. Se prevé pasar de la distribución de los recursos materiales según los fondos a la comercialización mayorista como forma principal del abastecimiento material.

Hay otros artículos nuevos en el proyecto: el desarrollo social de la colectividad laboral, las actividades económicas exteriores de la empresa, la utilización de la naturaleza y la protección del medio ambiente, la actividad productiva y social conjunta de la empresa.

El proyecto de ley rechaza el control burocrático sobre las empresas. Sin embargo, las exigencias y el control por parte de la sociedad no serán más débiles, sino más fuertes, cuando se lleven a cabo mediante normas económicas, entre las cuales es primordial la norma de distribución de las ganancias entre el presupuesto nacional y los ingresos de la autogestión. Ahora el precio del despilfarro no será formal: las multas pecuniarias se pagarán de las ganancias de la autogestión, o sea, del bolsillo propio. En caso de que la empresa sufra pérdidas por tiempo prolongado, ésta quebrará; si sus productos no tienen demanda y resultan ineficaces las medidas para asegurar su rentabilidad, tal empresa puede ser liquidada (el empleo de los trabajadores despedidos queda garantizado de acuerdo con el derecho constitucional al trabajo).

En general, el proyecto de ley responde a su destinación: crear la base jurídica de una reforma radical. Ello no significa que su texto sea irreprochable en todos los detalles.



UNA NUEVA ETAPA

Es poco aprobar una ley. Hace falta procurar que ésta sea cumplida. Es evidente que la nueva ley, en combinación con otras leyes e instrucciones ahora vigentes, sería imposible de cumplir, ya que ella cambia cardinalmente las correlaciones habituales. ¿Será una solución introducirla en la práctica por partes, por grupos de empresas, como sucedió en los años 60? Pero sería absurdo permitir el comercio mayorista, precios acordados y otros elementos de la ley a unas empresas y no permitirlos a otras, cuyos lazos económicos con las primeras son muy estrechos. Eso significa que se necesita un "paquete de soluciones". Se necesita aprobar simultáneamente leyes y disposiciones que formalicen los cambios determinados por la nueva ley sobre la Empresa, pero que no pueden figurar en esta ley. Como informó Mijail Gorbachov en su informe en el Pleno de enero del CC del PCUS, se están preparando los documentos referentes al perfeccionamiento de las funciones de los órganos económicos centrales, de ministerios y entidades en las condiciones del nuevo mecanismo económico, las propuestas para organizar nuevas formas de grandes estructuras productivas de autogestión sobre la base de empresas y empresas consolidadas, y referentes a toda una serie de otros problemas importantes.

Hasta ahora decíamos que la reestructuración se halla al comienzo del camino. El proyecto de ley sobre la Empresa abre una nueva etapa en la reorganización de la economía. Con la aprobación y la puesta en práctica de esta ley se podrá decir que el tramo inicial del camino ya ha sido recorrido, ha comenzado el trabajo principal: la realización de la reforma radical en la práctica.

Otto Lacis ("Novedades de Moscú")

CLARIN ★ Buenos Aires, lunes 16 de febre

LOS CAMBIOS OPERADOS POR MIJAIL GORBACHOV

objetivo: dejar el pasado

MOSCU, 15 (Por **Michel Tatu**, de "Le Monde", y **Fred Warner Neal**, de "Los Angeles Times", especial para **Clarín**). — En los últimos meses se han producido la rehabilitación de **Andrej Sakiarov** y la liberación de decenas de disidentes, la denuncia pública de un responsable de la K.G.B., el cuestionamiento general del brezhnevismo y la profundización del movimiento de desestalinización interrumpido en los últimos veinte años. Además, se ha cuestionado el sistema tradicional de elecciones dentro del país y el partido. Estos últimos dos meses señalan que algo está ocurriendo realmente en la URSS, pero ciertas particularidades nos indican que, más que solucionar los problemas, estas iniciativas pueden provocar dificultades tan graves como que las anteriores.

● Una estructura histórica

En realidad, las observaciones de los occidentales, tan fácilmente catalogados de "**antisoviéticos profesionales**", se ven confirmadas. Porque, por ejemplo, denunciar, el estancamiento de la vida política y social del país bajo Leonid Brezhnev no es más que querer conocer una evidencia.

Sin embargo, a fines de la década pasada solo algunos audaces habían comenzado a observar signos de malestar en la vida nacional (aumento del alcoho-

01 | 02

CLARIN ★ Buenos Aires, lunes 16 de febrero de 1987

LOS CAMBIOS OPERADOS POR MIJAIL GORBACHOV

EL objetivo: dejar el pasado

MOSCU, 15 (Por Michel Tatu, de "Le Monde", y Fred Warner Neal, de "Los Angeles Times", especial para Clarín). — En los últimos meses se han producido la rehabilitación de Andrej Saklarov y la liberación de decenas de disidentes, la denuncia pública de un responsable de la K.G.B., el cuestionamiento general del brezhnevismo y la profundización del movimiento de desestalinización interrumpido en los últimos veinte años. Además, se ha cuestionado el sistema tradicional de elecciones dentro del país y el partido. Estos últimos dos meses señalan que algo está ocurriendo realmente en la URSS, pero ciertas particularidades nos indican que, más que solucionar los problemas, estas iniciativas pueden provocar dificultades tan graves como que las anteriores.

♦ **Una estructura histórica**

En realidad, las observaciones de los occidentales, tan fácilmente catalogados de "antisoviéticos profesionales", se ven confirmadas. Porque, por ejemplo, denunciar, el estancamiento de la vida política y social del país bajo Leonid Brezhnev no es más que querer conocer una evidencia.

Sin embargo, a fines de la década pasada solo algunos audaces habían comenzado a observar signos de malestar en la vida nacional (aumento del alcoho-

01 | 02

8704335

la corrupción); hoy estos detalles parecen ano- rente a las palabras "petrificación", "osifica- "degeneramiento".

pudemos observar el progreso frente a la pri- ola de desestalinización de los años '50, larga- encubierta con los eufemismos de "culto a la alidad" y "dogmatismo". Sin duda, el lenguaje es más directo, pero al mismo tiempo una ta se impone: ¿debemos creer que el régimen co está condenado a ráfagas súbitas y breves de ítica en favor de sus escasas crisis de sucesión, recaer luego en largos períodos de esclerosis? momento, tanto como el anuncio de las evidencias adables en el "Pravda", ¿no se deberán a causas ricas" más que a golpes de audacia?

secretario general Mijail Gorbachov parece es- uy consciente de esta insuficiencia congénita del a que heredó. Por un lado practica el método de mar que la "reestructuración es irreversible" y no hay más que una salida"; por otro, y con r seriedad, insiste en la necesidad de evitar la en errores pretéritos y encontrar "garantías en ntido".

oncedamos a Gorbachov el mérito de señalar la ipal garantía cuando habla de democratización. ecto, es por la transformación democrática de su sistema político que la URSS evitará seguir oscilando permanentemente al borde del culto a la personalidad y el terror, el dogmatismo y el reformismo anquilosan- te, la parálisis económica, la corrupción y la irrespon- sabilidad generalizada.

♦ Sobre las compañías y las elecciones legislativas

Podemos distinguir tres dominios que se pretenden afectados por la anunciada democratización: el prime- ro es el de las compañías. Este es el capítulo que ha levantado menos comentarios en Occidente debido a que es, sin duda, el menos ambiguo. La decisión de introducir en empresas, talleres y granjas el principio de electividad de los dirigentes, sin embargo, inspira ciertas dudas sobre la eficacia económica de tal me- dida.

En cuanto a las elecciones legislativas propuestas por Gorbachov, la multiplicidad parece surgir solo de la ampliación de las circunscripciones, que elegirán a varios delegados en lugar de a uno solo como es cos- tumbre. Hasta hoy no aparece claro si diversos candi- datos se postularán para un mismo cargo. Dentro de este mismo tema, la resolución votada espera ofrecer al "elector la posibilidad de expresar su postura sobre un número más grande de candidaturas", pero precisa que el esfuerzo recaerá en la práctica de "promoción y discusión de estas candidaturas". Pero el voto que culmina todo proceso no se verá afectado. Observemos al pasar que Hungría ya introdujo parcialmente un sistema de candidaturas múltiples a nivel del escruti- nio, no solo en la fase preparatoria, sin que por ello pueda hablarse de revolución.

♦ Límites del voto secreto

Sobre las elecciones dentro del partido, cabe recor- dar que en las asambleas los votantes generalmente deslizan en la urna la lista que les ha propuesto la dirección: de allí saldrá un comité limitado que funcio- nará como Parlamento durante un período de cinco años. Desde la primera sesión, este comité limitado elige —esta vez a mano levantada— a los verdaderos organismos dirigentes aún más limitados que confor- marán el Politburó y el secretariado, incluido el secre- tario general.

La sugerencia de Gorbachov de elegir por lo meno a los secretarios regionales por voto secreto y de preve el escrutinio "sobre un número ilimitado de candida tos" no afecta en profundidad al sistema. Mucho má efectiva, por cierto, era la medida propuesta por Nikit Kruschev en 1961, que limitaba el número de manda tos electivos, ya que impedía que los "pequeños jefe se incrustaran en sus cargos y ejercieran un pode discrecional de por vida.

Como alguna vez dijo Henry Kissinger, la URSS s encuentra en la situación imposible del país que atra viesa dos crisis simultáneas: una crisis económica, s no hace nada por modificar el sistema, y otra de orde político en el caso de tomar medidas. Cabe pensar qu Gorbachov se orienta a la segunda crisis.

♦ Política exterior

Sin embargo, podemos señalar algunos vínculos entre las reformas de democratización y la transpa- rencia informativa ("glasnost") y la nueva política exterior del gobierno soviético, en la medida en que el "glasnost" incluye posturas más flexibles en la políti- ca exterior. La revelación más importante y especta- cular es la aceptación de la propuesta de Ronald Reagan de volver a la "opción cero" en los misiles de alcance intermedio en Europa. No hay duda de que los acuerdos de Gorbachov sobre control de armas se ba- san, otra vez, en tres motivos: los dirigentes soviéticos están un poco asustados frente al peligro de una gue- rra termonuclear. La segunda razón es que necesitan un acuerdo sobre armamento por motivos de economía interna. Por último, temen que se produzca una bre- cha tecnológica si EE.UU. sigue experimentando con la Iniciativa de Defensa Estratégica.

Agencia Reuter



dente
viético
Andrei
ajorov
modo,
hable
otros
...
presos
s en la
URSS.

DISIDENTES EN LA URSS

Los que esperan la visa de salida

MOSCU, 15 (Por Gary Lee de "The Washington Post" y Dominique Dhombres de "Le Monde", especial para Clarín). — Solomon Alber llamó por teléfono 45 veces en un mismo día a las autoridades soviéticas en espera que la reciente liberación de disidentes incluyera su pedido, que reitera desde hace ocho años, de emigrar de la URSS. En un reciente reportaje, el matemático afirmó: "Me dicen que no tienen ningún motivo concreto para rechazar mi solicitud; de todos modos me informaron que no la aceptarían".

La actriz Ludmila Nelzvestno se despidió con tristeza de su hijo y su madre inválida, que partieron hacia Viena en octubre. Funcionarios soviéticos le aseguraron que su permiso no tardaría, pero ella todavía lo espera.

Inna Begun iba a unirse a una manifestación de "refuseniks" en Moscú. Espera que sea liberado Iosif Begun, su esposo, conocido activista judío. Tanto ella como los otros manifestantes judíos que aún esperan la visa de salida de territorio soviético fueron dispersados por la policía.

Estos tres casos se suman a otros tantos que aguardan, pese a la reciente liberación de 140 prisioneros políticos y la resolución de algunas solicitudes de judíos que desean emigrar. Aunque voceros soviéticos afirman que se han concedido 500 visas en enero; algunos diplomáticos occidentales aseguran que esa cifra es una "total falsedad" y que solo se concedieron 120 permisos el mes pasado.

♦ Expectativa en el frente interno

El martes, el portavoz del ministerio de Relaciones Exteriores, Gennadi Guerasimov, reveló que se estudiaban 140 casos de liberaciones futuras y que se pensaba modificar el código penal soviético. El vocero hizo sus declaraciones a la prensa occidental al cabo de un informe de rutina. Pero hasta la fecha ningún medio local ni la televisión mencionaron la noticia, que solo fue recogida por la agencia TASS en su servicio de idiomas extranjeros.

En Moscú este hecho produjo consecuencias insólitas: en los últimos días decenas de funcionarios gubernamentales contactaron a los corresponsales extranjeros para saber si eran ciertos los "rumores" de que se producirían nuevas liberaciones.

Guerasimov también se negó a difundir los nombres de los disidentes en consideración, y en un reportaje concedido a la BBC y recogido por la agencia Reuter declaró que no era probable que se produjeran otras liberaciones además de esa nueva tanda anunciada.

Aunque en los últimos meses se han resuelto los casos de muchos norteamericanos casados con soviéticas, a quienes se les negaba la visa de salida, el embajador norteamericano, Arthur Hartman, dijo en una conferencia de prensa que restan "cerca de doce casos graves que deberían ser resueltos". Como otros occidentales residentes en Moscú, Hartman confía en la revisión de los derechos humanos encarada por el gobierno de Mijail Gorbachov, pero teme, como tantos soviéticos también, que el arreglo de unos cuantos casos limite la revisión profunda de las causas que originaron los arrestos. Hay quienes juzgan que los casos resueltos fueron elegidos en forma arbitraria y que, también en forma gratuita, otros permanecerán como hasta ahora.

♦ Aval oficial a Sajarov

Se ha formado una comisión especial que revisará el código penal de Rusia, la república más importante de las quince que conforman la URSS. Sobre todo se estudiará el artículo 70, que pena "la agitación y la propaganda antisoviética", cuya formulación deberá simplificarse y cuyas condenas se flexibilizarán.

Sin duda el proceso actual del régimen soviético resulta fascinante. También lo es el hecho que el disidente Sajarov y su esposa se han constituido en un centro de oposición oficial con el aval de las autoridades. El correo tiene la obligación de cursarles los telegramas que informan sobre la liberación de detenidos que abandonan las prisiones de todos los rincones del país. Su teléfono particular no deja de sonar, y hasta ahora nunca se ha cortado la línea.

AN

02.02

DESVENTAJOSO ACUERDO PESQUERO CON LA URSS

Peligra la Seguridad, pesca y Soberanía

por Ricardo Domínguez

Tres días antes de Semana Santa, llegó al país una delegación de la URSS con el *propósito de firmar un* acuerdo de pesca, entre las autoridades uruguayas y el viceministro de Pesca soviético que encabezaba la delegación.

La fecha en que *se firmó el* acuerdo, —previo a la Semana de Turismo—, y el esperado silencio que la inactividad forzosa de esa semana provoca, no han sido revelados concretamente los puntos de ese compromiso, aunque se dejó filtrar el anuncio, de la venida de una poderosa flota de pesca rusa, acompañada por algunos cubanos.

200 barcos de pesca, verdaderas fábricas industrializadoras flotantes llegarían a trabajar en el borde de nuestras aguas territoriales. Esto provocaría el uso del puerto de Montevideo para los servicios de aprovisionamiento, relevo de tripulación y reparaciones en general, significando *una cuota de ingresos* para la ANP.

También en el marco del acuerdo pesquero, la línea aérea soviética: Aeroflot, comenzaría a operar en nuestra terminal aérea, siendo la DGIA beneficiaria por los servicios de asistencia que deberá prestarle, como la venta de combustible, etc.

Se volvería al tiempo de los "Adelantados" al Río de la Plata, que se llevaron nuestras riquezas canjeadas por "espejitos", esta vez de fabricación soviética o cubana.

INGLESES CONTRA PESQUEROS RUSOS

Aquí vale la pena establecer el motivo por el cual los ingleses establecieron la zona de "exclusión pesquera" alrededor de las islas Malvinas. Esta medida no fue para molestar a los argentinos, sino porque el gobierno del Dr. Alfonsín había realizado un acuerdo con los soviéticos, permitiéndoles pescar en la zona, a otra impresionante flota de pesca rusa y cubana, lo que significaría por muchos años: un adiós a la pesca y toda la riqueza ictícola.

Sabido es, las consecuencias devastadoras que tienen estas flotas pesqueras, que cuentan con inmensas fábricas industrializadoras flotantes, y que el sistema de pesca del tipo "Arrastre", que se efectúa entre dos barcos y una gigantesca red, unida en ambos extremos a cada barco, arrasa con todo lo que encuentra a su paso, alterando el equilibrio ecológico, dejando el área como un verdadero "Mar Muerto".

Todo, ¿a cambio de qué?

Este "Acuerdo" se efectuó apresuradamente, sin dar tiempo a nadie, a pensar en las serias consecuencias que esta inconsulta medida va a traer.

URUGUAY NO PUEDE VIGILAR SUS COSTAS

El "Acuerdo" establecería que los rusos y cubanos deberán pescar en el borde de nuestras aguas territoriales. Pero, ¿quién va a vigilar la actividad de 200 buques fábricas flotantes soviéticos en los casi 1000 quilómetros de costas que el Uruguay tiene?,

Aparentemente, el gobierno nacional y el Parlamento no evaluó el problema que se avecina. *El Uruguay no cuenta* con barcos adecuados, y *menos aún*, aviones apropiados para desempeñar las lógicas tareas de vigilancia. Porque para vigilar nuestro mar territorial, de los conocidos abusos soviéticos no pondrán a hacerlo, a los tres destructores de la Armada, con su elevadísimo costo operativo; y aviones apropiados para esta tarea hay uno solo, y está fuera de servicio.

Las costas del Río de la Plata y el océano Atlántico son extensísimas, y las desoladas playas carecen de vigilancia, y aún más, lejanos de la vista de los habitantes, por lo desoladas y apartadas.

Los "rusos" esto ya lo saben; como todo el mundo sabe las actividades colaterales que las flotas pesqueras tienen y que constantemente se comprueban: sus movimientos de apoyo a organizaciones antinacionales, suministrándoles armas, propaganda y dinero a los terroristas marxistas.

Se ha comprobado e identificado a barcos rusos y cubanos enviando armas a las costas de Perú y Chile, para apoyar las actividades de los grupos terroristas, como Sendero Luminoso en Perú, el Frente Patriótico Manuel Rodríguez (aparato armado del Partido Comunista de Chile), y el MIR (Movimiento de Izquierda Revolucionaria) también de Chile.

FLOTA PESQUERA SOVIETICA EN PERU

Perú y la URSS se comprometieron en una amplia cooperación técnica y financiera. Una flota pesquera soviética que incluye 10 grandes factorías y casi 100 buques pesqueros (algo menos de la mitad de lo que vendrá al Uruguay), están explotando las aguas de Perú. Los soviéticos capturan 6 millones de toneladas de peces anualmente con un valor de U$S 1.800.000.000. Una serie de acuerdos pesqueros fueron extendidos por 3 años por el gobierno peruano recientemente.

La extensión no avanzó sin lucha: el líder opositor Osterling se movió para anular los acuerdos, de los que dijo: "Han permitido que los soviéticos establezcan una base en Callao, a 8.000 millas de Vladivostok, donde pueden atracar de 250 a 300 barcos". Los acuerdos permiten a los barcos soviéticos atracar para reparaciones y reposición de provisiones, combustibles y rotar tripulación. El puerto de Callao es particularmente importante para viajes al sur para los barcos soviéticos que transportan armas o conducen misiones de inteligencia (la Aeroflot tiene 4 viajes cada semana entre Perú y la URSS, vía Cuba. Alrededor de 30.000 pescadores soviéticos viajan a través del aeropuerto cada año).

DESCUBRIMIENTOS CHILENOS

Meses atrás, las fuerzas de seguridad chilenas descubrieron *cerca de Carrizal Bajo* en la costa del norte de Chile, 8 escondites terroristas de armas. Los terroristas capturados con las armas se identificaron como integrantes del FPMR (Frente Patriótico Manuel Rodríguez).

Las armas encontradas consistían en rifles de asalto, granadas antitanques bloc de propulsión a cohete, cientos de miles de municiones, un centro de entrenamiento subterráneo con área para tiro, etc.

La mayor parte de la artillería capturada consiste en armas de procedencia estadounidense fabricadas durante la guerra de Vietnam o artillería comparativamente más *nueva, originaria* del bloque soviético, de relativa y reciente manufactura.

CUBA DISTRIBUIDOR

La ayuda exterior a los grupos terroristas, por lo tanto, es cierta. Hanoi no ha vendido a traficantes *privados* el arsenal estadounidense capturado en Vietnam, e información respecto a otros países latinoamericanos donde esas armas han aparecido señalan a Cuba como proveedor regional, como Nicaragua, que ha actuado como intermediario de armas destinadas a El Salvador, Guatemala y Honduras.

En este caso, la evidencia señala a Cuba. De aquellos estados que podrían haber asistido a los terroristas del FPMR. Cuba surge por haber tenido acceso tanto al nuevo armamento del bloque soviético como a armas vintage estadounidenses de Vietnam, por intermedio de sus aliados del bloque y la capacidad de enviar esta artillería por medio de sus buques pesqueros que operan regularmente en aguas internacionales fuera de la jurisdicción chilena, aunque a pocas millas y junto a naves soviéticas.

TRANSPORTE EN BARCOS PESQUEROS

El volumen completo de artillería, estimado en 70 toneladas, sugiere su envío por mar, y tiende a comprobar declaraciones de terroristas capturados en el sentido de que las armas fueron descargadas de barcos cubanos y soviéticos más grandes, a embarcaciones más pequeñas. El estado de parte de la artillería también indica un envío por mar. La mayoría de los envases de correajes y municiones se encontraron húmedos y algunos fuertemente corroídos, sugiriendo la exposición a agua salada.

URSS

Los problemas de una reforma radical



DENTRO de unas semanas, a mediados de año, se reunirá el pleno del Comité Central del Partido Comunista de la Unión Soviética para definir un cambio radical en la política económica. Se presume tendrá resonancia equivalente al de enero último cuando se abordó la política de cuadros del PCUS en el marco de la reestructuración de la sociedad. Desde enero y con creciente intensidad la dirección soviética encara el desarrollo insatisfactorio de la gestión económica. Esto se marcó en sucesivas intervenciones de altos dirigentes en varias repúblicas y toma relieve en órganos especializados de prensa así como en el amplio debate propiciado por la proyectada ley de reforma de la empresa socialista.

NO TODOS LO COMPRENDEN

Más allá de resultados en la producción agrícola e industrial que en lo cuantitativo alcanzaron los objetivos planificados, la cuestión sigue planteada con agudeza.

"Pravda" dedicó la mayor parte de una reciente edición al tema de la economía. En el editorial aborda el tema del desarrollo de la democracia en la producción afirmando que dista de ser general la comprensión de la línea del Partido en desarrollar la democracia, elevar la responsabilidad y fortalecer la disciplina del trabajo. El principio de la elegibilidad y la dirección única no se contraponen, dice, sino que se complementan; el dirigente elegido por el colectivo recibe más derechos que antes, incluido el de exigir un orden perfecto, elevada disciplina laboral y tecnológica, gran rendimiento en el trabajo. La democracia no es polo opuesto del orden: es un orden de nivel más elevado con base en la participación altamente consciente, con gran iniciativa y plenos derechos de todos los individuos en los asuntos del colectivo laboral y del Estado.

Insiste en la afirmación dada por el congreso del PCUS y en otros documentos posteriores de que la reestructuración de la economía debe ayudar a superar enérgicamente los estancamientos, romper el mecanismo que frena el desarrollo y crear otro, seguro y eficaz, que contribuya al crecimiento económico y la mejora social. Se trata, afirma "Pravda", "de una reforma radical".

Para esto es necesario resolver problemas teóricos y prácticos: ¿cuál es la nueva calidad del incremento? ¿Cómo medirla? ¿Cómo se conjuga con los métodos anteriores de determinar el ritmo de crecimiento económico? ¿Qué precios y salarios estimularán la nueva calidad del desarrollo?

Esos interrogantes están siendo debatidos con amplitud y serán centro del pleno próximo.

NECESIDAD DE CAMBIOS PROFUNDOS

Las medidas de aceleración e intensificación han dado algunos resultados. La producción industrial en 1986 aumentó 4,9 por ciento, un tercio más que la media anual del lustro anterior y el índice más elevado en nueve años. Aumentó la producción agraria (récord en la de cereales aunque no se cumplió el plan fundamentalmente debido a grandes desastres naturales como el de Crimea). En función de ese crecimiento aumentaron las posibilidades para atenuar los problemas de vivienda, salud y enseñanza, y mejorar el nivel salarial.

Pero no se constatan cambios profundos acordes con la profundidad de la nueva estrategia y las causas se ubican en desacomodos en la economía primordialmente en cuanto a la satisfacción de la demanda de consumo. Se trata de las colas, de la insuficiencia de muchos servicios y la alta diferencia entre los precios de Estado y los precios de otros tipos de mercado.

Un eje crítico es el de la planificación. Obra socialista por esencia, permite —teóricamente— armonizar las proporciones de la economía, coordinar la actividad de los sectores, estimular el progreso económico. Pero si en la práctica se sustituye la determinación de la estrategia por la minuciosa determinación "de arriba" de la actividad de centenares de miles de empresas y organizaciones de toda dimensión, la práctica contradice y hasta choca con la estrategia. Así se constató —y la coincidencia de los estudiosos de esta problemática es significativa hoy— que el trabajo excesivamente dirigido impedía o trababa la acción, repercutía negativamente en la eficiencia productiva.

En forma complementaria se indica que las grandes dimensiones y enormes posibilidades (por encima de las grandes dificultades naturales y otras), la gran población, el alto número de científicos, técnicos, la sólida capacidad industrial, etc., solían generar un optimismo infundado, autosuficiencia, orientación al desarrollo extensivo cuando no al exceso del elogio y el autoelogio o la autosatisfacción. La intensificación de la producción quedaba en segundo o tercer plano.

Esos y otros rasgos negativos son los que hacen eclosión en los años 70 y conmueven la realidad social: la gente quiere otra cosa y el XXVII Congreso del PCUS (antes los plenos de marzo y de abril de 1985) hace un año "toma el toro por las guampas". Lo sigue el trascendente pleno de enero. Ahora será este próximo.

LAS DEMANDAS DEL CONSUMO

Veamos ahora algunos lineamientos preanunciados de la proyectada reforma que ahondará la restructuración planteada sobre todo por el congreso.

Los dirigentes soviéticos —ajenos a todo dogmatismo y más aún en cuestiones de economía— enfatizan un "no tenemos respuesta para todo". Por lo mismo, buscan las respuestas en el marco de las ideas socialistas para el "más socialismo". Los dos últimos años se han practicado diversos experimentos en aras de la autogestión, el autofinanciamiento y el autogobierno de las empresas. Sin chocar con la planificación centralizada, se insiste como prioridad, a primer plano la cuestión de la calidad, de una producción moderna y no de modelos obsoletos con aplicación de logros ya caducados en ciencia y técnica. Fue radical (o va siéndolo) el cambio en las inversiones sobre todo para modernizarlas más que para crear otras. Se hace centro en la industria de maquinaria y la nueva tecnología (en 1986 las inversiones en maquinaria aumentaron 30 por ciento).

Pero el radicalismo de la reforma hace hincapié en el mecanismo de gestión que sigue siendo grande y pesado (torpe, es el calificativo más frecuente). "Se abultó" en los años 70 con más prohibiciones, miles de instrucciones que se multiplicaban de arriba abajo y salían de estudios de gabinetes "teóricos". A esto se le quiere poner fin. Con otras palabras: para la economía, métodos de la economía y no más los administrativos. Y quiere decir responsabilidad económica de cada órgano y no más al "paternalismo".

Y no se trata de fetichizar la economía en abstracto. El gran objetivo es una fuerte política social. Quiere decir que la producción ha de someterse a los intereses del consumidor, se aumentarán las posibilidades de los colectivos para resolver problemas sociales. Un acto de trascendencia para la autogestión de los trabajadores es la ley de empresas en debate popular.

La tónica atribuida a la reforma es eliminar toda subestimación del trabajo individual, de los servicios, de las demandas del consumo. Se quiere realizar mejor, quitando del medio todo lo que todavía se opone a la realización de los principios y de la moral socialistas con justicia social cierta y no solo teórica.

Ricardo Saxlund,
corresponsal en Moscu

Informe de Associated Press Desde Moscú: Gorbachov y las Dificultades que Enfrenta



MOSCU. (Por Carol J. Williams de The Associated Press). — En solo dos años al frente del Kremlin, Mijail Gorbachov ha colocado a la Unión Soviética en vías de concertar un acuerdo sobre armamentos con Estados Unidos, ha trazado un plan de recuperación económica y ha permitido una pequeña tribuna para la expresión social y artística.

Sin embargo, el jefe máximo del Kremlin ha manifestado que el proceso de renovación del sistema soviético es sumamente lento y dificultoso, y sus campañas por una mayor productividad e innovación tecnológica han suscitado la resistencia de muchos sectores, en tanto que otros se han mostrado indiferentes.

Gorbachov asumió el control del gobierno el 11 de marzo de 1985, al morir el entonces gobernante Konstantin U. Chernenko, y se constituyó así en el cuarto secretario general del partido comunista soviético en menos de tres años.

A diferencia de lo que ocurría con sus ancianos y enfermizos predecesores, Gorbachov realizó pronto viajes al exterior y se trasladó a regiones distantes dentro de la Unión Soviética en busca de apoyo para su política.

Sostuvo además dos cumbres con el presidente estadounidense Ronald Reagan. La primera se realizó en Ginebra, donde se encendieron las esperanzas para un mejoramiento en las relaciones entre ambas superpotencias. En la segunda, efectuada en octubre, en Islandia, los dos estadistas trataron en vano de lograr un acuerdo sobre el control de armamentos.

■ LA DEPURACION

En una rápida depuración doméstica dentro del Kremlin, Gorbachov reemplazó a varios miembros de la vieja guardia del Politburó por representantes de una generación más joven, que en su mayoría comparten su determinación a realizar cambios extensos en la sociedad soviética.

Algunos de los más importantes disidendes de la nación, entre ellos, Andrei Sajarov, fueron liberados de prisiones, campamentos de trabajos forzados o del exilio interno, dando a entender a algunos que Gorbachov se siente suficientemente seguro como para aceptar críticas.

Sin embargo, la emigración de judíos y disidentes no ha aumentado notablemente.

Gorbachov, de 56 años de edad, parece controlar el partido y el aparato gubernamental. Pero ha encontrado cierta resistencia en todos los niveles por parte de aquellos trabajadores que no se han visto motivados por promesas de un mejor nivel de vida, de militares conservadores que perciben las negociaciones de control de armamentos como infructuosas y como gestos de cortesía hacia Occidente, y también por parte de burócratas arraigados.

El nivel de resistencia no es claro. Los funcionarios gubernamentales tienden a referirse sólo a "defectos" en la aplicación de la política oficial o una "atención insuficiente" a las demandas de la época, mientras que el soviético promedio no critica públicamente a la dirigencia.

Las condiciones de vida no han cambiado sustancialmente y el pueblo debe hacer aún largas colas para adquirir magras raciones de alimentos, productos de consumo y para ingresar a funciones artísticas de calidad.

■ PROBLEMAS INCREMENTADOS

Si el desempeño en el trabajo es un indicio de la seriedad con que los trabajadores están recibiendo los esfuerzos de Gorbachov, los problemas del líder más bien se han incrementado.

La agencia noticiosa oficial Tass informó hace poco que el 60 por ciento de la industria pesada del país no consiguió cumplir las metas trazadas debido a un control de calidad más riguroso.

Los esfuerzos de Gorbachov hacia lo que él denomina la "democratización" del sistema soviético han sido recibidos con entusiasmo por los medios de comunicación, controlados por el Estado, así como por los intelectuales. Gran parte de la fuerza laboral, sin embargo, no está segura de cómo le afectarán las reformas en la vida diaria.

La campaña de democratización tiene como fin alcanzar un intercambio libre de ideas y una amplia participación en la toma de decisiones.

En este punto, sin embargo, Gorbachov ha encontrado oposición.

En un discurso pronunciado en una reunión del Kremlin, el mes pasado, Gorbachov reveló que estaba enfrentando oposición. Pero asumió una actitud firme y dijo que las medidas políticas eran irreversibles.

"La democracia no se opone al orden", dijo. "Es un orden del más alto nivel, que no se basa en una obediencia implícita o en el mero cumplimiento de instrucciones, sino en la participación activa y consciente de toda la comunidad en todos los asuntos de la sociedad".

■ EL CAMBIO MAS VISIBLE

El cambio más visible bajo el gobierno de Gorbachov ha sido su política de apertura ("Glasnot"), que ha dado como resultado un flujo de informaciones críticas —otrora inimaginables— que ponen en tela de juicio muchos aspectos de la vida soviética, desde la escasez de alimentos hasta el abuso del alcohol y las drogas.

Los diarios, que rara vez dieron cuenta de los accidentes y desastres naturales, por más serios que fuesen, ahora difunden informaciones sobre incendios, inundaciones y actividades en el mercado negro.

Pese al volumen de las noticias sobre crímenes y conflictos sociales, muchos temas aún se mantienen limitados y asuntos como la represión bajo el período de Stalin han sido mencionados sólo vagamente.

Cuando se registró en abril el peor accidente nuclear a nivel mundial en una planta de energía nuclear en Chernobyl, la noticia no fue dada a conocer en la Unión Soviética sino tres días después de ocurrido.

Gorbachov ha sido elogiado por permitir que se dé rienda suelta a los escritores, cineastas y artistas del país, varias películas y obras de autores soviéticos, que habían sido prohibidas anteriormente, han sido difundidas en los últimos dos años.

Se han creado comisiones estatales para revisar las obras de Boris Pasternak, el laureado Premio Nóbel de Literatura que murió en desgracia en 1960, y las canciones y poemas sin publicar del extinto Vladimir Vysotosky, que despertó un gran número de seguidores en la clandestinidad.

En el frente internacional, Gorbachov ha anunciado que el Kremlin está dispuesto a firmar un acuerdo para desmantelar los cohetes de mediano alcance en Europa.

Habría resistencia de los líderes militares, que al parecer presionaron a Gorbachov para que abandonara la prohibición de 19 meses de pruebas nucleares.

Los soviéticos han afirmado que hicieron avanzar las negociaciones de control de armamentos de un estancamiento con la propuesta de proyectiles de mediano alcance de Gorbachov el 28 de febrero. La reacción de Estados Unidos ha sido en general positiva.

■ AMPLIA OPOSICION

Un destacado experto en ciencias políticas reconoció que las reformas que postula Mijail Gorbachov tropiezan con una amplia oposición pero vaticinó que el líder del Kremlin impondrá sus programas porque representa una nueva generación.

El especialista, Fyodor Burlatsky, dijo en una conferencia de prensa la semana pasada que la sociedad soviética y su dirigencia están mejor educados y tienen valores que difieren de los que imperaban cuando Nikita Kruschov fracasó en su campaña tendiente a reformar la sociedad soviética.

QS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: El Espionaje Soviético y el otro.

PROCEDENCIA: El País 25/4/87

ARCHIVADO EN: MAX (046)

01.01 8704360

P

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Crean Instituto Internacional de Exploración Marina.

PROCEDENCIA: 30/4/87

ARCHIVADO EN: 567/A

01.01 8704367

RS

02b

URSS

La Nación 11/4/87

Información marítima

Uruguay y la URSS firmaron ayer un acuerdo portuario

PM

MONTEVIDEO, 10 (Reuter). – Uruguay y la Unión Soviética suscribieron aquí un acuerdo para la utilización del puerto de esta capital como base de operaciones para la flota pesquera soviética que cumple tareas en el Atlántico Sur, anunciaron fuentes oficiales.

La firma del acuerdo, que no incluye la posibilidad de pesca dentro de aguas territoriales uruguayas, fue concretada hoy por el viceministro de Relaciones Exteriores, Alberto Rodríguez Nin, y el viceministro de Pesca soviético, Nicolai Kudriavtsev.

El director del Instituto Nacional de Pesca, Alberto Giambruno, aseguró que no se permitirá la pesca de terceros países en la zona económica uruguaya.

Al mismo tiempo, precisó que los acuerdos se refieren a la utilización de facilidades portuarias, cooperación técnica y, eventualmente, permitirá la operación de la línea aérea soviética Aeroflot en el Uruguay para el recambio de tripulaciones.

Fuentes de la Cancillería dijeron a Reuter que los acuerdos deberán ser ratificados este año durante la visita que efectuará el presidente Julio Sanguinetti a la Unión Soviética.

01/01

MIRADOR INTERNACIONAL

por Archibald Dax

¿CONCESIONES O ENTREGA?

Cuanto más se acerca la fecha de la visita del Primer Secretario del Partido Comunista Soviético, Mijail Gorbachev, a América del Sur, tanto más necesario se hace ver con claridad acerca de los objetivos de Moscú a escala regional y global.

Se sabe que Gorbachev se está esforzando por afianzar su posición política con purgas a diestra y siniestra en el aparato partidario y la administración interna de la URSS, rotulando su proceder como medidas necesarias para alcanzar mayor democracia y pureza moral. En realidad, todas sus "innovaciones" tienen un solo motivo: consolidarse en el poder.

Además, en ningún momento deja de lado el aspecto exterior de su política, a juzgar por el hecho, hasta ahora inusual, de sus viajes al extranjero, próximamente, incluso a América del Sur. En otras palabras, entiende que su poder interno depende también de sus logros externos. Hace años que la URSS ha desplegado en el exterior una estrategia militar basada en el terror, la subversión, la propaganda engañosa, la desinformación y el espionaje total. Gorbachev no va a cambiar nada de eso. Al contrario: tratará de perfeccionarlo. En las academias militares soviéticas, Clausewitz dejó de ser el favorito de los instructores. Ahora se enseña mucho menos las estrategias y tácticas de la guerra clásica; materias prioritarias son, además de las tecnológicas, todas las formas de guerra subversiva.

Moscú basa su agresión al mundo libre en la sicología por un lado y en los servicios de sus fuerzas vicarias —cubanos, libios, alemanes orientales, nicaragüenses, etc.— por el otro. Muchas veces, una campaña de agitación en los medios de difusión pública mundial sustituye y supera con creces a la utilización de varias divisiones del ejército. La desmoralización de una víctima potencial ya no se obtiene únicamente con el uso o la amenaza de armas de fuego; una bien llevada campaña publicitaria hace lo suyo".

Pero la desinformación no se utiliza sólo para debilitar la resistencia moral de Occidente, sino también para ensalzar la imagen de Gorbachev dentro de la Unión Soviética y en el extranjero, con métodos que antes no se aplicaban y que tratan de imitar las relaciones que los primeros mandatarios mantienen con sus pueblos en las naciones democráticas: visitas a fábricas, escuelas y laboratorios en la URSS, viajes a distintas partes del mundo en compañía de su esposa, apariciones frecuentes en la televisión y hasta "conferencias de prensa". Toda la publicidad directa y subliminal que rodea a Gorbachev se puede describir como una especie de culto a la personalidad, distinto a lo de antes, pero quizás más efectivo. Las transmisiones vía satélite muestran a un hombre de edad mediana, jovial, con buenos modales ("variatio delectat" diría Electra con relación a los líderes soviéticos de ayer y hoy). Se habla de su guardarropa y su cultura, de la elegancia y el maquillaje de su esposa, como antes se hablaba de la fina sensibilidad artística de Andropov, ex-jefe de la KGB que, en 1956, había iniciado la carnicería en Hungría.

Sin bien es cierto que las momias que habitaban en el Kremlin en el pasado reciente, desde Breshnev hasta Chernenko, no eran presentables para ningún público, deducir de ello que Gorbachev será mejor para el mundo libre y los pueblos soviéticos que sus antecesores sería incurrir en "voluntarismo" o lo que suele llamarse pensamiento desiderativo, por no decir simplismo, a secas. Por el contrario, si Gorbachev sale con la suya sería peor para Occidente, porque cuenta con una serie de ventajas para la realización de los objetivos permanentes del Kremlin que lo distinguen de los secretarios generales que lo precedieron.

Hay que comprender una verdad simple: Gorbachev es la KGB. Las fuerzas armadas, que predominaban en la URSS hasta la llegada al poder de Andropov, perdieron posiciones desde que el Kremlin optó por la vía subversiva como parte de su política exterior y el estancamiento militar en Afganistán. La guerra sicológica y terrorista no tendrá sus teatros de operaciones más importantes ni en los Estados Unidos ni en Europa Occidental, sino en los territorios periféricos, el llamado Tercer Mundo. Lo hemos dicho con anterioridad pero es preciso repetido.

PS 024

URSS

Informática en las escuelas de la URSS

Moscú, (APN). En todas las escuelas soviéticas (grados noveno y décimo) se impartirá una nueva asignatura: "Bases de Informática y Computación". Setenta mil maestros de matemáticas y física recibieron preparación especial para el nuevo curso. Se planteó instalar ordenadores en las escuelas durante los próximos años. Para fines de 1990, en la URSS está previsto fabricar 1,1 millones de ordenadores personales, lo que permitirá suministrar equipos análogos a una de cada dos escuelas secundarias.

La computarización de la enseñanza se considera parte integrante del plan estatal de desarrollo económico y social. Para el año 1990, casi en la mitad de las escuelas secundarias, habrá concluido la organización de aulas de informática. Contarán con equipos análogos todas las fábricas y parte de los establecimientos extraescolares.

Para fines del duodécimo quinquenio (1986-1990) la industria debe desplegar la producción de equipos complementarios -distintas memorias, mini-robots de entrenamiento, dispositivos de conexión entre ordenadores y equipos de laboratorios escolares, aparatos de proyección, dispositivos para conectar los ordenadores con líneas de comunicación- y empezar su suministro a los centros docentes.

En 1991 1995 está previsto empezar la producción de equipos de segunda generación para escuelas . Se trata de ordenadores profesionales bastante potentes con amplias posibilidades gráficas y equipos periféricos, que se conectarán con redes informáticas regionales.

LA HORA 16/3/87

01 / 01

EMIGRACION JUDIA DE LA URSS

El comercio también opina

La política de la Unión Soviética sobre migración de ciudadanos judíos está estrechamente relacionada con sus objetivos de comercio exterior: la URSS quiere mejorar su comercio con Estados Unidos y sabe que, si permite una migración más fluida de judíos, la comunidad judía norteamericana le ayudará en su intento.

La clave del problema está en la legislación norteamericana: dos enmiendas sancionadas por el Congreso, la Jackson-Vanik y la Stevenson, condicionan el tratamiento comercial de la Unión Soviética a su política de migraciones.

Por ellas se puso un techo de 300 millones de dólares a los créditos que el banco de comercio exterior norteamericano, el Export-Import Bank, puede otorgar para financiar exportaciones a la URSS.

El Ex-Im da créditos baratos que permiten a los exportadores ofrecer mercaderías con financiamiento atractivo para los países compradores. Sin esos préstamos, la exportación debe cobrarse al contado o financiarse con crédito comercial más caro.

♦ Tarifas altas

Las enmiendas imponen también altas tarifas para las importaciones norteamericanas de origen soviético.

La posición de la comunidad judía norteamericana ante estas enmiendas es tan simple como automática: "Si nosotros vemos un movimiento sustancial en la emigración, comenzaríamos a considerar la enmienda Jackson-Vanik o la Stevenson", confesaron a "Business Week" líderes de organizaciones judías norteamericanas.

Jerry Goodman, director de la Conferencia Nacional de Judíos Soviéticos, dijo a la misma revista: "Si nosotros logramos 30 emigrantes al día y vemos eso por varios meses, estoy seguro que habrá alguna respuesta", es decir, presiones de la comunidad para facilitar el comercio Estados Unidos-URSS.

En Estados Unidos el sistema de presiones por medio de lobbies o agitando la opinión pública, cuenta mucho en las decisiones gubernamentales y la capacidad de presión de la comunidad judía de ese país es conocidamente grande.

Mejorar el comercio con Occidente es una de las obsesiones de la actual conducción soviética.

♦ Occidente fascinante

El comercio de la URSS con los países industrializados occidentales es el 30 por ciento de su comercio total y es deficitario. Sus principales socios comerciales son Alemania occidental (19 % del comercio de la URSS con Occidente), Finlandia (14 %), Japón (7 %), seguidos por Francia, Gran Bretaña y en el sexto puesto, Estados Unidos (5 % del comercio).

La URSS exporta mayoritariamente petróleo y, en una muy baja proporción, bienes industriales, y compra ese tipo de bienes y alimentos. El poder de compra soviético cayó, en los últimos años, por la baja en los precios del petróleo, y en 1986 tuvo un considerable déficit comercial con Occidente: sus importaciones desde esa región política fueron un 23 % mayores que sus ventas a la misma. La URSS está interesada no solo en equilibrar su balanza comercial, sino también en aumentar su comercio: si exporta más tendrá más divisas para comprar los equipos y la tecnología que la nueva dirección necesita para modernizar la economía soviética.

Para lograr ese objetivo esa dirección tomó medidas tan audaces como permitir a algunas empresas que operen por su cuenta en el mercado internacional y alentar la constitución de empresas mixtas entre las firmas soviéticas y las de países occidentales.

Pero también hace movimientos políticos en el tablero internacional. Entre ellos se cuentan operaciones como los acercamientos a países petroleros como Arabia Saudita, con los cuales la URSS no tiene siquiera relaciones diplomáticas, o la comentada puesta en negociación de su política de migraciones de ciudadanos judíos.

Si esta política se sigue flexibilizando, los barrios americanos de migrantes rusos, como la "pequeña Odesa" de Brooklyn, seguirán creciendo y con ellos los intercambios soviéticos con la otra superpotencia mundial.

Julio Sevares

Los soldados soviéticos

Un grupo de soldados soviéticos acaba de pasar una corta temporada en Buenos Aires. Vinieron en misión pacífica. En los escenarios y en los medios de comunicación oficiales que el gobierno les brindó con largueza, bailaron y cantaron.

Otros países no han podido decir lo mismo. Los soldados soviéticos están hoy en todas partes, según lo requiere la calidad de "Nuevo Islam del siglo XX" que reviste la Rusia comunista desde fines de la Segunda Guerra Mundial. Ya antes, en 1939, había comenzado el plan expansionista que no se detuvo sino, provisionalmente, en 1951. En ese lapso de 13 años los soldados soviéticos anexaron no menos de 30 países al imperio bolchevique, con lo cual éste acumuló una superficie total de 13,1 millones de kilómetros cuadrados y una población, en ese entonces, de 575,2 millones de habitantes. El apresamiento permanente de naciones indefensas se realizó a un promedio de 3.000 kilómetros cuadrados cada 24 horas. A la Rusia zarista le demandó cuatrocientos años anexarse territorios por un total de 11,5 millones de kilómetros cuadrados.

El plan de conquista soviético fue paralelo con el fenómeno de descolonización (Africa y Asia) de los países occidentales, que significó la creación de numerosos estados independientes con un total de 6,5 millones de kilómetros cuadrados y una población de 545,4 millones de habitantes.

La posterior presencia soviética en el sudeste asiático (Vietnam y Camboya) y en Mozambique y Angola, seguida más tarde por su dominio en Etiopía y otras ex colonias del continente negro, demostró hasta a los más incautos que el plan de conquista no había terminado. Cuba (1949) y Nicaragua (1979) son cuentas del mismo rosario. La última gema de la corona imperial moscovita fue la invasión y conquista de Afganistán, concebida como un avance estratégico hacia el dominio del golfo Pérsico.

Tan ambicioso plan de dominación mundial no hubiese podido cumplirse sin los soldados soviéticos, pertenecientes al ejército de tierra más numeroso del mundo, con un servicio militar obligatorio de tres años.

Conviene volver sobre estos datos en momentos en que los soldados soviéticos han sido presentados en Buenos Aires como dedicados a exaltar los temas y melodías de la tradición rusa. Bailan y cantan, pero también han invadido, conquistado y matado, además de privar de libertad, prácticamente, a medio mundo.

URSS

RS

026

LA PRENSA 21/5/87

Gorbachev auspicia un encuentro de toda la izquierda

Roma, 20 (ANSA) — Mikhail Gorbachev auspicia un gran encuentro de partidos comunistas y de la izquierda occidental, junto con movimientos de liberación nacional, para "discutir los problemas cruciales que inquietan al mundo", lo afirma el líder soviético en una entrevista que publica "L'Unità", el diario del partido Comunista italiano.

La reunión tendría lugar en noviembre, aprovechando las celebraciones del 70° aniversario de la revolución bolchevique.

Gorbachev afirma que sería informal, "sin la aprobación de ningún documento, ni conclusiones. Todos somos independientes". Puntualiza que las ideas de renovación, en la URSS "no son fruto de una iluminación repentina".

"Hacia varios años que en el partido se desarrollaba la percepción de la necesidad de trasformaciones". "La conciencia de esta necesidad se leía en los documentos y resoluciones del partido. Pero lo malo es que muchas e importantísimas decisiones políticas, ligadas al desarrollo del socialismo, se quedaban en las buenas intenciones".

Gorbachev denuncia, aludiendo sin nombrarlo a su antecesor, Leonid Breznev, que "los problemas sin resolver se acumulaban, la sociedad sentía el peso y todo ello terminaba por repercutir en el partido".

Sostiene que "La consolidación del nuevo curso testimonia que en la sociedad y el pueblo soviéticos existe una comprensión de la necesidad de los cambios. En la práctica, si no estuviera Gorbachev, estaría otro haciendo lo mismo", apuntó luego.

URSS

01 | 01

85 026

URSS

JORNAL DO BRASIL 27/5/87

URSS faz a corte aos moderados

Bill Keller
The New York Times

Moscou — A União Soviética, numa virada significativa de política externa, está buscando relações mais estreitas com nações moderadas em desenvolvimento. Brasil, México, Argentina, Egito, Kuwait, Arábia Saudita, Indonésia, Tailândia e outros países, que antes recebiam nenhuma atenção das autoridades soviéticas, estão sendo agressivamente cortejados com visitas importantes, concessões econômicas e intercâmbio cultural.

Diplomatas ocidentais acham a reviravolta surpreendente para um país que só via o Terceiro Mundo como um campo fértil para expandir sua influência com armas e com a ideologia marxista. A aproximação, deliberadamente não ideológica, enfatiza a cooperação pacífica entre sistemas políticos e econômicos diferentes, com declarações públicas sobre a necessidade de reduzir as tensões.

Relações mais calorosas com nações moderadas têm a vantagem de angariar influência, imagem e mercados potenciais sem o grande custo e incerteza de lidar com aliados como a Líbia.

Às vezes o entusiasmo recente do Kremlin pelos moderados parece provocar negligência com velhos amigos. No começo do mês, por exemplo, o ministro do Exterior mexicano, Bernardo Sepúlveda, teve uma recepção real em Moscou, com direito a encontro com Mikhail Gorbachev e uma cobertura de imprensa só dedicada aos melhores amigos. Nos mesmos dois dias em que Sepúlveda estava em Moscou, passou por lá o ministro do Exterior da Líbia, Gaballah Azouz Talhi, praticamente desapercebido e sem ver Gorbachev.

Diplomatas latino-americanos se surpreenderam com o tom das palavras de Gorbachev a Sepúlveda, negando qualquer interesse soviético em fomentar revoluções socialistas na América Latina nem interferir nas relações dos latino-americanos com os Estados Unidos.

Alguns diplomatas esperam uma grande demonstração das novas prioridades soviéticas no final do ano, quando Gorbachev certamente visitará México, Argentina, Brasil e Uruguai, passando ao largo de Cuba e Nicarágua, os dois dependentes soviéticos da região, a menos que as relações com os Estados Unidos piorem muito.

— Nos anos 60 e 70, os soviéticos adquiriram vários problemas: Líbia, Moçambique, Afeganistão, Angola, Nicarágua, Vietnam e Síria — afirma um diplomata asiático — todos eles drenaram os recursos soviéticos e somente o Vietnam adotou de vez o socialismo, casos típicos de mau investimento — acrescentou.

A diplomacia soviética conseguiu poucos avanços na América Latina, exceto pelos casos de México e Argentina, dois países que sempre aderem ao coro das nações não alinhadas no elogio às iniciativas de desarme do Kremlin. A União Soviética pode tentar uma nova investida, explorando a insatisfação latino-americana com a posição americana sobre a dívida externa da região, o contínuo apoio americano aos anti-sandinistas e as novas restrições à imigração impostas pelo governo Reagan.

01 | 01

En la URSS: el socialismo, como las lentejas...

Escribe Esteban Valenti



A partir del XXVII Congreso del PCUS, la URSS ha emprendido una tarea gigantesca, que desde el punto de vista económico puede sintetizarse en el objetivo de duplicar la renta nacional para el año 2000.

Es *profundamente equivocado* reducir la reestructuración, el riquísimo y fermental debate interno, la nueva imagen internacional y ese portentoso proceso de elaboración teórica, técnica, científica, exclusivamente a un fenómeno de crecimiento económico.

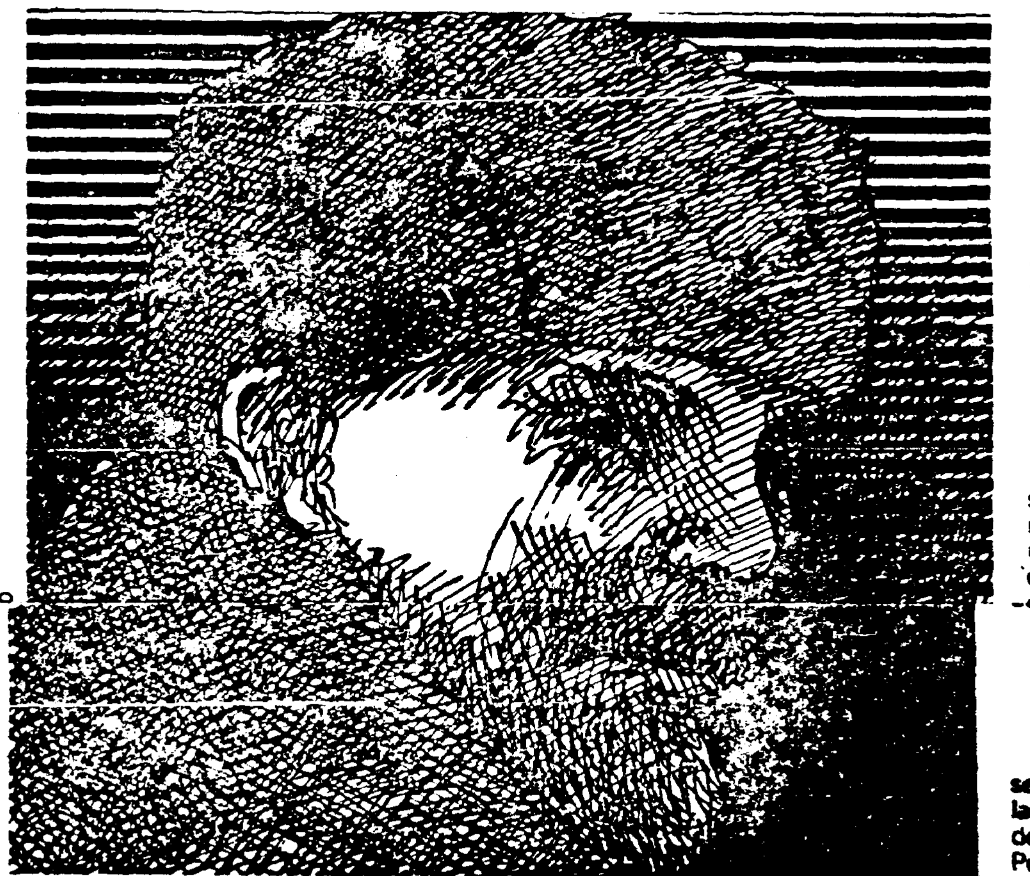
Así lo han entendido, en primer lugar, los propios soviéticos.

En realidad, para poder cumplir con ese objetivo económico y profundamente social —*porque* se trata de distribuir nuevos y crecientes beneficios entre la población de toda la URSS—, es imprescindible que se cumpla el proceso completo que han trazado los comunistas soviéticos y que están discutiendo y enriqueciendo a lo largo de todo su inmenso territorio.

Lo primero que hizo el PCUS —y lo está haciendo toda la sociedad soviética—, es mirar con franqueza y valientemente la realidad. Es más, uno de los primeros grandes desafíos teóricos, realmente revolucionarios, es aplicar hasta el fondo el método marxista-leninista para interpretar en toda su complejidad la situación actual de la URSS.

Esta, es *precisamente* la esencia del método autocrítico. No una fiebre por encontrar errores, sino una valiente definición de los problemas, de las causas y los efectos de las insuficiencias, de los errores, de las desviaciones, en el marco general de los logros históricos del pueblo soviético.

Está claro que la prensa occidental —y, ¿por qué no decirlo?, la propia curiosidad y receptividad incluso de los amigos de la *URSS*— tiene una tendencia a concentrar su atención en los aspectos más vistosos de la crítica a los errores del pasado, diríamos, a la parte "noticiosa" del proceso. Pero lo que debemos comprender a fondo es el método, es la restauración a fondo del método leninista de la autocrítica, como garantía de los cambios, de la aceleración y de la aplicación de las *nuevas medidas*.



ILUSTRACION DE PAIZO LAURENZ

Pero tenemos que entender, también, que para emprender una obra portentosa que movilice las energías, el entusiasmo, la capacidad creadora en todos los terrenos de centenares de millones de hombres, para revolucionar la URSS, hace falta, diríamos es imprescindible, la crítica.

No solo porque le da credibilidad —porque los soviéticos querían y necesitaban un amplio debate sobre los principales aspectos del *proceso* de construcción del socialismo, sin formalismos, sin fórmulas vacías, a lo bolchevique— sino *porque* cualquier *aproximación científica* a los fenómenos económicos, sociales, jurídicos, políticos, de información y publicidad, de gestión y, sobre todo, de síntesis teórica, reclama en primer lugar el respeto pleno a un método científico, que no solo mira el futuro, sino que indaga en profundidad en el pasado.

Gorbachov decía hace pocas semanas, que incluso la historia de la URSS y del PCUS debían inscribirse en esta óptica leninista.

"Recordad, camaradas, la importancia que Lenin le daba a la tarea de conformar la conciencia histórica. Otra importantísima tarea política era para él la de preparar un curso de historia nacional, rigurosamente científico por su metodología y contenido, divulgador y sugestivo por su forma.

"¿Es que nos faltan acaso fuerzas científicas y literarias para escribir la historia de la patria, la del Partido? Debe ser un libro honesto, valiente y atractivo, que recoja la grandiosa trayectoria del país y del Partido, la trayectoria de los pioneros. Un libro que no eluda lo dramático de los acontecimientos y de las vidas humanas, que no tenga lagunas ni vacíos, sin filias ni fobias subjetivistas, en fin, un libro cuyo valor no esté a merced de las contingencias coyunturales". (1).

Tanto el pasado como el futuro están entrelazados en este proceso que se ha iniciado en la Unión Soviética.

Ello permitirá aprender de la lección de la historia en el *acierto* y en el error, y definir cuáles son las bases de esta profunda reestructura que los soviéticos no hesitan en llamar *revolución*.

EL PELIGRO DE LA PARCIALIZACION

Hay un peligro en la interpretación de las resoluciones del XXVII Congreso y de los sucesivos Plenos del CC del PCUS o de los aportes que en los diversos sectores realizan permanentemente dirigentes, organismos e instituciones soviéticas.

Es el peligro de la parcialización, de la parcelación; como si los cambios introducidos en la economía, en las renovadas formas de participación democrática del pueblo, de una nueva sociología, de la moralización pública, de la *búsqueda* por introducir aceleradamente la revolución científico-técnica en todos los resortes de la economía, fueran partes separadas de un mosaico.

Es más. Hay quienes tienen interés en reducir esta labor creadora y compleja —que abarca a toda la sociedad soviética—, a un conjunto de modernas ideas aportadas por los *nuevos* dirigentes del PCUS encabezados por Mijail Gorbachov, que pretenderían solamente maquillar la sociedad soviética como parte de la disputa propagandística con los Estados Unidos y con Europa occidental.

Esto *no tiene* nada que ver con la realidad.

La base de este proceso renovador, de aceleración y rectificación de aspectos muy importantes de la construcción del socialismo en la URSS —que busca no solo acelerarlo sino encaminarlo correctamente *en su relación* con los grandes objetivos humanistas, de justicia social, de bienestar para el pueblo, de una nueva moral social—, es la *conciencia crítica* de *que* el desarrollo de la investigación y la creación teórica marxista-leninista de la construcción de la nueva sociedad se habían estancado.

Para nosotros, ésta es la clave.

"*Sin teoría revolucionaria no hay práctica revolucionaria*", decía Lenin. Y la construcción del socialismo es una parte esencial de la *práctica revolucionaria con* el proletariado en el poder. Y necesita, reclama de manera imprescindible, una teoría revolucionaria de esa etapa particular de la lucha del proletariado.

Los clásicos definieron un método, una guía para la acción teórica y práctica, y aportaron páginas concretas de la aplicación de ese método a las luchas obreras por el poder, para derrotar a la burguesía e iniciar la construcción de la nueva sociedad.

Marx y Engels partieron del surgimiento del capitalismo y del estudio de sus leyes de desarrollo para definir el papel de la clase obrera como la clase que terminaría con el capitalismo, definieron su papel histórico en la liquidación de la explotación del hombre por el hombre.

Lenin desarrolló el marxismo en la *época del imperialismo*, "*fase superior del* capitalismo", elaboró una teoría del Estado y de la revolución, y una teoría de la *herramienta* fundamental para derrotar a la burguesía y conquistar el poder: el Partido.

Lenin realizó aportes fundamentales en la primera etapa de la construcción del socialismo en la URSS, luego de la Revolución de Octubre.

Pero no hay duda de que ni la más fértil imaginación podría prever los problemas gigantescos y nuevos que plantearía la construcción del socialismo y el avance hacia el comunismo.

Por eso era necesario —y hoy lo sigue siendo más que nunca—, rescatar el *método, el sentido científico-crítico* del marxismo-leninismo, para profundizar en el estudio y en la elaboración de la teoría de la construcción del socialismo.

LO COMPLEJO DE LA DIALECTICA

Parafraseando a Engels, el socialismo se desarrolla contradictoriamente, como las lentejas. Es *decir*, la dialéctica *no* se detiene en la puerta de la nueva sociedad. Por el contrario, pone en marcha a nivel de todo el potencial de un país la *necesidad* de una profunda y permanente investigación creadora que desarrolle la teoría de la construcción del socialismo, cuyas piedras angulares y metodológicas fueron colocadas por Marx, Engels y Lenin.

En esta complejísima labor de síntesis de la práctica económica, política, social, cultural, institucional, de la construcción del socialismo para elevarla a nuevos niveles, los *retrasos* y las deformaciones se pagan caros.

Se pagan con una incorrecta relación entre los mecanismos económicos, es decir, las leyes económicas del socialismo, y los mecanismos administrativos que deben estar al servicio de éstas y nunca deben sustituirlas.

Se pagan al precio muy elevado del enlentecimiento o estancamiento de las formas de gestión de los planes estatales y de su relación con las grandes áreas económicas y las empresas, es decir, con una de las esencias del socialismo: la planificación de la economía.

Pero pueden afectar en su involución incluso aspectos capitales como la relación entre el desarrollo económico y la atención a los problemas sociales. No porque se vaya a modificar la base de la distribución social de la riqueza, el contenido socialista de la propiedad de los medios de producción, sino que puede trastocar la sensibilidad social, es decir, la repercusión directa y concreta que el crecimiento económico debe tener en el nivel de vida de la gente.

A esto hace referencia concretamente *Gorbachov cuando* critica algunos planes o grandes obras realizadas sin tener en cuenta adecuadamente todas las necesidades que se generan, o mejor dicho, sin

PASA A LA PAGINA SIGUIENTE

LA HORA 29/5/87

LA VOZ DEL INTERIOR

Comercio y pesca negocian con la Unión Soviética

El diputado por Soriano Carlos Soto Bermúdez, Partido Colorado-Batllismo Unido, detalló para "Crónicas" de Mercedes los detalles de la gira por la URSS que actualmente desarrolla la delegación parlamentaria uruguaya que él integra junto a Gilberto Ríos, Honorio Barrios Tassano, Francisco Forteza y otros legisladores.

Comenzó diciendo que: se sentía muy honrado con esta designación puesto que la delegación es una especie de "adelantada" del viaje que realizará próximamente a la URSS, el Presidente de la República, Dr. Julio María Sanguinetti. "Nosotros hemos conversado largamente con el Canciller Iglesias sobre los puntos que vamos a considerar con nuestros colegas rusos, existiendo la posibilidad cierta de que tengamos la oportunidad de dialogar con el líder soviético Mijail Gorbachov. Los temas pueden resumirse en cuatro puntos fundamentales, a saber:

Comercio: Trataremos de impulsar la colocación de nuestros productos, ya que en estos dos años del gobierno democrático uruguayo las exportaciones a la URSS se han reducido en un 50% con relación a lo que se exportaba durante el régimen de facto. En este sentido veremos la posibilidad de vender a la URSS, mayor cantidad de lanas, cueros curtidos, cítricos, carnes y lácteos, de manera tal que nosotros también podamos comprarle más productos, es decir, buscaremos reactivar el intercambio comercial que ha mermado significativamente en estos dos últimos años.

Dentro de esas posibilidades estamos estudiando la viabilidad de reactivar la industria del calzado para exportar, así como de prendas de cueros bovinos y ovinos, y de mantas de lana peinada. Para esto, naturalmente, debemos contar con la seguridad de mercado para su colocación, y a ello tenderán nuestras gestiones.

Pesca: Existe grán interés en la URSS por la pesca en aguas no jurisdiccionales de especies no tradicionales, como por ejemplo: la anchoíta, para lo cual se debe formalizar un convenio que debe contar con la aprobación parlamentaria de las naciones contratantes, y ese es lo que trataremos de concertar con el Parlamento soviético.

Ingreso de barcos pesqueros: Relacionado con lo anterior, de formalizarse el convenio para la pesca, existe la posibilidad de que 150 barcos pesqueros rusos ingresen a puertos uruguayos, dos veces al año, para reparaciones y cambios de tripulación. Ello dará un fuerte impulso a la mano de obra mecánica de nuestro país.

Terminal Aérea: La empresa rusa de aérotransporte "Aeroflot" tiene actualmente su terminal en Buenos Aires, pero de concretarse lo de la pesca la trasladaría a Montevideo a efectos de realizar el transporte de las tripulaciones de los barcos pesqueros, así como de pasajeros y cargas, estableciéndose una línea directa entre Uruguay y la URSS, con las consiguientes ventajas para nuestro país.

Todas estas gestiones las haremos en Moscú y en Leningrado, visitando posteriormente Hungría y Checoeslovaquia. Cumplida la misión oficial y por nuestra cuenta llegaremos también a Suiza, Alemania Federal, Francia e Italia, donde recogeremos experiencias muy valiosas para nuestra gestión parlamentaria.

Agradezco a CRONICAS la atención que ha brindado a la misión que se nos ha confiado por parte del gobierno uruguayo, respondiendo a una invitación de su par de la URSS, a la vez que hago propicia la oportunidad para extender mi saludo a todos mis correligionarios, amigos y por extensión natural a todo el pueblo de Soriano", concluyó el Diputado Soto.

DT/01

8704420

JR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Gorbachov instó a China a facilitar convenios de paz

PROCEDENCIA: La Hora 16/5/87

ARCHIVADO EN: Fichaje 8

01/01 8704425

p. Fichaje 026
Archivar URSS

no de fichaje 05844

Pesqueros rusos preocupan a Chile

Yakarta (UPI) – El ministro de relaciones exteriores de Chile, Jaime del Valle, de visita en Indonesia, expresó su preocupación por la presencia de grandes flotas pesqueras soviéticas en aguas que su país considera de su jurisdicción.

Del Valle dijo en conferencia de prensa que había conversado con su colega indonesio Mochtar acerca de la presencia de la Unión Soviética en Sudamérica, lo que considera un serio problema.

Afirmó que con Mochtar hablaron acerca de las operaciones de flotas pesqueras soviéticas en el Atlántico y en el Pacífico y los acuerdos pesqueros que han sido firmados por Moscú con países de esas regiones.

"Expresamos nuestra preocupación por la presencia de las grandes flotas pesqueras soviéticas en las aguas jurisdiccionales de Chile", señaló Del Valle.

El ministro visitante y Mochtar firmaron un acuerdo de cooperación técnica y un memorándum de entendimiento sobre comercio entre Chile e Indonesia.

En respuesta a una pregunta, Del Valle dijo que Chile tendrá elecciones presidenciales a comienzos de 1989, y negó que tales comicios hayan sido programados bajo fuerte presión de los Estados Unidos.

La Prensa 9/5/87

01|01

Esperando una prolongada guerra nuclear

EL peligro de la guerra total, convencional o nuclear, está en nosotros. Para todos resulta obvio que esta guerra, caso de producirse, sería el enfrentamiento de dos sistemas socioeconómicos. Y, también para todos, resulta obvio que una guerra de tales características, sería el fin de la humanidad tal como la entendemos hasta hoy.

Resulta, por lo tanto, muy necesario, conocer cuál es la política y cuáles los medios que disponen las dos superpotencias que se enfrentarían, junto a sus respectivos aliados, en una guerra total. Sabiendo que, aún cuando esa guerra comenzase como convencional, a poco, se convertiría en nuclear. Y sabiendo, también, que esa misma guerra puede comenzar como nuclear. Para acabar... con prácticamente toda la humanidad.

Esta —y otras notas que seguirán— intentarán dilucidar cuál es la extensión y la calidad del poder militar soviético. Y, también, cuáles son las contrapartidas que ofrecen los EE.UU. para copar con este poder. (EXTRAIDO DE 'EL PODER MILITAR SOVIETICO', del DEP de DEFENSA de EE.UU.)

LA mayor tarea asignada a la fuerza militar soviética, bastante diferente a la de cualquier otra fuerza militar de otras naciones, es lograr una postura de fuerza para la Unión Soviética que provea absoluta seguridad mientras continúa buscando la dominación mundial. La marcha de la URSS hacia la seguridad absoluta, sin embargo, amenaza crear otro tipo de inseguridad absoluta a sus vecinos y a otras naciones, resultando en mayores tensiones mundiales. Tal postura de fuerza es muy costosa de establecer y mantener y coloca un gran peso en los recursos nacionales. Pese a constreñirse económicamente, los soviéticos continúan construyendo material bélico en grandes cantidades, al mismo tiempo que desarrollan sistemas de armamento más nuevos y capaces. Los planes y política soviéticos para la utilización del poder militar tanto en la paz como en la guerra son adaptados de continuo para responder a los avances tecnológicos y a los cambios en el entorno político.

La extensión de las fuerzas nucleares soviéticas basadas en tierra en los teatros móviles y estratégicos con posibilidades de sobrevivir ha aumentado sensiblemente la confianza de la URSS de que el Oeste ahora enfrenta una tremenda destrucción, no importando el lugar donde se inician los ataques nucleares. Este poderío exacerba la falta de balance estratégico de los misiles balísticos intercontinentales móviles (ICEM) y confirma la ventaja soviética en el número de misiles de más corto alcance, particularmente en Europa. Los soviéticos avizoran a estos adelantos apresurando el día en que las armas nucleares puedan ser útiles, únicamente, para persuadir otras armas nucleares, en lugar de ser una persuasión creíble para los ataques convencionales.

Una interpretación de estos adelantos es que la disuasión nuclear para un ataque convencional al Pacto de Varsovia puede estar disminuyendo. Una segunda interpretación es que los soviéticos creen que el miedo a una vasta devastación puede eventualmente prevenir a ambos lados de la utilización de armas nucleares, y por lo tanto ambos lados evitarán un conflicto de tal naturaleza. Desde el punto de vista soviético, su preponderancia de poder en fuerzas convencionales significa que el Oeste debe confiar, hasta un punto significativo, en las armas nucleares para disuadir un ataque mayor del tipo convencional.

Los soviéticos trabajan sistemáticamente en el problema propuesto por la ecuación de las fuerzas convencionales y nucleares. Por otra parte, están desarrollando armas nucleares formidables que ayudan a crear un entorno de "no utilización" dado que estas armas son tan destructivas. Más aún, están modernizando las defensas existentes y desarrollando defensas más avanzadas contra los misiles balísticos. Por otra parte, están desarrollando, modernizando y manteniendo en el campo a fuerzas convencionales que les permitirían prevalecer en un conflicto no nuclear. Esencialmente, mientras los soviéticos puedan intentar crear una situación global favorable al empleo de fuerzas convencionales, subsecuentemente planean y desarrollan una bien balanceada postura de fuerza que podría, desde su punto de vista, permitirles luchar y prevalecer sobre sus adversarios a cualquier nivel de conflicto.

POLITICA DOMESTICA

En política doméstica, el Partido Comunista de la Unión Soviética ostenta, como mayor desafío, revitalizar la tambaleante economía soviética y sentar las bases para la consiguiente expansión militar. El crecimiento económico soviético se enlenteció de una tasa promedio anual del 5% en la década del 60 a un 2% en los comienzos de la década del 80. Durante este período, los gastos militares crecieron más rápido que toda la economía debido al gran cometimiento del liderazgo al poder militar. Como resultado, la tajada militar del Producto Nacional Bruto aumentó de un 12-14% en 1970 al 15-17% a mediados de los 80. La privación concomitante del gasto civil es un factor primario detrás de la base industrial añeja e ineficiente, y el descuido de los standards de vida soviéticos es la principal razón para la crónica y baja productividad de las fuerzas de trabajo en la URSS.

En respuesta a estos problemas, el Secretario General Mijail Gorbachov introdujo una serie de programas ambiciosos para estimular el crecimiento económico. Estas políticas no representan una alteración fundamental del sistema de planeamiento central soviético. Están pensadas para aumentar la productividad del capital y el trabajo a través de mejoras en la conducción y con sistemas de incentivos para los trabajadores y, lo más importante, a través de una importante renovación tecnológica de la base industrial de la nación. El Plan Quinquenal soviético número 12, para 1986-1990, llama a un reemplazo extensivo de la maquinaria y equipos absolutos. El punto focal del gasto está en el sector de producción de maquinaria —la fuente del nuevo stock de capital, de mercaderías de consumo no perecederas— y de armas y equipo militar. Los ministerios civiles de la producción de maquinaria tendrán un 80% de aumento en su inversión en los próximos cinco años. La inversión deberá ayudar a reinvertir la pasada concentración del gasto en los ministerios de industrias militares, que ahora significan casi el 60% del gasto total, e invertir en el sector de producción de maquinaria.

La meta soviética es una economía más moderna y productiva que soportará los avances de las tecnologías militares y que generará el crecimiento suficiente para que los gastos militares aumenten sin absorber una mayor porción del PNB. La mejoría en la performance económica en 1986 provée un buen comienzo, pero que el programa se mantenga, es cuestionable. Las medidas tomadas hasta ahora, como una mayor y más fuerte disciplina laboral al tiempo que se aumenta la vigilancia administrativa, se dirige a los blancos más accesibles en el programa para aumentar la productividad. Será más difícil lograr la asimilación de maquinaria adelantada, de alta calidad —lo que significa proveer más de los dos tercios de los aumentos de productividad planeados— y superar impedimentos para crecer, como los altos costos de la materia prima y la falta de fuerza laboral capacitada. Además, la rápida innovación tecnológica y la administración eficiente es probable que sean sepultadas, como lo fueron en el pasado, por el sistema central de planeamiento que el liderazgo no quiere alterar. Si el progreso hacia una utilización más eficiente y productiva de los recursos se demuestra insuficiente, obtener primas de mayor crecimiento se hará cada vez más difícil.

Otras iniciativas tomadas por el liderazgo reflejan el deseo de reformar el sistema soviético dentro de los marcos existentes. El tema dominante de la política soviética es la necesidad de mayor orden y disciplina. Este tema ha tomado la forma de una renovación de la campaña de disciplina laboral popularizada bajo Andropov y es un golpe contra la corrupción y el abuso del alcohol. El ataque de Gorbachov a la corrupción y la ineficiencia dentro de la élite del Partido es parte de un esfuerzo mayor para transformar al Partido en una organización más dinámica que pueda controlar mejor el desarrollo de la sociedad soviética.

POLITICA EXTERIOR

En política exterior, el nuevo liderazgo ha mantenido los objetivos estratégicos a largo plazo, pese a que parece estar actuando con mayor vigor y, en algunos casos, gran efectividad. El liderazgo del Partido queda dedicado al objetivo a largo plazo de establecer a la URSS como el poder mundial dominante. La relación de la URSS con los EE.UU es la parte central de la política exterior soviética, particularmente, la ecuación estratégica. La principal meta de la estrategia de control de armas soviética es controlar la modernización de las fuerzas en el Oeste, como también bloquear ciertos programas, como la Iniciativa de Defensa Estratégica y otros planes de modernización norteamericanos. Para lograr esos objetivos, Gorbachov dio nuevo énfasis a la política de la URSS de intentar presionar a los EE.UU. suavizando sus posiciones de negociación en las conversaciones sobre armamentos. Ha intensificado la campaña para dividir a los Esta-

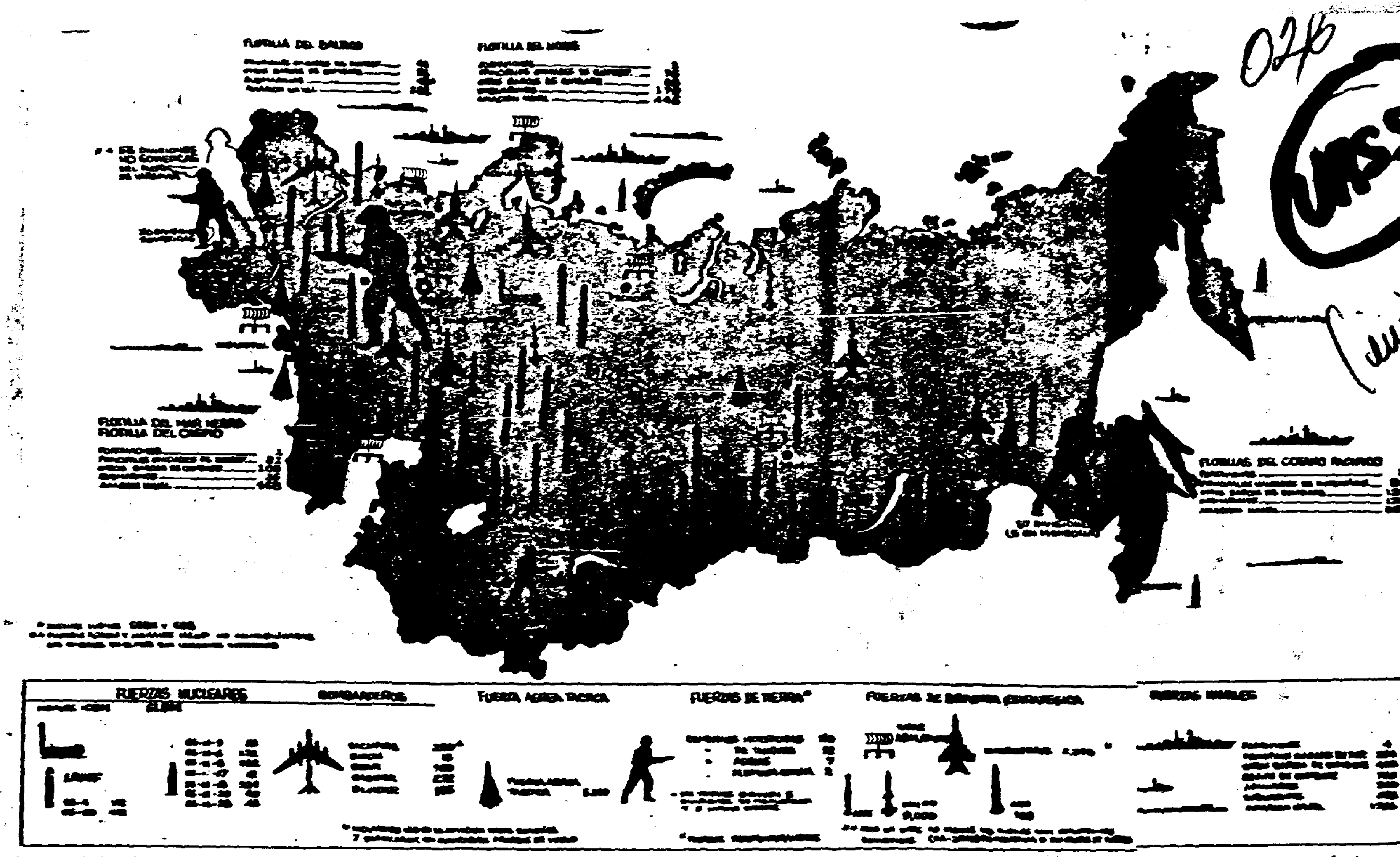


El ZSU-X es el más nuevo de los sistemas antiaéreos diseñados para operar con divisiones de infantería y motorizadas. El ZSU-X agrega cobertura a la defensa aérea, brindando alta efectividad con sus misiles tierra-aire. Esta mejora ilustra la dedicación soviética a sus programas de modernización de sus fuerzas que, continuamente, están lanzando sistemas más capaces

Se destruyó el documento Nº 8704054 por ser el mismo.

01/03

8704456



...dos Unidos de sus aliados, haciendo flotar un amplio espectro de proposiciones de control de armamentos diseñado para presionar a los EE.UU a aceptar un acuerdo sobre armas que sea beneficioso para la URSS.

La política soviética hacia Europa Oriental sigue patrones establecidos. Gorbachov quiere lazos económicos más firmes dentro de la comunidad socialista, particularmente en las áreas científica y técnica. También aumentó su presión sobre los líderes de Europa Oriental para que muevan las mejoras económicas que puedan hacer funcionar mejor al sistema socialista, para proporcionar mercaderías de mejor calidad a la URSS y para incentivar la modernización de las fuerzas militares de los miembros del Pacto.

La política del Secretario General hacia el Tercer Mundo refleja una dedicación continua en desestabilizar naciones orientadas hacia el Oeste y para respaldar a los aliados soviéticos con asistencia militar y económica. Vigorosamente procura seguir la política establecida por sus predecesores.

Como con la política doméstica, Gorbachov intentó mostrar su aproximación a la diplomacia como una nueva era dentro de la política exterior de la URSS. Este intento es más estilístico que sustantivo. Refleja el uso más sofisticado de la propaganda y de la prensa extranjera para influenciar a la opinion pública internacional sobre el nuevo liderazgo.

EL ROL DE LOS MILITARES EN LA ESTRUCTURA DEL LIDERAZGO

El proceso de toma de decisiones soviético está dominado por el liderazgo del Partido, pero influenciado por los máximos líderes militares. Las decisiones estratégicas que resultan de ese proceso —cómo proseguir la guerra en Afganistán, por ejemplo— son decisiones del Partido. Los profesionales militares ciertamente juegan un rol importante en el proceso de toma de decisiones estratégicas, proveyendo información, mencionando alternativas, desarrollando planes de contingencia y formulando recomendaciones. Los jugadores dominantes, sin embargo, son los líderes más influyentes del Partido que se sientan en el Consejo de Defensa.

El Consejo de Defensa, el cuerpo más alto de toma de decisión para todos los aspectos de política de seguridad nacional, lleva los deseos del Partido en lo que significa defensa tanto en su presupuesto, su organización como en lo que tiene que ver con el personal de manejo. Se compone primordialmente de líderes del Partido y está encabezado por el Secretario General Gorbachov.

El Mariscal de la Unión Soviética Serguei Sokolov, Ministro de Defensa, es el único miembro militar del Consejo de Defensa. El Mariscal Serguei Akhoromeyev, Jefe del Estado Mayor, probablemente sirve como Secretario del Consejo de Defensa y participa en sus actividades. Su participación se muestra en dos maneras. Primero, permite a los máximos líderes militares expresar sus ideas y preocupaciones dentro del cuerpo principal de toma de decisiones concernientes a la seguridad nacional. Segundo, la representación militar provee al Consejo de Defensa con la capacidad de asegurar que se toma acción directa de sus decisiones.

El estatus de los militares dentro de todo el liderazgo soviético ha sido reducido en los últimos años. Un ejemplo es el hecho que el Ministerio de Defensa Sokolov continuó siendo candidato miembro en lugar de miembro completo del Politburó. Mientras que algunos de los ministros de defensa bajo Stalin y Kruschev debieron aguardar varios años para alcanzar la completa membrecía del Politburó, la costumbre durante los años de Brezhnev era acordar al ministro de defensa membrecía total. Dado que Sokolov aparentemente ha sido relegado en varias ocasiones para lograr su categoría como miembro total, el liderazgo podría desear tener una figura menos poderosa a cargo de la defensa. Esta diferencia con lo que se hacía en los últimos tiempos, también puede ser percibida como una reducción en el estatus de las fuerzas armadas dentro de los círculos de toma de decisión soviéticos.

Ahora, los militares profesionales han asumido roles públicos más visibles como voceros de la política militar y exterior. Las decisiones políticas que afectan a las fuerzas armadas, sin embargo, continúan dentro del marco de la élite del Partido.

EN LA PROYECCION DE PODER

Debido a la limitada habilidad de la URSS de proveer grandes cantidades de ayuda económica, y dado el desencanto de otras naciones con el socialismo estilo soviético como sistema político, los soviéticos confían sobremanera en lo militar para proyectar poder nacional. La URSS logra metas políticas a través de la presencia en otros países de sus fuerzas militares, con asentamientos globales aéreos y navales, con demostraciones de fuerza y de ejercicios militares. Esta confianza se hace más visible a través de los programas de asistencia militar y de la utilización de importantes líderes militares dentro de la diplomacia.

Para ganar influencia en situaciones políticamente inestables en otros países, los soviéticos han recurrido ocasionalmente a la fuerza militar. Pueden utilizar amenazas de intervención armada, como en Polonia en 1981; intervenir, como en Afganistán en 1979; o basar fuerzas en un país para asegurar estabilidad política, como lo hacen las Fuerzas de Grupos Soviéticos en Alemania oriental, Polonia, Checoslovaquia y Hungría. Bases permanentes soviéticas también han sido establecidas en ultramar, una de las más importantes está situada en la bahía Cam Ranh, en Vietnam.

Los despliegues aéreos y navales también son utilizados para proyectar poder nacional. Desde 1970, la URSS ha desplegado sus aviones BEAR desde la península de Kola hasta Cuba. En Angola, los soviéticos mantienen y operaran aviones de transporte que apoyan operaciones de contraespionaje contra la Unión Nacional para la Independencia Total de Angola. El despliegue naval es utilizado para mostrar la bandera en el Caribe y, ocasionalmente, en el Golfo de México, y para ejercitarse con la Fuerza Aérea y la Marina cubanas. Los navíos soviéticos también tocan los puertos de Habana, Cienfuegos y Mariel, así como también lo hacen periódicamente en puertos de la parte oriental de Cuba.

Los soviéticos realizan grandes ejercicios militares en la URSS y en países que no firmaron el Pacto de Varsovia, para demostrar su fuerza. Estos ejercicios demuestran algunas de sus capacidades militares y en maniobras realizadas fuera de la Unión Soviética, también demuestran la cooperación que poseen de los países huéspedes.

La URSS brinda más asistencia militar que económica al Tercer Mundo, buscando adquirir influencia. La asistencia militar es más útil porque puede ser controlada y supervisada muy de cerca, a la vez que provee un potencial expansionario para ser utilizado contra países que molestan a sus clientes tercermundistas.

La asistencia militar se brinda no solamente para atraer al consumidor, sino para crear una dependencia que es militar, política y económicamente difícil de romper. Al recipiente a menudo se le obliga a confiar en la Unión Soviética para el entrenamiento y en el personal capacitado, en el apoyo logístico, en los repuestos y en las reparaciones. Los consejeros y los técnicos importan, ensamblan y mantienen al equipo adquirido y supervisan el entrenamiento así como la construcción de facilidades militares.

La creciente complejidad de las armas modernas ha dado a los soviéticos la oportunidad de enviar un número cada vez mayor de consejeros a sus países clientes en el Tercer Mundo. Los consejeros pueden influenciar la política militar y exterior de los países huéspedes proveyendo personal y ligazones de intervención que complementan y forman otras uniones. Pueden encontrar a individuos talentosos y políticamente impresionables, aislándolos para instruirlos especialmente y para adoctrinarlos en la URSS, donde el entrenamiento para extranjeros incluye largas dosis de ideología marxista-leninista. La influencia de los consejeros también provee cobertura a miembros de la KGB y del GRU. Además, el abanico de ayuda militar también puede cubrir la utilización de fuerzas aliadas cubanas y de Alemania oriental para funciones de seguridad, entrenamiento, vigilancia de operaciones de combate e inclusive, su eventual empleo como fuerzas de combate, como recientemente se demost[ró] en Afganistán.

Los representantes militare[s] soviéticos también son emple[a]dos en ocupaciones diplomática[s]. Funcionarios de alta jerarquía d[el] Ministerio de Defensa, como So[ko]lov y Akhoromeiev, se utiliza[n] como voceros del gobierno. E[n] julio de 1986, Sokolov encabe[zó] una delegación de alto nivel qu[e] fue a Finlandia. Le acompañab[a] en esta visita recíproca el C[o]mandante en Jefe de las Fuerz[as] del Aire, Mariscal Alexandr Ye[fi]mov, el Almirante de la Flota V[la]dimir Chernavin y el experto e[n] control de armas del Estado M[a]yor, Coronel General Nicolai Che[r]vov. Esta visita también demuest[ra] la utilización de los militares de[n]tro de la diplomacia y el a[...] militar a la política de Gorbacho[v].

En agosto de 1986, fueron lo[s] militares los que presentaron l[as] proposiciones soviéticas en [la] Conferencia sobre la Constru[c]ción de Confianza y Seguridad [y] Desarme en Europa. Akhromei[ev] formuló una propuesta para pe[r]mitir inspección in situ —inclu[]yendo inspección aérea— qu[e] asegurara el cumplimiento, co[n] previsiones de notificación y ve[ri]ficación, de un acuerdo en pe[rs]pectiva. Akhoromeiev tambié[n] jugó importante rol en el mes d[e] octubre entre el Presidente Re[a]gan y el Secretario General Go[r]bachov en Reykjavik. La utiliza[]ción de Akhromeiev en esta cap[a]cidad, en lugar de emplear a u[n] negociador civil, una vez má[s] demuestra el uso soviético de lo[s] militares en roles que el Oest[e] generalmente reserva para diplo[]máticos. La visita de Akhromeie[v] a Turquía, un mes más tarde, [se] cree que fue también diplomátic[a] en un esfuerzo para mejorar la[s] relaciones turco-soviéticas qu[e] se habían dañado desde cuand[o] los soviéticos invadieron Afgani[s]tán.

8704456

02

Siglas usadas en este texto

TVD	Teatro Geográfico de Operaciones Militares.
TMO	Teatro de Operaciones Militares.
TMA	Teatro de Acción Militar.
TSMA	Teatro de Acción Militar Estratégica.
VGK	Alto Mando Supremo de las Fuerzas Armadas Soviéticas.
MD	Distrito Militar.
ICBM	Misiles Balísticos Intercontinentales Móviles.
SLBM	Misiles Balísticos Lanzados desde Submarinos.
SRINF	Fuerzas de Misiles Balísticos de Alcance Inferior.
SNF	Fuerzas Nucleares de Corto Alcance.
ALCM	Misiles Crucero Lanzados desde el Aire.
ASW	Fuerzas de Combate Antisubmarinas.
SSBN	Submarinos con Misiles Balísticos Nucleares.
SAM	Misiles Superficie-Aire.
ABM	Misiles Antibalísticos.
LRINF	Fuerzas de Misiles Balísticos de Alcance Intermedio.
STAVKA	Liderazgo del Alto Mando Supremo de las Fuerzas Armadas Soviéticas.
MIRVED	Cabezas Nucleares ubicadas en Misiles.
SSGN	Submarinos con Misiles Crucero Nucleares.
SRAM	Misiles de Corto Alcance.
GLCM	Misiles Crucero basados en Tierra.
FROG	Cohetes sobre Tierra no guiados.
ASUW	Combate Antisuperficie.
ASW	Combate Antisubmarino.

EN LA ECONOMIA NACIONAL

Los líderes militares soviéticos se dan cuenta que las fuerzas armadas serán las mayores beneficiarias de una exitosa modernización industrial y han proclamado su apoyo a ésta. Son conscientes que la revitalización económica aliviará la escasez de recursos y acelerará la introducción de nueva tecnología, preparando la escena para una más rápida modernización militar en la década del 90. Las áreas mencionadas como esenciales para el desarrollo prioritario en el actual Plan Quinquenal son la computación, la electrónica, los instrumentos, las herramientas para máquinas y los robots, que son la llave para la futura producción de armas que, en este momento, solamente están en la etapa de diseño, así como también para una mayor productividad laboral y para conseguir mayores logros financieros en la economía de conjunto.

A corto término, sin embargo, los planes de modernización de Gorbachov producirán más demandas para muchas de las mismas fuentes que pueden ser utilizadas para producir armas. Por lo tanto, algunas fluctuaciones a corto plazo pueden ocurrir en el porcentaje de crecimiento de los gastos militares soviéticos en los próximos años. Pese a todo, el nivel logrado por el presupuesto militar soviético es tan grande que poseen una base formidable desde la que pueden continuar modernizando sus fuerzas armadas. Dada la inversión sustancial en la industria militar efectuada en la última década, existe capacidad de planta como para producir la mayoría del equipo pesado proyectado para lo que resta de la década del 80, incluyendo aquí algunas de las armas más avanzadas que aún no han sido producidas.

En la década del 90, un programa exitoso de revitalización puede tener profundo impacto en lo militar. Si los soviéticos logran al menos un éxito parcial en la modernización industrial y pueden apoyar el crecimiento acelerado, la base económica para la modernización militar —muy importante en sistemas sofisticados de alta tecnología— se reforzará sustancialmente. Si el progreso económico se demuestra insuficiente, sin embargo, el liderazgo enfrentará difíciles elecciones entre la economía y en las grandes inversiones para futuros programas militares. Si la pasada estrategia nacional es una guía para el futuro, se puede esperar que los soviéticos ubiquen al poder militar en primera prioridad.

LA DOCTRINA Y LA ESTRATEGIA SOVIETICAS

Para los soviéticos, la doctrina militar concierne a la esencia, el propósito y el carácter de una posible guerra y a la preparación del país y de sus fuerzas armadas para esa guerra. La estrategia militar trata las definiciones de las tareas esenciales de las fuerzas armadas; tomando medidas para equipar y entrenar las fuerzas armadas; preparando a la economía y a la población para la guerra; identificando adversarios potenciales y averiguando sus capacidades; y determinando el tamaño y la composición de las fuerzas armadas necesarias para llevar a cabo la guerra. La actual práctica de preparar al país y a sus fuerzas armadas para la guerra, al mismo tiempo que se entrenan tropas para combates estratégicos, operacionales y tácticos, está acompasada en el arte militar soviético que incluye la aplicación efectiva del poder militar para lograr metas políticas.

Los documentos militares soviéticos dicen que una guerra futura será un golpe decisivo a escala global entre dos sistemas socioeconómicos diametralmente opuestos: socialismo y capitalismo. La idea de tan sólo dos campos, significa que una guerra mundial sería una guerra de coalición. Los soviéticos creen que un comienzo favorable a sus intereses depende de la completa unificación entre las fuerzas políticas, económicas y militares de todos los países dentro de la coalición socialista. Para lograr esto, los soviéticos se han concentrado en desarrollar e implementar una única política estratégica para todas las fuerzas del Pacto de Varsovia. El Mariscal Kiktor Kulikov, Comandante en Jefe del Pacto de Varsovia, se ha referido a su comando como una formación de combate unificada.

Como la cohesión es vista por los soviéticos como indispensable en lo que concierne a la preparación y conducción de una guerra de coalición entre los firmantes del Pacto de Varsovia, los posibles roces dentro de la Alianza NATO son vistos como una fuente de gran vulnerabilidad en el Oeste. Los principios militares que gobiernan la conducción de una guerra de coalición constituyen un elemento clave en la estrategia soviética, una estrategia dirigida a dividir y destruir la coalición enemiga, al tiempo que se refuerza la unidad del Pacto de Varsovia.

RS
024

INFORME DE STEPAN SHALAIEV

Las tareas de los sindicatos soviéticos

Moscú, (Tass) - Los sindicatos soviéticos, que agrupan en sus filas a 140 millones de miembros, "apoyan por completo el curso del PCUS a la aceleración, la reestructuración y la democratización", manifestó el presidente del Consejo Central de los Sindicatos de la URSS, Stepan Shalaiev, al pronunciar el informe de Rendición de Cuentas en el XVIII Congreso de los sindicatos de la URSS.

Los sindicatos utilizaron el tiempo transcurrido después del XXVII Congreso del PCUS febrero-marzo de 1986, remarcó, para incorporarse al trabajo respecto a la aceleración del desarrollo socio-económico de la URSS y elevar la actividad de los miembros de los sindicatos. "Pero esto son solo los primeros pasos", dijo Shalaiev. Destacó que los sindicatos soviéticos ven su misión en que se satisfagan más plenamente aún las demandas de los soviéticos en buenas condiciones de trabajo, existencia, descanso, educación y asistencia médica.

De "completamente real" calificó el informante la tarea de para el año 1990, duplicar el ritmo de liquidación del duro trabajo físico. El orador se detuvo también en las medidas encaminadas a crear mejores condiciones para conjugar la maternidad y la participación activa de la mujer en la actividad laboral y social.

En el presente quinquenio aumentará la duración de las vacaciones remuneradas de las madres para el cuidado del hijo hasta que este cumpla el año y medio, y se concederá el derecho a unas vacaciones adicionales no remuneradas de hasta seis meses de duración. Aumentará hasta 70 días la duración de las vacaciones antes del parto y también el número de días pagados en caso de enfermedad del hijo. Se establece la gratuidad de los medicamentos para los niños hasta los tres años de edad.

El presidente de los Sindicatos Soviéticos también se refirió a las cuestiones concretas de la participación de los sindicatos en el desarrollo de la democracia y de la autoadministración del pueblo. Como ejemplo de los cambios positivos en dicho campo él adujo el proyecto de ley sobre la empresa estatal, en la que se determina el lugar del comité sindical en las nuevas condiciones de trabajo de la empresa.

Shalaiev, al referirse a la colaboración en el movimiento sindical internacional, destacó que la alternativa a los de demencia nuclear-espacial son el programa soviético de creación de un sistema de seguridad internacional y las propuestas soviéticas de un mundo desnuclearizado no violento.

En nombre de los sindicatos soviéticos instó a los sindicatos de todos los países a apoyar la propuesta de creación de un fondo internacional de supervivencia de la humanidad, adelantado en el foro internacional celebrado en Moscú "por un mundo desnuclearizado, por la supervivencia de la humanidad".

Shalaiev, al responder a la declaración de la Confederación Europea Sindical, expresó la disposición de los sindicatos soviéticos de examinar las vías de colaboración entre los sindicatos del este y el oeste en la esfera de la ciencia y la técnica, la protección del medio ambiente y la profundización de las relaciones comerciales y económicas con el fin de crear nuevos puestos de trabajo en Europa.

PERLA

El Popular 6/3/87

URSS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Unión Soviética: Oposición a Gorbachov.

PROCEDENCIA: Enlace Inglés 17/6/87 Doc 05 20/87

ARCHIVADO EN: Enlace Inglés (135/C)

01 | 01 8704500

CLARIN ★ Buenos Aires, lunes 25 de mayo de 1987

APERTURA FINANCIERA SOVIETICA

La URSS llega al euromercado

El Vneshtorgbank es un banco soviético instalado en Zurich que acaba de participar en una colocación de bonos junto al Chase Manhattan, el Royal Bank of Canada y el Banco di Roma. La entidad soviética está integrándose activamente a la veloz operatoria financiera de Europa occidental, dentro de un esquema promovido por la administración Gorbachov.

VIENA, 24 (ANSA). — "Los norteamericanos sostienen que la política sigue al comercio. En la URSS nosotros afirmamos lo contrario: el comercio sigue a la política", dijo Vladimir Goriounov, director general de la filial de Zurich del Vneshtorgbank (el banco soviético para el comercio exterior).

Esta filial ya es famosa. En la Schutzengasse, que está a pocos metros de la estación ferroviaria, en el centro de la ciudad nueva de Zurich, los funcionarios de la única filial existente en el exterior de un banco soviético, tienen sus reuniones.

Según el último balance disponible, dado a conocer en 1986, las ganancias aumentaban a la tasa anual del 30% (desde 386 millones de rublos al 1° de enero de 1985 hasta 492 millones al 1° de enero de 1986). Disminuían en el activo los renglones de caja y liquidez, y en cambio aumentaban créditos garantizados, títulos y acciones. Finalmente, los mismos redactores del balance indicaban como en vías de gran desarrollo sus relaciones financieras con entidades de Francia, Italia, Alemania Federal y Japón.

El Vneshtorgbank opera activamente en los mercados internacionales de los capitales. Sus funcionarios son considerados entre los más capaces y dignos de confianza.

No usamos la K.G.B.

Manteniendo buenas relaciones con todos los bancos extranjeros, obtienen informaciones que les permiten operar rápidamente. Según numerosos observadores internacionales, las intervenciones del banco soviético en el mercado de los cambios son imitadas por los otros operadores y consideradas indicadoras. "La gente dice que nosotros utilizamos las informaciones de la K.G.B. —sostiene siempre Goriounov— pero no es cierto. También hace tres años decían que atacábamos el marco para favorecer la reelección de los socialdemócratas en Alemania, pero nosotros administramos nuestra cartera desde un estricto punto de vista de riesgo y rentabilidad."

A veces, de todos modos, ocurre que el banco soviético se oriente contra una u otra moneda. Más recientemente ha operado limitando sus compras de francos suizos y, en el mes de setiembre del año pasado, de dólares.

Entretanto, durante los últimos meses el Vneshtorgbank ha empezado a intensificar su actividad en los euromercados. Después de participar en una primera operación de suscripción de eurobonos, efectuada en el pasado agosto, suscribiendo una "tranche" (cuota) de 500 millones de yenes sobre una emisión de 15 mil millones capitaneada por el Nordic Investment Bank, los dirigentes financieros del banco soviético han participado también en una colocación Italaider, actuando dentro de un "pool" integrado por el Chase Manhattan Bank, el Royal Bank of Canada y el Banco di Roma.

Otras vinculaciones

Otros cinco bancos de propiedad soviética se hallan presentes en los principales centros financieros internacionales: el Moscow Narodni, en Londres (tiene una filial también en Singapur); la Banque Commerciale pour L'Europe du Nord (Eurobank) con sede en París; el East-West United Bank, en Luxemburgo; el Ost West Handelsbank, de Francfort; y el Donaubank, de Viena. Pero los reflejos internacionales del nuevo activismo financiero soviético representan solo la tradicional punta del iceberg de la evolución financiera soviética.

La interpretación tradicional de las finanzas soviéticas se halla comprimida entre la falta de información y el prejuicio, según el cual una economía planificada no tiene prácticamente necesidad de lubricante que haga coincidir las decisiones de gasto y la posibilidad de hallar los fondos.

La realidad no es tan simple y también el esquema lineal y tradicional del sistema bancario soviético parece destinado a evolucionar. Esto está siendo favorecido por las reformas que la administración Gorbachov pretende instrumentar en la economía soviética.

El sistema financiero interno de la URSS está integrado básicamente por tres entidades. En lo que atañe a las relaciones comerciales con el exterior, hay que tener en cuenta también el IBEC y el IIB (los Clearing Bank del Comecon), activos también en el Euromercado.

El Gosbank, único instituto de emisión, de crédito y de caja de la Unión Soviética que efectúa financiaciones a corto y largo término; recoge los medios monetarios de las empresas estatales, de las sociedades cooperativas, de las asociaciones de empresas, de las organizaciones y de la población, y los utiliza como recursos financieros para el otorgamiento de créditos, efectúa los arreglos al contado y no al contado, cumple funciones de caja por cuenta del Estado y coordina la política monetaria.

Las cajas de ahorro, que al inicio de los '80 eran más de 80.000 entre sedes centrales y agencias, son prácticamente agencias del Gosbank, que recogen las disponibilidades monetarias.

El Stroibank (banco para la financiación de las inversiones), que otorga financiaciones a largo término a todos los sectores de la economía, con excepción de la agricultura.

01 | 01

8704505

LA NACION

La Unión Soviética vista y oída (I)

URSS

Una aproximación al arte del disenso entre líneas

P

Por Delfín Leocadio Garasa
(Especial para LA NACION)

MOSCU. - Si hubiera llegado a Moscú en una comitiva, quizás todo hubiera sido más fácil. Pero llegué solo, procedente de Praga, y me convertí en un personaje suspecto. No tanto yo, aunque el examen de la documentación demoró bastante, sino los libros que llevaba, examinados uno a uno y en dos casos llevados por el aduanero a una oficina interior, seguramente para un examen más minucioso.

En el primer caso regresó de inmediato. Se trataba de *El Don apacible* de Shólojov, un clásico de la literatura soviética, y su consulta le costó al celoso empleado posiblemente una reprimenda. Pero la segunda vez no fue tan simple y debí esperar veinte minutos. Se trata de una *Historia de la literatura soviética* de un eslavista americano, Edward Brown, publicado por la Harvard University Press. Recuerdo que este libro tuvo una trayectoria aciaga, pues me trajo inconvenientes en la aduana argentina en 1982 y en la aduana uruguaya en 1983. ¡Y ahora también en Moscú! (Cualquier inferencia ideológica obedece a simple coincidencia).

Finalmente, el libro me fue devuelto con gesto inexpresivo e ingresé en Moscú.

Llegado al hotel, me pregunté por qué ese recelo hacia los libros de un modesto viajero. ¿Es que tan precario bagaje bibliográfico haría la menor mella en la monolítica cultura soviética, cuya excelencia y solidez me sería dado apreciar durante los días subsiguientes?

La radio, la TV (a veces), el teatro profesional, incluso algunas manifestaciones callejeras, las exposiciones, los museos y casas de la cultura me brindaron eximias muestras de la avidez cultural de ese pueblo, uno de los más lectores que he conocido, pues he visto hombres y mujeres sumidos en la lectura tanto en las filas ante los puestos callejeros como en las profundas escaleras mecánicas de las suntuarias estaciones del subterráneo.

Fisuras

Poco a poco, sin embargo, fui descubriendo fisuras en ese coloso cultural imbatible.

En la URSS existe predilección por los recitales poéticos y éstos suelen ser desahogos de una ortodoxia a veces demasiado agobiante. No se piense que allí se lanzan invectivas contra el régimen, pero a veces encierran alusiones sutiles, captadas ipso facto, en las que se insinúa el desagrado o la protesta. Claro que si se las compara con los exabruptos de Occidente (de un Becket por ejemplo o de James Baldwin, recibido recientemente por Gorbachov), estas veladas críticas soviéticas son travesuras infantiles, no tan "inocentes" que no den en el blanco y acarreen alguna vez represalias, aunque debe reconocerse que los poetas han gozado de cierta impunidad. Podría mencionarse a Voznezensky, cuyo lenguaje figurado le ha servido de coraza.

De Evtuchenko unos reconocen su teatralidad ante las extasiadas multitudes, otros lo tildan de sinuoso y ya no entusiasma demasiado a los jóvenes. Siempre los poetas rusos, desde los tiempos de Pushkin, hubieron de "jugar al escondite" con la censura, la de Nicolás I, la de Zhdanov en tiempos de Stalin, la de los recalcitrantes de los sucesivos Politburós. Pero jamás se atenuó la afición popular por la poesía. Siempre hay flores en la tumba de Pasternak en Peredelkino y los 30 de mayo, aniversario de su muerte, allí se reúnen poetas y fieles evocadores. Me reconfortó ver sus poemas en todas las librerías y según vienen las cosas no tardará en publicarse el *Doctor Zhivago*. Por lo pronto, en una reunión literaria un joven recitó uno de los poemas que cierran esa novela.

Anna Akhmatova no dejó nunca de ser leída y recitada por las mujeres de Rusia, independientemente de las fluctuaciones de su favor o proscripción oficiales. Esta arraigada condición del pueblo ruso -por reticente que sea- preserva de la modorra que toda censura acarrea a la creación.

Un estudiante de literatura se fingió distraído cuando le mencioné al desterrado Joseph Brodsky. Pero no pudo eludir su entusiasmo cuando le recordé *En las trincheras de Stalingrado*, de Victor Nekrasov. Muchos son los que no se resignan a la claustrofobia cultural que algunos funcionarios -no todos afortunadamente- quieren imponer. Me dicen que en los Estados bálticos, especialmente en Lituania, la apertura es mucho mayor.

Guiños cómplices

En el teatro esta tensión es más patente, pese a los subterfugios inherentes a su propia índole. Por ejemplo, en una comedia musical *Rock and roll al amanecer* sátira a la plutocracia, el armamentismo y la inmoralidad de USA, se decían cosas que provocaban en algunos espectadores guiños cómplices y miradas de inteligencia. La versión modernizada de *Hamlet*, con vestuario actual en el teatro Taganka de Moscú (dirigida por Jury Lyubimov) simplificaba a su protagonista haciendo de él un rebelde contra la tiranía. A veces los censores no son tan ingenuos y al director Mikhalov le costó convencer a una comisión cultural del Partido que algunas punzantes alusiones de su sátira *Balalaika* se referían a la época zarista.

Más espectacular ha sido la cosa entre los pintores. Superado el "realismo socialista", se autorizaron otras manifestaciones (incluso se habilitaron salas en el Ermitage), pero la vanguardia siguió excluida. Nikita Khrushchev no llegó nunca muy lejos en su apertura. Confesó una vez que el jazz le producía flatulencias y al pintor abstracto Zheltovsky le preguntó si era un hombre normal o un pederasta.

Mientras tanto, el ruso griego Costakis seguía exhibiendo en su casa y vendiendo, si cuadraba, con la tácita anuencia oficial, obras de Kandinsky, Tattlin y Rodchenko a Rockefeller o a Harriman. Pero en el 74 se produjo un hecho insólito: un grupo de jóvenes artistas no convencionales expuso sus obras al aire libre en plena Plaza Roja. No tardaron en ser dispersados por la policía y sus telas pisoteadas y destruidas. Pero fue tal la alharaca internacional y las comparaciones con los peores métodos del nazismo que las autoridades se flexibilizaron y ahora se permiten esas exposiciones al aire libre, donde es dado ver herejías como el pop art, el simbolismo místico y hasta atisbos de arte psicodélico.

Algunos dignatarios las contemplan sonrientes desde las ventanas del Kremlin, mientras otros fruncen el entrecejo, preocupados por tales audacias.

Canciones no tan dóciles

En música, con el sistema de las cassettes, el *samizdat* o impresión privada se ha vuelto *magnitizada* y es menos fácil de controlar, incluso cuando introducen en su repertorio bardos tan populares como Vyotzky, con su canción sobre un prisionero en un hospital psiquiátrico, que le mereció seria reprimenda y la prohibición de acompañar a su mujer a París. Sin embargo, no puede negarse que se vislumbran cambios. La noche anterior al 7 de noviembre, día de la victoria, grupos de jóvenes cantaban en la Plaza Roja nevada. Y según un amigo soviético, no todas las canciones eran tan dóciles. Como siempre el desfile fue un éxito y tras las tropas y el aparato bélico, el fervor popular estalló con la espontaneidad contagiosa que galvaniza universalmente a las muchedumbres.

01 | 01

8704508

RS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Informe N: 2281 / Siria / Visita de Assad a la Unión Soviética.

PROCEDENCIA: Informe 27/6/87 Doc. 0862/87

ARCHIVADO EN: Boletín Israel (008)

01 | 01 8704516

025

026

Reconocen trabas a Gorbachov

Viena, (Reuter) — Los líderes del Kremlin no están conformes con el progreso de los planes para reestructurar la vida soviética y la oposición aún debe ser vencida, dijo ayer el jefe del Partido Comunista en Moscú, Boris Yeltsin.

Yeltsin dijo en una conferencia de prensa en Sofía que "la reestructuración en la Unión Soviética no puede ser analizada como un acto único y no puede progresar con fluidez ni lo hará", informó la agencia noticiosa oficial búlgara. Yeltsin, que habló al finalizar una visita oficial, dijo que los próximos dos o tres años serían el período más difícil.

"La cúpula soviética no está satisfecha en este momento con el progreso de la reestructuración ni con el hecho de que los mecanismos que la obstaculizan aún no han sido eliminados", dijo. Los líderes soviéticos han puesto en claro que algunos funcionarios conservadores tratan de bloquear las políticas reformistas introducidas durante el gobierno de Mijail Gorbachov.

Yeltsin dijo también que los cambios en la vida intelectual soviética estarían demorados con respecto a aquéllos de las esferas económica y social. La semana pasada causó alarma en Moscú la aparente infidencia de la KGB al permitir un filme sobre Raisa Gorbachov que perjudica su imagen.

Fichaje URSS

01 | 01

El espacio y la historia en la política soviética

Por Octavio Hornos Paz
(Para LA NACION)

A la vuelta de un reciente viaje a la Unión Soviética, en donde no había estado en los últimos diez años, Kissinger escribió en Newsweek la impresión ambivalente que le produjo Moscú: "Uno queda perplejo al ver que un país que tiene un nivel de vida tan marginal pueda desarrollar una política global tan decidida". Esa impresión, compartida por viajeros, turistas y diplomáticos occidentales, nace de la extrañeza que causa que la capital de un imperio vasto y poderoso lleve una existencia gris, precaria, provinciana, sin atractivos arquitectónicos que han sido tradicionalmente expresiones urbanas del poder, sin la vibración humana que históricamente animó a las ciudades de las que partían decisiones que pesaban en el mundo. Piénsese en la Roma de Augusto, en el París de Napoleón, en el Londres victoriano, en la Viena de Francisco José y, para no salir de Rusia, en el esplendor de San Petersburgo de Alejandro I.

La conquista del vacío

Moscú es, sin duda, más rusa que Leningrado, en el sentido de que, lejos de pretender ser la ventana hacia Occidente que fundó Pedro el Grande, su riqueza consiste en el vacío, en hallarse protegida por espacios vastísimos y arduos para las campañas de un invasor, como lo comprobaron Bonaparte en 1812 y Hitler en la Segunda Guerra Mundial. El imperio soviético -como su antecesor, el imperio zarista- fue construido en torno del Kremlin moscovita, para crearle una coraza hecha de distancias dilatadas, inviernos crudelísimos y el barro de los deshielos primaverales. Si cae la fortaleza -el kreml- en manos enemigas, no queda otro recurso que el suicidio: el incendio de la ciudad que siguió a la batalla de Borodino y que precedió al derrumbe de Napoleón.

Las conquistas asiáticas, tanto como el dominio en Europa oriental, en buena medida pueden explicarse por la peculiar manera de ser del pueblo ruso, modelada sin duda por la circunstancia geográfica de su territorio y por la historia de las invasiones recurrentes que sufrió. El siglo XIII fue el de los embates de los caballeros teutónicos y de los de la espada de Livonia contra la Rusia septentrional que terminarían en la batalla de los hielos con el triunfo de Alejandro el del Neva, tan bien narrado cinematográficamente por Eisenstein. Y en esa misma centuria, la Rusia meridional fue arrasada por las hordas mongólicas, que destruyeron Kiev en 1240.

Siglos costaría a los rusos sacudir el yugo tártaro, cosa lograda transitoriamente por Dimitri el del Don, en la batalla librada en Kulikovo, en 1380. Luego vinieron, en el siglo XVIII, el intento de los suecos de Carlos XII -contado por ese historiador olvidado que se llamó Voltaire- y el siglo siguiente, la invasión napoleónica, y el siguiente, la hitleriana.

No es raro, pues, que el ruso se ahogue en los espacios reducidos. Respira tranquilo en la inmensidad de la estepa, de la taiga, de la tundra, de los bosques, a la orilla de los grandes ríos de llanura. Es claustrófobo. Necesita "prostór", palabra que en su lengua significa espacio amplio y también libertad pl[illegible]a. Una libertad del todo, no de las partes. De la colectividad, no de las personas. Paradoja de una forma nacional de ser, extremada y contradictoria, como los personajes de Dostoievski.

No es tampoco extraño que la política exterior tenga prevalencia sobre las otras porque el vacío se conquista por la diplomacia o por la fuerza, los modos alternativos de actuar que reconocía Clausewitz, que, es bueno apuntarlo, estaba incorporado en el ejército zarista en tiempos de la invasión francesa.

Una política exterior sostenida -y "asertiva" en grado sumo, como dice Kissinger- es vital para el "prostór".

Libertad externa e interna

Si volvemos la mirada hacia Occidente, comprobaremos que lo que le falta es la continuidad en la gestión de sus negocios extranjeros. Aquí la libertad de fronteras para afuera coexiste con la libertad de fronteras para adentro. En Occidente se alternan los partidos en el poder, se pagan impuestos y los contribuyentes pueden expresar su opinión a través del voto, las mayorías parlamentarias no siempre coinciden con los funcionarios ejecutivos, como se ve en estos momentos por lo que pasa en los Estados Unidos de América entre el Senado y el presidente Reagan, en el caso centroamericano, y como se vio al fin de la Primera Guerra Mundial cuando el presidente Wilson, inspirador de la Sociedad de las Naciones, se encontró en la situación triste de que su país se negara a integrarla.

Pero esto se dice con más autoridad y un conocimiento próximo y profundo de la actualidad en un libro reciente -"Dans le secret des princes"-, cuyo título podría trasladarse al español así: "en los secretos de los que ejercen el poder", o cosa parecida. Es la obra de Christine Ockrent, figura brillante de la televisión francesa, y del coronel conde Alexandre de Marenches, que durante once años fue jefe de los servicios de inteligencia de Francia durante las presidencias de Pompidou y de Giscard d'Estaing. Un testigo privilegiado, y a veces un actor privilegiado, de los acontecimientos de los últimos lustros y, por lo tanto, del enfrentamiento entre las superpotencias.

Occidente perdió la guerra

"Nosotros, las democracias occidentales -dice Marenches a Christine Ockrent, pues se reproduce en el texto una larga conversación- hemos perdido prácticamente la Segunda Guerra Mundial. La hicimos contra los sistemas dictatoriales y enfrentamos hoy a otro sistema dictatorial, que parece más peligroso aún, pues se trata de uno de los dos grandes imperios del mundo, cuya filosofía, cuya religión, cubren ahora una parte del globo." No deja de señalar reiteradamente que Stalin era aliado de Hitler cuando se inició la última contienda mundial, una complicidad que se olvida con demasiada frecuencia y de la que fue víctima Polonia.

Esa grave conclusión la completa Marenches en el epílogo del libro, en el que subraya la continuidad vigorosa de la política soviética y afirma: "creo que el nacional-comunismo, en tanto no abandone lo que llamo su fase de religiosidad, de proselitismo y de expansionismo, con la intención declarada y proclamada urbi et orbi de llegar a la sumisión del mundo entero, es la amenaza principal".

Frente a esa amenaza, Marenches señala que en el campo opuesto no hay tal consecuencia. Los Estados Unidos de América -sostiene- "tienen los medios para desarrollar una estrategia mundial, pero no la experiencia, no la imaginación, no la continuidad (su administración cambia cada cuatro años). Además adolecen de la debilidad de querer ser amados. Se ama a los pequeños, rara vez a los gigantes".

Pesca y política

De lo que llama el coronel una estrategia sostenida es ejemplo demostrativo -y muy interesante para nosotros- un párrafo que extraemos de su texto: "La marina de guerra soviética, que es prácticamente igual a la flota de los Estados Unidos, y cuyas unidades son sin duda más modernas, es ayudada por incontables barcos pesqueros cuyos cuadros dependen directamente de la flota de guerra. Esos pesqueros están equipados con sistemas de comunicación altamente sofisticados y sus campañas en todos los mares no están dirigidas sólo a los peces".

En una nota de pie de página se aclara, en el libro citado, que la nueva flota soviética es obra del almirante Gorchov, que se retiró no hace mucho después de ejercer su comando en jefe durante treinta años. Sus pares en las jerarquías navales de Occidente no duran en sus cargos más de dos o tres años.

La pesca para la generalidad de los países es una actividad económica que consiste en convertir un pez en un pescado. Para la Unión Soviética es, además, un instrumento de su política externa.

La gran pregunta en este momento para los observadores es la de cómo esos factores permanentes, geográficos e históricos, se adaptarán a la nueva orientación impresa por Gorbachov a su gobierno.

Tanto Marenches como Kissinger previenen contra el optimismo excesivo y, sobre todo, contra los juicios apresurados y candorosos. La "glasnost", de llevarse a la práctica, será para uso interno. Como esa palabra significa también publicidad, más vale atenerse al sentido ambiguo de este término. Al fin y al cabo, la reunión de intelectuales, artistas y personalidades variadas convocada por Gorbachov se parece demasiado a un acto de relaciones públicas.

La experiencia indica que algunas prácticas rusas son perdurables y poco tienen que ver con la ideología. Nunca hubo en Rusia un gobierno que no fuese autocrático. Nunca los grandes escritores de ese país se vieron libres de la censura. Ni Pushkin, Gogol, Dostoievski, Tolstoi y Chejov, bajo los zares, ni Atmatova, Bulgakov, Pasternak y Solyenitsin, bajo la dictadura comunista. Nunca, como lo saben bien los chinos, se abandonó la política imperialista, a pesar de las promesas de la declaración del comisario Karajan, de 1924.

Una continuidad que parece fundada en razones geográficas e históricas. (c) LA NACION

RS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Gira de Gorbachov por America Latina

PROCEDENCIA: LA PRENSA 27/4/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (B)

01|01 8704549

RS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Gorbachov y Jeruselky comparte posiciones.

PROCEDENCIA: LA RAZON 7/5/87

ARCHIVADO EN: Polonia (022)

01|01 8704563

RS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Comienzan a operar pesqueros Sovieticos.

PROCEDENCIA: A. Financiero 25/5/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01|01 8704569

Montevideo, jueves 28 de ... de 1987 — LA RAZON — INFORMACION 17

CONVENIO PESQUERO URUGUAY-URSS

OPERARIAN HASTA 150 EMBARCACIONES SOVIETICAS

Hasta 150 embarcaciones soviéticas podrían operar en aguas uruguayas de firmarse un convenio pesquero entre la URSS y nuestro país, que sería rubricado por el presidente Sanguinetti en Moscú, de concretarse su viaje este año.

Los términos del convenio no han sido difundidos públicamente y motivaron un pedido de informes del senador Luis Alberto Lacalle (CNH) al Ministerio de Agricultura y Pesca y a la Cancillería. Lacalle declaró a "La Razón" que no cree que sea "lo mejor para los intereses económicos de la República que el Atlántico Sur se vea invadido por embarcaciones".

"Además —agregó— no hay que olvidar que no se trata de Dinamarca, sino de la URSS, y por tanto hay que cuidarse de no introducir un elemento que mañana pueda modificar un equilibrio geopolítico en el Atlántico Sur, que ya tiene bastantes problemas con las Malvinas".

Lacalle añadió que su pedido de informe está también motivado por la comprobación de que el convenio pesquero que tiene Argentina con la URSS "es mucho más específico" que el que está previsto concertar entre Moscú y Montevideo, que "parecería genérico".



"Hay que manejarse con parsimonia en este asunto", agregó Lacalle, no descartando que el pedido de informes pueda proceder a "otras determinaciones que quizás tome más adelante en el Senado".

El senador nacionalista señaló que en estos momentos el ingreso por la pesca es de 85 millones de dólares y que esa rama de la economía da trabajo a aproximadamente 5.000 personas.

Lacalle negó, por otra parte, que el convenio plantee un tema de soberanía. "Creo que acá estamos defendiendo un recurso importante para el país y quizás el día de mañana pueda hablarse de soberanía", pero prefiero "no acudir tan rápidamente a ese concepto".

El pedido de informes hecho por Lacalle al Ministerio de Agricultura y Pesca solicita respuestas sobre por qué no se delimitan áreas y períodos de pesca por los soviéticos, cuáles son las especies no tradicionales, cuál será el destino de las especies no previstas en el convenio, dónde se descargarán las capturas y cómo se controlará el cumplimiento del convenio.

Además del convenio pesquero, Uruguay tiene previsto firmar con la URSS un acuerdo para que desde el Aeropuerto Internacional de Carrasco opere la compañía de aviación soviética AEROFLOT.

Según Lacalle, este acuerdo sería distinto al de la pesca al no afectar recursos finitos nacionales, aunque no descartó que "podría tener otro tipo de connotaciones".

"Me he dedicado al tema del convenio pesquero y no al de AEROFLOT", señaló.

LOS SINDICATOS

El convenio pesquero entre Uruguay y la URSS, por otra parte, ha despertado preocupación en los sindicatos vinculados a la pesca.

En recientes asambleas el Sindicato Unico de Trabajadores del Mar y Afines (SUNTMA), el Centro de Maquinistas Navales y el Sindicato Unico de Patrones de Pesca del Uruguay rechazaron de plano que buques de bandera extranjera pesquen en aguas uruguayas.

Las tres organizaciones gremiales decidieron que ante "cualquier entrega directa o indirecta de nuestro potencial marítimo, la flota pesquera deberá regresar a tierra para iniciar una lucha irrenunciable por la supervivencia de la industria".

EXTRANJERIZACION ...

PERCA

URSS

Relación con ARGENTINA

01/01

8704572

Guzmán Díaz

El convenio pesquero con la URSS

Cuando los países ribereños, sumándose a la iniciativa de Perú, Ecuador y Chile, comenzaron a declarar unilateralmente su soberanía sobre un mar territorial de doscientas millas marinas, cundió la alarma entre las potencias pesqueras que debían abandonar los caladeros que explotaban frente a las costas de aquellos países.
Ante la nueva situación, los países centrales se apresuraron a anunciar que desconocerían la decisión que, en defensa de sus recursos, estaban tomando los gobiernos latinoamericanos y, en general, los del tercer mundo. Tengamos presente que el noventa por ciento de la pesca mundial se captura dentro de esa franja de doscientas millas marinas.
Nuestro país, por el Decreto 604/969 del 3/12/69, declaró que "La soberanía de la República Oriental del Uruguay se extiende, más allá de su territorio continental e insular y de sus aguas interiores, a una zona de Mar Territorial de doscientas millas marinas, medidas a partir de la línea de base".



Por orden cronológico, el gobierno uruguayo recibió notas de protesta de los siguientes países: Grecia 23/12/69, Japón 6/1/70; Dinamarca 30/1/70 Países Bajos 23/2/70; Gran Bretaña 2/3/70; EEUU 3/3/70; Noruega 20/3/70; Suecia 9/4/70, y finalmente, el 7/5/70 se recibe la nota verbal del Ministerio de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, cuyo parágrafo final dice: "El Decreto adoptado es, en el fondo, un intento de extender la soberanía del Uruguay a la alta mar en perjuicio de los derechos e intereses de otros estados, restringir la libertad de navegación marítima y comunicación aérea, como asimismo la actividad de pesca de los estados. El Gobierno de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas considera necesario declarar que no puede reconocer este acto del Gobierno del Uruguay conforme a derecho".

La cuestión quedó resuelta cuando las Naciones Unidas aprobaron, el 30/4/82, la Convención sobre el Derecho del Mar (con los únicos votos negativos de EEUU, Israel, Turquía y Venezuela). En ella se convalidó la tesis de las 200 millas de mar territorial bajo la forma de "Zona Económica Exclusiva". En adelante, a las potencias pesqueras sólo les quedaba el camino de la negociación para acceder a los caladeros comprendidos en esta franja de mar.

El desarrollo pesquero nacional

Observado en perspectiva, tres son los instrumentos que fundamentan el desarrollo pesquero nacional: 1) la declaración de las doscientas millas de mar territorial (1969); 2) el Tratado del Río de la Plata y su Frente Marítimo (1973), y 3) el Plan de Desarrollo Pesquero Nacional (1974).

Por los dos primeros instrumentos se amplió el espacio marítimo a que tenemos acceso en carácter de "Zona Económica Exclusiva" y "Zona Común de Pesca", compartida con la República Argentina.

El artículo 73 del Tratado del Río de la Plata y su Frente Marítimo, dispone: "Las partes acuerdan establecer una zona común de pesca más allá de las doce millas medidas desde las correspondientes líneas de base costeras, para los buques de su bandera debidamente matriculados".

Este convenio, de auténtica integración regional, se propone: a) la consolidación y ratificación internacional del derecho exclusivo y excluyente de ambos Estados a dichos recursos, b) la racional y adecuada explotación de las especies ictícolas existentes en ese medio acuático, impidiendo que la actividad pesquera pudiese tener carácter predatorio, y c) el establecimiento de criterios equitativos de distribución de los volúmenes de captura por especie que se autoricen de conformidad a lo indicado en el apartado anterior.

El Tratado del Río de la Plata y su Frente Marítimo constituye el marco estatutario adecuado para una cabal explotación de las riquezas ictícolas de los países platenses. El problema radica en el uso que los gobernantes hagan de éste y los otros instrumentos.

El Plan Nacional de Desarrollo Pesquero —conducido por el Instituto Nacional de Pesca (Inape), inauguró una política agresiva, planificada, fuertemente dirigista y de acento nacionalista. En este último aspecto, la filosofía del Plan Pesquero se opone al criterio francamente extranjerizante de la Ley 13.833 (Ley de Pesca). El énfasis que pone el Plan en el desarrollo de la industria procesadora es otro aspecto vital que separa a éste de la ley de pesca de 1969.

El resultado fue que, a pesar de la contradicción con la política económica general del gobierno; de la descuidada elección de los agentes empresariales, y a las figuras propias del proyecto, la pesca creció ininterrumpidamente durante casi una década, ingresando divisas al país y creando alrededor de diez mil puestos de trabajo.

Quedaba demostrado que el Uruguay pesquero podía erguirse sobre sus propios pies.

Esta comprobación es la que nos interesa rescatar hoy.

Los convenios pesqueros

Culminado el primer impulso, se hizo evidente que el sector pesquero debía ser reajustado, tomando en consideración la experiencia acumulada; afirmando los factores de éxito y corrigiendo los errores detectados.

En lugar de ésto, la nueva Administración parece decidida a "administrar" la liquidación del sector y no su desarrollo.

Resulta claro que el objetivo del Gobierno es "negociar" la pesca con las potencias que añoran los caladeros de los que fueron apartadas.

Durante la dictadura, el sector del Partido Colorado umbilicalmente vinculado con los negocios pesqueros, se nucleó, o entró en la órbita de influencia, de una empresa naviera que representa en el país los intereses de armadores orientales.

En el oscuro período mencionado, esta empresa se desarrolló el punto de que, casi todos los buques de aquel origen que pescan o trafican por el Atlántico Sur Occidental, pasan por su mostrador; y aún los que operan en torno a las Islas Malvinas —al amparo de su Majestad Británica— fueron abastecidos de petróleo por dos buques tanques de esta agencia naviera.

Varias de las sociedades atuneras que vulneraron la filosofía nacionalista del Plan Pesquero, tenían en su directorio a funcionarios de la agencia marítima a que nos estamos refiriendo, y algunos de ellos ocupan hoy puestos de alta jerarquía en el Gobierno.

Oriente se ha convertido en La Meca de algunos hombres del partido de gobierno. Hacia allá van con frecuencia inusitada; y de allá vuelven con maravillosas nuevas, condecoraciones, y propuestas de negocios.

Uno de estos negocios —el más notorio— fue el convenio para la instalación en La Paloma de DAEWOO, la más poderosa transnacional coreana, que tiene entre sus muchos rubros, la explotación pesquera.

Los términos del acuerdo eran inadmisibles; sin embargo, —según luego se supo— se ajustaban al proyecto de zonas francas que tiene en cartera el Partido Colorado.

El conocimiento público de la entrega proyectada y, fundamentalmente, la movilización de los sindicatos de la pesca, frustraron por el momento la iniciativa; ésta y otras similares que estaban en gestación. El Gobierno había dado un paso en falso; la próxima vez habría de dar un rodeo.

La URSS

El nuevo camino que intenta el gobierno, pasa por la Unión Soviética, y es sugestivamente paralelo al seguido por la República Argentina.

Ahora el gambito es más elaborado.

Veamos brevemente el antecedente argentino.

Nuestros vecinos iniciaban el 28/7/86 un "Convenio-Marco" con la URSS por el cual la flota pesquera de este país podrá operar en aguas territoriales argentinas.

El convenio provocó la [illegible] inmediata de los gremios y las cámaras de armadores pesqueros, que se oponen a lo que consideran una grave renuncia a la política nacionalista seguida hasta ahora en ese sector de la economía.

La oposición se ahonda al trascender un informe técnico de alto nivel que recibe el "Instituto Nacional de Investigaciones para el Desarrollo Pesquero", en el que se alerta sobre las consecuencias negativas que aparejaría la instrumentación de los acuerdos firmados.

Suscriben de conformidad con dicho informe, (al que BRECHA ha tenido acceso), todos los investigadores y técnicos del Inidep.

No obstante, el Gobierno —aprovechando la coyuntura emotiva que provoca la declaración del gobierno británico estableciendo una zona de exclusión pesquera de 150 millas en torno a las Malvinas— obtiene la aprobación parlamentaria de los acuerdos.

Según las autoridades argentinas —y así es difundido por la prensa— el permiso de pesca se otorgaría desde el paralelo 46 hacia el sur (es decir: incluiría el área de exclusión establecida por Gran Bretaña), lo que significaría un reconocimiento tácito de la URSS a la soberanía argentina sobre dicha zona.

No obstante, esta variante no queda expresada en el convenio firmado, que se refiere únicamente al Mar Territorial, sin establecer otras limitaciones geográficas.

Por otra parte, BRECHA ha obtenido de autoridades empresariales soviéticas la seguridad de que no se han considerado tales limitaciones.

Cabe preguntarse sobre el por qué de la insistencia del gobierno argentino en dar entrada a flotas pesqueras extranjeras en su Zona Económica Exclusiva, contra la opinión fundada de los técnicos del Inidep, los empresarios, y los trabajadores.

Fuentes soviéticas nos han expresado que la propuesta argentina consistía en realidad en "un paquete" que incluía la comercialización de granos.

En otras palabras: Argentina ofrecía su espacio marítimo a cambio de asegurar la colocación del trigo.

Esta decisión del Gobierno es coherente con el destino que las potencias occidentales han asignado al país hermano en el concierto económico mundial, a la vez que atiende los requerimientos de los poderosos intereses agrario-exportadores de la vecina orilla.

¿Cuál es el proceso en nuestro país?

En la [illegible] de los 80 el [illegible] bilateral [illegible] URSS se

DIBUJO DE LINO SCALA

venía incrementando en forma constante, llegando en 1985 a los 84,5 millones de dólares.

En 1986 se produce una abrupta caída a poco más de 20 millones de dólares. Este fue el tema central de las conversaciones que en enero de este año mantuvieron el Canciller Iglesias con el Vice Canciller soviético Kompletov.

El reciente ejemplo argentino sugirió el camino.

En el esquema mundial, el Uruguay ha sido encuadrado como país de "servicios" y productor agropecuario.

En el marco de este esquema la industria pesquera es prescindible. Hemos sostenido desde estas mismas páginas que su desarrollo fue un fenómeno "a contrapelo" de la política económica general del gobierno. No nos extrañemos entonces que el "continuismo" corrija esta anomalía.

La Unión Soviética recibe la oferta de entrar a pescar con sus buques factorías en nuestro mar territorial a cambio de un incremento en sus compras de productos del agro.

El país, además, prestaría servicios portuarios; entre ellos el del transbordador de granos de origen holandés, "Doña Flor", que lleva año y medio anclado en el puerto, sin trabajar, por el veto de las autoridades argentinas. La URSS debía encargarse de obtener el levantamiento del veto bonaerense, cosa nada improbable al ser la mayor compradora de granos de aquel origen.

Como se aprecia, la oferta debe ser tentadora para la Unión Soviética. Pero el asunto tiene otra vuelta de tuerca, que es la que engolosina a nuestros empresistas político-pesqueros: una vez forzada la puerta de nuestro mar territorial ¿quién impedirá que por ella entren "sus socios" orientales?

Esta es la razón por la cual están alentando la firma del convenio con la URSS, poniendo el acento, como distraídamente, en los presuntos aspectos científicos y técnicos.

En su esquemática concepción de la realidad, imaginaban que, al tratarse de un acuerdo con un país socialista, los trabajadores no se opondrían. Subestimaron la independencia de juicio del movimiento sindical. Las asambleas de los gremios de pescadores dieron por unanimidad la respuesta que publicamos en recuadro.

El convenio con la URSS

y sus consecuencias

Las largas y laboriosas negociaciones internacionales que nos permitieron acceder, primero a una Zona Económica Exclusiva de 200 millas; y luego a una Zona Común de Pesca compartida con la Argentina, fueron las que posibilitaron —como ya vimos— el desarrollo pesquero uruguayo.

Esta conquista, que abrió un nuevo campo económico y laboral, es lo que se compromete sin que pueda demostrarse necesidad ni conveniencia.

Los términos del Convenio —tal como se dieron a conocer a la prensa— ocultan el verdadero rostro de la cuestión.

En primer lugar anotamos que, aunque no se dice expresamente, los buques soviéticos que ingresarían a nuestro mar, lo harían con su propia bandera. Esto transgrede la responsabilidad asumida con la República Argentina, de no admitir terceras banderas en la Zona Común de Pesca. Se arriesga así la denuncia unilateral de un acuerdo que nos beneficia. No vale alegar que Argentina firmó antes un convenio similar, porque, mientras para nosotros la Zona Común de Pesca ocupa todo el Mar Territorial uruguayo, para Argentina es sólo una parte del suyo, quedando en libertad de hacer, en la zona no común, lo que le plazca.

Si este riesgo no se concreta, de todas maneras saldríamos perjudicados, puesto que está previsto que cualquier captura autorizada a una bandera extranjera, se descontará de la cuota que le corresponde al país autorizante. Los riesgos de conflicto son incalculables. Con Brasil —por ejemplo— tenemos firmado un convenio de pesca que hasta ahora bloqueamos en defensa de nuestros recursos; pero que no podremos seguir haciéndolo si abrimos nuestro mar a otras flotas.

Por otra parte —como señala con razón el Inidep "tanto Uruguay como Argentina han alcanzado la captura máxima permisible sin depredar (TAC) en especies tradicionales tales como merluza, corvina y pescadilla (principales recursos de nuestra industria procesadora), y en estas condiciones el sólo cambio de las unidades pesqueras en operación por otras más eficientes, pondría en riesgo el recurso".

Los soviéticos han adelantado su intención de incorporar grandes arrastreros-procesadores (que habían sido expresamente prohibidos por el Plan de Desarrollo Pesquero) con enorme poder de captura.

Las cláusulas del Convenio —según fue dado a publicidad— maquilla convenientemente este aspecto de la cuestión, afirmando que sólo se dará permiso para especies no tradicionales; pero sucede que por otro lado se les autoriza a formar sociedades con empresas uruguayas según el sistema de "joint venture", aportando las empresas nacionales sus cuotas de captura, que pasarían a ser explotadas por los buques soviéticos. Con este fin, el Director de Inape, Alberto Giambruno, ofreció a una delegación de empresarios franco-soviética que lo visitó recientemente, una lista de las empresas desfinanciadas.

Estas sociedades serían como aquellas empanadas del cuento persa, elaboradas con partes iguales de alondra y caballo: por cada alondra un caballo.

En cuanto a los recursos no tradicionales que se ofrecen, cabe advertir que la importancia de sus biomasas no fue evaluada aún; por lo tanto no entendemos cómo se determinarán los volúmenes que se permitirá extraer a las flotas extranjeras.

Además de la bandera, estos buques tendrían también tripulación extranjera, provocando el consiguiente desempleo entre nuestros marinos pescadores; y aun más: como se trata de buques fábrica resultarían ociosas las plantas de tierra y sus obreros. Y no estamos prediciendo un futuro más o menos remoto e improbable, sino que ocurrirá fatalmente y a breve plazo.

Por último, nadie que conozca los intereses que se mueven en el sector pesquero, puede ignorar que el convenio con la URSS será la antesala y el pretexto a los que vendrán con Japón, Taiwán y Corea; y en la competencia que se establecerá entre todos ¿cuánto durará el recurso pesquero?

Y que no se nos haga la broma de decirnos que sus pescas serán controladas. Cuando todo acabe, cuando se hayan retirado las flotas extranjeras en busca de nuevos caladeros que explotar, nos quedarán las obras de infraestructura portuaria creadas para atender a la flota soviética del sur que, según dice el Convenio, utilizará sus muros. También nos quedará la deuda contraída por los créditos recibidos para construirla.

Los buques parados y las fábricas vacías, serán el mudo testimonio de un estilo de gobierno sin pudor ni grandeza. ●

La Unión Soviética vista y oída (II)

Siberia de hielo y fervor

Por Delfín Leocadio Garasa

(Especial para LA NACION)

IRKUTSK. – El mayor empeño en un reciente viaje de información por la Unión Soviética fue desbrozar de prejuicios la mente. Confirmaban tal propósito algunos acompañantes que, sin gradaciones intermedias, oscilaban entre la admiración y el escepticismo corrosivo. El único reparo frente a tales posturas era el de ser previas a cualquier observación directa y por tanto inconmoviblemente férreas. Al llegar aquella gélida madrugada al aeropuerto de Bratsk, en el corazón de Siberia, y encaminarnos a un salón aislado donde debimos esperar un buen rato, ya estaba en disponibilidad para recibir esta nueva experiencia, consciente de los prejuicios a que puede llevar tanto la ingenuidad de creerse totalmente desprejuiciado como el pretender ser totalmente imparcial y objetivo.

Persistía el frío, seco y mordiente, en la mañana, mientras el otoño desplegaba su policromía en la *taiga* o selva que bordeaba los caminos. Los siberianos sonreían viéndonos tan arrebujados y nos informaron que de allí a poco todo estaría congelado y un salivazo al llegar al suelo sería granizo.

Para un *siberyak*, soportar el frío es rasgo de virilidad, de heroísmo cotidiano. Una maestra de Irkutsk me dijo que sus niños no son flojos como los de Moscú, que con -15° se quedan en sus casas. En Bratsk con -40° hay asistencia casi completa. Sólo requiere abrigarse hasta perderse toda forma humana, pero en la joven Siberia la gente goza de excelente salud y abundan los longevos.

Tierra de muerte y cadenas

Durante siglos, Siberia evocó para los habitantes del oeste de los Urales una zona de misterio, riqueza, riesgo y horror. "Tierra de muerte y cadenas" la llamó Gorki pensando quizás en los nobles revolucionarios de diciembre de 1815, en Dostoievski, en Lenin o en tantas víctimas del despotismo. Pero ya el científico Lomonósov en 1763 vaticinó que Siberia sería puntal del poderío ruso. Hoy esa región de extensión, sólo intuida en los siete días que pone el Transiberiano para atravesarla, sigue suscitando encontradas expectativas, pese a sus ingentes riquezas (madera, petróleo, carbón, oro, diamantes, etc.) Muchos jóvenes graduados de Moscú o Leningrado temen ser compulsivamente trasladados a Siberia, aunque los salarios se tripliquen. Y otros ansían la "vida libre" de Siberia, lejos del tráfago y la burocracia metropolitanos. "Por nada del mundo regresaría al Oeste", me decía un ingeniero. Se refería a Moscú.

Fe inquebrantable, aliento mesiánico, revelan los que nos muestran la represa hidroeléctrica de Bratsk. Su construcción llevó trece años de lucha contra el hielo, contra los insectos en verano, contra el desfallecimiento y la desesperación. Evtushenko le dedicó un salmo que hoy se recita en todas las escuelas. Escuché hace años al poeta apuesto y vibrante en Chile y no hace mucho en Buenos Aires. Ni siquiera le faltaba su homeopática dosis de disenso para enfervorizar muchedumbres. Bratsk es allí un símbolo de la tenacidad triunfante. El novelista Valentín G. Rasputín (nada que ver con el antiguo santón homónimo) publicó *Adiós a Matyora* sobre unos campesinos cuya aldea fue sepultada por las aguas del río Angara al elevarse su nivel. La recordé en un villorio junto al lago Baikal con sus *isbas* de madera y sus primorosos aleros y balcones labrados. Lucían tan hermosas que no presté atención a un compañero derrotista que me señalaba deficiencias sanitarias. Rasputín suele presentar conflictos entre el progreso industrial y la urbanización con la comunidad rural apegada a formas tradicionales. Muchos lo cuestionan por su decadente sentimentalismo. El caso es que allí está Bratsk, "la mayor represa del mundo", como se sigue proclamando, aunque ya no lo sea.

Guía informalmente confidencial

Al regresar del Baikal, entre los abedules de la *taiga* veo movimiento de tropas camufladas. Anatoli, el guía, me aclara que son maniobras, ya que no estamos lejos de la frontera china. Anatoli tiene 26 años y es intérprete de español. Se muestra extrañado de que no le haya preguntado nada de política, pues a los argentinos que ha conocido no parece interesarles otra cosa. Le aclaro que no es mi campo y respeto todas las opiniones. Su expresión, algo dura, se distiende y se vuelve más informalmente confidencial. Es de Ucrania y le gusta Siberia, aunque el invierno es largo. Pese a las recompensas del Estado a las familias numerosas, no tiene prisa por casarse. Gran lector, le gustan García Márquez y Jorge Amado. Posee poemas y canciones *samizdat* (de emisión privada y algo clandestina), tiene un gran amigo que ha sido enviado a Yakutsk y espera, tras arduos trámites, reunirse con él a fin de año.

20/3/87

U.R.S.S.

CRUZAR Afganistán

Afganistán

Nelly Murrel

Ventajas y desventajas soviéticas

Por Mario Ferretti

Naciones Unidas – ¿Cuándo retirará la Unión Soviética sus 120.000 soldados de ocupación de Afganistán? El jefe comunista afgano, coronel Najibullah, de la KGB, dijo hace pocas semanas que se retirarán "cuando las fuerzas de la resistencia afgana hayan sido derrotadas". Dijo esto enojado, después de que los guerreros islámicos afganos, los "mujaheddins", rechazaron su oferta de "reconciliación nacional". Los patriotas afganos no quieren negociar con los agentes soviéticos, pero ofrecieron negociar con Moscú directamente.

La oferta aplacadora fue coordinada con el viaje a Moscú de Najibullah, a finales de 1986. Incluida en la oferta había una masiva campaña de propaganda soviética, observaron varios delegados asiáticos y europeos en las Naciones Unidas. Está claro que Moscú retiraría la mayoría de sus tropas cuando el régimen de Kabul –títere de la Unión Soviética– cuente con el poder suficiente para controlar el país.

¿Cuáles son las pérdidas soviéticas en Afganistán? De acuerdo con estimados objetivos, los soviéticos perdieron 15.000 soldados y han tenido 20.000 heridos. Los gastos militares de la ocupación ascienden ya a más de 5.000 millones de dólares, y se calcula que en 1987 aumenten otros 1.500 millones. Además, debido a lo sucedido en Afganistán, los países islámicos se han vuelto contra Moscú, que también tiene que preocuparse por las repúblicas meridionales de la Unión Soviética.

Lo que Moscú extrae de Afganistán

Pero, ¿cuáles son las ventajas de la Unión Soviética con la guerra de Afganistán? Han construido allí siete inmensas bases aéreas y militares desde las que pueden amenazar todo el Golfo Pérsico. Algunas de esas bases cuentan con cohetes balísticos de alcance medio SS-20.

Además, los soviéticos explotan la riqueza mineral de Afganistán. Han levantado inmensas instalaciones mineras para la extracción de cromo, cobre, carbón y docenas de minas de metales raros. Ya están bombeando más de tres mil millones de metros cúbicos de gas anualmente; el gas afgano está fluyendo a la Unión Soviética y, desde allí, a los clientes de Moscú en la Europa del Este y el Oeste, con enormes ganancias para el Politburó.

No se ha publicado que desde hace seis años los soviéticos se anexaron el Corredor de Wakhan, una estratégica franja de territorio que parece apuntar a China. El Wakhan ha sido trasformado en una importante base militar soviética en el corazón de Asia.

¿Cuáles son las intenciones de los soviéticos con Afganistán tras una eventual retirada? De acuerdo con informes de expertos asiáticos, Moscú intenta anexarse la mitad de Afganistán; todo el territorio que se encuentra al norte del Hindu Kush. Incidentalmente, este territorio contiene la mayor parte de la riqueza mineral del país. Medio Afganistán sería simplemente "absorbido" por la Unión Soviética, como les sucediera anteriormente al Kazakistán, al Uzbekistán, al Turkmenistán y a Kirguizia.

¿Logrará Moscú este objetivo? Ello depende de la voluntad de Occidente y de los países islámicos, que deberían dar un apoyo más eficiente a los combatientes por la libertad afganos.

LA PRENSA. 14/4/87

01.01

8704596

EL ATERRIZAJE EN LA PLAZA ROJA

Sería ampliada la purga entre las jerarquías militares soviéticas





El avión que utilizó el piloto alemán para llegar a Moscú aparece aquí descendiendo sobre la Plaza Roja (arriba). El joven Mathias Rust (derecha). El piloto aparece en la plaza de Moscú rodeado de moscovitas, instantes después del aterrizaje (abajo).



El secretario general del Partido Comunista Soviético, Mijail Gorbachov, deberá adoptar una difícil determinación respecto del joven piloto alemán que el jueves último aterrizó en la Plaza Roja. Por otra parte, un funcionario soviético adelantó la probable adopción de medidas y sanciones contra otras altas jerarquías castrenses, en el marco de una amplia depuración de las fuerzas armadas.

MOSCU, 1° (Reuter). — Es probable que la depuración de las jerarquías castrenses desatada por el escándalo de la avioneta germano occidental que aterrizó en Moscú se amplíe aun más, vaticinó hoy un funcionario soviético.

"Creo que quienes no estuvieron a la altura de sus responsabilidades militares serán sancionados como corresponde", dijo en conferencia de prensa el portavoz del Ministerio de Relaciones Exteriores, Gennady Gerasimov.

El ministro de Defensa Sergei Sokolov y el comandante en jefe de las fuerzas soviéticas de defensa aérea, Alexander Koldunov, fueron separados de sus cargos el sábado después que el Politburó declaró que el incidente protagonizado por el piloto adolescente Mathias Rust evidenciaba una falencia inadmisible en las defensas fronterizas del país.

Un viceministro soviético de Relaciones Exteriores, Vadim Loginov, sostuvo en la misma conferencia de prensa que tiene entendido que el deber de los oficiales de la defensa aérea era el de interceptar la avioneta de Rust, pero sin derribarla.

♦ Implicaciones

"Tal como yo lo entiendo, la defensa aérea tenía la tarea de hacer aterrizar la avioneta pero sin derribarla. Pero tampoco cumplieron ese objetivo", destacó Loginov.

Al mismo tiempo, negó que la extraordinaria hazaña de Rust, posar su pequeño avión en el "sancta sanctorum" del poder soviético, tenga implicaciones de mayor escala para las defensas fronterizas [illegible].

"¿Por qué quieren juzgar la calidad de nuestras defensas por un caso aislado? Nuestra defensa es lo suficientemente fuerte", afirmó.

"Lo mejor sería que este tipo de episodio no se repitiera. No soy experto en defensa aérea, pero si se lanzan interceptores se puede obligar a descender a un avión", comentó.

Consultado si la Unión Soviética tiene razones para creer que Rust realizó su proeza con apoyo de algún gobierno extranjero, Gerasimov señaló: "Este vuelo no es fácil. Debe haber sido preparado..."

"No podemos estar seguros de si actuó solo o si hubo algo más, si fue un acto de terrorismo o alguna otra cosa", indicó.

♦ Entrevista

Mientras tanto, una portavoz de la embajada germano federal informó que funcionarios de la representación sostuvieron entrevistas con el piloto por primera vez desde que Rust condujo su Cessna de cuatro plazas desde Helsinki hasta cerca de la muralla del Kremlin, el jueves.

La embajada consignó en un comunicado que el jefe de su sección consular y legal, Gerhard Schrodenbgans, fue autorizado a entrevistarse durante 30 minutos con Rust en la prisión de Lefortovo, donde está recluido.

El comunicado de la embajada señaló que Rust dio una "impresión de calma" durante la entrevista, pero agregó: "No pueden revelarse detalles de la conversación".

Según Gerasimov la legislación soviética contempla una pena de prisión de entre 1 y 10 años para quienes violen el espacio aéreo nacional, o una multa de hasta 1.000 rublos (1.500 dólares).

Podrían formularse contra Rust acusaciones conforme el artículo 84 del código criminal de la federación rusa, que también tiene cláusulas sobre confiscación del avión intruso.

Gerasimov informó que Rust está siendo interrogado por funcionarios de la oficina del fiscal público soviético, pero agregó que aún no se sabe si el piloto será sometido a juicio.

El vocero señaló que no sabía en qué momento el líder soviético, Mijail Gorbachov, fue informado del incidente. Gorbachov se encontraba en Berlín oriental, participando de una reunión cumbre del Pacto de Varsovia, cuando se produjo el insólito aterrizaje del Cessna.

"Teniendo en cuenta los modernos medios de comunicación, no habría habido problemas en hacérselo saber", subrayó Gerasimov.

A pesar de la declarada política de "Glasnost" (Franqueza informativa) instaurada por Gorbachov, la prensa oficial no ha mencionado la hazaña de Rust, con excepción de un despacho de la agencia noticiosa TASS el viernes pasado, que consignaba que se había violado el espacio aéreo soviético, y de un comunicado del Politburó sobre la purga militar.

Al preguntársele por qué no se le informó al pueblo soviético exactamente dónde aterrizó Rust con su avión, Gerasimov señaló que la pregunta debería ser hecha a TASS.

Algunos moscovitas que se enteraron del incidente se mostraron pasmados por la proeza de Rust pero otros, que no tuvieron acceso a una información amplia, reaccionaron con risas incrédulas diciendo que se trataba de meros rumores.

Dificultad para Gorbachov

MOSCU 1° (Reuter). — El líder del Kremlin, Mijail Gorbachov, se encuentra ante una delicada decisión sobre el tratamiento que aplicará al piloto germano federal Mathias Rust, quien aterrizó la semana pasada con su avioneta en la Plaza Roja de Moscú, dejando mal parados a los militares soviéticos.

Los comentaristas estimaron que si Gorbachov optara por enviar a Rust, de 19 años, de regreso a su casa de Hamburgo sin castigarlo, podría parecer una muestra de debilidad ante sus conciudadanos, especialmente entre los sectores que se oponen a su gestión reformista.

Por el contrario, si sancionara con severidad al adolescente, esa actitud podría ser vista como excesivamente rigurosa en Occidente, donde Gorbachov trata de proyectar una imagen de dirigente dinámico dispuesto a dar un mayor humanismo a la sociedad soviética.

La aventurera aventura del joven germano provocó la caída del ministro de Defensa y del comandante en jefe de las Defensas Aéreas de la Unión Soviética, pero aún se ignora la suerte corrida por el personaje central del drama.

El vocero Ulrich Brandenburg dijo que la embajada no conocía el lugar de detención de Rust ni la actitud que adoptaría Moscú con el joven, pero el Ministerio de Relaciones Exteriores del Kremlin permitió que el piloto fuera visitado hoy por un diplomático germano.

"El asunto es aún objeto de investigaciones y nosotros no tenemos idea si los soviéticos lo van a acusar. Como ustedes saben, ésta es la primera vez que tenemos una situación semejante ante nosotros", dijo Brandenburg ante los periodistas.

El vuelo de Rust a través de 750 kilómetros de territorio soviético, superando la amplia cadena de emplazamientos con misiles antiaéreos, provocó una rápida y drástica respuesta de Gorbachov a sus jefes castrenses.

El ministro de Defensa, Sergei Sokolov, de 75 años, fue pasado a retiro sin ningún tipo de ceremonia, mientras que el comandante en jefe de la Defensa Aérea, Alexander Kordunov, de 63, quedó destituido, mientras el Politburó, el máximo organismo de gobierno, denunciaba el sábado que el comando defensivo no actuó con la celeridad del caso para forzar el aterrizaje de la avioneta incursora después de ser detectada sobre Estonia.

Además, Rust efectuó un círculo con su Cessna sobre Moscú, sobrevoló sobre el mausoleo de Lenin, el lugar más venerado del país, y terminó el aterrizaje junto al paredón del Kremlin, asiento del poder soviético.

La prensa soviética, aunque se adaptó al espíritu de la campaña de Gorbachov en favor de la "glasnost" (apertura) e informó sobre la violación del espacio aéreo soviético por parte de Rust, omitió mencionar que había aterrizado en la Plaza Roja. Por esa razón muchos moscovitas ignoran aún el hecho o ríen a carcajadas al enterarse de los rumores sobre el incidente.

La fulminante purga entre los jefes militares ordenada por Gorbachov persuadió a muchos comentaristas de Bonn que Moscú no va a ser extremadamente duro.

♦ Defensa aérea

Valentín Falín, un ex embajador ante Alemania Federal y actual director de la agencia noticiosa soviética "Novosti", confirmó esa impresión al declarar al diario Morgenpost, de Hamburgo: "De alguna forma debemos estarle agradecidos (a Rust) por llamarnos la atención sobre las fallas [en las defensas aéreas soviéticas]. Puede ocurrir que lo sometamos a juicio —esto sería normal—. Pero admito que el jovencito podría ver pronto a sus padres y amigos."

Otro especialista soviético en la problemática de las relaciones exteriores dijo ayer en Moscú que Rust hizo un gran favor a la defensa soviética al puntualizar cuáles son sus fallas e insinuó que su castigo no será excesivamente riguroso por haber hecho que el rubor apareciera en los rostros de los militares.

Pero otros analistas, en vista del tono de severidad utilizado en [illegible] Kremlin [illegible] el incidente, no [illegible] Rust pueda esc[illegible]

Clarín
SEGUNDA SECCION
Buenos Aires, domingo 31 de mayo de 1987

URSS: NO PUDO SER ENTREVISTADO EL PILOTO QUE BURLO EL SISTEMA DE RADARES

Relevan al ministro de Defensa y destituyen a otro mariscal

Archivo 1985



Mariscal Serguei Sokolov, ministro de Defensa de la URSS.

Fueron destituidos ayer el ministro de Defensa de la URSS, Serguei Sokolov, y el comandante de la Defensa Aérea, Alexander Koldunov: se les imputaron graves irregularidades y negligencias en relación con el espectacular vuelo —el último jueves— de una avioneta conducida por un joven piloto germano occidental que se posó en la Plaza Roja, ante el Kremlin, tras burlar aparentemente todo el sofisticado sistema de vigilancia. Moscú afirmó que el aparato había sido detectado. Perfil humano de Mathias Rust, cuya hazaña despertó serios interrogantes sobre el funcionamiento de radares y defensas soviéticas.

MOSCU y BONN, 30 (AP, AFP, R., DPA, EFE y ANSA). — El espectacular aterrizaje frente al Kremlin de una avioneta piloteada por un joven alemán occidental, el pasado jueves, provocó que hoy fueran dejados cesantes sorpresivamente en sus cargos el ministro de Defensa de la Unión Soviética, mariscal Sergei Sokolov, y el comandante en jefe de la Defensa Aérea, mariscal Alexander Koldunov.

Las remociones, no esperadas a tan alto nivel, ocurrieron luego de la violación del espacio aéreo de la URSS, ese día, por una avioneta deportiva Cessna 172 piloteada por Mathias Rust, de solo 19 años y con apenas 40 horas de experiencia de vuelo.

El aparato, tras recorrer un millar de kilómetros sin ser aparentemente detectado, burló los sofisticados sistemas defensivos soviéticos hasta aterrizar en el centro ideológico del país: la Plaza Roja, frente mismo del Kremlin en el que se encuentra sepultado el padre de la Revolución Rusa, Vladimir Ilich, "Lenin".

♦ **Sin contacto**

La cancillería germano-federal indicó hoy, en Bonn, que aún no fue posible establecer contacto de ningún tipo con Rust, que se hallaría detenido y a quien las autoridades soviéticas estaban interrogando ayer, según información oficial dada en Moscú. No obstante, el diario Bild, de Hamburgo —cuyas fuentes moscovitas son consideradas buenas— afirmó hoy que durante un primer interrogatorio policial al joven piloto, éste dijo que hizo el insólito raid sólo porque "deseaba hablar con soviéticos y hacerme de amigos en este país."

El ministro Sokolov, de 75 años, miembro suplente del Politburó y pasado ahora a retiro, fue reemplazado por el general del Ejército Dimitri Yazov, de 64 años, hasta hoy ministro adjunto a cargo del personal y con 46 años de servicios en las fuerzas armadas. Llamó la atención de los analistas occidentales el hecho de que la promoción de Yazov le significó pasar por encima de una larga lista de mariscales, en especial de los tres primeros viceministros de Defensa.

Sokolov, cuya caída se había pronosticado en varias oportunidades en los últimos meses, se encontraba en Berlín Oriental participando en una cumbre del Pacto de Varsovia, al ocurrir el hecho que le costó el puesto.

Según informó esta tarde la televisión en su principal programa informativo, Vremia, el buró político del Comité Central del Partido Comunista —máxima instancia partidaria— consideró en una reunión especial que Sokolov, a quien se invitó a "utilizar sus derechos a la jubilación", era culpable de "negligencias, desorganización y falta de vigilancia, así como importantes fallas en el comando de las fuerzas", en este caso.

♦ **Versión soviética**

Rust, miembro de un aeroclub de Hamburgo, había partido desde un aeropuerto privado con móviles y rutas aún no bien conocidos, conectando el Mar del Norte, Noruega y Finlandia hasta posarse en la estratégica plaza de Moscú, en la misma fecha en que se celebraba el Día del Guardia Fronterizo.

Por su parte, el comandante Koldunov, de 63 años y que desde 1978 cumplía también la función de viceministro de Defensa, según el mismo Politburó demostró "negligencia y una incertidumbre inadmisible por no haber puesto fin al vuelo del avión y no haber recurrido a algún medio de combate." Ello, conforme el comunicado de la agencia TASS, motivó su relevo dadas su "incuria y falta de organización en todo lo sucedido."

En ese despacho, dado recién esta noche, la agencia afirma que el avión "fue detectado por los radares de la defensa antiaérea en momentos en que se acercaba a la línea fronteriza" sobre el mar Báltico, procedente de Finlandia. La información oficial agrega que "varios aviones de caza dieron dos vueltas en torno del aparato alemán occidental", aunque con "ligereza e indecisión intolerables" no detuvieron su vuelo "sin recurrir a medidas de carácter militar".

♦ **A ras de los árboles**

Los expertos germanos se mostraron hoy convencidos de que fue el vuelo a muy baja altura, a ras de los árboles, impidió que el pequeño avión fuese notado por la vigilancia aérea soviética.

La cancillería de Alemania occidental recordó, en la fecha, que las autoridades soviéticas tienen tres días de plazo para informar a la embajada alemana en Moscú sobre la situación de Rust.

Esta historia, con visos de novela, ha apasionado a la población y la prensa de Alemania Federal: una encuesta del conocido Institute Wickert afirmó que dos tercios de los jóvenes consultados se sentían "jubilosos" por la hazaña de Rust, quien antes de ser llevado por los policías soviéticos alcanzó a firmar autógrafos entre decenas de moscovitas que lo observaban asombrados creyendo que asistían —según reveló un testigo— a "la filmación de una película".

Repletos de medallas

MOSCU, 30 (AP, ANSA y EFE). — Serguei Leonidovich Sokolov, pasado a retiro como ministro de Defensa de la URSS a causa del insólito vuelo del joven germanooccidental Mathias Rust, nació en 1911 en Eupatoria, Crimea, y había sido condecorado en 1980 con la Orden de Héroe de la Unión Soviética; hijo de empleados, había comenzado su carrera política en el Komsomol, la organización juvenil del Partido Comunista. Asimismo, es miembro suplente del politburó partidario, sin derecho a voto, y diputado al Soviet Supremo soviético.

Entre 1941 y 1945, en plena Segunda Guerra Mundial, Sokolov fue jefe de Estado Mayor de un regimiento y, llegó al puesto de comandante de Ejército en el frente finlandés. En 1967 fue ascendido a viceprimer ministro de Defensa, a mariscal en 1978 y a ministro en 1984.

Hoy, un novel piloto de 19 años precipita su caída, que los observadores pronosticaban hace algún tiempo, cuando dejó de presentarse en público; Sokolov nunca alcanzó el poder de su predecesor en el cargo, Dimitri Ustinov.

En cuanto a su sucesor, el general Dimitri Yazov, nacido en 1923, es miembro del Comité Central partidario desde marzo de 1981 y pertenece al Partido Comunista desde 1944. Graduado en 1956 en la Academia Militar de Frunze, durante la Segunda Guerra fue comandante de los frentes de Volkhov y Leningrado. Yazov no figuraba entre los candidatos "lógicos", por jerarquía, para la sucesión de Sokolov.

02

87045 9

EL INSOLITO ATERRIZAJE EN LA PLAZA ROJA DE MOSCU



Los padres de Mathias Rust, al intentar vanamente, desde Hamburgo, comunicarse telefónicamente con su hijo, detenido en Moscú.

Un piloto aficionado, sin ninguna filiación política conocida, ha logrado poner en discusión la efectividad del sistema de defensa antimisil más sofisticado del mundo. Aquí se cuenta la historia de Mathias Rust (19), que aterrizó esta semana con una avioneta en plena Plaza Roja y se examinan las consecuencias del hecho

Piloto aficionado sin pasado político

BONN, 30 (ANSA). —Un joven ambicioso, apasionado del vuelo, educado y calmo, responsable, y sin ideas políticas determinadas, es el retrato trazado por los padres y por los instructores de vuelo. El joven Mathias Rust, 19 años, el piloto que desafió todos los controles de radar soviéticos, aterrizando ayer en pleno centro de Moscú.

Mathias posee su licencia de piloto desde hace algunos meses y en total cumplió solo 40 horas de vuelo.

En el Aeroclub Hamburg Motorsport de Hamburgo, donde consiguió su licencia, Rust es descripto como un joven "ambicioso y apasionado del vuelo". Poco antes de obtener la licencia, Rust dejó su trabajo en el banco, donde realizaba un curso preparatorio. Una vez resuelto a ser piloto profesional —dijeron sus instructores del aeroclub— hizo todos los trabajos posibles para pagarse los largos vuelos con los aparatos del club y obtener la licencia superior.

Un alumno modelo más que un intrépido, es la impresión recibida por Werner Schultz, uno de sus ex instructores.

El padre de Mathias, un ingeniero, que describe a su hijo como "extremadamente calmo", manifestó profunda sorpresa al enterarse de su aterrizaje en la Plaza Roja de Moscú.

"Mathias es un buen piloto, sin ninguna tendencia a cometer actos irreflexivos que puedan explicar por qué aterrizó en Moscú. Nunca nos dijo nada de un proyecto de este tipo."

La madre de Mathias, Monika Rust, lo describió como un joven con un carácter "magnífico", muy calmo, cuya pasión por el vuelo lo lleva a gastar todo su sueldo en este costoso hobby. También ella descartó cualquier motivación política para el vuelo y aclaró que Mathias empezó a volar a los 17 años, "siempre fue loco por los aviones. Cuando era un niño pequeño nos pedía siempre que lo lleváramos a visitar la torre de control del aeropuerto cercano al lugar donde veraneábamos".

Según el padre, Mathias no posee ningún contacto en Rusia, ni tampoco habla el idioma. "Jamás había visitado a ese país antes de ahora", aclaró el señor Rust. "Es un piloto apasionado y más bien solitario", dijo finalmente, aclarando que su hijo tenía muy poco contacto con los otros miembros del Aeroclub de Hamburgo.

♦ Error imposible

Pero para los responsables de ese club, desde donde Mathias Rust partió para su viaje de tres semanas, se trató de un gesto voluntario. "Un error de esta magnitud", dijo un dirigente del club refiriédose a una eventual desorientación del piloto, "es imposible". De la misma opinión es el responsable para el socorro aéreo de Finlandia, Martti Lantela, quien afirmó que el piloto "tuvo que hacer un minucioso estudio de las cartas geográficas y aéreas y de los territorios que tenía que sobrevolar para escapar a los radares soviéticos, pasando al ras sobre los árboles y siguiendo de cerca el relieve del territorio".

Alrededor de una semana después de haber partido desde Hamburgo, Rust llamó por teléfono a su casa desde Helsinki para decir que todo iba bien y que se disponía a partir hacia Estocolmo, Suecia. Después, se desvaneció en la nada. Desde el aeropuerto de Helsinki, los técnicos informaron la desaparición del aparato del radar y manifestaron la preocupación de que hubiera podido perderse en el mar.

Monika Rust, entrevistada por teléfono por una agencia británica, dijo que el hijo había llamado todos los días para informar sus movimientos. La madre, con la voz quebrantada por la emoción y sin ocultar el alivio por la noticia de que su hijo no había sido víctima de un accidente, dijo que la última vez que llamó fue el martes, para anunciar que volaba hacia Estocolmo, de retorno a casa.

De todos modos, Mathias Rust formuló en la Unión Soviética declaraciones hoy recogidas por medios alemanes, en las que afirmó que deseaba hacer "amigos soviéticos", indicando de este modo que su objetivo era llegar a Moscú y dejando por lo tanto descartada la hipótesis de error (ver crónica aparte).

Mientras tanto, las autoridades de Helsinki confirmaron que un pequeño Cessna de turismo partió del aeropuerto de Malmo, con solo el piloto a bordo, pero no excluyeron que haya podido recoger otro pasajero a bordo, en uno de los numerosos aeropuertos sin torre de control que están esparcidos en el sur de Finlandia.

Sistema

DEFENSIVO PUESTO A PRUEBA

A primera vista, Mathias Rust es un joven aventurero que logró una extraña proeza: el aterrizaje de su avioneta en plena Plaza Roja de Moscú mostró un agujero escandaloso en el sistema de la defensa antimisil de la URSS, precipitando la destitución del ministro de Defensa, Sergei Sokolov, y del responsable de la defensa antiaérea, mariscal Alexandro Koldunov. Sin embargo, cualquiera sea su motivación auténtica —y se requiere un serio desorden mental para violar el espacio aéreo más protegido del mundo—, los saldos de su aventura quedan: el sistema no funcionó como se esperaba, y hay más de una consecuencia en la credibilidad de su capacidad de disuasión.

En primer lugar, la explicación oficial de TASS, de acuerdo con la cual la avioneta fue detectada y seguida por aeronaves soviéticas, es insolvente en dos sentidos: contradice la destitución de los dos mariscales —especialmente Koldunov, a quien se acusa de "negligencia y desorganización"— y no explicó por qué se dejó que el aparato haya aterrizado a pasos del mausoleo de Lenin, espectacularizando una insospechada "ventana de vulnerabilidad" soviética. Hay que tener en mente un dato: los misiles de crucero de la OTAN, del tipo que se está buscando eliminar en Ginebra, son más pequeños que la avioneta de Rust. Otro dato: hace cuatro años, la URSS derribó un jet surcoreano de pasajeros, que había entrado en su espacio aéreo. No hay dudas sobre la resolución soviética para defenderse, pero es dudoso si esa defensa puede operar con otra cosa que los misiles más grandes.

♦ Galaxias y euromisiles

La aventura de Rust subraya un nexo entre los principales objetivos de política externa de la URSS: demorar el proyecto norteamericano de "guerra de las galaxias" y eliminar del territorio de las dos Europas la totalidad de los misiles de alcance medio.

La "guerra de las galaxias" de Ronald Reagan promete dejar el territorio norteamericano invulnerable a un ataque misilístico soviético. La capacidad del eventual "escudo espacial" de detener un ataque masivo de toda la flota de 1.400 misiles intercontinentales soviéticos está en duda, pero el proyecto sirve de punta de lanza a un nuevo proceso de acumulación de capitales y reconversión industrial. Como la tecnología de defensa de la URSS tiene un atraso relativo con respecto a la de Washington, se explica que el Kremlin trate de estrechar la brecha presionando a Reagan por una moratoria de pruebas, y que este último rehúse congelar y perder su ventaja y aceptando la propuesta.

Sin embargo, este diagnóstico deja al margen el hecho de que, en caso de guerra nuclear, el territorio soviético es más difícil de defender que el norteamericano, porque la proximidad con Europa occidental le resta profundidad estratégica. Washington, en otras palabras, puede considerar el misil soviético intermedio SS-20 como un "arma de teatro", con un radio de amenaza circunscripto estrictamente a Europa, pero los correlatos norteamericanos Cruise y Pershing-2, con bases en Alemania Federal, Gran Bretaña, Italia, Bélgica y Holanda, constituyen para Moscú una amenaza directa.

Cuando Mijail Gorbachov propuso eliminar toda la categoría de misiles intermedios, el análisis de la OTAN se centró en dos motivos posibles: dejar a Europa occidental desguarnecida ante la superioridad soviética en fuerzas convencionales, y generar una dinámica

defensivo puesto a prueba

Agencia Reuter

política de negociaciones que finalmente obligue a Washington a concesiones en "Star Wars". Sin embargo, "Star Wars" mismo sugiere un tercer motivo.

Hay serias dudas sobre si el escudo podrá detener misiles que tardan 20 minutos en alcanzar su blanco. Acórtese la distancia a recorrer, redúzcase el tiempo de vuelo a 6 minutos, y la posibilidad de un escudo efectivo se aleja en la pura especulación futurista.

◆ **¿Un Cruise en la Plaza Roja?**

La avioneta de Rust funcionó como un misil de alcance medio. El saldo para la URSS es terrible, pero eso no significa que sea automáticamente positivo para Occidente.

Ante todo queda dañado el argumento del Pentágono de que la URSS disponga de un temible sistema antimisiles, con lo cual se busca que el Congreso apruebe apretar el acelerador de fondos para el proyecto de Star Wars. Aunque efectivamente la URSS dispone de un sistema antimisil en Moscú, que cumple los requisitos del Tratado ABM de 1972, los hechos de esta semana sugieren que un Cruise podría burlar esas defensas y alcanzar la capital. Star Wars, por ende, puede esperar.

Sin embargo, la evidencia de la vulnerabilidad soviética golpea también a Europa: un lugar es tan difícil de defender como el otro. Si el sistema de defensa antimisil de una superpotencia es incapaz de detectar y desviar la avioneta de un lunático que ha decidido ejecutar una bizarra humorada, las posibilidades de un escudo espacial europeo contra SS-20 soviéticos se vuelven utópicas. La participación de Europa occidental en el proyecto de Star Wars queda como una mera operación comercial, de dudosa recomendación política.

Alemania Federal, que alberga la mayor parte de los euromisiles, ha sido la principal objetora hacia el acuerdo cero-cero para eliminarlos. El motivo esgrimido es que el desmantelamiento de toda una categoría de armas restaría un escalón a la estrategia de "respuesta flexible" de la OTAN, por la cual un conflicto europeo progresaría en distintas etapas antes de convertirse en un intercambio estratégico. Sin ese escalón —tal es el temor— Washington vacilaría en arriesgar su destrucción ante una nueva crisis en, por ejemplo, Berlín.

Con todo, Star Wars ya introduce una cuña entre EE.UU. y Europa —no sirve para ambos de la misma manera— y crea una anomalía: una detente intereuropea que no necesariamente implica una detente global. El episodio de Rust pone un acento irónico en este nuevo dato.

Claudio Uriarte



El líder soviético, Mijail Gorbachov, brinda, el jueves, en Berlín Oriental, con Erich Honecker, su par de Alemania oriental, poco antes del aterrizaje en la Plaza Roja.



Mariscal Sergei Sokolov (izq.), relevado ayer como ministro de Defensa de la URSS, durante una reciente visita a Praga.

"Gorbachov denunció 'graves errores'"

Continúa purga por aterrizaje de Rust

Las autoridades soviéticas continúan la depuración en el ejercito de la URSS tras el aterrizaje, a un costado del Kremlin en la Plaza Roja, el pasado 28 de mayo, del piloto alemán Mathias Rust, a bordo de una avioneta.

LA MAÑANA 18/6/87

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El diario Krasnaya Zvezda (Estrella Roja), órgano oficial del Ministerio de Defensa de la URSS, publicó ayer una lista poco concreta de altos representantes de la cúpula del ejército soviético que fueron expulsados del Partido Comunista y apartados de sus cargos por su incompetente desempeño que hizo posible que un joven piloto germanoccidental aterrizara el mes pasado en una avioneta Cessna en plena Plaza Roja.

El informe sobre una sesión especial a la que asistió el jefe de la sección moscovita del partido, Boris Yeltsin, que es un aliado del líder soviético Mijail Gorbachov, denunció "graves errores" en el desempeño de los oficiales.

"Por todas partes la atmósfera de complacencia, fanfarronería, autosatisfacción y pretensión tiene raíces profundas", dijo Yeltsin en la reunión, y agregó que esa atmósfera "fue exhibida en pequeñas grandes cosas".

Entre los expulsados destacan: al Mariscal de aviación A. Kostantinov; A. Kuzin, jefe de la dirección política de la zona de Moscú; el Teniente General de aviación N. Markov; el Teniente General V. Brashnikov; el General Mayor de aviación V. Reznichenko; el Coronel V. Iakubenko y "varios otros".

UNA LARGA LISTA

La publicación no facilitó más nombres, pero señaló que a estos expulsados les sigue una larga lista.

Además, otros funcionarios del partido están siendo investigados y "ellos también tendrán que responder por su irresponsabilidad", informó el diario.

"Las faltas se acumularon durante años, se actuó a la forma antigua, sin intentar resolver los problemas y esperando el sueldo, nadie hizo caso a los nuevos decretos del partido sobre la necesidad de reforzar la disciplina", afirmó Yeltsin.

"Sería un error reducirlo todo a una irreflexión, negligencia e incapacidad de ciertas personas para comandar tropas. Las razones, por supuesto, son más profundas", agregó el dirigente comunista.

La primera reacción del Gobierno soviético al conocerse la noticia del aterrizaje de Rust en la Plaza Roja fue la inmediata destitución de Serguei Sokolov, Ministro de Defensa de la URSS, y de Alexander Koldunov, máximo responsable de defensa antiaérea.

Actualmente, el joven piloto alemán de 19 años se encuentra en la cárcel moscovita de Lefortovo, perteneciente al KGB, en donde recibió la visita de sus padres.

La Unión Soviética aún no se pronunció sobre el caso Rust, quien de momento está acusado de violar el espacio aéreo de la URSS.

Guennadi Guerasimov, portavoz oficial del Kremlin, aseguró la semana pasada que prosigue la investigación sobre Rust para determinar con exactitud los hechos y poder aplicarle al joven una sentencia de acuerdo con su grado de culpabilidad.

URSS

05.05

8704609

H.E.B. 026

DN

Ajustan porcentajes de captura y especies

Acuerdo con la URSS: Aeroflot operará en Carrasco y los pesqueros en el puerto

Los negociadores de Uruguay y la Unión Soviética llegaron a un acuerdo político para que la empresa aérea soviética "Aeroflot" opere con determinada regularidad en el Aeropuerto de Carrasco y alcanzaron entendimientos concretos para el uso de los servicios portuarios de Montevideo, por parte de la flota pesquera de alta mar de la URSS. Mientras tanto, al cierre de esta edición se mantenían aún negociaciones para cerrar un convenio que permitiría, a parte de dicha flota, capturar especies en aguas territoriales uruguayas.

Luego de las coincidencias de grandes líneas, los técnicos que forman parte de las respectivas delegaciones, comenzarán la tarea del ajuste técnico de los términos y se anuncia que en las próximas semanas arribará a Montevideo una misión de técnicos aeronáuticos, para ajustar la operación de las aeronaves soviéticas en Carrasco.

Entre otros aspectos considerados en las negociaciones, se incluyen la actualización de gestiones ante el gobierno argentino, para que puedan superarse los obstáculos interpuestos por normas administrativas, que impiden que pueda operar en el transbordo de granos, el equipo de bandera nacional "Doña Flor", que lleva más de un año paralizado. La URSS es el principal importador de granos argentinos y la sustitución de la "Zona Alfa", donde actualmente se opera, por el puerto de Montevideo, le reportaría ahorros de costos millonarios en dólares.

Las negociaciones se iniciaron el pasado lunes 6, con la presencia en Montevideo de una numerosa delegación soviética, presidida por el primer viceministro de la industria pesquera de la URSS, N.P. Kudriavtsev. Los negociadores soviéticos retomaron las tratativas iniciadas el pasado 20 de enero por el vicecanciller soviético, Viktor Kompletov, que mantuvo varias entrevistas con el canciller Enrique Iglesias.

Uno de los propósitos que guían las tratativas, es revitalizar el intercambio bilateral que globalmente se ha reducido considerablemente. En efecto, de un total de 84,55 millones de dólares que registró en 1985, en el curso de 1986, computados hasta el mes de octubre, se habían comercializado entre ambos países poco más de veinte millones de dólares (ver cuadro 1).

■ **Servicios portuarios**

Los delegados soviéticos y autoridades de ANP recorrieron el pasado martes las instalaciones portuarias de la capital, antes de cerrar el acuerdo respectivo. El mismo prevé franquicias para el uso de servicios por parte de los buques que operen tanto en aguas territoriales como aquellos que lo hacen en alta mar, en el Atlántico Sur.

Como se recordará, a mediados de 1986, Argentina y la URSS suscribieron en Moscú, un acuerdo de pesca que reserva para Argentina hasta el 20 por ciento de las reparaciones de las naves de pesca de bandera soviética. El restante porcentaje de reparaciones queda librado a la oferta internacional y se considera que en tales condiciones tienen una posición privilegiada los astilleros uruguayos.

El acuerdo será signado —de superarse las diferencias que persistían sobre el sector pesca— en la jornada del día de hoy. Posteriormente será suscrito en forma definitiva, en el mes de junio, en oportunidad del viaje del presidente Julio María Sanguinetti a Moscú. Tendrá una duración de cinco años, renovables por lapsos similares.

■ **La pesca en el Plata**

El acuerdo en materia de pesca lleva el "reconocimiento" explícito a los derechos soberanos "en los límites de la zona económica de 200 millas" y propicia la colaboración técnica y científica en la esfera de la industria pesquera.

Uruguay admite que los buques de la URSS (fuentes oficiales prevén que serán entre quince y veinte) realicen capturas en dichas aguas, en un volumen que podría alcanzar como máximo al remanente no utilizado de especies, de los cupos establecidos en los acuerdos regionales que tiene suscritos Uruguay.

Al efecto se establecen mecanismos para determinar el remanente que se autorizará a los buques soviéticos, en cada especie y en volumen total. Los barcos recibirán licencias detalladas de las autorizaciones.

Se dispone en el acuerdo que los funcionarios designados por las autoridades uruguayas tendrán acceso a las unidades soviéticas para verificar el cumplimiento de los permisos.

Se sientan asimismo las bases para una posible integración de empresas binacionales y el aporte de ambas partes a la investigación y desarrollo de la actividad.

Finalmente para concretar el acuerdo se crea una "Comisión Mixta" que tendrá la misión de coordinar las actividades en el sector pesca.

Cuadro 1
INTERCAMBIO BILATERAL DE URUGUAY CON LA URSS
(En millones de dólares)

Año	Exportaciones	Importaciones	Saldo
1960	1,512	-	+ 1,512
1961	0,920	-	+ 0,920
1962	12,808	0,286	+12,522
1963	3,722	0,202	+ 3,520
1964	0,167	0,568	− 0,401
1965	4,418	0,292	+ 4,126
1966	6,492	0,744	+ 5,748
1967	4,007	0,545	+ 3,462
1968	1,474	0,329	+ 1,145
1969	1,572	0,837	+ 0,735
1970	0,393	1,191	− 0,798
1971	1,602	1,719	− 0,117
1972	3,646	1,196	+ 2,450
1973	12,060	1,001	+11,059
1974 (1)	28,723	1,051	+27,672
1975 (1)	13,628	1,565	+12,063
1976 (1)	5,386	2,656	+ 2,730
1977	14,482	1,587	+12,895
1978	21,160	1,593	+19,567
1979	12,072	2,902	+ 9,170
1980	48,274	3,327	+44,947
1981	66,875	3,153	+63,222
1982	78,633	1,693	+76,940
1983	61,888	2,999	+58,889
1984	45,696	28,642	+17,054
1985	42,692	41,856	+ 0,834
1986 (2)	19,700	1,000	+18,700

(1): Las cifras no incluyen la inversión en la URSS efectuada por la Comisión Técnica Mixta de Salto Grande, computadas en cuentas especiales de los respectivos Bancos Centrales de Argentina y Uruguay.
(2): A octubre.

URSS

076

H.E.B.

Marina soviética LA PRENSA 7/8/87 PERLA

Preocupación de los almirantes rojos

Por Laszlo Hory

Munich — La mayor Marina de Guerra del mundo, a saber, la de la Unión Soviética, fue creada de la nada, como por arte de magia, después de la Segunda Guerra Mundial. Está dirigida por cuatro comandos navales, en cada uno de los cuales hay un comandante en jefe, un primer diputado, un jefe del Estado Mayor General y un oficial político que tiene rango de almirante.

Los actuales oficiales políticos son: en la Flota del Báltico, comandante en jefe vicealmirante Vitali Pavlovich Ivanov; en la Flota del Mar Negro, comandante en jefe almirante Mikhail Nikolaievich Kronopulo; en la Flota Septentrional, comandante en jefe almirante Iván Natveievich Kapitanets; y en la Flota del Pacífico, comandante en jefe almirante Vladimir Vasillievich Siderov.

Desde la Revolución de Octubre, los ideólogos del partido han alimentado la ilusión de que el mar, la Marina de Guerra y sus oficiales forman una inseperable unidad. Los oficiales han recibido los mejores uniformes e innumerables privilegios desconocidos en otras ramas del servicio. Esto ha tenido una enorme influencia en la juventud soviética, por lo menos hasta recientemente.

Los líderes del partido y los voceros del gobierno han escondido al público lo que está sucediendo realmente en la Marina Soviética. Sólo recientemente, los diarios militares comenzaron a revelar que cada vez son más los oficiales navales que simplemene están demasiado deseosos de dejar el mar y regresar a más confortables trabajos en tierra. Los diarios indican que cada vez es más difícil encontrar jóvenes oficiales que quieran una carrera en un puente flotante y una vida en aguas tormentosas.

De acuerdo con uno de estos informes, un grupo de jóvenes oficiales soviéticos de una unidad del Mediterráneo, recientemente se pasó el día en un exótico bar en donde discutieron abiertamente las ventajas y desventajas de la vida en el mar. Muchos convinieron en que las últimas superaban con creces a las primeras y declararon que si les dieran a escoger de nuevo, nunca optarían por servir en un barco.

Quejas

Las autoridades navales, preocupadas por problemas morales que reflejan las mismas opiniones, realizaron una serie de encuestas que ahora revelan que la mayoría de los jóvenes oficiales navales prefieren tomar trabajos en tierra después de sus obligatorios 5 años en el mar. Se quejaron en extremo de los viajes a bordo de gigantes de acero flotantes y de abarrotados, sofocantes submarinos, expresando que no había ventaja que compensara las agotadoras tareas en alta mar, capaces de destruir el sistema nervioso. El más alto oficial político del crucero del Mar Negro, "Zhdanov", tercer capitán Gershkov, admitió francamente que ni siquiera los oficiales jóvenes de más talento en su unidad aspiraban a un mando en el mar.

Los familiares de los oficiales navales se quejan también de que no cuentan con un alojamiento adecuado y de que sus hijos no reciben una educación adecuada. Los oficiales jóvenes critican también el sistema de promoción. El mayor rigor en la disciplina y la imposición de medidas más rigurosas no ha cambiado en nada esto.

La crisis moral ha sido tratada muy a la ligera por la jerarquía soviética. Pero los oficiales jóvenes no carecen de madurez. Simplemente han abandonado la romántica visión en el océano circundante, y no temen decirlo así, a pesar de la policía secreta en su medio y de la omnipresente propaganda del partido en sentido contrario.

Fichaje

URSS

La Unión Soviética vista y oída (IV y final)

El anhelo juvenil de retornar a las fuentes

Por Delfín Leocadio Garasa

(Especial para LA NACION)

MOSCU. - Nunca sabré cómo se las ingenió Sergei, aquel rusito espigado, de mirada viva y pelo largo, para infiltrarse entre unos californianos de San Francisco (casi seguro de las calles Polk o Castro), residentes en aquel lujoso hotel de Moscú. Como es sabido, severa vigilancia impide que los soviéticos se mancillen con el contacto de esas multitudes turísticas abigarradas y equívocas, asediadas por los maleteros que ofrecen cambio de rublos por dólares o marcos a triple precio que en el cambio oficial.

El caso es que Sergei hizo su negocio con los americanos y se retiró a la mañana siguiente con un paquete de vaqueros, dejando a cambio una cantidad de gorros de astracán. Se llevó también, de paso, una colección de cassettes de Aretha Franklin, Otis Redding y hasta el archiconocido *Jesucristo Superstar*. No bien traspuso cautelosamente la explanada del hotel, su andar se volvió más seguro, como sintiéndose ufano de la trasgresión cometida.

Andando los días supe que tales trasgresiones juveniles no eran tan insólitas y se ejercían en los más inesperados ámbitos. Además, su margen tolerable se modificaba a veces con desconcertante arbitrariedad.

Recordé el entusiasmo por Los Beatles con su estratégica *Back to the URSS*, escuchada ahora por doquier, y la cancelación de la gira de *Fifth Dimension* de USA, quizá por su éxito en Polonia y Checoslovaquia. Pese a concesiones en reciprocidad, las autoridades soviéticas se mostraban recelosas (ahora se advierte algún cambio) hacia cualquier influencia que pudiera agrietar la tersura ortodoxa. Todavía alguien recordaba la indagación policial por una supuesta ejecución orquestal en un café de un tema del filme *Doctor Zivago*. Ahora, en las discotecas a las que me asomé parecía dominar un repertorio más ecléctico. Sin duda, este gusto por la música o las prendas de vestir occidentales en la juventud tiene una intencionalidad y un alcance peculiares.

Por lo pronto, no revisten el carácter protestatario inicial de rupturas con el *establishment*. He visto en Moscú hasta *hippies* aislados, mirados con la misma indiferencia y perplejidad que a los *punk* que suelen ir de Helsinki a Leningrado los fines de semana. Si alguno porta un aro en el lóbulo (o en la nariz, como vi en una inglesa) es mirado como rara avis.

Aunque la legislación al respecto es draconiana, me confió un estudiante de periodismo que la droga ha irrumpido en algunos sectores juveniles, sin llegar a ser un problema de magnitud. Hasta el LSD ha sido descubierto en Moscú, pero el mayor riesgo parece ser el *hashish* por el lado de Uzbekya y Turkmenia. Sin embargo, en general, salvo los estragos del vodka, que suele provocar grescas y otros excesos, la juventud soviética me pareció bastante sobria en sus expansiones.

De ahí, por ejemplo, que no sean frecuentes los arrumacos de los enamorados en plazas y parques públicos, aunque el beso, incluso entre hombres, sea en Rusia distintivo de afectuosa cortesía.

Tampoco es habitual abordar desenfadadamente temas sexuales en público ni en reuniones privadas. Tuve que recurrir a circunloquios para arrancarle a un estudiante de lingüística algunas precisiones sobre la prostitución, pues había entrevisto en el hotel sospechosos movimientos. Por fin, me confesó nerviosamente: "La prostitución no existe como profesión. Esas son cosas de turistas". Se negó, eso sí, a admitir la existencia del homosexualismo, aunque había oído que en Occidente hasta se hacían manifestaciones públicas. Pero, ¿qué podía esperarse de la corrupción capitalista?

En Rusia reina un puritanismo casi victoriano. Rarísimo es ver en el cine o en el teatro un cuerpo desnudo, y se cuenta que Kosigin se retiró de un teatro porque en escena la pareja de enamorados se salía del decoro. Siempre la literatura rusa mantuvo cierto recato -recordé los nombres de Tolstoi, de Pushkin, de Dostoievsky-.

Pasada la fiebre del "amor libre", el *realismo socialista* no olvidó la admonición de Lenin: "La vida sexual disoluta es un estigma burgués". Todo eso no es óbice para que en los albergues estudiantiles reine cierta fogosa promiscuidad. En cambio, en los hoteles la reglamentación es muy estricta, tanto en la conserjería como en los pisos. Tanta dificultad, y el hecho de que los jóvenes sigan viviendo frecuentemente con sus familias, hace que los matrimonios sean tempranos y numerosos.

El trámite oficial es escuetamente formal, no sin su toque delicado, pero los amigos de la pareja lo celebran con estridentes jolgorios, en los que nunca faltan chistes intencionados entre Tchaikovsky y un rock alusivo.

También en la URSS se han producido en las últimas décadas las conflictivas escisiones generacionales, que ya Turgenev planteó en el pasado. Los jóvenes reprochan a los mayores su apego a fórmulas caducas y a una retórica política que empieza a vaciarse. Los padres lamentan el esnobismo de los jóvenes, su apatía ante las consignas venerables. Un estudiantes me confesó (pero no tardó en retractarse) que estaba harto de citas de Lenin y de films y series de la guerra. Si en Occidente las familias se lamentan de la excesiva politización de sus vá[stagos], en la URSS sucede lo contrario.

Claro que tales antagonismos juv[e]niles no llegan hasta ahora muy lej[os], especialmente en medios universitari[os], donde observé gran docilidad y contra[c]ción al estudio. El estudiante es con[s]ciente de su privilegio, obtenido c[on] gran esfuerzo entre muchos postulant[es]. Sabe que una reprobación puede ma[lo]grar su destino laboral, previsto en [los] cupos de admisión, y frustrar su sue[ño] de llegar a ser un ingeniero ilustre, [un] avezado técnico agrícola o un experto [en] arte. Además poseen todos una sóli[da] formación ideológica, y si alguna re[be]lión surge en sus mentes no es indicio [de] solidaridad con esa otra juventud leja[na] que les brinda jeans ajustados y mús[ica] excitante, sino por no ver siempre en [el] ejercicio del poder en su propio país [la] rectitud prometida en los postulados [re]volucionarios ideales de sus años de p[io]neros del mañana. En muy pocos [he] visto escepticismo o desesperanza [de] que la luz de su verdad no se expanda [por] el universo. Como en algunas sectas re[li]giosas, la rebelión consiste en un anh[elo] de retorno a la pureza de las fuentes.

B704634

Noticias sobre disidentes en Ucrania

Por Jeremías M. Taurydzkyj

Sacerdotes y obispos de la prohibida Iglesia Católica ucrania, en el pasado verano, en reiteradas oportunidades celebraron misa al aire libre entre el imponente paisaje de la Galitzia y en los montes Cárpatos ucranios, a las cuales asistieron un promedio de 300 personas por celebración, las cuales en su gran mayoría se confesaron y comulgaron.

Dos sacerdotes ucranios —cuyos nombres por razones obvias no daré a conocer— de la región de Ivano Frankivsk, en el trascurso de 1986 fueron obligados a cambiar de trabajo en cinco oportunidades. Trabajaban como foguistas, y cada vez que eran despedidos contaban con un plazo máximo de 14 días para emplearse nuevamente, dado que pasado ese breve lapso pesaba sobre ellos la posibilidad de una acusación por vagancia. (!) Sus obligaciones sacerdotales las cumplen, generalmente, por las noches.

Con el fin de perturbar y en lo posible impedir que los sacerdotes de la Iglesia Católica ucrania (la iglesia del "silencio") cumplan con su ministerio sacerdotal, las autoridades, cada vez con más asiduidad, confiscan los elementos sagrados del culto (cálices, crucifijos, etcétera...). A mediados de septiembre del pasado año la policía de Ivano Frankivsk clausuró la vivienda de un sacerdote (no doy su nombre), para luego decomisar (léase "confiscar") sus elementos sagrados. Con ello obligan a los sacerdotes ucranios a conseguir nuevos elementos con las consabidas dificultades para proveerse de los mismos.

Una antigua iglesia de los padres basilianos (de la Orden de San Basilio Magno), que fuera construida en el siglo XVIII en Krystinopol, fue trasformada por las autoridades soviéticas en un museo del ateísmo. En el medio del altar fue colocada la estatua de un individuo, quien, en sus manos, sostiene un libro en el que reza la siguiente frase: "Alabanza al hombre y no a [illegible]os" (el artículo 52 de la Constitución de la Unión Soviética dice: "A los ciudadanos de la Unión Soviética se les garantiza la libertad..., a practicar el culto religioso o a hacer propaganda ateísta...").

La prisionera política Oksana Popovych, quien luego de haber cumplido una pena de prisión de 8 años y que actualmente está terminando su quinto año de destierro en el distrito de Tomsk (Siberia), tiene dificultades con sus "carceleros", léase la KGB. Es así, que a pesar que Oksana Popovych por causa de su primera condena a 10 años de prisión de régimen severo, entre los años 1944-1954 es una inválida y camina con muletas, es igualmente obligada a realizar tareas físicas. Asimismo las encomiendas que Oksana Popovych recibía de sus amigos de Alemania y Austria ya no le son entregadas (probablemente las autoridades carcelarias las devuelven al remitente) (!). En los últimos años, sólo una vez —en el verano de 1985— le fue permitido ir a su domicilio para visitar a su enferma y anciana madre de 93 años de edad, aunque la ley tiene previsto un permiso anual a esos fines para los que purgan penas de destierro como accesorias de una condena.

El prisionero político Mykola Kraynyk, maestro de historia de la región de Ivano Frankivsk, condenado en 1979 por distribuir material del "samizdat" (samvydav) a la pena de 7 años de prisión de régimen severo con más la accesoria de posterior destierro, salió de la prisión en septiembre de 1986. Su destierro lo cumplirá en Kolyma distrito de Magadan, alejada región cercana al mar de Okhotsk. Los montes de Kolyma, situados en una de las regiones más inhóspitas de la Unión Soviética, son ricos en minerales, por ello existen varias minas en explotación, las cuales adquirieron fama en la década del 30. En ellas murieron decenas de miles de víctimas del terror stalinista. Desde hace unos años, a Kolyma son enviados a cumplir penas de destierro, prisioneros políticos considerados particularmente incorregibles (vale decir "no reeducables"), los cuales, habiendo padecido penurias en los campamentos de prisioneros y cárceles soviéticas, desgastados físicamente por las condiciones de labor extremadamente rigurosas, trabajan en las minas en una zona en la que la temperatura desciende a 50° bajo cero en época invernal.

El estado de salud del prisionero político ucranio Myjaylo Horyñ, quien fuera condenado como reincidente, en 1982, a la pena máxima de 10 años de prisión de régimen especial con más 5 de posterior destierro, y quien se encuentra actualmente en el campamento "de la muerte" de Kuchino 36-1, se agravó sobremanera. Horyñ sufrió ya dos infartos, y hasta la fecha fueron vanos los intentos de su esposa Olga para lograr que su marido fuera derivado al hospital para prisioneros políticos de Leningrado. La situación de Horyñ llegó a conocimiento de Amnesty International, la cual informó a sus miembros del estado de salud del mismo y además exigió al gobierno de la Unión Soviética que a Horyñ le fuera suministrada debida atención médica y, oportunamente, fuera dejado en libertad.

En el mismo orden de cosas, aunque referente al tema del pequeño grupo de residentes ucranios y de otras nacionalidades que fueron liberados en el curso del presente año, a la mayoría se les impuso como condición para obtener la libertad, la firma de un petitorio solicitando "el perdón". Entre los pocos nombres de esos "liberados" que hasta la fecha conocemos, sabemos que quienes se negaron a suscribir tal petitorio fueron nuevamente derivados a sus primitivos centros de detención. Entre los prisioneros políticos que se encuentran en tal situación tenemos al ucranio Hryhorij Kutzenko. Este era sargento en el Ejército soviético; fue juzgado por un tribunal, en 1985 (aunque fue detenido un año antes) acusado de distribuir material clandestino (publicaciones en "samizdat") y asimismo, de haber mantenido conversaciones públicas haciendo referencia a que Ucrania puede independizarse y salir del contexto de la Unión Soviética, vale decir, ejercer el derecho de secesión que, conforme con la Constitución soviética tiene tal jerarquía. Por los aludidos "delitos", Kutzenko fue condenado a la pena de 4 años en campamentos de régimen severo. Kutzenko fue liberado por "gracia" del líder Gorbachev en el contexto de su engañosa política de liberalización; sin embargo, por negarse a suscribir el acta de "perdón" fue nuevamente derivado a su primitivo lugar de detención.

Cabe acotar que de los aproximadamente 50 prisioneros políticos liberados, sólo unos pocos obtuvieron permiso para emigrar a Occidente, no obstante que la mayoría hizo el pedido en tal sentido.

El caso de Josep Terela, el activista católico ucranio, es particularmente dramático, ya que Terela, quien se encuentra enfermo y precisa de un tratamiento en Occidente, con fecha 22 de febrero del corriente año inició una huelga de hambre, exigiendo el permiso para viajar fuera de la Unión Soviética.

Por último, interesante resulta ser la situación planteada con el ex prisionero Arkadij Stepanchuk, quien el 27 de febrero del corriente año comenzó también una huelga de hambre en demanda de obtener el permiso para emigrar de la Unión Soviética con su mujer y tres hijos. Stepanchuk, quien era bombero de la región ucrania de Donetz, expresó su protesta en la plaza Roja, de Moscú, en la que exhibió una pancarta reclamando sus derechos en ese sentido. Fue detenido por la policía y llevado a un hospital (no se sabe si a un hospital común o uno para enfermos mentales). Cabe destacar que Stepanchuk, ya en 1980 pasó 45 días en un hospital psiquiátrico, a pesar de que es sano, lugar al que fue derivado luego de haber intentado pedir asilo en el consulado británico de Moscú. En 1961 Stpanchuk había estado en un hospital psiquiátrico por haber intentado ingresar al consulado francés, con esas mismas intenciones (viajar a Occidente).

UN NOVEL PILOTO ALEMAN DE 19 AÑOS VOLO DE HELSINKI A LA PLAZA ROJA ELUDIENDO RADARES

Interrogan por violar el espacio aéreo al piloto que aterrizó ante el Kremlin

Se hallaría detenido, en la URSS, el piloto germano-occidental de sólo 19 años que el pasado jueves desairó al sofisticadísimo sistema soviético de defensa y alarma aérea, al aterrizar sorpresivamente enfrente del Kremlin tras haber volado en forma clandestina y sin escalas desde Finlandia: Mathias Rust, con apenas 40 horas de vuelo, había partido el 13 de mayo de un aeropuerto privado en las afueras de Hamburgo, a bordo de un pequeño Cessna monomotor. También iba una mujer a bordo, según testigos. Asombro de observadores y expertos extranjeros.

MOSCU y BONN, 29 (UPI, AP, R., DPA, AFP y ANSA).— Funcionarios militares y de seguridad soviéticos interrogaban hoy al joven piloto alemán-occidental Mathias Rust, que ayer evadió espectacularmente con su pequeña avioneta el sistema de detección aérea de la Unión Soviética, para concluir aterrizando sin autorización en la tarde de la víspera en plena Plaza Roja, frente al Kremlin.

Irónicamente, el hecho ocurrió el mismo día en que la nación soviética celebraba el Día de los Guardias Fronterizos. El cielo estaba iluminado por los fuegos artificiales de los festejos para esta jornada de asueto.

La fecha que se evocaba no impidió que el pequeño Cessna —tras burlar de modo no aclarado un sistema defensivo a base de radares antimisiles, tenido por el más imponente del planeta— se asentara en el corazón mismo del gobierno de la URSS: el terraplén de adoquines entre la catedral de San Basilio y el río Moscú, frente a la muralla sur del Kremlin.

Cabe recordar que el propio líder máximo de la revolución soviética, Nicolás Lenin, yace sepultado en un mausoleo que preside la plaza.

El aterrizaje se produjo a las siete de la tarde, hora soviética, y en medio de unas 300 personas. Después de sobrevolar tres veces el lugar, en una ciudad rara vez sobrevolada por aparato alguno, ni siquiera soviético, el monomotor blanco de Rust de ocho metros de longitud tocó tierra. Su piloto descendió, y alcanzó a saludar sonriente e inclusive firmó diversos autógrafos.

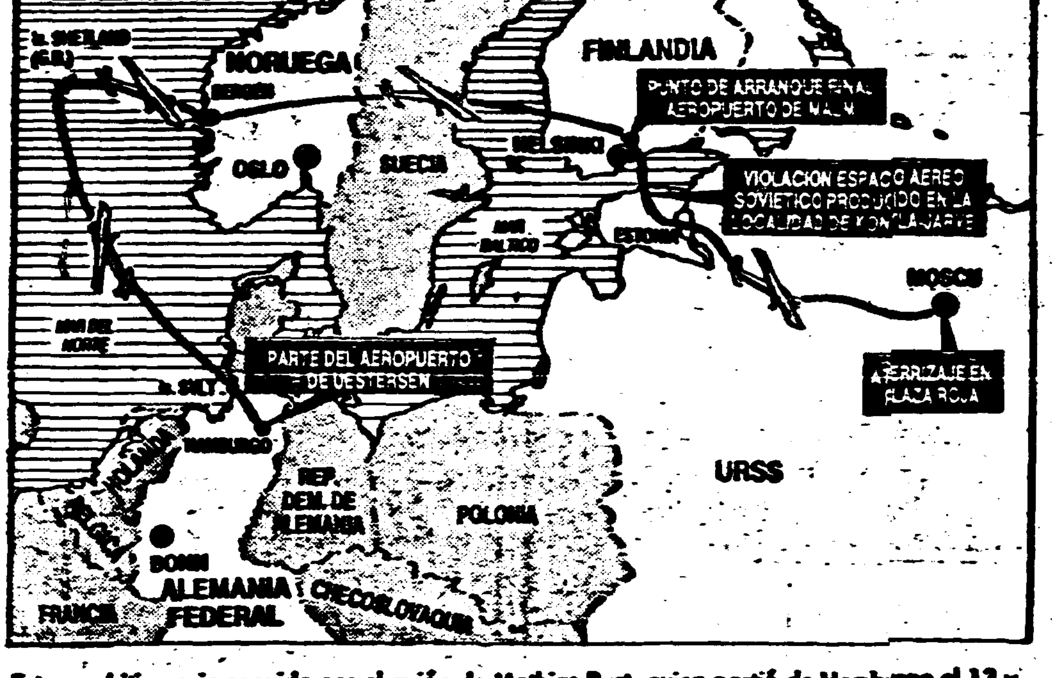
Así lo afirmaron varios testigos presenciales, quienes confesaron haber creído en un principio que estaban ante la filmación de una película. Algunos de ellos añadieron que la máquina llevaba también a bordo a una mujer joven, lo que no pudo ser confirmado. Ambos habrían sido llevados enseguida por la policía a un sitio indeterminado.

Las mismas fuentes indicaron que la bandera alemana dibujada al costado del avión, cuya autonomía de vuelo era de seis horas, fue tapada con una gran mancha de pintura.

Agencia AFP



La avioneta deportiva del joven piloto alemán, Mathias Rust, aparece tras su aterrizaje en la Plaza Roja de Moscú.



Este es el itinerario seguido por el avión de Mathias Rust, quien partió de Hamburgo el 13 y aterrizó en Moscú el 28; la última etapa se inició en Helsinki, capital finlandesa y concluyó en la Plaza Roja. El ingreso al espacio aéreo soviético se produjo en Estonia.

♦ Itinerario "increíble"

El avión (al que Rust, según se informó en Hamburgo, había quitado tres de sus cuatro asientos, para alojar allí tanques de combustible) permaneció en la plaza hasta las tres o cuatro de esta madrugada, momento en que un camión escoltado por seis automóviles policiales provistos de girofaros, lo trasladó al aeropuerto de Moscú-Cheremetievo.

Rust, que trabaja como operador en computadoras, según sus padres e instructores de vuelo es "ambicioso, educado y responsable, apasionado por volar y sin ideas políticas determinadas". Posee su licencia de pilotaje desde hace pocos meses y en total cumplió sólo 40 horas de vuelo.

Estas circunstancias tornan aún más increíble —según lo definieron todos los observadores— su itinerario de aproximadamente 1.000 kilómetros iniciado el 13 de mayo último en el aeropuerto privado de Uetersen, próximo a Hamburgo, y que lo condujo luego a la isla germano-occidental Sylt, en el mar del Norte.

Desde allí continuó volando hacia las islas británicas Shetland, para seguir a Islandia y a la localidad noruega de Bergen, hasta llegar a Helsinki, Finlandia.

Ya en el aeropuerto de Malm, próximo a esta última ciudad, Rust reanudó vuelo, pretendidamente con destino a Estocolmo: al no llegar a la capital sueca, las autoridades finesas creyeron que la avioneta se había estrellado en el mar: ello motivó un afanoso operativo de búsqueda a cargo de barcos, helicópteros y [illegible] hombres rana, que sólo se interrumpió al difundirse la noticia del asombroso aterrizaje en la Plaza Roja.

La agencia oficial soviética TASS —haciéndose eco por primera vez esta noche de la hazaña lograda por Rust, de apenas 19 años— dijo más de 24 horas después de ocurrido el insólito episodio, que la avioneta Cessna 172 cuadriplaza piloteada por aquél violó el espacio aéreo de la URSS cerca de la ciudad estonia de Kohtla Jarve, a unos 200 kilómetros de Leningrado, en el Golfo de Finlandia.

"El vuelo sobre territorio soviético no fue interrumpido, y el avión aterrizó en Moscú", agregó la agencia, señalando que "el hecho es investigado por los órganos competentes."

♦ "No fue un error"

"Las implicaciones de esto, en relación con las defensas aéreas soviéticas y su impacto sobre el debate sobre cómo puede comenzar una guerra mundial por un error, son asombrosas", observó en la capital soviética un analista occidental.

El vocero de la cancillería, Gennadi Gerasimov, indicó por su parte que uno de sus colegas presenció el aterrizaje; consultado si Rust había sido arrestado, el portavoz dijo: "Sólo puedo hacer especulaciones; si usted cruza la frontera soviética sin permiso, es natural pensar que será detenido, pero es sólo mi conjetura."

Con respecto a cómo pudo el joven piloto eludir los sofisticados sistemas de alarma, Gerasimov respondió: "Puede ser que haya sido detectado, y simplemente no fue derribado."

La capital soviética está protegida por un cinturón de misiles de defensa: las poderosas estaciones de radar militares y civiles que rodean a Moscú están en condiciones, se ha señalado, de detectar todo aparato que vuele a ras de tierra, en un perímetro de 30 kilómetros.

Por esto, según afirmaron en Bruselas medios allegados a la Organización del Tratado del Atlántico Norte (OTAN), este sorprendente episodio parece demostrar que ningún avión-radar de vigilancia aérea operaba, en ese momento, cerca de Moscú.

Una ciudadana extranjera que se encontraba en la plaza, la británica Juliet Butler, señaló que al principio los policías uniformados que se acercaban al Cessna se encontraban tranquilos. "Cuando me dispuse a tomarles una foto, simplemente sonrieron. Evidentemente, no habían recibido todavía instrucción alguna", señaló la mujer de 27 años, hija de un granjero de Devon.

Según los directivos del aeroclub hamburgués al que pertenece Rust, este fue a Moscú porque quiso: "Un error de este tipo no es posible", afirmó un responsable de la entidad, Hans-Juergen Gerke.

Esta opinión fue compartida por el responsable del Socorro Aéreo de Finlandia, Martti Laiella, quien afirmó que por el contrario el piloto debe haber efectuado "un estudio minucioso de las cartas aéreas y de los territorios que iba a sobrevolar, para escapar a los radares soviéticos volando a ras de los árboles y siguiendo muy de cerca el relieve."

"Estamos intentando comunicarnos con Rust a través del Ministerio del Exterior", señaló un informante de la embajada alemana en la capital soviética, quien pidió no ser identificado.

024
H.E.B.

PERU

Aceptó sobornos por 301.000 dólares

Ex Viceministro es condenado en URSS

Un exviceministro soviético y su esposa fueron condenados ayer a prisión y sus bienes confiscados, quienes aprovechando la alta posición que ocupaban aceptaron sobornos de firmas extranjeras.

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- Vladimir Sushkov, ex viceministro de Comercio Exterior de la URSS, fue condenado ayer por el Tribunal Supremo soviético a trece años de prisión con confiscación de todas sus propiedades, anunció la agencia soviética TASS.

Además, su esposa, Valentina Sushkova, que desempeñaba un alto cargo en el Comité Estatal de Ciencia y Tecnología de la URSS, fue también sentenciada a once años de prisión y a la confiscación de sus bienes.

Según el veredicto, Vladimir Sushkov abusó de su posición con afán de lucro, y aceptó sobornos de firmas extranjeras que alcanzaron casi la cantidad de 127.000 rublos.

En estas operaciones el ex viceministro de Comercio Exterior de la URSS fue ayudado por su colaborador, Eugeny Kuzminyka, quien fue también condenado a seis años de prisión.

El veredicto hecho público ayer señala que Valentina Sushkova aceptó también sobornos a cambio de una actitud favorable hacia firmas extranjeras a la hora de resolver cuestiones bilaterales relacionadas con la cooperación científica, tecnológica y económica y por su ayuda para introducir los productos de estas firmas en el mercado soviético.

Las sumas aceptadas por Valentina Sushkova alcanzan la cantidad de 392.000 rublos unos 301.000 dólares.

Según la agencia soviética TASS, la esposa del ex viceministro de comercio exterior era descrita por representantes de firmas extranjeras como la señora de oro por su codicia.

Los sobornos aceptados por Eugeny Kuzminyka suman unos 27.000 rublos, 20.600 dólares.

TASS señaló también en la misma información que el tribunal supremo de la URSS adoptó una orden circular dirigida al Ministerio de Comercio Exterior y al Comité para la Ciencia y Tecnología, en la que se hace una llamada de atención a sus dirigentes sobre las causas y condiciones que promovieron el delito.

Asimismo, la orden del Tribunal Supremo sugirió que podrían adoptar medidas para separarlos de sus cargos.

LA REPUBLICA 16/10/87

Fichaje

URSS

01.01

8704649

H.E.B.

020

En la Unión Soviética castigaron por corrupción a 200.000 funcionarios



Mikhail Gorbachov

MOSCU, 25 (AP).– El fiscal nacional soviético dijo en una entrevista que en 1986 fueron sancionados 200.000 funcionarios por acciones ilegales, y que muchos otros escaparon al castigo.

El fiscal Alexander Rekunkov dijo al diario Pravda que el "formalismo" de administraciones previas afectó al sistema legal y a otras áreas sociales, pero que la actual campaña contra la corrupción trata de frenar el abuso oficial a las leyes y los derechos civiles.

En un artículo titulado "La ley es la ley", el Pravda dice que las medidas adoptadas por la fiscalía forman parte de la campaña emprendida por Mikhail Gorbachov para aplicar reformas sociales, que aparentemente están destinadas a convencer a la ciudadanía de que la justicia prevalecerá si los habitantes están dispuestos a señalar la corrupción y los abusos de funcionarios oficiales.

Aun cuando el artículo representa una denuncia de la corrupción y la mala administración durante el régimen del extinto Leonid Berzhnev, el texto no menciona su nombre.

Rekunkov dijo a Pravda que a fines de la década de 1970 y principios de la de 1980, los ministerios de Comercio en Moscú y en Rostov, sobre el Don, estaban "paralizados" por los sobornos y la corrupción, pero que no muchos de los funcionarios responsables fueron castigados.

Rekunkov también reveló que algunos importantes fiscales fueron destituidos por haber emprendido acciones infundadas contra diversos ciudadanos, y que en 1968 se entablaron reclamos por 60.000 acciones ilegales emprendidas por funcionarios oficiales.

"A pedido de los fiscales, el año pasado fueron sancionados alrededor de 200.000 funcionarios por violaciones a las leyes. Pero aún hay muchas violaciones que continúan impunes", manifestó.

Pravda no brinda detalles sobre las "acciones ilegales" aludidas, ni indica si alguno de los funcionarios destituidos o sancionados eran agentes de la policía secreta KGB.

Rekunkov dijo que si bien se tomaron medidas para rectificar acusaciones injustas contra ciudadanos, admitió que "se lucha en forma ineficaz e inconsistente contra muchas otras violaciones a los derechos de la ciudadanía".

Por otra parte, el fiscal instó a que se apliquen sanciones más severas a los funcionarios responsables de importantes pérdidas económicas debidas a la corrupción o el desinterés.

Como ejemplo del descuido de funcionarios que condujo a una importante pérdida, Rekunkov mencionó a la industria de crianza de ganado en Kazajstán, donde la mala administración y la corrupción costó al gobierno "veintenas de millones de rublos", y afirmó que las sanciones aplicadas a los responsables sólo recuperaron alrededor del dos por ciento de las pérdidas.

Fichaje

VASS

01.01

8704654

CLARIN — Buenos Aires, sábado 30 de mayo de 1987 — INTERNACIONALES — Página 21

HIPOTESIS SOBRE EL METODO QUE PUDO SEGUIR EL VUELO A MOSCU

Las sombras del radar

ROMA, 29 (ANSA). — Mathías Rust, de 19 años, había logrado aterrizar con su pequeño avión en la Plaza Roja de Moscú, "gracias a un vuelo a bajísima altura que aprovechó las zonas de sombra de los radares, probablemente ayudado a bordo por un aparato detector muy sencillo, que le advertía cuando estaba por entrar en el área de cobertura de un radar".

"Pero, sobre todo, lo consiguió gracias a la pésima prueba que dieron los sistemas de defensa aérea soviéticos esparcidos entre el Báltico, la zona de Leningrado y Moscú, independientemente de la ruta seguida alrededor de la capital de la Unión Soviética".

Este fue el primer comentario de los expertos técnicos italianos acerca de la "hazaña" del joven piloto alemán. Es para quedar "estupefacto" —añadieron— que "los radares no hayan visto nada", o bien "vieron algo que no fue bien evaluado por los operadores".

Entre otras cosas Moscú está defendido, según se afirma en Estados Unidos, por un sistema antimisilístico. El Cessna 172 usado por Rust para el vuelo es un pequeño avión, pero con su apertura de alas de 10 metros y una longitud de ocho "es mucho más grande que un misil". Los expertos consultados absolvieron, en cambio, a los radares del tráfico aéreo, ya que éstos están destinados a controlar el tráfico en zonas precisamente "controladas", a lo largo de rutas aéreas bien determinadas, a alta y altísima altura.

Solo cerca de los aeropuertos los radares controlan también las bajas alturas, pero Rust evitó, precisamente, los aeropuertos moscovitas.

Subrayando siempre el "increíble" comportamiento de los sistemas de defensa aérea, los expertos italianos señalaron que el joven piloto alemán aprovechó, conscientemente o no, la organización soviética de la defensa por puntos y no a base de barreras. Es decir: los radares, cañones y misiles están alineados en defensa de bases, puertos, centros estratégicos políticos e industriales, y no en los largos tramos.

Guiado —supuestamente— por su aparato "espía" de los radares (un instrumento muy difundido entre los pilotos norteamericanos de pequeños aviones, que quieren volar evitando la disciplina impuesta por el sistema de tráfico aéreo controlado), Rust pudo haber efectuado una especie de slalom entre los centros de defensa —que también tienen bajo control las bajas y las bajísimas alturas, aunque en espacios limitados— y los radares civiles.

♦ La ruta misteriosa

Sin embargo, si es fácil evitar un radar de control civil, los expertos consideran de todos modos incomprensible el comportamiento de la defensa: ésta no solo tiene radares en tierra, sino que además está integrada por otros colocados en aviones. Una hipótesis planteada es lo poco confiable de los aparatos soviéticos en general: se menciona el caso de cinco radares que habían sido colocados en uno de los aeropuertos civiles de Moscú con la esperanza de que funcionara uno, antes de que fuese montado un sistema de control basado en un radar italiano y aparatos suecos.

Ciertamente, Rust podría haber volado por una vía mucho menos controlada —en todos los sentidos— si optó por seguir la ruta directa desde Helsinki (la última localidad segura) por el Báltico, desviándose unos 250 kilómetros al norte, a lo largo de la frontera finlandesa-soviética. Esto es solo una hipótesis, porque también la ruta representa un misterio. Desde la frontera, Rust habría entrado en territorio soviético, y sobrevolado el lago de Ladoga, a espaldas de Leningrado.

Por ese lago, pudo volar 200 kilómetros para luego ascender hacia el lago de Rybinsk, que abarca otros 300 kilómetros de pantanos, casi inhabitados. Desde este último lago, presuntamente se dirigió siguiendo el curso del Volga y de un canal que le indicó el camino hasta Moscú, donde burló las defensas de la capital. El joven recorrió así 1.250 kilómetros (mientras que la vía directa es de 900 kilómetros) lo que corresponde ampliamente a la autonomía, aumentada, del Cessna 172.

Más allá de las consideraciones técnicas, los expertos admiran la valentía del joven germano-federal, que ha volado a baja altura por quizás más de 1.000 kilómetros.

Por otra parte, el joven no podía ignorar cómo acabó el Jumbo sudcoreano derribado por un caza de la URSS.

Agencia AP



Mathias Rust aparece junto a su aparato deportivo, en el aeropuerto de Hamburgo, antes de emprender el insólito vuelo.

O7P

URSS

Reconocen trabas a Gorbachov

Viena, (Reuter) — Los líderes del Kremlin no están conformes con el progreso de los planes para reestructurar la vida soviética y la oposición aún debe ser vencida, dijo ayer el jefe del Partido Comunista en Moscú, Boris Yeltsin.

Yeltsin dijo en una conferencia de prensa en Sofía que "la reestructuración en la Unión Soviética no puede ser analizada como un acto único y no puede progresar con fluidez ni lo hará", informó la agencia noticiosa oficial búlgara. Yeltsin, que habló al finalizar una visita oficial, dijo que los próximos dos o tres años serían el período más difícil.

"La cúpula soviética no está satisfecha en este momento con el progreso de la reestructuración ni con el hecho de que los mecanismos que la obstaculizan aún no han sido eliminados", dijo. Los líderes soviéticos han puesto en claro que algunos funcionarios conservadores tratan de bloquear las políticas reformistas introducidas durante el gobierno de Mijail Gorbachov.

Yeltsin dijo también que los cambios en la vida intelectual soviética estarían demorados con respecto a aquéllos de las esferas económica y social. La semana pasada causó alarma en Moscú la aparente infidencia de la KGB al permitir un filme sobre Raisa Gorbachov que perjudica su imagen.

01.01

8704657

Fichaje URSS acuerdo c/ISRAEL y con FRANCIA

026

H.E.B.

LA PRENSA ♦ Viernes 3 de abril de 1987

DH

Fichaje

Negó Moscú que haya un acuerdo para la emigración de judíos

Moscú, 2 (UP) – La Unión Soviética negó hoy que exista algún acuerdo para incrementar la emigración de judíos y dijo que ninguna delegación israelí había sido invitada a Moscú.

El vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, Gennadi Gerasimov, negó así punto por punto una serie de versiones procedentes de Israel y Estados Unidos en días recientes que señalan un importante cambio en las políticas soviéticas.

Visita a Israel

Una delegación soviética de nivel consular visitará Israel para revisar propiedades soviéticas, pero no habrá visita recíproca a Moscú porque no hay bienes israelíes o personas con pasaportes israelíes en la Unión Soviética, señaló Gerasimov.

Gerasimov también negó los informes de un acuerdo con una delegación judía visitante, mediante el cual se incrementaría el número de emigrantes, diciendo que "no existen cuotas".

El presidente del Congreso Mundial Judío, Edgar Bronfaman, y el presidente de la Organización de Judíos Estadounidenses, Morris Abram, han sostenido una serie de reuniones con autoridades soviéticas de mediano nivel, afirmó Gerasimov.

"Nada concreto ha resultado", dijo el vocero de relaciones exteriores.

Gerasimov manifestó que la emigración continuará realizándose mediante "procedimientos aceptados" que requieren solicitudes que son consideradas por el gobierno.

Principal obstáculo

Indicó que el principal obstáculo a las peticiones de emigración es el conocimiento de secretos de estado. A algunas personas se les ha negado la emigración en base al trabajo que realizaron en la década de 1960.

"No podemos garantizar un número exacto de solicitudes que puedan ser presentadas y recibir peticiones favorables", señaló Gerasimov al rechazar el informe de que entre 10.000 y 12.000 judíos soviéticos recibirían permiso para abandonar el país.

Soviéticos expulsados

París, 2 (UP) – Francia ordenó hoy la expulsión de tres funcionarios de la embajada de la Unión Soviética en París, por "actividades que no tienen ninguna relación con su misión", y les dio un plazo de ocho días para abandonar el país.

La expulsión fue ordenada como parte de las investigaciones que realizan las autoridades francesas en torno de una red de espionaje vinculada con el cohete espacial europeo Ariane.

En un escueto comunicado, el Ministerio de Relaciones Exteriores francés anunció que informó al embajador soviético, Yakov Raibov, sobre la necesidad de que tres funcionarios de esa representación diplomática abandonen el país en un plazo de ocho días.

01.01

Los nuevos métodos económicos

especial Brecha | por Anne-Marie Sendic

Sí, algo está cambiando en la URSS

El "nuevo mecanismo económico" en la Unión Soviética está generando pequeños y grandes cambios en la rutina de la producción socialista. El fenómeno quedará definitivamente asentado en la medida que produzca los cambios correlativos a nivel político. Por ahora, las primeras experiencias en distintas ramas industriales han provocado insólitos resultados, entre ellos un fructífero debate abierto que concita el interés de toda la sociedad.



URSS: hoz, martillo y perestroika

Hace algo más de un año, en febrero de 1986, el XXVII Congreso del PCUS formalizó la adopción de una nueva línea de reestructura (la ya famosa "perestroika") en el ámbito, entre otros, de la economía. Recordemos en forma sintética lo esencial: autonomía de gestión para las empresas; elección de sus dirigentes y cuadros técnicos; autofinanciamiento y por ende libertad para disponer de sus ganancias; sanciones que pueden llegar al cese de actividades para las empresas que no vendan sus productos por causa de mala calidad; desarrollo de las relaciones horizontales entre empresas, revirtiendo así el principio de verticalidad que sometía a cada empresa a la dirección administrativa de su Ministerio; aliento a la productividad autorizando a cada empresa a disponer de las ganancias obtenidas por esa vía (por ejemplo, distribuir la masa salarial planificada para una cierta producción pero realizada con un número menor de trabajadores); generalización de las brigadas de trabajo, lo que implica un cierto grado de autogestión; y por primera vez en la historia del país —desde la adopción de la planificación centralizada— el despido de trabajadores por motivos económicos (hasta el presente eran éstos quienes tenían la potestad de decidir o no su renuncia).

En una palabra, todo un arsenal de medidas que aumentan el poder y los instrumentos de las unidades de producción, en detrimento de los Ministerios y demás organismos administrativos.

Todas esas medidas, experimentadas en ciertos lugares (en algunos casos desde hace años), fueron extendidas a todas las empresas del país desde el 1o. de enero último. Las mismas son, en cierto modo, extremadamente audaces, por no decir revolucionarias, si se tiene en cuenta la rigidez burocrática del funcionamiento centralizado heredado de los años 30 y que se aplicaba tanto al pequeño taller de plomería como a las gigantescas unidades de producción de materias primas, haciendo de las empresas simples agentes de ejecución sometidos y prisioneros de su departamento ministerial.

Estas innovaciones; ¿se han vuelto realidad o no? Porque la Unión Soviética no se plantea por primera vez las reformas económicas. ¿Hay o no cambios en la práctica cotidiana de las empresas? ¿Hay o no resultados positivos? ¿En qué medida esos cambios recogen apoyo o resistencias?

Trataremos de dar algunas respuestas a esas interrogantes, tomando como ejemplo algunos casos concretos que monopolizan la atención actualmente en la URSS y que ilustran la perspectiva hacia la cual la "perestroika" intenta encaminar la economía, sin perder de vista que una golondrina no hace la Primavera", pero que puede sin embargo anunciarla.

Nuevo estilo del funcionario

«Abandonar el papeleo y ocuparse de las personas" es la divisa que adoptó Nina Steinberg, Viceministra de Industria Liviana de Estonia. La industria textil de esa ciudad se enfrenta a la prueba de la reorganización.

Hasta ahora, el tipo y la calidad de mercadería a fabricar estaban planificados y centralizados. Y también la cuota de materia prima, lo que significaba concretamente que el Director de la empresa se pasaba la vida en el Ministerio, "negociando" el cumplimiento de los plazos de entrega, la variedad y calidad de las telas necesarias para la confección de la ropa, con el riesgo permanente de tener desocupado al personal por razones técnicas, para luego hacerle realizar horas extras, en forma imprevista, como única forma de cumplir el plan a último momento. Ese mecanismo "negociado" era el que permitía la aparición del nepotismo, la corrupción y todo tipo de fraudes e ilegalidades.

Por otra parte, los servicios de venta al por mayor, dependientes del comercio público, realizaban pedidos con seis meses y hasta un año de antelación de vestimentas standard, sin preocuparse de la evolución de los gustos de la clientela. De esta manera garantizaban a los ministerios la distribución de todas las mercaderías, aun cuando la calidad y el estilo no correspondieran a las aspiraciones del público.

Porque el salario dependía del cumplimiento cuantitativo del plan y era totalmente independiente de la venta o no de los productos. Ese sistema tuvo su razón de ser, al parecer, en una época en que la demanda superaba a la oferta. Pero desde los años 70 la realidad es muy otra: la oferta supera cuantitativamente a la demanda y una nueva mentalidad de elección ha comenzado a desplazar la vieja mentalidad de utilización.

El cambio consiste actualmente en conectar la empresa con mayoristas de su elección, y al mismo tiempo en poder vender directamente su producción en sus tiendas. Con el agregado de que las ganancias de la empresa y los salarios de los trabajadores dependen directamente del volumen de las ventas. Lo que significa que la empresa no puede arriesgarse a ofrecer en el mercado modelos invendibles. La empresa, en su papel productivo y a su vez comercial, se vuelve entonces autónoma del circuito burocrático del Ministerio de la rama.

Los funcionarios no han desaparecido, sin embargo, aun cuando hay una tendencia en ese sentido en ciertos sectores (13.000 funcionarios del Ministerio de Agricultura fueron despedidos recientemente). Nina Steinberg, joven y dinámica, y que al parecer corresponde al nuevo estilo que la reforma intenta promover, ha modificado profundamente el papel del funcionario. Entre otras cosas está encargada de realizar encuestas sobre los motivos de no venta de ciertos productos, sobre las razones del descontento de los consumidores, o aun de las empresas en relación a sus abastecedores. Ella se ocupa de seguir la moda, realiza estudios de mercado, hace decorar las vitrinas, hace abrir tiendas en el centro de la ciudades, realiza publicidad. En una palabra, hace marketing en función de la realidad del público. Para Nina, su responsabilidad está al servicio de las empresas, estimulando con nuevas funciones la calidad y la eficacia de la producción, y ya no en controlar desde su oficina, por interpuestos formularios, la "realización del plan".

Todos estos cambios ya han dado resultados considerados positivos por los consumidores; han permitido un aumento de salarios y también de medios financieros dejados a las empresas para su desarrollo. Una incipiente "concurrencia" se estableció ya entre las diferentes empresas del país, libres de vender sus productos donde ellas decidan.

Aunque todo esto es aún excepción, se puede apostar a que el futuro verificará su justeza y lo transformará en regla, sobre todo si se tiene en cuenta que el Procurador General de la URSS, Alexandre Rakunkov, acaba de denunciar en el diario Pravda que cerca de 200.000 funcionarios fueron sancionados en 1986 por "infracción a la disciplina", y otros 18.000 por haber autorizado la fabricación de productos de mala calidad o por no haber cumplido con los contratos establecidos.

El método bielorruso

Nicolai Konarev, Ministro de Vías de Comunicación de la URSS, informó, en la revista Novedades de Moscú del 8 de marzo último, sobre los cambios que se han producido en la empresa de trenes de Bielorrusia: "Hasta hace algunos meses el descontento de los trabajadores se traducía en un elevado número de dimisiones... El trabajo duro y exigente estaba mal pago y sin relación con el rendimiento. En función de las nuevas orientaciones de la reforma, se decidió llevar a la práctica los nuevos métodos científico-técnicos de avanzada, entre los trabajadores que permanecieron, tomando en cuenta también el rendimiento de cada uno. El aumento de salario resultante fue, en promedio, de 35 rublos (50 dólares) por persona y por mes".

"Este ejemplo ha sido seguido por la tercera parte aproximadamente de los ferroviarios del país, y aunque los salarios no fueron aumentados en todos lados igual, el promedio es de 25 rublos por mes y por persona, para un total de un millón de trabajadores. Más de 125.000 personas fueron puestas a disposición de la economía nacional. El salario del ferroviario se transformó en uno de los más elevados del país. Este año, el 'método bielorruso' se generalizará y abarcará a toda la red de trenes del país". A lo que el Ministerio agregó que los partidarios de este método crecían rápidamente, pese a los numerosos escépticos.

Estos últimos no dejan de insistir en que "el método no aportó nada nuevo, no siendo otra cosa que una copia de uno de los métodos de gestión capitalista: el despido de los trabajadores. La prensa burguesa afirma abiertamente que la experiencia provocará desempleo en la URSS (...) La urgencia está dando nacimiento a deformaciones. El retraso de los trenes, el pésimo servicio a los viajeros, las dificultades para comprar los billetes, las depredaciones: he aquí el resultado de la reducción de efectivos de base. Incluso el número de accidentes aumenta".

A lo que los partidarios del nuevo método responden: "Cómo hablar de desempleo en un país que tiene insuficiencia de mano de obra, cuando por todos lados las ofertas de las empresas no encuentran candidatos, cuando aún hay tanto para hacer, para desarrollar los servicios, la construcción, la atención a los enfermos, a los ancianos, a los minusválidos (...) Para sólo utilizar el ejemplo de los ferroviarios: cuántas promesas han sido incumplidas por el Ministerio de Construcciones Ferroviarias por falta de personal para realizar los pedidos de construcciones. En los últimos 30 años, cada vez que ha sido necesario construir algo, nos hemos visto obligados a suplicar. Actualmente hemos podido crear nuestras propias empresas constructoras, empleando nuevamente a una buena parte del personal 'despedido'. El país necesita una mayor eficacia del trabajo y no un sobreempleo ficto e improductivo".

"En la estación de Minsk un empleado sobre cuatro fue 'despedido' por decisión del colectivo de trabajadores, luego de un estudio, realizado por ellos mismos, del tiempo improductivo. Para eso se realizaron encuestas sicológicas: ocho trabajadores sobre diez respondieron que un aumento de trabajo de alrededor de 20% no les implicaba ningún esfuerzo notorio. Otro mérito del 'método bielorruso' es que los trabajadores se sienten dueños de su producción y de sus beneficios". Se está estudiando, además, en esa rama de actividad, la reducción de los funcionarios ministeriales: "Prevemos que 40% del personal pasará del trabajo de oficina al trabajo productivo...".

La democracia en la fábrica: no siempre es fácil

[illegible] ley sobre la "empresa de Estado [illegible]" prevé entre otras cosas la elección de los dirigentes a todos los niveles de responsabilidad. Pese a las reservas de algunos y la oposición de otros, ese proyecto se empieza a transformar en realidad en numerosas empresas. La elección debe realizarse en base a múltiples candidaturas y a voto secreto. En la mayoría de las empresas los candidatos pertenecen a la casa y han subido ya en su carrera numerosos escalones jerárquicos. Pero, en otras, la innovación se dio cita. En una fábrica de microbuses de Letonia, en la que el Director renunció como consecuencia de un control de calidad considerado insuficiente, el Ministro de Industria del Automóvil tuvo la idea de llenar el puesto con un llamado a concurso. Se recibieron centenares de candidaturas y entre ellas —hecho totalmente nuevo— muchas provenientes de trabajadores ajenos a la empresa. Fueron seleccionados 15 en total y luego invitados a trabajar diez días en la empresa. El ganador fue finalmente aquel que "hizo el menor número de promesas irrealizables".

Tales experiencias provocan debates acalorados en la prensa, y, lo que es totalmente nuevo, también en la televisión. Si muchos se muestran plenamente satisfechos de esta nueva libertad y derecho a la decisión, otros se mantienen muy prudentes y subrayan los "riesgos" de ese tipo de prácticas. Uno de los temores es, por ejemplo, que el Director electo sea el menos competente, porque, según la opinión de uno de los trabajadores, "existe entre nosotros una paradoja: cuanto peor trabaja la fábrica, más ganan los trabajadores. El plan a cumplir a cualquier precio implica siempre, en las condiciones que aún rigen ampliamente, muchas horas suplementarias bien pagas. En tales condiciones uno puede elegir votar por el viejo sistema y el desorden". Sin lugar a dudas esa es una de las encrucijadas del "nuevo mecanismo económico".

Estos ejemplos, en sus aspectos contradictorios, muestran bien la tónica de lo que ocurre actualmente en forma cada vez menos experimental en la Unión Soviética, a nivel de la reestructura económica hacia la cual se pretende avanzar.

Este proceso de "perestroika" choca y seguirá chocando con furiosas resistencias. Porque pone en juego los intereses de mucha gente "de aparato", saciados de poder y privilegios, pero también de gente de la base, donde, en forma paradójica, no todos están dispuestos a realizar los esfuerzos de productividad, disciplina, iniciativa y responsabilidad a los cuales se les incita, prefiriendo el bienestar del inmovilismo y el consenso del fraude a los riesgos de cambios extremadamente molestos.

Pero sigue siendo alentador ver que cada nuevo día aporta su cuota de pequeños y grandes cambios a la rutina y el estancamiento heredados del pasado. La garantía de perseverancia y de duración de los cambios a nivel económico reside sin embargo en los cambios de la práctica a nivel político. Y es porque estos últimos son también realidad (elección con voto secreto para la Dirección del Congreso de Periodistas; tolerancia de una manifestación de refuzniks sin intervención represiva de la policía; información ágil y objetiva sobre la ruptura de un dique en Asia Central, entre otros hechos indicativos) que podemos mostrarnos razonablemente optimistas respecto al verdadero significado de los cambios en curso a nivel de la economía, como para poder afirmar: "Sí, en ese [illegible], algo está cambiando en la Unión Soviética".

8704664

Gorbachov y la apertura soviética

Por Jorge A. Aja Espil
(Para LA NACION)

Palabra de moda en la jerga internacional es la expresión rusa "glasnost", que en su lengua significa apertura, cambio, y que simboliza la transformación que el nuevo líder soviético busca imponer dentro de la estructura socialista de su país. Palabra con tradición en la Unión Soviética ya que, curiosamente, fue vocablo favorito de Lenin y del que echaba mano con frecuencia en sus escritos. La definía como una espada con la rara virtud de cicatrizar las heridas que ella misma infligía, o sea, ya no en lenguaje críptico, corregir los fracasos del sistema comunista con sus propios remedios.

Está claro que esta nueva ola reformista tiene como objetivo declarado lograr una eficiencia administrativa y una capacidad industrial que haga más poderosa aún a la Unión Soviética. Como lo recuerda el excelente columnista George Will, también el leninismo quiso combatir la burocracia del partido con lo que llamó la "perestroika", o sea, la reconstrucción del socialismo revolucionario.

No se trata, pues, de una apertura hacia la democracia y libertad ni de una "conversión" a los valores de Occidente; sería arriesgado celebrarla como tal ignorando los factores ideológicos que la determinan. Quizás una versión optimista es la que acaba de expresar el historiador ruso Roy A. Medvedev, para quien la nueva política soviética es una forma de desestalinización, con lo que Gorbachov no sólo retoma el camino iniciado por Khrushchev en la década del 60, sino que va más allá.

...dinamismo y la flexibilidad que ...terizado los dos años de go... carismático Gorbachov, del cambio generacional operado en la cúpula del Kremlin, sumado a un nuevo estilo en la diplomacia soviética, le han permitido avanzar en su publicitada "glasnost", y tanto, que lo que parecía impensable en el campo de la cultura terminó siendo posible. Recordando a la Praga de Dubcek diría que se está ante una "primavera de Moscú".

La apertura económica

Resulta difícil, a primera vista, concebir a la Unión Soviética como un país dependiente cuya capacidad de decisión pudiera estar condicionada. Siempre se pensó que la autosuficiencia económica soviética la hacía inmune a la repercusión de factores externos, pero hechos recientes, tales como la baja del precio internacional del petróleo, prueban que ello no es así.

Un economista y hombre de Estado bien apreciado en nuestro país, Saburo Okita, acaba de visitar Moscú y vuelca sus impresiones en un reciente seminario llevado a efecto en el John Hopkins Reischauer Center. En primer lugar, explica Okita, el nuevo secretario general del partido reconoce la mutua interdependencia entre las economías capitalista y socialista, lección aprendida cuando la caída del precio del petróleo sacudió severamente la economía soviética, privándola de su mayor ingreso de divisas fuertes.

En segundo término, los actuales dirigentes soviéticos tienen conciencia de que los sorprendentes avances tecnológicos logrados por Occidente les son imprescindibles para seguir siendo una superpotencia. Finalmente, la tercera observación del economista japonés enseña que, para Gorbachov, la diplomacia y el comercio son armas tan poderosas como los propios misiles; expandir el comercio soviético a nuevos mercados se convierte en objetivo prioritario, y tanto el sudeste asiático como América latina están en la mira inmediata de aquél.



Octubre de 1986: Ronald Reagan y Mikhail Gorbachov en Reykjavik

Es interesante subrayar que dentro de la apertura económica de la Unión Soviética, países como la Argentina y Brasil alcanzan mayor importancia que Cuba, y tanto es así, que en el itinerario del anunciado viaje del líder soviético a América del Sur se proyecta sortear la visita a La Habana. Sin duda, Gorbachov es un talento para las sorpresas.

La nueva estrategia soviética

En el contexto internacional, el eje de las relaciones entre los Estados Unidos y la URSS está dado por la limitación de los armamentos estratégicos, o sea, una política de equilibrio en que cada una de ambas superpotencias busca impedir la acumulación de fuerzas superiores por parte de su rival. En cuanto a las más recientes manifestaciones del expansionismo soviético, tales como Angola, Mozambique, Etiopía, Afganistán, Nicaragua, aparecen marginadas en la mesa de las negociaciones.

La reunión cumbre entre Ronald Reagan y Mikhail Gorbachov, que se realizó en octubre del último año en Reykjavik, mostró a los dos grandes discrepantes ansiosos, sin embargo, de lograr un acuerdo sobre desarme.

Gorbachov, por razones difíciles de precisar pero no de presumir (problemas en la economía soviética, temor a la nueva tecnología norteamericana, necesidad de concentrar su autoridad en las reformas domésticas, o el simple sentido común), y Reagan, por sus propias razones (el déficit presupuestario, el fin de su mandato presidencial o el simple sentido común), coincidieron en una propuesta -lanzada por el presidente norteamericano en 1981-, que se conoce con el nombre de "opción cero", o sea, la de remover y destruir los misiles de medio alcance (proyectiles nucleares que llegan hasta 3400 millas de distancia) emplazados por ambas superpotencias en Europa.

El fracaso de Reykjavik se debió a la insistencia soviética en vincular la "opción cero" con exigentes limitaciones al conocido programa defensivo norteamericano denominado "Iniciativa de defensa estratégica", o sea, armamento espacial capaz de detener proyectiles nucleares. En otras palabras, una discusión conceptual sobre lo que debe entenderse por estrategia ofensiva y estrategia defensiva.

En sólo cuatro meses corridos desde la reunión de Reykjavik, la popularidad del presidente Reagan se derrumbó estrepitosamente a raíz del escándalo Irán-contras y su gestión comenzó a transitar por la ruta del naufragio. El presidente norteamericano, frente a una oposición implacable, necesita reconquistar su lugar en la historia. Por cierto no ignora que la negociación y firma del SALT I en 1972 por el presidente Nixon le dio a éste una autoridad en el campo internacional que Watergate no logró destruir. Un hecho sensacional pronto se olvida con otro de igual repercusión.

A su vez no es de extrañar que Gorbachov haya ingresado nuevamente en el escenario doméstico de la política norteamericana con una inesperada propuesta: revivir la "opción cero" en una próxima reunión cumbre, pero retirando las exigencias soviéticas que frustraron Reykjavik. ¿Piensa, acaso, que el escudo defensivo norteamericano -la conocida guerra de las galaxias- tiene corta vida en el Congreso de los Estados Unidos y está destinado a descarrilar para cuando Reagan finalice su período presidencial? ¿O presume que la "opción cero" producirá el efecto "decoupling" (desacople, desenganche) entre los Estados Unidos y Europa, que vienen vaticinando Kissinger y Brzezinski?

Lo real es que la personalidad del aún joven líder soviético está conmoviendo a un Occidente ansioso por vaticinar hasta dónde llegará este nuevo protagonista del Kremlin, con una "glasnost" cuya transparencia era desconocida hasta ayer en la política soviética contemporánea.

H. E. B.

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: El "coqueteo" ruso con la Iglesia Católica.

PROCEDENCIA: LA PRENSA 9/4/87

ARCHIVADO EN: Iglesia Católica (034)

01 .01 8704666

026
URSS

M.E.B.

Cautela en URSS por la ley de trabajo privado

El Día 28/4/87

MOSCU. — Mientras las banderas rojas y los retratos de Lenin se multiplican en Moscú por el Día de los Trabajadores, algunos ciudadanos se disponen con cautela a abrir pequeños negocios particulares, aprovechando la nueva legislación que permite el trabajo individual lucrativo.

Pero muchos más, según parece, están confundidos sobre lo que se permite y adoptaron una actitud de "esperar y ver" respecto de la legislación que aprueba una amplia variedad de actividades — pertenecientes otrora al mercado negro— que incluye desde peluquerías hasta talleres mecánicos.

Estas son parte de las medidas que introdujo el líder del Kremlin, Mijail Gorbachov, para revitalizar la ineficiente economía centralizada del país.

La ley de trabajo en el tiempo libre, aprobada en noviembre por el Soviet Supremo (Parlamento) y que entrará en vigencia el próximo viernes primero de mayo, no alcanza a reformas tales como las que liberaron la empresa en otros estados del bloque oriental como Hungría.

Disidente

El recientemente liberado disidente Anatoly Koryagin, relató en conferencia de prensa, en la que estuvo acompañado por su esposa Galina, las penurias y experiencias de su estadía en varias cárceles soviéticas.



MOSCU. — El disidente Anatoly Koryagin. (Radiofoto Reuters, especial para EL DIA)

01.01

8704697

M.E.B.

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Entregaron a la CIA un helicóptero capturado a la Unión Soviética.

PROCEDENCIA: LA NACION 15/3/87

ARCHIVADO EN: EE.UU (058)

01.01 8704720

RS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Acuerdos comerciales
Uruguay — URSS /587
MEMORANDUM 037/BE/587.

PROCEDENCIA: EHE del 19/5/87 Doc. 0725/87

ARCHIVADO EN: MEMORANDUM (08)

01.01 8704723

El embajador I. Laptev expone la política de paz y la reestructura en la URSS

Más socialismo, más democracia

Dimos cuenta en nuestra edición de ayer, de la conferencia de prensa brindada el 23 de abril por el embajador de la URSS en Montevideo, Igor Laptev. Antes de responder a preguntas de los periodistas, el embajador leyó una exposición, de la cual reproducimos los fragmentos dedicados a la política interna de la Unión Soviética y el programa de paz que matriza su conducta internacional.



Embajador I. Laptev.

"La política de reestructuración fue preparada por toda la marcha objetiva del desarrollo del país, por toda la compleja y difícil historia de nuestro Estado. Su necesidad se había ido creando hace tiempo, pero esto fue advertido con retraso. Hablando metafóricamente, la vieja ropa infantil, con la que estaba vestido el joven, empezó a crujir. Nuestra sociedad maduró, sufrió los cambios que ahora se están haciendo realidad. La reestructuración es la misma revolución en nuestro país, pero no se trata del poder, se trata de la utilización efectiva de ese mismo poder de los obreros y campesinos para el paso del socialismo a una nueva etapa. La esencia de la reestructuración puede exponerse en una simpe fórmula: no dejar a un lado el socialismo, sino más socialismo, no dejar a un lado de la democracia, sino más democracia. Todo lo que se hace en nuestro país y lo que es apoyado por el pueblo, está basado en nuestra elección del socialismo.

Como resultado ya de las primeras medidas tomadas ha cambiado de manera radical la situación en nuestra sociedad, ostensiblemente ha crecido la dignidad humana, se ha despertado el potencial cívico.

En tal atmósfera de marcado entusiasmo nos preparamos a recibir el 70 aniversario de la Gran Revolución Socialista de Octubre, que fue un punto de viraje en la historia de la humanidad.

Otra vez quisiera decir que la reestructuración de ninguna manera es el resultado de la presión sobre nuestro país desde el exterior. Ella es fruto de nuestras propias reflexiones, errores, conclusiones.

Nuestra política exterior más que en cualquier otro momento dimana de nuestra política interior. Nosotros declaramos honestamente: necesitamos la paz para concentrar la atención en el desarrollo de nuestra sociedad, para resolver los problemas del mejoramiento de la vida de los soviéticos. El potencial económico del Estado Soviético y su autoridad política los dirigimos en favor de la paz universal y el progreso.

Ahora las cuestiones del destino de la paz y del futuro de la humanidad inquietan a todas las personas en el globo terráqueo. La creación y luego la acumulación de armas nucleares, que supera los límites razonables, ha hecho al hombre capaz técnicamente de poner fin a su propia existencia. El torbellino nuclear, si se levanta, barrerá tanto a los países socialistas como a a los capitalistas y en desarrollo, por eso la vida en la Tierra dejará de existir.

En base a tales apreciaciones la dirección soviética llegó a una conclusión cardinal sobre la necesidad de una nueva mentalidad política de acuerdo a este siglo nuclear. En base a esta doctrina ella expuso la plataforma política de un sistema universal de seguridad internacional. En la esfera político-militar la dirección soviética ha intervenido con la presentación de un programa de liquidación del arma nuclear para el año 2000. Este programa fue proclamado el 15 de enero de 1986, y nosotros pensamos que esta fecha entrará en la historia de la lucha por liberar del exterminio a nuestra civilización.

A la dirección soviética le pertenece la idea de Reykjavik. El dirigente soviético, M.S. Gorbachov, llevó allí iniciativas que si hubieran obtenido respuesta de la otra parte, habrían significado un viraje radical hacia el desarme, y el alejamiento del peligro nuclear. Una manifestación de la nueva mentalidad fue nuestra medida unilateral en la moratoria a las pruebas nucleares, la cual nos vimos obligados a interrumpir a causa de la falta de apoyo de la otra parte.

Fueron importantes las propuestas de la dirección soviética de separar del paquete de medidas la cuestión de los misiles de alcance medio en Europa, basadas en el principio de la total liberación de Europa, desde los Urales hasta el Océano Atlántico, de esta peligrosa arma.

Y, finalmente, lo último por su orden, pero no por su importancia. Por cuanto en Occidente comenzaron a hablar sobre los misiles táctico-operativos como si fueran un obstáculo en el camino de la solución de la cuestión sobre los misiles de alcance medio, M.S. Gorbachov en una reciente intervención en Praga propuso comenzar el examen de los temas de la reducción y ulterior liquidación de los misiles con radio de acción de 500 a 1000 kilómetros, emplazados en el continente europeo, no ligando este problema a las negociaciones sobre los misiles de alcance medio.

Los medios obtenidos de la contención de la carrera armamentista podrían ser utilizados para las necesidades de todos los países, incluidos los países en desarrollo.

La Unión Soviética interviene resueltamente contra el comienzo de la carrera armamentista en el cosmos. Por eso rechaza tan decididamente el llamado programa IDE o programa de la "guerra de las galaxias", e interviene por la observancia del tratado DAM (de Defensa Antimisil), documento que contribuye a la estabilidad estratégica en el mundo. En las últimas conversaciones con el Secretario de Estado de Estados Unidos, G. Shultz, M.S. Gorbachov declaró que la Unión Soviética nunca reconocerá como natural el traslado de la carrera armamentista al cosmos. La misma idea de la IDE, dijo él, tiene un profundo carácter decadente. Si a la Unión Soviética la obligan, nuestra respuesta a la IDE será asimétrica, no obligatoriamente desde el cosmos y mucho más barata. Pero como resultado de ello surgirá una situación peligrosísima, aumentará aún más la desconfianza entre los Estados.

En Occidente hablan de la amenaza bélica soviética. Eso es una invención. En igual medida existe la amenaza para nosotros. Y, en cualquier caso, en el mundo se mantiene el equilibrio militar-estratégico. Durante las conversaciones con M. Thatcher en Moscú, M.S. Gorbachov declaró con claridad que la Unión Soviética no se propone hacer la guerra ni contra Estados Unidos, ni contra Inglaterra, ni contra nadie".

RS 026

AN

URSS

(fichar)

01/01

GORBACHOV DEFENDIO LAS REFORMAS ANTE EL KOMSOMOL

Los mecanismos de freno

MOSCU, 20 (Por Dominique D'Hombres de "Le Monde", especial para Clarín). — Mijail Gorbachov ha invitado solemnemente a la juventud a apoyarlo en su lucha por las reformas y a hacer desaparecer los "frenos" que las retardan o bloquean. Al hablar ante el vigésimo congreso del Komsomol —la organización que agrupa a cerca del 70 por ciento de los jóvenes soviéticos— el secretario general afirmó —por vez primera— que "personas concretas" arrastraban los pies en todos los niveles, incluido el más alto.

El Komsomol, inmenso planeta un poco gris de cuarenta millones de adherentes manejado sin demasiado entusiasmo por "jóvenes" burócratas (cuarentones algunos de ellos), no se encuentra sin embargo en los umbrales de una revolución. Sus miembros se aburren durante las reuniones, se olvidan cada vez más de asistir a ellas y hasta de pagar la cuota mensual simbólica de dos copecks (veinte centavos de franco).

De hecho, la inmensa mayoría de la juventud soviética no participa más que discretamente de esta máquina pesada destinada preferentemente a distinguir de entre toda esa masa de jóvenes a los más ambiciosos que luego harán carrera en el partido. Por ende, no es seguro que el mensaje del "número uno" soviético haya sido bien comprendido por los delegados —resueltos las más de las veces a seguir destinos confortables dentro del apparatchik—. Gorbachov, empero, "dejó su paquete".

El líder reveló recibir cartas en las que se le pide que "dé los nombres" de los adversarios de la "reconstrucción", palabra clave utilizada en Moscú juntamente con la de "transparencia" y "democratización" para designar al conjunto de las reformas.

"Debemos esclarecer este tema. No existen adversarios políticos ni ningún tipo de oposición a la reconstrucción (...) sino un mecanismo de freno. Pero este mecanismo no nació de la nada. Tiene sus partidarios concretos tanto a nivel del comité central cuanto en el gobierno, ministerios, repúblicas, regiones y colectividades de trabajadores, incluso hasta en el Komsomol", declaró Gorbachov desde una tribuna.

♦ Sobresaltos

Estos individuos "concretos" del comité central, el gobierno y hasta de la dirección del Komsomol —alcanzados por sus palabras— deben haberse sobresaltado con estas declaraciones. Más aún si se tiene en cuenta que el secretario general puso "el dedo en la llaga" al señalar: "Hay gente que está acostumbrada al antiguo método de vida y no desea cambiar (...). La democracia, la lucha contra la burocracia y la extensión de la transparencia no son objetivos provisionales. Son las fuerzas motoras de la renovación. Su abandono nos conduciría nuevamente al estancamiento".

Iniciado el jueves pasado, el vigésimo congreso de Komsomol debía concluir sin problemas este sábado con la reelección de su primer secretario Víktor Mironenko, de 30 años, quien ocupa ese cargo desde julio de 1986. Mironenko repitió hasta el cansancio las palabras "democracia", "transparencia" y "reconstrucción" durante el discurso de apertura.

Algunos oradores fueron más originales e ilustraron la nueva libertad autorizada de ahora en más. Un delegado del Altai venido de su lejano Kolhoz en Asia Central, visiblemente irritado por la indolencia de los adherentes de base, propuso incluir en los nuevos estatutos del Komsomol una cláusula que excluye automáticamente a aquellos que cambian de domicilio sin avisar a nadie. Fue muy aplaudido.

♦ Deserciones

En realidad, se trata de una práctica cada vez más frecuente. Teóricamente, los jóvenes se adhieren al Komsomol a los catorce años y lo abandonan a los veintiocho. Pero los que salen de un taller en Siberia o vienen a instalarse en una gran ciudad aprovechan a menudo para desertar tranquilamente de la organización. Se "olvidan" de avisar que se van y omiten inscribirse en el Komsomol que les corresponde.

"Hay diez millones de jóvenes que se mudan todos los años en la URSS ¿Cómo conseguirlos?", nos señalaba amargamente un alto responsable del Komsomol.

Según nuestro interlocutor, 272.000 jóvenes fueron excluidos en 1986 de la organización, esto es, el doble que cinco años antes. Habían cometido diversas infracciones al reglamento. "No hay que exagerar. Nunca se trata más que de una exclusión por cada 150 adherentes", explicó.

El malestar, sin embargo, es evidente. Durante su alocución del jueves, Gorbachov lamentó que "el estilo de trabajo de ciertos dirigentes del Komsomol evoca a una calle en la que los jóvenes marchan en una dirección y los dirigentes en sentido inverso". Lo cual equivale a decir que la organización tiene problemas para "integrar" los nuevos valores de la juventud soviética: su gusto por la música y sus vestimentas occidentales, su sentido agudo del consumo, su individualismo.



Mijail Gorbachov

01/01

8704757

RS

026

La Prensa 9/4/87 PN

Submarinos rusos: simulacro de ataque

Washington (ANSA) — Cinco submarinos nucleares soviéticos están realizando ejercicios en la zona occidental del Atlántico, al este de la costa estadounidense, simulando un ataque a dos grandes bases militares norteamericanas, según hicieron saber funcionarios del Pentágono.

Los ejercicios, considerados como los más importantes después de los realizados en el verano de 1985, tienen lugar en una vasta zona al este de las Bermudas y son constantemente observados por aeronaves de la Marina norteamericana (los P-3 Orion, especializados en la localización de submarinos).

Fuentes del Pentágono hicieron saber que la escuadra soviética está integrada por submarinos de la clase Victor III equipados con torpedos de cabeza nuclear y misiles crucero SS-NX-23, también con ojivas nucleares.

"Están realizando ejercicios en un escenario de guerra", dijo un funcionario del Departamento de Defensa norteamericano. Las dos bases tomadas como objetivo serían las de Norfolk, en Virginia, el más importante puerto militar norteamericano sobre el Atlántico, y la de Mayport, en Florida.

Según el Pentágono, los submarinos soviéticos que participan en el operativo son "de los más silenciosos y confiables" de la marina de guerra de aquel país.

VRSS

01 - 01

8704758

URSS

Búsqueda: 5/6/87

Pocos resultados del empuje Gorbachov

Estancamiento comercial en el bloque oriental

por Jackson Diehl

Varsovia. A pesar de los reiterados pedidos de Mikhail Gorbachov para una mejora "radical" en la cooperación económica, el comercio entre la Unión Soviética y sus seis aliados euro-orientales se está estancando y los nuevos proyectos tecnológicos e industriales están enterrados en intrigas burocráticas, según expresaron funcionarios del gobierno polaco y economistas.

Desde que Gorbachov asumió el poder dos años atrás, ha aparecido voluntarioso de reformar las relaciones económicas como elemento clave de su política hacia Europa Oriental. Mientras estira la tolerancia de Moscú ante los variados estilos políticos de los líderes de la región, ha demandado que la cooperación dentro del COMECON —el consejo del bloque para la asistencia económica mutua— sea "mejorada a un nuevo y más alto nivel cualitativo".

No obstante, informes económicos oficiales y entrevistas con funcionarios del bloque oriental indican que el empuje de Gorbachov ha producido muy pocos resultados. No solo los nuevos proyectos de Gorbachov están lejos de ser estructurados, sino que la contribución total de Europa Oriental a la economía soviética parece haberse sometido a un declive cualitativo.

Gorbachov ha dejado bien claro que Moscú cuenta con la ayuda del bloque euro-oriental a la Unión Soviética para modernizar sus bases industriales y achicar la brecha con el liderazgo tecnológico occidental. Pero de acuerdo a estadísticas oficiales, las importaciones soviéticas de las tres economías europeas más avanzadas tras la cortina —Alemania Oriental, Checoslovaquia y Hungría— disminuyeron en 1986. Las importaciones de Alemania Oriental, el líder tecnológico del bloque, cayeron un 6.1%.

En tanto, estos estados aumentaron dramáticamente sus propias importaciones de nuevas maquinarias de occidente, aumentando el gasto en un 30% o más a pesar de las advertencias explícitas de Gorbachov contra tal paso. Su ejemplo fue seguido incluso por países como Polonia, que, ya con presupuestos de grandes deudas con occidente, prácticamente duplicaron sus importaciones de maquinarias occidentales en el primer trimestre de este año.

Solo un gran aumento soviético en el comercio con Rumania —económicamente más retrasada— como resultado de un importante acuerdo de suministro de energía entre Moscú y Bucarest, y una oleada de comercio con Polonia, mantuvo las cifras comerciales entre los soviéticos y euro-orientales sin mostrar un declive absoluto en 1986. Incluso Polonia, en un reciente comunicado del gobierno, expresó que las relaciones comerciales con la Unión Soviética estaban "lejos de ser satisfactorias".

Los funcionarios polacos conceden que los proyectos económicos iniciados bajo el liderazgo de Gorbachov, solo han producido resultados marginales o fallado, a pesar de los esfuerzos soviéticos por agilizarlos.

"Gorbachov ha establecido metas muy creativas", expresó Adam Barazczewski, director de relaciones del COMECON en el Ministerio de Comercio Exterior polaco. "Pero de una perspectiva práctica, hacer algo respecto a ellas ha sido extremadamente difícil. Hasta ahora, no hay resultados visibles".

Sin embargo, algunos expertos occidentales dicen que las tendencias económicas pueden agravar las ya incipientes tensiones en las relaciones políticas de Gorbachov con sus aliados.

En la raíz de la impasse económica del bloque oriental se encuentra el esfuerzo de Gorbachov para modernizar un sistema de intercambio económico que data desde la época estalinista, e inadecuado para el desarrollo moderno. Por cuatro décadas, el comercio entre los miembros del COMECON ha sido conducido a través de rígidos acuerdos de intercambio de gobierno a gobierno, que excluye los precios reales, competencia entre los productos de varios países o controles de calidad.

Las medidas respaldadas por los soviéticos comienzan con empresas conjuntas, que puedan permitir a las firmas del bloque oriental tener capital y tecnología para mayores proyectos industriales, como muchas firmas occidentales colaboran en los campos, por ejemplo, de electrónica. Otra innovación soviética crearía "relaciones directas" entre compañías soviéticas y euro-orientales, permitiéndoles comerciar e intercambiar sin tener que pasar por los ministerios o negociar su colaboración en el plan central anual.

Finalmente, Gorbachov ha presionado firmemente a los gobiernos de Europa Oriental para que participen en un "programa comprensivo" para el desarrollo de nuevas tecnologías en proyectos conjuntos para angostar la brecha tecnológica entre el este y el oeste. El COMECON, argumenta Gorbachov, debería trabajar para desarrollar sus propias máquinas, más que simplemente comprarlas o copiarlas de occidente.

El principal impedimento a este programa soviético, según funcionarios gubernamentales de Europa Oriental, es la continua división que existe en el bloque entre los reformistas del sistema económico socialista y los líderes conservadores que se resisten a un alejamiento de lo ortodoxo. La reforma comercial aparece particularmente amenazadora para los países pobres como Rumania, que encontraría sus exportaciones drásticamente reducidas si otros países socialistas no estuvieran efectivamente obligados a comprar sus productos por el sistema de intercambio bilateral. (DPA - The Washington Post - Especial Búsqueda).

01 .01

8704763

MOSCU: POSIBLE CARGO DE ESPIONAJE AL PILOTO

"Alguien lo ayudó"

MOSCU, 2 (AFP, AP, DPA, EFE, Reuter y TASS). — Hans Koschnick, miembro de la presidencia del Partido Socialdemócrata alemán, dijo hoy que autoridades soviéticas le habían expuesto que consideraban la posibilidad de que el caso de Mathias Rust, el joven germanofederal, de 19 años, que el pasado jueves atravesó en avioneta la URSS y aterrizó en la Plaza Roja de Moscú, estuviera encuadrado en espionaje.

Simultáneamente, Valentín Falin, director de la agencia de prensa Novosti, dijo que Rust "aparentemente no actuó solo", agregando: "El fondo de este caso es más importante de lo que había pensado hasta ahora" y que "acaban de ser conocidos detalles que no tornan el caso más simple", lo que parecía implicar la posibilidad de que Rust no fuera liberado rápidamente, como en un principio se dijo. "Lamentablemente es así, incluso si Rust tiene una naturaleza idealista", agregó Falin.

El diario alemán Bild Zeitung, que cita una fuente no identificada del Kremlin, dice hoy que Rust podría ser internado en un campo de trabajo, a 300 kilómetros de Moscú, por entre uno y tres años, para establecer un ejemplo e impedir nuevos vuelos ilegales. El piloto ocupa actualmente una celda en la prisión moscovita de Lefertovo, donde estaría autorizado para recibir una visita cada 14 días.

♦ Preocupación

Hoy, tres funcionarios de la embajada germano-occidental se reunieron con Rust por media hora, pero no hubo contactos posteriores, y un vocero señaló que aún no estaba establecido cuándo volverían a verlo.

Ulrich Brandenburg, vocero de la embajada, dijo que "hay contactos entre nosotros y la cancillería (soviética) todos los días, claro. Pero éste es un procedimiento en el que no podemos intervenir, y que será decidido por los investigadores soviéticos".

Trascendió, por otro lado, que hay creciente preocupación entre los funcionarios de Alemania Federal sobre las consecuencias políticas del hecho, en vista de la visita del presidente Richard von Weizsaecker a Moscú entre el 6 y el 11 de julio próximo.

Según la ley soviética, la investigación sobre las actividades de Rust podría durar dos meses antes de que sea condenado, y en algunas circunstancias podría extenderse por nueve meses. La máxima pena que podría sufrir es de diez años, por violación del espacio aéreo.

El acusado, durante el período de investigación preliminar (2 a 9 meses) puede permanecer en prisión. Solo se permiten entrevistas del acusado con un abogado una vez que hayan concluido las investigaciones. Las autoridades soviéticas tienen diez días para informar a Rust sobre los cargos que se le investigan.

Un diplomático occidental en Moscú aventuró la hipótesis de que la falla del sistema antiaéreo para detener la avioneta puede haberse debido a la falta de experiencia y preparación de las fuerzas soviéticas para combatir actos de terrorismo. "La avioneta de Rust no era la amenaza que anticipaban", opinó.

Otro diplomático afirmó que los soviéticos pueden no haber identificado el aparato de Rust como un avión de matrícula extranjera.

El espacio aéreo de Moscú está cerrado a todo tipo de aviones.

♦ Críticas

El diario "Pravda", órgano oficial del Partido Comunista de la Unión Soviética, fustigó hoy a las principales academias soviéticas por producir malos graduados, en lo que fue visto como un aprovechamiento del caso de la avioneta.

"Pravda" publicó extractos de cartas de dos coroneles que se quejaron por entender que esas escuelas están llenas de hijos mimados de familias acomodadas, que eventualmente serán comandantes ineptos.

Se consignan declaraciones de un coronel de Leningrado:

"Frecuentemente son hijos y nietos de hogares prósperos, niños regalones, mimados, cuyas familias no pueden controlarlos", destacó el coronel I. Tarasov.

"Lógicamente, tales escuelas son necesarias. Pero, ¿qué pasa en caso de guerra? Mis observaciones personales demuestran que los graduados de la Escuela Nakhimov (un colegio naval de Leningrado) rara vez resultan buenos comandantes", dijo.

Otro coronel, G. Samin, dijo que las escuelas fueron modeladas sobre el patrón de las academias militares zaristas.

La depuración militar organizada tras el incidente, que incluyó la caída del ministro de defensa Serguei Sokolov y el jefe de la defensa antiaérea, Alexandre Koldunov, dejó a los militares sin representación en el Politburó, máximo órgano de conducción nacional.

CLARIN 3/6/87 RS

026

VASS

01 .01

8704774

CONFIDENCIAL

URSS Cruzo. ARGENTINA

026

CONVENIO

ENTRE

EL GOBIERNO DE LA REPUBLICA ARGENTINA

Y

[illegible]OBIERNO DE LA UNION DE REPUBLICAS SOCIALISTAS SOVIETICAS

SOBRE

COOPERACION EN LA ESFERA DE LA ACTIVIDAD PESQUERA

[illegible] Gobierno de la República Argentina y el Gobierno de la Unión de [illegible] Socialistas Soviéticas, en adelante las Partes,

[illegible]bre la base de las relaciones amistosas existentes entre los dos [illegible]

[illegible]ando en consideración el interés común en la conservación, la [illegible]ción y regulación de los recursos vivos del mar en la parte [illegible]l del Océano Atlántico,

[illegible]endo en cuenta la Convención de las Naciones Unidas sobre el [illegible]ar,

[illegible]endo en cuenta la promoción y reactivación de la actividad [illegible] la República Argentina y estableciendo los principios y [illegible] de acuerdo con los cuales se deberá llevar a cabo la

01/11

MINISTERIO DE DEFENSA
Dirección General de Información [illegible]
Fecha de Entrada 8-7-87
Fecha de Salida
Pase a ARCHIVO
Nº. de Identificación 0974/87

8704865

PARTE POCO LEGIBLE

CONF...

... entre las Partes en la esfera de la actividad pesquera,

Dedicando una atención especial a la importancia de las inves-... científicas en el campo de las actividades pesqueras,

Deseando desarrollar una fecunda, duradera y mutuamente ... cooperación económica en la esfera de la actividad pesquera,

Acuerdan lo siguiente:

ARTICULO 1

Las Partes se comprometen a cooperar sobre una base mutuamente ..., en la esfera de la actividad pesquera, de acuerdo con los ... y normas del derecho internacional y del derecho del mar, ... la conservación y utilización óptima de los recursos vivos del ... la parte sudoccidental del Océano Atlántico.

ARTICULO 2

La Parte argentina se compromete a admitir a los buques bajo ... de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas el acceso a la ... la Zona Económica Exclusiva de la República Argentina, denominada ... "Zona", sobre una parte del excedente de la captura permisible ... recursos vivos del mar, de conformidad con los términos y ... establecidos en el presente Convenio.

ARTICULO 3

La Parte argentina se compromete a otorgar facilidades portuarias, ... buques de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas ... en el presente Convenio, incluyendo facilidades para el cambio ..., reparaciones y avituallamiento, requeridos para el mejor ... del presente Convenio, según las leyes, normas y reglamentos

.02

8704865

PARTES POCO LEGIBLE

ARTICULO 4

La Parte argentina, en ejercicio de sus derechos soberanos sobre [los] recursos vivos de la "Zona", determinará cada año a través de la [aut]oridad de aplicación:

[a]) la captura permisible de cada especie y en conjunto, teniendo en cuenta los mejores datos científicos de que disponga, con arreglo a los factores ambientales y otros pertinentes, prestando especial atención a la interdependencia de las poblaciones, modalidades de pesca, los estándares internacionales y otros factores relevantes.

[b)] la capacidad de captura de la flota argentina respecto de cada especie.

[c)] el excedente de captura permisible de cada especie que no haya sido capturado por la flota argentina.

[d)] la parte del excedente de captura permisible de cada especie y total que se permitirá capturar a los buques de bandera de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas

ARTICULO 5

La Parte argentina, a través de la autoridad de aplicación, [de]terminará cada año en relación con la parte del excedente a que se [re]fiere el artículo 4 inciso d) del presente Convenio:

[a)] las áreas y los períodos o temporadas en que la pesca será permitida, limitada o dirigida.

[b)] las especies, poblaciones, medidas, cantidades, peso, sexo, captura accidental, biomasa total y otros factores en áreas determinadas.

[c)] el tamaño, tipo, y número de buques y el número de días en que cada buque o el total de la flota pueda operar en pesca en determinada área o

PARTES POCO LEGIBLE

[illegible] pesca de determinada especie de recursos vivos del mar y el [illegible] de y cantidad de aparejos que pueda utilizarse.

ARTICULO 6

La Parte argentina, a través de su autoridad de aplicación, dará a a la Parte soviética, en tiempo oportuno, las especificaciones [illegible]as en los artículos 4 y 5, así como toda nueva reglamentación [illegible]nte, a fin de facilitar la realización de los acuerdos [illegible]entarios que se celebren sobre la base del presente Convenio.

ARTICULO 7

La Parte soviética tomará las medidas necesarias para que:

[illegible] ciudadanos y buques pesqueros no realicen actividades de pesca de [illegible]rsos vivos del mar en la "Zona" si no cuentan con los respectivos [illegible]isos de pesca otorgados por la Parte argentina.

[illegible] buques de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas que tengan [illegible]iso de pesca para realizar capturas en la "Zona" observen los [illegible]inos del presente Convenio, los acuerdos complementarios y las leyes [illegible]eglamentaciones de la República Argentina en lo que se refiere a la [illegible]servación de los recursos vivos del mar en la "Zona".

[illegible] buques de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas permitan y [illegible]iliten el acceso a bordo de los funcionarios competentes de la Parte [illegible]entina con el objeto de inspeccionar y controlar el cumplimiento del [illegible]sente Convenio, de los acuerdos complementarios y de las leyes y [illegible]lamentaciones argentinas sobre la pesca en la "Zona".

[illegible] buques pesqueros de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas [illegible]erven las indicaciones de las autoridades competentes argentinas que [illegible]refieran al régimen de pesca en la "Zona".

UR

PARTES ILEGIBLE

CONFIDENCIAL

ARTICULO 3

Las Partes se comprometen a estudiar las cuestiones relativas a la ampliación del mercado de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas para la producción pesquera argentina y asimismo la disminución o eliminación de las restricciones tarifarias y no tarifarias para tal producción pesquera.

ARTICULO 9

Las Partes acuerdan implementar el presente Convenio mediante acuerdos complementarios a concluirse sobre una base mutuamente beneficiosa, entre empresas y organizaciones pertenecientes a las Partes, para la explotación conjunta de los recursos vivos del mar de la "Zona" bajo la forma de "joint ventures".

Las Partes estudiarán, asimismo, otras formas de cooperación.

Las empresas y organizaciones argentinas que concluyan con las empresas y organizaciones soviéticas acuerdos complementarios de "joint ventures" deberán encontrarse en actividad y contar con antecedentes en el sector pesquero.

La Parte argentina, a través de su autoridad de aplicación, determinará los demás requisitos y condiciones a que deberán ajustarse las empresas y organizaciones argentinas para estar en condiciones de actuar en el ámbito del presente Convenio.

Las empresas y organizaciones soviéticas contratantes que concluyan acuerdos complementarios de "joint ventures" con las empresas y organizaciones argentinas correspondientes no deben tener asentamientos de explotación de los recursos vivos del mar de la "Zona" o actividad económica alguna en el sector de pesca en la República Argentina, anteriores a la entrada en vigor del presente Convenio.

Cap

.05

PARTES ILEGIBLE

8704865

CONFIDENCIAL

ARTICULO 10

Las Partes convienen que los acuerdos complementarios deberán contemplar lo siguiente:

a) el compromiso por parte de la empresa soviética contratante de comprar -sea en forma directa o a través de empresas vinculadas con participación soviética- una parte de la producción pesquera elaborada por la empresa argentina contratante, tomando en consideración los volúmenes de captura de los buques bajo bandera de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas autorizados en el área indicada en el artículo 5 del presente Convenio.
El volumen de la producción pesquera a comprar y su valor se determinarán por acuerdo entre las empresas contratantes del "joint venture" sujeto a la aprobación de la autoridad argentina de aplicación.

b) el compromiso de la empresa soviética contratante de enviar con destino a la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas la parte de producción pesquera que le corresponde en virtud del acuerdo complementario.

c) el compromiso de la empresa soviética contratante que opere con buques bajo bandera de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas autorizados a la pesca en la "Zona" de conformidad con los acuerdos complementarios, de utilizar solamente los puertos argentinos y contratar los servicios portuarios que necesite por intermedio de empresas argentinas, excluyendo los servicios por cambio de tripulación y reparación naval efectuada por la propia tripulación.

d) los buques de bandera soviética autorizados, deberán descargar sus capturas en puertos argentinos, ya sea para efectuar trasbordo a otros buques o en tránsito para su reembarque, o realizar el alije de sus capturas bajo control de las autoridades competentes argentinas en zonas de fácil acceso. Si las partes lo acuerdan, el alije podrá hacerse en la

.06 .8704865

PARTES ILEGIBLE

"zona", corriendo por cuenta del "joint venture" los gastos de permanencia del personal argentino de control.

e) las tripulaciones de los buques de bandera soviética autorizados estarán integradas por un porcentaje mínimo del 10% de ciudadanos argentinos debidamente habilitados por la autoridad argentina. Los salarios, seguros sociales, indemnizaciones y otros gastos que demande la permanencia a bordo del personal argentino correrán por cuenta del"joint venture". La distribución en los buques y las condiciones que debe reunir el personal argentino se determinarán por el "joint venture".

f) las empresas soviéticas contratantes del "joint venture" aceptarán, si le fuera requerido, el embarque a bordo de buques bajo bandera de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas de un representante de la autoridad argentina de aplicación y/o de la empresa argentina contratante del "joint venture", siendo los salarios, seguros sociales, indemnizaciones y otros gastos a cargo de su mandante.

g) el cumplimiento y ejecución de los acuerdos complementarios se realizará de acuerdo con la legislación y jurisdicción argentinas.

h) las empresas contratantes del "joint venture" serán responsables conjuntamente por el cumplimiento de las disposiciones del presente Convenio y de la legislación argentina, en cuanto les resulten aplicables, y por el cumplimiento de los acuerdos complementarios.

i) el plazo de vigencia de los acuerdos complementarios no superará el año.

ARTICULO 11

La Parte argentina, a través de su autoridad de aplicación, verificará con carácter previo a la inscripción prevista en el artículo 12 si los acuerdos complementarios se adecuan al presente Convenio y a las leyes argentinas de pesca y, en su caso, concederá los respectivos permisos de pesca a los buques bajo bandera de la Unión de Repúblicas Socialistas

PARTES ILEGIBLE

CONFIDENCIAL

[illegible]

La Parte argentina, a través de su autoridad de aplicación, verificará asimismo, durante la ejecución de los acuerdos complementarios, el cumplimiento de las disposiciones del presente Convenio, de los acuerdos complementarios y de las leyes argentinas de pesca.

ARTICULO 12

La Parte argentina, a través de la autoridad de aplicación, habilitará un registro especial en el que deberán inscribirse:

a) los acuerdos complementarios que se celebren con motivo del presente Convenio.

b) los permisos de pesca concedidos en virtud de los respectivos acuerdos complementarios.

c) los buques de bandera soviética que tengan permiso de pesca y los roles de su tripulación.

La inscripción de los acuerdos complementarios estará sujeta al pago de un canon por parte del "joint venture", el que será administrado por la autoridad de aplicación argentina.

En los casos en que, por razones de fuerza mayor o reparaciones de plano de arreglo general, algún buque de bandera de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas que cuente con permiso de pesca o miembros de su tripulación, tengan que ser sustituidos, se inscribirá esta sustitución en el registro especial con la debida anticipación.

ARTICULO 13

Las autoridades de aplicación del presente Convenio serán, por Parte argentina, la Secretaría de Agricultura, Ganadería y Pesca del Ministerio de Economía de la República Argentina, y por Parte soviética, el Ministerio de la Industria Pesquera de la Unión de Repúblicas Socialistas

(OP)

PARTES ILEGIBLE

ARTICULO 14

Las Partes acordarán directamente o por medio de las organizaciones internacionales apropiadas las medidas necesarias para asegurar la conservación, en el área adyacente a la "Zona", de la población y poblaciones de especies asociadas que se encuentren tanto en la "Zona" como en la referida área adyacente.

ARTICULO 15

Las Partes se comprometen a colaborar en la ejecución de investigaciones científicas necesarias a los fines de la conservación, utilización óptima y regulación de los recursos vivos del mar en el área adyacente a la "Zona".

A tal fin se realizarán consultas entre los científicos y especialistas de las Partes para llevar a cabo tales investigaciones y para interpretar los resultados obtenidos.

Con el mismo propósito, las Partes se comprometen a comunicarse recíprocamente los datos de las capturas efectuadas por sus buques en el área adyacente y la información científica de pesca y estadística de que dispongan sobre la población y poblaciones de especies asociadas que se encuentren tanto en la "Zona" como en el área adyacente.

Las Partes se comprometen a realizar un intercambio recíproco de especialistas en la esfera de la actividad pesquera, así como de información sobre la tecnología de pesca industrial, técnica de elaboración, recuperación, conservación, utilización óptima y regulación de recursos vivos del mar.

PARTES ILEGIBLE

CONFIDENCIAL

ARTICULO 16

La Parte soviética, con el objeto de promover el cumplimiento del [illegible]nte Convenio y desarrollar ulteriormente la colaboración en el campo [illegible] [illegible] pesqueras, acreditará ante el Ministerio de Relaciones [illegible] y Culto de la República Argentina como integrantes de la [illegible] en la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas un agregado para [illegible]mientos pesqueros y dos ayudantes.

ARTICULO 17

Con el objeto de promover el cumplimiento del presente Convenio y [illegible]rrollar ulteriormente la colaboración en materia de actividades [illegible] las Partes acuerdan constituir una comisión mixta [illegible]ino-soviética de pesca denominada en adelante "la Comisión Mixta".

La Comisión Mixta estará integrada por un representante y dos [illegible]antes como máximo, designados por cada Parte.

La Comisión Mixta se reunirá por lo menos una vez al año [illegible]nalivamente en las respectivas capitales, o en cualquier otro lugar de [illegible] respectivos territorios que las Partes acuerden.

La Comisión Mixta analizará las cuestiones relacionadas con la [illegible]ución del presente Convenio y formulará a las Partes recomendaciones [illegible]ientes a su debido cumplimiento.

ARTICULO 18

Nada en el presente Convenio puede considerarse como perjudicial respecto a otros acuerdos entre las Partes, o en relación con Convenios [illegible] multilaterales en que ambas sean parte o con respecto a sus [illegible]ectivas posiciones en materia de derecho del mar.

PARTES ILEGIBLE

CONFIDENCIAL

ARTICULO 19

El presente Convenio entrará en vigor en la fecha en que ambas [illegible] se intercambien las notas en las que se notifican recíprocamente la [illegible]probación de conformidad con sus legislaciones nacionales.

El presente Convenio estará en vigor por el término de DOS (2) [illegible] y será tácitamente reconducido por períodos anuales, salvo que una de [illegible] Partes haga saber por escrito su voluntad en contrario con una [illegible] de SEIS (6) meses respecto de la fecha de vencimiento.

HECHO en la ciudad de Buenos Aires a los veintiocho días del mes [de] julio de mil novecientos ochenta y seis en dos ejemplares originales, [c]ada uno de ellos en los idiomas español y ruso, siendo ambos textos [i]gualmente auténticos.

[P]OR EL GOBIERNO DE LA [R]EPUBLICA ARGENTINA	POR EL GOBIERNO DE LA UNION DE REPUBLICAS SOCIALISTAS SOVIETICAS

11.11

PARTES ILEGIBLE

87[illegible]4865.

Directora: Ernestina Herrera de Noble

Impacto en Moscú

EL aterrizaje en la Plaza Roja de Moscú de una avioneta piloteada por un joven aficionado de Alemania Federal, en tren de aventuras, ha tenido una repercusión tan inquietante —si bien obviamente menos grave— como si se hubiese tratado de un misil. La aparición subrepticia del pequeño aparato en el corazón político militar y administrativo de la segunda superpotencia mundial revela, en efecto, la extrema vulnerabilidad de su sofisticado sistema defensivo.

Desde el aeropuerto de la capital finlandesa, donde se reabasteció de combustible, la avioneta se lanzó hacia una empresa que, previamente, todos hubieran juzgado descabellada e imposible. No solo eludió los controles aéreos fronterizos, sino que sobrevoló luego centenares de kilómetros en territorio soviético y superó sin inconvenientes la compleja red de radares que rodea a Moscú.

Al parecer, el monomotor se deslizó a muy baja altura. Esto, unido a la escasa velocidad que es capaz de desarrollar, le habría situado al margen de los umbrales de alarma de los aparatos de detección. Tal es, al menos, una de las explicaciones intentadas. Las primeras declaraciones del joven piloto y sus antecedentes personales parecen haber eliminado toda hipótesis sobre una maniobra preparada con rigor técnico o con asesoramiento militar.

De demostrarse esta aparente inocencia del viajero, como todo lo hace suponer hasta el momento, aumentan paradójicamente sus consecuencias alarmantes. El sistema defensivo soviético se mostraría así susceptible de ser violado por cualquier osado aventurero, con muy poco esfuerzo y con medios muy sencillos.

Que esto haya sido así implica lógicamente dos posibilidades, ambas de profunda significación política y estratégica. O bien todos los sistemas defensivos de las grandes potencias poseen un límite inevitable de eficacia o bien existen deficiencias específicas en la barrera protectora soviética.

Desde luego puede imputarse como una debilidad inocultable la falta de previsión ante un acontecimiento como el sucedido, pero no está claro si ello puede adjudicarse a una omisión o a una carencia debida a la negligencia y a la impericia de los operadores o a la imperfección del instrumental.

La duda está abierta, y su eventual resolución interesa a todas las naciones y a todos los habitantes del Planeta. Tanto por una razón como por otra, un incidente de este tipo podría derivar en una emergencia bélica de consecuencias imprevisibles, máxime cuando está en juego un potencial nuclear tal como el soviético, y ya nadie puede imaginar un conflicto de esas características que no afecte al mundo en su totalidad.

Si esta vez se trató de un joven arriesgado e inocuo, no queda descartado que con medios parecidos se lleven a cabo ataques serios ni que la intercepción exitosa de un vehículo aéreo promueva una reacción en cadena de alertas y represalias antes de aclararse plenamente lo que está sucediendo. El riesgo es mucho y por ello el actual episodio ha generado tantas reflexiones, temores e interrogantes.

Los soviéticos examinarán sin duda el estado y las condiciones de funcionamiento de su sistema defensivo y tratarán de eliminar, si las hubiera, las fallas evidentes. ¿Pero es posible llegar a un resultado perfecto? Su sistema, así como el de Estados Unidos, está diseñado y preparado para hacer frente a las grandes emergencias. Se trata de trampas de "caza mayor" y, como tales, fácilmente burlables por cualquier "pequeño insecto".

Tal vez sea ésta la lección más útil de lo acontecido, y permita a los responsables de la estrategia de toda superpotencia llegar a la conclusión de que no hay sistema de defensa invulnerable. El tema del filme norteamericano "Juegos de guerra" —un grupo de muchachos que se inmiscuye en el sistema computadorizado del Pentágono y está a punto de desencadenar la Tercera Guerra Mundial— ha tenido en la Plaza Roja una versión más simplificada pero concreta.

Ningún arma ofensiva ni ningún sistema defensivo pueden garantizar en definitiva la seguridad de las naciones. Persistir en las concepciones actuales y apostar a una creciente complejidad de los medios técnicos no aportará tranquilidad ni conducirá a la convivencia pacífica entre los pueblos. La propia supervivencia del género humano estará siempre y cada vez más a merced de accidentes, provocaciones o errores; ello exige un renovado esfuerzo por parte de todos, principalmente de las grandes potencias, para alcanzar un equilibrio basado en la confianza y no en el terror, que tenga su pilar en la drástica reducción y el control recíproco de los armamentos.

01/01

8704775

La "modernidad" llega a Rusia y le dice adiós al rigor ideológico

La Unión Soviética inició una intensa campaña para lograr la firma de "joint ventures" con empresas transnacionales, especialmente radicadas en Estados Unidos en lo que se interpreta como una de las nuevas políticas de acercamiento al mundo capitalista instrumentadas por la administración de Mijail Gorbachov. Esa campaña –concretada hasta ahora en la firma de tres acuerdos para la formación de empresas mixtas con grandes compañías norteamericanas– plantea no pocos interrogantes sobre la capacidad del sistema estatal comunista para adaptarse a las culturas y formas de producción vigentes en los Estados de Economía de mercado.

De acuerdo con una nueva ley, que la agencia noticiosa oficial TASS anunció el 13 de enero y está en vigencia desde el primer día de 1987, individuos o empresas extranjeras tendrán acceso a la propiedad de hasta el 49 por ciento de los medios de producción en empresas soviéticas, compartir en la administración de núcleos de obreros y empleados predominantemente soviéticos y estarán autorizadas a repatriar beneficios originados en la plusvalía obtenida del trabajo local.

El impulso inicial de esta "apertura" del sistema estatal comunista al mundo capitalista es la voluntad de la nueva cúpula dirigente de modernizar fábricas e instalaciones industriales obsoletas y mejorar sustancialmente la productividad de la mano de obra. Los rusos estiman que menos de una tercera parte de la producción del país puede considerarse de "calidad internacional". Los expertos occidentales consideran demasiado optimista esa calificación.

Hasta hace poco los rusos parecían dispuestos a persistir en la autarquía como medio para acceder a la era de las computadoras y la robótica. Pero a partir del derrumbe del precio internacional del principal producto de exportación ruso –el petróleo– el Kremlin comenzó a advertir que sus ingresos en divisas fuertes –principal recurso para la compra de tecnología occidental– se achicarían sustancialmente. "Hasta mediados de 1985 los rusos solo parecían interesados en la compra de fábricas "llave en mano", precisó recientemente un economista de Alemania Occidental. "Aunque en cantidades limitadas; los rusos disponían de importantes ingresos financieros, suficientes para considerarse en condiciones de acceder directamente a las tecnologías de Occidente. Así, los negociadores rusos se interesaban tanto por la compra de fábricas de zapatos como por centrales químicas productoras de polipropileno, o por fábricas de automóviles también completas. Pero la caída del precio del petróleo obligó a postergar estos planes y la política comercial del Kremlim se desplazó hacia la integración de sociedades mixtas".

Para las corporaciones multinacionales de Occidente la "tentación rusa" no deja de ser atractiva: la URSS es uno de los mercados potencialmente más importantes del mundo, con 280 millones de habitantes que, a diferencia de los chinos o los indúes, están ya rozando los umbrales de una sociedad de consumo. A más del acceso a ese formidable mercado, las corporaciones multinacionales esperan una segunda garantía en firme de parte de las autoridades comunistas: la seguridad de que podrán repatriar a su país de origen las ganancias obtenidas en el mercado soviético.

Tres corporaciones norteamericanas firmaron ya otras tres cartas de intención para integrar empresas mixtas con los soviéticos. La Monsanto, (química) se propone operar en sociedad con capitales comunistas una planta productora de herbicidas en la República Soviética de Kasajstán. La Occidental Petroleum –cuyo fundador, Armand S. Hammer, se jacta de haber sido "amigo personal" de Vladimir Illich Ulianov (Lenin)– acordó asociarse a petroleros soviéticos para explotar campos ya en producción de la región del Volga y también está discutiendo la formación de una sociedad mixta para poner en funcionamiento otra planta de fertilizantes. Finalmente, la SSMC Inc., (ex Singer Sewing Machine Company), firmó una tercera carta de intención para instalar una sociedad soviético-norteamericana que producirá máquinas de coser hogareñas e industriales en Orsha, República de Bielorrusia. Se estima que la demanda de máquinas de coser en el mercado soviético habrá de duplicarse en los próximos años: una nueva ley del Soviet Supremo autorizó recientemente a las ciudadanas y ciudadanos rusos a instalar "pequeñas empresas", como sería las que agrupaban a nuestras célebres costureras porteñas de las que habló un olvidable poema de Evaristo Carriego. Estos talleres de costura son un ejemplo de lo que se considera una "apertura importante" hacia formas de producción no contempladas por la rígida ortodoxia de los sistemas estatales comunistas.

Funcionarios soviéticos y occidentales aseguran que estas tres cartas de intención, y tal vez algunas pocas más, serán negociadas detalladamente en los próximos seis meses y servirán como banco de prueba para futuras "joint ventures" en gran escala. Los soviéticos parecen especialmente interesados en apuntalar mediante este régimen de empresas mixtas el desarrollo de las industrias de la pulpa de madera y papel, procesadoras de alimentos y, por encima de todo, ramas completas de las nuevas industrias de tecnologías de punta (comunicaciones, computación, bioingeniería, etc.)

Pero para concretar lo que sería un tránsito del régimen estatal comunista por el ya intensamente recorrido sendero capitalista, los funcionarios del Kremlim deberán responder algunos cuestionamientos cruciales de expertos occidentales:

- ¿Tendrán autoridad suficiente los gerentes occidentales de compañías mixtas soviéticas para despedir a obreros improductivos o pagar premios y salarios privilegiados a los que se destaquen productivamente?

- ¿Serán las empresas mixtas, como lo prometen algunos funcionarios soviéticos en las negociaciones, completamente independientes del rígido y centralizado sistema de planeamiento de la economía estatal comunista?

- ¿Cuánto habrán de pagar las empresas mixtas por el combustible ruso, las materias primas locales y, fundamentalmente por la mano de obra rusa, considerada en extremo ineficiente cuando se la compara con la productividad individual de obreros italianos, alemanes, norteamericanos o japoneses?

- Finalmente, pero primero en el interés de los capitalistas occidentales: ¿podrán los socios occidentales de las empresas mixtas repatriar las ganancias obtenidas en el mercado soviético?



Sobre este cuarto y crucial interrogante los rusos no se hacen tan los osos como una leyenda negra los considera en otros aspectos. Ya muchos funcionarios del Kremlim están elogiando las "joint ventures" como un instrumento útil para que el régimen estatal comunista pueda asegurarse mayores exportaciones hacia mercados de terceros países, donde se podrán generar divisas fuertes. Estas insinuaciones de los soviéticos provocan algunos interrogantes en las compañías occidentales. Por ejemplo: ¿a qué mercados podrán llegar esas empresas mixtas ruso-norteamericanas que no hayan trabajado ya las corporaciones multinacionales? ¿Afganistán? ¿Vietnam? ¿La Argentina de Raúl Alfonsín, cuya empresa petrolera estatal (YPF) acaba de comprar barredoras de nieve en Moscú? "Nuestro objetivo real es el mercado ruso y no mercados cautivos por obra de tontos políticos o idiotas inútiles en países de cuarta y subadministrados", dijo tajantemente un ejecutivo occidental.

También de acuerdo con fuentes empresarias occidentales la corporación fabricante de las máquinas de coser Singer fue informada en principio de que podría vender en el mercado soviético la producción y girar al exterior las ganancias que obtuviera en el negocio. Después, sin embargo, funcionarios soviéticos dijeron a la compañía norteamericana que el consorcio a integrar debería generar sus propias divisas, vendiendo en mercados fuera de la Unión Soviética, donde la Singer es líder en el mercado. Los temores de los dueños de Singer parecieron confirmarse el mismo martes 13 de enero en Moscú, cuando la prensa soviética de ese día publicó nuevos detalles de la reglamentación legal a que habría de ajustarse las empresas mixtas a integrarse en el Estado comunista. Una de las normas legales publicitadas establece que las ganancias en divisas extranjeras de los socios occidentales no podrán superar el monto de divisas que produzca la empresa mixta por sus ventas fuera de la Unión Soviética.

"Esta cláusula de alguna manera va a limitar la cantidad de empresas occidentales dispuestas a participar en la consolidación de compañías mixtas en el territorio de la URSS", concedió en un comentario editorial la agencia oficial Tass.

Pese a los malentendidos y las prevenciones, los analistas occidentales estiman que algunas corporaciones estarán dispuestas a obtener sólo ganancias marginales con tal de poner un pie que les permita mantener abierta las puertas de un mercado nuevo y altamente prometedor.

"Este es el país grande del mundo, y drá convertirse en una las áreas de crecimie más importantes del pla ta si la política de Gor chov termina por impo se; uno puede creer que cosas están cambiand declaró Greg Oztemel, presentante de la com ñía comercial Satra, Estados Unidos que tiene unos 100 millo de dólares al año c prando metales en Unión Soviética y diendo autos rusos en mercado británico.

Los occidentales tienen que la industria viética resulta una atr ción obvia como natural de empresas mixt El país es rico en petról carbón, metales y made muy escasos de recur naturales propios. Los genieros soviéticos son tamente calificados por competencia, especialme te en sectores como metalurgia. Y, como subrayó, un analista occ dental, los controles eco lógicos que obligaron a l clausura de gran cantida de centros industriales y envejecidos en Estado Unidos y otros países desa rrollados son mínimos e la Unión Soviética. Lo occidentales que quiere establecer sus capitales e la URSS cuentan, adem con otra ventaja sustancia el salario promedio re de un obrero industrial s viético es de 195 rubl (unos 286 dólares) me suales. Cierto que en Unión Soviética, los obr ros –lo mismo que tod los trabajadores, indepe dientemente de su jer quía y función– tien asegurado prácticamente servicio médico permane te y gratuito (una pesadil para los obreros norteam ricanos no sindicalizad que son la mayoría), alquiler de la vivienda p mensualidades que superan el 10 por cien del salario percibid vacaciones en centros veraneo regenteados por Estado y –fundamental la educación prácticame te gratuita para sus hijos Pero estos "costos sociales de la mano de obra rus absorvidos por el Estad vale decir por la comun dad toda, no serían pag dos por los socios occiden tales de las empresas mix tas a integrar.

En este contexto finalmente, la disputa po la repatriación de la ganancias, adquiere –par rusos y occidentales– sig nificados diametralment contradictorios. Pued pronosticarse, entonces que el Estado comunista reclamará a los capitalistas que, de alguna manera, "paguen" la mano de obra barata que le ofrece el régimen político vigente en la URSS. Inversamente, los capitalistas recurrirán a cuanto artilugio puedan inventar para torcer el destino de esta historia.

01 .01

3704776

Modernización y productividad

Nueva estrategia económica de la URSS

La meta fundamental de la nueva estrategia económica soviética es pasar de un modelo extensivo a un modelo intensivo de crecimiento económico y de desarrollo social, asegurando la profunda modernización tecnológica y estructural de la URSS, enseña el Prof. I.D. Ivanov, subdirector del Instituto de Economía Mundial y Relaciones Internacionales de la Academia de Ciencias de Moscú. De acuerdo a esa meta, la nueva estrategia considera a la aceleración del progreso tecnológico y a los cambios estructurales de largo alcance en la economía como los dos componentes claves para su reconstrucción cualitativa. Por esto, prevé la integración de investigación, desarrollo y producción, la reorientación de la política de inversiones hacia la modernización de las empresas, en lugar de destinarla a las construcciones nuevas como se hacía previamente, y el uso más completo posible de todos los recursos disponibles y de las capacidades de producción. De acuerdo a esta meta se ha decidido duplicar la capacidad nacional de producción y el ingreso nacional para el año 2000, e incrementar la productividad del trabajo en el país en un factor de 2.3-2.5. Esto significa alcanzar la más alta productividad en el mundo, siendo la productividad incrementada la única fuente para el crecimiento del ingreso nacional. (El Plan prevé un incremento en la variable de 60-80 por ciento). Se disminuirá el uso de energía por unidad de producción 1.4 veces para el año 2000 y el uso de metales será reducido a la mitad; los ahorros proveerán 75-80 por ciento de los recursos adicionales de la economía. Los patrones usados para medir la eficiencia serán el incremento del resultado por Rublo invertido, y la medida de la calidad será la competitividad internacional de los productos y servicios referidos.

La política industrial será selectiva, con particular énfasis en las industrias de maquinarias, capaces, cuando se mejoren, de modernizar todos los otros sectores económicos. Las industrias prioritarias para los próximos años serán máquinas herramientas electrónicas, ingeniería eléctrica, computadores y robótica, informática, y la química como fuente de nuevos materiales. En agricultura se procura minimizar la vulnerabilidad del sector a las condiciones climáticas y alcanzar la autosuficiencia soviética en alimentos básicos, con mayores inversiones en elementos productivos (equipamiento, fertilizantes, pesticidas) e infraestructura agroindustrial (transporte, almacenamiento, procesamiento, comercio detallista, desarrollo social rural). En el sector de la energía, el país continuará siendo autosuficiente en combustibles y exportándolos, con acelerado desarrollo de la energía atómica (5-7 veces el producido) y la industria del gas (1.6-1.8 veces). El proceso de modernización será apoyado por una infraestructura reforzada.

EL PAPEL DE LA EMPRESA

Sin embargo, el corazón de la estrategia radica en otorgar un mayor papel y más responsabilidad a las empresas individuales y a sus asociaciones. Esas empresas y asociaciones reciben un creciente grado de autogestión sobre bases de costos contables, y con desempeños medidos por los resultados finales. El Estado se atiene más a regulaciones indirectas como créditos, precios, tasas de depreciación, impuestos, y otros incentivos. El establecimiento de precios se hace más conducente al ahorro de mano de obra y material, así como a la mejora de la calidad. El personal y los sindicatos tendrán más opinión en la administración.

Algunas de estas innovaciones ya han sido probadas en el marco de los experimentos económicos iniciados en 1983. En 1985 el experimento cubrió el 15% de las empresas industriales, en 1986 el 50%, y en 1987 se espera que cubra a todas las empresas y comience a extenderse a otros sectores.

Se espera hacer el mejor uso de las posibilidades ofrecidas por la división internacional del trabajo y sobre todo, de los beneficios de la integración económica socialista. Las relaciones económicas externas y los contactos científicos y técnicos son fortalecidos, y se hacen cambios estructurales progresivos en exportaciones e importaciones para mejorar la eficiencia económica y garantizar la independencia soviética de las economías de mercado en áreas estratégicamente importantes.

FUNCION DE LA IMPORTACION

La URSS necesita relaciones económicas externas para obtener un desarrollo adicional y opciones de inversión, y para ahorrar en costos y en tiempo a través de los beneficios de las ventajas comparativas.

La vinculación soviética en el comercio exterior es ahora estructural y, consecuentemente la única vía para administrarlo es *mejorar su rendimiento. Por estas razones,* el comercio exterior también es modernizado y reorganizado.

En el nuevo modelo, las funciones de la *importación son diversificadas: (a) como en* todos lados, provee a la economía los productos no producidos localmente o con oferta doméstica reducida (alimentos tropicales, fibras duras, goma, maní, bauxita, maíz, etc.).

(b) salva los vacíos naturales en la oferta, particularmente en casos de ventajas comparativas o especialización industrial y cooperación. (P. ej. hilados, calzado, aluminio, petroquímicos, fertilizantes, etc.).

(c) enriquece la oferta interna, constituyéndose en un desafío a las industrias locales (tejidos, vestimenta, calzado, jugos, dulces, etc.).

(d) algunas veces prueba ser más efectiva para abastecer las partes remotas del país, (Lejano Oriente).

(e) cada vez más frecuentemente, se canaliza a fortalecer las exportaciones a través de la creación de capacidad, subcontrataciones o incorporaciones tecnológicas (pulpa y papel y petróleo y gas, productos químicos).

Pero la más importante función de las importaciones, es contribuir a la modernización técnica de la economía soviética.

Todas las importaciones de los países de economía de mercado representan solo el 1,5% del PBI de la URSS, pero igualmente en industrias claves se requieren alternativas tecnológicas. La participación de los países en desarrollo en el total de importaciones de bienes de consumo soviéticos, pasó de 0,1% en 1970 a 10%, a mediados de los años 80.

Para hacer los flujos más estables, los planificadores, organizaciones de comercio exterior y los consumidores, procuran arreglos de largo plazo y contactos directos con los socios comerciales. En política comercial, la URSS procura tanto acuerdos bilaterales como multilaterales y provee infraestructura bancaria (el VNESHTORGBANK tiene ya una filial en Zurich), de transporte, y de comunicaciones.

La meta en exportaciones de la URSS es llegar a ser el primer exportador mundial de maquinaria, equipo y tecnología, como para jugar un papel líder en la industria y la ciencia mundial.

El nivel de las importaciones soviéticas es normalmente determinado por los ingresos de exportación. Bajo la nueva estrategia, las importaciones deben servir a las metas de eficiencia, progreso tecnológico, cambio estructural y desarrollo económico y social acelerado como un todo. Se prevé un incremento de las importaciones, pero el cambio envolverá una mezcla de justificada sustitución de importaciones y activación de compras en áreas prioritarias seleccionadas (progreso tecnológico, necesidades sociales). Simultáneamente las organizaciones de comercio exterior diversifican sus operaciones, buscando más opciones geográficas y contractuales.

Los ítems más evidentes para sustituir son compras de granos, algunos productos de acero, maquinaria que puede producirse localmente, y ciertos productos químicos. El plan indica la autosuficiencia en granos básicos a través del incremento de la producción y más efectivo procesamiento (transporte, depósito, etc.) Las importaciones serán más selectivas.

La política social de elevación del bienestar diversifica la demanda. Con ingresos mayores, los consumidores se inclinan a comprar alimentos de estación, exóticos, o especiales, además de lo[illegible] esenciales habituales. De acuerdo con e[illegible] to, se prevén mayores compras de produ[illegible] tos tropicales. Se espera una demanda [illegible] tacionaria para carne y productos [illegible] por algún tiempo. La URSS busca una co[illegible] binación óptima de granos gruesos, [illegible] bando productos de diversas zonas. [illegible] además de brotes de soja, maíz y sorgo, [illegible] porta ahora tapioca de Tailandia.

Héctor N. Di Bia[illegible]

Fuente: "The Soviet Union in a changin[illegible] global economic setting: the prospects f[illegible] trade, oriented growth". UNCTAD.

Quejas en el Kremlin

MOSCU, 12 (Por Don Oberdorfer, de "The Washington Post", especial para Clarín). — Un importante funcionario soviético indicó este sábado que la visita del secretario de Estado norteamericano, George Shultz, a Moscú, esta semana, determinará si aún es posible celebrar un acuerdo de control armamentista en lo que resta de la administración Reagan.

Este funcionario, quien está abocado a la preparación de las conversaciones con Shultz que se inician mañana, agregó que la reciente propuesta de Mijail Gorbachov sobre la realización de negociaciones separadas para misiles nucleares de corto alcance está destinada a hacer desaparecer el último obstáculo importante para un acuerdo que permita la erradicación de Europa de las armas de mediano alcance.

"La visita de Shultz resultará crucial. Nos permitirá saber si el gobierno norteamericano desea celebrar un acuerdo con nosotros", añadió este funcionario, quien pidió mantenerse en el anonimato. Luego de calificar a un acuerdo sobre fuerzas nucleares de alcance intermedio como "nuestra prioridad en estos momentos", el funcionario indicó que Moscú está listo para llegar a un acuerdo sobre este punto a pesar de los intercambios cada vez más *resonantes sobre* cargos de espionaje en las embajadas de ambas capitales.

Dada la importancia de la visita de Shultz, funcionarios soviéticos y otros observadores reconocen estar particularmente molestos por el retórico fuego cruzado sobre actividades de espionaje en las embajadas. En su opinión, las acusaciones de intrusión en la embajada norteamericana (en Moscú) por parte de agentes soviéticos han sido explotadas por algunos en Washington que pretenden frustrar toda perspectiva de progreso en control armamentista y otros temas en un momento crucial de las relaciones norteamericano-soviéticas.

Un experto en asuntos norteamericanos, George Arbatov, y otros funcionarios soviéticos mencionaron diversos incidentes como:

—El descubrimiento por parte de EE.UU. de una "brigada de combate soviética", en Cuba, en agosto de 1979, en momentos en que el Senado norteamericano se preparaba para abordar el tema de la ratificación del acuerdo SALT II (de armas estratégicas). Luego de varias semanas de alta tensión en círculos diplomáticos, se descubrió que la brigada se encontraba en Cuba desde 1962 y que Estados Unidos tenía conocimiento de ella.

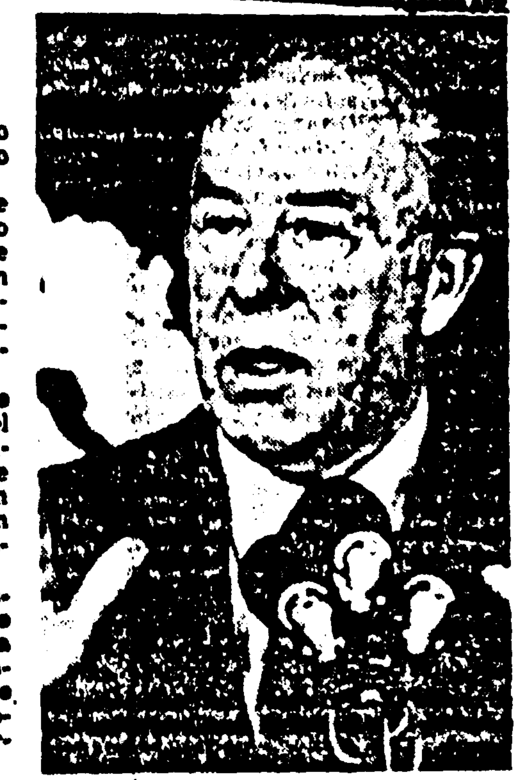
—Las acusaciones norteamericanas de "homicidio" presentadas contra la URSS por el derribamiento de una nave surcoreana el 31 de agosto de 1983 cuando funcionarios de la administración Reagan avanzaban lentamente hacia una mejora en las relaciones soviético-norteamericanas. "No cabe duda de que vuestro pueblo sabía positivamente que nosotros pensamos que se trataba de un avión militar de Estados Unidos", denunció Arbatov.

—Denuncias oficiales, en julio y agosto de 1985, durante los preparativos para la cumbre de Ginebra, de que un "polvo de espías" cancerígeno estaba siendo utilizado por la inteligencia soviética para seguir los pasos del personal de la embajada norteamericana. Meses después se supo que este "polvo de rastreo" había sido usado durante décadas, a veces, y que no había pruebas de que causara cáncer.

—El arresto y encarcelamiento de Gennadi Zajarov, un empleado soviético de las Naciones Unidas, bajo cargos de espionaje en agosto del año pasado, en momentos en que ambos gobiernos se intercambiaban propuestas de control armamentista, que culminaron en la cumbre de Reikiavik.

En el reciente caso del "escándalo de embajadas" se hizo notar en Moscú que el sargento Clayton Lonetree, supuestamente el guardiamarina "clave" en este "affaire", abandonó la capital soviética en marzo de 1986, en tanto que el capitán Arnold Bracy —su cómplice— dejó Moscú en setiembre del año pasado.

"Es totalmente obvio que existen instituciones, grupos y personas bastante influyentes que están en contra de toda normalización de las relaciones entre Estados Unidos y la Unión Soviética y que encuentran la forma para causar problemas en momentos cruciales", agregó Arbatov.



Agencia AFP

Clarín 13/4/87

01.01

8704799

RS

026

Nación: 20 Junio 1987

Apelación de creyentes en la URSS

Militantes de la Iglesia Ortodoxa Rusa se han dirigido al primer ministro soviético, Mikhail Gorbachov, a fin de que considere la posibilidad de permitir mayor esfera de acción al culto religioso. El sacerdote que encabezó la petición había cumplido hace poco una condena de cinco años en Siberia "por difamar al Estado". No obstante el peso de ese antecedente, el padre G. Yakunin hizo llegar la solicitud en unión con un grupo de creyentes.

En la nota de referencia saludaron la flexibilización política promovida por el actual gobierno de la URSS y reclamaron que el proceso de liberalización se extienda al ámbito de la actividad religiosa. "La reconstrucción no será completa –afirmaron– sin un cambio en las relaciones Iglesia-Estado."

Es oportuno recordar que, de acuerdo con la propuesta aperturista de Gorbachov, el periodismo ha tratado temas antes vedados como el alcoholismo, la drogadicción y la homosexualidad. Sin embargo, esta elasticidad no alcanzó todavía las cuestiones religiosas, en las que apenas se ha insinuado.

Por otra parte, la enseñanza del ateísmo sigue vigente en la política educativa de la Unión Soviética y no deja de enfatizarse su necesidad dentro del régimen comunista. Precisamente, la mayor aspiración de los fieles ortodoxos es la modificación de la ley concerniente a la educación de los niños.

El tema planteado, sin duda, abre un interrogante de gran interés para los religiosos y para los observadores políticos de la apertura Gorbachov.

En la rígida arquitectura ideológica marxista, el ateísmo es una piedra basal. El materialismo dialéctico niega por principio la religión y su estrategia de penetración siempre se ha apoyado en la promoción del ateísmo. La respuesta que siga a la petición de este grupo ortodoxo tendrá un valor indicativo en cuanto a la realidad y los límites de la flexibilización actual del régimen de la URSS.

URSS

01.01

Europa paga su distracción

Gorbachov, pacifismo con bemoles

(Desde París, Ramón P. Doleiro)

Mientras, en Europa Occidental, todo el mundo todavía sigue preguntándose qué quieren decir, en definitiva, las famosas "transparencia" y 'reestructura' de Gorbachov, el hombre de Moscú no se preocupa excesivamente de tales perplejidades y sigue adelante con su ofensiva en todos los terrenos.

Por supuesto, las metas esenciales no han cambiado, empezando por la primera e inmediata: la desaparición de la OTAN, por lo menos la que hasta ahora y por 40 años se ha conocido, o sea la neutralización de Europa Occidental, o sea el primer paso para su 'finlandización".

Frente a ese Gorbachov dinámico, imaginativo, pragmático, coherente y en lo esencial de férreo e inmutable principismo estratégico, se encuentra un Reagan castigado, desacreditado, minoritario en el Congreso y en período preelectoral. Se encuentra también una Europa que durante años ha sido incapaz de encontrar un consenso sensato sobre el tema de su propia seguridad, transformado en fórmulas concretas y eficaces de defensa.

En ese contexto es inevitable que ocurra lo que el mundo hoy presencia: la puesta en práctica de iniciativas soviéticas, desde una especie de inagotable manantial, paralela al embarazo, desajuste y desorientación de los europeos occidentales. Y mencionamos a estos y no a EE.UU. porque Washington —con el presidente arriba descrito a la cabeza— solo está interesado en jugar al corto plazo, en cadencias electorales, para borrar —ya, ahora— los rastros de "irangates" y demás inepcias.



Superopción cero

El esquema rígido de la época de Brezhnev ha saltado en mil pedazos. Era, en definitiva, la reiteración de anquilosadas fórmulas que simplemente preferían con viejo cuño stalinista, movimientos paso a paso, dureza en los planteos y la utilización masiva de los partidos "hermanos" como motores de opinión pública.

Tal política fracasó y mientras los partidos "hermanos" perdían peso y presencia en sus respectivos países, los Pershing se instalaban para contrarrestar los SS20 soviéticos.

Había que tomar otro camino y Gorbachov lo ha hecho y con una cascada de proposiciones que, tomando lección de lo sucedido en la cumbre de Reikiavik, está siempre adelante de lo que exija Occidente, en su versión norteamericana como en su versión europea.

Hoy por hoy, de esa manera, la URSS propone obviamente la "opción cero" por los euromisiles, sin relacionarla con los armamentos estratégicos ni con la IDS ("guerra de las galaxias"), pero también la discusión inmediata sobre los SRNF (o sea los misiles de corto alcance) y también, faltaba más, la destrucción de las armas químicas.

Por supuesto, Estados Unidos está fascinado con tales coqueterías y Europa Occidental lúcida y absolutamente aterrada. ¿Por qué? Por la sencilla y dolorosa razón que, sin entrar en los detalles pertinentes a una desnuclearización europea, con lo que ello implica sobre control eficaz, por ejemplo, si se acepta como creíble el ofrecimiento de Gorbachov, Europa queda 1) desprotegida de la cobertura nuclear norteamericana y 2) enfrentada a un eventual adversario cuyo poderío convencional la supera de manera aplastante y rotunda.

El pánico, ¿y después?

Ha llegado entonces el momento de no solo sacar las cuentas, sino de enfrentar las duras realidades que ellas muestran. Francia a la cuasi unanimidad (con la obvia excepción del Partido Comunista) es hoy plenamente consciente de la trampa que tan disimuladamente se le presenta y busca por todos los medios de elaborar, lo más rápido posible, un discurso estratégico europeo, que incluye necesariamente a Alemania Federal. En esa línea la sigue el Partido Conservador y la socialdemocracia británicas y no, como parece descontado, un partido laborista que sigue atado a su angelismo pacifista. Pero el problema es Alemania Federal y allí las cosas se complican porque, en definitiva, los planteos que son claros para Margaret Thatcher y para el dúo Mitterrand - Chirac lo son mucho menos para la clase dirigente de Bonn, excepción hecha del ministro de Defensa Manfred Woerner; la pauta, en ese terreno, está dada por la posición del ministro de Relaciones Exteriores Hans-Dietrich Genscher, quien dijo una frase para la historia, al comienzo de la "revolución" gorbachoviana ("no hay que tener prejuicios, hay que tomar su mensaje al pie de la letra") y ahora saca conclusiones "pieletristas" y no puede menos que alabar el "pacifismo" de Gorbachov.

Los viejos pecados europeos emergen así a la luz pública. Durante años y años, apostando por un lado a la retórica oposicional frente a EE.UU. y por el otro a la última seguridad que daba la garantía nuclear norteamericana, Europa se durmió en la detente y se olvidó que un proyecto de superpotencia (como pretende serlo la Europa comunitaria) no puede navegar por los mares de la historia sin detenerse a analizar cuáles son sus necesidades estratégicas, vinculadas a sus pretensiones de autonomía.

Ahora, quizás cuando ya es tarde, en muchas capitales europeas se están releyendo de apuro los textos luminosos y contundentes de Raymond Aron, cuidadosamente dejados de lado cuando podían (y debían) haber sido puestos en práctica.

026

DN

Condenan a capitanes soviéticos

MOSCU. — Dos capitanes soviéticos fueron declarados culpables de violar medidas de seguridad y sentenciados a 15 años de prisión, a raíz de la tragedia del crucero "Almirante Nakhimov" en el Mar Negro, informó la agencia noticiosa oficial "Tass".

El hecho sucedió en agosto y dejó un saldo de 400 muertos.

El veredicto en el juicio, que comenzó el 12 de marzo, fue de culpabilidad por graves infracciones a las regulaciones de seguridad marítima.

Vadim Markov, de 56 años, capitán del lujoso crucero "Admiral Nakhimov" y Viktor Tkachenko, de 44 años, capitán del transbordador de carga "Pyotr Vasev", fueron relevados de sus funciones luego del desastre del 31 de agosto.

El carguero embistió violentamente al Almirante Nakhimov, durante una noche de aguas calmadas y claras.

El Nakhimov, que se encontraba lleno con cerca de 1.200 personas, entre veraneantes y tripulantes, virtualmente se partió en dos y se hundió.

El Día 31/3/87

Fichaje

URSS

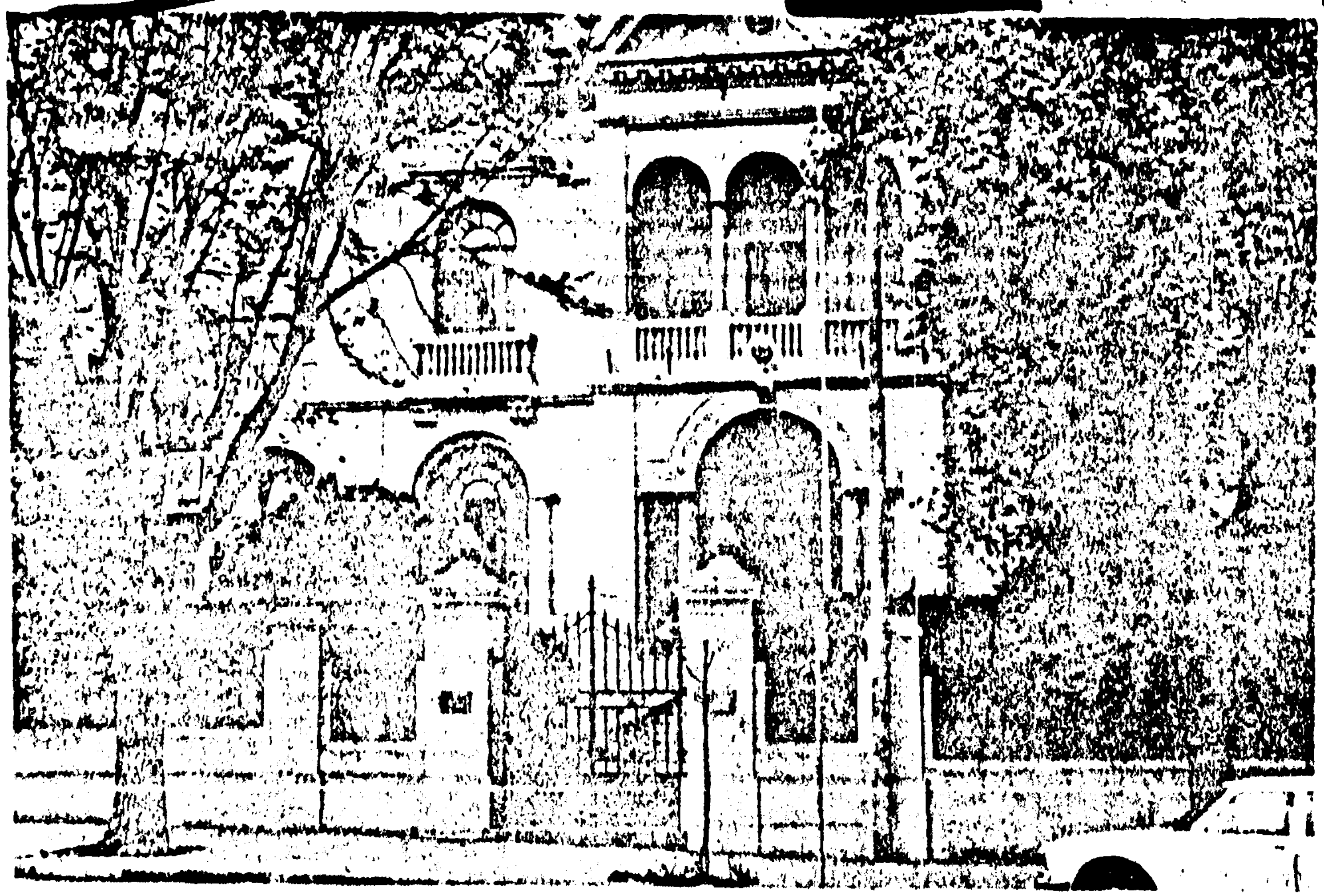
01/01

8704826.

disculpe

YERLA

Montevideo, miércoles 8 de julio de 1987.





¿EMBAJADOR O AGENTE SECRETO?

01/02

8704838

El señor Igor K. Laptev es el actual Embajador soviético ante el gobierno uruguayo. Cuando fue presentado, hace algunos meses, se mencionó que había prestado servicios en el Ministerio de Relaciones Exteriores de la URSS. Pero nada se dijo de sus otros destinos en el exterior, si es que los tuvo.

Lo interesante del caso es que si este señor Igor K. Laptev es el mismo Igor K. Laptev que tuvo destinos diplomáticos en Canadá y en el Reino Unido, habría habido motivos para no revelar estos antecedentes en su carrera. Porque el señor Igor K. Laptev que estuvo destinado en Canadá de 1967 a 1970 y en Gran Bretaña en 1971, fue expulsado de este último país en ese mismo año por actividades incompatibles con su cargo diplomático.

Concretamente, según indica el libro "KGB La Labor Clandestina de los Agentes Secretos Soviéticos" de John Barron (Editorial Diana de México - 1976), el señor Igor K. Laptev que fue expulsado de Gran Bretaña en el año 1971 –como lo indica en la página 453 que reproducimos– es un agente de esa siniestra organización: ha sido definitivamente identificado por dos o más fuentes fidedignas como participante de actos clandestinos contra países extranjeros, como agente de la KGB. Este señor Igor K. Laptev formaba parte de un contingente de soviéticos que estaban dedicados a actividades subversivas en Gran Bretaña, de donde fue expulsado –como indicáramos– en el año 1971.

Con buen criterio, en la página 387 del libro que estamos comentando –el que ya es un clásico en materia de documentación sobre el trabajo de los agentes secretos soviéticos– John Barron expresa: "Las naciones deberían rehusarse a aceptar a "diplomáticos" rusos que otros países hubiesen expulsado por actividades ilegales, así como a los que se sabe que son funcionarios de la KGB".

Robert Conquest –quien ha escrito la introducción del citado libro– también asevera: "Los países huéspedes deben por lo menos insistir (pocos lo hacen) en que se limite la representación soviética al número de personas necesarias para llevar a cabo sus verdaderas actividades... y que no se acepte en las embajadas soviéticas a "diplomáticos" que ya han sido denunciados en otras partes. Refleja esto la absurda debilidad de algunos países occidentales que distan mucho de precaverse contra esos dos peligros manifiestos".

Este criterio muy sabio, nuestro gobierno lo debería haber adoptado siempre y cuando –reiteramos– el embajador Igor K. Laptev sea el mismo Igor K. Laptev indicado como agente de la KGB por John Barron después de haber sido debidamente identificado como tal por dos o más fuentes fidedignas.

¿Se trata de dos identidades distintas o de una doble personalidad? Esto es algo que esperamos que la Embajada soviética en Montevideo y el Ministerio de Relaciones Exteriores, tendrán el interés y la cortesía de aclarárnoslo.

Semanario

Disculpe

Director
Redactor Responsable
Hugo Ferrari
Eduardo Acevedo 1456
Montevideo

Impresión
El País S.A.

Composición
Impresol

Las opiniones vertidas en los artículos son de exclusiva responsabilidad de sus autores.

Distribución
Manhattan
Teléfono 91 59 11

CIUDADANOS SOVIÉTICOS DEDICADOS A OPERACIONES CLANDESTINAS

KUZNETSOV, Albert Mikhailovich: Alemania Oriental 65-66
KUZNETSOV, Anatoli Ivanovich: Irán EXPULSADO 56
KUZNETSOV, Anatoli Vasilevich: Gran Bretaña 57-59; Nueva York 62-66; Gran Bretaña EXPULSADO 68
KUZNETSOV, Dmitri Nikolaevich: (GRU) Argentina 58-59; México 59-62; Italia 69-70
KUZNETSOV, Georgi Aleksandrovich: Nueva York 62-65; Gran Bretaña EXPULSADO 71
KUZNETSOV, Ivan V.: México 47-51; Uruguay 54-57
KUZNETSOV, Nikolai Afanasevich: Iraq 63
KUZNETSOV, Nikolai Nikolaevich: Bélgica 49-55; Francia 60-65; Italia 67-69
KUZNETSOV, Pavl Trofimovich: (GRU) Holanda 57-60
KUZNETSOV, Sergei Aleksandrovich: Holanda 52-57; Francia 59-64; Italia 67-71
KUZNETSOV, Sviatoslav P.: Argentina 55-60; México 62-67; México 68-70; Chile 71
KUZNETSOV, Vasili Vladimirovich: (Maj. Gen. KGB) Indonesia 67-69
KUZNETSOV, Viktor A.: Canadá EXPULSADO 59
KUZNETSOV, Vladimir Andreevich: Congo Kinshasa (Zaire) EXPULSADO 64; Bélgica 71-72
KUZNETSOV, Yuri Aleksandrovich: (GRU) Paquistán 60-65; Gran Bretaña EXPULSADO 71
KUZNETSOV, Yuri Grigorevich: Noruega 71
KUZNETSOV, Yuri Nikolaevich: Suiza 56-59; Luxemburgo 63; Nepal 63-64; Alemania Occidental 65-68
KVARDAKOV, A. P.: Gran Bretaña EXPULSADO 71
KVASHNIN, Yuri Dmitrevich: (GRU) Nueva York 56-59*; Nruega 62-67
LADYGIN, Anatoli Ivanovich: Uruguay EXPULSADO 68
LAGUNIN, Vladimir Nikolaevich: (GRU) Birmania 60-63; Islandia 66-69
LAKHTIUKHOV, Mikhail Fedorovich: Italia 50-52; Italia 56-61
LAKOMSKY, Igor Aleksandrovich: Turquía 48-49; Turquía 55-59; Chipre 60-64; Turquía 68-72
LAPINSH, Gunar Petrovich: Suecia 58-61
LAPSHIN, Anatoli I.: Dinamarca 58-60; La India 63-65; Gran Bretaña EXPULSADO 71
LAPTEV, Igor K.: Canadá 67-70; Gran Bretaña EXPULSADO 71
LAPUSHENKO, Nikolai Ivanovich: Ghana EXPULSADO 66
LARINCHEV, Dmitri: (GRU) Turquía 46; Suecia 47-50
LARIONOV, Nikolai S.: Suiza 60
LATISHEV, Leonid: Yugoslavia EXPULSADO 49
LATSINA, Levi: Mali EXPULSADO 72
LAVKOVSKY, Yuri Ivanovich: (GRU) Gran Bretaña EXPULSADO 71; Indonesia 72-73
LAVRISHCHEV, Aleksandr Andreevich: Bulgaria 47; Embajador en Turquía 48-53
LAVROV, Ivan Mikhailovich: Austria 57-60; Alemania Oriental 62-65; Mauritania 6[illegible]-68; Zaire 70
LAVROV, Valeri Alekseevich: (GRU) Gran Bretaña EXPULSADO 71
LAVRUSHKO, Igor P.: La India EXPULSADO 68
LAZAREV, Anatoli Ivanovich: Francia 49-58; Francia 59-66; Uruguay 67
LAZAREV, Oleg Borisovich: (GRU) Gran Bretaña EXPULSADO 71
LEBEDEV, Nikolai Kuzmich: (GRU) Holanda 46-50; Holanda 56-59
LEBEDEV, Sergei Mikhailovich: Gran Bretaña 58-64; Noruega 67-68; La India 70-
LEBEDEV, Yevgenni S.: Japón 51-52; La India 62-66
LEBEDINSKI, Roald: China 65-66; Francia 70
LEMEKHOV, Dmitri Aleksandrovich: (GRU) Suecia 44-48; Dinamarca 56-58; Holanda 59-62; Finlandia 64-65

PERLA 02/02

PARTES POCO LEGIBLE

8704838

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Zhao Ziyang exhortó a la moderación ideológica.

PROCEDENCIA: Clarín 16/3/87

ARCHIVADO EN: R. P. China (033)

01/01 8704852

RS

0 26

URSS

20 Congreso de la Juventud Comunista Soviética

La Perestroika: El impulso y su freno

"Qué significa la 'perestroica'? Más socialismo, mayor democratización, transparencia informativa, mayores recursos para el desarrollo". Con estas palabras Mijail Gorbachov resumía la médula del proceso de cambios y renovación, perestroika, en ruso, que está atravesando la sociedad soviética, en el segundo día del vigésimo Congreso de la Juventud Comunista Soviética desarrollado los últimos días de abril, en Moscú.

¿QUE SIGNIFICA LA RENOVACION?

La renovación no significa negar aquellos aspectos del pasado que no podemos, que no tenemos derecho a llevar al futuro" (1). En otras palabras "hace falta superar el mecanismo de freno del desarrollo socioeconómico, que ha cobrado una poderosa fuerza de inercia, que ya adquirió capacidad propia de generar estancamiento" (2).

Asimismo se señala la tarea de "superar tendencias engendradas por la práctica de las últimas décadas y con las cuales no podemos reconciliarnos" (3). Ultimas décadas que constituyen un prolongado "período en el que ha crecido ya, toda una generación de personas cuya formación profesional y moral se desarrolló bajo el efecto deformador de la petrificación" (4).

Como principal tendencia negativa se señala el dogmatismo, "pensamiento autoritario elevado al rango de principio político, moral e intelectual" (5).

"La base ideológica y teórica de la 'perestroika' presupone romper el dogmatismo, elemento sustancial de freno en la esfera de la conciencia social" (6). ¿Cómo se desarrolla la transformación? En palabras de Gorbachov durante el Congreso "se trata de que hoy debemos pensar de una manera nueva, actuar de una manera nueva, trabajar de una manera nueva". ¿En qué se apoyan estos cambios? "En la transparencia informativa, la crítica y la democracia, fuerzas motoras de la renovación". ¿Cómo se visualiza desde el proceso de cambios, el futuro de la sociedad soviética? "El futuro de la democracia socialista guarda relación con el desarrollo de los mecanismos de la competitividad en la economía, la ciencia y la vida espiritual, con la ampliación de la autoadministración en todos los niveles y con el aumento del papel de la iniciativa personal de cada uno" (7).

LA TRANSFORMACION Y LOS JOVENES SOVIETICOS

En este proceso de cambios se inscribe el 20 Congreso, donde se atacaron los problemas que atañen a la construcción de una organización política que realmente asuma los intereses de los jóvenes. Para ello se abordaron los principales problemas de la organización (no exentos, obviamente, de vinculación con el resto de la problemática societal), entre ellos el formalismo y el burocratismo, la deformación del centralismo-democrático en "centralismo-burocrático", donde "las conferencias y reuniones, plenos y sesiones de los 'burós' se convierten paulatinamente en espectáculos bien ensayados" (8).

En otras palabras "muchas organizaciones y comités de la Unión de Juventudes Comunistas Soviéticas resultaron separados de la vida de los problemas de la juventud y de su educación, en un período complicado que atraviesa el país" (9).

Para abordar estas problemáticas se introducirán cambios trascendentes, imposibles de evaluar hoy en toda su dimensión histórica y su posibilidad de profundización o de frustración.

La efectiva posibilidad de elegir dirigentes, o incluso la posibilidad de hacerlo mediante voto secreto; la más amplia publicidad de lo actuado y el permanente control por las bases, son parte de los cambios propuestos.

¿Enfrentan resistencias en la juventud estos cambios? En palabras de V. Mironienko "lo más difícil de la reestructuración es modificar su propia conciencia, abandonar la costumbre de ver 'abajo' solo ejecutores y 'arriba' sólo burócratas" (10).

¿TRANSFORMACION O MAQUILLAJE?

¿Constituyen estos cambios, alteraciones profundas de la sociedad soviética capaces de revertir las deformaciones negativas del "socialismo real"? Es una interrogante aún abierta, aunque a primera vista la impresión es positiva.

La principal limitante del proceso de desestalinización lo constituyó el propio Stalin, a quien se le responsabilizó de absolutamente todo lo negativo ocurrido en décadas; muerto el culpable, absuelta la culpa. Hoy no existe ningún Stalin y las culpas son más complejas y difíciles de asumir, por ello mismo cobra mayor significación este proceso.

Cuenta un conocido politólogo chileno, que en 1977 en una reunión mantenida entre Brezner y Berlinguer, el primero le interrogó sobre un gesto de buena voluntad para mejorar las relaciones entre el PCUS y el PCI. Berlinguer, preocupado por el problema de los disidentes, le propuso dejarles publicar en el Pravda. El gesto impertérrito y adusto del líder soviético fue toda respuesta. Hoy, Gorbachov, estrechando la mano de Sajarov, ampliamente publicitada, parece el inverso de aquella anécdota.

Gonzalo Kmaid

1,2,3,4,5,6 - Alexandre Kakovlev (suplente buro político del CC del PCUJ). N. Moscú No. 16 Abril 87.
7 - Intervención de M. Gorbachov en el XX Congreso.
8, 9, 10 - Informe del CC de la UJCL de la URSS presentado por su Sec. Gral. Vicktor Mironienko.

ALTERNATIVA 21/5/87

01 | 01

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: ANC/URSS CO-OPERATION

PROCEDENCIA: ENLACE Sudafricano 14/7/87 Doc. 1024/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Sudafrica (135)

01|01

8704870

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Soviet Union: Gorbachev Visits Czechoslovakia

PROCEDENCIA: ENLACE Sudafricano 14/7/87 Doc. 0755/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Sudafrica (135)

01|01

8704871

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Soviet Union: Parliamentary delegation Visits SOUTHERN AFRICA

PROCEDENCIA: ENLACE Sudafricano 14/7/87 Doc. 0759/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Sudafrica (135)

01|01

8704876

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Soviet Union: Democratisation initiatives by Gorbachev.

PROCEDENCIA: ENLACE Sudafricano 14/7/87 0772/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Sudafrica (135)

01/01

8704877

R.S.
Fichaje
024

Presencia [illegible] navíos

URSS no busca aumentar sus fuerzas en la zona conflictiva

8/6/87
Nación

NUEVA YORK (EFE).- La Unión Soviética no tiene intención de aumentar su presencia militar en el golfo Pérsico, que sólo es de tres navíos de guerra, afirmó ayer un alto funcionario soviético al diario The New York Times.

Yuli Vorontsov, primer secretario del Ministerio de Asuntos Exteriores soviético, dice que Moscú no enviará al golfo más buques de guerra, a pesar de que Estados Unidos tiene previsto mantener toda una flota naval, con portaviones incluido, y que la URSS firmó un acuerdo para escoltar petroleros de Kuwait.

EE.UU. se ha comprometido también a escoltar petroleros de Kuwait, siempre que estén bajo bandera norteamericana.

Vorontsov agrega que Moscú ha propuesto a EE.UU. conversaciones para intentar llegar a un acuerdo que salvaguarde el libre paso marítimo por toda la zona y subrayó que estos contactos se han [illegible] menos, Iraq, Irán y la India.

El Ministro de Asuntos Exteriores iraní, Ali Akbar Velayati, viajó a la capital soviética hace unos meses y recientemente visitó Italia y la República Federal Alemana pero, aparentemente, no se lograron adelantos en este terreno.

Respecto a temas bilaterales, el alto funcionario soviético dijo que el líder Mijail Gorbachov espera poder volverse a reunir con el Presidente Ronald Reagan en Washington en octubre.

También, estimó que para finales del verano se reunirían el Ministro de Asuntos Exteriores soviético, Eduard Shevardnadze, y el Secretario de Estado norteamericano, George Shultz, pero no especificó el lugar.

Vorontsov agregó, por último, que las dos naciones han completado un borrador conjunto de Tratado que limite los misiles de alcance medio que contiene puntos de desacuerdo, pero consideró [illegible]

PARTES ILEGIBLE

01/01

8704902

RS

026

El convenio pesquero con la Unión Soviética

Nuestro país y la Unión Soviética han suscrito un acuerdo marco de colaboración en el área pesquera y portuaria.

Dicho acuerdo fue entregado a la prensa en el momento de su suscripción y publicado en LA HORA Económica varias semanas atrás.

Sin duda se trata de un convenio que enumera las áreas de colaboración con el grado de generalización que corresponde a un acuerdo marco. Se señala así que se analizará la posibilidad de constituir empresas conjuntas en el área pesquera "sobre la base de las legislaciones existentes en ambos países", que se promoverá la investigación de nuevas especies, que se promoverá el aprendizaje de uruguayos en barcos soviéticos así como el adiestramiento de tripulaciones uruguayas en la URSS, y que se analizará la posibilidad de que barcos soviéticos que pescan en alta mar se abastezcan y utilicen servicios de astilleros en puertos uruguayos.

Al ser un convenio marco en el cual se crea una Comisión Mixta para analizar y estudiar los acuerdos concretos en las distintas áreas cabe la posibilidad de que, por ejemplo, las autoridades uruguayas autoricen a barcos soviéticos a pescar en aguas territoriales uruguayas. Este extremo fue inmediatamente rechazado por las gremiales de trabajadores. Que emitieron una declaración haciendo constar su oposición a que buques de tercera bandera, utilizando la forma que sea y pertenezcan a la nación que sea, pesquen en nuestras aguas territoriales.

Pero el tema también sirvió al Senador Lacalle para hacer un poco de antisovietismo. Presentando sendos pedidos de informes a los Ministerios de Ganadería, Agricultura y Pesca y Relaciones Exteriores preguntando por qué el convenio no es más preciso en sus puntos. Cuando obviamente no lo es porque se trata de un convenio marco que deberá dar lugar a convenios específicos posteriores por área.

No deja de extrañar la preocupación del senador nacionalista cuando su sector acompañó todas y cada una de las iniciativas del Partido Colorado contrarias al interés nacional y de corte francamente entreguista como la socialización de pérdidas bancarias, la privatización y extranjerización de PLUNA y el proyecto de zonas francas. Y ha contribuido además con su proyecto de ley de derogación del monopolio de alcohol de ANCAP y abrir las puertas en ambos casos a las transnacionales.

La Hora 1/6/87

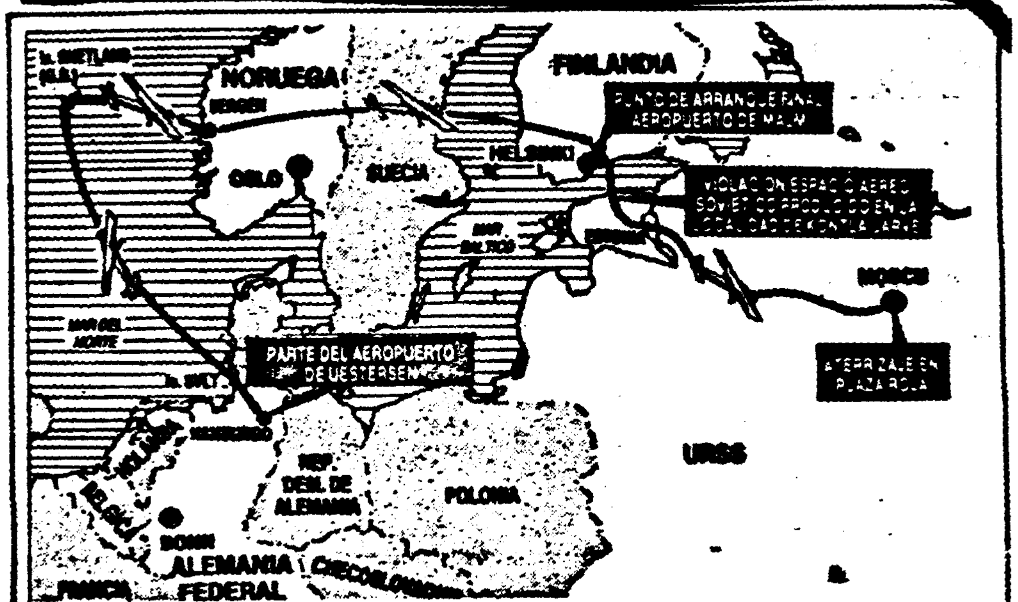
URSS

(Uruguay)

01/01

8704906

LA RAZON 4/6/87.



Trayectoria aérea de Mathias Rust: 1.000 kilómetros de audacia.

MOSCU

EL VUELO DEL MOSCARDON

Con una pequeña avioneta Cessna 172, el alemán occidental Mathias Rust burló el pasado 28 de mayo todo el aparato detector defensivo de la Unión Soviética (considerado el mejor del mundo) para aterrizar ante los atónitos moscovitas que circulaban por plena Plaza Roja, entre la catedral de San Basilio y el río Moscú. La aparición fue tan sorpresiva, que muchos de los presentes creyeron que asistían a la filmación de una película, y le solicitaron un autógrafo, antes de ser llevado por fuerzas de seguridad.

Rust tiene apenas 19 años, es operador de computadoras, y hasta su histórico vuelo contaba con un curriculum de piloto ridículamente breve: apenas 40 horas de vuelo. En este caso había desocupado gran parte del interior del aparato para cargar combustible. Partió desde Uestersen (Hamburgo), hizo escalas en las islas Sylt y Shettland, en Bergen (Suecia), y por último en Helsinski (Finlandia). Desde allí partió supuestamente hacia Oslo, pero de hecho se dirigió a Moscú y aterrizó en plena Plaza Roja, en la fecha exacta en que se celebraba el Día de los Guardias Fronterizos, a las siete de la tarde, y ante unas trescientas personas.

En Alemania los padres declararon que su hijo Mathias era "ambicioso, educado y responsable, apasionado por volar y sin ideas políticas determinadas". Decidido a ser piloto profesional, había abandonado su empleo bancario poco antes de obtener la licencia. Sus instructores de vuelo lo describieron como un piloto modelo, nada intrépido.

En Moscú y en los medios políticos y militares internacionales el hecho despertó múltiples discusiones acerca de los fallos del sistema defensivo soviético (unos días antes, otro hecho inexplicable —el hundimiento de una fragata norteamericana por parte de un avión iraquí— había hecho lo propio con los sistemas defensivos navales norteamericanos).

Los compañeros del aeródromo donde se entrenaba Rust descartaron por completo la posibilidad de un error, un extravío y un aterrizaje forzoso. Se cree en cambio que su vuelo se basó en un cuidadoso estudio de mapas y cartas de vuelo, para después volar a muy baja altura, siguiendo el perfil de bosques y el relieve geográfico, eludiendo los radares soviéticos.

El vuelo de la pequeña avioneta tuvo efectos graves e inesperados en el sistema militar de la URSS: el sábado 30 se anunció el relevo del ministro de Defensa Sokolov, y del comandante de la Defensa Aérea, Alexander Koldunov, por irregularidades y negligencia. En un despacho de la agencia TASS se afirmó que el avión había sido detectado en momentos en que se acercaba a la frontera por el mar Báltico, y que varios aviones de caza lo circunvolaron, sin recurrir a medidas de carácter militar. Encuestas realizadas en Alemania revelaron que más del 60% de los jóvenes se manifestaban "jubilosos" por la hazaña de Rust. Los únicos datos recogidos por periódicos occidentales con buenos contactos en Moscú hasta el domingo 30, indicaban que en el interrogatorio de las fuerzas de seguridad, Rust había declarado que su único intento al realizar el vuelo había sido hacer "amigos soviéticos".

01/01

8704950

RS

026

■ **RADIO MOSCÚ.** Nueva York, 27 (ANSA).— La Unión Soviética inició el pasado fin de semana la emisión desde Cuba de programas "ilegales" de radio destinados a Estados Unidos, tras cesar sus maniobras de interferencia de las transmisiones de "la voz de América" dirigidas a Cuba.

El País 28/5/87

URSS

01 | 01

8705016

DS

026

URSS

ROU

LA MAÑANA 9-6-87

PERLA

Ediles de Canelones viajarán a la URSS

CANELONES (Por Miguel Angel Vignolo).— Por primera vez en la historia de nuestro departamento, una delegación de partidos políticos visitará la URSS. En esta ocasión son cinco miembros de la Junta Departamental de Canelones, que cumpliendo con una invitación del Consejo de Ministros de la República Socialista Federativa Soviética y del Comité Ejecutivo de Soviet de Diputados del pueblo de la región de Moscú, se trasladarán el próximo 12 de junio vía Aeroflot por así haberlo dispuesto el Presidente del cuerpo Juan Angel Viña. Los ediles designados para integrar la delegación son Ing. Agr. Eduardo Chiesa y Roberto Mario Scarpa del Partido Colorado, Dr. José Miguel Ríos del Partido Nacional, Esc. Freddy González, del Partido Socialista y el Secretario de la Junta Esc. Jorge De Simone.

Es importante destacar que los gastos de los pasajes son a cargo de cada uno de los integrantes de la delegación, siendo la estadía tomada a su cargo por el Gobierno soviético.

01/01

Gromyko Presentaría Renuncia

URSS: Resistencia a las Reformas de Gorbachov

MOSCU Y VIENA, 24 (AP). — Mijail S. Gorbachov presenta esta semana su plan de reformas económicas ante el Comité Central del Partido Comunista soviético, un organismo donde, según rumores, existe cierta resistencia e incluso oposición al proyecto.

Una reunión plenaria del Comité Central del Partido, que ha de comenzar según se afirma mañana o el viernes, debatirá las propuestas del Secretario General, destinadas a modificar el sistema de centralización de la economía soviética, controlada por el Estado, que ha estado en vigor durante más de seis décadas.

El plan de reformas al sistema de administración económica del país está considerado como la clave de las iniciativas de Gorbachov destinadas a estimular la productividad, reducir la burocracia, promover la innovación y dar a los administradores mayor libertad para actuar de la que permiten las actuales regulaciones.

Pero se ha rumorado que existe resistencia a alto nivel, e incluso oposición a tales planes. En la última plenaria, efectuada en enero, no se respaldaron las propuestas del Secretario General destinadas a cambiar el sistema de candidato único para cubrir cargos electivos en los comicios nacionales y partidarios.

En sus sesiones en el Kremlin, el Comité Central de más de 300 miembros, privará de su banca casi con seguridad al ex ministro de Defensa, Sergei Sokolov. El funcionario mantenía un puesto con voz, aunque no con voto, en el Politburó ejecutivo.

Sokolov, de 75 años de edad, fue retirado el 30 de mayo de su cargo al frente del Portafolio de Defensa, dos días después de la llegada a la Plaza Roja de una avioneta piloteada por un joven de Alemania Occidental.

Es posible también que en esta ocasión presente su dimisión el presidente del Gobierno, Andrei Gromyko, de 77 años de edad, que según se dice padece al presente de problemas de salud.

Las plenarias se efectúan cada seis meses, y habitualmente preceden a las sesiones de invierno y verano del Soviet Supremo, el Parlamento Nominal de 1.500 miembros que aprueban por unanimidad las decisiones de la plenaria y les dan así fuerza de ley.

También el bloque militar soviético está sometido a crecientes tensiones y a tendencias centrífugas.

En opinión de los observadores occidentales en Viena, este fenómeno notorio a partir de los últimos años del liderazgo Breznev, se ha acentuado a la luz de la nueva política de Mijail Gorbachov que no sería muy del agrado de los viejos líderes del comunismo europeo, que intentan conservar el control del poder en sus respectivos países.

No obstante estas señalaciones, el pacto de Varsovia en números continúa gozando de considerable ventaja sobre las fuerzas de la OTAN. Lo cual, precisamente, hace temer a algunos militares (como el Comandante saliente de la Alianza Atlántica, General Bernard Rogers) que en el caso de llegarse a un acuerdo soviético-norteamericano para el retiro de todos los misiles de medio alcance del continente europeo, la OTAN quedaría sin capacidad de respuesta ante un eventual ataque soviético.

De acuerdo con estimaciones que circulan en la prensa local, el pacto de Varsovia tiene 202 divisiones con seis millones de hombres, contra las 121 divisiones de la OTAN con 4,3 millones de soldados. Los países del este europeo tienen 49 tanques contra 24.250 de la OTAN y 41 mil piezas de artillería contra 18.300.



Opositor Liberado en Corea del Sur

Manifestantes opositores sudcoreanos gritan ante los policías que rodeaban la residencia del político disidente Kim Dae Jung en Seúl, cuyo arresto domiciliario fue levantado hoy por el gobierno. (AP)

URSS

026

PERU

01/01

8705028

PS

026

URSS: "GLASNOST" Y ANTISEMITISMO

En una carta dirigida recientemente a un amigo en Londres, un rechazado judío en la Unión Soviética escribió lo siguiente: "Como Uds. probablemente lo sepan, las grandes esperanzas que cifrábamos en la "glasnost" (apertura) y en la "perestroika" (reorganización) no se han materializado para nosotros. Hicimos muchas manifestaciones individuales y colectivas, así como huelgas de hambre; hubo demostraciones en Inglaterra y en Estados Unidos. Pero examinemos con calma los resultados. En primer lugar la mayoría de los prisioneros de conciencia judíos fueron liberados y esto sin duda es una victoria muy importante que nos es común".

"Varios centenares de "rechazados" recibieron visas de salida. Pero ¿quienes son estos hombres felices? La mayoría de ellos, son los llamados "americanos" porque quieren ir a los Estados Unidos. Es gente muy cautelosa y tranquila. Ninguno de ellos libró una larga lucha para salir. Nc son ni activistas judíos ni rechazados por razones de "secretos de estado". Y para la KGB es muy sencillo saber quién es quién..."

"Yo creo que la situación para las autoridades es insoluble. Por una parte entregar visas a todos los "rechazados", significaría que al día siguiente habría otros muchos judíos que presentarían solicitudes..."

"No entregar visas significa por otra parte una serie de dificultades con países occidentales, y al mismo tiempo, nosotros, los "rechazados" continuamos estudiando hebreo y La Biblia, educando a nuestros hijos como judíos y difundiendo los ideales sionistas..."

"Vuestra actividad en Occidente es extremadamente importante para nosotros. La situación es impredecible..."

Esta mezcla de confianza y sospecha, de incertidumbre y esperanza, es típica de la situación actual de los judíos en la URSS. Por una parte, es notorio que hay algún cambio positivo. En mayo, llegaron a Viena 871 judíos salidos de la URSS, apenas unas decenas menos de los que salieron durante todo el año 1986 (914). También es evidente que los "rechazados" se han beneficiado con la "glasnost". La lucha por la emigración es ahora mucho más abierta y decidida. Y por primera vez en muchos años, no hay represalias inmediatas. Es sintomático el caso del último prisionero de conciencia judío: el violoncellista Alexei Magarik. Víctima de una provocación evidente (la propia KGB le colocó drogas en un bolso de viaje para incriminarlo) fue arrestado el 14 de marzo de 1986 y condenado a tres años de prisión el 9 de julio del año pasado. Debido a numerosas protestas, entre ellas un telegrama de 130 "rechazados" de Moscú al líder soviético Mijail Gorbachov, las autoridades soviéticas prometieron que la pena sería reducida a la mitad por lo que saldría en libertad el 14 de setiembre de este año.

Por su parte, un grupo de ex-prisioneros de conciencia, entre los que se cuentan Ida Nudel, Vladimir Slepak y Vladimir Brailovsky dirigieron una carta a Nikolai K. Ryzhkov, Presidente del Soviet Supremo de la URSS, en la que piden una revisión global de la política de emigración.

Desde su punto de vista, no tiene sentido hablar de cifras de visas. También rechazan el sistema de rescate de familias o de personas cuyos nombres figuran en listas compiladas en Occidente.

Para ellos, todo judío debe tener el derecho de emigrar a Israel, tenga o no parientes allí. Como las nuevas normas de emigración soviética dejan lugar a la modificación de los procedimientos actuales sobre la base de un acuerdo bilateral entre la URSS y otros países, los firmantes de la carta proponen un acuerdo entre la Unión Soviética e Israel sobre repatriación. Ellos entienden que la forma de implementar en la práctica un acuerdo semejante sería por medio de vuelos directos de Moscú a Tel Aviv, o de una línea marítima directa de Odessa a Haifa.

Pero por ahora no parecen haber muchas chances de que el liderazgo soviético acepte estos consejos. Las negociaciones secretas soviético-israelíes están estancadas, al parecer por un súbito endurecimiento de la posición soviética.

Sin embargo, no son las contradictorias actitudes soviéticas en las negociaciones con Israel o con Occidente, lo que más preocupa a los judíos soviéticos. A la ya de por si compleja y conflictiva situación existente se agregó un nuevo elemento de considerable gravedad: el surgimiento de un nuevo antisemitismo en gran escala, al parecer con apoyo de grupos influyentes del aparato del Partido Comunista y la KGB que buscan desnaturalizar los propósitos de la "glasnost" de Gorbachov, recurriendo al clásico expediente del "chivo emisario".

Un científico judío de Leningrado, Mijail Baizer recientemente llegado a Israel sobresaltó a la opinión pública con el relato de la profanación de tumbas judías en el cementerio de esa ciudad y de actos vandálicos con pintura de svásticas, cruces y simbólos fálicos.

El 20 de abril, día del cumpleaños de Hitler, hubo pequeñas demostraciones de jóvenes nazis llevando svásticas y retratos de Hitler, una información que más tarde fue corroborada por otras fuentes directamente en la Unión Soviética. Por ejemplo, el recientemente liberado ex-prisionero de conciencia Roald Zelichonok dijo que posee evidencias de que existen grupos neonazis en Moscú y en Leningrado que están creciendo rápidamente.

Pero aún más que los grupos neo-nazis resulta inquietante la acción de una organización nacionalista extremista, chovinista rusa, de ropaje comunista y crudamente antisemita. Su nombre es "Pamiatz" que significa Memoria. Además de preocuparse por los edificios históricos rusos, difunde versiones tales como de que los judíos rusos son responsables entre otras cosas po el desastre de Chernobyl, por el alcoholismo ruso y por la "degeneración" de la cultura rusa...

Entre los líderes de "Pamiatz" figuran varios notorios propagandistas "anti-sionistas" de la época de Breshnev como Evgeny Yevseyev, Lev Korneev, Vladimir Begun y Vasily Emelyanov. El caso de este último es particularmente interesante. Hizo una carrera brillante como "experto" en sionismo hasta que alguien descubrió que había cometido un pequeño desliz: había asesinado a su esposa. Ahora este sicópata salió de la prisión y ya alcanzó a convertirse en uno de los voceros de la flamante organización.

Varios diarios soviéticos oficiales, entre ellos "Komsomolskaya Pravda" publicaron artículos de censura contra "Pamiatz". Esta censura despertó sorpresa en la URSS ya que nunca hasta ahora hubo reconocimiento público acerca de antisemitismo abierto en la URSS. Y las reacciones fueron variadas. Por ejemplo, el "rechazado" Victor Brailovsky comentó: "En 1980 fui arrestado por publicar un artículo sobre un grupo antisemita similar. Ese tipo de información nunca aparece en la prensa soviética oficial y el tono es claramente condenatorio. Una cosa así hubiera sido increíble tan solo hace pocas semanas".

Otro activista judío de Moscú, Vladimir Fulmakht, fue mucho menos entusiasta: "Los miembros de "Pamiatz" no son simples camorreros. Tienen gente que los apoya en los institutos científicos y en facultades y academias, como el Instituto de Matemática de Moscú. Es un grupo muy peligroso con influencia y facilidades para difundir su venenosa propaganda".

SERGIO DERVAUX

El País 25/6/87

URSS

01 | 01

8705030

Clarín 22/6/87

REFORMAS ECONOMICAS DEL LIDER SOVIETICO

El filtro del Comité Central

MOSCU, 21 (Por William Eaton, de "Los Angeles Times", especial para Clarín). — Los ambiciosos planes de reforma económica del líder soviético Mijail Gorbachov deberán enfrentar un importante desafío, esta semana, durante una reunión del Comité Central del Partdo Comunista de la Unión Soviética (P.C.U.S.).

El Comité Central es el organismo más importante dentro del sistema soviético para tomar decisiones, y se espera que analice con especial detenimiento una ley nueva que asignará mayor autonomía a los gerentes de fábrica.

Pero los 300 integrantes del Comité Central también someterán a consideración toda la política económica de Gorbachov, en su conjunto. Según opinión de analistas de Occidente, hasta el momento, los resultado sobtenidos en esta área no son muy impactantes: la producción industrial y agrícola se encuentra por debajo de los niveles esperados.

Los expertos occidentales no creen que la posición de Gorbachov —como máximo líder— peligre durante el curso de esta reunión —que solo comenzará hacia fines de esta semana—, pero al parecer el ímpetu mostrado por el número uno soviético desde su llegada al poder en 1985 parece haberse esfumado.

Por otro lado, Gorbachov ha reconocido públicamente que se registra una gran resistencia en el seno del Comité Central y en otros líderes que forman parte del aparato burocrático —los cuales se verían seriamente afectados si el dirigente "se saliera con la suya"—.

Entretanto, el economista Leoni Abalkin ha advertido que se necesitarían tres años —o más— para instaurar un nuevo sistema de dirección económica.

El Comité Central, que abarca a un número significativo de militares, también deberá abordar el tema del abrupto retiro del ministro de Defensa Sergei Sokolov y del titular del comando de Defensa Aérea, Alexander Koldunov. Ambos fueron destituidos de sus funciones el pasado 30 de mayo, dos días después que el joven alemán aterrizó con su avioneta en la Plaza Roja.

El órgano soviético también deberá llenar una vacante en el Politburó causada por la reciente expulsión de Dinmukhamed Kunayev, quien se desempeñaba como jefe partidario en Kazakhstán. También deberán buscar un reemplazante para el ministro Sokolov.

♦ La "perestroika"

Con todo, el eje de la reunión será el tema económico. Los aspectos del plan de Gorbachov para la perestroika, o reconstrucción de la economía, han sido cuestionados por semanas en la prensa oficialista.

Algunos críticos sostienen que Gorbachov no ha ido lo suficientemente lejos. Proponen pasos revolucionarios como la cancelación del control de precios y la conversión total del rublo. En tanto, otros alegan que Gorbachov ya ha ido demasiado lejos.

Por su parte, el máximo líder soviético, quien se ve atrapado en un fuego cruzado, ha hablado abiertamente de adoptar un enfoque de prueba y error en el área económica que debe concretarse lentamente y que no debe entrar en plena vigencia antes del plan quinquenal que comienza en 1991.

Que Gorbachov está haciendo frente a una cuota considerable de oposición quedó claro durante una reunión reciente de líderes partidarios de Moscú. En un informe sobre la reunión, Radio Moscú indicaba:

"Con relación a una amplia gama de problemas y organizaciones, sería más conveniente hablar de un ligero movimiento en lugar de progreso... Lo principal es que los moscovitas aún no han notado un avance fundamental e irreversible en cuestiones específicas de justicia social y abastecimiento".

El "Izvestia" —diario del gobierno— indica que según una encuesta efectuada recientemente, a más de 4.000 ciudadanos soviéticos (representantes de más de 300 empresas) solo un 7 por ciento estima que podrán cristalizarse las propuestas para lograr una reforma económica radical.

En cuanto al plan de Gorbachov de condicionar los salarios a la producción, un 80 por ciento de los encuestados consideró que no creía que sus sueldos bajarían aun si trabajaran menos de lo que lo hacen hoy.

Jean T. Toschenko, vicepresidente de la Asociación Sociológica Soviética, y quien le entregó al "Izvestia" los resultados de la encuesta, pidió un recambio periódico de funcionarios y resultados tangibles e inmediatos para satisfacer a un pueblo inquieto.

"La gente ya no se conforma con lugares comunes bien intencionados y con promesas vagas de que en algún momento y en algún lugar todo se resolverá. Les importa más su propia vida... Quieren que algo cambie para mejorar, pero aquí y ahora. Eso es lo que quiere la mayoría del pueblo. ¡Aquí y ahora!", indicó Toschenko, según palabras que aparecieron en el "Izvestia".

♦ Riesgos

Un grupo de ingenieros de la planta de automóviles Togliatti denunció hace poco —aprovechando la nueva política de "glasnost" o transparencia de Gorbachov— la propuesta de dotar a los gerentes de fábrica de una mayor independencia económica.

El grupo advirtió en una carta que apareció en la revista "Ogonyok" que en lugar de alentar una mayor producción una medida de esa naturaleza incitaría a la aparición de informes falsos, a un mal uso de los recursos y a una paga mejor por menos trabajo.

Agregaron que al centrarse enteramente en las ganancias de una fábrica, y al garantizar a la empresa una suma fija de las utilidades, lo que se lograría sería dar incentivos para que se adulteren las cifras sobre la producción y se usen trucos contables para mostrar "plus" de ganancias.

También un grupo de ordeñadores de vacas y conductores de camión de una granja colectiva ubicada cerca de Moscú, censuró una legislación que habla sobre una nueva fórmula para calcular las bonificaciones.

Revelaron que los gerentes de su granja, al igual que importantes especialistas, reciben abultadas bonificaciones, pero que los ordeñadores, conductores de camiones y otros de menor jerarquía no reciben nada.

El "Pravda" —diario oficial del partido— investigó y descubrió que sus quejas eran legítimas. Este medio de prensa explicó que la nueva ley —adoptada hace un año— favorece a los gerentes. Importantes funcionarios de una granja —precisaba el "Pravda"— llegaron a recibir hasta 3.000 rublos como bonificación anual, esto es, diez veces el sueldo mensual de un ordeñador.

"En una granja colectiva de la región de Tula... los funcionarios pueden recibir hasta 24 salarios en bonificaciones, mientras que los trabajadores obtienen mucho pero mucho menos. En algunas granjas de la zona de Tula simplemente no hay dinero suficiente para pagar bonificaciones tan exorbitantes", continuaba comentando el Pravda.

A pesar de todas estas críticas, Gorbachov señaló a principios de este mes que la ley propuesta, al dar mayor autoridad a los gerentes de fábrica, sería adoptada y mejorada al punto que fuera necesario luego de entrar en vigencia el 1º de enero.

El líder soviético aclaró que la legislación sería dejada en suspenso hasta que se adoptaran cambios sustanciales en agencias económicas claves tales como la Gosplan —organismo de planificación central— de manera de reducir su influencia sobre los precios y la producción en fábricas.

25

024

Soviéticos deben [illegible] troika"

Elecciones democráticas a nivel local en URSS

MOSCU (ANSA).- La Unión Soviética se encuentra ante nuevas elecciones improrrogables y por este motivo "el fin del mes de junio será de extremo interés para el país", declaró el Director de Pravda, Viktor Afanassyev, al Presidente de ANSA, Giovanni Giovannini, quien se encuentra de visita en la capital soviética.

La URSS vive a la espera del plenum del Comité Central -entre las fechas probables se anuncia el 18 de junio-, de la reunión del Soviet Supremo de la URSS (Parlamento bicameral) y de las elecciones democráticas que se realizarán a título experimental a nivel local.

A poco más de dos años del comienzo de la era Gorbachov, el partido, el Parlamento y los electores deberán encarar la "Perestroika" (reestructuración, renovación).

"El país se movió", pero es necesario un ulterior "esfuerzo general" para terminar con un "burocratismo siempre fuertísimo, si bien capaz de producir sólo expedientes".

En estos términos, el director del órgano del Partido Comunista soviético (PCUS) sintetizó la importancia del choque que a fin de mes ocurrirá entre los propulsores de la "glasnost" (apertura) y la "resistencia pasiva".

Para Afanassyev no existe alternativa a la continuación de la lucha por la "perestroika". "Al contrario, hay aumento de los seguidores de la "glasnost" de Pravda. Las cifras hablan claro: en un año, la tirada del órgano de PCUS aumentó de un millón y medio de ejemplares, a la cifra récord de 12 millones al día".

La lucha, "éste es el motivo de las dificultades", no es contra "adversarios visibles", sino contra una resistencia pasiva que se estratificó en decenios de burocratismo. Es el motivo por el cual ya fueron sustituidos el 30 por ciento de los cuadros y la operación de renovación "todavía no terminó", recalcó Afanassyev.

URSS

01 | 01

8705037

025

024

Soviéticos deben [illegible] roika"

Elecciones democráticas a nivel local en URSS

MOSCU (ANSA).- La Unión Soviética se encuentra ante nuevas elecciones improrrogables y por este motivo "el fin del mes de junio será de extremo interés para el país", declaró el Director de Pravda, Viktor Afanassyev, al Presidente de ANSA, Giovanni Giovannini, quien se encuentra de visita en la capital soviética.

La URSS vive a la espera del plenum del Comité Central -entre las fechas probables se anuncia el 18 de junio-, de la reunión del Soviet Supremo de la URSS (Parlamento bicameral) y de las elecciones democráticas que se realizarán a título experimental a nivel local.

A poco más de dos años del comienzo de la era Gorbachov, el partido, el Parlamento y los electores deberán encarar la "Perestroika" (reestructuración, renovación).

"El país se movió", pero es necesario un ulterior "esfuerzo general" para terminar con un "burocratismo siempre fuertísimo, si bien capaz de producir sólo expedientes".

En estos términos, el director del órgano del Partido Comunista soviético (PCUS) sintetizó la importancia del choque que a fin de mes ocurrirá entre los propulsores de la "glasnost" (apertura) y la "resistencia pasiva".

Para Afanassyev no existe alternativa a la continuación de la lucha por la "perestroika". "Al contrario, hay aumento de los seguidores de la "glasnost" de Pravda. Las cifras hablan claro: en un año, la tirada del órgano de PCUS aumentó de un millón y medio de ejemplares, a la cifra récord de 12 millones al día".

La lucha, "éste es el motivo de las dificultades", no es contra "adversarios visibles", sino contra una resistencia pasiva que se estratificó en decenios de burocratismo. Es el motivo por el cual ya fueron sustituidos el 30 por ciento de los cuadros y la operación de renovación "todavía no terminó", recalcó Afanassyev.

URSS

01\01

8705037

025

026

Rust en prisión de la KGB

BONN. — El joven piloto germano Mathias Rust, que aterrizó el pasado jueves con su avioneta deportiva en la Plaza Roja de Moscú, se encuentra en la prisión de "Lefortovo" del servicio secreto soviético KGB, según confirmó ayer un diplomático alemán federal que se entrevistó con el detenido.

El diplomático, que habló con Rust durante 40 minutos, le comunicó a éste saludos de sus padres y dijo que el joven se encuentra "tranquilo".

El representante del Consulado federal alemán en Moscú tuvo también oportunidad de hablar con los funcionarios que interrogan a Rust para interesarse sobre el futuro de éste pero no informó sobre la postura soviética.

Por otra parte, el Aero Club de Hamburgo, desde donde salió Rust, está en contacto con el Consulado General soviético para tratar de que les den permiso para enviar un piloto a Moscú con el fin de traer de nuevo la avioneta a la RFA.

El País 2/6/87

VASS

01 | 01

024

URSS (fichage)

Podrían producirse nuevos ceses y relevos

Gobierno soviético busca determinar responsables

Representantes soviéticos anunciaron ayer que se tomarán medidas oportunas contra aquellos que no impidieron que el joven alemán Mathias Rust llegara con su avioneta a la Plaza Roja de Moscú.

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El portavoz del Ministerio de Asuntos Exteriores de la URSS, Gennady Gerasimov, hizo esta afirmación en el transcurso de la primera rueda de prensa celebrada en Moscú tras el incidente de la avioneta, ocurrido el pasado jueves.

Para determinar las responsabilidades en que incurrieron los que debían haber detenido el vuelo del pequeño aparato de turismo de Rust se sigue en la actualidad una investigación, añadió Gerasimov.

Los expertos en la capital soviética deducen de estas palabras que en los próximos días podrían producirse nuevos ceses y relevos entre los mandos militares implicados o relacionados de alguna manera con el incidente protagonizado por el joven piloto de Hamburgo, que ya costó el cargo al Ministro de Defensa y al comandante en jefe de las Fuerzas de Defensa Antiaéreas.

Gerasimov y V. Loginov, Viceministro de Asuntos Exteriores de la URSS, que también intervino en la rueda de prensa, destacaron que la avioneta fue detectada por los radares soviéticos cuando se aproximaba a la frontera y que se intentó detener su marcha, pero que no se logró debido a fallos humanos.

Asimismo subrayaron que se intentó interceptarla, pero no derribarla.

Interrogados sobre si la URSS no cuenta con medios oportunos para obligar a aterrizar a una avioneta deportiva, los portavoces respondieron que en el intento realizado no se utilizaron todos los medios existentes, y Loginov puntualizó que si no hubiera sido un aparato privado se habrían adoptado otros métodos.

REESTRUCTURACION

Fuentes diplomáticas occidentales consultadas señalaron ayer que, a juzgar por las primeras reacciones del Kremlin, el incidente de la avioneta de Mathias Rust podría llegar a provocar una reestructuración de los mandos del Ejército soviético.

En relación con ello destacan el cargo desempeñado en los últimos años por el nuevo Ministro de Defensa, general Dimitri Yazov, Viceministro de Defensa para el personal, que le facilitaría una política de renovación y nombramientos.

La destitución de Sergei Sokolov, anterior Ministro de Defensa, y Alexander Koldunov, ex Comandante en jefe de las Fuerzas de Defensa Antiaéreas, fue seguida de duras críticas lanzadas por el Politburó y por el diario Krasnaya Zvezda, órgano del Ejército, contra los responsables militares.

Todo ello hace suponer a los expertos que pronto comenzará una intensa campaña dirigida a retirar a los responsables de los fallos cometidos en el control de uno de los puntos más sensibles y prioritarios de la política del Estado soviético, como es la seguridad de sus fronteras, y a una renovación de los mandos.

01.01

8705051

RS

026

La Mañana — MONTEVIDEO, LUNES 8 DE JUNIO DE 1987

PERLA

Favorece relaciones con China

La URSS retiró un regimiento de Mongolia

MOSCU. (EFE).- La Unión Soviética concluyó ayer la retirada de un regimiento motorizado y varias unidades de soldados de Mongolia, según la agencia TASS.

La nota de la agencia oficial soviética de noticias no especifica el número de hombres que el Kremlin retiró del país asiático, en un intento de normalizar sus relaciones con Pekín y reducir la tensión entre ambos países.

El máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, anunció el 28 de julio del año pasado la retirada de fuerzas de Mongolia, aunque no precisó el número de soldados que abarcaría, cifra que aún se desconoce.

Según estimaciones occidentales, la URSS mantiene un contingente de unos 50.000 hombres -cinco divisiones- en el territorio de Mongolia, principalmente a lo largo de la frontera de 4.300 kilómetros que separa ese país de la República Popular China.

El pasado mes de enero, la Unión Soviética anunció que la retirada parcial de las tropas estacionadas en Mongolia se realizaría entre los meses de abril y julio de este año. El 11 de abril los primeros soldados de la URSS abandonaron el país asiático.

La presencia de tropas soviéticas en Mongolia es uno de los tres obstáculos clásicos, junto al apoyo de la URSS a la intervención vietnamita en Camboya y a la permanencia de soldados soviéticos en Afganistán, que presenta Pekín para normalizar las relaciones.

SRI LANKA. Un soldado del ejército de Sri Lanka, herido durante un ataque por guerrilleros separatistas tamiles, es alzado a un avión en camino a un hospital en Colombo. El soldado es uno de los que resultaron heridos durante los enfrentamientos de la semana pasada. (Radiofot Reuter).

01.01

8705074

Diálogo civilizado y constructivo con periodistas soviéticos

Por John Hughes

BOSTON (The Christian Science Monitor).- Durante su convención anual, celebrada en San Francisco en abril último, los directores de diarios norteamericanos mantuvieron una conversación vía satélite con periodistas de la Unión Soviética. Peter Jennings, reportero de ABC, actuó como moderador, asegurando un diálogo civilizado y constructivo aunque no exento de ocasionales sarcasmos.

Casi todos concordaron luego en que el intercambio de ideas había sido útil, ambas partes estuvieron de acuerdo en admitir que su labor informativa se veía perjudicada por ciertos estereotipos, que les impedían lograr un mejor entendimiento.

No obstante, lo más curioso fue, quizá, la cautela manifestada por los periodistas soviéticos, pese a las promesas de *glasnost* (apertura) hechas por Gorbachov.

Los periodistas norteamericanos pidieron con insistencia algunos ejemplos de cómo la *glasnost* había liberado a sus colegas soviéticos de sus antiguas restricciones e inhibiciones, y preguntaron si los reporteros soviéticos gozaban ahora de libertad para llevar adelante sus investigaciones.

"Por supuesto que sí", respondió uno de sus interlocutores, y citó como ejemplo la investigación de los cargos de corrupción formulados contra un policía de una provincia.

La "apertura" es relativa

El norteamericano replicó que él no se refería a ese tipo de ejemplo, sino que deseaba saber si ahora podían investigar a la mismísima jerarquía soviética. (En el caso citado, la prensa local se limitaba a hacerse eco de los ataques lanzados por Gorbachov contra los funcionarios incompetentes e ineptos.)

La pregunta provocó desazón y confusión, hasta que alguien insinuó débilmente que semejante investigación era innecesaria. "Deje correr libremente su imaginación -insistió el norteamericano-. ¿Qué pasaría si los máximos jerarcas del Politburó fuesen culpables de alguna fechoría, o si pescaran a Gorbachov con la mano metida en la caja fuerte?"



Mikhail Gorbachov

Los colegas de Moscú palidecieron -su turbación se notó desde San Francisco- y su vocero declaró, entre las risitas ahogadas de los norteamericanos, que esas actividades dudosas de alto nivel eran "inconcebibles". Su respuesta pareció indicar que, a pesar de la *glasnost*, el Kremlin no había dado rienda suelta al periodismo.

Evidentemente, los hombres de prensa soviéticos todavía no estaban dispuestos a lanzarse a caminar sobre una tabla que alguien podría serruchar bajo sus pies, y menos aún a hacerlo en público, mientras se grababa la conversación en una video cinta que, más adelante, se podría sacar a relucir como prueba condenatoria.

Siempre ese lenguaje ambiguo

Tampoco estaban seguros de que Gorbachov fuera a durar en el poder, ni de que se ampliara la *glasnost*. Su cautela e incertidumbre quedaron subrayadas por la actitud que asumió un hosco funcionario del partido, cuando le pidieron su opinión acerca de la *glasnost* periodística.

Entre los gruñidos de incredulidad de los directores de diarios norteamericanos, el ruso respondió que no se explicaba por qué hacían tanta alharaca con la *glasnost*, por cuanto la Constitución soviética estipulaba la libertad de prensa y los periodistas de su país habían gozado de ella desde la época de la revolución que instauró el comunismo.

Frente a tales ambigüedades, resulta comprensible que algunos periodistas soviéticos se muestren reacios a "sacar la cabeza". De esto se infiere que el interrogante actual es si la nueva vitalidad de la prensa soviética constituye una manifestación de una verdadera apertura, o si Gorbachov ha soltado simplemente a los periodistas para que le sirvan de perros guardianes y persigan a los funcionarios recalcitrantes que obstruyen el camino hacia el cambio. La segunda alternativa parece ser la más probable.

El sindicato de periodistas soviéticos celebró su último congreso en marzo de este año, en Moscú. El discurso de apertura estuvo a cargo del presidente del gremio y jefe de redacción del Pravda, Víktor Afanasev, y su mensaje no debe haber infundido mucho ánimo que digamos a sus colegas.

Lo bueno y lo malo

Afanasev les dijo, en sustancia, que todo periodista soviético era en realidad un tipo especial de trabajador del partido. Expresó su temor de que algunos periodistas se dejaran arrastrar por la campaña en favor de la *glasnost* y olvidaran que su tarea primordial era ayudar a instrumentar las políticas del partido.

Asimismo, subrayó la necesidad de divulgar ejemplos positivos de la reestructuración de la sociedad soviética y no dejarse llevar por las críticas.

Es bueno que exista cierta agitación entre algunos hombres de prensa soviéticos, que se sienten frustrados de tanto escribir loas al partido. Es muy triste que deban mostrarse tan prudentes, por temor a que el Gobierno los castigue. Aún no se sabe claramente, ni con mucho, qué grado de libertad les otorgarán y por cuánto tiempo.

(Traducción de Zoraida J. Valcárcel)

La Nación 27-5-87

PERIO

URSS

026

D1.07

8705082

RS URSS 026

PERLA

...ACIONES EN SEIS MESES: EXCLUYEN A AUTORES DE ATENTADOS CONTRA EL ESTADO

Amnistían a presos en la URSS

Con motivo de la celebración —en noviembre próximo— del 70° aniversario de la Revolución Socialista, el gobierno soviético dispuso liberar en el trascurso de seis meses a un alto número de presos. Por otra parte, en Moscú se anunció que la caída del avión en que viajaba el ex presidente de Mozambique Samora Machel, en octubre último, fue provocada mediante falsos informes radiales.

MOSCU, 19 (EFE y DAN). — Todos los presidiarios de la Unión Soviética que no estén purgando crímenes graves contra el Estado o delitos de asesinato quedarán en libertad en los próximos seis meses, según los términos de un decreto de amnistía publicado hoy por el Presídium del Soviet Supremo de la URSS con motivo de la inminente conmemoración del 70° aniversario de la Revolución Socialista.

A la amnistía podrá acogerse un elevado número de los actuales reclusos soviéticos, según se desprende de la información oficial difundida hoy por la agencia TASS.

Ese texto asegura que podrán beneficiarse los presos que tomaron parte en la defensa de la patria, los que hayan sido condecorados, los mayores de 60 años, las mujeres que sobrepasen los 55 y los inválidos.

El decreto alcanza también a los reclusos con penas superiores a los cinco años, siempre que hayan cumplido un mínimo de un tercio de la condena, y a los menores condenados a no menos de un año.

"Al mismo tiempo, un alto número de convictos verá reducida su pena y podrá trabajar, y las penas adicionales serán suprimidas aunque los delitos cometidos no estén vinculados con los de la amnistía", indica la información.

El Presídium del Soviet Supremo de la URSS insistió en que el decreto no alcanzará a los delincuentes comunes especialmente peligrosos, a los asesinos, a los beneficiados con amnistías anteriores y a quienes hayan cometido graves delitos contra el Estado.

En diciembre último, el gobierno soviético liberó a unos 150 presos de conciencia. Ahora, aparentemente, el nuevo decreto de amnistía puede beneficiar a presos de conciencia que aún están detenidos o confinados.

Una experiencia

Mañana, domingo, se llevarán a cabo las elecciones de diputados para los soviets populares locales y de jueces de distrito (urbanos), en el primer acto electoral desde que el XXVII Congreso del PCUS enunció los lineamientos de la "perestroika" (renovación), que prevén la postulación de más de un candidato para cada cargo.

La votación abarcará 76 soviets de diputados de distrito, 47 urbanos, 87 de poblados y 859 rurales, todos pertenecientes a la Federación Rusa.

La enmienda a las normas electorales decidida en aquel momento estipula la votación indirecta a los soviets (consejos regionales, territoriales y soviets supremos de las repúblicas y de la URSS.

El nuevo mecanismo electoral combina las elecciones directas en las instancias más bajas y las indirectas en los órganos superiores de poder. De este modo el elector puede optar entre varios postulantes a diputados de distrito. Los candidatos triunfantes elegirán a los diputados de cada región y éstos, a su vez, propondrán los candidatos al Soviet Supremo de la URSS.

Un despacho de la agencia TASS aclara que la introducción de este procedimiento no requiere enmienda constitucional alguna, ya que la legislación soviética vigente en la Unión Soviética no limita el número de los candidatos a diputados.

"La promoción de una sola candidatura —admite TASS— era una práctica creada y heredada."

Por pedido de los electores fueron modificados, en esta ocasión, los horarios de las asambleas donde se discuten las aptitudes de los postulantes.

Para garantizar el secreto del voto se instalarán cabinas especiales. El boletín electoral contendrá no solo los datos habituales de los postulantes sino también otras referencias, como ocupación, lugar de trabajo, aptitudes profesionales y políticas.

Una de las propuestas recientemente presentadas consiste en la organización de concursos entre los programas de los diferentes candidatos. En ese sentido, un aspecto sustancial de las reformas introducidas se basa en el criterio de promover a las personas más conocidas por quienes deben votar, y reside en propiciar que las asambleas laborales designen los candidatos.

Si los diputados elegidos son más que los mandatos, los que obtengan menos votos serán suplentes de los titulares y los sustituirán al concluir su término.

Brecha Montevideo, 18 de junio de 1987 21

del corresponsal de BRECHA en la RFA Oscar Zambrano

El misterioso vuelo de Mathias Rust

El sorpresivo aterrizaje de un joven piloto germano-occidental en plena Plaza Roja de Moscú abrió una serie de interrogantes sobre la eficacia del sistema defensivo soviético. El incidente produjo el inmediato alejamiento de sus cargos de dos altos responsables militares, aunque el episodio haya sido utilizado verosímilmente para apresurar un proceso de relevos.

El jueves 28 de mayo de 1987, a las 19.30, cuando el sol veraniego aún no había desaparecido del cielo de Moscú, un pequeño avión Cessna F-172 sorprendió a los numerosos transeúntes que a esa hora transitaban por la Plaza Roja. La avioneta de un solo motor y con la insignia de la República Federal de Alemania sobrevoló en tres círculos, a muy baja altura, el enorme complejo del Kremlin –el centro de poder soviético–, hizo luego un brusco viraje hacia la derecha, en dirección al río Moscova, planeando cada vez más bajo y, ante el asombro de todos, terminó aterrizando en el inmenso espacio empedrado de la Plaza Roja y fue a estacionarse en el espacio que separa el muro del Kremlin de la catedral de San Basilio –la de las coloreadas cúpulas en forma de cebolla–. Muchos de los paseantes, conocedores de la estricta prohibición de sobrevolar el Kremlin y sus alrededores, pensaron que podría tratarse de la filmación de una película. Pero mayor aún fue su sorpresa cuando, al acercarse a la avioneta, vieron descender de la cabina al temerario piloto: un espigado joven con cara de adolescente que, en alemán y en inglés, explicó que era un ingeniero de Alemania Occidental y que había decidido hacer ese vuelo como demostración de su lucha por la paz. Inmediatamente después se dedicó a firmar autógrafos para algunos curiosos.

Sorpresa internacional

Pocas horas más tarde, la noticia daba la vuelta al mundo, sorprendiendo a la opinión pública internacional. Los medios informativos de la RFA y de otros países occidentales, daban cuenta del hecho con un indisimulado alarde de regocijo, como si se tratara de un [illegible] póstumo de la Wehrmacht sobre el Ejército Rojo. Lo cierto es que el incidente –al margen de la irresponsabilidad que significa cualquier aterrizaje en el centro de una gran ciudad, con grave riesgo para la vida de muchas personas– ha dejado abierta una serie de interrogantes. Hasta ahora, lo único que se conoce a ciencia cierta es la identidad del piloto, así como las características de la avioneta y la trayectoria del vuelo que lo llevó hasta la capital soviética.

– Mathias Rust, de 19 años, es originario de la localidad de Wedel, cerca de Hamburgo –RFA–. Hijo de una familia de clase media acomodada, interrumpió su bachillerato para hacer la carrera de empleado bancario, abandonándola a los 17 años de edad, para dedicarse exclusivamente al aprendizaje de la aviación. Un año más tarde, en agosto de 1986, sacó el título de piloto privado, después de convencer a su padre, un ingeniero de la REG, que le financiara ese costoso aprendizaje. Inmediatamente se puso a acumular experiencias en pilotaje sin acompañamiento. En menos de un año hizo más de 60 horas de vuelo, solo y en aviones pequeños que alquilaba del Aeroclub Hamburgo Motorflug, del cual era miembro. Sus maestros lo recuerdan como un joven inteligente, empeñoso, reservado y nada inclinado hacia las aventuras descabelladas, pues se había propuesto como objetivo sacar el título de maestro de aviación, para lo cual necesitaba 150 horas de vuelo.

El 13 de mayo, poco antes de las 11 de la mañana, Rust alquiló una avioneta Cessna F–172 en la base aérea de Uetersen, cerca de Hamburgo. El precio de alquiler de esos aparatos es de unos 70 dólares la hora, con tanque vacío, y Rust dijo que necesitaba la avioneta por unas dos semanas, ya que pensaba volar hasta Islandia y, de allí, regresar por Noruega, Finlandia y Suecia. A los responsables de la base aérea de Uetersen y del Aeroclub Hamburgo les llamó la atención que, contrariamente a lo habitual en estos casos, el joven piloto no discutiera con sus maestros y otros aviadores experimentados los vuelos que pensaba realizar. Es cierto, en todo caso, que voló a Islandia, haciendo escala en las islas Shetland. Desde Reykjavik voló hasta Bergen, en Noruega, y de allí siguió a Helsinki, la capital de Finlandia. Ante las autoridades del aeropuerto declaró que volaría hasta Estocolmo, para hacer una última escala antes de retornar a la RFA. Llamó la atención, sin embargo, que partiera con el tanque lleno, como para un vuelo de ocho horas, cuando el trayecto a Estocolmo requiere menos de la mitad. A las 12.21 horas partió y, unos minutos más tarde, el radar de control del aeropuerto de Helsinki lo perdió de vista. Creyendo que la avioneta se había precipitado en la Bahía de Sippoviken, helicópteros y naves guardacostas salieron en su búsqueda. Buscaron



RUST, SU AVIONETA Y LA PLAZA ROJA: una situación surrealista

durante horas en toda la bahía, mientras un equipo de buzos se sumergía en las pro[illegible] [illegible]. Pero no encontraron nada. A esa hora, Rust ya estaba volando sobre el territorio soviético. Cinco horas más tarde –a las 19.30 hora de Moscú– aterrizaría en la Plaza Roja.

Consecuencias políticas

En el momento del aterrizaje, el secretario general del PCUS, Mijail Gorbachov, no se encontraba en el Kremlin. Desde hacía 24 horas, estaba asistiendo a la reunión cumbre de jefes de estado de los países del Pacto de Varsovia, en Berlín oriental, la capital de la RDA. Pero al margen de ese dato anecdótico, los observadores políticos y los expertos militares de uno y otro lado se preguntan cómo pudo Rust llegar hasta el propio centro de Moscú, después de haber sobrevolado cerca de 800 km de territorio soviético, sin ser descubierto e interceptado por el sistema de control aéreo de la URSS. ¿Cómo pudo, incluso, pasar la frontera soviética sin haber sido reconocido previamente en los radares de alarma preventiva? La única explicación que encuentran los expertos es que tiene que haber volado a muy baja altura, apenas por encima de la copa de los árboles. Sólo así puede evitarse que un objeto volador sea captado por la cortina de radar.

La otra posibilidad que se ha barajado es que hubiera habido negligencia por parte de los responsables de la vigilancia aérea soviética. El sistema de defensa aérea de la URSS –especialmente fuerte a lo largo de la frontera occidental– cuenta con más de 370.000 soldados, 1.300 aviones de caza Mig-25, Mig-29 y Mig-31, además de unos 10.000 misiles antiaéreos y unos 7.000 radares y sensores. A ello se suma la red de defensa especial alrededor de Moscú, con unos 240 aviones de caza Mig-31, 100 rampas de lanzamiento de cohetes antimisiles, 135 bases de misiles antiaéreos y 40 complejos para el lanzamiento de misiles Sam-10. Expertos de la OTAN se inclinan en favor de la suposición de que la avioneta de Rust fue captada por radares soviéticos, pero que seguramente se la confundió con uno de los centenares de ese tipo de aparatos que en esa región del territorio de la URSS son empleados para tareas de fumigación de zonas agrícolas. El propio Rust declaró, poco después de su aterrizaje, que durante un largo trecho de su vuelo sobre territorio soviético fue acompañado por un avión de caza, pero que luego el piloto del mismo se habría despedido con un saludo de mano, dejando que el intruso piloto continuara su viaje hasta la capital.

Sea como fuere, el incidente tuvo consecuencias inmediatas. Dos días más tarde, eran alejados de sus puestos el Ministro de Defensa de la URSS, mariscal Sergei Sokolov, de 75 años, y el jefe de la Defensa Aérea Nacional, mariscal de [illegible] Koldunov. El [illegible] de especulaciones en sentido de que Gorbachov se habría servido de este incidente para deshacerse, en la más alta cúpula militar, de aquellos jefes y oficiales que no estarían del todo de acuerdo con su política de perestroika –reestructuración– y glasnost –transparencia–. En los últimos meses, Gorbachov hizo pasar a retiro a varios oficiales de la más alta jerarquía militar, entre ellos el jefe político de las Fuerzas Armadas, Alexei Jepischev, el almirante Sergei Gorschkov, el Comandante en Jefe de la unidad de misiles, Vladimir Tolubko, el primer Viceministro de Defensa, Vasili Petrov, el Jefe de la defensa civil, Alexander Altunin, el Jefe de personal, general de ejército Iván Schkadov, así como los jefes de algunas academias militares, el primer Vicecomandante de estado mayor y el Director de la administración operativa, a todos ellos mayores de 60 años y veteranos de la Segunda Guerra Mundial.

Los posibles motivos

Más allá de las especulaciones y conjeturas de orden político y militar, lo que aún queda por averiguar son los motivos que llevaron a Mathias Rust a emprender esa descabellada aventura. Un espía no aterriza espectacularmente en plena Plaza Roja. En un primer momento, la prensa sensacionalista de la RFA insinuó que Rust había pretendido, con su disparatada acción, promocionar la campaña de algunos círculos en favor de la liberación de Rudolf Hess o hacer propaganda para la organización ecopacifista Greenpeace, pero ambas versiones han sido desmentidas. La madre de Rust declaró a la prensa internacional que desconocía los motivos de su hijo y añadió:

"**Pienso que alguien lo ha obligado a hacerlo**". Entre tanto se ha podido establecer que Rust preparó detalladamente su viaje con anterioridad. En el mes de marzo adquirió, en una editorial especializada de la RFA, mapas con reproducciones precisas del territorio de la URSS comprendido entre el Mar Báltico y la capital soviética.

Varios minutos transcurrieron desde el aterrizaje, las declaraciones y la firma de autógrafos, hasta que dos policías se hicieron presentes en el lugar, revisaron los documentos de Rust y se lo llevaron detenido. La avioneta ha sido confiscada y el piloto está siendo interrogado por el procurador general moscovita. Un portavoz de la embajada de la RFA en Moscú ha declarado que Rust recibe un trato correcto, mientras las autoridades soviéticas se han limitado a señalar que existen indicios de que detrás de esa acción habría –"**un trasfondo mucho más amplio**"–, insinuando que podría tratarse tanto de un acto de provocación política como de un intento publicitario montado por la empresa Cessna y de cualquier otra de las muchas posibilidades existentes entre estos dos extremos. Se da por descontado que Rust enfrentará un proceso, y los medios de opinión germano-occidentales especulan en torno a la posibilidad de que las autoridades soviéticas, en un gesto de generosidad, le concedan una amnistía a plazo más o menos breve.

Voceros del gobierno de la RFA han enfatizado que las autoridades soviéticas se muestran empeñadas en evitar que este incidente perturbe las relaciones entre ambos países y que ambas partes lo están tratando con la cautela y seriedad que merece. No ocurrió lo mismo, sin embargo, entre algunos medios informativos germano-occidentales que, en un principio, celebraron el hecho como una hazaña de heroísmo.

Entre tanto, se ha reconocido la gravedad del asunto y no han sido pocas las voces de la opinión pública alemana que han condenado la "**imprudencia y torpeza escalofriante**" de esa aventura. Un comentarista señaló que el tratamiento de este asunto por parte de algunos órganos periodísticos "**merece el calificativo de obsceno**" y recordó que "**provocar a una potencia mundial, tratando de ridiculizarla, equivale a una falta de inteligencia política**".

Personeros de la aviación civil de la RFA indicaron que "**Rust está liquidado como piloto**", ya que perderá para siempre su permiso de conducir aviones, y un portavoz de Lufthansa declaró que esa empresa "**Jamás emplearía a un piloto con esos antecedentes**". El semanario hamburgués **Stern**, al parecer, compró a la familia de Rust los derechos exclusivos para la publicación de una historia en serie por lo que pagó 100.000 marcos, unos 50.000 dólares. Pero la mayoría de los observadores cree que de esa suma no quedará casi nada, cuando llegue el momento de pagar la cuenta de la infructuosa e inútil acción de salvamento emprendida por el servicio guardacostas finlandés. Y, de todas maneras, el Caso Rust será uno de los temas a tratar en las conversaciones que el presidente federal, Richard von Weizsäcker, sostendrá con las autoridades soviéticas en ocasión de la visita oficial de la URSS, en el mes de julio.

Rust podría ser un espía

BONN (ANSA, EFE y UPI).- Las autoridades soviéticas opinan que podría tratarse de un caso de espionaje el vuelo del joven piloto germano Mathias Rust, que atravesó parte de la Unión Soviética y aterrizó el pasado jueves en la plaza Roja de Moscú.

Esta posibilidad se la expusieron en la tarde de ayer las autoridades soviéticas al miembro de la Presidencia del Partido Socialdemócrata Alemán, Hans Koschnick, que se encuentra al frente de una delegación de la Internacional Socialista de visita en Moscú.

Koschnick informó igualmente de que las autoridades soviéticas están escandalizadas por el incidente provocado por Rust y que solamente hablaron del tema fuera de sus conversaciones oficiales en Moscú.

Por su parte, el Jefe del Gobierno de Baviera, Franz Josef Strauss, apeló ayer ante los dirigentes de la Unión Soviética para que dejen en libertad al joven aviador germano Mathias Rust que aterrizó el pasado jueves con una avioneta deportiva en la plaza Roja de Moscú.

A la vez, Valentín Falin, consejero de Gorbachov, declaró ayer que Mathias Rust no actuó por cuenta propia cuando voló de Helsinki a Moscú.

02-02

8705093

PS

ARCHIVAR EN: URSS/026

TEMA: Soviet Union (Political)

PROCEDENCIA: Enlace Sudafricano 27/9/85 + Doc. 14/4/85

ARCHIVADO EN: Enlace Sudafrica (/25)

01/01 8705099

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Soviet Union: Withdrawal of Troops from Mongolia.

PROCEDENCIA: Enlace Sudafricano 26/2/87 Doc. 1011/87

ARCHIVADO EN: Enlace Sudafrica (135)

01|01

8705116

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: USSR: High-Level Visit to the Ivory Coast.

PROCEDENCIA: Enlace Sudafricano 26/2/87 Doc. 1015/87

ARCHIVADO EN: E. Sudafrica (135)

01|01

8705121

ARCHIVAR EN: URSS (026

TEMA: USSR: Gorbachev Consolidating His Power Base.

PROCEDENCIA: Enlace Sudafricano 26/2/87 Doc. 1025/87

ARCHIVADO EN: E. Sudafrica (135)

01|01

8705124

M.E.B.

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Soviet Personnel in Mozambique

PROCEDENCIA: Enlace Sudafricano 14/7/82 Doc [illegible]

ARCHIVADO EN: E. Sudafrica (135)

01 | 01 8705132

074

Ambito Financiero 22/6/87

EXTERIOR

Voto secreto y ca[illegible] para el mismo cargo

Experimentos "democráticos" de corto alcance en la URSS

Escribe Charles Mitchell
de la agencia "UPI"

Moscú — Elecciones experimentales con varios candidatos, un elemento clave en la política de reformas del gobernante soviético Mijail Gorbachov, se celebraron ayer en zonas especialmente escogidas del país. El pueblo soviético eligió a 2,3 millones de representantes para 52.000 "Soviets" (Consejos) locales, que son la unidad básica de la estructura gubernamental.

Solamente cien mil de los 2,3 millones de escaños se disputaron bajo un nuevo procedimiento experimental, por el cual se presenta más de un candidato. Los restantes sitios serán ocupados por candidatos que no afrontaban competencia, muchos de los cuales o fueron seleccionados "a dedo" por la dirección local del Partido Comunista, como se ha hecho en el pasado, o ganaron comicios primarios extraoficiales convocados por el organismo local del partido.

Las elecciones con varios candidatos se celebraron en todo el país, en distritos recientemente aumentados y escogidos especialmente para el experimento.

Otra reforma introducida en los comicios de ayer fue el uso del voto secreto. Anteriormente, las personas que disentían en elecciones con un solo candidato estaban obligadas a presentar su voto negativo en otro rincón de la sala electoral, lo que les distinguía fácilmente de los que votaban a favor del candidato y sólo tenían que depositar la papeleta en una urna.

En las elecciones de ayer, todos los votantes estaban en el mismo recinto, donde podían, o no alterar la papeleta, dando así su visto bueno al candidato, o marcar a lápiz que se oponían a la candidatura.

"A nivel psicológico, esto supone un cambio grande. La gente se sentía cohibida al tener que apartarse para votar en contra de un candidato. Esto es una mejora importante, afirmó Danava Zoikova, funcionario electoral en Moscú.

URSS

01/01

8705136

OPINION

Una visita a la Unión Soviética (II)

En la nota que bajo este mismo título publicamos el domingo pasado, hicimos referencia a la baja calidad de vida de los habitantes de Moscú, tal como habíamos podido apreciar, a vuelo de pájaro, durante nuestro reciente viaje a la Unión Soviética.

¡¿Para qué?! Inmediatamente, ni cortos ni perezosos, presas de santa ira, los tovarich de "La Hora" saltaron al ruedo con "el hacha en la mano vengadora", dando razón a aquellos que afirmaban que, cuando llueve en Moscú, los bolches criollos salen a la calle con paraguas, aunque aquí esté brillando el sol. Pero, la verdad, esta vez se pasaron y no reconocen siquiera lo que señala el propio Gorbachoy en uno de sus últimos discursos, donde habla con una franqueza que ojalá sirviera de ejemplo a sus correligionarios de estos lares.

"Seamos francos, camaradas, hay una sola vía por la cual podemos lograr la aceleración y el mejoramiento de la calidad de toda nuestra vida: mediante el trabajo eficiente y altamente productivo". Y como si ello fuera poco, agrega seguidamente el secretario general del Partido Comunista de la Unión Soviética: "No existen mecanismos de distribución o de redistribución que puedan crear nada por sí mismos".

Por ello decíamos el domingo pasado que la nueva dirigencia soviética desea reestructurar la economía (perestroika), hacer más transparente (glasnost) el funcionamiento del omnipresente y omnipotente sistema estatal monopolizado por el Partido Comunista y, además, introducir medidas de democratización (demokratizatsiya) para aliviar el pesado clima de estado policial que se respira en la Unión Soviética.

Y volvamos a citar al secretario general del PCUS:

"Hoy nosotros queremos cambiar radicalmente la atmósfera de nuestra sociedad, puesto que no podemos estar satisfechos con la manera en que vivíamos y trabajábamos previamente. Pero nada lograremos si no desplazamos del todo a las fuerzas de la inercia y la desaceleración, que son peligrosas en tanto pueden retrotraer al país al estancamiento y a la somnolencia, amenazándonos con la osificación de la sociedad y la corrosión social."

Se ve, pues, que no somos los únicos que hablamos del estancamiento de la Unión Soviética, sino que el propio Gorbachov lo hace normalmente en sus discursos que, suponemos, serán de conocimiento del diario comunista. Pero lo que impacta en las respuestas de "La Hora" es la intransigencia, rayana en el fanatismo, que refleja la actitud adoptada frente a nuestros comentarios que trataban, simplemente, de reflejar lo que vimos en Moscú, así como la conclusión primaria a la que llegábamos en nuestra nota anterior, en el sentido que el sistema comunista ha sido incapaz de conciliar el poderío militar soviético con la calidad de vida de sus pueblos.

Y ello no tiene nada que ver con los problemas que afectan a la situación económica y social uruguaya, ni a los carritos de basura, ni a la mendicidad infantil, ni a otras carencias que afectan el nivel de vida de nuestro pueblo, y qué somos los primeros en buscar remediar, porque somos batllistas y estamos comprometidos con los postulados de justicia social de nuestro partido, sin necesidad de recibir lecciones de nadie, y mucho menos de los comunistas y su programa de dictadura del proletariado.

Pero como no queremos que "La Hora" siga enojada con nosotros, no hablaremos ya de lo que vimos —que no fue mucho aparte de las reuniones oficiales— sino que seguiremos refiriéndonos al mismo discurso de Gorbachov. Dice también: "Tomemos, por ejemplo, uno de nuestros más urgentes problemas: la vivienda. Es sabido que el Partido ha fijado la muy importante tarea social de proveer, prácticamente a cada familia, con un apartamento individual, o una casa individual, dentro de los próximos tres períodos de planes quinquenales". Y agrega poco más adelante: "Como Uds. saben, el verano pasado yo visité el Lejano Oriente soviético y vi con mis propios ojos cuán aguda es allí la situación habitacional. Este problema es igualmente urgente en otras regiones del país. Y me di cuenta de ello nuevamente durante mi visita al área del Báltico".

Queremos darle una seguridad adicional a los preocupados redactores del diario comunista: en nuestra rápida visita a la Unión Soviética no vimos ningún borracho. Sin embargo, en el discurso de Gorbachov, que hemos citado reiteradamente en esta nota, se dice: "Tampoco deben ser descuidados los esfuerzos en la lucha contra el alcoholismo".

Pensamos que ya podemos terminar tanto esta nota como esta discusión, pero no sin antes señalar que mientras en la Unión Soviética cambian un dólar norteamericano por alrededor de 65 kopecks, es decir, 65 centavos de rublo, en los mercados cambiarios europeos el tipo de cambio no es, ni por asomo, tan generoso con la moneda soviética, sino que la relación dólar-rublo se invierte notablemente.

Permítasenos, para finalizar, desear éxito a las políticas propiciadas por Gorbachov, tendientes a lograr para los pueblos soviéticos la calidad de vida que hoy gozan los pueblos de Europa occidental. Aunque esa noble tarea le requiera quince, veinte o treinta años.

Francisco A. Forteza

Gorbachov Critica a los Líderes de Occidente Luego de Depositar Voto

MOSCU (AP).— El líder soviético Mijail Gorbachov acusó hoy al Occidente de "una falta de una política realística" y pidió a los líderes occidentales que tomen una iniciativa en busca del desarme.

Después de depositar su voto en elecciones para organismos locales, en las que sólo había un candidato, el jefe del Partido Comunista se acercó a los periodistas congregados frente al puesto de votación y les pidió que transmitieran a todo el mundo sus puntos de vista.

"Nos piden que la reunión soviética haga algo, que haga más", dijo Gorbachov, refiriéndose a los dirigentes occidentales. Pero, debo decir que hoy los líderes soviéticos ven que se habla mucho en Occidente, pero no se adoptan muchas medidas concretas".

Afirmó que el Occidente ha hecho poco en respuesta a las numerosas iniciativas para el control de armas propuestas por los negociadores soviéticos.

"Estamos preparados para cooperar con todas las fuerzas, pero hay una falta de una política realística en el Occidente", dijo al grupo de unos 50 periodistas, en su mayoría de Occidente. "Están preocupados sólo con la forma de salvar su prestigio".

"Pero se necesitan medidas concretas para avanzar hacia una situación más salvable, para evitar la guerra nuclear y la violencia y para ampliar la cooperación".

Gorbachov eludió todas las preguntas de los periodistas, advirtiendo repetidamente que "ésta no será una conferencia de prensa".

Dijo que se necesitan iniciativas de desarme de Occidente, pero que "la actual generación de líderes políticos, por lo menos en los principales países capitalistas, está preocupada que pueda perder ante la opinión pública".

No mencionó específicamente a ningún líder o país.

"Deberíamos estar preocupados sólo por la forma en que podemos desviar al mundo de la confrontación y la tensión y la carrera armamentista hacia otra dirección, hacia el camino de la mejoría de las relaciones internacionales y del desarme", dijo. "Ni las palabras ni las garantías pueden sustituir a una política real".

Gorbachov inició su conversación señalando que mañana es "un día con un significado especial para nosotros". El 22 de junio de 1941 las fuerzas alemanas invadieron a la Unión Soviética.

"Hagamos lo que hagamos debemos pensar que la principal prioridad de todos los pueblos es el mantenimiento de la paz", dijo Gorbachov, con su esposa, Raisa, a su lado.

La agencia noticiosa oficial soviética TASS informó que en las elecciones de hoy se elegirán 2.3 millones de diputados a 52.000 Concejos Regionales, distrital[illegible]

01/01

8705143

Mariscal Sergei Sokolov

Un hombre en decadencia

MOSCU, 30 (EFE). – El mariscal Sergei Sokolov, de 75 años, destituido como ministro de Defensa de la URSS, fue nombrado para este puesto en 1983, y se caracterizó por una gran discreción en su gestión.

De origen ruso, desde 1968 es miembro del Comité Central del Partido Comunista de la URSS, y en la actualidad ocupa también el cargo de miembro suplente del Politburó, del que según se desprende del anuncio oficial de su destitución no ha sido retirado.

Se graduó en la Academia de las Fuerzas Blindadas y Motorizadas, y en la Academia del Estado Mayor General del Ejército Soviético.

Sirvió en las filas del Ejército de la URSS desde 1932. Fue jefe de sección, compañía y batallón. Durante la Segunda Guerra Mundial ocupó puestos de mando y estado mayor en los frentes de Occidente y Karelia.

Rumores y especulaciones

En 1964 fue nombrado subcomandante general del Ejército y en 1965 comandante general de la región de Leningrado. En 1967 lo nombraron viceministro de Defensa.

Sokolov, que llegó al cargo de ministro de Defensa tras la muerte del influyente y poderoso mariscal Dimitri Ustinov, era considerado como un militar del partido.

Los rumores y especulaciones sobre un posible relevo de Sokolov al frente del Ministerio de Defensa cobraron gran intensidad a causa de su ausencia en el desfile militar celebrado el 7 de noviembre último en la Plaza Roja, en conmemoración del 60º aniversario de la revolución de octubre.

La mencionada parada militar es el acto de mayor significación que se celebra todos los años en la URSS, y la ausencia del ministro de Defensa fue considerada muy significativa e insólita.

Tras su momentánea desaparición, Sokolov reapareció diez días después en un acto público poniendo fin a las especulaciones sobre su relevo.

Razones de salud

Sokolov nació en Eupatoria, Crimea, el 1 de julio de 1911. Hijo de empleados, comenzó su actividad política en el Komsomol, la organización juvenil del PCUS. Se enroló en el Ejército en 1932, y en 1947 se diplomó en la Academia de Tropas Acorazadas.

El mariscal Sokolov no tomó nunca una posición personal desde que está en curso la nueva política soviética del secretario general Mijail Gorbachov. Sus apariciones en público eran raras, al igual que sus discursos.

Se lo vio en público la última vez en julio de 1986 en Finlandia, y desde entonces siempre se hizo sustituir por otros en manifestaciones públicas o desfiles militares, según parece por razones de salud.

La Nación 31/5/87

Poco Legible

01|02

8705160

URSS

Lichaje

Un militar de carrera es el nuevo ministro

MOSCU, 30 (Reuter). – El general del Ejército Dimitri Yazov fue designado ministro de Defensa. Es un militar de carrera que, a los 18 años, combatió contra los alemanes durante la Segunda Guerra Mundial.

Yazov, de 63 años, reemplaza así al mariscal Serguei Sokolov, cuyo retiro fue anunciado juntamente con la adopción de severas medidas contra el Comando Soviético de Defensa Aérea, por su fracaso en detener al avión que aterrizó en la Plaza Roja.

Diplomáticos occidentales describieron a Yazov como de rango menor en la jerarquía militar y poco conocido. Se había pensado que el sucesor natural del destituido Serguei Sokolov sería el primer viceministro de Defensa, general Pyotr Lushev.

Yazov era viceministro de Defensa para personal.

Desde julio de 1984 había comandado el distrito militar soviético para el Lejano Oriente, y antes, durante siete años, había tenido a su cargo el distrito de Asia Central, donde estudió.

De nacionalidad rusa, Yazov nació el 8 de noviembre de 1923. Ingresó en las Fuerzas Armadas en 1941, y tuvo puestos de comando mientras servía en los frentes de Voljov y Leningrado durante la Segunda Guerra Mundial.

Se graduó en la Academia Militar Frunze, en la Kirguizia soviética en 1956, y en la Academia Militar del Estado Mayor General de las Fuerzas Armadas, en 1967.

Yazov ingresó al Partido Comunista en 1944, y desde 1981 se convirtió en miembro del Comité Central del partido sin derecho a voto. También se desempeña como diputado ante el Soviet Supremo, que es el Parlamento nominal del país.

La Nación 31/5/87

Poco LEGIBLE

02.02

8705160

RS

07/6

URSS

Perla

Podrían condenar al piloto alemán por transgredir una ley soviética

Continúa detenido e incomunicado; gestiones de diplomáticos germanos

MOSCU, 30 (ANSA).– La embajada de Alemania Federal en esta capital aún no entró en contacto con su joven compatriota Mathias Rust, de 19 años, que el jueves último aterrizó con un pequeño avión de turismo, un Cessna 172, en la Plaza Roja de esta capital.

Según el acuerdo consular alemán-soviético, una persona puede ser detenida tres días sin que se verifique ningún contacto con la respectiva embajada. Por el momento, la única toma de posición oficial es el breve comunicado de ayer de TASS, en el que se reconocía el aterrizaje y se daban los datos de identificación del piloto, del avión y de la ruta.

Por otra parte, según el Código Penal soviético, si no son reconocidos delitos más graves, como el espionaje, el joven piloto alemán puede ser condenado según tenor del artículo 84 que castiga la "violación de los reglamentos de los vuelos internacionales". Esta norma prevé una condena de uno a diez años de reclusión o bien una multa de mil rublos; además, las autoridades podrán decidir si confiscan o no el avión.

Detenido e incomunicado

BONN, 30 (UPI).–El joven piloto alemán Mathias Rust, que eludió el sistema de radares soviético y aterrizó con su avión Cessna enfrente del Kremlin en Moscú, está detenido e incomunicado, dijeron hoy el gobierno y su familia.

"No he escuchado nada aún", dijo Monika, madre del osado joven, cuyo audaz gesto logró la atención mundial y desató la imaginación de sus compatriotas.

Entrevistada por teléfono, la señora de Rust añadió que no espera tener noticias de su hijo hasta mañana, cuando expire el plazo legal de tres días luego del cual se espera que las autoridades soviéticas sigan el proceso normal y permitan que Rust se comunique con su embajada.

Un vocero de la cancillería dijo que se ha solicitado comunicación con el joven en una nota formal, dirigida por medio de la embajada en Moscú, a la cancillería soviética. El caso es manejado por vía diplomática, pero el gobierno moscovita aún no respondió a la nota ni ha permitido a los funcionarios superiores de la embajada conversar con el piloto.

La madre de Rust dijo que espera que su hijo esté bien. "Es lo único que puedo desear", agregó.

Expresó que no tiene idea de qué fue lo que lo impulsó a volar de Helsinki a Moscú sin la autorización de las autoridades.

La prensa alemana publica extensos artículos sobre el atrevido vuelo. Señalan que Rust, originario de Wedel, cerca de Hamburgo, firmó autógrafos, bromeó y conversó con vecinos de Moscú y con turistas alemanes en la Plaza Roja antes de que las autoridades lo detuvieran dos horas después del aterrizaje.

El diario Bild citó al periodista soviético Anthony Louis al decir que Rust había repartido volantes en donde llamaba a la paz como "un gesto de solidaridad, paz y amistad con los ciudadanos soviéticos".

POCO LEGIBLE

01/01

8705161

URSS

026

El País 28/5/87

Reclaman a Gorbachov que Incluya la Libertad Religiosa en la Perestroika

MOSCU Y BUCAREST, 27 (EFE) — Un grupo de disidentes religiosos envió una carta al máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, en la que se hace un llamamiento para que se incluya en el proceso de Perestroika (Reforma) la libertad de culto, educación y expresión religiosa.

En el escrito, presentado por varios de sus firmantes hoy durante un encuentro mantenido con un reducido grupo de periodistas occidentales en un piso de Moscú, se solicita en primer lugar a Gorbachov la liberación de todos los presos de conciencia.

Asimismo se pide un "cambio fundamental" en las relaciones Iglesia-Estado, de modo que la Iglesia Ortodoxa rusa "viva según sus tradiciones y creencias".

Todos los participantes en la reunión con un grupo de corresponsales extranjeros se declararon de religión cristiana y afirmaron que habían escrito esta carta al "número uno" del Kremlin, porque "queremos creer en la realidad y el futuro de la Perestroika y pensamos que la Iglesia no debe ser excluida de este proceso de democratización".

En el escrito dirigido a Mijail Gorbachov se señala también que el Estado no debe regular la vida interna de la Iglesia y la erradicación del decreto de abril de 1929, que establece la prohibición de cualquier manifestación o actividad social de la Iglesia.

Los firmantes de la carta insistieron durante su encuentro con los periodistas en la necesidad de que se permita la enseñanza religiosa en la URSS, sobre todo a los niños de familias creyentes y que a sus clases asistan profesores también creyentes.

Según este grupo de disidentes religiosos, aunque la Constitución soviética contempla el derecho a practicar una religión, el Estado ejerce un férreo control sobre los practicantes activos, especialmente en el campo.

A este respecto señalaron que muchos sacerdotes en las áreas rurales tienen miedo de hablar con la gente y de llevar a cabo un acercamiento, sobre todo con los jóvenes.

Entre las peticiones formuladas a Gorbachov está también la de anulación del control que el Estado realiza sobre las personas que contraen matrimonio por la Iglesia o sobre los bautizados.

La gran escasez de biblias, libros de oraciones y evangelios es otro de los caballos de batalla de estos disidentes religiosos, que pidieron también al líder soviético la publicación de biblias.

Para ilustrar la escasez actual de libros sagrados en la URSS explicaron que ante la imposibilidad de adquirir un ejemplar de una biblia en una librería se puede recurrir al mercado negro, en el que se cotizan entre 70 y 100 rublos y 150 si es una biblia católica con comentarios. (El sueldo medio de un soviético está establecido en unos 200 rublos al mes).

Las únicas biblias permitidas en la URSS son las que edita el episcopado y si no es este el caso se decomisan incluso aquellas que están escritas en lengua extranjera.

A algunos de los presos religiosos recluidos en cárceles o campos de trabajo se les permite conservar su biblia, pero nunca llevar cruces.

Esta actitud del Estado soviético está regulada por una ley que establece que en los centros oficiales de la URSS no se permite la presencia de objetos de culto. La ley abarca también al Ejército.

Interrogados sobre el número actual de cristianos en la URSS, afirmaron que es muy difícil dar una cifra exacta pues no existen censos, ya que tras la Segunda Guerra Mundial se dejó de introducir la pregunta en las encuestas del censo.

Se sabe que antes de la guerra un 60 por ciento de la población soviética eran practicantes, añadieron, para afirmar que los únicos datos aproximados que existen en la actualidad son una estadística que no incluye la población de la federación rusa y que sostiene que en el resto de la URSS existen 70 millones de cristianos.

A éstos se puede añadir, según el grupo que se reunió hoy con la prensa, de 30 a 50 millones más en la federación rusa. (La Unión Soviética tiene una población total de más de 280 millones de personas).

Solicitada su opinión sobre las causas de la paralización del proceso de liberación de presos de conciencia, señalaron que debe ser "una lucha interna" mantenida en los círculos del poder soviético.

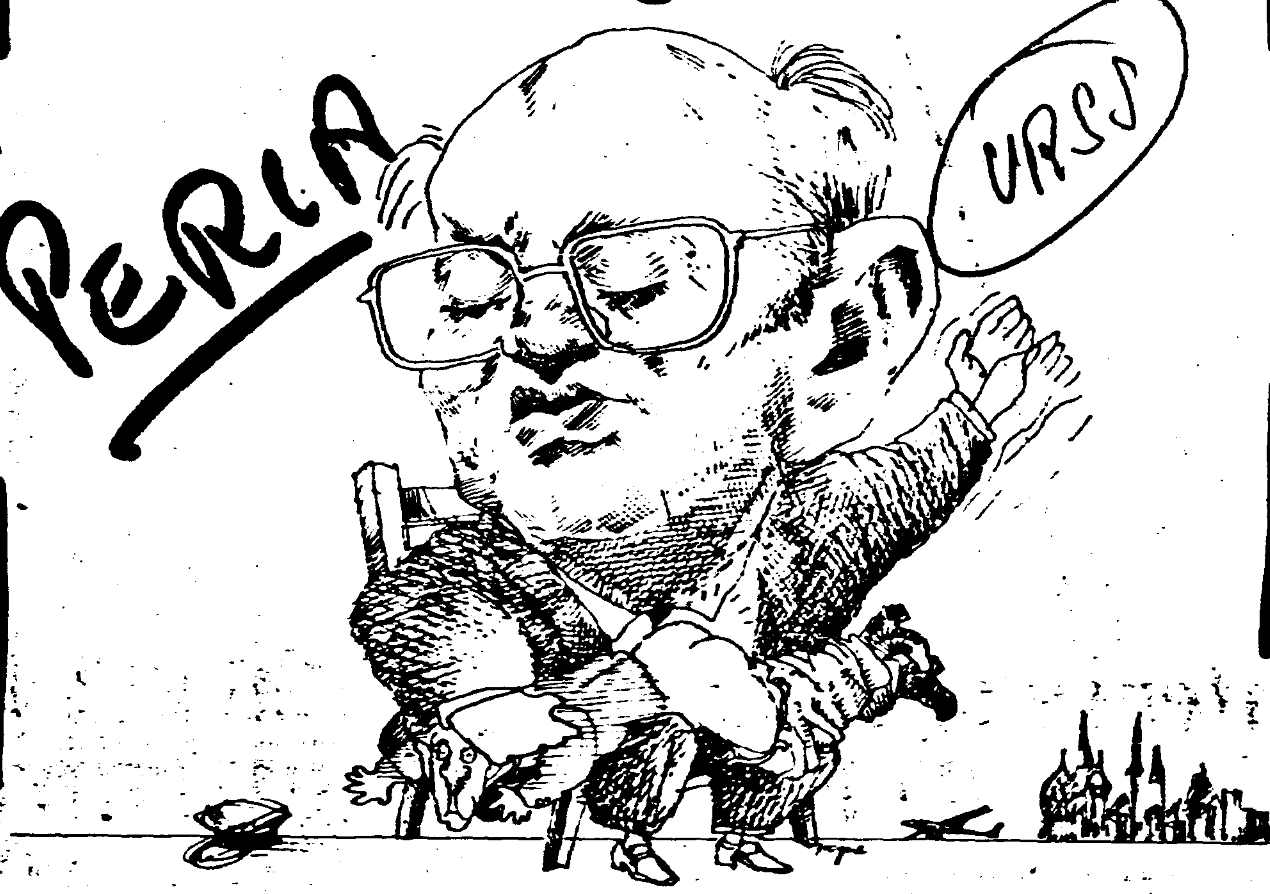
Añadieron que los opositores a Gorbachov llegaron a un acuerdo con el máximo dirigente soviético para liberar a algunas personas determinadas y según ciertas condiciones, entre ellas que se retractaran.

01.01

El Día 18-6-87

Le Monde
Exclusivo EL DIA

Gorbachov castiga a sus militares



Aparentemente, a Gorbachov no le gustan las bromas, cuando la seguridad de la URSS está en juego. Lo que había comenzado como un increíble hecho policial con el inesperado aterrizaje de un pequeño avión blanco bajo los rojos muros del *Kremlin*, *prosiguió con una* cascada de destituciones. Los más altos responsables del Ejército se vieron cuestionados. Términos tales como "negligencia", "vacilación inadmisible", "ausencia de vigilancia", "falta de seriedad" son lo suficientemente expresivos de la irritación que se manifestó en la reunión del buró político destinada a este asunto. Si el rídiculo mata, debe ser combatido. En consecuencia hay razones *para* "reforzar la dirección del Ministerio de Defensa de la URSS".

El contraste es flagrante con la forma como reaccionó el poder político durante el drama del Boeing sudcoreano abatido en el mar de Okhotsk, en el mes de *setiembre de 1983. Ya entonces*, las fallas militares habían sido increíbles. No sólo el aparato pudo sobrevolar durante varias horas, sin ser interceptado, en una *región particularmente* sensible del territorio de la URSS, sino que más tarde se supo que se había dado la orden de destruirlo —al *precio* de 269 víctimas que no mejoraron la reputación de la Unión Soviética— sin que el blanco hubiera sido claramente identificado y reconocido como un avión civil.

Entonces no fue anunciada ninguna sanción —al menos públicamente. *En algunos círculos se dio a entender*, un año después, que el alejamiento del mariscal Ogarkov de su cargo de jefe del Estado Mayor General era consecuencia de ese tan trágico hecho. Pero Yuri Andropov, secretario general del PC soviético por entonces, cubría a sus militares dando a entender que los servicios secretos estadounidenses eran los primeros responsables.

Hoy se ha producido lo inverso. Los responsables de las Fuerzas Armadas fueron acusados sin demora. A esta altura, se podrán sacar tres consecuencias. La primera es que las Fuerzas Armadas soviéticas no brillan por su eficacia y que están lejos de ocupar el primer lugar, al menos algunas ramas, en la empresa de renovación iniciada por Gorbachov.

La segunda es que este último saltó sobre la ocasión para tomar decisiones que traducen con evidencia su poca consideración por las autoridades militares. La tercera es que disponía de los medios para hacerlo. ¿Solo o al precio de un indispensable acuerdo con el número dos del régimen, Ligatchev? El hecho es que el asunto fue juzgado y resuelto rápidamente, en detrimento de los mariscales que se demoran en poner sus relojes en hora y a los que se les recuerda que su papel es el de ejecutantes vulnerables del poder político.

La autoridad personal de Gorbachov se encuentra reforzada, en momentos en que se manifiestan cada vez más claramente vivas resistencias a sus proyectos de "reestructuración" del régimen. Queda por saber si este éxito no se ve acompañado en otros planos —el de los estatutos del partido o de la reforma económica, por ejemplo— con notables concesiones a sus adversarios. El próximo pleno del Comité Central, previsto para estos meses, debería permitir saber [illegible] respecto.

El Día 23.5.87

ECONOMIA

Gorbachov prepara depuración del aparato productivo de URSS

MOSCU — El máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, prepara una depuración en el sistema económico de la URSS para poner fin a los bajos niveles de productividad originados en la indisciplina, la corrupción y el despilfarro.

El pleno del Comité Central del Partido Comunista de la URSS, que se reúne esta semana sin fecha aún determinada, centrará sus debates en la situación económica del país y en el cumplimiento de los planes de producción.

El mismo Gorbachov advirtió el pasado domingo que está resuelto a llevar a cabo una profunda reorganización de todo el aparato productivo soviético, que todavía se ve lastrado por la existencia generalizada de actitudes parasitarias e indisciplinadas.

El jefe del Kremlin recalcó que el sistema socialista se basa en el prociplo de a cada cual según su trabajo y criticó la mentalidad dominante de camuflar los bajos índices de rendimiento en el contexto de estadísticas macroglobales.

Según las últimas cifras oficiales, el sector agrícola y el de producción de maquinaria para el campo muestran niveles de estancamiento, hasta el punto de que (como indicó Gorbachov) la URSS todavía se ve incapaz de proporcionar por sí misma alimentos a la población.

El conjunto de la economía soviética creció en el primer trimestre de este año —según las estadísticas— en un 4 por ciento, justo en el nivel que fijó el Soviet Supremo en noviembre de 1986.

Las tres cuartas partes de este crecimiento económico se destinan a inversiones sociales para mejorar el nivel se vida de la población, pero el proceso se ve entorpecido por lo que Gorbachov denomina "supervivencia de viejos hábitos de trabajo"

En este pleno del Comité Central, máximo órgano decisorio del Partido Comunista entre congresos, que se reúne cada seis meses, Gorbachov confía en avanzar en la aplicación de las reformas económicas a pesar de la resistencia encubierta de algunos sectores.

En los próximos meses, el Estado incrementará la vigilancia el control en las empresas para combatir la corrupción y el fraude, que en la práctica se manifiesta en la existencia de un extenso mercado negro de productos de consumo.

Para ello, el procurador general del Estado soviético, Alexander Rekunkov, procedió a llevar a cabo una depuración en el cuerpo de vigilantes de elementos "fuera de las nuevas exigencias". El nuevo esquema económico de Gorbachov prevé la sustitución del rígido sistema de planificación centralizada por otro en el que el Estado ordene a las empresas de los sectores económicos que cumplan encargos hasta el 65 por ciento de su capacidad productiva.

El resto de la producción quedará en una situación "flotante", con el fin de permitir a las empresas que decidan por sí mismas los bienes de consumo que fabricarán, de manera que puedan responder flexiblemente a las exigencias del mercado interior.

Esta modificación de las normas económicas soviéticas representa una innovación sin precedentes, que por vez primera concede un margen de funcionamiento a las reglas del mercado, en base a la ley de la oferta y la demanda.

El pleno del Comité Central abordará también los problemas sociales que originará la incorporación de nuevas tecnologías a la industria, proceso que obligará a casi 15 millones de trabajadores soviéticos a cambiar de profesión en los próximos diez años.



Mijail Gorbachov

01.01

8705164

ENSAYO DE REFORMA EN LA URSS

Alternativas electorales

MOSCU, 20 (Por Martin Walker, de "The Guardian", especial para Clarín). — La Unión Soviética votará mañana por primera vez con un nuevo sistema de democracia extendida, en un clima de creciente confusión por parte de los electores sobre el impacto y los alcances de las reformas implementadas.

Se trata de elecciones para los consejos locales, o soviets, y para las cortes populares locales, y en la mayoría de los distritos los ciudadanos encontrarán un solo apellido en las boletas electorales. En varias regiones del país, sin embargo, los votantes tendrán oportunidad de elegir entre una serie de candidatos. La República Báltica de Latvia, con una población inferior a los tres millones de habitantes, es la que más se aventurará en el experimento, ya que los votantes pasarán a votar al cuarto oscuro.

Las ciudades de Minsk, Frunze y Kishinev podrán elegir entre más de un candidato para estos "electorados de mandatos múltiples", como se ha dado en llamarlos. En el resto del país la extensión democrática se ha concentrado en las reuniones donde se proclamaba a los candidatos. La prensa soviética recogió frecuentes testimonios de estas reuniones, a menudo celebradas en fábricas o salas públicas, en las que se terminó proclamando candidatos a personas del público en lugar de los dirigentes "sugeridos" por el sindicato o las autoridades partidarias.



Mijail Gorbachov, secretario general del PCUS.

En la mayoría de estas reuniones, todo transcurrió con un estilo informal y nuevo, con interrupciones e ideas aportadas por los presentes", informa el "Pravda". "Estas elecciones se llevan a cabo en condiciones destinadas a fortalecer la democracia local", explica el periódico en un informe sobre una serie de candidatos. Las autoridades han estimulado la perspicacia y espíritu crítico de los electores hacia sus futuros representantes.

Según el periódico "Trud", en Tyumen había una lista inicial de tres mil candidatos potenciales, que tras las reuniones se redujeron a mil nombres, los cuales aparecerán en las boletas electorales. El hecho de que cada uno de estos mil candidatos pueda resultar electo marca una de las limitaciones de la nueva democracia soviética; se trata, con todo, de la fase inicial de un experimento muy bien controlado, ya que las autoridades del partido tienen muy claro que el proceso no debe escapárseles de las manos.

Confusión y apertura

La radio y la televisión soviéticas brindarán una cobertura sin precedentes a las elecciones de este año. Antes, los medios solían difundir las alocuciones de los principales candidatos y luego informar sobre los resultados. Este año se transmitirá desde las mesas de recuento de votos donde haya más de un candidato y habrá reportajes a los ganadores y también a los que han perdido y a los electores.

Pese a estas diferencias notables, muchos ciudadanos soviéticos siguen en ascuas sobre la medida de las reformas democráticas. "A mí todavía nadie me explicó bien en qué consiste el nuevo sistema", refiere un veterano moscovita algo desalentado:

"Cuando fui a informarme, se me dijo que probablemente la boleta electoral de este año no sería distinta de las anteriores y que yo debía votar tal como lo he hecho la última vez."

Quizá lo más importante entre toda esta confusión sea el aumento de la confrontación directa entre los votantes y los candidatos. En algunas de las ciudades-piloto de estas elecciones llegó a haber un principio de campaña proselitista. En la ciudad de Riga, por ejemplo, los candidatos rivales usaron vehículos con altoparlantes para conseguir la adhesión propular y se produjeron debates públicos entre los candidatos.

De acuerdo con el periódico "Trud", "la nota de estas elecciones está dada por el gran nivel de actividad de los candidatos. Muchos de ellos han tenido que informarse exhaustivamente sobre la situación real de las localidades antes de enfrentarse con los electores, para poder brindar un programa definido de lo que harán una vez que ganen".

URSS

01.01

8705169

Hace algún tiempo, la redacción de l'Unità, órgano del Partido Comunista Italiano, se dirigió a Mijail Gorbachov pidiéndole una entrevista.

El 18 de mayo, Mijail Gorbachov recibió en el Kremlin a los camaradas Gerardo Chiaromonte, miembro de la dirección del Partido Comunista Italiano, director del periódico l'Unità, Renzo Foa, subdirector del mismo, y Giulietto Chiesa, corresponsal del periódico en Moscú, y les hizo entrega de sus respuestas a las preguntas antes formuladas.

Tuvo lugar una animada y fraternal conversación, cuyo contenido publicamos a continuación.

Visitas a Italia

Mijail Gorbachov. Me alegra saludarle a usted, camarada Chiaromonte, y a otros camaradas italianos. He recibido sus preguntas formuladas por escrito para la entrevista y he trabajado mucho en las respuestas. A propósito sea dicho, me han hecho numerosas preguntas y, prácticamente, he respondido a todas. Pero algo he dejado para la siguiente entrevista (*animación*).

Gerardo Chiaromonte. Muchas gracias. En cuanto a lo que "ha quedado sin respuesta" solicitamos turno para la siguiente entrevista. Usted sabe que los italianos somos muy curiosos. Máxime que usted, camarada Gorbachov, es muy popular en Italia. A propósito, ¿ha estado usted antes en Italia?

Mijail Gorbachov. Sí, estuve dos veces. Puedo decir que me gusta mucho el pueblo italiano, amante de la vida y enérgico.

La primera vez que estuve en Italia fue de descanso, con una delegación de funcionarios del PCUS, invitados por la dirección de su partido. Fue un viaje muy interesante. Estuvimos en Sicilia, cerca de Terrasini. Prácticamente recorrimos toda la isla en autobús, vimos Enna, a la que se llama "ombligo" de Sicilia, visitamos la ciudad-balneario de Taormina. Luego vimos otras ciudades de Italia y asistimos al festival del periódico l'Unità, en Turín. Visitamos Florencia y, cerca, la pequeña ciudad de San Gimignano. Lo que más se me grabó en la memoria fueron los encuentros en las pequeñas ciudades, en poblados de gente laboriosa, con los obreros italianos.

¿Gorbachov en equipo de fútbol italiano?

Gerardo Chiaromonte. Quisiera relatarle un caso que muestra la popularidad de que goza usted en Italia. Actualmente estamos en campaña electoral y todos los partidos han presentado listas de candidatos. Nosotros hemos presentado amplias listas, en las que entran muchos independientes, representantes de la intelectualidad, hombres y mujeres de izquierda, pero que no están en nuestro partido. Algunos periódicos han escrito que, de esta manera, nosotros vamos por el camino de los clubes de fútbol, que cada año contratan a jugadores de otros equipos. El camarada Pajetta me habló de un mitin suyo, en el cual dijo que si en las elecciones del país rigiera la ley por la cual los clubes italianos contratan a futbolistas extranjeros, podríamos pedir al camarada Gorbachov que integrara las listas de nuestros candidatos. Era una broma, claro está: quienes escuchaban a Pajetta estallaron en aplausos.

Mijail Gorbachov. La segunda vez que estuve en Italia —lamentablemente, en tristes circunstancias— fue para el entierro de Enrico Berlinguer. Entonces tuvimos una importante conversación con un grupo de miembros de la dirección del Partido Comunista Italiano. Recuerdo que estuvimos hablando casi toda la noche y abordamos muchas cuestiones. Yo les dije a sus camaradas: cuánto se puede discutir de la autonomía del partido. Ustedes, los italianos, han dicho un millón de veces que son independientes. Nosotros, dos millones de veces, incluso en los congresos del PCUS, hemos dicho que ustedes y nosotros somos independientes.

Un encuentro internacional en el 70 aniversario

Sin embargo, nosotros vemos hoy que muchos partidos quieren solidaridad, consolidar los esfuerzos. Se trata de desarrollar las relaciones políticas entre los partidos, se trata de solidaridad política, de que los comunistas den una respuesta adecuada a los problemas que la época plantea ante los pueblos. Los comunistas expresamos los intereses de los obreros, de los trabajadores, y no debemos hacer politiquería. Yo considero sana la tendencia a intercambiar opiniones, a la interacción.

A propósito sea dicho, a los festejos del 70 aniversario de la Gran Revolución de Octubre invitamos a muchas delegaciones de partidos y movimientos. Pensamos proponer que se celebre estos días, en Moscú, un encuentro extraoficial para conversar ampliamente sobre los importantes problemas que preocupan a todo el mundo, en el que participarían no sólo comunistas, sino también representantes de otros partidos. Sin necesidad de ningún documento, sin balances, etc. Muchos han reaccionado a ello positivamente.

Gerardo Chiaromonte. Para que este encuentro sea eficaz y útil, no se puede dejar limitado a los partidos comunistas. Esa es nuestra opinión. En él deben participar socialistas, socialdemócratas, movimientos de liberación nacional, es decir, no debe ser un encuentro cerrado, sino amplio. Sólo en ese caso puede ser útil.

Mijail Gorbachov. Eso es. He preparado mis respuestas a las preguntas que, por escrito, ustedes me habían entregado previamente. Debo señalar que me gusta mucho el estilo italiano en la formulación de las preguntas. Primero, en media página me recuerdan lo que yo he dicho antes, y luego formulan la pregunta. Es un estilo curioso.

Gerardo Chiaromonte. Nosotros, camarada Gorbachov, nos guiamos por la franqueza y rectitud de sus intervenciones.

Mijail Gorbachov. Tal vez no haya respondido yo a todas las preguntas, pero la mayor parte de las veces he procurado dar respuestas exhaustivas. Espero que esto les satisfaga. A todo, claro está, no se puede responder, pues no habría interés para una siguiente entrevista (*risas*).

Gerardo Chiaromonte. Una vez más, muchas gracias por la entrevista, por el texto y por habernos recibido hoy. Si me permite, quisiera formularle algunas preguntas cortas.

Mijail Gorbachov. No está excluido que haya respondido a ellas en las respuestas que ya les he dado por escrito. Pero estoy dispuesto a conversar con ustedes.

Génesis de la renovación

Gerardo Chiaromonte. Las ideas de renovación y reestructuración que la dirección soviética hoy promueve no han nacido de repente, claro está. ¿En qué momento en usted, si recordamos el pasado y su trabajo como dirigente de partido, maduró la idea de la reestructuración?

Mijail Gorbachov. Tiene usted razón, camarada Chiaromonte, al decir que no fue una idea súbita, surgida en una noche. Aunque, claro está, a veces las decisiones vienen de repente; pero, de todos modos, están precedidas de largas reflexiones.

No sólo yo, sino también mis colegas de la dirección del partido, vinculan el surgimiento y la formulación conceptual de la renovación del socialismo en su propia base, en todas las esferas de desarrollo de la sociedad socialista, ante todo, con el Pleno de abril (1985) del CC del PCUS. En el partido se sentía, desde hacía ya años, la necesidad de cambios y renovación. La comprensión de esta necesidad se reflejaba incluso en los documentos y resoluciones del PCUS, de sus congresos. Pero, por desgracia, muchas deducciones y resoluciones políticas de gran importancia, relacionadas con el desarrollo del socialismo, desde luego, no iban más allá de las buenas intenciones. No se vieron respaldadas por hechos prácticos, por una actividad real del partido. Se amontonaban los problemas pendientes, esto se dejaba sentir en la sociedad y, en fin de cuentas, se reflejaba en el partido mismo. Hay que resolver los problemas y curar las enfermedades. Pero la enfermedad se agrava cuanto más penetra en el organismo. No es casual que, para caracterizar la situación que en nuestro país se creó en la confluencia de los años 70 y 80, nosotros utilicemos el término "fenómenos precríticos".

No puedo aceptar, como a veces se dice, que el rumbo a la renovación del socialismo esté relacionado personalmente con el nombre de Gorbachov. Esto iría contra la verdad. La formación de la nueva política muestra que la sociedad y el pueblo soviéticos comprendían, y comprenden, la necesidad de cambios. Dicho de otra forma, de no haber sido Gorbachov, habría sido otro. Nuestra sociedad ha madurado para tales mutaciones y la necesidad de cambios se ha abierto camino. Todo ello ha requerido cierta transposición de cuadros. Y esto ha tenido lugar tanto en el CC del partido como en el Gobierno. Han llegado a la dirección nuevas personas que en los últimos años sentían a fondo la situación y formulaban iniciativas para proceder. La dirección suprema del partido se fue renovando a partir de marzo de 1985, y en el Pleno de abril del CC se trazó el plan de acción. Una vez más quisiera señalar que no fue una idea súbita, sino objetiva, de la necesidad de cambios en nuestra sociedad, partiendo de lo cual se formuló la política de renovación y aceleración del desarrollo de la sociedad.

Gerardo Chiaromonte. ¿Pensaba usted en estos problemas cuando trabajaba en Stávropol?

Mijail Gorbachov. Esto se puede decir de muchos compañeros que por aquellos años trabajaban en la periferia. Nosotros veíamos los procesos reales que se operaban en la sociedad y sentíamos que no se podía seguir así. A propósito sea dicho, muchos de los nuevos camaradas que han llegado al CC y al Gobierno, han pasado una gran escuela de labor práctica. Así, pues, existe una especie de síntesis de experiencia y análisis de la realidad en la base y en la cumbre.

Nosotros mismos estamos cambiando

Gerardo Chiaromonte. En las respuestas que usted ha dado por escrito, ¿hay alguna que trate de la resistencia a la nueva política del PCUS?

Mijail Gorbachov. En efecto, he contestado a esa pregunta. De paso sea dicho, en mis intervenciones abordaba este tema. En nuestro país no existe resistencia política a este nuevo rumbo. Pero todos nosotros somos hijos de nuestra época. También estamos influenciados por la atmósfera, el estilo, los métodos del trabajo y los enfoques al análisis y a la solución de los problemas. Por eso todos nosotros, desde el obrero hasta el Secretario General, debemos cambiar los métodos de trabajo. Esto no es una frase en sí, es la esencia de la cuestión, diría yo, la esencia de la democratización de nuestra vida.

Por ejemplo, el Pleno celebrado por el CC del PCUS en abril de 1985 cambió la forma de pensar, los enfoques y las valoraciones. Y comparemos aquel Pleno con el de enero último. Entonces veremos que estamos avanzando mucho. Pero el partido sigue siendo el mismo. Esto significa que en el proceso renovador, nosotros mismos estamos cambiando.

Un activo intercambio de opiniones

Gerardo Chiaromonte. Cuando usted vino a Italia para asistir al entierro de Enrico Berlinguer, al responder a las preguntas de un periodista, usted dijo que algunas ideas de Berlinguer contribuyeron a sus pensamientos, a sus meditaciones. ¿Es cierto?

Mijail Gorbachov. Lo principal en los contactos entre nuestros dos partidos consiste en que —y eso lo considero muy importante— incluso en periodos de discusiones siempre se caracterizaron por un espíritu de camaradería, de respeto mutuo. Esto fue útil para los dirigentes del PCI y para los del PCUS.

En su tiempo, Vladímir Ilich Lenin dijo (no lo cito, les transmito la esencia de sus palabras) que no sólo es importante conocer la postura de los camaradas de partido, de *movimiento*, sino también lo que dice de nosotros nuestro enemigo de clase, puesto que, primero, expresa descolladamente sus conceptos y, luego, ve con más perspicacia las debilidades que pueda haber en nuestras posiciones.

Entonces ¿por qué no hablamos de lo útil que es el intercambio de opiniones entre los dos partidos, entre los dos Comités Centrales? Un intercambio vivo de opiniones, de información, proporciona un rico pasto para reflexiones, permite abordar con más amplitud unos u otros problemas, analizar la problemática internacional, profundizar y ampliar los contactos. Esa cooperación garantiza que nuestras valoraciones y conclusiones serán más acertadas. Este intercambio de opiniones y esta cooperación también son importantes para nuestros contactos con los camaradas italianos.

Gerardo Chiaromonte. ¿Incluso cuando la discusión adquiere carácter polémico?

Mijail Gorbachov. Sí, incluso en ese caso, pues hasta en los periodos de viva polémica el PCUS y el PCI se sentían responsables ante sus respectivos pueblos, ante el movimiento obrero, por la causa del socialismo.

El tiempo libre del secretario general

Renzo Foa. Permítame una pregunta de carácter personal. Usted, camarada Gorbachov, es muy popular en todo el mundo, y por eso se comprende el interés que despierta su persona. A los lectores de l'Unità les interesaría saber ¿cómo pasa usted su tiempo libre, qué lee y cuáles son sus aficiones?

Mijail Gorbachov. En nuestro país no se acostumbra hablar tales cosas: no obstante procuraré responder a esa pregunta.

Cuando se menciona la popularidad de Gorbachov, no creo que se trate de una persona concreta, sino de la política de la jefatura soviética. Es la política trazada y ofrecida por los dirigentes al pueblo soviético, a la sociedad. En el terreno internacional, es la política que los dirigentes soviéticos ejercen basándose en las concepciones de nuestra política exterior, conocida universalmente. Creo que a ello se debe el prestigio de la política soviética. Si nos mostramos consecuentes en el cumplimiento de la política interna y exterior, se conservará y aumentará este prestigio. Por el contrario, no nos salvarán ningún estilo, ningún encanto personal. Analizamos con sensatez estos aspectos y comprendemos que son muy importantes, de paso sea dicho, no sólo para los dirigentes soviéticos. No hay que exagerar, es preciso trabajar honestamente por el bien del pueblo, por la causa del socialismo, avanzar por el camino optado.

Presenta interés, desde luego, la pregunta sobre cómo emplea su tiempo libre el Secretario General. Procuraré responderla del modo siguiente.

Siempre creí que mi "debilidad" es interesarme por muchos asuntos en las esferas más diversas. Ni siquiera les puedo decir qué asignaturas en la escuela despertaban en mí mayor interés, qué ciencias me gustaban más y cuáles menos. Por ejemplo, me matriculé en la Facultad de Derecho, pero tenía intenciones de ingresar en la de Física. Me gustaban mucho las matemáticas, así como la historia y la literatura. Todavía recuerdo versos aprendidos en la escuela.

Coincidimos con los que consideran que en esta vida triunfan los que se centran en una ciencia determinada. A mí me caen bien las personas de conceptos más amplios.

En cuanto al tiempo libre, hoy no lo tenemos completo. Esto se refiere no sólo a mi persona, sino a todos los dirigentes soviéticos.

La misión de los actuales dirigentes soviéticos consiste en aprovechar todas las posibilidades y desplegar ampliamente todo proceso de reforma. Esto nos obliga a ocuparnos de todo: de la economía, la ideología y la cultura, de toda la vida interior del individuo. A esto se deben nuestros contactos con la [illegible]e, a ello consagramos casi todo el tiempo. Tal vez este modo de vida no pueda considerarse el más normal, pero nos lo impone la época, nuestra situación, que se asemeja a las de períodos revolucionarios, cuando uno debe entregarse por completo a la causa sin considerar nada más.

En cuanto a aficiones, en mis años de adulto muestro mayor interés por cuestiones de la economía, leo y escribo mucho sobre el particular. Se puede decir que entiendo algo de ese tema. Pero continúo interesándome por cuestiones de filosofía, sobre todo ahora. De paso sea dicho, ahora esto me ayuda a comprender la actual etapa de desarrollo de la sociedad soviética, los problemas del mundo moderno y las relaciones dentro del mismo. Esto me permite, basándome en el serio análisis (y no en el voluntarismo), sacar conclusiones realistas para luchar por mejorar la vida de los soviéticos.



Un renacimiento creador

En cuanto a cuestiones de filosofía, he leído muchos libros que no sólo se editan aquí, sino también en Occidente. Puedo decirles que aquí, en la Unión Soviética, ha comenzado una verdadera "época de renacimiento", el renacimiento del creador espíritu leninista. Volvemos a leer las obras de Lenin y a reflexionar en ellas para comprender profundamente el método leniniano. La comprensión de este método nos ayuda en nuestras serias empresas. En este caso la acción de citar dicho método no salvará. Si nosotros no aprendemos el método creativo de Lenin, no podemos analizar nuestra época, tomar decisiones correctas.

Por ejemplo, con frecuencia repito las palabras de Lenin acerca de *que*, para comprender la economía mundial, se necesitan 70 genios como el de Carlos Marx. Esas palabras se pronunciaron hace muchos decenios, pero ¡cómo está ahora!

Lenin cifraba esperanzas en sus continuadores, quienes iban a ser fieles a la causa del socialismo, a la cual dedicó él su brillante vida. Creía que ellos desarrollarían de manera creadora su doctrina.

Me interesa, desde luego, la vida cultural y las preocupaciones de la sociedad, de nuestro pueblo. Es muy importante comprender *cómo* influyen los cambios en nuestro pensamiento social.

Como pueden ustedes ver, no nos ha resultado conversar sobre asueto y tiempo libre *(animación)*.

Los temas conflictivos

Giulietto Chiesa. Usted viaja mucho por el país. ¿Qué impresión saca de estos viajes? ¿Levanta problemas la reforma? ¿Cómo se acogen los llamamientos a fortalecer la disciplina, a establecer la justicia social? ¿Cómo se acogen los privilegios que tienen algunos dirigentes del partido y del Estado? ¿Cuál es la reacción a la lucha contra el alcoholismo?

Mijail Gorbachov. En todos mis viajes por el país, incluido el último al cosmódromo de Baikonur, entablo amplios contactos con los trabajadores. Además, para mí no es una novedad, ni una invención. Siempre he trabajado así, y en este aspecto no debo cambiar mis métodos de trabajo *(risas)*. Creo que el

› está relacionado con el registro de la cantidad y alidad del trabajo útil para la sociedad, con el rte de cada persona concreta.

lay beneficios en la economía y la ciencia (por nplo, nos preocupamos por los grandes itíficos, por los académicos). La gente que hace n aporte a la construcción del socialismo se ve rada con títulos especiales, por ejemplo, de Héroe Trabajo Socialista, de Personalidad benemérita de iencia, de la cultura o del arte. Tienen determi-los privilegios, incluso en cuanto a la distribución vivienda. Dicho en otros términos, se tiene en nta el aporte de cada uno.

Creo que es un sistema fundamentado. Se trata de vilegios que el Estado considera posible dar a uno tro miembro de la sociedad en interés de desarro-de la sociedad toda. En el futuro se conservarán ún tiempo beneficios y privilegios.

Pero también hay privilegios no establecidos por el tado, constituidos por algunos dirigentes para sí smos. Esto es inadmisible, y lucharemos contra s fenómenos.

El problema t·· bién tiene otro aspecto. Hay em-sas y organizaciones que tienen servicios de co-rcio y distribución. Ese estilo se formó en nuestro s. Veamos como ejemplo una gran fábrica. En estro país la fábrica no se limita a producir, nbién presta servicios a su personal.

A propósito, camarada Chiesa, usted puede dedi-: un reportaje a una fábrica.

En las grandes empresas hay una estructura para la mentación pública. Y si, seamos sinceros, en el tema de comercio a veces escasean unos u otros mentos, en los comedores fabriles los hay. La ipresa asume los gastos de local para el comedor y ros gastos, a los trabajadores les vende la comida a ecios reducidos. De ello se ocupan la administra-ón y el Comité Sindical de la entidad.

Funcionan establecimientos médicos que prestan rvicios a los trabajadores de una empresa determi-ida. Además, no sólo son policlínicas, sino también sas de descanso y preventorios, situados cerca de la-ipresa y, digamos, en el litoral del Mar Negro o en ros lugares. En la empresa hay también comercios, cciones para encargar lotes de comestibles, talleres costura, etc.

Me he referido a empresas, pero si hablamos de la cademia de Ciencias, de la Unión de Escritores y de tras organizaciones análogas, también disponen de rvicios y sanatorios, preventorios, segundas resi-encias en el campo, etc. Así se soluciona este roblema.

Servicios análogos también los tienen el Komso-ol, los sindicatos (una de las organizaciones más cas del país) y el aparato del partido. Esa situación ha formado históricamente.

En ese sistema surgen, desde luego, determinados roblemas. Se dan casos en que algunas personas se xtralimitan. Tales fenómenos, naturalmente, son ob-to de severa crítica por parte de los trabajadores.

Vivienda, salud, educación, jubilaciones

El partido lucha por solucionar los problemas sociales. Se cumplen importantes medidas para per-feccionar la actividad en el terreno social. Estamos acelerando la construcción de viviendas. El 10% de las inversiones planificadas en la industria se asigna-rán a la edificación de viviendas. Se han tomado serias decisiones para reconstruir el sistema de sani-dad pública. Se efectúan reformas en las escuelas superior y secundaria. Se presta ayuda a las asocia-ciones de intelectuales, y se toman otras medidas.

De modo realista continuaremos analizando la situación en el terreno social. Nuestra actitud consis-te en acelerar el desarrollo de esta esfera que, cabe reconocer, aún va a la zaga. Lo fundamental es utilizar correctamente los principios socialistas, valo-rar con acierto el aporte de cada persona, la calidad y la cantidad de su trabajo.

Por otro lado está el problema de nuestros vetera-nos, de nuestros jubilados y minusválidos, de las familias de prole numerosa. Nos hemos preocupado y continuaremos preocupándonos por ellos. A pro-pósito, con este fin se ha fundado la organización de veteranos del trabajo. También mostramos preocu-pación por los intereses específicos de la juventud.

Al mismo tiempo, está claro que en el terreno social, lo mismo que en los demás, lucharemos con firmeza contra fenómenos negativos, tales como el soborno, el afán de lucro y los ingresos ilícitos.

La lucha contra el alcoholismo

También continuaremos combatiendo el alcoholis-mo. Las raíces de este fenómeno se remontan en los siglos, llegó a ser una costumbre, y no es fácil luchar contra ella. Pero la sociedad ha madurado para dar un viraje decidido en la solución de este problema. De paso sea dicho, los trabajadores nos dicen que es necesario continuar luchando con igual perseverancia contra el alcoholismo. Aunque, desde luego no todos están satisfechos con las medidas tomadas.

Y las mujeres incluso exigen implantar la ley seca. Pero entendemos que a escala nacional eso es imposi-ble. Les respondemos: si ustedes la desean, implán-tenla en sus familias, en su poblado y, por último, en su distrito. En miles de aldeas y poblados, en las asambleas de trabajadores se decidió cesar la venta de bebidas alcohólicas. La lucha antialcohólica conti-núa. En los dos años últimos, el consumo de alcohol por persona se ha reducido a la mitad. Sin embargo, se extendió la producción de aguardiente casero. Contra este fenómeno lucharemos decididamente, y estamos dispuestos a aplicar mayor severidad.

Es un gran problema y para acabar con este mal es necesario desarrollar los servicios, el comercio, el deporte y la cultura, democratizar toda la vida de la sociedad.

Es preciso decir, que si la sociedad asumiera una posición negativa a este respecto, nada podríamos lograr. Todas las medidas se trazaron teniendo en cuenta las opiniones de los trabajadores, y se cum-plen con participación de los mismos.

Las relaciones Italia-URSS

Gerardo Chiaromonte. Y la última pregunta breve. ¿Cómo valora usted las relaciones entre la Unión Soviética y la República Italiana?

Mijail Gorbachov. Las relaciones entre la URSS e Italia no se desarrollan mal. Apreciamos nuestras relaciones con la República Italiana, basadas en grandes tradiciones, en el respeto recíproco. Es muy importante que entre nuestros dos países avance y se perfeccione el diálogo político y el entendimiento mutuo.

También apreciamos el singular aporte de Italia a los asuntos internacionales. Sabemos, apreciamos en alto grado y seguimos con mucho interés la evolución de la riquísima cultura italiana, la historia de ese país.

Gerardo Chiaromonte. ¿Cómo está el asunto de su visita a nuestro país, camarada Gorbachov?

Mijail Gorbachov. Esto lo tengo presente. Tengo muchos deseos de visitar Italia. Aprovechando esta ocasión, en nombre de los pueblos soviéticos, de los dirigentes soviéticos y en mi propio nombre, quiero transmitir los mejores votos al pueblo italiano.

La eliminación de los misiles de alcance medio

A continuación siguen las respuestas, que Mijail Gorbachov dio por escrito a los camaradas italianos.

Pregunta. Hace poco usted dijo que el turismo no era su profesión y que, por tanto, iría a EE.UU. sólo cuando se presentara la posibilidad real de firmar un acuerdo de desarme. ¿Podría señalar los problemas fundamentales sobre los que, a juicio suyo, es necesario llegar a un acuerdo en un probable encuentro cumbre entre la URSS y EE.UU.? ¿Considera usted, en parti-cular, que ahora se ha hecho más real la perspectiva de un acuerdo con Estados Unidos sobre misiles de alcan-ce medio?

Respuesta. En cuanto al turismo, esto es así. Pero en cuanto al realismo, es este un rasgo que debe caracterizar a todo político.

Es imposible resolver de una vez todo el conjunto de problemas que conlleva el disminuir la tensión y la confrontación militar en el mundo, pero por algo hay que empezar.

En este momento, el problema que podemos decir que realmente ha madurado para ser resuelto es, sin duda alguna, el de liquidar los misiles soviéticos y norteamericanos de alcance medio en Europa y redu-cir considerablemente su número en la parte asiática de la URSS y en el territorio de EE.UU.

Lograr un acuerdo en este sentido y firmar por primera vez en la Historia un convenio sobre una reducción a fondo, la cual [illegible] toda una clase de armas nucleares, es cuestión [illegible] Den-

8705170

tro de las posibilidades está también el determinar las "posiciones clave" respecto a los armamentos estraté-gicos ofensivos, el Tratado de DAM y los ensayos nucleares.

Hace unas semanas parecía que, como resultado del rápido avance de la parte soviética al encuentro de las posiciones de EE.UU. y de sus aliados euroocc-cidentales, la firma del acuerdo estaba al alcance de la mano.

Lo cierto es que las bases de este acuerdo fueron sentadas conjuntamente por el Presidente Reagan y por mí durante nuestro encuentro en Reykyavik; había sido expresado el deseo, sobre todo de los países de Europa Occidental, de que la liquidación de los euromisiles fuera separada del paquete general, y así lo hemos hecho; surgió preocupación en cuanto al desbalance en los misiles táctico-operativos en el continente europeo y hemos aceptado liquidar total-mente esta clase de armas, soviéticas y norteamerica-nas, en Europa.

Es probable que no seamos los únicos —también lo son la mayoría de las personas en Europa y en *todo el mundo*— en pensar que lograr un acuerdo *definitivo* era ahora, lo que se dice, cuestión de técnica.

Pero resulta que algunos gobiernos en Europa Occidental no han decidido aún si quieren o no que se liquiden los euromisiles soviéticos, si se liquidan también simultáneamente los norteamericanos.

Nos hemos dado cuenta de que hay quienes se empeñan en plantear nuevas y nuevas condiciones. Primero decían que no se podía resolver el problema de los euromisiles sin liquidar simultáneamente los táctico-operativos, después añadieron a la cuestión las armas nucleares tácticas y las de teatro de opera-ciones y de allí ya no costaba nada pasar a las fuerzas armadas y armamentos convencionales. En general, todas estas cuestiones son muy serias, y acerca de ellas nosotros y nuestros aliados hemos expresado lo que pensamos. Y estamos dispuestos a debatirlas y resolverlas.

No obstante pensamos que estos problemas no deben ser aprovechados como pretexto para dilacio-nes. A pesar de todo, confiamos en que el realismo político sabrá imponerse. Es demasiado lo que está en juego, se trata de cuestiones demasiado importan-tes para la humanidad. A los vacilantes quisiera recordarles el siguiente aforismo de Séneca: Cuando la persona no sabe hacia qué puerto se dirige, ningún viento le será propicio.

No podemos permitir que se escape la oportunidad que se nos presenta. Lograr ese acuerdo facilitaría la solución de otros muchos problemas que lleven al cese de la carrera armamentista y al desarme. En la publicada Declaración del 15 de enero de 1986 [illegible]oniamos nuestras ideas sobre formas y etapas para destruir totalmente las armas nucleares hacia comienzos del siglo XXI.

Partiendo de todo esto desarrollamos nuestra acti-vidad en cuestiones de desarme. Perfeccionamos nuestras propuestas en cada dirección asimilando las ideas y reflexiones provechosas de los demás Estados. Se han sostenido conversaciones sobre numerosos de estos problemas, y algunas —como las que han tra-tado de las armas químicas— se encuentran en marcha.

Una nueva concepción del mundo

Pregunta. En el Informe Político al XXVII Congre-so del PCUS y en intervenciones posteriores, usted insistía en concienciar una interdependencia, que en nuestra época vincula los sistemas de Este y Oeste, de Norte y Sur. Se trata de una nueva concepción del mundo, en la que pasa a primer plano la cooperación entre los distintos sistemas sociales. ¿Podría ampliar sus ideas en este sentido?

Respuesta. Tiene usted razón. Fue precisamente el XXVII Congreso el encargado de exponer importan-tísimas conclusiones políticas y teóricas sobre lo siguiente:

como resultado de cuatro decenios de carrera de los armamentos nucleares la humanidad se ha visto literalmente ante el dilema de la supervivencia;

a pesar de toda su heterogeneidad y su carácter contradictorio, el mundo actual se vuelve cada vez más interdependiente, intervinculado y, en grado considerable, integral.

De aquí se deduce que el camino hacia una paz

sólida y un mun[...] quieren los puebl[...] xiados por ella, el[...] cia, en el que cad[...] ideológicas, políti[...] las conversacione[...] ción conjunta de[...] la agenda interna[...] de desarme. Esto[...] rrespondencia co[...] ven también la p[...] nales y de la dipl[...]

Aquí hay muc[...] ordinario. Recor[...] en el pasado se i[...] Pero los Estados[...] cia, de la idea d[...] acuerdo, si no se[...] problema. Pero [...] comprender de q[...] puede permitir [...] hacia un punto, [...] acuerdo de com[...] opuesta es imper[...]

Es un imperat[...] diplomacia. Nue[...] turamos precisan[...]

También sab[...] cambios en la p[...] nes para adopta[...] de un disgustó e[...] más claro dónde[...] cia activa y quié[...] lucha contra l[...] exterior.

Sin vencer la [...] obsoleta politica[...] pos en las relaci[...] un mejoramiento[...] nales, esperar la [...]

[...] d[...]

El otro aspect[...] viraje brusco en[...] origen a innume[...] una respuesta p[...] voluntad y comp[...] y encontrar esas [...] zos colectivos.

Ahora, cuand[...] países socialistas[...] mundo desnucle[...] gunta: ¿no retor[...] situación que ex[...] primera y segund[...] pero si hubo caí[...] decenas de millo[...] imaginan ustede[...] dad y renuncia[...] armas nucleares?[...]

Tales interrog[...] tros no aceptare[...] deban ser recon[...] servar la paz. [...] mundo desnucle[...] nar poderosos m[...] gular las relacio[...] canismos regula[...] nucleares y no [...] desarrollo. Al p[...] tante la Organi[...] papel e impo[...] mos, aumentar.

Pero en conju[...] de un diálogo i[...] la totalidad de [...] de seguridad en[...] vándose el míni[...] estructura sería[...] defensivos.

Una [...] t[...]

De enfocar [...] punto de vist[...]

turo de Europa está en el mantenimiento de la seguridad con un mínimo de armas por ambas partes, en la amplia colaboración interestatal, en los contactos e intercambios a cualquier nivel y en todos los campos.

Las relaciones entre el CAME y la CEE

Pregunta. ¿Cómo valora las perspectivas de las relaciones políticas y económicas entre el CAME y la CEE?

Respuesta. A esta pregunta respondería en términos concisos. El CAME y la CEE están buscando conjuntamente las bases para promover relaciones de colaboración, y se han registrado avances en este terreno. Paralelamente al establecimiento de las relaciones entre el CAME y la CEE, comenzarían a articularse las relaciones entre los países que los integran y los organismos que representan a estas agrupaciones. Por su parte, la Unión Soviética está dispuesta a seguir este camino y a establecer relaciones con la CEE. De llegarse a ello, sería factible emprender muchos proyectos de interés.

Hacia una normalización con las relaciones con China

Pregunta. Ultimamente, en las relaciones entre la URSS y China se aprecian nuevos elementos. El discurso que usted pronunció el año pasado en Vladivostok y la visita que hizo a la India confirmaron que la Unión Soviética aspira a normalizar las relaciones estatales con China en todos sus aspectos. La retirada de Mongolia de una parte de las tropas soviéticas fue otro indicio favorable. Sin embargo, los chinos estiman que la situación en Kampuchea es uno de los principales impedimentos para normalizar las relaciones políticas. ¿Qué opina sobre el particular?

Respuesta. Es cierto que la Unión Soviética actúa enérgicamente con el propósito de normalizar las relaciones con China, entre los dos países socialistas más grandes.

Ultimamente se han dinamizado las relaciones económico-comerciales, científico-técnicas y culturales; se celebran consultas políticas sobre problemas internacionales de actualidad.

Damos enorme importancia al hecho de que la URSS y China tienen posiciones afines respecto a importantes problemas internacionales. Nosotros, lo mismo que los dirigentes chinos, subrayamos que se necesita la paz para cumplir tareas internas de la renovación social. Ambos países declararon que ninguno sería el primero en utilizar el arma nuclear. Nos pronunciamos enérgicamente contra el programa de "guerra de las galaxias". China ocupa una posición similar. Nos interesa cuanto se hace en China para poner en orden y modernizar la economía, y deseamos de todo corazón al gran pueblo vecino, al Partido Comunista de China, éxitos en esa difícil empresa.

No obstante, las relaciones soviético-chinas, de momento, no están normalizadas en todos sus aspectos. No quisiera polemizar sobre las razones de ello. Tan sólo me referiré a un problema que ustedes han mencionado: el kampucheano.

Ese no es un problema de las relaciones soviético-chinas. Sin embargo, a nuestro juicio, la Unión Soviética y China deben estar interesadas en solucionarlo. Estamos absolutamente convencidos de que la solución del problema kampucheano debe ser política. Según consideramos, cobra vigor la tendencia a dar una solución así al problema. Eso es muy importante.

Perspectivas de una solución política al problema afgano

Pregunta. ¿Cuáles son las perspectivas para una solución política al problema afgano, lo que posibilitaría retirar las tropas soviéticas de este país y garantizar la plena soberanía e independencia de Afganistán?

Respuesta. Para empezar, quiero subrayar que Afganistán sigue siendo hoy un Estado soberano e independiente.

La política de la reconciliación nacional, que Afganistán viene promoviendo desde comienzos de año, encierra los elementos necesarios para esa solución política a la situación interna del país. Claro está, ese proceso debe llevar a un arreglo de los aspectos externos del problema. Me refiero al cese de la injerencia en los asuntos internos de Afganistán desde el exterior. Afganistán y Pakistán mantienen, se sabe, negociaciones al respecto por mediación del enviado especial del Secretario General de la ONU.

Se han registrado algunos avances en los aspectos interno y externo. Si determinadas fuerzas no entorpecen este proceso, suministrando grandes cantidades de armas modernas a los sediciosos, adiestrando sus grupos armados fuera del territorio afgano y obstaculizando el regreso de los refugiados a la patria, todo avanzaría con mayor rapidez.

Con todo, quisiera repetir que se observan ciertos avances.

Los dirigentes afganos anunciaron que, en el marco del programa de la reconciliación nacional, colaborarían con las más distintas fuerzas políticas —en rigor, con la mayoría de las mismas— y se mostrarían dispuestos a negociar la formación de un gobierno de coalición. La composición del gobierno es cosa que concierne sólo al pueblo afgano, y a nadie más. Ese en un enfoque audaz. No es prueba de debilidad, sino de fuerza de la revolución democrático-nacional afgana.

Los camaradas afganos pueden buscar donde consideren necesario aliados para cumplir el programa de la reconciliación nacional: en su propio país, entre los refugiados y emigrantes en el extranjero, quizá también en Italia. La Unión Soviética no se inmiscuye, ni se va a inmiscuir, en esas cosas.

A veces se afirma que la URSS aceptaría un arreglo político del problema afgano que mantenga a ese país dentro de la "esfera de influencia" soviética. Es una tesis totalmente errónea. La URSS no tiene esferas de influencia, ni pretende crearlas. En lo que se refiere a Afganistán, nos identificamos con la posición del Movimiento de los No Alineados a fin de que este país siga siendo un Estado independiente, soberano y no alineado.

Si Afganistán decide asumir el status de [illegible] neutral, también ello concierne al pueblo afgano.

Lo fundamental es seguir avanzando con rapidez hacia una solución del problema afgano, sobre una base justa y honesta.

Una Conferencia Internacional para el Cercano Oriente

Pregunta. El Cercano Oriente sigue siendo un foco de peligro y a la vez generador de problemas difíciles de resolver. La URSS ha manifestado en reiteradas ocasiones su apoyo a la causa de los palestinos, y ha propuesto convocar una conferencia internacional con participación de todas las partes interesadas. ¿Podría usted puntualizar qué camino se debe seguir, a juicio de la Unión Soviética, para alcanzar este objetivo? ¿Cuáles son las perspectivas de restablecimiento de las relaciones entre la URSS e Israel?

Respuesta. El conflicto cercanooriental es viejo, y muy peligroso. Uno de los problemas internacionales más importantes es darle solución.

Estos últimos meses goza de creciente reconocimiento la idea de convocar una conferencia internacional para el Cercano Oriente, a la que asistirían todas las partes interesadas, junto con los miembros permanentes del Consejo de Seguridad.

La conferencia internacional es una forma flexible, universal. En ese marco se podría efectuar negociaciones bilaterales, trilaterales y multipartitas. Serían convenientes los contactos de todo tipo y de interacción de los participantes.

Pero, hablando de la esencia y de la base conceptual del arreglo político del conflicto, a este respecto el punto principal es obrar con justicia: las tropas israelíes deben ser retiradas de los territorios ocupados por ellas desde junio de 1967; deben ser reconocidos los legítimos derechos del pueblo árabe de Palestina a la autodeterminación, incluido el derecho a formar Estado propio; todos los Estados del Cercano Oriente, comprendido, naturalmente, el Estado de Israel, se les debe garantizar en firme la posibilidad de vivir en paz y entre fronteras seguras y reconocidas.

Ultimamente, se han registrado importantes acontecimientos en cuestiones cercanoorientales.

Usted me pregunta sobre las relaciones soviético-israelíes. En cuanto a las relaciones diplomáticas, en una de mis recientes intervenciones he explicado ya nuestra postura. De lograrse un progreso efectivo en la cuestión cercanooriental, se podría restablecer estas relaciones. No tenemos motivos para tratar a Israel de modo distinto que a los demás Estados, salvo [illegible] la agresiva política antiárabe de ese país.

sas. Se reorganiza a fondo la política salarial: la remuneración del trabajo dependerá directamente de los frutos del mismo. Se asegura la autonomía y la responsabilidad económica de las empresas. Se sienta una nueva base para intensificar vínculos económico-comerciales con partes contratantes del extranjero, lo cual podría reportar provecho recíproco a las empresas, soviéticas e italianas.

Empeñamos nuestros esfuerzos principales en crear un mecanismo que acelere el desarrollo económico sobre principios y ventajas socialistas que antes utilizábamos mal.

Los viejos enfoques, la inercia, el miedo a lo nuevo

Pregunta. Después del Pleno de enero se puso definitivamente en claro que el paso a reformas radicales es muy difícil, que encuentra resistencia. En particular, en la sesión plenaria de junio (1986) usted subrayó especialmente: la "resistencia" que se oponía a la renovación se manifiesta en todos los ámbitos de los proyectados cambios económicos, sociales, culturales, ideológicos y éticos. Da la impresión de que esa resistencia se ha recrudecido, aunque en su intervención en el XX Congreso de las Juventudes Comunistas usted dijo que el tono lo dan los partidarios de la reforma. Usted dijo asimismo que la reforma no tiene "adversarios políticos" y que las dificultades de la presente etapa "afectan a todos nosotros", "pues todos somos hijos de nuestra época".

El análisis de esta resistencia podría ofrecer una interesante sincronía de la contemporánea sociedad soviética. ¿Qué opina usted sobre el particular? ¿En qué forma se manifiesta esta resistencia? ¿Existen en la sociedad esferas donde la oposición se manifieste con más virulencia?

Respuesta. Estaría falto de realismo, por lo menos, pensar que una reforma revolucionaria tan importante, que atañe a los intereses de muchos millones de seres, a toda la sociedad, se desarrolle fácilmente.

Quiero subrayar que es un proceso largo y difícil. En unos casos las nuevas exigencias formuladas a la gente y en cuanto a sus deberes en un momento crucial como éste, se realizan con rapidez y, en otros casos, con lentitud.

¿Qué tenemos en cuenta al hablar de la resistencia a la renovación? Los viejos enfoques, la inercia de las viejas costumbres y el miedo a lo nuevo y a la responsabilidad por los asuntos concretos. Para nosotros, un impedimento es el burocratismo.

Pero es cierto que la reforma se desarrolla en profundidad. Todos los sectores de la población se vienen involucrando en este proceso que afecta, virtualmente, los intereses de la totalidad de la población. En conversaciones, cartas e intervenciones, la gente expresa su apoyo y exige no detenerse, continuar la reestructuración y llevar hasta el fin la obra iniciada.

Hacer funcionar a pleno rendimiento el motor del socialismo

Pregunta. "Otro camino no hay". Así lo ha dicho usted. ¿Significará eso que usted estima "obligatorias" determinadas resoluciones, una parte de las cuales requiere medidas drásticas y, con toda probabilidad, pondrá al descubierto profundos contrastes en la sociedad soviética? Al mismo tiempo, usted ha condenado en reiteradas ocasiones el hecho de que las soluciones necesarias, conocidas desde hace mucho, "no se adoptaron a su debido tiempo". Nos interesa saber ¿cómo pudo crearse esa situación? ¿Será consecuencia de errores solamente "subjetivos" o, a su modo de ver, esos errores se conjugaban con los verdaderos defectos de que adolecía el funcionamiento de mecanismos y estructuras de dirección, toma de decisiones y administración?

Respuesta. El Pleno de enero del CC del PCUS ya dio respuesta a este interrogante. Voy a decir lo principal: avanzando por el camino del Gran Octubre, el pueblo soviético realizó transformaciones sin precedentes en la vida política, económica, social e intelectual. No creo necesario decir al lector italiano cómo es la Unión Soviética hoy, y qué papel desempeña en la escena internacional. Las dificultades que hemos enfrentado estos últimos años no se deben a la naturaleza del régimen socialista, sino a la insuficiente utilización de sus posibilidades, no radican en la democracia socialista como tal, sino en defectos de funcionamiento.

En nuestro país, el socialismo no pudo mostrar todas sus posibilidades, ni la riqueza de su contenido, no sólo por motivos subjetivos, sino también debido a una situación histórica. Demasiado complejas, cuando no crueles, fueron las condiciones objetivas en que nosotros, por primera vez en la Historia, nos vimos obligados a construir una sociedad socialista: la intervención armada, la guerra civil, el bloqueo económico, el cordón "sanitario", las provocaciones bélicas, la constante presión del imperialismo y, por último, la cruenta guerra contra el nazismo, que requirió enormes esfuerzos y sacrificios del pueblo soviético. A ello siguió el restablecimiento de la vida en las regiones más desarrolladas, arrasadas por la guerra, en un clima de "guerra fría" impuesta por Occidente. Esa era la situación concreta en que el pueblo soviético vivía y luchaba para construir y desarrollar el socialismo.

Nuestros actuales planes de renovación radical de todos los aspectos de la vida de la sociedad soviética no son el fruto de ociosas reflexiones oficinescas. Estos planes expresan objetivamente la necesidad inaplazable de efectuar grandes cambios. Avanzamos paso a paso para hacer funcionar a pleno rendimiento el "motor" autopropulsor del socialismo y utilizar íntegramente su potencial creativo.

El socialismo es democracia, poder del pueblo

Pregunta. En sus intervenciones, usted aborda invariablemente el tema de "democratización de la sociedad soviética", dedicándole mucha atención. No obstante, apenas iniciado un amplio debate, algunas personas formularon reservas y dudas, como si el "exceso" de democracia pudiese entrañar peligro para el régimen social. Usted mismo ha dicho que no consideraba este debate como algo negativo, porque "en él está presente, a su manera, la preocupación por la estabilidad social". ¿En qué sentido la democratización podría amenazar esa estabilidad?

Respuesta. Estamos absolutamente convencidos de que la verdadera democratización no puede perjudicar al socialismo. Por su naturaleza, el socialismo es democracia, poder del pueblo. La construcción del socialismo corre peligro, cuando prevalece la desconfianza burocrática en la razón y la conciencia política de la nación.

El Comité Central del partido se ha difinido claramente sobre ese particular. El debate de estos problemas en organizaciones del partido y colectivos laborales evidencia que vastos sectores del pueblo aprueban la línea hacia la democratización. Las divergencias existentes tienen que ver más con cuestiones relativas a la envergadura, profundidad y ritmo a que se desarrolla ese proceso. Creo que es un fenómeno muy natural. Este es un rasgo que caracteriza bien el proceso de democratización.

Los debates de hoy son de correligionarios que toman muy a pecho el éxito de los cambios iniciados. Deseamos sinceramente que la democratización de la sociedad cobre vigor, y nos damos perfecta cuenta de que democracia no equivale a libertinaje y anarquía. Del mismo modo, la prudencia inteligente nada tiene que ver con la cautela excesiva.

Diré de paso que la prensa burguesa está desvirtuando el proceso de democratización que se desarrolla en nuestro país. Por lo visto, algunas personas se desviven por convencer a sus lectores y oyentes de que en la Unión Soviética se ha optado, a fin de cuentas, por acercarse a la democracia occidental. Todo lo contrario. Nosotros desarrollamos la esencia original de los principios leninianos del democratismo socialista soviético, teniendo en cuenta el potencial político y cultural de la sociedad soviética y del pueblo. La democracia socialista es nuestro objetivo y, a la vez, un requisito y un potente instrumento de la reestructuración.

Nuevos pasos importantes

Pregunta. Por democratización se puede entender cosas muy distintas. Por ejemplo, modificación de las prácticas electorales, aumento de las atribuciones de los Soviets y ampliación de los derechos de las colectividades laborales, comprendida la aplicación de las formas avanzadas de autogestión, tal como lo estipula la nueva Ley de la Empresa Estatal. Democratización puede significar asimismo nuevas garantías jurídicas que protejan a cada ciudadano ante la omnipotencia de los aparatos —de Estado y de partido— y le confieran derechos desconocidos hasta el momento en la sociedad soviética. Por lo visto, cierta gente sostiene que el pueblo soviético no puede asimilar una dosis "demasiado fuerte" de democracia. Sin embargo, usted ha dicho lo contrario. ¿De qué manera se puede hacer cambios radicales en este terreno para conseguir que el factor humano rinda al máximo? ¿Considera usted que el proceso renovador implica la necesidad de reformar las instituciones estatales y públicas y que la contradicción entre los "derechos sociales" (los derechos al trabajo, a la vivienda, a la instrucción, a la asistencia económica, etc.) y los "individuales" (el derecho a expresar y divulgar libremente las ideas, a la organización política, entrar y salir del país, etc.) ya es posible superarla no sólo en la polémica con Occidente, sino también en el ejercicio actual de la jurisprudencia soviética?

Respuesta. No puedo aceptar la interpretación de algunos problemas que ustedes dan en esta pregunta. Por ejemplo, no estoy de acuerdo con que hemos comenzado casi a partir de cero el proceso de democratización. No es así. La propia Revolución de Octubre abrió una nueva fase en el desarrollo de los derechos y las libertades del hombre, en la promoción de la igualdad y de la justicia. ¿Acaso podría el pueblo, en contra de su voluntad, realizar transformaciones revolucionarias radicales, defender su independencia en la lucha contra el nazismo, levantar a un país de la ruina, alcanzar las actuales cotas de progreso social y cultural?

Es cierto que en nuestra historia hubo dificultades y errores que entorpecieron el desarrollo de la democracia socialista, así como infracciones de la legalidad socialista y de las normas democráticas.

Son realidades de nuestro desarrollo histórico. Así los valoramos. La reestructuración cubre todos los dominios de la vida. La promovemos, asimilando los logros de la evolución social y sacando lecciones del pasado. Renovación es desarrollo del democratismo socialista y del autogobierno del pueblo. No se trata de cambiar nuestro sistema político, sino de aprovechar más plenamente y con mayor eficiencia sus potencialidades.

Estamos por nuevos e importantes pasos. Se están redactando actas legislativas que darán al proceso de democratización mayor estabilidad y firmeza. Nuestro objetivo no es otro que vigorizar consecuentemente el poder del pueblo trabajador, ofrecerle plena libertad de crear, ampliar el sistema de garantías de las libertades y derechos políticos y civiles de los soviéticos. Se sobreentiende que las leyes soviéticas y las amplias garantías socio-políticas son instrumentos que deben garantizar y proteger estos derechos y libertades. Eso está en plena consonancia con los pactos internacionales de derechos humanos.

No hay otro camino hacia el socialismo que la democracia

Pregunta. En el reciente Congreso de las Juventudes Comunistas, usted declaró que sin democracia no puede haber socialismo. ¿No le parece que existe cierta analogía entre esta afirmación suya y el juicio, expresado en otro momento por Enrico Berlinguer, de que la democracia es un "valor universal"?

Respuesta. Es lógico que los políticos que entregaron su vida y su obra a la lucha por los ideales comunistas, hayan reflexionado mucho en la importancia y el papel de la democracia en general —y en el curso de las transformaciones socialistas en especial—, y hayan enfocado este problema desde diferentes ángulos, tomando en consideración lugar, momento y contexto político. Su enfoque de principios era unívoco. Tiene sus orígenes en la tesis de Lenin, que subrayaba: "el único camino para llegar al socialismo pasa por la democracia, por la libertad política". Y yo quiero añadir: no hay otro camino hacia el autoperfeccionamiento y la autorrenovación del socialismo que hemos construido sino la profundización de la democracia.

La democratización tiene un valor independiente, pues ella —junto con la formación de las premisas materiales— ofrece la posibilidad de crear condiciones para un desarrollo armonioso del individuo, de su protagonismo social y responsabilidad.

Al mismo tiempo, es factible promover la democratización cuando se asienta en la propiedad social y en la no explotación, cuando permite poner en juego las fuerzas intelectuales y culturales de la sociedad con miras a transformarla, para dar al socialismo las formas más avanzadas.

En virtud de todo ello, la democratización es, en todos los ámbitos, el principal instrumento y garante de la renovación.

Poco Legible

La transparencia informativa

Pregunta. El Buró Político del CC del PCUS ha rechazado definitivamente el proyecto del trasvase de una parte del caudal de los ríos siberianos, y ha resuelto convocar un concurso abierto para el mejor proyecto de monumento a la Victoria sobre el nazismo y el fascismo, que se construye en Moscú. En los dos casos se subrayó que ambas decisiones obedecen a la incidencia de la "opinión pública". Esos son síntomas interesantes e importantes. ¿Qué pasos son necesarios y factibles —ante todo, en el terreno de la información— para dar a la opinión pública derecho a expresarse, a participar en la toma de decisiones e intervenir en el desarrollo de los acontecimientos más importantes?

Respuesta. Estamos convencidos de que nuestra sociedad socialista que avanza con paso firme por el camino de los cambios y de la renovación democrática está sumamente interesada en que cada individuo —sea obrero, campesino, científico o artista— haga su contribución personal y original al debate de los planes y decisiones, así como a los esfuerzos encaminados a cumplirlos.

En este sentido se da gran importancia a los medios de comunicación social. Naturalmente, no son el único canal de expresión con que cuenta la voluntad del pueblo. Pero es la más representativa tribuna de transparencia informativa. El partido está interesado en que, desde esa tribuna, la voz del pueblo se deje oír sin cortapisa alguna. Esta voz no sólo debe informar sobre los debates que se desarrollan en el país y para los que no hay temas vedados, sino también ser garante del control democrático sobre el acierto de las decisiones, su encaje en los intereses y las demandas del pueblo y, luego, sobre el cumplimiento de dichas decisiones. El Comité Central exige que los dirigentes, a cualquier nivel, respondan de manera oportuna y constructiva a las preguntas y críticas que les hace la prensa. En estos momentos se está preparando la Ley de Prensa, que debe vigorizar el status jurídico de los medios de comunicación [illegible] de si dispone de información fidedigna y de hasta qué punto es competente. Estamos convencidos de que la sociedad, que con energía y de manera consciente, lucha por su salud física y moral no tiene que ocultar sus enfermedades, pues eso no haría más que dificultar su curación. Con la transparencia informativa, el PCUS busca agilizar a la opinión pública en interés de la renovación socioeconómica y cultural del país.

La cultura y el arte

[Pregunta]. Pese a la obvia diversidad de criterios, los intelectuales soviéticos hicieron suya la idea de la renovación y se movilizaron en apoyo de la misma. Los congresos de cineastas, escritores y periodistas pusieron de manifiesto que la vida creadora se estaba reanimando y surgía el afán de lucha. No obstante, nos parece que quedan no pocos problemas en cuanto a la libertad de expresión y en cuanto a las relaciones entre el papel dirigente del partido y el quehacer de las personalidades de la cultura y del arte.

¿Qué opina al respecto?

Respuesta. Estoy al corriente de los debates que se han desarrollado en nuestras Uniones creacionales y debo decir que no advertí intentos de contraponer los intelectuales al partido. Todo lo contrario: los hombres del arte, lo mismo que los intelectuales en su conjunto, apoyaron decididamente la línea de renovación y democratización. Los intereses de los intelectuales y los del desarrollo de la sociedad soviética coinciden. El hombre del arte y el partido persiguen un mismo objetivo: renovar la sociedad sobre principios socialistas.

Entre escritores, pintores, compositores, cineastas y personas del arte dramático se mantienen debates, en ocasiones, muy acerbos. La gente, comprendidos los intelectuales, deben acostumbrarse a vivir y trabajar en un ambiente de democracia cada vez más amplio. Los problemas y la confrontación de puntos de vista; deben abordarse en el proceso democrático por los propios participantes, y entre ellos, los comunistas deben ocupar un lugar digno de su condición de militante del PCUS.

El proceso renovador ha puesto de manifiesto que nuestros intelectuales tienen enorme fe en el socialismo, están dispuestos a luchar por sus ideas y valores, multiplicándolos en su quehacer artístico. Percibimos que apoyan, de hecho, la línea del partido hacia la renovación. Por eso no dudamos de que los intelectuales soviéticos asumirán el papel que les corresponde en este proceso.

El proceso renovador en el Partido

Pregunta. La Constitución de 1977 confiere al partido un papel de fuerza orientadora de la sociedad. Pero en el Pleno de enero usted señalaba que "se ha producido una especie de absolutización de las formas utilizadas para organizar la sociedad, surgidas de la práctica. Es más, semejantes conceptos se identificaban de hecho con las características medulares del socialismo, eran considerados invariables y presentados como dogmas que no dejaban lugar al análisis científico objetivo". Esta afirmación se nos antoja significativa. ¿Será válida también para la concepción del partido?

Respuesta. El partido examina los procesos que se operan con la óptica marxista-leninista, elabora la estrategia y la táctica, efectúa la labor organizativa e ideológica. El proceso renovador comenzó por iniciativa del partido y se desarrolla bajo su dirección, y esa es la principal premisa del éxito y de que se ajusta a los intereses de los trabajadores, a los intereses del socialismo.

Hemos tomado en consideración las enseñanzas del pasado. Y no sólo las de nuestro propio país. Somos conscientes de que el partido no puede contar con realizar su papel rector de manera automática. Esto iría preñado de graves consecuencias. Si el partido se rezaga al valorar los procesos objetivos que se operan en la sociedad, si no capta oportunamente los problemas acuciantes y se demora en darles solución, serán inevitables las dificultades en el desarrollo del partido y del país.

Por eso el partido debe avanzar constantemente, estar en permanente búsqueda, renovar las formas y los métodos de trabajo. Por eso el partido comenzó el proceso renovador por sí mismo. Y aquí adquiere especial significado el desarrollo de la democracia interna del partido, el ejercicio, a todos los niveles, de la dirección colegiada y de los principios leninistas de selección y ubicación de los dirigentes. Se dan mayores prerrogativas a las organizaciones de base. Se exige más responsabilidad de cada comunista por el cumplimiento de las [illegible]. Y no sólo por el cumplimiento de las tareas. Saneamiento de la sociedad e imagen diáfana y honesta de cada comunista, son indivisibles.

Los avances de Checoslovaquia

Pregunta. Usted ha visitado recientemente Checoslovaquia y mencionó los sucesos de 1968. ¿Podríamos conocer su opinión sobre el particular?

Respuesta. La valoración de los sucesos de 1968 en Checoslovaquia atañe, en primer lugar, a los camaradas checoslovacos.

A partir de entonces la dirección del PCCh, con el camarada Gustav Husak al frente, ha realizado un gran trabajo. Checoslovaquia ha avanzado considerablemente en muchas direcciones, de lo que he podido darme cuenta durante mi reciente visita. Hemos visto que los camaradas checoslovacos, partiendo de sus propias condiciones, también buscan la forma de perfeccionar el socialismo. Ellos tienen sus problemas, y los están resolviendo.

Reflexiones sobre Chernobil

Pregunta. Ha pasado ya un año desde que sucedió la tragedia de Chernóbil. ¿A qué reflexiones ha inducido a la URSS y qué conclusiones se han sacado respecto a la política energética, a la información y a la política internacional, capaz de garantizar la máxima seguridad?

Respuesta. Esa experiencia ha sido una dura escuela para nosotros. Nos hemos convencido una vez más de que dada la revolución científica y tecnológica, las cuestiones de fiabilidad de los bienes de equipo y su seguridad, todo lo referente a la disciplina, el orden y la organización a la hora de emplear tan complicados equipos, adquiere especial significado.

Los sucesos de Chernóbil pusieron en agenda la cuestión relativa a las normas que han de garantizar la seguridad internacional de la energética nuclear. Hemos propuesto celebrar una sesión extraordinaria de la Conferencia General de la OIEA, en Viena. Se está formando un mecanismo internacional que permitirá solventar las cuestiones más importantes concernientes a la seguridad energética nuclear. Una intensa cooperación internac[ional en este campo], ello es totalmente indispensable hoy. Por [nuestra] parte, estamos dispuestos a ello.

Quisiera añadir algo más: Chernóbil no sólo nos ha enseñado mucho, sino que sigue dando lecciones, nos obliga a pensar, a analizar, a hacer comparaciones. Alienta el desarrollo de la nueva mentalidad y de la visión del mundo, desde las posiciones de los problemas globales de la época. Las enseñanzas de Chernóbil son importantes para toda la humanidad. Debemos tener muy presentes esas enseñanzas, de proyección universal. Ellas han hecho resaltar visiblemente la responsabilidad de todos los Estados por evitar una guerra nuclear.

Relaciones entre todas las fuerzas progresistas mundiales

Pregunta. ¿Cómo entender en la actualidad, superando las viejas orientaciones y formas de vínculos, las relaciones entre las fuerzas progresistas de todo el mundo? ¿Cuál puede ser hoy la expresión del internacionalismo?

Respuesta. Las relaciones entre las fuerzas progresistas son muy diversas. Al propio concepto "progreso" se le atribuye con frecuencia un contenido ideológico y político totalmente distinto. Al mismo tiempo, somos testigos de cómo crece la cooperación entre esas fuerzas, incluso a escala planetaria.

Estoy convencido de que la solidaridad y la cooperación son más necesarias que nunca antes, pues cada vez mayor el número de problemas que adquieren carácter universal y requieren enfoques [illegible] nacionales.

De referirnos a los partidos comunistas, [hay que] señalar que cada uno de ellos surgió en su propio terreno nacional. Pero al expresar los intereses primordiales de la clase obrera, de los trabajadores [de] sus países, todos ellos tienen [illegible] mismo objetivo: la paz y el socialismo. [illegible] tal que los une. Pero el internacionalismo [illegible] pre manifestaciones [illegible] La cooperación práctica determina [illegible] Para eso, en la situación actual es totalmente innecesario, y diría más, contraproducente [illegible] mecanismo especial y, sobre todo [illegible] partido alguno [illegible] la restauración de [illegible] competencia de cada partido [illegible] la política y las formas de su actividad, sino que la misma cooperación sólo es posible cuando se basa en principios de voluntariedad e igualdad de derechos.

Yo, francamente, no entiendo el motivo de esa reserva existente en algunos sectores de nuestro movimiento respecto a las propuestas de celebrar encuentros multilaterales de los comunistas del mundo. Y eso ocurre cuando otras fuerzas políticas, incluso no progresistas, se reúnen con frecuencia. A [nuestro] modo de ver hay que ser más [imparciales al] respecto, dejar a un lado viejos temores y estereotipos, ver la nueva situación con otros ojos.

De referirnos a las relaciones entre todas las fuerzas progresistas del mundo actual, estamos convencidos de que la base, el núcleo, la esencia de las relaciones entre ellas debe ser el evitar una guerra nuclear. Y a este problema, a nuestro modo de ver, han de supeditarse todos los demás.

Estos últimos dos años he tenido numerosos contactos, por ejemplo, con representantes de partidos socialistas y socialdemócratas, desde Europa Occidental hasta el Japón. En esos contactos ninguno ha perdido su propia imagen, pero estimo que hemos conseguido hallar un lenguaje común en cuestiones clave.

Mantenemos sólidos vínculos con muchos partidos democrático-revolucionarios y movimientos de liberación nacional, establecimos contactos con movimientos "verdes" de varios países [illegible] nas relaciones con influyentes fuerzas políticas. Por ejemplo, con el Congreso Nacional Hindú. Nuestras organizaciones sociales se entrevistan regularmente con representantes de decenas de movimientos anti-bélicos y de otros géneros.

El diálogo es imperativo de la época, [exigencia] de la interdependencia del mundo.

El mundo actual es realmente complejo, contradictorio, abigarrado. Ya no se le puede pintar de dos colores: negro y blanco, o rojo y blanco.

Estamos convencidos de que el mundo debe verse con los ojos abiertos, imparciales, buscar cuanto pueda aproximar a las fuerzas y partidos progresistas, sin ocultar, naturalmente, las divergencias o contradicciones. Hay que respetar, no de palabra sino de hecho, el derecho de todos los demás a la independencia, a tener su [propio punto de vista], a buscar [vías] originales para [illegible] propio derecho a [illegible]

07.07

8705170

URSS: DESEMPLEO EN INDUSTRIA POR RECONVERSION

MOSCU, 28 (EFE y ANSA). — El Estado soviético creó centros de formación gratuitos para enseñar nuevas profesiones a los ciudadanos que pierden temporalmente sus empleos debido al cierre de empresas obsoletas, aseguró hoy Ivan Gladky, Presidente del Comité Estatal para Asuntos Sociales.

Según Gladky, en los próximos quince años un total de entre 10 y 15 millones de personas deberá abandonar sus actuales empleos y profesiones, ante la aparición de nuevas industrias y tecnologías.

Las consecuencias sociales de este cambio —agregó el funcionario soviético— obligarán a muchas personas a aprender un nuevo oficio, sobre todo en el sector servicios, que desplazará a la industria y la agricultura como principal fuente de trabajo.

Los centros de formación profesional en la URSS proporcionan instrucción en cursillos de entre dos y tres semanas, con todos los gastos pagos y la garantía de recibir un nuevo empleo al término de la fase preparatorios, dijo Gladky.

El responsable soviético para Asuntos Sociales agregó que desde la entrada en vigor de la ley del trabajo individual, el pasado 1° de mayo, un total de 10.000 personas comenzaron a trabajar por su cuenta en la ciudad de Moscú en pequeños talleres y establecimientos de venta de objetos de consumo.

Mientras tanto el Canciller soviético Eduard Shevardnadze concluyó hoy en Belgrado sus conversaciones oficiales en la segunda jornada de su visita a Yugoslavia. Mañana, antes de volver a su país, proseguirá sus coloquios de manera informal con su colega yugoslavo Raif Dizdarevic, en Dubrovnik, Dalmacia.

Shevardnadze ya conversó ayer con Dizdarevic, con el Presidente de la presidencia de la Liga Yugoslava Lazar Mojsov, con el Presidente de la Liga de los Comunistas Milanko Renovica y con el Primer Ministro Branko Mikulic. Los coloquios abordaron tanto las relaciones bilaterales como los principales problemas internacionales.

Ambas partes han repetidamente manifestado satisfacción por el resultado de las conversaciones, efectuadas en "un clima amistoso, abierto y constructivo", como escribe la agencia local "Tanjug" si bien no siempre hubo coincidencia en los puntos de vista.

En una conferencia de prensa en la cancillería yugoslava también se habló de una próxima visita a Belgrado del líder soviético Mijail Gorbachov, subrayando por otra parte que "el éxito de las conversaciones contribuirá al desarrollo y a la consolidación de las buenas relaciones entre ambos países", como afirmaron Dusko Strbac y Mile Maksic, asesores del canciller yugoslavo.

Durante las conversaciones se manifestó interés por las inversiones comunes y acerca de la creación de empresas mixtas. Por parte yugoslava se insistió en mejorar la balanza comercial (la URSS es el principal socio en los intercambios con el exterior de Yugoslavia) que registra un déficit en las exportaciones, inferiores a las importaciones.

En el ámbito internacional se manifestó común satisfacción por los posibles acuerdos en el campo del desarme y la reactivación del diálogo. Yugoslavia ilustró su posición en el contexto de los no alineados y los resultados de la reciente conferencia de Brioni de este movimiento.

El País 3/6/87

024

Los grandes temas mundiales en un reportaje de "L'Unitá" a M. Gorbachov

Moscú (por Ricardo Saxlund). Dos páginas y media de las ediciones matinales de Pravda y Sovietskaya Rossia ocupan declaraciones de Mijail Gorbachov para el diario "L'Unita" del Partido Comunista Italiano. Constituyen un pormenorizado análisis de aspectos fundamentales de la vida internacional y del desarrollo de la reestructuración de la sociedad soviética.

POR UN MUNDO DESNUCLEARIZADO

Plantea Gorbachov las perspectivas y las dificultades que dilatan acuerdos con EE.UU. para medidas de desarme en Europa, poniendo acento en la postura vacilante de algunos gobiernos de Europa Occidental. Ante el dilema de la supervivencia que se presenta a la humanidad, Gobachov subraya la necesidad del mundo desnuclearizado, sin violencia, "en el que cada cual conserve sus criterios filosóficos, ideológicos, políticos y religiosos" y se adopten acuerdos para alejar el mundo del abismo a que se le ha ido acercando. Indicó que hay quienes se oponen a la nueva mentalidad en política exterior que practica la URSS y se atienen a viejos clisés, aferrándose a la política de fuerza cuando no hay nada mejor que humanizar las relaciones internacionales. Reiteró Gorbachov la trascendencia de crear un sistema universal de seguridad que incluye la solución de problemas económicos y sociales, la atención a los derechos humanos en su más amplia escala social. Destaca en sus respuestas a "L'Unita" la importancia de Europa para el mundo y, por ende, el énfasis de la URSS en sus vínculos con los países del oeste del continente, a la vez que descarta todo propósito de separarlos por ello de Estados Unidos. Ratifica que todos los estados tienen iguales derechos para cooperar con otros y que hacerlo con uno no se contrapone a hacerlo con otro.

PROBLEMAS EN LITIGIO

El líder soviético dice que la URSS y otros países del CAME están dispuestos a mejorar las relaciones con los estados de la Comunidad Económica Europea. Ratifica Gorbachov que la URSS trabaja intensamente por la plena normalización de las relaciones "entre los dos países socialistas más grandes, la URSS y China". Señala puntos de contacto y de coincidencias. En cuanto a diferencias ante la pregunta concreta del diario italiano, dice que no puede ser cuestión de las relaciones con China, por ejemplo, el "problema kampucheano". En cuanto a Afganistán, afirma Gorbachov el derecho soberano de ese país y la necesidad del arreglo pacífico, manifestando que la URSS no tiene "esferas de influencia ni aspira a tenerlas". Responde también sobre las condiciones para el arreglo de la situación en Medio Oriente por la vía de celebrar una conferencia internacional, el respeto al derecho del pueblo palestino y la retirada de las tropas israelíes de las zonas árabes ocupadas. En cuanto a las relaciones con Israel señala Gorbachov que hay una sola dificultad: la política agresiva de Israel contra los árabes.

LA DEUDA EXTERNA

"El establecimiento de un Nuevo Orden Económico Internacional, la garantía de la seguridad económica internacional y la búsqueda del arreglo del problema de la deuda", deben lograrse sobre bases de justicia sin lo cual darán poco resultado los esfuerzos por una paz sólida.

UNA NUEVA ETAPA CUALITATIVA

En otras respuestas, Mijail Gorbachov trata las cuestiones del paso gradual a una nueva etapa cualitativa en el desarrollo del socialismo en la URSS abordando los mecanismos que están cambiando: elevación del factor humano, democratización, intensificación económica, armonización de empresas del Estado, cooperativistas e individuales, autonomía de empresas, salarios, etc. El objetivo es acelerar el desarrollo económico partiendo "de los principios socialistas y de sus ventajas, que hemos aprovechado mal".

Gorbachov dice que sería por lo menos irreal creer que el cambio en la URSS se impondría sin dificultades. Es un viaje revolucionario, afecta los intereses de millones de personas y es "un proceso largo y difícil". "Cuando hablamos de la resistencia a la reestructuración nos referimos a los viejos enfoques, a la inercia de las viejas costumbres, al miedo a lo novedoso y a la responsabilidad por el trabajo". Agrega "también nos molestan los hábitos burocráticos acumulados". Pero la gente, acota Gorbachov, "pide una sola cosa: que no nos paremos, que continúe la reestructuración, que se lleve sin falta hasta el fin". Las dificultades que hemos tenido "no están en la naturaleza del régimen socialista, ni en la democracia socialista como tal, sino en los defectos de su funcionamiento".

Realiza Gorbachov un extenso examen de las causas de los fenómenos negativos y refuta toda presunción de que la URSS se aproxima, en una u otra forma, a la democracia del mundo capitalista. "Desarrollamos —dice— la esencia inicial de los principios leninistas de la democracia socialista soviética", cuyo contenido expone con detalle.

CONTACTOS DE LAS FUERZAS PROGRESISTAS

Entre los temas que dan final a la amplísima entrevista figuran los de contactos coordinadores de la acción de las fuerzas progresistas, cuya importancia resalta el máximo dirigente soviético, a la vez que afirma no existe propuesta alguna de constituir un "centro" de esa actividad.

22/5/87

URSS

01.01

8705206

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Se esperan nuevos relevos en cúpula militar soviética. Ministro de defensa.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 7/6/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (8)

01.01 8705217

Intergremial Obrera Suspenderá las Actividades de Pesca

URUGUAYOS HARAN APRENDIZAJE EN LA URSS; SURGE OPOSICION AL ACUERDO

EXCLUSIVO

El Duende en su constante deambular, en su permanente ir y venir, mantuvo en las últimas horas contactos con gente vinculada a la pesca, con miembros del Gobierno que manejan los aspectos políticos y técnicos de este sector de la producción uruguaya y también con dirigentes de las gremiales, afiliadas al PIT-CNT, que agrupan a los patrones o capitanes, mecánicos y tripulantes.

—¿No me cuente que se está por comprar un "mediomundo" o un "robador" para ver si "saca algo" en la escollera Sarandí los domingos tempranito?, le preguntó uno de los amigos.

—¡No chichonee!, le estoy hablando muy en serio, el tema me tiene sumamente preocupado. ¿No leyó el convenio firmado hace poco tiempo entre el Uruguay y la URSS?

—¿Me lo pregunta en serio?

—Lógico, con esas cosas dejo las bromas de lado.

—Pues, entonces debería estar enterado que el convenio se firmó y por ahora se ha mantenido en reserva o por lo menos discretamente no se dio a publicidad en todos sus términos.

—Sin duda ha existido un olvido pese al interés general en conocer el cuestionado y polémico acuerdo. ¿Extraño no?

—Mire, no doy opinión, no subjetivizo en esa materia, pero le adelanto que las empresas pesqueras y armadoras han alertado en contra, los gremios por unanimidad lo han rechazado y la prensa argentina ha mostrado gran inquietud. En el Senado se han pedido informes. Mientras tanto los que apoyan el convenio mantienen expectante silencio.

—¡Pero no! No sé qué opinar sobre todo este problema, tan calladito que lo traen, máxime cuando me he enterado que en parte se ha acordado el cumplimiento de alguno de sus términos.

—¡No puede ser! ¡Si se necesita aprobación legislativa!

—Exacto, pero no olvide que hay ciertos aspectos contenidos en el convenio que se pueden efectivizar como abastecimiento de los buques o reparaciones, etc., sin que previamente se requiera el visto bueno parlamentario.

—¡Oh, la, la, brava la cosa!. Además pienso que una vez en marcha parte de lo acordado no será fácil decir: ¡No!, ahora rechazamos lo firmado en el Convenio.

—Tiene razón, pero, vamos por partes. Acá hay dos cosas muy importantes a tener en cuenta en todo el problema: 1°) El texto del Convenio pesquero URSS-Uruguay. 2°) Las voces en contra desde todos los sectores, especialmente el de los trabajadores. ¿No le parece?

—Exacto. Si se sienta, le doy una sorpresa. El Duende en su ir y venir logró en exclusividad el texto completo y también la declaración de las gremiales obreras que en democráticas asambleas rechazaron "cualquier intento de penetración, sea por la potencia pesquera que sea".

—¡Por favor! usted que lo ha leído: ¿da para alarmar tanto la cosa?

—¿Qué le parece si vamos por partes?

—Bueno, lo invito con un café y seguimos charlando.

EMPRESARIOS Y TRABAJADORES: FRANCO RECHAZO

El Duende en rueda con sus amigos recordó que apenas se iniciaron los contactos diplomáticos entre Uruguay y la URSS surgieron voces de las empresas contra la posibilidad de que 170 buques pudieran llegar, en forma alternada, a nuestras costas, en base a un convenio pesquero.

—Usted me habla de 170 barcos como si nada pasara cuando Argentina firmó uno autorizando hasta 21 ¡Menuda diferencia!

—¡Lo mismo digo! máxime si se tienen en cuenta las diferencias de potencial de uno y otro país para cuidar o *preservar las especies de su mar territorial.*

—*Tiene razón, la alarma contra el acuerdo en principio no parecería exagerada.* Le digo que la prensa argentina, casi por unanimidad, también "está poniendo el grito en el cielo". Ven que el convenio suscrito por Uruguay puede afectarlos a ellos.

Le agrego que también las gremiales de trabajadores dieron respuesta negativa por unanimidad. Aquí bajo mi vista tengo la resolución del Sindicato Unico de Patrones de Pesca del Uruguay, que dice: "Rechazar con la máxima energía cualquier intento de penetración, sea por la potencia que sea, en nuestras aguas comunes, por la vía de convenios internacionales o de asociaciones con empresas nacionales que realicen capturas en buques de terceras banderas; Promover a nivel nacional en el marco de la Intergremial de la Pesca, una intensa campaña de agitación sobre este problema, que de no resolverse con conciencia nacional, puede conllevar a la destrucción de la industria de las capturas; Exigir el conocimiento público del acta de pre-acuerdo suscrito entre la URSS y Uruguay; Facultar a la Comisión Directiva para que vigilante en la aplicación de estas resoluciones, ni bien tome conocimiento de cualquier intento de entrega directa o indirecta de nuestro potencial marítimo, en forma inmediata llame de regreso a tierra a toda la flota, para iniciar una lucha irrenunciable e irreversible por la supervivencia de la industria. Ser o no ser es el reto que asumimos, con plena conciencia de las graves proyecciones del problema, así como de la necesidad de enfrentarlo sin concesiones".

—¡Firme la actitud de rechazo!

—¡La misma que adoptó la Intergremial Pesquera!

DOBLE PEDIDO DE INFORMES AL GOBIERNO

"Le digo que el tema del convenio pesquero con los soviéticos ha levantado resistencia en muchas tiendas políticas", le afirmó uno de los informantes al Duende.

—¿Usted se refiere al doble pedido de informes del senador Luis A. Lacalle?

—Exacto el legislador nacionalista brega por la preservación de las especies en nuestras aguas, se inquieta por el peligro político que representa que hasta 170 buques rusos alternadamente naveguen en el mar territorial y también que se firme el acuerdo sin conversar antes con la Argentina, país con el cual tenemos un tratado de límites muy clarito.

—¿No me da a conocer las solicitudes de Lacalle?

—¡Como no!. Aquí van:

GANADERIA, AGRICULTURA Y PESCA

1°) Razón por la cual no se delimitan, en el acuerdo proyectado entre el Gobierno de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas y el Gobierno de la República Oriental del Uruguay, sobre colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas, las áreas y períodos en los cuales se explotarían las especies remanentes no tradicionales; 2°) Razón por la cual, además, en el acuerdo precitado no se definen las especies no tradicionales; 3°) Cuál será el procedimiento y el destino final de las especies capturadas no previstas en el Convenio; 4°) Cuál será la bandera de los barcos a utilizar y dónde se ubicarán las plantas industrializadoras en tierra; 5°) Lugar en el cuál se van a descargar las especies capturadas; 6°) Cuál será el procedimiento previsto en cuanto al contralor de efectivo del cumplimiento del convenio en cuestión; 7°) En qué cantidad se calcula el eventual remanente que se autoriza a capturar por el convenio; 8°) Cuáles son las ventajas que obtiene el país a través del Convenio proyectado considerando especialmente, que la parte contratante es una nación competidora de la nuestra.

Montevideo 21 de mayo de 1987
Luis Alberto Lacalle Herrera

RELACIONES EXTERIORES

1°) Sírvase informar las razones por las cuales el Acuerdo proyectado entre el Gobierno de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas y el Gobierno de la República Oriental del Uruguay, respecto a la colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas, difiere en varios aspectos del similar celebrado entre aquel Estado y la República Argentina.

TEXTO DEL CONVENIO CON LA URSS

El Duende analizaba el Acuerdo de Pesca Uruguay-URSS; leyendo y releyendo las seis hojas firmadas por ambos Gobiernos. "Mire, aquí se comprometen a colaborar en la esfera de las actividades pesqueras y también a encarar empresas conjuntas", aclaró.

—En tanto le digo que en otra parte del Convenio se establece la "posibilidad de una eventual explotación del remanente no utilizado de especies no tradicionales en aguas uruguayas".

—¿Pero Uruguay carece de medios para custodiar tantos buques pescando en aguas territoriales o para supervisar cuál es la producción obtenida o para saber si es "merluza, corvina o pescadilla", la que sale de las aguas? Es incontrolable y puede liquidar nuestras especies.

—Tiene razón. Además le digo que se incluye la preparación de personal uruguayo en instituciones medias y superiores de la URSS y también en buques pesqueros soviéticos".

—¿Los uruguayos aprendiendo en la URSS?

—Como lo oye; además construcciones soviéticas en nuestras costas y la designación de un "Attache" para cuestiones de pesca y personal administrativo en la Embajada Soviética sede en nuestro país.

—Pero si cada nación que negociara con Uruguay designara un "Attache para ganadería, otro para agricultura, otro para el arroz, otro para la soja", y su correspondiente personal administrativo, en lugar de Embajadas y representaciones se formarían legiones. ¿No le parece?

—Mire, prefiero no dar opinión. Le voy a leer el texto completo del convenio para que saque sus conclusiones, al igual que el lector.

ACUERDO

Entre el Gobierno de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas y el Gobierno de la República Oriental del Uruguay sobre colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas.

El Gobierno de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas y el Gobierno de la República Oriental del Uruguay en adelante denominadas "Partes".

Partiendo de las relaciones amistosas existentes entre los dos países y teniendo en cuenta la convención de la ONU sobre Derecho del Mar.

Reconociendo que la República Oriental del Uruguay ejerce sus derechos soberanos con fines de investigación, exploración, conservación de los recursos marítimos vivos y de su administración en los límites de las aguas bajo jurisdicción pesquera uruguaya.

Tomando en consideración la importancia de las investigaciones científicas en la esfera de la industria pesquera y el deseo de coordinar su actividad en esta esfera.

Expresando el deseo de establecer las disposiciones y condiciones de acuerdo a las cuales debe realizarse la colaboración en la esfera de las actividades pesqueras.

Acordaron lo siguiente:

ARTICULO I

Las Partes se comprometen a colaborar en la esfera de las actividades pesqueras en particular en desarrollo tecnológico e investigaciones de recursos vivos en la extensión de 200 millas de aguas bajo jurisdicción pesquera de la República Oriental del Uruguay, denominados en adelante "aguas", de acuerdo con la legislación política pesquera uruguaya y los principios del derecho internacional del mar.

ARTICULO II

Las Partes posibilitarán la creación de empresas conjuntas soviético-uruguayas de la industria pesquera sobre bases comerciales de acuerdo con las disposiciones vigentes en ambos países, teniendo en cuenta los requerimientos para conservación de los recursos vivos y las necesidades de la Parte uruguaya de esos recursos para sus plantas pesqueras instaladas en tierra. Con esa finalidad la Parte uruguaya explotación del remanente no utilizado de especies no tradicionales en aguas uruguayas de acuerdo con sus disposiciones internas en la materia.

ARTICULO III

Las Partes acuerdan realizar la colaboración en las siguientes esferas:

a) preparación de cuadros nacionales en instituciones de enseñanza media y superior de la URSS, y también en buques pesqueros soviéticos.

b) desarrollo tecnológico de la pesca costera y oceánica;

c) creación y perfeccionamiento de la infraestructura costera incluyendo construcciones portuarias destinadas a la reparación y servicio de buques pesqueros;

d) realización de la reparación de los buques de la URSS en astilleros uruguayos.

ARTICULO IV

La Parte uruguaya se compromete a otorgar facilidades portuarias a los buques de la URSS afectados a la pesca en alta mar, incluyendo facilidades en relación con el relevo de tripulaciones, la reparación y aprovisionamiento de dichos buques, y la URSS se compromete a utilizar estas facilidades [illegible] dos buques, de acuerdo a las respectivas legislaciones y las condiciones que ajusten las Partes en cumplimiento de este acuerdo.

ARTICULO V

Las Partes acuerdan directamente o mediante las Organizaciones Internacionales correspondientes, colaborar para tomar las medidas necesarias tendientes a la conservación de las reservas de especies que se encuentran en el área adyacente a las "aguas".

ARTICULO VI

La Parte uruguaya se compromete a otorgar las facilidades para la atención en sus puertos de los buques pesqueros soviéticos. Incluyendo facilidades relacionadas con el relevo de tripulaciones.

La reparación, incluso las reparaciones que van a efectuarse por las tripulaciones mismas y el aprovisionamiento de dichos buques.

La Parte soviética se compromete a utilizar estas facilidades de acuerdo con las normas uruguayas y en las condiciones que ajustan las organizaciones correspondientes a ambas partes en cumplimiento de este Acuerdo.

ARTICULO VII

1. La Partes colaborarán en la realización de investigaciones científicas en la esfera de la industria pesquera con fines conservaciones, óptima utilización y administración de los recursos marítimos vivos en "aguas" y área adyacente a las mismas.

2. Científicos y especialistas de ambas partes realizarán consultas para la realización de tales investigaciones y examen de los resultados obtenidos.

3. Las Partes se comprometen a realizar un intercambio mutuo de especialistas sobre técnica pesquera, tecnología de elaboración, reproducción, conservación, utilización óptima administración de los recursos marítimos vivos.

ARTICULO VIII

1. Para el logro de los fines del presente Acuerdo las Partes crearán la Comisión Soviético-Uruguaya para la cooperación en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias denominada más abajo "Comisión Mixta".

2. La Comisión Mixta estará integrada por un representante designado por cada Parte y por no más de dos suplentes.

3. La Comisión Mixta se reunirá no menos de una vez al año por turno en el territorio de cada uno de los dos países.

Los gastos totales, relacionados con la realización de las sesiones de la Comisión Mixta, estarán a cargo de la Parte anfitriona.

4. La Comisión Mixta examinará las cuestiones relacionadas con la realización del presente Acuerdo, y elaborará recomendaciones a las Partes, orientadas a su cumplimiento adecuado.

ARTICULO IX

La Parte Soviética con el fin de coadyuvar al cumplimiento del presente Acuerdo y al desarrollo de la colaboración futura en la esfera de la industria pesquera acreditará en el Ministerio de Relaciones Exteriores de la República Oriental del Uruguay como integrantes de la Embajada de la URSS en el Uruguay un attaché para cuestiones de la pesca, y en acuerdo con el Ministerio de Relaciones Exteriores los funcionarios administrativo-técnicos que éste necesite.

ARTICULO X

En el presente Acuerdo no debe considerarse nada que ocasione perjuicio a otros acuerdos existentes entre las Partes o a convenios y acuerdos multilaterales, en las cuales participan ambas partes o a puntos de vista sobre cuestiones de Derecho del Mar.

ARTICULO XI

El presente Acuerdo entrará en vigor cuando las Partes se hayan comunicado recíprocamente el cumplimiento de las formalidades requeridas por las respectivas legislaciones para la entrada en vigor de los convenios internacionales.

El presente Acuerdo estará vigente durante tres años y será prorrogado por períodos trienales siguientes, si una de las Partes no declara por escrito el cese de su vigencia no más tarde de seis meses antes de la extinción del período correspondiente.

El testimonio de lo cual los abajo firmantes, acreditados debidamente para ello por sus Gobiernos, suscribieron el presente Acuerdo.

Concluido en la ciudad de Montevideo ... de 1987 en dos ejemplares, cada uno en ruso y en español, y ambos textos [illegible] mismo valor.

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Unión Soviética: Política de Ajuste en Relación a Disidentes y Emigrantes. (Se hizo MEMO Nº 023/87)

PROCEDENCIA: Enlace Sudafricano 13/7/87 Doc. 1030/87

ARCHIVADO EN: Enlace Sudáfrica (135)

01 | 01

8705222

PS

026

Se registró en la Unión Soviética la primera bancarrota empresarial

Búsqueda 2/1/88

En la primera bancarrota que se registra en la Unión Soviética, una empresa constructora con dos mil trabajadores fue cerrada, medida que podría ser repetida con otras, según informó la agencia noticiosa oficial TASS. "Ahora dos mil trabajadores del enorme complejo constructor" de Leningrado "deben buscar empleo con otras organizaciones", amplió la agencia.

En una clara advertencia a otras empresas públicas, TASS dijo que "lo sucedido con la empresa de construcción de Leningrado ilustra los cambios en la vida económica del país".

La empresa clausurada debía solventar sus operaciones de acuerdo al sistema impuesto para lograr más eficiencia, una práctica que revierte los programas iniciados en 1917, luego de la revolución bolchevique, y la financiación de todas las empresas fiscales.

Según la agencia oficial los trabajadores han recibido nuevos puestos y sus beneficios y pensiones no serán afectados, pero comentó que "ni siquiera los más ancianos (ciudadanos de la Unión Soviética) pueden recordar una bancarrota semejante".

Explicó el articulista que "las empresas de Leningrado han mejorado su desempeño desde que se implantaron controles estrictos, a excepción de la constructora que no cumplió con sus plazos, sus costos se encarecieron y sus niveles de calidad fueron deficientes".

Con la firma trabajando a pérdida, la asociación de constructores de Leningrado, bajo el control del concejo municipal, decidió el desmantelamiento de la empresa y dividir sus bienes entre otras organizaciones productivas.

"No hay duda que la saludable competencia surgida en la Unión Soviética, con nuevos métodos de administración, hará que muchos ejecutivos cambien su estilo de trabajo", agregó TASS.

Sostiene el despacho que "los obreros no deben sentirse pesimistas, pero sí deben reflexionar sobre la situación".

La decisión se produce cuando se considera una nueva legislación que regulará las empresas y TASS señaló que "habrá la posibilidad de liquidar a otras empresas insolventes".

Recientemente el líder soviético Mijail Gorbachov anunció que la meta del crecimiento económico es de 4,7 por ciento anual para el resto del siglo, objetivo que muchos economistas occidentales estiman inalcanzable. (ANSA y Búsqueda).

UASS

01/01

Q[5] 024

Mijail Gorbachov promete mejorar abastecimiento de alimentos a la población

MOSCU. — Los habitantes de Moscú, acostumbrados a los desabastecimientos, las colas y los altos precios de la carne y las frutas, han recibido garantías del líder soviético Mijail Gorbachov, de que encarara como tarea prioritaria la mejor provisión de alimentos para la población.

"Hay problemas que deben ser decididos hoy. Ellos son mejorar la situación de la agricultura y mejorar los abastecimientos de alimentos a la población", dijo Gorbachov ante una multitud de compatriotas en una alocución improvisada en día de elecciones.

"Ya hay considerables progresos, ya hemos comenzado realmente a avanzar en esas cuestiones, y esa tendencia continuará. Orden, organización y disciplina son necesarios para que nuestra reconstrucción rinda resultados concretos a la brevedad en todas las áreas".

Gorbachov participó, junto con millones de ciudadanos soviéticos, de las elecciones de concejos locales de gobierno y de jueces de distrito.

En algunos distritos, los votantes pudieron elegir entre varios candidatos por primera vez.

En otras partes, los votantes mantuvieron discusiones preelectorales sobre varios posibles nombres antes de elegir un candidato.

Gorbachov, que votó con su esposa Raisa en la calle Kachalov, en el centro de Moscú, fue interrogado por una mujer de la multitud sobre su opinión por el reciente artículo de un economista que dijo que el país debería permitir el desempleo para aumentar la eficiencia industrial.

"Eso es inaceptable para nosotros" declaró Gorbachov, "estamos plenamente conscientes de nuestras debilidades y de nuestros problemas sobresalientes. Pero no debemos perder de vista lo que el socialismo le ha dado a todos —el derecho a trabajar, a educarse, a la atención médica gratuita, a la vivienda".

Dijo que el Comité Central del partido, encargado de trazar la política, discutirá la economía en una reunión que sostendrá este mes. La reunión, la primera desde enero pasado, analizará propuestas de la jefatura del partido para descentralizar la administración económica.

Asimismo el líder soviético Mijail Gorbachov admitió ayer que su política de reformas recibió cierta resistencia de la dirigencia de su país, al tiempo que prometió mejorar el curso de la economía, especialmente en las áreas de vivienda y agricultura.

Gorbachov admitió que la Unión Soviética "tiene muchos problemas" y que las reformas enfrentan obstáculos.

URSS

01 | 01

8705266

P5

076

URSS: mayor autonomía para las empresas

MOSCU — La mayoría de las empresas propiedad del estado dejarán de operar dentro de la planificación centralizada, como parte de un nuevo programa de autofinanciamiento que pretende estimular la economía soviética anunció la agencia soviética "TASS".

La agencia afirmó que el cambio de la planificación centralizada a la que lo es solo parcialmente, es parte de un proyecto de ley para el autofinanciamiento de empresas estatales, por la cual el líder soviético, Mijail Gorbachov ha abogado durante más de un año.

"La opinión de los economistas soviéticos es que esto hará posible superar la tendencia al estancamiento de la economía nacional lo más pronto posible", aseguró TASS, aludiendo a la tasa de recuperación económica.

La versión final de la ley de empresas estatales será debatida en el pleno del comité central del Partido Comunista, programado para esta semana y el lunes próximo será enviada al soviet supremo.

El País 24/6/87

URSS

024

URSS

Cesa bloqueo a emisora

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- La Unión Soviética anunció ayer que dejó de bloquear las transmisiones de La Voz de América, pero advirtió que continuaría interrumpiendo a otras dos radioemisoras apoyadas por Estados Unidos porque están intentando socavar los gobiernos comunistas.

El anuncio fue hecho un día después de que los funcionarios de La Voz de América dijeran que los soviéticos habían cesado de bloquear las transmisiones el sábado.

Un vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, Yuri Germistkikh, dijo que la interferencia a las señales de La Voz de América había cesado como parte de las políticas del líder soviético Mijail Gorbachov.

Los soviéticos dejaron de bloquear en enero las transmisiones de la BBC de Londres.

Sin embargo, Gremistkikh dijo que el cese del bloqueo de las transmisiones de la Voz de América y la BBC no serían seguidos por la suspensión a las interrupciones de Radio Europa Libre y Radio Libertad.

Gremitskikh dijo a los periodistas que esa dos estaciones con base en Munich eran "sobras de la guerra fría" e "instrumentos en manos de la CIA" que buscaban derrocar a los regímenes comunistas de Europa oriental".

"Su objetivo básico es proporcionar información que socave la seguridad interna y la estabilidad de nuestros países y también socavar la confianza del pueblo soviético en el gobierno y las políticas internas de nuestro estado", agregó.

Radio Europa Libre y Radio Libertad, que transmiten a la Unión Soviética y países de Pacto de Varsovia, dijeron que por lo menos dos aparatos que bloqueaban la señal de La Voz de América habían sido redirigidos contra sus frecuencias.

Roa Mañana 27/5/87

01.01

8705272

Drogados en URSS

VIENA, 3 (ANSA) — En la Unión Soviética actualmente están registrados oficialmente 46 mil tóxicodependientes, según expresó el viceministro del Interior Nikolai Demidov al semanario "Nedelya", pero señalando que el problema de los estupefacientes "es un fenómeno en aumento". El funcionario criticó duramente a las autoridades policiales que no se dan cuenta del peligro porque lo consideran como "una moda que pasará sola".

El hecho más preocupante en la Unión Soviética es el "rejuvenecimiento" de la toxicomanía. Efectivamente, en 1986, solo en la federación rusa, fueron procesados 548 estudiantes de institutos superiores y secundarios, por tráfico de estupefacientes", reconoció el mismo Demidov.

01.01

8705278

R3

026

Echaje
URSS

Culminó congreso del Komsomol

Moscú (por Ricardo Saalund). Luego de tres días de sesiones en el funcionamiento en plenarias y diez grupos de discusión aparte, culminó el 20 congreso de la Juventud Comunista soviética, el Komsomol.

Aprobó los nuevos estatutos de la organización que cambian su característica anterior –organización social– por la de "política y social". Al proyecto dado a conocer a final de 1986 se le introdujeron un centenar de modificaciones que recogen en síntesis más de 250 mil sugerencias con observaciones y propuestas.

La votación fue por enorme mayoría de los 4838 delegados: dos votos en contra y cuatro abstenciones.

En su intervención final, Víctor Mironenko, primer secretario del Komsomol, afirmó que los estatutos se ponen de acuerdo con los objetivos del desarrollo económico y social, y de la política de información y democratización. Se estimula la mayor iniciativa y actividad de la organización en la gestión del Estado. Se reduce el número de reuniones de los órganos dirigentes y se estipulan garantías para la crítica y la lucha contra el burocratismo. Se amplían los derechos de los militantes y las organizaciones de base incluyendo para éstas los de admisión al Komsomol, antes potestad de los comités distritales. Mironenko calificó de muy fructíferos los resultados del Congreso y ratificó que el Komsomol seguirá practicando el internacionalismo con las organizaciones de jóvenes de todos los países haciendo hincapié en la importancia internacional que también tiene la restructuración de la sociedad soviética.

El Congreso estuvo signado por la franqueza con que se plantearon los defectos de la gestión anterior del Komsomol encuadrada en los frenos que para el avance del socialismo imperaban en la sociedad en conjunto. Punto destacado del 20 Congreso fue la intervención de Mijaíl Gorbachov.

La Hora 18/4/87

01.01

8705280

026

Posible apari[illegible] [illegible] no controlada por el gobierno soviético

por Gary Lee

Moscú. — Un grupo de presos políticos recientemente liberados, está buscando el permiso oficial para publicar una revista de noticias y opinión llamada "Glasnost" ("Apertura") para suplementar los medios controlados por el Estado soviético.

Si se aprueba, sería la primera publicación soviética no controlada por el gobierno. Tomando como título la frase utilizada por Mijail Gorbachóv para su apertura, su destino es visto como una prueba de la política del líder soviético para alentar la libre expresión y la crítica.

"En contraste con nuestras actividades pasadas, no estamos buscando una confrontación con las autoridades", expresó Serguey Grigoryants, 45 años, editor y organizador, quien fue liberado en febrero de la prisión después de haber editado una publicación sobre derechos humanos durante tres años.

"Estamos intentando tapar agujeros [illegible] ya es disponible, brindar información sobre áreas que no son cubiertas, o que solo se cubren parcialmente", manifestó. "Las cosas en las que estamos interesados no aparecen en otros medios. Estamos intentando tomar ventaja del 'glasnost' ".

"Queremos cumplir todas las formalidades legales", agregó. "No queremos hacer nada en forma secreta o encubierta". No obstante dijo que "si no obtenemos la aprobación oficial, la imprimiremos de cualquier forma. Será más difícil, pero lo haremos".

La apelación de los ex prisioneros políticos para el permiso oficial es parte del potencial esfuerzo que debe enfrentar el liderazgo del Kremlin: qué hacer con los 150 presos políticos perdonados y liberados en febrero. Muchos están ansiosos de escribir u organizarse alrededor de actividades referidas a los derechos humanos, por las cuales fueron encarcelados inicialmente.

Los editores de la publicación propuesta han pedido presentar una edición piloto la semana próxima a Alexandr Yákovlev, que es un asesor de Gorbachóv, un miembro no votante del Politburó y arquitecto de la campaña de la apertura.

El ejemplar consiste de discursos no publicados, notas sobre reuniones y exhibiciones que se llevan a cabo en la capital, y piezas de opinión.

Grigoryants dijo que los organizadores no tienen objeción a que la publicación sea regularmente presentada a Galvit, la organización oficial de censura, cuyo papel fundamental es controlar la pornografía o la fuga de secretos militares.

El espectro de material presentado en la revista será amplio, agregó Grigoryants, pero se centrará en los derechos humanos, relaciones con los judíos y otros temas religiosos, y ecología. Esas son áreas no cubiertas por las publicaciones existentes.

La revista está programada para publicarse tres veces al mes, y Grigoryants adelantó que los organizadores ya han recogido material suficiente para cinco meses de publicaciones. La circulación inicial sería limitada a cien ejemplares, dijo, pero se expandirá gradualmente.

En el staff de "Glasnost" también se encuentra Lev Timofeyev, un prominente economista moscovita quien en 1970 abandonó su carrera en el periódico oficial "Molodoy Kommunist" para publicar, en el exterior, estudios críticos sobre la economía soviética. Fue encarcelado en 1985 por esparcir "propaganda anti-soviética" y perdonado en febrero.

Los editores se han ganado el respaldo de Andrei Sajarov, el físico disidente liberado del exilio interno en diciembre pasado. Sajarov ha accedido a aparecer en una conferencia de prensa que los organizadores planean realizar después que discutan la publicación con los funcionarios soviéticos. (DPA - The Washington Post - Especial para Búsqueda).

Búsqueda 28/5/87

PARTES ILEGIBLE

URSS

01.01

8705281

P3

024

INFORMACION ECONOMICA

Misión soviética ajustó acuerdos sobre puerto, pesca y reparaciones navales

Una delegación de técnicos soviéticos trabajó durante tres días en Montevideo, ajustando detalles técnicos de los acuerdos a cerrar con una empresa de pesca, un astillero y la Administración Nacional de Puertos (ANP) para concretar sendos convenios de cooperación que oportunamente se cerrarán con dicha nación, en cada una de esas áreas.

Las negociaciones previas se realizaron el pasado 9 de abril (Búsqueda Nº. 378, pág. 12) y serán refrendadas durante la visita que el primer mandatario efectuará a Moscú en una fecha a determinar del próximo mes de setiembre.

La misión técnica que partió en el día de ayer (miércoles 27) de regreso a su país, consideró con las autoridades de la empresa pesquera un eventual acuerdo de complementación, con el astillero las posibilidades de asistencia a la flotilla de pesqueros soviéticos, y con las autoridades de ANP las facilidades de uso del puerto de [illegible]

Las negociaciones iniciales con la Unión Soviética incluyeron además facilidades para la operación en el Aeropuerto Nacional de Carrasco de aviones de la línea soviética Aeroflot, las que fueron anteriormente ajustadas por otra misión especializada, que ya terminó su tarea y elevó las recomendaciones [illegible]

URSS

Uruguay

01.01

8705282

Canciller soviético en Sofía

URSS y Bulgaria coordinan reformas

SOFIA (ANSA, EFE y UPI).- La Unión Soviética y Bulgaria consideran necesaria una plena armonía para llevar a cabo los cambios actuales en ambos países y contribuir activamente a su realización.

Así lo expresaron ayer, según la agencia oficial BTA, el jefe del gobierno búlgaro, Georgi Atanasov, y el Ministro soviético de Asuntos Exteriores, Eduard Shevardnadze, que se encuentra en visita oficial a este país desde el lunes.

Subrayaron que ya se ha observado el primer éxito que inspira confianza en este sentido y que ahora conviene acelerar el progreso.

Atanasov y Shevardnadze manifestaron su convicción de que los dos países harán todo lo necesario para introducir íntegramente todas las formas de cooperación en ciencia, tecnología e industria.

A continuación, el Canciller soviético fue recibido ayer en Sofía por el jefe de Estado y del Partido Comunista de Bulgaria (PCB), Todor Yivkov, según la agencia BTA.

Ambos políticos discutieron cuestiones sobre las relaciones bilaterales y la actual situación internacional.

Bulgaria, uno de los más fieles miembros del Pacto de Varsovia, ha acogido muy favorablemente las nuevas reformas soviéticas del líder Mijail Gorbachov.

B
1º Fichaje
(Archivar 02b)

PERLA

La visita de Mijaíl Gorbachov a Rumania crea gran expectativa

Bucarest, (PL) - El secretario general del Partido Comunista de la Unión Soviética, Mijaíl Gorbachov, llegará hoy a esta capital en visita que girará en torno a importantes cuestiones bilaterales e internacionales, según la prensa local.

El diario "Scinteia", órgano del Comité Central del Partido Comunista Rumano (PCR), inserta la información [illegible] primera plana, acompañada de una foto y una biografía del líder soviético, quien viaja a Bucarest invitado por el secretario general del PCR y presidente de la República, Nicolae Ceausescu.

La radio y la televisión destacaron también la noticia, subrayando el significado que tendrá la visita para el intercambio de opiniones entre ambos dirigentes, con el fin de ampliar y profundizar los vínculos bilaterales generales entre los dos partidos y países.

Estos medios igualmente resaltan que la ocasión servirá para analizar cuestiones de la actualidad internacional respecto a las posiciones del socialismo mundial y los criterios mutuos sobre la paz, la seguridad y el desarme.

Las conversaciones que sostendrán Gorbachov y Ceausescu durante dos días, se efectuarán precisamente, previas a la reunión del comité político consultivo de los Estados miembros del Tratado de Varsovia, citada en Berlín, capital de la República Democrática Alemana, para fines de mes.

A ese foro asistirán los líderes políticos de los siete países integrantes de esa alianza político-militar, entre ellos Gorbachov y Ceausescu, y aunque la agenda se desconoce, hay la expectativa sobre la posible adopción de nuevas posiciones conjuntas con vistas al desarme y las medidas de seguridad en Europa.

En ese sentido, se subrayan aquí tanto las iniciativas de la URSS para lograr un acuerdo que libre al viejo continente de los cohetes nucleares de alcance medio y de los misiles táctico-operativos, (cortos), como las proposiciones rumanas para la reducción de armamentos, tropas y presupuestos militares en Europa.

En cuanto a los vínculos bilaterales, cabe esperar que los interlocutores analicen nuevas formas de cooperación económica entre los dos países.

En medios de prensa soviéticos se han señalado las posibilidades de ampliación del intercambio mediante la entrega por la URSS de energéticos, maquinarias y equipos a cambio de productos de la industria ligera y alimenticia rumana.

Rumania, sometida actualmente a un régimen de "economía severa" debido a sus dificultades en esa esfera está haciendo grandes sacrificios para incrementar las exportaciones y tratar de resarcir su deuda externa.

Al mismo tiempo, mediante la aplicación de esa política de restricciones y racionalización, se adoptan medidas para consolidar y ampliar el desarrollo industrial y hacer avanzar el país hacia niveles superiores de modernización.

Al parecer, éstas son motivaciones para que el proceso de reestructuración que tiene lugar en la URSS se siga aquí con marcado interés; por lo que la población rumana expresa verdadera satisfacción ante la visita de Gorbachov.





Mijaíl Gorbachov y el líder rumano Nicolae Ceausescu se entrevistarán durante la visita del dirigente [illegible]

URSS
cruzar con Rumania

01.01

8705298

URSS: el mejor socio comercial de Uruguay



De acuerdo al Boletín de Prensa del Banco Central el intercambio comercial del país en el primer trimestre del año muestra un saldo comercial negativo de U$S 14.418.000, atribuible a un notable incremento de las importaciones respecto a igual período de 1986, pese a la disminución de las importaciones petroleras en un 60%.

En lo que respecta a los socios comerciales del país, la Unión Soviética es la nación con la cual Uruguay mantiene el mayor saldo comercial favorable en el trimestre.

Analizando los rubros de importación de mayor incremento se observa un crecimiento de los bienes de consumo duraderos importados, particularmente vehículos y electrodomésticos. El saldo comercial negativo de U$S 21 millones con Brasil está indicando el profundo cambio de tendencia en el comercio exterior al eliminarse la demanda agregada brasileña que caracterizó 1986.

CUADRO 1
INTERCAMBIO COMERCIAL A MARZO (EN MILES DE DOLARES)

	1986	1987	Variación
EXPORTACIONES	219,151	220,186	4,72%
Tradicionales	(109,162)	(100,127)	(-8,26%)
No tradicionales	(109,989)	(120,059)	(9,15%)
IMPORTACIONES	194,164	234,604	20,60%
Petroleras	(55,417)	(21,941)	(-60,41%)
No Petroleras	(138,477)	(212,663)	(53,27%)
SALDO COMERCIAL	24,987	-14,418	

Fuente: BCU

CUADRO 2
BALANZA COMERCIAL ORDENADA POR PAISES CON MAYOR SALDO FAVORABLE (EN MILLONES DE DOLARES)

	1986		1987		Saldos	
	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	1986	1987
URSS	15,5	0,3	16,7	1,1	15,2	15,6
Reino Unido	12,1	4,7	14,3	7,2	7,4	7,1
EE.UU.	17,0	11,9	24,3	18,4	5,1	5,9
Rep. Popular China	8,5	0,2	5,8	0,4	8,3	5,4
Taiwán	1,7	1,1	3,2	1,9	0,6	1,3
Argentina	14,6	37,2	20,4	33,1	-22,6	-12,7
Brasil	62,3	47,4	40,6	61,8	14,9	-21,2
México	1,5	18,2	1,5	20,9	-16,7	-19,4

Fuente: BCU

CUADRO 3
IMPORTACIONES DE MAYOR REGISTRO DE VARIACION DE 1986 A 1987 (EN MILES DE DOLARES)

	1986	1987	Variación
Petróleo y derivados	55.417	21.941	-60,41%
Metales comunes y sus manufacturas	8.904	16.076	80,55%
Máquinas y aparatos, material eléctrico	30.723	57.690	87,77%
Vehículos terrestres	9.726	25.292	160,05%
Instrum. y aparatos de óptica, fotografía, etc.	4.084	7.242	77,33%

Fuente: BCU

Según se indica en el Cuadro 1 el país tuvo un balance comercial negativo por U$S 14.418.000 en el primer trimestre de 1987. Mostrando un sustancial cambio de tendencia respecto a igual período de 1986 donde el saldo comercial había sido favorable por U$S 24.987.000.

Este saldo negativo podría haber sido aún mayor si no hubiera existido una contracción importante de las importaciones petroleras pese al aumento del precio del petróleo.

Esta disminución de las importaciones petroleras (60,41% menos del monto en dólares importado el año pasado en igual trimestre) se justifica por el importante stock de crudo que formó el país en 1986 aprovechando la caída de los precios del petróleo. Seguramente en los trimestres siguientes las importaciones petroleras experimentarán una marcada tendencia a subir, reflejando el aumento internacional de precio operado en este año en el petróleo crudo.

Las importaciones no petroleras aumentaron un 53,27% respecto al primer trimestre de 1986 y las exportaciones totales lo hicieron en un 4,72%, contrarrestando el incremento del 9,15% de las exportaciones no tradicionales la disminución del 8,26% de las exportaciones tradicionales.

La tendencia depresiva de las exportaciones tradicionales es atribuible fundamentalmente a la disminución de las exportaciones cárnicas, al bajar —medido en términos de carne en canal— la exportación de carne enfriada de 21.257 toneladas en el primer trimestre de 1986 a 2.348 toneladas en 1987, mientras la carne congelada bajó de 34.253 toneladas a 13.331 toneladas y la carne en conserva lo hizo de 4.384 toneladas a 1.859 toneladas.

Seguramente la disminución de las exportaciones cárnicas respecto a 1986 se mantendrá por todo el presente año ya que no obedece a dificultades de mercado sino a falta de stock ganadero preparado para exportación en el país.

SALDOS COMERCIALES POR PAIS

De acuerdo a la información del Banco Central la URSS es el país con el cual Uruguay mantiene el mayor saldo comercial favorable, ya que en el primer trimestre —como se indica en el cuadro 2— la URSS compró productos uruguayos por un importe de U$S 15,2 millones y sólo vendió por U$S 1,1 millón. Ello permitió que se lograra un saldo favorable en el trimestre de U$S 15,6 millones, muy similar a los U$S 15,2 millones logrados en el primer trimestre del año pasado.

Luego de la Unión Soviética el mayor saldo favorable lo logró el país con el Reino Unido con U$S 7,1 millones, mientras que con EE.UU. el saldo favorable fue solamente de U$S 5,9 millones, también muy similar al logrado en el primer trimestre de 1986 que fue de U$S 5,1 millones.

La Hora 29/5/87

Un resultado importante se obtiene comparando los resultados de las relaciones comerciales con la República Popular China y Taiwán. Mientras con la República Popular China el saldo comercial es de U$S 5,4 millones favorable a nuestro país, el saldo con Taiwán es de apenas U$S 1,3 millones, siendo las compras totales de dicho país a Uruguay U$S 3,2 millones en el trimestre. En consecuencia es mucho el esfuerzo publicitario de Taiwán para que Uruguay siga integrando el pequeño grupo de naciones con el que mantiene relaciones diplomáticas, pero nulo el resultado comercial para nuestro país de tal actitud.

BRASIL, ARGENTINA Y MEXICO LOS PEORES

Los saldos comerciales más desfavorables los obtuvo nuestro país con Brasil, Argentina y México, con saldos negativos por U$S 12,7 millones, U$S 21,2 millones y U$S 19,4 millones, respectivamente.

En lo que respecta a Argentina el saldo negativo es menor que el de igual período del año 1986 —U$S 12,7 millones contra 22,6 millones de dólares—; mayor el saldo negativo con México —U$S 19,4 millones contra U$S 16,7 millones en 1986— y mucho peor el saldo con Brasil, pasando de un saldo trimestral favorable de U$S 14,9 millones en 1986 a un saldo negativo de U$S 21,2 millones en el primer trimestre de 1987.

La modificación de tendencia del saldo con Brasil está indicando con claridad que se terminó el efecto favorable sobre nuestro comercio exterior de la demanda agregada brasileña, pese a que en la mayor parte del trimestre no existieron dificultades para obtener las guías de importación al país norteño que preocuparon a los exportadores uruguayos al comienzo del año.

CRECIMIENTO DE LAS IMPORTACIONES

El notable crecimiento de las importaciones no petroleras era previsible teniendo en cuenta la necesidad de mantener el nivel de actividad de 1986 en la industria manufacturera. Sin embargo, los ítems más dinámicos no fueron los de materias primas y tampoco los correspondientes a bienes y equipos industriales. Los mayores incrementos en las importaciones (cuadro 3) se centraron en la importación de bienes de consumo duraderos, manteniendo una tendencia ya observada en 1986 si consideramos el notable incremento de actividad de la industria automotriz.

La tendencia a incrementar el consumo de bienes de consumo duraderos, particularmente electrodomésticos importados y vehículos importados en buena medida refleja la falta de estímulo a la inversión productiva y el descenso de las tasas reales de interés que desestimularon en parte la inversión especulativa en el sistema financiero.

Q9

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Estados Unidos y la URSS aumentan sus fuerzas en el área del Golfo Pérsico.

PROCEDENCIA: 28/6/87

ARCHIVADO EN: IRAK (040)

01/01

8705301

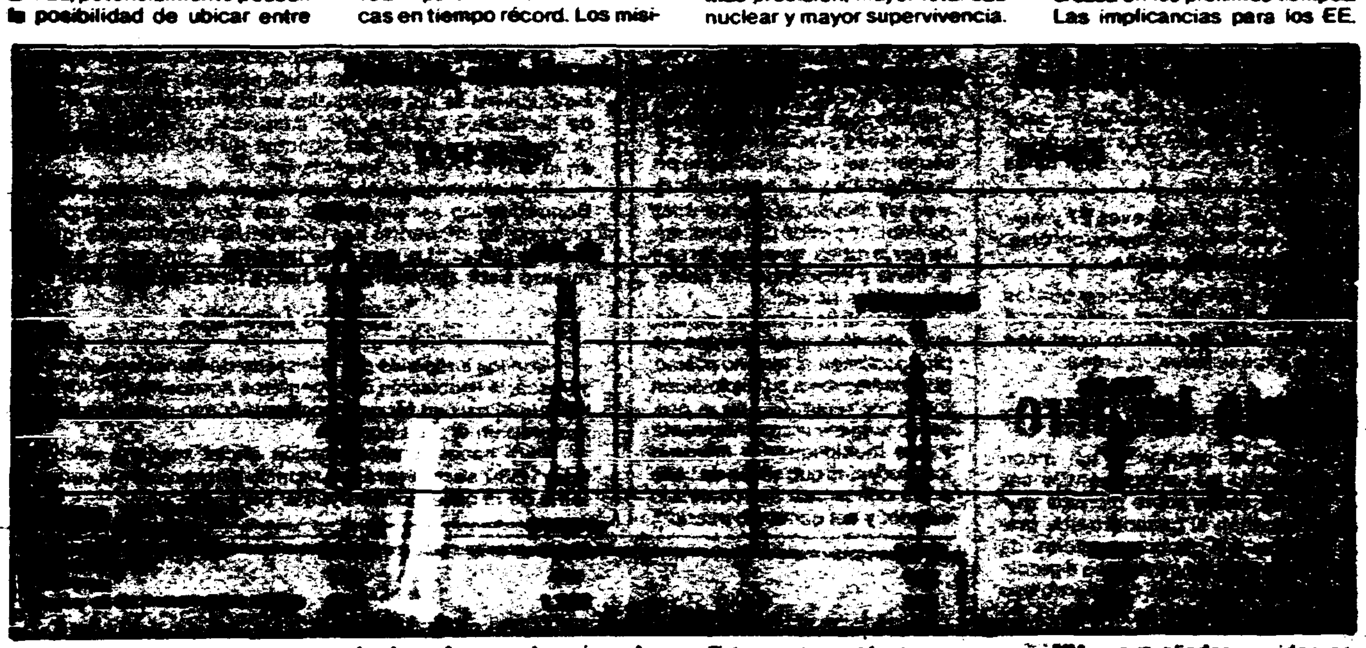
ULTIMAS NOTICIAS 4/6/87

Acrecientan fuerzas de ataque nuclear

Pese al interés de la URSS, recientemente renovado, en el control de armamento, continúa la producción soviética de armas nucleares estratégicas modernas y letales. Los soviéticos proceden con la construcción de los misiles balísticos móviles intercontinentales SS-25 (ICBM), dos misiles estratégicos submarinos absolutamente nuevos y un nuevo bombardero estratégico en estado de pruebas de vuelo, y también están desarrollando otra generación de misiles y de lanzamiento aéreo, marítimo y terrestre, de tipo nuclear. El misil crucero de lanzamiento aéreo AS-15 ya es operacional en más de cincuenta bombarderos BEAR H y los misiles SSC-X-4 de lanzamiento terrestre y SS-NX-21 de lanzamiento marítimo serán operacionales este mismo año. Estos adelantos, junto con las grandes mejoras en la puntería, la superviviencia y letalidad de la fuerza de misiles balísticos de corto alcance de la URSS, demuestran la dedicación soviética de modernizar su enorme arsenal nuclear.

LA dirección del desarrollo de la fuerza nuclear y de su comando, control y comunicaciones, está encargada para concretar una fuerza completamente integrada. Todos los elementos de la tríada pueden poseer, eventualmente, un potencial de blanco altamente letal. Estos adelantos están de acuerdo con la doctrina militar soviética.

La Unión Soviética, ahora, posee ubicadas alrededor de 10.000 armas nucleares estratégicas intercontinentales (entre cabezas nucleares y bombas) y para 1990, probablemente alcanzará las 12.000. Es probable que los soviéticos no amplíen sus fuerzas de ataque intercontinental en forma significativa, pero, al no tener límites en el control de armas, potencialmente poseen la posibilidad de ubicar entre



16.000 y 20.000 armas nucleares estratégicas hacia 1996. Además, esta fuerza será significaticamente más flexible, con mayores posibilidades de superviviencia y más efectiva. Por lo tanto, cuantitativa y cualitativamente, los soviéticos mejorarán su capacidad para *dar el primer golpe* y su habilidad para pelear una guerra nuclear larga, con la ayuda de la ubicación de sistemas más precisos y con mayores posibilidades de supervivencia.

En la fuerza terrestre, el desarrollo de los poderosos y letales misiles seguidores SS-18 y los misiles basados en silos SS-X-24, ambos probablemente mucho más confiables y certeros que los anteriores sistemas, aumentarán la letalidad de la fuerza nuclear de la URSS. El SS-X-24, movido por rieles y el SS-25 movido por carretera, proveerán a los soviéticos con sistemas de alta posibilidad de superviviencia para operaciones extendidas en el tiempo. Realmente, el SS-25 puede ser el arma de reserva más perfecta para una guerra de esas características. Posee un solo movimiento de repetición y por lo tanto es fácilmente recargable.

Quizá el crecimiento más notable tomará lugar dentro de la fuerza de misiles balísticos y de crucero del tipo submarino. Para 1995, esta fuerza crecerá del mero 20 % que es hoy día dentro de las fuerzas nucleares soviéticas, al 30 %. Esta futura fuerza submarina será más callada y de mayor respuesta, debido a sus mejores comunicaciones, y por supuesto, mucho más efectiva. Apoyada por un sistema de comunicaciones de frecuencia extremadamente baja, el DELTA IV podría ser tan capaz como un ICBM para destruir miras críticas en tiempo récord. Los misiles basados en submarinos darán a los soviéticos otra arma que los sistemas de comando, control y alarma temprana de los EE.UU. *deberán rastrear.*

La aviación estratégica está efectuando un fuerte retorno en la Unión Soviética. El BACKFIRE, el BEAR H, y en un futuro cercano, el BLACKJACK, proveerán a los soviéticos con la habilidad de atacar a los Estados Unidos a través de múltiples vías. Los soviéticos poseerán la capacidad de enviar cientos de misiles AS-15, difíciles de detectar y con mucho poderío letal, en sus BEAR H y sus BLACKJACK. Además, el BLACKJACK será capaz de conducir operaciones de reconocimiento y ataque en una guerra nuclear que dure más allá del intercambio misilítico inicial. Los soviéticos asimismo, están mejorando sensiblemente su apoyo de comunicaciones para estas fuerzas.

Con los misiles balísticos móviles SS-20 de alcance intermedio, cada uno de los cuales posee tres cabezas nucleares que buscan miras independientes, los soviéticos han mantenido su capacidad de ataque nuclear tanto contra teatros europeos como asiáticos. Al mismo tiempo, la *movilidad inherente en el* diseño de los SS-20 les ha permitido un nivel de imposibilidad de detección y una superviviencia sin paralelo.

De las 441 plataformas de lanzamiento de los SS-20 ya operacionales, aproximadamente dos tercios enfrentan a la NATO desde el oeste de la URSS, y el resto están ubicadas en el lejano este soviético. En lugar de aumentar el tamaño de su fuerza de SS-20, ya bastante nutrida, los soviéticos se lanzarán muy probablemene a buscar más precisión, mayor letalidad nuclear y mayor supervivencia. Estas mejoras técnicas ya están siendo integradas a una nueva y mejorada versión del SS-20 que podría ser operacional *este mismo año.*

Sumándose a la amenaza que supone la fuerza misilística de los SS-20, los soviéticos continúan desarrollando un nuevo tipo de misil crucero de ataque desde tierra: el SS-X-4 de lanzamiento desde tierra y el SS-NX-21 de lanzamiento desde el mar. Cuando se coloquen, en el correr de esta misma década, estos misiles agregarán otra dimensión a la amenaza soviética, brindada por sus fuerzas nucleares de alcance intermedio (LRINF), tanto para la NATO como para Asia. La nueva generación de misiles crucero, problablemente complementará tanto a los bombarderos soviéticos como a los SS-20 en los teatros continentales que rodean a la URSS, componiendo un medio de defensa aérea bastante dificultoso de rastrear en tiempos de guerra. Las potenciales mejoras en la precisión de los futuros misiles crucero, permitirá que los blancos sean golpeados con mayor precisión que la que los actuales misiles balísticos logran obtener. La ubicación *de esos misiles crucero*, liberará a un considerable número de bombarderos soviéticos, ahora ubicados en distintos teatros estratégicos, para que puedan llevar a cabo misiones de ataque con armas químicas o con municiones convencionales mejoradas.

La Unión Soviética también está realizando sustanciales adelantos para mejorar su gran fuerza de misiles balísticos de corto alcance. Esta fuerza, que cuenta con más de mil lugares de lanzamiento, se espera que crezca en los próximos tiempos. Las implicancias para los EE.UU. y sus aliados, residen no solamente en el número de misiles y las mejoras en la puntería de éstos y su multiplicidad de cabezas nucleares, sino en la ubicación potencial de esos misiles. El comando soviético podrá lanzar un ataque devastador a las profundidades de la retaguardia de cualquier teatro. Esta precisión de los misiles y el potencial de cabezas de guerra no nucleares, permitirá a un reducido número de misiles, atacar cualquier blanco aislado con la misma confianza en su destrucción que anteriormente estaba asociada a mayores y más importantes cantidades de ataques debidos a sistemas más viejos; y esta combinación podría permitir a los soviéticos hacer todo ese daño sin traspasar la barrera nuclear.

La literatura soviética refleja comprensión de la necesidad de poseer armas que ataquen las reservas, con precisión en los blancos, en sus análisis y en

sus golpes; de tener comando y control de las estructuras de comunicación; y de poseer la infraestructura logística con alta responsabilidad. La constante mejoría en la precisión y en la capacidad de las cabezas de guerra de los misiles de corto alcance, su corto período de vuelo y su relativa invulnerabilidad durante el mismo, hacen de él un arma ideal para el ataque. Los soviéticos seguramente buscarán mayores refinamiento en la precisión de esos misiles. Estas armas son una fuerza potencialmente devastadora contra el Oeste.

LA DOCTRINA Y LA ESTRATEGIA NUCLEAR

Los líderes soviéticos, desde la década del 60, han seguido la política de desarrollo de sus fuerzas de ataque nuclear. El liderazgo soviético, sin embargo, reconoce las devastadoras consecuencias de una guerra nuclear total. En una guerra nuclear, la estrategia soviética sería la de destruir las fuerzas nucleares enemigas antes de sus lanzamientos o durante el vuelo; reconstruir la URSS, si algunas de esas armas nucleares llegan hasta tierra soviética; y apoyar y mantener combates con armas combinadas en varios teatros de operaciones militares. Varias misiones de alto nivel estratégico requerirán:

- la interrupción y destrucción de los comandos, controles y capacidades de comunicación y reconocimiento del enemigo;
- la destrucción o neutralización de las fuerzas nucleares enemigas en tierra o en aire antes de que sean lanzadas;
- la protección del liderazgo soviético y sus cuadros, de las fuerzas militares, de los asentamientos militares y económicos necesarios para mantener la guerra y, dentro de lo posible, de la población en general.

Las fuerzas estratégicas o las ubicadas en los teatros y los programas ya operacionales o en activo proceso de desarrollo, diseñados para lograr estos objetivos, incluyen:

- ICEM capaces de lograr blancos difíciles, nuevos misiles de lanzamiento submarino (SLBM), misiles balísticos LRINF y misiles crucero basados en tierra;
- sistemas de misiles de corto alcance INF (SRINF) y fuerzas de ataque nucleares de corto alcance (SNF), ubicados junto a tropas de combate;
- bombarderos y misiles crucero de lanzamiento aéreo (ALCM) diseñados para penetrar en los sistemas de defensa de los EE.UU. y sus aliados;
- grandes números de misiles crucero de ataque desde tierra y antibarcos, ubicados en varias plataformas;
- fuerzas de guerra antisubmarina (ASW) para atacar a los misiles balísticos submarinos del tipo nuclear del Oeste (SSBN) y asimismo proteger a los SSBN soviéticos;
- defensas aéreas y misilísticas, incluyendo satélites de alerta temprana y radares, aviación interceptora, misiles superficie-aire (SAM), misiles antibalísticos (ABM) y alguna artillería antiaérea;
- armas antisatélites;
- fuerzas de defensa pasiva, incluyendo fuerzas de defensa civil y tropas de contraataque y equipo dedicado a confundir a la fuerza aérea atacante;
- miles de facilidades más resistentes, vehículos de comando y planes de evacuación, diseñados para proteger a los staffs del Partido, a los militares, al gobierno y a la industria, a los trabajadores esenciales y, dentro de lo posible, a la población en general, y:
- varias y redundantes redes de comunicaciones.

Llevar a cabo una guerra terrestre en Eurasia y eliminar la capacidad estadounidense de pelear y ayudar en un conflicto de tal naturaleza requerirá la capacidad de emplear fuerzas de teatro y estratégicas en una variedad de alcances, así como la destrucción de:

- asentamientos de comando y control militar;
- industrias de apoyo a la guerra, arsenales y las grandes facilidades militares;
- puertos y aeropuertos en los Estados Unidos y a lo largo de las rutas aéreas y marítimas hacia teatros de guerra en Europa y Asia; y
- sensores de vigilancia de satélites, sensores de vigilancia, basados en tierra y facilidades de comunicación, relacionados con ellos.

Las fuerzas nucleares soviéticas están diseñadas y su personal está entrenado para cumplir sus misiones bajo cualquier circunstancia. Los líderes soviéticos aparentemente creen que la guerra nuclear duraría semanas o acaso meses, por lo que han incluido esta posibilidad en su planeamiento de fuerzas. Pese a la retórica pública alegando su apoyo a la no utilización de armas nucleares, los soviéticos han desarrollado extensos planes para la utilización, primero que nadie, de armas nucleares, para prevenir cualquier uso similar de otras naciones.

Las claves para el uso exitoso de las armas nucleares antes que nadie, sería un espionaje cuidadoso de las intenciones enemigas y la coordinación efectiva del golpe. Cumplir estas demandas en guerra requiere poseer comando, control y comunicaciones confiables bajo cualquier circunstancia.

La circunstancia de un lanzamiento bajo ataque pondría gran estrés en los sistemas de alerta y en la coordinación de lanzamiento. Para cumplir con estos requerimientos de una contingencia de lanzamiento bajo ataque, los soviéticos han establecido un sistema de alarma muy elaborado. Se han construido satélites, radares sobre el horizonte y otros sistemas de alarma temprana, que dan a la URSS la capacidad de saber con certeza y responder efectivamente a cualquier ataque nuclear. Estos sistemas de alarma darían a la URSS tiempo suficiente para lanzar sus fuerzas con mucha rapidez.

Los ataques siguientes requerirían la supervivencia no solo de las grandes armas, sino también de los sistemas de comando, control y comunicaciones. Los soviéticos han invertido mucho dinero en estas supervivencia. Los ICBM SS-17, SS-18 y SS-19, están albergados en los silos operacionales más duros del mundo. Este tipo de silos también fue adoptado para los ABM. Para aumentar su supervivencia, los soviéticos diseñaron el misil LRINF SS-25 móvil. El SS-25 móvil está siendo ubicado y el desarollo del SS-X-24 movil continúa sin tropiezos. El SA-X-12B/GIANT, con alguna capacidad contra misiles balísticos estratégicos, también es móvil. Las facilidades de control de lanzamiento para misiles de ofensiva, están albergadas en silos muy resistentes o en vehículos ubicados fuera de las carreteras. Las comunicaciones son redundantes y han sido mejoradas, tanto contra posibles daños explosivos, como contra daños en sus pulsos electromagnéticos. Los altos mandos poseen múltiples puestos de comando móviles alternados para su utilización, incluyendo vehículos terrestres, trenes, aviones y barcos. Los bombarderos están asignados en aeropuertos dispersos. Los submarinos operacionales con misiles balísticos, estarán dispersados, mientras que serán protegidos por fuerzas de superficie, aire y submarinas. Aquellos que no están listos todavía para su utilización, podrían ser escondidos en cavernas o sumergidos en profundos fiordos a poca distancia de sus puertos.

La creencia que una guerra nuclear puede ser larga, ha fortalecido el énfasis soviético en la supervivencia y sustantibilidad de su sistema de armamento nuclear. Para sus fuerzas de ICBM, LRINF, SRINF, SNF, SLBM y aéreas de defensa, los soviéticos han estoqueado misiles extra, propelentes y cabezas de guerra por todo el territorio de la URSS. Algunos silos de lanzamiento de ICBM pueden ser recargados, y se han tomado previsiones para la descontaminación de esos lugares de lanzamiento. Los planes para la supervivencia del equipo y del personal necesario, han sido desarrollados y practicados. Existen sistemas de reabastecimiento para recargar a los SSBN en aguas protegidas.

Como parte de este ambicioso desarrollo y de sus programas de ubicación de armas, los soviéticos continúan modernizando todos los elementos de sus fuerzas de ataque nuclear. Al mismo tiempo, el liderazgo ha venido concertando una campaña de apoyo para avivar los movimientos antinucleares en el Oeste, para así influenciar, retrasar o frustrar los programas nucleares de Occidente.

Las fuerzas de ataque intercontinental soviéticas y estadounidenses

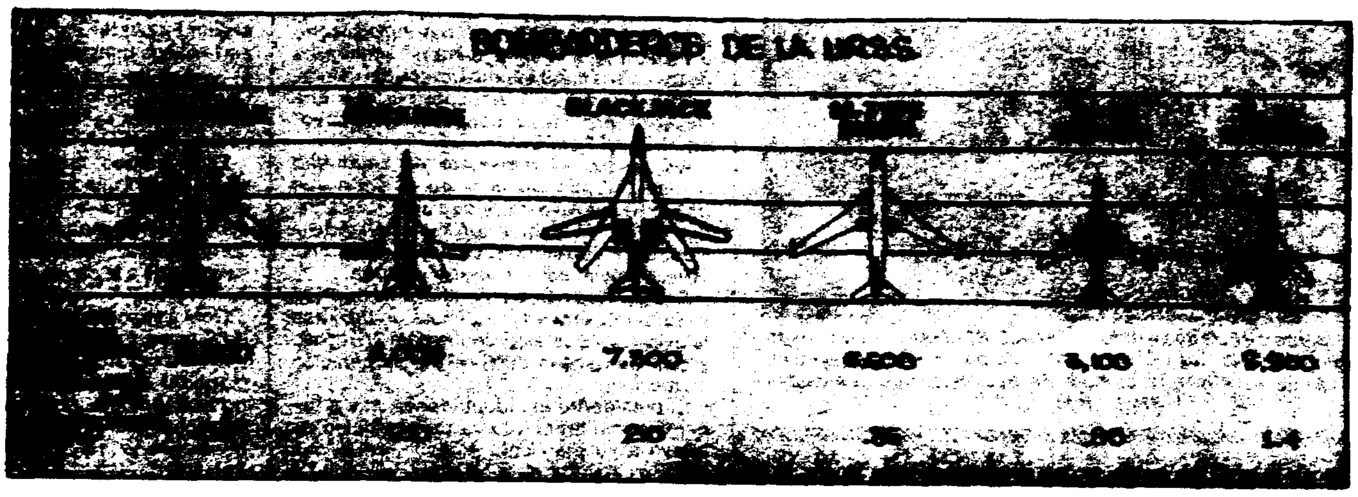
MISILES BALÍSTICOS INTERCONTINENTALES

La fuerza soviética operacional de ICBM consiste en alrededor de 1.400 silos y plataformas de lanzamiento, aparte de aquéllos ubicados en lugares de prueba. Alrededor de 818 de los silos de lanzamiento han sido reconstruidos desde 1972. Casi la mitad de estos silos son nuevas versiones de los diseños originales, y han sido reconstruidos o modificados durante los últimos 7 años. Estos silos contienen los misiles ICBM MIRVed más modernos construidos por los soviéticos: el SS-17 Mod 3 (150 silos), el SS-18 Mod 4 (308 silos) y el SS-19 Mod 3 (360 silos. La construcción de estos ICBM, modificados, comenzó hace 8 años.

Los muy precisos SS-18 llevan cabezas mucho mayores que el Peacekeeper, el misil más moderno construido por los EE.UU. El SS-18 Mod 4 lleva al menos 10 cabezas nucleares. Fue diseñado para atacar y destruir misiles balísticos intercontinentales y otros blancos duros en los Estados Unidos. El SS-18 Mod 4 posee una fuerza que puede destruir del 60 al 80 por ciento de los silos estadounidenses, utilizando dos cabezas nucleares contra cada uno. Aún después, de este tipo de ataque, más de mil cabezas de SS-18 estarían disponibles para otros ataques contra blancos en los EE.UU. El SS-19 Mod 3, aunque menos preciso que el SS-18, tiene una capacidad de destrucción muy significativa contra todo, menos quizá los silos muy duros. También podría ser utili-



En 1986, muchos bombarderos de largo alcance Blackjack, como éste, fueron construidos en la planta de Kazan y de inmediato entraron en servicio. La continua introducción de nuevas generaciones de fuerzas ofensivas nucleares de los soviéticos, incluyendo estos aviones, portadores de misiles Crucero, contribuye a conformar una creciente amenaza contra las fuerzas de Estados Unidos y sus aliados





zado contra blancos en Eurasia. Pese a que el SS-17 es algo menos destructivo que el SS-19, tiene una flexibilidad de blanco similar.

Los restantes silos de misiles balísticos intercontinentales soviéticos están pertrechados con SS-11 modelos 2 y 3 y con SS-13 mod 2. Estos misiles del tipo más viejo, se albergan en silos con menos posibilidades de supervivencia y están considerados como menos capaces. Sin embargo, su potencial destructivo contra blancos más blandos en el área de los EE.UU. y Eurasia, es significativo, considerado en términos de muchos de los requerimientos soviéticos mencionados antes.

El más reciente desarrollo dentro de la fuerza operacional de misiles intercontinentales soviéticos fue la construcción del misil SS-25, posible de movilizar en carretera. El SS-25 es casi del mismo tamaño que el misil intercontinental norteamericano Minuteman. Lleva un único vehículo de recarga y está siendo instalado en una configuración móvil similar a la del SS-20. Como éste, será altamente capaz de sobrevivir y posee su inherente capacidad de volver a hacer fuego. Las bases para el SS-25 están en operación y consisten en garages de lanzamiento equipados con techos móviles y varios edificios de apoyo que albergan el equipo necesario.

Los programas de construcción de estos misiles albergados en silos en la URSS, están completos. Los sistemas de comando, control y comunicaciones que apoyan la fuerza misilística soviética son modernos y de gran posibilidad de supervivencia, y la confiabilidad de los misiles mismos regularmente es chequeada con blancos móviles, incluso algunas pruebas han sido realizadas desde complejos operacionales.

Algunos de los misiles albergados en silos de la fuerza soviética que no son reemplazados con misiles nuevos o modificados serán, de acuerdo con pasadas experiencias, remozados para aumentar su vida útil y su confiabilidad. Durante este proceso, quizá se realicen algunas modificaciones a sus sistemas.

Desarrollo de las fuerzas. La investigación y el desarrollo soviético de los ICBM es un proceso dinámico que abarca varios programas. La construcción de los SS 25 marca un importante punto de partida en los desarrollos misilísticos soviéticos, brindando misiles con propelentes sólidos y modelos móviles. Versiones modernizadas o nuevos reemplazos para los SS-18, muy posiblemente se efectuarán en los silos existentes, antes de fines de esta centuria. Realmente, un nuevo misil intercontinental que reemplazará al SS-18, ya entró en la etapa de pruebas de vuelo.

Aparentemente, los soviéticos están planeando un nuevo propelente sólido para sus ICBM que servirá a muchos requerimientos de futuras misiones. Ya poseen dos nuevos ICBM con propelentes sólidos: el SS-25 móvil ya descrito, que está siendo instalado ahora y el SS-X-24. El SS-X-24 —casi del mismo tamaño que el estadounidense Peacekeeper—, ya está en la etapa de pruebas de vuelo. La ubicación en módulo móvil sobre rieles del SS-X-24 se espera que comenzará a fines de este año, con su ubicación en silos siguiéndole muy pronto.

Se anticipa que habrá misiles que sigan al SS-X-24 y al SS-25. Ambos misiles deben poseer mayor puntería y mayor potencia de destrucción que sus predecesores. El que siga al SS-25 se desarrollará con múltiples cabezas nucleares. Esta mejora expandirá aún más la gran cantidad de cabezas nucleares que poseen en su inventario los soviéticos. Para mediados de la década del 90, la fuerza misilística soviética habrá sido íntegramente reemplazada por nuevos sistemas.

MISILES BALISTICOS DE LANZAMIENTO SUBMARINO

Los soviéticos mantienen la mayor fuerza misilística submarina del mundo. A comienzos de este año, la fuerza se componía de 61 submarinos, llevando 916 misiles del tipo nuclear. El total de misiles no incluye los seis misiles ubicados en el submarino de misiles balísticos GOLF III o los seis ubicados en el submarino HOTEL III. Ningún total incluye a los 13 submarinos más viejos GOLF II, con 39 misiles, que habitualmente están asignados a distintas misiones en diferentes teatros. Veintiún submarinos están cargados con 352 misiles balísticos con cabezas nucleares. Estas 21 unidades han sido construidas y puestas en servicio en los últimos 10 años. Dos tercios de los submarinos con misiles balísticos están equipados con misiles intercontinentales de largo alcance, incluyendo los equipados con misiles con cabezas nucleares, lo que permite a los submarinos patrullar en aguas cercanas a la Unión Soviética y estar protegidos de las operaciones militares de los submarinos de la NATO. Además, los misiles de largo alcance permitirían a los soviéticos disparar desde puertos de su tierra y aún así, alcanzar blancos en los EE.UU.

Cinco unidades de la moderna flota submarina soviética, los TYPHOON, han sido construidas y puestas en funcionamiento. Cada TYPHOON lleva 20 SS-N-20 de propelente sólido, misiles intercontinentales con cabezas nucleares. El TYPHOON es el submarino más grande del mundo, con un desplazamiento aproximadamente un tercio mayor que el de los submarinos norteamericanos del tipo Ohio. Puede operar bajo la capa de hielo del océano Artico, agregándose la protección a 8.300 quilómetros de distancia de sus misiles balísticos intercontinentales SS-N-20. Dos o tres TYPHOON, con un tonelaje adicional de 25 mil metros cúbicos, posiblemente se están construyendo y serán operacionales a comienzos de la década del 90.

Los soviéticos desde 1978 han quitado de servicio como portadores de misiles a 15 submarinos del tipo YANKEE, desmantelando sus equipos de lanzamiento. Estas unidades fueron quitadas de servicio a medida que se fueron produciendo nuevos submarinos, para que la fuerza submarina soviética contara, dentro de los límites establecidos en 1972, con 62 modernos submarinos con 950 misiles balísticos intercontinentales.

En un accidente que recibió amplia cobertura, los soviéticos perdieron un submarino de clase YANKEE en el Atlántico, cerca de Bermuda, en 1986. El barco sufrió serios daños en su estructura a causa de una explosión, posiblemente del combustible de misiles de tipo volátil. La pérdida de esta unidad tuvo un impacto negativo en las fuerzas estratégicas soviéticas.

Desarrollo de las fuerzas. Los soviéticos pusieron en funcionamiento cuatro unidades de un nuevo tipo de submarino nuclear, el DELTA IV, que posee misiles intercontinentales SS-N-23. Este misil balístico intercontinental, más grande, y de propelente líquido, posee gran capacidad de tiro, porta más cabezas nucleares (10 en lugar de 7) y puede ser más preciso en su puntería que el SS-N-18, que es el que cargan habitualmente los submarinos del tipo DELTA III. Dos DELTA IV más, están construyéndose. Un nuevo tipo de submarinos es posible que entre en la fuerza a comienzos de la década del 90.

Los soviéticos probablemente comenzarán las pruebas de vuelo de una versión modificada del SS-N-20. Además, basados en la experiencia soviética, probablemente se desarrolle una versión modificada del SS-N-23 en la siguiente década. Las versiones modificadas de estos misiles, muy posiblemente serán mucho más precisas y poseerán mucho mayor poder de destrucción que sus predecesores, y eventualmente podrían proveer a los soviéticos con ICBM, submarinos con capacidad contra blancos duros.

Para asegurar la confiabilidad de las comunicaciones, los soviécos han instalado un sistema de comunicaciones de bajísima frecuencia (ELF), que les permitirá contactarse con sus misiles balísticos submarinos bajo la mayoría de las condiciones operativas. Además, poseen un marco aéreo de aviones BEAR especialmente equipados, los BEAR, que pueden desarrollar una misión similar utilizando comunicaciones VLF.

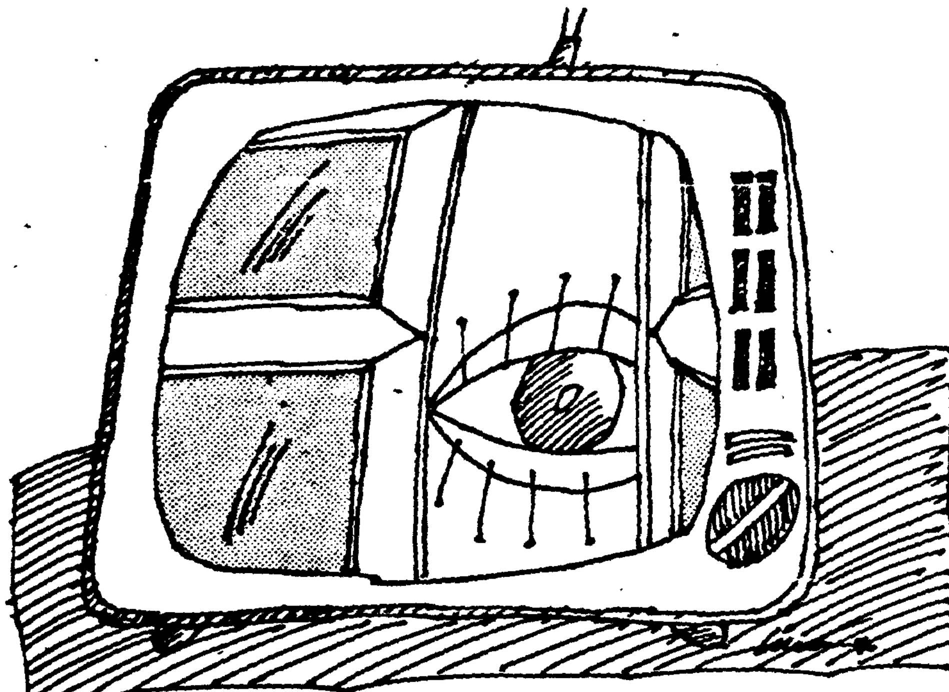
ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Un discurso "inamistoso"

PROCEDENCIA: Clarín 25/3/81

ARCHIVADO EN: GRAN Bretaña (013)

01.01 8705314



GORBACHOV: LOS MEDIOS DE MASAS Y LA PROPAGANDA

APERTURA INFORMATIVA: PREMISA DE LA DEMOCRACIA

10/4/87

El Popular

LA prensa hace bien en mostrar la nueva etapa de la reestructuración como un proceso difícil, complicado y dialéctico, señaló M. Gorbachov. No hay que simplificarlo. Hay que mostrar las cosas tal como son. No todo marcha [illegible] lo nuevo nace y se reafirma en la [illegible] se comprueba en la práctica. El proceso de la reestructuración cobra pujanza en todas las vertientes, adquiriendo la forma de una línea política concreta, que afecta los intereses de mucha gente. Hay personas para las que la reestructuración es una empresa difícil, pero están conscientes de que no hay otra opción. Todo el mundo ha de aprender a obrar según nuevos criterios. Lo reclaman los intereses vitales del pueblo, del socialismo. No hay alternativa a la reestructuración. La opción renovadora es fruto de nuestros afanes. Hay que respaldarla, hay que defenderla, hay que desplegarla y llevarla adelante.

Debemos vivir y obrar según los dictados de la conciencia, buscar posibilidades de mejorar nuestra labor, poner mayor empeño en el trabajo. Me gusta esta frase: poner mayor empeño. Si todo ello llega a lo más hondo de la mente y del corazón, cada cual será capaz de poner mayor empeño en la tarea encomendada.

EL FACTOR HUMANO

Aquí adquiere su justa dimensión la importancia del factor humano. Coincidimos en lo fundamental: hay que reforzar la identidad del hombre, su espíritu y sus convicciones. Es difícil vivir y trabajar con doble conciencia. En este caso el hombre pierde los puntos de referencia y queda al margen del proceso renovador. Es inadmisible destruir el mundo espiritual del individuo, hay que potenciarlo y apuntalarlo. Si la conciencia existe, todo saldrá bien. Debemos obrar con energía y dedicación para alcanzar metas propuestas. Todo el potencial de la cultura debe ser puesto al servicio del hombre.

Los materiales del Pleno son un programa de acción del Partido por muchos años. Al mismo tiempo es programa de la labor de la prensa. De estudiar con profundidad los materiales del Pleno, uno vería bien claro las vías para resolver el problema cardinal del desarrollo socialista: situar la sociedad soviética a un nivel cualitativamente nuevo.

MAS SOCIALISMO Y MAS DEMOCRACIA

Las tareas claves del Pleno de enero, desde el punto de vista de la solución de todos los problemas, son: desarrollar la democracia; democratizar la economía, la política y la vida interna del Partido. Pero sobre las bases socialistas. No en detrimento del socialismo sino en sentido de mayor socialismo, no en detrimento de la democracia sino en sentido de mayor democracia, no en detrimento de la moral socialista sino en beneficio de la moral socialista.

He aquí la esencia del proceso de la reestructuración.

Las ideas del Pleno requieren un trabajo diario, permanente, profundo y creador. Lo principal es ponerlas en práctica, concretar en hechos. En este terreno a la prensa se le asigna un papel insustituible.

Debemos dialogar y consultar con el pueblo. Mantener estrecha unidad entre la acción del Partido y del pueblo. En nuestra sociedad todos están en la misma trinchera. Cierto es que distintas personas entienden a su manera el proceso de reestructuración y su lugar dentro del mismo. Poca gente se pronuncia abierta y francamente contra las tendencias renovadoras. Un grupo de personas no sabe cómo trabajar según criterios nuevos y no sabe cómo hacerlo en medio de las reformas. Hay que enseñarles a hacerlo y ayudarles.

Los colectivos de trabajadores discuten las resoluciones del Pleno, las respaldan plenamente con hechos concretos, lo que es de especial importancia para nosotros. Todos nosotros debemos obrar en este sentido. Más objetividad y menos divagaciones sobre la utilidad de las reformas; este debe ser el leit-motiv de los artículos en los medios de información masiva.

En la sociedad se están operando cambios profundos, de hecho, radicales. Requieren enormes esfuerzos, energía, iniciativa, actitud creadora ante la tarea encomendada; reclaman combatir perseverantemente la inercia y la rutina; imponen la necesidad de transformar la psicología de los cuadros, promover nueva mentalidad y el nuevo estilo de trabajo.

La prensa dispone de amplias posibilidades para hacer mucho en este sentido, pues es sensible ante lo nuevo y avanzado, tiene en su arsenal instrumentos tan poderosos como la crítica, la transparencia informativa y la propaganda de las experiencias de vanguardia.

Para nosotros reviste excepcional importancia la tarea de divulgar la experiencia del trabajo creativo en el proceso de la reestructuración. Los gérmenes de lo nuevo se abren camino con dificultad. Su extensión se ve entorpecida por las malas hierbas de la indisciplina, irresponsabilidad y pasividad. Decimos francamente: los medios de información masiva no prestan la debida atención a los gérmenes de lo nuevo.

LOS BROTES DE LO NUEVO

Hay promotores del proceso renovador; son verdaderos héroes de nuestra época. La prensa debe presentarlos como ejemplos a seguir, para que la gente se inspire en ellos en la lucha por las transformaciones revolucionarias de la sociedad. Nosotros debemos apoyar todo cuanto fortalece el socialismo, refuerce el espíritu del hombre y no lo aplaste, no lo desoriente. ¿Recuerdan la intervención de Lenin en el XI Congreso del Partido? Qué difícil era entonces la situación, pero cuán grande fue el optimismo que irradió.

En nuestra sociedad hay muchas personas y colectividades excelentes. ¿Por qué la prensa no les presta la debida atención?

Tenemos que proteger los brotes de lo nuevo para que echen raíces, crezcan tallos y para que el bosque tenga su renuevo desde abajo. El pueblo es el protagonista de la reestructuración. El pueblo, el hombre trabajador debe pasar a ser el personaje principal de la prensa, de los programas de televisión.

LA APERTURA INFORMATIVA Y LA DEMOCRATIZACION

Con la preocupación que el Partido muestra por las experiencias avanzadas tiene estrecha relación el problema de la transparencia informativa, del carácter franco de nuestra crítica. El Pleno de enero señaló que la apertura informativa es la premisa indispensable de la democratización de nuestra sociedad y una importantísima garantía de la irreversibilidad de los cambios iniciados.

Consideramos que los periódicos, la radio, la televisión, las revistas sociopolíticas y literarias han realizado buen trabajo para promover la franqueza informativa en tanto que norma de nuestra vida social.

Ahora quisiera abordar el problema de la crítica que siempre ha provocado y sigue provocando disputas y discusiones. La crítica es una medicina amarga, pero indispensable en caso de enfermedad. Uno frunce el ceño pero toma esta medicina. Están en error aquellos camaradas que consideran que la crítica se debe dosificar en el tiempo. Tampoco tienen razón los que opinan que ya hemos vencido los fenómenos de estancamiento y llegó el momento de "decir basta".

Abandonar las actitudes críticas significaría detener el avance y [illegible] el proceso de la reestructuración. No lo admitiremos. El Pleno lo subrayó con toda determinación. Qué será de nuestra vida si mediante la crítica, a través de la crítica, ante todo, de la crítica desde abajo, no vamos a comprobar nuestra justa política, combatir los fenómenos negativos, prevenir dichos fenómenos. Sin ello no me puedo imaginar la democracia. Pues la democracia comienza con la crítica. No camaradas: la apertura informativa, la crítica y la [illegible] nuestra política de principios, [illegible] de nuestra vida social. Todo el [illegible] debe tomar conciencia de ello.

La profundidad, el carácter analítico y constructivo y la veracidad de las críticas son harina de otro costal.

Respecto a eso no todo anda bien. La renovación y la democratización de la vida en todos sus aspectos modifican los criterios y el carácter de la crítica. Pero un planteamiento sigue siendo indudable: la crítica siempre ha de ser partidista, basarse en la verdad, lo que depende de la firmeza de principios de los periodistas. Ni los periodistas ni la prensa en su conjunto pueden quedarse al margen de la reestructuración.

La crítica supone la responsabilidad; cuanto más dura es, tanto más responsable debe ser, pues uno u otro artículo no es un asunto personal del autor ni reflejo de sus complejos o ambiciones sino una cuestión social. Desplegando críticas, la prensa y la televisión deben lograr que se piense seriamente, mover a obrar y no a escribir los desmentidos.

Uds. han notado que el proceso de democratización modifica sustancialmente las relaciones entre quien critica y a quienes critican, entre quien contrata y a quienes contratan. Estas deben ser relaciones entre socios, tener por base el interés común. Aquí sería más apropiado el diálogo y son inadmisibles sermones de toda clase, el tono aleccionador y más aún, de mando. Pero en algunos casos, de ello pecan incluso autores competentes y prestigiosos. Nadie tiene el monopolio de la verdad. La prensa debe reflejar la opinión del pueblo. Pensar y obrar de otra manera no sería democrático.

La prensa ha de ser aún más eficaz, luchar sin tregua contra los holgazanes, codiciosos, contra quienes obran solo en interés propio y amordazan la crítica; la prensa debe apoyar más enérgicamente a cuantos se vuelcan para impulsar el proceso de la reestructuración. En este terreno mucho depende de los comités de Partido. Tal como es la prensa distrital y urbana, así es la actividad de los comités distritales y urbanos de Partido, pues muestra la fisonomía política y la actitud ante la renovación.

Quisiera poner énfasis en el siguiente aspecto. La reestructuración está

VIENE DE LA PAGINA ANTERIOR

llamada a unir y movilizar a la gente y no a desunirla; hay que evitar que la gente se sienta ofendida e insegura de sus propias fuerzas. La reestructuración de la sociedad es la lucha por la dignidad del hombre, por su honor, por enaltecer al individuo. Es inadmisible cuando el periodista no critica sino humilla al hombre. Y los periodistas así, se consideran partidarios del democratismo, luchadores contra lo viejo y obsoleto, pero en la práctica cuelgan etiquetas insultantes. Nuestra época a nadie otorga tal derecho.

En otros términos, solo basándose en la plena verdad, la crítica puede ser instrumento eficaz de la reestructuración. Quisiera decirles francamente que elementos de subjetivismo, parcialidad, inexactitudes en la crítica perjudican el proceso de renovación, beneficiando solo a quienes se oponen a los cambios.

En el XXVII Congreso sometimos a duras críticas las prácticas cuando los organismos de Partido muy a menudo se dedicaban a los problemas económicos, de servicios y de abastecimiento. En aquella ocasión subrayamos que los comités de Partido son, ante todo, organismos de dirección política.

Lamentablemente, un año después, la prensa sigue ateniéndose a viejos criterios. Si en algún lugar faltan clavos, se echa la culpa al comité urbano de Partido. Si hay un charco en medio de la carretera, tiene la culpa el comité regional de Partido. Si surgen dificultades en el transporte, le achacan la responsabilidad al Comité Central del Partido Comunista de la República. No se puede culpar de todo a los comités de Partido.

En nuestra sociedad las responsabilidades están delimitadas: los organismos económicos, los sindicatos y los Soviets deben cumplir las funciones que tienen. Hay que presentar mayores exigencias a cada cual por la tarea encomendada, evitar que todos se refugien detrás del paraguas del Partido. De ser así, lograremos acelerar nuestro desarrollo.

EL APORTE DE CADA INDIVIDUO

El XXVII Congreso del Partido planteó en su justa dimensión el problema de la justicia social. Y es correcto. En el socialismo el trabajo es la base de la justicia social, puesto que tan solo el trabajo determina el lugar que ocupa el hombre en la sociedad, determina su condición social, lo que debe excluir totalmente el igualitarismo.

Lamentablemente, en nuestra sociedad hay personas que quieren ganar más trabajando menos. ¿Acaso es justo cuando el hombre que trabaja honestamente cobra lo mismo que una persona cuyo único propósito es eludir el trabajo?

A veces en la prensa aparecen tales ejemplos. Ciertos periódicos comienzan a contemporizar con criterios anticuados. Pero, camaradas, ¿acaso no debemos apreciar, por encima de todo, la aportación de cada individuo al quehacer del país? ¿Acaso no debemos estimular a un escritor o científico talentoso, a cualquier otra persona que trabaja honestamente? ¿Acaso escudándose en la concepción pequeñoburguesa de la justicia social, podemos quitar a grandes empresas los sanatorios y casas de descanso que tienen? Eso sería el igualitarismo en su manifestación más repugnante, la verdadera injusticia social. Camaradas, debemos tener bien claro que el socialismo no tiene nada que ver con el igualitarismo.

En un programa de TV fue sometido a críticas el presidente de un koljós. En vez de poner al descubierto lo principal: las pérdidas que sufre la empresa agrícola, la dirección incompetente, enfocaron la cámara al techo de la casa que ocupaba el presidente para que todo el mundo viera que el techo fue recientemente reparado, como si el presidente debiera vivir en una casa sin techo.

Quisiera decir asimismo que comparto el punto de vista de los que consideran que en la historia y en la literatura no puede haber nombres olvidados ni lagunas. De no ser así, la literatura y la historia se convertirían en algo coyuntural y artificial. En mi opinión, se publicaron muchas obras que tenían interés social. Es un proceso normal.

EL EJEMPLO DE LOS QUE ENTREGARON LA VIDA POR EL SOCIALISMO

Mas, pongámoslo todo en su lugar, lo que se dice, por orden de prioridad. Y, en vísperas del 70 aniversario de nuestra gran revolución, no debemos relegar a la sombra a quienes hicieron esta revolución. Hay que educar a las personas en el ejemplo de aquellos quienes entregaron sus vidas por la revolución y el socialismo.

Cada uno de los 70 años de nuestra historia soviética tiene valor para nosotros. El Partido no ha ocultado los problemas graves y no tiene ninguna intención de presentarlos ahora de color rosa. Es que aquí entra en vigor la irrevocable ley socialista de vivir con la verdad.

Hubo tanto de lo uno como de lo otro, hubo alegrías y hubo amarguras.

A pesar de todo, siempre avanzábamos. No nos dejamos aplastar por las orugas de los tanques fascistas. No solo fueron el heroísmo y el espíritu de sacrificio los que determinaron la derrota del fascismo, sino también el mejor acero, los mejores tanques, los mejores soldados. Todo eso salió de la fragua de nuestra era soviética.

Veamos los años de la posguerra. Miseria en cada casa, rescoldos donde antes hubo ciudades. El bloqueo económico. La guerra fría. Pero nada de eso logró doblegarnos. Resistimos y nos elevamos hasta las inmensidades del cosmos.

Son estas cosas las que no hay que olvidar jamás. No hay que olvidar los nombres, pero es mucho más amoral olvidar o pasar por alto períodos enteros en la vida de un pueblo que vivió con fe en el futuro y trabajó bajo la dirección del Partido y en aras del socialismo.

La historia hay que verla tal y como es. Hubo de todo: también hubo errores, errores graves, pero el país siguió avanzando. Tomemos, por ejemplo, los años de la industrialización o los de la colectivización. Eso también es vida, también es realidad. Es el destino de un pueblo con todas sus contradicciones: lo mismo logros que equivocaciones.

El Partido ya dio una valoración a nuestros errores y fallos, a nuestros desaciertos. Pero aun en aquellos tiempos tan difíciles —los más difíciles— el Partido vivía y luchaba. Nos tocó en suerte ser los primeros. Esto es dialéctica y la dialéctica siempre es compleja, ¡y no podemos pasarla por alto, camaradas!

Hace poco vi el espectáculo "Los bolcheviques" en el teatro Sovreménnik (El contemporáneo). El 70 por ciento de los presentes eran jóvenes. En la escena se debaten cuestiones bastante serias. En la sala reina el silencio, todos están pendientes de las acciones en el escenario. Cuando el espectáculo terminó y los artistas entonaron "La Internacional", toda la sala, puesta de pie les hizo coro cantando el himno de los proletarios.

La sociedad siempre reacciona con gran sensibilidad ante el énfasis que pone el arte en los temas candentes, ante las valoraciones morales que ofrece. Aquí se hace visible con especial nitidez cualquier falla, cualquier selección tendenciosa de los hechos. En otras palabras, cualquier discordancia con la verdad provoca una profunda reacción, afecta al estado de la conciencia social del ser humano. Es un hecho y es imposible no tenerlo en cuenta.

La literatura preparó a la sociedad para los cambios, manteniendo alerta la conciencia social. Algunos publicistas defendieron con valor las ideas que hoy día han adquirido la fuerza de resoluciones de Partido y de Estado en la economía, en la cultura y en la educación.

Pudiera esperarse que ahora, cuando han cambiado las condiciones, la labor del publicista debiera adquirir mayor auge. Y es cierto que se observan algunos éxitos aislados. Pero, en ocasiones, los publicistas se apresuran a enunciar lo que no lograron decir antes, en lugar de brindar ideas nuevas.

El XXVII Congreso puso en el centro de atención de todos los grupos de intelectuales el problema de la realidad reflejada por el arte. En esta época de viraje necesitamos, más que nunca, que la realidad nos sea presentada en forma objetiva e integral. La verdad debe ser total: solo entonces tendrá la cualidad de ser constructiva.

En esta conversación quizá yo haya acentuado algunos de los problemas, pero lo hice con el único objetivo de comprobar las coordenadas de nuestra dinámica para, así, poder actuar en armonía y organizadamente.

El Comité Central está seguro de que los periodistas y todos los publicistas proseguirán junto con el Partido y el pueblo materializando, tenaz e incansablemente, la causa de las transformaciones radicales, concluyó expresando Mijail Gorbachov.

Informe en una reunión con directores de diarios y otros destacados publicistas soviéticos

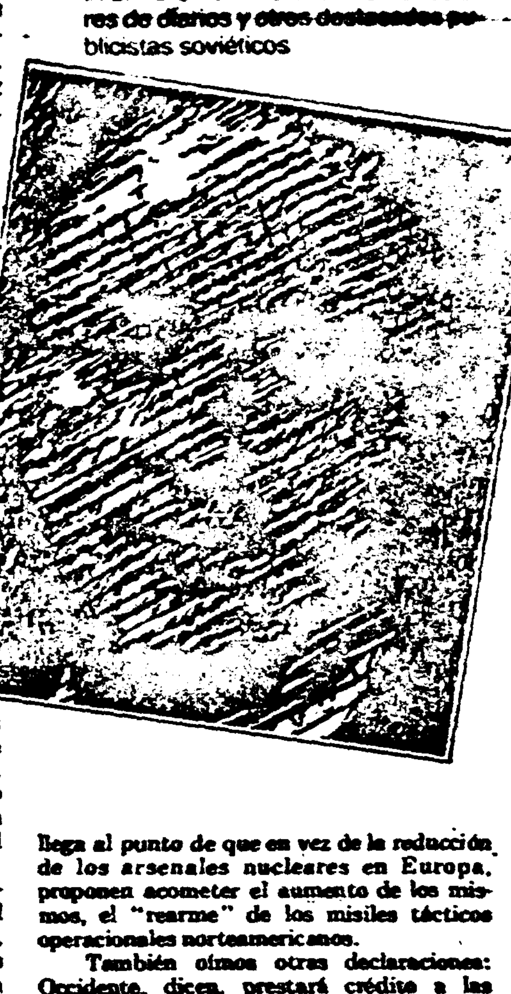


ILUSTRACIÓN DE PACO LAURENZO

GORBACHOV A THATCHER

ESPERAMOS UNA SERIA REFLEXION

NO comprendemos cómo puede uno dedicarse a exaltar el arma nuclear cuando para cada ser humano, incluidos los niños, hay preparadas ya cuatro toneladas de explosivos, cuando el estallido de aunque solo sea una parte muy pequeña del arsenal nuclear acumulado pondrá en peligro la vida en la Tierra. Nosotros no podemos estar de acuerdo con esto ni por razones políticas, ni por razones morales.

Quisiera hacer mención también de que la Unión Soviética renunció a ser la primera en hacer uso del arma nuclear y de que jamás la empleará contra países que no la tengan en su territorio. Este principio nuestro es irrevocable.

Nosotros tuvimos ocasión ya de decir cuánto mal encierran la ideología y la política de la "disuasión nuclear". Quisiera aclarar una vez más nuestra posición. En primer lugar, no es un instrumento infalible. Y cuanto más tiempo pase, mayor será el riesgo de que estalle un conflicto nuclear imprevisible. Es la mecha de Bickford de una carga capaz de destruir la civilización. En segundo lugar, la "disuasión" es una política de chantaje y amenazas, y entraña una fuente constante de la carrera de los armamentos y de aumento de la tensión.

Tercero, la lógica de la "disuasión", es decir, del incremento y perfeccionamiento de las armas, significa la supeditación de la política a los intereses del militarismo con todas sus graves consecuencias, tanto para el bienestar del pueblo, como para la propia democracia.

La vieja mentalidad, ligada con la fuerza de las armas como medio de conseguir los fines políticos y con la representación de otros pueblos en la "figura de enemigo", condujo a dos guerras mundiales. Engendró la "guerra fría" y la presente situación en extremo peligrosa y acercó al mundo al límite con consecuencias imprevisibles.

Manifestaciones de la nueva mentalidad fueron nuestra moratoria unilateral, el programa de un mundo desnuclearizado, proclamado el 15 de enero de 1986, las iniciativas de Reykjavik, el foro moscovita "Por un mundo desnuclearizado, por la supervivencia del género humano" y ahora, la propuesta de separar el problema sobre los cohetes de alcance medio en Europa. Los parámetros básicos del acuerdo sobre este particular fueron convenidos en Reykjavik. Da la impresión de que no existen serios obstáculos para un rápido progreso. El acuerdo no solo tendría importante trascendencia político-militar, sino que cambiaría también sicológicamente la situación. Ya que hasta la fecha solamente nos hemos armado. Y entonces, por primera vez, comenzaríamos a liquidar las armas nucleares.

¿Mas que ocurre en respuesta a nuestra iniciativa?

Vemos cómo la cuestión sobre los cohetes medios se cubre en todo un paquete de condiciones [illegible] cias hacia la Unión Soviética. D[illegible] ios que los países de la OTAN se [illegible] de las posiciones de la propia [illegible]". La cosa llega al punto de que en vez de la reducción de los arsenales nucleares en Europa, proponen acometer el aumento de los mismos, el "rearme" de los misiles tácticos operacionales norteamericanos.

También oímos otras declaraciones: Occidente, dicen, prestará crédito a las propuestas soviéticas sobre la reducción de los armamentos, si ella cambia su sistema político, si toma la sociedad occidental como modelo para sí. Esto, sencillamente, no es serio. Considerar posible que alguna vez vamos a renunciar a nuestros ideales, significa estar en la inopia.

Bajo el estrépito de las explosiones nucleares en Nevada nos hemos visto precisados a interrumpir nuestra moratoria nuclear, que duró año y medio, sobre las pruebas nucleares. Pero eso no significa que abandonemos la idea de lograr la solución de este problema clave del desarme nuclear.

La Unión Soviética está dispuesta a volver a la moratoria cualquier día de cualquier mes, tan pronto como EE.UU. declare que pone fin a sus pruebas. Aprovecho la ocasión para recordar a Gran Bretaña que ella interviene en las conversaciones tripartitas sobre el particular.

02.02

870532

ARCHIVAR EN: URSS (028)

TEMA: LAS FRONTERAS ENTRE el VATICANO y LA URSS

PROCEDENCIA: Izquierda 24/6/87

ARCHIVADO EN: Iglesia CATOLICA (034)

01 / 01

8705324

Intentan poner fin a 20 años de tensión

Conversaciones Moscú - Pequín

MOSCU, (ANSA, EFE y UPI).— El viceministro de Relaciones Exteriores de China, Qian Qichen, llegó ayer a la Unión Soviética para asistir a la décima ronda de conversaciones [illegible]inadas a poner fin a más de 20 años de tensión entre los dos vecinos comunistas.

En un breve despacho, la agencia noticiosa oficial soviética Tass informó que las charlas empezarán hoy.

Antes de partir de Pekín, Qian dijo que esperaba alcanzar progresos hacia la normalización de las relaciones.

"Esperamos avanzar en estas consultas", declaró Qian ante un grupo de periodistas en el aeropuerto de Pekín.

Un diplomático soviético comentó que las perspectivas de este encuentro son mejores que en las nueve rondas anteriores, que se iniciaron en 1982.

Qian, el principal negociador de la parte china, dijo que el enfoque de las consultas será el de "solucionar los puntos en disputa en nuestras relaciones bilaterales, como puede ser el tema de Camboya".

China sostiene que la ocupación de Camboya por unos 140.000 efectivos vietnamitas, apoyados por la URSS, es uno de los puntos que considera "los tres obstáculos importantes" a una mejora en sus relaciones con Moscú.

Los otros dos son la ocupación soviética de Afganistán, y la concentración militar soviética en la frontera entre China y la URSS.

Qian señaló que en el curso de la novena ronda de negociaciones, mantenida en octubre, el jefe de la delegación soviética, Igor Rogacheav, comunicó que por primera vez el gobierno de Moscú estaba dispuesto a discutir los tres obstáculc...

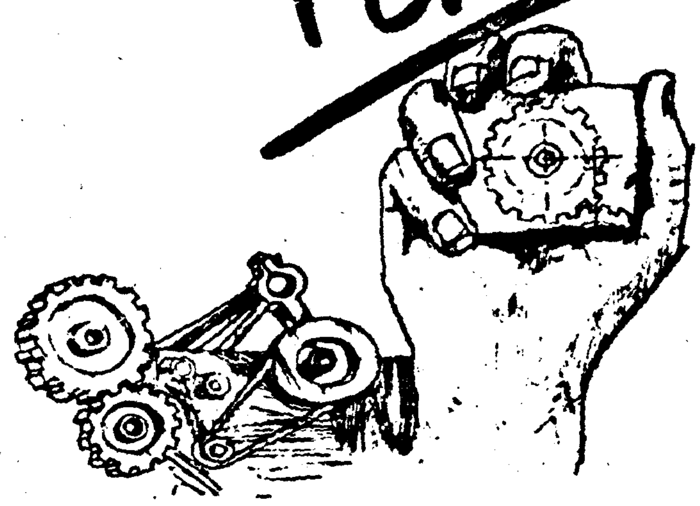


Primer Ministro portugués en Pequín

PEKIN.- El Presidente de China, Li Xiannian (der.) recibe una carta de manos del Primer Ministro de Portugal, Aníbal Cavaco Silva, durante una reunión en el Gran Salón del Pueblo. Cavaco Silva se halla en visita oficial. (Radiofoto Reuter).

01 | 01

8705325



ILUSTRACION DE PABLO ESCOBAR

LA RENOVACION DE LA ECONOMIA SOVIETICA

EN VISPERAS DEL PLENO DE JUNIO

EN junio se reunirá el Pleno del Comité Central del PCUS. Se considera que tendrá trascendencia singular en continuidad y desarrollo de acontecimientos anteriores —por su orden, los Plenos de marzo y abril de 1985, el XXVII Congreso y el Pleno de enero del corriente año.

"La tarea fundamental del Pleno es concluir la creación de un sistema íntegro de gestión económica", dijo hace poco en Leninsk, ciudad próxima al cosmódromo Baikonur, el secretario general Mijail Gorbachov. El 29 de junio se reunirá el Soviet Supremo de la URSS. Los temas a abordar, señaló Gorbachov y figura en el orden del día de las respectivas sesiones, son el proyecto de ley de empresa que ha sido debatido en todo el país, el cambio de estilo y métodos en el trabajo del Consejo de Ministros de la URSS, de la gestión de los ministerios industriales y del órgano planificador (Gosplán), etc. Se refiere todo ello a la acción de pasar a la autogestión económica, la costeabilidad y la autofinanciación. "Se trata, afirma Gorbachov, de crear premisas políticas, económicas y jurídicas para pasar a un sistema íntegro de gestión de la economía... Se discutirán problemas muy serios y de mucha importancia para el país".

LOGROS, DIFICULTADES, PERSPECTIVAS

Un aspecto primordial es verificar lo avanzado desde que comenzó el "experimento económico" y por qué el proceso es lento y excesivamente lento en algunos sectores. Gorbachov dice: "Tendremos que exigir responsabilidades a quienes entorpecen el movimiento renovador, a quienes actúan con indolencia y se limitan a la retórica verbal sobre la importancia que reviste la renovación de nuestra vida".

Esas trabas al avance proyectado —con un programa general grandioso— hasta fin de siglo, suelen sintetizarse en el mal del burocratismo. Pero las causas tienen otros aspectos, agravados los últimos años: inercia, desinterés, rutina y también formas corruptas de diverso tipo reñidas y ajenas al socialismo y a la moral socialista.

Con toda la razón de su cargo y su inteligencia, diría, contundente, Gorbachov, decía a los trabajadores de Baikonur que no alcanza con señalar los logros —enormes, claro—, sino ver "los puntos flojos", de lo contrario "no me comprenderían ustedes". Y aunque la referencia es local, el enfoque es de problemas que preocupan a todo soviético y atañen intensamente a gran parte de la población: vivienda, condiciones sociales y culturales, abastecimiento y distribución de productos de consumo, la calidad de la producción y, en no pocos casos, también la cantidad...

"Las deducciones son claras. Hay fallas y deficiencias. Por eso hay que recuperar lo perdido, vencer las dificultades y resolver los nuevos problemas", afirma Gorbachov. Reseña el esfuerzo presupuestario en rubros como vivienda, salud, industria alimentaria, mejora del abastecimiento de calor y agua, transporte, escuelas, establecimientos prescolares... para acotar que "en años anteriores" no existían inversiones suficientes.

"Tenemos que efectuar cambios radicales en todos los ámbitos", enfatiza Gorbachov. "El pueblo apoya sin reservas el rumbo tomado por iniciativa del Partido... A mí me preguntan con frecuencia, y un veterano estonio me dijo si será capaz la dirección soviética de llevar a cabo este proceso. Contesté que sí, pero si todos juntos nos sumamos a ello..."

UN CAMINO CORRECTO

Desde el Pleno de enero cobró fuerza el proceso renovador, se hizo más concreto. Se armonizan mejor los hechos a las palabras. Y el cambio no es fácil, a la vez que no plantea inseguridades: "Seguimos un camino correcto, pero nos queda mucho por hacer", señala Gorbachov.

Construir, impulsar, avanzar y eliminar lo negativo. "En esto último, advierte Gorbachov, hay quienes dejan de lado el orden y la disciplina como si creyeran que la política definida por el PCUS es solo una campaña más, algo coyuntural, pasajero."

"La reestructuración de la sociedad quiere resolver los problemas en interés del hombre y es el hombre quien ha de resolverlos para alcanzar enormes cambios históricos".

Vale mucho repetir este concepto de Gorbachov. "Cuando hablamos de la reestructuración no se trata de ideas ambiciosas de un grupo de gente. Nuestra sociedad la desea en forma vehemente. Nos preguntamos más de una vez en el Buró Político (en el gobierno por cierto y lo discutimos también en viajes por el país), si tiene alternativa razonable el proceso transformador, si hay otras propuestas. No. Todos entienden que ha sido correcta nuestra opción y que perentoriamente necesitamos la renovación".

Para el Pleno de junio faltan pocos días. Será, sin duda, otro acontecimiento de la vida del país y tendrá vasta repercusión también en el resto del mundo. Dará nuevas lecciones de por qué la URSS y el socialismo son esperanza de la gente honrada...

Por Ricardo Saxlund, Moscú

025

027

MAS SOBRE EL CONVENIO

Publicamos los términos del proyectado convenio pesquero con Rusia, por el cual 170 barcos de pesca de dicho país, se abastecerían en Montevideo, y tendrían derecho a pescar en nuestro mar territorial.

Parece haberse sacado cuentas y resultar muy bueno lo que va a cobrar por la atención de semejante flota, como asimismo los pasajeros que se moverán al año por dichas tripulaciones, vía Aeroflot, la compañía aérea rusa que también sería autorizada a operar en nuestro Aeropuerto.

Al fin y al cabo, parecen ser pesos contantes y sonantes que ingresarán al Estado.

Lo que queda para después, es estudiar qué incidencia va a ocasionar la pesca de los barcos rusos, frente a nuestros propios barcos de pesca, que ya van constituyendo una industria bien establecida. Sobre todo, conociendo como todos conocen, las posibilidades ictícolas de nuestro mar territorial, y el total agotamiento que pueden producir los 170 barcos rusos, dejando a nuestra industria totalmente liquidada.

No existe en el país ningún estudio científico de "administración estuarina", como debía ser, y no sabemos aún cómo proteger nuestra riqueza marina, como para decidir ya el enajenarla a la depredación extranjera.

Sobre todo, si tenemos en cuenta que muchas otras naciones conocen ya por experiencia propia, el modo de trabajar de los pesqueros rusos, que no pocos conflictos han creado en diversos mares del mundo. Porque los rusos, agotadas las poblaciones marinas, y cuando no hay ya nada más que hacer allí, se van a otros lados, —contratos a término vencidos— o dejando incumplidos los contratos por el tiempo que falte. Lo mismo les da.

Así la experiencia rusa en nuestras aguas, liquidará la riqueza marina, liquidará a nuestra industria pesquera, y nos dejará por muchos años en espera de que espontáneamente pueda restablecerse allí el equilibrio ecológico por ellos destruido.

CERIA

13/9/87

URSS

Uruguay

01/01

8705329

MONTEVIDEO, JUEVES 4 DE JUNIO DE 1987

Podría ser recluído de uno a diez años

Prensa soviética reclama severo castigo para Rust

La prensa soviética insistió ayer en la absoluta necesidad de castigar al joven piloto para evitar la repetición de actos similares y en que la política de apertura, iniciada hace un año por el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, no debe absolver al infractor.

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El joven alemán, Mathias Rust, que aterrizó en la plaza Roja el pasado día jueves, "debe de ser castigado con severidad, sin tener en cuenta las intenciones que tenía al penetrar en territorio soviético", aseguró ayer el semanario Moskovskie Novosti.

"La posibilidad de que el joven no tuviese mala intención no lo debe eximir de su responsabilidad, pues violó el espacio aéreo soviético y existen leyes al respecto", afirmó la publicación.

Según el semanario, Rust tiene tan solo 23 horas de vuelo y no posee ninguna licencia que le permita pilotar una avioneta, agravando su situación.

El aterrizaje del joven alemán en la plaza Roja de Moscú supuso la destitución del Ministro de Defensa de la URSS, Serguei Sokolov, y del comandante de las fuerzas de defensa antiaéreas de la URSS, Alexander Koldunov.

Las leyes soviéticas especifican que aquellos que se introduzcan en el espacio aéreo de la URSS sin autorización previa pueden ser condenados de 1 a 10 años de prisión, o a una multa de 1.500 dólares con la confiscación del aparato.

REESTRUCTURACION DEL EJERCITO

Rust fue detenido nada más tomar tierra y ha sido acusado de violar el espacio aéreo de la URSS. Lo que en un principio pareció una travesura infantil hecha por un joven de 19 años puede ser el origen de una reestructuración del ejército soviético.

El caso se ha complicado al aparecer en la prensa alemana con información sobre la posibilidad de que el aterrizaje haya sido organizado por una revista sensacionalista de Hamburgo y la posible implicación de los padres del piloto.

La prensa soviética mantuvo durante los primeros días un silencio absoluto sobre el tema, publicando solo los mensajes oficiales difundidos por la agencia Tass sin comentarios.

Seis días después del aterrizaje de Rust, el semanario Moskovskie Novosti hizo un primer comentario en el que pide que se adopten medidas severas contra el alemán para evitar la repetición de hechos similares.

Fuentes diplomáticas occidentales acreditadas en Moscú opinan que existen grandes posibilidades de que el atrevido piloto pueda ser castigado con severidad, pues los soviéticos están ofendidos al sentirse burlados en uno de los puntos que consideran de máxima prioridad, violar sus fronteras.

PENA DE RECLUSION

Es posible que Rust no tuviese mala intención, pero esto no debe significar su absolución. Violó el espacio aéreo de la URSS y existen leyes al respecto, por lo que podría ser recluido de 1 a 10 años, afirmó el semanario.

El piloto alemán se encuentra en la prisión moscovita de Lefortovo, perteneciente al KGB, donde sufre intensos interrogatorios, en un intento de las autoridades soviéticas para aclarar la situación.

Un funcionario de la Embajada de Alemania Federal se entrevistó el martes con Rust y afirmó que se encuentra tranquilo y con buen estado de ánimo, pero se negó a comentar los temas que trató con el detenido.

La población en la URSS no se acaba de creer que sus fronteras, defendidas con los aparatos de detección más modernos del mundo, hayan sido atravesadas por un piloto con unas pocas horas de vuelo y a bordo de una pequeña avioneta del tipo Cessna.

"Los soviéticos se sienten burlados y esto podría tener malas consecuencias para el muchacho, pero tenemos confianza en el buen criterio de las autoridades de la URSS, que de momento siguen investigando el caso", señaló un funcionario de la Embajada alemana en Moscú.

Hasta ahora ningún medio informativo de la URSS hizo referencia directa a la supuesta acompañante de Rust, que -según testigos presenciales- salió junto a él del aparato. No se ha sabido nada más de la joven.

La crisis económico-social en la URSS

El informe secreto que originó la actual rèestructura soviética

El documento que transcribimos a continuación, fue presentado en marzo de 1983 en un seminario organizado por el Comité Central del Partido Comunista de la URSS y el GOSPLAN, organismo responsable de la planificación. Lo que aconteció en ese seminario permanece aún en secreto, salvo este documento confidencial que fuera entonces reproducido en 60 ejemplares —uno para cada uno de los participantes de la cumbre económica—, y que manos anónimas lo hicieron llegar a un corresponsal extranjero con residencia en Moscú.

El citado informe fue presentado en el seminario por la economista Tatiana Zaslavskaia, jefe del Departamento de Asuntos Sociales, del Instituto de Economía y Organización de la Producción Industrial, dirigido por el también economista Abel Agambegian, miembro de la Academia de Ciencias de Novosibirsk. En dicha Academia —próxima a Siberia— se habían reagrupado varios cientistas sociales conocidos por sus ideas heterodoxas, publicando numerosos trabajos en EKO, la revista del instituto, la cual llegó a tener el mayor tiraje en su especialidad.

La importancia de este informe reside en su planteo polémico con la ortodoxia, al considerar que los fenómenos económico-sociales negativos (no se utiliza el término "crisis") no pueden ser atribuibles a causas coyunturales sino a causas estructurales.

Muchos otros aspectos importantes surgen del documento, que expone los problemas de una sociedad industrial a la cual su rigidez y sobre todo, la falta de democracia y neutralización de la participación social de los individuos, llevan al estancamiento y a la parálisis. En particular, el informe ataca el rol, sobrestimado por la ortodoxia partidaria, de la planificación y del Plan como conductor de la economía, en realidad ineficaz y obstaculizante del desarrollo.

De cierta manera, la exposición revela francamente, el fracaso de un sistema que se vio a sí mismo como liberador en su utopía, y que sin embargo 70 años después del hecho revolucionario, se encuentra en el punto paradojal de que debe resolver —en otro estadio de su desarrollo— los mismos problemas que fueron las causas que motivaron la toma del poder en 1917.

Este documento tiene también el valor de un Manifiesto Intelectual, dado que, evidentemente, fue el resultado de las inquietudes de amplios sectores de la intelligentsia soviética que, sin canales democráticos de expresión, debió recurrir a un *"francotirador"* que expusiera esas inquietudes.

Desde el momento en que se presentó el informe (marzo de 1983) hasta hoy, la situación ha variado profundamente. Esos esfuerzos reformistas de quienes —aun situándose en el interior del sistema— han intentado romper con la rígida ortodoxia, se han visto recompensados a partir de la llegada al poder (del Partido y del Estado) de Mijail Gorbachov. Abel Agambegian hoy se encuentra en Moscú, dirigiendo un grupo de asesores del Secretario General del Partido, entre los cuales se encuentra la autora de este informe.

Sin embargo, la inquietud principal (y la experiencia china lo confirma) sigue sin respuesta. Es aquella que se plantea cómo es posible llevar a cabo reformas cualitativas en los terrenos económico y social sin reformar el sistema político, que se encuentra, no sólo inextricablemente ligado a aquéllos, sino que además —hecho más importante— representa la base sobre la cual se ejerce la dominación política y económica de la clase burocrática sobre la sociedad. Sólo la evolución de los acontecimientos elucidará esta cuestión.

Elbio Laxalte Terra

El desarrollo de la economía soviética se ha caracterizado durante varias décadas por unos ritmos de crecimiento altos y por una gran estabilidad. Esto ha hecho nacer inconscientemente la idea de que estas características eran rasgos orgánicos de una economía socialista planificada. No obstante, a lo largo de los doce o quince últimos años se ha manifestado una tendencia sensible a la baja de los ritmos de crecimiento del producto nacional en el desarrollo de la economía soviética. Si a lo largo del octavo quinquenio (1966-1970) el crecimiento anual medio fue todavía de un 7,5 por cien, y de un 5,8 por cien a lo largo del noveno (1971-1975), durante el décimo bajó a un 3,8 por cien, y para los primeros años del onceavo quinquenio (1981-1985) no sobrepasa el 2,5 por cien. Una tasa de crecimiento como ésta no permite garantizar ni el ritmo necesario de aumento del nivel de vida de la población ni una renovación intensiva de los bienes de producción.

El aumento de la productividad y la aceleración de los ritmos de desarrollo constituyen una tarea prioritaria del partido, del pueblo y de los investigadores. Cuando analizan las causas de las tendencias negativas aparecidas en la vida económica, determinados grupos de economistas subrayan el deterioro de las condiciones de extracción de materias primas, la frecuencia de los años de sequía, los desequilibrios estructurales de la economía nacional (retraso del sector de inversiones, de transportes), el débil interés de los trabajadores en los resultados de su trabajo, el bajo nivel de disciplina en el trabajo.

Todos estos factores desempeñan efectivamente un papel en la aparición de las tendencias más arriba descritas. Pero sólo las explican en parte, máxime cuando el deterioro de los índices económicos se observa en la mayoría de los sectores y regiones. Por ello, hay que buscar una causa más general de este fenómeno. En nuestra opinión radica en el retraso adquirido por el sistema de las relaciones de producción y por el mecanismo de gestión de la economía que se deriva de él, con respecto al desarrollo de las fuerzas productivas o, más concretamente, radica en la incapacidad de este sistema para asegurar una utilización sistemática y suficientemente eficaz del potencial de mano de obra y del potencial intelectual de la sociedad.

La ineficacia del sistema

Las características principales del sistema actual de gestión estatal de la economía (y por lo tanto las del sistema de relaciones de producción) se formaron hará unos cincuenta años. Desde entonces dicho sistema ha sido modificado, modernizado, mejorado en distintas ocasiones, pero en ningún momento ha sido objeto de una transformación cualitativa que haya reflejado los adelantos esenciales efectuados a nivel de las fuerzas productivas.

El sistema de gestión centralizado, basado en método administrativos, correspondía en lo esencial al nivel de desarrollo de las fuerzas productivas de la sociedad soviética en los años '30. La base material y técnica de una producción socialista a gran escala tan sólo empezaba a establecerse, el nivel de socialización real del trabajo era aún relativamente bajo. Las relaciones entre las ramas, las empresas, las regiones, podían aún captarse fácilmente desde el centro y definirse "desde arriba". La aplastante mayoría de los obreros en la industria estaba constituida por individuos recién llegados del campo, con una conciencia muy poco desarrollada de sus derechos, y sin ninguna pretensión a participar en la gestión de la economía. Para la mayoría de ellos, los estímulos materiales primaban ampliamente sobre los estímulos sociales y morales. Dado su débil nivel de desarrollo, no podían ser más que objeto (y no sujeto) de la gestión.

En el ámbito económico, la posibilidad para los trabajadores de elegir entre diferentes comportamientos correspondientes a sus intereses estaba relativamente limitada. Aunque formalmente no hubiera paro en el país, existían excedentes estructurales ocultos de mano de obra en numerosos sectores y regiones. El temor a perder su empleo, así como las dificultades para obtener una vivienda, bloqueaban toda movilidad de los trabajadores y los mantenía bien sujetos a sus empresas. La ausencia de pasaportes, la necesidad para los koljozianos de obtener el visto bueno de la asamblea del koljoz para desplazarse, limitaban la emigración de la población del campo a la ciudad.

El nivel medio de los sueldos ascendía apenas el mínimo necesario para mantener a una familia. Así, la mayor parte de los trabajadores no tenía más que una pequeñísima posibilidad de elección en cuanto a su comportamiento en su lugar de trabajo. Toda su energía se consumía en efectuar un trabajo fijo, con el fin de mejorar la situación material de su familia. También tenían que ahorrar algo en previsión de los "días negros", en la medida en que no existían ni seguro de enfermedad ni sistema de pensiones. Hay que añadir a todo lo que hemos comentado la introducción en las empresas, a finales de los años '30, de medidas de disciplina casi militar: juicio por un simple retraso en el trabajo o ausencia sin justificar, pena de arresto por robo, por muy insignificante que éste fuera, etc. Se trataba de un sistema social en el marco del cual las personas eran consideradas sistemáticamente como "engranajes" del mecanismo económico, y se comportaban casi con la misma docilidad que las máquinas y los materiales.

Complejidad y desequilibrios del sistema

Desde este período se han sucedido décadas, y la situación política y económica de la sociedad soviética ha cambiado radicalmente. El estado actual de las fuerzas productivas difiere del de los años '30 no sólo cuantitativamente (es decir, en volumen) sino también cualitativamente (en varios grados y debido a las nuevas generaciones). La complejidad de la estructura de la economía ha sobrepasado desde hace mucho tiempo el umbral más allá del cual no es posible asegurar de forma eficaz su funcionamiento a partir de un centro único. La aparición y la agravación continua, a lo largo de los últimos quinquenios, de desequilibrios económicos, de desequilibrios entre las regiones y los sectores, prueban que la gestión centralizada administrativa de la economía ha agotado todas sus posibilidades y que en adelante es necesario utilizar de forma mucho más activa los factores "automáticos" de regulación de la producción, desarrollando el papel del mercado. En estas condiciones, los economistas que se empeñan en defender el carácter directamente social del trabajo socialista y el carácter "específico" de las relaciones mercantiles socialistas hacen un flaco servicio a la sociedad.

También se han realizado progresos importantes en lo que al tipo social de trabajador se refiere. Su nivel de formación y de cultura, su grado de información, su conciencia social, así como la toma de conciencia de sus propios derechos, ya no son comparables con lo que eran entonces. El núcleo central de los obreros cualificados, de los cuales depende en gran medida la eficacia del proceso de producción, posee hoy un horizonte político y económico amplio; se muestra capaz de apreciar de forma crítica la actividad de los dirigentes económicos y políticos; tiene clara conciencia de sus intereses y sabe defenderlos cuando es necesario. El campo de necesidades e intereses de los obreros de hoy en día es mucho más amplio y rico que el de los trabajadores de los años treinta; incluye, además de las necesidades económicas, necesidades sociales y morales. Si la personalidad de los trabajadores ha experimentado un enriquecimiento sustancial, esto significa también que en el marco de la gestión ya no se puede tratar a los trabajadores como a meros objetos.

Por otra parte, este cambio en las características del tipo dominante de trabajador hubiese sido imposible sin progresos esenciales en lo referente al entorno socio-económico en el cual se lleva a cabo la actividad de los individuos. La democratización de la vida política, la ampliación y la inscripción en la Constitución de los derechos de la persona, la extensión al conjunto de la sociedad del sistema de pasaportes, la elevación significativa del nivel de vida, la introducción del seguro de enfermedad y del seguro de vejez, así como el déficit de mano de obra que se ha dado en estos últimos años en la mayoría de los sectores económicos y en diferentes regiones del país, han contribuido a dar una mayor libertad a los trabajadores en la elección de su comportamiento en la vida económica y, por este mismo hecho, han aumentado la importancia de los factores subjetivos en el desarrollo de la economía.

El comportamiento de los trabajadores

Estas distintas mutaciones tienen como resultado, por un lado, un aumento de las exigencias tecnológicas en lo que se refiere al comportamiento de los trabajadores y, por otro, una disminución de la eficacia del sistema de gestión centralizado, basado en una reglamentación administrativa de la actividad de los escalones inferiores por parte de los escalones superiores. Este sistema, concebido para un nivel relativamente bajo de desarrollo de los trabajadores, se muestra incapaz de regular el comportamiento de trabajadores dotados de una personalidad mucho más rica y beneficiarios de una mayor libertad en la elección de su comportamiento económico: es, asimismo, incapaz de asegurar una utilización lo suficientemente eficaz de su potencial intelectual y laboral.

El comportamiento socio-económico de los trabajadores, tal y como a éstos les viene dictado por sus intereses personales y de grupo, tiene una influencia fundamental sobre todos o casi todos los aspectos de la vida económica, y constituye una de las fuentes de su desarrollo espontáneo. El papel del comportamiento espontáneo, es decir, no reglamentado, de los trabajadores, no es unívoco.

En determinados casos puede provocar violaciones de la planificación, la aparición de desequilibrios, la caída de los ritmos de producción. En cambio, otros aspectos demuestran la liberación de las fuerzas creadoras de los trabajadores, el aumento de su parte de iniciativa en el trabajo, la utilización dinámica de las reservas sociales que favorecen la eficacia de la producción. La gestión del compor-

...miento económico de los trabajadores ...ha convertido en algo complejo.

La frontera entre la actividad "en sí" y su aspecto subjetivo —el comportamiento de los trabajadores en el marco de esta actividad en su aspecto global— es móvil. Depende del grado de rigidez de la reglamentación de esta actividad. Por ejemplo, cuando la disciplina de trabajo es débil, los trabajadores tienen la posibilidad de no trabajar más que una parte del tiempo normal de trabajo, de ausentarse, de tener tiempos muertos, de beber en sus lugares de trabajo, etc. De una forma más general, cuanto más rígida es la reglamentación externa del trabajo y de la actividad económica, tanto más se restringe el marco del comportamiento personal, así como su influencia sobre el desarrollo de la producción. Pero hay que preguntarse cuál es la interdependencia real entre la rigidez de la reglamentación administrativa y la eficacia del desarrollo económico.

Exceso de reglamentación administrativa

¿Es realmente cierto que el más rígido control de todos los aspectos de la actividad de los trabajadores garantiza los mejores resultados? Tenemos que contestar negativamente a esta pregunta por toda una serie de razones.

En primer lugar, toda reglamentación administrativa del trabajo y de la actividad económica conlleva a la centralización. Se aplica, pues, independientemente de las condiciones concretas de cada región, cada sector, cada empresa. Debido a la diversidad de estas condiciones, la aplicación de reglas y normas se encuentran en la práctica con dificultades considerables, y no da necesariamente resultados positivos.

En segundo lugar, todo endurecimiento de la reglamentación aumenta la necesidad de un control administrativo del respeto a las normas establecidas, lo que implica una extensión del trabajo no productivo y un deterioro de los índices económicos de las empresas. En la práctica, falta el control diario y las reglas no se respetan. Se llega a menudo a una situación paradójica en la cual la posibilidad para los trabajadores de dar pruebas de iniciativa positiva se ve reducida a la nada debido a la multiplicación de las coacciones administrativas, mientras que el espectro de los comportamientos asociales queda muy abierto.

Por ello, la sociedad socialista tiene el mayor interés en que el comportamiento personal sea lo suficientemente amplio, estando los aspectos clave de la actividad socio-económica debidamente reglamentados. De ahí la necesidad de dirigir este comportamiento, es decir, la actitud subjetiva de los trabajadores frente a su actividad socio-económica. Los métodos administrativos de gestión se revelan impotentes en este caso. Sólo puede hacerse de forma indirecta, por medio de estímulos que tengan en cuenta las necesidades sociales y económicas de los trabajadores y que orienten sus intereses en un sentido útil para nuestra sociedad. Además, no basta con orientar los intereses de cada clase o grupo social. Es necesario llegar a coordinar los intereses generales, colectivos e individuales "de forma vertical", por una parte, y por otra a integrar en un plano "horizontal" los intereses de clases y grupos en interacción.

Estos objetivos suponen una transformación seria del sistema de gestión estatal consistente en el abandono de los métodos administrativos de gestión y de la hipercentralización, y en el paso combinado y sistemático a los métodos económicos de regulación de la producción.

Obstáculos para la reforma

A nivel ideológico, la concepción dominante en la actualidad en lo que se refiere al perfeccionamiento de las relaciones de producción bajo el socialismo constituye un freno a cualquier reforma. En los manuales de economía política se dice que en una sociedad socialista, a diferencia de lo que ocurre en los países capitalistas, la modificación de las relaciones de producción carece de contenido social, y no es lo que está en juego en la lucha de intereses entre distintos grupos sociales. En la última edición del *Diccionario filosófico* (1980) se puede leer que, en un régimen socialista, no hay grupos interesados en mantener relaciones de producción caducas y que, por consiguiente, toda modificación o mejora se lleva a cabo sin conflictos sociales.

El análisis de las últimas décadas desde el punto de vista del desarrollo de nuestra economía nos lleva a dudar de semejante punto de vista. Resulta que el proceso de mejora de las relaciones de producción se desarrolla de forma mucho más compleja, en la medida en que la reforma del sistema debe ser llevada a cabo por unos grupos sociales que ocupan una posición elevada en el sistema existente y que están apegados a él debido a intereses personales. Una transformación radical de la gestión de la economía afecta de forma sustancial a los intereses de un gran número de grupos: para algunos de ellos significa una mejora en su situación; para otros supone, al contrario, un deterioro.

Por esta razón, los intentos hechos por parte de los órganos superiores del poder para mejorar las relaciones de producción, adecuándolas a las necesidades de las fuerzas productivas, no pueden realizarse sin conflictos. Una solución positiva no es posible más que apoyándose en una estrategia social cuidadosamente elaborada, que apunte a la vez a movilizar los grupos interesados en el cambio y a paralizar la actividad de aquellos grupos susceptibles de obstaculizarlo. Los intentos de reforma emprendidos a lo largo de los últimos quinquenios no tenían en cuenta los aspectos sociales del problema, y esta es una de las razones de su fracaso.

Los obstáculos son también de tipo social. Se trata de determinar cuáles son los grupos cuyos intereses se ven afectados por el paso de métodos de gestión esencialmente administrativos a métodos esencialmente económicos. Para muchos economistas soviéticos, una de las características del actual sistema de gestión es la participación relativamente pequeña que permite, por un lado, al escalón superior, es decir, a los organismos que representan los intereses generales del Estado y, por otro lado, al escalón inferior, es decir, a los agentes directos de la producción. En cambio, y con total evidencia, las funciones del escalón intermedio —ministerios, administraciones y sus representantes a nivel local— están hipertrofiadas.

Los beneficiarios de la reforma

Toda transformación seria de la gestión de la economía va acompañada de una cierta redistribución de los derechos y de las atribuciones entre los distintos grupos de trabajadores que participan en la gestión. Además, la ampliación de los derechos de un grupo está ligada a un aumento de sus prerrogativas, e inversamente, toda disminución de los derechos conlleva una reducción correspondiente de las atribuciones. Esto explica que la actitud de la mayoría de los grupos frente a la reforma presente aspectos contradictorios. Así, una parte de los trabajadores de los órganos centrales de gestión —cuyo papel debe ampliarse en un perspectiva de reforma— temen una complejización sustancial de sus atribuciones, en la medida en que los métodos económicos de gestión exigen una mayor cualificación que los métodos administrativos. Este temor frente a la idea de un paso consecuente hacia los métodos económicos, se pone de manifiesto en la afirmación, infundada, de que un paso así supondría una disminución de la importancia del plan.

Para los trabajadores de los ministerios de ramas y de los órganos territoriales que dependen de aquéllos, la reforma supone una disminución y una simplificación sustancial de sus atribuciones. Implica también una disminución sensible de sus derechos, de su influencia económica y de sus efectivos numéricos —en particular con la liquidación de un gran número de departamentos, administraciones centrales y secciones que se han multiplicado en las últimas décadas—. Está claro que una perspectiva así no conviene a los trabajadores que en la actualidad ocupan todos esos puestos "confortables", con atribuciones mal definidas pero con buenos sueldos.

Como es lógico, las personas más interesadas en la adopción de métodos económicos de gestión son, por un lado, los directores de empresas y uniones, cuyos derechos deben ampliarse considerablemente, y por otro, los obreros, técnicos e ingenieros que podrán desarrollar su capacidad personal, trabajar con mayor eficacia y percibir sueldos más altos. Sin embargo, en la práctica, estos dos grupos tienen una actitud diferenciada. Los representantes más cualificados, más enérgicos y más activos de estos grupos consideran que en la situación actual no trabajan a pleno rendimiento. Desean realizarse plenamente en su trabajo, tener mejores condiciones de vida y, por consiguiente, son partidarios de una intensificación de la actividad económica. En cambio, una parte de los trabajadores —la más pasiva, de edad relativamente avanzada y menos cualificada— teme que la mayor complejidad de sus atribuciones, el aumento de la intensidad del trabajo y la mayor responsabilidad económica en lo que a resultados se refiere, sean el precio que deben pagar por la ampliación de sus derechos y el aumento de sus ingresos. Esto no complace a todos, tanto más cuando el sistema, tal y como existe desde hace décadas, ha formado trabajadores esencialmente pasivos.

Activar participación de los trabajadores en la gestión

La elaboración del mecanismo concreto de gestión de la economía, basado en estímulos económicos, está por hacer. Se han estudiado muy poco los aspectos sociales de una reforma como ésta: ¿cómo armonizar los intereses generales, los intereses de grupo y los intereses individuales? ¿Cómo llegar a formas positivas de comportamiento económico? ¿Cómo activar la participación de los trabajadores en la gestión de la economía y de la sociedad?

El "modelo" de relaciones de producción en vías de elaboración debe tener en cuenta: el carácter complejo, "pluridimensional" y a menudo conflictivo de los intereses de los grupos que intervienen en el ámbito económico, de las regularidades subyacentes a su comportamiento, a su interacción; el contenido de su "diálogo" con las instituciones sociales y los órganos de gestión. Del mismo modo, la elaboración de una estrategia de transformación de las relaciones de producción presupone un conocimiento serio de la situación social, de las necesidades, de los intereses, del comportamiento actual y potencial de los grupos que pueden ejercer una influencia decisiva sobre el curso de las reformas.

Sin embargo, todas estas cuestiones están extremadamente poco estudiadas. Desconocemos por completo, incluso en lo que a la parte superior del *iceberg* se refiere, las relaciones socio-económicas: nos referimos con esto a especificidades concretas acerca de la situación de los grupos de trabajadores en cada rama, cada profesión, cada región (nivel y fuentes de ingresos, condiciones de vivienda, nivel de los servicios, estructura del consumo, etc...). Desconocemos tanto o más, si cabe, el contenido y las peculiaridades de la conciencia socio-económica de estos grupos: escala de valores y su orientación, nivel y estructura de las necesidades, contenidos y formas de expresión de sus intereses, etc.. Por ello nos parece decisivo poner en primer plano el estudio del mecanismo social del desarrollo de la economía. Al hablar de este mecanismo nos referimos al sistema estable de interacción de los distintos grupos socio-económicos en la producción de la vida del hombre, en la utilización del medio ambiente, en la creación y consumo de bienes materiales y de servicios. La regulación de este sistema se basa, por un lado, en las instituciones sociales tal como se han constituido históricamente, y, por otro, en la actividad habitual de los órganos de gestión de la economía. En cuanto a la forma específica de funcionamiento de este sistema, está determinada por el comportamiento socio-económico de los grupos tal y como viene definido por la situación y los intereses de cada uno de ellos.

La actividad de los órganos de gestión estatales define las condiciones económicas y jurídicas en las que se inscribe el comportamiento de los grupos socio-económicos. Además, estos grupos son partícipes con pleno derecho del "diálogo" con los órganos de gestión. Incluso en el marco de una reglamentación extremadamente rígida del comportamiento en el ámbito económico, siempre le queda a la población una cierta opción en cuanto a las reacciones frente a los límites impuestos por el Estado, reacciones que muy a menudo no son comprendidas ni incluso percibidas. De ahí surge la posibilidad de conflictos ocultos o declarados entre los intereses de los grupos y los de la sociedad en su conjunto. Pero el contenido de este mecanismo no se reduce al "diálogo" de la población con el Estado. Su otro aspecto radica en la interacción entre los distintos grupos.

Cuando los intereses de los distintos grupos coinciden, éstos se unen para alcanzar juntos sus objetivos. En cambio, si estos intereses divergen, cosa que se produce a menudo, aparece la posibilidad de conflictos. En determinados casos estos conflictos se resuelven por sí mismos; en otros es necesario recurrir a los árbitros, que son las instancias del partido y del poder, en tanto que ambos definen normas de comportamiento entre los interlocutores socio-económicos.

El tipo social de trabajador

Como dijo Marx, la personalidad se presenta como la "marca" de todas las relaciones sociales en las cuales está y ha estado implicada. De este modo, cada sistema de relaciones de producción da lugar a un tipo social de hombre en tanto que agente económico, a un tipo social de trabajador acorde con la esencia de este sistema. Hay que reconocer que el mecanismo social del desarrollo de la economía, vigente hoy en la Unión Soviética, no da resultados satisfactorios. El tipo social de trabajador no corresponde ni a los objetivos estratégicos de una sociedad socialista desarrollada ni a las exigencias de la producción actual. El bajísimo nivel de disciplina en el trabajo y en la producción, la indiferencia frente al trabajo efectuado, la baja calidad del trabajo suministrado, la inercia social, la muy débil valorización del trabajo como medio de realización personal, las orientaciones fuertemente consumistas y el bajo nivel de moralidad, caracterizan a un gran número de trabajadores cuyo comportamiento se ha forjado a lo largo de los últimos quinquenios.

Bastará recordar la extensión adquirida por la actividad de los distribuidores de sobornos, el desarrollo de transacciones dudosas en detrimento de la sociedad, la extensión de circuitos de producción "paralelos", la atribución de sueldos independientemente de los resultados efectivos del trabajo, la manipulación de los objetivos fijados por el plan.

Estamos convencidos de que el esfuerzo de estos rasgos negativos así como el descenso de los ritmos de crecimiento de la producción son el resultado de la descomposición del mecanismo social de desarrollo de la economía. En la actualidad, este mecanismo no tiende a activar sino, al contrario, a agarrotar la actividad económica útil de la población.

RS 024

URSS

URSS

SUBE DESDE EL PIE

El proceso de reformas y democratización emprendido por el premier soviético Mijail Gorbachov en su país ha hecho recordar de pronto que "URSS" significa "Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas", ante el crecimiento de las tendencias autonomistas, o de reafirmación nacional.

La zona más delicada es Ucrania, que representa la principal masa territorial fuera de la propia República Rusa. Invadida hace siglos por los zares, le permitió a Rusia, como lo apuntó un especialista, no ser, como Canadá, "un país aislado en los hielos". Con 51 millones de habitantes, su posición estratégica, ha llevado a Gorbachov a tratar con guante de seda al líder partidario de Ucrania, Vladimir Scherbitski, aunque éste haya estado estrechamente vinculado a la estructura de poder de Leónidas Breznev, contra cuya influencia ha emprendido Gorbachov su proceso de "glasnost". En esa cautela influye un hecho concreto: el modo en que estallaron manifestaciones nacionalistas en la república de Kazakstán en diciembre pasado, cuando Gorbachov quitó de su puesto a otro ex "breznevista". Los analistas afirman que en este caso Gorbachov apuesta en cambio a crear una nueva oposición dentro de la propia Ucrania.

En Yerevan, capital de la Armenia Soviética, entretanto, el líder nacionalista Paruir Airikian ha solicitado permiso para crear una organización en apoyo de la independencia armenia. Airikian fue liberado hace poco de su prisión siberiana con otros líderes nacionalistas. Entre sus proyectos se cuenta la instalación de un canal de TV que vincule a los armenios soviéticos con los armenios norteamericanos de Los Angeles.

Como ocurrió en su momento con España, una de las principales reivindicaciones es la del idioma: en Estonia, en Ucrania, en Bielorrusia, en las repúblicas del Báltico, las solicitudes para ofrecer clases, audiciones y documentos en los idiomas locales, y de poner límites al empleo masivo del ruso, se han amontonado sobre los mostradores oficiales.

LA RAZÓN 11.1.87

01/01

8705342

LA HORA 4/6/87

UOFUNSA recibió delegados soviéticos



La Directiva de la Unión de Obreros de FUNSA recibió el pasado martes por la noche en su local sindical a los delegados del Consejo Central de Sindicatos Soviéticos Valentín Makeev, de la Central de Trabajadores de Cuba, Ramón Cardona, y al representante de la organización sindical latinoamericana CPUSTAL, Simeón López. Los sindicalistas extranjeros, departieron un grato momento con la Directiva del sindicato de FUNSA encabezada por Luis Romero y Juan Carlos Pereyra, este último del secretariado ejecutivo del PIT-CNT, así como Thelmas Borges, también del secretariado de la central, Ignacio Martínez (FUS), Félix Díaz (SUANP), Hugo Bergalli (SUA), entre otros.

01.01

8705343

RS
O 4P

PERLA

Gorbachov inauguró Congreso Internacional de Mujeres

Moscú, (Por Ricardo Saxlund). **Mijail Gorbachov saludó ayer al Congreso Mundial de Mujeres reunido en el Palacio de los Congresos en el Kremlin de la capital soviética.**

Están presentes delegaciones de más de 150 países y de un centenar de organizaciones internacionales. Se caracteriza el Congreso como una vastísima exposición de ideas y de concepciones distintas. La delegación uruguaya, de una veintena de delegadas, está presidida por Matilde Rodríguez Larreta de Gutiérrez Ruiz.

El líder soviético calificó el Congreso de "impresionante revelación de la comprensión" del acontecer mundial en todos los países. Afirmó que el movimiento femenino es fuerte y contribuye a la paz y las relaciones de buena voluntad. Recordó Gorbachov que ningún Estado ni legislación alguna antes de 1917 hizo por los derechos de la mujer tanto como el Estado soviético ya en los primeros tiempos siguientes a la revolución. "Las mujeres en la URSS tienen efectivamente los mismos derechos que los hombres", afirmó.

Señaló el secretario general, que "la restructuración de la URSS permitirá revelar las capacidades del socialismo". Se trata, agregó, "de conferir fisonomía cualitativamente nueva al sistema socialista, desarrollar el humanismo que está en sus fundamentos de principios, el respeto a la dignidad del hombre y elevar a un nuevo grado el título de ciudadano de la patria socialista". Señaló Gorbachov que a finales del siglo se llega a un estado crítico de la civilización y que la tarea prioritaria es impedir el estallido de armas, capaces de "convertir el planeta en ruinas y cenizas".

Trató luego la inmoralidad de extasiarse con el progreso científico y técnico "cerrando los ojos a que solamente goza de sus frutos parte insignificante de los habitantes de la Tierra", que crece la distancia entre un pequeño número de países industrializados y países de Asia, Africa, y América Latina. "Alcanzó dimensiones de catástrofe el endeudamiento financiero de estos países", consecuencia de la actividad expoliadora de bancos y corporaciones del "norte" capitalista. "El desarme para el desarrollo, la confianza y la colaboración, he aquí las 'tres ballenas' sobre las que se puede ir al futuro. Ya no hay alternativa".

Destacó Gorbachov las iniciativas soviéticas por la paz y el desarme y señaló que por lo general recibe respuesta negativa inmediata o la confirmación dogmática de viejas ideas y posiciones.

MENSAJE DE LA ONU

En la sesión inaugural del Congreso se dio lectura a un mensaje de Javier Pérez de Cuellar. El secretario general de la ONU subraya el aporte



Lily Lerena de Seregni, participa junto a una nutrida delegación compatriota en los debates del Congreso que se realiza en la capital soviética.



Mijail Gorbachov, secretario general del PCUS, inauguró en la víspera el Congreso de Mujeres más importante de la historia.

femenino al fortalecimiento de la paz, la igualdad social y el desarrollo global, en la búsqueda de caminos conducentes a superar los fenómenos mundiales negativos y crear una sociedad mundial pacífica.

Contrastó Gorbachov la "nueva mentalidad" que la URSS aplica en política exterior con la acción de EE.UU. que sigue apostando a la fuerza de las armas y la extensión del campo de confrontación militar incluido el espacio circunterrestre.

Recordó los hechos de esa política soviética desde la moratoria unilateral de ensayos nucleares hasta las más recientes para efectivizar el desarme en Europa, pero —una a una— marcó los vaivenes, retrocesos y negativas posturas de EE.UU. y sus aliados en la OTAN. En particular (y respecto a la decisión de la OTAN en su reciente reunión en Reykjavik), dijo: "después de muchos meses de dilaciones y 'vaivenes', los de la OTAN dan una respuesta al parecer positiva. Ponen en guardia las aclaraciones subsiguientes y declaraciones por canales diplomáticos. De nuevo, como ocurrió repetidas veces, vemos propósitos de retroceder de lo que ya se había convenido entre Moscú y Washington a nivel político. De nuevo nos presentan exigencias que están contra el principio de igual seguridad".

Tras [illegible]

cias" de la administración de EE.UU., a los "incorregibles militaristas" y subrayó las decisiones del Tratado de Varsovia desde la reunión en Budapest, hace un año, hasta la reciente en Berlín, y las especulaciones falsas sobre superioridad armada soviética afirmó Mijail Gorbachov que la URSS seguirá con pasos efectivos para salir al desarme, "pero hace falta que también la otra parte haga algo y que no se dediquen solamente a inventar cada vez nuevas exigencias a nosotros y a poner a prueba nuestra paciencia".

La australiana Frieda Brown, presidenta de la Federación Democrática Internacional de Mujeres, subrayó como rasgos distintivos de este encuentro, que no habrá resoluciones y que las discusiones se realizarán en comisiones, centros de debates y encuentros temáticos y no en sesiones plenarias. El Congreso ha de demostrar que es más fuerte lo que une a las mujeres que las razones políticas o religiosas que puedan separarlas.

Del Congreso, con el lema "Adelante hacia el año 2000 sin armas nucleares. Paz, igualdad y desarrollo", fue elegida presidenta Frieda Brown, y vicepresidenta Zoya Pujova, presidenta del Comité de Mujeres Soviéticas. La primera oradora extranjera fue Margareta Papandreu, de Grecia. A la sesión plenaria de la mañana siguió en la tarde el fun[illegible] comisiones.

URSS

CANZAN CON CONGRESOS

PARTES ILEGIBLE

01/01

8705349

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Misiles Soviéticos. Un nuevo peligro para Europa.

PROCEDENCIA: 30/3/87 CAMBIO 16.

ARCHIVADO EN:

DESARME (022)

01/01 8705357

CONVERSACIONES DE LA URSS Y CHINA

Shevardnadze recibió al vicecanciller chino Qian Qichen

Moscú, (PL) —El ministro de Relaciones Exteriores de la URSS, Eduard Shevardnadze, recibió ayer al vicecanciller chino Qian Qichen representante especial de su país en las consultas políticas que efectúan ambas partes desde 1982.

Aunque no se ha informado oficialmente, esta entrevista debe haber puesto punto final a la décima ronda de conversaciones soviético-chinas, iniciada el pasado día 14.

Después de recibir amplia información sobre las últimas gestiones de la URSS en materia de desarme durante la visita a Praga del líder soviético Mijaíl Gorbachov y en sus conversaciones con el secretario de Estado norteamericano, George Shultz, el vicecanciller chino escuchó de Shevardnadze detalles de los procesos actuales que tienen lugar en el país.

La nota difundida al respecto indica que Qian Qichen reiteró las acostumbradas posiciones chinas de vincular la cuestión de las relaciones entre los dos países con los conflictos en Indochina y otros problemas regionales, que la URSS siempre ha rechazado indicando su desacuerdo con un mejoramiento de los vínculos con Pekín en detrimento de terceros países.

Sin embargo, subraya la nota, a pesar de la diferencia de concepciones sobre determinados problemas internacionales y las vías para su arreglo, las partes confirmaron que consideran su diálogo útil y se manifestaron por su continuación.

Estas consultas políticas chino-soviéticas se efectúan desde 1982, dos veces al año, alternando las capitales.

A este proceso de acercamiento le siguió la celebración en marzo de este año de la primera ronda de conversaciones sobre problemas fronterizos, después de nueve años de suspendidas.

Próximamente, se espera la llegada a Moscú de una importante delegación gubernamental china para la colaboración económica, comercial y científico-técnica entre los dos países.



Eduard Shevardnadze canciller soviético quien recibió al representante chino para la décima ronda de conversaciones entre los dos países, con perspectivas para incrementar el intercambio comercial.

ANUNCIA PROXIMA LLEGADA DE MINISTRO MEXICANO DEL EXTERIOR

El ministro de Relaciones Exteriores de México, Bernardo Sepúlveda, llegará a la URSS en visita oficial en los primeros días de mayo, se informó aquí.

Una nota oficial difundida ayer, indica que la visita de Sepúlveda responde a una invitación del gobierno soviético.

Su llegada a la URSS se espera alrededor del próximo día 3, según fuentes cercanas a la embajada mexicana en la URSS.

Sepúlveda continuará aquí su intercambio de opiniones políticas con el canciller soviético Eduard Shevardnadze, quien visitó México a fines del pasado año.

Se supone que la visita del canciller mexicano esté relacionada con los preparativos del viaje del líder soviético Mijaíl Gorbachov a México, quien recibió una invitación oficial del presidente Miguel de la Madrid.

01/01

8705367

Q5

ARCHIVAR EN: URSS (826)

TEMA: Thatcher en Moscú. Paz basada en realismo y fuerza.

PROCEDENCIA: El DIA 17/4/87

ARCHIVADO EN: GRAN BRETAÑA (013)

01/01 8705368

RS

PERLA

APERTURA FINANCIERA SOVIETICA

La URSS llega al euromercado

El Vneshtorgbank es un banco soviético instalado en Zurich que acaba de participar en una colocación de bonos junto al Chase Manhattan, el Royal Bank of Canada y el Banco di Roma. La entidad soviética está integrándose activamente a la veloz operatoria financiera de Europa occidental, dentro de un esquema promovido por la administración Gorbachov.

VIENA, 24 (ANSA). — "Los norteamericanos sostienen que la política sigue al comercio. En la URSS nosotros afirmamos lo contrario: el comercio sigue a la política", dijo Vladimir Goriounov, director general de la filial de Zurich del Vneshtorgbank (el banco soviético para el comercio exterior).

Esta filial ya es famosa. En la Schutzengasse, que está a pocos metros de la estación ferroviaria, en el centro de la ciudad nueva de Zurich, los funcionarios de la única filial existente en el exterior de un banco soviético, tienen sus reuniones.

Según el último balance disponible, dado a conocer en 1986, las ganancias aumentaban a la tasa anual del 30% (desde 386 millones de rublos al 1º de enero de 1985 hasta 492 millones al 1º de enero de 1986). Disminuían en el activo los renglones de caja y liquidez, y en cambio aumentaban créditos garantizados, títulos y acciones. Finalmente, los mismos redactores del balance indicaban como en vías de gran desarrollo sus relaciones financieras con entidades de Francia, Italia, Alemania Federal y Japón.

El Vneshtorgbank opera activamente en los mercados internacionales de los capitales. Sus funcionarios son considerados entre los más capaces y dignos de confianza.

• No usamos la K.G.B.

Manteniendo buenas relaciones con todos los bancos extranjeros, obtienen informaciones que les permiten operar rápidamente. Según numerosos observadores internacionales, las intervenciones del banco soviético en el mercado de los cambios son imitadas por los otros operadores y consideradas indicadoras. "La gente dice que nosotros utilizamos las informaciones de la K.G.B. —sostiene siempre Goriounov— pero no es cierto. También hace tres años decían que atacábamos el marco para favorecer la reelección de los socialdemócratas en Alemania, pero nosotros administramos nuestra cartera desde un estricto punto de vista de riesgo y rentabilidad."

A veces, de todos modos, ocurre que el banco soviético se orienta contra una u otra moneda. Más recientemente ha operado limitando sus compras de francos suizos y, en el mes de setiembre del año pasado, de dólares.

Entretanto, durante los últimos meses el Vneshtorgbank ha empezado a intensificar su actividad en los euromercados. Después de participar en una primera operación de suscripción de eurobonos, efectuada en el pasado agosto, suscribiendo una "tranche" (cuota) de 500 millones de yenes sobre una emisión de 15 mil millones capitaneada por el Nordic Investment Bank, los dirigentes financieros del banco soviético han participado también en una colocación italiana actuando dentro de un "pool" integrado por el Chase Manhattan Bank, el Royal Bank of Canada y el Banco di Roma.

• Otras vinculaciones

Otros cinco bancos de propiedad soviética se hallan presentes en los principales centros financieros internacionales: el Moscow Narodni, en Londres (tiene una filial también en Singapur); la Banque Commerciale pour L'Europe du Nord (Eurobank) con sede en París; el East-West United Bank, en Luxemburgo; el Ost West Handelsbank, de Francfort; y el Donaubank, de Viena. Pero los reflejos internacionales del nuevo activismo financiero soviético representan solo la tradicional punta del iceberg de la evolución financiera soviética.

La interpretación tradicional de las finanzas soviéticas se halla comprimida entre la falta de información y el prejuicio, según el cual una economía planificada no tiene prácticamente necesidad de lubricante que haga coincidir las decisiones de gasto y la posibilidad de hallar los fondos.

La realidad no es tan simple y también el esquema lineal y tradicional del sistema bancario soviético parece destinado a evolucionar. Esto está siendo favorecido por las reformas que la administración Gorbachov pretende instrumentar en la economía soviética.

El sistema financiero interno de la URSS está integrado básicamente por tres entidades. En lo que atañe a las relaciones comerciales con el exterior, hay que tener en cuenta también el IBEC y el IIB (los Clearing Bank del Comecon), activos también en el Euromercado.

El Gosbank, único instituto de emisión, de crédito y de caja de la Unión Soviética que efectúa financiaciones a corto y largo término; recoge los medios monetarios de las empresas estatales, de las sociedades cooperativas, de las asociaciones de empresas, de las organizaciones y de la población, y los utiliza como recursos financieros para el otorgamiento de créditos, efectúa los arreglos al contado y no al contado, cumple funciones de caja por cuenta del Estado y coordina la política monetaria.

Las cajas de ahorro, que al inicio de los '80 eran más de 80.000 entre sedes centrales y agencias, son prácticamente agencias del Gosbank, que recogen las disponibilidades monetarias.

El Stroibank (banco para la financiación de las inversiones), que otorga financiaciones a largo término a todos los sectores de la economía, con excepción de la agricultura.

URSS

026

01/01

8705370

PERU

El impacto de la nueva campaña soviética en el bloque del Este

El hermano mayor ciertamente aún hace valer su estatura

Por Flora Lewis

MOSCU (The New York Times). – Una de las paradojas del programa de "apertura" y "reestructuración" de Mikhail Gorbachov es el impacto que causó en el bloque soviético.

El régimen que el Ejército Rojo instaló en Praga en 1968 para acabar con la versión checoslovaca de esas reformas mantiene ahora frías relaciones con el líder soviético. También hacen lo propio los regímenes de Alemania Oriental y Bulgaria. Y ni qué hablar de Rumania, que es tan stalinista que apenas si pertenece a la misma generación.

Por otra parte, la opinión pública de Alemania Oriental y Checoslovaquia mostró un entusiasmo generalizado por las ideas de Gorbachov, lo cual es una razón importante de que sus líderes no estén complacidos. En ambos países la gente ahora compra más –por primera vez– los diarios oficiales soviéticos, mientras que el órgano oficial del Partido Comunista de Alemania Oriental, el Neues Deutschland, censura a veces párrafos referidos a la "glasnost" en los discursos de Gorbachov. Cuando estuvo días atrás en Berlín Oriental, Gorbachov no fue tratado como el gran líder del bloque, sino simplemente como otro participante más de la reunión "cumbre" del Pacto de Varsovia.

Polonia y Hungría

El régimen que el Ejército Rojo amenazó en Polonia, en 1981, hasta que fue declarada la ley marcial, es actualmente el aliado más cercano de Gorbachov en todo el bloque. Hungría también lo sigue aclamando, en tanto Gorbachov, por su parte, le ofrece más espacio para que Budapest introduzca sus propias reformas internas y mejores perspectivas para reconciliar a su pueblo.

De manera que surge una nueva diversidad en las relaciones de Europa del Este con Moscú. Obviamente, el líder soviético preferiría un apoyo mayor. Pero ha declarado que ya no hay ningún "centro" en el bloque y que cada miembro es igualmente autónomo para resolver los problemas a su manera, aunque el hermano mayor ciertamente aún hace valer su estatura.

Sin demasiadas presiones

No es sólo el "nuevo pensamiento" –en la jerga soviética– lo que modera al líder soviético y hace que no presione al resto para que introduzcan reformas. Lo último que le gustaría a Gorbachov es ver una crisis en el bloque, la cual provocaría su caída. De manera que no tiene interés en presionar demasiado. La revolución húngara en 1956 y el desafío polaco que la precedió fueron en gran parte resultado del intento de Nikita Khrushchev de introducir reformas más modestas en la Unión Soviética, aunque nunca instó a los demás a que siguieran su ejemplo.

"Moscú no es nuestra Roma"

Pero a Gorbachov claramente le agradaría que resurja una especie de foro comunista mundial. Desde su ruptura con China, en la década de los años 50, Moscú nunca fue capaz de convocar a una reunión mundial de partidos comunistas. Ni siquiera fue capaz de reunir a todos los partidos comunistas europeos desde la conferencia "cumbre" de Berlín Oriental en 1976, donde Santiago Carrillo, de España, le dijo en la cara al propio Brezhnev: "Moscú no es nuestra Roma y octubre (la Revolución) no es nuestra Navidad".



Gorbachov y Honecker se saludan en el aeropuerto de Schoenefeld, el 27 de mayo pasado

Como dijo en la capital soviética un diplomático polaco: "Se trata de una anomalía. Los socialistas, los demócratas cristianos, los liberales, todos celebran conferencias internacionales. Los únicos que no pueden son los comunistas". Aludía, por supuesto, a reuniones que incluyeran partidos de países no comunistas.

Durante una entrevista que concedió hace poco al diario comunista italiano L'Unità, Gorbachov expresó que no veía "razón alguna por la precaución" de ciertos partidos comunistas respecto de volver a la tradición de las reuniones. Esto fue evidentemente una burla a los italianos, que actúan con cautela, recelosos de dar una impresión de renovado sometimiento frente a Moscú. La posición de los italianos era que cualquier conferencia debería incluir a los socialistas, los socialdemócratas y los movimientos de liberación.

Gorbachov pareció coincidir, a la vez que instó a unificar todos los sectores "progresistas" y exigió que prevenir la guerra nuclear sea "su eje central, su aspecto esencial".

Una reunión informal

El líder soviético anunció, por otra parte, que representantes de varios partidos serían invitados a Moscú este año para celebrar el 70° aniversario de la revolución bolchevique y que propondría "una reunión informal para analizar detenidamente las cuestiones claves que preocupan a todo el mundo... Sin documentos de ninguna naturaleza y sin emitir ningún comunicado respecto de los resultados".

Algunos diplomáticos de Europa del Este en la capital soviética consideran que ésa será una prueba para ver si es factible una conferencia más formal. Pero tienen sus dudas al respecto.

Por su parte, algunos diplomáticos de Europa occidental consideran esa reunión informal como un intento de establecer un nuevo frente popular a escala mundial, algo que recuerda la colaboración soviética, en 1930, con los partidos de izquierda no comunistas de Europa.

Campaña

Todo esto forma parte del empeño soviético a largo plazo de recobrar su prestigio y su poder de convocatoria, a través del mejoramiento del nivel de vida en el plano interno y de su reputación en el extranjero.

Recomponer la ideología y recuperar la lealtad de los "progresistas" constituyen una parte integral de la campaña de Gorbachov.

Y como el propio líder soviético dijo a los italianos, la "prensa burguesa" comete un error si piensa que Gorbachov está en favor de una democracia al estilo occidental. Y no dijo esas palabras simplemente para tranquilizar a camaradas preocupados. Las dijo m[illegible]

(Traducción de [illegible]) (c) LA NACION

8705374

01701

RS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Embajador Soviético.

PROCEDENCIA: LA HORA 25/3/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (B)

01-01

8705394



ALGUNOS ASPECTOS DE LA "PERESTROIKA"

Escribe nuestro director Eduardo Viera

DESDE el XXVII Congreso del PCUS y particularmente desde el Pleno de enero de 1986, en la Unión Soviética se desarrolla una inmensa renovación en todas las esferas. Tanto en el pensamiento teórico, desarrollando el marxismo-leninismo a la luz de las condiciones concretas que vive hoy la URSS —aunque conteniendo tesis de una significación más general— como cambios en la esfera económica y social y cambios en los fenómenos de la superestructura. Bajo el lema de "más socialismo y más democracia" se trata de modificaciones cualitativas. Por eso hasta se ha hablado de transformaciones revolucionarias, cuando en sentido estricto solo puede hablarse de revolución cuando se modifican las clases en el poder y se trastocan radicalmente las relaciones de producción.

CONTRA EL DOGMATISMO

Sobresale el viento fresco del combate sin tregua a toda actitud dogmática, a todo estancamiento de la teoría que no puede menos que reflejarse, cuando ello ocurre, en la práctica social y viceversa.

Es fundamental que las contradicciones no se ignoren, sino que se busquen los caminos de superación. Y por cierto en la marcha del socialismo surgen contradicciones, aunque no sean antagónicas.

La revolución socialista, decretando la propiedad social de los medios de producción coloca a las relaciones de producción en concordancia con las fuerzas productivas cuyo desenvolvimiento choca con la apropiación privada. Pero aquellas relaciones no se pueden encarar estáticamente; si estas relaciones se estancan, no se modifican, surgen fenómenos negativos.

NO SE TRATA DE CRISIS

No se trata de ninguna crisis de la economía soviética. Entre 1971 y 1980 el volumen de la producción industrial en la URSS casi se duplicó, mientras que la Gran Bretaña necesitó para ello 26 años; la República Federal Alemana y Francia, 18; y Estados Unidos 17 años. En este último país en el mencionado período tuvieron lugar tres recesiones de la producción industrial. De 1951 a 1981 el promedio anual de incremento de la producción agropecuaria llegó al 2,9% contra 1,8% en EE.UU. La productividad del trabajo ha crecido en la URSS como término medio en el 6,2% anual y en EE.UU. en el 2%. Los éxitos obtenidos por la URSS en la exploración civil del espacio cósmico expresan de un modo concentrado sus adelantos científicos (1).

Pero a fines de los años 70 y comienzo de los 80 aparecieron tendencias negativas. Por diversas razones, se agotaron las posibilidades de un desarrollo extensivo. Fundamentalmente era necesario responder positivamente al reto de la revolución técnico-científica.

La renovación que actualmente se realiza en la URSS tiene como una de sus finalidades resolver la plena combinación del socialismo con la revolución técnico-científica, ya que al fin de cuentas solo el socialismo y el comunismo pueden llevar esta revolución hasta el fin.

Pero ello requiere perfeccionar las relaciones de producción a través del sistema de la autogestión financiera y formas superiores de la organización del trabajo que permitan coincidir los intereses de cada trabajador, de los colectivos laborales y de toda la sociedad, y que tiene que ver con las brigadas autogestionadas, las formas de remuneración de acuerdo a los resultados del trabajo, la adecuación de los planes a los requerimientos reales de la demanda, etc. Se trata de conjugar el plan, la dirección centralizada con la plena responsabilidad de las empresas por los resultados de su actividad y la utilización de las relaciones monetario-mercantiles.

Hoy ya se advierten aumentos en la producción y en la productividad, aunque se considera que todavía existen muchos fenómenos de inercia y burocratismo y mantenimiento de determinados mecanismos que frenan la renovación.

La perestroika ya se reflejó, por ejemplo, en el aumento de comestibles en Moscú. En el último año el comercio de estos productos creció dos veces. Esto se debe en parte a que ahora los koljoses pueden vender directamente una parte de su producción. No se trata de la producción de las haciendas individuales de los koljosianos, que ya anteriormente era vendida en los mercados, sino una parte de la producción del mismo koljós.

En una interesante entrevista que tuvimos en el periódico "Pravda" con el responsable del Departamento de las Cartas de Lectores, el compañero Víctor Grishin y Vladimir Somov, subjefe del departamento de los problemas agroindustriales, éste nos explicaba algunas dificultades que todavía existen en esta esfera en la región de Moscú. Actualmente en este sector se aplican planes normativos de acuerdo a la calidad de la tierra y al equipamiento. No se fijan cantidades para producir, que es un asunto del koljós: el koljós debe vender una parte para el fondo estatal a los precios oficiales; el 30 por ciento de su producción puede comercializarla a los precios del mercado. Pero el compañero Somov nos decía que en la región no todos están usando de este derecho; en vez del 30 por ciento, comercializan un 2 por ciento promedialmente. Hay problemas de inercia, dificultades prácticas en los mercados, que esperan superar este año y sobre todo el próximo.

MAS DEMOCRACIA

La perestroika no concierne solo a la economía. Gorbachov y otros dirigentes soviéticos insisten en que la palanca principal de la reestructura, es el desarrollo de la democracia. Es cierto que sobre la base de la propiedad social de los medios de producción, el sistema de los Soviets de arriba a abajo, desde los Soviets locales al Soviet Supremo, la participación de los sindicatos y otras formas de organización social, constituían un sólido basamento de la democracia, más allá de hechos negativos ocurridos en la agudeza de la lucha de clases, los fenómenos del culto a la personalidad o violaciones a veces innecesarias de la legalidad socialista cuando la situación había cambiado.

Pero en realidad existían también aquí ideas espontaneístas y dogmáticas, que subestimaban la real participación de las masas, sustituida por una presencia a veces formal.

"Un gobierno del pueblo por el pueblo" fue la definición que dio Marx de la Comuna de París. Y de eso se trata. Es necesario, pues, que los Soviets cumplan plenamente su papel. También los sindicatos, por ejemplo. Aunque nadie la formulara, en los hechos se partía de la conclusión de que siendo un Estado socialista no podía haber contradicciones entre los trabajadores de una empresa y la administración de la misma.

Ya en 1920 en la discusión sobre los sindicatos y en discrepancia con Trotski y otros dirigentes de entonces, Lenin dijo: "Nuestro Estado de hoy es tal que el proletariado organizado en su totalidad debe defenderse, y nosotros debemos utilizar estas organizaciones obreras para defender a los obreros frente a su Estado y para que los obreros defiendan nuestro Estado. Una y otra defensa se efectúa a través de una combinación original de nuestras medidas estatales y de nuestro acuerdo, del "enlazamiento con los sindicatos". (2)

Es cierto que eran los primeros tiempos del Poder soviético, pero de todas maneras, una garantía contra el burocratismo y las medidas arbitrarias e injustas, es la participación real de los sindicatos. Y más todavía con las facultades muy amplias otorgadas a los colectivos de trabajadores, tanto en los aspectos de la producción, de la organización laboral, de las condiciones de trabajo y el principio de elegibilidad de todos los dirigentes de las empresas, de acuerdo al proyecto de ley que tiene a estudio el Soviet Supremo, combinando la autonomía de las empresas con la participación creativa de las masas.

De acuerdo a esa ley, después de cumplir sus obligaciones para con el conjunto de la sociedad, de su contribución al presupuesto estatal, los trabajadores de una empresa dirigirán la producción, se distribuirán los beneficios y elegirán sus dirigentes, jefes, contramaestres, etc. Ya en parte lo están haciendo. Cualquiera puede comprender el contraste frente a cualquier país capitalista.

Y es claro que cuando no se respetan los derechos de los trabajadores, ocurren casos excepcionales como la huelga en el trust "Mostransguidrostroi" exigiendo mejores condiciones de trabajo, suceso que fue presentado enseguida en la televisión de Moscú; los justos reclamos fueron inmediatamente atendidos, se decidió que los obreros elegirían el nuevo Director. Todavía es necesario defenderse frente a algunos burócratas.

LAS FORMAS DE ELECCION

En el desenvolvimiento de la democracia es importante la forma de elección. Aunque no lo estableciera la legislación, en la práctica había candidatos únicos en cada circunscripción.

Hoy se estimula que en las elecciones en las empresas y también para los Soviets existan varios candidatos.

Represalia Soviética

MOSCU EXPULSA 6 CIUDADANOS FRANCESES

MOSCU, 4 (Nota sobre fuentes de ANSA y EFE). — A la expulsión de tres funcionarios soviéticos de Francia la Unión Soviética ha respondido con la expulsión de seis representantes franceses en Moscú.

Moscú, al parecer, no ha querido respetar la igualdad numérica de los expulsados a causa de la importancia que la prensa soviética dio a la expulsión de los tres funcionarios de la embajada de París y a la "provocación" contra el barco mercante "Fiodor Podtelkov" mientras se encontraba frente al puerto de Toulon.

El órgano de gobierno "Isvestia" dedicó hoy un largo artículo al testimonio de la soviética Lyudnila Varigina (Verdier) "arrestada sin motivo e interrogada en el comisariato de policía de Rouen durante doce horas sin interrupción".

La cancillería soviética convocó al embajador francés en Moscú Yves Pagnies para entregarle un documento con una "decidida protesta" y anunciarle la decisión de expulsar a tres diplomáticos, a un asistente del agregado militar, a un negociante y a un funcionario de la Cámara de Comercio Frana-Soviética. El comunicado al término del encuentro en la cancillería soviética de "provocación", de "acciones de clara enemistad" y de gestiones que "envenenan la atmósfera de los contactos soviético-franceses y obstaculizan las normales relaciones entre los dos países.

El año pasado en febrero, cuando Francia expulso a cuatro funcionarios soviéticos de París, Moscú respondió expulsando al un igual número de diplomáticos franceses pero, en 1983, cuando Francia expulsó a 47 soviéticos acusados de "espionaje" Moscú se limitó a guardar silencio.

En la declaración de la cancillería soviética se reprocha a Francia estas acciones hostiles en un momento en el que la Unión Soviética esta tratando de enfocar de modo nuevo su política internacional.

De todas maneras parece que la expulsión recíproca entre este-oeste de diplomáticos, periodistas y representantes comerciales es una constante en las relaciones de los dos bloques.

Por su parte el gobierno francés no tuvo ninguna reacción esta noche a la medida de expulsión de la URSS seis de sus ciudadanos, tres de ellos diplomáticos.

Un portavoz del ministerio de Asuntos Exteriores francés afirmó que el gobierno Chirac no ha dado a conocer, por el momento, ninguna reacción a la medida soviética.

El portavoz ministerial explicó, asimismo, que se desconoce si la medida del gobierno soviético provocará una reacción inmediata de París.

La expulsión de los seis ciudadanos franceses de la Unión Soviética fue decidida hoy por Moscú en respuesta a las recientes medidas adoptadas por las autoridades francesas.

Tres miembros de la embajada soviética en París recibieron una orden de expulsión de Francia por realizar "actividades sin relación con su misión y su status".

Los tres soviéticos estaban presuntamente implicados en un caso de espionaje militar e industrial sobre los motores del cohete europeo "Ariane".

La creciente tensión entre París y Moscú hacía prever la inminencia de medidas de represalia por parte del gobierno soviético.

URSS

01/01

8705413

Confirmado: 170 Barcos Pesqueros Soviéticos Utilizarían Como Base Puerto de Montevideo

Una misión soviética, encabezada por el Vice Ministro de Pesca de ese país, se encuentra en Montevideo y mañana comienza a negociar con las autoridades uruguayas un convenio por el cual 170 barcos pesqueros rusos podrían utilizar el Puerto de Montevideo como base de sus actividades. Este es el número de buques que quedó fuera del acuerdo alcanzado en materia de pesca por la Unión Soviética y la República Argentina.

En efecto, como nuestros lectores recordarán, EL PAIS anunció hace varios días la negociación global que Uruguay y la URSS iniciarían en breve, de cara a la visita del Presidente Julio María Sanguinetti a aquella nación en junio próximo.

Uno de los elementos que manejamos en la información brindada fue, precisamente, el de la utilización de los puertos uruguayos por una parte de la flota pesquera rusa que opera en el Atlántico, y que quedó fuera del convenio ruso-argentino. Igualmente hablábamos de un convenio pesquero entre Uruguay y el país del este mencionado.

La confirmación de ambas noticias llegó ayer cuando arribó la misión soviética a que hacíamos mención y que mañana comenzará sus actividades oficiales en Montevideo reuniéndose con autoridades de la Cancillería, del Ministerio de Economía y del Ministerio de Agricultura y Pesca. Es manifiesto el interés soviético por el asunto, tanto como por la posibilidad de que la aerolínea estatal Aeroflot, que ya tiene oficinas en nuestra capital, pueda aterrizar en Carrasco regularmente para cambio de tripulaciones.

Del mismo modo, se espera poder lograr la efectivización de hechos concretos que avalen y demuestren una voluntad expresada varias veces de aumentar las relaciones entre ambas naciones.

Debe tenerse en cuenta, además, que el factor tiempo ya comenzó a jugar porque, en realidad, queda poco más de un mes hábil para negociar todos los aspectos que se han mencionado anteriormente. Ello ha incidido en la dinamización de los contactos bilaterales, tanto a nivel de técnicos como de las máximas jerarquías gubernamentales de ambos países.

024

Empresarios de EE.UU. y Suecia establecen diálogo con la URSS

Moscú (TASS). El secretario del CC del PCUS, Anatoli Dobrinin, mantuvo una entrevista con destacados representantes de los círculos de negocios de los EE.UU., Armand Hammer, Presidente de la compañía "Occidental Petroleum", y Donald Kendall, Presidente de la compañía "Pepsi-Cola", que tomaron parte en el foro internacional "Por un mundo desnuclearizado, por la supervivencia de la humanidad".

En el curso de la entrevista fueron analizados nuevos enfoques respecto al desarrollo de las relaciones comerciales y económicas soviético-norteamericanas.

Hammer y Kendall destacaron las recientes medidas del gobierno de la URSS, dirigidas a ampliar la diversificada cooperación entre las firmas y organizaciones soviéticas y extranjeras.

Tales medidas ya han reportado los primeros resultados concretos, bajo el aspecto de la conclusión de nuevos contratos entre las compañías norteamericanas y las entidades soviéticas de comercio exterior.

Los interlocutores se refirieron con satisfacción al trabajo del foro y, en especial, a la intervención de Mijail Gorbachov.

Por otro lado, Nicolái Rizhkov, Presidente del Consejo de Ministros de la URSS, se reunió con representantes de comerciantes e industriales de Suecia, que también participaron en el foro de Moscú.

Durante la entrevista se intercambiaron opiniones acerca de la creación en territorio de la URSS de empresas conjuntas con la participación de empresas extranjeras.

Los representantes suecos llegaron a la conclusión de que la realización de los proyectos que examinan actualmente las organizaciones y firmas soviéticas y suecas, pueden ampliar la base para el desarrollo de la colaboración mutuamente ventajosa a largo plazo entre la URSS y Suecia.

La Hora 18/2/87

URSS

01|01

0 Zb

URSS: iniciará hoy Congreso de los sindicatos soviéticos

Moscú, (PL). A menos de 24 horas de iniciarse en el Palacio de los Congresos del Kremlin el 18 Congreso de los Sindicatos Soviéticos, esta capital amaneció ayer engalanada en honor del foro y sus delegados e invitados que recorren Moscú.

En las céntricas avenidas moscovitas abundan las enseñas rojas y las banderas nacionales, así como diversas leyendas en saludo a los asistentes y con los principales resultados de los compromisos contraídos con motivo de este importante acontecimiento en diversas esferas, económicas y sociales.

Los delegados de este multinacional Estado concluyeron ayer en la sala San Jorge del Kremlin el proceso de acreditación y la mayor parte ha dedicado estos días previos al foro a visitar la sede del Consejo Central de los Sindicatos, empresas, ministerios y otras instituciones sociales.

Los huéspedes extranjeros -presentes casi todos aquí- fueron agrupados por zonas geográficas para un apretado programa de actividades con vistas a utilizar lo más posible su tiempo de estancia en esta capital.

De acuerdo con esos intereses, los representantes de América Latina y el Caribe -delegaciones de 32 países asisten a este Congreso- visitaron ayer en horas de la mañana el instituto de estudios de esa región del mundo, adjunto a la Academia de Ciencias de la URSS- y por la tarde el Palacio Central de Pioneros, en las colinas de Lenin.

El foro de la más masiva organización soviética -según los últimos datos más de 140 millones de personas son miembros de esta agrupación- será inaugurado hoy a las 10 de la mañana en el Palacio de los Congresos con la asistencia de la máxima dirección del país, entre ellos el líder soviético Mijail Gorbachov.

Según infirmaciones conocidas aquí, Stepan Shalaiev, presidente del Consejo Central de los Sindicatos Soviéticos, tendrá a su cargo la presentación del "Informe del tratado de los Sindicatos y sus nuevas tareas a la luz de las decisiones del 27 Congreso del PCUS".

Para nadie constituye un secreto que este Congreso tendrá una importancia especial para el proceso de renovación que se lleva a cabo aquí, si se tiene en cuenta que el nuevo proyecto de estatutos que examinarán los delegados tiene el objetivo central de perfeccionar la democracia sindical y el rol de esas organizaciones en la vida política y económica del país.

La Hora — 24/2/87 — AN

URSS

01/01

8705422

(?) 024

STELLA

Comercio bilateral Uruguay-URSS se proyecta a niveles ascendentes

Nos compraron 58 mil mantas el pasado lunes

El reciente convenio para xportar mantas de nuestro aís por valor aproximado al illón de dólares,divulgado ır LA HORA el miércoles ısado, marca una tendenı a al ascenso en el comercio lateral URUGUAY-URSS, manas antes de la llegada el secretario general del artido Comunista de aquel aís, Mihail Gorbachov.

El convenio, firmado el nes 16 de este mes, prevé el ıvío de unas 58 mil mantas e La Aurora S.A.. La peración fue concertada ır la empresa MITRACO, inculada con una curtiemre de nuestro medio, única npresa uruguaya con acreılación permanente en ioscú.

Por otros convenios se ha aportado a nuestro país, a ecios convenientes, pro ıctos químicos, equipos, e cluso bienes de consumo, ımo el tradicional vodka.

El canciller Enrique ısias, al visitar la URSS el o pasado, con motivo del mplimiento de sesenta os de relaciones diplomáas suscribió protocolos de operación que facilitan el mercio bilateral y nos dá ceso a este gigantesco ercado euroasiático.

Con este mismo motivo el cargado de negocios de la nbajada de la URSS en ontevideo Igor dochenko, ef un acto acamico celebrado en el raninfo universitario, nde precedió a los senadores Eduardo Paz Aguirre, Juan Raúl Ferreira y Francisco Rodriguez Camusso, resumió los 60 años de relaciones. Sobre el momento actual,Fedochenko dijo que "atravesamos por un nuevo período que se caracteriza por un aumento de los vínculos, que son ahora más amplios, multifacéticos y se llenan de contenido".

En ese mismo acto, Ferreira recordó las palabras del senador católico herrerista Silvestre Pérez en 1925 cuando fundamentó la necesidad de establecer relaciones diplomáticas. Pérez decía que negar las relaciones a la URSS era aceptar los dictados de los banqueros sin patria radicados en Nueva York. Esto tiene enorme actualidad en un país ahorcado por la deuda y el capital financiero.

Paz Aquirre recordaba que precisamente esas relaciones salvaron el proceso de consolidación del país, cuando se disponía a crear sus entes autónomos y a rescatar riquezas en manos extranjeras. Fue una empresa petrolera soviética la que rompió el bloqueo imperialista y permitió sobrevivir a ANCAP.

Esta enseñanza de nuestra historia también tiene actualidad ante la amenaza de dejar "sin insulina" a los países que no paguen su deuda. La URSS en su política comercial aplica el principio de excluir las discriminaciones" y las injerencias en asuntos internos, apuntando a que el comercio apoye la seguridad económica internacional de los estados.

Practica una política de negocios compensados buscando formas de pagos convenientes. Nuestro país tiene firmado un protocolo para la compra de maquinaria financiado a largo plazo (hasta 10 años) con intereses del orden del 6,5% anual.

Por estas y otras razones, nuestros empresarios comienzan a interesarse en el mercado soviético cuando piensan en negocios con el exterior. (J.S.).

URSS

01 | 01

8705423

La Unión Soviética está cambiando

o secreto, democratización, varios atos...

uesta de parte de los voceros soviéticos, e incluso e dirigentes comunistas e otros países: no se trata e la "occidentalización" e la Unión Soviética, sino e la "profundización de a democracia socialista".

LA DISCUSION EN VOZ ALTA

"Necesitamos la democracia como el aire, si sto no lo comprendemos, ncluso en caso de comprenderlo, si no damos pasos efectivos para ampliarla, hacerla avanzar, para incorporar ampliamente al proceso de reestructuración a los trabajadores, la reestructuración se echará a perder, se extinguirá", sostuvo en un pasaje de su discurso el Secretario General del PCUS.



MIJAIL GORBACHOV. Hacia la democratización a caballo de las críticas a Stalin y Brezhnev.

Sobre este punto de la discusión abierta y del "aire democrático" reclamado por Gorbachov, surge un artículo en la revista soviética "Novoe Vremia" (Tiempos Nuevos), en su edición del mismo miércoles en que culminó el pleno del PCUS.

Allí, el columnista Alexander Bovin, sostuvo que "por fin ha llegado el tiempo en que a todos les interesa reflexionar en voz alta sobre las cuestiones del Estado y del Partido" y dice más adelante: "Tiene pues sentido discutir, decir no, defender el punto de vista personal. Esto es bueno".

Similares comentarios han aparecido en la prensa soviética. Gorbachov se ha dado cuenta de que la sociedad de ese país debía expresarse más libremente, so pena de que se extinguiera de a poco, sin la posibilidad del discurso abierto.

Sin embargo existen algunos temores respecto al éxito que pueda tener esta operación para democratizar a la Unión Soviética.

Bovin, el columnista de "Novoe Vremia", señala en su artículo que existe un "conservadurismo socialista burocrático" y que hay una numerosa clientela que le conviene el orden anterior. "Ellos tienen miedo a la luz", dice Bovin.

"Para ayudarles a tomar posición de cara al futuro, para no dejar a los conservadores la esperanza de restablecer el pasado, para sentirnos nosotros más seguros del presente, es necesario, entre otras cosas, movilizar la memoria. Debemos recordar qué hacíamos y cómo lo hacíamos, dónde y por qué nos equivocamos", señalaba Bovin en su artículo.

También no faltaron las críticas hacia Stalin y Brezhnev, similares a las escuchadas a Gorbachov en el discurso ante el Pleno del PCUS.

"La reestructuración de la sociedad no tiene regreso", dijo Gorbachov. Sin embargo hay fuerzas que pueden enlentecerla y trabarla.

En este sentido existe una gran incógnita sobre la reacción de los cuadros militares ante los cambios impulsados por el Secretario General del PCUS.

Destituciones de dos funcionarios soviéticos

(Continuación de la página 1, col 4)

la organización de alerta para la protección del espacio aéreo del país".

El máximo órgano del poder soviético atacó también la actuación del Ministerio de Defensa, al que acusó de "gran falta de decisión en el manejo de las Fuerzas Armadas".

Especulaciones

En la información facilitada sobre la reunión del Politburó se manifestó que se sigue una investigación para determinar todas las circunstancias relacionadas con la violación del espacio aéreo de la URSS, y la actuación de los responsables en esta situación, así como la responsabilidad del ciudadano de la RFA.

Aunque en círculos diplomáticos occidentales se había destacado la gravedad que encerraba el incidente protagonizado por Rust, el anuncio de la destitución del ministro de Defensa ha sorprendido a los observadores.

Fuentes diplomáticas habían expresado la posibilidad de que los responsables de las defensas aéreas y de la seguridad de Moscú pudieran ser amonestados por causa del suceso, pero no se había pronosticado que las consecuencias alcanzaran al ministro de Defensa.

El mariscal Sokolov se encontraba en Berlín oriental en una reunión del Pacto de Varsovia en el momento en que ocurrió el hecho, y regresó ayer a Moscú junto con los otros miembros de la delegación soviética.

No obstante, los expertos consideran que no debe olvidarse en este caso que la posición de Sokolov no parecía muy fuerte ya con anterioridad y en los últimos meses se había especulado, reiteradamente, acerca de su próxima caída.

Características

Los rumores sobre su relevo se hicieron muy intensos a causa de su ausencia de la gran parada militar celebrada el 7 de noviembre último en la Plaza Roja, en la que Sokolov no apareció junto con el resto de los jefes políticos y militares en la tribuna del mausoleo de Lenin, y tuvo que realizar el saludo a las tropas, en su reemplazo, el general Piotr Lushev.

Sin embargo, Sokolov reapareció en un acto público en el que participó junto con los miembros del Politburó, y en los meses siguientes mantuvo una intensa actividad visitando los países aliados de Moscú.

El mariscal destituido como ministro de Defensa de la URSS había sido nombrado para desempeñar este cargo a la muerte del influyente Dimitri Ustinov, en 1984.

Durante el desempeño del cargo de responsable de la defensa soviética, se caracterizó por una gran discreción en su gestión, y estaba considerado como un militar del partido, a cuyas filas pertenece desde 1937.

Sistema de radares

A pesar de la nueva política de transparencia, la población no tuvo oficialmente información sobre el pequeño aparato Cessna que, procedente de Finlandia, se posó cerca del Kremlin después de haber atravesado, sin molestia alguna, radares y sistemas de baterías antimisiles.

La investigación oficial anunciada por TASS deberá explicar cómo un avión que volaba a poca velocidad y a baja altura, pudo llegar al corazón de la capital soviética, destacan los observadores. La defensa de Moscú, que los propios aviones soviéticos no pueden sobrevolar, corre a cargo del Ministerio de Defensa.

Tanto la KGB, responsable de la guardia fronteriza, como el Ministerio de Defensa, corren el riesgo de sanciones si la investigación determina que hubo negligencia.

En Praga, el diario del partido Rude Pravo, que citó a corresponsales en Moscú y Hamburgo, anunció que a bordo del Cessna se encontraban dos personas, un hombre y una mujer.

Por último, la salida de la URSS el miércoles último en un avión liviano de la Aeroflot de un ex piloto de esa compañía, también está sometida a encuesta, anunció la prensa soviética.

URSS

01.01

8705429

074

Acusado de fomentar disturbios

Moscú: sentencia de muerte para un estudiante

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- Un estudiante fue sentenciado a muerte y cuatro personas fueron condenadas a prisión por fomentar en diciembre disturbios en Alma Atá, capital de la república de Kasakjstán, informó el periódico soviético Izvestia.

Las sentencias fueron determinadas por la Suprema Corte de la República Socialista Soviética de Kasakjstán, situada en una zona predominantemente musulmana de Asia central, luego de un juicio que duró tres semanas, afirmó Izvestia, sin embargo no aclaró cuándo concluyó el proceso.

Los disturbios se registraron en Alma Atá los días 17 y 18 de diciembre luego de que el jefe del local partido Kazakh, Dinmukhamed Kunaev, de 75 años, fuera reemplazado por el ruso, Gennady Kolbin. Los disturbios dejaron un saldo de dos milicianos muertos y una tienda de alimentos gubernamental incendida.

"La culpabilidad de los acusados ha sido plenamente probada", aseguró Izvestia. "Instigando con llamados demagógicos y consignas, jóvenes irresponsables involucraron a otros jóvenes en peleas, golpes e incendios".

Los convictos, informó el diario soviético, son:

K. Ryskulbekov, estudiante en el Instituto de Arquitectura de Alma Atá, sentenciado a muerte por fusilamiento por golpear hasta matarlo a un miliciano voluntario.

Zh. Taidzhumayev, estudiante de un Colegio Ténico, y T. Tashenov, carpintero, recibieron sentencias de 15 años en prisión. K. Kuzembayev, soldador, fue sentenciado a 14 años de cárcel, mientras que E. Kopesbayev, también estudiante en el Instituto de Arquitectura, estará preso cuatro años.

"Todo el proceso fue realizado bajo el sistema de apertura, más de 100 testigos fueron interrogados", afirmó el fiscal, G. Yelemisov. "Ellos confirmaron las acciones de los instigadores".

URSS

01/01

8705432

024

Decretan amplia amnistía en URSS

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- Todos los presidiarios soviéticos que no estén penando crímenes graves contra el Estado o delitos de asesinato quedarán en libertad en los próximos seis meses, gracias a un decreto de amnistía publicado ayer por el Presidium del Soviet Supremo de la URSS.

A esta amnistía, decretada por la conmemoración del 70 aniversario del triunfo de la revolución socialista, el próximo mes de noviembre, podrá acogerse un elevado número de la población reclusa de la URSS, según se desprende de la nota oficial difundida por la agencia TASS.

La información oficial asegura que podrán beneficiarse de la amnistía los presos que tomaron parte en la defensa de la patria, quienes hayan sido condecorados, los hombres mayores de 60 años, las mujeres que sobrepasen los 55 y los inválidos.

El decreto afectará también a los reclusos con penas superiores a cinco años, siempre que hayan cumplido un mínimo de un tercio de la condena, y a los menores condenados a no menos de un año.

Al mismo tiempo, un elevado número de convictos verá reducida su pena y podrá trabajar, las penas adicionales serán suprimidas, aunque los delitos cometidos no estén vinculados a los de la amnistía, afirma la nota.

El Presidium del Soviet Supremo de la URSS insistió en que el decreto no afectará a los delincuentes habituales especialmente peligrosos, a los asesinos, a los beneficiados con amnistías anteriores y a quienes hayan cometido graves delitos contra el Estado.

La Mañana 20/6/87

URSS

01/01

Gorbachov refuerza su poder sobre el ejército soviético

MOSCU. — Con la fulminante purga de los máximos escalones militares, el líder soviético Mijail Gorbachov ha mostrado los dientes de hierro que el veterano del Kremlin Andrei Gromyko advirtió hace dos años se escondían tras la irresistible sonrisa del nuevo conductor soviético.

Al destituir al ministro de Defensa, héroe de la guerra, y al comandante en jefe de las fuerzas de defensa aérea por el embarazoso aterrizaje de una avioneta germano occidental en la Plaza Roja de Moscú, Gorbachov demostró su firme dominio del poder, destacaron hoy analistas extranjeros.

Humillados

"Esta es la más dramática humillación de los militares soviéticos por parte de un líder político desde que Nikita Kruschev desplazara al mariscal Georgy Zhukov del Ministerio de Defensa en 1957", destacó un veterano observador del escenario del Kremlin.

En un lenguaje inusual por su dureza, un comunicado emitido anoche por el Politburó del Partido Comunista encabezado por Gorbachov fustigó al Ministerio de Defensa por [illegible] a Mathias Rust, de 19 años de edad, en su vuelo hasta Moscú el jueves pasado.

Rust, un operador de computadoras en Hamburgo, puso al descubierto los límites del poderío militar soviético al sobrevolar con su diminuto Cessna 750 kilómetros de territorio y volar en círculos sobre el Kremlin antes de posarse en la Plaza Roja.

Rápida purga

Gorbachov, quien es formalmente comandante de las Fuerzas Armadas soviéticas como jefe del Supremo Consejo de Defensa, convocó a sesión al Politburó a escasas horas de regresar a Moscú desde una reunión cumbre del Pacto de Varsovia celebrada en Berlín oriental.

El ministro de Defensa Sergei Sokolov, de 75 años de edad, participó con él en esta cita cumbre y juntos emprendieron el retorno a Moscú, pero esto no lo salvó del hacha por el escándalo desatado por Rust.

La otra importante víctima de la depuración fue el mariscal de 63 años de edad, Alexander Koldunov quien, durante nueve años estuvo al frente de las defensas aéreas del país y había sobrevivido anteriormente al derribamiento del avión sudcoreano de pasajeros Kal 007 en setiembre de 1983.

La declaración del Politburó indicó que Koldunov, designado bajo el entonces jefe del Kremlin Leonid Brezhnev, actualmente centro de críticas por permitir una generalizada corrupción administrativa y estancamiento económico, evidenció "negligencia y desorganización" respecto al vuelo del Cessna.

La declaración del Politburó indicó que Koldunov, designado bajo el entonces jefe del Kremlin Leonid Brezhnev, actualmente centro de críticas por permitir una generalizada corrupción administrativa y estancamiento económico, evidenció "negligencia y desorganización" respecto al vuelo del Cessna.

La declaración indicaba que hubo "serias falencias... y falta de vigilancia y disciplina" en las fuerzas de defensa aérea mientras Rust, aparentemente, conducía su avioneta rozando los árboles desde Kotla-Jarve en Estonia hasta las propias puertas del Kremlin.



MOSCU. — Dimitry Yazov, nuevo ministro de Defensa soviético considerado sólo como un oficial de carrera con poco peso político a quien Gorbachov podría manejar sin problemas. (Radiofoto Reuters, especial para EL DIA).

URSS

01.01

8705446

024

URSS

cruzan con Italia

Amintore Fanfani visita la URSS

Moscú, (PL). Amintore Fanfani, presidente del Senado de la República de Italia llegó ayer en visita oficial invitado por los presidentes de las dos cámaras del Soviet Supremo de la URSS.

Fanfani fue recibido por Lev Tolkunov, presidente del Soviet de la Unión, una de las dos cámaras del parlamento soviético, y otras personalidades oficiales.

La visita del presidente del Senado italiano es parte de una evidente intensificación de los contactos bilaterales en todas las esferas, principalmente en la economía, que se está produciendo en las últimas semanas.

El consorcio italiano "FATA" fue el primero de un país occidental en suscribir un acuerdo con la URSS para la creación de una empresa mixta, para la producción de equipos de refrigeración, en concordancia con una nueva ley sobre la creación de ese tipo de empresas.

El interés de Italia por esta modalidad de cooperación se refleja en la gran cantidad de ofertas que ha realizado a la URSS.

Aquí se espera que a la visita de Fanfani le sigan otras, incluso de personalidades gubernamentales en las próximas semanas.

01 | 01

8705448

P 02

La URSS y Afganistán incrementarán la cooperación y comercio bilateral

Moscú, (PL) La Unión Soviética y Afganistán destacaron que el programa de reconciliación nacional del gobierno de Kabul presupone un nuevo enfoque en todos los aspectos de la cooperación bilateral.

En esa afirmación coincidieron los presidentes de los consejos de ministros de ambos países, Nikolai Ryzhkov y sultán Alí Keshtmand, durante un almuerzo ofrecido en el Kremlin por el gobierno soviético, en honor de su huésped afgano.

Tras reconocer que la reconciliación nacional no es un proceso sencillo, Ryzhkov precisó que la vía de compromisos mutuamente aceptables, es la única salida racional a la situación actual en ese estado asiático.

Al referirse a las perspectivas de la cooperación soviético-afgana, subrayó que se nivelará lo más posible la balanza de comercio mutuo, a la vez que aumentará el volumen de las operaciones entre entidades de la URSS y empresarios afganos y se fundarán mas empresas conjuntas.

IMPORTANCIA DE LA RECONCILIACION NACIONAL

El primer ministro soviético precisó que uno de los objetivos de estos pasos es la creación de nuevos puestos de trabajo, aspecto especialmente importante a la luz del creciente regreso de emigrados, cuya cifra en el último mes fue de más de 20 mil.

Alí Keshtmand, por su parte, anunció que la ayuda soviética a su país equivale a cerca de las tres cuartas partes, del total que Afganistán espera recibir en el presente quinquenio, de distintos países y organizaciones internacionales.

Al referirse a la importancia de la reconciliación nacional, dijo que prácticamente todos los sectores de la sociedad, etnias y tribus de Afganistán están representados en el Consejo de la Revolución (Parlamento) y que casi el 65 por ciento de los consejos locales lo integran delegados sin partido, religiosos, intelectuales y diversas autoridades.

El jefe del gobierno afgano subrayó que la normalización interna de la situación en su país está muy ligada a los esfuerzos que se hacen para el rápido arreglo político del problema, cuya clave —indicó— es el cese de la injerencia extranjera en los asuntos internos de ese estado.

La Hora 19/2/87

URSS

Cruzar con Afganistán

01/01

8705449

DUDAS SOBRE LA CONCRECIÓN DE REFORMAS EN LA URSS

¿Cambios por decreto?

MOSCU, 1º (Por Dominique Dhombres, de "Le Monde", especial para Clarín). — ¿Se puede cambiar una sociedad por decreto? Todos los dirigentes soviéticos desde 1917 —y Mijail Gorbachov no es una excepción— han respondido a la pregunta en forma afirmativa. La ley sobre la reforma de las empresas estatales, votada el martes 30 por unanimidad y a mano levantada por los mil quinientos miembros del Soviet Supremo de la URSS, se inscribe en esa tradición voluntarista. Esta vez se trata de dar autonomía financiera a las empresas para restringir el poder del sistema planificado estatal y aun reducir los pedidos del Estado en el funcionamiento global de la economía. ¿Libertad por decreto, entonces?

La nueva ley solo tendrá efecto en la medida en que también cambie la mentalidad soviética. El jefe de Estado puso atención en vincular la adopción de la ley a otros textos que dejan por sentado el aumento de los derechos ciudadanos ante el gobierno. Se sabe, la constitución staliniana de 1936 era la más democrática del mundo...

La ley de empresas, que pone fin al control minucioso de los organismos y ministerios centrales sobre cada acto de los [illegible] mente en vigor el año próximo. Las empresas ya no estarán sometidas a los planes anuales, que daban a la economía soviética un ritmo lento al principio de cada ejercicio y luego lo aceleraban con desorden y altos costos hacia fin de año. Oficialmente la ley les da derecho a correr riesgos. ¿Están preparados sus dirigentes para asumirlos?

El origen de la ley no incita al optimismo. Su concepción no está presidida por un movimiento emancipador en la dirigencia nacional, y en particular Gorbachov, observaron que el sistema actual motivaba una caída libre de las tasas de crecimiento e incluso regresión en algunos rubros, como el del petróleo.

Las empresas dispondrán de autonomía financiera. Esto significa que podrán acordar aumentos de sueldo, primas y pago de horas suplementarias. También podrán fijar la cantidad de materias primas y componentes que necesiten y, lo que constituye una innovación considerable, decidir dónde se proveerán de los materiales. Asimismo, pagarán el alquiler del terreno y los locales que ocupen, y podrán depositar en bancos —todavía por crearse— las sumas que consigan ahorrar.

La otra gran novedad es que los be[illegible] deberán ser entregados de inmediato y, por el contrario, tras algunos ejercicios deficitarios, las empresas podrán ser declaradas en quiebra. De hecho, el estado ya no se considera responsable de las pérdidas acumuladas por las empresas.

La ley proclama que "el respeto de las exigencias del consumidor constituye el sentido supremo de la actividad empresarial". La ley se abstiene de consignar cómo deben ser formuladas estas exigencias. Desde principios de 1987 existe en las empresas más importantes un sistema de "control estatal" destinado a supervisar la calidad de los productos: la vigencia de este control significó para algunas empresas el descarrile del 30 y hasta el 40 por ciento de la producción, si bien el celo de los expertos en calidad fue menos riguroso con el correr de los meses.

Por otra parte, cada ciudadano puede presentar sus quejas ante el tribunal sobre lo que él considera acciones cometidas en su contra por el gobierno y que él juzga ilegales. El tribunal tendrá seis días para evaluar la denuncia. Quedan excluidas de esta ley las cuestiones relativas a la defensa y los "secretos de estado". Este decreto también entrará en vigor el primer día del próximo enero.

El presidente del Presidium del Soviet Supremo, Andrei Gromyko, también presentó la "ley para el debate popular de los problemas importantes de la vida del Estado", pero el decreto no está del todo claro. Si bien la práctica del referéndum resulta crucial, la ley tiene el valor de la afirmación de los principios de la "transparencia" (glasnost): se trata de la publicación de los actos oficiales anunciados de antemano a través de la prensa, radio y televisión.

Gromiko, que después de ser ministro de Relaciones Exteriores durante un cuarto de siglo es el jefe nominal del Estado desde 1985, rara vez opina públicamente sobre temas de política interior. Por eso resultaron tan sorpresivas sus palabras sobre la urgencia de las reformas, el deterioro del medio ambiente, el aumento de la criminalidad y las toxicomanías y la persistencia del alcoholismo en la sociedad soviética. Su única alusión a la esfera internacional fue breve y en la mejor tradición soviética: la democracia socialista, para Gromiko, sigue siendo superior a la "democracia burguesa" que, según la definió Lenin, sigue siendo "hipócrita, mentirosa y siempre está al servicio de los ricos".

1°/7/87 Clarín

AUTOGESTION EN LAS EMPRESAS Y PARTICIPACION POLITICA

El Soviet Supremo adoptó tres reformas de Gorbachov

El Parlamento de la Unión Soviética aprobó y trasformó en otras tantas leyes las propuestas de Mijail Gorbachov y el comité central del P.C.U.S. sobre reestructuración de las empresas estatales, participación popular y apelación jurídica por los derechos humanos.

Agencia AFP



Andrei Gromiko, presidente del Presidium del Soviet Supremo.

MOSCU, 30 (AP, EFE y Reuter). — El Soviet Supremo de la U.R.S.S. aprobó hoy tres leyes destinadas a reglar el proceso de restructuración y aceleración de la economía y a fijar las bases normativas para la campaña de democratización, de acuerdo con las propuestas formuladas por el secretario general del Partido Comunista, Mijail Gorbachov, y aprobadas por el comité central.

Las nuevas normas fueron aprobadas unánimemente por los mil quinientos diputados del parlamento soviético, en la segunda jornada de la actual sesión veraniega.

Se trata de la ley de la empresa estatal, cuya finalidad es ampliar los derechos de las fábricas y demás unidades de producción, y desarrollar la autogestión.

La segunda ley se refiere a la discusión pública de todas las cuestiones importantes de la vida estatal. Según sus disposiciones, las principales orientaciones inherentes al desarrollo político, económico y social de la U.R.S.S., así como los problemas que afecten el ejercicio de los derechos constitucionales, libertades y obligaciones de los ciudadanos deben ser sometidos, obligatoriamente, al examen de todo el pueblo.

La tercera ley aprobada en este período de sesiones versa sobre las reclamaciones judiciales por acciones injustas de los funcionarios al violar derechos ciudadanos y establece la posibilidad de apelar al tribunal, ya sea en nombre del ciudadano o de los órganos cuya representatividad éste inviste. El tribunal dispone de diez días para analizar la demanda.

♦ La ley de la empresa estatal

A partir de hoy, las empresas estatales soviéticas disponen de mayor independencia de decisión, en relación con los ministerios, y se conducirán por medio de la autogestión financiera, de acuerdo con el plan nacional.

En lo fundamental, la norma implica que desde este momento es la unidad laboral de producción la encargada de resolver todos los problemas de desarrollo industrial y social.

La ley fue aprobada al cabo de un debate que estuvo precedido por la presentación de más de 140 mil propuestas de enmiendas, especificaciones y observaciones. Consecuentemente, se introdujeron cambios sustanciales tendientes a ampliar los derechos de las unidades de producción y desarrollar la autoadministración. Al mismo tiempo, la nueva norma torna más claras y estables las relaciones entre las empresas y el Estado.

Desaparece la dependencia incondicional de las empresas respecto de las directivas de los ministerios y departamentos centrales. Las empresas pasan a ser unidades industriales económicamente independientes.

El trabajo de la empresa se estructura sobre la base del plan nacional, pero se realiza sobre los principios de la plena autogestión financiera (costos y financiación); esto es que el "colectivo laboral", encabezado por los dirigentes que sus propios miembros eligen, resuelve todas sus cuestiones industriales y sociales.

La empresa debe descontar de sus ingresos cierta proporción para el Estado, al cual, además, le pagará por el uso de los fondos básicos (todos los medios de producción, incluso el terreno y sus inmuebles, que en la U.R.S.S. son propiedad estatal). Los ingresos de la autogestión remanentes tras esos pagos serán invertidos por la empresa, según decisión de su colectivo laboral.

♦ Democratización

La ley de participación popular en las principales cuestiones de la sociedad fue fundamentada por el presidente del presidium del Soviet Supremo —equivalente al de jefe del Estado—, Andrei Gromiko, quien exaltó la conveniencia de incorporar una nueva norma que regule y dé forma legal a la práctica de someter a discusión nacional los problemas fundamentales de la vida soviética, de modo que la opinión pública se incorpore a las decisiones.

La "perestroika" (reestructuración) que se desarrolla actualmente en la U.R.S.S. —afirmó Gromiko— "requiere poner cada vez más plenamente de relieve el potencial democrático del socialismo. Ese es, precisamente, el objetivo que persigue esta ley".

El diputado Gueorgui [illegible], secretario del comité central del P.C.U.S., fue el informante de la ley sobre apelación. "La defensa por todos los medios de los derechos humanos es un eslabón fundamental en la cadena de auténticos valores del régimen socialista, y una de las principales demandas políticas, morales y jurídicas de la sociedad soviética", afirmó.

01/01

8705503

02p M.E.B.

La URSS importará más trigo que el previsto

Londres (UPI) — Las predicciones sobre la cosecha de granos de la Unión Soviética de este año fueron reducidas por el Consejo Internacional del Trigo, en Londres, en su revista mensual publicada ayer.

Las últimas estimaciones de la cosecha de 1987 se han reducido en 5 millones,a 195 millones de toneladas. El Consejo cree que las importaciones soviéticas totales en 1987/88 se elevarán en 3 millones,a 38 millones de toneladas.

El Consejo atribuyó le menor producción a la falta de humedad en áreas de primavera y a la severidad del tiempo en las áreas de trigo de invierno.

La proyección de la cosecha mundial de trigo fue reducida en 6 millones,a 518 millones de toneladas,con menores cosechas anticipadas para Australia, Pakistán y la Unión Soviética, sólo parcialmente compensadas por una mayor producción anticipada para China e Irán, dijo el Consejo.

A.F. 20/7/87

PERLA

URSS

01.01

8705509

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: THE Soviet Project of a Communist world conference.

PROCEDENCIA: Enlace Alemán 23/1/86 Doc. 0097/86

ARCHIVADO EN: ENLACE Alemán (135/E)

01.01

8705552

PRISIONEROS POLITICOS SIGUEN EN PRISIONES SOVIETICAS

Un grupo de ex prisioneros políticos, liberados durante los últimos tres meses, dijeron el jueves que las liberaciones se habían detenido y que las condiciones en que viven los que siguen en los campos y las prisiones permanecen incambiadas.

"Muchos esperaban que el primer grupo de liberados sería seguido por un segundo, un tercero, un décimo. Dijeron los prisioneros en una declaración. "Hoy debemos decir que nuestras esperanzas no tenían fundamento".

La declaración de tres páginas de largo, firmada simplemente por un "grupo de ex-prisioneros políticos" expresó desilusión por el ritmo y el alcance del programa de democratización del líder del Partido Comunista Mijail Gorbachov. "Mientras siga un solo prisionero político en un campo de trabajo, todos los slogans de reestructura, de democratización, de apertura, no significan nada, son vacíos", dice la declaración.

De acuerdo a las listas extraoficiales de los prisioneros, 127 prisioneros políticos fueron liberados este año por órdenes especiales del Presidium del Soviet Supremo. En febrero, funcionarios soviéticos dijeron que serían liberados 140 prisioneros y que el mismo número de casos estaba siendo sujeto a un proceso de revisión.

El grupo informal de ex prisioneros señaló que unos 10 prisioneros políticos que habían sido trasladados de los campos a celdas urbanas, habían sido vuelto a los campos luego de que se negaran a firmar documentos solicitando fueran perdonados.

"No sólo que se detuvo el proceso de liberaciones" [di]jo Sergei Grigoriants, un crítico literario que fue libera[d]o de la prisión de Chistopol en febrero "sino que la [s]ituación en los campos no ha cambiado".

En el encuentro que tuvo lugar en un departamento [e]n Moscú, los ex prisioneros pidieron por la libertad de [u]nas dos docenas de hombres y mujeres que siguen en [c]ampos y prisiones, han hecho huelga de hambre o están [r]ecluidos en exilio interno. Las estimaciones occidenta[le]s respecto al número de prisioneros políticos en la [U]nión Soviética varía entre 400 y varios miles. Se hayan [d]ispersos en campos y prisiones a lo largo y ancho del [p]aís y han sido sentenciados por distintas leyes.

La conferencia de prensa convocada por Grigoriants, Lev Timofeyev, Josef Begun y otros ex prisioneros [y] amigos suyos fue una señal de que el movimiento [de] defensa de los Derechos Humanos, aletargado despué[s] de los arrestos sistemáticos de fines de la década del 70 [y] comienzos del ochenta, está tomando un nuevo impuls[o] en la Unión Soviética.

Desde que la liberaciones comenzaron en febrero, algunos individuos, incluyendo el Premio Nóbel de la Paz Andrei Sajarov, liberado de exilio interno en diciembre, han hecho una campaña pública por los prisioneros restantes. Los activistas judíos han seguido presionando por el derecho a la emigración.

Pero la mayoría de ex prisioneros, muchos de ellos veteranos del movimiento de lucha por los Derechos Humanos de los años 70, no han querido criticar las reformas de Gorbachov, en la esperanza de que serían ampliadas para incluir a prisioneros políticos y que incluirían modificaciones en las leyes que prohiben lo que se suele llamar "actividades anti-soviéticas".

En su declaración, los ex prisioneros dijeron que ellos y otros, ciudadanos soviéticos seguían con profunda atención la liberación de los primeros prisioneros con la esperanza de que esto se transformara en "un rechazo de los principios de intimidación y fuerza en la política".

En cambio, ellos dijeron, "el proceso tan sólo comenzó, se ha detenido y ahora se está revertiendo; ya hay casos de liberados a los que se ha vuelto a arrestar".

"Todo se ha detenido. No se habla de liberaciones ni promesas. Al parecer los que están en prisión, habrán de seguir allí".

Begun, cuya liberación fue anunciada después que su familia y sus amigos organizaron manifestaciones en Moscú, destacó que la situación en materia de Derechos Humanos es contradictoria. "El hecho de que estem[o]s sentados aquí es en sí un signo de cambio" dijo. "ha[ce] un año, no hubiéramos podido realizar esta conferenc[ia] yo mismo estaba en la prisión de Chistopol".

Pero el dijo que las liberaciones no tenían un orde[n] lógico. "Ellos liberan a quien quieren, cuando quieren" dijo. "Ellos también mantienen a muchos en prisió[n] durante todo el tiempo que quieren".

CELESTINE BOHLE[N]
(Traducido de "The Washington Post")

El Día 16/6/87

URSS

01/01

8705608

Los judíos en la Unión Soviética

El abrupto final de la reunión de prensa que brindó el primer ministro francés, Jacques Chirac, durante su visita de tres días a la Unión Soviética, es sumamente revelador de la enfermiza sensibilidad que exhibe el régimen bolchevique cuando le son denunciadas las violaciones de los derechos humanos en su territorio. Así ocurrió cuando el jefe del Estado galo brindó algunos detalles de la situación reinante en "la patria del proletariado". Violando toda norma diplomática, el vocero de la Cancillería moscovita se sentó en la silla que hacía pocos instantes había ocupado Chirac y formuló una severa réplica a sus afirmaciones. Aseguró que iba a mostrar "la otra cara de la moneda" y a renglón seguido sostuvo que un tercio de las personas a que había aludido Chirac como deseosas de radicarse en el exterior, no tenían la menor intención de hacerlo. "Estos casos —dijo— son traídos a colación para alimentar el antisovietismo que hace falta para justificar el reforzamiento militar de Francia".

En una entrevista de prensa posterior concedida a la televisión local, Chirac criticó fuertemente la política soviética de derechos humanos, empleando el término "Gulag" para referirse a los campos de trabajo forzado donde están recluidos centenares de miles de disidentes. Y al recordar que la internación en sanatorios psiquiátricos era utilizada regularmente como un método represivo, Chirac expresó que "esto es incomprensible para los occidentales". Finalmente, al mencionar el problema de los judíos, a quienes se niega visa para emigrar al exterior, el gobernante francés dijo que "sólo hay en el mundo dos países donde los judíos no tienen libertad para irse: la Unión Soviética y Siria".

No es la primera airada reacción que protagonizan los diplomáticos soviéticos cuando se les menciona el tema de los judíos "refuznik" (rechazados) en su propósito de radicarse en el exterior. A mediados del año pasado se llevó a cabo en Reikiavik, Islandia, una reunión a nivel consular entre representantes de Israel y de la Unión Soviética. Ni bien los funcionarios de Jerusalén mencionaron el tema de los "refuznik", sus colegas moscovitas se levantaron intempestivamente de sus asientos y así pusieron término a la conferencia.

Sin embargo, los términos textuales de la "apertura" (Glasnost) del señor Gorbachev dicen otra cosa; por ejemplo, que en un año podrán salir de la Unión Soviética 11.000 de un total de casi 400.000 judíos que han solicitado visas de emigración, y cuyo otorgamiento viene esperando en plazos que van, en su mayoría, de cinco a quince años y aun más. Su anuncio tuvo un tímido principio de ejecución con la concesión de 98 visas en enero último, 146 en febrero y 470 en marzo.

Posteriormente, los señores Edgar Bronfman y Morris B. Abraham, presidentes del Congreso Judío Mundial y de la Conferencia de Presidentes de las principales entidades judías de los Estados Unidos, respectivamente, se entrevistaron en Moscú con un grupo de importantes funcionarios soviéticos presididos por el señor Anatoly Dobrynin, secretario del Comité Central del Partido Comunista para Asuntos Internacionales. Allí se les prometió que "a todos" los "refuznik" y a sus familiares se les permitiría emigrar a Israel, vía Bulgaria.

Las promesas soviéticas no hallaron concreción en los hechos. Varios "refuznik" hicieron huelgas de hambre, entre ellos Lev Elbert, Alexander Ioffe, Vladimir Slepak y Leonid Yuzefovich, en acto de protesta por la demora —entre 10 y 17 años— en concederles sus visas de emigración. Dos de ellos intentaron circular por la plaza Roja provistos de pancartas ilustrativas de su situación, pero a los pocos pasos fueron agredidos y destruidos sus carteles.

La Prensa 9/4/87

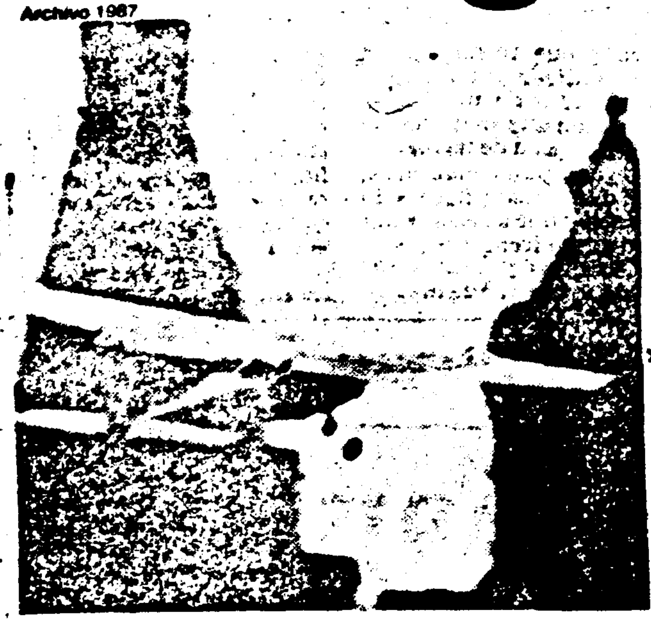
01/01

8705609

LA AVENTURA DE LA AVIONETA: LOS ESCENARIOS POSIBLES

¿Por qué se eligió Moscú?

Archivo 1987





Mathias Rust, el joven piloto hamburgués, y su avioneta deportiva sobrevolando la Plaza Roja y el Kremlin.

Todos, desde los más sutiles analistas a los curiosos y divertidos observadores, se preguntan si **Mathias Rust**, el adolescente hamburgués que aterrizó una avioneta en la Plaza Roja de Moscú, es un pillo con talento o un tonto frívolo, o —quizá— un romántico provocador.

A diez días de la travesura, seguramente el ministro de Relaciones Exteriores de la República Federal de Alemania, **Hans-Dietrich Genscher**, no piensa ya que el insólito hecho fue **"un asunto simple para matarse de risa"**, como lo declaró cuando la noticia era fresca. Tampoco **la Unión Soviética**, con sus fronteras supercerradas y sus meticulosos servicios de vigilancia ridiculizados por esta hazaña de corte deportivo, ha adoptado una tesis sobre el suceso. No obstante la purga en altos niveles militares, como las destituciones del ministro **Sokolov** y del jefe de la defensa aérea, **Koldunov**, ambos mariscales.

Con el transcurrir de las horas, el raid aéreo de Rust sigue siendo inexplicable: se parece tanto a un producto de una loca apuesta juvenil como a un planificado operativo de intriga política.

Mientras esto se aclara, puede examinarse la hipótesis de la aventura. **Por qué no pensar en la mentalidad de un joven huraño, introvertido, por añadidura piloto y lo suficientemente impulsado a protagonizar un acto de exhibicionismo personal en gran escala.**

Pero en el caso de ser cierta la hipótesis, digamos exhibicionista, se puede recordar que disponía de tres alternativas más cómodas, sin arriesgar disparos de un piloto nervioso de un cazabombardero, y sin la costosa colocación en el aparato de tanques adicionales de combustible.

Las alternativas

Uno: Vuela legal, oficialmente hasta París saltando por los eficaces aeroclubes de Europa occidental, enhebra el Arco de Triunfo, y se posa en el Trocadero al pie de la Torre Eiffel. Ese aterrizaje hubiera sido contemporáneo a la celebración del festival aeronáutico anual en Le Bourget. Muchos ases del aire hubieran disculpado: todo piloto, en sus inicios, macanea con el avión un poco más de lo debido.

Dos: Llega a Roma, toma tierra en la Vía de la Consolazione y rueda mansamente hasta la plaza de San Pedro ante el Vaticano, jurando que lo hizo como un ángel caído en misión de paz. Seguramente lo hubieran perdonado.

Tres: Mónaco es el único país del mundo con aviones matriculados, pero sin pista. No obstante, durante la semana pasada ofreció una pista para la celebridad: los ensayos del Grand Prix de Fórmula Uno, cuando las calles y avenidas del principado son convertidas en autódromo. En la subida que va desde Ste. Devote al Hotel de París o en la recta costanera se hubiera podido aterrizar libremente. Fotos, reportajes, TV, y una grúa hidráulica de auxilio que retiraba momentáneamente al Cessna hasta llegar el momento de darle explicaciones a Rainiero Grimaldi.

Y sin embargo, Mathias Rust aterrizó **junto a las mismísimas murallas del Kremlin, tomando riesgos muy considerables, no pudiendo invocar un extravío y con un avión evidentemente preparado para esa aventura, exactamente ésa.** Y es entonces que se percibe —más allá del narcisismo aeronáutico— un fuerte aroma político.

¿Qué es el Cessna 172? Para explicarlo sencillamente, es el Fiat 600 del aire, solo superado en elementalidad por su hermanito menor, el modelo 140/150, aeronaves todas que ni siquiera requieren del piloto regular el paso de la hélice, mecanismo mediante el cual las rebanadas de aire cortadas por las palas son más anchas o más angostas, un equivalente aéreo de la caja de velocidades automovilística.

¿Acreditaba Mathias Rust solo 40 horas de vuelo? Probablemente sí, en su historial de vuelo, pero sin llegar a ser un experto demostró claramente dominar los rudimentos de la navegación instrumental. Es muy frecuente en todo el mundo haber volado "por gauchadas" una cierta cantidad —y calidad— de horas no anotadas. Mathias sabe del cielo y los aviones mucho más de lo que parece.

¿Nadie notó que un novato reemplazó tres de los cuatro asientos en su avioneta por **pillow tanks**, los **tanques almohada que duplican la autonomía de una** avioneta deportiva? ¿Todos los funcionarios de los respectivos controles de vuelo **autorizaron el vuelo de un principiante entre Hamburgo, islas Sylt, islas Shetland del Norte y Bergen —en Noruega—** hasta el aeropuerto de **Malmo, en Helsinki**, con los riesgos que implica volar sobre el agresivo **Mar del Norte** con un monomotor? ¿Fue tan creíble el presunto plan de vuelo **Helsinki-Estocolmo (el plan de vuelo es un requisito ineludible en todo el mundo y su formulario está normalizado en forma ecuménica) que ningún radar controló el alejamiento por un rumbo presuntamente equivocado?** Bien visto, no son esas cosas que pueda conseguir —en cadena— un jovencito desprotegido, aunque rebelde y deseoso de notoriedad.

Aparece luego el **ángulo soviético**. Algo que nadie dijo todavía —en público, por lo menos— es que llegó en forma impecable hasta la Plaza Roja una avioneta apenas deportiva; de ningún modo significa esto que con tanta facilidad puedan llegar los euromisiles apuntados en dirección Este. Las defensas están preparadas precisamente para lo contrario: para detectar **proyectiles nucleares que cubren en 20 minutos el trayecto recorrido por el avioncito deportivo en siete horas.**

Que se desvíen tan solo cinco millas náuticas (9 kilómetros) de la aerovía declarada un avión de pasajeros dentro de la URSS, y ya verá su comandante cómo son los aterrizajes compulsivos, por no mencionar otros como el del Jumbo de la Korean Airlines que en 1983 fue derribado por contramedidas electrónicas de baterías soviéticas.

Los imposibles

Además, **un avión** —por grande que sea— **no se ve desde otro avión con facilidad. Menos podría verse una avioneta.** Desde tierra se toma su paso rasante —volar "rascando" en la jerga— como el desvarío comprensible, y frecuente, de los pilotos confiados. Tampoco los campesinos soviéticos podían saber que la primera letra de la matrícula G-ECJB corresponde a Alemania Federal en el improbable caso de haber podido leerla. **En síntesis: nadie lo vio, y por volar a menos de 50 metros de altitud, ningún radar lo detectó.**

Es asimismo imposible que haya navegado por **referencias visuales** (ríos, líneas ferroviarias, ciudades), lo que solo se logra cuando se ha volado muchísimo sobre una zona. En la escasa altitud **encontró entonces las dos únicas dificultades que debió superar.** Primero aquello que se aprende aún antes de subir por primera vez a un avión: **"Con motor y con altura se conserva la dentadura"**, en la inteligencia de que la altura puede ser transformada en **tiempo-distancia** para un aterrizaje de emergencia si fallara la planta motriz. Y luego, la difícil captura de las señales radioeléctricas de navegación que **se emiten por VHF, ondas lineales que se captan mejor cuanto más alto se está. No es nada difícil tomar fotocopias de las cartas de aeronavegación comercial sobre la URSS. El motor no** falló, y la guía de los radiofaros es irrefutable, dado que el Cessna 172 voló 1.250 kilómetros sobre Estonia cuando —en línea recta— o por navegación visual, le hubiera bastado un salto de 900 kilómetros apenas.

El último tema: no era cuestión de llegar simplemente a Moscú sino producir un impacto en la Plaza Roja. De otro modo se busca un aeropuerto fácilmente visible, se aterriza, se simula un extravío y se obtiene menos repercusión. Pero evidentemente, **Mathías** —perfectamente informado— llegó al corazón de la ciudad, reconoció los edificios que nunca había visto, realizó dos giros a poco **más** de 70 nudos por hora (122 km/h) —ya que así lo demuestran las fotos, nariz arriba y 10 grados de flaps colocados— para finalmente aterrizar, dando así lugar a que se inicie la exploración de este jeroglífico.

Que podía ser un gran aviso publicitario de la Cessna Aircraft Co. ya fue motivo de un chiste de Fontanarrosa en la contratapa de **Clarín**. Pero seriamente, habida cuenta de que los soviéticos nunca fueron muy creativos en el área de aviones civiles y copiaron muchos de los modelos exitosos o llamativos de Occidente —desde el DC-3 hasta el Concorde— no sería difícil que produzcan ahora la versión del noble "172" para los aviadores deportivos, que lo apreciarán de verdad.

Carlos Marcelo Thiery

Gorbachov y sus generales

WASHINGTON, 6 (Por **Robert Toth** de **"Los Angeles Times"** especial para **Clarín**). — La dramática expulsión del ministro de Defensa soviético y del titular de la defensa aérea luego del atrevido aterrizaje en la **Plaza Roja de Moscú** de un joven alemán fue **un revés humillante —aunque espectacular— para los militares de la URSS.**

Un importante funcionario norteamericano comentó el lunes que la aguda crítica que hizo el **Politburó** sobre el ministerio de Defensa por una **"importante falta en sus tareas"** vaticina que pronto podría tener lugar **"una verdadera limpieza"**.

Por su parte, algunos analistas estadounidenses estiman que la reciente **degradación de los militares soviéticos** se debió únicamente a diferencias en cuanto a los planes de acción. Pero la humillación que sufrieron los militares, **sumado a la amenaza de una gran purga, anticipa una profunda y duradera tensión —u hostilidad incluso— entre el líder Mijail Gorbachov y sus generales**, según la opinión de varios funcionarios norteamericanos.

[illegible] ningún experto en temas del **Kremlin** piensa que los militares soviéticos **se opondrán** a Gorbachov. **Condoleezza Rice, profesor en Stanford** y experto en asuntos militares de la URSS, declaró: **"Llegado el caso que los militares se movilizaran en contra de Gorbachov, ahora tienen razones para hacerlo"**.

Los motivos para que se registren mayores tensiones siguen ignorándose. Pero se han sugerido sin embargo algunas **posibles causas.**

Es posible que Gorbachov piense que los militares de su país han cometido algunas torpezas como en su manejo de la guerra de **Afganistán** que el mismo líder soviético calificó como **"una herida sangrante"**. Es posible también que Gorbachov objete programas castrenses muy costosos como la **fabricación y emplazamiento en Europa de los misiles de alcance intermedio SS-20** —que podrían desaparecer muy pronto a través de un acuerdo de control armamentista—. Es posible incluso que los militares hayan tratado de **"jugar a la política"** durante los cambios de conducción de estos últimos años.

Independientemente de cuál sea el motivo principal y el grado de antagonismo, las tensiones entre Gorbachov y el grupo castrense fueron **notadas por Occidente desde los primeros tiempos de su gobierno.**

"Los oficiales soviéticos deben hacer frente a una situación totalmente distinta con Gorbachov. Su enfoque hacia los militares es radicalmente diferente del que existía antes de su llegada al poder en materia de símbolos, de presupuesto, de control armamentista y de personalidades", comentó **Dale Herspring**, del Departamento de Estado norteamericano, durante una reunión de la **Academia Norteamericana de Ciencias Políticas** realizada en la ciudad de **Nueva York.**

La televisión soviética ya no glorifica las hazañas de los militares durante la Segunda Guerra Mundial, a la que los soviéticos llaman **"la gran guerra patriótica"**. El extinto líder **Leonid Brezhnev**, por otro lado, se convirtió en un mariscal que solía lucir sus medallas y contar sus proezas de tiempos de guerra. **Gorbachov nunca estuvo en el ejército y prescinde de toda pompa militar.**

La relación de los militares con Gorbachov tendría sus raíces en aquel setiembre de 1984 —antes de ser electo líder del Partido Comunista— cuando el jefe de Estado Mayor, en ese momento el mariscal **Nikolai Ogarkov**, fue despedido sumariamente. **Su partida marca el comienzo de la pérdida de status de los militares soviéticos.**

Uno de los argumentos más populares —que Herspring y otros defienden— es que el Politburó **decidió evitar que Ogarkov jugara algún papel político y por ello lo expulsó.** Gorbachov fue entonces electo por **un estrecho margen** de votación —5 a 4— contando con la oposición de aquellos que estaban aliados a los militares. Gorbachov habría decidido desde entonces no permitir que los militares volvieran a estar cerca de ese poder.

Así y todo, **ningún experto del Kremlin** —dentro o fuera del gobierno norteamericano— **vaticina un levantamiento en contra del número uno soviético. "El militar soviético no es un fabricante de monarcas y tampoco pretende serlo"**, comentó un veterano **analista de inteligencia de Estados Unidos.**

01 .01

MIRADOR INTERNACIONAL

por Archibald Dax

ATLANTICO SUR – ¿ZONA DE PAZ?

La presencia soviética en el Río de la Plata, que resultaría convenios pesqueros y portuarios entre Montevideo y Moscú —cuyos detalles omitiremos, y no solamente por razones de espacio— ha de transformar el Atlántico sur en una zona de guerra similar a la del Medio Oriente, Golfo Pérsico o cono sur africano. Sería bueno que el lector tome conciencia de ésto.

Como sabemos, los Estados Unidos tienen grandes compromisos globlales y afrontan numerosos problemas: en las zonas neurálgicas arriba mencionadas y América Central, el narcotráfico mundial y la controversia general de la URSS en sus distintos niveles. Evidentemente, luchar en media docena de frentes y simultáneamente solucionar todos los problemas, supera su capacidad. Es vista de ello, Washington está interesado (contre coeur) en preservar la situación político-institucional interna en el Río de la Plata:

Pero, ¿qué hay de las otras naciones occidentales? ¿Cuál será la reacción de Gran Bretaña, por ejemplo, que mantiene costosas bases en las Malvinas y no es indiferente a lo que acontece en el continente antártico? ¿O de los militares argentinos que no han perdido la noción geopolítica de las necesidades defensivas de su país? ¿Cómo reaccionarán los chilenos, que siempre han sido sensibles a los asuntos atlánticos; o los sudafricanos, a quienes indudablemente les preocupará la inevitable creación de un puente aéreo-naval entre Angola y el Río de la Plata?

No es menester explicar que los soviéticos no vendrían aquí solamente a pescar. El hecho de que están sólidamente instalados en Cuba y Nicaragua, que en las últimas décadas trataron de penetrar y apoderarse de Perú, Chile, Granada (de donde felizmente pudieron ser desalojados) y otras islas del Caribe; que han hecho grandes progresos en Guyana y Surinam, y ni hablar de Africa, indica que cuando ponen pie en una región es con la intención de quedarse. Los métodos que utilizan pueden variar; el objetivo es siempre el mismo y es inalterable. ¡No hay por qué ayudarles a alcanzar sus metas!

Sólo un iluso podría ignorar que está cundiendo una alarma generalizada en toda la zona por la incrementada presencia de la URSS en el Atlántico sur, y si esto no ocurriera, sería una ligereza imperdonable. Desde el punto de vista de la seguridad, la situación para los países sudamericanos de la costa atlántica es nueva y compleja. Ante la amenaza común, las naciones afectadas tienen la urgente necesidad de repensar sus doctrinas militares, incluyendo en ellas tanto los enemigos endógenos como los exógenos. Lo que aumenta la dificultad es que estos dos factores se engranan, complementan y confunden. Los soviéticos aparecen desde el interior y el exterior simultáneamente, en tiempos de "paz" y en tiempos de guerra. ¿Qué sentido tendría la infiltración comunista dentro de un país si no es para facilitar y servir de apoyo a una agresión desde el exterior? Y al referirnos a una agresión del extranjero no queremos decir que barcos de guerra de la URSS nos atacarán desde el mar, sus aviones nos bombardearán o sus tropas desembarcarán en nuestras costas. Lo que se intentará es un ataque desde adentro (en forma de guerrilla) como ocurrió en Cuba y Nicaragua, en Angola y Etiopía. Mientras tanto, los barcos pesqueros —con todos sus artefactos "científicos"— operarán en alta mar, cerca de la costa y en el propio puerto de Montevideo, ofreciendo apoyo logístico, precisamente el punto más débil de la guerrilla en América del Sur.

Los soviéticos han perfeccionado hace decenios los esquemas para adueñarse del poder. En muchos casos los aplicaron con éxito, y en algunos pocos fracasaron (República Dominicana, Chile, Granada, Jamaica).

Por otra parte, los que defienden a sus pueblos contra la agresión soviética siempre son observados atentamente por cualquier infracción que pudieran cometer de alguno de los derechos humanos, mientras que los que combaten (y cometen las violaciones) por encargo de Moscú nunca son sujetos a tal vigilancia ni crítica. Esto es parte de la guerra sicológica: el beneficio de la defensa de los derechos humanos es siempre para lo que enuncian los eslóganes más conmovedores, redactados de antemano, no para los que más sufren. Por desidia o falta de imaginación, aquellos que defienden a sus pueblos de la agresión externa, protegiendo derechos tan elementales como el de la independencia de la nación y la libertad de todos sus habitantes, no logran que se les preste atención.

¿Estamos todavía a tiempo para remediarlo?

Archibald Dax

01/01

870561 4

El misterio de la plaza Roja o un avión aterriza en Kremlin

He empleado, de ex profeso, estos dos títulos, dignos de otras tantas novelas de ficción policial: porque esto de que una avioneta un poquito más grande que un misil, atraviese media Europa, haga vuelos rasantes en la plaza Roja y aterrice en las proximidades del Kremlin, es cosa de aquellas que terminan por convencerlo a uno de que la realidad imita a la ficción o que la naturaleza imita al arte.

Los hechos son, poco más o menos, los siguientes: Matías Ruts, joven germanoccidental de 19 años, sale de Hamburgo piloteando una avioneta acompañado de "una joven rubia", sobrevuela los países bálticos y recala en Finlandia, de donde vuelve a emprender vuelo, aparentemente de regreso pero, en realidad enfila hacia la Unión Soviética, realiza algunos giros rasantes sobre la plaza Roja de Moscú y se detiene. Conversa y firma autógrafos con turistas alemanes durante dos horas, pasadas las cuales es detenido para ser interrogado, sin que se tengan noticias de él (ni de la joven rubia) hasta el momento en que estas líneas son redactadas.

La Unión Soviética es muy celosa de sus fronteras: no es por propósitos meramente arquitectónicos o edilicios que se levantó un muro de Berlín y se tendió una línea imperforable todo a lo largo de la frontera entre las dos Alemanias. Tampoco es por meros arrechuchos de cariño que se opone a que habitantes tales como los judíos puedan irse a donde se les antoje. No fue por error que hace dos años fue destruido en el aire, con un certero misil, un avión sudcoreano de pasajeros que se había extraviado sobre territorio siberiano. De allí que uno tenga que preguntarse, junto con los mismos rusos, qué es lo que pasó con los sistemas de alarma, defensa y contralor que pueblan frontera y territorio, por tierra y por aire, para que este aparatito, lo repito, poco más grande que un misil, siguiera su ruta lo más campante. Se dice (ahora) que fue interceptado y rodeado, pero que no se le impidió que continuara, lo que no deja de llamar igualmente la atención.

——— ooo O ooo ———

Se destituyó al Ministro de Defensa, Mariscal Sergei Sokolov, héroe de la II Guerra Mundial, militante del partido, con el pecho constelado de condecoraciones y al Comandante en Jefe de las fuerzas antiaéreas soviéticas, Alexander Koldunov, con no menores méritos ni superficie pectoral menos tachonada de constelaciones gloriosas que la de aquél. No creo que paren ahí las cosas. Y yo me pregunto (y no sé si los rusos también):

—¿Qué fue a hacer el joven Matías Rust a la Unión Soviética?

—¿Fue una mera travesura? ¿Una táctica diversionista? ¿Una prueba suicida de la vulnerabilidad soviética?

—¿Por qué fallaron los controles soviéticos? ¿Por desaprensión o por cálculo? ¿Por inhabilidad chambona o por defectos de material?".

El Politburó se pronunció oficialmente: "Intolerable despreocupación e indecisión", "serias fallas en la organización de alerta para la protección del espacio aéreo del país".

Eso es indudable. Y no es la primera vez que ocurre. Allá por 1942, en los preludios de la invasión nazi a la tierra de los Soviets, un aviador, llamado Rudolph Hess, el hombre más importante de Alemania después de Hitler y de Goering, se cruzó media Europa en guerra y aterrizó en campos de amigos suyos de Inglaterra, durante la noche, para... Bueno: aquí comienza el misterio: ¿para qué? De los procesados de Nuremberg, fue uno de los pocos que se salvó de la muerte y todavía transita casi centenario por las desiertas galerías de Spandau. Lo que importa es que tampoco entonces se le detectó, sobre todo en una Gran Bretaña en guerra sin cuartel con su propio país.

Hace unos días, uno de los hombres de Cuba más importantes después de Fidel Castro, desertó con su mujer e hijos a Estados Unidos, también en una avioneta de tipo casi familiar, héroe (hasta ahora) de la rebelión contra el régimen de Batista.

No hace mucho más tiempo, otro oficial soviético realizó similar hazaña, tanto más difícil de cumplir cuanto que no creo que todos los jerarcas de su tipo dispongan de un vehículo de esos para su uso particular.

En estos casos, no obstante su similitud, caben algunas explicaciones satisfactorias, que se hallan ausentes del "misterio de la plaza Roja" o la "Odisea de Matías Rust".

¡Pensar que a nosotros nos asombraban, en la escuela y en el liceo, nuestros profesores de historia, cuando consideraban inexplicable que el lanchón que trasportó a los Treinta y Tres pasara el río inadvertido para la vigilancia constante de la marina brasileña!

——— ooo O ooo ———

Tengo recortada una de las páginas más hermosas de mi transitado Wimpy cuando se remitía nada menos que a Heráclito de Efeso, uno de los hombres más sabios de la antigua Grecia, para decirnos, muy bellamente, por cierto: "Para que un rayo de Luna caiga sobre una rosa, se tiene que mover todo el universo". Y tiene razón. De allí mis reflexiones y, sobre todo, mis perplejidades: ¿qué porción del universo ha tenido que moverse para que Matías Rust aterrizase en la Perspectiva Nevsky, o como ahora se llame? Me dirijo a los tecnólogos y a los tecnócratas: ante este fiasco de las perfecciones, ¿no sienten que "la procesión les anda por dentro"? Y si no, pregúntenselo a Gorbachov: "¿No todo lo inmóvil está en reposo"?

026

URSS espera de EE.UU. una reacción positiva

Hamburgo/Bonn/Berlín (DPA - PL). Las expectativas soviéticas sobre positivas reacciones norteamericanas a las propuestas de desarme, las expresa el especialista soviético Viktor Karpov en entrevista con el semanario alemán occidental "Der Spiegel".

A punto de empezar un viaje oficial a la URSS del secretario de Estado de los EE.UU., George Shultz, Karpov destacó el interés soviético en la próxima firma de un acuerdo para retirar de Europa todos los cohetes soviéticos y norteamericanos de alcance medio.

Karpov, jefe de la Sección de Desarme (recientemente creada) del Ministerio soviético del Exterior, especifica que el gobierno de la URSS está también interesado en suprimir en Europa todo el restante material bélico y destacó la conveniencia de comenzar con las armas más peligrosas para hacer imposible una guerra.

Posteriormente, dijo, los dispositivos militares deberán quedar reducidos a un mínimo.

Otra conferencia del presidente de los EE.UU., Ronald Reagan, y el secretario general del Partido Comunista de la URSS, Mijaíl Gorbachov, la considera Karpov posible, en el curso de este año.

Según añadió, el desarme real requiere una inspección real, propuesta por el gobierno soviético, y todas las bases de cohetes han de ser accesibles a inspecciones directas.

Karpov lamentó que el gobierno norteamericano siga resistiéndose a la supresión mundial de todos los cohetes de alcance medio y que vaya en aumento el número de aviones militares norteamericanos capaces de utilizar armas atómicas, y reiteró la oposición soviética a toda militarización del espacio.

El gobierno de la República Federal de Alemania analizará con gran atención junto con sus aliados, las propuestas para el desarme hechas en Praga por el líder soviético Mijaíl Gorbachov, declaró ayer en Bonn un portavoz gubernamental.

Por su parte, el opositor Partido Socialdemócrata opinó, a través de su experto en armamento y miembro del presidium, Egon Bahr, que las propuestas de Praga abren las perspectivas para un definitivo paso adelante en el terreno del desarme en Europa.

PROPUESTA CHECA Y DE LA RDA

Los gobiernos de la República Democrática Alemana y de Checoslovaquia proponen al gobierno de la República Federal de Alemania, entablar sin demora negociaciones sobre la creación de un corredor desnuclearizado en Europa central, se dice en una carta que el jefe de Partido y de Estado de la RDA, Erich Honecker, dirigió el 3 de abril al canciller federal de la RFA, Helmut Kohl y que fue publicado ayer.

Honecker advierte sobre los grandes peligros que emanan de las numerosas armas nucleares de la OTAN y del Tratado de Varsovia estacionadas en las fronteras de la densamente poblada y altamente industrializada Europa central. Afirma que su eliminación reduciría la confrontación entre las alianzas y aumentaría la seguridad de los correspondientes Estados, de sus vecinos y sus aliados. Además, sería una medida eficaz para crear confianza, una medida que superaría el resultado obtenido en Estocolmo.

Ex. Nov. 13/4/87

URSS

01/01

8705626

PERU

Inexperiencia Antiterrorista de la URSS

Detona la Crisis Entre Mijail Gorbachov y el Ejército Soviético por "Caso de la Avioneta"

VIENA y MOSCU, 2 (Nota sobre fuentes de ANSA y AP).– Las destituciones producidas en la cumbre de las Fuerzas Armadas soviéticas, a raíz de la burla sufrida con el aterrizaje en la Plaza Roja de Moscú de la avioneta comandada por el joven germano-federal Mathias Rust, hicieron detonar una crisis ya en gestación en las relaciones entre el aparato militar y los dirigentes del Kremlin liderados por Mijail Gorbachov.

En las últimas horas han trascendido en Moscú cuestionamientos a los encargados de los sistemas de defensa soviéticas y las destituciones dispuestas por Gorbachov amenazan con ser más de las ya anunciadas.

INEXPERIENCIA ANTI TERRORISTA

Se especula por otra parte que la falta de experiencia soviética en la lucha contra el terrorismo puede haber permitido que el joven piloto de Alemania Occidental atravesase las defensas aéreas de este país y aterrizase en la Plaza Roja.

El piloto de 19 años, Mathias Rust, permanecía hoy en la cárcel, mientras las autoridades soviéticas investigaban su vuelo. Un vocero de la Embajada de Alemania Occidental dijo que no había nada nuevo en su caso.

Funcionarios consulares de Alemania Occidental lo visitaron ayer en la cárcel por primera vez e indicaron que el joven parecía tranquilo a pesar de su detención.

El vocero dijo que Rust no había sido visitado aún por ningún abogado, pero que ello no era una infracción del derecho penal soviético.

Las autoridades soviéticas tienen diez días para informar a Rust acerca de los cargos que se le investigan. La pesquisa preliminar debe concluirse en dos meses, y sólo se permiten entrevistas del acusado con un abogado después de que se hayan terminado las investigaciones.

Si las investigaciones no concluyen en dos meses, el período de investigación preliminar puede extenderse a nueve meses. El acusado puede permanecer en la cárcel todo ese tiempo.

El agregado militar de una Embajada occidental, que pidió no ser identificado, dijo que podría haber resultado difícil para las defensas soviéticas –dispuestas para contener aviones a reacción y cohetes– reaccionar a tiempo ante un aparato pequeño, que se movía con lentitud.

"Todo el mundo construye sus defensas militares de acuerdo con su enemigo y con las amenazas que este implica", dijo el agregado.

Posiblemente, añadió, la avioneta de Rust "no era la amenaza que anticipaban, y por ello carecían de las armas necesarias para hacerle frente".

Dijo que los países occidentales, que combaten con frecuencia actos terroristas, están preparados para hacer frente a la intrusión de una avioneta.

"Creo que en otras capitales, la gente encargada de combatir el terrorismo ha hecho frente a (este tipo de incursión) desde hace largo tiempo", agregó.

El terrorismo es virtualmente desconocido en la Unión Soviética.

Otro agregado militar, que también declinó ser identificado, opinó que los soviéticos no identificaron el aparato Cessna de Rust como un avión de matrícula extranjera.

"No creo que lo hubieran dejado seguir volando si lo hubiesen identificado como un aparato extranjero", declaró.

Rust entró al espacio aéreo de la Unión Soviética por la costa de Estonia y atravesó más de 640 kilómetros de territorio ruso sin ser detenido hasta que llegó a Moscú, dio varias vueltas a la Plaza Roja, sobrevoló a escasa altura el mausoleo de Lenin y descendió finalmente entre la catedral de San Basilio y el Kremlin.

PROBLEMAS EN EL EJERCITO

Los problemas en el ejército rojo, aunque desde otra óptica, también habían sido denunciados en marzo pasado por el diario Estrella Roja el cual admitió que cada vez menos soldados hablan el idioma ruso. Algunos dijeron que sobre este particular se sabía hace mucho tiempo, pero que nadie quería aceptarlo. Esta cuestión es la de la falla en la instrucción del idioma ruso entre las minorías.

Los observadores señalan que la barrera del idioma es sólo un factor complicado en una vasta gama de problemas étnicos que reduce la efectividad y eficiencia de las Fuerzas Armadas soviéticas y eleva el espectro del racismo entre las tropas.

En algunas unidades conviven hasta 30 nacionalidades diferentes representativas de la diversidad étnica que compone la Unión Soviética.

Un estudio de la Corporación Rand señalaba al respecto que además de interferir con el desempeño militar en general, la barrera del idioma tiende a exacerbar las tensiones étnicas existentes. Los peligros de fricción étnica, había escrito por su parte el corresponsal del Christian Science Monitor, recibieron considerable atención por parte del Kremlin desde las revueltas de diciembre del año pasado en la República Central Asiática de Kazajastan, donde estalló la violencia tras la designación de un ruso de raza pura como director de la Organización del Partido Comunista local.

FALLAS AL DESNUDO

Los castigos por la penetración en profundidad, dentro del gigantesco y sofisticado dispositivo de defensa del territorio, del avión ligero que llegó hasta el mismo Kremlin, corazón y cerebro del país soviético, han puesto al desnudo fallas impresionantes que ya habían producido problemas mayúsculos –y numerosas destituciones mantenidas hasta hoy en secreto–, a raíz del abatimiento hace tres años de un avión "Jumbo 747" coreano que había ingresado inadvertidamente en el espacio de la URSS.

En la estructura militar, también fue destituido el general Aleksandr Koldunov, viceministro de la defensa y comandante en jefe de las Fuerzas de defensa antiaérea. Sokolov y Koldunov integraban la élite de los diez principales comandantes de la estructura bélica soviética.

El nuevo organigrama hace presentir que los cambios son inminentes y abarcarán, probablemente, la más vasta renovación de los últimos años. El general Dimitri Yazov, flamante ministro de la Defensa, era el jefe del Departamento de Personal, que había recibido el grado de general en 1984 y no ocupaba uno de los escalones privilegiados del aparato.



Mijail Gorbachov saluda el desfile de las fuerzas armadas soviéticas junto al presidente Andrei Gromyko. (Foto de la AP)

CARGOS CLAVES

De los tres viceprimeros ministros, hay dos que ocupan posiciones claves. El General Akhromeyev es el Jefe de Estado Mayor General y el General Kulikov es el Comandante en Jefe de las Fuerzas del Pacto de Varsovia.

Inmediatamente después vienen el General Ivanovsky, Comandante en Jefe de las Fuerzas Terrestres, el General Maksimov, Comandante de las Fuerzas de Misiles estratégicos, el General Yefimov, Comandante en Jefe de las Fuerzas Aéreas, y el Almirante Chervavin, desde hace muchos años Jefe de la Armada.

El disidente soviético Roy Medvedev, un entusiasta de la "Perestroika" de Gorbachov, estima que los cambios son necesarios en las Fuerzas Armadas "donde los episodios de parálisis, burocratismo y hasta corrupción desenmascarados en otros sectores del aparato estatal y del partido, también han afectado a las estructuras del comando bélico".

01.01.

8705679

024

Aumentos salariales en la URSS estarán supeditados a ganancias de empresas

Moscú.— Desde el primero de julio, los negocios, igual que las fábricas, podrán quebrar y los salarios de los empleados deberán estar vinculados a las ganancias.

Así lo anunció el diario gubernamental "Izvestia" que afirma que de ahora en adelante "el logro del máximo de ganancias con un mínimo de gastos, será la principal condición para que los empleados consigan aumentos" y agrega "si el negocio no dará ganancias no tendrá tampoco dinero para pagar a sus empleados".

El diario critica la actual "indiferencia" de los empleados por el resultado de su trabajo que se traduce también en "indiferencia por el cliente".

Si el negocio da pérdidas, continúa "Izvestia", podrá declarar la quiebra o pedir nueva financiación al Estado pero con "un nuevo director más capaz y enérgico", tal como se ha experimentado ya en las tres repúblicas bálticas (Lituania, Estonia y Letonia). (Ansa).

URSS

01.01

8705690

026

URSS

Militares soviéticos se retiran de Mongolia

Moscú (PL). La Unión Soviética inició la retirada parcial de fuerzas que se encontraban temporalmente en territorio de Mongolia, según un comunicado oficial que publicó ayer el diario "Pravda".

Por acuerdo del Ministerio de Defensa de la URSS y del gobierno de aquel estado asiático, se decidió la salida de una división motorizada y de algunas unidades aisladas del ejército soviético que permanecían allí, añade la nota.

Según se había anunciado antes, el próximo jueves se efectuará una solemne ceremonia de despedida de los militares en la frontera soviético-mongola.

La decisión de retirar esas fuerzas fue anunciada por el secretario general de Partido Comunista de la URSS, Mijail Gorbachov, en un discurso que pronunció el 28 de julio pasado en Vladivostok, en el extremo oriente del país.

En esa ocasión el líder soviético dio a conocer además un amplio programa para contribuir a una paz duradera en la región del Asia y el Océano Pacífico.

Pa Hora 12/4/87

01.01

8705691

Dudas sobre la posibilidad de reformar el sistema soviético

PILAR BONET, Moscú

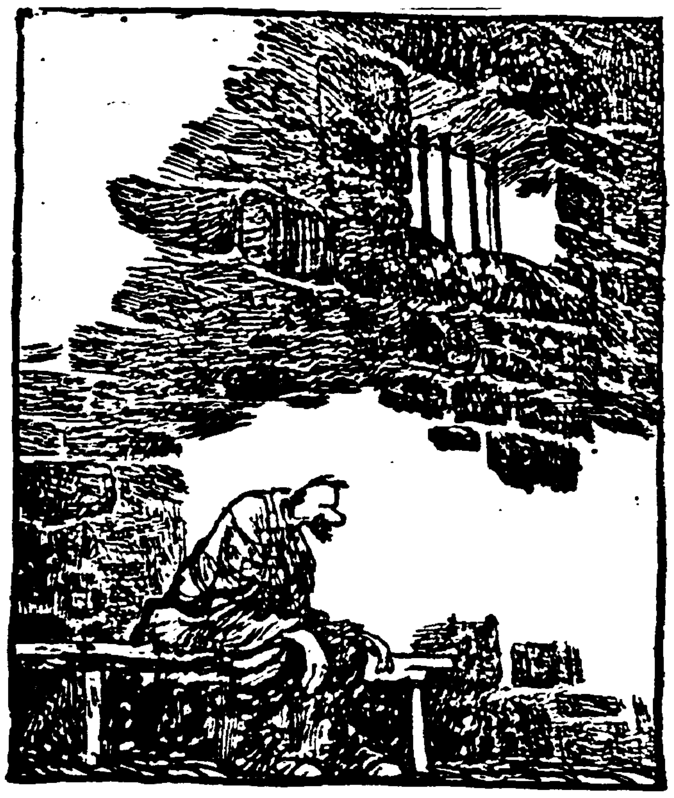
En un ambiente de creciente resistencia a la "perestroika" (reestructuración) está saliendo a la superficie en la URSS un atrevido debate que cuestiona abiertamente las posibilidades de reforma del sistema autoritario soviético. Dos economistas, el polémico profesor Gavril Popov y la doctora L. Popkova, están dando mucho que hablar en medios intelectuales de Moscú por dos artículos que acaban de publicar en la revista "Nauka i Zhizn" y "Novi Mir", respectivamente

Ambos han sorprendido por sus planteamientos críticos y la crudeza de su exposición, difícil de imaginar hace tan sólo unos meses y posible ahora en el clima de mayor apertura informativa.

Popov, de la universidad de Moscú, ha utilizado el género de la crítica literaria para sostener que el sistema autoritario centralizado heredado de la época de Stalin es refractario a las reformas y ha salido además fortalecido de anteriores intentos de modificarlo, tales como el realizado por Jruschov en 1956 y la reforma económica de Kossiguin en 1965. Estos no destruyeron el foco del mal: un "mecanismo administrativo más o menos cruel", donde "el miedo es un elemento obligado". "El sistema se ha vengado de nosotros", dice Popov.

Popkova sostiene sin reparos que socialismo y mercado son incompatibles, critica los equilibrios para tratar de compaginar ambas cosas, tanto en la URSS como en las socialdemocracias occidentales, y afirma: "Cuanto más mercado, más esponjosas son las tortas". "No se puede estar sólo un poco embarazada. O plan o mercado. O directiva o competencia".

Nuevo nombramiento, una novela escrita a principios de los sesenta y publicada a finales de 1986, sirve a Popov para ilustrar la transformación de un entusiasta y enérgico comunista en un burócrata que, paradójicamente, acaba siendo sustituido no por tal, sino por creerse de verdad que ha habido un cambio democratizador en el sistema autoritario y empezar a actuar en consecuencia. La obra, de Alexander Bek, ha visto la luz en la revista *Znamia*, pese a la oposición de ex altos funcionarios del Ministerio de Metalurgia que, sintiéndose aludidos, habían conseguidp congelar el original.



El gulag antes de Gorbachov



El gulag después de Gorbachov

EVOLUCION DEL SISTEMA

A diferencia de Popov, Popkova deja de lado la posibilidad de evolución del socialismo y ridiculiza los intentos de buscar en las obras de Lenin citas que justifiquen la defensa del mercado, y en las de Marx, otras que hagan olvidar las ideas [illegible] le pongan de fundamento en la defensa del paso pacífico del capitalismo al socialismo. Es decir, citas que justifiquen "nuestros intentos de quedar sólo un poco encintas". Por su esencia, por las ideas de sus fundadores y el instinto de quienes lo mantienen, el socialismo es incompatible con el mercado, dice la economista, para quien los intentos repetidos de encarrilar a la URSS por la vía del mercado no han conseguido hacerle dar *ni un paso* en esta dirección.

Según Popkove, hay que elegir. O economía de mercado, con su eficacia, sus diferencias de ingresos y su paro, o economía planificada, con su seguridad en el futuro, su escasez y su mala gestión. Popkova no está de acuerdo con los *camaradas convencidos* de que la época de "economía de mercado pura" ha pasado ya y opina que la "iniciativa privada" capitalista no ha hecho más que empezar su desarrollo y tiene un "serio futuro, nos guste o no". Esta iniciativa privada ha sido *sofocada*, pero *no ahogada*, en Occidente por "restos de feudalismo" y la "actividad de todo tipo de utopistas, por causa de los cuales el siglo XX ha sido tan sangriento".

La apertura informativa que permite la publicación de artículos como éstos es cuestionada públicamente.

La historiadora M. Pavlova-Silvanskaia afirma leer los periódicos cada mañana como si mirara el mapa de la *línea del frente* y *expresa* miedo a que esté en marcha una *campaña de las cien flores*. Los ministerios e instituciones saben, según el escritor Valentín Rasputín, que a la opinión pública se le permite hablar, "pero por el momento se le permite decidir poco". La resistencia del sistema al cambio y la aparición de nuevas especies de burócratas adaptados a la *perestroika* es el tema de un manual recientemente aparecido bajo el títulos *Nuestro peor enemigo interno*. I. Bestuzhev-Lad, uno de los más conocidos sociólogos soviéticos, afirma en el prólogo que el burócrata, el peor enemigo de la *perestroika*, se medra en ambientes "oscuros, húmedos y sucios", y al igual que los mohos no soportan el sol, no soporta la transparencia *(glasnost)*.

PROYECTO SOVIETICO DE REFORMA ADMINISTRATIVA

La burocracia, cuestionada

MOSCU, 23 (Por Dominique D'Hombres, especial de "Le Monde" para Clarín). — Las comisiones especializadas del Soviet Supremo de la URSS están analizando un proyecto de ley sobre "las quejas contra los actos arbitrarios de la administración", el cual se supone que debería ser aprobado dentro de algunas semanas, en el curso de la sesión de verano de ese organismo.

La nueva ley "permitirá incluso procesar en la justicia a los funcionarios que hayan perjudicado por su inacción a los ciudadanos", o a quienes "hayan adoptado una actitud humillante respecto de los peticionantes", acaba de explicar la agencia oficial TASS sin entrar en mayores detalles, para agregar que "este nuevo texto legal constituirá una nueva etapa de la ofensiva lanzada en el país contra los burócratas".

Jurista al mismo tiempo que agrónomo por formación, el líder soviético Mijail Gorbachov desea eliminar los abusos que florecen —eternamente, se podría decir— cada vez que un ciudadano tiene problemas con cualquier tipo de institución.

Para concretar esta inmensa tarea eligió a un jurista profesional, Natalí Lukianov, a quien hizo entrar el pasado 28 de enero en el secretariado del comité central del Partido Comunista y quien había sido su compañero en la facultad de derecho de la universidad de Moscú en los comienzos de la década del '50.

Sin embargo, la ley vigente es perfecta, como lo constata TASS en un involuntario rasgo de humor. El artículo 58 de la Constitución ¿no proclama, acaso, que "los ciudadanos de la URSS tienen derecho a elevar quejas contra los actos de los funcionarios de los órganos de estado y de las instituciones locales?" ¿Cuántos habrán sido hasta el presente los ciudadanos que, efectivamente, corrieron ese riesgo cuando alguna institución de peso —policía, K.G.B.— les causó perjuicios "de manera ilegal?"

Gorbachov se esfuerza por impone una evolución de las mentalidades, si hace falta a través de decisiones espectaculares. Así, un alto responsable de la K.G.B. en Ucrania fue públicamente destituido en enero por haber enviado a prisión, sin causa, durante 15 días, a un periodista que investigaba muy de cerca las malversaciones de los potentados locales.

El propio jefe de la K.G.B., Vladimir Chebrikov, informó al país sobre el caso en la primera plana del "Pravda" y, a partir de allí, las destituciones se sucedieron en la ciudad ucraniana de Voroshilovgrado.

En febrero, dos policías de la república autónoma de Carelia fueron condenados a muchos años de prisión por haber torturado, casi hasta la muerte, a simples ciudadanos sospechosos de robo. Ambos casos no tenían precedentes en el país.

Por otro lado, la agencia TASS se asomó en estos últimos días a la vida cotidiana de los detenidos —por causas comunes, porque en la URSS, oficialmente, no existe otro tipo de presos— en las prisiones y en los "campos de reeducación para el trabajo". Aparentemente, se trata de la primera investigación periodística de este tenor jamás publicada.

También en este caso se empieza por citar un texto oficial, según el cual "la ejecución de la sanción penal no tiene por objeto causar sufrimientos físicos ni humillar la dignidad humana".

Un detenido condenado por patoterismo explica sin embargo al redactor de TASS que "no estamos en un balneario y, por otra parte, nadie vino aquí por invitación". El periodista constata también que "las alambradas de púa, las cadenas y los muros sobreelevados no hacen pensar en un balneario y el trabajo es obligatorio". Señala además que "los detenidos que violan el reglamento o que trabajan mal pueden ser castigados con el aislamiento o destinados a establecimientos sujetos a regímenes más severos; tienen derecho a dos visitas por año y la jornada de trabajo dura 8 horas, como en el resto de la URSS".

De todos modos, el reportaje —efectuado en "un establecimiento penitenciario de la región de Moscú"— suscita sin embargo algunas dudas, cuando el autor afirma que el recurso a la celda de castigo es excepcional y describe "el equipo médico moderno de la colonia" con "un hospital de 14 camas" y los cursos nocturnos para los detenidos.

El testimonio contradice todo lo que se sabe sobre las prisiones y los campos, sobre todo a través de los "prisioneros de conciencia" que están en esos lugares, sistemáticamente mezclados con los otros.

El periodista de TASS nada dice sobre la alimentación en los campos. Su afirmación según la cual "se pueden iniciar acciones contra la administración de la colonia en caso de accidente de trabajo sufrido por un detenido", consiguió provocar risas en un ex prisionero consultado por "Le Monde".

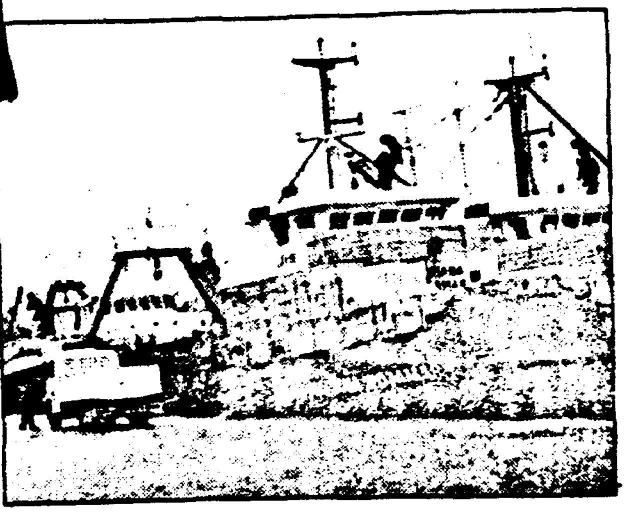
Se habla mucho, en fin, de la reforma en curso del artículo 70 del código penal, que castiga "la agitación y la propaganda antisoviética", y en virtud del cual fueron, y todavía lo son, condenados la mayor parte de los disidentes. El portavoz de la Cancillería, Guennadi Guerasimov, suele evocar este tema.

Parece que la noción misma de la "actividad antisoviética" será mantenida, con la consideración de que se trata de una figura criminal y no política. De todos modos se perfila una evolución positiva: los manifestantes que invocan por ejemplo su derecho a emigrar son muy raramente interceptados, casi siempre dejados en libertad a las pocas horas en caso de arresto y ya no se los inculpa mediante la figura de la "actividad antisoviética".

Los ex "prisioneros de conciencia" liberados gracias a las medidas de gracia individuales dictadas desde el 2 de febrero se reagrupan e intentan hacer oír sus voces. Muchos de ellos, reunidos en torno del historiador Serguei Grigoriants, liberado en febrero, se esfuerzan por conseguir la legalización de su organización. Acaban de enviar una carta en ese sentido a Alexandre Iakolev, miembro suplente del buró político y uno de los más convencidos artífices del proceso de "democratización" en el que está comprometido [illegible]

CONVENIO CON LA URSS

LUZ ROJA EN LA PESCA



Como antecedente, conste que trabajadores e investigadores tanto de Uruguay como de Argentina, han rechazado siempre acuerdos de esta naturaleza en defensa del patrimonio nacional.

El Convenio con la URSS es lo que algunos llaman un *convenio marco*, no precisa fechas ni establece volúmenes, y a su respecto el gobierno uruguayo pone énfasis en los presuntos beneficios científicos y técnicos que nos acarrearía. Pero, conocida la política gubernamental de privatización y favorecimiento de la inversión extranjera, todo parece indicar que el principal interés está puesto en negociar la pesca con las potencias, aunque ello liquide el propio recurso, la industria pesquera nacional y la fuente de trabajo que representa para miles.

El Instituto Nacional de Investigaciones para el Desarrollo Pesquero de Argentina, INIDEP, advierte: "tanto Uruguay como Argentina han alcanzado la captura máxima permisible sin depredar, en especies tradicionales como merluza, corvina, pescadilla (principales recursos de nuestra industria pesquera), y en estas condiciones el solo cambio de las unidades pesqueras en operación, por otras más eficientes, pondría en riesgo el recurso".

MARCO LEGAL

Nuestro país cuenta con tres instrumentos sobre los que se basa el desarrollo pesquero nacional: la declaratoria de las 200 millas de mar territorial (1969); el Tratado del Río de la Plata y su Frente Marítimo (1973); y el Plan de Desarrollo Pesquero Nacional (1974).

Los dos primeros ampliaron nuestro espacio marítimo en carácter de Zona Económica Exclusiva y Zona Común de Pesca, respectivamente, mientras que el Plan de Desarrollo —impulsado por el Instituto Nacional de Pesca— aun en contradicción con la política económica general del gobierno, propendió al desarrollo planificado, de acento nacionalista, opuesto a la Ley de Pesca del año '69.

Esa rara contradicción entre el Plan de Desarrollo Pesquero y su política general, pareciera que es lo que quiere eliminar el actual gobierno. El año pasado lo intentó con el convenio para la instalación en La Paloma de la trasnacional coreana Daewoo, convenio inadmisible que se adaptaba al proyecto colorado de zonas francas.

Con una extensión costera [illegible] por el espacio de las 200 millas náuticas, nuestro país, de tan sólo 186 mil quilómetros cuadrados, tiene casi 121 mil quilómetros de mar territorial y es poseedor de una importante riqueza ictícola constituida por bancos de especies como la merluza, la brótola, la pescadilla, el atún y la corvina, codiciadas en todo el mundo y en particular por las grandes potencias pesqueras. Ahora, con motivo del Convenio pesquero con la Unión Soviética sobre la utilización de los servicios del puerto de Montevideo y la posibilidad de pescar en aguas territoriales uruguayas por parte de esa flota, se plantea nuevamente el tema de la soberanía nacional relacionada a la defensa de un recurso no renovable como es éste.

Ahora, con la Unión Soviética, se intenta lo mismo pero de manera disfrazada, se habla sobre todo de los beneficios que nos aparejaría prestar servicios portuarios a esa flota, de la importancia del intercambio científico y técnico, etc., cuando de lo que se trata en realidad es de abrir las puertas al capital extranjero, comenzando por donde creyeron que crearía menor resistencia: la Unión Soviética. (Algo similar están intentando sin éxito con el azúcar, que Batlle propone importar de Cuba).

Luego de un pormenorizado análisis de la problemática de la pesca, Guzmán Díaz afirma: "nadie que conozca los intereses que se mueven en el sector pesquero, puede ignorar que el Convenio con la URSS será la antesala y el pretexto a los que vendrán con Japón, Taiwán y Corea; y en la competencia que se establecerá entre todos ¿cuánto durará el recurso?

Y que no se nos haga la broma de decirnos que sus pescas serán controladas. Cuando todo se acabe, cuando se hayan retirado las flotas extranjeras en busca de nuevos caladeros que explotar, nos quedarán las obras de infraestructura portuaria creadas para atender a la flota soviética del sur que, según dice el Convenio, utilizará sus muros. También nos quedará la deuda contraída por los créditos recibidos para construirla.

Los buques parados y las fábricas vacías, serán el mudo testimonio de un estilo de gobierno sin poder ni grandeza." (Brecha, 15/5/87).

OPINAN LOS TRABAJADORES

Díaz no exagera y los trabajadores intuyen el peligro: la *Intergremial Marítima fue de las primeras en reaccionar.* El Sindicato Unico Nacional de Trabajadores del Mar y Afines, SUNTMA, el Centro de Maquinistas Navales y el Sindicato Unico de Patrones de Pesca del Uruguay, en asambleas por gremio realizadas entre el 30 de abril y el dos de mayo pasados, resolvieron "rechazar con la máxima energía cualquier intento de penetración, sea por la potencia pesquera que sea, en nuestras 'aguas comunes', por la vía de convenios internacionales o asociaciones con empresas nacionales que realizan capturas en buques de terceras banderas." A esta resolución adhieren los trabajadores de ILPE, mientras los de Promopes resuelven "rechazar la pesca en nuestras aguas territoriales por parte de buques extranjeros; rechazar el proyecto de zona franca; solicitar la revisión de todos los acuerdos pesqueros firmados desde 1974 a la fecha; luchar por la creación de una nueva normativa que regule la pesca en el Cono Sur, en coordinación con los trabajadores pesqueros de Brasil y Argentina; analizar con los trabajadores del puerto los efectos negativos que tiene la prestación de servicios a las flotas de pesca en el Atlántico Sur y discutir con el Ministerio correspondiente y la URSS, los términos del acuerdo."

El tema preocupa y mucho: "Si los barcos pesqueros vienen a estudiar nuestras especies, ¿por qué vienen 170? Ellos van a tirar las redes y levantar todo. Con el tiempo van a sacar trabajadores de las plantas porque el pescado va a escasear, y nosotros vivimos del pescado" dice una obrera de una planta procesadora. "Aspiramos a defender nuestros recursos y deseamos la solidaridad de todos los trabajadores en esa defensa, también la de los trabajadores que están construyendo el socialismo", destacan otros.

La posición de los trabajadores es clara. Cabría agregar quizás que éste puede ser el momento para también, entre todos, poner sobre la mesa nuevamente las *propuestas* —que las hay— para que la industria pesquera en el Uruguay, no sólo prospere en manos de nacionales sino además, se proyecte en beneficio de sus propios trabajadores y de la población [illegible]

Alfredo Canedas



CON EDUARDO BONOMI, DEL SECRETARIADO DEL CUTIP

NO FACILITAR LA PESCA A EXTRANJEROS

Acerca del Convenio pesquero con la Unión Soviética, Mate Amargo, consultó a Eduardo Bonomi, miembro del Secretariado del Congreso Uruguayo de los Trabajadores de la Industria de la Pesca (CUTIP) y del sindicato de base de Promopes.

"La política general del gobierno tiene como objetivo fundamental la privatización y extranjerización de la economía. En el sector de la pesca —que tiene su desarrollo entre los años 1974 y 1985 con la creación de 10 mil puestos de trabajo— a partir de 1985, en lugar de iniciarse la profundización del proceso de desarrollo, se cambia de filosofía. Alberto Giambruno —al frente de INAPE— decide abrir aún más las puertas a la participación de extranjeros tanto en la captura como en la industrialización. El caso más claro fue el intento de conceder a la trasnacional coreana Daewoo, la explotación de nuestros recursos a partir de una planta en La Paloma. De las posiciones sostenidas por Ulises Walter Pérez (con concesiones, pero a contrapelo de la política de la dictadura), se pasa a las posturas de Giambruno. Pérez sostenía que el desarrollo de la pesca debía basarse en las instalaciones de tierra, que generaban trabajo e implicaban un movimiento portuario. Es la filosofía del Plan de Desarrollo Pesquero. En cambio, Giambruno apuesta a que el desarrollo se dé por el crecimiento de la captura, de ahí que facilite la pesca por parte de extranjeros y pretenda a mediano plazo, sustituir las plantas en tierra por buques factoría. En ese marco es que hay que analizar cualquier convenio, y quiero destacar que los trabajadores nunca hemos aceptado la explotación de nuestros recursos por buques extranjeros y vamos a luchar por impedir la entrada de terceras banderas en aguas territoriales uruguayas".

024

INFORMACION INTERNACIONAL

Pocos resultados del empuje Gorbachov

Estancamiento comercial en el bloque oriental

por Jackson Diehl

Varsovia. A pesar de los reiterados pedidos de Mikhail Gorbachov para una mejora "radical" en la cooperación económica, el comercio entre la Unión Soviética y sus seis aliados euro-orientales se está estancando y los nuevos proyectos tecnológicos e industriales están enterrados en intrigas burocráticas, según expresaron funcionarios del gobierno polaco y economistas.

Desde que Gorbachov asumió el poder dos años atrás, ha aparecido voluntarioso de reformar las relaciones económicas como elemento clave de su política hacia Europa Oriental. Mientras estira la tolerancia de Moscú ante los variados estilos políticos de los líderes de la región, ha demandado que la cooperación dentro del COMECON —el consejo del bloque para la asistencia económica mutua— sea "mejorada a un nuevo y más alto nivel cualitativo".

No obstante, informes económicos oficiales y entrevistas con funcionarios del bloque oriental indican que el empuje de Gorbachov ha producido muy pocos resultados. No solo los nuevos proyectos de Gorbachov están lejos de ser estructurados, sino que la contribución total de Europa Oriental a la economía soviética parece haberse sometido a un declive cualitativo.

Gorbachov ha dejado bien claro que Moscú cuenta con la ayuda del bloque euro-oriental a la Unión Soviética para modernizar sus bases industriales y achicar la brecha con el liderazgo tecnológico occidental. Pero de acuerdo a estadísticas oficiales, las importaciones soviéticas de las tres economías europeas más avanzadas tras la cortina —Alemania Oriental, Checoslovaquia y Hungría— disminuyeron en 1986. Las importaciones de Alemania Oriental, el líder tecnológico del bloque, cayeron un 6.1%.

En tanto, estos estados aumentaron dramáticamente sus propias importaciones de nuevas maquinarias de occidente, aumentando el gasto en un 30% o más a pesar de las advertencias explícitas de Gorbachov contra tal paso. Su ejemplo fue seguido incluso por países como Polonia, que, ya con presupuestos de grandes deudas con occidente, prácticamente duplicaron sus importaciones de maquinarias occidentales en el primer trimestre de este año.

Solo un gran aumento soviético en el comercio con Rumania —económicamente más retrasada— como resultado de un importante acuerdo de suministro de energía entre Moscú y Bucarest, y una oleada de comercio con Polonia, mantuvo las cifras comerciales entre los soviéticos y euro-orientales sin mostrar un declive absoluto en 1986. Incluso Polonia, en un reciente comunicado del gobierno, expresó que las relaciones comerciales con la Unión Soviética estaban "lejos de ser satisfactorias".

Los funcionarios polacos conceden que los proyectos económicos iniciados bajo el liderazgo de Gorbachov, solo han producido resultados marginales o fallado, a pesar de los esfuerzos soviéticos por agilizarlos.

"Gorbachov ha establecido metas muy creativas", expresó Adam Barszczewski, director de relaciones del COMECON en el Ministerio de Comercio Exterior polaco. "Pero de una perspectiva práctica, hacer algo respecto a ellas ha sido extremadamente difícil. Hasta ahora, no hay resultados visibles".

Sin embargo, algunos expertos occidentales dicen que las tendencias económicas pueden agravar las ya incipientes tensiones en las relaciones políticas de Gorbachov con sus aliados.

En la raíz de la impasse económica del bloque oriental se encuentra el esfuerzo de Gorbachov para modernizar un sistema de intercambio económico que data desde la época estalinista, e inadecuado para el desarrollo moderno. Por cuatro décadas, el comercio entre los miembros del COMECON ha sido conducido a través de rígidos acuerdos de intercambio de gobierno a gobierno, que excluye los precios reales, competencia entre los productos de varios países o controles de calidad.

Las medidas respaldadas por los soviéticos comienzan con empresas conjuntas, que pueden permitir a las firmas del bloque oriental tener capital y tecnología para mayores proyectos industriales, como muchas firmas occidentales colaboran en los campos, por ejemplo, de electrónica. Otra innovación soviética crearía "relaciones directas" entre compañías soviéticas y euro-orientales, permitiéndoles comerciar e intercambiar sin tener que pasar por los ministerios o negociar su colaboración en el plan central anual.

Finalmente, Gorbachov ha presionado firmemente a los gobiernos de Europa Oriental para que participen en un "programa comprensivo" para el desarrollo de nuevas tecnologías en proyectos conjuntos para angostar la brecha tecnológica entre el este y el oeste. El COMECON, argumenta Gorbachov, debería trabajar para desarrollar sus propias máquinas, más que simplemente comprarlas o copiarlas de occidente.

El principal impedimento a este programa soviético, según funcionarios gubernamentales de Europa Oriental, es la continua división que existe en el bloque entre los reformistas del sistema económico socialista y los líderes conservadores que se resisten a un alejamiento de lo ortodoxo. La reforma comercial aparece particularmente amenazadora para los países pobres como Rumania, que encontraría sus exportaciones drásticamente reducidas si otros países socialistas no estuvieran efectivamente obligados a comprar sus productos por el sistema de intercambio bilateral. (DPA - The Washington Post - Especial Búsqueda).

Búsqueda 4/6/87

URSS

Economía

01.01

8705731

CS

026

La apertura soviética

Las anunciadas medidas de liberalización del régimen, anunciadas por el gobierno soviético, aun tomadas con las mayores prevenciones, son indicativas de la existencia de grietas y resquicios de libertad y de una incipiente opinión pública en la hasta ahora aparentemente monolítica estructura totalitaria.

Tanto la posibilidad de que los ciudadanos puedan apelar ante los tribunales de justicia los actos de la autoridad que consideren violatorios de sus derechos, como la exención del sometimiento a la planificación centralizada de las empresas económicas, confiriéndoles la posibilidad de la autoadministración, se habría considerado hasta hace no mucho tiempo como objetivos quiméricos en la rigidez del marco de la sociedad soviética.

Precisamente por esa misma razón, la aparición dentro del sistema considerado como el ejemplo más crudo de tiranía, de ciertos vestigios de libertades públicas, da la sensación de la fuerza de los principios liberales y democráticos y, paralelamente, de la temporalidad y desgaste de las concepciones doctrinarias que se les oponen. La reciente atenuación de las medidas restrictivas tomadas contra disidentes ideológicos, consistente en la liberación de algunos de ellos, reafirma la tesis que sustentamos.

No es creíble que se trate tan sólo de una maniobra proselitista, dado que dicha propaganda consistiría justamente en la negación de las propias postulaciones del régimen, y en la rectificación cabal de su rumbo hacia horizontes hasta ahora denostados y atacados severamente. Un gobierno que no ha vacilado en avasallar naciones enteras, ya mediante la penetración política, ya más burdamente, mediante la ocupación militar, no necesita de recursos semejantes para disimular su condición imperialista y autoritaria.

Más bien habría que creer que, de alguna manera, ha tenido que acceder a esa tenue aunque incuestionable liberalización, obligado por las circunstancias. La situación económica, nunca demasiado brillante durante el período comunista, ha forzado de seguro a intentar una limitación de los tradicionales controles que la encadenaban y probar una incipiente apertura hacia las contingencias de las reglas del mercado. Por otra parte, el poder de la opinión ciudadana, aunque acaso minoritaria y reducida a intelectuales y disidentes, ha ido erosionando lentamente la aceitada maquinaria comunista, e imponiendo, aunque sea en una muy estrecha dimensión, sus discrepantes puntos de vista.

Sea como fuere, y aun relativizando sus alcances, la "glasnot" —como se conoce en ruso la apertura— demuestra inequívocamente dos cosas complementarias: la fortaleza del espíritu liberal, y la temporalidad de los regímenes autocráticos.

LA PRENSA 4/7/87

URSS

01.01

8705735

De la semana internacional

URSS: poner en orden la casa

Por múltiples causas, entre las que se pueden citar la carencia de información *objetiva y suficiente*, lecturas incorrectas o prejuiciosas de la realidad y hasta un cierto grado de bien fundada desconfianza, la arena internacional, especialmente la occidental, no advirtió que la nueva dirigencia soviética conducida por Mikhail Gorbachov intenta ingresar en una etapa inédita de renovación ("perestroika"), a partir de la certeza de que el PCUS, durante años una especie de oráculo infalible, ya no está en condiciones de ofrecer para cada problema económico, social o político la solución -para emplear un término caro a la ortodoxia marxista- *científica*.

En tal contexto, los cambios que comenzaron a cobrar forma en la URSS a partir de 1985 no constituyen la instrumentación de un proyecto exclusivo del secretario general del PCUS, sino que serían el resultado inevitable de un proceso histórico.

Ya en la edición española (1972) del Diccionario de Ciencia Política (Handlexikon zur Politikitwissenschaft, dirigido por Axel Görlitz) se subrayó la existencia de "una serie de indicios en el sentido de que... los sistemas bolcheviques del bloque oriental han de ejecutar una revolución hacia la forma yugoslava de comunismo", es decir, hacia un esquema antiburocrático y descentralizado, cuyo núcleo operativo lo conformó la autogestión de las empresas.

Hungría y Polonia

En similar dirección había apuntado el profesor Kurt Leo Shell, de la Universidad Johann-Wolfgang Goethe, de Francfort, al señalar en 1968 que, durante la Primavera de Praga, la dirigencia checa emprendió "el intento de reducir marcadamente el papel del Partido Comunista, sustituir la planificación central por un sistema económico socialista de mercado y otorgar un importante lugar a la autogestión en el interior de las fábricas".

Un indicio inaugural data de 1956, cuando, durante las rebeliones de Hungría y Polonia, se institucionalizaron los "consejos" de productores. Y aunque voces como la del secretario del comité central del Partido Obrero Socialista húngaro, János Berecz, expresen que en "nuestro avance no nos puede detener el hecho de que con ello se hagan más evidentes los todavía existentes atrasos de origen histórico, las contradicciones y tensiones de nuestra sociedad", lo cierto es que la necesidad de renovación habría comenzado a operarse en esa gran vidriera del comunismo que es la Unión Soviética.

Y aunque los objetivos son todavía difusos -uno podría ser *reducir las distancias* que la separan del Occidente tecnológico- deben tenerse *en cuenta*.

En el sentido de tales cambios debe señalarse que la muy difundida discusión *en torno del beneficio* en los sistemas socialistas y las transformaciones fácticas en el pesado y centralizado aparato planificador, así como la *creciente importancia* que los técnicos alcanzaron frente a los políticos, apuntaron a un proceso de transformación que se aparta, al menos en principio, de las bases *dogmáticamente* impuestas por Lenin y *perfeccionadas* por Stalin.



Mikhail Gorbachov, secretario general del PCUS

Tales desarrollos reflejaron, por un lado, exigencias de mayor *eficiencia* económica -rendimiento y estímulos materiales- y, por otro, los imperativos de descentralización y democratización.

Más allá de las palabras

Términos como *glasnost* (transparencia) o *perestroika* (renovación), aún de significado excesivamente lato para quienes tratan de establecer la dirección hacia la que apunta Mikhail Gorbachov, comenzaron a difundirse con mayor aceleración que los cambios que el secretario general del PCUS prohijó desde el inicio de su gestión.

Lo anecdótico, entonces, ganó espacio. Vale un ejemplo. Cuando recientemente la colección de otoño-invierno de una revista alemana -la primera edición en ruso de una publicación de modas occidental- fue presentada por modelos procedentes de los Estados Unidos no se dejó de recordar, como si ello ocultase una de las claves fundamentales para la interpretación de los cambios que empezaban a ser factibles, que el acontecimiento mundano se desarrolló en la Sala de las Columnas de los sindicatos soviéticos, *excesivamente* cerca del lugar en el que, en su momento, se colocaron los féretros de tres muertos ilustres: Leonid Brezhnev, Yuri Andropov y Constantin Chernenko.

La nueva estrategia

A *Mikhail Gorbachov* le antecede una década marcada por los errores e impotencia de la política desarrollada por Brezhnev, el apenas concretado intento de establecer una especie de *renacimiento* moral de la sociedad soviética buscado por Andropov y la falta de *tiempo* y de *fuerzas* de Chernenko para reactualizar el mandato *brezhneviano* o contener las brisas tenuemente renovadoras impulsadas por Andropov.

Para aproximarse al proyecto de Gorbachov o a los dos pilares básicos de su propuesta -construcción de una nueva estrategia y consolidación de la política soviética moderna- deben recordarse tres instancias: en 1985, el plenario del comité central del PCUS; en 1986, el XXVII Congreso del PCUS, y, este año, el plenario del comité central del PC de la Unión Soviética.

En esos foros se sentaron las bases de una nueva estrategia para impulsar el desarrollo de la URSS sobre tres pivotes: la aceleración del desarrollo, la reforma económica y el realineamiento de la sociedad soviética. Pero, además, se alcanzó la certeza de que tales cambios no eran factibles de alcanzar a partir de las estructuras de poder, sino por la movilización de la opinión pública y la activa participación de las *masas populares*.

Dos discursos de Mikhail Gorbachov pronunciados el año anterior en Haborocsk y Krasnodar sirvieron para observar que el secretario general del comunismo soviético comenzaba a poner énfasis en el "realineamiento revolucionario", cuyo objetivo, en el corto plazo, no es otro que el de *eliminar* los fenómenos negativos, superar el estancamiento y gestar un "mecanismo seguro y eficaz" para acelerar el desarrollo socioeconómico.

En síntesis, lo que se propone la nueva generación de dirigentes soviéticos no es más que la reactivación de un modelo económico anticuado y exhausto mediante la concesión de autonomía financiera a las empresas, otorgándole una significativa presencia a las leyes del mercado sin poner en peligro el pleno empleo u otras conquistas del socialismo.

Defensa y desarme

Mientras un estudio reciente del Massachusetts Institute of Technology concluyó que un ataque limitado contra los EE.UU. que incluyera apenas el uno por ciento del arsenal estratégico nuclear de la Unión Soviética llevaría a un colapso de la economía norteamericana y que, por décadas, los sobrevivientes se verían reducidos a niveles medievales de existencia, Moscú ha comenzado, también, a revisar su doctrina de seguridad.

Tal sistema, al que se le pretende otorgar un valor *universal*, se apoya en premisas tales como la desnuclearización del mundo, suprimir los armamentos químicos y no llevar la carrera armamentista al espacio. Pero, fundamentalmente, en la reducción de los potenciales militares hasta una "suficiencia razonable", en lugar de la "suficiencia estratégica" sustentada por Washington.

Política de seguridad, defensa y desarme son términos de una sola ecuación. No es casual, entonces, que Mikhail Gorbachov, en una evidente ruptura con la política exterior de sus antecesores, haya saturado la capacidad de respuesta de los EE.UU. con sus ofertas sobre desarme, entre las que se incluyen el retiro del *teatro europeo* de las Long Range Intermediate Nuclear Forces y las Short Range Intermediate Nuclear Forces.

En el marco de los objetivos tendientes a disminuir la tensión internacional, especialmente en las áreas de eventual conflicto, Mikhail Gorbachov -alocución desde Vladivostok, del 28 de julio último- dio un paso importante para desbloquear la *cerrada* política del Kremlin en relación con los problemas asiáticos, especialmente con aquellos que tienen, como contrafigura, a China y el Japón.

El secretario general del comunismo soviético ha propuesto organizar para noviembre próximo una reunión -la calificó de informal- de partidos comunistas del mundo. Tal vez en ese encuentro se puedan establecer algunas de las razones de la actual política de cambios y si la intención soviética, como parece, apunta a que otras naciones socialistas sigan también el modelo de Gorbachov.

Por ahora, el líder soviético insiste en señalar que "hay que respetar el derecho de los demás a la autonomía ... a la búsqueda de caminos originales hacia la verdad".

Mientras los ecos de los comicios de los consejos locales (21 de junio último) que rompieron -en *modestísima* proporción- con la tradición del candidato único no se han apagado, lo cierto es que en la URSS parecerían soplar vientos de cambio. Y aunque éstos propicien una consolidación del comunismo abren, a la vez, una nueva instancia en las relaciones Este-Oeste.

P

076

URSS

06/7/87

La URSS liberaría al joven piloto alemán

MOSCU, 5 (EFE). — La visita oficial a la Unión Soviética del presidente de Alemania Federal, Richard von Weizsaecker, puede acelerar los trámites para que recupere la libertad el joven piloto Mathías Rust, quien cinco semanas atrás aterrizó en la Plaza Roja de Moscú.

Fuentes diplomáticas de la R.F.A. indicaron hoy que la visita de Weizsaecker está programada desde hace meses y que tendrá un contenido fundamentalmente político, aunque consideraron que el caso Rust será tratado en el curso de las entrevistas en el Kremlin.

Weizsaecker llega mañana, lunes, a Moscú, en compañía del ministro de Asuntos Exteriores, Hans-Dietrich Genscher, y será recibido con toda probabilidad por el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, pero todavía no se precisó el día concreto.

La televisión soviética emitió una entrevista con el presidente alemán en la que éste expresó su esperanza de que el viaje concrete las posibilidades de alcanzar significativos acuerdos en materia de desarme.

En la actualidad, el posible acuerdo entre Estados Unidos y la Unión Soviética para eliminar las armas nucleares en Europa se ve entorpecido por la negativa soviética a aceptar que se mantengan en Alemania Federal las cabezas nucleares de los misiles Pershing 1.A

Este problema estará en el centro de las conversaciones de Weizsaecker con Gorbachov, y de Genscher con su colega soviético, Eduard Shevardnadze.

El caso del joven Rust, de 19 años, que se encuentra recluido en la prisión de Lefortovo, se planteará también durante las conversaciones de máximo nivel y se espera que se resuelva positivamente en un breve plazo de tiempo, agregaron las fuentes diplomáticas.

Según miembros del consulado germano-occidental —que se han entrevistado en dos ocasiones con Rust para comprobar que es atendido correctamente— la U.R.S.S. maneja el problema con mucha prudencia para evitar mayores daños a su prestigio internacional.

Indicaron que, en su opinión, la demora en proceder a la liberación de Rust se basa, sobre todo, en el deseo de dejar pasar el tiempo para que el caso se enfríe y no se produzca un recibimiento apoteósico del joven cuando regrese a su país.

01/01

Aterrizó en la Plaza Roja de Moscú

Joven alemán logró eludir red de radares soviéticos

Un joven alemán de 18 años logró eludir los sofisticados sistemas de radares fronterizos de la URSS a bordo de una pequeña avioneta con la que llegó hasta la Plaza Roja de Moscú, en un hecho sin explicación oficial que ha causado perplejidad en medios soviéticos y diplomáticos.

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- Las autoridades soviéticas mantuvieron incomunicado ayer a un adolescente alemán occidental, después de que penetró lás defensas de radar soviéticas en su avión particular, sobrevoló sobre las asombradas multitudes que se encontraban en la Plaza Roja y, finalmente, aterrizó junto al Kremlin.

La avioneta tripulada por Matías Rust hizo su aparición en la Plaza Roja sobre las 19:30 hora local (15:30 GMT) y tras sobrevolar tres veces la plaza moscovita aterrizó junto a la Iglesia de San Basilio, descendió del aparato junto a una joven acompañante y saludó a los sorprendidos espectadores a los que dijo que venía de Finlandia y que era un aleman de Hamburgo.

"Estamos tratando de obtener información respecto a este joven (de parte del Ministerio del Exterior), pero hasta el momento no hay nada", dijo un vocero de la embajada alemana.

Según el acuerdo consular entre Alemania Occidental y la Unión Soviética, el piloto puede ser detenido durante tres días sin que se le permita hacer ningún contacto con su [illegible]

SILENCIO SOVIETICO

Aparentemente muy avergonzadas por el hecho de que un avión privado tipo Cessna pudiera llegar hasta el centro del poder soviético, las autoridades guardaron silencio.

La agencia oficial de noticias, Tass, después de comunicarles a los reporteros occidentales que daría a conocer el hecho, repentinamente indicó que no tenía ninguna información al respecto.

Posteriormente la agencia anunció que el ciudadano alemán fue acusado de violar el espacio aéreo soviético en el área de la ciudad de Kohtla-Jarve, añadiendo que los órganos competentes efectuan interrogatorios sobre el incidente.

Tass señaló también que el vuelo de la avioneta no fue "detenido".

Según testigos presenciales, las personas que en esos momentos se encontraban en la Plaza Roja reaccionaron con sorpresa y enseguida se creo un ambiente de gran curiosidad y excitación en torno al visitante, que fue detenido y trasladado inmediatamente por fuerzas de la policía.

Pese al gran revuelo que se formó en el interior de la Plaza del Kremlin, donde se hallan también el Museo de Historia, la Iglesia de San Basilio, transformada en la actualidad también en un museo y el Gum, los grandes almacenes de Moscú, los transeuntes que circulaban en esos momentos por sus inmediaciones no observaron nada que llamara su atención.

Poco después del aterrizaje un gran número de policías fue desplegado en todas las entradas de la Plaza Roja, lo que impidió la entrada en el recinto hasta que el aparato, tipo Cessna 172, pintado de blanco con una franja azul y una pequeña bandera de la RFA, fue retirado por

El aterrizaje del jóven alemán en plena Plaza Roja de Moscú paradójicamente coincidió con la celebración en la URSS del día de los guardafronteras, cuyo programa de festejos incluyó una sesión de fuegos artificiales que pudieron observarse en toda la capital soviética sobre las 21.30 hora local (17:30 GMT), dos horas después del incidente.

PERPLEJIDAD EN MEDIOS DIPLOMATICOS

Fuentes diplomáticas mostraron su perplejidad ante el hecho de que un suceso de este tipo se haya producido en un país como la URSS, con sofisticados sistemas de radar instalados en sus fronteras.

Además, añadieron, la URSS cuenta también con aviones radar y es sabido que Moscú está protegido por un sistema especial, por lo que el jóven piloto alemán habría superado todos estos obstáculos en un trayecto largo como son los 1.000 kilómetros que separan Moscú de Finlandia de forma inexplicable.

Entre las justificaciones que se barajan en círculos diplomáticos se cuenta la posibilidad de que los radares hayan detectado la avioneta y que creyeran que podía tratarse de una autoridad soviética que viajaba utilizando este medio de transporte.

Se señala también que en el caso de que el aparato no haya sido detectado tendría que haber realizado los 1.000 kilómetros volando muy bajo, y aún así parece muy difícil esta posibilidad.

En cuanto a las posibles intenciones de los ocupantes de la avioneta blanca nadie aventura una sola hipótesis, aunque parece descartarse de forma mayoritaria que el piloto equivocara la ruta y se perdiera.

El misterio y las interrogantes en torno a este caso excepcional se acentúan con la presencia de la joven acompañante de Matías Rust, que hasta el momento no ha sido identificada.

La Habana 30/5/87

URSS

9/01

8705745

— RS

02

URSS

Cartas de Moscú (I)

Ese gran negocio que parece ser el Lejano Este

Por Rolando Rivière
(Corresponsal de LA NACION en Europa)

MOSCU. – "Es indecente que un país capaz de colocar en órbita a cosmonautas no sepa producir trajes o zapatos dignos". La frase es de Mikhail Gorbachov y ha desatado una carrera de promotores, empresarios, vendedores que por supuesto no dicen "no" a ningún "Sitting Bull", sino que repiten "perestroika" (renovación) a los funcionarios soviéticos y en lugar de fumarse la pipa de la paz consumen toneladas de caviar gris, negro o rojo elogiando las no despreciables virtudes del champagne local.

La iniciativa y la velocidad son las que cuentan junto con los precios y la conciencia de que la vetusta máquina burocrática que el nuevo líder de la URSS desea modernizar, necesita todavía tiempo para alcanzar el rendimiento adecuado.

Ver la calle habla de por sí. La gente trata de vestirse mejor, quiere vestirse mejor y las mujeres rusas están bastante lejos de esas matronas robustas de otros tiempos. Cuidan la línea, se maquillan, haciendo esfuerzos con el presupuesto, y no se conforman con el calzado burdo de la producción nacional.

La penetración italiana

Aunque ya han desembarcado Pierre Cardin o Ives Saint Laurent, los italianos se están llevando las palmas en penetración de productos y acuerdos "joint-venture". En el restaurante Mercury del hotel Mezhdunarodnaya se comen ravioles, ossobuco y bacalao que llegan desde Milán en avión. Benetton, que ya tiene negocios en Budapest, Praga y Belgrado y muy pronto en Berlín oriental, colocará su broche de oro a fin de año con una "boutique" en Moscú. Pero junto con él llegan Armani, Versace, Inghirami, Lanerossi.

El pasado martes 9 de junio mientras este corresponsal estaba en la capital soviética, 750 invitados concurrieron a los salones del Ministerio de Industria Ligera para asistir a un desfile de modas para hombre y mujer organizado por la agencia estatal Dom Modely y con una extensa colección de Giorgio Armani. Este año Benetton alcanzará una facturación de mil millones de dólares, habiendo comenzado en 1984 con seiscientos.

¿Qué piden en primer lugar los rusos? Tejidos de lana, algodón y seda, medias para hombre y mujer, ropa interior, trajes y abrigos. Aunque sus propósitos últimos son lograr una buena producción propia, por un largo período dependerán del extranjero.

Desde ahora hasta 1990 los cálculos indican que la población de la URSS (unos 290 millones) necesitará 900 millones de pares de zapatos al año, dos mil millones de piezas de ropa interior, catorce mil millones de metros cuadrados de telas de diverso tipo.

Una empresa de Turín acaba de concretar la instalación en Vokzhsk de una fábrica para la producción de heladeras y congeladores destinados a la exportación. En Voljski, cerca de Volvogrado, los italianos están construyendo la fábrica de tuberías más grande del mundo cuyo contrato tiene nada menos que 3500 páginas.

Ciertamente Italia posee el Partido Comunista más poderoso de Europa, pero nunca ha llegado ni parece que llegará al poder aunque ha sido un excelente comunicador entre ambos países desde aquella espectacular instalación de la FIAT en Togliattigrad (ciudad bautizada así en homenaje a Palmiro Togliatti, el histórico líder del PCI), con una inversión inicial de 800 millones de dólares.

Buen cliente y buen pagador

También es verdad que los italianos necesitan del gas y del petróleo siberianos pero esto no minimiza el esfuerzo que están haciendo actualmente en el mercado soviético. Venden absolutamente de todo, desde teléfonos públicos hasta máquinas de coser o para fabricar panecillos y hacer jugos de fruta o hamburguesas.

La URSS tiene fama de ser buen cliente y buen pagador. Su deuda externa es irrelevante (sólo 15.000 millones de dólares) si tenemos en cuenta que es el país más grande de la Tierra con sus casi veintidós millones y medio de kilómetros cuadrados. La Vestbank, es decir la banca de comercio exterior soviética, no tiene problemas para conseguir créditos en el extranjero.

La moneda exhibe sin embargo otra cara. Los rusos tratan de aumentar su bienestar con el menor desembolso posible de divisas que no le sobran por la recesión de su comercio exterior y de ahí que la alternativa sea la empresa mixta, los "joint-venture".

Hace un mes banqueros occidentales participaron de una reunión con altos dirigentes de la economía soviética, incluidos naturalmente el Vestbank y el Ministerio de Comercio Exterior con la presencia también de representantes del Ministerio de Justicia y de Asuntos Exteriores.

Los observadores coincidieron en que las normativas para las empresas mixtas publicadas el pasado 27 de enero no tienen carácter definitivo y serán modificadas. En abril el ministro de Comercio Exterior, Boris Aristov declaró que esas empresas no superarán las veinte en lo que resta del año.

Empresas mixtas

Las disposiciones para la creación de empresas mixtas obligan hasta el momento a que el mínimo de participación soviética sea del 51 por ciento y del 49 para el socio extranjero. Tanto el presidente como el director general deberán ser soviéticos. No pagarán impuestos los dos primeros años de su funcionamiento, pero a partir de ese momento deberán hacerlo en un treinta por ciento sobre los beneficios. Las ganancias que se reinviertan en la URSS estarán exentas de cargas fiscales. El beneficio en divisas de todo lo que se exporte tendrá una tasa del 20 por ciento.

Hay un caso llamativo: la revista de moda Burda editada en ruso se imprime en Alemania Federal y nadie sabe cuáles son las ganancias que deja. Es una excepción a las reglas sobre empresas mixtas que los inversores y empresarios occidentales están tratando de atenuar para que el gran negocio que parece ser el Lejano Este sea todavía más entusiasmante.

01/04

Viernes 10 de [illegible] de 1987 LA NACION

Cartas de Moscú (V)

La cuarta expedición

Por Rolando Rivière

(Corresponsal de LA NACION en Europa)

MOSCU.– Por la televisión, un bajo vestido de smoking con una camisa de fantasía canta una canción donde se distinguen sin esfuerzo las palabras "Don Quijote". Ignoramos el texto restante y la música melódica tiene apenas insinuaciones de corcheas locales. Para uno, habituado a los intérpretes de rock con gorgoritos de soprano ligera presa de un ataque de histeria, este Chaliapin pop, severo y melancólico, reconforta. Quizá, no lo sabemos, repite las frases que Feodor Chaliapin puso en la boca de Don Quijote en un memorable film musical de Goerg Wilhem Pabst, hace cincuenta y cuatro años.

Después viene el informativo. Los informativos soviéticos tienen predilección por las fundiciones. Vimos varios y siempre aparecían gigantescos hornos, metales hirvientes, hierros al rojo blanco. ¿Es que la Unión Soviética es una gigantesca fundición? Otros servicios especiales nos informaban sobre la violencia en Occidente y daban la sensación al espectador local que tiene muy pocas o ninguna ocasión de viajar al extranjero que nos pasamos el tiempo dándonos de patadas. Aquí la "glasnot", la transparencia noticiosa, no ha llegado.

La naturaleza

La energía visual del comienzo se compensaría más tarde con plantas y pájaros porque los rusos aman, y es cierto, la naturaleza. Los parques moscovitas son una maravilla de verdes y ahora en pleno verano de flores donde prevalecen claveles y tulipanes, la gente por la calle lleva pequeños ramos que dan color a los muros grisáceos y las vidrieras de los comercios, que en los grandes almacenes atinan un ejercicio de imaginación limitada porque no hay por qué competir con el otro que venda lo mismo al mismo precio.

En el cielo se recorta la imagen de un pájaro grande, parecido al cuervo con plumaje negro y blanco. Desde la colina de Lenin, donde se levanta la enorme Universidad de Lomonosov, se extiende hasta una terraza el terraplén y el mirador. Abajo corre el Moscova, el río que da nombre a la ciudad con origen fonético francés: Moscou. De aquí se ve la capital y los recién casados vienen con sus coches coronados con dos anillos sobre el capot a brindar con champaña vestidos de etiqueta, de negro él, de blanco ella. Algunos hacen la misma ceremonia ante la tumba del soldado desconocido en los jardines a la derecha del Kremlin. No hay dios en el rito, sólo cierta ceremonia a la que sería imposible quitar un trasfondo religioso.

Hay algo fantástico

Los parques, las grandes avenidas, se van achicando en la vieja Moscú que estudiantes y amantes de un pasado que también los hizo tratan de rescatar de la decadencia y el abandono que se ensaña en edificios más recientes.

Son alrededores arbolados de casas viejas y templos ortodoxos donde ocasionalmente irrumpen construcciones modernas y en cuyas calles se disputa por los taxis como en toda la ciudad.

Vladimir, nuestro colega-intérprete, nos lleva más lejos y allí señala con orgullo de auténtico moscovita la estatua del fundador de Moscú. El príncipe Yuri Dolgoruky, patrón de la aldea en 1147, de a caballo, en una plaza, levanta su brazo sobre los descendientes que la Segunda Guerra Mundial ha convertido en una mezcla de los casi cincuenta grupos étnicos de la URSS.

Sobre la Plaza Roja, ya en el centro, en un eje que de un lado tiene al Kremlin y del otro, enfrente, a los almacenes Gum (la galería Lafayette de Moscú con productos modestos que no atraen al cliente occidental), la catedral de San Basilio con sus cúpulas multicolores como tantos otros aerostatos parece detener su escapada hacia arriba tripulados seguramente por Phileas Fogg o Robur.

Hay algo fantástico en Moscú a pesar de sus construcciones anodinas que el corresponsal intenta transmitir. Como en la cuarta expedición de las "Crónicas marcianas", de Bradbury, piensa que Spender defendería estas singularidades con Byron: "For the sword outwears its sheath and the soul wears out the breast" ("Pues la espada gasta la vaina y el alma gasta el pecho").

El mundo cerrado

Uno se siente así un poco Spender llegado desde otro planeta, no para destruir sino para mirar y tratar de entender. La empresa dura y tierna, rica en recelos y en franquezas, tropieza con el hecho de que mientras nuestras democracias nos han permitido leer y ver todo lo posible, aquí el mundo sigue cerrado para ellos con pocas grietas que iluminen las distintas alternativas de la vida. En ningún momento, a pesar de todo, intentaron catequizarnos. Quedamos sinceramente agradecidos en el nombre de Spender y del capitán Wilder. Fin de la cuarta expedición.

(c) LA NACION

Cartas de Moscú (VI)

Corrupción generalizada en un sistema que hace agua

Por Rolando Rivière
(Corresponsal de LA NACION en Europa)

MOSCU.– Para entender que la corrupción existe en la Unión Soviética, como en cualquier otro país, basta asistir al frenético cambio ilegal de divisas en la calle, en los hoteles, el aeropuerto.

En teoría un Estado socialista no debería haber creado ciudadanos que atenten contra sus propias finanzas ante sus narices. Pero el hecho es tan común que nadie repara en él.

La misma corrupción se revela en funcionarios, miembros del partido, caciques de alguna de las repúblicas de la URSS y la prensa con la "glasnost", con la "transparencia" informativa de la denuncia.

Izvestia (Noticias), el diario del Gobierno, lo ha hecho numerosas veces, pero la denuncia sólo sirve para demostrar que el sistema comunista más antiguo del mundo hace agua por todas partes y que el empeño de Gorbachov es tan gigantesco como justificado.

Prostitución y consecuencias

La prostitución está en la calle, cerca de los grandes hoteles y en los bares de esos hoteles. Las enfermedades venéreas también existen, pero resulta imposible dar una estadística aproximada. También las drogas han entrado en la URSS y están preocupando seriamente a las autoridades. En la ficha que llena todo extranjero que llega a Rusia debe responder si trae o no consigo algún tipo de droga. La mortalidad infantil es la más alta de todos los países del Este: 26 por mil.

Como los productos al alcance del ciudadano son, ya lo dijimos, de muy baja calidad, se ha difundido un sistema de intercambio interno tolerado. Si usted es fotógrafo y se provee en determinada carnicería, puede ofrecer sacarle fotos gratis a la hija del dueño a cambio de bifes comibles. El dinero, el rublo, es algo que prácticamente no sirve para mejorar el nivel de vida y se recurre al trueque.

Mientras la enseñanza es de muy buena calidad, siempre obviamente dentro del corsé ideológico, los servicios hospitalarios, igualmente gratuitos, dejan mucho que desear, según nos expresó gente que vive aquí desde hace muchos años.

El contrabando a través de las fronteras con otros países socialistas o desde Finlandia cubre ciertas necesidades de artículos occidentales para la clase dirigente. Esos beneficios no llegan a la gran masa del pueblo ruso adonde apunta la "perestroika" de Gorbachov, que desea otorgarle la mayor "uskorenie" (aceleración).

Oposición a Gorbachov

La oposición interna a Mikhail Gorbachov protege a los altos integrantes de la "nomenklatura" y se manifiesta en cuanto puede. La nueva ley sobre abusos del poder para defender al ciudadano común tiene un inciso que elimina estas defensas cuando se trata de "actividades relacionadas con la salvaguardia de la capacidad de defensa del país y la seguridad del Estado". Quiere decir que la KGB continúa disponiendo de todos los medios para actuar como se le antoja.

Victor Chebrikov, director del Comité Estatal de Seguridad (KGB), es integrante del Politburó y, aunque miembro del consejo de ministros, depende de la dirección del Partido Comunista, cuyo secretario general es Gorbachov. ¿Es que Gorbachov ha querido dejarse en la mano algún sistema rígido de control o no ha podido contra la KGB? No hay que olvidar que fue uno de los favoritos de Andropov, ex jefe de la KGB.

Por lo tanto, los ciudadanos que deseen abandonar la URSS o viajar al extranjero seguirán atravesando un tamiz de selección sin mayores perspectivas de protestar si no consiguen el permiso.

Nikolai Efimov, primer subdirector del diario Izvestia, con quien tuvimos una larga conversación en el moderno edificio del colega, que, como todos los diarios, se parece inclusive al nuestro, nos manifestó que no debe pensarse exclusivamente en Gorbachov cuando se habla de la "perestroika" y que el proceso renovador ya había comenzado con Andropov. "Claro que con Gorbachov –añadió– hay más cosas para decir".

Izvestia, con seis páginas y más de once millones de ejemplares diarios, tiene una redacción de 450 personas en Moscú y se transmite vía satélite al inmenso territorio soviético, donde se hacen las ediciones respectivas para cada república. Solamente un millón ochocientas mil son impresas (todavía al calor, pero ya aguardan el off-set) en la capital.

Sueldos

El sueldo de un redactor, nos dice, oscila entre los 280 y los 300 rublos que pueden aumentar con colaboraciones aparte para revistas, radio o televisión. ¿Qué cuestiones de la Argentina interesan más al lector común? Efimov dijo que las relacionadas con nuestra deuda externa. En general, la deuda latinoamericana en su conjunto.

Los moscovitas asisten con una rara mezcla de escepticismo y de esperanza al trabajo de Mikhail Gorbachov, cuya fascinación personal es innegable. El monstruoso empeño defensivo del país, que ha devorado cifras astronómicas, recibió su golpe de gracia con el aterrizaje del joven Rust y hace correr un chiste que merece la pena contar. Un ciudadano le dice a otro: "¿Has visto? Ahora está prohibido fumar en la Plaza Roja". "¿Por qué", responde el interpelado. "Porque es zona de aeropuerto".

URSS

3

8705748

URSS

Cartas de Moscú (VII)

Nación

Reforma con toque leninista

Por Rolando Riviére

(Corresponsal de LA NACION en Europa)

MOSCU.- ¿A qué se parece el incipiente proceso reformador de la Unión Soviética? ¿A la autogestión yugoeslava, a un paleo capitalismo con esquemas leninistas? Un poco a todo eso.

En Moscú se come a todas horas. Constantemente. Es para uno el tercer deporte nacional favorito. Los otros dos: el fútbol y el basquetbol.

El Kropotkinskaya es el primer restaurante que pertenece a un grupo privado y conseguir mesa en él supone aguardar un mes o instalarse en la cola y almorzar a la hora de la comida.

Trabajos antes clandestinos

La Ley de Actividades Laborales Individuales ha colocado a la luz una serie de trabajos privados hasta ahora clandestinos que abarcaban desde dentistas y peluqueros hasta modistas y taxistas.

Lo fundamental para el régimen soviético es presentar las cosas de manera tal que no susciten sospechas de traición a los ideales comunistas.

El problema de las actividades privadas no es sólo legal ni tampoco se ciñe a los no menos graves de conseguir los elementos para trabajar.

El problema esencial es para los ortodoxos que muchos decidan abandonar la actividad estatal y ponerse por su cuenta, cosa que, en el fondo, desea Gorbachov para atenuar el presupuesto.

De todas maneras el dinero entrará en las arcas del gobierno a través de impuestos a las ganancias que serán del 65 por ciento para beneficios superiores a los seis mil rublos.

Los exentos de impuestos

Sólo los que ganen menos de setenta rublos mensuales no pagarán impuestos. Es preciso reiterar que el salario medio oscila entre 180 y 200 rublos y que el alquiler con servicios de electricidad, teléfono y calefacción no supera los quince.

Sin embargo, y aunque Gladkin, jefe del Comité de Trabajo de la URSS, señale que todavía no hay un desplazamiento masivo hacia la actividad privada el curioso fenómeno de apertura de Gorbachov propone algunas inevitables consideraciones.

Ota Sik era viceprimer ministro y presidente para la reforma económica de Checoslovaquia cuando los tanques del Pacto de Varsovia aplastaron la primavera de Praga. Refugiado primero en Yugoeslavia y luego en Suiza donde enseña economía comparada y ciencias económicas.

En un reciente reportaje el inventor de la "perestroika" checa se dijo convencido de que un sistema socialista puede crear un verdadero mercado.

Pero agregó: "Es un problema de solución difícil porque exige un fuerte apoyo popular y debe estar vinculado con cambios políticos. Sólo así pueden encararse iniciativas impopulares como un aumento de precios y una modificación de las retribuciones que son indispensables para modificar el mercado.

"La reforma de Gorbachov -prosigue- falla al pensar que el interés del consumidor estará asegurado por un control centralizado de la producción a través de una estructura que terminará por caer en manos de burócratas que no estarán en condiciones de garantizar la calidad de los productos."

El derroche de las colas

Izvestia registró en 1984 una encuesta según la cual la población soviética dedicaba anualmente 65.000 millones de horas a hacer colas, un tiempo equivalente al trabajo anual de 36 millones de trabajadores con nemos estadísticas más recientes. El fenómeno parece lejos de haberse atenuado.

Para obtener una licencia de trabajo privado el ciudadano soviético tiene que llenar tantos requisitos que hace falta una voluntad de hierro para no echarse atrás.

El mastodonte burocrático sigue siendo el mayor obstáculo por vencer y las críticas que publica la prensa están limitadas.

No pueden censurar ciertos aspectos sin correr el riesgo de aparecer como enemigos del comunismo. Deben circunscribirse a cuestiones técnicas y específicas detrás de las que está toda una mecánica profundamente ideologizada.

Peter Hardi, director adjunto del Instituto de Relaciones Internacionales de Hungría admite que las reformas de su país suponen reconocer que la economía mundial está básicamente regulada por leyes económicas capitalistas.

Pero Hungría es el país que más pasos inusitados ha dado dentro del mundo comunista y "sus contactos con Occidente -explica Hardi- son un factor importante en este período de desarrollo socialista".

¿Se puede hacer una política de mercado limitada manteniendo la rigidez de una gestión económica impuesta en los años treinta por Stalin?

¿Cómo promover la competividad que mejora el producto sin abrir otras puertas que inexorablemente se acercan a un sentido de la libertad propio de los países occidentales?

Ambos interrogantes abruman a los dirigentes soviéticos y en muchos estamentos del gobierno hay escepticismo sobre lo que podrá hacer Gorbachov sin caer en una liberalización que pondrá en juego su poder y su persona...

La falta de información

Todavía, el ruso común, el hombre del pueblo, carece de otra información que no sea la que le brindan sus medios de difusión.

No puede comparar con otros términos de vida porque no puede leer ni enterarse de lo que pasa en el resto del mundo fustigado constantemente y durante muchos decenios por un manejo parcial de la realidad exterior.

Solidario y honesto, el ruso, que no sabe del gusto auténtico de la libertad, defiende con ardor sus principios y los más inquietos aguardan el éxito de Gorbachov.

Por las calles, que parecen sucesivas avenidas Nueve de Julio, vemos caminar a las mujeres rusas con fuertes pantorrillas que podrían ser danesas o alemanas. Sólo que los zapatos son de pésima calidad, quieren otros y tienen razón. ¿Se escribirá dentro de algunos decenios que la libertad entró en la URSS de mano de la moda?

13/7/87

(c) LA NACION

04/04



DISCURSO DE GORBACHOV EN LOS SINDICATOS

DEMOCRATIZACION O INERCIA

(Especial de TASS)

EL año 1987 recién comenzado será determinante en notable grado, puesto que hoy se decide en esencia la suerte de la reestructuración, se echan los cimientos de la aceleración, ha dicho el secretario general del CC del PCUS, Mijail Gorbachov, desde la tribuna del XVIII Congreso de los Sindicatos Soviéticos.

Mijail Gorbachov recordó que hace justamente un año comenzó a trabajar el XXVII Congreso del PCUS, punto de viraje para los destinos del país, para el futuro del socialismo, hace un mes se celebró el Pleno de enero del Comité Central del Partido, que ahondó nuestro entendimiento de la situación y concretó las tareas de la reestructuración, y hace poco más de una semana trabajó en Moscú el foro internacional de gran representatividad "Por un mundo desnuclearizado, por la supervivencia de la humanidad".

En estos acontecimientos se ha reflejado el tenso ritmo de nuestro tiempo: tiempo de enormes iniciativas, de revisión de los valores y de fortalecidas esperanzas, de auge social y lucha sin compromiso de lo nuevo contra lo caduco.

Es un tiempo difícil, pero extraordinariamente interesante, tiempo en que la sociedad cobra seguridad en sus fuerzas, de virilidad cívica e inquietud patriótica de las personas, destacó el dirigente soviético. Estamos convencidos de que tanto el trabajo práctico como también las decisiones del congreso de los sindicatos estarán penetrados por el espíritu de nuestro tiempo.

Tras consignar que el año pasado abarcó mucho por su saturación social, resaltó que lo principal, y por lo tanto lo más difícil, llegará después. Hay que desplegar prácticamente la reestructuración. Y lograr el aceleramiento, el incremento de la calidad de toda nuestra vida, y únicamente se puede por un solo camino: por el del trabajo eficiente de alto rendimiento. Claro está que hay que perfeccionar mucho tanto la administración, como también el mecanismo de distribución y otros dominios, pero lo fundamental estriba en aumentar el rendimiento de cada uno en su puesto. Esto precisamente será lo decisivo. Mas, el comienzo del año ha evidenciado que los cambios positivos todavía no se han convertido en tendencia estable del desarrollo económico. Ahora se corrige la situación, pero no hay que esperar un trabajo fácil en el período siguiente.

Por lo tanto, dijo Mijail Gorbachov, el CC del PCUS confía en que la clase obrera, todos los trabajadores del país, comprenderán cuán importante es cumplir los planes, el creciente aporte de cada uno al desarrollo de la economía.

Al referirse a la importancia del Pleno de enero del Comité Central del PCUS, el orador dijo que el Pleno consiguió expresar lo que se discernía y se acumulaba en la sociedad. Surgió la comprensión de que no habrá aceleración si no comenzamos a reorganizar la vida social, si no saneamos todo el ambiente en el país, en el Partido y en la sociedad. La idea fundamental del Pleno, es la de elaborar la teoría de la reestructuración y determinar las tareas de la política de cuadros en la nueva etapa. Estamos obligados a dar a la gente la respuesta a la cuestión fundamental que inquieta a todos: cómo hacer irreversible la reestructuración, cómo hacer que no se repitan los errores.

El Buró político hizo la conclusión inequívoca de que la reestructuración patinará si no se incorpora a ella a fondo el personaje principal: el pueblo. Hay que poner todo bajo el control del pueblo. Y para ello hay que profundizar la democracia. En ello estriba la idea fundamental del Pleno de enero del CC del PCUS.

Sin embargo, como se subrayó en el discurso, la democracia no es la contraposición del orden, de la disciplina y del sentido de responsabilidad. Por el contrario, es el autocontrol de la sociedad basado en la confianza en la madurez cívica y en la comprensión del deber social de los soviéticos. La democracia es la unidad de derechos y deberes.

Cierto que ahondar en la democracia no es nada sencillo, y no hay que temer que no todo marche al principio como por terreno llano —subrayó Mijail Gorbachov—. Habrá despeñaderos y hoyas. Pero la cuestión se plantea hoy en los siguientes términos: o democratización o inercia y conservadurismo sociales. No hay un tercer camino.

EL PAPEL DE LOS SINDICATOS

Más adelante el orador señaló que la reestructuración en la sociedad y en el país brinda nuevas perspectivas también ante los sindicatos y plantea ante ellos nuevas tareas. De una parte, se trata del lugar de los sindicatos en todo el conjunto de la sociedad, y de otra parte, de la labor de los sindicatos directamente en el seno de los colectivos laborales.

Veo sobre todo el nuevo papel de los sindicatos en las condiciones de la reestructuración, dijo Mijail Gorbachov, en que deben ser una especie de contrapeso al deslizamiento tecnocrático en la economía. "Lograr que se refuerce la orientación social en las decisiones económicas, destacó Mijail Gorbachov. En esta dirección se ha realizado determinado trabajo también hasta ahora. Importa no obstante darle un carácter sistemático. A escala estatal los sindicatos deben actuar como defensores activos, para no permitir la discordancia en el cumplimiento de las tareas laborales y el desarrollo de la esfera social. Hay que elevar radicalmente la combatividad de los sindicatos, erradicar de ellos el formalismo, el compadrazgo, el papeleo y la timidez. Es preciso reorientar su labor hacia el ser humano, poner en el centro de su actividad a un trabajador concreto.

El orador criticó la debilidad del trabajo de los sindicatos en toda una serie de asuntos, en los que el papel de estos podría ser más notable, como por ejemplo en la liquidación del igualitarismo en la remuneración por el trabajo.

Al referirse luego a problemas de la vida internacional, Mijail Gorbachov dijo que la situación en el mundo continúa siendo bastante complicada. Lo más sustancial en ella son las tentativas del imperialismo, de las fuerzas de la reacción, de frenar a toda costa nuestro avance, de obligarnos a quedar en las vías de la confrontación militar.

Nuestra respuesta es la nueva mentalidad, en la que el Partido asienta el rumbo de su política exterior. Precisamente ella puede ayudar a la humanidad a solucionar dos tareas fundamentales: salvar al mundo de una hecatombe nuclear y poner al servicio de la humanidad el enorme potencial de conocimientos y posibilidades materiales y espirituales de que dispone.

Pese a que la situación en el ámbito internacional continúa siendo peligrosa, se ha contornado y fortalece un viraje en el ambiente de las relaciones internacionales, en los ánimos de la opinión pública, como lo ha corroborado también el foro de Moscú "Por un mundo desnuclearizado, por la supervivencia de la humanidad". Es un síntoma bueno, excelente. Infunde seguridad en la victoria de las fuerzas de la razón y la buena voluntad sobre las fuerzas de la guerra y el militarismo, dijo el Secretario General del CC del PCUS.



EN LA UNION SOVIETICA SE ELIGEN LOS DIRECTORES DE LAS FABRICAS

UNO de los síntomas característicos de la renovación en la vida social de la U.R.S.S. es el nuevo contenido del concepto "elecciones".

La prensa está saturada de noticias que hace dos o tres años habrían parecido fantasías de periodistas. Pero hoy, sin embargo, son realidad. Se eligen... administradores. No diputados, ni jurados del tribunal popular, ni activistas sindicales o secretarios de organizaciones partidarias, lo que sería normal, habitual, sino jefes de producción, administradores.

Son elegidos... en Moscú, un jefe de taller, en Riga, un director de empresa. En Georgia durante los dos años últimos asambleas de obreros expresaron su "desconfianza" a 326 directores de empresa, quienes fueron destituidos del cargo. Por todo el país se oyen insistentes llamamientos a utilizar más ampliamente el principio de electividad. En el proyecto de ley sobre la empresa, puesto a consideración de todo el pueblo, la elección de administradores se eleva a Norma Jurídica.

EL TRABAJADOR, DUEÑO DE LA PRODUCCION

Este fenómeno es un nuevo eslabón en el proceso tendiente a democratizar el modo de vida soviético. Además, una democratización proyectada al futuro. Pienso que en los países donde impera el modo de producción capitalista, donde se considera que "su" nivel de democracia es el más elevado, no considerarán "idóneo" que participen obreros, empleados y técnicos en la decisión acerca de quién ha de dirigir la empresa, la firma o el consorcio.

En el socialismo esto es absolutamente lógico. Con todo lo innovadora que es ahora la práctica de las elecciones en que se decide la suerte de los administradores, ella descansa sobre un terreno real. "El trabajador es el dueño de la producción", y esto no es una simple consigna propagandística, es en esencia el principio de las relaciones socialistas de producción, que sin la participación de los trabajadores en la administración del Estado, incluida la producción, dejarían de ser socialistas. Otra cosa es que la consigna no siempre se llevaba a la práctica, la misma participación de los trabajadores en la administración se veía arrollada por el formalismo y el burocratismo. La actual renovación está orientada a que la vida de los soviéticos se llene cada vez más de auténtico contenido socialista.

La elección de administradores afianza en los hombres el sentido de dueño de la producción. Cuando la elección del jefe del taller depende de mi voto, de mí, eso ya requiere una postura activa, interesada. Yo tomo conciencia de que esto no es un asunto ajeno, sino mío y soy responsable de su éxito.

Como todo asunto nuevo, la práctica de la electividad de los dirigentes chocará inevitablemente con complicaciones. En una de ellas quisiera detenerme más detalladamente.

ALGUNA POSIBLE DIFICULTAD

Durante un reciente viaje de servicio a los Urales tuve ocasión de dialogar con numerosos administradores y especialistas: en la empresa de maquinaria pesada "Uralmash", en la gran empresa de tubos de acero, en la central atomoeléctrica, las conversaciones giraron en torno a los signos de la renovación y, lógicamente, a la elección de los directores. La mayoría de mis interlocutores mantuvieron una actitud positiva respecto a la elección de los administradores y a la pregunta si se presentarían a las futuras elecciones, respondieron afirmativamente. Su preocupación era otra: si habrá en la misma empresa otros candidatos a administradores.

Esas dudas no carecen de fundamento. La experiencia de la empresa "RAF" de Riga viene a mostrar que son muchos los aspirantes al cargo de director, pero generalmente son "foráneos", es decir, de otras empresas, ramas y hasta de otras regiones del país. Los aspirantes "caseros" son los menos. ¿A qué se debe eso? ¿Serán los amargos frutos de la excesiva centralización, el hábito de cumplir en menoscabo de la independencia, el temor a la responsabilidad? De veras, ser hoy director, ingeniero jefe, en general, administrador de empresa o agrupación no es fácil. Son muchas las exigencias y las responsabilidades. Por eso en muchos casos hay déficit de candidatos. Pero, por otro lado, con la ampliación de los derechos de la empresa y, por tanto, de los derechos del administrador, su labor será siempre más creativa, será menor la presión administrativa sobre él, lo que deberá atraer, indudablemente, a los especialistas más enérgicos y emprendedores. El problema existe, pero no debe considerarse entre los irresolubles. Además, ya existe experiencia positiva. Insisto, la elección del administrador es un fenómeno innovador, por eso hay que estar dispuestos a afrontar posibles complicaciones. (APN)

Anatoli Druzenco (TASS)

LA DEMOCRACIA Y LOS SINDICATOS

"Hoy queremos cambiar radicalmente la situación en nuestra sociedad, pues no podemos conformarnos con nuestra vida de antes, con nuestro trabajo de antes. Pero no nos resultará nada, si no logramos vencer las fuerzas de inercia y frenado, las cuales son peligrosas porque pueden volver a sumergir el país en el estado de estancamiento y coma, el cual amenaza con fosilizar a la sociedad y con cubrirla de corrosión social". De este modo Mijail Gorbachov, quien intervino ante los delegados al XVIII Congreso de Sindicatos de la U.R.S.S. que celebra sus labores en Moscú, fundamentó la actualidad del proceso de renovaciones iniciado en la Unión Soviética, cuyo objetivo consiste en acelerar el desarrollo económico y social del país.

El PCUS considera que la principal palanca de este proceso y una de las principales condiciones para efectuarlo consiste en continuar desarrollando la democracia socialista, en ampliar la participación de los trabajadores en el gobierno de los asuntos del Estado y de la sociedad. Esto es lógico, puesto que en el socialismo, sobre todo en la actualidad, tal gobierno no puede ser privilegio de un reducido círculo de profesionales. El régimen socialista sólo puede desarrollarse cuando el mismo pueblo puede efectuar el autogobierno, cuando en la vida política participan millones de ciudadanos.

GORBACHOV: LA NUEVA MISION

Los objetivos que persiguen las reformas responden a los intereses radicales de toda la sociedad soviética. Dichas reformas deben revelar más plenamente el potencial creador del socialismo, desarrollar el país, garantizando la más alta calidad de vida en las esferas económica, social y espiritual. Al mismo tiempo, este proceso, al igual que todo cambio revolucionario, tiene a los adversarios dentro del país: quienes están acostumbrados a vivir aferrados a las normas caducas, y a quienes no les gustan las reformas.

¿Cuáles son las fuentes de tal resistencia? Sus raíces están en las nociones estereotipadas, formadas durante el período conservador del país, cuando los

JOSE D'ELIA

VASTA SIGNIFICACION



En Moscú terminó sus labores el XVIII Congreso de los Sindicatos de la U.R.S.S., en que participaron cerca de 5 mil delegados en representación de 140 millones de miembros de los sindicatos soviéticos. Como invitadas, las delegaciones de 134 países asistieron al foro.

Un reportero de la APN solicitó a José D' Elía, presidente del PIT-CNT del Uruguay, que exponga sus impresiones del Congreso.

No por previsibles han sido para nosotros sorpresivos y estimulantes algunos de los aspectos centrales del Congreso. En primer lugar, por la amplitud y claridad con las que se han planteado los temas. En segundo lugar, por lo ambicioso que el foro ha sido en cuanto a fijarse metas para el año 2000, en el orden económico-social, de trascendencia significativa, llevando a esa etapa una economía a niveles imprevisibles. Y en tercer lugar, ya en el Congreso mismo se han registrado los aspectos de la nueva política en cuanto a la intervención de las masas y de las organizaciones sindicales en este proceso dado por el XXVII Congreso del PCUS y por el Pleno del CC del PCUS de enero del año corriente.

Las discusiones en el foro sobre los problemas económicos, educacionales, sobre los problemas de la salud, de deporte puestos en manifiesto en forma muy clara, dura y con soluciones alternativas son de vasta significación.

Los representantes uruguayos recogemos impresiones positivas del Congreso y además un hecho que para todos los trabajadores del mundo entero tiene gran importancia. La expectativa anterior al foro fue ratificada por la presencia de las numerosas delegaciones del interior: un número muy alto de las organizaciones de trabajadores y de los organismos internacionales han estado en el Congreso. Y todos han recogido con el mismo fervor los planteamientos centrales que vienen dados por la política exterior de la Unión Soviética, referidos a los problemas del desarme, de la paz, referidos a la unidad de los pueblos. Nosotros pensamos, como aquí se había dicho, que no puede haber desarrollo en los países dependientes, si se continúa en el mundo con la política armamentista; que no puede haber una política cierta de tranquilidad y de paz, si se sigue la política de desarrollo nuclear como la de los Estados Unidos en su rumbo de galaxias. Y en consecuencia, no es de extrañar que los trabajadores que estaban presentes en el Congreso hayan certificado con sus aplausos y su adhesión las manifestaciones de paz, que han colocado a la Unión Soviética como cabeza visible de una política pacifista, que ha tenido tanto éxito como el encuentro "por el mundo desnuclearizado, por la supervivencia de la humanidad", realizado hace poco en Moscú con los sabios, economistas, artistas, escritores, donde también ha dado con toda claridad una respuesta a la política armamentista de los países imperialistas. De esa manera pensamos nosotros, se crea un nivel de la opinión pública de masas que impedirá cualquier aventura bélica de parte del imperialismo y que trabajará en y con el propósito de afirmar la paz en el mundo. (APN)

autoritarios conceptos se presentaban como las "verdades indiscutibles". La falta de discusiones y polémicas vivas y constructivas engendraron en ciertas personas la inercia social y la lentitud, el burocratismo. Como resultado ahora, cuando al primer plano se promueven las cuestiones de aplicar la administración democrática, no todas las personas, incluidos dirigentes de empresas y ministerios, están dispuestas a desarrollar tal actividad.

Sin embargo, en la U.R.S.S. se considera que el proceso de renovaciones no se realizará en las oficinas de gerentes, sino en las obras de los colectivos laborales. Precisamente estos últimos constituyen las células principales de las reformas y, a fin de cuentas, todo depende de sus estados de ánimo y de su trabajo. En este aspecto una misión importantísima deben desempeñar los sindicatos que expresan las opiniones y los intereses de los trabajadores. Los sindicatos soviéticos constituyen la mayor organización social del país, uniendo actualmente a unos 140 millones de personas.

"Creo que, dado el proceso de reformas —dijo Gorbachov a los participantes en el Congreso— la nueva misión de los sindicatos consiste en oponerse a las tendencias tecnócratas en la economía, las cuales, vale la pena decir, últimamente se desarrollaron bastante; en lograr que las decisiones tomadas en la economía tengan mayor orientación a los problemas sociales. Esto significa que los sindicatos deben participar activamente en el planteamiento de las cuestiones sociales dentro del plan y, en caso de necesidad, promover sus propuestas alternativas".

Un determinado trabajo a ese respecto se venía realizando. Por ejemplo, en el último lustro con la directa participación de los sindicatos se efectuaron varias medidas dirigidas a perfeccionar los salarios, a mejorar las condiciones de trabajo, vida y descanso d la población. No obstante, como dijera muchos delegados al Congreso, lo órganos sindicales también son cu pables de los procesos negativos en esfera social, de haber desviado la orie tación social de la economía en l últimos quinquenios.

UNA ACRECIDA RESPONSABILIDAD SINDICAL

Ahora la situación está cambiando. En la U.R.S.S. se elaboró y se materializa el mayor programa social en la historia del país, trazado hasta el año 2000. Este programa prevé duplicar los recursos dirigidos al mejoramiento de la vida de los soviéticos. Los participantes en el Congreso señalaban con satisfacción que a la hora de trazar este programa, el CC del PCUS y el gobierno de la U.R.S.S. apoyaron y previeron en el mismo todas las propuestas de los sindicatos. Estas se refieren a muchas cuestiones, incluidos los estímulos materiales de los trabajadores por los resultados finales del trabajo, el aumento de las vacaciones mínimas, el perfeccionamiento del sistema de pensiones, el mejoramiento de las condiciones del trabajo, etc.

Al mismo tiempo los órganos centrales y locales de los sindicatos se muestran más exigentes respecto a los administradores, observando cómo se resuelven todas las cuestiones relacionadas a la protección de los derechos e intereses de los trabajadores.

En este consecuente proceso dirigido a democratizar la sociedad soviética, irán aumentando la misión de los sindicatos, su responsabilidad por la aplicación de la política social, serán más complejas y diversas las tareas educativas que cumplir. Estas tendencias están dentro de la principal tarea de la sociedad soviética: continuar profundizando el poder del pueblo y desarrollar el autogobierno socialista del pueblo. (APN).

Valeri Telequin (TASS)

CHERNOBYL Y STALIN BAJO EL "GLASNOST"

Desconfianza

LONDRES, 7 (Por David Gow, de "The Guardian", especial para Clarín). — Expertos británicos reaccionaron este lunes con extrema cautela, y en caso con desconfianza, frente a nuevas estadísticas dadas a conocer por la Unión Soviética sobre el posible número de muertes que aún provocarán las consecuencias del accidente nuclear de Chernobyl, ocurrido hace casi un año.

Importantes funcionarios soviéticos le indicaron este fin de semana a una delegación del Consejo de Sindicatos Británicos (C.S.B.) que la cantidad mínima de muertes por cáncer sería de 1.000 y el margen estimado entre 200 y 600. Cifras que según los sindicalistas británicos podrían alterar la visión que el público tiene en Occidente sobre la energía nuclear.

Entretanto, el organismo Amigos de la Tierra pronto informará sobre sus conclusiones: estiman entre 5.000 y 12.000 las muertes por cáncer y entre 10.000 y 12.000 los cánceres no fatales en la zona oeste de la URSS. Su encargado en el ámbito energético, Stewart Boyle, es de la idea de que las nuevas cifras anunciadas por los soviéticos no son más que "pura propaganda".

Una vocera de este consejo sindical indicó que las nuevas cifras proporcionadas por la URSS no eran sorprendentes, pero aclaró que es imposible saber si son legítimas o no. Recordó luego que la Agencia Internacional de Energía Atómica había reducido a 2.500 las cifras que los soviéticos ubicaron en un principio en 25.000, durante una reunión celebrada en Viena en agosto del año pasado.

Sin embargo, recién el mes pasado, el Consejo de Protección Radiológica publicó nuevas estimaciones sobre el número de muertos por cáncer que podría haber en la Comunidad Económica Europea, en los próximos 50 años, como resultado del accidente de Chernobyl.

Con todo Boyle insiste en que la reducción de las cifras es enorme si se tiene en cuenta que la gente que vive en los alrededores de Chernobyl —incluyendo a Kiev— no fue evacuada durante varios días luego del desastre.

Al respecto, indicó este lunes: "Lo que yo creo es que existe una conspiración de silencio entre el Este y el Oeste con el objetivo de echar un velo sobre todo el desastre minimizando sus consecuencias para la salud". Recordó las pérdidas económicas provocadas por el desastre, que son la causa principal de la supuesta confabulación destinada a restarle importancia al accidente.

Boyle destacó, además, que todo el bloque del Este había sufrido mucho más que Occidente los efectos de la radiación y que sin embargo las estimaciones soviéticas sobre las muertes por cáncer son ahora inferiores que las que calcula el Consejo Nacional de Protección Radiológica para la Comunidad Europea.

"Hasta tanto (los soviéticos) no presenten pruebas científicas que fundamenten las cifras, todo esto no tiene sentido" añadió Boyle. Hasta la cifra dada a conocer en agosto del año pasado —de 2.500 muertes— fue una burda subestimación de la verdadera situación, y podría ser corregida este año a 5.000.

Reunión mundial

MOSCU, 7 (Por Martin Walker, de "The Guardian", especial para Clarín). — Un grupo de historiadores soviéticos está tratando de recibir apoyo político de primer nivel para convocar a una conferencia internacional de expertos en historia, de modo de evaluar y debatir los grandes temas del pasado de la URSS, y en particular, de realizar un nuevo análisis sobre el papel cumplido por José Stalin.

Este estudio *"postmórtem"*, sin precedentes, sobre el punto más polémico del pasado soviético, se presenta no solo como una oportunidad para hacer una nueva demostración de la "glasnost" —apertura— soviética, sino que representa también un factor clave para la aparición de una confianza académica internacional en el proceso de reformas.

"Me gustaría invitar a historiadores y eruditos de todo el mundo a discutir agudas cuestiones sobre nuestro pasado", señaló este martes el director del prestigioso Instituto para el Estudio de la Historia Soviética, Andrei Sajarov (quien no tiene ningún parentesco, a pesar de su hombre, con el científico disidente).

"Existen excelentes historiadores en Occidente, especializados en nuestro país, cuya obra conocemos bien y con los que desearíamos evaluar estos temas en una forma abierta y académica. La realización de esta conferencia, que cuenta con el apoyo masivo de los historiadores soviéticos, está siendo considerada activamente...", agregó Sajarov.

Sajarov hizo estas declaraciones durante una mesa redonda organizada por la agencia de noticias Novosti y convocada por un integrante del comité del partido, Valentín Falin.

Convocado para debatir el tema de la construcción de una mayor confianza entre Oeste y Este, con académicos y periodistas europeos, fue ésta una de las primeras oportunidades en que un corresponsal *de Occidente* —con asiento en Moscú— es invitado a participar.

Sajarov, quien luego criticó la labor de algunos *sovietólogos* de Occidente, presentó el plan para una conferencia internacional de historiadores como una "medida que podría ayudar a sembrar la confianza entre los intelectuales".

Sajarov criticó luego a distintos académicos norteamericanos por haber presentado lo que describió como "una imagen de la Unión Soviética como el enemigo, y a veces uno se pregunta cómo una persona normal, ya no un especialista, puede escribir cosas semejantes".

"Recién con el gobierno de 'transparencia informativa' de Gorbachov estamos empezando a rever abiertamente el legado de Stalin y el precio que este hombre hizo pagar al pueblo con su política de industrialización drástica y las purgas del partido y del cuerpo de oficiales soviéticos."

Ahora se publican en la URSS poemas que evocan las purgas, como el impresionante *Réquiem*, de Akhmatova.

El mes pasado, el semanario cultural "Literaturnaya Gazeta" publicó un extenso artículo del escritor Daniel Granin, donde se refiere abiertamente y por primera vez a "la represión de masas de los tiempos de Stalin", y en el que se afirma que la forma en que se prohibió prestar ayuda a las familias de las víctimas de Stalin fue de mayor crueldad que los crímenes mismos.

Yuri Afanyasev, rector del Instituto de Archivos Históricos, explicó por su parte que solo se pueden plantear con seriedad los problemas de la sociedad en la medida en que se luche contra quienes quieren convertir la historia en algo pasivo socialmente. Si alguien debe confesarse y pedir perdón, los primeros debemos ser nosotros, los historiadores soviéticos. Pero todos sabemos que la teoría y el conocimiento histórico solo eran aprobados mientras estuviesen de acuerdo con las opiniones ortodoxas y aceptadas".

Clarín 8/1/87

URSS

01/01

8705750

URSS



3 AÑOS EL POPULAR

MOSCU

EL FORO POR LA SUPERVIVENCIA

« POR un mundo desnuclearizado, por la supervivencia de la humanidad" fue el nombre del foro internacional celebrado a partir del 14 de febrero en Moscú. Se reunieron 1300 personalidades de las más diversas extracciones, pero todas unidas en una sola preocupación y demostrando que "la humanidad sensata está resuelta a salvar en la tierra el sagrado don de la vida".

La iniciativa del encuentro en Moscú la había tenido la directiva del movimiento mundial "Ecoforum a favor de la paz" que se formalizara el año pasado, movimiento que por primera vez unió a dos importantes sectores de opinión de nuestros días: el antimilitarista y el ecologista. Tras conformarse un "grupo de iniciativa internacional", se lanzó el llamamiento, que explicaba que el foro iba a tender a lograr un intercambio de ideas y de conocimientos y un estrechamiento de todos los grupos y sectores que hoy plantean su preocupación por el destino de un mundo en armas.

Por ello, se programó que el Foro no culminara en resoluciones: incluso se vedó la presencia de la prensa a las mesas redondas realizadas, a fin de permitir un más sincero intercambio.

En particular, los científicos que se reunieron en el Hotel Cosmos examinaron cuatro cuestiones: la reducción radical de armas nucleares como primer paso hacia la plena liquidación de las mismas; el desarme nuclear y la seguridad europea; el desarme nuclear, la defensa estratégica y el tratado de defensa antimisil; y la prohibición de las armas nucleares. En otras mesas redondas se examinó desde el armamento nuclear visto de un punto de vista ético hasta los problemas de la paz y la colaboración económica.

El gobierno Reagan, que afrenta todas estas preocupaciones con la continuación de las explosiones de Nevada, la violación del tratado Salt II, la "interpretación amplia" del tratado anticohetes ABM y el impulso a la "guerra de las galaxias", se aísla cada vez más de un mundo que exige frenar este derrotero al desastre al que nos quiere impulsar el comercio bélico-industrial norteamericano.

GORBACHOV

NO HABRA UNA NUEVA ARCA DE NOE

La alocución efectuada por el secretario general del PCUS Mijail Gorbachov en la culminación del Foro ha tenido una intensa repercusión, tanto entre los participantes como en el resto del mundo, incluyendo representantes de gobiernos activos en la OTAN. Reproducimos algunos párrafos, portadores de varias de las ideas-fuerza primordiales.

Probablemente, desde que el hombre comenzó a reflexionar sobre el mundo, los cerebros más lúcidos de países y pueblos trataban de indagar la suerte que correría el mundo y el porvenir de la humanidad.

Hasta una época relativamente reciente, las reflexiones sobre este tema y sobre los relacionados con él se interpretaban como ejercicios mentales, como ocupación de filósofos, científicos y teólogos, extrañas a las preocupaciones cotidianas de la gente. Pero en los últimos decenios estos problemas aparecen en un plano meramente práctico. Estimo que, para todos los presentes, las causas son comprensibles.

El hecho de haber creado y posteriormente acumulado armas nucleares, y vectores para las mismas, por encima de todo límite razonable, ha creado condiciones para que el hombre pueda en lo técnico poner fin a su propia existencia. Simultáneamente, la acumulación en el mundo, de material explosivo de carácter social y el querer seguir resolviendo los problemas mediante la fuerza, mediante procedimientos heredados de la Edad de Piedra, en un mundo radicalmente cambiado, hacen la catástrofe sumamente probable en lo político. La militarización de la mentalidad, del modo de vida, debilita y hasta podría eliminar los frenos que en lo moral impiden el deslizamiento hacia el suicidio nuclear.

Hay algo que no debemos olvidar: el primer paso hacia eso, el más riesgoso, ya se ha dado. El arma nuclear se utilizó ya contra el hombre, y dos veces. Se han establecido documentalmente y reconocido decenas de casos —insisto, decenas— en que se consideró seriamente la posibilidad de utilizar esas armas contra otros Estados. Y no lo digo a título de crítica o de reprobación, aunque tales planes merecen lo uno y lo otro. Me refiero a ello para mostrar cuán cerca la humanidad se aproximó al borde tras el cual no habrá retorno.

La Primera Guerra Mundial conmovió a sus contemporáneos por la magnitud de los sufrimientos y destrucciones, por la crueldad y el indiscriminado carácter de los medios técnicos de exterminio. Pero por horribles que fueran las heridas causadas por ella, la Segunda Guerra Mundial superó con creces todos los "récords" de la Primera.

Ahora, un solo submarino estratégico porta un potencial de exterminio varias veces superior al de la Segunda Guerra Mundial. Y los submarinos de ese tipo son ya muchas decenas; además, los sistemas nucleares no se reducen a ellos. La imaginación es incapaz de concebir el infierno, esa negación del concepto mismo de lo humano, que se produciría si llegara a ser utilizada una pequeña parte del actual arsenal nuclear.

Después de una guerra nuclear desaparecerán todos los problemas, no habrá quien pueda sentarse ya en torno a la mesa, ni en torno al tocón, ni a la piedra de las negociaciones. Del diluvio nuclear no podrá salvarse una nueva Arca de Noé. El raciocinio tal vez haga comprender esto a todos. Pero se requiere tomar conciencia de otra cosa: ya no es posible esperar que "todo se arregle por sí solo". Es menester no postergar más el asunto y poner a tono las relaciones internacionales, la conducta de los gobiernos y los Estados con las realidades de la era nuclear.

Sí, efectivamente la cuestión se plantea precisamente así: o la mentalidad política se pone a tono con las exigencias de la época, o la civilización y la misma vida en la Tierra correrá el riesgo de desaparecer.

A los soviéticos nos son próximas y comprensibles las ideas del foro, las preocupaciones y los ánimos que a ustedes les hicieron llegar al mismo. Precisamente en este contexto vuelvo a saludarlos y a expresarles nuestro reconocimiento por la labor realizada estos días. Creo que todo lo dicho en este foro por cada uno de ustedes tendrá repercusión en todo el mundo.

Ustedes han llegado a la Unión Soviética cuando aquí han comenzado a realizarse reformas revolucionarias por su esencia. Estas tienen mucha importancia para nuestra sociedad, para el socialismo y para todo el mundo.

Con frecuencia se habla —y esto lo seguimos oyendo— de una amenaza procedente de la URSS, de la "amenaza soviética" a la paz y la libertad.

Pues bien, las reformas que comenzamos con tanta envergadura y que son irreversibles, muestran a todos cómo queremos utilizar nuestros recursos, qué pretenden alcanzar nuestras aspiraciones, cuáles son nuestros verdaderos programas e intenciones y cómo esperamos utilizar la energía intelectual de nuestra sociedad.

Nuestra principal idea consiste en aprovechar al máximo el potencial del socialismo, incorporando todas las fuerzas del pueblo. Para lograrlo necesitamos que funcionen plena y libremente las organizaciones sociales y estatales, todas las colectividades laborales y las uniones de artistas, que se utilicen nuevas formas de actividad de los ciudadanos y reaparezcan las que han sido injustamente olvidadas. Dicho en breves palabras, necesitamos democratizar ampliamente toda la vida de la sociedad. Esta democratización es la principal garantía de que son irreversibles los procesos iniciados. Queremos más socialismo y, por lo tanto, más democracia.

De este modo continuamos la causa de nuestra gran Revolución, y nuestro pueblo acoge este modo con entusiasmo.

Para excluir chismes y especulaciones (que con frecuencia se dejan oír en Occidente), quiero recalcar: realizamos nuestras transformaciones según nuestra propia opción socialista, a base de nuestras nociones sobre los valores sociales, nos guiamos por los criterios del modo de vida soviético. Nuestros éxitos y nuestros errores los medimos con el rasero socialista, no con otros raseros.

Pero queremos que se nos entienda y esperamos que toda la comunidad mundial reconozca, al fin y al cabo, que deseamos mejorar nuestro país y que *ello no perjudicará a nadie,* todo el mundo saldrá ganando.

Con este proceso de renovaciones, el socialismo invita a cualquier otro sistema social a emular pacíficamente. Con los hechos podemos demostrar que tal emulación favorecerá al progreso y a la paz en todo el mundo. Pero para que tal emulación se haga realidad y se realice con formas civilizadas y dignas de la humanidad del siglo XXI, se necesita una nueva mentalidad, es preciso sobreponerse al viejo modo de pensar, a las nociones estereotipadas y los dogmas heredados del pasado irreversible.

PARTICIPANTES

"Impactante": esta palabra resumió el juicio general sobre la calidad de los participantes en el Foro moscovita.

Para muchos, los nombres más significativos serán los de Marcello Mastroiani, Paul Newman, Claudia Cardinale, Gregory Peck, Peter Ustinov.

Mas entre las 1.300 personas reunidas, la mayoría eran famosas en el mundo entero y por muy diversos motivos. Había 250 científicos de 31 países, entre ellos 91 físicos; 55 médicos de 23 países; 84 hombres de negocios; más de 200 religiosos; 300 representantes del arte y la cultura; 40 ecologistas.

Todos saben que Albert Sabin, que estaba presente, es un norteamericano descubridor de la vacuna antipolio; y ningún uruguayo conocerá a Luigi Lucchini o a Otto Wolff von Amerongen; sin embargo, el primero es presidente de la Confindustria italiana y el segundo es el presidente de la Unión de Cámaras de Comercio e Industria de la RFA.

Amén del "nica" Ernesto Cardenal, había dirigentes religiosos y teólogos cristianos, musulmanes, budistas, judíos, sintoístas, hinduistas, incluyendo una discreta presencia del Vaticano.

Estaban Yoko Ono, viuda de John Lennon y Donald Kendall, presidente de la Pepsicola; la líder de los "verdes" germanooccidentales Petra Kelly y el físico soviético Andrei Sajarov; el escritor británico Graham Greene y el Gral. Gert Bastian, representante del movimiento "Generales por la paz".

Tal excepcional calidad no es gratuita: se trata de que no nos destruyan el mundo.

El Popular 20/2/87

024

Llegó Linnas a la URSS, donde le aplicarían la pena capital

Moscú, 21 (UP) — El presunto criminal de guerra nazi Karl Linnas llegó hoy a la República Soviética de Estonia luego de ser deportado de los Estados Unidos, y se estima que se le aplicará la pena capital a la que fue sentenciado en ausencia 25 años atrás.

Luego de que su última apelación a la orden de deportación fuera rechazada, las autoridades norteamericanas decidieron enviarlo en un avión checo que partió de Nueva York, con destino a Praga, donde se le asignó custodia soviética para la segunda mitad del viaje, que culminó en Tallin, la capital de Estonia.

"Desde la capital checa, Linnas fue llevado a Tallín, en un avión soviético", informó la agencia noticiosa oficial soviética, TASS.

Linnas, en su apelación rechazada, había solicitado ser enviado a Panamá, pero este país le negó un permiso de ingreso.

Linnas fue sentenciado en ausencia a la pena de muerte en 1962, en la ciudad estoniana de Tartu, acusado de haber dirigido allí un campo de concentración en el que murieron 12.000 judíos y soviéticos durante la Segunda Guerra Mundial.

Estonia es ahora parte de la Unión Soviética, y luego de la condena, Moscú pidió la extradición de Linnas, quien residía en los Estados Unidos desde 1951.

"No creo que sea un héroe como para que reciba tanta publicidad", afirmó el vocero de la cancillería soviética, Gennady Geramisov, y añadió que Linnas "es un criminal".

TASS afirmó que Linnas "ofreció sus servicios a los nazis" durante la guerra. "Dirigió las ejecuciones en masa de ciudadanos soviéticos y tomó parte en ellas personalmente".

Linnas, quien emigró a los Estados Unidos en 1951, fue despojado de la ciudadanía norteamericana en 1981 por no confesar sus actividades durante la guerra. En 1983, una corte autorizó su deportación, pero ésta fue apelada.

El lunes, la Corte Suprema de los Estados Unidos rechazó la apelación y Linnas se convirtió en el primer supuesto criminal de guerra nazi deportado a la Unión Soviética.

Linnas puede aún apelar la sentencia de muerte en la Unión Soviética. *En ese sentido, Gerasimov dijo* que el presunto criminal de guerra nazi también puede solicitar un perdón al Soviet Supremo o Parlamento y la decisión final "será tomada más rápido que lo normal para la justicia norteamericana".

En un comentario difundido antes de la llegada de Linnas a la Unión Soviética, la agencia de noticias TASS sostuvo que los Estados Unidos ordenaron la deportación "con pena".

El caso Hess

El abogado de Rudolf Hess, el último de los jerarcas nazis sobrevivientes, dijo hoy que aún tiene esperanzas de que su cliente sea amnistiado antes de que cumpla 93 años el domingo.

"Todavía tengo esperanzas. Siempre hay esperanzas", declaró el abogado Alfred Seidl en una entrevista telefónica, desde su oficina en Munich.

Seidl señaló que había leído crónicas periodísticas sobre un comentario publicado en el órgano oficial del gobierno soviético, el diario "Isvestia".

La Prensa 22/4/87

URSS

01/01

RS

026

GORBACHOV ADELANTO REGRESO POR SITUACION EN EL KREMLIN: LA CUPULA MILITAR DISCORDE

PN

PRAGA, (ANSA).– El líder soviético Mijail Gorbachov puso fin a su visita a Checoslovaquia con un día de anticipación.

El regreso anticipado de Gorbachov a Moscú es el último misterio de una visita difícil, que comenzó el 8 de este mes con un atraso de tres días, pues según se decía, iba a llegar el lunes.

La explicación oficial del retraso para comenzar fue un resfrío del secretario general del PC soviético. En cambio según los observadores, se debió a divergencias en el Kremlin sobre las relaciones URSS-Checoslovaquia.

Ahora se registra una partida imprevista, que también según los observadores, se debe a lo mismo: la cúpula militar soviética no está de acuerdo con las propuestas sobre desarme lanzadas por Gorbachov ayer en Praga. Además, el lunes es esperado en Moscú el secretario de Estado norteamericano, George Shultz.

Gorbachov propuso negociaciones para la reducción en Europa de los misiles nucleares de corto alcance (de 500 a 1.000 kilómetros), sin que esto incida en la tratativa URSS-Estados Unidos en curso en Ginebra. Esta tiene por fin la eliminación de los misiles de medio alcance (de 1.000 a 5.000 kilómetros).

Gorbachov propuso además que los ministros europeos de Relaciones Exteriores inicien conversaciones con los de Estados Unidos y Canadá para la reducción de armas convencionales en el viejo continente y anunció que la Unión Soviética suspendió su producción de armas químicas.

La visita del secretario general del PC soviético no decepcionó, pero los checoslovacos esperaban también el anuncio de un retiro aunque sea parcial de las tropas que Moscú destacó en este país desde 1968.

Gorbachov no hizo este anuncio, pero habló de las relaciones entre los partidos comunistas de Europa oriental. ¿Nadie tiene derecho a una posición especial en el mundo socialista?, dijo. "La autonomía de cada partido y su responsabilidad ante su pueblo, deben ser encaradas según el principio de la soberanía", agregó.

Según los observadores, estas palabras son el de profundis para la teoría de la soberanía limitada que elaboró el entonces secretario general, Leonid Breshnev, inspirador de la invasión a Checoslovaquia en agosto de 1968, que puso fin a la primavera de Praga liderada por Alexander Dubcek.

Hoy en Bratislava, última etapa de la visita, no hubo la entrevista Gorbachov - Dubcek que algunos esperaban: Dubcek vive en esta ciudad y trabaja de jardinero.

Los checoslovacos recibieron con entusiasmo a Gorbachov, lo que se interpreta en medios occidentales de Praga como un apoyo a la línea reformista del líder soviético y una crítica a la estática dirección de Praga.

Gorbachov y Husak aparecieron juntos por televisión, pero al secretario del PC checoslovaco se lo vio viejo y al líder soviético alegre y jovial.

Sin embargo ambos expresaron satisfacción por los resultados y Husak dijo que su partido "apoya las reformas internas soviéticas y las propuestas de Gorbachov para el desarme".

Ahora los observadores esperan las conversaciones Gorbachov-Shultz en Moscú, que iniciarán pasado mañana lunes.

LLEGO A MOSCU

MOSCU, (AP).– Mijail Gorbachov regresó esta noche a Moscú luego de una visita de tres días a Checoslovaquia, informó la agencia noticiosa oficial Tass.

El despacho no dijo por qué Gorbachov regresó un día antes de lo esperado.

En Praga, un funcionario checoslovaco dijo que Gorbachov deseaba descansar antes de la llegada del secretario de Estado norteamericano, George Shultz, que se espera arribe mañana en visita de tres días.

Shultz tiene reuniones programadas con Gorbachov y el ministro de Relaciones Exteriores Eduard Shevardnadze

DIFERENCIAS A SALVAR

VARSOVIA, (ANSA).– El canciller francés, Jean Bernard Raimond, afirmó hoy que las propuestas presentadas por el líder soviético Mijail Gorbachov, tendientes a separar el problema de los misiles nucleares de breve alcance a los de medio alcance, comportan "diferencias" –respecto a la posición de la OTAN y de Estados Unidos– que serán expuestas en Moscú el próximo lunes por el secretario de Estado americano George Shultz.

El País 12/4/87



Mijail Gorbachov

El dirigente soviético Mijail S. Gorbachov, en el último día de su visita a checoslovaquia, conversa con miembros del público en una calle céntrica. (AP)

URSS

01/01

8705769

Hará una profunda reorganización

Gorbachov prepara depuración en el sistema económico

MOSCU. (EFE).- El máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, prepara una depuración en el sistema económico de la URSS para poner fin a los bajos niveles de productividad originados en la indisciplina, la corrupción y el despilfarro.

El pleno del Comité Central del Partido Comunista de la URSS, que se reúne esta semana sin fecha aún determinada, centrará sus debates en la situación económica del país y en el cumplimiento de los planes de producción.

El mismo Gorbachov advirtió el pasado domingo que está resuelto a llevar a cabo una profunda reorganización de todo el aparato productivo soviético, que todavía se ve lastrado por la existencia generalizada de actitudes parasitarias e indisciplinadas.

El Jefe del Kremlin recalcó que el sistema socialista se basa en el principio de a cada cual según su trabajo y criticó la mentalidad dominante de camuflar los bajos índices de rendimiento en el contexto de estadísticas macroglobales.

Según las últimas cifras oficiales, el sector agrícola y el de producción de maquinaria para el campo muestran niveles de estancamiento, hasta el punto de que -como indicó Gorbachov- la URSS todavía se ve incapaz de proporcionar por sí misma alimentos a la población.

El conjunto de la economía soviética creció en el primer trimestre de este año -según las estadísticas- en un 4 por ciento, justo en el nivel que fijó el Soviet Supremo en noviembre de 1986.

Las tres cuartas partes de este crecimiento económico se destinan a inversiones sociales para mejorar el nivel de vida de la población, pero el proceso se ve entorpecido por lo que Gorbachov denomina supervivencia de viejos hábitos de trabajo.

En este pleno del Comité Central, máximo órgano decisorio del Partido Comunista entre congresos que se reúne cada seis meses, Gorbachov confía en avanzar en la aplicación de las reformas económicas, a pesar de la resistencia encubierta de algunos sectores.

CONTROL AUMENTARA

En los próximos meses, el Estado incrementará la vigilancia y el control en las empresas para combatir la corrupción y el fraude, que en la práctica se manifiesta en la existencia de un extenso mercado negro de productos de consumo.

Para ello, el Procurador General del Estado soviético, Alexander Rekunkov, procedió a llevar a cabo una depuración en el cuerpo de vigilantes de elementos fuera de las nuevas exigencias.

El nuevo esquema económico de Gorbachov prevé la sustitución del rígido sistema de planificación centralizada por otro en el que el Estado ordene a las empresas de los sectores económicos que cumplan encargos hasta el 65 por ciento de su capacidad productiva.

El resto de la producción quedará en una situación flotante, con el fin de permitir a las empresas que decidan por sí mismas los bienes de consumo que fabricarán, de manera que puedan responder flexiblemente a las exigencias del mercado interior.

Esta modificación de las normas económicas soviéticas representa una innovación sin precedentes, que por vez primera concede un margen de funcionamiento a las reglas del mercado, en base a la ley de la oferta y la demanda.

El pleno del Comité Central abordará también los problemas sociales que originará la incorporación de nuevas tecnologías a la industria, proceso que obligará a casi 15 millones de trabajadores soviéticos a cambiar de profesión en los próximos diez años.

Gorbachov: la humanidad muy cerca del límite

MOSCU (especial de IPS).- El Secretario General del Partido Comunista de la Unión Soviética (PCUS), Mijail Gorbachov, afirmó que "la humanidad ha llegado muy cerca del límite extremo, pasado el cual no podrá volverse atrás".

El líder soviético habló en la Sala San Jorge, en el Kremlin, ante los más de mil delegados de 80 países que asistieron al foro internacional "por un mundo desnuclearizado, por la supervivencia de la humanidad".

El foro reunió a los más destacados de los físicos, científicos, escritores, artistas, médicos, entre los cuales se contaron varios Premios Nóbel, como el escritor británico Graham Green, el profesor norteamericano Bernard Lown, el físico soviético, Andrei Sajarov, entre otros.

La presencia de Sajarov centró la atención periodística, sobre todo cuando en el Kremlin se le vio aplaudiendo a Mijail Gorbachov, cosa que fue mostrada varias veces por la televisión que en cadena nacional transmitió el acto a toda la Unión Soviética y al resto de los países de la Comunidad Socialista Europea.

El líder soviético valoró altamente la decisión del foro de crear "el Fondo de la Supervivencia de la Humanidad".

El Fondo estará formado por diversas personalidades pacifistas de los cinco continentes y consistirá en crear laboratorios científicos públicos donde se harán trabajos para resolver problemas humanos universales, con el fin de que la ciencia para el año 2000 esté totalmente dedicada al progreso pacífico del ser humano.

En todos los asuntos humanos -dijo Mijail Gorbachov- tanto más en política internacional, no podemos olvidar ni por un momento la contradicción que hoy día domina sobre todo: entre la guerra y la paz, entre la existencia y la desaparición de la humanidad. Y procurar resolverla a tiempo en favor de la paz.

Tras refutar lo que llamó "el mito de la amenaza soviética", Mijail Gorbachov subrayó que la política mundial de la Unión Soviética viene definida, más que nunca, por el interés de concentrarse en la labor creativa para perfeccionar su país.



"Precisamente por esta razón -subrayó- es que necesitamos una paz sólida, una orientación previsible y constructiva de las relaciones internacionales".

El dirigente exhortó a revelar una nueva mentalidad en política, a superar lo que llamó los "clichés" y dogmas heredados del pasado.

Recordó lo que calificó de grandes iniciativas de la URSS en política exterior, impregnadas -dijo- de la nueva mentalidad política: los principios para crear un sistema general de seguridad internacional, el programa para liquidar el arma nuclear antes del año 2000, la prohibición de las explosiones nucleares, entre otras.

"Todas ellas -remarcó Gorbachov- reflejan el claro deseo y disposición de la Unión Soviética a renunciar a su estado de potencia nuclear y reducir a un mínimo eficiente razonable los demás armamentos".

Respecto a los resultados del encuentro de Reikjavik (su reunión con Ronald Reagan en octubre pasado en la capital de Islandia), el Secretario General del Partido Comunista de la URSS señaló que no fue un fracaso, sino que abrió una brecha.

Añadió que habrá que seguir luchando por hacer realidad la posibilidad puesta de manifiesto en Islandia de reducir fuertemente y luego liquidar los arsenales nucleares.

El dirigente soviético criticó lo que llamó la doctrina de la disuasión nuclear. Señaló "el singular peligro del traspaso de la carrera armamentista hacia el espacio cósmico. De suceder esto -aseveró- la desestabilización será un hecho y tomará carácter crítico, a la par que el riesgo del desencadenamiento casual de la guerra aumentará enseguida en varios grados".

El líder soviético se refirió también a la influencia de los conflictos regionales en las relaciones internacionales. Condenó enérgicamente el terrorismo, confirmando la disposición de la URSS a luchar contra todas sus formas.

Mijail Gorbachov expresó que las relaciones internacionales están actualmente "desespiritualizadas" debido, dijo, al culto a la fuerza, por la militarización de la conciencia y exhortó a humanizarlas. Como primer paso para ello, citó la reducción de los arsenales nucleares y también impedir la instalación de armas en el espacio exterior.

Señaló, además, la necesidad de extender la colaboración en la esfera humanitaria, lo que ayudaría -dijo- a crear garantías morales para la conservación de la paz, y, de esta forma, coadyuvaría a la elaboración de garantías materiales.

El tiempo -manifestó finalmente Gorbachov- parece como si se achicara, a medida que aumenta el peligro de una nueva ronda de la carrera armamentista, así como también en relación con la brusca agravación de los problemas regionales y globales.

"No se puede perder más tiempo en intentar jugársela el uno al otro, de conseguir ventajas unilaterales. Lo que está puesto en juego es demasiado grande: la supervivencia de la humanidad", terminó Gorbachov.

LA MAÑANA 30/1/87

URSS

01/01

Los problemas de Gorbachov

MOSCU, 11 (Por Martin Walker, de "The Guardian", especial para Clarín). — Los triunfos políticos internos de Mijail Gorbachov solamente pueden medirse frente a las proporciones de la tarea que le aguarda. Los últimos seis meses fueron testigos de una verdadera revolución, pero en los papeles.

Las dos reuniones plenarias del Comité Central del partido que se llevaron a cabo en enero y junio de este año apoyaron sus planes de una democratización política y de una ambiciosa reforma económica. El Soviet Supremo sancionó esos planes en ley.

Todos los que presenciamos estos hechos recordaremos por mucho tiempo a Andrei Gromiko, el gran sobreviviente de todo régimen soviético desde Stalin, cuando se dirigió al Parlamento soviético diciendo que "las cuestiones nacionales urgentes deberían ser enfrentadas después de una verdadera consulta popular, ejerciendo de esta manera en todo lo posible el potencial democrático del socialismo".

Sin embargo, llevar esos planes a la realidad será extremadamente difícil. Los verdaderos problemas de Gorbachov recién empiezan. Se avecinan tres años de algo parecido al caos, en momentos en que la estructura económica centralizada que proponía Stalin está desmantelada.

Pero esa es solamente una parte del problema, y a mi entender, quizás hasta la menos intimidatoria de las tareas por realizar, ya que aquellos que se muestran preocupados por la economía concuerdan en que debe llevarse a cabo y que la descentralización y la introducción de un tipo de mercado interno libre es la manera correcta de proceder.

Gran parte de todo esto resultará desesperadamente impopular, porque traerá aparejados aumentos en los precios. La reforma del sistema de precios tiene que ser implementada dentro de los próximos tres años, afirmó Gorbachov. En el transcurso de la próxima década, el Estado tendrá participación directa en solamente un 30% de la economía soviética. El resto estará conformada por comercio libre directo, con [illegible]cias de mercado, entre fábricas, granjas y consumidores. Si esto llega a concretarse, los precios de los [illegible]mentos van a explotar.

Una de las características curiosas del sistema soviético es que los empleos y profesiones que en Occidente consideramos de "clase media", aquí están mal pagos. Los maestros, los médicos, los investigadores, los empleados de oficina, entre otros, reciben un salario miserable en contraposición a los trabajadores calificados. Gracias a los beneficios extras, un trabajador de una fábrica de automóviles o un minero pueden ganar hasta 300 rublos por mes, cifra que se puede ver duplicada o triplicada si los trabajadores residen en las partes menos hospitalarias de Siberia.

Es un buen salario si se tiene en cuenta que un departamento con calefacción y agua caliente cuesta alrededor de 10 rublos por mes, y que las vacaciones y el transporte público están altamente subsidiados. Por el contrario, una directora de uno de los colegios primarios más prestigiosos de Moscú gana 140 rublos por mes, y un médico, con cinco años de experiencia y un buen empleo, 130 rublos.

Toda esta gente que intelectualmente cree en las reformas de Gorbachov y las apoyan, son conscientes de que sus propios niveles de vida van a sufrir. Al mismo tiempo, las inevitables subas de precios van a afectar al vasto sector de trabajadores manuales soviéticos. También existirá el problema de subsidiar al creciente número de pensionados.

El dinero que los trabajadores calificados llevan a sus hogares también se vio reducido significativamente en los últimos meses, ya que la nueva junta estatal de control de calidad rechaza cada vez más productos que vienen de la línea de montaje, en un intento desesperado por dar solución al problema de la calidad del producto. Esto significa que las fábricas no están llevando a cabo el plan, y por consiguiente, se reducen los bonos.

Todo esto está sucediendo en un momento desconcertante, cuando muchos de los controles y estabilidades tradicionales de los sistemas son menos estrictos y tienen resultados previsibles. El aumento de la tasa de crimen y las recientes manifestaciones callejeras representan un shock psicológico para un pueblo acostumbrado a 60 años de estricta ley partidaria que no admitía oposición.

Aun más desestabilizador para el tradicional orden soviético resulta el hecho de que la KGB fue públicamente humillada cuando se expulsó de sus filas a uno de los jefes regionales por violar los derechos de un periodista soviético, al mismo tiempo que oficiales de policía de alto rango fueron castigados por la injustificada detención y posterior paliza de un grupo de hippies.

El problema primordial es que todo sucede al mismo tiempo y en condiciones de libre expresión, en las cuales cualquier queja o problema particular puede tornarse una cuestión pública a través de la prensa. Este proceso es socialmente peligroso.

Hasta el momento no hay indicios de ninguna oposición organizada, ningún enfoque real para las muestras de descontento que empiezan a conocerse. Y quizá la lógica del plan de Gorbachov sea mantener a los que pueden proporcionar este enfoque demasiado ocupados, demasiado preocupados por sus propias reorganizaciones en los próximos tres años.

La URSS recupera terreno perdido

WASHINGTON, 11 (Por Robert G. Neumann, especial para "The Washington Post" y para Clarín). — Los soviéticos, de repente, se convirtieron en actores importantes [illegible] parar un tiro ni amenazar con hacerlo, y por lo tanto demostraron que las cuestiones de la región son en primer lugar políticas y deben encararse por medios políticos.

Llevemos su enfoque a la pequeña y vulnerable Kuwait. Para contrarrestar las presiones iraníes, Kuwait intentó por mucho tiempo convocar a las superpotencias. Cuando se les solicitó ayuda, los rusos calificaron a la invitación como una oportunidad para expandir de una manera significativa y a la vez moderada su presencia en el Golfo. Se vieron favorecidos por la negligencia de la prefectura norteamericana que no respondió al pedido de ayuda de Kuwait durante meses.

Influir a la OLP

El activismo soviético no es un hecho solamente en el Golfo. Los soviéticos socavaron los esfuerzos norteamericanos que intentaban impedir que los rusos jueguen un rol importante en el proceso de paz árabe-israelí. En el pasado nos favorecieron al autodeclararse voceros de causas radicales y negarse a reanudar las relaciones diplomáticas con Israel: *Estados Unidos* era la única superpotencia negociadora existente.

Sin embargo, Mijail Gorbachov percibió un blanco de oportunidad importante. Mis numerosas conversaciones con los líderes y especialistas soviéticos dejaron bien en claro que los soviéticos comprenden de qué manera el conflicto árabe-israelí alimenta las actividades terroristas, aviva las llamas del radicalismo islámico y cuestiona el futuro de Israel. Entienden que este conflicto es básicamente un enfrentamiento entre dos nacionalismos, el israelí y el palestino, y que la paz solamente es concebible como el resultado de un acuerdo que será ferozmente criticado por algunos en ambos lados.

Los soviéticos son conscientes de que ningún Estado árabe puede negociar tal acuerdo a menos que los representantes palestinos verdaderamente calificados lo acepten. Estos palestinos no se pueden encontrar fuera de la OLP. Ningún intento por parte de los israelíes, los jordanos o los sirios de patrocinar un liderazgo palestino alternativo tuvo éxito. Después de todos los golpes que recibió, la OLP sigue siendo el socio esencial de cualquier esfuerzo de paz. Quienquiera que logre ejercer cierta influencia sobre esta organización se convertirá en un factor de influencia en las negociaciones por la paz.

Y eso es lo que Moscú hizo. Eligió un momento de debilidad por parte de su aliado sirio, Hafez Assad, el más implacable enemigo de Yasser Arafat, para fortalecer a este último y a la OLP al inducir a los dos grupos más importantes que se habían separado de sus filas a que vuelvan a formar parte de la organización palestina. Los rusos frenaron el paso de Assad, cuya economía está en ruinas y que como líder enfrenta una seria oposición dentro del partido gobernante por aparecer demasiado amigo de Irán. Por otra parte, con Arabia Saudita negociaron una reunión de alto nivel entre Siria e Irak y tal vez varias reuniones.

Moscú adhirió enérgicamente a una conferencia internacional como marco en el cual los árabes esperan escapar del estigma de otro "acuerdo de paz marginal" con Israel.

Tanto Estados Unidos como los israelíes liberales, incluyendo al ministro de Relaciones Exteriores, Shimon Peres, aceptaron también la idea de la conferencia. Pero los norteamericanos y los israelíes ven a la conferencia como una ceremonia de apertura formal seguida de negociaciones bilaterales sin ningún tipo de veto. Los rusos consideran a la conferencia principalmente como un medio para que las superpotencias manejen el proceso de paz. Se ríen ante la posibilidad de pensar que ellos abrirían el paraguas, permitirían a los norteamericanos, los israelíes y los jordanos tomar su rumbo y tranquilamente se perderían en la noche.

Los soviéticos tienen en sus manos elementos claves. El introducir a la OLP en una delegación jordano-palestina o conjunta con los árabes es del todo imaginable, con el consentimiento de la OLP, en el comienzo de las negociaciones. De hecho, cuanto más se reconozca a la OLP como un socio semejante, más dispuesta estará ésta a desistir a su condición de crear un Estado palestino formal y aceptará alguna forma de asociación con Jordania. Moscú tendrá considerable influencia en esta cuestión, así como en la participación siria.

Es difícil de imaginar que la Casa Blanca tenga el poder de decisión política como para correr riesgos políticos importantes en una nueva iniciativa en Medio Oriente. Pero el próximo presidente seguramente se verá enfrentado con este problema. ¿Determinará que los intereses vitales de Estados Unidos exigen una fuerte iniciativa, que el futuro de Israel como país y aliado depende de poder desactivar la bomba de tiempo que representa el incremento acelerado de su población árabe, que la OLP es una parte inevitable? ¿Y que Moscú se convirtió en una parte crítica en la ecuación del Medio Oriente?.

(Robert G. Neumann se desempeñó como embajador en Afganistán, Marruecos y Arabia Saudita. En la actualidad es director de los programas sobre el Medio Oriente en el Centro para Estudios Estratégicos [illegible].)

(23)

024

MONTEVIDEO, MARTES 23 DE JUNIO DE 1987

Punto clave en la política reformista

URSS celebró elecciones entre varios candidatos

Las primeras elecciones entre varios candidatos de la Unión Soviética representaron un elemento clave en la campaña de Mijail Gorbachov a favor de cambios políticos y económicos.

MOSCU. (UPI).— Gorbachov y su esposa, Raisa, quienes se presentaron a votar a primera hora de la mañana en una mesa electora en Moscú no lo hicieron, sin embargo, en una de las zonas en las que se puso a prueba la experiencia.

Electores en regiones especiales del país eligieron el domingo entre varios candidatos durante una jornada de elecciones locales en las que la mayoría de los elegidos no fueron opositores.

Los comicios experimentales eran para elegir 100.000 de los 2,3 millones de escaños de los consejos locales o soviets. El resto de los puestos en los soviets fueron completados por candidatos oficiales previamente nombrados o elegidos a través de un proceso previo interno de las direcciones locales del Partido.

Las elecciones entre varios candidatos se llevaron a cabo en distritos recientemente redefinidos a través de todo el territorio soviético y en áreas específicamente elegidas para el experimento.

Después de votar, el líder soviético habló ante un grupo de empleados de las oficinas electorales fuera del local de votar, a quienes les dijo que estas reformas no se estaban moviendo todo lo rápido que a él le gustaría y que la Unión Soviética tiene "muchos problemas" que necesitan urgente atención.

"No hacemos de esto un secreto", afirmó Gorbachov. "Tenemos un vasto país. Tenemos dificultades para que nuestro volante se eche andar. Cuando esto ocurra, no habrá nada que lo detenga. La tarea ahora es darle el mayor impulso, que se mueva cada vez más rápido".

URSS

01/01

8705900

PS

016

El Incidente de la Avioneta Provoca una Purga en Escala Mayor en el Ejército de URSS

MOSCU, 31 (Por María Luisa González de EFE).— La destitución del ministro de Defensa, mariscal Sergey Sokolov, podría ser el comienzo de una serie de relevos entre los responsables militares soviéticos en relación con el incidente de la avioneta alemana que aterrizó en la Plaza Roja de Moscú, señalan los expertos.

Junto a Sokolov también cesado el comandante en jefe de las Fuerzas de Defensa Antiaérea, Alexander Koldunov.

Entre los nombres que se apuntan como posibles afectados por las consecuencias del aterrizaje del joven alemán Mathías Rust en la Plaza Roja del pasado jueves, están los del responsable de la región militar del Baltico, general Anatoly Betein, y el jefe del distrito militar de Moscú, general Vladimir Arjipov.

Expertos occidentales no descartan tampoco que se efectúen más relevos entre los mandos de las Fuerzas de Defensa Antiaérea, acusados de "intolerable despreocupación e indecisión", según nota de Politburo, para detener el vuelo de la avioneta deportiva ligera de Mathias Rust.

La posibilidad de quese produzcan nuevos ceses en la cúpula militar se deduce también de la mencionada nota del politburo, en la que se señaló que se lleva a cabo una investigación para determinar la actuación de los mandos durante los hechos protagonizados por el joven piloto de Hamburgo.

La destitución de Sokolov y de Koldunov a causa de un incidente que podría no tener demasiada importancia en otro país que no fuera la URSS la justifican los expertos occidentales en la situación comprometida en que se vio la Unión Soviética, que presume y tiene y tiene a gala la impenetrabilidad de sus fronteras.

En este contexto, se destaca que el reaccionar de forma tan contundente y cesar al máximo responsable del ejército soviético, el máximo líder Mijail Gorbachov intentó dejar claro que la seguridad de las fronteras sigue siendo un asunto de máxima prioridad para el Kremlin.

Las críticas de "negligencia y falta de disciplina" lanzadas por el Politburo contra el ministerio de la defensa podrían suponer, según fuentes diplomáticas occidentales, que en adelante se emprenderá una intensa campaña dirigida a aumentar y endurecer las normas de organización y disciplina en las filas del ejército.

Esta apoya también las hipótesis que sostienen que se producirán nuevos relevos en la cúpula militar y que las consecuencias del incidente de la Plaza Roja no han hecho más que empezar a aflorar.

El diario "Estrella Roja", órgano del Ejército soviético, publicó hoy un artículo en el que se criticaba la actitud de algunos mandos militares por su falta de adaptación a los nuevos métotodos de la era Gorbachov.

Por otra parte, los expertos señalan que el cese del mariscal Sergei Sokolov al frente del ejército tiene más relevancia por la forma en que fue decidido y la causa que lo motivó que por las repercusiones prácticas que tendrá.

Las mismas fuentes añadieron que Sokolov nunca gozó de una gran influencia y poder como ministro de Defensa, pues el actual "número uno" del Kremlin recortó las atribuciones que en el pasado se habían acaparado en este puesto.

El nombramiento de Dimitri Yazov como nuevo ministro de la Defensa, con rango de general y en la sombra hasta ahora, podría significar un virtual reforzamiento de Gorbachov, que elegiría como responsable máximo del ejército a un hombre de su confianza.

De Yazov se sabe tan solo que es de procedencia rusa, que combatió durante la Segunda Guerra Mundial en el frente de Leningrado y luego realizó la mayor parte de su carrera en el Asia Central y en el Extremo Oriente, dos de las zonas más duras de la URSS.

En los últimos años fue viceministro de Defensa para el Personal, lo que significa, en opinión de expertos occidentales, que tuvo acceso al organigrama del Ejército soviético y que podría utilizar estos conocimientos para efectuar una política de relevos y nombramientos.

Casi tres días después del aterrizaje de Mathias Rust en la Plaza Roja continúan las incógnitas sobre las consecuencias que tendrá el incidente para el joven piloto, que ha causado el cese del ministro de Defensa de la URSS, Sergei Sokolov, y el comandante en jefe de las fuerzas de defensa antiaéreas.

Según establecen las normas internacionales termina el plazo que tiene la URSS para pronunciarse sobre el paradero y circunstancias de Mathias Rust.

Un comunicado del Politburo, máxima instancia del poder en la URSS, afirma que se está siguiendo una investigación

URSS

Acuerdo con Rusia Para Reparar Pesqueros en el Dique Flotante

Trascendió en los medios marítimos que una pequeña flota de naves pesqueras soviéticas harían escala en nuestro puerto para cambiar tripulaciones y efectuar reparaciones en nuestro principal dique. Frente a esta información nuestra página entrevistó al Capitán Dimitrios Linas, Director Ejecutivo de la Empresa Tsakos quien sobre el tema dijo:

"Efectivamente hace pocos días concluimos con miembros de una misión comercial soviética un acuerdo de mutuo interés por el que atenderemos en nuestros talleres y dique flotante sus naves cuando ello sea necesario. Después de varios días de negociaciones con el Vice-Presidente de la empresa marítima Sovreflot y miembros que vinieron desde Moscú y Buenos Aires llegamos a un acuerdo de mutuo interés por el que durante un año asistiremos técnicamente a sus naves."



Capitán Dimitrios Linas, Director Ejecutivo de Tsakos

Ampliando detalles de este acuerdo el Capitán Linas dijo que se trata de un acuerdo sumamente conveniente para el país porque en principio "nos permitirá planificar para el futuro un programa de inversiones y ampliaciones que no podríamos hacer de no contar con la seguridad de trabajo."

"Con este acuerdo, que nos garantiza durante un año la presencia de cuando menos 45 naves que son en realidad 45 planillas de trabajo, podremos realizar inversiones para implementar nuestra industria y ponerla en condiciones de atraer más trabajo." Y esto es una cadena que una vez en marcha nos puede poner a nosotros y al puerto de Montevideo en un punto de vitrina internacional. Por eso este acuerdo lo veo muy conveniente.

"Según las informaciones que se nos suministraron los barcos comprometidos serían en número de 30 a 40 unidades que de acuerdo con un programa de escalas en Montevideo daría una afluencia mensual de 2 a 3 naves."

"No todos estos buques pesqueros-factorías van a venir a Montevideo pero seguramente algunos de ellos nos visitarán una o dos veces y eso hará que por lo menos tengamos la presencia anualmente de unos 45 buques. Hay que pensar que no todos vendrán a efectuar reparaciones ya que algunos lo harán solamente a cambiar tripulación y aún esta posibilidad me parece una excelente oportunidad para el puerto de Montevideo porque también harán gastos de otra índole. También podrá ocurrir a la inversa que uno de tales buques venga a Montevideo a cambiar tripulación y se vea obligado a realizar reparaciones aunque sean de poca magnitud. En lo personal estoy satisfecho con este convenio porque en cierta forma nos da seguridad de trabajo para muchos operarios uruguayos y nos abre un puente para llevar adelante nuestro proyecto de expansión y modernización industrial."

"Claro está —dice el Capitán Linas— que este acuerdo no entrará en vigencia hasta tanto no se firme el convenio que ya fue inicialado entre Uruguay y la URSS por el que se autoriza a la línea aérea rusa Aeroflot llegar al Uruguay. El arribo de los aviones soviéticos permitirá movilizar entre ambos países las tripulaciones de los buques pesqueros cuando éstos regresen a su país en uso de vacaciones y a su vez traer las dotaciones sustitutas. En total serían más o menos unos 3.500 hombres que anualmente pasarían por nuestro país." El Capitán Linas comentó finalmente que "la parte más sensitiva y difícil ya pasó que es inicialar este convenio por parte de ambos países y lo que faltaría ahora es tan solo la firma definitiva. Cumplido este último requisito comenzarán a llegar los pesqueros soviéticos que además son buques fábricas de mediano tonelaje."

Por nuestra parte queremos señalar que este convenio con el Dique Flotante Tsakos nada tiene que ver con la presencia de otros buques pesqueros rusos que eventualmente llegarían a Montevideo pero tenemos idea por informaciones de terceros que la flota pesquera soviética que opera en aguas del Atlántico Sur no superaría las 50 unidades. Se nos ocurre pensar entonces que no serían 150 o 170 los buques pesqueros rusos que llegarían a Montevideo cifra sumamente voluminosa.

Por último, al margen de la entrevista al Capitán Linas deseamos informar a nuestros lectores por datos de naves pesqueras de otros países que en el Atlántico Sur, cerca de las Malvinas se encontrarían ahora realizando actividades pesqueras un total de 430 a 500 naves pertenecientes a Taiwan, Corea del Sur, Japón, URSS, Alemania Oriental, Cuba, Alemania Occidental, Bulgaria, España, Italia, y dos o tres países más.

E.C.

PODER EJECUTIVO — URSS (Archivo y Duplicados)

MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES

1

Ley 15.875. — Se aprueba el texto del Convenio sobre Colaboración Cultural y Científica entre el Gobierno de la República y el Gobierno de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Poder Legislativo.

El Senado y la Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, reunidos en Asamblea General,

DECRETAN:

Artículo 1° Apruébase el texto del Convenio sobre Colaboración Cultural y Científica entre el Gobierno de la República y el Gobierno de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas, suscrito en Moscú, el 25 de julio de 1986.

Art. 2° Comuníquese, etc.

Sala de Sesiones de la Cámara de Representantes, en Montevideo, a 8 de julio de 1987. — Víctor Cortazzo, Presidente. — Héctor S. Clavijo, Secretario.

Ministerio de Relaciones Exteriores.

Ministerio de Educación y Cultura.

Montevideo, 17 de julio de 1987.

Cúmplase, acúsese recibo, comuníquese, publíquese, e insértese en el Registro Nacional de Leyes y Decretos. — SANGUINETTI. — ALBERTO RODRÍGUEZ NIN. — ADELA RETA.

TEXTO DEL CONVENIO

El Gobierno de la República Oriental del Uruguay y el Gobierno de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas, deseando desarrollar y fortalecer las relaciones de amistad y cooperación entre los pueblos de ambos países en base al respeto mutuo de la soberanía, la independencia, la igualdad de derechos y la no injerencia en los asuntos internos de uno y otro, aspirando a contribuir al desarrollo de los lazos culturales y científicos entre los dos países, acordaron lo siguiente:

Artículo 1

Las partes favorecerán el desarrollo de los lazos y la cooperación entre las organizaciones científicas de ambos países en el campo de la ciencia y las investigaciones científicas mediante la organización de viajes recíprocos de científicos para la realización de trabajos científicos, intercambio de experiencia, dar conferencias según programas acordados, intercambio de publicaciones científicas, que ofrezcan interés mutuo.

Artículo 2

[illegible] mediante el intercambio de profesores, aspirantes, estudiantes, ediciones de carácter pedagógico, científico y cultural, que ofrezcan interés mutuo.

Artículo 3

Las partes examinarán las posibilidades de la firma de un convenio a los efectos de reconocer mutuamente la equivalencia de documentos de enseñanza, grados científicos y títulos otorgados por cada uno de los países.

Artículo 4

Para prestar ayuda al desarrollo de los distintos campos de la cultura las partes enviarán a pedido del otro país especialistas en base a los contratos concertados entre sus organizaciones correspondientes, en los que se determinarán todas las condiciones de la actividad de los especialistas.

Artículo 5

Las partes contribuirán al desarrollo de los lazos en el campo de la medicina y la salud pública mediante el intercambio de especialistas, como también de materiales y publicaciones sobre problemas de la medicina.

Artículo 6

Con el fin de lograr un mejor conocimiento mutuo de la cultura, el arte y la literatura de ambos países las partes dentro de los límites de sus posibilidades:

a) Intercambiarán artistas, compositores, pintores, bailarines, [illegible], arquitectos, escritores, músicos, cantantes y otras personalidades de la cultura, incluyendo conferencistas;
b) Contribuirán a la organización de giras artísticas de conjuntos y solistas;
c) Favorecerán la organización de exposiciones en el campo de la ciencia, el arte y la actividad editorial;
d) Fomentarán el desarrollo de [illegible], y otras instituciones culturales de los dos países de conformidad con planes de intercambio mutuamente acordados;
e) Contribuirán a la creación de condiciones favorables para el estudio del idioma español en la URSS y del idioma ruso en Uruguay.

Artículo 7

Las partes favorecerán el desarrollo de los lazos en el campo del cine, en particular mediante la [illegible] películas y la participación en los festivales internacionales, realizados en cada uno de los países.

Artículo 8

Las partes favorecerán el [illegible] desarrollo de lazos en el campo de la televisión y radio comunicación entre las correspondientes organizaciones de radio y televisión de ambos países.

Artículo 9

Las partes fomentarán la cooperación entre las organizaciones de derecho de autor y las editoriales de ambos países con el fin de asegurar la mutua salvaguardia de los derechos de autor y el más amplio conocimiento de las obras científicas, de la literatura y el arte de autores uruguayos y soviéticos.

Artículo 10

Las partes prestarán ayuda al desarrollo de los lazos deportivos mediante el intercambio de delegaciones, deportistas, entrenadores y especialistas en el campo de la cultura física y el deporte, como también en la realización de encuentros y competiciones deportivas.

Artículo 11

Las partes fomentarán el intercambio turístico con el fin del conocimiento de la vida y la cultura de los pueblos de ambos países.

Artículo 12

Las partes [illegible] mutuas de especialistas en el campo de la [illegible], la educación, la cultura y el arte a congresos, conferencias, simposios, festivales y otros acontecimientos nacionales e internacionales, realizados en sus países.

Artículo 13

Las partes asegurarán de conformidad con sus disposiciones legales vigentes las condiciones favorables, necesarias para la realización de cooperación, prevista por el presente Convenio.

Artículo 14

Con el fin de la realización práctica del presente Convenio, las partes acordarán programas bienales de intercambio, que prevean medidas concretas de cooperación, como también las condiciones financieras y otras de su realización.

Artículo 15

El presente Convenio entrará en vigor treinta días después del canje de Notas Diplomáticas por medio de las cuales las partes informarán una a la otra sobre su aprobación de conformidad con las disposiciones legales vigentes en ambos países.

La validez del presente Convenio será de tres años y renovable automáticamente por períodos iguales, si ninguna de las partes informa a la otra por vía escrita y con seis meses de anticipación su deseo de denunciarlo.

Hecho en la ciudad de Moscú a los veinticinco días del mes de julio del año mil novecientos ochenta y seis, en dos ejemplares, cada uno en español y ruso, ambos igualmente válidos.

08

C 26

Fichaje URSS

CLARIN ★ Buenos Aires, lunes 20 de julio de 1987

PERIA

Destituyen en la URSS a dos importantes ministros

El Presidium del Soviet Supremo de la Unión Soviética, el máximo organismo de poder del país, destituyó ayer de sus cargos a los ministros de Desarrollo de Industrias y de Agricultura. La agencia oficial TASS informó sobre los relevos y algunos analistas afirman que éstos se llevaron a cabo por la ineficacia de los funcionarios en los sectores económicos que dirigían.

MOSCU, 19 (AFP y Reuter). — Tres semanas después de haber sido blanco de críticas, el secretario general del Partido Comunista de la URSS, Mijail Gorbachov, los ministros Leonid Khitrun y Sergei Afanassiev fueron relevados de sus funciones, anunció hoy en esta capital la agencia TASS.

Gorbachov los había señalado en razón de los malos resultados de las áreas de su responsabilidad: Desarrollo de la Industria, para Afanassiev, y de Agricultura, para Khitrun.

Afanassiev, 69 años, fue colocado en situación de retiro, en tanto que Khitrun, de 56, fue designado primer secretario del Obkom (comité regional del PCUS) en Riazán, a 200 kilómetros de Moscú, lo que equivale a un claro retroceso.

Los ministros alejados de sus cargos fueron designados como mal ejemplo por Gorbachov en el discurso ante el último plenario del comité central del PCUS, realizado el 25 de junio pasado, dedicado a la reforma de la economía nacional.

Gorbachov había citado a los titulares de 9 ministerios que, en los dominios de la industria y de la agricultura, no habían aportado los esfuerzos necesarios para facilitar la modernización o hacer marchar bien la economía.

Entre los designados, el ministerio de Khitrun "no cumplió el plan de cinco meses fijado para equipar las granjas del Estado y las colectivas", de acuerdo con Gorbachov, para quien "(ese incumplimiento) se debe a la mala organización del trabajo en muchas empresas de esa industria, y en particular la inadecuada calidad de su producción".

En cambio Afanassiev, sin ser mencionado específicamente, era responsable de una área acerca de la cual Gorbachov se declaró "inquieto por la situación".

Gorbachov insistió en su discurso sobre la importancia que debe atribuirse a la industria de la construcción de máquinas para mejorar la economía.

Así como Afanassiev llegó a su cargo en 1983, después que Gorbachov se convirtió en el número uno del Kremlin, Khitrun formaba parte de la nueva generación, pues había sido designado ministro hace un año y medio, y después del comité central, en marzo de 1986.

01/01

— URSS
Cursar → Naciones Unidas
Nuevo orden económico

028

M.D.N.

D.G.I.D.

ANALISTAS

140800JUL87

1/5

M.I. Nº 106/87 - Señor Jefe del Dpto.i/D.G.I.D.

Adjunto al presente remito a usted, el resumen del articulo publicado en El Popular del 10/JUL/87, titulado "Subdesarrollo y nuevo órden económico internacional", para ser incrementado en el Movimiento Comunista Internacional.

Saluda a usted atentamente

El Jefe de Analistas

Tte.Cnel. Eduardo Caussi

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL
Dirección General de Información de Defensa
DEPARTAMENTO I
Fecha de Entrada 14 JUL 1987
Pasa a Bol. Inf. ...
Nº de Orden 8702286

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL
Dirección General de Información de Defensa
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)
Fecha de Entrada 20-7-87
Fecha de Salida 29/7/87
Pasa a Sec - Archivo
Nº de Identificación 1046/87

01/05

8706019

SOBRE EL SUBDESARROLLO Y EL NUEVO ORDEN ECONOMICO INTERNACIONAL

El Comité Consultivo Político de los Estados Signatarios del Tratado de Varsovia, en su conferencia de Berlín Oriental realizada los días 28 y 29/MAY aprobó el documento titulado: "La superación del subdesarrollo y el establecimiento de un nuevo orden económico internacional".

Ante la constatación de que la situación económica mundial continúa empeorando y convencidos de que el problema del subdesarrollo está estrechamente ligado con la consolidación de la paz y de la seguridad internacional y con el desarme, los Estados signatarios del Tratado de Varsovia, hacen un llamado a todos los países a cumplir su papel en la búsqueda de soluciones realistas.

Afirman que una condición ineludible para el mantenimiento de la paz, es dar pasos prácticos para reducir los armamentos y llegar al desarme y que los pasos concretos por el camino del desarme vayan acompañados por la correspondiente disminución de los gastos militares.

Consideran que el subdesarrollo es consecuencia de la explotación colonial y en la actualidad de formas neocolonialistas. Con relación a la crisis financiera-monetaria, afirman que entre las causas fundamentales que crean esta situación se encuentran: la política de elevada tasa de interés bancario, el reflujo de recursos financieros y humanos de los países en vías de desarrollo, las relaciones comerciales no equitativas que practican los países capitalistas desarrollados.

Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia consideran que "Se requieren cambios radicales de la mentalidad política y la práctica internacional, una justa distribución de la división internacional del trabajo, el ejercicio de la soberanía imprescriptible sobre los recursos naturales nacionales" y que la superación del subdesarrollo "solo se puede realmente lograr en las vías de la creación de un nuevo orden económico internacional".

Al tratar el tema de la deuda externa señalaron que es un factor

que complica la vida internacional.

Agrega el documento que "Ha cobrado un carácter tan verdaderamente global que rebasa los marcos económicos y tiene clara resonancia política".

Dichos Estados se pronuncian "por la ordenación de las relaciones financiero-monetarias internacionales y por que éstas no sean un medio de presión política e intervención en los asuntos internos".

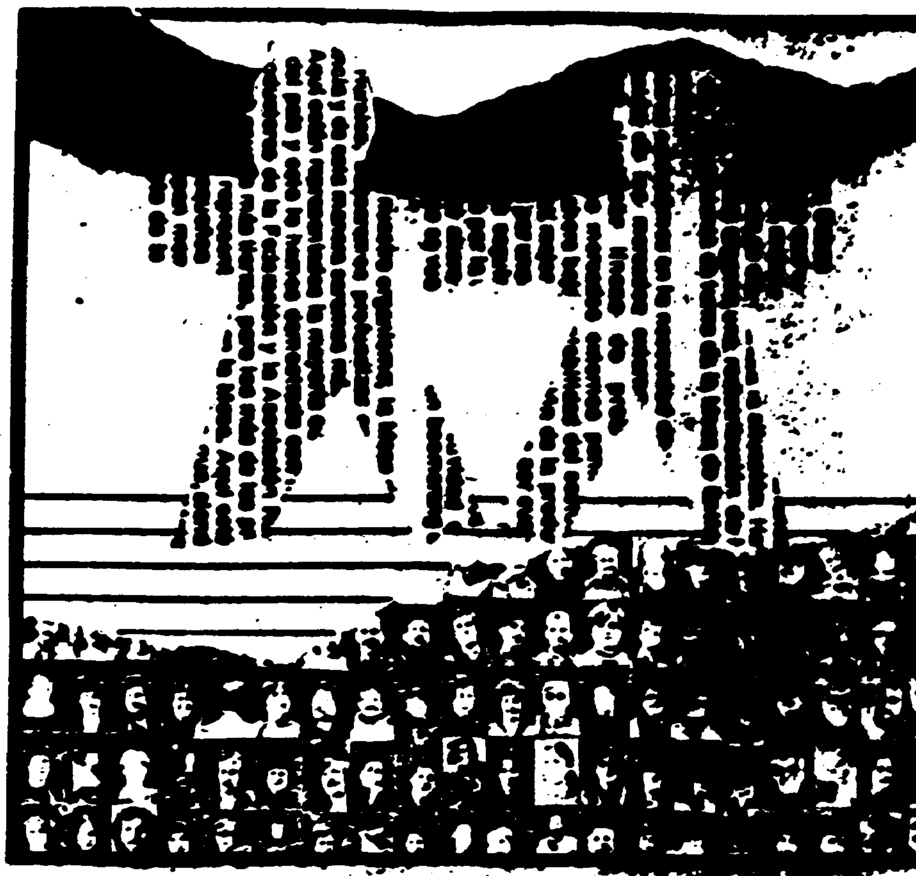
Consideran que es preciso adoptar medidas tendientes a limitar la cuantía de los pagos anuales dimanantes de la deuda externa a una parte de los ingresos en divisas que no perjudique el desarrollo socio económico, a renunciar al proteccionismo, a rebajar las tasas de interés devengado por los empréstitos y créditos, a reestructurar el sistema financiero-monetario, etc.

Sostienen también que la ONU debe asumir mayor responsabilidad en la tarea de resolver la deuda externa.

Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia entienden que para sanear las relaciones económicas internacionales es necesario excluir la arbitrariedad, la ilegalidad, los boicots, los bloqueos comerciales, etc., así como también asegurar la admisión libre de la producción en los mercados internacionales.

Se consideró también la necesidad de apoyar a los países en desarrollo en la preparación de personal calificado nacional y "adoptar firmes medidas contra la fuga de cerebros".

Afirman también que para resolver los problemas de los países en desarrollo, se precisa enfocar el tema socio-económico de forma global, y sostienen que la creación del sector estatal y de otras formas de administración económica y el empleo de métodos de planificación, "coadyuvan a acelerar el desarrollo socio-económico ".



ILUSTRACION DE LINO SCALA

SUBDESARROLLO Y NUEVO ORDEN ECONOMICO INTERNACIONAL

El Comité Consultivo Político de los Estados Signatarios del Tratado de Varsovia aprobó en su conferencia de Berlín, de los días 28-29 de mayo, el siguiente documento, titulado "La superación del subdesarrollo y el establecimiento de un nuevo orden económico internacional".

INTERRELACION DE DESARME Y DESARROLLO

1. Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia, constatando que la situación económica mundial continúa empeorando y sigue manteniéndose la tensión internacional, y tomando en consideración el estado de pobreza de la economía de los países subdesarrollados, consideraron detenidamente el problema de la superación del subdesarrollo, las causas de la falta de progreso en la tarea de establecer un nuevo orden económico internacional y los caminos para resolver estos problemas.

Profundamente convencidos de que el problema del subdesarrollo está estrechamente ligado con la consolidación de la paz y de la seguridad internacional, incluida la economía, y con el desarme, señalan que la situación internacional continúa sin contribuir, hasta ahora, al saneamiento de las relaciones económicas internacionales y al desarrollo socio-económico normal de todos los países, especialmente de los subdesarrollados. En los últimos años aumentó seriamente la tensión internacional, debido al incremento de la carrera de los armamentos, sobre todo de los nucleares, al rumbo hacia la confrontación que siguen los medios imperialistas, singularmente los norteamericanos, a su tendencia hacia la superioridad militar, a la política de fuerza al "neoglobalismo", a la injerencia en los asuntos internos, al detrimento de la independencia nacional y la soberanía de los Estados y a las provocaciones militares directas contra los países en desarrollo.

Todos los países, independientemente de sus dimensiones y también de la diferencia de sus sistemas socio-económicos, están llamados a cumplir su papel en la búsqueda de soluciones realistas que puedan poner fin y dar marcha atrás a la carrera de los armamentos nucleares y disminuir la tensión en el mundo.

Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia consideran que una condición ineludible para el mantenimiento de la paz, el saneamiento de la situación internacional y la solución exitosa de los agudos problemas económicos a los que se enfrenta la humanidad, debe ser la de dar pasos prácticos para reducir los armamentos y llegar al desarme. La puesta en práctica del programa para la reducción y liquidación total del arma nuclear y demás armas de exterminio masivo en lo que resta del milenio actual, programa propuesto por la URSS y apoyado por todos estos países, la interdicción de la extensión de la carrera de los armamentos al espacio exterior, el cese de las pruebas nucleares, el cumplimiento del programa de reducción de las fuerzas armadas y de los armamentos convencionales en Europa, propuesto por el Llamamiento de Budapest de la OTAN y a todos los países europeos, así como las demás iniciativas de los países socialistas que recogen su enfoque integral de las cuestiones del desarme, permitirían conseguir en breve plazo dar un viraje radical hacia el mejoramiento de los asuntos internacionales y sería una base segura para el progreso socio-económico de todos los países, incluidos los subdesarrollados.

Partiendo de que entre desarme y desarrollo existe una estrecha intervinculación y que solo el desarme puede liberar enormes recursos adicionales para superar el atraso económico, los Estados signatarios del Tratado de Varsovia se pronuncian con toda decisión porque los pasos concretos por el camino del desarme vayan acompañados por la correspondiente disminución de los gastos militares. Los recursos materiales, financieros, humanos y científicos así liberados, se deben utilizar para acelerar el progreso en los correspondientes países, así como también para liquidar el atraso económico en diversas zonas del mundo. Cada paso por el camino de la limitación de los armamentos y del logro del desarme, y especialmente de la liquidación de los armamentos nucleares, debe tener como consecuencia la liberación de recursos adicionales para el desarrollo. En este aspecto tiene gran importancia la celebración de una conferencia internacional sobre la intervinculación entre desarme y desarrollo, en correspondencia con la decisión de la ONU. Esta conferencia deberá contribuir al desarme, a la eliminación de la amenaza de guerra y al logro del desarrollo de todos los países del mundo.

SEGURIDAD ECONOMICA PARA TODOS

2. Los países miembros del CAME, en la cumbre de junio de 1984, así como también en los siguientes documentos conjuntos, y los Estados signatarios del Tratado de Varsovia, corroborando su postura en las cuestiones de la superación del subdesarrollo y del establecimiento de un nuevo orden económico internacional, registrada en la Declaración "La salvaguardia de la paz y la colaboración económica internacional", declaran su apoyo a la Carta de los derechos y obligaciones económicos de los Estados, a la Declaración y al programa de acciones para establecer un nuevo orden económico internacional, a la Declaración económica de Harare de los Países no Alineados y se pronuncian por la realización práctica de dichos documentos.

También promueven la concepción de la seguridad económica internacional partiendo de que ésta no reemplaza en sí las decisiones y documentos obligatorios aprobados ya por la Asamblea General de la ONU, acerca de los aspectos de la reestructuración de las relaciones económicas internacionales y el establecimiento de un nuevo orden económico internacional. Está llamada a dar impulso a la búsqueda de elementos comunes en los diversos enfoques de la solución de los problemas económicos mundiales, del fortalecimiento de la confianza en las relaciones económicas internacionales.

Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia analizaron los pasos que garantizarían el mejoramiento de la situación económica internacional, la reestructuración de las relaciones económicas internacionales sobre una base equitativa y democrática y el establecimiento de un nuevo orden económico internacional, al objeto de garantizar una seguridad económica igual para todos los Estados, asegurarían el progreso rápido de todos los países, y especialmente de los que están en vías de desarrollo; facilitarían el amplio acceso a los adelantos de la ciencia y la técnica contemporáneas.

004

LAS CAUSAS DEL SUBDESARROLLO

3. Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia consideran que el subdesarrollo es consecuencia de la explotación colonial, de la que largo tiempo fueron objeto los países en vías de desarrollo. La aparición de nuevos Estados independientes después de la segunda guerra mundial fue un proceso de particular importancia para el desarrollo libre e independiente de los pueblos que se encontraban bajo el dominio colonial. Muchos de estos Estados continúan siendo objeto de explotación también en la actualidad en formas neocolonialistas, lo que ha comportado y comporta el empeoramiento de la situación de estos países en los planos social y económico. En la actualidad el sistema del imperialismo continúa existiendo en notable grado a cuenta del saqueo de que son objeto los países en vías de desarrollo, y de la más despiadada explotación de éstos. Especialmente en los últimos años los monopolios trasnacionales y el capital financiero intensificaron la explotación de los países en vías de desarrollo asiáticos, africanos y latinoamericanos, haciendo recaer sobre ellos el lastre fundamental de la crisis económica mundial y frenando así el desarrollo socio-económico de éstos.

La crisis financiero-monetaria que continúa, la política de elevada tasa de interés bancario, el reflujo de recursos financieros y humanos de los países en vías de desarrollo, las relaciones comerciales no equitativas que practican los países capitalistas desarrollados, figuran entre las causas fundamentales que crean esta situación. Las posturas de los países capitalistas industrialmente desarrollados demuestran la orientación sucesiva al mantenimiento de las posiciones dominantes del imperialismo, del capital financiero, la subestimación de los intereses de otros pueblos, especialmente los de los países en vías de desarrollo.

Mientras tanto, la sucesiva intensificación de la carrera de los armamentos, incluidas las tentativas de extenderla al espacio cósmico, comporta el derroche de enormes recursos financieros, materiales, humanos y tecnocientíficos que se podrían utilizar para acelerar el progreso económico y social en todos los países, y en primer lugar en los países en vías de desarrollo.

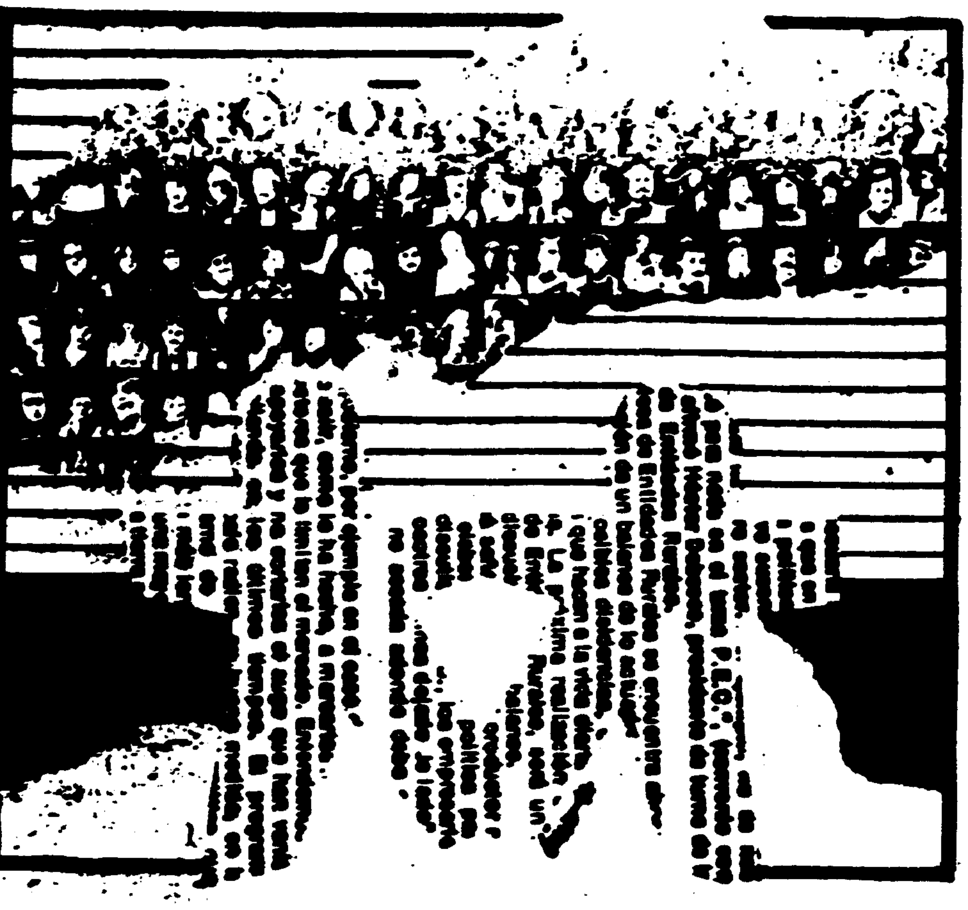
EL DESARROLLO, CONDICION DE LA PAZ

4. Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia consideran que sin adoptar medidas resueltas enfiladas a prevenir el empeoramiento sucesivo de la situación de los países en vías de desarrollo y a superar el subdesarrollo, no se pueden asegurar la estabilidad política y económica y la paz en todo el mundo. Se requieren con urgencia cambios radicales de la mentalidad política y la práctica internacional, una justa distribución de la división internacional del trabajo, el ejercicio de la soberanía imprescriptible sobre los recursos naturales nacionales.

La solución de los agudos y complicados problemas de los países en vías de desarrollo, la superación del subdesarrollo tan solo se puede realmente lograr en las vías de la creación de un nuevo orden económico internacional, de la garantía de la seguridad de cada Estado en el marco de un sistema omnímodo de seguridad internacional.

LA DEUDA EXTERNA

5. La deuda exterior es ahora uno de los problemas más agudos para muchos países, y en primer lugar para los países en vías de desarrollo. Este problema es una grave consecuencia del colonialismo



y el neocolonialismo y a la vez un factor que complica la vida internacional. Ha cobrado un carácter tan verdaderamente global que rebasa los marcos económicos y tiene clara resonancia política. La explotadora política crediticia de los Estados occidentales y las condiciones de comercio, desfavorables para los países en vías de desarrollo, han originado la formación de una deuda que es mayor que un billón de dólares. Las amortizaciones de la deuda absorben ahora hasta una quinta parte de la renta nacional y hasta un tercio de los ingresos de los países en vías de desarrollo procedentes de la exportación. Precisamente sobre esta política recae la responsabilidad por el enorme crecimiento de la deuda exterior de estos países.

El crecimiento constante de la deuda se entrelaza con la crisis general del sistema monetario internacional. La utilización de la deuda es parte integrante de la estrategia del imperialismo respecto a los países en vías de desarrollo. Esta deuda es consecuencia directa del incremento de la carrera de armamentos por parte de Occidente.

Existe una interrelación directa entre una solución eficiente del problema de la deuda exterior de los países en vías de desarrollo y el establecimiento de un nuevo orden económico internacional. La solución radical del problema de la deuda únicamente es posible, ante todo, en las vías de la reestructuración de las relaciones económicas internacionales asentada en principios justos, del logro del desarme con fines de desarrollo.

Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia se pronuncian por la ordenación de las relaciones financiero-monetarias internacionales, por que éstas no sean un medio de presión política e intervención en los asuntos internos, por un justo arreglo del problema de la deuda. Consideran que el problema de la deuda de los países en vías de desarrollo es complejo, tanto por sus orígenes como también por sus consecuencias económicas, políticas y sociales. Consideran que el problema de la deuda externa solo puede ser resuelto por el camino de un arreglo global y justo que tenga en cuenta los intereses del progreso de los países en vías de desarrollo, así como del desarrollo estable y armónico de la economía mundial.

Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia consideran que es preciso adoptar medidas integrales enfiladas a limitar la cuantía de los pagos anuales dimanantes de la deuda externa a una parte de los ingresos en divisas que no perjudique el desarrollo socio-económico, a renunciar al proteccionismo, a rebajar las tasas del interés devengado por los empréstitos y créditos, a estabilizar las cotizaciones de las monedas, a reestructurar el sistema financiero-monetario, teniendo en cuenta los intereses de todos los Estados, y a democratizar las instituciones financieras encuadradas en su marco. Al considerar los caminos del arreglo del problema de la deuda externa, incluido el de aliviar la carga que la deuda representa para los países menos desarrollados, de entre los emergentes, que podrían tomar en consideración también otras propuestas presentadas por los países socialistas y países en desarrollo y por organizaciones regionales, sociales y financieras, que permitirían resolver globalmente este problema.

Abogan porque la ONU, de conformidad con el acuerdo tomado en su 41ª asamblea general, asuma mayor responsabilidad en la tarea de resolver de forma global el problema de la deuda externa. Las medidas encaminadas a resolver el problema de la deuda, deben tener en cuenta la interligazón existente entre la deuda y el desarrollo y, como uno de los primeros pasos, hacer que la ONU estudie este problema.

065

EL SANEAMIENTO DE LA SITUACION

6. Para sanear radicalmente las relaciones económicas internacionales, incluido el mejoramiento de la situación en los países en vías de desarrollo, se requiere excluir de las relaciones económicas internacionales la arbitrariedad y la ilegalidad, los boicots, los bloqueos comerciales, crediticios y tecnológicos, la utilización de los nexos económicos como un instrumento de presión política, las medidas y prácticas discriminatorias y las barreras y limitaciones proteccionistas. Es preciso asegurar la admisión libre de la producción en los mercados internacionales y el establecimiento de una justa correlación entre los precios de las materias primas, de la producción agropecuaria y de los artículos industriales, el acceso sin dificultades a las tecnologías de vanguardia y a los novísimos adelantos de la ciencia y la técnica. Es preciso también apoyar activamente a los países en desarrollo en la preparación de personal calificado nacional y adoptar firmes medidas contra la fuga de cerebros.

Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia apoyan el trabajo realizado en el marco de la ONU para elaborar el código de conducta de las corporaciones trasnacionales, código llamado a ayudar a los países en desarrollo a implantar un control eficiente sobre la actividad del capital extranjero en su economía.

AUTODETERMINACION E INTEGRACION

7. Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia, confirmando de nuevo su posición de principios de que se respete rigurosamente el derecho de cada pueblo a elegir libremente su sistema socio-económico y su camino de desarrollo, apoyan el proceso de liquidación definitiva del colonialismo y consideran su deber practicar activamente la política de amplia colaboración económica con todos los países en desarrollo sobre la base del beneficio mutuo y la igualdad absoluta, con objeto de resolver los grandes problemas económicos a los que hoy tienen que hacer frente esos países, asegurar su progreso económico y social y superar el subdesarrollo.

Siguiendo las direcciones fundamentales de su política exterior, ellos deben activar en diversidad de formas la cooperación económica con los países en desarrollo sobre la base de acuerdos y programas a largo plazo que tomen en consideración las posibilidades y las necesidades de las economías nacionales de los Estados interesados en infundir estabilidad y perspectiva a las relaciones económicas entre los países socialistas y los emergentes.

Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia comprenden la necesidad de que los países en desarrollo elaboren programas de desarrollo socio-económico sobre bases regionales y subregionales, y están dispuestos a colaborar, en la medida de sus posibilidades, en la realización de esos programas con las entidades económicas de los países en desarrollo, incluidos los órganos del Movimiento de Países no Alineados.

LA AYUDA DEL CAMPO SOCIALISTA

8. Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia, partidarios resueltos de colaborar ampliamente con todos los países del mundo, consideran que tiene una significación decisiva que cada país en desarrollo incremente sus propios esfuerzos en pos de una mayor intensificación de la movilización de sus recursos materiales y humanos, de toda la energía de la nación, de aprovechar al máximo en su propio interés los recursos de que dispone sobre la base de programas nacionales de su desarrollo socio-económico, que partan de las prioridades, necesidades y posibilidades concretas de cada país.

La experiencia histórica de los países socialistas demuestra que para resolver de verdad los problemas de la superación del subdesarrollo, se precisa enfocar de forma global el desarrollo socio-económico, asegurar la independencia económica y formar una estructura racional de la economía nacional. La creación del sector estatal y de otras formas avanzadas de la administración económica y el empleo de métodos de planificación, coadyuvan a acelerar el desarrollo socio-económico, a consolidar la independencia nacional y a hacer frente de forma eficaz a los factores exteriores desfavorables. Para acelerar el progreso de los países emergentes tienen gran significación la creación y el desarrollo de su propio potencial científico, incluida la preparación de cuadros nacionales competentes.

Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia están dispuestos a compartir con los países en desarrollo su experiencia en la solución de los problemas clave, tomando en consideración las particularidades y condiciones de sus economías, planes y programas nacionales de desarrollo socio-económico.

POR UN FORO MUNDIAL

9. A la solución de los problemas con los que chocan los países en desarrollo, contribuirían la estrecha colaboración entre ellos y el fortalecimiento de su solidaridad y unidad. Los Estados participantes saludan y apoyan por entero la justa aspiración de aquellos a esto. La unificación de los esfuerzos de los países en desarrollo toma creciente significación para superar el subdesarrollo y fortalecer la independencia económica.

10. Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia seguirán observando invariablemente en sus relaciones con los países en vías de desarrollo, los principios de respeto de la soberanía y la independencia nacional de éstos, no intervención en los asuntos internos, no empleo de la fuerza ni de la amenaza de utilizarla, plena igualdad, respeto de los intereses nacionales y del derecho de cada pueblo a disponer de su suerte, beneficio recíproco, no discriminación y el de nación más favorecida.

Declaran su invariable solidaridad con la tendencia de los países en vías de desarrollo a incrementar el potencial económico nacional y a fortalecer la independencia económica.

11. Teniendo en cuenta que la superación del subdesarrollo, anacronismo de nuestra época que afecta a dos tercios de la población del planeta, y la solución de los problemas económicos globales tan solo se pueden lograr con la participación de todos los países del mundo, los Estados signatarios del Tratado de Varsovia exhortan a todos los países, grandes y pequeños, independientemente de su régimen social y nivel de desarrollo, a unificar sus esfuerzos y actuar intensamente para alcanzar estos objetivos.

Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia consignaron cuán importante es celebrar conversaciones concretas y eficientes en el marco de la ONU, con la participación de todos los países, al objeto de conseguir una solución justa y global de todos los problemas internacionales más importantes. Se pronunciaron una vez más por la convocatoria de un foro mundial, en el que se puedan examinar en su conjunto los problemas de la seguridad económica, del establecimiento de un nuevo orden económico internacional, del desarrollo de la colaboración comercial y tecno-científica, de la eliminación de todo lo que frena los nexos económicos mundiales.

COMPROMISO DE ACTIVA PARTICIPACION

12. Los Estados signatarios del Tratado de Varsovia corroboran una vez más su decisión de contribuir a superar el subdesarrollo y a lograr el establecimiento de un nuevo orden económico internacional, a la reestructuración de las relaciones económicas internacionales asentándolas en una base democrática y justa, a participar activamente en los esfuerzos que se emprenden en esa dirección en el plano internacional y de hacer así su aporte al logro de la estabilidad económica y al saneamiento del ambiente político internacional.

08

027

VARSS

VERLA

Admitió Gorbachev que aún hay oposición a las reformas

Moscú, 25 (UP) – El gobernante soviético Mikhail Gorbachev admitió hoy que aún hay amplia oposición del partido Comunista y de la burocracia a las reformas económicas y sociales que él ha impulsado, al tiempo que criticó duramente a los militares.

Al comenzar la sesión plenaria de dos días del comité central del partido Comunista, reunión crucial para los esfuerzos de Gorbachev por reavivar la estancada economía soviética, el secretario general del PC mencionó al sector militar como ejemplo de un área que no ha logrado introducir reformas ni deshacerse de las ideas anticuadas.

En la reunión semestral, Gorbachov criticó también a los militares vehementemente por haber permitido que el joven piloto alemán occidental Mathias Rust volara desde Finlandia, a través del espacio aéreo soviético, hasta la plaza Roja de Moscú el 28 de mayo.

Contradicción

Las trasformaciones revolucionarias en la sociedad han llevado a un primer plano la contradicción entre la necesidad de una renovación y la inercia conservadora y los intereses egoístas", declaró Gorbachev ante los miembros más poderosos del partido Comunista.

"El equilibrio entre el creciente vigor de las masas y el carácter aún burocrático de la actividad en los más diversos campos y los esfuerzos por detener la iniciativa renovadora es una manifestación de esta contradicción", afirmó Gorbachev.

La sesión plenaria considerará un llamamiento de Gorbachev para aprobar una ley sobre las empresas estatales, que afloje el control de la burocracia central sobre la economía y que otorgue a los gerentes de tales empresas más responsabilidad por los resultados de sus esfuerzos.

Gorbachev dijo el fin de semana pasado que el país tiene "muchos problemas" y reconoció que "es difícil poner en marcha nuestra máquina industrial".

Si bien los analistas occidentales coinciden en que algún tipo de ley saldrá del debate secreto que se lleva a cabo en el Kremlin, no se sabe si dicha legislación será suficientemente amplia como para modificar la economía y si incluirá provisiones para garantizar su cumplimiento.

Respaldo relativo

Pese a que ostenta el poder desde hace 27 meses, y que ha llevado a cabo cambios importantes en algunos aspectos de la vida soviética, los analistas estiman que Gorbachev no cuenta con el respaldo de una mayoría de los 300 miembros del comité central.

Informaciones sobre el supuesto desacuerdo que reinó en el último plenario, en enero, se vieron apoyadas por el contraste que hubo entre el tono moderado de la resolución final y el de los discurso de Gorbachev, que pedía una serie de amplias reformas.

A diferencia de aquella sesión, en que los altos dirigentes del partido consideraron una amplia gama de temas, el enfoque de este plenario es el de la economía.

El llamamiento de Gorbachev a la reforma económica fue provocada por la merma del crecimiento de la economía soviética en las últimas décadas.

Gorbachev propone que la administración central se deshaga de muchas de las responsabilidades que tiene actualmente en la dirección de todos los aspectos de la economía del país, el sistema creado por Stalin.

El secretario general pretende que se empleen más las fuerzas del mercado, medida por la que los gerentes de las empresas tomarían las decisiones respecto a sus respectivas fábricas. En teoría las industrias serían autónomas, sufragando sus propios gastos.

La Prensa 26/6/87

01/01

La Prensa 26/6/87

PERLA

URSS

Persecuciones religiosas en la U. R. S. S.

Por Jeremías M. Tourydzkyj

A pesar de las enfáticas declaraciones del arzobispo ortodoxo ruso monseñor Lazar —jefe de la Iglesia Ortodoxa Rusa en la Argentina—, respecto a la celebración, en 1988, del Milenio del Cristianismo en Rusia y el intento de presentar a la Iglesia Ortodoxa Rusa del Patriarcado de Moscú como humanista, sacrosanta, etcétera, esto no pasa de ser un embate más de la propaganda ruso-comunista que utiliza a la Iglesia Ortodoxa Rusa para sus fines propagandísticos. Véase que los personeros de dicha iglesia son, ni más ni menos, que agentes del Kremlin y fieles ejecutores de la política de desinformación de la KGB soviética.

Debo manifestar que la primera falsedad la constituye la afirmación de monseñor Lazar respecto al supuesto Milenio del Cristianismo en Rusia, ya que dicho Milenio lo fue en Ucrania, y Kiev en el año 988 era la capital del Principado homónimo (luego Ucrania), mientras que la actual Rusia ni siquiera estaba formada como estado, y aproximadamente 200 años más tarde se la denominó Moscovia. ¿De dónde extrae monseñor Lazar (que en realidad es un simple vocero de su superior Pimen) sus fantásticas afirmaciones? La *rusificación* de la que tanto hablamos en nuestros artículos, abarca también a la iglesia y sus representantes, quienes no escatiman tiempo ni esfuerzo para poner su grano de arena en aras de la misma. La tergiversación de los hechos, como el pretender ocultar que el *Milenio del Cristianismo lo fue en Ucrania*, y no en Rusia, que en el año 988 no existía como tal, es una de las formas de proceder de los comunistas soviéticos.

En el mismo orden de cosas debo, en el presente artículo, dar a conocer la actitud de la Iglesia Ortodoxa Rusa del Patriarcado de Moscú, respecto del gobierno soviético en las persecuciones religiosas que acaecen en Ucrania y en otras repúblicas "federadas". Lamentablemente, la Iglesia Ortodoxa Rusa no eleva su voz de protesta por los hechos que seguidamente expondré (el que calla otorga o consiente).

Finalizó su condena de 20 años de privación de la libertad, el sacerdote ortodoxo ucranio Vasyl Romaniuk de 62 años de edad, quien fue acusado, en su momento, de ayudar a los disidentes ucranios. Actualmente vive en su Kosiv natal, aunque totalmente aislado, ya que las autoridades le prohibieron mantener contactos con conocidos y amigos o con el exterior. A su hijo Tarás, cuando su padre fue arrestado, lo expulsaron de la universidad (estudiaba medicina) y desde entonces le prohiben continuar con sus estudios. Lo único que Tarás Romaniuk puede hacer, es trabajar físicamente.

El arzobispo Makariy, de la Iglesia Ortodoxa Rusa (oficial soviética), de la ciudad ucranio-occidental de Ivano Frankivsk, suspendió al sacerdote Myron Sas-Zhurakivsky, por desarrollar "una excesiva actividad religiosa en su parroquia". El verdadero motivo de esta increíble sanción radicaría en la negativa de Sas-Zhurakivsky de aceptar el pasaporte soviético.

El sacerdote, de 53 años de edad, ya fue castigado en otras dos oportunidades. El reverendo Sas-Zhurakivsky tiene ciudadanía alemana y se niega a aceptar la soviética.

A pesar de las recientes liberaciones de Iosyp Terela, Zorian Popadiuk, Vitaliy Shevchenko y Oleksander Jmara; la situación de los presos por problemas de conciencia, en la Unión Soviética, no ha variado. Las autoridades que estudian cada "caso", exigen a los reclusos que soliciten el perdón. Éstos, por su parte, no quieren allanarse a tal exigencia (pedir el "perdón") pues consideran que la fe no es un delito, y aclaran que si las autoridades no los rehabilitan completamente, estarían dispuestos a cumplir con la totalidad de la condena.

Noticias recientemente llegadas de Ucrania nos indican que se ha intensificado la persecución de los católicos. Las autoridades los expulsan de sus trabajos y los privan de alojamiento, para someterlos, a renglón seguido, a juicios por vagancia.

Según las últimas noticias, el padre Mychajlo Wynnyckyj, nacido el 14 de octubre de 1925, fue arrestado en junio de 1985 y sentenciado (un año más tarde) a 5 años de privación de la libertad en campos de concentración de régimen estricto, más otros 5 años de posterior confinamiento en algún lugar de Siberia. El padre Wynnyckyj se encuentra actualmente encerrado en Siberia en un campo de concentración de la provincia de Tiumen. Este no es el único encierro de este verdadero mártir de la Iglesia Católica Ucrania, pues ya estuvo en prisiones y campos de concentración en los años 1950-55, luego desde 1964 hasta 1968 y desde 1975 hasta 1982.

En febrero de este año, Iosyp Terela volvió a su pueblo natal, tras ser liberado. El ex prisionero de conciencia, defensor de los derechos de los catolicos ucranios, pasó más de 25 años de su vida en campos de concentración, prisiones, hospitales y prisiones psiquiátricas, todo ello por ser creyente y activista en tal sentido. Su *último destino* en el Gulag fue el Campamento de la Muerte N° 37 de Perm, en los Urales.

Más de 2.000 personas se dieron cita para darle la bienvenida. También abandonaron las tropas y la milicia con fines represivos, pero —instrucciones precisas de por medio— sólo se dedicaron a fotografiar a los presentes, seguramente para tener material para futuras acusaciones. Al momento de su liberación las autoridades le manifestaron a Terela que si vuelve a su activismo católico será sentenciado a prisión perpetua.

Es importante recalcar que Iosyp Terela está gravemente enfermo y se encuentra muy debilitado por las penalidades sufridas en el campo de concentración. Su *largo viaje de vuelta a su hogar* estuvo jalonado con varios problemas cardíacos.

La antigua iglesia del monasterio de los Padres Basilianos de la ciudad de Krystynopil (Ucrania Occidental), que data del siglo XVIII, fue trasformada, por las autoridades soviéticas, en un museo del ateísmo. En medio de la iglesia se puso una estatua de un hombre con la inscripción "Honor al hombre y no a Dios".

Las celebraciones de las misas católicas se organizan en gran secreto, en domicilios particulares, usando como excusa los cumpleaños, días feriados, etcétera. La habitación se prepara como para una reunión, se ponen mesas, copas y platos. Así la milicia no tiene pruebas para acusar a los presentes.

Durante una entrevista con Radio Kiev, el obispo ortodoxo ruso de Ivano Frankivsk, Makariy, afirmó que en toda Ucrania no existe la llamada Iglesia Católica Ucrania en las Catacumbas. Este dignatario soviético, el mismo que sancionó al revereno Sas-Zhurakivsky por dedicarse éste "demasiado" a cumplir con sus deberes pastorales, afirmó que la organización internacional religiosa "Ayuda a la Iglesia Necesitada", que dirige el padre Werenfried, está creando un mito sobre que en la Unión Soviética no existe la libertad religiosa. De esta manera vemos cómo ciertos dignatarios eclesiásticos colaboran activamente con la desinformación que llevan a cabo las autoridades civiles soviéticas.

Revisionismo en la Unión Soviética

Atribuyen a Stalin graves errores de manejo bélico

Puso a la URSS "al borde del desastre", publicaron en Moscú

MOSCU, 16 (Reuter).- El académico Alexander Samsonov sostuvo hoy en la revista Argumentos y Hechos que los importantes errores cometidos por José Stalin, considerado durante años como gran dirigente bélico, llevaron a la Unión Soviética al borde del desastre cuando se enfrentó con Alemania en la Segunda Guerra Mundial.

El historiador dijo que Stalin también permitió ser engañado por un complot alemán para despistar al Kremlin sobre los planes bélicos de Hitler en 1942, aunque los archivos soviéticos dicen que la conspiración fracasó.

Samsonov, quien publicó muchos trabajos sobre la contienda, dijo a la revista que fue culpa de Stalin que los ejércitos alemanes se acercaran a Moscú y que sitiaran Leningrado. "Estoy lejos de considerarlo un gran comandante militar", señaló.

Cambio radical

Los comentarios, hechos en una entrevista para la revista destinada a profesores y conferencistas del partido oficial, parecían indicar un cambio radical en la visión dogmática establecida públicamente sobre el desempeño de Stalin en la conducción de la guerra.

Aun luego de que Nikita Khruschev lo denunciara como tirano en 1956, Stalin fue presentado generalmente como un gran jefe militar que llevó al país a la victoria mediante la sabia dirección del esfuerzo bélico.

Pero dijo que las historias oficiales ignoraron deliberadamente hasta ahora muchos "interrogantes difíciles" sobre la conducción de la guerra por parte de los soviéticos encubriendo errores y tópicos delicados.

Error histórico

Entre ellos figura la negativa de Stalin a movilizar las fuerzas de la Unión en la víspera del ataque nazi de junio de 1941, su insistencia de que Alemania seguiría avanzando nuevamente sobre Moscú en 1942 y su tratamiento a los soldados soviéticos que escaparon del cautiverio alemán.

"Los historiadores -dice- escribíamos que la guerra comenzó con un sorpresivo ataque de Alemania a la Unión Soviética, pero en realidad, el ataque no fue repentino. La inevitabilidad de la guerra con Alemania era obvia mucho antes de que comenzara". Pero Stalin -agregó- "consciente de que el país no estaba listo para la guerra se convenció a sí mismo de que el inicio del conflicto podía postergarse, e hizo que los otros actuaran sobre esa base."



José Stalin (Archivo)

No hubo orden

"Cuando fue perfectamente obvio que los alemanes iban a atacar, Stalin no dio la orden, a pesar de las recomendaciones, para una movilización general ni para que las tropas en las regiones de la frontera occidental entraran en alerta total."

"Una declaración oficial del Kremlin, apenas unos días antes del ataque nazi, de que Alemania se disponía a atacar, también contribuyó a confundir a las fuerzas soviéticas en las fronteras", señaló.

"Si no hubiera sido por estos errores de cálculo, no dudo que la Wehrmacht (el Ejército alemán), aun si hubiera penetrado en nuestro territorio no hubiera alcanzado Leningrado ni Moscú. Ese fue el precio del error cometido en la víspera de la guerra", agregó.

En el verano de 1942, continuó Samsonov, Stalin insistió en que los alemanes reanudarían el ataque sobre Moscú y colocó las fuerzas de reserva en esa zona, pero el ataque fue al sudoeste y las tropas enemigas irrumpieron a través de las defensas soviéticas.

Situación desesperada

Esto llevó a la batalla de Stalingrado a fines del verano de 1942 que se libró cuando el país estaba en "una situación desesperada", agregó.

Samsonov dijo que el error de Stalin en 1942 fue parcialmente el resultado de un plan alemán (nombre clave "Kremlin") para engañar a la conducción soviética con información falsa sobre las intenciones de Hitler.

Plan exitoso

El plan, agregó, "fue muy exitoso, aunque en las fuentes oficiales, incluso nuestra Historia de la Segunda Guerra Mundial, de muchos volúmenes, se dice que no logró su objetivo".

"Esta es una contradicción de un hecho histórico. El comando supremo de Hitler se las ingenió para introducir información falsa en nuestro alto mando" sostuvo, como lo había hecho en la década de 1930, cuando convenció a Stalin de que sus máximos generales eran espías.

Subrayó que todavía los historiadores soviéticos evitan cuidadosamente el tema del destino de las huestes soviéticas que estuvieran rodeadas por los alemanes en los primeros momentos del enfrentamiento.

"Usted sabe que durante la guerra se exigió a todos nuestros combatientes, desde soldados rasos, hasta altos comandantes, que, de hallarse en una situación sin esperanza, eligieran la muerte antes que ser tomados prisioneros", recordó.

"Era considerado vergonzoso ser tomado prisionero y quien cayó en cautiverio fue tratado luego con gran sospecha."

Los sobrevivientes de este período, inclusive el poeta Yevgeni Dolmatovsky, relataron cuántos soldados que escaparon de los campamentos alemanes y que regresaron a sus propias líneas fueron encarcelados o fusilados.

REPORTAJE de [tachado]
L'UNITÁ a GORBACHOV

Reporta[je]

LA HORA 14/6/87

[illegible]

Visitas a Italia

[illegible]

¿Gorbachov en equipo de fútbol italiano?

[illegible]

Un encuentro internacional en el 70 aniversario

[illegible]

Génesis de la renovación

[illegible]

Nosotros mismos estamos cambiando

[illegible]

Un activo intercambio de opiniones

[illegible]

El tiempo libre del secretario general

[illegible]

Un renacimiento creador

[illegible]

Los temas conflictivos

[illegible]

POCO LEGIBLE

01/03

8706037

je de L'Unitá a Go



Mijail Gorbachov, secretario general del Partido Comunista de la Unión Soviética (PCUS)

... con las masas, son evidentes los aspectos correctos y las insuficiencias de todo nuestro trabajo. Sobre esta base se nos ofrece la posibilidad de corregir los errores. Es el método central de nuestra actividad.

Creo que ahora lo fundamental es que los trabajadores apoyen la política del partido, su línea hacia la renovación. Si no contáramos con tal apoyo, nuestra política sería [illegible]. En dos años pudimos convencernos de que es correcta nuestra opción por las reformas. Pero también existen problemas tácticos que la época nos plantea. No sabemos todo, pero sabemos lo fundamental. Es un proceso y necesitamos comprenderlo, dentro del partido y la sociedad.

Los trabajadores siempre dicen: apoyamos la política del partido, las reformas, creemos en ellas y les suplicamos que no se detengan. Como ven ustedes, hay cierta preocupación [illegible] a no detenerse. En el pasado hubo varias iniciativas que no llegaron a su fin. La gente nos hace recordarlo.

Democracia participativa, conciencia, autodisciplina

Usted ha planteado una interesante pregunta sobre la actitud respecto al fortalecimiento de la disciplina y el orden. Sucede que los trabajadores mismos exigen más disciplina, más orden. Actuaremos de modo que se fortalezcan lo uno y lo otro. La gente se pronuncia por la buena organización, por la conciencia [illegible]

[illegible]

Cuando se están garantizadas a la sociedad las bases de una vida estable, el principal criterio para apreciar la actividad de la gente debe ser la cantidad y calidad del trabajo. En el pasado hubo desviaciones de este criterio, surgieron tendencias igualitaristas. Esto significaba que los ingresos de la persona no correspondían a su aporte, a sus posibilidades creativas, lo cual ejercía negativa influencia en la actividad laboral de la gente. Por eso, para nosotros, la principal tarea consiste en acabar con el igualitarismo. Es necesario respetar el trabajo de la persona, la calidad y la cantidad del mismo. Aunque, desde luego, hay quienes desean trabajar menos y ganar más, como grandes científicos, buenos especialistas, obreros altamente capacitados, campesinos [illegible].

Nuestra tarea, repito, consiste en afianzar plenamente el principio del socialismo: de cada cual, según sus capacidades; a cada cual, según su trabajo.

En cuanto a los beneficios, se puede decir lo siguiente.

El aporte de cada uno a la sociedad

Hay los beneficios previstos por el Estado. Esto está relacionado con el registro de la cantidad y la calidad del trabajo útil para la sociedad, con el aporte de cada persona concreta.

[illegible]

POCO LEGIBLE

.02.

87060037

'bachov

...los hay. La empresa asume los gastos en la manutención del local para el comedor y otros gastos, a los trabajadores les proporciona comida a precios bajos. De esto se ocupan la administración y el comité sindical de la fábrica.

Funcionan establecimientos médicos que prestan servicios a los trabajadores de una empresa determinada. Además, no sólo son policlínicas, sino también Casas de Descanso y Preventorios, situados cerca de la empresa y, digamos, en el litoral del Mar Negro y en otros lugares. En la empresa funcionan comercios, secciones para encargar lotes de comestibles, talleres de costura, etc.

Me referí a empresas, pero el personal de la Academia de Ciencias, de la Unión de Escritores y demás organizaciones análogas, también tienen sus servicios y sus sanatorios, preventorios, segundas residencias en el campo y otras. Así se soluciona este problema.

Servicios análogos también los tienen el Komsomol, los sindicatos (una de las organizaciones más ricas en el país) y el aparato del partido. Tal situación se formó históricamente.

En tal sistema surgieron, desde luego, determinados problemas. Se dan casos de que algunas personas se extralimitan. Tales fenómenos, naturalmente, son objeto de severa crítica por parte de los trabajadores.

Vivienda, salud, educación, jubilaciones

El partido lucha por la solución de los problemas sociales. Se cumplen importantes medidas para perfeccionar la actividad en el terreno social. Estamos acelerando la construcción residencial. El 10% de las inversiones planificadas en la industria se asignan a la edificación de viviendas. Se tomaron serias decisiones para reconstruir el sistema de sanidad pública. [illegible]

[illegible]

La lucha contra el alcoholismo

[illegible]

Las relaciones Italia - URSS

[illegible]

La eliminación de los misiles de alcance medio

A continuación, las respuestas que Mijail Gorbachov...

[illegible] camaradas italianos.

Pregunta. Hace poco usted dijo que el turismo no era su profesión y que, por lo tanto, iría a los EE.UU. sólo cuando se presentara la posibilidad real de concluir un acuerdo sobre el desarme. ¿Podría señalar los problemas fundamentales sobre los que, a juicio suyo, es necesario llegar a un acuerdo en un probable encuentro cumbre entre la URSS y los EE.UU.? ¿Considera usted, en particular, que ahora se ha hecho más real la perspectiva de un acuerdo con los Estados Unidos sobre los misiles de alcance medio?

Respuesta. En cuanto al turismo, esto es así. Pero en cuanto al realismo, es éste un rasgo que ha de ser obligatoriamente inherente a toda política. Es imposible resolver de una vez todo el conjunto de problemas que conlleva el disminuir la tensión y la confrontación militar en el mundo, pero por algo hay que empezar.

En este momento, el problema que realmente ha madurado para ser resuelto lo constituye, sin duda alguna, el de liquidar los misiles soviéticos y norteamericanos de alcance medio en Europa y reducir considerablemente su número en la parte asiática de la URSS y en el territorio de los EE.UU.

Lograr un acuerdo en este sentido y firmar por primera vez en la historia un convenio sobre la reducción radical, la casi liquidación de toda una clase de armas nucleares, es cuestión muy real. Dentro de las posibilidades está también el determinar las "posiciones clave" respecto a los armamentos estratégicos ofensivos, el Tratado ABM y los ensayos nucleares.

Hace unas semanas parecía que, como resultado del rápido avance de la parte soviética al encuentro de las posiciones de los EE.UU. y de sus aliados euroccidentales, la firma del acuerdo estaba al alcance de la mano.

[illegible]

Una nueva concepción del mundo

[illegible]

...se problema. Pero ahora todos estamos obligados a comprender de que es bien grave, de que no se puede permitir que la humanidad siga caminando hacia un punto, tras el cual está la nada. Lograr el acuerdo de comenzar el movimiento en dirección opuesta es el imperativo de la vida.

Ahora es un imperativo categórico de la política y de la diplomacia. Estructuramos nuestra política internacional precisamente con ese espíritu.

También sabemos, por supuesto, que nuestros cambios en la política exterior y nuestras exhortaciones a adoptar un nuevo modo de pensar provocan más de un disgusto en Occidente. Diré más: cada vez resulta más claro dónde se encuentran los focos de resistencia activa y quiénes quisieran organizar un frente de lucha contra los nuevos enfoques en la política exterior.

Sin vencer la resistencia de los que se aferran a la obsoleta política de fuerza y a los caducos estereotipos en las relaciones Este-Oeste, sería difícil esperar un mejoramiento radical en las relaciones internacionales, esperar la garantía de una paz sólida y segura.

Las relaciones internacionales en un mundo desnuclearizado

El otro aspecto del problema c... ste en que un viraje brusco en el desarrollo histórico siempre da origen a innumerables problemas nuevos, y no hay una respuesta para todo. Pero cuando hay buena voluntad y comprensión, se puede y se debe buscar y encontrar esas respuestas, facilitándolo, además, con esfuerzos colectivos.

Ahora, cuando la Unión Soviética y los demás [illegible]

Una política hecha por todos los hombres para todos los hombres

[illegible]

(En la próxima edición de LA HORA Internacional publicaremos el fragmento final del reportaje)

03/03

POCO LEGIBLE

8706037

URSS

Crítica al catolicismo [illegible]

Moscú (ANSA) — En ocasión del 600º aniversario de la cristianización de Lituania, la única república soviética con mayoría católida, (en polémica con el Vaticano, y personalmente con el Papa), la agencia moscovita "Novosti" difundió un comentario donde afirma que el catolicismo fue "importado en Lituania a hierro y fuego" y "provocando inmensos daños a las tribus paganas lituanas".

"Cada vez que Juan Pablo II llega a Polonia —dijo la agencia soviética— se traslada también mentalmente a Lituania, y no cesa de repetir que Santa María Virgen, 'reina de Polonia' no deje de ser la 'gran princesa de Lituania'".

Según "Novosti", el Pontífice y la Iglesia Católica que ahora están celebrando el 600º aniversario del catolicismo en Lituania, exaltando el "rol civilizador" del mismo, prefieren ignorar la "historia auténtica" de la cuestión.

"En cambio —sostiene la agencia— como fue comprobado históricamente desde hace tiempo, el catolicismo fue importado en Lituania, por una parte con hierro y fuego, y por la otra, gracias a la astucia y a las intrigas del clero católico".

5/7/87 La Prensa

01 | 01

8706045

024

URSS-CORRUPCION. Moscú, 15 (ANSA). — La Corte Suprema de la Unión Soviética condenó a 13 años de reclusión al ex viceministro del Comercio Exterior, Vladimir Sushkov, y a 11 años a su esposa Valentina, alta funcionaria del Comité de Estado para la Ciencia y la Técnica.

El ex viceministro, pero sobre todo su esposa, eran activísimos interlocutores de las empresas italianas que operan en la unión Soviética. También el asistente de Sushkov, Jevghani Kuzminykh, fue condenado a seis años de reclusión.

La "TASS" dio hoy noticia de las severas condenas subrayando que Sushkov fue reconocido culpable de "haber abusado de su posición y, con la complicidad de su asistente, de haber obtenido sobornos de empresas extranjeras por un monto de casi 127 mil rublos".

Valentina Sushkova —reza la sentencia— se hacía corromper "a cambio de una conducta benévola hacia em-[illegible]

PERLA

URSS

01|01

8706067

PS 020

Contactos secretos

Representantes del gobierno de Israel y de la Unión Soviética tuvieron diversos contactos secretos que se llevaron a cabo en otros países, en los últimos cuatro meses, afirmaron fuentes árabes.

Los portavoces señalaron que aun cuando no hay avance aparente en las negociaciones —que concluirían con la reanudación de las relaciones diplomáticas— el objetivo inmediato de Moscú sería lograr el apoyo de Israel para la presencia soviética en una eventual conferencia internacional de paz sobre el Medio Oriente. Obviamente, esto está directamente conectado en el llamamiento común de israelíes y palestinos moderados para un contacto internacional (ver nota por separado) y con la conocida posición del líder laborista israelí Shimon Peres, en cuanto a la afirmación de la presencia de Moscú en cualquier negociación directa, con un papel catalizador.

El primer ministro del estado hebreo, Yitzhak Shamir, se opone a la idea de la presencia soviética, pero en el plano político Israel planea desarrollar sus relaciones con la URSS.

Por supuesto, no existe ninguna aproximación seria en cuanto a la fecha en la que podría tener lugar un encuentro internacional sobre el Medio Oriente.

Diplomáticos occidentales coincidían en que a los soviéticos les gustaría la idea de una conferencia internacional sobre el Medio Oriente, pero su presencia estaría —hasta hoy— obstaculizada por Israel. Ambos estados, como se sabe, rompieron sus relaciones en 1967.

Por su parte, Washington busca minimizar la influencia creciente soviética en la región, a tal punto que hay indicios claros de haber moderado su oposición inicial a la realización de una conferencia.

Fuentes occidentales, exhibiendo más optimismo que cautela, señalaron que los contactos entre israelíes y soviéticos —que no se discuten— "no produjeron ningún cambio sustancial de las posiciones de cada país". Sin embargo, fuentes árabes, a la vez que coinciden en la tesis de que no ha habido cambios importantes como derivación de las conversaciones, aseguran que una conferencia internacional sobre el Medio Oriente podría llevarse a cabo entre setiembre y diciembre.

Bleu... 30/3/87

PERIA

URSS cruzar con ISRAEL

01/01

8706083

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Soviet Union: The Central Committee Plenum.

PROCEDENCIA: Enlace Ingles 3/8/87 Doc. 1098/87

ARCHIVADO EN: Enlace Ingles (135/c)

01.01 8706119

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Eastern Europe: Impact of Gorbachev's Policies.

PROCEDENCIA: Enlace Ingles 3/8/87 Doc. 1092/87

ARCHIVADO EN: Enlace Ingles (135/c)

01.01 8706120

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: The Soviet Economy: Recent Economic Developments and Prospects to 1990.

PROCEDENCIA: Enlace Ingles 3/8/87 Doc. 1097/87

ARCHIVADO EN: Enlace Ingles (135/c)

01.01 8706121

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Soviet Union: Defence Shakeup.

PROCEDENCIA: Enlace Ingles 3/8/87 Doc. 1094/87

ARCHIVADO EN: Enlace Ingles (135/c)

01.01 8706122

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: USSR: Radioactive MATERIALS IN Ignition Units of Engines.

PROCEDENCIA: ENLACE Aleman 3/8/87 Doc 0708/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Aleman (135/C)

01.01 8706145.

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: USSR: THE plenary Meeting of THE CPSU Central Committee (27-28 January 1987)

PROCEDENCIA: ENLACE Aleman 3/8/87 Doc 0710/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Aleman (135/C)

01.01 8706146

RS 026

TASS cruzar con Paquistán

12/6/87

53 personas murieron

Misil destruye en pleno vuelo avión soviético

NUEVA DELHI, (EFE).- Un niño de seis años y otro pasajero fueron los dos únicos supervivientes del desastre aéreo ocurrido ayer en Paquistán, al norte de la India, cuando un misil destruyó en pleno vuelo un avión comercial con 55 personas a bordo.

Según informaciones llegadas aquí desde Kabul, capital de Afganistán, el atentado se produjo a las 14:00 GMT cuando guerrilleros musulmanes dispararon un misil tipo Stinger, fabricado en Estados Unidos, contra un avión comercial Antonov 26.

El avión soviético fue alcanzado por el misil en pleno vuelo tras despegar del aeropuerto de Kalat, situado a unos 260 kilómetros al suroeste de Islamabad, capital de Paquistán.

Radio Kabul dijo que entre los muertos se encontraban 16 mujeres y 10 niños, que formaban parte de los pasajeros y tripulantes del avión que se dirigía a Kabul.

La emisora añadió que el avión fue derribado por un misil Stinger, según había confirmado el Ministerio de Asuntos Exteriores afgano.

El misil alcanzó de lleno al avión cuando sobrevolaba la zona de Shah Gui, ochenta kilómetros al noreste de Kalat, durante un vuelo rutinario.

ANTICOMUNISTAS RESPONSABLES

Al parecer, el misil fue disparado por guerrilleros musulmanes anticomunistas, según informó a una agencia de prensa de Paquistán el partido radical Hezb Islami, proestadounidense, que lucha contra el gobierno de Afganistán, apoyado por la Unión Soviética.

No se ha podido confirmar si el avión derribado pertenecía a las líneas aéreas Bajtar de Afganistán, o las fuerzas aéreas de este país.

La emisora oficial de Kabul dijo también que el misil Stinger es un cohete tierra-aire teledirigido que fue disparado por extremistas de la oposición, refiriéndose a los guerrilleros musulmanes anticomunistas que luchan contra el gobierno de Kabul.

Los Antonov 26 son aviones de transporte utilizados por el gobierno afgano para el traslado de tropas y de civiles.

Los rebeldes musulmanes, apoyados por Estados Unidos, China e Irán, empezaron a recibir los misiles Stinger desde finales del año pasado.

Radio Kabul añadió que el misil que derribó el avión de fabricación soviética ha sido un regalo de los imperialistas extranjeros y de las fuerzas reaccionarias.

Tanto Moscú como el gobierno de Kabul han dicho repetidas veces que Paquistán y Estados Unidos apoyan a los guerrilleros musulmanes en su lucha contra Afganistán, país donde hay más de cien mil soldados soviéticos.

DS

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: LA PUTONA en el poder chino

PROCEDENCIA: Clarin 12/7/87

ARCHIVADO EN: R.P. China (033)

01 | 01

8706153

RS 026

CERLA

Viajan ediles a la URSS



Viaja hoy hacia la Unión Soviética una delegación de ediles de Canelones, quienes anoche se despidieron del Embajador Igor K. Láptev. En la fotografía tomada en la representación diplomática, aparecen junto al Embajador los ediles Ing. Agr. Eduardo Chiesa, presidente de la delegación; Esc. Freddy González Araújo, Dr. José Ríos y Esc. Jorge de Simone.

La Mañana 12/6/87

URSS

01/01

8706154

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Destacan Vínculos de cooperación entre la URSS y Bulgaria

PROCEDENCIA: LA HORA 12/5/87

ARCHIVADO EN: Bulgaria (005)

01/01

8706189

Buenos Aires, viernes 3 de julio de 198[illegible] Clarín

Un nuevo jefe militar asumió la defensa aérea en la URSS

La designación del general de ejército Iván Tretyak como nuevo comandante del sistema defensivo antiaéreo de la URSS marca según los analistas la culminación de la reorganización de las fuerzas armadas emprendida por Gorbachov. Ese proceso fue precipitado por el aterrizaje del piloto germanooccidental Mathias Rust en la Plaza Roja.

MOSCU, 2 (UPI, AP, AFP y DPA). — Un mes después de la hazaña del joven piloto germanooccidental Mathias Rust, quien aterrizó frente a las murallas del Kremlin tras haber sobrevolado clandestinamente la Unión Soviética, la defensa antiaérea de la URSS completó hoy el mayor cambio desde la Segunda Guerra Mundial al informarse el nombramiento del general del ejército Iván Tretyak como jefe de dicho sistema en reemplazo del mariscal Alexander Goldunov.

El nombre del sucesor de Goldunov, destituido por el Politburó el pasado 30 de mayo junto con el entonces ministro de Defensa, mariscal Serguei Sokolov, apareció hoy discretamente en una breve información del diario del ejército, Estrella Roja, sobre una reciente reunión del Estado Mayor General. Poco después, el flamante jefe habló ante sus subordinados subrayando la necesidad de reforzar las defensas de las fronteras del país.

Desde 1976 Tretyak era comandante de la zona militar soviética en el Lejano Oriente; se recordó especialmente que en 1983 durante su comando, la defensa aérea derribó sobre la isla de Sajalín un avión comercial Boeing 747 surcoreano de la línea KAL, tomado por una aeronave espía por haber penetrado el espacio aéreo del país: perecieron sus 269 pasajeros y tripulantes.

La Unión Soviética ha negado su responsabilidad por dicho incidente, afirmando que Estados Unidos había enviado el avión en una misión de espionaje.

Tretyak, de 64 años, obtuvo varias promociones militares y políticas desde que el máximo líder soviético, Mijail Gorbachov, llegó al poder: a mediados de 1986 fue nombrado viceministro inspector general de los ejércitos, y en marzo de ese mismo año miembro titular del comité central partidario, tras 10 años de paciente espera como suplente.

Por otra parte, Tretyak está estrechamente asociado al nuevo ministro de Defensa, general Dimitri Yazov, de quien recientemente fue su superior jerárquico durante más de un año en el Teatro de Operación Principal del Lejano Oriente.

Los especialistas militares esperaban hoy que el nuevo ministro Yazov sea ascendido a mariscal en los próximos meses; sin duda este mismo año, al celebrarse el septuagésimo aniversario de la Revolución de Octubre.

El mismo periódico reveló días pasados que se habían producido más despidos, al dar cuenta de que el general V. [illegible] había sustituido al mariscal Anatoly U. Konstantinov como jefe de la defensa aérea del distrito de Moscú. También informó que el Partido Comunista expulsó de sus filas a otros oficiales de alto rango en el distrito moscovita, entre ellos dos [illegible] generales, un mayor general y un coronel.

¿Gorbachov versus militares?

Este último nombramiento corona así una serie de cambios en los comandos de defensa antiaérea, que afectaron a todas las unidades a partir de Moscú y a lo largo del trayecto que siguió Rust con su pequeña avioneta monomotor Cessna hasta arribar el 28 de mayo a la capital. Según opinaron hoy en Washington expertos gubernamentales y académicos, esta profunda reorganización indica que el líder soviético Mijail Gorbachov ha decidido asumir en forma directa el control de las fuerzas armadas.

Pero el secretario general del Partido Comunista soviético "tal vez haya ido demasiado lejos y demasiado pronto", observó uno de los expertos.

El incidente del Cessna fue "un pretexto para echar a Sokolov", dijo en la fecha Stephen Meyer, experto en asuntos militares soviéticos que se desempeña en el Instituto Tecnológico de Massachusetts.

Al sustituir a Sokolov, de 74 años, por Yazov, de 64 y que era el más joven de los 14 viceministros de Defensa, Gorbachov buscó "introducir sangre más joven y más dinámica en la burocracia", como parte de su campaña de reformas moderadas, señaló el especialista.

Los expertos señalaron también que el buró político del Partido Comunista soviético parece tratar de limitar el poder de los militares, afirmando que esa iniciativa comenzó en 1984: ese año se trasladó al jefe de Estado Mayor Nikolai [illegible] que fue asigna[illegible]

01/01

[illegible]706195

HAZAÑA ESPACIAL SOVIETICA

220 minutos en el cosmos para el acoplamiento del módulo "Kvant"

Moscú (Por Ricardo Saxlund PL). Es posible que un recuerdo al inolvidable Yuri Gagarin, a 26 años de esa primera hazaña en la conquista del espacio, haya estado en la cabeza de Yuri Romanenko y Alexandr Laveikin, los pasajeros habitantes de la "Mir", la estación orbital con que realizaron el acoplamiento completo del módulo astrofísico "Cuanto" con "su casa".

El sábado a las 23.41, los cosmonautas abrieron la portezuela de su vivienda y se "encaminaron" hasta donde el módulo "Cuanto" estaba unido a la estación; separaron ambos ingenios a la mayor distancia posible y observaron la causa de la irregularidad en el ajuste: comprobaron la presencia de un objeto extraño que había caído entre los dos aparatos e impedía el acoplamiento perfecto. Pusieron manos a la obra, eliminaron el obstáculo y procedieron al acoplamiento combinando su iniciativa con las indicaciones desde Tierra.

La operación culminó exitosamente y los cosmonautas volvieron "a casa" tras 220 minutos fuera de ella. Saludables, contentos, sonrientes. Han hecho funcionar el primero de los módulos especializados que forman el complejo espacial pilotado, el primero permanente, multifuncional, que abre las mayores perspectivas para la investigación del espacio y la vida en órbita de la Tierra.

Romanenko y Laveikin, desde el espacio, han vuelto a declarar la finalidad de la cosmonáutica soviética: como desde Gagarin y los creadores de esta rama de la ciencia y la técnica, la exploración del espacio por la URSS está puesta al servicio del bien de la humanidad. Doble fiesta que ayer en la noche se alumbró con fuegos artificiales en Moscú y las principales ciudades de la URSS.

El acoplamiento del complejo "Mir-Kvant-Soyuz TM2", amplía considerablemente las posibilidades investigativas del cosmos en interés de las ciencias y la economía.

El complejo tiene un peso de 31 toneladas y 35 metros de longitud, y por los instrumentos de que está dotado abre también amplias perspectivas de colaboración en el campo de la exploración pacífica del espacio, en opinión de las autoridades soviéticas.

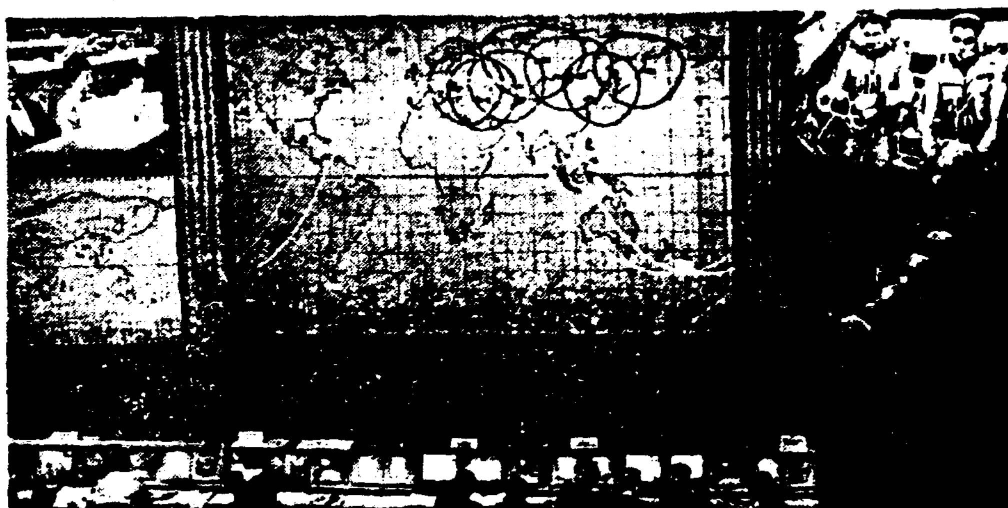
Unico en su género, el ingenio múltiple incluye un observatorio espacial ("Roentgen"), y un telescopio ultravioleta ("Glazar"), destinados a realizar un amplio programa de experimentos en el campo de la astronomía extra atmosférica.

Entre ellos, investigaciones de las fuentes de emisión de rayos equis en una vasta banda de longitudes de onda, de las estrellas espectrales de diferentes clases y de las galaxias que se encuentran en la franja ultravioleta del espectro.

Para las investigaciones astrofísicas, además de los aparatos científicos mencionados, se encuentra una instalación de electroforesis (Svietlana), cuyo fin es obtener en estado de ingravidez, partidas experimentales de sustancias superpuras biológicamente activas.

Se trata, en realidad, de una verdadera fábrica para la obtención de materiales imposibles de conseguir en condiciones del planeta Tierra, cuyas posibilidades surgieron del primer viaje del hombre por el espacio, realizado por el soviético Yuri Gagarin el 12 de abril de 1961.

Llamado por sus creadores "Complejo Multifuncional Permanente Poblado", el ingenio actual es también el primero de una serie de módulos especializados en explotación, destinado a elevar la rigurosidad de las investigaciones, la eficiencia de la economía interna y las posibilidades de colaboración pacífica internacional.



El telepuente cósmico, en el centro de control de vuelo en Moscú, donde se siguió paso a paso la operación de acople del "Kvant" al complejo "Soyuz TM2-MIR".

URSS y Perú por la moratoria nuclear

Lima (IPS). La Unión Soviética y Perú propugnaron por el cese inmediato de cualquier tipo de ensayo nuclear con fines destructivos, y exhortaron a multiplicar los esfuerzos por lograr la paz, según un comunicado difundido el sábado.

El documento registra las conclusiones del encuentro, finalizado el viernes, sostenido por una delegación legislativa soviética y los presidentes de las dos cámaras parlamentarias del Perú, Armando Villanueva y Fernando León.

La declaración indicó que la Unión Soviética y Perú expresaron su apoyo a la justa demanda de los países no desarrollados sobre la necesidad de establecer un nuevo orden económico internacional y de resolver el problema de la deuda externa, mediante la convocatoria a una reunión mundial sobre dicha cuestión.

Según el comunicado, los legisladores soviéticos y peruanos suscribieron una declaración conjunta que expresa las coincidentes líneas diplomáticas de los dos países en relación con la paz mundial.

La delegación soviética, que permaneció tres días en Perú, estaba presidida por Grant Voskanian, vicepresidente del presidium del Soviet Supremo, quien se entrevistó también con el presidente Alan García.

"En la declaración conjunta —indicó el comunicado—, hubo unanimidad en cuanto a los esfuerzos de paz en América Central, sustentados en los principios de la no intervención y la libre determinación de los pueblos, poniendo en relieve los esfuerzos del Perú para lograr la paz y la concordia en la región y su papel en la creación y gestiones del Grupo de Apoyo a Nicaragua".

Perú integra con Argentina, Brasil y Uruguay el Grupo de Apoyo a Contadora.



Presidente del Perú, Alan García



Mijail Gorbachov, secretario general del PCUS.

Moscú propone una reunión de todas las fuerzas progresistas, para afianzar la paz mundial

UNA GRAN INICIATIVA

El dinamismo, la movilidad, el espíritu de iniciativa de la política exterior soviética, adquieren un ritmo acelerado, similar al que inspira la aceleración del desarrollo como base de su política interna. En las últimas semanas, las visitas del secretario general del PCUS a las capitales de varios países socialistas europeos, han ido pautando nuevas propuestas, en particular las tendientes a crear una Europa desprovista de armas nucleares (y también la reducción de los ejércitos covencionales), y el retiro de misiles de la región asiática, inmediatamente rechazado por Reagan.

Estas ideas han encontrado un eco amplísimo. El Grupo de los Seis se dirigió a los líderes soviético y norteamericano, instándolos a no perder la oportunidad de dar un significativo paso en el camino del desarme nuclear en Europa.

Desde Moscú surge además la iniciativa de reunir en el 70o. aniversario de la revolución rusa, a todos los partidos y fuerzas mundiales que luchan por la paz y el progreso, con el objetivo primordial de impedir una guerra nuclear.

Se está corriendo una verdadera carrera contra el tiempo.

Por Niko Schvarz

En las conversaciones bilaterales de ginebra se está debatiendo en torno a las propuestas soviéticas formuladas en su esencia por Gorbachov en Praga, durante el pasado mes de abril con vistas a eliminar los cohetes de alcance intermedio en Europa.

Gobernantes de Estados Unidos y de los países de la OTAN manifestaron que no se pueden destruir los misiles de alcance intermedio sin solucionar simultáneamente el problema de los cohetes de corto alcance o táctico-operativos. La Unión Soviética se manifestó de inmediato a favor de destruir igualmente este tipo de armas. Entonces, los interlocutores declararon, sobresaltados, que se les quería desarmar frente al poderío del Tratado de Varsovia.

Más adelante se presentó la condición de que se renunciara a las cien cabezas coheteriles que debían permanecer en la parte asiática de la URSS, y en los Estados Unidos, de acuerdo a lo convenido en Reykjavik. Inmediatamente la URSS declaró que estaba dispuesta a eliminar estos cohetes, instando a Estados Unidos a adoptar una medida equivalente. Pero Reagan se negó.

Como se advierte, las propuestas se suceden a ritmo acelerado, pero los resultados concretos siguen sin aparecer a la vista.

Es en relación a estas circunstancias que Gorbachov decía el 25 de mayo en Bucarest, en el curso de su visita a Rumania:

"Nosotros no perdemos las esperanzas de que predomine el sentido común en los países de la OTAN y se aproveche la actual chance a favor del desarme, verdaderamente único en su género, de que a la solución del problema de los cohetes de alcance medio siga una especie de reacción en cadena, como consecuencia de la cual Europa dejará paulatinamente de ser lugar de concentración de la cantidad de armas más monstruosas de toda la historia de la humanidad. Y esto, a su vez, dará impulso a un amplio desarrollo de la colaboración en el continente, con el cual saldrían ganando todos los pueblos del Mundo, y no sólo los de Europa."

Estas propuestas no son las únicas. Hace un año, el Tratado de Varsovia se dirigió a todos los países europeos con un programa concreto de reducción de las fuerzas armadas, de los armamentos tácticos nucleares y convencionales desde el Atlántico a los Urales. En contraposición, la OTAN —reunida el 27 de mayo en Bruselas— acordó reforzar el armamento convencional. En Bucarest, Gorbachov evocó las propuestas de Rumania y Bulgaria en el sentido de transformar a los Balcanes en una zona sin armas nucleares ni químicas, agregando la conveniencia de liberar a la Península Balcánica de toda clase de tropas y bases militares extranjeras. Asimismo, Checoslovaquia y la RDA proponen la creación de un corredor desnuclearizado en Europa Central (idea compartida por el Partido Socialdemócrata alemán), y Polonia sugirió un plan integral de reducción de armamentos en el centro del viejo continente.

"Los Seis": no perder la oportunidad

Esta concepción sobre la eliminación de los cohetes intermedios en Europa coincide con el punto de vista del Grupo de los Seis de Nueva Delhi. El pasado 22 de mayo, al cumplirse tres años de su constitución, reafirmaron su voluntad indeclinable de continuar bregando por la paz y el desarme mundial, noble labor que merece el reconocimiento de la humanidad.

Nuestro reciente huésped, el presidente Alfonsín, firmó conjuntamente con Miguel De la Madrid, Rajiv Gandhi, Andreas Papandreu, Julius Nyerere e Ingvar Carlsson, una misiva al presidente Reagan y al secretario general Gorbachov, instándolos a que no se pierda la posibilidad de iniciar el proceso real de desarme. Destacan que está al alcance de la mano la eliminación de las armas nucleares intermedias en Europa, lo que debiera convertirse en el paso inicial de la eliminación de las armas nucleares en el mundo. Los medios idóneos conducentes a este fin serían el cese total de los ensayos nucleares y la prevención de la carrera armamentista en el espacio exterior.

Se descuenta, en base a lo que antecede, una respuesta afirmativa del líder soviético. Y es de preguntarse si la contestación del presidente norteamericano será la reiteración del silencio que siempre ha guardado en casos similares.

Hacia una gran reunión de las fuerzas progresistas

En la entrevista que publicó hace unos días "L'Unità", órgano central del Partido Comunista Italiano, Gorbachov anunció que a la conmemoración del 70° aniversario de la revolución de octubre están siendo invitadas numerosas delegaciones de distintos partidos y movimientos políticos y sociales progresistas. La dirección soviética, señaló, se propone organizar en esos días en Moscú un encuentro no formal para sostener un amplio intercambio de opiniones sobre los problemas más importantes que preocupan a toda la humanidad, con la participación de los comunistas y de representantes de otros partidos y movimientos. Sin ningún documento previo, y sin hacer un resumen de los resultados de la reunión.

Las relaciones entre las diversas fuerzas progresistas, acotó el secretario general del PCUS, son muy diversas; pero es indudable que hoy en día se refuerza su interacción, a escala de todo el planeta, y que la solidaridad, la cooperación y el entendimiento recíproco resultan cada vez más indispensables por la magnitud de los problemas que requieren un enfoque internacional global, ante todo el de evitar un holocausto mundial. A este problema deben sin duda subordinarse todos los demás.

En este sentido, el diálogo es un imperativo de nuestro tiempo y una expresión de la interdependencia en este mundo complejo, contradictorio, abigarrado, multicromático.

En el mencionado reportaje, Gorbachov señala que cada uno de los partidos comunistas se desarrolla en el terreno nacional. Al mismo tiempo, expresando los intereses de los trabajadores de sus países, alientan el objetivo común de la paz y el socialismo. Esto es lo que los une y determina las variadas formas de colaboración y cooperación práctica entre ellos.

En las actuales condiciones históricas, no se requiere para ello ningún mecanismo especial, ni menos ningún "centro". Más aun: ello estaría ahora contraindicado, y por otra parte, ningún partido lo propone. No solamente la definición de la línea política y de las formas de actividad de cada partido es de su plena competencia, sino que también la cooperación entre ellos es posible únicamente sobre una base voluntaria y en estricto pie de igualdad.

El líder soviético declaró asimismo no comprender por qué en algún sector del movimiento existen prevenciones respecto a los encuentros multilaterales de los representantes de los partidos comunistas, cuando otras fuerzas políticas y sociales, incluso no progresistas, realizan activa y sistemáticamente sus encuentros internacionales. Esta cuestión, a juicio de Gorbachov, debe enfocarse sin ideas preconcebidas, haciendo a un lado antiguos recelos y clisés, y abordando con nuevos criterios la nueva situación.

En la misma entrevista, el secretario general del PCUS expresó conceptos de gran interés al responder a una pregunta sobre las relaciones con la República Popular China, afirmando que la Unión Soviética actúa enérgicamente en la dirección que conduce a la plena normalización de las relaciones entre los dos mayores países socialistas. En los últimos tiempos se desarrollan dinámicamente las relaciones económico-comerciales, técnico-científicas y culturales, y se efectúan consultas políticas sobre varios de los principales problemas internacionales. La URSS y China subrayan que la paz es indispensable para cumplir las tareas internas de renovación social; ambos declaran que nunca serán los primeros en utilizar las armas nucleares y se pronuncian categóricamenete contra la "guerra de las galaxias". "Nos interesamos por todo lo que se hace en China para ordenar y modernizar la economía —señaló Gorbachov— y deseamos de todo corazón al gran pueblo vecino y al Partido Comunista de China éxitos en esta difícil causa".

El llamado consiguiente a buscar todo aquello que se aproxime a las fuerzas y partidos progresistas se basamenta en el respeto al derecho de todos y de cada uno a la independencia, a la expresión de su punto de vista, a la búsqueda propia de las vías de la verdad. Si este espíritu prevalece, Moscú sería la sede, en el entorno del 7 de noviembre, de una muy significativa reunión de partidos comunistas y fuerzas progresistas de proyección mundial, con el norte de asegurar a la humanidad un futuro de paz.

ps

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: LA URSS propuso el retiro del Golfo de las naves de fuerza extranjeras

PROCEDENCIA: Clarín 14/7/87

ARCHIVADO EN: Conf. IRÁN - IRAK (081)

01/01

8706205

Sepúlveda y Gromiko reunidos en Moscú





Bernardo Sepúlveda y Andrei Gromiko.

Moscú, (Por Ricardo Saxlund). Fuentes diplomáticas mexicanas caracterizaron muy cordial y positiva la entrevista sostenida ayer por la mañana por el secretario de Relaciones Exteriores de México, Bernardo Sepúlveda, con Andrei Gromiko, presidente del Soviet Supremo de la URSS.

La visita de Sepúlveda a Moscú se considera reciprocidad a la de Eduard Shevardnadze a México. Sepúlveda y el canciller soviético se han reunido desde el domingo, en varias ocasiones. El miércoles, Sepúlveda se constituirá en el primer Canciller latinoamericano que se entrevista con Mijail Gorbachov.

El centro de las entrevistas aquí, por parte mexicana, es la búsqueda de nivelar con las amistosas e históricas relaciones diplomáticas y políticas las de tipo económico y comercial. Cifra México especial expectativa en función de las nuevas normas para el comercio exterior de la URSS.

En el plano político se estima recíprocamente la prolongada coincidencia y hasta igualdad de posturas en temas internacionales cuyos momentos iniciales se señalan por haber sido México el primer país latinoamericano que reconoció al Estado soviético y, no mucho después, por la actitud en defensa de España Republicana.

Al mediodía de ayer altos funcionarios de la cancillería mexicana se reunieron con periodistas soviéticos que han trabajado en México y con corresponsales hispanohablantes que trabajamos en Moscú. No fue "una conferencia de prensa" y sí un cordial ágape en que se habló informalmente. Pero, si bien no faltaron muestras de buen humor y hasta, por ejemplo, referencias personales a recientes encuentros en Montevideo y Punta del Este. Se habló mucho del trabajo de Contadora y el Grupo de Apoyo, de la situación centroamericana, de la deuda externa, de la actividad de los Seis de Nueva Delhi, de las relaciones entre México y Cuba, de las nuevas posiciones de los gobiernos constitucionales de América Latina y de la importancia de la paz y el desarme.

URSS

01 / 01

Q5

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Alemania Federal rechazó el plan Soviético para el desarme europeo.

PROCEDENCIA: Diario 16/5/87

ARCHIVADO EN:

DESARMES (022)

01/01 8706221

Q5

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Releva al ministro de defensa y destituye a otro Mariscal.

PROCEDENCIA: Diario 31/5/87

ARCHIVADO EN:

Fichaje (8)

01/01

8706227

LA NACION

Buenos Aires, lunes 20 de julio de 1987

Fundado por Bartolomé Mitre el 4 de enero de 1870
"LA NACION será una tribuna de doctrina" (Núm. 1, Año 1)

Director: DR. BARTOLOME MITRE

Reformas en la Unión Soviética

El Comité Central del Partido Comunista y, luego, el Soviet Supremo aprobaron las reformas propuestas por Mikhail Gorbachov, tendientes, según la versión oficial, a la democratización política, social y económica conocida con la denominación de "glasnost", que significa apertura en su sentido más general.

En el orden político se procura una cierta discusión de las cuestiones públicas por los medios de difusión, y una diversidad de opciones aplicada a la elección de los candidatos para algunos cargos en los consejos gubernamentales. Otra ley aprobada se refiere a la apelación ante tribunales administrativos por parte de ciudadanos que consideren violados sus derechos. Todo esto sigue a la liberación de un grupo de escritores y científicos internados en "clínicas psiquiátricas", entre los que se encuentra Andrei Sakharov.

Las severas críticas que Gorbachov acaba de lanzar contra la dictadura stalinista –de una dureza que no reconoce precedentes– parecen destinadas a reforzar la credibilidad de la opinión pública mundial respecto de la sinceridad de su proyecto reformista. El jefe del gobierno soviético afirmó que el pueblo de su país "no podrá olvidar ni justificar jamás lo que ocurrió en 1937 y 1938". Se refería a las crueles purgas dispuestas durante esos años por Stalin contra los cuadros del partido, los sectores culturales y el ejército. Es cierto que también formuló –acaso para contrarrestar en alguna medida sus propios ímpetus aperturistas–, una seria advertencia al periodismo, al anunciar que aquellos periódicos y revistas que sugieran valores o propuestas que estén "más allá del interés del pueblo y más allá del socialismo" serán objeto de una crítica pública por parte del comité central.

En el orden económico, la ley de empresas, que entrará a regir gradualmente a partir de 1988, permitiría la competencia entre las fábricas y las llamadas cooperativas; dejaría librada la fijación de los salarios a las distintas unidades y aceptaría el despido de personal. Dentro del mismo criterio, las empresas podrán desenvolver sus propias estrategias de producción, fijar precios y presentar su bancarrota si no son competitivas. Ello representaría una innovación significativa, teniendo en cuenta que, desde 1917, la URSS tiene una economía exclusivamente estatal, autoritaria, planificada y cerrada al exterior.

Todas las débiles tentativas anteriores de abrir estos cerrojos terminaron muy pronto sin éxito alguno, como lo demostró Khruschev a fines de la década del 50. Otros propósitos de corregir la gran ineficiencia y baja productividad de esta nación, corporizados por Yuri Andropov y por el mismo Gorbachov en los últimos años, no dieron tampoco resultado. La ausencia de motivación, el alcoholismo y los privilegios de la "nomemklatura" demostraron en poco tiempo su inconsistencia.

La aplicación del marxismo ortodoxo, con su pretensión de distribuir la riqueza en función de las necesidades presuntamente medidas con justicia por el Estado, ha fracasado en todo tiempo y en todas partes. Seguramente la URSS lo comprende bien, porque la desactualización intelectual del marxismo es un hecho aceptado hoy universalmente. Ocurre, sin embargo, que resulta complejo el desacoplamiento de la libertad política y la económica, sin correr riesgos de perder el control sobre la sociedad. Esto lo intentan China, en el continente asiático; Hungría en el este europeo, y varias naciones del Africa, para citar sólo algunos ejemplos.

Estos pueblos han comprendido la dificultad de progresar sin incentivos individuales y están viviendo la experiencia consistente en mantener el control político autoritario flexibilizando las normas económicas para lograr mayor productividad. Sin duda por esto es que conviene prestar más atención a las reformas políticas que a las económicas, porque resulta ilusorio imaginar que los líderes soviéticos estén dispuestos a aflojar los resortes que les aseguran el control de la sociedad.

No se pueden dejar de advertir las dificultades de instrumentación del programa económico de Gorbachov si se tiene en cuenta la incompatibilidad de una programación central, que se piensa mantener, con una mayor libertad de acción de cada empresa. Son dos fuerzas que chocan irremediablemente, de modo que a poco andar una de ellas prevalecerá. No se puede estar sólo un poco embarazada, le han contestado a los planificadores dentro de la URSS, utilizando la mayor libertad de expresión que parece aceptarse hoy.

Estas decisiones podrían constituir, quizá, sólo un gran despliegue propagandístico de la dirigencia, con el propósito de recrear la imagen de la paloma de la paz, en pos de objetivos vinculados con el desarme y la negociación con Occidente. Pero la realidad es que existe un problema grave en la Unión Soviética por causa de las dificultades que se le presentan para seguir el ritmo de innovación y mejoramiento del nivel de vida propio de los grandes países desarrollados, que está calando hondo también en la esfera militar y estratégica.

Además, existen tensiones crecientes en la sociedad soviética que, aunque menguadamente, es receptora del impacto de los medios de comunicación masivos. La metrópoli del marxismo recibe, asimismo, el mensaje de sus satélites, que están comenzando a transitar caminos de liberalización por cuenta propia.

El interrogante final planteado quita el sueño de los analistas en diversas esferas del conocimiento social, político y económico del mundo. En todo caso se trata de uno de los acontecimientos más importantes que se viven hoy y sólo el tiempo dirá si, como otras veces, el régimen debe volver sobre sus pasos o si, por lo contrario, algo está empezando a pasar, de verdad, en el gigantesco imperio moscovita.

Fichaje URSS P

026

La Voz 20/7/87

URSS

disidentes internados

MOSCU, 20 (DPA). – La Unión Soviética admite que una parte de sus disidentes se encuentra sometida bajo tratamiento forzoso en los manicomios del país. Así lo revela una entrevista con el director del Instituto de Investigación de Psiquiatría General y Forense, Georgi Morosov, que publica hoy la revista Unión Soviética.

Sin embargo, Morosov subraya que sólo se somete a reconocimiento psiquiátrico profundo a aquellos opositores que se encuentran bajo investigación judicial. Algunos de ellos cometieron, –dijo– "acciones peligrosas" en perjuicio de la sociedad.

Mucho antes de que algunos de los "llamados disidentes" abandonaran la Unión Soviética, agregó, se les fueron detectadas enfermedades mentales que requerían tratamiento en centros psiquiátricos.

Otros trataron de encubrir su enfermedad para poder dar la impresión de que habían sido internados a pesar de estar absolutamente sanos, dijo Morosov.

En la semana pasada, varios psiquiatras soviéticos negaron acusaciones lanzadas desde Occidente en el sentido de que en la Unión Soviética se interna en hospitales psiquiátricos a ciudadanos por razones religiosas o políticas.

Sin embargo, calificaron al mismo tiempo de enfermos mentales a aquellas personas que "en su locura" se creen defensores de los derechos cívicos.

01/01

URSS

024

Mayores poderes a la policía rusa

Moscú (ANSA) — Las autoridades soviéticas decidieron dar mayores poderes a la policía y la magistratura para "restablecer el orden" en Moscú, perturbado por las manifestaciones de los tártaros de Crimea que piden un retorno a su tierra de la que fueran deportados por Stalin por colaboración con el nazismo.

La agencia TASS, al dar la noticia, informa además que algunos tártaros extremistas habrían mantenido contactos con el primer secretario de la embajada norteamericana, Sean Byrnes.

El ministro consejero de la embajada norteamericana en Moscú fue convocado a la Cancillería soviética para escuchar una protesta formal a causa de "las actividades no compatibles con las funciones diplomáticas normales" de Byrnes, quien se habría encontrado con extremistas tártaros, con el objeto de "inspirar manifestaciones nacionalistas" e instigar a algunos tártaros a perpetrar "acciones anti-sociales".

La primera consecuencia de los mayores poderes concedidos a la policía fue el arresto de algunos tártaros que intentaban realizar una manifestación callejera frente a la sede de la TASS.

"A nadie, —concluye la agencia soviética— le será permitido abusar de la democracia soviética y de las normas que garantizan los derechos de la ciudadanía". La Prensa 31/7/87

URSS

01/01

8706266

Martes 21 de julio de 1987 • LA PRENSA

La universidad Lumumba

Una sombra de terror sobre el tercer mundo

Por Juan Fercsey

Nueva York — ¿Qué tienen en común el comandante sandinista Henry Ruiz, el "mullah rojo" Hojatolislam Musavi Kho'einiha, el presidente angolano Eduardo dos Santos, y Carlos "el Chacal"?

Que todos fueron estudiantes de la "Universidad de la Amistad" Patricio Lumumba, de Moscú, fundada por Nikita Khruschev hace 27 años, tras la muerte del líder comunista congolés. La creación de la universidad Lumumba coincidió con el plan estratégico de Khruschev para penetrar en el "tercer mundo", en los países subdesarrollados, muchos de los cuales se encontraban en el umbral de su independencia en esos momentos.

"Los enterraremos", dijo Khruschev en los Estados Unidos en 1960, destacando que Moscú no quería una guerra nuclear ni una guerra convencional, sino que "dominaría el mundo con la ayuda de los movimientos de liberación nacional". Los estrategas políticos y militares soviéticos prepararon entonces una estrategia a nivel mundial, para la formación de una red global de grupos subversivos.

El centro de reclutamiento es la universidad Lumumba, actualmente con 8.000 estudiantes y un personal de 2.000. Es un moderno edificio de concreto y cristal, que ostenta a la entrada retratos de "Héroes del 'tercer mundo' ", tales como "Che" Guevara, Salvador Allende y Taraki, de Afganistán. Cuenta con seis escuelas, de ingeniería, medicina, física, agricultura, economía e historia. Junto a cada dos estudiantes extranjeros hay uno ruso. "Asesores" especiales observan a los estudiantes —sometidos a fuerte adoctrinamiento marxista-leninista— para determinar la presencia o ausencia de "cualidades de dirigente" y sus inclinaciones al terrorismo. Hace años, el profesor Vladimir Stanis, rector de la universidad Lumumba, dijo a un corresponsal del "Guardian" de Londres: "Las universidades occidentales no enseñan patriotismo; nosotros enseñamos patriotismo marxista-leninista". Confesó que él "personalmente" quería hacer de cada estudiante un comunista.

La concesión de becas es tarea de los partidos comunistas locales y de las organizaciones de "amistad" soviéticas. En 1957, los estudiantes extranjeros en la Unión Soviética eran 157; hoy, su número pasa de 20.000.

El comandante sandinista Henry Ruiz es la sombra de Daniel Ortega; suele acompañar al comandante-presidente a Moscú. Ruiz habla fluidamente el ruso. Otros comandantes estudiaron también en la universidad Lumumba y, entre ellos, "sandinistas de altura" como José Valdivia, íntimo de Tomás Borge. Cooperaba con estos sandinistas Américo Mauro Araujo Ramírez, sociólogo y líder guerrillero comunista salvadoreño que pasó cinco "años de Lumumba" en Moscú, haciendo visitas al mismo tiempo a Cuba y Nicaragua; fue arrestado en 1985.

Ese año —1985— la comandante Nidia Díaz fue capturada; su diario reveló que 33 guerrilleros salvadoreños habían sido enviados a Vietnam, Bulgaria, Alemania oriental y la Unión Soviética para entrenamiento de sabotaje, junto con antiguos estudiantes de la universidad Lumumba.

En México

También en 1985, en el otoño, el diplomático mexicano Manuel Portilla Quevedo fue encontrado muerto en su apartamento, bañado en sangre, con una bala en su cabeza; junto a él yacía asesinada una doncella mexicana, María del Carmen Ruiz. La prensa soviética nunca publicó la noticia del asesinato, ejecutado aparentemente por dos hijos de Portilla, mientras su ex esposa, la rusa Valentina Sumin, era arrestada por contrabando; la mujer había sido estudiante de la Lumumba. México ha sido por largo tiempo blanco de los terroristas de la Lumumba. En 1971, la policía mexicana desenmascaró un complot, arrestando a 19 terroristas que acababan de regresar de campamentos de entrenamiento guerrilleros en Corea del Norte, vía Unión Soviética y Alemania oriental. Cinco diplomáticos soviéticos fueron expulsados entonces de México.

Eduardo dos Santos, el comunista

Archivar en VASS

01/02

8706388

PERLA

sobre el "tercer mundo"

presidente de Angola, regresó de Moscú con el grado de "general". Jonás Savimbi, el guerrillero nacionalista angolano líder de UNITA, dijo a la sazón: "Es extraño que la universidad Lumumba pueda hacer a un estudiante general".

Los mullahs rojos

Hojatolislam Musavi Kho'eininha, fiscal general de Irán llevó a cabo la operación terror y la captura de los rehenes de la embajada de los Estados Unidos durante 444 días. El religioso musulmán radical fue estudiante de la universidad de Lumumba y después estudió en Leipzig, Alemania oriental, en donde era enlace entre el partido Tudeh (comunista) de Irán y Khomeini, cuando el ayatollah vivía exiliado en Najav, Irak. Organizó peregrinajes a La Meca, enviando 15.000 "Hizbulla" (matones) a la Arabia Saudita, de donde fue expulsado dos veces. Otro antiguo estudiante de la Lumumba es el diputado ministro de relaciones exteriores de Irán, Jeque Oleslam. El adversario de los "mullahs rojos" es Alí Akbar Hashemi Rafsanjani, vocero del Majlis (Parlamento), que recientemente acusó a la Unión Soviética de "haber ordenado al piloto iraquí atacar con cohetes a la fragata de los Estados Unidos, Stark".

Tal vez el más notorio estudiante de la Lumumba sea Ilich Ramírez Sánchez, Carlos, "el Chacal", que en 1975 mató en Francia a dos agentes antiterroristas franceses. Estudió terrorismo en Cuba; fue expulsado de la universidad Lumumba (para encubrimiento), pasando entonces a Alemania oriental y Libia.

"Ciudad de los negros"

Debido a sus muchos estudiantes africanos, los rusos llaman a la universidad Lumumba "Negrograd" (Ciudad de los Negros). A su llegada, los africanos tienen que pasar una semana en cuarentena. "Ellos (los rusos) nos ven como salidos de la Edad de Piedra", dijo un antiguo estudiante procedente de Uganda. "El peor pecado para una muchacha rusa es ir de la mano con uno de nosotros... Algunas lo hacen, pero son las que trabajan para la KGB".

En 1968, 30 estudiantes de la Lumumba organizaron una manifestación de protesta por la invasión de Checoslovaquia; fueron expulsados. El año pasado, tras el bombardeo de los Estados Unidos a Libia, algunos estudiantes de la Lumumba hicieron manifestaciones frente a la embajada norteamericana, aparentemente respaldados por la policía.

Más de 600 estudiantes —para la Lumumba y otras universidades soviéticas— han sido reclutados en los últimos dos años de Pakistán y los países del Golfo. Entre los pakistaníes se encuentra Khushnood Alí Iiaz, hijo de un brigadier, antiguo miembro del gabinete del general Zia. En los últimos años, los soviéticos han estado concediendo cada vez más becas a estudiantes de Nicaragua, Panamá, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Belice y Honduras. "Más estudiantes de un país en la Lumumba, pronostica más problemas para ese país", dijo un antiguo corresponsal de Moscú en Holanda.

"Barba Roja" en Cuba

Muchos estudiantes de la Lumumba pasaron de Moscú a La Habana, en donde recibieron entrenamiento en una cadena de campamentos guerrilleros, cuyo comandante en jefe durante 20 años ha sido Manuel Piñeiro, "Barba Roja", jefe del departamento de operaciones especiales del ejército de Cuba y del departamento de las Américas. Piñeiro voló en 1983 a Managua, tras el sangriento escándalo que costó la vida a los dos más famosos comandantes guerrilleros salvadoreños.

El 6 de abril de 1983, en una casa de seguridad de Managua, la comandante Mélida Anaya, antigua maestra de escuela, fue asesinada de 82 puñaladas. Pocos días después llegaba de Libia Cayetano Carpio, el "Comandante Marcial", pereciendo poco después de su arribo; los sandinistas dijeron que se había suicidado. Carpio, líder del viejo partido Stalinista se oponía a las tácticas recomendadas por cubanos y soviéticos y, aparentemente, ordenó el asesinato de Mélida Anaya que, de acuerdo con fuentes sandinistas, fue asesinada por Rogelio Battaglia, un ayudante de Carpio.

El verdadero cuartel general

La muerte de Mélida Anaya y de Cayetano Carpio fue la más clara prueba de que las guerrillas salvadoreñas—el comunista FLNFM—Frente de Liberación Nacional Farabundo Martí, un activista comunista muerto en la década del '60— tenían sus cuarteles generales no en El Salvador sino en Managua, Nicaragua. Los planes guerrilleros salvadoreños tenían que ser supervisados por sandinistas y cubanos, con la aprobación de los soviéticos. En 1981, antes de la anunciada por todo lo alto "ofensiva final", Fidel Castro fue personalmente a Managua, junto con "Barba Roja" Piñeiro, a elaborar la estrategia.

En estos momentos, hay activas cientos de organizaciones terroristas en más de 50 países. El año de 1980 marcó el mayor número de actos terroristas: 1.720. Pero los terroristas tratan ante todo de obtener publicidad mediante "ataques sensacionales", exagerando después su significado, como se ha comprobado recientemente en El Salvador.

Sea como sea, se ha formado una red global de movimientos y grupos subversivos que se mantienen activos en todos los continentes. Y tras muchos de los subversivos entrenados proyecta su larga sombra la universidad Lumumba de Moscú.

02/02

8706388

"LA ECONOMIA SOVIETICA SE HALLABA EN ESTADO DE PRECRISIS"

Gorbachov alertó contra frenos a las reformas, incluso en las FF.AA.

Ante el Comité Central del PCUS, el líder del Kremlin calificó de "caso sin precedentes" el aterrizaje de la avioneta deportiva en la Plaza Roja, y lo consideró expresivo de la persistencia de viejos "fenómenos negativos" en la sociedad soviética. Propuso reformas económicas cardinales tendientes a la autogestión.

MOSCU, 25 (DAN, ANSA, AFP y EFE). — El líder soviético, Mijail Gorbachov criticó hoy las resistencias a la "perestroika" (reestructuración) puestas de manifiesto por el comienzo de aplicación de las reformas económicas y sociales, y admitió que el "conservadorismo, la inercia y la burocracia" dejaron su huella hasta en las fuerzas armadas.

En un extenso informe ante la reunión plenaria del comité central del Partido Comunista de la URSS (PCUS), el máximo dirigente destacó la necesidad de "fortalecer en todas partes la disciplina, el espíritu de organización, la responsabilidad y la puntualidad", y puntualizó que "precisamente por la falta del orden pertinente, periódicamente acaecen grandes sucesos de excepción".

"Esto quedó demostrado con la violación del espacio aéreo soviético y el aterrizaje en Moscú de una avioneta deportiva germano occidental", afirmó Gorbachov en su primera referencia pública a ese episodio.

"El caso no tiene precedente desde [illegible] más lo fuertes y vivos que fueron, incluso en el ejército, los fenómenos negativos surgidos en nuestra sociedad" y puestos de relieve en el pleno del comité central de abril último y el 27º congreso del partido, puntualizó.

No obstante, subrayó: "En nombre del buró político y del Consejo de Defensa, declaro firmemente que ni el partido ni el pueblo deben dudar de la capacidad de las fuerzas armadas de la URSS para defender la patria".

♦ **Reestructuración radical**

La reunión del comité central estuvo destinada a analizar el informe de Gorbachov titulado "Las tareas del partido en la reestructuración radical de la dirección de la economía". Se trata —explicó— de "introducir cambios cualitativos en el sistema del mecanismo económico, cambios que abran nuevas posibilidades de aprovechamiento de las ventajas del régimen socialista".

Según Gorbachov, se comprende ahora "cada vez más a fondo que la necesidad de la reestructuración se debió a las crecientes contradicciones en el desarrollo de la sociedad, que venían acumulándose poco a poco, y al no encontrar solución a tiempo adquirían de hecho formas anunciadoras de crisis".

El líder soviético hizo un balance positivo de la aplicación de la "perestroika" durante los dos últimos años y proporcionó cifras del crecimiento de la productividad del trabajo. No ahorró críticas a la supervivencia de los rasgos de "conservadorismo, inercia e intereses egoístas", incluso en los organismos partidarios y gubernamentales.

"Una de las manifestaciones de esta contradicción es el desacuerdo entre la creciente actividad de las masas y el estilo burocrático todavía vivo en las más distintas esferas y los intentos de congelar la reestructuración", sostuvo. Sin embargo expresó que "la reestructuración ha obtenido una victoria ideológica y moral; se ha ampliado y profundizado", y advirtió que "nos encontramos ahora sólo en la primera ola de la reestructuración, y esta ola ha agitado el agua estancada."

♦ **La actitud occidental**

Entre las tareas primordiales del momento, el secretario general del PCUS destacó la solución de los problemas de la alimentación, de la vivienda y de los artículos de consumo de la población.

Tras señalar que los nuevos rumbos emprendidos por la URSS han despertado interés mundial, Gorbachov afirmó: "Claro está que en Occidente, especialmente en Estados Unidos, hay grupos influyentes a los cuales eso no conviene. La publicidad de nuestras acciones es un reto a la diplomacia pública norteamericana: corre peligro el espíritu del 'mundo libre', su vida hoy y la perspectiva de seguridad de mañana, según algunos representantes de los gobernantes estadounidenses".

Ellos —aseguró el dirigente— "comprenden qué difícil es hallar argumentos firmes contra el rumbo de nuestro partido hacia la reestructuración", y por eso procuran sembrar dudas acerca de este desarrollo.

♦ **XIX Conferencia del PCUS**

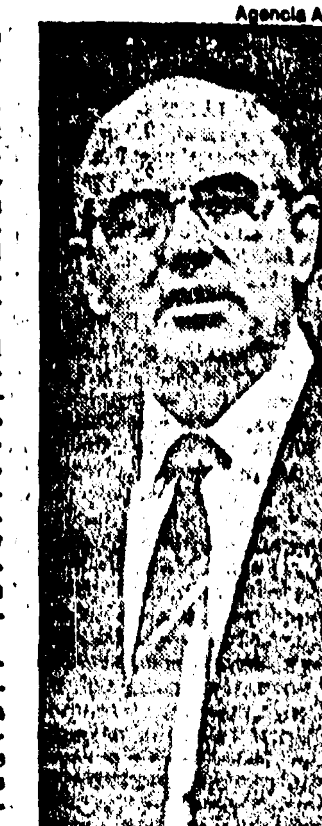
En nombre del buró político, Mijail Gorbachov propuso convocar la XIX Conferencia del PCUS para el 28 de junio de

En ella, a partir de las propuestas de principio formuladas en la reunión plenaria de enero último y en la preparación del actual, se propondrían para el análisis, entre otros, los siguientes puntos: marcha del cumplimiento de los acuerdos del 27º Congreso; resultados fundamentales de la primera mitad del 12º plan quinquenal (1986-1990); tareas de las organizaciones del partido para ahondar el proceso de reestructuración; medidas para seguir democratizando la vida del partido y la sociedad.

Para sacar a la economía soviética del estado de precrisis en que se hallaba, debían empeñarse —aseguró Gorbachov— "profundas trasformaciones revolucionarias". No obstante, los cambios operados en los dos últimos años "no son radicales ni cardinales; el mecanismo de 'freno' no ha sido roto aún ni ha sido sustituido por el mecanismo de 'aceleración' y por lo tanto, ahora, como tarea primordial y urgente, se presenta la de crear un sistema flexible, eficiente, integral de dirección de la economía".

Según particularizó, se trata de "ampliar bruscamente las fronteras de independencia de las empresas, pasarlas a la autogestión y autofinanciación completas, elevar su responsabilidad para que obtengan los máximos resultados finales y cumplan sus compromisos ante los consumidores".

Agencia AFP



Mijail Gorbachov, secretario general del P.C. soviético.

URSS

8706497

01/01

026

024

Clarín 26/6/87

KAZAJASTAN Y LOS INCIDENTES DE ALMA ATA

La represión

MOSCU, 25 (Por Dominique Dhombres, de "Le Monde", especial para Clarín). — "Han pasado seis meses desde los incidentes de Alma Ata. Aunque el recuerdo se borre, persiste la pregunta de si este conjunto de criminales no han socavado la solidez de nuestro tradicional internacionalismo", se preguntaba el miércoles el cronista de "Noticias de Moscú".

Los criminales aludidos son los estudiantes universitarios y secundarios kazajos que entre el 17 y el 18 de diciembre llegaron a la capital de Kazajastán, la república soviética centroasiática, para apedrear a las fuerzas del orden, incendiar vehículos y romper vidrieras. Esta modalidad de reacción, tan conocida en Occidente, no es habitual en la Unión Soviética: el detonante de la misma fue la designación de un ruso en lugar de un kazajo a la cabeza del partido provincial.

Como telón de fondo se menciona la situación demográfica de la república: la población autóctona, básicamente compuesta de kazajos y ushekos, es de raza turca y tradición musulmana. Pese a la masiva inmigración eslava (formada por rusos y ucranios), la tasa de natalidad de los autóctonos es de dos a tres veces más alta que la eslava y si bien éstos aún son mayoría en la república, dejarán de serlo dentro de quince años si prosigue la tendencia actual.

El juicio

El corolario de la investigación es que por un lado estaban los manifestantes autóctonos y, por el otro, los eslavos, a cargo de las fuerzas de seguridad o meros curiosos. Al cabo del proceso de tres semanas, en las que desfilaron casi cien testigos, el tribunal dictaminó la pena de muerte para Kairat Ryskulbekov estudiante de arquitectura y culpable de la muerte de un policía voluntario ruso. Otro estudiante secundario de una escuela técnica y un carpintero fueron condenados a quince años de cárcel; un electricista a catorce años y otro estudiante de arquitectura, a cuatro años de prisión.

"La raíces del mal no son superficiales", leímos en el periódico "Izvestia" el lunes, cuando terminó el juicio. "Son resultado del fenómeno de estancamiento que ha conocido Kazajastán en estos últimos años. Esto ha ejercido una influencia nefasta en la moral de una parte de la juventud y en su educación internacionalista."

URSS

01 01

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Los Cambios políticos en la URSS.

PROCEDENCIA: El Financiero. 20/7/87

ARCHIVADO EN: Congresos (018)

01.01 8706552

El Duende

Intergremial Obrera Suspenderá las Actividades de Pesca:

URUGUAYOS HARAN APRENDIZAJE EN LA URSS; SURGE OPOSICION AL ACUERDO

EXCLUSIVO

El Duende en su constante deambular, en su permanente ir y venir, mantuvo en las ultimas horas contactos con gente vinculada a la pesca, con miembros del Gobierno que manejan los aspectos politicos y técnicos de este sector de la producción uruguaya y también con dirigentes de las gremiales, afiliadas al PIT-CNT, que agrupan a los patrones o capitanes, mecánicos y tripulantes.

—¿No me cuente que se está por comprar un "mediomundo" o un "robador" para ver si "saca algo" en la escollera Sarandí los domingos tempranito?, le preguntó uno de los amigos.

—¡No chichonee!, le estoy hablando muy en serio, el tema me tiene sumamente preocupado. ¿No leyó el convenio firmado hace poco tiempo entre el Uruguay y la URSS?

—¿Me lo pregunta en serio?

—Lógico, con esas cosas dejo las bromas de lado.

—Pues, entonces debería estar enterado que el convenio se firmó y por ahora se ha mantenido en reserva o por lo menos discretamente no se dio a publicidad en todos sus términos.

—Sin duda ha existido un olvido pese al interés general en conocer el cuestionado y polémico acuerdo. ¿Extraño no?

—Mire, no doy opinión, no subjetivizo en esa materia, pero le adelanto que las empresas pesqueras y armadoras han alertado en contra, los gremios por unanimidad lo han rechazado y la prensa argentina ha mostrado gran inquietud. En el Senado se han pedido informes. Mientras tanto los que apoyan el convenio mantienen expectante silencio.

—¡Pero no! No sé qué opinar sobre todo este problema, tan calladito que lo traen, maxime cuando me he enterado que en parte se ha acordado el cumplimiento de alguno de sus términos.

—¡No puede ser! ¡Si se necesita aprobación legislativa!

—Exacto, pero no olvide que hay ciertos aspectos contenidos en el convenio que se pueden efectivizar como abastecimiento de los buques o reparaciones, etc., sin que previamente se requiera el visto bueno parlamentario.

—¡Oh, la, la, brava la cosa! Además pienso que una vez en marcha parte de lo acordado no sera fácil decir: ¡No!, ahora rechazamos lo firmado en el Convenio.

—Tiene razón, pero, vamos por partes. Acá hay dos cosas muy importantes a tener en cuenta en todo el problema 1°) El texto del Convenio pesquero URSS-Uruguay 2°) Las voces en contra desde todos los sectores, especialmente el de los trabajadores. ¿No le parece?

—Exacto. Si se sienta, le doy una sorpresa. El Duende en su ir y venir logró en exclusividad el texto completo y también la *declaración de las gremiales obreras que en democráticas asambleas rechazaron* "cualquier intento de penetración, sea por la potencia pesquera que sea".

—¡Por favor! usted que lo ha leido: ¿da para alarmar tanto la cosa?

—¿Qué le parece si vamos por partes?

—Bueno, lo invito con un café y seguimos charlando.

EMPRESARIOS Y TRABAJADORES, FRANCO RECHAZO

El Duende en rueda con sus amigos recordó que apenas se iniciaron los contactos diplomáticos entre Uruguay y la URSS surgieron voces de las empresas contra la posibilidad de que 170 buques pudieran llegar, en forma alternada, a nuestras costas, en base a un convenio pesquero.

—Usted me habla de 170 barcos como si nada pasara cuando Argentina firmó uno autorizando hasta 21 ¡Menuda diferencia!

—¡Lo mismo digo! máxime si se tienen en cuenta las diferencias de potencial de uno y otro país para cuidar o preservar las especies de su mar territorial.

—Tiene razón, la alarma contra el acuerdo en principio no parecería exagerada. Le digo que la prensa argentina, casi por unanimidad, también "está poniendo el grito en el cielo". Ven que el convenio suscrito por Uruguay puede afectarlos a ellos.

Le agrego que también las gremiales de trabajadores dieron respuesta negativa por unanimidad. Aquí bajo mi vista tengo la resolución del Sindicato Unico de Patrones de Pesca del Uruguay, que dice: "Rechazar con la maxima energía cualquier intento de penetración, sea por la potencia que sea, en nuestras aguas comunes, por la vía de convenios internacionales o de asociaciones con empresas nacionales que realicen capturas en *buques de terceras banderas; Promover a nivel nacional* en el marco de la Intergremial de la Pesca, una intensa campaña de agitación sobre este problema, que de no resolverse con conciencia nacional, puede conllevar a la destrucción de la industria de las capturas; Exigir el conocimiento publico del acta de pre-acuerdo suscrito entre la URSS y Uruguay; Facultar a la Comisión Directiva para que vigilante en la aplicación de estas resoluciones, ni bien tome conocimiento de cualquier intento de entrega directa o indirecta de nuestro potencial marítimo, en forma inmediata llame de regreso a tierra a toda la flota, para iniciar una lucha irrenunciable e irreversible por la supervivencia de la industria. Ser o no ser es el reto que asumimos, con plena conciencia de las graves proyecciones del problema, así como de la necesidad de enfrentarlo sin conceciones".

—¡Firme la actitud de rechazo!

—¡La misma que adoptó la Intergremial Pesquera!

DOBLE PEDIDO DE INFORMES AL GOBIERNO

"Le digo que el tema del convenio pesquero con los soviéticos ha levantado resistencia en muchas tiendas políticas", le afirmó uno de los informantes al Duende.

—¿Usted se refiere al doble pedido de informes del senador Luis A. Lacalle?

—Exacto el legislador nacionalista brega por la preservación de las especies en nuestras aguas, se inquieta por el peligro político que representa que hasta 170 buques rusos alternadamente naveguen en el mar territorial y también que se firme el acuerdo sin conversar antes con la Argentina, país con el cual tenemos un tratado de límites muy clarito.

—¿No me da a conocer las solicitudes de Lacalle?

—¡Como no!. Aquí van:

GANADERIA, AGRICULTURA Y PESCA

1°) Razón por la cual no se delimitan, en el acuerdo proyectado entre el Gobierno de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas y el Gobierno de la República Oriental del Uruguay, sobre colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas, las áreas y periodos en los cuales se explotarían las especies remanentes no tradicionales; 2°) Razón por la cual, además, en el acuerdo precitado no se definen las especies no tradicionales; 3°) Cuál será el procedimiento y el destino final de las especies capturadas no previstas en el Convenio; 4°) Cuál será la bandera de los barcos a utilizar y dónde se ubicarán las plantas industrializadoras en tierra; 5°) Lugar en el cuál se van a descargar las especies capturadas; 6°) Cuál será el procedimiento previsto en cuanto al contralor de *efectivo del cumplimiento del convenio en cuestión*; 7°) En qué cantidad se calcula el eventual remanente que se autoriza a capturar por el convenio; 8°) Cuáles son las ventajas que obtiene el país a través del Convenio proyectado considerando especialmente, que la parte contratante es una nación competidora de la nuestra.

Montevideo 21 de mayo de 1987
Luis Alberto Lacalle Herrera

RELACIONES EXTERIORES

1°) Sírvase informar las razones por las cuales el Acuerdo proyectado entre el Gobierno de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas y el Gobierno de la República Oriental del Uruguay, respecto a la colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas, difiere en varios aspectos del similar celebrado entre aquel Estado y la República Argentina.

TEXTO DEL CONVENIO CON LA URSS

El Duende analizaba el Acuerdo de Pesca Uruguay-URSS; leyendo y releyendo las seis hojas firmadas por ambos Gobiernos. "Mire, aquí se comprometen a colaborar en la esfera de las actividades pesqueras y también a encarar empresas conjuntas", aclaró.

—En tanto le digo que en otra parte del Convenio se establece la "posibilidad de una eventual explotación del remanente no utilizado de especies no tradicionales en aguas uruguayas".

—¿Pero Uruguay carece de medios para custodiar tantos buques pescando en aguas territoriales o para supervisar cuál es la producción obtenida o para saber si es "merluza, corvina o pescadilla", la que sale de las aguas? Es incontrolable y puede liquidar nuestras especies.

—Tiene razón. Además le digo que se incluye la preparación de personal uruguayo en instituciones medias y superiores de la URSS y también en buques pesqueros soviéticos".

—¿Los uruguayos aprendiendo en la URSS?

—Como lo oye, además construcciones soviéticas en nuestras costas y la designación de un "Attache" para cuestiones de pesca y personal administrativo en la Embajada Soviética sede en nuestro país.

—Pero si cada nación que negociara con Uruguay designara un "Attache para ganadería, otro para agricultura, otro para el arroz, otro para la soja", y su correspondiente personal administrativo, en lugar de Embajadas y representaciones se formarían legiones. ¿No le parece?

—Mire, prefiero no dar opinión. Le voy a leer el texto completo del convenio para que saque sus conclusiones, al igual que el lector.

ACUERDO

Entre el Gobierno de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas y el Gobierno de la República Oriental del Uruguay sobre colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas.

El Gobierno de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas y el Gobierno de la República Oriental del Uruguay en adelante denominadas "Partes".

Partiendo de las relaciones amistosas existentes entre los dos países y teniendo en cuenta la convención de la ONU sobre Derecho del Mar.

Reconociendo que la República Oriental del Uruguay ejerce sus derechos soberanos con fines de investigación, exploración, conservación de los recursos marítimos vivos y de su administración en los límites de las aguas bajo jurisdicción pesquera uruguaya.

Tomando en consideración la importancia de las investigaciones científicas en la esfera de la industria pesquera **y el deseo de coordinar su actividad en esta esfera.**

Expersando el deseo de establecer las disposiciones y condiciones de acuerdo a las cuales debe realizarse la colaboración en la esfera de las **actividades pesqueras.**

Acordaron lo siguiente:

ARTICULO I

Las Partes **se comprometen a colaborar en la esfera de las actividades pesqueras** en particular en desarrollo tecnológico e investigaciones de recursos vivos en la extensión de 200 millas *de aguas bajo jurisdicción pesquera* de la República Oriental del Uruguay, denominados en adelante "aguas", de acuerdo con la legislación política pesquera uruguaya y los principios del derecho internacional del mar.

ARTICULO II

Las Partes **posibilitarán la creación de empresas conjuntas soviéticos-uruguayas de la industria pesquera** sobre bases comerciales de acuerdo con las disposiciones vigentes en ambos países, teniendo en cuenta los requerimientos para conservación de los recursos vivos y las necesidades de la Parte uruguaya de esos recursos para sus plantas pesqueras instaladas en tierra. **Con esa finalidad la Parte uruguaya explotación del remanente no utilizado de especies no tradicionales en aguas uruguayas de acuerdo con sus disposiciones internas en la materia.**

ARTICULO III

Las Partes acuerdan realizar la colaboración en las siguientes esferas:

a) preparación de cuadros **nacionales en instituciones de enseñanza media y** superior **de la URSS**, y también en buques pesqueros soviéticos.

b) desarrollo tecnológico de la pesca costera y oceánica;

c) creación y perfeccionamiento de la infraestructura costera incluyendo construcciones portuarias destinadas a la reparación y servicio de buques pesqueros;

d) realización de la reparación de los buques de la URSS en astilleros uruguayos.

ARTICULO IV

La Parte uruguaya se compromete a otorgar facilidades portuarias a los buques de la URSS afectados a la pesca en alta mar, incluyendo facilidades en relación con el relevo de tripulaciones, la reparación y aprovisionamiento de dichos buques, y la URSS se compromete a utilizar estas facilidades con los referidos buques, de acuerdo a las respectivas legislaciones y las condiciones que ajusten las Partes en cumplimiento de este acuerdo.

ARTICULO V

Las Partes acuerdan directamente o mediante las Organizaciones Internacionales correspondientes, colaborar para tomar las medidas necesarias tendientes a la conservación de las reservas de especies que se encuentran en el área adyacente a las "aguas".

ARTICULO VI

La Parte uruguaya se compromete a otorgar las facilidades para la atención en sus puertos de los buques pesqueros soviéticos. Incluyendo facilidades relacionadas con el relevo de tripulaciones.

La reparación, incluso las reparaciones que van a efectuarse por las tripulaciones mismas y el aprovisionamiento de dichos buques.

La Parte soviética se compromete a utilizar estas facilidades de acuerdo con las normas uruguayas y en las condiciones que ajustan las organizaciones correspondientes a ambas partes en **cumplimiento de este Acuerdo.**

ARTICULO VII

1. La Partes colaborarán en la realización de investigaciones científicas en la esfera de la industria pesquera con fines de conservaciones, óptima utilización y administración de los recursos marítimos vivos en "aguas" y área adyacente a las mismas.

2. Científicos y especialistas de ambas partes realizarán consultas para la realización de tales investigaciones y el examen de los resultados obtenidos.

3. Las Partes se comprometen a realizar un intercambio mutuo de especialistas sobre técnica pesquera, tecnología de elaboración, reproducción, conservación, utilización óptima y adeministración de los recursos marítimos vivos.

ARTICULO VIII

1. Para el logro de los fines del presente Acuerdo las Partes **crearán la Comisión Soviético-Uruguaya para la cooperación en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias** denominada más abajo "Comisión Mixta".

2. La Comisión Mixta estará integrada por un representante designado por cada Parte y por no más de dos suplentes.

3. La Comisión Mixta se reunirá no menos de una vez al año por turno en el territorio de cada uno de los dos países.

Los gastos totales, relacionados con la realización de las sesiones de la Comisión Mixta, estarán a cargo de la Parte anfitriona.

4. La *Comisión* Mixta *examinará* las cuestiones relacionadas con la realización del presente Acuerdo, y elaborará recomendaciones a las Partes, orientadas a su cumplimiento adecuado.

ARTICULO IX

La Parte Soviética con el fin de coadyuvar al cumplimiento del presente Acuerdo y al desarrollo de la colaboración futura en la esfera de la industria pesquera **acreditará en el Ministerio de Relaciones Exteriores** de la República Oriental del Uruguay como integrantes de la Embajada de la URSS en el Uruguay un **attache para cuestiones de la pesca**, y en acuerdo con el Ministerio de Relaciones Exteriores **los funcionarios administrativo-técnicos que éste necesite.**

ARTICULO X

En el presente Acuerdo no debe considerarse nada que ocasione perjuicio a otros acuerdos existentes entre las Partes o a convenios y acuerdos multilaterales, en las cuales participan ambas partes o a puntos de vista sobre cuestiones de Derecho del Mar.

ARTICULO XI

El presente Acuerdo entrará en vigor cuando las Partes se hayan comunicado reciprocamente el cumplimiento de las formalidades requeridas por las respectivas legislaciones para la entrada en vigor de los convenios internacionales.

El presente Acuerdo estará vigente durante tres años y será prorrogado por periodos trienales siguientes, si una de las Partes no declara por escrito el cese de su vigencia no más tarde de seis meses antes de la extinción del periodo correspondiente.

El testimonio de lo cual los abajo firmantes, acreditados debidamente para ello por sus Gobiernos, suscribieron el presente Acuerdo.

Concluido en la ciudad de Montevideo..., de 1987 en dos ejemplares, cada uno en ruso y en español, y ambos textos tienen el mismo valor.

Fichaje

026 B

Crítica a las FF.AA. de la URSS

Clarín 19/6/87

MOSCU, 18 (Reuter). — El recientemente designado ministro de Defensa soviético, Dmitri Yasov, dio nuevas pruebas de la preocupación del Kremlin con las fuerzas armadas, diciendo en un discurso conocido hoy que algunos jefes militares carecen de sentido del deber y de responsabilidad.

Yasov dijo en una reunión con oficiales soviéticos de alto rango que la reconstrucción, palabra clave en la campaña del Kremlin para rejuvenecer la economía y la sociedad, aún no había alcanzado los niveles más altos de las fuerzas armadas.

El diario del Ministerio de Defensa, "Krasnaya Zvezda", dijo que Yasov había pedido en una reunión de los activistas del partido del ministerio amplias reformas para eliminar las fallas que han aparecido a lo largo de los años.

Reconstrucción

"La reconstrucción de estilos y métodos de liderazgo que nuestro partido ha reclamado aún no ha llegado al personal del comando político, incluyendo el aparato central", dijo.

"Debemos encarar la verdad... algunos de nosotros hemos perdido nuestro sentido del deber y responsabilidad para realizar nuestras obligaciones y tareas".

Fue el primer discurso importante de Yasov publicado en la prensa oficial desde que se convirtió en ministro de Defensa en mayo.

Reemplazó a Serguei Sokolov, destituido después que un joven piloto de Alemania Federal eludió las defensas aéreas soviéticas y aterrizó con su avión cerca de la Plaza Roja.

Según el diario, otros oradores en la reunión se quejaron de los persistentes problemas entre los militares, tales como ebriedad y burocracia, y acusaron a algunos jefes de ser perezosos, vanidosos y arrogantes.

Entre los oradores figuró el jefe del Estado Mayor, mariscal Serguei Akhromeyev, el mariscal Viktor Kulikov, comandante en jefe de las fuerzas armadas del Pacto de Varsovia, y el jefe de la fuerza aérea soviética, Alexander Yefimov.

El diario dijo que también asistió al encuentro Anatoly Lukyanov, un secretario del Comité Central y estrecho colaborador del líder soviético, Mijail Gorbachov.

Las fuerzas armadas han sido acusadas de ineptitud desde que el piloto Mathias Rust, de 19 años, llegó con su avión hasta cerca del Kremlin, el 28 de mayo.

Dos días después, Sokolov y el jefe de las defensas aéreas del país, Alexander Koldunov, fueron destituidos, afirmando el partido su autoridad sobre los militares, en un hecho sin precedentes desde la década de 1950.

Yasov, elegido el mes pasado como miembro menor del gobernante Politburó, dijo que persistían los problemas en varios niveles de las fuerzas armadas.

"El ministro de Defensa señaló la necesidad de aumentar decididamente la efectividad del trabajo de los jefes del ejército y la armada, personal, órganos políticos, organizaciones partidarias y juveniles, junto con una profundización y apresuramiento de la reconstrucción de las fuerzas armadas", dijo "Krasnaya Zvezda".

Pidió mayor profesionalismo del comando político, y dijo que otros oradores, a los que no identificó, criticaron el adiestramiento militar.

"La pereza, la irresponsabilidad y las falencias en la labor de los jefes deben ser objeto de críticas", sentenció.

01.01

8706588

CONCLUYO EL JUICIO POR LA CATASTROFE NUCLEAR DE CHERNOBYL

Condenas de diez años a los responsables

Condenas de prisión por un máximo de 10 años en campos de internación soviéticos fueron aplicadas por la Suprema Corte de la URSS a los seis principales acusados en relación con la tragedia en la planta nuclear de Chernobyl, que causó 31 muertes en abril de 1986. El juicio, de tres semanas, transcurrió en el mayor hermetismo.

Agencia AP



Viktor Briujanov, Nikolai Fomin y Anatoli Diatlov, ex director, gerente técnico y subgerente, respectivamente, de la central nuclear de Chernobyl, condenados a diez años de prisión por sus responsabilidades en la fatal catástrofe del año pasado.

MOSCU, 29 (AP, Reuter, AFP, EFE, DAN, DPA y "The Washington Post", especial para Clarín). — El ex director de la central nuclear de Chernobyl, Víctor Briujanov, y otros cinco altos funcionarios y técnicos de dicha planta, fueron declarados hoy culpables del peor accidente atómico que se haya registrado jamás, y condenados a penas de hasta 10 años de reclusión en campos de trabajo.

Un total de 31 personas murieron, el 26 de abril del año pasado, y por lo menos otras 237 resultaron con heridas graves, por la explosión e incendio del reactor número cuatro de la usina termonuclear situada en esa pequeña ciudad de Ucrania.

De las 179 localidades evacuadas en un radio de 30 kilómetros alrededor de la central, solamente 16 volvieron a ser habitadas y al menos 27 no volverán a poblarse nunca, según indicaciones oficiales proporcionadas el mes último.

◆ **Errores humanos**

La catástrofe, atribuida por las autoridades a una serie de errores humanos, obligó a la evacuación de decenas de millares de pobladores y propagó una nube de gas radiactivo por todo el mundo, contaminando grandes extensiones de tierra en Europa, desde Turquía por el sur, Hungría, Checoslovaquia y Rumania por el centro, franjas de Italia y de Alemania Occidental y Oriental, hasta Suecia y Finlandia por el norte. Ello tuvo además dramáticos efectos para la agricultura y la ganadería.

El ex director Briujanov, el ex ingeniero jefe Nikolai Fomin y quien se desempeñaba como su adjunto, Anatoli Diatlov, fueron sancionados en la fecha por el Tribunal Supremo de la Unión Soviética establecido en la Sala de Cultura de la misma Chernobyl, con la pena máxima de 10 años en campos de internación que estipula el artículo 220, del Código Penal ucraniano.

◆ **Negligencia criminal**

Todos ellos fueron hallados responsables de graves violaciones de las disposiciones de seguridad, y de negligencia criminal. Briujanov recibió una condena adicional de cinco años, por "abuso de funciones", que sin embargo se computará dentro de la pena principal.

Los otros tres acusados, Boris Rogoskin, que era jefe del turno de la noche cuando ocurrió la tragedia, Alexander Kovalenko, supervisor del reactor accidentado, y Yuri Lauskin, inspector estatal de seguridad, recibieron a su vez condenas de 5, 3 y 2 años de prisión, respectivamente.

Lauskin, empero, no fue penado en virtud del artículo 220, que sanciona las violaciones del reglamento y de la seguridad, sino del artículo 167, que castiga "las negligencias en el trabajo". También a Rogoskin se le adicionaron otras dos condenas por un total de siete años de reclusión, que se incluyeron en la primera pena.

◆ **Severas acusaciones**

Durante la lectura del veredicto, que duró una hora y media, por el presidente de la Corte Suprema soviética, Raimond Brise, los seis acusados permanecieron con la cabeza baja y sin demostrar emoción. Solo el ex ingeniero-jefe Fomin se enjugó varias veces la frente.

El proceso judicial, abierto el 7 de julio último en presencia de un reducido grupo de representantes de la prensa soviética y extranjera, prosiguió luego totalmente a puertas cerradas hasta hoy, cuando se autorizó a asistir al acto al grupo de personeros de la prensa.

Según fuentes oficiales, otros cuatro procesos tendrán lugar "próximamente"; no se sabe cuántas personas deberán comparecer en ellos. En esos nuevos procedimientos se juzgará a presuntos responsables de errores técnicos cometidos en el desarrollo de la experiencia con el reactor que provocó la explosión, así como a los autores de eventuales defectos en el diseño y construcción de la central y a quienes organizaron los auxilios.

◆ **Baraja y dominó**

El juez Brise, con un asesor a cada lado, efectuó hoy en sus considerandos una requisitoria severísima contra el "descuido y negligencia" que reinaban en Chernobyl antes de la catástrofe. Afirmó que la planta nuclear estaba mal dirigida y la disciplina dejaba mucho que desear, hasta el punto de que ciertos empleados jugaban a las cartas o al dominó durante las horas de trabajo.

El tribunal constató que en 71 casos se violaron las normas de seguridad. El día de la explosión, el ex director Briujanov abandonó la central, destacó el magistrado, y solo regresó a las dos de la madrugada, media hora después del accidente. Aun después de iniciado el incendio, señaló el juez, Briujanov no ordenó la evacuación inmediata de la zona y tampoco estableció un plan de emergencia. En los momentos posteriores a los primeros escapes radiactivos, añadió el magistrado, los trabajadores permanecieron en las zonas afectadas e inclusive les fueron encomendados trabajos en el lugar.

◆ **Desinformación**

Cabe recordar que en su declaración inicial, al iniciarse el proceso, Briujanov, Fomin y Diatlov achacaron lo ocurrido a fallas de diseño y construcción; Briujanov sólo se reconoció culpable de no haber sabido garantizar en forma segura la explotación de la usina.

El día 27 de abril, cuando 108 personas ya habían ingresado a los hospitales, el ex inspector de seguridad Lauskir "prosiguió la política de desinformación brindando datos falsos", añadió el veredicto. Durante el proceso de tres semanas se presentaron a declarar 38 testigos, entre ellos 18 damnificados por la catástrofe.

Este primer proceso a raíz del mayor desastre nuclear civil de la historia, se desarrolló prácticamente en el mayor secreto, en contraste con la política de "transparencia informativa" (glasnost) preconizada por el máximo líder de la URSS, Mijail Gorbachov.

01/01. POCO LEGIBLE

Para acabar con Stalin

CLARIN 19/7/87 EL PROYECTO DE GORBACHEV NECESITA REMOVER EL PASADO

La andanada contra el stalinismo lanzada a comienzos de semana por el máximo líder soviético, Mijail Gorbachov —al hablar en Moscú ante una nutrida reunión de intelectuales y directivos de los medios de comunicación social—, fue la condena más explícita a la represión desatada por José Stalin que haya hecho, hasta hoy, quien comanda el Kremlin desde marzo de 1985.

Pero, además, esas categóricas puntualizaciones, sólo equiparables a las formuladas en 1956 por Nikita Kruschev durante el legendario XX Congreso del Partido Comunista de la Unión Soviética (P.C.U.S.), se ven ahora respaldadas por lo que parece ser una política lúcida y coherente y con mucha mayor apoyatura que entonces en la realidad. Por no hablar de las obvias diferencias que van del 56 a hoy, así como en el estilo político, carisma y calibre intelectual de uno y otro dirigente.

Y no menos significativo: tales precisiones de Gorbachov se interconectan con sus abundantes críticas a los vicios, despilfarros y lastres burocráticos en los ámbitos económico, político y militar de su país, que se vienen traduciendo en reemplazos en cadena de los mandos, aun de los más encumbrados. Una consecuencia de esta "nouvelle vague" gorbachoviana, se sabe, es que la gerontocracia tradicionalmente instalada en los timones de la URSS va cediendo paso a los "muchachos" de 50 años, decididos a hincar el diente en una de las estructuras más inertes al cambio de todo el planeta.

Gorbachov, cabe recordarlo, señaló en aquella reunión que "el pueblo jamás perdonará" la represión lanzada por Stalin —a quien no nombró— en las postrimerías de los años '30. "No podremos ni deberemos perdonar, nunca", esos hechos, enfatizó el abogado y experto en economía y agricultura de 56 años que dirige a la URSS con arrollador dinamismo. Para insistir, elocuentemente: Nunca.

No sólo eso: también indicó que "las pérdidas" provocadas por tales hechos fueron "enormes" y que ello "golpeó" con consecuencias duraderas (léase: hasta la época actual) a "los cuadros del partido, de la 'inteligentzia' y del ejército."

Tras resaltar la necesidad de qué se acentúe la actual línea de transparencia ("glasnost") y de reestructuración profunda o "perestroika", Gorbachov reconoció: "Estamos aprendiendo, porque no tenemos la tradición cultural de la discusión". Para advertir enseguida: "Por ello, no veo ningún drama en nuestras polémicas". Y alertar: "Hay algunos que están esperando cualquier error de nuestra parte" para dar la imagen de un "gobierno incapaz de remediar todos los males de inmediato, y orientado contra el pueblo."

♦ Stalin en el banquillo

Tanta franqueza y afán de exactitud responden, sin duda, a una necesidad estratégica de largo alcance y a la búsqueda de respaldos frente a los innegables obstáculos al cambio denunciados, más de una vez, por el actual secretario general del P.C.U.S. Y se complementan con otros cuestionamientos a los métodos anquilosados y a las rémoras del viejo estilo stalinista, aún existentes en la sociedad soviética. Rémoras tipificadas, mejor que nadie, por aquel Leonid Breshnev tantas veces vituperado por Gorbachov, que sucedió a Kruschev cuando éste fue removido sin contemplaciones en 1964 y que gobernó con absoluto inmovilismo hasta... ¡1982!

Unos pocos entre estos flamantes aportes al esclarecimiento, por los propios soviéticos, del fenómeno stalinista: el historiador Alexander Samsonov, también veterano de guerra, en una reciente edición del diario "Sotsialisticheskaya Industriva" afirmó que la supuesta confianza de Stalin de que Adolfo Hitler jamás atacaría a la URSS, como fruto de los discutidos pactos de 1939, lo llevó a desechar informes de inteligencia alertando que ello ocurriría el 22 de junio de 1941.

"Nuestras tropas no fueron puestas en disposición de combate y se les prohibió disparar contra aviones alemanes que violaron el espacio aéreo soviético", acusó Samsonov.

Al aludir a "otros desafortunados errores de Stalin cometidos hasta el otoño de 1942", el historiador dijo que "de no ser por ellos, las tropas de la Wermacht aun penetrando en territorio soviético no habrían podido llegar hasta Leningrado y Moscú". Un juicio compartido por varios destacados revisionistas rusos de ese traumático pasado: coinciden al respecto con el escritor Harrison E. Salisbury, cuya copiosa documentación —más allá de cuáles fueran sus intenciones— no ha sido puesta en tela de juicio.

Los 5 millones o más de rusos que según Salisbury y los novísimos críticos soviéticos murieron en los "gulags" stalinistas después de la guerra, debieran sumarse conforme a esas opiniones a los 50 ó 60 millones abatidos por el hambre y el cólera, durante la colectivización forzada en los años '20.

También correspondería adicionar esas bajas, se afirma, a las producidas por las matanzas cuando las purgas de 1934 a 1938. Refuerzan estas acusaciones, ahora renovadas, las cartas que artistas y literatos soviéticos enviaron estos días a los diarios, con motivo de la autorización oficial para la edición de la novela "Niños del Arbat", de Anatoly Rybakov: un texto prohibido en 1966 y 1978.

♦ Razones económicas-políticas

Dichas misivas detallan la rigidez de la planificación, y el "ambiente de temor" en los lugares de trabajo durante el dominio omnímodo del gobernante fallecido en 1953 y cuya remoción del liderazgo ya había sido pedida por Lenin poco antes de morir éste en 1924. Un temor, dicen los firmantes, que habría provocado la actual crisis de la economía soviética.

Pero el testimonio más inquietante pertenece al novelista Rybakov. Este juró que las "depuraciones" de Stalin —quien a través de un asombroso trámite de aceptación de culpas inexistentes, ejecuciones, asesinatos e inclusive suicidios forzados liquidó a los principales motores de la revolución de 1917, entre ellos León Trotsky, Alexei Rykov, Nicolás Bujarin, Leo Kamenev— tuvieron para la nación soviética una significación mayor que la Segunda Guerra.

Esta bola de nieve revisionista apunta a consolidar el arduo proyecto reformista y liberalizador gorbachoviano, cuyas consecuencias últimas y perspectivas de éxito nadie podría augurar. Y que, a diferencia de la Nueva Política Económica lanzada por Lenin para superar la crisis de la revolución entonces naciente, no llegó todavía a proponer la creación de empresas totalmente privadas. Pero, a cambio, reclama una participación de los trabajadores, y una pluralización de los mecanismos electivos, antes nunca planteadas.

En este plan, la URSS considera hoy permitir la convertibilidad internacional del rublo. Pero no menos sintomática es la rehabilitación de la vieja guardia bolchevique liquidada por Stalin, que ya empezó a concretarse a mediados de este mes en la figura de Iván Smilga, ejecutado en 1930.

Son dos planos íntimamente ligados, en la óptica de quienes rodean a Gorbachov. Porque, como acaba de decir en "Moskovskaya Pravda" el economista Viacheslav Dashichev: "Si el ineficiente sistema económico creado por Stalin continuara, entonces el propio socialismo y el bienestar de nuestro pueblo, así como los destinos de la nación, estarían bajo una grave amenaza."

Jorge Ariel Madrazo



El líder soviético Mijail Gorvachov.



URSS
026

Seminario sobre política soviética

URSS

A partir de hoy y hasta el jueves, se realizará en la Universidad del Museo Social Argentino, Corrientes 1723, un seminario sobre "¿Una nueva política soviética?. (América latina en el contexto del reordenamiento de prioridades en la política internacional de la URSS)".

A las 18.30, la doctora Hélene Carrere D'Encausse, directora del Instituto de Estudios Políticos de París, hablará sobre "Los cambios en la política exterior soviética", y el profesor de la Universidad de Belgrano, Julio Cirino, sobre "Nueva política soviética en América".

El 30, el doctor Andrés Benavente Urbina, académico del Instituto de Ciencias Políticas de Chile, se referirá a "Gorbachev y los partidos comunistas de América latina" y el licenciado Rodolfo Florido, especialista en estudios soviéticos, lo hará sobre "Política soviética en el cono sur".

La Prensa 29/7/87

01 | 01

Realizó la URSS dos pruebas nucleares

Moscú (UP) — La Unión Soviética realizó dos pruebas nucleares subterráneas una en los mares de Barent y otra en el centro de Asia, informó la agencia noticiosa oficial TASS.

La agencia agregó que las pruebas fueron realizadas "con el fin de proteger la tecnología nuclear". Ambas explosiones fueron concretadas con una hora de diferencia.

TASS indicó que las pruebas fueron de 20 y 150 kilotones, o el equivalente a entre 20.000 y 150.000 toneladas de TNT.

La bomba atómica que cayó en Hiroshima durante la Segunda Guerra Mundial fue de 13 kilotones.

Bajo el acuerdo nuclear entre los Estados Unidos y la Unión Soviética de 1974 se acordó limitar las pruebas a 150 kilotones. El tratado nunca ha sido ratificado por los Estados Unidos.

Una de las pruebas fue realizada en la isla de Novaya Zenlya, en los congeladas aguas del mar de Barent, en el círculo polar ártico. Las islas han sido utilizadas en el pasado para otras pruebas.

La otra fue realizada en la república de Kazakstán, en el centro de Asia.

LA PRENSA URSS 3/8/87

VERLA

027

01 01

8706695

Purga en [illegible]

El gobierno soviético prosigue "purgando" en la Fuerza Aérea de figuras jerárquicas a las que se involucra en el aterrizaje de una avioneta en la plaza Roja de Moscú, sin que previamente hubiese sido detectado por los radares e interceptada por los aviadores que sin su ayuda lo habían avistado.

Las drásticas medidas comprenden al jefe de la defensa aérea de Moscú y a otros altos jefes militares de ese distrito. El hecho de que estas destituciones hayan seguido a las que no hace mucho despertaron la atención mundial a raíz del mencionado vuelo del joven Mathias Rust, de 19 años, quien el 28 de mayo pasado partió de un aeropuerto de Alemania occidental, y después de detenerse brevemente en Malmo, Finlandia, arribó a Moscú, autoriza a creer que se trata de una "purga". En efecto, en un primer momento el jefe del gobierno, señor Gorbachev, destituyó al ministro de defensa, Sergei L. Sokolov y al jefe encargado de la defensa de la Fuerza Aérea, mariscal Alexander I. Kolcunov. Estas sanciones, animaron a la prensa soviética a publicar severos comentarios, como nunca se habían leído en el periodismo oficial al ocuparse en el pasado de situaciones semejantes. Evidentemente, se hacían eco de las "purgas" ordenadas por el jefe del Politburó. "Estrella Roja" informó que, a su vez, el comité central del partido Comunista había expulsado de sus filas a varios oficiales de alto rango de la Fuerza Aérea.

Entre tanto, Mathias Rust continúa encarcelado en llamativas condiciones, a punto tál que sus padres han podido visitarlo acompañados de un funcionario de la embajada de Bonn en Moscú. Según se advierte, el "violador" del espacio aéreo ruso no ha sido sometido a prisión rigurosa o cuando menos incomunicado. No hay noticias de que se haya iniciado proceso en su contra.

La reciente "purga", incruenta, según todas las apariencias, contrasta con otras que en el pasado alcanzaron resonancia mundial. En los años 20 fueron ajusticiados los "desviacionistas" que seguían a Trotsky, en 1936/38 fueron eliminados mediante ajusticiamiento varias figuras de la "primera hora" del régimen soviético, entre otras Kamenev, Soverlock; en 1939 se liquidó a Víctor Erlich y Heinrich Alterman, líderes del partido Obrero Judío, fundado en 1897, y en 1948 a la flor y nata de la intelectualidad judía cuando 24 de los más destacados escritores, poetas y periodistas en "idish" fueron asesinados en una misma jornada.

En verdad, la Unión Soviética es un país de "purga permanente", por más que en el caso del escándalo desatado a raíz del sorpresivo aterrizaje de una avioneta en la plaza Roja, la depuración en la Fuerza Aérea no haya alcanzado las trágicas resonancias que distinguieron a otras. De todos modos, no parece haber correspondencia o proporción entre la destitución de los más altos rangos de aquélla y el benigno tratamiento que recibe el "infractor" en una cárcel moscovita.

Este es el aspecto que continúa dando que hablar en el mundo occidental y el que ha sugerido a más de un comentarista la idea de que se está en presencia de un ardid estratégico que le ha permitido a Gorbachev desembarazarse de jefes militares que no le son adictos. No sería esta la primera vez.

Cartas de Moscú (IV)

Iván comenzó a reflexionar

Por Rolando Rivière

(Corresponsal de LA NACION en Europa)

MOSCU.– No existe la desocupación, no existe la miseria, pero las posibilidades de elección son mínimas, los productos de primera necesidad escasean o son malos e Iván, que ha empezado a reflexionar en que las democracias occidentales no son totalmente reprobables y ve a los turistas bien vestidos, en absoluto abrumados por sus regímenes pintados por el sistema como despiadadamente explotadores, piensa que esa tajada de confort, esos trajes de buena factura entran igualmente en las aspiraciones del ciudadano socialista. Pero Iván y, antes que él, su padre han sabido, desde que nacían que la gran madre soviética cuidaría de su existencia, los libraría de la lucha competitiva, les daría un esquema de poder con sus castas y sus *jerarquías inmutables*.

Ahora, Gorbachov quiere romper con esa existencia gris enfrentándose al formidable aparato de la "nomenklatura" y buena parte de los veinte millones de afiliados al Partido Comunista de la Unión Soviética que en la pesada burocracia acrítica han hallado un modo de vida aceptado por todos como la única oferta positiva del marxismo.

Los sueldos

Iván gana unos 190 rublos mensuales, aunque en ciertos casos esa cifra aumenta a unos 300 en ingenieros, técnicos y periodistas. El Estado le adjudica una vivienda que debe aguardar le entreguen demostrando sus necesidades. Esa vivienda que puede tardar tres o cuatro años en otorgarse dispone de unos doce metros cuadrados útiles por persona. La mensualidad nunca superará los 15 rublos incluidos los gastos de electricidad, teléfono y calefacción que obviamente es muy buena en una ciudad que registra treinta grados bajo cero en invierno.

Hay dos precios para los productos de primera necesidad. Por ejemplo, si el kilogramo de carne le cuesta tres rublos en los mercados estatales, a veces es posible conseguirlo en la venta directa de los campesinos de *mejor calidad y mayor precio*. En los grandes almacenes oficiales prácticamente todo es congelado y la gente procura hallar el mismo producto, lo que no es habitual en las ofertas de esos pequeños negocios privados.

Los transportes

La legendaria línea del metropolitano con estaciones que recordaron a este corresponsal, no sabe bien por qué, la idea que se hacía de chico del interior del Nautilus del capitán Nemo, los tranvías y el ómnibus cuestan cinco kopecs el boleto. El taxi no es caro y para variar hay también colas para conseguirlo en las horas pico a la salida de los empleos.

Pero hay otro medio de transporte menos ortodoxo. Usted está en una esquina con el hombre de la calle y los números aprendidos de memoria y anotados por si acaso en cirílico y de pronto un particular se detiene. Uno da la dirección y si les queda bien, lo que es frecuente, lo llevan. Este corresponsal descubrió para diversión de su acompañante Vladimir que la distancia, sea de un kilómetro, o de cinco, no modifica la tarifa de estos transportes: tres rublos.

La comida tradicional de los hogares moscovitas es la sopa de repollo y luego un plato de carne guisada. El vino se puede comprar solamente después de las 14 y el vodka escasea. Su precio ha sido elevado para evitar el grave problema de alcoholismo que aqueja al país. Una botella cuesta alrededor de siete rublos y si la marca es especial, doce.

La ley de Gorbachov que carece de ambiente "gangsters" para violarla ha logrado, según los soviéticos, un aumento del treinta por ciento en el rendimiento laboral. Lo que se bebe son jugos de todo tipo.

El cine

Iván va al cine, que cuesta sesenta kopecs, y los pocos privilegiados que tienen video pueden alquilar un film ruso por un rublo, operación que suele hacerse entre una o dos familias para pasar la velada. Las películas extranjeras, mayoritariamente italianas o francesas, están dobladas, por lo que el extranjero residente en Moscú raramente puede ir al cine.

Los discos, excelentes. Cuestan menos de un rublo y medio. Los libros (sin olvido de que la cultura está dirigida y hay infinidad de autores extranjeros y locales vedados) cuestan entre 80 kopecs y seis rublos las ediciones especiales de lujo. Un dato curioso: desde hace un par de meses circula una edición de cuentos de Adolfo Bioy Casares que fue imposible conseguir. Los rusos son buenos lectores y en el subterráneo no es raro ver a la gente con un libro en la mano. Para evitar que se pasen de estación los parlantes en los vagones anuncian la próxima.

Iván ahorra porque la vida no es cara y no tiene en qué gastar. Un columnista de un diario de derechas europeo, al hacer este mismo comentario, concluía: "Es una sociedad bien distinta de nuestro mundo capitalista que carece de muchos bienes y de no menos libertades, pero hasta la que no ha llegado la locura del consumismo ni te obligan a vivir a la carrera con el infarto en los talones. ¿Cuál prefiere usted?"

Iván pide más

Sin embargo, Iván pide más aunque esté adocenado por una indolencia que es la característica del poder ejercitado en su patria. Marshall Goldman, historiador de Harvard y sovietólogo, manifiesta que Gorbachov es muy diferente de todos sus antecesores y que advirtió rápidamente que sólo con disciplina no lograría ese nivel de confort que piden sus ciudadanos y era preciso ingresar de al[illegible] para conseguirlo.

En las calles de Moscú circulan algunos automóviles extranjeros flamantes que llaman la atención y reúnen en su torno a muchos "ivanes" curiosos para quienes un coche ruso (el Lada) cuesta seis mil rublos como mínimo. Pero a fin de año aparecerá en el mercado la utilitaria soviética, la Vaz 1111, que se espera vender a menos de cuatro mil rublos. La designación técnica no ha gustado a Iván que la bautizó "Oka", el nombre del afluente del Volga sobre cuyas márgenes, a unos cien kilómetros de Moscú, surge la fábrica de motocicletas Serpukhov, que junto con Togliattigrad serán los centros de producción.

El mercado soviético puede absorber hasta medio millón de estos coches por año, aunque se ignora si será posible alcanzar esa producción con la todavía incipiente "Perestroika", ni si contemporáneamente se hará el esfuerzo indispensable para mejorar la red de carreteras del interior.

¿Cómo es el "Oka"? Tiene tres metros y veinte centímetros de largo, dos puertas laterales y una trasera. Se parece a las pequeñas utilitarias de la FIAT y gastará cuatro litros y medio de nafta cada cien kilómetros a 90 por hora. Su motor de dos cilindros tiene 650 centímetros cúbicos. Iván la está esperando como otro signo esperanzador de disfrute para sus fines de semana. Es que Iván no es muy distinto de usted o de este corresponsal. Lo distinto es el sistema en el que ha vivido, al menos hasta ahora.

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Bonn y Moscu procuran una mayor cooperación.

PROCEDENCIA: LA PRENSA 9/7/87

ARCHIVADO EN: R.F. Alemania (003)

01/01

8706750

0268

PERU

Ambito Financiero
de julio de 198

La apertura amenazada por el déficit comercial de la URSS

Moscú — La campaña del Kremlin por modernizar la economía soviética sufrió ayer un duro revés al anunciarse que el *giro comercial* con Occidente disminuyó 18 % en el primer trimestre de 1987, comparado con igual periodo del año pasado.

Estadísticas publicadas por la revista de comercio exterior "Uneshnyaya Torgoulya" evidenciaron que las importaciones soviéticas desde el oeste declinaron 23,1 por ciento y las exportaciones bajaron 10,7 por ciento.

En el periodo comprendido por la información, el déficit soviético en su intercambio arrojó una cifra de 562,4 millones de rublos (879 millones de dólares).

• Comercio

Este es el quinto año consecutivo que el comercio con Occidente declina en el periodo enero-marzo. En los primeros tres meses de 1983, cuando comenzó la actual tendencia, el volumen del intercambio fue aproximadamente 30 por ciento mayor que en similar lapso de este año.

El último déficit fue menor que el de 1250 millones de rublos (1950 millones de dólares) registrado en el primer trimestre de 1986, pero algunos economistas explicaron que ello se logró reduciendo sensiblemente muy necesarias importaciones de equipos industriales y tecnología occidentales.

Los mismos economistas indicaron que la prolongada debilidad de los precios petroleros mundiales explica en gran medida el descenso del valor de las exportaciones soviéticas al oeste. Las ventas de petróleo, sus subproductos y gas representaban aproximadamente el 30 por ciento de las exportaciones antes de la caída de la cotización del crudo.

• Reestructuración

"Las cosas van a empeorar todavía más", vaticinó en una embajada occidental un especialista en economía. "Aunque los soviéticos consigan reestructurar su economía, los próximos dos años van a ser bastante procelosos para ellos", agregó.

La caída de los precios de los hidrocarburos es el principal factor del descenso de casi 25 por ciento en el giro comercial con el oeste durante todo el año pasado, cuando el déficit soviético ascendió a más de cuatro mil millones de dólares, desde el nivel de escasamente más de mil millones de dólares en 1985.

Algunos especialistas indicaron que la reducción de importaciones amenaza los planes del Kremlin de modernizar la economía y algunas propuestas sugeridas por economistas reformistas, como hacer convertible el rublo, tendrían que ser aplazadas al menos por un tiempo.

01/01

8706797

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Técnico Soviético para el Vóleibol.

PROCEDENCIA: LA HABANA 26/8/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (8)

01/01 8706814

Protesta de los tártaros en la Plaza Roja de Moscú

Los tártaros de la región de Crimea, que manifestaron durante más de 24 horas en los alrededores de la Plaza Roja de Moscú, levantaron ayer por la tarde sus protestas tras aceptar una entrevista con el jefe del Estado soviético, Andrei Gromiko. Los tártaros reclaman el derecho de volver a vivir a orillas del Mar Negro, de donde su pueblo fue deportado en 1944 acusado de haber colaborado con los nazis.

MOSCU, 26 (Reuter). — Tártaros cuyos ancestros fueron expulsados de Crimea, enarbolando retratos del líder soviético, Mijail Gorbachov, y del fundador del Estado soviético, Vladimir Lenin, pusieron hoy fin a una manifestación de protesta sin precedentes ante las puertas del Kremlin, exigiendo que se les permita retornar a su terruño.

Los dirigentes de la manifestación de 24 horas anunciaron que el presidente Andrei Gromiko los recibirá mañana.

Reshat Dzhemilyov, activista tártaro desde hace tres décadas, informó que los manifestantes se dispersaron esta tarde después de aceptar un ofrecimiento del Kremlin de una entrevista con Gromyko, que les fue transmitido por el ministro del Interior Alexander Vlasov.

Dzhemilyov, quien cumplió varias penas de cárcel por promover la causa tártara, indicó que algunos manifestantes escucharon a Vlasov hablando con el propio líder soviético Gorbachov a través del teléfono de su automóvil durante discusiones en la zona de la Plaza Roja anoche.

Los 300 tártaros aparentemente resolvieron poner fin a su vigilia después de prolongadas discusiones con funcionarios que acudieron a dialogar con ellos en torno a su pedido de una entrevista con el líder soviético.

La policía que había montado guardia en torno de los manifestantes desde ayer por la tarde se replegó en determinado momento para dejar que los tártaros pasaran por un puente que cruza el río Moscú y luego desplazaron la fila de autobuses que habían ocultado de la vista del público el acto de protesta.

Protesta

Anoche y hoy, miles de turistas extranjeros y moscovitas presenciaron desde unos 200 metros de distancia el insólito espectáculo de un acto de protesta en pleno centro de Moscú, pudiendo leer carteles que decían: "Devuélvannos nuestra patria" y "Democracia y glasnost (apertura) también para los tártaros de Crimea".

La atmósfera fue tranquila durante la manifestación y algunos de los participantes, que piden la restitución de la República Autónoma Tártara de Crimea, disuelta por José Stalin en 1944, fueron autorizados a apartarse momentáneamente del grupo y a reintegrarse a él después de cargar agua en recipientes en el cercano hotel Rossia.

Para los que desde hace tiempo conocen el escenario de Moscú, la forma como las autoridades manejaron la protesta marca un abierto contraste con la presta y a veces brutal represión policial de manifestaciones similares en los anteriores 25 años.

Las protestas de disidentes en la Plaza Roja y sus proximidades, considerada como una especie de santuario por estar allí el mausoleo de Lenin, eran siempre dispersadas en escasos segundos y quienes participaban en esos actos iban a dar en la cárcel por período prolongados.

"Estamos aquí para protegerlos", explicó hoy un funcionario policial.

Actitud oficial

"¿Por qué se les permite realizar una manifestación?", inquirió una anciana. "Estamos en democracia, tienen derecho", le replicó un hombre de edad madura.

La actitud oficial estuvo evidentemente en consonancia en este caso con la política más liberal promovida por Gorbachov, cuyos colaboradores más próximos comenzaron recientemente a admitir que el Kremlin no tiene el monopolio de la verdad.

La manifestación fue protagonizada por tártaros llegados del Asia Central. Todos ellos fueron deportados en una operación que, según dicen, provocó la muerte de miles de sus paisanos después que Stalin afirmara que habían colaborado con los nazis en Crimea durante la Segunda Guerra Mundial.

Según especialistas occidentales, entre 200.000 y 250.000 tártaros fueron deportados en 1944 y concuerdan con estimaciones tártaras en el sentido de que solo la mitad de esa cifra debe haber sobrevivido a la expulsión.

En 1968 el Kremlin dictaminó que la nación tártara en su conjunto no era culpable de colaboración con los alemanes durante la ocupación de Crimea

El juicio de Chernobyl

El reciente juicio celebrado en la Unión Soviética con motivo del desastre nuclear ocurrido en la planta atómica de Chernobyl, y las sentencias recaídas contra varios ex empleados de aquélla que fueron encontrados responsables de haber procedido con negligencia culposa, sugiere algunas reflexiones.

En primer lugar, en una tarea que implica tan elevado grado de peligro, no sólo para quienes la ejercen, sino para la comunidad entera en la que se encuentra asentada la usina, y aun para la población de regiones alejadas en un radio de centenares de kilómetros, se impone una especial y severa vigilancia y fiscalización de la forma y de las condiciones en que el trabajo se desarrolla. No es por lo tanto admisible, dado el grado de amenaza a la seguridad colectiva que conlleva, que la labor sea efectuada ajustándose a los parámetros normales en cualquier otra industria o actividad productiva. Deben por el contrario acentuarse los resortes de contralor, por el riesgo que comporta la naturaleza de la materia que allí se manipula, sin que se hagan distinciones entre las categorías de quienes cumplen funciones. Sólo de esta manera podrán evitarse o reducirse al mínimo las posibilidades de que algún error o falla humana pueda ocasionar una hecatombe de tan graves consecuencias.

Esto al parecer fue lo que ocurrió en Chernobyl, dado que las evidencias presentadas durante la tramitación de la causa demostraron que algunos ingenieros y operarios que allí prestaban servicios, entretenían su tiempo jugando a las cartas o dedicándose a menesteres que nada tenían que ver con las tareas que les estaban asignadas. Semejante conducta, que en cualquier trabajo habitual configura una actitud negligente y reprobable, en una situación como la que nos ocupa resulta francamente criminal. Siendo ello así, las sentencias dictadas en el proceso estarían ajustadas a derecho, y el pronunciamiento recaído daría satisfacción a la "vindicta pública".

Sin embargo, por lo mismo que hemos afirmado más arriba, no es suficiente con que el aparato represivo del Estado haya funcionado correctamente, porque aun así no quedará restablecido el gravísimo perjuicio ocasionado a las personas y a los bienes por un desastre de tanta magnitud. La desproporción entre éste y los castigos infligidos a un número reducido de empleados, no tendrá la virtud de devolver la vida a los muertos ni la salud a los enfermos y mutilados, ni la prosperidad a las vastas zonas afectadas por la contaminación radiactiva.

Este hecho no puede quedar finiquitado con la terminación de un expediente judicial y el cumplimiento de las penas en él impuestas, sino que debe seguir siendo recordado en la memoria del público y en la de las autoridades para evitar su eventual repetición futura.

PERCA — URSS — LA PRENSA 5/8/87 — 026

01|01

8706847

CLARIN ★ Buenos Aires, lunes 27 de julio de 1987 ★ CLARIN

EL LIDER AFGANO SE ENTREVISTARA CON GORBACHOV

Una guerra incómoda

MOSCU Y PARIS, 26 (Reuter, AFP y "Le Monde", especial para Clarín). — La visita que el líder afgano, Najibullah, realizará en el transcurso de esta semana a Moscú tiene una trascendencia mucho mayor que lo que indican los acontecimientos. Además de rendir una ofrenda a la tumba del Soldado Desconocido y de llevar a cabo conversaciones con el líder soviético, Mijail Gorbachov, y otros funcionarios, la intención de esta visita refleja el grado de pérdidas que experimenta la Unión Soviética en este conflicto en el que se ve involucrado su ejército.

La información proveniente de Afganistán no hace más que poner en evidencia que esta guerra representa para Moscú un costo demasiado elevado. Principalmente en hombres, según atestiguan los reportajes publicados por la prensa soviética, cuyo realismo inédito no está muy lejos de aquel que se podía leer, en otros tiempos, en la prensa occidental, a raíz de los acontecimientos de Vietnam. La publicación de estos escritos, consecuencia evidente de la "transparencia" de la era de Gorbachov, apunta a reflejar la inquietud que afecta a la población soviética. La guerra en Afganistán no es considerada como un asunto exterior que afecta solamente la competencia de militares profesionales, sino como una calamidad que convulsiona a las familias de donde surgen los conscriptos que se envían a combate.

Según el entender de los expertos, el costo material, por otra parte, alcanzó proporciones que no habían sido previstas por los estrategas de la época de Breznev cuando planearon la invasión de Afganistán. En Moscú, en la actualidad, se se deja de reconocer que esta operación fue un error funesto.

Es necesario precisar que las guerrillas afganas comenzaron a destruir aviones soviéticos y afganos a un promedio de uno por día desde que los insurgentes comenzaron a utilizar los misiles Stinger, proporcionados por Estados Unidos, según aseveran informes de inteligencia.

Se estima que las pérdidas de aviones están causando problemas significativos para las fuerzas del gobierno soviético y afgano, quienes dan muestras de una moral deteriorada como consecuencia directa de la mejor actuación de las guerrillas.

Sin embargo, las fuerzas de inteligencia dudan de que la cooperación entre las facciones insurgentes vaya más allá de episodios ocasionales en el campo de batalla. La desunión siempre fue un factor importante en el esfuerzo de las guerrillas desde que la Unión Soviética invadió Afganistán hace más de siete años.

♦ Pérdida de la moral

Siempre en su lucha en tierra, las fuerzas soviéticas y afganas dependieron de su supremacía aérea frente a las prácticas elusivas de las fuerzas guerrilleras. Las pérdidas que sufrieron las fuerzas armadas soviéticas y afganas no solamente afectaron el apoyo aéreo con que contaban, sino que también provocaron problemas de moral entre los pilotos afganos, quienes se niegan a volar.

Finalmente, en términos políticos y diplomáticos, los países occidentales hicieron entender a Gorbachov que es con el fin de mejorar la situación en Afganistán que juzgarán sus buenas intenciones en busca de la paz. En cuanto a China —cuya mejora en las relaciones con Moscú sigue siendo una de las grandes cuestiones que Gorbachov quiere ver avanzar— considera igualmente que a falta de progresos en los arreglos en Camboya, un mejoramiento en la situación de Afganistán sería un paso en una buena dirección.

♦ Indefinición política

Por otra parte, Gorbachov acaba de reconocer ante Najibullah que Moscú no tenía, por el momento, otra situación que seguir sosteniendo una política que, después de más de seis meses, no aportó ningún fruto. Los ofrecimientos esgrimidos por Najibullah sobre las fuerzas no comunistas del país se detienen allí donde comenzaría a cuestionarse la supremacía que el Partido Comunista pro soviético intenta seguir ejerciendo. Y mientras sabe que Najibullah es particularmente impopular en Afganistán debido a su carrera como jefe de los servicios secretos de Kabul, Gorbachov no hizo mención de su antecesor, Babrak Karmal, depuesto hace un año por haber dado indicios de una especie de reticencia frente a las voluntades de Moscú.

En el mismo momento en que Najibullah se despedía de sus superiores soviéticos, el secretario norteamericano de Defensa, Caspar Weinberger, por su parte, no escondía de ninguna manera la satisfacción que le producía la eficacia, frente a la aviación soviética, de los misiles librados por Estados Unidos a la resistencia afgana. La cuestión es, entonces, saber cuándo Gorbachov decidirá imponer a sus pares la consecuencia lógica de esta encrucijada militar y política: una retirada que pondría fin a una satelización de Afganistán por parte de Moscú.

Seguridades de Gorbachov a Mozambique

MOSCU, 4 (EFE). — El máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, se entrevistó hoy por segunda vez con el presidente de Mozambique, Joaquín Alberto Chissano, quien se encuentra en la URSS en visita oficial.

Gorbachov y Chissano mantuvieron ayer su primera reunión, poco después de la llegada del dirigente mozambiqueño a Moscú. En ella, el líder soviético reafirmó el apoyo de la URSS al Frelimo (Frente de Liberación de Mozambique) y a la lucha de los países de la "línea del frente" contra Sudáfrica y el régimen del "apartheid".

El secretario general del P.C. soviético señaló también, en un discurso pronunciado en la cena ofrecida en honor de Chissano, que el "colapso del «apartheid» es ineluctable", y que la eliminación del racismo por medio de un acuerdo político repercutiría en los intereses de todos los sudafricanos, negros y blancos.

La URSS y Mozambique firmaron en 1977 un tratado de amistad y cooperación, en virtud del cual Moscú suministra ayuda económica y militar al país africano.

01/01

8706896

URSS
Conflicto IRÁN

MOSCU Y TEHERAN ACUERDAN UN PROYECTO DE LARGO ALCANCE

Vasta cooperación económica

MOSCU, 5 (Por Jackson Diehl del "Washington Post" especial para Clarín). — La agencia de noticias TASS informó este martes que la URSS e Irán acordaron nuevos proyectos de cooperación económica de gran envergadura y que criticaron la presencia naval de EE.UU. en el Golfo Pérsico. El acuerdo se concretó luego de la visita a Teherán del vicecanciller soviético Yuli Vorontsov.

TASS precisó que Vorontsov, quien estaba por segunda vez de visita en Irán, mantuvo conversaciones con el presidente Alí Khamenei, con el primer ministro Hussein Moussavi y con el canciller Alí Akbar Velayati. La visita de Vorontsov era por tres días y concluyó este martes. El vicecanciller soviético también debe visitar Irak.

La agencia soviética añadió que ambas partes expresaron "preocupación mutua" por el "refuerzo sin precedentes de la presencia militar norteamericana en la zona". Agregó la agencia que Irán había apoyado una propuesta de Moscú para el retiro de todos los buques extranjeros que se encuentran en aguas del Golfo Pérsico y que también estuvo de acuerdo en pedir que su gobierno e Irak se abstengan de acciones que signifiquen una amenaza para la navegación internacional.

Diplomáticos de Occidente en Moscú comentaron que la visita a Teherán de Vorontsov era señal de una modesta mejora en las relaciones entre la Unión Soviética e Irán mientras la URSS trata de sacar ventajas del rápido deterioro de las relaciones entre el régimen iraní y Occidente. TASS agregó que las conversaciones entre ambos países habían reafirmado el "interés mutuo en continuar y profundizar los contactos políticos entre la URSS e Irán".

Resolución ONU

Otros diplomáticos observaron que la gira de Vorontsov pareció estar destinada también a evaluar las perspectivas de poner en práctica la reciente resolución del Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas que pide se ponga fin a la guerra Irán-Irak. TASS subrayó que durante las conversaciones de Vorontsov "se consideraron en detalle los temas relacionados con el actual conflicto Irán-Irak a raíz de la resolución de las Naciones Unidas".

Por su parte, la agencia noticiosa iraní, IRNA, recibida por servicios de noticias occidentales en Londres, indicó que Vorontsov había condenado a los "gobiernos implicados en la muerte de cientos de peregrinos iraníes en los incidentes de La Meca" ocurridos el viernes pasado. Sin embargo, el vocero de la cancillería soviética, Guenadi Gerasimov, señaló en conferencia de prensa realizada este martes en Moscú que no podía confirmar esas declaraciones.

Cabe recordar que las relaciones entre la URSS e Irán estuvieron tirantes durante mucho tiempo. La conducción iraní fundamentalista liquidó al partido Tudeh —pro soviético— y apoyó a los guerrilleros afganos que combaten a las fuerzas militares soviéticas. Teherán también ha condenado a la URSS por facilitarle armas a Irak.

Sin embargo, últimamente, los contactos entre Teherán y Moscú han aumentado. Luego de la visita que realizó a Teherán Vorontsov, en junio pasado, el vicecanciller iraní, Javad Larijani, viajó a la capital soviética el mes pasado. Diplomáticos de Occidente adelantaron que también se está discutiendo la posibilidad de que el canciller soviético, Eduard Shevardnadze, visite Teherán en lo que resta de este año.

01 01

8706947

URSS p8

026

Una visita al escenario del desastre nuclear

Por Steven Strasser

Después de más de un año de la catástrofe de Chernobyl, los funcionarios soviéticos comenzaron a llevar periodistas occidentales a esa planta nuclear y sus alrededores

KIEV (Newsweek). – A lo largo del camino desde esta ciudad a Chernobyl abundan evidencias del desastre. En un centro de control de radiaciones situado en las afueras de la capital de Ucrania, los automovilistas que ingresan deben detenerse para que dosímetros automáticos verifiquen el estado de sus vehículos.

Mientras recorren los 150 kilómetros de esa ruta arbolada, los conductores que regresan de la planta deben parar en cinco estaciones de control.

Al entrar en la zona de exclusión, de aproximadamente 30 kilómetros alrededor de Chernobyl, los vehículos pasan frente a un slogan muy conocido: "La Unión Soviética propone deshacer al mundo de las armas nucleares". Luego ingresan en una zona sombría de campos densamente cubiertos de malezas y árboles chamuscados, terrenos del Ejército y pueblos vacíos.



Control de radiactividad

Posición oficial

Los soviéticos consideran al siniestro escenario como un triunfo de las cifras. En total, 135.000 personas fueron evacuadas de 179 poblados cercanos a Chernobyl. Hoy los funcionarios comunistas aseguran que 16 comunidades han vuelto a sus pagos.

Los primeros dos reactores de la planta nuclear funcionan nuevamente mientras que el tercero (adyacente al cuarto, que fue demolido) será puesto en marcha dentro de unos meses.

El vocero de Chernobyl, Aleksandr Kovalenko, sostiene que los reducidos niveles de radiación permiten a los 7500 empleados de la zona trabajar con total seguridad –15 días en el área restringida y, luego, otros 15 días en Kiev–. "Pensábamos que sólo dentro de 20 años íbamos a poder lograr lo que hacemos hoy", afirmó Kovalenko.

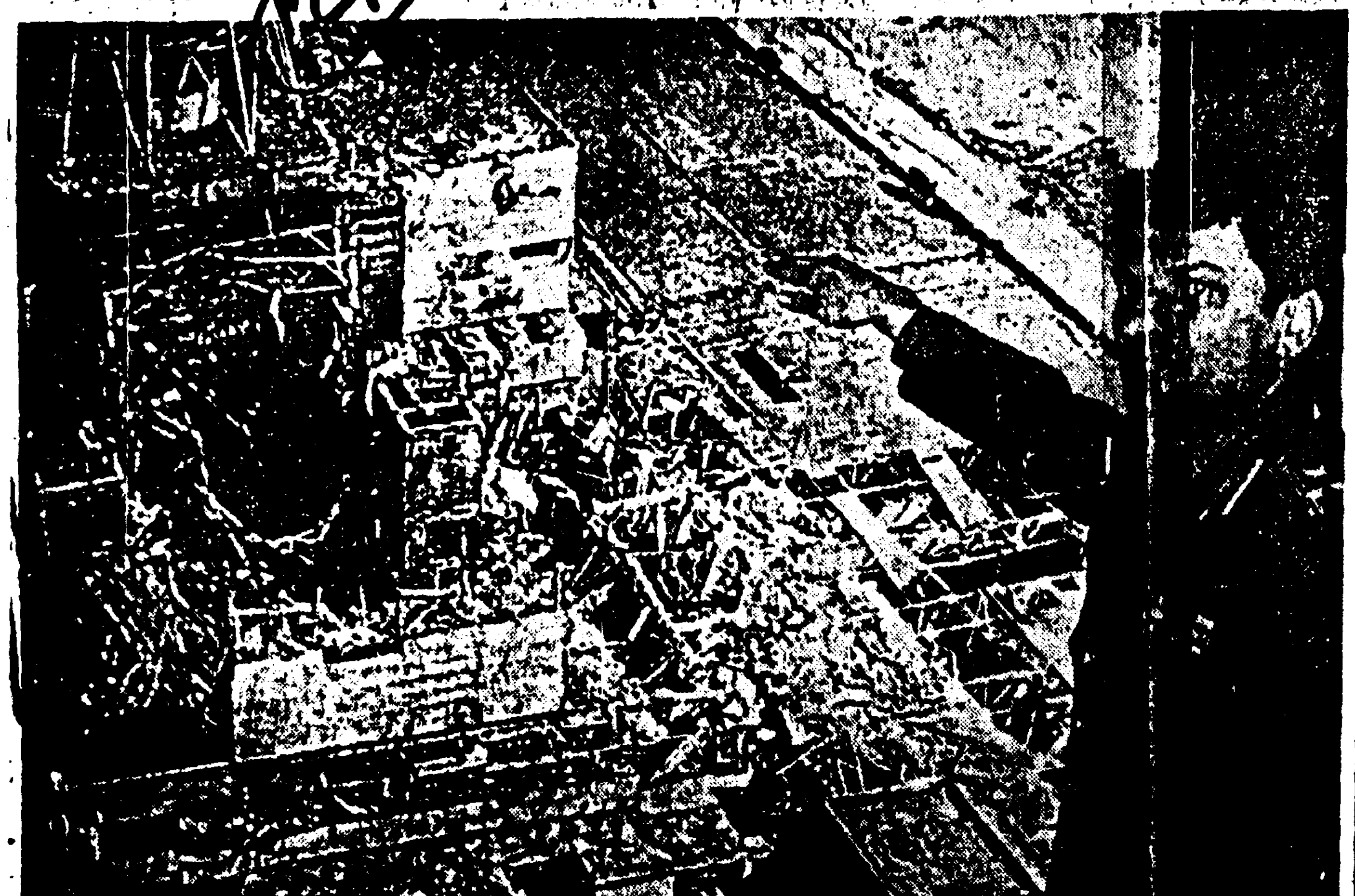
Un pueblo fantasma

Pero la ciudad aledaña de Pripyat no dejó de ser un pueblo fantasma. Todavía se observan carteles alusivos al Día del Trabajo... de 1986. También hay una tienda repleta de vestidos y un almacén que exhibe alimentos enlatados, pero no hay clientes.

Pripyat era una ciudad joven. La edad promedio de sus habitantes era de 26 años y todas las noches podía observarse allí un desfile de andadores infantiles.

En la cálida mañana del sábado 26 de abril de 1986, unas 50.000 personas salieron a trabajar como todas

La NACION 6/8/87 (UK



Vista aérea del desastre

los días. Pero al anochecer del 27 de abril, Pripyat debió ser abandonada tal vez para siempre.

"Como en tiempos de guerra"

De acuerdo con el testimonio de los evacuados en el último número de la revista soviética Yunost, la primera señal de advertencia se produjo cuando las llamas se elevaron como una nube roja sobre el cuarto reactor nuclear. Sin embargo, la gente salió al día siguiente a pasear, a nadar o a hacer algunas compras. La policía parecía actuar "como en tiempos de guerra", señaló Lyubov Kovalevskaya, "pero nadie dijo nada". Sólo al otro día se avisó por radio a los habitantes que debían prepararse para ser evacuados.

El Gobierno los resarció con nuevos hogares y empleos. Pero eso no puso fin a la controversia respecto de la inoperancia inicial de las autoridades.

En una carta abierta publicada en Yunost, cuatro evacuados expresaron que habían hablado por teléfono con los funcionarios locales de defensa civil para preguntarles por qué los niños no habían sido advertidos en las calles el 26 de abril. Nos respondieron que "ése no era asunto nuestro y que la decisión correría por cuenta de Moscú", señalaron.

Negligencia

Esas recriminaciones surgieron durante el juicio a los máximos funcionarios de la planta nuclear realizado.

El ex director de Chernobyl Viktor Bryukhanov, de 51 años, el jefe de ingenieros Nikolai Fomin, de 50, y su suplente Anatoly Dyatlov, de 56 años, fueron acusados de negligencia criminal por ser responsables del accidente. Los fiscales también acusaron a algunos de esos 27 empleados de la planta que fueron expulsados del Partido Comunista después del desastre, y los que fueron hallados culpables merecieron penas de hasta diez años de prisión.

Una nueva ciudad

Actualmente los soviéticos están construyendo una nueva ciudad –Slavutich– para albergar a 30.000 trabajadores de Chernobyl junto con sus familias.

Los trabajadores de Chernobyl suelen ir a Pripyat, pero permanecen allí muy poco tiempo y algunos utilizan la piscina cubierta.

Las autoridades han instalado también un "laboratorio radiobiológico": una serie de invernaderos donde los técnicos analizan los efectos de la radiación. Los funcionarios soviéticos reparten pepinos, tomates y fresas a la vez que prueban bocado de esos alimentos para demostrar que algo puede sobrevivir a la siniestra sombra de Chernobyl.

(Traducción de Luis H. Pressenda)

02\02

Sacchaje URSS (8)

0 2 b

ENTREVISTA DEL NOBEL de LITERATURA GABRIEL GARCIA MARQUEZ con el LIDER MIKHAIL GORBACHOV

Entre dogmas y 'glasnost'

En el marco de una visita a la Unión Soviética, el escritor colombiano Gabriel García Márquez, quien años antes de obtener el Premio Nobel de Literatura ejerció el periodismo, mantuvo ayer una prolongada entrevista con el líder soviético Mijail Gorbachov. Ese diálogo, que realizó en Moscú y estuvo marcado por muestras de admiración mutua, fue difundido por la agencia soviética TASS. Durante la charla, el secretario general del Partido Comunista Soviético se extendió sobre el sentido de las actuales reformas en curso en la URSS, de las que es el principal promotor, y sobre los alcances de esa "reestructuración" en el plano de la política internacional.

MOSCU, 15 (TASS, especial para Clarín). — Luego de saludarse con un cálido abrazo, el diálogo fue abierto por el líder soviético.

Mijail Gorbachov: Usted ha venido en una época clave, una época de cambios tajantes, de renovación de todo el sistema de las relaciones sociales, empezando por la economía y terminando por la esfera espiritual. En todas partes se trabaja intensamente, pero es un trabajo de nuestro pueblo: tiene dónde aplicar sus fuerzas, dónde poder mostrar su iniciativa, crear. Todo esto, nosotros, y no solo nosotros sino también el mundo entero, lo conoce por las palabras "perestroika" y "glasnost".

García Márquez: "Perestroika" y "glasnost" son las palabras más conocidas hoy en todo el mundo. Son palabras acertadas. Ellas no se traducen al español ni al francés ni al inglés. "Glasnost" y "perestroika" se pronuncian en ruso en el mundo entero.

—En el sentido más amplio de la palabra, "perestroika" no solo refleja los problemas ya maduros para su solución en nuestro país. Podemos decir que todo el mundo necesita perestroika, es decir, cambios cualitativos, desarrollo progresista. La gente necesita saber dónde se encuentra, comprender los problemas que inquietan a todos, tomar conciencia de cómo se va a vivir en adelante.

Parece ser que los científicos carecen de datos de que en alguna otra parte exista una civilización tan racional como la nuestra, la terrena. ¿Y es posible que no tengamos la suficiente sabiduría para llegar al entendimiento, para no hacer estallar el mundo solo porque somos distintos?

—Si la "perestroika", lo que ustedes hacen, es llevada a su fin, será el acontecimiento más importante de la historia moderna. Yo tengo muchos amigos en América latina que comprenden calurosamente lo que ustedes hacen. También hay gente que duda de su éxito. A ustedes les será difícil, probablemente, seguir la diversidad con que el mundo reacciona ante los procesos que se operan en su país.

—Nosotros, naturalmente, seguimos la reacción en el mundo, percibimos la resonancia de lo que hacemos, de lo que ofrecemos a nuestro pueblo. Nosotros queremos poner nuestra sociedad a mayor altura. Infundirle nueva calidad sobre la base de los valores del socialismo y los valores generales humanos. El camino para ello es el desarrollo de la democracia: ampliar la incorporación del hombre, de los trabajadores a la vida social, a los procesos que se operan. [illegible] de la cuestión.

El otro aspecto consiste en que nuestra política exterior es continuación de la interior. En política exterior nosotros tratamos de dirigirnos por los nuevos enfoques, de mantener una relación viva con los proce-

PERLA

CLARIN ★ Buenos Aires, jueves 16 de julio de 1987

DE LITERATURA GABRIEL GARCIA MARQUEZ CON EL LIDER SOVIETICO, MIJAIL GORBACHOV

dogmas y "glasnost"

...sos que tienen lugar en el país. Esto quiere decir que también en ello damos prioridad a los intereses del hombre, a los valores humanos, y a nosotros no nos es indiferente, claro está, cómo acoge el mundo lo que hacemos. Nosotros queremos hablar honradamente al mundo de cuáles son nuestros planes y nuestros problemas.

♦ **Un mundo de dependencias mutuas**

—¿Qué tipo de condicionamientos puede tener la «perestroika»?

—A nosotros no nos guía ninguna clase de ambición vanidosa, no lo hacemos para que le guste a nadie, para producir una impresión favorable. Nosotros vemos que nuestra sociedad ha madurado para los cambios, y si nosotros no hiciéramos lo que hacemos, si no lo hiciera la dirección actual, lo harían otros, la "perestroika" es difícil y compleja, pero es un proceso necesario que viene socialmente condicionado.

Los nuevos enfoques en los asuntos internos, nosotros los transformamos en iniciativas de política exterior; no son "slogans", sino propuestas prácticas reales. En dos años hemos hecho muchas propuestas de este género y las hemos sometido al juicio de la comunidad internacional. No pretendemos ser poseedores de la verdad absoluta. Nosotros atendemos a la opinión de los demás. Esto es lo que nosotros llamamos nueva mentalidad. Hay que aprender a saber escucharse unos a otros, a tener en cuenta los intereses de cada Estado y a respetar los intereses de cada pueblo. Que cada uno demuestre sus ventajas dentro de toda la diversidad del mundo moderno, pero que lo haga por medios pacíficos, colaborando con los demás, unos con otros.

Al decir esto no ocultamos nuestra convicción de que es precisamente el socialismo el que brinda inmensas posibilidades y perspectivas al hombre. Nosotros estamos por el socialismo, desde luego, pero no imponemos nuestras convicciones a nadie. Que cada uno elija lo que quiera, que ya la historia pondrá a cada uno en su lugar.

Desde luego no improvisamos, aunque ahora necesitamos mucha imaginación y creatividad. Nosotros llevamos adelante nuestra obra sobre la base del análisis científico verificado por las concepciones políticas interna y externa.

♦ **"Perestroika" versus capitalismo**

—Entonces, el análisis científico para una mejora global.

—En nuestro léxico comunista, esto se llama internacionalismo, pero esto coincide con el afianzamiento de los valores humanos generales, en contraposición con lo que hace el capitalismo, que recurre al saqueo de los pueblos, se niega a respetar la elección del camino a seguir hecha por ellos y toma continentes enteros como feudos propios.

Para el imperialismo, la perestroika de las relaciones internacionales es como un hueso que se le ha atragantado, pero la "perestroika" la necesita el mundo atiborrado de armas nucleares, un mundo que tiene serios problemas económicos y ecológicos, en el que existen la pobreza, el atraso, las enfermedades. Un mundo en el que se ha creado una gigantesca industria informativa, y usted sabe cómo influye esto en la mente humana...

Nosotros consideramos que es preciso aprender a compaginar los intereses nacionales con las tareas generales del género humano. Nuestra política no tiene doble fondo. Tenemos la conciencia limpia. Nuestra filosofía de las relaciones internacionales no está en contradicción con el sentido común. Ella se asienta en un profundo análisis científico de los procesos y en la rigurosa atención de los intereses del pueblo trabajador. Esa filosofía es la que proponemos a todo el mundo. Nosotros sabemos que nuestra política no promueve simplemente curiosidad, sino también profundo interés. El mundo está cansado de la tensión y todos aspiran a mejorar. Cierto que hay a quien no le convienen las perspectivas que nosotros ofrecemos. Nuestra visión filosófica del mundo la declaran utópica y tratan de desacreditar nuestra política y la dirección actual. Esto lo sabemos.

♦ **La visión de un escritor latinoamericano**

—Le agradezco cordialmente lo que usted me ha dicho. No puede imaginarse en qué medida sus manifestaciones coinciden con lo que yo mismo pienso, con lo que he oído de mis amigos en América latina. Esto corrobora todo lo que yo pienso respecto de los procesos en su país, de su política. Tiene para mí gran importancia que todo lo que usted dice y hace es sincero, y cómo los enemigos de ustedes ven esta sinceridad, pues les origina miedo. Y las acciones de éstos pueden ser más peligrosas todavía en el futuro.

Esta vez ansiaba mucho venir a la URSS. Por primera vez estuve en su país en el festival de la juventud, en el año 1957. Entonces, también a mí, junto con mis amigos soviéticos, me emocionaban los cambios producidos. La gente festejaba el comienzo de los cambios. Los perciben con análoga alegría. Pero esto no es una fiesta simplemente, sino un tenso trabajo de la mente. Son reflexiones profundas y no fáciles. No existe el ciego optimismo que existía en el año 1957. Ahora yo consigno un optimismo firme y en alto grado.

—Agradezco profundamente sus palabras.

—Puede estar seguro de que también los intelectuales de América latina están de parte de usted. Allí se percibe con enorme interés lo que sucede en la Unión Soviética. Esta gran "Perestroika" soviética. En el plano personal, yo soy un escritor y expreso los pensamientos que me embargan. Quiero afirmar que siento cariño y profundo respeto por usted.

—Gracias. Valoramos en usted a un partidario apasionado de la "Perestroika" y a un amigo nuestro.

♦ **En "la esfera espiritual"**

—El acontecimiento más importante para mí de los últimos años es la entrevista de hoy. Me siento feliz de que haya podido tener lugar.

—Usted goza de enorme prestigio en nuestro país. Sus trabajos se editan en la Unión Soviética, posiblemente, en mayores tiradas que en otros países. Tiene usted aquí muchos lectores.

—Sí, sé que mis libros se editan en mayor número primero en español y luego en ruso.

—Estos días me entrevisté con los dirigentes de nuestros medios de comunicación social y de las uniones de intelectuales. Fue una entrevista interesante. Decía yo en ella que nosotros atribuimos gran importancia a la Glasnost, al desarrollo de la democracia, esto brinda al hombre soviético la posibilidad de abrirse por completo. La gente ha comenzado a hablar, tienen que decirse unos a otros y que manifestar al gobierno. ¡Cuánto hemos perdido porque en una cierta etapa se frenó el proceso de desarrollo de la democracia!

Lo más difícil es la "perestroika" en los dominios ideológico y espiritual. Como marchen las cosas en la esfera de la democracia, en la esfera espiritual, así marchará también la "perestroika". Esto lo comprendemos bien, y en ello consiste la diferencia de lo que sucedió después del XX Congreso del partido. Sin el desarrollo de los procesos en la esfera espiritual, en la esfera de la democracia, sin la consolidación de los valores socialistas humanos, la "perestroika" no avanzará.



Archivo 1986

Gabriel García Márquez, escritor colombiano.



Mijail Gorbachov, secretario general del P.C.U.S.

En el encuentro con los periodistas dije que lo que hacemos es justo y necesario. Probablemente, en algo nos equivocamos, pero hay que buscar juntos la verdad. No hay que olvidar que el partido y los intelectuales sirven a los intereses del pueblo. Este planteamiento de la cuestión no debe turbar a los verdaderos artistas. Un verdadero artista no es indiferente a la suerte del pueblo, la voluntad del pueblo.

Cuando leía su obra, Cien años de soledad y otros libros, notaba que en ellas no hay esquemas que están penetrados por el amor a la gente, a la humanidad.

—¿También se debe mirar hacia atrás?

—Pienso que es preciso tener en alta estima cada día vivido después de la Revolución de Octubre. Y los días más difíciles no se vivieron en vano. Todo esto es nuestra historia. ¿Acaso se puede permitir la falta de respeto a las generaciones que crearon las bases del socialismo, que nos dieron la posibilidad de avanzar hoy? Hubo, claro está, también errores e incluso tragedias. Pero, si se observa lo que hemos logrado gracias a los esfuerzos del partido y del pueblo, son enormes los resultados. No hay pueblo sin raíces históricas. Un árbol sin raíces se seca y muere.

LA NACION

Unión Soviética quiere aumentar l intercambio con la Argentina

Por Rolando Rivière

(Corresponsal de LA NACION en Europa)

-Por lo que me dicen hasta ahora todo está relacionado con el sector agrícola, pero ustedes van en camino del autoabastecimiento de granos. ¿Qué otras posibilidades que no están vinculadas exclusivamente con ese sector consideran viables?

-Preparamos ofertas para el sector textil y algunos empresarios argentinos han dicho tener interés en la compra de máquinas textiles soviéticas para luego vender su producción dentro y fuera de la Argentina.

-¿Cuáles son las principales ofertas del sector privado argentino?

-Productos agrícolas alimentarios manufacturados, lo que denominamos productos de gran consumo: ropa, calzado, tejidos, hilados y también otros productos del agro no tradicionales como por ejemplo limones. Hemos comprado varias partidas pero no es un artículo de exportación permanente de la Argentina. Hay algunas provincias argentinas que tienen interés en vender limones y comprarnos maquinaria, pero no tienen plata.

Trueque

-¿Y no pueden hacer trueque?

-Sí, claro. Ahora trabajamos en ese sentido aunque no es tan fácil como parece. Estamos buscando cómo hacerlo tratando de adecuarlo a las necesidades y a la forma de nuestra economía.

(Orlov). - Hay una provincia que quiere "trollebuses" pero nos ofrece en cambio vino y hace tiempo que no compramos vino.

-Si lo hicieran, Gorbachev los echaría...

Ambos se ríen y aclaran que la provincia en cuestión era Mendoza, anotando que así habían comenzado con los vinos Giol, pero el método no puede seguir adelante.



Limones, un producto no tradicional que interesa a Moscú (Archivo)

-¿Qué perspectivas tenemos dentro del calzado, la ropa?

(Kornishev). - Nosotros sólo compramos productos en condiciones de competencia y de la misma manera los vendemos. Si por ejemplo quisiéramos venderles abono sería evidentemente difícil por el coste del flete hasta América latina.

-Una cuestión de precios.

-Hay una gran competencia de productos europeos.

-¿Calzado italiano o español, por ejemplo?

-Por supuesto nosotros estamos tratando de preparar un convenio o programa a largo plazo de cooperación industrial, comercial y científico-técnica, pero no importa mucho cómo se llame. Ahora estamos trabajando en el texto. Este año pensamos hacer una reunión en Buenos Aires dentro del ámbito de la comisión mixta con expertos para poder discutir ese proyecto. En nuestro sistema económico hay dos organismos clave: el Ministerio de Comercio Exterior y el Comité Estatal de Cooperación Económica.

-¿Trabajarán en colaboración? ¿No serán departamentos estancos?

-Sí. Pero hay diferencias en sus actividades respectivas. El Ministerio de Comercio Exterior se dedica esencialmente a eso: al comercio y el Comité Estatal se ocupa de otros temas: preparación de proyectos técnicos, fábricas, usinas eléctricas. Actualmente está en negociaciones para la reestructuración del puerto de Bahía Blanca que supondrá la canalización de su entrada. La empresa es muy grande y es posible que participen terceros países, según un convenio intergubernamental a 10 años con la Argentina. El treinta por ciento de lo que obtengamos por la venta de maquinarias lo emplearemos en la adquisición de productos argentinos elaborados o semielaborados.

Los intereses del convenio son bajos, seis por ciento para el sector estatal y seis y medio para el privado.

La información

-¿Disponen de información fluida sobre nuestro mercado sobre nuestras ofertas?

-Si usáramos un lenguaje crítico tendríamos que decir que siempre hay mayor interés en vender que en comprar. El sector privado pienso que sabe muy poco de la Unión Soviética. Las informaciones en general no son totalmente satisfactorias pero intentamos mejorarlas para incrementar el intercambio. Existe una Cámara Argentino-Soviética para esa tarea. Unas cincuenta firmas argentinas han manifestado su interés en ofertas productos tradicionales. Cuero, lanas, aceites vegetales, nosotros estamos pensando en la creación de un organismo no estatal, no intergubernamental, digamos una relación bilateral entre nuestras empresas que aunque son estatales, son autónomas y los empresarios privados argentinos.

-¿Han comenzado las conversaciones?

-Han comenzado. Estamos buscando la fórmula más adecuada de facilitar contactos, aumentar el conocimiento entre ambas partes porque a veces sucede que viene un empresario argentino a Moscú pensando un programa de trabajo que no coincide con la realidad. Entonces resulta que pide un producto del que existía "stock" hace tres meses pero ahora está agotado y ofrece una partida de gamos de medias para mujeres que nosotros acabamos de adquirir o también que nos ofrece una partida muy pequeña y el precio no nos conviene. El empresario regresa sin ningún resultado y decepcionado. Eso es lo que debemos evitar.

-¿Qué lugar ocupamos en América latina en el intercambio comercial de los últimos meses?

-Ustedes son el primer país. Gracias a nuestras compras nosotros vendemos más al Brasil o a Perú. Si consiguen el autoabastecimiento de granos habrá que ir pensando en otro tipo de ventas a la URSS. En crear nuevas vías de información actualizada. Para eso hace falta como en el arte, de mucho trabajo. La imaginación luego viene sola.

Penas y olvidos en Chernobyl

Aproximadamente quince meses después de la tragedia de Chernobyl se dictaron sentencias en los procesos iniciados con motivo de aquel grave accidente, probablemente el mayor de la historia electronuclear. Como se recordará, el 26 de abril de 1986 se produjo una explosión seguida de incendio en el cuarto reactor de aquella planta nuclear. Esto provocó la formación de nubes de partículas radiactivas que se diseminaron por gran parte de Europa, con la consiguiente zozobra de las poblaciones afectadas.

El episodio descripto tardó en ser reconocido oficialmente por el gobierno de la Unión Soviética y sólo lo hizo así por la presión de las circunstancias externas a partir de la detección precoz de la catástrofe en países de Europa occidental. Es decir, Chernobyl planteó dos tipos de cuestionamientos: el primero, referido al accidente mismo, a sus causas y a las posibles fallas técnicas o de seguridad. El segundo se originó por la ausencia de información apropiada para prevenir a los países que pudieran recibir efectos residuales de la radiactividad nuclear en fuga.

Los veredictos resultantes de la investigación procesal dan cuenta de que personal directivo y técnico de la más alta jerarquía ha sido condenado a penas de diversa importancia por haber incurrido en "graves violaciones a las normas de seguridad" y, en el caso del ex director, también por "abuso de poder", lo que agravó su pena y le sumó más años de reclusión.

Restan aún las sentencias que tendrán que emitirse en relación con las fallas técnicas de diseño y de construcción de las plantas.

De la tragedia de Chernobyl, en la que perecieron treinta y una personas, y de cuyos daños ulteriores en vida y perjuicios ecológicos no hay estimación rigurosa –y difícilmente pueda haberla– se desprenden algunas consecuencias prácticas. La URSS no reducirá su política energética nuclear. Al contrario, duplicará las plantas para 1990 y las quintuplicará para el año 2000, si se toma como parámetro comparativo el año 1985. Se dejará de usar el reactor RMDK, gestor del accidente, y se lo reemplazará por otro modelo con distinto tipo de enfriamiento.

Lo que no dice la información es cuáles han sido las sanciones para los responsables del secreto con que se intentó ocultar la desgracia acaecida en la pequeña ciudad de doce mil habitantes, con lo cual se demostró falta de responsabilidad social en el nivel internacional. Por ello, junto con las noticias de nuevas decisiones y rectificaciones en cuanto a los programas nucleares, junto con la búsqueda de asesoramiento y peritaje de organismos mundiales de energía atómica, correspondería replantear el sistema de comunicación inmediata que debe establecerse y cumplirse ante acontecimientos de esta naturaleza, lo que obligaría a reconocer los errores cometidos, que aparentemente se olvidan dentro de los procesos penales de los que da cuenta la información.

01/01 8707094

URSS.

:028

EL ESFUERZO MILITAR SOVIETICO

Y SUS VINCULACIONES CON EL ATLANTICO SUR

01/05

870713 2

EL ESFUERZO MILITAR SOVIETICO EN EL ESPACIO Y SUS VINCULACIONES CON EL ATLANTICO SUR

En la década actual el 75% de los lanzamientos espaciales soviéticos se realizan con fines militares.

La distribución de los mismos obedece básicamente a la necesaria puesta al día, debido al atraso respecto a la disponibilidad norteamericana actual y a las prioridades estratégicas soviéticas.

Destacaremos aquellas que interesan a los fines de este estudio:

MISIONES SOVIETICAS MILITARES EN EL ESPACIO : CUADRO I

MISION	TAREA ESPECIFICA	PORCEN. MIS. MILITARES 1970/1971	1975/1976	1981/1982	PROMEDIO DE LANZAMIENTOS ANUALES	LANZAMIENTOS ENERO/ABRIL 1987
COLECCION DE INTELIGENCIA	Reconocimiento (1) Fotográfico MPR	40	35	37	35	9
	Inteligencia (2) Electrónica ELINT	7	6	4	3-4	6
	Reconocimiento (3) en el Océano	2	4	7		
CONTROL COMANDO Y COMUNICACIONES C3	Comunicaciones (5) Estratégicas	6	9	8	3-4	4
	Comunicaciones (4) Tácticas TACCOM	18	28	23	20/30	
	Alerta (6) Anticipada EW	—	1	5	4-6	—
NAVEGACION NAVSAT (7)	Operaciones Navales	3	5	8	6	4
//////////	//////////	DIAS TRIPULADOS P/PERIODO			//////////	//////////
TRIPULADAS	ELINT	35	150	286		1
	C3					

8707132

CUADRO II: SATELITES MPR

TIPO	TIEMPO DE MISION (días)	PERIGEO Km.	APOGEO Km.	ORBITA	MANIOBRABLE	OBJETIVOS	VULNERABILIDAD	LUG. DE LANZAMIENTO	CANT. DE SAT. POR CONSTELACION
ALTA RESOLUCION	10/50	165	350		X	Reconocimientos de EE.UU y Europa Occidental. Conflictos Militares en el Tercer Mundo.-	F 15/ ASAT		6
BAJA Y MEDIA RESOLUCION	10/50		225	CASI CIRCULAR					

CUADRO III: SATELITES ELINT (2)

TIPO	TIEMPO DE MISION (días)	PERIGEO Km.	APOGEO Km.	ORBITA	MANIOBRABLE	OBJETIVOS	VULNERABILIDAD	LUG. DE LANZAMIENTO	CANT. DE SAT. POR CONSTELACION
	600		600	CASI CIRCULAR		Fuentes de emisiones de señales electrónicas	F 15/ ASAT		

CUADRO IV: SATELITES DE RECONOCIMIENTO OCEANICO

TIPO	TIEMPO DE MISION (días)	PERIGEO Km.	APOGEO Km.	ORBITA	MANIOBRABLE	OBJETIVOS	VULNERABILIDAD	LUG. DE LANZAMIENTO	CANT. DE SAT. POR CONSTELACION
RADAR ACTIVO RORSAT	90/120		260			Ubicación seguimiento e inteligencia de fuerzas navales extranjeras. Muy empleados en crisis	F 15/ ASAT		1
SENSORES PASIVOS EORSAT	150		440				F 15/ ASAT		1

CUADRO V: SATELITES C 3

TIPO	TIEMPO DE MISION (días)	PERIGEO Km.	APOGEO Km.	ORBITA	MANIOBRABLE	OBJETIVOS	VULNERABILIDAD	LUG. DE LANZAMIENTO	CANT. DE SAT. POR CONSTELACION
TACOM TACOM (4)	500		500 / 1300	CASI CIRCULAR		Comunicaciones tácticas. SS BN, agentes KGB; GRU Mantener capacidad C3 táctica.	F 15/ ASAT / F 15/ ASAT		3 / 20/30
(5) COMUNICACIONES ESTRATEGICAS	900	500	40.000	MOLNIYA		Aventuras militares en el tercer mundo, C2 de tropas en Europa Oriental, lejano Oriente y Océano.	Próximo al perigeo. F15/ASAT Armas Láser		8
E W (6)	600	500	40.000	GEOSINCRONICA		Proporcionar el máximo tiempo de alerta de misiles balísticos	Próximo al perigeo F15/ASAT Armas Láser		9

CUADRO VI: SATELITES NAVSAT (7)

TIPO	TIEMPO DE MISION (días)	PERIGEO Km.	APOGEO Km.	ORBITA	MANIOBRABLE	OBJETIVOS	VULNERABILIDAD	LUG. DE LANZAMIENTO	CANT. DE SAT. POR CONSTELACION
NAVSAT	680		1000			Favorece misiones militares de largo alcance.	F15/ ASAT		6
GLONASS			15.000			Favorece a la Armada			4

Todo se realiza corrigiendo la posición con más de un sistema al mismo tiempo.

El trabajo se ejecuta desde cualquier emplazamiento en que el posicionamiento satelital: está densificado.

Toda área que pase a intensificar las operaciones navales verá facilitada la correspondiente ayuda de navegación satelital!

RESUMEN

- Ante la pérdida de satélites de comunicaciones estratégicas o aún aquellas tácticas tipoó RELAY en el campo de los sistemas C^3, las flotas soviéticas en el mar y fuerzas de superficie han sido peparadas como puntos de relevo para asegurar las misiones C^3.

- Los satélites de navegación (NAVSAT) proporcionan datos técnicos de navegación que incluyen puntos pre-ocupados de navegación los cuales actúan como referencias de posicionamiento a fin de mantener actualizadas las bibliotecas de datos de los sistemas de - datos de los sistemas de guías de los misilés estratégicos balísiticos lanzados desde submarinos (SSBN).-

CONCLUSION

- La presencia de la flota pesquera soviética en el Atlántico Sur facilita la materialización de puntos de relevo para asegurar misiones estratégicas tipo C^3 y proporciona referencias de posicionamiento:

  a) Para actualizar la información útil de guía de misiles SSBN

  b) Para ajustar el sistema de localización y seguimiento de blancos terrestres, marítimos y aéreos.-

Si bien actualmente los sistemas soviéticos de inteligencia estratégica están basados fundamentalmente en sus instalaciones terrestres, flotas de guerra y aviación, la importancia de los satélites militares esbozada en el Cuadro I se acrecienta constantemente.

Para ilustrar este acontecimiento basta observar la dedicación del PNB (Producto Nacional Bruto) de los países desarrollados respecto de las areas fundamentales, comparadas con defensa y gastos espaciales.

CUADRO VII: DEDICACION DE GASTOS DE LOS PAISES DESARROLLADOS

P A I S	POBLACION (mill.Hab.)	P.N.B. (en miles de mill.)	ESFUERZO EN % P.N.B.			GASTOS ESPACIALES (en miles de mill)
			DEFENSA	INV. Y DESARR.	ESPACIO	
EE.UU.	232	2.107	5	2,2	0,3	5
U.R.S.S.	269	340	11/14	?	?	5
AGENCIA EUROPEA DEL ESPACIO	318	2000	2,5/ 4,5	1,5	0,04	1
JAPON	115	930	0,9	?	0,06	0,5
Australia P.Arabes Brasil Canada India Indonesia Etc.						2,5
T O T A L						20

Los satélites de navegación resultan particularmente importantes para la localización de naves en cualquier lugar del mundo. Los sistemas militares de EE.UU. de posicionamiento global (GPS), en base a señales satelitales permiten señalar la posición con un error esférico de 5 a 12 mts., en tres dimensiones, con una velocidad de 0,1 m/seg.

El mismo sistema de navegación para buques, guía también misiles balísticos y antimisiles, permite determinar precisamente la posición de radiofaros en tierra y boyas en el mar, así como determinar desplazamientos militares en tierra, mar y aire. Este último caso es de especial interés pues permite localizar las rutas estratégicas de bombarderos y sus vitales puntos de reabastecimiento.

El sistema de navegación requiere un empleo constante para mantener los estándares de precisión necesarios.

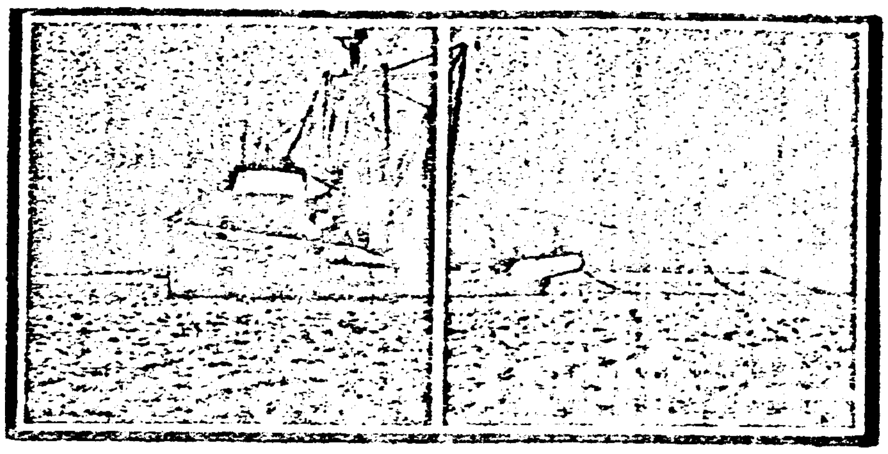
//
URSS
026 (8



OBJETIVO CLAVE - URUGUAY -

LA URSS QUIERE ESTABLECER SUS BASES "PESQUERO - CIENTIFICAS" EN EL ATLANTICO SUR

LA U.R.S.S. QUIERE ESTABLECER SUS BASES "PESQUERO-CIENTIFICAS" EN EL ATLANTICO SUR.-



A pesar de la poca difusión oficial al respecto, nuestro País ha firmado recientemente un acuerdo con la U.R.S.S. en materia de pesca, el cual esta siendo resistido desde distintos y heterogéneos sectores, debido a las caracteristicas del mismo, que lo convierten en un instrumento legal para un sin fin de actividades que pasarían a desarrollar con total libertad (por el convenio en sí y por las facilidades diplomáticas) los beneficiarios directos de este acuerdo, es decir los Soviéticos.-

Como se ha dicho ya, son varios los sectores que hacen saber su discordancia con este documento, pero, cada uno de ellos lo analiza desde su punto de vista, ó, desde su óptica particular; este enfoque trata de ver el objetivo real de este acuerdo, que por sus características, no sólo concierne al ámbito de la pesca y en cierta medida al industrial, sino que a nuestro criterio va más allá. Del estudio de las motivaciones de ambas partes y del análisis de hechos similares -en este sentido- en otras latitudes, surge la convicción en que nos basamos para otorgarle la importancia debida a este "convenio".-

I.=IMPORTANCIA ESTRATEGICA DEL ATLANTICO SUR.=

Es fundamental destacar a priori, la geopolítica de los frentes marítimos del Atlántico Sur a efectos de considerar (aunque sea en grandes líneas) su importancia estratégica.

Esta área marítima del hemisferio meridional esta circunscripta al Este por el continente africano orientado longitudinalmente entre los Océanos Atlántico e Indico; al Oeste por el Subcontinente Sudamericano que orientado en igual forma se enmarca entre el Océano Atlántico y el Pacífico; al Sur por el Océano Glacial Antártico y Continente Antártico; el límite Norte es fuente de controversia, pues hay quienes lo delimitan a partir del Trópico de Cáncer (límite Sur del Tratado del Atlántico Norte - aceptado y reconocido universalmente)- y otros lo toman a partir de la línea ecuatorial, región cercana a grandes rasgos con la giba de Africa.-

FRENTE AFRICANO

El Atlántico Sur baña la costa africana de Norte a Sur desde Freetown hasta Cabo Agulhas y comprende los territorios de Sierra Leona, Liberia, Costa de Marfil, Ghana, Togo, Benin, Nigeria, Camerún, Guinea Ecuatorial, Sao Tome e Principe, Gabon, Congo, Zaire, Angola, Namibia y Sudáfrica.

El acceso del Océano Indico al Atlándico Sur, tiene en el Cabo de Buena Esperanza su punto dominante y constituye uno de los pasos claves de la ruta del petróleo del Medio Oriente hacia Europa Occidental (85% del consumo total) y América del Norte (25% del consumo to-

8707143

tal), con un tráfico marítimo que convierte a esta línea en arteria vital para los países industrializados occidentales. Este, aumentó - en parte, a causa de la discontinuidad del acceso al Canal de Suez,- debido a las tensiones internacionales generadas en sus márgenes y - su consiguiente vulnerabilidad,y en parte, debido al desarrollo en - los buques petroleros con calados superiores al del Canal, como respuesta al encarecimiento de los fletes resultante de la mayor distancia a navegar para arribar al hemisferio norte.
El tráfico marítimo entre países africanos es aún poco significativo respecto al generado desde sus puertos hacia ultramar, especialmente con destino a Europa y América del Norte, que se suma al procedente- del Golfo Pérsico, generando concentraciones frente al Cabo de Buena Esperanza y al Golfo de Guinea que materializan dos áreas focales - bien definidas.
El litoral marítimo africano del Atlántico Sur tiene una longitud aproximada de 7.778 km. correspondiendo a Angola y al contiguo territorio de Namibia bajo fideicomiso de la República de Sud Africa, los tramos más extensos con 1.570 km y 1.432 km respectivamente.
El continente africano en este frente marítimo proyecta una plataforma continental, destacándose Ghana, Nigeria, Sao Tome e Principe, Gabon, Angola y Namibia por tener sus margenes continentales externas- más allá de las 200 millas náuticas. Nigeria explota yacimientos petrolíferos en su plataforma continental.
La reciente independencia de los países africanos ribereños, -aún empeñados en superar los problemas propios del período de descolonización del que emergieron-, justifica en este frente del Atlántico Sur una ausencia de poder naval regional, en parte compensada por la Armada de la República de Sud Africa, dotada de modernos centros de comunicaciones y con capacidad de control naval del tráfico marítimo,- lo que sumado a sus posibilidades portuarias e infraestructura logística le confiere gravitación sobre el pasaje bioceánico del Cabo de Buena Esperanza,de alto valor estratégico. Cabe también señalar en - este frente los puntos costeros de apoyo materializados por la URSS en: Angola, Guinea, e Isla de Cabo Verde, que le confieren la capacidad de proyectar su poder naval y aéreo en el Atlántico Sur sobre el flanco oriental de las rutas marítimas que van al hemisferio norte. Esta presencia se hace afectiva a travéz de una flota de navios de - guerra de la URSS, alternada con otro del bloque Oriental.-
Las Islas Tristán de Cunha, Ascención, Santa Helena y Gough bajo dependencia británica y la Isla Bouvet bajo dependencia noruega, completan este frente oceánico oriental.-

FRENTE AMERICANO

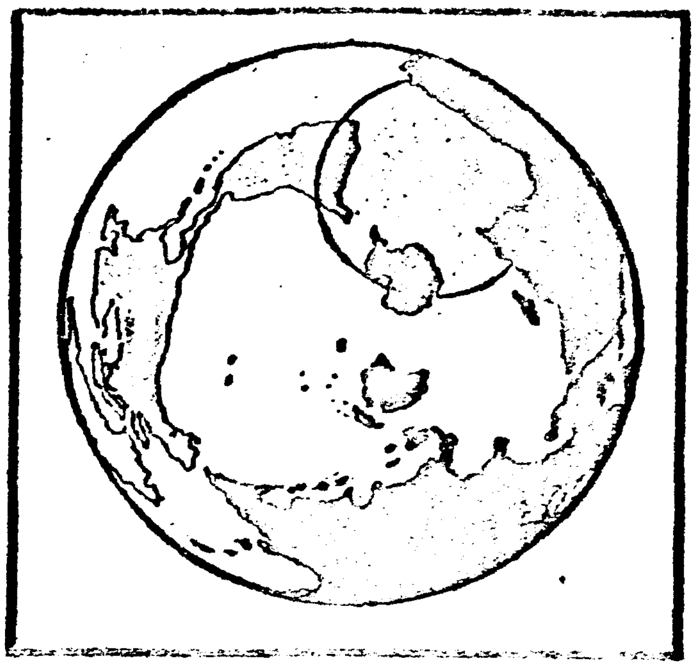
Natal, en Brasil, constutuye el extremo occidental de la garganta - del Atlántico, o angostura intercontinental, que acerca Sud-América a Africa, conformando un paso interoceánico entre el Atlánrico Sur y el Atlántico Norte, cuyo extremo oriental está a la altura de Freetown Sierra Leona. Las acciones navales de las dos guerras mundiales resaltan la importancia de este pasaje para los intereses vitales de Europa Occidental y los EE.UU., que obliga a la confluencia en esa - zona de todo el tráfico marítimo proveniente del Atlántico Sur, generando un área focal de alto valor estratégico.
El Atlántico Sur baña las costas americanas de Brasil, Uruguay y Argentina desde el Cabo San Roque al Norte,hasta el Cabo de Hornos en el extremo austral, punto geográfico frente al cual se produce el encuentro de las masas de agua del Pacífico y del Atlántico.
La costa continental americana del Atlántico Sur tiene una extensión de 9.000 km, correspondiendo 4.111 km al Brasil, 334 km a Uruguay y 4.555 km a la Argentina. Casi todo el frente proyecta plataforma continental, en tal magnitud, que el margen continental externo de los tres países ribereños está más allá de los 200 millas náuticas, con abundantes recursos ictícolas y cuencas petrolíferas fuera de costa, que Brasil explota y Argentina explora con promisorias perspectivas.
Esta prolongación submarina del continente se ensancha en su parte - más austral, por lo que la plataforma continental argentina, que au-

para el millón de km^2 de superficie, está entre las ocho más extensas del mundo.
En este frente, la mayor consolidación política de los países sudamericanos con más de un siglo y medio de vida independiente genera una cuota de poder naval regional, en su mayor parte cubierta por las Armadas de Brasil y Argentina, cuyo potencial, si bien resulta insuficiente para el extenso patrimonio marítimo a custodiar, provee una estructura de puntos de apoyo, comunicaciones y capacidad de control naval del tráfico marítimo que conforme, junto con las capacidades al respecto de la Armada Sudafricana, el esquema básico para un eventual establecimiento del control naval del área marítima del Atlántico Sur.
La unión austral del océano Pacífico con el Atlántico, por aguas abiertas, se produce a través del Pasaje de Drake situado entre la Isla de Hornos y la Península Antártica de Palmer que proyecta el continente antártico hacia el continente americano. Este acceso bioceánico, es actualmente transitado por escaso tráfico marítimo, que incluye los buques de tonelaje gigante, mercantes y navales, y submarinos nucleares, que no pueden hacerlo por el Canal de Panamá. Este Canal, de estratégica ubicación, tiene un movimiento anual de cargas de más de 125 millones de toneladas entre ambos océanos y es actualmente pasible, de una amplia gama de amenazas, que pueden ir desde el ataque con armas nucleares hasta la acción de guerrillas, fomentadas actualmente a raíz de la actual ola de agitación antigubernamental, sin descartar las presiones que podrían derivar de la inestable situación política imperante en Centroamérica derivada del incesante accionar desestabilizador originado en Nicaragua.
La potencial amenaza de la eventual obstrucción o neutralización del Canal de Panamá, repotencia la importancia geoestratégica del Pasaje de Drake sobre la base del incremento de flujo de tráfico marítimo que en tal caso se produciría generando un área focal de vital importancia.
Completan el frente marítimo americano del Atlántico Sur las Islas San Pedro y San Pablo, Fernando de Noronha y Trinidade pertenecientes al Brasil; las Islas Malvinas, Georgias y Sandwich del Sur bajo dependencia británica, reivindicadas por Argentina; la Isla Grande de Tierra del Fuego e Isla de los Estados pertenecientes a Argentina; y las islas australes ubicadas entre el Canal de Beagle y el Cabo de Hornos, en el acceso bioceánico Atlántico-Pacífico.

FRENTE ANTARTICO

Cierran el marco del Atlántico Sur las aguas del Océano Glacial Antártico y el frente del continente antártico comprendido, de Oeste a Este, desde la Península Antártica de Palmer hasta la costa de la Tierra de la Reina Maud enfrente al extremo Sur del continente africano.
La Antártida constituye en la actualidad el único continente virgen existente y con excepción del extremo meridional de América del Sur, está situada en forma excéntrica y alejada de las masas continentales. Constituye el cierre austral natural de los principales océanos y se perfila ya como una fuente potencial de recursos críticos, lo cual valoriza su aspecto económico.
Cobre, hierro, azufre, molibdeno, minerales radioactivos y carbón en yacimientos considerables se encuentran entre los tesoros antárticos. En el "Banco de Burwood", en un área de 28.000 kms. cuadrados, el Reino Unido ha detectado la existencia de reservas petrolíferas de más de 3.500 millones de metros cúbicos. En el Congreso Mundial del Petróleo de 1975, el científico soviético Tolstikov estimó su volúmen en cifras muy superiores: 20.000 millones de metros cúbicos, lo que excedería las reservas enteras de Siberia. Argentina y Sudáfrica son los dos países ribereños del Atlántico Sur, miembros consultivos del Tratado Antártico. Argentina reclama territorialidad en un sector de este frente, donde mantiene bases permanentes de investigación científica y controla el único lugar conocido en el continente antártico que permite operar aviones mayores con tren de aterrizaje convencio-

nal durante todo el año (La Base "Vice Comodoro Marambio").-



El mundo observado desde el Hemisferio
Sur, denominado oceánico o marítimo
(en círculo zona del Atlántico Sur).

II.=SITUACION GLOBAL DE LA ARMADA SOVIETICA Y PARTE DE SU FLOTA PESQUERA.

El crecimiento de la Armada Soviética desde 1960 y la expansión de sus áreas oceánicas de operaciones ha hecho de ella un Símbolo altamente visible de la cada vez mayor capacidad militar de la URSS; con la construcción de buques más grandes y capaces ha aumentado notablemente sus operaciones en el mar. En la actualidad la URSS mantiene una presencia naval en virtualmente cada teatro marítimo y en el que no la posee se basa en su flota mercante, científica y/o pesquera, constituyéndose así el amplio espectro de su intervencionismo a nivel global.-
Solamente a modo ilustrativo, -a fin de poder conformar un amplio espectro, lo más claro y concreto posible, con información precisa y actual-, reseñaremos el despliegue naval soviético, incluyendo oportunamente, el despliegue de algunas (naturalmente las que interesen a este estudio) de las flotas pesqueras, particularmente en los Océanos Pacífico, Atlántico e Indico.-

MAR MEDITERRANEO

Con un total de 50 embarcaciones (buques y submarinos) se materializa la presencia de la Escuadra Soviética del Mediterráneo (SOVMEDRON) pudiendo ser aumentada en caso de crisis por la Flota del Mar Negro.
Los buques de superficie de esta Escuadra siguen de cerca, a barcos de naciones de la OTAN y han establecido zonas de operaciones cerca de los puntos de estrechamiento de la navegación; así se sitúan para poder desplazarse rápidamente y poder bloquear estrechos esenciales para resgaldar la región Meridional de la OTAN.-

OCEANO INDICO

Tras la invasión a Afganistán en 1979, la presencia naval soviética en este océano aumentó espectacularmente hasta unos 30 buques en 1982, pero desde entonces se ha estabilizado a unos 20 buques en despliegue contínuo. La Escuadra del Océano Indico (SOVINDRON) realiza operaciones, visitas a puertos y misiones de "enseñar bandera" encaminada a realzar la imagen política y militar rusa.-
Normalmente la fuerza opera en la parte noroccidental del Mar de Arabia, a caballo de las vitales rutas petrolíferas del Me-

dio Oriente, y existen indicios de querer extender su hegemonía desde Mozambique hasta la India.-

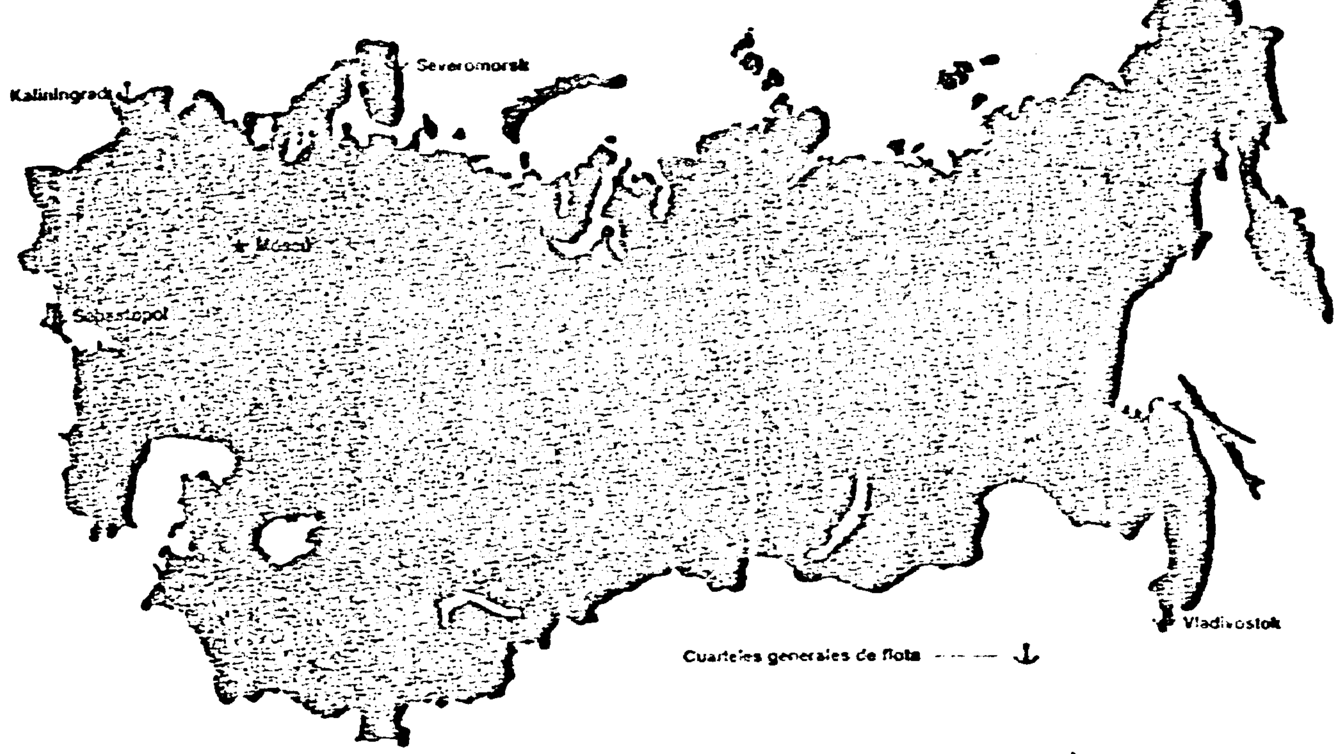
Flotas Soviéticas

FLOTA DEL BALTICO

BUQUES DE SUPERFICIE*:	390
SUBMARINOS:	33 (INCLUYE 6 SSB Y 27 DE COMETIDO GENERAL)
AVIONES NAVALES:	270
INFANTERIA NAVAL	1 BRIGADA

FLOTA DEL NORTE

BUQUES DE SUPERFICIE*:	212
SUBMARINOS:	180 (INCLUYE 41 SSBN SSB Y 139 DE COMETIDO GENERAL)
AVIONES NAVALES	440
INFANTERIA NAVAL	1 BRIGADA



FLOTA DEL MAR NEGRO. FLOTILLA DEL MAR CASPIO

BUQUES DE SUPERFICIE*	380
SUBMARINOS	33 (INCLUYE 1 SSB** Y 32 DE COMETIDOS GENERALES)
AVIONES NAVALES	435
INFANTERIA NAVAL:	1 BRIGADA

FLOTA DEL PACIFICO

BUQUES DE SUPERFICIE*	441
SUBMARINOS:	134 (INCLUYE 31 SSBN SSB Y 103 DE COMETIDO GENERAL)
AVIONES NAVALES	500
INFANTERIAL NAVAL	1 DIVISION

* Incluye portaviones, buques de superficie principales y barcos de patrulla, minadores, anfibios y embarcaciones menores.
** SSB de la Clase GOLF V utilizado para la investigación y desarrollo de misiles balísticos de lanzamiento marino

MAR MERIDIONAL DE CHINA

Antes de 1979 las unidades navales soviéticas operaban ocasionalmente en el Mar Meridional de China, sin embargo en los últimos años, su presencia, centrada en la bahía de CAM RANH ha aumentado espectacularmente a un promedio de 25 buques en despliegue. Esta base ubicada en VIETNAM ha pasado de una instalación auxiliar utilizada con muy poca frecuencia a ser un complejo principal de escala de Submarinos, Navios y Aviones de la Flota del Pacífico. La creciente presencia de esta flota en este mar ofrece a los soviéticos claras ventajas militares, proporcionandoles la capacidad de aumentar la Escuadra del Indico en momento de crisis, vigilar e interferir la navegación internacional y atacar fuerzas aéreas y navales de EE.UU. y aliadas en este mar y también en Filipinas.=

AFRICA OCCIDENTAL

Desde diciembre de 1970 se ha materializado la presencia de la flota rusa, desplazando unidades de las tres flotas occidentales soviéticas. Promedialmente 3 buques de superficie y otros tantos auxiliares operan en el golfo de Guinea, visitando a menudo puertos angoleños a los que tienen fácil acceso.

Aparte de las unidades de Nigeria y Sudáfrica estos buques se constituyen en la única presencia naval continuada en aquella zona del Atlántico Sur, traslapada con la vital ruta del petróleo desde el Golfo Pérsico a Europa Occidental y EE.UU.-

CARIBE

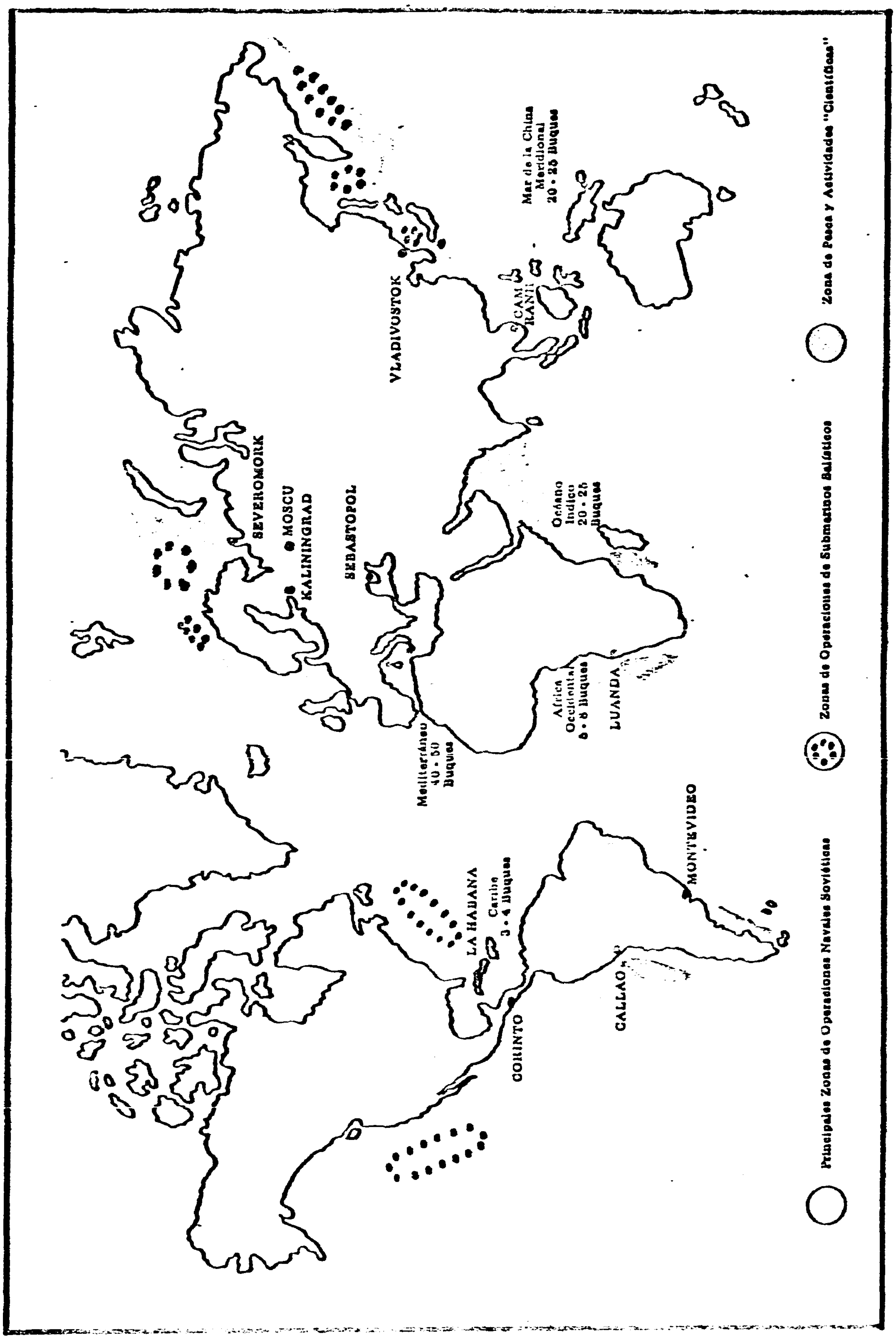
A partir de 1969 han desplegado 24 grupos navales operativos en el Caribe para prestar apoyo visible al régimen de Fidel Castro y demostrar su capacidad de operar en aguas próximas a los EE. UU. En conjunción con tales despliegues, buques soviéticos visitan puestos cubanos, realizan ejercicios con la Marina Cubana y a menudo tantean las defensas regionales en el Golfo de México. En 1984, el crucero LENINGRAD, con capacidad aérea acompañado por un destructor y una fragata cubana, realizó los primeros ejercicios conjuntos en el mencionado Golfo, hecho este que se ha seguido repitiendo en años sucesivos.-

FLOTAS PESQUERO-CIENTIFICAS

Por lo que al espiritu de este análisis interesa, cabe señalar la presencia de este tipo de flotas soviéticas en conjunción con barcos de sus países satélites; es así que encontramos esta presencia en las aguas del Océano Pacífico Meridional a la altura de Perú, en el Atlántico a la altura de Angola y en el Indico en zona de Mozambique, beneficiándose en todos estos casos de las facilidades -en todo sentido- que le brindan los respectivos gobiernos de dichos países.-

21

Ubicación de las Flotas de la Armada Soviética (extraidas del SOVIET MILITARY POWER 1986) y de algunas de las Flotas pesquero-científicas rusas.-



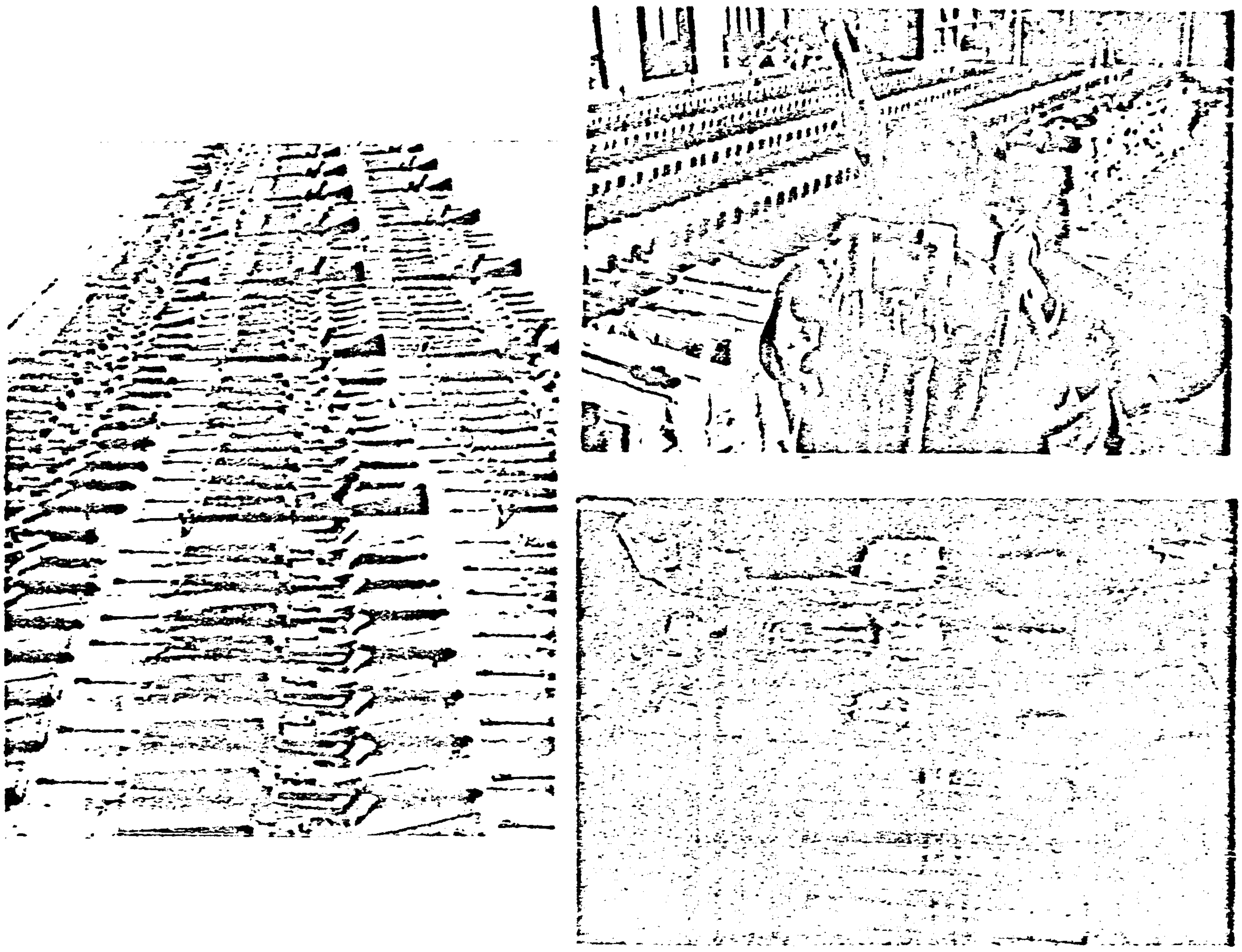
08 8707143

III - ANTECEDENTES DE ACUERDOS PESQUEROS

EL EJEMPLO DE PERU

El cálido suelo incaico es protagonista silencioso de ser el primer (y por ahora el único) país Sudamericano con sólidos lazos de cooperación económico-militar con la URSS, llegando a esta altura a depender en un 70% de esa ayuda para mantener a sus Fuerzas Armadas en condiciones de operabilidad. Esta relación de dependencia se remonta al golpe militar, de 1969 contra el gobierno constitucional, llevado a cabo por el Gral. Juan Velasco Alvarado, embarcándose en lo que se llamó "Revolución Peruana", en un intento de reconstruir la economía con líneas seudo socialistas. A partir de ese momento Perú ha recibido armas principalmente de los soviéticos, en una campaña tendiente a convertirse en una potencia militar del Pacífico Sur (y quizá encarar la reconquista de los territorios anexados por Chile en el siglo pasado); éstas -a pesar de que no han sido pagas en su totalidad- representan para los intereses del Kremlin un factor o mecanismo negociador ante el Gobierno Peruano, por el cual obtienen importantes facilidades.
En la actualidad, a pesar de que su Presidente el APRISTA Alan García, define su política exterior en un "no alineamiento, antiimperialismo y solidaridad con los oprimidos" es más que evidente su definida proclividad hacia Moscú y sus satélites, incluyendo a Cuba, a quién ultimamente acusó el novelista (disidente de la ideología socialista) Mario Vargas Llosa por valerse de la apertura iniciada en su País" para tratar de infiltrarlo con los mismos métodos que han empleado en todas partes".
Es así que, debido en parte a esta situación que reseñamos y a otras razones -que ignoramos pero que se enmarcan dentro de su política exterior-, Perú tiene varios acuerdos -ya sea con la URSS y Cuba- de "cooperación técnica" y de "pesca"; la flota pesquera soviética, que incluye 10 factorias con alrededor de 100 buques, está explotando las aguas Peruanas de donde capturan en el orden de 6 millones de toneladas de peces por año, redituándole alrededor de 2 billones de dólares.
La última renovación trianual de estos tratados fue lograda sorteando algunas voces en contra, como la del Senador Felipe Osterling del Partido Opositor Cristiano Popular, el cual entre su alegato expresó: "Han permitido que los soviéticos establescan una base en Callao, a 8.000 millas de VLADIVOSTOK donde pueden atracar de 250 a 300 barcos"; estos acuerdos le permiten atracar para realizar reparaciones, reposición de provisiones y combustible, y rotar la tripulación (Vía AEROFLOT que tirne cuatro frecuencias semanales con Moscú, con un flujo aproximado por año de 30.000 "pescadores").=
A través del puerto de Callao, ingresa al país no solo tripulación pesquera y carga variada, sino también -de acuerdo a fuentes de inteligencia de los EE.UU., de Chile y la propia peruana- grandes cantidades de armas destinadas a la guerrilla chilena (Vía TACNA) y presumiblemente a otros movimientos de liberación del área. Esta afirmación está avalada en los recientes descubrimientos efectuados y que a continuación se detallan:
-En diciembre de 1985 fue descubierto por las autoridades peruanas, un arsenal en la cercanía de la Ciudad fronteriza de TACNA consistente en 1.000 fusiles M16, 500 morteros, grandes cantidades de granadas, una colección de radares portátiles y motores fuera de borda, siendo arrestados en esta operación ciudadanos peruanos, bolivianos, argentinos y chilenos con documentación falsa, proporcionada presumiblemente por Cuba y Libia.

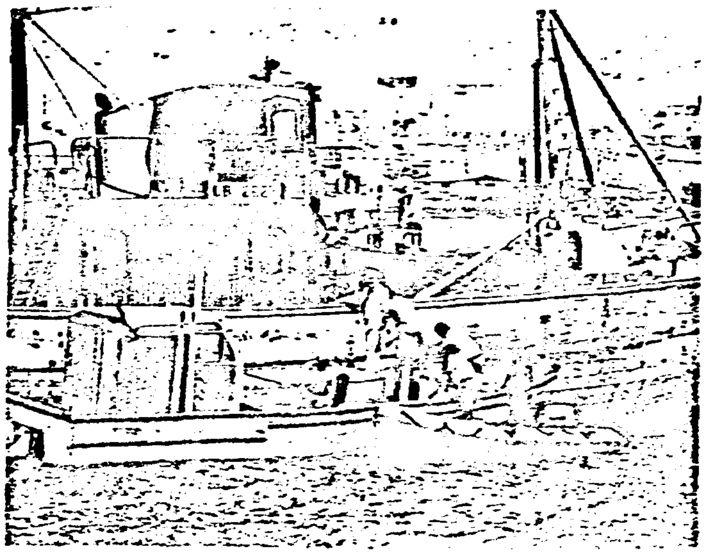
-Por su parte las autoridades chilenas en subsiguientes operaciones realizadas entre agosto y setiembre de 1986, han localizado arsenales clandestinos entre los que se destacan: 3.383 - fusiles M-16, 148 fusiles FAL, 117 Lanzacohetes R.P.G-7, 179 - Lanzacohetes LOW, 5 Lanza granadas M-79, alrededor de 2.300.000 proyectiles, 4000 granadas de distintos tipos, 20 toneladas de explosivos, accesorios varios para armamento, botes de goma - con motores fuera de borda (usados en trasiego de armamentos) equipos de sanidad y comunicaciones.-
Este material en su mayoría -caso de los fusiles M-16- es de origen Norteamericano, que fue abandonado en Vietnam, y el que resta es de origen soviético.-



-Parte de los arsenales encontrados en 1986 en Chile.-

En lo que al aspecto pesquero cabe señalar, reproducimos dos menciones al respecto: una realizada por el Gral. Velasco Alvarado en octubre de 1968: "En la actividad pesquera el balance es igualmente negativo, había crecido desmesuradamente, pero sin racionalidad. Las empresas montadas con exceso de - capacidad, instalada y sin participación ni control del Estado, habían llevado a un Gobierno de los intereses privados. Había que actuar con sagacidad, para explotar la riqueza pesquera sin poner en peligro a las especies marinas; y desarrollar en el campo tecnológico, un agresivo programa de investigación". Catorce años más tarde en un informe que el Presidente Belaunde Terry hace al Congreso, expresa: "En años pasados se ocasionó una considerable depresión ecológica, por lo que a la pesca, en lo que se refiere a su principal recurso, la anchoveta; se redujo al mínimo. Igualmente se establecieron medidas de control y protección de la sardina. En cuanto a la merluza se ha detenido el esfuerzo pesquero hasta la recuperación de la especie".-

A todo este panorama habría que agregar la actividad que cumplen estos barcos "pesquero-científicos" que más que eso son buques espías, que esparcidos por Pacífico Meridional tienen amplio conocimiento del movimiento marítimo, manteniendo a su país constantemente informado al respecto.
Como corolario de este panorama, nos restaría señalar de modo anecdótico, el hecho de que si en algún momento las autoridades peruanas intentaron -valiendose de las clausulas del tratado- controlar efectivamente las "actividades pesqueras", - éstas naufragaron en su intento, pues, inexplicablemente algunos (3) controladores peruanos a bordo de naves soviéticas perecieron subitamente.-

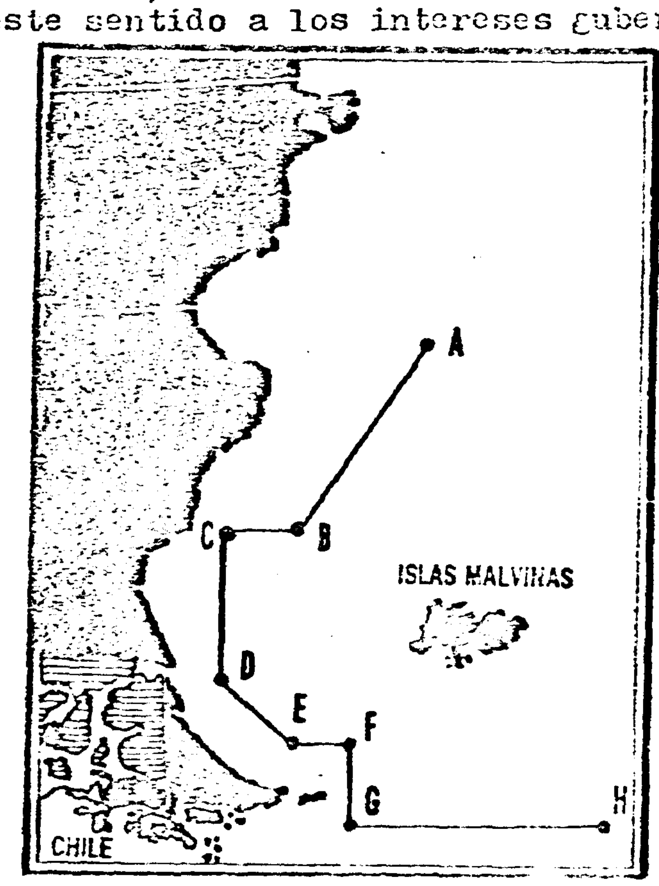


-Reconstrucción del MODUS OPERANDI para el ingreso de armamento a Chile por parte de buques pesqueros.-

ARGENTINA

La situación en el país vecino, -si bien es diferente a la peruana en sus rasgos internos y políticos-, no está muy definida y hace pensar que en breve puede ser otro centro de avanzada del régimen soviético. Para hacer esta apreciación nos basamos en ciertos hechos, en alguna medida contradictorios que transcurren en la vecina orilla.
Remontándonos un poco a la historia contemporánea argentina vemos que a partir del surgimiento en 1976 del Proceso de Reconstrucción Nacional luego de la toma del poder por los militares, estos comenzaron a recibir al poco tiempo -por instancia de Jimmy Carter a raíz de los derechos humanos- una incesante presión, lo que motivara que este país con un sólido régimen anticomunista fuera tratado como un paria (igualmente aconteció con nuestro país) en Washington por las mismas personas que sostenían que Fidel Castro se había visto "obligado" a buscar protección en Moscú, porque los EE.UU. le habían dado la espalda. Aprovechándose de ésa circunstancia, el Kremlin dió a entender a las autoridades argentinas que mantendría sumisos a los agitadores izquierdistas una vez vencida militarmente la guerrilla y que esta no sería reconstruida siempre y cuando el gobierno se mostrara dispuesto a mejorar sus relaciones con la URSS.
Uno de los objetivos para esta mejora eran las Islas Malvinas; y precisamente antes de la invación a éstas, los soviéticos habían demostrado su interés en que el gobierno Argentino tomara esta determinación, convencida de que bajo la soberanía y control de Buenos Aires les sería más facil contruir en las islas una base "pesquera" con sus instalaciones auxiliares de gran importancia estratégica como estación de aprovisionamiento para naves y aeronaves hacia y desde las siete bases permanentes de la URSS en la Antártida, muchas de las cuales se hallan ubicadas en la parte del continente helado más cercano a América del Sur y sirven de reaprovisionamiento de los submarinos de su marina de guerra.-

Así el Kremlin, al tiempo que, por intermedio de La Habana, le dedicaba en forma ostensible sus energías a América Central, seguía lineamientos tácticos tatalmente distintos en la parte sur del continente. Un mes después de la instalación del gobierno marxista - sandinista en Nicaragua en julio de 1979 -que le debe su existencia tanto, si no más, a Carter que a Moscú- fue invitada a Argentina para una estadía de dos semanas, una delegación de altos oficiales del Ejército Rojo, y al mes siguiente, (setiembre de 1979) una misión argentina similar viajó a su vez a la Unión Soviética.
Aumentó la frecuencia de las visitas a Argentina de delegaciones - comerciales, misiones culturales, grupos artísticos y muchos otros.
Los diversos acuerdos entre los dos países aprobados durante el gobierno peronista fueron ratificados por el gobierno militar. Lo mismo se refiere a las otras naciones comunistas de Europa Oriental, así como a Cuba, país con el cual reanudó el intercambio comercial.
En 1980, en parte debido al embargo cerealero impuesto por Estados Unidos a la Unión Soviética después de la invasión de Afganistán, Moscú se convirtió en el mayor comprador de productos argentinos.
Se suscribieron acuerdos sobre la exploración conjunta de las aguas del Atlántico Sur, sobre pesca, sobre desarrollo industrial y recursos energéticos, sobre comercio e intercambio cultural, que se sumaron a los ya existentes.
Las naves soviéticas -cargueros, buques de investigación científica, barcos de pesca, que cuentan con el más moderno y sofisticado equipo de espionaje-a raíz de esos acuerdos que fueron suscritos y renovados recientemente, se pueden ver en los puertos argentinos y actúan no sólo fuera de la zona de 200 millas, sino también, en virtud de acuerdos sobre investigación científica, dentro de ella, a poca distancia de las costas de la Patagonia y de Tierra del Fuego, teniendo como base de operaciones el puerto de Punta Quillia en la Provincia de Santa Cruz.
Este recientísimo acuerdo, no mereció la repercusión necesaria, debido al desinterés de la Cancillería en darle a la noticia una dimensión mayor (algo similar sucedió cuando Moscú comunico la ratificación del acuerdo) y porque otras informaciones desviaron la atención del periodísmo, como la crisis militar de Semana Santa, favoreciendo en este sentido a los intereses gubernamentales.-



-Sector de pesca autorizado a la URSS por Argentina.-

A consecuencia de estas facilidades se produjo la reacción Británica declarando una zona de exclusión pesquera de 150 millas en torno a las Malvinas, con explisita reserva hasta las 200 millas, que se hizo efectiva a partir del 1º de febrero pasado.

Ahora bien, según informes norteamericanos y de varios gobiernos europeos que fueron enviados al Sr.Alfonsín, entre varias indicaciones llegan a algunas conclusiones como que,justamente los pesqueros soviéticos y cubanos habrían transportado, en 1986, las armas que la guerrilla chilena estaba utilizando; alrededor de 80 buques soviéticos, cubanos y polacos navegaron por las cercanías de las costas chilenas en áreas en las cuales no abunda la pesca, y que los guerrilleros capturados, en ocación de los sucesivos descubrimientos de arsenales clandestinos, dijeron que el envío de armamento había sido areglado en Cuba y Nicaragua -Vía Perú-. Además, -es de resaltar-, se cree que parte de las armas remitidas por tierra desde la Argentina a dicha guerrilla trasandina, fue hecha por medio de activistas radicados en localidades fronterizas y llegadas por mar a bordo de pesqueros soviéticos y cubanos. Elementos subversivos infiltrados en varios partidos, incluido el radicalismo, estarían interviniendo en ese tráfico, en compañía de otros grupos latinoamericanos, según fuentes que atribuyen este informe como proveniente de uno elaborado por el propio gobierno argentino.
Es de resaltar -por último- que este nuevo acuerdo provocó varias reacciones entre la que se cuenta el paro realizado por el Sector pesquero de la Unión del Comercio, Industria y Producción de la C. G.T. filial Mar del Plata.=

IV - EL ACUERDO PESQUERO URSS - URUGUAY

EL DESARROLLO PESQUERO EN EL URUGUAY

La primer legislación referida a la pesca, es un Decreto del 20 de diciembre de 1914 en el cual se prohibe la pesca en nuestras aguas jurisdiccionales a todo buque extranjero, así como la realización de esta tarea por medio de redes de arrastre o,desde la costa las tiradas a mano. Sucesivamente fue modificada en 1918, 1920, 1974 y 1975; evidenciandose una despreocupación de este aspecto, por un lapso aproximado a los 60 años.
El marco legal referido a cual será nuestra jurisdicción marítima esta dado por el Decreto 604 de diciembre de 1969 el cual extiende a 200 millas marítimas nuestros límites; posteriormente en 1974 se firma con la Argentina el Tratado del Río de la Plata y su Frente Marítimo por el cual obtenemos soberanía sobre nuestra plataforma continental y facultad para investigar las riquezas que pueden encontrarse en la misma, a fin de encarar su explotación en el futuro.
En el Tratado del Río de la Plata quedan establecidas varias pautas para su mejor aprovechamiento e investigación; reproducimos algunas cláusulas de interes: "Las partes acuerdan establecer una zona común de pesca, para los buques de su bandera debidamente matriculados". "Los volúmenes de captura por especie se distribuirán en forma equitativa, proporcional a la riqueza ictícola que aporte cada una de las Partes, evaluadas en base a criterios científicos y económicos." "El volúmen de captura que una de las Partes autorice a buques de otras banderas se imputará al cupo que corresponde a dicha parte." De esta manera obtuvimos los elementos necesarios e imprescindibles para poder emprender nuestro Desarrollo Pesquero.
Del análisis minucioso de la situación a mediados de la década del - 70 se ha estractado que: el País presentaba una serie de carencias - importantes, como la falta de medios de captura,de plantas industrializadoras, cámaras frigoríficas, infraestructuras portuaria de recursos humanos y de confiabilidad en la captura entre otros. Se estimó que una incorporación maciva de barcos pesqueros traería como consecuencia una excesiva producción,la que no se podría procesar debido a las carencias reseñadas anteriormente. Distintos países, con tradición en la materia ofrecieron flotas -constituidas en su mayoría por unidades sumamente deteriorados- y como complemento instalaciones industriales a realizarse en tierra, pero, en el momento de concretarse en los hechos surgía que su interés era obtener la libertad

de captura y no realizar inversiones en tierra que era nuestra garantía de permanencia en el país. Recordemos que la captura pesquera por parte de los países del frente Sudamericano totaliza un 27,5% de la captura total del Atlántico Sur; en estas aguas también realizan operaciones de pesca buques factoría de bandera rusa, polaca, búlgara, alemana oriental, española, coreana, china y japonesa.

Basados en estas circunstancias, se elaboran los lineamientos generales a seguir en materia de política pesquera, que fueron: control del crecimiento pesquero ; crecimiento adecuado con capacidad de control por parte del Estado y capacidad del esfuerzo privado; incorporación de buques capaces de captura de especies de superficie y profundidad (porte entre 150 y 350 Tons.); captura industrializada en tierra lo que permite un aumento de las fuentes de trabajo, obtención de un producto terminado de excelente calidad y control de calidad - sanidad por el Estado-.

Esta política se destaca por ser netamente nacionalista, pero a su vez no es excluyente de los capitales extranjeros, pues a ellos se les da participación siempre y cuando demuestren interés en colaborar en este sentido e integrarse en esta tarea.

Para completar este punto, resumiremos en el siguiente cuadro a modo ilustrativo la actividad pesquera comparándola entre los años 1972 y 1985-86, a los efectos de poder aclarar en parte el desarrollo obtenido.-

AÑO 1972

Buques pesqueros:	4 pertenecientes al ex-SOYP
Plantas procesadoras:	2 (ex-SOYP, Barrere)
Muelles:	Montevideo, capacidad operación 2 pesqueros.
Cámaras frigor.:	Planta ex-SOYP

AÑO 1985

Datos del Boletín Estadístico elaborado por INAPE año 1985.

Buques pesqueros:	Flota artesanal	624 (tripulantes	1640)
	Flota costera	32 ("	237)
	Flota altura	66 ("	1012 - 2889)
Muelle base:	Montevideo	88 barcos que operan	
	La Paloma	12 " " "	
	Piriápolis	5 " " "	
	No se considera la flota artesanal.		

Cuadro comparativo de la infraestructura pesquera 1972-85

I. Exportaciones año 1972: 200 tons. pescado fresco valor U$S 20.000.

II. Exportaciones en el año 1985.

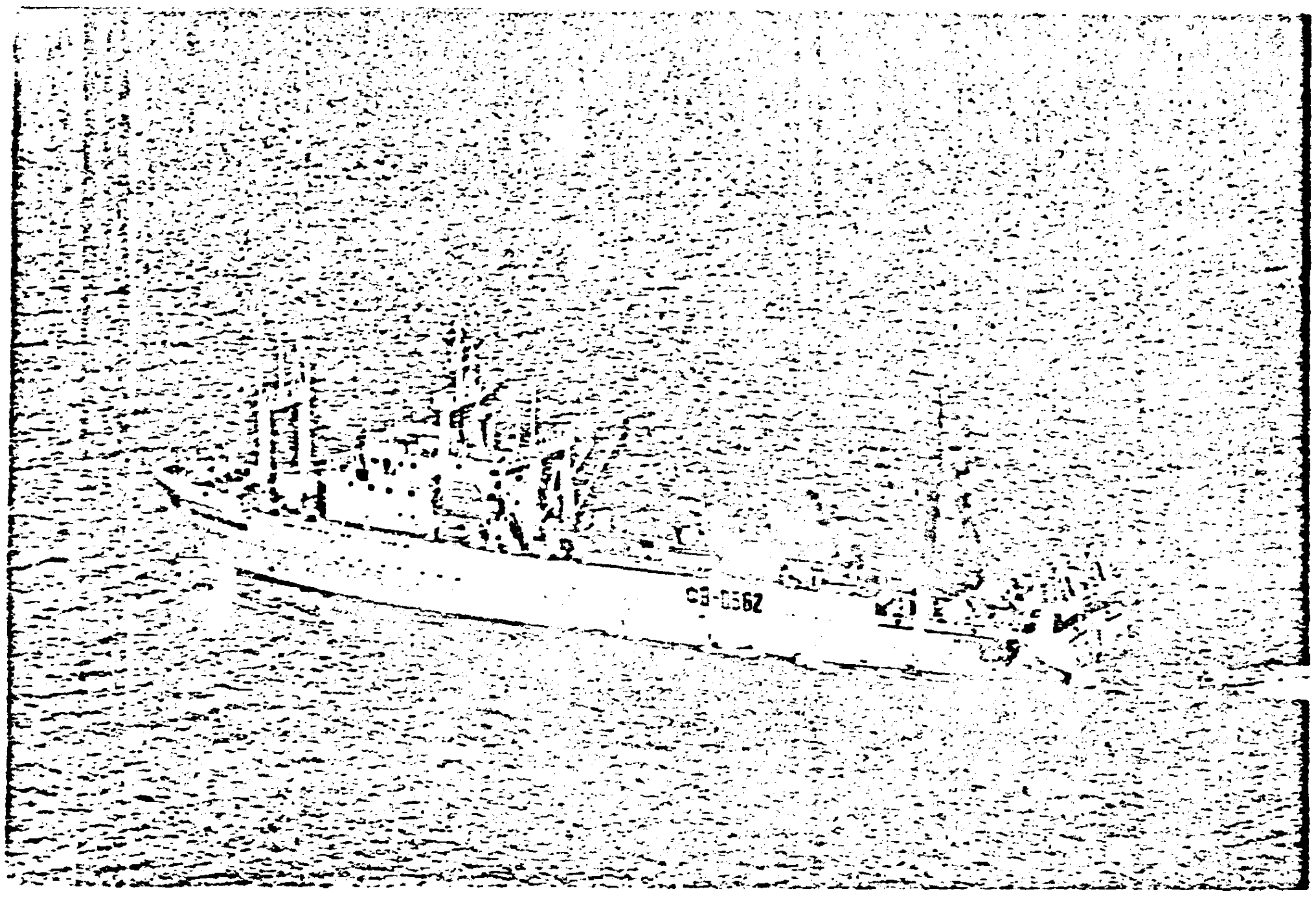
Pescado	congelado	53.063	tons. valor	U$S	49:848 000	Prom.	U$S	939
"	fresco	8 656	"	"	"	5:235.000	"	"	604
"	Atun (albacor.)	1.405	"	"	"	2:333.000	"	"	1660
"	Merluza:								
	Entero	582	"	"	"	148.000	"	"	254
	Eviscerado	5.297	"	"	"	3:396.000	"	"	641
	Filet	12.058	"	"	"	12:482.000	"	"	1035
	Empanado	26	"	"	"	46.000	"	"	1769

III. Empresas que realizaron exportaciones en el período Ene-Dic. 986.

Industrialización y exportación	20
Captura y comercio de túnidos	4
Produc. y comercio Harina pesc.	1
Procesamiento aletas tiburón	2
Exportación aceite pescado	1
Exportac. sin planta indust.	6 total 34 empresas

Cuadro comparativo de las exportaciones de 1972- 85- 86.-

- ASPECTOS DEL ACUERDO PESQUERO URUGUAY - URSS



Sin entrar a considerar el articulado total del acuerdo que suscribió nuestro País -que a semejanza del que hiciera la República Argentina con el mismo Estado, no tuvo difusión de su texto por parte del gobierno -entraremos a considerar lo que a nuestro entender afectará sensiblemente nuestra soberanía, estabilidad interior, conservación ictícola y desarrollo pesquero nacional.

Por tratarse de un tema muy sencible, efectuaremos una comparación analítica con hechos ya reseñados que mantienen su vigencia y actualidad; sería muy ingenuo de nuestra parte pensar que este acuerdo - será la excepción de la regla soviética, que respeta los tratados internacionales únicamente si ello le promete una ventaja; la violación en beneficio propio es un acto honorable, según el código - moral marxista.

Dividiendo el acuerdo en dos grandes aspectos, como lo son la participación de la URSS en la pesca e investigación científica en aguas uruguayas y las facilidades acordadas que son de un gran espectro, comenzaremos con dicho análisis.

-Primeramente en el Preámbulo se compromete seriamente los derechos uruguayos en su Zona Económica Exclusiva, debido a que se le reconoce los derechos soberanos en cuanto a la "Investigación, Exploración, Conservación de los Recursos Marítimos Vivos y de su Administración" omitiendo significativamente nuestros derechos de "Explotación" de los recursos marinos, consagrados expresamente en la Convención del Derecho del Mar.

-Se autoriza implícitamente en los primeros artículos a la parte soviética a realizar actividades en nuestro "Mar Territorial y Zona Económica Exclusiva" lo cual viola el artículo 4º de la Ley de Pesca Nº 13.833 que permite esta participación siempre y cuando ésta realice en base a acuerdos internacionales sobre la base de la "reciprocidad" hecho este que aquí no se consagra, además de exigir que nuestro país determine (con que base?) el "remanente no utilizado" de peces a ser explotados por empresas conjuntas; en esta parte se omite delimitar las áreas y períodos en los cuales se explotarían dichos remanentes como así mismo no se define cuales son las especies no tradicionales. Ampliando un poco más sobre este aspecto, es

de destacar que nuestro país tiene la opción a determinar su propia capacidad de captura, siendo esta facultad ejercida en forma discrecional; en este acuerdo, se insta implícitamente a que ejerzamos nos guste o nó, a fin de dar participación de ese "remanente" a barcos soviéticos o a "JOINT VENTURES" (actividades de riesgo compartido) con empresas de igual nacionalidad; punto que no esta claro pues tampoco se le pone ningún tipo de clausula que obligue a que no se constituyan empresas ficticias que presten su nombre y que si se podrían realizar con aquellas con actividad y antecedentes pesqueros. Quiere decir entonces que este remanente que en la actualidad se considera como una reserva potencial de nuestra riqueza ictícola, será depredada en forma total,representando un grave sisma en nuestro equilibrio de variedades marinas.

-No esta previsto en este acuerdo el procedimiento, destino final, - lugar de descarga de las especies capturadas, ubicación de plantas de industrialización,como así tampoco el procedimiento de control efectivo del cumplimiento del mismo; quiere decir que no se fija ninguna especie de control o fiscalización en ninguna de las etapas antes mencionada, hecho este que en otros acuerdos ha sido previsto (pero que al final tampoco se cumple).-

-En cuanto a la "investigación científica" no se preveen condiciones ni control alguno de estas actividades,como así mismo la obligatoriedad a informar a nuestro Estado sobre los resultados de dichas investigaciones. En este aspecto se incluye la preparación de personal uruguayo en instituciones medias y superiores de la URSS y también en sus buques pesqueros, con el consiguiente riesgo de que esta "preparación" en dichos centros sea desvirtuada hacia otros de características ampliamente conocidas (como la Escuela Superior de Konsomol)..-

-Es amplio el panorama de las llamadas "facilidades" a otorgar por este convenio a la URSS, primeramente las portuarias que incluyen la atención de sus buques (aproximadamente ¡170!) en cuanto a reparación reposición de provisiones y combustible como así también el relevo de la tripulación de los buques. En este último punto nos detendremos a dar un panorama de esta actividad que es desarrollada por la empresa estatal rusa AEROFLOT que ultimamente ha abierto nuevas oficinas en Panamá y en nuestro país -además de las existencias en Lima y Buenos Aires- la cual no merece respeto internacional por no cumplir con las normas de seguridad al respecto (tampoco está afiliada a la IATA) y que son cuidadosamente silenciados por los medios soviéticos. Se ha verificado que muchos de sus aviones son utilizados para realizar misiones militares paralelas; equipados con aparatos de sofisticada tecnología, capaces por ejemplo de fotografiar y detectar instalaciones de interés, además del transporte encubierto de armas y equipo militar que ha realizado y que ha sido comprobado de distintos países.

-Otro aspecto de estas facilidades es el referido a la creación de un "ATTACHE" en la embajada de la URSS en nuestro país "con los funcionarios administrativos-técnicos que éste necesite"; se abre pues la puerta a estos supuestos funcionarios diplomáticos que sin duda -valiéndose se su prestigio en la materia- harán muy poco por la pesca y si por otras variadas actividades.-

-Para finalizar este escueto resumen de los aspectos de este tratado nos resta decir que el mismo se ha hecho sin otorgar al Uruguay beneficio alguno, como lo han reiterado profusamente distintas personalidades e instituciones, inclusive algunos sindicatos (aunque logicamente el PIT-CNT no dió ninguna difusión como es su costumbre en este aspecto) y a pesar también de la notoria desventaja que tiene nuestro país en su balanza comercial con la URSS como lo demuestra el último FORO Empresarial (patrocinado oficialmente) que examinó el intercambio comercial de la República con las economías centralmente planificadas que integran el COMECOM (especie de Mercado Común, pero de las naciones Socialistas Europeas).

V - CONSECUENCIAS DEL ACUERDO PESQUERO URUGUAY - URSS

En los capítulos anteriores y concretamente en el referido al acuerdo URUGUAY-URSS se han establecido algunas de las consecuencias de dicho tratado. Resumiremos a continuación aquellos que nos parecen mas importantes y las posibles intenciones soviéticas -que muy poco van a diferir de la realidad- junto con sus aliados, particularmente cubanos y nicaragüenses.

-Significa en términos generales, el fin de nuestra riqueza ictícola, que sería extraida por una flota tres veces más numerosa que la muestra, y cuyo número -170 buques- no tiene precedentes en América del Sur, pues en Perú operan 100 buques y la Argentina solo permitió esta actividad a 21 navios; ademas dadas las caracteristicas de esta flota es dable pensar que incluirá buques factorias que permiten trabajar continuamente sin necesidad de descargar su captura, pues ésta ya sale procesada, incluyendo su empaquetamiento.-

-No cuenta nuestro país con los medios necesarios para la verificación del cumplimiento del tratado; como se puede imaginar que una flota como la que cuenta la Armada Nacional (que no llega a tener 6 embarcaciones a esos efectos) controle a un elevadísimo número de buques que además, y por sí fuera poco, cuentan con instrumentos electrónicos de detección que superan ampliamente la capacidad de nuestros buques. Por otra parte, legalmente no se han establecido medidas de control efectivo en los buques rusos, como así tampoco la Inspección preliminar de los mismos por parte de nuestras autoridades.-

-En el mismo día de la firma del tratado se estableció que AEROFLOT iniciaría los contactos pertinentes a fin de poder operar desde el Aeropuerto Internacional de Carrasco, a fin de efectuar relevo de la tripulación de los navíos pesqueros, que se estima entre 30 y 50 mil "pescadores" por año, obviamente el pasaje no será exclusivamente de tripulantes y sus rutas de vuelo no se ceñiran estrictamente a tener en cuenta los espacios aéreos limitados en donde se encuentran instalaciones de carácter estratégico-militar.-

-Con el montaje de un "attache" para cuestiones de la pesca, "con los funcionarios administrativos-técnicos que éste necesite"; dando cobertura diplomática a sus actividades de inteligencia; además con la infraestructura costera y construcciones portuarias, la URSS tendrá en nuestro país una base y una excusa para movilizar el personal que se le antoje y dedicarlo a las tareas de su conveniencia. Manejará cuantiosos recursos de los que no debe rendir cuentas a nadie, los cuales fácilmente serían desviados al fomento de actividades de neto corte político.

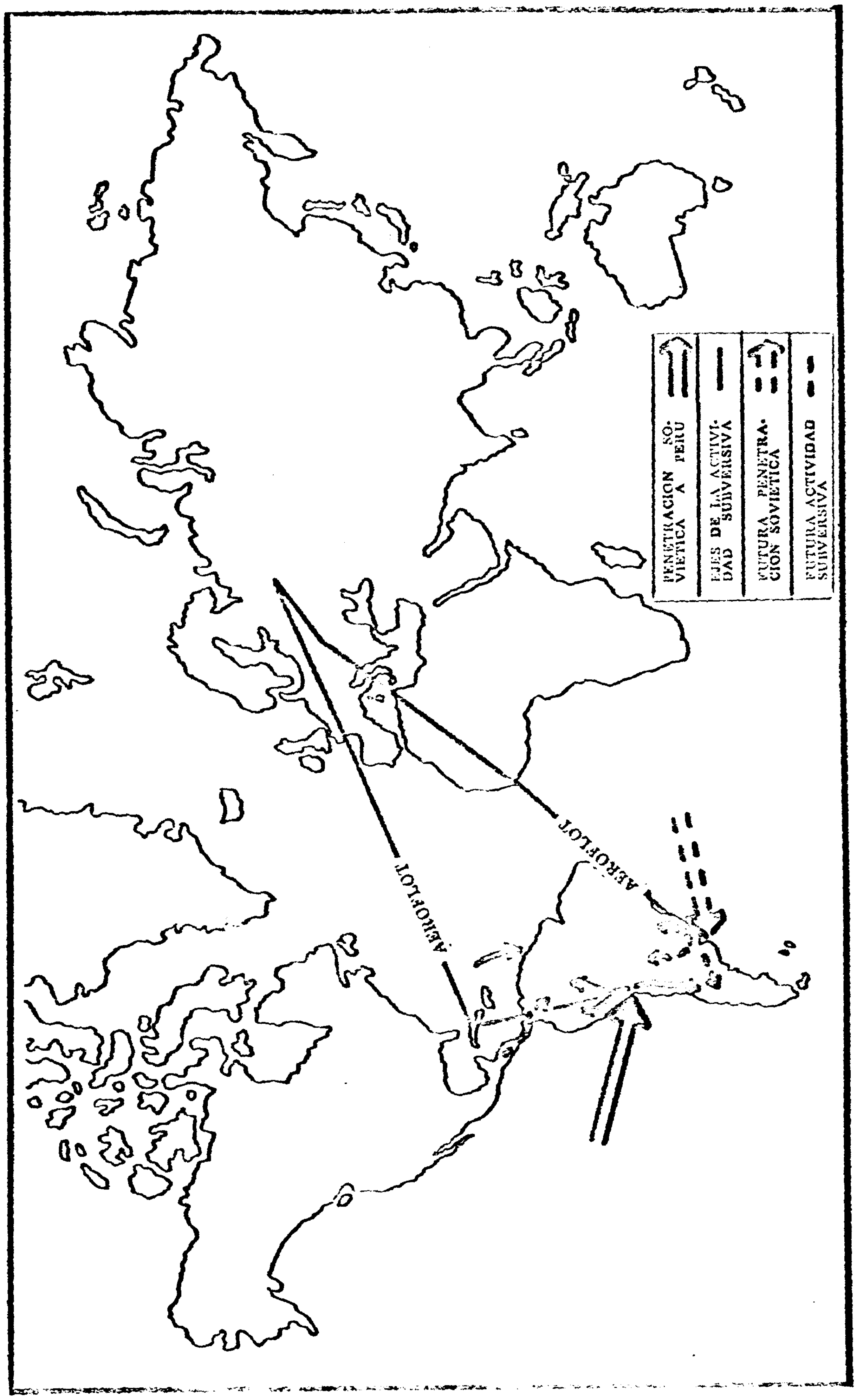
-Con el tan reiterado slogan de la preparación tecnológica en los institutos de enseñanza de la URSS se pretenderá canalizar de una manera más "legal" los viajes de estudiantes a dicha República Socialista, obteniendo así la libertad de poder desviar esos estudios hacia otros de índole político-subversivo al cual ya han accedido varios partidarios rojos nacidos en este suelo.

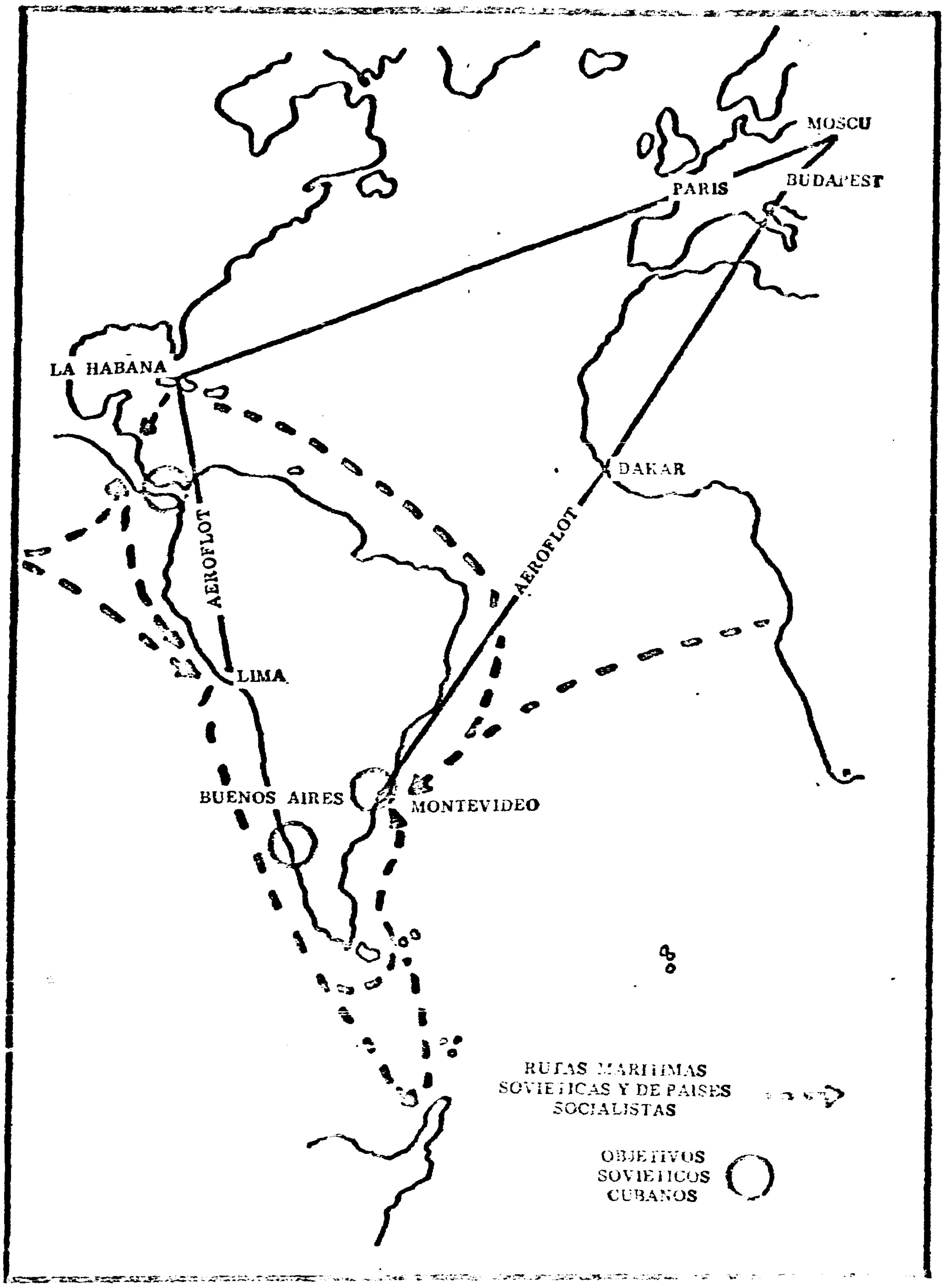
-A diferencia de épocas pasadas, no se necesitará almacenar las armas para defender al Partido Comunista o intentar la toma violenta del Poder; en 1968 se gestó un acuerdo (felizmente fallido) de cooperación y compra de armamento Checoslovaco que obviamente pasaría -antes de llegar a su destino- a manos revolucionarias; ahora las armas pueden ser traídas en el instante preciso de su utilización y esto es gracias a esa inmensa flota y a ese constante flujo de "relevo" y "turismo" que organiza AEROFLOT.

-A partir de la concreción en los hechos de este acuerdo, el Atlántico Sur será ampliamente controlado por esta flota, teniendo así el STAVKA Soviético la más amplia información, de todo el movimiento marítimo y aéreo de esta zona, complementando así el obtenido por sus satélites. Además esta flota serviría como elemento de ocultación y camuflaje de los varios submarinos que operan en estas latitudes (las redes de los grandes buques inpiden la detección de los submarinos que en ellos se pueden ocultar)

8707143

-De todo lo anteriormente expuesto es loable inferir que el resultado, en mediano plazo, de este tipo de acuerdo traería aparejado el asentamiento de una nueva cabecera de puente de los soviéticos en América del Sur -la otra está en Perú-; y haciendo la conjunción de ambas podríamos establecer los acontecimientos graficados en los dos cuadros siguientes.





* Ahora que se ha investigado y evaluado las posibilidades de nuestro mar; ahora que apreciamos las posibilidades reales y de futuro que existen para nuestra Nación en la pesca, ahora entregaremos ese bien a una potencia extranjera que nos invadirá con cientos de buques pesqueros y buques factoría que poseen una tecnología tan desarrollada, produciéndonos la depredación y desaparición de nuestra riqueza marina.

* Ahora que nuestro país se ha encauzado en sus carriles Constitucionales, en el cual se permite la libertad total, incluida la política, y en la cual tienen participación todas las corrientes de opinión; ahora que nuestro pueblo tiene nuevamente oportunidad de apreciar los sucios procedimientos de quienes son minoría y pretender por otros medios burlar este sistema Repúblicano - Democrático para -amparándose en él- socavar las bases del mismo e instaurar otro sistema del cual somos mayoritariamente adversos; ahora le permitimos a esas minorias tener una gran infraestructura ya sea material como económi-

ca, para desde allí alzar su mano e intentar nuevamente destruir esto que tanto sacrificio nos ha costado mantener y reconstruir a lo largo de más de siglo y medio de existencia soberana.-

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Acuerdo Pesquero Perú - Unión Soviética.

PROCEDENCIA: 4/9/87 Doc. 1343/87

ARCHIVADO EN: MEMORANDUM (084)

01.01

8707145

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Piden para Ruso 8 años de trabajos forzados.

PROCEDENCIA: LA HAVANA 4/5/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (B)

01.01

8707157

LA NACION 3/6/87

URSS: designaron al jefe de la defensa aérea

Es el comandante que ordenó derribar un Boeing coreano

MOSCU, 2 (AFP).– Al cumplirse un mes de la hazaña de Mathias Rust, el joven alemán que aterrizó con una avioneta ante las murallas del Kremlin, la defensa antiaérea soviética experimentó el mayor cambio conocido desde la Segunda Guerra Mundial, y tiene ahora un nuevo comandante en jefe: el general Ivan Tretiak encargado de las fuerzas que derribaron en 1983 un avión de línea surcoreano.

El nombre del sucesor del mariscal Alexandre Koldunov, destituido por el politburó junto con el ministro de Defensa, mariscal Serguei Sokolov, el 30 de mayo último, apareció hoy en una breve información de Estrella Roja.

La designación de Tretiak coronó una serie de cambios internos en el comando de defensa antiaérea que, a partir de esta capital, afectaron a todas las unidades ubicadas a lo largo del trayecto que, con su avión, siguió Mathias Rust.

El joven alemán ingresó en el espacio aéreo de la URSS por la costa báltica, a la altura de Estonia, sobrevolando, por lo menos, tres regiones militares antes de entrar en el área de esta capital.

Los cambios efectuados

Los cambios en la defensa antiaérea son, según especialistas militares occidentales, los mas importantes públicamente conocidos desde la finalización de la última guerra mundial.

El general Tretiak, de 64 años, obtuvo promociones militares y políticas desde que Mikhail Gorbachov accedió al poder. A mediados del año anterior, fue designado viceministro, inspector general de los ejércitos y, posteriormente, miembro titular del comité central durante el último congreso del PCUS, tras 10 años de espera como miembro suplente.

Vinculación con Iazov

Además, Tretiak está estrechamente vinculado con el nuevo ministro de Defensa, general Dimitri Iazov, de quien, recientemente y durante más de un año, fue su superior jerárquico.

Tretiak dirigió el teatro de operaciones del Extremo Oriente, a partir del 22 de diciembre de 1981, cuando Iazov dirigía la región militar de esa zona, la principal de las cinco regiones que cubre, de manera especial, la frontera chino-soviética.

Estrella Roja, al citar el nuevo cargo del general Tretiak, no recordó sus funciones como viceministro. Los observadores excluyeron la posibilidad de que haya sido alejado de aquellas jerarquías, porque ello significaría que la defensa antiaérea habría sido sancionada en su conjunto, y ya no formaría parte de las cinco principales armas.

Demandas judiciales

MOSCU, 2 (AFP).– Desde ahora los soviéticos podrán demandar judicialmente ciertos abusos de poder de los funcionarios, de acuerdo con una ley recientemente aprobada en el Parlamento.

El artículo primero de ese texto dispone que "todo ciudadano puede dirigir una demanda al juez, si considera que ha sido perjudicado en sus derechos por la actuación de un funcionario".

La ley no acepta las demandas cuando los actos incriminados están ligados a la defensa de la URSS, y a la seguridad del Estado. Los candidatos a la emigración, a quienes se le negase un visado con el pretexto de que están en posesión de secretos de Estado, no podrán acogerse a las disposiciones de la norma.

Los refugiados (judíos soviéticos cuya demanda de emigración es rechazada), se quejan de la vaguedad de la legislación sobre visados, y también de que las negativas no les son comunicadas por escrito, sino anunciadas de viva voz por funcionarios de la oficina de emigración.

La persona que se considere dañada en sus derechos, debe dirigirse, primero, al superior del funcionario que estima lo perjudicó. Si no obtiene satisfacción en su reclamo 30 días más tarde, puede presentar su demanda ante los jueces competentes.

A F: 3/7/87

URSS: un [illegible]nea dura al frente d[illegible] Defensa Aérea

Moscú (UPI)— El jefe de la Defensa Aérea, que permitió que un joven alemán occidental piloteara una avioneta hasta la Plaza Roja de Moscú, ha sido reemplazado por el general Ivan Tretyak, el encargado de las Fuerzas que derribaron un avión comercial sudcoreano en 1983, informó ayer el periódico del Ejército Soviético.

Se cree que Tretyak, que dirigía el distrito militar del extremo oriente cuando el Boeing-747 sudcoreano fue derribado, es allegado al general Dimitri Yazov, que se convirtió en ministro de Defensa al ser destituido Sergei Sokolov, también a raíz de la intrépida acción del joven Mathias Rust el pasado 28 de mayo.

La confirmación de la designación de Tretyak, de 64 años, que se había rumoreado en Moscú, se hizo de manera indirecta en Estrella Roja, la publicación del Ejército Soviético.

En una nota breve, el periódico dio parte de la celebración de una reunión sobre la mejora de la defensa de las fronteras nacionales, y en la que "un informe fue presentado por el general Tretyak, comandante en jefe de las Fuerzas de Defensa Aérea".

El aterrizaje de Rust, de 19 años, en la Plaza Roja a bordo de una avioneta Cessna sacudió al Kremlin. El secretario general Mijail Gorbachov arremetió contra las fuerzas de Defensa Aérea en un discurso público, y despidió a Sokolov y al entonces jefe de la Defensa Aérea, el mariscal Alexander Koldunov.

A continuación, fueron anunciados otros cambios en cargos de alto nivel en la región moscovita, y diplomáticos occidentales informaron que la reorganización aún se está llevando a cabo en otras regiones del país.

Gorbachov reiteró la semana pasada su ira para con las fuerzas de Defensa Aérea, que permitieron que Rust volara desde Finlandia, a través del espacio aéreo soviético, hasta aterrizar junto a los muros del Kremlin.

La reacción despertada por la aventura de Rust contrasta con la falta de recriminaciones acerca de la decisión de derribar el avión de las aerolíneas sudcoreanas, que penetró el espacio aéreo soviético en 1983.

URSS (B)

024

Las empresas soviéticas deben u$s 64.000 millones

Moscú (UPI) — El Soviet Supremo de la URSS, inició ayer una sesión durante la cual aprobaría las reformas propuestas por el secretario general del Partido Comunista, Mijail Gorbachov, consideradas como las más profundas desde la Segunda Guerra Mundial.

Al inaugurar la sesión, el primer ministro Nikolai Ryzhkov aseveró que 13 por ciento de la industria soviética pierde dinero y advirtió de su cierre a menos que mejoren sus rendimientos.

En su discurso de dos horas, Ryzhkov habló de la necesidad que tiene el Soviet Supremo de aprobar las reformas impulsadas por Gorbachov, que ha planteado un plan radical para reorganizar la economía del país.

La sesión del Soviet Supremo, que concede aprobación unánime a las decisiones del Partido Comunista, sigue a la importante victoria que Gorbachov logró la semana pasada en la crucial reunión a puertas cerradas del plenario del Comité Central del PC.

Ante los 1500 miembros del Soviet Supremo, el primer ministro dijo que las industrias soviéticas han acumulado y derrochado grandes cantidades de materia prima, que la producción no es suficiente para atender las necesidades del consumidor, mencionando a "los ministerios que están ahogados en un mar de trámites y papeles".

Además las empresas estatales han acumulado una deuda fiscal de 40.000 millones de rublos (64.000 millones de dólares), siendo éste uno de los principales problemas que confronta la industria, dijo Ryzhkov.

A.F. 30/6/87

01/01

URSS: reducen el control sobre la economía

Aprobaron una ley que prevé una menor injerencia estatal sobre la gestión de las empresas; regirá una norma según la cual los ciudadanos podrán apelar contra las decisiones abusivas de los funcionarios

MOSCU, 30 (Reuter). – El parlamento soviético aprobó hoy reducir el control central de la economía mediante una ley que expertos en temas soviéticos han descripto como la pieza legislativa más importante del país en materia económica desde la década de 1920.

El soviet supremo aprobó la ley por unanimidad en el segundo día de una breve sesión estival en Moscú. Su adopción se daba por descontada desde la semana pasada, cuando el Comité Central del Partido Comunista dio el visto bueno a la versión preliminar.

Reducción de poderes

La ley que entrará en vigencia en enero, contempla la reducción de los poderes de los ministerios económicos con sede en esta capital, que actualmente controlan minuciosamente el desenvolvimiento de todas las empresas industriales, y procura hacer que los gerentes de fábricas asignen mayor importancia a los resultados financieros de su gestión y se preocupan por responder a las tendencias del mercado.

Al mismo tiempo, la ley procura realzar el papel del Comité Estatal de Planificación, Gosplan, en cuanto a trazar el curso económico a largo plazo del país y prevé sólo un grado limitado de competencia entre empresas en procura de contratos del estado.

La ley es una pieza clave en los esfuerzos de Mikhail Gorbachov por inyectar renovado dinamismo a la economía nacional. La versión oficial del desarrollo de la reunión del Comité Central puso en claro que sus elementos más ambiciosos suscitaron la resistencia de burócratas indentificados con el arraigado centralismo.

Economistas reformistas han comparado el alcance de la nueva ley con los profundos cambios que el fundador del estado soviético Vladimir Lenin introdujo en su Nueva Política Económica (NEP) en 1921.

Invirtiendo las políticas de centralismo estricto, de "comunismo de guerra", con las que instaló y afianzó el poder bolchevique tras la revolución de 1917, Lenin trató de fomentar el comercio y permitió el resugimiento de las operaciones fabriles en pequeña escala.

Las medidas de Stalin

El sucesor de Lenin, José Stalin, reimplantó el control estatal sobre todos los aspectos de la economía en su campaña de industrialización y colectivización de fines de la década de 1920 y en la de 1930, y su sistema se mantuvo virtualmente incólume en su esencia hasta hoy.

El presidente Andrei Gromyko, al pasar revista a las anteriores políticas del Kremlin, declaró ante el soviet supremo: "Hubo en el pasado deformaciones del socialismo... Son los métodos de conducción y administración aplicados a nuestra sociedad los que impiden que avancemos".

El primer ministro Nikolai Ryzhkov, en un discurso de fondo ante la legislatura declaró en la víspera: "Los métodos del anterior sistema de gestión económica han quedado obsoletos. La necesidad de cambio es patente y perentoria".

Economistas soviéticos indican que la ley procurará establecer una relación equilibrada entre los órganos ministeriales centrales y las empresas individuales, de modo que se aproveche al máximo el potencial de cada sector.

Algunos economistas occidentales prevén dificultades para llevar a la práctica las nuevas políticas. Por ejemplo: la conducción soviética ha avalado el principio de cerrar empresas no rentables pero ha descartado de plano que vaya a admitir el desempleo.

Ryzhkov indicó ayer que el 13 por ciento de las fábricas del estado tuvieron pérdidas el año pasado. El cierre de esos establecimientos dejaría sin empleo a millones de trabajadores, que deberían ser capacitados para que puedan ser absorvidos por nuevas industrias y según economistas occidentales, el sistema en la actualidad no podría satisfacer la demanda.

Falta de rentabilidad

Añaden esos economistas que queda por verse de qué modo las autoridades definirán lo que es falta de rentabilidad. Bajo la nueva ley, los precios seguirán siendo fijados por organismos centrales, sistema que economistas occidentales consideran dificulta mucho estimar la eficiencia de una firma.

Derechos ciudadanos

Antes de poner fin a su sesión, el Soviet Supremo aprobó una ley que da a los ciudadanos más oportunidad de apelar ante tribunales contra acciones de funcionarios que violen sus derechos, informó la agencia noticiosa oficial TASS.

Georgy Razumovsky, secretario del comité central que presentó la ley, indicó que ella es necesaria debido a que "siguen produciéndose serias desviaciones respecto de las normas legales, incluyendo la resolución de cuestiones que afectan intereses vitales de la población".

La ley incluye una cláusula que permite a los ciudadanos apelar ante un tribunal sólo si una demanda ha sido rechazada primero por un funcionario superior o un organismo y estipula un límite de diez días en el que los casos deben ser considerados por un tribunal. Entrará en vigencia el próximo 1° de enero.



Andrei Gromyko (AFP)

01/01

8707173

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Se abrió, en Israel, un difícil diálogo con la delegación soviética.

PROCEDENCIA: Clarín 15/7/87

ARCHIVADO EN: Israel (041)

01/01 8707182

ARCHIVAR EN: U.RSS. (026)

TEMA: ORIENTATIÓN OF SOVIET ARMAMENT POLICY AS VIEWED FROM GORBACHEV'S SPEECH ON DISARMAMENT of MAY/1/87

PROCEDENCIA: Doc. Nº 1348/87 del 4/9/87 de Secretaría Dto. II

ARCHIVADO EN: ENLACE CHINO (135/B)

01/01 8707206

SOVIET SUPREMO VOTARA AUTONOMIA EMPRESARIA

MOSCU, 28 (AP). — El Soviet Supremo, el parlamento nominal de la Unión Soviética, se reunirá mañana en el Kremlin para aprobar una ley que inaugurará una amplia reforma de la economía estatal.

Los 1.500 miembros de la legislatura llegaban hoy a esta capital para asistir a la sesión, que brindará la aprobación formal a los cambios económicos recomendados la semana pasada por la jefatura del Partido Comunista.

El borrador de las reformas, revelado por el dirigente Mijail S. Gorbachov durante un plenario del Comité Central del partido, obligará a que las plantas fabriles se autofinancien, y a que se actualicen los métodos de planificación, de precios y de abastecimientos.

El programa representa un radical alejamiento del sistema de "economía de comando" que desde larga data era el ideal soviético, y en la que administradores y trabajadores locales eran juzgados sólo según la forma en que cumplían con los decretos promulgados por los burócratas en Moscú.

El temario legislativo está encabezado por el conjunto de reformas económicas, un proyecto de ley que cambia drásticamente la situación de las fábricas dirigidas por el Estado [illegible] economía.

El Soviet Supremo, que oficialmente es el principal cuerpo legislativo, brinda la adopción formal de medidas ya formuladas y aprobadas por la jefatura partidista, y la votación es unánime.

Se considera que los observadores seguirán de cerca los discursos que pronuncien los diputados acerca de la ley, muchos de los cuales tienen cargos dentro del aparato del Estado y del partido que podrían verse sumamente afectados, o aun eliminados, por las reformas.

Funcionarios dijeron que el proyecto de ley tuvo numerosas enmiendas durante el plenario de la semana pasada, y que la sesión del Soviet Supremo será la primera presentación pública del texto modificado.

El asesor del Kremlin en economía Abel Aganbegyan dijo que antes de fin de año los jefes estatales y partidistas deberán aprobar otros 11 documentos referentes a las reformas económicas, y que el calendario emitido por el Comité Central del Partido contempla que los cambios estén funcionando en plena escala para 1990.

La sesión del Soviet Supremo será difundida por televisión y divulgada ampliamente por la prensa soviética, y en esa ocasión tres altos funcionarios del partido harán su primera presentación pública desde que el viernes fueron ascendidos a miembros plenos del Politburo con derecho a voto.

Se trata de Alexander Yakovlev, Nikolai Slyunkov y Viktor Nikonov, considerados protegidos de Gorbachov, y con su incorporación alcanzan a 14 los miembros plenos del Politburo, ocho de los cuales fueron designados desde que el Jefe de Gobierno asumió el poder en marzo de 1985.

La agencia noticiosa TASS dijo que el residium del Soviet Supremo, encabezado por el presidente Andrei A. Gromyko, se reunió ayer para aprobar el temario de la sesión legislativa, la cual se prevé que durará dos días.

Además de la ley que ampliará los poderes y responsabilidades de empresas dirigidas por el Estado, los diputados analizarán la legislación que brinde a la ciudadanía posibilidades de recurrir a los tribunales si creen que sus derechos fueron violados por funcionarios del gobierno.

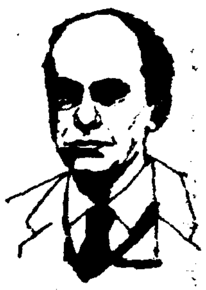
Otro proyecto de ley a ser sometido al Soviet Supremo será para organizar debates en todo el país sobre "las cuestiones más importantes de asuntos del Estado", dijo TASS, aunque sin brindar detalles sobre ninguna de las dos iniciativas aludidas.

el PAÍS 30/6/87

PESCA

EDITORIALES

CONVENIO PESQUERO: ALGUNAS OBSERVACIONES



Apenas divulgado, el acuerdo entre el Uruguay y la URSS de colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas fue objeto de importantes críticas por parte de los gremios vinculados a la pesca y motivó al senador Lacalle a enviar sendas solicitudes de informes a los Ministerios de Ganadería y Agricultura, y de Relaciones Exteriores.

Luego se produjo un período de silencio, matizado por alguna que otra breve declaración proveniente de las tiendas gubernamentales. Esta calma, sin embargo, era engañosa. Se trataba de una pausa en la discusión mientras el texto era disecado paciente y metódicamente en varios laboratorios. Los resultados de los análisis están comenzando a aflorar. En su reciente conferencia en la Facultad de Derecho, el Dr. Eduardo Jiménez de Aréchaga examinó el acuerdo desde el punto de vista de los desarrollos en el derecho del mar. Sus conclusiones acerca de los términos del mismo no fueron favorables.

Cualquier posibilidad de mejorar el entrenamiento de las tripulaciones uruguayas y aumentar los conocimientos de nuestros técnicos y científicos, merece nuestro apoyo. Sin embargo, debemos expresar cierto escepticismo acerca de la real magnitud de los beneficios que en este terreno pueden derivarse del acuerdo. Ello no significa de ninguna manera subestimar el alto nivel de las universidades soviéticas. Pero, el Uruguay ya cuenta con una buena base de personal técnico y científico idóneo, incluyendo profesionales que han completado cursos de postgrado en el exterior. En este momento, la política más prudente es invertir en nuestros centros de estudios y sacar el máximo provecho a nuestros recursos humanos. Así se consolidaría nuestra autonomía en las diversas disciplinas asociadas con los usos del mar y se contrarrestaría la tendencia al neocolonialismo tecnológico y científico que el tratado parece fomentar.

El convenio no contiene suficientes detalles acerca del número de pesqueros de altura soviéticos que recalarán en Montevideo ni especifica cuántos tripulantes serán relevados cada año. Tiene importancia el conocer más detalles acerca de estos aspectos.

Finalmente, en cuanto a la explotación de la pesca y dejando de lado las cuestiones asociadas con el establecimiento de empresas conjuntas con la Unión Soviética, es decir con un estado altamente industrializado (un tema que seguramente dará lugar a prolongados y amenos debates políticos y jurídicos) debemos expresar dudas acerca de lo estipulado en el artículo 2 del acuerdo respecto a la pesca.

Es pasmoso cómo los autores del texto lograron concentrar en tan pocas palabras tantas complejas cuestiones de política pesquera, técnicas operacionales, y derecho internacional marítimo. Varios de esos temas merecen un análisis más detallado y serán objeto de futuras notas. Por el momento, nos limitaremos a sugerir que dicho texto sea revisado con mucho cuidado.

Finalmente: ¿en qué etapa se encuentra la tramitación del tratado? Se habló de un tratado "convenido", lo que sugeriría un documento definitivo firmado por ambos gobiernos y solamente sujeto a la ratificación del Poder Ejecutivo para entrar en vigor. Versiones más recientes, en cambio, indican que se trataría de un simple borrador iniciado por las partes, que será objeto de estudios más detallados.

El Uruguay ha desempeñado un brillante papel en las conferencias internacionales sobre derecho del mar en el pasado y confiamos en que los expertos de nuestra cancillería dispondrán ahora de todo el tiempo necesario para examinar concienzudamente este interesante artefacto antes de botarlo a nuestras aguas.

JUAN ORIBE STEMMER

01.01

ACUERDO PESQUERO CON URSS AFECTA A URUGUAY

Dr. Jiménez de Aréchaga Señaló Perjuicios que Causará el "Remanente no Utilizado" y Violaciones de Leyes Vigentes

Destacamos hace apenas tres días, que el Dr. Eduardo Jiménez de Aréchaga había regresado al recinto de la Universidad de la República después de una larga ausencia, para dictar una clase sobre "El Derecho del Mar y el Acuerdo de Pesca Uruguay-URSS". La disertación del Dr. Jiménez de Aréchaga es parte integrante del Programa de Conferencias del Centro de Estudiantes de Relaciones Exteriores.

El Dr. Jiménez de Aréchaga hizo en esta oportunidad un minucioso y completo análisis del proyectado acuerdo pesquero con la URSS, señalando sus muchos riesgos e inconvenientes, subrayando que el Artículo 2 del mencionado proyecto es el punto clave.

La conferencia del destacado jurista uruguayo es bastante extensiva por lo que no nos es posible, en este momento insertarla íntegra. No obstante, y por especial deferencia del Doctor Jiménez de Aréchaga, publicaremos a continuación las conclusiones finales del referido análisis en tres partes fundamentales, subdivididas en diversos apartados.

Van a continuación:

IV CONCLUSIONES

El Acuerdo entre el Uruguay y la URSS tiene tres aspectos fundamentales.

I LA PARTICIPACION SOVIETICA EN LA PESCA EN AGUAS URUGUAYAS

1. El Artículo II del Acuerdo abre la puerta a la participación soviética en la pesca en el Mar Territorial y la Zona Económica Exclusiva del país, al requerir que el Uruguay determine anualmente el "remanente no utilizado" de peces a ser explotados por empresas conjuntas soviético-uruguayas.

2. Permitir la pesca soviética en el Mar Territorial uruguayo viola el Artículo 4° de la Ley de Pesca N° 13.833, que sólo admite en esta área banderas extranjeras, cuando ellas se funden en acuerdos internacionales celebrados "sobre la base de la reciprocidad" y en este Acuerdo no existe reciprocidad.

3. En cuanto a la Zona Económica Exclusiva, en el Preámbulo del Acuerdo la Unión Soviética reconoce los derechos soberanos del Uruguay para los "fines de investigación, exploración, conservación de los recursos marítimos vivos y de su administración", pero significativamente omite los derechos soberanos de "explotación" que, en cambio, consagra expresamente la Convención de Derecho del Mar. Dada la importancia que el Preámbulo tiene para la interpretación de todo tratado, este reconocimiento insuficiente compromete los derechos del Uruguay.

4. El concepto de "remanente no utilizado" que figura en el Artículo II del Acuerdo surge de dos determinaciones que, según la Convención, está facultado a hacer el Estado ribereño: fijar la captura permisible y su propia capacidad de captura. Si existe diferencia entre las dos determinaciones, surge un excedente o "remanente no utilizado" respecto del cual el ribereño puede acordar acceso a terceras banderas.

La determinación de la propia capacidad de captura es definida en la Convención de Derecho del Mar como una facultad discrecional, que por lo tanto puede ejercerse o no.

5. Si, una vez ratificada la Convención de Derecho del Mar, el Uruguay decide ejercer esa facultad, hay dos maneras de hacerlo. Una primera es utilizar la colaboración extranjera a fin de desarrollar la propia capacidad de captura, de manera que no aparezca un excedente; la otra, es congelar esa capacidad de captura, cerrando la puerta a la expansión futura y declarando un excedente sobre el cual se debe dar acceso a banderas extranjeras. Esta segunda línea es la que propone el Acuerdo con la URSS, que exige determinar anualmente y por especies la capacidad de captura del país, tomando en cuenta solamente "las necesidades de las plantas pesqueras instaladas en tierra", excluyendo las especies no tradicionales y dando acceso en el "remanente no utilizado" a barcos soviéticos y a "joint-ventures" con empresas soviéticas.

6. Podría decirse que esa concesión se otorga respecto de especies no tradicionales, carentes aquí de valor comercial. Pero además de las dificultades inherentes a la realización y control de una pesca discriminada, el interés evidenciado por la URSS demuestra que existe un mercado de consumo para esas especies, lo que les da valor comercial. No se ve entonces la razón para cambiar de política y, en vez de su explotación por la bandera soviética, convenir la asistencia técnica y financiera necesaria para acrecentar la capacidad del país a fin de explotar por sí esos recursos y exportar el producto resultante hacia los mercados interesados, como el de la propia URSS: Estos recursos no tradicionales deben considerarse como una reserva potencial para el desarrollo y expansión de la industria pesquera nacional.

7. La Convención de Derecho del Mar acuerda prioridad automática en el acceso al excedente a los Estados sin litoral y en situación geográfica desventajosa. Por consiguiente, el reconocimiento en el Artículo II del Acuerdo de que existe un "remanente no utilizado" podría hacer surgir reinvindicaciones prioritarias de Estados sin litoral de esta región.

8. El hecho de que Argentina haya celebrado un Convenio de Pesca con la URSS no es razón para seguir ese camino, no sólo por la mayor extensión de áreas marítimas de este país, sino sobre todo porque se trata de una decisión política de su Gobierno, interesado en lograr el reconocimiento de los derechos argentinos en la denominada Zona de Exclusión. Dar participación a banderas extranjeras en la Zona común de pesca establecida por el Tratado del Río de la Plata, es perjudicial para las empresas pesqueras nacionales, ya que el volumen de captura que autorice el Uruguay a banderas extranjeras se imputa al cupo que corresponde a nuestro país.

9. A diferencia de los otros acuerdos en la materia, incluido el Convenio entre la Argentina y la URSS, este Acuerdo se caracteriza porque las concesiones que hace el Uruguay se dan en forma gratuita, sin que aparezca ni se prevea contrapartida o compensación alguna a cargo de la URSS, ya sea mediante el pago de licencias de pesca, como lo prevé la Convención de derecho del Mar, ya concediendo facilidades de importación en el mercado soviético o en cualquier otra forma.

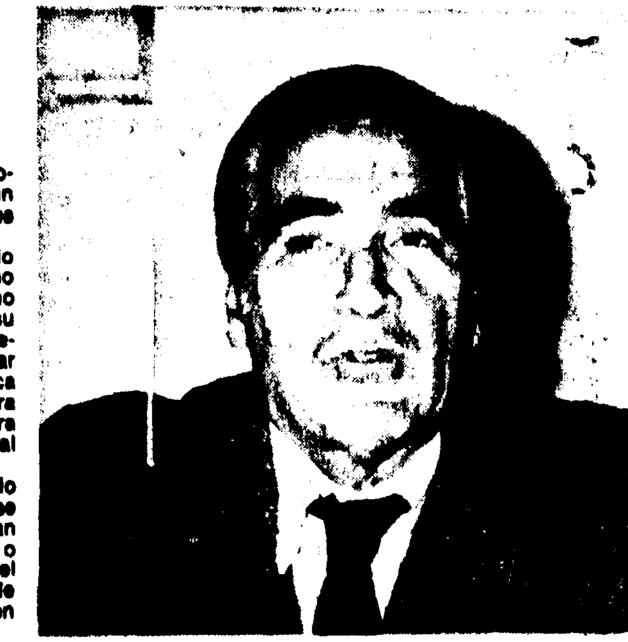
10. A diferencia del Convenio-marco entre Argentina y la URSS, este Acuerdo no contiene disposiciones relativas a la reglamentación y control por la ley y la autoridad uruguaya de las actividades de pesca de los barcos soviéticos, como por ejemplo, el embarque de personal de vigilancia o el tipo y tamaño de los aparejos a utilizar. Tampoco prevé, a diferencia del Convenio argentino, que los "joint-ventures" deben constituirse, no con empresas ficticias que presten su nombre, sino con empresas "con actividad y con antecedentes en el sector pesquero".

II LA INVESTIGACION CIENTIFICA MARINA

11. A fin de hacer posible la participación soviética en la explotación pesquera en el Mar Territorial y la Zona Económica Exclusiva del país, el Acuerdo contempla, en varias de sus disposiciones, una continua y prolongada participación soviética en la investigación científica marina aplicada a la determinación de la existencia de recursos ícticolas, tanto en el Mar Territorial como en la Zona Económica Exclusiva del Uruguay.

12. Esa participación soviética no se compadece con las disposiciones obtenidas por los Estados en vías de desarrollo en la Convención de Derecho del Mar, pues ésta: 1) Establece que las investigaciones en el mar territorial quedan exclusivamente sometidas a las condiciones que fije el ribereño; 2) requiere el consentimiento del ribereño para las investigaciones sobre recursos en la Zona Económica Exclusiva y 3) reclama, en caso de consentirse tal investigación, ciertas garantías que, a diferencia del Acuerdo-marco argentino-soviético, no prevé este Acuerdo, tales como el deber de informar acerca de los resultados al Estado ribereño; el derecho de éste de contar con representantes a bordo de los buques de exploración y la potestad de exigir la suspensión o el cese de una investigación.

13. Si se interpretaran las disposiciones del Acuerdo como constituyendo el consentimiento a la participación soviética en investigaciones en aguas uruguayas, tal consentimiento genérico y por anticipado no sería el reclamado por la Convención pues éste debe recaer sobre proyectos concretos y detallados relativos a una determinada investigación científica marina.



El Dr. Eduardo Jiménez de Aréchaga señaló riesgos y perjuicios que las grandes flotas soviéticas podrán causar en nuestro mar territorial en un futuro próximo

III LAS FACILIDADES PORTUARIAS

14. No cabrían, en cambio, observaciones de fondo a los artículos IV y VI sobre facilidades portuarias a buques pesqueros soviéticos, salvo algunos ajustes de redacción. Es natural que reducido el Acuerdo a estas disposiciones carecería de sentido establecer una Comisión Mixta o aceptar un "attaché" diplomático para la pesca.

01.01 870724

026

URSS

El País 30/6/87

Las Reformas Económicas en la URSS

"Los Adversarios del Cambio Serán Combatidos"

MOSCU, 29 (AP) — El primer ministro Nikolai Ryzhkov, tras enumerar una serie de problemas económicos que justificaban una drástica reforma, advirtió hoy a los adversarios del cambio que serian combatidos "con todos los métodos y medios".

En un discurso de dos horas en el Soviet Supremo, el simbólico parlamento nacional, Ryzhkov fustigó la "burocracia y el formalismo", que califico como las principales amenazas a una amplia reforma económica.

También reveló que el año pasado el 13 por ciento de las empresas industriales fueron deficitarias y el Tesoro Nacional tuvo que cubrir deudas industriales por un total equivalente a 61.600 millones de dólares. "Tenemos que eliminar el analfabetismo económico", declaró. "Tenemos que acumular más experiencia y compartirla con todos".

Los 1.500 diputados del Soviet Supremo fueron convocados al Palacio de Kremlin para aprobar la primera de las 12 medidas de un plan de Reforma Económica adoptado la semana pasada por los dirigentes del Partido Comunista. Es una ley que amplía facultades y responsabilidades de fábricas y empresas estatales.

NUEVAS OBLIGACIONES

Los cambios, promovidos por el secretario general Mijail Gorbachov, obligarán a las empresas a ser económicamente autosuficientes, restructurarán el sistema de precios y abastecimiento y restringirán las facultades de los burócratas estatales. El plan procura elevar la calidad de los bienes producidos, reducir la burocracia y vincular la paga de los trabajadores a la productividad.

Aunque los planificadores gubernamentales retendrán algunos poderes, el proyecto representa una dramática ruptura con el sistema de "economía dictada" financiada por el Estado, que fue el ideal soviético desde la época de José Stalin. El Soviet Supremo aprueba regularmente por unanimidad las decisiones del Politburo gobernante.

Gorbachov y el presidente soviético Andrei Gromyko fueron ovacionados por los diputados cuando ocuparon sus asientos detrás del podio en el inicio de la sesión de dos días.

No asistió el miembro del politburo Geidar Aliev que, según insistentes rumores, estaría enfermo. La ausencia de Aliev, que no fue visto en público desde el 15 de mayo, también motivó especulaciones de que no se hallaría en buenos términos con el resto de la jerarquía soviética. Pero el dirigente elevado al Politburo por Leonid Brezhnev, predecesor de Gorbachov, no fue destituido en una reunión del Comité Central del Partido Comunista la semana pasada.

TRES NUEVOS MIEMBROS

En cambio en la sesión hicieron su primera aparición pública tres nuevos miembros del Politburo, designados el viernes. Son el secretario de Propaganda Alexander Yakovlev, el secretario de Economía Nikolai Sylunkov y el secretario de Agricultura Viktor Nikonov.

El primer ministro también criticó en su discurso al gobierno que encabeza, al que calificó como "abotagado" de ministerios.

Planteó la posibilidad de eliminar organismos estatales y puso como ejemplo el hecho de que la república Báltica de Estonia consideraba un plan de fundir 5 ministerios.

Los diputados, muchos de cuyos puestos partidarios podrían ser alterados o eliminados, escucharon en silencio y aplaudieron al concluir Ryzhkov. Se anticipa que mañana aprobarán el proyecto sobre empresas estatales.

A esta novedad, revolucionaria en la URSS; Ryzhkov agregó otra: "Desde 1991 el gobierno renunciaría a programa planes anuales".

La planificación será flexible, abarcará largos períodos de quince años divididos, a su vez, en quinquenios.

Ryzhkov reveló que el 13 por ciento de las empresas soviéticas no producen beneficios. Aclaró que si en el futuro no ponen remedio a esta situación, irán a la bancarrota.

Como la autosuficiencia económica será en el futuro fundamental, la reforma del crédito comprende la creación de seis bancos autónomos: El banco de Estado de la URSS (que ya existe), el banco para los intercambios económicos con el exterior (que tendrá facultades ampliadas respecto al actual "Unieshtorgbank", el Banco Industrial y de la Construcción, el Banco Agroindustrial, el Banco para la Vivienda, Servicios Comunales y de Desarrollo, y, finalmente, el Banco de Ahorro y de Créditos para la población.

Ryzhkov concluyó su discurso pidiendo una lucha sin cuartel contra el burocratismo.

01.01

URSS

026

Gorbachov acusó a sus militares

El Día 24/6/87

MOSCU. — Al admitir ayer que aún hay amplia oposición a su programa reformista en el seno del Partido Comunista, el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, censuró duramente a las Fuerzas Armadas del país por ser uno de los sectores más apegados a las antiguas normas, a la vez que destacó el incidente del aterrizaje de la avioneta alemana en la Plaza Roja de Moscú y lo definió como [illegible] potenciales desde cualquier punto de vista". Se refirió al hecho para señalar la necesidad de introducir cambios estructurales en el Ejército.

En otro orden, se informó también desde la capital soviética que una mayoría de candidatos que no pertenecen al Partido Comunista fueron electos la semana pasada para ocupar cargos en los ayuntamientos en la República Federal de Rusia.

01.01

JRSS 026 (P8

La Mañana

MONTEVIDEO, SABADO 27 DE JUNIO DE 1987

Informac

Gorbachov sitúa a sus hombres en cúpula del poder soviético

El líder soviético, Mijail Gorbachov, dio un paso más adelante en la consolidación de sus hombres en la cúpula del poder soviético con el nombramiento de Alexander Yaukolev, Nikolai Sliunkov y Víctor Nikonov como miembros de pleno derecho del Politburó.

MOSCU (ANSA y EFE).- Los expertos destacan el hecho de que los nuevos miembros titulares del Politburó lo son también del Secretariado del Comité Central del Partido Comunista de la URSS (PCUS), las dos máximas instancias del poder soviético.

Por esta razón, Yaukolev, Sliunkov y Nikonov, se sitúan entre los hombres que acaparan mayor poder de decisión en la Unión Soviética.

En la actualidad sólo compatibilizan estos dos cargos Gorbachov, el virtual número dos del Kremlin e ideólogo, Igor Ligachov, y Lev Zaikov.

Los nuevos tres miembros de pleno derecho del Politburó tienen en común que han realizado una ascensión política fulgurante durante el breve período de Gobierno de Mijail Gorbachov.

Los expertos los consideran a los tres como muy próximos al número uno del Kremlin, especialmente Alexander Yaukolev, un intelectual de 63 años, que se ocupa de un cargo tan importante como es la dirección del Departamento de Propaganda del Comité Central del PCUS.

IMPORTANCIA DE YAUKOLEV

Pero, la creciente importancia que fue adquiriendo en estos dos últimos años la figura política de Yaukolev reside en su vinculación con Gorbachov como uno de sus principales consejeros, inspirador, según los expertos, de muchos de sus más importantes y decisivos discursos.

Por ello, el nombre de Alexander Yaukolev circulaba en los días que precedieron al pleno que hoy celebró el Comité Central del PCUS como uno de los candidatos con más posibilidad de acceder al influyente Politburó.

Nikolai Sliunkov, un técnico de 56 años, natural de Bielorrusia, república de la que es primer secretario del PCUS y donde desarrolló la mayor parte de su carrera, se vio catapultado a los puestos más altos del poder soviético con la llegada de Gorbachov.

Los expertos consideran que el dirigente soviético puso en él su confianza por la buena labor desarrollada al frente del partido en Bielorrusia y por su trayectoria intachable.

Está ligado al sector económico soviético, que conoce bien pues en 1974 fue nombrado miembro de la dirección del Comité de Planificación Estatal (GOSPLAN).

Víctor Nikonov era hasta ahora el secretario del Comité Central encargado del sector agrario, uno de los más importantes y decisivos en la economía soviética.

Por esta razón, opinan los observadores, Gorbachov se fijó en él, pues podría representar un apoyo a la hora de poner en práctica sus reformas, como experto del sector agrario, uno de los que producen mayores quebraderos de cabeza a los dirigentes soviéticos.

HOMBRES AFINES

Estos tres nombramientos, junto con el del nuevo Ministro de Defensa, general Dimitri Yazov, como miembro suplente del Politburó, son interpretados por los expertos en Moscú como parte de la estrategia de afianzamiento de Gorbachov, que desde su llegada al Kremlin ha procurado rodearse de hombres afines para hacer frente a la oposición de los sectores más conservadores.

Es significativo también que el último ascenso de estos tres hombres, que comenzaron a destacar tras la llegada de Gorbachov, se haya producido en un pleno del Comité Central en el que el máximo dirigente de la URSS defendió y propuso la necesidad urgente de profundizar en el proceso de perestroika (renovación) para evitar su estancamiento.

Gorbachov expuso el jueves ante el pleno del Comité Central un ambicioso proyecto de reformas económicas, que incluyen algunos de los métodos de la economía de mercado y una reforma cardinal de los métodos de dirección económica, del sistema de planificación centralizada, precios y financiación.

Todo ello supone que el líder soviético, que admitió contar con fuertes resistencias a la renovación en marcha, necesita, añaden los expertos, hombres que le apoyen desde la cúpula del poder para llevar adelante la perestroika, que según sus palabras, hasta ahora, solo logró una victoria moral y política.

Por otra parte, el cese de Sokolov como miembro suplente del Politburó no sorprendió a nadie, tras su destitución como Ministro de Defensa y las duras críticas que la acompañaron.

El pleno del Comité Central del PCUS finalizó esta tarde con la aprobación de las directrices económicas expuestas por Mijail Gorbachov, que deberán ahora ser sancionadas por el Soviet Supremo o parlamento nominal de la URSS, que se reúne en sesión de verano el próximo lunes.

01.01

8707258

URSS 026 P8

ción

Relevan de sus puestos a soviets locales

Moscú (ANSA y EFE).- Más de la mitad de los 2.321.776 de diputados de los soviets locales de la URSS han sido relevados de sus puestos y sustituidos por otros al no reunir el mínimo de votos exigidos, aseguró ayer la agencia oficial soviética Tass.

El pasado 21 de junio, 183.254.887 de soviéticos eligieron a sus diputados locales mediante un nuevo sistema de votación, que permite elegir entre varios candidatos para cada puesto, a diferencia de la vieja costumbre de presentar uno solo.

Este nuevo sistema de votación es un intento del máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, de ampliar la democracia en la URSS.

Según la nota oficial, el [illegible]9,37 por ciento de la población soviética con derecho a voto acudió a las urnas el pasado domingo. La presentación de varios candidatos propició que los aparatos locales de poder fuesen renovados en su mayor parte.

01.01

8707259

CRITICAS AL ACUERDO DE PESCA CON LA URSS

Opinión del Dr. E. Jiménez de Aréchaga



El doctor Eduardo Jiménez de Aréchaga analizó los alcances de los acuerdos pesqueros con la Unión Soviética

El Dr. Eduardo Jiménez de Aréchaga volvió al recinto de la Universidad de la República, después de una larga ausencia de casi dieciséis años, para dictar una clase, en el Salón 30, a las 20 horas, sobre "El Derecho del Mar y el Acuerdo de Pesca Uruguay-URSS". Este acontecimiento es parte integrante del Programa de Conferencias del Centro de Estudiantes de Relaciones Exteriores.

"El Artículo 2 del Proyecto es el artículo clave", dijo el Dr. Eduardo Jiménez de Aréchaga al hacer un pormenorizado análisis del Acuerdo de Pesca Uruguay-URSS, el cual está actualmente en categoría de proyecto, ya que solamente ha sido iniciado por autoridades uruguayas y soviéticas, pero sigue estando sujeto a revisación y estudios jurídicos por parte de personal especializado en Derecho Internacional del Ministerio de Relaciones Exteriores.

Durante este análisis, el Dr. Jiménez de Aréchaga comparó los términos del proyectado Acuerdo con la Convención de los Derechos del Mar, y con la Ley de Pesca uruguaya, considerando que sus términos contradicen principios contenidos en ambas normas.

En materia de explotación pesquera, el Dr. Jiménez de Aréchaga señaló que al Uruguay se le plantean dos posibilidades. La primera es incrementar la capacidad de captura nacional de diversas formas, sea con mejores pesqueros, mejor tecnología, o cualesquiera otros procedimientos, hasta alcanzar el nivel óptimo de explotación sostenible. Esta ha sido la política tradicional uruguaya. La otra alternativa, es dejar un remanente no utilizado y permitir el acceso de naves pertenecientes a terceros países. El Tratado parece optar por esta segunda alternativa. "Si este fuera el caso —dijo el Dr. Jiménez de Aréchaga— el Tratado no fomentaría el desarrollo de la capacidad de pesca uruguaya".

01.01

8707269

"Profundizar las Reformas"



MOSCU 25. (ANSA y EFE).— El líder del Kremlin Mijail Gorbachov sostuvo que son necesarias "Reformas radicales", en primer lugar la autonomía administrativa de las empresas, para reajustar la economía soviética, hablando hoy en el plenario del Comité Central, el Secretario General de PCUS expuso su ambicioso y audaz plan para relanzar la "reestructuración" de la economía y de la sociedad soviética.

Gorbachov hizo una evaluación positiva en cuanto se concretó hasta ahora con la "reestructuración", lanzando un duro ataque a sus adversarios. La reestructuración, dijo el número uno soviético, "consiguió victorias ideales y morales, fue en profundidad". Pero agregó, "las transformaciones revolucionarias en la sociedad ponen en primer plano las divergencias entre las exigencias de renovación y de iniciativa creadora por una parte, y el conservadorismo, la inercia y los intereses egoistas por otra".

Gorbachov, afirmó hoy ante el pleno del comité central del Partido Comunista de la Unión Soviética (PCUS) que las transformaciones en la URSS han producido contradicciones entre los partidarios de la renovación y los intereses del conservadorismo y la inercia.

Esta diferencia entre el "creciente vigor de las masas y las todavía sobrevivientes conductas burocráticas en los campos más diversos y los intentos de congelar la renovación en marcha, es una de las manifestaciones de esta contradicción", añadió.

Según Gorbachov, para superar estas contradicciones es necesario adoptar rápidas y decididas medidas en la política de nombramientos y en las normas y conducta del partido.

FORTALECER DISCIPLINA Y ORGANIZACION

Mijail Gorbachov abordó también en su discurso la necesidad de fortalecer la disciplina y aumentar el grado de organización para elevar la responsabilidad y mejorar la actuación de todos.

Aunque el máximo dirigente soviético afirmó que durante los últimos dos años ha mejorado la economía de la URSS, lanzada a una situación de precrisis por la mala dirección ejercida en los años 70-80, reconoció al mismo tiempo que los mecanismos de desaceleración no han sido todavía superados y no han sido reemplazados por otros de aceleración.

Gorbachov, por otra parte, formalizó la propuesta, ya ventilada en el plenario de enero, de realizar el 28 de junio de 1988 una conferencia nacional del PCUS, la primera después de 50 años, que tendrá la tarea de verificar la marcha de las reformas y de proponer nuevas medidas para "la ulterior democratización de la vida del partido y de la sociedad".

La "Conferencia Nacional", un mini-congreso con poderes decisionales, es prevista por el estatuto de PCUS, si bien la última vez fue convocada en 1938 por el dictador José Stalin, que la usó para liberarse de algunos opositores.

El líder soviético se quiso mostrar optimista: dentro de la dirección del Partido y del país, dijo, existe unidad de puntos de vista sobre las cuestiones fundamentales de la "Reestructuración y de la política interna y exterior".

Duro el ataque que Gorbachov hizo a los militares, usando el episodio del aterrizaje en la Plaza Roja del joven alemán Mathias Rust. El episodio, según el Secretario General "Muestra cuanto son duros para morir en nuestra sociedad, incluso en las Fuerzas Armadas, los fenómenos negativos..." de todos modos agregó que "ni el partido ni el pueblo deben dudar de la capacidad de las Fuerzas Armadas para defender el país". La culpa es de los elementos que se oponen a las reformas, como los responsables de la República Soviética de Armenia y de la región de Gorki, a los cuales el líder reservó una dura crítica

AUTONOMIA EN LAS EMPRESAS

Gorbachov también a "quien en EE.UU. afirma que la transparencia, el otro punto fundamental de la política reformadora del Secretario General, es una amenaza para el espíritu del mundo libre". "Hagamos la reestructuración agregó —no para dar el gusto a alguno sino para lograr nuevas metas socio-económicas y espirituales".

Fichaje URSS

074

Peru/URSS

Condena de 10 Años a los Responsables de Chernobyl

MOSCU, 29 (EFE).— El ex director de la central nuclear de Chernobil, Victor Briujanov, el ex ingeniero jefe, Nikolai Fomin, y el segundo ingeniero jefe, Anatoly Diatlov, fueron condenados hoy a diez años de prisión como máximos responsables de grave accidente ocurrido en abril de 1986 en la planta ucraniana.

Los otros tres acusados, Boris Rogoski, jefe del turno de la noche cuando ocurrió el accidente, Alexander Kovalenko, supervisor del cuarto reactor accidentado, y Yuri Lauskin, inspector estatal de seguridad, fueron a su vez condenados de penas de 5, 3 y 2 años de prisión, respectivamente.

Los seis acusados, que comparecieron en el banquillo por la catástrofe de Chernobil, lo hicieron bajo los cargos recogidos en el artículo 220 del código criminal de la república soviética de Ucrania, que contempla la responsabilidad que se deriva de la "violación de las normas de seguridad" en el trabajo.

El tribunal que juzgó el caso, presidido por Raimond Brize, condenó a tres de los acusados, el director, ingeniero jefe y el [illegible] jefe, a la [illegible] por el artículo 220, establecida en 10 años de prisión.

La mayoría de los acusados en su comparecencia ante el tribunal rechazaron los cargos que se les imputaban, con excepción del ex director de la central, Victor Briujanov, quien rechazó las acusaciones de violación de las normas de seguridad, pero se declaró culpable de abuso de autoridad, cargo que conlleva una pena menor.

Las informaciones que dieron cuenta de las sentencias dictadas hoy en la ciudad de Chernobil, donde se celebra el juicio desde el pasado día 7 de julio, proceden de un reducido grupo de periodistas, 12 en total, que recibieron permiso de las autoridades soviéticas para asistir a la primera y última sesión del juicio.

A pesar de la "glasnos" o apertura informativa que se registra en la URSS tras la llegada de Mijail Gorbachov al poder, el juicio sobre la catástrofe nuclear de Chernobil fue preparado y seguido con gran hermetismo, sin que se permitiera el acceso al mismo a la prensa extranjera, con la excepción de un reducido grupo que pudo asistir a la primera y última sesión.

El juicio duró tres semanas y tuvo lugar en la misma ciudad de Chernobil.

Según la versión oficial soviética, el accidente fue causado por una serie de fallos en cadena, provocados por la negligencia y falta de observación de reglas mínimas de seguridad de los responsables de la central.

Aunque el juicio por la catástrofe de Chernobil ha finalizado hoy, muchas de las circunstancias que rodean al grave accidente ocurrido en abril de 1986 todavía no han sido [illegible], opinan los observa-

01.01

8707289

0268

Tres Nuevos Nombramientos

Gorbachov va Ganando Batalla en la URSS por Poder Total



MOSCU. (EFE).— El líder soviético, Mijail Gorbachov, dio un paso más adelante en la consolidación de sus hombres en la cúpula del poder soviético con el nombramiento de Alexander Yaukolev, Nikolai Sliunkov y Víctor Nikonov como miembros de pleno derecho del Politburó.

Los expertos en Moscú destacan el hecho de que los nuevos miembros titulares del Politburó lo son también del Secretariado del Comité Central del Partido Comunista de la URSS (PCUS), las dos máximas instancias del poder soviético.

Por esta razón, Yaukolev, Sliunkov y Nikonov, se sitúan entre los hombres que acaparan mayor poder de decisión en la Unión Soviética.

En la actualidad sólo compatibilizan estos dos cargos Gorbachov, el virtual número dos del Kremlin e ideológico, Igor Ligachov, y Lev Zaikov.

Los nuevos tres miembros de pleno derecho del Politburó tienen en común que han realizado una ascensión política fulgurante durante el breve período de Gobierno de Mijail Gorbachov.

Los expertos los consideran a los tres como muy próximos al "número uno" del Kremlin, especialmente Alexander Yaukolev, un intelectual de 63 años, que se ocupa de un cargo tan importante como es la dirección del Departamento de Propaganda del Comité Central del PCUS.

Pero, la creciente importancia que fue adquiriendo en estos dos últimos años la figura política de Yaukolev reside en su vinculacion con Gorbachov como uno de sus principales consejeros, inspirador, según los expertos, de muchos de sus más importantes y decisivos discursos.

Por ello, el nombre de Alexander Yaukolev circulaba en los días que precedieron al pleno que hoy celebró el Comité Central del PCUS como uno de los candidatos con más posibilidad de acceder al influyente Politburó.

Nikolai Sliunkov, un técnico de 56 años, natural de Bielorrusia, república de la que es primer secretario del PCUS y donde desarrolló la mayor parte de su carrera, se vio catapultado a los puestos más altos del poder soviético con la llegada de Gorbachov.

Los expertos consideran que el dirigente soviético puso en él su confianza por la buena labor desarrollada al frente del partido en Bielorrusia y por su trayectoria intachable.

Está ligado al sector económico soviético, que conoce bien pues en 1974 fue nombrado miembro de la dirección del Comité de Planificación Estatal (GOSPLAN).

Víctor Nikonov era hasta ahora el secretario del Comité Central encargado del sector agrario, uno de los más importantes y decisivos en la economía soviética.

Por esta razón, opinan los observadores, Gorbachov se fijó en él, pues podría representar un apoyo a la hora de poner en práctica sus reformas, como experto del sector agrario, uno de los que producen quebraderos de cabeza a los dirigentes soviéticos.

Estos tres nombramientos, junto con el del nuevo ministro de Defensa, general Dimitri Yazov, como miembro suplente del Politburó, son interpretados por los expertos en Moscú como parte de la estrategia de afianzamiento de Gorbachov, que desde su llegada al Kremlin ha procurado rodearse de hombres afines para hacer frente a la oposición de los sectores más conservadores.

Gorbachov expuso ayer ante el pleno del Comité Central un ambicioso proyecto de reformas económicas, que incluyen algunos de los métodos de la economía de mercado y una reforma cardinal de los métodos de dirección económica, del sistema de planificación centralizada, precios y financiación.

El pleno del Comité Central del PCUS finalizo esta tarde con la aprobación de las directrices económicas expuestas por Mijail Gorbachov, que deberán ahora ser sancionadas por el Soviet Supremo o parlamento nominal de la URSS, que se reúne en sesión de verano el próximo lunes.

01.01

870723

URSS 026

LA MAÑANA 9/9/87

Señaló portavoz del Kremlin

Ciertas actitudes perjudican desarme

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El intento estadounidense, de desarrollar sus armas estratégicas va en contra de su aparente voluntad de firmar un acuerdo sobre desarme nuclear, aseguró ayer Guennadi Guerasimov, portavoz oficial del Kremlin.

El funcionario afirmó que las declaraciones de altos representantes de la política norteamericana va en contra de la firma de un acuerdo de desarme.

Otro de los puntos en el que la parte soviética insiste es en la prohibición de las pruebas nucleares de todo tipo, con la instalación de sistemas de detección en ambos países y controlados por expertos de las dos potencias.

"En caso de que Washington no acepte el cese total de las pruebas nucleares, la URSS estaría dispuesta a firmar un acuerdo que las limite, tanto en potencia como en frecuencia", dijo Guerasimov.

El portavoz indicó que el Ministro de Asuntos Exteriores de la URSS, Eduard Shevardnadze, podría hacer declaraciones en el aeropuerto de Washington, inmediatamente después de su llegada a la capital estadounidense y antes de entrevistarse con el Secretario de Estado norteamericano, George Shultz.

Sin embargo, el representante del Kremlin reconoció que la situación actual para la firma de un acuerdo es más real que la de hace varios meses, en que los impedimentos eran mucho mayores.

La renuncia germanooccidental de los 72 misiles Pershing 1-A hizo que desapareciera el obstáculo de durante varias semanas de las conversaciones de Ginebra, entre los expertos de desarme soviéticos y estadounidenses.

01 | 01

8707297

(8

ORSS
024
Ficha

LA MAÑANA 9/9/87

Envían carta a Gorbachov

Padres de Rust piden clemencia

BONN (EFE).- Los padres de Mathias Rust, el joven piloto de la RFA condenado a cuatro años de campo de trabajos forzados por haber aterrizado con su avioneta deportiva en la Plaza Roja de Moscú, escribieron una carta al líder soviético, Mijail Gorbachov, pidiéndole clemencia para su hijo.

La carta la entregó el matrimonio Rust al Comité Central del Partido Comunista Soviético antes de abandonar Moscú, donde asistieron al juicio contra su hijo, y rogaron que también le fuera entregada la misiva al Presidente de la Unión Soviética, Andrei Gromyko, según informa la revista germana Stern.

En la carta afirma el matrimonio Rust que su hijo voló a Moscú para tratar de hablar con Gorbachov, que, para el joven piloto, representa la esperanza de paz y desarme.

URSS 026

URSS: destituyen a jefe partidario

MOSCU. — El Comité Central del Partido Comunista de Kazakistán (Asia Central Soviética) destituyó al primer secretario de la capital, Alma Ata, escenario de sangrientos disturbios nacionalistas en diciembre del año pasado, anunció el diario "Kazakstanskaia Pravda" en su edición llegada ayer a Moscú.

G. Shuliko, que ocupaba el cargo desde diciembre de 1985, fue reemplazado por V. Romanov, procedente del Comité Central de la región de Moscú.

Por otra parte, el Comité Central Kazako excluyó del partido al rector de la Universidad de Kazakistán, U. Djoldasbekov, a quien se reprochan "graves insuficiencias" en la designación de colaboradores y selección de estudiantes que condujeron a "lagunas en la formación patriótica e internacionalista de la juventud".

No hay consenso

El Presidium del Soviet Supremo (Parlamento) de la URSS celebró ayer una reunión en el Kremlin para preparar la agenda y el procedimiento de trabajo de la sesión de verano que comenzará mañana lunes.

Entre las principales cuestiones que se tratarán en la próxima sesión se encuentra la discusión para su sanción de la ley de empresas estatales, aprobada el viernes 26 por el pleno del Comité Central del PCUS (Partido Comunista de la URSS).

Asimismo se someterán a debate las directrices trazadas por el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, para realizar un cambio radical del sistema de dirección económica y la ley sobre derecho de recurrir a la Justicia contra las acciones injustificadas llevadas a cabo por funcionarios o representantes soviéticos que violen los derechos de los ciudadanos.

Economía

Los dirigentes del Partido Comunista parecen divididos sobre la forma de reactivar la estancada economía soviética, pero el secretario general, Mijail Gorbachov, afianzó su posición al promover a tres aliados, estimaron ayer algunos analistas.

Gorbachov empeñó su compromiso hacia una reforma económica estricta y vasta en la reunión del Comité Central esta semana y consolidó su base de poder al elegir como miembros plenos del Politburó a tres colaboradores claves, señalaron los observadores.

Sin embargo, un destacado economista que asistió al encuentro manifestó que del alto cuerpo político —integrado por algo más de 300 miembros— no había surgido un pensamiento unido sobre la forma de inyectar nueva vida a la economía.

Abel Aganbegyan, asesor de Gorbachov, expresó que el Comité compartía la necesidad de una reforma.

"Pero hubo demasiados discursos emotivos, la gente expresaba sus críticas y desacuerdos...", señaló.

Aganbegyan, adalid de la reforma, expresó en una conferencia de prensa que personalmente no coincidía de manera total con el borrador de la ley económica presentada por el Comité, para reducir el control centralizado de las fábricas e inspirar la iniciativa gerencial.

01.01

U.RSS 024 (8

CLARIN ★ Buenos Aires, viernes 14 de agosto de 1987

Moscú anunció una profunda reorganización de las FF.AA.

El joven piloto alemán occidental que aterrizó con su avioneta en la Plaza Roja de Moscú será juzgado a partir del día 2 de setiembre y se estima que el proceso durará de 3 a 5 días. Está acusado de violar el espacio aéreo soviético, ingresar al país sin los documentos necesarios y realizar un aterrizaje "peligroso".

MOSCU, 13 (DPA, EFE y AFP). — El nuevo ministro soviético de Defensa, Dmitri Iásov, proyecta una amplia reorganización de las fuerzas armadas de la URSS, acorde con las actuales orientaciones políticas del Kremlin.

Iásov afirmó a la prensa que el estancamiento y los errores del pasado únicamente son superables mediante la franqueza, la democratización de la vida militar y la modificación de los métodos de trabajo, según expresa hoy el periódico militar soviético "Krasnaia Sviesda" (Estrella Roja).

Iásov advirtió que la URSS tiene que estar en todo momento dispuesta a defenderse y que la índole defensiva de la teoría militar soviética no significa, en modo alguno, una restricción de la capacidad combativa de las fuerzas armadas de la URSS.

Dmitri Iásov sucedió en el ministerio a Serguei Sokolov, cuyo cese sería una de las presuntas consecuencias del aterrizaje no autorizado en el centro de Moscú de un avión deportivo piloteado por el alemán occidental Mathias Rust.

El juicio contra el joven piloto germanooccidental, que aterrizó el pasado 28 de mayo con su avioneta en la Plaza Roja de Moscú, comenzará el próximo 2 de setiembre, informó hoy la agencia soviética "Nóvosti".

Segun fuentes del tribunal supremo de la URSS, se espera que el proceso dure de tres a cinco días.

Robert Tijeraninov, miembro del alto tribunal soviético, presidirá el juicio contra Rust, acusado de penetrar sin los documentos necesarios en la URSS, de violar el espacio aéreo nacional y de realizar un aterrizaje peligroso en la Plaza Roja.

En el proceso intervendrán también dos jurados con los mismos poderes que el presidente de la audiencia.

Según la nota de Nóvosti, actuarán como jurados Juta Klettenberg, jefa del departamento tecnológico de un organismo científico de producción, y Vasili Kuznetsov, oficial mecánico de una empresa de la capital soviética.

El defensor de Rust será el abogado moscovita Vsévolod Iákovlev, elegido personalmente por el acusado porque, entre otras razones, conoce profundamente el idioma alemán.

El proceso será público y podrán asistir los representantes de los medios informativos extranjeros acreditados en Moscú.

Emigración judía

Unos 13.000 soviéticos fueron autorizados a emigrar en el transcurso de los siete primeros meses de 1987, es decir casi dos veces y media más que en todo el año precedente, afirmó hoy Rudolf Kuznetsov, director del departamento de Visados del Ministerio del Interior (OVIR).

El Comité Intergubernamental para la Emigración anunció el 31 de julio último en Ginebra que 3.000 judíos (la cifra más alta desde 1980) habían pedido abandonar la URSS desde comienzos de año.

Por su parte, un adjunto del departamento de cuestiones consulares del Ministerio de Relaciones Exteriores de la URSS, Oleg Avramenko, declaró el martes último que unas 250 personas emigradas regresaron a la URSS a comienzos de este año, en tanto un número equivalente de demandas de regreso estaban tramitándose actualmente.

024
URSS P8

Soviet Supremo analiza proyectos de Gorbachov

MOSCU. — El Parlamento de la Unión Soviética, el Soviet Supremo, analizará en la sesión estival que comienza hoy, una ley fundamental para la campaña de reactivación económica emprendida por el Kremlin.

La reunión, que se extenderá por dos días, considerará un proyecto de ley sobre empresas industriales estatales que permite mayor independencia a los directivos fabriles de los ministerios moscovitas en un intento de inspirar una mayor iniciativa gerencial.

El cuerpo legislativo habitualmente aprueba las iniciativas que le presenta el Partido.

Otros proyectos a ser debatidos en la convención —que se reunirá en el Kremlin— incluyen una legislación elaborada para mejorar los derechos legales del ciudadano, como el de apelar contra los abusos de funcionarios.

La iniciativa sobre empresas estatales, piedra fundamental de los esfuerzos del líder soviético Mijail Gorbachov para reactivar la economía, fue aprobada la semana pasada en una reunión de dos jornadas del Comité Central del Partido Comunista

Pero Abel Aganbegyan, destacado economista soviético y asesor de Gorbachov, dijo el viernes en una conferencia de prensa que algunos miembros del Comité Central, no están completamente satisfechos con ciertas estipulaciones del borrador. "Muchas propuestas del proyecto son contradictorias. No puedo decir que estoy completamente de acuerdo con todo. Pero o adoptamos un borrador de ley o continuamos discutiendo todo por otro medio año", señaló.

Los analistas estimaron, sin embargo, que Gorbachov —quien se comprometió a una vasta reforma económica en la reunión— consolidó su posición con la promoción de tres aliados y el creciente aislamiento de los opositores de alto nivel a sus reformas.

El día 28/6

01.01

8707322

EL MUNDO

Poder de Gorbachov se fortaleció en plenario

MOSCU — El líder soviético, Mijail Gorbachov, dio un paso más adelante en la consolidación de sus hombres en la cúpula del poder soviético con el nombramiento de Alexander Yaukolev, Nikolai Sliunkov y Víctor Nikonov como miembros de pleno derecho del Politburó.

"El plenario del PCUS hace avanzar sensiblemente la reestructuración" —dijo Gorbachov en su discurso de cierre. "El estado actual de la reestructuración ha presentado muchos problemas", y el plenario tenía que discutirlos y proponer soluciones.

La discusión, subrayó el secretario general del PCUS, fue "libre y concreta", y mostró que a pesar de los éxitos, "la reestructuración aún avanza lentamente".

Gorbachov subrayó sin embargo los progresos en la industria y "en un sector complejo como la agricultura", pero sobre todo, afirmó, "especialmente grande es el progreso en la mente de las personas". "La sociedad está cambiando rápidamente —agregó— se está renovando". Y sin embargo, dijo el secretario general, no estamos exentos de errores, si bien "el peor error es el miedo a equivocarse", que "paraliza la acción".

Por su parte, los expertos en Moscú destacan el hecho de que los nuevos miembros titulares del Politburó lo son también del Secretariado del Comité Central del Partido Comunista de la URSS (PCUS), las dos máximas instancias del poder soviético.

Por esta razón, Yaukolev, Sliunkov y Nikonov se sitúan entre los hombres que acaparan mayor poder de decisión en la Unión Soviética.

En la actualidad sólo compatibilizan estos dos cargos Gorbachov, el virtual número dos del Kremlin e ideólogo, Igor Ligachov, y Lev Zaikov.

Los nuevos tres miembros de pleno derecho del Politburó tienen en común que han realizado una ascensión política fulgurante durante el breve período de gobierno de Mijail Gorbachov.

Los expertos los consideran a los tres como muy próximos al "número uno" del Kremlin, especialmente Alexander Yaskolev, un intelectual de 63 años, que se ocupa de un cargo tan importante como es la dirección del Departamento de Propaganda del Comité Central del PCUS.

Paso estratégico

Estos tres nombramientos, junto con el del nuevo ministro de Defensa, general Dimitri Yazov, como miembro suplente del Politburó, son interpretados por los expertos en Moscú como parte de la estrategia de afianzamiento de Gorbachov, que desde su llegada al Kremlin ha procurado rodearse de hombres afines para hacer frente a la oposición de los sectores más conservadores.

Es significativo también que el último ascenso de estos tres hombres, que comenzaron a destacar tras la llegada de Gorbachov, se haya producido en un pleno del Comité Central en el que el máximo dirigente de la URSS defendió y propuso la necesidad urgente de profundizar en el proceso de "perestroika" (renovación) para evitar su estancamiento.

Todo ello supone que el líder soviético, que admitió contar con fuertes resistencias a la renovación en marcha, necesita, añaden los expertos, hombres que le apoyen desde la cúpula del poder para llevar adelante la "perestroika", que según sus palabras, hasta ahora, sólo logró una victoria moral y política.

Por otra parte, el cese de Sokolov como miembro suplente del Politburó no sorprendió a nadie, tras su destitución como ministro de Defensa y las duras críticas que la acompañaron.

El pleno del Comité Central del PCUS finalizó en la tarde de ayer con la aprobación de las directrices económicas expuestas por Mijail Gorbachov.

URSS
Afganistán

026

Fracaso del programa de reconciliac[illegible] acción

La Mañana 29/6/87

Soviéticos preparan ofensiva en Afganistán

ISLAMABAD, Pakistán, (UPI).— Las fuerzas soviéticas en Afganistán se están movilizando con miras a una importante ofensiva para los meses próximos, luego de haber fracasado en su intento de forzar a los rebeldes musulmanes a incorporarse al programa de reconciliación nacional emprendido por el régimen de Kabul, dijeron ayer funcionarios occidentales y paquistaníes.

Las fuertes nevadas que blanquearon los accidentados pasajes de las altas montañas Kush durante el invierno se están derritiendo y las batallas ocurridas desde las tierras bajas hasta el Sur, a lo largo de la frontera de Pakistán durante la primavera, ya han cobrado numerosas víctimas entre ambos contendientes.

Fuentes diplomáticas dijeron que se ha impuesto el racionamiento de alimentos. Según la opinión de los diplomáticos, de los analistas paquistaníes y de algunos líderes de la resistencia, las batallas de la primavera, los mortales bombardeos en los distritos de refugiados en el interior de Pakistán perpetrados a principios de este año y el fortalecimiento de las guarniciones soviéticas, presagian enfrentamientos fuera de lo común para este verano.

"Van a intentarlo muy duro este verano, que será caluroso y sangriento, con el fin de liquidar a la resistencia y estoy casi seguro de que fracasarán", dijo el Embajador de Estados Unidos, Deane Hinton.

MOVILIZACION MILITAR

Fuentes diplomáticas informaron del arribo a Kabul, de equipo militar, incluyendo vehículos armados y tanques, desde la Unión Soviética. Con la llegada de este nuevo envío, se completa un mes de llegadas diarias de aviones de transporte Il-76 a Kabul, a razón de 27 aeronaves a la semana.

La decisión de pertrecharse mejor, sucedió mientras Moscú declaraba públicamente su intención de desalojar a las 115.000 tropas estimadas que mantiene desde diciembre de 1979 en el país, dijo un diplomático.

El Instituto de Estudios Estratégicos de Pakistán, dijo que la escalada de la guerra aparentemente refleja la intención soviética de alcanzar una posición de fuerza favorable para las negociaciones en Ginebra, a tiempo para el desalojó.

A pesar de los intentos del líder soviético Mijail Gorbachov de llegar a un acuerdo político, funcionarios estadounidenses y paquistaníes consideran que el desalojo depende de la sobrevivencia de un gobierno amigo de Moscú y comprometido a mantener la seguridad en su frontera sur habitada por musulmanes.

D1.01

8707329

(8
026

URSS

Denuncia de delègada uruguaya en Moscú

26/6/87
LA HORA

Moscú (PL). "Las armas nucleares producidas en Estados Unidos son pagadas con las riquezas del Tercer Mundo", declaró la jurista uruguaya Fanny Puyeski en el Congreso Mundial de Mujeres que se celebra en esta capital.

Puyeski usó de la palabra en la comisión denominada "Problemas del desarrollo y la mujer", cuyas sesiones preside la dirigente cubana Vilma Espín. En su intervención, denunció la pobreza generalizada que padece el Tercer Mundo, una de cuyas víctimas principales es la población femenina, aseguró.

La abogada uruguaya, quien integra la Asociación Americana de Juristas, exhortó a que los recursos empleados en el incremento de la carrera armamentista sean utilizados a favor de los países de América Latina, Asia y Africa.

"La miseria en América Latina y el Caribe — particularizó — alcanza índices cada vez más dramáticos, y dentro de ese contexto, las mujeres somos socias para el trabajo, pero nunca para las ganancias", precisó.

Con respecto a Uruguay, informó que desde 1945, la igualdad de derechos del hombre y la mujer está reflejada en la Constitución de la República; sin embargo, según estadísticas recientes, más del 50 por ciento de la población femenina se halla por debajo del salario mínimo.

Además, de 489 mil mujeres, sólo 206 mil tienen empleo, y de éstas, 108 mil realizan un trabajo no calificado, principalmente como domésticas.

HUERTA

01.01 8707343

024

URSS

CUIDADO ENFASIS PARA LO QUE RESTA DE SU MANDATO

Entretelones del discurso

WASHINGTON, 12 (Por Saul Friedman de "Newsday", especial para Clarín). — Poniendo fin a un prolongado silencio, el presidente Ronald Reagan se dirigió al país anoche en su discurso desde el Salón Oval. Mañana el presidente partirá a sus habituales vacaciones de agosto en California.

El vocero de la Casa Blanca, Marlin Fitzwater, informó a la prensa que el presidente trabajó en el mensaje, originalmente previsto en unos dieciocho minutos, hasta la noche de ayer. El portavoz también dijo que en la alocución el presidente esperaba dar su visión personal sobre las revelaciones producidas por la investigación del escándalo del "Irangate".

El presidente partirá a su rancho de Santa Bárbara mañana temprano y hará una escala en North Platte, Nebraska, donde se referirá a un grupo de propuestas sobre presupuesto.

Cabe señalar que hasta hoy el presidente sólo había concedido tres conferencias de prensa desde que estalló el escándalo, en noviembre, y no ha respondido a preguntas sobre el "Irangate" desde abril. En esporádicos encuentros con periodistas durante distintas sesiones fotográficas, Reagan había prometido referirse extensamente al negociado de armas con Irán y el desvío de fondos a los "contras" nicaragüenses en un futuro. Por lo demás, Fitzwater advirtió que la alocución presidencial, encargada al experto ("speechwriter") Landon Parvin, el preferido de Nancy Reagan, podía llegar a desplazar, el acento del escándalo, a la gestión de Reagan prevista para los últimos tramos de su mandato.

El hecho de que se haya dejado el discurso para el último momento antes de su partida a California obedeció a varias razones: si bien es cierto que dio tiempo de cura a la cicatriz que el presidente lleva en la nariz, producto de la última intervención quirúrgica, los periodistas de la Casa Blanca no tendrán ocasión de hacer preguntas tras el mensaje. Por otra parte, las vacaciones presidenciales de agosto marcan el fin del verano, de manera que, sin duda, habrá de ceder la atención nacional concedida al escándalo del "Irangate".

Un mes clave

No obstante, agosto puede ser un mes muy duro. El año pasado, antes de conocerse el negociado de armas con Irán, las vacaciones de Reagan estuvieron marcadas por la primera de las tormentas que volverían a jaquear su administración: la campaña de "desinformación" sobre un eventual enfrentamiento militar con Libia, el arresto del periodista Nicholas Daniloff, que llevó a un intercambio de espías y la controvertida cumbre norteamericano-soviética de Islandia.

Hagamos historia. En agosto de 1981, los asesores presidenciales no llegaron a tiempo con la noticia de que pilotos norteamericanos habían derribado dos aviones libios y de que Reagan debería enfrentar por primera vez informes de que sus reducciones impositivas y el previsto gasto militar habría de producir un déficit récord de la administración. Exactamente un año después, Reagan tomó la decisión de enviar 800 "marines" al Líbano. En 1983, en su rancho californiano, le dieron la noticia de que los primeros dos "marines" habían muerto en Beirut. Esas vacaciones del '83 también fueron abreviadas cuando los soviéticos derribaron el vuelo 117 de Líneas Aéreas Coreanas.

Las únicas vacaciones relativamente tranquilas fueron las de 1984, cuando el país entero se enfrascó en las elecciones presidenciales, y en 1985, cuando Reagan se recuperaba de la operación en la que se le extrajo una parte del colon.

Una amenaza pendiente

Este año, mientras los asesores de Reagan combaten los efectos nocivos del "Irangate", la posibilidad de que EE.UU. acabe enredado en un conflicto en el Golfo Pérsico amenaza el cielo de Washington como una tormenta de fines de verano. También son críticas las perspectivas de la política norteamericana en Centroamérica, y la Casa Blanca espera ansiosamente lograr el acuerdo con la URSS sobre misiles nucleares de alcance intermedio.

Jeanne Kirkpatrick, ex embajadora de Reagan ante las Naciones Unidas, escribió recientemente que agosto, precisamente porque los asesores presidenciales están dispersos por distintos lugares del país, es un mes peligroso, en que se pueden decidir medidas desatinadas. Los funcionarios de la Casa Blanca han tomado todos los recaudos para que los consejeros más talentosos y de más oficio estén listos para responder con rapidez durante las vacaciones del presidente, que concluirán el 6 de setiembre.

"Poco Legible"

01/01

8707345

CLARIN – Buenos Aires, domingo 9 de agosto de 1987 — INTERNACIONALES

LA URSS ESTARIA INSTALANDO MISILES NUCLEARES MOVILES

¿Un nuevo tipo de disuasión nuclear?

WASHINGTON, 8 (por Jeffrey Smith del "Washington Post", especial para Clarín). — Trascendió que la Unión Soviética está instalando los primeros misiles nucleares estratégicos capaces de ser lanzados desde instalaciones ferroviarias, según informaron fuentes norteamericanas el viernes. El nuevo misil ferroviario, conocido como el modelo SSX-24, puede ser desplazado por gran parte del vasto tendido ferroviario soviético y eludir así el ataque y monitoreo norteamericano, lo cual, según altos funcionarios de la defensa occidental, complica potencialmente los esfuerzos futuros para verificar el cumplimiento de las limitaciones prescriptas por un eventual acuerdo sobre desarme nuclear.

La instalación de estos misiles en vagones de ferrocarril constituye desde hace tiempo una preocupación para la inteligencia norteamericana y distintos expertos de la administración lo consideran un elemento potencialmente desestabilizador dentro de la carrera armamentista.

Sin embargo, la creación de este tipo de misil ha sido apreciada por algunos expertos en control de armamentos ya que constituye un cambio importante al apartarse de los misiles estacionados en silos de alta vulnerabilidad. Estos expertos consideran que ambos bandos de la carrera armamentista se benefician con estas armas nucleares pasibles de ser ocultadas al enemigo, lo que las hace menos vulnerables a un primer ataque devastador.

La confirmación de que estos misiles ya han sido instalados se tuvo el viernes por la tarde, en respuesta a una declaración hecho en el Senado por el republicano Jesse Helms, quien acusó a los soviéticos de violar una previsión clave del tratado de Salt II con la instalación de los SSX-24. Funcionarios de inteligencia dijeron que la Casa Blanca distribuyó a la prensa un despacho con la aclaración de que el alegato de Helms era "esencialmente correcto". Un vocero que reservó su identidad indicó que, aunque algunos expertos de inteligencia dudan sobre tal información, la gran mayoría de la comunidad que se especializa en el tema considera que Moscú ya ha comenzado a instalar sus SSX-24.

♦ El nuevo misil ferroviario

Este nuevo tipo de misil desplazable, bajo estudio desde hace diez años, puede albergar hasta 10 ojivas nucleares de blanco independiente. El Pentágono informó también que su rango de 6.200 millas le permite alcanzar todos los objetivos militares de Estados Unidos por la ruta transpolar.

El senador Helms, que esperaba contrarrestar con su alegato el esperado pedido de sus rivales demócratas de solicitar legalmente que Estados Unidos adhiera al tratado de Salt II mientras la parte soviética también se sometiera a sus cláusulas, aseguró que ya ha tenido el acuerdo de "altas autoridades en las áreas de inteligencia, defensa y seguridad nacional" respecto de que "ahora podrán contabilizarse algunos lanzadores móviles de SSX-24" bajo los límites establecidos en Salt II para los misiles terrestres de ojivas múltiples.

Cabe señalar que Estados Unidos violó el tratado Salt II a fines del año pasado, al instalar misiles de crucero aéreos con cabeza nuclear en un número superior al establecido para los misiles terrestres y marítimos con ojivas múltiples. Washington afirma haber tomado esta medida tras supuestas violaciones al tratado por la parte soviética.

Se afirma que la evaluación exacta del estado de los nuevos misiles soviéticos se ve entorpecida por el hecho de que los expertos en inteligencia norteamericanos ignoran que vagones soviéticos pueden estar equipados para transportar los misiles, pese a que el Pentágono ha dedicado largos meses de estudio a la localización de estos transportadores especiales.



El canciller soviético Eduard Shevardnadze, que actualmente prepara la próxima cumbre de setiembre en Ginebra con George Shultz.

Funcionarios norteamericanos manifestaron que la instalación de estos misiles se consideraba inminente en Moscú hace alrededor de un mes y que se notificó oficialmente a la administración que durante un programa de pruebas se habían efectuado 25 lanzamientos de SSX 24.

♦ ¿Un nuevo concepto en seguridad?

La Unión Soviética ya había instalado otros misiles nucleares móviles conocidos como los SS25, diseñados para el lanzamiento desde camiones especiales que se desplazan permanentemente por la geografía soviética. Por su parte, EE.UU. apenas si ha comenzado a estudiar la instalación de sus misiles móviles ferroviarios MX, de 10 ojivas, y ahora empieza a desarrollar su versión de los SS 25 soviéticos, transportables en vehículos y de una única ojiva.

La comisión especial del gobierno en armas nucleares estratégicas, presidida por el ex asesor de seguridad nacional Bent Scowcroft, instó a que ambas superpotencias adopten los misiles terrestres móviles, de difícil localización, a fin de que se reduzca la tentación de primer ataque cuando el conflicto resulte inminente.

Por el contrario, la administración Reagan insiste en que resultaría casi impractible la verificación del cumplimiento de las normas por la parte soviética en lo que hace a misiles móviles, por lo que deberían excluirse tales armas en el comentado acuerdo sobre desarme.

Por otra parte, el elevado costo y dificultad de la verificación de los misiles móviles llevó concretamente al gobierno a negociar la prohibición de su instalación en sus versiones de corto y medio alcance.

Por lo demás, quienes se oponen al alegato efectuado por el senador Helms, acerca de la flagrante violación del tratado por parte de Moscú, recuerdan que los soviéticos ya han desmantelado una importante cantidad de misiles SS 17, lo que compensa ampliamente la instalación de los SSX 24 y del nuevo submarino misilístico "Typhoon".

01.01

Mientras continúa siendo el mayor proveedor de armas de Irak, la URSS incrementa su colaboración económica con Irán

Sorprende la habilidad diplomática soviética en la crisis del Golfo

Escribe Mary Ellen Bortin de la agencia "Reuter"

Moscú — Mientras la atención de Occidente se focaliza en la creciente tensión en el Golfo Pérsico, la Unión Soviética corteja silenciosamente a Irán con acciones apuntadas a mejorar su posición en la región, dijeron diplomáticos árabes y occidentales en Moscú.

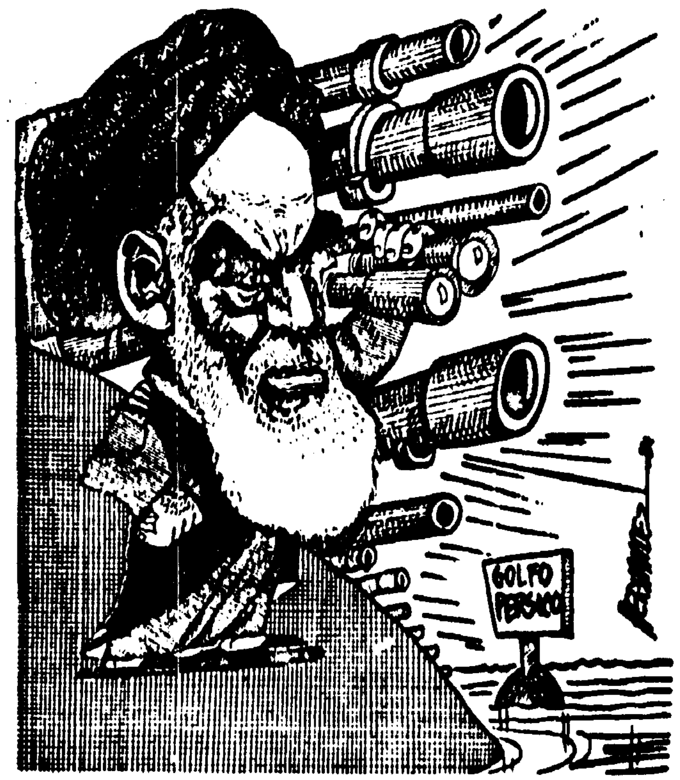
Los diplomáticos estiman que la habilidosa diplomacia de Moscú, en las últimas semanas, ha ampliado la credibilidad de los soviéticos entre los estados árabes del Golfo Pérsico, como potencial futuro mediador entre Irán e Irak en el conflicto bélico iniciado hace siete años.

Desempeñar ese papel acrecentaría el prestigio soviético en la estratégica región, donde ya ha tomado la delantera diplomática que antes tenían los Estados Unidos, según las fuentes.

"La Unión Soviética está tratando de posicionarse de modo de jugar un papel constructivo, y cuando aparezca una real oportunidad, resolver el conflicto entre Irán e Irak", dijo una fuente diplomática árabe.

Citó un acuerdo anunciado la semana pasada por Moscú y Teherán de cooperar en grandes proyectos económicos y profundizar las relaciones bilaterales, añadiendo: "Los soviéticos ya se han colocado como únicos mediadores en este punto".

El acuerdo de cooperación económica se suscribió pese a ser Moscú uno de los grandes proveedores de armas para Irak y a la protección que da al petróleo kuwaití contra ataques de Irán, y a pesar de la ayuda de Irán a los rebeldes musulmanes que luchan contra el gobierno afgano prosoviético.



- **Acuerdos**

Si bien aún no se han firmado contratos, los acuerdos podrían asumir una significación estratégica si acrecentaran el acceso soviético al Golfo a través de una proyectada comunicación ferroviaria con Irán.

Diplomáticos occidentales dijeron que era demasiado prematuro juzgar la importancia del acuerdo, anunciado después de que el primer vicecanciller soviético Yuli Yorontsov visitó Teherán y Bagdad.

"El viaje de Yorontsov fue un modo de mostrar a los Estados Unidos de que Moscú tiene mejores relaciones con ambas partes", comentó un enviado occidental.

Algunos diplomáticos señalaron que los países del Golfo ven los pasos que Moscú ha dado para el mejoramiento de las relaciones con Irán, pese a la persistencia de su apoyo a Irak, como un curso positivo que podría crear nuevas vías para el diálogo con el gobierno islámico de Teherán.

"Si los soviéticos tienen la suficiente habilidad para mantener relaciones con ambos países, tendrían una palanca importante en un cese de la guerra", dijo una fuente diplomática árabe. "Ganarían gran credibilidad entre otros países del Golfo si lo hicieran."

- **Intervención**

Dijo que, pese a las reservas de los ricos países petroleros del Golfo ante un aumento de la influencia soviética en la región, esas naciones verían con beneplácito una intervención pacificadora de Moscú si ella restableciera la estabilidad y protegiera su fuente de riquezas.

No obstante, tanto enviados de naciones occidentales como árabes advirtieron que Irán podría estar tratando de manipular a la Unión Soviética y que los efectos de los actuales contactos en el largo plazo todavía están por verse.

La intensificación de los esfuerzos de Moscú por mejorar sus relaciones con Teherán tras una fase áspera a comienzos de la década se produce en medio de medidas de Washington para restablecer su credibilidad en la región después del escándalo por la venta secreta de armas estadounidenses a Irán.

Cuando Washington comenzó a reforzar su presencia naval en el Golfo con el envío de buques de guerra para proteger a barcos petroleros kuwaitíes cambiados de bandera, Moscú rápidamente llamó al retiro de todos los buques extranjeros de la región. Irán endosó prestamente esa propuesta.

La Unión Soviética, entretanto, ha seguido transportando petróleo kuwaití a través de la estratégica vía marítima.

Si bien uno de tres tanques soviéticos fletados por Kuwait resultó dañado por una mina en mayo, antes de que los barcos kuwaitíes fueran puestos bajo bandera estadounidense, la operación ha proseguido desde entonces calmosamente, en momentos en que Irán acrecentaba sus amenazas contra los Estados Unidos.

Moscú, que desde hace algún tiempo tiene tres barreminas en la región para proteger la navegación soviética, no reaccionó inmediatamente ante el anuncio de ayer sobre el despacho de barreminas británicos y franceses al Golfo Pérsico.

Pero atacó enérgicamente l[...]

Cont. en pág. 3

A. Financiero 13/8/87

024

URSS
Relación con Irán-Irak

01.02

8707347

Pág. 30 Ambito Financiero
Jueves 13 de agosto de 1987

PERU

Guerra de influencias en el Golfo

Viene de pág. 20

presencia naval de los Estados Unidos, acusando a Washington de pretensiones hegemónicas en la región. Tal posición está muy a tono con la del propio Teherán que, por su parte, ha moderado en los últimos tiempos su retórica hostil contra el vecino soviético.

Los diplomáticos creen que la mejora de las relaciones soviético-iraníes también podría haber contribuido a la contenida reacción mostrada por Teherán ante la reciente resolución de las Naciones Unidas que reclamaron un cese del fuego en el Golfo.

Irán, que se ha negado a negociar una solución con el presidente iraquí Saddam Hussein, dijo ayer que no rechazaba el llamado a cese del fuego, aunque tampoco lo aceptaba incondicionalmente. Moscú ha apoyado firmemente el reclamo de tregua.

La Unión Soviética, que comparte con Irán una frontera de 1740 kilómetros, comenzó a buscar una mejora de las relaciones hace 18 meses, enviando a Teherán la delegación de mayor nivel desde la revolución islámica de 1979.

Las relaciones se enfriaron cuando Irán suspendió los envíos de gas natural a la Unión Soviética a causa de un conflicto con los precios tras la caída del sha, y la frialdad se agravó seriamente cuando Teherán suprimió, en 1983, el Partido Tudeh (Partido Comunista, de orientación soviética).

Se sucedieron una serie de expulsiones diplomáticas y en 1985, mientras centenares de técnicos soviéticos se iban de Irán a causa de los bombardeos iraquíes de objetivos económicos, Teherán, citando la presencia soviética en Afganistán y su venta de armas a Irak, abandonó proyectos bilaterales.

Con la perspectiva de una reanudación del trabajo sobre proyectos económicos conjuntos y un entibiamiento de las relaciones soviético-iraníes ahora a la vista, los diplomáticos suponen que Moscú tratará de usar la situación para fortalecer las relaciones con otros países de la región.

Fuentes árabes *bien informadas* dijeron que Omán, que estableció relaciones diplomáticas con la Unión Soviética en 1985, proyecta enviar este año su primer embajador residente a Moscú.

También se están dando pasos para la apertura de una embajada de los Emiratos Arabes Unidos en Moscú, tras el arribo de un embajador soviético a Abu Dhabi el año pasado.

02.02

8707347

C8

026

Más purgas en URSS, despiden a mil policías

MOSCU. — Unos 1.000 policías fueron despedidos este año en Kazajstan, donde los Ministerios de Interior y Justicia son objeto de una amplia purga, tras los motines antirrusos de mediados de diciembre pasado en esta república soviética de Asia Central, anunció el "Kazajstanskaia Pravda" en su última edición llegada ayer a Moscú.

Más de 16.000 personas que trabajan en esos ministerios fueron sometidas en el primer semestre a un "test de prueba" luego que un 15% de los responsables del tribunal y de organismos dependientes del Ministerio del Interior fueran despedidos o retrogradados, precisó el periódico.

900 policías, de los cuales 350 ocupaban altas funciones, fueron despedidos por "disimulación de crímenes, detenciones ilegales, burocratismo" y otros motivos, indicó el órgano del partido comunista de Kazajstan, agregando que durante las elecciones locales en junio pasado, 20% de los jueces fueron también reemplazados.

La negligencia observada en la Policía y la Justicia es la causa de que "miles de crímenes" no fueran castigados, agrega el artículo, que acusa además a ciertos milicianos despedidos de difundir en Alma Ata, la capital, "calumnias sobre los responsables (actuales) del partido y del estado".

Gennadi Kolbine, un ruso cuyo nombramiento como líder del PC local en reemplazo de Kunaj Dinmukhamed había provocado los motines, lanzó una amplia campaña para poner orden en Kazajstan.

El Día 22/7/87

01.01

8707354

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: 80 Soldados Soviéticos muertos en Afganistán

PROCEDENCIA: El DIA 22/7/87

ARCHIVADO EN: Afganistán (029)

01.01

8707356

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Concluyó Congreso Mundial de LAS Mujeres.

PROCEDENCIA: El País 28/6/87

ARCHIVADO EN: Cumbres (018)

01.01

8707365

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: RFA responde a URSS: no está dispuesto a eliminar los Pershing.

PROCEDENCIA: El DIA 24/8/87

ARCHIVADO EN: R.F. Alemania (003)

01.01

8707366

Crece deuda de la URSS con la banca y gobiernos

PARIS y BASILEA. — A fines del año 1986, las deudas de la Unión Soviética con bancos comerciales de Occidente y gobiernos de países capitalistas, se elevaban a 38.400 millones de dólares, exactamente 3.700 millones más que a mediados del año pasado.

Una información en ese sentido fue publicada en forma simultánea por el Banco de Compensación de Pagos en Basilea y la Organización de Cooperación y Desarrollo Económico (OCDE) en París.

Se desprende de la lista que Alemania Oriental tiene una deuda con o[illegible] 14.100 millones de dólares (en junio de 1986 era de 12.700 millones), Bulgaria de 4.800 millones (4.300), Checoslovaquia 4.100 millones (3.900), Hungría 10.500 millones (10.000) y Polonia 19.200 millones (15.900). Las deudas Rumania se redujeron de 3.900 millones a 3.960 millones de dólares.

Los informes subrayan que estas deudas no representan el total de las deudas contraídas por estos países en el exterior, ya que no se mencionan otros créditos, como por ejemplo los concedidos por países de la OPEP.

PS
URSS
Fichado
026

Nazi fue ejecutado en URSS

MOSCU. — El ex oficial nazi Fyodor Fedorenko, a quien se le quitó la ciudadanía estadounidense y se lo deportó a la Unión Soviética en 1984, fue ejecutado por sus crímenes de guerra, informaron ayer las autoridades soviéticas.

Fedorenko había sido acusado de crímenes de guerra por una corte regional de Crimea.

La agencia noticiosa oficial "TASS" dijo que Federenko, de 78 años de edad, ex ciudadano estadounidense, fue ejecutado por un pelotón de fusilamiento.

"La sentencia dictada en junio de 1986 por la corte regional de Crimea contra el criminal de guerra nazi Fyodor Federenko, quien fue deportado a la URSS de Estados Unidos en 1984, fue llevada a cabo", dijo "TASS".

01.01

8707377

P8

026

URSS acusó al joven piloto Rust

MOSCU. — La Unión Soviética acusó ayer formalmente de tres delitos al joven alemán occidental que aterrizó con su avioneta en la Plaza Roja, incidente que desató cambios en la jerarquía de las Fuerzas Armadas soviéticas.

El juicio a Mathías Rust, de 19 años de edad, se llevará a cabo dentro de un mes, anunció ayer el vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, Gennady Gerasimov.

Las tres acusaciones son violación de las normas de vuelo internacional, ingreso ilegal a la Unión Soviética y de ser pandillero. Si es declarado culpable de los tres cargos, sería sentenciado a 16 años de cárcel y se le impondría una multa de 1.000 rublos (1.600 dólares).

Rust ha estado detenido en una prisión de la KGB en Moscú desde que aterrizó con su avioneta Cessna 172 en la Plaza Roja el 28 de mayo,

El Día
22/7/87

01.01

8707387

CB

026

URSS

Gorbachov reduce giras

PLA (URSS)



MOSCU. — Entre los compromisos europeos del líder soviético Mijail Gorbachov sólo figuran por ahora una visita a Grecia y otra a Yugoslavia, dijo ayer a "ANSA" una fuente oficial soviética.

Se señala que los compromisos "exteriores" se redujeron al máximo a fin de que Gorbachov tenga mayor margen de opción para un eventual encuentro en la cumbre con el presidente de los EE.UU., Ronald Reagan.

De hecho, la URSS dijo que está dispuesta a celebrar una tercera cumbre (la primera tuvo lugar en noviembre de 1985 en Ginebra y la segunda en octubre de 1986 en Reikiavik) si se llega a un acuerdo para eliminar los misiles de corto y medio alcance.

02.07.87

01.01

8707388

P8

024

El Día 30/7/87

El pobre Matías Rust aún espera al juez

URSS

Un cable procedente de Moscú señalaba, por estos días, que Matías Rust, el joven alemán de 19 años de edad que asombrara al mundo al aterrizar con su avioneta, el 28 de mayo de este año, en la Plaza Roja, "será procesado en el plazo de un mes y corre el riesgo, por las acusaciones que se le harán, de ser condenado a muchos años de reclusión, según así lo expresó el portavoz de la Cancillería soviética, Guennadi Gerasimov".

Por muy olvidadizos que seamos los uruguayos, por muy olvidadizos que sean o pretendan ser algunos uruguayos, nadie puede no recordar aquí, en Uruguay, la discusión pública que se originara en los años 1983 y 1984, en oportunidad de las deliberaciones del Parque Hotel y las del Club Naval, acerca de la duración del período de detención de los ciudadanos a quienes se imputara la comisión de un delito, antes de ser sometidos a disporición del juez competente.

Los militares entonces en el poder pretendían que el período de detención administrativa —esto es, precede :te a la intervención jurisdiccional— se extendiera hasta los quince días, sosteniendo que, de no ser así, resultaría prácticamente imposible averiguar la verdad acerca de los hechos. Y los liberales reafirmábamos la necesidad de mantener, como siempre, la solución constitucional: dentro de las 24 horas siguientes a la detención el juez deberá tomar declaración al detenido, en presencia de su defensor, y dentro de las 48 horas, lo más, deberá comenzar el sumario. Esto es, deberá ser procesado el imputado, sometido al proceso penal correspondiente, si se ha configurado la semiplena prueba, o puesto en libertad de no haberse alcanzado ésta.

Este telegrama proveniente de Moscú con cuya transcripción encabezamos nuestro comentario demuestra que, a dos meses de producirse la detención de Matías Rust, dicha detención sigue siendo de naturaleza meramente administrativa, sin que haya tenido intervención, todavía, el juez competente. Y que el sumario, esto es, la etapa del proceso penal que se inicia, precisamente, con el decreto o resolución que dispone el procesamiento del imputado se aguarda aún, y sólo se anuncia su dictado dentro del correr de otro mes más.

En Moscú hay detenido un joven extranjero, de apenas 19 años de edad, que aparentemente no realizó ningún acto criminal, que hace más de sesenta días que aguarda la intervención y el pronunciamiento de la justicia y que quizá deba aguardarla durante treinta días más.

Es decir, en Moscú hay detenido un joven extranjero, de apenas 19 años de edad, que aparentemente no realizó ningún acto criminal, sino que, a lo sumo, transgredió determinadas normas administrativas que seguramente impiden el aterrizaje de las avionetas fuera de los aeródromos, que hace más de sesenta días que aguarda la intervención y el pronunciamiento de la Justicia —pero que, a pesar de ello, sigue detenido y privado de su libertad— y que, por lo anunciado, quizás deba aguardarla durante treinta días más.

Mal que les pese a los comunistas uruguayos, tan prestos a decirse "demócratas" —los nazistas también lo decían— en este pequeño telegrama se evidencia, como en tantas y tantas otras cosas, la diferencia profunda, abismal, entre democracia y totalitarismo, entre liberalismo y comunismo.

Sesenta días de privación administrativa de libertad sirven —bien que lo saben todos los autoritarismos, del signo que fueren— para amedrentar, intimidar y presionar a los detenidos, violando las normas universales de respeto a la integridad psicofísica de las personas.

En nuestro país —que, desgraciadamente, conoció estas violaciones y estas iniquidades— hemos superado, definitivamente, tal situación y hasta el peor de los criminales, el reciente asesino de un agente policial por ejemplo, son sometidos a juez dentro de las 24 horas y dentro de las 48 horas, lo más, procesados y sometidos a juicio penal.

En la Unión Soviética, a pesar de la glasnost y de la perestroika, la KGB cuenta con 60 o 90 días para pasar a sus detenidos por la máquina de picar carne de los interrogatorios, de los amedrentamientos, de los castigos y de las presiones físicas y psíquicas. Y recién después aparecerá el juez. Que, además, como no es independiente sino un engranaje más del aparato del Estado y del Partido, que se superponen y se confunden, de bien poco le habrá de servir al pobre detenido.

¿Qué dirá la soldadesca de la legión extranjera a este respecto?

01.01

8707389

URSS

18

024

Montevideo, ma[illegible] 1 de julio de 1987

Jerarca de URSS planteó posible solución para el problema de la pesca

El primer viceministro de la Industria Pesquera de la URSS, Nikolai Kudriavtsev, señaló en su país que "si Uruguay se muestra interesado se podrá resolver el problema de crear una sociedad pesquera soviético-uruguaya, a través del cual "podríamos dedicarnos a explotar residuos desaprovechados de captura no tradicional en las aguas de Uruguay".

Las declaraciones del jerarca, divulgadas en nuestro país mediante un comunicado oficial de la Embajada soviética, refieren al acuerdo pesquero firmado entre ambos gobiernos, por el que el puerto de Montevideo servirá de base para la operatividad de los buques rusos.

Sobre el particular Kudriavtsev afirma que nuestro país "recibirá alrededor de 30.000 dólares por los servicios a cada avión de pasajeros soviéticos que transporte desde Montevideo a Moscú tripulaciones de pesqueros soviéticos que realizan captura en el Atlántico Sur".

"Muchos beneficios"

Agregó además que "la cooperación soviético-uruguaya en la pesca podrá ser multifacética y reportar muchos beneficios a los socios", recordando expresiones del ministro de Transporte y Obras Públicas, Jorge Sanguinetti, en el sentido de que el puerto de Montevideo debía ofrecer servicios de buena calidad para que la Unión Soviética pueda aprovecharlos, con los consiguientes beneficios para nuestro país.

Kudriavtsev precisó que "las relaciones con Uruguay a nivel intergubernamental permitirán a ese país desarrollar la pesca en el océano y en la zona adyacente a la costa, tecnología de la industria transformadora, investigaciones científicas", agregando que "uno de los elementos más importantes de los acuerdos son las reparaciones de los barcos, la ejecución de las formalidades jurídicas correspondientes y el descanso de las tripulaciones de los barcos soviéticos en el puerto de Montevideo".

Aseguró que "las reparaciones pagadas y otros servicios a decenas de barcos soviéticos reportará ciertos beneficios al país, como ya lo fue en el caso del puerto de Callao cuando se garantizó trabajo a centenares de obreros y empleados".

El acuerdo firmado en Montevideo, que deberá ser refrendado en la próxima entrevista de Julio María Sanguinetti y Mijail Gorbachov, comprende también el estudio del posible establecimiento de una línea regular de la empresa Aeroflot entre Montevideo y Moscú.

01.01

8707403

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Gorbachov destacó el papel de los países no alineados

PROCEDENCIA: LA HORA 29/6/87

ARCHIVADO EN: NO ALINEADOS (252)

01.01 8707417

Oferta de la URSS

MOSCU, 7 (Por Jonathan Steele, de "The Guardian", especial para Clarín). — La Unión Soviética ha ofrecido transportar petróleo iraní a través del mar Caspio, en un intento de reducir la dependencia del régimen islámico respecto del tránsito por el Golfo Pérsico.

Los iraníes, cuyas exportaciones energéticas resultaron seriamente afectadas por la "guerra de los petroleros", tendrían que construir un oleoducto hasta la costa del Caspio. Allí, el petróleo sería transportado a través de la Unión Soviética para ser exportado a Occidente o empleado en la propia URSS, con grandes cantidades de petróleo soviético que se vuelca al mercado mundial.

Guennadi Guerásimov, vocero del ministerio soviético de Relaciones Exteriores, declaró en conferencia de prensa ayer que ése era uno de varios relevantes proyectos económicos actualmente sometidos a análisis con Irán. Fueron previamente considerados durante la visita a Teherán del vicecanciller, Yuli Vorontsov, la semana pasada.

Moscú lleva adelante un programa de sutil balanceo en el Golfo. Mientras apoya la resolución de cese del fuego en la guerra Irán-Irak emitida por el consejo de seguridad de la ONU, ha dejado claramente establecido que respalda a Irán en su actual conflicto con Estados Unidos.

Guerásimov indicó que "La URSS e Irán coinciden respecto del hecho de que la tensión está siendo provocada por potencias extranjeras". Aludió a la flota de 24 barcos de guerra norteamericanos desplegada en el Golfo, en comparación con los sólo tres navíos soviéticos que allí se encuentran. También mencionó a la flota francesa, que se aproxima a la región.

"¿Quién tiene necesidad de esta creciente confrontación en el Golfo?", se preguntó el vocero soviético. Y añadió: "Es un barril de pólvora".

Sin embargo, Guerásimov también confirmó que el viaje de Vorontsov no había logrado éxito en cuanto a lograr que los iraníes rebajaran las condiciones que imponen para terminar su guerra con Irak y aceptar la resolución del consejo de seguridad de la ONU.

Durante la reciente crisis entre Irán y Arabia Saudita con respecto a los cientos de peregrinos iraníes muertos en La Meca, la prensa soviética tendió a aceptar [illegible] más que la versión iraní de lo que realmente había ocurrido.

Pero la URSS ve en el presente momento una ocasión para ganar alguna influencia sobre Irán ofreciéndole una salida para sus exportaciones de petróleo y de gas, disminuidas por los ataques iraquíes a los barcos petroleros. Irán depende del Golfo más que su enemigo, Irak, para transportar sus exportaciones energéticas.

Clarín 8/8/87

El Día
URSS
Chuzo America del Sur

024

Penetración cultural en el Cono Sur

La Prensa 14/8/87

La literatura de Gorbachev

Por José O. de Meira Penna

Brasilia – Como es bien sabido, la KGB –la policía secreta soviética– mantiene un estricto control sobre todo lo que se publica, tanto en la URSS como en el extranjero, sobre cuestiones políticas y culturales. La influencia "cultural" de la URSS forma parte integral de su propaganda, de su "agitprop" y política exterior, supervisadas por su Agencia de Derechos de Autor Totalmente Sindicalizada (Vsesoyuznoye Agenstvo Po Avtorskim Pravam - VAAP) y la Administración Central para la Salvaguarda de los Secretos de Estado en la Prensa (GLAVLIT), ambas bajo la KGB y el Consejo de Ministros de la URSS. De acuerdo con los planes soviéticos para la penetración en el Cono Sur del continente americano, que próximamente se verá coronada con la visita de Gorbachev a México, la Argentina, Uruguay y Brasil, acompañado por su "bella y elegante esposa, Raysa", los esfuerzos de las dos instituciones se han intensificado.

Esta visita está siendo preparada meticulosamente por el general de la KGB Nikolai Chetverikov, encargado de todas las "activas medidas" acompañantes en el campo de la cultura y la prensa. Brasil se ha visto literalmente inundado de "literatura". Revistas tales como "Unión Soviética", "La Mujer Soviética", "Las Fuerzas Armadas Soviéticas" y una mala imitación de "Selecciones" se venden en todas partes a precios baratos. Algunas publicaciones en portugués son traídas presumiblemente por Aeroflot a Buenos Aires y, después, reembarcadas; otras son impresas localmente. En Río, se creo una ficticia casa editorial que está distribuyendo un libro en el que se pretende demostrar que Afganistán no fue invadido por los soviéticos, sino por los norteamericanos. En esta burda publicación, los "mujaheddin" son descritos como pandilleros financiados por la CIA, mientras que los traidores de Kabul son glorificados como heroicos combatientes de la libertad.

Desinformación

Cabe suponer también que se ha creado una secreta y unificada organización, tal vez bajo el PCB (partido Comunista del Brasil), para supervisar el proceso de "dezinformatsiya" de la prensa brasileña, afectando incluso a los más tradicionales y conservadores periódicos. Los indicios de desinformación que pueden apreciarse en los medios masivos brasileños y en los canales de televisión indican una coordinación de esta naturaleza.

En una reciente Feria del Libro en San Pablo quedé pasmado ante la abundancia de libros y revistas que se vendían a bajos precios en los estanquillos izquierdistas y soviéticos, en escandaloso contraste con la parsimonia de los esfuerzos en sentido contrario de la USIS y otras agencias patrocinadas por los Estados Unidos. El campo de la propaganda es explorado exclusivamente por una de las partes. Cuba ayuda extraordinariamente en esta tarea. El líder barbudo de la isla Gulag se destaca en el proyecto de enviar exhibiciones de arte y ballets mediocres que viajan por todo el país. Un verdadero peregrinaje de políticos e intelectuales brasileños rumbo a La Habana floreció tan pronto como se reestablecieron las relaciones diplomáticas entre los dos países.

Las "medidas activas" bajo el mando del general Chetverikov no se limitan, por supuesto, a cuestiones de derechos de autor. Se nota tambien que, mientras la lista de diplomáticos en Brasilia está llena de secretarios y agregados soviéticos para asuntos políticos, económicos, comerciales y consulares, ninguno aparece en el campo de la cultura y la prensa: ellos han sido dejados en la ventajosa posición del anonimato. Sin embargo, yo mantengo que en la América del Sur en general, y en Brasil en particular, los rusos están suficientemente convencidos de la superioridad de las ideas de Gramsci sobre las de Marx y el propio Lenin. Gramsci adujo que es la superestructura cultural la que determina la infraestructura económica y política, y no viceversa.

El fértil campo intelectual

Como los jesuitas en los siglos XVI y XVII, estos caballeros de la KGB se están concentrando en la elite intelectual del país para convertirla al marxismo. Es mucho más fácil para el íncubo ideológico seducir la "intelligentsia" en las iglesias, los medios informativos y las universidades que hacer lo mismo con el proletariado industrial, que es mucho más listo de lo que se piensa. Mediante la influencia en los estratos intelectuales y burocráticos dominantes de la nación, que ejercen hegemonía cultural, se considera factible la transición pacífica al socialismo: requeriría sólo discretos y superficiales cambios en los cuadros del monstruoso dinosaurio estatal centralizado.

El objetivo inmediato es persuadir a la Oficina de Relaciones Exteriores y al personal presidencial de las intenciones pacíficas de Gorbachev, de la elegancia parisienses de Raysa Gorbachova, de la "deliciosa realidad" del "glasnost", de los incomparables méritos del alineamiento con Moscú como apoyo de una sabia política de no alineamiento pragmático, y del "valor supremo" de la senda socialista para el desarrollo. El primer secretario del partido Comunista de la Unión Soviética quiere explotar el deterioro del prestigio de los Estados Unidos en esta parte del mundo. Su visita encaja con la Gran Estratagema Soviética de penetración en el Atlántico del Sur vía la ruta de El Cabo, en la dirección general de México y el llamado Mediterráneo de las Américas: el Mar Caribe. Por supuesto, el objetivo final de toda esta gigantesca maniobra es atacar a los Estados Unidos en su mismo traspatio.

Actos partidarios

Alianza UceDe-Demócrata. Inauguración de un comité del partido Demócrata, hoy, a las 19, en avenida Del Trabajo 5136, hablando Héctor Siracusano, Juan Carlos Lynch, Adelina Dalesio de Viola, Federico Pinedo y Roberto Azaretto.

01.01

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: LA Unión Soviética y Nicaragua: a una política prudente

PROCEDENCIA: Quin 11/8/87

ARCHIVADO EN: Nicaragua (076)

01.01

8707433.

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Dos ministros Soviéticos son destituidos por fracaso.

PROCEDENCIA: El Día 20/7/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (B)

8707442

01.01

URSS

GORBACHOV Y SUS OPCIONES

por Alphonse Max

En la historia de Rusia, y aún de la Unión Soviética, Mijail Sergueievich Gorbachov no es ningún fenómeno atípico. Siempre hubo hombres ansiosos de cambiar o renovar las condiciones en Rusia, sea porque estaban convencidos de la urgencia de las reformas para aliviar ciertos problemas que se les presentaban, sea porque esperaban acumular más poder o postularse para reemplazar a los gobernantes en ejercicio del poder. Como ejemplo podemos citar, en la época del último zar, al Primer Ministro Piotr Arkadievich Stolypin, quien elaboró planes de profundas reformas sociales y económicas y fue asesinado por los comunistas en 1911. Ni los zares ni, posteriormente, Stalin y los demás dirigentes soviéticos, se interesaban por quien más necesitaba las reformas -- el pueblo -- sino por sus boyardos, más tarde la corte y, en la era bolchevique, los miembros más fieles en el Politburó. No existen razones para suponer que, en tal sentido, el actual gobernante no esté siguiendo los pasos de sus antecesores.

Base política: KGB

Gorbachov llegó al poder gracias a su mentor, Yuri Vladimirovich Andropov, quien durante casi veinte años había sido el jefe de la KGB. No era de extrañar: en Rusia, sin un protector poderoso es imposible escalar la cumbre del poder. Entonces, el Politburó, que se había encogido hasta constituir apenas una docena de ancianos que vivían su senilidad feliz, fue paulatinamente "reforzado" hasta contener a cuatro generales de la KGB: además del propio Gorbachov, a Alîyev, Shevardnadze y Chebrikov. El nuevo Secretario General no podía depender del humor tornadizo de unos cuantos gerontes, es comprensible, pero a los nuevos miembros no los nombró por gratitud -- en política la gratitud es la más prescindible de las virtudes, tanto en la Unión Soviética como en cualquier otra parte del mundo -- sino porque la KGB era su principal base política y debía ser el punto de apoyo natural para emprender su afianzamiento en el poder mediante el desmantelamiento de la antigua burocracia, o sea la esencia del Partido, y su sustitución por otra, más adicta al jefe supremo, y mediante la esterilización de las Fuerzas Armadas.

01 | f1

8707451

Salta a la vista que Gorbachov tiene grandes ambiciones de poder personal; si no, difícilmente hubiera podido llegar adonde está a una edad (para el sistema soviético) relativamente temprana. Para cumplir su cometido, le es indispensable neutralizar a estos dos elementos competidores de la KGB en el clásico trípode del poder en la Unión Soviética: la organización burocrática del Partido comunista y las Fuerzas Armadas. Gorbachov sigue siendo el exponente de la dirección suprema de la KGB y actúa como su ejecutor. Esto se comprueba por el simple hecho de que evidentemente el Secretario General no está solo y que, al margen de su entorno visible de colaboradores, su mayor fuerza no proviene ni de la organización partidaria ni de los militares, quedando, por lo tanto, más aun en vista de su génesis política, sólo la KGB.

Aspiración única: el poder absoluto

Pues bien. Aunque en Occidente muchos no lo crean, a ningún gobernante soviético, una vez en la cúspide, se le ocurriría no esforzarse por acumular el dominio total y abocarse a llevar a cabo una democratización real, por leve que sea, pues esta peregrina idea significaría tener que compartir el poder. Todo gobernante soviético aspira, para sí y la fuerza que representa y encabeza, el poder absoluto. Para alcanzarlo, es imprescindible una re-estructuración completa ("perestroika") del personal en el régimen. Esta re-estructuración ~~[...]~~ a Gorbachov no puede realizar ~~[...]~~ enfrentándose directamente a sus adversarios naturales, que son también los de la KGB (la burocracia del Partido y las Fuerzas Armadas), tal cual lo hacía Stalin. Debe buscar otra manera.

En la actual sórdida lucha por el dominio político en la Unión Soviética se invocan motivos que, aun siendo pretextos, ~~son~~ resultan reales, convincentes y de peso: la necesidad de tener una economía más eficiente, una mejor administración, más libertad de expresión y posibilidad de criticar a las autoridades; de luchar contra la indisciplina laboral, el alcoholismo y las arbitrariedades administrativas, etc. ¡Gorbachov, como revelador de lo obvio! Es cierto que todas esta metas son objetivamente deseables y, además,

despiertan simpatía... en Occidente. También son, subjetivamente, necesarias para Gorbachov, pues la democratización "a la rusa" es un recurso más para limpiar de adversarios a la burocracia partidaria. En un estado totalitario, todo manejado con habilidad, sirve para consolidarse en el poder... hasta la "democracia". Es por esto que la declaración de estos "admirables" propósitos forma parte de la política de Gorbachov. Una política verdaderamente ágil y renovadora, alega, es incompatible con una burocracia fosilizada e inerte; la primera implica improvisación, riesgo y audacia, la última rutina y la búsqueda de seguridad eterna para sus componentes, lo que significa inmovilismo.

Que la burocracia en la Unión Soviética es sumamente ineficiente, es un hecho harto conocido. En un estado cuya administración es piramidal y que se ha esclerotizado en siete décadas de inmutabilidad gubernamental, un Secretario General que desea afianzarse en el poder forzosamente tiene que desarticular, de alguna manera, esta estructura hiperestatista, porque sus miembros no obedecerían a un novato. Si el actual Secretario General no consigue reemplazar, primero, las piezas más vitales y luego, paulatinamente, las secundarias, en los lugares claves de esta construcción hereditaria, estará condenado al fracaso, y rápidamente. Los mecanismos burocráticos estatales, cuyos encargados se sienten amenazados, lo triturarían lenta pero inexorablemente a él y a su equipo.

<u>"Glasnost" y reconstrucción -- y ¡pronto!</u>

Uno de los instrumentos semánticos de que se sirve Gorbachov para que esto no suceda está disfrazado bajo el eslógan de "<u>glasnost</u>", que erróneamente se traduce como "transparencia" (y, por asociación, "franqueza", "apertura" y hasta "sinceridad"). En realidad, "<u>glasnost</u>" proviene de "<u>golos</u>", ruso por "voz", y su verdadero significado es "vociferación", "publicidad". El propósito, pues, es vociferar y publicitar precisamente contra la burocracia, a la que Gorbachov teme, y con razón. Más libertad sí, pero para combatir y eliminar a los enemigos de Gorbachov. Más publicidad sí, a través de la aparatosa industria gráfica soviética que traga oro y escupe papel impreso, y los demás medios

de difusión masiva. Pero como el espacio en éstos es, por su naturaleza, limitado, habrá que seleccionar cuáles quejas, y contra quién, se publicarán. Es evidente que los medios de comunicación (aislados casos de resistencia pasiva aparte) publicarán y darán "glasnost" a aquellas denuncias que complacerán a la autoridad máxima del momento.

En otras palabras: "glasnost" y "perestroika" (reconstrucción) son los métodos empleados para embestir contra la administración estatal: primero se debe denunciar (vociferar, dar a publicidad) y después se expulsa y despide (se reconstruye). A esto hay que agregar un tercer término que está en boga en estos días en la Unión Soviética aunque todavía es poco conocido entre nosotros: "uskorenie", lo que quiere decir "aceleración". Así que el modus procedendi de Gorbachov es: acusar y condenar ("glasnost"), purgar, castigar y cambiar ("perestroika"), y todo esto lo más rápidamente posible ("uskorenie").

Tratándose de una reconstrucción cuyos contornos en ningún momento fueron establecidos con precisión, "perestroika" podría abarcar la totalidad del estado soviético o sólo una parte. Porque, ¿qué quiere decir estar "contra la burocracia"? Mucho o nada. Fue la burocracia que, en su tiempo, engendró nada menos que a un hombre como Stalin. Se equivocan quienes creen que Stalin edificó la burocracia soviética. Fue exactamente al revés: sólo la burocracia del Partido pudo hacer posible un Stalin -- con su paranoia, su insistencia de permanecer en el poder y todo lo demás.

Economicidio y genocidio

Empecemos por la economía. Es un lugar común que la planificación estatal equivale ipso facto a la negación de un desarrollo económico eficaz. Hasta para los soviéticos. La llamada NEP (Novaia Ekonomicheskaya Politika) de Lenin -- que consistía en devolver a los campesinos las tierras de que fueron despojados y a los pequeños industriales las empresas que les fueron quitadas, para que, por medio de su producción y una comercialización ligeramente liberalizada, salvaran a la población del hambre que estalló en la década de 1920 como resultado del triunfo de la revolución -- fue un temprano y elocuente testimonio del fracaso del comunismo

en el sector económico. Stalin, una vez en el poder, revocó la NEP y (con ayuda de Nikita Sergueievich Khrushchov) consiguió matar de hambre a ocho millones de ucranios, hostiles al régimen comunista por haber sido engañados en cuanto a sus aspiraciones nacionalistas. En otras palabras, se puede producir el genocidio por medio del economicidio y éste, a través de la planificación. Precisamente para tales fines se ha aplicado ésta, en épocas recientes, también en algunos otros países comunistas (Campuchea, Etiopía, entre otros). Unicamente si el Partido, valiéndose de la burocracia, domina la economía, puede dominar también el estado. Una economía libre, a la corta o a la larga, lleva en cierto grado hacia la libertad política, aunque ésta sea relativa en un estado autoritario. Esta es la razón por la cual los regímenes autoritarios, si tienen una economía de mercado libre, nunca llegan a ser totalitarios; los ejemplos están a la vista.

Tomando en cuenta lo que antecede, el Secretario General, si quiere mantenerse en el poder, no podrá tolerar la liberalización económica a largo plazo. Las "reformas" han de servir principalmente para la recomposición de los cuadros administrativos de manera que protejan y ayuden a Gorbachov. Si no fuera así, presenciaríamos un traspaso paulatino del poder total de manos del Partido a las de los tecnócratas. Hasta este extremo, Ningún gobernante soviético permitirá que se llegue porque significaría el fin del comunismo actual como sistema de gobierno (además de que un régimen así sería un contradictio in termini).

El peligro proviene de las armas

El segundo pilar de poder al que Gorbachov tendrá que afrontar es el de las Fuerzas Armadas. En este enfrentamiento podría contar con el apoyo circunstancial de la burocracia del Partido, porque ésta siempre ha considerado a los militares como un serio rival en la conducción de los asuntos de estado. Los miembros del Partido sienten una profunda desconfianza hacia las fuerzas castrenses; temen que, en vista de su poderío de armas, podrían estar tentados, en cualquier momento, de arrancarles el poder o una parte de él. Y si el Partido siente la necesidad de defenderse de la amenaza de las Fuerzas Armadas, ¿a quién sino a la KGB recurriría como aliado?

Recordemos lo que dice Cicerón en una de sus "Cartas a sus amigos": "Pues, ¿qué puede hacerse contra la fuerza, sin ella?"

Con vistas, precisamente, a prevenir el peligro latente que proviene de las Fuerzas Armadas, desde muy temprano el Partido instaló en las filas militares a una institución que llamó "comisariado político" y que no es otra cosa que un instrumento de control para poder enterarse de todo lo que acontece con relación a la vida militar. Trotsky, el creador de las fuerzas armadas soviéticas, fue considerado por Stalin como el enemigo número uno, dentro y fuera de la Unión Soviética. En reuniones secretas del Politburó, Trotsky fue acusado de permanecer leal a las fuerzas armadas, en lugar del Partido; luego fue expulsado de éste por la sospecha de que podría seguir ejerciendo alguna influencia entre los oficiales aun cuando ya no se encontraba en sus filas. Más tarde, en los años treinta, cuando comenzaron las purgas, los adversarios imaginarios de Stalin fueron acusados por éste de ser "trotskistas", es decir, propensos a apoyar a las Fuerzas Armadas. Las series de procesos terminaron en la condena de miles de oficiales de las Fuerzas Armadas, culminando, en 1937, con la ejecución de varios mariscales. El propio Trotsky, desterrado de Rusia en 1929, fue asesinado en México en 1940 por orden de Stalin.

Stalin, quien se salvó de los alemanes en la Segunda Guerra Mundial gracias, entre otros, al Mariscal Gueorgui Konstantinovich Zhukov, no tuvo empacho, una vez terminada la guerra, en disminuir a éste. Lo mismo hizo Nikita Sergueievich Khrushchov, a quien Zhukov había apoyado resueltamente contra Gueorgui Malenkov, el zarevich de Stalin, en las luchas internas por el poder luego de la muerte del dictador georgiano en 1953. En 1957, Zhukov fue destituido del Presidium del Soviet Supremo y eliminado de toda posición de poder.

Estos y muchos ejemplos más nos hablan a las claras del profundo y atávico miedo que todos los jerarcas del Partido tienen a los militares, a los que ideológica y eufemísticamente se describe como "bonapartistas". Los recientes, repentinos cambios en la conducción de las Fuerzas Armadas fueron realizados por Gorbachov para complacer tanto a la KGB como a la burocracia partidaria.

Hoy, las Fuerzas Armadas sin ninguna duca se sienten política-mente debilitadas, vigiladas y manoseadas. El "bonapartismo", siempre un peligro potencial donde hay militares numerosos y poderosos, amén de hostigados por el poder civil del estado, ¿no trataría de canalizar su frustración por el camino de un golpe de estado? ¿Como en Polonia? Claro que en Polonia había un Lech Walesa, pero en la Unión Soviética misma los oficiales ya trataron de demostrar de lo que eran capaces cuando insistieron y convencieron al Politburó capitaneado por Breshnev, de que debía llevarse a cabo la invasión de Afganistán...

La táctica del Secretario General, en la retrospectiva, se parece a la del tero, pájaro tan conocido en el Río de la Plata: grita de voz en cuello contra la burocracia partidaria y aprovecha la primera oportunidad que se le presenta (el aterrizaje de la avioneta en la Plaza Roja) para degollar a varios dirigentes de las Fuerzas Armadas. La "perestroika", obvio es decirlo, se refiere también a las Fuerzas Armadas.

Espionaje y pacifismo

El objetivo de Gorbachov en lo que concierne a las Fuerzas Armadas es tecnificarlas al máximo, disminuir el número de cuadros, armamentos convencionales y, para lograr los imprescindibles ahorros, reducir el personal de tropa y mando. Paralelamente, se preocupa por desarrollar la capacidad de acción selectiva, en caso de guerra, desde territorio enemigo. Lo último requiere un aumento de los comandos especializados en infiltración, espionaje y sabotaje, los llamados "spetznaz" que ya están activos en toda Europa occidental, estudiando el terreno sobre el cual operarían en caso de guerra. Una incrementada tecnificación permitiría a Gorbachov y la KGB crear nuevos cuadros de estos "spetznaz", entrenados en los últimos refinamientos de la tecnología, allende la clásica influencia militar directa.

Frente al mundo exterior, una de las imágenes que Gorbachov trata de proyectar con sus "cambios" es un nuevo tipo de "pacifismo soviético". No entraremos en detalles técnicos vinculados con las negociaciones respecto al desarme nuclear. En todo caso, el Secretario General aparece siempre como el paladín de la paz. Pero

hete aquí que, por ejemplo, el 5 de diciembre de 1986, Pravda estampó en sus páginas: "La tarea principal del Partido Comunista de la Unión Soviética fue y sigue siendo la construcción del comunismo. ¡Los marxistas no son pacifistas!" Voilà.

Recapitulando: En su intento de acaparar el dominio total en la Unión Soviética, Gorbachov se sirve primero de los medios de comunicación masiva como instrumento de denuncia ("glasnost"), llamando atención a los errores, la inercia, el anquilosamiento de la burocracia partidaria. Luego, mediante la "perestroika", sustituye a los jerarcas que no le son adeptos. Usando el mismo concepto decapita la cúpula militar, aprovechado el hecho aleatorio (¿o no?) del aterrizaje de la avioneta alemana delante de los muros del Kremlin.

¿Y qué dice el ciudadano ruso?

¿Cuál es la reacción del hombre común soviético frente a la política de Gorbachov? En principio: una de desconcierto y desconfianza. ¡L'incertitude russe! El de los rusos es un pueblo que, a lo largo de su historia, ha sido siempre subyugado en mayor o menor escala -- por el zarismo, esa autocracia paternalista, y después por los bolcheviques. Sabe poco de libertad; más conoce la represión. Condicionados durante siglos por regímenes opresores, los rusos no miran con aprobación ningún movimiento que pudiera instarlos a cambiar el acostumbrado esquema de comportamiento, ofrecerles un margen para pensar o actuar independientemente, que para ellos es contra natura. El hombre común en la Unión Soviética sabe muy bien que por más que se le presente, aparentemente, la oportunidad de disfrutar de un ocasional relajamiento y hasta frivolidad, la KGB sigue existiendo, sigue vigilando, y que mientras los órganos de control persistan intactos, o aun fortalecidos, cualquier licencia en su conducta, sea cual fuera la esfera, representa para el involucrado un peligro potencial, pues los ficheros de los servicios secretos nunca desaparecen. En pocos años (1982-85) la Unión Soviética tuvo cuatro Secretarios Generales (Brezhnev, Andropov, Chernenko y Gorbachov), mientras que Stalin permaneció en el poder casi 30 años. De manera que el "hombre soviético" está preparado para cualquier tipo de cambio en el

gobierno -- sabiendo, como todo el mundo, que en la Unión Soviética puede pasar cualquier cosa -- pero está convencido de que en el fondo siempre seguirá todo igual, y se resignado. Gattopardismo puro.

Lo que sí molesta profundamente al hombre común en la Unión Soviética es que se le restrinja el consumo de alcohol (ese antídoto contra el opio del trabajo), que se le obligue a una mayor disciplina laboral, más eficiencia, más producción, menos estraperlo. Tampoco le gusta que en la calle lo molesten, con su basura acústica, los llamados "hooligans", o sea una (en la Unión Soviética) relativamente nueva plaga de forajidos que han aparecido en los lugares públicos de Moscú y otras ciudades grandes y a los que la milicia ahora -- contrariamente a lo que sucedía antes -- no reprime con suficiente energía. Acostumbrado a que todo lo resuelva la autoridad, el hombre común está desconcertado por este estado de inseguridad. No entiende bien lo que está pasando; teme que todo sea una trampa, urdida para que la KGB se entere poco a poco de lo que él siempre supo esconder: cómo es el ciudadano ruso medio, cómo se comporta cuando cree que nadie lo observa.

Aliados y simpatizantes

Los enemigos de peso de Gorbachov dentro del sistema comunista -- la opinión de la masa no cuenta -- se encuentran en el aparato partidario y las fuerzas armadas. Sus aliados naturales son la KGB, algunos periodistas y escritores, cansados de los cachiporrazos ideológicos de los "apparatchiks" (con este kakologismo se describen en Occidente los burócratas de la utopía soviética), y cierto número de tecnócratas jóvenes que esperan, con "uskorenie", escalar rápidamente a posiciones que en otras circunstancias les sería imposible, o difícil, de alcanzar.

Otros simpatizantes de Gorbachov son gente que vive en Europa occidental -- y no precisamente miembros de los partidos comunistas. Se trata de los logicidas de siempre, que esperan ver a los bolcheviques transformados en apacibles liberales, al capitalismo triunfando en la Unión Soviética y otras beldades por el estilo. Estos elementos piensan con el deseo. Quieren creer en la redención del comunismo y por consiguiente no se plantean la pregunta de si

la política de Gorbachov es una innovación o una simulación. ¿Cómo podemos averiguarlo? ¿Cuál es el punto de referencia? Se nos ocurre que algunas pruebas que indicarían la sinceridad de Gorbachov serían, por ejemplo, el retiro de las tropas rusas de Afganistán, o el cese del apoyo a los terroristas internacionales, etc. Esto no ocurrirá. Sin embargo, los pánfilos en Occidente seguirán esperándolo, porque en el fondo creen en el socialismo soviético, por la única razón de que son incapaces de imaginárselo tal cual es.

¿Burocratismo, "bonapartismo" o neo-estalinismo?

Pensando perspectivamente, nos aventuramos a señalar lo siguiente: Siendo la conquista del poder total (con disminución de la participación de la burocracia partidaria) la aspiración natural de todo Secretario General del Partido comunista soviético que goce de buena salud, Gorbachov -- si alcanzara su objetivo -- se convertiría, *mutatis mutandis*, en un déspota al estilo de Stalin, aunque ahora se manifiesta retóricamente en contra del tirano. Por otra parte, si la aceleración de los cambios fuera demasiado grande, las fuerzas contrarias, alarmadas y asustadas, se sentirían seriamente amenazadas por el aparentemente incontenible ascenso de Gorbachov, y se unirían así los burócratas del Partido con sectores latentemente "bonapartistas" de las Fuerzas Armadas. Si lograran desplazar a Gorbachov, su reemplazante, probablemente, sería o un candidato de compromiso entre el Partido, las Fuerzas Armadas y la KGB, o una diarquía. En todo caso, esto constituiría un triunfo de la burocracia. El tirano de turno emergiría de ella, no contra ella, igual que Stalin.

Lo que prevemos, entonces, y no sin alarma, es que tanto un veloz ascenso como una eventual caída de Gorbachov estarían inevitablemente acompañados de una re-estalinización, especialmente entre la juventud soviética. No habría manera de paralizar el empuje hacia la necrolatría, a la que los rusos, con su "âme slave" son tan proclives, y después hacia la sacralización de Stalin. Los contemporáneos del sátrapa euroasiático, que lo conocieron y sufrieron directamente, están todos cerca de su ocaso biológico. Los púberes, que subconscientemente veneran, en su solitaria o grupal

contestatariedad, la fuerza bruta y sienten la nostalgia involucionista neo-estaliniana, evocarían todo lo "positivo" del tirano que los hagiógrafos del Kremlin se encargarían de fabular. Los jóvenes soviéticos son indiferentes, tanto a la monocorde liturgia ideológica del régimen como a los crímenes de este ríspido _grandpère terrible_ -- que al fin y al cabo tuvo el mérito de masacrar, entre otros, a comunistas en masa. En medio de este _tedium vitae_ de la gris cotidianidad soviética, verían en Stalin un objeto digno de veneración.

Los rusos -- y que se nos perdone la generalización -- son congénitamente sado-masoquistas. (Aguantan las propias desgracias y disfrutan cuando se trata de subyugar a otros pueblos.) La dictadura persiste en Rusia porque sus pueblos se acostumbraron a ella. De otra manera no podrían haber soportado la servidumbre hasta fines del siglo pasado, para poco después reemplazarla por el bolcheviquismo que, por definición, es una etapa superior a la esclavitud.

Alphonse MAX

5.8.1987

Exilados URSS

026

El Día

Seis acusados van al banquillo por Chernobyl

MOSCU. — El ex director de la central nuclear de Chernobyl, M. Briujanov, el ex ingeniero jefe, M. Fomin, y cuatro personas más, comparecieron en el banquillo de los acusados en el juicio iniciado ayer contra los responsables del accidente ocurrido en la central nuclear de Chernobyl.

El juicio contra los seis acusados, de los que, hasta el momento, no se ha facilitado su identidad, salvo del ex director e ingeniero jefe, comenzó a las 09.00 GMT en la localidad de Chernobyl, donde se encuentra la planta nuclear que el 26 de abril de 1986 registró el más grave accidente ocurrido en una central atómica.

Los seis acusados, tendrán que responder ante el tribunal, presidido por Raimond Brize, de los cargos recogidos en el artículo 220 del código criminal de la República Soviética de Ucrania, que se refieren a la responsabilidad que se deriva de la "violación de las normas de seguridad".

Hasta el momento, los medios soviéticos no facilitaron más información sobre el juicio iniciado ayer, al que tan sólo asisten un reducido grupo de periodistas soviéticos y extranjeros, que no supera la quincena.

Los nombres y cargos de las cuatro personas acusadas junto al ex director y al ex ingeniero jefe de la central no fueron facilitados, así como tampoco los cargos específicos que desempeñaban en el momento de producirse la grave explosión del cuarto reactor de Chernobyl.

Se sabe que los seis acusados comparecen bajo los mismos cargos, quebrantamiento de las normas de seguridad, de los que ya habían sido acusados en el informe presentado el pasado verano por la comisión gubernamental encargada de investigar el accidente.

01/01

8707461

• Anuncian libe[illegible] Rust



BONN. — El joven aviador alemán Mathias Rust, que aterrizó hace algo más de un mes en la Plaza Roja de Moscú, internado desde entonces en la prisión Lefortovo de la capital soviética, podrá ser liberado el lunes próximo, indicó ayer el diario dominical "Bild am Sonntag", de orientación populista, que cita fuentes próximas al Kremlin.

De acuerdo con esa versión "Rust no será juzgado como se aseguraba, pero en cambio puede ser liberado el lunes como un gesto amistoso antes de comenzar la visita oficial de Richard von Weizsacker, presidente de la RFA, a la URSS".

Esa visita oficial comenzará, precisamente, hoy lunes 6 de julio.

8707470

024

No Afiliados al Partido [illegible] Escaños en URSS

MOSCU, 25 (AP).— Los miembros del Partido Comunista no ocupan ya una mayoría de escaños en muchos consejos gubernamentales en la Unión Soviética después de las elecciones del domingo pasado, y los votantes tuvieron dificultades escogiendo entre los candidatos, según indican los resultados divulgados hoy.

Tendrán que celebrarse elecciones de segunda ronda en 59 distritos en por lo menos seis repúblicas soviéticas debido a que candidatos múltiples terminaron empatados en la votación inicial, según los resultados publicados en el diario del Partido Comunista, Pravda, y divulgados por la agencia noticiosa oficial TASS.

Las elecciones en las 15 repúblicas soviéticas fueron para elegir 2.3 millones de diputados a 52.000 consejos municipales, distritales y regionales.

Un total de 57 por ciento de los funcionarios electos en las elecciones del domingo en la república federal socialista rusa, la mayor de las Repúblicas Soviéticas, no pertenecen al Partido Comunista, dijo TASS. Previamente, según se cree, el Partido tenía una sólida mayoría en la mayor parte de los consejos.

De los funcionarios electos en la república rusa, dijo TASS, 43 por ciento pertenecen al Partido y 20 por ciento son afiliades al Komsomol, la organización juvenil de la que son seleccionados la mayoría de los miembros del partido.

No quedó en claro cuantos distritos tuvieron elecciones con candidatos múltiples. El diario gubernamental Izvestia ha dicho que en "varios miles" de los 52.000 distritos del país los votantes pudieron escoger entre candidatos múltiples. Las elecciones son parte de la campaña del líder soviético Mijail Gorbachov en favor de mayor "democratización".

Gorbachov también ha pedido mayor participación en el gobierno de personas no afiliadas al Partido Comunista, de mujeres, jóvenes y residentes rurales.

En la mayoría de las elecciones con candidatos múltiples, los votantes escogieron entre una lista de candidatos ligeramente mayor que el número de asientos. Aún los perdedores obtienen un papel en el proceso político. Aquellos que obtienen la menor cantidad de votos "permanecerán suplentes", participando en el trabajo de los consejos locales y votando en algunas cuestiones, dijo TASS.

Durante una reunión plenaria del Comité Central del Partido en enero, Gorbachov pidió elecciones con candidatos múltiples para algunos puestos gubernamentales, tales como los electos el domingo. Las elecciones con candidatos múltiples fueron descritas como experimentales y no ha habido indicaciones de si el proceso será expandido en elecciones futuras.

01/01

8707493

027

URSS

PÉRIA

La Nación 16/7/87

Exposición norteamericana en la URSS

Hace poco se inauguró en Moscú la primera exposición norteamericana de tecnología informática. Miles de soviéticos se interesaron por conocer el funcionamiento de las computadoras personales (las famosas "personal computers") y se entusiasmaron con las máquinas que juegan al ajedrez o las que permiten poner en acción distintos tipos de videojuegos. Otros recabaron informaciones acerca de precios, capacidades operativas y alcance de las memorias, fascinados ante el nivel técnico de las unidades presentadas. La exposición, que se prolongará durante 18 meses y se extenderá a nueve ciudades más, tiene los auspicios de la Agencia de Información de los Estados Unidos.

La Unión Soviética es, entre las grandes potencias, la menos adelantada en cuanto atañe a tecnología e industria informática. En 1971, cuando en la Unión Soviética se llegaba a los computadores de tercera generación, de alto costo y grandes dimensiones, en los Estados Unidos se producía la revolución de los microcomputadores, con precios sensiblemente menores y amplias posibilidades, destinados a un mercado no necesariamente ligado al campo de los intereses del Gobierno.

Es evidente que la curiosidad y los deseos de progreso tecnológico pueden hacer mella en las barreras ideológicas. El mundo de las computadoras personales que interesan mucho al usuario puede todavía ser individual, considerado "corrupto" y "burgués" para una mentalidad soviética tradicional hoy ya fuertemente sacudida. Habrá que determinar, tal vez dentro de algún tiempo, qué es lo que piensan los soviéticos, en realidad, de ese mundo que ha conquistado lo que ellos acaban de admirar.

01/01

8707494

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Descubrieron túneles bajo nueva embajada estadounidense en Moscú

PROCEDENCIA: El Día 10/7/87

ARCHIVADO EN: EE.UU (058)

01/01

8707509

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Otro eje de tensión: la URSS en Afganistán

PROCEDENCIA: Clarín 13/8/87

ARCHIVADO EN: Afganistán (029)

8707511

01/01

Nova economia soviética derruba pilares do stalinismo

2ª Edição □ terça-feira, 30/6/87 □ 1º caderno

MOSCOU — Um dos pilares do stalinismo, a Gosplan — Agência Central de Planejamento — que estabelece todas as metas de produção, custo e preços na URSS, vai ser derrubado. O Soviete Supremo (parlamento soviético) decidiu ontem, no primeiro dia da sua reunião semestral, votar hoje a nova lei das empresas estatais que consagra a autonomia empresarial, lançando as bases da reestruturação da economia soviética sob a liderança de Mikhail Gorbachev. A lei entrará em vigor em 1º de janeiro de 1988 e se tornará a base do 12º Plano Qüinqüenal, em 1991.

Embora a aprovação da lei seja automática — depois de decidida pelo Politburo e aprovada pela reunião plenária do Comitê Central, na semana passada — *o presidente do Conselho de Ministros da URSS, Nikolai Ryzhkov, fez uma veemente* defesa do projeto, ressaltando a urgência de reestimular a economia soviética aos 1 mil e 500 membros do Soviete Supremo.

— A nova lei dará maior capacidade de ação às fábricas soviéticas, tornando-as diretamente dependentes do resultado do seu próprio trabalho — disse o ministro.

Os lucros, agora, serão correlatos à resposta do mercado e não à distribuição de orçamentos estatais. A lei prevê novos mecanismos de autofinanciamento e formas de estímulo material ao aumento da produção e aos trabalhadores.

A base do novo sistema empresarial que se inicia na URSS, disse o ministro, *é a idéia de que o* estímulo econômico "deve ser recebido diretamente por todos, em relação direta com a produção posta no mercado". Segundo o presidente do Conselho de Ministros, a reforma deve ser "radical e total, porque mudanças parciais ou em apenas alguns setores *da* produção não servirão". Outro fundamento do projeto é a eleição direta, pelos trabalhadores dos orgãos de direção nas empresas, "desde o diretor até os mestres e chefes de equipes", disse Ryzhkov.

Salto — A economia soviética precisa dar um novo salto. As estatais soviéticas, disse o ministro, acumularam uma dívida de 40 bilhões de rublos (64 bilhões de dólares), transformando o déficit estatal num problema crônico. O número de empresas que funcionam "dando prejuízo" vem crescendo e já atinge 13% *do total*, disse *o ministro*.

— Serão feitas todas as tentativas de salvá-las mas, se não derem certo, as empresas serão fechadas, como está previsto na lei — disse o Ryzhkov.

Empréstimos estatais e injeções de dinheiro governamental são as únicas formas de salvar as empresas deficitárias, no momento. Os trabalhadores atingidos pelo fechamento de empresas — e pelo renascimento do fantasma capitalista do desemprego — serão absorvidos por outras indústrias, garantindo-se o princípio socialista do pleno emprego, disse o ministro.

— Estamos atrasados em áreas importantes do progresso científico e tecnológico — disse o ministro.

Muitas estatais, além de terem acumulado, sem necessidade, vastos estoques de matérias-primas, sobrepondo suas necessidades às da sociedade, persistem na produção de artigos sem qualidade que não atendem à demanda dos consumidores e estão, segundo o ministro, "afundando num mar de papéis".

O presidente do Conselho de Ministros reconheceu que os Gosplan e o planejamento centralizado conseguiram grandes resultados no passado, através de um amplo uso de recursos e uma produção intensiva. Entretanto, o sistema instituído por Josef Stálin concentrou-se na indústria pesada, deixando sem atendimento uma crescente demanda por bens de consumo.

Segundo *o* ministro, o sistema centralizado além de "incômodo e antiquado", criou uma "inércia maciça" na administração, "métodos burocráticos e gerentes de fábricas acomodados" que, nos novos tempos, devem ser substituídos. Tais mecanismos, disse o presidente do Conselho de Ministros, "freiam o desenvolvimento do país".

Ryzhkov pediu a "erradicação do analfabetismo econômico" nos quadros administrativos soviéticos e uma redução do número de ministérios e de departamentos ministeriais. Disse também que a cooperação com as empresas de capital estrangeiro — em particular a formação de sociedades mistas soviético-estrangeiras — deve ser intensifica[illegible]

Incêndio na Índia mata seis pessoas e fere mais de 80

NOVA DÉLI — Seis pessoas morreram e mais de 80 ficaram feridas no incêndio de um edifício de 15 andares, no centro de Nova Déli. Cerca de 400 pessoas foram resgatadas depois de permanecer várias horas cercadas pelo fogo. As autoridades da capital da Índia acreditam que o incêndio foi provocado por um curto-circuito.

Os bombeiros conseguiram controlar as chamas depois de um combate que se estendeu por cinco horas. A baixa pressão da água impedia que as mangueiras funcionassem com pleno rendimento. O incêndio destruiu inteiramente o quinto e o sexto andares do edifício, destinado a escritórios comerciais.

Empregados dos escritórios que se haviam refugiado no terraço do prédio foram retirados com escadas Magirus e cordas estendidas dos edifícios vizinhos. Helicópteros que conseguiram no começo do incêndio salvar seis mulheres no terraço não puderam prosseguir sua operação porque os rotores avivavam as chamas.

O edifício não tinha equipamento de segurança contra incêndio, já que fora construído antes de 1982, ano em que foi aprovada a lei determinando que todos os prédios altos de Nova Déli têm que contar com detetores de fumaça e outros sistemas de segurança. Os proprietários do imóvel haviam recebido prazo de seis meses, a contar a partir de abril último, para que instalassem os sistemas de segurança contra incêndio. No prédio funcionavam os escritórios das empresas aéreas do Iraque e da Arábia Saudita.

Segundo a agência de notícias United News of India, o edifício figurava entre os 200 imóveis que o Corpo de Bombeiros declarara recentemente perigoso. O último incêndio de grandes proporções em Nova Déli ocorrera a 24 de janeiro de 1986, no hotel Sidarta Continental, onde morreram 37 pessoas.

027

URSS
Choques IRAK-IRAN

CUELA

MOSCU ES EL UNICO SUPERPODER CON INFLUENCIA EN IRAN Y EN IRAK

Exitosa estrategia doble

MOSCU, 12 (Reuter). — En tanto la atención de Occidente se focaliza en la creciente tensión en el Golfo Pérsico, diplomáticos árabes y occidentales con sede en Moscú coincidieron en que la URSS "corteja" silenciosamente a Irán, con acciones apuntadas a mejorar su posición en la región. Los analistas citaron un acuerdo anunciado la pasada semana por Teherán y Moscú, para cooperar en grandes proyectos económicos y profundizar las relaciones bilaterales, puntualizando las mismas fuentes que "la Unión Soviética ya se ha colocado como único mediador en ese punto".

Dicho acuerdo de cooperación económica se suscribió pese a ser la URSS uno de los grandes proveedores de armamentos a Irak —enfrentado a Irán en la Guerra del Golfo— y también a pesar de la protección que dan los soviéticos al petróleo kuwaití contra eventuales ataques iraníes. Tampoco pesó para la firma la ayuda no encubierta de Irán a los rebeldes musulmanes afganos que luchan contra el gobierno pro soviético de Afganistán.

♦ **Significación especial**

Si bien aún no se han firmado contratos, los acuerdos podrían asumir su significación estratégica si acrecentaran el acceso soviético al Golfo a través de una proyectada comunicación ferroviaria con Irán.

Diplomáticos occidentales dijeron que era demasiado prematuro juzgar la importancia del acuerdo, anunciado después de que el primer vicecanciller soviético, Yuli Vorontsov, visitó Teherán y Bagdad.

"El viaje de Vorontsov fue un modo de mostrar a Estados Unidos que Moscú tiene mejores relaciones con ambas partes", comentó un enviado occidental.

Algunos diplomáticos señalaron que los países del Golfo ven los pasos que Moscú ha dado para el mejoramiento de las relaciones con Irán, pese a la persistencia de su apoyo a Irak, como un curso positivo que podría crear nuevas vías para el diálogo con el gobierno islámico de Teherán.

"Si los soviéticos tienen la suficiente habilidad para mantener relaciones con ambos países, tendrían una palanca importante en un cese de la guerra", dijo una fuente diplomática árabe.

Dijo que pese a las reservas de los ricos países petroleros del Golfo ante un aumento de la influencia soviética en la región, esas naciones verían con beneplácito una intervención pacificadora de Moscú si ella restableciera la estabilidad y protegiera su fuente de riquezas.

No obstante, tanto enviados de naciones occidentales como árabes advirtieron que Irán podría estar tratando de manipular a la Unión Soviética y que los efectos de los actuales contactos en el largo plazo todavía están por verse.

♦ **Las estrategias de acercamiento**

La intensificación de los esfuerzos de Moscú por mejorar sus relaciones con Teherán, tras una fase áspera a comienzos de la década, se produce en medio de medidas de Washington para restablecer su credibilidad en la región después del escándalo por la venta secreta de armas estadounidenses a Irán.

Cuando Washington comenzó a reforzar su presencia naval en el Golfo con el envío de buques de guerra para proteger a barcos petroleros kuwaitíes cambiados de bandera, Moscú rápidamente llamó al retiro de todos los buques extranjeros de la región. Irán endosó prestamente esa propuesta.

La Unión Soviética, entretanto, ha seguido transportando petróleo kuwaití a través de la estratégica vía marítima.

Si bien uno de tres tanques soviéticos fletados por Kuwait resultó dañado por una mina, en mayo, antes de que los barcos kuwaitíes fueran puestos bajo bandera estadounidense, la operación ha proseguido desde entonces sin incidentes.

Moscú, que desde hace algún tiempo tiene tres barreminas en la región para proteger la navegación soviética, no reaccionó inmediatamente ante el anuncio de ayer sobre el despacho de barreminas británicos y franceses al Golfo Pérsico.

Pero atacó enérgicamente la presencia naval de Estados Unidos, acusando a Washington de pretensiones hegemónicas en la región. Tal posición está muy a tono con la del propio Teherán, que por su parte ha moderado en los últimos tiempo sus retórica hostil contra el vecino soviético.

Los diplomáticos creen que la mejora de las relaciones soviético-iraníes también podría haber contribuido a la contenida reacción mostrada por Teherán ante la reciente resolución de las Naciones Unidas que reclamó un cese el fuego en el Golfo.

Irán, que se ha negado a negociar una solución con el presidente iraquí, Saddam Hussein, dijo ayer que no rechazaba el llamado a cese del fuego, aunque tampoco lo aceptaba incondicionalmente. Moscú en cambio, ha apoyado firmemente el reclamo de tregua.

La Unión Soviética, que comparte con Irán una frontera de 1.740 kilómetros, comenzó a buscar una mejora de las relaciones hace 18 meses, enviando a Teherán la delegación de mayor nivel desde la revolución islámica de 1979.

Las relaciones se enfriaron cuando Irán suspendió los envíos de gas natural a la Unión Soviética a causa de un conflicto con los precios tras la caída del cha, y la frialdad se agravó seriamente cuando Teherán suprimió, en 1983, el partido Tudeh (Partido Comunista de orientación soviética).

Fuentes árabes bien informadas dijeron que Umán, que estableció relaciones diplomáticas con la Unión Soviética en 1985, proyecta enviar este año su primer embajador residente a Moscú.

♦ **Un vaticinio**

En tanto, en Nueva York y en el marco de una rueda de prensa, el ex secretario de Estado de la administración Reagan Alexander Haig opinó que la actual política norteamericana en el Golfo Pérsico llevará a Irán a aliarse con las URSS. Dijo que EE.UU. está en "competición" desventajosa con Moscú: "Si Irán ataca de frente a los barcos protegidos por bandera norteamericana, es lógico que EE.UU. deberá tomar represalias sustanciales", puntualizó Haig.

CLARIN 13/8/87

D1.01

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Calificen de constructiva la reunión Mubarak - Peres.

PROCEDENCIA: 10/7/87 El Día.

ARCHIVADO EN: Israel (041)

01/01

8707525

H.R

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Soviet Union Gorbachev's Official Goodwill Visit To Czechoslovakia

PROCEDENCIA: Enlace Alemán 1/9/87 Doc. 1326/87

ARCHIVADO EN: Enlace Alemán (135/c)

8707549

01/01

H.R

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Soviet Union: Details of Soviet Oil Product Imports and Exports.

PROCEDENCIA: Enlace Alemán 1/9/87 Doc. 1314/87

ARCHIVADO EN: Enlace Alemán (135/c)

8707550

01/01

URSS

026

Gorbachov hizo una crítica muy dura al período estalinista

MOSCU. — El líder soviético Mijail Gorbachov lanzó una crítica sin precedentes contra la dictadura stalinista y declaró que el pueblo soviético no deberá "perdonar ni justificar nunca" las purgas de fines de los años 30, en un discurso que ayer publicó la agencia "TASS".

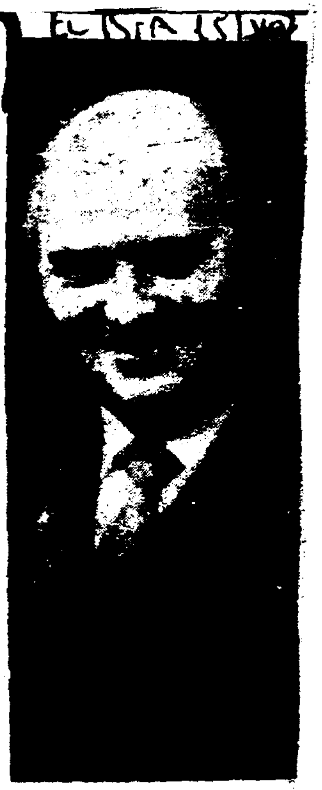
"Pienso —dijo el dirigente del Kremlin— que no podremos ni deberemos perdonar ni justificar nunca lo que ocurrió en los años 1937 y 1938. Nunca".

Gorbachov hablaba durante un encuentro con los responsables de los principales órganos de prensa soviéticos.

"Las pérdidas fueron enormes y conocemos las consecuencias de los años 1937-38, cómo se golpeó a los cuadros del partido, a los de la intelligentsia y a los del ejército", recordó Gorbachov que, sin citar el nombre de José Stalin, responsabilizó a "los que entonces estaban en el poder".

Durante esos años, en la Unión Soviética, por lo menos un millón de personas habrían sido ejecutadas y dos millones habrían muerto en prisiones y campos de trabajo, según cálculos de historiadores occidentales.

El dirigente soviético estimó, sin embargo, que el stalinismo "no disminuye" las conquistas del partido y del pueblo soviéticos, que "superaron esas pruebas". "Y no podemos tolerar —dijo— que se falte el respeto (...) a las generaciones que han sufrido todo eso".



Mijail Gorbachov

01/01

8707559

NR

024

Posible amnistía en URSS

VIENA. — El primer ministro soviético Nikolai Ryzhkov afirmó ayer en esta ciudad que existe la posibilidad de una amnistía para todos los presos políticos en ocasión del festejo del 70° aniversario de la Revolución de Octubre, que instaló el régimen comunista en la URSS.

Las estimaciones sobre el número de presos políticos en la URSS van desde los cien hasta los cinco mil según las fuentes.

Por otra parte en Moscú, en un largo reportaje publicado en el diario "Izvestia", órgano oficial del gobierno soviético, se denuncia por primera vez el uso administrativo y policial de la psiquiatría en el país y se admite que personas perfectamente normales han sido internadas y tratadas por esquizofrenia.

La autora del artículo narra la experiencia de dos casos. Uno de ellos una profesora de matemática, enferma de cáncer, quien en repetidas ocasiones se quejó de la atención médica recibida y terminó en manos de los psiquiatras. Concomitantemente fue fichada por la milicia (policía) y a la menor protesta, era internada en un hospital psiquiátrico, bajo el diagnóstico de esquizofrenia.

01 | 01

0 24

URSS: revolución no se exportará

Concepto de política exterior "superado"

MOSCU. — La exportación de la revolución soviética al resto del mundo es un concepto de política exterior que está superado, afirmó ayer en un artículo que publicó el periódico oficial del Partido Comunista "Pravda" un allegado al secretario general del PC Mijail Gorbachov.

Yevgeny Primakov, autor del artículo en cuestión, alto funcionario, director del Instituto de Economía Mundial y Relaciones Internacionales de Moscú y estrechamente vinculado a Gorbachov expuso que las actuales exigencias de la política de la URSS suponen poner coto a los excesivos gastos militares si es que se quiere estrechar la brecha tecnológica con la otra superpotencia, Estados Unidos.

Sostuvo Primakov, que ese propósito puede lograrse a través de la nueva doctrina militar del bloque del este —"la suficiencia defensiva"— de acuerdo con la cual, los países socialistas y de occidente, podrían tratar de establecer una paridad estratégica a niveles menores.

Enfatizó Primakov en ese artículo que "la eliminación de la exportación de la revolución es un imperativo de la era nuclear y precisó que la anterior política exterior del país basada sobre la advertencia de que cualquier agresión contra la URSS llevaría a la guerra, fue corregida debido a la necesidad de reforzar la capacidad ofensiva". Pero llamó la atención sobre el hecho de que la situación ha vuelto a modificarse

Afirmó Primakov que para solucionar los problemas soviéticos, hoy más que nunca se requiere alcanzar un equilibrio óptimo entre los gastos destinados a la producción civil y a la actividad militar.

También expuso que aunque Estados Unidos procure dejar exhausta la economía soviética a través de la carrera armamentista, debe tener en cuenta que la seguridad de una de las partes no puede obtenerse a expensas de la otra.

PERLA 11/1/88

026

Mathias Rust será millonario

BONN — El joven piloto alemán Mathias Rust, 19 años, que asombró al mundo el pasado 28 de junio al aterrizar con su avioneta en pleno centro de Moscú, no tendrá problemas económicos cuando le liberen los soviéticos, algo que se anuncia como muy próximo.

Rust, actualmente recluido en una cárcel moscovita de la KGB (los servicios secretos soviéticos) ha recibido supuestamente un millón de marcos (US$ 555.555) del semanario alemán "Stern" por la exclusividad de su historia.

Por otro lado, una cadena estadounidense de grandes almacenes le ha ofrecido una cantidad equivalente para que realice una gira por Estados Unidos y firme autógrafos a sus admiradores.

En cuanto a la fecha de su liberación, el jefe de la agencia de noticias soviética "Novosti" aseguró el miércoles que está cercana: es cuestión de días, dijo.

Lo que sí parece cierto es que Mathias Rust no será procesado en Moscú por violación del espacio aéreo, y aún no [illegible] definido si el joven alemán tendrá que comparecer ante los tribunales de su país.

La fiscalía de la ciudad de [illegible]itzehoe ha comenzado investigaciones para determinar si Rust es culpable de algún delito, y algunos expertos señalan que lo decisivo para poder procesarle es saber si puso en peligro vidas humanas con su aterrizaje en pleno centro de Moscú.

Mientras tanto, informa el diario "Express" de Colonia (Alemania), los estados del Pacto de Varsovia han recibido órdenes de evitar en el futuro la mínima violación de su espacio aéreo, obligando al intruso a aterrizar inmediatamente o disparando, si se hace necesario. EFE

01/01

H.B

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Tras veinte años diplomáticos de URSS en Israel

PROCEDENCIA: El Día 14/7/82

ARCHIVADO EN: Israel (041)

8707570

01.01

HR

Cheysson c/UNCTAD

024

URSS y la economía de mercado

GINEBRA. — La Unión Soviética confirmó ayer en el marco de la séptima conferencia sobre el Comercio y Desarrollo de las Naciones Unidas (UNCTAD), su tentación por la economía de mercado, estimaron aquí los expertos económicos. El ministro de Comercio soviético, Boris Aristov, se refirió a la necesidad de "reconstruir las relaciones económicas internacionales a partir de bases equitativas y democráticas" y anunció la decisión de su país de adherir al Fondo Común de estabilización de productos básicos y de integrar el GATT.

"Los dirigentes soviéticos están tentados por la creación de empresas rentables, que sean dirigidas de modo similar a las del mundo occidental", dijo Claude Cheysson encargado de las relaciones Norte-Sur.

01/01

NR

026

Novedad soviética: el cheque

URSS

PLAN

MOSCU. — A partir del próximo mes de enero, por primera vez serán introducidos en Unión Soviética los cheques. Esta nueva forma de pago hace parte de una serie de medidas que, según informó el director del Departamento para las Cajas de Ahorro de la República Federal de Rusia, está orientada a modernizar el sistema bancario del país.

El funcionario explica en una intervista al diario "Trud" ("El Trabajo") que los cheques sustituirán a los numerosos billetes que los ciudadanos tienen que utilizar en sus compras. Además, sostiene, "el tiempo es oro".

La medida, que inicialmente será introducida sólo en la República Federal de Rusia, permitirá solucionar, en parte, una de las obsesiones cotidianas de los soviéticos: las colas frente a los negocios.

La utilización del cheque es actualmente excepcional y "poco cómoda" en Unión Soviética, reconoció el dirigente. A partir del primero de enero todas las cajas de ahorro pasarán a llamarse "bancos" y podrán recibir cheques, así como los grandes almacenes y empresas de servicios.

Empresas ineficientes

El 13 por ciento de todas las empresas estatales soviéticas no son lucrativas y enfrentarán su posible cierre bajo las recientes reformas económicas, dijo el ministro de Finanzas, Boris Gostev en una entrevista publicada ayer en el diario del Partido Comunista, "Pravda". Gostev indicó que la deuda de las empresas estatales ha subido a 38.000 millones de rublos, o sea 60.000 millones de dólares.

NUEVA YORK. — Los Estados Unidos decidieron permitir la exportación de algunos tipos de "personal computers" a la Unión Soviética y a los países de Europa oriental sin exigir la concesión de alguna licencia, según lo declararon algunos funcionarios de la administración Reagan.

El ablandamiento de las restricciones a las exportaciones permitirá a los fabricantes norteamericanos vender libremente a los países del Pacto de Varsovia algunos tipos de "personal computers" no muy poderosas, como la línea de modelos que la IBM dejó de producir el año pasado. Para exportar al Este "personal computers" de la última generación, como las nuevas IBM de la serie "Personal system-2" o las Macintosh de la Apple Computer, los fabricantes norteamericanos aún siguen obligados a solicitar la entrega de una licencia especial.

EL DIA 20/8/8?

01/01

H.R

026

Nuevo sistema de pago para 75 millones de empleados en la URSS

MOSCU. — 75 millones de trabajadores en la URSS, es decir dos tercios de la población laboral, serán pagados de acuerdo a un nuevo sistema. El pago se orientará a la amplitud de la actividad y a la calidad, informó ayer la agencia soviética "TASS".

Según eso el sueldo de los trabajadores subirá un 25 por ciento, el de ingenieros y técnicos altamente calificados, más de un 30 por ciento. Se ha pensado en primas adicionales para quienes procuren una mejora de la dotación técnica de las empresas.

La nueva configuración del sistema de pago es uno de los puntos principales del quinquenio en marcha de 1986 a 1990, escribe "TASS". El dinero para la reforma no será aportado por el Estado, sino por las empresas mismas. Cuanto mayor sea la ganancia de una empresa, tanto más alta será la retribución de sus empleados.

Por otra parte, el Presidium del Soviet Supremo de la URSS destacó la necesidad de añadir a los cambios que se efectúan en el país una renovación de la justicia, que implique "un fortalecimiento de la ley socialista para una mejor protección de los derechos humanos".

Según fuentes oficiales soviéticas, tal fue la conclusión final de una reunión celebrada por el Presidium, órgano permanente del Soviet Supremo (Parlamento), en la que se analizó el trabajo desarrollado por las autoridades judiciales de la URSS.

30/7/8

01 | 01

8707610

Golfo: retiro de naves de guerra pidió la URSS

MOSCU. — La Unión Soviética pidió ayer el retiro de todas las naves de guerra extranjeras de las aguas del Golfo Pérsico, señalando que el acrecentamiento del poderío naval que se está registrando en el área podría detonar una crisis internacional.

Un comunicado del Kremlin que difundió la agencia de noticias "Tass" acusó a Estados Unidos de acentuar su perfil militar en el Golfo en un intento por establecer una "hegemonía político-militar" en la región.

"El gobierno soviético sugiere que todos los buques de guerra de los estados no situados en la región sean retirados a la brevedad del Golfo y que Irán e Irak, por su parte, se abstengan de realizar acciones que puedan amenazar la navegación internacional", dijo el comunicado.

La declaración implicaría que las naves de guerra soviéticas que navegan en el Golfo quedarían excluidas de la medida propuesta.

El comunicado del Kremlin dijo que la Unión Soviética respalda firmemente las gestiones de las Naciones Unidas para terminar con la guerra en el Golfo, que ya transita su séptimo año.

El embajador estadounidense ante las Naciones Unidas, Vernon Walters, se encuentra en Moscú desde el martes 1° en una misión dirigida a lograr el apoyo de Moscú a una resolución de cese del fuego auspiciada por el Consejo de Seguridad, que incluye una cláusula que establece un embargo en las ventas de armas para aquel de los litigantes que no acepte la propuesta.

Embajadas

La tensión bajó ayer entre Paris y Teherán, cuyas Embajadas respectivas continúan rodeadas por la Policía, mientras que Wahid Gordji, considerado el "número dos" de la Embajada de Irán en Paris, permanece [illegible] de diplomá[illegible]

01 | 01

8707611

H.R.

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: En Moscú presidente de la RFA.

PROCEDENCIA: El YA 7/7/87

ARCHIVADO EN: R. F. Alemania (003)

01/01

8707622

H.R.

026

El canciller de la URSS viene en octubre a Uruguay

Negociarán ampliar intercambio comercial

Nuestro país procurará ampliar su comercio con la Unión Soviética durante las conversaciones que mantendrán en Montevideo los cancilleres Enrique Iglesias y Eduard Shevernazde, en el marco de lo que será la primera visita de un funcionario soviético de alto rango.

Una fuente oficial confirmó ayer que el canciller Shevernazde viajará a Montevideo en los primeros días del mes de octubre, en visita que incluirá también a Brasil y Argentina.

El ministro soviético se constituirá en la autoridad de más alto rango del país que haya visitado Uruguay y la primera de un canciller.

La fuente consignó que Uruguay procurará una mayor apertura comercial con la Unión Soviética, intentándose diversificar las exportaciones a ese país y disminuir las compensaciones exigidas en las últimas negociaciones.

Recordó que existen tres convenios pendientes entre ambos países. Uno referido al tráfico aéreo, con la posibilidad de aterrizaje de unidades de Aeroflot y una línea directa a Moscú, lo que permitiría el transporte de tripulantes de buques pesqueros soviéticos.

El segundo convenio se vincula a la colaboración en la esfera de la pesca y servicios portuarios conexos, punto al que nuestro país asigna particular importancia.

El tercer acuerdo contempla el aspecto comercial, existiendo una propuesta que actualmente estudia nuestra cancillería.

Paralelamente se informó que otras personalidades y autoridades extranjeras visitarán Uruguay próximamente, mencionándose al presidente francés Francois Mitterrand y el jefe del gobierno español Felipe González. También llegarán el vicepresidente de la Comisión Europea encargada de la Agricultura, Frans Andriessen, y los cancilleres de Noruega, Knut Frydenlund, y de Succia, Sten Andersson.



Enrique Iglesias

La fuente subrayó que esta serie de visitas reafirma la reconquista uruguaya de su prestigio internacional y el respeto de las naciones del orbe hacia el gobierno de nuestro país desde el retorno al sistema democrático.

8707636

Tártaros contra agencia "TASS"

MOSCU. — La conferencia de prensa concedida ayer por los delegados de los Tártaros de Crimea en el gran parque de Izmailovo (Nordeste de Moscú) para hacer un balance de los acontecimientos de los últimos días, fue sobre todo un saldo de las "pérdidas" sufridas después de la incursión de ayer en el centro de Moscú para protestar contra la forma en la cual los medios de comunicación soviéticos, en particular la agencia "TASS", presentan la lucha de la nación tártara.

De esta manera se supo que de las decenas de personas detenidas ayer en la plaza "Pushkin", al lado de la céntrica calle Gorki, 20 fueron "deportadas a las tierras de origen". Diez tártaros de Crimea, acompañados por agentes de la policía, fueron hechos entrar anoche en trenes dirigidos al Uzbekistan y otros diez fueron embarcados en avión hacia Tashkent, la capital de la República Soviética de Asia Central, donde Stalin deportó al mayor número de tártaros de Crimea.

Las autoridades soviéticas, como habían anunciado, están decididas a recurrir a "acciones duras". En efecto, la televisión anunció ayer la decisión del Soviet de Moscú, de conceder mayores poderes a la Policía y Magistratura, para "restablecer el orden público" perturbado por las manifestaciones "organizadas en estos días por los tártaros de Crimea".

01.01

8707645

H.P/ 026

Interés de la URSS en las zonas francas de Uruguay

El embajador soviético en Uruguay, Igor Laptev, quisiera que empresas de su país participen del régimen de zonas francas que cuenta ya con media sanción legislativa, según especificó en una entrevista publicada por el mensuario "Punto y Aparte".

El diplomático señaló asimismo que existe interés soviético en la posibilidad de empresas mixtas entre el Estado y el capital privado: "No quisiera divulgar aún aspectos confidenciales que están en proceso de discusión", dijo.

Laptev puntualizó que el actual régimen financiero interesa a los soviéticos y que se encuentra preparando "la llegada a Montevideo de altos banqueros soviéticos para entablar contactos con el Banco Central, con el Banco de la República y no solamente con ellos".

Ineficiencia empresaria

En relación a la actividad de las empresas en su país, Laptev señaló, como parte de la "esencia" de la perestroika, que "cuando no se muestran eficientes y no se justifican, podrán declararse en quiebra y disolverse y el personal reubicado".

"Ahora —consideró Laptev— en vez de métodos administrativos por decreto, se emplearán métodos económicos de gestión, por el que las empresas que son autosuficientes y se independizan en sus finanzas, podrán determinar por sí mismas el número de su personal y el nivel de sus sueldos".

"Toda su producción —agregó— debe venderse a los precios mayoristas y los insumos comprados y pagados, por lo que ahora el director lo piensa dos o tres veces antes de comprar una máquina, porque cuesta".



Igor Laptev

PERLA

01.01

8707652

HR

UR85

026

El Día 15/8/87

"Pravda" aboga por más libertades nacionales

MOSCU. — El diario oficial de la Unión Soviética "Pravda" abogó ayer por el reconocimiento de las diversas características nacionales y una mayor descentralización en este terreno en la Unión Soviética.

En un comentario que publicó ayer sostiene "Pravda" que es "absolutamente necesario tomar en cuenta las características nacionales, fomentar el sano desarrollo de iniciativas locales e impedir su reglamentación a través del centralismo burocrático".

Ante el fondo de la política general de reforma y sugiriendo un inminente cambio en la política de las nacionalidades de la Unión Soviética, el autor reconoce que, hasta ahora, prácticamente no se podía criticar las relaciones nacionales, que eran tratadas como una [illegible] de armonía general.

"Lo que no cabía en esta armonía, simplemente no fue tomado en cuenta y era considerado como expresión de nacionalismo burgués", añade.

Tras el paso de un exagerado centralismo a la concesión de más derechos a las repúblicas soviéticas en los años cincuenta y sesenta, la ciencia siguió sin un concepto claro sobre cómo conjugar los intereses nacionales regionales con los intereses relevantes para todo el Estado, agrega el comentario.

Sin embargo, sostiene, la armonización de los diferentes intereses nacionales es parte importante de la actual política de reestructuración soviética. Prueba de este esfuerzo, añade, es la formación de una comisión que se ocupa de los deseos de autonomía de los tártaros de Crimea.

En el futuro, sugiere el autor, habría que fomentar en la Unión Soviética el bilingüismo, enseñando al mismo tiempo el idioma ruso y el respectivo idioma regional.

"La lengua no sólo es el más importante medio de comunicación, sino también parte de la riqueza espiritual de una nación", dice.

Sin embargo, agrega, el "amor al idioma materno" no debe convertirse en un "chauvinismo lingüístico que podría crear un obstáculo en el camino a la internacionalización", en tanto que el uso del idioma ruso no debe limitarse tampoco sólo a lo administrativo.

El Politburó, máximo órgano de poder político en la URSS, decretó una serie de medidas profilácticas para evitar que el SIDA se convierta en una plaga epidémica en este país, hasta ahora apenas afectado por la llamada enfermedad del siglo XX.

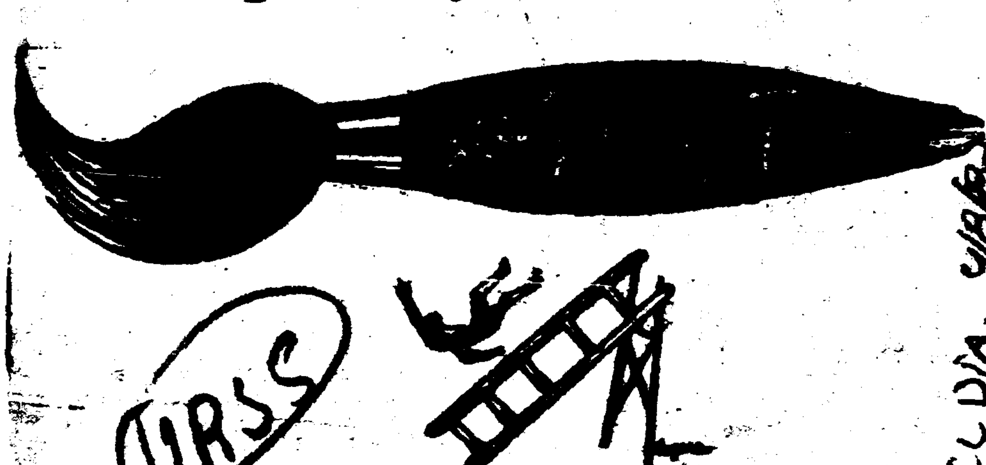
En su última reunión del jueves, el Politburó aprobó un conjunto de medidas adicionales para prevenir la propagación de SIDA en la URSS.

01.01

8707653

Los chistes de Gorbachov

Del pincel y sin escalera



La glasnost sigue funcionando en la URSS. Cosa esta que no puede sino alegrar porque, más allá de sus resultados últimos y permanentes, el ciudadano soviético concreto, en su vida de todos los días, puede practicar —aunque sea en mínima parte— un ejercicio libertario que le estaba riguroso y estrictamente prohibido.

El último ejemplo lo han dado los tártaros de Crimea con su protesta ruidosa en la Plaza Roja de Moscú, recordando su destino colectivo, fruto de una de las atrocidades que acostumbraba a perpetrar Stalin y su régimen. En este caso, como en tantos otros similares, era practicar contra un pueblo (los tártaros de Crimea) una política genocida que entendía lógico castigar a toda una comunidad por los delitos de algunos de sus integrantes (colaboradores del nazismo durante la invasión a la URSS).

No sabemos qué va a ocurrir finalmente con estos millones de seres que el "Padre de los Pueblos" castigó con un destino siberiano. No sabemos si se reiterará la retórica de Kruschev, quien los rehabilitó en la década del 60 (sin poder revivir a sus miles de muertos) para dejarlos anclados en su exilio, pero lo que sí sabemos es que los amantes nacionales del emisor soviético, los fieles y dóciles captadores de las "verdades" del Big Brother deben estar más bien desesperados.

¿No se había dicho, desde Moscú mismo, que los éxodos impuestos a distintos pueblos no-rusos eran un invento del anticomunismo visceral? ¿No se había sostenido, reiterando a Moscú, que lo que Solyenitzin narraba sobre estos sucesos eran sólo patrañas de renegado? ¿No se había confirmado, repitiendo Moscú, que los únicos que masacraban poblaciones autóctonas, y hasta en el cine, eran los pérfidos cowboys del norte? ¿Al final de cuentas el "Padre de los Pueblos" era o no el padre de los pueblos, como Moscú lo instruía?

Estos son los peligros de la glasnost, camaradas, y a ellos, para el futuro como para el presente, deben irse acostumbrando. No se agarren del pincel sin ver previamente en su lugar la escalera. De lo contrario, mañana mismo van a tener que reconocer, por ejemplo, que Valladares no mintió sobre prisiones y torturas cubanas, o que un Solyenitzin rehabilitado (como Pasternak, todo puede pasar) se transforme en texto oficial y que los "trotskos" que ustedes, camaradas, han abominado hasta la eternidad reduciéndolos al purgatorio del Sovcubana, no son esos monstruos que ustedes nos contaban sino los discípulos de un venerable padre de la revolución soviética, quien también será (faltaba más) reivindicado.

Hay que ir poniendo las barbas en remojo y hay que empezar a acostumbrarse a tragar, en el rincón, lo que ayer nomás se anunció como verdad revelada e intocable. Camaradas, perdonen, pero si no fuera para ponerse a llorar sería para morirse de risa.

O24

URSS

"Glasnost", pero no tanto

El Día 7/8/87

Acaba de sostener "Pravda", el diario que es órgano del Partido Comunista de la Unión Soviética, que es la glasnost, esto es, la "transparencia informativa", "la discusión es un instrumento para buscar la verdad y una fuente de ideas nuevas, pero sucedió que las emociones han sido más fuertes y han conducido a la disputa".

Tomando como ejemplo algunos artículos publicados por el diario "Sovietskaya Kultura" y por la revista "Ogonok" en réplica a otros del semanario "Molodaya Guardiya", una revista juvenil, sosteniendo diferentes interpretaciones históricas, en especial acerca del papel desempeñado por José Stalin, "Pravda" ha enfatizado en que "debemos buscar la verdad juntos, de un modo constructivo, con sentido de responsabilidad y sin crear disputas entre grupos de personas".

Glasnost, pero no tanto, bien podría concluirse.

¿Qué diría "Pravda" si los semanarios frenteamplistas que disputan entre sí semana a semana, se editaran en Moscú?

"Rumbo a Siberia mañana, parte la caravana..." decía la letra de una vieja canción. Quizá fuera ese el destino de los redactores de estos semanarios que tanto disputan entre sí.

Y no sería, desde luego, ninguna novedad.

Mientras tanto, una profesora universitaria francesa, Hélene Carrere d'Encausse, afamada sovietóloga, que estuviera recientemente en Buenos Aires, viene de sostener públicamente, por lo que refiere a las pregonadas reformas de Gorbachov que "sólo tenemos un discurso, hasta ahora", que "existen intenciones, pero de escasa repercusión real hasta el momento".

"Se ha difundido mucho en la prensa estos días —agrega— el hecho de que en algunas ciudades hubo elecciones con más de un candidato. Se olvida, sin embargo, que muchas veces hubo elecciones con más de un candidato y, particularmente en 1934 cuando Stalin fue elegido por medio del voto secreto. Pero hay que preguntarse una cosa: ¿de qué sirve elegir entre los candidatos de un mismo y único partido cuyas propuestas, programa e ideología son idénticos? Uno solo elige en tal caso la simpatía, la juventud o la cara de uno en desmedro de otro, pero nada más que eso. No existe allí una opción política. Hay un cambio en las formas, pero no en el fondo como sería admitir más de un partido".

Y sostuvo luego que esto último no sería probable. "No creo que Gorbachov piense tal cosa. Es un leninista declarado y hará todo lo posible para reforzar su propio partido".

Las presuntas reformas de Gorbachov han tenido, seguramente y tal como acostumbra a decirse, "buena prensa" en todo el mundo. Quienes conocen a fondo el sistema dudan que ello sobrepase la etapa del discurso. Y estos primeros rezongos de "Pravda" a quienes van más allá de la fase de la "discusión" para enzarzarse en la "disputa" parecen empezar a delinear los límites de la apertura.

Como decíamos, glasnost, pero no tanto. Que, traducido al criollo equivaldría a aquello de "relajo, pero con orden".

PERLA

La URSS reconoció que empezó a instalar misiles estratégicos móviles



Agencia Reuter

El jefe de la delegación soviética sobre el control de armas, Viktor Karpov, responde a los periodistas de la televisión norteamericana en Moscú.

La Unión Soviética anunció ayer que aceptaba el principio de inspecciones probatorias "in situ" para garantizar la vigencia de un eventual tratado de prohibición de armas químicas. Al mismo tiempo, la cancillería soviética confirmó que la URSS ha empezado a emplazar un nuevo misil móvil de largo alcance en vagones de ferrocarril, pero desmintió que esto constituyera una violación del tratado SALT II con Estados Unidos.

MOSCÚ, 11 (AFP, AP, TASS y UPI). — Vikto[r Kar]pov, jefe del Departamento de Desarme de la canc[illería] soviética, confirmó hoy revelaciones de que su país [ha] comenzado a emplazar un nuevo tipo de misiles [...] intercontinentales en vagones de ferrocarril, per[o des]mintió que las nuevas armas, conocidas como [...] violaran el acuerdo SALT II con Estados Unid[os de] 1979.

Karpov, quien explicó que los nuevos misiles [...] el sentido de disponer de una fuerza segura de resp[uesta] en caso de un primer ataque nuclear norteameri[cano,] recordó que Estados Unidos estuvo de acuerdo [...] momento con la movilidad de los misiles, y que la c[omi]sión Scrowcroft recientemente aconsejó al presi[dente] Ronald Reagan que Washington debía disponer de [misi]les móviles y no estacionarios.

También hoy Karpov clarificó la posición sov[iética] sobre misiles de alcance intermedio y corto, diciend[o que] su país no reclamaba el desmantelamiento de los m[isiles] germanofederales Pershing 1-A sino solo de sus ca[bezas] nucleares, que pertenecen a EE.UU. El punto ha [sido] fijado por la URSS como condición para suscribi[r con] EE.UU. el acuerdo doble cero, que prescribe la elim[ina]ción total de las armas de ese rango que las dos supe[rpo]tencias tienen emplazadas en el mundo.

◆ **Verificación**

El Pentágono ha dicho que el sistema SS-24 tien[e un] rango de hasta 9.000 kilómetros, y que puede alca[nzar] objetivos en territorio de EE.UU. si son disparado[s en] una trayectoria polar. Asimismo y considerando [los] 150.000 kilómetros de vías férreas de que dispon[e la] URSS, funcionarios estadounidenses temen que el n[uevo] misil complique los trabajos de verificación en cas[o de] que las dos superpotencias suscriban un acuerdo de [re]ducción de armamentos estratégicos.

Contestando acusaciones del senador norteameri[ca]no Jesse Helms en el sentido de que la URSS est[á] violando el acuerdo SALT II, Karpov recordó hoy qu[e el] marco de ese tratado establece que su país "puede te[ner] 1.200 misiles balísticos intercontinentales y lanza[dos] desde submarinos con cabezas nucleares múltiples. [Te]nemos menos que ese nivel. La suma de estas armas y [los] bombarderos pesados que el tratado permite es de 1.[...] unidades. La URSS tampoco ha superado este tech[o]", afirmó.

Sobre el cambio de los misiles estacionarios a [...] misiles móviles, Karpov explicó que está "calculado p[ara] elevar la pervivencia de las fuerzas soviéticas del gol[pe] de respuesta. La movilidad contribuye a dicha perviven[cia,] lo que significa que coadyuva a la estabilidad [y] robustece la fuerza del golpe de respuesta".

Además, Karpov recordó que "ya el 27 de mayo d[el] año pasado, en una declaración del presidente Reag[an,] EE.UU. renunció a observar las limitaciones del trata[do] SALT II, y en noviembre del mismo año superó lo[s] niveles límite establecidos por dicho acuerdo".

El funcionario aludía a la decisión norteamericana de 1986 de colocar un misil crucero con cabeza nucle[ar] en su bombardero B-52 de largo alcance número 131.

El misil SS-24 es aparentemente del mismo tama[ño] que el Peacekeeper (Guardián de la Paz), el arma má[s] moderna del arsenal norteamericano, con capacidad p[a]ra llevar hasta 10 cabezas nucleares.

Por otro lado, y en torno al desarme europeo, Karpo[v] planteó hoy que la cuestión de los misiles Pershing 1-A sigue siendo "el principal obstáculo"

Y precisó: "Nosotros no planteamos la liquidación d[e] los misiles germano occidentales Pershing 1-A; la URSS plantea la liquidación de las cabezas de combate nortea[m]ericanas para los misiles táctico-operacionales".

El funcionario subrayó que EE.UU. dio su conformi[d]ad al "doble cero global" y que, para garantizar es[e] acuerdo, debían destruirse tanto los misiles en la gam[a] de 500 a 5.500 kilómetros de alcance como las cabezas d[e] combate para los misiles de ambas clases.

Seguidamente, Karpov rechazó opiniones en el sent[i]do de que las 72 cabezas de los Pershing 1-A son un[a] "bagatela". Sostuvo que este arsenal significa "216 bom[bas] tipo atómicas de las arrojadas en *Hiroshima*".

"Se está buscando que EE.UU., bajo la liquidació[n] de todas las cabezas y misiles soviéticos de ese rang[o,] conserve ese potencial, que amenaza directamente l[a] seguridad de la República Democrática Alemana, Polo[nia,] Hungría y Checoslovaquia", acusó Karpov.

URSS dará más misiles a la RDA

BONN. — La Unión Soviética entregará nuevos misiles a las Fuerzas Armadas de la RDA para compensar los 72 "Pershing 1A" norteamericanos, en poder del ejército germano-occidental si Bonn y Washington insisten en mantener estos misiles.

Así lo aseguró el diario alemán "Bild" el portavoz del gobierno soviético, Guennadi Guerassimov, según el cual Moscú responderá instalando en la RDA un número de misiles de alcance medio igual al de los "Pershing 1A".

Guerassimov calificó de "ilógica" la posición norteamericana según la cual los "Pershing 1A", en poder del ejército alemán, pero cuyas cabezas atómicas controla Washington, no pueden ser objeto de las negociaciones de Ginebra al tratarse de sistemas de terceros países.

"Queremos una opción cero real para los misiles de alcance medio en Europa, dijo Guerassimov, quien, utilizando un símil conocido, afirmó la imposibilidad de ser "un poco virgen. O se es virgen del todo o no se es virgen".

Por su parte, el consejero para Asuntos Alemanes en el Comité Central del Partido Comunista soviético, Nikolai Portugalov, declaró a "Radio Luxemburgo", que los misiles "Pershing 1A" como tales no interesan a Moscú, que quiere ver en cambio destruidas sus cabezas nucleares.

Según el experto soviético en temas de desarme, Viktor Karpov, el problema de los "Pershing" podría poner incluso en peligro la reunión, prevista para mediados de septiembre en Washington, entre el secretario de Estado norteamericano y el ministro de Exteriores soviético.

Mientras tanto, el gobierno norteamericano ha advertido a los políticos de Bonn contra el comienzo de un debate en este país en torno a si los "Pershing 1A" deberían quedarse o ser eliminados porque ello contribuiría a debilitar la estrategia negociadora en Ginebra.

El Sur 20/8/87

Cruzar

026

01.01

8707691

HB/

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Norte-Sur: ¿Un gesto soviético?

PROCEDENCIA: El Día 7/8/87

ARCHIVADO EN: UNCTAD (211)

01.01 8707698

HB/

ARCHIVAR EN: URSS 026

TEMA: WEIZSAECKER SE INTERESÓ EN SOVIÉTICOS ALEMANES

PROCEDENCIA: El País 12/7/87

ARCHIVADO EN: R.F.A.

01.01 8707700

HR

076

30/7/87

Chernobyl: justicia penó con trabajos forzados a implicados en el desastre

CHERNOBYL, Unión Soviética. — Seis ex empleados de la planta atómica de Chernobyl fueron sentenciados ayer a penas de trabajos forzados que van de dos a diez años, por la negligencia que provocó el más grave accidente nuclear del mundo.

Fue el primer juicio sobre el caso, y las autoridades soviéticas han señalado que habrá otros cuatro procesos en relación al desastre.

Mientras el juez Raymond R. Brize leía en voz alta su veredicto, los acusados, vigilados por policías, se mostraban nerviosos en la sala judicial, donde la temperatura era de 27 grados centígrados.

Las evidencias expuestas en el juicio revelaron que algunos ingenieros y trabajadores de planta se dedicaban a jugar póker y dominó, mientras otros escribían cartas, estando en funciones.

El desastre del 26 de abril de 1986 mató a por lo menos 31 personas y dejó hospitalizados otras 237 debido a la radiación. Otras 135.000 personas fueron evacuadas de la zona por la contaminación, que llegó a expandirse por Europa.

Tres de los acusados, el director de la planta, Viktor Brukhanov y los ingenieros Nikolai Fromin y Anatoly Dyatlov, recibieron la pena de diez años de trabajos forzados por negligencia y violación de las reglas de seguridad en sus funciones.

Brukhanov, responsabilizado directamente por el desastre, también recibió otros cinco años de pena concurrente a los diez años de labores forzadas, por abuso de poder.

Brukhanov fue acusado de enviar a trabajadores y bomberos a las zonas más dañinas de la planta y de dar información errónea a las principales autoridades en relación a la magnitud del accidente.

"No autorizó la debida evacuación del personal, con los resultados conocidos. El personal permaneció o fue enviado a áreas restringidas. Tampoco implementó el plan de emergencia", dijo Brize en su veredicto.

Los otros tres acusados fueron condenados a penas de cinco, tres y dos años, en campos de labor forzada.

Boris Reogozhkin, jefe del reactor N° 4, fue condeando a cinco años de trabajos forzados por violar reglas de seguridad y otros dos años adicionales por negligencia. El supervisor Alexander Kovalenko recibió una pena de tres años y dos el ingeniero Yuri Laushkin.

La corte determinó que Laushkin permitió un experimento no autorizado en el sistema generador de energía en el reactor 4. Fue durante ese experimento que se desconectó el sistema de seguridad de la planta, haciendo que el reactor se sobrecargara y estallara a la 1:23 de la mañana.

Al iniciarse el proceso, los seis acusados se declararon inocentes, con excepción de Brukhanov. Que admitió haber cometido abuso de poder, lo que le significaba una pena de cinco años de cárcel.

CAMPAÑA EN MOSCU

Podrían abolir la pena de muerte

MOSCU, 18 (De "Le Monde", especial para Clarín). — La aparición de un artículo a favor de la abolición de la pena de muerte en un semanario de Moscú ha sido observada como un posible indicio de que el tema está siendo considerado. En particular porque la publicación —el hebdomadario Ogoniok— es reconocida como una de las punta de lanza de la política de "glasnost" (transparencia) del líder soviético Mijail Gorbachov.

Alexandre Yakovlev, uno de los responsables del Instituto Jurídico de la Academia de Ciencias Soviética, enumera en la nota una serie de argumentos comunes para los adversarios de la pena de muerte en Occidente. "El poder disuasivo de la pena capital es una ilusión —dice— puesto su vigencia ha tenido en general el efecto inverso", y como prueba señala que los delitos económicos aumentaron después que en 1962, fueron declarados pasibles de ese castigo máximo.

El jurista recuerda que la pena capital ha sido abolida ya en la mayoría de los países desarrollados, y que por otra parte "la URSS dispone de un código penal suficientemente severo".

En realidad, ya en el mes de abril otro semanario, Noticias de Moscú, había sido el primero en abrir sus columnas a los adversarios de la pena de muerte. Tanto el escritor Vladimir Kardine —quien recordó que Lenin la había hecho abolir en 1920— como la jurista Sofía Kelina, puntualizaron en esas páginas que la eliminación de la pena suprema estaría avalada no solo por argumentos jurídicos y morales, sino también políticos, precisamente en oportunidad de "la perestroika" (reestructuración) en que está empeñado el gobierno soviético.

"El mundo entero nos observa —escribieron—. Renunciar a la pena de muerte dará testimonio no solo de la magnanimidad de nuestra sociedad sino también de nuestra fuerza interior."

Sin embargo, todo parece indicar que el público soviético en su inmensa mayoría está a favor de la pena de muerte, que por otra parte, fue suspendida por breves períodos en tres oportunidades. Ogoniok —que como Noticias es una de las publicaciones más audaces de Moscú en cuanto a la apertura periodística— señala al incluir el artículo del jurista Yakovlev que en la redacción se han recibido numerosas cartas de lectores demandando el mantenimiento de la pena capital, e inclusive la extensión de su campo de aplicación.

La pena de muerte por fusilamiento es todavía regularmente aplicada en la Unión Soviética; desde comienzos de este año la prensa ha informado acerca de por lo menos dieciséis casos de condenas capitales, la mayor parte por delitos comunes, y una de ellas al criminal de guerra Federenko, juzgado por participación en las atrocidades del nazismo.

Permitirán en la URSS la quiebra empresaria

MOSCU, 19 (UPI). — El ministro de Finanzas soviético, Boris Gostev, advirtió que el 13 por ciento de las empresas estatales afrontarán el riesgo de su posible cierre con las recientes reformas económicas, dado que siguen siendo deficitarias.

En una entrevista publicada hoy por "Pravda", el diario del Partido Comunista Soviético, Gostev reveló que la deuda de las empresas estatales ascendía el pasado 1º de junio a 38.000 millones de rublos, unos 60.000 millones de dólares.

El funcionario culpó a la mala administración por el estado financiero de algunas compañías. "Por muchos años, la parte jugada por las finanzas fue minimizada. Ello llevó al parasitismo. Pedir dinero era más fácil que ganarlo", sostuvo.

De acuerdo con las reformas económicas introducidas por el secretario general del PCUS, Mijail Gorbachov, la industria debe adoptar una operatoria de autofinanciación, al mismo tiempo que los controles pasan a ejercerse con un estricto sistema de contabilidad de pérdidas y ganancias.

Como una forma de facilitar la adaptación de las empresas a esas nuevas normas, los administradores disponen ahora de mayor flexibilidad para elegir sus líneas de productos, lo mismo que para contratar y despedir personal. Los salarios, antes uniformes y fijos, pueden ser ahora vinculados con los niveles de productividad.

Con las nuevas reglas, los subsidios del Estado a las industrias deben ser recortados paulatinamente, y se admite la posibilidad de quebranto comercial.

"Tenemos industrias donde trabajar a pérdida se ha convertido en norma", dijo Gostev, quien mencionó a la construcción como el principal ejemplo de empresas deficitarias por malas administraciones. El funcionario estimó que dentro de un año, el 60 por ciento de la producción soviética estará regida por el nuevo sistema.

PERLA

Clarín 20/8/87

01.01

8707735

Preocupa a Unión Cívica Zonas Francas y el Acuerdo Comercial Uruguayo-Ruso

Preocupa a la Unión Cívica el acuerdo comercial signado por el gobierno uruguayo con la URSS, para permitir la presencia y operabilidad de 170 naves de dicho país en nuestro puerto para pescar en el Atlántico sur y también opinó dicho partido político que el tema de las zonas francas tal cual ingresó al Senado debe ser cuidadosamente revisado por el bien de nuestra economía.

Tales apreciaciones fueron divulgadas por el Presidente de la Junta Ejecutiva de la Unión Cívica, Humberto Ciganda, ante nuestro requerimiento.

Primero expuso la posición de la Unión Cívica ante el tema del acuerdo comercial uruguayo-ruso en estos términos: "hoy de noche —por ayer— nos reuniremos como es costumbre semanalmente pero esta vez con un señalamiento, ya que es necesario la consideración de algunos procedimientos que ha utilizado el gobierno como por ejemplo haber convenido un acuerdo comercial con la URSS. El mismo, sobre la utilización del puerto de Montevideo y de factores vitales de nuestra pesca, ya que autoriza por el mismo a 170 naves de la URSS que operarían en la zona, y estarían en condiciones de extraer y de capturar nuestra riqueza ictícola, que lamentablemente es el país el que no está aprovechándola como es debido, sino que pasa a ser en estos momentos un elemento de negocio sin la dirección y conducción propia de los intereses nacionales".

Preguntado precisamente sobre la opinión de la Unión Cívica al respecto, subrayó: "entendemos que aquí corren dos riesgos muy serios. En primer término la presencia de una flota tan extensa de naves que podrán circular con libertad en nuestras aguas jurisdiccionales, siempre es un tema de honda preocupación pero lo va a ser especialmente, porque tratándose de naves pesqueras es un peligro cuando todos sabemos que se han esquilado los mares del mundo por una pesca indiscriminada e insensata y las reservas que van quedando en el continente sur son ahora punto de atracción de las grandes potencias".

Indicó en tal sentido que: "nosotros que tenemos en la pesca un gran rubro de economía e incluso de acrecentar las fuentes de trabajo, no podemos entrar por esta vía a negociar aquello que es tan necesario, tan imprescindible, tan nuestro, que está mal explotado por el momento, pero que debe ser objeto de una revisión para que lejos de conceder estos regalos defendamos lo nuestro ante todo".

ZONAS FRANCAS: DISCONFORMIDAD

También dialogó con EL PAIS Humberto Ciganda acerca del proyecto de ley de zonas francas aprobado en la Cámara Baja y que ahora entra a consideración de la Cámara Alta del Parlamento. Al respecto señaló: "es otro tema puesto a consideración y que va a ser visto en la noche de hoy —por ayer— porque hemos recuperado una opción donde el proyecto a considerar en el Senado seguramente va a ser objeto de modificaciones".

Explicó sobre este punto que: "la fórmula que aprobó Diputados trae serios riesgos para nuestra economía y sería una especie de concesión territorial, no para crear fuentes de trabajo y bienes, sino que sería simplemente ceder de nuestro territorio nacional buenas zonas e importantes zonas para que operen otros con beneficios para otros países, porque los beneficios para nuestro país son muy pocos, por ejemplo en lo que se refiere a la utilización de mano de obra ocupacional, no calificada, y que en el propio artículo que la reglamente lo hace con limitaciones.

Finalmente consignó que es un tema que: "hay que revisar por el bien del país y por el bien de nuestra economía y hasta de nuestra soberanía", precisó.

El País 8/II/83

01.01

8707745

URSS

026

Por el Mo[illegible]o hay Fecha de Confirmación del Viaje que Realizará Sanguinetti a la URSS

No está definido si el Presidente de la Republica Julio María Sanguinetti viajará este año a la Unión Soviética. El Canciller de la República Enrique Iglesias dijo en las ultimas horas que se vienen realizando las consultas diplomáticas correspondientes a fin de determinar cuándo se producirá la gira por la Unión Soviética. Tampoco se ha concretado la venida a Uruguay del Secretario General del Partido Comunista de la URSS Mijail Gorbachov.

Iglesias comenzó refiriéndose a la frustrada reunión de los Presidentes de los ocho paises que integran Contadora y su Grupo de Apoyo: "no hay fecha fijada para la reunion, pero la iniciativa sigue estando en consulta por las distintas cancillerias. Sé que el tema ha sido debatido con motivo de la visita del Presidente argentino Raúl Alfonsín a México.

Con respecto a la venida de Gorbachov y el viaje de Sanguinetti a la URSS, Iglesias comentó que "la visita ha sido aceptada y va a tener lugar aunque se está consultando las fechas. No podría decir exactamente cuándo porque hay que ver la disponibilidad de tiempo del Presidente, la concertación de otras visitas.

El Secretario de Estado fue consultado sobre la posibilidad de que este año. Sanguinetti no realice más salidas al exterior a excepción del encuentro con los Presidentes de Brasil y Argentina.

"Todas las posibilidades están siendo examinadas por lo que no podría en este momento adelantar nada, confirmando sí que la visita a la URSS se hará pero no sabemos cuándo" agregó.

REUNION DE UNCTAD

Sobre su próxima concurrencia a la reunión de UNCTAD dijo Iglesias que va a concurrir teniendo además dos cometidos adicionales: "se plantearán los problemas de la deuda externa a partir de nuestra Secretaría Pro Tempore de Cartagena y también el informe del estado de las negociaciones multilaterales a lo largo del GATT y esperamos que sea una reunión productiva en ese sentido sobre todo porque es el máximo órgano de las Naciones Unidas donde se discuten estos temas y llevaremos los puntos de vista ya conocidos de nuestro país en esta materia.

"Antes de eso, haré una breve pasada por Venezuela invitado por el Canciller de ese país para una reunión de trabajo y poder intercambiar opiniones sobre algunos temas de actualidad".

Finalmente, se consultó a Iglesias sobre las críticas que se hacen al convenio pesquero con la URSS. "Como se sabe —dijo— el tema ha sido analizado por los organismos técnicos en esta materia existe un texto inicialado que está siendo ahora objeto de un estudio más amplio, estamos recogiendo opiniones que se han vertido sobre el mismo que nos son muy útiles y que están siendo debidamente analizadas, pero sería prematuro adelantar opinión sobre simples textos de trabajo" [illegible]

EL VERDADERO SIGNIFICADO DEL ACUERDO PESQUERO

26/8/87 DISCURSE

Desde que se conociera la existencia del Acuerdo de Pesca Uruguayo-Soviético, salieron a la luz pública diversas reacciones de medios políticos, jurídicos, sindicales y de la comunicación. Estos sectores presentaron diversas objeciones, ya sea de índole jurídica (como es el caso del Dr. Eduardo Jiménez de Aréchaga) o relativas a la soberanía nacional (como es el caso del senador Luis A. Lacalle), por citar a dos de las personalidades nacionales que se refirieron en términos críticos al mismo. Sin embargo entendemos oportuno incursionar a través de este análisis, en un enfoque que si bien contempla estos aspectos señalados —violaciones de normas jurídicas, afectación de la soberanía marítima, perjuicios económicos para el trabajador de pesca uruguayo, etc.— apunta a consideraciones de carácter estratégico y global, que finalmente son los que provoca la creciente presencia soviética en el Cono Sur y en nuestro país en particular.

UN ENFOQUE ESTRATEGICO

Como punto de partida debemos tener en cuenta el hecho de que los organismos estatales soviéticos y de otros países del llamado "campo socialista", son —antes que nada y sobre todo— instrumentos de una política que en el plano exterior apunta hacia una dominación global. Dentro de este contexto, el dominio de los mares y las rutas marítimas ha adquirido una preponderancia fundamental.

La creciente presencia soviético-cubana en la zona del Cono Sur y del Atlántico Sur se debe no sólo a consideraciones que tienen en cuenta los recursos naturales y humanos de estos países, sino también a su posición única con respecto a las rutas marítimas que unen —en el caso de Uruguay y Argentina— los océanos Atlántico y Pacífico.

En el Cono Sur, la URSS está tratando de "neutralizar" la posición "pro-occidental" de los países del área, "agrietando" las relaciones de los EE.UU. y creando, como contrapartida, paulatinas formas de dependencia política, diplomática, económica y aun militar con la URSS y sus Estados vasallos. Estos medios no se anteponen, sino que se complementan con la ayuda que la URSS y Cuba dan a los movimientos revolucionarios de la región.

Otro ángulo del problema —rompiendo con una óptica provincial— es el de recalcar nuestra inserción en el conjunto de la situación. Estamos inmersos en un conflicto global ideológico y con implicaciones en todos los campos, punto que reconociera con extrema lucidez el propio presidente de la República Dr. Julio M. Sanguinetti, durante una alocución que ofreciera en la Asociación Cristiana de Dirigentes de Empresa, el año pasado.

Este conflicto global se traslada y encuentra en el Pacífico su zona más importante hacia fines de este siglo. Diversas son las consideraciones que sostienen tal afirmación; pero solamente expondremos que si al incremento militar soviético en la zona (buscando debilitar la alianza EE.UU.-Japón-Corea) lo vinculamos con la presión que ejercen en otras zonas más vitales para los Estados Unidos en lo inmediato, como es el caso de Centroamérica, ello puede finalmente conducir a debilitar los flancos, o sea Asia y Europa.

La región del Cono Sur se muestra como una región del globo desconocida para la gran masa de la opinión pública norteamericana, más dispuesta a ser sensible con aquellos acontecimientos que parecen afectarle de cerca, pero poco conmovible —aun estando valores fundamentales en juego— por acontecimientos más lejanos. No diremos que esto por sí solo explica el fenómeno de la inoperancia de la diplomacia de EE.UU. en la región, puesto que sin duda los errores del pasado han creado un antecedente propicio para no encontrar muchas veces sino dificultades; pero sí la condicionan altamente. Esto, por supuesto, da mayor margen a los soviéticos dentro de una "guerra de maniobras" y "posiciones", enfoque rescatado actualmente por los comunistas que siguen al ideólogo marxista italiano Antonio Gramsci, enfoque que se convierte paulatinamente en una nueva justificación del totalitarismo.

Países como Argentina y Uruguay, debido a las características históricas, culturales y estructuras nacionales los hacen más "viables", comparados con los países de Centroamérica o de otros "eslabones débiles de la cadena de dominación imperialista", cuyas economías están destinadas —como en el caso de Cuba— a estar subvencionadas por la URSS a un costo altísimo que puede llegar a hacerse insoportable para el imperio soviético.

Otro punto a tener en cuenta es que desde que el actual líder M. Gorbachov asumiera la conducción del Partido Comunista de la Unión Soviética, fue ostensible una ofensiva diplomática acompasada con una similar cubana en la región, ofensiva para la que coadyuvó un transitorio "giro a la izquierda" que surgió luego de la retirada de los gobiernos militares de América Latina.

LAS IMPLICACIONES PARA LA SEGURIDAD DEL SISTEMA DEMOCRATICA

Dos aspectos son de gran relevancia:

1o.) el que los organismos oficiales soviéticos son siempre instrumentos de su política expansionista, y que ésta busca finalmente la absorción del mundo libre, al cual nuestro país pertenece por vocación y principios; y 2o.) que los distintos acuerdos diplomáticos, culturales, económicos, etc., no impiden el apoyo soviético a los movimientos revolucionarios, que a través de diversas formas de lucha desestabilizan las florecientes democracias de la región. El mundo libre tendría que haber aprendido que para los comunistas es moralmente válido no cumplir con los compromisos contraídos.

Como ha sido tradicional, todos los organismos soviéticos que intervienen en el tratado, como Sobryflot y Aeroflot, desarrollarán actividades de inteligencia militar y económica, que si bien quizás no afectan al Uruguay en lo inmediato, lo harán a través del hecho de que debilitan al mundo libre del cual formamos parte. Facilitará también, por intermedio de esos "espacios" cedidos, mejores bases de apoyo a los "movimientos revolucionarios" del Uruguay y la región, con lo que se da la paradoja de que mientras por un lado se habla de terminar con el "aparato represivo", por otro —simultáneamente— se apunta a incrementar las labores de inteligencia de una potencia imperialista. ¿Quién duda que dentro de una estrategia de dominación una cosa se relaciona con la otra?

Si analizamos los antecedentes vemos que no sólo en 1986 los pesqueros cubanos dejaron armas a los guerrilleros marxistas chilenos, sino que en 1970 buques soviéticos descargaron armas para el Partido Comunista del Uruguay en nuestras costas. Por otra parte Aeroflot es uno de los organismos oficiales soviéticos que tiene mayor índice de expulsiones de miembros en países del mundo libre, por actividades de espionaje. El traslado de agentes de la KGB antes de la invasión de agosto de 1968; el traslado de tropas de asalto en diciembre de 1979 a Kabul antes de la invasión a Afganistán; las actividades de espionaje de sus mandos en España e Italia, todo ha sido realizado por Aeroflot, la que gracias al Tratado comenzará a operar formalmente —ya lo hace de hecho— en territorio nacional.

En 1986, el vice-ministro de Relaciones Exteriores de la URSS Víctor Komplektov declara a la agencia Novosti:

"Es igualmente grande nuestro interés por los países latinoamericanos, sobre todo a la luz de los sustanciales cambios que en ellos se han operado en los últimos años. Al mismo tiempo no disimulamos nuestra solidaridad con las fuerzas que luchan por las transformaciones democráticas, ni nuestra identificación con todo cuanto favorece los intereses de los pueblos latinoamericanos".

Komplektov nos dice claramente lo que ya habíamos advertido, que no es sólo compatible sino que es una orientación oficial de la URSS: combinar los acuerdos diplomáticos con otras naciones, con el apoyo a las "fuerzas que luchan por las transformaciones..." en esos países.

Podemos ver, entonces, que la presencia soviético-cubana —lejos de disminuir— ha ido creciendo a ritmo sostenido en estos países. Un hito fundamental de la misma, sería la anunciada gira de Gorbachov por América Latina, donde la elección de los países por visitar señala por sí sola las preferencias y objetivos soviéticos actuales. Gorbachov visitaría Cuba y Nicaragua —lo que es obvio por la vinculación de éstos con el denominado "campo socialista"— y a Brasil, Argentina, Perú y Uruguay, lo que confirma nuestra hipótesis.

La presencia soviética en Argentina a través de acuerdos económicos, pesqueros, tecnológicos, etc., han condicionado —en particular a través del trigo— en gran forma a la economía argentina. En el caso de Perú, desde los tiempos del gobierno promarxista de Velazco Alvarado, la influencia se extendió a las Fuerzas Armadas, por lo cual cerca de tres mil oficiales peruanos pasaron por las escuelas militares soviéticas. En muchos sectores de la opinión pública especializada a nivel internacional, Perú se ha ido convirtiendo en una "cabeza de puente" de la avanzada soviética en la región.

Mientras en estos países se realizan acuerdos de todo tipo y se observa la presencia soviético-cubana en los medios de comunicación, que buscan como un objetivo primario la "asimilación por parte del cuerpo social" a la URSS como "país amigo" e "interlocutor válido", en otros, como en Chile, la presencia soviética y cubana se centra en el apoyo a los movimientos guerrilleros de esos países, utilizando al efecto buques que transitan en la zona en virtud de acuerdos pesqueros con países como Perú. El último cargamento de armas descubierto en Chile, más de 3.000 de un total de 10.000 fueron dejadas a las fuerzas del FMPR por barcos pesqueros cubanos.

En cuanto al proyectado convenio pesquero entre nuestro país y la URSS, traería a nuestro puerto un número de "pescadores" que puede llegar a miles semanalmente, los que además de implicaciones de seguridad obvias, crearía una zona de influencia social y económica soviética muy importante en Montevideo.

Si bien podemos admitir el derecho a mantener relaciones diplomáticas pacíficas con todos los países del mundo, no podemos dejar de rechazar el que justamente hagamos algo que finalmente afecte los principios sobre los cuales el Uruguay es un país de profunda tradición democrática y libertaria.

No podemos olvidar que las propias declaraciones de los líderes soviéticos nos muestran un especial interés en fortalecer su presencia en la zona. ¿Para qué? Nadie puede engañarse en sus propósitos. Por otra parte no partimos de versiones alarmistas, sino de expresiones vertidas en el diario "La Mañana" del 3 de febrero de 1987, en el cual se titulaba "GESTIONES DE LA URSS EN NUESTRO PAIS. CALIFICADAS COMO UNA VERDADERA OFENSIVA DE TIPO DIPLOMATICO".

La oportunidad coyuntural es también muy importante. Gorbachev necesita imperiosamente mejorar la imagen internacional de la URSS; y la firma de este tratado crearía el "clima" necesario para que la visita se desarrollara con apoyo popular.

Conjuntamente con esto vemos en muchas áreas la presencia soviético-cubana cada vez más creciente, en innumerables giras artísticas (ballet del Cáucaso, Orquesta Sinfónica, cantautores, etc.), viajes de políticos y delegaciones juveniles y de mujeres, actividades culturales, adjudicación de becas. Recientemente, a título de ejemplo, el ICUS (Instituto Cultural Uruguayo-Soviético) está ofreciendo becas por seis años para estudiar Ingeniería de Sistemas en la Universidad "Patricio Lamumba" de Moscú. Nada llamaría la atención, a no ser poque esta Universidad se ha caracterizado por ser un centro tradicional de reclutamiento de agentes de la KGB de diversas nacionalidades. Basta recordar, entre otros, al famoso terrorista Carlos Ilich Ramírez, alias "Carlos", de nacionalidad venezolana.

¿TRAE BENEFICIOS ECONOMICOS?

Recientemente el canciller Enrique Iglesias advirtió que Uruguay está consultando a países que han suscrito tratados similares para conocer sus experiencias. Este es realmente un punto importante, dado que el principal argumento de los propulsores uruguayos de este acuerdo, ha sido el beneficio económico para el país que el mismo produciría.

La experiencia en aquellos países que han suscrito tratados similares es totalmente deficitaria. Un caso típico es el de Perú: como es normal, los soviéticos no cumplen sus compromisos (pesca por encima de lo estipulado; descarga de la misma fuera de aguas territoriales; incumplimiento de las cláusulas sobre ayuda técnica y científica; depredación de las especies; etc.).

Por otra parte, el aumento de beneficios económicos para el país no necesariamente trae una afirmación de la independencia de éste. Argentina, por ejemplo, luego de llegar a altísimos niveles de intercambio —fruto de la venta de trigo— sufrió un fuerte bajón lo que fue interpretado como una forma de presión soviética para lograr nuevos acuerdos que aumentarían su presencia en ese país y en la región.

En otro sentido, en recientes declaraciones al periódico "Atlas" de Melo, del 14 de julio de 1987, el agregado de la Embajada de la URSS en nuestro país Vladimir Muzichenco, afirmó que estos trabajos (de pesca y aeronavegación) van a constituir una poderosa fuente de divisas para Uruguay, poniendo como ejemplo lo que dejaría cada vuelo de Aeroflot.

Esto es importante porque entre otras cosas —como hemos visto— el acuerdo tiene en su seno un "caballo de Troya" llamado Aeroflot, del cual poco se acuerdan. Llama la atención que esta empresa oficial soviética tuviera sus oficinas en nuestro país más de un año antes de que este acuerdo se concretara. ¿Sabrían algo que el común de los uruguayos no sabía?

UN TRATADO CONTRARIO AL PAIS Y AL MUNDO LIBRE

Los acuerdos suscritos no sólo no son beneficiosos para el país, sino que debilitan aún más las posiciones del mundo libre frente a un problema concreto que ya nadie puede ignorar luego de más de setenta años: el expansionismo soviético.

El momento es por demás sumamente inoportuno. Desde el punto de vista internacional, porque la URSS está centrando sus esfuerzos en una dirección muy clara (la de fortalecer su imagen en el Cono Sur y en América Latina en general); y desde el punto de vista nacional, porque la democracia uruguaya se encuentra presionada permanentemente por la actividad de grupos revolucionarios coligados dentro del Frente Amplio, que tienen el apoyo soviético y cubano.

Nadie podrá ser tan ingenuo de pensar que formalizando compromisos con los soviéticos, los movimientos revolucionarios uruguayos cejarán en su actual actitud que ellos mismos definen como de acentuamiento de los enfrentamientos. La debilidad frente a los soviéticos sólo será una señal para que ellos avancen aun más.

Por otra parte, el apoyo soviético y cubano a estos grupos no habrá de disminuir, sino que crecerá a través de dichos acuerdos, para consolidar aun más su presencia en la zona.

Podemos, pues, hablar de muchos inconvenientes. Pero al final debemos concluir en que la democracia no se afirma ni se profundiza en sus valores más vitales y profundos, adoptando resoluciones marcadas por las necesidades del momento. Muchas veces, para que finalmente esa democracia pueda prosperar en el futuro, es necesario sacrificar supuestos beneficios del presente, o sea no ceder a las tentaciones del momento. Cuando los gobernantes de nuestro país tengan que resolver —finalmente— sobre este acuerdo, deberán adoptar una resolución basada en saber cuál es el propósito de las partes. Y hay una cosa que está por demás clara: la intención soviética no es consolidar la democracia uruguaya, sino ganar espacios, para su estrategia expansionista.

02.02

URSS

El Dia — PERLA — 20/8/87

Moscú: buscan impedir actos

MOSCU. — El jefe del Partido Comunista para Moscú, Boris Eltsine, pidió que se ponga término a las manifestaciones callejeras organizadas en la capital por los "demagogos" y "extremistas", en una aparente alusión a la asociación nacionalista rusa Pamiat (Memoria) y a los impugnadores tártaros.

El sábado, en el curso de un pleno del Comité Municipal del PC —del cual el moskovskaia "Pravda" (Pravda de Moscú) dio cuenta hoy en seis páginas— Eltsine denunció "los grupos y asociaciones que, bajo la bandera de la perestroika (reorganización), juegan con las consignas del partido, especulan sobre los problemas reales o imaginarios y organizan manifestaciones de carácter provocador".

El 6 de mayo pasado, 400 miembros de Pamiat, una asociación abiertamente antisemita, habían manifestado delante de la Municipalidad de Moscú antes de lograr una entrevista con Eltsine.

Los impugnadores denunciaban en bloque a "los saboteadores de la perestroika, el alcoholismo, la crisis habitacional y el proyecto de construcción en la capital de un gigantesco monumento a la victoria de 1945". También pedían que se le reconociera a su movimiento un estatuto oficial.

"No debemos permitir que las calles y plazas de Moscú (...) se conviertan para algunos extremistas en lugares de reunión y exacerbación de la hostilidad entre las nacionalidades", agregó Eltsine, aludiendo —según los observadores— a la serie de manifestaciones organizadas en julio en Moscú por centenares de tártaros que reclaman el derecho a volver a vivir en Crimea de donde su pueblo fue deportado por Stalin en 1944.

Eltsine recalcó la "indignación" de los moscovitas delante de este tipo de manifestación. También aludió a numerosas cartas dirigidas por estos a las autoridades en las que se subraya —según Eltsine— que la "glasnot" (transparencia) no es sinónimo de anarquía y se solicita "que se ponga término a la acción de los charlatanes y demagogos".

URSS

Rehabilitan a científicos muertos en era staliniana

Pese a reformas no se registran progresos en la URSS.



MOSCU. — Quince científicos soviéticos asesinados por la represión staliniana fueron rehabilitados el 16 de julio con una sentencia de la Corte Suprema de la Unión Soviética. Se trata de la primera rehabilitación significativa de la época Gorbachov. Ya en los últimos meses se atacó la política científica stalinista, pero ésta es la primera señal concreta de un cambio de miras.

La noticia fue dada por el presidente de la academia de ciencias agrarias de la Unión Soviética, Alexandr Nikonov, en una entrevista publicada ayer por el semanario "Literaturnaja Gazeta".

"La Corte Suprema reconoció su inocencia —dijo Nikonov— la mayor parte de ellos pertenecía a la escuela organizativo— productiva, que era la vanguardia de la ciencia agraria mundial.

Entre los científicos rehabilitados, los más conocidos son A. Chajanov, teórico del cooperativismo e iniciador del movimiento cooperativo en la Unión Soviética (condenado luego por Stalin), N. Kondratjev, que ideó la teoría de los "ciclos" de desarrollo económico que lleva su nombre, A. Chelintsev, teórico de la distribución de la producción agrícola, N. Makarov, teórico de la gestión campesina, y L. Jurovskij, estudioso de los problemas relativos a la circulación del dinero.

Resistencia

Pese a que ya han transcurrido dos años desde que el líder del Kremlin, Mijail Gorbachov, introdujo una serie de propuestas para la reestructuración de la estancada economía soviética, virtualmente no se han registrado progresos a juicio de los observadores occidentales.

De acuerdo con el juicio del periodista soviético Fyodor Burlatsky, la oposición a los cambios ha tomado la forma de "una pared de inercia pública" en la URSS. Según su opinión, la resistencia a los cambios se manifiesta particularmente fuerte en dos grupos diferentes y bien definidos: los burócratas de nivel intermedio y bajo, y los obreros.

01.01

8707779

URSS

026

PURGA EN URSS - Moscú 14 (ANSA). — Viktor Grishin el partidario de Leonid Brezhnev, rival de Mijail Gorbachov en las elecciones del Secretariado General del PCUS en marzo de 1985, perdio el ultim[o] cargo que ocupaba: diputad[o] del soviet de la Union (una d[e] las dos camaras del Parlamen[to] sovietico).

■ URSS: SUPRIMEN 70.00[0] PUESTOS DE TRABAJO

Moscú, 14 (EFE). — La produc[c]ión industrial soviética au[mentó] en un 3,5 por cien[to] durante el primer semestre de[l] año, periodo en el que se su[primieron] 70.000 puestos de trabajo, reveló un responsable del organismo oficial de estadísticas de este país.

01.01

8707781

URSS

El País 31/7/87

D 2b

■ TARTAROS. Moscú, 30 (ANSA).— La televisión soviética mostró esta noche en su noticiero tres fotos bastantes desenfocadas que demostrarían que el primer secretario de la Embajada de EE.UU. En Moscú, Shaun Byrnes, se encontró con líderes tártaros que encabezan la protesta de esta minoría que exige volver a su región natal, de la que fueron expulsados durante la Segunda [illegible]

01.01

8707782

RUST SERA PROCESADO. Moscú, 28 (ANSA). — El germanofederal Mathias Rust, de 19 años, que el 28 de mayo pasado aterrizó con una avioneta en la Plaza Roja de Moscú, será procesado en el plazo de un mes y corre el riesgo, por las acusaciones que se le harán, de ser condenado a muchos años de reclusión, según dijo hoy el portavoz de la cancillería [illegible]



01.01

8707790

URSS

—QUE la Embajada de la URSS debería aclarar las dudas que sobre la personalidad del actual Embajador, ha expuesto un semanario de reciente aparición.

01.01

8707795

URSS

026

UN GRAN FRACASO

El "glassnot" y la "perestroika" de Gorbachov, ya famosas, no hacen otra cosa que testimoniar el rotundo fracaso de la teoría y la "praxis" marxista, a lo largo de 70 años de revolución bolchevique, que ha consumido en su decurso cuatro generaciones de rusos destinados a sufrir la experiencia.

Es el propio Gorbachov, quien dice que "la economía de la URSS fue lanzada en una situación de pre-crisis por la mala dirección ejercida en décadas anteriores". ¿Pero cómo? ¿No han venido hablando sempiternamente los comunistas criollos del gran desarrollo y adelanto de la vida soviética? Ahora, el propio Gorbachov los desmiente al declarar a la URSS en situación de "pre-crisis".

Pero además, las reformas recientemente aprobadas por el Soviet Supremo, consisten en otorgar a las empresas rusas, "autonomía administrativa" por un lado (lo que demuestra el total fracaso de las planificaciones oficiales), y por el otro, que su financiamiento dependa de su potencialidad de producción en relación al consumo. O sea, ¡la teoría occidental del libre mercado!

Para salvar a Rusia de la crisis en que la ha hundido el sistema marxista, Gorbachov empieza a apelar a las recetas más clásicas del capitalismo burgués occidental.

Por último habla de la necesidad de "democratizar el Partido", con lo cual queda claro el carácter totalitario y dictatorial del sector gobernante durante 70 años de la historia moderna de Rusia.

colon 27/7/87

01.01

8707804

MIJAIL RECLAMA ANTE EL SOVIET SUPREMO

El pequeño Nathan Danovich va a salir para su primera manifestación hoy y acaba de cumplir tres meses. Probablemente la haga dormido en brazos de su madre, en la escalinata de la Biblioteca "Lenin", frente a la oficina del Soviet Supremo.

Estará también su hermana Lilia, que tiene siete años. Y su padre probablemente habrá de sentarse en la escalinata porque está haciendo huelga de hambre en reclamo por su derecho a ir a Israel.

Su caso es bastante corriente. Solicitaron por primera vez la visa de salida en el verano de 1983. En el otoño de 1984 el Parlamento israelí confirmó que se había concedido la ciudadanía israelí a la familia Danovich y luego la familia comenzó el largo proceso de solicitar la salida de la URSS y la renuncia a la ciudadanía soviética.

A falta de respuesta del Departamento de Inmigración, dirigieron llamados al Ministerio del Interior, al Procurador General, a Mijail Gorbachov y a los principales diarios. La única respuesta que recibieron indicó que su solicitud había sido trasladada a la oficina respectiva que seguía insistiendo en que no se había tomado decisión alguna en su caso.

El veterano combatiente por los Derechos Humanos, Andrei Sajarov, causó un alboroto cuando puso en guardia a Jacques Chirac justo antes de que el Primer Ministro francés fuera al Kremlin para negociar con Gorbachov. Las liberaciones de prisioneros de conciencia se detuvieron, dijo Sajarov. El sabía de unos cien liberados, lo que significa que todavía hay unos mil encerrados.

Un cínico diría que Gorbachov ya logró sus grandes titulares en la prensa del mundo liberando al Dr. Sajarov del exilio, liberando a un centenar de personas que de todos modos nunca debieron haber ido presas y haciendo promesas respecto a una mayor emigración judía.

Pero no necesariamente los cínicos deben tener razón. Las visas de emigración para judíos soviéticos han alcanzado los mayores números desde la década del setenta. Y un miembro suplente del Politburó, el ex-ministro de Cultura, Piotr Demishev, ahora encabeza una comisión especial del Soviet Supremo que tiene a su cargo la revisión de los casos de rechazos a ex-prisioneros y solicitantes de visas. Esa comisión incluso tiene poderes para anular decisiones del Ministerio del Interior respecto a distintos casos individuales.

Y hay contrapresiones. Los sirios y otros amigos árabes de la URSS pusieron bien en claro que una nueva emigración masiva de judíos soviéticos a Israel, no será bien recibida por el mundo árabe. Consejeros de política exterior señalaron que ante la posibilidad real de celebración de una conferencia internacional con auspicios soviéticos sobre el Medio Oriente y perspectivas cercanas de reanudación de relaciones diplomáticas con Israel, no existe ningún apuro en hacer gestos relativos al judaísmo soviético.

Sigue en pie la "Realpolitik" en materia de derechos humanos, con la URSS avalando la estrategia occidental de vincular las concesiones en materia de derechos humanos con acuerdos en materia de control de armas y convenios comerciales.

En el interin, yo estoy sentado en un pequeño departamento con la familia Danovich, esperando que un hombre asume grandes riesgos con su familia, disponiéndose a hacer una demostración con un bebé de tres meses en un estado policial.

Se puede oler el miedo en un hombre y se puede oler su resolución. Ambos sentimientos pueden percibirse en este hombre de rostro tranquilo, que se mesa la barba cuando me cuenta cómo aprendió por sus propios medios el idioma hebreo, que es el idioma en el cual quiere que crezcan sus hijos...

El Sr. y la Sra. Danovich, el bebé Nathan y Lilia, de 7 años se instalaron en la escalinata de la Biblioteca Lenin y se colocaron grandes inscripciones en el pecho que decían: "Permitan a nuestra familia ir a Israel". Grupos de policía uniformada y hombres del Servicio de Seguridad, vestidos de civil, algunos con cámaras de video, se encontraban cerca. Luego un oficial de la milicia saludó a los manifestantes: "Perdóneme, Señor. Le tengo que pedir que salga de aquí. Hoy es un día de trabajo. Hay muchos choferes que pasan y Ud. los distrae. Por favor ¿no quisiera entrar en el edificio del Soviet Supremo?" preguntó.

"Estamos ejerciendo nuestros derechos legales a hacer una manifestación y vamos a quedarnos" contestó el Sr. Danovich.

"Sería conveniente que Ud. se fuera. No queremos ninguna clase de disturbios" prosiguió el policía, siempre en tono cortés.

– ¿Es esto una orden? preguntó Danovich, con idéntica cortesía. "No. Ciudadano. Es un pedido personal. No voy a interferir con sus derechos" dijo el policía, saludó y se fue.

Esta conversación casi surrealista fue seguida por un anuncio de la familia Danovich de que manifestarían frente al edificio principal del Soviet Supremo todas las mañanas por una semana. Un diario vespertino de Moscú criticó a la familia diciendo que su pretensión de ser ciudadanos israelíes era falsa, al menos hasta que hayan llegado a Tel Aviv.

"Como piensan hacer demostraciones todos los días, cabe desearles buen tiempo" comentó "Vechernaya Moskva", sin mencionar el lugar de la manifestación.

La mayor parte de los transeúntes prestaron poca atención a la familia, pero dos hombres se detuvieron, leyeron la petición y la firmaron en señal de apoyo. Dos mujeres de mediana edad les gritaron: "Deberían avergonzarse, trayendo bebés a una cosa como ésta. Ud. es una arpía, no una madre".

MARTIN WALKER
(Traducido de "The Guardian")

El País 2/7/87

PERCA

URSS 024

H.R

01.01

8707808

URSS

026

El País 1-7-87

Aprueban Leyes Para Revertir Declinante Situación en Rusia

Profunda Reestructura Económica en la URSS

MOSCU, (Nota sobre Fuentes AP, ANSA y EFE).— El Soviet Supremo aprobó hoy tres leyes destinadas a revertir la tendencia declinante de la economía y establecer bases legales para la campaña de democratización del líder soviético Mijail Gorbachov.

Los 1.500 diputados del Parlamento simbólico de la nación formalizaron *la aprobación de las leyes*, formuladas y respaldadas por el Partido Comunista.

Una de ellas es base del plan de reforma econónmica que *restructurará radicalmente* el sistema nacional de Administración, dando más facultades y responsabilidad a los gerentes locales y reduciendo *la influencia* de los burócratas de Moscú. La medida forzará a fábricas y otras empresas soviéticas a ser económicamente autosuficientes, y *les permitirá fijar* algunos precios y planes de producción según los lineamientos emitidos por Moscú.

Las otras leyes, *aprobadas* en el último día de los dos de la sesión estival del Soviet Supremo, reglamentan cláusulas de la Constitución soviética de 1977 que prevé un debate nacional de las decisiones importantes del gobierno y la reparación por la justicia de los abusos del poder oficial.

Todas las leyes están vinculadas con la campaña emprendida por Gorbachov, secretario general del Partido Comunista, *para aumentar* la eficiencia y disciplina laboral, y ampliar la participación de los ciudadanos en las decisiones y la contabilidad oficial.

El *presidente* soviético Andrei Gromyko, al hablar a los diputados reunidos en el gran palacio del Kremlin, destacó la necesidad de una *rápida puesta* en práctica de las reformas. "El partido y el pueblo están ahora en una carrera contra el tiempo", dijo el Jefe de Estado de 77 años. "Todo el mundo aguarda el resultado de esta carrera".

La Ley de empresas del Estado es la primera de las 12 medidas de reforma económica que deben ser aprobadas este año por los dirigentes del *Estado* y el Partido. Según un calendaro establecido la semana pasada en una sesión plenaria del Comité Central del Partido, las nuevas técnicas de administración deberán estar funcionando en toda la nación para 1990.

El proyecto de reforma representa un claro apartamento del *modelo* económico soviético seguido desde la época de José Stalin, según el cual los ministros de la nación dirigen por decreto las fábricas, granjas y tiendas de la nación.

La ley sobre debate ciudadano nacional establece la base legal para poner en práctica una cláusula constitucional que dice que "las principales cuestiones de Estado serán sometidas a un debate nacional".

Gromyko dijo que en el pasado hubo discusiones públicas de importantes cuestiones, incluso la constitución de 1977, pero a menudo habían sido "excesivamente organizadas". No dijo de qué manera la nueva ley modificaría eso.

Pero Gromyko estableció un contraste entre el proceso de decisión soviético, que incluye la discusión de proyectos de leyes en asambleas de obreros y otras reuniones, con la práctica de las "democracias burguesas" diciendo que "no hay un solo *país* en el *mundo* occidental en que se haya mantenido un genuino debate nacional".

La tercera ley aprobada *da* a los ciudadanos una vía de apelación ante los tribunales si creen que los funcionarios han violado sus derechos. También da *fuerza legal a una* disposición de la Constitución.

El secretario del Partido Georgy Razumovsky dijo que la nueva Ley requería que los Tribunales dictaminarían en un plazo de 10 días si los derechos de un ciudadano fueron violados por una acción oficial. Sin embargo, según su exposición, la Ley parece contener numerosas trabas.

Explicó que "por razones de seguridad, no se *aplica a cuestiones de capacidad defensiva ni seguridad del Estado*". En los casos en que se compruebe que la reclamación es infundida, el demandante puede *ser pasible* de costas judiciales y encausado por calumnias, dijo.

Gorbachov y otros miembros de la jerarquí[a] gobernante asistieron a la sesión de dos *días pero* [el] Jefe del Partido Comunista no pronunció discurso.

No asistió Geidar Aliev, de 64 años, uno de los 1[4] miembros del *Politburó gobernante*, lo que dio má[s] fuerza a las especulaciones de que estaba gravemen[te] enfermo. Aliev no fue visto en público desde el 1[?] de mayo.

Notables cambios se introducirán en la orientación económica soviética, tanto en lo que se refiere a las relaciones internas como a *las exteriores*.

Entre otras cosas la Ley prevé la autofinanciación de las empresas y libera a las industrias de una *rígida planficación central*.

Los mil quinientos miembros del Soviet Supremo aprobaron por unanimidad la nueva Ley que entrará en vigencia a partir del primero de enero de 1988.

La Ley sobre empresas estatales fue aprobada en la segunda y última jornada de la reunión conjunta del Soviet de la Unión y el Soviet de las nacionalidades, y permite distinguir mejor cuál será el "nuevo aspecto" que el secretario general del PCUS quiere imprimir a la economía soviética.

01.01

8707809.

02p

En el Parque más Grande de Moscú los Tártaros Protestan al Mundo

MOSCU, 28 (ANSA). — Los tártaros de Crimea reanudaron hoy sus protestas en el Parque de Ismailov, el más grande de Moscú, para obtener de las autoridades del Kremlin el compromiso de poder retornar a sus tierras de origen a orillas del Mar Negro, de donde fueron expulsados en 1944 por un decreto del Comité de Defensa del Estado presidido por José Stalin y bajo la acusación de haber colaborado con los nazis.

Rechazando las invitaciones a la calma hechas por el Jefe de Estado soviético, los tártaros de Crimea decidieron dirigirse a las naciones de todo el mundo para que se les garanticen los derechos sancionados por la Constitución soviética.

Al Parque Ismailov continuaban afluyendo hoy tártaros procedentes de todas las Repúblicas soviéticas. Los manifestantes eran más de 600 esta tarde. El SIT-IN organizado en el parque moscovita más grande fue decidido después que ayer, durante la reunión entre una delegación tártara de Crimea y el Presidente del Presidium del Soviet Supremo de la URSS, Andrei Gromyko, se consideró "insatisfactoria" la decisión de crear una Comisión Estatal para la solución de los problemas de la nación tártara de Crimea.

El "SIT-IN" se reanudó esta mañana al alba, después que ayer, en una conferencia de prensa mantenida después del encuentro de dos horas y 20 minutos con Gromyko, fue anunciada la [illegible] de no adherirse a la invitación de las autoridades de "regresar a casa", porque "no les había sido dada ninguna explicación sobre el trabajo de la Comisión Estatal —presidida por Gromyko y compuesta por 9 miembros, entre los cuales se encuentra Aleksander Yakovliev, Viktor Cebricov y Vitali Vorontsov— y no fue llamado a formar parte de la Comisión ningún representante de la nación de los tártaros de Crimea".

El Parque de Ismailov, famoso en Moscú por las "manifestaciones alternativas", está lleno esta mañana de policías, que hasta ahora no han intervenido. Por otra parte el "SIT-IN" fue organizado a la espera de las delegaciones de las Repúblicas donde los tártaros de Crimea son más numerosos.

Después de las manifestaciones de la semana pasada, culminadas con una marcha que fue bloqueada por la policía en los alrededores de la Plaza Roja y con un "SIT-IN" de 27 horas junto a la Catedral de San Basilio, los tártaros del Volga, sin tomar precauciones, preanunciaron otras manifestaciones espectaculares y llamamientos a todas las naciones hasta que puedan "encontrarse con Gorbachov y tengan seguridades sobre la voluntad de poner fin al exilio forzado y de recrear una República autónoma, como había deseado el propio Lenin".

Rishat Dzhemilyov, uno de los líderes de la protesta, y Sadrie Seytova, convertida en portavoz de los tártaros de Crimea, declararon hoy a "ANSA" que "no se excluye que se decida realizar en los próximos días una huelga de hambre en masa".

Gromyko dijo a la delegación que la Comisión "necesita de un cierto período de tiempo" para resolver sus problemas, mientras la "TASS" criticó severamente "las acciones extremas con que se desea presionar sobre los organismos gubernativos".

Los tártaros de Crimea, invocando en sus slogans el nombre de "Gorbachov" y proclamando el compromiso de llevar adelante el proceso de democratización, y la "perestroika", afirmando que ya "pasaron 31 años de cuando Kruschev denunció el culto de la personalidad de Stalin", pero "aún no se les hizo justicia".

COSMONAUTA SIRIO A GUSTO

En otro orden de cosas el teniente coronel Mohamed Faris, el cosmonauta sirio a bordo de la estación espacial en órbita Mir está disfrutando tanto que le gustaría permanecer en órbita "por lo menos otro mes", informó hoy la agencia noticiosa TASS.

La agencia soviética dijo que Faris manifestó a periodistas en tierra que "es una tarea muy difícil trabajar en el espacio. Toma tiempo acostumbrarse a las condiciones extremas de la ingravidez. Pero ahora me siento tranquilo y confiado... como un pájaro volando en el cielo".

Faris es uno de tres tripulantes lanzados la semana pasada para unirse a dos cosmonautas soviéticos [illegible]

01.01

8707816

Los Soviéticos Divididos Ante la Perestroika de M. Gorbachov



MOSCU. 27 (EFE). — Tras algo más de dos años de aplicación de algunas de las medidas reformistas de Mijail Gorbachov. los jóvenes y los ancianos soviéticos apoyan la "perestroika" (reforma) pero el amplio sector formado por los ciudadanos de edad media se muestra pasivo y escéptico. Esta es la conclusión que se extrae de una encuesta publicada por el diario "Rusia Soviética" acerca de la opinión de la población sobe la ley del trabajo individual, la reforma legal de mayor alcance social aprobada hasta ahora por la nueva dirección de la URSS.

A los tres meses de la entrada en vigor de esta ley. que por vez primera en la historia del Estado soviético permite el trabajo por cuenta propia, la opinión pública del país aparece dividida entre partidarios entusiastas y escépticos reticentes.

La encuesta de "Rusia Soviética" presenta unos resultados sorprendentes, ya que son precisamente los menores de 45 años y los mayores de 75 años los que más apoyan la posibilidad de trabajar por cuenta propia.

En cambio, el amplio sector de la población que tiene entre 45 y 75 años no ocultó su recelo ante este revolucionario cambio de los hábitos sociales, aunque sin explicar las razones de su actitud.

Esta encuesta, la primera que se realiza en la URSS sobre la reacción que los ciudadanos han tenido ante aspectos de la "perestroika" (reforma), asegura que el 87.2 por ciento de los entrevistados de menos de 45 años está a favor del trabajo individual y de las cooperativas.

El colectivo de personas que tienen entre 45 y 60 años opuso serias reticencias a manifestar su opinión, aunque un 11.4 por ciento se pronunció en contra de la ley, el diez por ciento a favor y un 78.6 se abstuvo de contestar a la encuesta.

Los soviéticos de 60 a 75 años son mayoritariamente contrarios a la reforma laboral, ya que un 81.1 por ciento de los mismos no está de acuerdo con la ley, un 11.1 por ciento se abstuvo de comentarla y sólo el 7.8 por ciento se mostró a favor. Sin embargo, al pasar la barrera de los 75 años se advierte como la tendencia se invierte, ya que el 69.1 por ciento de los ancianos soviéticos ve con buenos ojos los cambios, frente a un 8.2 que se manifestó en contra y un 22.7 por ciento que no expresó su opinión.

La prensa de la URSS denuncia estos días las dificultades materiales y burocráticas a las que se tienen que enfrentar los ciudadanos que deciden practicar el trabajo por cuenta propia o en cooperativas, tal y como está establecido en la nueva ley.

La encuesta refleja en general la existencia, ya conocida, de una fuerte tendencia conservadora en el sector de la población que copa actualmente la mayoría de los puestos de mando y de decisión en la sociedad soviética.

La generación que vivió en su infancia o juventud la Segunda Guerra Mundial o nació inmediatamente después del final de la misma, se caracteriza en sus comportamientos por una inclinación al escepticismo y tiende a adoptar actitudes acomodaticias.

Paradójicamente, el líder soviético, Mijail Gorbachov, de 55 años, pertenece a esa generación, a la cual intenta movilizar para llevar a cabo los proyectos de modernización social, política y económica de la URSS.

01.01

8707820

A 15 MESES DE LA CATASTROFE

Han transcurrido casi quince meses del accidente en la central de Chernobil. Y aunque la opinión pública se ha acostumbrado a la idea, el episodio reviste una importancia tal que escapa claramente a su análisis temporal y pasajero. Chernobil ha desviado el rumbo de la historia. Y decimos esto a la luz de los acontecimientos. Lentamente se va tomando conciencia que el destino de la humanidad depende en forma directa de nuestras decisiones.

Lo que pareció ser un accidente más de tecnologías de avanzada —normalmente inadvertidos e incomprensibles para el hombre común—, desencadenó la más rápida y eficaz reacción popular contra el manejo de la energía nuclear. De repente los no nucleares pasan a ser escuchados y muchos de los planes de futuro para las sociedades más avanzadas han quedado varados en las arenas del temor a éstas fuerzas letales e incontrolables.

Hemos pagado un precio altísimo: más de 20.000 vidas para el año 2050, distintos grados de contaminación radioactiva en todo el planeta provocados por la nube que aún lo recorre, la inutilización de enormes cantidades de alimentos en un mundo con millones de hambrientos y desnutridos.

Y todo provocado por errores cometidos en tan solo una central nuclear de las 37[illegible] que funcionan en el mundo.

Es muy probable que la desesperación provocada por la búsqueda "contra reloj" de energías de alternativa, haya incidido en los altos riesgos asumidos por el hombre cuando emprendió el reto nuclear. Europa y la URSS poseen en la actualidad 92 centrales más en contrucción y 60 proyectadas. ¿Está el hombre preparado para ello?

Lo concreto en todo ésto, es que se trata de un fuerte llamado de atención al Homo Sapiens ante su desenfrenado transitar por el planeta, olvidando muchas veces su indisoluble pertenencia al medio ambiente, tal vez a causa de una exagerada valoración de sí mismo.

El País — URSS 23/7/87

01.01

8707824

Montevideo, Jueves 23 de Julio de 1987

CONFUSO ITINERARIO

EN la primera quincena del mes de abril, los diversos medios de prensa informaron de la firma de un convenio entre el gobierno uruguayo y el de la URSS "sobre colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas". A juzgar por la presencia del viceministro de la Industria Pesquera soviética, por la amplia publicidad que se diera entonces a la firma del tratado, por las notas gráficas que documentaban el momento en que el Ministro Sanguinetti y el vice ministro Nicolás Kudriastev, procedían a suscribirlo, se trataba de un acuerdo que había llegado a su plena culminación.

Claro que siempre quedaría por recorrer, para su vigencia efectiva, la instancia de la aprobación parlamentaria de acuerdo con lo dispuesto por el artículo 85 en su inciso 7º, al establecer que "corresponde al P. Legislativo aprobar o reprobar por mayoría absoluta de votos del total de componentes de cada Cámara, los tratados de paz, alianza, comercio y las convenciones o contratos de cualquier naturaleza que celebre el Poder Ejecutivo".

ES de creer que la falta de referencia alguna que se hiciera de este último aspecto, en la difusión del acontecimiento, era por el carácter obvio que presentaba, y no por la idea que este tipo de acuerdo podía entrar en vigencia sin la aprobación del Parlamento. De todas maneras, todo hacía suponer, por las características que hemos reseñado, que se trataba del fin de un largo proceso de negociaciones, donde los representantes de las partes habían discutido prolijamente cada una de las cláusulas del convenio, donde se habían recogido asesoramientos imprescindibles, donde, en fin, llegaba a su terminación mediante un acuerdo definitivo, el largo y complejo debate que lo debió preceder. Aunque habían trascendido algunas de las disposiciones que en él se contenían, el texto íntegro del convenio no era entonces conocido.

NO obstante, ante una opinión pública todavía desprevenida se alzaron las primeras voces donde la advertencia y la protesta se hacían particularmente enérgicas. Una de ellas provenía del Sindicato Unico de Patrones de Pesca del Uruguay, que las expresaba en los siguientes términos: "Rechazar con la máxima energía cualquier intento de penetración, sea por la potencia que sea, en nuestras aguas comunes, por la vía de convenios internacionales o de asociaciones con empresas nacionales que realicen capturas en buques de terceras banderas; promover a nivel nacional una intensa campaña de agitación sobre este problema, que de no resolverse con conciencia nacional puede conllevar a la destrucción de la industria de las capturas; exigir el conocimiento público del acta de preacuerdo entre la URSS y Uruguay; facultar a la Comisión Directiva, para que vigilante en la aplicación de estas resoluciones, ni bien tome conocimiento de cualquier intento de entrega directa o indirecta de nuestro potencial marítimo, en forma inmediata llame de regreso a toda la flota, para iniciar una lucha irrenunciable e irreversible por la supervivencia de la industria".

Algunos órganos de prensa, entre otros EL PAÍS, se sumaron a esa alerta y señalaron graves cuestionamientos a muchos aspectos que habían trascendido de aquel convenio, sin que nadie los rebatiera o los clarificara, como sí, en definitiva, aquel proyecto de convenio fuese una criatura sin paternidad, que apareciera de pronto por generación espontánea, con todos sus trazos bien completos.

NO sólo no eran aclaradas, ni mucho menos contestadas esas críticas, por importantes que fueren, referidas a los aspectos que hacían al contenido del proyecto, sino que tampoco aparecía quien nos dijera, cuál era la etapa real de su elaboración, pues todo hacía pensar que se había llegado a la que era final de una negociación que debió haber sido naturalmente compleja, y que se estaba por lo tanto ante un proyecto definitivo. Casi tres meses después de la publicitada firma del acuerdo, el Dr. Eduardo Jiménez de Aréchaga, dictaba una conferencia en la Facultad de Derecho bajo el título "El Derecho del Mar y el acuerdo de Pesca Uruguay-URSS".

La jerarquía del conferenciante, su notoria versación, reconocida mundialmente, la claridad de su exposición, la contundencia de su análisis, pusieron de manifiesto que algunas de sus disposiciones contrariaban gravemente los intereses nacionales, retaceaban sus derechos soberanos, violaban normas legales, y dejaban de lado una política tradicional que compartía nuestro país con los demás países latinoamericanos, entre otros. Las conclusiones que publicamos, de su conferencia, resumían esos cuestionamientos que eran de inusitada seriedad. Si bien tampoco entonces se alzó voz alguna para esbozar una defensa de los términos del acuerdo, fue quedando en claro, desde entonces, que no se trataba de ningún convenio terminado, sino de un esbozo, o algo así, que debía ser estudiado, o reestudiado, por el Ministerio de Relaciones Exteriores.

HASTA ahí este extraño y confuso itinerario. Desde que el viceministro de la Industria Pesquera soviético y el Ministro de Obras Públicas estampan su firma, en un acto que convoca a los diversos medios de prensa, con profusión de notas gráficas, hasta el final de ahora donde todo aquello era un mero anteproyecto de anteproyecto, media bastante distancia, que para recorrerla no ha sido ajena, seguramente, la oleada creciente de críticas que se levantaron, en medio del tenaz silencio de quienes fueron sus gestores, que siguen aún por conocerse.

De todas maneras, no estará demás volver sobre el contenido de lo que en largos momentos pareció un proyecto muy concreto y terminado, para insistir en algunos de sus aspectos, que aunque fueron abordados repetidamente desde esta página, son de suficiente gravedad, como para reiterar su señalamiento, no sea cosa que persista la idea que llevó a esbozarlos.

01.01

8707825

024

Las noticias de Moscú EL DIA 21/8/87 PERIA - URSS

Ni tan poco, ni tanto



Que algo pasa en la URSS es difícilmente discutible. Ignorarlo sería caer en un defecto irreparable en lo político: el irrealismo. Que ese "algo" todavía no está definido en lo esencial —en lo práctico y concreto, por lo tanto— tampoco merecería mayor discusión.

Pero las discusiones igualmente se producen, porque algunos dicen un "no" radical y tajante, legítimamente escaldados por la experiencia previa que transforman en prejuicio y otros algunos dicen el tradicional y burocrático "sí" que forma parte de su profesión, más allá de lo que la realidad y la experiencia previa deberían indicar.

Es obvio que un mínimo de sensatez y una fuerte convicción democrática permiten no ser llevados a los ponchazos de *glasnoost* y *perestroika*. También lo es que quienes —fieles, constantes, servidores— agitan por éstas y otras tierras los ponchos en cuestión están en la de siempre, puntuales correas de transmisión de leninismo, stalinismo, breznevismo, andropovismo o lo que sea.

Además están los noveleros, o sea los que practican, en la presunta "izquierda" (las comillas valen) el prejuicio del desprejuicio. Son conocidos, pero muchas veces y lamentablemente son olvidados. Son los integrantes de esa raza intelectual frívola que se fascinó con Mao —por ejemplo— y su Revolución Cultural, sin averiguar nunca bien de qué se trataba... Aunque después se supo. Los que se maravillaron de la experiencia nueva y pura de los khmers rojos de Pol Pot, sin quedarse en el detalle que sólo Hitler y Stalin podrían discutirle el liderazgo del más grande genocida del siglo: los que se escandalizaban del fascismo del cha (y hacían bien) y paralelamente aplaudían el renacimiento de supuestas identidades culturales islámicas con el ayatollah y su energuménica ferocidad (y hacían mal).

Frente a Gorbachov hay —por lo tanto— que simplificar las cosas y llevarlas al único terreno válido, el de la razón. Ese que, como ningún otro, puede medir con exactitud lo que va del dicho al hecho, ese que desnuda las falsedades de los mitos como las simplificaciones de la obsecación. Ese que, en definitiva, dice las cosas por su nombre exacto y en su realidad precisa, más allá de ritos y eslóganes.

A esperar pues, con el máximo de atención, lo que Gorbachov haga, para comenzar entonces la época de balanzas y teniendo siempre presente la lección de lucidez que da la historia. Recordar así, por ejemplo, que Lenin —después de la Revolución del 17— afirmó solemne, una de las grandes mentiras que han podido oírse: "A partir de ahora, vosotros, soviets, sois los órganos del poder del Estado, investidos con autoridad de decisión completa". Recordar también que Stalin, padre de los pueblos, gran timonel, fue presentado en su asunción como el moderado que la URSS necesitaba y como el supremo *legislador* de la constitución más democrática que la humanidad había conocido.

Actuar de otra manera es, simplemente, renunciar con tozudez o resignación a la inteligencia y renunciar a la inteligencia es, en la historia como en tantos otros terrenos, renunciar a la sobrevivencia.

01.01

HR

076

EL DIA 14/8/87

PERLA

Ministro de Defensa de la URSS proyecta honda reorganización en FF.AA.

MOSCU. — El nuevo ministro soviético de Defensa, Dmitri Yasov, proyecta una amplia reorganización de las Fuerzas Armadas de la URSS.

A la prensa afirmó que el estancamiento y los errores del pasado únicamente son superables mediante la franqueza, la democratización de la vida militar y la modificación de los métodos de trabajo, difunde ayer el periódico militar soviético "Krasnaia Sviesda".

Yasov advirtió que la URSS tiene que estar en todo momento dispuesta á defenderse y que la índole defensiva de la teoría militar soviética no significa, en modo alguno, una restricción de la capacidad combativa de las Fuerzas Armadas de la URSS.

Dmitri Yasov sucedió en el Ministerio a Sergei Sojolov, cuyo cese sería una de las presuntas consecuencias del aterrizaje inautorizado en el centro de Moscú de un avión deportivo piloteado por el alemán occidental, Mathias Rust.

Proceso a Rust

En esta capital se informó que el alemán occidental Mathias Rust, que piloteando un avión deportivo aterrizó inautorizadamente en mayo en el centro de Moscú, será procesado previsiblemente en Moscú desde el 2 de setiembre.

La probable fecha fue difundida ayer por la agencia noticiosa soviética "Novosti", basándose en informaciones del juzgado supremo de la URSS, ante cuyo tribunal penal comparecerá.

El proceso, público, duraría entre tres y cinco días.

El encausado es acusado de violación de las fronteras soviéticas, de violación de las prescripciones internacionales de vuelo y de alboroto.

Según destaca "Novosti", con su vuelo infringió las leyes de dos repúblicas soviéticas, Estonia y Rusia Federativa, y por ello es el juzgado supremo competente para su caso.

Mathias Rust (19 años), de Hamburgo, que se encuentra desde el 28 de mayo en la prisión de Lefortovo, del servicio secreto (KGB), fue visitado el martes por un funcionario de la Embajada de Alemania oeste en Moscú, al que —comunicó la Embajada— dio una impresión saludable.

Aumenta radiactividad

Desde Bonn, se informó que un ligerísimo aumento de la radiactividad medido últimamente por un instituto científico de Brunswick (RFA) se debe con toda probabilidad a una nueva prueba nuclear subterránea soviética, según fuentes del gobierno de RFA.

Un portavoz del Ministerio Federal del Medio Ambiente explicó que en la tarde del 11 de agosto el instituto registró una radiactividad en la atmósfera de 16 microbecquerelios de yodo por metro cúbico.

ECONOMIA 18/8/87 - El Día

Economistas de la URSS con posiciones opuestas

Aumentos de precios motivan las divergencias

MOSCU. — No decrecen los problemas para la política de reformas en la economía (perestroika), emprendida por el líder del Kremlin Mijail Gorbachov.

Efectivamente, algunos economistas soviéticos se manifestaron en contra del aumento de precios de bienes de primera necesidad escribiendo al semanario "Literaturnaya Gazeta", el cual publicó esas cartas.

Según la opinión de los economistas, el aumento de precios de estos productos provocará que muchos ciudadanos "vuelvan las espaldas a la perestroika (reestructuración de la economía)", además de los muchos que vienen ya oponiendo obstáculos a las reformas emprendidas por Gorbachov. En particular, entre estos últimos, los burócratas de nivel intermedio, quienes no quieren perder sus privilegios y poder.

Un artículo en favor del aumento de los precios fue en cambio publicado por el economista Shmeljov, en mayo pasado, en la revista "Novyj Mir" (Nuevo Mundo), provocando cierta conmoción. Poco después el economista Abel Aganbeghian, considerado un estrecho colaborador de Gorbachov, habló de la necesidad de reformar el sistema de precios.

Estas propuestas en parte fueron recogidas en las conclusiones del Pleno del Comité Central del PCUS, que se celebró en junio pasado.

Ahora, empero, parece que el grupo favorable a un mercado más libre, para sacar de su estancamiento a la centralizada economía soviética, está sufriendo los embates de los opositores a la reforma de precios.

En la URSS los precios de los productos de primera necesidad son determinados por motivaciones políticas y no aumentan desde hace décadas (pan, pastas, harina, azúcar, sal y papas desde 1955, lácteos y carne desde 1962). Pero resulta que estos productos son vendidos a precios inferiores al del costo, lo cual comporta muchas veces la total falta de algunos de ellos en el mercado (por ejemplo, la carne). Solo para mantener fijo el precio de carne y lácteos, el Estado gasta anualmente más de 25 mil millones de rublos (al cambio oficial un rublo es igual a un dólar).

Las versiones sobre un próximo aumento de precios provocaron un preocupante debate. "En caso de aumento de precios de los artículos de primera necesidad, la gente puede volver las espaldas a la perestroika", escribió la economista Alexandrova a la "Literaturnaya Gazeta".

Según la economista soviética, en caso de aumento de precios para los artículos alimentarios, se eliminaría el déficit de la producción, pero solo a costo de "la forzada renuncia a tales productos de una gran parte de consumidores". Las conexiones semivacías, según Alexandrova, "irritan menos que los mercados koljosianos (privados) donde los precios de venta son fijados por el vendedor y son inaccesibles para los comunes mortales".

Los problemas de la economía socialista, centralizada y con enorme burocracia estatal, no serían tan fáciles de resolver como podía presumir en un primer momento Gorbachov y sus renovadores.

Criterios similares a los de Alexandrova manifestaron los economistas Grinberg y Rubinstein, según quienes "el aumento de los precios de los productos alimentarios provocará inevitablemente la reducción en el consumo por parte de vastas capas de la población de bajo ingreso". Ambos subrayaron que alrededor del 40 por ciento de las familias soviéticas tiene un ingreso inferior a los cien rublos mensuales por persona.

Aunque reconocen que personalmente están cansados de hacer largas colas en los comercios de productos alimentarios, los dos economistas declaran que no es conveniente "la abundancia de mercaderías, si estas no son accesibles a la mayoría de la población". "No debemos olvidar que los soviéticos fuimos educados durante décadas en base a los ideales de la igualdad socialista", pese a qué esto parecería contradecirse con su anterior afirmación de que el 40 por ciento de la población sigue teniendo un nivel de ingreso bajísimo, a 70 años del triunfo de la revolución socialista.

El problema de los precios y de los productos, por lo tanto, se ha convertido casi en un círculo vicioso: de no aumentarse los precios, no se puede aumentar la producción. Sin aumentarse los precios, la producción no alcanza para todos. El semanario que publicó las cartas concluye que la cuestión es "muy compleja", y por supuesto con gran connotación política señalando que su solución requerirá "la máxima ponderación".

01.01

8707844

URSS

Gorbachov Logra Aumento de Productividad Pero no que Baje Alcoholismo Soviético

MOSCU, (AP).— El gobierno de la Unión Soviética informó que la producción industrial subió un 4,4 por ciento en el segundo trimestre de 1987, con lo que cumplió los objetivos que se había fijado tras un comienzo plagado por deficiencias en el trabajo y condiciones metereológicas desfavorables.

La administración central de estadísticas dijo en un informe oficial difundido por la Agencia Oficial de Noticias TASS que la producción en el segundo trimestre contribuyó al aumento general del 3,5 por ciento registrado en el primer semestre del año.

La Junta de estadísticas informó en abril que la mala administración, la mala calidad del trabajo y el mal tiempo determinaron que el incremento de la producción fuera sólo de un 2,5 por ciento, por debajo del objetivo fijado en un 3,3 por ciento.

La productividad laboral aumentó un 3,5 por ciento en el segundo trimestre y un 2,3 por ciento en la primera mitad del año, dijo la Junta.

La productividad laboral es un elemento clave en el esfuerzo acometido por el dirigente soviético Mijail Gorbachov para mejorar la economía de la Unión Soviética y hacerla más eficiente y moderna.

Los resultados del primer trimestre fueron aparentemente un retroceso en sus planes.

La economía soviética está planificada centralmente y establece los objetivos para las tasas de crecimiento en general, así como de producción en lo que se refiere a categorías de productos específicos, la Unión Soviética está en el segundo año de su plan quinquenal.

El informe de ayer dice que la industria soviética superó los objetivos que se había fijado en lo que se refiere a petróleo, gas natural y carbón, así como con relación a la mayoría de los productos metalúrgicos.

La producción de carne, leche y sus derivados y huevos aumentó, pero el informe dice que la economía está aún tratando de producir suficiente carne y grasas animales para satisfacer las necesidades del mercado.

TASS reconoció que "existen déficits serios en cuanto a satisfacer la demanda en lo que se refiere a productos manufacturados".

La agencia no informó de nuevas estadísticas relativas a la producción de bienes de consumo, pero según cifras emitidas en abril la producción de televisores, radios, grabadoras, refrigeradoras y congeladoras, máquinas de coser y de lavar era inferior a los objetivos establecidos.

Entretanto el diario "Trud" de los sindicatos informa hoy que, cien mil destiladores clandestinos de Vodka fueron arrestados en todo el territorio de la Unión Soviética en los seis primeros meses del año, con un notable incremento respecto a los 158.000 casos de todo el año 1986.

La Asociación "Voluntarios de la Sobriedad", con 14 millones de inscriptos, el fenómeno del alcoholismo aumenta nuevamente, a pesar de la campaña en contra lanzada hace dos años por Mijail Gorbachov.

No obstante la disminución de la producción legal de Vodka de alrededor del 40 por ciento y el aumento vertiginoso de su precio (de unos 19 dólares para una botella de medio litro), el Vodka continúa siendo una de las bebidas preferidas de los soviéticos, que están dispuestos a hacer colas de horas para procurárselo.

A su vez el presidium del Soviet Supremo de la URSS, máximo órgano de poder del país, destituyó hoy de sus cargos a Leonid Khitrun, ministro de Construcción de Maquinaria, y a Serguei Afanasev, ministro de Ingeniería Ligera y Transportes, aseguró la agencia TASS.

Según el comunicado, Khitrun fue relevado de su puesto para ocupar otro cargo en la política soviética y Afanasev fue jubilado.

Khitrun, de nacionalidad bielorrusa, pertenece al Partido Comunista de la URSS desde 1966, y desde 1963 ocupó el cargo de diputado del Soviet Supremo de la República de Bielorrusia.

Afanasev, de 69 años, ocupaba su cargo de ministro desde 1965, es de nacionalidad rusa y es miembro del partido desde 1943, en donde desempeñó distintos cargos de responsabilidad.

En otro orden de cosas, la Agencia TASS informó que el número uno afgano, Najibullah, secretario general del Partido Democrático del pueblo afgano, llegó hoy a Moscú para una "breve visita".

Najibullah fue recibido en el aeropuerto por el canciller soviético Eduard Shevardnadze, y por Anatolij Dobrynin, miembro de la Secretaría del Comité Central y ex embajador soviético en Washington.

Najibullah, en el poder desde mayo de 1986, visita la Unión Soviética en un momento más bien delicado para su país, donde desde 1979 la URSS apoya al régimen que combaten los "Mujaidines" con una fuerza de 115 mil soldados, según afirma Estados Unidos.

PAISES BALTICOS ANEXADOS

Señor Director:

Los países bálticos de Lituania, Letonia y Estonia fueron cedidos a la URSS de acuerdo con el tratado germano-soviético de 1939. Sufrieron las consecuencias de la invasión alemana durante la última guerra universal hasta que [illegible] los anexó deportando a [illegible] personas. Rusia ha tratado de sovietizar por la fuerza a Lituania, Letonia y Estonia. En estos Estados existe un fuerte sentimiento nacional que se manifiesta en distintas circunstancias como ser los eventos deportivos que se transforman en manifestaciones. En Lituania el sentimiento nacional se manifiesta también en una gran adhesión a la Iglesia Católica.

[illegible] 14/6/987 se celebró una imponente manifestación en Riga. Fue anunciada 15 días antes por el grupo de defensa de los derechos [illegible] "Helsinki 86" y fue autorizada. Más de mil letones manifestaron en Riga durante varias horas y luego celebraron un acto frente a la estatua de la libertad. Recordaron los oradores a los miles de letones que fueron arrestados por los rusos en la noche del 14/6/941 y deportados a campos de concentración, donde la mayoría murió. Stalin dio las órdenes de deportación. El acto conmemorativo fue tratado de obstaculizar por las autoridades. [illegible] difundían música por parlantes procurando con ello que no se oyera la voz de los oradores.

En la Lituania anexada se halla el sector más importante de católicos dentro de la URSS. Fue anexada por la URSS y convertida en república soviética, lo mismo que Letonia y Estonia. Se cumplieron recientemente 600 años de la conversión al catolicismo del gran duque Wladyslaw Jagiello. Se considera dicha conversión como el evento que distingue la introducción del catolicismo en Lituania. Hay aproximadamente un 70 % de católicos en la Lituania anexada. La religión católica está ligada a la historia, a la tradición y a la identidad cultural lituana. Es por ello que las autoridades soviéticas persiguen a los católicos. Emplean estos métodos en la persecución: control, infiltración, intimidación y represión. En 1984 y después recientemente, la URSS impidió al Papa Juan Pablo II viajar a Lituania. El Santo Padre escribió hace poco tiempo una valiosa carta de 18 páginas a los católicos lituanos, con motivo de cumplirse 600 años del surgimiento del catolicismo lituano. Miembros de dicha comunidad católica han sido humillados, discriminados, exiliados, deportados, perseguidos, encarcelados, se les ha hecho padecer sufrimientos y también han muerto durante la anexión soviética. La agencia moscovita "Novosti" acaba de atacar al catolicismo lituano, a su gloriosa historia, a la Iglesia Católica Romana y al Sumo Pontífice. Los católicos son perseguidos en la URSS. Sobre todos en Ucrania occidental. Sin embargo hay entre cuatro y cinco millones de católicos en la URSS.

Los casos de Letonia (donde también hay católicos), Lituania y Estonia, constituyen tres ejemplos más de la absorción por la fuerza de naciones por el voraz imperialismo soviético. ¡A pesar de ello, los pueblos de los Estados bálticos ocupados por Rusia continúan defendiendo su historia y su identidad nacional! ¡El intento de sovietizarlos no ha podido aniquilar el sentimiento patriótico!

Dr. Juan Carlos Arroza Caruso

01/01

8707896

URSS

En Torno al Caso del Alemán que Violó el Espacio Aéreo Ruso:

COMO ES KRASNAIA, LA PLAZA DE MOSCU

En un mundo conmovido cada día por acontecimientos atroces que tienen, obviamente inmensa resonancia en la prensa en todas sus formas a nivel universal, hace unas semanas se registró un suceso extraño, pacífico, casi deportivo pero que causó una tremenda conmoción. Y no era para menos...

Una de las dos superpotencias de nuestro tiempo vio violado su espacio aéreo (y no por ningún aparato de guerra ni siquiera gran aeronave) sin que ello ocurriera por un sobrevuelo en una de las dilatadísimas fronteras de una nación que distribuye su territorio en Europa y en Asia, poseyendo más de 13 millones de kilómetros cuadrados. No; la violación fue hecha por una avioneta "Cessna", piloteada por un jovencísimo aviador civil de Alemania Federal, que se introdujo más de 900 (sí, 900) kilómetros sobre un país cuya seguridad, tanto terrestre como aérea, debe costar, aparte de esfuerzos sobrehumanos, seguramente cientos de millones de dólares en cada año fiscal. Y, para remate, el aerodino llegó a la capital zarista de otros tiempos y, ya el colmo, teniendo que aterrizar, desdeñó dos cercanos aeródromos y tomó "adoquines" —ese es el pavimento— en la colosal Plaza Krásnaia, o para decirle en español, Plaza Roja. Así, el alemán Mathias Rust se convirtió sin duda en el hombre del año.

Siguieron controversias, sonrisas respondidas por dubitativas explicaciones, guillotina política y militar, procesos y, por otra parte, febriles gestiones germano-norteamericanas para que el piloto salga lo más pronto posible de la ratonera en la que entró en un audaz impulso juvenil.

Se habló, sobre este asunto, de todo. Un amigo, ajeno a las cosas de la aviación pero con ideas razonables para cualquier neófito, nos preguntó hace dos días, lo siguiente:

—"No conozco una gran Plaza, y la Roja tengo entendido que es enorme, que no tenga un monumento, una estatua, una columna, árboles o canteros o, por lo menos una fuente. Tú que fuiste piloto y conoces Moscú, ¿cómo pudo ser la cosa?"

En ese momento, nació la decisión de escribir sobre un tema un tanto colateral pero indudablemente interesante. Como este de la Krásnaia y su entorno.

———oOo———

Moscú está edificado en una llanura, antiguos campos de agricultura, y en 1147 el Príncipe Yuri Dolgoruki instaló su campamento y esa es la fecha que los rusos aceptan como la de la fundación de Moscú por aquel personaje. Y fue construido el Kremlin. En 1156 el edificio-fortaleza fue ampliado por Ivan I y fue la capital zarista ya con el Kremlin definitivo en 1276. Avatares de guerras, determinaron que en 1713 el gobierno pasara a residir en San Petersburgo (hoy Leningrado) y solamente al triunfar la revolución de Octubre y libradas las últimas batallas precisamente en la Plaza Roja, se reinstalara la capital, teniendo por centro político el Kremlin, en el convulsionado Moscú de 1917.

La Plaza debe tener unos trescientos metros de ancho por no menos de mil de largo. No lo era tanto, ya que un brazo del caudaloso río Moscova que rodea la zona en una vuelta de serpiente, separaba la Krásnaia de un enorme espacio donde estaba en la antigüedad un teatro por lo cual se le llamó Plaza Teatralnaia. En 1921 el nombre oficial de esa Plaza, que viene a ser una continuación de la Roja al haberse entubado el río, fue Sverdlov para homenajear a un presidente del Soviet de Obreros y Soldados de la época.

El pavimento es de buen adoquín. Y en sentido longitudinal, con piedras blancas se señala una senda. Algunas avenidas y en los puentes sobre el río que atraviesa Moscú, existe igual señalamiento. Nunca el tráfico regular debe utilizar ese sendero que, según nuestra "pirivosche" (la guía) está reservado para bomberos, policía y ambulancias. De pronto vimos pasar raudamente una limousine de cristales oscuros y preguntamos si aquel coche pertenecía a alguna de las tres categorías privilegiadas. Y Helena, con naturalidad, nos respondió que sin duda era un automóvil del Partido...

En un extremo, la Plaza tiene la Catedral de San Basilio, estupenda construcción de 1555/60, que es aquella tan conocida por las fotografías con una torre central coronada por la cruz copta y otras cuatro menores, coronadas por una especie de enormes globos. Todo revestido de "pastillas" de diferentes colores. Fue concebida y realizada por los arquitectos Barma y Postnik. Al final de la segunda parte de la Plaza está el imponente Museo de la Historia. Mirando desde San Basilio, a la derecha se encuentran los Grandes Almacenes Universales (cuya sigla es GUM) donde trabajan 5 mil personas. Y a la izquierda, la muralla del Kremlin, obra del italiano Fioravanti y en la cual se incrustan los nichos de los próceres revolucionarios, excepto Lenin y Stalin. Estos estaban en el Mausoleo imponente, acostados muy juntos, el ideólogo con su traje negro y la corta barba y Stalin vestido con la clásica guerrera y sus botas cortas.

Visitamos el imponente recinto con nuestro embajador de entonces, el hoy extinto Doctor Loenzi. Cuando dos semanas más tarde en aquel mismo setiembre de 1959, volvimos a visitar el Mausoleo, solamente estaba el sarcófago con el embalsamado Lenin. Nadie supo decirnos si, acaso, Stalin había sido sepultado en la Muralla. Es de creer que eso no ocurrió.

La muralla que enmarca todo ese flanco de la Plaza Roja, protege el recinto del Kremlin, un parque de 26 hectáreas con sus palacetes, que encierra todos los secretos del más impenetrable mundo político de nuestro tiempo. En el Kremlin está la Catedral de la Anunciación, del siglo XV, conocida también por la del Arcángel. Su puerta tiene 58 metros de altura. Nos referimos a todos esos edificios porque, a los efectos de convertir la Krásnaia en un campo de aterrizaje, deben ser tenidos muy en cuenta.

El "Cessna" cuadriplaza, de 145 HP, de ala alta, al que necesariamente se anexó un tanque suplementario de no menos de 200 litros, con autonomía sin ese aditamento de sólo 5 horas, con su velocidad de 170 KPH, el muchacho debió encontrarse con un "aeródromo" rodeado de obstáculos aunque de superficie totalmente libre, ya que no existe en la krásnaia ni una fuente, ni un cantero, ni un árbol, y menos una estatua. Siendo [illegible] trípode, es decir, teniendo una rueda adelante, podía frenar [illegible] fondo. El riesgo, debió ser no embestir un vehículo (en las ciudades rusas el tránsito es raleado) o algún grupo de peatones de esos que van al enorme edificio del GUM o que procuran formar filas de centenares de metros para visitar el Mausoleo.

En aquel lugar, amplísimo es cierto, de pavimento de piedra pero rodeado de edificios muy altos y de altísimas torres de Catedrales, fue donde se posó el joven audaz aviador civil alemán.

JUAN CARLOS PEDEMONTE

El País · 13/7/87

01.01 8707901

Privatización en la Unión Soviética

El ministro de finanzas soviético ha anunciado que el grupo de empresas estatales que no son lucrativas y que asciende al 13 por ciento del total, afrontará la posibilidad de su cierre. Que ello ocurra nada menos que en el paraíso de la estatización, donde hasta hace poco tiempo todo aquello -muy poco por cierto- que fuera "privado" o susceptible de "privatización" era severamente objetado, cuando no prohibido, resulta verdaderamente sorprendente.

Sin embargo es así, al punto de que el funcionario no vaciló en indicar que la deuda de las empresas del Estado se ha elevado a 60 mil millones de dólares, culpando a la mala administración por el "miserable" -fue el término empleado- estado financiero de algunas de ellas. "Por muchos años —agregó—, la parte jugada por las finanzas fue minimizada, lo que llevó al parasitismo, porque pedir dinero era más fácil que ganarlo".

Ciertamente, no resultaba normalmente predecible oír semejantes conceptos anunciadores de categóricas rectificaciones, por parte del representante de un sistema caracterizado hasta ahora por una fisonomía totalitaria sin fisuras ni concesiones, tanto en lo político como en lo económico. Si lo que se afirma va a ser cumplido, no cabe una más amplia confesión de los errores cometidos por el régimen bolchevique a lo largo de su experiencia de setenta años, y una mayor reivindicación de la filosofía económica liberal, hasta ahora denostada por los corifeos del sistema.

No sería malo que nuestras autoridades tomaran nota de tan abrupta revisión ideológica, y aceleraran el proceso tan reiteradamente proclamado y tan lentamente cumplido de privatizar nuestras deficientes y deficitarias empresas estatales, porque si seguimos con tan parsimoniosa marcha es muy posible que la Unión Soviética se nos adelante en la consecución de tan importante objetivo.

01.01

8707925

De Lenin a Gorbachev

Varios grupos de disidentes del régimen soviético -desde los religiosos a los tártaros, desde los judíos a los seguidores del Hare Krishna- se disponían estos días a someter a prueba la verdad del plan de apertura ("Glasnost") del que es portaestandarte el señor Gorbachev. Constituye una buena noticia saber que los miembros de esos grupos hayan podido ganar la calle -un riesgo muy alto e inmediato en la Unión Soviética- y crear el clima previo a lo que se anticipa será una serie de demandas reivindicadoras. Los tártaros pedirán permiso para residir libremente en Crimea; los judíos para emigrar sin cortapisas a Israel, los ex prisioneros políticos para llevar a cabo una reunión mensual de prensa a fin de discutir en público temas y problemas, discusión que hasta ahora constituye el delito por antonomasia.

El reto es importante, y va más allá del número de personas que se disponen a afrontar las consecuencias de su decisión. En un país donde el pluralismo no existe, el Parlamento es de fachada, las elecciones están señaladas de antemano, la circulación de las personas de un lado a otro del país, del mismo modo que los viajes al exterior, están expresamente prohibidos y donde además no se conoce otra prensa, otro partido político y otro sindicato que el "único", la organización de los grupos disidentes, de permitirse -cuesta creerlo-, significará la creación de una nueva instancia político-institucional desconocida hasta este momento.

La mencionada desconfianza -no obstante los pujos verbales y carantoñas que ensaya con cierta frecuencia el señor Gorbachev- tiene su razón de ser en la naturaleza intrínseca del comunismo. Las promesas de cambio han sido moneda corriente desde 1917. La última se refirió al retiro de tropas de Afganistán, invadida pronto hará ocho años. El comunismo se distingue por su carácter represivo y la supeditación del individuo al Estado. Toda disidencia es vista como sediciosa.

Hay consenso de admitir que el "Glasnost" (apertura) que viene enarbolando el jefe del Politburó es una "propuesta de cambio" cuyo verdadero motivo reside en la existencia de una comprometida situación económica y un sensible distanciamiento, en el campo técnico-científico, de la Unión Soviética respecto de Estados Unidos y de los países más avanzados de la Europa industrial. El decaimiento político del comunismo en el Viejo Continente ha urgido, de paso, la necesidad de presentar una nueva imagen que torne soportable el vetusto cascarón del bolchevismo.

Sin embargo, pese a todos sus esfuerzos, el señor Gorbachev está muy distante de los avances efectivos que llevó a cabo su predecesor y maestro Lenin cuando en el período 1920/23 confió al capitalismo internacional -NEP (Nueva Política Económica)- la misión de rescatar a la revolución soviética del marasmo en que había caído su economía. Se anularon las nacionalizaciones y las fábricas y talleres fueron devueltos a sus antiguos dueños; se reconoció la libertad de comercio en la producción rural; se reconoció la propiedad privada como condición sine qua non de las inversiones, del aumento de la producción y del progreso económico en general; se ofertó a grandes empresas extranjeras el arrendamiento de bosques, fábricas, talleres y empresas de servicios para que bajo la inmediata dirección de sus técnicos elevaran los índices de rendimiento y estimularan el giro de los negocios. Se les prometió que no habría más nacionalizaciones ni confiscaciones. Lenin aconsejó darles a los capitalistas europeos todo lo que pidiesen. Un día llegó a decir, en la más íntima reserva: "¡Les daremos hasta la soga para que se ahorquen!"

No habrían de trascurrir muchos años antes de que todo volviese a fojas cero. Las empresas fueron confiscadas, los directores, gerentes y técnicos expulsados del país y los capitales declarados de propiedad pública. Nadie cobró un rublo en concepto de indemnización.

026

La Prensa 20/8/87

Panorama mundial

Informe sobre los submarinos rusos

URSS

Londres (UP) – La Unión Soviética ha conquistado una dramática ventaja sobre Estados Unidos en el crucial campo del diseño de submarinos, afirma la novena edición de "Janes Fighting Ships".

Los soviéticos tienen en el mar cuatro clases de submarinos superiores a los más modernos submarinos nucleares estadounidenes, afirma el capitán británico retirado John Moore, que por 15 años ha preparado "Janes", el volumen básico de referencia sobre las armadas del mundo.

Desde que el primer submarino nuclear estadounidense de la clase "Los Angeles" entró en servicio en 1976, "La Armada Soviética ha introducido cuatro clases de submarinos nucleares, todos con velocidades altas superiores a "Los Angeles", al menos tres con mayor capacidad de sumersión, todos con mucha más potencia que "Los Angeles" y armamento muy superior", afirma Moor.

"Hubo poco cambio básico en los submarinos estadounidense de ataque en los últimos 15 años", agrega. "A causa del conformismo, el conservadorismo y la complacencia la Armada estadounidense no tendrá un diseño radicalmente nuevo de submarino en el mar hasta 1994".

01.01

8707934

Admiten la arbitrariedad de las "Curas Siquiátricas"

MOSCU, (ANSA).— El Diario "Izvestia", órgano del gobierno soviético, denuncia hoy por primera vez el hecho que un ciudadano soviético pueda ser internado por la fuerza en un manicomio sin que sea, en realidad, un desequilibrado.

"Entre los numerosos tabúes que existían en la Unión Soviética —subraya el cotidiano— estaba también el de las enfermedades mentales. Por este motivo a las autoridades [illegible] les resultaba fácil encerrar en un manicomio, con la total aprobación de psiquiatras obedientes, a personas incómodas o fastidiosas".

"Además —escribe el diario— no hay necesidad de encerrar en manicomio a un personaje incómodo. Basta «ficharlo» como desequilibrado. Uno que está «fichado» no puede protestar, ni ir al exterior y ni siquiera obtener el registro de conductor".

Según el cotidiano, la ausencia de controles en las clínicas psiquiátricas en que "el límite hábil" entre la normalidad y la anormalidad se establece con un juicio personal del psiquiatra, puede a menudo traducirse en situaciones arbitrarias. •

Para evitar estos arbitrios, "Izvestia" propone renunciar a la praxis de la "cura coercitiva" de los desequilibrados o presuntos desequilibrados, con excepción de los que [illegible] un evidente peligro para la propia vida o la de otros. Aún en este último caso, según "Izvestia", la decisión definitiva debería tocar a la autoridad judicial.

Entre tanto, Serafim Yevsyukov, un joven soviético condenado a tres años de cárcel forzados fue liberado hoy tras un año de cárcel.

Lo condenaron por haberse negado a hacer el servicio militar, pues tiene la intención de pedir ser expatriado y si alguien durante el servicio militar llega a enterarse de "secretos militares" no le conceden la visa.

Por la misma razón, Yevsyukov ya había sido condenado y descontó una condena a dos años y medio de trabajos forzados.

A su vez, Vitaly Masol, 59 años, ex-vicepresidente del Consejo de Ministros ucraniano, fue designado presidente de la República Federal Soviética de Ucrania.

Masol ocupa el lugar de Aleksandr Lyashkov, de 71 años, quien había ocupado el cargo durante 15 años. Lyashkov fue destituido, acusado de ineficiencia y de "mala administración" y es el personaje más destacado que debe responder el proceso de Chernobyl con relación al incidente nuclear, el más grave desastre de la historia civil nuclear.

Mientras tanto empresarios de alta peletería de varios países del mundo se encuentran en Leningrado para participar en la subasta de dos millones de pieles preciosas, que serán vendidas por la URSS el próximo día 28.

URSS

026

Montevideo, viernes 3 de julio de 1987

Militar soviético que dio la orden de derribar avión sudcoreano ascendió a jefe

MOSCU. — El jefe de la Defensa Aérea, que no impidió que un joven alemán occidental pilotara una avioneta hasta la Plaza Roja de Moscú, ha sido reemplazado por el general Ivan Tretyak, el encargado de las fuerzas que derribaron un avión comercial sudcoreano en 1983, informó ayer el periódico del Ejército soviético.

Se cree que Tretyak, que dirigía el distrito militar del Extremo Oriente cuando el Boeing 747 sudcoreano fue derribado, es allegado al general Dimitri Yazov, que se convirtió en ministro de Defensa al ser destituido Sergei Sokolov, también a raíz de la intrépida acción del joven Mathias Rust el pasado 28 de mayo.

La confirmación de la designación de Tretyak, de 64 años, que se había rumoreado en Moscú, se hizo de manera indirecta en "Estrella Roja", la publicación del Ejército soviético.

En una nota breve, el periódico dio parte de la celebración de una reunión sobre la mejora de la defensa de las fronteras nacionales, y en la que "un informe fue presentado por el general I. Tretyak, comandante en jefe de las fuerzas de Defensa Aérea".

El aterrizaje de Rust, de 19 años, en la Plaza Roja a bordo de una avioneta Cessna, sacudió al Kremlin. El secretario general del Partido Comunista Mijail Gorbachov arremetió contra las fuerzas de defensa aérea en un discurso público, y despidió a Sokolov y al entonces jefe de la Defensa Aérea, el mariscal Alexander Koldunov.

A continuación, fueron anunciados otros cambios en cargos de alto nivel en la región moscovita, y diplomáticos occidentales informaron que la reorganización aún se está llevando a cabo en otras regiones del país.

Gorbachov reiteró la semana pasada su ira para con las fuerzas de defensa aérea, que permitieron que Rust volara desde Finlandia, a través del espacio aéreo soviético, hasta aterrizar junto a los muros del Kremlin.

La reacción despertada por la aventura de Rust, contrasta con la falta de recriminaciones acerca de la decisión de derribar el avión de las aerolíneas sudcoreanas, que penetró el espacio aéreo soviético en 1983 y que costó la vida a las 269 personas que viajaban en el aparato.

La Unión Soviética ha negado responsabilidad por el incidente, afirmando que Estados Unidos había enviado el avión en una misión de espionaje.

Murió nazi condenado

El criminal de guerra nazi Karl Linnas, de 67 años, condenado a muerte en rebeldía en la Unión Soviética en 1962 y extraditado en abril pasado de Estados Unidos a la URSS, murió ayer víctima de "una grave enfermedad" tras varias operaciones, según un comunicado de la Corte Suprema soviética.

"Luego de ser transferido (a la URSS), Linnas fue sometido a un examen médico durante el cual se descubrió que sufría una grave enfermedad.

URSS

024

El País 8/7/87

NOVENA PRUEBA [illegible] CLEAR SOVIETICA. Moscú. 7 (AP).— Los soviéticos llevaron a cabo hoy una explosión nuclear subterránea en Siberia, se informó, en lo que fue la novena prueba de su tipo desde que dejaron de lado la prohibición unilateral que declararon en agosto de 1985.

01.01

8707956

HB/

024

Montevideo, viernes 17 de julio de 1987 PERIP EL [illegible]

Miles piden permiso de empresarios en URSS

• MOSCU. — Medio millón de soviéticos recibirán este año licencias para desarrollar un trabajo individual, tras la puesta en vigor el 1° de mayo de una ley, que permite poseer una pequeña empresa privada, aseguró la agencia "TASS"

Según la nota oficial, hasta el momento las autoridades de la URSS concedieron unas 137.000 licencias a ciudadanos soviéticos para realizar legalmente negocios privados, con el pago de una patente anual al Estado.

La ley del trabajo individual es una estrategia del máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, para aumentar el nivel de producción nacional, sobre todo el del deficitario sector de servicios.

Sin embargo, la burocracia dificulta el funcionamiento normal de esta ley, que prevé la concesión de créditos del Estado, con un interés anual del tres por ciento.

Sectores de la sociedad soviética opinan que la ley del trabajo individual favorece a los jubilados e inválidos, mientras que la juventud tiene dificultades para conseguir los permisos correspondientes, que les permitan realizar una labor privada.

Agrega la agencia que empresarios privados como sastres, taxistas, pintores y mecánicos pueden pagar un impuesto anual global de 550 rublos. Por su parte, comerciantes de pájaros y peces de acuario pagan sólo cien rublos anuales, mientras los demás están sujetos a una tributación progresiva.

Juicio por Chernobil

Las seis personas que son juzgadas por su supuesta responsabilidad en el accidente nuclear de Chernobil se desentendieron por completo de la población civil de la zona y comenzaron la evacuación 36 horas del desastre, afirmó en su último número el semanario "Novedades de Moscú".

Según el corresponsal de la publicación, uno de los pocos periodistas que recibió acreditación para cubrir el proceso, la población de la ciudad de Pripiat no fue avisada cuando ocurrió el accidente en la central, en la noche del 26 de abril del año pasado.

La ciudad, de 49.000 habitantes y situada a menos de diez kilómetros de la central atómica, hizo su vida normal durante día y medio, con los niños en las calles y escuelas y con los comercios abiertos.

Durante el juicio, que comenzó el pasado día 7 en la misma ciudad de Chernobil, a quince kilómetros de la central, los expertos que intervienen denunciaron que el accidente se debió a la negligencia del personal, poco preparado para efectuar experimentos complicados.

"Novedades de Moscú" afirmó también que en las últimas dos semanas de enero de 1986, el reactor que estalló, el número cuatro, fue desconectado del sistema de protección contra averias sin causa justificada.

El corresponsal del semanario aseguró que "seria peligroso considerar que la situación actual en las centrales nucleares soviética es ideal, ya que en los últimos tiempos se ha escrito sobre imperfecciones detectadas en otras durante las "inspecciones".

La proporción de partos de gemelos ocurridos recientemente en la zona próxima a la central nuclear de Chernobil se multiplicó por seis, según las últimas estadísticas oficiales.

Un estudio científico realizado en 3.500 niños nacidos en la región próxima a la central atómica desde el 26 de abril del año pasado, reveló que de cada doscientos partos, seis trajeron al mundo hermanos gemelos, cuando la proporción normal es uno en doscientos.

Responsables del Centro Republicano para la Protección de la Madre y el Niño, en Kiev, capital de Ucrania, a 140 kilómetros al sur de Chernobil, manifestaron a la agencia soviética "Novosti" que el estudio se realizó sobre las mujeres embarazadas dentro del radio de 30 kilómetros alrededor de la central.

Las causas del fuerte incremento de los nacimientos de gemelos en la zona inmediata a la central de Chernobil todavía no están determinadas con precisión, aunque —según un informe científico— difícilmente pueden atribuirse a la casualidad.

Sin embargo, los directivos del centro de Kiev aseguraron que en ningún caso se registraron anormalidades en los recién nacidos, ni tampoco en su proceso de crecimiento.

EL MUNDO · EL DIA

Moscú: abren economía a tendencias del mercado

MOSCU. — El Parlamento soviético aprobó ayer reducir el control central de la economía mediante una ley que expertos en temas soviéticos han descripto como la pieza legislativa más importante del país en materia económica desde la década de 1920.

El Soviet Supremo aprobó la ley por unanimidad en el segundo día de una breve sesión estival en Moscú. Su adopción se daba por descontada desde la semana pasada, cuando el Comité Central del Partido Comunista dio el visto bueno a la versión preliminar.

La ley, que entrará en vigencia en enero, contempla la reducción de los poderes de los ministerios económicos con sede en Moscú, que actualmente controlan minuciosamente el desenvolvimiento de todas las empresas industriales, y procura hacer que los gerentes de fábricas asignen mayor importancia a los resultados financieros de su gestión y se preocupen por responder a las tendencias del mercado.

Al mismo tiempo, la ley procura realzar el papel del Comité Estatal de Planificación, Gosplan, en cuanto a trazar el curso económico a largo plazo del país y prevé sólo un grado limitado de competencia entre empresas en procura de contratos del Estado.

La ley es una pieza clave en los esfuerzos del líder soviético Mijail Gorbachov por impactar renovado dinamismo a la economía nacional. La versión oficial del desarrollo de la reunión del Comité Central puso en claro que sus elementos más ambiciosos suscitaron la resistencia de burócratas identificados con el arraigado centralismo.

Economistas reformistas han comparado el alcance de la nueva ley con los profundos cambios que el fundador del Estado soviético Vladimir Lenin introdujo en su nueva política económica (NPE) en 1921.

Invirtiendo las políticas de centralismo estricto, de "comunismo de guerra", con las que instaló y afianzó el poder bolchevique tras la revolución de 1917, Lenin trató de fomentar el comercio privado y permitió el resurgimiento de las operaciones fabriles privadas en pequeña escala.

El sucesor de Lenin, José Stalin, reimplantó el control estatal sobre todos los aspectos de la economía en su campaña de industrialización y colectivización de fines de la década de 1920 y en la de 1930, y su sistema se mantuvo virtualmente incólume en su escencia hasta hoy.

Deformaciones

El presidente Andrei Gromyko, al pasar revista a las anteriores políticas del Kremlin, declaró ante el Soviet Supremo: "hubo en el pasado deformaciones del socialismo... son los métodos de conducción y administración aplicados a nuestra sociedad los que impiden que avancemos".

El primer ministro Nikolai Rizhkov, en un discurso de fondo ante la legislatura declaró la víspera: "Los métodos del anterior sistema de gestión económica han quedado obsoletos. La necesidad de cambio es patente y perentoria".

Economistas soviéticos indican que la ley procurará establecer una relación equilibrada entre los órganos ministeriales centrales y las empresas individuales, de modo que se aproveche al máximo el potencial de cada sector.

Algunos economistas occidentales prevén dificultades para llevar a la práctica las nuevas pautas. Por ejemplo, la conducción soviética ha avalado el principio de cerrar empresas no rentables pero ha descartado de plano que vaya a admitir el desempleo.

Ryzhkov indicó lunes que el 13 por ciento de las fábricas del estado tuvieron pérdidas el año pasado. El cierre de esos establecimientos dejaría sin empleo a millones de trabajadores, que deberían ser capacitados para que puedan ser absorbidos por nuevas industrias y, según economistas occidentales, el sistema en la actualidad no podría satisfacer la demanda.

Añaden esos economistas que queda por verse de qué modo las autoridades definirán lo que es falta de rentabilidad. Bajo la nueva ley, los precios seguirán siendo fijados por organismos centrales, sistema que economistas occidentales consideran dificulta mucho estimar la eficiencia de una empresa.



El Soviet Supremo aprobó la reforma económica propuesta por Mijail Gorbachov que introduce la rentabilidad de las empresas en el esquema económico.

Aprueban leyes para la democratización de URSS

MOSCU. — El Soviet Supremo de la URSS aprobó ayer tres leyes que reconocen a los ciudadanos soviéticos mayores derechos democráticos.

Los 1.500 diputados del Parlamento de la Unión Soviética aprobaron una ley sobre "el debate público de importantes asuntos estatales", otra sobre "el recurso contra el abuso del poder por parte de los funcionarios públicos" y una tercera ley sobre empresas, que garantizará una mayor autonomía financiera a las empresas y permitirá a las autoridades el cierre de las que no sean rentables.

Según el jefe del Estado de la URSS Andrei Gromyko, la democratización de la sociedad soviética exige un "mecanismo que funcione con precisión" y que permita conocer, de verdad, la opinión pública.

Transparencia

"La nueva ley —escribe la 'TASS' en un comentario— concretiza dos artículos de la Constitución soviética: el número cinco, según el cual las cuestiones más importantes de la vida de la URSS se someten a la discusión de todo el pueblo y el número 48, que prevé el derecho de los ciudadanos de participar en la administración de los asuntos de la sociedad y del Estado y a la discusión y aprobación de las leyes y de las deliberaciones".

La agencia de prensa soviética, al observar que la praxis de los debates populares sobre los proyectos de ley más importantes, existía también antes, subraya que con la nueva ley "estos artículos de la Constitución adquirieron formas de procedimientos bien precisas". La era de la "Glasnost" (transparencia) hace que estos debates, mientras antes eran "formales bajo muchos aspectos" y eran anunciados esporádicamente, desde hoy, como prescribe la nueva ley, serán "obligatorios" en lo que se refiere a todos los proyectos que interesan a los mayores problemas políticos, económicos y sociales.

Sin embargo, según la 'TASS', la nueva ley introduce también "una importante novedad": se reconoce la necesidad de amplios debates, incluso a nivel popular en el caso en que el proyecto de ley se refiera a una sola república o bien a una sola ciudad. Además la nueva ley reconoce que todos los gastos relacionados con un debate popular sean asumidos por el Estado y garantiza a los ciudadanos de la URSS una participación "libre e incondicionada" a tales debates.

Algo más que un rumor

La URSS toma distancia del sandinismo

Las conocidas dificultades económicas por las que atraviesa Nicaragua van camino de agravarse, pero no a consecuencia de alguna medida adoptada por el gobierno norteamericano sino, curiosamente, por los propios soviéticos: la reducción de la cuota de petróleo empeñada por la URSS en apoyo de los sandinistas. Desde Moscú se anunció el mes pasado que dicha cuota quedaría reducida al 30 por ciento de lo prometido, ocasionando graves problemas al gobierno de Managua.

NO se trata de un hecho aislado; en los últimos tiempos, desde tiendas comunistas dentro de Nicaragua arrecian las objeciones a ciertas medidas del gobierno de la revolución, mientras que en medios de la prensa extranjera que mantienen corresponsales en Nicaragua circulan versiones sobre la existencia de un memorandum de la embajada soviética con severas críticas a los errores administrativos y deficiencias económicas de la administración sandinista, lo que a su vez alimenta la sospecha de que la URSS haya comenzado a "olvidarse" de un aliado que ha terminado por volverse algo molesto. "Por increíble que parezca, el régimen revolucionario parece haber sido víctima de la *glasnost* soviética. A ella se deben algunos de sus graves problemas económicos que, en opinión de los observadores, podría contribuir en mayor medida para su caída que la propia acción de la *"contra"*, escribe el corresponsal en Managua de un diario brasileño.

En fecha reciente, los comunistas acusaron al sandinismo de burlarse de la miseria del pueblo nicaragüense con motivo de la construcción de un faraónico centro de convenciones (para la conferencia de la Unión Interparlamentaria Mundial) que costó 30 millones de dólares. Fue como "un terremoto", dijeron los comunistas, ya que se volcaron fondos que hacen falta para cubrir necesidades vitales en una obra suntuosa destinada a alimentar una *"ilusión fantástica"* del gobierno. Las críticas fueron acompañadas poco tiempo después por la reducción de la cuota petrolera –medida muy concreta y dolorosa– y ciertas insinuaciones en el terreno político sobre la conveniencia de establecer un diálogo nacional para salvar al país. Los soviéticos, convertidos ahora en adalides de la apertura y la transparencia, instan al sandinismo a seguir ese camino con los sectores de la oposición interna.

MEDIOS DE ABASTECIMIENTO

Sectores vinculados a la producción agrícola, que ya reclamaban un mayor suministro de combustible, sentirán sin duda el mayor impacto de la medida soviética. El gobierno se apropia de una importante cantidad de combustible para cubrir sus necesidades militares. El Vicepresidente Sergio Ramírez Mercado fue despachado, sombrero en mano, a Moscú en busca de una mayor asignación de embarques de crudo, pero no tuvo éxito, siguiendo camino hacia otras capitales de Europa Oriental. Los soviéticos sugirieron al gobierno sandinista que busque medios de abastecimiento en fuentes de Rumania, Hungría o Bulgaria, aunque es dudosa la independencia que estos países tengan para entrar en compromisos con Managua frente a una posición negativa de Moscú. Para los sandinistas la vía más fácil hacia el petróleo es México pues, aunque Nicaragua debe 500 millones de dólares al ente estatal petrolero mexicano, el gobierno se muestra dispuesto a ampliar ese crédito.

En suma, la URSS parece haber decidido tener a rienda corta al gobierno sandinista. Si bien no es probable que busque en algún momento precipitar directamente su caída, es claro que la "dureza stalinista" del gobierno de Managua se contradice con los vientos reformistas que soplan en estos días por la capital soviética. Las medidas directas, como las vinculadas al petróleo, y las críticas a la conducción del gobierno parecen toques de atención para un país amigo que se aparte de la línea. Algunos analistas consideran, por otra parte, que lo ocurrido no es más que una prueba adicional de que Nicaragua ha sido sólo un peón en el ajedrez de las superpotencias.



Escribe uno de ellos: "¿Por que este súbito cambio en la amistad soviética, que antes era total y ahora se vuelve limitada? La explicación más probable es que Nicaragua fue una ficha en el gran juego del desarme nuclear entre los Estados Unidos y la URSS y que esa ficha ya fue utilizada. Es obvio que Ronald Reagan y Michail Gorbachov ya llegaron a un acuerdo sobre la limitación de los misiles de alcance medio e intercambio en Europa. Quizás los sandinistas hayan tenido que pagar un precio por ese acuerdo".

Cúpula sandinista (Borge, Sergio Ramírez, Daniel Ortega, Bayardo Arce): problemas inesperados con los amigos

EL PAIS

17 AGO. 1987

Convenio Pesquero con la URSS

OPINA EL DIPUTADO JAVIER BARRIOS



El texto preliminar conocido, de un futuro acuerdo entre los gobiernos de la República Oriental del Uruguay y la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas sobre colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas, ha merecido observaciones, entre otros, por parte de los empresarios y gremios pesqueros y del ex integrante de la Corte Internacional de Justicia Dr. Eduardo Jiménez de Aréchaga.

El Partido Nacional también está atento al problema: el Movimiento Nacional de Rocha, por intermedio del senador Carlos Julio Pereyra, ha realizado un pedido de informes y lo mismo ha hecho el senador Lacalle.

Es lógica esta inquietud sobre el tema, especialmente por parte del Movimiento Nacional de Rocha, si se tiene en cuenta su preocupación por evitar la extranjerización de la tierra y en consecuencia de sus riquezas, ya que también el Uruguay tiene innumerables recursos en su territorio marítimo y fluvial, que es necesario preservar para nuestros connacionales, evitando que su producido, vaya a mejorar el nivel de vida de ciudadanos que viven en otros países, en detrimento de aquel a que tienen derecho los integrantes de la sociedad uruguaya.

Si bien el acuerdo no ha sido firmado y se trataría de un "borrador de trabajo", es de señalar que de ese "borrador" resulta que se pueden otorgar derecho de pesca sin exigir contrapartida alguna por parte de la URSS.

Lo referente a los beneficios que pueda dejar al país al hecho que pesqueros soviéticos operen en nuestro puerto, no puede considerarse contraprestación, técnicamente (no se pagan licencias de pesca, ni se conceden facilidades para la importación del pescado uruguayo al mercado soviético u otra contraprestación de otro tipo) puesto que sin necesidad de acuerdo pesquero alguno han operado u operan desde nuestros puertos, flotas pesqueras polacas, taiwanesas o coreanas.

Por otra parte, aunque pueda parecer ilusorio imaginar pesqueros uruguayos en aguas soviéticas, no existe en lo proyectado reciprocidad alguna, lo que sería jurídicamente relevante para reafirmar nuestra soberanía.

Pero lo más importante: puede ponerse en riesgo la expansión de la pesca uruguaya, al enajenarse a pesqueros extranjeros el remanente no utilizado todavía de la riqueza icticola uruguaya, con la consiguiente limitación al aumento de las fuentes en esa área así como a futuras exportaciones.

Sobre este punto, además: ¿cómo controlaría el Uruguay que no se exceda el límite de capturas permitido, no sólo en especies no explotadas por el país, sino también en tonelaje, si no se prevéen normas respecto a la reglamentación y control por la autoridad uruguaya, que permitan por ejemplo el embarque de personal de vigilancia o el tipo o tamaño de los implementos de pesca que se utilicen? Debe recordarse además, que el Uruguay ni siquiera posee cantidad suficiente de naves adecuadas para realizar el control de una numerosa flota pesquera como se presume sería la soviética.

Existen a señalar otras objeciones, no sólo de naturaleza jurídica o económica, sino también política, las que, sumadas a lo expuesto, hacen necesario que el Partido Nacional y en especial los legisladores de la lista 504 (Movimiento Nacional de Rocha) se mantengan al desarrollo de las negociaciones.

En defensa de los intereses nacionales, así lo harán.

OPINA EL DIPUTADO GUILLERMO STIRLING



El 11 de marzo pasado la Embajada de la URSS en nuestro país presentó a nuestra Cancillería un documento cuyo título exacto es el de "Colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas" el que posteriormente fuera inicialado con la presencia de una misión técnica soviética.

Según surge de declaraciones emanadas del Ministerio de Relaciones Exteriores, este borrador de trabajo formaría parte de una estrategia político-económica que nuestro país intenta instrumentar en sus relaciones comerciales y de servicios con la URSS, ligándolo a la firma de convenios sobre tráfico aéreo y utilización de los servicios portuarios para la flota de barcos pesqueros soviéticos, tendientes a destrabar la pobre relación comercial que tenemos con la URSS, que significativamente arrojaba un saldo favorable de 80 millones de dólares en el año 1982 —dictadura militar— y que el año pasado —gobierno democrático— cerró con pocos millones de dólares.

Vale la pena que nos preguntemos si las eventuales ventajas económicas que a nuestro país le reportarían incrementar el tráfico aéreo y los servicios portuarios se justifican con los enormes riesgos que correría en virtud de lo que se desprende fundamentalmente del artículo II de dicho documento. Sucintamente señalo algunos. Al requerirse que el Uruguay determine anualmente el "remanente no utilizado" de pesca que permitiría ser explotado por empresas conjuntas soviéticas-uruguayas nos deja la preocupante duda si no se estaría violando la Ley de Pesca al determinar ésta que sólo se admitirían banderas extranjeras cuando ellas se remitan a acuerdos internacionales firmados sobre la base de la reciprocidad. ¿Existe ésta?

Por otro lado se apunta a la explotación de especies no tradicionales. No se podría caer en la ingenuidad de creer que los sofisticados y depradantes métodos de pesca —arrastreros de enorme capacidad de captura— seleccionen merluzas, corvinas o pescadillas y se les prohiba la entrada, el resto sí.

En todo acuerdo comercial quedan inevitables espacios supeditados a una serie de factores que determinan a quienes los suscriben, asumir el riesgo consiguiente. A mi juicio, no existen elementos objetivos que permitan a nuestro país correrlos con la URSS. Política e ideológicamente estamos en las antípodas con los soviéticos, comercialmente comprobamos que no tuvieron el mínimo prejuicio en comprarles al gobierno de la dictadura mucho más de lo que hoy le compran al gobierno democrático, entonces ¿a qué correr riesgos que comprometen nuestras reservas icticolas, nuestra industria pesquera y el trabajo de nuestra gente?

HB

026

EL PAIS

15 AGO. 1987

¿OCURRE EN LA URSS?

PERLA

Los soviéticos ya han hecho un hábito del actuar por interpósitas personas. Empeñados en complejos operativos con fines subversivos, espionaje y guerras más o menos encubiertas, procuran no aparecer en primer plano. Y si no lo pueden evitar, que otros hagan los trabajos sucios. Así recurren a los cubanos para satisfacer sus objetivos imperialistas en Africa; a Managua y La Habana para expandir la subversión en Centro América y el Caribe; al ejército del gobierno títere de Kabul y a efectivos de Europa Oriental, para preservar sus propias tropas en la guerra de Afganistán, etc.

Esta política ha dado lugar, ahora, a una situación bastante insólita: nada menos que el Comisario de Guerra de Estonia, la máxima autoridad militar comunista en aquel país arrebatado por los soviéticos a su legítimo gobierno, lucraba con estas prácticas del Kremlin, cobrando suculentas cantidades de dinero a los reclutas, para relevarlos de ser enviados al frente de Afganistán o a Chernobyl, para efectuar trabajos de saneamiento y limpieza en la averiada central nuclear de la ciudad. Comunista de ley, Kiudmaa no hacía distingos personales y cobraba a todos por igual, ajustándose estrictamente a la tarifa que había establecido: 1.000 rublos para no ir a Afganistán y 500 para evitar la ida a Chernobyl.

Alguno de los soldados que no pudo reunir la suma, puede haberse tomado una merecida revancha denunciando al avivado oficial, porque el Comandante de Estonia fue detenido y encarcelado en la Unión Soviética. La noticia fue confirmada por el fiscal general, aunque sin precisar detalles. Noticias extraoficiales señalan que fue sometido a juicio sumario y ejecutado sin más trámite. Aunque se carece de confirmación oficial –lo que pone en tela de juicio al "glasnost"– es muy factible que así haya ocurrido. Los crímenes de corrupción suelen castigarse con la pena capital en las dictaduras.

El escándalo tuvo otras derivaciones. El Ministro del Interior de Estonia, quien presuntamente conocía los hechos sin haberlos denunciado, renunció a su cargo y fue expulsado del Partido Comunista.

Parece correcto que se castigue la corrupción, pero en el momento de aplicar penas tan drásticas, Moscú debería tener en cuenta que, en última instancia, es el propio estado soviético el que fomenta este tipo de situaciones.

01.01

8707993

HR

026

EL PAIS

15 AGO. 1987

CONVENIO CON URSS: MARCHA ATRAS (I)

"LO vi muy inquieto ayer por el ambulatorio de la Cámara de Diputados a la espera de la salida de los protagonistas de la reunión de la Comisión de Asuntos Internacionales", comentó uno de los de la peña del Duende.

—Lógico, por primera vez se discutía públicamente el cuestionado convenio de pesca entre Uruguay y la URSS, firmado por representantes del Ejecutivo, pero no ratificado por el Parlamento.

—¿Y salió el OK, el humo blanco?, ya que explicaciones deben haber habido de todos los colores conté más asesores junto al ministro que parlamentarios en sala.

—Me dijeron, repito que me dijeron, que cuando arribó Iglesias con sus colaboradores algunos exclamaron: ¡Zas!, ¡otra vez manifestación dentro del Palacio!"

—No chichonee y no todos eran seguidores de don Enrique, observé al ministro interino de Transporte y Obras, Dr. Alejandro Achugarry, pipa en mano con iniciales en nacar.

—Tiene razón, pero antes de todo, de enumerarle la concurrencia, le diré que la cosa "fue marcha atrás", se "revisarán los terminos del convenio" a la vez que le destaco que el ambiente general legislativo fue más bien negativo, no satisficieron mucho las razones dadas.

—Bué... pase ahora a la asistencia.

—Lógicamente ví a casi todos los miembros de la Comisión de Internacionales: diputados Cr. León Morelli (Presidente), Roberto Asiaín, Javier Barrios Anza, Dr. Julio Daverede, Yamandú Fau (convocante) y los delegados de sector Mario Cantón y Gilberto Ríos.

Por el otro lado los ministros Iglesias y el Interino Achugarry; sub-secretario Embajador Alberto Rodríguez Nin; Director de Secretaría, Ministro Adolfo Castells embajador en ONU, Dr. Felipe Palolillo, Director de Departamento de Asuntos Económicos, Embajador Pérez del Castillo y Presidente de INAPE, Capitán Giambruno.

—¡Oh, la, la!, ¿se jugaro un partidito antes de dedicarse a los soviéticos?

—¡No chiconee!, la cosa fue muy en serio y con muchas contras. Un café y seguimos.

01.02

8707994

¿CONVENIO PESQUERO O SERVICIOS? (II)

"USTED me ha dicho que se revisarán términos del convenio y la concurrencia a la Comisión, pero no me ha entrado en detalles", preguntó uno de los amigos al Duende.

—¡Espere, espere, despacio pór las piedras! El Canciller explicó que no era un convenio de pesca, que había incluido sólo *un artículo* al respecto, *que en* realidad se trataba de vender servicios portuarios.

—¿El diputado Fau formuló una serie de preguntas, me dijeron?

—Exactamente. Surgió de las mismas que el texto no era claro.

—Así es, pero le puntualizo que don Iglesias manifestó que se trataba "de un borrador inicialado", nada más.

—¿Pero yo vi las firmas del ministro Jorge Sanguinetti y el embajador Rodríguez Nin al pie de la última y sexta hoja del convenio y sólo iniciales del lado soviético? ¿Está bien ese detalle?

—Mire, no lo sé, pero le insisto en que la gente de la Cancillería indicó que no iba a operar ningún barco extranjero y menos buques fábricas.

—¿Se señalaron las formas de controlar dentro de las 200 millas?

—No muy claramente. Giambruno manifestó que en general se actuaba por denuncias de empresas particulares y que un avión de la Fuerza Aérea sobrevolaba cada poco tiempo la zona.

—Asiaín contó entonces una anécdota ocurrida cuando vino el presidente Cerezo, que un buque custodia se descompuso y el yate con el mandatario visitante y comitiva terminó escoltado por dos "Zodiac", magníficos botes de goma con motores fuera de borda.

—En une palabra, quedó en evidencia la imposibilidad de impedir ia depredación. ¿No es así?

—Tiene razón, pero se aclaró que era un convenio en el cual Uruguay no tenía compromiso de reciprocidad y no estaba obligado a autorizar la pesca y que en cambio daba servicios.

—Se refutó que el articulado no era nada preciso en la materia, que era muy vulnerable.

—Luego se conversó de que indudablemente mientras los rusos pensaban en un convenio de pesca, los uruguayos encaraban un convenio de servicios portuarios. Y que la dilucidación era muy difícil por la imprecisión del lenguaje utilizado en el "borrador".

—Iglesias reconoció esas fallas y aseguró que se adecuarían los términos en nuevas conversaciones con lo soviéticos.

—Pero me dijeron que no hubo respuestas cuando se manifestó que Perú tuvo que rever un convenio similar por la depredación soviética y que en otros países con acuerdos, pese a las promesas no gastaban nada y las reparaciones grandes las hacían en los países más amigos.

—¿Entonces en general un ambiente contrario?

—Así es. Los cinco de la Comisión y Mario Cantón, delegado de sector, formularon críticas y observaciones. El diputado de la U.C. y B. planteó sus serias objeciones al artículo II sobre "pesca de especies no tradicionales".

—Veo que en general el asunto vino mal barajado para los partidarios del convenio.

—La verdad, es que sin dar una palabra definitiva, me animaría a aventurar que en estos términos el convenio no irá más allá de un cajón de la Cancillería. ¡Abur!

02.02

148

026

EL PAIS

Carestía en la URSS Pone en Peligro la Perestroika

Los Burócratas de Nivel Intermedio que no Quieren Perder sus Privilegios Ponen Obstáculos a Reformas

MOSCU, 13 (ANSA). — No decrecen los problemas para la política de reformas en la economía (Perestroika), emprendida por el líder del Kremlin Mijail Gorbachov.

Efectivamente, algunos economistas soviéticos se manifestaron en contra del aumento de precios de bienes de primera necesidad escribiendo al semanario "Liternaturnaya Gazeta", el cual publicó las cartas en su último número.

Según la opinión de los economistas, el aumento de precios de estos productos provocará que muchos ciudadanos "vuelvan las espaldas a la Perestroika (reestructuración de la economía)", además de los muchos que vienen oponiendo obstáculos a las reformas emprendidas por Gorbachov, en particular, entre estos últimos, los burócratas de nivel intermedio, quienes no quieren perder sus privilegios y poder.

Un artículo en favor del aumento de los precios fue en cambio publicado por el economista Shmeljov, en mayo pasado, en la revista "Nouyj Mir" (Nuevo Mundo), provocando cierta conmoción. Poco después el economista Abel Agambeghian, considerado un estrecho colaborador de Gorbachov, habló de la necesidad de reformar el sistema de precios.

Estas propuestas en parte fueron recogidas en las conclusiones del Plenum del Comité Central del PCUS, que se celebró en junio pasado.

Ahora, empero, parece que el grupo favorable a un mercado más libre, para sacar de su estancamiento a la centralizada economía soviética, está sufriendo los embates de los opositores a la reforma de precios.

En la URSS los precios de los productos de primera necesidad son determinados por motivaciones políticas y no aumentan desde hace décadas (pan, pastas, harina, azúcar, sal y papas desde 1955, lácteos y carne desde 1962).

Pero resulta que estos productos son vendidos a precios inferiores al del costo, lo cual comporta muchas veces la total falta de algunos de ellos en el mercado (por ejemplo, la carne). Sólo para mantener fijo el precio de carne y lácteos, el Estado gasta anualmente más de 25 mil millones de rublos (al cambio oficial un rublo es igual a un dólar).

Las versiones sobre un próximo aumento de precios provocaron un preocupante debate. "En caso de aumento de precio de los artículos de primera necesidad, la gente puede volver las espaldas a la Perestroika", escribió la economista Alexandrova a la "Liternaturnaya Gazeta".

Según la economista soviética, en caso de aumento de precios para los artículos alimentarios, se eliminaría el déficit de la producción, pero sólo a costo de "la forzada renuncia a tales productos por parte de una gran parte de consumidores". Los comercios semivacíos, según Alexandrova, "irritan menos que los mercados Kilkosianos (privados) donde los precios de venta son fijados por el vendedor y son inaccesibles para los comunes mortales".

Los problemas de la economía socialista, centralizada y con enorme burocracia estatal, no serán tan fáciles de resolver como podía presumir en un primer momento Gorbachov y sus renovadores.

01.01

8708002

MONTEVIDEO, MARTES 14 DE JULIO DE 1987

LA MAÑANA

Economía y Estado

Las reformas en la Unión Soviética

EN la Unión Soviética, la "glasnost" cuestiona al "gosplan". En otras palabras: la apertura promovida por el líder Mijail Gorbachov hace tambalear los supuestos teóricos de la economía centralmente planificada.

Lo que sucede es que, al cabo de una larga experiencia histórica, hasta en la propia Meca del socialismo ha podido verse —y sufrirse— en toda su crudeza, la ineficiencia del Estado empresario.

Por eso, la cúpula soviética ha pergeñado una serie de reformas destinadas a producir más y mejores bienes de consumo, introduciendo, para ello, determinados conceptos calcados del capitalismo. No otra cosa significa, por ejemplo, el que de ahora en adelante las fábricas cuya gestión resulte fallida puedan quebrar —aun siendo de propiedad estatal— o que se abran algunas áreas del ámbito productivo a la actividad privada. También, y esto hace análogamente importante, el que exista una suerte de competencia y, por ende, cierta flexibilidad en el mecanismo de los precios, con lo cual podría abandonarse progresivamente el sistema de fijación administrativa del valor de las mercaderías.

Así, después de criticar acerbamente a la "sociedad de consumo" occidental, sobre todo por una supuesta oferta de artículos superfluos, la URSS ha venido a tomar un rumbo que, si bien por el momento sería exagerado calificar de "consumista", al menos busca aumentar la cantidad y calidad de los bienes destinados al uso popular. El hecho implica confesar la incapacidad propia para satisfacer la demanda interna en términos adecuados y, a la vez, admitir la superioridad de los padrones occidentales en orden a conseguir esa meta.

Para nadie que esté medianamente informado ha sido novedad que en Rusia el mercado está regulado por las "colas" formadas ante los almacenes (estatales) y no por el precio. Sabido era, y es, asimismo, que muchos de los artículos denominados "superfluos" por la prensa oficial soviética, entran de contrabando al país y son ávidamente procurados por quienes tienen el dinero suficiente para obtenerlos en el mercado negro. Entretanto, las influencias y el favoritismo político han creado una situación de desigualdad irritante entre los pudientes y la masa, en el acceso a los bienes de consumo y en el disfrute de las mejores condiciones de vida, sin que la circunstancia alterase el ánimo de los dirigentes en una sociedad presuntamente sin clases ni privilegios.

En ese cuadro, el "gosplan", topoderoso ente planificador, ocupa el centro y es el eje en torno del cual ha girado todo. Sólidamente implantado en tiempos de Stalin, ha sido inamovible hasta ahora, más allá y por encima incluso de sus reiterados fracasos. Lo han sustentado la intolerancia ideológica —resucitada por Suslov en el XXVI Congreso del PCUS— y una estructura burocrática férreamente apegada a una ortodoxia que le favorece.

El revisionismo, audaz si se quiere de Gorbachov, no permite prever, empero, que las cosas vayan a cambiar de un día para el otro. Todavía está por verse si los soviéticos pueden establecer algo parecido a una economía de mercado, cuando el "gosplan" no ha sido desmantelado, ni mucho menos. De todos modos, las reformas recién aprobadas por el Soviet Supremo (Parlamento) representan un cambio trascendente, que viene a dar razón al movimiento, impetuoso en el mundo actual, tendiente a la desestatización de la economía. Este movimiento, que en el Oeste es llevado vigorosamente adelante por países como Gran Bretaña y Francia, alcanzó asimismo al bloque comunista, primero en China, después en diferentes estados del bloque oriental europeo y, finalmente, en la propia Unión Soviética.

CUESTA creer que, mientras tanto, haya en nuestro país quienes, absurdamente y en una actitud francamente reaccionaria, se opongan herméticamente a todo cambio dirigido a lograr eficiencia y desburocratización con entusiasmo y ardor dignos de mejores causas. Son los que, alegando razones de soberanía por entero ajenas a la cuestión, pregonan un falso progreso para armar así la trampa del atraso y el empobrecimiento; la que conviene a sus intereses políticos. Sin reparar siquiera en la contradicción existente entre sus posiciones y las que acaba de adoptar, rompiendo similares prejuicios, Gorbachov.

026

15 JUL. 1987

VASS

Contra valores no socialistas

Gorbachov advierte a la prensa

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El líder soviético Mijail Gorbachov advirtió ayer a la prensa que aquellos periódicos y revistas que sugieran "valores más allá del socialismo" deben ser criticados.

Gorbachov, hablando con jerarcas del área de comunicación en el Comité Central del Partido Comunista, también rechazó que la Unión Soviética hubiese renunciado a la economía planificada, acotando que "eso jamás sucederá".

El líder soviético también destacó, dijo la agencia noticiosa TASS, que el pueblo soviético jamás perdonará las represiones sufridas a fines de la década de 1930, en alusión a las brutales purgas dispuestas por José Stalin.

Gorbachov, que estableció en su país el "glasnost", o sea la política de apertura poco después de asumir su cargo hace 28 meses, también llamó la atención por las "aberraciones" en algunas publicaciones, dijo TASS.

"No tengo razones para hacer algún reproche político importante. Todo ello después de todo ocurrió dentro la lucha por el socialismo, por su perfeccionamiento", dijo.

"Pero si alguien comienza a sugerirnos valores y descubrimientos que están más allá del interés del pueblo y más allá del socialismo, entonces el Comité Central hará una crítica pública, dando su opinión en el contexto de democracia y apertura", señaló el líder soviético.

HR

LA MAÑANA

024

URSS/

15 JUL. 1987

Ministro germano escéptico

Reformas en URSS

El Ministro germanooccidental de Defensa se manifestó ayer escéptico sobre el supuesto cambio de rumbo en política exterior y de seguridad de la Unión Soviética bajo el máximo dirigente Mijail Gorbachov.

BONN (ANSA, EFE y UPI).- En un acto organizado por la fundación Konrad Adenauer, próxima al partido Cristianodemócrata (CDU), el Ministro Manfred Woerner reconoció que desde la llegada al poder de Gorbachov, la dirección soviética no ha dejado de hacer profesión pública de fe en la necesidad de paz y de colaboración internacional.

Sin embargo, no es del todo claro, según el Ministro, si ello corresponde a un cambio de rumbo real y profundo en la política exterior soviética o si, por el contrario, se trata de un intento táctico de ganar tiempo para poder tener en el futuro mayor margen de maniobra.

El hecho es que bajo Gorbachov, la URSS continúa afianzando ininterrumpidamente su poderío, explicó Woerner, que pasa por ser uno de los políticos más conservadores del partido del Canciller Helmut Kohl.

Woerner dijo que el cambio debe demostrarse sobre todo a través de la automoderación en el campo militar y en el respeto de los derechos humanos y de la autodeterminación de los pueblos.

Según el político cristianodemócrata, con la liberación de unos 60 disidentes en la URSS no puede decirse que haya cambiado la situación de las clínicas psiquiátricas en ese país.

Criticó asimismo el hecho de que pese a las declaraciones públicas de Gorbachov sobre lo absurdo de las guerras, la URSS siga guerreando contra el pueblo afgano a los tres años de la llegada de aquél al poder.

MARGEN DE MANIOBRA

Añadió que debido a su supremacía cuantitativa en casi todos los sistemas de armas, la dirección soviética tiene un margen de maniobra que puede aprovechar fácilmente para hacer o sumarse a propuestas de desarme sin variar mínimamente las líneas maestras de su política militar.

Para Woerner, un buen ejemplo de ello es el "sí" soviético a la propuesta otaniana de una opción cero, ya que la eliminación de los euromisiles de más largo alcance deja a la URSS suficiente potencial atómico con que seguir amenazando a Europa occidental.

"La URSS podría permitirse el retirar varias divisiones de la RDA y de Checoslovaquia sin que sufriese nada su sistema estratégico global", indicó.

La desconfianza manifestada por Woerner hacia el nuevo rumbo de Gorbachov contrasta poderosamente con las declaraciones positivas que hizo durante su reciente visita a la URSS el Presidente federal alemán, Richard von Weizsaecker, también cristianodemócrata y con las del Ministro de Asuntos Exteriores, Hans-Dietrich Genscher.

Precisamente ayer, al iniciar sus conversaciones de dos días de duración en la capital alemana, Genscher y su colega yugoslavo, Rail Dizdaveric, valoraron de forma positiva la reforma política de Gorbachov y subrayaron que un tratado sobre la doble opción cero, para la destrucción de los euromisiles en Europa, sería un paso histórico para iniciar negociaciones da desarme a nivel mundial.

Genscher y Dizdarevic valoraron la reforma política de Gorbachov como un paso importante para mejorar las relaciones Este-Oeste y la situación en Europa.

01.01

8708014

URSS: ley de empresas públicas

La Ley de la empresa (asociación) estatal aprobada recientemente en la URSS, tiene la finalidad de profundizar los principios centralizadores en la solución de los problemas de la economía nacional, y al propio tiempo, de ampliar las bases democráticas y el desarrollo de la autogestión de las empresas.

La Ley constata que la empresa estatal es, junto a las cooperativas, el eslabón principal del complejo único de la economía nacional de la URSS. Ella juega el papel principal en el desarrollo del potencial económico del país y el logro de la meta superior de la producción social en el socialismo: satisfacer plenamente al máximo las crecientes necesidades materiales y espirituales de las personas.

Las peticiones del consumidor son obligatorias para la empresa —subraya la Ley—. Y la satisfacción total y a tiempo de ellas, en el sentido supremo y norma de la actividad de cada colectividad laboral.

La actividad de la empresa se asienta sobre la base del plan estatal, como instrumento principal de la realización de la política económica del PCUS y del Estado Soviético, y se realiza sobre los principios de la plena autogestión financiera y autofinanciación. La empresa confecciona y aprueba por sí sola sus planes. La colectividad laboral, dueña plenamente de los poderes de la empresa, decide de forma autónoma todos los aspectos del desarrollo industrial y social.

La Ley estipula que las empresas, de las sumas obtenidas de la comercialización de la producción, de los trabajos o servicios, hacen determinados descuentos para el presupuesto estatal, pagan al Estado por la utilización de los fondos básicos, así como los intereses por el crédito. Las demás sumas ganadas por la empresa, que constituyen sus ingresos económicos, ésta las emplea de forma autónoma, no pasando a formar parte del presupuesto del Estado.

Como contrapartida tampoco el Estado responde por los compromisos asumidos por las empresas. A expensas de sus propios ingresos éstas crean los fondos para la remuneración del trabajo, el desarrollo social, el fomento de la producción, de la ciencia y la técnica.

Uno de los puntos del documento trata de las asociaciones de producción y de las asociaciones científico-industriales. Constata que estas últimas se crean para elaborar y producir en los plazos más breves maquinaria, equipos e instrumentos altamente eficientes, procesos tecnológicos y etc. Las asociaciones científico-industriales se crean sobre la base de potentes centros de investigación científica y de grandes producciones.

La dirección de la empresa, en virtud de la Ley, compagina elementos de la dirección centralizada y de la autogestión socialista de la colectividad del trabajo. Se establece la elegibilidad de todos los dirigentes.

La Ley de la empresa estatal determina que el director de la empresa se elija en reunión general o en asamblea de la colectividad laboral por un período de cinco años, siendo refrendado en su cargo por el organismo inmediato superior. Para este mismo plazo se eligen por la colectividad laboral los dirigentes de talleres, sectores, así como contramaestres y jefes de brigada, que serán refrendados en sus cargos por el director de la empresa.

Se establece además que la colectividad laboral ejerza sus derechos y poderes a través de la reunión general o asamblea. La reunión y la asamblea no solo tienen derecho a elegir al director, sino también a examinar los proyectos de los planes del desarrollo económico y social de la empresa, aprobar el contrato colectivo con la administración y someter a consideración otras importantes cuestiones de la vida de la fábrica o taller. En el período entre las reuniones o asambleas sus poderes pasan al consejo de la colectividad laboral, elegido por ellas.

En el artículo de la Ley que trata de la actividad económica exterior de las empresas y asociaciones, se dice que ésta se realiza, como regla, sobre la base de la costeabilidad y autofinanciación en moneda extranjera.

La Ley destaca la importancia de prioridad de la cooperación de las fábricas y asociaciones soviéticas con las empresas de los países socialistas, de la ampliación y cooperación eficiente con ellas. Un párrafo especial está dedicado a los principios y formas de las relaciones de las empresas con sus "partners" en los países miembros del CAME.

La empresa, en virtud de la Ley, puede participar en la actividad de las empresas mixtas, asociaciones y organizaciones internacionales que se crean sobre la base de los acuerdos internacionales de la URSS.

024

URSS

La Mañana
MONTEVIDEO, JUEVES ... DE JULIO DE 1987

El ex Presidente visita Moscú

Gorbachov trató con Carter la situación mundial

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, recibió ayer en el Kremlin al ex Presidente de Estados Unidos, Jimmy Carter, para analizar la situación internacional y el estado de las relaciones entre ambos países.

Carter, que se encuentra en Moscú en visita privada, expuso a Gorbachov su opinión sobre el problema de Oriente Medio y las posibilidades de llegar a un acuerdo de desarme nuclear, según informaron fuentes diplomáticas estadounidenses.

Los medios oficiales soviéticos aseguraron que Gorbachov propuso nuevamente la celebración de una conferencia internacional sobre Oriente Medio con la participación de todas las fuerzas involucradas y de la propia Unión Soviética.

El Jefe del Kremlin recordó a Carter las ofertas negociadoras en materia de desarme atómico y abogó en favor del desarrollo de una nueva mentalidad que evite la acumulación de tensiones en el mundo y haga posible la creación de un puente de paz entre Washington y Moscú.

Esperamos que Estados Unidos acepte con realismo las propuestas de la URSS para abrir el camino a una nueva era de coexistencia entre nuestros diferentes sistemas políticos y económicos, dijo Gorbachov a Carter, según las fuentes soviéticas.

Gorbachov aseguró al ex Presidente estadounidense que el proceso de reforma interna en la URSS atravesó ya la parte más difícil y que, a pesar de la aparición de nuevas complicaciones, el cambio social y político se abre camino con seguridad.

01.01

8708031

HB

026

URSS

La Mañana
MONTEVIDEO, MIERCOLES 1° DE JULIO DE 1987

Realizan consultas para fijar fecha de visita a URSS

El Ministro de Relaciones Exteriores, Cr. Enrique Iglesias, tras el acuerdo semanal celebrado con el Presidente de la República, Dr. Julio María Sanguinetti, señaló que se vienen realizando las consultas diplomáticas correspondientes, a los efectos de fijar la fecha de la visita del Primer Magistrado a la Unión Soviética.

Indicó que tampoco se ha fijado la fecha de la visita a Uruguay del Secretario General del Partido Comunista Soviético, Mijail Gorbachov.

El Jefe de la Diplomacia uruguaya que la próxima semana viajará para asistir a una reunión de la UNCTAD, haciendo una escala en Caracas, respondiendo a una invitación de su colega venezolano, se refirió también a la frustrada reunión de los ocho Presidentes de los países de Contadora y del Grupo de Apoyo.

Sostuvo que la fecha de esta reunión era objeto de consultas entre las distintas cancillerías, al tiempo que el tema fue debatido en ocasión de la reciente visita a México del Presidente Dr. Raúl Alfonsín y continúan los preparativos.

Sobre la posibilidad de que se incremente el precio del petróleo, sobre los actuales 18 dólares el barril, Enrique Iglesias consideró como aventurado pronunciarse desde aquí, dada la variabilidad del mercado petrolero.

01.01

8708033.

EL PAIS

03 AGO. 1987

URSS. 026

SOVIETICOS-CORRUPCION. Moscú, 2 (AP). — El jefe de una unidad policial en una ciudad cercana a esta capital fue sentenciado a muerte por haber matado a dos hombres que se rehusaron a pagarle sobornos, dice hoy un diario del Partido Comunista Soviético. El diario "Leninskoye Znamya" dice que se trata de un caso extremo de abuso del poder, pero agrega que debería servir de advertencia a otros funcionarios corruptos.

EL PAIS

04 AGO. 1987

■ PERESTROIKA. Madrid. (ANSA).— El subjefe de Estado Mayor Soviético, general Yuri Lebelev, confirmó en una entrevista al periódico de Madrid Diario 16 el apoyo de las Fuerzas Armadas de su país a la "Perestroika" impulsada por Gorbachov.

No existe ninguna posibilidad, declaró el general, de que este fenómeno "encuentre la oposición de las Fuerzas Armadas Soviéticas, porque nosotros los militares venimos del pueblo, que ha recibido a la [illegible]

01.01

8708053

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Presidente de RFA. Viaje a la URSS.

PROCEDENCIA: El País 5/7/87

ARCHIVADO EN: R. F. Alemania (003)

01-01 8708071

PERLA URSS

"¿Se convertirá el oso ruso en un osito?"

La diplomacia sonriente de Gorbachev

Por Juan Ferosey

Naciones Unidas – ¿Podrían responder a esta pregunta? ¿Qué es "glasnost" en ruso: franqueza, sinceridad, publicidad? ¿Es verdaderamente sinceridad o sólo una ilusión para engañar a Occidente? ¿Es Gorbachev un reformador o simplemente un ilusionista que sacó a Sakharov del exilio mientras, tras él, millones languidecen en los campos de concentración y prisiones del Gulag? ¿Se propone realmente una "perestroika" –reorganización– o está simplemente cambiando de táctica? "¿Se trasformará el oso ruso en un osito" o en una vestia todavía más peligrosa?

"Glasnost" es una espada de dos filos: para uso doméstico es útil a fin de destruir a los enemigos internos del grupo gobernante, y para la exportación es útil a fin de proyectar una imagen sonriente en los medios informativos occidentales; tras las sonrisas de Gorbachev las pantallas de televisión no pueden mostrar las brutalidades cometidas en, por ejemplo, Afganistán.

El "uso doméstico"

Contemplemos primero el uso doméstico. "Gorbachev es un marxista-leninista, pero que sabe que algo anda mal en la Unión Soviética", dijo un observador del Kremlin. La economía soviética está estancada y, de acuerdo con Jerry F. Hough, profesor de ciencias políticas de la Universidad de Duke, el equipo de Gorbachev comprendió que la Unión Soviética se está quedando detrás no sólo de los Estados Unidos, Europa occidental y el Japón, sino incluso de Corea del Sur y el Brasil. La modernización de la economía es imprescindible y algunos problemas tienen que ser abordados sin demora, tales como el alcoholismo, la drogadicción, la corrupción, la prostitución, la incompetencia y hasta la agricultura, porque la Unión Soviética no es capaz de alimentar a su propio pueblo.

En dos años han sucedido más cosas en la Unión Soviética que en diez años antes, dijo un diplomático europeo occidental. Don Oberdorfer, el liberal corresponsal diplomático del "Washington Post", describió su conversación en Moscú con un hombre de la KGB. "El tiempo se está acabando y debemos movernos con rapidez", dijo. El corresponsal preguntó a muchos en Moscú sobre la oposición a Gorbachev; cree que esta oposición de elementos conservadores –los "apparatchicks" burocráticos– es "formidable". Oberdorfer escribió: "Poco antes de partir de Moscú un funcionario de alto rango de los Estados Unidos dijo: creo que hay tres o cuatro oportunidades entre diez de que Ronald Reagan sea presidente de los Estados Unidos por más tiempo que Gorbachev secretario general del partido Comunista".

Richard Owen, antiguo corresponsal en Moscú del "London Times", citó a Arthur Hartman, el retirado embajador de los Estados Unidos en Moscú, quien dijo que "Gorbachev estaba condenado al fracaso". El corresponsal británico adujo en su libro, "Crisis en el Kremlin", que la historia de la lucha por el poder en la Unión Soviética mostraba que todo nuevo secretario general tenía que continuar combatiendo a las personalidades, ideas y grupos en el poder rivales mientras consolidaba su posición, en el caso de Gorbachev, "la lucha ha de ser fiera debido a que busca reformas fundamentales en su afán por alcanzar al Occidente". Considera que Gorbachev es todavía un "prisionero del sistema".

El trabajo aumenta, la escasez continúa

Mientras continúa la lucha entre el equipo de Gorbachev y los burócratas de Brezhnev, la vida del trabajador soviético sigue sin mejorar. Un crítico dijo que "Gorbachev quiere completar en cuatro años un plan quinquenal", observando que Gorbachev hacía referencia a Stakhanov, el superminero de Stalin que producía cuatro veces más que un "ordinario" minero del carbón; el resultado fue una elevación de la "norma" de producción, para que los mineros produjeran mucho más por el mismo salario. Ahora, tras toda la crítica tolerada, la gente sigue esperando en largas colas por el pan, y la crónica escasez de alimentos no ha terminado.

La imagen exterior

Gorbachev y sus seguidores han estudiado a Lenin que, hace 66 años, introdujo su "Nueva Política Económica", para obtener crédito de Occidente, y explicó: "Debemos ser flexibles, ser capaces de cambiar nuestras tácticas cada vez que sea necesario; recuerden, dos pasos hacia adelante, un paso hacia atrás". La Unión Soviética necesita urgentemente créditos occidentales, y ayuda en forma de "empresas conjuntas". Para lograr esto, es necesario proyectar una mejor imagen del Kremlin.

Los creadores de imágenes son: Yakovlev, el primer experto en "Agitprop" del Politburó; Dobrynin, antiguo embajador en Wáshington; y Arbatov, jefe del instituto para los Estados Unidos y el Canadá en Moscú. Ellos han calculado astutamente que la televisión occidental pudiera cooperar con ellos. En menos de un año, los propagandistas soviéticos han sido capaces de aparecer 279 veces en la televisión estadounidense, mientras que los diplomáticos y periodistas norteamericanos han aparecido brevemente en la televisión soviética sólo 9 veces.

Recientemente, Andrei Sakharov hizo una declaración por televisión, pidiendo que se retiren con urgencia las tropas soviéticas de Afganistán, y diciendo que la liberación de 160 presos políticos "no es satisfactoria", y demandando también la liberación de los presos en campamentos especiales y hospitales psiquiátricos. Su declaración fue trasmitida por un canal de la televisión estadounidense, pero no en la Unión Soviética.

¿Es en interés de Occidente ayudar a revigorizar la economía soviética, para contribuir a mejorar la industria soviética? Obsérvese que a pesar de los lemas del "glasnost" y de la publicidad obtenida en los medios occidentales, la política de expansión del Kremlin no ha cambiado. Aunque económicamente deficiente, el objetivo del gigante militar soviético es el control político y militar del mundo.

Gorbachev, su equipo, sus opositores internos y también los militares allí creen profundamente en la doctrina de Lenin: "La victoria del sistema comunista en la lucha del comunismo mundial contra el capitalismo".

De modo que Occidente debería tener cautela: no ayudar a fortalecer la economía soviética a menos que se limite el poderío militar soviético y se cambie la política expansiva global del "Imperio".

Momento Político

Por Horatius



SIGUEN LAS ANEXIONES

En el tiempo que media entre Iván el Terrible y Mijail Gorbachov, Rusia, y más tarde la Unión Soviética, expandieron su territorio en 22:402.200 kilómetros cuadrados, algo así como 134 veces el tamaño del Uruguay. Los gobernantes que ahora ocupan el Kremlin, lejos de devolver u otorgar independencia a los territorios ocupados conforme a la tendencia de las grandes potencias coloniales que se materializaron este siglo, se han mostrado tan ávidas por las conquistas territoriales como los zares. A vuelo de pájaro, para refrescar la memoria, cabe recordar la anexión de Carelia y otras partes de Finlandia tras la guerra con ese pequeño país, seguida por la de un extenso sector de Polonia, Prusia Oriental, parte de Checoslovaquia, las Islas Kuriles, Hobomai, Shikotan y la mitad de Sakhalin, además de Lituania, Letonia y Estonia.

El último golpe de este tipo es la desapercibida anexión del "corredor" de Wakhan, una angosta franja montañosa al nordeste de Afganistán, establecida décadas atrás para separar el imperio ruso del británico en Asia Central, que ahora conecta a los afganos con China a lo largo de unos 60 kilómetros de frontera común, dejando a la URSS de un lado y a Pakistán del otro.

¿Se ha producido efectivamente una anexión? Cierto es que los soviéticos invadieron Afganistán, donde controlan el gobierno y buena parte del territorio, hecho que pueda dar margen a que se confunda ocupación con anexión. Pero también es cierto que lo que ocurre en Wakhan es muy diferente a lo del resto del país. Los soviéticos han tomado íntegramente en sus manos la administración del corredor, como si fuera parte de la limítrofe República de Tadzhikistan.

La única entrada al corredor desde Afganistán, donde está la ciudad de Ishkashim, está ocupada por los rusos. Mohammed Siddig Farhang, ex-consejero económico del gobierno de Babrak Karmal, que se refugió en la India a principios de este año, asegura que todas las tribus locales fueron evacuadas, y que la región fue sellada por las tropas soviéticas, al punto que los oficiales afganos tienen prohibido el ingreso a Wakhan.

Los rusos han instalado ahí un vasto aparato militar, incluyendo un grupo de artillería a pocos kilómetros de la frontera con China, y ahora pueden mirar directamente hacia Pakistán girando tan solo la cabeza.

El lector puede sacar sus propias conclusiones.

026

Países Bálticos: Protestas Contra Moscú

El País 26-8-87

Realizan Manifestaciones en Aniversario de Pacto Hitler - Stalin

URSS

MOSCU, 25 (AP y ANSA).— Millares de personas se enfrentaron a la policía soviética a fin de protestar por el Pacto de 1939 entre Hitler y Stalin que abrió el camino para la ocupación soviética de Latvia, Lituania y Estonia.

El pasado día 23 fue el 48vo. aniversario del Paco de no agresión que postergó el ingreso de los soviéticos en la Segunda Guerra Mundial y les permitió tomar control de las republicas bálticas.

Residentes de la región báltica dijeron a periodistas occidentales en Moscú que centenares de policías fueron enviados a controlar manifestaciones en las ciudades de Riga, Vilnius y Tallinn.

Janis Roskains, un nacionalista latvio que colocó una corona en el monumento a las víctimas de la guerra en Riga, dijo que al menos 2.000 personas se congregaron en el sitio alrededor de mediodía. Agregó que unos 5.000 intentaron llegar en la tarde a la plaza acordonada.

Roskains dijo que unos 500 policías uniformados y con ropas de paisano erigieron barricadas y clausuraron una calle de tránsito peatonal que conducía al monumento.

Un hombre que sostenía una pancarta exigiendo "publicar los hechos acerca del culto a Stalin" fue arrestado por la policía y un fotógrafo presuntamente extranjero fue detenido y su cámara de video destrozada por las autoridades, dijo Roskains.

Las manifestaciones nacionalistas del domingo pasado en las tres capitales de las repúblicas bálticas de Lituania, Estonia y Letonia, evidentemente han puesto nerviosos a los dirigentes soviéticos, mucho más de cuanto lo habían estado por la análoga manifestación de Riga del 14 de junio pasado y por las recientes protestas de la minoría tártara.

Aunque en los comentarios de prensa un diario como Izvestia trató de restar dramaticidad a las manifestaciones, afirmando por ejemplo que en Vilnius, capital de Lituania, se trataba en su mayoría de personas de edad avanzada que además no pedían el derrocamiento del sistema soviético, la mayor parte de los diarios soviéticos utilizaron sobre todo para las manifestaciones en Riga y Tallin, tonos duros y preocupados.

En particular la agencia oficial TASS, que fue utilizada por la mayor parte de los diarios soviéticos, tituló sus servicios desde Riga y Tallin con la frase: "liberar las calles de provocadores", y admitió que a 47 años de la instauración del poder soviético en aquellas repúblicas, todavía existen personas que sueñan con un ilusorio retorno del capitalismo. Pravda significativamente el título ayer su servicio sobre las manifestaciones con la frase: "imposible retornar sobre nuestros pasos".

Las razones del creciente nerviosismo soviéticos a propósito del disenso báltico (reflejo de la situación de una de tantas minorías que integran el vasto mosaico de las nacionalidades soviéticas), son varias y tienen profundas raíces en las mismas repúblicas.

En sustancia, el nerviosismo soviético con respecto a las manifestaciones en los países bálticos tiene una relevancia de política interna, en cuanto puede dar a los adversarios de la Glasnost y del "proceso al pasado staliniano" un argumento más. O sea, éstos pueden afirmar que criticando demasiado al stalinismo y a su política podría volver a ponerse en discusión algunas de las mayores conquistas del socialismo soviético, especialmente la creación de un cinturón de Estados-colchón, de probada fidelidad (o por la fuerza) en torno a la URSS.

No es casual que los diarios locales así como la TASS en particular han puesto de relieve que estas manifestaciones fueron orquestadas por emisoras occidentales, bajo la guía de la CIA norteamericana, pero con la participación y apertura de la actual dirigencia del Kremlin.

Gorbachov y la cúpula dirigencial moscovita se encuentra ahora contra la pared. Esto es, no pueden reprimir violentamente a los manifestantes, so riesgo de perjudicar sus enunciados políticos publicitados a través de la Gasnost. Pero tampoco pueden permitir que libremente se critiquen aspectos del pasado que hacen sin duda al presente soviético algo que jamás soñó Gorbachov ni sus seguidores.

Un activista de los Derechos Humanos de Letonia dijo hoy que la policía soviética irrumpió en un apartamento en Riga y arrestó a once dirigentes de manifestación nacionalista.

01.01

8708098

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Shevardnadze agradeció apoyo dado por España

PROCEDENCIA: LA HABANA 23/9/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (B)

01.01

8708106

LA MAÑANA

15 JUL. 1987

URSS rechaza fin político en misión a Israel

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- La Unión Soviética rechazó ayer, a través del portavoz del Kremlin, Boris Piadishev, que la visita iniciada por ocho representantes consulares a Israel tenga algún objetivo político.

Piadishev afirmó en rueda de prensa que la delegación encabezada por Eugeny Antipov, vicejefe del directorio consular del Ministerio de Asuntos Exteriores, tratará solamente cuestiones de naturaleza consular, relacionadas con los ciudadanos y propiedades soviéticas en Israel.

El portavoz desmintió las declaraciones efectuadas por Simón Peres en el sentido de que la delegación soviética abordaría también cuestiones políticas, entre otras la convocatoria de una conferencia de paz sobre Oriente Medio, el restablecimiento de relaciones diplomáticas y la emigración de los judíos de la URSS.

Sobre este punto, Piadishev manifestó que las declaraciones de Peres son tendenciosas y fueron realizadas con la pretensión de hacer creer que se habían producido cambios en la actitud de la URSS hacia Israel.

RELACIONES DIPLOMATICAS

Sobre un posible restablecimiento de relaciones entre ambos países, el portavoz afirmó que la visita del grupo consular no está relacionada con un fin de este tipo, y que el restablecimiento de relaciones sólo podría producirse en el marco de un acuerdo en Oriente Medio.

Boris Piadishev añadió también que la postura de Moscú sobre este tema no ha variado y que mantiene las mismas condiciones para un restablecimiento de relaciones con Israel.

En cuanto a una posible visita de carácter similar a la soviética de representantes israelíes a la URSS, el portavoz del Kremlin afirmó que Moscú considera que no existen fundamentos para aplicar un principio de reciprocidad.

Piadishev añadió que la visita del grupo consular soviético a Israel no durará más de tres meses.

Los integrantes de la primera delegación consular soviética en Israel desde 1967, inició ayer su primer día de labor en Jerusalén junto a sus colegas israelíes, en medio de protestas en favor del judaísmo soviético y de divergencias técnics.

Nuestros dos únicos objetivos son técnicos: inspeccionar las propiedades soviéticas, y tomar contacto con ciudadanos rusos en Israel, declaró Antipov a la prensa, en el Ministerio israelí de Asuntos Exteriores.

Tras la sesión de trabajo, varias decenas de activistas israelíes por los derechos de la minoría judía en la URSS exigieron a Antipov la liberación de la economista Ida Nudel, quien desde hace dieciséis años desea viajar a Tel Aviv para reunirse con su hermana.

A preguntas de los periodistas, Antipov reiteró: No somos una delegación política, y afirmó que la URSS no concederá visados a diplomáticos israelíes para establecerse en Moscú.

01-01

8708111

La URSS en tiempos de perestroika

026

La Hora

12 JUL. 1987

Por Pedro Cribari

Algo nuevo pasa en la Unión Soviética y se refleja en el mundo entero. Los cambios que se vienen procesando desde 1985 despiertan la atención de vastos sectores de la opinión pública internacional. La popularidad de Gorbachov crece día a día. Sus propuestas de paz y desarme encuentran resonancia en los pueblos europeos y comienzan a producir efectos positivos en algunos gobernantes. Otros, presionados por los fuertes consorcios del armamento —o simplemente expresión de esos intereses—, continúan poniendo trabas a las diversas fórmulas presentadas por el gobierno soviético. Pero las estadísticas son por demás expresivas del nuevo momento político internacional que se vive. En Francia, de acuerdo a sondeos de la opinión pública, el 63% de los consultados dan crédito a las iniciativas de paz y desarme que promueve el PCUS. Sólo el 13% conceden credibilidad a Reagan. Y no es un fenómeno aislado el de Francia. En Alemania Federal la relación de popularidad a favor de Gorbachov es de 3 a 1. La ciudadanía europea comienza a mirar esperanzada hacia esta nueva ofensiva de paz que —de encontrar eco en los gobernantes de Europa Occidental— allanaría el camino hacia bases racionales y humanas de convivencia internacional.

Una esperanza crece en los pueblos

"....el camino hacia una paz sólida y un mundo desnuclearizado, tal y como lo quieren los pueblos, cansados de confrontación, asfixiados por ella, el camino hacia un mundo sin violencia, en el que cada uno conserve sus ideas filosóficas, políticas y religiosas, ese camino es el de las conversaciones entre los Estados, el de la elaboración conjunta de acuerdos sobre puntos centrales de la agenda internacional y, ante todo, sobre cuestiones de desarme". (Mijaíl Gorbachov en reportaje de L'Unita).

La flexible e imaginativa política exterior de la Unión Soviética se ha transformado en un aliciente adicional de los movimientos pacifistas que intensifican sus movilizaciones apoyados ahora en una mayor confiabilidad. La ola de esperanza sacude todos los continentes. La permeabilidad también llegó a los Estados Unidos. A la tozudez e intransigencia de Reagan y su séquito se opone la voluntad de crecientes e influyentes sectores de la opinión democrática. Es un nuevo fenómeno. Nuevo por la extensión del movimiento más allá de carecer todavía de suficiente estructuración. Nuevo por su gran significación en el plano interno y en la oxigenación de las relaciones internacionales. ¿En qué se expresa? Por un lado en un fluido intercambio de delegaciones de diversa condición. En las últimas semanas hubo reuniones de grupos parlamentarios. Sin embargo los pasos más audaces y efectistas se han producido en los medios de comunicación. Periodistas de poderosas redes de la televisión de EE.UU. han arribado a Moscú, trabajando con absoluta libertad por sus calles entrevistando a los transeúntes, llegando a grabar un programa con decenas de ciudadanos soviéticos en el que se habló de todo. También en los últimos días cerca de 200 pacifistas norteamericanos realizaron una marcha desde Leningrado hasta Moscú recibiendo el cálido apoyo del pueblo soviético.

Son indicios cada vez más firmes que llevan a pensar que en la actualidad ha comenzado a fructificar en amplios sectores la consecuente política de paz de la URSS, cuyos orígenes se remontan a los primeros pasos de la revolución triunfante del 17. Esa vocación pacifista abonada con la sangre de decenas de millones de soviéticos en la defensa de la patria socialista cuando la invasión nazi, tiene hoy en el discurso de Gorbachov una expresión más convincente en la opinión pública de Occidente. Y para entender por qué esto es así es preciso comprender que simultáneamente con la gran proyección internacional, la Unión Soviética, el PCUS y en particular su

URSS

01.03

8708115

secretario general, están recibiendo una corriente de simpatía a partir de los sucesos internos, a los acelerados cambios que se procesan en el seno del país de los Soviets.

Hacia nuevas conquistas

"Avanzando por el camino del Gran Octubre, el pueblo soviético realizó transformaciones sin precedentes en la vida política, económica, social e intelectual.

Las dificultades que hemos enfrentado estos últimos años no se deben a la naturaleza del régimen socialista, sino a la insuficiente utilización de sus posibilidades, no radican en la democracia socialista como tal, sino en defectos de funcionamiento".

(Mijail Gorbachov, en reportaje de L'Unità)

Los gigantescos avances plasmados en los 70 años de poder soviético ya son vistos como insuficientes. El pasaje a formas más elevadas de calidad de vida del ciudadano es tarea de obligado debate en todas las instancias de la democracia socialista. ¿Es que acaso se dan situaciones parecidas a las que sufren los pueblos del sistema capitalista o tercermundista? No, para ubicar correctamente la naturaleza de los cambios, el sentido de la "perestroika" (reestructuración), la renovación de la economía y la profundización de la democracia hay que partir de una premisa clara: la URSS ha resuelto —en lo fundamental— las necesidades básicas de toda la población en los siete decenios de revolución. Hay quien puede pensar que es poca cosa haber liquidado la explotación del hombre, haber resuelto la salud y vivienda para todos, garantizar trabajo a todos, una retribución digna, alimentación y educación como beneficio de toda la sociedad. El ciudadano de las quince repúblicas, el anciano, la mujer, el hombre y el niño de las más de cien nacionalidades que conviven en el territorio soviético, tienen como gran conquista, como conquista sin precedentes en la historia de la humanidad un nivel de vida decoroso.

Recorriendo los almacenes, supermercados, tiendas y ferias vecinales cualquier observador desapasionado puede llegar a la verificación del alto poder adquisitivo del consumidor, tanto que pone en aprietos la estructura de oferta de bienes. Claro que uno no va a encontrar las mil posibilidades que ofrece un supermercado uruguayo u otro país capitalista. No verá vinos chilenos, whisky escocés, salchichón dinamarqués, aceitunas griegas, pastas italianas, quesos franceses y otros productos de reconocido prestigio internacional. No, esa posibilidad no está al alcance del hombre o mujer soviéticos. Pero, cabe preguntarse, ¿está acaso al alcance de las mayorías de los consumidores de nuestro pueblo o es por el contrario privilegio de minorías? Tampoco vimos —y así se lo comentábamos a nuestros interlocutores moscovitas o leningradenses, casas como las que adornan Carrasco o Punta del Este. Y les explicábamos que la otra cara de esas lujosas, faraónicas mansiones, es la falta de techo para miles o las condiciones infrahumanas de grandes sectores de la población. Vale decir que para juzgar aquella realidad resulta imprescindible partir de la base de que es una sociedad sin privilegios, sin exclusivismos, que tiene como centro y preocupación esencial resolver una calidad de vida donde no haya marginados, donde sí se respeta la contribución de cada ciudadano evitando toda clase de igualitarismos, pero garantizando un nivel básico para todos los componentes del cuerpo social. Este rasgo es distintivo del socialismo, marca un gran salto respecto a las condiciones de vida en cualquier sociedad capitalista, golpeada ayer y hoy por la desocupación y hambre de millones.

A la luz de esta realidad ubiquemos el fenómeno de la "perestroika" que viene impulsando el PCUS y que viene recibiendo un masivo apoyo del pueblo soviético y la simpatía de la opinión pública democrática internacional.

Profundas reformas de la economía

El PCUS ha planteado en sucesivas instancias orgánicas la imperiosa necesidad de promover cambios en la gestión económica. Desde la reunión del Pleno del Comité Central de abril de 1985, pasando naturalmente por el 27° Congreso de febrero de 1986 y las recientes reuniones de enero y junio, se acentúa el planteamiento del viraje radical de la economía que detenga los fenómenos de estancamiento de los últimos años. En los siguientes meses se pondrá en vigor la nueva ley de gestión económica que tiene como elemento sustancial el resolver una adecuada correlación entre la planificación central y la labor de la empresa (fábrica, Koljós o sovjós). Y es precisamente en la empresa donde se deben producir los mayores cambios, los que de prosperar garantizarán una sostenida potenciación de toda la economía. La "perestroika", en el plano económico, apunta a conceder mayor capacidad de decisión y autonomía a la unidad económica-base, tratando de hacer más fluido el conjunto de relaciones interempresariales (comercio al por mayor de los medios de producción, precios de productos fijados por acuerdos de las partes) y haciendo pesar más a la empresa (coparticipa en la planificación, debe autofinanciarse y tiene derecho a disponer libremente de su ganancia). Todas estas medidas —que irán siendo aplicadas en el curso de los tres años que restan del actual plan quinquenal— entran a restar poder a la estructura ministerial que concentraba hasta el presente la mayor cuota de decisión —no siempre acompañando las necesidades de la producción— y promover a través de una poderosa red de estímulos materiales y morales, la elevación de los niveles de productividad, de racionalización del conjunto de resortes económicos, que desemboquen en un desarrollo acelerado de la industria, de la aplicación de la ciencia y técnica a la producción y, desde luego, en una resolución a un nivel más calificado de las necesidades de la población.

El factor humano, garantía de los cambios

Por su naturaleza, el socialismo es democracia, poder del pueblo...

La democracia socialista es nuestro objetivo y, a la vez, un requisito y un potente instrumento de la reestructuración

(Mijail Gorbachov, en reportaje de L'Unità)

Reforma radical de la gestión económica. Pasaje de los métodos administrativos a los métodos económicos. Mayor énfasis en la calidad de la producción que atienda los justos requerimientos de la población. Nueva ley de gestión económica. Pero esto no es todo. No sería suficiente por medio de disposiciones de gobierno, por más

justas que ellas sean, si el esfuerzo renovador no se acompañara de una firme disposición de perfeccionar la democracia socialista. Es que para llegar a buen puerto es preciso que todo el pueblo soviético se ponga de pie. No puede ser tarea de un pequeño núcleo de esclarecidos. De ahí la gran revitalización de todos los órganos de la democracia soviética. Desde la asamblea de trabajadores de cada empresa, pasando por la elección de los directores de empresa, y dirigentes de los sindicatos hasta la reestructuración del sistema electoral de los diputados a los Soviets. Ya está quedando atrás la elección del candidato propuesto por el PCUS. En varias circunstancias electorales se puso en práctica —y existe la disposición de generalizarlo— el sistema de los múltiples candidatos. Unos pueden ser propuestos por el PCUS, otros por cualquier ciudadano sin partido.

En escasos dos años de renovación ya se aprecia una realidad distinta en cuanto a la participación popular. Claro que este proceso acelerado de renovación cuenta con los medios de comunicación como instrumentos de avanzada. Desde los canales de televisión, radios y decenas de periódicos se estimula la participación crítica de la ciudadanía. Como dijera un periodista de Moscú "buena parte del éxito dependerá de la gestión de los medios de difusión. En ellos está el deber de reflejar la perestroika, de mostrar lo bueno y malo que ocurre en la sociedad". Realmente es así. Para la prensa soviética "no hay zonas libres de la crítica". Es la "glasnost" (transparencia informativa) que constituye el otro pilar que garantizará una adecuada participación y protagonismo popular.

En la estrechez del espacio de un artículo periodístico no resulta tarea sencilla reflejar las impresiones de 37 días de visita a un país inmenso en un proceso tan hondo y complejo de cambios. Trataremos en sucesivas notas de abordar algunos otros aspectos que ilustran al lector acerca de los acontecimientos que hoy ocurren en la URSS y que tendrán efecto —a no dudarlo— no sólo en el campo socialista sino que también el conjunto de las relaciones internacionales en el presente y próximo período histórico.

03.03

últimas noticias
13 JUL. 1987

El Kremlin desarrolla planes para rescatar su protagonismo en Asia

TOKIO, (AP), por Steven K. Paulson.— Un año después que Mijail Gorbachov declaró su intención de restaurar el papel dirigente de la Unión Soviética en Asia, el Kremlin se ha apuntado logros notables aunque ha dado también algunos traspiés.

La Unión Soviética trabaja con vistas a mejorar sus relaciones con China después de más de dos décadas de diferencias ideológicas, ha decidido discutir sus diferencias con el Japón por cuestiones territoriales y aborda con un nuevo enfoque sus vínculos con algunos países del sudeste asiático para tratar de equilibrar la influencia de las grandes potencias.

Ciertas discrepancias hicieron mella en el prestigio del Kremlin en Asia el año pasado, sin embargo, especialmente su decisión de mantener 100 cohetes nucleares en Asia a cambio de la concertación de un acuerdo militar con Europa que muchos asiáticos contemplan como una traición.

Un escándalo de espionaje en el Japón constituyó otro golpe para los rusos y el fracaso de Moscú en resolver las persistente crisis militar en Afganistán y en Camboya representan posibles fuentes de problemas.

● VENTANA A ORIENTE

En un discurso difundido a todo el país por televisión, que pronunció el 28 de julio de 1986 en Vladivostok, Gorbachov anunció que ese puerto del Pacífico "podría convertirse en uno de los principales centros internacionales" del mundo.

Añadió que "quisiéramos que (el puerto) fuera nuestra ventana ampliamente abierta al oriente... la Unión Soviética, es también un país asiático del Pacífico", dijo Gorbachov.

La Unión Soviética fue otrora una gran potencia en la región, pero su influencia declinó después que China se separó de Moscú a principios de la década del 60 por diferencias ideológicas. La normalización de relaciones de China con los Estados Unidos en 1979 contribuyó a aislar a los rusos.

Mineo Nakajima, experto en cuestiones soviéticas de la Universidad de estudios extranjeros en Tokio, dijo del discurso de Vladivostok que era "un cambio muy importante en la estrategia soviética" y señaló que las decisiones del Kremlin son seguidas de cerca actualmente en Asia.

El discurso de Gorbachov estaba dividido en dos partes. La primera se centró en los problemas económicos nacionales del país y en el papel que podrían desempeñar las ciudades soviéticas situadas en el Pacífico en las tareas de reconstrucción. En la segunda abordó las relaciones internacionales con sus vecinos asiáticos.

Propuso para mejorar las relaciones con China el retiro de algunas de sus fuerzas de Mongolia y dijo asimismo que el Kremlin estaba dispuesto a resolver una disputa fronteriza con Pekín en torno al río Amur.

● AFGANISTAN Y CAMBOYA

A fin de mejorar las relaciones con otros países asiáticos, anunció que seis regimientos soviéticos estaban siendo retirados de Afganistán. Como resultado de estas iniciativas, según Nakajima, China ha mostrado un mayor interés en el Kremlin.

Dijo que los viajes que realizaron a Asia el año pasado el líder polaco Wojciech Jaruzelski y el dirigente alemán oriental Erich Honecker son parte de la iniciativa asiática de los rusos dirigida a mejorar sus relaciones con ese continente.

El Ministro soviético de Relaciones Exteriores, Eduard Shevardnadze, hizo su primer viaje a Tailandia e Indonesia recientemente y el propio Gorbachov fue a la India poco después de asumir la jefatura del Kremlin. Fue allí que propuso un plan de seguridad para Asia y el Pacífico, que incluye a China y los Estados Unidos.

Por primera vez en 19 años, la Unión Soviética envió este año un representante a la reunión del Banco de Desarrollo de Asia en Osaka, Japón. El banco suministra fondos para el desarrollo de los países de ese continente a bajo interés y la visita fue contemplada como parte de la determinación del Kremlin de asumir un papel mayor en los asuntos económicos asiáticos.

La doctrina de Vladivostock suscitó un gran interés en toda la región, pero persiste escepticismo al [illegible] una reunión de miembros de la asociación de países del sudeste asiático en Singapur en junio, el Ministro de Relaciones Exteriores de Tailandia, Siddhi Savetsila, dijo que el Kremlin debe ayudar a encontrar una solución política a la ocupación vietnamita de Camboya si Moscú desea que sus iniciativas de paz sean tomadas en serio.

Añadió que la concentración naval soviética en Vietnam ha sido alarmante.

● ESPIONAJE INDUSTRIAL

Tsuyoshi Hasegawa, profesor del centro de investigaciones eslavas del norte del Japón, dijo que los efectos del discurso de Gorbachov el año pasado han sido diversos.

Expresó que las relaciones chino-soviéticas han mejorado



MIJAIL GORBACHOV: un discurso en Vladivostok que definió la estrategia

01.02

8708117

planes para en Asia

notablemente, pero que es poco la mejoría registrada en las relaciones soviético-japonesas, como resultado en parte de un caso de espionaje relacionado con la compra de secretos militares a empleados de una base aérea norteamericana.

El incidente provocó la abrupta partida de cuatro diplomáticos soviéticos. Entretanto, varios congresistas norteamericanos calificaron la reciente compra por los rusos de tecnología restringida a la firma japonesa Toshiba Machine, como el desvío más grave de tecnología occidental en años.

Los japoneses insisten también en la devolución de cuatro islas situadas en el norte de Hokkaido, que los rusos ocupan desde la segunda guerra mundial. La Unión Soviética ha decidido discutir el asunto, medida que algunos funcionarios japoneses consideran como un cambio importante en la posición soviética.

Hasegawa aludió también en general a los obstáculos que se interponen para poder llevar a la práctica la iniciativa soviética de mejorar sus relaciones en Asia y concretamente a aquellos relacionados con China, como el retiro de tropas rusas de Afganistán, el retiro de Camboya de las fuerzas vietnamitas respaldadas por el Kremlin destacadas allí por los soviéticos y la retirada de las fuerzas soviéticas de la frontera con China.

Dijo que la iniciativa soviética abarca el Pacífico sur, donde el Kremlin negocia acuerdos de pesca y promueve una zona libre atómica a la que se oponen los Estados Unidos.

Hasegawa dijo que los Estados Unidos y los países asiáticos tendrán que aceptar el hecho de que los rusos están en vías de restaurar su influencia en Asia y que deben adaptarse a esa circunstancia.

"La Unión Soviética es un poder en Asia, en virtud del hecho de que ocupa una gran porción de ese territorio", añadió. Gorbachov "tendrá que entenderse con los Estados Unidos en lo que se refiere al Pacífico", añadió.

M. RUST YA ES UN MILLONARIO

BONN, (EFE) — El joven piloto alemán Mathias Rust, de 19 años, que asombró al mundo el pasado 28 de junio al aterrizar con su avioneta en pleno centro de Moscú, no tendrá problemas económicos cuando le liberen los soviéticos, algo que se anuncia como muy próximo.

Rust, actualmente recluido en una cárcel moscovita del KGB, los servicios secretos soviéticos, ha recibido supuestamente un millón de marcos (555.555 dólares) del semanario alemán "Stern" por la exclusiva de su historia.

Por otro lado, una cadena norteamericana de grandes almacenes le ha ofrecido una cantidad equivalente para que realice una girà por EE.UU. y firme autógrafos a sus admiradores.

En cuanto a la fecha de su liberación, el jefe de la agencia de noticias soviética NOVOSTI aseguró el miércoles que está cercana, "es cuestión de días", dijo.

Lo que sí parece cierto es que Mathias Rust no será procesado en Moscú por violación del espacio aéreo, y aún no está decidido si el joven alemán tendrá que comparecer ante los tribunales de su país.

La fiscalía de la ciudad de Itzehoe ha comenzado investigaciones para determinar si Rust es culpable de algún delito, y algunos expertos señalan que lo decisivo para poder procesarle es saber si puso en peligro vidas humanas con su aterrizaje en pleno centro de Moscú.

Mientras tanto, informa el diario Express, de Colonia, los Estados del pacto de Varsovia han recibido órdenes de evitar en el futuro la mínima violación de su espacio aéreo, obligando al intruso a aterrizar inmediatamente o disparando si se hace necesario.

02.02

8708117

LA MAÑANA

14 JUL. 1987

Sobre brutal colectivización

Moscú: publican carta crítica a José Stalin

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- La brutal colectivización de la agricultura bajo el régimen de José Stalin es el más reciente de los temas en la intensa campaña que en la Unión Soviética se hace contra casi todos los actos del extinto dictador soviético.

La denuncia de un funcionario soviético hecha en 1929, de criticar el "estrangulamiento" de los campesinos, fue difundida en una desconocida carta escrita a Stalin por Mikjail Sholokjov, funcionario conocido por su indeclinable apoyo al régimen de entonces.

La denuncia, publicada en el semanario Noticias de Moscú, prosigue las críticas a la policía económica de Stalin, a sus sangrientas purgas políticas y a su una vez reverenciado papel de comandante en jefe militar durante la Segunda Guerra Mundial.

Hasta ahora había escapado a la crítica oficial la colectivización de la agricultura, cuando los campesinos fueron obligados en la URSS a entregar sus tierras y sus posesiones para instaurar las granjas colectivas estatales. Los economistas de Occidente estiman que las políticas agrarias de Stalin están en la raíz misma de la escasez de los alimentos que hoy atraviesa la URSS.

La carta de Sholokjov, escrita al iniciarse el proceso de colectivización que poco a poco se hizo brutal, dice que los sufrimientos de los campesinos bajo los jefes partidarios comunistas son mucho más enormes en relación a los que padecieron bajo los latifundistas rusos que perdieron la guerra civil frente a los bolcheviques.

MUEREN DE HAMBRE

"El kulak está presionado, pero el campesino medio está destrozado. Los campesinos pobres mueren de hambre después de venderlo todo, hasta sus frazadas", dice en su carta Sholokjov.

Stalin, que quería erradicar a los kulaks, dueños de tierra, colectivizó la agricultura para controlar el flujo de alimentos a las ciudades y quebrar el poder de los campesinos.

El resultado fue una matanza generalizada de campesinos y la interrupción del proceso agrícola soviético. Miles de campesinos fueron enviados a campos de trabajos forzados o abandonados a la hambruna. Se estima que en el proceso murieron cinco millones de campesinos.

Sholokjov ganó el Nobel de Literatura con su novela "El Don Fluye Lento", en la que describe a un comandante del ejército rojo, cuyas posesiones, incluídas las frazadas para cubrir a sus hijos, son producto del pillaje a los campesinos.

El semanario dijo que el escritor hizo llegar la carta a Stalin a través de un amigo común.

"Todos, incluido el Presidente Mikjail Kalinin, deben recibir unos buenos latigazos por comportarse como fariseos en cuanto a hablar de alianza con el campesino y al mismo tiempo estrangularlo", dice Sholokjov en su carta.

En su vida Sholokjov fue conocido como escritor oficial del régimen, incluso llegando a atacar a escritores como Boris Pasternak.

El semanario Noticias de Moscú en su comentario sobre la carta dijo que se trata de "ejemplo brillante de verdadero espíritu partidario, de un alto sentido de deber social, de patriotismo y de amor a su propio pueblo".

En clara alusión a las actuales políticas del líder soviético Mijail Gorbachov, la revista dijo que la carta de Sholokjov "favorece a quienes libran una lucha por la causa justa".

026

31 JUL. 1987

PROTESTA TARTARA

Después de varias manifestaciones en las cercanías de la Plaza Roja de Moscú, un grupo de tártaros fue recibido en el Kremlin por el presidente de la Unión Soviética, Andrei Gromyko.

Los tártaros, que reclamaron la creación de una república autónoma en Crimea, lugar en el que residieron antes de su deportación masiva por Stalin en 1944, expresaron en el pasado sus aspiraciones. Pero mientras en las oportunidades anteriores chocaron con una política represiva cerrada, esta vez encontraron mejor disposición al diálogo.

El propio presidente Gromyko prometió a los manifestantes un estudio favorable de sus planteos y seguridades de que dentro de un breve plazo recibirán respuestas.

Todavía no está claro si la jefatura comunista accederá a un cambio substancial de política y a la concesión de la autonomía para los tártaros, pero por lo menos el estilo comienza a variar.

01.01

8708129

EL PAIS

31 JUL. 1987

PROTESTA TARTARA

Después de varias manifestaciones en las cercanías de la Plaza Roja de Moscú, un grupo de tártaros fue recibido en el Kremlín por el presidente de la Unión Soviética, Andrei Gromyko.

Los tártaros, que reclamaron la creación de una república autónoma en Crimea, lugar en el que residieron antes de su deportación masiva por Stalin en 1944, expresaron en el pasado sus aspiraciones. Pero mientras en las oportunidades anteriores chocaron con una política represiva cerrada, esta vez encontraron mejor disposición al diálogo.

El propio presidente Gromyko prometió a los manifestantes un estudio favorable de sus planteos y seguridades de que dentro de un breve plazo recibirán respuestas.

Todavía no está claro si la jefatura comunista accederá a un cambio substancial de política y a la concesión de la autonomía para los tártaros, pero por lo menos el estilo comienza a variar.

01.01

8708129

URSS

026

CONVENIO CON RUSIA: FRIO, FRIO...

EL PAIS 31.7.87

"LE digo que el convenio pesquero que Uruguay rubricó con Rusia a la espera de la ratificación parlamentaria ha quedado en el congelador", comentó uno de los amigos del Duende que siempre está atento a lo que pasa en la Cancillería.

—Para afirmar eso usted debe tener algún datito, no creo que haga aseveraciones con tal ligereza sin un respaldo seguro.

—Mire, le puedo señalar que gente de las alturas estuvo colocando en la balanza los pro y los contra del acuerdo y el platillo se inclinaría para el lado de los "nones". Se comentaba que de "todos lados bombardean el convenio y las ventajas que en algún momento ofrecieron los soviéticos no aparecen tan relucientes".

—En una palabra, usted me está indicando que el costo político es muy grande y los resultados para nuestro país aún están por verse. ¿No es así?

—Exactamente, más le digo, que el diputado Yamandú Fau (lista 99) promoverá el llamado al Canciller Enrique Iglesias a la Comisión de Asuntos Internacionales de Diputados para que explique los alcances del convenio que estima vulnera nuestra soberanía.

—Creo que son varios los que están en la misma tesitura, muchos tomando como base la opinión dada en EL PAIS el 30/6/87 por el Dr. Eduardo Jiménez de Aréchaga. Le aclaro que armadores, trabajadores de la pesca y demás empresarios también se oponen radicalmente.

—Como quien dice, está resultando un convenio frío, frío.

01.01

8708130

NUEVO ORDEN EN LA U.R.S.S.

La lucha por la democracia en Corea o la guerra en el Golfo Pérsico, podrán ser más dramáticos, pero los cambios que están ocurriendo en la Unión Soviética de Gorbachov son, sin duda, más importantes para el futuro del mundo. Lo que resulte de tales cambios afectará, no sólo lo referente a armas nucleares y conflictos, sino toda la atmósfera política del globo.

Lo más significativo ocurrido hasta ahora, es que el sistema soviético ha perdido firmeza y está más dispuesto para el cambio. Por casi 70 años se mantuvo relativamente estable, concentrando el poder de decisión en un grupo reducido y manteniendo la ideología revolucionaria y la ficción de que el Estado soviético estaba en camino de ser el futuro glorioso de la humanidad. Aunque ocurrieron crisis por la sucesión, todo se mantuvo encerrado dentro de las paredes del Kremlin. Pero ahora, Gorbachov ha permitido emerger las corrientes arremolinadas; ya no hay más verdades absolutas y, por consiguiente, tampoco autoridades inconmovibles se ha admitido que la dirección del partido ha fracasado y que las cosas deben hacerse de una manara diferente. El idealismo de la revolución de 1917 y los dogmas del marxismo, ya no tienen valor para justificar la opresión. Los líderes han abierto la puerta a los desafíos.

El viejo orden no puede ser restaurado. Ya no es como en la época de las reformas y ensayos de reformas de Kruschef. En ese entonces, se trataba de una reacción contra la dictadura stalinista que fue tratada como una desviación o una aberración de los buenos principios soviéticos. Había todavía suficiente credibilidad en el destino y la grandeza de la Unión Soviética y la respuesta de Kruschef fue tratar de regresar a los verdaderos cauces enseñados por el padre fundador Lenin. Por varios años Kruschef tuvo éxito en la restauración de los sentimientos del movimiento.

Ahora la reacción es contra la incapacidad de la era de Brezhnev y ante la realidad de que la alternativa soviética no ha funcionado en la moderna edad de la tecnología y no ha proporcionado progreso sino, por el contrario, retroceso. Al admitir tales puntos, Gorbachov ha herido el corazón mismo del sistema de dictadura de partido. De esta manera, la incertidumbre ha dado muerte a la certeza y no hay manera de devolverle la vida.

La respuesta de Gorbachov ha sido tratar de mantener la esencia del sistema, al tiempo que da un poco de apertura para mejorar la atmósfera, permitir la crítica útil, estimular la innovación y ganar la adhesión de los intelectuales. El problema es que el esfuerzo no va a dar buenos resultados porque no se puede trazar una línea de control una vez que se han abierto las puertas a la disención. Dar un poco de libertad es dar medios e incentivos para que se pida más, lo cual significa cuestionar la autoridad de quienes están en el poder y la ju[illegible]cia de la dominación de los rusos [illegible]bre otras nacional[illegible] de la Unión Soviética y sobre los país[illegible]. Si Moscú no sabe lo que está haciendo, ¿cómo puede hablar en nombre de todo el bloque soviético? Si la voluntad de gobernar del Kremlin está debilitada, ¿cómo puede pretender dominar otras naciones que cuentan con su propia tradición histórica desde Hungría hasta Kazakhstan?

¿Cómo será el porvenir? No existen perspectivas de una verdadera liberalización, por lo menos por una generación o más, aunque los controles económicos se debiliten o se vuelvan más ineficientes. La mayor parte del programa de Gorbachov fue montado en un intento para regularizar el mercado negro que no puede controlar. Cualquier aproximación a la democratización política requeriría demasiado sacrificio para demasiadas personas poderosas.

Parece que existen muchos caminos abiertos, pero es muy difícil adivinar cuál ha de tomar la Unión Soviética. Podría convertirse en una carismática dictadura personal si las reformas de Gorbachov fracasaran y el sistema pareciera amenazado de un colapso, porque la élite buscaría una personalidad fuerte que pudiera salvarla. Por su parte, los militares, preocupados ante la decadencia del poder nacional, podrían decidir tomar la dirección en sus manos. Existe un precedente para tal solución en el caso de Polonia y la dictadura del General Jaruzelski. Sería posible pensar que el problema de las nacionalidades minoritarias se manejaría de la misma manera como se ha hecho en Yugoeslavia, donde se les ha permitido bastante autonomía; pero en el caso soviético tal autonomía conduciría, sin duda, a exigencias de independencia. También podría ocurrir un resurgimiento de los valores tradicionales, especialmente del antiguo nacionalismo ruso que ya ha comenzado a mostrarse como una forma permitida de disentir. Se propone, por ejemplo, que se abandone el ateísmo oficial y que las iglesias se conviertan en soportes del orden político.

El futuro soviético depende de innumerables factores que no conocemos. Pero existe una realidad básica: es imposible la existencia de un sistema moderno completamente autoritario en esta época de rápidos cambios tecnológicos; una acelerada modernización requiere estar incorporada al mundo moderno. De esta forma el especial sistema nacido de la revolución rusa, está gastado y la pretensión de grandeza que había servido para soportar el despotismo, ya no existe. Rusia está afectada por las mismas incertidumbres que perturban a otras naciones. La estabilidad de la dictadura ha llegado a su fin.

ROBERT WESSON
(Del Instituto "Hoover")

El País 23-8-87

URSS

Preocupación por armas especiales

Moscú insiste en crear una comisión de verificación

El embajador soviético Yuri Nazarkin reafirmó la postura de su país sobre la necesidad de crear una comisión de expertos en verificación de armamentos, en el transcurso de la Conferencia de Desarme que se celebra en Ginebra.

GINEBRA (ANSA, EFE y UPI).- Nazarkin, que citó en varias ocasiones las tesis de su Ministro de Asuntos Exteriores, Eduard Sheverdnadze, propuso que se forme una comisión de expertos en verificación de armamentos, antes de que finalicen las sesiones de la Conferencia de Desarme de 1987.

El funcionario soviético centró su intervención en los trabajos para la eliminación de los ensayos nucleares y en la prevención de la carrera armamentista en el espacio, sobre lo que afirmó que ese objetivo dependía, fundamentalmente, de Estados Unidos y de la URSS.

Tras indicar que Estados Unidos pone obstáculos para alcanzar un acuerdo que prohíba los ensayos nucleares, Yuri Nazarkin señaló que el cese de esas pruebas facilitaría las conversaciones sobre reducción global de armamentos.

ARMAS ESPECIALES

El diplomático soviético se refirió a la carrera armamentista en el espacio al afirmar que, para la URSS, es prioritario un tratado que prohíba el despliegue de armas espaciales.

Sobre la verificación de armamentos, el embajador indicó, citando a Sheverdnadze, que debería empezar sin necesidad de esperar a un acuerdo sobre armas espaciales, ya qu[e] esto haría posible l[a] comprobación de qu[e] cualquier objeto lanzad[o] al espacio no es portad[or] de ninguna clase de arma.

En ese sentido, seña[ló] que las cuestiones sob[re] composición, estructura, organización y fi[-]nanciación del sistema d[e] verificación, deberían e[s]tar sujetas a posterior[es] negociaciones.

La Nación 14-AGO-87

DESARME

URSS

026

EL PAIS

01 AGO. 1987

■ TÁRTAROS.— Moscú. (ANSA).— Las protestas de los tártaros en Moscú, que en los días pasados la policía había conseguido apagar, se están ahora expandiendo a otras ciudades soviéticas.

El domingo último, aproximadamente cinco mil tártaros de Crimea manifestaron en la ciudad de Jangijul (República de Uzbekistán), zona donde en 1944 Stalin hizo deportar al 70 por ciento de la población tártara.

URSS- Pueblos

01.01

UR.SS
0276

11 AGO. 1987

CON O SIN GORBACHOV, HABRA REFORMAS

Las predicciones de los expertos acerca de los asuntos soviéticos, suelen inducir a error. Una de las razones principales es la obsesión por las personalidades. En Occidente ha surgido una especie de culto a la personalidad de Mijail Gorbachov, una tendencia que impide ver el bosque a través de los árboles.

Indudablemente, el sello personal y la influencia del Sr. Gorbachov sobre la "perestroika" (reestructura) son muy notorios y no deben ser subestimados. Pero el reconomiento de la necesidad de serios cambios no es una invención suya.

A comienzos de la década del 70, cuando yo era consejero del entonces Ministro de Relaciones Exteriores, Andrei Gromyko, un número de gente inteligente en el Partido y en la élite del gobierno, incluyendo algunos en la KGB y en el ejército, estaban muy preocupados por los crecientes problemas económicos y sociales. Su instinto de supervivencia les indicó que los esfuerzos del grupo Breshnev para decorar la fachada de una decadencia permanente, exceptuando un espectacular crecimiento militar, podría llevar a un desastre.

Más adelante, fueron muchos más los integrantes de la élite los que expresaron preocupación por el estancamiento social y económico, que complementado por la inercia, apatía y cinismo de la población, podría socavar los fundamentos del sistema soviético y hacer peligrar sus estructuras y con ellas, sus propias posiciones y privilegios.

Una urgente necesidad de mantener la viabilidad del régimen exigía la renovación nacional. Por ello, la elección de alguien como el Sr. Gorbachov como líder fue tan inevitable como el programa de destalinización de Kruschev.

Desde el punto de vista soviético, la reestructura podría significar muchas cosas, siempre que la esencia del régimen se mantenga. Bajo control del Partido, el socialismo de estilo soviético podría tomar formas contradictorias; más o menos libertad; un más vigoroso adoctrinamiento ortodoxo o una creciente flexibilidad en la vida cultural y política y en el manejo de la economía.

Las vías elegidas por China, Hungría, Yugoslavia y otros países comunistas ilustran las posibilidades existentes. Es demasiado temprano para indicar si estos ejemplos serán utilizados como guía, pero el programa de reformas parece inclinarse al modelo yugoslavo.

La tarea de modificar de manera substancial un orden económico firmemente establecido desde hace más de medio siglo implicará un trabajo de Sísifo. No existe la menor duda de que habrá avances y retrocesos durante un período más prolongado de lo que Gorbachov quisiera. Puede haber resistencias tenaces e inesperadas, incluso peligrosas para el líder. ¿Se le dará el tiempo necesario para poner en práctica una parte de su programa?

Yo no creo que el Sr. Gorbachov esté aún en una situación de acoso como sugieren ciertos informes, ni de que está condenado a fracasar debido a una fuerte oposición al régimen. Sin embargo, en el mejor de los casos, sus chances de éxito no van más allá de un 50 %. El comprende ésto y por eso tiene apuro. Sabe que no sobrevivirá políticamente si dentro de dos o tres años no hay una verdadera mejoría en la economía nacional o en el bienestar de la gente, como lo prometió con tanta frecuencia.

Hay un hecho a su favor que muchos observadores occidentales no parecen haber tomado en cuenta: no es creíble que los líderes futuros de la Unión Soviética se resignen a ver como la Unión Soviética se convierte en un poder de tercera clase. Ningún retroceso, temporario o no, puede detener la difusión de la computarización y otras técnicas modernas. Tratar de impedir la implantación de nuevas tecnologías, será tan fútil como contar las estrellas.

La situación ya ha creado un enorme dilema, porque esos cambios obligan a que haya menos secretos y una mayor apertura en la difusión de estadísticas y otras informaciones importantes.

La introducción de sistemas de "videotape", junto con la revolución en la telecomunicación, inevitablemente incrementará la corriente de información procedente de Occidente. Los crecientes e inevitables vínculos entre la economía soviética y la mundial impondrán al país más reformas.

El Sr. Gorbachov, que tiene conciencia de todo ésto, trata de reconciliar el dominio del Partido con la necesidad de adaptarse al futuro.

Esto asusta a algunos de la vieja guardia, pero no a la mayoría de los jóvenes.

Es difícilmente concebible un retorno al terror stalinista de la KGB, porque tanto la KGB como el Ejército han aprendido que bajo Stalin, ellos solían ser las primeras víctimas en toda nueva ola de terror.

Por ello, aunque no está claro aún si las reformas serán híbridas o radicales, los cambios iniciados por Gorbachov serán irreversibles, independientemente del hecho de si él sobrevive como líder o no.

ARKADY N. SHEVNCHENKO

El autor, actualmente ciudadano norteamericano, fue diplomático soviético y subsecretario General de la Naciones Unidas, antes de que solicitara asilo político en 1978).

(Traducido del "Herald Tribune")

01.01

8708156

URSS

026

Manifestaciones contra pacto nazi-soviético

Protestas nacionalistas en repúblicas bálticas

Centenares de nacionalistas salieron ayer a realizar demostraciones en las calles de las tres repúblicas bálticas en el 48° aniversario del pacto nazi-soviético que llevó a su desaparición como naciones independientes y su incorporación a la Unión Soviética.

MOSCU, (EFE y UPI).- La agencia noticiosa Tass dijo que unas 300 personas que voceaban consignas nacionalistas y cantaban himnos religiosos realizaron una manifestación en la capital de Lituania, Vilna, en la mayor que las tres protestas.

Tass también indicó que ocurrieron demostraciones menores en las capitales de los otros dos estados bálticos, Letonia y Estonia. No se informó que hubiera habido violencia o heridos en ninguna de las protestas.

La agencia dijo que "varios centenares de curiosos" se reunieron en Tallinn, la capital de Estonia, mientras "un pequeño grupo de personas previamente sentenciadas por actividades antisoviéticas" realizaban una demostración en el parque central de la ciudad y colocaban una ofrenda floral en una estatua dedicada a la esposa del héroe nacionalista Estonio, Epos Kalevipoeg.

Tass no dio cifras sobre la demostración en la capital de Letonia, Riga, pero exiliados bálticos en Suecia dijeron que fue mayormente dispersada antes de comenzar por un número "demencial" de policías uniformados y civiles que llegaron al centro de la ciudad.

Planes para las demostraciones en los estados bálticos, incluyendo instrucciones sobre dónde hacerlas, habían sido trasmitidos por las radios occidentales, incluyendo las estadounidenses Voz de América y radio Libertad, dijo Tass.

ACUSACION

La CIA (servicios secretos norteamericanos), en colaboración con emisoras como la BBC británica y Radio Vaticano, intentan crear un clima de agitación en las repúblicas bálticas soviéticas, aseguró el sábado la agencia TASS.

Los medios de comunicación de la URSS han desatado en los últimos días una intensa campaña de prensa para hacer frente a lo que definieron como actividades provocadoras de órganos de difusión occidentales.

Según el diario Pravda, órgano del partido comunista de la URSS, esos medios occidentales intentan comprometer con nombres y apellidos a ciudadanos de las repúblicas bálticas, a los que califica como luchadores por los derechos humanos.

El diario agregó que un individuo llamado Antanas Terliackas, de Lituania, que cumplió sentencia de cárcel por actividades contra el Estado, negó haber firmado un manifiesto en recuerdo de las víctimas del estalinismo, en contra de lo afirmado por la BBC y la Voz de América.

En una información fechada en Riga, capital de la República de Letonia, la agencia soviética de noticias TASS aseguró que los habitantes de esa ciudad están encolerizados por una manifestación registrada el pasado 14 de junio ante el monumento a la libertad.

Esas actividades, así como la nueva manifestación anunciada por la Voz de América para ayer en Riga, están claramente inspiradas por los servicios secretos occidentales, agregó.

EL PAIS

09 AGO. 1987

CUANDO LA "TRANSPARENCIA" RESUCITA VIEJOS DEMONIOS

Para insuflar un nuevo dinamismo a ese país que acababa de tomar a su cargo, Mijail Gorbachov resucitó el "glasnost", tomada prestada de las primeras horas de la Revolución rusa, la transparencia indudablemente sacudió los espíritus. Pero hoy el Kremlin conoce un dilema que enfrentan las democracias occidentales: al liberar el verbo, también dejan el campo libre a los extremismos.

Así esta asociación histórica y patriótica, "Pamiat" (Memoria), que no hace ningún misterio de su antisemitismo, acaba de conocer los fuegos de artificio del estreno luego de una manifestación que agrupó en la Plaza de las Maniobras, al pie del Kremlin, a unas 400 personas. En las banderas desplegadas, en mezcolanza, se podía leer: "Abajo los saboteadores de la reestructuración", "Reconozcan a "Pamiat", "Queremos reunirnos con Gorbachov".

Remontaron la calle Gorki hasta la Alcaldía. Allí, luego de algunas vacilaciones, fueron recibidos *por* Boris Yeltsine, responsable del Partido para la región de Moscú. La entrevista duró unas dos horas y prendió fuego a la pólvora. Luego, los medios de comunicación se apoderaron de "Pamiat" y la destrozaron. En lo que se puede ver como una crítica disimulada a los más próximos a Gorbachov.

"Pamiat" fue constituida al principio de los años 80. Sus creadores, empleados del Ministerio de Aviación Civil, se apasionaban por la restauración de algunos monumentos que habían escapado a la poda bolchevique y al martillo de Kruschev. Trabajo benévolo, de fines de semana, algunas conferencias por la noche... el movimiento rápidamente se hizo popular.

Su objetivo: preservar lo que no había sido arrasado, impedir que las torres de hormigón, tan caras a Brezhnev, florecieran en Moscú. No se desviaron, y el combate emprendido por sus militantes para detener la construcción de un enorme monumento que debía conmemorar la victoria de 1945 sobre la colina Poklonnaya, en el mismo lugar donde Napoleón se hizo entregar las llaves de Moscú, fue ganado. Sobre la superficie nivelada por los bulldozers, un gigantesco esqueleto de acero y cemento espera no se sabe qué nuevo proyecto.

Pero a estos defensores de la herencia cultural, se han unido personajes mucho más turbios, como lo testimonia esta escena que se desarrolló en los locales del Partido, en un local de un barrio encopetado de Moscú. Un centenar de personas asistieron a la reunión. La "Komsomolskaya Pravda" la describe minuto por minuto.

El orador, Dmitri Vassiliev, de profesión oficial fotógrafo, debita durante dos horas un balance estremecedor. "Es a Kaganovich y a Yaroslavsky", dice, "que debemos la destrucción del patrimonio arquitectónico de la capital". Y agrega: "Nosotros sabemos lo que esos hombres significan". Alusión al hecho de que esos dos líderes del Partido, en la época de Stalin, eran judíos.

Públicamente o en privado, Vassiliev no masca las palabras. El patrimonio cultural ruso, dice él, es objeto "de un complot sionista y franc-masón". Como prueba, aduce que los arquitectos del subte de Moscú precisamente colocaron los centros nerviosos bajo la mayor parte de los edificios gubernamentales. El día que se les antoje, pueden hacer "saltar" los principales establecimientos del Estado.

Vassiliev y sus amigos denuncian igualmente la presencia, en cada edificio, de signos masónicos. Los ven por todos lados. En "Sovetskaya Kultura", un lector de Riga denunciaba en las rosas entrelazadas de una revista literaria un signo rosacruz, y en el emblema de la Unión Soviética los mitos masónicos. Otro afirmaba que "Iskra", título del primer periódico de Lenín, también tenía que ver con el simbolismo del Gran Oriente.

Otra acusación: el satanismo. La música rock es el ejemplo por excelencia. Escucharla, dicen los gurús de "Pamiat", es firmar un pacto con el diablo.

De "Isveztia" a "Ogonik", de la "Komsomolskaya Pravda" a la "Sovietskaya Kultura" no hay una sola publicación, enardecida por "glasnost", que no denuncie hoy al movimiento. Más aún ponen en tela de juicio al Partido, que no solamente se calla, sino que ofrece sus locales al "Pamiat".

El movimiento no se circunscribe a Moscú. Se encuentran trazas en Novisibirsk, Sverdlovsk y Leningrado, donde se denomina "Pamiat" o "Salud". Más inquietante aún: los jóvenes parecen interesarse en el movimiento.

Uno de ellos dice que es falso que los líderes de "Pamiat" denuncien el rock como un "pacto con Satanás". Para él, es más necesario denunciar el complot sionista.

Al querer "abrir" la sociedad soviética, Gorbachov también ha resucitado a los demonios de la Rusia zarista. Su retorno deliberado al origen de la Revolución, su glorificación del "bolchevique", ha hecho renacer la única fuerza popular que jamás se le haya opuesto: la de los "Tchernie Stonie" que organizaron los progroms a la vuelta del siglo.

Por ahora no se trata nada más que de un grupúsculo, cuatrocientos miembros apenas en Moscú. Su influencia es ínfima, su ideología, de tan confusa es ridícula. Pero la escena que se relata es verídica: una abuela junto a su nieta frente a una moto flamante que un hombre está en tren de arrancar: "Ves", señala la abuela, "es un judío de los que se enriquecen a costa nuestra".

DENIS LEGRAS

Fuente: "Le Figaro"
Traducción: Blanca Giuria

01.01

8708184

076

URSS

La Mañana
MONTEVIDEO, MIERCOLES 8 DE JULIO DE 1987

Autoridades facilitan escasa información

Iniciaron juicio contra responsables de Chernobil

MOSCU. (ANSA, EFE y UPI).- El ex director de la central nuclear de Chernobil, M. Briujanov, el ex ingeniero jefe, M. Fomin, y cuatro personas más, comparecieron en el banquillo de los acusados en el juicio iniciado ayer contra los responsables del accidente ocurrido en la central nuclear de Chernobil.

El juicio contra los seis acusados, de los que, hasta el momento, no se ha facilitado su identifidad, salvo del ex director e ingeniero jefe, comenzó a las 09.00 gmt en la localidad de Chernobil, donde se encuentra la planta nuclear que el 26 de abril de 1986 registró el más grave accidente ocurrido en una central atómica.

Los seis acusados tendrán que responder ante el tribunal, presidido por Raimond Brize, de los cargos recogidos en el artículo 220 del código criminal de la República Soviética de Ucrania, que se refieren a la responsabilidad que se deriva de la violación de las normas de seguridad.

Hasta el momento, los medios soviéticos no facilitaron más información sobre el juicio iniciado ayer, al que tan solo asisten un reducido grupo de periodistas soviéticos y extranjeros, que no supera la quincena.

ESCASA INFORMACION

Los nombres y cargos de las cuatro personas acusadas junto al ex director y al ex ingeniero jefe de la central no fueron facilitados, así como tampoco los cargos específicos que desempeñaban en el momento de producirse la grave explosión del cuarto reactor de Chernobil.

Se sabe que los seis acusados comparecen bajo los mismos cargos, quebrantamiento de las normas de seguridad, de los que ya habían sido acusados en el informe presentado el pasado verano por la comisión gubernamental encargada de investigar el accidente.

La catástrofe de Chernobil fueron una serie de fallos humanos en cadena y negligencia al no reaccionar con la rapidez requerida por la magnitud del accidente.

La explosión del cuarto reactor de la central nuclear de Chernobil ocurrió en la madrugada del 26 de abril de 1986, pero las autoridades soviéticas no informaron de lo sucedido hasta 48 horas más tarde, después de que informaciones procedentes de los países nórdicos señalaban que se había detectado un aumento de radiactividad que parecía proceder de la URSS.

Hasta el momento, el accidente de Chernobil ha causado la muerte a 31 personas y heridas graves a más de 200, aunque aún se desconocen los efectos que puede tener a largo plazo, tanto sobre la población soviética, como de otros países de Europa a los que llegó la nube radiactiva.

HB

026

URSS

EL PAÍS 20-8-8

[illegible] TAMBIÉN CONTRA EL ACUERDO PESQUERO CON LA URSS

La Junta [illegible] nal de la Unión Cívica rechazó el acuerdo pesquero con la Unión Soviética al tiempo que aconsejó a sus legisladores votar negativamente donde se trate el tema.

El texto de la resolución dice lo siguiente: "Con motivo de la concurrencia del señor ministro de Relaciones Exteriores, Cr. Enrique Iglesias, a la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Representantes para informar del proyecto de acuerdo entre nuestro país y la URSS que faculta a un número elevado de barcos soviéticos a pescar en la zona bajo jurisdicción uruguaya (200 millas), la Junta Ejecutiva Nacional declara:

Que dicho Acuerdo es totalmente inconveniente y [illegible] [illegible]

A) Significa la depredación de nuestro mar, la ruina de nuestra flota pesquera y de la industria uruguaya de procesamiento de pescado.

B) Los aparentes beneficios económicos, serían mínimos, comparados con los perjuicios que ocasionan y en algunos casos, no existen, y sólo significan pérdida de divisas para el país (por ej.: en el caso del suministro de combustibles a los barcos).

C) Viola el acuerdo suscrito con la República Argentina, que fija el volumen que se permite pescar a cada país ribereño lo que puede traernos complicaciones innecesarias en nuestras cordiales relaciones con los hermanos argentinos.

D) Viola la soberanía nacio[nal] y el orden jurídico vigente [...] respecto se comparte la [o]pinión del Dr. Eduardo Jim[én]ez de Aréchaga, ex catedrático de nuestra Facu[lt]ad de Derecho y ex Presiden[te] del Tribunal Internacional de La Haya.

En consecuencia rechaz[a]mos el referido Acuerdo y aconsejamos a los Legislado[res] del Partido su voto negati[vo] en los ambientes en que s[e] [tra]te el mismo".

01.01

8708225

H8

U.R.S.S.

026

BUROCRACIA RUSA: DE LOS ZARES A GORBACHOV NADIE PUDO CON ELLA

¡Qué diferencia se puede registrar en un año! Hace justamente ese período, en Leningrado, los economistas soviéticos amargamente defendían el "statu-quo" económico, y criticaban a un extranjero que se atreviera a sugerir una reforma tan radical como necesaria. Algunos de sus colegas en Moscú han comenzado a compartir las dudas extranjeras, pero todavía hay que filtrar hacia las capas inferiores que la "crítica" ahora está de moda, y la "posición defensiva" fuera de ella.

Hoy, los economistas de Leningrado están casi deseosos de aceptar la necesidad de un cambio serio, tanto como sus camaradas de Moscú. De hecho, la mayor parte de su postura defensiva se ha evaporado. Cuando se trata de control de armamentos y lo específico de la reforma económica, uno todavía puede enfrentarse a una buena discusión. Pero es difícil que se produzca una ruptura total.

Durante años, debatir con economistas soviéticos parecía estar hablando con paredes de piedra. Puede ser que esas paredes tengan oídos después de todo.

En diarios de circulación nacional, los economistas soviéticos hoy abrazan abiertamente puntos de vista que en épocas tan recientes como 1983, sólo aparecían en forma clasificada.

Algunos quieren eliminar completamente el centralismo en planeamiento y finanzas. Otros argumentan que todos los controles sobre las importaciones y las exportaciones deben ser abolidos, y que los rublos deben ser convertidos libremente en dólares, otras monedas occidentales y el yen.

Si debe o no haber control sobre los precios, es un argumento tan al rojo vivo como cuan alto debería ser el nivel de desempleo, y cuántos obreros pueden ser contratados por una empresa privada o cooperativa. Los controles administrativos son malos, los beneficios son buenos, y todo ésto se realiza aparentemente para que el comunismo trabaje mejor.

Aquellos que contemplan el panorama como un abandono total del comunismo, se mantienen a retaguardia, al menos por ahora. Y sin embargo, las reformas propuestas y los esfuerzos de Mijail Gorbachov para sacarlas adelante, son apenas visibles.

¿Dónde está el problema?

El problema es que el interés de la burocracia, y las raíces profundas del sistema planificador, resultan conflictivas con las reformas que plantea Gorbachov. Los esfuerzos para modernizar Rusia no son nuevos, y Gorbachov no es el único en encontrar resistencia.

Un observador lo vio así: "El zar mismo no tiene poder contra el cuerpo burocrático. Puede mandar a cualquiera a Siberia, pero no puede gobernar sin ellos o contra sus deseos. En cada uno de sus decretos tiene un poder de veto tácito, y por el simple sistema de demorarlo para no llevarlo a cabo".

Lo anterior fue escrito por John Stuart Mill en 1859. Describe lo que Gorbachov enfrenta al tratar de persuadir al Politburó para que adopte su paquete de reformas económicas. Y sus chances no parecen buenas.

Como predijo Joahn Stuart Mill, incluso las reformas que se aceptan en el papel, es probable que sean trastocadas por la burocracia en su ruta hacia la implementación. Desde el 1° de mayo de este año, la iniciativa privada —por ejemplo operar un taxi privado— ha sido legal y aún estimulada. Pero ningún "chauffeur" de taxi del gobierno, de los 20 que interrogué en Moscú y Leningrado, pensó que la ley podría tener un resultado práctico. Uno dijo: "No existen virtualmente los "chauffeurs" de taxi privados, y yo tropecé con el único loco que ha decidido probar".

¿Por qué el escepticismo? Hay que tener en cuenta las reglas que los burócratas imponen. El "chauffeur" puede manejar sólo después de su trabajo regular y durante los fines de semana. Según se me dijo, debe pagar una licencia anual de 560 rublos, equivalentes a 850 dólares, que es lo mismo que cuatro meses de trabajo, salario promedio. Además, un "chauffeur" privado tiene que hacerse un examen médico anual que incluye test fluoroscópicos, dermatológicos y venéreos. El mismo tipo de reglamento constrictivo ha sido adoptado por los burócratas, a los que se le ordenó ocuparse de la creación de "joint-ventures", con inversores de capital extranjero.

De mala gana, los burócratas acceden a cumplir con la letra de la ley. Pero como han visto tantas reformas ir y venir, quieren estar seguros de que si en unos pocos años Gorbachov desaparece, no resulten vulnerables a la acusación de que han explotado al pueblo soviético. La ironía del caso es que en la extensión que los burócratas actúen de esa manera, aún las modestas propuestas planteadas hasta ahora no tendrán éxito, y la Unión Soviética puede perder su mejor oportunidad en décadas para lograr una reforma significativa.

Marshall I. Goldman.

Fuente: "The New York Times".
Traducción: Blanca Giuria.

N. de R.: El autor es profesor de Economía en "Wellesley College", y Director Asociados del Centro de Investigación Rusa de Harvard.

El País 9/7/87 Perla – URSS

PAGINA DOS — EL PAIS — Viernes 4 de Setiembre de 1987

Proceso en Moscú a Mathias Rust: Piden Condena en Total de 14 Años

La Defensa Habla de Paz y Cita a Ronald Reagan y Gorbachov

MOSCU (Por Juan Antonio de Lucas de EFE). — El juicio contra el joven Mathias Rust, de 19 años, adquiere progresivamente tintes políticos e ideológicos, en un aparente intento del abogado defensor y la familia del acusado de lograr una sentencia condenatoria mínima.

El presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan, el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, conceptos como la paz, el desarme y la distensión, desfilaron ya por el proceso que se sigue contra el joven germano occidental por el aterrizaje que realizó en la Plaza Roja de Moscú el pasado 28 de mayo.

Consciente de que el cargo de gamberrismo [illegible]groso es el que pesa sobre él con más [illegible], Rust se esfuerza en presentar en el juicio una imagen moderada y formal, después de [illegible] de la [illegible] de esa acusación.

[illegible] ceso, ayer miércoles, Rust aceptó en bloque las tres acusaciones, pero hoy afirmó que no acepta ser considerado como un gamberro, ya que realizó su aventura como "una misión de paz".

El Fiscal del Estado de la URSS, Vladimir Andreiev, solicitó para Rust ocho años de carcel por el delito de violación de las leyes aéreas internacionales, cuatro años por gamberrismo y dos por la violación del espacio aéreo soviético. En total 14 años.

Sin embargo, en el delito de violación de las leyes aéreas internacionales se puede conmutar la pena por una multa de 1.500 dólares y la confiscación de la avioneta.

La ley soviética prevé también que solamente se puede hacer cumplir al acusado la condena máxima de las que pueden imponérsele por [illegible] en el caso de que se le encuentre culpable de más de un delito.

Rust confesó que, según sus cálculos, tenía un 20 por ciento de esperanzas de llegar a la Plaza Roja, e insistió en que hizo el vuelo porque se sentía llamado a hacer su aportación al proceso de distensión entre el Este y el Oeste.

El juez, Robert Tijomirov, le preguntó si no hubiera sido también una buena aportación a la causa de la paz aterrizar en el jardín de la casa del canciller de Alemania Federal, Helmut Kohl.

"Vine a Moscú porque pensé que aquí estaba la fuente de la paz", dijo con firmeza Rust, para luego afirmar que no volvería a repetir la experiencia porque ahora ve las cosas de forma distinta que hace seis meses.

La madre de Rust, Monika, se esforzó también en defender a su hijo, a quien presentó como un chico normal, sin relaciones con personas dudosas ni ideas políticas radicales.

Monika, en el testimonio que presentó ayer miercoles, también politizó la aventura de su hijo cuando afirmó que, en las conversaciones familiares que mantenían después de la cena, Mathias siempre se manifestaba a favor de Gorbachov y en contra de Reagan.

El juez preguntó hoy a Rust la razón por la cual no comunicó a su improvisada audiencia en la Plaza Roja sus propósitos de conversar con los dirigentes soviéticos sobre los problemas del desarme.

Rust replicó que no lo hizo por temor a poner en peligro el objetivo principal de su viaje, pero su testimonio entró en contradicción con el de los testigos que presentó en la sala la parte fiscal.

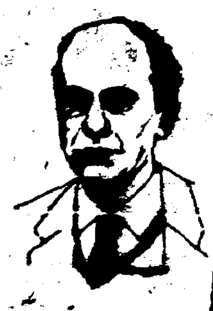
01.01

8708247

EDITORIALE

PESCA: RENDIMIENTOS Y CAPTURAS

Hasta el momento, la única contribución positiva del acuerdo entre el Gobierno de la URSS y el del Uruguay sobre "colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas" ha sido avivar el interés acerca de la explotación y conservación de los recusos vivos en la zona económica exclusiva (ZEE) de nuestro país.



Uno de los aspectos más importantes a ser determinados por cualquier tratado de pesca es la cuestión del acceso que tendrán los buques pesqueros de las partes a los recursos situados dentro de la ZEE de uno o ambos países contratantes. Este punto es regulado en el artículo 2 del convenio mencionado.

La Convención sobre Pesca y Conservación de lo Recursos Vivos del Mar, firmada en Ginebra en 1958, se habí limitado a estipular que los estados tenían la obligación d conservar los recursos vivos del mar, entendiendo por con servación "el conjunto de medidas que permitan obtener u rendimiento óptimo constante" de los recursos. Es decir, lo estados tenían el derecho de pescar hasta un nivel a partir d cual el rendimiento comienza a decrecer, como consecuen cia de aquella explotación.

Esta norma era lógica para una época en la cual la gra mayoría de los estados solamente tenían una estrecha fran costera de mar territorial y la mayoría de las pesquerías s encontraban en aguas más lejanas consideradas como al mar.

Desde la década de 1950 en adelante, sin embargo, u cantidad creciente de países comenzó a reclamar una auto dad más amplia sobre las pesquerías situadas a distanci más amplias de sus costas. Esa región que se extiende fue de las aguas territoriales hasta una distancia máxima de 2 millas (o más según ciertas condiciones) es la ZEE.

La Convención de las Naciones Unidas sobre el Derech del Mar (firmada en 1982, pero que aún no ha entrado e vigor) es la culminación de aquella evolución en el derech internacional marítimo.

De acuerdo con su artículo 56, el estado ribereño tien derechos de "soberanía para los fines de exploración explotación, conservación y administración de los recurs naturales" dentro de su ZEE.

El nuevo régimen jurídico retiene la obligación d estado ribereño de velar que las especies no sean explotada por encima del máximo rendimiento sostenible, pero inco para un nuevo concepto: el de captura permisible de lo recursos vivos. El estado ribereño tiene el derecho d determinar unilateralmente cual será el nivel máximo d captura permisible dentro de su ZEE, con la única limitació de que éste no puede exceder el rendimiento máxim sostenible. Es posible optar por un volumen de captura po debajo del rendimiento máximo sostenible, por razone políticas, sociales o económicas.

Otro concepto importante en la Convención de 1982 es e de excedente no utilizado. Este es la diferencia entre la captura permisible y la capacidad de capturar los recursos de que dispone el estado ribereño. Este margen es de suma importancia, porque la Convención estipula que el estado ribereño deberá dar acceso a otros estados al excedente no explotado de sus recursos.

Es interesante observar que el acuerdo pesquero con la URSS no determina con suficiente claridad si el monto de remanente no utilizado de las especies no tradicionales, a que tendrían acceso los intereses soviéticos, se establecerá tomando en cuenta el nivel más alto del rendimiento máximo sostenible, o si, en cambio, se utilizará el margen de captura máximo. Este último sería más conveniente para nuestro país. Tampoco parece haberse tomado en cuenta la circuns tancia de que, una vez establecido un excedente no utilizado terceros países tendrían derecho, según la Convención, reclamar acceso.

Juan Oribe Stemme

01 . 01

8708249

URSS

026

CONVENIO PESQUERO: OTRA VEZ AL TAPET[E]

EL Buende en su ir y venir por el ambulatorio de [la] Cámara de Representantes se cruzó ayer con [el] diputado de la Lista 99, Yamandú Fau, surgiend[o] la pregunta: "¿Alguna novedad sobre el convenio pe[s]quero con Rusia?".

—Tengo una, se solicitó a la Comisión de Asunto[s] Internacionales una audiencia por parte de la Cámara d[e] Empresas Pesqueras para asistir con su asesor, el D[r.] Eduardo Jiménez de Aréchaga.

—¡Oh, lá, lá!, bala de alquilar primera fila, uste[d] recordará el lapidario informe que dio a conocer Jiméne[z] de Aréchaga, en su oportunidad, sobre el rubricad[o] borrador entre Uruguay y la URSS.

—Lo tengo perfectamente en la memoria, aunque le aclaro que la sesión se fijará recién después del 20 de setiembre, ya que el citado jurisconsulto se encuentra en estos momentos de viaje.

—Y después de eso habrá que dejar empolvar el convenio. ¿No le parece?

—Si usted lo dice...

8708250

REBELION BALTICA

Las manifestaciones que tuvieron lugar en los paises bálticos con motivo del 48 Aniversario del Pacto Nazi-Soviético de 1939, han puesto de relieve que los tres pequeños paises anexados por la Unión Soviética en 1940, no se han resignado a la pérdida de su soberania y que siguen anhelando recuperar su condición de paises libres.

Lituania, Letonia y Estonia obtuvieron su independencia de Rusia en 1918, a fines de la Primera Guerra Mundial, pero los líderes comunistas nunca se resignaron a la pérdida de esos estados porque poseen puertos libres de hielo y son importantes para el dominio del Báltico.

La oportunidad se le brindó a Stalin con la firma del convenio con Hitler, y en setiembre y octubre de 1939. Rusia aprovechó el estallido de la Segunda Gran Guerra para lanzar un ultimátum contra los tres paises e imponerles la instalación de bases rusas de defensa.

Los grupos raciales alemanes, que antes habian tenido influencia cultural en esos territorios, fueron trasladados a Alemania.

En junio y julio de 1940, las tropas rusas ocuparon por completo los tres paises bálticos e instalaron gobiernos adictos que muy pronto solicitaron la incorporación a la Unión Soviética.

Pero los tres paises, cada uno de ellos con una larga tradición cultural propia, nunca se resignaron a esa situación de dependencia, puesto que existían en ellos hondos sentimientos nacionalistas y sus poblaciones rechazaban la opresión que les imponía Moscú.

Con el lógico aumento de expectativas generado por las medidas de liberalización insinuadas en la "glasnost", el nacionalismo báltico ha salido ahora a las calles y ha formulado sus reclamos independentistas.

Pero, como era de esperar, la represión fue severa. Se teme así que el renacimiento del nacionalismo báltico sirva de pretexto a los sectores conservadores del Kremlin para tratar de frenar todo avance en el proceso de cambios de la estructura social soviética.

No cabe la menor duda de que a la oligarquía gobernante en Moscú, la Nomenclatura, le aterra la idea del desmembramiento de la Unión Soviética por vía de recuperación de la soberanía de algunas repúblicas que la integran.

Por ello, lamentablemente, es muy posible que estas justas manifestaciones hayan sido un "bumerang" que vaya a desencadenar una mayor represión y contribuya a frenar de manera decisiva el parcial y muy accidentado proceso de reformas impulsado por Mijail Gorbachov.

El País 1987

01.01

8708251

URSS (Pol.)

Raíces de una compleja situación

Los tártaros de Crimea

Por Marcos Panucci

Desde hace varios meses, integrantes de la comunidad tártara de Crimea vienen reclamando la revisión de una serie de actos legislativos, adoptados en el pasado por el Soviet Supremo de la URSS.

Hace un par de semanas dichas peticiones culminaron en la realización de una manifestación pacífica, que se llevó a cabo en la Plaza Roja de Moscú, en la que participaron 600 personas. Previamente representantes de la comunidad se dirigieron a las autoridades del PCUS y del poder legislativo soviético, para hacer llegar sus reclamos en relación a sus aspiraciones nacionales. Pero no solamente los tártaros de Crimea han solicitado la reparación de derechos por lo que consideran una violación de la justicia. Escritores y artistas soviéticos pertenecientes a otras nacionalidades —Serguei Baruydin, Euguení Evtushenko, Bulat Okudzhava, Anatoli Pristavkin— se han hecho eco de un reclamo que parece totalmente justo.

La piedra del escándalo en todo este asunto es la histórica resolución del Comité Estatal de Defensa de la URSS, que en las postrimerías de la Segunda Guerra Mundial —exactamente el 11 de mayo de 1944— decidió el traslado masivo de la población tártara radicada en la península de Crimea hacia diversas zonas del Asia Central. La misma resolución disolvió la República Socialista Soviética Autónoma de Crimea.

Posteriormente, especialmente en la década del 60, se revisó críticamente aquella decisión y se concluyó que el traslado de los ciudadanos de origen tártaro había sido un error motivado por circunstancias históricas concretas, que imposibilitaron un análisis objetivo de la situación, especialmente de las proyecciones demográficas, culturales y políticas que la medida implicaba. Hoy día aquella resolución del año 44 vuelve a pesar en los destinos nacionales de una comunidad establecida en Crimea durante los siglos XIII y XIV, durante las sucesivas oleadas de la expansión de pueblos provenientes de Asia Central; acaudillados por Genghis Khan, Tamerlán y otros jefes de tribus nómades, constructores de gigantescos imperios.

El 5 de setiembre de 1967, el Presidium del Soviet Supremo anuló la decisión, a la luz de nuevos planteamientos. De hecho, la resolución del 44 fue contraria al espíritu de la gran política de principios leninista, en relación a las nacionalidades. Durante la Segunda Guerra Mundial, la península de Crimea fue ocupada por el ejército nazi y una parte de la población tártara colaboró activamente con los ocupantes. Incluso se formó un fuerte partido nacionalista tártaro, que fundó un gobierno de carácter confesional —los tártaros de Crimea fueron islamizados durante los siglos XV y XVI— al mando del cual estuvo el aristócrata Asanov Bellal. El ejército alemán —que contó también con la colaboración de numerosos colonos alemanes establecidos en Crimea en varias épocas de su historia— logró un considerable refuerzo militar proporcionado por este partido nacionalista tártaro. Los llamados "batallones de autodefensa" tártaros asesinaron a 86.000 habitantes pacíficos de los territorios ocupados, establecieron hornos crematorios en el sovjós "Krasnais", en los cuales perdieron la vida 47.000 prisioneros de guerra y fueron responsables por la deportación a Alemania hitleriana de 85.000 ciudadanos de la península.

No obstante, fueron también miles los tártaros que lucharon contra la ocupación nazi y las víctimas inocentes de todo este trágico proceso histórico se cuentan por centenares de miles. Lo que sucedió con los tártaros de Crimea es uno de los tantos episodios de ese inmenso holocausto que fue la guerra mundial, donde murieron 55 millones de personas, resultaron heridas 35 millones y 3 millones desaparecieron sin dejar rastros.

Cuando en 1967 los derechos constitucionales de los tártaros de Crimea —antiguo khanato de los siglos XV y XVI— fueron restablecidos, se inició el regreso de una parte de esta población desplazada. Dicho retorno continúa procesándose actualmente. Entretanto, la ecuación demográfica en la península de Crimea ha cambiado sustancialmente. En el momento de la expulsión, los tártaros constituían el 19,4% de la población. Hoy los ciudadanos que han regresado al hogar natal son 20.000, en el seno de una población de 2 millones y medio de personas de muy diversas nacionalidades. Esta nueva ecuación poblacional ha creado una situación difícil de resolver en términos justos.

Recientemente —y como prueba de la sensibilidad del gobierno soviético ante la problemática— se creó una comisión especial del soviet supremo encabezada por su presidente, Andréi Gromiko, quien recibió una delegación representativa de la comunidad, la semana pasada.

La comunidad tártara en el mundo está constituida por 6 millones y medio de personas —ocupan por su número el lugar 96 en la lista de las nacionalidades del orbe— distribuidos en varios puntos del territorio de la Unión Soviética. Fuera de la URSS vive apenas el 0,8% de tártaros. Actualmente la comunidad tártara está especialmente concentrada en las zonas de Kazán y Astrakán, sede histórica, junto con Crimea, de las olas migratorias que avanzaron más hacia el occidente. En las repúblicas soviéticas de Asia Central existen también importantes comunidades tártaras ampliamente mezcladas con otras nacionalidades.

01-01



Eduard Shevardnadze, ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética. (Foto: APN)

La política exterior soviética

Después de Vladivostok

Por Fernando Rama

A partir de la realización, en febrero-marzo de 1986, del XXVII Congreso del PCUS, son notorios los avances de la consigna *"desarme para el desarrollo"* a nivel de la opinión pública mundial. Son asimismo evidentes los nuevos espacios ganados por la diplomacia soviética en varias regiones del mundo, especialmente el Medio Oriente, el Golfo Pérsico, Asia y el Pacífico, América Latina.

En las últimas semanas, por otra parte, son varias las fuentes de información que se hacen eco del creciente impacto que las iniciativas soviéticas provocan en prácticamente todos los asuntos de la vida política internacional.

Jim Hoagland, editor asociado y jefe de corresponsales extranjeros del "Washington Post", registra los avances de aquello que él denomina el "nuevo pragmatismo soviético" en todo el globo. Simultáneamente marca a fuego el contraste entre la amplitud de miras exhibida por la política exterior soviética y la "diplomacia amateur" desplegada por la administración Reagan, crudamente evidenciada en el escandaloso "Irán-contras".

Algunos de los triunfos que el periodista norteamericano apunta a favor de la URSS en el Medio Oriente son: la llegada a Israel de funcionarios con rango consular, la negociación de la deuda militar de Egipto en condiciones suficientemente ventajosas como para enfurecer a Washington; el envío de buque-tanque a Kuwait, asunto en el cual la Casa Blanca se encuentra más que enredada, y el establecimiento de instancias de coordinación económica con el gobierno de Arabia Saudita, especialmente en materia de producción petrolera. Pero hay más. Este año está prevista la realización de una cumbre árabe en Arabia Saudita y existen indicios de que en dicha reunión se acortarán las distancias entre los países árabes más cercanos a las posiciones soviéticas —Libia, Siria, la OLP— y los gobiernos denominados moderados, de acuerdo a lo señalado por Hoagland, especialmente Egipto y Arabia Saudita.

Evidentemente la Unión Soviética ha absorbido las pérdidas que en esta región le ocasionara la exitosa política de Kissinger en la década del 70, concluye Hoagland. La propia conferencia de paz sobre el Medio Oriente, que la Casa Blanca concibe como un cónclave donde se le atribuiría a Estados Unidos el papel de mediador oficial, se encamina actualmente por senderos bien diferentes y más concordantes con los planteamientos históricos de la URSS al respecto.

Los paraísos perdidos

En pleno océano Pacífico, a 1.800 km. de la costa australiana, existen once pequeños estados isleños, antiguas colonias o protectorados de diversas potencias occidentales.

En ellas vivió Paul Gauguin; desde allí criticó a la cultura occidental y desde allí recordó el pecado consistente en alejarse demasiado de la naturaleza. Cada una de las islas es un pequeño paraíso y los turistas conocen allí el verdadero poder del sol, la auténtica belleza del mar y de la exuberante naturaleza. Pero para los habitantes de los once miniestados, independientes desde hace varios años, el paraíso se parece cada vez más al infierno.

Un excelente informe publicado por la revista "Newsweek", hace unas semanas, daba cuenta de las principales dificultades que enfrentan países demasiado pobres en recursos naturales, carenciados hasta la desesperación en materia de mano de obra calificada y dramáticamente distanciados de los mercados mundiales.

Uno de cuatro fallecimientos en las islas Solomon tiene una causa bien conocida: la malaria. En las islas Kiribati la densidad poblacional se ha incrementado tanto que el país se encuentra al borde de la catástrofe demográfica. Otro tanto ocurre en Tonga, donde la población migra hacia Nueva Zelanda en condiciones ilegales y corriendo espantosos riesgos. Hace unos meses el golpe de Estado en las islas Fiji fue un hecho político emergente que sintetizó, bien a las claras, el creciente deterioro de la situación política en estos países.

Estancamiento económico, déficit comercial, crisis demográfica, desempleo y creciente urbanización son algunos de los males que afligen a todos por igual. Son también las consecuencias de una dependencia económica centrada fundamentalmente en la ayuda exterior, que estos gobiernos reciben a raudales desde que finalizó la Segunda Guerra Mundial. Estadísticamente, la región está al frente en la ayuda extranjera per cápita, pese a lo cual se ha desvanecido totalmente el espejismo montado por Estados Unidos en relación a una hipotética independencia económica para estos países. Gran parte de la ayuda exterior se gasta en financiar importaciones de alimentos: otra parte ha sido despilfarrada en construir obras de infraestructura vial e industrial, por lo general mal programadas y peor realizadas.

La calamitosa situación está agravada por la casi absoluta falta de perspectivas para la resolución de estos problemas por parte de los gobiernos occidentales.

En este cuadro nada tiene de raro que varios gobiernos de la región hayan comenzado a volver sus miradas hacia la URSS, en procura de la solución. Por lo menos uno de esos gobiernos, el de Vanuatu, ha concertado un acuerdo de cooperación en materia pesquera que asegura la explotación de un recurso verdaderamente importante en condiciones de envidiable rentabilidad económica. Y nada tiene de raro que Washington haya respondido estereotipadamente frente a este nuevo espacio ganado por la política de amistad y cooperación de la URSS: la militarización de la zona, uno de los objetivos del reciente golpe de Estado fijiano.

Creando nuevos espacios políticos y diplomáticos

El aniversario del histórico discurso de Mijail Gorbachov en el extremo oriente soviético fue el primer motivo de la muy interesante entrevista que la publicación indonesia "Merdeka" (Libertad) realizara al secretario general del PCUS. El segundo motivo circunstancial del reportaje lo constituyó la inminente visita del presidente de Indonesia, Suharto, a la Unión Soviética.

En la larga entrevista, Gorbachov analiza los avances registrados a lo largo del año transcurrido.

"A pesar de toda la complejidad y el abigarrado colorido del cuadro, propios del Asia y del Pacífico, a pesar de todos los matices que existen en la distribución de los claroscuros, se destaca el carácter antinuclear del panorama general", señala Gorbachov a manera de síntesis.

Los síntomas positivos son numerosos. Entre ellos, el secretario del PCUS señala: la firma del Tratado de Rarotonga por parte de los países del Pacífico Meridional, la política antinuclear que promueven gobiernos de mucho peso en el área, como Indonesia, Nueva Zelanda y Australia, el alineamiento de la República Popular China cada vez más en esta dirección. Estados claves como Filipinas incluyen disposiciones contrarias al incremento del armamento nuclear en sus Constituciones.

Muy recientemente la Unión Soviética, haciéndose eco de las demandas pacifistas de pueblos y gobiernos asiáticos, se declaró dispuesta a eliminar todos los misiles de alcance medio estacionados en la parte asiática de su territorio. Esta nueva opción colocada sobre la mesa de negociaciones EE.UU.-URSS en Ginebra, denominada "doble cero global" no aparece ligada a la masiva presencia nuclear de EE.UU. en sus tres enclaves estratégicos regionales: Corea del Sur, Filipinas y la isla Diego García. Pero resulta vital que la actual presencia militar norteamericana en esos lugares se mantenga estacionaria. Las manifestaciones antinorteamericanas en Corea y en Filipinas han contribuido enormemente a detener el insaciable apetito militarista del Pentágono.

Los conflictos regionales y la deuda

Afganistán, Kampuchea, Corea, la guerra Irán-Irak, el golfo Pérsico, y Sri Lanka son los principales focos de tensión en el vasto continente asiático. Si bien allí persisten fenómenos negativos —y en el caso particular del Golfo la tensión se ha agravado— también es cierto que en Kampuchea se procesa la retirada de las tropas vietnamitas y que en Afganistán la política de reconciliación nacional crea condiciones cada vez más favorables para la retirada de las tropas soviéticas. Crece, por otra parte, el consenso internacional en torno a incrementar las medidas pacificadoras en relación al conflicto irano-iraquí, capaz de comprometer seriamente las aspiraciones de los pueblos a la paz.

Otro de los temas abordados por Gorbachov en la entrevista concedida a "Merdeka" tiene especial trascendencia para los países subdesarrollados del área. Gorbachov lanza al ruedo una más afinada política soviética para el tratamiento del acuciante problema de la deuda externa.

"Consideramos que la idea de la seguridad global incluye orgánicamente la seguridad económica internacional. El análisis de las posibilidades existentes nos convence de que el mejor camino hacia este objetivo consiste en que se materialice el principio de "desarme para el desarrollo".

La creación de firmas y empresas mixtas entre el Estado soviético y los círculos de negocios de los países de Asia y el Pacífico, la reanudación del aflujo neto de recursos financieros a los países en desarrollo y la protección máxima de los créditos internacionales contra los abusos de los bancos privados, son tres aspectos del nuevo desarrollo en el seno de una diplomacia al servicio de la paz y el bienestar de los pueblos.

La Hora 22-8-87

FIRMAN CONVENIO CULTURAL

La Asociación de Escritores del Uruguay (ASESUR) y la Unión de Escritores de la URSS, firmaron un convenio de colaboración cultural que rige a partir del corriente año hasta 1990. Con motivo de ello, LA HORA Cultural se entrevistó con los representantes de ASESUR que viajaron a la URSS para concretar el convenio, los poetas Saúl Ibargoyen y Jorge Arbeleche, presidente y vicepresidente de dicha asociación respectivamente



Saúl Ibargoyen y Jorge Arbeleche, presidente y vicepresidente de ASESUR respectivamente

El viaje de Saúl Ibargoyen (Presidente) de ASESUR) y Jorge Arbeleche (Vice) surge de la invitación que la Unión de Escritores de la Unión Soviética cursara a ASESUR. Según explicaron nuestros entrevistados el "contacto con los escritores soviéticos había comenzado con la visita de la poeta Rimma Kasakova, que estuvo en nuestro país con motivo de la Feria Internacional del Libro".

Esta es la primera vez que viajan escritores uruguayos en representación de la actual sociedad de escritores.

En la Unión Soviética, los representantes de ASESUR mantuvieron contactos con la sociedad homónima, arribando a la firma de un importante convenio cultural que propicia el intercambio entre las dos instituciones, entre las dos culturas. "El convenio se inspira en la idea de fomentar los vínculos en la esfera literaria, para fortalecer la amistad y la comprensión mutua entre los pueblos de la URSS y Uruguay. Estamos seguros de que a los escritores uruguayos se les abre una perspectiva sumamente importante", dijeron los escritores entrevistados.

El convenio incluye el intercambio de delegaciones de escritores para intervenir en congresos, conferencias y otras actividades realizadas por ambos organismos, "además de la organización de encuentros multilaterales internacionales de escritores, con la participación de representantes de organizaciones literarias democráticas de otros países", dijeron.

Consultados acerca de si existía algún compromiso en cuanto a eventos organizados por ambas entidades, respondieron que efectivamente las dos sociedades de escritores —ASESUR y la Unión de Escritores— se comprometen a "prestar asistencia recíproca a sus miembros en caso de su participación en las actividades realizadas en uno de los países por otras organizaciones". Resaltaron asimismo el poderío de la organización de la URSS que nuclea a diez mil escritores de toda la Unión Soviética, siendo además "una potencia económica que se mantiene sin la subvención estatal".

"En resumen, dijeron finalmente, sentimos que por primera vez y de forma real, concreta y no en términos de cultura abstracta, ni de proyectos borrosos, se acuerda la posibilidad de promover la difusión de ambas literaturas".

V.G.

URSS

01.01

8708256

Operación de espionaje contra la URSS fue develada en Moscú

Moscú (PL) La Unión Soviética develó ayer detalles de una operación de espionaje en su territorio que involucró a empresas comerciales y firmas de transporte de Alemania Federal, Estados Unidos y Japón.

El nudo de la operación era un contenedor metálico que, proveniente de Tokio, debía atravesar el territorio soviético para entregar en Bonn un cargamento de objetos de cerámica, en el cual venía oculta una cámara especial, preparada para tomar mas de 10 mil fotografías de las regiones que atravesaría.

Guennadi Guerasimov, jefe de la dirección de información del ministerio soviético del Exterior, precisó en conferencia de prensa que el equipo, según conclusiones de una comisión de expertos nacionales, en tránsito en su tipo y por lo tanto difícil de evaluar.

El aparato, agregó, estaba preparado para obtener material de inteligencia en la ruta que recorriera del puerto de Najodka, a donde llegó a bordo del contenedor, hasta el de Leningrado, de donde viajaría hasta la RFA.

Guerasimov indicó que en enero del año pasado y en los dos meses siguientes de 1986 las autoridades de Japón y la RFA fueron informadas del descubrimiento del equipo, cuyos elementos son originarios de firmas norteamericanas, en especial los microprocesadores que tiene instalados.

El 21 de julio de este año el ministerio de Relaciones Exteriores de la URSS entregó sendas notas de protesta a las embajadas de Tokio y Bonn en esta capital, en las cuales exigía medidas contra los círculos que propugnan estas acciones antisoviéticas.

Un vocero de la misión japonesa —informó Guerasimov— dijo que en su país se efectuaban investigaciones para establecer la identidad de la persona o personas que habían colocado el equipo a bordo del contenedor. La parte germanooccidental no ha dado respuesta alguna, agregó.

AEROFLOT ratificó interés de realizar vuelos URSS-Uruguay

El representante de Aeroflot (Líneas aéreas soviéticas) en Uruguay, Guerman Sysoeliatine, dijo que de concretarse la firma del acuerdo de transporte aeronáutico entre la URSS y Uruguay, ambos países saldrían beneficiados.

El funcionario de la compañía aérea de la Unión Soviética destacó el interés de su país en que se realicen vuelos comerciales entre Montevideo y Moscú; y señaló que su establecimiento depende ahora del gobierno uruguayo que está estudiando el tema.

Al ser consultado sobre si el acuerdo pesquero condicionaría la concreción del convenio aeronáutico expresó que son dos negociaciones separadas; más allá de que se realice o no el acuerdo pesquero con Uruguay, Aeroflot está interesada en formalizar los viajes aéreos entre ambos países. Precisó que la frecuencia de los vuelos dependerá de la demanda de pasajes, pero señaló que si el convenio pesquero se firmara se incrementaría el tránsito aéreo para transportar a los marinos de las naves pesqueras que operarían en nuestro país.

Sysoeliatine dijo que el acuerdo aéreo entre Uruguay y la URSS beneficiará a las dos partes. "Las líneas aéreas uruguayas (PLUNA) con la firma del acuerdo, tendrían los mismos derechos que se le otorgarían a Aeroflot".

Indicó que Uruguay podría percibir entre 20 mil y 30 mil dólares de beneficios por cada vuelo que llegue a la terminal aérea de Carrasco.

El representante de las líneas aéreas de la Unión Soviética en nuestro país subrayó que en el pasado año Aeroflot transportó 111 millones de pasajeros, lo que significa que uno de cada siete pasajeros en los aviones del mundo utilizó los servicios de la compañía.

Los aviones de Aeroflot realizan operaciones regulares en más de 120 ciudades de casi 100 países. Actualmente desde Buenos Aires Aeroflot vuela a la URSS dos veces por semana con las naves aéreas IL-62 (182 pasajeros) e IL-86.

01.01

8708258

U.R.S.S.

026

URSS y CAME aumentarán importaciones a A. Latina

PERLA

La Unión Soviética y el resto de los países socialistas que integran el CAME, manifestaron su disposición a aumentar la compra de azúcar a los países exportadores de América Latina y el Caribe agrupados en GEPLACEA.

Según informaron representantes del órgano de integración económica socialista, los países miembros ya consumen el 43% de las exportaciones de GEPLACEA, y pretenden ampliarlo a través del sistema de trueque, con productos de la industria socialista.

En este sentido, reafirmaron el enorme interés que tiene el campo socialista de apoyar a los productores de azúcar latinoamericanos y del Caribe, en el camino de ofrecer un mercado más amplio a las exportaciones de productos básicos y materias primas de los países del Tercer Mundo, que representan para su mayoría la principal fuente de ingresos externos.

LA HORA 15-8-82

HR

JRS 074

Cancillería Soviética Confirmó Viaje de Gorbachov a Uruguay

MOSCU, 2 (EFE). — El máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, tiene previsto viajar próximamente a países de América Latina, afirmó hoy el viceministro de Asuntos Exteriores, Alexander Bessmertnykh.

El portavoz oficial aseguró en rueda de prensa que existen efectivamente planes de Gorbachov para efectuar una gira por los países latinoamericanos, probablemente este mismo año.

El viceministro de exteriores soviético contestó así a una pregunta sobre las posibilidades de que el Jefe del Kremlin visite varios países latinoamericanos con motivo de la prevista cumbre con el presidente de Estados Unidos, Ronal[d] Reagan, en Washington.

Bessmertnykh no especificó qué países pue[den] estar incluidos en el programa de viaje d[e] Gorbachov, pero según los medios diplomático[s] es probable que visite México, Argentina y Uruguay, con posibilidades de que extienda la gira [a] Perú o Brasil.

Si se cumplen las previsiones soviéticas y Reagan y Gorbachov se encuentran en Washington a finales de año para firmar el probable acuerdo sobre eliminación de armas nucleares en Europa, el líder soviético utilizaría la capital federal estadounidense como plataforma para desplazarse a América Latina.

60 Días 2/9/87

01.01

8708271

LA MAÑANA

08 JUL. 1987

"Pershing IA" centró la reunión

Gorbachov recibió al Presidente alemán

El Presidente de la República Federal de Alemania, Richard von Weizsaecker, se entrevistó ayer en el Kremlin con el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, en su segundo día de visita oficial a la Unión Soviética.

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- Gorbachov y Weizsaecker trataron principalmente de las relaciones bilaterales de ambos paises, según señaló en rueda de prensa el portavoz del Kremlin, Boris Piadishev.

El portavoz concedió una gran importancia a esta visita del Presidente germanoccidental a la URSS, que dijo podría servir para profundizar en las relaciones entre los dos paises.

Piadishev valoró como una de las principales cuestiones que se abordan en los encuentros, tanto de Weizsaecker como de su Ministro de Asuntos Exteriores, Hans Dietrich Genscher, con los dirigentes soviéticos, las diferencias surgidas en el tema de desarme, y en concreto sobre los misiles Pershing Ia.

Este tema centró la reunión de ayer entre Genscher y su colega soviético Eduard Shevardnadze, en la que la URSS volvió a señalar su disconformidad con la pretensión de la RFA de mantener en su territorio las cabezas nucleares de los 72 Pershing Ia, una vez concluido un acuerdo para eliminar las armas de medio y corto alcance en Europa.

Según Piadishev, esta diferente apreciación solo podra resolverse con un cambio en la posición de los EE.UU. y de la RFA que facilite un acuerdo en el área de los misiles de medio y corto alcance.

La seguridad en Europa y los conflictos regionales son otros de los temas tratados por los jefes de la diplomacia de los dos paises, señaló Piadishev.

EL CASO RUST

Interrogado sobre si la visita y las entrevistas del Presidente alemán con las autoridades soviéticas influiran en la resolución del caso contra el piloto que aterrizó en la misma plaza Roja de Moscú, Mathias Rust, Piadishev señaló que la aventura del joven alemán no debe ligarse con la visita de Weizsaecker.

El portavoz añadió que relacionar el caso Rust con la visita oficial del Presidente no beneficiaria en nada al intento de mejorar las relaciones de los paises, e indicó que la investigacion que se sigue sobre la actuación del piloto se realiza en estricta conformidad con la ley.

A su vez, la Agencia oficial soviética TASS señaló en su reseña del encuentro entre Shevardnadze y Genscher, que éste se desarrolló con el deseo de aproximar los puntos de vista de ambas partes.

Los jefes de la diplomacia soviética y germanoccidental firmaron durante la reunión un protocolo mediante el cual se materializará el acuerdo intergubernamental de ambos paises sobre Ciencia y Tecnología.

Asimismo, entrarán en vigor tres nuevos acuerdos firmados recientemente entre la URSS y la RFA sobre cooperación en seguridad en el empleo de energía nuclear, investigación agraria y ciencia médica y salud pública.

El diario Sovetskaya kultura publicó ayer una carta de científicos y figuras públicas de la República Soviética de Estonia, en el Báltico, dirigida al Presidente de la RFA, en la que se solicita su ayuda para recuperar parte de los archivos de la capital de esta república, Tallin, sustraidos por el ejército nazi durante su ocupación en la Segunda Guerra Mundial.

01.01

3708295.

179

026

LA MAÑANA

Decenas de tártaros fueron detenidos y deportados en URSS

MOSCU (ANSA y EFE).- La conferencia de prensa concedida por los delegados de los tártaros de Crimea en el gran parque de Izmailovo (noreste de Moscú) para hacer un balance de los acontecimientos de los últimos días, fue sobre todo un saldo de las "pérdidas" sufridas después de la incursión del jueves en el centro de Moscú para protestar contra la forma en la cual los medios de comunicación soviéticos, en particular la agencia Tass, presentan la lucha de la nación tártara.

De esta manera se supo que de las decenas de personas detenidas el jueves en la plaza Pushkin, al lado de la central calle Gorki, 20 fueron "[illegible] a las tierras de origen". Diez tártaros de Crimea, acompañados por agentes de la policía fueron hechos entrar en trenes dirigidos al Uzbekistán y otros diez fueron embarcados ayer de mañana en avión hacia Tashkent, la capital de la República Soviética de Asia Central, donde Stalin deportó al mayor número de tártaros de Crimea.

Las autoridades soviéticas, como habían anunciado, están dedicadas a recurrir a "acciones duras". En efecto, la televisión anunció la decisión al Soviet de Moscú de conceder mayores poderes a la policía y magistratura, para "restablecer el orden público" perturbado por las manifestaciones "organizadas en estos días por los tártaros de Crimea".

EE.UU RECHAZA ACUSACIONES

Por otra parte se informó que el Departamento de Estado norteamericano rechazó ayer categóricamente las acusaciones hechas por la Unión Soviética de que diplomáticos estadounidenses instigaran las recientes manifestaciones de tártaros.

Desde hace casi una semana los tártaros se manifiestan en las calles de Moscú reclamando el regreso a las tierras de Crimea, de las que fueron deportados, en 1944, por Iosif Stalin.

La agencia de noticias soviética Tass anunció hoy que el Ministerio de Asuntos Exteriores soviético acusó verbalmente a los diplomáticos norteamericanos de instigar estas manifestacionesúmera provocar agitación social.

El portavoz del Departamento de Estado, Charles Redman, dijo que una de las principales funciones de una embajada es mantener contactos con la población local, lo que no es nada ilegal, ni impropio.

El Departamento de Estado rechaza categóricamente las acusaciones soviéticas de que funcionarios de la Embajada realizaron actividades impropias relacionadas con las manifestaciones de los tártaros de Crimea en Moscú, afirmó Redman.

Tratamos de mantener contactos con todos los elementos posibles de la población soviética, incluidos los tártaros. Esto no tiene nada que ver con las absurdas acusaciones de incitar las manifestaciones, precisó el funcionario.

01.01

870829 7

026

Ministro critica situación médica en URSS

PERLA

MOSCU (EFE).- El estado de la medicina en la URSS está muy por debajo de las necesidades del país y se hace necesaria una reforma que mejore la situación, aseguró ayer Evgueni Chazov, Ministro de Sanidad de la Unión Soviética.

En unas declaraciones difundidas ayer por la televisión central de la URSS, el funcionario afirmó: "A veces siento vergüenza al visitar un hospital en algunas Repúblicas, pues son barracones de madera, sin agua corriente ni canalizaciones".

Para el Ministro soviético, la solución estaría en dar mayor autonomía a los centros médicos de la URSS y en aumentar al doble la producción de medicamentos, además de subir los salarios a los médicos de forma real.

Actualmente, un médico soviético gana unos 150 rublos (230 dólares) mensuales, mientras que el sueldo medio de la URSS se sitúa en 200 rublos (312 dólares) al mes.

"Si la ayuda médica está mal en Moscú, en la periferia está mucho peor, hay que reducir la mortalidad infantil y mejorar el servicio, pido ayuda a la prensa para que publiquen la realidad de forma valiente, reconociendo las faltas", señaló Chazov.

El funcionario añadió que se prepara un proyecto para mejorar la situación de la medicina en la URSS, país en donde los avances médicos están a la cabeza mundial y a un tiempo se ve imposibilitado para cubrir las necesidades de sus ciudadanos.

El Ministro de Sanidad indicó que en 1988 comenzará en la URSS una campaña en contra del tabaco, aunque no especificó a qué niveles se llevará a cabo.

La Tercera 12-AGO-87

URSS

01/01

8708308

018

024

La Mañana
MONTEVIDEO, SABADO 15 DE AGOSTO DE 1987

Perle

Acuerdo pesquero con URSS: Iglesias en Comisión

"De ningún modo afectará la soberanía nacional"

El Canciller de la República afirmó que el acuerdo con la U.R.S.S. sobre colaboración en las actividades pesquera y portuaria, actualmente a estudio en el Parlamento, no afectaría de ningún modo la soberanía nacional.

El contador Enrique Iglesias concurrió ayer a la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Diputados para considerar el tema. Al cabo de la reunión, manifestó en rueda de prensa que "se trata de un proyecto muy positivo" y que la discusión realizada tuvo resultados satisfactorios. Asimismo, advirtió que no se enviaría al Poder Legislativo ninguna iniciativa que revista aspectos de inconstitucionalidad, aludiendo al problema de la soberanía.

El acuerdo entre la U.R.S.S. y Uruguay se vincula con el área de las actividades pesqueras y portuarias; en particular, en lo que atañe al desarrollo tecnológico y la investigación de recursos vivos en la extensión de 200 millas de aguas bajo jurisdicción pesquera de nuestro país. El articulado proseguirá siendo analizado a nivel de la mencionada comisión legislativa durante la semana próxima, a la luz de las informaciones complementarias proporcionadas al respecto por el Canciller Iglesias

01 | 01

8708314

LA [illegible]

1 [illegible] AGO. 1987

URSS

Vuelos Montevideo - Moscú

La compañía soviética de aviación AEROFLOT tiene interés en realizar vuelos comerciales entre Montevideo y Moscú, según expresó el representante de la citada empresa, Guerman Syssollatine.

El ejecutivo manifestó que "de firmarse un convenio aeronáutico entre Uruguay y la Unión Soviética, ambos países resultarían beneficiados". Syssollatine también explicó que el acuerdo pesquero entre ambos países "no condicionará un convenio de ese tipo, pues ambas son negociaciones que se cumplen en forma separada. De concretarse la iniciativa, -precisó el representante de la línea aérea de la URSS-, la frecuencia de los vuelos dependerá de la demanda de pasajes". Luego destacó como adelanto que "si el acuerdo en el sector pesquero se firma, el tránsito aéreo se vería incrementado por el transporte de los marinos soviéticos, desde y hacia la URSS".

IGUALES BENEFICIOS

Posteriormente el citado Syssollatine resaltó que "PLUNA tendría los mismos beneficios que se le otorguen a AEROFLOT", y a renglón seguido subrayó que "Uruguay podría recibir entre 20 y 30 mil dólares de beneficio por cada uno de los vuelos que llegasen a Carrasco".

El representante de la empresa de aviación detalló de inmediato que la compañía que integra transportó durante el año pasado varios millones de pasajeros, y destacó que sus aviones "realizan operaciones en más de 120 ciudades de casi 100 países", añadiendo que en la actualidad "se cumplen frecuencias dos veces a la semana entre Buenos Aires y la Unión Soviética. Las declaraciones a que hacemos referencia fueron formuladas en oportunidad de la presentación de la citada línea aérea en nuestro país, cuya sede en Montevideo se encuentra ubicada en un edificio de Plaza de Cagancha.

01/01

8708326

024

EL PAIS

5 ABR 1987

CONVENIO PESQUERO CON URSS: FRIO, FRIO...

"LE aviso que finalmente hoy asistirá a la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Representantes, que preside el Cr. León Morelli, el Canciller Cr. Enrique Iglesias acompañado por la gente de INAPE, para explicar los alcances del convenio pesquero rubricado con la URSS", le comentó al Duende uno de los amigos mientras almorzaban en "Morini", luego de los saludos de rigor con los amables propietarios, los hermanos Tomé.

—¡Zas!, el clima va a ser muy cálido, pese a que la firma final del convenio se ha enfriado, casi congelado diría.

—¡Usted aventura mucho¡

—¡Nooo!, se lo aseguro, por lo menos varios legisladores mostraban claras discrepancias con el texto, entre ellos el diputado que promovió la concurrencia del ministro, el Prof. Yamandú Fau, de la lista 99.

—Le puedo asegurar que desde todos los ángulos apuntan al Convenio, se sostiene que pone en peligro la soberanía y también la existencia de nuestras principales especies marinas.

—¿Pero se enteró que daría una ganancia de tres millones de dólares anuales?

—Mire, hay varios sectores políticos que no ven la conveniencia, avizoran más los riesgos, pese a las cifras que usted está manejando y que sé que partieron del Palacio Santos, de la gente del sobretodo de piel de camello y la engominada.

—¿Así que usted cree que el convenio naufraga antes de ponerse en funcionamiento?

—Juéguese tranquilo

PERLA

01/01

8708332

EL PAIS

Ø2jo

05 AGO. 1987

URSS: El Pretexto de la Seguridad

PERLA

[illegible] vez es mayor el núme-[illegible] de judíos soviéticos a los [illegible] se rechaza su solicitud de [illegible] con el argumento de que poseen información, que de ser [illegible] en Occidente, podría causar daño a la seguridad de la Unión Soviética.

Un caso típico es el de Natalia Khassina, de Moscú. Ella y su esposo, Gennady, esperan en vano la visa de salida a Israel desde hace más de diez años. Si es que tuvo información secreta alguna vez, ésta debe estar obsoleta desde hace tiempo. Natalia Khassina trabajó hace 19 años en "Niitri", un instituto de investigación especializado en tecnología radial y estuvo sólo durante un período muy breve en ese lugar de trabajo, entre 1966 y mayo de 1968. Entre otras cosas la Sra. Khassina se ocupó de cálculos de retardos de movimiento y refracciones de ondas radiales en la ionósfera. Hoy, esa clase de información es sobre la ionósfera y cálculos relacionados con ésta, se publican en las revistas de geofísica todos los años. El tema carece de todo secreto. El computador utilizado por N. Khassina, quien entonces era una matemática recién graduada, no era de ningún modelo especial o secreto. De todos modos, la información técnica que N. Khassina tuvo en ese momento, es hoy claramente obsoleta. Además, el rechazo de las autoridades contradice la promesa del líder soviético de que el rechazo por "razones de seguridad" perdería vigencia en cinco años.

La matemática moscovita intentó en varias oportunidades dirigirse a la comisión encargada de revisar los casos de rechazo por razones de seguridad, pero no pudo averiguar en qué marco institucional funciona ni quiénes la integran.

Del Comité Uruguayo Pro-Derechos de los Judíos Soviéticos

HR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Los "Contras" pedirán a Reagan la suspensión de la asistencia militar.

PROCEDENCIA: Clarín 27/8/87

ARCHIVADO EN: Nicaragua (076)

01/01

8708339

El País 9/7/87

INTERNACIONAL

"Pravda" censura Discurso de Von Weizsaecker en Moscú: Protesta

BONN y MOSCU, 8 (EFE) — El diario oficial soviético "Pravda" tiene al parecer problemas con nueva política de "glasnost" (transparencia) proclamada por el secretario general del partido comunista soviético, Mijail Gorbachov.

Según informa toda la prensa germano-occidental, el diario soviético omitió varios pasajes del discurso pronunciado el martes en Moscú por el Presidente federal alemán, Richard von Weisaecker, lo que provocó una protesta del ministro de Exteriores, Hans-Dietrich Genscher, ante su colega soviético, Eduard Schevarnadse.

En la versión obligada que publicó el periódico faltaban, entre otras cosas, una referencia del político cristianodemócrata alemán a la inhumanidad de las fronteras que dividen a los pueblos, así como el llamamiento del Presidente a la RFA para que escuchen los deseos de sus ciudadanos de origen alemán que desean emigrar.

Las palabras con las que Weizsaecker se refirió a la unidad alemana, que debe realizarse en la libertad de quienes forman ese pueblo, fueron abreviadas por "Pravda" así: "En ese contexto, el Presidente reiteró los conocidos puntos de vista de la RFA en torno al llamado destino de la nación".

Pravda no publicó tampoco otro pasaje del discurso presidencial relativo a las empresas mixtas germano-soviéticas, de las que dijo que para competir en terceros mercados deberían demostrar antes su competividad en el mercado interior.

Weizsaecker reiteró, sin embargo, esa misma idea en un debate con un grupo de jóvenes soviéticos transmitido la pasada noche por las televisiones de ambos países.

En su afán censor, "Pravda" llegó incluso a omitir sendas citas que hizo Weizsaecker del joven Marx, Rosa Luxemburgo e Immanuel Kant sobre la necesidad de luchar por la libertad de quienes piensan de otra manera y el derecho a los ciudadanos de un país a visitar a los de otro.

Por el contrario, el diario publicó íntegro el llamamiento del Presidente al gobierno soviético para que ordenase a sus tropas el abandono de Afganistán.

El director de la agencia de noticias soviética Novosti y ex-embajador en la RFA, Valentín Falin, calificó la censura de "Pravda" de excepcional y "sorprendente para muchos" y dijo que no obedeció a una orden de arriba, sino que fue decisión propia de "ciertas personas" de la redacción del periódico.

Falin se refirió también al joven piloto alemán Mathias Rust, detenido en la URSS desde que aterrizó en la Plaza Roja el pasado Día de la Ascensión, y dijo que sería puesto en libertad, aunque no anunció una fecha exacta.

El presidente de Alemania Federal, expresó su confianza en que EE.UU. y la URSS firmen próximamente el acuerdo para desmantelar las armas nucleares en Europa.

En su tercer día de visita oficial a la URSS, Weizsaecker dijo en conferencia de prensa que sus entrevistas al máximo nivel en el Kremlin estuvieron centradas sobre todo en el análisis de la situación internacional y problemas de desarme.

Mi impresión después de hablar con Gorbachov, agregó el presidente de la RFA, es que se mantienen las expectativas para lograr un próximo acuerdo de eliminación de las armas nucleares en el continente europeo.

Desde su llegada a Moscú, el pasado lunes, en compañía del ministro de Asuntos Exteriores, Hans-Dietrich Genscher, Weizsaecker conversó con el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, y con Andrei Gromiko, presidente del Presidium del Soviet Supremo.

Antes de la visita del presidente germano-occidental, el mismo Gorbachov advirtió a la Alianza Atlántica que la URSS no aceptará que se mantengan en territorio de la RFA las cabezas nucleares para los misiles Pershing 1-A.

01/01

Orígenes
URSS-JAPON

últimas noticias
4 JUL. 1987

SANGUINETTI POSTERGO IDA A URSS Y JAPON PARA 1988

La visita que el Presidente de la República Dr. Julio Mª Sanguinetti iba a cumplir este año a la Unión Soviética y Japón, quedó diferida para el año próximo, dijeron voceros del edificio Libertad. Al mismo tiempo se supo que el Dr. Sanguinetti visitará Argentina entre el 10 y el 15 de setiembre, y no el 25 de agosto, como se había previsto en un primer momento.

Por otro lado hay dudas de que la reunión tripartita de Sanguinetti con sus colegas Alfonsín y Sarney, programada para los próximos días en Buenos Aires, pueda finalmente realizarse. En ese sentido existen dificultades en la concertación de las fechas, lo que determinaría la suspensión del encuentro. Cabe recordar que los tres Presidentes se reunieron por última vez en Montevideo el pasado 27 de mayo.

Según voceros oficiales, la visita de Sanguinetti a la Argentina comprenderá actividades a desarrollarse en las ciudades de Buenos Aires, Córdoba, Paraná y Entre Ríos. El mandatario uruguayo también hará un fugaz pasaje por la recientemente designada capital Viedma.

Las Cancillerías de ambos países vienen trabajando ajustando todos los detalles de esta visita, y en la preparación de las actas reversales que suscribirán Sanguinetti y Alfonsín. En las mismas se pondrá especial hincapié en el proceso de integración de los dos países y en el intercambio comercial.

Además de su visita a la Argentina, el Jefe de Estado es probable que viaje a un país latinoamericano del norte, restando confirmar este hecho con sus respectivos detalles.

Paralelamente cabe recordar que se está gestionando una reunión conjunta de los Presidentes de los países que integran el Grupo Contadora y el Grupo de Apoyo, en el denominado "Grupo de los Ocho", pero al respecto todavía no hay decisión tomada.

VIENEN MITTERRAND Y FELIPE GONZALEZ

El Presidente de Francia François Mitterrand vendrá a nuestro país en el mes de octubre, en tanto que el jefe del gobierno Felipe González hará lo propio en noviembre.

El Jefe de Estado francés arribará a Montevideo el sábado 3 de octubre, partiendo de regreso al día siguiente. La visita de Mitterrand retribuye la realizada el pasado mes por Sanguinetti, oportunidad en la que se echaron las bases de un mayor intercambio entre ambos países. Durante la entrevista que mantendrá Mitterrand en Montevideo con su colega uruguayo, se profundizarán las acciones ya iniciadas en París, estimándose que podrían suscribirse importantes convenios.

Por su parte Felipe González arribará a nuestra capital el lunes 2 de noviembre, estando previsto que permanezca en el país hasta el miércoles siguiente. El viaje del jefe del gobierno español será el segundo que realiza a Uruguay, dado que es recordada su presencia en Montevideo, cuando asumió el gobierno constitucional.

Felipe González y Sanguinetti se han reunido tres veces en los últimos dos años, todas ellas en Madrid. La primera fue en setiembre de 1985, cuando el Presidente uruguayo realizó una gira por varios países europeos.

El segundo encuentro fue en mayo pasado, al cumplir Sanguinetti una escala en Madrid, del viaje que realizó a Egipto, en tanto que el restante fue el mes pasado.

U.R.S.S.

024

EL PAIS

09 AGO. 1987

PERSIA - URSS

■ MUJERES SE QUEMAN VIVAS. Moscú, (ANSA). — La ciega aceptación de una tradición provocó en 1986 en Tadjikistan, República Soviética de Asia Central, la muerte de 40 mujeres que se quemaron vivas antes que aceptar el "kalymt", ley por la cual la novia es vendida por los padres al futuro esposo a cambio de dinero o mercancías preciadas. "Komsomolskaya Pravda", órgano de la Liga de la juventud comunista, denuncia "el aumento de este terrible fenómeno" y hace una durísima crítica al "komsomol" local que no sabe distinguir entre fanatismo religioso y verdaderas tradiciones nacionales.

LA MA... NA

Asume responsable del avión sud[illegible]derribado

Defensa aérea soviética

El jefe de la defensa aérea, que permitió que un joven alemán occidental pilotear una avioneta hasta la Plaza Roja de Moscú, ha sido reemplazado por el general Iván Tretyak, el encargado de las fuerzas que derribaron un avión comercial sudcoreano en 1983, informó ayer el periódico del ejército soviético.

MOSCU. (ANSA, EFE y UPI).- El nuevo jefe de las Fuerzas Aéreas de la URSS, general I. Tretiak, pronunció ayer un discurso ante sus subordinados, en el que subrayó la necesidad de reforzar la defensa de las fronteras del país.

El general Tretiak señaló la necesidad de aumentar la preparación militar y el cumplimiento de las exigencias para una defensa eficaz de las fronteras soviéticas.

Medios informados dicen que este discurso del general soviético está relacionado con el aterrizaje en la plaza roja de Moscú del joven piloto germanooccidental Mathias Rust, el pasado 28 de mayo.

Se cree que Tretyak, que dirigía el distrito militar del Extremo Oriente cuando el Boeing 747 sudcoreano fue derribado, es allegado al general Dimitri Yazov, que se convirtió en Ministro de Defensa al ser destituido Sergei Sokolov, también a raíz de la intrépida acción del joven Mathias Rust el pasado 28 de mayo.

La confirmación de la designación de Tretyak, de 64 años, que se había rumoreado en Moscú, se hizo de manera indirecta en Estrella Roja, la publicación del Ejército soviético.

En una nota breve, el periódico dio parte de la celebración de una reunión sobre la misión de la defensa de las fronteras nacionales, y en la que "un informe fue presentado por el general I. Tretyak, Comandante en Jefe de las fuerzas de defensa aérea".

El aterrizaje de Rust, de 19 años, en la Plaza Roja, a bordo de una avioneta Cessna, sacudió al Kremlin. El Secretario General Mikhail Gorbachov arremetió contra las fuerzas de defensa aérea en un discurso público, y despidió a Sokolov y al entonces jefe de la defensa aérea, el mariscal Alexander Koldunov.

A continuación fueron anunciados otros cambios en cargos de alto nivel en la región moscovita, y diplomáticos occidentales informaron que la reorganización aún se está llevando a cabo

URSS
Ongon R.P.CH.

026

—QUE gran parte de la opinión del país vive preocupada ante aventuras peligrosas como el convenio de pesca con la URSS y la exigencia chino-comunista de romper con Taiwan.

—QUE en ambos casos se piensa que nuestra soberanía podría quedar mal parada.

01.01

8708354

URSS
Armas Desarme
036

EL PAIS

18 AGO. 1987

EL "DIRECTORIO T" CONTRA OCCIDENTE

Cuentas secretas en bancos suizos para reclutar a cientos de espias... parejas sexuales para obtener secretos de los cohetes espaciales... seducción de especialistas de computadoras y hasta matrimonio con ellos para espiar los programas espaciales... atracción de oficiales retirados de la Marina para obtener información sobre los submarinos nucleares...

Estos no son episodios de una novela de espionaje, sino detalles de una vasta operación para obtener avanzada tecnología militar e industrial del Occidente. A finales de la década del 60, la KGB organizó una red de bien entrenados espias con la exclusiva misión de robar, o comprar, tecnologia occidental; ante todo, la relacionada con los programas espaciales. El "Directorio T" (la "T" por Tecnologia) es el nombre de la operación, que abarca a Europa Occidental y al Japón, y que se ha activado en extremo en la década del 80.

Uno de los objetivos claves es Francia. En marzo, el gobierno francés acusó a siete personas de tratar de robar tecnologia secreta del "Ariane", el cohete europeo. Entre los acusados se encontraba una mujer soviética, Ludmilla Varygin, que se habia trasladado de Moscú a Paris en enero, tras casarse con Pierre Verdier, un especialista en computadoras francés, ahora arrestado por LA Suretê.

Al mismo tiempo, seis diplomáticos soviéticos eran expulsados de Francia, acusados de dirigir una cadena de espias para obtener datos tecnológicos sobre el programa espacial europeo. Antes, en enero, un oficial francés retirado fue arrestado; de acuerdo con los reportes del servicio de inteligencia daba información a los soviéticos de los submarinos nucleares franceses. Después de su arresto e interrogatorio, cuatro diplomáticos soviéticos, agregados comerciales y militares, fueron expulsados por espionaje.

Cuando se hizo obvio que no se trataba de esfuerzos aislados, sino partes de una gigantesca red de espionaje que abarcaba a los paises de la OTAN, tanto como a los estados neutrales de Europa, el Occidente boycoteó la transferencia de alta tecnología a la Unión Soviética y a sus "aliados" de Europa Oriental. Moscú organizó entonces una red internacional de compañias apócrifas, bajo el control de las embajadas soviéticas. Oficiales de la KGB y del GRU (Servicio de Inteligencia Militar) trabajan en las embajadas así como en la Aeroflot —la aerolinea soviética— y en las oficinas de turismo y comercio soviéticas. Algunos corresponsales de TASS, la agencia de noticias soviética, están también al servicio del "Directorio T".

El gobierno francés desenmascaró una gran parte de la red en 1983 cuando, en abril, cuatro docenas de ciudadanos soviéticos —un total de 47, entre los que se encontraban 40 "diplomáticos", 5 comerciantes y 2 periodistas —fueron expulsados. Uno de ellos era el bien conocido periodista soviético Oleg Shikorov, jefe del Buró de Prensa de TASS. los devueltos a su casa incluian: 3 miembros del Consulado en MaRsella, 5 miembros de la delegación soviética en la UNESCO, 3 funcionarios soviéticos de la UNESCO y 5 miembros de la delegación comercial. La peor pérdida para Moscú fue la exposición y caida de Nikolai Chetverikov, jefe de la sección de la KGB en Francia. Estaba encubierto como un "diplomático" de tercera categoria en la Embajada de Paris.

Antes de que los franceses "limpiaran su casa", Inglaterra expulsó a 3 espias soviéticos, España a 4, y Holanda y Alemania Occidental 1 cada uno. Italia encarceló a dos ciudadanos soviéticos, acusándolos de espias. Esas fueron las principales oleadas de expulsiones desde 1971, cuando los británicos expulsaron a 105 espias soviéticos.

Un antiguo comandante de la KGB, Stanislav Levchenko, que desertó en los EE.UU., informó sobre los métodos de los controladores de la cadena de espionaje. Sus armas más eficientes son: las mujeres soviéticas, las actividades sexuales y el soborno. Además del sexo y el dinero, los agentes tratan de explotar el "ego" de algunos, que son sensibles a ello.

El "Directorio T" trata también de obtener información secreta sobre los 100 proyectos de "Eureka". "Eureka" es la cooperación de 19 naciones europeas que trabajan en la tecnología de la "Guerra de las Galaxias". Francia participa en la mayoria de los proyectos, junto a paises de la OTAN y otros neutrales como Suecia. El "Club Eureka" fue creado en 1985 con un presupuesto inicial de $ 5.000 millones y, hasta 1990, trabajará en 300 proyectos, cooperando en minicomputadoras espaciales y electrónicas, láseres y robots. Uno de los proyectos más interesantes es la investigación de autómatas de gran movilidad que pudieran utilizarse contra el terrorismo y los desastres.

Infortunadamente, unas pocas compañias occidentales violaron el boycott, como la ASEA, de Suecia, que envió computadoras fabricadas en los EE.UU. a Europa Oriental. Bajo investigación se encuentran también compañias japonesas y austriacas, acusadas de venta ilegal de máquinas de alta tecnología a Bloque Soviético.

Juan Fercas

01.01

8708355

URSS
[illegible] ISRAEL

024

ISRAEL - URSS

[illegible] (ANSA). — El ministro de Cultura soviético concedió el permiso para exhibirse en Israel al ballet del Teatro "Bolshoi", al coro del Ejército Rojo y otros artistas de la Unión Soviética.

El gesto de Moscú se agrega a otras señales que confirmarían el inicio de un cauto proceso de "deshielo" en la actitud de la URSS con respecto a Israel.

01.01

8708361

LB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Moscú busca explicar matanza.

PROCEDENCIA: El Día 11/7/82

ARCHIVADO EN: Polonia (022)

01.01 8708362

El Kremlin baja el tono de la propaganda antiisraelí



LONDRES. — Uno de los rasgos característicos de la prensa soviética en la era de la "glasnot" es la atención prioritaria a los temas de política interna y un debate relativamente abierto sobre la situación actual y el futuro de la economía soviética.

Todos los temas de política exterior han pasado a un segundo plano, pero esto ha sido particularmente notorio en lo relativo al "bajo perfil" dado últimamente a la hasta hace poco estridente propaganda antiisraelí y antisionista.

Un hecho significativo es que ni el Medio Oriente ni Israel figuraron entre los eslóganes de este año para el primero de mayo. Habitualmente esos eslóganes brindan una síntesis de las metas políticas principales del Partido Comunista, tanto en el campo doméstico como en política exterior.

También la temática atinente a Israel ha dejado de tener la prominencia que tuvo hasta hace poco en los medios de comunicación. No debe descartarse la posibilidad de que ese decrecimiento de la propaganda sea el resultado de decisiones políticas e ideológicas de alto nivel. El liderazgo soviético quizás vea la posibilidad de una apertura de diálogo sobre el Medio Oriente con Israel en el marco de una conferencia internacional. Por ello, Israel debe ser presentado como un interlocutor "legítimo" a los ojos del público soviético.

Sin embargo, no han faltado ecos de la agresiva propaganda de meses atrás. Por ejemplo, han habido artículos condenatorios acerca del papel desempeñado por Israel en el sur de Líbano, la política israelí en Cisjordania y Gaza, la presunta cooperación nuclear entre Israel y Africa del Sur, el "affaire" Vanunu, el "affaire" Pollard y otros temas similares. Un periódico de una de las repúblicas ofreció hacia fines de febrero una insólita primicia: el "Mossad" organismo de inteligencia de Israel sería responsable de la muerte del ex primer ministro sueco, Olof Palme. La razón alegada por el diario soviético: el líder sueco habría estado informado del papel desempeñado por el ex grupo Stern y su entonces líder Yitzhak Shamir en la muerte del conde Bernadotte, mediador de las Naciones Unidas en setiembre de 1948. Como sobre ese episodio histórico se ha escrito en abundancia, la pretensión de que por ese "secreto" el servicio secreto israelí decidiera la muerte de un jefe de estado amigo, es francamente absurda. Pero estas extravagancias, que antes eran la norma, ahora son la excepción.

El tono general es mucho más sobrio. Por ejemplo, se ha mencionado con frecuencia en los últimos meses en distintas publicaciones soviéticas la posibilidad de la reanudación de las relaciones diplomáticas entre la Unión Soviética e Israel. Anteriormente ese tema solía condicionarse a lo que Moscú denominaba "La eliminación de los resultados de la agresión israelí", lo que significaba el retiro de Israel de todos los territorios árabes ocupados. En ocasión de la visita a la URSS del líder sirio, Hafez Assad, llamó mucho la atención la declaración de Mijail Gorbachov en relación a Israel de que "no puede ser considerada normal una situación en la que no existen vínculos diplomáticos entre dos países". Esa declaración no llevó a una reversión de la política anterior; sin embargo, la fórmula de Gorbachov ha sido reiteradamente usada en distintas publicaciones soviéticas.

Es muy probable que el tema sea motivo de agudas controversias en la cúpula del Kremlin. En la misma tesitura debe situarse el tema de la emigración. A partir de las nuevas reglamentaciones sobre emigración emitidas en enero de este año, el tema de la emigración de la URSS dejó de ser tabú.

En general todas las declaraciones oficiales han subrayado que la Unión Soviética cumplirá sus obligaciones internacionales en el espíritu de los acuerdos de Helsinki, siempre que estén dentro de las condiciones especificadas en las nuevas reglamentaciones, que hacen hincapié en el principio de la reunificación de familias y en que los candidatos a emigrar tengan documentos que avalen que no conocen secretos de Estado.

Aparentemente está funcionando una comisión de alto nivel que tiene a su cargo la revisión de todos los casos de "rechazados" a los que se negaron visas por motivos de seguridad.

En suma, como la propaganda siempre ha sido un barómetro muy sensible de la política soviética, este cambio de tono podría presagiar un cambio más amplio en la política del Kremlin hacia Israel, la emigración judía de la URSS y la problemática del Medio Oriente.

Por Rudolph Willcott

01 .01

8708363

URSS
Grupos desarme

028

12/8/87

Concesión en armas químicas

GINEBRA, 11 (AP y Reuter). — La Union Soviética anunció hoy que ha aceptado controles sorpresivos y obligatorios efectuados por inspectores extranjeros en caso de presuntas infracciones a una prohibición de armas químicas propuesta recientemente, en lo que constituye la reversión de una postura de hace un año.

Yuri Nazarkin, jefe de la delegación soviética, expuso en una sesión de la Conferencia de Desarme de Ginebra, de 40 naciones, los detalles de la propuesta soviética para realizar "inspecciones probatorias" en los lugares donde existan armas químicas o en las plantas de producción, con 48 horas de preaviso y sin derecho a objeción.

♦ Elogio de EE.UU.

La delegación norteamericana, en una primera reacción, elogió la propuesta, diciendo que indicaba que la URSS había reconocido que tales "inspecciones probatorias" deben ser obligatorias para que resulten efectivas.

Un delegado occidental dijo en privado que Moscú se había puesto "a un pelo de distancia" de una propuesta formulada en 1984 por EE.UU. para inspecciones obligatorias in situ, que entonces el Kremlin rechazó por considerarla poco realista, discriminatoria, y generadora de abusos.

Las divergencias soviético-norteamericanas sobre el tema de la inspección han constituido durante años el principal obstáculo para avanzar hacia un tratado internacional que prohiba las armas químicas y destruya las reservas existentes.

Nazarkin amplió un discurso pronunciado la semana pasada por el canciller soviético Eduard Shevardnadze ante el foro de desarme, donde anunciaba el cambio de actitud por parte de Moscú.

Nazarkin dijo que, para prever el riesgo de espionaje, hay que prever soluciones que eviten la "completa inspección del lugar sospechoso". Tales soluciones "no deben atenuar la vigencia del principio de inspección directa, ni constituir excepciones al mismo y podrían consistir en la observación exterior con posibilidad de tomar fotos y analizar muestras de productos químicos, y en el acceso a solo parte de las instalaciones", dijo.

La limitación de la inspección, propuesta por el país sospechoso, tendría que ser rápidamente aceptada por el país acusador, de modo que no transcurran más de 48 horas entre la demanda de verificación y la llegada de los inspectores.

01.01

8708369

ARCHIVAR EN: URSS (046)

TEMA: Testigos Relatan Atrocidades de los Sovieticos que ocuparon Afganistán

PROCEDENCIA: El País 6/7/87

ARCHIVADO EN: AFGANISTAN (019)

D1.01

8708371

HR/

ARCHIVAR EN: URSS (024)

TEMA: Llamado al Papa y a Gorbachov desde Ucrania

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 20/8/87

ARCHIVADO EN: Iglesia Catolica (037)

D1.01

8708374

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: SATELITE

PROCEDENCIA: LA HORA 7/7/87

ARCHIVADO EN: Programas especiales (906)

01.01 8708378

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Relaciones China - Unión Soviética.-

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 26/8/87.-

ARCHIVADO EN: R. P. China (033)

01.01 8708384

074

Israel: Misión de la URSS Inició Visita

JERUSALEN, 13 (AP y EFE).— Una delegación de la Unión Soviética inició hoy una visita de dos meses a Israel, en lo que es la primera visita oficial desde que hace 20 años el Kremlin cortó los vínculos con el estado judío, y la iniciativa es vista como una posible apertura hacia el restablecimiento de las relaciones entre ambos países.

Los ocho miembros de la delegación soviética, que llegaron la noche del domingo, tienen previsto observar propiedades de la Iglesia Rusa Ortodoxa y constatar la situación de los tenedores de pasaporte soviéticos, que se estima alcanzan entre 2.000 y 2.500.

No se sabe por ahora si la delegación ampliará su misión para que incluya un diálogo sobre temas como la paz en el Medio Oriente y los judíos soviéticos, aunque el jefe del grupo, Ievgueni Antipov, indicó que el objetivo de la visita es de alcance limitado.

En declaración a periodistas Antipov advirtió que "no interpreten (la visita) como un paso hacia el establecimiento de relaciones diplomáticas o consulares".

"Lo dijimos antes y lo decimos ahora, para establecer (tales) relaciones... Israel debería lograr la plena normalización de la atmósfera en esta región, y para conseguirse ese objetivo tendría que ser a través de una conferencia internacional con todas las partes interesadas", manifestó Antipov, quién señaló que la delegación tiene previsto permanecer durante más de dos meses.

Sin embargo, se considera probable que la visita tenga implicaciones para el proceso de paz, dado que presenta indicios de una mejora de relaciones entre Israel y la Unión Soviética.

Israel puso como condición para la participación soviética en una conferencia internacional sobre el Medio Oriente que se restablezcan los vínculos, y que se amplíe la emigración de judíos soviéticos.

Entretanto, alrededor de 12 activistas judíos soviéticos realizaron una protesta por la visita de la delegación, ante el hotel en Tel Aviv donde se alojan sus miembros.

Dirigentes del gobierno de coalición israelí dijeron que aguardan para ver cómo los soviéticos aprovechan la visita, cuyas gestiones previas requirieron 18 meses.

Mientras el Ministro de Relaciones Exteriores Shimon Peres dijo en una entrevista radial que los soviéticos "tratan de disminuir el significado de la delegación... sugiero no exagerar (su importancia)", el primer ministro Yitzhak Shamir manifestó en declaraciones por la televisión que la visita "fue una iniciativa soviética", y a la pregunta de si se reuniría con Antipov, respondió que "no lo creo, pero veremos".

14/7/87 El País

TIME — EL OBSERVADOR 31/5/87

Violó el espacio aéreo de la URSS, el más vigilado del mundo

LA INCREÍBLE HISTORIA DEL ALEMÁN DE 19 AÑOS QUE ATERRIZÓ EN LA PLAZA ROJA

Su nombre: Mathias Rust. Un adolescente con sólo cuarenta horas de vuelo, que a bordo de un avión Cessna despegó el 13 de mayo del aeropuerto de Uetersen, Alemania Federal, para realizar un vuelo de alto recorrido. Su destino: la isla alemana de Sylt, las británicas de Shetland. Islandia, Bergen y Helsinki. Su próximo punto: Estocolmo. Jamás llegó, pero sí violó el espacio aéreo ruso, aterrizando en el centro de la Plaza Roja de Moscú.



Ni Spielberg lo hubiera imaginado mejor. De no ser por esto —tal vez— Mathias Rust jamás habría pasado a la historia. De no ser por esto, el adolescente huraño, poco comunicativo, al que poco —o nada— le interesaban los jeans y las zapatillas, sería hoy sólo un habitante más de Wedell, un pueblo cercano a Hamburgo. Pero de la noche a la mañana, "gracias" a su imprudencia, merced a su osadía, logró conmover al propio Mijail Gorbachov —secretario general del Partido Comunista—, destituir al ministro de Defensa Aérea del país —Alexandre Koldunov y al ministro de Defensa Sergei Sokolov— y plantear si los espacios aéreos rusos están tan celosamente cuidados como muchos imaginaban. En definitiva, Mathias Rust, para los alemanes es, hoy, un verdadero héroe nacional.

Para algunos, la intrépida aventura de Mathias fue impensada y casual. Para otros —quizá más certeros—, como su amigo de la infancia Axel: *"Hizo lo que se propuso y lo preparó con el mayor sigilo. Las reacciones de* Mathi, *nadie las puede predecir. Es lo que nosotros llamaríamos un adalid de la justicia. Y pone todas sus energías en cada batalla. Juntos redactamos una carta dirigida a Amnesty International, consignando los países donde todavía hay torturas políticas, racismo y dictadura. Esto no asombra a ninguno de sus amigos. Sabíamos que el viejo* Mathi, *alguna vez se destaparía con algo grande".*

Mathias lo hizo y, aparentemente, sin ningún esfuerzo. El jueves 28, cuando una levísima bruma cubría Moscú, al mando de su avioneta Cessna-172, —volando a baja altura entre el supermercado Gum, el mausoleo de Lenin y el muro del Kremlin— aterrizó en el centro de la Plaza Roja.

Curiosos, algunos turistas y los miembros de la guardia, presenciaron sin poder creerlo el desplazamiento —impecable— de la máquina. Sólo veinticinco segundos tardó en abrir la portezuela. Sólo siete en poner un pie en tierra, para decir despreocupado en un mal inglés:

"Llegué de Helsinki sin escala. ¿Cuánto tiempo volé? Cinco horas sin detenerme ni siquiera para aprovisionarme de combustible".

Doce minutos más tarde, el ejército rodeaba la Plaza. Dos autos con vidrios blindados se dirigían velozmente al Kremlin. Dentro del Cessna, un overol de piloto recordaba la increíble hazaña.

"No existe espacio aéreo inviolable" habría dicho Rust. *"La prueba está que yo logré sobrevolar territorio ruso y sólo fui molestado en una oportunidad. Un cazabombardero soviético me interceptó, dio varias vueltas a mi alrededor pocos minutos después de despegar, y jamás volví a verlo."*

¿Cómo llegó? ¿De qué aeropuerto? ¿Quién era en definitiva? Un informe detallado fechado en Bonn, se ocupó de esclarecer los interrogantes. El joven piloto alemán sólo tenía cuarenta horas de vuelo. El aeroclub de Hamburgo, al que estaba afiliado, informó que Mathias Rust aprobó su licencia privada de vuelo en diciembre del '86. *"Sólo le interesaba la aeronavegación"*, comentó uno de sus instructores. *"Quería estar al corriente de todo, quería saber mucho más de lo que estábamos en condiciones de enseñarle. Su meta era convertirse en el mejor de los pilotos profesionales. Tal vez por eso no nos sorprendió cuando se presentó a las autoridades del aeroclub y con toda seriedad solicitó un permiso para acondicionar la avioneta del club, y hacer un vuelo de alto recorrido."*

"Permiso concedido", decía el sello en grandes letras azules cruzando el memorándum. Mathias no perdió tiempo. Con la ayuda de su hermano retiró dos de los cuatro asientos, para introducir en ese espacio un depósito de combustible suplementario. Mapas, hojas de ruta, pronósticos se fueron acumulando sobre su escritorio. El 13 de mayo nadie lo despidió en el aeropuerto de Uetersen. Su destino: la isla alemana de Sylt en el Mar del Norte. Desde allí hacia la islas británicas de Shetland, Islandia y la localidad noruega de Bergen, hasta llegar a Helsinki. Después, Estocolmo.

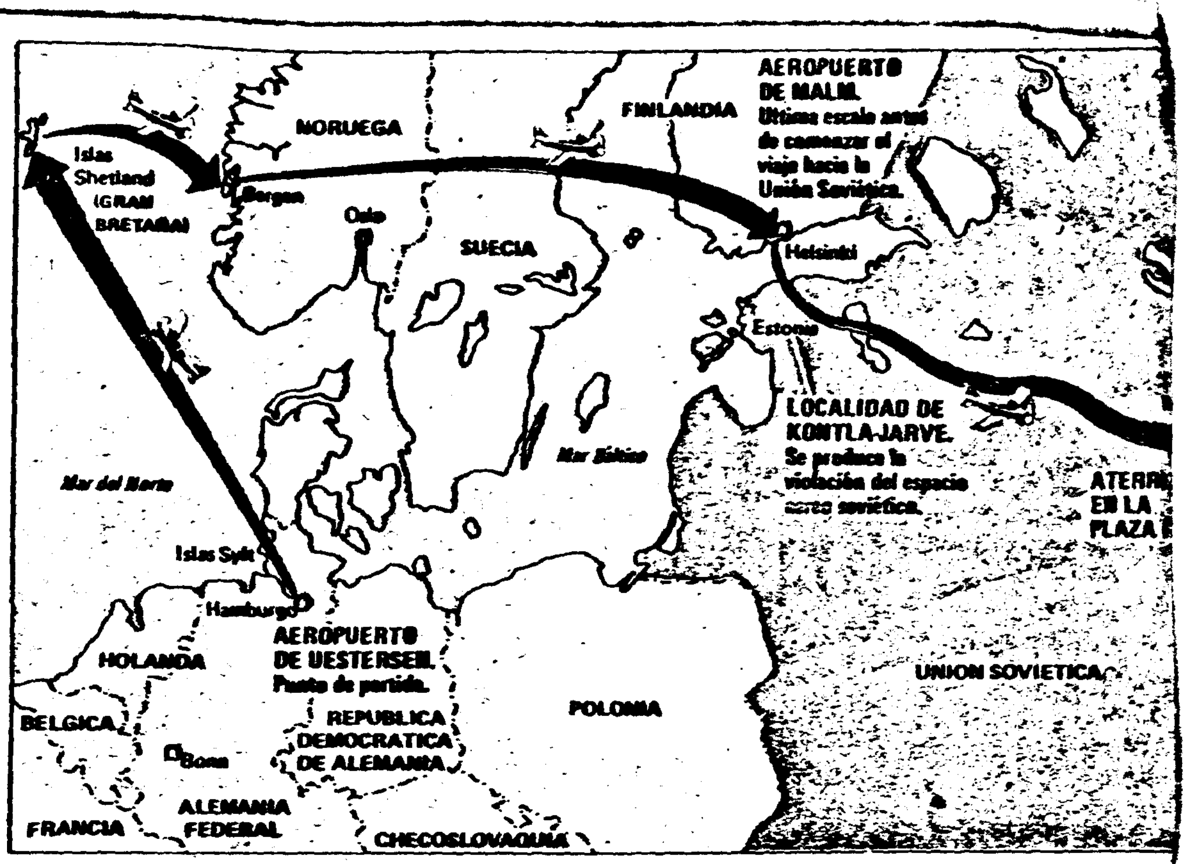
Qué pasó por la mente de Rust al tocar suelo finlandés, nadie lo sabe. Lo cierto es que jamás fue a Estocolmo y el pequeño aparato puso rumbo a Rusia. Nadie contestó los angustiosos llamados por radio, desde la torre de control. Nadie respondió a los técnicos de vuelo. Tres horas después, las autoridades comenzaron una búsqueda infructuosa: el aparato se daba por desaparecido. Seis barcos, siete helicópteros, veinticinco hombres rana abandonaron esa tarde el operativo. La noticia —como un rayo— también los desconcertó: la voz desde el aeropuerto anunciaba: *"Suspendan tareas. Rust no desapareció. Insisto, Rust no desapareció. Está bien. Está en Moscú".*

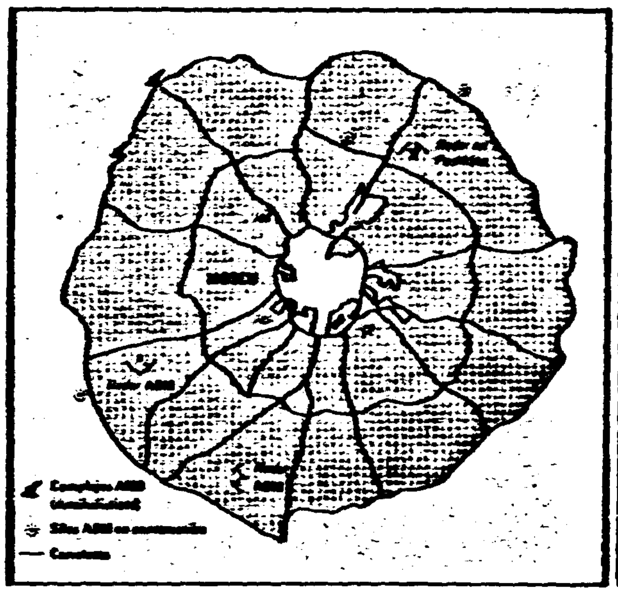
Ninguna comunicación. Sólo una fotografía borrosa y un video de poca calidad fueron mostrados por la televisión alemana. *"Nadie estaba en el momento del aterrizaje. No había camarógrafos. Ni reporteros. Sólo un aficionado que pudo filmar paso a paso lo que ocurría. Este piloto tomó de sorpresa a todo el mundo. También vulneró buena parte de las defensas antimisilísticas de la URSS"*, dijo la cadena alemana oficial de televisión.

El destino del piloto, incierto... Valentín Falin, jefe de la agencia de prensa Novosti y alto funcionario en la jerarquía del Kremlin, declaró que el radar soviético ubicó al Cessna 172, pero las autoridades le permitieron seguir viaje debido a que —creían— se trataba de un aparato de matrícula rusa. *"Si algo tenemos que agradecerle es haber puesto en evidencia nuestros huecos en las defensas"*, agregó. *"Podría ser llevado ante un tribunal militar.. Sería lo normal en estos casos... Pero creo que el joven verá a su familia y a sus amigos más pronto de lo que imaginó."*

Se tejieron entre tanto miles de hipótesis. Equivocaciones, mapas antiguos, rutas mal trazadas. Los expertos técnicos italianos fueron los primeros en defenestrarlas: *"Logró aterrizar en Moscú gracias a un vuelo de bajísima altura, en el que aprovechó las zonas de sombras. ¿Qué método empleó? Un instrumento espía muy sencillo, que le advertía cuándo estaba por entrar en la zona de influencia de un radar y en qué momento salía de ella. Pero algo es indudable: Rust logró esta histórica hazaña, sólo gracias a las pésimas pruebas que dieron los sistemas de defensa aérea soviéticos esparcidos entre el Báltico, Leningrado y Moscú".*

Guiado por un aparato muy difundido entre los pilotos americanos de pequeños aviones para sortear radares, Mathias





ASI VOLO MATHIAS RUST DESDE ALEMANIA A MOSCU

El mapa (arriba) indica el trayecto elegido por el joven Mathias Rust para concretar su proeza. El último tramo le insumió cinco horas y se llevó a cabo en condiciones impensables. Según los expertos, Rust debió volar a ras del suelo para evitar, de esa manera, ser detectado por el complejo sistema de radares (izquierda) que protege el espacio aéreo soviético, una verdadera telaraña que se vuelve progresivamente más hermética a medida que se acerca a la capital de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas, Moscú.

podría haber efectuado un "*slalom*" entre los centros de defensa, que también tienen control de las bajas alturas, aunque en espacios reducidos.

¿Pero qué pasó con los radares colocados en los aviones? Tampoco pudieron detectarlo, a pesar de que el Cessna ocupa más espacio, en una pantalla, que un misil Cruise norteamericano. Quizás, esto último, es lo que costó la destitución del ministro de Defensa, Sergei Sokolov, y del jefe de la Defensa Aérea del país, Alexandre Koldunov. También lo que hizo rodar sus cabezas.

"Rusty, el piloto del Kremlin", dicen los diarios alemanes, que sin perder tiempo bucearon en la personalidad del piloto. Que resultó tímido hasta el hartazgo. Amante de libros y bibliotecas. Rusty... al que no se le conocen novias o amigas. El solitario. El que jamás tuvo la valentía de declararse a una sola adolescente, por miedo a que lo rechazara. También, el que ridiculizó a Gorbachov, quitándole a jirones su hasta ahora aura de inviolabilidad de la URSS.

Eso habrán pensado los rusos. Eso mismo trató en una sesión especial el Politburo (órgano supremo de dirección política de la Unión Soviética). Así lo expresó la agencia TASS, en uno de sus informes, que habla sobre el relevo de Koldunov, (Defensa Aérea) y el reemplazo de Sokolov (ministro de Defensa) por Dimitri Yazov: *"El Politburo indicó que la jefatura de las tropas de la defensa aérea, mostró despreocupación e indecisión inadmisibles en detener el vuelo del violador del espacio aéreo, sin recurrir a las armas. Las tropas soviéticas deben estar en condiciones de detener cualquier tipo de atentado a la soberanía del Estado."*

Algo mucho más importante que este vuelo pirata, alimenta dudas y crea ansiedad, en los jerarcas soviéticos. ¿Por qué no fue detenido por los cazabombarderos que se alejaron sin molestarlo? Una actitud que evidentemente dejó perplejos a muchos occidentales y que vuelve a plantear dudas en torno a las relaciones y a la (mucha o escasa) confianza que existen entre Gorbachov y el Ejército Rojo.

Para los alemanes, las preocupaciones son otras. Primero, quieren a su "héroe" en casa, sano y salvo. Aparentemente, no les complace la idea de que Rust esté bajo exclusiva vigilancia en Lefertovo, la cárcel de la KGB, donde suelen confinar a todos los extranjeros que son investigados. El "Hamburg Morgenpost" describe la aventura como *material de película* y otros se preguntan, hasta dónde llegará la rigidez de las autoridades y si le permitirán retener su brevet. La fulminante depuración dispuesta por Gorbachov en la jefatura militar de su país, persuadió a la mayoría de que Moscú no será excesivamente drástico con el joven Rust. Aunque Helmut Gass asegure como vicepresidente del Aero Club que *"jamás volverá a volar"*.

Un diplomático de la embajada de Alemania Federal en Moscú podrá visitar a Rust esta semana. Un delegado de Meyer Landrut —embajador alemán federal en la URSS— hablará tambien, con él, en forma privada. Entonces se sabrá por qué, cómo y con qué intenciones aterrizó en la Plaza Roja. Porque hasta ahora, eso es un absoluto misterio.

La avioneta Cessna, utilizada por Mathias, con la que logró aterrizar en pleno centro de Moscú, violando su espacio aéreo.

Caro Lasso
Fotos: Reuter / AP / France Press

03.03

8708399

JRSS

026

Gorbachov Propone Eliminar más Misiles

[illegible]OSCU, 22 (AP) — El líder soviético Mijail [illegible]chov dijo que la Unión Soviética está [illegible] para eliminar los cohetes de alcance [illegible] y corto emplazados en Asia si Estados [illegible] no insiste en mantener sus 100 cohetes [illegible] alcance medio, dijo hoy la agencia noticiosa [illegible]cial Tass.

El despacho de la agencia dijo que Gorbachov hizo la afirmación en respuesta escrita a [illegible]guntas que le sometió el periódico indonesio "[illegible]".

Las conversaciones sobre reducción de armas que sostienen las superpotencias han quedado estancadas desde hace [illegible] semanas. Ambos bandos negocian una [illegible] sobre cohetes de alcance medio y de [illegible] autonomía emplazados en Europa.

Uno de los obstáculos ha sido la [illegible] norteamericana en mantener 100 cohetes de alcance de 965 a 2.400 kilómetros en [illegible].

Una fórmula estudiada por las superpotencias dispondría que ambas partes [illegible] 100 cargas nucleares, siendo emplazadas las soviéticas en Asia.

Sin embargo, Gorbachov indicó [illegible] la Unión Soviética está lista a eliminar sus [illegible] SS-20 de Asia, cada uno de los cuales puede transportar tres ojivas nucleares.

Gorbachov dijo que la Unión Soviética "está lista para eliminar el interrogante sobre esos 100 cohetes nucleares de alcance medio que son objeto de debate con los norteamericanos en negociaciones en Ginebra, siempre y cuando que Estados Unidos haga lo mismo".

En otras palabras", dijo Gorbachov, "avanzaremos desde el concepto de un doble cero global".

Gorbachov dijo que la iniciativa no incluía "la presencia nuclear norteamericana en Corea, [illegible] Filipinas, en Diego García [illegible]

Sin embargo, nos agradaría tener la [illegible]ranza de que no crecerá", dijo.

Estados Unidos ha buscado el [illegible]miento de los cohetes soviéticos de [illegible] corto SS-12 y SS-23, que tienen un [illegible] 462 a 964 kilómetros. Estados Unidos [illegible] equivalente de esas armas.

Después de conversaciones en [illegible] mediados de abril, el secretario de [illegible] George Shultz, quedó convencido de que [illegible]bachov estaba listo a desmantelar los [illegible] de alcance corto en Asia, según un alto [illegible]nario norteamericano, que pidió no ser [illegible]cado.

01.01

8708400

Expresó en Moscú confianza en el desarme

Weizsaecker cree en una Europa desnuclearizada

El Presidente de Alemania Federal expresó ayer su confianza en que EE.UU. y la URSS firmen próximamente el acuerdo para desmantelar las armas nucleares en Europa.

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- En su tercer día de visita oficial a la URSS, Richard Von Weizsaecker, dijo en conferencia de prensa que sus entrevistas al máximo nivel en el Kremlin estuvieron centradas sobre todo en el análisis de la situación internacional y problemas de desarme.

Mi impresión después de hablar con Gorbachov, agregó el Presidente de la RFA, es que se mantienen las expectativas para lograr un próximo acuerdo de eliminación de las armas nucleares en el continente europeo.

Desde su llegada a Moscú, el pasado lunes, en compañía del Ministro de Asuntos Exteriores, Hans Dietrich Genscher, Weizsaecker conversó con el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, y con Andrei Gromiko, presidente del Presidium del Soviet Supremo.

Antes de la visita del Presidente germanoccidental, el mismo Gorbachov advirtió a la Alianza Atlántica que la URSS no aceptará que se mantengan en territorio de la RFA las cabezas nucleares para los misiles Pershing I-A.

Weizsaecker confirmó que este problema se abordó en el curso de las conversaciones y dijo que existe una voluntad indudable por todas las partes afectadas en el asunto del desarme para llegar a una solución satisfactoria.

CASO RUST

Sobre el caso del joven piloto, Mathias Rust, que aterrizó el pasado 28 de mayo con una avioneta en la Plaza Roja de Moscú, Weizsaecker se limitó a responder que sigue su curso a través de los cauces diplomáticos y consulares.

El Presidente de la RFA dijo que las relaciones entre su país y la URSS son de especial importancia para Europa, ya que se encuentra en la línea divisoria de los dos grandes sistemas políticos y económicos, en una alusión al problema de la división de Alemania, que fue tratado con Gorbachov.

El político alemán, que mantuvo contactos con jóvenes soviéticos y se interesó personalmente en conocer la evolución del proceso de reformas internas en la URSS, afirmó que la perestroika (renovación) que impulsa Gorbachov muestra síntomas esperanzadores.

Según el político germanoccidental, el objetivo principal de su visita es impulsar las relaciones entre la RFA y la URSS a todos los niveles, particularmente en el sector económico.

Weizsaecker llegó a Moscú acompañado de un nutrido grupo de empresarios y comerciantes, que dedicaron su estancia a tomar contacto con instituciones soviéticas para estudiar las posibilidades de la nueva ley que permite la creación de empresas mixtas.

Sin embargo, según fuentes de la delegación empresarial de la RFA, existen problemas para impulsar el comercio industrial entre ambos países, debido sobre todo a las restricciones en la transferencia de tecnología con posibles fines militares.

01.01

8708406

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Científico Soviético Pide Asilo Estando en Seattle.

PROCEDENCIA: El País 9/8/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (8)

01.01 8708410

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Desventajas de los acuerdos de pesca con Bulgaria y URSS.

PROCEDENCIA: A. Financiero 18/8/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01.01 8708427

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Exigen a Moscú que Libere la Emigración. Conferencia Europea, repasó el historial Soviético sobre DDHH.

PROCEDENCIA: El País 7/8/87

ARCHIVADO EN: AUSTRIA (002)

01.01 8708428

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Irán y URSS Negocian por Oleoducto

PROCEDENCIA: El País 9/8/87

ARCHIVADO EN: IRAN (040)

8708430

01.01

18

026

India y la URSS han Reforzado sus Relaciones y Afinidades Políticas

MOSCU, 4 (EFE).— El entendimiento entre el maximo dirigente sovietico, Mijail Gorbachov, y el primer ministro indio, Rajiv Gandhi, abrio una nueva era en las relaciones entre Moscu y Nueva Delhi y propicio una mayor aproximación en politica internacional.

Rajiv Gandhi salió hoy de Moscu de regreso a la Union India, después de permanecer durante dos dias en la capital sovietica, donde mantuvo tres entrevistas personales con el jefe del Kremlin.

El primer ministro indio inauguró junto con Gorbachov el festival de la India, el más importante acto cultural que lleva a cabo un pais extranjero en la Union Soviética.

Durante doce meses, mas de 3.000 artistas, intelectuales y cientificos indios recorren cien ciudades de la Union Soviética para dar a conocer los valores culturales de su país.

En noviembre, la URSS abrirá en Nueva Delhi una exposicion similar, con el proposito de reforzar al máximo los lazos entre los dos paises.

A diferencia de las visitas de otros dirigentes extranjeros a Moscú, que se desarrollan dentro de un ambiente protocolario y oficialista, la presencia de Rajiv Gandhi en la capital soviética se caracterizó por la distension y la familiaridad.

Gorbachov y Gandhi estuvieron practicamente juntos durante 48 horas, presidieron la apertura de todos los actos conmemorativos y en tres oportunidades se retiraron para conversar por espacio de largas horas.

Gandhi expuso a Gorbachov la tensa situacion que vive la Unión India con su vecino Pakistan y solicito el apoyo de la URSS ante lo que considera una amenaza militar procedente del régimen de Islamabad.

El País 5/7/87

01.01

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Mosen Considera muy grave la situación en el Golfo

PROCEDENCIA: El País 10/8/87

ARCHIVADO EN: Conflicto-Iran-Irak (081)

01.01 8708443

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Israel: Misión Soviética.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 14/7/87

ARCHIVADO EN: Israel (041)

01.01 8708444

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Mosen entrampado en Afganistán

PROCEDENCIA: El Día 10/8/87

ARCHIVADO EN: Afganistán (029)

01.01 8708462

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Vernon Walters Espera Acuerdo con la URSS Para finalizar Guerra del Golfo.

PROCEDENCIA: El País 5/7/87

ARCHIVADO EN: EE.UU (058)

01.01 8708471

CONVENIO CON RUSIA: OLAS Y OLAS

"LE aclaro que el diputado Yamandú Fau solicitó la presencia del Canciller Cr. Enrique Iglesias, quien concurrirá acompañado de jerarcas de los organismos oficiales de la pesca, a la Comisión de Asuntos Internacionales", dijo uno de los amigos del Duende con el polémico convenio firmado con Rusia sobre su escritorio.

—¿No está de acuerdo el legislador del Frente Amplio?

—Mire, desea escuchar la palabra del Ministro antes de pronunciarse públicamente, aunque en principio está alarmado por los términos del mismo, repartido ayer entre los miembros de la citada comisión.

—¿Usted se refiere al acuerdo suscripto entre el Gobierno uruguayo y de la URSS, del cual falta la ratificación parlamentaria, que publicó El Duende en exclusividad tiempo atrás?

—Exactamente. Pero le puedo adelantar que un importante legislador decía seriamente ayer: "Si este convenio hubiera sido firmado con los EE.UU. en este momento toda la izquierda uruguaya estaría de «pegatina» y gritando en las calles contra la entrega de la soberanía uruguaya a Reagan".

—¡Epa!, ¿severo juicio del legislador?

—De más de uno. Le daré más detalles en futura charla.

PERLA

El País 28-7-87

01 .01

8708480

URSS
URSS AMERICA DEL SUR
026

detalladamente RDA se está consciente de que ... ades. El diario visita seguirán desarrollandose con éxito.

PERIA

Confirmaron gira de Gorbachov por América

El máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, tiene previsto viajar próximamente a países de América latina, afirmó hoy el viceministro de asuntos exteriores de la Alexander Bessmertnykh.

El portavoz oficial aseguró en rueda de prensa que existen efectivamente planes de Gorbachov para efectuar una gira por los países latinoamericanos, probablemente este mismo año.

El viceministro de exteriores soviético contestó así a una pregunta sobre las posibilidades de que el jefe del Kremlin visite varios países latinoamericanos con motivo de la prevista cumbre con el presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan, en Washington.

Bessmertnykh no especificó qué países pueden estar incluidos en el programa de viaje de Gorbachov, pero según medios diplomáticos es probable que visite México, Argentina y Uruguay, con posibilidades de que extienda la gira a Perú o Brasil.

Si se cumplen las previsiones soviéticas y Reagan y Gorbachov se encuentran en Washington a finales de año para firmar el probable acuerdo sobre eliminación de armas nucleares en Europa, el líder soviético utilizaría la capital federal estadounidense como plataforma para desplazarse a América latina.

La Mañana 2/9/87

01.01

Propuesta de Bonn respecto a los Pershing es positiva

URSS cree posible un acuerdo

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- La nueva actitud de Alemania Federal respecto a los 72 misiles Pershing 1-A instalados en su territorio constituye un factor positivo en la búsqueda de un acuerdo de eliminación de armas nucleares en Europa, afirmó ayer el Viceministro soviético Alexander Bessmertnykh.

Para la Unión Soviética es muy importante -dijo su viceministro de exteriores en conferencia de prensa- que el gobierno de Bonn reconozca que las cabezas nucleares de los Pershing 1-A son competencia exclusiva de Estados Unidos y, por tanto, están incluidos en las negociaciones de Ginebra.

Según el alto funcionario soviético, Moscú jamás permitiría que las cabezas atómicas de esos misiles quedaran fuera del paquete negociador de las armas nucleares de medio alcance.

Bessmertnykh agregó que resultan muy positivas las manifestaciones del canciller germano occidental, Helmut Kohl, en el sentido de que no existen planes para modernizar los cohetes portadores Pershing 1-A, que quedarían obsoletos en el plazo de cinco años.

PUNTO MUERTO

Sin embargo, existen aún elementos contradictorios en la posición de Alemania Federal y siguen bloqueadas las conversaciones de Ginebra con Estados Unidos, señaló Bessmertnykh.

Este punto muerto -afirmó- se debe a la posición cerrada de Washington acerca de su pretensión de modernizar los misiles tácticos operacionales en Europa.

Está claro -dijo Bessmertnykh- que el acuerdo de eliminación de armas nucleares en Europa debe incluir todos los sistemas de misiles de medio y corto alcance, incluidos los de uso teórico en el campo de batalla.

El funcionario del Kremlin, que mantuvo una actitud prudente en sus declaraciones, insistió en que existen posibilidades de avanzar hacia el acuerdo, si bien indicó que es prematuro hablar de fechas para una eventual cumbre antes de fin de año entre el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, y el Presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan.

Sobre los plazos de eliminación de los ingenios nucleares en Europa, Bessmertnykh dijo que es necesario establecer una fórmula pragmática para eliminar en un año, en una fase inicial, todos los misiles situados en la primera línea de combate.

En ese sentido, la URSS considera de especial importancia el próximo encuentro en Washington entre el Ministro de Asuntos Exteriores soviético, Eduard Shevardnadze, y el Secretario de Estado norteamericano, George Shultz.

Esa entrevista, fijada para el 15 de setiembre, deberá ser el punto de partida para determinar las fechas de la cumbre Reagan-Gorbachov.

La Mañana
MONTEVIDEO, MARTES 21 DE JULIO DE 1987

Admiten "fallos de diseño"

Defectos en reactores similares a Chernobil

MOSCU. (ANSA, EFE y UPI).- El Director del Instituto de Investigación Científica sobre Plantas Nucleares soviético, Armen Abagian, admitió la existencia de ciertos defectos de diseño en los reactores nucleares similares al que explosionó el 26 de abril de 1986 en Chernobyl.

No obstante, Abagian rechazó que pudieran ser la causa de la catástrofe y añadió que las fallas de diseño del reactor no podrían haber causado el accidente, si las regulaciones hubieran sido observadas.

El científico soviético insistió, en una entrevista con la agencia soviética Tass, que la causa del accidente fue la actitud del personal de la central, que no cumplió con sus obligaciones.

Para justificar esta acusación contra el personal de la central, Abagian explicó cómo se había producido el accidente durante la realización de un experimento con el cuarto reactor, para lo que se detuvo su funcionamiento con el fin de utilizar la energía de una turbina.

El experimento comenzó con la reducción global de la energía del reactor y, cuando ésta se encontraba en la mitad de la tasa normal, el sistema de enfriado de emergencia fue desactivado, según lo estipulado en el programa de experimentación, pero se incurrió en violación de las normas de seguridad.

BRUSCO DESCENSO

De pronto se produjo un brusco descenso de la energía, situación que en las reglas de seguridad se establece que debe detenerse el reactor durante 24 horas.

Sin embargo, el personal de la central, añadió Abagian, prosiguió con el experimento, que regresó a los niveles de energía requeridos, y bloquearon las señales de protección de emergencia.

Poco después, según la explicación de Abagian, la energía del reactor comenzó a ascender, momento en que cundió la alarma entre el personal, por lo que se ordenó reactivar el sistema de protección, aunque demasiado tarde, pues la energía surgía multiplicada trece veces por segundo, tras lo que se registraron dos grandes explosiones que destruyeron el reactor.

Tras este relato, el funcionario soviético afirmó que los especialistas no han encontrado fallas serias en el tipo de reactor instalado en Chernobyl, aunque señaló que este tipo, al igual que cualquier sistema mecánico, tiene ciertos defectos de diseño sobre los que se trabaja para localizar.

Después del grave accidente de la central nuclear de Chernobyl, la URSS realiza cambios de los reactores de grafito, como el accidentado, por otros de agua presurizada.

En el juicio sobre la catástrofe, que comenzó el pasado día 7 de julio en Chernobyl, dos de los acusados señalaron que el accidente se había producido debido a fallas existentes en la construcción de la central nuclear.

Los seis acusados que comparecen ante el tribunal lo hacen bajo los cargos de negligencia y violación de las normas de seguridad.



Cooperación de la URSS en el área pesquera

Recientemente nuestro país suscribió con la URSS un acuerdo marco de cooperación en el área pesquera. El mismo ha sido objeto de diversas críticas, la mayor parte de la cuales no surgen del texto aprobado. Se ha señalado, por ejemplo, que estaba implícito en el acuerdo la pesca por barcos soviéticos en aguas jurisdiccionales uruguayas, lo cual podía constituir un justificativo para operaciones que ya están realizando distintas

D1.02

8708508

**multinacionales que operan en nuestro país, como es el caso del barco canadiense con bandera y tripulación canadiense que está capturando anchoíta para ASTRA.
Desde otro ángulo, el diario "El País" ha editorializado sobre los "peligros" de los cursos de adiestramiento de tripulaciones uruguayas en la URSS en su enmohecido anticomunismo acostumbrado.
A continuación transcribimos una entrevista realizada por la agencia noticiosa APN a Nikolai Kudiávtsev, Primer Viceministro de la Industria pesquera de la URSS sobre los avances y contenido de la cooperación de la URSS y países latinoamericanos en el área pesquera.**

Reportero: Para muchos países resulta ventajoso cooperar en la pesca en los mares y océanos. ¿Qué puede decir Ud. respecto a la cooperación entre la URSS y países latinoamericanos en este dominio?.

Kudriávtsev: Esa cooperación se basa en acuerdos intergubernamentales de carácter bilateral. Semejante acuerdo se firmó en 1971 con el Perú, en 1986 con Argentina y este año se rubricó un acuerdo con Uruguay.

La cooperación se desarrolla en varios dominios. Por ejemplo, entre 1983 y 1985, desarrollando el acuerdo intergubernamental la entidad soviética "Sovribflot" y compañías peruanas firmaron contratos conforme a los cuales barcos soviéticos capturarían traquino. La URSS entregó treinta mil toneladas de pescado capturado a la parte peruana, pagando el derecho de captura. La "Sovribflot" suministró a Perú pescado congelado, aceite de hígado de bacalao y harina de pescado.

Reportero: A veces la prensa extranjera expresa temores acerca de que los barcos soviéticos, sofisticadamente equipados y altamente mecanizados, puedan competir con la débil flota de los países en vías de desarrollo.

Kudriávtsev: Para disipar esos temores, en ejemplos concretos le voy a explicar dónde y cómo trabaja nuestra flota. En Perú, nuestros pesqueros de gran tonelaje capturaban pescado a respetable distancia de la costa (entre 30 y 200 millas) y en grandes profundidades donde no lo pueden efectuar los pequeños pesqueros locales. Así pues no existe ningún tipo de competencia. Y, ¿no infringen nuestros pescadores reglas establecidas? No, pues en cada pesquero soviético se encontraba un observador peruano. Al propio tiempo, los soviéticos ayudaron a sus colegas peruanos a aprovechar en sus aguas territoriales los recursos pesqueros que éstos no eran capaces de explotar. Quiero señalar también otro detalle importante Nuestos pesqueros capturan y suministran al mercado interior de los países en desarrollo, pescado accesible para amplias capas de la población. La mayoría de las firmas occidentales prefieren pescar el atún y los camarones, que les reportan ventajas mucho mayores.

El pescado es un producto recuperable. Si no se lo captura, muere. Es sabido que la mayoría de los países en desarrollo, entre ellos Perú y Uruguay, tienen insuficientes barcos capaces de pescar más allá de la zona de 30 millas. Por eso mediante respectivos acuerdos y contratos con la URSS, estos países tienen la posibilidad de mejorar el suministro de productos pesqueros a su mercado interno, de contribuir a la solución del problema alimentario, de desarrollar la rama en general.

Reportero: Hable, por favor; más detalladamente de la cooperación entre la URSS y el Uruguay.

Kudriávtsev: Nuestro país, líder de pesca entre 125 países, posee una moderna flota pesquera, sofisticadas empresas costeras, considerable potencial científico y ricas experiencias de trabajo en todas las partes del océano mundial. Debido a ello somos un socio ventajoso de los países en desarrollo.

Las relaciones con Uruguay a nivel intergubernamental permitirán a ese país desarrollar la pesca en el océano y en la zona adyacente a la costa, tecnologías de la industria transformadora, investigaciones científicas, etc.

Uno de los elementos más importantes de los acuerdos soviético-uruguayos son las reparaciones de los barcos, la ejecución de las formalidades jurídicas correspondientes y el descanso de las tripulaciones de los barcos soviéticos en el puerto de Montevideo. Las reparaciones pagadas y otros servicios a decenas de barcos soviéticos reportará ciertos beneficios al país, como ya lo fue en el caso del puerto de Callao cuando se garantizó trabajo a centenares de obreros y empleados.

En general, el servicio a la flota pesquera prestado por los países en desarrollo figura entre las formas más importantes de la cooperación. A esos países les corresponde la mayor parte de los acuerdos sobre las formalidades jurídicas correspondientes. Durante el quinquenio pasado, los barcos hicieron más de 13 mil escalas en puertos de los países mencionados. lo que a éstos les reportó más de 100 millones de rublos de beneficios. La mayor parte de esa suma corresponde a los servicios entre travesías que se efectúan repetimos en muchos países en desarrollo, entre ellos en Perú y desde 1985, en Argentina.

Si Uruguay se muestra interesado, se podrá resolver el problema de crear una sociedad pesquera soviético-uruguaya. Entre otras cosas, podríamos dedicarnos a explotar residuos desaprovechados de captura no tradicional en las aguas de Uruguay. Indudablemente, las condiciones concretas de cualquier captura se concebirán de acuerdo a la legislación uruguaya. El Derecho Internacional lo exige y la Unión Soviética suele observarlo estrictamente.

En el marco de su cooperación, la URSS y el Uruguay intercambian científicos y especialistas en pesca.

La URSS concederá becas a alumnos uruguayos que estudiarán en centros docentes superiores o medios, supeditados a la industria pesquera de la URSS, ayudará a preparar especialistas para el trabajo en barcos pesqueros y en puertos.

Los acuerdos soviético-uruguayos se realizarán tanto en el marco de empresas mixtas como en la cooperación entre entidades soviéticas y compañías uruguayas, a base de programas de intensa integración científico-técnica entre la URSS y el Uruguay.

Además, Uruguay recibirá alrededor de 30 mil dólares por los servicios a cada avión de pasajeros soviéticos que transporte desde Montevideo a Moscú tripulaciones de pesqueros soviéticos que realizan captura en el Atlántico Sur. Así la cooperación soviético-uruguaya en la pesca podrá ser multifacética y reportar mutuos beneficios a los socios. De eso se dan cuenta muchas personas en la URSS y en Uruguay. Alberto Giambruno, Director del Inape, expresó en una entrevista que el acuerdo entre el Uruguay y la URSS, potencia pesquera, sería provechoso en lo que respecta a tecnologías de estudios científicos. El ministro Jorge Sanguinetti, señaló otro importante aspecto de la cooperación. En el puerto de Montevideo debemos ofrecer servicios de buena calidad para que la URSS pueda aprovecharlos —dijo el ministro en una entrevista concedida a un rotativo local. Tales relaciones pueden existir bajo cualquier régimen político, pero para eso se necesitan buenas condiciones económicas. Resumiendo las opiniones de diferentes personalidades sobre el tema dado, el diario "El País" escribió durante la visita de una delegación soviética al Uruguay celebrada la primavera pasada, que el acuerdo de pesca tiene que ser parte integrante de relaciones económicas entre la URSS y este país latinoamericano.

Creemos que ello contribuirá a los intereses de los dos países y a la paz universal.

02.02

Fracasa plan del Kremlin

Moscú: Gromyko recibe a tártaros

MOSCU (ANSA).- Los tártaros de Crimea después de un encuentro de dos horas en el Kremlin con el presidente del Soviet Supremo, Andrei Gromyko, "no consideran satisfactoria " la decisión de constituir una comisión estatal para resolver sus problemas y decidieron continuar su lucha por el retorno a la tierra de origen.

En una conferencia de prensa improvisada después de la reunión, la delegación de 19 tártaros reafirmó su convicción de que la creación de la comisión es solo un recurso para poner fin a la protesta postergando la solución de sus once reclamos.

La Comisión, compuesta también por Aleksander Yakovlev, uno de los estrechos colaboradores de Gorbachov, tendrá un trabajo extremadamente difícil porque, como fue expresado ayer por Dzhemilyov, "los tártaros de Crimea están cansados, no quieren más promesas y exigen que sea respetado el principio leninista del repeto de la autonomía de cada nacionalidad.

Mientras tanto se informó que de toda la Unión Soviética llegaron mensajes de solidaridad con los tártaros.

Los tártaros de Crimea no aceptan "el carácter amenazante " de la información de TASS, y la divulgación de hechos no ciertos.

01/01

8708509

VR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Afganistán: Moscú estudia un nuevo retiro de tropas.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 21/7/87

ARCHIVADO EN: Afganistán (029)

8708515.

01|01

Protestaron contra reducción de sus salarios

Huelga de conductores de ómnibus en la URSS

Los conductores de autobuses de la ciudad de Chejov, situada a unos 70 kilómetros de Moscú, llevaron a cabo hace pocos días una huelga que duró toda una mañana, según ha publicado ayer el semanario Novedades de Moscú.

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- Los conductores decidieron realizar el paro tras recibir los impresos de los nuevos salarios estipulados en las reformas introducidas por la Perestroika (renovación económica), añade la mencionada publicación, que no utiliza la palabra huelga.

En el artículo, titulado Incidente, se narra lo que ocurrió una reciente mañana en la ciudad de Chejov a través de entrevistas con responsables del ayuntamiento y del transporte de la ciudad.

Novedades de Moscú explica que la ciudad se quedó toda una mañana sin autobuses al negarse los conductores a abandonar el parque con los vehículos en protesta por los nuevos salarios, que según los propios trabajadores les supondrán la pérdida de unos 50 rublos mensuales.

Este cálculo fue matizado por portavoces de la alcaldía de Chejov que opinan que la baja registrada en los salarios sería de unos 10 rublos al mes (el sueldo medio de un soviético oscila entre 180 y 200 rublos).

Los cambios introducidos en el sistema de salarios están estipulados en la nueva ley de la empresa estatal, que entró en vigor recientemente, y que prevé una retribución relacionada con lo producción y rendimiento de empresa y trabajadores.

Los conductores de Chejov argumentan contra la ley que no se puede realizar un trabajo óptimo cuando se manejan autobuses que parecen tanques que acaban de salir del combate y sufren constantes averías.

El hecho insólito de que una huelga se haya producido en la Unión Soviética fue comentado por Victor Boronin, uno de los responsables de la alcaldía de Chejov, como una consecuencia de la democracia actual, pues hace años esto sería considerado un sabotaje.

Novedades de Moscú señaló también que el suceso fue analizado tres días después de que ocurriera, por los responsables del Partido Comunista de la URSS (PCUS) de la ciudad.

18

026

Apoya gestiones de ONU

URSS reacia a imponer sanciones contra Irán

18/9/87

NACIONES UNIDAS (ANSA, EFE y UPI).- Irán condicionó un cese el fuego en la guerra con Iraq a la pronta identificación del agresor por parte del Consejo de Seguridad, dijeron fuentes diplomáticas de la ONU, mientras la URSS se mostró reacia a la imposición de sanciones contra el régimen de Teherán.

Según las fuentes, que pidieron el anonimato, los dirigentes iranies comunicaron esta condición al secretario general de la ONU, Javier Pérez de Cuéllar, durante su estancia en Teherán la pasada semana.

Añadieron que las autoridades iranies dijeron repetidas veces al secretario general que el Consejo de Seguridad deberia identificar rápidamente al culpable en la guerra, como condición para aceptar la resolución 598 del organismo de la ONU.

La resolución 598, aprobada por unanimidad por los 15 miembros del organismo de seguridad, ordena un alto el fuego en la guerra de más de siete años entre los dos paises, exige la retirada inmediata a las fronteras internacionalmente reconocidas e insta al intercambio de prisioneros.

También contempla la formación de un organismo que investigue las responsabilidades en la guerra.

El viceministro soviético de Exteriores, Vladimir Petrovski, al ser preguntado ayer en una rueda de prensa evitó respuestas directas sobre el condicionamiento iraní y destacó que su país apoya el cumplimiento en todos sus aspectos de la resolución del Consejo de Seguridad.

Pero el diplomático soviético insistió en la necesidad de apoyar las gestiones del secretario general entre Irán e Iraq y dijo que su reciente viaje era un elemento muy positivo en el proceso de paz que hay que alentar.

Petrovski, preguntado sobre la posición soviética con respecto a posibles sanciones a Irán, respondió que el informe del secretario general al Consejo de Seguridad sobre los resultados de su viaje a Teherán y Bagdad hay que estudiarlo atentamente y sin emociones para lograr conclusiones correctas sobre lo que debe hacerse.

01.01

URSS

026

Exportación a la URSS

La exportación de 2.000 toneladas de limones hacia la Unión Soviética, en el marco de una corriente comercial que puede incrementarse próximamente, fue concretada por nuestro país.

En tal sentido, el representante comercial de la URSS en nuestro país, Boris Orejov, destacó que "hay perspectivas para el crecimiento de las relaciones comerciales".

La colocación de estas toneladas de limones está vinculada a un compromiso de adquisición de productos alimenticios de nuestro país contra el suministro de 50 trolebuses soviéticos, de acuerdo al contrato firmado por COOPTROL y la entidad rusa de comercio exterior "Machinoexport".

Este contrato -dijo Orejov- fue concluido "basándose en el Protocolo intergubernamental sobre el suministro de maquinarias y equipos de la URSS a la República Oriental del Uruguay, vigente desde el 15 de marzo de 1985".

El contrato es por 4.400.000 dólares y la contrapartida de compra soviética "es por el doble, o sea 8.800.000", indicó el diplomático soviético.

En cuanto a la incorporación de los trolebuses, respondió: "Las gestiones están centradas en el otorgamiento del aval bancario", lo que llevaría el resto del año.

La Mañana, 4/9/87

01.01

HR

URSS

024

Shevardnadze anunció gira

Mijail Gorbachov visitará Uruguay en setiembre

NOTA

La Mañana 8/9/87

MOSCU, (ANSA, EFE y UPI).- El probable viaje a América latina del máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, parece tomar cuerpo a raíz del anuncio oficial de la próxima visita que realizará a Brasil, Uruguay y Argentina, el Ministro de Asuntos Exteriores de la URSS, Eduard Shevardnadze.

La confirmación oficial de la gira de Shevardnadze la proporcionó ayer la Agencia Tass, después de una serie de conjeturas oficiosas sobre las posibilidades del viaje.

Shevardnadze realizará la gira a esos tres países después de asistir a la apertura de la asamblea general de las Naciones Unidas y de entrevistarse con su colega estadounidense, George Shultz, entre los días 15 y 17 de este mes.

El encuentro Shevardnadze-Shultz será trascendental para concretar el futuro viaje de Gorbachov a Iberoamérica, la primera gira por la región que realizará un secretario general del Partido Comunista de la URSS (PCUS).

En principio, los jefes de las diplomacias de las dos superpotencias deben de fijar las fechas del próximo encuentro en la Cumbre de Washington entre Gorbachov y el Presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan.

Los planes soviéticos prevén que Gorbachov viaje a Washington en noviembre, para firmar con Reagan el importante acuerdo para eliminación de armas nucleares en Europa.

Después, el secretario general del PCUS se desplazaría a México, Brasil, Argentina y Uruguay, los cuatro países latinoamericanos que hasta la fecha han recibido confirmación semioficial del viaje.

01.01

HR

074

Nueva moneda en la URSS

El Ministerio de Finanzas de la URSS puso en circulación una nueva moneda de 1 rublo (1,59 dólares) con la efigie del General ruso Mijail Kutuzov, vencedor de Napoleón durante su campaña en Rusia.

La nueva moneda entró en circulación con motivo del 175° aniversario de la Batalla de Borodino, en los alrededores de Moscú, acontecimiento que supuso el inicio de la retirada de invierno del ejército francés de Rusia.

La moneda, una aleación de cobre y níquel, tiene 31 milímetros de diámetro con la efigie de Kutuzov en la parte anterior y una vista de la batalla, con el General ordenando la acción, en la parte posterior.

La Vanguardia, 9/9/87

01.01

Su aterrizaje fue un insulto, dice el fiscal

Piden para Rust 8 años de trabajos forzados

Un fiscal soviético acusó ayer al Mathias Rust de insultar al Kremlin al aterrizar con su avioneta en la Plaza Rojá, y pidió que el "vandálico" joven germano occidental sea sentanciado a la severa pena de ocho años de trabajos forzado.

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El fiscal del estado de la URSS, Vladimir Andreiev, solicitó ayer una pena de ocho años de carcel y trabajos forzados para Mathias Rust por el delito de violacion de las leyes aéreas internacionales.

En la segunda sesion del segundo dia de juicio que se sigue contra el joven germano occidental por su aterrizaje en una avioneta en la Plaza Roja el pasado 28 de mayo, el fiscal intervino para pedir la pena de carcel.

Según la legislación de la *Republica Federativa de Rusia*, por este delito se puede imponer un castigo maximo de hasta diez anos de carcel, pero puede ser conmutada la pena por una multa de 1,500 dolares y la confiscacion de la avioneta.

Andreiev, quien formuló un alegato muy duro, pidió dos años por ingreso ilegal a la Unión Soviética, dos años pro violación de las normas del tráfico aéreo y otros cuatro años por "vandalismo".

ACCION DEMENTE

Uno de los representantes de la fiscalía definió el vuelo de Rust como una "acción demente".

El joven germanooccidental confesó ayer en el segundo día de juicio que calculó que tenía tan sólo un 20 por ciento de posibilidades de aterrizar con su avioneta en la Plaza Roja de Moscú.

A una pregunta del juez, Robert Tijomirnov, sobre sus motivaciones para la aventura, Rust afirmó que no estaba muy seguro de llegar con vida a la Plaza Roja, pero que de todas maneras lo hizo porque se sentía obligado a ello en favor de la paz en el mundo.

El magistrado replicó entonces que en su declaración jurada Rust había dicho que calculó en un 50 por ciento de posibilidades el éxito a su viaje.

El juez dijo que Rust "es una persona perfectamente conciente" y por lo tanto su edad no puede ser considerada un atenuante.

Tijomirnov declaró además que Rust voló en el espacio aéreo más peligroso del país y sobrevoló el aeropuerto de Moscú simultáneamente con aviones de línea que transportaban unas mil personas.

TESTIMONIOS

En la sesión de ayer intervinieron también testigos de cargo contra Rust, después de que el miércoles testificara a favor su madre, Monika.

Anatoly Buts, un miliciano que estaba presente en la Plaza Roja durante el aterrizaje, opinó que el acusado creó una grave amenaza para la seguridad de los transeúntes.

Rust afirmó que encendió las luces rojas de posición de su avioneta para hacerse visible antes del aterrizaje y así alertar a la gente, e insistió en que pretendía conversar en Moscú con los líderes soviéticos sobre problemas de desarme.

El juez Tijomirnov preguntó las razones por las cuales Rust no comunicó esas intenciones a su improvisada audiencia en la Plaza Roja, y el acusado replicó que se abstuvo por temor a poner en peligro ese objetivo, que dijo era el más importante de su misión. Otro testigo, el tambien miliciano Alexander Lubimov, dijo que Rust habló con personas en la Plaza Roja en aleman, con calma y tranquilidad, pero que no pudo entender nada por no conocer ese idioma.

Finalmente, intervino Eugeny Trujanov, mecánico de profesión, quien declaró que una mujer que estaba en el lugar de aterrizaje y hablaba un poco de alemán afirmó que Rust había dicho que venía de Helsinki, sin permiso de vuelo, y que había tomado tierra en la Plaza porque le gustaba mucho el lugar.

URSS 074

La Mañana
MONTEVIDEO, MARTES 8 DE SETIEMBRE DE

Viene Canciller de la URSS

Visita oficial invitado por nuestro gobierno

AGORA

El Ministerio de Relaciones Exteriores divulgó un breve comunicado conjunto de prensa que dice textualmente:

"Invitado por el Gobierno uruguayo, visitará oficialmente nuestro país el Ministro de Relaciones Exteriores de la U.R.S.S., señor Eduardo Shevarnadze, entre los días 5 y 7 de octubre de los corrientes. Montevideo, 8 de setiembre de 1987".

El Ministro de Relaciones Exteriores soviético habrá de visitar a Uruguay, Argentina, Brasil y México durante su gira latinoamericana.

Como es obvio, se adjudica una gran importancia a la visita programada por el funcionario de la URSS, no sólo por tratarse del jefe de la diplomacia de un país de tal importancia, sino porque además la misma se produce en momentos en que Uruguay se halla abocado a incrementar el intercambio comercial con las naciones socialistas.

01.01

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Moscú mediará en guerra del Golfo Pérsico.

PROCEDENCIA: LA HABANA 9/9/87

ARCHIVADO EN: Conflicto IRAN-IRAK (081)

01.01

8708597

La Mañana
MONTEVIDEO, VIERNES 2 DE OCTUBRE DE 1987

Firmaría acuerdo antes del año

URSS reduciría armas estratégicas

MOSCU, (ANSA, EFE y UPI).- La Unión Soviética considera posible un acuerdo con los Estados Unidos antes de un año para reducir a la mitad los arsenales nucleares de armas estratégicas, afirmó ayer un portavoz oficial del Kremlin.

Boris Piadishev, jefe del departamento de Información del ministerio de Asuntos Exteriores de la URSS, dijo ayer en conferencia de prensa, que su país estaría dispuesto a firmar un acuerdo de misiles estratégicos antes de que concluya el mandato del presidente estadounidense, Ronald Reagan.

Dicho acuerdo incluiría, señaló, los misiles nucleares que van a bordo de aviones y submarinos, y los intercontinentales, aunque la resistencia de la Casa Blanca a negociarlos en un solo paquete complicará el diálogo.

El acuerdo previo sobre el desmantelamiento de misiles de medio y corto alcance que firmaron en Washington el ministro de Asuntos Exteriores de la URSS, Eduard Shevardnadze, y el secretario de Estado norteamericano, George Shultz, abrió -según la información oficial- un nuevo camino para el diálogo entre ambas potencias.

Al mismo tiempo, Piadishev anunció que el ministro de Defensa soviético, Dimitri Yazov, se entrevistará próximamente en Ginebra con el secretario de Defensa estadounidense, Caspar Weinberger, por invitación de este último, para tratar el tema de incumplimientos del acuerdo sobre misiles antibalísticos (ABM).

La URSS acusa al Pentágono de violar dicho acuerdo, por la construcción de estaciones de radares en Groenlandia y en el Reino Unido y la Casa Blanca acusa al Kremlin de violarlo con la estación de Krasnoyarsk.

La aceptación del máximo dirigente militar de los Estados Unidos para tratar estos temas, hizo que los representantes soviéticos expresasen su satisfacción por llevar a cabo el diálogo a un nivel competente.

El próximo encuentro de los dos ministros en Ginebra, del que aún no se conoce la fecha, propiciará, según fuentes bien informadas, el posible intercambio de visitas a ambas capitales antes de fin de año.

ARMAS QUIMICAS

Por otro lado, Piadishev anunció el próximo viaje a la base militar de Shijani, en la zona central de la República Rusa, los días 3 y 4 de octubre, de las delegaciones de 50 países, además de una de militares de las Naciones Unidas, para mostrar por vez primera armas químicas soviéticas.

Esta será la primera ocasión en que expertos occidentales tendrán acceso a las armas químicas de la URSS, aunque no se indicó la antigüedad de éstas.

Piadishev añadió que el día 4 se realizará una demostración práctica, ante los especialistas occidentales, de destrucción de armas químicas a bordo de una unidad móvil del Ejército soviético, destinada a este fin.

01.01

8708599

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Caputo expresó satisfacción por las relaciones con Moscú. Canciller soviético dialogó con periodista argentino.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 2/10/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01.01 8708600

024

Moscú: revista bajo vigilancia

MADRID (ANSA).- La revista disidente soviética "Glasnost" (transparencia) cuyo segundo número acababa de aparecer en Moscú, al amparo de la nueva política encarada por Mijail Gorbachov, encuentra muchas dificultades según escribió aquí el diario independiente "El País".

En un artículo de Pilar Bonet, el diario señaló que los responsables de la revista disidente moscovita "se encuentran bajo vigilancia policial y su redactor jefe, Sergei Grigoriants, fue públicamente atacado por la prensa de Moscú que lo acusa, entre otras cosas de antisovietismo".

La revista "Glasnost", que nació en junio pasado "sigue sin revisar la autorización legal pedida para poder ser impresa y distribuida en forma oficial".

Grigoriants, un ex crítico literario, fue liberado el invierno pasado del campo de internación donde cumplía condena acusado de delitos políticos.

"Glasnost tiene la intención de poner a prueba la democratización anunciada por los dirigentes del Kremlin, subrayó "El País". La tirada de la revista disidente, hecha con fotocopiadoras y mimeografos, fue de apenas 70 ejemplares en el primer número. En su segunda edición publicó artículos sobre el racismo contra los tártaros de Crimea, una campaña de captación de colaboradores por parte de la KGB y la destrucción de archivos históricos de la época de Stalin. Sobre este último tema el historiador Dimitri Iurasov escribió en "Glasnost" que "al ritmo actual en 1992 se habrán destruido todos los datos almacenados sobre la represión de Stalin".

LA MAÑANA 3/9/87

NORA (ANSA)

01.01

Para la cumbre entre mandatarios

Consideran crucial la visita a EE.UU. de Shevardnadze

La próxima reunión en Washington de los responsables de la política exterior de Estados Unidos y la URSS será "crucial" para la concertación de una cumbre Reagan-Gorbachov, afirmó ayer la Casa Blanca.

WASHINGTON (ANSA, EFE y UPI).- Durante su visita a la capital norteamericana entre los próximos días 15 y 17, el Ministro soviético de Asuntos Exteriores, Eduard Shevardnadze, se reunirá con su colega norteamericano, George Shultz, y, en alguno de los dos primeros días de su estancia, será recibido muy probablemente por el Presidente Ronald Reagan, dijo el portavoz de la Casa Blanca Marlin Fitzwater.

"No hay duda de que la posibilidad de una cumbre entre Ronald Reagan y Mijail Gorbachov se discutirá durante la visita del Ministro soviético", subrayó.

La Administración Reagan se muestra optimista de que los dos líderes se reúnan aquí antes de fin de año, posiblemente en noviembre, en lo que sería su tercer encuentro y el primero en EE.UU., y en el que se firmaría el primer importante tratado de de-

"Aunque ha habido muchos progresos en las negociaciones de Ginebra sobre control de armas, las conversaciones aquí presumiblemente resolverán los detalles finales para un acuerdo sobre la eliminación global de misiles nucleares de medio y corto alcance", indicó Fitzwater.

OBSTACULO SUPERADO

Tras señalar que la cuestión de las cabezas nucleares de los 72 viejos misiles alemanes Pershing-1A no va a obstaculizar el tratado, dijo que el tema principal pendiente de solución es la verificación del acuerdo. Ese tema será abordado por Shultz y Shevardnadze, señaló Fitzwater.

A finales del pasado agosto, el Canciller alemán, Helmut Kohl, eliminó el principal obstáculo para el tratado al ofrecer destruir sus misiles

acuerdo y lo llevan a la práctica.

La URSS exige la destrucción de las cabezas de estos misiles porque están controladas por EE.UU. La Administración Reagan se niega a incluir estas armas en las negociaciones por considerarlas alemanas.

La semana pasada, el Gobierno norteamericano anunció que estará dispuesto a retirar las cabezas cuando se desmantelen los Pershing-1A, pero reiteró su negativa a incluirlas en las negociaciones y a comprometerse a destruirlas.

En un discurso ayer ante miembros de su gobierno, Reagan mencionó un acuerdo de desarme entre las prioridades de política exterior para los 16 meses que le quedan en el poder.

"Estamos en intensas negociaciones con la URSS (...) que conllevan la esperanza de recortar los arsenales nucleares de

01.01

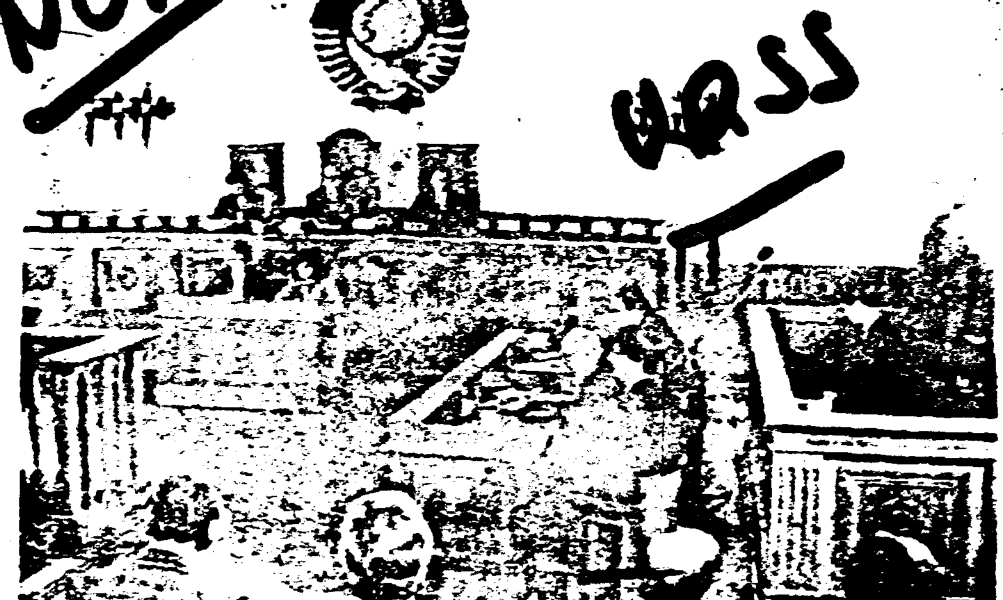
8708613

La Mañana
MONTEVIDEO, JUEVES 3 DE SETIEMBRE DE 1987

Dijo que su vuelo fue una misión de paz

Se inició juicio al joven piloto Rust

El joven piloto germanooccidental Mathias Rust se declaró ayer culpable de haber violado el espacio aéreo soviético, pero sostuvo que su intrépido vuelo en una avioneta que aterrizó en la Plaza Roja de Moscú fue una misión de paz durante la cual esperaba reunirse con las máximas autoridades del Kremlin.



MOSCU.- Mathias Rust (derecha, entre los guardias) escucha atentamente las acusaciones en su contra durante la primera jornada del juicio iniciado ayer en la capital soviética. (Radiofoto Reuter).

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- Mathias Rust, el joven de 19 años que aterrizó el pasado 28 de mayo con una avioneta en la Plaza Roja de Moscú, se presentó ayer en el juicio como un luchador por la causa de la paz, tras declararse culpable de los cargos que se le imputan.

A lo largo de una hora y veinte minutos que duró su testimonio sin interrupciones, Rust, flanqueado por dos guardias soviéticos, se presentó a sí mismo como un idealista que pretendió llamar la atención del mundo sobre el peligro de guerra nuclear.

"Pensé que tendría la oportunidad de reunirme con el líder (Mijail) Gorbachov y explicarle mis ideas", dijo Rus.

Una pequeña sala de la tercera planta del edificio del Tribunal Supremo de la URSS, en el número 15 de la calle Vorovsky, es el escenario de la vista contra Rust, quien se expone a sufrir una condena máxima de diez años de cárcel.

Ayudado por la traducción simultánea del ruso al alemán, Rust desarrolló una versión de los hechos coherente y compacta, si bien en algunos momentos despertó las risas del juez y de los 150 asistentes a la sala por sus afirmaciones llenas de ingenuidad.

DEFRAUDADO POR FRACASO DE CUMBRE DE REIKIAVIK

El joven pidió disculpas por todos los problemas que había causado cuando voló tranquilamente desde Finlandia hasta Moscú burlando las instalaciones de defensa soviéticas.

Según su testimonio, el joven alemán federal se sintió llamado a realizar la aventura después de sentirse defraudado por la falta de resultados de la cumbre de Reikiavik de octubre del año pasado, entre el máximo dirigente soviético y el presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan.

Las escalas del vuelo, a través de Reikiavik y Helsinki, eran también una demostración simbólica -dijo el acusado- de la trayectoria geográfica seguida por el proceso de distensión mundial entre los dos bloques.

Vestido con traje y corbata de color azul, frío y distante, Rust se mantuvo durante su declaración de pie y con las manos cruzadas por delante, aunque, a medida que avanzaba el proceso, perdió la inicial palidez de su rostro.

ACEPTA CARGOS

Durante la lectura de las acusaciones -tres cargos: ingreso ilegal a la URSS (con pena de una año de cárcel), violación de las reglas internacionales de vuelo (con pena de 10 años de cárcel y 1.600 dólares de multa) y vandalismo (con pena de 5 años de cárcel)- Rust permaneció sentado, con la barbilla casi hundida en el pecho.

Al escuchar la acusación de vandalismo, Rust reaccionó e hizo un gesto de desagrado, aunque al ser interrogado por el juez aceptó en bloque las tres inculpaciones.

Sin embargo, en el curso de su testimonio, el joven piloto negó categóricamente ser un vándalo y se extendió en largas explicaciones técnicas sobre la seguridad de su aterrizaje en avioneta en la Plaza Roja de Moscú.

El juez, Robert Tijomirov, de 59 años, insistió también durante la hora y media de interrogatorio en el peligro de catástrofe que originó Rust al tomar tierra en el centro de Moscú, con riesgo para 'os peatones y el tráfico rodado.

VANDALISMO ES LA ACUSACION MAS SERIA

Según todos los indicios, la acusación de vandalismo peligroso es la más seria a la que se enfrenta Rust, ya que, aunque se le declare culpable por violar las leyes del tráfico aéreo internacional, la pena puede quedar reducida a multa económica y confiscación de la avioneta.

Además, el hecho de haber aterrizado en la misma Plaza Roja, símbolo histórico nacional, representa para los soviéticos un agravio que pesa psicológicamente en la actitud general hacia el acusado.

El magistrado Tijomirov interrogó con insistencia sobre detalles de la preparación del vuelo, con el propósito de determinar si hubo intención de perjudicar los intereses del Estado soviético, o si Rust fue utilizado sin darse cuenta por organizaciones secretas.

El acusado afirmó que nadie le ayudó en la preparación del vuelo, cuya realización concibió tres meses antes de llevarlo a la práctica, y que mantuvo bajo la más absoluta reserva.

En la próxima sesión del juicio está prevista la intervención del fiscal del Estado soviético, Vladimir Andreyev, y del abogado defensor, Vsevolod Yakovlev.

URSS

Gorbachov recibió a García Márquez

Moscú (por Ricardo Saxlund). Una prolongada entrevista sostuvo ayer Mijail Gorbachov con el laureado Gabriel García Márquez. El diálogo fue transmitido esta noche por la TV soviética.

En la conversación se habló de la perestroika, la glasnost y la democratización en la URSS, la situación internacional, el papel de los intelectuales y otros temas. En el comienzo del diálogo García Márquez señaló que perestroika y glasnost, son palabras acertadas, que no se traducen, que en todo el mundo se dicen en ruso. Gorbachov, tras señalar la bienvenida al escritor colombiano, afirmó que esta visita suya a la URSS ocurre "en una época interesante, de cambios tajantes, de renovación del sistema de las relaciones socialistas, empezando por la economía y terminando por la esfera espiritual". "En el sentido más amplio de la palabra, perestroika no sólo refleja los problemas ya maduros para su solución en nuestro país —dijo Gorbachov—. Podemos decir que todo el mundo necesita la perestroika, es decir, cambios cualitativos, el desarrollo progresista, la gente necesita saber dónde se encuentra, comprender los problemas que inquietan a todos, tomar conciencia de cómo se va a vivir en adelante".

LA HORA 16/7/87

D1.01

8708667

Viernes 18 de setiembre de 1987

Clarín

Fundado por ROBERTO NOBLE el 28 de agosto de 1945

Directora: Ernestina Herrera de Noble

Hacia una nueva coexistencia

EL convenio para disminuir los riesgos de una guerra nuclear por equivocación, firmado en Washington durante el encuentro entre el canciller soviético y el secretario de Estado norteamericano para profundizar las negociaciones sobre control de armamentos, debe ser enfocado en la óptica de una nueva lógica de la distensión. La marcha hacia ese nuevo equilibrio no es fácil y podrá sufrir tropiezos o retrocesos, pero todo indica la existencia de una nueva voluntad de entendimiento por parte de las dos superpotencias.

Las apreciaciones sobre el alcance concreto del nuevo instrumento diplomático no pueden desligarse, por lo tanto, de una visión de conjunto de las negociaciones. Eduard Shevardnadze y George Shultz se han reunido como parte de ellas y dentro de la perspectiva abierta en Reijavik por el presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan, y el secretario general del Partido Comunista soviético, Mijail Gorbachov.

Más que brindar por sí mismo un reaseguro para la paz, el nuevo convenio ratifica una voluntad negociadora que es, por ahora y hasta nuevo aviso, expresión indudable de las orientaciones observadas por ambos gobiernos en un problema de tan vastos alcances y de tan importantes consecuencias mundiales como el de la limitación nuclear y el de la limitación general de armamentos. La disminución de los armamentos no garantizará en forma absoluta la paz, pero si las dos superpotencias se avienen a iniciar ese proceso nos hallaremos frente a un acontecimiento transformador de la política internacional, tan decisivo como fue en las postrimerías de la Segunda Guerra Mundial el acuerdo de Yalta.

Significará, en la práctica, la reversión de una tendencia ininterrumpida más de cuatro décadas, y que a través de las sucesivas estrategias de la guerra fría, de la distensión armada y de la coexistencia desconfiada se materializó en una carrera armamentista sin sosiego, que implicó el vuelco creciente de ingentes recursos hacia la producción bélica. Su cesación, por lo tanto, liberará para Estados Unidos y la Unión Soviética una parte fundamental de dichos recursos, que podrán ser así destinados a otro tipo de actividades.

Esta posibilidad está en los fundamentos de la nueva actitud negociadora. Como ya dijimos en esta columna, los cambios políticos en curso en la Unión Soviética expresan la necesidad para la nueva generación de gobernantes instalada en el Kremlin de "alcanzar una renovación en la economía trabada por un aparato burocrático ineficiente, autocomplacido en su propia ideología y renuente a encarar con objetividad las tareas de la democratización y de la modernidad".

Reasignar recursos al remodelamiento económico, restándolos a la carrera armamentista, es una necesidad no solo soviética sino universal. Una reducción compensada de la producción bélica facilitaría la reestructuración productiva, permitiría derivar apreciables recursos al crecimiento económico propio y, también, encarar con un nuevo sentido la relación con los países subdesarrollados.

En ese aspecto, la limitación armamentista redunda también por vía indirecta sobre el problema de la supervivencia de la especie humana y su acceso a un nivel de vida superior. La vía directa es, por supuesto, indiscutible, pues la existencia de las armas nucleares ha colocado a la humanidad frente a la terrible hipótesis de su destrucción global.

Los pasos previstos en las actuales negociaciones incluyen la supresión de los misiles de alcance intermedio como primera etapa y luego un acuerdo sobre las armas estratégicas o de largo alcance como sus puntos salientes. Otros temas, referidos al control de armamentos, pero también a otros puntos de fricción entre las superpotencias, integran la agenda que debería culminar antes de fin de año con un nuevo encuentro entre Reagan y Gorbachov.

El presidente norteamericano aseguró al Papa, en su reciente visita a Estados Unidos, que alimenta serias esperanzas en lograr resultados significativos. Tales esperanzas no pueden menos que ser compartidas por todos los hombres y mujeres del mundo, pues el afianzamiento de la coexistencia entre las dos superpotencias no solo alejará el fantasma del holocausto nuclear, sino que también contribuirá a la solución pacífica de los diversos conflictos regionales y permitirá encarar con mayor eficacia los esfuerzos por superar el subdesarrollo en vastas áreas del planeta.

URSS
Ongon EE.UU.

026

La Prensa 20/9/83

Disculpa soviética a Estados Unidos

Wáshington (UP) – El ministro de relaciones exteriores de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze, pidió disculpas por el ataque realizado por una patrulla soviética contra dos soldados norteamericanos en Alemania oriental y prometió evitar incidentes similares en el futuro.

Dijo que la patrulla soviética abrió "fuego de advertencia" que hirió a un soldado después que dos miembros de la misión de enlace militar de Estados Unidos fue sorprendida tomando fotografías de aviones militares soviéticos en vuelo y reuniendo datos de inteligencia con radio y aparatos electrónicos cerca de una instalación aérea rusa.

Shevardnadze identificó al norteamericano herido como al sargento Maestro Barry. La secretaría de defensa norteamericana se negó a identificar a los dos hombres o a confirmar la identidad de Barry.

El vocero del Pentágono, Robert Sims, declaró que los miembros del equipo no estaban tomando fotografías. Agregó que se dispararon siete tiros contra el vehículo, en el cual iban dos hombres, con una ametralladora AK-74 que portaba un hombre con abrigo negro.

Shevardnadze afirmó que las acciones de los soldados soviéticos y norteamericanos vigilaban el acuerdo sobre misiones de enlace militar.

01.01

URSS - Guerra Afganistán

026

La Prensa 20/9/89

Caen estrellas del firmamento moscovita

"Experiencia en Afganistán": vía para ascender

Por Lazslo Hory

Munich — Desde que el piloto aficionado de Hamburgo, Mathias Rust, de sólo 19 años de edad, aterrizara en el corazón de la capital soviética, provocando el despido del ministro de defensa de la URSS, ha habido algo así como una limpieza en gran escala de generales soviéticos. Numerosas estrellas brillantes en la jerarquía militar han caído. La caída más espectacular fue, ciertamente, la del jefe de la Fuerza de Defensa Aérea, gran mariscal Aleksander Koldunov, al que siguieron numerosos y famosos líderes del Ejército. Jurii Brashnikov y otros dos generales fueron expulsados del partido y varios altos oficiales del Distrito de la Defensa Aérea de Moscú tuvieron que encarar fuertes críticas por grave negligencia en el cumplimiento de su deber.

Algunos importantes cambios de personal a altos niveles militares ya tuvieron lugar en diciembre de 1986. El general del ejército Dimitrii Yasov fue trasladado del Lejano Oriente a Moscú. Era el tercer líder del Ejército llamado sucesivamente del Lejano Oriente en los tres últimos años. Le precedieron los líderes del Ejército Gorov y Tretyak.

Tretyak dejó pocas dudas de que apoyaba plenamente la "perestroika" (política de reestructuración) de Gorbachev. En su discurso con motivo del Día del Ejército Soviético, a comienzos de este año, destacó que las ideas de Gorbachev, concernientes a la reconstrucción del Ejército, no se habían ejecutado lo suficiente rápida y sustancialmente.

Calificados para ascender

Fuentes dignas de confianza en Moscú informan que el comandante del Distrito Militar de Moscú, coronel general Vladimir Archipov, había sido ascendido a diputado ministro en el departamento del Estado Mayor. Yazov y Archipov son viejos amigos de la época en que ambos estaban en Asia Central. Entre 1979 y 1983, Yasof fue comandante en jefe del Distrito Militar de Asia Central y Archipov era su jefe de Estado Mayor.

El Distrito Militar de Asia Central siempre ha sido —y esto es algo que no debe olvidarse— el territorio más peligroso en lo que a la política de ocupación soviética se refiere. En la ocupación de Afganistán las tropas de este distrito fueron las más comprometidas. Yazon y Archipov planearon y llevaron a cabo sus operaciones.

Gorbachev parece estar contento con ellos. De lo contrario, no los hubiera llamado a *Moscú. Otro aspecto* es que, ciertamente, Gorbachev no parece sentirse tan desgraciado con la guerra que libran los soviéticos en Afganistán como cree el Occidente.

Un ejemplo que apoya este supuesto es que el comandante del Distrito Militar del Turquestán y del "Teatro Meridional" (1984 a 1985), general J. Maksimov, a pesar de haber *dirigido* sin éxito una *expedición* en *Afganistán*, fue *nombrado* por Gorbachev al Alto Mando de los Cohetes Estratégicos de Moscú.

Aunque la guerra contra Afganistán se está librando sin éxito alguno la experiencia práctica en Afganistán parece ser la calificación más importante para obtener un ascenso en Moscú.

01.01

Huelga en la Unión Soviética

La posibilidad de que se registrase una huelga en la Unión Soviética habría parecido hasta hace poco un fantasioso desborde imaginativo. Tanto la índole férreamente totalitaria de su régimen, que impidió hasta ahora cualquier exteriorización de ese tipo, como la prohibición legal de ese derecho reconocido por las sociedades liberales, hacían quimérico todo movimiento de fuerza obrero.

Sin embargo, recientemente los conductores de ómnibus de la localidad de Chejov, situada al sur de Moscú, realizaron un paro de actividades para protestar por una reforma económica que redujo el monto de sus salarios. La actitud que consignamos carece de precedentes en la Rusia comunista, donde no se concibe este tipo de medidas de acción directa, ya que si teóricamente es el proletariado quien detenta el poder, aquéllas consistirían en un alzamiento contra sí mismos.

Sea como fuere, y a pesar de que la política económica reformista de Gorbachev fue el detonante del suceso, dado que obedeció a un cambio del sistema salarial vigente, no cabe duda de que el ambiente aperturista inspirado por dicho dirigente facilitó la colectiva manifestación de protesta realizada, que paralizó un servicio público de trasporte, cuyo funcionamiento es esencial para las actividades ciudadanas. En otras épocas, quienes participaron en la huelga hubieran sido acusados, y seguramente condenados, por el delito de sabotaje. Las noticias no han difundido las sanciones que en este caso se han aplicado, las que, de existir, seguramente no han de ser demasiado rigurosas.

Pero por sobre toda otra consideración, el acontecimiento producido es revelador de que resulta imposible, por duro que sea el régimen político imperante, obstruir la penetración de las nuevas ideas cimentadas en la experiencia liberal. No hay fronteras que impidan el paso de los derechos y libertades públicas, por estricto y prolongado que haya sido su vigilancia y contralor. Ello ha quedado fehacientemente demostrado por la explosión de disconformidad colectiva ocurrida en una modesta ciudad del interior del "paraíso bolchevique".

"HR" "Usos DESARME" "026"

Preacuerdo sobre misiles entre la Unión y la URSS

Wáshington, 17 (UP) – El secretario de Estado, George Shultz, y el ministro de relaciones exteriores soviético, Eduard Shevardnadze, llegaron a un acuerdo en principio para la eliminación de misiles de alcance medio en el mundo, informaron esta noche las autoridades.

Las fuentes, que pidieron anonimato, dijeron que el avance en las conversaciones sería anunciado por la Casa Blanca mañana, probablemente por el presidente Ronald Reagan. Shevardnadze hará el mismo anuncio posteriormente.

Las fuentes dijeron que ambas partes habían logrado el acuerdo general en tres días de conversaciones entre Shultz y Shevardnadze, que concluyeron hoy.

Los negociadores de ambos países serán enviados de regreso a la mesa de conversaciones en Ginebra para los detalles y establecer una fecha, según las fuentes.

Cese de pruebas nucleares

Previamente, en un comunicado conjunto, ambos lados dijeron que el "objetivo final" en las negociaciones sobre ensayos atómicos es "la completa cesación de las pruebas nucleares como parte de un proceso efectivo de desarme".

En un comunicado conjunto, ambos lados dijeron que "objetivo final" en las negociaciones sobre ensayos atómicos es "la completa cesación de las pruebas nucleares como parte de un proceso efectivo de desarme".

Como primer paso, las dos partes acordarán "medidas efectivas de verificación" en relación con dos tratados no ratificados que limitan la magnitud de las pruebas nucleares.

Estados Unidos y la Unión Soviética acordaron iniciar las negociaciones sobre pruebas nucleares antes del primero de diciembre.

El anuncio fue hecho conjuntamente por los portavoces del Departamento de Estado, Charles Redman, y del Ministerio de Relaciones Exteriores de la URSS, Gennady Gerasimov, mientras los titulares de ambas carteras seguían sus charlas en otra parte del Departamento de Estado.

Se había previsto concluir las charlas al mediodía, y seguidamente ofrecer conferencias de prensa separadas, por Shultz y Shevardnadze.

Pero Redman y Gerasimov anunciaron que los ministros decidieron extender sus conversaciones hasta la noche, en una indicación de que se estaba avanzando hacia un acuerdo para eliminar los misiles de alcance intermedio y corto.

Un acuerdo en ese sentido sería el preludio de una tercera reunión "cumbre" entre el líder soviético Mikhjail Gorbachev, y el presidente Ronald Reagan.

Redman dijo que hubo un "ambiente constructivo, positivo".

"Los ministros simplemente han decidido que hay mucho que hacer. Hay conversaciones constructivas y vale la pena seguirlas", declaró Redman.

"Estamos comenzando hoy en una gran forma", dijo Shevardnadze, antes de reunirse esta mañana con Shultz.

Los dos funcionarios, con amplias sonrisas, hablaron brevemente con los periodistas durante la sesión de fotografías antes de comenzar su reunión en el despacho de Shultz, en el Departamento de Estado.

El principal objetivo de las conversaciones de alto nivel continúa siendo sentar las bases de un acuerdo para eliminar los misiles nucleares de alcance corto e intermedio.

Preguntado si hoy él y Shevardnadze sentarían las bases del acuerdo, Shultz respondió: "Bueno, hemos tenido muy buenas conversaciones sobre el tema y sobre muchos otros temas. Y esta mañana será una especie de cierre. Y compararemos las posiciones en las que consideramos que estamos, y posiblemente concordaremos en nuestra evaluación, porque los encuentros han sido muy provechosos".

Los dos ministros se reunieron luego privadamente y después se les unieron sus grupos de trabajo para el desarme y otros asuntos.

Funcionarios de ambos países dijeron que es posible que los dos ministros vuelvan a reunirse la semana entrante, en Nueva York, donde deben asistir a la Asamblea General de las Naciones Unidas.

Allí podrían finalizar cualquier detalle que quede pendiente de sus reuniones en Wáshington.

"... 18/9/87"

01 .01

URSS
Nicaragua

026

M. D. N.
D. G. I. D.
SEC. SUB-DCCION.
MONTEVIDEO

241430SET/987

NUMERO DE INFORME: 018

TEXTO. Adjunto al presente se remite:
PLANES SOVIETICOS PARA PAISES LATINOAMERICANOS ESPECIALMENTE ESCOGIDOS.-
NICARAGUA: ACONTECIMIENTOS RECIENTES
NICARAGUA: LOS ACONTECIMIENTOS RECIENTES
AEROFLOT : LA LINEA SOVIETICA PARA TODO USO

El Sub-Director de Ejército de la D.G.I.D.
Coronel

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL
DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA
SUB DIRECTOR
República O. del Uruguay

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL
Dirección General de Información de Defensa
SECRETARIA SUB DIRECCION
Fecha de Entrada
Fecha de Salida 30/9/87
Pase a II
Nº. de Identificación 078

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL
Dirección General de Información de Defensa
Fecha de Entrada 30/SET/87
Fecha de Salida 6/OCT/87
Pase a
Nº. de Identificación 1486/87

01|14

8708705

ASUNTO : PLANES SOVIETICOS PARA PAISES LATINOAMERICANOS ESPECIALMENTE ESCOGIDOS

FECHA DE INFORMACION: Principios de Febrero - Fines de Mayo 1987

"FUNCIONARIOS SOVIETICOS EN EL EXTERIOR HAN INDICADO QUE LA URSS DE AQUI EN MAS HABRIA DE CONCENTRARSE EN EXPANDIR SUS RELACIONES COMERCIALES CON SEIS PAISES SUDAMERICANOS, INCLUYENDO AL URUGUAY. DE ACUERDO CON LOS FUNCIONARIOS, LOS INTERESES SOVIETICOS TANTO ECONOMICOS COMO COMERCIALES HABRAN DE MEJORARSE EN FORMA SIGNIFICATIVA CON ESTOS PAISES COMO RESULTADO DE UNA NUEVA ORIENTACION DEL PARTIDO COMUNISTA Y EL GOBIERNO SOVIETICO.

LOS FUNCIONARIOS SOVIETICOS EXPLICARON QUE ESTOS PAISES HABIAN SIDO SELECCIONADOS POR LAS PERSPECTIVAS POTENCIALES QUE OFRECIAN EN CUANTO A LA EXPANSION DE LAS RELACIONES COMERCIALES Y EL HECHO DE QUE LOS SOVIETICOS NO HABIAN PODIDO EXPANDIR SUS RELACIONES COMERCIALES CON ESOS PAISES AL PUNTO QUE ELLOS HABIAN DESEADO EN EL PASADO. LA URSS CREE QUE HA DESCUIDADO EL GRAN POTENCIAL DE ESTOS PAISES POR MUCHO TIEMPO. LAS VISITAS RECIENTES A LATINOAMERICA QUE HAN EFECTUADO FUNCIONARIOS SOVIETICOS Y EL VIAJE PROGRAMADO DEL PREMIER MIJAIL GORB ACHOV A LA ARGENTINA, BRASIL Y URUGUAY PARA FINES DE 1987 SON UNA PRUEBA DE LA SERIEDAD DE LA URSS Y DE SUS INTENCIONES RESPECTO A LA EXPANSION DE LAS RELACIONES COMERCIALES CON LOS PAISES SUDAMERICANOS".

NICARAGUA: ACONTECIMIENTOS RECIENTES

LA PRIMERA MITAD DE 1987 HA PRESENCIADO UN PROGRESO POLITICO Y MILITAR SOSTENIDO DE LA RESISTENCIA NICARAGUENSE. LA ESTRUCTURA POLITICA DE LA RESISTENCIA EXTERNA HA SIDO REORGANIZADA Y AMPLIADA Y EL TRANSMISOR RADIAL DE ONDA MEDIA ESTA HACIENDO BLANCO SOBRE NICARAGUA TODAS LAS NOCHES Y TENIENDO UN IMPACTO OBSERVABLE. PERO LO MAS IMPORTANTE ES QUE UN CONTINGENTE DE 15,000 COMBATIENTES, BIEN ARMADOS Y EQUIPADOS, QUE SE HAN DESARROLLADO PARTIENDO DE 5,300 TROPAS POBREMENTE EQUIPADAS EN NOVIEMBRE DE 1986, ESTA HACIENDO SENTIR SU PRESENCIA DENTRO DE NICARAGUA. HAY VARIOS INDICIOS DE QUE LA CONFIANZA DE LOS SANDINISTAS HA SIDO ESTREMECIDA Y DE QUE LA OPOSICION INTERNA, ANIMADA POR ESTAR CONSCIENTE DEL AUMENTO EN LA ACTIVIDAD DE LOS MILITARES REBELDES Y POR EL EMPEORAMIENTO DE LA SITUACION ECONOMICA, ESTA CRECIENDO.

ACTIVIDAD DE LA RESISTENCIA

LAS NEGOCIACIONES PARA EXPANDIR, UNIFICAR Y AMPLIAR LA RESISTENCIA NICARAGUENSE EXTERNA (RN) HAN SIDO EXITOSAS. EL 8 DE MAYO DE 1987, REPRESENTANTES DE LA UNION NICARAGUENSE OPOSITORA (UNO), LA FUERZA DEMOCRATICA NICARAGUENSE (FDN) Y EL

PARTES POCO LEGIBLE

BLOQUE OPOSITOR DEL SUR (BOS) LLEGARON A UN ACUERDO PARA AMPLIAR EL DIRECTORIO DE LA RESISTENCIA Y LA ASAMBLEA. LA FDN CONVINO EN DISOLVER SU DIRECTORIO POLITICO E INTEGRAR SUS FUNCIONES DENTRO DE LA DIRIGENCIA CONJUNTA DE LA RN. SEGUN LOS TERMINOS DEL ACUERDO, LAS FUERZAS MILITARES DEL FDN FORMARAN PARTE DEL EJERCITO DE LA RESISTENCIA NACIONAL, SIENDO EL JEFE MILITAR DE LA FDN, COMANDANTE ENRIQUE BERMUDEZ, EL CANDIDATO ACORDADO PARA DIRIGIR EL EJERCITO UNIFICADO.

LA NUEVA ESTRUCTURA DE LA DIRIGENCIA DE LA RESISTENCIA NICARAGUENSE RATIFICADA POR LA ASAMBLEA DE LA RESISTENCIA EL 13 DE MAYO, YA HA INICIADO SUS ESFUERZOS PARA ESTABLECER UN ROBUSTO MARCO POLITICO PARA ORIENTAR LAS FUTURAS ACTIVIDADES DE LA RESISTENCIA. PERMANECE VACANTE UNA POSICION EN EL DIRECTORIO, QUE ESTA PENDIENTE DEL NOMBRAMIENTO QUE HAGA EL DIRECTORIO COLEGIADO ELECTO POR LA ASAMBLEA INDIGENA QUE SE CELEBRO A MEDIADOS DE JUNIO.

EN EL FRENTE MILITAR, LOS SANDINISTAS HAN TRATADO DE BLOQUEAR LA INFILTRACION A TRAVES DE LA FRONTERA HONDURENA Y EVITAR QUE LAS FUERZAS DE LA RESISTENCIA PENETREN EN NICARAGUA EN NUMERO APRECIABLE. ESTE ESFUERZO HA SIDO UN FRACASO. DESDE DICIEMBRE, LAS FUERZAS DE LA RESISTENCIA DENTRO DE NICARAGUA HAN CRECIDO APROXIMADAMENTE A 15,000 COMBATIENTES, LA GRAN MAYORIA BIEN ARMADOS Y EQUIPADOS. ESTE ES EL NUMERO MAYOR DE COMBATIENTES INSURGENTES QUE JAMAS HA EXISTIDO DENTRO DE NICARAGUA. POR CIERTO, LA RESISTENCIA NICARAGUENSE AHORA HA LANZADO EL EJERCITO REBELDE MAS GRANDE QUE REGISTRA LA HISTORIA DE LA AMERICA CENTRAL.

ESTAS FUERZAS CONTINUAN ATACANDO Y SABOTEANDO OBJETIVOS CLAVES DE LA INFRAESTRUCTURA SANDINISTA, TALES COMO LAS INSTALACIONES PARA ALMACENAR COMBUSTIBLES, LA RED DE ENERGIA ELECTRICA, LAS COMUNICACIONES Y LAS PRINCIPALES ARTERIAS DE TRANSPORTE. EN LOS PRIMEROS CINCO MESES DE ESTE ANO, LAS FUERZAS DE LA RESISTENCIA NICARAGUENSE HAN LLEVADO A CABO 303 ATAQUES COMPROBADOS CONTRA ESTOS BLANCOS -19 EN ENERO, 37 EN FEBRERO, 66 EN MARZO, 106 EN ABRIL Y 75 EN MAYO. (LAS CIFRAS DE MAYO SON INCOMPLETAS HASTA AHORA Y EL NUMERO FINAL SERA MAS GRANDE.)

LAS ACCIONES GUERRERAS Y DE SABOTAJE DESARROLLADAS POR LAS FUERZAS DE LA RESISTENCIA DENTRO DE NICARAGUA HAN COMENZADO A SURTIR EFECTO APRECIABLE SOBRE LOS SANDINISTAS.

LOS ATAQUES PERSISTENTES Y CADA VEZ MAYORES CONTRA LA INFRAESTRUCTURA DRENAN AGUDAMENTE LOS RECURSOS DE LOS SANDINISTAS CUANDO ELLOS TRATAN DE DEFENDER TODO AL MISMO TIEMPO. ESTO LIMITA LA FUERZA DE LAS UNIDADES MILITARES QUE NORMALMENTE ESTARIAN EN EL CAMPO DE BATALLA PERSIGUIENDO A LA RESISTENCIA.

LOS SANDINISTAS SE VERAN OBLIGADOS CADA VEZ MAS A LLAMAR A SERVICIO ACTIVO A LOS RESERVISTAS Y A DESPLEGAR SUS MANIOBRAS. CERCA DE LOS GRANDES CENTROS DE POBLACION EN LAS MESETAS DEL NOROESTE Y DEL CENTRO. PUEDE QUE MUCHOS RESERVISTAS REHUSEN CONTESTAR A LAS REQUISAS Y EL PORCENTAJE DE DESERCION ENTRE LOS RECLUTAS ES PROBABLE QUE CREZCA.

LOS SANDINISTAS HAN PUESTO EN VIGOR MEDIDAS DRACONIANAS PARA ASEGURAR EL CONTROL SOBRE LA POBLACION, RELOCALIZANDO POR LA FUERZA MAS DE 7,000 PERSONAS EN EL AREA DE NUEVA GUINEA EN EL SUR DEL DEPARTAMENTO DE ZELAYA Y ANUNCIANDO SU INTENCION DE EJECUTAR SUMARIAMENTE A CUALQUIERA QUE SE MEZCLE EN OPERACIONES DE SABOTAJE, YA SEA DIRECTA O INDIRECTAMENTE. ESTAS PREOCUPACIONES PROBABLEMENTE AUMENTARAN.

EL AUMENTO EN LA DESVIACION DE LOS RECURSOS HACIA LA GUERRA TENDRAN UN CRECIENTE IMPACTO SOBRE UNA SITUACION ECONOMICA YA DETERIORADA POR LA MALA ADMINISTRACION. UNO DE LOS COMANDANTES DEL FSLN, JAIME WHEELOCK, ADMITIO PUBLICAMENTE HACE POCO QUE LA POBLACION TENDRIA QUE SOPORTAR ESCASECES CONTINUADAS DE ELECTRICIDAD Y COMBUSTIBLES. EL ATRIBUYO EN GRAN PARTE EL PROBLEMA A PROCEDIMIENTOS DE DISTRIBUCION INADECUADOS Y A LA GUERRA.

EL SERVICIO ACTIVO DE LOS RESERVISTAS TAMBIEN HA VENIDO CONTRIBUYENDO A LA PERDIDA DE LA PRODUCTIVIDAD EN TODOS LOS SECTORES DE LA ECONOMIA. ALGUNAS COSECHAS PARA OBTENER DINERO EN EFECTIVO, POR EJEMPLO, NO HAN SIDO COMPLETAMENTE RECOGIDAS

COMO RESULTADO DE LA FALTA DE SUFICIENTES TRABAJADORES COMPETENTES.

EN RESUMEN, LA RESISTENCIA PARECE HALLARSE EN UN CURSO MILITAR QUE HA TENIDO IMPACTO Y LOS EFECTOS ACUMULADOS DE SUS ACCIONES MILITARES EN LOS MESES VENIDEROS PUEDE ESPERARSE QUE SE HAGAN APARENTES MAS Y MAS AL PUEBLO NICARAGUENSE Y AL REGIMEN DE MANAGUA. LOS SANDINISTAS, HASTA AHORA, NO HAN DEMOSTRADO SER CAPACES DE PONER EN EFECTO UNA ESTRATEGIA EFECTIVA PARA CONTRARRESTARLOS.

LA ACTIVIDAD SANDINISTA

DURANTE EL ANO Y MEDIO PASADO, NI LOS SANDINISTAS NI LOS QUE LOS SOSTIENEN, HAN ESTADO OCIOSOS.

UNA FUENTE DIGNA DE CONFIANZA AFIRMO QUE LOS SANDINISTAS RECIBIERON UNAS 29,300 TONELADAS METRICAS DE EQUIPO MILITAR DE LA USSR Y EL BLOQUE ORIENTAL DURANTE 1986 Y ESPERAN RECIBIR UNAS 6,000 TONELADAS METRICAS ADICIONALES DURANTE LOS SEIS PRIMEROS MESES DE 1987.

POR CONTRASTE, SE ESTIMA QUE LA RN HA RECIBIDO HA RECIBIDO APROXIMADAMENTE 390 TONELADAS METRICAS DESDE QUE SE REANUDO LA AYUDA DE LOS E.U.

LOS REPORTES DE INTELIGENCIA SENALAN LA PRESENCIA DE DOS A TRES MIL ASESORES CUBANOS EN NICARAGUA, MUCHOS DE ELLOS VETERANOS DE ANGOLA.

SE ESTAN INTRODUCIENDO ZSU-23/24 Y HELICOPTEROS MI-17 ADICIONALES, QUE ELEVARAN DE UN MODO APRECIABLE LA CAPACIDAD DE SU DEFENSA AEREA Y DE ATAQUE AIRE-TIERRA DE LOS SANDINISTAS.

LAS FUERZAS ARMADAS SANDINISTAS HAN SIDO REORGANIZADAS PARA MEJORAR EL MANDO, EL CONTROL Y LAS COMUNICACIONES PARA HACERLE FRENTE A LA AMENAZA REBELDE.

LOS SANDINISTAS PARECEN ESTARSE CONCENTRANDO EN DESORGANIZAR LA RED DE ABASTECIMIENTOS DE LA RN Y A TRAVES DE

OPERACIONES DE PERSECUCION ESTAN TRATANDO DE ATRAER A LA RN PARA ENTABLAR GRANDES COMBATES PARA QUE SE VEAN ENVUELTAS EN UNA BATALLA DECISIVA EN LA CUAL LA SUPERIOR ARTILLERIA SANDINISTA Y EL PODER DE FUEGO DE SUS HELICOPTEROS ARTILLADOS LES HAGA SOPORTAR SU PESO.

LA ESTRATEGIA DE LA RESISTENCIA DE EMPLEAR LA TACTICA DE LAS PEQUEÑAS UNIDADES Y EVITAR ATAQUES DE CONJUNTO CON FUERZAS SUPERIORES, HASTA AHORA HA TENIDO UN IMPACTO NEGATIVO SOBRE LAS VENTAJAS DEL PODER DE FUEGO DE LOS SANDINISTAS.

LAS TROPAS DEL REGIMEN HAN SIDO INCAPACES DE INFLIGIR DAÑOS CRITICOS SOBRE LAS FUERZAS DE LA RN, O EVITAR SIGNIFICATIVAMENTE SUS MOVIMIENTOS DENTRO DE NICARAGUA.

LA REFRIEGA EN EL VALLE DE BOCAY

EL 10 DE MAYO, LOS SANDINISTAS INICIARON UNA ACCION MILITAR EN GRAN ESCALA EN EL NORTE DEL VALLE DE BOCAY CERCA DE SAN ANDRES DE BOCAY. ESTA HA SIDO LA MOVILIZACION AEREA MAS GRANDE INTENTADA HASTA AHORA POR LOS SANDINISTAS Y SE ESTIMA QUE PARTICIPARON EN ELLA ENTRE 700-1,600 TROPAS SANDINISTAS.

EL REPORTE SOBRE LAS BAJAS NO ES TOTALMENTE CONCLUYENTE, PERO LA INFORMACION DISPONIBLE INDICA QUE LOS SANDINISTAS TUVIERON MAS DE 60 BAJAS (DE 20-30 MUERTOS), MIENTRAS QUE LA RN TUVO 5 MUERTOS Y CERCA DE 30 HERIDOS.

ADEMAS, LOS SANDINISTAS PERDIERON UN HELICOPTERO DE TRANSPORTE MI-17 POR UN DISPARO DE MISIL "REDEYE", AUNQUE ELLOS ALEGAN QUE FUE DERRIBADO POR UN DISPARO DE RIFLE. (DESDE ENTONCES, OTRO MI-17, ASI COMO UN MI-25 HAN CAIDO VICTIMAS DE LA ARTILLERIA "REDEYE" DE LA RESISTENCIA).

LOS ESFUERZOS SANDINISTAS PARA DESCRIBIR SU ATAQUE SOBRE SAN ANDRES DE BOCAY COMO UNA VICTORIA ABRUMADORA, INICIALMENTE OBTUVIERON ALGUN EXITO, PERO FUERON FUERTEMENTE CONTRARRESTADOS POR LOS REPORTES OPORTUNOS ACERCA DEL INCIDENTE POR RADIO LIBERACION, EL TRANSMISOR DE ONDA-MEDIA DE LA RESISTENCIA QUE INUNDA EL PAIS TODAS LAS NOCHES.

VARIOS PERIODISTAS INDEPENDIENTES QUE ACOMPANABAN LAS TROPAS DE LA RN EN EL COMBATE DE SAN ANDRES DE BOCAY, DESQUICIARON TODAVIA MAS LOS ALEGATOS SANDINISTAS DE QUE ELLOS DESBANDARON A LAS FUERZAS DE LA RESISTENCIA, ESPECIALMENTE PROPORCIONANDO LOS DATOS FOTOGRAFICOS QUE MUESTRAN A LAS TROPAS BIEN ARMADAS CONDUCIENDO OPERACIONES DE COMBATE CONTRA LAS POSICIONES MILITARES DE LOS SANDINISTAS, USANDO MODERNOS EQUIPOS DE COMUNICACION Y RECIBIENDO LANZAMIENTOS AEREOS DE MUNICIONES DENTRO DE NICARAGUA.

RADIO LIBERACION

RADIO LIBERACION HA DEMOSTRADO SER UN EFECTIVO INSTRUMENTO DE CONTRA-PROPAGANDA PARA LA RN. LAS TRANSMISIONES COMENZARON OFICIALMENTE EL 15 DE ENERO. RADIO LIBERACION TIENE AHORA UN CORRESPONSAL DE GUERRA PERMANENTE EN TEGUCIGALPA, QUE ES AHORA UNA FUENTE FIDEDIGNA DE NOTICIAS BELICAS PARA LA POBLACION NICARAGUENSE ANSIOSA DE NOTICIAS. PROBABLEMENTE EL MEJOR REGISTRADOR DE LA EFECTIVIDAD DE RADIO LIBERACION CONSISTE EN LOS ESFUERZOS DESARROLLADOS POR LOS SANDINISTAS PARA INTERFERIR SUS TRANSMISIONES -UN ESFUERZO QUE HA TENIDO EXITO EN MANAGUA, PERO NO FUERA DE LA CIUDAD. MIENTRAS TANTO, REPORTES DIGNOS DE CONFIANZA INDICAN QUE LOS NICARAGUENSES ESCUCHAN A RADIO LIBERACION A MENUDO SUS HOGARES, EN SUS CARROS Y EN LOS RADIOS DE BATERIA DE BOLSILLO.

NICARAGUA: LOS ACONTECIMIENTOS RECIENTES

LA AYUDA MILITAR SOVIETICA, CUBANA Y DE LA EUROPA ORIENTAL A NICARAGUA DESDE ENERO A JUNIO ALCANZO A MAS DE 15,800 TONELADAS METRICAS CTMJ, SOBREPASANDO EL TOTAL DE LA PRIMERA MITAD DEL ANO PASADO POR MAS DE 3,000 TM.

DURANTE LOS PRIMEROS SEIS MESES DE ESTE ANO, 22 ENTREGAS RELACIONADAS CON EL SECTOR MILITAR FUERON OBSERVADAS -9 SOVIETICAS, 1 BULGARA, 4 CUBANAS, 2 ALEMANAS ORIENTALES Y 6 NICARAGUENSES. LOS EMBARQUES NICARAGUENSES FUERON TRANSBORDADOS A TRAVES DE CUBA.

CERCA DE UN TERCIO DEL TOTAL DEL TONELAJE PARA LA PRIMERA MITAD DEL ANO DE 1987 C5,100 TM), FUE ENTREGADO POR EL TRANSPORTE DE ARMAS SOVIETICO AGOSTINO NETO A FINALES DE JUNIO. EL EQUIPO MILITAR ASOCIADO CON ESTA ENTREGA INCLUYE VARIOS RADARES, DOCE CANONES ANTI-TANQUE DE 100 MILIMETROS XMM), 18 CANONES ANTIAEREOS KS-19 DE 100 MM Y RADARES ASOCIADOS CON EL CONTROL DE TIRO DE LA RUEDA DEL ALERON CFLAP), 64 CANONES ANTIAEREOS ZU-23 Y MAS DE 4,000 TM DE MUNICIONES. EL ULTIMO EQUIPO RELACIONADO CON ESTA ENTREGA INCLUYE 30 TRANSPORTES BLINDADOS PARA PERSONAL BTR-152 Y 30 VEHICULOS BLINDADOS DE RECONOCIMIENTO BDRM-2. UN NUMERO SIMILAR DE ESTOS VEHICULOS FUE REPORTADO EN NIKOLAYEV EN LA USSR ANTES DE LA PARTIDA DEL AGOSTINO NETO DE ESE PUERTO.

PROXIMADAMENTE EL 37 PORCIENTO DEL TONELAJE HASTA LA MITAD DEL ANO FUE TRANSBORDADO A TRAVES DE CUBA DURANTE CUATRO VIAJES DEL BARCO DE CARGA DE ARMAS NICARAGUENSE ARACELI C4,854 TM) Y DOS VIAJES DEL TRANSPORTE DE ARMAS NICARAGUENSE ATLANTIC

FREEZE" C1,048 TM). SE CREE QUE LA MAYORIA DE ESTA CARGA CONSISTIA EN ARMAS LIGERAS Y MUNICIONES.

LAS ENTREGAS DEL ANO PASADO DE MAS DE 23,300 TONELADAS METRICAS REPRESENTAN UN RECORD PARA NICARAGUA. EL DESEO SANDINISTA DE CONTRARRESTAR LA INTENSIFICADA INSURGENCIA AUMENTANDO Y FORTALECIENDO LA CAPACIDAD DE LAS FUERZAS CONVENCIONALES, PROBABLEMENTE TRAERA POR RESULTADO OTRO ANO RECORD DE ENTREGAS.

EL 16 DE JULIO A LAS 0430 HORA LOCAL, ELEMENTOS DE CUATRO COMANDOS SEPARADOS BAJO EL MANDO CONJUNTO DEL COMANDANTE "ONO", ATACARON LA PISTA AEREA SANDINISTA Y LAS INSTALACIONES DE SAN JOSE DE BOCAY, UNA BASE AEREA AVANZADA PARA LOS SANDINISTAS EN LA NICARAGUA NORTE-CENTRO, INFLIGIENDO GRANDES PERDIDAS. LOS REPORTES INDICAN QUE LA PISTA FUE INVADIDA Y QUE LOS TANQUES DE COMBUSTIBLE Y LAS INSTALACIONES ELECTRICAS FUERON DESTRUIDOS. LAS BAJAS REPORTADAS POR LA RESISTENCIA SON 9 MUERTOS Y 30 HERIDOS.

EL MATERIAL CAPTURADO A LOS SANDINISTAS INCLUYE 14 RIFLES AK, DOS LANZADORES RPG, DOS AMETRALLADORAS RPK, CIEN CARTUCHERAS DE AK, 50,000 TIROS DE AK, 10 BAYONETAS, 6 PARES DE BOTAS, 90 MOCHILAS, DIEZ GRANADAS RPG-7, CUATRO CAJAS DE GRANADAS Y EQUIPO ADICIONAL Y UNIFORMES.

EL EQUIPO SANDINISTA DESTRUIDO INCLUYE UN LANZADOR DE COHETES BM-21, 95 RIFLES AK, DIEZ LANZADORES RPG-7, UNA AMETRALLADORA RPK, TRES AMETRALLADORAS DE CALIBRE 0.50, UNA AMETRALLADORA DE 12.7 MM, DOS CANONES D30 DE 120 MM, DOS RIFLES SIN RETROCESO, 200,000 TIROS DE AK Y 30 BAYONETAS.

UN DESPACHO DE PRENSA DE LA RESISTENCIA DICE QUE UNA 500 TROPAS TOMARON PARTE EN EL ASALTO.

HASTA AHORA, LA PRENSA SANDINISTA LE HA CONCEDIDO POCA IMPORTANCIA A LA EXTENSION DE LA ACCION, INFORMANDO QUE UNOS 120 CONTRAS ATACARON LA CIUDAD, PERO QUE FUERON EXPULSADOS A LOS SUBURBIOS. LOS SANDINISTAS ALEGAN HABER MATADO 12 DE LOS ATACANTES A UN COSTO DE 6 CIVILES Y 19 MILICIANOS MUERTOS O HERIDOS CLA PRENSA SANDINISTA HA REPORTADO AMBOSJ.

EL 22 DE JULIO, UN HELICOPTERO HUGHES-500D FUE DERRIBADO DENTRO DE HONDURAS CERCA DEL CAMPAMENTO DE LA BASE DE YAMALES. LA TRIPULACION Y LOS PASAJEROS SOBREVIVIERON.

EL REPORTE INFORMATIVO INICIAL DEL PILOTO DICE QUE EL CREE QUE UN SA-7 DERRIBO SU APARATO AEREO.

LOS SANDINISTAS CAPTURARON PORCIONES DE UN LANZAMIENTO AEREO HECHO A LAS FUERZAS DE LA RESISTENCIA EL 19 DE JULIO, INCLUYENDO UN MISIL TIERRA-AIRE "REDEYE".

LAS UNIDADES MILITARES SANDINISTAS EN LA PRIMERA REGION MILITAR EVIDENTEMENTE HAN SUFRIDO NUMEROSAS BAJAS EN COMBATES RECIENTES. SEGUN INFORMACION RECIENTE, UNA BRIGADA TUVO ENTRE 100 Y 130 MUERTOS DURANTE EL MES DE JUNIO.

.11

8708705

AEROFLOT--LA LINEA AEREA SOVIETICA PARA TODO USO

RESUMEN: LA LINEA AERA OFFICIAL SOVIETICA, AEROFLOT, ABRIO UNA OFICINA EN MONTEVIDEO EN SEPTIEMBRE, Y HA ANUNCIADO QUE INICIARA SERVICIOS REGULARES A ESTA CIUDAD EN 1987. AEROFLOT SE HA UTILIZADO TRADICIONALMENTE COMO PANTALLA PARA LOS AGENTES DEL KGB Y DEL GRU ENCARGADOS DE UNA VARIEDAD DE MISIONES DE SUBVERSION Y ESPIONAJE. SUS OPERACIONES SON DIRIGIDAS POR OFICIALES DE LA FUERZA AEREA SOVIETICA, Y HA SIDO UTILIZADA PARA AEROTRANSPORTAR TROPAS HACIA CAMPOS DE BATALLA COMO LOS DE AFGANISTAN, ANGOLA, Y ETIOPIA. SUS AVIONES, EQUIPADOS CON CAMARAS FOTOGRAFICAS OCULTAS Y SOFISTICADAS, COMO ASI TAMBIEN CON EQUIPOS DE MONITOREO ELECTRONICO, RUTINARIAMENTE SE DESVIAN PARA VOLAR SOBRE BASES MILITARES RESERVADAS DEL OCCIDENTE. ;A; LINEA AEREA TAMBIEN HA SIDO UTILIZADA PARA LA INTRODUCCION CLANDESTINA DE ARMAS, AGENTES Y EQUIPOS DE INTELIGENCIA EN LOS PAISES DONE OPERA. LAS RUTAS DE AEROFLOT, MUCHAS DE EL AS EN EL TERCER MUNDO, TIENDEN A SER DE BENEFICIO ESTRATEGICO MAS QUE FINANCIERO. MUCHAS APORTAN POCA CARGA Y POCOS PASAJEROS, PERO EN CAMBIO PERMITEN LA INTRODUCCION DE OPERATIVOS DE INTELIGENCIA, DISPOSITIVOS DE NAVEGACION, Y FACILIDADES TERRESTRES QUE SIRVEN LOS OBJECTIVOS GLOBALES DE LOS LOVIETICOS.

1. EMPLEADOS DE AEROFLOT HAN SIDO DETENIDOS POR ESPIONAJE Y SUBVERSION EN POR LO MENOS UNA DOCENA DE PAISES DESDE FEBRERO DE 1965, FECHA EN QUE SERGEI PAVLOV DE LA OFICINA DE LA LINEA AEREA EN PARIS FUE EXPULSADO POR ROBAR LOS PLANES DE CONSTRUCCION PARA EL CONCORDE Y OTROS AVONES AVANZADOS.

2. EN 1976, EL DIRECTOR DE AEROFLOT EN HOLANDA, VLADIMIR GLOUKBOV, EL DE BELGICA, VLADIMIR SHERETUN, Y NIKOLAI RANOV DE CHIPRE FUERON EZPULSADOS POR ESPIONAGE.

3. EN 1980, EL DIRECTOR DE OPERACIONES DE AEROFLOT EN LISBOA, VITALI BARANOV, FUE EXPULSADO DE PORTUGAL, Y EL DIRECTOR DE OPERACIONES DE MADRID, OLEG SURANOV, FUE EXPULSADO DE ESPANA.

4. EN 1982, OTROS DOS EMPLEADOS DE AEROFLOT--VASSILY FEDORIN Y VLADIMIR TIRTISENIKOV--FUERON EXPULSADOS DE ESPANA; E INDONESIA EXPULSO A ALEXSANDER FINENKO Y EL GERENTE DE AEROFLOT EN DJKARTA.

5. EL VICE DIRECTOR DE LA OFICINA DE AEROFLOT EN ROMA, VIKTOR PRONIN, FUE EXPULSADO DE ITALIA EN 1983, Y EL GERENTE DE VUELOS FLETADOS DE LA OFICINA DE LONDRES, VYACHESLAV GRIGOROV, FUE EXPULSADO DE GRAN BRETANA EN 1985.

6. TAMBIEN SE HAN EXPULSADO A EMPLEADOS DE AEROFLOT DE ALEMANIA OCCIDENTAL Y GRECIA, Y TAMBIEN PROBABLEMENTE DE OTROS PAISES QUE PREFIEREN RESOLVER EL PROBLEMA SIN PUBLICIDAD.

7. LA MAYORIA DE LOS 400-500,000 EMPLEADOS ESTAN EN LAS RESERVAS MILITARES, O HAN APRENDIDO SUS OFICIOS POR MEDIO DEL SERVIDIO MILITAR.

8. AUNQUE LA LINEA AEREA ESTA DIRIGIDA NOMINALMENTE POR EL MINISTERIO DE AVIACION CIVIL, SU DIRECTOR ES SIEMPRE UN JERARCA DE LA FUERZA AEREA SOVIETICA, Y LA MAYORIA DE SUS ADMINISTRADORES TAMBIEN VIENEN DE LA FUERZA AEREA.

9. EL MINISTERIO DE PRODUCCION DE AVIONES, UNA DEPENDENCIA DEL MINISTERIO DE DEFENSA, ES RESPONSABLE POR EL DISENO Y LA CONSTRUCCION DE LOS AVIONES DE AEROFLOT. A CONSECUENCIA, LA FLOTA DE AEROFLOT ES MENOS COMODA, MENOS RENDIDOR EN EL CONSUMO DE COMBUSTIBLE, Y NO PUEDE LLEVAR TANTOS PASAJEROS, NI A UN COSTO TAN RAZONABLE, COMO LO HACEN LAS AEROLINEAS OCCIDENTALES ECONOMICAMENTE MAS RACIONALES. SIN EMBARGO, CUMPLE SU MISION DE FLOTA DE TRANSPORTE MILITAR DE DISPONIBILIDAD ENMEDIATA.

10. AVIONES DE AEROFLOT LLEVARON LOS ASESORES MILITARES SOVIETICOS AL CONGO EN 1960.

11. EN 1968 LLEVARON "CIVILES" A CHECOSLOVAQUIA PARA

ENCARGARSE DEL AEROPUERTO DE PRAGA, EN PREPARACION PARA LA FLOTA DE AEROFLOT QUE LUEGO LLEVO TROPAS SOVIETICAS AL PAIS.

12. AEROFLOT LLEVO TROPAS CUBANAS A ANGOLA EN 1975 Y AEROTRANSPORTO TROPAS SOVIETICAS Y CUBANAS HACIA ETIOPIA EN 1977.

13. LA LINEA AEREA TAMBIEN LLEVO EL PRIMER GRUPO DE SOVIETICOS A CABUL, AFGANISTAN, EN 1979, PARA QUE ASEGURARAN EL AEROPUERTO PARA TRAERIAN LAS FUERZAS DE INVASION.

14. MUCHOS AVIONES DE AEROFLOT ESTAN EQUIPADOS CON CAMARAS FOTOGRAFICAS ULTRA-SENSIBLES, OCULTADAS DETRAS DE PANELES EN LA PROA Y EL FUSELAJE. LOS VUELOS REGULARES SON NOTORIOS POR LA FRECUENCIA CON QUE LOGRAN DESVIARSE DE SU CURSO Y VOLAR SOBRE FACILIDADES MILITARES.

15. EN DINAMARCA, LOS VUELOS DE AEROFLOT SE DESVIAN CON TANTA FRECUENCIA QUE LOS PILOTOS DE LA FUERZA AEREA DANESA RUTINARIAMENTE LOS INTERCEPTAN DE TAL MANERA QUE COLOCAN A SUS CAZAS ENTRE LAS CAMARAS SOVIETICAS Y LOS OBJECTIVOS MILITARES.

16. AEROFLOT SE VALE DE SUS DERECHOS DE ATERRIZAJE EN LUXEMBOURGO PARA VOLAR RUTINARIAMENTE SOBRE LAS BASES DE ALEMANIA OCCIDENTAL.

17. VUELOS DE AEROFLOT SE HAN "DESVIADO" SOBRE EL ASTILLERO DE GROTON, CONNECTICUT, DONDE SE ESTAN CONSTRUYENDO LOS SUBMARINOS "TRIDENT", SOBRE INSTALACIONES MILITARES EN SUIZA, Y SOBRE EL ASTILLERO NAVAL DE TOULON, FRANCIA.

18. AEROFLOT ES LA AEROLINEA MAS GRANDE DEL MUNDO EN CUANTO A LOS PASAJEROS TRANSPORTADOS Y EL KILOMETRAJE DE RUTAS ESTABLECIDAS. SIN EMBARGO, EN CUANTO A LAS GANANCIAS DE LOS PASAJEROS Y LAS CARGAS, QUEDA MUY DETRAS DE LAS LINEAS AEREAS DE OTROS PAISES, Y DEPENDE MUCHO DE LAS SUBVENCIONES DEL GOBIERNO.

19. DEBIDO A QUE NO NECESITA HACER GANANCIAS POR SUS OPERACIONES, AEROFLOT VA Y VIENTE DE AEROPUERTOS QUE NO LE DAN BENEFICIO ECONOMICO, PERO QUE PERMITEN VUELOS RUTINARIOS SOBRE RUTAS DE IMPORTANCIA ESTRATEGICA, DONDE PUEDEN MONITOREAR TALES COSAS COMO BUQUES Y EJERCICIOS MILITARES, MANTENER AL DIA LOS ESTUDIOS TOPOGRAFICOS DE CAMINOS, FACILIDADES PORTUARIAS, ETC., Y DESCUBRIR LAS POSICIONES EXACTAS DE LOS SISTEMAS DE SEGURIDAD Y LAS ANTENAS DE RADAR.

20. EN MUCHAS PARTES DE AFRICA, AEROFLOT ES LA UNICA EMPRESA DE TRANSPORTE QUE MANTIENE SERVICIOS REGULARES POR RUTAS QUE NO RINDEN GANANCIAS. AL OFRECER SERVICIOS, EQUIPOS, Y PERSONAL ADIESTRADO, TAMBIEN PUEDEN INTRODUCIR OPERATIVOS CLAVES DE INTELIGENCIA EN ZONAS DE IMPORTANCIA ESTRATEGICA, COMO ASI TAMBIEN DISPOSITIVOS PARA LA NAVEGACION, Y FACILIDADES TERRESTRES PARA SU POSIBLE USO MILITAR O CLANDESTINO.

21. AEROFLOT, UNA VEZ ESTABLECIDA EN UNA ZONA, A MENUDO SE AVENTAJA A LAS COMPANIAS DOMESTICAS, Y OTRAS, AL DESCONTAR AGRESIVAMENTE LOS PASAJES Y FLETES. INDIA, MOZAMBIQUE Y SRI LANKA FIGURAN ENTRE LOS PAISES QUE HAN DENUNCIADO TALES PRACTICAS.

22. AEROFLOT TAMBIEN SE UTILIZA PARA EL TRANSPORTE CLANDESTINO DE ARMAS, MUNICIONES, Y EQUIPOS ESPECIALES PARA LAS OPERACIONES DE SUBVERSION E INTELIGENCIA.

23. EN 1981, OFICIALES ADUANEROS DE BANGLADESH FUERON ALERTADOS AL ROMPERSE UNO DE 140 CAJONES MARCADOS "MATERIALS DE CONSTRUCCION", QUE EN REALIDAD CONTENIA ARMAS AUTOMATICAS. EN VISTA DE QUE LOS OFICIALES SOVIETICOS DESTINADOS EN BANGLADESH NO PODIAN PRESENTAR LA DOCUMENTACION APROPIADA, LOS CAJONES FUERON REGISTRADOS Y -- ADEMAS DE LOS QUE LLEVABAN ARMAS -- SE DESCUBRIERON CUATRO QUE CONTENIAN EQUIPOS SOFISTICADOS DE VIGILANCIA.

24. EL 11 DE ENERO DE 1984, VALIJAS QUE HABIAN SIDO DESCARGADAS DE UN AVION DE AEROFLOT EN KINSHASA ESTALLARON, DESTRUYENDO CASI TODA UNA SECCION ADUANERA DEL AEROPUERTO. LOS ANALISTAS DE INTELIGENCIA CREEN QUE LAS BOMBAS CONTENIDAS ESTABAN DESTINADAS PARA EL USE DE UN EQUIPO DIRIGIDO POR LIBIA, ENCARGADO DE ASESINAR AL PRESIDENTE HERZOG DE ISRAEL Y EL PRESIDENTE MOBUTO DE ZAIRE. HERZOG IBA A LLEGAR UNOS DIAS DESPUES PARA UNA VISITA DE ESTADO.

Final; Habrá Nuevo Análisis Para Acuerdo Pesquero

Canciller Soviético Dialogó con Tarigo

Durante cuatro horas los ministros de Relaciones Exteriores de la URSS y Uruguay, analizaron en la víspera los detalles de la declaración conjunta que suscribirán hoy al término de la visita de Eduard Shevardnadze a nuestro país.

El encuentro que se cumplió en la sede de la Cancillería tuvo de base una amplia variedad de temas de la actualidad internacional y lo que hace a las relaciones comerciales, científicas y culturales de ambas naciones.

EL DESARME

La temática de la paz, el desarme, la liquidación de los arsenales nucleares, y la renovación de la confianza mutua en la Organización de las Naciones Unidas, será subrayada especialmente en el documento que se dará a conocer esta mañana tras la última reunión.

Durante el extenso encuentro de la víspera, el Canciller Soviético puso especial énfasis al informar a su colega uruguayo, acerca de los acuerdos alcanzados entre la URSS y los EE.UU. en materia de misiles de medio alcance y los cohetes táctico-operativos.

Al mismo tiempo el Cr. Iglesias apreció altamente los acuerdos logrados habiendo señalado que ellos abren la posibilidad del logro en la reducción de armamentos nucleares y el desarme total como meta final.

Ambos ministros coincidieron en afianzar en el mundo el respeto de los Derechos Humanos, y en señalar su preocupación por la escalada terrorista, la difusión en el mundo de la adicción a la droga y el tráfico ilegal de narcóticos.

Según trascendió, en el documento conjunto final los cancilleres también incluirán el propósito de ambos países de cooperar para la creación de un nuevo orden económico internacional. En tal sentido señalarán la insoslayable interdependencia entre todos los estados procurando el logro de un sistema económico multilateral más justo y equitativo.

ENFRENTAMIENTOS INTERNACIONALES

La declaración final también incluirá una mención a los distintos conflictos bélicos que se libran, fundamentalmente en América Central y en el Golfo Pérsico, y el propósito del logro de la paz.

Para ello coincidieron en la convocatoria de una Conferencia Internacional con el auspicio de la Organización de las Naciones Unidas con la participación de las partes interesadas.

CONVENIO PESQUERO

El conflictivo convenio pesquero entre ambas naciones, que se encuentra a estudio de las autoridades uruguayas y soviéticas, fue motivo de análisis de los Cancilleres, tema sobre el cual en esta oportunidad no habrá resolución, ya que, como lo adelantara recientemente el Contador Enrique Iglesias, continuará a estudio.

CONVERSACION AMISTOSA Y CONSTRUCTIVA

En breves declaraciones a la prensa luego del encuentro con su colega uruguayo el visitante expresó que "las conversaciones se han venido llevando a cabo en un ambiente amistoso y constructivo".

"Lo más importante es la atmósfera de entendimiento mutuo en torno a temas globales internacionales, así como en temas bilaterales", afirmó Shevardnadze.

CONTENTO POR CONTACTO CON ISRAELITAS

Al hacer luego referencia al encuentro informal mantenido con integrantes de la colectividad judía en nuestro país, puntualizó que "fue un hecho normal. Cuando un pueblo está preocupado por algo, nuestra responsabilidad como figuras políticas es prestarle atención a la preocupación de la gente".

Expresando su satisfacción por ese hecho, Shevardnadze añadió que "estoy muy contento por haber tenido esa reunión. Fue un intercambio muy normal y civilizado"



En la cena realizada en la residencia presidencial aparecen (de izq. a der.) Rodney Arismendi, embajador Igor Laptev, Sra. de Shevardnadze, presidente Julio Mª. Sanguinetti, vicepresidente Enrique Tarigo, Líber Seregni, senador Dardo Ortiz y senador Manuel Flores Silva.

NUEVA REUNION Y CONTACTO CON LA PRENSA

La firma de la declaración final de las entrevistas se realizará esta mañana al término de la tercera y última reunión de los cancilleres, oportunidad en la que sesionarán por algo más de una hora.

Posteriormente Eduard Shevardnadze, ofrecerá una conferencia de prensa en la sede diplomática de la Unión Soviética, poco antes de partir de regreso desde Carrasco, donde será despedido por el Cr. Enrique Iglesias.

EN EL PARLAMENTO

Los presidentes de ambas ramas del Parlamento Nacional, recibieron a Eduard Shevardnadze en reuniones especiales, departiendo con ambos por separado por varios minutos.

Al término de la reunión con el Dr. Enrique Tarigo, el visitante manifestó estar sumamente complacido por la reunión, señalando sobre la misma que "estuvo llena de contenido".

Afirmó que básicamente dialogaron sobre las perspectivas del desarrollo de las relaciones interparlamentarias y las relaciones bilaterales en general.

Shevardnadze destacó la atmósfera de respeto y camaradería que caracteriza su estadía en el Uruguay.

El alto funcionario soviético arribó al Palacio Legislativo a la hora 16, acompañado por varios integrantes de su comitiva y por el embajador Igor Laptev, entrevistándose en primera instancia con el presidente del Senado y la Asamblea General, y luego con el Presidente de la Cámara de Representantes.



Otra imagen de la cena, en la que se observa (de izq. a der.) al senador Alberto Zumarán, senador Jorge Batlle, Sra. Martha Canessa de Sanguinetti, canciller Eduard Shevardnadze y canciller Enrique Iglesias. Shevardnadze finaliza hoy su visita a nuestro país.

01/02

La Mañana
MONTEVIDEO, MIERCOLES 7 DE OCTUBRE DE 1987

"Hemos abierto todos los campos de diálogo"

Iglesias y Shevardnadze suscriben declaración

Como muy positivas calificó el Canciller Enrique Iglesias las conversaciones mantenidas con su colega soviético, Eduard Shevardnadze, con quien hoy en horas de la mañana firmará una declaración conjunta.

"Hemos abierto todos los campos de diálogo para productos, los problemas de carácter mundial, los conflictos regionales", sostuvo el Cr. Iglesias al comentar los temas abordados con Shevardnadze en la jornada de la víspera.

Destacó, asimismo, que "también abordamos los temas económicos en general y también las relaciones bilaterales que como él mismo dijo se encuentran en un clima excelente".

"Lo importante de todo esto -subrayó- es el intercambio de opiniones realizado sobre todos los temas y que culminará con la importante reunión que mantendrá con todos los líderes políticos".

SE FIRMA DECLARACION CONJUNTA

Hoy, a las 10.05 hs., los Cancilleres Iglesias y Shevardnadze firmarán un comunicado conjunto, en el que expresarán su intención de continuar analizando mecanismos de cooperación en el campo de la pesca y en especial relativo a la utilización de puertos uruguayos, a la conservación y uso racional de recursos vivos marítimos, a las investigaciones científicas, a las inversiones empresariales, todo ello basado en principio de mutuo beneficio y cooperación, en consonancia con las legislaciones vigentes en ambos países y en los principios generales del derecho internacional en la materia.

Los Ministros coincidirán en otorgar una gran importancia al tema del fortalecimiento y diversificación del intercambio comercial, al constatar las dificultades objetivas del momento actual en esta espera.

Las partes, entre tanto, expresarán su aspiración de aprovechar más plenamente las posibilidades existentes, buscar nuevos rubros y formas promisorias de colaboración, de acuerdo con sus prioridades del desarrollo económico y social.

Convendrán, asimismo, en la importancia dada a los avances de la Ronda Uruguay del GATT, en pos de una mayor liberalización del comercio internacional y el fortalecimiento del multilateralismo.

02/02

026

URSS

FICHADO

La Mañana
MONTEVIDEO, MIERCOLES 7 DE OCTUBRE DE 1987

Problemas en las embajadas

Miniguerra diplomática entre URSS y Japón

MOSCU, (EFE).— Trece empleados soviéticos de la Embajada japonesa en Moscú abandonaron su trabajo por cuestiones personales, en lo que se considera el inicio de una mini—guerra entre embajadas, aseguró ayer Boris Piadishev, portovoz oficial del Kremlin.

Los empleados soviéticos —según la versión oficial de la URSS— abandonaron su trabajo por cuestiones personales que no tienen repercusión política ni suponen ningún tipo de represalia.

Al mismo tiempo, Piadishev indicó que la Embajada soviética en Tokio tiene el mismo tipo de problemas que la japonesa en Moscú, "que se deben a las trabas y limitaciones de las leyes japonesas".

El portovoz dijo con ironí que "no sabemos si este proceso de despidos seguirá, pues los empleados son los que deciden y es imprevisible saber cuales serán sus decisiones".

Fuentes niponas en Moscú aseguraron que los empleados son los que deciden y es imprevisible saber cuales serán sus decisiones".

Fuentes niponas en Moscú aseguraron que los empleados soviéticos que trabajaban en su sede diplomática "estaban muy contentos y no deseaban abandonar su trabajo, aunque no indicaron por qué se despedían".

El verano del año pasado, el Gobierno de la URSS prohibió a los ciudadanos soviéticos desempeñar funciones laborales en la Embajada estadounidense en Moscú, que ocupaban unos 300 puestos, en aplicación estricta de las leyes de recriprocidad establecidas entre ambos paises.

01 | 01

1R

026

La Mañana 23-feb-87

POPP

Convenio cultural con la URSS entra en vigencia

En la víspera, el Presidente de la República designó Plenipotenciario al Ministro de Relaciones Exteriores, para que en nombre del Gobierno de la República Oriental del Uruguay, proceda al Canje de las Notas Diplomáticas para la entrada en vigor del Convenio entre nuestro Gobierno y el de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas, sobre Cooperación Cultural y Científica suscrito en Moscú el 25 de julio del año pasado.

El artículo 15 del mencionado acuerdo establece que el mismo entrará en vigor treinta días después del Canje de Notas Diplomáticas por medio de las cuales las Partes informarán la respectiva aprobación interna del texto suscrito.

01 | 01

8708744

LA URSS QUIERE SALVAR COSECHAS

La Unión Soviética está luchando contra el tiempo para salvar las cosechas y abastecer a las grandes ciudades, después de un verano catastrófico y con el invierno a la puerta.

La prensa soviética publicó en primera plana el texto de una resolución del Comité Central del PCUS para hacer frente a una situación que muchos definen de emergencia.

En la resolución, se pide al consejo de Ministros, a los soviets locales y a los organismos económicos de todo el país, que "superen a la mayor brevedad las carencias existentes, para poder trabajar en condiciones invernales".

La meteorología anuncia un notable adelanto del invierno que será muy frío, con una primera oleada de hielo para fines de setiembre, en momentos en que gran parte de las cosechas se están perdiendo en los campos inundados por los temporales.

La resolución se refiere también a la necesidad de abastecer a las ciudades y empresas de combustible y géneros de primera necesidad. Las grandes lluvias pusieron en crisis el transporte de productos y las ciudades están pasando por grandes dificultades para hacer frente al invierno.

026

 Información

AEROFLOT INSISTE

EN DUDA CONVENIO PESQUERO CON URSS

PERLA

Mientras el canciller Enrique Iglesias anunció el viernes que se revisarán los términos de un eventual convenio pesquero con la URSS, el embajador soviético, Igor Laptev, insistió el lunes en que acuerdos soviético-uruguayos de ese tipo serían "mutuamente ventajosos". Iglesias hizo el anuncio en la Comisión de Asuntos Internacionales de diputados, en la cual todos sus miembros criticaron los términos de dicho convenio. En sus explicaciones, Iglesias señaló que la actual redacción del convenio es "un instrumento de trabajo" apenas "iniciado".

Aseguró también que en "próximas conversaciones se adecuarían sus términos". Tras las explicaciones de Iglesias en medios parlamentarios se fortaleció la impresión de que no habrá convenio pesquero con Moscú.

LAPTEV ANUNCIA VISITA

Laptev, por su parte, anunció el lunes que el mes próximo visitará Uruguay el canciller del Kremlin, Eduard Shevardnadse, dijo que "se está en un momento importante de las relaciones" y que los acuerdos sobre los que se ha conversado "son mutuamente ventajosos".

AEROFLOT

La misma tesis de las "mutuas ventajas" sostuvo el viernes el representante de la compañía aérea soviética "Aeroflot" en Montevideo, Guilerman Sissoliatin.

Según destacó el diario oficialista "La Mañana", Sissoliatin aseguró que en caso de un acuerdo sobre navegación aérea "PLUNA tendría los mismos beneficios".

El representante de "Aeroflot", que tiene un convenio con Argentina similar al que desea con Uruguay, agregó que el interés de su compañía en un acuerdo "es independiente de que se concrete o no un convenio pesquero".

Sobre el tema añadió que "Aerolíneas Argentinas" no vuela a Moscú "porque no ha habido necesidad" y aseguró desconocer que la compañía española "Iberia" hace tiempo haya suspendido sus vuelos Madrid-Moscú-Madrid por no ser rentables, aunque "Aeroflot" sigue cubriendo esa ruta.

Sissoliatin, por otro lado, subrayó que "los éxitos de Aeroflot prueban la constante preocupación del PC de la URSS por la aviación civil" y que los soviéticos "apoyan la justa lucha de los pueblos latinoamericanos por su auténtica independencia política, económica y soberanía".

EL P.C.U. SE OPONDRIA

El Partido Comunista del Uruguay (PCU) se opondría al proyecto de acuerdo pesquero entre Uruguay y la URSS, según comentaron a "La Razón" fuentes de la Comisión de Programa de esa colectividad política, quienes estimaron que un acuerdo como el que se desea suscribir, dejaría sentado un "PELIGROSO ANTECEDENTE" para otros que el gobierno uruguayo desee impulsar.

La fuente precisó que los comunistas se opondrían además como consecuencia del fuerte consenso en contra que existe a nivel parlamentario, estimándose que una votación a favor, en forma solitaria, "no tendría mucho sentido".

El texto del acuerdo se encuentra a estudio de los técnicos de nuestra Cancillería, aunque el titular de esa secretaría de estado, Enrique Iglesias adelantó que tal como está redactado no vulnera nuestra soberanía.

Iglesias concurrió el jueves último al Parlamento para, dijo, despejar las dudas que existían a ese nivel.

Precisó Iglesias que se trata de un acuerdo pesquero y portuario que brinda un marco general para ser o no utilizado.

Admitió que el acuerdo "es mejorable" y que las críticas que se han conocido, desde diversos sectores, han aportado elementos importantes que sirven para la reflexión sobre este tema.

El acuerdo ha recibido críticas incluso de la gremial de trabajadores del sector y de algunos industriales vinculados a la pesca.

El resto del Frente Amplio también se opone al acuerdo, tal como ha sido presentado por el gobierno.

01 /01

8708763

Pronostican mayor cosecha en la URSS

WASHINGTON (Reuter). — El Departamento de Agricultura de Estados Unidos estimó que la Unión Soviética está recolectando una cosecha de granos de 205 millones de toneladas este año, la segunda buena cosecha consecutiva y suficiente para que Moscú pueda reducir sus importaciones graníferas.

En su informe mensual sobre las perspectivas de las cosechas soviéticas, el departamento dijo que Moscú quizá tenga que importar apenas 28 millones de toneladas de granos el año venidero, que sería la cantidad más pequeña desde 1978-79.

Si bien una cosecha que llegue a los 200 millones de toneladas es considerada como buena según las normas soviéticas —una meta que apenas se ha logrado concretar tres veces en los últimos 11 años—, se quedaría igualmente corta respecto de la que se impusiera el Kremlin —232 millones de toneladas — para 1987, dijeron analistas estadounidenses.

El departamento sostuvo que no obstante algunas demoras en la recolección a causa del tiempo húmedo, las condiciones para la recolección en la Unión Soviética siguen anticipando una cosecha relativamente buena.

El aparente éxito del líder soviético Mijail Gorbachov en materia de estabilización de la producción granífera —que fluctuó drásticamente en el pasado—, tiene preocupados a algunos analistas occidentales acerca del futuro.

"Si Gorbachov logra lo que se ha fijado hacer, la Unión Soviética se convertirá de aquí a unos 10 años en un importante competidor en los mercados mundiales de granos", dijo el ex secretario de Agricultura Bob Bergland en una conferencia sobre política agraria.

Clarín 18/9/87

HR

076

¡CUIDADO CON VENDER A LA URSS NUESTRA RIQUEZA PESQUERA!

La visita a principios de febrero del vicecanciller soviético Viktor Kompiektov se anunció como un viaje para cambiar opiniones sobre los detalles de la visita oficial del secretario general Mikhail Gorbachov al Uruguay en este año. Pero el Sr. Kompiektov también encontró tiempo durante su breve estadía para reunirse con un grupo de expertos en economía con los que habló sobre aumento dèl comercio bilateral. Un aumento del comercio probablemente abarcaría gran variedad de actividades comerciales, de las cuales, desde el punto de vista de Moscú, los acuerdos sobre la pesca tendrían prioridad.

Opinión 26/6/82

Algunos argentinos ya vienen descubriendo que la pesca, u otras empresas conjuntas con los soviéticos, suelen parecer atractivas comercialmente al principio, pero invariablemente llegan a ser negativas económicamente con el correr del tiempo.

En octubre pasado, el pueblo de la Argentina constató que jamás había sucedido antes un presidente argentino en Moscú. Durante la visita de cinco días del presidente Raúl Alfonsín a la capital soviética, los asuntos del comercio bilateral ocuparon un lugar importante en el temario, inclusive la discusión de proyéctos multimillonarios sobre la pesca en el Atlántico Sur, la participación soviética en el dragado del puerto principal de cereales de la Argentina en Bahía Blanca, la construcción de represas hidroeléctricas, y la electrificación de una parte del sistema ferroviario de la Argentina.

Sin embargo, muchos argentinos están molestos ante las perspectivas de vínculos comerciales más estrechos con la URSS. El 13 de octubre de 1986 la Cámara Argentina de Barcos Pesqueros de Alta Mar (CABPA) expresó su oposición a los acuerdos sobre la pesca que la Argentina ha firmado con la URSS, argumentando que los mismos "afectan los recursos y la producción marítima de las empresas nacionales".

Al expresar su oposición, el presidente de la CABPA, Héctor Fernández Blanco, llamó a un paro de 14 horas por los trabajadores de la industria pesquera, en defensa de sus empleos... En el mismo momento de la llegada a Moscú del presidente Alfonsín para firmar los acuerdos con la URSS.

El Perú también ha tenido acuerdos pesqueros impopulares con la URSS. Una serie de acuerdos fueron prolongados por tres años por el gobierno peruano en setiembre ppdo. Pero la prórroga no fue aceptada por la Cámara de Diputados sin lucha. El líder opositor Osterling propuso que se anularan los acuerdos, los que según él "han permitido que los soviéticos establezcan una base en Callao, a 13.000 kms. de Vladivostok, donde pueden atracar de 250 a 300 barcos". Los acuerdos permiten que los buques soviéticos atraquen en puertos peruanos para efectuar reparaciones, reabastecerse, cargar combustible, y alternar tripulaciones.

Un periodista occidental en Lima notó que "Callao es especialmente importante para los viajes más al sur de los buques soviéticos que transportan armas o realizan misiones de inteligencia".

Se calcula que unos 30 mil pescadores soviéticos transitan por el Aeropuerto Internacional Jorge Chávez de Lima cada año.

La flota pesquera soviética que actualmente opera en aguas peruanas incluye 10 grandes buques-fábrica, y hasta 100 traineras. La captura anual soviética de 6 millones de toneladas de pescado tiene un valor de unos 1,8 mil millones de dólares.

Los soviéticos también han realizado una campaña enérgica para lograr acuerdos pesqueros favorables, en el otro lado del Oceano Pacífico con los mini Estados empobrecidos de Oceanía.

La primera isla-nación de mar sureño que tragó el anzuelo de los soviéticos fue Kiribati, anteriormente las Islas Gilbert y Ellice. Según lo provisto por un acuerdo firmado a fines de 1985, la URSS pagó 1,7 millones de dólares por el derecho de pescar en las aguas de Kiribati durante un año. Pero cuando llegó el momento de renovar, en octubre pasado, Kiribati se negó a renovar el tratado. El pequeño Kiribati ordenó a las traineras de atún soviéticas que salieran de su zona económica de 200 millas.

Sin hacer caso de la experiencia de Kiribati, Vanautu (anteriormente las Nuevas Hebridas), de orientación izquierdista, firmó un pacto pesquero con la URSS a fines de enero de 1987.

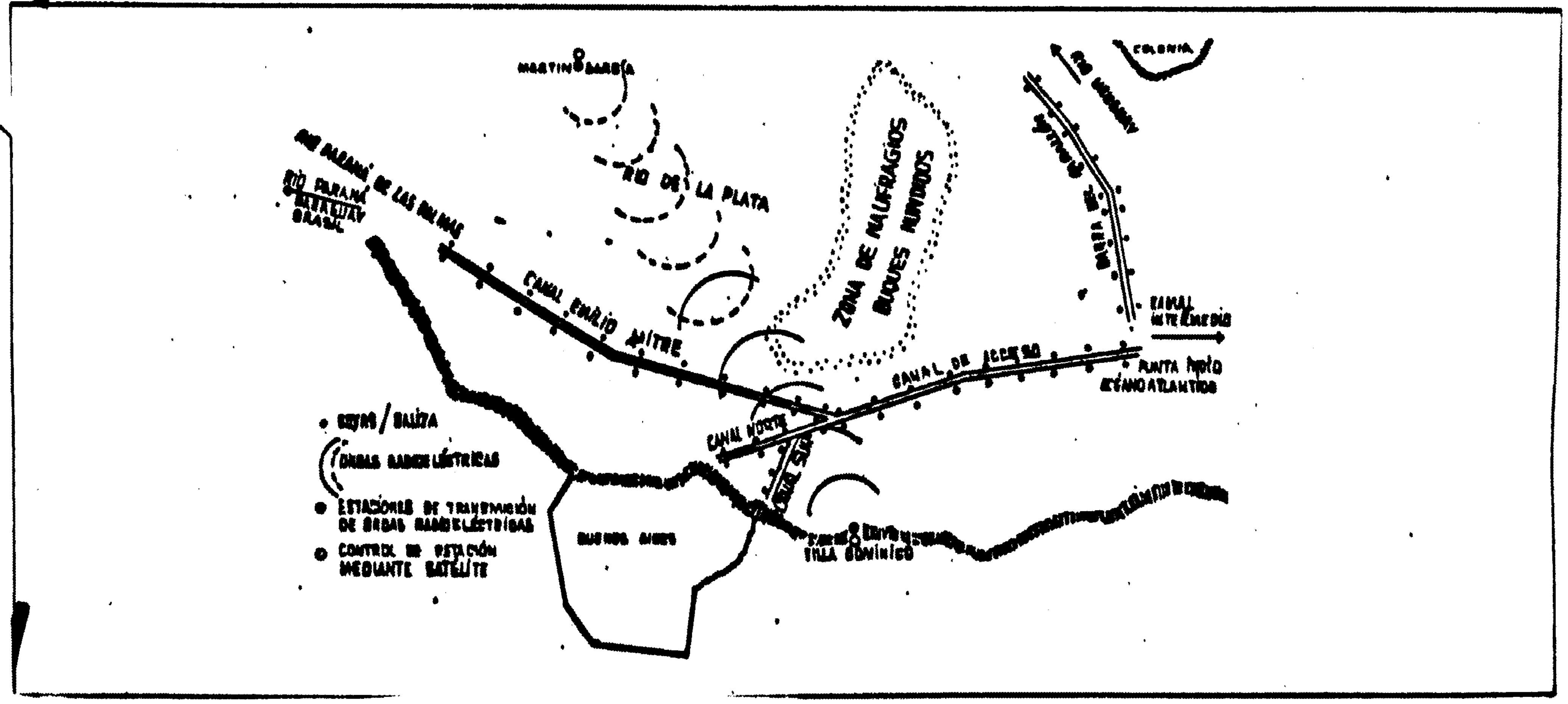
01 | 01

8708789

disculpe

Montevideo, miércoles 8 de ... de ... 1ª

LA U.R.S.S. Y EL DRAGADO Y BALIZAMIENTO DE NUESTROS RIOS



01 .02

ese país.

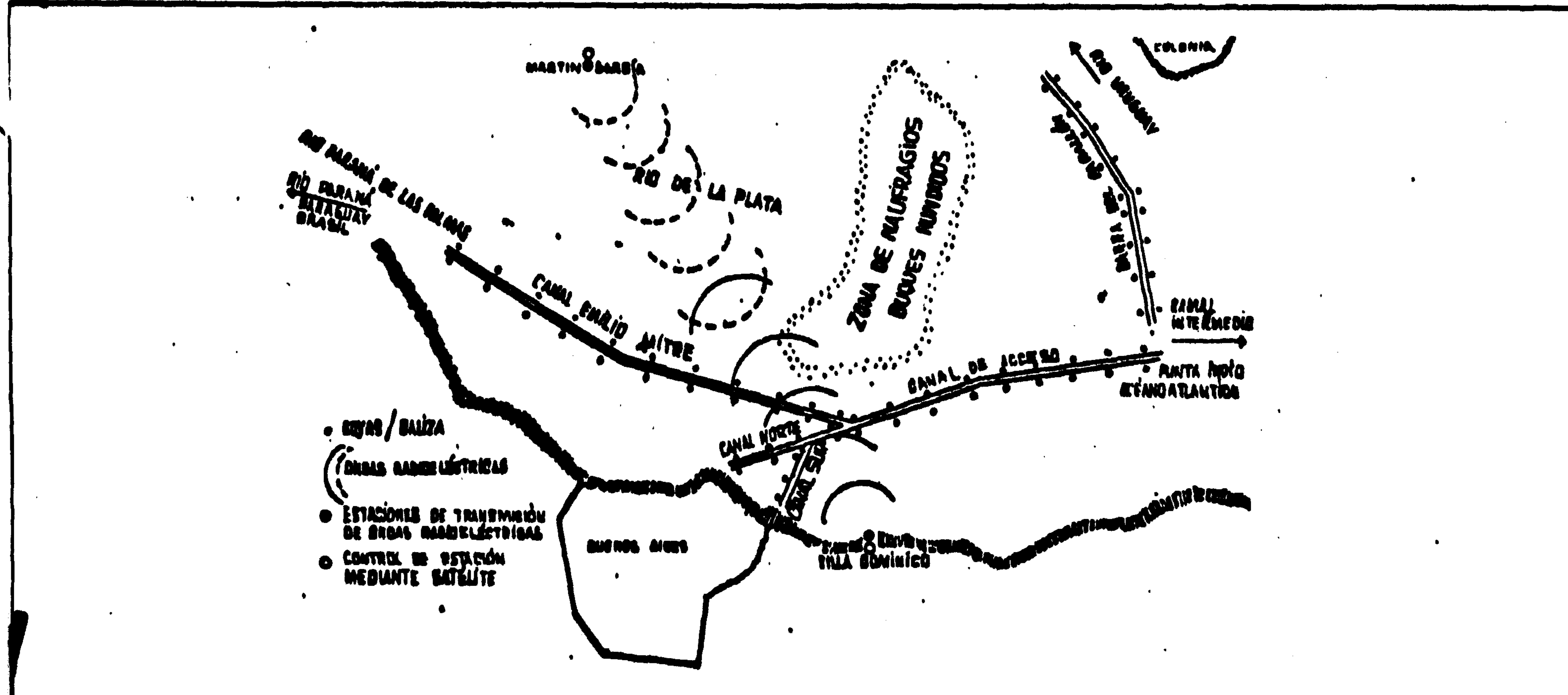
Como se sabe, la Unión Soviética tiene como una de sus prioridades respecto de la Argentina, el equilibrio de la balanza comercial mediante el incremento de sus exportaciones destinadas a nuestro país.

8708798

disculpe

Montevideo, miércoles 8 de ... de 198...

LA U.R.S.S. Y EL DRAGADO Y BALIZAMIENTO DE NUESTROS RIOS



01 .02

ese país.

Como se sabe, la Unión Soviética tiene como una de sus prioridades respecto de la Argentina, el equilibrio de la balanza comercial mediante el incremento de sus exportaciones destinadas a nuestro país.

8708798

Según lo denuncia "EL INFORMADOR PUBLICO" del 28 de noviembre de 1986, la Unión Soviética se encargaría de dragar y balizar el Río de la Plata, el Paraná inferior y el Uruguay. Ello posibilitaría, además, que la Unión Soviética ejerciera un control del tránsito por esos ríos, incluyendo la posibilidad de interferir en la navegación a través de la operación de sus satélites orbitales. Demás está destacar que tales hechos tienen amplia repercusión en lo que respecta a nuestro país. Sin embargo, hasta el momento no hemos leído o escuchado ninguna aclaración de parte de nuestra Cancillería al respecto. La sola transcripción de la denuncia efectuada por "El Informador Público", da una ligera idea de la gravedad de la misma.

La Unión Soviética se hará cargo del trabajo de dragado y balizamiento del Río de la Plata, el Paraná inferior y el Uruguay, según un convenio que se suscribirá en los próximos días entre el Ministerio de Obras y Servicios Públicos de nuestro país y la contraparte soviética.

Los estudios para la elaboración del convenio se realizan en comisiones especiales que se reúnen en el edificio central de la Empresa Líneas Marítimas Argentinas (ELMA) y que son presididas por el titular de esa empresa, ingeniero Luis Olaizola, quien actúa como delegado personal del señor Casado Blanco, secretario de la Marina Mercante.

Las fuentes que proporcionaron esta información aseguran que los estudios están listos y el ingeniero Olaizola viajará a Moscú en poco tiempo más para firmar esos convenios. Pero también aprovecharía su visita a la URSS para adquirir allí buques destinados a la renovación de la flota de ELMA. Se nos asegura que está prevista una inversión del orden de los 500 millones de dólares para la compra de 30 buques portacontenedores soviéticos.

La información sobre el otorgamiento a la URSS de las obras de dragado y balizamiento fluvial provocó inquietud en ámbitos de la Dirección Nacional de Construcciones Portuarias y Vías Navegables, organismo creado en 1880 y que se podría disolver a partir del convenio argentino-soviético mencionado.

Por lo demás, habida cuenta de la posibilidad del control satelitario de las ondas que regulan el sistema de balizamiento y dragado fluvial, se asegura que el acuerdo habilitaría a la Unión Soviética a ejercer un control de todo el tránsito por esos ríos, incluyendo la posibilidad de interferir en la navegación a través de la operación de sus satélites orbitales.

Una breve descripción del funcionamiento del sistema de boyas y balizas puede aclarar lo dicho.

Los canales fluviales demarcados en las cartas náuticas se localizan mediante boyas o balizas. A su vez, éstas son identificadas por los navegantes a través del calor y la secuencia de encendido de su iluminación. Las boyas o balizas constan de un elemento flotante —amarrado mediante cadenas al lecho del río— y de una luz generada en su interior por una lámpara de petróleo, gas o eléctrica, que en los dos primeros casos es fija y se libera las veces que se desee, y en el tercero se programa con una frecuencia determinada de encendido y apagado.

El posicionamiento de boyas y balizas y el sistema de dragado del río se concreta mediante la utilización de ondas radioeléctricas con lo que se evita incurrir en errores mayores a un metro de longitud en cualquier dirección. A su vez, estas ondas se emiten desde antenas casi enfrentadas entre sí, que se ubican en la costa a uno y otro lado del río. El choque de las ondas emitidas por dichas antenas va estableciendo una línea de puntos imaginaria, que se extiende con exactitud al costado del canal.

Es fácil comprender que si las antenas y la frecuencia de las ondas que éstas emitan son fijadas por la URSS, ese país también podría interferir el sistema a través de sus sistemas satelitarios.

Es presumible que tanto el convenio planeado como la proyectada compra de buques soviéticos para el ELMA, han de haber formado parte del "paquete" de temas tratados en la URSS durante la reciente visita de una delegación oficial argentina presidida por el señor Alfonsín a

02.02

HR

URSS

026

¡QUE LIO LA PERESTROIKA!



No vamos a cometer la tontería de creer que la voz de la República resuena estrepitosamente en el escenario universal, porque para equivocarse no hay nada como creerse lo que no se es. Y los uruguayos, tres millones de seres, asentados en 190.000 kilómetros cuadrados de territorio, no podemos llegar a ser tan desubicados como para creernos arquitectos de ajenas realidades.

Dentro del panorama de los grandes centros de poder internacionales de la hora moderna, nada nos entusiasma demasiado, ni nada nos deja de entusiasmar. Si con nuestros vecinos y hermanos las cosas son complicadas y de las actas de Colonia pasamos a las de Buenos Aires, y de éstas algún día a las de Montevideo, y de las de Montevideo quizás a las de Entre Ríos, y así sucesivamente, y por la fuerza de las cosas y del austral mediante, a cada paso se hace necesario enmendar la plana –de lo que entiéndase bien a nadie culpamos– no parece prudente encender velas a lejanos y grandes "capitostes" del quehacer internacional. Sin embargo nuestro corazoncito lo tenemos, junto a los países occidentales de los que guste o no, hemos recibido las instituciones jurídicas romanas, el cristianismo, la democracia de partidos, la valorización de la iniciativa individual como motor de la economía, y tantas otras cosas que hacen al cerno de la cultura que nos es propia. Se trata y es bueno no olvidarlo, de los mismos países que sanos y vigorosos consejos nos dan sobre los derechos humanos, mientras nos pagan por nuestros productos menos de lo que valen y nos venden los de ellos –con impostergable y sofisticada tecnología– al precio que les da la gana. Y a pesar de que gozan de nuestro favor espiritual que es de todos el que más vale, también son en última instancia los árbitros de la deuda externa y de su pago tan quimérico como brutal.

Rendido tributo a un escepticismo que es producto de las circunstancias y del sentido común, y reafirmándonos en el deseo de que las cosas cambien, hoy queremos decir dos palabras sobre la perestroika. Por tal se entiende la obra de reestructura económica que se ha propuesto sacar adelante Gorbachov, en el seno de la Unión Soviética, uno de los equipos grandes sin duda, que juegan en el clásico mundial. Para ello tomaremos como referencia algunas declaraciones formuladas por Tatyana Zaslavskaya (en adelante Tatyana a secas) a la revista norteamericana Newsweek. Tatyana, que tiene 59 años de edad es una señora de complexión gruesa que supo ser una oscura economista siberiana hasta 1984, cuando un ensayo que había escrito, altamente crítico del sistema económico soviético, llegó a manos de Washington Post donde fue publicado. Cuando la lógica pura hacía temer por su retorno a Siberia –y no precisamente para escribir ensayos de economía– como en los buenos cuentos de hadas, ocurrió que pasó a transformarse en uno de los principales teóricos del esfuerzo de Gorbachov, para la tan manida perestroika.

Preguntada sobre si se va a privatizar la agricultura —vistos los éxitos de China comunista—, Tatyana contestó que no creía en ello. Si bien la gente piensa que "probablemente la forma colectiva es menos eficiente, usted no vive peor que los demás. Tiene su pensión, su cuidado médico, su vivienda". Lo más llamativo del caso, dejando a un lado el impulso que uno puede suponer alienta este sector, es que la economista adelanta opinión respecto de que la mayoría de la gente no desea la empresa privada, en una suerte de transmisión telepática, ya que naturalmente nadie la ha consultado al respecto. En cuanto a las soluciones de la perestroika, apuntan fundamentalmente a que las empresas industriales públicas se auto-financien, para que "el precio de las mercaderías reflejen el costo total que tienen incluidos los salarios". Así agrega que por ejemplo producir "un kilo de carne cuesta 5 o 6 rublos, pero es vendido a 2 rublos. Esto es económicamente indefendible". Naturalmente que si se buscan precios reales "los salarios deberán de ser incrementados". Finalmente ha dicho Tatyana, que el "socialismo con estudio de costos incentivará a las empresas a trabajar con menos trabajadores y desprenderse de aquéllos que son un lastre", a los que por lo demás anuncia que no sabe muy bien dónde, pero que se les ubicará por algún lugar. Más allá de lo difícil de la tarea emprendida, y a la espera de sus resultados, por cierto que se agrava la misión que Gorbachov se ha impuesto, que por lo visto generará algo tan capitalista, como la inflación y el desempleo.

Ricardo Reilly Salaverri

El País 18/8/87

HR

024

EL PAIS

Fundado el 14 de Setiembre de 1918
Directores: Martín Aguirre, Washington Beltrán y Daniel Rodríguez Larreta

Montevideo, Jueves 17 de Setiembre de 1987

¿VIVO O ENTERRADO?

EN un reciente editorial, expresamos nuestra creencia de que no se insistiría con el proyecto de convenio pesquero con la Unión Soviética o anteproyecto o borrador, que todas esas definiciones fueron rodando en el correr de pocos meses, a medida que se fueron sucediendo sin réplica alguna, las voces de alerta, provenientes de diversos círculos. Eran, en efecto, tan abrumadoras las críticas que se habían hecho, que pensábamos que se había llegado al fin de la aventura, y así lo señalamos.

Las objeciones apuntan a la lesión de nuestra soberanía; a los inquietantes rumbos políticos que abría; al sacrificio de nuestra riqueza pesquera; al abandono que el país hacía de sus posibilidades de expansión en el área; a que era impracticable la fiscalización por nuestra parte; a las eventuales complicaciones que podía acarrear en el funcionamiento, en ese aspecto, del tratado del Río de la Plata; a la latitud tan vaga, como imprecisa y peligrosa, que se le asignaba a la participación soviética en la investigación de los recursos pesqueros en aguas uruguayas; al extraño régimen de becas para cursos de especialización en la Unión Soviética, que siempre serán, además, de adoctrinamiento; al grave perjuicio que se ha de ocasionar a nuestras empresas nacionales; al establecimiento de concesiones gratuitas sin contrapartida alguna.

AUNQUE la lista está muy lejos de ser exhaustiva, bajo ese cúmulo de críticas, cada una de las cuales tiene suficiente entidad como para erigirse en obstáculo casi insuperable para el andamiento de esta iniciativa, tan sorpresiva como sorprendente, se hace difícil creer que todavía pueda respirar, vivir y caminar, como si nada hubiera pasado, como si el proyecto de convenio tuviera un dispositivo de propio dinamismo, que lo hace andar, más allá de las objeciones que no han tenido réplica o de los juicios adversos que no han tenido levante. Porque hasta ahora no se han escuchado voces que las procuren refutar: por el contrario, el mismo silencio que presidió las negociaciones, a punto tal que nadie sabe como empezaron ni quienes las hicieron, es el mismo que ha seguido tenaz hasta ahora, tanto para la defensa de las disposiciones que tantas cosas fundamentales parecen comprometer, como para informar si la aventura ha llegado a su fin. Precisamente porque ese silencio ha continuado, siempre cabe la duda si es el que rodea a los proyectos que han quedado definitivamente en el camino, o si es el que también suele rodear a aquellos que calladamente hacen su camino.

LA duda se acentúa, cuando informaciones provenientes de voceros oficialistas, señalan, en ocasión de la venida del Ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, Edouard Shevardnadze, que "muy probablemente se reúna con las autoridades del Instituto Nacional de Pesca, para considerar la utilización de los servicios portuarios de nuestro país por parte de la flota pesquera soviética, así como la posibilidad de que empresarios uruguayos y soviéticos constituyan empresas conjuntas para la explotación de los recursos pesqueros". Y más adelante se recuerda que: "En abril visitó Montevideo una misión comercial soviética que propuso un programa de utilización de la infraestructura portuaria y para definir un convenio de pesca. Tras las negociaciones, Uruguay y Unión Soviética suscribieron un acuerdo marco, para la utilización del puerto capitalino como base de operaciones de la flota pesquera de ese país que cumple funciones en el Atlántico Sur".

MIENTRAS tanto las aclaraciones siguen sin aparecer, lo que agrega razón a aquellas inquietudes. ¿Qué habría pasado en el país, si el anunciado proyecto de convenio, en lugar de ser la Unión Soviética una de las partes, hubiese sido por ejemplo Estados Unidos? Ya veríamos paros y declaraciones desde las autoridades universitarias, hasta las organizaciones sindicales, pasando por intervenciones parlamentarias, mientras una oleada de leyendas y carteles estarían luciendo ya su enérgica denuncia en cuanta pared fuera propicia para ello. Es posible que entonces menudearan declaraciones para clarificar los términos, para rechazar las objeciones, o para adelantarse a señalar que todo se trataba de un infundio.

EN cambio, ahora, por el contrario, es el silencio el signo que ha acompañado a la iniciativa desde su gestación. Como si los graves cuestionamientos contra ella levantados, hasta ahora sin réplica, dejaran de serlo por la presencia de la Unión Soviética, que si bien ha extendido por la fuerza su dominio sobre más de una decena de países desprevenidos o inermes, tratándose de nosotros, velará por nuestros intereses aunque le abrimos la puerta para que los agreda, y respetará las normas del Derecho Internacional que ha desconocido en todos los continentes.

También aquí, pues, como en la histórica ocasión, "el pueblo quiere saber de que se trata".

01.01

8708813

El Día 26/9/87

Demora en convenios de pesca y aéreo con URSS

La decisión para suscribir los convenios de pesca y tráfico aéreo entre Uruguay y la Unión Soviética aún no ha sido tomada y difícilmente podrán firmarse durante la visita que el canciller soviético, Edvard Shevardnadze, efectuará a nuestro país el 5 de octubre próximo.

La información de fuentes diplomáticas precisó que se profundizará el análisis de esos convenios y que la decisión se adoptará "más adelante".

En cambio, ambos [illegible] en vigencia un convenio científico y cultural suscrito por el canciller Enrique Iglesias el pasado 26 de julio en Moscú.

Este convenio programa el intercambio en esas áreas, entre ambas naciones, durante los años 1987 y 1988.

En virtud del mismo se promoverán giras recíprocas de conjuntos musicales, exposiciones pictóricas y de libros, al tiempo que las partes "estimularán el desarrollo de las relaciones entre las organizaciones científicas, culturales e intelectuales".

En [illegible] se intercambiarán especialistas por períodos de hasta dos meses, así como profesores universitarios, conferencistas e investigadores.

Durante la vigencia del programa se analizará la posibilidad de lograr un acuerdo respecto a la equivalencia de diplomas obtenidos por becarios uruguayos en instituciones de enseñanza de la URSS.

En el capítulo deportivo se establece el intercambio de delegaciones, [illegible]

01.01

8708820

Montevideo, viernes 25 de setiembre de 1987

URSS: podrán funcionar empresas semiprivadas

Las deberán operar cooperativas o familias

MOSCU. — El buro político del Partido Comunista aprobó ayer una medida que permitirá la creación de los primeros comercios semiprivados en los últimos 59 años en Unión Soviética.

El buro político, de 14 miembros, cuerpo que rige la política del país, ordenó que establecimientos pequeños y quioscos podrán ser operados por cooperativas o familias, informó la agencia noticiosa oficial Tass.

Los comercios continuarán ligados a empresas productoras mayores, que producirán las mercancías a ser vendidas, pero los establecimientos mismos pueden ser alquilados y operados por familias.

Este tipo de establecimientos semiprivados serán los primeros en el país desde que estuvo en vigencia la nueva política económica, entre 1921 y 1928, impulsada por Lenin como medio de revivir la arruinada economía del entonces joven y amenazado estado soviético.

Lenin, fundador de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas en 1917, murió en 1924, y las reformas económicas experimentales que impulsó a través de la nueva política económica fueron descontinuadas por su sucesor, Stalin, pero no hasta que lograron revivir la economía en 1928. Al desaparecer la NEP, todos los comercios fueron centralizados.

El decreto que permite los comercios semiprivados estará adjunto a la ley del trabajo individual, que entró en vigencia el 1ro. de mayo como parte de las reformas del líder soviético Mijail Gorbachov.

"El buro político del comité central del Partido Comunista debatió y aprobó medidas para mejorar la organización de venta de artículos producidos por cooperativas y ciudadanos que realizan labores privadas", dijo Tass.

"Con este objetivo, las cooperativas de producción y comercialización, con la autorización de las autoridades locales, podrán abrir pequeños establecimientos operados por cooperativas o familias", dijo.

Los establecimientos familiares están dirigidos a resolver el permanente problema de la falta de artículos de consumo para la venta al por menor en una nación cuyos planes económicos quinquenales siempre han estado orientados a apuntalar la producción industrial y militar.

Durante el gobierno de Leonid Brezhnev el país intentó resolver el problema del consumo, pero generalmente falló en la organización de los [illegible]

01.01

8708831

HR

076

LA MAÑANA

06 SET. 1987

Tras dos semanas de manifestaciones

Tártaros abandonan Moscú

MOSCU. (ANSA, EFE y UPI).- El grupo de tártaros de Crimea, que durante las dos últimas semanas realizó concentraciones y manifestaciones en la Plaza Roja, abandonó ya la capital soviética, afirmó ayer un portavoz del Departamento de Asuntos Interiores.

El grupo, que en principio estaba integrado por unas doscientas personas, fue creciendo día a día hasta lograr concentrar a 800 frente a las murallas del Kremlin, en la Plaza Roja, hasta la intervención de la Policía.

Tras las advertencias realizadas por las autoridades municipales moscovitas, el grupo se redujo de nuevo y tuvo que concentrarse en el parque de Ismaizlovo, en las afueras de la capital, donde la Policía desplegó un fuerte control que impidió la presencia de periodistas.

Este grupo de tártaros viajó a Moscú desde diversos puntos del territorio soviético para solicitar al Gobierno que les permitan regresar a su lugar de origen, Crimea, en la República de Ucrania, de donde fueron deportados de forma masiva en 1944 por Stalin, acusados de colaborar con el Ejército nazi.

El pasado día 27 fueron recibidos por el Presidente del Presidium del Soviet Supremo, Andrei Gromyko, que encabeza una comisión especial creada para estudiar el problema tártaro.

Esta iniciativa coincide con recientes referencias públicas en los medios oficiales a la necesidad de reparar las actuales secuelas de aquella deportación masiva, considerada como uno más de los excesos del período estalinista.

Aunque en las primeras concentraciones y manifestaciones pacíficas no intervino la policía, en las posteriores lo hizo para dispersarlos y mantenerlos apartados del centro de Moscú y de la prensa.

LA MAÑANA
06 SET 1987

Posibilidad de acogerse a decreto de amnistía

Condena a Rust podría ser reducida a 16 meses

MOSCU. (EFE).- Medios jurídicos soviéticos consultados por EFE señalaron que existe técnicamente la posibilidad legal de que Rust pueda acogerse a la amnistía decretada el 19 de junio, en conmemoración del 70° aniversario de la Revolución Comunista.

Mathias Rust, el muchacho de 19 años que aterrizó con una avioneta deportiva en la Plaza Roja el pasado 28 de mayo, después de atravesar las barreras de defensa militar soviéticas, fue condenado el viernes a cuatro años en régimen normal en una colonia de trabajo.

Los padres de Rust, que aseguraron después del juicio que estaban preparados para una sentencia similar, permanecen todavía en la capital soviética, indicaron fuentes consulares de Alemania Federal.

El joven piloto germanooccidental Mathias Rust puede ver reducida su condena de cuatro años a sólo 16 meses, si logra acogerse al decreto de amnistía dictado por el Presidium del Soviet Supremo de la URSS el pasado mes de junio.

Los mismos medios insinuaron poco después de hacerse pública la sentencia que la familia de Rust tiene la intención de dirigir una petición de clemencia por escrito al máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov.

En tal caso, la posibilidad de reducir la condena de Mathias podría hacerse real mediante la apelación al decreto de amnistía del Presidium del Soviet Supremo.

En opinión de los medios legales soviéticos consultados, Rust no está sujeto inicialmente a ninguno de los impedimentos que establece el decreto para poder beneficiarse de la amnistía, pues, aunque es extranjero, fue procesado según las leyes de la URSS.

Rust tampoco es un delincuente habitual ni tiene antecedentes penales. El delito que cometió, vandalismo peligroso, está fuera del marco de los crímenes contra el Estado y, además, no causó daños materiales graves.

El decreto establece claramente que las personas condenadas a más de tres años de privación de libertad podrán ser amnistiadas siempre y cuando cumplan al menos un tercio de la pena.

Si Rust logra acogerse a ese artículo, deberá de cumplir solamente 13 meses efectivos de permanencia en el reformatorio, ya que se le cuentan los tres meses y una semana que han transcurrido desde que fue detenido en la Plaza Roja al descender de la avioneta.

Además, la legislación soviética prevé la reducción de las penas de cárcel por buen comportamiento, lo cual podría reducir aún más el período de tiempo real de la condena de Rust.

URSS

024

Huelga de choferes en una ciudad soviética

22/9/87

MOSCU.— Los choferes de autobuses de una ciudad al sur de Moscú realizaron una huelga sin precedentes en la historia soviética para protestar por una reforma económica que habría reducido sus salarios, dijeron fuentes periodísticas.

La huelga, en la ciudad de Chéjov, a 70 kilómetros al sur de Moscú, fue aparentemente una ejecución contra el tiempo de medidas que el líder Mijail Gorbachov ha estado proponiendo como solución de los problemas económicos del país.

La noticia del "incidente" fue publicada por el semanario noticias de moscú, pero no especificó la fecha en que se realizó.

Noticias de Moscú es uno de los órganos de prensa que más han apoyado la política no había ómnibus en las calles de Chéjov", dijo el semanario, "La gente tuvo que irse caminando a sus trabajos".

"Solo al mediodía supimos que los choferes se habían negado a trabajar", dijo el artículo.

A pesar de que ha habido ciertos disturbios laborales a lo largo de los años, oficialmente nunca ha habido huelgas en la URSS, porque no están permitidas como teóricamente en un estado socialista los trabajadores detentan el poder, una huelga sería realizada por los obreros contra ellos mismos.

"Hace tres años hubieran sido acusados de sabotaje", dijo Viktor Vdrunin, subpresidente del Comité Ejecutivo de la ciudad, según el semanario.

El problema fue provocado por un cambio de salarios a causa del sistema "de brigadas" que ha propuesto Gorbachov para otorgar más beneficios a los trabajadores que producen más.

Sin embargo, la protesta precipitó otra serie de quejas de los choferes, desde el estado de los ómnibus hasta la falta de viviendas en el pueblecito industrial, de unos 60.000 residentes.

"La mayor parte de nuestros ómnibus parece como si hubieran salido de una batalla", le dijo el supervisor Nikolai Solyankin al semanario "la edad promedio de los ómnibus viene a ser como la de mi abuela".

Solyankin se quejó también de que no hay lugar donde los choferes puedan almorzar y luego se centró en otro problema, que afecta a todos los ciudadanos soviéticos "conseguir un nuevo apartamento es prácticamente imposible".

Un 20 por ciento de la población soviético padece de falta de viviendas.

01.01

El Popular 24/7/87

SE AMPLIA INTERCAMBIO CULTURAL

ASESUR EN LA URSS

Acaba de concretarse un interesante convenio entre ASESUR (Asociación de Escritores de Uruguay) y la Unión de Escritores de la URSS. El mismo fue suscrito durante la presencia de Saúl Ibargoyen y Jorge Arbeleche, presidente y vicepresidente de ASESUR en la Unión Soviética y prevé el intercambio de delegaciones de escritores de ambos países así como la posibilidad de traducción y publicación de la producción literaria respectiva. Para conocer más detalles de esa experiencia, del mundo cultural soviético, de la perestroika en acción, charlamos con ambos escritores.



En el Campo Marte de Leningrado, una pareja deposita flores a los pocos minutos de haber contraído matrimonio. Escenas similares se viven en toda la URSS, especialmente los días sábados.

COMENZAMOS hablando de los objetivos y de los resultados de su viaje.

Ibargoyen: Este viaje ha sido de singular importancia para ASESUR; se trata de la concreción, de organismo a organismo, de un convenio basado en el intercambio de producción literaria, de escritores y de colaboración mutua para un mayor conocimiento de la realidad cultural de nuestros pueblos. Además significa para los escritores uruguayos, la posibilidad de difundir su obra entre el público soviético de una manera más organizada y eficaz. A pesar de que hay ya escritores uruguayos traducidos y difundidos en la URSS, notamos que allí, al igual que en otros países, hace falta una difusión de la literatura uruguaya como corpus. Por otra parte, el acceder a un público como el soviético, implica ponerse en contacto con la complejidad de su cultura multinacional.

Después de esta enriquecedora experiencia, ha surgido para los escritores uruguayos la posibilidad concreta de confrontar su producción con la de grupos culturales o etnias tan diversas como las que se hermanan en la URSS. Del mismo modo, no es menos importante que la literatura soviética fuera más (y más sistemáticamente) conocida entre nosotros, que es uno de los puntos del convenio.

A pesar de que llevamos más de cien títulos de autores uruguayos, continuarán los envíos de una manera regular. Para esto es importante la colaboración de escritores y editores uruguayos. El interés de los soviéticos por nuestra literatura tiene que ver con el interés que tienen hacia América Latina en su conjunto.

Cuando explicábamos a los escritores soviéticos el alcance de nuestras ediciones, podíamos confrontarlo con su realidad donde, por ejemplo, Vladimir Karpov, primer secretario de la Unión de Escritores, publicó su primera novela en tres tomos con una tirada de cinco millones cada tomo, mientras aquí son de 300 ejemplares y muchas veces pagadas por los autores.

Hay que tener en cuenta que hemos



firmado un convenio entre nuestra asociación que tiene poco más de 120 adherentes con la Unión de Escritores de la URSS que fue fundada en 1932, cuyo primer presidente fue Máximo Gorki, y que hoy tiene más de diez mil miembros.

Jorge Arbeleche: Precisamente el lugar donde se firmó el convenio fue el escritorio de Gorki.

Los entrevistados nos cuentan que tuvieron oportunidad de participar en el VII Encuentro de Traductores, donde pudieron contactar con decenas de los mismos, lo que les permitió conocer la riqueza y multiplicidad del fenómeno de la traducción, en lenguas nacionales y extranjeras.

S.I.: Esto nos debe ayudar a romper con la autopequeñez, a trabajar con más rigor, a organizar nuestra producción, ya sea con el esfuerzo de las editoriales privadas y con el cumplimiento de las obligaciones del Estado respecto de la cultura, así como de nuestra propia función de escritores.

¿Cómo fue su primer contacto con el ambiente cultural soviético entendido en un sentido amplio?

J.A.: "El fenómeno de la perestroika es algo permanentemente tratado por los escritores y por los trabajadores de la cultura en general. Y hasta por los guías turísticos. Es permanente la presencia removedora en lo que se refiera a espectáculos, cine, teatro, literatura. Se están representado y se están volviendo a editar dramaturgos y escritores que durante veinticinco y treinta años estuvieron en el silencio.

Lo que me pareció más importante es la autocrítica; como fenómeno que no consiste en descargar la culpa en los otros, sino como dijo un intelectual con el que conversamos, ellos se sentían cómodos pero no habían tenido el acicate de un estadista y un líder como es Gorbachov, de incentivar esa mirada instrospectiva primero y proyectiva después, hacia occidente y hacia otras formas aún más humanas de socialismo y especialmente hacia el futuro.

¿Qué pasa con la política hacia la juventud?

Hay una gran preocupación por la juventud. Incluso vimos una película donde se planteaba todo ese tema. Hay gran inquietud, sobre qué es lo que el Estado soviético debe brindarle a los jóvenes para que se utilice eficazmente sus energías. Esto lo vimos también en televisión. Ellos han entendido que no se trata de salvar a los jóvenes de las influencias culturales de Estados Unidos, sino de proponerles modelos que a la juventud le satisfagan, y que pueden ser perfectamente locales. Puedo afirmarte que los jóvenes en las repúblicas asisten masivamente a los espectáculos de música folclórica como el que vimos en Tashkent.

S.I.: Tuvimos una entrevista con el director de la revista "Juventud", el poeta Andrei Dementiev que integra la Sociedad de Amistad Uruguay-URSS. La revista está dirigida a los jóvenes. Se publica la creación literaria de las nuevas generaciones, y el tiraje mensual es de tres millones cien mil ejemplares que se agotan y se consiguen en el mercado negro. Los libros desaparecen porque se agotan. El interés por la revista indica la avidez que existe en los jóvenes por los cambios que se generan. Reciben miles de cartas de lectores. Durante el año pasado recibieron cinco mil cartas, pero en lo que va del 87 ya llegaron a 18 mil. Es una renovación del género periodístico, como portavoz de la perestroika. Sacan una sección que se llama "Habitación Número 20", que es el número de la pieza donde trabajan los periodistas. Y en esa sección se publican las cuestiones más urticantes.

Se plantean temáticas muy abiertas, hasta de corte confesional y cuestiones de la creación artística en esta nueva etapa.

Es importante subrayar que hay una marcada preferencia a publicar lo que antes se dejó de editar y lo nuevo.

¿Otras vivencias?

J.A.: Algo que yo había escuchado tipo consignas, en relación a la solidaridad y la fraternidad, lo pude constatar vivencialmente. Y te cuento una experiencia. Estábamos en una plaza de Tashkent y nos detiene una anciana, una sencilla mujer de pueblo con una cesta cargada de verduras. Nos saluda uno por uno, nos acerca a su geografía humana y nos dice paz y amor a cada uno. Esto estaba absolutamente fuera de programa y es reflejo de esa actitud de humanidad que los soviéticos tienen. Y que se constata también en la veneración a sus basamentos culturales. Se comprueba también cuando ves a los jóvenes recién casados que van con su comitiva a depositar ofrendas florales en las tumbas de Pushkin o Tolstoi.

S.I.: Una cuestión interesante y digna de vivir, de oler, de tocar, es el concepto patria para los soviéticos. Son patriotas dos veces. Una por su república de origen y otra por la Unión Soviética. Esa fue una experiencia inédita para mí.

J.A.: En relación con los jóvenes que van a depositar sus flores en las tumbas de los escritores pero también de los mártires de la Segunda Guerra, me hizo ver cómo está viva la memoria. Cuando se habla tanto aquí de que para que un pueblo vaya para adelante debe dar vuelta la página, es importante poder ver una sociedad muy avanzada que conserva la memoria para los jóvenes.

Al culminar la charla ambos poetas nos contaron que en setiembre u octubre de este año llegarán, como cumplimiento del convenio, un grupo de escritores soviéticos a nuestro país.

HR

026

Shevardnadze: se inicia nueva era

WASHINGTON — El ministro de Asuntos Exteriores soviético, Eduard Shevardnadze, calificó ayer el acuerdo de principio alcanzado por Estados Unidos y la Unión Soviética para eliminar los misiles de corto y medio alcance como un "éxito mutuo" de las superpotencias y para todo el mundo que marca "el inicio de una nueva era".

"Es el principio de una nueva era, de un nuevo periodo y también del inicio de una detente", dijo el ministro en rueda de prensa, tras anunciar, como lo había hecho poco antes el presidente estadounidense, Ronald Reagan, que el compromiso será firmado aquí este año entre el jefe de la Casa Blanca y su colega Mijail Gorbachov.

Shevardnadze aseguró que el acuerdo es un "reflejo del espíritu de las de Reikiavik y Ginebra", donde en 1985 y 1986 se [illegible] de las superpotencias.

D1 | 01

8708874

SE AMPLIA INTERCAMBIO CULTURAL

ASESUR EN LA URSS

Acaba de concretarse un interesante convenio entre ASESUR (Asociación de Escritores de Uruguay) y la Unión de Escritores de la URSS. El mismo fue suscrito durante la presencia de Saúl Ibargoyen y Jorge Arbeleche, presidente y vicepresidente de ASESUR en la Unión Soviética y prevé el intercambio de delegaciones de escritores de ambos países así como la posibilidad de traducción y publicación de la produccción literaria respectiva. Para conocer más detalles de esa experiencia, del mundo cultural soviético, de la perestroika en acción, charlamos con ambos escritores.



En el Campo Marte de Leningrado, una pareja deposita flores a los pocos minutos de haber contraído matrimonio. Escenas similares se viven en toda la URSS, especialmente los días sábados.



COMENZAMOS hablando de los objetivos y de los resultados de su viaje.

Ibargoyen: Este viaje ha sido de singular importancia para ASESUR; se trata de la concreción, de organismo a organismo, de un convenio basado en el intercambio de producción literaria, de escritores y de colaboración mutua para un mayor conocimiento de la realidad cultural de nuestros pueblos. Además significa para los escritores uruguayos, la posibilidad de difundir su obra entre el público soviético de una manera más organizada y eficaz. A pesar de que hay ya escritores uruguayos traducidos y difundidos en la URSS, notamos que allí, al igual que en otros países, hace falta una difusión de la literatura uruguaya como corpus. Por otra parte, el acceder a un público como el soviético, implica ponerse en contacto con la complejidad de su cultura multinacional.

Después de esta enriquecedora experiencia, ha surgido para los escritores uruguayos la posibilidad concreta de confrontar su producción con la de grupos culturales o etnias tan diversas como las que se hermanan en la URSS. Del mismo modo, no es menos importante que la literatura soviética fuera más (y más sistemáticamente) conocida entre nosotros, que es uno de los puntos del convenio.

A pesar de que llevamos más de cien títulos de autores uruguayos, continuarán los envíos de una manera regular. Para esto es importante la colaboración de escritores y editores uruguayos. El interés de los soviéticos por nuestra literatura tiene que ver con el interés que tienen hacia América Latina en su conjunto.

Cuando explicábamos a los escritores soviéticos el alcance de nuestras ediciones, podíamos confrontarlo con su realidad donde, por ejemplo, Vladimir Karpov, primer secretario de la Unión de Escritores, publicó su primera novela en tres tomos con una tirada de cinco millones cada tomo, mientras aquí son de 300 ejemplares y muchas veces pagadas por los autores.

Hay que tener en cuenta que hemos firmado un convenio entre nuestra asociación que tiene poco más de 120 adherentes con la Unión de Escritores de la URSS que fue fundada en 1932, cuyo primer presidente fue Máximo Gorki, y que hoy tiene más de diez mil miembros.

Jorge Arbeleche: Precisamente el lugar donde se firmó el convenio fue el escritorio de Gorki.

Los entrevistados nos cuentan que tuvieron oportunidad de participar en el VII Encuentro de Traductores, donde pudieron contactar con decenas de los mismos, lo que les permitió conocer la riqueza y multiplicidad del fenómeno de la traducción, en lenguas nacionales y extranjeras.

S.I.: Esto nos debe ayudar a romper con la autopequeñez, a trabajar con más rigor, a organizar nuestra producción, ya sea con el esfuerzo de las editoriales privadas y con el cumplimiento de las obligaciones del Estado respecto de la cultura, así como de nuestra propia función de escritores.

¿Cómo fue su primer contacto con el ambiente cultural soviético entendido en un sentido amplio?

J.A.: "El fenómeno de la perestroika es algo permanentemente tratado por los escritores y por los trabajadores de la cultura en general. Y hasta por los guías turísticos. Es permanente la presencia removedora en lo que se refiera a espectáculos, cine, teatro, literatura. Se están representado y se están volviendo a editar dramaturgos y escritores que durante veinticinco y treinta años estuvieron en el silencio.

Lo que me pareció más importante es la autocrítica; como fenómeno que no consiste en descargar la culpa en los otros, sino como dijo un intelectual con el que conversamos, ellos se sentían cómodos pero no habían tenido el acicate de un estadista y un líder como es Gorbachov, de incentivar esa mirada instrospectiva primero y proyectiva después, hacia occidente y hacia otras formas aún más humanas de socialismo y especialmente hacia el futuro.

¿Qué pasa con la política hacia la juventud?

Hay una gran preocupación por la juventud. Incluso vimos una película donde se planteaba todo ese tema. Hay gran inquietud, sobre qué es lo que el Estado soviético debe brindarle a los jóvenes para que se utilice eficazmente sus energías. Esto lo vimos también en televisión. Ellos han entendido que no se trata de salvar a los jóvenes de las influencias culturales de Estados Unidos, sino de proponerles modelos que a la juventud la satisfagan, y que pueden ser perfectamente locales. Puedo afirmarte que los jóvenes en las repúblicas asisten masivamente a los espectáculos de música folclórica como el que vimos en Tashkent.

S.I.: Tuvimos una entrevista con el director de la revista "Juventud", el poeta Andrei Dementiev que integra la Sociedad de Amistad Uruguay-URSS. La revista está dirigida a los jóvenes. Se publica la creación literaria de las nuevas generaciones, y el tiraje mensual es de tres millones cien mil ejemplares que se agotan y se consiguen en el mercado negro. Los libros desaparecen porque se agotan. El interés por la revista indica la avidez que existe en los jóvenes por los cambios que se generan. Reciben miles de cartas de lectores. Durante el año pasado recibieron cinco mil cartas, pero en lo que va del 87 ya llegaron a 18 mil. Es una renovación del género periodístico, como portavoz de la perestroika. Sacan una sección que se llama "Habitación Número 20", que es el número de la pieza donde trabajan los periodistas. Y en esa sección se publican las cuestiones más urticantes.

Se plantean temáticas muy abiertas, hasta de corte confesional y cuestiones de la creación artística en esta nueva etapa.

Es importante subrayar que hay una marcada preferencia a publicar lo que antes se dejó de editar y lo nuevo.

¿Otras vivencias?

J.A.: Algo que yo había escuchado tipo consignas, en relación a la solidaridad y la fraternidad, lo pude constatar vivencialmente. Y te cuento una experiencia. Estábamos en una plaza de Tashkent y nos detiene una anciana, una sencilla mujer de pueblo con una cesta cargada de verduras. Nos saluda uno por uno, nos acerca a su geografía humana y nos dice paz y amor a cada uno. Esto estaba absolutamente fuera de programa y es reflejo de una actitud de humanidad que los soviéticos tienen. Y que se constata también en la veneración a sus basamentos culturales. Se comprueba también cuando ves a los jóvenes recién casados que van con su comitiva a depositar ofrendas florales en las tumbas de Pushkin o Tolstoi.

S.I.: Una cuestión interesante y digna de vivir, de oler, de tocar, es el concepto patria para los soviéticos. Son patriotas dos veces. Una por su república de origen y otra por la Unión Soviética. Esa fue una experiencia inédita para mí.

J.A.: En relación con los jóvenes que van a depositar sus flores en las tumbas de los escritores pero también de los mártires de la Segunda Guerra, me hizo ver cómo está viva la memoria. Cuando se habla tanto aquí de que para que un pueblo vaya para adelante debe dar vuelta la página, es importante poder ver una sociedad muy avanzada que conserva la memoria para los jóvenes.

Al culminar la charla ambos poetas nos contaron que en setiembre u octubre de este año llegarán, como cumplimiento del convenio, un grupo de escritores soviéticos a nuestro país.

HR

076

CONVENIO DE PESCA CON URSS

Sr. Director:

Se ha difundido en diferentes medios de prensa la información de la próxima llegada al país del Ministro de Relaciones de la URSS, acompañado por un grupo de asesores.

Tal como era previsible el tema prioritario que trae para tratar con nuestro Gobierno es el Convenio Pesquero de notoriedad.

Pensamos que es necesario insistir sobre este espinoso asunto ya que las enorme importancia no ha captado mayormente el interés del público en general, y sólo la preocupación de pocos hombres públicos.

En términos generales el tema fue polarizado hacia el aspecto técnico de la operación y hacia las posibles derivaciones laborales que pudiera llegar a tener. Muy poco se ha tratado sobre el aspecto seguridad y menos aún sobre el profundo análisis de las consecuencias para nuestro país que puede traer la inserción de este Convenio en lo que se ha dado en llamar el Conflicto de las Malvinas.

Ahora, se acerca la hora de la realidad, el Ministro de Relaciones de la URSS llega con el Convenio abajo del braso dispuesto a obtener su firma, con las ventajas a su favor de contar con la enorme experiencia de su país en esta clase de acuerdos y, principalmente, por ya tener un pie adentro con el compromiso inicialado. ¿Qué espacio de negociación le queda a nuestro país en estas circunstancias? Lamentablemente muy poco. A saber, si se firma, estamos autorizando a la URSS a establecer una base logística en nuestro país para cientos de barcos, supuestamente pesqueros, que rodearán con su actividad a las islas Malvinas significando una fuerte presión sobre los intereses del Reino Unido y porqué no, de la Argentina, y además una expansión soviética en el Atlántico Sur que no será para nada del agrado de los Estados Unidos. No es exceso de imaginación presumir que si se detectare que alguno de esos pesqueros además de sus redes llevara material bélico o estratégico, varias naciones occidentales vendrían a pedirle explicaciones a nuestro país por ser base de mantenimiento de ese barco.

Ahora bien, si no se firma el Convenio, ¿qué excusa podemos dar después de haberlo aceptado en principio y dejarlo llegar hasta las últimas consecuencias?

La solución a este nudo gordiano no es sencilla, pero sí es sencilla la lección que deja. Por nuestra dimensión y nuestro limitado peso específico político hay que volver urgentemente a las clásicas prácticas en política internacional características de nuestro país. Moderación, ponderación de los problemas y paciencia para esperar el momento adecuado, ya que no hay nada más peligroso que la iniciativa de aquél que conoce los hechos a medias. Debemos aceptar que no necesariamente el batir récords de asistencia y organización de congresos significa garantía de una acertada política internacional. Y fundamentalmente comprender que mantener buenas relaciones con todos los países del mundo no nos debe hacer perder de vista que integramos el mundo occidental al que nos unen fuertes lazos ideológicos y amistosos que hay que contribuir a conservar y robustecer.

El País 14/4/87 Jacinto [illegible]

01 | 01

8708887

URSS: CAMBIO DE IMAGEN NO DE SUSTANCIA

En repetidas ocasiones nos hemos referido a los intentos de cambio de escenografía política en Moscú. Frente a Occidente, el protagonista prinicipal, Gorbachov, asesorado por los "americanistas" que rodean al ex-embajador en Washington, A. Dobrynin, pretende que los gobernantes en el Kremlin se pongan el maquillaje de comunistas flexibles y avanzados. Para seducir a Occidente, se habla de reformas económicas, democratización y media docena más de muletillas parecidas.

Pero curiosamente, mientras la mayoría de la gente en Occidente acepta sin reservas las buenas intenciones de las reformas propuestas, nadie se pregunta por qué éstas no se reflejan también en los países fuera del bloque soviético. Es cierto, ahora, que algunas modificaciones tienen lugar en la URSS y tal vez sigan ocurriendo durante algún tiempo más en el futuro, pero —sería bueno que el lector tome nota de esto— ¿qué pasa con la política exterior?

¿Acaso se observa algún cambio que podría afectarnos positivamente a nosotros que, por suerte, vivimos fuera de la órbita de Moscú?

Concretamente, nos referimos a la actividad de los comunistas en los campos sindical, educacional y del comercio internacional.

Como todo el mundo sabe (notoria non egent probatione, es decir, lo obvio no necesita pruebas), en los países sudamericanos la actividad tanto de los sindicatos como en los centros de enseñanza en todos sus niveles, es dirigida y manejada a través de los partidos comunistas, que, por su parte, obedecen directamente las órdenes de Moscú. Es evidente que se está desarrollando una gran ofensiva en estos sectores, y la población prácticamente es rehén de las organizaciones sindicales que se han apoderado de los servicios y la infraestructura de las naciones.

Por otra parte, es notorio que desde hace varios años la URSS muestra un empuje agresivo para monopolizar el comercio exterior, tanto en Argentina como en Uruguay. Los acuerdos pesqueros y portuarios y diversos tratados bilaterales, basados principalmente en el trueque de mercaderías (la modalidad de comercialización más primitiva), ofrecen claro testimonio de que la URSS está ansiosa de dominar también este sector de nuestra región.

La reaparición de la presencia guerrillera en el Cono Sur, [illegible]

Hay indicios de que también detrás de esto se halla la mano de Moscú, aún cuando los "ideólogos" del marxismo están empezando, algo tímidamente, a hablar más de Gransci que de Lenin. Pero esto sería tema de otra nota.

En los países del Río de la Plata, después de muchos años de errores administrativos y políticos que se tradujeron en la crónica ineficiencia de las empresas de propiedad del Estado, se medita acerca de las ventajas de la iniciativa privada y se esté llegando a la sensacional conclusión de que, por lo menos las empresas y entes autónomos estatales que ahora son deficitarios, tendrían que ser traspasados al sector privado. Y aquí precisamente tropezamos con una extraña coincidencia y contradicción a la vez.

Coincidencia, porque, en el mismo instante de la historia, en Moscú, se ha hecho idéntico descubrimiento (glasnost, perestroika, uskorenie y otras yerbas por el estilo); y contradicción, porque los partidos comunistas, socialistas y similares compañeros de ruta, se oponen vehementemente a la privatización, aún parcial, de cualquier empresa en manos del Estado. (En Yugoeslavia, las empresas deficitarias serán clausuradas).

Dicha contradicción, sin embargo, es sólo aparente. Pues si bien Gorbachov pretende cambiar la estructura económica en la URSS e introducir el tan vilipendiado lucro, como espirito movens, en la economía soviética para convertirla en rentable y así beneficiar a su país, los comunistas vernáculos tienen instrucciones de hacer exactamente lo contrario: evitar que las empresas del Estado pasen a manos privadas. Esto con el fin, justamente, de dañar las economías de sus naciones y así hacer que el Estado sea menos resistente a la subversión. De otra manera no se explica su ostinada renuencia a tal variación, siendo así que ahora, en la mismísima URSS, aparentemente, se aboga por ella.

Lo que la URSS considera hoy que es bueno para ella, no lo es, desde el punto de vista de sus intereses, para otros países.

En otras palabras: con excepción de la lucha por el poder de Gorbachov, en Moscú no ha ocurrido nada nuevo para el mundo. Los objetivos del Kremlin, variaciones de tono aparte, son los mismos de siempre. Los instrumentos para alcanzar tales objetivos, los comunistas locales, tampoco han cambiado. Ni tampoco lo han hecho los ilusos en Occidente.

ARCHIBALD DAX

HB

URSS

026

CONVENIO CON RUSIA: NADA POR AQUI...

LOS tres amigos venían caminando por las cercanías del Palacio Santos, donde deambula la gente del traje lustroso, la engominada y el sobretodo de piel de camello. "Mire allí veo un amigo del mundo diplomático, vamos a charlar un rato", dijo uno de los paseantes.

—¿Qué novedades tiene respecto al convenio pesquero que firmaron rusos y uruguayos?

—¡Por favor!, se trata de un borrador y sólo lo rubricaron.

—¡Es cierto!, lo afirmó el canciller Iglesias en la Comisión de Asuntos Internacionales, pero las firmas al pie del documento las vi con mis propios ojos. Por un lado el sub-secretario, el embajador Alberto Rodríguez Nin, por otro el ministro de Transporte y Obras Públicas, Jorge Sanguinetti.

—Bué... es un detalle a discutir, aunque me consta que tiene la fotocopia del convenio. Le quería señalar que por ahora el "borrador" o lo que crea mejor que lo define, "duerme el sueño de los justos".

—¿No habrá convenio entonces?

—Epa, epa, vamos por partes. Uruguay siempre sostuvo que era un acuerdo para prestar servicios, especialmente portuarios, los rusos en cambio manifestaron públicamente, a la vista tengo un reportaje a uno de ellos, que se trataba de un compromiso pesquero. Pareció siempre una conversación entre "sordos" que nunca se aclaró muy bien.

—Exactamente, pero le digo más, las unánimes voces de protesta que se levantaron de los distintos sectores vinculados a la pesca, el categórico informe contrario del Dr. Eduardo Jiménez de Aréchaga, habrían obligado a dejar el "borrador" descansando en un cajón de la Cancillería, sin fecha de desempolvado.

—En una palabra no se firmará el 5 de octubre cuando visite Montevideo el Canciller soviético Eduard Shevardnadze, pese a que más de uno llegó a frotarse las manos.

01.01

URSS: CRISIS DEL ESTADO BENEFACTOR

El mayor estado benefactor del mundo, quizás el máximo orgullo del sistema soviético, está atravesando una crisis admitida oficialmente. Sus principales componentes: un sistema nacional de salud, pensiones a la vejez, atención a la infancia y un sistema masivo de subsidios a la alimentación y la vivienda; todos ellos se están derrumbando debido a serios problemas financieros y sociológicos.

Las soluciones que se están avizorando indican que la URSS se encamina hacia moldes de vida más cercanos a los de Europa Occidental con una diferencia fundamental: la desocupación.

La carga impuesta a los presupuestos de ayuda social en Occidente en la última década por el desempleo masivo prolongado ha agravado considerablemente su situación. Pero la Constitución soviética garantiza el derecho al trabajo. Cuando Mijail Gorbachov dijo al Comité Central que la automatización y la reestructura de la industria habría de hacer perder sus puestos de trabajo a 15 millones de obreros de la industria, recalcó que estaba abocado a la búsqueda de lugares de trabajo sustitutivos. Tendrá que tener mucha suerte para encontrarlos.

Pero, en la aceptación del creciente rol de la medicina privada, el constante desmantelamiento del sistema de subsidios estatales, la aceptación de la caridad individual en el marco del estado benefactor, e incluso la exploración tentativa de un sistema nacional de seguros, vemos una convergencia entre el futuro de la URSS y los estados benefactores de Europa Occidental.

¿Cómo se llegó a ésto? Hay tres razones principales: financieras, demográficas y Leonid Breshnev. Los dos primeros factores son comunes a todo el mundo: un número creciente de pensionistas ancianos que deben ser mantenidos, con la consiguiente carga sobre el presupuesto del Estado. Pero el problema creado por el legado de Breshnev es específicamente soviético y merece ser considerado en detalle.

Breshnev impulsó el mayor "boom" consumista que los 280 millones de habitantes de la URSS hayan conocido nunca. Cuando llegó al poder, en 1964, la mitad de la población soviética vivía en el campo. Hoy la población rural es aproximadamente un tercio y la proporción sigue reduciéndose. En 1964, uno de cada cuatro hogares poseía un aparato de televisión. Cuando Breshnev murió, nueve de cada diez hogares poseían aparatos de televisión, de ellos un tercio de color. La proporción de radios y motocicletas aumentó al doble y el número de máquinas de lavar se triplicó, llegando al 70% de los hogares soviéticos durante los 18 años de poder de Breshnev.

Durante ese período, la producción de automóviles pasó de 200.000 a un millón y medio y los refrigeradores llegaron casi a cada hogar soviético. Junto con los refrigeradores hubo un cambio en la dieta nacional, una importante caída de la dependencia tradicional en pan y patatas con un aumento al doble del consumo de pescado, huevos y manteca y el aumento del consumo de carne de un 50%.

¡Bravo por Breshnev!... salvo por un detalle: todos estos productos tienen fuertes subsidios y ahora el presupuesto del Estado ya no soporta la carga. En los negocios estatales, el kilo de carne cuesta 1.85 rublos al consumidor pero al Estado le cuesta 4.80 rublos producirlo.

El costo de los subsidios llegó a 70.000 millones de rublos al año, alrededor de un quinto del presupuesto nacional. La manera de balancear el presupuesto, fue uno de los grandes desastres de la era de Breshnev. El país gastó cuatro veces más en alcohol los años del gobierno de Breshnev, que en el último año de Kruschev.

No hubo ninguna intención simbólica o un espíritu de agua-fiestas en la campaña de Gorbachov contra el alcoholismo, una de las primeras medidas dramáticas que adoptó luego de llega al poder. Se trataba de salvar al pueblo ruso de la amenaza de u grave daño genético.

Aunque funcionarios soviéticos negaron su autenticidad, e la prensa francesa se publicó un documento confidencial ruso en 1984, según el cual había 40 millones de alcohólicos en URSS. Científicos de la Academia de Ciencias de Novosibirs confirmaron extraoficialmente que estas cifras no son exageradas. Sin duda, el hecho de que haya habido 150.000 arrestos po destilación ilegal en el primer año después de las restriccione de Gorbachov, señala el alcance de la "sed" rusa.

También es un indicador de la dependencia del presupuesto de las ventas de alcohol. El vice director de la Oficina de Precio del Estado, escribió que una de las grandes causas del défic presupuestal era la drástica reducción de las ganancias po venta de alcohol.

En síntesis, la contribución de Breshnev a la actual crisis de Estado benefactor soviético, consistió en la financiación de u "boom" del consumo por medio del alcoholismo. El revertir est proceso es pesadillesco para el Estado. Además, no cabe dud de que dejó una cicatriz permanente en la situación de salud de país.

En mayo de este año "Izvestja" informó de una sesión de l Academia de Ciencias que confirmó por primera vez lo que lo expertos occidentales habían afirmado durante años: que índice de mortalidad infantil en la Unión Soviética era un desgracia para un país avanzado. "Izvestia" admitió que la URS se encuentra en el lugar 50 a nivel mundial, muy atrás de l mayor parte del mundo desarrollado.

Gracias a la "glasnost", la prensa soviética ha confirmad que la expectativa de vida media comenzó a caer en la décad del 70, en gran medida debido al alcohol. Cuando Breshne murió, la expectativa de vida de los hombres era de 64 años (tre años menos que en la era de Krushev). Luego, cuando las cifra empezaron a ser inquietantes, siguiendo la tradición breshnevia na de cerrar un ojo con la esperanza de que el problem desaparezca, ellos simplemente dejaron de publicar estadística Ahora que lo peor pasó, las estadísticas vuelven a ser publicada

Pero la ironía de este éxito soviético en aumentar expectativa de vida, radica en que implicará una mayor presió sobre el presupuesto del Estado. Hoy hay unos 60 millones d jubilados, en una población de 280 millones, todos ellos viviend de pensiones estatales; y Gorbachov prometió aumentar es pensiones.

Todos los estados benefactores llevan en sí el germen d una crisis. A medida que aumentan los costos de salud y número de jubilados, tiende a desequilibrarse un sistema qu siempre dependió de que muchos subvencionaran a pocos. En l medida en que la población soviética envejece, el presupuest estatal deberá hacer frente a los costos de su éxito demográfico

MARTIN WALKER

(Traducido de "The Guardian")

El efecto Gorbachov

Para el Premier soviético, democracia es sinónimo de eficacia no de libertad

...uando se trata de ana... la realidad soviética, ...servan por lo menos ...endencias. La primera ...te a tomar lo viejo ...uevo, la segunda a re... ...r por dogmatismo la ...misma de que pueda ...ucirse algo nuevo. Si la historia de la URSS ...a sucesión de re-estre... y cambios de escena... no es menos cierto ...a pesar de su inmovi... ...prodigioso, el siste... ...comunista pueda man...se eternamente in...ble.

...El nuevo "look" de la ...ica exterior soviética ...omo sus propósitos de ...mas internas no debe ...nos indiferentes.

...Debemos analizarlos a ...z de la reina de las ...as, que en política ...la realidad y los he... Es asimismo necesa... ...gregar que la carga de ...ueba es plena respon...dad de las autorida... soviéticas. Si existe ...tad de mejorar la si... ...ón económica del país, de reducir el gasto militar y democratizar la sociedad, los hechos lo dirán.

Por lo pronto a nuestro juicio democratización supone el cuestionamiento de las bases del sistema político, así como la búsqueda de la prosperidad económica implica el cuestionamiento de las bases del modelo económico. Estas eventuales metamorfosis no dependen ni del capitalismo, ni de las Naciones Unidas ni siquiera de proféticos observadores prontos a imaginar lo que la realidad no exhibe.

Solo dependen de los propios dirigentes comunistas.

Existen algunos antecedentes de recibo que pueden guiarnos en este confuso juego Gorbachov reformista versus Gorbachov continuista.

Nikita Krouchov, uno de los principales reformistas de la historia soviética, fue quien practicó una de las políticas exteriores más irresponsables; represión en Hungría; construcción del muro de Berlín, la aventurera instalación de misiles en Cuba, para citar las más conocidas. El freno a las "reformas" democráticas en China Popular, viene también al caso ya que nos permite reflexionar sobre la real voluntad de los dirigentes comunistas. ¿Esta voluntad, se dirige a la búsqueda de cambios en los modelos comunistas, o bien el discurso "liberal" toma la forma de imán para atraer la ayuda económica occidental?

¿Será casual que desde distintas partes del mundo comunista nos llegue el mismo discurso? China, la URSS, Cuba, Vietnam, pasando por Mozambique, Angola entre los más notorios sufren dificultades económicas tales que la palabra crisis definiría generosamente la situación.

La común panacea ...e expone el discurso de ...arras habla de descentra...zación, rentabilidad, lu...cha contra la corrupción, propiedad privada, rentabilidad entre otras herejías capitalistas. Sin embargo, el aspecto esencial, casi condición, de esta nueva profesión de fe económica, no radica como todo podría indicarlo en el cuestionamiento de las propias bases del sistema comunista. Muy por el contrario lo esencial sería la asistencia económica occidental. En otras palabras si Occidente desea democracia que la pague.

Fracasado el modelo continuista de subvención a través del Estado a sus propias economías, cuando no las de sus satélites, la URSS sin modificar un ápice la esencia de sus estructuras socialistas, pretende que los países desarrollados sean los nuevos agentes que subvenciones modelos en crisis.

Un solo ejemplo bastaría para demostrar que aún con la transfusión económica occidental el sistema comunista no genera progreso económico ni mejora el nivel de vida de los pueblos. Es el caso de Yugoslavia que desde su ruptura con Stalin aplica la[s] principales reformas hoy pregonadas por Gorbachov. La asistencia financiera americana hacia Yugoslavia es de tal magnitud que relacionada a la población es comparable a la de Brasil, sin embargo los resultados y performances económicas son pobres, al mantenerse el esqueleto del modelo.

Parecería que para Gorbachov y los dirigentes



comunistas la democracia es sinónimo de eficacia, no de libertad, constituyéndose así en moneda de intercambio ante el mundo occidental.

Carlos Ponce Suarez

¿Reformas o "Rusificación"?

En la Unión Soviética el poder absoluto radica en el Partido. Todo nuevo Secretario General llegado al poder se fija un primer objetivo: instalar su propio aparato asegurándose su docilidad. Las dos espectaculares medidas anunciadas por Gorbachov se inscriben en esta línea. En efecto la pluralidad de candidaturas y el voto secreto expuestas con gran despliegue propagandístico se aplican a los partidos de las repúblicas, es decir allí donde Gorbachov encuentra las mayores resistencias. Esta "democratización" ofrece al aparato del Secretario General los medios adecuados para imponer sus hombres y quebrar las oposiciones.

Todo este movimiento renovador ... puertas de Moscú, pues la República Rusa es la única a no disponer de un aparato propio del Partido; sus dirigentes son los mismos que los del PC de la URSS.

Al quebrar en la legalidad (las candidaturas plurales y el voto secreto datan de 1934) a los aparatos locales de las Repúblicas rebeldes, Gorbachov da el asalto a las fortalezas inexpugnables en que se habían constituído las nomenclaturas de las repúblicas "hermanas".

Para Stalin nadie era irremplazable (salvo por supuesto el jefe supremo), para Gorbachov la transparencia, vocablo místico de su reinado, tiene sus límites precisos; ella debe servir y no obstaculizar al po-

URSS

026

MONTEVIDEO Y MOSCU "TRABAJAN AMISTOSAMENTE"

Los gobiernos de la URSS y Uruguay están trabajando "en un ambiente de amistad" para fijar las fechas de recíprocas visitas de Sanguinetti a Moscú y Gorbachov a Montevideo, según anunció en "La Mañana" la pasada semana el embajador soviético, Igor Laptev.

Laptev efectuó dicho anuncio en una entrevista concedida al matutino oficialista, que dedicó una página a sus declaraciones centradas en las relaciones comerciales uruguayo-soviéticas, en particular el convenio pesquero y las sociedades mixtas.

El diplomático defendió dicho convenio y calificó de "infundadas" las versiones sobre la posibilidad de que pesqueros soviéticos se lleven las riquezas marítimas uruguayas.

Para el embajador del Kremlin, el convenio pesquero que firmaría el presidente Sanguinetti durante su eventual visita a la URSS "respeta" acuerdos de la ONU sobre Derechos del Mar, la soberanía uruguaya de las 200 millas y además "favorece" a nuestro país.

El convenio "permitirá a Uruguay desarrollar la pesca en el Atlántico, perfeccionar su tecnología pesquera y aumentar el empleo de mano de obra".

VICEMINISTRO EN "LA HORA"

Los argumentos de defensa del convenio pesquero usados por Laptev coincidieron con los del viceministro de la Pesca de la URSS, Nikolai Kudriatsev, difundidos por el diario "La Hora" un día antes a la publicación de la entrevista al embajador en "La Mañana".

Kudriatsev declaró que el convenio daría "beneficios a ambas partes" y que el director del INAPE, Alberto Giambruno, y el ministro de Transporte y Obras Públicas, Jorge Sanguinetti, han señalado "importantes aspectos de la cooperación uruguayo-soviética" en la pesca.

LAPTEV: SOCIEDADES MIXTAS Y "MITRACO"

Además de las referencias al eventual convenio pesquero, Laptev se refirió al probable viaje del canciller del Kremlin, Eduardo Shervardnadze, a Montevideo y a las sociedades mixtas.

Shervardnadze vendría a Uruguay luego de finalizada la Asamblea General de la ONU, dijo Laptev.

En cuanto a las sociedades mixtas, exhortó a los empresarios uruguayos a que "estudien" la nueva ley soviética sobre el tema para "desarrollar el comercio" y puso como ejemplo la labor de la compañía uruguaya "Mitraco", que representa a varias firmas en Moscú.



"MITRACO"

"Mitraco" está estrechamente vinculada a la curtiembre "Midober's", que comercia con la URSS desde poco tiempo después de instaurarse el régimen de facto, según fuentes vinculadas al Partido Comunista uruguayo. Las mismas, revelaron incluso que uno de los asesores de la empresa es el ex-canciller Juan Carlos Blanco.

"Mitraco" abrió sus puertas en un lujoso local de Moscú durante la visita del canciller Enrique Iglesias a la URSS.

El representante de "Mitraco", Juan Carlos Marcaccio, es "muy conocido" y en las calles de la capital soviética "ya casi ni lo multan por algunas infracciones de tránsito porque todos lo conocen muy bien", aseveró Laptev.

En sus declaraciones el diplomático aseguró finalmente que la URSS importará de Uruguay este año por unos 38 millones de dólares y que no está previsto por ahora un aumento del personal de la embajada en Montevideo.

El convenio pesquero entre la URSS y Uruguay es rechazado por los patrones y los trabajadores de la pesca y ha sido motivo de pedidos de informes en el Senado formulados por los senadores nacionalistas Luis Alberto Lacalle y Carlos Julio Pereyra.

Según especialistas, dicho convenio violaría la Ley de Pesca uruguaya, perjudicaría a las empresas nacionales y podría, en un futuro, afectar la soberanía del país.

Fuentes vinculadas a compañías pesqueras indicaron que el convenio entre la URSS y Uruguay no sería ajeno a intereses de grupos económicos estrechamente ligados con el gobierno colorado, a los que "favorecería".

01.01

8709001

LA MAÑANA 5/9/87

"No hay apelación posible", concluye el texto

Rust condenado a 4 años de trabajos forzados

El Tribunal Supremo de Justicia de la URSS rechazó las intenciones pacifistas del joven Mathias Rust y le condenó a cuatro años de trabajos forzados, subrayando que la violación del territorio soviético revela un ánimo de vandalismo aventurero por parte del acusado.



MOSCU.- El abogado de la defensa, Vsevolod Yakovlev (izq.) responde a las demandas del fiscal, mientras el joven germanooccidental Mathias Rust (der., con lentes) escucha en el banquillo de los acusados. (Radiofoto Reuter).

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El joven germano occidental Mathias Rust fue sentenciado ayer a cuatro años de trabajos forzados por burlar las defensas aéreas soviéticas y aterrizar con su su avioneta en la Plaza Roja de Moscú.

En la sentencia, el juez Robert Tijomirov recordó a Rust las declaraciones que éste hizo al aterrizar en la Plaza Roja de Moscú, en el sentido de que "el viaje fue realizado por deseos de bromear".

En los fragmentos principales del texto de la sentencia, el tribunal detalla los hechos delictivos, que comenzaron al despegar Rust del aeropuerto de Helsinki. Después, "de manera premeditada, se dirige a la URSS el 28 de mayo, toma la dirección de Moscú, desconecta su radio y a las 19.45 de ese día aterriza en la Plaza Roja", según el tribunal soviético.

"Además -afirma el veredicto- infringe de forma grave el orden social al sobrevolar la plaza varias veces, y pone en peligro las vías aéreas internacionales y las soviéticas al volar por corredores aéreos reservados al tránsito internacional, y acercarse al aeropuerto Sheremetievo".

La Corte halló que "el rasante vuelo, rodeando edificios y aterrizando sobre un puente con mucho tránsito es muestra de imprudencia, puso en peligro el derecho del pueblo soviético y fue un acto de perverso vandalismo".

DUDAN SOBRE SUS INTENCIONES DE PAZ

"Rust -dijo en la lectura del documento el juez Tijomirov- se reconoce culpable de todo menos del vandalismo de que se le acusa. El Tribunal de Justicia de la URSS pone en duda las intenciones de paz de Rust al analizar sus delitos".

"Al aterrizar, -continúa el texto- Rust declaró a un turista de Alemania Federal, que realizó el viaje por deseos de gastar una broma, lo cual indica sus intenciones de vandalismo aventurero", agrega el texto.

"Al dictar sentencia se toma en cuenta la edad del acusado, y el hecho de que es la primera vez que incurre en un delito penal. Por todo ello, se le sentencia a 4 años de estancia en una colonia de trabajo en régimen normal. El avión no se confiscará y la sentencia es efectiva a partir del 29 de mayo, con multa de 494 rublos por gastos administrativos".

"No hay apelación posible", concluye la sentencia del Tribunal Supremo de la URSS.

CAMPO DE TRABAJO Y MULTA

La condena impuesta a Rust empezará a contar desde el pasado 29 de mayo, concretó la sentencia hecha pública ayer.

Los tres meses que Rust ha cumplido ya en la cárcel moscovita de Lefortovo a la espera del juicio, contarán como parte de la pena.

El resto de la condena Rust deberá de cumplirla en un campo de trabajo en régimen normal, que es el más suave de los cuatro existentes en la URSS.

Además, Rust tendrá que pagar una multa de 494 rublos (650 dólares) por los gastos administrativos ocasionados, pero no se le confisca la avioneta por no ser de su propiedad.

La avioneta deportiva Cessna-172 se encuentra actualmente en los hangares del aeropuerto Sheremetievo de Moscú y será devuelta próximamente al Club Aéreo de Hamburgo, que es su legítimo propietario.

PIDEN CLEMENCIA

El ex presidente del parlamento francés y jefe del grupo parlamentario de amistad Francia-URSS, el socialista Louis Mermaz, pidió ayer clemencia a las autoridades soviéticas para que le sea conmutada la pena al joven alemán Mathias Rust.

En un mensaje dirigido a Mijail Gorbachov, Mermaz solicita la intervención del máximo dirigente de la Unión Soviética para que el intrépido piloto germano recupere lo antes posible la libertad.

Mermaz puso de relieve ante Gorbachov la juventud de Mathias Rust, los ideales que le condujeron a sobrevolar el espacio aéreo soviético y posarse en la Plaza Roja de Moscú, así como la necesidad de mejorar las relaciones entre los pueblos y las opiniones públicas de Europa.

URSS

026

La Mañana
MONTEVIDEO, SABADO 5 DE SETIEMBRE DE 1987

Fue un acto ingenuo, dijo el piloto

"Me siento bien; la sentencia es correcta"

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- "Me siento bien. La sentencia es correcta", dijo Mathias Rust a sus padres.

En el argumento final de la defensa, que duró solo una hora, Rust describió el vuelo como "un acto ingenuo que nunca repetiría".

"Les puedo asegurar que no era mi intención causar peligro o insultar. Yo no sabía entonces del significado para el pueblo soviético de la Plaza Roja", afirmó el joven alemán.

"Este último tiempo he cambiado y les puedo asegurar que reconozco todos los errores cometidos. Les puedo garantizar que si me castigan cabalmente sabré responder a su confianza", agregó.

En su alegato, el abogado defensor Vsevolod Yakovlev, afirmó que "Rust es un buen hombre, una persona muy interesante. Rust no es egoísta en absoluto. Protestaba contra la injusticia en la sociedad".

01/01

024

El Día 4/9/87

Shevardnadze llega a Uruguay

NORA URSS

MOSCU. — El ministro soviético de Relaciones Exteriores, Eduard Chevardnadze, visitará Argentina, Brasil y Uruguay tras la inauguración de los trabajos de la Asamblea General de Naciones Unidas en setiembre, se confirmó ayer oficialmente en Moscú.

Buenos Aires y Brasilia habían anunciado ya las fechas de la visita de Chevardnadze, para fines de setiembre.

En conferencia de prensa, el vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores soviético, Guennadi Guerassimov, no confirmó ninguna fecha y sólo habló de "los proyectos" de viaje del jefe de la diplomacia soviética a Argentina, Brasil y Uruguay, después de su estadía en Nueva York.

El año pasado, Chevardnadze visitó ya Canadá, México y Cuba, después de haber asistido a los trabajos de la Asamblea General de la ONU, en Nueva York.

01/01

8709032

HR

024

Reducen personal las empresas de Unión Soviética

MOSCU. — La reestructuración de las empresas soviéticas —su nueva autonomía y la reforma salarial— se traduce en importantes reducciones de personal que ya han afectado a casi tres millones de personas.

Cuatro mil empresas y organizaciones habían puesto en práctica el primero de julio la nueva escala de salarios, que introduce la noción de aliento material, definida a comienzos del año, según Leonid Kostin, primer vicepresidente del Comité de Estado (ministerio) para el trabajo y los asuntos sociales.

A nivel de productividad, los resultados oficiales parecen alentadores: las tasas de crecimiento de la productividad del trabajo son superiores en 100% a las previsiones del plan en las empresas reorganizadas. En los ferrocarriles, la productividad ha crecido en 6,2% en el primer semestre y en 5,1% en la industria petrolera.

A nivel del empleo, la eliminación de empleos es igualmente impresionante: 200.000 puestos de trabajo suprimidos en las 32 redes ferroviarias del país, 70.000 partidas en el sector petrolero y un total de tres millones de supresiones de empleo sobre 75 millones de puestos en el sector productivo, según Kostin.

Como el desempleo no existe oficialmente en la Unión Soviética este fenómeno confirma en forma espectacular el subempleo latente que prevalece bajo la forma de exceso crónico de efectivos en casi todas las sectores de actividad.

01 | 01

8709036

Bancos especializados para cinco áreas creó la URSS

MOSCU. — La URSS ha creado una serie de bancos especializados en créditos a sectores concretos de la sociedad, aseguró ayer Viacheslav Zajarov, jefe de Administración Económica del Banco Estatal.

El nuevo sistema bancario soviético comprende los bancos de comercio exterior, agroindustrial, de construcción, para el desarrollo rural y el de créditos a la población, afirmó el experto.

La perestroika o reforma que inició el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, hizo que se revisara el antiguo sistema bancario de la URSS, que centralizaba todas las operaciones a través del Banco Estatal.

La especialización de los bancos soviéticos facilitará, según Zajarov, las concesiones de créditos a los particulares que pretenden crear empresas de trabajo individual, lo que permite a los ciudadanos de este país realizar labores en sector de servicios.

D1.01

8709037

Reforma económica

Gravitaciones acerca del futuro nivel de vida de los soviéticos

Viena (ANSA) – Mientras en la Unión Soviética el presidente del comité estatal de la agricultura, Murakhovsky, asegura que el país será autosuficiente en la alimentación dentro de 5 años, los analistas del Departamento de Agricultura de los Estados Unidos afirman que las importaciones soviéticas de cereales aumentarán después del ritmo registrado en 1986, que fue debido a la cosecha favorable verificada en todo el territorio soviético.

Ahora bien, todos los analistas concuerdan en que, para tener éxito, los primeros pasos de la reforma económica de Mijail Gorbachev (dentro de los próximos 3 años), deberán realizarse en una atmósfera de estabilidad interna y ésta deberá manifestarse especialmente en el mejoramiento o, cuando menos, en la conservación del actual nivel de vida del ciudadano soviético.

En ese sentido podría repetirse en la Unión Soviética lo que en Polonia fue definido como "la batalla de la carne", cuyas repercusiones (a causa del encarecimiento del producto) han resultado fatales a los dirigentes polacos.

En la Unión Soviética aunque Gorbachev tiene mayor consenso del que gozaban los dirigentes polacos, la estructura de los consumos –si bien tiende a converger hacia las de las economías europeas de mercado–, indica un indudable atraso.

En efecto, debe considerarse que sólo el 10 por ciento de los gastos familiares de la población se destina a los servicios, contra el 75 por ciento que va a los bienes.

En el aspecto de la cantidad, las necesidades alimenticias están aseguradas ya desde los años '60: con un consumo de aproximadamente 3.400 calorías diarias por habitante, la Unión Soviética alcanzó prácticamente el nivel de los países industriales desarrollados.

Pero, sin embargo, la alimentación soviética se distingue de la de los otros países industrializados porque presenta un superconsumo de papas, pan y pastas y un subconsumo de carne, leche, frutas y legumbres. Actualmente los alimentos de origen animal suministran sólo un cuarto de la contribución diaria de calorías, mientras que en Europa occidental suministran un tercio.

La evolución de los consumos por habitante, de 1965 a 1985, evidencia además el netamente menor ritmo de crecimiento de la carne y la leche, particularmente a partir de 1975. De 1965 a 1975 el consumo de carne ha aumentado en 15 kilogramos por habitante, pero de 1975 a 1985 sólo en 5 kilogramos.

Lo mismo puede decirse por la leche y sus subproductos.

Estos menores consumos de carne y leche son obviamente determinados por una oferta insuficiente, porque el nivel de ganancias de la población –según las estimaciones soviéticas–, permite un consumo anual de 70-75 kilogramos de carne por habitante.

Así lo confirma el hecho de que durante los últimos 10 años el aumento de ganancias de la población activa ha superado las previsiones del plan, particularmente en lo concerniente a los réditos bajos y medianos, los cuales destinan prioritariamente sus recursos suplementarios a la compra de productos alimenticios de calidad superior, sobre todo proteínas animales.

Sólo las conspicuas importaciones de cereales desde Occidente –destinados sobre todo a la alimentación animal–, han evitado una caída del consumo de carne. En esta situación también el previsto aumento de 10 kilogramos de consumo por habitante hasta 1990 es un objetivo al cual las autoridades de Moscú parecen haber renunciado.

Viviendas

Si la situación alimenticia podrá ser levemente mejorada, ya que no cualitativamente modificada, para los ciudadanos soviéticos parece ser más grave la situación en lo que se refiere a la vivienda.

"Más del 90 por ciento de las familias urbanas –dijo Gorbachev en el vigesimoséptimo congreso del partido, en 1986–, viven en departamentos separados", mientras las otras conviven en el mismo departamento.

En realidad, el número de personas que buscan un departamento es mucho mayor de lo que pueden decir las cifras, porque numerosas familias viven en departamentos muy pequeños aunque individuales.

La superficie de los departamentos nuevos es actualmente, en general, de 53 metros cuadrados, contra 42 en 1960. Cada habitación está ocupada por 2.2 personas, mientras que en 1980 lo estaba sólo por 1.5.

En las zonas rurales, los departamentos son un poco más grandes y cada habitante disponía en 1984 de 15.3 metros cuadrados.

Los objetivos fijados por la política de vivienda hasta fines del siglo no precisan los valores de la superficie habitable por persona, ni el número de personas por cada habitación.

Entre el mediano y largo plazo se tiende a disponer de tantos departamentos como para que el número de habitaciones sea igual al número de los miembros de la familia menos uno.

En otros términos, la prioridad corresponde a las aspiraciones de todos: un departamento para cada familia.

18

URSS

026

La condena de Mathias Rust

Por Rosa Call (*)
(Para LA NACION)

LA NACION 14/9/87

Mathias Rust, de diecinueve años, batió el invencible sistema de defensas. ¿No es ésta la más sensacional, verdaderamente la única "noticia" merecedora de ese nombre y, por lo tanto, de ser comunicada? En los últimos diez anos -por poner un plazo- es difícil recordar otras noticias. ¿Y, qué hizo un mundo ante ella? La URSS se convulsionó hasta el grado de destituir al ministro de Defensa Aérea y al ministro de Defensa; la NATO llamó a consejo para estudiar el caso. Hubo un denominador común: era preciso instrumentar nuevas resistencias, más seguras, más férreas, sin posibilidad de intersticio alguno: nada debía filtrarse. ¿Pero, qué hizo otro mundo? Esas personas que estaban en la plaza o llegaron después del aterrizaje pidieron autógrafos, porque percibieron la magnitud de la noticia: se asombraron sin temor ni horror. Parecían saber que era la vida la que había penetrado el sistema defensivo.

Al día siguiente debieran haber tañido todas las campanas en los campanarios aún en pie -sin duda Nietzsche hallo en su tumba- en honor de la irrupción del juego, modo semiolvidado y esencial de la vida. Sin embargo, la vieja Europa, la del ancho rostro, debía reprimir lo nuevo a pesar de que había brotado de sí misma. Encerró a su hijo travieso, no lo comprendió, estaba demasiado cansada. Tras tanta lucha y tanta muerte olvidó hasta sus propias enseñanzas: que la vida siempre renace y que es, precisamente, desde el dolor que lo hace. Desgastadas interpretaciones retornaron idénticamente. "¿No habrá sido el mismo Gorbachov quien envió el avión?" El profundo temor a lo nuevo lo cegó, lo cubrió con el raído manto de lo viejo.

En favor de la vida

En la Plaza Roja aterrizó un joven con la más impecable estrategia de un guerrero que lucha en favor de la vida. ¿Cómo algo tan manifiesto podía ocultarse? ¿Por qué los comentaristas vieron una sola dimensión del hecho, la que requiere ser reprimida en lugar de ensalzada? ¿No será esa ceguera que a todos nos invade el grito de agonía del nihilismo decadente, que consiste en la incapacidad de creer? Pues somos aún más incrédulos que el mismo apóstol Tomás: aquél necesitaba ver para creer, nosotros no queremos creer y por eso no vemos.

Tanto en la revista La Semana como en Time, correspondientes a esa fecha, aparecieron las fotografías de la avioneta a metros del suelo y, luego, en la tierra de la Plaza Roja, con la muralla y los minaretes del Kremlin como fondo. Las vimos pero nos resultó casi imposible creerlo. Así es como la periodista, autora de la nota publicada en La Semana, tituló su artículo: "La increíble historia del alemán de diecinueve años que aterrizó en la Plaza Roja", y con ello expresó nuestra dificultad de creer: esencia misma del nihilismo.

Con la impecabilidad de la estrategia del piloto, que escogió la rampa de un puente como pista de aterrizaje, y lo realizó en el momento en que un aficionado pudo filmar, paso a paso, el acontecimiento, penetró lo nuevo en el más defendido y amurallado núcleo de la repetición neurótica de Occidente. No porque el nihilismo decadente sea privilegio de la URSS sino, simplemente, porque allí se encuentra el núcleo amurallado, las mayores defensas de la enfermedad occidental: un guerrero impecable no podía elegir otro lugar.

Rust se encargó de aclararlo. Cuando le preguntaron por qué había elegido la Plaza Roja, respondió: "Porque yo buscaba la fuente de paz". La Plaza Roja, lugar "sagrado" según uno de los testigos del aterrizaje, como bien lo intuyó el piloto, quien sabía que la salud exige la acción sobre el meollo de la enfermedad. Pero su misión no fue la suicida de destruir; *por lo contrario*, mostró la eficacia suprema de la vida sobre todas las estructuras que se defienden de ella. Quizá fue esto lo que percibió la cordura del piloto del avión de guerra ruso que no interceptó su paso.

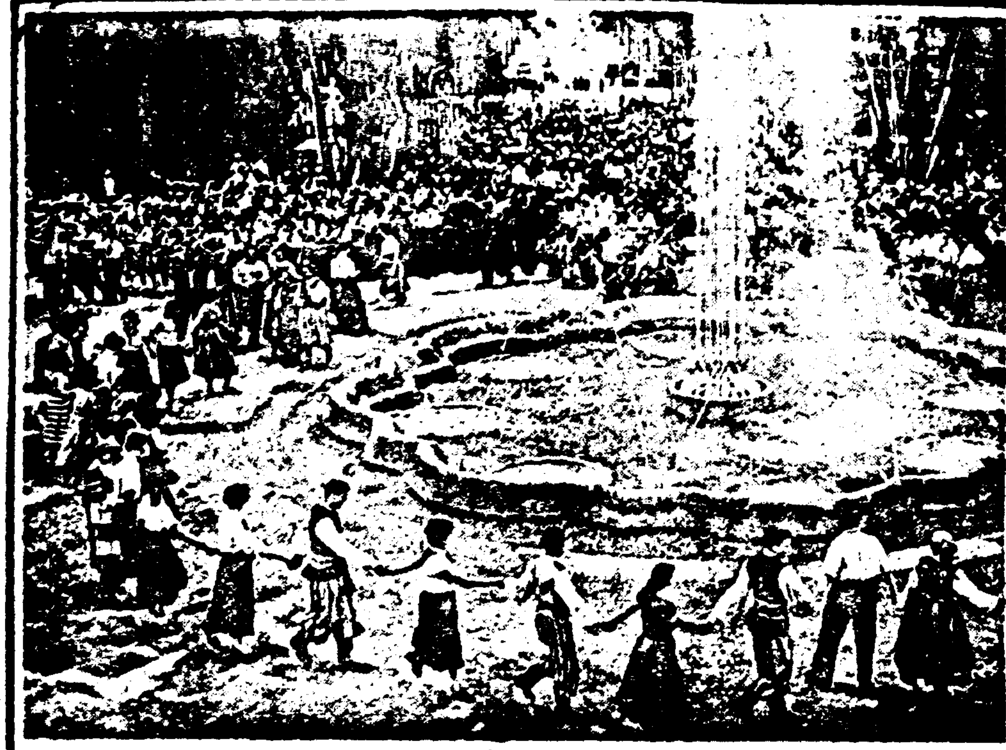
La mayor insensatez

Mathias Rust cometió la, para Occidente, mayor insensatez: el veredicto destaca el carácter "particularmente insolente e insensato de la acción"; algo semejante a "buscar a Dios en pleno día con una linterna", como dice Nietzsche acerca de su personaje, el insensato, en el aforismo 125 de "La Gaya Ciencia". Fue un acto de "locura" y lo pudo realizar porque creyó. Creyó en sí mismo. Recobró la fe perdida por Occidente: la fe en la vida.

Europa, cansada de creer, engendró un hijo creyente, capaz de jugar con absoluta seriedad. Dijo sí a la técnica, sirviéndose de ella para la vida, le dijo no en cuanto a ojivas nucleares y defensas antivitales. Al gran juego planetario de vida o muerte respondió individualmente, apostando a la vida. Realizó una aventura afirmativa, destructora del mito tanático acerca de la inexpugnabilidad de las defensas. Pero la respuesta, también tanática occidental, fue fortalecer de inmediato la resistencia, rechazar la vida, condenarlo a cuatro años de trabajos forzosos. ¡Aunque se reduzcan a dieciséis meses, artera forma de invertir la culpa..! (c) LA NACION

(*) Profesora de filosofía de la UBA; ensayista; investiga la problemática de la mujer.

01.01



Jóvenes soviéticos de las 15 repúblicas de la URSS, en una ceremonia en favor de la paz en el mundo. Junto a la diversión, los esfuerzos cotidianos por una sociedad y un mundo mejores.



La juventud soviética mientras analiza qué ritmo es el mejor, no escatima esfuerzos en bailar y divertirse, como lo demuestra esta foto del pasado Festival de la Juventud.

Los sueños de la juventud soviética

Para el joven mundo socialista no alcanzan las actuales conquistas de estatura histórico-universal. Es necesario dar un nuevo envión, superar las dificultades, emplear la dialéctica como arma teórica, soñar más alto y luchar para que los nuevos sueños se transformen en realidad. Para el joven mundo socialista nada más importante que la juventud. Por ello, al visitar la Unión Soviética en un momento particularmente dinámico y trascendente de su historia, cuando el leninismo en acción genera mareas cada vez más altas de renovación, conversar con representantes de la juventud era para nosotros muy importante. Recientemente tuvimos oportunidad de dialogar abierta y francamente con Alexandr Fiodorov, integrante del departamento de agitación y propaganda del Comité Central del Komsomol leninista, quien acababa de defender su tesis de doctorado en historia. Con él abordamos buena parte de los temas posibles: los sueños de la actual juventud soviética, las repercusiones del XX congreso de la organización, el rock, la familia juvenil, la historia como preocupación especialmente importante en la formación de la nueva generación.

Por Fernando Rama

"No resulta fácil hablar de los sueños como categoría social. Es habitual referirse a los sueños de cada individuo en particular", comienza por decirnos Alexandr Fiodorov, antes de continuar sus reflexiones. "Pero diría que el primer sueño es la paz; por ella no solamente soñamos sino que fundamentalmente luchamos. En segundo lugar diría que nuestra juventud piensa en su actividad social, en su trabajo. No se trata únicamente de consumir sino de qué es lo que cada uno puede dar a la sociedad. En este sentido creo que los jóvenes soviéticos sueñan con un trabajo satisfactorio, que permita el desarrollo de las capacidades creadoras personales. En tercer lugar está la idea de formar una buena familia, una familia estable y numerosa".

Una instancia de discusión que hará historia

Así comienza el análisis de nuestro interlocutor sobre el actual momento del Komsomol leninista, marcado por los resultados y resoluciones del XX Congreso.

El Congreso fue trascendente por varios motivos. Por la profundidad del análisis realizado en el informe presentado por Mijail Gorbachov; en él quedaron planteadas las principales tareas que hoy la vida ha colocado ante la juventud soviética. Fundamentalmente una: el agrupar en torno al Komsomol a toda la juventud en base a las ideas de la reestructura y de la democratización creciente de todos los aspectos de la vida social, económica y cultural.

"En segundo término —nos dice Fiodorov— el Congreso se caracterizó por la composición realmente juvenil. El 62% de los delegados eran menores de 25 años. Pero fundamentalmente, el Congreso fue singular por su espíritu. Se analizaron todos los problemas con interés crítico, constructivo. Y las decisiones adoptadas le fueron tras arduos debates. En el Congreso hablaron más de 700 delegados".

Ahora encontramos a la organización juvenil soviética activamente preocupada por llevar a la práctica las resoluciones, por analizar en detalle los intereses reales de la juventud a todos los niveles. En los institutos de enseñanza superior, en la economía, en la industria, en el ejército, en la agricultura. La organización del tiempo libre y las implicancias sociales de la vivienda para la juventud son dos de los temas más inmediatos.

Cooperativas juveniles

Ha calado hondo la resolución de resolver en forma cooperativa la temática de la vivienda. Esta iniciativa surgió inicialmente en las cercanías de Moscú, en Kaliningrado y en la ciudad de Sverdlov. En las fábricas y en otras entidades económicas existían recursos materiales en exceso, los cuales no eran utilizados por falta de mano de obra. Los jóvenes decidieron reunirse en destacamentos para organizar la emulación socialista en cada fábrica. Durante un año y medio son liberados del trabajo oficial y se dedican a la construcción de viviendas y de los componentes anexos para los servicios de todo tipo. "Pero lo más importante no es en sí la construcción de las viviendas. Eso podría ser resuelto mediante otros recursos. Lo interesante de la iniciativa, que ahora el Komsomol apoya con toda su fuerza, es que en el proceso de trabajo se organiza la cooperación mutua, surgen formas nuevas de relación entre los jóvenes, hay menos divorcios y mayor estabilidad emocional en las parejas, una tendencia al incremento del número de hijos". Es fundamentalmente en base a estos aspectos educacionales que el Komsomol ha decidido generalizar la experiencia de las cooperativas de la amistad, que hoy existen en 168 ciudades de la URSS.

El rock, un tema en discusión

Hay una discusión que por el momento parece encaminada hacia un empate. Al menos nuestro entrevistado confiesa carecer de una opinión formada al respecto y por eso mismo se limita a exponer juiciosamente dos posiciones extremas. Una, la de quienes consideran que la única división admisible en materia musical es entre la música buena y la mala. En la medida que el rock es una moda fuerte, que apasiona a buena parte de la juventud, lo sensato es promover su difusión y, al mismo tiempo, buscar la elevación del nivel de dicho género. Los partidarios de la posición opuesta argumentan que el rock como tal empobrece la vida espiritual de la juventud, que desplaza a otros tipos de música más tradicionales y que eventualmente puede ser la vía de entrada de concepciones ideológicas no socialistas.

Lo cierto es que el debate en torno a la música juvenil adquiere inusitada trascendencia desde que este tipo de expresión cultural ocupa un considerable lugar en la utilización del tiempo libre de la juventud. "A mi juicio un joven no puede vivir sin música. Sólo con el rock tampoco. Creo que lo fundamental es lograr un equilibrio y espero que sobre la marcha la juventud irá encontrando su propio camino", termina por decirnos Fiodorov, adscribiéndose a un cauto eclecticismo.

La historia

Tal vez por tratarse de su especialidad, nuestro interlocutor se apasiona al hablar de las tareas que la actual renovación de la sociedad soviética le reservan a los historiadores. "Hoy la juventud manifiesta un interés mayor por la historia sin manchas blancas, sin acontecimientos lacrados. Hay que educar sobre la base de la verdad y por suerte todo el mundo acepta esto. Este interés por la historia no es meramente filosófico sino que se expresa en tareas prácticas. Hoy la juventud toma con entusiasmo labores que tienen que ver con la restauración de monumentos, las reuniones con veteranos de guerra y otras tareas. Y creemos que cuando la juventud muestra este interés por el pasado, está atestiguando que se siente bien, que tiene seguridad en el futuro".

Este aspecto de la educación de la juventud tiene que ver también con otro aspecto no menos importante: el balance, la proporción adecuada, entre los conocimientos técnicos y los conocimientos humanísticos. En este sentido la educación soviética vive desde hace unos años un viraje importante, después de haber privilegiado, tal vez excesivamente, la enseñanza de la ciencia y la técnica sin el suficiente contrapeso de las humanidades. Hoy ha calado más hondo que nunca la idea marxista de formar personalidades con alto grado de especialización científico-técnica pero sobre una base humanística sólida. El Komsomol apoya esta orientación con mucha claridad.

Otra proporción constantemente presente en los desvelos educativos de la organización juvenil soviética es la que debe existir entre los componentes patrióticos e internacionalistas de la formación de la personalidad.

En el seno de esta compleja temática se sitúa la relación entre jóvenes de diferentes nacionalidades. El Komsomol parte de una realidad propia del socialismo: la ausencia de prejuicios raciales, la derrota de la mentalidad estrechamente nacionalista. Este inmenso logro se mide en cifras contundentes. Ya en 1959 el número de matrimonios mixtos era de 102 cada 1000. La cifra ha aumentado sin cesar y hoy se sitúa por encima de los 200 matrimonios mixtos cada 1000 en muchas repúblicas. Pero la tendencia a la homogeinización étnica y nacional es muy fuerte y predominante, lo que permite prever un ulterior incremento de aquellos guarismos.





MIJAIL GORBACHOV

VAMOS A HABLAR A PLENA VOZ

EL Comité Central del PCUS celebró un encuentro con dirigentes de los medios de comunicación de masas y con dirigentes de las uniones artísticas. Los asistentes intercambiaron opiniones respecto al creciente papel, que corresponde desempeñar a la prensa, la televisión y la radio en el contexto de transformaciones y cumplimiento de las tareas que trazó el Pleno de junio (1987) del CC del PCUS. En el encuentro intervino **Mijail Gorbachov**, secretario general del CC del PCUS.

Hemos vuelto a reunirnos. Es una buena tradición, pienso. Damos alta valoración al aporte que nuestros medios de comunicación de masas hacen a las transformaciones. Al decirlo, me refiero asimismo a nuestras revistas incluidas las literarias, pues en éstas ocupan mucho espacio los apartados referentes a temas cívicos. Yo diría incluso que el partido quizás no lograría desarrollar al actual nivel el debate de todos los problemas vinculados con la renovación —es una problemática muy amplia, multifacética y contradictoria—, si inmediatamente después del Pleno de abril (1985) del CC del PCUS, los medios de comunicación de masas no se hubieran incorporado enérgicamente, con plena entrega, a este proceso.

EL PROCESO RENOVADOR NO ES UNA NEGACION

Se están operando cambios, lós vemos con nuestros ojos. Antes del Pleno de enero, la situación era diferente, y luego los acontecimientos empezaron a desarrollarse de un modo completamente nuevo. Al preparar el Pleno de junio del CC del PCUS, vimos claramente que aunque el punto central de su agenda sería la reforma radical de la gestión económica, no podríamos prescindir de referirnos a cómo marcha todo el proceso renovador. Ello es bien comprensible. Estamos conscientes de la importancia que tienen los fenómenos básicos de nuestra economía; sin embargo, la reforma económica no marchará si la intentamos materializar sin conexión con otros campos de la vida social, en primer lugar, tales como el espiritual y el político, la democracia y otros.

Me refiero con tanta frecuencia a la sociedad, porque el Comité Central y el Buró Político determinan su política partiendo de los intereses de desarrollo de la sociedad, tomando en consideración las tendencias que se observan en el desarrollo social y los problemas que preocupan a la sociedad y suscitan debates. La sociedad no es algo amorfo, naturalmente, la integran fuerzas concretas: la clase obrera, el campesinado, los intelectuales, pero dentro de estas fuerzas hay capas con sus intereses y características particulares. Diversas clases y capas de nuestra sociedad, partiendo de su experiencia y las condiciones concretas de vida, enfocan de diferentes modos el proceso renovador y los problemas que surgen en relación con ello.

En la sociedad se han acumulado numerosos problemas pendientes de solución, particularmente es muy tensa la situación económica. A ello debemos orientarnos, conscientes de la situación que ha madurado en la sociedad, y comprender que hemos hecho una opción correcta. Estos dos años últimos han mostrado que se fortalece la fe de la gente en que es necesaria la renovación. Incluso algunos se muestran inquietos por si se la hiciera fracasar.

Quisiera subrayar (al respecto se habló en el Pleno de junio) que el proceso renovador no es una negación, y aun cuando se trata de ésta, es una negación dialéctica. Rumbo a la aceleración y a la aplicación de reformas radicales, no nos apoyamos en resbaladizos terrones en medio de un pantano, sino sobre una firme y sólida base, cimentada por varias generaciones de soviéticos durante la lucha a lo largo de nuestro avance como pioneros. Hubo de todo: enormes logros y también pérdidas. Tuvimos que pasar por duras pruebas. Lo digo porque incluso entre ustedes noto hondas preocupaciones: ¿no se convertirá la nueva etapa en una negación de todo lo que hubo, no habremos olvidado nuestra historia, no se manifiesta en la política actual una subestimación de lo realizado por las generaciones anteriores? Opinar y pensar así sería erróneo, camaradas.

Por eso ruego a ustedes: elévense por encima de las emociones propias, por encima de las comodidades y los cómodos estereotipos. Elévense y piensen en el pueblo, en la sociedad. De lo contrario, no nos alcanzarán las fuerzas para continuar la labor iniciada. Ya lo he dicho, y así lo creo, que esa labor nos une a todos: estamos en el mismo barco, nos hemos hallado y nos hallamos a un mismo lado de la barricada, hemos marchado y marchamos por el mismo camino.

LA POLEMICA ES ALGO NORMAL

Las cuestiones más peliagudas hay que debatirlas observando las reglas del respeto mutuo. Hasta en el punto de vista más extremo se puede hallar algo valioso, algo racional, pues la persona que lo defiende honestamente expresa su inquietud por la causa común. Ustedes deben recordar lo dicho por Lenin: que es necesario saber analizar las posiciones del oponente, incluso las de un enemigo de clase, porque nadie plantea los problemas con tal profundidad y rigor, nadie insiste tanto en hallar los puntos flacos en tus posiciones como tu enemigo. Pero en nuestro caso no se trata de lucha de clases, no se trata de un antagonismo, sino de una búsqueda, de un debate acerca de cómo abrirle el paso a los cambios radicales en nuestra vida, cómo acelerar el avance, afirmar el paso y hacer irreversible el movimiento. De ahí que no vea ningún drama en la polémica, en la compaginación de puntos de vista distintos. Se trata de algo normal.

Ahora es como si estuviéramos estudiando democracia, de nuevo. Estamos aprendiendo. Nos falta cultura política, la cultura de discutir, de respetar el punto de vista del compañero, del camarada: hasta eso nos falta. Somos un pueblo emotivo. Claro que podremos vencer todas estas dificultades. Iremos madurando. Rogué comunicarles a los camaradas que damos alta valoración a todo lo hecho desde abril de 1985 por nuestra intelectualidad artística, y confiamos en que seguirán aumentando su aporte.

Así, pues, hemos de "sincronizar nuestros relojes" constantemente. No tengo fundamento alguno para formular cualquier tipo de grave reproche político. Aun cuando se han manifestado algunos extremismos —y sabemos que sí han tenido lugar— nos consta que todo ha transcurrido en los marcos de la lucha por el socialismo, por su perfeccionamiento; en los marcos de una lucha que respondía a los intereses del pueblo.

Pero si se empieza a buscar y tratar de embutirnos valores y descubrimientos que no corresponden a los intereses del pueblo y del socialismo, entonces el Comité Central someterá a crítica pública tales intentos, les dará la valoración adecuada y, en los marcos de la democracia y de la transparencia, sostendrá con firmeza los principios de sus posiciones. Considero que sería lo correcto.

Soy absolutamente franco con Uds y deben sentirlo. Con Uds. hablo de mis profundas convicciones. Puedo equivocarme en algo y no pretendo decir la verdad absoluta. Debemos buscar en conjunto la verdad. Debemos buscar el momento de la verdad desde el punto de vista conceptual, desde el punto de vista de la política práctica, desde el punto de vista de los métodos, desde el punto de vista de lo que es, por decirlo así, nuestro punto de apoyo. Me refiero a la tarea de despertar de veras las fuerzas en el hombre y en utilizar su rico potencial político, cultural y científico, que se ha acumulado en nuestra sociedad durante los años del Poder Soviético.

Por eso en el Pleno del Comité Central, celebrado en enero pasado, promovimos todo un programa constructivo

PASA A LA PAGINA SIGUIENTE

temas



70 AÑOS DE LA REVOLUCION DE OCTUBRE: PATRIMONIO COMUN



VIENE DE LA PAGINA ANTERIOR

cuya esencia consiste en desplegar el proceso de democratización para impulsar la actividad y el interés del hombre en todos los dominios de nuestra vida. Camaradas, esto es lo fundamental, esto es el punto clave de lo que hacemos.

COMPAGINACION DEL INTERES INDIVIDUAL CON EL SOCIAL

Una esfara tal como la economía no es excepción aquí. La economía la enfocamos de modo que el hombre intervenga activamente en los procesos de producción. El socialismo brinda amplias posibilidades, al respecto. Porque los cimientos socialistas no los coloca la propiedad privada, sino nuestro patrimonio común.

V. Lenin, en su artículo "Sobre la cooperativa", escribió que la piedra de obstáculo para muchos y muchos socialistas era el grado en que se compagina el interés particular, o sea, personal, con los objetivos de la sociedad, el control y la verificación de dicho interés por el Estado, el grado de subordinación de este interés a los intereses comunes. El vio en la cooperativa un método de compaginar el socialismo con los intereses del hombre. Nos guiábamos justamente por este principio metodológico general, dándonos cuenta de que el asunto no saldrá del punto muerto sin unir firmemente la propiedad social con los intereses del hombre, tanto materiales como espirituales. No se puede hacer dinámica y viable la sociedad sin tener presente los intereses, si ellos no influyen, mediante conexión inversa, en política, en la sociedad. Por eso el Pleno del CC (junio de 1987) planteó el problema de los intereses. Incluir en el mecanismo económico general los intereses del hombre, le permitirá sentirse dueño, hará más activa su participación en todos los procesos de la vida de nuestra sociedad.

Hemos empezado, como ustedes saben, por la ley sobre la empresa estatal (agrupación de empresas), por determinar las vías para realizarla. Según los resultados del debate de todo el pueblo, hemos incluido en la ley cuanto se ha estimado necesario e hicimos en ella las correspondientes rectificaciones. Cabe señalar que algunos formulaban propuestas incompatibles con nuestro sistema; en particular, nos proponían renunciar a la economía planificada. No hemos aceptado esta propuesta, ni jamás la aceptaremos, por cuanto nuestra tarea es fortalecer el socialismo y no suplantarlo por otro sistema. Eso está absolutamente claro, y por consiguiente, tampoco podemos admitir muchos elementos que de otra economía se nos proponían. Más aún, estamos seguros de que el socialismo, puestos en acción sus principios fundamentales, dispone de cuanto es necesario para hacer funcionar los intereses del hombre y utilizar las ventajas que ofrece nuestra economía planificada. En la etapa actual, tomando en consideración lo que representa hoy nuestra sociedad, eso nos dará la posibilidad de imprimirle nuevo dinamismo a la economía.

Ahora que en la sociedad reina un favorable ambiente espiritual y moral, un ambiente de transparencia, ahora que en el país se amplía la democracia, tenemos que elaborar la correspondiente base jurídica para todos estos procesos. Aquí hay mucha democracia de boquilla, aunque también es preciso utilizar más plenamente las bases jurídicas que existen. Estamos reflexionando sobre este problema para presentar las correspondientes propuestas al estudio de la XIX Conferencia Nacional del Partido. Con el programa de la reforma radical de la gestión económica hemos desplegado un frente para avanzar en todos los sentidos de la democratización de la sociedad, para acelerar y profundizar el proceso renovador.

PERCIBIR A TIEMPO TODO LO NUEVO

Surge, naturalmente, una pregunta: ¿En qué etapa estamos en este momento? Se ha configurado una nueva situación. Se necesita asimismo comprenderla. Si aceptamos haber creado las premisas en cuestión, entonces hoy llega el momento tal vez más responsable. Se necesita ponerlo todo en práctica. Quiere decir esto que millones, decenas de millones de personas enfrentarán una grandiosa tarea. Se trata de una verdadera revolución que también abarca el intelecto, la mentalidad y las formas de enfocar los problemas. Lenin advertía, según conocemos, que no se ha de tomar en broma la revolución, no se ha de jugar con ella. Si nos comprometimos a hacerla, hemos de estar a la altura de nuestro objetivo, procediendo con gran responsabilidad y tomando conciencia de que sería fatal la demora en la realización de las decisiones concretas, adoptadas ya a tono con el programa de las transformaciones.

Por eso, diría que sobreviene una etapa de labor constructiva. Probablemente habrá compañeros que digan que ello significa: basta de críticas. Creo que no es correcto. Estoy seguro de que no vendrá la etapa constructiva si no se sigue manteniendo una atmósfera de apertura, de transparencia, de crítica, de discusiones amplias y responsables que reflejan preocupación por las necesidades del pueblo y por los destinos del Estado y la sociedad.

Por eso, lo principal para nosotros es actuar enérgicamente en pos de nuestro objetivo; buscar posibilidades, criticar fallos y deficiencias, dando apoyo a todo lo nuevo y constructivo; promover una postura activa y promover la iniciativa, ir profundizando la democracia y la transparencia informativa, es decir, aquello que consolida el espíritu de la renovación y contribuye a acelerar nuestro desarrollo socioeconómico; buscar nuevas formas de trabajo que coadyuven a incorporarle masas cada vez más amplias del pueblo, millones de trabajadores. En esto consiste la esencia socio-política de la actual etapa del proceso renovador.

Hoy es importante percibir a tiempo todo lo nuevo, por mínimo que sea, que favorezca al progreso de nuestra causa. En el Pleno de junio del CC aduje muchos hechos concretos, a fin de demostrar que ha comenzado un proceso positivo; hemos de distinguir bien toda iniciativa nueva. Hemos de aprender de Lenin. Me refiero al sábado rojo en la estación ferroviaria Moscú - Sortirovochnaya y las certeras interpretaciones que Lenin dio a esta iniciativa y que todavía, a través de tantos decenios, siguen siendo de inapreciable valor para nosotros y lo serán en el futuro.

En la presente etapa de labor constructiva y de realizaciones constructivas, muy importante resulta ver cuanto de positivo ocurra en el país. Es especialmente importante establecer comparaciones, tomando para ello dos distritos, dos empresas, dos regiones o dos repúblicas y demostrando que un enfoque se traduce en adelantos, aceleración y buenos resultados y otro enfoque, con su apatía, inercia, métodos caducos y rutinarios frena la iniciativa de los colectivos y de los individuos. Hoy éste es el tema principal de los artículos que aparecen en las revistas y los diarios, así como el de nuestra literatura narrativa.

Admitirán ustedes, —estoy seguro de que también han llegado a esta conclusión—, que ahora como nunca debemos mostrarnos más enérgicos, responsables y concretos. Habrán visto, quizás (al menos, debían verlas), dos ideas que queríamos enunciar en el informe al Pleno de junio del CC, aparte de lo que se expuso en función de la puesta en práctica del programa de fomento económico.

EL PARTIDO DEBE SERVIR DE GUIA

Primero. El partido no puede quedar rezagado de los procesos que transcurren en el seno de la sociedad. En cuanto se rezaga, siquiera en algún sector, surgen desajustes y excesos. Y, por el contrario, cuando el partido se halla a la altura debida, él aprovecha a fondo su potencial, su prestigio, sus posibilidades y, en este proceso, sus posiciones de vanguardia, en vez de actuar ateniéndose al principio de "no dejar hacer", prohibir o denegar, derogar, etc., postura que es deficiente. El partido debe servir de guía y es capaz de hacerlo por poseer el correspondiente potencial en materia de cuadros de dirección, teoría, política y moral. Quiero, pues, subrayar lo de moral. Habiendo mostrado, en la primera parte del informe presentado al Pleno de junio del CC, [illegible] contradictorio de la actual etapa de reorganización, mostrado la esencia de las tareas inmediatas y a largo plazo, así como habiendo enunciado el concepto de la reforma radical, el partido corroboró con ello que cumple su misión como fuerza rectora, verdadero organizador y vanguardia política de la sociedad.

No creo que nadie conciba la idea de que se puede prescindir del partido. Tenemos a nuestras espaldas 70 años y podemos sacar conclusiones categóricas a este respecto. Muy especialmente ahora, cuando vivimos la etapa de transformaciones radicales en nuestro Estado, cuando desplegamos amplios procesos de democratización, abrimos discusiones, emprendemos búsquedas y cuando, a la vez, debemos asegurar sobre la marcha las transformaciones, y avanzar. Sin un partido capaz de basar en criterios científicos y proponer una política y una estrategia adecuadas para cumplir las tareas prácticas, es imposible lograrlo, como tampoco es posible lograrlo sin los cuadros de dirección que el partido viene preparando desde hace decenios. Si hay quien piense lo contrario, anda equivocado, cuando menos. La sociedad socialista necesita un partido activo y fuerte, y el propio partido necesita vivir una vida plena de sustancia. Solo en este caso puede cumplir su misión de organizador y dirigente. En la Conferencia Nacional del partido, que se celebrará el año próximo, analizaremos pormenorizadamente muchas cuestiones, incluidas las que se refieren a la labor del propio partido.

RESULTA QUE EXISTEN FRENOS

Es la primera idea. La segunda es que el pueblo muestra fuerte alarma por el proceso de transformaciones. Ya he dicho cómo viajé al cosmódromo de Baikonur, vi trabajar nuestros equipos y me entrevisté con gente. Durante una de esas entrevistas, me preguntaron: "Mijaíl Serguéievich, ¿cuándo nos llegan las transformaciones?", a lo que respondí: "Pregúntenles a sus dirigentes, que piensen en eso y luego se lo digan". El pueblo tiene una excelente cualidad: jamás se deja engañar.

Cuando pintábamos de color rosa la vida, el pueblo veía todo y perdía interés por la prensa y por la vida social. Pensaba, y con razón, que lo humillaban e insultaban a la hora de falsificar los hechos. Conoce la vida como ella es. Lenin decía que el hombre analfabeto está al margen de la política, pero nuestro pueblo es instruido: tal como hemos actuado estos últimos años significa mantenerlo al margen de la política. Es una falta de respeto al pueblo. Esto, en cierta manera, supone compartimiento de la sociedad. Ahora hay que ponerlo todo en su debido lugar mediante el proceso de democratización. Existe una sola fuerza decisiva: el pueblo. Es él quien promueve dirigentes, guías, líderes y escritores... Todo sale del pueblo y vuelve al pueblo.

La gente, partiendo de su experiencia de vida, se dio cuenta de estas contradicciones entre la palabra y el hecho. Resulta que no todo marcha bien. Resulta que existen frenos, ciertos fenómenos que preocupan mucho a la gente. La gente se da perfecta cuenta de que existen problemas de reorganización, para resolver los cuales se requiere un quinquenio, quizás dos o tres. Son cuestiones fundamentales de extrema importancia que deben cambiar de raíz la nación. Pero hay problemas como, por ejemplo, el trabajo del comercio, el del transporte público, el del orden público en las calles y la esfera de los servicios. Pues, ¿cómo allí se la trata a la gente? ¿Existe un ambiente de respeto o prospera la grosería? ¿Cómo se resuelven los problemas de la vivienda, si hay mejoras, [illegible] en la calidad? Esta es la [illegible] [illegible] en que el hombre se sumerge al

SIGUE

temas









Fotos de Raúl Legnani. URSS, julio de 1987

VIENE DE LA PAGINA ANTERIOR

terminar su jornada laboral: cómo mantener a los hijos, a la familia, y cómo resolver unos u otros problemas. Algunas veces, en su desesperación el hombre se dice: "Los discursos de los dirigentes varían, pero la vida sigue sin cambiar..."

Por esta razón, en el informe al Pleno apareció una parte dedicada a las tareas inmediatas e insoslayables que debemos abordar sin demora y con ímpetu. La prensa debe tomar bajo su control estas tareas y necesidades del pueblo y mostrar la actitud de cada cual hacia estas tareas, y por consiguiente, la actitud hacia el pueblo.

ACERCA DEL IGUALITARISMO Y LA DEMOCRACIA

Cualquiera que sea el puesto que el hombre ocupe, si pierde su sensibilidad hacia las necesidades y hacia el dolor de sus semejantes, deja de comprender cómo ellos viven, no es el hombre que se necesita y debe ser sustituido por otro. ¡No lo necesitamos! De esto hablé también en el Pleno del CC. Tal actitud, en modo alguno significa falta de respeto a los cuadros. Es verdad que a nuestros cuadros, a nuestros intelectuales, a nuestras personas de talento, se les debe rodear de atenciones y cuidados.

Si nos ponemos a medir a todos por un mismo rasero, no quedará un solo talento ni un trabajador concienzudo. Esto no es socialismo ni justicia social, sino igualitarismo y demagogia. Por cierto, algunos demagogos sociales se han infiltrado también en algunas redacciones de periódicos y revistas. Es a los cuadros a quienes someten a críticas más duras. Debemos darnos cuenta de que es enorme el aporte de los cuadros al proceso de transformaciones. Claro que también entre ellos hay quienes convirtieron sus respectivos municipios y koljoses en feudos propios. Esta gente hay que sacarla a la luz del día. Y, sin embargo, no debe ser irrespetuosa la actitud hacia los cuadros de dirección, en general.

Al propio tiempo, los cargos de dirección no deben desempeñarlos personas insensibles y desconsideradas, que hagan la vista gorda ante las necesidades del pueblo y las traten con descuido. De esto se habló en el Pleno de junio del CC, y pido a ustedes tomarlo todo en consideración y actuar adecuadamente. Hacer que cuantos se desvelan por el hombre, por las cosas más sencillas, tanto en el centro como en la periferia, sean los más aclamados por nuestra prensa, y que los más censurados sean quienes descuidan todo.

ANTE LOS HECHOS DE INCUMPLIMIENTO

En la reciente reunión del Buró Político del CC se habló de que, desde hace cosa de dos o, quizás, tres años, se adoptó una serie de disposiciones con miras a facilitar a la gente parcelas de tierra, casas de campo, materiales de construcción, servicios de reparación, etc... Además, se dijo que, independientemente de la necesidad que nuestras empresas de construcción tengan de esos materiales, hay que suministrarlos al pueblo, ponerlos en venta. Cuando se comenzó a comprobar cómo se cumplían las disposiciones, resultó que numerosos organismos las incumplen de manera sistemática. Entonces se decidió: si volvemos a registrar hechos de incumplimiento de las disposiciones, destituiremos de sus cargos a los culpables y lo haremos abiertamente, en público.

Tomemos el problema de los alimentos. En muchas regiones lo resuelven con éxito. A repúblicas y regiones se les concedió el derecho a reservar para ellas todo (después de hacer sus entregas al fondo nacional) a fin de satisfacer las necesidades de la población local, y lo hicieron con buenos resultados. Muchos de ustedes lo saben. En Saratov, todo el año están en venta 17 variedades de hortalizas y tampoco hay escasez de otros víveres. También ha cambiado la situación en Volgogrado, Tselinogrado, Stávropol, Krasnodar, Omsk, Barnaul, Bélgorod y otras ciudades. Allí se realiza un trabajo ingente que aporta sus frutos. Puedo mencionar muchas ciudades y regiones como las que acabo de citar. Es grato saber que también en Tula y Kaluga comenzó un proceso semejante. Entonces se pueden resolver problemas de este género aun en las regiones que presentan mayores dificultades. Esto se refiere también a la zona de tierras no negras que es nuestro dolor de cabeza. Urge potenciar esta zona: construir casas, caminos, acondicionar estas tierras en todos los aspectos. Mucha gente quiere asentarse en estas comarcas. Nos proponemos realizar, paso a paso, todo lo programado con vistas a desarrollar la zona. Incluso en regiones de mayor atraso, si a nuestra gente le damos la posibilidad de dar a conocer sus dotes y talentos, todo marchará a pedir de boca.

EL 70° ANIVERSARIO Y LOS AÑOS 37-38

Otro tema importante es el del 70 aniversario de la Gran Revolución Socialista de Octubre. Habrá que darle una mayor cobertura a este extraordinario acontecimiento de nuestra vida. Todos nosotros somos hijos de esta revolución, y nuestra actual sociedad es el resultado de los 70 años, transcurridos a partir del triunfo revolucionario. Es nuestro patrimonio común, el punto de viraje en la historia de la humanidad, el camino hacia un mundo nuevo.

¡Cuántos cambios no habrán ocurrido después de nuestra revolución, tanto en nuestro país como en el mundo entero, a cuántos procesos no habrá dado inicio nuestra revolución! Hay que ver todo esto objetivamente, sin dejarse dominar por ciertos conceptos y sentimientos parciales, pues en éstos no puede basarse nuestra actitud hacia cuanto se ha logrado desde la Revolución de Octubre. Porque, de lo contrario, uno puede quedar extraviado, camaradas. Pienso que jamás podremos ni debemos olvidar o justificar lo que pasó en los años 1937-1938. ¡Jamás! De lo que entonces ocurrió, responden quienes estaban en el poder. Sin embargo, ello no minimiza lo que tenemos ahora, lo que han realizado el partido y el pueblo pasando por todas estas pruebas. Las pérdidas fueron graves. Sabemos en qué redundaron los años 1937-1938, cómo afectaron a los cuadros de dirección, al partido, a la intelectualidad y a los mandos militares. No obstante, debemos ver la enorme fuerza encerrada en el socialismo, en nuestro régimen que soportó tan dura prueba, entabló una lucha a muerte contra el nazismo y venció. Por eso, refiriéndose al 70 aniversario, con orgullo hay que hablar de nuestro gran pueblo, de su historia y de su hazaña.

Decimos la verdad y solo la verdad. Nos enorgullecemos por cada día que hemos vivido. Y cada día de nuestra historia, por más duro que fuese, constituye un motivo de orgullo. Porque ha sido nuestra escuela de historia, nuestras lecciones históricas. Hemos pasado por todo aquello. Por esta razón no podemos permitir una actitud irrespetuosa hacia nuestro pueblo, hacia las generaciones que llevaron el país hasta nuestra época. Por eso, a plena voz vamos a hablar de la Revolución de Octubre, del socialismo, de quiénes somos, de dónde somos y de qué tenemos a raíz de la revolución y del desarrollo del socialismo.

De ello ya se ha empezado a hablar sin sensacionalismo, con seriedad y responsabilidad, porque de cosas como éstas no se puede hablar ni con ironía ni con ira. Se trata del destino del pueblo.

ACERCA DE LA TRANSPARENCIA Y LA DEMOCRACIA

Asimismo se debe hablar de nuestros días y de las reformas. Por lo visto, hay que variar algunas formas en que se dan nuestros materiales. Está bien que un autor exponga sus criterios, pero debo confesarles, camaradas, que leo con mayor interés los textos de entrevistas. Son entrevistas con obreros, con secretarios de comités distritales, con presidentes de koljoses, con científicos y con personalidades de la cultura. En ellas se percibe el pensamiento vivo. O tomemos las cartas de lectores. ¡Estas cartas conmueven mucho!

Además, ya he dicho a ustedes que no es democrático que los autores moscovitas usurpen todas las planas de los periódicos y las páginas de las revistas. Las revistas y los periódicos están orientados a todo el pueblo soviético. A veces, leyendo tal o cual periódico, uno se pregunta: "¿Y la vida del país? ¿Dónde están las opiniones de otras localidades?"

En general, camaradas, les invito a meditar bien cómo comentar mejor nuestra gran revolución, recordar a los héroes de la revolución, a obreros y revolucionarios profesionales, y a los poetas..., a los olvidados. También se debe recordarlos a ellos. Debemos hacerlo con responsabilidad, en espíritu de democracia y de transparencia informativa.

Como ya hemos dicho —y creo que coincidimos en ello—, transparencia y democracia no equivalen a permisibilidad. La transparencia tiene por misión consolidar el socialismo, fortalecer el espíritu de nuestro hombre, y el clima moral en la sociedad. La transparencia es también crítica y autocrítica. Pero en modo alguno esto equivale a socavar el socialismo y nuestros valores socialistas.

Tenemos qué fortalecer y qué defender. Son las históricas conquistas de nuestra sociedad, que es la mejor defendida en lo social. Esto lo pueden poner en entredicho solamente aquellas personas a quienes nuestra democracia socialista y nuestras exigencias respecto a la responsabilidad impiden satisfacer sus ambiciones personales, y divorciadas de los intereses del pueblo. Nosotros hemos luchado y seguiremos luchando contra tales fenómenos. No tenemos que embellecer nuestra política, nuestros valores: estamos abiertos a todos. Pero la democracia presupone también luchar por consolidarlos. Yo lo resumiría así: ahora los procesos reformadores se desarrollan en amplitud y en profundidad. Empezó un duro período transitorio, hoy se requieren alta competencia y responsabilidad.

PRESENCIA DEL PLURALISMO SOCIALISTA

Hay que actuar con miras a fortalecer el espíritu de la gente, hay que resistir todas las pruebas y ponerse al día, y entonces obtendremos los resultados necesarios a la sociedad. Para conseguirlo, se deben incorporar más personas competentes. Los medios de difusión masiva hablan mucho de economía, pero, lamentablemente, en muchos casos lo hacen de forma insuficiente, superficial, excesivamente polémica y sin conocimiento de causa. A medida que vayamos avanzando en el proceso reformador, presentaremos a ustedes mayores exigencias. Por esto ustedes deben reclutar activistas seguros y buenos especialistas: dirigentes de empresa, ingenieros, economistas; deben utilizar todo el potencial intelectual de que disponemos.

Además, es costumbre limitar el número de autores a 3-5 nombres. A veces, esto huele a espíritu de grupo. Debemos diversificar nuestras intervenciones para que toda la sociedad participe en ellas, para que en cada publicación esté presente todo el pluralismo socialista, valga la expresión. ¡Esto es lo que nos hace falta!

En conclusión, quiero decir: el PCUS valora en mucho el aporte de los medios de difusión masiva al proceso reformador. ¿Por qué? Porque todo pasa por el hombre. El hombre se pone a la vanguardia de la lucha, porque las reformas se realizan mediante el hombre. Esto quiere decir que su mentalidad y su postura tendrán una significación decisiva para el éxito de reformas. Así, pues, debemos conversar cotidianamente con el hombre, utilizando las inmensas posibilidades de los medios de difusión masiva. El criterio, camaradas, es uno solo: más socialismo, más democracia. Todas las respuestas a las nuevas interrogantes hay que buscarlas en el marco del socialismo, no al margen del socialismo. El socialismo es la opción hecha por nuestro pueblo. El Partido está al servicio del pueblo. Y el deber supremo de cuantos trabajan en los medios de difusión masiva es servir al pueblo.

Espero que en términos francos, en términos de camaradería comunista he dicho a ustedes cuanto quería decir en el presente encuentro celebrado después del Pleno de junio del CC.

[illegible] 15 de julio, 1987
([illegible] Versión APN).

VIERNES 3 DE JULIO DE 1987

temas

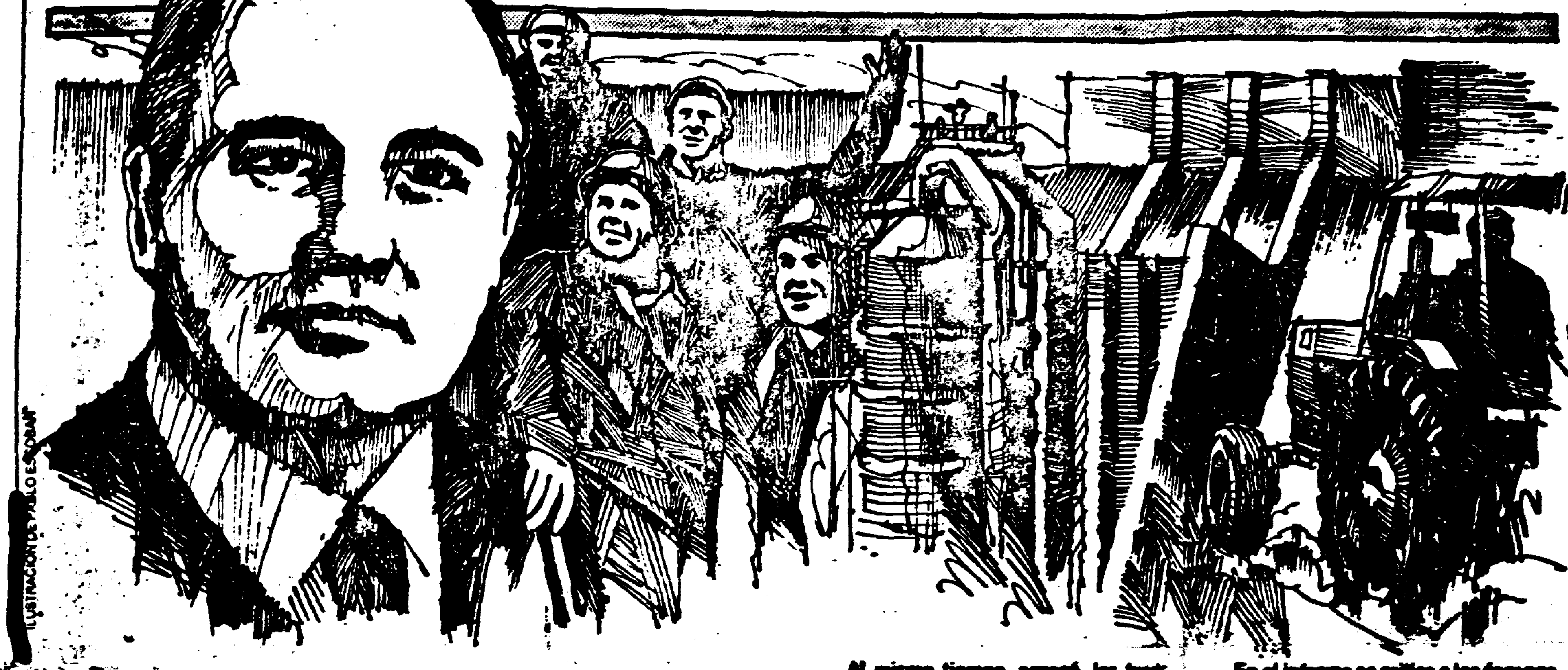


ILUSTRACIÓN DE PABLO ESCOBAR

MIJAIL GORBACHOV

LA PRIMERA OLA DE LA REESTRUCTURA

Especial de Tass

"El pueblo soviético y el Partido, guiándose por la doctrina leninista y desarrollándola creadoramente, continúan la causa de la revolución a través de la reestructuración", secretario general del CC del PCUS, Mijaíl Gorbachov, en el informe, sometido el 25 de junio a la consideración del pleno del Comité Central del Partido. "las tareas del Partido relativas a la reestructuración radical de la dirección de la economía"

Se trata de reformar radicalmente la economía, introducir cambios cualitativos en el sistema del mecanismo económico. Cambios que abran nuevas posibilidades de aprovechamiento de las ventajas del régimen socialista.

En el análisis de la situación del país después del Pleno de abril de 1985 del CC del PCUS, el dirigente soviético, Mijaíl Gorbachov, señaló que en estos dos años la situación política ha cambiado de modo sustancial.

"Se comprende cada vez más a fondo que la necesidad de la reestructuración se debió a las crecientes contradicciones en el desarrollo de la sociedad, que venían acumulándose poco a poco y, al no encontrar su solución a tiempo, adquirían de hecho formas anunciadoras de crisis".

AVANCES Y CONTRADICCIONES

Ahora, agregó el informante, en la URSS se despliega y profundiza el proceso de democratización de todas las facetas de la vida. Actúan con mayor iniciativa las organizaciones sociales, cobran fuerza los principios democráticos en la dirección de la producción. La opinión pública se deja sentir claramente y con mayor peso. Han comenzado a trabajar más activamente en bien de la reestructuración los medios de comunicación.

A los logros de la reestructuración se puede atribuir el creciente interés de los medios sociales hacia los procesos que se operan en la ciencia, literatura y arte, hacia los materiales de la prensa, radio y televisión.

Mijaíl Gorbachov señaló que la nueva situación repercutió en cierta medida también en los resultados económicos. "Se elevó el ritmo de crecimiento de la productividad del trabajo. El promedio de este ritmo de los dos últimos años sobrepasó los índices del undécimo quinquenio en la industria y la construcción, en 1,3 veces, en la agricultura, en 2 veces y en el transporte ferroviario, en 3 veces. El promedio anual de 1985-1986 del ritmo de crecimiento de la producción industrial fue de un 4,4 por ciento y en la agricultura de un 3 por ciento.

El Pleno de enero (1987) del CC del PCUS, subrayó el dirigente soviético, "dio potentes impulsos a la actividad laboral y social. Se evidenció que nadie puede permanecer al margen de la reestructuración: cada uno debe ocupar su posición".

Al mismo tiempo, agregó, las transacciones revolucionarias en la sociedad colocaron en primer plano la contradicción entre las demandas de la renovación, de la creación y de la iniciativa creadora, por una parte, y el conservadurismo, la inercia y los intereses egoístas, por otra. Una de las manifestaciones de esta contradicción real es el desacuerdo entre la creciente actividad de las masas y el estilo burocrático todavía vivo de la actividad en las más distintas esferas y los intentos de congelar la reestructuración. La superación de esta contradicción requiere medidas rápidas y enérgicas también en la política de Cuadros, y en el afianzamiento de nuevos enfoques y normas de la vida partidista, estatal y social.

Pese a todas las complejidades, dificultades y obstáculos, —señaló Mijaíl Gorbachov— "la reestructuración obtuvo una victoria ideológica y moral. Se ha ampliado y profundizado". Pero, al hacer esta responsable apreciación, agregó, "nosotros no debemos admitir exageraciones y menos aún complacencia. De hecho nosotros ahora nos encontramos solo en la primera ola de la reestructuración. Esta ola agitó el agua estancada".

HAY QUE ELEVAR LA EXIGENCIA

No se puede permitir, se dice más adelante en el informe, que la reestructuración en el Partido se retrase de los procesos económicos, sociales y espirituales que se operan, que los cambios en la vida y en el estado de ánimo de las personas adelanten la comprensión de estos procesos en el Partido, tanto menos en sus órganos dirigentes.

"Hay que elevar la exigencia a todos los niveles —dijo el Secretario General del CC del PCUS—. Pero hay que empezar por uno mismo: por el buró político, el secretariado, el gobierno, los miembros del CC". Subrayó que en la dirección del Partido y del país existe unanimidad de criterios sobre los problemas cardinales de la reestructuración, de la política interna y externa. "Esta unidad permite adoptar decisiones, dictadas por el tiempo, y materializarlas firmemente. Yo considero que esto es importante siempre, pero sobre todo en los períodos de viraje del desarrollo".

En el informe se critica a los órganos del Partido y de los Soviets locales que no se han incorporado activamente todavía a la reestructuración. Por ejemplo, ésta anda a remolque en la Armenia soviética. Pocos cambios visibles hacia el mejoramiento tienen lugar en una de las mayores organizaciones partidarias regionales de la Federación rusa, como es la de Gorki.

En la nueva situación —dice el informe—, están llamados a actuar de forma nueva también los departamentos del CC del PCUS, que deben influir más a fondo en la situación de los asuntos en las organizaciones partidarias de las repúblicas, territorios y regiones, y asegurar el control sobre el cumplimiento de los acuerdos del CC del PCUS.

Mijaíl Gorbachov prestó especial atención a la necesidad de fortalecer por todas partes la disciplina, el espíritu de organización, la responsabilidad y la puntualidad a todos los niveles. Precisamente por falta del orden debido, puntualizó, periódicamente acaecen grandes sucesos de excepción. "Este mismo lo demuestra la violación del espacio aéreo soviético y el aterrizaje en Moscú de una avioneta deportiva germano occidental. El caso no tiene precedente desde todos los puntos de vista y recuerda una vez más lo fuertes y vivos que fueron, incluso en el ejército, los fenómenos negativos surgidos en nuestra sociedad, que fueron revelados por el Pleno de abril del CC y el 27° Congreso del Partido".

En nombre del buró político y del Consejo de Defensa, declaro firmemente —subrayó Mijaíl Gorbachov— que ni el Partido ni el pueblo deben dudar de la capacidad de las fuerzas armadas de la URSS de defender la patria.

Entre las tareas primordiales de la reestructuración, el Secretario General del CC del PCUS destacó la solución de los problemas de la alimentación, de la vivienda y de los artículos para la población. Estas cuestiones, indicó, deben encontrarse continuamente en el campo visual de los órganos económicos. "Esto se refiere en plena medida a la sanidad pública, y a lo que nosotros llamamos ecología. La situación aquí en los dos años transcurridos atrae la máxima atención del buró político y del gobierno".

Al examinar las vías de la demo-

PASA A LA PAGINA SIGUIENTE

LA PRIMERA OLA DE LA REESTRUCTURA



VIENE DE LA PAGINA ANTERIOR

cratización sucesiva de la sociedad, el informante abordó al respecto el problema del control. "Los abusos y delitos, revelados en la esfera económica en los últimos años —consignó— demuestran que el sistema existente de control es ineficaz".

Mijail Gorbachov señaló que "en las circunstancias actuales se debía pensar en constituir sobre la base del Comité del Control Popular, un sistema integral único de control, que tendría amplios poderes en todo el territorio del país, se apoyará en la máxima publicidad de su trabajo, en posiciones integrales de todo el pueblo y ejercería sus importantes funciones en el amplio contexto socio-político.

LA REPERCUSION MUNDIAL

La reestructuración en la URSS, prosiguió diciendo el informante, despierta enorme interés en el mundo. Percibimos la comprensión de nuestros problemas y la simpatía no solo entre los trabajadores de los países socialistas, sino también en los amplios medios sociales mundiales". El rumbo hacia la reestructuración ha sido tomado en serio por las fuerzas políticas más distintas. Este rumbo elevó considerablemente el peso, la influencia y el prestigio de la URSS, pone de manifiesto convincentemente la sinceridad y sus propósitos de paz en la palestra internacional.

"Claro está —destacó Mijail Gorbachov—, en Occidente, especialmente en EE.UU., hay grupos bastante influyentes à los que esto precisamente no les conviene. "La publicidad es un reto a la diplomacia pública norteamericana, corre peligro el espíritu del mundo libre, su vida hoy y la perspectiva de la seguridad de mañana", así consideran algunos representantes de las fuerzas gobernantes en Norteamérica. Ellas comprenden que es difícil hallar argumentos firmes contra el rumbo de nuestro Partido hacia la reestucturación".

"Por esta razón, tienden principalmente, aprovechándose del proceso de la democratización y de la publicidad, a meternos metas falsas y valores perjudiciales, a sembrar la duda entre nuestra gente acerca de la justeza y sinceridad de la política del Partido, acerca de la reestructuración y del mejoramiento de las cosas en el país. Para nosotros, no hay nada de nuevo en todo eso. Esto era de esperar y nosotros lo teníamos previsto. Los soviéticos saben perfectamente lo que vale el "interés" de ese género por nuestros asuntos".

Nosotros llevamos a efecto la reestructuración, desarrollamos la democracia y fortalecemos los valores del socialismo, no para que le guste a alguien, sino para que nuestra sociedad alcance, a través de la reestructuración y de la democracia, nuevas alturas del progreso socio-económico y espiritual. No nos apartaremos del camino de la reestructuración", declaró el dirigente soviético.

DENTRO DE UN AÑO: LA XIX CONFERENCIA

Después de detenerse más adelante en las cuestiones de la preparación de las reuniones de balance y elecciones en las organizaciones de base del PCUS, Mijail Gorbachov propuso "centrar la atención de las reuniones de los comunistas en el tema de la reestructuración, en cómo actúan las organizaciones partidarias, en cómo participan en esta gran obra del pueblo en general todos los comunistas: obreros, campesinos, intelectuales, nuestros Cuadros de dirección. Los próximos informes de balance y elecciones en el Partido deben emitir su juicio sobre lo hecho y decidir qué es preciso hacer para ahondar y acelerar la reestructuración".

El buró político —subrayó el Secretario General del CC del PCUS— considera que los actuales balances de la gestión y las elecciones en el PCUS, configuran una importante etapa en la activación sucesiva de toda la labor del Partido con vistas a la conferencia del PCUS.

En nombre del buró político, propuso convocar para el 28 de junio de 1988 la XIX Conferencia del PCUS, en la que, partiendo de las proposiciones de principio hechas en el Pleno de enero (1987) y en el curso de la preparación del presente Pleno, se podrían proponer, para que la conferencia los examinara, los siguientes puntos:

1. La marcha del cumplimiento de los acuerdos del XXVII Congreso del PCUS, los resultados fundamentales de la primera mitad del XII Plan Quinquenal de 1986-1990 y las tareas de las organizaciones partidarias para ahondar en el proceso de la reestructuración.
2. Medidas para seguir democratizando la vida del Partido y la sociedad.

Pasando a tratar de la necesidad y de la esencia de la reforma radical de la dirección económica del país, el dirigente soviético señaló que en la linde de los años '70 y '80, disminuyó el ritmo de crecimiento económico. Hacía falta introducir serios cambios en la política estructural, en las direcciones de la inversión de capitales. Pero, sin embargo, no se hizo así.

El afán de contener con métodos extensivos el descenso del ritmo de crecimiento, condujo a gastos desmedidos en el incremento de las ramas energética y del combustible, al empleo forzado de nuevos recursos naturales en la producción, a su utilización no razonable, al crecimiento desmesurado de la necesidad de más mano de obra y a la aguda escasez de ella en la economía nacional, al descenso del rendimiento de los fondos empleados.

Para sacar a la economía soviética del estado de precrisis en que se hallaba —dijo Mijail Gorbachov—, había que acometer profundas transformaciones revolucionarias. Con este objeto, en los últimos dos años se dieron los primeros pasos para asimilar nuevos métodos de administración de la economía, partiendo del análisis de la situación creada en los años '70 - '80 y de una serie de grandes experimentos económicos.

LOS CINCO PASOS NECESARIOS

El informante señaló que los cambios operados "no son radicales ni cardinales. El mecanismo del freno no ha sido roto aún y no ha sido sustituido por el mecanismo de la aceleración. No hay más remedio que compensar la falta de él con métodos extraeconómicos, con presiones administrativas". Por eso, ahora, como tarea primordial y urgente, se presenta la de crear un sistema flexible, eficiente, integral de dirección de la economía.

En cuanto a la concepción de la reestructuración radical de la dirección de la economía de la URSS, dijo que persigue el objetivo de reorientar el crecimiento económico desde resultados intermedios a resultados finales socialmente importantes, a satisfacer las demandas sociales, a desarrollar multifacéticamente al hombre, a hacer del progreso científico-técnico el factor principal del crecimiento económico y a crear un mecanismo que funcione firmemente contra los gastos superfluos.

Para lograrlo, es necesario pasar de los métodos preferentemente administrativos a los métodos preferentemente económicos de dirección en todos los niveles, así como democratizar la dirección y activar al máximo el factor humano.

"Este paso —dice el informe— incluye en sí: en primer lugar, ampliar bruscamente las fronteras de la independencia de las asociaciones y empresas, pasarlas a la autogestión y autofinanciación completas, elevar su responsabilidad para que obtengan los máximos resultados finales y para que cumplan sus compromisos ante los consumidores, hacer que el nivel de los ingresos del colectivo dependa directamente de la eficacia de su trabajo y desarrollar ampliamente la forma de trabajo colectivo con tarea fija en las relaciones laborales.

Segundo: reestructurar radicalmente la dirección centralizada de la economía, elevar su nivel cualitativo, concentrarse en los procesos principales, en los que determinan la estrategia, la calidad, el ritmo y las proporciones del desarrollo de la economía en general, su carácter equilibrado, y simultáneamente liberar enérgicamente al centro de la injerencia en la actividad operativa de los eslabones económicos inferiores.

Tercero: reformar cardinalmente la planificación, la formación de precio, el mecanismo de financiación y concesión de créditos, pasar a la venta al por mayor de los medios de producción y reestructurar la dirección del progreso científico-técnico, de las relaciones

PASA A LA PAGINA SIGUIENTE

3709057



VIENE DE LA PAGINA ANTERIOR

económicas exteriores, del trabajo y de los procesos sociales.

Cuarto: crear nuevas estructuras organizativas, que garanticen el profundizamiento de la especialización y la elevación de la seguridad de las relaciones en lo que se refiere a la cooperación, así como incorporar directamente la ciencia a la producción y, sobre esta base, realizar un salto hacia el nivel mundial en la calidad

Quinto, pasar del sistema de mando, extraordinariamente centralizado, al democrático, desarrollar la autogestión, crear un mecanismo de activación del potencial de la personalidad humana, delimitar con precisión las funciones y modificar radicalmente el estilo y los métodos de la actividad de los órganos del Partido, de los Soviets y de la administración.

REFORMA RADICAL DEL SISTEMA DE PRECIOS

El informe pone singular atención en la transformación del sistema de dirección centralizada de la economía. Entre otras cosas, se planea elevar el papel de la concepción del desarrollo socioeconómico perspectivo del país de 15 años. Ella debe absorber todos los grandes programas, nivelarlos, fijar los caminos para el logro de los objetivos estratégicos. La forma fundamental de la planificación estatal general debe ser de hecho el Plan Quinquenal, fijando las tareas de cada año.

Mijail Gorbachov señaló que una parte importante integrante de la reestructuración de la dirección de la economía, es la reforma radical de la formación de los precios. "Nosotros —dijo— nos hallamos ante la necesidad, no de mejorar parcialmente el sistema de los precios, sino de llevar a cabo una reforma radical de todo nuestro ' complejo de precios' : al por mayor, de compra, al por menor y tarifas".

Con la reforma de la formación de los precios está estrechamente ligada la reestructuración del sistema de suministro material y técnico de la economía nacional. Su dirección fundamental es el paso del comercio al por mayor de los medios de producción, tanto mediante los contactos directos de los proveedores y consumidores como a través de las bases de autogestión al por mayor.

Ingentes tareas —subrayó el informante— hay que cumplir en la esfera de las finanzas, del crédito y de la circulación monetaria.

A este respecto, puso énfasis en la necesidad de reformar radicalmente las finanzas, reforma que, según sus palabras, "debe ir dirigida a asentar las relaciones del presupuesto con las empresas sobre una base normativa, a cerrar todas las posibilidades de obtener ingresos antes de la venta definitiva de los artículos y a sanear financieramente en todos los sentidos la economía nacional".

En cuanto a los lazos económicos de la URSS con el exterior, Mijail Gorbachov manifestó que "las medidas que se adoptan para perfeccionar la dirección de los vínculos económicos con el exterior, tienden, concretamente, a ahondar la participación de la URSS en la división internacional del trabajo,lo que deviene un factor más y más importante del desarrollo de la economía nacional soviética".

El dirigente soviético destacó: del cumplimiento exitoso de los planes de la reestructuración en la URSS y de la modernización de la economía soviética no solo saldrían beneficiados los aliados de la Unión Soviética, sino también todos los que están interesados en cooperar con ella en las nuevas y más favorables condiciones. Mijail Gorbachov señaló que la reestructuración del mecanismo económico está llamada a crear condiciones económicas y jurídico-organizativas favorables para la integración profunda de la economía nacional de la URSS con la economía nacional de los países hermanos del socialismo.

SE PREPARA PAQUETE DE MEDIDAS

Más adelante el informante habló de la transformación de las estructuras organizativas y del trabajo de los órganos de dirección, de sus aspectos sociales. Concretamente, debe ser estructurado de una forma nueva el sistema de enumeración e incentivo del trabajo. Aquí es especialmente importante que el salario real de cada trabajador dependa directamente de su aporte laboral individual al resultado final y no se limite con nada. Solo puede haber un criterio justo: el trabajador se ha ganado o no su salario.

La intensificación de la producción social y la creación de un mecanismo económico correspondiente, precisó el informante, obligan a ver también de una manera nueva los problemas de la ocupación eficaz en la sociedad socialista.

En medio del aceleramiento del progreso técnico-científico, subraya el informe, aumentará considerablemente el número de trabajadores disponibles. Al mismo tiempo, se necesitarán más recursos laborales en las esferas de los servicios, cultura, enseñanza, sanidad pública y descanso. Esta reagrupación de la mano de obra requiere gran atención y medidas de organización bien pensadas. "Estamos obligados —dijo el Secretario General del CC del PCUS— a asegurar las garantías sociales de la ocupación de los trabajadores, el derecho constitucional al trabajo. El sistema socialista dispone de tales posibilidades".

El momento de partida de la reestructuración de la dirección de la economía, señaló Mijail Gorbachov, será la aprobación por el Soviet Supremo de la URSS de la ley de empresa (asociación) estatal. Hasta fines de año se propone adoptar todo un "paquete" de decisiones concretas sobre los problemas de la reestructuración de la dirección para poner la dirección centralizada en correspondencia con la ley de empresa.

"La reestructuración, desplegada en el país, es continuación directa de la causa de octubre y realización firme de los ideales, fijados en la bandera de nuestra revolución, cuyo 70° aniversario celebraremos este año", dijo en conclusión Mijail Gorbachov.

9 LA HORA Jueves 23 de julio de 1987

De nuestro corresponsal en Moscú, Ricardo Saxlund

La URSS a la hora de la reestructura

Inteligentes.- [illegible], es una nueva ordenadora soviética que realiza 10 millones de operaciones por segundo y está al nivel de las mejores en uso mundial. Resuelve problemas complejos científicos, técnicos, de planificación, económicos y de lógica informativa. En colaboración con otros países del CAME se pasa ahora a ordenadores de la quinta generación con elementos de "inteligencia artificial".

El alcalde de Moscú.- Una votación de nuevo estilo, con amplia información preliminar, dio por resultado la elección por mayoría del alcalde de Moscú, *Valeri Saikin, quien ya ocupaba* el cargo. Al reasumir funciones destacó las nuevas cualidades del Soviet de la capital por su renovada integración, juventud y dinamismo.

Pintó un tenso panorama de obras a realizar en el desarrollo de la economía urbana y la atención a los problemas sociales, en primer plano la aguda demanda de vivienda. Un capítulo de la gestión prevista es el estímulo de la actividad laboral individual para mejorar sustancialmente los servicios. En Moscú funcionan por ahora 46 talleres cooperativos de servicios públicos y alimentos, habiéndose concedido siete mil licencias para confección de ropa y calzado, reparación de viviendas y construcción de casas de campo y garajes, así como puntos de asistencia médica.

Vivienda.- Según la *Dirección* Central de Estadística de la URSS, alrededor de 85% de las familias urbanas y de 90% de las rurales habitan apartamentos o casas individuales. El objetivo es que para el 2.000 cada familia tenga vivienda confortable individual. Treinta años de construcción masiva dieron buenos resultados generales (desparejos en calidad) estimándose que la prefabricación permitió duplicar el ritmo tradicional de construcción. A la vez que se subraya que en la URSS no hay nadie sin techo, el alquiler es mínimo (poco más o menos 3% del ingreso familiar medio) y que la inversión del Estado es ingente (incluida la asistencia financiera a la construcción por cooperativas e individual), se marcan insuficiencias en proyectos y construcciones.

Medio natural.- Las autoridades soviéticas han prestado, y puede decirse "siempre", gran atención a las cuestiones de contaminación ambiental. Pero —la vida es la vida— no siempre las leyes y las normas se aplicaron. Y en algunos lugares se violaron groseramente. Un ejemplo es que Moscú recupera lentamente la pureza de su río Moskova y los pescadores aficionados tienen más suerte con su paciencia. Casos mucho más graves, como el del lago Baikal (la mayor reserva de agua dulce en el mundo), han tenido que resolverse con drásticas medidas. Pero...Hace poco, *Piotr Polataev*, vicepresidente de la comisión del presidium del Soviet Supremo de la URSS para protección del medio natural, declaró que "no se hace todo lo que es debido" y que "varios departamentos incumplen sistemáticamente los planes de habilitar instalaciones depuradoras y que hay ciudades donde la contaminación atmosférica rebasa las normas sanitarias". En Kazán, los primeros días de junio, hubo una manifestación popular de protesta ("mantengamos limpio el Volga") contra la decisión del Ministerio de la Industria Médica y Microbiológica de construir cerca de la ciudad una planta de la industria química, carente de instalaciones depuradoras adecuadas. Mientras tanto, se revitaliza la tesis del científico uzbeko Mujamedzhanov, especialista en algodón, para rehabilitación de tierras con rotación de cultivos y otro sistema agrícola en contrario a la política de *monocultivo que impuso* —a pesar de la opinión del mismo científico— el ex-dirigente de Uzbekistan, Sharaf Razhidov.

Vache Jachatrian.- Es *pianista por* vocación. Acaba de hacer su primera gira artística en Moscú. Es de Kafán, en Armenia. Sus predilectos son Mozart y Beethoven. Todo es normal para este país donde abundan tantos intérpretes musicales magníficos. La noticia es que Vache tiene TRES años de edad.

Población.- Un leve repunte, tras la caída de los años anteriores, registró el índice de natalidad en la URSS. Fue 1,99% frente a 1,94 en 1985. La población aumentó 2,9 millones ese año, *medio millón más que el número promedio del lustro* hasta 1985. Se incrementó 14% el número de matrimonios con tres hijos, y 10% los de cuatro. Pronto comenzarán a practicarse nuevas medidas de ayuda a las madres trabajadoras y otros grupos con vistas a elevar las posibilidades sociales para familias más numerosas.

SIDA.- Mientras siguen tomándose medidas preventivas contra el síndrome, se polemiza respecto al origen del mal. Del origen natural se mostró partidario categórico el doctor Víctor Zhdanov, director del Instituto de Virología de la Academia de Medicina. El profesor Piotr Nikolaev, rechaza esta *hipótesis* (que es la de Luc Montagne, del Instituto Pasteur de París), por la cual sería absurdo atribuir origen natural al HIV, con más de una variedad. El profesor soviético sostiene que es mucho menos probable que dos incluso tres virus no patógenos se transformen repentinamente en agentes del SIDA en forma natural. No se trata, afirma Nikolaev, de encontrar personas que hayan podido "regalar" esta amenaza al hombre, sino descifrar la verdadera causa como manera de facilitar medios de solución. Agrega que los datos de difusión de la enfermedad y su concentración geográfica inducen a creer en que el hombre es el culpable con manipulaciones a partir de un virus natural.

024

Protesta en Moscú

Moscú (DPA) — Unos 200 tártaros de Crimea se manifestaron en Moscú durante varias horas pidiendo "el restablecimiento de sus derechos nacionales y la vuelta al hogar"

La protesta ha sido la mayor que se ha visto en Moscú durante años. El grupo se dirigió al edificio que alberga al Comité Central del PC soviético pidiendo ser recibido por Mijail Gorbachov. La policía se abstuvo de intervenir y se limitó a acompañar al grupo en su marcha hacia la Plaza Roja, acordonando las entradas.

La Hora 24/7/87

URSS

01.01

8709065



Por Fernando Rama

Gorbachov, la teoría y la reforma económica

A medida que la reestructuración de la sociedad soviética avanza en el terreno práctico, el impulso generado a partir de 1985 revela nuevas facetas de la realidad compleja y contradictoria del socialismo.

En este contexto de permanente y enriquecedora interacción teórico-práctica, el informe presentado por Mijail Gorbachov al plenario del C.C. del PCUS realizado en el pasado mes de junio constituye, sin duda, una nueva demostración de la capacidad creadora del marxismo-leninismo, de su fecundidad como método de análisis de la realidad, en este caso de los aspectos económico-sociales de la URSS en nuestros días.

Se trata sin duda de un decisivo aporte a la corriente del pensamiento humano inaugurada por Marx y Engels hace bastante más de un siglo.

ASUNTO CLAVE: LOS ESTIMULOS

Son muchos los pasajes que merecerían ser citados, o al menos glosados. Por ejemplo el siguiente:

"Pero ¿qué significa la consolidación del socialismo, en la práctica? Toda la esencia de nuestra doctrina revolucionaria y toda nuestra enorme experiencia muestran que el socialismo no debe concebirse como una sociedad estática o invariable, ni la labor práctica de su perfeccionamiento, como un método de ajustar la realidad a ciertas ideas, preceptos o cánones establecidos.

Las ideas del socialismo y de su economía se desarrollan y enriquecen constantemente, teniendo en cuenta la experiencia histórica y las condiciones objetivas. Debemos abordar con criterios creativos el desarrollo de la teoría y la práctica de la construcción socialista —como lo hacía Lenin—, utilizar la metodología científica y saber analizar en términos concretos la situación concreta.

El problema clave de la teoría y la práctica del socialismo es el siguiente: cómo será posible, sobre la base socialista, crear estímulos —más potentes que bajo el capitalismo— del progreso económico, tecnocientífico y social; cómo será posible conjugar, con la mayor eficiencia, la dirección planificada con los intereses del individuo y del colectivo. Es el problema más complejo que el pensamiento socialista y la práctica social ha procurado y procura resolver. En la presente etapa del socialismo este problema crece inconmensurablemente".

Como se ve, en estos párrafos se delimita claramente la esencia económica, social y psicológica de la actual renovación impulsada por el PCUS con el concurso entusiasta del pueblo soviético. El gran desafío que los soviéticos hoy abordan reside precisamente en la necesidad de crear esos estímulos más potentes que bajo el capitalismo, sin recurrir a la represión, al desempleo y a las demás formas coercitivas, económicas y extraeconómicas, que el capitalismo ha empleado tradicionalmente como "estímulos".

También en el socialismo los nuevos estímulos resultan del entrelazamiento de mecanismos económicos y extraeconómicos. De ahí la íntima trabazón que cobran en la perestroika las reformas económicas radicales y la profundización constante de la democracia socialista.

NUEVA CONCEPCION DEL CENTRALISMO DEMOCRATICO

Un segundo aspecto enriquecedor del informe discutido por el PCUS en junio se refiere a la reformulación del centralismo democrático en función de las gigantescas tareas renovadoras que aborda el pueblo soviético. Gorbachov se apoya en una cita extraída de un artículo publicado ya en 1984 en la revista "Konmunist".

"El enfoque primitivo de la relación entre los sistemas económicos grandes y pequeños puede conducir únicamente a la creación de un sistema mecánico anquilosado, con los parámetros de gestión programados de antemano; sistema en que todo está reglamentado de arriba abajo para cada momento concreto y en cada punto dado... Este sistema económico totalmente ilimitado, frenará el progreso social y técnico, y tarde o temprano terminará por romperse bajo el empuje del proceso económico real".

La vida comprobó que el diagnóstico era correcto y el sombrío pronóstico se cumplió. Surge entonces la necesidad de crear una nueva concepción del centralismo, "que se apoye en la iniciativa de los trabajadores y en la autonomía de las empresas, es decir, se trata del centralismo realmente democrático en la acepción que daba Lenin a este término, que encierra una fuerza que ni siquiera se puede comparar con la del centralismo atascado en sus intentos de regularlo todo".

Un tercer elemento contenido en el informe se refiere a las repercusiones del proceso soviético fuera de las fronteras de la URSS.

"Los cambios que se operan en nuestra sociedad suscitan inmenso interés en el mundo. Vemos que no sólo los sectores de la opinión pública mundial se muestran comprensivos hacia nuestros problemas y simpatizan con nosotros.

Las fuerzas políticas de las más diversas tendencias acogieron en serio nuestro rumbo hacia las reformas, que ha elevado sustancialmente la influencia y el prestigio de nuestro país y demuestra convincentemente que nuestras intenciones en el ámbito internacional son sinceras y pacíficas.

Es sabido que en Occidente, especialmente en los EE.UU. existen grupos bastante influyentes a los que ello no agrada. Ellos comprenden que resulta difícil hallar argumentos convincentes contra la orientación de nuestro partido hacia la reforma. Por eso confían, ante todo —utilizando el proceso de democratización y la transparencia informativa—, en sugerirnos falaces ideas y valores decadentes, sembrar dudas entre nuestra gente respecto a lo justo y sincero de la política del partido y de la línea hacia los cambios y el mejoramiento de la situación en el país. Todo ello, nada nuevo es para nosotros. Se debía esperarlo y nosotros lo hemos previsto. Los soviéticos conocen bien el precio de semejante interés por nuestros asuntos".

HR

026

Serían recibidos por Gromyko

Moscú: tártaros finalizan la protesta pacífica

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El grupo de tártaros de Crimea que desde hace varios días se manifiesta en las inmediaciones de la plaza Roja de Moscú decidió finalizar ayer de tarde su protesta pacífica.

Según señalaron integrantes del grupo, compuesto por unas cien personas, esta decisión la adoptaron ante la posibilidad de ser recibidos por el Presidente del Presidium del Soviet Supremo, Andrei Gromyko, que encabeza una delegación especial establecida para estudiar los problemas de esta minoría.

Este grupo de tártaros se trasladó a Moscú para solicitar una entrevista con el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, con el fin de exponerle sus deseos de que se cree una república autónoma en Crimea (Mar Negro), donde puedan reunirse de nuevo y vivir como antes de su deportación masiva en el año 1944.

Durante varios días el grupo se manifestó reiteradamente en la zona sur de la plaza Roja (junto a la iglesia de San Basilio) y frente al edificio del Comité Central del Partido Comunista de la URSS con pancartas alusivas a sus reivindicaciones y coreando el nombre de Gorbachov.

Sus manifestaciones pacíficas fueron interrumpidas en la noche del sábado y ayer de mañana por la milicia (policía soviética), que les obligó a desalojar la zona para trasladarse a un paso subterráneo próximo, donde fueron sometidos a identificación.

Las autoridades soviéticas hicieron público la pasada semana un comunicado en el que se anunciaba la creación de una comisión especial, encabezada por Gromyko, para estudiar la problemática de los tártaros de Crimea, deportados masivamente de esa península por Stalin al término de la Segunda Guerra Mundial.

Aunque el mencionado comunicado calificaba de injusta dicha deportación, los tártaros que integran el grupo que estos días se manifiesta en Moscú no se mostraron conformes con algunos de sus pasajes.

LA MAÑANA 27/7/87

REPCA

URSS

01.01

HR

URSS

Informe de Cancillería

La operativa de los pesqueros soviéticos reportaría a Uruguay 4 millones de dólares anuales

Búsqueda 6/8/87

La concreción del acuerdo pesquero y de facilidades portuarias proyectado con la Unión Soviética implicaría para Uruguay un incremento de tres millones de dólares anuales sobre los ingresos actuales por la operativa soviética, que son de un millón. La estimación fue efectuada por los servicios técnicos de la Cancillería, cuantificando el rendimiento esperado de la actividad de atención de la flota pesquera soviética en el puerto, relevo de tripulaciones y operación de los aviones de "Aeroflot"

El texto del acuerdo se encuentra radicado en la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Diputados para su ratificación legislativa, y prevé la colaboración de ambos países en el área pesquera y portuaria.

El capítulo del acuerdo referido a la pesca ha sido cuestionado por varios sectores (Búsqueda, Nºs 388, 389 y 390) y se encuentra pendiente una invitación al Ministro de Relaciones Exteriores, Enrique Iglesias, para analizar los alcances del mismo.

El estudio efectuado por los técnicos de la Cancillería atiende a determinar el verdadero alcance de los resultados que puede obtener el país de los servicios a prestar a la flota de pesqueros y su tripulación.

Hasta la fecha, la flota pesquera soviética que opera en el Atlántico Sur, tiene centradas sus actividades en el puerto de Buenos Aires, en el cual se llevan a cabo los relevos de aproximadamente 12.000 tripulantes por año. Asimismo, allí se realizan las operaciones de carenado — en dique seco y a flote— y de reparaciones.

El análisis de los técnicos considera como hipótesis que 8.000 de los tripulantes, provenientes de 50 cambios de tripulaciones, se releven en Montevideo. Además, que se utilice el puerto de Montevideo como alternativa para reparaciones mayores y abastecimiento total.

Cabe señalar que esta alternativa requerirá la autorización de vuelos a "Aeroflot".

El conjunto de operaciones portuarias y derechos por el uso de la infraestructura aeronáutica, de acuerdo con la estimación efectuada por la Cancillería, alcanza a unos cuatro millones de dólares. Actualmente los ingresos alcanzan aproximadamente a un millón de dólares.

Señala asimismo el estudio, que otras operaciones como el reabastecimiento de combustible, estará supeditado al precio que se fije para los productos, el que deberá ajustarse a los niveles internacionales.

01.01

8709097

PERESTROIKA

Las cosas del viejo cajón

Escribe Raúl Legnani

OTRA vez en casa, disfrutando de la alegría inmensa del reencuentro con la familia, con los compañeros de EL POPULAR y dispuestos a reintegrarnos a la lucha por alcanzar el referéndum.

"¿Cómo están las cosas por la URSS"? ha sido la pregunta que más he tenido que contestar. Y la respuesta no es fácil, en la medida en que la objetividad debe imponerse en el análisis. Porque hay que saber que no es sencillo eludir la emoción.

Por el resto de nuestra vida quedará grabado en el corazón y la memoria los acordes de "La Apasionata" que interpretaba en su piano la hermana de Lenin, cuando éste trabajaba en su apartamento del Kremlin. (Mientras la guía le explica a usted distintos aspectos de la vida de Lenin con mucha calidad y disimulo hace que esa música se oiga de un lugar no fácil de determinar).

Es en este recuerdo que concentro todos los sentimientos de afecto y cariño por esa gente maravillosa que abrió las puertas de su patria, de sus hogares, de su corazón para recibir a tres uruguayos que queríamos preguntar a fondo, cuestionar situaciones, y que nos encontramos con la grata realidad de que en la URSS se terminaron las "manchas blancas" (el término es de ellos) de la historia, y de que en los tiempos de perestroika al pan se le dice pan, y al vino se le denomina vino.

Durante los próximos números de EL POPULAR -no muchos porque como secretario de Redacción siempre sostuve que no hay que cansar al lector con una serie de notas interminables (ahora pago ese pecado)- trataré de poner en negro sobre blanco algunas ideas. Por nuestras páginas irán apareciendo los temas de la economía, de la ciencia, de la democracia, de la cultura, de la nueva ley de empresas, y también la vida cotidiana de la gente. Incluso agregar algunas anécdotas muy jugosas.

Para comenzar, me voy a referir al significado de perestroika y de glásnost que son dos palabras, dos conceptos, que no son nuevos para el lenguaje ruso.

LA RENOVACION DE AYER Y DE HOY

Sobre perestroika hemos escuchado dos versiones, en relación a los orígenes mismos de la palabra, donde ambas aparecen con un tronco común.

Un amigo soviético nos propuso imaginarnos que somos una familia rusa que posee una casa. Al pasar el tiempo surgen en la zona cercana otras casas, de otras familias, cuyo estilo arquitectónico es distinto y más moderno.

Un día la familia rusa -para entendernos, usted y su familia- resuelve por su propia voluntad transformar su vivienda. Podríamos decir que se busca remodelarla, reformarla (éste es el término que más gusta), para ponerla a tono con el momento que se vive. Esto es perestroika.

Claro está que la familia podrá cambiar los techos, mejorar el piso, hacer un nuevo cuarto, cambiar los azulejos del baño, etc., pero no intentará cambiar los cimientos porque sería hacer una nueva casa.

Los cimientos, se adelantó a explicar nuestro amigo, serían algo así como la propiedad social de los medios de producción. Es decir que esos cimientos siguen siendo muy buenos, los mejores, que no necesitan ser cambiados.

Veamos, ahora, la segunda versión. También aquí la vivienda y la familia son los principales protagonistas. Se nos recuerda que cuando alguien se va a mudar de casa adopta la actitud de revisar todo lo que tiene en el hogar. Así se descubren cosas que ya no sirven (cosas que habrá que tirar), otras que son de mucha utilidad si se las mejora, algunas imprescindibles, y también aparecen otras de mucho valor que teníamos olvidadas en algún viejo cajón.

Esas cosas que estaban muy bien guardadas, que serán de utilidad para hoy y mañana, vienen a ser los principios leninistas. Quizás este ejemplo sea bueno para entender el permanente recurrir a Lenin, pero también para explicar el significado de que Mijail Gorbachov haya rescatado, en su informe al Pleno del CC del PCUS, un artículo del académico V. Nemchinov publicado en 1964 en la revista "Komunist", donde se sostenía: "El enfoque primitivo a la relación entre los sistemas económicos grandes y pequeños puede conducir únicamente a la creación de un sistema mecánico anquilosado, con los parámetros programados de antemano, sistema en que todo está reglamentado desde arriba a abajo para cada momento concreto y en cada punto dado... Este sistema económico totalmente limitado, frenará el progreso social y técnico, y tarde o temprano terminará por romperse bajo el empuje del proceso económico real". Y así ocurrió.

Perestroika es entonces la renovación total de la sociedad socialista soviética, entendiendo que las ideas del socialismo y de su economía se desarrollan y enriquecen constantemente teniendo como base los principios leninistas.

En la próxima nos referiremos a glásnost.

HA

URSS

026

Montevideo, viernes 18 de setiembre de 1987 HORA

La ortodoxia comunista resiste los planteos reformistas en economía

LONDRES — En todo el mundo comunista, los marxistas ortodoxos están resistiendo las reformas económicas, sosteniendo que el pueblo deberá pagar un alto precio por su introducción.

Aducen que cambios como la "perestroika" de la Unión Soviética o "las cuatro modernizaciones" emprendidas por China, que procuran reducir el control estatal sobre la economía, traerán aparejados inevitablemente mayores precios, amenazarán los empleos de los trabajadores y harán que las naciones socialistas dependan más de occidente.

Temen que demanden un costo aún más grave el de un desafío político fundamental a su sistema y que se frene el avance hacia el ideal de Karl Marx que reza "de cada uno según su capacidad, a cada uno según su necesidad".

"Ganancias, ganancias, ganancias ¿qué tiene que ver eso con la revolución?", inquirió Fidel Castro ante el Congreso de la Unión de Jóvenes Comunistas cubanos esta primavera.

Corresponsales en varios países socialistas fueron consultados para que identifiquen a esos comunistas conservadores, qué piensan de las reformas que se propagan por el campo socialista y qué clase de reto le plantean.

Qué piensan del nuevo tipo de comunista que está perfilándose, como Guan Guangmei, de 37 años de edad, quien ganó más de lo que recibiría un campesino promedio en un siglo tras dedicarse al negocio de despensa y convertir ocho tiendas deficitarias en empresas rentables.

Los chinos consideran el caso de este miembro del partido, de Beijing, en el nordeste de China, como un hecho que pone de relieve las contradicciones entre el antiguo sistema de planificación estatal y las nuevas reformas para hacer avanzar la economía.

En un editorial que detalla la posición del partido comunista, el "Diario del Pueblo" señala: "Durante un largo período tuvimos igualitarismo. Pero eso no significa riqueza para todos por igual sino pobreza para todos".

El debate sobre la reforma china se desarrolla en gran medida en forma solapada y sólo aflora indirectamente en una prensa oficial estrictamente controlada.

Pero las principales líneas del ataque de los sectores tradicionalistas parecen basarse en los aumentos de precios, el ensanchamiento de la brecha entre ricos y pobres y temor a que la ideología marxista está siendo traicionada o relegada a segundo plano.

Esa misma clase de preocupaciones alienta en quienes en la Unión Soviética consideran la campaña de los reformistas en favor de la "perestroika" (reconstrucción) como una grave concesión al capitalismo de mercado.

La "perestroika", como la reforma de las "cuatro modernizaciones" encarada en China, procura liberar a las empresas de la férula del control burocrático, reducir los subsidios gubernamentales y alentar alguna actividad comercial privada.

01.01

8709109

URSS

0.26

Ministro soviético 15/9/87

MOSCU, 14 (Reuter).- El ministro de Industria Radioelectrónica Pyotr Pleshakhov murió a los 65 años, tras larga enfermedad, informó TASS.

Titular de esa cartera desde 1974 fue incorporado en 1977 al Comité Central del Partido Comunista. Ro Noción

01.01

8709111

TODO ES RELATIVO

El nacionalismo, en el lenguaje oficial del Kremlin, tiene por lo menos dos significados. El primero, que sería el "bueno" o patriótico para los jerarcas soviéticos, es el que ellos mismos esgrimieron para armar espiritualmente al pueblo frente a la invasión alemana (contrarrestanto a quienes vieron en los nazis a sus liberadores), o el que aplican ahora frente a supuestas amenazas del exterior. El segundo, decididamente "malo" conforme a una óptica más actualizada, es el que sienten los pueblos de algunas regiones anexadas por los soviéticos, que con el tiempo pasaron a formar parte de la URSS. Este nacionalismo que procura inútilmente encontrar un hálito de autonomía, tiene en la Unión Soviética muchos sinónimos, tales como "desviacionismo", "sectarismo", "reformismo", "fraccionalismo", "revisionismo", "social-chauvinismo", etc., que reflejan el sentir de la clase gobernante hacia los habitantes de países que alguna vez fueron libres.

Llámense como se quiera, estos sentimientos siempre estuvieron presentes en distintas repúblicas de la Unión Soviética, aunque recién ahora toman estado público gracias a la pequeña rendija abierta por el "glasnost", que dicho sea de paso, difícilmente se ensanchará a la manera de un "destape" español, si es que vale el ejemplo.

Hace poco, un grupo de tártaros de Crimea protagonizaron una demostración en Moscú, reclamando el retorno de 350.000 compatriotas expulsados de sus tierras por Stalin en 1944. La protesta duró varias semanas, hasta que las autoridades resolvieron detener a una docena de dirigentes y confinar nuevamente a los tártaros al Asia Central. En Letonia, 300 personas entonaron himnos religiosos, exteriorizando en público consignas nacionalistas, en reclamo de la independencia perdida, mientras que en Lituania y Estonia, diversos grupos hicieron lo propio en el aniversario del vergonzoso pacto firmado entre Hitler y Stalin en 1939, antesala de la anexión de los países bálticos por parte de la Unión Soviética.

Los hechos demuestran dos cosas: que el nacionalismo puede ser una virtud o un crimen para las autoridades soviéticas, según convenga a sus intereses, y que la supuesta apertura por la vía del "glasnost" es muy relativa, al punto de que el propio Mijail Gorbachov se sintió obligado a puntualizar, días pasados, que ese término no debe ser utilizado "para resaltar valores extraños al socialismo". Esto es, a la doctrina que ha avasallado a innumerables seres humanos y que se ha apropiado de vastos territorios en los cinco continentes.

Suscribirá varios convenios

Se reunirá con el Presidente

El Canciller de la Unión Soviética, Edouard Shevardnadze, que permanecerá tres días en nuestra capital, se entrevistará el lunes 5 de octubre con el Presidente de la República, Dr. Julio María Sanguinetti, quien le recibirá en el edificio Libertad. Asimismo, el diplomático visitante mantendrá entrevistas con otras altas autoridades nacionales y suscribirá varios convenios de cooperación bilateral con nuestro gobierno.

De acuerdo a lo informado, el Ministro de Relaciones Exteriores de la URSS llegará a nuestro país el lunes 5 de octubre, siendo recibido por el Canciller de la República, Cr. Enrique Iglesias, con quien compatirá un almuerzo en horas del mediodía.

Previamente, depositará una ofrenda floral al pie del monumento al General José Artigas.

ENTREVISTAS CON SANGUINETTI Y EL CANCILLER

Ese mismo día, en horas de la tarde, Shevardnadze será recibido en audiencia especial, por el Presidente de la República, Dr. Julio María Sanguinetti, a quien en la oportunidad acompañarán miembros de su gabinete ministerial.

La primera jornada de visita del Ministro soviético a nuestro país, culminará en horas de la noche, con una recepción en la embajada de su país, en honor a las autoridades uruguayas, la que contará con la presencia de personalidades políticas, diplomáticas y del ámbito cultural.

VISITARA EL PALACIO

Por su parte, el martes 6, en horas de la mañana, el Canciller de la Unión Soviética celebrará un encuentro de trabajo en el Palacio Santos, con participación del Cr. Enrique Iglesias y otras jerarquías de nuestra Cancillería.

Por la tarde, Shevardnadze visitará el Palacio Legislativo, donde se reunirá con el Presidente del Senado y de la Asamblea General, Dr. Enrique Tarigo y posteriormente con el titular de la Cámara de Representantes, Prof. Víctor Cortazzo.

En horas de la noche, el Presidente de la República, Dr. Julio María-Sanguinettio, ofrecerá una recepción en honor del diplomático visitante y de la delegación que le acompaña.

CONVENIOS DE COOPERACION

El miércoles por la mañana, último día de visita, el Canciller soviético procederá a la firma de varios documentos conjuntos, entre los cuales se destacan protocolos de cooperación entre ambos países.

Tras la firma de los acuerdos y antes de su partida, Shevardnadze ofrecerá una conferencia de prensa.

01.01

8709139

HR

URSS

026

Mathias Rust

MOSCU, 8 (DPA). – El joven piloto deportivo Mathias Rust, de 19 años, de Wedel, cerca de Hamburgo, condenado el viernes por la Suprema Corte de la URSS a cuatro años de internación en un campamento de trabajo por su espectacular vuelo a la Plaza Roja en la capital soviética, permanece aún en la cárcel del servicio secreto soviético (KGB) de Lefortovo y pedirá clemencia.

Según informó hoy su abogado defensor, Vsevold Jakovlev, a la agencia alemana de prensa (DPA), también los padres de Rust pedirán clemencia. Jakovlev, quien estuvo ayer varias horas con Rust, confirmó, por otra parte, que por el momento se desconoce el campo de trabajo al que será enviado.

La Nación 9/9/87

01.01

8709143

JRSS

026

Apoyo a Pasaporte Para Judíos Soviéticos

Ferreira Pidió Incluir en la Agenda Iglesias-Shevardnazde Discusión de Convenio Pesquero

El senador Juan Raúl Ferreira planteará esta tarde en el Senado la inclusión de los términos del convenio de pesca uruguayo-soviético en la agenda de conversaciones del Canciller Enrique Iglesias, con el ministro de Asuntos Exteriores de la URSS Eduard Shevardnadze, dijo a EL PAIS el legislador.

En la tarde de ayer, Ferreira propuso en la comisión de Asuntos Internacionales del Senado que el Cuerpo sugiera a las autoridades uruguayas, incluir en la agenda de conversaciones del ministro de Relaciones Exteriores, con el alto funcionario soviético los términos de este convenio pesquero, ampliamente resistido por varios sectores, y el reconocimiento de los derechos de los judíos soviéticos y el otorgamiento de pasaporte para que entren y salgan libremente de URSS.

La comisión, mediante argumentos de su presidente Américo Ricaldoni, y del senador frenteamplista Francisco Rodríguez Camusso, decidió no hacer suyo este planteo y, en consecuencia, el senador Ferreira lo reiterará esta tarde en la reunión plenaria del Cuerpo donde espera correr otra suerte.

La propuesta de Ferreira apunta a que ambos aspectos de sustancial interés para el país, sean incluidos entre los temas que Shevardnadze y Sanguinetti y nuestro canciller tratarán a partir del lunes próximo.

TRATO IGUALITARIO

Ferreira reconoció que la elaboración de una agenda oficial entre dos países es competencia exclusiva del Poder Ejecutivo, aunque opinó que "el Parlamento tiene todo el derecho y el deber de plantear al Poder Ejecutivo de que determinado punto se incluya. La inclusión o no, será una decisión que en definitiva tomarán las autoridades de la Cancillería, para lo cual consultarán al Presidente de la República".

Dijo haber escuchado con mucho respeto las opiniones contrarias de los senadores Ricaldoni y Rodríguez Camusso en la comisión, aunque afirmó que no le convencía la línea argumental de éstos.

Ferreira, según su versión de los hechos, recordó entonces que en oportunidad de la visita a nuestro país del Secretario de Estado norteamericano George Schultz, "el sector político al que pertenece el senador Rodríguez Camusso planteó en la comisión que determinados temas vinculados con la situación de Centroamérica fueran incluidos en la agenda y el Parlamento no encontró ninguna objeción", por lo cual exigió un tratamiento igualitario para el caso de la visita de Shevardnadze.



Juan Raúl Ferreira

Para el senador, "puede haber una desproporción muy grande si la agenda queda reducida a lo que tengo entendido es: el tema del desarme, los euromisiles, pactos de las dos grandes potencias para reducir el armamentismo, todo lo cual es de una enorme importancia. Uruguay es de una enorme fuerza moral, pero es un país consciente de cuales son sus limitaciones, por lo cual me parece que si tenemos en puertas un convenio de la magnitud del que hay con la Unión Soviética, que ha ofrecido reservas a empresarios y trabajadores, y el canciller soviético visitará oficialmente por primera vez el país, me parece que hablar de las conversaciones por el desarme en Europa sería perder el realismo que hasta ahora ha tenido y todos deseamos que siga teniendo la política exterior uruguaya".

La comisión de Internacionales no aceptó plantear este punto al Poder Ejecutivo, pero Ferreira igual hará la propuesta en el Senado.

Le Monde

Tártaros en la Plaza Roja

En todo momento pasa algo en la Plaza Roja, se está tentado a decir, desde que la política de "glasnost" lanzada por Gorbachov ha roto el hielo en el que habían encerrado a la vida pública en Moscú cerca de sesenta años de régimen estalino-brezhneviano. A fines de julio, en el mismo lugar en que el joven Mathias Rust posó su pequeño avión Cessna hace ya tres meses, varios centenares de tártaros de Crimea realizaron la más larga manifestación no autorizada organizada alguna vez en ese sitio.



El caso dio la oportunidad para un ligero progreso en la práctica de la democratización de las calles en la URSS. A comienzos de año, los judíos que reclamaban la libertad para los "refuzniks" fueron brutalmente agredidos por agentes de la KGB. En esta oportunidad, las fuerzas del orden intervinieron en masa, pero para contener y aislar a los manifestantes, no para matraquearlos. Aparentemente, éstos se dispersaron sin ser aprehendidos. En cambio, la educación de democracia del público moscovita aún está por hacerse: los tártaros de Crimea fueron cubiertos de injurias por transeúntes a los que repugnaba este "escándalo".

El problema de los tártaros es una prueba importante para Gorbachov, que pretende no sólo hacer funcionar mejor el sistema, sino reintroducirle un mínimo de justicia. En 1944, poco después de la reconquista de Crimea de manos alemanas, toda su población tártara fue deportada en el espacio de unos días, en una medida que afectó igualmente a los kalmukos y a una serie de otros pueblos establecidos en el norte del Cáucaso, cerca de la región de Stavropol donde el actual secretario general pasó su infancia. En total, más de un millón de personas fueron desarraigadas de esa manera.

Si bien todos estos pueblos pudieron retornar a sus tierras a fines de los años 50, los tártaros de Crimea, por su parte, fueron "rehabilitados" más tarde que los demás (en 1967), y todavía se ven impedidos de regresar a lo suyo. Otra dificultad: su región, que formaba parte antes de la guerra de la federación de Rusia, en 1954 fue unida a Ucrania, una república mucho más homogénea que no contiene ninguna república ni región autónoma. Y el principal obstáculo para el retorno de los tártaros es muy probablemente la resistencia de los colonos ucranianos instalados en sus tierras.

El caso es igualmente importante porque pone a prueba a la nueva dirección en un terreno en que sus posiciones aparecen como ambiguas y contradictorias, el de las relaciones entre las innumerables nacionalidades soviéticas. Por un lado, Gorbachov llama a dar prueba de "delicadeza" en esta materia y la reciente promoción de su aliado Iakovlev, que en el pasado se ha destacado por su hostilidad al chovinismo panruso, confirma esta tendencia a la moderación.

Pero, por otro lado, los chovinistas y otros "rusistas" han encontrado sólidos aliados en las personas de Ligatchev o Elskine, jefe del partido de Moscú. Ligatchev, especialmente, so pretexto de "mezclar" los cuadros de una y otra república, se ha especializado en instalar rusos en las repúblicas nacionales.

Con los desórdenes que acogieron en diciembre pasado en Alma Ata, la designación de un ruso en la dirección de Kazajstan, se ha visto a donde puede conducir esta política. Pero no se la ha abandonado en absoluto. Ahora bien, conviene no olvidar que con o sin reformas el nacionalismo es el talón de Aquiles del imperio soviético.

HR

URSS

026

Sin despejar incógnitas sobre Mijail Gorbachov

MOSCU. — Pese a las afirmaciones realizadas por portavoces oficiales soviéticos, persisten las incógnitas en torno a la larga ausencia del jefe del Kremlin, Mijail Gorbachov, que no aparece en público desde hace casi mes y medio.

Aunque Boris Piadishev, uno de los principales portavoces del ministerio de Asuntos Exteriores de la URSS, dijo en una rueda de prensa que Gorbachov está de vacaciones en el sur y que se "siente bien", los observadores en la capital soviética no consideran que con ello se haya justificado la prolongada ausencia del máximo dirigente del Kremlin.

La ausencia de Gorbachov se hace más inexplicable por el momento político actual entre las dos superpotencias, tras el anuncio de un acuerdo de principio para eliminar los misiles de alcance intermedio y de una nueva cumbre antes de fin de año.

Círculos diplomáticos occidentales en Moscú destacan que ningún alto dirigente soviético, con la excepción del ministro de Asuntos Exteriores, Eduard Shevardnadze, haya realizado una valoración del compromiso con EE.UU., que significa una victoria para la política de Gorbachov, que tampoco se ha manifestado hasta el momento sobre el mismo.

El diario germano occidental "Das Bild" afirmó el lunes que Gorbachov había sufrido una "seria intoxicación" y sugirió que podría haber sido causada por un complot para [illegible].

El Día [illegible]

01.01

8709204

Una prueba para la apertura de Gorbachov

No es posible callar

Redacción de Glasnost

El último 3 de julio, en Moscú, apareció el número 1 de la revista Glasnost (transparencia), primera publicación soviética con vocación de legalidad. Se trata de 55 páginas mecanografiadas y copiadas con papel carbón en 50 ejemplares, lo cual indica su carácter fundamentalmente simbólico. Presentamos a continuación largos extractos del editorial de Glasnost.

La necesidad de reformas en todos los ámbitos de la vida de la sociedad —político, económico, social y cultural— se ha hecho evidente en nuestros días. Hace aún poco tiempo, apenas unos pocos hablaban de la necesidad de cambios. Hoy, de los cambios hablan de la forma más insistente los dirigentes del país. Precisamente ellos valoran los acontecimientos del período precedente como *fenómenos precríticos*. Precisamente los dirigentes del país han anunciado una política de decididos cambios y han declarado que no existe otro camino.

Pero el proceso de transformaciones, el proceso de reestructuración, es difícil y complicado. Sus enemigos pasivos pero poderosos son la indiferencia social, la ausencia de hábitos de pensamiento democrático, la desconfianza en la fuerza de la opinión pública.

La reestructuración de la vida social sólo es posible con el desarrollo de hábitos democráticos en la conciencia social. El desarrollo de hábitos democráticos debe ser una empresa nacional.

Podría parecer que esta empresa iba a resultar más fácil a quienes ya antes escribieron y dijeron la verdad sobre la vida en el país sin tener en cuenta las prohibiciones y las persecuciones. Podría parecer que se trataba sólo de continuar, pero esto no es tan fácil. Hay que contar no sólo con la acción, sino también con la reacción.

No es un secreto que la política de cambios encuentra una activa resistencia por parte de aquellos situados en el aparato político y económico que —de forma directa o indirecta— condujeron al país a una *situación precrítica*.

Hasta ahora estas fuerzas siguen ocupando algunos puestos claves y entorpecen activamente la reestructuración. Su argumento principal es el miedo a perder el control sobre el país. No hay que infravalorar la importancia de estas fuerzas.

La inacción es intolerable

Reconocemos que se puede entorpecer la incipiente reestructuración no sólo oponiéndose directamente a las reformas, sino también provocando la actuación de sus adversarios.

En la difícil situación política actual no es sencillo apoyar o rechazar directamente con seguridad una u otra de sus valoraciones. Reconocemos el peligro de la acción, pero la inacción es intolerable.

La sensación y el convencimiento de que ahora se decide el destino del país y el destino de la humanidad obligan a buscar un camino propio de participación en los cambios comenzados.

Los primeros pasos en este camino son claros: empezamos en este boletín de información *Glasnost* y en la colección Glasnost, donde se publicarán artículos y materiales sobre los problemas más importantes de la vida actual.

Ambas ediciones son órganos independientes cuyo fin es contribuir al desarrollo de la conciencia democrática de la sociedad.

El primer tomo de la colección Glasnost (...) está dedicado al más importante acontecimiento político de 1987 a nuestro parecer: la liberación de prisioneros políticos en la URSS.

Ambas publicaciones han sido concebidas como entidades totalmente legales registradas por las organizaciones correspondientes.

Tanto el boletín como los manuales informativos ilustrarán en diferente medida sobre diversos aspectos del movimiento de defensa de los derechos en el país, así como de cualquier otro problema de importancia social: ecología, cultura, economía y vida social, reuniendo en sus páginas al círculo más amplio posible de especialistas altamente cualificados.

La necesidad de publicaciones independientes viene dictada por el hecho de que todos los órganos de prensa de nuestro país son parte del mismo aparato político, administrativo y económico, que funciona de un modo no ciertamente irreprochable y que está sometido en los últimos tiempos a una abierta crítica.

Prescindir de la censura

Los medios de comunicación de masas en nuestro país son parte de este aparato, y por eso no cumplen de forma totalmente satisfactoria la función de vía de comunicación entre la sociedad y la dirección y son también culpables de que el país haya ido a parar a una situación precrítica.

Por el contrario, la creación de una publicación informativa independiente sobre unas bases sociales, aunque no pueda, por causas organizativas y financieras, dar una visión total y equilibrada de la vida en el país, será el necesario complemento a los órganos de prensa ya existentes, junto con los cuales dará una imagen bastante objetiva de la vida en el país.

Gran importancia tiene el hecho de que cualquier cambio en nuestro país se percibe en todo el mundo con el comprensible interés. La información dada por una publicación independiente se percibe con gran confianza y se refleja en el aumento del nivel de confianza entre los países.

Por último, una gran parte de la población del país contempla con prejuicios las publicaciones en las ediciones oficiales tradicionales. Ahora, estas gentes verán que en nuestro país es posible un órgano de prensa independiente que prescinde del Glavlit (organismo encargado de la censura en la Unión Soviética). Esto será la prueba seria de la democracia que ha empezado y animará el clima intelectual de nuestra sociedad en mayor medida que decenas y centenas de comunicados de declaraciones.

Hoy sólo tenemos un método para colaborar en los cambios que tienen lugar en el país: fortalecer estas acciones con palabras, con conciencia social, objetivizarlas. La verdad es un patrimonio social y lo que ayer era secreto se dice hoy en voz alta por todas partes. No es posible callar.

024

Búsqueda, 15/7/87

...as", el presidente ... Secreta-...
...iado Uruguayo de ... (SUL) ...

PESCA

Iglesias: se realizan consultas a naciones con mayor experiencia por acuerdo con la URSS

El Canciller Enrique Iglesias calificó de "borrador iniciado" el proyecto de acuerdo de pesca con la Unión Soviética y dijo que se están realizando "análisis muy cuidadosos" sobre su texto.

Horas antes de su partida hacia Caracas, Iglesias reveló a Búsqueda que el Ministerio de Relaciones Exteriores ha iniciado una etapa de consultas con otras naciones con experiencia en materia pesquera, particularmente en cuanto a cuestiones muy específicas como la preservación del equilibrio ecológico y la preservación de las especies y el control de captura.

Admitió que entre las naciones consultadas se encontraban los Estados Unidos, Gran Bretaña y Japón, pero dijo que también se habían hecho consultas a otros países como, por ejemplo, Canadá, Perú y Australia.

"Todos estos informes nos resultarán muy beneficiosos y serán aportados a la discusión parlamentaria", cuando llegue la ocasión.

La Cámara de Industrias Pesqueras del Uruguay se manifestó "totalmente contraria" a la "participación de flotas de terceros países" en la captura en aguas uruguayas.

01.01

HR

024

PERLA

La URSS comienza a desmantelar el sistema de economía dirigida

Moscú. El país que inventó la economía dirigida ha comenzado a desmantelar el sistema. El primer ministro Nikolai Ryzhkov, expresó el pasado lunes 29 al Soviet Supremo que no habrían más planes anuales por primera vez desde que Stalin inventó el sistema dirigido 60 años atrás.

El planeamiento será, de ahora en más, a largo plazo y estratégico, basado en lineamientos de cinco y quince años. El empuje de las nuevas reformas económicas se centra en hacer de la fábrica individual el foco de la actividad económica, en vez del planteamiento central. Ryzhkov abrió sí el debate en el parlamento soviético sobre la promulgación de la nueva ley sobre empresas estatales.

Dando fuerza legal a las reformas económicas de Mikhail Gorbachov, se da el derecho a los trabajadores de elegir a sus capataces y directores, e incorpora la amenaza de la quiebra a las empresas soviéticas. Si una firma no es capaz de pagar su "salida", y no puede pedir crédito a alguno de los nuevos bancos de inversión, puede entonces apelar a un Ministerio de Rescate de Fondos. Si el Ministerio se rehusa, la empresa cierra por quiebra y se vende. No obstante, se garantiza a la fuerza laboral otro trabajo sustitutivo, después que el liderazgo soviético rechazara las apelaciones de economistas académicos para introducir deliberadamente un poquito de desempleo al país que aún se apoda a sí mismo como el "estado de los trabajadores".

Esta es una de las tres principales leyes que fueron promulgadas —por unanimidad— en la sesión del Soviet Supremo de esta semana, —lunes 29 y martes 30—. La segunda da a los consejos locales de gobierno, por primera vez, un presupuesto propio, independiente de Moscú. Todos los consejos locales tienen ahora el derecho de apropiarse de los fondos de las granjas y las fábricas de su territorio, y pueden gastar el dinero como quieran.

Esto significa que por primera vez, diputados electos de los soviets locales se enfrentarán a una selección política real, entre gastar el dinero construyendo calles o abrir guarderías infantiles, o creando nuevas facilidades deportivas.

La tercera ley clave da al ciudadano soviético el derecho de llevar a funcionarios ante la justicia, si creen que sus decisiones han sido injustas, o si creen que han abusado de su posición y funciones. Resta saber cómo va a funcionar esto en la práctica, pero la intención es convencer al pueblo soviético de que el oficialismo ya no es inmune a la presión pública, y que el individuo puede contar con la ley para protegerse de los arrogantes agentes estatales.

Desde que se publicara por primera vez, en borrador, seis meses atrás, la ley de la empresa estatal había sido ampliamente discutida en la prensa y en masivas reuniones sindicales, en las fábricas y en células partidarias. Ha sido ampliamente criticada por vaga y por una enmienda que da a los consejos de las fábricas el derecho de elegir cómo gastar sus fondos sociales y de inversión.

Diplomáticos occidentales expresaron, el lunes, que se habían impresionado ante el duro lenguaje utilizado por el primer ministro Ryzhkov, mientras delineaba en su discurso la nueva ley y el pensamiento económico que la respaldaba. En sus performances anteriores, en particular en el último congreso del Partido, el discurso de Ryzhkov fue singular por el eco indiferente que dio a las mucho más audaces palabras de Mikhail Gorbachov, sobre la necesidad de una reforma económica. Como resultado, Ryzhkov ganó, probablemente sin merecerlo, una reputación de ser un reformista próspero, un administrador con celo idealista.

Fuentes soviéticas, tanto académicas como oficiales, se han estado esmerando en corregir esta imagen y afirmar que ha probado ser un político astuto en los debates del Politburó. Señalan que uno de los tres nuevos miembros del Politburó designados la semana pasada, Nikolai Slyunkov, es un protegido de Ryzhkov.

Ambos hombres jugaron un papel clave en la redacción de las nuevas reformas económicas, y ahora tienen la oportunidad de impulsar su prestigio aún más si éstas son correctamente implementadas. **(DPA - The Guardian - Especial para Búsqueda).**

01.01

8709217

Sería dejado en libertad

Inminente decisión sobre Mathías Rust

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- Las autoridades soviéticas anunciarán a corto plazo el veredicto de la comisión investigadora del caso del joven piloto germano occidental Mathías Rust, que aterrizó el 28 de mayo con una avioneta en la plaza Roja de Moscú.

Fuentes diplomáticas de la República Federal de Alemania dijeron que mantienen fundadas esperanzas de que la conclusión de esta comisión sea positiva para Rust y que el joven pueda abandonar la URSS, probablemente antes de que concluya el mes.

Recluido en la prisión moscovita de Lefortovo, Rust -según las fuentes- se mantiene en buen estado físico y mental, después de recibir, hace diez días, la segunda visita de sus padres.

Portavoces soviéticos aseguraron recientemente que los miembros de la comisión investigadora, presidida por un destacado militar cuyo nombre no se reveló hasta ahora, cuentan con un plazo de dos meses -que expira la próxima semana- para presentar su informe definitivo.

Medios extraoficiales soviéticos opinan a título personal que Rust será declarado culpable de violación del espacio aéreo de la URSS, pero no caerán sobre él agravantes relacionados con presuntas intenciones contra este país.

Los medios de comunicación soviéticos guardan silencio desde principios de mes sobre el caso, aunque sólo después de que se apaciguara una aparente campaña de prensa que lo presentó como un agente reclutado por algún servicio de espionaje occidental.

Los investigadores soviéticos -según las fuentes diplomáticas- examinaron con especial detenimiento el aparato en el que Rust realizó su insólita aventura, una avioneta Cessna-172.

El hecho de que el joven germano occidental eligiera para relizar su aventura el día de la celebración de los guardafronteras soviéticos, también llamó la atención de las autoridades de la URSS, que pensaron que se trataba de una extraña casualidad.

Desde el punto de vista técnico, las modificaciones realizadas a la avioneta, que iba provista de depósitos suplementarios de combustible en su interior, despertó igualmente los recelos de los investigadores.

Sin embargo, la presencia en Moscú de los padres de Rust, que pudieron visitarle en Lefortovo, sirvió para aclarar algunas dudas de la comisión de expertos, ya que prestaron testimonio sobre las condiciones en que su hijo despegó en Alemania Federal.

Paralelamente a esta investigación, la embajada de la RFA en Moscú mantiene desde el primer momento una intensa actividad en defensa de los derechos de Mathias Rust, aunque siempre dentro de una línea de absoluta discreción y prudencia.

Según se puso de manifiesto durante la visita oficial que realizó a la capital soviética, a principios de este mes, del presidente de la RFA, Richard Von Weizsaecker, existe un pacto verbal de silencio entre ambos países para evitar que el asunto derive hacia políticas indeseables.

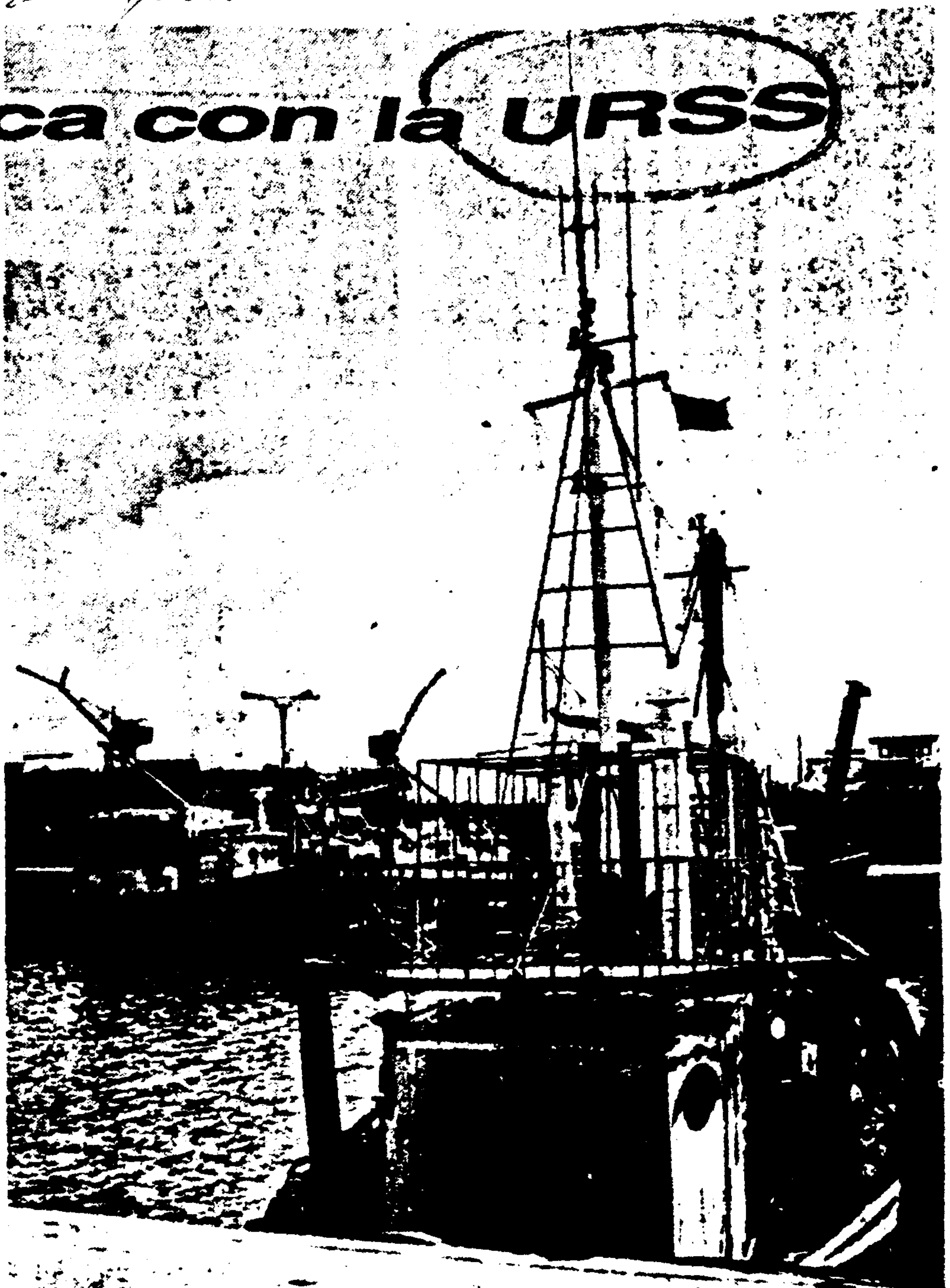
Si los expertos soviéticos dictaminan que no hubo intención de poner a prueba los sistemas defensivos antimisiles de la URSS con fines de información militar, Rust recibirá probablemente el trato reservado a extranjeros que son expulsados del país después de ser considerados como indeseables por actividades ilegales.

01.01

8709227

Convenio de pesca con la URSS

Los ejercicios gimnásticos se suceden



Convocado por la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Diputados, el canciller Iglesias aclaró tiempo atrás que el convenio de pesca con la URSS no existe, que simplemente se determinó un punteo de temas en un acuerdo marco que luego deberá instrumentarse en acuerdos concretos, los cuales, tal como lo establece la Constitución serán sometidos al parlamento.
La inexistencia de un convenio no impidió que se le considerara "contrario al interés nacional" y que fuera utilizado para todo tipo de gimnasia antisoviética. Con el senador Lacalle y el Dr. Eduardo Jiménez de Arechaga haciendo punta.
Dado que los ejercicios continúan, vale la pena reiterar los principales lineamientos del acuerdo marco firmado, y comentarios.

El acuerdo marco suscrito con la URSS comprende la colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas.

El texto del acuerdo se inicia señalando que se parte de "las relaciones amistosas existentes entre los dos países y la Convención de la ONU sobre Derechos del Mar".

Establece que "la República Oriental del Uruguay ejerce sus derechos soberanos con fines de investigación, exploración, conservación de los recursos marítimos vivos y de su administración en los límites de las aguas bajo jurisdicción pesquera uruguaya", no dejando lugar a dudas respecto a que el objetivo del convenio de ninguna manera es posibilitar la violación de la soberanía uruguaya.

También se destaca en la parte introductoria del convenio que se actúa "tomando en consideración la importancia de las investigaciones científicas en la esfera de la industria pesquera y el deseo de coordinar su actividad en esta esfera".

LA PESCA DE BUQUES SOVIETICOS

El artículo 1 del acuerdo marco señala que "las partes se comprometen a colaborar en la esfera de las actividades pesqueras en particular en el desarrollo tecnológico e investigaciones de recursos vivos en la extensión de 200 millas de aguas bajo jurisdicción pesquera de la República Oriental del Uruguay". Hay un reconocimiento expreso a los derechos del país sobre las 200 millas.

A su vez el artículo II señala que "las partes posibilitarán la creación de empresas conjuntas soviético-uruguayas de la industria pesquera sobre bases comerciales de acuerdo con las disposiciones vigentes en ambos países, teniendo en cuenta los requerimientos para la conservación de los recursos vivos y las necesidades de la parte uruguaya de esos recursos para sus plantas instaladas en tierra. Con esa finalidad la parte uruguaya analizará y determinará anualmente las posibilidades de una eventual explotación del remanente no utilizado de especies no tradicionales en aguas uruguayas de acuerdo a las disposiciones internas en la materia".

Este artículo ha sido el más discutido del acuerdo. En primer lugar establece la posibilidad de formación de empresas pesqueras mixtas. Se establece con claridad que la conservación del recurso y las necesidades de las plantas de tierra de materia prima serán prioritarias en caso de instalarse. Por supuesto que estos dos extremos no se encuentran contemplados en el proyecto de ley de zonas francas que sí votaron alegremente blancos y colorados en la Cámara de Diputados.

Con respecto a las posibilidades de que barcos de terceras banderas, en este caso soviéticas, pesquen en nuestras aguas territoriales, en primer lugar se establece con claridad que no es condición del convenio, o los convenios a firmarse en el futuro. E incluso se acepta por la parte soviética que las autoridades uruguayas determinen anualmente si se conceden o no autorizaciones de captura, y sólo para especies no tradicionales.

De cualquier forma entendemos que al país no le sirve para un efectivo control del recurso que pesquen en nuestras aguas territoriales barcos de terceras banderas.

Pero el acuerdo marco es mucho más que esto.

LAS ESFERAS DE COLABORACION

El artículo III establece que "las partes acuerdan realizar la colaboración en las siguientes esferas:

a) Preparación de cuadros nacionales uruguayos en instituciones de enseñanza media y superior de la URSS, y también en buques pesqueros soviéticos.

b) Desarrollo tecnológico de la pesca costera y oceánica.

c) Creación y perfeccionamiento de la infraestructura costera incluyendo construcciones portuarias destinadas a la reparación y servicio de buques pesqueros.

d) Realización de la reparación de los buques de la URSS en astilleros uruguayos".

Es decir, se establece desde el entrenamiento a pescadores uruguayos con la consiguiente transferencia de técnicas de pesca hasta la utilización del puerto de Montevideo como puerto de abastecimiento y reparaciones de la flota pesquera soviética de alta mar que opera en el Cono Sur.

El artículo IV señala al respecto que "la parte uruguaya se compromete a otorgar facilidades portuarias a los buques de la URSS afectados a la pesca en alta mar, incluyendo facilidades en relación con el relevo de tripulaciones y la reparación y aprovisionamiento de dichos buques, y la URSS se compromete a utilizar estas facilidades con los referidos buques de acuerdo a las respectivas legislaciones y a las condiciones que ajusten las partes en cumplimiento de este acuerdo".

LA INVESTIGACION CIENTIFICA

El artículo V indica que "las partes acuerdan directamente o mediante las Organizaciones Internacionales correspondientes, colaborar para tomar las medidas necesarias tendientes a la conservación de las reservas de especies que se encuentran en el área adyacente a las aguas" bajo jurisdicción pesquera uruguaya.

Y en el artículo VII se establece que 1. Las partes colaborarán en la realización de investigaciones científicas en la esfera de la industria pesquera con fines de conservación, óptima utilización y administración de los recursos marítimos vivos en aguas bajo jurisdicción pesquera uruguaya en el área adyacente a las mismas.

2. Científicos y especialistas de ambas partes realizarán consultas para la realización de tales investigaciones y el examen de los resultados obtenidos.

3. Las partes se comprometen a realizar un intercambio mutuo de especialistas sobre técnica pesquera, tecnología de elaboración, reproducción, conservación, utilización óptima y administración de los recursos marítimos vivos". Es decir se establece el compromiso de la URSS de la transferencia tecnológica en el sector, lo cual será de indudable importancia para que el país pueda desarrollar el sector pesquero".

Finalmente se acuerda la creación de una Comisión Mixta para que examine las cuestiones relacionadas con el acuerdo y elaboren "recomendaciones a las partes orientadas a su cumplimiento adecuado" y se establece que el plazo del acuerdo será de tres años prorrogables.



026

La Hora 22-9-87

...de 1987

URSS eliminará armas químicas; lista la planta de destrucción

Moscú (PL). Los representantes de los Estados participantes en la conferencia ginebrina para el desarme serán los primeros extranjeros en conocer una planta soviética para la destrucción de armas químicas.

Los próximos días 3 y 4 se efectuará el recorrido por esas instalaciones, en el que participará un reducido grupo de corresponsales extranjeros, incluido uno de Prensa Latina.

De ese modo, PL podrá informar desde Shijani, región de Saratov, en la federación rusa, los pormenores de esa visita, que comprenderá primero una demostración de armas químicas y después el procedimiento para su liquidación.

Este paso, además de constituir la tercera acción de apertura de la URSS en cuestiones militares en menos de un mes, demostrará que es posible liquidar el arma biológica y que por ello la firma de una convención internacional prohibiéndola es alcanzable.

Las autoridades de la URSS trabajaron intensamente para coadyuvar al logro de ese acuerdo y el secretario general del Partido Comunista de la Unión Soviética, Mijail Gorbachov, se refirió recientemente a la proximidad de su firma como un importante aporte al incremento de la confianza entre los Estados, la distensión y la seguridad en Europa.

También facilitó que un grupo de congresistas y científicos de Estados Unidos visitara la Estación de Radiolocalización (ERL) de Krasnoyarsk, con lo que se comprobó que, contrariamente a lo que afirman las autoridades de Washington, se trata de una obra en construcción que no viola el Tratado de Defensa Antimisil (DAM).

Los próximos días 3 y 4 de octubre, tendremos la posibilidad de apreciar este nuevo paso de buena voluntad de Moscú.

PROXIMO RECORRIDO DE GORBACHOV POR EL NORTE

Contrariamente a las versiones que cierta prensa occidental hizo circular sobre el estado de salud del líder soviético Mijail Gorbachov, crecen rumores aquí de que en los próximos días visitará el noroeste del país.

Específicamente se comenta en círculos moscovitas que el Secretario General del Partido Comunista de la Unión Soviética, tras finalizar sus vacaciones reglamentarias, entre el lunes y el martes visitará la ciudad de Murmansk, en el círculo polar ártico. Casi dos mil kilómetros al noroeste de Moscú.



El líder soviético Mijail Gorbachov.

De confirmarse esa versión, Gorbachov participará en una reunión solemne en la que se condecorará a esa ciudad por el heroísmo mostrado durante la segunda guerra mundial.

Antenoche, la televisión ofreció un pequeño reportaje sobre Murmansk y narró algunos de los episodios de la resistencia de sus habitantes a la agresión fascista.

01.01

URSS 026

La Hora 26-VII-87

Quedó definida la agenda de la visita de E. Shevardnadze

Eduard Shevardnadze permanecerá tres días en nuestro país. Está definida la agenda que comprende la firma de documentos conjuntos de cooperación.

Existe interés en los medios políticos y económicos por las repercusiones de la ampliación de las relaciones entre los dos países.

Se trabaja intensamente por parte del Ministerio de Relaciones Exteriores y la representación diplomática soviética en la elaboración de la agenda de la visita del ministro de Relaciones Exteriores de la URSS, Eduard Shevardnadze. El programa de la primera visita que un miembro del gobierno de ese país nos realiza, está prácticamente finiquitada. El canciller soviético llegará al aeropuerto de Carrasco el lunes 5 en la mañana. Al mediodía colocará una ofrenda floral al pie del monumento a Artigas en la Plaza Independencia y posteriormente almorzará con el ministro de RREE Cr. Enrique Iglesias.

Por la tarde concurrirá al edificio Libertad donde será recibido por el presidente Julio M. Sanguinetti y miembros de su gabinete.

La primera jornada de la visita del ministro Shevardnadze culminará con una recepción en la embajada soviética en honor de las autoridades nacionales, con la presencia de personalidades políticas, diplomáticas y de la cultura.

El martes 6 se realizará un encuentro de trabajo por la mañana en el palacio Santos, sede de nuestra cancillería.

Por la tarde Shevardnadze visitará el Palacio Legislativo donde sostendrá encuentros con el presidente del Senado y vicepresidente de la República, Dr. Enrique Tarigo, y luego con el presidente de Diputados, Víctor Cortazzo.

Por la noche el presidente Sanguinetti ofrecerá una cena en agasajo al ministro soviético y a la delegación que lo acompaña.

El miércoles por la mañana se procederá a la firma de documentos conjuntos, entre los que se encontrarían algunos importantes protocolos de cooperación entre los dos países.

Después de la ceremonia de las firmas el jefe de la diplomacia soviética celebrará una conferencia de prensa.

La presencia en nuestro país, por primera vez, de un alto miembro del gobierno de la URSS, que retribuye así la visita que el canciller Iglesias realizara a ese país en julio del año pasado, ha despertado gran interés en medios políticos, económicos, culturales y sociales uruguayos, por las repercusiones que en todos los campos puede tener un incremento de las relaciones entre los dos países.

01/01

18

URSS
026

EL DIA

Montevideo, miércoles 30 de setiembre de 1987

Canciller ruso apoya democracias latinoamericanas

BRASILIA. — El canciller soviético Eduard Shevardnadze, que el próximo lunes arribará a Montevideo, aseguró ayer en Brasilia que la democratización latinoamericana podrá contribuir a solucionar el problema de la carrera armamentista y que el desarme permitirá una amplia reforma de las relaciones económicas internacionales, en beneficio de los países en desarrollo.

En una entrevista con el presidente del congreso brasileño, Ulyses Guimaraes, el canciller sostuvo que "la solución del problema del desarme es condición para el establecimiento de un nuevo orden económico internacional", subrayando que se han registrado "progresos significativos" en la democratización de América Latina.

Dijo que "ha llegado ahora el momento de estabilizar la democracia en las relaciones internacionales, lo que corresponde a la igualdad entre los estados".

Según Shevardnadze, "los procesos internos de democratización y externos de democratización de las relaciones internacionales constituyen un proceso legítimo que ayuda en la solución de los problemas más importantes, como es el de la eliminación de las armas nucleares.

"Todos sabemos que son muy grandes los recursos destinados a nuevos tipos de armamento y si esa carrera se extiende al espacio cósmico esos gastos se volverán todavía más fantásticos", señaló.

También se refirió el canciller al endeudamiento externo, que calificó como "un tumor maligno", y dijo que "se puede establecer una relación entre desarme y desarrollo, y una amplia reforma de las relaciones internacionales".

"No se debe postergar la solución de esos problemas, y creemos que es posible llegar a un mundo desnuclearizado, un mundo justo y desmilitarizado", concluyó.

01 | 01

VR

JRSS 026

EL DIA 29-9-87

Gorbachov reanuda hoy actividades públicas

MOSCU. — El secretario general del Partido Comunista soviético, Mijail Gorbachov, recibirá hoy en el Kremlin una delegación de personalidades francesas, reanudando así sus actividades públicas tras 53 días de ausencia, indicó una fuente oficial soviética.

Sin embargo, fue imposible confirmar si el número uno soviético estaba de vuelta ayer en Moscú.

Oficialmente Gorbachov continuaba en los últimos días sus vacaciones en el sur del país y se encontraba "en excelente estado de salud".

Rumores imposibles de verificar que circulaban en Occidente y que fueron publicados por el semanario occidental "Bild", decían que Gorbachov había sido víctima de una intoxicación alimentaria.

Un diario sueco, "Expressen", afirmó por el contrario que la prolongada ausencia de Gorbachov de Moscú era debida a una operación quirúrgica con posteriores complicaciones, que había sufrido su esposa Raisa Gorbachova.

La última vez en que se le vio en público fue el 7 de agosto en la recepción ofrecida en el Kremlin a un grupo de profesores de rusoestadounidenses. Entre tanto, Gorbachov firmó un artículo publicado en el órgano del Partido Comunista Soviético "Pravda" y varios mensajes.



Mijail Gorbachov

01 | 01

8709259

Soviéticos, huéspedes de honor

El Presidente de la República, Dr. Julio María Sanguinetti, en acuerdo con el Ministro de Relaciones Exteriores, aprobó una resolución por la que se declaran Huéspedes Oficiales de Honor al Ministro de Relaciones Exteriores de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas, Eduard Shevardnadze y su esposa, quienes permanecerán en nuestro país en visita oficial del 5 al 7 de octubre próximo.

Por la misma resolución, fueron declarados Huéspedes Oficiales a los integrantes de la Comitiva del Canciller Soviético, Teimuraz G. Stepanov, Jefe del Gabinete del Señor Ministro; Leonid E. Kusmin, Director del Segundo Departamento para América Latina del Ministerio de Relaciones Exteriores de la URSS; Igor S. Ivanos, Subdirector del Secretariado General del Ministerio de Relaciones Exteriores de la URSS; Vladimir B. Nikitin, Subdirector del Segundo Departamento para América Latina del Ministerio de Relaciones Exteriores de la URSS; Vladimir A. Avrorski, Consejero del Segundo Departamento para América Latina del Ministerio de Relaciones Exteriores de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas.



01.01

8709262

URSS 026

Gorbachov regresará muy pronto

Envenenamiento es "pura invención"

MOSCU. (ANSA, EFE y UPI).- Las vacaciones del líder soviético, Mijail Gorbachov, finalizarán muy pronto y regresará a Moscú, afirmó ayer Boris Piadishev, portavoz oficial del Ministerio soviético de Asuntos Exteriores.

Piadishev dijo también en rueda de Prensa que Gorbachov se encuentra en el sur de la URSS disfrutando de sus vacaciones, 30 días en total, período estipulado para todos los miembros del Politburó (máximo órgano de poder en la URSS).

Acerca de las informaciones divulgadas por una publicación germano-occidental sobre un supuesto envenenamiento o intoxicación por alimentos del líder soviético, el portavoz señaló que son puras invenciones de cierta Prensa occidental, que busca el sensacionalismo escandaloso y a la que no le gusta lo que pasa en la URSS.

Boris Piadishev añadió que la salud de Gorbachov es buena y que no hay ningún indicio que indique lo contrario.

El portavoz del Ministerio de Asuntos Exteriores señaló, a propósito de la ausencia de información sobre el comienzo de las vacaciones del número uno del Kremlin, que, anteriormente, el comienzo vacacional del secretario general estaba acompañado de ciertos rituales que ahora no son necesarios.

Piadishev no concretó la fecha del regreso de Gorbachov a Moscú y se limitó a afirmar que las vacaciones del dirigente soviético acabarán muy pronto.

Aunque el portavoz oficial indicó hoy que las vacaciones de Gorbachov son de 30 días, el líder soviético no aparece en público desde comienzos del pasado mes de agosto, lo que ha desencadenado todo tipo de conjeturas sobre su larga ausencia.

La Tercera 25-9-87

01/01

URSS 026

Reapareció en el Kremlin con buen aspecto físico

Gorbachov pone fin a los rumores sobre su salud

El máximo dirigente de la Unión Soviética reapareció ayer tras siete semanas de vacaciones, y se entrevistó en el Kremlin con una delegación francesa, poniendo así fin a una serie de conjeturas en el sentido de que habría sido víctima de una enfermedad o de un intento de asesinato.

MOSCU. (EFE, ANSA y UPI).- El Secretario General del Partido Comunista soviético, Mijail Gorbachov, reapareció ayer ante un grupo de personalidades francesas con buen aspecto físico, moreno, y más delgado que hace siete semanas.

La reparición de Gorbachov, después de 53 días de permanecer alejado de la vida pública, pone punto final a intensas conjeturas sobre su estado de salud.

Miembros de la delegación francesa, integrada por casi 400 personas, dijeron ayer que Gorbachov acudió a la reunión con buen ánimo y que permaneció sentado durante la hora que duró la entrevista.

Los únicos cambios físicos apreciables en el máximo líder soviético son la pérdida de varios kilos y la tez bronceada, tras haber pasado un mes completo en un centro de vacaciones a orillas del mar Negro.

Según fuentes directas, Gorbachov afirmó que las conjeturas sobre su estado de salud constituyen una prueba más de la ligereza con que algunos medios de Prensa occidentales manejan los asuntos relacionados con la Unión Soviética.

Agregó que su desaparición de la vida pública se debió al exceso de trabajo acumulado, particularmente en el campo del desarme nuclear, y a su dedicación total a la redacción de un folleto sobre el 70° aniversario de la revolución comunista.

La obra de Gorbachov, que se publicará el próximo mes, es un análisis de las peripecias históricas de la revolución comunista en la URSS y presenta un balance parcial de los dos años y medio de reformas económicas y políticas que vive el país.



El máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov.

DESMIENTEN TRASTORNOS

Un portavoz oficial del Kremlin, Boris [illegible] confirmó también ayer en rueda de Prensa, que Gorbachov goza de buena salud y que en ningún momento sufrió los trastornos que le atribuyeron medios de Prensa occidentales.

Piadishev recalcó que tampoco es cierto que la esposa de Gorbachov, Raisa, haya sufrido recientemente una operación de apendicitis.

Gorbachov -según informó el portavoz- regresó el pasado jueves a Moscú, después de disfrutar un mes de vacaciones, y ahora se enfrenta a un intenso y apretado programa de trabajo.

Los medios de comunicación soviéticos, por su parte, parecen seguir la consigna de evitar un arrastre informativo indirecto, y guardan un silencio total sobre las actividades de Gorbachov, con el fin de crear un ambiente de normalidad.

La agencia TASS no publicó ayer ninguna información sobre el encuentro de Gorbachov con los políticos franceses, pero se espera que el principal programa informativo de la noche, Vremia, emita imágenes de la en[illegible]

LR

JRSS

Verdad y justicia

El "glasnost" gorbachoviano sigue dando que hablar y no se sabe dónde terminará. Es una puerta entreabierta en una alta y sólida muralla pero va a ser muy difícil cerrarla —por lo menos, va a costar mucho— cuando el pueblo soviético se acostumbre a pasar por ella.

Diarios suizos se ocupan del asunto e informan que la sociología comienza a ocupar un lugar entre las ciencias sociales, que los juristas proponen revisar el Código Penal y que los historiadores solicitan una rendición de cuentas de la época estalinista. Esta última noticia nos lleva a formularnos la siguiente pregunta; ¿qué pasaría si las víctimas del estalinismo y sus deudos reclamasen "juicio y castigo" para los homicidas, secuestradores y torturadores que, por miles (decenas y centenas) andan por las calles, se cruzan con ellos y se sientan a su lado?

Quizás los comunistas uruguayos —tan sensibles a los problemas causados por la violación sistemática de los derechos humanos— el PIT-CNT, el SERPAJ y demás profesionales de la materia aprovechen el presunto deshielo soviético para empezar a recolectar firmas con la intención de que los crímenes contra la humanidad cometidos a lo largo de más de 30 años no queden impunes.

Como es un problema de honradez política y de sensibilidad moral —en los cuales son expertos— no dudamos de que ya estarán afinando la pluma...

El Día 24/9/87

01.01

UR

URSS 026.

Anuncian mejoras en derechos civiles de ciudadanos soviéticos

WASHINGTON. — La Unión Soviética piensa derogar en el futuro unas leyes que castigan la difamación en ese país y limitan la libertad de culto, indicaron ayer fuentes del Departamento de Estado norteamericano.

Los planes soviéticos fueron conocidos durante el encuentro en Washington entre el secretario norteamericano de Estado, George Shultz, y el ministro soviético de Relaciones Exteriores, Eduard Shevardnadze, cuando sus delegaciones abordaron el tema de los derechos humanos, precisaron las fuentes.

El secretario norteamericano de Estado adjunto para cuestiones de Derechos Humanos, Richard Schifter, presente en la reunión, dijo que los soviéticos le indicaron que pondrá en libertad a quienes han difamado al país y a los que fueron condenados con arreglo a algunos códigos penales que limitan la libertad de culto.

El Día 24/9/87

ONVENIO PESCA CON URSS LESIONARIA LA SOBERANIA

•Concluyente Informe a Comisión de Senado: Uruguay Hace Concesiones y los Rusos no

La Comisión de Asuntos Internacionales del Senado recibió un informe de la Asociación de Armadores Pesqueros contrario al establecimiento de un convenio con la Unión Soviética, según confirmó a EL PAIS el doctor Eduardo Jiménez de Aréchaga que asesora a la citada agremiación.

En el marco de reuniones informativas sobre el tema, la Comisión conversó en la tarde pasada con la Asociación, representada en esta ocasión por su presidente Américo Deambrosi y por Washington García Poquette, quienes concurrieron al Parlamento acompañados por Jiménez de Aréchaga.

"Los argumentos utilizados por Jiménez de Aréchaga ante la Comisión fueron ciertamente contundentes en contra de establecer el convenio con la URSS", dijo a EL PAIS un vocero de la Comisión. Según parece, el destacado jurista que ya había adelantado su posición de disenso con respecto a este convenio en las páginas de nuestro diario, reiteró el riesgo que implicaría un contrato de esas características donde no sólo se habla de los servicios sino también del volumen de captura en nuestras aguas, sobre lo cual alertó a los miembros de la Comisión.

LESION A LA SOBERANIA

En síntesis, Jiménez de Aréchaga dijo a la Comisión que el convenio es inconveniente para los intereses nacionales en cuanto supone una restricción a la capacidad de la industria pesquera del país, obligando a una determinación cada año de los excedentes no utilizados a fin de dar entrada a barcos de terceras banderas o a cargo de empresas conjuntas soviético-uruguayas.

También fue claro en rechazar el convenio a raíz de la ausencia de contrapartida soviética para las concesiones [illegible] portantes que el país haría.

Jiménez de Aréchaga dijo a la Comisión del Senado que en el convenio hay cláusulas que lesionen la soberanía nacional, como por ejemplo en lo atinente a la investigación científica realizada en el mar territorial.

Los Senadores que integran la Comisión de Asuntos Internacionales continúan con su misión de informarse sobre aspectos relacionados con este polémico convenio pesquero, aunque dijeron a EL PAIS que "la decisión definitiva corresponde al Gobierno".

La Comisión también escuchó ayer un informe del senador colorado Juan A. Singer en relación con la Conferencia que se realizará en Caracas del 9 al 13 de noviembre, sobre el tema "Abuso y Tráfico Ilícito de Drogas en el Hemisferio Occidental".

Control de armamento atómico

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- Los satélites artificiales tendrán una función fundamental en el control de armamento atómico en la Tierra, aseguró el académico soviético Boris Raushenbaj.

Según el experto, los satélites artificiales harían un reconocimiento de la superficie terrestre en busca de posibles depósitos de armas pesadas, destacando la función en detección de misiles nucleares.

Raushebaj se negó categóricamente denominar estos aparatos satélites espías, pues además tendrán otras funciones para la investigación de los recursos naturales de la Tierra y de su ecología.

01.01

8709293

Las alas de Icaro

El joven piloto alemán que tripuló la avioneta cuyo descenso en la plaza Roja de Moscú asombró al mundo, fue finalmente condenado a cuatro años de trabajos forzados. Se le imputaron tres cargos: vandalismo agravado, entrada ilegal y violación de las normas de vuelo. Si se consideran los riesgos del viaje y se aceptara la validez de los cargos acumulados, así como los efectos secundarios del desconcertante vuelo -destitución de altos jefes del área de Defensa y de la Fuerza Aérea soviética-, la sanción no parecería tan grave. Sí, lo suficiente como para que las alas de este Icaro contemporáneo se congelaran. No hay razones para creer que se hayan derretido, que una cosa es el calor del sol que afectó al héroe mitológico y otra es el frío del Kremlin.

El proceso tuvo aristas llamativas. En un primer interrogatorio el joven aviador dijo que la motivación de su viaje había sido el logro de una diversión, es decir, un acto lúdicro con el cual buscó la ruptura de un orden previsto. Más tarde, probablemente asesorado por la defensa, borró esa respuesta y dijo que había cometido un *acto ingenuo* que nunca repetiría, aunque afirmó, también, que había sido llevado por un propósito idealista de entrevistarse con Mikhail Gorbachov, pues se había sentido decepcionado por el fracaso de la reunión cumbre de Islandia.

Mientras en la Corte Suprema soviética se cerraba el caso, no hubo lágrimas, sino insólitas sonrisas. Los padres del condenado aceptaron sin crítica la sentencia y dejaron entrever sus expectativas de que el gobierno soviético redujera, finalmente, la condena.

Queda así flotante la esperanza de libertad a corto plazo para este nuevo Icaro. A la vez se aprecia que éste ha ganado en sentido de realidad y ha aprendido a inhibir su espíritu juguetón. Se puede comprender que la perspectiva de una prolongada reclusión con trabajos forzados lo haya empujado a transar con el rigor del régimen de Moscú, con las reglamentaciones de ingreso y de seguridad. Aunque conserve su rostro adolescente, el aviador habló como un adulto sensato.

Mathias Rust ha ingresado en la leyenda apenas salido de la niñez. Entró, solo, en el centro mismo de una gerontocracia severa e infranqueable. Es dudoso, empero, que pueda salir de la misma manera. Estos juegos se pagan, con mayor o menor severidad: el sentido de humor de los soviéticos no llega a tanto como para un final feliz al estilo de algunas películas del ayer.

Atrás quedaron el asombro y las fabulaciones que provocó su viaje, el misterio de sus móviles. Sin embargo, dentro de lo consumado e irreversible está el haber protagonizado un vuelo increíble en el cual la conjunción de habilidades, coraje y azar lo llevaron a jugar una mala pasada a los guardias fronterizos rusos exactamente en el día en que celebraban su fiesta.

Queda abierto el camino para la imaginación y para elaborar hipótesis, todas indemostrables, todas probables. La verdad reposa, de momento, en la conciencia de un joven de 19 años llamado, de pronto, a la fama universal.

La Nación 15/9/87

EL PAIS

Fundado el 14 de Setiembre de 1918
Directores: Martín Aguirre, Washington Beltrán y Daniel Rodríguez Larreta

Montevideo, Viernes 25 de Setiembre de 1987

ESCOLLO AL FIN

HACE unos días, refiriéndonos al proyectado convenio de pesca y de utilización de los servicios portuarios con la Unión Soviética preguntábamos si estaba vivo o enterrado. Informaciones contradictorias hacían pensar que cualesquiera de ambas apuestas parecían verosímiles. Sin embargo, referencias posteriores, parecen indicar que la fantasmal iniciativa, pues siguen sin conocerse sus padres, ha escollado, y que ahí quedará, presumiblemente en forma definitiva.

No obstante, o bien para el recuerdo como así lo queremos creer, o para precavernos del riesgo de su resurrección, para el caso que no le falte del todo razón a los eternos pesimistas, no está demás volver a ocuparse de algunas de sus cláusulas en particular, después de haber señalado reiteradamente y sin réplica, el aluvión de graves cuestionamientos hechos a la generalidad del proyectado convenio.

De los diversos aspectos severamente criticados, hoy haremos referencia a dos: El cercenamiento de nuestros derechos contenido en el Preámbulo, y el que proviene de la extensión inusitada de las potestades de investigación en nuestras aguas reconocidas a las naves soviéticas.

EN el Preámbulo, en efecto, la Unión Soviética reconoce que el Uruguay "ejerce sus derechos soberanos con fines de investigación, exploración, conservación de los recursos marítimos vivos y de su administración en los límites de las aguas bajo jurisdicción pesquera uruguaya". He aquí, que por esta formulación, como lo señalara el Dr. Juan Oribe Stemmer desde nuestras columnas, el país aparecía abandonando su posición política tradicional, recogida además en la ley, donde la soberanía sobre la zona es el principio, para afiliarse al criterio funcional de enumeración de potestades, que es naturalmente más restrictivo. Pero mucho más grave es aún, que en esa lista falta nada menos que el reconocimiento del derecho a la explotación de los recursos. El Dr. Eduardo Jiménez de Aréchaga, por su parte, que a la contundencia de sus críticas, agrega su alto prestigio de jurista ha expresado sobre ese punto: "Si se cotejan ambos textos, el del Preámbulo y el del artículo 56, parágrafo 1, letra a) de la Convención sobre Derecho del Mar, llama la atención la omisión nada menos que de la palabra "explotación" en el reconocimiento soviético de los derechos del Uruguay. Haya sido deliberada esa supresión o una omisión "freudiana", el hecho significativo es que por este Acuerdo queda comprometido el monopolio legal que el Uruguay tiene respecto a la explotación de la pesca en su mar territorial, salvo el caso de reciprocidad, así como su control exclusivo de la explotación de la pesca en el mar territorial". Convengamos pues, que este olvido es demasiado grande para que haya amnesia que lo pueda explicar.

NO son menos graves las disposiciones que dan participación a las naves soviéticas en la investigación de los recursos de pesca en aguas uruguayas. El compromiso que asume el Uruguay es de colaborar con la Unión Soviética "en el desarrollo tecnológico e investigaciones de recursos vivos en la zona de las doscientas millas bajo jurisdicción nacional. Llama la atención en primer lugar, que el Uruguay que ya tiene una buena base de personal técnico y científico, también aquí desista de impulsar su propia investigación, en una zona tan delicada y tan codiciada como son los recursos vivos en sus aguas, para llevar a las naves extranjeras hasta en sus propias aguas territoriales, para que sea desde ellas, a pesar que sus intereses no sean los nuestros, donde se realicen las tareas que nosotros debíamos de cuidar y de desarrollar. Menos explicable es que también se prevea en el Acuerdo la "preparación de cuadros nacionales uruguayos en instituciones de enseñanza media y superior de la URSS, y también buques pesqueros soviéticos".

ESTO supone, además de propiciar oficialmente el adoctrinamiento político comunista, inherente a la enseñanza de un país totalitario, desertar de las posibilidades y de las obligaciones de nuestra enseñanza, a la que se la descarta de antemano en tareas que deben ser suyas. Más insólita es esa disposición, cuando la Comisión Técnica Mixta del Frente Marítimo, hace publicaciones que recogen estudios e investigaciones de expertos argentinos y uruguayos, que revelan un alto grado de conocimientos y de adelantos en el tema.

Mucho más inquietantes han sido las consideraciones hechas por el Dr. Jiménez de Aréchaga sobre esas disposiciones. Extraemos simplemente, algunas de esas gravísimas apreciaciones críticas: "Los artículos I y VII pueden ser interpretados como otorgando un consentimiento genérico gratuito y unilateral del Uruguay, a que la Unión Soviética conduzca investigaciones científicas marinas, no ya fundamentales, sino aplicadas a la determinación de recursos, incluso en nuestro mar territorial".

Agrega después: "sería difícil encontrar ejemplos de que un país ribereño haya otorgado a una potencia extranjera una autorización genérica semejante respecto de su mar territorial".

SON apenas dos someras pinceladas, de las tantas igualmente graves, que se han señalado y hemos recogido. Pretender que el destino de ILPE tiene algo que ver con la soberanía del país, llenar las paredes de murales y leyendas, y al mismo tiempo callar escrupulosamente el atentado a los derechos e intereses que el escollado proyecto encierra, es hacer un poco lo del tero que grita por un lado, para que, en el otro, lo escondido, escondido quede.

Ahora es el tiempo de la URSS en el Medio Oriente

por Ghassan Salame (*)

Los soviéticos están nuevamente en el Medio Oriente, y nadie en la región, ni siquiera los regímenes árabes más conservadores, parece demasiado preocupado. Una década de supremacía norteamericana se está desvaneciendo y muy pocos parecen lamentarlo.

El nuevo empuje soviético en el Medio Oriente es inevitable en varios frentes.

La propuesta de Moscú de realizar una conferencia internacional para resolver el conflicto árabe-israelí, ayer vista como arcaica, es hoy seriamente considerada como la salida de la actual impasse por George Shultz, Shimon Peres y una cantidad de reyes y presidentes árabes. Habiéndose asegurado una banca en la mesa de paz, Moscú está ahora, comprensiblemente, mucho menos apurado para convenir la conferencia, hasta que se establezca algún orden en el mundo árabe. Mientras tanto, nadie se atreve a volver a mencionar un "proceso de paz" unilateral estadounidense.

El Golfo Pérsico, que una vez fue un "lago norteamericano" en términos estratégicos, ahora es un lugar donde la ayuda soviética es fervientemente buscada no solo por Iraq —sediento de armas—, sino también por países petroleros pro-occidentales cada vez más preocupados por la amenaza a la libre navegación. Moscú ha establecido recientemente relaciones diplomáticas con Omán y los Emiratos Arabes Unidos. Y mientras los soviéticos no han abierto aún una embajada en Riyadh, tres ministros sauditas han visitado Moscú en menos de dos años para discutir temas sensibles, como el precio del crudo y el conflicto árabe-israelí.

Soviéticos hábiles

Los soviéticos han hecho incursiones en otros países. En Egipto hay una creciente presión para que el gobierno tome una postura menos alineada en la política mundial. En Líbano, Moscú ha ganado de la confusión norteamericana y ha obtenido hábilmente la implementación de las resoluciones de las Naciones Unidas, mientras muy diestramente diversificaba sus relaciones con las diversas facciones en pugna. En Sudán, el estancamiento del pro-norteamericanismo ha llevado al exilio del presidente Numiery. Y en Iraq, el régimen podría haber sufrido un colapso años atrás de no haber sido por el cuasi permanente flujo de armas soviéticas.

Moscú ha realizado un gran esfuerzo para calmar los numerosos conflictos inter-árabes. Con ayuda de Argelia, ha logrado la reunificación en los rangos de la OLP (Organización Para la Liberación de Palestina). Y los soviéticos han alentado pasos limitados para la reconciliación sirio-iraquí. La Unión soviética también se ha distanciado de los desórdenes libios en el Chad mientras tomaba ventaja propagandística del ataque estadounidense contra Trípoli en abril del año pasado.

Los árabes están ahora más deseosos de negociar con la Unión Soviética, en parte porque no ven a Moscú como una amenaza. La mayoría de los gobiernos árabes tienden a ver al fundamentalismo islámico de estos días como más desestabilizador que el ateísmo soviético.

Moscú está obteniendo sus dividendos más que nada por el fracaso de Washington en ofrecer una alternativa y los árabes no están realmente encaprichados con los logros soviéticos. El hecho fundamental es que el Medio Oriente está plagado de una cantidad de conflictos irresolubles. Durante muchos años, Estados Unidos parecía deseoso y capaz de ayudar a resolverlos. Pero la administración Reagan ha abdicado de este rol, y los árabes ahora están buscando alternativas silenciosamente.

Desde Nixon a Carter

Bajo Reagan, Washington fracasó en tomar ventaja de la enorme influencia que Estados Unidos había disputado en el Medio Oriente durante fines de los años '70. Desde Nixon hasta Carter, Estados Unidos había buscado el mismo objetivo básico: hacer lo que se pudiese para apaciguar los conflictos del Medio Oriente y, en el proceso, cerrar la puerta a la actividad soviética en la región. La mayoría de los árabes detestaban esta aproximación pragmática, ya fuera en la forma diplomática lanzada por Kissinger o en los preciosos discursos de Carter. Muchos árabes, no obstante, llegaron a pensar que la diplomacia estadounidense era la única opción que les quedaba.

La administración Reagan fracasó en seguir el paso. Como resultado, la hoja de balance norteamericano de los últimos seis años muestra oportunidades perdidas y una desgracia embarazosa. Y la dura línea antisoviética de la administración Reagan en la región ha sido interpretada por muchos árabes como una forma fácil de escapar a la resolución de los conflictos.

Los fracasos de Reagan

He aquí como ven los árabes la política de Reagan en el Medio Oriente:

● En vez de construir sobre los esfuerzos Kissinger-Carter, la administración se comportó como si el conflicto árabe-israelí fuera demasiado marginal para merecer demasiada atención. La administración dio repetidas veces fe de la elegante idea de que ciertos conflictos eran irresolubles.

● En vez de restablecer algún balance entre Israel y el mundo árabe, Reagan prefirió fortalecer la supremacía militar israelí, y firmó un acuerdo de "cooperación estratégica" con Israel. Como resultado, la venta de armas norteamericanas a los árabes moderados comenzó a secarse —aun cuando Moscú estaba rellenando los arsenales de sus clientes.

● En vez de jugar un papel moderador en el Líbano —como lo hizo en 1958—, Estados Unidos dio una "luz amarilla" al general israelí Ariel Sharon para invadir ese país. Una administración Reagan desconcertada envió más tarde a los marines norteamericanos a Beirut, que fracasaron en el desempeño de su papel, si es que realmente se les había asignado alguno. En vez de presionar para una pronta retirada israelí —como lo hizo en 1956 en el Sinaí—, Estados Unidos adoptó una política ambigua que llevó a una actitud de "dejar que Israel lo haga".

● En vez de intentar encontrar una pronta solución a la guerra entre Irán e Iraq, Washington adoptó el punto de vista israelí, que sostenía que cuanto más se prolongara la guerra, mejor. En el proceso, Washington ignoró los riesgos obvios de la extensión del conflicto, sin mencionar la creciente desorganización de la marina en esas aguas vitales.

Esta triste historia fue el doble juego que los islamólogos amateurs de la administración Reagan, Ollie (Oliver) North y Mc Farlane, jugaron con Irán. El fiasco de Irán alienó a todos los gobiernos establecidos de la región.

El momento estadounidense en el Medio Oriente está llegando a su fin. Los países pro occidentales del mundo árabe han aprendido una lección que difícilmente olviden: es muy difícil seguir los consejos del presidente Sadat y poner el 99% de sus cartas en las manos de Washington. Washington puede jugarlas en el juego equivocado, o sencillamente no saber ni siquiera cómo jugarlas. (DPA - The Washington Post - Especial para Búsqueda).

(*) Ghassan Salame —autor de este artículo— es profesor de ciencias políticas en la Universidad de Beirut, y actualmente es profesor visitante en la Universidad de París. Su nuevo libro, "Los Fundamentos del Mundo Arabe", será pronto publicado.

HR

Búsqueda 28/6/87

Ahora es el tiempo de la URSS en el Medio Oriente

por Ghassan Salame (*)

Los soviéticos están nuevamente en el Medio Oriente, y nadie en la región, ni siquiera los regímenes árabes más conservadores, parece demasiado preocupado. Una década de supremacía norteamericana se está desvaneciendo y muy pocos parecen lamentarlo.

El nuevo empuje soviético en el Medio Oriente es inevitable en varios frentes.

La propuesta de Moscú de realizar una conferencia internacional para resolver el conflicto árabe-israelí, ayer vista como arcaica, es hoy seriamente considerada como la salida de la actual impasse por George Shultz, Shimon Peres y una cantidad de reyes y presidentes árabes. Habiéndose asegurado una banca en la mesa de paz, Moscú está ahora, comprensiblemente, mucho menos apurado para convenir la conferencia, hasta que se estableszca algún orden en el mundo árabe. Mientras tanto, nadie se atreve a volver a mencionar un "proceso de paz" unilateral estadounidense.

El Golfo Pérsico, que una vez fue un "lago norteamericano" en términos estratégicos, ahora es un lugar donde la ayuda soviética es fervientemente buscada no solo por Iraq —sediento de armas—, sino también por países petroleros pro-occidentales cada vez más preocupados por la amenaza a la libre navegación. Moscú ha establecido recientemente relaciones diplomáticas con Omán y los Emiratos Arabes Unidos. Y mientras los soviéticos no han abierto aún una embajada en Riyadh, tres ministros sauditas han visitado Moscú en menos de dos años para discutir temas sensibles, como el precio del crudo y el conflicto árabe-israelí.

Soviéticos hábiles

Los soviéticos han hecho incursiones en otros países. En Egipto hay una creciente presión para que el gobierno tome una postura menos alineada en la política mundial. En Líbano, Moscú ha ganado de la confusión norteamericana y ha obtenido hábilmente la implementación de las resoluciones de las Naciones Unidas, mientras muy diestramente diversificaba sus relaciones con las diversas facciones en pugna. En Sudán, el estancamiento del pro-norteamericanismo ha llevado al exilio del presidente Numiery. Y en Iraq, el régimen podría haber sufrido un colapso años atrás de no haber sido por el cuasi permanente flujo de armas soviéticas.

Moscú ha realizado un gran esfuerzo para calmar los numerosos conflictos inter-árabes. Con ayuda de Argelia, ha logrado la reunificación en los rangos de la OLP (Organización Para la Liberación de Palestina). Y los soviéticos han alentado pasos limitados para la reconciliación sirio-iraquí. La Unión soviética también se ha distanciado de los desórdenes libios en el Chad mientras tomaba ventaja propagandística del ataque estadounidense contra Trípoli en abril del año pasado.

Los árabes están ahora más deseosos de negociar con la Unión Soviética, en parte porque no ven a Moscú como una amenaza. La mayoría de los gobiernos árabes tienden a ver al fundamentalismo islámico de estos días como más desestabilizador que el ateísmo soviético.

Moscú está obteniendo sus dividendos más que nada por el fracaso de Washington en ofrecer una alternativa y los árabes no están realmente encaprichados con los logros soviéticos. El hecho fundamental es que el Medio Oriente está plagado de una cantidad de conflictos irresolubles. Durante muchos años, Estados Unidos parecía deseoso y capaz de ayudar a resolverlos. Pero la administración Reagan ha abdicado de este rol, y los árabes ahora están buscando alternativas silenciosamente.

Desde Nixon a Carter

Bajo Reagan, Washington fracasó en tomar ventaja de la enorme influencia que Estados Unidos había disputado en el Medio Oriente durante fines de los años '70. Desde Nixon hasta Carter, Estados Unidos había buscado el mismo objetivo básico: hacer lo que se pudiese para apaciguar los conflictos del Medio Oriente y, en el proceso, cerrar la puerta a la actividad soviética en la región. La mayoría de los árabes detestaban esta aproximación pragmática, ya fuera en la forma diplomática lanzada por Kissinger o en los preciosos discursos de Carter. Muchos árabes, no obstante, llegaron a pensar que la diplomacia estadounidense era la única opción que les quedaba.

La administración Reagan fracasó en seguir el paso. Como resultado, la hoja de balance norteamericano de los últimos seis años muestra oportunidades perdidas y una desgracia embarazosa. Y la dura línea antisoviética de la administración Reagan en la región ha sido interpretada por muchos árabes como una forma fácil de escapar a la resolución de los conflictos.

Los fracasos de Reagan

He aquí como ven los árabes la política de Reagan en el Medio Oriente:

- En vez de construir sobre los esfuerzos Kissinger-Carter, la administración se comportó como si el conflicto árabe-israelí fuera demasiado marginal para merecer demasiada atención. La administración dio repetidas veces fe de la elegante idea de que ciertos conflictos eran irresolubles.

- En vez de restablecer algún balance entre Israel y el mundo árabe, Reagan prefirió fortalecer la supremacía militar israelí, y firmó un acuerdo de "cooperación estratégica" con Israel. Como resultado, la venta de armas norteamericanas a los árabes moderados comenzó a secarse —aun cuando Moscú estaba rellenando los arsenales de sus clientes.

- En vez de jugar un papel moderador en el Líbano —como lo hizo en 1958—, Estados Unidos dio una "luz amarilla" al general israelí Ariel Sharon para invadir ese país. Una administración Reagan desconcertada envió más tarde a los marines norteamericanos a Beirut, que fracasaron en el desempeño de su papel, si es que realmente se les había asignado alguno. En vez de presionar para una pronta retirada israelí —como lo hizo en 1956 en el Sinaí—, Estados Unidos adoptó una política ambigua que llevó a una actitud de "dejar que Israel lo haga".

- En vez de intentar encontrar una pronta solución a la guerra entre Irán e Iraq, Washington adoptó el punto de vista israelí, que sostenía que cuanto más se prolongara la guerra, mejor. En el proceso, Washington ignoró los riesgos obvios de la extensión del conflicto, sin mencionar la creciente desorganización de la marina en esas aguas vitales.

Esta triste historia fue el doble juego que los islamólogos amateurs de la administración Reagan, Ollie (Oliver) North y Mc Farlane, jugaron con Irán. El fiasco de Irán alienó a todos los gobiernos establecidos de la región.

El momento estadounidense en el Medio Oriente está llegando a su fin. Los países pro occidentales del mundo árabe han aprendido una lección que difícilmente olviden: es muy difícil seguir los consejos del presidente Sadat y poner el 99% de sus cartas en las manos de Washington. Washington puede jugarlas en el juego equivocado, o sencillamente no saber ni siquiera cómo jugarlas. (DPA - The Washington Post - Especial para Búsqueda).

(*) Ghassan Salame —autor de este artículo— es profesor de ciencias políticas en la Universidad de Beirut, y actualmente es profesor visitante en la Universidad de París. Su nuevo libro, "Los Fundamentos del Mundo Arabe", será pronto publicado.

01.01

8709320

URSS 026

Los precios y el Kremlin

El Día 22/9/87

A medida que los soviéticos avanzan en la instrumentación de las reformas sustentadas por Mijail Gorbachov, perciben con mayor claridad la falta de realidad que domina hoy el funcionamiento de su economía y la imposibilidad de continuar sosteniendo prácticas que aportan beneficios puntuales pero terminan por deprimir las posibilidades globales de la sociedad soviética para continuar creciendo y desarrollándose.

Un ejemplo claro de esta situación refiere al mecanismo de precios existente, según el cual los productos de consumo directo —los alimentos— están fuertemente subsidiados y alejados de toda modificación de precios. Sólo se han producido variaciones ínfimas desde hace largo tiempo en lo que se refiere a la leche, la carne, las papas, la manteca, entre otros. Así, se ha informado recientemente que el Estado soviético paga 1,9 veces más que los consumidores por la leche, 1,9 veces por las papas, 2,5 veces por la manteca y 3,5 veces por la carne.

La consecuencia de esta realidad de subsidios, ha sido un drenaje de las arcas del Estado que ha debido resarcirse elevando artificialmente los precios de productos de consumo no alimenticios. Los zapatos, los aparatos de TV, los automóviles, se han convertido en productos realmente suntuarios para los trabajadores, cuyo salario promedio mensual es de sólo 200 rublos (unos 300 dólares).

Si realmente la dirigencia política del Kremlin, con Gorbachov al frente, pretende realizar un amplio esfuerzo de inversión en la industria para modernizarla, hacerla eficiente y acelerar el crecimiento económico, deberá quitar al Estado el enorme peso que significa mantener un artificial sistema de precios que evita los incrementos pero que también evita el aumento de la producción, el abastecimiento suficiente y la mejora en los niveles y calidad de vida del pueblo de la URSS.



Carátula del suplemento "Kurortnaia Nedelia", tipo magazine con ofertas de cambios de apartamentos, de oficios y servicios, programación semanal de televisión, cine y deportes, espectáculos para niños, entretenimientos varios; que acompaña al semanario "Chernomorskaia Zdrabnitza", del balneario Sochi, en las orillas del Mar Negro.

LOS MEDIOS DE COMUNICACION

AL ESTILO SOVIETICO

Nota y fotos de Raúl Legnani

A pesar de las diferencias idiomáticas, logramos establecer un diálogo fructífero con Sergey K. Belov, vicedirector del órgano "Chernomoskaia Zdrabnitza". Tanto el periodista soviético como nosotros hablábamos un mismo "lenguaje", no solo en el plano político sino también en la concepción periodística. Esta es parte de la entrevista realizada.

Fernando Rama lo miró, y con mucha tranquilidad le hizo la primera pregunta: "En los países capitalistas se habla mucho del carácter dirigido de la prensa en los países socialistas, ¿qué grado de libertad tiene el periodista soviético para informar, criticar y realizar sus análisis? ¿En qué medida esa libertad no está condicionada? Así, con un golpe directo y al plexo solar, dirían los locutores de boxeo, comenzó un diálogo sumamente interesante.

Lo principal, lo que está en primer lugar, es la honestidad del periodista. En el caso nuestro, siendo un periódico partidario realizamos por convencimiento propio las decisiones del Partido.

Si encontramos hechos, situaciones, fenómenos que están en contradicción con las resoluciones del Partido, independientemente de lo que opinen determinados organismos del Estado o del propio Partido, vamos a intervenir. Francamente no tenemos que acordar con los organismos locales lo que vamos a publicar. Detrás de nosotros están los lectores, la opinión pública.

Por ejemplo, hace poco tiempo hubo una discusión muy interesante. Determinados organismos estatales plantearon la necesidad de construir una nueva carretera de entrada a Sochi. La propuesta llevaba a la necesidad de construir un túnel a través de la montaña, porque se consideraba que otro tipo de solución iba a destruir la naturaleza.

Nuestros periodistas tuvieron un enfoque distinto, por considerar que ese túnel sería muy caro. En nuestras páginas reflejamos las opiniones de especialistas y de la población, escuchando así los distintos puntos de vista. Nuestra propuesta fue construir la carretera bordeando la montaña, fundamentalmente porque era más barata. Pero además demostramos que también al construir el túnel se iba a destrozar la naturaleza, e incluso en un mayor volumen. Gracias a esto el Comité Ejecutivo Regional corrigió su actitud.

El asunto era escarbar, preguntar profundamente, para llevarnos la visión más clara posible en torno al siempre complejo tema de la libertad del periodista. Con ese espíritu se nos ocurrió la siguiente pregunta: Si detectan la situación de corrupción por parte de un dirigente, ¿dan de inmediato la noticia?

Siempre hay que investigar, y estar seguro de lo que se dice. Si el caso de corrupción es único, puede ser que no se publique inmediatamente. Podemos, en este caso, hacer preguntas oficiales al Comité Regional del Partido, y ellos tienen que informarnos qué medida han tomado. Claro que una situación muy distinta es cuando la corrupción está generalizada, allí intervenimos inmediatamente. Repito, no olvide que somos un órgano partidario, y hechos como los que acabamos de conversar ocurren en todo el mundo. Pero igual quiero decirles que en 1983 criticamos 20 veces al Comité Regional, pero con esto no quiero decir que tengamos que disparar cañones contra los gorriones. Preferimos atender los problemas mayores, como el caso de un alto dirigente administrativo que trataba de enriquecerse haciendo diferentes clases de maquinaciones. Nosotros intervinimos, y el problema se terminó.

Ya entrando más en materia profesional, ¿quién decide la aprobación de un artículo?

En general es el Redactor Responsable, pero en muchos casos puede ser el propio Jefe de Sección. Si el material es muy complejo, con aristas muy agudas, lo discute el colectivo del Consejo de Redacción. También en la gran mayoría de las veces el director asume esta resolución.

Bertolt Brecht decía, refiriéndose al teatro, que "la forma es la correcta organización del contenido". Hemos visto que vuestro periódico tiene una mayor preocupación por los temas del diseño que muchos órganos de prensa soviéticos. ¿Qué opina usted de la aseveración del dramaturgo alemán?

Como dijo el secretario del Comité Regional, tenemos que tratar de que la gente, cuando lee nuestro periódico, sienta un vedadero placer. Por eso nos preocupamos mucho de las ilustraciones, de la fotografía, del propio diseño.

Creo que en lo que respecta a la forma, desde ya les digo que estoy absolutamente de acuerdo con la opinión de Brecht, hemos empezado con la perestroika al cambiarle la cara al periódico. Pero por ahora no estamos completamente satisfechos con la calidad del sistema offset que estamos utilizando.

También hemos invitado a trabajar con nosotros a un fotógrafo de "Literatura Soviética", un verdadero artista, que en los próximos días llegará a nuestra ciudad. Y desde hace ya un tiempo utilizamos formas occidentales en la presentación: títulos grandes, subtítulos, artículos más breves, y también tenemos nuestro suplemento de publicidad, modas, entretenimientos, etc.

Pensando en nuestra realidad resolví preguntarle si los columnistas no se enojan cuando les cambian los títulos...

En general lo hacemos con acuerdo del articulista, pero igual podemos hacerlo por nuestra cuenta; por algo somos los profesionales (risas). Muchas veces nos dicen "spasiva" (gracias)...



El pueblo tiene acceso a la prensa en forma gratuita, gracias a las carteleras ubicadas en las calles.

ALGUNOS DATOS

• La radio nacional utiliza anualmente en la preparación de sus programas más de 300 mil cartas, es decir, casi la mitad de la correspondencia recibida.

• La televisión recibe alrededor del millón 200 mil cartas por año, y los periódicos entre 60 y 70 millones.

• Se calcula que más de 600 mil ciudadanos soviéticos colaboran en forma regular y honorariamente, mediante comentarios, reportajes y artículos.

• Los periódicos y la radiodifusión se realizan no solo en el idioma de la república, sino también en las lenguas de las minorías nacionales, sumando en total 71.

• En la URSS se publican 8300 periódicos con una tirada diaria de 181 millones de ejemplares y 5 mil 200 revistas con una tirada anual de 3 mil 400 millones.

• Todos los canales de televisión y la mayoría de las radiodifusoras pertenecen al Estado. Existen además radioemisoras que son manejadas por las organizaciones sociales.

• Todo ciudadano soviético tiene derecho de hacer uso de la prensa para expresar su opinión, presentar sus proposiciones respecto de cualquier problema de la vida social o del Estado, y discutir la actividad de tal o cual organismo o funcionario. La constitución de la URSS (Art. 49) prohibe la persecución por ejercitar la crítica.

• Las organizaciones religiosas pueden tener sus propios órganos de prensa.

• Se editan 18 periódicos para maestros y 66 revistas pedagógicas. Así como publicaciones de tipo científico, artísticas, y humorísticas. La revista femenil "Rabótnitsa" (trabajadora) tira 15 millones de ejemplares, y la revista occidental "Burda" vende 150 mil.

LAS PREGUNTAS HAY QUE CONTESTARLAS

Cuando un periodista entrevista a una personalidad, puede ocurrir que ésta se niegue a contestar una pregunta. También se puede dar la situación, lo pongo a título de ejemplo, de que un dirigente del PCUS le diga al periodista algo así: "Mire, mejor no me pregunte eso. Si quiere se lo contesto fuera de grabación". Ante esta situación, ¿qué ocurre?

Sí, claro que puede ocurrir eso. Pero también el periodista puede citarlo.

Entonces el periodista puede dar esa información, y además decir que el entrevistado le solicitó que no la hiciera pública...

Sí. Además ya estamos preparando desde hace mucho tiempo la ley sobre la prensa. Hasta ahora no tenemos esa ley o acta normativa, según la cual esa personalidad debe contestar todas las preguntas. Pero como enseña la práctica tales negativas casi no surgen, dado que las personalidades son bastante francas, especialmente ahora en el período de glasnost.

Pero la mejor ley son los lectores, y éstos no entenderían por qué ese dirigente no da la respuesta. Actualmente el periodista discute, hace preguntas agudas, de esas que no son muy buenas para el entrevistado.

URSS

024

Rust pidió perdón

MOSCU — Mathias Rust, el joven piloto germano-federal que fuera sentenciado a cuatro años en un campo de trabajos forzados por su vuelo ilegal a la Plaza Roja de Moscú, ha pedido al máximo organismo del Estado soviético que le conceda el perdón.

El vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores soviético, Boris Pyadyshev, dijo a "TASS" que el pedido de Rust sería sometido a consideración del Presidium del Soviet Supremo (Parlamento) por la Suprema Corte, que lo sentenció a principios de mes.

Rust, que partió de Finlandia en su avioneta Cessna, aterrizó el 28 de mayo cerca de la Plaza Roja. Posteriormente afirmó que el vuelo era una misión de paz.

Pyadyshev indicó que el entusiasta joven de 19 años permanecía en prisión en Moscú.

El vocero de la Embajada de Alemania Federal, Ulrich Brandenburg, dijo que no le habían informado que Rust hubiera sido trasladado de la prisión Lefortovo de Moscú, en donde se encontraba antes del juicio y presumía que aún estaba allí.

Pyadyshev dijo que Rust había estado estudiando documentos de su juicio de tres días y sería trasladado a un campo de trabajos forzados de régimen ordinario, la categoría más leve en los campos soviéticos, cuando la tarea de documentación posterior al juicio fuera terminada.

Añadió que el prisionero contaba con buena salud.

A principio de mes, el vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, Gennady Gerasimov, desestimó las sugerencias de que Rust podría ser liberado en una amnistía de este año por el septuagésimo aniversario de la revolución bolchevique, diciendo que ésta se aplica solamente a los prisioneros que han cumplido por lo menos un tercio de sus condenas.

Pero Rust podría aún recibir un perdón especial del Kremlin fuera del marco de la amnistía.

El Día 25/9/87

01.01

8709353

Interés de Aeroflot de volar a Montevideo

La importancia de los convenios que negociará el canciller soviético

"Pienso que durante la entrevista entre los cancilleres Iglesias y Shevardnadze, a celebrarse cuando este último visite Montevideo entre los días 5 y 7 de octubre próximo, van a tratar en forma separada e independiente, la posibilidad de celebrar por una parte un convenio aéreo y otro de pesca y también pienso que esas conversaciones van a apresurar la concreción de las gestiones que se vienen celebrando". Así lo dijo a Alternativa, Guerman Syssoliatine, representante de "Aeroflot", líneas aéreas de la URSS, al ser consultado sobre las gestiones que se vienen realizando para que la citada compañía pueda operar en el Uruguay.

—¿En qué condiciones se hallan las gestiones que está realizando Aeroflot?

—Aeroflot inauguró sus oficinas en Montevideo y comenzó a trabajar oficialmente como representación de la Compañía. En esta etapa, podemos decir que hemos tenido muchos visitantes que desean conocer cómo es Aeroflot, cuáles son sus actividades comerciales, cuáles son las rutas que cubre qué tipos de aviones utiliza y también qué comunicaciones y contactos tiene en América Latina. Además, muchos de esos visitantes tienen especial interés en saber cuándo Aeroflot va a empezar a operar en el Uruguay. En cuanto a las gestiones, puedo decirle, que las autoridades aeronáuticas de los dos países, vienen trabajando para ver cómo resolver el problema. Ya en mayo pasado hubo una reunión de delegaciones del Uruguay y de la URSS, para discutir el proyecto del convenio a firmarse oportunamente.

—¿Considera que la resolución será favorable a la solicitud de Aeroflot?

—Ambas partes han llegado en una primera negociación a un acuerdo para intentar esta operación. Ahora nosotros esperamos la resolución del gobierno uruguayo. No sabemos cuándo llegará esa resolución, luego de la cual, si es favorable, podremos empezar a operar. No sé cuándo sucederá eso, pero por nuestra parte podemos firmar el convenio en cualquier momento.

—¿Qué puntos especiales tiene el proyecto de convenio? ¿Se contemplan los intereses de PLUNA?

—En este convenio se incluyen varios artículos que efectivamente contemplan los intereses de ambas partes, los de PLUNA y los de Aeroflot. En estos artículos se señala claramente que ambas compañías tienen iguales posibilidades, derechos y condiciones. Por ejemplo, si Aeroflot va a comenzar a operar en Montevideo, PLUNA tiene el mismo derecho y en el mismo momento empieza a operar en Moscú, elige su ruta y sus propias condiciones.

—¿Cree que existe interés en la Unión Soviética por conocer Uruguay y que ello podrá generar un interés turístico hacia nuestro país?

—Mi opinión es que ambos pueblos tienen interés en conocerse mutuamente. Sabemos que muchos soviéticos tienen interés en conocer realmente Uruguay, y existe entonces la posibilidad de que importantes grupos turísticos vengan a Uruguay.

—¿El convenio aéreo integra conjuntamente con el convenio de pesca una misma negociación?

—No. Ambos son independientes. El convenio turístico se refiere a la parte aérea y ofrece posibilidades a PLUNA y Aeroflot, como lo he señalado. Pero por separado, si se concreta el convenio de pesca, claro está que vamos a tener más trabajo, lo que nos llevaría a tener mayores frecuencias de vuelo ante la posibilidad de intercambiar las tripulaciones de los buques soviéticos en Montevideo".

—¿Con cuántas frecuencias de viajes comenzaría sus operaciones Aeroflot y qué tipos de aviones utilizaría?

—En la actualidad Aeroflot cumple con dos viajes semanales de Moscú a Buenos Aires para los cuales se utilizan dos tipos de aviones, IL (Ilushin) 62, con capacidad para 16[illegible] pasajeros, que realiza el vuelo por la ruta Dakar-Budapest-Moscú, y el IL 86, para 350 pasajeros, el que realiza escalas en Salvador (Brasil) -Dakar-Basilea-Moscú. Para operar en el Aeropuerto Internacional de Carrasco, comenzaríamos con una frecuencia quincenal, pero ello depende del aumento de pasajeros. Además, si se firma el convenio de pesca, ello nos llevaría a aumentar las frecuencias. Aeroflot cubre en su práctica de operaciones 100 países y en el 70% de esos países, no trabajan marineros soviéticos y vuela y realiza escalas en países donde hay una menor demanda de la que esperamos tener en el Uruguay".



Guerman Syssoliatine, representante de Aeroflot.

REGRESAN LAS DELEGADAS AL CONGRESO MUNDIAL DE MUJERES

DESDE RUSIA CON AMOR... (Y ASOMBRO)

Notas y entrevistas de Inés Russomando

Llegaron al acuerdo de elaborar un documento (ver recuadro) que sintetizara el balance que las 22 mujeres de distintas ideologías, sectores sociales, partidos políticos y religiosos, hicieron del Congreso de la Federación Democrática Internacional de Mujeres (FDIM) realizado en Moscú. Entonces, más que hablarnos del Congreso decidieron contarnos sus impresiones personales sobre la sociedad soviética, la perestroika (a la que con cuño feminista bautizaron Troika Pérez), y de una experiencia globalizadora sobre la Condición de la Mujer. La charla fue con Lilián Celiberti (delegada del PIT-CNT) con Lucy Garrido y Mabel Aguerre del Frente Amplio.

YA que prefieren no hablar del Congreso hasta que no hagan el balance de grupo, cuéntenme sus impresiones de Moscú ¿cómo es eso de la perestroika?

Lucy. "En primer lugar te diría que traducido al uruguayo y para nosotros es Troika Pérez, una mujer que impresiona por el dinamismo y el revuelo que causa. Pero hablando en serio para poder opinar sobre esto una se tiene que regir por los comentarios que desde siempre había escuchado sobre la Unión Soviética. Sobre que era un régimen cerrado donde la gente no tenía posibilidad de hablar, de expresarse con libertad, de criticar, resulta que llegás allá y ves que la gente critica, discute, participa. No tienen ningún empacho en decir lo que piensan. Claro, con la que pudimos hablar..."

¿Tuvieron limitaciones de algún tipo?

Lilián. "No, nosotros nos movimos libremente y fuera de programa cada vez que quisimos. Por ejemplo, de noche nos tomábamos el Metro y nos íbamos a recorrer Moscú."

Lucy. "Una limitación importante es la del idioma porque el ruso es endemoniado; aunque aun así siempre nos hicimos entender. Hablábamos a través de nuestras intérpretes y ocasionalmente con los que sabían español o algún otro idioma que nos servía de puente."

Lilián. "Por ejemplo en el informe al último Pleno del Comité Central, Gorbachov le cae a medio mundo, examina las deficiencias, las carencias, las irregularidades, si vos querés la falta de perestroika, lugar a lugar y con nombre y apellido. Aquí se produjo tanto, cuando lo planificado era tanto otro y lo dice directamente; con eso despierta respeto y credibilidad.

Una de las cosas que predica la prensa grande es que hay una especie de emulación con occidente. Es decir, que el modelo socialista habría fracasado ¿qué opinan ustedes de esto?

Lucy. "No, yo no pienso eso. Creo, por el contrario que si la perestroika es hoy una realidad es porque hubo antes 70 años de socialismo. Podría decirte incluso que de esos 70 hay alguno que no me gustó, pero son los años de desarrollo y sociedad socialista los que posibilitan el surgimiento de esta perestroika. Es el resultado de un proceso que satisface necesidades que van mucho más allá de las mínimas, por ejemplo, en el plano cultural, caminás por un parque y ves siete escenarios con distintos espectáculos y donde cualquiera puede cantar, recitar o bailar; sería bárbaro que occidente lo pudiera hacer. Ahí ves capacidad de ejecución y ves los recursos que se destinan a eso que no son necesidades mínimas. Lo que ahora se hace es que fructifique y se desarrolle mucho más su sistema de vida y eso no es parecerse a occidente, ni por lejos."

Mabel. "Lamentablemente no tengo elementos de comparación con una realidad que no conocí antes, en todo caso puedo decirte la opinión que recibí en cuanto a la que tenía antes como un preconcepto. Me pareció un país extraordinario con cosas hechas con muchísimo trabajo, con muchísimo sacrificio y esta apertura la veo como una necesidad y una exigencia del pueblo, de un pueblo que está maduro para estos cambios. De ninguna manera se podía haber dado antes. También veo esto como un desafío, en tanto creo que se les van a presentar problemas difíciles de resolver."

¿Qué experiencias recogieron ustedes del trato con mujeres de distintas realidades políticas y económicas, de distintas culturas y formas de vida?

Lucy. "Comprobar que más allá de realidades diferentes a todas nos une una misma cosa que es la condición femenina, incluso en los países desarrollados donde hay cosas que ya han sido superadas. Nosotras como mujeres del Tercer Mundo comprobamos nuevamente cómo somos doblemente explotadas, las europeas no lo serían doblemente pero mantienen la categoría de explotadas. Hay una unidad básica de las mujeres a nivel mundial."

Lilián. "Respecto a esto creo que es interesante trasmitir la experiencia que tuve en un centro de discusión que se llamaba Mujer y Socialismo. Aquí participaron todas las mujeres de los países socialistas, algunas europeas y las latinoamericanas que éramos minoría. En relación a tu pregunta, creo que en este clima de discusión es donde yo pude ver más el tema de la perestroika. Tuvieron diferencias entre las mismas soviéticas en torno al enfoque del tema, podríamos decir que no fueron antagónicas, pero sí diferentes, opuestas, divergentes.

Hubo distintos enfoques en cuanto a lo que el socialismo da a la mujer en garantías de igualdad o desde el punto de vista de la independencia económica, protección a la familia, en caso de divorcio. En fin, en toda la situación de asistencia social, la maternidad, la educación de los hijos, etc. esa era una línea de reflexión. La otra, dice que a pesar de todo eso que comprende la igualdad jurídica y social subsisten problemas que tienen que ver con otro, mucho más profundo, de la relación hombre-mujer. En definitiva, que tienen que ver con pautas culturales y de cómo se inserta la mujer en la sociedad y cómo se inserta en la familia. En ese sentido nosotras planteamos algunas reflexiones e hicimos muchas preguntas. Recuerdo particularmente la intervención de una socióloga soviética que discrepó con parte de sus compañeras, manifestando que ella pensaba que era un tema no resuelto. Reconociendo que si bien existía una base material muy importante en torno a la igualdad de la mujer, desde el punto de vista cultural y social subsistían consideraciones desiguales.

Fue una discusión muy interesante en cuanto a apertura de la temática y en relación a que, en cualquier sociedad, los problemas que aparecen en determinada etapa, son siempre nuevos. Nosotras tuvimos distintas experiencias de diálogo con otras mujeres soviéticas y creo que la mujer tiene en todas las manifestaciones culturales una presencia notoria, cosa que a mí me llamó mucho la atención. Creo que hay una búsqueda de la mujer en todas las manifestaciones culturales y también de su propia presencia en la sociedad."

Mabel Aguerre. "Yo estuve en la comisión que trató el tema de las estrategias de Nairobi; ahí había europeas, africanas, paquistanas, latinoamericanas, es decir, todas con problemáticas muy diferentes. Veía, por ejemplo, mujeres que hablaban de los avances logrados en su país señalando que habían conseguido legislar en cuanto a derecho de herencia. Esto da una pauta de distintas realidades, con nosotras y también con las europeas. Otras que, por ejemplo, no podían hablar del tema del desarrollo de la mujer porque tenían un problema de analfabetismo muy grande, lo que en estos años habían logrado hacer era luchar contra este problema. La impresión que yo tengo es que las uruguayas estamos insertas en las propuestas de las peruanas; estuve con paraguayas que tienen mucha más dificultades que nosotras -aún no viven en democracia- pero evidentemente, nuestra identificación inmediata se da con las latinoamericanas."

Lilián. "El contacto con las mujeres fue siempre enriquecedor, aunque el congreso en su globalidad fue inabarcable dada la confluencia de mujeres de realidades muy distintas y de un rit-

PASA A LA PAGINA SIGUIENTE

El balance de las mujeres uruguayas

La delegación uruguaya que participara en el Congreso Mundial de Mujeres bajo la consigna "Hacia el año 2000 sin armas nucleares, Paz, Igualdad y Desarrollo" convocado por la Federación Democrática Internacional de Mujeres en la ciudad de Moscú del 23 al 27 de junio próximo pasado, ha realizado una evaluación del mismo en la que las distintas participantes coincidieron en manifestar que:

1° El Congreso constituye un nuevo hecho político protagonizado por las mujeres de todo el mundo. El lema del Decenio de la Mujer: Igualdad, Desarrollo y Paz, ha encontrado en este evento un ámbito de intercambio y crecimiento para la participación social, económica y política de la mujer.

2° Se reunieron en él más de 2.800 mujeres de distintas nacionalidades, ideologías, creencias, extracciones sociales, culturales y situaciones de vida. Se vieron representadas 86 organizaciones nacionales y regionales, participaron 25 delegadas de la ONU y del sistema de organizaciones de la ONU; estuvieron presentes 820 periodistas, se realizaron 11 ruedas de prensa y 100 entrevistas diarias.

3° Que esta misma heterogeneidad y su amplitud (más de 150 países participantes) facilitó la creación de un ámbito de encuentro y de intercambio de experiencias que recogieron los desafíos planteados durante el Decenio de la ONU para la Mujer y plasmados en las Estrategias Futuras hacia el año 2000 para el mejoramiento de la condición de la mujer en Nairobi.

4° Ese intercambio se desarrolló en el ámbito de 8 Comisiones y 3 Centros cuya temática fue: Mujeres por la Paz y el desarme; Mujeres y Trabajo; Mujeres en la sociedad; El papel y la cooperación de las ONG en la implementación de las estrategias futuras adoptadas en Nairobi; Mujeres familia y niños; Problemas del desarrollo y las mujeres; La incorporación de las mujeres a la lucha por la liberación nacional, la independencia y la autodeterminación; Medios de comunicación y mujeres; Violaciones de los Derechos de la Mujer; Mujeres y Socialismo, etc.

Es de destacar el grado de interés demostrado por todas las delegadas, expresando en el alto número de participantes en cada comisión.

6° Este Congreso nos dió la posibilidad de conocer un país con una realidad social, cultural, económica y política diferente, donde fuimos recibidas en un clima fraterno y hospitalario en las distintas ciudades y regiones que tuvimos oportunidad de conocer.

7° Que el mismo espíritu pluralista que primó en el Congreso se vio reflejado en la delegación uruguaya (22 delegadas) que participó con distintos documentos concertados tanto por las organizaciones sociales como por los partidos políticos participantes.

8° Las organizaciones sociales que integraron el grupo de trabajo preparatorio de este congreso, presentaron un documento referido a la temática del mismo, que estudia la realidad de la mujer uruguaya y que fue realizado con los aportes de panelistas invitadas en su oportunidad y de todas las mujeres que en esos paneles participaron.

9° Las representantes de los partidos políticos en su documento se refirieron a que en nuestro país, en interrelación con la realidad latinoamericana, el problema de la paz pasa por la lucha antimperialista y por la solución de los problemas económicos de la región, en especial por el tema de la deuda externa, cuyos intereses se vierten en el mantenimiento de la carrera armamentista que desvía recursos imprescindibles para el desarrollo de la región.

10° Las invitadas especiales hicieron asimismo aportes propios sobre distintos temas y todos los documentos coincidieron en señalar la contribución protagónica y creativa de la mujer y la necesidad de desarrollar estrategias conjuntas para la solución de los distintos problemas planteados.

11° Dichos documentos fueron entregados a las comisiones y sintetizados en las intervenciones de las participantes.

12° Finalmente, las integrantes de la delegación uruguaya, reafirmamos el hecho de que las mujeres no hemos tomado parte en las decisiones que han llevado al mundo, subdesarrollo, dependencia, injusticia, hambre y destrucción; nosotras, las que damos la vida y queremos cambiarla, debemos ser responsables y protagonistas de un movimiento que establezca estrategias necesarias para lograr un futuro más justo y de paz para todos.

especial Brecha *desde París, por* Anne - Marie Sendi

URSS: el protagonismo de la opinión pública

¿De qué medios disponen Gorbachov y su equipo para asegurar el éxito en sus propósitos de mutación de la sociedad soviética? Si bien es prácticamente imposible encontrar hoy en la URSS una voz que proclame su oposición abierta a la necesidad del cambio, que afirme su predilección por los métodos del pasado, son sin embargo múltiples las resistencias y oposiciones de hecho. No en vano el próximo Comité Central del PCUS estará centrado en el examen de las dificultades que encuentra la puesta en marcha de la "reestructura".

Detrás de las proclamas de adhesión a la "perestroika" y a la "glasnost", las fuerzas conservadoras disponen de mil medios para desviar, frenar, congelar el espíritu y las medidas concretas del cambio: no aplicación, formalismo, interpretación restrictiva, abuso de poder, corrupción...

Ese conservadurismo medra de manera privilegiada en los órganos institucionales del régimen: Partido, sindicatos, Fuerzas Armadas, soviets, ministerios. Aunque en todos esos organismos existen fuerzas renovadoras, no es sino individualmente que ellas pueden intentar influir y actuar; colectivamente chocan contra las estructuras monolíticas de los poderes dominados por la inercia, el espíritu de casta, el reflejo conservador. Alcanza con ver las vueltas que Gorbachov debió dar para tocar al aparato militar (destitución del Ministro de Defensa y de varios altos jerarcas como consecuencia del insólito aterrizaje de un pequeño avión alemán de turismo en la Plaza Roja); alcanza con ver la virulencia de las críticas dirigidas a los sindicatos y a los komsomols durante su reciente Congreso, para medir la resistencia que habrá que vencer en esos monstruos institucionales.

Alcanza con interpelar a la gente en la calle para darse cuenta de los mil y un obstáculos cotidianos que responsables y cuadros esclerosados del Partido y de los diferentes aparatos socio-económicos ponen frente a las medidas concretas de cambio. ¿No se dan todos los días casos de destitución, de sanción a tal o cual responsable con jerarquía en el Partido, en empresas o ministerios? Para no citar más que dos casos recientes entre tantos otros: Vladimir Sujkov, ex Viceministro de Comercio Exterior, fue condenado el 15 de junio a 13 años de prisión y a la confiscación de sus bienes por haber recibido ilegalmente 127.000 rublos (equivalente a la misma cantidad de dólares); su esposa Valentina fue condenada a 11 años de prisión (por haber aceptado 329.000 rublos de comisión para ayudar a las empresas extranjeras a vender sus productos en el mercado soviético). También por corrupción se destituyó al viceprimer secretario del Partido en Bujara.

Dos años después del lanzamiento de la "reestructura", parece bastante evidente que no es en los aparatos existentes donde surgirán las fuerzas de organización del cambio. Entonces, ¿cuál es la palanca que deberán utilizar Gorbachov y su equipo para asegurar el proceso de democratización, condición esencial –para ellos– del éxito de las reformas económicas? El camino elegido aparece claramente: forjar una opinión pública dinámica, y para eso, darle confianza a los medios para expresarse. De ahí las nuevas posibilidades que existen para expresarse en directo en los medios de comunicación, más indirectamente a través de la inteligentsia, y también directamente en la calle.

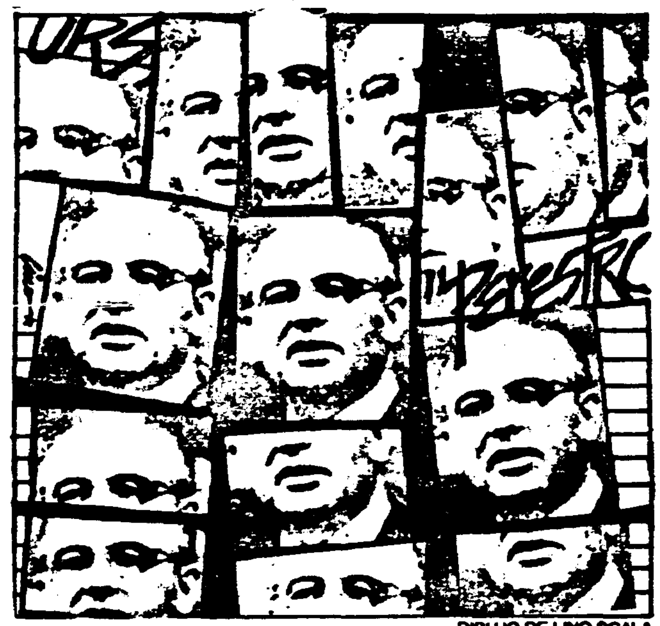
La "revolución mediática"

En la URSS está en marcha una verdadera "revolución mediática". Numerosos programas de televisión, de radio –tanto en diferido como en directo– dan la palabra a la opinión pública, en particular a los jóvenes (no nos referiremos otra vez al papel que juegan las cartas de lectores en la prensa, elemento que ya no es nuevo pero que continúa profundizándose). Citaremos 12º piso, programa del principal canal nacional retrasmitido hacia todo el territorio y llamado así porque es realizado en el piso 12 del edificio que alberga al canal. El programa es hecho por y para los jóvenes. Se trata de un diálogo sobre un tema –en general candente– entre invitados que a menudo son cuadros o jerarcas y los jóvenes de la "escalera". Muchos jóvenes tienen desde hace años la costumbre de reunirse en las escaleras de los edificios donde viven para intercambiar ideas, criticar, discutir sobre sus problemas, sus insatisfacciones, ya que no disponen de otros locales más apropiados (ausencia o insuficiencia de clubs, discotecas, cafés...). Ahora se les da la palabra, una palabra libre, a veces torpe, inexperimentada (¿dónde podrían haber aprendido a estructurar un pensamiento, un análisis?) pero siempre honesta. De esa forma se han abordado temas como la destrucción del patrimonio arquitectónico histórico (iglesias, monasterios), la delincuencia, los privilegios, o las prohibiciones musicales.

Podríamos también citar el programa Resonancia, que trata asimismo sobre los problemas más agudos vividos cotidianamente por la sociedad y donde el responsable convocado debe responder en directo (y sin papeles) a las críticas y reclamos que le son dirigidos.

Estos programas se caracterizan por el hecho de que, por primera vez en estos medios de comunicación, ningún responsable oficial está allí para aportar la "respuesta justa"; para decir "la verdad" o "lo que hay que pensar". Según lo confiesan los mismos periodistas soviéticos, en un primer momento estos programas molestan, trastruecan hábitos profundamente integrados. Muchos ciudadanos les escriben para decirles que "ya no saben qué pensar" ni "dónde está la verdad". Estos programas contribuyen a un reaprendizaje del pensamiento crítico para llegar entonces a forjar la nueva opinión pública dinámica. Todo esto va en el sentido deseado por Gorbachov cuando manifestó "es necesario crear una atmósfera en la que todos los puntos de vista sean tenidos en cuenta. Es necesario liberar la palabra".

Esta corriente de democratización alcanza con el mismo rigor a la prensa. Son incontables las publicaciones soviéticas que se venden como pan caliente no sólo en la URSS, sino también en Praga o en Berlín, en virtud de los temas que abordan y de la libertad de tono y análisis de la que hacen gala. ¿No se publicó acaso en Las Noticias de Moscú del pasado 25 de marzo, una carta que fuera enviada por una cierta cantidad de disidentes soviéticos conocidos y radicados en occidente? ¿No proclamaban ellos que "la publicación de esta carta" (nombrando entre otras cosas "las masacres de civiles en Afganistán" y comparando "la inquietante educación militar y patriótica de los escolares soviéticos al amaestramiento de los jóvenes hitlerianos") en la prensa soviética sería la "mejor prueba de la sinceridad de las declaraciones sobre la transparencia"? Los tabúes caen uno tras otro: drogas, prostitución, delincuencia, pero también la verdad sobre el pasado histórico. Así, el Pravda del 6 de enero toma la posta tras la Literaturnaia Gazeta del 20 de agosto de 1986, para informar sobre la droga: "el número de drogadictos está en constante aumento desde hace cinco años. Cua-



DIBUJO DE LINO SCALA

renta y seis mil han sido detectados por la policía; 300 traficantes fueron arrestados en 1986". El propio Komsomol Skiai Pravda relató hechos de prostitución y tráfico de divisas en la puerta de los hoteles para turistas, no sin obtener ciertos resultados tangibles en cuanto al decrecimiento de esos fenómenos.

La revista ilustrada Ogoniok, antiguamente dechado de conservadurismo, especializada en la presentación de sovjoses modelos o de las super centrales hidroeléctricas, desde la llegada de su nuevo jefe de redacción, M. Korotitch, está a la vanguardia de los temas más difíciles. El tono ha cambiado y los lectores se disputan cada una de sus ediciones. En enero publicó un reportaje que hizo sensación sobre los "luberi", esos jóvenes habitantes de los suburbios, fanáticos de la musculación y de las artes marciales, que durante las noches sabatinas siembran el pánico en las calles de Moscú. Ogoniok fue el primero en denunciar ese fenómeno que, desde entonces, disminuyó considerablemente. El próximo número de la revista incluirá una gran investigación, con abundancia de fotos, sobre la vida cotidiana en las prisiones y los "campos de reeducación por el trabajo". Su jefe de redacción lo proclama: "Necesitamos más transparencia. Si guardamos cadáveres en los placares, la atmósfera continuará envenenada".

El pasado histórico fue siempre uno de los principales temas tabú, y al respecto, también hubo grandes cambios. Las Noticias de Moscú publicó a comienzos de enero un artículo del Rector del Instituto de Historia de Moscú, profesor Y. Affanassiev, titulado "La energía del conocimiento histórico", en el que replanteaba los problemas de la verdad histórica y lamentaba que "el esquema estaliniano, poco verídico, de la Victoria de Octubre y de la edificación del socialismo en la URSS no haya sido superado y sea, a veces, reproducido literalmente". El debate queda abierto y tres meses después un colectivo de cuatro doctores en ciencias históricas le contestan (Noticias de Moscú del 10 de mayo) para reafirmar con fuerza el esquema cuestionado, alertando contra la "tentativa de revisión de la vía histórica recorrida por el pueblo, tentativa que reproduce el proceso que en su momento hicieran Trotsky, Zinoviev, Kamenev (...)". Affanassiev retomó la palabra para denunciar que "el elemento más importante en la carta del grupo de historiadores es el resuelto rechazo de los principios de la reestructura" y para preguntar: "¿Cómo practicar la democracia sin destruir la burocracia? ¿Cómo asimilar la nueva mentalidad sin superar la de los antiguos dogmas? Lo que debemos hacer es revisar los textos y manuales redactados por los conformistas a fin de poder trabajar con una energía redoblada y de forma reflexiva en la edificación del futuro". Y concluye: "La renovación próxima de la sociedad socialista implica, entre otras cosas, una relectura sin preconceptos de nuestra propia historia". Gorbachov ya lo había señalado: "Necesitamos nuevos manuales, honestos y valientes, de la historia del Partido", porque "las divergencias de orden político fueron reemplazadas por fantásticas acusaciones copiadas del código penal".

A través de todo esto vemos dibujarse claramente una de las vías por las que el equipo de Gorbachov espera democratizar la sociedad soviética: forjar una opinión pública crítica y dinámica como un medio de sortear la esclerosis de los aparatos, de revitalizar el entramado social, de dar un lugar a los jóvenes, a la gente capaz y a todos aquellos a quienes los vicios y los compromisos de las estructuras excluyen de la decisión social. De esta forma, los medios masivos de comunicación aparecen hoy como un instrumento privilegiado en la democratización.

Expresarse en la calle

Cabe acotar que, también por primera vez, se permitieron manifestaciones nacionalistas tanto en Letonia como en Moscú, donde la agrupación "Memoria" propala posiciones xenófobas y reaccionarias. Se habla incluso de dar un estatuto legal a ese tipo de asociaciones. Más allá del caso particular, es tal vez el gran tema del pluralismo de organizaciones sociales el que se plantea, y el del derecho a manifestar opiniones divergentes, que será necesario combatir no por métodos administrativos y represivos, sino por la confrontación de ideas.

Es también a los intelectuales a quienes se les pide que intervengan en la formación de la nueva opinión pública, abriéndoles completamente el espacio de la libertad de creación, así como el del examen crítico del pasado y el presente.

Lijatchev, él también historiador y miembro de la Academia, denuncia "los seres dóciles y amorfos" que el sistema educativo ha creado yacuente: "He recibido hace poco la carta de un escolar en la que me narra lo que le sucedió a una de sus compañeras: durante una disertación sobre un gran escritor ruso, la alumna opinó que aquel había cometido varios errores. El profesor estimó ese juicio como inapropiado y reprendió a la chica. Su camarada me preguntó si se tiene el derecho de hablar de los errores de los grandes hombres. Le respondí que no solamente tenemos el derecho sino el deber de hacerlo, y que un hombre puede ser grande aunque se equivoque. Pero este asunto contiene otro aspecto: ¿tiene derecho un alumno a expresar una opinión diferente a la del profesor? Pienso que los docentes deberían alentar la independencia de criterio de sus alumnos. (...) Saber defender su punto de vista es una cosa muy importante en nuestra vida política y social... Nadie puede temer a la verdad, porque la verdad y el temor son inconciliables. A una sola cosa debemos temer: a la mentira; si sentimos ese miedo, entonces reinará en nuestra sociedad un clima sano".

En todos los aspectos de la creación artística sucede lo mismo: filmes, novelas y obras de teatro abordan la realidad en formas diferentes, sin hablar de las obras prohibidas que salen ahora a la luz. Es el caso de las cartas de Mijail Bulgakov (autor de El Maestro y la Margarita) que acaban de ser publicadas en Moscú. Se trata de cartas que Bulgakov enviara a Stalin durante los años 29-30 en las que hablaba de su frustración ante la total prohibición de sus obras.

Espíritu crítico, búsqueda de la verdad histórica, libertad de creación, franqueza de los medios de comunicación; así camina la "glasnost", al servicio de una sociedad que busca un socialismo auténtico y seguro de sus propios valores.

El XXVII Congreso no se equivocó al afirmar que "cuando el Partido, el Estado, llaman al cambio, eso ya constituye un cambio considerable. Este llamado se dirige antes que nada a la opinión. El aparato del Estado no se habla a sí mismo, dispone de otros medios para eso (circulares, ordenanzas, medidas de retorción o de aliento). Hay un momento en que eso ya no es suficiente, en que es necesario que las cosas cambien profundamente. Cuanto más numerosos sean los cambios, más activa deberá ser la opinión pública; y cuanto más activa ella sea, más numerosos serán los cambios".

Lo que sucede ante nuestros ojos desde hace algunos meses, en los medios de comunicación y en los círculos intelectuales, no puede sino dar una confianza razonada a todos los que apuestan al éxito (incluso lento) del gigantesco proceso de reforma iniciado en el país donde la burocracia fue reina, en el país donde –y no hay que olvidarlo– se realizó la primera revolución anticapitalista victoriosa en la historia de la humanidad explotada. Es posible entonces entender por qué los jóvenes de Praga corean "Micha con nosotros", por qué los jóvenes de Berlín Este enfrentan su milicia gritando "Gorbachov... Gorbachov".

(Traducción de Carlos Amorín)

HR

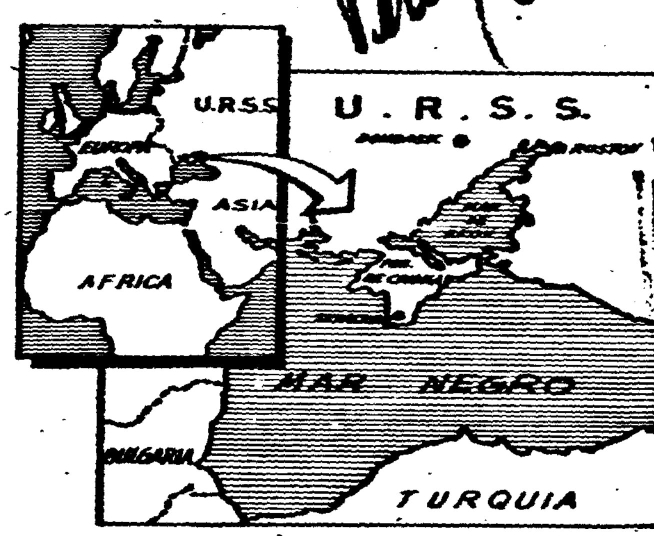
026

La Mañana
MONTEVIDEO, VIERNES 31 DE JULIO DE 1987

Acusados de contactos con Washington

Moscú: endurecen posición frente a los tártaros

Pura (URSS)



MOSCU (ANSA).— Las autoridades soviéticas decidieron ayer dar mayores poderes a la policía y la magistratura para "restablecer el orden" en Moscú, perturbado por las manifestaciones de los tártaros de Crimea que piden un retorno a su tierra de la que fueron deportados por Stalin por colaboración con el nazismo.

La "Tass", al dar la noticia, informa apenas que algunos tártaros extremistas habrían mantenido contactos con el primer secretario de la embajada norteamericana sean Byrnes.

Ayer el ministro consejero de la embajada norteamericana en Moscú fue convocado a la cancillería soviética para escuchar una protesta formal a causa de "las actividades no compatibles con las funciones diplomáticas normales", de Byrnes, quien se habría encontrado con extremistas tártaros, con el objeto de "inspirar manifestaciones nacionalistas" e instigar a algunos tártaros a perpetrar "acciones antisociales".

La primera consecuencia de los mayores poderes concedidos a la policía fue ayer el arresto de algunos tártaros que intentaban realizar una manifestación callejera frente a la sede de la "Tass".

"A nadie, concluye la agencia soviética, le será permitido abusar de la democracia soviética y de las normas que garantizan los derechos de la ciudadanía".

01.01

026

PERLA

El canciller Iglesias admitió en el Parlamento que se modificará el acuerdo pesquero con la URSS

El canciller Enrique Iglesias y sus asesores reconocieron ante la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara Baja el pasado viernes 14 que el borrador del acuerdo de pesca con la URSS deberá ser modificado, dijeron a Búsqueda en fuentes parlamentarias.

La Comisión, por iniciativa de uno de sus miembros, el diputado Yamandú Fau (PGP-FA) invitó a Iglesias a ampliar la información sobre el proyecto de acuerdo, a estudio en el Poder Ejecutivo y aún no remitido oficialmente al Parlamento para su ratificación.

En sus declaraciones a la prensa tras la reunión, —que a su pedido no contó con versión taquigráfica ni grabación— Iglesias declaró que el acuerdo inicialado "no afecta nuestra soberanía", lo definió como "un marco de referencia" y dijo que "la redacción es mejorable".

El Ministro de RR.EE. concurrió al Parlamento acompañado por su subsecretario, Alberto Rodríguez Nin, el subsecretario de Transporte y Obras Públicas Alejandro Atchugarry, el director general del Ministerio de RR.EE. Adolfo Castells, los embajadores Felipe Paolillo y Carlos Pérez del Castillo, y con el presidente de INAPE Cap. Alfredo Giambruno.

Fau abrió la reunión formulando una docena de preguntas sobre el acuerdo, e Iglesias admitió que se trataba de un tema "en discusión" y que muchas de las críticas formuladas eran "válidas", dijeron las fuentes.

En sus declaraciones públicas posteriores Iglesias dijo que el encuentro con los parlamentarios había "develado muchas dudas que han generado un estado de opinión que no se corresponde con la realidad de los hechos".

Durante el encuentro con los parlamentarios, según las fuentes, el presidente de INAPE habría admitido que "puede no ser claro" alguno de los puntos del borrador, pero aseguró que los barcos pesqueros soviéticos "no van a operar en nuestras aguas", admitiendo empero que "varios artículos deben ser modificados".

El convenio pesquero es en realidad un acuerdo para que la flota soviética utilice los puertos de Montevideo y La Paloma para aprovisionarse durante sus actividades en el Atlántico Sur. (Ver Búsqueda 378, pág. 12; 384, pág. 17; 388, pág. 1; 389, pág. 20 y 394, pág. 19) y su ratificación quedó pendiente hasta la visita a Moscú del Presidente Sanguinetti en fecha a determinar. Simultáneamente se encaró la negociación sobre el inicio en nuestro medio de las actividades de la empresa "Aeroflot" de navegación aérea (Ver nota en esta página).

Durante la reunión de la Comisión de Asuntos Internacionales, Fau señaló que acuerdos similares realizados entre la URSS y Perú no habían dado resultado y que la flota soviética había depredado la riqueza pesquera de ese país. Según las fuentes, Iglesias recordó que simultáneamente había sido exitoso un acuerdo de este tipo con Canadá, a lo que Fau replicó que en ese país "hasta la policía montada" cuida de los recursos ictícolas del país.

Interés de Aeroflot por hacer escala en Montevideo, aun sin acuerdo de pesca

"Aeroflot tiene interés en que Uruguay y la Unión Soviética alcancen un entendimiento en materia aeronáutica, que le permita operar regularmente en el Aeropuesto de Carrasco, independientemente de que se concrete un acuerdo en materia de pesca", puso énfasis en señalar el representante de la empresa aérea en Montevideo Guerman Sysoliatine, en reunión de prensa convocada el pasado viernes 14.

Subrayó que la empresa de la URSS "vuela o realiza escalas en países donde existe menor demanda que la que se espera tener en Uruguay". Admitió empero, que "de llegar a buen término las conversaciones entre las autoridades de ambos países para concretar un acuerdo de pesca, la posibilidad de intercambiar las tripulaciones de los buques soviéticos en Montevideo, intensificaría el número de pasajeros y consecuentemente de las frecuencias de vuelo".

El representante de la empresa soviética indicó como estimación inicial —una vez obtenida la autorización— que se realizaría "un vuelo quincenal". En caso de concretarse un acuerdo pesquero que involucre el intercambio de tripulaciones en Montevideo, la frecuencia debería ser incrementada a un vuelo semanal.

Actualmente la compañía realiza dos vuelos semanales de Moscú a Buenos Aires, utilizando dos tipos de aviones IL (Ilushin) 62 (de 162 pasajeros) y el IL 86 (con capacidad para 350 pasajeros). Los vuelos desde la terminal argentina se cumplen los martes en el itinerario Dakar-Budapest-Moscú en aviones IL 62, y los viernes con escalas en Salvador (Brasil), Dakar-Basilea-Moscú, con aparatos IL 86.

Una definición en torno a los distintos acuerdos será alcanzada seguramente en el mes de octubre, en oportunidad de la anunciada visita del canciller soviético Eduard Shevardnadze a Montevideo.

01.01

8709409

020 URSS

PERIODISMO Búsqueda 2/7/87

Los medios de comunicación deberán aprender a disociar el hecho de la propaganda

El "glasnost" es un asunto de conveniencia, y no tanto motivado por consideraciones éticas

por Marshall I. Goldman (*)

¿Cuánto glasnost hay en el glasnost (apertura)? Para ser justos, la diferencia entre la Unión Soviética de hoy y la de la era Brezhnev es enorme. La prensa soviética ahora imprime artículos que nunca hubieran sido publicados cinco años atrás, y si de alguna forma se hubieran "escapado", los editores tanto como los redactores hubieran sido despedidos de sus puestos y sujetos a un interrogatorio riguroso.

Este es uno de los períodos más excitantes de la historia soviética reciente. Eso tiene sus costos. Como explicaba un profesor de Leningrado, él antes nunca perdía su tiempo con la televisión o diarios soviéticos. Ahora debe dedicar dos horas diarias a la lectura de periódicos. Un periodista del vespertino de Leningrado me dijo que las ventas de su diario levantaron por lo menos un 10%. Algunas de las publicaciones más atrevidas, como Noticias de Moscú, virtualmente no se consiguen.

Cada día aparece algo nuevo. Un día un escritor argumenta que los rublos deberían ser convertibles, que debería permitirse a todos que importen y exporten lo que quieran, que los precios internos deberían fluctuar y que los zánganos y los incompetentes deberían ser despedidos, o que, en lugar de la insistencia del Partido en una desocupación cero, exista una desocupación del 2 o el 3%, que haría al sistema económico más eficiente.

Otro día, un dramaturgo soviético hace un llamado a una discusión de dos semanas sobre Nicolai Bukharin e incluso León Trotsky; y a los pocos días, el mismo dramaturgo debate con un historiador estadounidense sobre qué habría pasado si Lenin hubiera vivido unos pocos meses más y aseguró que Bukharin, y no Stalin, se habría convertido en la cabeza del Partido Comunista.

Un joven estudiante me preguntó si mi nuevo libro sobre la economía soviética considera el punto de vista de los "derechistas" como Bukharin durante los jóvenes años de la Revolución Rusa, y, cuando le respondí que sí, me dijo que "entonces leeré el libro".

Para completarla, otro diario de Moscú informa de una manifestación callejera progresista. Mientras caminaba, encontré que un grupo de vecinos estaba protestando contra un contratista estatal que quería derribar un árbol de 200 años de antigüedad para construir un edificio de oficinas y un parking.

No se olvida que se está en la URSS

No obstante, así como la Unión Soviética ha cambiado y probablemente continúe cambiando, el visitante nunca olvida que está en la Unión Soviética y que la batalla está lejos de ser ganada.

La oposición al glasnost se traduce, en muchos casos, en una continua censura y control de la información. Cuando Mathías Rust voló su Cessna sobre la Plaza Roja, los medios de comunicación soviéticos —excepto Noticias de Moscú— demoraron varios días en informar que un piloto alemán había aterrizado su avión en Moscú, e incluso llevó más tiempo tomar conciencia de que el aterrizaje no había ocurrido en el aeropuerto, sino al lado de la pared del Kremlin.

El incidente del avión ilustra el problema de Mikhail Gorbachov. Más y más soviéticos están empezando a aceptar y a esperar al glasnost. Pero cuando hay un encubrimiento o una mentira, se vuelven cínicos sobre las promesas de glasnost del gobierno.

Esto ilustra cuán desafiante puede ser el glasnost. Significa que las duras verdades deben ser conocidas no sólo interna sino también externamente. También significa que la Unión Soviética tendrá que denunciar a la desinformación y a la lucha política deshonesta, que se convirtió en un hábito, y posiblemente los medios de comunicación soviéticos tendrán que tomarse su tiempo para adquirir la capacidad de disociar el hecho de la propaganda. Las autoridades soviéticas han caminado un largo trecho, pero la franqueza y el glasnost hasta ahora representan una política de conveniencia, no una posición ética. Están escritos sobre la arena de cambios del liderazgo político, no en la piedra del compromiso de libertad y verdad. (DPA - Los Angeles Times - Especial para Búsqueda.)

(*) Marshall I. Goldman, autor de "El Desafío de Gorbachov: Reforma de la Edad de la Alta Tecnología" (W. W. Norton) y director asociado del Centro de Investigación Rusa en la Universidad de Harvard.

Gorbachov: por el desarme hacia la paz y el desarrollo



En nuestro editorial destacamos la trascendencia que adquieren los acuerdos sobre el desarme alcanzados durante las intensas jornadas de conversaciones bilaterales mantenidas en Washington por Eduard Shevardnadze, ministro de Relaciones Exteriores de la URSS, y George Shultz, secretario de Estado norteamericano.

En este contexto de progresos tangibles en materia de desarme, adquiere especial significación el artículo del secretario general del PCUS, Mijail Gorbachov, titulado "Realidades y garantías de un mundo seguro", publicado el pasado jueves por los periódicos "Pravda" e "Izvestia".

El trabajo —que sin duda tendrá hondas repercusiones— fue redactado en oportunidad del inicio del 42° período de sesiones de la Asamblea General de la ONU.

Después de dar por sentada la desnuclearización de Europa en función de las actuales conversaciones, Gorbachov coloca ante la humanidad otra gran meta pacifista: la reducción a la mitad de los arsenales de armas nucleares estratégicas, objetivo éste a su juicio posible para el primer semestre del año próximo.

Gorbachov plantea el gran objetivo de un desarme radical, aunado al logro de un nuevo orden económico internacional y un programa de protección ambiental que preserve a la humanidad de los desequilibrios ecológicos.

En este contexto, el artículo del líder soviético propone la disolución de los bloques militares, comenzando por la OTAN y el Tratado de Varsovia, el regreso a sus países de todas las tropas extranjeras destacadas en el exterior —lo que supone el desmantelamiento de todas las bases militares— y la asignación a la ONU de un papel más importante en los mecanismos destinados a prevenir el estallido de la guerra, de cualquier tipo de guerra.

Gorbachov destaca asimismo la importancia de cumplir estrictamente el Tratado sobre Defensa contra Misiles Balísticos (ABM), firmado en 1972, que fija límites muy precisos al desarrollo de las investigaciones vinculadas a la Iniciativa de Defensa Estratégica (IDE, "Guerra de las Galaxias")

A propósito de este tema, el reaganismo acaba de sufrir una importante derrota, al rechazar el Senado una propuesta de la Casa Blanca inspirada en la llamada "interpretación amplia o lata" del ABM y que, por ello mismo, presuponía una luz verde para la "Guerra de las Galaxias".

"No conozco un argumento más sólido e impresionante de que la situación va cambiando, que la declarada disposición de una potencia nuclear a renunciar voluntariamente a las armas nucleares. Son injustificadas las referencias a la aspiración de cambiarlas por armamentos convencionales, sobre los cuales entre la OTAN y el Tratado de Varsovia, aparentemente existe un desequilibrio a favor del último. Si existe desequilibrio y desproporción, entonces eliminémoslos. Sobre esto hablamos perseverantemente todo el tiempo y propusimos métodos concretos para resolver este problema", señala Gorbachov en uno de los párrafos más esclarecedores de su artículo.

El documento analiza también el tema de los derechos humanos en relación a la paz, la seguridad y el desarrollo. "Estoy de acuerdo —dice Gorbachov— en que no puede considerarse seguro el mundo si en él se pisotean los derechos humanos. Sólo agregaré: y también si en considerable parte de este mundo no existen condiciones elementales para una digna existencia del hombre, si a millones de personas se les concede el pleno "derecho" a pasar hambre, a no tener techo sobre su cabeza, quedar sin trabajo y estar enfermo largamente, por cuanto curarse no está a su alcance, si, en definitiva, se desprecia el principal derecho del hombre, el derecho a la vida"

La Hora 19/9/87

01 .01

026

A. Socialista 27/8/87

La "Perestroika" en el banquillo

Critican lentitud de la reforma económica en la Unión Soviética

El primer ministro soviético Nikolai Rijkov, se lamentó ante el Parlamento por "la lentitud y la inconsecuencia" con la que es llevada adelante la "Perestroika" (reforma) de la economía en numerosos sectores de la URSS y abogó por una "alfabetización económica" de los cuadros.

No hubo cambios serios en la sicología y los métodos de trabajo de muchos funcionarios económicos locales", afirmó el primer ministro en un discurso pronunciado en el Kremlin ante los principales dirigentes soviéticos, entre los cuales el secretario general Mikhail Gorbachov y el jefe de Estado Andrei Gromyko.

En su informe sobre economía, Rijkov defendió un "sistema flexible" de gestión, argumentando que los mecanismos actuales, que datan del periodo stalinista, frenan el desarrollo del país. Su intervención giró alrededor de la ley sobre empresas estatales.

Esta ley permitirá "liquidar en los casos extremos" las sociedades deficitarias. Trece por ciento de las firmas industriales registraron pérdidas el año pasado. El lastre de esas firmas es tal, que a menudo recurren a préstamos simplemente para cubrir sus pérdidas, afirmó el primer ministro.

Al respecto, el sistema de créditos será reformado. Rijkov anunció un proyecto de creación de seis bancos "autogestionados". El Gosbank (Banco del Estado) podrá consagrarse ahora esencialmente a la emisión de moneda.

Asimismo, el mecanismo de formación de los precios "no estimula la economía de recursos, el aumento de la calidad de productos ni la aceleración del progreso técnico", afirmó.

Rijkov hizo un alegato en favor de las "grandes empresas", a fin de concentrar los medios de producción y de integrar mejor las innovaciones científicas y



Nicolai Rijkov: las urgencias

técnicas. Consideró anormal que las maquinarias de las empresas sean reemplazadas recién al cabo de 28 años de utilización, promedio.

Es necesario asimismo, declaró el primer ministro, reducir el número de ministerios y de departamentos ministeriales.

CAMBIO DE PLANIFICACION

Los anuncios del premier soviético Nikolai Rizjhkov ante el soviet supremo de la URSS implican un cambio radical en el sistema de planificación económica del país, indicó Leonid Korenev, uno de los principales analistas en cuestiones de economía de la agencia Novosti.

Según el articulista el propósito de la conducción soviética "es cambiar de raíz todo el sistema: la economía basada en directrices deja de existir" y las órdenes "desde arriba" son reemplazadas por la "iniciativa desde abajo". Dentro de este nuevo esquemá, Korenev indica que "el afán de cada empresa por ganar más es fundamental" y que con ello "el pueblo recupera su valor mermado reiteradamente por métodos no económicos de gestión".

El comentarista señala que los que se oponen dentro de la URSS a estos cambios argumentan el fantasma del desempleo, de la falta de productos y otros posibles males sociales. "Estos mismos argumentos —indica Korenev— se utilizaron para torpedear y congelar la reforma económica de 1965, que en alguna manera fue precursora del actual proceso", y añade: "Ahora tenemos conciencia de la inconsistente de estos argumentos, ya que era una quimera suponer que un organismo central podría prever todos los detalles de la economía."

"La verdad es que detrás de la planificación cada vez cobraba más fuerza la espontaneidad administrativa, con los consiguientes desbarajustes. Por lo tanto, lo que cada vez más se necesitaba —por paradójico que parezca— era recuperar el principio de planificación. Y recuperarlo implicaba producir profundos cambios en el sistema de dirección económica de la URSS".

01.01

8709420.

URSS: Cambios promisorios

Las drásticos cambios que Mijail Gorbachov intenta introducir en la economía soviética buscan superar la situación de estancamiento e ineficacia que la caracterizara en la última década, y cuyos resultados no sólo se anotaban en cifras de producción sino también en connotaciones de carácter social que afectaban duramente la moral del pueblo.

Si bien la comprobación es relativamente reciente, la situación ya haía sido prevista hace unos 25 años atrás por quien es él, e uno de los "cerebros", de la actual reforma económica que impulsa Gorbachov. Se trata de Abel Aganbejan, un economista de origen armenio que, desde su juventud sostuvo criterios heterodóxos respecto a la organización de la economía soviética.

El 1961 se hallaba trabajando en el medio académico de Novosibirsk en una teoría que buscaba crear un modelo de planeamiento económico sobre bases matemáticas. La aplicación del mismo a la realidad de su país sin encasillamientos ideológicos, le permitió sostener, ya desde aquel entonces, que la excesiva centralización administrativa era el gran escollo para la expansión industrial de la Unión Soviética.

Aganbejan difundió sus ideas durante las décadas del 60 y el 70 sin tener problemas, pero también sin resultado alguno: las mismas eran consideradas como travesuras de un hombre inquieto y brillante, pero las ideas ortodoxas del partido Comunista no se sentían molladas por ellas y tampoco quienes las sustentaban pues éstas constituían el pensamiento dominante.

Gorbachov conoció a Aganbejan a comienzos de la presente década, cuando el actual líder se desempeñaba como secretario del Comité Central de su Partido y era encargado de Agricultura en tanto que el economista era director del Instituto de Economía de Novosibirsk. En el 83, Gorbachov ya era miembro pleno del Politburó y estaba encargado de la Economía. Aganbejan es desde hace un año Secretario del Departamento de Economía de la Academia de Ciencia, un cargo que trasciende el ámbito académico y se refleja sobre las decisiones económicas de la Unión Soviética.

Los lineamientos de esta nueva línea económica han hecho aparecer temores de que se pueda caer en desviaciones capitalistas. La posibilidad de que aparezca el desempleo —un indicador prácticamente desconocido en la economía soviética— es uno de los argumentos más contundentes en su contra. A ello se suma la inercia, el temor al cambio y el rechazo de quienes son los beneficiarios de la actual situación, pero los innovadores sostienen que mercado y planificación no son incompatibles y en cambio, dicen son complementarios, de manera que la idea es dosificarlos sin alterar los cimientos de la economía socialista. "Nuestro mercado es y continuará siendo un mercado dirigido" afirmó Aganbejan, quien recordó que "no hay bolsa de valores, operaciones inmobiliarias ni especulación financiera".

El economista anuncia que miles de empresas deficitarias deberán cerrar bajo las nuevas condiciones en que comenzarán a operar pues su ineficacia así se los impondrá, pero los trabajadores no quedarán desamparados ya que el Estado les garantiza, desde ya, que serán reubicados en otros puestos.

También anticipa que estas nuevas condiciones traerán aparejadas subas en los precios, en la medida en que algunos de los subvenciones directas e indirectas que actualmente existen se vayan retirando pero, sólo algunas serán inmediatas, otras se producirán en el mediano plazo y otras en el marco general del ajuste que se aplicará recién en 1990.

Las autoridades han llevado la tranquilidad al ánimo de la población soviética al asegurar que el alquiler no será afectado en este primer paso y además, que cada aumento será compensado para que la relación sea cada vez mayor en favor de un excedente que impulse el consumo y reactive así la industria, en especial la liviana.

Un indicio de la audacia de estos cambios se verifica simultáneamente en la vida institucional: la ley de empresas, que intenta descentralizar el proceso de producción si bien es impulsada desde la cúspide del Kremlin, estuvo precedida por seis meses de discusión y 14 mil enmiendas propuestas desde la base demuestran que el soplo innovador es realmente fuerte sobre todo porque la mayoría de ellas fueron aceptadas e incorporadas a la nueva legislación.

Los soviéticos han entendido que hoy pueden criticar a sus máximas autoridades pero aún temen objetar al capataz de su fábrica —algo que no es privativo de la URSS— por eso Gorbachov les ha asegurado "respeto al individuo y defensa de sus derechos y libertades como obligación de todos los organismos y los funcionarios".

URSS

Discutirá presupuesto estatal

Soviet Supremo: próxima sesión

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El Soviet Supremo (Parlamento) de la URSS se reunirá el 19 de octubre en su sesión de otoño, anuncio ayer, sábado, la prensa sovietica.

Esta sesión tendrá un caracter principalmente económico, ya que en ella de debatirá el presupuesto estatal de la URSS para el próximo año y sobre la aplicación del plan de desarrollo económico y social en el presente año.

También se ofrecerán datos sobre los resultados de la aplicación del presupuesto estatal en el año 1986.

La sesión de otoño deberá aprobar asimismo las leyes y decretos presentadas por el Presidium del Soviet Supremo, su órgano permanente entre sesiones.

El Soviet Supremo de la URSS, integrado por 1500 diputados repartidos en dos cámaras, el Soviet de la Unión y el de las Nacionalidades, se reune dos veces al año, en sesiones de primavera y verano, para sancionar las leyes y aprobar los presupuestos generales del Estado y los cambios que le son presentados por los órganos superiores del Partido Comunista.

01.01

18

URSS 026

VERDAD

"Los motivos de Gorbachov"

Para nadie puede resultar sorprendente la complejidad de la sociedad soviética y, mucho menos, el enorme rezago que se observa en algunos aspectos de su desarrollo productivo que nace de un sistema económico integrado en la década de los años treinta y atrapado, desde entonces, por el burocratismo y la ineficiencia.

Ahogado en la obsolecencia, frenado por la gerontocracia, sumido en el despotismo que ejerce el binomio PCUS - KGB, el pueblo soviético se refugió en la ley del menor esfuerzo, en la corrupción y en la servil obediencia al mandato de sus amos en turno.

El ascenso de Mijail Gorbachov al poder omnímodo, al través de la secretaría general del PCUS, representó la posibilidad inmediata de modernización, de reformas, a las estructuras tradicionales de la sociedad soviética, sin que eso signifique, de ninguna manera, abjurar de la ideología marxista. Todo lo contrario, se trata de robustecer sus posiciones internas para poner en marcha su estrategia expansionista.

Gorbachov, de suaves maneras, de buena presencia física, bien vestido y casado con una dama de características similares, resulta idóneo para proyectar la nueva imagen de la Unión Soviética hacia el exterior, en tanto una serie de reformas internas se maneja con la múltiple finalidad de mejorar la productividad, combatir la corrupción y el burocratismo y exportar los avances del marxismo soviético a países que por sus características especiales pueden convertirse en caja de resonancia regional.

La nueva estrategia expansionista soviética incluye, desde luego, el acendrado amor a la paz y a la amistad con todos los pueblos del mundo, su denodado esfuerzo por lograr acuerdos que garanticen el desarme e impidan un holocausto universal y las propias reformas "democratizadoras" que lleva a cabo Gorbachov en la Unión Soviética.

El dirigente ruso ha medido bien sus movimientos. Por una parte, sabe que el eurocomunismo ha rebasado totalmente a la organización marxista de su país y trata de rescatar su preeminencia; por otra, la crisis económica de América Latina resulta un buen aliado para ampliar su esfera de influencia desde la isla de Cuba y el territorio continental de Nicaragua.

En los últimos años, muchas dictaduras militares latinoamericanas han sido derribadas, pero solamente una, la que encabezaba Anastasio Somoza, pudo caer en manos del marxismo internacional. Sin embargo, en las naciones de Centroamérica y en algunas de Sudamérica, hay condiciones propicias para el establecimiento de regímenes comunistas, y grupos armados por los propios soviéticos, al través de Cuba y de Nicaragua, amenazan a los gobiernos legítimamente constituidos. La Estrategia propagandística de la URSS alienta esos intentos.

Sin precisar fechas, Mijail Gorbachov ha anunciado un viaje a América Latina que comenzará en México, lo cual demuestra el cuidadoso análisis previo de las circunstancias que imperan en América Latina.

México, por su vecindad con los Estados Unidos, resulta un país ideal para el manejo de información y propaganda dirigida tanto a su rival hegemónico, como al resto de América Latina.

Por otra parte, la presencia de Gorbachov alentaría a los partidos de extrema izquierda del país anfitrión, que en los últimos comicios han recibido muy bajos niveles de votación.

México ha mantenido una firme posición a favor de la desnuclearización y el desarme, lo cual representa para Gorbachov una gran oportunidad para desarrollar su programa de relaciones públicas destinado a demostrar su vocación pacifista.

Vale la pena recordar que Gilberto Gallardo, conocido dirigente marxista mexicano, expresó que "la visita de Gorbachov a Latinoamérica se inscribe en la ruta de apoyar la autodeterminación de los pueblos, un nuevo orden económico internacional y un mundo plural, con la URSS respetuosa de todo ello".

Independientemente, de lo que se ha dicho sobre la apertura de algunos consulados en la frontera norte, de la creación de empresas conjuntas, de tratados bilaterales y de algún otro quehacer menor, como por ejemplo exacerbar, indirectamente, resentimientos de estudiantes y grupos extremistas de izquierda en contra de los Estados Unidos, uno tiene derecho a preguntarse: ¿Qué viene a hacer Gorbachov a América Latina?

OPINION · 3/4/87

Realizada en ferrocarril transiberiano

URSS revela operación de espionaje

[illegible] ANSA, EFE y UPI.- La URSS reveló ayer el descubrimiento de una supuesta operación de espionaje realizada por servicios de inteligencia occidentales mediante refinados sistemas electrónicos instalados en un contenedor del ferrocarril transiberiano.

El portavoz oficial del Kremlin, Guennadi Guerasimov, aseguró ayer en rueda de prensa que en enero de 1986 las autoridades aduaneras soviéticas notaron ruidos extraños en el interior de un contenedor, proveniente de Japón y con destino a Alemania Federal, por lo que decidieron abrirlo y comprobar su contenido.

Según los documentos, el contenedor, perteneciente a una firma estadounidense y transportado por una japonesa, tenía como destino final la ciudad de Hamburgo, en un viaje por la URSS, desde la ciudad de Najodsk, en el este siberiano, hasta Leningrado, con vasijas de barro en su interior.

Sin embargo, tras sacar las primeras cajas, se descubrió un espacio de unos 20 metros cúbicos en los que había dos computadoras, aparatos de medición de radiación y máquinas de fotos con capacidad para unas 10.000 tomas, además de potentes baterías para que el sistema funcionase, afirmó Guerasimov.

El funcionario, que mostró varios de los aparatos supuestamente encontrados dentro del contenedor, insistió en que es evidente que el fin de este contenedor era realizar un servicio de espionaje dentro del territorio soviético.

PROTESTA

En marzo de 1986, la Unión Soviética protestó ante las embajadas de Japón y de Alemania Federal, además de multar a la firma transportadora del contenedor con 500.000 dólares, indicó.

La Embajada japonesa contestó con evasivas y la alemana no dio respuesta alguna, motivo por el que el 21 de julio de este año se repitió la protesta, sin que hasta el momento hayamos recibido contestación, añadió.

Según Guerasimov, los aparatos encontrados dentro del contenedor son en su mayoría de fabricación japonesa y estadounidense, aunque también hay algunos procedentes de Taiwan y de Hong Kong.

El portavoz del Kremlin señaló que el descubrimiento de este contenedor no afectará las relaciones de la URSS con Japón ni con la RFA, y además se permitirá que la firma japonesa de transportes siga enviando sus contenedores por territorio soviético.

Anatoli Nazarov, responsable del servicio aduanero de la URSS, reconoció que el descubrimiento del contenedor espía fue casual, pues normalmente no se suelen revisar.

01 .01

870943[illegible]

HR

URSS 026

El País 20/7 URSS

¡A TRABAJAR!

En una de sus últimas declaraciones públicas, Mikhail Gorbachov recalcó que el desarrollo soviético debe necesariamente operarse por una [illegible] contracción al trabajo y a la productividad, condenando el bajo rendimiento del obrero soviético por los "[illegible]" del trabajo, la displicencia y la falta de voluntad para incrementar la producción.

Pero no contento con esto, su equipo dispuso el establecimiento de algunas nuevas sanciones por "baja productividad", que caerán tanto sobre directores de producción, como sobre obreros. El líder moscovita parece decidido a no "perder el tiempo" y a exigir mucho más esfuerzo a cambio de las todavía escasas libertades que está concediendo.

Una buena lección para los acólitos del marxismo criollo y los cretino-útiles que le hacen coro: si el marxismo triunfara en Uruguay, tendríamos menos libertades y trabajaríamos muchísimo más por la misma paga.

Y... de huelgas, paros, movilizaciones y demás, ni hablar!

01.01

VIERNES 10 DE JULIO DE 1987

temas

SUPLEMENTO DE EL POPULAR



"PERESTROIKA INTERNACIONAL"

JAQUE A LA DOCTRINA MILITAR

"En una guerra nuclear no habrá vencedores, ni perdedores, ni sobrevivientes en Europa, ni en América Latina ni en Uruguay. De eso estamos seguros (...). No son solamente palabras, es experiencia y es miedo, no a la lucha, sino miedo por la suerte de la humanidad (...). En esta vida sobre el pequeño globo terrestre ningún país puede ser indiferente, como tampoco lo puede ser ningún estadista, político y ningún hombre en este mundo."

ANOTAMOS aseveraciones que dieron la tónica de la conferencia de prensa conjunta que brindaron el viernes los representantes de los países socialistas signatarios del Tratado de Varsovia. Además de la debida formalidad diplomática y documentación, hubo conceptos vertidos con el corazón en la mano.

La conferencia se realizó en la sede diplomática de la República Democrática Alemana volcando múltiples elementos sobre las resoluciones adoptadas a fines de mayo —precisamente en Berlín, capital de la RDA— por el Comité Político Consultivo del Tratado de Varsovia.

Se anotó que Javier Pérez de Cuéllar, secretario general de la ONU, en reciente visita a la RDA caracterizó los documentos de Berlín como una contribución importante a los esfuerzos por poner fin a la carrera armamentista.

Además del comunicado, y un documento acerca de la doctrina militar de los Estados signatarios del Tratado de Varsovia, se dio a conocer otro importante documento sobre la superación del subdesarrollo y el establecimiento de un Nuevo Orden Económico Internacional, que publicamos íntegro en las páginas siguientes.

CUMBRE SOCIALISTA

En la última cumbre, realizada entre los días 28 y 29 de mayo, participaron a la cabeza de sus respectivas delegaciones (que componían cancilleres y ministros de Defensa), los máximos líderes de dichos países miembros: Zhickov, Kadar, Honecker, Jaruselski, Ceausescu, Gorbachov y Husak, respectivamente.

Como ocurriera en anteriores reuniones realizadas en Praga y Budapest, también en Berlín surgieron nuevas iniciativas de paz y de desarme.

"Hace cuatro años estuve en una sesión del Pacto de Varsovia en Praga, recordó el Profesor Josef Hroch, Embajador de la República Socialista de Checoslovaquia. Y mantuve en mi residencia en Montevideo una conferencia de prensa como ésta. Pero todo fue rechazado en la prensa, en general, como propaganda del comunismo, de los países socialistas".

El profesor Hroch tiene muy presente el dolor de la guerra mundial en la que, como partisano combatió la ocupación nazi. "Ahora tenemos peligro de una guerra absolutamente de otro tipo". Es peligro real, manifestó el diplomático recalcando tres veces consecutivas el dramático concepto.

MIEDO

"No son solamente palabras. Son experiencias y es MIEDO, comunicó el diplomático en forma electrizante.

"Nosotros no tenemos miedo a luchar. Tenemos miedo por la suerte de la humanidad. Nosotros, representantes de los países socialistas, no queremos hacer ninguna propaganda. Solamente queremos explicar a gente normal nuestra política, nuestro pensamiento, nuestra humanidad, nuestra lucha por la paz y un futuro mejor de la gente", expresó el embajador checoslovaco como cierre de la exposición colectiva.

La conferencia había sido abierta por Dietmar Schulz, Encargado de Negocios de la embajada anfitriona. Fue acompañado en el panel por los referidos diplomáticos checo y búlgaro, además de los Encargados de Negocios de la URSS, Igor Fedotchenko, de Hungría, Dr. Ferenc Balogh y de Polonia Zbigiew Faltus.

El tema de la deuda externa y el necesario NOEI fue resumido por el diplomático búlgaro, mientras que su colega alemán había hecho la exposición general de las resoluciones.

CONFRONTAR DOCTRINAS MILITARES

Fue seguida con interés la intervención del Consejero de la Embajada de la URSS acerca de la doctrina militar de los Estados signatarios del Tratado de Varsovia.

El documento es breve y consta de dos partes, más algunas propuestas concretas. Fue divulgado anexo a la declaración general de Berlín. Resume los postulados fundamentales de la doctrina militar en la que se asienta la actividad del Tratado de Varsovia, reflejo de la comunidad de objetivos político - defensivos de sus Estados participantes y de sus doctrinas militares nacionales.

Culmina con una de las incisivas iniciativas de la reunión de Berlín. Propone a los Estados miembros de la OTAN realizar consultas "con el fin de comparar las doctrinas militares de ambas alianzas, analizar su carácter, examinar conjuntamente las direcciones de su evolución, acabar con el espíritu de sospecha y desconfianza recíprocas acumuladas durante años, alcanzar una mejor comprensión de los propósitos de unos y otros, asegurar que las concepciones y las doctrinas de los bloques militares y de sus participantes se basen en principios defensivos".

Los países socialistas declararon estar dispuestos a realizar ya este mismo año esas y otras consultas colindantes en Varsovia y Bruselas (sede de la Alianza Noratlántica) o, alternativamente, en cada una de esas dos ciudades.

LA NUEVA MENTALIDAD POLITICA

Fedotchenko manifestó que dicho documento tiene una importancia fundamental. "Es la mejor respuesta a la pregunta acerca de qué significa una nueva mentalidad política y cómo descifrarla".

No solo se expone en forma concentrada el fundamento político de los participantes del tratado sino que señala las disposiciones por las cuales dichos Estados se guían en la política exterior.

"Es además una invitación a realizar acciones conjuntas en nombre de una decisiva renovación de las relaciones internacionales y de su humanización" subrayó el representante soviético.

Estamos claramente ante una iniciativa renovadora. Plantea un camino de análisis, de razonamiento, allí en donde se ha concentrado la mayor carga de irracionalidad e intolerancia tratando de fundamentar una política belicista que desde la asunción de Reagan está basada en un culto a la fuerza, a la imposición descarada por la vía de la superioridad. Y se trata de irracionalidad desde el momento en que la doctrina militar que impulsa el Pentágono se basa en la idea de que puede haber vencedores en una guerra nuclear.

Pero no todos los aliados de la OTAN están movidos por tal impulso suicida. Y menos por una estrategia que les promete a los europeos la peor parte en la confrontación propulsada por los EE.UU. frente a la Unión Soviética y sus aliados.

Las propuestas que buscan sanear de manera sustancial el clima político internacional y que se insertan en una intensa actividad política internacional que no muestra pausas desde hace dos años por parte de la Unión Soviética y sus aliados.

"PERESTROIKA INTERNACIONAL"

El diplomático soviético puso de relieve la ligazón de tal actividad, "con la política innovadora y dinámica de la URSS coordinada con la línea de política exterior de los países del Tratado de Varsovia, remarcada por muchas iniciativas que ejercen indudable influencia sobre toda la política mundial".

Al valorar esta conferencia de Berlín "se puede afirmar que la perestroika se está realizando no solo dentro de la Unión Soviética, expresó Fedotchenko. Transcurre también en las relaciones recíprocas de los Estados socialistas y abarca asimismo las relaciones internacionales como tales.

Reafirman la actual paridad estratégico-militar como el factor decisivo para impedir la guerra, sin buscar superioridad alguna, y planteando múltiples propuestas para lograr acuerdos para cesar la carrera de armamentos, y una disminución radical del nivel de confrontación militar.

NO SON PALABRAS HUECAS

Vemos que no son palabras vanas, cuando un ex presidente norteamericano, como James Carter, dice en estos días en Gran Bretaña que "Gorbachov es quizá el más notable, interesante e innovador líder mundial. Ofrece las mejores perspectivas para la paz mundial".

O en nuestro país, el canciller, Enrique Iglesias, en un reportaje de Canal 10 grabado por el equipo de Prioridad horas antes de la conferencia de los representantes socialistas, reclamó mucha atención para las iniciativas políticas por la paz expuestas por Gorbachov. Confirmó que las propuestas de Berlín, coincidentes con su visita junto al presidente Sanguinetti y demás miembros a Alemania Federal, había provocado indudable impacto en toda Europa.

Nuestro ministro de Relaciones Exteriores dijo categórico: "que tales iniciativas tienen que tener respuesta la otra parte".

Rodolfo Porley

709496

UNION SOVIETICA

Aquí se discute hasta la dirección del viento

Por Raúl Legnani, enviado especial

Doce días de gira por el país de los soviets, visitando las ciudades de Moscú, Volgogrado, el balneario Sochi sobre el Mar Negro y Leningrado, nos han permitido a Fernando Rama (La Hora) y a mí tener una imagen más completa de este país y de este pueblo en los tiempos de la perestroika.

La gira realizada no solo ha tenido caracteres turísticos sino que fundamentalmente hemos podido desarrollar con riqueza la práctica periodística.

Las dudas han quedado en el pasado. Los periodistas extranjeros y nacionales tienen todas las puertas abiertas para preguntar, dialogar, cuestionar, solicitar una ampliación de información e incluso hasta con las preguntas —como hicimos nosotros— llegar a poner nervioso a un veterano de la gran guerra patria y héroe de la URSS.

El primer dato que uno saca de esta realidad compleja, muchas veces contradictoria, es que los informes de Mijail Gorbachov, toda su política impulsada desde el XXVII Congreso es un moderno bisturí que corta profundo y en el lugar justo.

El segundo elemento que aparece sobre la mesa, apenas se sacan las "migajas", es que detrás de esos informes está la opinión pública, el hombre y la mujer común de la calle que buscan un cambio y una nueva realidad.

Se unen así, por lo tanto, en un solo haz las fuerzas de un pueblo que exige y un Partido y un líder —Mijail Gorbachov— que abren rutas a esas inquietudes.

La lista de entrevistas es muy larga e interesante. Mantuvimos contacto con familias obreras, camareras de hotel, colegas, científicos, hombres del arte y dirigentes del Partido.

Destaco el diálogo sostenido con un dirigente de las cooperativas que administra uno de los nuevos restoranes de Moscú y con un héroe de la batalla de Stalingrado.

AQUI SE DISCUTE TODO

No puedo, en esta breve reseña de experiencias, dejar afuera a Vadim, incansable y lúcido colega de Novosti, que con su perfecto español nos tradujo el difícil idioma ruso y supo contestar las más increíbles, insólitas, y a veces hasta provocativas preguntas que le lanzamos sin aviso en el momento menos esperado.

A esta altura los amigos lectores se estarán preguntando qué se discute en la URSS. A mi entender la respuesta es clara: todo, menos el socialismo.

La preocupación fundamental es el progreso de la economía y el desarrollo de la democracia socialista. Si se quiere, en otras palabras podemos decir que se discute la vida del hombre, en esta sociedad del presente y del futuro.

Tenemos la impresión de que las potencialidades creativas del ser humano se han puesto a caminar a un nuevo ritmo, y que cada hecho social y político que ocurre en cualquier rincón de la URSS se expande por toda la sociedad como esas ondas de círculos concéntricos que se generan cuando una piedra golpea la superficie del agua.

Es así que el marxismo-leninismo cobra vida, algunas verdades absolutas que no eran tales se caen como castillos de arena y el hombre como en el 17 y en tantos mojones gloriosos de la URSS gana la escena.

LA PAZ: UNA PARTE DE LA ARMONIA

La prensa gana en frescura, aún queda mucho por recorrer y se transforma en el acicate de la sociedad. Se comienzan a desarrollar reuniones semanales de milicianos y periodistas donde nuestros colegas buscan sacar los trapitos al sol.

Drogadicción, crímenes, delitos sociales ganan espacio en los órganos periodísticos junto a la batalla por la productividad y profundización de la democracia.

En nuestros recorridos nocturnos por Moscú, entre la una y las dos de la mañana, no sentimos en ningún momento un ambiente pesado o de intranquilidad. Al contrario, la paz es parte de la armonía nocturna.

La guerra contra el alcoholismo es total en todas las áreas nutriendo de anécdotas el paisaje social soviético. Quizá sea éste el aspecto donde la perestroika ha calado menos en la opinión pública y en donde las encuestas darían el puntaje más bajo a Gorbachov, quien busca con mucha inteligencia alianza con la mujer soviética para establecer una forma de "ley seca en el hogar". En una de las casas que visitamos le preguntamos a la hija mayor qué le criticaba más al padre. La muchacha lo miró a los ojos y le dijo: que a veces viene un poco "tomado". Al rostro del padre fluyó la sangre y apenas pudo esbozar una tímida sonrisa de vergüenza.



MEJORAR LA CALIDAD DE VIDA

Se discute también el tema de los servicios, que son pocos y bastante mal atendidos, especialmente restoranes y tiendas (con nuestra cultura barística, los excelentes mozos de "La Pasiva", en esto, hasta podríamos opinar con propiedad).

La calidad de la ropa, tanto en el terminado como en el diseño está en el centro de la picota. Lo mismo pasa con la vivienda y la arquitectura, en el contenido de los programas de televisión, en el ritmo de la producción, en la nueva gestión de la economía, en definitiva en la calidad de la vida.

Pero, por favor, que nadie vaya a pensar que aquí solo se discute: también se trabaja y se resuelve. Las llaves para el cambio siguen siendo el desarrollo de la democracia (aquí ser candidato a algo no es nada fácil), establecer el vínculo estrecho entre la producción y la revolución científico-técnica e impulsar la autogestión en la economía. Si bien en casi todos los hogares hay televisores, artículos electrodomésticos, hay conciencia de la necesidad de rápida modernización: ha crecido muchísimo el interés de los soviéticos por dominar la informática y la cibernética. Ejemplo de esto fue la extensa cola que vimos ante uno de los pabellones de la exposición de las "realizaciones de la economía nacional de la URSS", donde se presentaba la exposición móvil norteamericana "La informática en la vida de los Estados Unidos".

LA PERMANENTE CRITICA Y AUTOCRITICA

Esquematismos, diversas formas de rutina, problemas ideológicos, el igualitarismo como filosofía, corrupción, vivitos y avivados, hacen que este proceso no sea un colchón de pétalos de rosa. En el propio PCUS algunas de estas dificultades existen, especialmente la rutina y los viejos estilos.

No en vano Gorbachov dijo en la clausura del último Pleno del Comité Central: "Hay que obrar de manera que gocen del apoyo activo y la atención de parte de los organismos de Partido todos aquellos que optan por la perestroika...".

Otro aspecto a destacar de los discursos de Gorbachov es la permanente crítica y autocrítica, muchas veces adelantándose a los problemas más particulares, señalando responsabilidades con nombre y apellido y siempre impulsando las energías e iniciativas de los cuadros.

También hemos notado, especialmente en el último informe, una alta cuota de humanidad cuando llama a conocer en profundidad la experiencia del resto de los países socialistas.

No quiero, por último, dejar de señalar que en la URSS no existe el paraíso del proletariado. Pero sí que en esta sociedad la gente camina libremente, sin el drama de la desocupación, el hambre, la miseria y el analfabetismo.

Aquí hay mujeres y hombres que discuten hasta la dirección del viento porque se sienten dueños de su propio destino.

01.01

8709498.

VA

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Mujeres Soviéticas Visitan Cooperativa de Vivienda.

PROCEDENCIA: LA HORA 25/9/87

ARCHIVADO EN: Frente de Mujeres (032)

01.01

8709507.

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Mujeres Soviéticas Visitan Uruguay.

PROCEDENCIA: LA HORA 23/9/87

ARCHIVADO EN: Frentes de Mujeres (032)

01 .01

8709508

HR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Sindicalistas Soviéticas llegaron esta madrugada.

PROCEDENCIA: LA HORA 22/9/87

ARCHIVADO EN: Frente de Mujeres (032)

01.01

8709509.

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Soviéticos en el parlamento.

PROCEDENCIA: LA HORA 23/9/87

ARCHIVADO EN: Frentes de Mujeres (032)

01.01 8709510

020

 URSS La Mañana 8/10/87

"Hay voluntad de revisar situación"

Aumentaría volumen de comercio con la URSS

Hay voluntad política de revisar la situación y llegar a concretar acuerdos de mediano alcance, motivo por el cual somos relativamente optimista en cuanto a que se incremente el intercambio comercial entre Rusia y Uruguay. Así lo dijo el Canciller Enrique Iglesias luego de los distintos contactos mantenidos con su par de la Unión Soviética, Edward Sheverdnadze. Afirmó asimismo que está demostrado que a pesar de nuestras distancias en cuanto a que tenemos diferentes sistemas políticos y sociales, es posible construir un diálogo.

Al referirse a las conversaciones mantenidas con el Canciller Ruso, Iglesias manifestó que "hablamos del tema comercial y hay una comisión mixta que se va a reunir, antes de la visita de Sanguinetti, en el mes de enero o febrero. Sobre el particular le expresamos a Sheverdnadze esa especie de asimetría que existe, ya que la relación política ha funcionado y funciona normalmente. Este -recordó- es un hecho que el Presidente Sanguinetti también señaló en su mensaje. Está demostrado que a pesar de nuestras distancias en cuanto a que tenemos diferentes sistemas políticos y sociales, es posible construir un diálogo. Eso indica -subrayó- que hay una base de comprensión y respeto mutuo".

Agregó que "lo que se dice es que ese clima político no está correspondido por el volumen de intercambio comercial".

"Sheverdnadze -dijo Iglesias- coincidió con esa afiramación. Asimismo nos explicó que el comercio soviético está pasando por un difícil momento. La gente se olvida que Rusia es el primer exportador de petróleo del mundo. Por lo tanto esta caída espectacular del crudo afectó también su capacidad de compra, hecho que se reflejó, obviamente, en el nivel de importaciones".

AUTONOMIA DE COMPRA

"De todas formas -puntualizó nuestro Canciller- hay voluntad política de revisar la situación y llegar a acuerdos de mediano alcance. Además la propia reforma interna que se viene llevando a cabo en la Unión Soviética, le da autonomía de compra a las empresas. Es decir, hay una suerte de descentralización de las decisiones. Es así que habrá competencia, lo cual nos permite una mayor movilidad".

Precisó que "ya no tendremos que negociar con el Estado central, sino que lo haremos con las empresas del Estado soviético. Eso siempre es bueno porque, repito, permite a nuestros empresarios mucha más agilidad".

SOMOS COMPLEMENTARIOS

"Debemos tener en cuenta además -destacó Iglesias- que evidentemente somos bastantes complementarios en ciertas cosas. La Unión Soviética compra lana, cítricos, productos de diseños industrializados, todo lo cual nos pone una buena capacidad de venta. De forma que -subrayó- somos relativamente optimistas para que el comercio mejore".

Sobre el convenio pesquero con la Unión Soviética el Canciller manifestó que "se habló en términos muy generales sobre el tema. Le expresamos que nosotros veíamos en este convenio un problema evidentemente de uso de puertos y también de una posible o eventual utilización de excedentes que pudiera haber".

"De todas maneras -indicó- se le expresó que el tema estaba a estudio y que el Poder Ejecutivo recoge opiniones y expresiones de todas partes.

01/01

024

Administración y Gobierno

Aprobaron intercambios culturales con URSS

El Poder Ejecutivo aprobó el proyecto de Programa de Intercambios Culturales y Científicos entre Uruguay y la Unión Soviética para los años 1987 y 1988.

En la resolución aprobada por el Presidente de la República, en acuerdo con los Ministros de Relaciones Exteriores, Interior y Educación y Cultura, se designó Plenipotenciario para suscribirlo en nombre del Gobierno uruguayo, al Ministro de Relaciones Exteriores, Cr. Enrique Iglesias.



Cr. Enrique Iglesias

La Mañana 14/10/87

01.01

074

Tribuna 3.10.87

Apertura informativa

MOSCU.- "Los medios de comunicación de la URSS en el periodo de apertura informativa (glasnot)" fue el tema del encuentro que celebraron en la capital soviética los representantes de los medios de comunicación de la delegación francesa "Iniciativa-87" con periodistas soviéticos.

A las preguntas de los huéspedes franceses, el Presidente de la Directiva de la Agencia de Prensa Nóvosti (APN), Valentín Falin, dijo, entre otras cosas: La prensa soviética ha cambiado por su esencia y por su forma. Se aprecian, dijo, tanto la crítica, como los materiales que muestran los resultados positivos de la reestructuración y ayudan concretamente a la persona, así como saturan de contenido concreto los conceptos "democracia" y "glasnost".

01.01

PRONOSTICO BENEVOLO PARA EL JOVEN QUE ATERRIZO EN LA PLAZA ROJA

Se abre hoy el proceso a Rust

MOSCU, 1° (De "Le Monde", especial para Clarín). — El tribunal en primera instancia de la Corte Suprema de la URSS juzgará, a partir de mañana, miércoles, en Moscú, un hecho que "ha menoscabado profundamente el honor" de las fuerzas armadas soviéticas, según el periódico "Estrella Roja". Se trata del aterrizaje al pie del Kremlin, la tarde del 28 de mayo, de un pequeño avión de turismo Cessna piloteado por un joven alemán del Oeste, Mathias Rust. El muchacho de 19 años sobrevoló durante varias horas —y en la más perfecta ilegalidad— el territorio soviético, lo que lo convirtió, inmediatamente, en una celebridad mundial.

Mathias Rust, prisionero en Lefortovo desde hace más de tres meses, deberá comparecer ante los jueces soviéticos por violación de fronteras, violación de los reglamentos internacionales de navegación aérea y "juliganismo". Este perso[illegible]mático, del que s[illegible] ignora qué motivaciones profundas pudieron llevarlo a hacer esto, se arriesga a una condena de diez años de prisión.

El proceso, abierto a 25 periodistas soviéticos y extranjeros y a por lo menos un diplomático de la embajada de Alemania occidental, acompañado de un intérprete, debería concluir el viernes 4 de setiembre. Los padres del joven piloto, que vienen de Hamburgo, llegarán a Moscú para asistir al proceso, bajo la estrecha vigilancia de los representantes de la revista "Stern", quienes compraron en exclusividad el relato de la familia Rust sobre este tema. El acusado será asistido por un abogado soviético, defensor de oficio, y por un intérprete, también soviético.

Nada permite todavía prever el resultado del proceso. La prensa ha mostrado una gran discreción sobre el tema estos últimos días, a pesar del manifiesto interés que los moscovitas demuestran por "el asunto del avión

En todo caso, Moscú parece anhelar un proceso serio y no una sentencia simbólica. Más allá del aspecto rocambolesco y anecdótico de esta aventura, la odisea aérea de Mathias Rust ha puesto el tema de la defensa de la URSS en una posición delicada: al mariscal Serguei Sokolov, ex ministro de Defensa y al mariscal Alexandre Koldounov, encargado de la defensa antiaérea, este asunto les costó el puesto dos días después. A la prensa soviética le llevó varios días dar a conocer que un pequeño avión se había posado en el corazón de Moscú. Mijail Gorbachov reaccionó rápida y firmemente: juzgó necesario, a pesar de todo, hacer una puesta a punto delante del conjunto del Comité Central, el 25 de junio. "En nombre del Buró político y del Consejo de Defensa declaro firmemente que ni en el seno del partido ni entre el pueblo debe caber la menor duda con respecto a la capacidad de las Fuerzas Armadas de la URSS para defender su país", declaró.

Esta inquietud no era gratuita si uno ha de creer la escena que protagonizó una joven dama, por esa época, en Moscú. Estaba esperando un taxi y detrás de ella se encontraba un militar con uniforme. Cuál no fue la sorpresa de la dama al ver que el chofer la invitaba a subir y rechazaban al militar: "Desde el asunto del avión de Alemania occidental, yo no llevo más militares —explicó el taxista—. Ellos no son capaces de defender nuestra patria".



Mathias Rust, piloto alem

URSS

Viaje de Sanguinetti a Rusia y Venida de Gorbachov Confirman en Comunicado

Al término de la visita del Canciller Soviético a nuestro país, Eduard Shevardnadze, y Enrique Iglesias, suscribieron un comunicado conjunto en el que se reseñan las coincidencias alcanzadas durante las tres reuniones que mantuvieron, así como el análisis de la marcha de las relaciones bilaterales, y los propósitos que en tal sentido perseguirán ambos países.

El documento es –en forma textual– el adelantado por EL PAIS en forma exclusiva en su edición del pasado sábado, (salvo la numeración por arts.) sumándose sólo detalles del mensaje enviado por el líder soviético Mijail Gorbachov al presidente Dr. Julio Mª Sanguinetti.

En el mensaje se expresa que la primera visita al Uruguay del Ministro de Relaciones Exteriores de la URSS es indicadora de una progresiva ampliación de la multifacética cooperación que une a dos Estados.

Al apreciar posteriormente la situación internacional M.S. Gorbachov subraya que la Unión Soviética con sus medidas prácticas demuestra su sincero apoyo a la causa de la paz, seguirá luchando con perseverancia conjuntamente con todas las fuerzas amantes de la paz para lograr acuerdos concretos sobre todos los aspectos del desarme y del robustecimiento de la seguridad internacional.

La coexistencia pacífica de los estados –se dice en el mensaje– es la única alternativa razonable para la humanidad en el siglo espacial-nuclear. Partiendo de esta realidad, la Unión Soviética ha lanzado la idea de crear un sistema global de la paz y la seguridad internacionales.

En la Unión Soviética se aprecia la actitud constructiva del Uruguay a los problemas cardinales de la actualidad, su disposición a contribuir al arreglo de las situaciones de crisis, proponiendo soluciones justas y mutuamente aceptables.

M.S. Gorbachov, constata con satisfacción el crecimiento de la confianza y del entendimiento mutuo entre la Unión Soviética y el Uruguay, se pronuncia por preservar y fomentar todo lo positivo que se ha alcanzado en las relaciones soviético-uruguayas y por darles un impulso adicional en diferentes esferas de cooperación.



Los Cancilleres Iglesias y Shevardnadze en momentos de la firma del comunicado conjunto

Por su parte el Presidente de la República Oriental del Uruguay expresó su reconocimiento por el mensaje y le hizo entrega de la correspondiente respuesta. En la misma considera que los dos países son un buen testimonio de que Estados organizados bajo sistemas políticos y sociales distintos, pueden mantener relaciones pacíficas y constructivas, en el respeto recíproco a sus diferencias y en el apoyo a sus coincidencias.

También subraya la importancia que en el plano económico puede tener la reducción de armamentos ya que ello permitirá destinar cantidades [illegible] productiva en los países en desarrollo.

Asimismo señala los interesantes avances que se han verificado en América Central que hasta hace pocos meses parecían imposibles. También expresa que el proceso de democratización en América Latina sigue afirmándose pese a las difíciles pruebas que muchos de los países han tenido que atravesar.

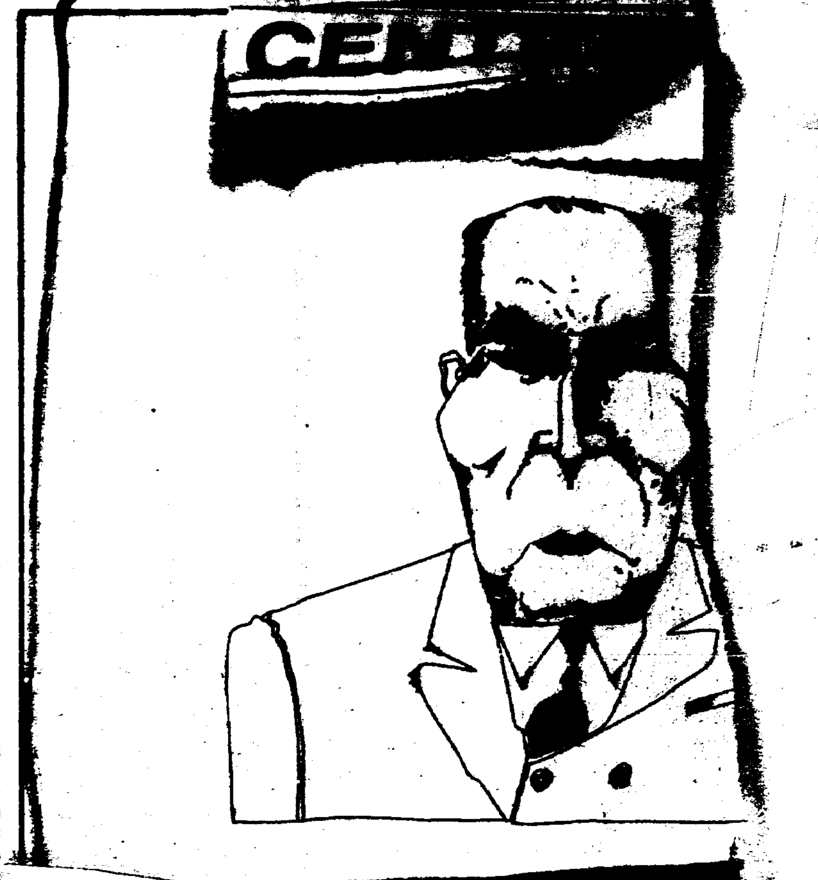
Igualmente el Presidente Sanguinetti manifiesta que el Uruguay sigue con interés las reformas que realiza la U.R.S.S., así como la relación entre ellas y [illegible] política [illegible]

El País 1/01/8?

01 . 01

8709591

NI RUSIA NI LOS EE.UU. EN AMERICA CENTRAL



Shevardnadze Afirmó que Judíos en URSS Gozan del Mismo Respeto que el Resto

El punto culminante de su estancia en el Uruguay fue para el Canciller soviético Eduard Shevardnadze la entrevista mantenida con el Presidente Sanguinetti, donde escuchó un impresionante resumen del estado de las cosas en el mundo, en América Latina, y en las relaciones soviético-uruguayas".

Así lo dijo ayer, en la conferencia de prensa ofrecida en la Embajada de su país, el palacete Carnaud de Dr. España y [illegible] que en pocas ocasiones se vio tan animado como a la media mañana, cuando la caravana de automóviles que transportaba al Canciller, precedida de sonoras motocicletas, se detuvo en la señorial escalinata de acceso a la residencia.

Lo que terminó por transformarse en una nube de periodistas, fotógrafos y camarógrafos, ya se estaba instalando en el salón decorado con frescos [illegible] en paredes y techo, [illegible] el espacio, para no hablar de las sillas, resultó insuficiente ante la expectativa despertada.

El Canciller soviético, con la [illegible], soltura y cordialidad que evidenció estos días, destacó en un resumen preliminar los puntos más salientes que marcaron su estancia en nuestro país.

SANGUINETTI ACEPTO VISITAR MOSCU

En la "maravillosa conversación" que mantuvo con el Presidente Sanguinetti, "extraordinariamente vivaz e informal en su forma, y muy seria según su contenido político y resultados", quedó aceptada la invitación para viajar a Moscú, un acontecimiento calificado por Shevardnadze de trascendental en la historia de las relaciones de ambos países.

Con el Embajador Laptev a un lado y el traductor al otro, Shevardnadze destacó que con su homólogo y amigo el Canciller Iglesias, en un lenguaje común sobre muchos problemas que no significa absoluta unanimidad en todo, se abarcó un espectro muy amplio donde desfiló el desarme, deuda externa, Centroamérica, y reestructuración en la Unión Soviética, y se intercambiaron las notas sobre la entrada en vigor de un convenio sobre cooperación cultural y científica, sobre el que empezará a realizarse un programa bienal.

El Canciller resaltó su satisfacción por el hecho de que las antiguas tradiciones de la democracia uruguaya hayan renacido, y agradeció la oportunidad que le permitió familiarizarse con el abanico de la vida política del Uruguay a través de los líderes de diversos partidos, así como los sentimientos de amistad, cordialidad e interés hacia la Unión Soviética demostrado por el pueblo uruguayo.

De la conversación que tuvo con los dirigentes de la colectividad judía que manifestaron frente a la Embajada, explicó que ese tipo de problema se resuelve ahora en la Unión Soviética dentro del espíritu de transparencia (glasnost) y democratismo que domina en la reestructura (perestroika). Señaló no obstante, que a su parecer no disponían de información imparcial y que por ese motivo había invitado a una delegación a trasladarse a la Unión Soviética para familiarizarse personalmente con el real estado de cosas.

CONOCER Y ENTENDER OTROS PUNTOS DE VISTA

Alusiones políticas plenas de subterfugios surgieron en determinados círculos, expresando asombro de que los rusos hubieran llegado hasta aquí, dijo el Canciller. "Hoy día el mundo viene convirtiéndose en una casa común planetaria, y entre las muchas cosas para hacer juntos está el problema de la supervivencia. Nos conciernen muchas cosas, y son muchas las que nos preocupan. Queremos compartir nuestras inquietudes con otros, así como conocer y entender otros puntos de vista", explicó.

Se refirió seguidamente al comentario de que los soviets quieren ganar puntos en la competencia propagandística con Estados Unidos. Dijo que esos puntos no iban a fortalecer la seguridad soviética, ni ayudarían en los problemas económicos, ni fortalecerían la reestructuración. Admitió que en cierto modo hacen propaganda a su plan de un mundo desnuclearizado, pero que sólo si se logran las medidas reales del desarme será más fácil llegar a acuerdos concretos. "En cualquier mercado sólo la mercadería de alta calidad tiene demanda. En este caso el consumidor es la humanidad, por eso dialogamos con la mayor cantidad de gobiernos posibles, incluso los de América Latina", agregó.

Confirmó una reestructuración radical de la economía soviética, los problemas que la afectan, la incidencia de la economía mundial en ella, la situación tanto de acreedor como de deudor de la Unión Soviética, y la necesidad de "buscar juntos el camino para resolver el problema".

NO PROPONEN CAMBIOS EN ESTRUCTURAS ECONOMICAS

Finalizó su resumen con la aclaración de que la Unión Soviética no propone cambios radicales en estructuras económicas financieras formadas en instituciones internacionales y vínculos bilaterales, pero que sí aspiran a la participación plena y equitativa en la actividad internacional, consideraciones que en su opinión fueron aceptadas y compartidas por los interlocutores con quienes dialogó en su gira.

A esta altura se inició el diálogo con la prensa, restringido por la falta de tiempo, donde las tres cuartas partes de los periodistas presentes quedaron con sus preguntas a flor de labios.

Shevardnadze admitió que el volumen comercial actual no corresponde al potencial uruguayo-soviético, pero dijo que en esta visita se había formado una buena base sobre la que los expertos de ambos países podrían trabajar, precisando que en el desarrollo de las relaciones económico-comerciales son necesarios enfoques audaces, fuera de las formas tradicionales.

JUDIOS EN LA URSS SON IGUALES A TODOS

A esta altura, la intervención de un periodista del "Mirador judío" provocó cierta tensión con sus observaciones y un poco de incomprensión al entablarse con el Canciller un diálogo en ruso. Traductor mediante, Shevardnadze reiteró con naturalidad los conceptos vertidos en lo que tuvo que ver con la manifestación frente a la Embajada, aseguró que el pueblo judío en la Unión Soviética goza de la misma respetabilidad que el resto, y que en la única limitación para la visa de salida —conocimiento de secretos estatales— la Unión Soviética no es la única en aplicar esas limitaciones.

La posibilidad de formar un fondo internacional para el desarme con partidas que se destinan a la compra de armamentos, iniciativa que el Canciller precisó provenía de un planteo de Gorbachov, fue tema de conversación con el Canciller Iglesias, y de importancia fundamental, dijo Shevardnadze, para la interrelación directa y armónica entre desarme, desarrollo y deuda.

Sobre la creación de una fuerza internacional de paz en el Golfo Pérsico, que no ha sido aceptada por Estados Unidos y otras naciones, dijo que es una forma de solución si los involucrados no aceptan el cese el fuego, que la Unión Soviética estaría dispuesta a integrarla, y que lo primordial es apoyar la misión de paz de Pérez de Cuéllar.

América Central fue el último tema antes que el Canciller soviético abandonara en actitud distendida y ritmo pausado la conferencia de prensa —aunque los periodistas encontraran al salir una unidad de la Coronaria estacionada en la puerta— y en ese sentido resaltó las buenas perspectivas y la importancia de un arreglo pacífico, "para lo que es necesario que las fuerzas foráneas, es decir, ni la URSS, ni Estados Unidos, ni ninguna otra nación, no impidan la acción de Contadora, donde Uruguay desempeña un papel relevante".

HR

076

URSS: Disidentes Forman Grupo Derechos Humanos

MOSCU, 6 (EFE).— Disidentes soviéticos, entre los que se encuentran Valeri Senderov y Alexander Ogoronnikov, anunciaron hoy la creación del "Grupo de Moscú de la Sociedad Internacional de Derechos Humanos", que tiene su sede en la ciudad germano occidental de Francfort.

Los disidentes señalaron, en un encuentro con corresponsales extranjeros, que los integrantes del Grupo están dispuestos a defender la causa de los derechos humanos a la Carta de las Naciones Unidas.

También declararon que prestarán apoyo material y moral a los presos políticos, puntualizando que no apoyarán a los extremistas, [illegible] encuentren encarcelados en condiciones extremas.

Los representantes del Grupo de Moscú de la Sociedad Internacional de Derechos Humanos manifestaron que no desean la ayuda de personas o grupos antidemocráticos.

Asimismo, dijeron que han enviado un escrito al Ministerio soviético del Interior en el que dan cuenta de la creación del Grupo, aunque declararon no tener esperanzas de su legalización.

Los disidentes, reunidos para presentar el Grupo, denunciaron la violación de los derechos humanos en el terreno religioso en la URSS.

01.01

8709596

URSS

026

GORBACHOV ENCLAUSTRADO POR ESCRITOR

MOSCU, 30. (EFE). — El máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, explicó que su desaparición de la escena pública durante más de cincuenta días se debió al exceso de trabajo ocasionado por la redacción de un libro.

La agencia oficial soviética TASS divulgó hoy, miércoles, el texto completo de la intervención del jefe del Kremlin ante un grupo de personalidades francesas, en un encuentro que se realizó ayer martes.

En su discurso, Gorbachov dijo que sus vacaciones de treinta días a orillas del Mar Negro fueron este año especialmente provechosas, ya que las dedicó a reflexionar sobre el pasado y el futuro de la Unión Soviética. [illegible]

"He trabajado mucho, hasta el punto de que no me he separado más de cien metros de la casa donde pasé mis semanas de descanso. Mi pensamiento se ha concentrado en los problemas de nuestro tiempo y, además, he trabajado en un informe sobre el 70 aniversario de la revolución de Octubre", dijo Gorbachov.

Según fuentes soviéticas, la obra del Secretariado General del Partido Comunista de la URSS se publicará el próximo mes, y en ella se presenta un análisis histórico de la revolución bolchevique de 1917 y un balance parcial de los dos años y medio de reformas que vive el país.

Gorbachov, que se presentó con buen aspecto físico y más moreno y delgado que hace siete semanas, criticó a la prensa burguesa, que —dijo— pretende distorsionar el proceso de cambios que se desarrolla en la URSS.

El dirigente soviético insistió en que las relaciones internacionales deben basarse en el respeto al principio de libre elección de los pueblos de sus sistemas de desarrollo y pidió el apoyo de Francia para que Moscú sea la sede de una conferencia internacional sobre derechos humanos.

Acerca de la perestroika (reestructuración), Gorbachov afirmó que se trata de un asunto soviético y recalcó que no existe oposición política interna contra el proceso, porque la clase trabajadora [illegible]

01/01

8709601

El canciller soviético inició visita de 3 días

El canciller Eduard Shevardnadze comenzó ayer una visita de tres días a Uruguay, considerada "histórica" en medios oficiales por ser la primera vez que un gobernante soviético de tan alta jerarquía llega a Montevideo. Después de ser recibido por su colega Enrique Iglesias en el Aeropuerto Internacional de Carrasco, el dirigente comunista inició una intensa agenda que incluyó una entrevista de más de una hora con el presidente Julio Sanguinetti, en la que le entregó un mensaje personal del líder soviético Mijail Gorbachov.

En el discurso pronunciado después del almuerzo que Iglesias le ofreció en el Palacio Taranco, Shevardnadze sostuvo que "el pago de los intereses de la deuda (externa) es un asunto de dignidad nacional pero es necesario que siempre estos pagos estén limitados por un nivel prudente".

Ambos ministros coincidieron además en la necesidad de preservar el futuro del mundo y de evitar una confrontación nuclear.

Entre sus actividades el canciller soviético rindió ayer un homenaje al prócer nacional José Artigas, ante cuyo monumento colocó una ofrenda floral. Durante la ceremonia, Shevardnadze salió del protocolo, hizo uso de la palabra y tomó niños en sus brazos.

En su alocución durante el almuerzo con Iglesias, el dirigente soviético recordó que "si queremos sobrevivir, hay que edificar el nuevo hogar terrestre, poner los ladrillos sobre la argamasa que no contenga la sustancia nuclear. No hay otro remedio".

La visita de Shevardnadze puede considerarse preparatoria del viaje de Gorbachov a Uruguay, según declaró el embajador soviético Igor Laptev.

Agenda

Durante la jornada se prevé que el visitante tenga otra entrevista con Iglesias a las 10.00 en el Palacio Santos. De tarde asistirá al Palacio Legislativo donde mantendrá reuniones con el vicepresidente Enrique Tarigo y con el presidente de la Cámara de Representantes, Víctor Cortazzo. De noche será homenajeado con una cena por el presidente Sanguinetti.

Mañana celebrará otra conversación con Iglesias a cuyo término se firmarán los documentos que emanan de los acuerdos alcanzados. Finalmente, el canciller soviético partirá a las 12.00 del aeropuerto.

Shevardnadze: pagar intereses de la deuda es asunto de dignidad nacional

Ministros coinciden en la necesidad de evitar choque nuclear

El canciller soviético Eduard Shevardnadze sostuvo ayer que "el pago de los intereses de la deuda (externa) es un asunto de dignidad nacional, pero es necesario que siempre estos pagos sean limitados por un nivel prudente".

Shevardnadze y su colega Enrique Iglesias coincidieron, además, en la necesidad de preservar el futuro del mundo evitando una confrontación nuclear.

Ambos ministros se refirieron también a la problemática de la deuda externa de la región, así como a las relaciones entre Uruguay y la Unión Soviética.

Las alocuciones fueron pronunciadas durante el almuerzo que tuvo lugar en el Palacio Taranco y en el que participaron ministros, embajadores y legisladores de todos los partidos políticos.

Shevardnadze recordó que si "queremos sobrevivir hay que edificar el nuevo hogar terrestre, poner los ladrillos sobre la argamasa que no contenga la sustancia nuclear. No hay otro remedio."

Sobre el mismo tema, Iglesias dijo a su invitado que "su reciente encuentro con el secretario de de Estado Shultz ha reafirmado la confianza entre ambos gobiernos y ha puesto al alcance de la mano un acuerdo de importancia histórica para la eliminación de ciertos tipos de arsenales nucleares. el hecho es, por cierto, un gran alivio para toda la humanidad. Sabemos que es tan sólo el inicio de una política de distensión y de eliminación de los peligros de la guerra nuclear. Más aún. Sabemos que los acuerdos sólo afectaron a una porción menor de tales armas, pero en todo caso se trata de un comienzo auspicioso que debe saludar la humanidad entera".

Por su parte, Shevardnadze opinó que con este acuerdo puede comenzarse el desarme nuclear, determinando, como lo dijo con toda la certeza Mijail Gorbachov al hablar hace unos días en la ciudad de Murmansk, por la reunión cumbre en Reykyavik.

Más adelante relacionó el riesgo de una guerra nuclear con la problemática de la deuda externa, ya que ésta es "un arma de exterminio masivo que algún día puede hacer volar los pilares de la comunidad internacional".

En tal sentido, deben adoptarse medidas "urgentes e impostergables" que deben tener un carácter universal y es necesario que en su preparación participe toda la comunidad internacional pero bajo el auspicio de la ONU", afirmó.

Sostuvo además que el pago de los intereses de la deuda es un asunto de la dignidad nacional. Pero es necesario que siempre estos pagos sean limitados por un nivel prudente, caso contrario se convertirán en un dogal en el cuello de deudor.

Con este fin, a nuestro juicio, los pagos no deben superar una parte determinada de los ingresos provenientes de exportación de un país deudor, ya que el trabajo destinado únicamente a pagar la deuda puede socavar definitivamente tanto los cimientos económicos como la misma voluntad de una nación.

Dijo coincidir con lo expresado por el presidente Sanguinetti cuando "decía que el orden del comercio internacional debe ser previsto. Es imposible negar esto. Nosotros entendemos la aspiración de los países en vía de desarrollo a consolidar su independencia económica.

Por su parte Iglesias destacó que "la lucha por un desarrollo económico justo y con igualdad de oportunidades, no es simple ni fácil

Dijo también que "nuestros reclamos no son tan sólo un mero traslado irresponsable de culpabilidades al mundo exterior porque América Latina es actora de uno de los procesos de ajustes más duros y socialmente más costosos

Deuda: Zerbino coincide con posición soviética

El ministro de Economía y Finanzas, Ricardo Zerbino, destacó ayer las expresiones del canciller soviético, Eduard Shevardnadze respecto a la problemática de la deuda externa.

En diálogo con EL DIA, Zerbino dijo coincidir en que el tema de la deuda es de gravitación internacional porque "está afectando los esfuerzos de desarrollo" y que al mismo tiempo hay aspectos de "dignidad nacional en cuanto al cumplimiento de obligaciones, elemento que es fundamental, no sólo para la convivencia dentro de las sociedades, sino también para la convivencia y el respeto entre las naciones".

Zerbino expresó que teniendo en cuenta lo expresado por el canciller Shevardnadze deben buscarse "formas de compatibilizar ambas cosas a través de fórmulas de pago que no signifiquen una carga muy pesada sobre las economías, lo que atenta contra las legítimas aspiraciones de las poblaciones y también contra los esfuerzos de inversión que las economías deben hacer para acelerar el crecimiento".



El presidente Julio María Sanguinetti recibió ayer en su despacho del edificio Libertad al canciller soviético Eduard Shevardnadze, portador de un mensaje del líder Mijail Gorbachov. El diálogo se extendió por 95 minutos.

Iglesias: "Hablar con un interlocutor privilegiado"

El canciller Enrique Iglesias dijo que la visita del ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética es muy importante y honrosa para Uruguay, por ser el primer viaje de un canciller soviético a América del Sur, y una "oportunidad para hablar con un interlocutor privilegiado".

"El ministro Shevardnadze es uno de los que están en el centro de los grandes problemas mundiales. Su país tiene un peso muy especial en el mundo de hoy y el hecho de poder cambiar opiniones no solamente con la cancillería sino también con el presidente de la República y con los líderes políticos es una oportunidad privilegiada para nosotros. Creo que va a ser también una ocasión muy útil para transmitirle algunos de nuestros puntos de vista sobre temas específicos de América Latina y ciertamente de los problemas bilaterales", señaló.

Comercio bilateral

Consultado sobre las relaciones comerciales entre la Unión Soviética y Uruguay y comentarios de legisladores calificándolas de desastrosas, Iglesias manifestó que "la palabra desastrosa creo que no es la que se tiene que aplicar en estos casos. Ha habido un descenso en el comercio bilateral que es un descenso que ha tenido todo el comercio bilateral de la Unión Soviética".

"El mismo fenómeno lo aprecian los países vecinos —prosiguió el canciller— porque ha caído el comercio exterior en función de la caída general de las importaciones de ese país por problemas de ajustes de la balanza de pagos, tema que suele acontecer no solamente a ellos sino también a nosotros de vez en cuando".

Destacó que no debe mirarse el fenómeno aislado sino como parte de una situación general que atraviesa el país, pero "el comercio con la Unión Soviética es un comercio antiguo con nosotros, comercio complementario" y no hay que "confundir anécdota con historia, las caídas circunstanciales no son permanentes, lo permanente es el comercio regular".

Visita prepara el viaje de Gorbachov

La visita del canciller Eduard Shevardnadze a Uruguay puede considerarse preparatoria de una próxima visita oficial del premier soviético Mijail Gorbachov, declaró ayer a EL DIA el embajador Igor Laptev.

Poco antes del arribo del ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética a Montevideo, el representante diplomático soviético acreditado ante el gobierno de nuestro país dialogó brevemente con los periodistas, sobre la importancia de esta visita en las relaciones bilaterales.

Se le preguntó sobre el comercio, que ha descendido en los últimos tiempos, a lo que Laptev manifestó que el tema será abordado por los cancilleres Shevardnadze e Iglesias, aunque aclaró que "yo no quisiera predecir el carácter de las negociaciones entre los dos países".

En un aparte con EL DIA consultado si esta visita puede considerarse preparatoria de un viaje de Gorbachov, respondió "en cierto modo sí".

EL DIA 6-10-87

Carta personal al presidente

Una reunión de una hora y treinta y cinco minutos, en la que el canciller soviético entregó un mensaje personal de Mijail Gorbachov, sostuvieron ayer el presidente Julio María Sanguinetti y Eduard Shevardnadze.

En ella se pasó revista a problemas internacionales globales, como la disminución de las armas nucleares y químicas, la preservación del espacio cósmico y la superación de las profundas dificultades económicas actuales.

En la conversación se observaron coincidencias recíprocas en torno al desarrollo de las relaciones bilaterales, en el entendido de que se vienen desarrollando pero sin aprovechar al máximo el potencial existente en ellas.

Shevardnadze dijo que Uruguay y la URSS "nos entendemos muy bien" y que la entrevista con el primer mandatario uruguayo le causó una "impresión profunda", que con él sostuvo una "conversación importante, interesante, profunda y franca", que tuvo como centro "los problemas de la guerra y de la paz y la intervinculación entre el desarme y el desarrollo".

Otro tema que se ventiló en el diálogo entre ambos jerarcas, fue la visita que efectuará a la Unión Soviética el presidente Sanguinetti en los primeros meses del año próximo, cuya agenda será elaborada por los cancilleres de ambos países.

El ministro Enrique Iglesias coincidió con su colega soviético en el sentido de que fue una conversación franca, en que se trataron "con soltura los temas de la realidad internacional". El canciller uruguayo destacó los términos de la nota personal de Gorbachov a Sanguinetti, la que será contestada por el mandatario uruguayo antes de que concluya la visita de Shevardnadze a Uruguay.

El mensaje "forma parte muy importante del diálogo directo entre los dos dirigentes", señaló Iglesias, quien rescató finalmente lo que definió como el "interés histórico de la URSS por las opiniones políticas de América Latina".

En Uruguay se produjeron cambios muy importantes y positivos, dijo el visitante

El canciller soviético Eduard Shevardnadze afirmó que en Uruguay "se han producido cambios muy importantes y positivos en los últimos años", y destacó la necesidad de intensificar los cambios de opinión entre Uruguay y la Unión Soviética.

Las expresiones del visitante fueron vertidas ayer en la Plaza Independencia, luego de que su comitiva, acompañada del canciller Enrique Iglesias y otras autoridades, colocara una ofrenda floral al pie del monumento a Artigas.

Imprevistamente, Shevardnadze rompió el protocolo y se dirigió a un grupo de personas que seguían sus desplazamientos.

"Quiero hablar con ustedes junto a mi amigo", dijo señalando al canciller Iglesias.

Las expresiones de Shevardnadze eran traducidas por un funcionario en forma casi simultánea.

"Dejen salir a los judíos de la Unión Soviética. Yo soy polaca", dijo una mujer que estaba en primera fila del público. El traductor omitió traducir el requerimiento, mientras Shevardnadze continuaba hablando.

"Tenemos que buscar todos juntos —dijo— la forma de poner fin a la carrera armamentista. Debemos encontrar la forma de acabar con los armamentos nucleares y tener un mundo en paz para las futuras generaciones."

Tras recibir aplausos de los presentes, intentó continuar su camino, pero fue interceptado por un niño que le ofreció analgésicos en venta. Shevardnadze se detuvo, colocó una mano sobre su cabeza y le regaló una insignia. Continuó hacia el vehículo que le esperaba frente al Palacio Estévez y se detuvo nuevamente frente a un grupo de preescolares. Levantó a uno de ellos, lo besó y finalmente se dirigió hacia el Palacio Taranco.

Allí, departió con integrantes del gabinete ministerial, legisladores y embajadores, con quienes almorzó.

Anteriormente, al arribar a Carrasco a las 10.57 hs. Shevardnadze, fue recibido al pie de la escalerilla del avión de Aeroflot por su par uruguayo, Enrique Iglesias.

En el salón VIP el canciller Iglesias le dio "la más cordial bienvenida a Uruguay en nombre del gobierno y del pueblo de mi país", que Shevardnadze agradeció solicitando "transmitan mis saludos a todos los uruguayos" y anunciando ser portador de un mensaje personal del líder soviético Mijail Gorbachov al presidente Julio María Sanguinetti.

"Para nosotros es un alto honor que en esta, la primera visita a América del Sur de un canciller soviético, haya honrado a nuestro país aceptando la invitación a visitarnos", comenzó diciendo Iglesias.

03.03

La visita del canciller soviético

Desde ayer, se halla de visita en nuestro país el canciller de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze.

Se trata, sin duda posible, de un acontecimiento de verdadera importancia en las relaciones internacionales de nuestro país. Lo demuestra así, por encima de toda otra consideración, el hecho de que sea ésta la primera vez, en varias décadas de relaciones diplomáticas entre los dos países, que un canciller soviético visite nuestro territorio. Como lo fue también, a mediados del año pasado, la visita que nuestro ministro de Relaciones Exteriores, el Cr. Enrique Iglesias, realizara a la Unión Soviética.

Nada tiene que ver en esto, como resulta elemental aclararlo, las concepciones políticas diametralmente opuestas que sustentan la Unión Soviética y Uruguay. En un mundo como el de este final del siglo XX, al que los progresos formidables en materia de comunicaciones han empequeñecido e interrelacionado de modo jamás conocido y ni siquiera sospechado, los países deben mantener buenas relaciones diplomáticas, técnicas, comerciales, con todos los restantes países, con entera independencia de ideologías y de sistemas políticos. Naturalmente, con algunos países, con aquellos con quienes además, nos unen vínculos históricos profundos y, fundamentalmente, una misma visión del hombre, del mundo y de la vida, nuestros acercamientos y nuestras coincidencias serán mayores. Porque a la común necesidad de la interrelación se sumarán, entonces, los lazos de los ideales comunes y de un pasado que en buena medida fue el mismo.

Así, más allá de las notorias diferencias que existen entre nuestra forma de gobierno y el de la URSS, y de las interpretaciones que ambos hacen de la democracia, se constituye esta ocasión en una oportunidad para destacar nuestra vocación profundamente internacionalista, pacífica y, respecto al comercio mundial, una actitud de liberación, cuyos resultados finales tiendan al crecimiento con el cual superar la actual crisis que sufren los países en desarrollo.

Para el caso, es importante destacar los esfuerzos que han hecho los países latinoamericanos —entre ellos Uruguay— para impedir, en el marco del tratado de Tlatelolco, el establecimiento de armamentos nucleares, cuestión que en estos momentos se hallan discutiendo tanto los Estados Unidos de América como la Unión Soviética.

Asimismo, en materia de comercio, Uruguay tendrá oportunidad de hacer conocer los esfuerzos realizados en el GATT —del que la URSS no forma parte— hacia la apertura del comercio mundial, y que tanto influye en nuestra economía.

En ese último aspecto, la visita del canciller soviético a nuestro país se cumple en momentos en los que nuestras relaciones comerciales no se hallan en su mejor nivel, ni mucho menos. El saldo favorable que, por ejemplo, tuviera nuestro intercambio comercial entre los años 1980 y 1983, fue declinando hasta ser negativo en 1985. A partir de ese año repuntó para alcanzar, recién, los niveles de 1978 o 1984.

En ese aspecto, por cierto, la posición nacional frente a una potencia como lo es la URSS es a todas luces desfavorable, por lo cual la visita del Canciller puede constituirse en un nuevo punto de partida en el fortalecimiento de nuestro intercambio comercial que, como se hacía referencia, vive un período crítico.

Así, pues, debe resumirse lo principal de esta visita de tan alto funcionario de la URSS. La misma se encuadra en una etapa en la cual Uruguay, por su recientemente reconquistada democracia, vuelve a internarse con prestigio en el entorno internacional lo que, sin duda, le brinda fortaleza moral para que sus demandas, ya en lo que hace a su tradición internacional, ya en lo que hace a su vocación de pa[illegible] quiere crecer, sean escuc[illegible] respecto.

HR

URSS

026

COMPROMISO SOLEMNE

Indudablemente la actitud del canciller soviético que nos visitó, Sr. Eduard Shevardnadze, al dialogar con manifestantes judíos y de formularles promesas de atención a sus reclamos, constituye un gesto simpático.

Pero al mismo tiempo debe quedar en claro que las declaraciones de un jerarca de la categoría del visitante, no pueden ser mera retórica. Al dialogar con los dirigentes de la colectividad judía en nuestro país, el emisario del Kremlin, dejó bien en claro que su país habría de modificar substancialmente la política hacia su minoría judía, lo que implica entre otras cosas terminar con las insólitas y abusivas limitaciones a la salida por "razones de seguridad".

Ese compromiso lo asumió el Sr. Shevardnadze no sólo ante sus interlocutores y ante la opinión pública uruguaya: lo asumió ante toda la opinión pública mundial.

En está época de comunicaciones planetarias, esto significa que una vez más la credibilidad de la Unión Soviética será puesta a prueba. A pesar de distintos desengaños en el pasado, en este y en otros temas de derechos humanos, tenemos la esperanza de que esta vez la URSS decida poner fin de una vez por todas a una política restrictiva de la emigración en violación a los tratados de Helsinki y discriminatoria contra la importante minoría judía.

De cualquier manera, en su diálogo con los representantes judíos, el Sr. Eduard Shevardnadze firmó un verdadero documento verbal: el mundo entero velará por su cumplimiento.

01.01

8709605

PUEDE ESTAR CERCANO UN CRONOGRAMA DE RETIRO DE TROPAS

La URSS acordaría sobre Afganistán

Un total acuerdo sobre el retiro de tropas soviéticas de Afganistán depende de dos condiciones previas: el fin de las actividades guerrilleras de los mujaidines y la actitud que adoptará Irán —quien ha estado enviando armas a este grupo de resistencia— una vez concretado el pacto. Sin embargo, se espera la realización de un cronograma de retiro en la reunión de la ONU, que empezará el lunes en Ginebra.

MOSCU, 3 (Por Jonathan Steele, de "The Guardian", especial para Clarín). — Un acuerdo sobre la planificación del retiro de las tropas soviéticas en Afganistán puede concretarse en la última ronda de conversaciones de las Naciones Unidas, que empezará el lunes en Ginebra. Pero previamente deben resolverse otros serios problemas, según afirman altos oficiales soviéticos y afganos.

El martes, Yuri Vorontsov, el delgado soviético del Ministerio de Exterior, y que tiene bajo su cargo el tema Afganistán, estuvo en Kabul por consultas y el jueves, Gennady Gerasimov, vocero de ese Ministerio, aludió, por primera vez, a la posibilidad de una evacuación soviética en 5 meses o menos.

Por otro lado, los ministros de Relaciones Exteriores afgano y paquistaní habían mantenido, durante los últimos cinco años charlas regulares bajo la mediación del subsecretario general de la ONU Diego Cordovez. El abismo entre ambas partes se había estrechado considerablemente en la última ronda, llevada a cabo en marzo, donde los paquistaníes proponían siete meses y los afganos de dieciocho para concretar el retiro de tropas.

Gerasimov dijo en su informe del jueves: "Podemos hablar de 18 meses de 15 ó tal vez de menos. Pero esto será posible solo si no hay ningún tipo de interferencia de fuera". Mientras tanto, en una entrevista del periódico del partido, "Pravda", Abdul Wakil, ministro de Relaciones Exteriores afgano, éste di

lo que aún faltaba saber el papel que Irán jugaría en el establecimiento de la paz y los mecanismos de verificación del acuerdo.

Las conversaciones en la ONU incluían acuerdos sobre el futuro no alineamiento de Afganistán, el derecho de los refugiados de regresar al país y el fin de las actividades guerrilleras de los mujaidines de Pakistán. P... llevado a cabo en la ONU no cubre dos de los más grandes problemas. Uno es la configuración que tendrá en el futuro la coalición gubernamental en ... ciones que impone la resistencia para abandonar las armas. El ofrecimiento del gobierno afgano para hablar con ellos fue rechazada por los siete líderes mujaidines en Pakistán.

El otro problema es el de Irán. Este país ha estado dando armas y refugio a los miembros de la resistencia y no forma parte en las conversaciones en Ginebra.

Oficiales soviéticos esperan que una vez completado el acuerdo afgano-paquistaní, los iraníes estarán de acuerdo tambi...

01.01

8709618

Uruguay y URSS condenaron todo tipo de terrorismo

Uruguay y Unión Soviética condenaron ayer todo tipo de actividad terrorista, incluida la de Estado, al tiempo que el canciller soviético confirmó la disposición de su gobierno en retirar a corto plazo las tropas de URSS de Afganistán.

Estos términos fueron puestos de manifiesto ayer, a través de una declaración conjunta difundida en la Cancillería, durante el último acto oficial del canciller Eduard Shevardnadze.

En dicha declaración se reiteró la invitación al presidente Julio Sanguinetti, formulada por Mijail Gorbachov para que visite URSS y se confirmó que Sanguinetti viajará a Unión Soviética "en un futuro próximo" que podría ser en marzo de 1988.

Se informó que Sanguinetti subrayó la importancia que en el plano económico puede tener la reducción de armamentos, "ya que ello permitirá destinar cantidades significativas para la inversión productiva en los países en desarrollo".

En el curso del detallado intercambio de opiniones sobre varios problemas internacionales se coincidió en la "profunda preocupación por la subsistencia de la tensión en el mundo" y "por la amenaza que representa la continuación de la carrera armamentista, sobre todo nuclear".

Ambos ministros estuvieron de acuerdo en la convocatoria, en 1988, de un período especial de sesiones de la ONU para tratar el tema del desarme.

El respeto a los derechos humanos y la afirmación de los derechos civiles, políticos, económicos y sociales también fue destacado por los cancilleres.

En el área económica se destacó la "impostergable necesidad de afianzar los principios de cooperación y solidaridad, a fin de avanzar en el establecimiento de un nuevo orden económico internacional".

En el mismo sentido Iglesias y Shevardnadze apoyan la convocatoria de una conferencia internacional dirigida a reestructurar el sistema monetario financiero internacional, y expresaron "honda preocupación" sobre el problema de la deuda externa "y su impacto sobre las posibilidades de crecimiento tanto sostenido en los países en desarrollo".

Entre otros aspectos, la URSS destacó la participación uruguaya en el proceso de normalización de Centroamérica y ambos países expresaron su "apoyo al acuerdo alcanzado por los jefes de Estado de los cinco países centroamericanos".

Más tarde, durante una conferencia de prensa celebrada en la sede diplomática de Unión Soviética, y ante una pregunta concreta, Shevardnadze reiteró que la situación de los judíos que desean emigrar de Unión Soviética "se irá solucionando, salvo aquellos que tengan secretos de Estado".

Respecto a las relaciones económico-comerciales entre Uruguay y URSS, ambos cancilleres coincidieron en que los avances en el plano político y diplomático de los últimos años no fueron acompañados por avances similares en el plano de las relaciones económico-comerciales.

En tal sentido, cabe señalar que durante las negociaciones Uruguay planteó la necesidad de intensificar esas relaciones. Es así como la comisión mixta comenzará a deliberar en los primeros meses de 1988 para instrumentar acuerdos que podrían concretarse durante la visita del presidente Sanguinetti a la URSS.



El canciller soviético abandona la Embajada de su país en Uruguay para dirigirse al Aeropuerto Internacional de Carrasco.

Canciller Shevardnadze concluyó ayer visita de tres días a Uruguay

Ayer al mediodía dejó suelo uruguayo el canciller soviético Eduard Shevardnadze, luego de tres días de visita oficial a nuestro país, durante la cual se entrevistó con el presidente Julio María Sanguinetti y le entregó un mensaje personal del líder Mijail Gorbachov, mantuvo reuniones de trabajo con su par, el canciller Enrique Iglesias, firmó una declaración conjunta y un programa de intercambio cultural, intercambió ideas con representantes de los distintos partidos políticos y dio una conferencia de prensa.

Shevardnadze en diversas oportunidades dejó de lado el protocolo para dialogar con el público. Es así que antes de salir de la Embajada rumbo al Aeropuerto de Carrasco, se dio cuenta de que en la puerta se había congregado un grupo de personas, en su mayoría adolescentes, que deseaban verlo de cerca, y en lugar de dirigirse al auto se encaminó —sin previo aviso al personal de protocolo ni al de seguridad— hacia al calle, para saludar a los que ahí lo esperaban.

A las 11.30 partió de la sede de la representación diplomática hacia la Rambla y a una velocidad que le permitía disfrutar del paisaje se dirigió al Aeropuerto de Carrasco, con el canciller Iglesias.

Una vez en la terminal aérea Shevardnadze —el primer canciller soviético en visitar América del Sur y Uruguay, en más de 60 años de relaciones diplomáticas— tomó un café y se despidió del personal de su Embajada, de Relaciones Exteriores, y envió un mensaje a los motoristas y sus mejores saludos a todos los hombres que estuvieron a cargo de su seguridad y lo acompañaron en estos tres días.

Eran las 12 en punto cuando salió de la Sala VIP junto a Iglesias, despidiéndose en la escalerilla del avión CCCP-86536 de Aeroflot con el brazo en alto. Pocos minutos después, la nave emprendió el vuelo hacia La Habana y Moscú.

Este es el segundo avión de Aeroflot que llega a nuestro país. Según informaron a EL DIA fuentes soviéticas, el primero fue de carga y transportaba un circo.

El Día

Montevideo, jueves 8 de octubre de 1987



Los cancilleres de la URSS, Eduard Shevardnadze, y de Uruguay, Enrique Iglesias, intercambian notas reversales del Convenio Cultural y Científico.

Intercambio: artistas, técnicos y deportistas

Artistas, científicos, deportistas y estudiantes uruguayos y soviéticos intercambiarán experiencias y conocimientos durante 1987 y 1988, en virtud del programa suscrito ayer entre ambas naciones.

Dicho programa, cuyas notas reversales fueron firmadas por el cancil[illegible] ...sias y su colega soviético, Edu[illegible] ...ze, había sido acordado en ju[illegible] URSS, por el ministro Iglesias [illegible]

Las partes convinieron tan[illegible] ...ará en la Unión Soviética u[illegible] ...obras de plásticos uruguayo[illegible] ...una de artistas soviéticos será [illegible] ...tevideo.

En virtud del acuerdo, la A[illegible] ...cias de la URSS y las inst[illegible] ...pondientes del Uruguay intercambiarán especialistas por hasta dos meses para el conocimiento de las investigaciones científicas.

Las partes coadyuvarán al intercambio de pro[illegible] ...científicos e investi[illegible] ...gad[illegible] ...[illegible]encias, realizar cur[illegible] ...[illegible]versidades.

Acuerdo entre colorados y FA trajo solución

8709630

El Día

Montevideo, jueves 8 de octubre de 1987



Los cancilleres de la URSS, Eduard Shevardnadze, y de Uruguay, Enrique Iglesias, intercambian notas reversales del Convenio Cultural y Científico.

Intercambio: artistas, técnicos y deportistas

Artistas, científicos, deportistas y estudiantes uruguayos y soviéticos intercambiarán experiencias y conocimientos durante 1987 y 1988, en virtud del programa suscrito ayer entre ambas naciones.

Dicho programa, cuyas notas reversales fueron firmadas por el canciller Enrique Iglesias y su colega soviético, Eduard Shevardnadze, había sido acordado en julio de 1986, en la URSS, por el ministro Iglesias.

Las partes convinieron también que se realizará en la Unión Soviética una exposición de obras de plásticos uruguayos, al tiempo que una de artistas soviéticos será recibida en Montevideo.

En virtud del acuerdo, la Academia de Ciencias de la URSS y las instituciones correspondientes del Uruguay intercambiarán especialistas por hasta dos meses para el conocimiento de las investigaciones científicas.

Las partes coadyuvarán al intercambio de profesores universitarios, científicos e investigadores para dictar conferencias, realizar cursos y seminarios en las universidades.

En lo que respecta a los medios de comunicación, se procederá al intercambio de programas de televisión y radio, dedicados a la vida de los pueblos de ambos países, así como también representantes de los medios viajarán para intercambiar experiencias.

En lo que se refiere al deporte, las partes contribuirán al desarrollo de los vínculos deportivos a través de delegaciones, equipos, entrenadores, científicos y especialistas deportivos.

Iglesias destacó hito "histórico" para nuestro país

El canciller Enrique Iglesias destacó que este es un momento histórico para las relaciones internacionales de Uruguay, ante la finalizada visita del canciller soviético Eduard Shevardnadze y la inminente llegada del presidente francés Francois Mitterrand.

En declaraciones formuladas en el salón VIP del aeropuerto de Carrasco, mientras el avión de Aeroflot carreteaba por la pista para emprender vuelo, Iglesias se refirió en primer término a la visita oficial de Shevardnadze y subrayó la importancia del diálogo con la Unión Soviética, país con papel protagónico en las relaciones internacionales.

"Hemos sido informados con gran lujo de detalles no solo la Cancillería sino el presidente y los líderes políticos, sobre algunos de los grandes temas que hacen hoy al quehacer internacional; hubo también intercambio de ideas sobre algunos de los conflictos regionales, donde pudimos dar nuestras impresiones, especialmente en los que estamos más directamente involucrados como es el caso centroamericano, la coyuntura económica internacional, el futuro de las Naciones Unidas, los temas de carácter bilateral generales, las próximas etapas", informó.

"Por encima de las diferencias conocidas por todos en cuanto a nuestros sistemas políticos, económicos y sociales, prevaleció un clima de diálogo, donde aparecieron las coincidencias y las divergencias, pero nos ayudó a todos", resaltó el canciller.

Dijo que esta visita a Argentina, Brasil y Uruguay evidentemente forma parte de un nuevo enfoque de los dirigentes soviéticos de conversar y darle participación a estos países en los temas mundiales.

Como saldo, señaló "el reconocimiento de que hay una simetría entre este grado de intercambio de opiniones y lo que pueda servir en comercio, se van a hacer esfuerzos ahora en la comisión mixta y posteriormente con la visita del presidente Sanguinetti a la Unión Soviética".

Iglesias destacó luego las afectuosas e íntimas relaciones que nuestro país mantiene con Francia y dijo que la visita de Mitterrand "será una ocasión de reafirmar los importantes contactos que ya ha mantenido el presidente Mitterrand con nuestro presidente, y será la oportunidad de saludar al segundo presidente de Francia que viene a nuestro país después de más de 20 años, después de la visita histórica del presidente De Gaulle. También ésta será una visita histórica".

024

Religión en la Unión Soviética

Tolerancia y revisión

La Unión Soviética podría derogar algunas medidas restrictivas de la libertad de cultos. Tal lo que informaron recientemente funcionarios norteamericanos, luego de las conversaciones mantenidas entre los cancilleres de los dos países.

Al parecer, la medida consistiría en tolerar, a partir de ahora, la profesión de fe religiosa y el ejercicio de cultos de casi todas las religiones que existen en la URSS. No bien se implementen las disposiciones respectivas, ya no se hostigará a las personas que practicaran el correspondiente culto.

La noticia es interesante no sólo por lo que anuncia, sino por lo que informa. Los que siempre han admirado y defendido el régimen de ese país se verán enfrentados, pensamos, a una novedad que los obligará a revisar su admiración, o bien a considerar, finalmente, que la libertad de cultos es también un derecho esencial que debe ser respetado. Algo que desconocieron durante décadas de intolerancia, en [illegible] [illegible] los religiosos fueron sometidos a [illegible] de parte de las autoridades socialistas.



LA MAÑANA 27/3/87

01 . 01

8709635

RUSIA Y LA PAZ

En su visita a nuestro país, el Canciller soviético destacó siempre como punto básico de sus expresiones, el esfuerzo que Rusia realiza por la paz, poniendo de relieve el gasto enorme que significa la carrera armamentista frente a las necesidades de los pueblos.

Si eso lo hubiera dicho el Canciller Iglesias, estaría muy bien, porque Uruguay no produce un simple revólver. Pero nadie ignora que hace más de 40 años, las armas de los norcoreanos, del vietcong, del Kmehr rojo, de Fidel Castro, del sandinismo, de las revoluciones africanas, de las guerras del Medio Oriente, de Sendero Luminoso, etc., etc., son armas rusas, vendidas por los rusos, no precisamente para favorecer la instauración de la Paz.

01.01

8709644

EDITORIALES

URSS: UNA POTENCIA PESQUERA



A pesar del crecimiento de la demanda por pescado en los mercados mundiales, la expansión de las flotas de las principales naciones pesqueras se ha visto limitada por el agotamiento de los recursos en sus caladeros tradicionales y el establecimiento de zonas económicas exclusivas de 200 millas.

Las naciones tradicionalmente pesqueras tienen dos opciones fundamentales frente a esta situación. Una es reducir su flota y comprar pescado a las naciones ribereñas, la otra es obtener acceso a los recursos vivos situados dentro de las zonas económicas exclusivas de los países en desarrollo.

La URSS ha optado por esta segunda alternativa. Con un consumo interno de pescado en rápida expansión, una considerable flota pesquera y la necesidad de ahorrar divisas, la URSS ha negociado una red de acuerdos con países en el tercer mundo. Su objeto es asegurarle a sus naves el acceso a los caladeros subexplotados en las aguas de esos países.

En 1960 la URSS capturó 3,1 millones de toneladas de pescado. Este volumen se incrementó durante los años posteriores, alcanzando 10 millones de toneladas en 1975. Desde entonces se ha mantenido a ese nivel, lo que la ubica en segundo lugar entre los productores pesqueros, siendo superada solamente por Japón.

La industria pesquera es importante para la URSS no solamente por la magnitud del consumo interno sino también como un importante ganador de divisas. El consumo per capita (Kg/habitante/año) aumentó de alrededor de 20 kgs. de pescado a fines de la década de 1970, a cerca de 30 kgs. en la actualidad. La contribución neta de la industria a la balanza comercial de su país es de alrededor de U$S 180 millones por año.

La rápida expansión del volumen capturado fue el resultado de un ambicioso plan a largo plazo de renovación y expansión de la flota pesquera soviética. Esta creció rápidamente después de 1970 (3,9 millones toneladas de arqueo bruto) y se estabilizó después de 1977 en alrededor de 6,5 millones de toneladas.

Tan importante como el tamaño de la flota es su composición. Para 1983 aquella incluia 158 unidades de más de 4.000 toneladas de porte (27% de la flota), diseñadas específicamente para operar a grandes distancias de sus puertos.

La principal característica de los buques construidos desde 1957 es la instalación de espacios refrigerados y equipos para transformar la pesca en alimentos, harina de pescado o productos semielaborados.

El poseer una flota industrial y de gran altura le permite a la URSS operar sus buques en áreas marinas distantes. Las naves pueden ser transferidas de una región a otra, a medida que los recursos se agotan o debido a las limitaciones sobre la explotación establecidas por los estados ribereños.

Las restricciones impuestas por Islandia, Noruega y los países de la Comunidad Económica Europea a fines de la década de 1970 limitaron considerablemente las actividades de las flotas pertenecientes a terceros países en el Atlántico Noroeste. Así, la captura de la flota soviética en esa región bajó de 2.4 millones de toneladas en 1975 a 1.4 millones en 1984. Al mismo tiempo, es posible apreciar un incremento de sus actividades en otras regiones.

En el caso de los caladeros frente a la costa africana al sur del Ecuador (incluyendo Angola, Namibia y Sudáfrica), la captura de la flota soviética más que se triplicó entre 1975 y 1978, pasando de 420 mil toneladas a 1.5 millones. Como consecuencia de la explotación excesiva de los recursos por parte de las flotas de la URSS y otros países ajenos a la región, en los años siguientes se produjo una caída rápida en el rendimiento de la pesca. En 1984 la URSS pescó 703 mil toneladas en la región, entre 1978 y 1984 las capturas totales en esa zona disminuyeron en un millón de toneladas.

Entretanto, es posible observar un aumento en las actividades de la flota pesquera soviética —y de otras naciones pesqueras tradicionales— en nuestra orilla del Atlántico.

En 1979 la URSS pescó algo más de 2.000 toneladas en esta región. En 1984 su captura se había incrementado a 58 mil toneladas. Si bien no se trata de un volumen importante en sí mismo, lo que es significativo es la velocidad del incremento. La entrada en vigor del tratado pesquero con Argentina permite pensar que las actividades de la flota soviética aumentarán significativamente.

Estas circunstancias explican el interés demostrado por esta potencia pesquera tradicional en cuanto a obtener acceso a los recursos vivos en aguas uruguayas.

Juan Oribe Stemmer

El Día.

Montevideo, miércoles 30 de setiembre de 1987

Canciller ruso apoya democracias latinoamericanas

BRASILIA. — El canciller soviético Eduard Shevardnadze, que el próximo lunes arribará a Montevideo, aseguró ayer en Brasilia que la democratización latinoamericana podrá contribuir a solucionar el problema de la carrera armamentista y que el desarme permitirá una amplia reforma de las relaciones económicas internacionales, en beneficio de los países en desarrollo.

En una entrevista con el presidente del congreso brasileño, Ulysses Guimaraes, el canciller sostuvo que "la solución del problema del desarme es condición para el establecimiento de un nuevo orden económico internacional", subrayando que se han registrado "progresos significativos" en la democratización de América Latina.

Dijo que "ha llegado ahora el momento de establecer la democracia en las relaciones internacionales, lo que corresponde a la igualdad entre los estados".

Según Shevardnadze, "los procesos internos de democratización y externos de democratización de las relaciones internacionales constituyen un proceso legítimo que ayuda en la solución de los problemas más importantes, como es el de la eliminación de las armas nucleares.

"Todos sabemos que son muy grandes los recursos destinados a nuevos tipos de armamento y si esa carrera se extiende al espacio cósmico esos gastos se volverán todavía más fantásticos", señaló.

También se refirió el canciller al endeudamiento externo, que calificó como "un tumor maligno", y dijo que "se puede establecer una relación entre desarme y desarrollo, y una amplia reforma de las relaciones internacionales".

"No se debe postergar la solución de esos problemas, y creemos que es posible llegar a un mundo desnuclearizado, un mundo justo y desmilitarizado", concluyó.

Cambios en URSS influyen en comercio con Uruguay

El senador Jorge Batlle consideró "irreversible" el proceso de transformación económica y administrativa iniciado en la URSS y afirmó que éste "influye positivamente en las relaciones comerciales con Uruguay", como saldo de la reciente visita del canciller soviético Eduard Shevardnadze.

"Uruguay encontrará interlocutores válidos en todos los países que apliquen las mismas pautas de pensamiento y para nosotros es más fácil conversar con el señor Shevardnadze sobre deuda externa, cuando dice que es cuestión de dignidad pagar sus intereses, que con el señor Castro, que dice que no hay que pagar nada."

"Son dos orientaciones totalmente distintas, contradictorias y poco explicables cuando se plantean al mismo tiempo, porque evidentemente uno de los dos está andando por un camino equivocado", sostuvo.

Respecto de las perspectivas comerciales uruguayas con la URSS, Batlle dijo que los cambios producidos permitirán "ir saliendo del área de la bilateralidad, en la que se hacía una especie de trueque disimulado, para establecer claramente la formulación de una política comercial nueva que se ha de ajustar más a los parámetros de la política comercial internacional".

"Uruguay abrió sus puertas al intercambio cultural, económico y comercial con todos los países que mantengan la misma tesis", dijo fundamentando la perspectiva abierta con la URSS. "Esto es válido también con Rusia y por tanto nuestro mensaje a ellos es que no insistan en importar sólo materias primas y vender productos industriales en áreas en las que aún no están en condiciones de competir con similares del mundo occidental".

"Rusia y no la URSS"

"Escuchando a los actuales representantes de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas, encontramos muchas más razones para hablar de Rusia y no de la URSS, porque es Rusia desde hace 1.400 años y desde esa perspectiva de tiempo, 70 años son muy pocos", dijo el senador.

"Sobre todo porque quien nos transmite todo el proceso de perestroika y glasnot es la voz de un antiguo noble georgiano, como el señor Shevardnadze, hombre cálido, culto, fino, sensible, firme y muy claro en sus expresiones, que me confirmó en presencia de representantes de todos los sectores políticos de Uruguay, los pasos, que podríamos calificar de asombrosos, que se están dando en la reestructura económica y administrativa del régimen soviético".

En cuanto a la impresión dejada por el canciller soviético, el senador colorado dijo que "es la de un hombre que cruza la calle siendo el ministro de Relaciones Exteriores de uno de los dos países más importantes del mundo, para hablar directamente con aquellos que le reclaman la posibilidad que la colectividad judía exige".

"Hay evidentemente un cambio de actitud y de manejo en toda la cosa política: franqueza, claridad y planteo de los puntos de vista que son índice de que hay algo irreversible que está ocurriendo".

Necesidad del cambio

"Creo que el camino emprendido en materia de transformaciones no tiene retorno —especificó Batlle— porque la razón del cambio es que el estado de cosas era insostenible. No se trata sólo del acceso al poder de una nueva generación que no participó del conflicto bélico y que, por lo tanto, había justificado determinadas actitudes en función de necesidades internas y de la dura confrontación hacia el exterior".

"Se trata de una nueva generación —sostuvo Batlle— que está produciendo el cambio en la inteligencia de que la continuidad de la línea que se venía manteniendo concluía en la imposibilidad del funcionamiento del sistema".

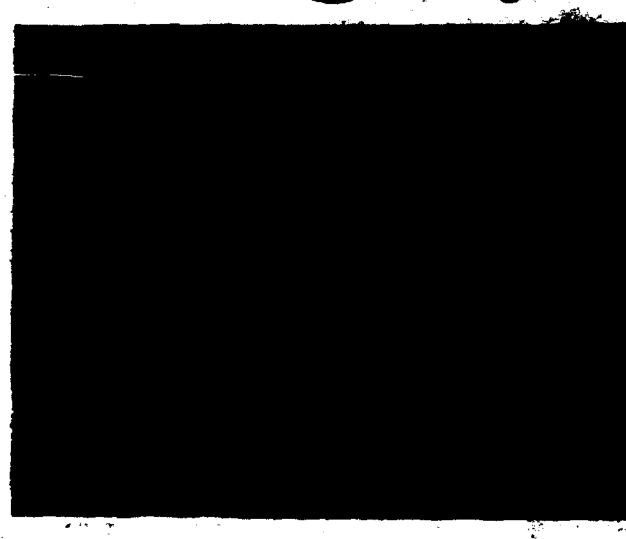
El senador por Unidad y Reforma inscribió estos cambios "en los que ocurren en todos los países, aún con distinto signo político, que no se originan en problemas ideológicos sino en situaciones ineludibles, insoslayables: o se cambia o no se funciona más".

Los factores que posibilitan ese cambio en la URSS son para Batlle "el acuerdo en marcha en materia de armas nucleares, vital en lo que hace a sus consecuencias económicas, y los cambios en proceso a raíz de la reestructura administrativa".

En la conversación con el canciller soviético, "se estableció que la modificación del arsenal nuclear en un 1 por ciento —el comienzo de un camino en esa materia— libera un volúmen de recursos económicos hacia otras áreas, en las que la carencia de inversión determina un atraso tecnológico de tal magnitud y naturaleza, que se hace insoportable".

Algunos ejemplos

"El canciller nos dió algunos ejemplos de las dificultades a vencer, dijo Batlle. Se señaló que un país que ocupa la quinta parte del territorio del planeta, con 300 millones de habitantes y un gran potencial científico y tecnológico por la capacidad de su capital humano, tiene, inexplicablemente, que importar su alimentación".



"Estos cambios en marcha se orientan a la búsqueda 'ab initio' de, por ejemplo, una producción a la que hay que incorporar elementos con los que aún no se cuentan y que en la conversación se enumeraron: maquinaria, fertilizantes, técnica biogenética en semillas, para transformar una producción insuficiente en excedentaria".

"Shevardnadze estableció con claridad —recordó el senador— que a los efectos de fijar precios, los colectivos agrícolas e industriales se van a manejar con un cálculo de costo más plusvalía y que todo lo que ingrese más allá, va á ser beneficio para los que están en el colectivo".

"Y si la operativa era negativa —continuó—, Shevardnadze especificó que lo que ocurría era la quiebra". Dijo además que el sistema ya no tenía la premisa de "a cada cual según su necesidad", afirmando que "todavía falta mucho tiempo para eso y que la remuneración iba a ser en función de las capacidades, de la productividad y de las calidades".

"Esto lleva a los soviéticos —consideró Batlle— a la necesidad de estar en contacto con el mundo entero para llevar y traer lo que se produce y se necesita en materia de tecnología".

"No se tuvo empacho en reconocer la necesidad de importar bienes de activo fijo que todavía ellos no producen, relató Batlle, y se argumentó con claridad y rotundidad brutal la tragedia que supone la acción de inercias negativas de la burocracia, como factor negativo de todo este proceso de apertura, llamada perestroika y que hacen de esto un proceso que no tiene regreso".

Esto es así "en la medida en que se establecen mejores condiciones de vida, de producción, de distribución, de ensanchamiento del mercado. En la medida en que el elemento central del proceso de producción es el mercado, se genera un mundo, no digo capitalista, pero uno en el que aunque no haya acumulación de capital en manos privadas se van a dar los procesos de rentabilidad como causa necesaria para el funcionamiento del sistema".

"Hay un proceso de cambio muy profundo que se inicia en la Rusia de siempre", concluyó Batlle.

URSS

026

Gorbachov reanuda hoy actividades públicas

El Día 23/9/87

MOSCU. — El secretario general del Partido Comunista soviético, Mijail Gorbachov, recibirá hoy en el Kremlin una delegación de personalidades francesas, reanudando así sus actividades públicas tras 53 días de ausencia, indicó una fuente oficial soviética.

Sin embargo, fue imposible confirmar si el número uno soviético estaba de vuelta ayer en Moscú.

Oficialmente Gorbachov continuaba en los últimos días sus vacaciones en el sur del país y se encontraba "en excelente estado de salud".

Rumores imposibles de verificar que circulaban en Occidente y que fueron publicados por el semanario oestealemán "Bild", decían que Gorbachov había sido víctima de una intoxicación alimentaria.

Un diario sueco, "Expressen", afirmó por el contrario que la prolongada ausencia de Gorbachov de Moscú era debida a una operación quirúrgica con posteriores complicaciones, que había sufrido su esposa Raisa Gorbachova.

La última vez en que se lo vio en público fue el 7 de agosto en la recepción ofrecida en el Kremlin a un grupo de profesores de rusoestadounidenses. Entre tanto, Gorbachov firmó un artículo publicado en el órgano del Partido Comunista Soviético "Pravda" y varios mensajes.



Mijail Gorbachov

URSS

026

Desplegará intensa actividad

Próximo lunes arriba Canciller soviético

El Ministro soviético de Relaciones Exteriores, Eduard Shevardnadze, llegará a Montevideo el próximo lunes, a la hora 11, acompañado por su esposa y demás integrantes de la comitiva. Será recibido por el Canciller uruguayo, Cr. Enrique Iglesias y de inmediato se dirigirá a la residencia de la Embajada de la URSS y desde allí hasta un hotel céntrico de plaza Independencia, que será su residencia montevideana.

En horas del mediodía, el Jefe de la Diplomacia soviética colocará una ofrenda floral al pie del monumento al Gral. José Gervasio Artigas y posteriormente se dirigirá al Palacio Santos, donde será recibido en audiencia privada por el Canciller Iglesias.

Finalizado este encuentro, Shevardnadze asistirá a un almuerzo en su honor ofrecido por su colega uruguayo, en el curso del cual habrá intercambio de obsequios.

Poco después de la hora 15, el Canciller soviético se dirigirá a la residencia de la Embajada y desde allí a las 16.45 al Edificio "Libertad", donde a la hora 17 le recibirá en audiencia especial el Presidente de la República, Dr. Julio María Sanguinetti, tras lo cual retornará a la sede diplomática de su país, donde a las 19.30 ofrecerá una recepción en honor de las autoridades uruguayas.

El [illegible] 6 de octubre [illegible] trabajo con el Canciller uruguayo, en el Salón de Tratados del Palacio Santos o en el propio despacho del Cr. Enrique Iglesias, que se prolongará de 10 a 13 horas.

Sobre la hora 15.45, el Ministro soviético de Asuntos Exteriores se encaminará al Palacio Legislativo, donde será recibido en audiencias especiales por el Presidente del Senado, Dr. Enrique Tarigo y el de la Cámara de Representantes, Diputado Prof. Víctor Cortazzo.

Culminados estos encuentros, el visitante volverá a la Embajada soviética, desde donde se dirigirá a la Residencia Presidencial de Suárez, para asistir a una cena en su honor, que ofrecerán el Presidente de la República y Señora de Sanguinetti.

El miércoles, el Canciller soviético participará de una reunión plenaria de trabajo con su colega Iglesias y con los asesores de ambos, la que se prolongará de 8.30 a 10.00. Cinco minutos después, tendrá lugar la firma de documentos en el Salón de los Tratados.

A la hora 10.15, está prevista una conferencia de prensa de ambos Cancilleres, que se prolongará hasta la hora 11, para partir cinco minutos después hacia la Embajada soviética primero y media hora después rumbo al Aeropuerto Internacional de Carrasco, desde donde partirá al mediodía [illegible] despedido por su colega [illegible]

La Mañana 2-10-87

PARTES ILEGIBLE

01 .01

8709668

HR FICHAS URSS 026

Ida Nudel, el "Cocodrilo Blanco" de Gorbachov

JERUSALEN, 4 (EFE). — Autorizada a emigrar a Israel tras una espera de 16 años, la famosa disidente Ida Nudel se considera "el cocodrilo blanco" de Mijail Gorbachov para Ronald Reagan.

"En los tiempos antiguos", declaró al diario independiente "Jerusalem Post", "los faraones solían congraciarse con los líderes de los pueblos [illegible] exóticos como cocodrilos blancos".

"Me siento como si fuese un cocodrilo blanco. He sido usada (por el gobierno soviético) para complacer al presidente Reagan y al secretario de Estado norteamericano, George Shultz, antes de una conferencia "cumbre" entre las superpotencias", comentó.

Ida Nudel, que tendrá que reunir todos sus documentos para obtener el visado oficial en Moscú, se hallaba exiliada en un pueblo de Moldavia, y hoy informó a las emisoras de Israel que confía en llegar al país en "tres o cuatro semanas".

Nudel, de 56 años y actualmente en el pueblo de Bendery, cerca de la frotera con Rumania, es un símbolo del movimiento nacionalista judío en la URSS, y descrita como el "ángel guardián" de los "prisioneros de Sión" como Anatol y shcheransky, canjeado hace dos años en Alemania por agentes del espionaje soviético.

La noticia de que podrá emigrar conmovió a Israel y fue difundida por el ministro de Relaciones Exteriores, Simon Peres, al iniciarse los servicios de la jornada de expiación y ayuno del "Yom Kipur" (día del perdón), en la gran sinagoga de Jerusalén.

Desde 1971, cuando trabajaba como especialista en economía en el Instituto soviético de Planificación y Producción, con sede en Moscú, Nudel gestionó su visado para emigrar a Israel.

En 1978 fue exiliada en Siberia por su militancia, después de colgar en su balcón una pancarta que decía: "KGB, dadme el visado para Israel".

Según las autoridades israelíes, unos 400.000 judíos, un 25 por ciento de la comunidad israelita de la Unión Soviética, aspira a emigrar de ese país.

La autorización, dijo hoy Ida Nudel a la radio de las Fuerzas Armadas de Israel, fue obra de "la presión internacional, desde la de presidentes hasta la de amas de casa".

Según el sovietólogo israelí Amnon Sela, el principal móvil del Gobierno de Gorbachov es obtener ventajas, económicas entre ellas, de Estados Unidos.

El líder soviético y el presidente Reagan tienen previsto conferenciar antes de que finalice el año. Este mes, en Moscú, celebrarán conversaciones el secretario de Estado norteamericano, George Shultz, y el ministro soviético de Relacions Exteriores, Eduard Shevardnadze.

La "liberación" de Ida Nudel, asimismo, siguió a una conferencia de Shevardnadze con su colega israelí, Simon Peres, esta última semana en Nueva York, en medio de un paulatino acercamiento del bloque comunista con el Estado hebreo tras una ruptura diplomática que dura ya 20 años.

Entretanto medios de Moscú consideraron que el próximo encuentro en la cumbre entre el presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan, y el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, se celebrará probablemente a finales de noviembre.

El aparato del ministerio de Asuntos Exteriores de la URSS prepara intensamente la próxima entrevista en Moscú que mantendrán el jefe de la diplomacia soviética, Eduard Shevardnadze, y el secretario de Estado norteamericano, George Shultz.

01 · 01

T8709688

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Parte Especial de Información (I) No. 934/BE/987. Ref. a visitas de las delegaciones soviéticas en la ciudad de Florida.

PROCEDENCIA: EME 16/10/87 Doc. 1699/87

ARCHIVADO EN: P.E.I (087)

01.01 8709699

1 HR

024

[illegible] miércoles 9 de setiembre de 1987 ★ CLAR[illegible]

MOSCU RECIBE A ENVIADO DE IRAN, IRAK, KUWAIT, YEMEN DEL SUR Y TUNEZ

La URSS busca mediar en el Golfo.

Arribó a Moscú ayer una importante delegación de la Liga Arabe encabezada por el canciller kuwaití, Sabah Al-Ahmad, que sostendrá una serie de encuentros entre hoy y mañana con el canciller soviético, Edouard Shevardnadze, en referencia con el conflicto del Golfo Pérsico. El máximo responsable de la diplomacia soviética recibió ayer al vicecanciller iraní, Mohammed Larijani, y ambos coincidieron en identificar a la presencia militar norteamericana en aquella región como "un peligroso factor de tensión". En Bagdad se reunió el canciller libio, Al-Athali, con el presidente iraquí, Saddam Hussein. Japón urgió a Irán e Irak a dar término a la contienda.

MOSCU, TEHERAN [illegible] BAGDAD, 8 (EFE, DA[illegible] DPA y UPI). — La Unió[n] Soviética convocó en Mos[cú] a algunos de los princ[i]pales representantes de l[os] países involucrados en [el] conflicto del Golfo Pérsi[co], en un aparente intent[o] de mediación multilateral. Así, en las próximas hor[as] Moscú se convertirá en l[a] capital diplomática de l[a] gravísima crisis de aquel[la] región, cuando simultáne[a]mente estén presentes l[os c]ancilleres de Irak e Irá[n] además de sus colegas d[e] Kuwait, Yemen del Sur [y] Túnez.

En tanto, en Bagdad, [el] presidente iraquí, Sadda[m] Hussein, se reunió con [el] canciller libio, Haddala[h] Ela Al-Athali, precisand[o] la agencia oficial libia Ir[...] que, en el encuentro, am[]bos estadistas hablaron d[e] temas bilaterales y de l[a] situación en el Golfo. S[e] recordará que, hasta hac[e] poco tiempo, Libia er[a] considerada como un es[]trecho aliado de Irán, en l[a] guerra de siete años qu[e] Teherán mantiene co[n] Bagdad. Según alguna[s] fuentes de la región, Lib[ia] e Irak estarían ahora tr[a]tando de elaborar un[a] "normalización de sus re[]laciones", un hecho que s[e]guramente comportar[á] un apreciable alejamient[o] de Irán en referencia a Li[]bia.

Mientras, en Tokio, [el c]anciller japonés, Tadas[hi] Kuranari, afirmó que "u[r]girá a Irán e Irak" pa[ra] que den término al confli[c]to, cuando se encuentr[e] con ellos, a fin de este me[s]. Kuranari tiene previsto vi[]sitar Bagdad entre el 18 [y] el 19, para establecer un[a] serie de conversacione[s] con el presidente Sadda[m] Hussein y con otros alt[os] funcionarios iraquíes. Po[s]teriormente, el máxim[o] responsable de la diploma[]cia japonesa se entrevista[]rá en Nueva York con [el] presidente iraní Saye[d] Khamenei, cuando asista[n] ambos a la Asamblea Ge[]neral de las Naciones Un[i]das.

Como se sabe, Japón ma[]nifestó su preocupación s[o]bre la situación en el Gol[fo] Pérsico, particularment[e] después que dos petroler[os] con bandera nipona fu[e]ron atacados con misi[les] cuando navegaban p[or] aguas de la región. De[s]pués de ese ataque, la i[n]dustria naviera y el g[o]bierno japonés prohibier[on] a sus buques mercantes l[a] navegación por el Gol[fo]. Pero esa restricción fue l[e]vantada en la mañana d[el] martes.

♦ Mediación soviética

En tanto hoy, el cancill[er] soviético Edouard She[]vardnadze, se entrevis[tó] en el Kremlin con el vic[e] ministro iraní de Relacio[]nes Exteriores, Moham[]med Larijani, quien ma[]ñana se entrevistará tam[]bién, con el primer minis[]tro soviético Nicola[i] Ryzhkov. La agencia noti[]ciosa TASS dijo en sus des[]pachos que ambos diplo[]máticos conversaron sobr[e] la explosiva situación mi[]litar en el Golfo Pérsic[o], sobre la escalada de la vio[]lencia y coincidieron e[n] identificar la presenci[a] militar norteamericana [en] la zona como "un peligr[oso]

8709701

01.02

DE IRAN, IRAK, KUWAIT, YEMEN DEL SUR Y TUNEZ

busca mediar en el Golfo

so factor añadido de tensión".

Durante la entrevista, Rizhkov se pronunció por el inmediato cese de la guerra del Golfo y expresó su firme convencimiento de que el alto del fuego correspondería a los intereses de los dos pueblos. El canciller soviético destacó también la importancia de la "pronta materialización de la resolución del Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas en cuanto al alto el fuego —no acatada por Teherán— y exhortó a la colaboración con el secretario general del organismo internacional, Javier Pérez de Cuellar, en los esfuerzos previstos de éste para una mediación.

Por su parte, Larijani subrayó que su país, "atribuyendo gran importancia al desarrollo de nuevas relaciones con la URSS", tiene el propósito de emprender, en esa dirección, "las acciones prácticas correspondientes". La parte soviética —dice TASS— "confirmó la línea de buena vecindad con Irán".

Como se sabe, las complicadas relaciones entre Moscú y Teherán, permanentemente envenenadas por el aspecto religioso, parecen atravesar en las últimas semanas por una notoria mejora. Como pauta de ello, recuérdese la reciente firma de un acuerdo en virtud del cual la URSS importará petróleo iraní a través de un oleoducto que rodea el Mar Negro.

Mañana, Shevardnadse recibirá al canciller iraquí Tarek Asís, y también a una importantísima delegación de la Liga Arabe, encabezada por el canciller kuwaití Sabah Al-Ahmad y por su colega de Túnez, Talbet Sabahni. También está integrada por Chedli Klibi, secretario general de la Liga Arabe. Se recordará que en los últimos días, en Túnez, la Liga Arabe amenazó a Irán con "acciones directas" —insinuando un corte en las relaciones— en el caso de que no aceptara el alto del fuego en la guerra del Golfo.

En tanto, en un reportaje publicado hoy en París por la revista "París-Bagdad Magazine", el canciller iraquí Tarek Asís dijo que Irak está dispuesto a comparecer ante el Tribunal Internacional de Justicia de La Haya "para determinar las responsabilidades en el comienzo de la guerra entre Irán e Irak".

02.02

8709701

URSS 024

La Mañana 8/10/87

Firmaron acuerdo de cooperación científica y tecnológica

Resaltan visita de Sanguinetti



Una pasaje de la conferencia de prensa celebrada en la pasada jornada por el Ministro de Relaciones Exteriores soviético. Posteriormente, el visitante culminó su visita de tres días a nuestro país.

El Canciller Edouard Shevardnadze en conferencia de prensa al término de su visita a Montevideo, sostuvo que la visita del Presidente Sanguinetti a la URSS permitirá concretar "cosas muy importantes del punto de vista del comercio" entre los dos países, dijo esta mañana

La actividad del ministro soviético comenzó ayer en el Palacio Santos, donde se firmaron acuerdos de cooperación cultural y científica entre Uruguay y la URSS, por parte del visitante y los ministros uruguayos Adela Reta y Enrique Iglesias.

De inmediato, el canciller Shevardnadze se trasladó a la sede de la embajada soviética, donde recibió la prensa, no sin antes romper el protocolo (una vez más) y mantener una animada conversación con un grupo de personas -incluida una señora que dijo ser italiana- en la esquina de 18 y Michelini.

El desarrollo de la conferencia de prensa estuvo marcado por una disertación de Shevardnadze acerca de los logros perseguidos en su gira a esta parte del continente, al tiempo que respondió una serie de preguntas vinculadas al intercambio entre Uruguay y la URSS, la situación de los judíos, los avances de la "perestroika" y su punto de vista acerca del proceso de paz en Centroamérica.

ENFOQUES AUDACES

En referencia a las relaciones comerciales entre Uruguay y la URSS, reconoció el canciller que "no corresponde al potencial de los dos países, que es mucho más grande".

Sin embargo, destacó que existe un acuerdo de principio para que el presidente Sanguinetti visite la URSS y que "estoy convencido que los expertos de ambos países lograrán preparar cosas muy importantes del punto de vista del comercio".

Agregó que los temas de cooperación comercial son de interés de todos y "consideramos que el desarrollo de las relaciones económicas y comerciales necesita enfoques audaces y no sólo formas tradicionales".

INVITACION A LA URSS

En tal sentido, Sehvardnadze sostuvo que había sido "una conversación maravillosa" la mantenida con el Dr. Sanguinetti, quien "ha recibido y aceptado la invitación del secretario general Gorbachov a realizar un viaje a nuestro país".

Dijo también que en las conversaciones con su colega Enrique Iglesias se había tratado una multiplicidad de aspectos, entre los que se incluyó a "los procesos de integración en su región y los problemas de la deuda externa".

SENTIMIENTOS DE AMISTAD

Demostrando en todo momento una gran simpatía y cordialidad, el canciller soviético dijo también que "nos emocionaron los sentimientos de amistad mostrados por los ciudadanos de Montevideo, su cordialidad y atención hacia nosotros, manifestados con una fuerza particular en la plaza al lado del monumento a José Artigas".

"Este mismo día -agregó- tuvimos conversaciones con los dirigentes de una manifestación de la comunidad judía en Uruguay".

Indicó que a su parecer "no todos los participantes de este encuentro disponen de información imparcial al respecto y nosotros invitamos una delegación de la comunidad a la Unión Soviética para familiarizarse personalmente con este estado de cosas".

SITUACION ECONOMICA

Sobre el final de su exposición ante la prensa, Shevardnadze se refirió a algunos de los principales motivos de su visita y entre ellos se refirió a la preocupación "por la situación que se creó en la economía mundial".

"En el actual mundo, interdependiente e interelacionado, no hay ni un solo país que esté aislado del continente como una isla".

"Tomen el problema de la deuda -agregó-. ¿Por qué nos pronunciamos tan activamente?. En primer lugar, porque la Unión Soviética es tanto un país acreedor como un país deudor. En efecto, todos los estados del mundo se presentan hoy día en estas dos funciones".

PENSAR JUNTOS

"Tenemos consideraciones acerca de cómo solventar el problema de la deuda, sin embargo, al ver toda su complejidad decimos: vamos a pensar juntos".

Finalmente Shevardnadze sostuvo que "al realizar transformaciones revolucionarias en nuestra propia economía, nosotros no proponemos y no tenemos en cuenta proponer cambios radicales en estructuras económico financieras que se habían formado en instituciones internacionales y vínculos bilaterales".

"Si hay algo a que nosotros aspiramos -concluyó- es únicamente a la participación plena y equitativa en las actividades económicas internacionales. Nadie va a perder si la Unión Soviética se incorpora al funcionamiento de las instituciones económicas regionales e internacionales".

01.01

Igualdad y mutuo respeto

Satisfacción por avance en las relaciones

En el curso de las conversaciones con el Canciller de la Unión Soviética, se comprobó que los importantes avances que se habían realizado estos últimos años, entre los dos países en el plano político y diplomático, no habían sido acompañados por avances similares en el plano de las relaciones economicocomerciales.

Señalaron las dificultades objetivas que habían gravitado sobre este comportamiento y ambas partes expresaron su aspiración de aprovechar al máximo las posibilidades y potencialidades existentes. En este sentido, se decidió profundizar el análisis de nuevos planteos, mecanismos y medidas en un contexto global de negociación, que pudieran darle un nuevo alcance e impulso a los actuales esfuerzos para fortalecer las relaciones en el plano economicocomercial.

Los Ministros coincidieron en otorgar una gran importancia al tema del fortalecimiento y diversificación del intercambio comercial, al constatar las dificultades objetivas del momento actual en esta esfera. Las partes expresaron su aspiración de aprovechar más plenamente las posibilidades existentes, buscar nuevos rubros y formas promisorias de colaboración de acuerdo con sus prioridades del desarrollo económico y social. Los Ministros acordaron la necesidad de la adopción de medidas adicionales para el perfeccionamiento de la estructura del intercambio comercial y su diversificación, incluso haciendo más activos los esfuerzos con el fin de estudiar las posibilidades de concertar un acuerdo de suministros mutuos de mercancías, y aumentar la eficacia del acuerdo de 1984 sobre suministros al Uruguay de máquinas y equipos soviéticos, así como para el desarrollo de nuevas formas de colaboración económica. La parte soviética informó sobre las medidas encaminadas a perfeccionar los lazos económicos exteriores de la URSS en el marco del proceso general de la reestructura del mecanismo económico. Las partes se pusieron de acuerdo con continuar el examen de todo el complejo de los problemas mencionados durante la Tercera Sesión de la Comisión Intergubernamental Soviética sobre la cooperación economicocomercial, que podría ser llevada a cabo a fines de 1987- principios de 1988.

Ambas partes expresaron su intención de continuar analizando mecanismos de cooperación en el campo de la pesca, en especial en lo referente a utilización de puertos uruguayos, a la conservación y uso racional de recursos vivos marítimos, a las investigaciones científicas, a las inversiones empresariales, todo ello basado en principios de mutuo beneficio y cooperación en consonancia con las legislaciones vigentes en ambos países y en los principios generales del derecho internacional en la materia.

Atribuyendo una gran importancia al desarrollo de las relaciones en el campo de la cultura, educación y ciencia. Las partes intercambiaron notas sobre la entrada en vigor del Convenio sobre Colaboración Cultural y Científica firmando el Programa de Intercambios Culturales y Científicos para los años 1987-1988.

Al analizar las relaciones bilaterales, ambos Cancilleres se congratularon por los resultados obtenidos a raíz de la puesta en práctica del Protocolo Uruguayo-soviético, sobre Consultas, firmado en 1986 en la ciudad de Moscú. Asimismo, constataron que las relaciones entre ambos países se han profundizado, subrayándose el intercambio de visitas de parlamentarios, representantes de las autoridades municipales y locales, así como los avances producidos en materia de cooperación cultural, científica y deportiva, lo que entendieron una prueba convincente de las posibilidades de cooperación entre países con distintos regímenes sociales, siempre que priman los principios de igualdad, mutuo respeto y no injerencia en los asuntos internos.

Las partes expresaron su satisfacción por los resultados de las conversaciones.

Al término de su visita, el Ministro de Relaciones Exteriores de la Unión soviética, E. A. Shevardnadze, expresó al Ministro de Relaciones Exteriores, Enrique V. Iglesias, su profundo agradecimiento por la acogida que le fue dispensada, a él y a su comitiva, por parte de las autoridades uruguayas.

01.01

8709706

Se concreta complementación a nivel universitario y se otorgan becas

Impulsan intercambio cultural y comunicación

LA MAÑANA 8/10/87

De acuerdo con el artículo 14 del Convenio sobre Colaboración Cultural y Científica entre el Gobierno de la República Oriental del Uruguay y el Gobierno de la Unión de República Socialistas Soviéticas, suscrito en Moscú el 25 de julio de 1986, se acordó realizar el siguiente Programa de Intercambios Culturales y Científicos para los años 1987-1988.

I. CULTURA Y ARTE

1. Las Partes contribuirán a la realización de giras de conjuntos teatrales musicales, de grupos artísticos y solistas, de exposiciones artísticas y también al intercambio de visitas de las delegaciones correspondientes, en las condiciones, que en cada caso por separado serán determinadas por los representantes y organizaciones competentes de ambos países.

2. La Parte Soviética enviará en 1987-1988, y la Parte Uruguaya recibirá a dos conjuntos artísticos y dos exposiciones, en acuerdo de las Partes.

3. La Parte Uruguaya enviará en 1987-1988 y la Parte Soviética recibirá una exposición de Artes Plásticas y un grupo de Teatro de Uruguay, de conformidad de las Partes.

4. En el período de vigencia del Programa, las Partes intercambiarán solistas con acompañantes, cuyo número será acordado complementariamente.

5. La Biblioteca estatal V.I. Lenin de la URSS y la Biblioteca Nacional del Uruguay desarrollarán la colaboración en el campo del intercambio internacional de libros, e intercambiarán exposiciones de libros.

6. Las Partes contribuirán a la colaboración entre museos, bibliotecas y otras instituciones culturales de ambos países.

7. Las Partes estimularán el desarrollo de las relaciones entre las organizaciones creativas, culturales y los representantes de la intelectualidad de ambos países con ese fin.

8. Las Partes intercambiarán compositores, Directores de Orquesta, Directores de Coro sobre la base de la reciprocidad, con la finalidad de conocer la vida musical de sus respectivos países.

Cada Parte enviará una persona por un plazo de hasta 10 días en el primer caso y por treinta días en los otros casos, de conformidad de las Partes.

Las Partes intercambiarán en el período de vigencia del Programa, ediciones y partituras de sus autores contemporáneos, de acuerdo con las disposiciones vigentes en cada una de las Partes.

9. Las Partes intercambiarán delegaciones de escritores compuestas por dos personas para realizar encuentros creativos, para el conocimiento de la vida literaria de cada país por el plazo de hasta 14 días.

10. Las Partes se informarán recíprocamente y a su debido tiempo sobre las fiestas nacionales, las conferencias, concursos, festivales internacionales y otros actos que transcurren en el territorio de cada una de las Partes y enviarán a su debido tiempo invitaciones para participar en ellos de acuerdo con el reglamento de cada foro.

II. CIENCIA Y EDUCACION

11. Las Partes coadyuvarán en el período de vigencia del Programa al establecimiento de contactos entre sus instituciones de investigación científica y al desarrollo de la colaboración entre ellas, inclusive el intercambio de experiencia y la organización de viajes recíprocos de sus representantes.

12. La Academia de Ciencias de la URSS y las instituciones científicas correspondientes del Uruguay intercambiarán en el período de vigencia del Programa 3-4 especialistas por el plazo de hasta 2 meses cada uno para el conocimiento de las investigaciones científicas y la realización de trabajos científicos según la temática acordada complementariamente.

13. Las Partes contribuirán al intercambio de información sobre los congresos, simposios, conferencias y otros actos de carácter científico que tengan lugar en sus países con el fin de la posible participación en ellos de científicos y especialistas de ambos países.

14. Las Partes realizarán, partiendo de las posibilidades existentes, un intercambio regular de publicaciones científicas que presenten interés recíproco para ambos países.

15. Las Partes prestarán ayuda al desarrollo de la colaboración entre las instituciones de enseñanza superior de la URSS y el Uruguay.

16. Las Partes coadyuvarán al intercambio de profesores universitarios, conferencistas, científicos e investigadores para dictar conferencias, realizar cursos y seminarios en sus universidades y para desarrollar programas de investigación científica en los campos que presenten interés para ambos países.

17. La Parte Soviética otorgará anualmente a la Parte Uruguaya en el período de vigencia del Programa 10 becas para el estudio de ciudadanos uruguayos en instituciones de enseñanza superior de la URSS por los plazos previstos por los planes y programas de enseñanza.

18. En el período de vigencia del Programa las Partes realizarán conversaciones sobre la posibilidad de suscribir un Acuerdo sobre la equivalencia de los diplomas, sobre la enseñanza, los grados científicos y los títulos universitarios.

19. Las Partes contribuirán al estudio del idioma ruso en el Uruguay y el idioma español en la URSS mediante la inclusión por parte de la Unión Soviética de esta disciplina en sus programas de enseñanza y por parte de Uruguay de crear eventualmente una Cátedra de idioma ruso.

20. En el período de vigencia del Programa, el Instituto de Idioma Ruso A.S. Pushkin está dispuesto a enviar en caso de que es decida la creación de una Cátedra de enseñanza de idioma ruso, manuales y medios técnicos de enseñanza para equipar el proceso de aprendizaje de esta lengua, como también novedades de literatura sobre metodología de la enseñanza.

III. CINE Y MEDIOS DE COMUNICACION

21. La Parte Soviética enviará anualmente en el período de vigencia del Programa y la Parte Uruguaya recibirá filmes y delegaciones de cineastas compuestas por dos personas por el plazo de 7 días para la semana de filmes soviéticos.

22. Las Partes contribuirán a la prestación mutua de servicios en lo referente a la producción y la creación artística, tanto para la realización de películas nacionales, como también de coproducción de filmes de argumentos y documentales sobre temas que presenten interés para ambos países.

23. Las Partes coadyuvarán a la colaboración tanto en el intercambio comercial de filmes, como también a la realización de contactos entre el Gosfilmofond de la URSS e instituciones similares uruguayas.

24. Las Partes contribuirán al intercambio de programas de televisión y de radio, dedicados a la vida de los pueblos de ambos países, como también de representantes de la televisión y la radio por mutuo acuerdo entre las correspondientes organizaciones de la URSS y de Uruguay.

IV. DERECHOS DE AUTOR Y EDICION DE LIBROS

25. Las Partes contribuirán al desarrollo ulterior de la colaboración entre las organizaciones encargadas de los derechos de autor y las editoriales de sus países con el fin de asegurar la protección mutua de los derechos de autor y un más amplio conocimiento de las obras de la ciencia, la literatura y el arte de autores soviéticos y uruguayos, correspondientemente en el Uruguay y en la URSS.

26. Las Partes contribuirán a la traducción y edición de libros de autores soviéticos en el Uruguay y de autores uruguayos en la URSS.

27. Las Partes intercambiarán sobre la base de la reciprocidad exposiciones de libros. La exposición de libros del Uruguay será organizada en el marco de la Exposición Feria Internacional del Libro de Moscú del año que mutuamente se acuerde. La exposición soviética será organizada en la Exposición Internacional del Libro que anualmente se lleva a cabo en Uruguay.

V. SALUD PUBLICA

28. Las Partes contribuirán a la ampliación y al fortalecimiento de la colaboración en el campo de la salud pública y de la ciencia médica mediante el intercambio de información y especialistas según los pedidos e invitaciones de los departamentos e instituciones de cada país.

VI. DEPORTE

29. Las Partes contribuirán al desarrollo de los vínculos deportivos mediante el intercambio de delegaciones, equipos, entrenadores, científicos y especialistas deportivos en correspondencia al artículo X del Convenio sobre Colaboración Cultural y Científica entre la URSS y Uruguay suscrito el 25 de julio de 1986.

El contenido concreto de la colaboración será determinado por protocolos, firmados por el Goskomsport (Comité Estatal de Deportes) de la URSS y las organizaciones deportivas del Uruguay, dentro del marco del Convenio referido en la parte primera de este artículo.

VII. OTRAS DISPOSICIONES

30. El presente programa no excluye la posibilidad de organizar otras ades e intercambios en el campo de la colaboración cultural, científica y deportiva.

31. Las Partes contribuirán a la realización de los viajes e intercambios previstos por este Programa y también a hacer todo lo que de ellas dependa para asegurar las máximas condiciones favorables para la realización de tales viajes e intercambios.

32. Las visitas e intercambios, previstos por el presente Programa, se realizarán en las condiciones acordadas por las Partes en cada caso concreto.

33. El presente Programa entrará en vigor desde el día de su firma.

Concluido en la ciudad de Montevideo, el siete de octubre de mil novecientos ochenta y siete en dos ejemplares, cada uno en ruso y en español y siendo ambos textos igualmente válidos.

HB

JRSS

0Lp

La Mañana 8/10/87

"Biotecnología es área prioritaria"

Reta: Nuevas posibilidades



Los Cancilleres de Uruguay, Cr. Enrique Iglesias y la Unión Soviética, Eduard Sheverdnadze, junto a la Ministra de Educación y Cultural, Dra. Adela Reta, captados en momentos de suscribir la anunciada declaración conjunta.

Los Ministros de Educación y Cultura, y de Relaciones Exteriores, Dra. Adèla Reta y Cr. Enrique Iglesias, respectivamente, suscribieron con el Canciller ruso, Eduard Sheverdnadze, acuerdos de intercambio cultural entre ambos países, que abarcan desde docentes hasta bibliografía.

"Estos documentos -dijo Reta- permiten intensificar las relaciones ya existentes en materia cultural con Rusio, ya que durante estos años se han llevado a cabo varios intercambios de importancia. Es así que han estado presentes en el Uruguay representantes de la cultura soviética, como el director de orquesta que dirigió el Sodre, o el coreógrafo que está actuando con el ballet del Sodre".

Agregó que "ahora intensificaremos la posibilidad de este intercambio de artistas. Incluso hablamos de la posibilidad de que así como se hizo presente una exposición soviética en nuestro país, Uruguay pueda enviar una a Moscú".

Agregó que "asimismo, pensamos incrementar el intercambio en el área bibliográfica y de información. También, sobre todo, en lo que se refiere a información científica, que en este momento estamos impulsando en forma muy vigoroza en el Uruguay. Creemos que el contacto con los centros especializados soviéticos -subrayó- puede traducirse en la apertura de posibilidades para nuestros científicos".

Precisó que "en esta área hemos estado conversando específicamente sobre biotecnología, que es un área prioritaria para nosotros. Inmediatamente -concluyó- vamos a abordar la instrumentación de acciones en ese terreno".

01.01

870971 4

La Mañana 10/10/87

Se hará en el marco del actual revisionismo

Preparan nueva historia del Partido Comunista en URSS

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El Instituto Soviético de Marxismo-Leninismo está preparando una nueva historia del Partido Comunista de la URSS (PCUS), en el marco de la revisión de la historia iniciada en la Unión Soviética.

La nueva historia del PCUS es preparada por veinte especialistas, que trabajan en coordinación con el Instituto de Historia de la Academia de Ciencias de la URSS.

Los historiadores soviéticos Yuri Poliakov, Y. Kvasha y K. Shelestov, que ofrecieron ayer una rueda de prensa en Moscú, señalaron a este respecto que en la nueva historia del Partido Comunista de la URSS se trabaja con documentos nuevos, aunque dieron a entender que su publicación no deparará grandes novedades ni una revisión profunda.

Los historiadores que ayer mantuvieron el encuentro con la prensa se esforzaron en demostrar que la URSS está abriendo las puertas a una interpretación más amplia, profunda y detallada de su historia, como parte del proceso de glasnots (sic) (transparencia), iniciado tras la llegada de Mijail Gorbachov al poder.

Como ejemplos de este cambio de actitud hacia la historia se señaló la apertura de archivos anteriormente restringidos y secretos y la revisión de gran número de documentos.

Ello ha permitido concretar cifras y datos demográficos concernientes a la periodos clave de la historia reciente de la URSS.

Sin embargo, muchos datos considerados de gran relevancia continúan sin esclarecerse, como es el caso del número de personas que murieron a causa de las represiones desatadas por Stalin en los años 1937 y 1938 y durante la colectivización.

Interrogados sobre la ausencia de estas cifras, los historiadores argumentaron que es muy difícil poder establecerlas con exactitud debido a la falta de organización en los censos de la época, aunque señalaron que deben concretarse y darse a conocer.

Sobre las represiones efectuadas por Stalin, Poliakov señaló que, en contra de lo que suele afirmarse, las represiones fueron más duras y causaron más víctimas en 1938 que en 1937.

El historiador añadió también que las cifras que se dan en Occidente sobre las víctimas de la represión stalinista, que han llegado a alcanzar la de 19 millones de personas afectadas, son fantásticas.

Como parte de la nueva actitud que debe adoptarse de cara a la historia de la URSS, Poliakov señaló que sería conveniente realizar un estudio de la misma sin tomar como punto central personalidades individuales.

En este punto, añadió, debe realizarse también un estudio más sobrio del fundador del Estado soviético, Vladimir Illich Lenin.

PROSCRIPTOS

La nueva historia del PCUS sucederá a la tercera edición de la Enciclopedia de la Revolución de 1917, publicada recientemente, cuya principal novedad la constituyó la inclusión de notas biográficas de León Trotski, Nikolai Bujarin, Lev Kamenev, y Grigori Zinoviev, que pese al relevante papel que desempeñaron en la revolución son figuras proscritas desde la época de Stalin.

Sin embargo, las biografías de la tercera edición de la Enciclopedia de la Revolución están muy lejos de significar una rehabilitación de los cuatro revolucionarios, que son atacados en ellas y acusados de haber cometido grandes errores.

De los cuatro, Nikolai Bujarin es el menos censurado, pues se le reconocen sus méritos como economista, aunque se le reprocha también el haber caído en graves errores.

Sobre esta personalidad de la revolución bolchevique, que según los expertos occidentales es la que cuenta con mayores posibilidades de una futura rehabilitación en la URSS, expresó hoy su opinión el historiador Yuri Polinkov (sic).

El académico afirmó que piensa que no puede considerarse que Bujarin fuera un enemigo del poder soviético.

TROTSKI ATACADO

Por otra parte, la revisión de la historia soviética no parece que vaya a significar un cambio en la actitud oficial hacia acontecimientos y personalidades de gran significación en el pasado de la URSS.

026

POSTERGADO CONVENIO PESQUERO, BUSCAN MAS COMPRAS EN LA URSS

Para concretar una visita de tres días arribará esta mañana a nuestro país el Canciller soviético Eduard Shevardnadze, quien durante su estadía sostendrá conversaciones de las que se espera aumentar el intercambio comercial entre ambos países.

El funcionario será recibido por su colega Cr. Enrique Iglesias en el Aeropuerto Internacional de Carrasco, tras lo cual el visitante se trasladará a la Embajada de la URSS en nuestra capital. Poco después se instalará en el Hotel Victoria Plaza que será su residencia durante las tres jornadas y sobre el mediodía sostendrá la primera entrevista con el Ministro de Relaciones Exteriores uruguayo.

Como se sabe, ya trascendieron los detalles de la declaración conjunta que será suscrita el miércoles al final de la permanencia del Secretario de Estado del gobierno de Gorbachov, cuyo texto íntegro fue publicado por EL PAIS.

En la declaración se destacará el propósito de promocionar el intercambio comercial, y se buscará a través de las delegaciones de ambos países, definir mecanismos que permitan vigorizar el acuerdo bilateral firmado en 1984, por lo cual Uruguay adquirirá bienes industriales y a su vez colocaría en la URSS productos del área agropecuaria.

En medios políticos y económicos se generó preocupación por la merma de las compras soviéticas a Uruguay desde hace dos años y medio, tras la instalación del actual Gobierno.

La balanza comercial ha sido tradicionalmente favorable a nuestro país y se sabe que los soviéticos esperan que Uruguay aumente su caudal de compra.

Según fuentes oficiales, la delegación soviética que preparó la visita, informó sobre medidas tomadas por la URSS para mejorar sus vínculos comerciales con el exterior, dentro del proceso de reestructura económica que desarrolla la Unión Soviética.

Otro de los temas que ha causado particular expectativa es la definición del controvertido acuerdo de pesca entre los dos países, estimándose propicio el momento para dar un importante paso en torno al mismo y develar algunas dudas que en distintos niveles aún existen en torno al tema.

En las últimas horas el canciller Enrique Iglesias señaló ante consulta periodística, que "el proyecto está a estudio y que requerirá posteriores análisis".

"No está previsto que se firme durante la visita de Shevardnadze", dijo Iglesias al referirse al punto. "Estos documentos llevan tiempo de estudio; están siendo analizados pormenorizadamente y hasta que eso ocurra, seguimos estudiándolos como borrador y no como convenio definitivo".

HOY ENTREVISTA CON SANGUINETTI

A la hora 17 el canciller Shevardnadze se trasladará al Edificio Libertad donde será recibido por el Primer Mandatario uruguayo e intercambiarán apreciaciones sobre la marcha del comercio bilateral y las relaciones entre ambos países, elementos que durante esta visita se tratarán de incrementar.

Dos horas y media más tarde las autoridades uruguayas, serán agasajadas por el visitante en la sede de la representación diplomática soviética en la zona de Pocitos.

SHEVARDNADZE: "NO ES INFILTRACION"

El alto funcionario soviético durante su permanencia en Brasil rechazó enfáticamente "insinuaciones de que la visita a Brasil, Argentina y Uruguay, se tratara de un intento de infiltración soviética en países de América Latina".

En el curso de una conferencia de prensa ofrecida a los periodistas cariocas, el canciller soviético afirmó que "la URSS está dispuesta a cooperar con los tres países en el aprovechamiento pacífico de la energía atómica. Esta disposición", dijo, "está reforzada por la posición asumida por el gobierno brasileño de apoyo a la Unión Soviética en la prohibición de armas nucleares y la liquidación de los arsenales atómicos".

EN ARGENTINA DESTACAN ESCASEZ DE PROTOCOLO

Durante el último día de permanencia en Argentina el canciller soviético dejó de lado el protocolo para recorrer las calles de la capital y conversar con los vecinos de la capital porteña.

En Plaza de Mayo, cumplió con el ritual de alimentar a las palomas arrojando maíz a las aves siendo observado y fotografiado por importante cantidad de público.

En una parte de su diálogo con los ciudadanos, Shevardnadze expresó que "nuestra política exterior es la continuación de nuestra política interior".

Según las noticas provenientes de Buenos Aires, el visitante no eludió en ningún momento el contacto con la gente común.

A una anciana que le mencionó el problema del desarme nuclear y los acuerdos logrados con EE.UU. recientemente, respondió que "junto a los americanos podremos evitar la catástrofe; éste es el primer paso".

HR/

URSS

024

En Acto de "Plaza Independencia" se Pidió También por Judíos Soviéticos

El País 6/10/87

Casi un centenar de personas, entre simpatizantes, periodistas y curiosos, rodeó al canciller soviético, Eduard Shevardnadze cuando concurrió en el mediodía de ayer, a depositar una corona de claveles intensamente rojos al pie del monumento al Gral. Artigas en Plaza Independencia. El alto funcionario del Kremlin cumplió el acto protocolar y de inmediato departió algunos minutos con los presentes, recibiendo aplausos cuando dijo que su gobierno estaba embarcado en negociaciones por el desarme y la paz mundial. Sin embargo, no hizo ninguna alusión a los reclamos de muchos de los presentes, referidos al tratamiento que reciben en la URSS los judíos soviéticos, a quienes, incluso, se les niega el otorgamiento de pasaporte.

Shevardnadze llegó ayer a Montevideo poco después de las 11 horas en un avión soviético Iliushin que lo trajo desde Buenos Aires. Fue recibido en Carrasco por el canciller Enrique Iglesias y otras personalidades y se dirigió a la embajada de la URSS en el Uruguay, luego de formular breves declaraciones en la terminal aérea metropolitana.

En la sede diplomática emitió un mensaje y de inmediato se dirigió al Palacio Santos, sede de la Cancillería nacional, donde departió con el ministro de Relaciones Exteriores Enrique Iglesias por espacio de una hora, aproximadamente.

Desde allí se dirigió al Monumento a Artigas y se trasladó luego al Palacio Taranco, donde el ministro Iglesias le ofreció un almuerzo "de trabajo".

Se encontraban presentes miembros del cuerpo diplomático extranjero acreditado en nuestro país y legisladores integrantes de la Comisión de Asuntos Internacionales del Poder Legislativo.

En la oportunidad, tanto Iglesias como el visitante pronunciaron sendos discursos que damos a conocer por separado y, posteriormente, siguieron las visitas programadas, destacándose el encuentro que Shevardnadze sostuvo con el Presidente de la República Dr. Julio Mª Sanguinetti al promediar la tarde.

EXCELENTE RELACION CON URUGUAY

En los primeros actos cumplidos ayer, el Canciller soviético sólo pronunció declaraciones, sin acceder al diálogo con la prensa.

En Plaza Independencia dijo que traía los saludos del presidente del Soviet Supremo, Mijail Gorbachov y señaló que "la Unión Soviética mantiene una excelente relación con Uruguay, tanto con los dirigentes como con el pueblo uruguayo".

Siempre hablando en ruso e intérprete mediante, Shevardnadze afirmó que las relaciones con nuestro país "se formaron así tradicionalmente" y pasó a referirse a los cambios que en distintos momentos se produjeron en la URSS.

"Muchos cambios y muy interesantes se han producido en los últimos años, procesos muy positivos e importantes", dijo refiriéndose ahora a Uruguay y agregó que "lo mismo sucede en la Unión Soviética, donde ahora se vive el proceso de la reestructuración (perestroika). Es por eso que existe la necesidad de reunirnos más a menudo para intercambiar la experiencia y discutir los problemas que preocupan a todos nosotros", agregó.

Señaló que "en primer término nos preocupan los problemas de la paz y de la guerra. Tenemos que enfrentar todos juntos el final a la carrera armamentista, como acabar con el armamento nuclear y salvar la paz para las futuras generaciones. Como edificar el mundo sin armas y sin guerras", concluyó.

En el Palacio Taranco, Shevardnadze departió con legisladores y varios ministros uruguayos, comentando con el titular de Agricultura, Ganadería y Pesca, Ing. Agr. Pedro Bonino, sobre las alternativas de la producción cerealera de la URSS y las condiciones del mercado mundial en esa materia.

01/01

HR

URSS

024

EL CANCILLER RUSO INVITO A JUDIOS DE NUESTRO PAIS A VERIFICAR LA SITUACION

El País 6/10/82

El Canciller soviético Eduard Shevardnadze se reunió imprevistamente con todos los integrantes de la colectividad judía en Uruguay, que manifestaban frente a la sede de la Embajada de la URSS en solidaridad con los judíos soviéticos y reclamando por sus derechos.

Minutos antes de las 19 hrs., previo a ingresar al recinto diplomático, el Canciller, ante el asombro de todos los presentes, cruzó la calle y solicitó hablar con el Presidente del Comité Central Israelita, Dr. Pedro Sclofsky quien expresó luego a EL PAIS:

"El hecho que el Canciller de la Unión Soviética haya pedido conversar con el Presidente de la colectividad judía y haya cruzado hasta donde nosotros estábamos, por sí ya es un paso positivo y nosotros lo vemos como tal", dijo elDr. Sclofsky.

"Dialogamos —agregó— durante más de diez minutos y nosotros le expresamos nuestro punto de vista, que la manifestación —le dijimos— era para expresar nuestra solidaridad con los judíos en la Unión Soviética y nuestros deseos que puedan emigrar libremente y quienes deseen quedarse puedan mantener su identidad judía y profesar su religión".

"Al final de la conversación —manifestó— le hicimos ver que la URSS puede jugar un papel muy importante en el proceso de Paz en el Medio Oriente y que nosotros veríamos con sumo placer y agrado el hecoh de que la URSS reestablezca relaciones con Israel".

UNA INVITACION

Asimismo se le hizo a los judíos uruguayos una invitación: "nos invitó el Canciller a que fuera una delegación a la Unión Soviética, a ver con nuestros propios ojos ue todas esas medidas que se van a implementar sean beneficiosas y podamos verificar la realidad de los judíos en la Unión Soviética —dijo el Dr. Pedro Sclofsky, agregando sobre la decisión a tomarse que "por mi parte tengo mucho interés en ir y verificar la situación, además dijo el Canciller que nos recibiría con mucho gusto, así que tomamos esa promesa, esperamos que se cumpla, somos optimistas".

Alrededor de 200 personas entre niños, jóvenes y mayores se dieron cita en esta manifestación frente a la Embajada de la URSS sita en Bulevar España esquina Ellauri.

Portaban pancartas que expresaban: "Dejad saliu a mi pueblo"; "Que la Unión Soviética permita la reunificación de la familia judía"; "no el genocidio cultural contra el judaísmo en la Unión Soviética", etc.

Con velas encendidas y cánticos, permanecieron los judíos uruguayos manifestado por espacio de una hora.

LIBERTAD PARA LOS JUDIOS EN LA URSS

En ocasión de la visita del Canciller soviético, Señor Eduaru Shevardnadze, al Uruguay, la colectividad judía de este país reclama:

—Que la URSS cumpla sus compromisos internacionales y permita la salida libre y sin restricciones de los judíos de la Unión Soviética.

—Que se termine de una vez la absurda práctica de los rechazos por "motivos de seguridad".

—Que no se implemente una legislación restrictiva que haga imposible la salida de todos aquellos que no gentan parientes fuera de la URSS.

—Que se abandone la nefasta práctica que convierte en parias sociales a todos los judíos que expresan el deseo de salir de la URSS.

—Que se ponga fin a todas las manifestaciones de carácter antisemita.

—Que se terminen las prácticas discriminatorias contra jóvenes judíos en institutos de enseñanza superior en la URSS.

—Que se dé plena rehabilitación a las víctimas judías del stalinismo y que se haga una revisión auténtica de la política antijudía de la URSS en el pasado.

—Que se otorgue un status legal reconocido al idioma hebreo en la Unión Soviética y se reconozca su legitimidad como cualquier otra lengua.

—Que se permita el libre cultivo de la herencia espiritual, religiosa y cultural judía para aquellos que deseen permanecer en la URSS.

01.01

0709753

El País 6/10/87

Iglesias Destacó las Bases de las Relaciones con URSS Durante más de Sesenta Años

Respondiendo al discurso del canciller Eduard A. Shevardnadze, el ministro de Relaciones Exteriores de Uruguay, Cr. Enrique Iglesias, dijo que "las relaciones diplomáticas entre el Uruguay y la Unión Soviética que ya tienen más de seis décadas, son un testimonio elocuente de como es posible sostener vínculos de cooperación y de entendimiento, más allá de las dimensiones de nuestros Estados, de la distancia geográfica que nos separa o de las diferencias ideológicas de nuestros sistemas políticos, económicos y sociales. Todo ello es y ha sido posible en la medida en que tales relaciones se basaron en el respeto mutuo por nuestras formas de vida, por nuestras convicciones y por los principios sagrados de no injerencia en los asuntos internos de cada Estado y en la vigencia de los principios del derecho internacional".

Seguidamente, Iglesias se refirió al actual momento de las negociaciones entre la URSS y los EE.UU. y los acuerdos para eliminar parcialmente los arsenales nucleares. "Sabemos que es tan sólo el inicio de una política de distensión y de eliminación de los peligros de una guerra nuclear" agregó, calificándolo igual como "un comienzo auspicioso"

Se refirió más adelante a los esfuerzos que ese realizan en el Consejo de Seguridad de la ONU para llevar la paz al Golfo Pérsico, al apoyo a Brasil para crear en el Atlántico Sur una zona de paz y el apoyo brindado por Uruguay al Grupo de Contadora para llevar la pacificación a Centro América.

EL PROBLEMA DE LA DEUDA

Más adelante, nuestro canciller también se refirió al tema de la deuda externa de los países en vías de desarrollo, señalando que "la lucha por un desarrollo económico justo y con igualdad de oportunidades, no es simple ni fácil en un mundo signado por las asimetrías de todo tipo. Los latinoamericanos que conocemos y padecemos las dificultades de administar pesados endeudamientos en las actuales condiciones económicas internacionales, los que debemos sufrir la depresión de los precios de nuestra producción básica o los embates recurrentes del proteccionismo, entendemos lo que significa la lucha incansable de los países en vías de desarrollo por mejores condiciones del ambiente internacional dentro de un orden de cosas más justo y equitativo. Hoy, nuestros reclamos no son tan sólo un mero traslado irresponsable de culpabilidades al mundo exterior porque América Latina es actora de uno de los procesos de ajustes más duros y socialmente más costosos de los últimos cincuenta años".

"Continuaremos bregando por un entorno internacional que asegure la igualdad de oportunidades y condiciones mínimas de cooperación para acelerar nuestro desarrollo económico y social. Y seguiremos trabajando con convicción y constancia en los esfuerzos de integración y cooperación con los países de la región latinoamericana en particular con los países vecinos con los que hemos venido construyendo lazos de cooperación política, económica y social inéditos en nuestra región", dijo Iglesias.

El canciller uruguayo clausuró su discurso refiriéndose a los derechos humanos, recordando la reinstauración de la democracia en el Uruguay y el retorno, a la plena vigencia de tales derechos ciudadanos.

01.01

870975 4.

Prioridad: La Deuda Externa, el Comercio y el Desarme Mundial

El canciller soviético Eduard A. Shevardnazde, basó su discurso de ayer en la necesidad del desarme mundial y la búsqueda de la paz, así como en la solución del problema de la deuda externa. Sobre esto último, subrayó que "es indispensable encauzar lo más pronto posible, el problema de la deuda externa a los canales prácticos, pues, en determinado sentido, el problema de la deuda también es un arma de exterminio masivo que, algún día, puede hacer volar los pilares de la comunidad internacional".

En el tema del comercio, el canciller soviético dijo que su país propone la eliminación de las barreras proteccionista en las vías de importaciones desde los países en desarrollo, porque, "de no quitar estos obstáculos, puede suceder que los proteccionistas no tengan nada que defender".

El discurso de Shevardnadze fue pronunciado durante el almuerzo que le brindó el canciller uruguayo Enrique Iglesias en el Palacio Taranco al mediodía de ayer, al cual asistieron los ministros, representantes diplomáticos acreditados ante nuestro gobierno y los legisladores de la Comisión de Asuntos Internacionales del Parlamento.

EL PELIGRO NUCLEAR

El canciller ruso se refirió inicialmente a las tecnologías modernas que, como contrapartida de todo lo bueno que han logrado, también "han aumentado el nivel de la vulnerabilidad de todos los estados sin exclusiones".

"La posición del Uruguay es muy próxima a este enfoque nuestro. Elementos de coincidencias o afinidad se notan claramente en el intercambio de opiniones entre Mijail Gorbachov y el presidente Sanguinetti señaló.

LA DEUDA EXTERNA

"Es enorme nuestra alegría, pero ella no disminuye nuestra preocupación. Durante estos diez días de nuestra estadía en América Latina nos convencemos más y más que a la par de la liquidación del armamento de exterminio masivo, lo que por si es una hazaña de buena voluntad sin precedente en la historia de la humanidad, es indispensable encauzar lo más pronto posible el problema de la deuda externa a los canales prácticos, pues, en determinado sentido, el problema de la deuda también es una arma de exterminio masivo que algún día pueda hacer volar pilares de la comunidad internacional", sentenció.

"Existe sólo una disyuntiva —dijo el Canciller—: la formación de dispositivos de la seguridad económica internacional, del nuevo orden económico usto. Y en, primer término, son necesarias las medidas urgentes e impostergables para aliviar la gravedad de la crisis".

"Es completamente evidente que las economías de los países en vías del desarrollo, desnutridas por la transferencia de muchos miles de millones, necesitan inyecciones urgentes. Es inmoral exigir que en vez de esto, ellos (los acreedores) vuelvan a ajustar sus cinturones. La economía no es un objetivo en si, es el medio de satisfacer las necesidades de la sociedad, de la gente.



La ceremonia en Plaza Independencia. Diálogo breve de Shevardnadze con el público allí congregado.

Debido a esto, no hay que resolver el problema a expensas de la misma, mejor, como se dice, todos juntos reanudemos el flujo de los recursos, actualmente interrumpidos, a los países en vías de desarrollo" opinó.

Más adelante expresó que "el pago de los intereses de la deuda es un asunto de dignidad nacional. Pero es necesario que siempre estos pagos sean limitados por un nivel prudente, caso contrario se convertirán en un dogal en el cuello de deudor".

"Con este fin, a nuestro juicio, los pagos no deben superar una parte determinada de los ingresos provenientes de exportación de un país deudor, ya que el trabajo destinado únicamente a pagar la deuda puede socavar definitivamente, tanto los cimientos económicos como la misma voluntad de una nación" señaló.

"Por fin, nosotros proponemos eliminar las barreras proteccionistas en las vías de importaciones desde los países en desarrollo. De no quitar estos obstáculos, una vez puede suceder, que los proteccionistas no tendrán nada que defendere", agregó.

Un hecho significativo es que los gastos militares anuales del mundo casi equivalen a la suma de la deuda de los países en vías de desarrolllo. Es imposible dejar al margen la verdad verdadera: que el camio al desarrollo económico (y nosotros estamos profundamente convencidos en esto), pasa por el desarme", dijo más adelante.

"El señor presidente J. M. Sanguinetti decía que el orden del comercio internacional debe ser previsto. Es imposible negar esto. Nosotros entendemos la aspiración de los países en vía de desarrollo a consolidar su independencia económica. La decisión de la URSS de adherirse al fondo común para los artículos de meterias primas es un testimonio elocuente de nuestra aspiración a contribuir a que se estabilice este aspecto del comercio internacional tan importante para los países en vías de desarrollo" aseguró.

"Al fortalecimiento de una colaboración económico-comercial podrían contribuir los organismos económicos internacionales incluyendo el GATT. La reestructuración de las actividades del comercio exterior que está realizándose en la URSS, la revisión de nuestra legislación sobre el comercio exterior, crean condiciones favorables adicionales para la aproximación entre la URSS y el GATT. La adhesión de la Unión Soviética a este organismo permitiría desde nuestro punto de vista, convertirlo en un organismo de carácter universal. Observamos atentamente la marcha de las negociaciones multilaterales en el marco de la "Ronda Uruguay" y estamos dispuestos de participar en éstas a base constructiva" informó.

"En poco tiempo tendré la oportunidad de volver a reunirme con el presidente Sanguinetti. Espro ansioso esa comunicacion con un hombre que en el encuentro en Nueva York en el año 1985, me ha causado una gran impresión", expreso el Canciller soviético.

El País 6/10/87

01.01

19

URSS

D 26

La Mañana
MONTEVIDEO, JUEVES 1[illegible] DE O[illegible]TUBRE DE 1987

Prueba de su buena salud

Moscú: Gorbachov inició viaje por Murmansk

MOSCU (ANSA, E[illegible] [illegible] UPI) El lider soviético, Mijail Gorbachov, aband[illegible]ó ayer Moscú para dirigirse por vía aérea a Murman[illegible] [illegible]n la pe[illegible]nsula de Kola, muy próxima a las costas [illegible] [illegible]as.

La agencia soviética Ta[illegible], que anuncio la partida de Gorbachov, no ofreció [illegible]etalles sobre los dias que permanecerá el líder sovié[illegible]co en Murmansk, ni sobre el objetivo de la visita.

Observadores occident[illegible] en M[illegible]ú estiman que con este viaje el Kremlin pre[illegible] de dem[illegible]rar que la reincorporación de Gorbachov a [illegible] vida [illegible]lica es total y dar por finalizados todos lo[illegible] [illegible]mores [illegible] circularon en los días pasados en torno a [illegible] salud [illegible] numero uno de la URSS, que reapareció [illegible] tra[illegible] casi dos meses de ausencia.

Murmansk es una pro[illegible]ncia de la federación rusa, situada frente a las costas [illegible]landesas, que se distingue por la calidad de la pesca de verano en su costa de 420 kilómetros.

Desde su llegada al po[illegible]er, hace dos años y medio, Mijail Gorbachov ha re[illegible]lizado varios viajes por las Republicas Soviéticas, en los que visitó complejos industriales, fabricas, granjas y centros sociales y mantuvo diálogos con los trabajadores sobre las reformas económicas.

PARTES ILEGIBLE

01.01

8709778

020

URSS

Gorbachov afirmó que "aplastará" a los opositores del programa reformista

MOSCU. — El líder soviético Mijail Gorbachov afirmó ayer que está resuelto a "aplastar" a los miembros del Partido Comunista de la URSS que se oponen a su programa reformista de apertura.

Al lanzar la más clara y enérgica advertencia a quienes se oponen dentro del gobierno soviético a las reformas económicas y políticas conocidas como "perestroika" o "glasnot", Gorbachov declaró que el programa ha entrado en una fase crucial y que no tolerará que dirigentes soviéticos se mantengan al margen o traten de sabotear los cambios en marcha.

Gorbachov hizo la advertencia durante un discurso que pronunció en el Instituto Smolny, la misma sala de Leningrado donde Vladimir Lenin proclamó el poder soviético el 7 de noviembre de 1917, después de la revolución bolchevique.

El gobernante una vez más subió el tono de la cruzada de reformas que emprendió desde que regresó el 29 de setiembre de siete semanas de vacaciones que dieron origen a especulaciones de que él o su esposa Raisa habían estado gravemente enfermos.

El viaje a Leningrado fue el segundo que hizo fuera de Moscú en dos semanas desde que volvió a aparecer en público. En los primeros días de este mes viajó al Puerto Artico de Murmansk, donde advirtió a los soviéticos que sus reformas económicas podrían producir alzas de precios y algunos inconvenientes al principio, antes de que se vean las mejoras a largo plazo.

Fase crucial

En su discurso de ayer Gorbachov dijo que la "perestroika" o la reorganización había llegado a una fase crucial y que el Partido Comunista como el líder de la reforma no dejará que nada se interponga en su camino.

"Hoy estamos en una etapa crucial de la perestroika cuando debe penetrar todas las esferas de nuestra vida, desde lo material a lo espiritual", expresó Gorbachov.

Apuntó que reformas económicas; como permitir limitadamente negocios individuales y operar empresas del Estado sobre una base de la ganancia y pérdida no significa que la Unión Soviética se esté alejando del socialismo hacia el capitalismo.

"Son más socialistas, en realidad. Esta política responde a los intereses vitales de todas las clases y estratos sociales soviéticos. No esperamos victorias fáciles. Nuestro partido es llamado el revolucionario precisamente por la razón de que no teme a las dificultades, no cede ante ellas", dijo Gorbachov.

"Estará siguiendo firmemente el curso trazado, avanzando la reorganización, destrozando el mecanismo de sus frenos", agregó.

En el pasado, Gorbachov ha dicho que la inercia de la vasta burocracia del país era uno de los mayores frenos en el avance de sus reformas, tanto económicas como sociales.

Expresó que el partido y el gobierno deben continuar el proceso de crítica y autocrítica. "Es inadmisible ceder ante la tentación para poner freno a la crítica", dijo Gorbachov.

Severidad

Gorbachov dijo que el pueblo soviético debería ser severo ante el partido y juzgarlo no por sus palabras, sino por sus obras.

"Las reformas del trabajo del partido no deberían ser juzgadas por las palabras ni por ninguna actividad sobre el papel, sino por la acción práctica específica", dijo Gorbachov.

El principal aspecto de la reforma económica entra en efecto en enero, cuando la mayor parte de las industrias administradas por el Estado comiencen a tener estrictos sistemas de contabilidad de costos y el gobierno retire los subsidios a las firmas ineficientes.

Los sueldos de los trabajadores también van a estar relacionados directamente con la productividad. En algunas áreas del país donde se ha probado esto sobre una base experimental, algunos trabajadores se han quejado de que sus sueldos han bajado, al igual que su estándar de vida.

Las autoridades han prometido que no habrá desempleo, aunque las firmas se vayan a la quiebra. La política oficial es volver a entrenar a los trabajadores y ponerlos en otros puestos en otras ciudades, si fuera necesario, pero diplomáticos occidentales están escépticos de que esto dé resultado.

01/01

BAJA DEL COMERCIO CON URSS ES CIRCUNSTANCIAL

Iglesias lo Aseguró al Llegar Shevardnadze Ayer a Carrasco

Breve y unilateral fue el primer contacto del Ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze, con la prensa uruguaya. Luego de estrechar manos de las jerarquías que aguardaban en el Aeropuerto de Carrasco, Shevardnadze se instaló junto a Iglesias e intérprete detrás de la mesa-escritorio incorporada al salón VIP, tapizada literalmente de micrófonos y grabadores, mientras los fotógrafos disparaban las cámaras y el embajador Igor Laptev observaba la escena de pie, a pocos pasos, con mirada complacida.

Pocos minutos antes que el aparato de la línea aérea soviética AEROFLOT aterrizara en Carrasco con Shevardnadze y su comitiva, el Canciller Iglesias destacó la importancia de la visita y la posibilidad de intercambiar opiniones con un "interlocutor privilegiado, uno de los Ministros que está en el centro de los grandes problemas mundiales, cuyo país tiene un gran peso en el mundo de hoy".

Iglesias añadió que la ocasión será útil para transmitir al visitante el punto de vista uruguayo sobre los problemas de América Latina, y en especial los bilaterales.

DESCENSO DEL COMERCIO ES CIRCUNSTANCIAL

"No hay que confundir anécdota con historia", dijo el Canciller uruguayo, al referir que si bien ha habido un descenso en el comercio bilateral con Uruguay, el mismo fenómeno se manifiesta en las naciones vecinas, provocado por la caída de las importaciones por parte de la URSS debido a problemas de ajuste de la balanza de pagos. Se trata, explicó Iglesias, de una situación circunstancial, pasajera, que no afecta "un comercio de larga data, compensativo en varios rubros", al que se espera vigorizar.

En cuanto al discutido acuerdo de pesca entre los dos países, Iglesias señaló que "no está prevista su firma durante la visita de Shevardnadze". El proyecto que demanda estudios y análisis pormenorizados, seguirá en categoría de borrador hasta que se llegue a un texto satisfactorio para ambas partes.

Dentro del salón VIP, el Canciller uruguayo dio formalmente la bienvenida al huésped, destacando el alto honor que supone la visita de Shevardnadze a nuestro país, con relaciones diplomáticas establecidas con la URSS que se remontan casi a la propia creación de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas, ejemplo de que dos naciones pueden entenderse y cooperar aún con situaciones políticas y económicas distintas.

Con cordial actitud, el Canciller soviético —en nada parecido a sus antecesores, con traje de alpaca gris sobriamente rayado, camisa a rayas blancas y celestes, corbata azul y modales afables y distendidos— transmitió el saludo de Gorbachov y el suyo propio al presidente Sanguinetti, al Canciller Iglesias y al pueblo uruguayo.

VIAJE DE SANGUINETTI MARCARA UN HITO

En su primera visita oficial al Uruguay, destacó la importancia que la Unión Soviética de el hecho que nuestro país fuera el primero en América del Sur en establecer relaciones diplomáticas, en 1926, "decisión difícil que apreciamos".

Recordó la grata impresión que significó el encuentro con el Presidente Sanguinetti y el Canciller Iglesias en las Naciones Unidas, la visita del segundo a Moscú, y dijo que el viaje de Sanguinetti a la Unión Soviética en un futuro próximo "marcará un hito en las relaciones".

Anunció luego ser portador de un mensaje personal del Secretario General del Partido Mikhail Gorbachov para el presidente Sanguinetti, y que, aunque no hay una agenda fija, seguramente tratará con Iglesias los intereses bilaterales y conflictos regionales, "en una atmósfera de franca y amistosa camaradería".

Dicho esto, Shevardnadze se levantó y sin más trámite se dirigió hacia los automóviles que aguardaban en la pista, al borde de la alfombra roja. Al partir la comitiva, pudo verse a Shevardnadze, Iglesias y el intérprete en animada conversación en uno de los coches, mientras la misma atmósfera se percibía en el siguiente, ocupado por la señor Shevardnadze y la señora Laptev, quienes en ningún momento ingresaron al edificio del Aeropuerto.





Dos aspectos del primer día de la visita del canciller soviético al Uruguay. Arriba, departiendo con legisladores de todos los partidos políticos en el "Palacio Taranco". A la derecha, en cordial saludo con el presidente Julio Ma. Sanguinetti en Casa de Gobierno.

01 | 01

8709783

URSS

026

EL DIA

Fundado por DON JOSE BATLLE Y ORDOÑEZ el 16 de junio de 1886

Más de un Siglo al Servicio de la Libertad

PRECIO DEL EJEMPLAR N$ 210 — MONTEVIDEO, DOMINGO 4 DE OCTUBRE DE 1987 EDICION DE 176 PAGINAS

Shevardnadze: paralelismo entre "glasnot" y transición democrática

Gorbachov anunció aumento de precios de canasta familiar

BUENOS AIRES — Paralelismo entre el "glasno t" —la apertura soviética—, y la transición argentina a la democracia señaló ayer aquí el canciller de la URSS, Eduard Shevardnadze, quien mañana viajará a Uruguay en el marco de su visita oficial a la región.

Mientras tanto, desde Moscú se informó que el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, anunció un "impostergable" aumento de los productos que componen la canasta familiar, como forma de sacar al país del estancamiento económico en que se encuentra.

En Buenos Aires, Shevardnadze conversó con transeúntes en la Plaza de Mayo frente a la Casa Rosada y se unió a algunos de ellos en la tradicional costumbre de arrojar migas de pan a las palomas que pululan por este paseo bonaerense.

Cuando uno de esos circunstanciales acompañantes le preguntó sobre las importantes reformas que se están produciendo en la Unión Soviética bajo la conducción de Gorbachov, el canciller señaló el paralelismo entre esa apertura y la transición de Argentina a la democracia.

"Sí, hemos visto muchos cambios en la Unión Soviética y Argentina también ha cambiado", agregó Shevardnadze.

El visitante se entrevistó el jueves con el presidente Raúl Alfonsín para discutir el proceso de pacificación en América Central y también tratar el problema de la pesada deuda externa argentina, que alcanza a los 54.000 millones de dólares.

Hablando con un joven, ante una multitud que lo saludó afectuosamente en la Plaza San Martín, el ministro soviético de Relaciones Exteriores dijo, refiriéndose a los cambios internos en la URSS, que "nuestra política exterior es la prolongación de nuestra política interior".

Shevardnadze concluye hoy una visita oficial de seis días en Argentina y mañana viajará a Uruguay, donde permanecerá hasta el próximo miércoles.

01.01

8709785

076

Movilizan a los estudiantes

URSS: procuran evitar pérdidas

Los organismos agrícolas soviéticos movilizaron a la mayoría de los estudiantes de la Unión Soviética para evitar la pérdida de las cosechas debido a las fuertes lluvias que azotan el país.

MOSCU. (EFE).- Según fuentes estudiantiles de la capital soviética, la mayoría de las facultades de las distintas universidades y escuelas superiores de Moscú estarán casi paralizadas hasta mediados de octubre, cuando la recolección habrá concluido.

Por otro lado, un gran número de empresas de la URSS organizan días de trabajo voluntarios para ayudar a los campesinos en la tarea de recolección de las patatas, cereales y legumbres, principales fuentes de alimentación de los soviéticos.

Las lluvias afectan a casi toda la zona europea y centroasiática de la Unión Soviética, donde se encuentran las principales cosechas de los productos de más demanda en la cocina de la mayoría de los pueblos del país.

Normalmente, los alumnos de un curso de cada facultad de las universidades soviéticas ayudan, durante el mes de septiembre, a la recolección de patatas y otros productos del campo, práctica considerada tradicional en todos los centros de enseñanza media y superior de la Unión Soviética.

El pasado viernes, el Comité Central del Partido Comunista de la Unión Soviética (PCUS) adoptó un plan de emergencia para evitar el progreso del déficit de productos alimenticios en el país e insistió en la urgente necesidad de acelerar el proceso de recolección, debido a las condiciones climatológicas adversas de este año.

01.01

URSS 026

CLARIN ☆ Buenos Aires, viernes 25 de setiembre de 1987

Mejora la tecnología soviética

LONDRES, 24 (UPI). — Según la revista anual de defensa "Jane's Avionics 1987-88", reconocida como obra de consulta permanente sobre temas militares en todo el mundo, asegura que la tecnología militar aérea "está igualando aceleradamente a la de Occidente".

"No se puede considerar más a la Unión Soviética como "liviana" tecnológicamente", afirma el artículo al mencionar la base espacial permanente de la URSS como un claro indicio de las capacidades de esa nación.

Al referirse a la aviación y a los sistemas de armas aéreas, "Jane's" dice que "los análisis de esos y otros sistemas, combinados con el estudio de las muy pocas cosas que se conocen fuera de la URSS, indican que la tecnología soviética está igualando a la de Occidente aceleradamente". "Jane's" continúa: "Donde se considera que la Unión Soviética está bastante atrás es en la educación técnica de los rangos menores de sus fuerzas armadas. Hay un número inadecuado de técnicos entre los rangos menores".

Se indica en la nota que el servicio, mantenimiento y reparaciones están en manos de los oficiales, una clase más culta, preparada y reducida. "Esta falta de flexibilidad —asegura la revista— puede ser una de las razones por la que parece que la URSS prefiere la cantidad a la calidad.

"Jane's", que anualmente publica estudios muy autorizados sobre el mundo de la aviación, la marina y el ejército, dijo que "el líder Mijail Gorbachov está comenzando a mostrar más flexibilidad en relación a los rangos doctrinarios y esta aparente apertura puede filtrarse a través de la institución militar soviética, lo que podría aumentar la amenaza a Occidente en lugar de hacer que disminuya".

La revista dice que pese a la falta de entrenamiento de sus cuadros menores, "los ingenieros soviéticos parecen ser tan talentosos e innovadores como los de Occidente. Un ejemplo de las innovaciones soviéticas es la "glissada", mecanismo operado con rayos láser y que permite al piloto una visión de largo alcance durante el aterrizaje. Se considera que el sistema es superior a todo otro de acercamiento visual, que ya está comenzando a ser usado en la URSS y que Occidente no tiene nada comparable a eso.

Asegura, además, que la URSS está muy adelantada en sistemas de controles tácticos aéreos.

01.01

8709802

URSS 024

A representantes de 45 nacione

La Unión Soviética muestra arsenal de armas químicas

MOSCU. (ANSA, EFE y UPI).- La Unión Soviética mostró ayer, por primera vez, a diplomáticos y militares extranjeros, varios modelos de armas químicas y procedió a su destrucción controlada en la base de Shijany, en el centro de Rusia.

En una información fechada en ese lugar, la agencia TASS informó de la llegada de los especialistas extranjeros a bordo de tres aviones de Aeroflot y de su posterior visita de inspección a las instalaciones.

En el cuartel militar, situado a orillas del río Volga, los representantes de 45 países participantes en la Conferencia de Desarme de Ginebra asistieron a una exposición de 19 tipos distintos de armas químicas producidas en la URSS.

Posteriormente pudieron observar los métodos de destrucción de esos ingenios bélicos en una unidad móvil concebida para ese propósito por el Ejército de la URSS.

Según el Coronel Vladiir Pikalov, comandante de las fuerzas químicas del Ministerio de Defensa de la URSS, la presencia de visitantes extranjeros en Shijani prueba las buenas intenciones soviéticas respecto a la supresión de ese tipo de armas.

Pikalov agregó [illegible] la URSS [illegible] que esta demostración contribuirá a lograr un próximo acuerdo internacional para la completa proscripción de las armas químicas y la destrucción de los arsenales existentes.

4-10-87

PARTES ILEGIBLE

01.01

8709806

URSS

026

Soviéticos Detonan Artefacto Nuclear

MOSCU, 3 (AP) — La Unión Soviética hizo detonar un artefacto nuclear subterráneo con fines puramente económicos en el Kazajstan soviético, dijo hoy la agencia oficial de noticias Tass.

La explosión, que según Tass tuvo una fuerza de hasta 20 kilotones, es la decimoséptima desde que la URSS puso fin a una moratoria unilateral en materia de estallidos nucleares el 26 de febrero.

El dirigente soviético Mijail Gorbachov había declarado la moratoria en agosto de 1985.

Tass dijo que la explosión se realizó "en el interés de la economía nacional" pero no dijo otros detalles de su finalidad. Dijo que ocurrió en la región de Aktubinsk en el Kazajstan noroccidental, una de las repúblicas soviéticas de Asia Central.

La mayoría de las explosiones ocurridas desde el 26 de febrero han sido pruebas militares pero los soviéticos dijeron que varias de ellas se hicieron para fortalecer la economía.

El País 4/20/87

01.01

8709818

Montevideo, viernes 2 de octubre de 1987

Gorbachov: las reformas son "una revolución sin tiros"

Predijo que los próximos 18 meses serán críticos

MOSCU. — El dirigente soviético Mijail Gorbachov ha descripto sus reformas como "una revolución sin tiros" y dijo al pueblo que no debe temer, aún si su campaña para la renovación provoca dificultades, informó "Radio Moscú".

Hablando durante una caminata en el puerto ártico de Murmansk, Gorbachov dijo, según la emisora, que la mayoría del pueblo respaldaba sus reformas pero que los próximos 18 meses iban a ser críticos.

Gorbachov paseó ayer por la ciudad y visitó un rompehielos atómico, dijo la agencia de noticias oficial "Tass". Tiene previsto además pronunciar un discurso en el cual se estima que se referirá a temas económicos y de política externa.

Manifestó también que entre los 18 meses y dos años próximos será un período crítico, cuando sus políticas comiencen a tener impacto en decenas de millones de personas. "Durante estos años, avanzaremos en cuanto a la reforma y el proceso de democracia", declaró.

Murmansk es la ciudad soviética más grande en el círculo ártico. La ciudad portuaria de 400.000 habitantes está cerca de la frontera con Finlandia sobre el Mar Barents y es la sede de una de las bases navales más grandes de la Unión Soviética.

Recuperación

En una visita a la academia de ciencias, el líder soviético dijo a los estudiantes que en los próximos dos o tres años antes del plan quinquenal era vital hacer que el país se recupere del estancamiento económico de la década de 1970.

Gorbachov quiere que sus reformas económicas de autofinanciamiento y de contabilidad de costos en las empresas tengan lugar para el próximo plan económico quinquenal del país, que comenzará en 1990. Las reformas también se refieren a los precios, al crédito y a la banca.

El miércoles, en la ciudad de Monchegorsk, Gorbachov anunció que el proceso de reestructuración en la URSS (Perestroika) se extenderá a todos los campos de la vida, particularmente a la esfera social.

Gorbachov afirmó que "ahora es muy importante que el proceso de reorganización sea sometido a prueba en todos los niveles, una vez que se ha demostrado que cuenta con el respaldo popular".

"En los últimos tiempos —agregó— hemos trabajado para lograr que los cambios se hagan reales en la economía, la política, la vida cultural y la sociedad en general".

Según el secretario general del Partido Comunista de la URSS, "la 'Perestroika' entró en una etapa verdaderamente crucial, ya que los deseos de cambio deben concretarse en acciones prácticas que afectan a los intereses de millones de personas".

18

026

Preparan suba de canasta familiar en la URSS

MOSCU. — Los dirigentes soviéticos se muestran decididos a enfrentar el reto de una sustancial subida de precios, uno de los factores indispensables para sacar a la economía de la Unión Soviética del estancamiento actual.

El máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, que ya había planteado esta necesidad ante el pleno del Comité Central del Partido Comunista de la URSS (PCUS), del pasado mes de junio, volvió a insistir ayer jueves en Murmansk sobre la inevitabilidad de revisar el sistema de precios.

Para ilustrar mejor la urgencia de esa medida, el "número uno" del Kremlin puso el ejemplo de la abismal distancia que existe entre los precios de algunos productos básicos, como la leche, el pan o la carne, entre la URSS y los países occidentales e, incluso Hungría.

En este terreno, Gorbachov fue contundente en su discurso, retransmitido en directo a todo el país por la televisión soviética, al afirmar que los precios de los productos básicos van a subir, aunque tal aumento no se efectuará inmediatamente y de forma radical, sino escalonadamente y tras someterlo a un "debate" nacional.

Para justificar este paso inevitable, el líder soviético explicó que los precios de los productos básicos en la URSS se encuentran muy por debajo de la realidad, ya que se mantienen prácticamente sin cambios desde hace más de treinta años.

No obstante, Gorbachov ligó la revisión y subida de precios a un mejor abastecimiento de productos y a un aumento de la calidad de los mismos, al tiempo que aseguraba que el nivel de vida medio de los soviéticos no experimentará una caída.

Las palabras del máximo dirigente de la URSS estuvieron precedidas por las advertencias lanzadas durante los últimos meses por destacados economistas soviéticos, encargados de justificar una medida que, en principio puede ser muy impopular en este país, donde los ciudadanos se han acostumbrado al mantenimiento de los precios de sus escasos productos.

01.01

8709823

Montevideo, domingo 4 de octubre de 1987 EL DIA

Similitud entre apertura soviética y democracia

BUENOS AIRES. — El canciller soviético Eduard Shevardnadze estableció ayer la similitud entre el "glasnot" o apertura soviética y la transición argentina a la democracia.

El ministro soviético, que mañana viaja a Uruguay luego de una visita de seis días a Argentina, conversó con transeúntes en la Plaza de Mayo, frente a la Casa Rosada, y se unió a muchos de ellos en arrojar migas de pan para alimentar a las palomas que pululan en ese céntrico paseo de esta capital.

Cuando una de las personas que estaban junto a él le preguntó sobre los cambios que se están produciendo en la Unión Soviética bajo la conducción del líder de esa potencia, Mijail Gorbachov, Shevardnadze señaló el paralelismo entre la apertura en la URSS y la transición argentina hacia la democracia. "Sí, hemos visto muchos cambios en la Unión Soviética y Argentina también ha cambiado en el restablecimiento de su democracia", agregó.

Ambas naciones estrecharon sus relaciones diplomáticas desde que Argentina, el mayor socio comercial de Moscú en Sudamérica, retornó a la democracia en 1983, luego de ocho años de dictadura militar.



BUENOS AIRES. — El ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze es saludado por niños argentinos frente a la Casa de Gobierno. El canciller realizó un paseo informal por la capital conversando sobre temas de política internacional con la gente que paseaba por Plaza de Mayo y otros lugares públicos de la capital argentina. (Radiofoto Reuter especial para EL DIA)

El canciller se entrevistó con el presidente Raúl Alfonsín el jueves para debatir el proceso de pacificación de América Central y la pesada deuda externa argentina de 54.000 millones de dólares, dijeron funcionarios.

Su visita brindó a los argentinos una impresión de primera mano del "glasnot", la política de apertura instrumentada por Gorbachov.

Posó para los fotógrafos al lado de transeúntes y abrazó niños frente al Congreso Nacional, aunque la mayoría de los pequeños se interesó más por las cámaras de televisión que por el dignatario visitante.

"Nuestra política exterior es la prolongación de nuestra política interior", dijo a Raúl Alberto Gasica, estudiante de primer año de Relaciones Internacionales de la Universidad de Belgrano, mientras una multitud lo vitoreaba en la Plaza San Martín.

Según fuentes diplomáticas la gira actual de Shevardnadze, iniciada en Brasil y cuya etapa final es Uruguay, constituirá la base de un viaje similar a emprender por Gorbachov el año próximo.

Mayor intercambio con la URSS durante 1988

Judíos satisfechos del diálogo con Shevardnadze

Uruguay y la Unión Soviética aumentarán durante 1988 el intercambio comercial, lo cual se concretará a partir de la visita del presidente Sanguinetti a la URSS el año entrante, dijo a EL DIA el canciller Enrique Iglesias al cabo de una reunión de más de dos horas que ayer mantuvo con su colega Eduard Shevardnadze. A su vez las declaraciones del canciller soviético acerca de cambio de política con respecto a los judíos en su país, causó impacto y despertó reacciones positivas desde diferentes sectores.

Ayer por la mañana Shevardnadze mantuvo una entrevista con su colega Enrique Iglesias y posteriormente se dirigió al Palacio Legislativo, donde dialogó con los presidentes del Senado y la Cámara de Representantes, Enrique Tarigo y Víctor Cortazzo respectivamente.

Por la noche, el visitante cenó con el presidente Julio María Sanguinetti y dirigentes políticos, en la residencia de la avenida Suárez. Mañana firmará una declaración conjunta con Iglesias en la Cancillería, signará también una ampliación de acuerdos culturales y dará una conferencia de prensa en la Embajada soviética para finalmente, sobre el mediodía, partir desde el aeropuerto de Carrasco.

Las afirmaciones de Shevardnadze a manifestantes judíos, acerca de una apertura en la política soviética con respecto a esa colectividad, despertaron reacciones como la del Comité Central Israelita, que emitió una declaración donde califica como "muy estimulante" esa disposición hacia el diálogo.

"Nuestra mayor preocupación es que los judíos que viven en la URSS, o en otros países donde no tienen libertad de movimiento, tengan por derecho humano la oportunidad de salir y movilizarse", dijo David Yussim, presidente del distrito Nº 28 de B'nai B' rith del Uruguay.

Shevardnadze por su parte afirmó ayer estar muy contento de haber dialogado con la colectividad judía. "Es normal que parte de un pueblo manifieste su preocupación por temas que le atañen y mi obligación como gobernante es escuchar esos reclamos. Fue intercambio de opiniones muy civilizado", resaltó.



El presidente del Senado, Enrique Tarigo, recibió ayer en el Palacio Legislativo al canciller soviético, Eduard Shevardnadze, quien también departió con el presidente de la Cámara de Diputados, Víctor Cortazzo.

Uruguay y URSS aumentarán el intercambio comercial

Durante el segundo día de visita oficial del canciller soviético, Eduard Shevardnadze se confirmó que durante 1988 aumentará el intercambio comercial entre Uruguay y la URSS, según aseguró a EL DIA el canciller Enrique Iglesias.

La actividad de Shevardnadze comenzó en la mañana, reuniéndose durante más de dos horas con el ministro de Relaciones Exteriores de nuestro país y sus asesores.

En el curso de la reunión, dijeron a EL DIA fuentes oficiales, se realizó un extenso análisis de las relaciones bilaterales, aspectos comerciales, deuda externa y desarme, cuyos resultados fueron discutidos durante la noche entre el visitante y el presidente Sanguinetti, y los principales líderes políticos del país.

En la Cancillería, otros de los temas abordados fueron los controvertidos convenios pesqueros y de tráfico aéreo, cuyos términos seguirán siendo estudiados en los próximos meses.

El canciller Iglesias dijo que durante la visita que realizará el presidente Sanguinetti a la Unión Soviética, el próximo año, se concretarán varios acuerdos comerciales que, a partir de enero próximo, revisará una comisión mixta.

Apoyo

Durante la reunión, el canciller Iglesias dijo a Shevardnadze que nuestro país dará un apoyo total a la gestión que desde la secretaría del SELA llevará a cabo el Ec. Carlos Pérez del Castillo, actual director de Asuntos Económicos de la Cancillería.

En tal sentido, adelantó que próximamente aumentarán los vínculos técnicos sobre aspectos económicos entre el SELA y el COMECON, entidad que coordina las actividades en esa área en la mayoría de los países socialistas.

En horas de la tarde, en el Palacio Legislativo, se entrevistó con el presidente del Senado y vicepresidente de la República Enrique Tarigo y con el presidente de la Cámara de Diputados, Víctor Cortazo.

Con ellos analizó la posibilidad de un intercambio interparlamentario.

Por la noche, Shevardnadze cenó con el presidente Sanguinetti en la residencia de Suárez y Reyes.

Mañana, a primera hora, tendrá lugar la segunda reunión entre los cancilleres de Uruguay y la URSS y posteriormente se firmarán los documentos emanados de las deliberaciones.

Más tarde Shevardnadze ofrecerá una conferencia de prensa en la sede de la Embajada de la URSS en nuestro país.

El canciller soviético partirá del aeropuerto de Carrasco próximo al mediodía.

Empresas mixtas

Eduard Shevardnadze opinó ayer durante la entrevista que mantuvo con el presidente de la Cámara de Diputados, Víctor Cortazo, que su país podría constituir empresas mixtas con Uruguay, en el campo de las agroindustrias.

Durante la reunión, de la que también participaron el presidente de la Comisión de Asuntos Internacionales de la cámara baja, León Morelli, y el vicepresidente del mismo grupo de trabajo parlamentario, Roberto Asiaín, este representante del Partido Colorado, planteó su preocupación por lo que definió como "deterioro de las relaciones económico-comerciales entre ambas naciones", acompañado de un pronunciado descenso de nuestras exportaciones hacia aquel país.

Shevardnadze respondió que ambos países deben procurar nuevas modalidades de intercambio, las que podrían pasar por acuerdos comerciales de intercambio compensado, sin dejar de analizar también la posibilidad de constituir empresas mixtas uruguayo-soviéticas, en campos donde nuestro país demostró "un grado de evolución muy notorio", como en las explotaciones agroindustriales.

02

Rehusó comentar posible liberación de piloto alemán

El canciller soviético, Eduard Shevarnadze rehusó ayer comentar la posible liberación del joven piloto germano-occidental, Mathias Rust, sentenciado en Moscú a cuatro años de trabajos forzados por haber aterrizado "ilegalmente" en la Plaza Roja.

A una pregunta concreta de EL DIA sobre la posible liberación de Rust, Shevardnadze dijo: "Yo no sé nada, no puedo comentar este tema".

Ante la insistencia periodísticas respecto a versiones internacionales de prensa que indicaban que la liberación de Rust podría concretarse el 7 de noviembre, el entrevistado recordó que "salí de la Unión Soviética hace veinte días".

Hizo notar que Rust fue condenado por las autoridades judiciales y rehusó ampliamente "comentar lo que sucederá de aquí en más".

Amnistía

Como se recordará, Rust partió de Finlandia en una avioneta Cessna y aterrizó el 28 de mayo cerca de la Plaza Roja, burlando todos los controles antiáreos.

A fines de setiembre, tras su condena a cuatro años de trabajos forzados, solicitó el perdón, lo que la Suprema Corte pasó a consideración del presidente del Soviet Supremo (Parlamento).

Sin embargo, fuentes diplomáticas dijeron a EL DIA que Rust podría ser liberado este año en el marco de una amnistía que podría decretarse con motivo del septuagésimo aniversario de la revolución bolchevique.

Se entrevistó con Tarigo y Cortazzo

El canciller soviético Eduard Shevardnadze se entevistó ayer con el presidente del Senado Enrique Tarigo, y el presidente de la Cámara de Representantes, Victor Cortazzo, recorriendo luego el Palacio Legislativo acompañado por su numerosa comitiva.

El diplomático se mostró sumamente impresionado por las características arquitectónicas del recinto parlamentario.

En breve diálogo con la prensa, Shevardnadze dijo que las entrevistas con los titulares de cada una de las Cámara fueron muy cordiales y en una atmósfera de respeto y camaradería, lo cual le resultó muy grato.

Indicó que hablaron acerca del desarrollo de las relaciones parlamentarias y, en general, sobre las relaciones bilaterales entre Uruguay y la Unión Soviética.

Comentó además la impresión que le había causado el edificio y dijo que es "un palacio hermoso, magnífico, que simboliza muy bien la soberanía y la independencia de su país".

Shevardnadze intercambió obsequios con Tarigo y Cortazzo y a este último le entregó un juego de pocillos de café como "símbolo de amistad y acercamiento". Cortazzo comentó sonriente que utilizaría ese regalo para "tomar café con los blancos".

Comité Israelita está estimulado por diálogo

El Comité Central Israelita manifestó ayer que está "muy estimulado por la disposición soviética hacia el diálogo" sobre el problema de los judíos en la Unión Soviética y destacó que esa nación podría cumplir un papel positivo para la paz en Medio Oriente, aunque señaló que para ello "debe crear un clima de confianza en torno a su gestión".

En cuanto a la invitación formulada por el canciller soviético Eduard Shevardnadze para que una delegación de la colectividad judía de Uruguay visite la URSS, la declaración del comité indicó que "es muy factible su realización, siempre que se brinde a nuestros representantes las plenas garantías de acción en el marco de su viaje".

Respecto al diálogo mantenido con Shevardnadze ayer frente a la misión diplomática soviética, señaló el Comité Central Israelita que el diplomático "expresó un claro compromiso de su país a modificar la actual política soviética que consideramos restrictiva hacia la salida de los judíos de la URSS y discriminatoria en relación al mantenimiento de la herencia espiritual, cultural y religiosa judía en la Unión Soviética".

Dijeron que "vemos con optimismo el compromiso público asumido por el canciller soviético, pero al mismo tiempo tenemos presente que otras promesas formuladas a dirigentes judíos de otros países han permanecido incumplidas".

03

8709828

"Si es verdad, un gran cambio"

El presidente del Comité Israelita-Húngaro, Jorge Spiller, dijo ayer a EL DIA que "el canciller soviético Eduard Shevardnadze es un gran político, y si es verdad lo que nos dijo, nos encontramos ante un gran cambio en la política de la Unión Soviética". El canciller, cuando conversó con manifestantes sobre la situación de los judíos radicados en la Unión Soviética, expresó que es deseo de las autoridades del Soviet Supremo resolver la situación de los judíos y darles libertad para que si quieren abandonar el país lo hagan.



"Tenemos la esperanza de que la nueva línea, encabezada por Gorbachov, sea de puertas abiertas, yo he estado en Hungría y he notado mayor libertad que en otros tiempos, si Gorbachov se mantiene hay posibilidades de que haya libertad" señaló Spiller.

Sobre la actitud asumida por Shevardnadze indicó que "es insólito que un representante se afronte a los manifestantes, es la primera vez que lo veo, pero él pudo cruzar a donde se encontraban los manifestantes porque sabía que en un país libre como éste no le iba a pasar nada".

Más adelante manifestó que "no entendemos por qué Uruguay, con todos los problemas que tiene, es un país de puertas abiertas donde se entra y se sale sin permiso, se profesa o no una religión en libertad, y la Unión Soviética, que es un país poderoso no admite o le teme a esto".

"Yo no estoy autorizado para opinar sobre la política interna soviética, pero creo que todo esto no es un invento, toda la línea actual está aflojando las riendas y otorgando mayores libertades" dijo. Agregó que una muestra de esto "es que Hungría e Israel han entablado relaciones y hay muchos países del bloque soviético que tienen interés en reanudar relaciones".

García Rijo: Hoy soplan otros vientos

El diputado colorado Washington García Rijo afirmó anoche en la Cámara de Representantes que se congratulaba con las declaraciones del canciller Eduard Shevardnadze ante la Embajada de la Unión Soviética cuando conversó con representantes de la colectividad judía, calificándola como una nueva actitud del gobierno soviético que parece señalar que en ese país hoy soplan otros vientos.

Recordó que hace 20 años él votó una declaración del Parlamento por la cual se expresaba la solidaridad con los judíos soviéticos y se reclamaba su libertad para viajar a Israel.

Dijo que esperaba que esa actitud de Shevardnadze representara realmente una modificación de la situación y que no pasen otros 20 años para que se solucione ese problema.

Dichos auspiciosos

Por su parte, el diputado colorado Miguel Manzi manifestó que tanto esa actitud con los judíos como las opiniones del canciller soviético sobre la deuda externa son "actitudes y dichos auspiciosos".

"Ciertamente las diferencias ideológicas entre el Este y el Oeste se van atenuando a la luz de realidades que no admiten dos interpretaciones y que deben sensibilizar por igual a unos y a otros", dijo.

Agregó que "todos los pronósticos y prospectivas de los científicos políticos coinciden en señalar que este proceso de acercamiento no tiene retorno e incluso irá incrementándose con el paso de los tiempos al ritmo que le permita la coyuntura política internacional".

El diputado de Libertad y Cambio expresó que "sólo cabe esperar que estas coincidencias superficiales y declarativas se profundicen y se traduzcan en hechos concretos para felicidad de los pueblos y consolidación de la paz universal".

"El problema de los judíos soviéticos no es cómo viven, sino el derecho que tienen a salir del país y a vivir donde deseen", dijo el diputado por Movimiento de Rocha Javier Barrios Anza.

"El tema no se soluciona con invitaciones a visitar la URSS, sino dándole libertad a los judíos —y a los no judíos— para emigrar", comentó el legislador, en relación a la invitación formulada por el canciller soviético Shevardnadze a judíos uruguayos para visitar la URSS. Barrios Anza señaló que "la libertad de desplazamiento es un derecho que se le debe reconocer a todos".

Sobre las palabras del visitante en referencia a la deuda externa, el diputado blanco manifestó compartirlas. "Estoy de acuerdo en que la deuda debe pagarse, pero no a costa del sacrificio de los pueblos. Ese pago debe limitarse a las posibilidades que tenga el país.

Confirmó que judíos "podrán salir en futuro muy próximo"

En una conversación mantenida anteayer con el presidente de la Federación Juvenil Sionista el canciller soviético Eduard Shevardnadze confirmó que los judíos "podrán salir en un futuro muy próximo" de su país, tal como lo había adelantado ayer EL DIA, cuando informó del diálogo del jerarca moscovita con el presidente del Comité Central Israelita del Uruguay, Pedro Scloffky.

Baum y Scloffky encabezaron una manifestación pacífica el lunes frente a la Embajada soviética para reclamar el derecho de emigración de los judíos en la URSS. Shevardnadze conversó con ellos y otros manifestantes, los invitó a visitar Moscú, y les aseguró que pronto se adoptarían medidas para solucionar la situación de los judíos en la Unión Soviética.

400.000 judíos

El canciller calificó a Baum como "mi amigo", y le aseguró que los 400.000 judíos que desean salir de la URSS conocen secretos de Estado.

Esta fue la conversación mantenida entre ambos, según la transcripción textual de un comunicado de la Federación Juvenil Sionista:

"—Sr. canciller: soy integrante de la Federación Juvenil Sionista del Uruguay, y como copartícipes de esta manifestación pacífica quiero que sepa que estamos aquí concentrados para solicitar que los 400.000 hermanos judíos que se encuentran en la URSS tengan la posibilidad de emigrar libremente al lugar que ellos escojan, dijo Baum.

—Querido amigo: es para mí un verdadero gusto poder estar hablando contigo. Quiero aclararte que en la Unión Soviética no existen prisioneros políticos de ningún tipo y los judíos que allí se encuentran podrán salir en un futuro muy próximo, contestó Shevardnadze.

—Sr. canciller: vemos con beneplácito el proceso que se viene dando en su país. Recordamos todos con satisfacción la liberación de los líderes judíos Begún, Sharansky y la reciente liberación de Ida Nudel. ¿En cuánto tiempo podremos ver a nuestros hermanos fuera de la Unión Soviética?

—Quiero insistir en recalcar que en mi país no existen presos políticos, y que los judíos que allí se encuentran no pueden obtener la visa de salida por conocer secretos estatales.

—¿Quiere decir, señor canciller, que 400.000 judíos conocen secretos de Estado?

—Así es, pero sin perjuicio de ello, se les permitirá emigrar, si quieren, en un futuro muy próximo.

B'nai B'rith: Que puedan entrar y salir de URSS

"Nuestra mayor preocupación es que los judíos que viven en URSS o en otros países que no tienen libertad de movimiento, tengan por derecho humano la oportunidad de salir y movilizarse de un país a otro sin inconvenientes", dijo a EL DIA el presidente del distrito Nº 28 de B'nai B'rith del Uruguay David Yussim, al ser consultado sobre cuál era el resultado de la conversación mantenida por el canciller soviético Eduard Shevardnadze con integrantes de la colectividad judía el pasado lunes.

Agregó que "nuestras principales aspiraciones con respecto al estado soviético son que se les permita a los judíos emigrar libremente sin condiciones impuestas, que los judíos que permanezcan en URSS puedan seguir viviendo de acuerdo con su fe y que se facilite el diálogo entre Israel y los países árabes, además de establecer las relaciones normales con Israel.

"Considero que es altamente positivo el hecho de que un canciller de la importancia de Shevardnadze, tenga un diálogo directo con autoridades del Comité Central, y que el camino tomado por URSS sea una transparencia o apertura hacia el mundo de la libertad y en la medida de que sus deseos se manifiesten en realidad, nosotros apoyaremos porque eso significa la libertad" dijo el entrevistado.

Indicó posteriormente que "vemos con buenos ojos esta apertura hacia la libertad porque en ella va implícita que miles de familias puedan reunirse con sus familiares que están fuera del territorio ruso, y en este momento hay 3 millones de judíos en URSS".

"El canciller dijo que se dejaría emigrar a todos los judíos que así lo quisieran", expresó Yussim haciendo referencia a las expresiones de Shevardnadze, agregando que "deseo que esto se cumpla, porque es mi principal aspiración como integrante de la Colectividad Judía y de B'nai B'rith, que son instituciones defensoras de los derechos humanos y que pretenden que se le otorgue libertad de emigrar al judío que así lo desee".

Consultado sobre la incidencia de URSS en la paz de Medio Oriente dijo que "queremos que Rusia como gran país que es favorezca un diálogo directo entre Israel y los Países Arabes.

05 | 05

8709828

Ofensiva diplomática de Moscú en América latina

BRASILIA, 26 (UPI). - El ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze, inicia hoy una ofensiva diplomática en el Brasil, en la Argentina y Uruguay para diversificar las relaciones económicas y acrecentar un diálogo político en la América latina bajo el signo de la democracia que se consolida en la región.

La primera visita de un canciller soviético a Brasilia, Buenos Aires y Montevideo coincide con el interés por la apertura política y económica iniciada por Mikhail Gorbachov en la Unión Soviética.

Inimaginable hace 10 años, cuando los tres países vivían bajo gobiernos militares cuya principal característica fue el anticomunismo, la visita del canciller soviético amplía las opciones diplomáticas en un continente tradicionalmente apegado a Estados Unidos.

Las escalas

El canciller soviético llegará hoy a Brasil, viajará a la Argentina el miércoles y terminará su gira en el Uruguay el 7 de octubre. Shevardnadze hará una escala en Cuba al emprender el viaje de retorno a Moscú.

El ministro de Relaciones Exteriores del Uruguay, Enrique Iglesias, explicó la aproximación como un resultado de la democratización de los tres países y de su creciente actuación política en relación con los problemas del continente.

"Creo que ha habido una revalorización de los países de América latina, y del Atlántico, con el retorno a la vida democrática", dijo Iglesias y acentuó que ese proceso ha generado una nueva presencia internacional que atrae la atención de la diplomacia mundial.

"América latina comienza a tener posiciones concertadas, colectivas, en los grandes temas regionales y mundiales y eso la pone a un nivel internacional más dinámico y activo que antes, lo que constituye un mérito del retorno a la democracia", dijo.

El Brasil, la Argentina y el Uruguay integran un grupo de ocho naciones latinoamericanas vinculado estrechamente por un mecanismo de consultas políticas que actúa tanto para lograr la pacificación de América Central como para obtener una mayor comprensión de los acreedores de su deuda externa.

Por ese motivo diplomáticos de los tres países consideran que entre los temas políticos del temario de conversaciones constarán los temas como el desarme nuclear, la cuestión del Atlántico Sur, en el que se incluye la disputa de soberanía entre la Argentina y Gran Bretaña por las islas Malvinas, y el problema centroamericano.

Reformulación económica

La visita de Shevardnadze es esperada también como una ocasión para reformular la actual relación económica, muy restringida al intercambio entre gobiernos.

"El actual modelo está agotado y no refleja las posibilidades del inmenso potencial de nuestras economías", dijo un diplomático brasileño luego de explicar que en la actual coyuntura las empresas estatales brasileñas son las menos indicadas para sustentar ese intercambio.

"El mercado que estamos queriendo indicar es nuestro mercado de consumo", dijo el diplomático, señalando que para alcanzarlo es necesario un previo conocimiento.

"El gobierno brasileño alimenta una expectativa sobre la posible participación de la Unión Soviética en proyectos de irrigación, transporte, energía, metalurgia y empresas en terceros países.

El comercio con la Unión Soviética constituye la principal preocupación de las autoridades argentinas que notan "una sensible disminución" del intercambio y la atribuyen a los subsidios de las ventas norteamericanas de granos en el mercado soviético.

La Argentina incrementó sus ventas de granos para compensar las necesidades del mercado soviético durante la administración demócrata de James Carter que decretó un boicot de granos a ese país.

Un diplomático dijo en Buenos Aires que el acuerdo comercial firmado el año pasado en Moscú funcionó "razonablemente bien" pese a que ninguno de los dos países lo cumplió estrictamente.

Mayor obstáculo

El mayor obstáculo para el cumplimiento de ese acuerdo que prevé la venta de 4,5 millones de toneladas anuales de cereales, parece haber sido la presencia norteamericana en el mercado soviético.

La Argentina, el Brasil y el Uruguay tuvieron un intercambio comercial con la Unión Soviética de 608 millones de dólares en 1986, un tercio del que fue alcanzado en 1985.

Con el objeto de elevar ese nivel el canciller soviético firmará con las autoridades de Brasilia un acuerdo de cooperación económica, industrial, científica y tecnológica, además de un acuerdo cultural y un comunicado conjunto.

Un funcionario de la cancillería brasileña señaló que dicho acuerdo (económico) es una exigencia de la estructura administrativa soviética para permitir la cooperación tecnológica y el intercambio comercial.

El ministro de Relaciones Exteriores del Brasil, Roberto de Abreu Sodré, llamó la atención sobre el atractivo que representa un parque industrial dinámico como el brasileño para un país con excedente tecnológico, como la Unión Soviética, que tiene escasa agilidad para transferir el fruto de la investigación al sector productivo.

Pero al margen de la promisoria brecha que se abre en el ámbito económico, el canciller destacó la importancia de la normalización de un diálogo político entre su país y la Unión Soviética semejante al que fue alcanzado con los Estados Unidos.

"El mantenimiento de diálogos diferenciados con cada una de las grandes potencias es hoy parte integrante del perfil de la diplomacia brasileña", dijo Sodre.

01\01

URSS

026

EN FOCO

Signo de deshielo

La diplomacia es un reflejo de relaciones de fuerza. América latina constituye parte geopolítica íntima del entramado político, militar y social del hemisferio occidental. Hasta poco tiempo atrás, la gira de un canciller soviético por la región —ni qué hablar del propio jefe del Kremlim, quien también anunció esa intención— hubiera parecido una anomalía, prácticamente un sinsentido. A la hora de delimitar los cambios, se impone una conclusión dual. Cambió América latina, pero Moscú tampoco es el mismo que una década atrás.

Comenzando por casa. La revolución sandinista en Nicaragua quebró el molde de la excepcionalidad cubana. Hay dos países de la región cuyo horizonte ideológico tiene que ver con la URSS; donde la URSS ha depositado ayuda militar y económica; sobre los cuales Moscú puede influir, en un sentido u otro. Washington impidió exitosamente la expansión de la revolución por el istmo centroamericano, pero no pudo extirpar los gobiernos que visualizaba como movilizadores de estrategias subversivas. El empate fomentó una detente regional: los acuerdos de paz de Guatemala.

Ahora, los soviéticos. Gorbachov, para empezar, no se parece a Krushev. La crisis de los misiles cubanos aparece como irrepetible con la presente conducción del Kremlim. Hay, por un lado, un respeto más firme por el orden establecido, lo que tiene que ver con las nuevas prioridades internas de la URSS, irrevocablemente dependientes de una distensión con EE.UU. Al mismo tiempo, parece haber una política exterior más tendida hacia relaciones globales. Tratan, ahora, de buscar ventajas, pero desde el lugar de una superpotencia, no desde el de una potencia revolucionaria. Han descubierto que a veces es mejor servir de árbitro que tratar de dominar el juego.

Además, la gira de Edouard Shevardnadze por el Cono Sur se produce a la zaga del primer acuerdo de desarme que se firma con EE.UU. La distensión bipolar parece un marco auspicioso para el deshielo regional.

01.01

8709845

URSS 024

PRIMERA GIRA POR EL CONO SUR DE UN ALTO DIGNATARIO SOVIETICO

Shevardnadze en Brasil, la Argentina y Uruguay



Agencia DAN

Canciller soviético Edouard Shevardnadze: un nuevo estilo de política externa.

BRASILIA, 26 (Por William R. Long, de "Los Angeles Times", especial para Clarín; DAN y AFP). — El ministro del Exterior soviético, Edouard A. Shevardnadze, arribó hoy a Brasil en lo que constituye el primer paso de una misión por tres naciones —ya que incluirá, también, a la Argentina y el Uruguay—, dirigida a reforzar y dinamizar los lazos de la Unión Soviética con Sudamérica.

Shevardnadze es el funcionario de mayor nivel de su país que haya visitado jamás tierra brasileña, la nación más grande en esta parte del continente americano, desde donde proseguirá su viaje hacia Buenos Aires y Montevideo.

Diversos analistas han sugerido que esta apertura diplomática implica una "nueva aproximación" a tan importante área, y que se enraiza con la política de "glasnost", o transparencia, motorizada por el líder soviético Mijail S. Gorbachov, de la cual el actual canciller es fiel representante.

Por su parte, otro destacado diplomático extranjero opinó que las autoridades de Brasilia están asimismo interesadas en estrechar los vínculos con la URSS: "Ellos dirigen a un país que es significativo, y quieren tratar con otros estados significativos", razonó. Pareció confirmarlo Roberto Sodré, ministro de Relaciones Exteriores de Brasil, quien en una entrevista publicada hoy aquí dijo que la visita de su homólogo soviético "abre una nueva e importante fase en las relaciones bilaterales" de ambas naciones, dentro de "un contexto internacional perfectamente claro, en el cual Brasil y la URSS juegan responsabilidades y posiciones bien diferenciadas".

Gorbachov y el presidente brasileño, José Sarney, se han canjeado invitaciones para sendas visitas de Estado, aún sin fecha.

◆ **Derrumbe del comercio**

Los principales temas a tratar aquí y en la Argentina, se anticipó, incluyen los problemas del comercio: el total del intercambio comercial brasileño-soviético descendió en 1986 a solo 310 millones de dólares, de un monto de 838 millones en 1983. En cuanto al flujo mercantil con la Argentina, cayó aun más dramáticamente: fue de apenas 267 millones de dólares en 1986, desde los 1.600 millones de 1983. En ambos casos, las compras de la URSS superan en mucho a sus ventas.

El diario brasileño A Gazeta Mercantil remarcó asimismo que la URSS tiene interés en invertir aquí bajo la forma de "joint ventures", sobre todo en los sectores minero y de la siderurgia. Ya se dio un primer paso con el préstamo por 60 millones de dólares que el Banco de Comercio Exterior soviético concedió a la sociedad Provale, filial en curso de creación de la CVRD, empresa nacional explotadora de la mina de hierro de Carajas —en Amazonia— que es la mayor del mundo.

Entre los otros proyectos de colaboración figuran la construcción de una usina de coque en Volta Redonda (estado de Río), y la venta por la URSS de un complejo siderúrgico a las sociedades nacionales Cosipa y Siderbrás.

Asimismo, se programa la instalación de generadores en Rondonia, Amazonas, el estudio de un sistema de irrigación en Pernambuco y otro "joint-venture" para la producción de zumos cítricos. Además, se recuerda que el canciller soviético dijo que se discutirá la participación brasileña en programas espaciales, aunque descartando el vuelo de un astronauta de esta nacionalidad.

(Más información en las páginas 2 y 3.)

Reportaje a un vocero de la cancillería soviética

MOSCU, 26 (De DAN, especial para Clarín). — El reciente acuerdo soviético-norteamericano sobre la liquidación de los misiles de medio y corto alcance, la situación centroamericana, la desmilitarización del Atlántico sur, la relación desarme-desarrollo y diversos asuntos de interés bilateral son algunos de los temas que trataría en Buenos Aires, desde el miércoles 30 del corriente, el canciller soviético Edouard Shevardnadze, según anticipó en Moscú el ministro Iván Azarov, vicedirector del Segundo Departamento de América Latina del Ministerio de Asuntos Exteriores de la URSS.

En una entrevista exclusiva con DAN, relativa a la gira iniciada por Shevardnadze por Brasil, la Argentina y Uruguay, Azarov admitió "el interés y la esperanza" del líder soviético Mijail Gorbachov de visitar varios países de América latina que lo invitaron

—En materia de comercio y cooperación económica, ¿qué puede usted anticipar acerca de los temas que tratará el canciller con sus anfitriones?

—Usted sabe que los países que visitará Shevarnadze son, además de Cuba, los más grandes socios comerciales de la URSS en América latina. La Argentina y Brasil ocupan el primero y el segundo lugar, respectivamente, y Uruguay el quinto, por el volumen de su intercambio con nuestro país.

Sobre la Argentina en particular, quisiera decir que en la relación comercial entre nuestros países tienen un gran peso los cereales y forrajes. Pero, en el largo plazo, hay que tener en cuenta el aumento de esas producciones en la URSS, para empezar a buscar por lo tanto nuevas direcciones con mayor perspectiva, sobre lo que ya estamos discutiendo con la parte argentina.

—¿Figura en la agenda prevista el examen de la situación en América Central?

—Sí, por cierto; se va a hablar sobre los conflictos regionales, y la situación centroamericana exigirá seguramente una atención especial.

Apreciamos la actividad de la Argentina en favor de la regulación pacífica de la situación centroamericana. También nuestro gobierno apoya los acuerdos logrados en Guatemala por los presidentes de los cinco países centroamericanos, así como las gestiones de Contadora y el Grupo de Apoyo en el que tiene activa participación la Argentina.

LA URSS ABRE EL JUEGO HACIA EL CONO SUR

La desusada gira a Brasil, la Argentina y Uruguay que oficialmente iniciará mañana el canciller soviético, Edouard Shevardnadze, y el acrecentamiento en todos los campos de los nexos entre la URSS y América latina —en particular, Sudamérica—, motivaron un análisis, que se transcribe, de la agencia UPI. El mismo puso el acento en la relativa "desideologización" y un consiguiente "mayor pragmatismo" de la estrategia del Kremlin en esta área. A pedido de Clarín la agencia DAN suministró a su vez desde Moscú el enfoque de dos especialistas soviéticos sobre el mismo tema, donde niegan aquella tesis y exponen sus principios en materia internacional. Todo ello, sobre el telón de fondo del hasta aquí inédito intercambio verificable en el comercio, el aporte tecnológico y la prevista colaboración espacial de los países del Cono Sur con la Unión Soviética.

Política sin ideología

MOSCU, 26 (UPI). — Mientras el presidente Ronald Reagan ha calificado hasta hoy al Kremlin como un "exportador de subversión", Mijail Gorbachov está ganando influencia en América latina al presentar la imagen de una Unión Soviética moderada, más interesada en las buenas relaciones que en la ideología.

Los esfuerzos metódicos en tal sentido del líder soviético avanzarán otra vez a finales de este mes cuando envíe a su ministro de Relaciones Exteriores, Edouard Shevardnadze, a tres países de Latinoamérica, su segunda incursión en una región considerada en una época "propiedad privada de Washington".

Así como el viaje de Shevardnadze a México un año atrás, las escalas —previstas ahora— en Brasil, Argentina y Uruguay son vistas claramente como el preparativo para la primera visita a esos países en la historia de un alto dirigente soviético. Sus diplomáticos dicen que podría ocurrir el próximo año.

"Era la última prioridad para la Unión Soviética", dijo un diplomático de América del Sur, agregando: "Pero, poco a poco, están tratando de desarrollar individualmente con cada país latinoamericano relaciones más definidas"; y el mismo diplomático señaló: "Hay un movimiento hacia Latinoamérica, muy lento, pero que puede notarse".

En tanto los diplomáticos de la región dicen que las metas finales del Kremlin probablemente no han cambiado —"el objetivo comercial con intenciones políticas", según alguien lo definió—, están claramente intrigados por los nuevos intereses soviéticos.

♦ Los cambios de Moscú

La visita de Shevardnadze a México fue la primera allí de un canciller soviético, y sus escalas en América del Sur, comenzando por la que efectuará en Brasil desde mañana serán las primeras en ese continente.

Por otra parte, una sucesión de funcionarios latinoamericanos ha llegado a Moscú. Solamente durante los ocho primeros meses de este año, más de 10 delegaciones parlamentarias han acudido a esa capital.

El interés popular, a su vez, se manifiesta a través de una serie continua de falsos anuncios en los periódicos regionales respecto de supuestas visitas de Gorbachov, escalas que probablemente tendrán que esperar hasta que se cumpla con ciertas obligaciones en otras regiones del mundo.

Este deseo de mejores relaciones con la otra superpotencia es asimismo, parcialmente, un reflejo del deseo tradicional latinoamericano de salir de la sombra del dominio económico y político estadounidense. Pero también refleja un cambio en la percepción del tema, desde los días en que Moscú era visto principalmente como un exportador de la revolución a través de Cuba.

"Esa era ya pasó", afirmó un diplomático. Cuba parece tener suficientes problemas propios como para mantenerse ocupada, y Nicaragua, pese a la continua acusación de Reagan de que promueve la revolución en América Central, está económicamente paralizada.

El viraje soviético —alejándose de la ideología— quedó subrayado en forma dramática por su reacción al pedido de más petróleo de Nicaragua y a la fórmula de paz para el área propuesta por el Grupo Contadora, que integran México, Panamá, Colombia y Venezuela, con el respaldo del Grupo de Apoyo.

"Hace tres o cuatro años, la única preocupación soviética estaba relacionada con lo que pasaba en Nicaragua", dijo el diplomático de una de las naciones involucradas. Para agregar que ahora, en cambio, Moscú se precipitó a respaldar el acuerdo de paz suscripto en Guatemala el mes pasado por los cinco presidentes centroamericanos, mientras que Washington se mostró más remiso.

El acuerdo forzaría a Estados Unidos a suspender la ayuda a los "contras", o rebeldes que tratan de derrocar al gobierno de Nicaragua, pero también pide al régimen de Managua que abra su sistema político a la oposición.

Al mismo tiempo, Moscú rechazó públicamente que se aumente la asistencia económica a Nicaragua: Gorbachov no tiene deseos de que se repita la experiencia de Cuba, cuando debió proveer ayuda a un "barril sin fondo".

♦ Esfuerzo mundial

En la misma conferencia de prensa donde el vocero soviético, Gennadi Gerasimov, dijo que no era deber de su gobierno compensar la escasez de petróleo en Nicaragua, anunció que se firmó un acuerdo comercial con Honduras, frecuentemente una base para las operaciones armadas contra el gobierno sandinista.

"Se hizo hincapié en el comercio, tratando de no envolverse en la política de modo directo", indicó un diplomático. "Esto puede abrir otras áreas y convertirse en una política", añadió.

A pesar de que los soviéticos están influyendo al comercio regional, los dividendos allí se materializarán probablemente muy despacio. El volumen del comercio aún es pequeño.

En realidad, el comercio soviético con Brasil se ha reducido de 833 millones de dólares en 1983, a 310 millones el año pasado. Una de las razones de esa reducción son las relaciones comerciales de Brasil con China. El comercio con la Argentina, a su vez, cayó verticalmente el año pasado, cuando Moscú suprimió de hecho las compras de trigo.

Mayores beneficios inmediatos podrían sobrevenir mediante un apoyo diplomático más amplio. Con ese objetivo, Moscú corteja los "egos" nacionales, alabando las iniciativas de paz de los estados latinoamericanos, desde el Grupo de los Seis de Nueva Delhi para el desarme (que incluye a la Argentina y a Brasil), hasta su labor en las Naciones Unidas.

Gerasimov, al anunciar el pacto comercial con Honduras, dijo que América Central acaba de "descubrir" a la Unión Soviética. Esa declaración provocó risas entre los representantes del área, quienes hoy, sienten el viento fresco que sopla desde el Kremlin.

Esta nueva actividad soviética en América latina no es un acontecimiento aislado, sino parte de un esfuerzo mundial de Gorbachov para ampliar los contactos mediante la transmisión de una imagen menos desafiante de su país.

Sin embargo, Latinoamérica es un caso especial debido al dominio tradicional estadounidense, un factor que según afirmó un diplomático ha forzado al Kremlin a tomar medidas de una cautela especial para evitar la alarma de Washington.

"Los soviéticos no tienen la intención de abandonar a sus amigos tradicionales, pero Gorbachov está adoptando un enfoque diferente, lo que se está complicando más que el simple blanco y negro", dijo otro diplomático. "Reagan —razonó— es un hombre viejo, y es difícil que entienda que las cosas han cambiado".

La misma línea ideológica

MOSCU, 26 (DAN, especial para Clarín). — La Unión Soviética ha dado franco respaldo al acuerdo suscripto en Guatemala, el pasado 7 de agosto, por cinco gobiernos centroamericanos, con vistas a la pacificación de la región, señalando al mismo tiempo que este objetivo enfrenta un obstáculo principal: la actitud de Estados Unidos, de apoyo y estímulo a la "contra" nicaragüense y de presión sobre los gobiernos del área con el fin de desmontar el incipiente proceso de distensión.

Junto con sus declaraciones, el gobierno de Mijail Gorbachov produjo también diversos hechos prácticos en el último período, entre ellos la recepción en Moscú a una delegación oficial del Parlamento guatemalteco y, hace pocas semanas, la firma de un acuerdo comercial con Honduras.

Esta última decisión fue comentada por algunos observadores occidentales como síntoma de una "desideologización" de la política exterior soviética hacia América latina y de un giro "pragmático", particularmente en materia de convenios económicos. Sobre dicho tema, esta agencia consultó la opinión de dos investigadores del Instituto de América latina (IAL) de la Academia de Ciencias de la URSS: el doctor en ciencias económicas Igor Sheremetiev, y el candidato a doctor en ciencias históricas Vladimir Borodaev.

—No es por cierto la primera vez —señaló Sheremetiev— que a la URSS se le imputa "desideologizar" sus relaciones económicas y comerciales con América latina. Con ello se quiere decir que abandonamos los principios y adoptamos criterios puramente pragmáticos. Se trata de un enfoque erróneo, como se advierte, por ejemplo, en la ausencia de nuestras relaciones de cualquier tipo, de cualquier carácter, con países como el Chile de Augusto Pinochet o el Paraguay de Alfredo Stroessner. En cuanto al reciente acuerdo firmado con Honduras, de ninguna manera se lo puede considerar como un pretexto para afirmar que nuestras relaciones con América latina se "desideologizan".

—¿Cuál es su evaluación de ese acuerdo comercial?

—Todos sabemos que, en los últimos tiempos, la situación política general en Centroamérica ha cambiado, en cierta medida, en una dirección bastante positiva. A partir del acuerdo de los cinco gobiernos de la región, con ayuda de Contadora y el Grupo de Apoyo, el clima político en la región ha experimentado cierta mejoría, y es ahora un poco más alentador. El interés de nuestro país es que ese proceso pacificador se desarrolle.

♦ "Relaciones normales"

—A propósito: Nicaragua, desde el comienzo de su revolución intenta ampliar las relaciones con sus vecinos, incluida la vinculación económica y comercial con ellos...

—"Sí, así es, y nuestra posición coincide con los esfuerzos y los intereses de Nicaragua en esta región. Entonces, la sucripción del acuerdo comercial con Honduras hay que considerarlo en el contexto de la evolución positiva en la que tanto esfuerzo pone Nicaragua. También nosotros, los soviéticos, buscamos caminos y formas para contribuir a la normalización de la situación regional.

"A nuestro país, como a los cubanos —añadió Borodaev—, durante mucho tiempo cierta opinión occidental buscaba presentarlos como partidarios de la agravación del conflicto en Centroamérica; como partidarios de extender la lucha armada a todas partes, incluso entre los estados de la región. Eso es falso, y ahora, cuando se confirma que apoyamos con nuestras palabras y nuestros hechos el proceso pacificador, la propaganda imperialista pasa de unas acusaciones a otras, digamos, opuestas. Si no suscribimos acuerdos con determinados países, ellos dicen que buscamos el surgimiento de la guerrilla en todas partes y queremos el agravamiento de la crisis regional, y cuando suscribimos de acuerdo con Honduras, empiezan a decir que nos "desideologizamos" y que nos guiamos por criterios pragmáticos y no por una política de principios."

En este plano, no solo hay que tener en cuenta nuestro acuerdo comercial con Honduras sino también, por ejemplo, cierto mejoramiento de nuestras relaciones con Guatemala, donde se observan asimismo algunos procesos de signo positivo. Hablo de una mayor disposición a resolver este agudo conflicto regional, ya muy prolongado", —señaló Sheremetiev— y agregó: "Nuestro deseo, en Centroamérica y en general en América latina, es tener y ampliar relaciones normales, incluso amistosas, con el máximo de países. Claro, con algunas excepciones: es imposible, por caso, esperar el restablecimiento de cualquier tipo de relaciones de la URSS con el régimen de Pinochet, brutalmente represivo y antipopular. Pero hay muchos otros países en los que se desarrolla en distinto grado y profundidad el proceso de democratización, y con ello se crean premisas más favorables para desarrollar y enriquecer todo el complejo de las relaciones de nuestro país con esa región, basadas en la igualdad y en la no injerencia en los asuntos internos de otros países".

♦ Imposición de modelos

—Podríamos mencionar como marco general de nuestra política exterior —subrayó Borodaev— la reciente propuesta de Mijail Gorbachov a la conferencia de las Naciones Unidas sobre Desarme y Desarrollo, en el sentido de crear un Fondo Internacional para el Desarrollo con recursos obtenidos sobre la base de la reducción de los gastos.

—¿Qué contraste ve usted, doctor Sheremetiev, entre la política de la URSS y la que practica Estados Unidos en América latina?

—Se puede considerar, en general, que la actitud de los países del campo socialista, no solo de la Unión Soviética, es de alguna manera la contrapartida de la presión no solo económica, política y militar, sino también ideológica que ejercen Estados Unidos y otras potencias imperialistas. Tengo en cuenta la presión, digamos conceptual: las ideas neoliberales y monetaristas, que intentan imponer el Fondo Monetario, otros organismos semejantes y los banqueros acreedores. Se trata de un arsenal de medidas destinadas a imponer estos nuevos modelos de inserción de América latina en el sistema capitalista mundial.

—En cuanto a nosotros —apuntó Borodaev—, mantenemos nuestra política basada en el principio de la coexistencia pacífica. Sí, claro está, apoyamos a los movimientos revolucionarios de liberación, pero no exportamos la revolución.

CLARIN ★ - Buenos Aires, domingo 27 de setiembre de 1987

Agencia Reuter



El canciller soviético, Edouard Shevardnadze, con el presidente norteamericano, Ronald Reagan, y el secretario de Estado, George Shultz: la gira latinoamericana empieza bajo el signo de la distensión.

Con Brasil y la Argentina

BRASILIA y MOSCU, 26 (ANSA y TASS). — El embajador de la URSS en Brasil, Víctor Isaakov, reveló hoy que su país está dispuesto a contribuir al desarrollo brasileño, sin la exigencia de pagos en dólares, oro u otras divisas. Los acuerdos incluirán los fletes soviéticos, que podrán ser compensados con productos tradicionales e industrializados.

El diplomático confirmó que el canciller de la URSS, Edouard Shevardnadze, quien arribará al país en una visita de gran importancia procedente de Nueva York, hoy domingo, además de reunirse con el presidente José Sarney mantendrá dos reuniones con su colega brasileño Roberto de Abreu: ambos suscribirán los documentos que posibilitarán un programa de cooperación a largo plazo, el que incluirá prioritariamente la metalúrgica e irrigación, sin excluir —dijo— a otras áreas. Se prevén negociaciones en petróleo, textiles e "innúmeros productos", un acuerdo cultural y una declaración conjunta.

Respecto de las negociaciones comerciales, no detalló su contenido pero indicó que deberán permitir un acuerdo para el intercambio de productos tradicionales e industrializados, y "ya están siendo elaboradas las listas de productos".

Isaakov adelantó asimismo que existe en estudio entre los gobiernos brasileño y soviético un acuerdo sobre "cooperación y exploración pacífica del espacio".

Con la Argentina

"Hecho en la URSS": esta marca es bien conocida de los especialistas argentinos. Las unidades energéticas soviéticas hace ya una serie de años que trabajan en la central hidroeléctrica argentina de Salto Grande, sobre el río Uruguay; con la participación de las organizaciones soviéticas se realizó el montaje del utilaje eléctrico en las centrales térmicas de Buenos Aires y de Bahía Blanca y se efectuaron los trabajos de prospección y proyección para el complejo hidroenergético Paraná Medio.

La realización conjunta de proyectos, en la espera de la construcción energética, es solamente una de las esferas de la colaboración económica y comercial entre la URSS y la Argentina, pero la más importante.

En perspectiva, son posibles contactos más amplios en ramas como la industria de construcción de maquinarias —en particular, agrícola—, energética y minera. Las organizaciones soviética y argentina colaboran en la esfera del transporte y la electrificación de ferrocarriles y se estudian las posibilidades de coproducción de diferentes artículos industriales.

La Argentina, después de Cuba, es el socio comercial más importante de la Unión Soviética en América latina. La nomenclatura del intercambio comercial es bastante amplia e incluye máquinas, equipos, medios de transporte, variada producción agropecuaria y medicamentos.

Buenos Aires, domingo 27 de setiembre de 1987 — CLARIN

MENOS OBREROS OCUPADOS

Cambios en la URSS

En el país de la "dictadura del proletariado", la clase obrera tiende a disminuir, mientras los empleos en el área de servicios aumentan. Paralelamente varios servicios podrán prestarlos los "cuentapropistas", una forma de ocupación existente y no permitida, que una nueva legislación acaba de autorizar.

La URSS era, en los primeros años de su revolución, un país básicamente campesino. La industrialización forzada iniciada a fines de los años veinte cambió el perfil ocupacional y social aumentando sustancialmente la proporción de obreros.

Pero en los últimos años el número de trabajos en el área productiva decreció: según estadísticas oficiales, en los últimos quince años, el número de los obreros ocupados en trabajos manuales disminuyó un 16,7% y hasta el año 2000, la reducción deberá ser de un 60%.

En el quinquenio 1981-1985, el incremento de la mano de obra se distribuyó casi por igual entre la producción de "bienes materiales" y la esfera de servicios. Pero en el presente quinquenio el incremento se utilizará casi totalmente en la instrucción, la salud pública y otras esferas socioculturales.

En consecuencia el número de ocupados en la producción de "bienes materiales" no aumentará y su participación en el total de la ocupación caerá sensiblemente: la sociedad soviética se enfrenta a nuevos cambios.

La proyección oficial refleja una tendencia orgánica de la economía que se verifica también en los países capitalistas industrializados: la complejización de la actividad productiva exige un número creciente de servicios como los comerciales, financieros o de transporte. Pero también el aumento del nivel de vida de la población supone una mayor prestación de servicios tradicionales como salud y educación y la aparición de nuevos servicios.

En la Unión Soviética, el origen de la política oficial de programar el aumento en los empleos de servicios puede sintetizarse en dos puntos: uno de ellos, el objetivo de volcar más recursos a la mejora de las condiciones de vida de la población, especialmente en cuanto a la "calidad" de vida. Otro es crear puestos de trabajo que permitan absorber la mano de obra que se espera dejar cesante con la reforma de la industria.

En la Unión Soviética no solo no hay desocupación sino que existen más puestos de trabajo que los trabajadores disponibles. Pero ese desequilibrio, como se reconoce ahora oficialmente, no es producto del impetuoso desarrollo industrial sino de la práctica generalizada de las empresas de tomar más personal del que realmente necesitan o de la existencia de empresas económicamente inservibles. Una nueva legislación permitirá ahora redimensionar y hasta cerrar algunas de esas empresas, creando desocupados.

A partir de ahora, muchos servicios podrán ser cubiertos por cuentapropistas que trabajen luego de su jornada oficial y sin emplear a otras personas.

Ya en la actualidad, afirma un analista soviético, casi la mitad de las reparaciones de automóviles, calzados o viviendas son realizadas por cuentapropistas, que hasta ahora trabajan ilegalmente en la denominada "economía a la sombra".

La dirigencia soviética optó por reconocer una realidad inmodificable: mucha gente quiere mejorar sus ingresos realizando un segundo trabajo y los consumidores prefieren algunos servicios prestados privadamente, más rápidos y eficientes que los obtenibles en los mastodontes estatales.

Julio Sevares

MAÑANA LO RECIBE ALFONSIN

Llega hoy el canciller de la URSS

El ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, Edouard Shevardnadze, llegará hoy a la Argentina en visita oficial de 100 horas para analizar con las autoridades nacionales el intercambio comercial bilateral, que cayó abruptamente en los últimos cuatro años, y buscar apoyo a la propuesta del Kremlin de crear un fondo de desarrollo con los recursos del desarme.

Shevardnadze, el primer funcionario soviético de alto rango que realiza una gira por el Cono Sur, será recibido mañana por el presidente Raúl Alfonsín y mantendrá dos reuniones de trabajo —y otras tantas protocolares— con su par Dante Caputo para examinar, fundamentalmente, aspectos del intercambio comercial bilateral, que pasó en 1985 de 1.000 a 287 millones de dólares en 1986.

Los cancilleres de la Argentina y de la Unión Soviética firmarán el viernes, poco antes del mediodía, una declaración conjunta donde ambas naciones manifestarán sus intenciones de incrementar los lazos comerciales y de amistad y reafirmarán su voluntad de abogar por el desarme mundial y por la solución negociada de los conflictos internacionales.

En la declaración conjunta se hará una especial mención a la desmilitarización del Atlántico suroccidental y al reconocimiento soviético de los derechos argentinos sobre las islas Malvinas, Sandwich y Georgias del Sur, apoyo que adquiere significativa importancia en momentos en que se acentúan los contactos entre Londres y Buenos Aires para solucionar negociadamente el pleito por esos archipiélagos.

Shevardnadze, georgiano de 59 años, sucesor de Andrei Gromiko, sostuvo al llegar a Brasilia —primer punto de esta gira por el Cono Sur— que traía como "misión especial" reforzar las "buenas relaciones" de la URSS con América latina y que su visita se producía en momentos en que se esboza entre las dos superpotencias un acuerdo para "la eliminación de los arsenales nucleares y de otros tipos de armas de exterminio de masas".

El canciller soviético llegará a las 20 al Aeropuerto de Ezeiza en un vuelo especial procedente de Brasilia y partirá el próximo lunes, a las 9, desde Ezeiza rumbo a Montevideo, completando una gira de 10 días por Brasil, la Argentina y Uruguay, preparatoria de la que realizará a mediados de 1988 el líder soviético Mijail Gorbachov.

Si bien la problemática de la paz y del desarme mundial estará presente en el temario que analizarán Caputo y Shevardnadze, la cuestión central que abordarán ambos cancilleres será la del intercambio comercial bilateral en el que tenían gran peso las exportaciones argentinas de cereales y forrajes y los proyectos soviéticos en obras hidroeléctricas y en producción de maquinarias agrícolas.

La visita del ministro soviético, que el año pasado estuvo en México en lo que constituyó la primera gira de un alto funcionario de la URSS por América latina, se inscribe en el del territorio europeo los misiles de corto y medio alcance, el Kremlin lanzó de la mano de Gorbachov la iniciativa de crear un fondo internacional de desarrollo con los recursos que se obtengan de la reducción de gastos armamentistas.

Caputo y otros cancilleres latinoamericanos —como el brasileño Roberto Abreu Sodré— dieron un tácito respaldo a esa iniciativa al hablar en la 42ª Asamblea General de las Naciones Unidas, aunque también advirtieron que la puesta en marcha de un proyecto de esa naturaleza debería ser corresponsabilidad de las dos superpotencias y de otras naciones industrializadas.

Shevardnadze será recibido en Ezeiza por Caputo y por el embajador soviético Oleg Kvasov y de inmediato se trasladará a la sede de la delegación diplomática de su país, donde se alojará.

En la zona donde está ubicada la embajada de la URSS y en todos los luga[res] que recorrerá el cancill[er] soviético se han dispue[sto] severas medidas de vi[gi]lancia policial. Funcion[a]rios de organismos de [se]guridad del Kremlin se e[n]cuentran en Buenos Ai[res] desde hace una sema[na] coordinando todos los [as]pectos de la estada de Sh[e]vardnadze.

ASUNTO:

TEXTO:

01/01

8709871

Shevardnadze habló en Brasil sobre deuda regional y el desarme

El canciller soviético Edouard Shevardnadze destacó el papel que le cabrá a Brasil en apoyo de un acuerdo sobre desarme entre las superpotencias. Durante una reunión con legisladores brasileños ayer por la tarde, el jefe de la diplomacia de Moscú criticó el actual sistema económico internacional y la incidencia de la deuda externa en el desarrollo de los países latinoamericanos.



El canciller soviético, Edouard Shevardnadze (izquierda), conversa con el más importante líder político brasileño, presidente de la Asamblea Constituyente, Ulysses Guimaraes.

BRASILIA, 29 (AFP ANSA, Reuter y UPI). El canciller soviético Edouard Shevardnadze consideró que la deuda externa latinoamericana es un "verdadero tumor" para los países de esta región, y se pronunció en favor de un nuevo orden económico internacional.

El ministro de Relaciones Exteriores soviético sostuvo que un acuerdo entre las superpotencias sobre desarme "contribuirá de manera efectiva a un nuevo orden económico mundial, ya que los recursos destinados al armamento podrían ser aplicados en otros sectores".

Shevardnadze, que este miércoles viaja rumbo a la Argentina (ver más información en página 19), se reunió hoy por segundo día consecutivo con su par brasileño, Roberto de Abreu Sodré, y también visitó la Legislatura nacional, donde fue recibido por el titular de la Cámara baja, Ulysses Guimaraes.

La cuestión de la deuda externa ya había sido tocada por el canciller soviético la noche anterior, en un encuentro con el presidente José Sarney, a quien le transmitió las intenciones del líder Mijail Gorbachov de visitar Brasil durante el segundo semestre del año próximo.

En su diálogo de hoy en el Congreso, el diputado Guimaraes —que además preside la Asamblea Constituyente y lidera el oficialista Partido del Movimiento Democrático Brasileño (P.M.D.B.)— justificó la moratoria declarada por su país al pago de intereses de la deuda con la banca privada internacional.

Shevardnadze concordó con el legislador y consideró que "no se puede aplazar indefinidamente la solución a los problemas económicos de las naciones en desarrollo".

♦ Ascensor atascado

Después de casi dos horas de entrevista con Guimaraes y con el presidente del Senado, Humberto Coutinho, el jefe de la diplomacia soviética vivió un episodio singular cuando el ascensor en que bajaba quedó atascado en mitad del recorrido.

Casi cinco minutos después de la detención del aparato, un sonriente y algo despeinado Shevardnadze salió del ascensor y dijo que se trataba de "una astucia de los periodistas para lograr mejores fotos".

El representante de Moscú tenía previsto reunirse con su colega De Abreu Sodré para abordar exclusivamente cuestiones bilaterales, pero el encuentro abarcó también temas relativos a la situación en Centroamérica y al desmantelamiento nuclear.

Los dos cancilleres tienen previsto firmar mañana un comunicado de pronunciamiento conjunto sobre ésas y otras cuestiones. Aunque no se conocieron adelantos de ese texto, el delegado soviético dio algunas orientaciones al destacar el papel que cabrá a la diplomacia brasileña para acompañar el diálogo de las superpotencias sobre desarme, en alusión a su participación en el Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas.

Los dos ministros también tienen previstas las firmas de dos acuerdos bilaterales: el primero promoverá el intercambio económico, industrial, científico y tecnológico, mientras que el segundo abarcará cuestiones culturales, de educación y deportes.

"Brasil y la Unión Soviética podrán cooperar con mayor éxito", dijo Shevardnadze en su reunión con los legisladores esta tarde. "Las perspectivas que se abren son muy grandes, (especialmente) con la visita del presidente Sarney a la URSS el año próximo, junto con las posibilidades de la visita a Brasil de Mijail Gorbachov", añadió.

♦ La democratización

El conductor de la diplomacia soviética destacó la apertura política en la URSS orientada por Gorbachov, y después de señalar que su visita a Brasil "es posible porque este país vive ahora en democracia", se refirió a las coincidencias de las dos naciones en ese mismo punto.

"La democratización social es una identificación común entre Brasil y la Unión Soviética", dijo Shevardnadze.

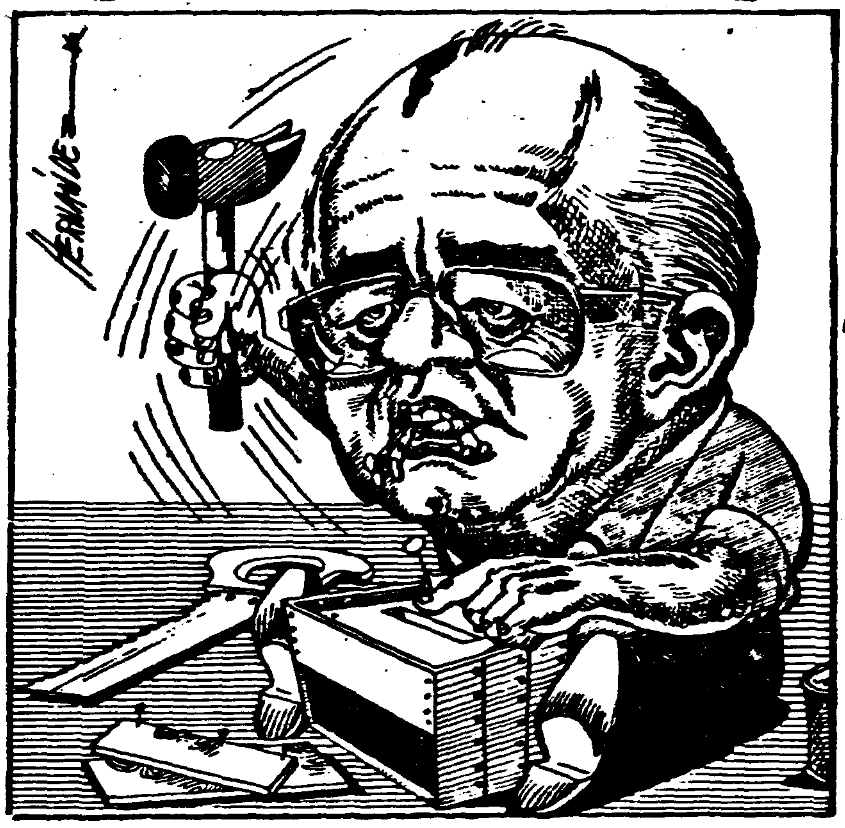
01.01

8709874

Un libro sobre los hechos de octubre de 1917 trata "dulcemente" a Stalin

La "glasnost" soviética no ha llegado aún al campo de la historia política

Escribe Tony Barber
de la agencia "Reuter"



Los esfuerzos de Gorbachov por vender la nueva era de la "glasnost" (transparencia) no parecen fructificar en el terreno de la historia.

A. FIRANDIEGO 30/9/87

Moscú (Reuter) — Una nueva enciclopedia soviética sobre la revolución Bolchevique de 1917 incluye secciones dedicadas a líderes revolucionarios ejecutados bajo **José Stalin** y posteriormente borrados de la historia, pero no indica cómo murieron.

"La gran revolución socialista de octubre", publicada en anticipación a las celebraciones oficiales del 70 aniversario que se conmemorara en noviembre, combina elogios y críticas al propio **Stalin**, y arroja poca luz sobre la magnitud de sus represiones. **"El fue uno de los organizadores de la implementación del plan leninista de construir el socialismo en la Unión Soviética, desempeñó un gran rol en la destrucción del trotskismo y del oportunismo derechista"**, reza el capítulo consagrado a **Stalin**.

La sección correspondiente a **León Trotsky**, uno de los principales opositores de Stalin en los años 1920, omite mencionar el papel crucial que tuvo en conducir a las fuerzas bolcheviques a la victoria durante la Guerra Civil de 1917-22, y se abstiene de indicar que fue asesinado en México en 1940. En cuanto a **Nikolai Bujarín**, principal adversario de **Stalin** a fines de los años '20 y principios de la década siguiente, la nota se concentra en lo que denomina sus errores de teoría política y no señala que fue fusilado luego de un juicio público en 1938.

• Revolucionarios

Otras incorporaciones nuevas de la enciclopedia, cuya última edición data de 1977, comprenden notas sobre tres revolucionarios: Grigory Zinoviev, Lev Kamenev y Alexei Rykov, quienes también fueron ejecutados luego de juicios públicos bajo **Stalin**.

Tres militares que también fueron víctimas de **Stalin** —**Nikolai Krylenko, Pavel Dybenko y Vladimir Antonov Ovseyenko**— también aparecen en esta nueva edición, consignándose sus fechas de fallecimiento como 1938, 1938 y 1939. Pero no se menciona la responsabilidad de **Stalin** en la suerte que corrieron. La enciclopedia no dedica secciones separadas a **Nijail Tomsky**, el líder sindical que se suicidó en 1936 para librarse de las persecuciones de **Stalin** y a **Grigory Pyatakov**, el organizador de industrias pesadas que fue juzgado y ejecutado en 1937.

Las críticas contra Stalin están redactadas en lenguaje casi idéntico al utilizado en el artículo sobre el publicado en 1976 en la **"Gran enciclopedia soviética"**, que es el más importante libro de referencias oficiales soviéticas. **"Un culto a su personalidad fue creciendo progresivamente, y ello infligió un gran daño al Partido Comunista, al pueblo soviético y al Movimiento Internacional Comunista"**, dice la nueva enciclopedia. Al no especificar el fin que cupo a las víctimas políticas de **Stalin**, ni el hecho de que millones de gente común sufrieron bajo él, el libro se queda corto en cuanto a las exhortaciones formuladas por el líder soviético **Mijail Gorbachov** para que se diga toda la verdad sobre el pasado.

01.01

HR

URSS
Conf. Golfo[?]

026

Propone Mijail Gorbachov

Conferencia internacional

MOSCU. (ANSA, EFE y UPI).- El máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, propuso ayer la celebración de una conferencia internacional para lograr la estabilidad en el océano Indico y poner fin a la crisis en el golfo Pérsico.

En una carta de respuesta a un grupo de destacados políticos e intelectuales de la India, el jefe del Kremlin responsabilizó a Estados Unidos de la actual situación en la zona.

La URSS no plantea ningún obstáculo para reanudar un diálogo constructivo con Estados Unidos, pero, lamentablemente, las esperanzas iniciales han sido destruidas por el comportamiento de Washington, afirma Gorbachov en su mensaje.

Según la propuesta del líder soviético, Moscú apoya resueltamente la decisión de Naciones Unidas de convocar una Conferencia Internacional de Paz sobre el océano Indico.

Además, Gorbachov reiteró la posición de la Unión Soviética favorable a un inmediato alto el fuego en la guerra entre Irán e Iraq, mediante la retirada de las fuerzas militares a las fonteras reconocidas internacionalmente.

Grecia no enviará fuerzas navales

ATENAS (EFE, ANSA y UPI).- Grecia no enviará unidades de su Fuerza Naval al golfo Pérsico para proteger los barcos mercantes de bandera helena, afirmó el portavoz oficial Sotiris Kostopulos.

Grecia no es uno de esos países dispuestos a enviar su flota; añadió que Atenas sigue con suma atención el curso de los acontecimientos en el área, ante la importancia que reviste para la poderosa flota mercante del país.

El gobierno griego sigue en contacto con otros Estados a quienes concierne el asunto, para adoptar las medidas pertinentes, concluyó el portavoz.

Grecia figura a la cabeza de los países de la Comunidad Económica Europea en cuanto al tonelaje de sus, a menudo, anticuados barcos.

Aproximadamente la mitad de los buques atacados en el golfo Pérsico eran de bandera helena o bien propiedad de armadores griegos bajo pabellón liberiano o panameño.

La Nación 10.10.87

01.01

8709902

Programa de cooperación industrial a medio y largo plazo

Acuerdo entre Argentina y URSS

Argentina y la Unión Soviética sentaron las bases para incrementar su intercambio económico mediante programas de cooperación industrial a medio y largo plazo.

Asimismo, reiteraron su voluntad de redoblar esfuerzos para lograr la paz y el desarme mundial, según una declaración conjunta difundida ayer en Buenos Aires al término de la visita del Ministro de Exteriores soviético, Eduard Shevardnadze, a Argentina.

El comunicado muestra la profunda preocupación de los respectivos gobiernos frente a la amenaza que representa para la humanidad la continuación y aceleración de la carrera de armamentos, sobre todo nucleares, así como el peligro de su extensión al espacio ultraterrestre.

La declaración conjunta, fruto de las reuniones de trabajo mantenidas ewn Buenos Aires por Shevardnadze y el Canciller argentino, Dante Caputo, exhorta también a las naciones en conflicto a resolver negociadamente sus diferencias.

Destacan también la necesidad de lograr una solución pacífica en el problema de las islas Malvinas, Sandwichs y Georgias del Sur, para eliminar las tensiones en la región.

El Ministro soviético consideró, poco antes de partir hacia Montevideo, última escala de su gira de 10 días por el Cono Sur, que su visita de cinco días a Argentina resultó muy importante.

Pues posibilitará una relación "más profunda" entre ambas naciones y destacó que las reuniones que celebró con su par, Dante Caputo, y con el Presidente, Raúl Alfonsín, fueron muy interesantes y de gran contenido, se recoge en el comunicado.

Precisamente, en el documento argentino-soviético se reflejan las coincidencias conseguidas en las conversaciones en una atmósfera amistosa, cordial y de entendimiento mutuo, que Shevardnadze mantuvo con Caputo y con Alfonsín.

El documento indica que en esos encuentros se evaluaron positivamente el carácter dinámico y multifacético con que se desenvuelve actualmente el diálogo político entre Argentina y la Unión Soviética.

Lo cual pone de manifiesto el interés de ambos gobiernos de continuar con los esfuerzos tendientes a ampliar la cooperación bilateral, señala el documento conjunto, y de seguir manteniendo lazos entre los parlamentos y otros entes estatales de ambos gobiernos.

En el documento se hace hincapié en la conveniencia de que Argentina y la URSS promuevan nuevas modalidades de colaboración, en particular, a través de la cooperación industrial.

Antes de partir hacia Montevideo, Shevardnadze dijo a los periodistas nacionales que su visita de cinco días al país resultó muy importante y que ésta posibilitará una relación más profunda entre Moscú y Buenos Aires.

En el aeropuerto, el Ministro soviético fue despedido por el Canciller argentino, Dante Caputo, quien se limitó a felicitarle por el éxito que ha tenido en su gestión en Argentina.

"No existe acuerdo formal"

URSS ayudó a Washington en la detección de minas

WASHINGTON (ANSA, EFE y UPI).- La Administración norteamericana confirmó hoy implícitamente su colaboración con los soviéticos en la localización de minas iraníes en el golfo Pérsico, aunque puntualizó que estas actividades no se realizan en el marco de un acuerdo bilateral formal.

Saliendo al paso de informes en ese sentido, el mayor Icenogle, portavoz del Departamento de Defensa, indicó que las tropas estadounidenses desplegadas en la zona se comunican con las de otros países sobre cada caso y dijo que esas tareas entran dentro de las prácticas normales.

Pero precisó que no existe acuerdo formal para compartir datos de inteligencia con la Unión Soviética o con otros países y agregó que tal cooperación no la estamos realizando ahora.

Las informaciones periodísticas señalaban que soviéticos y norteamericanos intercambiaron información a finales de julio pasado, cuando el petrolero kuwaití Bridgeton, que navegaba con bandera estadounidense resultó dañado por una mina colocada por los iraníes en aguas del golfo.

El incidente del Bridgeton se produjo a escasos días de que Estados Unidos comenzara a escoltar a once petroleros kuwaitíes en la conflictiva zona.

El portavoz dijo que, como práctica normal, los barcos se informan unos a otros de la existencia de minas en las zonas por donde circulan las embarcaciones, sin que ello, insistió, signifique que existe un compromiso formal para hacerlo.

La Mañana 6/10/87

Irán - Irak

01.01

8709905

Desarme y el uso de recursos para desarrollo reclamó Shevardnadze

BUENOS AIRES. — El ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze señaló ayer que "El problema de la deuda externa debemos resolverlo entre todos y para ello debemos acabar con la carrera de armamentos y aprovechar esos recursos para fines de desarrollo".

Shevardnadze se reunió ayer con el presidente argentino Raúl Alfonsín y con el canciller Dante Caputo. Su visita concluirá el domingo.

Alfonsín recibió en la casa de gobierno al canciller soviético, quien le entregó una nota de Mijail Gorbachov en la que reconoce los esfuerzos del presidente argentino en favor del desarme.

Una fuente oficial dijo que Alfonsín y Shevardnadze dialogaron por espacio de una hora sobre la evolución de las relaciones políticas y económicas bilaterales y la probable participación del grupo de los seis en la verificación del desarme y los ensayos nucleares.

La carta de Gorbachov a Alfonsín destacó que "las negociaciones soviético-norteamericanas (han logrado) un viraje impresionante en procura del cese completo de las pruebas nucleares".

"La noble aspiración de los líderes de los seis estados, y usted señor presidente entre ellos, goza de perfecta comprensión y, como usted se habrá convencido, de apoyo activo", manifestó la nota de Gorbachov a Alfonsín.

Shevardnadze llegó y salió de la casa de gobierno argentina en medio de gran despliegue de agentes de seguridad soviéticos.

El canciller soviético dijo al abandonar la casa de gobierno que había mantenido con Alfonsín una charla "muy interesante y muy profunda, yo diría multifacética".

Señaló que "efectuamos un análisis muy serio sobre los problemas internacionales. Para nosotros la prioridad es el desarme y el desarrollo".

Dijo que "Alfonsín aplaudió los acuerdos soviético-estadounidenses recién logrados para la liquidación de los misiles de medio y corto alcance. Ambos nos pronunciamos por la necesidad de seguir con el proceso de desarme nuclear".

Situación insólita

Al abandonar la sede del gobierno argentino, el ministro soviético enfrentó una situación insólita, cuando al saludar a un grupo de unas treinta personas, una mujer le dijo: "dígale al presidente Alfonsín que construya más viviendas".

Traducido el pedido, Shevardnadze movió afirmativamente la cabeza y ordenó responder a su traductor "se lo diré al señor presidente" luego subió a su automóvil y se retiró del lugar.

Antes de su entrevista con Alfonsín, Shevardnadze sostuvo una reunión de dos horas con el canciller Dante Caputo, y luego dijo a la prensa que "han sido negociaciones muy interesantes, de mucho contenido, referidas a las relaciones internacionales".

Preguntado sobre si Gorbachov visitaría Argentina, el ministro soviético respondió: "Ese es su deseo".

El canciller Shevardnadze es el más alto funcionario soviético que visita Argentina.

Uno de los temas predominantes en las reuniones que Shevardnadze mantuvo con las autoridades argentinas es la crisis que atraviesa la balanza comercial entre los dos países, según dijeron a UPI fuentes diplomáticas.

El intercambio cayó de un saldo favorable a Argentina de 1.170 millones de dólares en 1985 a 149 millones en 1986, según cifras oficiales.

Deuda externa

Shevardnadze afirmó que "El problema de la deuda externa debemos resolverlo entre todos y para ello debemos acabar con la carrera de armamentos y aprovechar esos recursos para fines de desarrollo".



BUENOS AIRES. — El ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze (izq.), conversa con el presidente Raúl Alfonsín en la Casa Rosada. (Radiofoto Reuters, especial para EL DIA)

Antes de reunirse con el presidente argentino Raúl Alfonsín, Shevardnadze dialogó con el público y periodistas al romper el protocolo de un acto en homenaje al héroe de la independencia argentina, general José de San Martín.

"Lamentablemente en el mundo se gastan enormes recursos financieros en armas y ahora hasta se quiere militarizar el espacio cósmico", en referencia al proyecto estadounidense conocido como "guerra de las galaxias".

En forma imprevista, Shevardnadze se dirigió hacia el público que observaba el acto y dialogó con los presentes, entre ellos Ali Barbach, ex estrella de un programa televisivo de lucha llamado "Titanes en el Ring".

024

Acuerdos entre Brasil y URSS impulsan las relaciones y comercio

BRASILIA. — Los gobiernos de Unión Soviética y Brasil emitieron ayer una declaración conjunta en la que destacan las negociaciones alcanzadas: acuerdo de cooperación económica, comercial, científico y tecnológico de largo plazo y de cooperación cultural.

Los documentos suscriptos ayer por los cancilleres de Unión Soviética, Eduard Shevardnadze y de Brasil, Roberto de Abreu Sodre señalan, que el primer acuerdo, de cooperación económica, "posibilitará nuevo impulso a las relaciones bilaterales, ampliación del intercambio comercial y la cooperación, científica y tecnológica".

Se fijó el mes de abril de 1988 para el encuentro de una comisión dentro de la XI Reunión de la comisión mixta Brasil-URSS de cooperación comercial, económica científica y tecnológica, coincidente con la visita que efectuará en mayo el presidente José Sarney a Moscú, para dinamizar la cooperación y el intercambio.

El comunicado muestra que ambos cancilleres coinciden que "se consolida la tendencia para la aceleración, intensificación y creciente colaboración en las relaciones brasileño-soviética de estado a estado, la implementación de nuevas formas de cooperación económica y comercial, tales como el intercambio de mercaderías, creación de empresas conjuntas y mixtas, en las diversas áreas.

Los cancilleres afirmaron que la realización de "Expobrasil 87" a partir del 19 de octubre próximo en Moscú constituirá una circunstancia propicia para el desarrollo de los contactos comerciales que intensificará la promoción del intercambio comercial.

Respecto al acuerdo de cultura, deberá contribuir eficazmente para el desenvolvimiento mutuo de los países en las áreas culturales, educacional y deportiva.

Seguidamente al examinar la coyuntura internacional, los cancilleres Shevardnadze y Sodre, coincidieron que todos los gobiernos deben colaborar en las cuestiones que preocupan a la humanidad, especialmente el desarme y el fortalecimiento de la paz y la seguridad internacional.

En ese contexto reafirmaron "integral apoyo a las Naciones Unidas, en sus propósitos y principios".

El Día 1/10/87

01.01

8709914.

Créditos en la URSS

MOSCU, 7 (AP).- El gobierno abrió una nueva institución de crédito para facilitarlo a familias que desean comprar viviendas, muebles, ganado y otros gastos mayores con intereses de uno a dos por ciento anual.

Los créditos para vivienda serán con plazos de 10 a 20 años. La nueva institución absorbe a todos los bancos de ahorro del país con depósitos de 253,000 millones de rubles.

La Nación 8/4/87

01.01

8709932

HR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: LA URSS apoyaría un embargo de armas contra Teherán

PROCEDENCIA: Clarín 7/9/87

ARCHIVADO EN: Conflicto Iran-Irak (081)

01.01

8709936

La Mañana 14/10/87

Critica a quienes dificultan la perestroika

Gorbachov desea reformas sin represalias masivas

El líder soviético, Mijail Gorbachov, criticó ayer en Leningrado a los miembros del PCUS que se mantienen al margen o dificultan la perestroika, en un discurso pronunciado en vísperas del 70° aniversario de la revolución rusa.

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- Sin embargo, el número uno del Kremlin señaló también que sus críticas contra estos sectores del Partido Comunista de la Unión Soviética (PCUS) no deben ser entendidas como una especie de revolución cultural china.

Gorbachov hizo estas afirmaciones ayer en el histórico edificio del Instituto Smolny, en el que el 7 de noviembre de 1917, según el nuevo calendario, Vladimir Illich Lenin proclamó la fundación del Estado Soviético.

La visita a Leningrado, que el secretario general del PCUS inició el lunes, está relacionada con el 70° aniversario de la revolución bolchevique, que se conmemora el próximo 7 de noviembre. En esta ciudad, antigua capital del régimen zarista, dio comienzo la revuelta.

En su discurso de ayer, el número uno soviético, que volvió a alertar sobre el momento crítico y crucial en que se encuentra en la actualidad la perestroika (reestructuración), reafirmó la necesidad, más urgente que en ningún momento del pasado, de una amplia y profunda integración de todas las fuerzas creativas de la sociedad.

Esto puede ser logrado sólo a través del Partido, que encabeza el curso total de la reestructuración y eleva su papel principal en la sociedad, añadió.

Sin embargo, Gorbachov señaló también que todavía hay muchos mandos del Partido que no se han acomodado al ritmo de las bases, es decir, de la perestroika.

CRITICAS AL BUROCRATISMO

También criticó el burocratismo existente en el propio seno del PCUS, que calificó de enemigo del momento actual y del que puso como ejemplo la existencia de muchos despachos abiertos por el partido que son amueblados y acondicionados, pero en los que luego no trabaja nadie.

Gorbachov defendió también la necesidad de una mayor extensión del criticismo y de la autocrítica, al tiempo que afirmaba que es inadmisible ceder a los intentos de poner fin a la crítica.

Más socialismo en realidad, es la política que, según el líder soviético, sirve los intereses vitales de todas las clases y estratos de la sociedad soviética.

El número uno del Kremlin, que durante su discurso alabó el papel jugado por la ciudad de Leningrado y sus habitantes en momentos clave de la historia rusa y soviética, hizo también alusiones y referencias a la revolución de 1917.

Los observadores occidentales en Moscú destacaron como nota curiosa el hecho de que el líder soviético comparara en su discurso el actual proceso de reformas económicas y sociales, conocido como perestroika, con la famosa NEP (Nueva Política Económica) de Lenin.

Según Gorbachov, al igual que en los años 20 se comprendió la necesidad política de pasar del comunismo de guerra a la NEP, ahora se debe comprender la perestroika como una necesidad política.

Esta no es la primera vez que el secretario general del PCUS relaciona su política económica y social con la del creador del Estado Soviético, pues en numerosas ocasiones Gorbachov defendió el carácter revolucionario y leninista de las reformas emprendidas tras su llegada al poder en marzo de 1985.

No esperamos victorias fáciles; nuestro partido se llama revolucionario porque no tiene miedo de las dificultades, afirmó Gorbachov al despedirse de su audiencia en Leningrado, integrada por representantes de las organizaciones del PCUS en esta ciudad, ante los que anunció que se va a revisar la política de cuadros del partido en los distritos locales.

URSS

026

Gorbachov vendrá a fines de 1988

Shevardnadze mantuvo una reunión privada con el Dr. Sanguinetti



El gobernante soviético en momentos en que arriba al Edificio Libertad

El Presidente de la República, Dr. Julio María Sanguinetti, viajará a la Unión Soviética en los primeros meses de 1988 y el Canciller Eduard A. Shevardnadze cuando abandone nuestro país, llevará algunas fechas tentativas para dicha visita, según lo reveló en la víspera en el Edificio "Libertad" el Ministro de Relaciones Exteriores, Cr. Enrique Iglesias, quien acompañó a su colega soviético en la audiencia con el Jefe de Estado.

El Presidente de la URSS, Mijail Gorbachov, por su parte -agregó- visitará nuestro país, a posteriori de la presencia de su colega uruguayo en la Unión Soviética.

Sobre los resultados de la visita del Jefe de la diplomacia soviética, Iglesias indicó que lo primero que se rescataba, era este interés nuevo e histórico de la Unión Soviética, por las opiniones políticas de América latina, que es un hecho importante en la política internacional y además, este gran mensaje que trae el Canciller Shevardnadze, que es su deseo de que las conversaciones hacia la desnuclearización, constituyan hoy un pilar central de la política exterior e interior de la Unión Soviética.

La vinculación entre lo que es el desarme -afirmó- y los objetivos de la llamada prestroika, o la transformación interna del sistema soviético, tanto en lo económico como en lo político y este relacionamiento, es el gran mensaje que trae a nosotros aquí, como lo ha hecho en Brasil y Argentina.

Creo que es en torno a eso -añadió- que se manifiesta esa nueva forma de diplomacia directa e informal, que es ciertamente una novedad en la tradición diplomática soviética y que constituye a mi juicio, la mas importante contribución de esta visita que, es histórica por muchos motivos, pero fundamentalmente por el momento en que tiene lugar.

El tema de la profundización de las compras soviéticas a Uruguay -continuó- como lo dije hoy, va a estar incorporado, habida cuenta que el comercio exterior soviético decreció en forma importante con casi todos los países de América latina, como parte del ajuste de la balanza de pagos.

Nosotros vemos una cooperación grande entre la *Unión Soviética y Uruguay* en materia de comercio -acotó- que la hubo en el pasado y que no tiene por qué no haberla en el futuro.

Como el Ministro Shervardnadze lo acaba de decir -señaló- sostuvo una conversación amena y franca y mucho más larga de lo que esperaba, tratándose con soltura e informalidad los grandes temas de la realidad internacional, que movilizan la política exterior soviética, que tiene tanta fuerza e importancia en las conversaciones internacionales.

Se recorrieron muchos temas -manifestó- pero creo que entre otros, es muy importante, el mensaje personal que trajo al Presidente Sanguinetti, de parte del Secretario General del Partido Comunista, Mijail Gorbachov, que el Jefe de Estado uruguayo va a contestar durante la estancia en el país del Canciller soviético, lo que es una parte muy importante del diálogo directo entre los dos dirigentes.

Para profundizar las relaciones bilaterales -añadió- lo primero de todo es la participación que nos da el Gobierno soviético en estas conversaciones, en los grandes objetivos de su política internacional, en los temas que nos interesan a los países latinoamericanos, tales como la paz y el desarme, en procura de los cuales los pasos que se están dando son fundamentales.

Pero mañana (hoy) tenemos una larga sesión de trabajo -concluyó- en la que vamos a tocar muchos temas y algunos que tienen que ver directamente, con el fortalecimiento de las vinculaciones en los campos comercial y cultural, dentro del cual se firmará un convenio, en cuyas tratativas está la Ministra de Educación y Cultura.

La Mañana 6/10/87

01.01

IR

URSS

O 26

La Mañana 6/10/87

Expresiones del líder moscovita

A favor del desarme

El Canciller soviético Eduard A. Schevardnadze afirmó que "el pago de los intereses de la deuda es un asunto de la dignidad nacional", al dirigir un discurso en oportunidad del almuerzo ofrecido por su similar uruguayo, el Cr. Enrique Iglesias.

A continuación, ofrecemos un resumen de las palabras del alto diplomático ruso:

Hace pocas horas hemos cruzado el Plata, el gran río de Sudamérica. Sentimos que el río no separa sino, al contrario, une a los pueblos amigos de Argentina y Uruguay.

Es muy difícil comparar esta distancia con la que separa Moscú de la capital uruguaya. Más de 15 mil quilómetros registran los instrumentos de a bordo de un avión. En épocas pasadas esta distancia se consideraba tan grande, que la misma idea sobre la posibilidad de superarla parecía utópica. Tanto más honor para su país, que fue el primero en América del Sur en establecer relaciones diplomáticas con la Unión Soviética.

Elementos de coincidencia o afinidad se notan claramente en el intercambio de opiniones entre Mijail Gorbachov y el Presidente Sanguinetti. El diálogo político que se estableció entre los dirigentes de nuestros países determina toda la gama de nuestras relaciones.

DOS ARMAS PELIGROSAS

Nos agrada que el acuerdo logrado sobre los cohetes de alcance medio y táctico-operaciones fue altamente apreciado en su país. Con este acuerdo puede comenzarse el desarme nuclear, determinado, como lo dijo con toda la certeza Mijail Gorbachov al hablar hace unos días en la ciudad de Murmansk, por la reunión cumbre en Reykyavik.

Es enorme nuestra alegría, pero ella no disminuye nuestra preocupación. Durante estos diez días de nuestra estadía en América latina, nos convencemos más y más que a la par de la liquidación del armamento de exterminio masivo, lo que de por sí es una hazaña de buena voluntad sin precedentes en la historia de la humanidad, es indispensable encauzar lo más pronto posible el problema de la deuda externa a los canales prácticos. Pues, en determinado sentido, el problema de la deuda también es una arma de exterminio masivo, que algún día puede hacer volar pilares de la comunidad internacional.

Según la opinión de los dirigentes soviéticos, las medidas que se deben tomar -dijo- deben tener un carácter universal, y es necesario que en preparación participe toda la comunidad internacional, pero bajo el auspicio de la ONU.

PAGO ES COSA DE DIGNIDAD

Más adelante, el Canciller soviético sostuvo que nadie quiere convertirse en bancarrota. Ya que, además de las consideraciones financieras y crediticias también existen las consideraciones de prestigio nacional. **El pago de los intereses de la deuda es un asunto de la dignidad nacional.** Pero es necesario que siempre estos pagos sean limitados por un nivel prudente, caso contrario se convertirán en un dogal en el cuello del deudor.

CONTRA EL PROTECCIONISMO

Por fin, nosotros proponemos eliminar las barreras proteccionistas en las vías de importaciones desde los países en desarrollo. De no quitar estos obstáculos, una vez puede suceder que los proteccionistas no tendrán nada que defender.

Nosotros enlazamos el afianzamiento de la paz con los problemas de la seguridad económica internacional no por casualidad. La venganza económica de la carrera de armamentos a la humanidad es una de las lecciones ejemplares de la situación actual. Un hecho significativo es que **los anuales gastos militares del mundo casi equivalen a la suma de la deuda de los países en vías de desarrollo.**

Es imposible dejar al margen la verdad que el camino al desarrollo económico -y nosotros estamos profundamente convencidos de esto- pasa por el desarme. El pasa a través de la liquidación de "las murallas de las fortalezas", que cierren el acceso a las tecnologías avanzadas y a los logros científicos, la suspensión de las cuotas discriminatorias de los productos de agricultura y de materias primas, de todo lo que obstaculiza a los cambios positivos en la economía mundial.

El señor Presidente Julio María Sanguinetti decía que el orden del comercio internacional debe ser previsto. Es imposible negar esto. Nosotros entendemos la aspiración de los países en vías de desarrollo a consolidar su independencia económica. La decisión de la URSS de adherirse al fondo común para los artículos de materias primas es un testimonio elocuente de nuestra aspiración- a contribuir a que se estabilice este aspecto del comercio internacional tan importante para los países en vías de desarrollo.

Quisiera subrayar -agregó más adelante-, que nuestro criterio no asocia el nuevo orden económico con la ruptura de las ya existentes relaciones comerciales y de otra índole o de las estructuras internacionales y regionales vigentes.

La alocución del Canciller soviético concluyeron sobre el final una frase del Gral. José Artigas: **"No hay nada más sano que la voluntad de los pueblos".**

01.01

8709955.

URSS

024

EL PAIS

Fundado el 14 de Setiembre de 1918
Directores: Martín Aguirre, Washington Beltrán y Daniel Rodríguez Larreta

Montevideo, Viernes 16 de Octubre de 1987

"POR SUS FRUTOS LOS CONOCEREIS..."

CON motivo de la visita a nuestro país del canciller soviético, diversas instituciones representativas de la colectividad judía le manifestaron su intensa preocupación por los impedimentos que traban la emigración de los judíos de la URSS. En ese sentido, el citado diplomático dio seguridades de que nada obsta para que los judíos mantengan su identidad en tierra soviética, ni de que –con ciertas reservas vinculadas a la seguridad nacional– puedan emigrar del país. Incluso invitó a un dirigente judío local a visitar la URSS a comprobar in situ la verdad de sus afirmaciones.

Sobre el particular –y como un elemento de juicio más en esta problemática– transcribimos las declaraciones que el Dr. Jaim Arón, responsable del Departamento de Aliá y Klitá de la Sojnut, formulara a "Aurora", decano de la prensa israelí en castellano.

PREGUNTA: La mayor salida de judíos de la Unión Soviética ¿implica una apertura de este país hacia lo judío o israelí?

Respuesta: "No hay tal apertura soviética. Vivimos la ilusión de algo que no existe. A pesar del incremento del número de judíos que salen de la URSS, no podemos hablar de un verdadero cambio. Más todavía: hoy hay más brotes de antisemitismo que antes de Gorbachov; hay un antisemitismo casi abierto. (Casi con vehemencia) Los que hoy salen son los líderes de la lucha por la emigración soviética, para que ésta quede descabezada, sin organizadores. De aquí que nunca hayamos estado en una situación tan difícil, en la lucha por el judaísmo ruso, como hoy. Nuestro deber es no caer en la trampa soviética y no dejar que los judíos rusos se conviertan en rehenes de una negociación política por una conferencia internacional de paz o de cualquier otro problema. Lo que corresponde es seguir la lucha por una presión ininterrumpida de la opinión pública mundial, hasta que los soviéticos abran realmente las puertas, sin condicionamientos políticos. Es lo que corresponde por Derecho, como la Convención de Helsinki lo establece, y por razones estrictamente humanitarias y espirituales".

EL Dr. Arón –judío nacido en Chile– tiene razones para hacer las manifestaciones que se transcriben. Por ejemplo, no deja de ser significativo que el Kremlin conceda la visa de salida a muchos judíos prominentes en la lucha pública para que se imponga una apertura emigratoria.

De esta manera, los soviéticos obtienen dos resultados: por un lado, aumentan su imagen internacional de gobierno sensible a los reclamos de la opinión pública mundial; por el otro, se saca del medio a los judíos que verdaderamente molestan, es decir, a los que han sufrido prisión por defender sus convicciones y constituyen un testimonio viviente de su oposición al régimen. Es, desde luego, una forma de dejar acéfalo, como dice Arón, al movimiento emigratorio.

Si la URSS tuviera buena voluntad, autorizaría la partida de los 400 mil judíos que han solicitado la visa. No concedería los permisos con cuenta-gotas –se calcula que, al actual ritmo, los mencionados solicitantes demorarían 350 años en irse del país– sino en cantidades masivas.

PERO el problema no debe quedar limitado a los judíos que quieren abandonar la URSS, sino que las soluciones deben extenderse a los judíos que quieren permanecer en la tierra donde nacieron y ser fieles ciudadanos de la misma, pero también fieles a sus raíces culturales y religiosas. En el fondo, se trata de un simple problema de derechos humanos: el derecho a irse cuando uno quiera y el derecho a quedarse, pero a ser respetado en su identidad. Y nada de esto se podrá conseguir si la URSS mantiene su política restrictiva y discriminatoria contra los judíos soviéticos, política que transforma en un paria, en un ciudadano de segunda clase, al que solicita una visa de salida, que atenta contra la libertad religiosa y contra la enseñanza del hebreo, que niega o limita el acceso a los institutos de educación superior y que, prácticamente, oficializa el antisemitismo y difunde la calumnia de que "sionismo es racismo".

LA señalada actitud del Sr. Schevardnadze debe ser bienvenida y aplaudida como un importante factor de cambio en la diplomacia soviética. Es algo a lo que, por cierto, no nos tenía acostumbrados la adustez de sus predecesores. Pero, desgraciadamente, son tantos los compromisos públicos asumidos por el Kremlin que no han estado acompañados por el cumplimiento respectivo, que en este caso –como en tantos otros– el reconocimiento del cambio sólo habrá de producirse cuando los hechos, y no las palabras o la simpatía personal del canciller soviético, los avalen.

Mientras tanto, seguirá teniendo vigencia el clamor bíblico: "Dejad salir a mi pueblo", que los judíos del mundo dirigen a los jerarcas de Moscú sin ser todavía atendido por éstos.

HR

026

Más huelgas en fábricas de la URSS

MOSCU — El personal de una fábrica de autobuses —la mayor de la Unión Soviética— realizó una huelga de tres días, como consecuencia de la aplicación de las reformas económicas.

Según el periódico "Moskovskie Novosti" la medida se resolvió en la planta de Likino, cerca de Moscú, tras la nueva inspección de calidad. Los trabajadores quedaron privados de las primas y comenzaron a percibir ingresos inferiores, con promedio de 7[illegible] rublos (más de 100 dólares).

El periódico ha informado sobre huelgas similares en las últimas semanas. Las reformas proyectadas para la economía de la URSS afectan directamente, según datos oficiales soviéticos, a unos 75 millones de personas y casi 1[illegible] millones de personas habrán de cambiar de puesto de trabajo y, en muchos casos, de lugar de residencia.

Disidentes

Las leyes bajo las cuales millares de disidentes soviéticos fueron encarcelados durante los últimos 30 años desaparecerán casi seguramente en una revisión del Código Penal que se desarrolla en Moscú.

El anuncio fue formulado por un asesor próximo al líder del Kremlin, Mijail Gorbachov, durante una discusión emitida en directo por televisión entre [illegible]

El Día 16/1/1987

Huelga de tres días en mayor fábrica de URSS

MOSCU — Los trabajadores de la fábrica de autobuses de Likino, próxima a Moscú y la más grande de la URSS, protagonizaron recientemente una huelga de tres días para protestar por las condiciones en que deben desarrollar el trabajo.

La información sobre este hecho insólito en la URSS fue publicada por el semanario "Novedades de Moscú" (que también ha informado de otras huelgas similares), en un reportaje en el que se ofrecen varias versiones sobre los motivos que indujeron a los trabajadores a decidirse por un paro de tres días.

Según un ajustador de montaje, la situación era insostenible en la fábrica, en la que, según sus palabras, desde hace varios años se trabaja de "manera criminal".

El operario explicó que, para cumplir el plan establecido, hubo épocas en las que se les pagaban dos salarios. A veces, agregó, se trabajaba horas extras, e incluso sábados y domingos, pero los autobuses llegaban al punto de acabado con piezas incompletas en un 40 o 50 por ciento.

Esto se debía, añadió el ajustador, al mal aprovechamiento, pues el taller vecino que debía suministrar las piezas no las entregaba a su tiempo y en las condiciones requeridas.

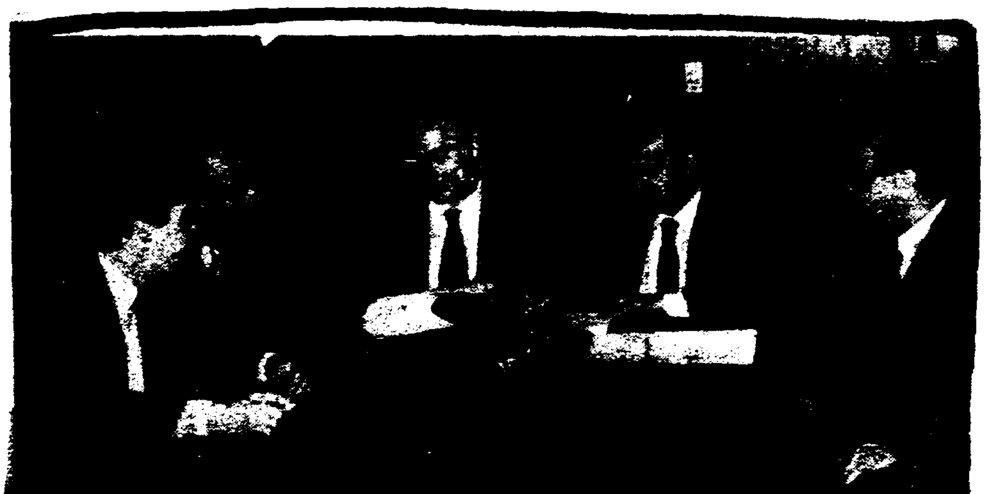
Ahora la situación cambió, con la introducción de las nuevas leyes económicas aprobadas tras la llegada de Mijail Gorbachov al poder, y con la incorporación del control de calidad en las fábricas.

La gran decadencia de la fábrica de Likino comenzó a partir del pasado abril, cuando en lugar de 33 o 34 vehículos diarios se empezaron a producir tan solo 20 o 25, con lo que los trabajadores perdieron sus primas, que significaron descensos salariales de entre 60 y 100 rublos.

"Todos necesitamos dinero, pero el conflicto no se debe a las primas", puntualizó el trabajador, quien añade que las tres cuartas partes del personal de la fábrica decidió recurrir a la huelga para que los responsables del ramo, incluido el ministro, se enteraran de la situación de la planta.

01.01

026



[illegible] representativas del deporte uruguayo y soviético, en el trascendente conven[illegible] [illegible] ayer. Por Educación Física se hicieron presentes, el Presidente Dr. Julio Cés[illegible] [illegible], y el Vice-Presidente José Esperón. Por el Comité Estatal de la U.R.S.S., el Direct[illegible] [illegible] para [illegible] Internacionales, Alejandro Kozlovski, el agregado cultural de [illegible] [illegible] y el agregado de la embajada Vladimir [illegible]

Educación Física Refrendó un Nuevo Convenio Deportivo

Importante convenio fue refrendado ayer por la Comisión Nacional de Educación Física y el Comité Estatal de la URSS de la Cultura Física y de Deporte, en el cual quedo establecido un vasto intercambio de actividades deportivas entre ambos países, dentro de una amplia programación que se desarrollará en 1988.

En todos los actos deportivos, quedan por confirmar las fechas, las que serán acordadas próximamente.

Educación Física recibirá a entrenadores y especialistas soviéticos para asistencia práctica durante un mes con cinco personas. Un equipo de fútbol de la división superior, por una semana, con 25 personas. Una delegación de gimnasia rítmica y acrobacia, también por una semana, con 20 personas.

Asimismo, los soviéticos donarán material deportivo a las organizaciones deportivas uruguayas.

Por su parte el Comité Estatal de la URSS de la Cultura Física y de Deporte recibirá en su país a las siguientes delegaciones de nuestro país:

La Selección Uruguaya de Fútbol por espacio de 12 días con un total de 25 personas. Entrenadores y especialistas uruguayos para intercambiar experiencia hasta por 30 días, en modalidades del deporte a acordar. Entrenadores para estudiar en los cursos de seis meses, en el Instituto Central de Cultura Física sobre la especialidad Vóleibol.

Profesores de Educación Física para estudiar deporte comunitario durante 14 días, 2 personas.

Gerentes Administrativos del Comité Olímpico Uruguayo para intercambiar experiencia, 2 personas.

Una delegación de la Comisión Nacional de Educación Física, 2 personas.

El País 20/10/87

01.01

HR

024

URSS prioriza conservación de recursos en plan de 1988

El Día 20.10.87

MOSCU. — La Unión Soviética delineó ayer sus objetivos económicos para 1988, en los cuales se subraya la necesidad de conservar recursos y mejorar la calidad de la morosa industria soviética de maquinarias.

El plan de 1988 señaló ese sector en particular, del cual el líder soviético Mijail Gorbachov ha dicho que su modernización es indispensable si la Unión Soviética quiere competir en los mercados mundiales.

El jefe del GOSPLAN, el comité de planeamiento soviético, Nikolai Talyzin, recordó al Soviet Supremo (el Parlamento) que el Politburó había concluido que una mejora en el desempeño económico depende en gran medida de que se administren más racionalmente los recursos. "Las políticas de gran escala están diseñadas para ahorrar recursos", explicó Talyzin.

Informó también a los parlamentarios que el ingreso nacional, lo más parecido que tienen los economistas soviéticos al producto bruto interno, habrá de crecer 4,3 por ciento contra el previsto 4,1 por ciento de 1987.

Producción agrícola

En cuanto a la producción agrícola, Talyzin dijo que el Kremlin planea producir 235 millones de toneladas de granos en 1988, contra los 232 millones estipulados para este año. La prensa soviética informa que las fuertes lluvias afectarán la cosecha de 1987. En 1986 la Unión Soviética produjo 210 millones de toneladas de granos.

Con respecto a la producción industrial, Talyzin dijo que en 1988 debería aumentar 4,5 por ciento, apenas arriba del 4,4 por ciento planificado para 1987. En los primeros nueve meses de este año la producción industrial aumentó 3,6 por ciento.

Datos de los planificadores soviéticos indican que la producción de máquinas herramienta, que incluye instrumentos de precisión, creció sólo 3,3 por ciento en los primeros nueve meses, comparado con el mismo lapso de 1986.

"Han surgido algunas dificultades este año en la industria de las máquinas herramienta", dijo Talyzin. "La economía no está recibiendo una considerable cantidad de los equipos que requiere". Los soviéticos esperan incrementar esa producción en particular 7,3 por ciento en 1988.

En Occidente algunos economistas opinan que se generó un agitado debate entre los planificadores soviéticos acerca de cómo lograr mejoras en la producción de maquinaria industrial más rápidamente.

Gastos de Defensa

El ministro de Finanzas, Boris Gostev, informó al Soviet Supremo que los gastos de Defensa en 1988 sumarían 20.200 millones de rublos (32.000 millones de dólares a la paridad actual), que en moneda soviética es la misma cifra que la del año anterior.

Generalmente los gobiernos occidentales consideran que las cifras soviéticas sobre gastos militares están subestimadas intencionalmente, pero admiten que calcular el volumen real de gastos es difícil porque la industria militar soviética está muy entrelazada con la civil.

Los especialistas occidentales estudian las cifras de cada año buscando su sentido político. La cifra de Defensa no ha crecido desde 1984, cuando Moscú anunció un aumento del 12 por ciento y culpó por ello al armamentismo de Washington.

Talyzin también dijo que la Unión Soviética prevé aumentar el gasto en salud, educación, pensiones y programas de seguro social. En 1988 los gastos en ese sector alcanzarían 171.000 millones de rublos (270.000 millones de dólares), unos 3.500 millones de rublos (5.500 millones de dólares) más que lo dispuesto originalmente por el plan quinquenal 1986-1990.

01.01

HR

024

Moscú: atraso industrial denuncia el Parlamento

MOSCU. — El líder Mijail Gorbachov asistió ayer a una nueva sesión del Soviet Supremo en el Kremlin, en la cual se advirtió que la Unión Soviética está atrasada en la industria liviana y la construcción de maquinarias, y que debe producir más bienes de consumo.

El Soviet Supremo, parlamento soviético de 1.500 miembros, que se reúne habitualmente dos veces al año por dos o tres días, recibió un borrador del plan para el desarrollo económico y social en 1988, presentado por el presidente del Comité de Planificación Estatal, Nikolai Talyzin.

"Ha habido un estancamiento en la industria liviana", dijo el funcionario. "No todas las industrias están prestando atención a desarrollar el crecimiento del consumo".

"Es totalmente inaceptable que muchas empresas procuren evitar la producción de bienes de consumo", dijo al señalar una de las áreas donde Gorbachov promueve reformas.

Al referirse brevemente a los resultados para 1987, Talyzin dijo que "la economía del país está desarrollándose primordialmente en línea con las metas planeadas", informó la agencia noticiosa oficial soviética "TASS".

"Sin embargo, algunas industrias, por ejemplo la construcción de maquinarias y las industrias livianas, están atrasadas en relación a sus programas"

En su sesión pasada en junio, los 1.500 miembros del Parlamento consagraron como leyes las reformas de Gorbachov para liberar a las empresas del control estatal. Asimismo, el Soviet Supremo aprobó una ley que permite referendos y otras amplias reformas.

El Dia 20/10/87

01.01

8709983

026

El Día 20/10/87

Protestas contra incitación antisemita en la prensa soviética

LONDRES. — Seis "refuseniks" de Moscú presentaron una queja ante el departamento de Prensa del Partido Comunista en la capital soviética, alegando que informes calumniosos sobre los "rechazados" tienen el efecto de inflamar los sentimientos antisemitas de sus lectores.

Explicaron, además, que la similitud en el tipo y enfoque de las informaciones sugiere que hay una "programación deliberada" que, de manera intencional o no, provoca "un rápido incremento de los niveles de anitsemitismo en todas las esferas de la sociedad soviética".

Los seis, Leonid Brailovsky, Anatoly y Mijail Bershadsky, Mijail Byaly y Eduard y Nina Nadgorny se refirieron a un artículo del vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, G. Guerasimov, según el cual la obstinada insistencia de políticos y medios de prensa occidentales "estimulaba los elementos de antisemitismo latentes desde la época zarista". Y preguntaron a continuación: "Si el público soviético puede [ser] afectado por diarios extranjeros que no ve, sin duda será influido en mayor medida por distorsiones e información falsas en su propia prensa que tiene una circulación de millones de ejemplares".

Los autores de la carta luego enumeraron las técnicas de distorsión utilizadas por la prensa soviética desde los inicios del período de glasnost de esta manera:

1) La descripción de aspirantes a la emigración como traidores y potenciales espías de la CIA. Por ejemplo, "Los que abandonan la Unión Soviética cometen un acto de traición, no jurídico sino moral", V. Magison "Argumenti i Facti", número 16. Y, "Por cada dólar gastado por Estados Unidos (en la emigración soviética) recibe mil dólares en secretos militares y de otra clase" B. Antonov en "Sovietskaya Rossia", 3 de abril de 1987.

2) Se pretende que las protestas de los "rechazados" ("refuseniks") son instigadas y dirigidas por Occidente. Por ejemplo se dijo que "Todas las acciones de los 'rechazados' están dirigidas desde lejos", (Vecherniaya Moskva), 24 de marzo de 1987. Y al informar sobre una manifestación anterior a favor de Iosef Begun, el mismo diario escribió que Inna Begun recibió de parte de un funcionario de la Embajada norteamericana un pago en dólares, al igual que otros manifestantes.

3) Se denigra la motivación de los "rechazados" como mezquina, ruin o groseramente interesada: ..."ellos utilizan grandes palabras y hablan de derechos humanos y libertades políticas pero sus protestas les son pagadas con trapos, pantalones vaqueros o moneda dura", V.M. marzo 24, 1987.

4) Se utiliza la calumnia y la descalificación moral a determinados "rechazados": el Prof. Alexander Ioffe, Yehudit Ratner, Natalia Khasina y Vladimir y María Slepak, fueron considerados en distintas oportunidades "mentirosos"; "instrumentos sionistas" y "víboras".

Los autores de la protesta manifestaron que: "Los crechazados" son acusados de los crímenes más abominables y para la imaginación de los lectores las acusaciones se hacen extensivas a todos los judíos soviéticos".

Como evidencias citaron los comentarios de espectadores de una reciente manifestación: "Hitler debía haber terminado con ustedes". "Debería haber otro pogrom". "En nombre de la humanidad habría que fusilarlos a todos". Los documentos agregaron que estos excesos son resultados directo del clima de odio creado por la prensa. "Son las ideas de los periodistas expresadas en el idioma de la gente común".

Los autores del planteo exigieron que los medios de difusión soviéticos cesen sus ataques contra los "rechazados", que vuelvan a las mejores tradiciones soviéticas y que combatan seriamente el alarmante incremento del antisemitismo.

La carta fue enviada, entre otros órganos de prensa, a "Novedades de Moscú". Los firmantes fueron recibidos por el subdirector de dicha publicación, quien aceptó que la temática expuesta merecía atención, pero exigió que el tono de la carta fuera ablandado.

Los seis no aceptaron hacer cambios y la carta no fue publicada.

Montevideo, martes 20 de octubre de 1987

El Día

URSS: "es ahora un hecho" la confrontación

MOSCU. — La confrontación entre Estados Unidos e Irán "es ahora un hecho", afirmó ayer la agencia soviética "TASS" en un comentario sobre el ataque realizado por fuerzas estadounidenses contra una plataforma petrolífera iraní.

La citada fuente señaló que la presencia y acciones de EE.UU. en el golfo Pérsico "son una consecuencia del Irangate" y añadió que resulta obvio que "la última aventura militar no le va a traer dividendos políticos a la administración norteamericana".

"TASS" destacó en su comentario que es evidente la relación existente entre "la última aventura armada estadounidense y el llamado Irangate".

El descubrimiento de la venta encubierta de armas a Irán colocó a Washington en una posición embarazosa a los ojos de países árabes, ante los que EE.UU. e Israel están en la actualidad involucrados en operaciones de combate contra Irak al proveer a Teherán con modernas armas ofensivas", agregó.

Presidente iraní

El ataque efectuado por Estados Unidos "no quedará sin respuesta", dijo ayer el presidente de la República Islámica, Alí Khamenei.

Tras una reunión de emergencia con el Consejo Superior de la Guerra, Jamenei declaró a la televisión iraní: "Vamos a tomar represalias decisivas. La acción norteamericana no quedará sin respuesta".

Alí Khamenei, visiblemente preocupado mientras efectuaba estas declaraciones a la prensa, agregó que el presidente estadounidense, Ronald Reagan, "ha cometido, con este hecho, una gran equivocación, que sólo le acarreará problemas".

"EE.UU., con estos ataques, muestra su verdadera cara, llena de enemistad", concluyó el presidente de Irán.

UR

URSS

026

Reconocimiento a tártaros

MOSCU. (ANSA, EFE y UPI).- Los tártaros de Crimea podrán retornar a su tierra, según se desprende de un comunicado difundido ayer por la comisión estatal que estudia la cuestión de los 500 mil tártaros deportados en 1944 por Stalin, que los acusaba de colaboracionismo con los nazis.

La comisión, presidida por el Presidente del Presidium, Andrei Gromyko, fue constituida en julio pasado, tras las repetidas manifestaciones públicas en Moscú de los tártaros de Crimea, esparcidos en la Unión Soviética.

Según la agencia TASS, la comisión "analizó y calificó de inadmisibles los casos individuales de violación de los derechos de los ciudadanos de nacionalidad tártara en la elección de su lugar de residencia, de estudio y de trabajo, caos ocurridos en la península de Crimea". Según la comisión, hay que modificar la legislación que regula el registro del domicilio en la península.

Aunque se refiere a casos "individuales", el comunicado de la comisión es el primer reconocimiento oficial del derecho de los tártaros de Crimea a vivir en su tierra.

La Mañana 16/10/87

01.01

026

SHEVARDNADZE: URSS APOYA PAGO DEUDA EXTERNA CON PORCENTAJE EXPORTACIONES

Hubo Enérgica Protesta de los Judíos Uruguayos; Canciller Ruso les Formuló Invitación a Viajar

Los pagos anuales del servicio de la deuda externa, no deben superar "determinado porcentaje" de las exportaciones de los países endeudados, sostuvo ayer el canciller soviético Andreu A. Shevardnadze, en el primer día de visita oficial a nuestro país. El alto funcionario del Soviet arribó próximo al mediodía y por la tarde se entrevistó con el presidente Julio Mª Sanguinetti, con el que conversó sobre ese tema, sobre el desarme mundial, la profundización de las relaciones comerciales entre Uruguay y la URSS y el futuro viaje del mandatario uruguayo a Moscú, que se llevaría a cabo en 1988.

Poco después de su arribo a Carrasco y cuando llegaba a la sede de la embajada soviética en Montevideo, un grupo de integrantes de la colectividad judía en el Uruguay se concentró en el lugar reclamando por mayores libertades para sus compatriotas residentes en Rusia. Shevardnadze cruzó la avenida y se dirigió al grupo, invitándolos a visitar la URSS para comprobar, dijo, en qué situación se encuentran los judíos allá.

El canciller soviético también realizó al mediodía el primer encuentro de trabajo con el canciller Iglesias y hoy tendrá una jornada de mucha actividad, en el segundo día de su visita, la primera que realiza al Uruguay un funcionario soviético de ese rango.

REUNION CON SANGUINETTI

En una reunión que se extendió por una hora y media en el despacho del Jefe de Estado en el Edificio Libertad, este y el visitante también abordaron temas como la preservación del espacio cósmico y el desarrollo.

A su salida de la sede del Poder Ejecutivo acompañado por su colega el canciller Iglesias, Shevardnadze respondió diversas interrogantes de los periodistas, señalando que "hemos hablado de las relaciones internacionales, sobre los problemas de la guerra y de la paz, sobre los problemas del desarme y de la vinculación directa entre desarme y desarrollo".

Agregó que las conversaciones estuvieron también centradas en el problema de la deuda externa y "hemos dedicado mucho tiempo a los problemas del desarrollo de las relaciones bilaterales".

SANGUINETTI A LA URSS

Más adelante dijo el visitante que con el Presidente de la República también abordaron la posibilidad del viaje de Sanguinetti a la URSS "que se concretará en un futuro próximo".

Anunció que buscará ponerse de acuerdo con su colega Iglesias "para preparar esa visita tan importante en forma debida".

Al referirse a las coincidencias logradas con el Dr. Sanguinetti puntualizó que estas estuvieron radicadas en "los temas internacionales globales, tales como la liquidación del armamento nuclear y químico. También la preservación del espacio cósmico".

Además hablamos —dijo Shevardnadze— de "cómo superar las dificultades económicas y del establecimiento del nuevo orden económico internacional.

Nosotros consideramos que nuestras relaciones bilaterales vienen desarrollándose muy bien, pero todavía no hemos aprovechado todo el potencial, en ese tema", concluyó.

LA VISITA SERIA EN 1988

El Presidente de la República viajará en los primeros meses de 1988 a la URSS, según anunció el Canciller de la República, quien afirmó que se desarrollará hoy un largo encuentro de trabajo "donde se tocarán temas que tienen que ver con las relaciones en el campo del comercio, en el cultural y el acuerdo pesquero entre los dos países".

Comentó que el Uruguay "como todos los países de la tierra tiene interés en el tema de la paz y del desarme, que son muy importantes y los pasos que se van dando, son fundamentales".

Anunció el Ministro que antes de la partida del Canciller soviético, "se conocerán algunas fechas tentativas para el viaje de Sanguinetti a la Unión Soviética, estamos hablando de los primeros meses de 1988, subrayó, mientras que la visita del mandatario de la URSS, Mijail Gorbachov, se cumplirá luego del viaje de Sanguinetti a aquel país".

"NUEVA FORMA DE DIPLOMACIA SOVIETICA"

De esta visita se rescata "el interés nuevo, histórico de la Unión Soviética, por las opiniones políticas de América Latina que es un hecho importante en la política internacional. Además este gran mensaje que trae el Canciller soviético que es su deseo de que las conversaciones hacia la desnuclearización, constituye hoy un pilar central de la política exterior e interior de la URSS, en la vinculación de lo que es el desarme y la transformación interna del sistema soviético tanto en lo económico como en lo político y creo que es en torno a eso que se manifiesta esa nueva forma de diplomacia directa e informal, que es una novedad en la tradición diplomática soviética.

Ello constituye la más importante contribución de esta visita que es histórica por muchos motivos pero fundamentalmente por el momento en que tiene lugar".

En las conversaciones de hoy —dijo Iglesias— va a estar incorporado el tema de "la profundización de las compras soviéticas al Uruguay. El comercio soviético decreció en materia de importaciones en forma muy importante en casi todos los países del mundo, especialmente en América Latina, como parte de ajuste en la balanza de pagos, pero nosotros vemos una complementariedad muy importante entre los dos países, en relación al comercio. Ya la hubo en el pasado y no tiene porqué no haberla en el futuro".

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE

SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA

DEPARTAMENTO

Pedido de Informe Nro.

Asunto:

TEXTO:

Piden a URSS Cumpla Promesa

EL PAIS 7-10-87

La necesidad de un entorno de confianza en la gestión de la Unión Soviética cumpliendo un rol que se estima importante para el proceso de paz en Medio Oriente, es reclamado por el Comité Central Israelita del Uruguay. Esta confianza se lograría —indican— si se implementan dos medidas elementales: la apertura irrestricta de las puertas de la URSS para la emigración judía y la reanudación de relaciones diplomáticas con el Estado de Israel.

El Comité Central Israelita recuerda que el lunes tuvo lugar una manifestación de la colectividad judía del Uruguay organizada por el C.C.I.U. reclamando por los derechos de los judíos soviéticos en ocasión de la visita del canciller de la URSS a nuestro país.

Relata que "el Sr. Schevardnadze se acercó a los manifestantes y mantuvo un diálogo con el presidente de nuestro Comité, Dr. Pedro Sclifski y en el transcurso del mismo expresó un claro compromiso de su país a modificar la actual política soviética que consideramos restrictiva hacia la salida de los judíos de la URSS y discriminatoria en relación al mantenimiento de la herencia espiritual, cultural y religiosa judía en la Unión Soviética".

El Comité Central Israelita indica que ve con optimismo el compromiso público asumido por el Canciller soviético pero al mismo tiempo tenemos presente que otras promesas formuladas a dirigentes judíos de otros países han permanecido incumplidas y que el actual porcentaje de salida de los judíos de la URSS de mantenerse hasta fin de año, no llegará al número indicado por las autoridades a comienzos de años de 11.000 personas para 1987.

ACTITUD FIRME Y VIGILANTE

El documento del C.C.I.U. apunta al estímulo que significa tal disposición soviética hacia el diálogo al cual siempre están dispuestos los judíos "sin que ello afecte para nada nuestra actitud firme y vigilante de solidaridad con nuestros hermanos en la URSS".

En cuanto a la visita de una delegación de la colectividad judía del Uruguay y a la Unión Soviética "consideramos —indican— como muy factible su realización siempre que se brinden a nuestro representantes plenas garantías de acción en el marco de su viaje".

"El Comité Central Israelita considera que la Unión Soviética podría cumplir un rol muy positivo en un proceso de paz en el Medio Oriente. Pero para ello sería necesario que se cree un clima de confianza en torno a su gestión, lo que sólo sería posible de implementarse dos medidas elementales: la apertura irrestricta de las puertas de la URSS. para la emigración judía y la reanudación de relaciones diplomáticas con el Estado de Israel. Hacemos votos para que esta apertura en la política soviética se mantenga y profundice hasta que se llegue a una situación de total e irrestricto respeto por todos los derechos humanos". Firman el comunicado, el presidente del C.C.I.U., Dr. Pedro Sclofky y el secretario general Naon Dickstein.

01.01

8709996

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Inf

Asunto:

TEXTO:

Transición democrática: en Argentina y, ¿en la URSS?

El canciller de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze, actualmente de visita en nuestro país y hasta el domingo de visita en la República Argentina, recorrió allá la Plaza de Mayo, frente a la Casa Rosada, se entremezcló con los transeúntes y cambió algunas palabras con ellos, intérprete mediante seguramente, según las versiones de que dieran cuenta las agencias noticiosas.

Según esa misma fuente, "cuando una de las personas que estaban junto a él le preguntó sobre los cambios que se están produciendo en la Unión Soviética bajo la conducción del líder de esa potencia, Mijail Gorbachov, Shevardnadze señaló el paralelismo entre la apertura en la URSS y la transición argentina hacia la democracia".

"Sí, hemos visto muchos cambios en la Unión Soviética y Argentina también ha cambiado en el restablecimiento de su democracia", agregó.

Si el paralelo que encontró el canciller soviético entre la situación actual de su país con la actual etapa de la vida argentina es válido, no pocas conclusiones interesantes se presentan, no tanto para los observadores independientes, sino, fundamentalmente, para los comunistas ortodoxos de fuera de la URSS, tipo los nuestros.

Porque nadie duda, y nadie niega, que antes de acceder el vecino país a la transición democrática vivió varios años de una cruel dictadura militar. ¿Acaso en la URSS aconteció otro tanto antes de que llegara al poder el Sr. Gorbachov?

Por lo menos, nunca lo habíamos leído así ni en "La Hora", ni en "El Popular". Pero, si Shevardnadze viene de confesarlo espontáneamente, dentro de pocos días comenzaremos a conocer la versión retrospectiva de la dictadura soviética sostenida por los comunistas vernáculos.

EL DIA 7-10-87

01.01

8710000

Que así sea

Informamos en nuestra edición de ayer que "el canciller de la URSS Eduard Shevardnadze, afirmó que su país tiene la intención de resolver la problemática de los judíos radicados en la Unión Soviética y que con esa finalidad propugnará medidas que faciliten la emigración de personas de origen hebreo".

"El titular de la diplomacia rusa —continuaba la crónica— efectuó este trascendente anuncio al presidente del Comité Central Israelita del Uruguay, Dr. Pedro Scloffky, durante la manifestación que un millar de judíos realizó ayer frente a la Embajada de la Unión Soviética para protestar por la situación de los hebreos en la URSS".

No es novedad que de un tiempo a esta parte la Unión Soviética ha liberado a algunos disidentes judíos, abriéndoles las fronteras hacia países democráticos. Sin embargo, la afirmación del propio canciller en el sentido de que "era difícil", en determinados casos, otorgar visas de salida, habla claramente de limitaciones en la libertad de los ciudadanos en aquel país.

Por eso mismo, cobra gran importancia que desde aquí, desde este Uruguay que nuevamente logra concitar la atención del mundo entero, el canciller haya anunciado que su país tiene la intención de resolver la situación de aquellos judíos que quieren salir de la Unión Soviética. Ello implica un vuelco en la política soviética.

En ese sentido, la invitación extendida al presidente de la entidad israelita ya mencionada, para que él mismo pudiese comprobar que la URSS promoverá medidas que posibiliten la emigración de judíos soviéticos, merece dos comentarios.

El primero, que el compromiso asumido por la persona del visitante, y a través de él por su representada, tiene una trascendencia tal que no disimulará, seguramente, cualquier tipo de limitación que de aquí en más soporten los judíos soviéticos.

En efecto, las declaraciones del canciller, por la importancia de las mismas, deben estar dando la vuelta al mundo, en esta época en que lo dicho ayer en nuestro país puede ser leído hoy en cualquier parte del mundo.

El segundo, el reconocimiento tácito de un funcionario soviético de las grandes limitantes que existen en el país de la Siberia que, a 80 años de una revolución, no ha sabido o no ha querido reconocer la libertad como forma de vida, más allá de la retórica que supone, en estos casos, hablar de democracia "formal".

Así que si a buenos entendedores pocas palabras bastan, tienen en las expresiones del jefe de la diplomacia soviética un buen punto de referencia para meditar sobre algunas cuestiones que siempre quedan pendientes cuando llega la hora de debatir sobre las ventajas e inconvenientes del régimen comunista.

Por nuestra parte, pues, una reafirmación y una esperanza.

Una reafirmación de nuestros principios, absolutamente democráticos y liberales, en contraposición a cualquier tipo de régimen totalitario como el que impera en la Unión Soviética, según puede concluirse de los dichos de Shevardnadze. Como se diría en la jerga forense, a confesión de parte, relevo de prueba.

La esperanza, la que albergarán como nosotros todos los liberales del mundo al anunciarse, desde este país, una posible apertura en el tratamiento que agobia a los judíos de la Unión Soviética.

Que Uruguay llegue a ser recordado por quienes se vean aliviados con las medidas que anunciara el canciller soviético como el suelo desde el cual su vida cambió.

Y que así sea.

01 .01

871 0001

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (E)

LA NACION 26-9-87

Pedido de Informe Nro.

Asunto:

TEXTO:

Comercios privados en la URSS

MOSCU, 25 (Reuter). – El politburó del Partido Comunista de la Unión Soviética (PCUS) autorizó el establecimiento de comercios privados, en lo que constituye un nuevo esfuerzo por alentar la iniciativa individual y controlar la economía subterránea.

Al aprobar la creación de los primeros establecimientos comerciales privados desde la década de 1920, los 14 integrantes del politburó autorizaron a la ciudadanía a alquilar locales, además de tomar en locación espacios en los almacenes del Estado para vender sus mercancías.

La medida constituye un nuevo paso en la campaña lanzada por el secretario general del PCUS, Mikhail Gorbachov, para introducir la empresa privada con el propósito de entregar mejores bienes de consumo y servicios.

La decisión del politburó también indicó que los ideólogos soviéticos han comenzado a incorporar la lección aprendida de otros países comunistas de Europa oriental en los que se permite la existencia de pequeños establecimientos comerciales privados con el objetivo de contrapesar el desabastecimiento de bienes.

Economistas occidentales opinaron que la declaración del politburó indicó que la medida alcanzará a las artesanías, ropa de confección doméstica y alimentos.

El Kremlin permitió en mayo la realización de algunas actividades privadas, como el establecimiento de peluquerías y el funcionamiento de vehículos de alquiler, con la condición de que los empresarios realizaran todas las tareas sin contratar asalariados.

01.01

8710016

Iglesias y Shevardnadze Firman hoy la Declaración Final; Habrá Nuevo Análisis Para Acuerdo Pesquero

Canciller Soviético Dialogó con Tarigo

Durante cuatro horas los ministros de Relaciones Exteriores de la URSS y Uruguay, analizaron en la víspera los detalles de la declaración conjunta que suscribirán hoy al término de la visita de Eduard Shevardnadze a nuestro país.

El encuentro que se cumplió en la sede de la Cancillería tuvo de base una amplia variedad de temas de la actualidad internacional y lo que hace a las relaciones comerciales, científicas y culturales de ambas naciones.

EL DESARME

La temática de la paz, el desarme, la liquidación de los arsenales nucleares, y la renovación de la confianza mutua en la Organización de las Naciones Unidas, será subrayada especialmente en el documento que se dará a conocer esta mañana tras la última reunión.

Durante el extenso encuentro de la víspera, el Canciller Soviético puso especial énfasis al informar a su colega uruguayo, acerca de los acuerdos alcanzados entre la URSS y los EE.UU. en materia de misiles de medio alcance y los cohetes táctico-operativos.

Al mismo tiempo el Cr. Iglesias apreció altamente los acuerdos logrados habiendo señalado que ellos abren la posibilidad del logro en la reducción de armamentos nucleares y el desarme total como meta final.

Ambos ministros coincidieron en afianzar en el mundo el respeto de los Derechos Humanos, y en señalar su preocupación por la escalada terrorista, la difusión en el mundo de la adicción a la droga y el tráfico ilegal de narcóticos.

Según trascendió, en el documento conjunto final los cancilleres también incluirán el propósito de ambos países de cooperar para la creación de un nuevo orden económico internacional. En tal sentido señalarán la insoslayable interdependencia entre todos los estados procurando el logro de un sistema económico multilateral más justo y equitativo.

ENFRENTAMIENTOS INTERNACIONALES

La declaración final también incluirá una mención a los distintos conflictos bélicos que se libran, fundamentalmente en América Central y en el Golfo Pérsico, y el propósito del logro de la paz.

Para ello coincidieron en la convocatoria de una Conferencia Internacional con el auspicio de la Organización de las Naciones Unidas con la participación de las partes interesadas.

CONVENIO PESQUERO

El conflictivo convenio pesquero entre ambas naciones, que se encuentra a estudio de las autoridades uruguayas y soviéticas, fue motivo de análisis de los Cancilleres, tema sobre el cual en esta oportunidad no habrá resolución, ya que, como lo adelantara recientemente el Contador Enrique Iglesias, continuará a estudio.

CONVERSACION AMISTOSA Y CONSTRUCTIVA

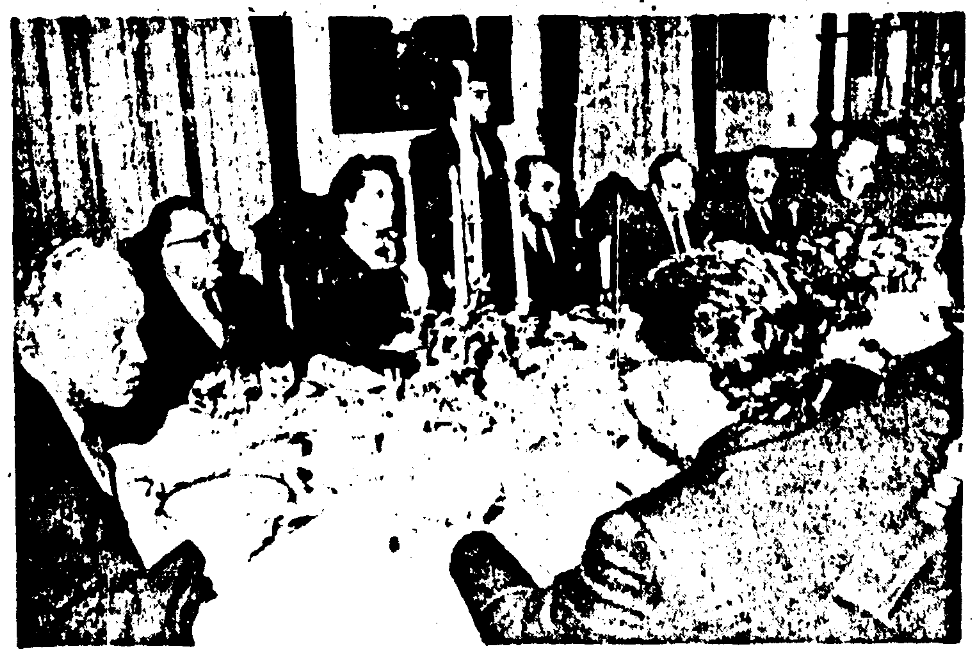
En breves declaraciones a la prensa luego del encuentro con su colega uruguayo el visitante expresó que "las conversaciones se han venido llevando a cabo en un ambiente amistoso y constructivo".

"Lo más importante es la atmósfera de entendimiento mutuo en torno a temas globales internacionales, así como en temas bilaterales", afirmó Shevardnadze.

CONTENTO POR CONTACTO CON ISRAELITAS

Al hacer luego referencia al encuentro informal mantenido con integrantes de la colectividad judía en nuestro país, puntualizó que "fue un hecho normal. Cuando un pueblo está preocupado por algo, nuestra responsabilidad como figuras políticas es prestarle atención a la preocupación de la gente".

Expresando su satisfacción por ese hecho, Shevardnadze añadió que "estoy muy contento por haber tenido esa reunión. Fue un intercambio muy normal y civilizado"



En la cena realizada en la residencia presidencial aparecen (de izq. a der.) Rodney Arismendi, embajador Igor Laptev, Sra. de Shevardnadze, presidente Julio Mª. Sanguinetti, vicepresidente Enrique Tarigo, Liber Seregni, senador Dardo Ortiz y senador Manuel Flores Silva.

NUEVA REUNION Y CONTACTO CON LA PRENSA

La firma de la declaración final de las entrevistas se realizará esta mañana al término de la tercera y última reunión de los cancilleres, oportunidad en la que sesionarán por algo más de una hora.

Posteriormente Eduard Shevardnadze, ofrecerá una conferencia de prensa en la sede diplomática de la Unión Soviética, poco antes de partir de regreso desde Carrasco, donde será despedido por el Cr. Enrique Iglesias.

EN EL PARLAMENTO

Los presidentes de ambas ramas del Parlamento Nacional, recibieron a Eduard Shevardnadze en reuniones especiales, departiendo con ambos por separado por varios minutos.

Al término de la reunión con el Dr. Enrique Tarigo, el visitante manifestó estar sumamente complacido por la reunión, señalando sobre la misma que "estuvo llena de contenido".

Afirmó que básicamente dialogaron sobre las perspectivas del desarrollo de las relaciones interparlamentarias y las relaciones bilaterales en general.

Shevardnadze destacó la atmósfera de respeto y camaradería que caracteriza su estadía en el Uruguay.

El alto funcionario soviético arribó al Palacio Legislativo a la hora 16, acompañado por varios integrantes de su comitiva y por el embajador Igor Laptev, entrevistándose en primera instancia con el presidente del Senado y la Asamblea General, y luego con el Presidente de la Cámara de Representantes.

01·01

8710021

026

COMECON

EL PAIS — Miércoles 14 de Octubre de 1987

URSS: "PERESTROIKA" ECONOMICA PARA TODOS PAISES COMUNISTAS

MOSCU, 13 (Nota sobre Fuentes de ANSA, EFE y AP).— Una apremiante invitación a aplicar la "Perestroika", la restructuración introducida por Gorbachov para la economía soviética, también dentro del COMECON, el Mercado Común de los países del Este, fue dirigido hoy por el jefe del gobierno soviético Nicolai Rizhokov a los participantes de la XLIII sesión extraordinaria de la organización económica comunista.

A los representantes de los Estados miembros presentes —Polonia, RDA, Checoslovaquia, Rumania, Hungría, Bulgaria, Mongolia, Cuba, Vietnam además de la URSS —Rizhkov dijo claramente que el mecanismo de cooperación entre los diferentes países del COMECON debe ser renovado para solucionar los problemas que podrían quebrantar la organización.

La Perestroika será aplicada de común acuerdo —dijo Rizhokov— sobre la base de las ideas y de los acuerdos alcanzados en los encuentros de trabajo por los líderes de los países socialistas.

Poniendo como ejemplo las grandes reformas que se estan llevando a cabo en la URSS, Rizhkov repropuso el liderazgo soviético subrayando la necesidad de una mayor integración de las economías de los países miembros. Entre los temas específicamente técnicos, Rizhkov propuso acelerar el proyecto de hacer el rublo convertible, como medio para pagar la importación de tecnología occidental.

Actualmente, ninguna de las monedas que circulan en los países socialistas es convertible. En losintercambios dentro del COMECON se utiliza una divisa convencional, el rublo convertible, mientras que en las relaciones financieras con Occidente los estados socialistas tiene una gran variedad de cambios de divisas que contribuyen a complicar aún más el comercio entre este y oeste.

Por otra parte el líder soviético, Mijail Gorbachov, criticó hoy en Leningrado a los miembros del PCUS que se mantienen al margen o dificultan la "perestroika", en un discurso pronunciado en vísperas del 70 aniversario de la revolución rusa.

Sin embargo, el "número uno" del Kremlin señaló también que sus críticas contra estos sectores del Partido Comunista de la Unión Soviética (PCUS) no deben ser entendidas como una especie de revolución cultural china.

Gorbachov hizo estas afirmaciones hoy en el histórico edificio del Instituto Smolny, en el que el 7 de noviembre de 1917, según el nuevo calendario, Vladimir Illich Lenin proclamó la fundación del Estado Soviético.

La visita de Leningrado, que el secretario general del PCUS inició ayer lunes, está relacionada con el 70 aniversario de la revolución bolchevique, que se conmemora el próximo 7 de noviembre. En esta ciudad, antigua capital del régimen zarista, dio comienzo la revuelta.

01.01

8710027

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: EE.UU. Optimista ante cambios en URSS.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 6/10/87

ARCHIVADO EN: EE.UU (018)

8710030

01.01

HR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Analysis of Second Round of Border Talks Between Chinese Communists and Soviet Union.

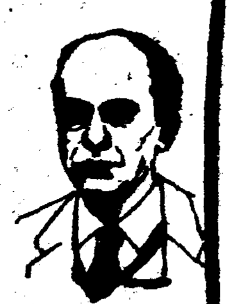
PROCEDENCIA: Enlace Chino 14/10/87 Doc 1677/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/B)

01.01

8710048

PESCA: EL DERECHO A SABER



El silencio con que el gobierno y la prensa oficialista han recibido la ola de críticas levantada en contra del acuerdo pesquero entre nuestro país y la Unión Soviética es cada vez más difícil de explicar.

Esa actitud no puede deberse a que el tema no merezca la atención de las autoridades y de la opinión pública. Cualquier medida que pueda afectar una industria tan importante merece el más detallado y prudente estudio. El año pasado se exportó pescado por valor de US$ 65 millones y la industria emplea alrededor de 18.000 personas.

Combinando los retazos de información disponibles se puede reconstruir el confuso itinerario de estas negociaciones.

Según reportes en la prensa, el 6 de abril comenzaron las negociaciones en Montevideo "para ajustar los términos de un acuerdo de pesca" entre Uruguay y la URSS.

La misma fuente indicó que el "convenio consiste en que los soviéticos pesquen en aguas territoriales uruguayas y, en contrapartida, su flota de 150 buques pase a operar desde el Puerto de Montevideo". Cinco días después se anunció que los representantes de ambos países habían suscrito el acuerdo.

El texto completo del convenio recién fue revelado por dos diarios uruguayos a fines de mayo. El documento reproducido por EL PAÍS no provino de las autoridades uruguayas. Es importante resaltar, entonces, que fue la prensa y no el gobierno, quien informó a la desprevenida opinión pública sobre lo acordado hacía seis semanas por sus representantes.

Como era de imaginarse, inmediatamente se expresaron [illegible] fundamentales sobre el acuerdo. Finalmente, el 14 de agosto, el Ministro de Relaciones Exteriores, acompañado por el Ministro Interino de Transporte y Obras Públicas, y el Presidente de INAPE concurrieron a la *Comisión de Asuntos Internacionales* de la Cámara de Diputados, para dar a conocer la posición del gobierno sobre el asunto.

Para el Ministro de Relaciones Exteriores, el documento sería un mero "borrador de documento final", *un proyecto de acuerdo*, que podía ser mejorado.

Es interesante que el gobierno uruguayo le adjudique tanta importancia a un simple borrador, como lo demuestra la circunstancia de que fuera "iniciado" por el ministro de Transporte y Obras Públicas, el Sr. Jorge Sanguinetti, y el primer viceministro de Industria Pesquera de la URSS, el Sr. Nicolás Kudriavtsev. Todo ello durante una ceremonia pública celebrada en el Palacio Santos, ante los fotógrafos y reporteros. Seguramente, si el acontecimiento justificaba toda esta publicidad, entonces el documento firmado tenía que ser lo suficientemente significativo como para informar a la ciudadanía acerca de su contenido.

La original técnica de negociación utilizada en esta oportunidad, por lo menos, parecería tener la ventaja de asegurar que ambos gobiernos comprendan claramente lo que están firmando. Tal no parece haber sido el caso, en esta ocasión.

De acuerdo con lo manifestado por el diputado Yamandú Fau (F.A., Lista 99), después de la reunión de la Comisión de Asuntos Internacionales, "las coincidencias que pueden señalarse apuntan a que el convenio no es feliz en su redacción". Aparentemente, el gobierno soviético opina que ha firmado un convenio de pesca, mientras que las autoridades uruguayas consideran que solamente se trata de un proyecto de convenio sobre servicios portuarios. Pero, si esto es así, ¿cómo se explican las claras referencias a la pesca en el preámbulo y el artículo II del acuerdo? Las autoridades soviéticas también parecen pensar que el convenio se refiere a la pesca.

La inminente visita del ministro de Relaciones Exteriores soviético Edouard Shevardnadze, hace necesario que el gobierno se defina en forma clara y pública, cuál es su posición sobre el acceso de buques pesqueros extranjeros a la zona económica exclusiva y el mar territorial de nuestro país. Es de imaginar que el Sr. Shevardnadze estará interesado en saber si su país ha firmado un borrador de acuerdo sobre servicios portuarios o un acuerdo pesquero definitivo. En realidad, los ciudadanos de este país también quisieran saberlo.

Juan Oribe Stemmer

URSS 026

Convenio pesquero

La decisión definitiva para suscribir el convenio pesquero y de tráfico aéreo entre Uruguay y la Unión Soviética difícilmente pueda ser adoptada durante la visita a nuestro país del canciller soviético Eduard Shevardnadze, el próximo 5 de octubre.

Fuentes diplomáticas precisaron que durante la estadía del canciller se profundizará el análisis de esos convenios y que la decisión se adoptará "más adelante".

En cambio ambas naciones pondrán en vigencia un convenio científico y cultural suscrito por el canciller Enrique Iglesias el pasado 26 de julio en Moscú.

12.9.87 La Hora

01.01

8710068

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: URSS REALIZA EXPERIMENTOS MILITARES EN BASES ESPECIALES.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 22/7/87.

ARCHIVADO EN: DESARME (022)

01.01

8710075

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: OPTIMISMO DE GORBACHOV. SOBRE DESARME.

PROCEDENCIA: LA PRENSA 18/8/87.

ARCHIVADO EN: DESARME (022)

01.01

8710080

URSS
Israel

026

La Nación 19/8/87

Acuerdo soviético-israelí

JERUSALEN, 18 (AP).– Israel y la Unión Soviética acordaron establecer un "canal directo de comunicaciones" como eventual paso para quebrar el estancamiento en sus relaciones diplomáticas que dura ya veinte años, dijo hoy Nimrod Novick, principal ayudante del ministro de Relaciones Exteriores, Shimon Peres.

El anuncio sigue a una reunión de dos horas efectuada en Bonn entre el funcionario israelí y Vladimir Terasov, experto soviético en cuestiones de Levante.

"Los soviéticos nos dijeron que proyectan abrir un canal directo de comunicaciones entre nuestros dos países", declaró a la radio.

"Es la aplicación de un propósito que expresaron antes, iniciar un diálogo político con nosotros", añadió.

No dio detalles pero un funcionario de la Cancillería israelí que pidió reserva de su nombre dijo que la medida entraña el "establecimiento de contactos intensivos y rutinarios".

01.01

8710082

INFORMACION INTERNACIONAL

Los soviéticos llevan la delantera en la investigación espacial

El pasado 24 de abril, a más de 200 millas de la Tierra, había un drama de vida o muerte del tipo que cautiva a los norteamericanos, que les ha dado héroes y les ayuda a tejer los sueños de sus hijos.

Pero éste era un espectáculo soviético.

Unos días antes un observatorio espacial —Kvant— quedó fuera de control al pasar la estación soviética Mir, dando lugar a temores de posible colisión. Ahora, en el segundo intento para plegarse al Mir, algo estaba bloqueando a ambas naves, manteniendo al módulo sin nombre a alrededor de una pulgada y media para completar la conexión con el Mir. Los cosmonautas del Mir hicieron una caminata espacial de emergencia para atender la drástica situación. Informaron que había una "obstrucción" dentro del "muelle". Uno de los cosmonautas arriesgó su vida al introducir su mano dentro del espacio entre la nave y el lado cilíndrico del puerto. Triunfante, quitó lo que resultó ser una bolsa de plástico, posiblemente dejada allí por un técnico terrestre.

Finalmente, se consiguió una conexión perfecta.

El 20 de julio de 1969, Estados Unidos colocó a dos hombres en la Luna, y aseguró haber "ganado" la carrera espacial, 18 años después —y a 30 años de comenzada la era espacial— es la Unión Soviética la que reina en el virtuoso espacio del planeta.

Con una regularidad impresionante, los soviéticos envían cohetes hacia el cielo desde las bases de lanzamiento cerca de Plestesk, unos pocos cientos de millas al norte de Moscú, y desde el cosmódromo de Baikonur en las estepas de Asia Central. Lanzan alrededor de dos cohetes por semana, con clima helado o caluroso, y hace poco, lanzaron dos en 15 minutos.

Más qué abastecerse de los caprichos de la naturaleza o de la tecnología exótica, parece que los soviéticos siguen los imperativos de un ritmo burocrático, según expresó Nicholas Johnson, un experto norteamericano del programa espacial soviético. Un tercio de todos los lanzamientos soviéticos ocurren los miércoles, rara vez los lunes o los sábados, y "nunca los domingos", dijo. "El AFL-CIO (la central sindical estadounidense) no podría pedir mejor programación".

En 1986, 103 misiones de todas las naciones alcanzaron la órbita de la Tierra, y los soviéticos registraron 91 de ellas, expresó Johnson.

Los soviéticos son los primeros en muchas cosas. Han transferido equipos de personal de una estación espacial a otra, han roto récords como el de la duración de un vuelo espacial, han realizado estudios pioneros —como por ejemplo aquellos sobre los efectos de la ingravidez— y han sustentado generalmente una furiosa marcha de conexiones y desconexiones en el espacio, en la reparación y reabastecimiento de naves espaciales, han realizado sorprendentes caminatas en el espacio e inaugurado vehículos de lanzamiento, incluso uno más grande del que Estados Unidos pueda tener en años.

Los soviéticos han mostrado caprichosos signos de apertura en sus actividades espaciales al mundo y, con éxito creciente, están consiguiendo la participación de muchas naciones occidentales.

■ La tecnología

Muchos están de acuerdo en que la tecnología espacial soviética no alcanza a Estados Unidos en términos de sofisticación —en circuitos microeléctricos, por ejemplo, en la "elegancia" de sus sistemas de vuelo espacial.

No obstante, el programa espacial de "baja tecnología" soviético es más resistente que el estadounidense. Han sobrepasado a Estados Unidos en experiencia en varios frentes espaciales, y tienen confianza para hacerlo en otros, según expresaron varios expertos espaciales.

Los soviéticos resaltan además porque las bases de lanzamiento occidentales han entrado en un silencio, con raras excepciones, desde el desastre del Challenger en enero del año pasado y otros varios fracasos en lanzamientos de cohetes.

Pero las diferencias son el resultado de las contrastantes políticas aplicadas por los líderes de las dos superpotencias en el curso de las últimas dos décadas. Los líderes norteamericanos, enfrentados a un escaso presupuesto, han tenido otras prioridades. En la Unión Soviética, la conquista humana del espacio retiene su vieja, y políticamente explotable magia, y la investigación espacial cuenta con grandes recursos económicos. Los soviéticos han sido lentos y perseverantes, Estados Unidos ha sido ostentoso y poco constante.

(DPA- del The Washington Post - Especial para Bie-

Niegan que Gorbachev se encuentre enfermo

Moscú, 22 (UP) — El líder soviético Mikhail Gorbachev no está enfermo y goza "de excelente" salud, declaró hoy un portavoz de la Cancillería soviética, quien agregó que el secretario general del partido Comunista continúa de vacaciones.

El diario germano occidental "Das Bild" afirmó ayer que Gorbachev había sufrido una "seria intoxicación" y sugirió que podría haber sido causada por un complot para asesinarlo.

Gorbachev no ha sido visto en público desde el seis de agosto, y en una conferencia de prensa celebrada hoy los periodistas le preguntaron tres veces al portavoz de la Cancillería, Boris Pyadyshev sobre la salud y el paradero del líder soviético.

En cada una de las tres oportunidades, Pyadyshev señaló que Gorbachev estaba de vacaciones y en una de ellas dijo que las autoridades soviéticas no anuncian cuándo salen de vacaciones ni cuándo tienen planeado regresar.

"Quiero informarles nuevamente que el secretario general está de vacaciones y que goza de excelente salud", indicó Pyadyshev en su respuesta final sobre Gorbachev.

Cuando le preguntaron que tiempo estaría de vacaciones, respondió: "El secretario general está de vacaciones y regresará según él lo planeó".

"No acostumbramos anunciar por anticipado su regreso a Moscú", añadió.

A pesar de no aparecer en público, Gorbachev aparece continuamente en la prensa. El jueves pasado, la agencia TASS, "Izvestia" y "Pravda" publicaron un artículo del líder soviético en el que instó a fortalecer a las Naciones Unidas como próximo paso para mejorar la seguridad internacional.

En el artículo, Gorbachev expresó que este año debía quedar completo un tratado para eliminar los misiles nucleares de alcance corto e intermedio de las superpotencias y que éste sería seguido, posiblemente, por otro acuerdo a comienzos del año entrante para reducir los arsenales nucleares de largo alcance en un 50 por ciento.

Se estima que Gorbachev visitará Wáshington para firmar el tratado.

La Prensa 23.9.87

01.01

871 0125

URSS

026

La Havana 7/10/87

Lo anunció Canciller ruso

"Judíos podrá[illegible] sa[illegible]r en futuro próx[illegible]mo"

En mi país no existen prisioneros polí[illegible]s y los [illegible].000 judíos que allí se encuentran, que p[illegible] sali[illegible] un futuro muy próximo, no pueden obte[illegible] la visa [illegible]rque conocen secretos de Estado. Tal la [illegible]rmac[illegible] que Gabriel Baum, representante de la [illegible]ación [illegible]venil Sionista del Uruguay, asegura ha[illegible] recib[illegible] del Canciller de la Unión Soviética, Edu[illegible] Sheva[illegible]dze, quien como es sabido se encuentra de [illegible]sita en nuestro país.

Según manifestó a La Mañana Baum el diálogo tuvo lugar frente a la Embajada de la U.R.S.S. donde un grupo de sionistas realizaba una manifestación pidiendo por la "liberación de nuestros herm[illegible]anos judíos que están en la Unión Soviética".

Nuestro entrevistado dijo que u[illegible] vez que el auto que transportaba al diplomático llegó [illegible]ente a la Embajada, Shevardnadze se encaminó hacia los [illegible]anifestantes.

"En ese momento -dijo Baum- [illegible]e dirigí al Canciller señalándole que estábamos allí c[illegible]entrado para solicitar que los 400.000 hermanos ju[illegible]s que [illegible] encuentran en la URSS tengan la posibilidad [illegible] emigr[illegible] libremente al lugar que ellos escojan".

El Canciller soviético, según af[illegible]a Baum le respondió lo siguiente: "Querido am[illegible], para mí es un verdadero gusto poder estar ha[illegible] [illegible]. Quiero aclararte que en la Unión Soviét[illegible] no exist[illegible]n prisioneros políticos de ningún tipo y l[illegible] judíos que allí se encuentran podrán salir en un futur[illegible] muy pró[illegible]mo".

Luego Baum le indicó a Shevard[illegible]adze que "vemos con beneplácito el proceso que se vien[illegible] dand[illegible] en su país. Recordamos todos con satisfacción la liberación de los líderes judíos Begin, Sharansky, y la reciente liberación de Ida Nudel".

"Entonces -dijo Baum- le preg[illegible] [illegible] tiempo podremos ver a nuestros herman[illegible] fuera [illegible] la Unión Soviética".

NO HAY PRES[illegible]S POLITICOS

"El Canciller -asegura el joven sionista- me dijo que 'quiero insistir en recalcar que e[illegible] mi país no existen presos políticos, y que los judíos [illegible]e allí se encuentran no pueden obtener la visa de sali[illegible] por co[illegible]cer secretos de Estado".

Baum le interrogó entonces re[illegible]to a s[illegible] los 400.000 judíos conocían secretos de Estad[illegible] a lo qu[illegible] el Canciller le respondió que "así es, pero sin [illegible]juicio [illegible] ello, se les permitirá emigrar, si quieren, en un [illegible]uro muy próximo".

Posteriormente Baum le expresó su [illegible]eseo de que "se siga cumpliendo el proceso que Ud. [illegible]ciona y que este gesto suyo de acercamiento a hablar [illegible] nosotros sea un fiel reflejo de la nueva política de su gobierno. Le agradezco en nombre de la juventud [illegible]día del Uruguay, esperando que sus palabras se convier[illegible] en hech[illegible]".

PARTES ILEGIBLE

01.01

8710141.

113

02P

Encuentros con Gorbachov

El miércoles se confirman las invitaciones

URSS

Quedarían confirmadas el próximo miércoles las invitaciones de Sanguinetti a Gorbachov y de éste al Jefe de Estado de nuestro país, para próximas visitas a Uruguay y la Unión Soviética, respectivamente, tras el arribo a nuestro país mañana lunes, del Canciller soviético Eduard Shevasrdnadze.

Mientras tanto, el próximo miércoles, a la hora 10.05, los Cancilleres Iglesias y Shevardnadze, firmarán un comunicado conjunto, en el que expresarán su intención de continuar analizando mecanismos de cooperación en el campo de la pesca y en especial lo relativo a la utilización de puertos uruguayos, a la conservación y uso racional de recursos vivos marítimos, a las investigaciones científicas, a las inversiones empresariales, todo ello basado en principios de mutuo beneficio y cooperación, en consonancia con las legislaciones vigentes en ambos paises y en los principios generales del derecho internacional en la materia.

Los Ministros coincidirán en otorgar una gran importancia al tema del fortalecimiento y diversificación del intercambio comercial, al constatar las dificultades objetivas del momento actual en esta esfera.

Las partes, entre tanto, expresarán su aspiración de aprovechar más plenamente las posibilidades existentes, buscar nuevos rubros y formas promisorias de colaboración, de acuerdo con sus prioridades del desarrollo económico y social.

Los Cancilleres acordarán la necesidad de la adopción de medidas adicionales, para el perfeccionamiento de la estructura del intercambio comercial y su diversificación, incluso haciendo más activos los esfuerzos con el fin de estudiar las posibilidades de concertar un acuerdo de suministros mutuos de mercancías y aumentar la eficacia del acuerdo de 1984 sobre suministros al Uruguay de máquinas y equipos soviéticos, así como para el desarrollo de nuevas formas de colaboración económica. Convendrán ambas partes en la importancia dada a los avances de la Ronda Uruguay del GATT, en pos de una mayor liberalización del comercio internacional y el fortalecimiento del multilateralismo.

Por otra parte, los Ministros Iglesias y Shevardnadze, se definirían partidarios de la convocatoria en 1988, de un Periodo Especial de Sesiones de la Asamblea General de las Naciones Unidas, para tratar el tema del desarme, subrayándose asimismo la necesidad de la más rápida conclusión de un acuerdo internacional sobre la prohibición y liquidación de las armas químicas.

Los Ministros manifestarán, también, su firme adhesión a las normas del Derecho Internacional, a los principios básicos de la convivencia internacional, tales como la igualdad soberana de los Estados, la solución pacífica de las controversias y la prohibición del uso o amenaza de la fuerza, como también la observancia de los tratados [illegible] internacionales.

La Mañana 5/10/87

01.01

8710164

Iglesias lo recibe en el aeropuerto

Canciller soviético se entrevista con Sanguinetti

Hoy, a las 11 horas, arribará a nuestra capital el Ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze, quien mantendrá una audiencia a las 17 horas con el Presidente de la República, Dr. Julio María Sanguinetti.

El alto funcionario soviético será recibido en el Aeropuerto Internacional de Carrasco por el Canciller Enrique Iglesias [illegible] ras del mediodía mantendrá su primera reunión.

Poco después de su arribo, Shevardnadze se dirigirá a la residencia de la Embajada de la URSS, tras lo cual se trasladará al hotel Victoria Plaza, donde se alojará durante sus tres días de permanencia en nuestra capital.

ENTREVISTA CON SANGUINETTI

[illegible] con su actividad en Montevideo, el Canciller soviético rendirá un homenaje al General José Artigas, al pie de cuyo monumento depositará una ofrenda floral.

Finalizada la ceremonia, asistirá al almuerzo que ofrecerá en su honor el Canciller Iglesias, en el curso del cual se realizará un intercambio de obsequios.

Sobre las 17 horas, el Presidente de la República recibirá al visitante en el edificio Libertad. En la oportunidad, se conversará en torno a la marcha de las relaciones bilaterales entre ambos países y a la posibilidad de incrementar el flujo comercial.

Posteriormente, el jefe de la diplomacia soviética se dirigirá a la sede de la embajada de su país, donde a las 19.30 horas se ofrecerá una recepción en honor a las autoridades uruguayas.

147

024

Shamir no agradecerá gesto de Moscú

Disidente judía autorizada a abandonar la URSS

JERUSALEN (ANSA, EFE y UPI).- En contra de la opinión de Simón Peres, el primer ministro Isaac Shamir no tiene intenciones de agradecer al Gobierno soviético por la autorización concedida a la disidente Ida Nudel para emigrar a Israel.

Según la radio estatal de Israel, Peres, ministro de Relaciones Exteriores, propuso ayer al Gabinete de Unidad Nacional agradecer el gesto a las autoridades de Moscú.

Ida Nudel fue autorizada, después de 16 años de gestiones, a abandonar la Unión Soviética, donde fue un símbolo del movimiento nacionalista judío y ángel guardián de los militantes presos, los prisioneros de Sión.

Peres informó al Consejo de Ministros que su colega soviético Eduard Shevardnadze, con quien se reunió hace más de una semana en Nueva York, le prometió que la URSS no pondrá obstáculos a los judíos que deseen emigrar.

Peres afirmó que esto indica un cambio importante en la política migratoria de la URSS. Shevardnadze le dijo que el Gobierno soviético quiere que los emigrantes abandonen el país con un sentimiento agradable, informó la emisora estatal.

Fuentes israelíes suponían ayer en Jerusalén que en vísperas de las conversaciones que celebrarán, este mes en Moscú, Shevardnadze y el secretario de Estado norteamericano, George Shultz, numerosos militantes judíos podrán emigrar a Israel.

10.000 INTERESADOS

Según la emisora, cerca de 10.000 miembros de la comunidad israelita de la URSS, con cerca de dos millones, esperan desde hace varios años la autorización para emigrar, que les fue rechazada en distintas ocasiones.

Shamir, al felicitar a Ida Nudel por la autorización que recibió el viernes, afirmó que no descansaremos hasta que el último de los judíos que desea emigrar de la Unión Soviética, pueda hacerlo.

Los activistas israelíes por el judaísmo soviético anunciaron que si ahora dejan en libertad a los disidentes más famosos, lucharemos por el principio de la libre emigración para todos los judíos que aspiran a salir de la URSS.

Según medios del Gobierno israelí, 400.000 judíos, un 25 por ciento de la comunidad soviética, desean abandonar la Unión Soviética.

Nudel, que a sus 56 años reside en un pueblo de Moldavia, anunció esta mañana por teléfono que confía en llegar a Israel, donde vive su hermana Ilana Fridman, dentro de 3 o 4 semanas.

La Mañana 5/10/87

01.01

8710173

Las reformas soviéticas

Informaciones provenientes de fuentes occidentales han alertado acerca de las posibles consecuencias negativas que podrían derivarse del plan de reformas económicas puesto en marcha por la actual conducción gubernativa de la Unión Soviética. En un documento presentado al Congreso de los Estados Unidos, se señala que los esfuerzos para dar a la economía rusa una mayor participación en el mercado y una más amplia descentralización, podrían conducir al estancamiento, con un magro crecimiento anual inferior al dos por ciento, por todo el resto de la década. Se agrega que una desaceleración de ese tipo, complementada con una más rigurosa ética del trabajo y el reforzamiento de la disciplina, preconizados por el propio inspirador de las reformas, Mikhail Gorbachev, podrían llevar asimismo a una extendida resistencia de la población.

Precisamente, sobre este último punto, tuvimos ya ocasión de comentar una inusitada huelga de conductores de vehículos afectados al servicio público del trasporte, en una ciudad cercana a Moscú, como exteriorización de su protesta por el cambio de sistema salarial que la decisión aperturista había impuesto. A estas expresiones de disconformidad podría adicionarse la rígida oposición que se aguarda de la inmensa y esclerotizada burocracia del Kremlin, que teme –acaso con razón– que la renovación que se postula, disminuya o elimine sus tradicionales privilegios. El conjunto de estos factores hace que algunos observadores y analistas de la realidad soviética, consideran como una eventual hipótesis alternativa que al actual máximo dirigente moscovita le esté reservada una suerte parecida a la de su antecesor Nikita Khrushchev, a quien el intento de pretender modificar la estructura del Estado le costó su eliminación definitiva de la vida pública.

No cabe duda de que las circunstancias de tiempo fueron distintas en un caso y otro, y el ámbito y modo en que se desenvolvían los acontecimientos también eran muy diferentes. Ello obliga a guardar conveniente reserva sobre las aludidas equiparaciones, que acaso comportarían una generalización sin fundamento suficiente.

Es lógico y natural que todo proyecto reformista produzca disconformidades y descontento en determinados sectores, particularmente en aquellos que se ven directamente afectados por él. Se trata, en principio, de un hecho inevitable con el que hay que contar, y en todo caso asumirlo. Pero más grave que esa previsible cuota de resistencia lo es el conjunto de pronósticos sobre el acusado descenso –o cuando menos, lamentable estancamiento– de la producción económica. Esto, a nuestro juicio, se debe principalmente a la timidez, cortedad y retaceo en los cambios, tanto en el aspecto económico como en el político, que se han llevado a cabo, y aun en los que todavía se hallan en estado de elaboración.

Sin dejar de reconocer la probable buena fe y empeñosa voluntad de quien los inspira, no puede esperarse una mejora sustancial, de meras y simples, y en cualquier caso graduales, modificaciones aisladas. Lo que se requiere es una trasformación profunda e integral del Estado soviético, que hasta ahora dista mucho de haberse producido. No puede haber posibilidad ninguna de coexistencia, entre un sistema esencialmente totalitario, con el que genera un vacilante acoplamiento de flecos y andrajos de libertad. Esta será siempre excluyente de aquél, y nunca su complemento.

La Prensa 24/9/87

01 | 01

871 0214

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Ejemplar Nro.

Pedido de Informe Nro.

Asunto:

TEXTO:

EE.UU. protesta ante la URSS

• *Relación EE.UU.-URSS:* Los Estados Unidos habrían presentado una queja a la URSS, hace una semana, en el sentido de que si no cumplen los acuerdos de largo plazo, no serán elegibles en el futuro para el programa de exportaciones PIK. La Unión Soviética debe comprar 800.000 tn. de granos, y 430.000 tn. de porotos o harina. Lógicamente, con esto comenzó el rumor de que la URSS habría comenzado las compras para cumplir con el acuerdo.

• *Producción en la Unión Soviética:* El USDA pronosticó la producción en la URSS de trigo para el 87/88 en 78,5 millones de toneladas, versus igual cantidad del mes anterior, mientras que las importaciones de este cereal fueron calculadas en 17,0 millones de tn, vs 19,0 millones del mes pasado.

En cuanto a las compras de granos gruesos, se estimó que en el período 87/88, llegarán a 10,0 millones de tn. frente a los 11 millones de toneladas calculados en agosto.

• *Rusia. Fijación de precios:* En un artículo en un periódico ruso aparecido recientemente, el jefe de la comisión de Estado para la fijación de precios, indicó que de no producirse modificaciones en el actual sistema, las reformas propuestas por Gorbachov irían al fracaso. Esto en la práctica implicaría un alza en los precios de los comestibles al consumidor. Las distorsiones son tan grandes, que actualmente el público puede comprar en un negocio oficial 2,5 Kg. de carne por el mismo precio que el Estado está pagando por 1 Kg.

Los subsidios en la agricultura se han cuadruplicado desde 1955, mientras que los precios minoristas casi no han variado. En este momento el Estado paga 1,8 veces más que el consumidor por la leche; 1,9 por papas y cerdo; 2,5 por la manteca y 3,1 por la carne.

• *Brasil. Siembra de soja:* La revista "Safras y Mercados" plantea que el área sembrándose con poroto de soja alcanzará las 9,7-10 millones de hectáreas. Comparada con la siembra del '86 que fue de 9,2 millones de ha, esto sugiere una producción del orden de 17,9-19 mill/tn de poroto de soja. El record de la campaña 85/86 fue de 18,3 mill/tn. Por otra parte, nuevamente este año, se están dejando tierras de maíz y arroz para poroto de soja. Esto se puede deber a que el productor sufrió demoras en cobrar del gobierno el arroz y el maíz, cosa que no le ocurre cuando vende la soja a los exportadores o industriales.

01 | 01

871 0229

026

URSS eliminará armas químicas; lista la planta de destrucción

Moscú (PL). Los representantes de los Estados participantes en la conferencia ginebrina para el desarme serán los primeros extranjeros en conocer una planta soviética para la destrucción de armas químicas.

Los próximos días 3 y 4 se efectuará el recorrido por esas instalaciones, en el que participará un reducido grupo de corresponsales extranjeros, incluido uno de Prensa Latina.

De ese modo, PL podrá informar desde Shijani, región de Saratov, en la federación rusa, los pormenores de esa visita, que comprenderá primero una demostración de armas químicas y después el procedimiento para su liquidación.

Este paso, además de constituir la tercera acción de apertura de la URSS en cuestiones militares en menos de un mes, demostrará que es posible liquidar el arma biológica y que por ello la firma de una convención internacional prohibiéndola es alcanzable.

Las autoridades de la URSS trabajaron intensamente para coadyuvar al logro de ese acuerdo y el secretario general del Partido Comunista de la Unión Soviética, Mijail Gorbachov, se refirió recientemente a la proximidad de su firma como un importante aporte al incremento de la confianza entre los Estados, la distensión y la seguridad en Europa.

También facilitó que un grupo de congresistas y científicos de Estados Unidos visitara la Estación de Radiolocalización (ERL) de Krasnoyarsk, con lo que se comprobó que, contrariamente a lo que afirman las autoridades de Washington, se trata de una obra en construcción que no viola el Tratado de Defensa Antimisil (DAM).

Los próximos días 3 y 4 de octubre, tendremos la posibilidad de apreciar este nuevo paso de buena voluntad de Moscú.

PROXIMO RECORRIDO DE GORBACHOV POR EL NORTE

Contrariamente a las versiones que cierta prensa occidental hizo circular sobre el estado de salud del líder soviético Mijail Gorbachov, crecen rumores aquí de que en los próximos días visitará el noroeste del país.

Específicamente se comenta en círculos moscovitas que el Secretario General del Partido Comunista de la Unión Soviética, tras finalizar sus vacaciones reglamentarias, entre el lunes y el martes visitará la ciudad de Murmansk, en el círculo polar ártico. Casi dos mil kilómetros al noroeste de Moscú.



El líder soviético Mijail Gorbachov.

De confirmarse esa versión, Gorbachov participará en una reunión solemne en la que se condecorará a esa ciudad por el heroísmo mostrado durante la segunda guerra mundial.

Antenoche, la televisión ofreció un pequeño reportaje sobre Murmansk y narró algunos de los episodios de la resistencia de sus habitantes a la agresión fascista.

01.01 871 0265

SI CHASE URSS

026

URSS: dan visas a judíos

MOSCÚ [illegible] — Un grupo de judíos que espera desde hace largos años abandonar la Unión Soviética fue informado hoy oficialmente que pronto recibirá las visas de salida, dijo el disidente Josef Begun.

Begun, quien fue liberado a comienzos de este año de la prisión de Chistopol por un perdón otorgado por el Kremlin, afirmó que la OVIR, la autoridad que emite las visas, le había dicho que podría ir a Israel luego de 16 años de espera.

Otros "refuschiks", personas a quienes se negó el permiso para emigrar, incluyen a Viktor Brailovsky y su familia, Semyon Yantovski y Lev Sud, señaló.

Begun expresó que la OVIR le había dicho que comenzara a llenar los papeles para él, su esposa Inna y su madre Dveira, pero que la oficina aún no le había otorgado el permiso para que emigraran su hijo Boris y su familia.

"Aún tenemos un largo proceso por delante", manifestó Begun, refiriéndose a los varios documentos que un ciudadano soviético debe reunir antes de poder obtener un pasaporte para el exterior.

"Por supuesto, estoy muy feliz. No puedo esconder esto", sostuvo. "Pero el hecho de que unos pocos casos fueran seleccionados no significa que haya quedado resuelta la cuestión de la emigración judía como un todo".

Begun, de 54 años, fue sentenciado en 1983 a siete años en un campo de trabajo y cinco de exilio interno por sus actividades contra el estado. En el momento en que le otorgaron el perdón, se hallaba en Chistopol.

Pidió emigrar por primera vez a Israel en 1971 y se hizo famoso en Occidente por sus esfuerzos para incentivar la enseñanza extraoficial del hebreo en la Unión Soviética.

Begun no fue inmediatamente incluido en la lista de perdonados —por la que 180 disidentes fueron liberados este año— porque se rehusó a prometer que no reanudaría sus actividades disidentes.

Clarín 8/9/87

18628

01.01

8710298

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Los Compromisos con Shevardnadze.

PROCEDENCIA : La Prensa 8/10/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01.01

871 0323

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informes Nro. | Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

La URSS necesitará más soja

• *Importaciones de la Unión Soviética: Según Oil World, este país importará este año aproximadamente 1,6 mill/tn de poroto de soja, versus 1 millón del año pasado. Esto se debería a las menores cosechas de girasol y semilla de algodón que dejaría ociosa la capacidad de molienda, obligando a mayores importaciones. Con relación al aceite, se estima que éstas se incrementarían en 130.000 toneladas, ya que la cosecha de girasol no sólo sería unas 700.000 tn menor, sino que el contenido de aceite también bajaría.*

• *Transporte para la URSS: Según rumores que circulan en el mercado de fletes, este país estaría buscando vapores de 35 - 60.000 toneladas para embarcar granos del Golfo para el Mar Negro o el Báltico, en noviembre o diciembre.*

Por otro lado, algunas fuentes europeas afirman que los soviéticos pueden estar haciendo toma de vapores para los próximos 6 meses, y que también puede responder a muchas de las compras que ya han efectuado, como los 3-4 millones de toneladas de trigo de alta calidad adquirido a Canadá.

01.01

871 0328

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

026

Pedido de Informes Nro.	Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

Arribó misión de la URSS

El viceministro de Comercio Exterior de la Unión Soviética, Vladimir Pavlov, arribó ayer al país al frente de una misión de 15 funcionarios para participar en una nueva ronda de conversaciones de la comisión binacional que estudia mecanismos para intensificar el intercambio y la cooperación económica.

Pavlov, que no formuló declaraciones al arribar a Buenos Aires, fue recibido por el secretario de Industria y Comercio Exterior, Juan Ciminari.

La misión soviética llegó al país con el objeto de celebrar la décima reunión ordinaria de la comisión mixta argentino-soviética, donde se tratará el tema de las relaciones bilaterales, comerciales, económicas y científico-técnicas.

La delegación encabezada por Pavlov buscará sellar los principios de acuerdo alcanzados entre los gobiernos de ambas naciones y que fueron esbozados a fines de setiembre durante la visita al país del canciller de la URSS, Edouard Shevardnadze.

La Argentina y la Unión Soviética cuentan con una comisión mixta, que se reúne alternativamente en Buenos Aires y en Moscú, para proponer proyectos destinados a diversificar e incrementar el intercambio comercial y económico, que en los últimos cuatro años experimentó una abrupta caída de 200 millones de dólares.

En la misión que encabeza el viceministro de Comercio Exterior de la URSS están presentes el jefe de Relaciones Internacionales del Comité Estatal de Relaciones Económicas y el secretario de la Comisión Mixta Soviética-Argentina de Colaboración Económica y Científico-Técnica.

Entre los puntos que analizará la Comisión Mixta se encuentra el cumplimiento del convenio de suministro de productos agropecuarios argentinos

Clarín 20/10/87

01.01

8710329

La Nación 21/10/87

Próxima Cumbre sería el inicio, señaló Gorbachov

Podría haber eliminación progresiva en desarme

El próximo encuentro en la cumbre con el presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan, puede ser el comienzo de una reacción en cadena del proceso de paz que permita la eliminación progresiva de las armas nucleares, afirmó ayer el máximo dirigente de la Unión Soviética.



MURMANSK, Unión Soviética.- El líder soviético Mijail Gorbachov, acompañado por su esposa Raisa, conversa con estudiantes del Colegio de Navegación de Murmansk, durante su gira por la región Norte del país. (Radiofoto Reuter).

MOSCU (EFE, ANSA y UPI).- El jefe del Kremlin, Mijail Gorbachov, pronunció ayer un largo discurso de casi dos horas de duración en Murmansk, extremo norte de la URSS en la frontera con Finlandia, y concedió a esta ciudad la orden de Lenin y el título de ciudad heroica, por su comportamiento durante la Segunda Guerra Mundial.

En su reaparición en público después de cincuenta y tres días de ausencia del primer plano de la actualidad, Gorbachov pronunció un discurso dirigido especialmente al pueblo soviético, en el que insistió en la importancia de la economía dentro del proceso de reestructuración (perestroika) en curso en la URSS.

Sobre la situación internacional, el secretario general del Partido Comunista de la URSS dijo que el acuerdo logrado para la eliminación de los misiles de medio y corto alcance constituye un paso de extraordinaria importancia.

Aunque la situación se mantiene complicada -agregó- los hechos han venido a demostrar que la cumbre de Reikiavik constituyó el punto de no retorno en el proceso de entendimiento con Estados Unidos.

Segun Gorbachov, el potencial acumulado en Reikiavik todavía no se ha agotado, y asistimos ahora a signos esperanzadores en la posible firma de una acuerdo para poner fin a los ensayos atómicos.

Después de la próxima supresión de los misiles de alcance medio de Europa, las perspectivas apuntan a las armas estratégicas nucleares y a los intentos para impedir la militarización del espacio, dijo el máximo dirigente soviético.

En otro orden, Gorbachov insistió en que la economía es el eje principal de las reformas en curso, ya que los cambios en profundidad dependen sobre todo de la mejora del nivel de vida de la población.

Afirmó que se observan ya en la URSS cambios positivos en el clima social, mientras que los ingresos globales de la población crecieron en los últimos dos años en unos 16.000 millones de rublos (22.000 millones de dólares).

Según Gorbachov, también aumentó la producción de los bienes de alimentación y el Estado autorizó la construcción de seis millones y medio más de metros cuadrados de viviendas en los seis primeros meses de este año, en comparación con el mismo periodo de 1986.

El líder soviético aseguró que el Estado está preparado para proceder a un fuerto aumento de las inversiones en los servicios de sanidad y de educación y anunció que la venta de alcohol disminuyó en 10.000 millones de rublos (15.000 millones de dólares) durante el año pasado.

Gorbachov insistió en que la URSS podría doblar su producción global si se implantan métodos de gestión correctos y eficaces, al tiempo que hizo un llamamiento para que se fortalezca la disciplina laboral y el sentido de responsabilidad en el trabajo.

Durante su visita a Murmansk, Gorbachov subió a bordo del rompehielos atómico Rossia, que desde hace año y medio presta servicio para abrir las rutas polares al paso de la navegación comercial y militar.

VR/

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: LA EXTRAÑA VISITA DE Shevardnadze.

PROCEDENCIA: LA PRENSA 25/9/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01.01

8710349

URSS
encuentro con EE.UU

"Pravda" explica posición del Premier

El encuentro entre Shultz y Gorbachov tuvo momentos tensos

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El órgano central del Partido Comunista de la URSS, el diario Pravda, achacó ayer la negativa de Mijail Gorbachov de viajar a Washington a la introducción de medidas complementarias para encontrar soluciones que satisfagan a ambos países.

Las cinco horas de diálogo entre el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, y el Secretario de Estado norteamericano, George Shultz, el pasado viernes en Moscú, fue el acto político más destacado mundialmente en la última semana, aseguró el diario soviético.

El órgano central del Partido Comunista de la URSS dedicó un amplio artículo al encuentro Shultz-Gorbachov, en el que reconoce que el diálogo no estuvo exento de situaciones tensas, al tiempo que intenta dar una imagen positiva del mismo.

El diario se refirió a la negativa de Gorbachov de mantener una cumbre al máximo nivel con el Presidente estadounidense, Ronald Reagan, antes de finales de año, asegurando que el líder soviético realizó una serie de propuestas concretas dirigidas a encontrar soluciones que satisfagan a ambas partes.

Gorbachov condiciona su viaje a Washington a la inclusión de un preacuerdo con el Presidente Reagan sobre armas estratégicas y espaciales, para luego firmar el tratado sobre su desmantelamiento en Moscú el año próximo.

Medios diplomáticos occidentales opinan que esta nueva condición de Gorbachov es un intento de forzar la situación para que Estados Unidos renuncie al programa de la guerra de las galaxias.

La Nación 26/10/87

01.01

8710366

URSS

Clarín 20/8/87

Mijail Gorbachov hablará en la ONU

Llamó la atención, ayer, la ausencia de Gorbachov en los festejos del 840º aniversario de la fundación de Moscú y los preparativos para conmemorar la Revolución de Octubre. El Senado norteamericano examinará, para su ratificación, los acuerdos de desarme y se estima que puede haber dificultades. Antes de fin de año, al concluir la cumbre Reagan-Gorbachov, el número uno soviético hablará ante la ONU.

NACIONES UNIDAS, MOSCU 19 (Por Don Shannon de "Los Angeles Times", especial para Clarín, y Reuter). — El líder soviético Mijail Gorbachov concurrirá a la Asamblea General de las Naciones Unidas, después de la cumbre con el presidente Reagan, probablemente en el otoño (boreal), aseguró un funcionario de la ONU.

Será el primer mandatario soviético que aparece allí desde que, en 1960, Nikita Kruschev armó un alboroto golpeando con su zapato en el escritorio, durante su discurso en la Asamblea General.

El funcionario, que pidió no ser identificado, dijo que Gorbachov, primero, había pensado hablar en el debate de la Asamblea General que comenzará a partir del lunes y tendrá una duración de tres semanas. En esta reunión estarán también Reagan y otros líderes mundiales.

Según funcionarios de EE.UU., la cumbre Reagan-Gorbachov para acordar la eliminación de misiles de alcance intermedio, tendrá lugar, probablemente, en la segunda quincena de noviembre, lo que incitará a Gorbachov a planificar su presencia en la ONU para esa fecha.

"Estábamos casi convencidos de que Gorbachov vendría", dijo el funcionario, "pero luego del artículo publicado el jueves en el Pravda no nos queda ninguna duda. Allí se propone a las Naciones Unidas como observador del acuerdo de desarme y garante de la paz mundial".

Gorbachov tiene asegurada una aplastante bienvenida en las Naciones Unidas ya que se lo percibe como el iniciador de la propuesta de desarme. Su aparición en el mes de noviembre, sólo, sin competir en la atención de los medios con ningún otro líder mundial, provocará una recepción estelar.

Reagan, comprometido para hablar el lunes en la ONU, deberá compartir el evento con el primer ministro del Japón, Yasuhiro Nakasone, y otros nueve jefes de Estado y ministros extranjeros.

El martes, el presidente iraní, Ali Khamenei, será el centro de atención ya que dará una respuesta de su gobierno con respecto al tema del esfuerzo de paz, propuesto por el Consejo de Seguridad, en la guerra Irán-Irak. En los días siguientes, hasta el 9 de octubre, un desfile del presidente, primeros ministros y personajes importantes —desde el presidente nicaragüense Daniel Ortega hasta el rey de Lesotho, Moseeshoe II — hará uso, también de esta tribuna.

♦ Ausente en los festejos

Gorbachov, por otro lado, estuvo ausente hoy de las ceremonias realizadas en la Plaza Roja para conmemorar los 840 años de la fundación de Moscú y el próximo aniversario de la Revolución bolchevique de 1917.

El alcalde de la capital, Valery Saikin, presidió las ceremonias inaugurales en la Plaza Roja, junto con Boris Yeltsin, líder del Partido Comunista de Moscú y miembro sin voto del gobernante Politburó, en el gran mausoleo de granito rojo en honor a Lenin.

"Para nuestros grandes planes necesitamos paz", enfatizó Saikin, sin mencionar el acuerdo norteamericano-soviético alcanzado ayer en Washington para la eliminación de los proyectiles de alcance medio.

La prensa soviética no realizó comentarios inmediatos sobre el acuerdo que sella el primer tratado para abolir toda una clase de armas desde el comienzo de la era nuclear.

Gorbachov, quien se pronunció con optimismo sobre las perspectivas del control armamentista en un artículo publicado el jueves en el periódico oficial "Pravda", no realizó ninguna aparición pública desde el 7 de agosto, antes del comienzo de sus vacaciones de verano (boreal).

01.01

8710377

HR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: URSS propone actuar conjuntamente para solucionar la crisis. Mensajes entre Gorbachov y Reagan

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 22/7/87

ARCHIVADO EN: CONFLICTO IRAN-IRAK (081)

01.01

8710382

URSS
Argen KGB

OPINION · PERLA 026 · INTERNACIONALES

La KGB y el periodismo soviético

por: S. Ortiz de Larrazábal

La libertad de prensa es un concepto tan ajeno al sistema marxista-leninista de gobierno que cuando es evocado para defender a periodistas soviéticos, hiere las susceptibilidades de los verdaderos periodistas del mundo.

La prensa internacional nos trae noticias de un episodio reciente, sucedido en Venezuela, que una vez más nos hace rememorar los centenares de episodios ya sucedidos en muy distintas partes del globo, la mayoría de los cuales han culminado con la expulsión de los agentes soviéticos y, en no pocos casos, la expulsión del servicio informativo en cuestión.

El caso que nos ocupa sucedió a fines de mayo. Dos ciudadanos soviéticos —Boris Cherbakov, corresponsal jefe de la agencia noticiosa TASS, y Yuri Issaev, de Radio Moscú, recibieron la orden de abandonar el país dentro de las siguientes 72 horas. El organismo de seguridad del estado que les entregó la orden no aclaró las razones, como tampoco lo hizo el ministerio del Interior del cual depende.

Todo parecía ya arreglado al [illegible] la prensa; cualquiera que haya sido la fechoría de los agentes soviéticos, estos pronto se irían con su música a otra parte", como se dice en Venezuela.

Sin embargo, la expulsión de Cherbakov e Issaev fue frustrada debido a la pronta intervención de la Asociación de Corresponsales de Agencias Internacionales de Prensa (ACAIP), que protestó enérgicamente, alegando que la decisión venezolana atacaba la "Libertad de Prensa" y particularmente el trabajo de los corresponsales extranjeros".

Esta declaración inaudita viene de un organismo que más bien debería dirigirse a Moscú y no a Venezuela, donde la libertad de prensa es ejemplar para el continente. En cambio, es bien sabido que los corresponsales asignados al Kremlim se enfrentan a cantidad de vicisitudes para cubrir solo parcial y someramente los actos oficiales y aspectos más generales de la vida soviética.

Efectivamente, solo en el año 1986 se registraron toda clase de incidentes con periodistas extranjeros en la Unión Soviética —incluida la encarcelación, la persecución y vigilancia estricta.

Pero volviendo a los periodistas soviéticos, estos lo son de manera fugaz y relativa. Se sabe que todo corresponsal extranjero, al igual que el personal diplomático, es agente del estado soviético. Es pagado por el Kremlim y esta a su servicio. La mayoría en algún momento han servido en la KGB o en el cuerpo diplomático, ya que el personal de estos tres servicios suele intercambiarse a lo largo de los años.

De esta manera, vemos como uno de los comunicadores claves de la nueva política que "Glasnost" o apertura, es Vladimir Posner, quien comenzó su carrera como informante de la KGB. Igualmente, Aleksandr Nikoforovich Aksenov, quien ejerce la presidencia del comité estatal de Radio Televisión. Fue Subjefe de la KGB en Bielorrusia. Otros de los principales comunicadores del estado soviético actual —Cherverikov Ignatenko, etc.— comparten el mismo antecedente de Servicio en la KGB...

Para completar el equipo, tenemos la "estrella": Vitali Yevgennevich Lui, conocido como Víctor Louis notorio agente de la KGB, quien ha viajado por todo el mundo en actividades de desinformación, su especialidad. En el libro de John Barron, titulado "KGB", hay más de una página dedicada a Louis, de quien el autor afirma que puede demostrarse que su tarea consiste en sembrar la confusión, plantar falsedades, traficar con manuscritos fraudulentos y manchar la reputación de intelectuales soviéticos disidentes..."

En fin, he allí buena parte de la plana mayor de los comunicadores soviéticos. Estos son los jefes de los corresponsales que son enviados a nuestros países. No es de extrañar que de vez en cuando se les descubra alguna de sus actividades no consonantes con su función de periodista".

Lo que sí es de extrañar es que estas oportunidades no sean aprovechadas por la ACAIP y otras organizaciones periodísticas para exigir el cese de los abusos soviéticos al gremio, tanto en su comportamiento en la URSS contra los corresponsales extranjeros como por la osadía de burlarse del periodismo, haciendo fungir de profesionales a quienes tienen otras "funciones" expresas del estado que representan.

"El Universal"
Caracas-Venezuela



01.01

87.1.0388

Shevardnadze buscará en Brasil adhesión al desarme

Se reunirá hoy con el presidente José Sarney y el miércoles llegará a la Argentina

BRASILIA, 27 (EFE). – La Unión Soviética intentará conseguir en Brasil un aliado en Occidente para dar mayor vigor a su política de desarme mundial, en la visita oficial que iniciará aquí mañana su ministro de Relaciones Exteriores, Eduard Shevardnadze, que se reunirá con el presidente José Sarney y con dirigentes políticos.

Shevardnadze viene al Brasil con una carpeta llena de acuerdos culturales, económicos, comerciales y deportivos a largo plazo, que suscribirá con su colega brasileño, Roberto de Abreu Sodré, pero, sobre todo, a conseguir adhesión para la política soviética de distensión armamentista.

Glasnost y ofensiva

Con ese objetivo, la política exterior de la URSS, con el advenimiento de la apertura conocida como "glasnost" (transparencia), ha iniciado una ofensiva en América latina para ampliar sus relaciones comerciales y diplomáticas, que serán impulsadas con la visita de Shevardnadze al Brasil, la Argentina y el Uruguay.

Es la primera vez, desde la revolución [illegible] de 1917, que un ministro de Asuntos Exteriores soviético realiza una visita oficial al Brasil, el país más desarrollado de Sudamérica y que históricamente ha mantenido excelentes vínculos diplomáticos y políticos con los Estados Unidos.

Según los voceros diplomáticos consultados, la visita del ministro soviético a los tres países, que comienza en el Brasil, no es casual, sino que forma parte del interés del Kremlin en dar mayor vigor a sus relaciones políticas y ampliar su presencia en el continente.

Esos informes subrayan que Brasil es el punto de avanzada de la URSS en América latina, dada su influencia en la región y el desarrollo económico sostenido que lo ha colocado en una situación hegemónica.



Shevardnadze asiste a un match de fútbol en el Maracaná (AFP)

Futuros contactos

La presencia de Shevardnadze en Brasil servirá también para preparar futuros contactos políticos al más alto nivel en Moscú y Brasilia, con las planeadas visitas de José Sarney, presidente brasileño, y Mikhail Gorbachov, máximo jerarca soviético, en fechas aún no definidas.

Shevardnadze, que llegó al Brasil el último fin de semana, realizó hoy, en medio de un importante equipo de seguridad, paseos turísticos antes de viajar mañana a esta capital e iniciar su visita oficial, que se prolongará hasta el miércoles y que concluirá con la firma de un documento conjunto.

Este documento versará sobre la importancia del desarme mundial y elogiará las iniciativas de las autoridades de Estados Unidos y la Unión Soviética, Ronald Reagan y Mikhail Gorbachov, para disminuir los misiles nucleares, y pondrá énfasis en el establecimiento de una zona de paz en el Atlántico sur, además de propugnar una solución negociada al conflicto centroamericano.

Según voceros diplomáticos acreditados en esta capital, los acuerdos que suscribirán Brasil y la URSS, que serán del tipo que los soviéticos acostumbran aprobar con los países socialistas, englobarán los campos cultural, científico, tecnológico, educativo y deportivo.

Ampliación del intercambio

Otros acuerdos estarán relacionados con la ampliación del intercambio en producción cinematográfica, teatro y televisión, la realización de torneos deportivos brasileño-soviéticos y la aprobación de becas de especialización profesional.

Shevardnadze será recibido mañana por el presidente Sarney en el palacio de gobierno y el martes se entrevistará con las principales autoridades del Congreso Constituyente y con su canciller, Roberto de Abreu Sodré, para convenir los acuerdos y la firma de un comunicado conjunto.

1R

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Moscú admitió que tiene seis buques en el Golfo.

PROCEDENCIA : Clarín 10/9/87

ARCHIVADO EN: Conflicto Iran-Irak (081)

01.01

871.0394

1R

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Un Congreso, Moscú, La "Perestroika" y la Paz.

PROCEDENCIA : La Razón 9/7/87

ARCHIVADO EN: Frentes de Mujeres (032)

01.01

8710396

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Arribaron en Octubre Mujeres de LA URSS.

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 16/9/87

ARCHIVADO EN: Frentes de Mujeres (032)

01.01

8710397



Shevardnadze a Brasil

Brasilia (DPA). Brasil y la Unión Soviética firmarán la próxima semana dos acuerdos calificados de "importantes" por el gobierno local y destinados a aumentar el intercambio bilateral en las áreas de industria, comercio, ciencia y tecnología y cultura.

Los convenios serán firmados el miércoles 30 de setiembre, al final de la visita del ministro soviético de Relaciones Exteriores, Eduard Shevardnadze, a Brasil, en el marco de la gira sudamericana que, a partir del día 30 de setiembre, proseguirá en Argentina.

URSS
CWTROL DESARME

026

Opina analista militar soviético

"IDE", principal obstáculo para lograr un acuerdo

MOSCU, (EFE).- El programa estadounidense de Iniciativa de Defensa Estratégica (IDE) o guerra de las galaxias es el principal obstáculo en el proceso de control de armas en general, y en el de una reducción de las armas estratégicas en particular, afirmó ayer la agencia soviética Tass.

En un comentario firmado por uno de sus analistas militares, Tass señaló que la relación orgánica entre reducciones en las armas ofensivas de largo alcance o estratégicas y la construcción de barreras al despliegue de armas en el espacio y la consolidación del régimen del tratado ABM es totalmente obvia.

El comentarista añadió que una reducción de las armas estratégicas, sin la prohibición de un sistema impredecible en el espacio, sólo podría desestabilizar la situación politicomilitar en el mundo y aumentar considerablemente el peligro de una catástrofe nuclear, debido a un mal funcionamiento en la dirección de batalla y en los sistemas de comunicación.

Tass señaló, por otra parte, que los recientes acontecimientos de Washington han demostrado que existen caminos reales para convertir las armas nucleares en impotentes y obsoletas.

Asimismo agregó que el acuerdo de principio alcanzado ha demostrado que ninguna guerra de las galaxias ni ningún poder tácito en la diplomacia pueden hacer de nuestro planeta un lugar seguro para la gente, lo que sólo puede lograrse mediante decisiones políticas mutuamente aceptables.

El comentarista de Tass afirmó también que un acuerdo sobre armas estratégicas no pudo cerrarse en las conversaciones mantenidas la pasada semana, en Washington, debido a la posición poco constructiva de Estados Unidos, que rechaza someterse estrictamente al régimen del tratado ABM.

El líder soviético, Mijail Gorbachov, afirmó en un reciente artículo, publicado por el diario Pravda, que es posible alcanzar un acuerdo sobre armas estratégicas en el primer semestre del próximo año, para reducirlas en 50 por ciento, si las dos superpotencias cumplen con sus obligaciones, en condiciones de un estricto respeto del tratado ABM.

La Nación 22/9/1987

URSS AFGANISTAN

034

Aviación soviética causó bajas civiles en provincia afgana

ISLAMABAD. — En un ataque de la aviación soviética contra dos poblaciones afganas en la provincia de Paghman, al [illegible]te de Kabul, perdieron la vida 23 civiles y 35 personas resulta[illegible] heridas.

Según se dio a conocer en Islamabad, los ataques de la [illegible]ación soviética causaron un pánico general entre la población [illegible]l, que huyó a refugiarse en las montañas cercanas. Algunos [illegible]caron refugio en la ciudad de Paghman, controlada por tropas [illegible]es al gobierno de Kabul.

[illegible]rriban avión civil

Mientras tanto desde la capital soviética se informó que un [illegible]ión afgano de transporte "AN-26" fue derribado con quince [illegible]sonas a bordo, al ser alcanzado por cohetes antiaéreos de la [illegible]rrilla el domingo día 13, informó esta noche la agencia soviéti[illegible] "Tass".

Según la citada fuente, el aparato realizaba las maniobras de [illegible]oximación para aterrizar en el aeropuerto de Quandaz.

Responsables del aeropuerto señalaron que pudieron oírse [illegible]s explosiones en el aire y una tercera más fuerte poco después, [illegible]s lo cual el avión se estrelló contra el suelo.

En el aparato siniestrado viajaban seis tripulantes y nueve pasajeros. La agencia soviética no menciona la existencia de sobrevivientes.

15/9/87

El Día

01.01

La Mañana

MONTEVIDEO, MIERCOLES 23 DE SETIEMBRE DE 1987

Respaldó desarme desde el inicio

Shevardnadze agradeció apoyo dado por España

NUEVA YORK (ANSA, EFE y UPI).- El Ministro de Asuntos Exteriores de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze, agradeció ayer a su colega español, Francisco Fernández Ordóñez, el apoyo que desde el primer momento brindó España a la opción doble cero en las negociaciones para un acuerdo de desarme.

Unas horas antes, el Ministro español había recibido pruebas similares de gratitud del Secretario norteamericano de Estado, George Shultz.

A raíz del acuerdo para la eliminación de los misiles de medio y corto alcance se recordó varias veces que España fue el primer país de la OTAN que respaldó la idea.

Fernández Ordóñez y Shevardnadze se reunieron durante 45 minutos en Nueva York -donde ambos participan en la 42ª Asamblea General de la ONU- para analizar conjuntamente la situación política internacional y el estado de las relaciones bilaterales.

El Ministro soviético reiteró su propósito de visitar oficialmente España antes de finales de año, aunque su agenda para los próximos meses se ha complicado tras el acuerdo con Estados Unidos y la probable cumbre entre Ronald Reagan y Mijail Gorvachov.

También continúa abierta la posibilidad de que Gorbachov visite España dentro de un año. Fernández Ordóñez afirmó que los preparativos del viaje a Madrid de su colega soviético están muy adelantados y que se aprovechará para firmar varios acuerdos.

Será una visita con mucha materia, comentó Fernández Ordóñez, quien añadió que el encuentro de ayer se centró en las cuestiones internacionales, sobre todo en las negociaciones sobre desarme y la crisis del golfo Pérsico.

Shevardnadze, según dijeron fuentes diplomáticas españolas, anticipó a Fernández Ordóñez algunas ideas sobre las que están trabajando para buscar una solución.

Una sería la convocatoria de una reunión de los cinco países miembro permanentes del Consejo de Seguridad de la ONU y otra la creación de una comisión para que siguiendo las exigencias de Irán estudie y determine quién fue el agresor.

EXITO

Por su parte, el portavoz oficial del Kremlin, Boris Piadishev, aseguró ayer que el acuerdo previo de desarme atómico alcanzado en Washington es el mayor éxito práctico de la reorganización de la política exterior de la Unión Soviética.

El funcionario soviético afirmó, en rueda de prensa, que la mayoría de los países de la Organización del Tratado del Atlántico Norte (OTAN) manifestó una actitud favorable al acuerdo de principio alcanzado por el Ministro de Asuntos Exteriores de la URSS, Eduard Shevardnadze, y el Secretario de Estado estadounidense, George Shultz, sobre desarme nuclear.

Para lograr la firma del acuerdo sobre el desmantelamiento de los misiles de medio y corto alcance hay que concluir en un mes los últimos detalles del proceso y luego ver los resultados de las conversaciones entre Shevardnadze y Shultz, a finales de octubre en Moscú, dijo Piadishev.

Añadió que esto podría ser el inicio de una serie de acuerdos para eliminar todas las armas atómicas del planeta, pero que la insistencia estadounidense en desarrollar el Programa de Defensa Estratégica (Guerra de las Galaxias) impide el curso normal del diálogo.

Según lo previsto, el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, y el Presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan, firmarían el acuerdo de desarme atómico durante la cumbre al máximo nivel que se celebrará en la capital norteamericana a finales de este año.

URSS

026

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro.	Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

Moscú Acelera el Uso del Láser en Guerra Estelar

WASHINGTON, 24 (ANSA).— Los soviéticos tendrían unos 10 mil ingenieros e investigadores trabajando en la puesta a punto de tecnología de rayo Láser para aplicar a las "Guerras Estelares", según lo afirmó la vocera del Departamento de Estado norteamericano, Phyllis Oakley.

"Desde largo tiempo atrás, la Unión Soviética —dijo la vocera— viene haciendo sustanciales inversiones en la defensa estratégica a pesar de que nunca lo ha querido admitir".

Los soviéticos solicitaron reiteradamente a los Estados Unidos una limitación del programa de desarrollo de la Iniciativa de Defensa Estratégica (SDI) o de "Guerras Estelares", de modo que la negativa del Kremlin para establecer una fecha de visita del líder soviético, Mijail Gorbachov, a los Estados Unidos —durante la cual firmaría el acuerdo para la eliminación de los misiles nucleares de mediano alcance— sería imputable precisamente a la insistencia soviética de negociar una reducción de los experimentos espaciales sobre Guerras Estelares.

La Oakley agregó que desde hace un tiempo "entes responsables" del gobierno norteamericano han mantenido bajo control la construcción de la gran estación Láser, unos 50 kilómetros al sur del Dushanabe, en la República de Tadzhik, de la que fueron difundidas en estos días fotografías tomadas por un satélite francés.

El Día 26/10/87

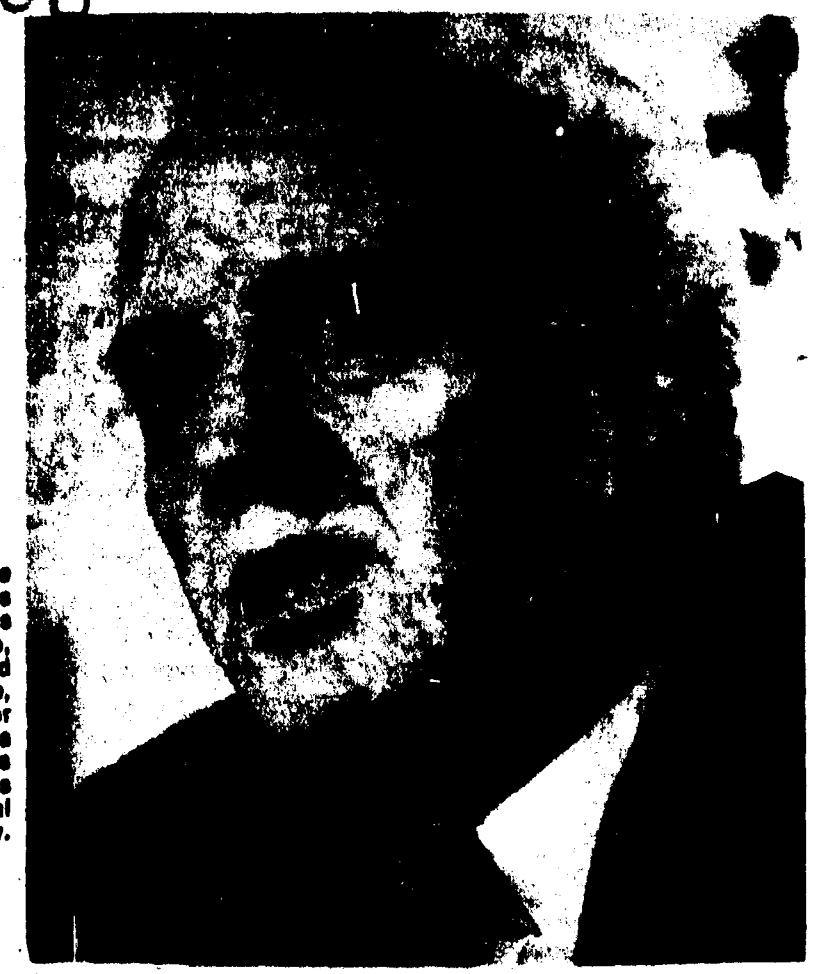
01.01

8710419

Estrechamiento de relación bilateral

El 5 de octubre llega Canciller de la URSS

El Ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, que ayer arribó a Brasil, llegará en visita oficial a nuestro país el lunes 5 de octubre, considerándose en fuentes diplomáticas que su presencia en Montevideo es el preámbulo de un futuro encuentro del Presidente de la República, Dr. Julio María Sanguinetti con el líder soviético Mijail Gorbachov.



El Ministro de Asuntos Exteriores soviético, Eduard Shevardnadze, comenzó ayer su visita a Brasil, y en los próximos días arribará al Uruguay.

Tal cual se había anunciado, el Canciller soviético, Eduard Shevardnadze, tras su participación en la Asamblea General de las Naciones Unidas inició una gira por el cono sur americano.

En tal sentido quedó ratificado que llegará a Montevideo el próximo viernes, tras una visita a la Argentina, que iniciará el miércoles 30 luego de la que cumpla al Brasil.

OFENSIVA DIPLOMATICA

El Jefe de la diplomacia de la URSS comenzará efectivamente mañana su ofensiva diplomática en Brasil, a los efectos de diversificar las relaciones económicas y acrecentar un diálogo político en la América latina, bajo el signo de la democracia que se consolida en la región.

La agencia UPI desde la capital brasileña, indicó que la primera visita de un Canciller soviético a Brasilia, Buenos Aires y Montevideo, coincide con el interés por la apertura política y económica iniciada por Mijail Gorbachov en la Unión Soviética.

Se comentó en fuentes diplomáticas que esta visita hubiera resultado "inimaginable hace 10 años, cuando los tres países vivían bajo regímenes militares, cuya principal característica fue el anticomunismo"

Se agregó entonces que "la visita de Shevardnadze amplía las opciones diplomáticas en un continente tradicionalmente apegado a Estados Unidos".

APROXIMACION POR DEMOCRACIA

Paralelamente se recordó que el Ministro uruguayo de Relaciones Exteriores, Enrique Iglesias, explicó la aproximación de la Unión Soviética a la región, como un resultado de la democratización de los tres países y de su creciente actuación política en relación a los problemas del hemisferio.

"Yo creo que ha habido una revalorización de los países de América latina y del Atlántico, con el retorno a la vida democrática -agregó- habiendo generado este proceso una nueva presencia internacional que atrae la atención de la diplomacia mundial".

"América latina comienza a tener posiciones concertadas y selectivas, en los grandes temas nacionales y mundiales -afirmó- lo cual la ubica en un nivel internacional más dinámico y activo que antes, lo que constituye un mérito del retorno a la democracia".

BRASIL Y ARGENTINA

Por su parte, el Ministro brasileño de Relaciones Exteriores, Roberto de Abreu Sodre, llamó la atención para el atractivo que representa un parque industrial dinámico, como el brasileño, para un país con excedente tecnológico, como la Unión Soviética, que tiene escasa agilidad para transferir el fruto de la investigación al sector productivo.

Entre tanto, el comercio con la Unión Soviética constituye la principal preocupación de las autoridades argentinas, que anotan una sensible disminución del intercambio y la atribuyen a los subsidios de las ventas estadounidenses de granos a la URSS.

Argentina incrementó sus ventas de granos, para compensar las necesidades del mercado soviético, durante la administración demócrata de Jimmy Carter, que decretó un boicot de granos a ese país.

Finalmente, un diplomático dijo en Buenos Aires que, el Acuerdo Comercial firmado el año pasado en Moscú, funcionó "razonablemente bien", pese a que ninguno de los dos países lo cumplió estrictamente.

LA AGENDA

El Canciller soviético durante su estadía en Brasil será recibido por su colega Roberto Abreu Sodré y dialogará también en audiencia especial con el Presidente José Sarney.

Shevardnadze llegó ayer a Manaus, donde pasará por la ciudad brasileña mencionada, para luego viajar a Río de Janeiro.

La Mañana 27/9/87

01.01 871 0423

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro. | Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

El Nobel de literatura a disidente soviético

ESTOCOLMO. — Como en los casos de Bunin (1933), Pasternak (1958), Sholojov (1965), la Academia Sueca de Ciencias eligió también este año a un disidente ruso para el Premio Nobel de Literatura 1987: a Joseph Brodsky, bautizado propiamente como Josip Alexandrovich, nacido el 24 de mayo de 1940 en Leningrado en una familia judía —el padre fotógrafo de prensa y la madre traductora— y expulsado en 1972 de la Unión Soviética, después de año y medio de trabajos forzados, que vive hoy en EE.UU.

Brodsky ha sido caracterizado por el escritor polaco Czeslaw Milosz, también Nobel de Literatura 1980, que vive en EE.UU. como "un poeta altamente cultivado, que se sirve soberanamente de la tradición literaria, en la que busca modelos y arquetipos de conducta humana... y trata la problemática del particular frente a una sociedad represiva, del escritor frente al centro de poder. Una gran lírica filosófica, como la entendió Goethe, una lírica que abarca los dos polos de nuestra existencia: el amor, como lo sufre y lo padece, y la muerte como presentimiento, como temor".

El joven poeta, cuyas obras fueron multiplicadas y divulgadas en la clandestinidad, entró pronto en conflicto con la autoridad constituida, que le detuvo en 1964 por "parasitismo social" y le condenó a cinco años de trabajos forzados, de los que cumplió año y medio, tras de lo cual fue expulsado del país.

Desde el exilio escribió una carta conmovedora al entonces jefe del partido, Leonidas Breshnev: "Siento amargura al abandonar Rusia. Me siento vinculado a la cultura rusa. Me siento parte de ella, como uno de sus elementos y ningún cambio de lugar podrá influir la última consecuencia de ese hecho. Un idioma es mucho más viejo y natural que un estado. Pertenezco al idioma ruso".

En efecto sus poemas fueron publicados ya en 1965 y 1970 en ruso y en ruso siguió escribiendo en su patria de adopción. En lugar de emigrar a Israel como judío, según esperaban las autoridades soviéticas, viajó a Estados Unidos, después de estaciones intermedias en Viena y Londres.

01.01

8710431

URSS cuenta ya con su primer hospital pago

MOSCU. — Los soviéticos que necesiten tratamiento médico y dispongan de 10 rublos por día (un equivalente a 15 dólares en el mercado oficial ruso) podrán utilizar los servicios del primer hospital pago del país que ofrece servicios de homeopatía, acupuntura, neurología, otorrinolaringología y ginecología.

De acuerdo a la información consignada por el periódico de temas médicos "Meditsinskaia Gazeta", los pacientes podrán permanecer internados un máximo de 21 días y gastarán el equivalente al salario mensual medio de un trabajador soviético.

Además de la tarifa fija, destinada al tratamiento básico y alimentación, tendrán que abonar costos adicionales relativos y terapias específicas sin derecho a ningún reembolso. En compensación podrán usufructuar habitaciones individuales y tener derecho a un confort inexistente en los hospitales gratuitos, donde en muchas oportunidades no existen elementos apropiados para cirugía ni agua caliente para esterilizar jeringas, ya que las descartables continúan siendo un producto desconocido para los soviéticos.

El periódico médico desaconseja los hospitales gratuitos basándose en un apocalíptico informe realizado por inspectores que visitaron varios centros asistenciales moscovitas, señalando que en ellos "las enfermeras de piso pasan las noches durmiendo y abandonan las salas de terapia intensiva y los pacientes en mejores condiciones físicas fuman, beben y realizan fiestas hasta altas horas de la noche."

Las precarias condiciones de la salud en la Unión Soviética vienen siendo denunciadas desde el inicio del "glasnost" (política de transparencia informativa, impulsada por el régimen de Gobachov) tomando aquellas especial énfasis a partir del momento en que asumió funciones el ministro responsables de esa área, Eugenio Chazov, en febrero pasado.

Al iniciar sus funciones Chazov calificó como "desolador" el panorama en ese sector, que fuera motivo de orgullo para los soviéticos en otras épocas.

La URSS destina actualmente el 4% del PBI (Producto Bruto Interno) al sistemas sanitario y Chazov entiende que se hace necesario por lo menos el doble de esa inversión a efectos de atender las necesidades previstas hasta el año 2000.

La situación es particularmente difícil en algunas regiones de Asia Central donde existen clínicas que no disponen siquiera de agua corriente.

El ministro admitió que apenas el 85% de la población recibe los medicamentos que necesita especificando que en el caso de los antibióticos y algunos remedios para el corazón apenas son cubiertos el 50% de los pedidos.

La falta de medicamentos propicia un amplio mercado negro del que participan funcionarios mal pagos del sistema oficial.

Los bajos salarios son una constante en ese sector y los médicos reciben ingresos que en ninguna forma les permiten cubrir sus necesidades.

El Día 22/10/87

01.01

871 0434

UR55

0261

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro.	Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

NUEVA HISTORIA

La Unión Soviética, seguramente en la senda del glasnost y la perestroika, se ha dado a la tarea de reescribir la historia de sus últimos 70 años. Ahora dicen que van a elaborar una historia fiel, reivindicando a Trotsky y otros famosos personajes, purgados por Lenin y Stalin.

Quizá llegue algún día en que el pueblo ruso pueda conocer su verdadera historia, que será sólo el día en que allí impere una verdadera democracia. Y quizá también puedan tener un Himno patrio como es debido. Conocido es el hecho de que el Himno ruso fue modificado luego de la revolución del 17, creándose una nueva letra.

Luego Stalin se sintió poeta, y decretó la sustitución de aquella letra por otra de su propia redacción. Cuando murió el dictador, y se produjo la ola anti-stalinista, se suprimió del Himno la letra de Stalin, que desde entonces se quedó sin letra.

Quizá Gorbachov decida ahora la redacción de una nueva letra acorde con las actuales circunstancias.

Ahora que quieren hacer hablar de verdad a la Historia, quizá los rusos puedan volver a cantar su Himno.

01.01

8710435

180

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: José Sarney recibió al Canciller soviético.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 29/9/87

ARCHIVADO EN: Brasil / 098

01.01

8710443

URSS
Amigos BRASIL

Hoy inicia histórica visita oficial

Shevardnadze en Brasil

BRASILIA. (ANSA, EFE y UPI).- La Unión Soviética intentará conseguir en Brasil un aliado en Occidente para dar mayor vigor a su política de desarme mundial, en la visita oficial que iniciará aquí hoy su Ministro de Exteriores, Eduard Shevardnadze, según fuentes diplomáticas.

Shevardnadze, de 58 años de edad, viene a Brasil con una carpeta llena de acuerdos culturales, económicos, comerciales y deportivos a largo plazo que suscribirá con su colega brasileño Roberto De Abreu Sodre, pero, sobre todo, a conseguir adhesión a la política soviética de distensión armamentista.

Con ese objetivo, la política exterior de la URSS, con el advenimiento de una apertura conocida como "Glasnost" (transparencia), ha iniciado una ofensiva en Latinoamérica, para ampliar sus relaciones comerciales y diplomáticas, que serán impulsadas con la visita de Shevardnadze a Brasil, Argentina y Uruguay.

Es la primera vez desde la revolución bolchevique de 1917, que un Ministro de Asuntos Exteriores soviético realiza una visita oficial a Brasil, el país más desarrollado de Sudamérica y que históricamente ha mantenido excelentes vínculos diplomáticos y políticos con Estados Unidos.

Según las fuentes diplomáticas consultadas, la visita del Ministro soviético a los tres países sudamericanos, que comienza en Brasil, no es casualidad, sino que forma parte del interés del Kremlin en dar mayor vigor a sus relaciones políticas y ampliar su presencia en el continente.

Esos informes subrayan que Brasil es el punto de avanzada de la URSS en Latinoamérica, dada su influencia en la región y el desarrollo económico sostenido que lo ha colocado en una situación hegemónica.

La presencia de Shevardnadze en Brasil servirá también para preparar futuros contactos políticos al más alto nivel en Moscú y Brasilia, con las programadas visitas de José Sarney, Presidente brasileño y Mijail Gorbachov, máximo dirigente soviético, en fechas aún no definidas.

PASEOS TURISTICOS

Shevardnadze que llegó a Brasil el pasado fin de semana, realizó en medio de un importante equipo de seguridad paseos turísticos antes de viajar hoy a Brasilia e iniciar su visita oficial a este país, que se prolongará hasta el próximo miércoles y que concluirá con la firma de un documento conjunto.

Este documento versara sobre la importancia del desarme mundial y elogiará las iniciativas de los líderes de Estados Unidos y la Unión Soviética, Ronald Reagan y Mijail Gorbachov, para disminuir los misiles nucleares, y pondrá énfasis en el establecimiento de una zona de paz en el Atlántico Sur, además de propugnar una solución negociada al conflicto centroamericano.

Según fuentes diplomáticas acreditadas en Brasilia, los acuerdos que suscribirán Brasil y la URSS, que serán del tipo que los soviéticos acostumbran a aprobar con los países socialistas, englobarán los campos cultural, científico, tecnológico, educativo y deportes.

Otros acuerdos estarían relacionados con la ampliación del intercambio en producción cinematográfica, teatro y televisión, la realización de torneos deportivos brasileño-soviéticos y la aprobación de becas de especialización profesional.

Shevardnadze será recibido hoy por el Presidente Sarney en el Palacio de Gobierno y mañana se entrevistará con los principales líderes del Congreso constituyente de Brasil y con su Canciller, Roberto de Abreu Sodre, para encaminar los acuerdos y la firma de un comunicado conjunto.

Hoy 28/9/87

01.01

HB

URSS

0 24

La Mañana
MONTEVIDEO, MIERCOLES 21 DE OCTUBRE DE 1987

Afirman que hay cárceles psiquiátricas

Moscú: denuncian controles contra oposición política

Un grupo de disidentes soviéticos, que a comienzos de este mes fundaron la rama de Moscú de la Sociedad Internacional de Derechos Humanos, denunciaron ayer en un encuentro con la prensa occidental que en la URSS se sigue utilizando la psiquiatría para controlar la oposición política.

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- Vladimir Titov, ex teniente del Comité Estatal del Estado (KGB), liberado recientemente de una cárcel psiquiátrica, explicó que estos establecimientos estaban antes bajo control del Ministerio de Interior, pero que ahora son competencia del de Educación.

Según Titov, que citó la cifra ofrecida por un diario soviético, en la actualidad hay en la URSS unos cinco millones de personas internadas en clínicas y prisiones psiquiátricas.

Las cárceles psiquiátricas soviéticas, rodeadas como todas las prisiones de un muro con alambrada y dispositivos de alarma, tienen un régimen estricto, casi militar, donde son frecuentes los suicidios, añadió.

También señaló que la disciplina es controlada por la policía y que hay un gran número de delincuentes comunes y también detenidos acusados bajo los artículos 190 y 70 del código penal de la Federación Rusa, que contempla los delitos de agitación y propaganda antisoviética.

Vladimir Titov agregó que el 90 por ciento de los ingresados en estos centros son personas sanas, a las que se les inyectan tranquilizantes muy fuertes que han caído en desuso en Occidente por este motivo.

Afirmó asimismo que los reclusos son obligados a trabajar con fines terapéuticos, pero que las labores que les encomiendan suelen ser arduas y no reciben ninguna remuneración por ellas.

Titov recibió recientemente un visado para emigrar a Israel con la advertencia de que si lo rechaza volverá a ser privado de libertad.

TESTIMONIO

En la misma rueda de prensa, celebrada en la casa del disidente Valeri Senderov, se ofreció a los asistentes el testimonio de una mujer armenia, Sirva Avakian, recluida en una clínica psiquiátrica en la que se recogieron sus palabras en una cinta magnetofónica.

Sirva Avakian explicó que fue internada en este centro por exigir en una oficina de correos la entrega de dos certificados que le habían sido enviados desde la República Federal de Alemania y por pedir una invitación para ir a Estados Unidos.

La mujer explicó en la grabación que pasó cuatro meses en una celda de castigo, donde afirmó que fue humillada, abofeteada y torturada, y que el pasado 13 de setiembre fue golpeada en presencia de sus familiares.

Según su propio testimonio, el pasado 23 de junio una comisión del Ministerio de Salud, que estimó que estaba recibiendo un tratamiento equivocado, dictaminó que le fueran administradas tres veces al día dosis de tranquilizantes de 3 a 5 centímetros cúbicos.

También señaló que esta terapia le será administrada hasta que renuncie a viajar a Estados Unidos.

Por otra parte, el conocido disidente Sergei Grigorians, que también participó en la rueda de prensa, dijo que la aplicación de la psiquiatría a presos políticos es una práctica que se está realizando en la actualidad y que seguirá haciéndose mientras existan altos funcionarios con poder para pedir a un médico que encierre en un establecimiento psiquiátrico a cualquier ciudadano, sin que medie ninguna garantía.

Grigorians dijo también que uno de sus colaboradores en la revista de la disidencia, Glasnost, ha sido detenido por miembros el KGB.

01.01

8710447

Equivalente a 773.700 millones de dólares

Soviéticos aprueban presupuesto para 1988

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El Parlamento nominal de la Unión Soviética aprobó ayer un presupuesto equivalente a 773.700 millones de dólares para el año 1988, luego de escuchar peticiones para incrementar la producción de bienes de consumo.

Los miembros del Soviet Supremo pusieron fin a su sesión de dos días, aprobando el financiaminto para el tercer año de un plan económico de cinco años.

La legislatura también amplio la ley que permite a un ciudadano presentar quejas contra acciones ilegales de parte de las autoridades.

La enmienda a la ley permite a los ciudadanos el presentar directamente sus quejas a la corte en lugar de tener que apelar primero a un organismo administrativo superior.

La ley fue aprobada el año pasado bajo las reformas del líder Mijail Gorbachov, y las quejas contra las autoridades, incluso aquellas contra la policía secreta KGB, pueden ser presentadas por los ciudadanos que consideran que han sufrido abuso de poder.

El Viceprimer Ministro Nikolai Talzin dijo ante el parlamento que se deben producir más bienes de consumo, apartándose de la política del pasado que promovía la industria pesada.

Talizin, jefe del organiso central de Planificación, Gosplan, dijo que los diputados del Soviet Supremo informaron que la gente gana lo suficiente para hacer compras pero que frecuentemente no hay bienes que comprar.

"Aún hay muchas fábricas que no están produciendo bienes de consumo aunque podrían estarlos produciendo", dijo Taliuzin a los diputados.

También se refirió a otra constante queja: la calidad de los bienes de consumo.

"Vemos este como un mayor problema político y económico frente a nosotros", dijo.

"No se puede tolerar que algunos bienes de la industria ligera tengan que hacer rehechos o que se queden en los mostradores por años".

URSS

026

Según rumores su salud es delicada

Gueidar Aliyev separado del Politburó soviético

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El azerbaiyano Gueidar Aliyev, de 64 años, fue cesado ayer por el pleno del comité central del Partido Comunista de la URSS (PCUS) como miembro de pleno derecho del politburó (máxima instancia del poder soviético).

Según la agencia soviética Tass, el cese de Aliyev se decidió a petición propia y por razones de salud.

Guidar Aliyev era miembro de pleno derecho del politburó desde 1982, tras haber sido suplente de esta decisiva instancia política durante seis años.

Desde hace varios meses existían rumores y especulaciones sobre la situación de Aliyev, quien desapareció durante largas temporadas de la escena política soviética y estuvo ausente en algunas reuniones relevantes.

Los rumores que sobre Aliyev circularon por la capital soviética apuntaron también a que éste había sufrido un ataque cardíaco y que su estado de salud era delicado.

Aliyev era considerado uno de los hombres del fallecido Yuri Andropov, ya que su ascensión política se inició a raíz de la campaña que desató en su república natal -Azerbaiyan- contra la corrupción existente.

El ex miembro del politburó se hizo famoso también por sus fuertes declaraciones realizadas al semanario Literaturnaya Gazeta sobre los métodos que utilizó para combatir la corrupción en el Azerbaiyan.

En aquella entrevista, Aliyev declaraba que durante su mandato como jefe del Partido Comunista en esta república del Cáucaso se había prohibido a los funcionarios del PCUS tener dachas (casas de campo) o automóviles de su propiedad, y también se tomaron medidas para corregir el carácter hereditario existente en la administración.

Aliyev también se había manifestado contra los intelectuales de diploma, pues según su opinión, éstos se obtienen muy fácilmente en la URSS.

El político azerbaiyano, ahora separado del politburó, fue asimismo el primer miembro de esta influyente instancia política soviética que ofreció una rueda de prensa en Moscú durante la celebración de XXVII congreso del PCUS, en febrero de 1986.

Entonces Aliyev se enfrentó a las preguntas de la prensa occidental y de nuevo criticó algunos fenómenos negativos de la sociedad soviética, como el mercado negro.

Su actividad política, poco destacada durante los dos años y medio que Gorbachov se encuentra al frente del Kremlin, se centraba, según los expertos, en las relaciones con el Tercer Mundo y los países asiáticos.

El cese de Aliyev disminuye la composición del politburó a trece miembros de pleno derecho, pues el pleno del comité central del PCUS no ha cubierto su vacante.

La Mañana

22/10/87

01.01

871046

Obstáculos para euromisiles están superados

Moscú espera con cauteloso optimismo llegada de Shultz

HELSINKI (ANSA, EFE y UPI).- El Secretario de Estado norteamericano George Shultz, anunció ayer en esta ciudad que la próxima cumbre del Presidente de EE.UU., Ronald Reagan, y el máximo líder de la URSS, Mijail Gorbachov, "podría" celebrarse el verano (del hemisferio Norte) venidero en Washington.

Shultz hizo el anuncio en una rueda de prensa que ofreció tras entrevistarse con el Presidente finés, Mauno Koivisto, en esta capital, donde prepara los últimos detalles de la visita que emprende hoy a la URSS, para entrevistarse con Mijail Gorbachov, y con el Ministro soviético de Asuntos Exteriores, Eduard Shevardnadze.

Con respecto al ambiente de "detente" creado por las conversaciones sobre los euromisiles, Shultz puntualizó que aunque las conversaciones se están llevando con profundidad y detalle, estando casi ultimadas, de momento "no tendremos un acuerdo hasta que tengamos uno, y no tenemos un acuerdo".

Mientras en Moscú se espera con optimismo la llegada del Secretario de Estado norteamericano para ultimar los detalles de la nueva cumbre entre los líderes de las dos superpotencias, el jefe de la diplomacia de Washington declaró que la misma podría celebrarse el próximo verano (septentrional) en la capital de Estados Unidos.

OPTIMISMO EN MOSCU

Mientras tanto, en la capital soviética, el portavoz oficial del ministerio de Asuntos Exteriores, Gennadi Gerasimov, afirmó en un encuentro con la prensa que la actitud soviética ante la visita de Shultz es más bien optimista.

Los representantes soviéticos dieron a entender en los últimos días que todos los obstáculos están superados en lo que se refiere al acuerdo para la eliminación de los misiles de medio y corto alcance.

No obstante, destacaron que Moscú espera también progresos en otras áreas del desarme, especialmente en las armas estratégicas.

Estos progresos, según el líder soviético Mijail Gorbachov, podrían significar un acuerdo para reducir en un 50 por ciento los respectivos arsenales nucleares de armas de largo alcance, en el primer semestre del próximo año.

Pero tales avances han sido ligados por Moscú a limitaciones en el proyecto estadounidense de Iniciativa de Defensa Estrategica (IDE) o guerra de las galaxias.

Sin un estricto acatamiento del tratado de antimisiles balisticos (ABM), los recortes en las armas estratégicas no tendrían sentido, es una de las frases más escuchadas a los portavoces oficiales del Kremlin y a la prensa soviética desde el anuncio del acuerdo de principio para la eliminación de las armas nucleares de alcance intermedio.

La llegada de Shultz a Moscú está prevista para hoy a las 10:05 horas (07:05 GMT), y se espera que poco después celebre la primera reunión con su colega soviético, Eduard Shevardnadze.

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro.

Ejemplar N.o

Asunto:

TEXTO:

URSS: mueren en accidente 5 generales

MOSCU. — Cinco generales soviéticos un teniente y un capitán murieron al estrellarse un helicóptero militar el lunes pasado, informó ayer el periódico del Ejército, "Estrella Roja".

Entre las víctimas estuvo el teniente general Vladimir Shutov, subjefe de la Comandancia General del Ejército.

En el accidente también murieron los dos tripulantes del helicóptero según el periódico, que hizo el anuncio mediante la publicación de obituarios y un mensaje de condolencias de las Fuerzas Armadas.

Los muertos fueron Shutov, de 63 años, quien había desempeñado el cargo en el Ejército desde 1975; el teniente general Yuri Ryabinin, de 53 años, descrito solamente como ocupante de un "cargo responsable" en la comandancia del Ejército; el teniente general Kirill Trofimov, de 66 años, subjefe de Comunicaciones de las Fuerzas Armadas; el mayor general Vladimir Bardashevsky, de 49 años, también descrito a cargo de un "puesto responsable" en la sede del Ejército y el mayor general Yerlen Porfiryev, de 51 años, a cargo de la Comandancia de la Región Militar Sur.

Los tripulantes eran el capitán Alexei Gurenkov, de 36 años, y el teniente Alexander Goncharov, de 30.

Analistas castrenses occidentales estimaron que el accidente puede haber ocurrido a causa de la espesa niebla que cubrió el área de Moscú desde el domingo. Afirmaron que los generales pueden haber estado en una gira de inspección del Pacto de Varsovia.

La información sobre la muerte de los militares soviéticos en un accidente aéreo señala un notable cambio con respecto al tradicional secreto que rodea los asuntos castrenses soviéticos.

"Este es un buen ejemplo de 'glasnot' entre los militares", comentó un agregado de Defensa occidental, refiriéndose a la política de apertura lanzada por el líder del Kremlin Mijail Gorbachov.

El País 24/10/85

01.01

8710478

1026

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro.	Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

HUELGA EN URSS

MOSCU, 14 (ANSA). — "In[illegible]terrupción del trabajo", como son definidas las huelgas en la URSS, dejaron de ser tabú para los medios de información locales. En efecto, el semanario Moscovskie Novosti informa en su último número sobre "una interrupción del trabajo" que por tres días bloqueó la cadena de montaje de una fábrica de autobuses en Likino, en la región de Moscú. La huelga culminó con el reemplazo del director de la fábrica y se destinaron millones de rublos (equivalente a dólar) a la compra en el exterior de nuevas [illegible]

Clarín 15/10/87

01.01 8710480

026

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro.	Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

GORBACHOV CENSURADO EN URSS



Los discursos del Secretario General del PCUS, Mijail Gorbachov, sistemáticamente censurados en la edición de "Pravda" que se vende en las capitales de Europa Oriental, también comenzaron a ser "cortados" en los cotidianos soviéticos.

Sin embargo, entre el texto registrado por la televisión y el publicado por los diarios, surge un vistoso "corte", la prensa escrita, en efecto, quitó por completo la mención que hizo Gorbachov sobre la revolución cultural en China. Cuando el líder del Kremlin habló de la necesidad de renovación de los cuadros dirigentes, precisó: "no se trata de hacer como hicieron durante la revolución cultural china, cuando se exhortaba a dispa[illegible] comandos". [illegible]

01.01

8710484

Fundado el 14 de Setiembre de 1918
Directores: Martín Aguirre, Washington Beltrán y Daniel Rodríguez Larreta
Montevideo, Lunes 26 de Octubre de 1987

LOS NUEVOS MENCHEVIQUES

ENSEÑA la historia sobre la existencia de dos corrientes en el Partido Socialdemócrata ruso que tuvieron su origen en el Segundo Congreso del Partido realizado en Londres en agosto de 1903: un ala revolucionaria, conducida por Lenin, que en aquella oportunidad obtuvo la mayoría, —precisamente "bolsheviki" quiere decir "miembros de la mayoría"—, y otra corriente minoritaria, más moderada, dirigida por Piekhanov y Cedarbaum, más conocido como Martov, que fueron desterrados y murieron en el exilio, y a los cuales se recuerda con el nombre de mencheviques. Es la tradicional diferencia política entre halcones y palomas, con la especial característica de que en este caso los revolucionarios se fagocitaron a los moderados.

Ochenta y tres años más tarde, con el informe presentado por el camarada Mijail Gorbachov, Secretario General del Comité Central al XXVII Congreso del Partido Comunista de la Unión Soviética en su sesión del 25 de febrero de 1986, parecieran haber resucitado los viejos mencheviques, a partir de un inefable documento que no tiene desperdicio en ninguna de sus ciento veinticuatro páginas, y al cual se han aplicado casi con religiosa devoción en estos veinte meses transcurridos, la mayor parte de los dirigentes de la Unión Soviética y más de un "benéfico idiota", como llamaban Lenin a los soldados mansos del comunismo internacional.

Hay que desconfiar de estos corderos que pueden seguir encubriendo debajo de su piel, un cuerpo de león.

HASTA 1986, la Unión Soviética y el comunismo siguieron fieles a sus rasgos más típicos. Aplicando la conocida técnica de la mordaza y de la eliminación de las libertades que pusieron en práctica apenas cayó sobre Europa la cortina de hierro, nunca se apartaron de aquella línea radical que les dio origen, registrando los zarpazos de Checoeslovaquia, Polonia y Hungría, que se hicieron más voraces en 1979 cuando treinta mil soldados soviéticos se instalaron en Afganistán, logrando además la proeza de saltar el Atlántico, para establecerse primero en Cuba y después en Nicaragua para poder desde allí dispersarse por la joven América.

El caso de Afganistán, es demostrativo del desprecio de la Unión Soviética por el orden internacional y los organismos que lo regulan. Apenas producida la invasión, un grupo de cuarenta y tres naciones solicitó un debate en el Consejo de Seguridad, que se estrelló contra la actitud de la Unión Soviética que volvió a recurrir al mecanismo del veto ante una propuesta que pedía la retirada de las tropas. Llevado el tema a la Asamblea General, 104 votos a favor, 18 en contra y 12 abstenciones, se aprobó una resolución exigiendo la evacuación de todas las fuerzas extranjeras de Afganistán, deplorando profundamente la intervención militar ocurrida y exhortando a ayudar a los afganos refugiados.

¿Cómo fue recibida esa resolución? Desconociéndola e ignorándola totalmente, ya que después de ella no sólo no se evacuaron las fuerzas "extranjeras" sino que la Unión Soviética aumentó considerablemente el número de efectivos militares en la zona, llevando su arsenal militar a cinco divisiones, —cien mil hombres con más de doscientos tanques por división—, e incrementando el número de tanques colocados a lo largo de los pasos de montaña en el Kindu Kush.

Como antes en Hungría, pese a lo que dijo Miklos Molnar en su "Victoria de una derrota", los diez mil muertos de Budapest cayeron en vano y fueron en vano todas las protestas para liberar el suelo afgano del aprobioso invasor.

CUANDO ya el mundo se había acostumbrado a ese grado de barbarie, del cual tal vez la existencia del "Muro de Berlín" es su punto más alto, aparecen estos vientos de fronda con impulsos moderados, distintos, aparentemente muy distintos, de aquellos huracanes revolucionarios de antes. Y Montevideo, nuestro pequeño y querido Uruguay, no es ajeno a ese "show internacional".

Hay que dejar constancia, sin embargo, que los moderados, al menos por ahora, actúan con bastante moderación. El retiro de las fuerzas de Afganistán va a llevarse a cabo, sí, pero más adelante, —¿cuándo¿—; la posibilidad de que salgan de la Unión Soviética los miles de judíos que esperan desde hace años autorización para emigrar también va a producirse, pero más adelante —¿cuándo?—, y la famosa "perestroika" es un artículo de exportación pues dentro de la Unión Soviética no se aplica, como lo dijo el representante de la Agencia EFE en Moscú en un programa publicitario del comunismo que se difundió en un canal de televisión nacional.

Todo es para más adelante. Incluso para los pobres rusos, que siguen por ejemplo, sin poder leer tranquilamente los diarios, en los cuales se censuró una parte del discurso pronunciado el martes pasado por el girondino Mijail Gorbachov, donde hizo referencia a las purgas de dirigentes registradas en China durante el período de la Revolución Cultural y para quienes sigue siendo también una promesa la eliminación de las leyes por las que miles de disidentes fueron encarcelados en los últimos treinta años. Los artículos 70 y 190 del Código Penal, dijo Vladim Zagladin, serán modificados, —¿cuándo?—, pero mientras tanto, "glasnot" es sólo una palabra rara para los occidentales, como afirmó Alexandre Zinoviev, autor de un excelente libro, "Mi hogar, mi exilio", sin ninguna consistencia ni ninguna base real.

NUESTRA civilización tiene ya varios siglos como para que nos quieran vender vidrios de colores. Tal vez los nuevos dirigentes de la Unión Soviética sigan creyendo en la ingenuidad occidental, tipo Chamberlain y Daladier, de la que tanto uso y abuso maléfico hizo Hitler a fines de los treinta. Habría que hacerles saber que el mundo ha cambiado y nuestras mentes también. Son realidades y no promesas lo que debe ofrecer la "perestroika" y mientras quede un solo judíos que quiera salir de la Unión Soviética y no pueda hacerlo; un solo soldado ruso en Afganistán; un solo bloque en pie en el Muro de Berlín; un solo hombre en los países socialistas al cual se le limiten arbitrariamente sus libertades, esto que estamos viendo será un fraude.

NO hay que dejarse engañar. Vamos a ver primero los resultados y después cambiaremos los juicios. Hasta entonces, los juicios seguirán siendo los mismos.

El comunismo es también una dictadura, una variante actual y modelo acabado del totalitarismo, que no ha abdicado de su vieja máxima en donde sostiene que quien no está con ellos, está contra ellos, que no han respetado las libertades en ninguno de los países donde conquistaron el poder y a cuyo respecto existe en América, sobre todo, una resistencia, por parte de los intelectuales, en identificar con un régimen autoritario, como un acierto señala Toynbee.

Nada indica realmente que ha variado la vieja doctrina Breznev según la cual lo que es comunista debe seguir como está siendo negociable sólo lo otro, y en momentos en que todos se rasgan las vestiduras en defensa de los derechos humanos, nadie parece acordarse de los derechos humanos pisoteados, avasallados y desconocidos a los doscientos setenta y cinco millones de habitantes de la Unión Soviética y a los de los países sometidos.

La historia, ha dicho un pensador inglés, es antes que nada la historia de las lecciones no aprendidas. Hay que tratar de probar lo contrario.

871 0486

EL PAIS

Fundado el 14 de Setiembre de 1918
Directores: Martín Aguirre, Washington Beltrán y Daniel Rodríguez Larreta

Montevideo, Viernes 23 de Octubre de 1987

EL SIDA IDEOLOGICO

LA "glasnost" (transparencia) y la "perestroika" (reestructuración basada en la apertura) están de moda. Las creó Gorbachov o, por lo menos, se transformó en su principal agente publicitario. Porque, fuera de dudas, esos conceptos forman parte inmanente de la democracia occidental desde hace siglos. Lo malo del caso es que, a partir del momento de su adopción por parte del líder del Kremlin, se produce una verdadera transferencia conceptual y el régimen soviético aparece beneficiado con las características propias de la democracia que, obviamente, no le corresponden.

De pronto, en efecto, basta que el sistema soviético intente adoptar una serie de tibias medidas liberales —realmente revolucionarias dentro de su tradicional oscurantismo— para que una oleada de simpatía recorra el mundo y tienda a hacer creer que ya no hay policía secreta en la inmensa URSS, que cualquier ciudadano puede transitar y radicarse libremente en su territorio, que hay libertad de prensa, de reunión y de religión, que se puede criticar públicamente tanto a un simple funcionario como el Sr. Gorbachov, que no hay más hospitales siquiátricos, que existe pluralismo político, que hay libertad de emigración, que Moscú se quiere ir de Afganistán pero que no puede hacerlo mientras fuerzas extranjeras pongan en peligro la estabilidad de la democracia de Kabul, que la Unión Soviética no fomenta la subversión mundial, que no tiene nada que ver con el terrorismo y que carece de intenciones expansionistas.

POR lo visto, las intenciones reformistas de Gorbachov han tenido un enorme éxito pero el mismo se ha dado más en la imagen que su país proyecta hacia el exterior que en la propia realidad soviética, atenaceada por el dogma, la burocracia y los intereses creados.

Si ello ha podido suceder así es por la sencilla razón de que buena parte de la intelectualidad occidental está dominada por dos sentimientos: uno, el de su antinorteamericanismo, especie de complejo por parte de quien o no se ha desarrollado, o no ha alcanzado similares cumbres de riqueza y de libertad, o por creer que ellas no son el fruto de su esfuerzo sino de la explotación a que somete a los demás; el otro sentimiento surge de la proclividad a considerar que el menor atisbo de liberalismo en la sociedad soviética es una prueba de que son pasajeros y coyunturales los males esenciales que la identifican (autoritarismo, gulags, ineficiencia, etc.).

DE la conjunción de ambos sentimientos ha surgido la curiosa doctrina de la equivalencia moral, es decir, la creencia de que tanto los Estados Unidos como la Unión Soviética son dos sistemas que hay que rechazar igualmente. En realidad, lo que se está planteando es la comparación entre dos sistemas socio-económicos, de los cuales, uno, el capitalismo, goza de un desprestigio arraigado en su deshumanización inicial (luego superada) mientras que el otro, el socialismo, está asociado a intenciones que hacen olvidar que su ingrediente leninista las desmiente terminantemente.

En consecuencia, así concebida, la igualación entre el este y el oeste implica, desde su mismo punto de partida, un juicio adverso para Estados Unidos y uno benévolo para la URSS.

Lo correcto sería plantear la confrontación no entre capitalismo y socialismo (en el plano estrictamente económico la superioridad del primero es absoluta e indiscutible) sino entre democracia y totalitarismo.

O sea, ¿queremos para nuestros pueblos un régimen defectuoso pero perfectible o nos afiliamos a una concepción totalitaria, irreversible por definición?

NADA de ésto han entendido, o han querido entender, los intelectuales occidentales —incluidos muchos "liberales" norteamericanos— ni los mal llamados países "no alineados" (¿acaso Cuba puede serlo?), ni los de la antigua y fenecida "tercera posición" o del actual "Tercer Mundo".

Esta distorsión interpretativa —de la que tanto se vale la desinformación soviética para minar a sus adversarios— ha llevado al ex embajador brasileño, Meira Penna, a afirmar que padecemos de SIDA ideológico.

Nuestra insuficiencia inmunológica es evidente cuando sucumbimos ante eslóganes marxistas que no resisten el menor análisis. Es un síndrome que se manifiesta cuando nos preocupamos sólo por los derechos humanos de algunos países del occidente pero no por idénticos derechos en Cuba, Angola, Etiopía, China Roja o la URSS, o cuando consideramos como plausibles los movimientos pacifistas alentados desde el *otro* lado de la cortina de hierro.

A la hora de señalar las culpas y de deslindar responsabilidades —que, esperemos, no llegue nunca, para bien del mundo occidental— el SIDA ideológico habrá de ser atribuido, especialmente, al esnobismo de los intelectuales (una vez más: la "trahison des clercs"), a los medios masivos de comunicación y a la estrechez de miras de gobiernos que no distinguen amigos de enemigos, lo fenoménico de lo esencial, y que parecen estar guiados en su acción por la cobardía del condenado que no quiere desafilar el hacha de su verdugo.

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Ante las dos visitas.

PROCEDENCIA : El País 27/10/87

ARCHIVADO EN: FRANCIA (011)

01.01 8710520

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: URSS-Argentina: Racionalidad o... "Había una vez un pueblo" (II)

PROCEDENCIA : LA PRENSA 10/9/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01.01 8710533

HR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Moscú reprocha el borrador de EE.UU.

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 26/3/87

ARCHIVADO EN: DESARME (022)

01.01 8710535

HR

Signos de enfriamiento en las relaciones Nicaragua-URSS

El pasado 28 de mayo, Ruiz, uno de los nueve Comandantes de la revolución, que está considerado como el más prosoviético, declaró que la URSS no está en condiciones de enviar a Nicaragua el petróleo que necesita y que se recortará el abastecimiento hasta un 40 %. Estas declaraciones, aparecidas en Barricada, órgano oficial del Frente Sandinista, fueron indirectamente desmentidas en una nota publicada en el mismo diario bajo un titular que anunciaba que la URSS no ha dejado de cumplir sus compromisos. La nota procedía del Ministerio de Cooperación Económica Exterior, que preside el Comandante Henry Ruiz, el mismo que el día anterior había anunciado el recorte del abastecimiento soviético, una reducción del consumo de petróleo y la aplicación de nuevas restricciones económicas.

La declaración de Ruiz y discurso posterior de Ortega han desatado las especulaciones sobre un terreno que ya estaba abonada. Desde hace tiempo se comenta en Managua que los soviéticos están hartos del desorden reinante en la economía nicaragüense. En conversaciones privadas, ciudadanos soviéticos no se recatan en manifestar su descontento y preocupación ante la evolución de la economía y la falta de disciplina en la aplicación de los planes. Dirigentes comunistas, como el presidente del Partido Comunista de Nicaragua, Eli Altamirano, no vacilan en afirmar que los sandinistas utilizan una estrategia dual y tratan de hacer chantaje a EE.UU. con la amenaza de entregarse del todo en brazos de la URSS. Como ejemplo de incumplimiento sandinista con los soviéticos, menciona Altamirano la construcción de los astilleros de la Costa Atlántica de Nicaragua, que habían sido prometidos a la URSS, pero se concedieron finalmente a holandeses e italianos.



En sus declaraciones, Ruiz advirtió que ante la disminución del abastecimiento de petróleo, correspondía a los países de América Latina ayudar a Nicaragua, porque, de no hacerlo, se convertirán en cómplices de la agresión de Estados Unidos contra Nicaragua. Casi simultáneamente a las declaraciones de Ruiz surgió en México la información sobre la existencia de un plan de ayuda a Nicaragua por parte de los países de Contadora y del Grupo de Apoyo. Este plan consistiría en el abastecimiento, según las posibilidades de cada uno a Nicaragua. A Argentina le correspondería enviar trigo, y a México y Venezuela, petróleo.

El Embajador de la URSS en México, Rostilav Sergeyev, en unas declaraciones al diario La Jornada, expuso la conveniencia de que "no solo sea una nación la que ayude a Nicaragua en estos momentos. Deben ayudarla todas las naciones latinoamericanas. Nosotros continuaremos ayudándola económica y militarmente".

Diplomáticos de EE.UU., a los que tal vez el deseo lleva demasiado lejos en sus interpretaciones, ven en las declaraciones de Ruiz un conflicto entre la perestroika soviética y el desastre económico de la Nicaragua sandinista, que Moscú no estaría dispuesto a soportar por más tiempo.

Otros diplomáticos occidentales en Managua consideran, sin embargo, que "por un puñado de dólares", la URSS no va a dejar perder la baza de Nicaragua y las posibilidades que se le ofrecen de aguijonear permanentemente a EE.UU. Un diplomático norteamericano comentó en términos muy gráficos al corresponsal de este periódico que "Nicaragua es una ladilla que se colocó en el escroto del tigre, y la URSS trata de que Washington se la quite de encima con facilidad, sino de una forma traumática y, si es posible, arracándose todo".

01.01

8710538

HJ

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Senado de EE.UU. reacciona por la venta de Tecnología japonesa a la URSS.

PROCEDENCIA: Busqueda 16/7/87

ARCHIVADO EN: Japón (043)

01.01

8710545

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
D... II (EXTERIOR)

Pedido de ...

Asunto:

TEXTO:

Ejemplar Nro.

Sospéchase que Gorbachov fue Obligado a Suspender su Encuentro con Reagan

MOSCU, (AP).— Analistas occidentales sospechan que el Secretario General Mijail Gorbachov se retractó de su posición favorable a una reunión cimera de superpotencias a causa de problemas que surgieron a último momento con otros miembros de la jerarquía gobernante soviética.

Pero arguyeron que también podría ser una actitud acorde con el tradicional estilo negociador soviético.

Los observadores diplomáticos dijeron que los 14 miembros del Politburó se reunieron el jueves a la noche, tras una primera sesión —aparentemente positiva— de conversaciones en Moscú entre el Secretario de Estado George Shultz y su colega soviético Eduard Shevardnadze.

Al día siguiente, dijeron los observadores, se frenó el ritmo de las conversaciones y Gorbachov le dijo a Shultz que no estaba dispuesto a una nueva cimera con el presidente Ronald Reagan.

Un alto funcionario norteamericano que pidió no ser identificado dijo que Shultz no sabía, aún transcurridas 3 horas de su conversación de 4 y media con el jefe del Partido Comunista, que Gorbachov no iba a fijar la fecha de la cimera.

La fuente también destacó que los integrantes de un "grupo de trabajo" especial soviético, que iban a ultimar los detalles pendientes de un tratado para eliminar los cohetes nucleares de alcance intermedio, no acudieron a una reunión ayer a mediodía. Sus colegas norteamericanos esperaban analizar en esa reunion los últimos 14 puntos técnicos que aún separan las respectivas posiciones.

Otra fuente diplomática que pidió no ser identificada dijo que se percibieron durante varias semanas sutiles indicios de que Gorbachov y Shevardnadze podrían carecer de completa libertad para cerrar un trato sobre cohetes intermedios y concertar una reunión cimera con Reagan para firmar el tratado respectivo.

Pero el mismo funcionario dijo que los analistas no tenían la certeza de si Gorbachov tenía que habérselas con los intransigentes de su Politburó o simplemente utilizaba la tradicional táctica negociadora soviética de presionar para lograr concesiones hasta el último instante previo a la firma de un acuerdo sobre armas.

Los diplomáticos destacaron que en ningún momento el Politburó respaldó oficialmente las negociaciones de Shevardnadze para llegar a "un acuerdo en principio" sobre una prohibición de los cohetes de alcance intermedio. Se conjeturó en esos momentos que la aprobación habitualmente se producía al retorno del emisario a Moscú para informar al Politburó. Pero Shevardnadze fue de Washington a las Naciones Unidas y luego a América Latina, lo que demoró la presentación del informe oficial.

Pero incluso cumplido esto, dijeron los analistas occidentales, el Politburó "tomó nota" de las reuniones de Shevardnadze sin aprobar oficialmente el resultado.

"Tomado aisladamente, no le daríamos mucha importancia", dijo una fuente. "Pero teniendo en cuenta lo que ocurrió, nos preguntamos si Gorbachov puede controlar su grupo gobernante".

Sin embargo, el alto funcionario dijo que el paso atrás dado por Gorbachov en cuanto a la cimera, en algunos aspectos coincidió no sólo con su actitud de hace un año en la cimera de Islandia sino también con las tradicionales tácticas negociadoras soviéticas.

En Islandia, Gorbachov y Reagan acordaron no sólo los aspectos esenciales de una prohibición de misiles en Europa sino también una reducción del 50 por ciento en las armas nucleares de largo alcance y una eventual eliminación de todos los arsenales nucleares.

Esa propuesta fracasó cuando Gorbachov vinculó el completo acuerdo con un acondicionamiento que, según los funcionarios norteamericanos, pondría fin al programa de Reagan de defensa espacial antimisilística", denominado "Guerra en las Galaxias". Reagan no cedió y tampoco lo hicieron sus negociadores cuando Gorbachov volvió a plantear ayer la cuestión y dijo que el progreso logrado no justificaba la realización de otra cimera.

El funcionario norteamericano dijo que los soviéticos "pueden creer que Reagan necesita tanto una cimera que para lograrla está dispuesto a modificar aspectos sustanciales de su posición. Pero eso no va a ocurrir".

01.01

8710550

HR/

ARCHIVAR EN: UR83 (026)

TEMA: Crean Fondo Lepin para la niñez abandonada y huérfana.

PROCEDENCIA: LA HORA 15/10/87

ARCHIVADO EN: Frentes Gral (032)

01.01 8710552

URSS se lanzaría al espacio una nueva generación de transbordadores

Hamburgo (DPA). Tras la exitosa prueba de un nuevo gigantesco cohete portador, la Unión Soviética podría lanzar al espacio una nave recuperable ya antes de que Estados Unidos reanude a mediados de 1988 los vuelos de sus transbordadores espaciales.

Expertos norteamericanos en astronáutica y funcionarios del gobierno de Washington le restan importancia a este logro de la cosmonáutica de la URSS, alegando que con el lanzamiento del nuevo cohete portador, de 100 toneladas, los soviéticos alcanzarán el estadio de la técnica espacial en que se encontraba el programa de la NASA a finales de los años 60.

Sin embargo, el lanzamiento de un artefacto de tales características no deja de impresionar a los norteamericanos pues en el mundo occidental no existe ahora un cohete similar.

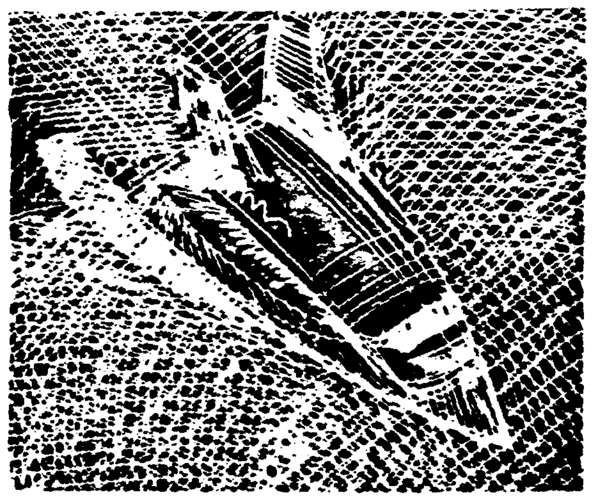
Después de la catástrofe del transbordador espacial "Challenger" en enero de 1986, los norteamericanos serían felices si pudieran disponer hoy de un cohete portador de solo 50 toneladas.

Un cohete de 50 toneladas que está siendo desarrollado a propuesta del Pentágono, no estará listo seguramente antes de mediados o de finales de la década de los años 90. Hasta entonces Estados Unidos dependerá de los transbordadores y de los nuevos cohetes del arma aérea "Titán IV" para el transporte hasta el espacio de carga útil muy pesada.

Pero la NASA con ninguna de las dos alternativas puede transportar más de 25 toneladas de carga útil.

La Unión Soviética, después del lanzamiento de su nuevo gran cohete "Energía", el 15 de mayo, habla del comienzo de una "nueva etapa en el desarrollo de la técnica cósmica soviética y en el programa para la exploración del espacio".

La agencia oficial soviética TASS calificó el test de éxito total y enfatizó que se trataba del inicio de una nueva era de la cosmonáutica con fines pacíficos. Sin embargo, TASS explicó al mismo tiempo que expertos militares habían participado en la construcción y experimentación del gran cohete. El "Energía" tiene una utilización "universal" y es, según la versión soviética, "la pieza principal de un sistema de transbordadores espaciales", en el que vienen trabajando desde



hace tiempo los científicos soviéticos.

El programa de la URSS incluye un plan de diez años para la exploración de Marte con naves no tripuladas, en cuyo marco los soviéticos transportarán hasta el planeta rojo no menos de 27 toneladas de instrumentos y vehículos automáticos.

Por otra parte las naves soviéticas irán accionadas solo por combustible líquido, en contraste los "Shuttle" que, una vez encendidos, tenían que ser lanzados.

Por último irán provistas, se afirma, de reactores adicionales para que el aterrizaje se produzca por propulsión propia y no por el procedimiento del planeamiento, como en las naves recuperables americanas.

Los grandes cohetes y los transbordadores espaciales soviéticos deben jugar un papel decisivo para la realización del programa de estaciones espaciales permanentes.

El presidente de la Academia Soviética de Ciencias, Gury Martshuk, declaró en una entrevista para TASS que los "complejos orbitales tripulados son la piedra angular para la exploración del cosmos".

HB

026



Vladimir Titov, disidente soviético (ex agente de la KGB), a su llegada a Viena.

Represión a los disidentes en la URSS

El deshielo soviético está mostrando los contornos reales de la represión a los disidentes en la URSS: un testigo calificado, el ex agente de la KGB, Vladimir Titov, testimonió el martes de la semana pasada ante la prensa occidental sobre la utilización de la psiquiatría para el castigo mental y físico de los condenados por tribunales que no aceptan la posibilidad de criterios políticos dispares.

Tras cinco años en el Hospital de Orlov por "pasar información a Occidente", Titov relató acerca de lo que calificó como "años de horror": meses obligado a yacer inmóvil en una cama y siendo forzado a recibir inyecciones que le entumecían la lengua, "mientras a mi alrededor se sucedían los intentos de suicidio": en un lustro, presenció once suicidios exitosos.

Titov fue hospitalizado en 1982 por informar a occidente que prisioneros soviéticos eran utilizados para los trabajos de construcción del gigantesco gasoducto siberiano y en el marco de la "glasnost" fue liberado para que abandonara el país perentoriamente antes del 1° de noviembre con destino a Israel.

El relato de Titov ante corresponsales occidentales fue apuntalado por el testimonio de otros ex pacientes, en lo que constituye la descripción *hasta ahora* más dura de esta forma de represión, de acuerdo a lo consignado por el matutino norteamericano "The Washington Post".

En 1981 fue apresado el médico soviético Anatoly Koryagin por diagnosticar como sanos a una serie de condenados a tratamiento psiquiátrico y ahora fue autorizado a emigrar, simultáneamente con Titov. Al mismo tiempo, la utilización de la psiquiatría como método represivo fue reconocida oficialmente por primera vez en el mes de octubre por la prensa soviética.

Un periodista y experto en leyes publicó en el diario "Izvestia" un artículo crítico sobre lo que calificó de "abusos de la psiquiatría soviética", al tiempo que proponía revisar los términos bajo los que los "pacientes" eran condenados a tratamiento.

La admisión del problema *no implica* su solución inmediata. Titov testimonió que el tratamiento psiquiátrico "es cada vez más duro", pese a los casi tres años que lleva Mijail Gorbachov al frente de la Secretaría General del Partido Comunista de la Unión Soviética. El *número* total de internados bajo estas condiciones se desconoce, pero de acuerdo al ex prisionero político y hoy editor del periódico independiente "Glasnost", Sergei Grigoryants, "debe de haber varios miles: veo dos o tres casos por día" de gente que fue "dada de alta" y acude a la redacción del periódico. "Hasta ahora no había tomado conciencia del problema", dijo el ex internado.

El Día LA SEMANA
31/10/87

01.01

8710565

HR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: "El Tema de los Judíos en la URSS es crucial"

PROCEDENCIA: El Día 27/10/87

ARCHIVADO EN: B'NAI B'RITH (006)

01.01 8710578

Nueva propuesta por cumbre haría URSS

MOSCU. — El ministro de Relaciones Exteriores soviético, Eduard Shevardnadze, mantuvo ayer una sorpresiva entrevista con el embajador estadounidense, Jack Matlock, en medio de conjeturas de que Moscú podría formular una nueva propuesta sobre una cumbre.

Al informar sobre la iniciativa de Shevardnadze, la agencia oficial "TASS" dijo que ambos discutieron "asuntos de interés mutuo".

La Embajada estadounidense confirmó que el encuentro había tenido lugar pero omitió dar detalles adicionales.

Poco después, se anunció que el ministro de Relaciones Exteriores soviético, Eduard Shevardnadze, llegará a Washington a fines de esta semana.

La visita imprevista del jefe de la diplomacia soviética tendría que ver con la cumbre entre el presidente Ronald Reagan y el líder soviético Mijail Gorbachov. Según la cadena de televisión CNN, Shevardnadze se entrevistará el viernes con Reagan.

Según un alto funcionario estadounidense, fueron los soviéticos quienes pidieron nuevas entrevistas entre los jefes de las diplomacias de ambos países.

El secretario de Estado norteamericano, George Shultz, visitó Moscú el jueves y viernes pasado, pero contrariamente a lo que convinieron ambas capitales en setiembre, ninguna fecha fue fijada para una nueva cumbre, pese a los nuevos progresos en la vía de un acuerdo para la eliminación de los misiles intermedios (INF).

Según analistas, algunos indicios harían pensar que Shevardnadze podría ofrecer una nueva propuesta tendiente a quebrar el aparente estancamiento sobre la fijación de una fecha para una nueva conferencia entre el líder soviético Mijail Gorbachov y el presidente estadounidense Ronald Reagan.

El portavoz del Ministerio de Relaciones Exteriores, Boris Pyadyshev, manifestó luego en rueda de periodistas que la reunión de Shevardnadze con Matlock sirvió para tratar "el desarrollo de cuestiones que figuraron en el centro de las negociaciones de Moscú", entre el secretario de Estado, George Shultz y Shevardnadze.

La burocracia no se entrega

MOSCU (Por Robert Gillette, de Los Angeles Times, especial para Clarín) — Desde Estonia en el Báltico, hasta Vladivostok en la costa del Pacífico, Mijail Gorbachov ha llevado su prédica de "perestroika" —sus palabras para nombrar la revitalización de la sociedad soviética—, con el fervor de un predicador evangelista, a un público escéptico.

"Lo que necesitamos es trabajo, trabajo y más trabajo", dijo a una multitud en Vladivostok. En Estonia, donde se mezcló con la gente en las calles de Paide, el líder soviético buscó una metáfora marítima: "Imaginen a nuestro país como una gran nave que sale en un viaje muy largo, que tendrá que enfrentar tormentas. Todo debe estar en orden en el puente y la tripulación —todos los habitantes del país— debe trabajar mucho".

Pero no todos han respondido al llamado. En la sala de máquinas de la economía soviética la vida sigue con muy pocos cambios en evidencia.

Sasha, un trabajador que se encarga de reparaciones generales en un hospital de Moscú, es muy consciente. A diferencia de muchos de sus compatriotas no bebe en su trabajo. Se queda fuera de hora cuando se necesitan reparaciones urgentes, aunque sabe que quizá no le paguen horas extras.

Casi tres años después que Gorbachov empezó a hablar de la necesidad de reformas radicales en la economía siguen existiendo todos los problemas anteriores en el lugar de trabajo de Sasha. La misma sofocante burocracia, la escasez de repuestos y de mano de obra calificada, el mismo cinismo y descuido. Su persistencia inspira poca confianza de que la "perestroika" sea algo más que una promesa vacía.



El líder soviético, Mijail Gorbachov

Un espejo

"Nuestro hospital —dijo Sasha—, es un pequeño espejo de toda la economía. Los doctores se están volviendo locos. Nada anda bien en el hospital." El único elemento del plan de Gorbachov que ha penetrado es el nuevo sistema de cálculo de los sueldos: el salario de Sasha fue reducido en un 5 por ciento.

No es el único. De acuerdo al director de una casa estatal de venta de comida de Moscú, recortes similares han bajado en 10 o 5 % los sueldos de sus empleados. Los trabajadores de la tienda de artículos para chicos más grande de Moscú —Detski Mir, que da la casualidad de que está enfrente de los cuarteles de la KGB—, cerró por un día como protesta por la quita en los sueldos.

Sasha comentó que uno de los mayores problemas en el hospital es el "departamentalismo" —la preocupación que muestran las agencias burocráticas por sus propios intereses—, y el desinterés por el bien general.

Sasha, por ejemplo, trabaja en el hospital, pero hablando con propiedad, no para él. Su empleador es otra agencia estatal que provee ayuda técnica a los institutos médicos.

"El jefe del hospital piensa que hacemos un trabajo muy malo, y tiene que firmar planillas por cada cosa que hacemos, si no, no nos pagan", contó Sasha. "Pero como no trabajamos para él, nuestro jefe dice que algunas cosas de las que nos pide no son nuestra responsabilidad. Entonces hay constantes peleas, constantes discusiones acerca de si nos van a pagar o no".

Uno de los principales objetivos de las reformas es reducir el poder de los planificadores centrales, cuyas inflexibles directivas son culpables, se dice, de gran parte del desperdicio y de la irracionalidad de la economía.

Pero lo que hicieron los planificadores con las ventanas del hospital sugiere que todavía no tienen lo que Gorbachov denominó "nuevos pensamientos". Porque era lo determinado por el plan quinquenal de alguien, el verano pasado apareció una cuadrilla de trabajadores que sacó todas las ventanas de dos pisos del hospital y las cambió, aunque todos estuvieron de acuerdo en que las viejas estaban bien.

Para empeorar las cosas, como en Moscú había escasez de masilla dejaron los vidrios asegurados con unos pocos clavos.

"Hasta ahora se han caído diez", comenta Sasha. La agencia ya acabó su trabajo y lo considera terminado.

No tiene ni tiempo ni dinero asignado para arreglos.

La responsabilidad ha recaído en el carpintero del hospital, que ve aumentado su trabajo, pero que no recibirá paga extra por hacerlo.

El hospital de Sasha también refleja otro aspecto de la sociedad soviética: los privilegios especiales para la elite que coexisten con las privaciones generales.

REFORMA EN LA ECONOMIA SOVIETICA

Pequeñas sociedades triplican ingresos

MOSCU. (Por Robert Gillete, de Los Angeles Times, especial para Clarín). — Las calzas de lana y los comienzos de la reforma económica en la Unión Soviética han cambiado la vida de Lidia Petrovna.

Hace apenas unos meses Lidia, de 42 años, mamá de dos chicos, trabajaba en una fábrica textil de Moscú por apenas 100 rublos (160 dólares) por mes.

Con un depósito de ingreso de 200 rublos, Lidia y otras 19 operarias de su fábrica decidieron aprovechar la oportunidad y apostar al éxito del programa del líder soviético Mijail Gorbachov formando una cooperativa.

Ahora las socias de la nueva cooperativa, respaldada por la fábrica en la que trabajaban pero manejada por ellas mismas, trabajan en sus casas en máquinas de tejer japonesas alquiladas a la fábrica. Lidia produce mensualmente 70 pares de calzas de lana.

Por cada par se le pagan 4,50 rublos. La cooperativa las vende en un puesto de venta que tiene en uno de los mercados libres de Moscú al exorbitante precio de 25 rublos.

"Es mucho, pero no hay otro lugar en Moscú donde se puedan encontrar calzas" dijo Petrovna. **"Hay que ver cómo se empujan las mujeres para llegar a comprarlas".**

Lo más importante es que después de pagar impuestos ha casi triplicado sus ingresos, que ahora son de 280 rublos (448 dólares) por mes. Y junto con sus socias planea aumentar el capital, comprar máquinas de tejer y abrir un nuevo negocio de venta de ropa tejida a medida.

La empresa de tejidos de Lidia Petrovna es una de las alrededor de 3.000 pequeñas cooperativas, la mayoría cafés y negocios de comida, que se han organizado en estos últimos meses en todo el país. Con la legislación puesta en vigencia el 1° de mayo, se han creado miles de negocios adicionales familiares, sin ninguna vinculación con el Estado, que ofrecen servicios que van desde peluquería a reparación de automóviles.

Con una notable velocidad para un país que se extiende por 11 husos horarios y una sexta parte de la superficie terrestre del planeta, se ha empezado el proceso de reorganización de la economía, un proceso que podría traer aparejados los cambios más drásticos que haya experimentado la Unión Soviética desde fines de la década del '20. Entre ellos están:

- **A partir de enero de 1988 y con una nueva ley para las empresas públicas, las 37.000 empresas industriales de control estatal tendrán en el curso de los próximos dos años libertad para administrarse y la insólita responsabilidad de pagar su propia evolución con sus ganancias,** en vez de vivir de los fondos ilimitados del gobierno.
- Algunas firmas estatales han logrado el permiso para tratar directamente con las compañías del exterior, la compra y la venta de los productos, en vez de pasar por la burocracia de los ministerios. **Directivas todavía no muy bien delineadas harán que unas pocas empresas soviéticas** puedan también negociar emprendimientos conjuntos con firmas occidentales, con hasta el 49 % del capital como aporte del socio extranjero.
- **Las 49.000 granjas colectivas y estatales que forman el sistema agrícola soviético tendrán una autonomía similar, todavía no definida con claridad. Además, por primera vez en medio siglo, se está alentando a las granjas colectivas a organizar su trabajo en torno a unidades familiares que cultivarán extensiones de campo estatal bajo contratos de largo plazo.**

Estos y otros cambios económicos que ha puesto en marcha Gorbachov estos últimos meses darán un gran salto a partir del 1° de enero en la reestructuración de la industria soviética. Estas reformas serán completadas en el próximo período de planificación de cinco años que comienza en 1991, con la reorganización de los sistemas bancario y de crédito y la creación de una nueva rama de la economía en forma de mercado mayorista abierto de productos industriales.

Temores

En la óptica de muchos economistas tanto soviéticos como europeos, si se llevan a cabo como están enunciadas, estas reformas de Gorbachov marcarán un punto de inflexión en la manera en la que el Estado soviético maneja la sociedad soviética.

Pero hay temores de que, antes que la reforma logre producir un renacimiento económico, la transición al nuevo sistema de manejo económico de los próximos dos o tres años produzca tal inquietud en la economía que aliente una reacción conservadora que la diluya, porque los 18 millones de burócratas del gobierno y del partido, entre otros, no tienen demasiado que ganar.

Además, lo que es más importante, los líderes soviéticos se enfrentan a un pueblo escéptico, ansioso y profundamente conservador —especialmente los trabajadores de la industria pesada— que tiene muchas razones para sospechar que la reforma económica en el futuro inmediato significará más trabajo, paga más baja, mayores precios y ninguna mejora significativa en su nivel de vida.

A diferencia de **Lidia Petrova**, que sacó beneficios de las primeras etapas de la reforma, muchos trabajadores de fábricas y de tiendas estatales han sufrido reducciones en sus salarios, ya que la presión ejercida sobre los administradores los lleva a mejorar la calidad de los bienes y servicios y a economizar en salarios.

En los diez años anteriores a la ascensión al poder de Gorbachov en marzo de 1985, **el crecimiento económico tuvo una declinación constante, de alrededor del 2 % por año. Además, el 13 % de las empresas industriales del país y el 30 % de sus predios agrícolas estaban perdiendo plata.**

Precrisis

En discursos dirigidos a la elite del partido y al público por televisión, **Gorbachov ha citado alguna de esas fallas como evidencia de que la Unión Soviética ha llegado a "condiciones de precrisis" de parálisis económica, que hacen necesario un cambio sistemático de la sociedad si se quiere preservar el status de superpotencia.**

Por razones ideológicas, las ganancias —el motor económico del capitalismo— fueron reemplazadas en la década del 30 por un intrincado mecanismo de cuotas de producción por el cual se medían los resultados de una empresa.

Desde ese momento, el cálculo de salarios y bonificaciones se hizo en función de la cantidad de miles de tractores, toneladas de papas o millones de pares de zapatos producidos. No se dio mayor importancia a que los tractores anduvieran bien, las papas llegaran a los consumidores o los zapatos fueran de buena calidad.

Le Monde

Exclusivo EL DIA

Nuevo gesto de Moscú

Cuando durante setenta años un régimen se emplea para extirpar con éxito toda forma de oposición y, de repente, decide llamar a una movilización en favor del cambio, tropieza fatalmente con tres males: la falta de credibilidad, la pasividad y la desconfianza.

En la Unión Soviética existen entusiastas del "gorbachovismo". Se los encuentra en las grandes salas de redacción, entre los historiadores, en institutos científicos y también en algunos sectores del aparato del partido. Se trata en este caso de fuerzas que cuentan en una batalla política, pero, sin embargo, subsiste el hecho de que Gorbachov, más de dos años después de su acceso al poder, está lejos de haber constituido una base social.

Para lograr un comienzo de racionalización en el funcionamiento de la economía soviética le falta al mismo tiempo, reducir la dimensión y los poderes de las burocracias centrales y disminuir el nivel de vida de la población alzando fuertemente los precios al detalle.

En otras palabras, reforma significa en primer lugar sacrificios para la mayoría. Pero si bien la historia ha conocido muchos dirigentes visionarios que han sabido convencer a su pueblo para que olvide el presente para construir el futuro, el problema para Gorbachov estriba en que los pueblos soviéticos no han hecho otra cosa desde hace setenta años.

"A priori" tienen tantas razones menos para redoblar la abnegación cuanto que sus sacrificios han sido esencialmente vanos: de ahí la repentina urgencia de las reformas.

Para "reconstruir" su país, Gorbachov no necesita, pues, sólo buenas ideas, sino que también debe dar pruebas políticas. En diciembre pasado, fue eso la autorización otorgada a Sajarov para que retornara de su largo exilio de Gorki. Si sólo se hubiera tratado de un gesto de apaciguamiento dirigido a Occidente, esta liberación habría bastado por sí misma. Al llamar personalmente por teléfono al defensor de los Derechos Humanos, el secretario general significó ante todo, de hecho, que las reformas económicas tenían que acompañarse necesariamente con evoluciones políticas. En gran medida se debió a ese gesto el que una élite lo haya tomado en serio. Quizás estemos asistiendo actualmente al comienzo de una segunda etapa.

Porque, en una nueva "primicia" en Moscú, los corresponsales extranjeros fueron recientemente invitados a entrevistarse con representantes de varios grupos "no oficiales" creados después del comienzo de la "glasnost".

Ahora bien, así se pudo saber que sólo en la capital estarían registradas cuatrocientas de esas organizaciones y que ellas desearían "presentar sus propios candidatos en las elecciones a cargos gubernamentales de todos los niveles". No se trata de pluralismo, pero, por el solo hecho de que se haya efectuado este anuncio en los locales de la Novosti, este deseo ya no es un escándalo absoluto para el sistema soviético.

Si bien esto no significa que se vaya a realizar mañana, su significación no deja de ser clara e importante. En primer lugar, Gorbachov organiza o deja que se organicen los partidarios del movimiento con la finalidad de escamoteárselos a los partidarios del "orden", agrupados en torno a la organización nacionalista Pamyat. En segundo lugar, el secretario general lanza su verdadero primer globo sonda respecto de eventuales reformas políticas institucionales.

Al mismo momento, en Varsovia, el general Jaruzelski acelera su propio "recauchutaje" y el Este empieza recién a ponerse en movimiento.

01.01

8710602

026

EL MITO DE LA MEDICINA SOCIALISTA

Uno de los artículos de exportación propagandística más recibidos en el Occidente libre, es la creencia de la óptima condición en que se encontrarían los servicios hospitalarios y, en general, el cuidado de la salud pública, en los países socialistas.

Según esa interesada y difundida versión, el hombre común tendría asegurada no sólo la atención médica en todos sus niveles sino, además, la alta calidad de la misma.

Sin embargo, pocos meses atrás, severas críticas se hicieron oír en Cuba por la ineficacia de esos servicios y por el poco éxito de los programas de extensión hospitalaria.

Ahora, por añadidura, es la URSS el centro mundial del poder soviético, la que introduce reformas que implican el reconocimiento de las serias deficiencias que aquejan a su salud pública.

Por primera vez, en efecto, aparecen los hospitales donde la internación es paga, donde se cobra por terapias adicionales y donde el paciente disfruta de la comodidad de estar en una habitación individual y de otras comodidades que no se brindan en los hospitales gratuitos.

El país, supuestamente sin clases sociales, legaliza una situación que distingue a los ciudadanos según sus ingresos: el que puede y el que no puede pagar su atención hospitalaria.

La gravedad de esta cuestión se limitaría únicamente al campo doctrinario, si no fuera porque los hospitales gratuitos dejan mucho que desear y no ofrecen el nivel a que tendría derecho cualquier paciente.

El ministro del ramo, Eugenio Chazov, calificó como desoladora la situación imperante en la URSS y un periódico especializado en temas médicos reprodujo el informe de varios inspectores de centros asistenciales señalando abusos como los que se indican: "las enfermeras de piso pasan las noches durmiendo y abandonan las salas de terapia intensiva y los pacientes en mejores condiciones físicas fuman, beben y realizan fiestas hasta altas horas de la noche".

A esa falta de celo profesional y a esos excesos, se agrega que escasean los medicamentos, que florece el mercado negro de los mismos, que los sueldos médicos son bajos y que, en consecuencia, la corrupción y la venalidad campean por sus fueros.

Queda demostrado, una vez más, que el marxismo se equivocó de pe a pa respecto a la naturaleza humana y que ésta sólo reacciona con eficiencia cuando está motivada y cuando, como ya no caben dudas, la competitividad constituye el principal factor selectivo en las relaciones de trabajo.

El País 08/10/87

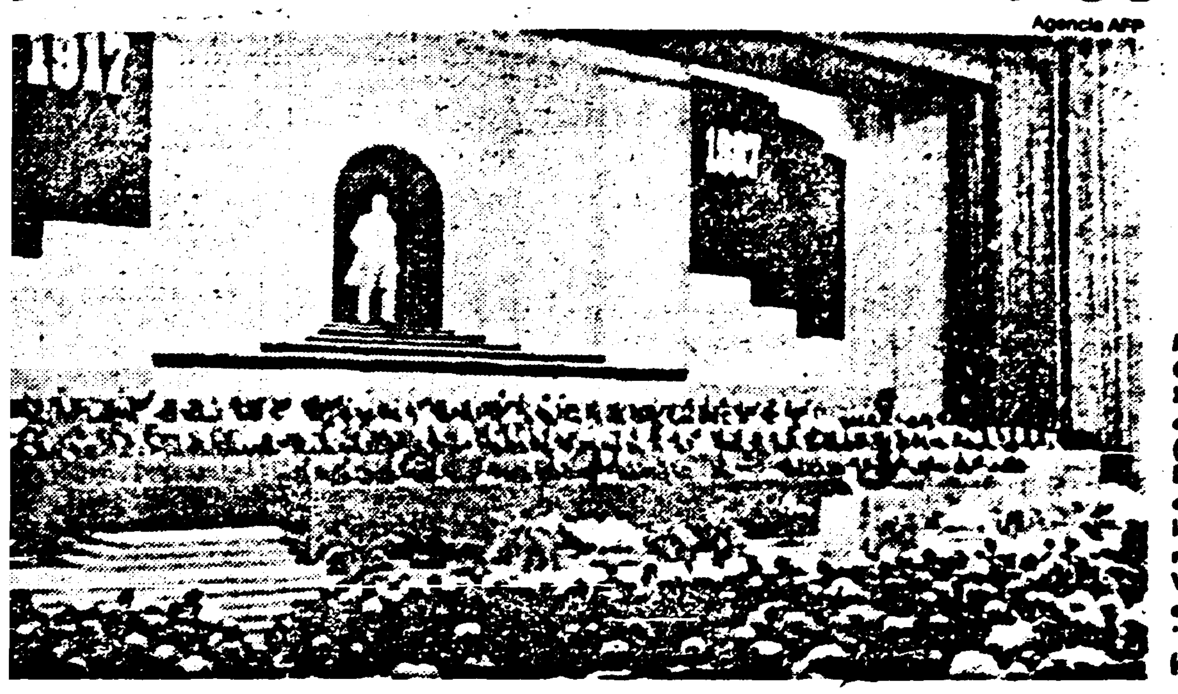
01.01

8710617

...RE LA POLITICA INTERNA

...viético denunció una ...sectores conservadores

Agencia AFP



Mijail Gorbachov hablo ayer en el Kremlin (izq.). Iuri Dubinin, embajador en los EE.UU., muestra en Washington el libro "Perestroika" (abajo).

...lores de la política de reformas, escuchó el discurso ...sde muy cerca del secretario general, sentado en se...nda fila entre los miembros del Politburó y del Secre...riado.

"Es inadmisible saltear etapas o intentar hacerlo ...do en un dos por tres", sostuvo Gorbachov. "Estamos ...guros de que el amplio respaldo a los cambios por ...rte de los trabajadores, y la comprensión de la necesi...d de transformaciones, seguirán siendo elementos bá...sos del ambiente que reina en el país", añadió.

Reconoció sin embargo que los dos o tres años próxi...s "serán los más difíciles", dado que "será preciso ...mplir a un tiempo tareas de gran magnitud en la ...onomía, en la esfera social, en la ideología y en la ...ltura".

...desmilitarización y cumbre

La parte final del informe estuvo dedicada a las ...laciones internacionales, y en ese contexto el líder ...viético puso de relieve la próxima firma del acuerdo ...n los Estados Unidos sobre eliminación de misiles ...cleares de mediano alcance: "Será el primer paso ...ngible por el camino que apunta a eliminar los arsena...s atómicos".

Recalcó que ese objetivo seguirá siendo argumento ...ntral en la próxima cumbre de diciembre con el ...esidente Ronald Reagan, "en procura de resultados ...ncretos en la reducción de las armas ofensivas estraté...cas y de proscribir del espacio cualquier arma, lo que ... la clave para conjurar la amenaza nuclear".

El secretario general consideró que la coexistencia ...cífica "se ha convertido en una condición para la su...rvivencia de la humanidad".

"Desde la guerra, la economía estadounidense se ha ...entado hacia el militarismo y ha dependido de él, pero ...ego este insensato y socialmente inútil despilfarro de ...cursos condujo a una deuda nacional astronómica y ...storno las economías de otros países", aseveró.

Mencionó entonces los altibajos y el "pánico sin pre...dentes en casi sesenta años" en las bolsas de valores de ... grandes países occidentales, como un "grave síntoma ...seria advertencia" sobre los riesgos que entraña la ...permilitarización.



"El Tercer Mundo"

MOSCU, 2 (DAN). — La influencia de los países del denominado Tercer Mundo en la política mundial y su peso en la economía internacional se incrementarán a pasos agigantados, sostuvo en su informe ante la máxima dirigencia soviética Mijail Gorbachov.

En su discurso el secretario general del PCUS destacó los papeles jugados internacionalmente por la Organización para la Unidad Africana (OUA), la Liga de los Países Arabes y la Organización de los Estados Americanos (OEA), entre otras.

Entre los asistentes por las delegaciones extranjeras, el presidente nicaragüense Daniel Ortega tuvo favorables comentarios sobre el mensaje de Gorbachov: "Elogiamos las reestructuraciones en la Unión Soviética, porque a nuestro juicio facilitarán un[illegible] aceleración de la corriente revolucionaria de nuestros tiempos", consideró el mandatario centroamericano.

Los observadores destacaron el hecho de que la delegación cubana haya sido encabezada por Carlos Rafael Rodríguez, vicepresidente del Consejo de Estado, e interpretaban la ausencia de Fidel Castro como un signo de tensión en las relaciones entre La Habana y Moscú.

Paralelamente relacionaron la referencia de Gorbachov al Tercer Mundo con una mención a "la lucha de los países latinoamericanos por consolidar su independencia en todos los dominios, por liberarse de todas las cadenas neocolonialistas", hecha por el líder soviético en su libro sobre la perestroika, en lo que interpretan una reorientación de la política de Moscú hacia los países en vías de desarrollo.

01.01

0.10625

CONMEMORACIO[N] DE

Duras crítica[s] ... dirigentes his[tóricos]

024

EN FOCO

Instinto político

Pese a los juicios severos con los que Gorbachov cuestionó ayer a personalidades políticas tan diversas y tan diferenciadas como Stalin, Kruschev y Brezhnev, el tono de su discurso no pasó por una revisión pura y original de la historia soviética. Es muy probable que sus declaraciones morigeradas hayan decepcionado a propios y extraños y, seguramente, a la totalidad de los jóvenes intelectuales soviéticos que habían sumado entusiastamente sus voces a una campaña reformista, con la esperanza de que el PCUS oficializara su enfrentamiento con algunos "espacios en blanco" que esconden más de una atrocidad de la historia soviética.

Del mensaje puede inferirse que Gorbachof no intenta ir tan lejos, separarse tan rotundamente de un discurso de varias décadas, presionado por los conservadores comunistas que temen que una manifestación de absoluta franqueza y sinceramiento puede llegar a socavar la autoridad partidaria sobre el pueblo.

Gorbachov es, para la visión occidental, algo así como un reformista cabal, pero parecería que su instinto político lo protege de un enfrentamiento frontal con la cúpula partidaria, en la que tienen un significativo poder precisamente los conservadores. Prueba de esa cautela —o de algún reflejo de sobrevivencia— es el reproche de "las personas impacientes" por buscar una aceleración en el ritmo del cambio, concesión obviamente dirigida a aquellos.

Casi pidiendo un minuto, en términos deportivos, Gorbachov anunció que los tres próximos años serán decisivos y, en cierto sentido, críticos. Adelantó la constitución de una comisión encargada de enderezar los entuertos de la historia, pero en cambio no dio pistas sobre algunas esperanzas de rehabilitación para víctimas de purgas.

El líder Mijail Gorbachov oficializó ayer la... 70 años de la Revolución Rusa. En mensaj... mente la figura de José Stalin, aunque pun... con León Trotsky y señaló virtudes y error... más, la formación de comisiones que cont... del stalinismo. Al analizar la actual situaci... acción conservadora contra su política de r...

MOSCU, 2 (Reuter, UPI, AFP, ANSA y EFE).— El líder soviético Mijail Gorbachov acusó a José Stalin de haber cometido crímenes enormes e inolvidables y anunció la formación de comisiones que reanuden la tarea de rehabilitar a las víctimas del stalinismo. Gorbachov, empero, no vaciló en fustigar duramente los errores cometidos por algunas de las principales víctimas de Stalin (tales los casos de León Trotsky y Nicolai Bujarin) y de sus sucesores, Nikita Kruschov y Leonid Brezhnev.

Setenta minutos de las casi tres horas que duró su discurso de inauguración de los actos por el 70 aniversario de la Revolución Rusa, fueron dedicados por el jefe del PCUS a revisar la historia de esos setenta años. Ante 6 mil invitados al Palacio de los Congresos —más de 300 miembros del Comité Central, 1.500 del Soviet Supremo, el Parlamento, la Legislatura de la Federación Rusa, obreros e invitados extranjeros especialmente llamados para la ocasión—, Gorbachov detuvo la lectura de su largo informe cada vez que era aplaudido por los presentes.

El extenso informe fue televisado a toda la Unión Soviética y por las cadenas de televisión europeas a todo el continente.

♦ **"Enorme e imperdonable"**

Gorbachov afirmó que "la culpabilidad de Stalin y sus colaboradores inmediatos es enorme e imperdonable. Esta es una lección para todas las generaciones" y agregó que "muchos miles de personas, dentro y fuera del partido, fueron sometidas a vastas medidas represivas. Camaradas, esa es la amarga verdad. Se infligió un grave perjuicio a la causa del socialismo y a la autoridad del partido".

Sin embargo, el jefe del PCUS agregó que "para ser fieles a la verdad histórica tenemos que reconocer la incontestable contribución de Stalin a la lucha por el socialismo, a la defensa de sus logros, como los graves errores políticos y los abusos cometidos por él y quienes lo rodeaban". Y de inmediato informó la creación de una comisión del Comité Central que se encargará de "restablecer la justicia", esto es, rehabilitar a los comunistas asesinados o perseguidos en el período 1924/1953.

Según Gorbachov, Stalin poseía una "personalidad extremadamente contradictoria", aunque reconoce que aportó una "innegable contribución a la lucha por el socialismo" y que la galopante política de industrialización seguida en los años '30, que transformó a la URSS en "una potencia industrial verdaderamente grande", fue el resultado de la adopción del curso único y correcto.

♦ **El período Kruschov**

El dirigente soviético destacó que el 20° y 22° congreso del partido, bajo el liderazgo de Nikita Kruschev, criticaron el "culto a la personalidad" y rehabilitaron a algunas de las víctimas del stalinismo, pero que ese proceso cesó: "El proceso de restaurar la justicia —dijo— no fue completado hasta el final y de hecho fue suspendido a mediados de los años '60. Ahora, conforme a una decisión adoptada en octubre pasado en la reunión plenaria del Comité Central, debemos volver a esto". Mencionó entonces la revisión histórica que se emprenderá, la publicación de libros con el resultado de las investigaciones y la adopcion de "decisiones correspondientes" a los hallazgos de esa comisión.

♦ **Algunos no tienen derecho**

Subrayó, sin embargo, que algunas de las víctimas de Stalin no tienen derecho a la rehabilitación. Al referirse a León Trotsky, enemigo acérrimo de Stalin,

...ANIVERSARIO ...USA

...bachov a ...e la URSS

Stalin

José Stalin, uno de los más controvertidos líderes de ...revolución bolchevique, nació en 1879, en Georgia, con ...nombre de familia de José Visarionovich Jugachvili, ...o de un zapatero. A los 13 años, cuando cursaba el ...minario —segunda escuela eclesiástica—, fue expulsa... por "actividades sospechosas", ya militante en esa ...cial adolescencia en el Partido Obrero y la socialde...cracia. No tenía aún 20 años, cuando organizó, en ...8, la primera gran huelga en la región, que derivó en ...avísimos incidentes y choques del pueblo con los cosa...

Fue el propulsor del primer plan quinquenal, que ...dustrializó a la Unión Soviética y en 1937 fue electo, ...sufragio universal, para el Soviet Supremo de la ...RSS. Su habilidad mantuvo a su país al margen de la ...gunda Guerra Mundial hasta la primavera de 1941, ...mando pactos y manteniendo relaciones amistosas ...n los estados firmantes del denominado Pacto Tripar...o (Alemania, Japón e Italia). Finalmente, reacciona... ante la inminente invasión alemana, Stalin dirigió ...rsonalmente los ejércitos soviéticos, como jefe supre...o y mariscal de las fuerzas rusas. Fue también impul...r de una alianza coyuntural con los Estados Unidos, ...an Bretaña y Francia y declaró la guerra a Japón seis ...s antes de la rendición de los ejércitos imperiales ...pones. Stalin fue uno de los protagonistas de la Confe...ncia de Yalta (con Roosevelt y Churchill) y en la ...sguerra vio disminuido su prestigio. A su muerte, en ...53, sus restos fueron inhumados junto a los de Lenin, ...la Plaza Roja. Con posterioridad, su figura fue termi...ntemente cuestionada por su política de represión.

Trotsky

Hijo de una familia judía de acomodados comerciantes, Leiba Bronstein o Lev Davidovich (Trotsky) nació en ...Elisabetgrad, hoy Kirovograd. Fue educado en las ex...usivas Real Escuela de Pedro y Pablo de Odesa y en la ...niversidad del mismo nombre. Atraído por las cuestio...es sociales, comenzó en su juventud las actividades ...volucionarias, que derivarían en su deportación a Si...ria (1898) de donde escapa en 1902.

Huye a Inglaterra con un pasaporte fraudulento, en ...que —por primera vez— figura el nombre de Trotsky. ...n Londres conoce a Lenin y de regreso a Rusia, en 1905, ...elegido miembro del Soviet de Trabajadores, pero al ...tallar una huelga revolucionaria por él orientada, es ...evamente deportado a Siberia, de donde otra vez fuga, ...ra dirigirse a Viena.

Relativamente moderado hasta 1917, fue colabora...r de Lenin, uniéndose al bolcheviquismo. Presidió la ...legación que negoció y firmó el Tratado de Brest-Li...vsk (1918) y desde entonces y hasta 1925 se hizo cargo ...l Comisariato de Guerra, organizando el Ejército Ro... Tras la muerte de Lenin, perdió poco a poco su autori...d y José Stalin lo destituyó y manejó su expulsión del ...CS. En 1928 se le ordena abandonar la URSS.

Errante por Europa y por América, encontró final...ente refugio en México, en donde fue asesinado en ...40.

Bujarin

Cuando en 1938 fue fusilado por orden de José Stalin, ...l nombre de Nikolai Bujarin tenía un prestigio solo ...nferior al de Lenin. Bujarin, un periodista y escritor de ...alento, había sido expulsado del Politburó en 1929, pre...isamente por su férrea oposición a las políticas de Sta...n. Este revolucionario bolchevique fue autor de "El ...ABC del comunismo", considerado por muchos años co...o una "biblia" para los jóvenes comunistas, pero que ...e prohibido en 1938, junto con otras obras fundamen...les del mismo Bujarin sobre marxismo, economía y ...ciología.

Bujarin, un teórico, vivió en los Estados Unidos ...rante la Primera Guerra Mundial, pero se apresuró a ...tornar a Rusia tras el derrocamiento de la monarquía ...los Romanoff y colaboró activamente con Lenin a ...ganizar la Revolución Bolchevique de 1917. Fue ...iembro del primer Politburó —presidido por Lenin— y ...estigioso dirigente del Comitern (Internacional Comu...sta). También dirigió el "Pravda" y el "Izvestia".

Precisamente en ese año, el escritor se alió con Stalin ...ntra los trotskistas y como miembro del Politburó y ...itor del "Pravda", apoyó la nueva política económica ...(NEP), que permitió un considerable desarrollo de la ...presa privada en el comercio y la pequeña industria.

8710626

...DE LA REVOLUCION RUSA



Mijail Gorbachov, José Stalin y León Trotsky.

Kruschev

Nikita Salomón Pearlmutter (Nikita Kruschev) nació en Ucrania en 1894, ingresó muy joven al Partido Comunista y su carrera meteórica —y silenciosa— no registra mayores antecedentes relevantes. Tras la Segunda Guerra Mundial fue designado secretario general del PCS en Ucrania y permaneció en esa república socialista hasta 1950, cuando se dirigió a Moscú.

Nikita Kruschev permanece desde ya en la historia a través de su protagonismo en dos tareas de singular importancia: la lucha en la URSS contra el "culto a la personalidad" —lo cual en Occidente suele llamarse "destalinización"— y la coexistencia pacífica, que se afianzó durante su égida.

No fue Kruschev ciertamente el "inventor" de la teoría de la coexistencia pacífica: todo pensador revolucionario, incluidos los clásicos Marx, Engels y Lenin, insistieron en esa necesidad de la política internacional. Con todo, correspondió a Kruschev llevar a la práctica, con testarudez de campesino ucraniano, esa coexistencia pacífica que la Unión Soviética trataba de establecer desde que, en 1918, Lenin obligó a Trotsky a admitir las ruinosas condiciones que se imponían a la derrotada Alemania. También durante el lapso en que gobernó la economía de la URSS creció incontrolablemente en todos los órdenes, convirtiendo a la casi paupérrima Rusia fundada por Lenin en una superpotencia de primerísima magnitud: un país capaz de invertir enormes capitales en la investigación científica y de cotejar —y adelantarse— a todos los demás con el lanzamiento del Sputnik en la conquista y asimilación del espacio exterior.

Acusaciones de graves errores, de cambios de rumbo en la conducción política y económica de la URSS precipitaron la revocación de su mandato, en 1964.

Brezhnev

La trayectoria del pragmático y paradójico Leonid Ilitch Brezhnev, para su mejor comprensión, deberá ser examinada con referencia a la política global de Moscú en sus 18 años de su gestión. Sin dudas fue Brezhnev uno de los más activos promotores de la distensión, por lo menos en teoría, ya que fue precisamente él quien ordenó la invasión a Afganistán y quien envió los tanques a Checoslovaquia (1968), que se había apartado peligrosamente de sus fuentes ideológicas.

Después de Lenin, Stalin y Kruschev, Leonid Brezhnev accede al más alto nivel de poder en la URSS: a diferencia de aquellos, no participó en la gestión del comunismo en Rusia. Nacido en 1906, ingresó a la Liga Comunista en 1923 —un año después moriría Lenin— y recién entre 1942 y 1946 su nombre comienza a inspirar respeto.

Para algunos de sus biógrafos, Leonid Brezhnev fue un prototípico exponente de la generación política promovida por Stalin. En realidad, Brezhnev compartió buena parte de los principios de aquel: si bien es rigurosamente cierto que no impuso el imperio del terror ni desató una represión feroz como Stalin, también es cierto que castigó con alguna severidad todo intento de disenso y así fue que muchos activistas de derechos humanos fueron sentenciados a cumplir largos períodos de "rehabilitación" o fueron directamente confinados.

Brezhnev construyó el más importante arsenal militar que recuerde la historia, pero esa prioridad armamentista trajo aparejada, como costo, el retraso de la economía de la Unión Soviética en relación con los países industrializados de Occidente.

02.02

8710626

Detrás de la fachada de la "Glasnost"

Por Natan Sharansky

La lucha por el judaísmo soviético se encuentra en una encrucijada.

Irónicamente, en el mismo momento en que celebramos la liberación de prisioneros de conciencia y "rechazados" veteranos por quienes luchamos durante mucho tiempo, cuando expresamos nuestro júbilo por el otorgamiento de visas de salida a líderes del movimiento como Ida Nudel, Victor Brailovsky y Josef Begun, y nos sentimos complacidos por el aumento de la emigración judía de 100 a 500 por mes, podríamos estar al borde del fracaso.

Es difícil creer que toda la saga de la redención de los judíos soviéticos ha sido solo un proceso de veinte años. El renacimiento del sionismo en Rusia, la certidumbre de que un judío soviético podía escapar a su destino de ser ciudadano de segunda clase no sólo mediante la asimilación y la pérdida de identidad sino afirmando su propia nacionalidad, es algo que adquirimos solamente después de la Guerra de los Seis Días.

Todas nuestras añoranzas latentes, nuestras adormecidas esperanzas de identidad judía y libertad personal, se despertaron repentinamente. Y su fuerza, apoyada por la presión masiva de Israel y el judaísmo mundial, se volvió *irresistible. Lo que comenzó con algunas gotas se transformó en una corriente, un éxodo de proporciones históricas, un movimiento para redimir a todo un pueblo.*

Es útil recordar lo que sucedió cuando los soviéticos trataron de ahogar al movimiento en sus comienzos. En 1972 impusieron una "tasa de educación" que exigía a los aspirantes a la emigración el pago de un inmenso rescate, con el pretexto de la devolución del costo de su educación. *La indignación fue universal y el resultado fue dramático.* En pocos meses, los soviéticos dejaron de aplicar la ley y el Congreso de los Estados Unidos comenzó a deliberar sobre una legislación que luego se transformó en la Enmienda Jackson, que condicionó la liberalización del comercio y la concesión de créditos a la política de emigración soviética. Se estableció de este modo el principio de la "conexión". La conducta soviética en materia de derechos humanos se transformó en un elemento decisivo en la determinación de los niveles de las relaciones comerciales.

Sin duda, el hecho de que la nueva ley de emigración soviética no haya recibido ninguna atención, es una demostración de la habilidad de Gorbachov. Y esto sucede, a pesar de que las restricciones impuestas imposibilitan la emigración de todas las personas que no tengan parientes de primer grado, padres, hijos o nietos, es decir el 90% de los 400.000 judíos que indicaron su deseo de irse.

La glasnost logró modificar la naturaleza de la lucha de un esfuerzo global de liberación nacional a una liberación gradual de célebres prisioneros de conciencia y "rechazados". Y, de manera increíble, la misma comunidad judía que en 1979 consideraba que los 50.000 emigrantes a los que Brezhnev dejara salir no eran suficientes, ahora está deslumbrada por los 8.000 de Gorbachov y saluda la liberación de cada "rechazado" veterano como un signo que anuncia la salvación.

Pregunté a Josef Begun por teléfono el otro día si él pensaba que la situación de los judíos soviéticos había mejorado. El dijo que la glasnost se manifiesta en los diarios y en discursos y en el hecho de que famosos "rechazados" y disidentes fueron liberados. Pero sus propios esfuerzos por registrarse como maestro de hebreo fueron rechazados. Los judíos que piden visas de salida siguen siendo tratados como traidores, y debido a la nueva ley de emigración los problemas derivados de la solicitud de visa se han multiplicado. Hay una "apertura" para otras culturas, pero no para los judíos.

Incluso en los ahora aceptados reconocimientos de faltas, los judíos están excluidos. "Solíamos no tener ningún problema de drogas. Ahora tenemos un problema de drogas. No solíamos tener ningún problema de antisemitismo. Seguimos sin tener ningún problema de antisemitismo..."

Esta observación fue hecha recientemente por un participante en una ceremonia en Babi Yar.

De hecho, bajo el manto de la glasnost grupos antisemitas neonazis han comenzado a organizarse y a atacar a judíos, haciendo el trabajo sucio de la KGB sin que esto perjudique directamente la imagen del régimen. Cuando se preguntó a algunos funcionarios soviéticos por qué se prohibieron algunos libros sobre fiestas judías en el pabellón norteamericano en la reciente feria del libro soviética, ellos respondieron: "Somos ecuánimes. También prohibimos 'Mein Kampf'."

No quiero decir que no ha habido momentos peores para los judíos en la URSS, pero existe una profunda brecha entre las percepciones y la realidad.

Lamentablemente la respuesta de Israel y del judaísmo mundial se caracterizó mayoritariamente por una vaga complacencia, una gran credulidad y una ausencia de agitación activa. Algunos funcionarios del gobierno norteamericano que desean presionar a los soviéticos sobre el tema, dicen: "No podemos ser más judíos que los judíos". Y los judíos norteamericanos dicen "No podemos ser más sionistas que Israel".

Cuando el presidente Reagan dijo a Gorbachov en Ginebra que, sin importar la insistencia con la cual los soviéticos repitieran que yo era un espía, el mundo creía a Avital y a todos los que protestaban junto con ella durante años, Gorbachov entendió la seriedad de las presiones y la dificultad en mejorar las relaciones norteamericano-soviéticas sin mi liberación.

Los soviéticos insisten en que la situación en la Unión Soviética ha mejorado, que sólo quedan entre 10.000 y 12.000 rechazados y que nadie más quiere salir. Ellos hicieron exactamente el mismo planteo en el comienzo de la década del setenta y desde entonces se fue más de un cuarto de millón de personas.

Pero no debemos competir en un juego de números con ellos. Está en juego la supervivencia de un pueblo. Y por más que estemos contentos por los finales felices de muchas historias de sufrimiento, debemos recordar a los centenares de miles de judíos anónimos que siguen allí.

Lo único que pedimos, después de todo, es el cumplimiento soviético de acuerdos que ellos han firmado: los acuerdos de Helsinki, la Declaración Universal de los Derechos del Hombre, y otros.

Sólo queremos la repatriación de nuestro pueblo, que se les permita unirse sin obstáculos a sus familias y a su pueblo en Israel. Los soviéticos, que ahora están tratando de convencer al mundo de su credibilidad y honorabilidad como socios confiables en acuerdos políticos, no deberían considerar que ésta es una demanda excesiva.

Si el entusiasmo por la exhibición del libro israelí entre miles de emocionados judíos soviéticos de toda la Unión Soviética en la Feria de Moscú puede servir de indicador, el espíritu de 1967 sigue vivo.

Puede contagiarse a centenares de miles si sintieran que Israel y el mundo libre siguen jugándose por ellos a fondo, apasionadamente y sin reservas, si centenares de miles de nosotros nos movilizamos aquí y en el extranjero para manifestar, reclamar, peticionar y protestar.

Víctor Brailovsky, el recientemente liberado prisionero de conciencia, dijo a su llegada, en Jerusalén: "Ahora es el momento de actuar. Ahora, cuando se acerca la conferencia cumbre, se presenta nuestra gran oportunidad".

Puede ser la última. Nunca vamos a perdonarnos a nosotros mismos si la desperdiciamos.

(C) "The Jerusalem Post"

117

"Perestroika", gil camina...

URSS

Informa el semanario comunista: "Hoy parten para Moscú a los efectos de participar en las celebraciones del 70 aniversario de la revolución rusa, el Arq. Mariano Arana, presidente del plenario departamental del Frente Amplio y los dirigentes frenteamplistas Dr. José Pereyra (PS), senador Luis Alberto Senatore (PGP), Wilfredo Penco (MPF), Francisco José Otonelli (PDC) y Marcos Carámbula (PCU), además del secretario general del PCU, Rodney Arismendi, que viajó a Moscú el martes 27. Los citados políticos participarán el 4 y el 5 de noviembre en un encuentro de más de 150 partidos comunistas, socialistas y democrático-revolucionarios y movimientos de liberación nacional de todo el mundo a desarrollarse en la capital soviética.

También estarán en la celebración a efectuarse el 7 de noviembre en la Plaza Roja".

"Perestroika", gil camina... y tonto será quien no lo adivina.

El Día 31/10/87

01.01

8710636

URSS
Amigos: CUBA

■ **Revolución Octubre-Ausencia de Fidel Castro**

MOSCU 2 (ANSA).— Sólo el alto exponente del buró político del partido Comunista Cubano, Carlos Rafael Rodríguez, lideró la misión cubana a los festejos del 70 Aniversario de la Revolución de Octubre, que se celebra desde hoy, en lo que se estimó la única representación de los países del COMECON que no contó con la presencia del Secretario General del Partido Comunista.

En la misión caribeña tampoco figuró el "Número Dos" del partido, Raúl Castro.

Rodríguez es Vicepresidente del Consejo de Estado y Vicepresidente del Gobierno.

La ausencia de los hermanos Castro se interpretó como indicativo de una particular tensión en las relaciones cubano-soviéticas.

3/11/87

01.01

8710639

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Cuba: ¿Amenaza de la "glasnost" o ¿una estrategia planificada?

PROCEDENCIA: La semana del El Día 31/10/87

ARCHIVADO EN: Cuba (067)

01.01

8710640

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: EE.UU. Investiga Fuerzas Especiales URSS

PROCEDENCIA: El País 3/11/87

ARCHIVADO EN: EE.UU (058)

01.01

8710645

Acuerdo entre la URSS y EE.UU. será beneficioso

Un posible acuerdo de desarme entre Estados Unidos y la Unión Soviética será beneficioso porque producirá seguramente una baja en las tasas de interés, dijo ayer el comisionado de la CEE, Claude Cheysson.

Indicó que esa será "la mejor oportunidad para hacer desaparecer el desequilibrio presupuestal norteamericano, que es la causa de la actual situación económica mundial".

"El déficit obliga a los norteamericanos a absorber 200.000 millones de dólares por año, para lo cual aumentan las tasas de interés", dijo. Agregó que un posible acuerdo con la URSS determinará una baja de intereses".

Además, "esa reducción de interés —explicó— permitirá redirigir flujos de capital hacia la industria y la producción, en lugar de verlos perderse en el mundo financiero", finalizó.

El Día 28/10/85

01.01

8710647

La Prensa 31/10/87

URSS

En casa y afuera

De la apertura soviética y otros mitos

Por Alphonse Max

En repetidas ocasiones nos hemos referido a los intentos de cambio de escenografía política en Moscú. Frente a Occidente, el protagonista principal, Gorbachev, asesorado por los "americanistas" que rodean al ex embajador en Wáshington A. Dobrynin, y el resto de sus segundones, pretende que los gobernantes en el Kremlin se pongan el maquillaje de comunistas flexibles y avanzados. Para seducir a Occidente, se habla de reformas económicas, democratización y media docena más de muletillas parecidas.

Pero curiosamente, mientras la mayoría de la gente en Occidente acepta sin reservas las buenas intenciones de las reformas propuestas, nadie se pregunta por qué éstas no se reflejan también en los países fuera del bloque soviético. Es cierto que ahora algunas modificaciones tienen lugar en la URSS, y tal vez sigan ocurriendo durante algún tiempo más en el futuro, pero —sería bueno que el lector tome nota de esto— ¿qué pasa con la política exterior? ¿Acaso se observa algún cambio que podría afectarnos positivamente a nosotros que, por suerte, vivimos fuera de la órbita de Moscú?

Sindicatos y educación

Concretamente, nos referimos a la actividad de los comunistas en los campos sindical, educacional y del comercio internacional. Como todo el mundo sabe (*notoria non egent probatione*, es decir, lo obvio no necesita pruebas), en los países sudamericanos la actividad tanto de los sindicatos como en los centros de enseñanza en todos sus niveles, es dirigida y manejada a través de los partidos comunistas, que, por su parte, obedecen de Moscú. Es evidente que se está desarrollando una gran ofensiva en estos sectores, y la población prácticamente es rehén de las organizaciones sindicales que se han apoderado de los servicios y la infraestructura de las naciones.

El comercio exterior

Por otra parte, es notorio que desde hace varios años la URSS muestra un empuje agresivo para monopolizar el comercio exterior, tanto en la Argentina como en el Uruguay. Los acuerdos pesqueros y portuarios y diversos tratados bilaterales, basados principalmente en el trueque de mercaderías (la modalidad de comercialización más primitiva), ofrecen claro testimonio de que la URSS está ansiosa de dominar también este sector en nuestra región.

La reaparición de la presencia guerrillera en el Cono Sur, aunque su actividad todavía se limita a la retórica, no presagia nada bueno. Hay indicios de que también detrás de esto se halla la mano de Moscú, aún los "ideólogos" del marxismo están empezando, algo tímidamente, a hablar más de Gramsci que de Lenin. Pero esto sería tema de otra nota.

Coincidencia y contradicción

En los países del Río de la Plata, después de muchos años de errores administrativos y políticas equivocadas, que se tradujeron en la crónica ineficiencia de las empresas de propiedad del Estado, meditando acerca de las ventajas de la iniciativa privada, se está llegando a la sensacional conclusión de que, por lo menos las empresas y entes autónomos estatales que ahora son deficitarios, tendrían que ser traspasados al sector privado. Y aquí, precisamente, tropezamos con una extraña coincidencia y contradicción a la vez. Coincidencia, porque, en el mismo instante de la historia, en Moscú se ha hecho idéntico descubrimiento (*glasnost*, *perestroika*, *uskorenie* y otras yerbas por el estilo); y contradicción, porque los partidos comunistas, socialistas y similares compañeros de ruta se oponen vehementemente a la privatización, aun parcial, de cualquier empresa en manos del Estado. (En Yugoslavia, las empresas deficitarias serán clausuradas.)

Dicha contradicción, sin embargo, es sólo aparente. Pues, si bien Gorbachev pretende cambiar la estructura económica en la URSS e introducir el tan vilipendiado lucro, como "*espíritu movens*", en la economía soviética para convertirla rentable y así beneficiar a su país, los comunistas vernáculos tienen instrucciones de hacer exactamente lo contrario: evitar que las empresas del Estado pasen a manos privadas. Esto, con el fin, justamente, de dañar las economías de sus naciones y así hacer que el Estado sea menos resistente a la subversión. De otra manera no se explica su obstinada renuencia a tal variación, siendo así que, ahora, en la mismísima URSS, aparentemente, se aboga por ella.

Lo que la URSS considera hoy que es bueno para ella, no lo es, desde el punto de vista de sus intereses, para otros países.

En otras palabras: con excepción de la lucha por el poder de Gorbachev, en Moscú no ha ocurrido nada nuevo para el mundo. Los objetivos del Kremlin, variaciones de tono aparte, son los mismos de siempre. Los instrumentos para alcanzar tales objetivos, ~~los~~ comunistas locales, tampoco han cambiado. Ni tampoco lo han hecho los ilusos en Occidente.

01.01

18/10658

IR/

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: El Vaticano anuncia conversación teológica con Patriarcado de Moscú.

PROCEDENCIA : El País 11/10/87

ARCHIVADO EN: Iglesia (037)

01.01 8710659

URSS
M.C.L.

026

Canciller Soviético se Interesó en Integración Brasil-Uruguay-Argentina

BRASILIA, 28 (EFE). — El canciller de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze, invitó hoy oficialmente al presidente de Brasil, José Sarney, a visitar su país, lo que fue aceptado por el gobernante sin definir la fecha.

La invitación fue realizada durante la entrevista que el ministro soviético mantuvo hoy con el presidente Sarney, en el primer día de su visita oficial a Brasil.

Shevardnadze se reunió también con su colega brasileño Roberto de Abreu Sodre, con quien conversó acerca de [illegible] desarme entre la Unión Soviética y Estados Unidos.

El ministro soviético se interesó por el proceso de integración económica entre Brasil, Argentina y Uruguay, países —los dos últimos— que visitará a partir del miércoles.

Sobre las relaciones bilaterales, discutieron la forma de aumentar la cooperación entre los dos países en los campos de la economía, ciencia, tecnología, cultura y deportes.

Los dos ministros se reunirán de nuevo mañana para concretar acuerdos de cooperación comercial y cultural.

El canciller soviético declaró al llegar a Brasilia que los acuerdos de la semana pasada entre su país y Estados Unidos, sobre la reducción de misiles nucleares, constituyen un gran paso en la dirección acertada y que se llegó a un entendimiento gracias al apoyo de otros países.

"Este paso fue posible gracias al apoyo político y moral de toda la comunidad internacional, inclusive de Brasil; ahora es la ocasión de poner en práctica los acuerdos", señaló el ministro soviético.

Portavoces de la Cancillería brasileña informaron que ambos cancilleres intercambiaron opiniones sobre los conflictos en América Central, en el Golfo Pérsico y en la región sur de África, y que el miércoles se divulgará un comunicado conjunto sobre la situación internacional.

"La Unión Soviética desea mantener buenas relaciones con todos los países de América Latina sin perjuicios de sus relaciones con terceros países", afirmó Shevardnadze.

"Las relaciones entre la URSS y Brasil son muy buenas y el acercamiento creciente entre nuestros respectivos países posibilitará renovarla y hacerla cada vez más amistosa", [illegible] en declaraciones a la prensa.

Dijo luego que "el diálogo soviético-brasileño gana nueva dimensión en el momento que avanza la esperada solución del problema de la eliminación de los arsenales nucleares y otras armas de exterminio en masa".

El canciller soviético reveló luego que el intercambio de mensajes personales entre el secretario general del Partido Comunista Soviético (PCUS), Mijail Gorbachov y el presidente Sarney "dio un fuerte impulso recíproco a nuestros pueblos y a los contactos a nivel estatal, los cuales fueron iniciados hace casi 160 años".

Respecto a la intensificación de las relaciones bilaterales, Shevardnadze, declaró que "deberán acrecentarse nuestras relaciones y conociendo la [illegible] de Brasil de respeto y prestigio internacional, esperamos mantener un intercambio útil de opiniones con sus dirigentes sobre el problema del desarme y seguridad internacional".

29/9/87
El País

01.01

8710678

URSS

LA PRENSA 17/9/87

Informe de la CIA

Las reformas de Gorbachev podrían causar su caída

Washington, 16 (ANSA) — Las reformas económicas promovidas en la Unión Soviética podrían terminar creando graves problemas al Kremlin y el secretario general del partido Comunista, Mikhail Gorvachev, "podría correr la misma suerte" de Nikita Krushchev que fue repentinamente derrocado en octubre de 1964, según un informe de la Agencia Central de Inteligencia (CIA).

El informe fue presentado a la subcomición conjunta del Congreso norteamericano para cuestiones económicas relacionadas con la seguridad nacional y ahora fue difundido, con exclusión de los datos considerados más reservados.

Según el informe, los esfuerzos para dar a la economía soviética una mayor orientación de mercado y una más amplia descentralización podrían llevar a un período de estancamiento, con un crecimiento anual inferior al dos por ciento por todo el resto de la década.

A criterio de la CIA, una desaceleración de ese tipo, combinada con una más rigurosa ética de trabajo y el reforzamiento de la disciplina preconizada por Gorbachev, podrían conducir a una difundida resistencia en la población.

Oposición interna

El informe añade que el líder del Kremlin debe afrontar además "una rígida oposición de la mastodóntica burocracia, que teme que las reformas disminuyan sus tradicionales privilegios" y también de los "conservadores descontentos con los esfuerzos de los actuales dirigentes para derivar los recursos de la economía militar a la civil".

Según la CIA, eventuales fracasos en política exterior o interna "podrían inducir a poderosos grupos de interés a unirse contra Gorbachev, de la misma forma que contra Khrushchev, el último líder del partido Comunista que intentó modificar el sistema".

El informe, de todos modos, afirma que Gorbachev es un "hábil político" que supo "consolidar su poder más rápidamente que cualquier otro de sus recientes predecesores".

Según la CIA, entre los factores que favorecen a Gorbachev se incluye el reconocimiento de que sin las reformas económicas, la Unión Soviética corre el riesgo de "quedar todavía más atrasada respecto de Occidente, especialmente en el campo tecnológico"

01.01

Gorbachov propició la disolución de los dos grandes bloques militares

La prensa soviética publicó ayer una entrevista a Mijail Gorbachov en vísperas de la Asamblea General de la ONU. Es habitual que en ocasiones como ésta, la URSS formule propuestas sobre desarme. En esta oportunidad, el líder soviético lanzó un ofrecimiento espectacular: el desmantelamiento de los bloques militares de la OTAN y el Pacto de Varsovia.



Archivo 1987

Mijail Gorbachov, líder soviético.

MOSCU, 17 (Reuter y DAN). — Los diarios "Pravda" e "Izvestia" publican en sus ediciones de hoy un artículo firmado por el secretario general del Partido Comunista soviético, Mijail Gorbachov, titulado "Realidades y garantías de un mundo seguro", escrito con motivo de la inauguración de la 42ª Asamblea General de las Naciones Unidas, que tendrá lugar el martes.

Además de ser una invitación a los Estados miembros de la ONU y a la comunidad mundial para intercambiar opiniones sobre los problemas de la política mundial en las postrimerías del siglo, propicia nuevas reglas de coexistencia internacional con el fin de contrarrestar la amenaza de un conflicto nuclear.

Sus comentarios, publicados en la jornada final de conversaciones sobre desarme entre su ministro de Relaciones Exteriores, Eduard Shevardhnadze, y el secretario de Estado norteamericano, George Shultz, afianzaron la noción de algunos analistas occidentales que consideran a Gorbachov como un táctico brillante en la pugna por atraer la atención pública mundial (véanse páginas 24 y 25).

Gorbachov expresó la esperanza de que en las postrimerías de este año pueda concretarse un tratado entre las superpotencias para eliminar los misiles nucleares de alcance intermedio, y que tal instrumento allane el camino a un acuerdo sobre reducción de armas estratégicas para mediados de 1988.

Al describir a la Unión Soviética como pionera en los esfuerzos por reducir las tensiones internacionales, reclamó la disolución de los bloques militares, el retorno a sus países de todas las tropas extranjeras destacadas en el exterior y que se reconozca a las Naciones Unidas un papel más importante en los mecanismos encargados de prevenir el estallido de una guerra.

♦ Situación imposible

"¿Por qué insistimos en plantear la cuestión de un sistema integral de seguridad internacional?", inquirió Gorbachov, presentándose como un estadista que se yergue señero sobre los problemas menores de la reducción de armamentos.

"Simplemente porque es imposible enfrentar la situación mundial, la víspera del tercer milenio, bajo la amenaza del aniquilamiento nuclear, en un estado de tensión constante, en una atmósfera de sospechas y conflictos, gastando enormes sumas y el trabajo y talento de millones de personas en incrementar la mutua desconfianza y el temor", agregó.

Gorbachov presentó una serie de nuevas propuestas en respaldo de sus exhortaciones en favor de un renovado enfoque de la seguridad internacional.

Refiriéndose casi al pasar a la cuestión del acuerdo en gestación sobre proscripción de los misiles nucleares de alcance intermedio (INF), Gorbachov señaló que han mejorado las perspectivas en ese sentido desde que Bonn accedió a desmantelar sus setenta y dos misiles Pershing I-A si se firmaba y ponía en ejecución un tratado sobre los INF.

"La Unión Soviética actúa basándose en la premisa de que podría elaborarse un tratado en este terreno antes de fin del corriente año", destacó.

♦ El siguiente paso

Sostuvo Gorbachov que después podría avanzarse hacia un pacto para reducir las armas estratégicas de las superpotencias en un 50 por ciento en una fecha tan temprana como el primer semestre de 1988, aunque puso en claro que ellos implicaría el estricto cumplimiento del tratado sobre defensa contra misiles balísticos (A.B.M.) de 1972.

Moscú aduce que el cumplimiento del tratado A.B.M. requiere que se apliquen límites a la Iniciativa de Defensa Estratégica (IDE), un sistema de protección orbital contra misiles promovido por el presidente Ronald Reagan. El Departamento de Defensa de Estados Unidos anunció esta semana que intensificará las investigaciones relativas a la IDE.

Saliendo al cruce de las críticas de Reagan por la situación de los derechos humanos en la Unión Soviética, Gorbachov vinculó la IDE con las preocupaciones occidentales por aquéllos.

"La campaña en favor de los derechos humanos de ninguna manera se compadece con la amenaza de utilizar armas de destrucción en masa", dijo.

"Consideramos inaceptable hablar de derechos humanos y libertades mientras al mismo tiempo se piensa en instalar armas exóticas suspendidas en el espacio", agregó.

Gorbachov se mofó de la doctrina de la disuasión nuclear de la OTAN, diciendo que la idea de que las armas nucleares pueden evitar la guerra equivale a una "lógica demencial".

♦ "Suficiencia militar"

Propició en cambio una doctrina de "suficiencia militar" en la que las armas nucleares serían eliminadas y las convencionales serían reducidas a los niveles defensivos mínimos.

Indicó que el primer paso hacia ese objetivo debería ser el retiro controlado de las armas nucleares y de otra índole de regiones fronterizas y la creación de zonas desmilitarizadas entre adversarios potenciales.

"En principio, deberíamos trabajar en favor de la disolución de los bloques militares y la liquidación de bases en territorios extranjeros, por el retorno a sus países de origen de todas las tropas destacadas en ultramar", declaró el líder del Kremlin.

Gorbachov sugirió la creación de un mecanismo de la ONU para vigilar el cumplimiento de los acuerdos sobre desarme, como parte de un papel mucho más relevante para el organismo mundial.

Dijo que los avances tecnológicos registrados en el último cuarto del siglo XX brindan la posibilidad de un mundo sin hambre.

URSS
URSS: ARGENTINA
026

La Mañana
MONTEVIDEO, SABADO 3 DE OCTUBRE DE 1987

Acuerdan elaborar "un programa de largo alcance"

Buenos Aires, (ANSA, EFE y UPI).- Argentina y la Unión Soviética acordaron ayer elaborar un programa de largo alcance, en lo económico, cultural y científico, anunció el Canciller soviético Eduard Shevardnadze, durante su visita a Buenos Aires.

Debemos acentuar nuestra cooperación para el futuro, manifestó Shevardnadze en la sede de la Cancillería argentina.

El Ministro soviético suscribió con su colega argentino, Dante Caputo, un protocolo por el que la Unión Soviética abrirá un Consulado General en Buenos Aires después del traslado de la capital federal a la localidad de Viedma, mil kilómetros al sur de esta ciudad, programado para 1990.

A su vez, Argentina establecerá un Consulado en una de las ciudades de la Unión Soviética sobre la base del acuerdo mutuo.

Los dos países firmaron también un programa de intercambios culturales y científicos para este año y 1988.

Caputo, en declaraciones a la prensa tras la suscripción de ambos acuerdos, destacó la utilidad e importancia de las conversaciones con Shevardnadze, realizadas en un clima cordial, positivo y franco.

Se desconoce aún si las dos naciones decidieron dar pasos en sus relaciones comerciales, que decayeron bastante en los últimos años.

De los 1.667 millones de dólares en intercambios registrados en 1976 se pasó a los 267 millones de dólares durante el año pasado, a raíz de una drástica disminución de las importaciones soviéticas de granos argentinos.

Shevardnadze, que llegó el pasado miércoles a la capital argentina para realizar una visita de cinco días, ofreció una rueda de prensa en la tarde de ayer en la sede de la Embajada soviética.

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Murieron dos asesores de la URSS en el Sur de Libia.

PROCEDENCIA : Clarín 23/9/87

ARCHIVADO EN: Libia (130)

01.01

8710709

URSS
Organ. UNESCO

026

Reclama "Democratización"

Gorbachov envió mensaje a UNESCO

La Tercera 23/10/87

MOSCU. (ANSA, EFE y UPI).- El máximo líder soviético, Mijail Gorbachov, expuso ayer la necesidad de democratización que tienen las organizaciones internacionales dependientes de la ONU, en un mensaje que envió a la Asamblea General de la UNESCO.

El mensaje, divulgado por la agencia de noticias soviética TASS, señala que la dirección soviética está convencida de que la solución a los principales problemas actuales (...) presupone igualdad y respeto a la independencia, a la elección social y política de los pueblos (...) y también la democratización de las organizaciones de la ONU, incluida la UNESCO.

En su mensaje, Gorbachov destaca también el especial significado y profundo sentido que adquieren en el actual contexto mundial los objetivos con que fue fundada la Organización de Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura.

Nuestra política en la UNESCO está orientada hacia la búsqueda del realismo, la aceptación de soluciones de consenso, basadas en el estricto interés de todos los estados miembros de la organización, sin excepción, agrega el mensaje.

El texto finaliza asegurando el apoyo de la URSS al buen funcionamiento de la UNESCO.

01.01

La Hora 30/8/87

Convenio de pesca con la URSS

Los ejercicios gimnásticos se suceden

Convocado por la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Diputados, el canciller Iglesias aclaró tiempo atrás que el convenio de pesca con la URSS no existe, que simplemente se determinó un punteo de temas en un acuerdo marco que luego deberá instrumentarse en acuerdos concretos, los cuales, tal como lo establece la Constitución serán sometidos al parlamento.

La inexistencia de un convenio no impidió que se le considerara "contrario al interés nacional" y que fuera utilizado para todo tipo de gimnasia antisoviética. Con el senador Lacalle y el Dr. Eduardo Jiménez de Arechaga haciendo punta.

Dado que los ejercicios continúan, vale la pena reiterar los principales lineamientos del acuerdo marco firmado, y comentarios.

El acuerdo marco suscrito con la URSS comprende la colaboración en la esfera de las actividades pesqueras y portuarias conexas.

El texto del acuerdo se inicia señalando que se parte de "las relaciones amistosas existentes entre los dos países y la Convención de la ONU sobre Derechos del Mar".

Establece que "la República Oriental del Uruguay ejerce sus derechos soberanos con fines de investigación, exploración, conservación de los recursos marítimos vivos y de su administración en los límites de las aguas bajo jurisdicción pesquera uruguaya", no dejando lugar a dudas respecto a que el objetivo del convenio de ninguna manera es posibilitar la violación de la soberanía uruguaya.

También se destaca en la parte introductoria del convenio que se actúa "tomando en consideración la importancia de las investigaciones científicas en la esfera de la industria pesquera y el deseo de coordinar su actividad en esta esfera".

LA PESCA DE BUQUES SOVIETICOS

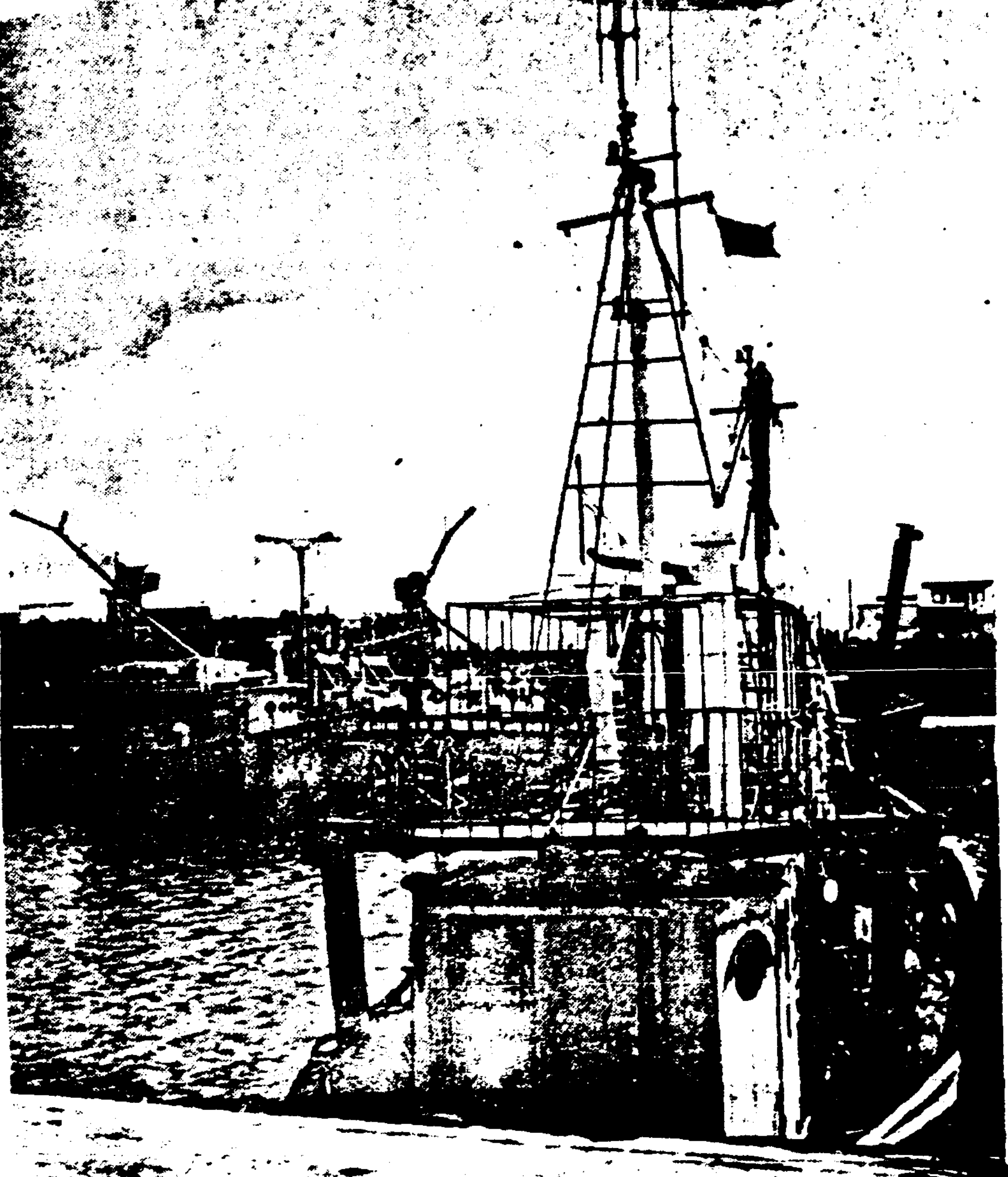
El artículo 1 del acuerdo marco señala que "las partes se comprometen a colaborar en la esfera de las actividades pesqueras en particular en el desarrollo tecnológico e investigaciones de recursos vivos en la extensión de 200 millas de aguas bajo jurisdicción pesquera de la República Oriental del Uruguay". Hay un reconocimiento expreso a los derechos del país sobre las 200 millas.

A su vez el artículo II señala que "las partes posibilitarán la creación de empresas conjuntas soviético-uruguayas de la industria pesquera sobre bases comerciales de acuerdo con las disposiciones vigentes en ambos países, teniendo en cuenta los requerimientos para la conservación de los recursos vivos y las necesidades de la parte uruguaya de esos recursos para sus plantas instaladas en tierra. Con esa finalidad la parte uruguaya analizará y determinará anualmente las posibilidades de una eventual explotación del remanente no utilizado de especies no tradicionales en aguas uruguayas de acuerdo a las disposiciones internas en la materia".

Este artículo ha sido el más discutido del acuerdo. En primer lugar establece la posibilidad de formación de empresas pesqueras mixtas. Se establece con claridad que la conservación del recurso y las necesidades de las plantas de tierra de materia prima serán prioritarias en caso de instalarse. Por supuesto que estos dos extremos no se encuentran contemplados en el proyecto de ley de zonas francas que sí votarón alegremente blancos y colorados en la Cámara de Diputados.

Con respecto a las posibilidades de que barcos de terceras banderas, en este caso soviéticas, pesquen en nuestras aguas territoriales, en primer lugar se establece con claridad que no es con-

con la URSS



dición del convenio, o los convenios a firmarse en el futuro. E incluso se acepta por la parte soviética que las autoridades uruguayas determinen anualmente si se conceden o no autorizaciones de captura, y solo para especies no tradicionales.

De cualquier forma entendemos que al país no le sirve para un efectivo control del recurso que pesquen en nuestras aguas territoriales barcos de terceras banderas.

Pero el acuerdo marco es mucho más que esto.

LAS ESFERAS DE COLABORACION

El artículo III establece que "las partes acuerdan realizar la colaboración en las siguientes esferas:

a) Preparación de cuadros nacionales uruguayos en instituciones de enseñanza media y superior de la URSS, y también en buques pesqueros soviéticos.

b) Desarrollo tecnológico de la pesca costera y oceánica.

c) Creación y perfeccionamiento de la infraestructura costera incluyendo construcciones portuarias destinadas a la reparación y servicio de buques pesqueros.

d) Realización de la reparación de los buques de la URSS en astilleros uruguayos".

Es decir, se establece desde el entrenamiento a pescadores uruguayos con la consiguiente transferencia de técnicas de pesca hasta la utilización del puerto de Montevideo como puerto de abastecimiento y reparaciones de la flota pesquera soviética de alta mar que opera en el Cono Sur.

El artículo IV señala al respecto que "la parte uruguaya se compromete a otorgar facilidades portuarias a los buques de la URSS afectados a la pesca en alta mar, incluyendo facilidades en relación con el relevo de tripulaciones y la reparación y aprovisionamiento de dichos buques, y la URSS se compromete a utilizar estas facilidades con los referidos buques de acuerdo a las respectivas legislaciones y a las condiciones que ajusten las partes en cumplimiento de este acuerdo".

LA INVESTIGACION CIENTIFICA

El artículo V indica que "las partes acuerdan directamente o mediante las Organizaciones Internacionales correspondientes, colaborar para tomar las medidas necesarias tendientes a la conservación de las reservas de especies que se encuentran en el área adyacente a las aguas" bajo jurisdicción pesquera uruguaya.

Y en el artículo VII se establece que 1. Las partes colaborarán en la realización de investigaciones científicas en la esfera de la industria pesquera con fines de conservación, óptima utilización y administración de los recursos marítimos vivos en aguas bajo jurisdicción pesquera uruguaya en el área adyacente a las mismas.

2. Científicos y especialistas de ambas partes realizarán consultas para la realización de tales investigaciones y el examen de los resultados obtenidos.

3. Las partes se comprometen a realizar un intercambio mutuo de especialistas sobre técnica pesquera, tecnología de elaboración, reproducción, conservación, utilización óptima y administración de los recursos marítimos vivos". Es decir se establece el compromiso de la URSS de la transferencia tecnológica en el sector, lo cual será de indudable importancia para que el país pueda desarrollar el sector pesquero".

Finalmente se acuerda la creación de una Comisión Mixta para que examine las cuestiones relacionadas con el acuerdo y elaboren "recomendaciones a las partes orientadas a su cumplimiento adecuado" y se establece que el plazo del acuerdo será de tres años prorrogables.

AR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Escasas expectativas crea la visita del Canciller de la Unión Soviética.

PROCEDENCIA: A. Financiero 28/9/87

ARCHIVADO EN:

Argentina (084)

01.01

8710721

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Habla sobre paz el embajador Soviético.

PROCEDENCIA: LA HORA 23/10/87

ARCHIVADO EN:

Fuerzas de PAZ (032)

01.01

8710724

URSS
emigración ISRAEL

026

Por compromiso de soviéticos

Optimismo israelí

El Comité Central Israelita del Uruguay, ante la manifestación de la colectividad realizada al producirse la visita del Canciller soviético a Uruguay, informó que éste expresó "un claro compromiso de su país a modificar la actual política" con relación a la salida de ciudadanos judíos del territorio de la U.R.S.S. y la discriminación en general.

En función del diálogo mantenido en la oportunidad con Schevarnadze, el Presidente de dicho Comité -Pedro Sclofsky- señaló que puede verse con optimismo el "compromiso público asumido" por el Ministro de Relaciones Exteriores de aquel país. No obstante, advirtió que "al mismo tiempo tenemos presente que otras promesas formuladas a dirigentes judíos de otros países han permanecido incumplidas y que el actual porcentaje de salida de los judíos de la U.R.S.S., de mantenerse hasta fin de año, no llegará al número indicado por las autoridades a comienzos de año" (11.000 personas para 1987).

En tal sentido, Sclofsky dijo que los miembros del Comité Central que preside se sienten estimulados por la disposición al diálogo exhibida. Por otra parte, anunció que es muy factible que una delegación de la colectividad judía de Uruguay visite la Unión Soviética próximamente.

La Mañana 7/10/87

01.01

8710728

1B

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Shevardnadze explicó en Brasil los acuerdos con EE.UU. sobre desarme.

PROCEDENCIA: Clarín 29/9/87

ARCHIVADO EN:

Brasil (098)

01.01

8710754

B

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Alfonsín recibirá el jueves al Canciller de la URSS.

PROCEDENCIA: Clarín 29/9/87

ARCHIVADO EN:

Argentina (084)

01.01

8710761

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Reagan rechazó un llamado de Moscú

PROCEDENCIA: Diario 3/9/87

ARCHIVADO EN: EE.UU (038)

01.01

8710764

URSS
Embajada N.O.E.

016

URSS

La Mañana
MONTEVIDEO, JUEVES 8 DE OCTUBRE DE 1987

Apoyan conferencia internacional

Abogan por nuevo orden económico

Los Ministros de Relaciones Exteriores de Uruguay y la Unión Soviética manifestaron su apoyo a la propuesta de convocar a una conferencia internacional dirigida a reestructurar el sistema monetariofinanciero internacional, y expresaron su honda preocupación acerca del problema de la deuda externa y su impacto sobre la posibilidades de crecimiento sostenido de los países en desarrollo.

Los Cancilleres señalaron que una solución duradera y justa a la crisis de la deuda requiere los esfuerzos de todas las partes interesadas, incluyendo los gobiernos de los países acreedores y deudores, los organismos financieros multilaterales y la banca privada internacional. La concreción de una solución a este problema gravitaría positivamente en la reactivación de la economía mundial.

Se subrayó la estrecha relación entre desarme y desarrollo y la necesidad de trasladar los recursos que se usan con fines bélicos al desarrollo socioeconómico de los pueblos. En este plano, los participantes destacaron la importancia de los resultados de la Conferencia Internacional en Nueva York sobre la interrelación entre el desarme y el desarrollo.

Los Ministros reconocieron el positivo resultado de la Séptima Conferencia de las Naciones Unidas sobre Comercio y Desarrollo (UNCTAD VII) y resaltaron la decidida vocación de UNCTAD como organismo internacional universal, en el cual todos los países miembro tienen la posibilidad de negociar en conjunto para buscar soluciones mutuamente aceptables.

Señalaron la satisfacción de ambos Gobiernos por el papel que UNCTAD ha desempeñado en el campo de los Productos Básicos, de extraordinaria significación para la Comunidad Internacional en su conjunto.

Acordaron en la importancia dada a los avances de la Ronda Uruguay del GATT en pos de una mayor liberalización del comercio internacional y el fortalecimiento del multilateralismo.

Coincidieron en que el Acuerdo General del GATT debería estar abierto a la participación de todos aquellos países interesados que estén dispuestos a cumplir con las obligaciones previstas en el mismo, dado que las negociaciones que allí se realizan involucran los intereses de todos los Estados intervinientes en el comercio mundial.

01.01

8710775.

URSS e Irán firman acuerdo

Cooperación petrolífera

MOSCU, (ANSA, EFE y UPI).- La URSS e Irán firmaron ayer un acuerdo de principio para el abastecimiento de petróleo y derivados en el área del Mar Caspio, informó la agencia soviética Tass.

El acuerdo fue firmado ayer en Moscú por el presidente del comité estatal de la URSS para las relaciones económicas exteriores, Constantín Katushev, y el Ministro de petróleo de Irán, Jolam Reza Aqazadeh.

Mediante el acuerdo, Irán entregará cinco millones de toneladas de crudo anualmente a la URSS, en tanto los soviéticos facilitaran a Teherán casi dos millones de toneladas de productos derivados, tras someter el petróleo a un proceso de refinamiento.

El transporte de estas mercancía por el Mar Caspio será realizado por petroleros soviéticos.

Tass añadió que para asegurar un balance de las cuentas en éstas operaciones comerciales, la URSS entregará a Irán maquinaria y equipos soviéticos y le prestará asistencia en la realización de varios proyectos industriales.

La posibilidad de tránsito del petróleo iraní a través del territorio soviético fue también discutida en el encuentro que mantuvieron en Moscú representantes de Teherán y soviéticos, que, ante el gran alcance del proyecto, acordaron someterlo a examen, agregó la agencia oficial de la URSS.

Las relaciones soviético-iraníes registran una gran actividad en los últimos meses, con constantes visitas de representantes de ambos países a Teherán y Moscú, que han provocado comentarios en la prensa internacional sobre un posible cambio de actitud de la política del Kremlin hacia Irán.

La Mañana 19/10/87

URSS
Crean con Desarme
026

URSS pide acatamiento del tratado ABM

Dificultades en armas estratégicas

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El Secretario de Estado norteamericano, George Shultz, señaló ayer que la ausencia de una fecha para la cumbre se debe a que el líder soviético Mijail Gorbachov no está satisfecho en lo referente al área de las armas espaciales, en la que existen diferencias entre la parte soviética y la estadounidense sobre la interpretación del régimen del tratado de antimisiles balísticos ABM.

También dio a entender que hay dificultades en lo que concierne a las armas estratégicas, en las que se negocia una reducción del 50 por ciento de ambos arsenales, que ha sido condicionada por la URSS a un estricto acatamiento del tratado ABM.

Por su parte, el Ministro de Relaciones Exteriores soviético, Eduard Shevardnadze, reveló también en rueda de prensa que Gorbachov propuso a Shultz una moratoria bilateral de ensayos nucleares y en la construcción de armamento nuclear hasta la firma del acuerdo de armas de alcance intermedio.

Según Shevardnadze, el máximo dirigente de la URSS propuso también paralizar las obras del radar soviético de Krasnodars durante 15 meses, si Estados Unidos hace lo mismo con el radar instalado en Groenlandia.

La nota positiva en el apartado de las negociaciones de desarme fue la afirmación de que el acuerdo de principio para eliminar los cohetes de medio y corto alcance, logrado por la URSS y EE.UU. el pasado mes de setiembre en Washington, está casi concluido.

No obstante, Shultz añadió que quedan algunos pequeños detalles técnicos que deben arreglarse, relacionados con la verificación en el desmantelamiento y retirada de dichas armas.

Interrogado sobre si las conversaciones que mantuvo en Moscú han sido un fracaso a la vista de los resultados, el jefe de la diplomacia estadounidense rechazó esta calificación y dijo que las acciones fueron constructivas.

DIALOGO CON GORBACHOV

Shultz dijo también que había mantenido una conversación de cuatro horas ayer en el Kremlin con Gorbachov, quien le enviará próximamente una carta al Presidente Reagan, cuya fecha y contenido no fue revelado por el diplomático estadounidense.

Sobre su encuentro con el máximo dirigente soviético, afirmó que este es una persona dinámica e interesante.

También añadió que tiene la impresión de que Gorbachov desea dejar abierta la posibilidad de viajar a la capital estadounidense este año.

Sobre las diferencias existentes en torno al tratado ABM y las armas espaciales, Shultz afirmó que la parte norteamericana hace una apreciación distinta de la soviética del mismo, y que debe tenerse en consideración que es un tratado que data del año 1972 y que desde entonces se han producido muchos cambios.

Interrogado acerca de lo tratado sobre derechos humanos y conflictos regionales, el Secretario de Estado norteamericano señaló que no se han registrado novedades en estos apartados.

Pese a la falta de resultados aparentes, Shultz insistió en que su viaje a Moscú y las conversaciones desarrolladas en esta capital el jueves y ayer han sido útiles.

La conferencia de prensa del responsable de las relaciones exteriores estadounidenses se celebró con dos horas de retraso, debido a una prolongación en las conversaciones con Shevardnadze.

El Canciller soviético se reunió con los informadores poco después de concluida la conferencia de prensa de Shultz y en su balance de los dos días de negociaciones resaltó que ya no hay dudas para el acuerdo de armas de alcance intermedio.

La Mañana 24/10/87

01 .01

8710784

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Peres – Shevardnadze tratan proceso de paz en Medio Oriente.

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 24/9/87

ARCHIVADO EN: Israel (041)

01.01

8710787

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Desarme nuclear tratado a punto de concretarse.

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 24/9/87

ARCHIVADO EN: DESARME (022)

01.01

8710788

HB

JR55

026

La KGB en la Cámara de Comercio rusa

Wáshington (EFE) — El presidente de la Cámara de Comercio de la Unión Soviética es un teniente general de los servicios secretos de ese país (KGB), señala un informe del Departamento de Estado.

El informe asegura que la dirección de la Cámara Comercial soviética está en manos del teniente general Yevgeny Pitovranov, quien, aisimismo, es miembro del Consejo Económico y Comercial de la Unión Soviética - Estados Unidos y coordinador de las relaciones comerciales entre ambas naciones.

El documento, según dice el diario estadounidense "The New York Times", afirma que un tercio de los 140 funcionarios de la Cámara de Comercio soviética son sospechosos de espionaje o espías de la KGB o del Servicio de Información del Ejército Soviético (GRU).

La información del Departamento de Estado norteamericano se basa en los datos recogidos por la Agencia Central de Informaciones (CIA).

Al parecer, según el rotativo estadounidense, una copia del informe estaba encima de la mesa cuando el líder soviético, Mikhail Gorbachev, se reunió en Moscú con el secretario de Estado norteamericano, George Shultz.

La Cámara de Comercio soviética, según el informe, "explota y manipula" a líderes y empresarios occidentales para obtener tecnología e, incluso, falsifica certificados de destino para mercancías que luego utiliza con fines militares.

El informe señala que la Cámara Soviética organiza cada año 200 exposiciones comerciales y 100 delegaciones para inspeccionar e intentar adquirir alta tecnología, en especial robótica, maquinaria marítima y productos químicos.

La Prensa 30/10/87

01.01

871 0826

MONTEVIDEO, DOMINGO 1º DE NOVIEMBRE DE 1987

Expresa discrepancias con la actual línea política

Estrecho aliado de Gorbachov amenazó renunciar a su cargo

Un estrecho aliado del líder soviético Mijail Gorbachov, amenazó con renunciar a su puesto como miembro alterno del gobernante Politburó en un choque sobre el lento ritmo de las reformas.

MOSCU (EFE y UPI).- Boris Yeltsin, jefe del Partido Comunista de la ciudad de Moscú y hasta ahora uno de los más estrechos colaboradores de Mijail Gorbachov, abrió una crisis en el equipo dirigente soviético al expresar su disconformidad con el rumbo del proceso de reestructuración en curso.

Anatoli Lukianov, secretario del comité central del Partido Comunista de la URSS, confirmó ayer públicamente que Yeltsin originó el pasado día 21 una fuerte tensión durante el pleno de dicho comité, al expresar fuertes discrepancias con la actual línea política.

Yeltsin, de 55 años, pidió en esa ocasión ser liberado de sus cargos políticos, después de expresar una serie de opiniones sobre los métodos de actuación de algunos dirigentes del partido.

Según Lukianov, la petición de Yeltsin está actualmente en proceso de estudio, pero adelantó que hizo una serie de valoraciones incorrectas sobre el estilo de trabajo de los órganos dirigentes del partido en el proceso de reestructuración. n

Agregó que la intervención de Yeltsin fue desde el punto de vista político un error y, a raíz de ella, el pleno consideró correcto que se analizaran en el seno del Politburó y del comité urbano de Moscú las cuestiones surgidas de su solicitud de abandono de los cargos públicos.

En esa reunión del día 21, el pleno del comité central estudió asuntos relacionados con la preparación del 70º aniversario de la revolución y aprobó el texto del discurso que pronunciará Mijail Gorbachov el próximo lunes.

EXPRESA DISCONFORMIDAD

Filtraciones previas indicaron el pasado jueves que Yeltsin, un hombre de estilo directo y agresivo, había expresado su disconformidad con la actuación de algunos miembros del Politburó.

Concretamente, según las informaciones, Yeltsin se enfrentó con el máximo responsable del KGB (Comité de Seguridad del Estado), Victor Chebrikov, y criticó la falta de determinación de algunos dirigentes a la hora de aplicar las reformas trazadas.

Versiones sin confirmar aseguran que Yeltsin llegó, incluso, a reprochar al máximo dirigente Gorbachov una tendencia a la práctica del culto a la personalidad.

Yeltsin, considerado hasta ahora como uno de los más próximos colaboradores de Gorbachov, es un personaje político que se ha distinguido en los últimos años por sus discursos de fuerte tono en los que criticó la corrupción y la incompet[...]cia de sus predecesores.

La crisis desencaden[...] por Yeltsin se produ[...] además, tan sólo un [...] antes de la llegada a Mo[...] del Secretario de est[...] norteamericano, Geo[...] Shultz, que intentó ne[...]ciar con Gorbachov [...] fechas para su próxi[...] encuentro con el Pre[...]dente de EE.UU., Ron[...] Reagan.

Según medios diplom[...]ticos, Gorbachov hi[...] llegar a Reagan por v[...] confidencial la explicació[...] de la crisis interna com[...] causa de la inútil visita d[...] Shultz a Moscú, y de las reticencias del Kremlin a fijar fechas para la cumbre.

01.01

871 0838

18

026

Eliminación de misiles es sólo el primer paso

URSS aceptó la cumbre para acelerar el desarme atómico

La Nación 2/11/87

MOSCU (EFE).- La Unión Soviética considera que la próxima firma del acuerdo para eliminar los misiles de medio y corto alcance es, a pesar de su importancia histórica, sólo el primer paso en el camino del desarme atómico global.

El Ministro soviético de Asuntos Exteriores, Eduard Shevardnadze, regresó ayer sábado a Moscú, después de acordar en Washington la fecha del 7 de diciembre para el tercer encuentro en la cumbre del Presidente estadounidense, Ronald Reagan, con el máximo dirigente de la URSS, Mijail Gorbachov.

En la capital soviética, los medios oficiales y los comentaristas políticos analizan la cumbre de Washington desde una perspectiva de largo alcance y consideran que se trata del primer éxito de la propuesta general de desarme de Gorbachov.

Fuentes oficiales soviéticas aseguraron que la firma del acuerdo de eliminación de los misiles de medio y corto alcance es la prueba de que las ofertas de desarme de la URSS para lograr la desnuclearización total antes del año 2.000, son posibles.

Agregaron que Shevardnadze logró cerrar por completo en Washington la agenda de la cumbre Reagan-Gorbachov, que incluye compromisos en otros campos del desarme.

Concretamente, las fuentes dijeron que la parte estadounidense se comprometió a que la cuarta cumbre al máximo nivel se celebre en Moscú el año que viene, pero siempre durante el curso del primer semestre.

Gorbachov, que hace meses insinuó a Washington que estaba dispuesto a dejar pasar el mandato de Reagan para dialogar sobre desarme con su sucesor, parece ahora interesado en aprovechar al máximo el año de gobierno que le resta a su interlocutor de la Casa Blanca.

La estrategia negociadora de la URSS se centra ahora en lograr que la cumbre de Washington se convierta en un breve pero intenso encuentro de trabajo, que siente las bases de acuerdos futuros.

Según los planes de Shevardnadze, la cuarta cumbre debe celebrarse a principios del verano en Moscú y de ella puede salir otro acuerdo de desarme aún mas importante: el de reducción de los arsenales de armas estratégicas.

01.01

8710839

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: EE.UU: habrían subsidiado una venta de trigo a Rusia.

PROCEDENCIA: Clarín 11/10/87

ARCHIVADO EN: EE.UU (038)

01.01

871 0853

HR

URSS

OZP

Agencia DAN



Mijail Gorbachov con obreros industriales soviéticos: la "perestroika" puede poner en cuestión seguridades y presupuestos de décadas.

EN FOCO

Empleos, el eje

Nikolai Shmeliov, el economista soviético del que da cuenta la nota principal de esta página, pone el dedo en la llaga de lo que constituye el espectro central de polémica detrás de la "perestroika" instrumentada por Mijail Gorbachov y la nueva generación del Kremlin: la posibilidad de aceptar un porcentaje de desempleo para dinamizar las reformas. Sin embargo, el "acelerador" de las reformas de mercado toca un límite político: el desempleo cero es uno de los pilares básicos sobre los cuales la URSS fundamentó cuatro difíciles décadas de sorprendente estabilidad social.

Superficialmente, Nikolai Shmeliov aparece como una réplica moderna y acentuada de Nikolai Bujarin, el economista que a comienzos de la década del '20 dio base de sustentación teórica a las "reformas de mercado" implementadas ya en esa época por V.I. Lenin, el jefe de la revolución bolchevique, en el marco de su "Nueva Política Económica" (NEP). Con todo, comparar las dos propuestas solo es legítimo desde la perspectiva generalísima que permite señalar a los faroles de gas como los "precedentes" de la iluminación eléctrica: Bujarin pensaba para una estructura predominantemente campesina y atrasada; Shmeliov, para una superpotencia industrial y militar, con obreros industriales de carne y hueso, que además nacieron y fueron formados bajo la estructura protectiva de la economía centralizada.

Los obreros soviéticos no protagonizaron jamás revuelta alguna de importancia que pudiera emparejarlos con sus equivalentes de Hungría, Checoslovaquia y Polonia. Una quietud tan grande tiene como necesariamente contrapartido un consenso tácito, que ningún Estado policial es capaz de garantizar de por sí: las necesidades básicas del consumo popular estaban garantizadas, la democracia no era un antecedente histórico en la URSS, y los campesinos proletarizados de Stalin —y sus descendientes— no tenían de parámetro, en modo alguno, la sociedad de consumo norteamericana.

← Poco legible.

Gorbachov, para relanzar a la URSS, necesita reformas. Sin embargo, estas reformas pueden ser resistidas, no solo por sectores del partido y los sindicatos, sino por franjas sociales.

Al mismo tiempo, el experimento arroja desafíos a la totalidad del bloque socialista. Hungría, por un lado, ya es escenario de un debate sobre el tema, y Fidel Castro, en el otro extremo, criticó esta semana elípticamente la reforma al aludir a los países socialistas que adoptan el fetiche del dinero.

Es que se trata de distintas etapas de acumulación, lo que equivale a decir: dentro y fuera de la URSS se perfilan divisorias políticas en el mundo socialista.

HB

JRSS

076

Réplica a

MOSCU, 9 (DAN, por Vladimir Kostakov, especial para Clarín). — En nuestro país hay economistas que consideran que para mantener el nivel de la productividad del trabajo a un ritmo bastante alto es necesario mantener también el desempleo en una proporción del 2 al 3 por ciento de la población económicamente activa.

Este criterio ha sido sostenido por el especialista soviético Nikolai Shmeliov en un artículo publicado por la revista Novi Mir. De dicho texto se deduce que el desempleo sería una forma de castigo para los trabajadores, con el fin de obligarlos a elevar su rendimiento.

Discrepo con tal afirmación. Es necesario organizar el aprovechamiento eficaz del trabajo, implantar técnicas avanzadas, crear condiciones normales para los trabajadores. Es claro que, en tales circunstancias, habrán de crearse distintas situaciones si una cierta parte de los trabajadores resulta ser excedente: un problema que debe ir solucionándose paralelamente a la estructuración del mecanismo que permita librarse a tiempo de tales excedentes. El personal sobrante debe pasar por cursos de reciclaje y perfeccionamiento profesional, en tanto que deberá funcionar un sistema estatal ramificado de reubicación laboral, que por ahora no poseemos en la práctica.

Supongo que los futuros cambios estructurales de la economía conducirán a un índice de desempleo que irá del 8 al 10 por ciento del total de ocupados, situación que podría prolongarse varias semanas o varios meses: una parte estudiará, mientras que la otra buscará un empleo conveniente.

Clarín 11/10/87

Cuando se habla de liberar mano de obra, muchos especialistas piensan que se trata de un problema del futuro, cuando el progreso científico-técnico rinda plenamente. Pero yo considero que es un problema de ayer; aun en los años sesenta debíamos haber pensado en qué hacer con aquellos que quedan como mano de obra desocupada a raíz del aumento en el rendimiento del trabajo.

En rigor, la ausencia de este sistema fue lo que frenó considerablemente el aumento de la productividad y generó la injustificada nivelación de salarios. Si en una empresa hay personal excedente, es imposible pagar al trabajador el justo precio por su salario.

Lo que necesitamos es dar un nuevo enfoque al problema ocupacional. Una liberación oportuna de la mano de obra es una condición indispensable para el crecimiento de la productividad.

♦ Un "nuevo enfoque"

Desde mi punto de vista, en nuestra economía la mano de obra abunda debido a su ineficaz empleo. Según mis cálculos hay diez millones de personas que constituyen el exceso de recursos laborales, a los que habrá que sumar el excedente de mano de obra liberada por la introducción del perfeccionamiento técnico y los sistemas automáticos. Este cuadro de cifras hace muy claro el problema y sus dimensiones. Antes no le hacíamos caso al tema o, mejor dicho, no queríamos hacerle caso, y el argumento esgrimido era muy simple: en cualquier país hay falta de mano de obra, y los que se liberen serán absorbidos por otras empresas y ramas de la economía nacional.

♦ Asimetrías

Por una serie de razones la ocupación total no puede resolverse automáticamente; es que la desocupación de recursos laborales en un lugar no se acompaña por una demanda simultánea en otro lugar. Tampoco corresponderá siempre la estructura profesional y calificada de los desocupados a la de la demanda ni coincidirán en todos los casos las demandas de los hombres con las de la producción.

01.01

8710859

Réplica a Shmeliov

MOSCU, 9 (DAN, por Vladimir Kostakov, especial para Clarín). — En nuestro país hay economistas que consideran que para mantener el nivel de la productividad del trabajo a un ritmo bastante alto es necesario mantener también el desempleo en una proporción del 2 al 3 por ciento de la población económicamente activa.

Este criterio ha sido sostenido por el especialista soviético Nikolai Shmeliov en un artículo publicado por la revista Novi Mir. De dicho texto se deduce que el desempleo sería una forma de castigo para los trabajadores, con el fin de obligarlos a elevar su rendimiento.

Discrepo con tal afirmación. Es necesario organizar el aprovechamiento eficaz del trabajo, implantar técnicas avanzadas, crear condiciones normales para los trabajadores. Es claro que, en tales circunstancias, habrán de crearse distintas situaciones si una cierta parte de los trabajadores resulta ser excedente: un problema que debe ir solucionándose paralelamente a la estructuración del mecanismo que permita liberarse a tiempo de tales excedentes. El personal sobrante debe pasar por cursos de reciclaje y perfeccionamiento profesional, en tanto que deberá funcionar un sistema estatal ramificado de reubicación laboral, que por ahora no poseemos en la práctica.

Supongo que los futuros cambios estructurales de la economía conducirán a un índice de desempleo que irá del 8 al 10 por ciento del total de ocupados, situación que podría prolongarse varias semanas o varios meses: una parte estudiará, mientras que la otra buscará un empleo conveniente.

Clarín 11/10/87

Cuando se habla de liberar mano de obra, muchos especialistas piensan que se trata de un problema del futuro, cuando el progreso científico-técnico rinda plenamente. Pero yo considero que es un problema de ayer; aun en los años sesenta debíamos haber pensado en qué hacer con aquellos que quedan como mano de obra desocupada a raíz del aumento en el rendimiento del trabajo.

En rigor, la ausencia de este sistema fue lo que frenó considerablemente el aumento de la productividad y generó la injustificada nivelación de salarios. Si en una empresa hay personal excedente, es imposible pagar al trabajador el justo precio por su salario.

Lo que necesitamos es dar un nuevo enfoque al problema ocupacional. Una liberación oportuna de la mano de obra es una condición indispensable para el crecimiento de la productividad.

Un "nuevo enfoque"

Desde mi punto de vista, en nuestra economía la mano de obra abunda debido a su ineficaz empleo. Según mis cálculos hay diez millones de personas que constituyen el exceso de recursos laborales, a los que habrá que sumar el excedente de mano de obra liberada por la introducción del perfeccionamiento técnico y los sistemas automáticos. Este cuadro de cifras hace muy claro el problema y sus dimensiones. Antes no le hacíamos caso al tema o, mejor dicho, no queríamos hacerle caso, y el argumento esgrimido era muy simple: en cualquier país hay falta de mano de obra, y los que se liberen serán absorbidos por otras empresas y ramas de la economía nacional.

Asimetrías

Por una serie de razones la ocupación total no puede resolverse automáticamente; es que la desocupación de recursos laborales en un lugar no se acompaña por una demanda simultánea en otro lugar. Tampoco corresponderá siempre la estructura profesional y calificada de los desocupados a la de la demanda ni coincidirán en todos los casos las demandas de los hombres con las de la producción.

01.01

8710859

HB/
URSS
026

Piadishev: Moscú no dio marcha atrás

Tratado "al más alto nivel"

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- El portavoz soviético Boris Piadishev dijo ayer en rueda de prensa que la URSS no duda de que se firmará un acuerdo sobre misiles de medio y corto alcance y al más alto nivel.

Pese a esta insinuación de que dicho acuerdo se firmará en una nueva cumbre entre el presidente norteamericano, Ronald Reagan, y el líder soviético Mijail Gorbachov, Piadishev añadió que un nuevo encuentro entre ambos sigue condicionado a progresos en la discusión de las armas estratégicas y a sentar los principios básicos del tratado de misiles antibalísticos ABM.

El protavoz soviético señaló también que esto no significa nuevas exigencias por parte de la URSS y, en este sentido, afirmó que no existen fundamentos para señalar que Moscú ha dado marcha atrás.

Piadishev añadió que la URSS no coincide con la prensa occidental en las valoraciones con ciertos matices pesimistas de las conversa[illegible] la pasada semana en Moscú entre los responsables [illegible] exterior de ambas potencias, Eduard Shevardnadze y George Shultz.

La celebración de una nueva cumbre es necesaria, según el portavoz soviético, pero siempre condicionada a avances en la discusión sobre las armas estratégicas y una definición clara de los principios básicos del tratado ABM.

28/10/87 Mañana

01.01

8710864

HR/

URSS

024

Gorbachov fijó tres años para completar reformas

MOSCU. — El líder soviético Mijail Gorbachov realizó ayer un balance de la política de sus predecesores en los 70 años de historia de la URSS, en el que se destacó una dura condena a las purgas stalinistas. Al mismo tiempo, anunció que las reformas liberales emprendidas se completarán en el término de tres años.

El discurso pronunciado por Gorbachov ante los máximos órganos del poder soviético y ante cientos de invitados de todo el mundo reunidos en una sesión solemne celebrada en el Kremlin, tuvo un marcado cariz ideológico.

Aunque Gorbachov condenó las purgas masivas realizadas por Stalin al comienzo de la década de los 30, que calificó de "verdaderos crímenes" y "culpas enormes e inolvidables" también señaló que "está fuera de duda la contribución de Stalin al fortalecimiento del socialismo y a la defensa de sus logros".

Gorbachov añadió que el culto a la personalidad de Stalin "es un fenómeno extraño a la naturaleza del socialismo, es una desviación de sus principios fundamentales y por ello no tiene excusa".

El líder soviético anunció durante su discurso la creación de una comisión especial del Comité Central que se encargará de estudiar los hechos y documentos existentes sobre las represiones masivas desencadenadas por Stalin, con vistas a la posible rehabilitación de las personas condenadas injustamente.

Por otra parte, indicó que la reestructuración (Perestroika) está ingresando en una "nueva fase" en la cual "todas nuestras decisiones deben ser traducidas en hechos concretos y llevadas adelante".

PAGINA 3



MOSCU. — Mijail Gorbachov durante su importante discurso de ayer. (Foto Reuter vía satélite para EL DIA)

01.02

Gorbachov: condena a Stalin y reformas concluidas en 3 años

MOSCU. — El líder soviético Mijail Gorbachov condenó ayer las purgas de Stalin, calificándolas de "imperdonables", anunció la creación de comisiones para revisar los libros de historia sobre la época stalinista, y prometió que las actuales reformas económicas serán completadas en un plazo de tres años.

Gorbachov habló al comenzar las conmemoraciones por el 70 aniversario de la revolución bolchevique, a las que asisten dignatarios de todo el mundo, entre ellos el presidente nicaragüense Daniel Ortega.

"La culpabilidad de Stalin y sus colaboradores inmediatos es enorme e imperdonable. Esta es una lección para todas las generaciones", dijo el líder soviético, al referirse a las purgas durante las cuales murieron millones de personas que se opusieron a Stalin.

"El culto de la personalidad" en torno a Stalin no tiene ninguna justificación, agregó Gorbachov, quien ha emprendido un amplio programa de reformas.

El discurso fue televisado en vivo a toda la Unión Soviética y varios países del bloque oriental.

Aunque Gorbachov denunció la "tremenda represión" de la época de Stalin, también elogió algunas de sus políticas, como la colectivización de la agricultura y su campaña de industrialización.

Gorbachov dijo que se habían formado dos comisiones para revisar la historia de la época de Stalin y rehabilitar a quienes fueron castigados sin merecerlo. Historiadores consideran que en las purgas de Stalin, de tres décadas de duración, murieron unos 15 millones de personas.

Hablando sobre las reformas, Gorbachov no dejó dudas de la resistencia que enfrenta.

Calificó su política de "perestroika" o reestructuración como un "segundo aire" del socialismo y prometió que la transición económica estaría concluida al término de tres años —haya o no oposición.

"Los próximos dos o tres años serán los más complicados, decisivos y, hasta cierto punto exentos de crítica", dijo.

"El partido no debe y no permitirá ninguna divergencia sobre los principios de reformas económicas que ha adoptado. Todos los cambios planteados deben y serán puestos en práctica completamente".

El líder soviético reiteró que trabajará incansablemente en procura de una proscripción de las armas espaciales y de reducciones de armas estratégicas en las próximas reuniones con el presidente Ronald Reagan.

Sus manifestaciones, durante una reunión en el Kremlin fueron interpretadas como una clara señal de que insistirá firmemente en que se pongan límites al programa de armas orbitales impulsado por Reagan cuando ambos se reúnan en Washington el mes próximo.

La semilla del huracán

Por Kurt Julio Riegner

Han pasado siete décadas desde el estallido en Rusia de la llamada Revolución de Octubre, la cual, al entender occidental, aconteció recién en el mes de noviembre, dada la diferencia de trece días que median entre el calendario juliano y el gregoriano. El sangriento evento es digno de recordación, acaso no tanto por sus realizaciones en suelo ruso, unas funestas y otras magras, sino por su significativa proyección sobre el curso de la política mundial, puesto que sus efectos desbordaron los límites del inmenso país de su origen y produjeron una nefasta polarización de fuerzas e intereses en el orden internacional, sin parangón en la historia del mundo. La susodicha revolución comunista era consecuencia fatal e inevitable de la agitación de las masas populares en los decenios anteriores. Esta se produjo aunque el propio Karl Marx, al ridiculizar el hecho de que la traducción al ruso que se publicó en 1872 de "El capital" fuera la primera jamás editada en otro idioma, había dado por sentado que sus doctrinas nunca se impondrían en el imperio de los zares, lo que fue ciertamente la más equivocada de sus predicciones. El rumbo que tomó la sublevación, encabezada originalmente por elementos moderados, de las turbamultas de obreros y campesinos agobiados por la opresión, la miseria y la guerra mundial en curso, fue definido por la enérgica intervención de Lenin, quien la orientó hacia el socialismo bolchevique, movimiento extremista y agresivo, el cual desde entonces preside con implacable exclusividad los destinos del conglomerado de nacionalidades llamado Unión Soviética y los de sus satélites.

Aquella participación directa y decisiva de Lenin, que desde 1907 vivía en el exilio y se había refugiado en Zurich, en el proceso revolucionario ruso, fue hecha posible por una sutil maniobra urdida por el régimen imperial alemán, complicado a la sazón en una tediosa guerra de posiciones con su vecino oriental, en cuyas tierras había penetrado profundamente.

Estratagema audaz

A comienzos de 1917, la contienda entre las potencias centrales y sus adversarios había entrado en una fase crítica. Alemania, por los reveses sufridos a manos de los aliados, debía reforzar sus efectivos en el frente occidental, para resistir los embates de las tropas franco-británicas y pasar a la contraofensiva. Además, se temía la entrada en el conflicto de los Estados Unidos, los que, neutrales en un principio, pero luego irritados por la guerra submarina irrestricta practicada por los alemanes, habían roto relaciones con el "Reich" en febrero del citado año. Era apremiante, pues, la necesidad de liquidar el frente ruso y acabar así con la envolvente "guerra de dos frentes", desde siempre la pesadilla del generalato prusiano. El estado de conmoción interna que sucedió en Rusia al amotinamiento contra el zar Nicolás II y la consiguiente caída de la dinastía de los Romanov, parecían brindar la oportunidad de lograrlo. Así las cosas, los alemanes optaron por recurrir a los métodos de la "guerra psicológica", socavando con acciones disolventes la moral de soldados y pobladores, cuya exasperación era manifiesta.

Revistió interés que el plan de conceder un salvoconducto a un líder ultraizquierdista ruso desterrado, para que atraviese el territorio alemán y se introduzca secretamente en su país, con el fin de preparar los ánimos a la concertación de una paz por separado, fue concebida en los círculos del "Auswärtige Amt" (ministerio de relaciones exteriores germano). Luego, los militares, no ejercitados en hilar delgado, lo apañaron y lo ejecutaron. La primera sugerencia partió del entonces ministro alemán en Copenhague, e influyente conde von Brockdorff-Rantzau. Se pensaba simplemente en un estratagema audaz para descomponer el frente interno del enemigo, sin parar mientes en los peligros que implicaría la implementación de un régimen comunista en un país vecino. El fatídico proyecto de siniestra secuela, recibió la anuencia del mando supremo, dado por boca del segundo del mariscal von Hindenburg, el contramaestre general Erich von Ludendorff, un oficial de gran talento organizativo, pero excéntrico en asuntos políticos.

Igualmente irreflexiva era la selección de Lenin para la delicada misión disociadora por emprenderse. Como se demostraría en los hechos, Lenin era no sólo un agudo pensador de gran firmeza dogmática, sino también un orador ardoroso y un frenético hombre de acción.

Un misterioso vagón

Fogueado en las artes conspiratorias, Lenin acogió la oferta alemana con sorna. Desde luego, ardía en deseos de tomar parte activa en las pugnas insurreccionales y hacer valer sus teorías, entre las cuales figuraba la tesis de que la revolución del proletariado no debería pasar por una previa fase constitucional, sino que la suma del poder tendría que ser asumida por el pueblo, es decir los soviets, sin la mayor tardanza. Los aliados, prevenidos y con mayor cordura, le habían bloqueado todos los caminos para el retorno a su tierra natal. Por otra parte, el futuro líder revolucionario temía cometer un desaguisado, y que se le vilipendiase por ser un agente alemán.

Pese a tales escrúpulos, Lenin decidió sacar ventaja de las circunstancias. Se permitió fingir susceptibilidad y renuncia frente a los emisarios alemanes, pero al final consintió el plan, imponiendo severas condiciones. Debía viajar en un coche reservado, del que nadie descendería y que no sería abordado por ninguna persona, excepto un comité de enlace previamente designado, que no habría control de documentos ni aduanero, y que el vehículo gozaría de las prerrogativas de la extraterritorialidad, siendo marcada la supuesta "frontera" por una gruesa raya de tiza en el piso del pasillo. Sólo un socialista suizo de mutua confianza, Fritz Platten, tendría el derecho de traspasarla. Todo el operativo, convenido entre partes tan compatibles como el fuego y el agua y perfectamente documentada en los archivos alemanes, sería rodeado del mayor sigilo y de estrecha vigilancia.

En la tarde del día lunes, 9 de abril de 1917, Lenin y su comitiva de treinta y un revolucionarios cruzaron la línea demarcatoria entre Suiza y Alemania, en un puesto poco frecuentado, y subieron a un vagón verde que se había dispuesto para ellos y fue cerrado, incomunicándolo, igual que el furgón correspondiente. Había comodidades y comestibles en abundancia, en momentos en que la población alemana ya padecía hambre. La especie de que el vagón de marras fuera precintado, es harto inverosímil, pero su ulterior difusión convenía a las partes, para poder desmentir supuestos contactos entre ellas. El vagón con los privilegiados viajeros, después de pernoctar estos cerca del lago de Constanza, fue enganchado al expreso a Francfort, pero, debido a una demora, no pudo ser acoplado al tren a Berlín y pasó en esa ciudad otra noche, estacionado en una vía muerta. El paso por la capital alemana, al día siguiente, se caracterizó por la movilización de fuertes contingentes de tropas. Allí, el misterioso vagón se incorporó a un convoy que lo trasportaba, en su último trecho en trasbordador, al pequeño puerto marítimo de Sassnitz, sobre el Báltico, en la isla germana de Rügen. Allí durmieron los huéspedes rusos por tercera vez en suelo alemán y fueron conducidos por la mañana con máxima discreción al ferry-boat que los llevaría a la neutral Suecia.

Las autoridades alemanas levantaron en seguida la censura que pesaba sobre el asunto, pero la noticia no tuvo gran repercusión. Lenin, por su parte, disfrazado de maquinista ferroviario, con peluca y sin sus bigotes, franqueó clandestinamente la frontera con Finlandia, país que formaba parte de Rusia. A su llegada a Petrogrado, antes San Petersburgo y luego Leningrado, fue recibido por una ingente multitud que le tributó una ovación estruendosa. El resto pertenece a la historia grande.

Pacto cumplido

Aunque falten pruebas documentales concluyentes, se puede aseverar con razonable certeza que durante las prolongadas paradas en suelo germano del vagón ocupado por los rusos haya habido tratativas ultrasecretas, ya directas, ya llevadas a cabo por interpósitas personas, entre Lenin y los alemanes. El entendimiento al que se arribara, se hizo patente en los hechos posteriores, pues el perverso pacto allí concertado fue cumplido con puntualidad, por pura y recíproca conveniencia de los contratantes.

A poco del regreso de Lenin, las arcas de los bolcheviques, habitualmente vacías, rebosaban en dinero. Se emprendió una contundente campaña proselitista, que se tradujo en enérgicas acciones contra los adversarios dentro del partido, la mayoritaria fracción menchevique, y contra el gobierno provisional, ejercido primero por el príncipe Lvov, un liberal, y luego por Alexandr Kerenski, izquierdista moderado, hasta deponerlo. Los abundantes recursos financieros provenían sin duda de los fondos secretos alemanes y habrían ascendido, según las diligentes anotaciones ministeriales, a 26 millones de marcos de oro. Lenin, que lideraba la minoritaria fracción bolchevique del partido comunista, logró hacerse con la dirección máxima del movimiento revolucionario y finalmente con la jefatura del nuevo gobierno. Fiel al compromiso asumido de bregar por la terminación de la guerra con Alemania con la mayor premura, había proclamado, días después de su retorno, la famosa "Tesis de abril" que abogara por una "paz inmediata", y horas después de haber accedido al poder, en octubre de 1917, la reafirmó haciendo votar el llamado "Decreto de la paz". En diciembre del mismo año se firmó un armisticio y en marzo de 1918 el Tratado de Brest-Litovsk. Este último es un testimonio de la arrogancia de los militares alemanes que, creyéndose victoriosos, impusieron a los rusos durísimas e injustas condiciones, entre ellas la retención del control sobre Ucrania, región abastecedora de cereales. Es sugerente que Trotski, rival de Lenin y luego deportado y asesinado, se opuso tenazmente a la firma del documento y dejó indignado la mesa de negociaciones, mientras Lenin preconizara la aceptación lisa y llana de sus estipulaciones, saliendo con la suya.

Hoy, la Unión Soviética es dueña o factor dominante en aproximadamente la mitad del mundo y una de las dos superpotencias. En Alemania, la influencia de los soviéticos llega hasta el río Elba, la nación es dividida en dos estados, grandes partes de su territorio se hallan anexadas a Polonia y a la misma Rusia, y Berlín es una isla en un océano rojo. Es ocioso especular sobre cuál habría sido el curso de los acontecimientos, si los alemanes no hubiesen facilitado la injerencia de Lenin en la revolución rusa en un momento —para él— tan oportuno. De todos modos, quienes sembraron vientos, han recogido tempestades, refrán que invita a los políticos y a los pueblos a extremar su perspicacia respecto de las contingencias que pueden tener sus acciones imprudentes o frívolas.

EL DEBATE EN LA URSS SOBRE LAS REFORMAS

"Decir no a la igualdad en LA MISERIA"

Un extenso artículo del economista soviético Nikolai Shmeliov, que analiza con crudeza jamás vista lo que llama "defectos intrínsecos" de las estructuras y funcionamiento de la economía en esa nación, se convirtió —tras su reciente publicación en el mensuario "Novi Mir"— en un documento crucial dentro del debate sobre estos problemas. Shmeliov llega a hablar del "conservadorismo e incompetencia" en el sistema de planificación centralizada, que él propone reemplazar por una economía autogestionaria en la que decida el mercado. Uno de los puntos más polémicos es su idea de que "hay que discutir sin temer las ventajas que nos podría proporcionar la existencia de un reducido número de desempleados". Al ser consultado sobre este texto, Mijail Gorbachov dijo que a su juicio el diagnóstico es "correcto, aunque no comparto todas las soluciones propuestas". Seguidamente, un extracto del mismo y la respuesta dada por el destacado economista Vladimir Kostakov, director del Instituto de Investigaciones Científicas de la Unión Soviética.

MOSCU, 10 (DAN, exclusivo para *Clarín*).— "A nadie satisface el estado de la economía nacional, cuyos dos defectos principales, vale decir, intrínsecos —el monopolio del productor en medio de déficit generalizados y la falta de interés de las empresas en el progreso científico-técnico—, son obvios quizás para todos. ¿Cómo eliminarlos? ¿Qué hacer, y no en teoría sino en la práctica?", comienza cuestionando Shmeliov, para aceptar que "en este momento los interrogantes son muchos más que las respuestas".

Tras señalar "la hondura, sinceridad y audacia que caracterizan la discusión" de estos problemas en los últimos dos años, y las "transformaciones revolucionarias" que siguieron —dice— al vigésimo séptimo Cogreso del Partido Comunista soviético, opina que de resultas de ello "se han formulado nuevos principios de gestión que rechazan la arbitrariedad administrativa" en favor de criterios y estímulos económicos". Pero, agrega, cambios tan grandes "no pueden efectuarse de un tirón", ya que "demasiado tiempo reinó en nuestra economía el imperio de las órdenes, no el de la moneda".

♦ Críticas

Criticando lo que define como "renuncia a la Nueva Política Económica (NEP) de Vladimir I. Lenin, sustituida por el criterio de dirección esencialmente voluntarista", que "no podía preocuparse de producir más y gastar menos", Shmeliov dice: "Todavía se piensa que el sistema de relaciones económicas (incluyendo la estructura de la propiedad) configuradas en el país es una encarnación práctica del marxismo-leninismo", a lo que objeta que contrariamente a esa opinión "los antecedentes históricos de nuestro modelo económico son todavía una cuestión por dilucidar."

Luego, afirma que "Marx y Engels elaboraron los principios teóricos de la revolución, pero no tenían más que conjeturas sobre cómo debería ser la economía una vez consumada la revolución".

Una mayor precisión al respecto, indica, solo se produjo en el caso de Lenin hacia octubre de 1917: "Fue entonces cuando formuló su conocida teoría de que el socialismo es el poder de los Soviets, más el orden prusiano en los ferrocarriles, más la tecnología y organización empresarial americanas, etcétera". Lenin, agrega, "consideraba que el capitalismo ya había creado las fórmulas económicas necesarias para el socialismo, siendo la tarea de éste llenarlas de contenido nuevo, socialista".

Argumenta luego que los sucesos posteriores dieron lugar al llamado "comunismo de guerra" y a "métodos de organización económica imperativos y voluntaristas en sumo grado".

Lo que sigue son algunos otros tramos destacados de este polémico documento:

♦ "No es esto el socialismo"

"Se sabe que Lenin y sus seguidores mantenían una tenaz lucha contra la supercentralización, el burocratismo y los intentos de monopolio departamentalista. (...) Con frecuencia, el desmantelamiento de la política leninista de "socialismo autogestionado" se atribuye a la aparición del nazismo y a la amenaza de guerra, surgida en los años '30. No es cierto: el desmantelamiento se había iniciado en los años 1927-1928 (...) En la industria, los planes de producción se imponían 'desde arriba' y traían cifras descabelladas."

"Desde el principio mismo, el sistema en cuestión se caracterizaba por un romanticismo económico tributario de la incompetencia, así como por una increíble sobrevaloración del denominado factor administrativo-organizativo. No es ése el sistema propio del socialismo, aunque muchos sigan pensando lo contrario."

"Hoy tenemos una economía deficitaria, ingobernable en muchos aspectos, refractaria a la planificación y al progreso científico-técnico: actualmente la industria rechaza hasta el 80 por ciento de las nuevas propuestas tecnológicas e inventos."

"Pero las más graves consecuencias de la economía por decretos están fuera del ámbito económico. (...) Se generalizaron la apatía y la indiferencia, el robo, la actitud irrespetuosa hacia el trabajo honesto y, a la vez, la agresiva envidia hacia quienes ganan mucho aun cuando trabajan honestamente; aparecieron síntomas de una casi física degradación de buena parte de la población a consecuencia del alcoholismo y la vagancia. La gente dejó de creer en los objetivos e intenciones proclamados."

♦ ¿Apatía irreversible?

"Lo único que se necesita son el valor, la firmeza y la consecuencia en la tarea de desbloquear las potencialidades internas de la economía. ¿Qué las bloquea? Ante todo, el reaseguramiento ideológico, el temor a que el 'mal genio' del capitalismo se nos escape de la botella. Temores totalmente infundados: las clases sociales surgen, existen y desaparecen no en virtud de unas u otras decisiones administrativas. «Hay que liarse en la pelea, y luego ya se verá», gustaba de repetir Lenin."

"El momento actual es realmente crucial para la agricultura soviética. Si tampoco esta vez la gente ve justificada su esperanza en el renacer del sentido común, la apatía podrá volverse irreversible."

la miseria"

"En un tiempo se proclamó la consigna de eliminar a los kulaks (campesinos ricos) como clase social. Pero, de hecho, lo que se hacía es suprimir a la clase campesina. (...) Ultimamente se han adoptado decisiones concebidas para potenciar la raigambre campesina, restablecer el espíritu de empresa colectiva, fomentar las explotaciones familiares. Pero también ahora se da a veces una de cal y otra de arena. ¿Cómo explicar si no la reincidencia de la prensa en la campaña contra las productivas «haciendas auxiliares»? ¿Cómo interpretar la primitivista lucha contra los revendedores o la prohibición de sacar productos de una región para venderlos en otra?"

♦ El desempleo "necesario"

"Hemos de decidir de una vez para siempre qué es lo más importante para nosotros: ser autosuficientes en alimentos o complacer eternamente a los partidarios de la igualdad de todos en la miseria y a toda clase de demagogos irresponsables."

"Hay que llamar a las cosas por su nombre: a la estulticia, estulticia; a la incompetencia, incompetencia; al estalinismo operante, estalinismo operante (...) No importa que perdamos nuestra virginidad ideológica, la cual no existe más que en los editoriales-ficción de primera plana."

"Una cosa es discutir el problema fingiendo que no tenemos desempleo alguno, y otra, totalmente distinta, es hacerlo siendo conscientes de que cierto desempleo es una realidad inevitable. En el país hay millones de empleos vacantes; si se obra con imaginación se podrá reducir al mínimo el desempleo temporal. No se debe soslayar el perjuicio económico de nuestra parasitaria confianza en el empleo garantizado. Para todos está claro que la indisciplina, el alcoholismo y la chapucería son atribuibles, en buena medida, al excesivo afán por mantener la plena ocupación."

♦ Espíritu constructivo

"Hay que discutir sin temor y con espíritu constructivo las ventajas que nos podría proporcionar la existencia de un reducido número de desempleados que, por supuesto, no deben estar abandonados a su propia suerte. El riesgo de perder el empleo, de vivir a costa de un subsidio provisional o de no tener opción de destino, serían un buen remedio contra la pereza, el alcoholismo y la irresponsabilidad."

"Sería más rentable abonar durante varios meses un subsidio por concepto de desempleo temporal que mantener en la nómina a todo un ejército de holgazanes que pueden hacer malograr —y lo hacen en efecto— cualquier forma de autogestión, cualquier intento de mejorar la calidad y aumentar la eficiencia de la producción."

Shmeliov postula seguidamente la apertura de la economía soviética, la libre convertibilidad del rublo y el estímulo a los capitales foráneos, y critica la "construcción de gigantescas centrales hidroeléctricas y dispendiosas fábricas metalúrgicas".

♦ Otras bazas

Al enfatizar que "los precios soviéticos deben corresponder a los mundiales", el economista reconoce que ello acarrearía "una suba notable de los precios de los alimentos y servicios comunales. Pero es necesario hacerlo realizando antes una consecuente, honesta y abierta labor preparatoria."

Finalmente, Shmeliov destaca que "el crecimiento cualitativo constituye la garantía de que el metal no se produzca para hacer más pesada la bancada de la máquina sino para fabricar nuevos perfiles, y los zapatos no se confeccionen para pudrirse en los almacenes sino para que la gente los calce."

117

026

Partió delegación a la URSS



Partió ayer rumbo a la URSS una delegación del Frente Amplio encabezada por el arquitecto Mariano Arana, que fuera invitada por el gobierno soviético para participar de los festejos a realizarse en Moscú con motivo del 70 aniversario de la Revolución de Octubre.

La delegación está integrada además por José Pereira (PS), Francisco Ottonelli (PDC), Luis Senatore (PGP), Wilfredo Penco (MPF), y Rodney Arismendi (PCU), quien se encuentra en Moscú desde principios de esta semana.

La hora 31/10/87

01.01

8710886

HR

URSS

EL DÍA 23/10/87

026

Moscú al borde de colapso

MOSCU. — La capital soviética está al borde del colapso al no poder albergar a los 35.000 pasajeros que en los cinco aeropuertos moscovitas esperan a que se disipe la densa niebla que cubre Moscú desde hace cuatro días.

En los 107 años transcurridos desde que se realizan este tipo de observaciones, éste es el periodo de tiempo más largo en que la niebla cubre Moscú y sus alrededores, y según los expertos, aún puede durar varios días.

La niebla afecta no sólo los transportes públicos y el tráfico aéreo de Moscú, sino al intenso movimiento político de la capital soviética, debido al elevado número de delegaciones de todo el mundo que llegan o parten de ella.

URSS

Las dictaduras se parecen

En un vasto informe sobre la corrupción en el Partido (en el gobierno)... y el aparato judicial (de ese país) una publicación médica revela aquí (de donde proviene la información) que "un periodista... que fue centro de un escándalo por abusos de poder) de la (oficina de inteligencia) murió luego de ser liberado de la prisión, a causa de los malos tratos recibidos".

El hecho, la denuncia de marras, debería haber ocupado la atención de todos los medios de difusión del mundo libre. Al cabo, no es más que aquello que debe ser denunciado, provenga de donde provenga, por los periodistas liberales del planeta.

Pero, por supuesto, ello no ha acontecido. Y, lamentablemente no ha sido así. Si bien se mira (aun con la procedencia eliminada), la información nos habla a las claras de una dictadura espantosa, donde las libertades públicas son conculcadas sin miramiento alguno.

Por lo tanto, la información podría haber llegado de Cuba, de Paraguay, de Chile, etc. Y eso es lo que hace que —en esencia— ninguno de esos países se diferencien en lo que hace a la vida del pueblo.

Lo que sí es rescatable, a la luz de la noticia, es que sea en ese mismo país donde, por fin, el informe fue publicado. Quizá en eso tenga algo que ver unas palabritas difíciles de pronunciar, y que todavía no se sabe qué suerte habrán de correr.

Entre paréntesis, en el primer párrafo debe leerse: Comunista; de la URSS; Moscú; KGB.

El Día 22/10/87

01.01

8710904

13

La psiquiatría en la Unión Soviética

Por Jeremías M. Taurydzkyj

En la conferencia anual de la Asociación de Psiquiatras Norteamericanos participó el conocido defensor de los derechos humanos en la Unión Soviética, el médico psiquiatra Anatolij Koriagin —de nacionalidad rusa—, quien en febrero del corriente año fue liberado de un campo de prisioneros de la Unión Soviética, en el que purgaba una pena por "agitación y propaganda antisoviética".

El "delito" de Koriagin consistió en que él se negó a guardar silencio y con ello a convertirse en virtual cómplice, por la utilización sistemática de la psiquiatría en la Unión Soviética para la lucha contra los disidentes y contra quienes esbozaran críticas contra el régimen dominante soviético. Ello, sumado a su carácter de defensor —activista— de los derechos humanos, sirvió de pretexto para su arresto y posterior condena.

En su alocución frente a sus colegas de profesión, Koriagin propuso la creación de un tribunal internacional para la investigación de los casos de utilización de la psiquiatría con fines políticos, concretamente para castigar a los enemigos políticos del régimen y a los disidentes en general. En su disertación, Koriagin describió, con lujo de detalles, todas las torturas y vejaciones de que fue objeto durante los seis años en que le tocó pasar por distintas cárceles y campamentos para prisioneros en la Unión Soviética.

"Luego que me declaré en huelga de hambre —declaró Koriagin— me alimentaron artificialmente, y la tortura adicional consistía en que la cánula que me introducían tenía una punta de metal oxidado, con lo cual yo sentía un intenso dolor. Además, cada día, al lado de mi cama y a la misma hora, mis carceleros me colocaban un plato con comida, la cual despedía un sabroso aroma. Con el tiempo —ya avanzada la huelga de hambre— reflexivamente dejé de tener reacciones al olfato y el aroma de la comida ya no me afectaba. Cuando ello fue advertido, la administración de la prisión cambió los horarios en que la comida —siempre aromática— era llevada a la vera de mi cama".(!)

"Me sentía tan débil que ni siquiera podía mover los dedos. En ese momento mis torturadores comenzaron a utilizar otros métodos, en este caso, acústicos. Es así que cerca de mí colocaron una radio y me obligaban a escucharla a todo volumen. Algunas veces la radio permanecía encendida por varias horas, otras todo un día, y en una oportunidad tres días seguidos".(!)

Aislado de su familia, Koriagin entendía muy bien el sentido que para él significaba tener el apoyo del "mundo libre".

Recién al séptimo mes desde que Koriagin se declaró en huelga de hambre le fue permitido a su esposa visitarle en la prisión de Chestopola. "Mi fiel compañera me trajo a la prisión una muy hermosa noticia: me informó que fui designado miembro honorario de la Asociación de Psiquiatras Norteamericanos. Ello me dio renovadas fuerzas, las cuales ya flaqueaban".

"Para romper la voluntad del individuo —prosigue Koriagin— la KGB comienza a presionar a los familiares del que se pretende reeducar. Es así que mi hijo mayor, Iván, con bastante frecuencia era sacado, en horas de clase, del colegio en el que cursaba sus estudios y llevado a la sede de la milicia o al cuartel de la KGB soviética, en el cual era prolijamente revisado y luego se le amenazaba exigiéndosele que reniegue de su padre, considerado enemigo del pueblo. El muchacho, sistemática y categóricamente, se negó a ello".

En el año 1983, la Unión Soviética, en forma oficial, se retiró de la Asociación Mundial de Psiquiatras. Ello acaeció en el mismo momento en que la asociación decidió expulsar al Estado soviético de su seno, por el sistemático uso que la Unión Soviética hace de la psiquiatría con fines políticos, concretamente para la reeducación de los opositores al régimen.

Koriagin, por su parte —en un todo de acuerdo con la medida precitada—, redobló sus esfuerzos y su lucha para desenmascarar a la psiquiatría soviética y el ilegal e inhumano uso que de ella se hace. Manifestó que él conocía, por nombre y apellido, a cada una de las 183 personas que, a esa fecha (1983) se encontraban en clínicas y hospitales psiquiátricos por su actividad política y defensora de los derechos humanos en la Unión Soviética. Y aclaró: "Esto es lo que me consta, aunque en verdad, la cantidad de víctimas es mucho mayor".

Haciendo mención y relacionando la tan publicitada "glasnost" de Gorbachev, a resultas de la cual de las cárceles y campos de concentración de la Unión Soviética fueron liberados aproximadamente 150 disidentes —él entre ellos—, Koriagin acotó que ni un solo defensor de derechos humanos y nacionales en la Unión Soviética fue liberado de clínicas psiquiátricas de reeducación.

"La utilización delictiva de la psiquiatría con fines políticos sigue siendo uno de los métodos utilizados por la KGB soviética. Y conozco casos en que individuos mentalmente sanos fueron enviados a clínicas y hospitales psiquiátricos en el curso de este año".

"No podemos callar más —prosiguió diciendo Koriagin—. Los émulos del nazi Mengele existen en nuestros días. Ellos no utilizan métodos de exterminio masivo, pero existen. La situación en que un paciente no puede distinguir entre un médico y un cremador no se puede prolongar más".

La Prensa 31/10/87

DIFICIL ESTRATEGIA PARA LA DEFENSA DEL OCCIDENTE

Estamos entrando en el cuarto periodo importante en el cual se registra algún progreso en la solución de la rivalidad con la Unión Soviética. Desde la 2ª Guerra Mundial han existido tres periodos en ese sentido: luego de la muerte de Stalin en 1953; después de la crisis de los misiles en Cuba en 1962; y durante el periodo de detente entre 1969 y 1972. Cada periodo ha implicado algún progreso, y por lo menos ha hecho el conflicto menos inflamable. Pero también cada uno de ellos terminó en un fracaso. Y es esta falta de habilidad para estabilizar la relación, lo que resulta peligroso y desafiante para los líderes estadounidenses y soviéticos.

Para la política estadounidense, Mijail Gorbachov es un factor que complica. Existe una tentación muy fuerte en los Estados Unidos de "ayudarlo", porque se presenta a sí mismo como un reformador liberal. Y tal vez, lo sea. Más aún; se podría crear un buen argumento, como Andrei Sakharov lo ha hecho, de que el Secretario General Gorbachov podría ser la última esperanza de que no surja un régimen más rudo. Pero eso no sirve para base de política occidental. Gorbachov puede permanecer en el poder por un mes, o por décadas. También puede abandonar sus reformas y convertirse en otro Brezhnev, o desafiar a Occidente peligrosamente, como lo hizo Kruschev al debilitarse su política doméstica.

Lo que Occidente necesita para sobrevivir a esos giros y vueltas es una estrategia general que reconozca sí, los cambios que están en marcha en la Unión Soviética, pero que atempere el reconocimiento, de acuerdo a los requisitos de seguridad occidentales. Debemos ayudar a Gorbachov sólo así si nos ayudemos.

Para manejarnos con efectividad con la Unión Soviética, debemos comprender que hay mucho más involucrado de lo que significa desarrollar esquemas inteligentes para resolver el último problema. El punto inicial debe ser el claro reconocimiento de la posición internacional estadounidense: su alianza con Europa y el Japón.

Por alguna razón, los Estados Unidos se rehusan a aprender a vivir con el innegable éxito de su política exterior desde la 2ª Guerra Mundial. A pesar de los reveses, fracasos y hasta catástrofes, la causa occidental ha crecido en fuerza. Pocas alianzas han tenido tanto éxito como la OTAN; rara vez las grandes potencias han dejado atrás, tan rápidamente, las animosidades de un gran conflicto. Y rara vez también, una de las potencias victoriosas ha llegado a dominar el mundo como los Estados Unidos. Debe continuar liderando una poderosa coalición de fuerzas para contener a la Unión Soviética, pero tendrá que hacerlo en una era con vastas diferencias respecto al periodo en que se creó la coalición.

Estados Unidos ha ganado la guerra ideológica; y está cerca de ganar en el contexto geopolítico del Tercer Mundo, con excepción de Oriente Medio.

Aún así, permanece una poderosa fuerza de aislacionismo en los Estados Unidos. Ello se refleja en la preocupación continua para alterar la Alianza Atlántica y retirarse de Europa. Y se debe resistir a esa tentación periódica. No hay nada más estimulante para los líderes soviéticos en tiempos problemáticos, que la esperanza de que, más tarde o más temprano, los Estados Unidos se desligará de Europa Occidental. Preservar la alianza europea debe ser el punto clave de nuestra política.

Mantener una coalición anti-soviética se ha convertido más complicada, en la tentativa americana de una alianza con China; el curso natural para ella debería ser la ruta para una alianza más fuerte en el sentido militar. Pero la conexión con China necesita ser manejada con cuidado extremo. Los Estados Unidos han limitado intereses mutuos con China más allá de su común oposición a Moscú. La nueva generación de líderes soviéticos busca mayor flexibilidad en sus relaciones con China: Y más tarde o más temprano, existirá una nueva generación en el poder en Pekín que no habrá experimentado los choques de los años 60 y 70, y que podría volver a comulgar en el común altar marxista.

Todo ello complicará a Washington al menos que acepte claros rumbos en su relación con China.

Una política de alianza exitosa no puede ignorar el hecho de que las democracias industriales no apoyarán una política exterior que no incluya un esfuerzo de distensión con la Unión Soviética. Los aliados occidentales de Estados Unidos, y Japón obviamente, quieren tanto la contención como la coexistencia. Esta inclusive podría ser la base del camino que los chinos están prontos a adoptar. De modo que Washington debe proseguir sus negociaciones con Moscú, incluyendo el control de armamento, no sólo en interés de la Alianza sino por interés propio.

William G. Hyland.

Fuente: "The International Herald Tribune"
Traducción: Blanca Giuria.

El País 15/10/87

01.01

8710920.

URSS

024

La Mañana
MONTEVIDEO, DOMINGO 8 DE NOVIEMBRE DE 1987

Máximos dirigentes presentes

Celebración en Moscú

MOSCU (EFE).- Los principales dirigentes políticos y militares soviéticos y los líderes de los países aliados de la URSS presidieron la parada militar celebrada ayer de mañana en la Plaza Roja de Moscú, que marcó la culminación de los actos conmemorativos del 70 aniversario de la revolución rusa.

La nota más destacada la constituyó la presencia en la tribuna del mausoleo de Lenin de los máximos dirigentes de los Estados del Pacto de Varsovia y de otros países aliados de la URSS, entre los que sobresalió la figura del Presidente cubano, Fidel Castro, que presenció el desfile muy cerca del número uno soviético, Mijail Gorbachov.

La tribuna del mausoleo donde reposan los restos mortales del fundador del Estado soviético, Vladimir Ilich Lenin, ofreció por este motivo un aspecto inusual, con todos los miembros titulares y suplentes del Politburó soviético, los del Secretariado del PCUS, las máximas autoridades militares de la URSS y los líderes aliados de Moscú.

La parada militar, que tuvo un carácter histórico, comenzó a las 10.00 hora local (07.00 GMT) con la aparición de Mijail Gorbachov, que saludó a los concentrados, que recibieron a los dirigentes soviéticos y a sus invitados con ovaciones.

Instantes después, el Ministro de Defensa de la URSS, General Dimitri Yasov, pasó revista a las tropas que participaron en el desfile a bordo de una limusina, en la que intercambió un saludo con el General Arjipov, jefe de la zona militar de Moscú.

El responsable de las Fuerzas Armadas soviéticas pronunció luego un breve discurso, en el que señaló que el Ejército de la URSS también ha emprendido un proceso de perestroika (reestructuración).

01.01

8710974

18

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: 4th Moscow Information Meeting for Representatives of "Peace Movements"

PROCEDENCIA: Enlace Alemán 10/11/87 Doc 13/2/87

ARCHIVADO EN: Enlace Alemán (135/C)

01.01

8710988

No hará peligrar tratado

Moscú perfecciona misil nuclear SS-20

WASHINGTON. (EFE).- El Gobierno norteamericano dijo que, si bien le preocupa que la URSS esté perfeccionando su misil nuclear intermedio SS-20, no teme que ello haga peligrar la firma del tratado que eliminaría éstos y otros misiles.

Sabíamos que los soviéticos seguirían perfeccionando este sistema de armas, al igual que nosotros seguimos trabajando en el nuestro. Eso tendrá que cambiar cuando se firme el tratado el mes próximo, dijo Marlin Fitzwater, portavoz de la Casa Blanca.

Seguiremos muy de cerca la situación. Queremos estar al tanto de cualquier posible cambio (en el SS-20), pero no anticipamos que lo haya de aquí a la firma del tratado, agregó.

El Presidente norteamericano, Ronald Reagan, y el líder soviético, Mijail Gorbachov, firmarán en Washington, en la cumbre que empezará el 7 de diciembre, el tratado sobre la eliminación de todos los misiles nucleares de medio y corto alcance (INF), de las dos superpotencias, desplegados en Europa y Asia.

El modelo perfeccionado del SS-20, llamado Modelo 2, es más preciso y potente que los misiles ahora desplegados, equipados cada uno con 3 cabezas nucleares y con un alcance de 5.000 kilómetros, según fuentes citadas hoy por el Washington Times.

Si el nuevo modelo está siendo desplegado ahora en la URSS, este hecho en vísperas de la cumbre debería activar las campanas de alerta en la Administración Reagan mientras se prepara para encarar la estrategia negociadora soviética, dijo el Senador conservador, Malcolm Wallop.

También un importante ayudante republicano del Senado dijo que nos preguntamos si realmente tienen la intención de desmantelar sus SS-20 para cumplir con el tratado.

Influyentes senadores conservadores, que denuncian las violaciones soviéticas de acuerdos de control de armas pasadas, están opuestos al tratado sobre INF y, según reconoce el Gobierno norteamericano, se prevé una dura y prolongada batalla para que el Senado lo ratifique.

URSS

Para simbolizar la evolución del Ejército

Desfile militar en la Plaza Roja tuvo carácter histórico

MOSCU (EFE).- El desfile realizado ayer en la Plaza Roja tuvo un carácter histórico al simbolizar la evolución del Ejército soviético desde la revolución hasta la actualidad y fue abierto por una compañía de soldados vestidos con los uniformes del Ejército Rojo durante la guerra civil.

Más de 150 estandartes de unidades y formaciones que participaron en la guerra civil fueron enarboladas en el desfile de la Plaza Roja, en el que también participaron regimientos de tropas ataviados con uniformes de guardias rojas y marinos revolucionarios, seguidos por tropas de caballería.

Las legendarias tachankas y otras armas utilizadas durante la guerra civil rusa desfilaron ante el mausoleo de Lenin, al igual que la bandera capturada por las tropas soviéticas en el "reichtag" de Berlín en 1945.

El desfile histórico fue seguido por modernas unidades de las fuerzas armadas soviéticas, entre las que fueron exhibidos misiles tierra-aire y cohetes nucleares.

MANIFESTACION DE CIVILES

Tras el desfile histórico-militar comenzó una larga manifestación de veteranos, trabajadores modelo, representantes de la ciencia y ciudadanos de todos los barrios de Moscú, que desfilaron a lo largo de la Plaza Roja portando miles de banderas, flores de papel multicolores, globos y pancartas con consignas.

Entre las consignas de este 70 aniversario de la revolución destacaron las alusivas a la perestroika (reestructuración) y su relación con el leninismo y la ausencia de referencias a Estados Unidos y al imperialismo.

Los observadores occidentales resaltan también las escasas fotografías de Mijail Gorbachov o de miembros del Politburó que fueron exhibidas en esta ocasión por los concentrados, que portaron retratos de Lenin, Marx y Engels.

A diferencia de otros años, la televisión soviética, que ofreció toda la parada en directo, apenas mostró primeros planos del número uno del Kremlin y de los restantes miembros del Politburó.

Como es habitual en estas ceremonias, los máximos dirigentes soviéticos, (los miembros del Politburó y del Secretariado del Partido Comunista de la URSS (PCUS), se mostraron vestidos con abrigos de paño gris, prácticamente iguales, con bufandas de lana a cuadros y la típica chapka (gorro de piel ruso).

La Nación 8/11/87

Sintomática ausencia de Castro

Aliados de la URSS apoyan perestroika

El segundo día de celebraciones del 70° aniversario de la Revolución Bolchevique se desarrolló ayer con la intervención de numerosos invitados extranjeros que expresaron su apoyo al proceso soviético de reestructuración (perestroika)

MOSCU (EFE).- Representantes de países aliados de la URSS en Africa y Asia hablaron en el Palacio de Congresos del Kremlin para reafirmar el liderazgo soviético en el mundo comunista y su atención permanente al proceso de cambios iniciado por su máximo dirigente, Mijail Gorbachov.

Observadores políticos en Moscú destacan la ausencia del Presidente de Cuba, Fidel Castro, quien en principio iba a asistir a los actos del 70° aniversario y finalmente no se presentó en la capital soviética.

Según versiones diplomáticas, las relaciones entre Cuba y la URSS atraviesan actualmente una fase de dificultades y diferencias, originadas en la fuerte crisis económica que sufre el país caribeño.

Un total de 163 delegaciones de 119 países están presentes en Moscú para participar en las celebraciones, que concluirán el próximo sábado día 7 con un desfile militar en la plaza Roja.

El Presidente de Nicaragua, Daniel Ortega, manifestó al llegar a Moscú que su país agradece la ayuda económica que le presta la URSS en la lucha por mantener su integridad e independencia.

Hoy, el jefe del Kremlin presidirá una reunión especial restringida de los dirigentes comunistas que participan como invitados en las celebraciones.

REPERCUSIONES EN LA PRENSA

La prensa soviética dedicó ayer la mayor parte de su espacio a reproducir íntegro el discurso que pronunció el lunes Gorbachov en la sesión solemne de apertura de los actos conmemorativos.

La intervención de Gorbachov, que se centró en un análisis histórico de los 70° años del poder comunista, llamó la atención por la sinceridad que mostró al abordar las dificultades que atraviesa la perestroika.

Gorbachov admitió que la reestructuración se enfrenta ahora a una resistencia pasiva por parte de sectores de la población y del mismo PCUS, y advirtió que los próximos tres años serán decisivos en el futuro de la Unión Soviética, como nación y como potencia mundial.

Según fuentes diplomáticas, este encuentro servirá para intercambiar puntos de vista sobre la situación en los respectivos países y los caminos para sintonizar en toda el área comunista los cambios económicos y sociales.

En la jornada de ayer, ofreció una conferencia de prensa Alexander Yakovlev, miembro titular del Politburó, encargado del departamento de Prensa y Propaganda y uno de los reconocidos americanistas, que fue Embajador de su país en Canadá.

Yakovlev, artífice junto a Mijail Gorbachov de la nueva imagen de apertura de la Unión Soviética con las políticas perestroika y glasnost- de reestructuración y transparencia informativa- habló sobre la crisis desencadenada en la dirección del Kremlin a raíz de la dimisión presentada por Boris Yeltsin, jefe del partido en Moscú.

La Nación 4/11/87

01.01

8710998

EL PAIS

Fundado el 14 de Setiembre de 1918
Directores: Martín Aguirre, Washington Beltrán y Daniel Rodríguez Larreta

Montevideo, Sábado 7 de Noviembre de 1987

¿LA NOCHE QUEDO ATRAS?

HOY, 7 de noviembre en el calendario gregoriano (25 de octubre en el antiguo calendario juliano) el bloque socialista festeja el 70° Aniversario de la revolución bolchevique.

Aunque no en este orden preciso, al genio de Lenin, a la organización de Trotski, a la debilidad de Kerenski, a la corrupción y anarquía del régimen zarista, al desmoronamiento del frente militar, y a las ansias de "paz, tierra y pan" del pueblo ruso, hay que acreditarles el surgimiento de la Unión Soviética.

Setenta años son suficientes para emitir juicios válidos y objetivos, aunque todavía a todos, entusiastas y detractores, nos comprendan las generales de la ley.

Pero, de todas maneras, hay hechos innegables que es necesario puntualizar como tales, no obstante las diversas interpretaciones que pueden hacerse de los mismos:

1° La URSS ha alcanzado el nivel de una superpotencia mundial. Desde el punto de vista, militar, económico, político, científico y diplomático, ocupa un lugar primordial. Su crecimiento ha sido notable. Sus aportes a todos los campos de la actividad humana, también. ¿Es un mérito del sistema marxista-leninista? ¿Quién puede saberlo? Pero ya en 1835, el joven Alexis de Tocqueville había pronosticado que, en el futuro, dos grandes potencias —Estados Unidos y Rusia— serían las rectoras del mundo. Para ello, el ensayista francés no tuvo que tener en cuenta más que la extensión territorial, las riquezas del suelo, la vitalidad de las instituciones norteamericanas, la población rusa y un mapamundi. El tiempo le dio la razón.

2° El progreso del poder soviético ha sido pagado a altísimo precio. Campos de concentración y muerte, policía secreta implacable, país-cárcel, trabajos forzados, desplazamientos de pueblos enteros, colectivización forzosa; en resumen, entre 15 y 20 millones de víctimas del terror staliniano, sin contar los millones que ya habían perecido en la gran hambruna de principios del siglo. Este terrible precio —que, en un principio, fue considerado como una calumnia antisoviética originada en el mundo burgués— fue denunciado por Kruschev y confirmado, hace pocos días, por Gorbachov. Pero en ninguno de ambos casos se arrojó la menor sombra sobre el régimen sino sobre el dictador georgiano.

3° La URSS ha mantenido una asombrosa duplicidad en sus relaciones con el mundo exterior: por un lado, a través del Ministerio respectivo, se comporta como un país "normal", con su red diplomática, su respeto al protocolo, sus tratados, etc.; por el otro, su red de filiales a través de los Partidos Comunistas que la obedecen, que siguen sus directivas y que están al servicio de sus intereses nacionales, con muy escasas excepciones circunstanciales.

Así, la URSS fue y es un Estado más de la ex Sociedad de las Naciones y de la actual Naciones Unidas, pero, paralelamente, ha sido y es el máximo poder irradiante de la revolución, de la subversión y de la infiltración. Utilizando el primitivo Komintern, el subsiguiente Kominform o a la Federación Mundial de Sindicatos o a infinitos organismos de fachada, lleva a cabo su política inalterable de minar al campo adversario a fin de preservar su seguridad o de exportar su sistema con vistas a su dominio mundial. Al respecto, sigue la consigna: "Lo nuestro es nuestro y lo vuestro es negociable".

4° Ha construido la mayor máquina militar de la historia. Sus fuerzas armadas son las destinatarias de todo el esfuerzo social. Los mayores recursos, los mejores cerebros y las máximas prioridades, las benefician en detrimento de la población civil. Ha protagonizado grandes hazañas espaciales y es dueña de los más poderosos misiles intercontinentales, pero ha sido incapaz de producir el cereal que consume o de mejorar la calidad de su industria ligera. Cualitativamente, —sobre todo en materia de computación— es una potencia de segundo orden que necesita del espionaje o de las compras con declaraciones falsas para no ser sumergida por las potencias occidentales y Japón.

5° La URSS está tocando el plafond de su desarrollo. Ha llegado el momento en que sólo podrá seguir creciendo si paga un nuevo precio: el precio en libertades —información, desplazamiento, iniciativa, crítica, etc.— que implica la paulatina desaparición de un régimen que es incompatible con ellas.

Gorbachov lo ha comprendido así. Es un hombre del régimen, nacido y educado íntegramente bajo su vigencia, pero es un hombre de la postguerra. Es consciente que el régimen no puede producir más de lo que produce, de que ha llegado a sus límites naturales y que, de aquí en adelante, la brecha científica y tecnológica entre el Occidente y el bloque socialista se seguirá agrandando inevitablemente.

6° De ahí la "perestroika" y el "glasnost". ¿Conducirá a un neomarxismo o, simplemente, a un no marxismo?

Cualquiera sea el grado de éxito de las reformas de Gorbachov, sólo hay una forma de medirlo en sus alcances: la repercusión que tenga en la presencia soviética en el exterior y en la forma en que maneje esa presencia. No puede haber restructura y apertura si la URSS sigue siendo el centro mundial del que emanan los movimientos revolucionarios del planeta, en cuanto a su armamento, financiación y apoyo diplomático.

No puede haber "glasnost", o transparencia, sólo para denunciar casos de corrupción, de mala administración o de ineficiente producción en las fábricas soviéticas: también debe haberla para cuestionar la política exterior oculta de la URSS.

SI nada de esto cambia —y setenta años han enrojecido demasiado al mundo— constituirá, entonces, una señal evidente de que la URSS continúa siendo fiel a su doctrina fundadora, pero esclava de un pasado que le impedirá avanzar.

ORBACHOV: EL MODELO SOVIETICO NO ES BLIGATORIO PARA MARXISTAS MUNDIALES

U. 5. (AP). — El dirigente Gorbachov instó a que los as en todo el mundo estrechen) puso énfasis en que el modelo no es una pauta obligatoria a da por los aliados del Kremlin,) que sus reformas han elimi- temores de una "amenaza so-

rrogancia del (saberlo todo) es emor de no poder enfrentar roblemas", dijo Gorbachov ante ntro aquí de delegados de 178 y movimientos revolucionarios rda.

eclamamos en lo más mínimo polio sobre la verdad. Nosotros stamos abocados a la búsque- tamos a otros a buscar conjun- madas por las que la humani- la cruzar el campo minado de tiempos y emerja en el Siglo m mundo libre de armas nu- no violento", manifestó

REEXAMINAR 1968

presado por Gorbachov hizo incionario soviético comentara istoriadores debieran reexami- ivasión de Checoslovaquia de r parte del Pacto de Varsovia lo por la Unión Soviética, que n ese país el tipo de socialismo do por el Kremlin.

elegaciones vinieron a Moscú sesión de dos días, con motivo iversario de la revolución que s comunistas al poder en Ru- ctos conmemorativos de desa- durante toda la semana, cul- el 7 de noviembre

La reunión de las delegaciones extranjeras comunistas, socialistas y de movimientos políticos es la más numerosa de su tipo celebrada en esta capital desde que Gorbachov asumió en marzo de 1985 como secretario general del Partido Comunista Soviético.

Diplomáticos occidentales han señalado que creen que este encuentro es el primero en la historia soviética que incluye a delegados de partidos occidentales socialistas y laboristas, y de grupos como el Partido del Congreso de la India, y el Partido Verde, de Alemania Occidental.

Entre los numerosos dirigentes que asisten al encuentro figuran el presidente cubano Fidel Castro, el nicaragüense Daniel Ortega, e incluso el jefe de la Organización para la Liberación de Palestina, Yasser Arafat.

Si bien China no envió una delegación de su Partido Comunista, se espera que hoy lleguen aquí representantes de la Sociedad por la Amistad Chino-Soviética, dijeron autoridades locales.

TODA LA IZQUIERDA

Gorbachov, de 56 años, instó a que los socialistas e izquierdistas del extranjero se unan a los comunistas en los esfuerzos para asegurar la paz y seguridad del mundo, descartando todo papel dirigente para los comunistas soviéticos.

Si bien elogió su propio programa de reformas socioeconómicas conocido como "Perestroika", advirtió que los dirigentes en el Kremlin no pretenden tener todas las respuestas a los problemas de los asuntos mundiales.

Pero afirmó que los soviéticos encabezan los esfuerzos por el desarme mundial y de esa forma lograr mayores fondos destinados a combatir los problemas sociales, y expresó que su programa, "con todos sus efectos internacionales, está eliminando el temor a una amenaza soviética".

Gorbachov agregó que "como muchas otras cosas en el mundo de hoy, el movimiento comunista necesita una renovación y cambios cualitativos".

Georgy Smirnov dijo al referirse a la invasión de Checoslovaquia que "creo que existe la necesidad de (reexaminar) los acontecimientos de 1968".

Un nuevo análisis de esa invasión tendría amplias implicaciones para las relaciones soviéticas con Europa Oriental. Cuando el extinto presidente Leonid I. Brezhnev dijo que la Unión Soviética tenía el derecho de actuar para salvar al socialismo en Checoslovaquia, hubo muchos en Europa Oriental que dijeron que la "doctrina Brezhnev" era una justificación para la hegemonía soviética.

Gorbachov se reunió con el presidente de la Organización para la Liberación de Palestina (OLP), Yasser Arafat, y con dirigentes del Partido Verde de Alemania Occidental con motivo de cumplirse el 70 aniversario de la Revolución Bolchevique.

Los encuentros, según anunció la agencia oficial de noticias TASS, se produjeron cuando Gorbachov saludó a numerosos visitantes extranjeros que han venido a los festejos del sábado, cuando se cumple el aniversario.



Gromyko y Gorbachov

Mijail Gorbachov firmando un decreto. A su lado el Presidente Andr...
(Radiofoto de la AP)

Embajador Soviético: "Glasnost Procura Mayor Democracia y Avance Social en URSS"

"Estamos satisfechos del alto nivel de diálogo político que se mantiene entre los dirigentes soviéticos y uruguayos", afirmó Igor Láptev, Embajador Extraordinario y Plenipotenciario de la Unión Soviética en Uruguay. Sus apreciaciones sobre las relaciones entre ambos países fueron vertidas en el transcurso de una conferencia de prensa celebrada en la sede diplomática de aquel país con motivo de conmemorarse los 70 años de la Revolución Socialista de Octubre.

El embajador soviético recordó que "la visita realizada a Montevideo hace un mes por el miembro del Buró Político del CC del PCUS, el Ministro de Relaciones Exteriores, E. A. Shevardnadze, confirmó una vez más el carácter amistoso de nuestras relaciones interestatales, demostró la existencia de una notoria voluntad de ambos gobiernos para su ulterior fortalecimiento. Su visita es y seguirá siendo uno de los acontecimientos más importantes en nuestras relaciones. Quiero agradecer a muchos uruguayos y a los niños de este país el cálido recibimiento que le brindaron a E. A. Shevardnadze durante su estadía en Montevideo".

"PERESTROIKA" Y "GLASNOST"

"Al conmemorar el 70º aniversario del Gran Octubre los soviéticos rinden otra vez el debido tributo de respeto a Vladimir Ilich Lenin, el dirigente del Partido de los Bolcheviques y creador del primer Estado Socialista del mundo", destacó Igor Láptev.

Más adelante, destacó que "siete décadas es un período grande en la vida de un hombre, pero pequeño en el desarrollo de la civilización. Sin embargo, por el carácter de las transformaciones realizadas en la Unión Soviética, la historia no había conocido antes nada igual en el mundo".

Al abordar la situación soviética de los año 70, dijo que "el país comenzó a perder el dinamismo inherente al socialismo, aparecieron fenómenos de estancamiento, en la política y en la actividad práctica predominaron estados de ánimo conservadores".

En otro pasaje de su exposición se refirió a la "perestroika" y "glasnost", sobre lo cual dijo que "estas dos palabras han entrado en todos los idiomas internacionales y no necesitan traducción. La reestructuración es, ante todo, asegurar en el más breve plazo histórico la salida del país a las líneas más avanzadas en el campo de la productividad del trabajo, una brusca elevación del bienestar material y espiritual, la ampliación de los principios democráticos de la sociedad soviética. La reestructuración significa más socialismo, más democracia, más autogestión popular".



Igor Láptev, Embajador de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas

CANCILLER SOVIETICO:

Habló mucho de democracia pero en su país no existe

por Ricardo Domínguez

CUADRO 1

COMERCIO DE URUGUAY CON LA URSS
(En millones de dólares)

Año	Exportaciones
1960	1,512
1961	0,920
1962	12,808
1963	3,722
1964	0,167
1965	4,418
1966	6,492
1967	4,007
1968	1,474
1969	1,572
1970	0,393
1971	1,602
1972	3,646
1973	12,060
1974	28,723
1975	13,628
1976	5,386
1977	14,482
1978	21,160
1979	12,072
1980	48,274
1981	66,875
1982	78,633
1983	61,888
1984	45,696
1985	42,692
1986	23,300

Invitado por el Presidente Sanguinetti, el Miembro del Buró Político del Comité Central del Partido Comunista de la U.R.S.S., Eduard Shevardnadze, realizó una visita oficial al país, a principio de semana.

En el curso de su estadía en Montevideo, el Canciller soviético fue recibido por el Primer Mandatario, a quien hizo entrega de un mensaje personal de Mikhail Gorbachov, Secretario Gral. del Comité Central del Partido Comunista de la U.R.S.S.

Shevardnadze realizó visitas al Vicepresidente de la República, Dr. Tarigo, y al Presidente de la Cámara de Representantes, Víctor Cortazzo, efectuando además, una ofrenda floral ante el monumento del Prócer Gral. José Gervasio Artigas.

El Canciller visitante mantuvo entrevistas con el Ministro de Relaciones Exteriores Enrique Iglesias, las que se desarrollaron en la misma atmósfera que se han venido manteniendo con determinados "países", y al cabo de las conversaciones, ambos Cancilleres convinieron hacer conocer un comunicado conjunto, en el que cubrirían amplia variedad de temas de la actualidad política internacional, comprometiendo —inocentemente—, la firma tradición uruguaya con respecto al de su política exterior.

En el mensaje se expresa que la primera visita al Uruguay del Ministro de RR.EE. de la U.R.S.S. es indicadora de una progresiva ampliación de la multifacética cooperación que une a dos Estados.

Analizando fríamente el comunicado, se encuentran algunos puntos que llaman poderosamente la atención, interpretándose como una verdadera irrespetuosidad y burla, al culto y democrático pueblo uruguayo, produciendo una gran indignación.

En el punto Nº 1 dice que: **"Los Ministros, reafirmaron la firme adhesión de sus países a las normas del Derecho Internacional, a los principios básicos de la convivencia internacional tales como los de la igualdad soberana de los Estados, la solución pacífica de las controversias, la prohibición del uso o amenaza de uso de la fuerza, la observancia de los tratados y acuerdos internacionales, el respeto a la integridad territorial, la autodeterminación de los pueblos, y la no intervención en los asuntos internos de los Estados".**

En 1987 no sorprenden las cosas que dicen, que afirman y que documentan los soviéticos, porque su sistema político está basado en la mentira, la traición y el engaño. Y en este caso, corresponde destacar, que si en algo se caracteriza la U.R.S.S., es precisamente en no respetar el Derecho Internacional, ni la integridad territorial de los países (en sus continuas invasiones expansionistas e imperialistas), y menos aún, a la autodeterminación de los pueblos, porque se lo niegan a países como: Hungría, Polonia, Checoslovaquia, Alemania, etc., etc., debido a que cada vez que quisieron independizarse de las tiranías comunistas digitadas por la U.R.S.S., fueron brutalmente aplastados por las tropas y tanques rusos. Y en lo que respecta a la **"no intervención en los asuntos internos de los Estados"** (para prueba alcanza el Uruguay de la década del '70), cuando los rusos daban las armas a los tupamaros, y al aparato armado del Partido Comunista, —y actualmente— descomunales cantidades de dinero, para la compra y difusión del marxismo, a través de diarios, revistas, semanarios y radios, o, el otro estilo de "intervención", a través de organismos internacionales, dirigidos por el comunismo desde la Unión Soviética.

Lo que causa verdadera indignación de esta Declaración es lo que establece el punto Nº 9, donde dice: **"Ambos Cancilleres se pronunciaron por el respeto de los Derechos Humanos, la afirmación de los derechos civiles, políticos, económicos, sociales y culturales. Las partes se pronunciaron por... las libertades del hombre".** No cabe la mínima duda del cumplimiento de estos puntos por parte del Uruguay, pero no se puede aceptar que el soviético venga a manifestar que ellos **"respetarán los Derechos Humanos y la libertad del hombre"**, cuando han sido, y son los mayores violadores de los Derechos Humanos (con verdaderas crueldades, como las internaciones en hospitales psiquiátricos, a quienes se manifiesten contrarios al comunismo, o enviándolos a la helada Siberia, a los **"Campos de Concentración"** a realizar trabajos forzados con temperaturas bajo cero, con la seguridad de no volver vivos! Esta falta de escrúpulos para expresarse del Canciller soviético, llega cuando habla de las libertades del hombre, sabiéndose, que todos aquellos seres humanos que viven en los países comunistas, lo que no tienen es precisamente: la libertad. Si de algo sirve como ejemplo el Muro de Berlín, es, justamente, para prohibir la libertad a los alemanes, de vivir en un régimen democrático.

CUADRO 2

EXPORTACIONES PESQUERAS DEL AÑO PASADO

PAIS	Toneladas Métricas Ene./Set.	Toneladas Métricas Oct./Dic.	Toneladas Métricas Ene./Dic.	Miles U$S FOB Montevideo Ene./Set.	Miles U$S FOB Montevideo Oct./Dic.	Miles U$S FOB Montevideo Ene./Dci.
TOTAL	50.465	24.142	74.607	41.606	23.542	65.150
ESTADOS UNIDOS	11.027	4.570	15.597	12.363	7.219	19.582
BRASIL	13.531	11.896	25.427	6.812	8.368	15.180
ITALIA	1.522	1.024	2.546	2.578	1.995	4.573
JAPON	1.668	875	2.543	2.935	1.354	4.289
REP. FED. ALEMANA	2.588	657	3.245	2.799	923	3.722
ARABIA SAUDITA	4.131	163	4.297	3.214	146	3.360
ISRAEL	2.186	2.132	4.318	1.723	1.053	2.776
AUSTRALIA	1.259	292	1.794	1.368	665	2.033
ESPAÑA	1.379	586	1.671	1.313	357	1.670
CAMERUM	2.401	55	2.987	999	327	1.326
GRECIA	1.644	206	1.699	1.003	34	1.037
INGLATERRA	642	657	848	643	261	904
TAIWAN	2.225		2.882	631	230	861

En el punto Nº 10, expresan: **"Las partes expresaron su profunda preocupación por la escalada de los actos de terrorismo, incluso el de Estado. Condenan decididamente cualquier actividad terrorista, y creen necesario, luchar contra ella con todas las medidas legales".** ¡Esto es de Ripley! La nueva política exterior rusa, está orientada precisamente, en mentir deliberadamente, y usar, a unos cuantos pobres e incautos países como trampolines propagandísticos.

¿Acaso, el mundo sufre una total amnesia, para olvidarse, de quién es el criminal y asesino país, que proporciona dinero, entrenamiento (en escuelas especializadas del exterior), y armas a los grupos guerrilleros terroristas que atentan permanentemente contra los países democráticos, mediante la sangrienta insurrección armada terrorista?

La respuesta es sencilla: LA UNION SOVIETICA.

Uruguay sufrió las consecuencias de las armas que los soviéticos enviaban a los tupamaros en la década pasada, y que tantas vidas de hermanos orientales cegaron.

En el Punto Nº 16 de la Declaración dice que: **"Coincidieron, una vez más, en la necesidad de que se otorgue, lo más rápidamente posible, la independencia a Namibia, sobre la base de las Resoluciones correspondientes a la Asamblea Gral. de la O.N.U.".** Namibia es un territorio protegido por la Rep. de Sudáfrica de los ataques comunistas y cubanos, desde su vecino: Angola, en su interés por conquistarlo, porque este país, posee el mayor yacimiento mundial de URANIO, elemento fundamental para la fabricación de los elementos que comprenden la energía ATOMICA.

¿Acaso, no usa la U.R.S.S. el terrorismo de Estado (que dice combatir), para intentar apropiarse de países —y en este caso—, del mayor yacimiento de URANIO?

La política exterior soviética es siempre sobre la base del engaño y la mentira, careciendo de escrúpulos, al firmar convenios o declaraciones, que saben de antemano no van a poder cumplir.

El punto Nº 19 de esta Declaración: **"Se pronuncian por la solución pacífica de todas las situaciones conflictivas. Las partes subrayaron la necesidad insistente del desbloqueo urgente del problema de Afganistán en interés de la paz y la estabilidad en Asia".** Esto es verdaderamente incalificable. La U.R.S.S. fue la que invadió —hace varios años—, a Afganistán con un Ejército de 120.000 hombres, ocupando casi todo el territorio, aunque jamás se imaginaron que iban a tener una resistencia de verdaderos patriotas, los que le están haciendo perder muchas vidas y material bélico.

Pero, en el Punto Nº 26, **"Ambas partes expresaron SU INTENCION DE CONTINUAR analizando mecanismos de cooperación en el campo de la pesca, en especial en lo referente a utilización de puertos uruguayos, a la conservación y uso racional de recursos vivos marítimos, a las investigaciones científicas, a las inversiones empresariales, todo ello basado en principios de mutuo beneficio y cooperación..."**, y así también muchos más **"bla, bla, bla"**, sin contenido real, porque basta con ver las estadísticas de las exportaciones uruguayas hacia la U.R.S.S., para darse cuenta, que las ventas han ido decreciendo —tomando como base 1960—, (ver cuadro Nº 1).

Lo que sí toma nuevamente estado público, es la intención por algunas autoridades uruguayas de realizar un Acuerdo Pesquero con la Unión Soviética, en el mar territorial uruguayo, en condiciones sumamente favorables para la U.R.S.S., sin ventaja aparente para el país.

Los hechos lo demuestran, porque mientras quieren venir a arrasar con la pesca uruguaya, hipotecando el futuro de la industria pesquera nacional, jamás, en los últimos años, NINGUNO DE LOS PAISES COMUNISTAS, CON LA U.R.S.S. A LA CABEZA, COMPRO AL PAIS UN SOLO KILO DE PESCADO. Eso sí, pretende que exista una ventaja para ellos, a cambio de espejitos. (Ver cuadro Nº 2).

La industria pesquera nacional está compuesta por casi 900 barcos dedicados a la tarea de captura, 3.000 tripulantes, 34 plantas industrializadoras, 7.000 puestos de trabajo en las mismas, y una exportación total superior a los 65 millones de dólares anuales el año pasado, y que de concretarse este acuerdo pesquero, se destruiría tanto esfuerzo de muchos años, y más de 10.000 trabajadores uruguayos quedarían desocupados.

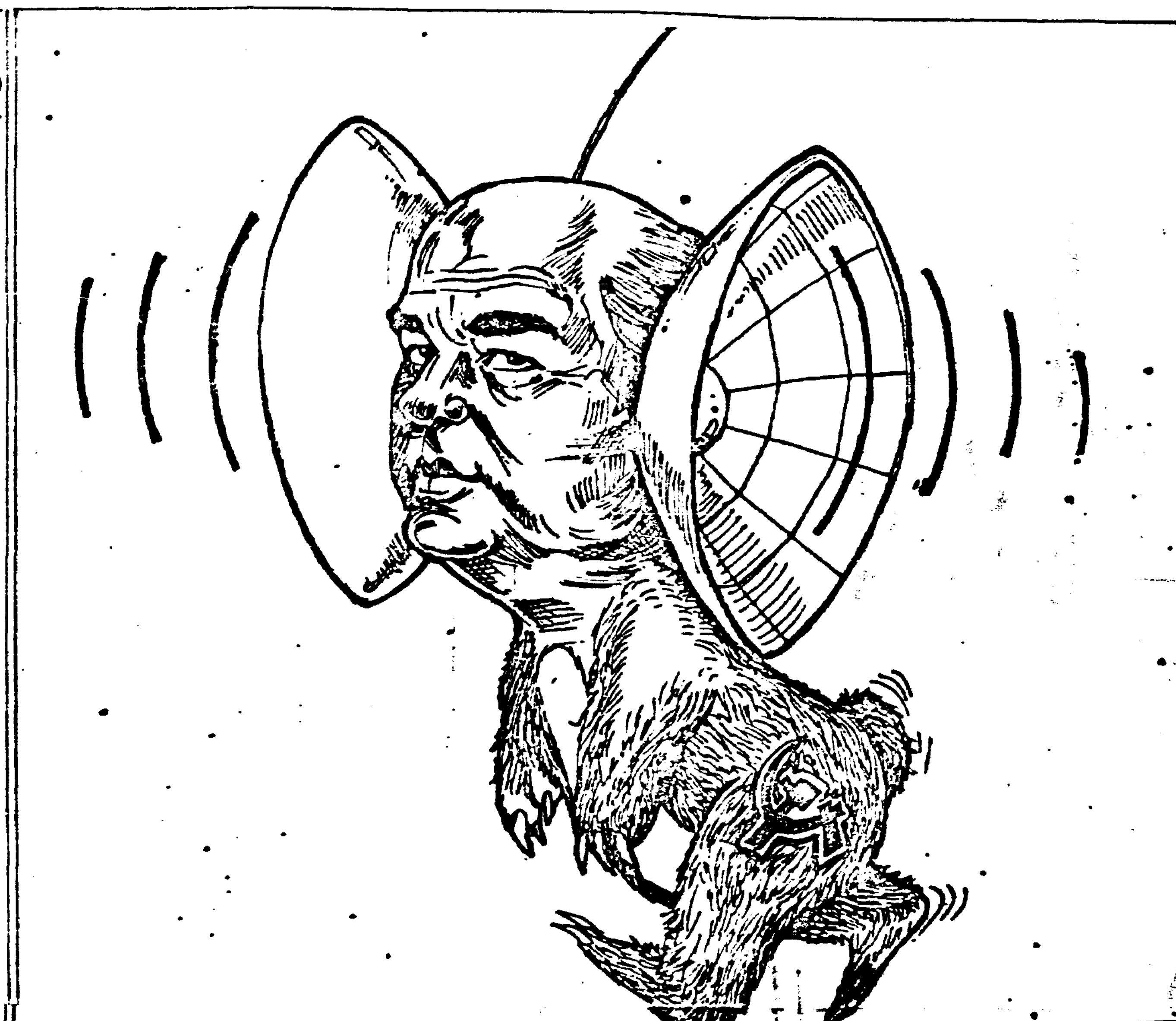
La U.R.S.S. sólo viene al Uruguay a buscar su ventaja, sin importarle, en qué condición queda el trabajador uruguayo, incluso, hasta cuando hace sus compras al país. Por ejemplo, en 1986, el 84,5% de las exportaciones a la Unión Soviética fueron ventas por U$S 19:732.000,00 de lana sucia, mientras que por mantas sólo representó el 3,2% al comprar por U$S 748.200,00 el año pasado. Esto demuestra, que el vender la lana sucia, sin proceso de industrialización, le quita trabajo al obrero uruguayo.

Un triste recuerdo de esta visita del representante de la más brutal y sangrienta dictadura, jamás conocida en la historia de la humanidad, y que en sus 70 años de autoritarismo, lleva contabilizados 150.000.000 de asesinatos, sobre aquellos que no aceptaban el régimen comunista, y el sometimiento a condiciones esclavizantes de muchos países conquistados y que han perdido para siempre su identidad de LIBRES y SERES HUMANOS.

Es por eso, que por una cuestión de Tradición, de Principios, de Etica, y fundamentalmente, de Respeto hacia aquellos, que construyeron esta Nación, Libre y Soberana, pero de altos valores humanos y morales, nos duele profundamente que venga un Canciller soviético al Uruguay a firmar una Declaración Conjunta, resaltando principios y valores. Ellos que son los paladines del incumplimiento, los cultores de la mentira deliberada, el mayor violador de los Derechos Humanos, esclavizando a millones de personas a vivir bajo la dictadura comunista, basada en el desprecio a la libertad y dignidad del hombre, y en la brutalidad sangrienta, como sistema.

Esfuerzo de Moscú por apoderarse de tecnología militar occidental

POR:
r. E. BORREL NAVARRO



Hace poco ocurrió un he-ho insólito que fue cono-do por la opinión pública ternacional y que pone n evidencia hasta dónde ega la Unión Soviética en u deliberado afán por ob-ner alguna información el mundo libre occidental.

El hecho ocurrió en alta ar cuando un portaavio-es de la flota estadouni-ense dejó caer al agua los esperdicios del día, que ormalmente se hunden en-eguida en el mar, pero que n el caso citado uno de los ultos permaneció a flote y e recogido rápidamente or marineros de una nave spía soviética que seguía estela de aquél.

Sea legal o ilegalmente l Kremlin trata por todos s medios de conseguir de ccidente alguna tecnolo-ía, equipo militar o algu-os proyectos de armamen-s secretos o confidencia-s que desenvuelve espe-ficamente el Pentágono orteamericano.

Los soviéticos se esme-n en tratar de aprovechar-e de la tecnología occiden-al, que es la única forma ue tienen para reforzar las opas integrantes del lla-ado Pacto de Varsovia. [illegible] ha creado la base anufacturera industrial mi-tar más grande del mundo una extensa organización ara complementarla, con l propósito de lograr una apacidad y poderío técni-o-militar si no superior, al enos igual al de los países filiados a la Organización el Atlántico Norte (OTAN).

En los últimos años la UR-S ha podido acortar así la entaja de Occidente en la ayoría de las áreas tecno-ógicas claves, especialmen-e en microelectrónica. En tocante a materiales, ex-losivos y equipo que en an en el grupo de desplie-ue de fuerzas tácticas, omo son los tanques de uerra, artillería, missiles ntitanques y de superficie-ire, el nivel de tecnología sa es casi igual o lige-amente superior al de Oc-idente.

Circulos científicos norte-mericanos creen que los oviéticos están en la cús-ide del mundo en otros spectos o campos signifi-ativos, como pueden ser guerra química, y en otras reas de investigación la-er para futuras aplicacio-es referidas a la guerra de a galaxias. Para la década le 1990 esperan poder ha-er grandes innevaciones ue les den ventaja sobre l mundo libre.

Es sabido que el Congreso le los Estados Unidos recibió en mayo de 1982 un programa soviético de carácter masivo y global para adquirir tecnología occidental (Estados Unidos, Alemania del Oeste y Japón), con aplicación militar, lo cual obligó a los integrantes de la OTAN a emprender mayores esfuerzos en los terrenos de la contrainformación y en el control de las exportaciones para que las mismas no llegaran a los países del Este.

Algunos ejemplos bastan para ilustrar esta información que se somete a los lectores. Moscú ha avanzado cinco años en el desarrollo de la siguiente generación de radares de control de fuego para aviones de cazas soviéticos. Cálculo que, al utilizar documentación sobre el caza norteamericano F-18, sus industrias de aviación y radar ahorraban unos cinco años de tiempo de desarrollo y 55 millones de dólares en fuerza laboral del proyecto y otros costos.

Lá documentación robada a Occidente sobre el radar de control de fuego del F-18 sirvió de base técnica para nuevos radares de busca y disparo infrahorizontal para la más reciente generación de cazas soviéticos. Esta documentación sobre los cazas F-18 y F-14 sirvió de impulso para los dos proyectos de investigación a largo plazo destinados a crear, desde cero, un nuevo sistema de missiles aire guiados por radar, y sirvió, además, para desarrollar un nuevo equipo soviético de contramedidas por radar volante contra los F-18 y F-14. La adquisición de información científica de Occidente facilitó a los soviéticos igualmente disminuir en dos años el tiempo dedicado a investigar sobre una nueva generación de espoletas para municiones con un amplio radio de letalidad y para otras de aviación, de lanzamiento simultáneo y de autopuntería.

Hay que señalar que los organismos dedicados a la recolección de información para Moscú han adquirido fácilmente tipos de circuitos integrados para hacer una ingeniería a la inversa, y es así que en la mayoría de los circuitos soviéticos es fácil descubrir un original occidental.

Uno de los más definitivos ejemplos al respecto es el microprocesador soviético KR.5801 K SOA, que es una versión modificada del microprocesador Intel Corporation 8080 A 8-BIT, empleados en muchos sistemas militares estadounidenses. En este caso específico, los soviéticos copiaron, incluso, el número de la parte equivalente para evitar confusiones.

Igualmente hay que informar que la evidencia muestra claramente que los circuitos integrados soviéticos conocidos como Logika-2 y Series 133/155 se copiaron directamente de la familia 5400.7400 de Texas Instruments, así como en sistemas tanto tácticos como estratégicos, desde mediados de la década pasada, a fin de proporcionar importantes mejoras cualitativas. No hay duda de que si la URSS logra adquirir la próxima generación de materiales, equipos y piezas, su capacidad militar continuará mejorando en el terreno donde reside la mayor fuerza de Occidente.

Hay que señalar que a medida que los circuitos integrados de la Unión Americana y del Japón se hagan más complejos, la ingeniería a la inversa requerirá, primero, un seguimiento de cientos de miles de conexiones; segundo, comprender de qué modo se acoplan todas y, tercero, dominar los complejos pasos del proceso empleado en la producción, de tal modo que copiar tales circuitos, precisará no sólo de un equipo occidental mucho más sofisticado, sino también mucho más tiempo para reproducir cada circuito, lo que hará que su distancia general en microelectrónica, respecto a Occidente sea mayor.

Es indiscutible y hay muchos ejemplos para mencionar de armas y equipo militar, de por lo menos una docena de naciones occidentales, que han beneficiado enormemente las tecnologías y productos soviéticos.

Por citar algunos: En aviación, cuatro nuevos aviones de caza; nuevo caza táctico para la década de 1990; un avión supersónico; avión de ataque a tierra; puesto de mando aerotransportado, reducción de firma de infrarrojo de aviones; cuatro aviones de transporte, lanzadera reutilizable, missil aire-aire (como el Phoenix, de los EE.UU.), turbina de gas y otros reactores.

Igualmente, en proyectiles y explosivos: granadas de 100 y 152 milímetros de alto explosivo: granadas artilleras de 203 milímetros; diseño de casquillos para el tiro con proyectiles subcalibre para munición perforante de tanques de guerra; granadas de penetración de Wolfamio perforante de blindaje; cañón de 23 milímetros; bombas en paquete, de aviación; granada minadora de acción remota lanzada por artillería, cohetes y aviones; vaina de proyectil de artillería de gran calibre, municiones de pequeño calibre, espoleta detonada por ruido, espoleta de radio microelectrónica; espoleta de proximidad por una milimétrica; municiones de masa; torpedo antisubmarino y missil antisubmarino.

En blindados y electróptica: Sistema de fotorreconocimiento de base espacial; sistema de reconocimiento espacial por infrarrojos; sistema de base espacial para detección de lanzamiento de missiles; procesador de imagen por infrarrojos, de base espacial, radar de apertura sintética para reconocimiento espacial; tanques de guerra de diverso tipo, cañón de tanque de 125 milímetros; laser de gas industrial, telémetro laser y missil antitanque.

Hay que decir, finalmente, que estos trabajos soviéticos obligan al mundo libre occidental a aprobar créditos más altos cada vez, con el propósito de nunca permitir que la URSS se pueda situar delante de las naciones democráticas.

"IMPACTO"
México

BREVES

Líderes de la oposición nicaragüense observan con cautela el pacto de paz.

En la incertidumbre después de la firma del acuerdo de paz centroamericano en Guatemala a principios de agosto, los líderes de la oposición en Nicaragua, por mucho tiempo intimidados, expresaron varios grados de optimismo sobre la perspectiva de democratizar su país, una de las principales disposiciones del ambicioso acuerdo.

"En este momento", dijo el Dr. Clemente Guido, presidente del Partido Conservador de Nicaragua, "La libertad política en Nicaragua es muy limitada. Tenemos un sistema que no es democrático, pero uno que podría evolucionar hacia una democracia. Gente como yo estamos perdiendo ahora, pero si nos damos por vencidos, sería desastroso para el futuro de nuestro país".

Glasnost selectivo para la historia

rno soviético ha reve-
ectivamente" la ver-
Chernobyl durante el
ño. Ahora que se ha
el primer aniversario
accidente nuclear en
, otros pocos detalles
incluyen un emocio-
ma por un bien cono-
r de Pravda, han sido
público mundial para
n. Sin embargo, algu-
s secretos más hon-
el desastre en Cher-
su secuela, como el
reactor, en sí, perma-
necen enterrados en la URSS.

El miedo, del pueblo soviético por el desastre de Chernobyl quizás hayan sido mejor expresados por Vladimir Guberyev, el autor del primer drama soviético, "Sarcófago", sobre el accidente nuclear. La obra de Gurbayev, que alaba la valentía de los bomberos y paisanos y ataca la incompetencia, avaricia y cobardía de las autoridades soviéticas, ha obtenido gran éxito en las tablas moscovitas.

Este drama, que no podía haber sido presentado ante las candilejas teatrales durante ninguna otra administración previa soviética. Parece ser favorita del líder soviético Gorbachov, que la señala como uno de los logros de su política de Glasnost. Desde su estreno la obra ha sido traducida a varios idiomas y ha sido presentada en Viena y Londres y en otros teatros en la URSS y en Europa Occidental.

Gubaryev, el principal editor científico de Pravda, a menudo ha escrito sobre las maravillas del poder nuclear soviético. Chernobyl, sin embargo, le hizo cambiar de parecer y examinará un sistema que podía construir plantas tan defectuosas como la del reactor que explotó en Chernobyl en abril de 1986. Como el resto del mundo, él se sintió ultrajado por un accidente que aparentemente podía haber sido evitado y que dejó a más de 30 muertos, envió a más de 300 a hospitales y puede que les cause la muerte a miles en el futuro.

El título, "Sarcófago", denota el enorme bloque de concreto, que fue construído para sepultar el reactor de Chernobyl. Uno de los actores en la obra, llama la tumba de un sarcófago y observa que tendrá que durar 100.000 años, hasta que la última radiación mortífera haya desaparecido. Las pirámides de Egipto, construidas hace 5.000 años para los faraones, dice el personaje, serán polvo para ese entonces.

Los soviéticos pueden estar satisfechos de haber premitido se presentara "Sarcófago" y de haber efectuado investigaciones sobre el accidente, pero Moscú todavía está ocultando mucha de la historia como el relato del padecimiento de los que construyeron el sarcófago. La mayor parte de esa obra fatal fue construida por 4.000 reservistas militares de Estonia, que fueron llamados a filas para primero limpiar los escombros de Chernobyl, sin equipo protector. Su historia no se conoce bien fuera de Estonia. Lo poco que se sabe en el Oeste viene de un pequeño número de supervivientes y de periódicos clandestinos de los estados del Báltico.

Los soldados estonianos que murieron por radiaciones no se cuentan, ni son aún honrados, con los otros muertos de Chernobyl, a pesar de que estos hombres, la mayoría doctores, trabajadores de construcción y choferes de camión, formaron parte fundamental de dicha limpieza. Llamados a servir primero por dos meses en "maniobras" sin especificar, los estonianos fueron enviados a Chernobyl y ordenados remover la tierra contaminada, a menudo sólo con palas o aún con las manos. El término de tiempo fue triplicado más tarde, y reservistas armados fueron traídos para mantener a los que trabajaban en su lugar. Varios de ellos también murieron de envenenamiento de radiación.

El ciudadano soviético no sabe del aporte estoniano a lo de Chernobyl, como desconoce los sufrimientos de los residente locales. Mucho se habla de la campaña de recolonización efectuada por el gobierno, pero el dolor de un pueblo que tiene que dejar sus hogares y sus posesiones raras veces es documentado.

Los límites de Glasnost también serán los del futuro de la energía nuclear en la URSS, aunque recientemente y con desgana esos límites han sido ampliados un poco. No fue hasta abril que los soviéticos por fin acordaron desistir de la construcción del quinto y sexto reactor en Chernobyl. La Unión Soviética, sin embargo, terminará otros tres de ese tipo, en Kursk, Smolensk e Ignali, en Lituania. En esta última ya se está escapando la radiación, reportan científicos suecos y filandeses, y puede que prouto sea lugar de otro "Sarcófago".

OPINION

Acuerdo pesquero con la URSS atenta a la soberanía nacional

La Comisión de Asuntos Internacionales del Senado, recibe preocupación de la Asociación de Armadores del Uruguay —quienes están siendo asesorados por el jurista de Derecho Internacional más prestigioso e importante del país, reconocido mundialmente, el Dr. Jiménez de Aréchaga.

Esta Asociación de Armadores, es la propietaria de los casi 800 barcos pesqueros nacionales, que están ocupando a más de 3.000 tripulantes y le están dando trabajo —en tierra, a 7.000 obreros más.

Ellos manifiestan que la autorización del Convenio Pesquero con la URSS, para que vengan con su impresionante flota devastadora de 200 barcos factorías (verdaderas fábricas industrializadoras flotantes), destruiría su industria (por los efectos depredadores que en todo el mundo —donde los soviéticos han estado— tienen, marcando un pésimo antecedente), y de esta forma el mar territorial uruguayo quedaría prácticamente sin pesca, la industria paralizada y la gente sin trabajo.

Por otra parte el jurista internacional, Dr. Jiménez de Aréchaga denunció que los términos en que está redactado este acuerdo pesquero, es atentatorio a la soberanía nacional y verdaderamente inconstitucional.

01.01

8711015

más allá de la crónica

ESCRIBE PROF. OSCAR AMORIN SUPPARO

70 años de experiencia comunista (II)
Gorbachov y la crisis soviética

El informe de 1983 sobre la situación económico-social de la URSS, pertenece a la Academia de Ciencias de Novosibirsk, sección siberiana de la Academia de Ciencias de la URSS. Dicho documento fue discutido durante un tiempo con carácter secreto, pero los efectos polémicos de su análisis tomaron rasgos de carácter público lentamente y provocó consecuencias en el interior de los órganos centrales, en el período 1983-85.

En particular y como lo señala M. Gorbachov, actual Secretario General del Comité Central del Partido Comunista de la Unión Soviética, deben remarcarse dos eventos: **el Pleno del Comité Central en abril de 1985 y el desarrollo del XXVII Congreso del P.C.U.S. durante 1986.**

En esos eventos se concretó una lucha interna y una fuerte polémica sobre las medidas a adoptar frente al examen crítico derivado de la notoria crisis social, económica y administrativa que venía madurando desde 1970.

Fruto claro de esa crisis está indicado por el Dr. Alphonse Max, en su enjundioso artículo ya referido en la nota anterior cuando expresa: **"En pocos años (1982-85) la Unión Soviética tuvo cuatro Secretarios Generales (Brezhnev, Andropov, Chernenko y Gorbachov) mientras que Stalin permaneció en el poder casi 30 años"** (El País, 16-8-87).

Es precisamente Gorbachov que asumirá una actitud revisionista y de "renovación", con un contenido y alcance crítico "constructivo" que surge de modo sustancial en su hoy famoso **Informe al Pleno del Comité Central del P.C.U.S. del 27 de enero de 1987, titulado "La Renovación y la política de cuadros en la URSS".**

Gorbachov fue electo en el seno del PCUS el 11 de marzo de 1985, como Secretario General del Partido, a las horas del fallecimiento de Chernenko. Tenía entonces 54 años y marcaba una imagen de rejuvenecimiento frente al promedio de edad del Comité Central originado en 1981 (Chernenko tenía al asumir 72 años). Eminentemente apuntalado por Andropov, desde mucho antes de asumir el cargo, cuenta Gorbachov con el aparato de la **KGB (policía secreta rusa) que Andropov dirigiera entre 1967 y 1982.**

Andropov figura como "inventor" de la figura de Gorbachov y éste **ha heredado el complejo mundo de la información e inteligencia secretas, que junto al ejército y burocracia política constituyen los 3 grandes centros del poder comunista en la URSS.**

Andropov presenció como se desplegaba delante suyo la era del desastre soviético que a partir de 1976 involucró la imagen del entonces Secretario General del P.C.U.S., L. Brezhnev. **Vio en la disciplina laboral, el aumento de la productividad y la moral partidaria, los resortes para superar el estancamiento soviético.**

El informe Gorbachov es el fruto maduro de tantos años de deterioro comunista en la URSS, así como la proyección de una "nueva" sociedad soviética que **vuelva a sus orígenes históricos y se postule como grandeza en el futuro.** Se recogen en el informe las discusiones de los órganos centrales del Partido y en particular las metas planteadas en el **XXVII Congreso del PCUS de febrero de 1986.**

Pero la clave del **informe de enero del 87 está dada por el informe Siberiano de 1983.** De este último hemos visto en la nota anterior los siguientes elementos básicos:

1) Entre 1970 y 1983 la URSS padeció una caída económica y social que desde 1985 intenta ser paliada bajo la conducción del actual Srio. Gral. del PCUS.

2) Dicha crisis se representa en el plano económico por una tasa de crecimiento anual medio que **entre 1966-70 ascendía al 7.5% y en el período 1981-85 no sobrepasó el 2.5%** y en el plano humano por la **indisciplina y bajo rendimiento del obrero.**

3) Que ideológicamente quedaron estancados entre los años 1930-40 y a medida que la URSS se desarrollaba cuantitativa y económicamente hasta el



estancamiento de 1970, no se produjeron transformaciones **cualitativas** favorables en la **dimensión subjetiva** y personal de los ciudadanos soviéticos.

4) El fracaso de la gestión económica es consecuencia del fracaso en el sistema de las relaciones humanas, derivado del absoluto centralismo en la planificación comunista.

5) Durante décadas la evolución económica de la URSS utilizó una masa obrera y campesina de bajo nivel intelectual, dócil, manipulada bajo disciplina militar, con baja remuneración: **al modificarse su status se transformó cualitativamente, entrando en colisión con el engranaje reglamentario comunista.**

A estos puntos, el informe siberiano agrega otros que prolongaron el advenimiento de Gorbachov al poder.

LA CLAVE: DUDAS Y CONFLICTOS

Los economistas y sociólogos siberianos se formulan en 1983 la pregunta clave de la situación regresiva soviética: **"¿Es realmente cierto que el más rígido control de todos los aspectos de la actividad de los trabajadores garantiza los mejores resultados?"**

La respuesta del grupo científico es negativa y se funda en dos razones principales. La primera reside en que toda **"reglamentación administrativa del trabajo y de la actividad económica conlleva a la centralización"**. Frente a esa centralización artificial, se encuentra la **diversidad de regiones y comarcas, los distintos tipos humanos,** etc. Se produce un choque entre el **monismo político administrativo y la diversidad natural geográfico-humana.**

En segundo término la **"dureza"** reglamentaria obliga al super control inspectivo para verificar su cumplimiento.

Luego sobreviene una falta de motivación, la baja de la productividad y el **"deterioro de los índices económicos".**

Además el control nunca alcanza, las reglas no se cumplen y sobreviene la **"indisciplina".**

Dice el informe que la **"coacción administrativa"** (bajo fuerte sanción) elimina la **"iniciativa positiva"** del trabajador, que **"se ve reducida a la nada".** Esto apareja una amplia abertura para **"el espectro de los comportamientos asociales"** (alcoholismo, drogadicción, inmoralidad administrativa, etc.)

El corolario de los científicos **"heterodoxos"** de 1983 frente a la pregunta clave era: **"Los métodos administrativos de gestión se revelan impotentes en este caso. Sólo puede hacerse de forma indirecta, por medio de estímulos que tengan en cuenta las necesidades sociales y económicas de los trabajadores. (...) Es necesario llegar a coordinar los intereses generales, colectivos e individuales 'de forma vertical' por una parte, y por otra a integrar en un plano 'horizontal' los intereses de clases y grupos en inter-acción".**

Se desprende de aquí, que la economía soviética para salir del actual estancamiento tiene que abandonar la presión política para la producción y adoptar el estímulo natural del salario correspondiente y demás retribuciones paralelas a una libre y creativa expresión **laboral.** Pero además reconocen la presencia de los intereses de clases y grupos en el marco social y económico, lo cual se enfrenta a la definición oficial de 1980, en la última edición del **Diccionario Filosófico** vigente en la URSS según el cual **"en un régimen socialista no hay grupos interesados en mantener relaciones de producción caducas y que, por consiguiente, toda modificación o mejora se lleva a cabo sin conflictos sociales".**

Esto es negado por el informe siberiano en el cual se afirma: **"El análisis de las últimas décadas desde el punto de vista del desarrollo de nuestra economía nos lleva a dudar de semejante punto de vista".**

Esto significa que en la URSS hay clases sociales y grupos de interés, que definen una sociedad con direcciones verticales y horizontales, que debe ser reconocida como tal, y junto con ella la existencia real del **conflicto** en toda búsqueda de soluciones para el área de atribuciones, derechos y obligaciones. Por ello se habla hoy en la URSS de la necesidad de un modelo **"pluridimensional".** ¿Podrán definirlo y luego aplicarlo?

Es necesario, se afirma en el informe, definir una **"estrategia de transformación"**, pero para ello hay un obstáculo que es necesario eliminar: **la ignorancia estadística que la URSS tiene sobre sí misma: 'desconocemos por completo las relaciones socio-económicas: nos referimos con esto a especificidades concretas acerca de la situación de los grupos de trabajadores en cada rama, cada profesión, cada región (nivel y fuente de ingresos, condiciones de vivienda, nivel de los servicios, estructura del consumo, etc.) Desconocemos tanto o más, si cabe, el contenido y las peculiaridades de la conciencia socio-económica de estos grupos: escala de valores y su orientación, nivel y estructura de las necesidades, contenidos y formas de expresión de sus intereses, etc."**

Preguntamos nosotros **¿cómo pueden plantear una estrategia sobre un estado de desinformación tan profundo como lo indica la propia Academia de Ciencias de la URSS?** Esa es la tarea de Gorbachov, que no sólo se enfrenta a un estancamiento económico y social, sino además a un estado de ignorancia sobre su propia realidad. **No podrán seguir planificando la economía si no establecer métodos rigurosos de información. Para eso se precisa un amplio campo de libertad.**

¿Qué ha sucedido desde el ascenso de Gorbachov al día de hoy en la URSS? Este será el tema de la próxima nota.

Nuevos Tiempos: Polémica en Moscú por Renuncia de Líder

MOSCU, 8 (ANSA).— La "*Federación de Clubes Socialistas*" de Moscú entregó hoy a los dirigentes de la capital un petitorio para que se aclare el caso ligado a la renuncia de Boris Yeltsin, miembro candidato de la oficina política y Primer Secretario de "Moscú-Gorkom".

La Federación, surgida el verano pasado de la fusión de más de 300 clubes *informales* de Moscú y las grandes ciudades soviéticas, *reafirma* su apoyo al dirigente de Moscú contra los "ortodoxos" que quieren detener la "*Perestroika*".

Se trata de la más contundente manifestación de apoyo, aunque en los días pasados se arrojaron volantes o se enviaron cartas a los máximos órganos del Partido de Moscú.

Yeltsin presentó su renuncia, como confirmó en una conferencia de *prensa* con los corresponsales extrajeros Likjanov, miembro de la secretaría del PCUS, en el plenario del Comité Central del 21 de *octubre*, luego de un ácido debate con algunos miembros de la oficina política que respondieron a las críticas.

"Nuestra prensa, afirma la Federación en el documento entregado hoy al "Mossoviet", trata de silenciar el caso diciendo que se trata de asuntos internos del Partido, lo que no es aceptable *porque el* PCUS, según el artículo 6 de la Constitución soviética, no es *un simple* partido político, sino que dirige la fuerza de toda la sociedad".

Denunciando "el apartheid *informativo*" *por* el hecho de que los ciudadanos de Moscú "están obligados a enterarse de un conflicto en la dirigencia de la ciudad y del país por las transmisiones de las radios occidentales", la Federación de Clubes Socialistas defiende con vigor al jefe del Partido de la capital.

Durante el Plenum del Comité Central una de las principales acusaciones que le fueron dirigidas por el jefe de la KGB Viktor Qebrikov fue la de haber favorecido con su actitud el nacimiento de asociaciones informales que obstaculizan notablemente la actividad del Partido.

"En *sus intervenciones* el compañero Yeltsin, continúa el petitorio, siempre exhortó a *una decisiva* aplicación de la Perestroika, a una profunda democratización. En este caso él no ha *expresado* sólo su opinión, sino también la de muchos moscovitas, entre ellos nosotros".

"Queremos, agregan, que el comité de la ciudad del Partido lleve adelante seriamente el *curso* de la Perestroika en la vida *política* , social y económica de la ciudad".

En este sentido, la Federación presenta una serie de pedidos, como "la aplicación de encuentros *regulares* entre la dirigencia del Partido y los habitantes de la ciudad, la televisación directa de las reuniones del Comité Central del PCUS de Moscú, la introducción del Instituto de la Delegaciones *Populares*", entre otras.

"La renuncia del compañero Yeltsin, *así* como el eventual nombramiento de un *nuevo* dirigente en su puesto, no tiene en cuenta a *la* opinión *de la comunidad* ciudadana, puedan afectar la fe de los ciudadanos en la *seriedad* de los cambios *en curso*", concluye el documento.

El jefe del Partido de Moscú es *considerado* uno de los "campeones" de la Perestroika y de la "Glasnost".

Sus *declaraciones siempre* fueron abiertas acusaciones por los *obstáculos* puestos por la burocracia y los privilegios de la Nomenklatura. *Por este motivo*, luego de una rapidísima carrera, desde febrero de 1986 *estaba empantanado* en el limbo de los "*miembros-candidatos*" de la oficina política.

Uno de los principales inspiradores de los centenares de arrestos contra los dirigentes corruptos, es *famosa su frase*: "golpeamos y golpeamos y no vemos el fondo de esta inmundicia, tratamos de destruir los lazos criminales, de aislar a los dirigentes, de poner en sus puestos a personas honestas y fieles. Es *una tarea* larga y difícil, pero tenemos la firme intención de eliminar el mal hasta el fondo".

Es fácil imaginarse cuántos enemigos se *ganó dentró* de un aparato que tiende *instintivamente* a conservar enormes privilegios.

024

La Habana 8/11/87

Fue anunciada por el Ministro de Defensa

Reestructuración en las Fuerzas Armadas de URSS

En un discurso que pronunció en la Plaza Roja, el Ministro de Defensa soviético anunció una reestructuración en las Fuerzas Armadas, y afirmó que pese al giro que han tenido las relaciones internacionales, aún no fue eliminado elpeligro de la guerra nuclear.

MOSCU (EFE).- El Ministro de Defensa de la URSS, Dimitri Yasov, afirmó ayer que las Fuerzas Armadas soviéticas han emprendido un proceso de perestroika (reestructuración), al igual que el resto del país.

Yasov, que es además miembro suplente del Politburó, añadió que esta reestructuración en marcha está dirigida a elevar en todos los aspectos la vigilancia y la preparación para el combate.

El Ministro de Defensa soviético abordó también en su discurso, pronunciado antes del comienzo del desfile militar conmemorativo del 70° Aniversario de la revolución de octubre, el tema de la próxima cumbre entre el Presidente de EE.UU., Ronald Reagan, y el número uno de la URSS, Mijail Gorbachov.

El responsable de las Fuerzas Armadas soviéticas señaló también que a pesar de las perspectivas favorables en las relaciones internacionales, el peligro de una guerra nuclear aún no ha sido eliminado, pues las fuerzas reaccionarias del imperialismo continúan su lucha por la superioridad militar.

Bajo estas condiciones, agregó Yasov, el Partido Comunista de la URSS y el Estado soviético están adoptando las medidas necesarias para mantener el potencial defensivo de la URSS a tal nivel que nadie pueda atreverse a romper su vida pacífica.

El Ministro de Defensa soviético señaló también que el prestigio y la influencia de la URSS en la arena internacional ha crecido considerablemente.

Dimitri Yasov, que sustituyó a Sergei Sokolov al frente del Ministerio de Defensa de la URSS el pasado mes de mayo, tras el aterrizaje de Mathias Rust con una avioneta deportiva en la Plaza Roja de Moscú, fue el encargado de pasar revista a las tropas que ayer desfilaron ante el mausoleo de Lenin.

OPINION 25-SET-87

Aeroflot no es línea comercial

por S. ORTIZ DE LARRAZABAL

Mucho interés ha despertado en la región la polémica suscitada en Bolivia acerca de si aceptar o no la solicitud de Aeroflot de que se la autorice prestar sus servicios en ese país. El interés se debe a que quienes conocen algo de esa línea pseudocomercial saben que cualquier país lo debería pensar dos veces antes de abrirle las puertas a Aeroflot.

La línea aérea soviética, Aeroflot, se autodenomina la línea aérea más grande del mundo, aunque lo es sólo por casualidad, ya que su papel principal nunca fue la aviación comercial sino presentar una fachada civil a la labor de espionaje de sus superiores en la Fuerza Aérea Soviética y en el GRU (Organismo de Inteligencia Militar), así como la colaboración con la KGB.

Por esta razón, la Aeroflot no se distingue como línea aérea comercial. Tiene sin duda la peor atención a bordo que dispensa línea alguna —la cortesía y la alimentación en viajes largos por lo general se quedan en el olvido—. Se venden prácticamente cualquier número de pasajes y si no alcanzan los asientos —cosa que sucede con frecuencia— mala suerte. Si hay que pasar largas horas en el aeropuerto, se puede escoger entre acostarse o sentarse en el piso.

Los accidentes de la Aeroflot ya son legendarios. Siempre espectaculares, se caracterizan por estar totalmente injustificados, como por ejemplo, el espantoso accidente sucedido en diciembre pasado en el aeropuerto de Berlín Oriental, en el que murieron 72 personas, entre ellas 19 escolares que habían viajado juntos a conocer la Unión Soviética.

El análisis posterior determinó que todo estaba en orden, tanto por parte del avión como del aeropuerto, desde el punto de vista técnico. Sólo había un detalle: el piloto no sabía inglés, idioma absolutamente requerido para vuelos internacionales. De manera que el piloto había recibido y aceptado instrucciones de la Torre de Control que no entendía.

Los accidentes de la Aeroflot, según lo han revelado sus propios expertos en entrevistas producidas durante la actual etapa de "glasnost", en la que supuestamente se está animando a los soviéticos a hablar la verdad, se deben normalmente a equipos defectuosos o mal mantenidos, incompetencia del piloto, medidas burocráticas e incluso diseño defectuoso de los aviones.

Los pasajeros viajan sin seguridad en el vuelo y sin consideración alguna como personas, especialmente si tomamos en cuenta que la gran cantidad de misiones secretas de naturaleza militar o de espionaje normalmente se llevan a cabo con pasajeros a bordo, para garantizar la "imagen comercial" que sirve siempre de coartada.

Numerosos países han presentado quejas formales a la Unión Soviética por las labores de espionaje que cumple la Aeroflot. Entre las quejas de años recientes, Noruega la ha acusado de espionaje electrónico sobre su territorio y le ha prohibido aterrizar en la mayoría de sus aeropuertos.

Grecia sufrió la humillante experiencia en 1985 de detectar a un avión Aeroflot que se desvió totalmente de su ruta para sobrevolar instalaciones militares estratégicas, sin hacer ningún caso a las repetidas advertencias de las autoridades griegas desde la Torre de Control. Al aterrizar, el capitán se negó a suministrar la lista de pasajeros y tripulación.

Y así sucesivamente a todo lo largo de su historia. La televisión de Alemania occidental logró mostrar las cámaras ocultas en un avión Aeroflot que aterrizó en el aeropuerto de Frankfurt. Los aviones de la Aeroflot están todos equipados con equipos fotográficos ultrasensibles y además, llevan sin excepción alguna personal de la KGB a bordo para dirigir las labores de espionaje.

Los vuelos de la Aeroflot se utilizan para introducir contrabando en los países anfitriones y también para retirar cargamentos de productos de alta tecnología "adquiridos" por los infinitos tentáculos de la KGB, para su envío a la URSS.

Igualmente, esta línea nada comercial se ocupa de transportar personas fugitivas, terroristas, traficantes, guerrilleros, cualquiera que esté bajo la tutela de Moscú y sus títeres y que esté necesitando desaparecer momentáneamente de un teatro de operaciones.

En resumidas cuentas, en la Aeroflot no se cuida ni el avión ni usted —recordando el lema de una línea que sí es comercial y que por el momento se le está obstaculizando la entrada a Bolivia: la Iberia.

En la Aeroflot, lo que está en perfectas condiciones y funcionando a toda máquina son los equipos de espionaje. Quienes están bien entrenados y capacitados no son los pilotos —ni mucho menos las azafatas— sino los funcionarios de la KGB encargados de cumplir la verdadera labor de sus aviones.

"El Universal". Caracas - Venezuela

más allá de la crónica

URSS

ESCRIBE PROF. OSCAR AMORIN SUPPARO

) AÑOS DE EXPERIENCIA COMUNISTA (III)

INFORME GORBACHOV: RADIOGRAFIA DE UN FRACASO

Hemos dicho que el informe de ›rbachov es el fruto maduro de una na de conciencia que se produce a rtir de 1983 con el informe siberia- de la Academia de Ciencias de la ISS. Jalona dicha maduración el :no de abril de 1985, donde el mité Central del P.C.U.S. conside- los evidentes síntomas de un de- ioro general económico, social y mano, que el sistema comunista decía desde 1970. Y completa la ne autocrítica de la dirigencia so- tica, el XXVII Congreso del Partido munista desarrollado a partir de rero de 1986.

En enero de 1987 Gorbachov pre- nta su informe completo en cali- d de Secretario General del P.C.U.S. Pleno del Comité Central. El infor- se divide en 3 partes: **1) Se habla la necesidad objetiva de una organización completa; 2) Se rma la necesidad de profundi- r la democracia socialista y 3) Re- ver la política de cuadros direc- os.**

En la primera parte Gorbachov de- e el objetivo primordial en: **"mate- lizar la línea estratégica a ace- ar el desarrollo socio-económi- del país".** Gorbachov reconoce **entre 1970-80 se desarrollaron las causas y efectos de una evidente crisis en la URSS, pero afirma que lentamente comienzan a surgir indi- cios que a partir de 1985 evidencian un progreso frente al estado regresi- vo.** También afirma la existencia de un grado importante de incompren- sión en la dirigencia partidaria sobre las medidas que se están adoptando a partir de 1985 cuando el propio Gorbachov asumiera la Secretaría General.

Se afirma que la economía soviéti- ca había hecho de **"su Patria una poderosa potencia"**, pero se ocul- taron factores de estancamiento que tanto en el frente teórico como en el material, implicaron la crisis contem- poránea.

CAUSA Y CULPA DE LA CRISIS

Gorbachov concentra en el sector dirigente del P.C.U.S. la causa y la culpa del deterioro histórico experi- mentado. Informa Gorbachov: **"El principal motivo residió en que el CC. del PCUS y la dirección del país —ante todo por causas subje- tivas— no pudieron evaluar a tiem- po y en pleno volumen la necesi- dad de efectuar cambios, ni el peligroso aumento de fenómenos críticos en la sociedad, ni elaborar una línea precisa con miras a sub- sanarlos y a utilizar a plenitud las posibilidades del régimen socia- lista".**

Y agrega: **"Camaradas, la respon- sabilidad por todo ello, la llevan los órganos dirigentes del Partido y del Estado".**

En el plano del trabajo teórico de la cúpula comunista de la URSS, **se afirma un fracaso de la dimensión subjetiva del rol político, y Gorba- chov acusa a los dirigentes con los siguientes y expresos calificativos: conservadores, dogmáticos, auto- ritarios, anti-científicos, inmovilis- tas, esquemáticos, superficiales, escolásticos, abstractos y cadu- cos".** Afirma que las nociones teóri- cas del socialismo han quedado es- tancadas entre los años 30 y 40. Recordemos aquí que según el Infor- me Siberiano del 83 el estancamien- to económico tuvo su raíz en que a partir de los planes quinquenales, la economía soviética lo que desarrolló fue la capacidad ociosa que arran- caba de la época zarista y por lo tanto al llegar a la satisfacción de la posibi- lidad ociosa, se enfrentaron a la ca- rencia de cuerpos ideológicos que habilitaran la redimensión de dicha economía. Dicho de otro modo: **la crisis económica y su estancamien- to determinó la toma de concien- cia de un estancamiento ideoló- gico que arrancaba de décadas anteriores.**

El ataque de Gorbachov contra los dirigentes comunistas asume violen- tos calificativos y define una verda- dera purga que en dos años alcanzó a toda la estructura y niveles del PCUS. Gorbachov los acusa de no haber atendido en el frente teórico la realidad crítica que surgía en el fren- te práctico, e indica como puntos básicos de dicho frente práctico los siguientes: **"la propiedad social, las relaciones entre las clases y las nacionalidades, la medida del tra- bajo y del consumo, la producción cooperativa, los métodos de ges- tión económica, la democracia y el autogobierno, la lucha contra el burocratismo, los principios de la enseñanza y la educación".** Como ejemplo de esta denuncia de Gorba- chov baste señalar el problema de la propiedad socialista según la cual por falta de responsabilidad adminis- trativa, la propiedad, teóricamente de todos, se transformó, con palabras de Gorbachov, en una **"propiedad de nadie", sin dueño y entonces se** administraba por cualquiera y gene- raba lo que Gorbachov llama **"in- gresos ilegales".** El factor burocrá- tico es definido como **"dirigismo arbitrario, la dirigencia puramente formal y el papeleo".** Surge así una alteración en la aplicación de princi- pios socialistas, porcuanto si bien se atiende a expresar **"las garantías sociales básicas"**, no se ha logrado efectivamente **"el mejoramiento de las condiciones de vivienda, del abastecimiento de alimentos a la población, de la organización del transporte, de la asistencia médi- ca y del sistema de educación, así como en la solución de algunos otros problemas acuciantes".**

INDISCIPLINA E IRRESPONSABILIDAD CIVICA

Desde **los dirigentes** hasta los obreros la crisis del sistema comu- nista alcanza **niveles excepcionales.**

Tan excepcionales como los infor- mes de Gorbachov. Veamos como la irracionalidad, la inmoralidad, la indis- ciplina y la irresponsabilidad, consti- tuyen el fruto maduro de 70 años de dominio comunista en la URSS. Dice Gorbachov: **"La lucha contra los ingresos ilícitos se sostenía de manera indecisa. Era incoherente la política de incentivación moral y material del trabajo altamente productivo. Sin justificación algu- na se pagaban grandes cantida- des por concepto de primas y gra- tificaciones complementarias, fal- sificaban los datos para lucrar. Se avivaron los ánimos parasitarios, en la conciencia de la gente co- menzó a arraigarse la sicología del 'igualitarismo', lo que iba en perjuicio de los trabajadores que podían y querían trabajar mejor, facilitando la vida a quienes se habituaron a trabajar con desga- na. Los elementos de corrosión social que surgieron estos últimos años afectaron el clima moral de la sociedad, el convencimiento ideológico, el entusiasmo laboral y el patriotismo soviético. Surgie- ron la falta de espiritualidad y el escepticismo, aumentó el número de personas, incluido jóvenes, que ven el único objetivo de su vida en alcanzar el bienestar material, por cualesquiera medios. Su posición cínica ha venido adquiriendo las formas cada vez más abiertas. El aumento del alcoholismo, la dro- gadicción y la delincuencia cons- tituyeron una manifestación del decaimiento de la moral social. El menosprecio a la ley, el embau- camiento, la corrupción, el esti- mular el servilismo y la adulación.**

El bienestar social se suplantaba con títeres políticos: se conferían a manos llenas condecoraciones, títulos y premios".

Desde el *Partido*, dice Gorbachov, se ha combatido este fenómeno **"ex- pulsando del PCUS un número considerable de tales degradados entre los cuales figuran quienes se dedicaban al robo, el soborno y** a adulterar los **datos, quienes in- fringían** la disciplina **institucional** y la disciplina **interior del Partido,** quienes abusaban **de las bebidas** alcohólicas". Esto **obliga** según Gor- bachov a un urgente cambio de cua- dros directivos, seleccionados entre los 19 millones de militantes con que cuenta el Partido en la URSS y reco- noce que en estos últimos años **"no se había logrado poner sólidos obstáculos a los astutos, desho- nestos y codiciosos que procura- ban aprovecharse del carné de mi- litante".** Permanentemente Gorba- chov nos dice que la base de la renovación material y espiritual e la URSS, consiste en revivir prístina- mente la fuente ideológica de Lenin, e invoca también de modo perma- nente la imperiosidad de trasmutar cualitativamente la conciencia y la ética del ciudadano soviético que permita luego recoger consecuen- cias favorables en el orden material y económico. Tienen que pensar al hombre como un ser espiritual, asu- miendo el influjo idealista sin el cual no pueden modificar el fracaso deri- vado del crudo materialismo marxis- ta. Gorbachov acusa que la cultura ha florecido en un formalismo de- gradante, que falta en el arte por ejemplo mensaje intelectual y moral, y advierte y acusa a los departamen- tos ideológicos del Partido de haber perdido la conducción y el contralor del contenido del producto cultural científico, artístico, educativo, ideo- lógico, que habilitaron espacios va- cíos de dicho contralor donde ger- minaron aspectos críticos no sólo fuera de la praxis comunista y de su teoría, sino además inasequibles co- mo función crítica a la mera aplica- ción de una estéril ortodoxia dogmá- tica. Gorbachov dice que no hay que rechazar la función crítica sino asu- mirla reconduciéndola a la fuente leninista y salvar lo que llama **"la salud espiritual del pueblo".** Asi- mismo tampoco hay que rechazar la conciliación de la autogestión pro- ductiva, sino más bien estimularla pero con plena sujeción al centralis- mo planificado. Aclara que el comu- nismo no puede ser anarquía pero tampoco anquilosamiento. Hay que experimentar la empresa autoges- tionaria pero controlada centralmen- te; hay que permitir el voto secreto experimentalmente a nivel de fábri- cas por ejemplo pero el candidato debe llenar las condiciones previs- tas; hay que promover un mayor rol de la mujer en la vida soviética pero dentro de la planificación central de la familia, etc. Gorbachov aclara pres- tamente que en estas reformas: **"No se trata, lógicamente, de una rees- tructuración de nuestro sistema político"**

El Partido debe tratar de que la *empresa sea sentida por el obrero* como objeto de su propiedad. Para ello afirma que hay que superar la igualdad salarial y contemplar la can- tidad y calidad del trabajo.

Nada debe quedar fuera, ni siquie- ra el Partido, de la actual renovación en la URSS. El control de dicha reno- vación debe hacerse **"desde arri- ba" y "desde abajo"**; deben desa- parecer las llamadas **"zonas prohi- bidas para la crítica y el control".** La transparencia (glasnot) debe ser total. ¿Total? *preguntamos nosotros.* ¿Acaso Gorbachov comunica de mo- do transparente todos los métodos estratégicos y procedimientos segui- dos para la purga completa del Comi- té Central en 1985? También afirma que la primera regla de la autocrítica vigente consiste en lo que llama **"rendición de cuentas"** de cada dirigente ante las masas. Esto permi- tirá eliminar todo vestigio de dudas sobre el rol de cada uno. Confía en la juventud comunista que acompaña- rá el proceso de renovación. Y afirma que aún los no pertenecientes al Partido podrían acceder a cargos burocráticos. Afirma también la clara defensa de las nacionalidades pero advierte que no permitirán y que **"no se hagan ilusiones ni esperen in- dulgencias quienes quisieran es- pecular con los prejuicios nacio- nalistas".**

Mucho más podríamos referir. El informe es voluminoso. **Remitimos a la edición del mismo efectuada por el Semanario "El Popular" el día 13 de febrero de 1987.**

Pero culminemos señalando el concepto de Gorbachov sobre las Fuerzas Armadas soviéticas. Las mis- mas tienen dos funciones principa- les: seguridad y defensa. Dice Gor- bachov: **"Los órganos de seguri- dad del Estado que cuentan con los cuadros ideológicamente for- jados, fieles al Partido y al pueblo, y profesionalmente forjados, de- fienden los intereses de la patria. Estamos seguros que los órganos soviéticos de seguridad del Esta- do continuarán descubriendo y neutralizando las hostiles intrigas dirigidas contra nuestro país".**

Aquí Gorbachov no efectúa ningu- na crítica, ni una sola línea del infor- me señala algo negativo en las fuer- zas de seguridad y defensa militares soviéticas. ¿Acaso son sus amigos? ¿Acaso él proviene de esas fuerzas militares? ¿Entonces es verdad la hipótesis de que el ex jefe de la KGB (Andropov) gestó el ascenso de Gor- bachov a Secretario General del PCUS?

En tiempo venidero retomaremos *esta serie de análisis, que en ningún* momento podemos descuidar.

POCO LEGIBLE →

01.01

8711028

QUE PROBLEMAS DEBE ENFRENTAR LA "REVOLUCION" DE MIJAIL GORBACHOV

MOSCU, 6 (por John-Thor Dahlburg de The Associated Press).– ¿Qué ha logrado la Unión Soviética después de 70 años de socialismo, y qué problemas debe enfrentar la "revolución" de Mijail Gorbachov que proclama una política de mayor apertura, el impulso a la renovación económica y una democratización?

He aquí el panorama:

■ **Defensa.** Los 5.100.000 efectivos soviéticos y su arsenal nuclear constituyen una indisputable manifestación de estatura de superpotencia. Gorbachov, sin embargo, dice que desea controlar la carrera armamentista y frenar la carga que impone a la economía, para derivar los limitados recursos al sector civil. Se dice que las superpotencias están cerca de lograr un acuerdo para suprimir los proyectiles de alcance intermedio. Pero las disputas sobre el programa de defensa espacial norteamericano "guerra de las galaxias" han impedido que se lograra reducir el despliegue de armas estratégicas, que son más mortíferas y más caras.

En diciembre, los soviéticos iniciarán su noveno año en Afganistán sin salida a la vista. Los soviéticos tienen 115.000 soldados allí, a un costo de miles de millones de rublos y el desprestigio del Kremlin en el tercer mundo. Gorbachov ha calificado el conflicto como "herida abierta", y fuentes occidentales calculan que ha cobrado la vida de 10.000 soldados soviéticos.

■ **Relaciones entre nacionalidades.** El himno nacional soviético celebra la nación como "una unión inquebrantable de repúblicas libres", pero 70 años de socialismo han dejado a los rusos y a otros eslavos en claro control. Pese a que la Unión Soviética tiene más de cien grupos etnicos, solamente un no eslavo –el canciller Eduard Shevardnadze, georgiano– es uno de los 13 miembros del politburó, el organismo rector.

El descontento por la rusificación, los sentimientos nacionales y las quejas históricas siguen complicando la tarea de gobernar este vasto mosaico humano. Este año, los tártaros de la Crimea se reunieron en la Plaza Roja para exigir la devolución de sus tierras ancestrales, y los letones, lituanos y estonianos salieron a las calles en las repúblicas del Báltico para protestar por su absorción en la Unión Soviética.

Activistas judíos dicen que centenares de miles de judíos soviéticos desean emigrar, pero se les impide hacerlo. El Partido Comunista, sin embargo, está bien afirmado entre las élites locales y se jacta de haber conducido muchas de las nacionalidades del país al siglo XX.

■ **Mujeres.** Pese a la promesa de la revolución bolchevique de iguales oportunidades para ambos sexos, solo una mujer tiene actualmente responsabilidades en las altas esferas del partido: Alexandra Biryukova, miembro del secretariado.

Muchas mujeres soviéticas desempeñan empleos de bajo prestigio y bajo salario en rubros tradicionales como ventas y atención médica. Es frecuente ver a mujeres paleando cascajos en camiones, barriendo el suelo con escobas, y picando el hielo de las calles en el invierno. Los soviéticos pusieron a Valentina Tereshkova en órbita en 1963 como la primera cosmonauta mujer, pero probablemente la mujer soviética más conocida actualmente es Raisa Gorbachov, la esposa del jefe del Partido Comunista, que no tiene ningún cargo político.

■ **Economía.** La industrialización impulsada por el dictador Josef Stalin en los años 30 dio al mundo un estereotipo de la economía soviética: fábricas en expansión, vastas represas, ciudades industriales surgidas en tierra virgen. Una poderosa red económica regida desde Moscú propagó el poderío industrial soviético para contribuir a derrotar a Alemania en la Segunda Guerra Mundial. Bajo el socialismo, la Unión Soviética ha sobrepasado a Estados Unidos en la producción de acero, petróleo y otras materias primas.

Sin embargo, la "economía de comando" adoptada por Stalin demostró estar pobremente adecuada a las necesidades modernas del país, y llevó al Kremlin a decretar su reestructuración y a aflojar los controles centralizados. Los soviéticos están muy rezagados respecto de occidente en tecnología de computadoras, electrónica y otros bienes de consumo. La mala calidad es generalizada. Los televisores defectuosos causaron el año pasado el 40 por ciento de los 28.056 incendios. En 506 empresas estatales cuya producción es controlada por inspectores del gobierno, el 20 por ciento de la producción no aprobó los exámenes.

■ **Nivel de vida.** La observación de los niveles de vida del pueblo soviético es la medida más controversial de los logros del socialismo. Un régimen comunista eliminó la pobreza y hambruna que contribuyeron a encender la revolución de 1917, pero pocos soviéticos poseen hoy las amenidades comunes a la clase media occidental.

La familia típica dedica solamente el 2,7 por ciento de su presupuesto a gastos de vivienda, proporción minúscula para los niveles occidentales, pero el 20 por ciento de la población vive en departamentos o dormitorios comunales junto con otras familias debido a una crónica escasez de vivienda. Los salarios son bajos, con un promedio de 200 rublos por mes (unos 300 dólares) para trabajadores industriales y empleados, pero el pan subsidiado por el gobierno sólo cuesta unos 20 centavos.

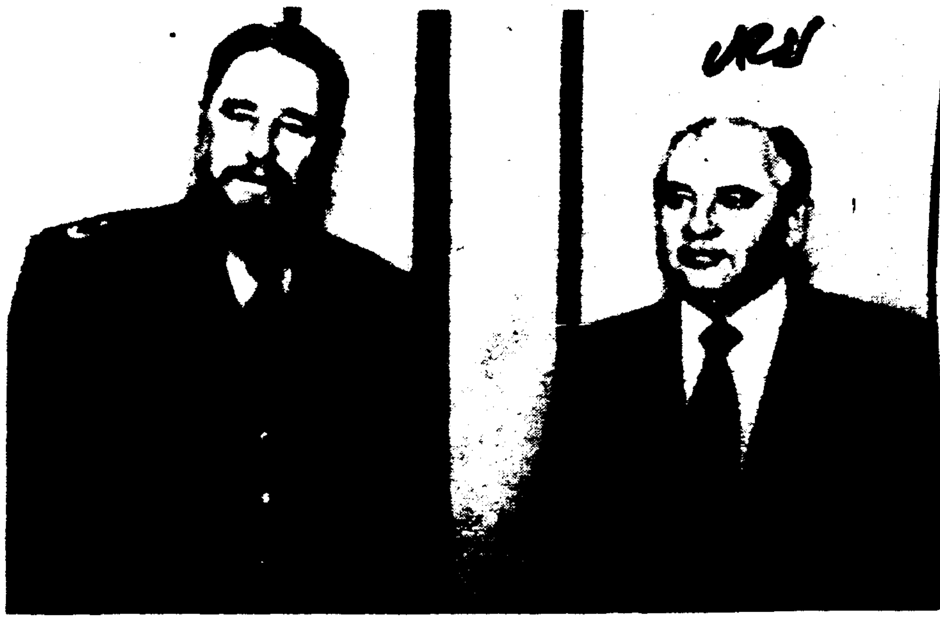
Gorbachov ha dicho que será necesario aumentar los precios para eliminar subsidios estatales que totalizaron 57.000 millones de rublos (85.500 millones de dólares) el año pasado solamente para la carne y la leche. El servicio médico es gratuito, pero aprecian las historias de horror sobre los hospitales desprovistos y la escasez de medicinas.

Gorbachov ha reconocido que la incapacidad de la economía dirigida por el Estado para satisfacer las necesidades de la población ha creado una "economía subterránea", o mercado negro. El consejero económico, Abel Aganbegyan dice que el mejoramiento del nivel de vida de los ciudadanos constituye el criterio decisivo para el éxito de la Perestroika, y que resta mucho por hacer. "No podemos conformarnos con lo que tenemos actualmente, o con lo que tuvimos en el pasado", dijo recientemente.

■ **Cultura.** Tras décadas de un estilo literario oficial estéril, caracterizado por los novelones del realismo socialista, el "Glasnost" ha insuflado nueva vida en la prensa soviética, que ahora empieza a exponer los problemas sociales considerados tabú hasta hace poco, desde la drogadicción y la prostitución hasta la corrupción a altos niveles.

Recientemente han aparecido obras de escritores antes considerados antisoviéticos, incluyendo el fallecido Boris Pasternak, autor de "Doctor Zhivago".

Pero las restricciones se mantienen. Hay un sólo editor en la nación: el Estado. Las obras del Premio Nóbel de Literatura de 1970, Alexander Solzhenitsyn, siguen proscritas. La prensa no informó sobre el Premio Nóbel de Literatura de este año que se acordó al poeta emigrado Joseph Brodsky, ex prisionero en un campamento de trabajos forzados.



Fidel Castro y Mijail Gorbachov reunidos en Moscú con motivo del aniversario de la Revolución Socialista. No hay muestras de frialdad entre ambos líderes. (Radiofoto de AP)

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Moscow's Asian Policy: Gorbachev

PROCEDENCIA: Embajada China 14/10/87 Doc 1688/87

ARCHIVADO EN: Embajada China (135/B)

01.01 8711051

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: USSR Needs Extra Tanker Capacity For Exporting Oil Products.

PROCEDENCIA: Embajada Alemán 8/10/87 Doc 1544/87

ARCHIVADO EN: Embajada Alemán (135/C)

01.01

8711053

La Mañana
MONTEVIDEO, VIERNES 25 DE SETIEMBRE DE 1987

Portavoz señala que escenario debe ser objeto de futuras negociaciones

URSS cuestiona celebración en Washington de la tercera cumbre

La Unión Soviética cuestionó la celebración en la capital de Estados Unidos de la tercera cumbre entre los líderes de las superpotencias, mientras el Secretario de Estados norteamericano anunciaba la fecha de su visita a Moscú.

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- La URSS, a través de su portavoz oficial, Boris Piadishev, cuestionó ayer la celebración del tercer encuentro Reagan-Gorbachov en Washington, al afirmar que el escenario de la nueva cumbre todavía no ha sido fijado y debe ser objeto de futuras negociaciones.

Esta afirmación de Piadishev surgió a raiz de la pregunta que le fue formulada, en una rueda de prensa, sobre la interpretación soviética del comunicado final de las negociciones mantenidas la pasada semana en Washington por el ministro de Asuntos Exteriores de la URSS, Eduard Shevardnadze, con el secretario de Estado norteamericano, George Shultz.

Según el citado portavoz, en la capital estadounidense se acordó que, antes del final de este año, el presidente de EE.UU y el secretario general del PCUS (Partido Comunista de la Unión Soviética) se reunirían de nuevo, pero sin especificar que el encuentro se realizaría en Washington.

UN TERCER PAIS

Piadishev, que no descartó claramente que la nueva cumbre pueda celebrarse en un tercer país, sin embargo, eliminó Reikiavik, la capital de Islandia, como posible candidata a albergar de nuevo a Ronald Reagan y a Mijail Gorbachov.

La visita de George Shultz a Moscú, prevista para la segunda quincena de octubre, adquiere nuevo realce, pues, según Piadishev, en ella deberá discutirse la fijación del escenario del encuentro.

No obstante las reticencias mostradas ayer por el portavoz soviético, los expertos en Moscú consideran que la URSS no rechazará la celebración de la cumbre en Washington, aunque muestre recelos hasta el último momento.

MANIOBRA POLITICA

Esta actuación se interpreta en círculos occidentales como una maniobra política del Kremlin, que no desea arriesgarse a una visita al más alto nivel a la capital estadounidense sin la seguridad de que significara un éxito para la URSS.

Una cumbre en Washington entre Reagan y Gorbachov fue insistentemente condicionada por los portavoces soviéticos a los resultados prácticos que pudieran lograrse en la misma.

Aunque ya existe un acuerdo de principio para la eliminación de los misiles de alcance intermedio, que será firmado en dicho encuentro por los jefes del Kremlin y la Casa Blanca, Moscú se ha apresurado a calificarlo de primer paso, importante, pero mínimo, hacia posteriores acuerdos de mayor envergadura.

De ello deducen los observadores que las reticencias de Moscú hacia Washington podrian formar parte de la estrategia del Kremlin de cara a una nueva ofensiva, dirigida a avanzar un proyecto de acuerdo en las armas estratégicas o de largo alcance, ligado por los soviéticos a limitaciones en el programa de guerra de las galaxias estadounidense.

Por otra parte, se destaca la enorme significación que el viaje de Gorbachow a la capital de Estados Unidos tiene, de cara al interior de la URSS y a muchos países del exterior, lo que explica, según los expertos, la prevención con que se observa y se prepara.

01.01

8711069

Shevardnadze viajará a Washington y negociaría la cumbre con Reagan

El canciller soviético, Edouard Shevardnadze, citó ayer imprevistamente al embajador norteamericano en Moscú, Jack Matlock. Aunque oficialmente no se informó sobre lo tratado, poco después un alto funcionario estadounidense aseveró que el jefe de la diplomacia soviética viajará a fines de esta semana a Washington y que el viernes se reunirá con el presidente Reagan. El vocero del Kremlin dijo que la cumbre podría realizarse en un "futuro cercano".

WASHINGTON, 27 (AFP, Reuter, UPI y AP). — El canciller soviético, Edouard Shevardnadze, viajará a fines de esta semana a Washington, anunció hoy un alto funcionario norteamericano, que solicitó el anonimato.

Los soviéticos solicitaron la reunión entre Shevardnadze y el secretario de Estado, George Shultz, agregó el funcionario.

Poco antes de este anuncio, el canciller de la URSS había citado imprevistamente al embajador norteamericano en Moscú, Jack Matlock, suscitando conjeturas en el sentido de que el Kremlin plantearía una nueva propuesta para la efectivización de una cumbre entre las superpotencias.

La Embajada de los Estados Unidos en la Unión Soviética confirmó que la entrevista había tenido lugar, pero no dio más detalles.

Una información suministrada hoy en Washington por la cadena televisiva CNN señaló que la imprevista visita de Shevardnadze a los Estados Unidos tendría relación con la cumbre Reagan-Gorbachov y que el viernes el canciller soviético se reuniría con el titular de la Casa Blanca.

El secretario de Estado, George Shultz, visitó Moscú el jueves y viernes pasados, pero contrariamente a lo convenido ninguna fecha fue fijada para una nueva reunión.

Shultz había precisado que el líder soviético estimaba no poder viajar a los Estados Unidos en lo inmediato debido a la insuficiencia de progresos sobre los misiles balísticos y a la posición estadounidense sobre la Iniciativa de Defensa Estratégica.

Agencia Reuter



Dos funcionarios soviéticos confirmaron posteriormente el interés de Moscú por llevar a cabo la cumbre con Washington. Boris Piadischev, vocero del Kremlin, señaló hoy que Gorbachov podría viajar a los Estados Unidos "en un futuro cercano" para firmar un acuerdo sobre desarme con Reagan.

Al mismo tiempo, el representante soviético ante las Naciones Unidas, Alexander Belonogov, dijo que la URSS está dispuesta a realizar una cumbre en Washington y aseguró que podría llevarse a cabo este año.

En el transcurso de una conferencia de prensa, Piadishev agregó que los negociadores de ambas partes prácticamente han concluido su trabajo en Ginebra sobre un acuerdo para la eliminación de los misiles nucleares de alcance corto e intermedio.

"Hoy no podemos decir exactamente cuándo, pero está claro que en un futuro cercano este acuerdo será firmado al más alto nivel ya que esto ha sido acordado entre los líderes de nuestros países."

El vocero manifestó que la Unión Soviética se siente sorprendida por el hecho de que algunas reacciones occidentales a las conversaciones Shultz-Shevardnadze fueron pesimistas, dado que ambos protagonistas describieron sus deliberaciones como útiles. "No hay otro motivo para hablar de fracaso", acotó Piadishev.

Añadió que el Kremlin está seguro que las superpotencias firmarán un tratado sobre la eliminación de misiles de alcance intermedio, aunque la visita de Shultz no haya logrado que se establezca una fecha cierta para la cita entre Reagan y Gorbachov.

Alexander Belonogov, representante soviético ante las Naciones Unidas, reafirmó hoy la disposición soviética a realizar una reunión cumbre con los Estados Unidos, a la vez que dijo que podría llevarse a cabo este año.

"Aunque en esta etapa —dijo— no hay aún un acuerdo final sobre la fecha para la próxima cumbre, aún existe la posibilidad de realizarla este año".

Aseguró que el Kremlin asignaba gran importancia a una cumbre en la cual el presidente Ronald Reagan y el líder soviético, Mijail Gorbachov, podrían suscribir un acuerdo que elimine los misiles nucleares de medio y corto alcance, y señaló que Washington era la única sede que se considera para la reunión.

Manifestó que el fracaso en fijar una fecha para esa cumbre en las conversaciones entre Shevardnadze y Gorbachov con el secretario de Estado, George Shultz, fue "una pausa corta"...

Belmogov explicó que esa "pausa" era para permitir continuas negociaciones en Ginebra sobre la culminación de un tratado sobre los misiles de alcance intermedio.

URSS
Cumbre EE.UU.

8711077

EN FOCO

Galaxias, el precio

Los soviéticos le han puesto un precio a la cumbre: un compromiso de Washington de hacer concesiones en el programa de defensa espacial, dentro del paquete de negociaciones sobre armas estratégicas que forma el próximo capítulo de las relaciones entre las superpotencias después de la conclusión del acuerdo sobre armas de alcance medio. Vale decir: el acuerdo de intermedias no es lo que está en cuestión —dar marcha atrás ahora implicaría un descrédito político enorme para la jefatura del Kremlin y, particularmente en Europa occidental— sino que se negocia la posibilidad de Reagan de recuperarse políticamente.

La situación es una repetición con cambios de la cumbre de Reijavik, de 1986. Gorbachov, en ese entonces, abortó todo un enorme paquete de acuerdos —que incluía ambiciosos cortes en armas estratégicas y el desmantelamiento de las armas intermedias— sobre la negativa de Reagan a hacer concesiones en "star wars". La falta de efecto del golpe de teatro determinó que Gorbachov entregara una importante concesión: dejó de reclamar que el acuerdo sobre armas intermedias dependiera de un acuerdo sobre "star wars", aunque esperaba que el nuevo clima de "detente" resultante estimulara una dinámica de expectativas capaz de llevar a Reagan a ceder en su más ambicioso proyecto.

Una semana atrás, acuerdo y cumbre eran indistinguibles, y el secretario de Estado, George Shultz, viajaba a Moscú para ultimar detalles. No tan rápida fue la respuesta de Gorbachov: la "guerra de las galaxias" vuelve a pesar. Reagan, en una primera respuesta, dijo que no haría concesiones en "star wars" a cambio de la cumbre, y se especuló con que el acuerdo fuera firmado por los cancilleres. Ahora Moscú reedita la posibilidad de la cumbre de jefes de Estado, y el canciller soviético Edouard Shevardnadze viaja esta semana a Washington para achicar un poco más el espacio de disenso.

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Coincidencias con la URSS sobre las Malvinas, La Paz y el desarme.

PROCEDENCIA : Clarín 6/10/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01.01

8711080

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Iraníes robaron misiles a grupo rebelde afgano.

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 15/10/87

ARCHIVADO EN: Conflicto Irán-Irak (081)

01.01

8711082

ERLA

rcoles 8 de julio de 1987.





¿AGENTE SECRETO?

Con buen criterio, en la página 387 del libro que estamos comentando —el que ya es un clásico en materia de documentación sobre el trabajo de los agentes secretos soviéticos— John Barron expresa: "Las naciones deberían rehusarse a aceptar a "diplomáticos" rusos que otros países hubiesen expulsado por actividades ilegales, así como a los que se sabe que son funcionarios de la KGB".

Robert Conquest —quien ha escrito la introducción del citado libro— también asevera: "Los países huéspedes deben por lo menos insistir (pocos lo hacen) en que se limite la representación soviética al número de personas necesarias para llevar a cabo sus verdaderas actividades... y que no se acepte en las embajadas soviéticas a "diplomáticos" que ya han sido denunciados en otras partes. Refleja esto la absurda debilidad de algunos países occidentales que distan mucho de precaverse contra esos dos peligros manifiestos".

Este criterio muy sabio, nuestro gobierno lo debería haber adoptado siempre y cuando —reiteramos— el embajador Igor K. Laptev sea el mismo Igor K. Laptev indicado como agente de la KGB por John Barron después de haber sido debidamente identificado como tal por dos o más fuentes fidedignas.

¿Se trata de dos identidades distintas o de una doble personalidad? Esto es algo que esperamos que la Embajada soviética en Montevideo y el Ministerio de Relaciones Exteriores, tendrán el interés y la cortesía de aclarárnoslo.

FUNCIONARIOS SOVIÉTICOS DEDICADOS A OPERACIONES CLANDESTINAS

KUZNETSOV, Albert Mikhailovich: Alemania Oriental 63-66
KUZNETSOV, Anatoli Ivanovich: Irán EXPULSADO 56
KUZNETSOV, Anatoli Vasilevich: Gran Bretaña 57-59; Nueva York 62-66; Gran Bretaña EXPULSADO 68
KUZNETSOV, Dmitri Nikolaevich: (GRU) Argentina 58-59; México 58-62; Italia 69-70
KUZNETSOV, Georgi Aleksandrovich: Nueva York 62-65; Gran Bretaña EXPULSADO 71
KUZNETSOV, Ivan V.: México 47-51; Uruguay 54-57
KUZNETSOV, Nikolai Afanasevich: Irak 63
KUZNETSOV, Nikolai Nikolaevich: Bélgica 49-55; Francia 60-65; Italia 67-69
KUZNETSOV, Pavel Trofimovich: (GRU) Holanda 57-60
KUZNETSOV, Sergei Aleksandrovich: Holanda 52-57; Francia 58-64; Italia 67-71
KUZNETSOV, Sviatoslav F.: Argentina 55-60; México 62-67; México 68-70; Chile 71
KUZNETSOV, Vasili Vladimirovich: (Maj. Gen. KGB) Indonesia 67-69
KUZNETSOV, Viktor A.: Canadá EXPULSADO 59
KUZNETSOV, Vladimir Andreevich: Congo Kinshasa (Zaire) EXPULSADO 64; Bélgica 71-72
KUZNETSOV, Yuri Aleksandrovich: (GRU) Paquistán 60-65; Gran Bretaña EXPULSADO 71
KUZNETSOV, Yuri Grigorevich: Noruega 71
KUZNETSOV, Yuri Nikolaevich: Suiza 56-59; Luxemburgo 63; Nepal 63-64; Alemania Occidental 65-68
KVARDAKOV, A. P.: Gran Bretaña EXPULSADO 71
KVASHNIN, Yuri Dmitrevich: (GRU) Nueva York 56-59*; Noruega 62-67
LADYGIN, Anatoli Ivanovich: Uruguay EXPULSADO 68
LAGUNIN, Vladimir Nikolaevich: (GRU) Birmania 60-63; Islandia 66-69
LAKHTIUKHOV, Mikhail Fedorovich: Italia 50-52; Italia 56-61
LAKOMSKY, Igor Aleksandrovich: Turquía 48-49; Turquía 55-59; Chipre 60-64; Turquía 68-72
LAPINSH, Gunar Petrovich: Suecia 58-61
LAPSHIN, Anatoli I.: Dinamarca 58-60; La India 63-65; Gran Bretaña EXPULSADO 71
LAPTEV, Igor K.: Canadá 67-70; Gran Bretaña EXPULSADO 71
LAPUSHENKO, Nikolai Ivanovich: Ghana EXPULSADO 66
LARINCHEV, Dmitri: (GRU) Turquía 46; Suecia 47-50
LARIONOV, Nikolai S.: Suiza 60
LATISHEV, Leonid: Yugoslavia EXPULSADO 49
LATSINA, Lev: Malí EXPULSADO 72
LAVKOVSKY, Yuri Ivanovich: (GRU) Gran Bretaña EXPULSADO 71; Indonesia 72-73
LAVRISHCHEV, Aleksandr Andreevich: Bulgaria 47; Embajador en Turquía 48-53
LAVROV, Ivan Mikhailovich: Austria 57-60; Alemania Oriental 62-65; Mauritania 65-68; Zaire 70
LAVROV, Valeri Alekseevich: (GRU) Gran Bretaña EXPULSADO 71
LAVRUSHKO, Igor P.: La India EXPULSADO 68
LAZAREV, Anatoli Ivanovich: Francia 49-58; Francia 59-66; Uruguay 67
LAZAREV, Oleg Borisovich: (GRU) Gran Bretaña EXPULSADO 71
LEBEDEV, Nikolai Kuzmich: (GRU) Holanda 46-50; Holanda 56-59
LEBEDEV, Sergei Mikhailovich: Gran Bretaña 58-64; Noruega 67-68; La India 70-
LEBEDEV, Yevgeni S.: Japón 51-52; La India 62-66
LEBEDINSKI, Roald: China 65-66; Francia 70
LEMEKHOV, Dmitri Aleksandrovich: (GRU) Suecia 46-49; Dinamarca 56-58; Holanda 59-62; Finlandia 64-65

disculpe

PERLA

Montevideo, miércoles 8 de julio de 1987.





¿EMBAJADOR O AGENTE SECRETO?

El señor Igor K. Laptev es el actual Embajador soviético ante el gobierno uruguayo. Cuando fue presentado, hace algunos meses, se mencionó que había prestado servicios en el Ministerio de Relaciones Exteriores de la URSS. Pero nada se dijo de sus otros destinos en el exterior, si es que los tuvo.

Lo interesante del caso es que si este señor Igor K. Laptev es el mismo Igor K. Laptev que tuvo destinos diplomáticos en Canadá y en el Reino Unido, habría habido motivos para no revelar estos antecedentes en su carrera. Porque el señor Igor K. Laptev que estuvo destinado en Canadá de 1967 a 1970 y en Gran Bretaña en 1971, fue expulsado de este último país en ese mismo año por actividades incompatibles con su cargo diplomático.

PARTES POCO LEGIBLE

Concretamente, según indica el libro "KGB La Labor Clandestina de los Agentes Secretos Soviéticos" de John Barron (Editorial Diana de México - 1976), el señor Igor K. Laptev que fue expulsadó de Gran Bretaña en el año 1971 –como lo indica en la página 453 que reproducimos– es un agente de esa siniestra organización: ha sido definitivamente identificado por dos o más fuentes fidedignas como participante de actos clandestinos contra países extranjeros, como agente de la KGB. Este señor Igor K. Laptev formaba parte de un contingente de soviéticos que estaban dedicados a actividades subversivas en Gran Bretaña, de donde fue expulsado –como indicáramos– en el año 1971.

Con buen criterio, en la página 387 del libro que estamos comentando –el que ya es un clásico en materia de documentación sobre el trabajo de los agentes secretos soviéticos– John Barron expresa: "Las naciones deberían rehusarse a aceptar a "diplomáticos" rusos que otros países hubiesen expulsado por actividades ilegales, así como a los que se sabe que son funcionarios de la KGB".

Robert Conquest –quien ha escrito la introducción del citado libro– también asevera: "Los países huéspedes deben por lo menos insistir (pocos lo hacen) en que se limite la representación soviética al número de personas necesarias para llevar a cabo sus verdaderas actividades... y que no se acepte en las embajadas soviéticas a "diplomáticos" que ya han sido denunciados en otras partes. Refleja esto la absurda debilidad de algunos países occidentales que distan mucho de precaverse contra esos dos peligros manifiestos".

Este criterio muy sabio, nuestro gobierno lo debería haber adoptado siempre y cuando –reiteramos– el embajador Igor K. Laptev sea el mismo Igor K. Laptev indicado como agente de la KGB por John Barron después de haber sido debidamente identificado como tal por dos o más fuentes fidedignas.

¿Se trata de dos identidades distintas o de una doble personalidad? Esto es algo que esperamos que la Embajada soviética en Montevideo y el Ministerio de Relaciones Exteriores, tendrán el interés y la cortesía de aclarárnoslo.

[illegible] SOVIETICOS DEDICADOS A OPERACIONES CLANDESTINAS:

KUZNETSOV, Albert Mikhailovich: Alemania Oriental 63-66
KUZNETSOV, Anatoli Ivanovich: Irán EXPULSADO 56
KUZNETSOV, Anatoli Vasilevich: Gran Bretaña 57-59; Nueva York 62-66; Gran Bretaña EXPULSADO 68
KUZNETSOV, Dmitri Nikolaevich: (GRU) Argentina 58-59; México 59-62; Italia 69-70
KUZNETSOV, Georgi [illegible] Nueva York 62-65; Gran Bretaña EXPULSADO 71
KUZNETSOV, Ivan V.: México 47-51; Uruguay 54-57
KUZNETSOV, Nikolai Afanasevich: Iraq 63
KUZNETSOV, Nikolai Nikolaevich: Bélgica 49-55; Francia 60-65; Italia 67-69
KUZNETSOV, Pavel Trofimovich: (GRU) Holanda 57-60
KUZNETSOV, Sergei Aleksandrovich: Holanda 52-57; Francia 59-64; Italia 67-71
KUZNETSOV, Sviatoslav F.: Argentina 55-60; México 62-67; México 68-70; Chile 71
KUZNETSOV, Vasili Vladimirovich: (Maj. Gen. KGB) Indonesia 67-69
KUZNETSOV, Viktor A.: Canadá EXPULSADO 59
KUZNETSOV, Vladimir Andreevich: Congo Kinshasa (Zaire) EXPULSADO 64; Bélgica 71-72
KUZNETSOV, Yuri Aleksandrovich: (GRU) Paquistán 60-65; Gran Bretaña EXPULSADO 71
KUZNETSOV, Yuri Grigorevich: Noruega 71
KUZNETSOV, Yuri Nikolaevich: Suiza 56-59; Luxemburgo 63; Nepal 63-64; Alemania Occidental 65-68
KVARDAKOV, A. P.: Gran Bretaña EXPULSADO 71
KVASHNIN, Yuri Dmitrevich: (GRU) Nueva York 56-59*; Nruega 62-67
LADYGIN, Anatoli Ivanovich: Uruguay EXPULSADO 68
LAGUNIN, Vladimir Nikolaevich: (GRU) Birmania 60-63; Islandia 66-69
LAKHTIUKHOV, Mikhail Fedorovich: Italia 50-52; Italia 56-61
LAKOMSKY, Igor Aleksandrovich: Turquía 48-49; Turquía 55-59; Chipre 60-64; Turquía 68-72
LAPINSH, Gunar Petrovich: Suecia 58-61
LAPSHIN, Anatoli I.: Dinamarca 58-60; La India 63-65; Gran Bretaña EXPULSADO 71
LAPTEV, Igor K.: Canadá 67-70; Gran Bretaña EXPULSADO 71
LAPUSHENKO, Nikolai Ivanovich: Ghana EXPULSADO 66
LARINCHEV, Dmitri: (GRU) Turquía 46; Suecia 47-50
LARIONOV, Nikolai S.: Suiza 60
LATISHEV, Leonid: Yugoslavia EXPULSADO 49
LATSINA, Lev: Mali EXPULSADO 72
LAVKOVSKY, Yuri Ivanovich: (GRU) Gran Bretaña EXPULSADO 71; Indonesia 72-73
LAVRISHCHEV, Aleksandr Andreevich: Bulgaria 47; Embajador en Turquía 48-53
LAVROV, Ivan Mikhailovich: Austria 57-60; Alemania Oriental 62-65; Mauritania 6?-68; Zaire 70
LAVROV, Valeri Alekseevich: (GRU) Gran Bretaña EXPULSADO 71
LAVRUSHKO, Igor P.: La India EXPULSADO 68
LAZAREV, Anatoli Ivanovich: Francia 49-58; Francia 59-66; Uruguay 67
LAZAREV, Oleg Borisovich: (GRU) Gran Bretaña EXPULSADO 71
LEBEDEV, Nikolai Kuzmich: (GRU) Holanda 46-50; Holanda 56-59
LEBEDEV, Sergei Mikhailovich: Gran Bretaña 58-64; Noruega 67-68; La India 70-
LEBEDEV, Yevgenni S.: Japon 51-52; La India 62-66
LEBEDINSKI, Roald: China 65-66; Francia 70
LEMEKHOV, Dmitri Aleksandrovich: (GRU) [illegible] 4?-49; Dinamarca 56-58; Holanda 59-63; Finlandia 64-65

1094

URSS

Cruzado con Irán

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro.	Ejemplar Nro. 026

Asunto:

TEXTO:

SIGNIFICATIVO

La Unión Soviética e Irán [illegible] un [illegible]peración petrolífera por el cual este país entregará cinco millones de toneladas de crudo anualmente a la URSS, mientras los soviéticos facilitarán a Teherán productos refinados, además de maquinaria y equipos.

Aparentemente, todos los transportes serán realizados por petroleros soviéticos.

Este acuerdo se inscribe en el marco de una actividad diplomática, con numerosas visitas mutuas de dignatarios de ambos países.

Todo indica pues que Moscú piensa sacar sus propias ventajas de la guerra del Golfo y de la tensión irani-norteamericana.

01.01

8711099



V. I. Lenin al frente de los líderes de la Revolución Rusa, en la Plaza Roja; el círculo indica la presencia de León Trotsky, restablecido en fotografías e historias.

León Trotsky reaparece en la historia oficial del Kremlin

MOSCU, 17 (DAN). — La biografía de León Trotsky aparecerá por primera vez en la enciclopedia soviética "La gran revolución socialista de octubre", que en su tercera edición incluirá también la mención de otras destacadas figuras del proceso revolucionario omitidas en las publicadas anteriormente en 1967 y 1977.

El historiador Pavel Shinkarenko informó en declaraciones a la prensa que se han preparado para la enciclopedia 720 notas biográficas, entre ellas las de Nikolai Bujarin, Grigori Zinoviev, Lev Kamenev, Alexei Rikov y Alexandr Shliapnikov, además de la de Trotsky.

"Por primera vez —dijo Shinkarenko— la obra ofrecerá un cuadro integral del proceso revolucionario que hace 70 años conmovió al mundo". Agregó que la recuperación de la figura de Trotsky —la más duramente condenada por el stalinismo— no implica "criticar sus errores y desaciertos políticos", pero sí "dejar de presentarlo como 'enemigo del pueblo' o con otros calificativos adversos empleados en la época de Stalin".

Esta revisión, que aparece vinculada con la "glasnost" puesta en práctica en la Unión Soviética, está justificada según el historiador en la necesidad de terminar con una deformación de los hechos históricos que "ha hecho que nuestros jóvenes conozcan mejor a Danton, Robespierre y Saint Just, grandes hombres de la Revolución Francesa, que a muchos participantes de la Revolución de Octubre".

El libro —que no intenta una reivindicación, sino una revisión correctora de la historia de la revolución— cita numerosos comentarios de Lenin sobre las personalidades mencionadas, varias de ellas con antecedentes en el Comité Central del Partido Bolchevique.

Sobre Trotsky, varios de los comentarios incluidos aluden a su pasado no bolchevique. Zinoviev y Kamenev fueron calificados por Lenin como "rompehuelgas", y cuestionados por dar a publicidad en un periódico no partidario sus puntos de vista opuestos a la insurrección.

Rikov aparece criticado, a través de las palabras de Lenin, por exhortar a colaborar con la burguesía cuando la revolución estaba tomando auge, y respecto de Bujarin se recuerda su carácter "indudablemente inestable en política".

Shinkarenko puntualizó en la entrevista que entre las personas mencionadas "no había indudablemente de relevante talento y personalidad, con sus propios puntos de vista sobre la revolución", pero señaló que "la inestabilidad ideológica de unos, las vacilaciones en cuanto a llevar a cabo una insurrección armada de otros, los llevaron a desviarse de la línea general del partido".

01 .01

8711104

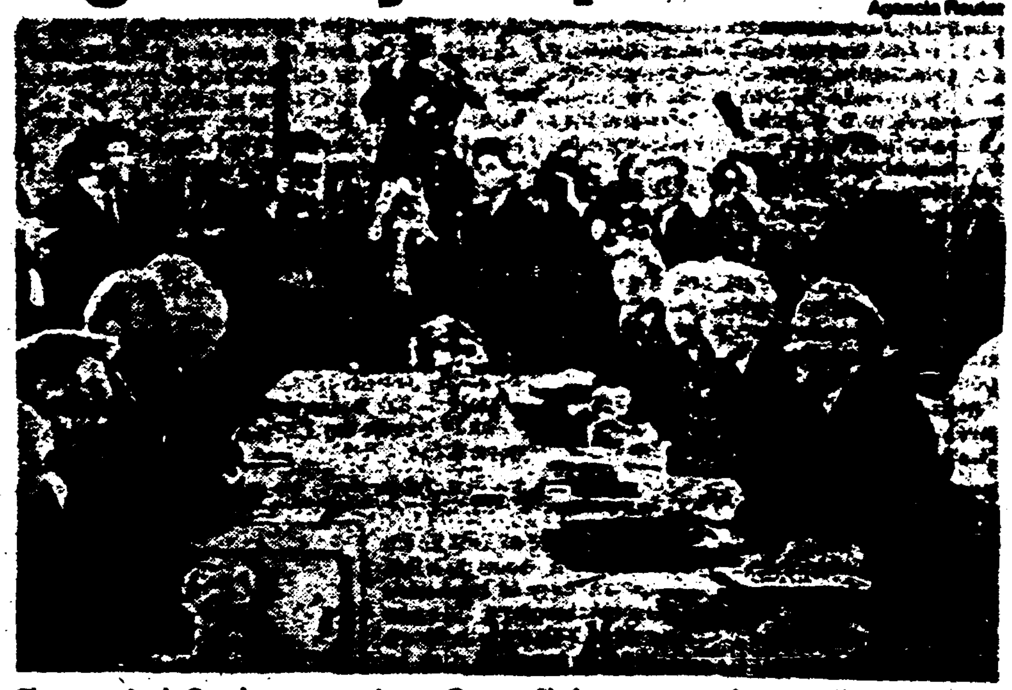
URSS 026

...ULTZ CONCLUYO SU VISITA A MOSCU: NO SE PUDO FIJAR FECHA PARA LA CUMBRE

...uevas propuestas de Gorbachov para reducir armas estratégicas y espaciales

El líder soviético Mijail Gorbachov replanteó el principio de la vinculación del acuerdo de eliminación de misiles de alcance intermedio con la negociación global de reducción de armamento nuclear con los Estados Unidos. En su reunión de cinco horas con el secretario de Estado norteamericano, George Shultz, precisó propuestas de cifras máximas en la instalación de cabezas de armas nucleares intercontinentales. Propuso además una moratoria en la producción, ensayo y despliegue de misiles de medio y corto alcance desde el 1º de noviembre y anunció una moratoria unilateral de un año en la construcción de un radar cuestionado por los Estados Unidos.

Agencia Reuter



El secretario de Estado norteamericano, George Shultz —tercero a la izquierda—, frente a Mijail Gorbachov; ambos se reunieron en Moscú, junto con otros altos funcionarios.

MOSCU y WASHINGTON, 23 (AFP, ANSA, DAN, DPA, EFE y UPI). — Pese a las generalizadas expectativas, la reunión de 5 horas mantenida hoy en Moscú entre Mijail Gorbachov y el secretario de Estado norteamericano, George Shultz, culminó sin la fijación de fecha para la visita del líder soviético a los Estados Unidos y para una nueva cumbre con el presidente Ronald Reagan, así como sin un texto definitivo del acuerdo entre las dos superpotencias para la eliminación de los misiles de alcance intermedio.

De acuerdo con la información brindada por las dos partes, el tema de la eliminación de los misiles intermedios se encuentra en un estado de acuerdo prácticamente definitivo, pero se reiteraron en la reunión las ya clásicas diferencias en torno de la Iniciativa de Defensa Estratégica norteamericana.

Al respecto, Gorbachov puso especial énfasis en sus conversaciones con Shultz en la necesidad de complementar el tema de los misiles intermedios con algunos puntos básicos de consenso sobre reducción de armamentos nucleares estratégicos y espaciales.

Tras la reunión —y poco antes de partir de Moscú rumbo a Bruselas—, Shultz declaró en una conferencia de prensa que "estamos a un paso" de la conclusión del acuerdo sobre misiles intermedios y precisó que, durante sus dos días de visita a la URSS, "hemos hecho al respecto avances en algunos de los aspectos más complejos del acuerdo; quedan por resolver cuestiones sobre detalles de control y verificación".

Pero señaló también, en cuanto a la esperada fijación de una fecha para la nueva cumbre Gorbachov-Reagan en Washington, que "el secretario general todavía no está satisfecho, por lo visto, de la evolución de las discusiones de desarme en relación con el espacio y la defensa como para sentirse cómodo en su visita a los Estados Unidos".

Aclaró que, "no obstante, Gorbachov nos aseguró que quiere visitar los Estados Unidos y que no excluye la posibilidad de hacerlo antes de que finalice este año".

De acuerdo con el informe de la reunión brindado por la agencia oficial soviética Tass, Gorbachov dijo textualmente a Shultz: "Estoy dispuesto a viajar a los Estados Unidos, pero por ahora no estoy seguro de los resultados positivos de ese viaje".

Siempre según esa versión, el líder soviético señaló sin embargo su esperanza de que las condiciones para una reunión cumbre con Reagan en Washington pudieran quedar satisfechas en el término de "un mes y medio".

En este sentido, precisó la propuesta de "activar, sin pérdida de tiempo, en las conversaciones de Ginebra y en otros ámbitos, de modo de acercar posiciones para que, en el encuentro previsto para este año con el presidente de los Estados Unidos, junto con la firma del tratado sobre eliminación de misiles de alcance medio y corto, se puedan establecer consensos clave para futuros acuerdos sobre armamento ofensivo estratégico y del espacio, los que podrían ser rubricados a su vez cuando el presidente Reagan concrete su visita de retribución a la Unión Soviética".

Gorbachov insistió en que las bases para lograr esos consensos deben partir, en el tema del armamento del espacio, del compromiso de los Estados Unidos de suspender por 10 años toda ruptura de los límites impuestos por el tratado ABM de defensa antibalística.

En relación con el armamento nuclear estratégico, el líder soviético dijo que su país está dispuesto a aceptar —en el marco del principio de reducción de un 50 por ciento de ese tipo de arsenal, lo que equivale a 6 mil cabezas— la instalación de no más de entre 3 mil y 3.300 cabezas de cohetes balísticos intercontinentales; hasta 1.800 o 2.000 cabezas de misiles emplazados en submarinos y hasta 800 o 900 cabezas de cohetes de emplazamiento aéreo.

- Propuestas de "confianza".

Paralelamente, como "fortalecimiento de la atmósfera de confianza", Gorbachov propuso a Shultz que, a partir del próximo 1º de noviembre, se disponga una moratoria en la producción, ensayo y despliegue de misiles de alcance medio y corto.

También, y con el mismo criterio, informó al secretario de Estado que su gobierno decidió una moratoria unilateral de un año en los trabajos de construcción del radar de Krasnoyarsk, calificado por los Estados Unidos como una violación del tratado ABM.

En Washington, las reacciones oficiales ante el fracaso en la fijación de una fecha para la visita de Gorbachov oscilaron entre un comentario de tono conciliador de Reagan y una declaración más dura de su vocero oficial, Marlin Fitzwater.

01.01 8711107

Buenos Aires, domingo 18 de octubre de 1987 ★ CLARIN

EL EXPERIMENTO DE GORBACHOV

La montaña de la reforma soviética

La política de reformas en la Unión Soviética parece haber entrado en una nueva fase. Mijail Gorbachov ha advertido que la perestroika (reestructuración) llega al momento en que va a ser sentida por millones de soviéticos, y produjo, esta semana, un mensaje de contenido doble: criticó a la burocracia del Partido, advirtiendo al mismo tiempo que la reforma tendrá lugar dentro del Partido, y no fuera de él, y que no lanzaría un proceso similar a la Revolución Cultural china. Al mismo tiempo, dos elementos saltan a la vista de la lectura de la prensa soviética de estos días: la propuesta del economista Nikolai Shmélev para que las reformas económicas incluyan la posibilidad del desempleo, y el primer informe conocido sobre una huelga obrera, en una fábrica de autobuses cercana a Moscú.

El experimento de Gorbachov tiene lugar en una escena mundial donde la relación de fuerzas militar, económica y tecnológica ha variado en favor de Estados Unidos. "Star Wars", el ambicioso proyecto de defensa espacial del presidente Ronald Reagan, comprime en un solo núcleo la posibilidad de mellar el poder disuasivo de la URSS, la articulación de un laboratorio de pruebas para la tecnología del siglo XXI y el trazado de líneas directrices para modelar las sociedades del futuro. El Estado soviético llega a sus 70 años cronológicos con distintas edades reales: consiguió sobrevivir quasi autárquicamente sin exportar su revolución al mundo ni implementar el capitalismo privado; el país destruido en dos guerras mundiales es ahora una superpotencia militar, pero el espectro de una derrota se retraduce ahora como retraso tecnológico; el país campesino y atrasado de 1917 es ahora un país industrial, pero la gestión centralizada no logró resolver todavía la ecuación económica campo-ciudad. El pasado, casi freudianamente, vuelve.

Ahora, el presente. Gorbachov, el emergente más "moderno" del PCUS, habla desde el Estado contra el Estado; afirma el principio de autoridad del Partido ante el Estado criticando al Partido; impulsa un protagonismo civil que necesariamente tiende a chocar con su propia política de reformas, ya que ésta implica que el mercado va a regular las relaciones entre las clases, y los colchones amortiguadores del subsidio estatal. La primera huelga obrera de que se informa bajo la nueva política de "glasnost" es contra Gorbachov. 700 trabajadores cesaron sus actividades durante tres días por una supresión de sobresueldos, instrumentada como castigo contra lo que se percibió como ineficiencia productiva.

● El Partido y el Estado

Vladimir Ilich Lenin, teórico y práctico de la Revolución Rusa, destacó en 1903 al Partido como vanguardia de la clase obrera, en su manual organizativo "¿Qué hacer?" Años después, en vísperas de la Revolución del '17, teorizaba en "El Estado y la Revolución" la final disolución del primero en el conjunto social, mediante el progresivo ensanchamiento del poder de los soviets (parlamentos obreros). La historia contuvo un desenlace imprevisto: fue el Estado el que se impuso sobre el Partido, y tendió a absorberlo; las necesidades de preservación nacional determinaron un Estado fuerte, con prescindencia de los intereses estratégicos de las fracciones de turno; y tendió a crearse una cuasi clase burocrático-estatal, mientras la predominancia del Partido en la esfera social imposibilitaba cualquier esbozo de sociedad civil autónoma.

Siete décadas después, Gorbachov "relee" a Lenin y lo cita con diversos usos: el partido como vanguardia, la lucha antiburocrática, la Nueva Política Económica (NEP) que a comienzos de la década del '20 introdujo el incentivo capitalista de la ganancia para tonificar la economía. Había, en realidad, de cosas distintas, casi de tres partidos en uno: un partido que arrastra a la sociedad fuera del estancamiento del contrato social burocrático ("vanguardia esclarecida"); otro partido que permite el disenso y hasta homeopáticas medidas de democracia directa (elecciones libres en los niveles más bajos) para dinamizar la sociedad, incentivar a sus representados, ampliar su propia representación; otro partido (último pero no menos, irrenunciablemente hegemónico, para garantizar que el experimento no desemboque en capitalismo. El "leninismo" de Go[illegible] es "neoleninismo" porque esta "construcción del partido" (que es también "construcción" de una sociedad civil) no emerge claramente de una lucha de clases interna (en setenta años no hubo levantamientos siquiera parecidos a los de Hungría, Checoslovaquia o Polonia), sino de la competencia con los países capitalistas avanzados. Gorbachov podría citar a Stalin: "Tenemos cincuenta años de atraso en relación al capitalismo. O recorremos esa distancia en cinco años o nos aplastan".

La lucha contra la burocracia estatal ya empezó. Han habido reestructuraciones en una serie de ministerios, dejando a unos cuantos funcionarios sin sus antiguos cargos. Hay un centenar de ministerios y comités estatales en Rusia que perderán su poder bajo la nueva política de descentralización, y organismos parecidos en el resto de las 15 repúblicas soviéticas. Gosplan, el ministerio de Planificación, que tiene autoridad ejecutiva y dispositiva, va a ser recreado como un mero "tanque de

ideas" de largo plazo, y Gosnab, que determina la cantidad de materia prima que las fábricas pueden absorber, (y de quién, y cuándo) perderá ese papel cuando las fábricas se manejen directamente con proveedores.

♦ El papel de los sindicatos

La paz social soviética se fundamentó en una política de desempleo cero y de subsidios varios, en el crecimiento económico y aflojamiento progresivo tendencial de la represión desde la posguerra, y en la falta de tradición sindical del campesinado proletarizado por Stalin (del cual la actual clase obrera soviética es hija). Los sindicatos cumplían un papel doble: garantizaban, por un lado, el orden fabril (eran desmovilizantes), pero también actuaban como polea de transmisión de reclamos. Ineficiencia y productividad declinante fueron algunos de los precios de esta paz: el experimento de Gorbachov apunta contra estos elementos, por lo que el rol sindical puede sufrir una crisis.

La segunda fase de la "perestroika" tiene medicinas difíciles de digerir. Gorbachov está planeando reducir los subsidios al consumidor, que absorben casi un 20% del presupuesto soviético, particularmente sobre la carne y la leche (un 15%). Aunque es irreal suponer que en setenta años la URSS no experimentó una sola huelga, es verdad que ninguna tuvo la trascendencia necesaria como para que la noticia se filtrara a Occidente, aunque más no fuera a través de un samizdat, o de informaciones disidentes. Además, la naturaleza misma del programa de revolución tecnológica de Gorbachov determina que se privilegie un sector de trabajadores, altamente calificados, en detrimento de un ancho sector de trabajadores manuales.

No hay sistema que sobreviva tanto tiempo si no representa a nadie. Aunque la representación política en la URSS carece de toda semejanza a las democracias occidentales, sería ilógico conjeturar que al menos los niveles medios de los sindicatos y el partido no condensaron el pacto social implícito entre la seguridad de empleo, la baja productividad económica, y la estabilidad social. Gorbachov, en este punto, genera la lucha entre una elite tecnocrática y una fuerza básicamente inercial. Algo parece seguro: se perfilan divisorias en los estamentos del poder, y en un momento Gorbachov puede llegar a enfrentarse a aquellos mismos a los que intenta acercarse (los trabajadores) desde la superprotegida fortaleza del aparato del Estado.

Claudio Uriarte

Mueren cinco altos militares soviéticos al caer una aeronave

El periódico oficial de las fuerzas armadas soviéticas, "Estrella Roja", reveló ayer que cinco militares de alto rango, con cargos en el estado mayor o en importantes posiciones de mando, perecieron el pasado lunes al estrellarse el helicóptero en el que viajaban. La publicación de la información en la primera plana del diario, y de los obituarios en una página interior, fueron observadas como un "notable cambio" en relación con el secreto en el que tradicionalmente se han mantenido los asuntos castrenses soviéticos.

MOSCU, 23 (AP, TASS y Reuter). — Cinco generales del ejército soviético murieron el lunes en un accidente de aviación, que podría haber ocurrido cerca de la frontera con Afganistán. El periódico de las fuerzas armadas "Estrella Roja" informó hoy sobre el accidente en un breve artículo de primera plana, y publicó en una página interior las necrológicas separadas de los cinco altos oficiales y de los dos tripulantes del aparato, y en todos los casos se refirió a los militares fallecidos como "gloriosos patriotas".

Entre las víctimas figura el coronel general Vladimir Shutov, subjefe del directorio de jefes del estado mayor de las fuerzas armadas, veterano de la Segunda Guerra Mundial y el de más alto rango entre los oficiales fallecidos.

La publicación de "Estrella Roja" no ofreció datos sobre las características del aparato ni mencionó el lugar del accidente; por la mención de la tripulación se dedujo que los oficiales viajaban en un helicóptero.

La presencia en el helicóptero siniestrado del subjefe del Comando Sur del Ejército, mayor general Erlen V. Perfiryev, sugirió a fuentes diplomáticas occidentales la posibilidad de que el aparato se hubiera estrellado cerca de la frontera del sudeste soviético con Afganistán, donde se combate desde hace ocho años. Pero las mismas fuentes descartaron la posibilidad de que el hecho se hubiera producido en territorio afgano.

Condolencias oficiales

La información de primera plana, firmada por el Ministerio de Defensa de la Unión Soviética y el directorio político del ejército soviético, señaló textualmente: "El 19 de octubre, mientras cumplían sus obligaciones de servicio, un grupo de generales y oficiales del ejército soviético perecieron en un accidente de aviación".

"El Ministerio de Defensa de la Unión Soviética y el directorio político del ejército soviético y la armada expresan sus profundas condolencias a los familiares y amigos de los camaradas muertos".

Las necrológicas dan cuenta de la muerte del coronel general Vladimir Shutov, de 63 años; del teniente general Kiril Trofimov, de 66 años, subjefe de Comunicaciones de las Fuerzas Armadas; del teniente general Yuri Ryabinin, de 53 años, de quien solo se señaló que "prestaba servicio en posiciones responsables del Estado Mayor"; del mayor general Vladimir S. Bardashevski, quien "recientemente ocupó una posición responsable en el Estado Mayor", y del mencionado Erlen Porviryev, de 51 años. El obituario de este último, designado recientemente al frente del Grupo de Fuerzas del Sur, figuraba después del de Shutov pese a su menor grado, por lo que se consideró posible que estuviera prevista su promoción.

El piloto del helicóptero fue identificado como el capitán Alexei Gurenkov, de 36 años, y su ingeniero de vuelo como el teniente primero Alexander Goncharov, de 29 años.

Las fuentes diplomáticas occidentales que comentaron el hecho consideraron posible que la causa del siniestro hubiera sido la espesa niebla que afecta a algunas zonas de la Unión Soviética desde hace varios días.

Un agregado de Defensa occidental, con asiento en Moscú, subrayó que la información aparecida en el periódico oficial de las fuerzas armadas señala un notable cambio con respecto al tradicional secreto que rodea los asuntos castrenses soviéticos. "Esto es un buen ejemplo de 'glasnost' entre los militares", opinó.

EN FOCO

Todas son incógnitas

La historia empieza —y por ahora termina— en un comunicado oficial, de términos ambiguos, que suscriben dos instancias oficiales: el Ministerio de Defensa soviético y la Dirección Política General de las fuerzas armadas. Una frase salta a la vista: los cinco militares soviéticos involucrados, que viajaban en un aparato militar, murieron "en cumplimiento de su función". Sin embargo, no se explica si el aparato cayó o lo derribaron, ni si era un avión o un helicóptero. Tampoco se informa dónde ocurrieron los hechos, aunque las circunstancia de que uno de los militares muertos era el jefe del Comando Sur del Ejército Rojo daba aliento ayer a la sospecha de que el lugar puede haber sido Afganistán (ocupado por la URSS).

La difusión de la noticia puede verse como un ejemplo de la política de "glasnost". Inversamente, puede señalarse aquello de que la "transparencia informativa" deja el margen, para arribar a una conclusión casi obvia: cada "apertura" controla sus márgenes. Algo es claro: a bordo de la aeronave volaban cinco oficiales de muy alta graduación, lo que carga de implicancias políticas tanto la hipótesis del derribamiento como la del accidente. Tampoco puede obviarse que Estrella Roja dejó pasar 4 días antes de transparentar el hecho, lo que puede indicar la existencia de un debate intrno previo antes de revelar los hechos. U otra cosa, que no necesariamente excluye los anterior: que los militares eran demasiado importantes como para que el hecho no trascendiera por sí mismo (por filtración natural, o por información occidental de inteligencia.

El contexto de la noticia es una relación en flujo entre Mijail Gorbachov y las FF.AA., que fue patentizada por la remoción de la cúpula militar en ocasión del aterrizaje ilegal de un piloto amateur de Alemania Federal en la Plaza Roja, este año. Si el aparato hubiera sido derribado por rebeldes afganos, la afrenta supondría la imposición de un nuevo obstáculo a

01.01

8711142

TRAS SU GESTION ENTRE ARABES E ISRAELIES, SHULTZ LLEGA HOY A MOSCU

"Punto muerto" en Medio Oriente

HELSINKI, 21 (Por Norman Kempster, de Los Angeles Times, especial para Clarín). — El secretario de Estado norteamericano, George Shultz, declaró que sus cinco días de conversaciones con líderes israelíes, sauditas, egipcios y jordanos no habían logrado "quebrar" el estancamiento sobre el tema de si se convoca o no a una conferencia internacional que sirva como foro para negociaciones de paz entre Israel y sus vecinos árabes, en especial Jordania.

Tras su reunión con el rey Hussein, el titular de la diplomacia norteamericana partió desde Helsinki rumbo a Moscú, donde a partir de mañana se entrevistará con los líderes del Kremlin, y señaló al respecto su confianza en lograr progresos en los temas de desarme.

Shultz indicó, concretamente —este martes— que los más de dos años de conversaciones diplomáticas sobre una posible conferencia internacional para tratar el problema de Medio Oriente habían llegado a un "punto muerto" y que ya es hora de que las partes enfrentadas dejen de perder tiempo en cuestiones de procedimiento y empiecen a concentrarse en la "esencia" de sus disputas.

Luego de mantener dos reuniones en Londres con el rey Hussein de Jordania, Shultz comentó: "Una concentración excesiva en las modalidades de esta cuestión no es la forma de hacer las cosas".

Washington ha tratado desde principios de 1985 de mediar entre Israel y Jordania luego de la propuesta hecha por Hussein para celebrar una conferencia internacional.

Cabe recordar que a principios de 1985 el rey Hussein propuso la realización de una conferencia internacional a la que asistiera Israel, sus vecinos árabes y los cinco miembros permanentes del Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas. Hussein había indicado que esta reunión sería un buen foro para mantener negociaciones directas de las que podrían tomar parte él y líderes israelíes. El rey jordano había agregado en esa oportunidad que no negociaría con Israel sin apoyo internacional.

Shimon Peres —que por entonces era el primer ministro de Israel— apoyó la idea de la conferencia si bien agregó condiciones que eran inaceptables para Hussein. El rival político de Peres, Yitzhak Shamir —quien ahora ocupa el cargo de primer ministro— se opone a esta conferencia bajo cualquier condición.

En la época en que Hussein hizo la propuesta funcionarios norteamericanos la calificaron como un importante avance ya que el monarca jordano había dicho estar listo para participar de conversaciones sin que se le garantizara de antemano como terminarían.

Entretanto, en Moscú, el vocero de la Cancillería soviética Guennadi Gerasimov fue preguntado si el reciente ataque norteamericano a plataformas petroleras iraníes, en el golfo, afectará la reunión que tiene prevista Shultz con Shevardnadze. Gerasimov contestó que si bien este incidente será discutido, sin duda, al tratar los conflictos regionales no impedirá que haya acuerdo para el tratado de eliminación de fuerzas nucleares o para la futura cumbre este año entre Ronald Reagan y Mijail Gorbachov.

ARCHIVAR EN: UDSS (026)

TEMA: Congreso decisivo del PC Chino

PROCEDENCIA : Clarín 29/10/87

ARCHIVADO EN: R. P. China (033)

01.01 8711160

MOSCU CELEBRO AYER LOS 70 AÑOS

DE LA REVOLUCION BOLCHEVIQUE

Agencia DAN



Agencia AFP



Vladimir ...nin, líder de la ...evolución Octubre, 1918. Al lado, soldados soviéticos ...stidos con ...iforme de ...917, en el desfile de ayer, en ...lebración por el 70º ...niversario de la ...evolución.

La URSS advirtió que aún subsiste el peligro de una guerra nuclear

El primer vicepresidente cubano, Raúl Castro, al adherir en la víspera al 70º aniversario de la Revolución Rusa, manifestó en La Habana que no hay "fisuras o brechas" entre su país y la Unión Soviética. Por su parte, en el tradicional desfile militar en la Plaza Roja de Moscú, presidido por Mijail Gorbachov y la cúpula comunista en pleno, el ministro de Defensa de la URSS, Dimitri Yazov, alertó sobre la persistente "amenaza de guerra nuclear" y afirmó que en las fuerzas a sus órdenes se cumple la "perestroika" o reorganización en profundidad.

Agencia Reuter

MOSCU, 7 (AP, UPI, Reuter, AFP, EFE, DPA, PL y TASS). — El ministro soviético de Defensa, general Dimitri Yazov, afirmó hoy que persiste la amenaza de una guerra nuclear, y denunció la carrera por la superioridad en armamentos. Lo señaló durante el tradicional desfile militar celebrado en la Plaza Roja con motivo de cumplirse, en la fecha, el septuagésimo aniversario de la Revolución Rusa.

El alto funcionario suavizó luego, sin embargo, sus duras declaraciones, al destacar la "especial importancia" de la reunión-cumbre a realizarse el mes próximo en Washington entre el líder del Kremlin, Mijail S. Gorbachov, y el presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan. En esa oportunidad, los dirigentes de las dos superpotencias suscribirán un histórico acuerdo para prohibir las armas nucleares de alcance intermedio.

"A pesar de las tendencias favorables existentes en la escena internacional, la situación mundial continúa siendo complicada. La amenaza de guerra nuclear persiste", aseveró Yazov, acompañado en el palco por el propio Gorbachov y por el presidente de la Unión Soviética, Andrei Gromyko.

El ministro, también miembro suplente en el Buró Político del Comité Central del Partido Comunista, dijo en otro tramo de su alocución que "los círculos imperialistas reaccionarios, ignorando las lecciones de la historia, continúan pugnando por la superioridad militar", en una clara alusión a Estados Unidos y que podría involucrar una referencia al proyecto norteamericano Iniciativa de Defensa Estratégica (IDE), o " guerra de las galaxias".

Indicó Yazov, no obstante, que la Unión Soviética es consecuente propulsora de la salvaguarda y consolidación de la paz mundial, pero dadas las circunstancias también "adopta las medidas convenientes para mantener su potencial defensivo al primer nivel". Tras destacar que las fuerzas armadas soviéticas cuentan con "armas y equipos de primera clase", el ministro —que sucedió en el cargo en mayo pasado, al mariscal Serguei Sokolov, destituido tras el aterrizaje en la Plaza Roja del piloto germano-federal Mathias Rust— resaltó que las fuerzas armadas soviéticas han emprendido un proceso de perestroika (reestructuración).

◆ **Cuba-URSS: "sin fisuras"**

También en la fecha, en La Habana el primer vicepresidente cubano y ministro de las fuerzas armadas, Raúl Castro, al adherir a los homenajes a la Revolución Rusa afirmó que entre Cuba y la Unión Soviética "no hay fisuras, ni brechas, ni las habrá jamás", en respuesta a conjeturas a partir de disidencias de Fidel Castro con la "perestroika" soviética. Enfatizando que a ambos países los une "indisolublemente" el común objetivo de construir el socialismo, Raúl Castro precisó que "no siempre las vías para llegar a ello tienen que ser idénticas".

El imponente desfile moscovita, iniciado con el paso de revista por Yazov desde una limusina abierta, tuvo lugar con un tiempo helado, pero con sol: los soldados desfilaron, como es tradicional, ante la balaustrada del mausoleo donde se conserva el cuerpo del fundador de la URSS, Vladimir Ilich Ulianov, "Lenín". El jefe del Partido Comunista de la Unión Soviética, Mijail Gorbachov, fue entusiastamente aclamado por la multitud. Participaron asimismo del desfile centenares de civiles, con trajes históricos y regionales.

Junto con la cúpula política soviética, se hallaban también este año en el palco de honor casi todos los líderes de los países del bloque oriental, así como el jefe del Estado y del Partido Comunista cubano, Fidel Castro.

DE LA REVOLUCION BOLCHEVIQUE

A la luz de la "perestroika"

El análisis que se hace de la historia tiene que ver con las condiciones del presente. Si pudo decirse que **"la tradición de las generaciones muertas oprime como una pesadilla el cerebro de los vivos" (Karl Marx)**, se puede decir inversamente que las prioridades de los vivos recorren la historia de adelante para atrás, reconstruyen su significado. Y si **Edward H. Carr**, notable historiador de la **Revolución Rusa**, pudo dividir gruesamente a los de su profesión en conservadores y revolucionarios (quienes subrayan la continuidad durante las rupturas; quienes destacan las rupturas de la continuidad) la polémica no está saldada a los 70 años del hecho: la descripción churchilliana de la URSS, **"un misterio dentro de un enigma"**, puede aplicarse también a su circunstancia fundante.

Mijail Gorbachov, jefe del PC soviético, incursionó en esa historia esta semana. **José Stalin, León Trotsky, Nikolai Bujarin, Nikita Kruschev y Leonid Brezhnev** (entre otros) desfilaron durante 70 minutos de un discurso de tres horas como figuras descontextuadas, aplanadas por una realidad actual: la interpretación siempre contiene un programa de acción. El discurso sorprendió a muchos: Gorbachov, jefe de la reforma, censuró solo moderadamente a Stalin, mientras condenó nuevamente a Trotsky; Bujarin, cuya política de incentivos de mercado integra el arsenal de los economistas gorbachovianos, solo obtuvo una rehabilitación parcial, mientras Kruschev, el antecedente más próximo de Gorbachov, consiguió elogios distantes. Otra vez debe elegirse entre continuidad y ruptura: Gorbachov repite lugares comunes de la historiografía oficial; sin embargo, a través de absoluciones y condenas, muchos nombres prohibidos reingresan al debate.

Como es obvio, si esos nombres del pasado aún resuenan de este modo, hay dos posibilidades: el pasado no es tan pasado (la URSS sigue anclada en las polémicas del 20 y el 30), o sus figuras se han convertido en emblemas, en símbolos de alternativas presentes (el pasado cambia).

♦ Conservadores y reformistas

Una lectura posible del discurso de Gorbachov pasa por decir que mide la profundidad de la resistencia, dentro del Politburó y del Comité Central, a la política de reformas. Hay otra lectura que no contradice, pero sí refina a la primera: el gorbachovismo tiene dos sectores (vanguardia y retaguardia); la reforma tiene dos ejércitos, maximalistas y minimalistas. Los cambios profundos que Gorbachov operó en los cuerpos políticos centrales del país son suficientes para disipar la idea de que el líder del Kremlin constituye un solitario quijote iluminista.

Gorbachov, en otro contexto (su libro **Perestroika**, de próxima aparición en la Argentina) dice al menos una cosa notable: **"Una demora en comenzar la perestroika (reestructuración, reforma) podría haber llevado, en un futuro cercano, a una situación interna exasperante, la cual, para decirlo sin vueltas, se habría recargado con una muy seria crisis social, económica y política"**. Algo más: señala el **"estancamiento"** de los años '70, particularmente en relación con la revolución científica y tecnológica occidental, como motivo. Con solo esto, Gorbachov define su propio perfil: configura el emergente de la propia capa dirigente en el intento de mejorar sus términos en la competencia con los **Estados Unidos**; no es el resultado de una revolución política (proyecto de Trotsky) sino una suerte de equivalente soviético de **Disraeli**, el gran político conservador inglés que vislumbró una nueva era y adelantó los cambios.

Gorbachov, en otras palabras, censura a Krushev por su falta de democracia, pero la unanimidad del aperturismo en el PCUS lo hace pasible de una crítica análoga. El gorbachovismo surge como autocrítica de la clase dirigente, no como crítica social contra esa clase; y no se ataca a la burocracia por ser burocracia, sino por ser ineficiente.

♦ Reforma y revolución

La **"crisis social"** que Gorbachov se atreve a mencionar no está fuera de la perestroika, sino también dentro de ella. Gorbachov vaticinó años críticos para la reforma, y su discurso histórico centra la cabina de mandos para un vuelo complicado de los aparatos estatales, partidarios y sindicales. Otro modo de decirlo: la reforma abre la perspectiva de enfrentamientos sociales serios.

Hay datos elocuentes. Contrastantemente con el **"igualitarismo"** de los años de Brezhnev, las nuevas leyes laborales han ampliado los diferenciales de pago en más de un tercio, comprimiendo variables que van desde la calificación de los trabajadores hasta la calidad del trabajo. Como hay prioridades de reducción de costos, el corte de los ingresos obreros ha llegado al 20 y al 30 % en algunas plantas. Han habido despidos: Gorbachov pronostica 3 millones para esta etapa; otros, decenas de millones. Los subsidios del Estado se encuentran bajo ataque: **Abel Aganbegyan**, principal asesor económico de Gorbachov, favorece un aumento de los alquileres; otros, aumentar el límite: el desempleo, que Gorbachov ha rotulado "inaceptable" y contra el cual se postula la "reubicación" del trabajador.

La reforma ya ha desencadenado huelgas. Alrededor de 700 obreros de una fábrica de ómnibus en **Likino**, cerca de las montañas Urales, pararon en octubre para protestar por el envejecimiento de los equipos, que les imposibilitaba cumplir las metas de producción necesarias para obtener pluses. Un mes antes, los choferes de ómnibus de **Chejov**, a 60 kilómetros de **Moscú**, habían tomado una medida similar, por la misma razón. Y el intento de controles de calidad y cortes salariales desencadenó una protesta en la fábrica de camiones **Kama de la ciudad de Brezhnev, en la República Autónoma Tártara, en diciembre de 1986**.

Agravando la perspectiva, la situación no es brillante. Las metas nacionales para productos de consumo masivo solo se habían cumplido en Estonia para mediados de este año, y prácticamente ningún ministerio cumplió las metas de producción de maquinarias y equipos. La producción de equipos de alta tecnología solo creció un 1 por ciento el mismo período, y para todo el 87 se pronostica la tercera tasa de crecimiento más baja desde la posguerra. Oficialmente, un 13 % de las empresas estatales opera a pérdida; otros creen que el porcentaje es mayor.

Sintetizando, el enfrentamiento principal no se insinúa entre Gorbachov y los burócratas de la vieja guardia, sino entre el aparato del poder y el espectro de revueltas populares de escala oriental. Gorbachov, por eso, relee la historia con lentes actuales: Bujarin es útil, pero hasta cierto punto, y Trotsky todavía es proscripto.

Claudio Uriarte

Domingo 8 de noviembre de 1987

Clarín

Fundado por ROBERTO NOBLE el 28 de agosto de 1945

Directora: Ernestina Herrera de Noble

El nuevo rumbo soviético

EL lenguaje político internacional ha incorporado recientemente dos vocablos destinados, indudablemente, a caracterizar una etapa de la historia contemporánea. Son "glasnost" y "perestroika" –aproximadamente "transparencia" y "reconstrucción"–, empleados en la Unión Soviética para designar los aspectos fundamentales de la nueva orientación que tratan de imponer sus dirigentes.

Ambos términos adquirieron semejante difusión por el motivo básico que señalamos en esta columna el 5 de febrero último, al comentar el plenario del Comité Central del Partido Comunista de la URSS que aprobó algunas propuestas sustanciales de su secretario general, Mijail Gorbachov.

"Toda modificación política en la Unión Soviética —dijimos— tiene evidentes consecuencias para el resto del mundo, por cuanto de ella no solo depende la coexistencia pacífica entre los dos grandes bloques militares sino también una serie infinita de repercusiones sobre los más variados ámbitos de actividad. Esto es inevitable en una realidad internacional cada vez más enlazada por las redes del intercambio económico, cultural y científico y por las nuevas técnicas de comunicación."

Esta creciente interdependencia había sido subrayada por el propio Gorbachov ante el XXVII congreso de su partido, con un corolario: "La marcha hacia adelante de la historia, del progreso social, necesita cada vez más una acción recíproca, a la vez constructiva y creadora entre los estados y los pueblos, a la escala del mundo entero. Tal interacción es indispensable para evitar la catástrofe nuclear y para que la civilización pueda sobrevivir".

Ante esta propuesta de renovar y consolidar la coexistencia pacífica, reafirmada en los últimos días en los actos conmemorativos del 70° aniversario de la Revolución Rusa y detalladamente expuesta en el libro de Gorbachov lanzado simultáneamente en Moscú y en los Estados Unidos, con el título de "Reestructuración, nuevo pensamiento sobre nuestro país y el mundo", los políticos occidentales se formulan naturalmente dos preguntas básicas. ¿Son sinceras las propuestas de Gorbachov? ¿Podrá concretar las reformas imprescindibles para darles viabilidad?

En realidad, más que por la sinceridad cabría preguntarse por el alcance concreto que pueden tener las propuestas para un nuevo estilo de convivencia internacional, pues es ya a todas luces evidente que el régimen soviético necesita y está decidido a efectuar cambios. El retraso tecnológico con respecto a los países industrializados de Occidente es uno de los motores de esa transformación impostergable.

Las estructuras políticas y económicas forjadas a lo largo de más de medio siglo por los antecesores de Gorbachov traban el desarrollo soviético, y tanto el rigorismo ideológico cuanto el voluntarismo deben ceder el paso a una mayor racionalidad y a un mayor pragmatismo. La ineficiencia burocrática y la apatía generalizada de la población fueron denunciadas sin vacilaciones por Gorbachov como algunas de las consecuencias más funestas de las políticas anteriores.

Esta necesidad de evolución no implica para Gorbachov y sus aliados cuestionar un rasgo fundamental del régimen soviético, más importante que tantas formulaciones doctrinarias, es decir, el papel conductor del partido único. Pero también es evidente que las reformas proyectadas no podrán realizarse sin una flexibilización y una apertura significativas de las actuales normas políticas y económicas.

Si ello podrá ser llevado adelante es un tema vinculado lógicamente a la relación de fuerzas internas de la Unión Soviética, a la resistencia que podrán oponer la inercia y los intereses creados de sus diversos sectores sociales. También es, sin ninguna duda, una cuestión que dependerá, en un mundo interdependiente, de la reacción de los otros integrantes de la comunidad internacional.

Lograr el apoyo interno y la cooperación externa es imprescindible para iniciar un proceso de cambios que tal vez llegue a modificar a la Unión Soviética mucho más de lo que sus actuales dirigentes pretendan, y que tal vez contribuya sustancialmente a disipar de la humanidad el peligro del holocausto nuclear. Se trata, por lo tanto, de un desafío que interesa directamente a todos los pueblos del mundo.

Perestroika. Nuevas ideas para nuestro país y el mundo (III) 026 URSS

Dónde estamos y cómo vemos el mundo actual

Por Mikhail Gorbachov

(EMECE Editores). – Comenzamos la *perestroika* en una situación de creciente tensión internacional. La *detente* de los años setenta había sido, en efecto, cercenada. Nuestros llamados de paz no encontraron respuesta en las altas esferas de mando de Occidente. La política exterior soviética declinaba. La carrera armamentista nuevamente crecía en espiral. La amenaza de la guerra iba en aumento.

Para determinar cómo se puede hacer un cambio positivo uno tiene que formularse las siguientes preguntas. ¿Por qué está sucediendo esto? ¿Hacia qué encrucijada se dirige el mundo en su desarrollo? Y para hacer esto, tenemos que echar una mirada serena y realista al panorama del mundo, librarnos de la fuerza del hábito en nuestros pensamientos. Como decimos en Rusia, mirar las cosas con "nuevos ojos".

¿Cómo es el mundo en el que vivimos, este mundo de las actuales generaciones de la humanidad? Es diverso, matizado, dinámico y penetrado por tendencias opuestas y agudas contradicciones. Es un mundo de cambios sociales fundamentales, de una revolución científica y tecnológica que abarca todo, de problemas mundiales que empeoran y de cambios radicales en la información. Es un mundo en el cual posibilidades inauditas de desarrollo y progreso se colocan codo a codo con la más abyecta pobreza, el atraso y el oscurantismo. Es un mundo en el que hay vastos "campos de tensión".

Todo era mucho más simple unos cuantos años atrás. Entonces existían varios poderes que determinaban sus intereses y los equilibraban si era posible o combatían entre sí, si fallaban. Las relaciones internacionales se fundamentaban en el equilibrio de los intereses de esos distintos poderes. Este es un imperio, ése es otro y aquél es otro más. Pero echemos una mirada a lo que sucedió durante los cuarenta años posteriores a la guerra, hasta el presente.

El cuadro político del mundo incluye el considerable grupo de países socialistas, que han recorrido un largo camino en su desarrollo progresivo en relativamente poco tiempo; la vasta extensión de Estados capitalistas desarrollados, con sus propios intereses, su propia historia, preocupaciones y problemas, y el océano de países del Tercer Mundo, que emergen entre los últimos treinta y cuarenta años, cuando una cantidad de países de Asia, Africa y América latina logran su independencia.

Parece obvio que cada grupo de Estados y cada país tenga sus propios intereses. Desde el punto de vista de la lógica elemental todos esos intereses deberían verse razonablemente reflejados en la política mundial. Pero eso no es así. Más de una vez he dicho a mis interlocutores de los países capitalistas: veamos y tengamos en cuenta las realidades, existe el mundo del capitalismo y el mundo del socialismo y también hay un enorme mundo de países en desarrollo. Este último es el hogar de miles de millones de personas. Todos los países tienen sus problemas. Pero los países en desarrollo los tienen cien veces más que los otros Estados y eso debe de ser tomado en consideración. Esos países tienen sus propios intereses nacionales. Durante décadas fueron colonias, lucharon obstinadamente por su liberación, consiguieron la independencia y quieren mejorar la vida de sus pueblos, usar sus recursos como ellos quieran y construir una cultura y una economía independientes.

Equilibrio de intereses

¿Hay acaso esperanzas para las relaciones internacionales normales y justas, que procedan, digamos, de la Unión Soviética o de los Estados Unidos, Gran Bretaña y Japón solamente? ¡No! Se necesita un equilibrio de intereses. Por ahora, ese equilibrio no existe. Por ahora, el rico se vuelve más rico y el pobre más pobre. Sin embargo, procesos que pueden sacudir el sistema entero de relaciones internacionales se están llevando a cabo en el Tercer Mundo.

Nadie puede eliminar el mundo del socialismo, ni el mundo en desarrollo, ni el mundo del capitalismo desarrollado. Pero existe la opinión de que el socialismo es un accidente de la historia y está condenado a ser un montón de cenizas. Entonces, el Tercer Mundo se volverá sumiso y todo cumplirá otra vez su ciclo y la prosperidad será posible otra vez a expensas de los otros. Una huida al pasado no es la respuesta a los desafíos del futuro, es simplemente improvisación, basada en el miedo y la timidez.

Y no solamente hemos leído en forma diferente la realidad de un mundo multicolor y multidimensional. No sólo hemos evaluado las diferencias de intereses de los Estados individuales. Hemos visto el problema principal: la creciente tendencia a la interdependencia de los Estados de la comunidad mundial. Tal es la dialéctica del desarrollo actual. El mundo –contradictorio, social y políticamente diverso, pero no obstante interconectado y ampliamente integral– se va configurando con grandes dificultades, como si anduviera a tientas a través de un conflicto de opuestos.

Medio ambiente

Otra realidad, no menos obvia, de nuestro tiempo es la aparición y empeoramiento de los llamados problemas mundiales, que también se han vuelto vitales para los destinos de la civilización. Me refiero a la conservación de la naturaleza, la condición crítica del medio ambiente, de la atmósfera y de los océanos, y de los tradicionales recursos de nuestro planeta, que han resultado no ser ilimitados. Me refiero a terribles problemas, antiguos y nuevos, y a la preocupación común de la humanidad: ¿cómo vamos a hacer para poner fin a la inanición y a la pobreza en vastas zonas de la Tierra? Me refiero al inteligente trabajo conjunto para explorar el espacio exterior y el océano del mundo, y al uso del conocimiento adquirido para beneficio de la humanidad.

Podría decir mucho sobre el trabajo que hemos hecho en nuestro país en el nivel nacional para ayudar a resolver esos problemas. Me detuve en ellos con cierta amplitud cuando expliqué nuestra *perestroika*. Haremos todo lo que dependa de nosotros.

Pero la Unión Soviética sola no puede resolver todos esos temas. Y no nos avergonzamos de repetirlo, al pedir la cooperación internacional. Decimos, con total responsabilidad, dejando a un lado las falsas consideraciones de "prestigio", que todos nosotros en el mundo actual vamos a depender unos de otros cada vez más, y nos volveremos cada vez más necesarios los unos a los otros. Y ya que tal realidad existe en el mundo, y ya que sabemos que estamos, en general, unidos ahora por el mismo destino, que vivimos en el mismo planeta, usamos sus recursos y sabemos que no son ilimitados y que deben ser conservados, y que la naturaleza y el medio ambiente necesitan ser respetados, entonces, esa realidad nos abarca a todos. La necesidad de procedimientos y mecanismos internacionales, efectivos y justos, que aseguren la utilización racional de los recursos de nuestro planeta como propiedad de toda la humanidad, se vuelve aún más apremiante.

Y aquí vemos nuestra interdependencia, la integridad del mundo, la imperativa necesidad de aunar los esfuerzos de la humanidad por el bien de su autopreservación, para su beneficio hoy, mañana y para siempre.

Por último, pero no menos importante, hay una realidad más que debemos reconocer. Al entrar en la era nuclear, en la que la energía del átomo se usa con propósitos militares, la humanidad ha perdido su inmortalidad. En el pasado hubo guerras, aterradoras guerras que se llevaron millones y millones de vidas, convirtieron las ciudades y los pueblos en ruinas y cenizas y destruyeron culturas y naciones enteras. Pero la continuidad de la humanidad no se veía amenazada. Ahora, por el contrario, si estalla una guerra nuclear toda cosa viviente será borrada de la faz de la Tierra.

Incluso lo que es lógicamente imposible, o sea, que la humanidad pueda ser aniquilada por completo, ahora se ha vuelto técnicamente posible. Los arsenales nucleares existentes son tan grandes que para cada habitante de la Tierra hay una carga capaz de incinerar una zona amplia. Actualmente, tan sólo un submarino estratégico lleva un potencial destructor comparable a varias contiendas como la Segunda Guerra Mundial. ¡Y hay docenas de esos submarinos!

(Concluye mañana)

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Radares Soviéticos en Argentina, invaden Chile.

PROCEDENCIA: Opinión 23/10/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01.01

8711262

Montevideo, miércoles 19 de agosto de 1987

CONVENIO CULTURAL Y CIENTIFICO CON LA U.R.S.S.

Sin que hubiera tenido la debida difusión en los medios de prensa, por la Ley No. 15.075 del 17 de julio de 1987 se dio aprobación al texto del Convenio sobre Colaboración Cultural y Científica entre nuestro gobierno y el de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas, que se suscribió en Moscú el 25 de julio de 1986.

En su introducción, el referido Convenio señala que dichos gobiernos lo acordaron "deseando desarrollar y fortalecer las relaciones de amistad y cooperación entre los pueblos de ambos países en base al respeto mutuo de la soberanía, la independencia, la igualdad de derechos y la no injerencia en los asuntos internos de uno y otro, aspirando a contribuir al desarrollo de los lazos culturales y científicos entre los dos países".

Ya en su introducción, el Convenio marca el grado de insolvencia de credibilidad que el mismo reviste, característica que no le es exclusiva, por cuanto la fábula de la "no injerencia" es algo que la URSS no está dispuesta a cumplir, ya que su propia Constitución, en su artículo 6o. establece: "... Pertrechado con la doctrina marxista-leninista, el Partido Comunista determina la perspectiva general del desarrollo de la sociedad, la línea política interior y exterior de la URSS, dirige la gran actividad creadora del pueblo soviético fundamentado a su lucha por el triunfo del comunismo". Lo que en otras palabras significa que en el cumplimiento del citado Convenio, primará la línea política exterior tendiente a lograr el triunfo del comunismo en el orbe. De ahí al incumplimiento de la "no injerencia" no hay ni siquiera un solo paso.

Pero esto de los incumplimientos de los convenios que pueda acordar el gobierno soviético, no es más que obedecer esa teoría marxista-leninista expresamente citada por su Constitución, la que en uno de sus capítulos establece que "la moral está subordinada a los intereses de la lucha de la clase del proletariado". Y cuando la moral se subordina a otros intereses, nada cuesta reconocer que el régimen soviético —atado de tal forma a esa doctrina— es amoral, por carecer de la ética imprescindible para celebrar acuerdos de tipo alguno con otros países, haciendo profesión de fe en una presunta "no injerencia" que nunca ha estado en condiciones de poder y querer cumplir.

En su artículo 1, el Convenio establece que "Las partes favorecerán el desarrollo de los lazos y la cooperación entre las organizaciones científicas de ambos países en el campo de la ciencia y las investigaciones científicas mediante la organización de viajes recíprocos de científicos para la realización de trabajos científicos, intercambio de experiencia, dar conferencias según programas acordados, intercambio de publicaciones científicas, que ofrezcan interés mutuo". En esto de la organización de viajes la URSS es experta, con o sin convenios de por medio. Washington Alfredo Bermúdez Santos declaró textualmente en su oportunidad:

"El Comité de Organizaciones Juveniles de la URSS es la pantalla izada "por el Komsomol para sus actividades "de subversión internacional. En 1972 "cursó una invitación a las organizacio"nes juveniles del Frente Amplio para "que enviaran delegaciones en visita a "la URSS.
"Para resolver esas invitaciones se reali"zaron varias reuniones en el local cen"tral de la UJC, en la sede del Movi"miento 99 y en el local principal del "Partido Socialista, participando José "Luis Sancho por el Partido Obrero "Revolucionario, Wilfredo Penco por "el Movimiento Blanco Popular y Pro"gresista, Aureliano Rodríguez Larre"ta por la 99, Héctor Lezcano por la "Juventud Demócrata Cristiana, Fer"nando Manta por el Grupo de Acción "Unificadora, Walter Alfaro por las "Brigadas Juveniles del Partido Socia"lista y Jorge Mazzarovich, Alberto "Grille, Raúl Latorres, Horacio Bazza"no y yo por la Juventud Comunista.
"Finalmente se integró una delegación "compuesta por Sergio Boubet Cáceres "(como responsable) de UJC, Juan "Carlos Maggioli (GAU), Selva Orrego "(Juventud Demócrata Cristiana), Do"ris Zeballos (UJC), Walter Alfaro "(Partido Socialista) y Mario Coronel "Fernández por el Movimiento Blanco "Popular y Progresista.
"Cumplimos una amplia gira por la "URSS con documentación y pasapor"tes falsos suministrados por la Emba"jada de la URSS en el Uruguay con "reuniones con delegaciones de otros "países del mundo. Concurrimos a cur"sos y charlas sobre acción revolucio"naria a nivel continental".

El artículo 2 del Convenio que estamos analizando, dice que "las partes contribuirán al desarrollo de la cooperación entre las universidades y otros centros de enseñanza superior de ambos países, mediante el intercambio de profesores, aspirantes, estudiantes, ediciones de carácter pedagógico, científico y cultural, que ofrezcan interés mutuo". Claro que si uno se pone a observar el estado actual de la mal llamada Universidad de la República de nuestro país, poco o nada tendríamos que perder o aprender si se intensificara la "cooperación" con las universidades soviéticas. Pero no está de más recordar que uno de los centros de enseñanza superior creado en la URSS para el adoctrinamiento y la preparación de los agitadores del mundo libre, es la famosísima Universidad "Patricio Lumumba" cuyo nombre recuerda al conocido agitador del ex Congo Belga. Allí se preparó e inició su carrera Ilich Ramírez, más conocido por "Carlos", el terrorista más buscado por todos los servicios de seguridad del mundo entero, quien fue condiscípulo del médico uruguayo Luis Marichal.

Tendríamos que seguir analizando una a una las cláusulas de este singular convenio que compromete a una sola de las partes, precisamente a nuestro país, dada la manifiesta amoralidad soviética también en esta materia, como ya lo hemos demostrado. Pero por su extensión, solamente haremos referencia al artículo 7, el que si no formara parte de algo tan serio como lo es cualquier documento refrendado por nuestro gobierno y nuestro Parlamento, movería a otorgarle el primer premio de humorismo, de cinismo o de caradurismo. Ese artículo establece que "las partes favorecerán el desarrollo de los lazos en el campo del cine, en particular mediante la realización de estrenos y semanas de películas y la participación en los festivales internacionales realizados en cada uno de los países". Si no fuera porque se reitera una vez más la palabra "lazos" (muy utilizado en las distintas esferas de la URSS), uno llegaría a pensar que este artículo fue redactado por la gente de Cinemateca para seguir inundando las pantallas de sus cines con propaganda marxista. Porque a nadie se le puede ocurrir que las salas moscovitas exhiban alguna película de la inexistente industria cinematográfica uruguaya. Y menos que organicen alguna "semana" de cine uruguayo o festivales con nuestra participación.

Si fuera un partido de fútbol, tendríamos que admitir que "el juez flechó la cancha". Pero éste es un partido en el que, lamentablemente, se está jugando una vez más con la soberanía ideológica de una cultura que se sigue entregando al marxismo-leninismo. Y no es casualidad el hecho de que también en este partido, alguien haya "flechado la cancha" a favor de los otros.

47

024

NOS VENDERAN POR UN PLATO DE LENTEJAS

¿Existe el tratado de pesca con la URSS?

La Unión Soviética inició hace tiempo una campaña a nivel mundial para suscribir tratados que le permitan pescar en aguas territoriales.

Aquí también se suscribió (?) un convenio de esa índole, aunque ante la ola de protestas se dijo después que todo era solamente un borrador y lo que se pretendía era vender servicios portuarios, y se reexaminará todo lo actuado. Todos sabemos que las explicaciones no eran muy verosímiles. Evidentemente alguien o algunos se pretendieron ganar la buena voluntad de los soviéticos, por razones que solamente ellos conocen, pero que todos lo imaginamos.

Son muchos los pueblos latinoamericanos que se vienen preguntando cuáles son las razones que existen para que la Unión Soviética envíe a sus barcos pesqueros a recoger productos marinos en nuestros litorales. Los que han estudiado detenidamente este asunto afirman que si se analizan fríamente los diversos convenios de pesca firmados por la Unión Soviética con otras naciones del nuevo mundo debe entenderse que, además de los peces, lo que más interesa a Moscú es tener oportunidades diversas para extender y consolidar sus posiciones e influencias en diferentes partes del mundo bien alejadas de su territorio nacional.

Jamás podrá entenderse como pura coincidencia que los soviéticos hayan perseguido con tenaz insistencia tratados con países estratégicamente ubicados o adyacentes a rutas vitales de navegación marítima, como son los casos precisamente del Río de la Plata, Angola o Perú.

De ahí que en todas esas zonas señaladas y otras más que se podrían agregar, hayan surgido serios problemas y conflictos que no pueden ser más que consecuencia de la peculiar forma como encara la URSS estos tratados para pescar en mares que no le son, en modo alguno, comunes.

Es evidente que los soviéticos no han cumplido en más de una ocasión con lo estipulado o lo tergiversan de tal forma que la contraparte, lejos de beneficiarse, se ve perjudicada. Es usual que la potencia comunista rusa ofrezca ayuda técnica o capacitación a las empresas pesqueras de los países con los cuales firma convenios o arreglos de este tipo; a cambio está estipulado que obtienen derechos para extraer pescado de esos mares.

Como la industrialización de esta pesca se hace siempre a bordo de buques-fábrica soviéticos, tal operación no contribuye para nada en la expansión de las industrias locales de cada país. Además, se ha visto que los rusos se reservan siempre las aguas más productivas. Hay el ejemplo de Angola donde la asistencia especializada que se había prometido nunca se vio por ningún lado, con el agravante de que a los seis años de firmado el acuerdo pesquero, la extracción local de productos del mar se redujo de 100 mil a 17 mil toneladas. Mozambique sufrió otra experiencia consistente en tener que importar 20.600 toneladas para consumo interno.

El caso de Perú llamó mucho más la atención para nosotros. El gobierno se vio en la necesidad de recurrir a su marina de guerra para detener a diez nave de pesca soviéticas, como forma de obligar al Kremlin al pago de los impuestos debidos.

Otros muchos inconvenientes son, también, que la URSS utiliza una variedad de métodos propios para la pesca, como son enormes aspiradoras que succionan el fondo del mar o redes de mallas tan finas que arrastran peces en la etapa inicial de su desarrollo, ocasionando lógicamente la desaparición de especies e irreparables perjuicios al equilibrio ecológico marítimo de esos mares.

Por eso están más que justificadas las acciones de muchos legisladores que solicitan toda clase de informaciones al respecto, con el propósito de poder aclarar plenamente los verdaderos alcances de esos tratados de pesca suscritos con la Unión Soviética.

Opinión 2/10/87

31.01

Desempleo en la Unión Soviética

Por el Dr. Eduardo Borrell Navarro

El informe oficial rendido por Mijail Gorbachev en el último Congreso del Partido Comunista de la Unión Soviética ha sido bien demostrativo del ruidoso fracaso de los proyectos marxistaleninistas para mejorar en esa nación tanto la economía como las condiciones generales del pueblo. Por primera vez en más de medio siglo se han dado a la publicidad informes en el sentido de que en *Rusia* hay desempleo y de que se anticipa que habrá mucho más aún, por lo cual el Estado debe pagar beneficios a los desempleados.

Como ya saben los lectores, Gorbachev dijo claramente que hasta ese momento todo había funcionado mal en la URSS durante los pasados gobiernos de Brezhnev, Andropov y Chernenko, por lo cual había que resucitar y modernizar la retrasada economía soviética. Y por las tales nuevas medidas del líder del gobierno muchos funcionarios y empleados han empezado a perder sus puestos en los diversos organismos de la nación.

A los mismos hay que pagarles el equivalente de tres meses de salario *mientras buscan* nuevo trabajo. Y según ha dado a conocer el economista Vladimir Kostakov, el país tendrá que enfrentar las dolorosas perspectivas de que tantos como 13 a 19 millones de trabajadores industriales deben perder sus empleos bajo las reformas que pretende introducir Gorbachev.

Más de 3 mil funcionarios fueron *despedidos* en noviembre pasado cuando cinco ministerios y una comisión estatal encargada de supervisar la agricultura, fueron fusionados para formar una superagencia ideada por el nuevo mandamás soviético. Kostakov, que es vicedirector del Instituto de Investigaciones Económicas de la Comisión de Planificación Estatal, puso en claro que esto no es sino el comienzo de mayor número de despidos de trabajadores y funcionarios que tendrán que buscar nuevos empleos. Sus comentarios lo dicen todo: "Habrá que tomar medidas no acostumbradas" para amortiguar el impacto de la pérdida de un empleo. Y añadió: "Si consideramos como natural y necesario, por razones objetivas que se elimine una posición de trabajo, hay que darle al trabajador otro empleo inmediatamente, pero siempre considerando que habrá que acostumbrarse a la idea de que encontrar otro empleo llevará algún tiempo".

Ello exige el establecimiento de programas para la recapacitación de los trabajadores sin empleo y este plan de compensación que se facilita ahora para los funcionarios desplazados tendrá que extenderse a los trabajadores industriales que pierden sus empleos. Observadores y diplomáticos occidentales en Moscú aseguran que el desempleo nunca antes desde 1930 había sido mencionado dentro de la vida oficial soviética, y que es esta la primera forma de seguro contra el desempleo que jamás hayan visto en el "paraíso" de los proletarios, como se supone que sea la URSS.

Como se sabe los proyectos de Gorbachev se basan en los programas de racionalización económica de su antiguo mentor, el fallecido Yuri Andropov, y como bien él ha dicho, habrá más fusiones todavía entre la vasta burocracia soviética, especialmente en los sectores de fabricación de maquinarias y en el transporte. Incluyó también en sus nuevos planes a los servicios de atención médica y de educación que son en Rusia los más numerosos. Todo ello es el preludio de enormes podas dentro de la burocracia marxista, cuyos cesantes deberán buscar empleo en el sector de servicios, *incluso* de los *llamados* mercados libres, que según el dogma comunista habían sido desechados y dejados atrás "entre la basura de la historia".

Kostakov observa que la reducción del número de empleos industriales como consecuencia del llamado de Gorbachev a un mayor aprovechamiento de la automatización, de las computadoras, y de las tecnologías adelantadas, tendrá, también, consecuencias demográficas. Los llamados rusos étnicos ya escasean por la merma en el índice de natalidad, creando escaseces de la mano de obra especializada que pueden ser superadas solamente por los musulmanes más prolíficos del Asia Central.

Todo esto echa por los suelos el cacareado dogma del marxismo-leninismo soviético en cuanto a que la economía elimina las causas del desempleo, y de que el sistema garantiza el llamado pleno empleo. No olvidemos que la gran Enciclopedia Soviética describe el desempleo como un fenómeno característico del sistema social capitalista. Para los propios trabajadores —dicen ellos—, el desempleo no es sino el sufrimiento y la privación moral, es decir, el envejecimiento *prematuro*.

Aunque la ley soviética postula que todo ciudadano tenga empleo, los defensores de los derechos *humanos* recuerdan que tal premisa ha sido utilizada para hostigar a los disidentes, a los que cuando solicitan permiso para salir del país son despedidos de sus empleos y luego procesados por el "parasitismo". Este procedimiento es el que siempre se ha seguido por el Kremlin contra los judíos soviéticos cuyas solicitudes para emigrar a Israel han sido denegadas.

Moscú ha reiterado que los proletarios soviéticos han estado al margen de las tácticas despiadadas de la oferta y la demanda. Ello no es más que un manipuleo artificial que ha perjudicado los niveles de producción, socavado las normas laborales y ha dado lugar a la ineficiencia. Tener un empleo en Rusia es requisito sine qua non para obtener el permiso oficial para radicarse en las ciudades más deseables, principalmente en Moscú. Empleos inferiores son desempeñados por gente muy preparada para poder trasladarse del campo a las ciudades que son mucho más cómodas. Para poder seguir viviendo en Moscú, en mejores departamentos, muchas personas aceptan empleos en los cuales saben que nunca van a tener utilidad.

Como no hay competencia ni lucha de mercados se ha llegado a la ineficiencia absoluta y el mal uso de la mano de obra es una cosa bien común. Hay el testimonio de un trabajador de la fábrica de automóviles Togliatti, quien se quejó recientemente de que en la línea de montaje se habían asignado cinco trabajadores a las tareas que requieren solamente uno o dos obreros. También es frecuente ver a cientos de ancianos barriendo hojas y nieve de las calles y los parques de las ciudades.

Solamente resta por decir que el desempleo no es tan pavoroso en toda la Unión Soviética, en razón de las miles de personas que son empleadas en los servicios de seguridad e inteligencia, para poder vigilar cuidadosamente lo que hace todo el mundo en la Unión Soviética. Lo correcto es decir que en Rusia cada ciudadano tiene siempre detrás a un policía secreto, que lo vigila para saber qué hace y qué piensa del régimen comunista.

"IMPACTO"
MEXICO

"Transparencia" retrospectiva

¿La historia rehabilitada en la URSS?

En este mes se cumple el 70° aniversario de la Revolución Rusa.

Durante este período, la Humanidad ha vivido sus más dramáticas horas —en la Segunda Guerra Mundial—, a la vez que ha llevado a cabo hazañas sin precedentes, como la conquista científica, técnica y bélica del espacio exterior.

La URSS, en este lapso, se ha transformado en un protagonista de la historia, cuyo peso es imposible desconocer.

Gorbachov, el nuevo líder soviético busca poner a su país a la altura de las exigencias de fines del siglo XX. Para ello, trata de superar ancestrales atrasos económicos, a la vez que devolver al socialismo su imagen democrática. Su consigna de "más socialismo, más democracia", choca sin embargo, con inercias

Por eso, hay quienes sostienen que Gorbachov enfrenta una misión imposible, porque el socialismo a la soviética y la democracia serían términos esencialmente incompatibles.

No pasa prácticamente un día sin que el debate sobre la historia entablado actualmente en la URSS no conozca nuevas manifestaciones. En lo esencial, dos son los puntos cuestionados: el lugar que conviene darle a las personalidades "desaparecidas" bajo Stalin y el exacto papel desempeñado por este último a la cabeza del régimen. En el contexto de la política de "transparencia" y de "reestructuración" conducida por Gorbachov, este debate histórico tiene evidentemente un gran alcance político.

—.—

Al demandar que se ponga fin a la historia "anónima", que se vuelva a introducir en ella el nombre de los grandes protagonistas víctimas de los proceso stalinistas, los propulsores de la "glasnot" ponen el dedo en uno de los centros nerviosos del sistema soviético, el de sus propios fundamentos.

Como se sabe, la historia oficial en la URSS resulta de varias prácticas cruzadas. La primera es un permanente ajuste del análisis a las necesidades políticas del momento. Para justificar este perpetuo cuestionamiento, se echa mano a la "perspectiva de la historia". Así se ha actuado respecto del juicio emitido sobre la campaña de Napoleón en Rusia, definida según las cambiantes necesidades de la política stalinista: alternativamente, el mismo historiador, Eugene Tarlé, ha juzgado que el emperador llevaba consigo el progreso de la Revolución francesa o bien que era un agente del capitalismo occidental.

Desde este punto de vista, es ejemplar el gran debate acerca del estado de Rusia en 1914. Ha sido calificado de avanzado o atrasado según las necesidades de la política del gobierno.

Fue considerado avanzado en 1918, y después en 1927-1928, para justificar primero el tránsito de la revolución "burguesa" a la revolución "socialista", luego para justificar el socialismo en un solo país. Fue definido como atrasado en 1936, frente al poderío militar alemán, era necesario el apoyo de los pueblos "hermanos" de Europa oriental, "campesinos y atrasados como nosotros"; estimado igualmente atrasado en 1964, para no desvalorizar la obra realizada por el "heroico pueblo soviético". Justificación teórica de este proceder: al suponerse que el Partido Comunista encarna el movimiento de la historia, su política es la transcripción de aquél; en consecuencia, el análisis histórico debe confirmar la justeza de esta política, legitimar a la vez la función del partido, único ostentador de la verdad histórica. Como hombres de ciencia algunos historiadores de los años 60, como Volubuev, Gefter, etc., juzgaron que en 1914, Rusia era un país avanzado y héte aquí que Jruschov se encoleriza y el partido sanciona a los historiadores, "esas personas peligrosas que pueden poner todo patas para arriba".

Una segunda práctica, ésta muy bien identificada en Occidente, consiste en hacer desaparecer del relato histórico los enemigos del poder actual; mejor todavía, en no hacerlos aparecer, como Trotsky, sino cuando expresan un desacuerdo con Lenin. En tiempos de Brezhnev, Stalin había terminado por desaparecer o casi, de los manuales de la octava clase, cuyo programa trata a la URSS, desde la revolución a los años 60... Etapa tras etapa, todos los protagonistas de octubre habían terminado por evaporarse salvo, por supuesto, Zinoviev y Kamanev, para recordar que estaban en desacuerdo con Lenin respecto a la oportunidad de la insurrección de Octubre. Radej, Bujarin sufrieron la misma suerte; solamente Sverdlov era exceptuado porque, milagrosamente para la historia soviética, había tenido la suerte de morir en 1919, siguiendo hasta el fin una línea muy leninista.

Simultáneamente y como para llenar estos vacíos, esa misma historia de la URSS se había enriquecido con una galería de héroes anónimos, políticamente irresponsables, pero que encarnaban los trabajos y los días de la sociedad soviética: desde Emelianov, que ocultó a Lenin en vísperas de las Jornadas de Octubre, hasta Andreev, que fue el primero en identificarlo y a aclamarlo cuando llegó a Smolny, pasando por Stajanov y Gagarin, héroes del trabajo y del espacio.

La justificación teórica de estas manipulaciones era doble. La introducción de héroes anónimos era presentada como una especie de retorno a las fuentes del marxismo, que supone que son las propias masas las que conducen la historia, y no sólo su vanguardia. Sobre todo —y esa era la razón fundamental— porque la historia se inscribe en la lógica del progreso: mencionar dirigentes que "han cometido errores" o que se han "equivocado" sería tan ilógico como mencionar en una historia de las ciencias, por ejemplo, a sabios que no han descubierto nada... Naturalmente, en verdad es el dogma del partido, fuente única del saber, la que se hubiera visto amenazada si la historia oficial hubiera hecho el inventario de todos los errores de un partido "que siempre tiene razón". "No a la idea del monopolio de la verdad", declaró el primer coloquio de asociaciones independientes en Moscú, en agosto de 1987, para abordar problemas más contemporáneos.

PROCESOS POR BRUJERIA

De este modo, al demandar que la historia deje de ser anónima, los partidarios de la glasnost llevan a cabo un cuestionamiento que puede ir muy lejos.

La primera etapa debería consistir en reintroducir en la historia a los grandes protagonistas víctimas de los procesos de la época stalinista (1). Numerosos análisis y relatos han dado ya testimonio acerca de estos procesos, aportando todos, hayan participado o no en la historia de la URSS o en un movimiento revolucionario, su parte de información, sus hipótesis: Suvarin y Freidmann, Kravchenko y Koestler. Broué y Conquest, más recientemente Getty y N. Werth, sin hablar de los disidentes.

La amplitud de estos procesos por brujería, el número de las víctimas, el modo maquiavélico con que fueron montados, el inaudito carácter de las confesiones proporcionadas por la mayoría de los acusados, constituyen otros tantos rasgos que han sido conocidos y conmovido los espíritus; han dejado algo en la penumbra la función misma de estos procesos: definirla puede ayudar a discernir cuáles serán los procedimientos de la reinserción de los grandes protagonistas en el relato histórico.

ALMAS MUERTAS

A mediados de los años 30, todos estos hombres habían comenzado por conocer, cada uno a su turno, una derrota política: sucesivamente fueron Trtsky en 1923, Zinoviev en 1925, ambos juntos en 1927, luego Bujarin en 1929, todos se habían transformado así, a lo menos dentro de la URSS, en



"cadáveres políticos". Encarnaban, por cierto, los comienzos del régimen, pero les costaba ver que los bolcheviques de origen *se habían evaporado, que la lucha "zoológica"* por el poder había promovido a todos los niveles intermedios a hombres nuevos, indiferentes en este caso a los títulos de los antiguos combatientes de la revolución.

Las gigantescas dificultades que encontraron las transformaciones brutales de los años 30, la aplicación del plan, coincidieron con un giro ideológico, parcialmente debido a las circunstancias, (en vinculación con la amenaza alemana, la URSS había entrado a la Sociedad de las Naciones (SDN), mientras que hasta la víspera la había *estigmatizado y celebraba* los valores patrióticos que en el Komintern había vilipendiado) y debido, por otra parte, a la fuerza de la mentalidad tradicional campesina entre estos nuevos cuadros que el régimen había promovido y que glorificaban a la familia y al academismo, en contra de las ideas avanzadas durante los años 20. Entre los antiguos bolcheviques, algunos se habían suicidado de desesperanza: Skypnik, Lominadze, etc.

Los antiguos opositores de Stalin apostaban a los fracasos de su política pero, salvo Trotsky que, en el extranjero, podía *jugar su carta* —por ejemplo durante la Guerra Civil española— los demás se habían transformado en almas muertas. No dejaban de seguir existiendo, sin embargo y *—con su sola presencia—* constituían un testimonio. En el seno del equipo dirigente contaban más o menos con Kirov para oponerse a Stalin y reducir el terror que pesaba sobre los ciudadanos.

Que el asesinato de Kirov se haya debido a Stalin o que con tal atentado, éste haya sentido pasar la bala que *mató* a Kirov, esta *muerte sirvió de detonador para los grandes procesos que siguieron.*

LA RESTITUCION DE LOS HECHOS DEL PASADO

En nombre de la persecución de los asesinos de Kirov, Stalin y la NKVD estimaron que en su origen se encontraban Zinoviev y Kamanev, pero *mucho más Trotsky.* Eso permitió terminar con esos hombres del pasado cuya oposición resultaba insoportable al tirano. Al leer los archivos de Smolensk, se ve que ante el terror creciente algunos *no ocultaron su alegría cuando Kirov murió* asesinado: pronto le tocaría a Stalin. Pero los nuevos cuadros lo veían en forma muy diferente, ya que se sentían amenazados, por lo que en adelante calificaban de trotskistas a todos los *que les criticaban* su gestión; fueron así solidarios con Stalin, Iagoda, Ejov y la NKVD.

La segunda ola de procesos, asociada directamente a los "sabotajes" en Kemerovo, *permitió* eliminar a una buena parte de los cuadros del estrato superior de la economía industrial, considerados responsables de algunos fracasos tanto *por* la base como por la cúspide. Al ascender así en la sociedad soviética en nombre de la lucha "por la destrucción de los nidos de trotskistas y fascistas", los responsables de *los procesos* supieron alcanzar a hombres tales como Plejanov, Sokolnikov, etc., que, con Ordjonikidze, habían preconizado un crecimiento más *moderado* de las cadencias de la economía y menos terror. Ordjonikidze se suicidó o fue empujado al suicidio. Stalin, *Ejov,* Vichinski montaron este proceso que debía mostrar que en materia de producción, *ya nadie se* encontraba seguro. Pero el proceso también tenía como función, así como el de Tujatchevski y de sus colegas generales que siguió, deshacerse de todos los que podían encarnar una política alternativa. Simultáneamente, aseguraban la promoción de los cuadros más jóvenes, totalmente adictos a *la nueva dirección política:* Kaganovitch, Jruschov, Beria, Molotov, etc.

Quedaba Bujarin, otrora portavoz de la política "derechista", acusado igualmente de ser solidario con Trotsky pero que, junto con haber sido el favorito de Lenin, se le opuso durante las negociaciones de paz de Brest-Litovsk, estimándose que con esta actitud había "alentado" el intento de F. Kaplan de asesinar a Lenin. Stalin lo odiaba porque seguía encarnando una cierta legitimidad leninista, en particular debido a sus cualidades de teórico, reconocidas por todos. Por su parte, Stalin estaba "devorado por el vano deseo de llegar a ser un teórico eminente", de lo que todo el partido se burlaba, en especial Riazanov. La tercera serie de grandes procesos, llamado del bloque de los derechistas y trotskistas, en 1983, condujo a la cadena de Rykov, Rakovski, Krestinski, etc. *A partir* de las "confesiones" de *Bujarin* —que reconoció su "derrotismo"— se podía asentar la legitimidad de Stalin. Y posibilitarle a este último promoverse a teórico del socialismo.

Tanto como con el informe Jruschov, en *las transformaciones de hoy la crítica a la* política stalinista es la palanca en la que se apoyan los reformadores.

Lo que haría que fuera normal, en toda lógica, que Bujarin fuera el primer gran bolchevique reintegrado a su papel histórico, ya que era portador de un proyecto diferente al de Stalin. La desestalinización de la historia comienza así por su "rehabilitación", de la que se habla desde hace veinte años. Podría ir acompañada de "rehabilitaciones", lo que tendría el efecto de trivializarla.

Término *bastante* extraño, *por lo demás,* si se trata de restituir la simple verdad respecto de su acción. Porque hablar de rehabilitación significaría que "desestalinizar" la historia vendría a ser, en definitiva, absolver todas las subversiones que el régimen de los soviets haya podido conocer antes de Stalin... Ahora bien, las hubo tal como se sabe: así lo fueron tanto los excesos cometidos en Kronstadt como los procesos intentados contra auténticos revolucionarios, pero que no eran bolcheviques. Todos estos excesos no datan del tiempo de Stalin, sino de la época de Lenin y de Trotsky, de Bujarin y de algunos otros... ¿También se rehabilitará de este modo a los mencheviques?

En la URSS, la restitución de los hechos *del pasado es necesaria para que el poder* encuentre nuevos fundamentos de legitimidad. Pero, ¿hasta dónde podrá ir este movimiento? Y, sobre todo, ¿podría ser dominado?

Marc Ferro

(1) *Les Proces de Moscou,* de Nicolas Werth, Ed. Complexe, Bruselas.

EL MUNDO — Montevideo, domingo 8 de noviembre de 1987

Ejército soviético aplica "perestroika", dice ministro

MOSCU. — El ministro de Defensa de la URSS, Dimitri Yasov, afirmó ayer en el discurso que pronunció en la Plaza Roja, que las Fuerzas Armadas soviéticas han emprendido un proceso de "perestroika" (reestructuración), al igual que el resto del país.

Yasov, que es además miembro suplente del Politburó, añadió que esta reestructuración en marcha está dirigida a "elevar en todos los aspectos la vigilancia y la preparación para el combate".

El ministro de Defensa soviético abordó también en su discurso, pronunciado antes del comienzo del desfile militar conmemorativo del 70° aniversario de la Revolución de Octubre, el tema de la próxima "cumbre" entre el presidente de EE.UU., Ronald Reagan, y el "número uno" de la URSS, Mijail Gorbachov.

El responsable de las Fuerzas Armadas soviéticas señaló también que a pesar de "las perspectivas favorables" en las relaciones internacionales, "el peligro de una guerra nuclear aún no ha sido eliminado, pues las fuerzas reaccionarias del imperialismo continúan su lucha por la superioridad militar".

Bajo estas condiciones, agregó Yasov, el Partido Comunista de la URSS y el Estado soviético "están adoptando las medidas necesarias para mantener el potencial defensivo de la URSS, a tal nivel que nadie pueda atreverse a romper su vida pacífica".

El ministro de Defensa soviético señaló también que el prestigio y la influencia de la URSS en la arena internacional "ha crecido considerablemente".

Fidel Castro

El presidente de Cuba, Fidel Castro, apareció ayer en el mausoleo de Lenin en la Plaza Roja de Moscú como invitado de honor del máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, en el desfile militar del 70° aniversario de la revolución comunista.

Castro fue el primer invitado extranjero que salió ayer de mañana a la tribuna del mausoleo para presidir la parada militar, inmediatamente después de Gorbachov, del presidente del Presidium del Soviet Supremo, Andrei Gromiko, y del primer ministro soviético, Nicolai Ryzhkov.

La presencia relevante de Fidel Castro en el desfile se interpreta en medios diplomáticos de Moscú como una forma de desmentir explícitamente los rumores acerca de divergencias entre Cuba y la URSS.

Fuentes diplomáticas latinoamericanas comentaron ayer que, efectivamente, se registraron desacuerdos entre Cuba y la URSS en las últimas semanas.

01.01

8711321

Discurso de Gorbachov dejó "en parte decepcionado y desconcertado" a Sajarov

ROMA. — El físico soviético Andrei Sajarov dijo haber quedado "en parte decepcionado y desconcertado" por el discurso del líder Mijail Gorbachov del lunes último en el Kremlin.

En una entrevista al diario romano "La República", el premio Nobel de la Paz destaca los méritos y al mismo tiempo las omisiones de la intervención del secretario general del PCUS en ocasión del 70° aniversario de la revolución rusa.

"Gorbachov indicó, sin vacilar, la responsabilidad de Stalin en todos los crímenes que se cometieron durante su régimen", destaca Sajarov. Pero el científico soviético denuncia la prudencia del informante, que no citó "la deportación de la minoría alemana de la región del Don y sobre todo, el traslado forzoso de los tártaros de Crimea".

Sajarov constata que Gorbachov "quiso evidenciar el papel de Stalin durante la Segunda Guerra Mundial y la parte que desempeñó en la lucha contra Trotsky y su grupo para afirmar la línea de Lenin".

Apoyo a Yeltsin

El club informal "Perestroika" colocó ayer un cartelón en la boca de entrada de una estación del subterráneo de Moscú en defensa de Boris Yeltsin, secretario renunciante de la dirección del partido comunista de la capital.

El texto acusa a los "nuevos stalinistas" de haber provocado la dimisión del "campeón" de la transparencia propugnada por el líder Mijail Gorbachov. Para los próximos días se prevén nuevas iniciativas, después del cartelón de ayer y de la distribución de volantes hecha el viernes en la céntrica calle Arabat, llamando a los moscovitas a apoyar a Yeltsin contra los conservadores que se resisten a la reformas gorbachovianas.

Shevardnadze: cumbre va a durar al menos tres días

MOSCU. — El encuentro en la cumbre, en Washington, entre Mijail Gorbachov y Ronald Reagan durará "al menos tres días", estimó ayer el ministro de Relaciones Exteriores soviético, Eduard Shevardnadze.

El jefe de la diplomacia soviética, en un aparte con el corresponsal de la "AFP" durante una recepción en el Kremlin, no excluyó por otro lado el entrevistarse de nuevo, si las cosas "no marchasen", con el secretario de Estado George Shultz, antes de la cumbre que comenzará el 7 de diciembre.

Otro alto responsable soviético confirmó por su lado que la tercera cumbre Reagan-Gorbachov no deberá prolongarse más allá de tres días.

Mijail Gorbachov presidió la recepción dada en el Kremlin, en la noche del día conmemorativo de la revolución bolchevique, a unas tres mil personas, entre las que se encontraban los embajadores occidentales en la URSS.

Por su parte, Raísa Gorbachov, la elegante esposa del secretario general del Partido Comunista Soviético (PCUS), declaró a los periodistas que irá a Washington el mes próximo cuando se realice la tercera cumbre entre las superpotencias.

URSS 026

Glasnost para glasnost

A finales del mes de junio, posiblemente como respuesta al planteamiento de Mihail Gorbachov sobre transparencia" (GLANOST) en la acción gubernamental en la Unión Soviética, se fundó en Moscú una revista disidente bajo el sugestivo nombre de "Glasnost". Su director, Sergei Grigoriants ha sido atacado muy duramente por la prensa moscovita que lo acusa, entre otras cosas, de "antisovietismo".

"Glasnost" (que ha publicado ya su segundo número) nació, según sus progenitores, con vocación de legalidad y justicia. En sus dos números publicados ha tratado temas como: "El racismo contra los tártaros de Crimea"; "una campaña de captación de colaboradores por parte de la KGB y la destrucción de los archivos históricos de la época de Stalin", sin embargo, no ha recibido aún la autorización oficial para su impresión y distribución legal. La verdad es que el segundo número, de 178 páginas, al igual que el primero, es una pobre confección artesanal — menos aún que un folleto a mimeógrafo— simples copias de papel carbón en grupos de cinco, lo que hace las últimas tres bastante borrosas y casi ilegibles.

El director de la revista, Serguei Grigoriants, conocido crítico literario en los círculos intelectuales de Moscú, fue liberado el invierno pasado de un "Gulag" donde cumplía condena acusado por la Comisión de Delitos Políticos, tipificados penalmente en la Unión Soviética como "delitos contra la seguridad del Estado".

Como dice el mismo Grigoriants, "estamos enfrentando enormes dificultades técnicas y entorpecimiento oficial en los aspectos legales, pero aún así, pretendemos poner a prueba la verdad sobre la democratización anunciada por la dirigencia política de la URSS y en especial por el líder Mihail Gorbachev".

La única reacción pública por parte de los medios oficiales, ha sido un artículo aparecido en el periódico "Verchnaia Moskva" que se refiere a la revista diciendo que "Transparencia (Glasnost) no hay más que una, la oficial, amplia, honrada, grande y única".



El artículo dice además que la "Tal Revista" es "totalmente anti-soviética" y que "únicamente apoya la Perestroika (Reestructuración) con el evidente propósito de ponerlo todo patas arriba". Atribuye a Grigoriants la comisión de una serie de delitos comunes.

Grigoriants por su parte ha negado todos los cargos, manifestando que el ataque contra su persona es una forma "oficial" de desacreditar a la revista. Agregó que el vicepresidente del Goskomizdat (Comité estatal de publicaciones), D. Mamleev, le contestó su solicitud para la impresión y destribución de la revista, diciendo que "esta no puede ser registrada porque no representa a nadie".

La verdad es que varias docenas de personas se encuentran detrás de la publicación, que parece representar toda una forma de pensamiento disidente. Los artículos que se han publicado en sus primeros números cubren un amplio espectro temático de carácter crítico, y vienen avalados por multitud de firmas de bastante prestigio. El segundo número —por ejemplo— incluye algunas colaboraciones extranjeras.

Se trata de una evidente prueba de buena fe, que permitirá evaluar el verdadero contenido de los dos grandes planteamientos innovadores de Mihail Gorbachev: La "Perestroika" (Reestructuración) y el "Glasnost" (Transparencia). La pelota está ahora en la cancha del sector oficial.

Se destruyó el documento Nº 8711542
por ser el mismo.

18

URSS 026

16-10-87 OPINION

BARCOS ESPIAS EN FLOTA PESQUERA RUSA

La estrategia soviética destinada a aumentar su presencia en el Atlántico Sur, por medio de acuerdos de cooperación pesquera con países de la region, vienen provocando diversas objeciones a nivel internacional.

Un servicio de inteligencia de Argentina, a pedido expreso de la Casa Rosada, elaboró un informe acerca de la actividad de los barcos soviéticos en el sector marítimo argentino.

Uno de los datos salientes de ese informe, se relaciona con la presencia del buque de comunicaciones o apoyo, denominado "AG-0601", que llegó hace casi dos meses al puerto de Buenos Aires, formando parte de una flota de diez pesqueros, algunos de los cuales permanecen aún, amarrados a los muelles porteños.

Técnicos argentinos habrían informado que las instalaciones de comunicaciones del "AG-0601" exceden las necesidades propias de la actividad pesquera. Se trataría entonces del barco espía que habitualmente acompaña a las flotas pesqueras soviéticas también en otros mares del mundo.

Inquietudes similares a las contenidas en el Informe de la Inteligencia argentina, fueron trasmitidos al gobierno de Alfonsín, por canales extraoficiales de la diplomacia norteamericana. Se habría insistido en que las actividades de los barcos espías soviéticos alentarían una mayor presencia naval británica en las cercanías de las Malvinas.

Cuando el acuerdo pesquero soviético-argentino alcance su desarrollo máximo previsto, —añade el documento de Inteligencia oficial—, se producirá en los puertos locales una rotación de personal soviético, —técnicos, tripulantes, funcionarios, etc.—, que comprenderá a unas 10.000 personas por año.

El hecho de que los barcos factorías soviéticos no impulsen actividades comerciales o industriales en la Argentina, no constituye el único frente de objeciones importante.

Los métodos utilizados por los barcos del bloque comunista en países africanos —después de establecidos acuerdos similares a los firmados por el Uruguay y la Argentina—, produjeron una importante depredación de las reservas ictícolas. Sobre todo, a partir de la utilización de enormes aspiradoras que succionan los fondos marinos o de redes de mallas finas que capturan peces recién nacidos, ocasionando a veces la desaparición de las especies.

A seis años de vigencia de uno de estos convenios, en Angola, la extracción local de productos del mar se redujo de 100.000 a 17.000 toneladas. Mozambique, en circunstancias parecidas, se vio obligado a importar 20.600 toneladas de pescado, de forma de satisfacer el consumo interno.

En Perú, país que tiene el más antiguo convenio pesquero con la URSS, padece frecuentes problemas cuando intenta fiscalizar si las flotas rusas, cumplen sus obligaciones legales. Hace un año, la Armada peruana, detuvo diez barcos soviéticos; acción que fue considerada como una presión destinada a lograr que el Kremlin pagará los impuestos originados por su actividad en aguas peruanas.

Ricardo Domínguez

01 .01

871 1348

UR99

02

¿Otro acuerdo escondido?

(Enrique Remuñán Mantero)

Recientemente estuvo en nuestro país el Canciller soviético Eduard Shevardnadze, quien internacionalmente, se encarga de mostrar al mundo la nueva imagen que el gobierno de su país intenta dar al sistema.

Shevardnadze, vino con una sonrisa en los labios, y con una inmensa "satisfacción" de recorrer los países democráticos de América Latina, ¡qué contradicción con su forma de vida, con su estilo de gobernar, con la estructura de sus costumbres!

Nos creerán tan tontos, como para intentar seducirnos con dulces palabras de "sincero cambio", tratando de hacernos creer que van girando para el sistema occidental de vida.

La realidad del paso del Canciller ruso, por nuestro país, creo que iba más allá de una gira de "buena voluntad", o para estrechar esos lazos que tan desesperadamente han intentado tender con Latinoamérica desde siempre.

Rusia, como decíamos, tiene en la mira a Latinoamérica, y ya ha comenzado una nueva táctica de conquista, ahora es intelectual, comercial, para conseguir una amistad entre naciones que seguramente nos colocará en la larga lista de alianzas, tratados, acuerdos. o como le quieran llamar, que se celebraron con elegantes recepciones, y que se borraron fría, y convenientemente, por resolución del gobierno comunista de Moscú.

Tras la sonrisa de Shevardnadze, obviamente había algo más. La presión, el dejar en claro, el recordar, que había pendiente entre Moscú y Montevideo, el mentado acuerdo pesquero, ese pasaporte que parece que algunos quieren darle a los rusos para que se instalen en nuestro país, y comiencen una lenta pero segura campaña de establecimiento de su gente en nuestra tierra, y en las zonas preferenciales de influencia para crear de esa manera los conocidos lobbies, es decir, grupos de presión que terminarían, primero debilitando las decisiones de nuestra nación, para prepararla para el golpe final, dejando a Moscú luego las decisiones a tomar en nuestro país.

Nada se resolvió en concreto con la estada en nuestro país del Canciller soviético, por lo menos nada quedó en los documentos que se firmaron, los que sí demuestran buenas intenciones pero nos quedamos con las intenciones y nada más, de ahí que encuentro más extraño que Rusia nos enviara a su Canciller para que solamente firmara algún documento de "amistad" con nosotros. Deduzco entonces, que detrás de esto hubo otro acuerdo, o por lo menos otra "charla", mirando a otros fines, y anhelos rusos.

La sonrisa de Shevardnadze era creíble al llegar, y lo fue más al partir. Parecía verdaderamente satisfecho, como diciendo "misión cumplida", lo que nadie puede saber concretamente cuál era esa misión a cumplir.

Los vínculos ruso-uruguayos, parecen hoy, más fortalecidos que nunca. Nuestro señor Presidente, se prepara para viajar a Moscú, donde seguramente, firmarán acuerdos, que serán más concretos de los que se firmaron aquí, y que tendrán que ver seguramente con los intereses rusos en nuestro continente, y quizá, la "tajada" que creerán los nuestros que sacarán de allí, no sea más que un puñado de "espejitos de colores", que deberemos pagar, como lo han hecho todas las naciones que se acercaron a Moscú, a acordar algo. Convirtiéndose en una colonia más del imperio comunista.

Gorbachov, inició su reestructura con la habilidad, que ningún Premier ruso, había tenido, no hablando de la reestructura interna, que no deja de ser un claro fraude. Estoy hablando de la reestructura de su imagen para el exterior, convencido de que ese cambio de cara, le facilitará el acceso a los diversos países del sur de América que tanto le interesan.

Nada más que promesas es lo que obtuvimos de los soviéticos; nada más que un puñado de "limosna" nos darían, claro siempre y cuando que... bueno, eso no lo dicen pero todos lo sabemos.

¡Pobres de aquellos que vendan la soberanía de sus pueblos por un poco de promesas que sabemos que no se cumplirán!

La visita del Canciller comunista, nos ha servido para conocer su sonrisa, el mejor ejemplo de la nueva imagen rusa, fría, vacía, falsa.

Los uruguayos solucionaremos nuestros problemas mismos, y los que atañen al continente sudamericano, entre los países sudamericanos, y nadie desde afuera, sea del punto cardinal que fuera, debe pretender siquiera tener injerencia en nuestros países.

Cuando veo que se duda, ante un posible acuerdo con los soviéticos poniendo en peligro, como se pone, la soberanía nacional, no puedo más que recordar el gobierno de Pacheco, quien no solo jamás, puso en cuestión la defensa férrea de nuestra soberanía, sino que obtuvo la extensión de la misma en 200 millas marinas, esas mismas que hoy los rusos quieren utilizar para instalar sus barcos, como primera etapa.

Las instancias se van dando, confiemos en que la razón prevalezca y se iluminen aquellas personas que hoy deciden por nosotros, y no lleguemos a ser una boya más en el andarivel ruso.

01.01

026

Montevideo, jueves 5 de noviembre de 1987 — EL MUNDO

Unión Soviética dejará de imponer políticas a aliados

Gorbachov propició la renovación del movimiento comunista

MOSCU. — El líder soviético Mijail Gorbachov propició ayer la renovación del movimiento comunista y declaró que la Unión Soviética dejará de imponer políticas a sus aliados.

En un discurso pronunciado ante delegados extranjeros a las celebraciones del 70° aniversario de la revolución bolchevique, Gorbachov criticó lo que describió como "la arrogancia de la omnisciencia".

"Ella tiene el hábito tenaz de rechazar de plano otros puntos de vista. En tal caso no puede haber diálogo, no puede haber discusión productiva y, lo que es peor, la causa se resiente", destacó.

Su declaración marcó un agudo contraste con la actitud expresada por anteriores líderes soviéticos, quienes sostuvieron siempre la necesidad de que los aliados se ajustaran estrictamente a las opiniones y políticas del Kremlin.

En su discurso de ayer Gorbachov subrayó que el ángulo internacional de la actual campaña soviética de reestructuración es vital y este impulso declinó durante el "período de estancamiento" conducido por el extinto líder Leonid Brezhnev.

"Al igual que gran parte del mundo moderno, el movimiento comunista necesita renovación y cambios cualitativos", indicó.

"Pero una actividad paralela en cada país individualmente considerado no es suficiente. Lo que se necesita, digámoslo así, es una cultura más avanzada de relaciones entre las fuerzas progresistas... para acumular toda la diversidad de experiencias", enfatizó.

Al mismo tiempo, Gorbachov indicó que el Partido Comunista soviético no tiene ninguna intención de renunciar a los valores socialistas. "Por el contrario, los enriqueceremos, al tiempo que arrojamos por la borda todo lo que distorsione el contenido humanista de nuestro sistema", dijo.

En lo que respecta a la política hacia Occidente, Gorbachov señaló que el partido no espera ni necesita su admiración sino que se comprenda "que todos estamos en el mismo barco y debemos tratar de evitar una vuelta de campaña".

"Tampoco para el capitalismo hay otro camino sensato que no sea el de la coexistencia y la competencia", declaró Gorbachov.

Manifestó que la exacerbación de los problemas mundiales plantea nuevos elementos de coexistencia pacífica, "que requieren que los movimientos políticos reexaminen y reconsideren sus tareas y superen los esquemas y estereotipos ideológicos prevalecientes".

Mientras Gorbachov hablaba, un importante historiador soviético daba indicios de que se prepara una reevaluación de la campaña de liberalización lanzada en Checoslovaquia en 1968 bajo la denominación de "la primavera de Praga" y la ulterior invasión militar soviética para frenar ese proceso reformista.

"Creo que es necesario que volvamos a examinar los acontecimientos de 1968", dijo Georgy Smirnov, director del Instituto Marxista-Leninista del partido, hablando en conferencia de prensa, agregando que no le parecía oportuno decir nada más por el momento.

01.01

8711356

Clarín 4/11/87

Afirmaron que la principal oposición a la "perestroika" está en las fuerzas armadas

Con discursos de numerosos jefes de partidos comunistas del extranjero terminó ayer en Moscú el período especial de sesiones de dos días del Soviet Supremo. Al mismo tiempo, un funcionario de TASS dijo que el principal foco opositor a la política emprendida de "reestructuración" (perestroika), no está en la KGB, sino en el ejército. También ayer se desarrolló el segundo día de celebración del 70 aniversario de la Revolución Rusa, que se cumple el 7.

MADRID y MOSCU, 3 (AFP, AP, DPA y Michel Tatu de Le Monde, especial para Clarín). — La principal oposición a la "perestroika" no anida en la KGB sino en el Ejército Rojo, "donde viejos generales se han acostumbrado a una forma de vida que no quieren abandonar", afirmó el director general adjunto de la agencia soviética TASS, Anatoli Krasikov, según declaraciones publicadas, el martes, en el diario madrileño El País.

Por otra parte, en el Palacio de los Congresos del Kremlin se celebró hoy el segundo día del acto conmemorativo del 70° aniversario de la Revolución Bolchevique. Durante la reunión intervinieron numerosos invitados extranjeros —había en Moscú 163 delegaciones de 119 países— que expresaron su apoyo al proceso soviético de reestructuración (perestroika). Los días siguientes —hasta el 7 de noviembre, día del desfile en la Plaza Roja— estarían ocupados por "encuentros informales" con los representantes de los partidos que así lo deseen, aunque la composición y el orden del día de esas reuniones no han sido aún anunciadas.

Entre los oradores extranjeros, en ese segundo día de celebración, se contaban los jefes de los principales países del este europeo, así como también del presidente finlandés, Koivisto, el único hombre de estado no comunista presente en la ceremonia.

Cabe señalar la prudencia de los dirigentes de Alemania oriental, Erich Honecker, y de Checoslovaquia, Gustav Husak, sobre la "perestroika" (la palabra no figura en sus discursos) y el entusiasmo del general Jaruzelski que saludó profusamente a la "primavera soviética", el "renacimiento" y la "luz" que hicieron su aparición en el sistema socialista.

Por su parte, Georges Marchais dijo sostener "totalmente" el proceso de renovación en curso en la URSS sin considerar, sin embargo, la menor "perestroika" para el Partido Comunista Francés. Condenó asimismo "la perversión monstruosa del stalinismo", y agregó términos aún más fuertes que, sin embargo, no utiliza en su país.

Alessandro Natta, jefe del Partido Comunista Italiano, destacó que la libertad de expresión, el respeto a los derechos humanos y el pluralismo político eran atributos que no podían ser separados del socialismo, y agregó: "Ahora se observa con mucha atención la discusión que se está desarrollando en la URSS".

Por su parte, Nicolae Ceausescu, jefe del Partido Comunista de Rumania, destacó que no existía un modelo único de socialismo, señalando que las relaciones entre la Unión Soviética y su país estaban basadas en la no intromisión en los asuntos del otro Estado. "El socialismo es realizado de diferentes maneras", agregó.

Hablaron, también, los jefes de las delegaciones de Bulgaria, Todor Zhivkov; de Cuba, Carlos Rafael Rodríguez; de Laos, Kaysone Phomvihane; de Yugoslavia, Bosco Krunic, y el presidente de Nicaragua, Daniel Ortega, quien, después de exaltar la importancia de la revolución de octubre, formuló un llamado a los Estados Unidos para que cooperen seriamente en interés de la paz en Centroamérica.

KGB impide a disidentes soviéticos manifestar durante la celebración

MOSCU. — La Policía secreta KGB ha advertido a los disidentes que no realicen manifestaciones públicas que puedan opacar las celebraciones de hoy con motivo del septuagésimo aniversario de la revolución comunista, dijeron fuentes de esos militantes.

Afirmaron que policías de civil, en un aparente intento de intimidar a posibles manifestantes, dieron golpes a Dimitry Eisner, de 24 años, uno de los editores de la publicación disidente "Glasnost".

La publicación fue fundada este año por Sergei Grigoryants, un escritor disidente que afirma que desea probar los límites de la glasnost, o apertura política.

Los informantes dijeron que el incidente con Eisner sucedió en el curso de esta semana.

Esta capital, habitualmente opaca, brillaba ayer con un mar de luces y gigantescos letreros con propaganda comunista, todo ello mezclado con banderas y carteles en la nevada ciudad.

Castro-Gorbachov

El líder soviético Mijail Gorbachov recibió ayer al presidente y premier cubano, Fidel Castro, al margen de los festejos.

Castro y Gorbachov hablaron de cuestiones que interesan mucho al líder cubano: la deuda externa de los países en desarrollo, el neocolonialismo y la relación entre desarme y desarrollo, informa un comunicado difundido por la agencia TASS.

01.01

8711359

¿EL VERDADERO GORBACHOV ES EL ANTI-STALIN?

WASHINGTON, 4 (ANSA). — ¿Cuál es el Gorbachov que se proyecta tras el discurso antistalinista pronunciado el lunes durante los festejos del 70 aniversario de la revolución bolchevique?, un valiente y radical reformador, o ¿un prudente, tímido reformista alineado con la omnipresente ortodoxia de siempre?

Los sovieticolos norteamericanos están profundamente divididos en cuanto a la interpretación del discurso con el cual el líder del comunismo soviético celebró el lunes el aniversario anunciado que la historia de la URSS será vuelta a escribir teniendo en cuenta las culpas "enormes e inolvidables" de Stalin.

Richard Pipes, historiador en la Universidad de Harvard y durante una época consejero del presidente Ronald Reagan sobre cuestiones soviéticas, está convencido que en el seno de la URSS los "liberales" han quedado sin duda desilusionados con el discurso: "en cierto sentido –explicó Pipes al "New York Times"– Gorbachov dio un paso atrás. Las indiscreciones querían hacer creer en un discurso de profunda revisión de la historia soviética... pero dudo que en las palabras de Gorbachov haya algo que sea capaz de provocar algún shock en la nomenklatura".

Para Pipes es particularmente desilusionante el hecho de que el Secretario General del PCUS insista sobre la legitimidad de una "historia oficial", inevitablemente enganchada con la coyuntura política del momento y no a investigaciones conducidas con independencia crítica.

En posición opuesta a Pipes se ubican en cambio Stephen Cohen y Robert Tucker, sovieticólogos de la Universidad de Princeton.

Según Cohen, la "verdad histórica no es el problema de fondo", el discurso de Gorbachov es "de enorme importancia" porque se encuadr[illegible] "gran lucha política" en curso en la URSS para desestalinizar el país y reformar la sociedad de los soviet en un sentido más democrático.

Cohen considera que la ruptura con el pasado reciente –sobre todo con la era Breznev– es drástica. Gorbachov bloqueó el intento de rehabilitación de Stalin que se desarrolló en la URSS en los últimos veinte años, en gran medida basado en el mantenimiento de un vasto manto de silencio sobre los crímenes del dictador georgiano.

El actual jefe del PCUS, a juicio de Cohen, habría ido mucho más allá del informe secreto con el cual Nikita Kruschev denunció en 1956 los delitos stalinistas: "el objetivo de Kruschev –afirma Cohen– era un terror veinteanual que no había acabado cuando él hablaba. Kruschev leyó el informe secreto para poner fin al terror [illegible] vo es la renovada mitología neostalinista.

El profesor Tucker cree que Gorbachov podría muy pronto traducir en la práctica los ataques contra Stalin intentando políticas económicas más liberalizadoras también en el campo económico. Lo permiten presagiar así las reservas por él manifestadas con respecto a la colectivización forzada del agro, realizada por el dictador georgiano en los años treinta con enormes sufrimientos para los campesinos.

Adam Ulam, sovieticólogo de Harvard, biógrafo de Stalin, es menos optimista que Cohen y Tucker. En su opinión el discurso de Gorbachov "es obviamente un compromiso entre dos puntos de vista". Hay un impulso liberalizador también la preocupación de no minar dos "características fundamentales" del régimen soviético (el monopolio absoluto de PCUS y el control del partido por parte de un pequeño grupo en



Mijail Gorbachov

URSS

024

Simplemente "otro trastorno ruso" que cambió el mundo

Los hechos que rodearon la Revolución Rusa han sido tema para innumerables libros, películas y obras teatrales: el asesinato de Rasputín, el derrocamiento del Zar, el regreso del exilio de Lenin en un tren sellado, el asalto al Palacio de Invierno. ¿Pero cómo fue visto en ese momento por los extranjeros? William Forrest acababa de comenzar su trabajo como periodista en 1917 y en sus recuerdos personales para Gemini News Service describe las reacciones en Gran Bretaña, entonces aliada de Rusia en la Guerra Grande que todavía se estaba peleando.

En 1917 comencé a trabajar como periodista en Glasgow. Tenía solamente 15 años, pero mi educación fue muy politizada y era socialista.

El diario "Bandera Roja" era prioritario en nuestra familia; la lectura dominical era "Adelante" y "Líder obrero"; y los nombres de los principales izquierdistas del mundo —Keir Hardie, Juares, Turati, Vandervelde, Kautsky y otros— me eran tan familiares en mis años juveniles como supongo lo son el de los más importantes magnates para los "yuppies" de hoy en día.

Pero faltaba en mi galaxia de los grandes socialistas, un hombre que en esa época era conocido solamente por pequeños grupos de marxistas, pero que estaba destinado a ocupar algún día su lugar entre la selecta compañía de los inmortales quienes, para bien o para mal, han cambiado el curso de la historia del mundo.

El nuevo superhombre era Vladimir Ilych Ulyanov, alias Lenin: nacido en 1870, de clase media alta, doctor en leyes, periodista, líder de la extremista fracción Bolchevique del Partido Social Demócrata ruso.

Junto con otros exiliados rusos, Lenin desembarcó en la neutral Suiza llevado allí por la Guerra Grande y, alejado de los acontecimientos en Rusia, fue tomado por sorpresa cuando en marzo de 1917 las manifestaciones masivas de los ciudadanos de Petrogrado cansadas de la guerra, obligaron al Zar a abdicar.

En su lugar surgió una especie de poder dual: un comité de políticos que se llamaban a sí mismos Gobierno Provisional, flanqueado por un Soviet de Petrogrado (es decir Consejo) de delegados obreros y del ejército.

EL TREN SELLADO

Ansiosos por sacar el máximo provecho de esa situación tan promisoria, Lenin y los otros exiliados descubrieron que Alemania estaba igualmente ansiosa por ayudarlos a que volvieran a Rusia brindándoles un tren sellado para su viaje de Berna al Báltico. Los alemanes contaban obviamente con que Lenin sacaría a Rusia fuera de la guerra; y tenían razón.

Fue el tren sellado lo que hizo que Lenin fuera conocido por vez primera en el mundo entero.

En Gran Bretaña, la caída del Zar fue saludada alegremente. El asesinato, en diciembre de 1916, del desacreditado favorito de la Zarina, el monje Rasputín, dejó al desnudo el aspecto menos atractivo de la alta sociedad zarista. En marzo de 1917 podíamos decir "por fin nos libramos de ellos"; y lo dijimos tan claramente que cuando Nicolás quiso venir con su familia a Gran Bretaña, su primo, el rey Jorge V no lo aceptó porque según dijo, el pueblo británico no lo quería.

Mi padre estaba encantado con el cambio operado en Rusia. De acuerdo, todos no eran perfectos, pero ¿acaso no había un socialista entre ellos —el joven abogado Karensky, joven promisorio? Pues, incluso el "Bandera Roja" con sus referencias a las reuniones "subterráneas" en Moscú, podrían ahora ser revisadas. En lo sucesivo serían las "asambleas" de Moscú.

Para el pueblo británico en general lo re-

Pero entonces, las dudas crecieron. Aquí esta el tipo siniestro, Lenin el bolchevique —"un traidor pagado por Alemania" lo llamaban los diarios— está de vuelta en Rusia vociferando: "Abajo la guerra. Abajo el gobierno. Todo el poder a los Soviets".

¿Qué hicimos con esto? Inquietarnos, para decir lo menos.

Bueno, tal vez lo era. Pero dejémoselo a Kerensky. El se hará cargo de Lenin.

Hacia mediados del verano Kerensky, ahora jefe de gobierno, parecía que lo estaba haciendo bien. Un intento de golpe bolchevique fracasó, y Lenin, con su cabeza puesta a precio y disfrazado de ferroviario, huyó para esconderse en Finlandia.

Se quedó allí hasta comienzos de noviembre en donde, todavía disfrazado, reapareció en Petrogrado.

LA GRAN REVOLUCION DE OCTUBRE

En la noche del 5 de noviembre (23 de octubre según el viejo calendario ruso) 11 miembros del Comité Central bolchevique, entre ellos Trotsky y Stalin, se reunieron con Lenin en el lugar donde este se escondía de la policía, y después de un debate que duró toda una noche se tomó la decisión de llevar a cabo lo que la historia llama la Gran Revolución de Octubre.

En 48 horas más todo estaba terminado, y el poder había pasado de las débiles manos del Gobierno Provisional al control de hierro de los líderes bolcheviques, con Lenin a la cabeza.

(Poco después de la Revolución "un corresponsal ruso" del "Morning Post" nos informó que Lenin, "un terrateniente, idealista y soñador" había muerto hacía mucho tiempo. "Queda por descubrir por qué utilizó su nombre y sacó ventaja de su *popularidad*".)

Qué diferente esta Revolución de noviembre al caballeroso asunto de marzo. Esto era lo real.

Tal vez porque esto era lo real, la reacción del exterior fue diferente. En marzo todo era alegría; ahora eran la consternación y los presagios. Mi socialista padre, tan jubiloso antes, estaba ahora tristemente callado.

Un semanario marxista "Llamada", tomó nota de la reserva de los trabajadores británicos y se preguntaba por qué. "En Rusia", escribía, "los socialistas —los genuinos y verdaderos socialistas— han tomado el control del poder. Por vez primera tenemos frente a nuestros ojos el establecimiento de la dictadura del proletariado".

En otra oportunidad los trabajadores británicos podrían haber mostrado algún entusiasmo, pero no en noviembre de 1917. Ya que fue entonces que nuestras apabullantes pérdidas en la ofensiva Passchendaele salieron a luz. Fue también en ese entonces que Italia parecía noqueada fuera de la guerra por la aplastante derrota en Caporetto.

¿Qué esperanzas quedaban para Gran Bretaña y Francia si, encima de estas calamidades, Rusia Roja abandonaba la lucha y le permitía a los alemanes reforzar su ejército en el Frente Occidental con transferencias masivas del Este?

Oh sí, los yankis iban a venir, tal como decía su canción. ¿Pero cuándo?

Esas eran las dudas y temores que nos asaltaban en ese frío noviembre de hace 70 años atrás.

El "Daily Mail" de Lord Northcliffe hizo lo mejor que pudo para alegrarnos al describir la Gran Revolución de Octubré como simplemente "otro trastorno en Rusia".

El mundo ya nunca volvería a ser el mismo. El viejo orden se desmoronaba alrededor nuestro, dejando que el nuevo orden se revolcara en su herencia de sangre, miseria y caos. Pero no hay que preocuparse. Es simplemente otro trastorno ruso.

William Forrest

LA SEMANA-EL DÍA-MONTEVIDEO, 7 al 13/11/87

026

¿Referéndum en la URSS?

¿Juicio y castigo?

Las manifestaciones del premier soviético Sr. M. Gorbachov al evocar el 70º aniversario de la revolución rusa involucraron distintos aspectos de la política interna y exterior de la Unión Soviética. En el marco de una conmemoración de tal carácter, las referencias al pasado resultaron ineludibles, manifestándose en especial un claro juicio revisionista de la "historia oficial" referida al período stalinista.

Los juicios emitidos sobre los métodos utilizados por José Stalin y sus acólitos para gobernar fueron terminantes. Desde afirmar que "en el país se creó una atmósfera de intransigencia, enemistad y desconfianza" se caracterizó al período stalinista por "la ausencia del debido nivel de democracia en la sociedad soviética" posibilitando "el culto a la personalidad, la violación de las leyes, la arbitrariedad y las represiones de los años 30", todo ello calificado como de "auténticos delitos de abuso del poder".

La reproducción de expresiones es textual. De las consecuencias de tal política para el pueblo ruso, la historia no oficial —la independiente— siempre lo tuvo muy en claro, sin necesidad de esperar cincuenta años para oír la nueva versión.

Lealmente "La Hora", borrando con el codo lo que antes se escribió en "El Popular", comenta textualmente: "Señaló que fueron víctimas de las represiones masivas miles de comunistas y de no afiliados".

Nosotros agregamos, solamente, que se ha deslizado un pequeño error de cuantificación: fueron cientos de miles las víctimas de la época.

Lástima que el camarada Beria no esté, pues él podría informarnos en detalle. ¿Qué actitud asumirán ahora el gobierno y pueblo soviéticos sobre los responsables de las atrocidades masivas?

De entrada, al confesionario buscando la rehabilitación por la vía del "mea culpa", que en términos soviéticos significa sólo un ejercicio de autocrítica.

Lo que no creemos es que, por el contrario, hagan lo que sus camaradas uruguayos; porque además no pueden por falta de libertades políticas.

De allí entonces lo del título.

El Día 5/11/87

074

¿CAMBIOS EN EL MUNDO COMUNISTA?

El País 5/XI/87

Hasta ahora, el comunismo ha sobrevivido gracias al poder absoluto ejercido por el jerarca de turno en Moscú, la centralización de todas las decisiones, la indiscutida verticalidad con que se cumplen, el control sobre todos los órdenes de vida de los ciudadanos, el mantenimiento de un espeso velo sobre toda la actividad gubernamental, alejándola del conocimiento del pueblo —junto con todo aquello que pudiera servir para abrirle los ojos— mediante un estricto control de los medios de comunicación y, en última instancia, mediante la represión y el temor ejercido tan eficazmente por la KGB, la policía e incluso el ejército.

Hubo épocas durísimas como la de Stalin, y también otras mejores, pero el esquema siempre fue el mismo. Lo aplican todos los camarades, llámense Nicolae Ceaucescu, Kim Il Sung o Fidel Castro, dictadores a perpetuidad, quienes estrictamente ajustados al modelo de la URSS, logran mantener un bloque marxista-leninista razonablemente unido y sólido. Si algo se resquebraja, siempre está el Ejército Rojo dispuesto a poner las cosas en su lugar, como lo hizo en Hungría y en Checoslovaquia.

Dentro de este panorama que se ha mantenido sin mayores alteraciones durante varias décadas, la introducción de los vocablos "glasnost", "perestroika" y "demokratizatsia", puestos de moda por Gorbachov, con sus presuntos objetivos de cambio (más que de apertura, como se pretende hacer creer), plantea apasionantes preguntas: ¿Levantarán los satélites de Moscú las mismas banderas? ¿Cómo serán en el futuro las relaciones entre la URSS y sus satélites bajo este nuevo enfoque? ¿Cuáles serán sus consecuencias?

Frente a la primera pregunta se han insinuado algunas respuestas. Fidel Castro, por ejemplo, no quiere ningún cambio que pueda representar un debilitamiento de su poder, actitud probablemente compartida por el resto de los líderes comunistas, como lo es por la alta burocracia soviética que no quiere ceder posiciones en la reestructura.

Las demás interrogantes todavía no tienen una contestación definida, aunque parecería que sin la fuerza que le presta el control absoluto, a Moscú se le pueden escapar los satélites de las manos. Puede ocurrir también que, agotado de ejercer una costosa tiranía internacional, Gorbachov opte por "primero mis dientes que mis parientes", y se desligue, aunque más no sea, de los tercermundistas seudorevolucionarios que mantiene a costa del pueblo ruso. Es una presunción, claro está, pero si la URSS pretende salir de su estancamiento y progresar quizá no le quede otra alternativa.

01.01

O 9 0 0

026

Detrás de la fachada de la "Glasnost"

URSS.

Por Natan Sharansky

La lucha por el judaísmo soviético se encuentra en una encrucijada.

Irónicamente, en el mismo momento en que celebramos la liberación de prisioneros de conciencia y "rechazados" veteranos por quienes luchamos durante mucho tiempo, cuando expresamos nuestro júbilo por el otorgamiento de visas de salida a líderes del movimiento como Ida Nudel, Victor Brailovsky y Josef Begun, y nos sentimos complacidos por el aumento de la emigración judía de 100 a 500 por mes, podríamos estar al borde del fracaso.

Es difícil creer que toda la saga de la redención de los judíos soviéticos ha sido solo un proceso de veinte años. El renacimiento del sionismo en Rusia, la certidumbre de que un judío soviético podía escapar a su destino de ser ciudadano de segunda clase no sólo mediante la asimilación y la pérdida de identidad sino afirmando su propia nacionalidad, es algo que adquirimos solamente después de la Guerra de los Seis Días.

Todas nuestras añoranzas latentes, nuestras adormecidas esperanzas de identidad judía y libertad personal, se despertaron repentinamente. Y su fuerza, apoyada por la presión masiva de Israel y el judaísmo mundial, se volvió irresistible. Lo que comenzó con algunas gotas se transformó en una corriente, un éxodo de proporciones históricas, un movimiento para redimir a todo un pueblo.

Es útil recordar lo que sucedió cuando los soviéticos trataron de ahogar al movimiento en sus comienzos. En 1972 impusieron una "tasa de educación" que exigía a los aspirantes a la emigración el pago de un inmenso rescate, con el pretexto de la devolución del costo de su educación. La indignación fue universal y el resultado fue dramático. En pocos meses, los soviéticos dejaron de aplicar la ley y el Congreso de los Estados Unidos comenzó a deliberar sobre una legislación que luego se transformó en la Enmienda Jackson, que condicionó la liberalización del comercio y la concesión de créditos a la política de emigración soviética. Se estableció de este modo el principio de la "conexión". La conducta soviética en materia de derechos humanos se transformó en un elemento decisivo en la determinación de los niveles de las relaciones comerciales.

Sin duda, el hecho de que la nueva ley de emigración soviética no haya recibido ninguna atención, es una demostración de la habilidad de Gorbachov. Y esto sucede, a pesar de que las restricciones impuestas imposibilitan la emigración de todas las personas que no tengan parientes de primer grado, padres, hijos o nietos, es decir el 90% de los 400.000 judíos que indicaron su deseo de irse.

La glasnost logró modificar la naturaleza de la lucha de un esfuerzo global de liberación nacional a una liberación gradual de célebres prisioneros de conciencia y "rechazados". Y, de manera increíble, la misma comunidad judía que en 1979 consideraba que los 50.000 emigrantes a los que Brezhnev dejara salir no eran suficientes, ahora está deslumbrada por los 8.000 de Gorbachov y saluda la liberación de cada "rechazado" veterano como un signo que anuncia la salvación.

Pregunté a Josef Begun por teléfono el otro día si él pensaba que la situación de los judíos soviéticos había mejorado. El dijo que la glasnost se manifiesta en los diarios y en discursos y en el hecho de que famosos "rechazados" y disidentes fueron liberados. Pero sus propios esfuerzos por registrarse como maestro de hebreo fueron rechazados. Los judíos que piden visas de salida siguen siendo tratados como traidores, y debido a la nueva ley de emigración los problemas derivados de la solicitud de visa se han multiplicado. Hay una "apertura" para otras culturas, pero no para los judíos.

Incluso en los ahora aceptados reconocimientos de faltas, los judíos están excluidos. "Solíamos no tener ningún problema de drogas. Ahora tenemos un problema de drogas. No solíamos tener ningún problema de antisemitismo. Seguimos sin tener ningún problema de antisemitismo..."

Esta observación fue hecha recientemente por un participante en una ceremonia en Babi Yar.

De hecho, bajo el manto de la glasnost grupos antisemitas neonazis han comenzado a organizarse y a atacar a judíos, haciendo el trabajo sucio de la KGB sin que esto perjudique directamente la imagen del régimen. Cuando se preguntó a algunos funcionarios soviéticos por qué se prohibieron algunos libros sobre fiestas judías en el pabellón norteamericano en la reciente feria del libro soviética, ellos respondieron: "Somos ecuánimes. También prohibimos 'Mein Kampf'."

No quiero decir que no ha habido momentos peores para los judíos en la URSS, pero existe una profunda brecha entre las percepciones y la realidad.

Lamentablemente la respuesta de Israel y del judaísmo mundial se caracterizó mayoritariamente por una vaga complacencia, una gran credulidad y una ausencia de agitación activa. Algunos funcionarios del gobierno norteamericano que desean presionar a los soviéticos sobre el tema, dicen: "No podemos ser más judíos que los judíos". Y los judíos norteamericanos dicen "No podemos ser más sionistas que Israel".

Cuando el presidente Reagan dijo a Gorbachov en Ginebra que, sin importar la insistencia con la cual los soviéticos repitieran que yo era un espía, el mundo creía a Avital y a todos los que protestaban junto con ella durante años, Gorbachov entendió la seriedad de las presiones y la dificultad en mejorar las relaciones norteamericano-soviéticas sin mi liberación.

Los soviéticos insisten en que la situación en la Unión Soviética ha mejorado, que sólo quedan entre 10.000 y 12.000 rechazados y que nadie más quiere salir. Ellos hicieron exactamente el mismo planteo en el comienzo de la década del setenta y desde entonces se fue más de un cuarto de millón de personas.

Pero no debemos competir en un juego de números con ellos. Está en juego la supervivencia de un pueblo. Y por más que estemos contentos por los finales felices de muchas historias de sufrimiento, debemos recordar a los centenares de miles de judíos anónimos que siguen allí.

Lo único que pedimos, después de todo, es el cumplimiento soviético de acuerdos que ellos han firmado: los acuerdos de Helsinki, la Declaración Universal de los Derechos del Hombre, y otros.

Sólo queremos la repatriación de nuestro pueblo, que se les permita unirse sin obstáculos a sus familias y a su pueblo en Israel. Los soviéticos, que ahora están tratando de convencer al mundo de su credibilidad y honorabilidad como socios confiables en acuerdos políticos, no deberían considerar que ésta es una demanda excesiva.

Si el entusiasmo por la exhibición del libro israelí entre miles de emocionados judíos soviéticos de toda la Unión Soviética en la Feria de Moscú puede servir de indicador, el espíritu de 1967 sigue vivo.

Puede contagiarse a centenares de miles si sintieran que Israel y el mundo libre siguen jugándose por ellos a fondo, apasionadamente y sin reservas, si centenares de miles de nosotros nos movilizamos aquí y en el extranjero para manifestar, reclamar, peticionar y protestar.

Victor Brailovsky, el recientemente liberado prisionero de conciencia, dijo a su llegada, en Jerusalén: "Ahora es el momento de actuar. Ahora, cuando se acerca la conferencia cumbre, se presenta nuestra gran oportunidad".

Puede ser la última. Nunca vamos a perdonarnos a nosotros mismos si la desperdiciamos.

El Día 30/10/87

18

026

La URSS debate sobre su prensa

MOSCU, 8 (AFP). – Un debate sobre la falta de objetividad de la prensa soviética se está realizando... en la propia prensa soviética.

¿Van a enterarse finalmente los soviéticos por sus medios de comunicación de que hay otras cosas además de desocupación y catástrofes naturales en Occidente, que los Estados Unidos venden desde hace años trigo a la Unión Soviética, o que el sistema de protección social de Suecia es muy superior al de ellos?

Estas preguntas, planteadas abiertamente en la prensa soviética, son tanto más pertinentes cuanto los medios de comunicación de la Unión Soviética, sometidos a la tutela del Partido Comunista, sólo dejan pasar de la vida internacional los aspectos que pueden ser explotados por la propaganda oficial.

Así, la televisión reserva un lugar de privilegio en sus informativos a las manifestaciones, huelgas, golpes de Estado militares, violencia de todo tipo en los países occidentales, o en sus regiones de influencia. En cambio, los buenos índices económicos o los avances sociales en los países capitalistas son rigurosamente silenciados.

La Nación 9/10/87

01.01

8711400

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: La visita del Canciller Shevardnadze

PROCEDENCIA: La Nación 9/10/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01.01

8711417

HR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Moscú transportará parte del petróleo iraní.

PROCEDENCIA: Clarín 19/10/87

ARCHIVADO EN: Conflicto Irán-Irak (081)

01.01

8711419

17

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: La Argentina y la URSS se esforzarán por ampliar la cooperación bilateral

PROCEDENCIA: La Nación 6/10/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01.01

8711423

Fidel Castro arribó a Moscú junto al rumor de supuestas fricciones

MOSCU. — El presidente cubano, Fidel Castro, llegó a Moscú para asistir a las ceremonias del 70° aniversario de la revolución rusa, mientras que su colega nicaragüense, Daniel Ortega, partió de esta ciudad de regreso a Managua, tras mantener un encuentro con el líder soviético Mijail Gorbachov y suspender una conferencia de prensa.

Castro llegó a la capital soviética en un momento en que se especulaba sobre supuestas fricciones entre La Habana y Moscú, ya que el presidente cubano no estuvo presente el pasado lunes en el discurso que pronunció el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, en los actos de apertura de las celebraciones.

El líder cubano participará hoy en una reunión restringida de dirigentes comunistas en el Kremlin, convocada por Gorbachov con el fin de coordinar en todo el bloque socialista medidas de reforma económica y social.

A su vez, el presidente de Nicaragua, Daniel Ortega, suspendió una conferencia de prensa prevista, para mantener un encuentro con el máximo dirigente de la URSS, Mijail Gorbachov.

Ortega realizó un fructífero intercambio de puntos de vista sobre la situación en Centroamérica con el jefe del Kremlin.

Gorbachov expresó a Ortega el respaldo total de la Unión Soviética a los esfuerzos nicaragüenses para llevar a cabo una política de reconciliación nacional.

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Shevardnadze fuma formado sin protocolo.

PROCEDENCIA: Diario 4/10/87

ARCHIVADO EN:
Fichaje (B)

01.01

8711431

026

URSS



LA HUMANIDAD MERECE UN DESTINO MEJOR QUE EL DE SER REHEN DEL TERROR NUCLEAR

01.04

"La humanidad merece un destino mejor que el de ser un rehén del terror nuclear y la desesperación", señala Mijail Gorbachov, quien afirma también que "la carrera armamentista, igual que la guerra nuclear, es imposible de ganar". En su obra "Perestroika: nuevas ideas para nuestro país y el mundo", Gorbachov sostiene que hay señales de que la gente está comenzando a comprender hasta qué abismo se ha aproximado el mundo. Agrega que el mundo está cada vez más interconectado, a pesar de que es contradictorio y social y políticamente diverso. EL PAIS finaliza hoy la publicación del libro de Gorbachov por acuerdo exclusivo para Uruguay con "Emecé Editores".

Comenzamos la **Perestroika** en una situación de creciente tensión internacional. La **détente** de los años setenta había sido, en efecto cercenada. Nuestros llamados de paz no encontraron respuesta en las altas esferas de mando de Occidente. La política exterior soviética declinaba. La carrera armamentista nuevamente crecía en espiral. La amenaza de la guerra iba en aumento.

Para determinar cómo se puede hacer un cambio positivo, uno tiene que formularse las siguientes preguntas. ¿Por qué está sucediendo esto? ¿Hacia qué encrucijada se dirige el mundo en su desarrollo? Y para hacer esto, tenemos que echar una mirada serena y realista al panorama del mundo, librarnos de la fuerza del hábito en nuestros pensamientos. Como decimos en Rusia, mirar las cosas con "nuevos ojos".

¿Cómo es el mundo en el que vivimos este mundo de las actuales generaciones de la humanidad? Es diverso, matizado, dinámico y penetrado por tendencias opuestas y agudas contradicciones. Es un mundo de cambios sociales fundamentales, de una revolución científica y tecnológica que abarca todo, de problemas mundiales que empeoran, y de cambios radicales en la información. Es un mundo en el cual posibilidades inauditas de desarrollo y progreso se colocan codo a codo con la más abyecta pobreza, el atraso y el oscurantismo. Es un mundo en el que hay vastos "campos de tensión".

Todo era mucho más simple unos cuantos años atrás. Entonces, existían varios poderes que determinaban sus intereses y los equilibraban si era posible, o combatían entre sí, si fallaban. Las relaciones internacionales se fundamentaban en el equilibrio de los intereses de esos distintos poderes. Este es un imperio, ese es otro y aquel es otro más. Pero echemos una mirada a lo que sucedió durante los cuarenta años posteriores a la guerra, hasta el presente.

El cuadro político del mundo incluye el considerable grupo de países socialistas, quienes han recorrido un largo camino en su desarrollo progresivo, en relativamente poco tiempo; la vasta extensión de estados capitalistas desarrollados, con sus propios intereses, su propia historia, preocupaciones y problemas, y el océano de países del Tercer Mundo, que emergen entre los últimos treinta y cuarenta años, cuando una cantidad de países de Asia, Africa y Latinoamérica logran su independencia.

Parece obvio que cada grupo de estados y cada país, tenga sus propios intereses. Desde el punto de vista de la lógica elemental, todos esos intereses deberían verse razonablemente reflejados en la política mundial. Pero eso no es así. Más de una vez he dicho a mis interlocutores de los países capitalistas: veamos y tengamos en cuenta las realidades. Existe el mundo del capitalismo y el mundo del socialismo y también hay un enorme mundo de países en desarrollo. Este último es el hogar de miles de millones de personas. Todos los países tienen sus problemas. Pero los países en desarrollo los tiene cien veces más que los otros estados y eso debe ser tomado en consideración. Esos países tienen sus propios intereses nacionales. Durante décadas fueron colonias, lucharon obstinadamente por su liberación, consiguieron la independencia y quieren mejorar la vida de sus pueblos, usar sus recursos como ellos quieran y construir una cultura y una economía independientes.

¿Hay acaso esperanza para las relaciones internacionales normales y justas, que proceda, digamos, de la Unión Soviética o de los Estados Unidos, Gran Bretaña y Japón solamente? ¡No! Se necesita un equilibrio de intereses. Por ahora, ese equilibrio no existe. Por ahora, el rico se vuelve más rico y el pobre más pobre. Sin embargo, procesos que pueden sacudir el sistema entero de relaciones internacionales se están llevando a cabo en el Tercer Mundo.

Nadie puede eliminar el mundo del socialismo, ni el mundo en desarrollo, ni el mundo del capitalismo desarrollado. Pero existe la opinión de que el socialismo es un accidente de la historia y está condenado a ser un montón de cenizas. Entonces, el Tercer Mundo se volverá sumiso y todo cumplirá otra vez su ciclo y la prosperidad será posible otra vez a expensas de los otros. Una huida al pasado no es la respuesta a los desafíos del futuro, es simplemente improvisación, basada en el miedo y la [illegible]

■ UN MUNDO INTERCONECTADO

Y no solamente hemos leído en forma diferente la realidad de un mundo multicolor y multidimensional. No sólo hemos evaluado las diferencias de intereses de los estados individuales. Hemos visto el problema principal: la creciente tendencia a la interdependencia de los estados de la comunidad mundial. Tal es la dialéctica del desarrollo actual. El mundo —contradictorio, social y políticamente diverso, pero no obstante interconectado y ampliamente integral— se va configurando con grandes dificultades, como si anduviera a tientas a través de un conflicto de opuestos.

Otra realidad, no menos obvia, de nuestro tiempo es la aparición y empeoramiento de los llamados problemas mundiales, que también se han vuelto vitales para los destinos de la civilización. Me refiero a la conservación de la naturaleza, a la condición crítica del medio ambiente, de la atmósfera y de los océanos, y de los tradicionales recursos de nuestro planeta, que han resultado no ser ilimitados. Me refiero a terribles problemas antiguos y nuevos, y a la preocupación común de la humanidad: ¿Cómo vamos a hacer para poner fin a la inanición y a la pobreza en vastas zonas de la Tierra? Me refiero al inteligente trabajo conjunto para explorar el espacio exterior y el océano del mundo, y al uso del conocimiento adquirido para beneficio de la humanidad.

Podría decir mucho sobre el trabajo que hemos hecho en nuestro país en un nivel nacional, para ayudar a resolver esos problemas. Me detuve en ellos con cierta amplitud cuando expliqué nuestra **Perestroika**. Haremos todo lo que dependa de nosotros.

Pero la Unión Soviética sola no puede resolver todos esos temas. Y no nos avergonzamos de repetirlo, al pedir la cooperación internacional. Decimos, con total responsabilidad, dejando a un lado las falsas consideraciones de "prestigio", que todos nosotros en el mundo actual vamos a depender unos de otros cada vez más, y nos volveremos cada vez más necesarios los unos a los otros. Y ya que tal realidad existe en el mundo, y ya que sabemos que estamos, en general, unidos ahora por el mismo destino, que vivimos en el mismo planeta, usamos sus recursos y sabemos que no son ilimitados y que deben ser conservados, y que la naturaleza y el medio ambiente necesitan ser respetados. Entonces, esa realidad nos abarca a todos. La necesidad de procedimientos y mecanismos internacionales, efectivos y justos, que aseguren la utilización racional de los recursos de nuestro planeta, como propiedad de toda la humanidad, se vuelve aún más apremiante.

Y aquí vemos nuestra interdependencia, la integridad del mundo, la imperativa necesidad de aunar los esfuerzos de la humanidad por el bien de su autopreservación, para su beneficio hoy, mañana y para siempre.

Por último, pero no menos importante, hay una realidad más que debemos reconocer. Al entrar en la era nuclear, en la que la energía del átomo se usa con propósitos militares, la humanidad ha perdido su inmortalidad. En el pasado hubo guerras, aterradoras guerras que se llevaron millones y millones de vidas, convirtieron las ciudades y los pueblos en ruinas cenizas y destruyeron culturas y naciones enteras. Pero la continuidad de la humanidad no se veía amenazada. Ahora, por el contrario, si estalla una guerra nuclear toda cosa viviente será borrada de la faz de la Tierra.

■ GUERRA IMPOSIBLE DE GANAR

Incluso lo que es lógicamente imposible, o sea, que la humanidad pueda ser aniquilada por completo, ahora se ha vuelto técnicamente posible. Los arsenales nucleares existentes son tan grandes que, para cada habitante de la Tierra hay una carga capaz de incinerar una zona amplia. Actualmente, tan sólo un submarino estratégico lleva un potencial destructor comparable a varias contiendas como la Segunda Guerra Mundial. ¡Y hay docenas de esos submarinos!

La carrera armamentista, igual que la guerra nuclear, es imposible de ganar. De continuar tal carrera en la Tierra y si se extiende en el espacio, se acelerará la acumulación y la modernización de las armas nucleares, en una carrera que ya es febril. La situación del mundo puede llegar a un punto en que no dependa ya de los políticos, sino de la casualidad. Todos enfrentamos la necesidad de aprender a vivir en paz en este mundo, de encontrar una nueva manera de pensar, porque las condiciones actuales son bien diferentes de las que existían tres o cuatro décadas atrás.

El tiempo está maduro para abandonar los enfoques imperialistas en la política exterior. Ni la Unión Soviética, ni los Estados Unidos serán capaces de imponer su voluntad a los demás. Es posible presumir, obligar, sobornar, doblegar o destruir, pero solamente por un cierto período de tiempo. Desde el punto de vista de una política de largo plazo nadie será capaz de someter a los demás. Es por eso que solamente una cosa —las relaciones de igualdad— puede subsistir. Todos nosotros debemos comprender esto. Junto con las realidades ya mencionadas de las armas nucleares, la ecología, la revolución científica y tecnológica y la informática, esto también nos obliga a respetarnos el uno al otro y a todos.

Tal es nuestro mundo, complejo, pero no condenado. Nosotros sostenemos la opinión de que todo puede resolverse, pero cada uno debe replantearse su papel en este mundo y actuar con responsabilidad.

NUEVO PENSAMIENTO POLITICO

En los dos años y medio que pasaron desde abril de 1985, hemos recorrido un largo camino en la comprensión de la situación del mundo y las formas de mejorarlo. También escribiré sobre los pasos concretos que hemos dado con vistas a mejorar radicalmente la atmósfera internacional. Pero ahora quiero ocuparme del punto más importante.

Al haber adoptado en el 27º Congreso el concepto de un mundo contradictorio pero interconectado, interdependiente y, esencialmente integral, comenzamos a desarrollar nuestra política exterior. Con esos fundamentos. Es cierto, seguimos siendo diferentes en lo que se refiere a nuestro sistema social, perspectivas ideológicas y religiosas, y a nuestra forma de vida. Sin duda, las diferencias perdurarán. ¿Pero debemos batirnos a duelo por ellas? ¿No sería más correcto pasar por encima de las cosas que nos dividen, por el bien de los intereses de toda la humanidad, por el bien de la vida en la Tierra? Hemos hecho nuestra elección, sosteniendo una nueva actitud política, mediante declaraciones que nos comprometan, y con acciones y realizaciones concretas.

La gente está cansada de tensiones y confrontaciones. Prefiere buscar un mundo más seguro y confiable, un mundo en el que cada uno pueda preservar sus puntos de vista filosóficos, políticos e ideológicos y su forma de vida propios.

Estamos observando lo que sucede con los ojos bien abiertos. Vemos que los estereotipos persisten y que las viejas actitudes han echado profundas raíces, alimentando el militarismo y las ambiciones imperialistas, de acuerdo con las cuales los demás países son meros objetivos de la política y otras actividades propias, y son privados del derecho de elegir libremente y de tener una política exterior independiente.

Nosotros no proponemos ningún método ultra radical para resolver los diversos problemas regionales, pese a que tales métodos también son necesarios en ciertas circunstancias. No deseamos manejar los asuntos internacionales de una manera que aumente la confrontación. Aunque no aprobamos el carácter de las actuales relaciones entre Occidente y los países en desarrollo, no presionamos para que se interrumpan. Creemos que esas relaciones deben de ser transformadas, privándolas de neocolonialismo, el cual difiere del antiguo colonialismo solamente por sus mecanismos de explotación. Se requieren condiciones en las que los países en desarrollo puedan ser dueños de sus propios recursos naturales y humanos y puedan usarlos para su propio bien, antes que para el de los demás.

La normalización de las relaciones internacionales en las áreas económica, de información y ecología deberían basarse en una amplia internacionalización. Todo indica que Occidente querría mantener las cosas en familia, por así decirlo, dentro de los Siete, los Cinco u otros similares. Esto probablemente explique los intentos para desacreditar a las Naciones Unidas. Se ha argumentado, por ejemplo, que la ONU está perdiendo su significado y eso es simplemente una insensatez. Y eso se dice ahora, cuando hay tantos cambios en un mundo saturado por los diversos intereses de numerosos estados, y cuando encontrar un equilibrio de esos intereses es prioritario. En estas circunstancias, el papel de las Naciones Unidas, con su experiencia en realizar la cooperación internacional, es más importante que nunca.

Es cierto que los esfuerzos de la Naciones Unidas no siempre han sido exitosos. Pero, en mi opinión, esta Organización es el foro más apropiado para buscar un equilibrio en los intereses de los estados, lo que es esencial para la estabilidad del mundo.

LA HISTORIA NO ESPERA

Me doy cuenta de que todo no puede cambiar de la mañana a la noche. También me doy cuenta de que Occidente y nosotros continuaremos teniendo diferentes enfoques ante situaciones concretas. Pero sin embargo, como ya dije, las naciones del mundo se parecen hoy a un grupo de andinistas, sujetos todos por una misma cuerda. Sólo pueden, o bien trepar juntos hasta la cima de la montaña, o bien caer juntos al abismo. Para prevenir el desastre, los líderes políticos deberán superar sus estrechos intereses y darse cuenta de la dramática situación. Por eso es hoy urgente la necesidad de una nueva comprensión de la situación y de sus factores componentes.

Ya no resulta posible planear una política con las premisas del año 1947, la doctrina de Truman y el discurso de Churchill en Fulton donde usa la expresión "cortina de hierro" para referirse a la URSS. Es necesario pensar y actuar de una forma distinta. Y más aún, la historia no espera y la gente no puede permitirse perder el tiempo.

Mañana podría ser demasiado tarde, y pasado mañana quizás no llegue nunca.

El principio fundamental de la nueva actitud política es muy simple: la guerra nuclear no puede ser un medio para lograr fines políticos, económicos, ideológicos o de cualquier otra índole. Esta conclusión es verdaderamente revolucionaria, porque significa descartar las tradicionales nociones de guerra y paz. La función política de la guerra ha sido siempre su justificación, su explicación "racional". La guerra nuclear es una insensatez, es irracional. En un conflicto nuclear global no habrá ni ganadores ni perdedores: la civilización del mundo perecerá inevitablemente. Es mucho más un suicidio que una guerra en el sentido convencional de la palabra.

Pero la tecnología militar se ha desarrollado en tal forma que, incluso una guerra no-nuclear, sería ahora comparable a una guerra nuclear, por sus efectos destructivos. Es por eso que es lógico incluir también en nuestra categoría de guerras nucleares a esta "variante" de un conflicto armado entre las grandes potencias.

De ese modo, ha surgido una situación enteramente diferente. Una forma de pensar y una manera de actuar, basadas en el uso de la fuerza en la política del mundo, se han ido formando a lo largo de siglos, incluso milenios. Parecería que ha echado raíz como algo inconmovible. Actualmente, han perdido toda base razonable. El aforismo de Clausewitz, de que la guerra es una continuación de la política, sólo que con diferentes medios, que fue clásico en su tiempo, resulta ahora cada vez más desesperadamente anticuado. Está destinado a las bibliotecas. Por primera vez en la historia, el basar la política internacional en normas morales y éticas comunes a todo el género humano y el humanizar las relaciones interestatales, se ha convertido en un requerimiento vital.

SEGURIDAD PARA TODOS O PARA NADIE

Una nueva dialéctica de fuerza y seguridad se desprende de la imposibilidad de una solución militar —es decir: nuclear— para los diferendos internacionales. La defensa ya no puede ser asegurada por medios militares ni por el uso de las armas ni por la disuasión ni por el perfeccionamiento continuo de la "espada" ni por el del "escudo". Los intentos de lograr una superioridad militar son ridículos. Ahora se están haciendo esos intentos en el espacio. Es un asombroso anacronismo que persiste debido al desproporcionado papel de los militaristas en la política. Desde el punto de vista de la seguridad, la carrera armamentista se ha vuelto absurda, porque su propia lógica conduce a la desestabilización de las relaciones internacionales y, eventualmente, a un conflicto nuclear. Al distraer enormes recursos de otras prioridades, la carrera armamentista está disminuyendo el nivel de seguridad, perjudicándola. Es, en sí misma, una enemiga de la paz. El único camino hacia la seguridad es a través de las decisiones políticas y el desarme. En nuestra época, una seguridad genuina y pareja, puede ser garantizada, disminuyendo constantemente el nivel del equilibrio estratégico, del cual, las armas nucleares y demás armas de destrucción masiva debieran ser completamente eliminadas.

Tal vez eso atemorice a cierta gente. ¿Qué ocurrirá entonces con el complejo industrial-militar? preguntan. Están involucrados el trabajo y el salario de mucha gente. Ese tema fue especialmente analizado, en uno de sus más recientes trabajos, por el Premio Nóbel V. Leontyev, quien ha demostrado que el argumento militarista no se sostiene desde un punto de vista económico. Yo creo lo mismo: para empezar, cada trabajo en el complejo industrial-militar cuesta dos o tres veces más que en una industria civil. En su lugar se podrían crear tres puestos de trabajo. En segundo lugar, los sectores actuales de la economía militar están conectados con la economía civil y hacen mucho por esta última. Este es un punto de partida para utilizar sus posibilidades con propósitos pacíficos. En tercer término, la Unión Soviética y los Estados Unidos podrían realizar extensos programas conjuntos combinando nuestros recursos y nuestros potenciales científicos e intelectuales, para resolver los más diversos problemas en beneficio de la humanidad.

La nueva actitud política implica reconocer otro simple axioma: la seguridad es indivisible. O hay igual seguridad para todos y no hay seguridad para nadie. La única base sólida para la

seguridad es el reconocimiento de los intereses de todos los pueblos y países y de su igualdad en los asuntos internacionales. La seguridad de cada nación corre pareja con la seguridad de todos los miembros de la comunidad mundial. Por ejemplo, ¿sería del interés de los Estados Unidos que la Unión Soviética se encontrara en una situación por la cual se considerara menos segura que Norteamérica? ¿O en qué nos beneficiaría a nosotros la situación inversa? Puedo afirmar que a nosotros no nos gustaría. Por eso, los adversarios deben convertirse en socios y comenzar a buscar juntos la forma de lograr la seguridad universal.

Podemos ver las primeras señales del nuevo pensamiento en muchos países, en diferentes estratos de la sociedad.

Y esto es natural, porque es el camino para acuerdos mutuamente ventajosos y compromisos recíprocos basados en el supremo interés común: prevenir una catástrofe nuclear. En consecuencia, no debe buscarse la seguridad propia a expensas de las de los otros.

Las nuevas actitudes influyen con igual fuerza en el carácter de las doctrinas militares. Estas deberían ser estrictamente doctrinas de defensa. Y eso está conectado con nociones nuevas, o relativamente nuevas, como las de una adecuación razonable de armamentos, una defensa no agresiva, la eliminación del desequilibrio y las asimetrías en los distintos tipos de fuerzas armadas, la separación de las fuerzas ofensivas de los dos bloques y demás.

La seguridad universal estriba, en nuestro tiempo, en el reconocimiento del derecho de cada nación para elegir su propio camino de desarrollo social, en la renuncia a interferir en los asuntos internos de otros estados, en el respeto por los otros, combinado con una visión objetiva y autocrítica de nuestra propia sociedad. Una nación puede elegir entre el capitalismo o el socialismo. Ese es su derecho soberano. Las naciones no pueden, ni deben, moldear sus vidas de acuerdo con los Estados Unidos o la Unión Soviética. Por lo tanto, las posiciones políticas deben despojarse de la intolerancia ideológica.

Las diferencias ideológicas no debieran transferirse a la esfera de las relaciones interestatales ni la política exterior debiera subordinarse a ellas, porque las ideologías pueden ser polos opuestos, mientras que el interés de la supervivencia y la prevención de la guerra, permanece como algo universal y supremo.

■ EL MUNDO AL BORDE DEL ABISMO

A la par de la amenaza nuclear, el nuevo modo de pensamiento político considera la solución de otros problemas mundiales, incluyendo aquellos del desarrollo económico y la ecología, como una condición indispensable para asegurar una paz duradera y justa. El pensar en un nuevo camino significa también ver una directa conexión entre el desarme y el desarrollo.

Nosotros abogamos por la internacionalización de los esfuerzos para convertir al desarme en un factor de desarrollo. En un mensaje a la Conferencia Internacional sobre este tema, en Nueva York, a fines de agosto de 1987, escribí: "La implementación del principio básico de «desarme para el desarrollo», puede y debe reunir al género humano y facilitar la formación de una conciencia mundial".

La Declaración de Principios para un Mundo No-Violento y Libre de Armas Nucleares, en Delhi, que fue firmado por el primer ministro de la República de la India, Rajiv Gandhi, y yo, en noviembre de 1986, contiene palabras que también quiero citar aquí: "En la era nuclear, la humanidad debe desarrollar una nueva forma de pensamiento político, un nuevo concepto del mundo, que proporcione garantías confiables para la supervivencia de la humanidad. La gente quiere vivir en un mundo más justo y más seguro. La humanidad merece un destino mejor que el de ser un rehén del terror nuclear y la desesperación. Es necesario cambiar la actual situación del mundo y construir un mundo libre de armas nucleares, libre de violencia y de odio, de miedo y de sospechas".

Hay señales ciertas de que esta nueva forma de pensamiento está tomando cuerpo, que la gente está comenzando a comprender hasta qué abismo se ha aproximado el mundo. Pero este proceso es muy difícil. Y lo más difícil es asegurar que esa comprensión se vea reflejada en las acciones de los hacedores de políticas, en sus mentes. Pero yo creo que la nueva mentalidad política se abrirá camino, porque ha nacido de las realidades de nuestro tiempo.

(Fin de la serie)

04.04

Gorbachov pide apoyo al partido

MOSCU. — El líder soviético Mijail Gorbachov, pidió al Partido Comunista de la URSS (PCUS) que propicie el paso adelante que debe afrontarse en la segunda etapa de la "perestroika".

En un discurso pronunciado ante los miembros del secretariado del Partido, los jefes de los departamentos del Comité Central, representantes del aparato y miembros del Comité de Control, Gorbachov afirmó que el PCUS debe adoptar una nueva actitud y nuevas aproximaciones a los problemas, para ejecutar la segunda, "difícil y compleja" etapa de las reformas.

La intervención del "número uno" del Kremlin y su llamamiento a impulsar la "perestroika" realizado ante los responsables de la organización del Partido, es interpretado por los analistas en Moscú como una consecuencia de la crisis desatada por Boris Yeltsin, que pidió su dimisión tras admitir que no podía realizar las reformas en Moscú debido a las grandes dificultades existentes.

Gorbachov, que volvió a atacar la actuación de Yeltsin, afirmó, no obstante, que debía señalar "con pesar" que los cuerpos elegidos del Partido no han podido desembarazarse de "la inercia, el conservadorismo y de una sobreorganización.

"En tanto que no cambiemos, nos encontraremos con situaciones como la expuesta en el pleno del Comité Urbano del PCUS, en el que se trató sobre los métodos y estilo de trabajo del camarada Yeltsin", añadió.

Tales palabras del "número uno" soviético son interpretadas por los observadores como una velada inculpación a los sectores conservadores del Partido en Moscú de la actuación y crisis de Boris Yeltsin, considerado un decidido defensor de la "perestroika".

"No podemos estar satisfechos hoy con el nivel de actividad existente en las filas del Partido, en los cuerpos y cuadros del Partido. Podemos ver que hay cierto desfase y algunas contradicciones entre las demandas de la vida y el nivel de trabajo del PCUS", señaló Gorbachov.

El "número uno" del Kremlin, afirmó también que para la segunda etapa de la "perestroika" que comienza ahora, caracterizada, según sus palabras, por una democratización de la vida social y la realización de reformas económicas radicales, salga adelante, el Partido debe jugar un papel preponderante y centrarse en las organizaciones de base.

En este contexto, añadió que es necesario ayudar a la gente a comprender las exigencias de la nueva etapa y también apartar a aquellos que "no aceptan el nuevo pensamiento, rechazan la democratización y los nuevos mecanismos económicos".

01.01

8711482

Mi encuentro con Shevardnadze

Como recordarán nuestros lectores, en oportunidad de la visita del Canciller soviético a nuestro país, un grupo de manifestantes se hizo presente ante la Embajada de la URSS expresando su reclamo por la situación de los judíos en la Unión Soviética. En la conferencia de prensa ofrecida por el gobernante de aquel país hubo un diálogo con un miembro representativo de la colectividad judía en el Uruguay. Este interlocutor de Shevardnadze es *David Greiver*, quien narra para *La Mañana* tan significativo episodio, el que ofrecemos en dos entregas, hoy y mañana:



I. VIVIREMOS Y VEREMOS

El miércoles 7 de octubre se llevó a cabo una conferencia de prensa en la sede de la Embajada Soviética en Montevideo. Dicho evento fue el último punto en la agenda del Canciller Shevardnadze de su visita oficial de 50 horas al Uruguay en su gira por el Cono Sur. Siendo la primera vez en los 70 años del régimen soviético que un Canciller del mismo visita la región. Como es de conocimiento público esta gira generó noticias como el encuentro del visitante con manifestantes judíos frente a la Embajada de la URSS el 5 de octubre p.p., en ocasión de ofrecer aquella representación diplomática una recepción en honor del visitante. El diálogo con los manifestantes judíos, hecho insólito en la conducta de los gobernantes de aquel país, indudablemente crea interrogantes y genera esperanzas que solamente el tiempo podrá evaluar, el real y humano alcance (se trata de los derechos humanos) de esta actitud. No obstante y con todas las reservas del caso y las hay, más a la vez hay lugar para una esperanza, de que muchos seres humanos, judíos y no judíos por igual, sufrirán menos privaciones, persecuciones y atropellos, por pensar en forma diferente y tal vez hasta podrán de alguna manera muy limitada expresar dichos pensamientos en la realidad politicosocial de la URSS.

En tal sentido la etapa uruguaya de la gira sudamericana del conductor-exportador de la política exterior de la URSS será recordada y evaluada a corto y mediano plazo.

La conferencia de prensa del 7 de octubre tenía también su enfoque en los aspectos continentales y mundiales ya que la gira incluía a Brasil y Argentina, mas a la vez derivó en la continuación del diálogo iniciado días atrás con los manifestantes judíos. La importancia que los medios de difusión del mundo asignaron a la Conferencia se tradujo en la presencia masiva de periodistas y corresponsales de las principales agencias entre los cuales estaba parte del equipo de prensa que acompañó al Presidente de Francia Francois Mitterrand en su gira oficial por estas latitudes.

II. PROTESTAS Y ESPERANZAS

Debo confesar que es la primera vez en 42 años que piso territorio soviético (las embajadas son territorios del país al cual pertenecen) desde que abandoné la URSS. Hasta ahora mis contactos y presencias en relación con su Embajada se limitaba a ser periódicamente un pacífico manifestante en la acera de enfrente y/o en la vereda de la misma para protestar y condenar su política en relación con la minoría judía en la URSS y de exigir libertad para presos de conciencia y derechos para los oprimidos y los rechazados. En mi calidad de integrante de instituciones judías a las cuales pertenezco o presido y durante los últimos 35 años fueron varias las ocasiones en cuanto nuestra conciencia y nuestro deber nos indujo a efectuar pequeñas y grandes manifestaciones frente a la sede de la Embajada Soviética en Montevideo. Las principales causas y razones:

1) El asesinato de los escritores, poetas y hombres de cultura judía en la URSS, el tal llamado proceso de Crimea, en 1952.

2) La complicidad en la escalada bélica árabe contra Israel, la cual generó la guerra de los 6 días y la ruptura de las relaciones entre la URSS y el Estado judío en el año 1967.

3) Contra las sentencias en el proceso de Leningrado.

4) Protesta contra el genocidio cultural, religioso y nacional a la minoría [illegible]

5) Por la libertad y derechos de su repatriación a Israel.

6) Contra la campaña de odio y calumnias dentro y fuera de fronteras y muy especialmente en las tribunas de organismos mundiales e internacionales, campaña en base a falsas acusaciones contra el movimiento de redención nacional del pueblo judío, el Sionismo, llegando en ocasiones a manfestaciones de virulencia antisemita.

7) Contra el apoyo y respaldo al terror árabe.

8) Por los incumplimientos al tratado de Helsinki.

9) Permiso de salida para condenados y rechazados de notoriedad por motivos de conciencia. ¿Será la de del 5 de octubre de 1987 la última manifestación de protesta? Nuevamente, sólo el tiempo lo dirá.

III. RECUERDOS Y EMOCIONES

Absorto en recuerdos, caminando en la fría mañana que parecía más otoñal que primaveral me trasladé mentalmente a octubre de 1945, hacia aquella comarca donde nací y en la cual vivieron mis antepasados por espacio de varios siglos. Ucrania occidental en el límite con Volinia y Polesia, tierra de minúsculas aldeas, solitarias estaciones ferroviarias, grandes aserraderos, pequeñas ciudades e inmensos bosques. Y en aquel otoño boreal de 1945 luego de 5 meses de haber finalizado la guerra aún había lucha y muerte en los bosques.

Me acordé de los héroes y mártires, de la negra noche del Holocausto judío, de las tres fosas comunes en los cuales los nazis alemanes con el apoyo y la ayuda de una parte de la población local ucraniana (por supuesto sin generalizar) asesinaron ametrallando a 14.000 niños, mujeres y hombres en Sarni acarreándolos de los pueblos y aldeas de la región en agosto de 1942.

Por mi retina mental desfilaron como en una película en blanco y negro (más negro que blanco) imágenes de familiares, amigos, vecinos. Vi las caras de cientos de niños y de jóvenes de la escuela judía a la cual concurrí, éramos unos 600 y sólo contados quedaron con vida.

Emocionalmente entré en trance. Por momentos me sentía como representante de ellos y debería decirle al Canciller de la URSS a cuyo territorio pertenece hoy aquella región (acuerdo Hitler-Stalin del 23 de agosto de 1939 y anexión del 17 de setiembre de 1939) y hasta hoy, a 45 años de aquel cataclismo humano. Su régimen aún no posibilitó la colocación debida de una lápida recordatoria. El honor y el respeto para con los mártires es tan importante como la libertad y el derecho para los que están con vida.

¿Cómo lo puedo explicar? ¿Quién lo sabe? Es imposible olvidar, y mucho más difícil y doloroso hablar.

Crucé el amplio y conocido bulevar sin percibir el tráfico. El ruido de una frenada al lado mío me volvió a la realidad. Miré el reloj: eran las 9 y 48 minutos.

Un equipo de un canal de TV montevideano pasó a mi lado saludándome amigablemente. Con la satisfacción y el alivio de un caminante triste y solitario que logra cruzar venturosamente un bosque o un desierto y al fin encuentra un camino y a sus semejantes, sonríe ampliamente devolviéndoles el saludo, y juntos entramos al palacete Darnaud, sede de la Embajada soviética en el Uruguay.

Concluye mañana

18

074

Inversión "capitalista" de US$ 6.000: en URSS

MOSCU. — Citando una boda entre la tecnología occidental y los recursos soviéticos, e invocando a Lenin, el industrial estadounidense Armand Hammer dijo que ha firmado un memorando con Moscú para establecer la mayor empresa conjunta de un grupo occidental en la Unión Soviética.

Hammer, principal ejecutivo de Occidental Petroleum, indicó que su empresa se ha unido con la italiana Montedison y la japonesa Marubeni Corp. para desarrollar un complejo petroquímico por valor de 6.000 millones de dólares para usar gas y sulfuro producidos en el yacimiento petrolífero Tengiz, cerca del mar Caspio.

Hammer dijo en una conferencia de prensa que el proyecto refleja su confianza en el secretario general del Partido Comunista soviético, Mijail Gorbachov, y su creencia de que este es consciente de que "el capitalismo occidental y el socialismo deben convivir", como también lo sostenía Lenin, agregó.

Indicó que esperaba que la confianza entre Este y Oeste reciba un refuerzo adicional cuando Gorbachov se reúna con el presidente Ronald Reagan en Washington, del 7 al 10 diciembre.

El memorando, firmado con el Ministerio de Recursos Petroleros, apunta a establecer uno de los mayores complejos petroquímicos del mundo, con una producción anual de un millón de toneladas de plasticos de alto grado, un millón de toneladas de sulfuro de grado comercial, y productos terminados.

Se espera que lleve tres años construirlo. Será la mayor empresa conjunta jamás realizada en la Unión Soviética, dijo Hammer.

"La puesta en marcha de esta empresa conjunta combinará los grandes recursos naturales de la Unión Soviética con tecnología occidental, poniendo a disposición de todo el mundo los beneficios de estos productos", afirmó Hammer.

Ambas partes han acordado que un 50 por ciento de los productos comerciales serán vendidos en los mercados mundiales y que se reunirán antes del 31 de enero para acelerar la puesta en marcha del convenio. 20/11/87



Vladimir Ilich Ulyánov (Lenin)

01.01

8711485

Lanzó duras acusaciones a Yeltsin

Gorbachov intenta cerrar la crisis

El máximo dirigente soviético acusó ayer a Boris Yeltsin de inmadurez política y de anteponer las ambiciones personales a los intereses del partido, en la reunión del Comité Urbano del Partido Comunista de la Unión Soviética (PCUS).

MOSCU (EFE).- La intervención de Mijail Gorbachov, ante el pleno del Comité Urbano del PCUS en Moscú, en la que lanzó graves acusaciones contra el destituido Boris Yeltsin, es interpretada como un intento de poner fin a la más grave crisis surgida en la etapa de la perestroika.

Analistas occidentales consideran también que la contundencia y la gravedad de las acusaciones dirigidas contra el ex jefe del partido en Moscú por Gorbachov y todos los oradores que intervinieron en la sesión, tuvieron como objetivo contrarrestar cualquier movimiento de defensa de Yeltsin que pudiera surgir en la capital soviética.

Igualmente, se destaca que el número uno del Kremlin intervino para dejar claro la unidad en las filas del Partido Comunista de la URSS (PCUS) y el total apoyo de que gozan los órganos del poder soviético, después de que Yeltsin alcanzara con sus críticas al Politburó y al secretariado (las máximas instancias del poder)y fuera acusado de intentar dividir al politburó.

Gorbachov, después de acusar al ex jefe del partido en Moscú, que fue uno de sus protegidos, de haber demostrado inmadurez política, de anteponer sus intereses personales a los del partido y de haber violado las normas morales del PCUS, reconoció que lo que había sucedido es algo que le llegó al corazón, y una lección que no debe ser olvidada.

En círculos diplomáticos y periodísticos occidentales les sorprendió el hecho de que se difundiera la autocrítica realizada por Boris Yeltsin ante el comité urbano del PCUS en Moscú y ante Gorbachov, por sus connotaciones con prácticas de épocas pasadas de la URSS, que se intentan superar ahora.

En su autocrítica, Boris Yeltsin reconoció los errores de los que se le acusó y se confesó merecedor de todas las críticas lanzadas contra él y de su exclusión del partido.

Por otra parte, se señala también que la crisis interior desatada por Yeltsin con su intervención ante el comité central del PCUS, el pasado 21 de octubre, sirvió para que, después de un silencio total sobre lo ocurrido en aquella reunión, los medios soviéticos hayan sacado a la luz asuntos internos mantenidos hasta ahora en el más absoluto secreto.

Los debates mantenidos en el pleno del comité urbano (gorkom) del partido en Moscú el pasado miércoles, en el que se aprobó la destitución de Boris Yeltsin, fueron publicados ayer por el diario Pravda, que le dedicó dos páginas y también difundidos por la agencia oficial TASS.

Además de Gorbachov, en el debate intervinieron varios miembros del gorkom, hasta hace dos días colaboradores de Yeltsin, al que acusaron, entre otras cosas, de sufrir el síndrome del gran jefe, creerse infalible, carecer de tacto para tratar a los cuadros, ser un traidor de la perestroika, e incluso de ser el responsable del suicidio de uno de sus colaboradores al que había criticado.

La publicación de estas graves acusaciones contra el ex jefe del PCUS en Moscú, unidas a los ataques de Gorbachov y a su propia autocrítica, es interpretado por los analistas como una muestra del deseo de la dirección del Kremlin de cerrar el caso Yeltsin, desmitificando a este político, popular entre amplios sectores moscovitas.

Aunque en un principio se pensó que Yeltsin podría conservar algunos de sus cargos, tras las graves acusaciones lanzadas contra él públicamente se da como finalizada po[r] completo su carrera polí[-]tica, que vivió sus mo[-]mentos de mayor en[-]cumbramiento tras el ac[-]ceso de Gorbachov al po[-]der.

Los expertos opinan qu[e] Boris Yeltsin será cesad[o] como miembro suplent[e] del Politburó en el pr[ó-]ximo pleno del comi[té] central del PCUS, lo qu[e] significará la caída tot[al] del primer partidario d[e] las reformas de la p[e-]restroika, que se confes[ó] incapaz de llevarlas [a] cabo.

IR/

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Anuncian retiro de tropas de Afganistan.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 27/11/87

ARCHIVADO EN: AFGANISTAN (029)

8711501

01.01

URSS

026

SOVIÉTICOS - DESPIDOS

MOSCÚ, 10 (AP). — La campaña de restructuración del Gobierno emprendida por el líder Mijail Gorbachov eliminará el 50 por ciento de todos los empleos ministeriales y por lo menos 50.000 moscovitas serán despedidos en los próximos dos años, informa un diario nacional. El "Sotsialistícheskaya Industriya" dice que la orden de eliminar uno de cada dos empleados ministeriales para el año 1988 ha causado una conmoción en las administraciones con sede en Moscú, con solicitantes [illegible] dos [illegible] para apelar su [illegible]

01.01

8711506

027

URSS: Manifestación

MOSCU, 14 (ANSA). — Un[illegible] manifestación de unas ci[illegible] cuenta personas que llevab[illegible] carteles reclamando la con[illegible] trucción de un monumento p[illegible] ra las víctimas del terror sta[illegible] nista y que recogía firmas e[illegible] una calle central de Moscú, fu[illegible] dispersada por la policía so[illegible] viética que demoró a cinco d[illegible] ellos llevándolos a una com[illegible] saría cercana. La manifesta[illegible] ción había sido organizada po[illegible] la Federación de "Grupos In[illegible] formales", una federación de [illegible] grupos sociales. Ante la acción de la policía para dispersarlos los manifestantes recordaron que en la calle Arabat donde se habían reunido, no estaban prohibidas las manifestaciones.

15/11/87

01.01

8711514

HECHOS MAS QUE SUGESTIVOS

Cuando se intenta algún tipo de convenio con la Unión Soviética, como ocurre en el Uruguay con el de pesca o el de "Aeroflot", se tienen en cuenta supuestas conveniencias comerciales o económicas, pero nunca se analiza el peligro que ello supone para la defensa de otros valores menos cuantificables como la seguridad del país o, si se quiere, de la misma democracia. Porque hay acuerdos que involucran la presencia en el país de representantes o técnicos rusos y que pueden significar abrirle las puertas de par en par a la KGB.

No se trata de suposiciones o de excesos de imaginación mal intencionados. Los hechos son muy elocuentes para quien se tome el trabajo de repasar algo de lo ocurrido los últimos años, sólo cinco para evitar una ennumeración demasiado fatigosa.

1983 – En febrero el sub-director de "Aeroflot" en Italia es deportado tras el descubrimiento de actividades de espionaje. Por las mismas razones son expulsados dos oficiales de la empresa marítima "Marflot" y es detenido el subdirector de la empresa italo-soviética "Nafta-Italia". En abril el gobierno suizo clausura la agencia "Novosti" en Berna, por constituir un "centro de desinformación, subversión y agitación". Casi al mimos tiempo Francia expulsa a 47 de los 82 diplomáticos rusos acreditados en París. En mayo es expulsado de Bruselas el director de una empresa belgo-soviética por contrabando de tecnología restringida de computación. Pocos días después, Bonn deporta a 3 soviéticos acusados de espionaje. En setiembre, un traductor y dos empleados rusos son expulsados de Londres por espionaje

1984 – En abril, Francia ordena la salida de un funcionario soviético que pretendía organizar una red de espionaje entre los empleados de "Air France". En mayo dos ingenieros soviéticos son echados de Dinamarca por espionaje tecnológico, y otro de Bélgica por espionaje militar.

1985 – En febrero India expulsa a 5 espías soviéticos. En julio un funcionario ruso es sorprendido en Bruselas comprando manuales tecnológicos secretos.

1986 — En enero, la policía italiana descubre a Andrei Shelukin, Gerente de "Aeroflot" en Roma, involucrado en la obtención de los planos del avión Tornado de la NATO. En junio, un funcionario ruso es expulsado de Suecia y dos de Portugal por "amenazar la seguridad del Estado".

1987 – Francia expulsa a 6 diplomáticos soviéticos.

Como éstos son tan sólo los casos descubiertos, hay que suponer que dondequiera que estén los rusos hay fuerte posibilidad de espionaje. Las pruebas están a la vista.

EL PAIS — Domingo 15 de Noviembre de 1987

A 70 AÑOS DE LA REVOLUCION HAY [illegible] ECONOMICOS Y SOCIALES GRAVES

[illegible] económico, de obstrucción a [illegible] y de imposibilidad de mejorar la calidad de [illegible] que se ofrecen al pueblo son mencionados por [illegible] Gorbachov, junto con síntomas de degradación moral [illegible] de los ideales revolucionarios, como elemen- [illegible] necesidad de aplicar la "perestroi- " o reestructuración de [illegible] Unión Soviética. En este [illegible] de su obra "Perestroika: nuevas ideas para nuestro [illegible] y el mundo". Gorbachov explica los graves problemas [illegible] enfrenta la Unión Soviética al cumplirse los 70 años de [illegible] revolución. EL PAIS publica el libro de Gorbachov, que [illegible] a la venta en todo el mundo hacia fines del [illegible], por acuerdo exclusivo para Uruguay con [illegible] Editores".

[illegible]ué es la perestroika ¿Qué impulsó la idea de la reestruc-[illegible]n? ¿Qué significa eso en la historia del socialismo? ¿Qué es lo que presagia para los pueblos de la Unión Soviética? ¿Cómo puede influenciar al mundo exterior? Todas estas preguntas preocupan a la opinión pública mundial y serán activamente discutidas. Empezaré con la primera.

PERESTROIKA, UNA NECESIDAD URGENTE

Creo que una cosa debe ser tenida en cuenta al estudiar los origenes y la presencia de la perestroika en la URSS. La perestroika no es un capricho por parte de algunos individuos ambiciosos o de un grupo de lideres. Si fuera asi, ni exhortaciones, ni reuniones plenarias ni siquiera un congreso del Partido, hubiera podido reunir al pueblo para el trabajo que estamos haciendo ahora y que involucra cada día más y más al pueblo soviético.

La perestroika es una urgente necesidad surgida de los procesos de desarrollo de nuestra sociedad socialista. Esta sociedad está madura para el cambio. Hace tiempo que lo anhelaba. Una demora en comenzar la perestroika podría haber llevado, en un futuro cercano, a una situación interna exasperante, la cual, para decirlo sin vueltas, se habria recargado con una muy seria crisis social, económica y politica.

Hemos sacado esas conclusiones de un análisis amplio y sincero de la situación que se desarrolló en nuestra sociedad, a mediados de los años ochenta. A esa situación y a los problemas que surgieron de ella deben hacer frente actualmente los dirigentes del país, entre los cuales ha ido apareciendo gente nueva en los últimos años. Quisiera discutir aqui los resultados principales de ese análisis, en el curso del cual tuvimos que reevaluar muchas cosas y echar un vistazo a nuestra historia, tanto la reciente, como la no tan reciente.

Rusia, en donde tuvo lugar una gran Revolución, hace setenta años, es un país antiguo con una historia única, llena de búsquedas, logros y trágicos acontecimientos. Le ha dado al mundo muchos descubrimientos y personalidades prominentes.

Sin embargo, la Unión Soviética es un estado joven, sin paralelos en la historia o en el mundo moderno. Durante las pasadas siete décadas —un breve lapso en la historia de la civilización humana— nuestro país recorrió un sendero equivalente a centurias. uno de los mayores poderios del mundo se levantó para reemplazar el atraso semicolonial y semifeudal del Imperio Ruso. Enormes fuerzas productivas, un poderoso potencial intelectual, una cultura altamente avanzada, una comunidad única de más de cien naciones y nacionalidades y una firme protección social para doscientos ochenta millones de personas, en un territorio que configura un sexto de la tierra; tales son nuestros grandes e indiscutibles logros, y el pueblo soviético está orgulloso de ellos con toda justicia.

No estoy diciendo esto para hacer aparecer a mi país mejor de lo que fue o es. No quiero parecer como un apologista para quien "mio" significa lo mejor e incuestionablemente superior. Lo que he dicho es simplemente la realidad actual, los hechos auténticos, el producto visible del trabajo de varias generaciones de nuestro pueblo. Y es igualmente claro que el progreso de mi país fue posible solamente gracias a la Revolución. Es el producto de la Revolución. Es el fruto del socialismo, el nuevo sistema social y el resultado de la elección histórica hecha por nuestro pueblo. Detrás de ellos están las proezas de nuestros padres y abuelos y millones de trabajadores, "obreros, campesinos e intelectuales", quienes setenta años atrás asumieron la responsabilidad directa para con el futuro de su país.

Quisiera que el lector considere todo eso; de otra forma le será difícil ver lo que sucedió y está sucediendo en nuestra sociedad. Más adelante, retomaré los aspectos históricos de nuestro desarrollo. Primero quiero explicar la situación nada simple, que se había desarrollado en nuestro país en los años ochenta y que convierte a la perestroika en algo necesario e inevitable.

En cierta etapa —eso se vuelve particularmente claro en la última mitad de los años setenta— sucedió algo que resultó a primera vista inexplicable. El país comenzó a perder impulso. Los fracasos económicos se volvieron más frecuentes. Comenzaron a acumularse las dificultades y se multiplicaron los problemas sin resolver. Elementos de lo que nosotros llamamos estancamiento, y otros fenómenos ajenos al socialismo comenzaron a aparecer en la vida de la sociedad. Una especie de "mecanismo de freno" afectaba el desarrollo social y económico. Y todo eso sucedía al mismo tiempo que la revolución científica y tecnológica abría nuevas perspectivas para el progreso social y económico.

Algo extraño iba tomando forma: el enorme volante de una máquina poderosa estaba girando, mientras que los engranajes patinaban o las correas de trasmisión estaban muy flojas.

Al analizar la situación, primero descubrimos una desaceleración del crecimiento económico. En los últimos quince años, la tasa de crecimiento de la renta nacional declinó en más de la mitad y para comienzos de los ochenta había caido a un nivel cercano al estancamiento económico. Un país que alguna vez se había acercado rápidamente a las naciones avanzadas del mundo comenzó a perder posiciones. Además, la brecha en la eficiencia de producción, calidad de los productos, desarrollo científico y tecnológico, la producción de tecnologia de punta y el uso de técnicas avanzadas, comenzó a extenderse y no a favor nuestro.

El impulso a la producción bruta, en particular en la industria pesada, se convirtió en un objetivo "prioridad uno", casi un fin en sí mismo. Lo mismo sucedió con la capitalización, donde una considerable parte de la riqueza nacional se convirtió en capital ocioso. Hubo costosos proyectos que nunca fueron dignos de los más altos niveles científicos y tecnológicos. El trabajador o la empresa que había gastado la mayor cantidad de trabajo, material y dinero, era considerado el mejor. Es natural que el productor trate de "agradar" al consumidor, si puede expresarlo de esa manera. Sin embargo, en nuestro país el consumidor se encontró totalmente a merced del productor, y tuvo que conformarse con lo que éste decidiera ofrecerle. Esto era, nuevamente, consecuencia del impulso a la producción bruta.

LAS ACTITUDES PARASITAS

Se convirtió en algo tipico de nuestros especialistas en economía, el pensar, no en cómo elevar el activo nacional, sino en cómo colocar más material, mano de obra y horas de trabajo en una partida, para venderla a precios altos. Por lo tanto, a pesar de esa producción "bruta", había escasez de productos. Nosotros gastamos; de hecho estamos todavía gastando, mucho más en materias primas, energia y otros recursos, por unidad de producción bruta, que en otras naciones desarrolladas. La riqueza de nuestro país, en términos de recursos naturales y mano de obra, nos ha echado a perder, incluso podría decirse que nos ha corrompido. esa es, de hecho, la principal razón por la cual fue posible para nuestra economía desarrollarse extensamente durante décadas.

Acostumbrados a dar prioridad al crecimiento cuantitativo en la producción, tratamos de controlar la caída de la tasa de crecimiento, pero lo hicimos principalmente por un continuo aumento del gasto: construimos las industrias de combustible y energía y aumentamos el uso de los recursos naturales en la producción.

Con el correr del tiempo, los recursos materiales se volvieron más dificiles de conseguir y más costosos. Por otra parte, los amplios métodos de expansión del capital, produjeron un déficit artificial de mano de obra. En un intento de rectificar la situación, de alguna manera, ampliamente injustificada, es decir, de hecho inmerecida, se comenzaron apagar bonificaciones y se introdujeron toda clase de incentivos inmerecidos, bajo la presión de ese déficit, y eso llevó, en una etapa posterior, a la práctica de "inflar" informes con material superfluo simplemente para ganar. Las actitudes parasitas estaban aumentando, el prestigio del trabajo cuidadoso y de alta calidad comenzó a disminuir y la mentalidad de "nivelar los salarios" comenzaba a generalizarse. La falta de equilibrio entre la dimensión de trabajo y la dimensión de consumo se había convertido en algo asi como la pieza clave en el mecanismo de freno; no solamente obstruyendo el crecimiento de la productividad laboral sino también conduciendo a la distorsión del principio de justicia social.

Asi, la inercia del desarrollo económico extensivo conducía a la paralización económica y el estancamiento.

La economía estaba cada vez más agobiada financieramente. La venta de grandes cantidades de petróleo y otros recursos de combustible y energía y materias primas en el mercado mundial, no ayudó. Solamente agravó la situación. [illegible]

cias en moneda corriente hechas de ese modo fueron usadas primordialmente para atacar los problemas del momento, en lugar de utilizarse para modernizar la economía, o ponerse al día tecnológicamente.

Los promedios declinantes de crecimiento y el estancamiento económico estaban condenados a afectar otros aspectos de la vida de la sociedad soviética. Tendencias negativas afectaron seriamente la esfera social. Esto llevó a la aparición del así llamado "principio residual", de acuerdo con el cual, los programas sociales y culturales recibían lo que restaba del presupuesto, después de las asignaciones para la producción. Parecía haber un "oído sordo" ante los problemas sociales. La esfera social comenzó a retrasarse en términos de desarrollo tecnológico, personal y, lo más importante, en la calidad de trabajo.

Aquí tenemos más paradojas. Nuestra sociedad ha asegurado ocupación completa y proporcionado garantías sociales fundamentales. Al mismo tiempo, hemos fracasado en el uso a fondo del potencial del socialismo para enfrentar los crecientes requerimientos de viviendas, en calidad y algunas veces en cantidad de productos alimenticios, en la organización apropiada del transporte, en servicios para la salud, en educación, y en la solución de otros problemas, que surjen naturalmente, en el curso del desarrollo de la sociedad.

Se estaba produciendo una situación absurda. El mayor productor del mundo de acero, materias primas, combustibles y energía, tiene déficit de ellos, debido al derroche o a la ineficiente utilización. Uno de los mayores productores de granos para alimentos tiene que comprar millones de toneladas de cereales por año, para forraje. Tenemos la más grande cantidad de médicos y camas de hospitales por millar de habitantes y, al mismo tiempo, hay notorias deficiencias en nuestros servicios de salud. Con sorprendente exactitud, nuestros cohetes pueden encontrar el cometa Halley y volar a Venus, pero codo a codo con esos triunfos científicos y tecnológicos, hay una evidente falta de eficiencia en el uso de los logros científicos para las necesidades económicas, y muchos de los artefactos domésticos soviéticos son de mala calidad.

Pero esto, desgraciadamente, no es todo. Comenzó además una gradual erosión de los valores ideológicos y morales de nuestro pueblo.

.02

URSS

Era obvio para todos que las tasas de crecimiento iban decayendo pronunciadamente y que el conjunto de los controles de calidad no funcionaban; había una falta de receptividad a los avances de la ciencia y la tecnología; el aumento en el nivel de vida se volvía más lento y había dificultades para el suministro de productos alimenticios, viviendas, artículos de consumo y servicios.

También en el plano ideológico, el mecanismo de freno originó mayor resistencia a los intentos de examinar constructivamente los problemas que iban emergiendo y a las nuevas ideas. La propaganda del éxito —real o imaginario— iba ganando terreno. Se estimulaban los elogios y el servilismo y se ignoraban las necesidades y opiniones de la gente común, trabajadora, del público en general. En las ciencias sociales la teorización escolástica se fomentó y desarrolló. El pensamiento creativo fue expulsado de las ciencias sociales, y los juicios y contribuciones superfluos y gratuitos fueron declarados verdades indiscutibles. Las discusiones científicas y teóricas que son indispensables para el desarrollo del pensamiento y para el esfuerzo creador, fueron castradas. Esas tendencias negativas también afectaron la cultura, las artes y el periodismo, como también al proceso de enseñanza y a la medicina, en donde la mediocridad, el formalismo y los elogios estridentes también emergieron.

La presentación de una "realidad problema" fue contraproducente: se había formado una brecha entre la palabra y la acción, que produjo la pasividad pública y el descreimiento en los eslogans que se proclaman. Es natural que esa situación diera por resultado una brecha en la credibilidad: todo lo que era proclamado en las tribunas e impreso en los periódicos y libros de texto fue cuestionado. La decadencia comenzó en la moral pública; los grandes sentimientos de solidaridad con los demás, que se forjaron durante los tiempos heroicos de la Revolución, los primeros planes quinquenales, la Gran Guerra Patriótica y la rehabilitación de la postguerra se debilitaban; el alcoholismo, la drogadicción y el crimen crecían, como así también la penetración de los estereotipos de la cultura popular extraña a nosotros, que produjeran vulgaridad, gustos viles y condujeran a ideologías estériles.

■ ESTANCAMIENTO DEL LIDERAZGO

La conducción del Partido se relajó y se perdió la iniciativa en algunos de los vitales procesos sociales.

Todos comenzaron a notar el estancamiento del liderazgo y la violación de su proceso natural de cambio. En una cierta etapa esto contribuyó a una actuación muy pobre del Politburó y la Secretaría del Comité Central del PCUS, por el gobierno y a través de todo el Comité Central y el conjunto del Partido.

El flirteo político y la distribución masiva de premios, nombramientos y bonificaciones, a menudo reemplazaban la genuina preocupación por el pueblo, por sus condiciones de vida y de trabajo, por una atmósfera social favorable. Surgió una atmósfera de "vale todo" con cada vez menos exigencias de disciplina y responsabilidad. Se hicieron intentos de disimular todo con campañas pomposas y promesas y celebraciones de numerosos aniversarios centrales y locales. El mundo de las realidades cotidianas y el mundo de la prosperidad ficticia fueron divergiendo más y más.

Muchas organizaciones regionales del Partido fueron incapaces de mantener los principios, o de atacar con determinación las malas tendencias, las actitudes negligentes, la práctica de disimularse unos a otros y la disciplina relajada. Los principios de igualdad entre los miembros del Partido eran violados frecuentemente. Muchos miembros del Partido permanecieron en cargos importantes más allá del control y la crítica, lo cual condujo a fallas en el trabajo y a serios actos de incompetencia.

En ciertos niveles administrativos surgió un desacato a la ley y se fomentó la adulación y el soborno, el servilismo y la glorificación. La gente trabajadora estaba justamente indignada ante el abuso de poder, la supresión de la crítica, las fortunas mal habidas y en algunos casos, incluso, se hizo cómplice en —o fue organizadora— de actos criminales.

En rigor de verdad, debe decirse que durante esos años muchos asuntos de vital importancia también fueron resueltos, de una manera u otra. Pero, primero, sólo eran una pequeña parte de los problemas que hacía tiempo requerían atención y segundo, incluso, aunque se tomaran decisiones, éstas eran sólo ejecutadas parcialmente o simplemente no se llevaban a cabo. Y, lo más significativo, ninguna de esas medidas era completa: afectaban únicamente algunos aspectos de la vida de la sociedad, mientras dejaban intacto el mecanismo que frenaba el desarrollo.

Naturalmente, las organizaciones del Partido funcionaban y la abrumadora mayoría de los comunistas cumplía con sus obligaciones con el pueblo, sincera y generosamente. Y sin embargo hay que reconocer que no había esfuerzos efectivos para impedir proliferar a la gente deshonesta, agresiva y egoísta. En general, las medidas prácticas que fueron tomadas por el Partido y los cuerpos del Estado estaban muy atrasadas para los requerimientos de los tiempos y de la vida misma. Los problemas se acumulaban más rápidamente de lo que se resolvían. En toda la sociedad se habían vuelto crecientemente inmanejables. Nosotros pensábamos que estábamos en la posición de mando, mientras estaba ocurriendo aquello contra lo cual Lenin prevenía: el automóvil no va a donde cree que irá el que está al volante.

No se trata de que ese período deba ser pintado sólo en colores oscuros. La abrumadora mayoría del pueblo soviético trabajaba honestamente. La ciencia, la economía y la cultura continuaban desarrollándose. Aún más inadmisibles y dolorosos eran, pues, los fenómenos negativos.

Creo que he dicho lo suficiente como para que puedan darse cuenta de lo seria que era la situación y de la urgencia de un cambio completo. El Partido ha encontrado la fuerza y el coraje para evaluar seriamente la situación y reconocer que los cambios radicales y las transformaciones eran indispensables.

Un enfoque imparcial y honesto nos llevó a la conclusión lógica de que el país estaba al borde de la crisis. Esa conclusión fue anunciada en abril de 1985, en la Reunión Plenaria del Comité Central, la cual inauguró la nueva estrategia de la perestroika y formuló sus principios básicos.

Me gustaría enfatizar aquí que ese análisis había comenzado mucho tiempo antes de la Reunión Plenaria de abril (*) y por lo tanto sus conclusiones estuvieron muy bien pensadas. No era algo inesperado, sino un juicio equilibrado.

Sería un error el pensar que, un mes después de la Reunión Plenaria del Comité Central de marzo de 1985, que me eligió Secretario General, súbitamente apareció un grupo de gente que entendía todo y sabía todo y que esa gente daba respuestas claras a todas las preguntas. Esos milagros no existen.

La necesidad de cambio estaba madurando, no solamente en la esfera material de la vida, sino también en la conciencia pública. La gente que tenía experiencia práctica, sentido de justicia y un compromiso con los ideales del bolchevismo, criticaba la práctica establecida de hacer las cosas y notaba con ansiedad los síntomas de degradación moral y erosión de los ideales revolucionarios y los valores socialistas.

Obreros, campesinos e intelectuales, funcionarios del Partido central y local, llegaron a evaluar la situación del país. Había una creciente conciencia de que las cosas no podían seguir así por mucho tiempo más. Hubo perplejidad e indignación ante la evidencia de que los grandes valores nacidos en la Revolución de Octubre y en la lucha heroica por el socialismo estaban siendo pisoteados.

Al decir todo esto, quiero hacer comprender al lector que la energía para el cambio revolucionario se fue acumulando en nuestro pueblo y en el Partido durante cierto tiempo. Y que las ideas de perestroika fueron impulsadas no sólo por intereses y consideraciones pragmáticas, sino también por nuestra conciencia preocupada, por el indomable compromiso con los ideales que heredamos de la Revolución y como resultado de una búsqueda teórica que nos dio un mejor conocimiento de la sociedad y reforzó nuestra determinación de seguir adelante.

■ LENIN, UNA FUENTE IDEOLOGICA

El ímpetu vivificante de nuestra gran Revolución fue suficientemente poderoso como para que el Partido y el pueblo se conformaran con fenómenos que amenazaban con despilfarrar sus logros. Las obras de Lenin y sus ideales del socialismo siguieron siendo para nosotros una fuente inextinguible de pensamiento dialéctico creativo, riqueza teórica y sagacidad política. Su misma imagen es un ejemplo imperecedero de elevada fuerza moral, una cultura espiritual versátil y una generosa devoción a la causa del pueblo y del socialismo. Lenin vive en las mentes y corazones de millones de personas. Derribando todas las barreras levantadas por académicos y dogmáticos, el interés en el legado de Lenin y la sed de conocerlo mejor en el original crecieron a medida que se acumulaban los fenómenos negativos en la sociedad.

El volver a Lenin ha estimulado grandemente al Partido y a la sociedad en su búsqueda para encontrar explicaciones y respuestas a las preguntas que surgieron. Las obras de Lenin en los últimos años de su vida concitaron una atención particular.

(*) La Reunión Plenaria del Comité Central del PCUS de abril de 1985 plantea y da forma al concepto de la aceleración del desarrollo socioeconómico para la URSS. Esto es la base de la nueva edición del Programa del Partido, confirmado más tarde por el 27° Congreso del Partido cómo la política general del Partido.

(El próximo domingo se publicará el tercer capítulo)

03 03

8711518

HR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Radares Soviéticos en Argentina, invaden Chile.

PROCEDENCIA: Opinión 23/10/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01.01 8711519

13

ARCHIVAR EN: URSS (036)

TEMA: Balance Comercial favorable a la Argentina
Relaciones con la URSS.

PROCEDENCIA: Clarín 1°/10/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01.01

8711533

Buenos Aires, jueves 1° de octubre de 1987 ★ CLARIN

CANCILLER DE LA URSS

Shevardnadze llegó y dialoga con Alfonsín

Ayer a las 20 arribó a nuestro país el canciller soviético Edouard Shevardnadze, en vuelo de Aeroflot, procedente de Brasil. Lo recibió en Ezeiza su par argentino, Dante Caputo, y hoy se entrevistará con el presidente Raúl Alfonsín. El visitante destacó "los ejemplos alentadores de una cooperación que es capaz de vencer enormes distancias" y elogió las gestiones del gobierno radical en favor de la paz y el desarme.

El ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, Edouard Amvrosievich Shevardnadze, elogió ayer aquí, en su primer contacto con el periodismo argentino, **las gestiones del gobierno presidido por Raúl Alfonsín** en favor de la paz y el desarme mundiales y destacó que las relaciones entre ambas naciones atraviesan un "interesante" período. Hoy iniciará su actividad y al mediodía se entrevistará con **Raúl Alfonsín.**

El ministro soviético también puso de manifiesto el agradecimiento de su gobierno por el **apoyo brindado por la Argentina a las iniciativas de la URSS en materia de desarme nuclear** y que tuvieron como primer resultado el acuerdo alcanzado con Estados Unidos para retirar del territorio europeo los misiles de corto y medio alcance.

A poco de su llegada al Aeropuerto de Ezeiza, **Edouard Shevardnadze** leyó, con la ayuda de un traductor, una declaración cuyo texto es el siguiente:

"Llegamos a la Argentina con nuestros mejores sentimientos hacia su pueblo y a sus dirigentes. A pesar de ser esta la primera visita de un ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética, la historia más que secular de las relaciones entre Rusia y la Argentina está llena de ejemplos alentadores de una cooperación que es capaz de vencer enormes distancias que separan a nuestros países.

"Es especialmente interesante el período actual de nuestras relaciones durante el cual la práctica del intercambio de mensajes personales entre Mijail Gorbachov y el presidente de la Argentina, Raúl Alfonsín, enriqueció considerablemente nuestros contactos políticos, principalmente sobre los problemas más importantes de la política mundial."

"En este sentido, la visita del presidente Raúl Alfonsín a la Unión Soviética y su encuentro con Mijail Gorbachov han significado el comienzo de una nueva etapa.

"La visita oficial de mi colega argentino Dante Caputo, a Moscú, la primera en la historia de nuestras relaciones, ha ampliado y profundizado nuestro contacto diplomático.

"Dentro de este contexto, habría que considerar particularmente nuestra actual visita a la Argentina. El alto prestigio de este país en el mundo contemporáneo, su papel dinámico en el movimiento de los No Alineados, en la gestión del Grupo de los Seis, en el Grupo de Apoyo a Contadora, su posición sobre las cuestiones centrales que preocupan a la humanidad, hacen que para nosotros el intercambio de opiniones que mantendremos resulte sumamente interesante y prometedor.

"También tenemos algo que decir a nuestra contraparte argentina: por fin ha aparecido el contorno del objetivo al cual aspira también la Argentina con tanta perseverancia, que es la proscripción de las pruebas nucleares y la eliminación de los arsenales nucleares.

"Al respecto quiero subrayar que la Argentina ha hecho su aporte considerable al logro de los acuerdos soviético-norteamericanos sobre la temática del desarme nuclear y del cese de las pruebas nucleares al promover acciones tendientes a llevar paz y a brindar apoyo político a las iniciativas soviéticas.

"Con impaciencia aguardo las [illegible] con el presidente Alfonsín y los encuentros con el ministro Caputo.

"Nos alegra la posibilidad de [illegible] Argentina, percibir la vida de su pueblo y expresar los sentimientos de amistad y simpatía que tradicionalmente son propios de los soviéticos.

"Quiero aprovechar esta ocasión para expresar nuestros mejores votos a la población [illegible] la ciudad de Buenos Aires y de paz y felicidad para todos los argentinos."

CLARIN ★ Buenos Aires, jueves 1° de octubre de 1987

partes ilegibles

POCO LEGIBLE

01 | 01

8711535

AB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Sarney viaja a Moscú

PROCEDENCIA : Clarín 2/10/87

ARCHIVADO EN: Brasil (098)

01.01

8711536

URSS

LA MAQUINA EN LA PLAZA ROJA

El viernes pasado Mathías Rust, un ciudadano germano-occidental, aterrizó en la Plaza Roja con una avioneta deportiva ligera. Había burlado el sistema de defensa soviético y la primera reacción fue la destitución del ministro del área, Mariscal Sergei Sokolov y del comandante en jefe de las Fuerzas Aéreas.

El avión, destacó el portavoz de la cancillería soviética, estaba preparado especialmente para la operación, al igual que el piloto. Pero, se preguntó, "¿actuaba solo o estaba relacionado con otros? ¿Se comportó como un delincuente o hay propósitos más serios detrás de todo esto?".

Es demasiado pronto para ensayar un juicio definitivo. Pero la calidad de las medidas tomadas por las autoridades soviéticas revelan la gravedad del hecho, que a simple vista aparece como producto de fallas humanas, negligencia y otras conductas que, en más de una oportunidad, Mijail Gorbachov ha catalogado como enemigas de la "perestroika" y la nueva mentalidad, necesarias para desarrollar plenamente la potencialidad del socialismo.

No puede descartarse, por norma, que montándose en aquellas falencias reconocidas por los soviéticos, estemos ante una provocación en gran escala del imperialismo. Es sugestivo, por lo pronto, que simultáneamente el general cubano Rafael del Pino haya desertado hacia EE.UU. y que todo el barullo haya tapado, en repercusión pública, las trascendentales propuestas de paz del Tratado de Varsovia reunido en Berlín. □



Todavía se investiga cómo llegó la avioneta hasta la Plaza Roja

Que Pasa 4/6/87

URSS

024

01.01

8711543

HR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: URSS. Encuentro Mundial de Periodistas.

PROCEDENCIA: Que Pasa 14/5/87

ARCHIVADO EN: Frentes de Periodistas (032)

01.01

8711544

Rechazo soviético respecto del desarme

LA NACION 24/10/87

MOSCU, 23 (AP).– El secretario general del Partido Comunista soviético, Mikhail Gorbachov, no está satisfecho con las limitaciones ofrecidas por los Estados Unidos al programa de defensa espacial, y declinó fijar una fecha para la reunión con Ronald Reagan. Así lo informó el secretario de Estado, George Shultz.

Shultz agregó que las dos superpotencias tampoco habían logrado dar los ajustes finales a un tratado sobre la eliminación de las armas nucleares de alcance medio, aunque estaban "virtualmente de acuerdo" en los principales aspectos del convenio.

Acerca del futuro de las negociaciones, Shultz indicó que no creía que hubiese razones "para reunirse en este momento". Agregó que Gorbachov le había indicado que no se sentiría "cómodo" en una visita a los Estados Unidos, a menos que la administración de Reagan modificase su postura en torno del sistema de defensa espacial.

Shultz llegó a esta capital con el propósito de concretar los detalles de un pacto de reducción de armas nucleares y para establecer un fecha para la eventual visita de Gorbachov a los Estados Unidos.

Shultz concluyó afirmando que la Casa Blanca no está dispuesta, para lograr la visita de Gorbachov, a "sacrificar la capacidad de los Estados Unidos para seguir con las investigaciones necesarias con las que logra progresos" en la Iniciativa de Defensa Espacial.



Shultz (AP)



Shevardnadze (AFP)

Confianza de Reagan

WASHINGTON, 23 (ANSA).– El presidente Reagan se declaró confiado de poder reunirse con Gorbachov, aunque la fecha de un nuevo encuentro entre ambos no fue anunciada en Moscú. "Los soviéticos dijeron que quieren la reunión y están de acuerdo en efectuarla en este país. Pero hasta ahora –indicó Reagan– no se ha fijado una fecha".

Reagan insistió en que no está dispuesto a tratar acerca de la Iniciativa de Defensa Espacial, para el cual los soviéticos demandan una disminución en el ritmo de las investigaciones.

Moratoria bilateral

MOSCU, 23 (EFE).– Mikhail Gorbachov propuso una moratoria bilateral de ensayos nucleares y en la construcción de armamento nuclear hasta la firma del acuerdo de armas de alcance intermedio.

El secretario general del PCUS propuso, también, paralizar las obras del radar soviético de Krasnodars durante 15 meses si los Estados Unidos hace lo propio con el radar instalado en Groenlandia.

01.01

8711545

La Destitución en URSS de Boris Yeltsin

Victoria de los Anti Perestroika y Glasnot

MOSCU, 12 (EFE). — La destitución de Boris Yeltsin como jefe del Partido Comunista de la URSS (PCUS) en Moscú es valorada en la capital soviética como una victoria para los sectores conservadores del partido aunque su sucesor, Lev Zaikov, esté considerado como un político próximo a Gorbachov y a los reformistas. El cese de Yeltsin, uno de los máximos defensores de la "perestroika" y la "glasnost", y símbolo de integridad y honradez, fue anunciado oficialmente anoche, aunque se esperaba desde hace varios días, después de que presentara su dimisión tras protagonizar un duro enfrentamiento con otros altos dirigentes en el último pleno del Comité Central del PCUS.

Analistas en la capital soviética consideran que la destitución de Yeltsin es una consecuencia de sus diferencias y enfrentamientos con Igor Ligachov, virtual "número dos" del Kremlin y considerado el guardián de la ortodoxia del régimen, y con Victor Chebrikov, jefe del Comité de Seguridad del Estado (KGB).

Fuentes diplomáticas occidentales señalaron también que el relevo fulminante del jefe del partido en Moscú y los términos "violentos" del comunicado en el que se anunció oficialmente, podrían interpretarse como una confirmación de que Boris Yeltsin alcanzó con sus críticas ante el pleno al líder soviético, Mijail Gorbachov.

Según filtraciones recogidas por la prensa occidental sobre la decisiva intervención de Yeltsin ante el pleno del pasado 21 de octubre, el entonces jefe del PCUS en Moscú acusó al "número uno" soviético de un creciente culto a la personalidad, alusión que desconcertó a Gorbachov y motivó que no le defendiera.

Fuentes diplomáticas destacaron el pésimo tratamiento informativo que se ha dado en los medios soviéticos a lo ocurrido en el pleno del día 21 de octubre y también a los términos del comunicado en el que se confirmaba la destitución de Yeltsin, que contrasta con la política de defensa de la "glasnost" o transparencia informativa.

Las mismas fuentes añadieron, a este propósito, que llama la atención la contradicción existente en el comunicado difundido anoche por la televisión y la agencia soviética TASS, en el que se concluye que Yeltsin tuvo una actuación "políticamente errónea", pero se justifica su relevo al frente del PCUS en Moscú por "grandes defectos" en su dirección.

Hasta la sesión plenaria del Comité Central del PCUS del pasado 21 de octubre, Yeltsin no había recibido ninguna crítica oficial sobre su gestión como jefe del partido en Moscú calificada, por otra parte, por los grupos independientes moscovitas de muy acorde con la "perestroika" y la "glasnost"

01.01

8711558

PAGI[illegible] — **EL PAIS** — Jueves

el País 12/11/87

MOSCU: DESTITUYEN A JEFE DEL PARTIDO COMUNISTA TRAS CRITICAR A MIJAIL GORBACHOV

MOSCU, 11 (nota sobre fuentes de AP, EFE y ANSA).– Boris N. Yeitsin, un protegido del dirigente soviético Mijail S. Gorbachov que había criticado el ritmo lento a que avanzaban las reformas propuestas por este, fue destituido hoy de su cargo de jefe del Partido Comunista en la región de Moscú, informó la televisión estatal.



Yeltsin, de 56 años, fue reemplazado por el miembro del Politburó, Lev N. Zaikov.

Yeltsin había ofrecido su renuncia en una reunión del Comité Central del PC el 21 de octubre, en la cual criticó el estilo del dirigente soviético y el ritmo lento de las reformas propuestas por Gorbachov.

La televisión soviética dijo que una reunión celebrada hoy del Comité del Partido en Moscú decidió que Yeltsin había cometido *"serios incumplimientos"* en su trabajo como secretario regional en la capital del país, y lo relevó de sus funciones.

Entre los asistentes a la reunión del Comité del PC de Moscú se encontraba Gorbachov, informó la televisión en su emisión de noticias vespertina "Vremya". El informe dijo que Gorbachov había hablado en la reunión, pero no dio detalles.

Según el informe de la televisión, la reunión del Comité de Moscú aprobó la decisión tomada por el Comité Central del Partido en su reunión de octubre según la cual el discurso de Yeltsin había sido *"políticamente erróneo"*.

Zaikov, de 63 años, es uno de los 13 miembros del Buró político y desempeñó anteriormente el cargo de jefe del partido en Leningrado.

Yeltsin también ocupa un puesto alterno, sin derecho a voto, en el Buró político. Al perder su puesto como jefe del partido en Moscú, queda virtualmente asegurada su destitución del buró político.

Yeltsin, que había estado a cargo del trabajo partidario en Sverdlovsk, *una ciudad industrial de los Urales, fue nombrado* principal jefe del partido en Moscú en diciembre de 1985.

En una reunión con diplomáticos extranjeros el 6 de octubre, Yeltsin dijo que había despedido a 23 de los 33 responsables de distrito de la ciudad a nivel de partido por "actitudes parásitas" y por no sumarse a los llamados de Gorbachov en pro de reformas económicas y sociales.

A pesar de su notorio apoyo a los programas reformistas de Gorbachov, Yeltsin no fue admitido por el Buró político cuando este cuerpo eligió a tres nuevos miembros plenos en junio.

Además de ser miembro pleno del Buró político, Zaikov es miembro del Secretariado del Partido Comunista, el cuerpo que supervisa la conducción diaria de los asuntos del país.

En el comunicado de la reunión de hoy, el Comité Central del partido de Moscú calificó la intervención de Yeltsin como "políticamente errónea" y justificó su cese para "lograr una mayor eficacia en la organización de la dirección política en Moscú".

La inesperada actitud crítica de Yeltsin el pasado 21 de octubre desencadenó la primera crisis interna en el equipo dirigente de Gorbachov, y puso en evidencia la existencia de divergencias en cuanto a los métodos y ritmos de la "Perestroika".

Considerado como un *hombre enérgico y agresivo, dotado* de una mordaz dialéctica y con gran popularidad entre la población de Moscú, Yeltsin era uno de los más estrechos aliados de Gorbachov, quien lo elevó a las más altas cotas del poder soviético desde su anterior puesto en Sverlovsk, la región de los Urales.

Nombrado alcalde de Moscú el 18 de febrero de 1986, Yeltsin se caracterizó muy pronto por las fuertes críticas contra sus predecesores, a quienes acusó de corrupción e incompetencia.

Yeltsin tomó la palabra en el pleno del Comité Central del 21 de octubre para criticar los métodos de trabajo de algunos de sus compañeros del Politburó, a quienes acusó de ser tibios e indolentes en la aplicación práctica de la "Perestroika".

Esa intervención fue rebatida con vehemencia por Igor Ligachoy y por Victor Chebrikov, jefe del KGB (Comité de Seguridad del Estado), que calificaron a Yeltsin de "desertor de la "Perestroika" después de que éste pidiera ser liberado de sus cargos, en una iniciativa sin precedentes en la vida política soviética.

El Kremlin intentó mantener en secreto la existencia de esa grave crisis interna, desencadenada precisamente en vísperas de la llegada a Moscú del secrotario de Estado norteamericano, George Shultz, pero filtraciones periodísticas revelaron la existencia del problema.

Oficialmente se reconoció la crisis el pasado día 31 de octubre, pero Gorbachov se abstuvo de tomar ninguna decisión al respecto, a la espera de que transcurrieran los actos conmemorativos del 70 aniversario de la revolución bolchevique.

En su discurso del pasado día 3, Gorbachov advirtió que no tolerará obstáculos conservadores a la "Perestroika", pero tampoco impaciencias peligrosas, en una alusión que se interpretó que iba dirigida a Yeltsin.

Mientras, Yeltsin apareció normalmente en público en los actos principales de las celebraciones, aunque se daba por seguro en los medios políticos moscovitas que su carrera estaba ya terminada.

Lev Zaikov, de 64 años, miembro de la Secretaria del Partido Comuista de la Unión Soviética desde julio de 1985 entró en el Politburó el 6 de marzo de 1986 al término del 27° Congreso del Partido Comunista de la Unión Soviética. Desde 1983 al 1985 había sido primer secretario del Comité Regional del Partido de Leningrado.

Alcalde de Leningrado desde 1976 a 1983 durante los años 60 había dirigido en establecimiento en Leningrado y de 1971 a 1976 había sido Director de un conjunto científico. En la Secretaría del Partido se ocupa de la industria pesada. Siendo un tecnócrata es de difícil colocación política, aunque sea considerado cercano al secretario general del Partido Comunista, Mijail Gorbachov.

URSS

Yeltsin ya Está "Purgado" e Insisten se Halla muy Enfermo

MOSCU, 15 (ANSA).— El nombre de Boris Yeltsin, ex jefe del Partido Comunista de Moscú, no aparece en la lista de los principales dirigentes partidarios y de las Fuerzas Armadas soviéticas que firmaron la nota necrológica por la muerte del general Valeri Bielikov.

El saludo fúnebre, publicado hoy por "Pravda", lleva las firmas del Secretario general Mijail Gorbachov y de los miembros titulares y suplentes del buró político, incluyendo a la secretaria del PCUS.

Yeltsin, que fue destituido el miércoles último por el Plenum del Comité Central del Partido de Moscú (Gorkom), sigue siendo miembro suplente del buró político, porque durante el Plenum del Comité Central del 21 de octubre, se resolvió postergar la cuestión de su renuncia hasta después del aniversario de la revolución rusa. Fuentes periodísticas insisten en que está delicado de salud.

Yeltsin renunció a su cargo el mes pasado, a raíz de una discusión en el Plenum del Comité Central en la que fue acusado de "perturbar la actividad del Partido" por el jefe de la Policía Política (KGB), Nikolai Chebrikov.

Yeltsin desaparece de la escena política soviética después de que ayer se anunciara su destitución de los cargos administrativos del Soviet de Moscú (Municipalidad). También era miembro del Comité Ejecutivo del Consejo Municipal y Presidente de la Bancada del partido en dicho Consejo. Ayer no estuvo presente en la reunión del Soviet Moscovita.

La salida de escena de Yeltsin ocurre mientras fuentes periodísticas soviéticas admiten que Yeltsin se halle "enfermo" y corren rumores cada vez más insistentes de que se halle muy grave debido a un síncope cardíaco.

EXPLOSION NUCLEAR

Entretanto la Unión Soviética realizó hoy una explosion nuclear con el objetivo de "perfeccionar la tecnología militar", según anunció la "TASS".

La explosión, "con una potencia entre los 20 y los 150 kilotones", tuvo lugar a las 06:30 hora de Moscú

01.01

8711560

URSS

026

Soviéticos optimistas

MOSCU (EFE).- La URSS cree que el acuerdo soviético-estadounidense para eliminar los misiles nucleares de medio y corto alcance se firmará en el momento previsto, y que el documento estará concluido para el próximo 23 de noviembre.

Así lo manifestó Yuli Vorontsov, jefe de la delegación de la URSS en las conversaciones de desarme de Ginebra, en una entrevista concedida a la televisión soviética.

Vorontsov señaló que los trabajos sobre el tratado, un documento de 120 páginas, se encuentran en la fase final y que podría estar concluido para el próximo 23 de noviembre, para ser firmado en el momento previsto, es decir, en la próxima cumbre que mantendrán el Presidente Reagan y Mijail Gorbachov.

El jefe de la delegación negociadora soviética añadió, no obstante, que surgieron dificultades en el último momento, y culpó de las mismas a la parte estadounidense, que sugirió un singular método de eliminar sus misiles de crucero, por el cual las cabezas nucleares, sistemas de dirección y motores del cohete podrían permanecer intactos.

Nosotros señalamos a los negociadores estadounidenses que esto no es serio y que presionaríamos para una destrucción real de estos misiles, agregó Vorontsov.

El jefe de la delegación soviética en Ginebra dio a entender que también persisten diferencias en algunos de los puntos del apartado concerniente a la verificación.

La Manana [illegible]

01.01

026

MONTEVIDEO, VIERNES 20 DE NOVIEMBRE DE 1987

Portavoces desean restarle importancia al hecho

"Caso Yeltsin": asunto incómodo para el Kremlin

El "caso Yeltsin" comienza a presentarse como un asunto incómodo para los portavoces soviéticos, que no ocultan sus deseos de darlo por concluido.

MOSCU (ANSA, EFE, REUTER y UPI).- La enfermedad del ex jefe del Partido Comunista de la URSS (PCUS) en Moscú y el tratamiento informativo que le han dado los portavoces y medios soviéticos acaparó el tiempo reservado para las preguntas en una rueda de prensa regular ofrecida ayer en Moscú por el jefe del departamento de Información del Ministerio de Asuntos Exteriores, Gennady Gerasimov.

Pese a los esfuerzos del citado portavoz por minimizar el caso y la enfermedad de Boris Yeltsin, tuvo que afrontar una lluvia de preguntas sobre este tema.

Gerasimov, que afirmó que la enfermedad del ex jefe del PCUS EN Moscú no es muy grave y que su estancia en el hospital no se prolongará mucho, se esforzó en señalar que lo sucedido es una cuestión interior que no afectará a la política exterior de la URSS y a la próxima cumbre Reagan-Gorbachov.

Interrogado sobre si el caso Yeltsin podría dañar la imagen exterior del máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, el portavoz señaló que esto depende de los periodistas, a los que pidió que ayuden (pamagich).

Gennady Gerasimov, al igual que lo hiciera Gorbachov, señaló, citando a Shakespeare, que la causa de la caída de Yeltsin era la ambición -de la misma manera que Bruto, según el dramaturgo inglés, asesinó a César por ambición-.

Interrogado sobre si Yeltsin pretendia sustituir a Gorbachov, el portavoz señaló: Lo que yo quiero decir es que la ambición es un problema muy antiguo, que hunde sus raíces en la naturaleza humana, y Shakespeare conocia muy bien la condición humana.

Gerasimov, sobre la lección que deben sacar los soviéticos del episodio protagonizado por Yeltsin, afirmó que no siempre las grandes personas están a la altura de lo que se les encomienda.

DOS "GLASNOST"

Interrogado sobre la existencia de dos tipos diferentes de glasnost (transparencia), una de cara al interior y otra dirigida al exterior, a deducir por el distinto tratamiento informativo que se ha dado al caso Yeltsin, Gerasimov eludió dar una respuesta directa.

Usted lo que quiere es encontrar diferencias con una lupa, señaló al periodista que le había formulado la pregunta.

Gerasimov rehusó además explicar las razones por las que la firma de Boris Yeltsin, todavia miembro suplente del decisivo Politburó, no apareció en una nota necrológica firmada por todos los integrantes de la más alta instancia del poder soviético.

CONCLUIR EL ASUNTO

Tras los esfuerzos del jefe del departamento de Prensa del Ministerio Soviético de Asuntos Exteriores por minimizar el alcance y las repercusiones del caso Yeltsin y su empeño en echar balones fuera en los puntos que pueden resultar más ambiguos, los analistas coinciden en destacar el deseo evidente de la dirección soviética por dar por cerrado este asunto.

El nombramiento del ex jefe del PCUS en Moscú para desempeñar un cargo gubernamental de segundo orden, como es el de vicepresidente del comité estatal Deconstrucción, es interpretado también como un signo de tales deseos del Kremlin.

Se destaca asimismo que el anuncio del nuevo cargo de Yeltsin se produjo tras la aparición de insistentes rumores en la capital soviética que aseguraban que el anterior responsable de la capital había muerto.

Tales rumores se ven alentados por la falta de información oficial sobre el estado y paradero de Yeltsin, pues los medios soviéticos, hasta el momento, no han informado sobre su enfermedad y hospitalización.

Se encuentra hospitalizado

Boris Yeltsin está realmente enfermo

MOSCU (EFE).- Boris Yeltsin, ex jefe del Partido Comunista en Moscú, se encuentra hospitalizado debido a una crisis cardíaca que sufrió después de ser descalificado por Gorbachov y sus colaboradores, confirmó ayer un portavoz oficial.

Yuri Gremitskij, portavoz oficial del Ministerio soviético de Asuntos Exteriores, señaló ayer de tarde en rueda de prensa en Moscú que Yeltsin está realmente enfermo y se encuentra hospitalizado desde hace varios días.

El representante soviético negó categóricamente que el ex jefe del PCUS en Moscú y todavía miembro suplente del Politburó (máxima instancia del poder en la Unión Soviética) hubiera intentado suicidarse, como sostienen algunas de las versiones que sobre su desaparición pública circulan por la capital soviética.

Gremitskij afirmó que Boris Yeltsin sufrió una crisis cardíaca, sin especificar cuándo, y que su estado de salud no inspira temor.

Aunque el portavoz no concretó la fecha en la que le sobrevino la crisis cardíaca al antiguo jefe del partido en Moscú, el hecho de que éste no haya asistido el pasado 14 de noviembre a una reunión del Soviet (Parlamento) de la capital soviética hace suponer a los observadores que Yeltsin se puso enfermo después de la sesión del Comité Urbano (Gorkom) del PCUS de Moscú, en la que fue cesado.

01.01

8711577

La Habana 24/11/87

Vigente en URSS desde hace 30 años

Reformarán sistema de precios

MOSCU (EFE).- El sistema actual de precios, vigente desde hace treinta años, será reformado antes de 1991 para eliminar en parte los subsidios estatales y dinamizar la economía soviética, afirmó ayer Valentín Pablov, presidente del Comité de Precios de la URSS.

La política de precios sostenida hasta la fecha resulta ya caduca, descompensa la balanza de costos y precios y frena el desarrollo económico de la URSS, subrayó Valentín Pablov.

Una de las principales medidas a tomar -añadió- es la eliminación de los subsidios estatales a todas las empresas agrícolas cuya producción compra el gobierno soviético hasta dos veces por encima de su costo real.

El Presidente del Comité de Precios comentó que, según las estadísticas, los subsidios estatales ocupan una quinta parte en el presupuesto global del Gobierno soviético.

En opinión de Valentín Pablov, la reforma del sistema de precios no repercutirá de manera negativa en el nivel de vida de la población soviética, ni supondrá un incremento en el presupuesto gubernamental.

01.01

La Mañana
MONTEVIDEO, SABADO 14 DE NOVIEMBRE DE 1987

Malestar por falta de información oficial

Niegan permiso para una manifestación en Moscú

MOSCU (EFE).- Las autoridades municipales de Moscú negaron el permiso para una manifestación solicitada para el próximo lunes en protesta por la falta de glasnot (transparencia) sobre la caída política de Boris Yeltsin, informaron fuentes del colectivo organizador de la marcha.

Fuentes del Club de Iniciativa Social, organización marginal soviética creada al amparo de la perestroika (reestructuración), dijeron ayer que el permiso fue denegado sin mayores explicaciones.

La manifestación, que debía de recorrer céntricas calles de Moscú para protestar por la falta de información oficial sobre las circunstancias de la desaparición de Yeltsin al frente del partido comunista en Moscú, puede realizarse aún sin el permiso correspondiente, añadieron las fuentes.

El Club de Iniciativa Social, una de las numerosas organizaciones de base que pretenden liberalizar la vida cultural de la capital soviética, presentó la petición el día 8, pero fue denegada por el pleno del Comité Central de Moscú del pasado miércoles.

En esa reunión plenaria se decidió aceptar la dimisión de Yeltsin como jefe del Partido Comunista de Moscú, a la vez que se nombró en su lugar a Lev Zaikov.

Yeltsin presentó su dimisión el pasado 21 de octubre, después de expresar críticas contra otros dirigentes soviéticos, a los que consideraba culpables de falta de energía en la aplicación de las reformas.

La situación creada por la actitud de Yeltsin forzó al máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, a condenar la actitud de su colaborador, quien expresó su arrepentimiento por la crisis que originó.

URSS acordó con EE.UU. programa para adiestramiento empresarial

MOSCU. — La Unión Soviética acordó con Estados Unidos un programa de entrenamiento para sus estudiantes de administración de empresas y gerentes en ejercicio, dejándolo bajo la responsabilidad del servicio de informaciones de EE.UU. y se buscan acuerdos similares con Alemania Federal.

Al mismo tiempo, estableció a través de la comisión central del Partido Comunista la obligación de estudiantes y gerentes de viajar al exterior para estos cursos e indicó la necesidad de elaborar un programa de clases magistrales en las escuelas de comercio de la URSS. Estas serán impartidas por expertos invitados de occidente: especialistas en finanzas internacionales, comercio y comercio exterior.

Estas resoluciones del Comité Central del PCUS fueron refrendadas por un decreto del Consejo de Ministros de la URSS.

La "reforma económica radical" que trata de imponer la perestroika implica independizar a los administradores de las indicaciones de la planificación central para decidir por sí solos cuestiones como metas de producción, selección de proveedores, determinación de inversiones, responsabilidad directa ante los programas de financiación que se adopten y fijación de precios. El criterio básico de la reforma administrativa y económica es que los administradores pasen a ser responsables directos de las pérdidas y ganancias que se produzcan.

Un profesor de una universidad norteamericana involucrado en este programa de intercambio, Thomas H. Naylor, de la Escuela de Comercio de Fuqua, sostuvo que "la total falta de experiencia de los administradores soviéticos en cuanto a programación y administración descentralizada y orientada por el mercado, es, sin duda, el principal obstáculo práctico del programa de reformas de (Mijail) Gorbachov".

Hasta ahora, la tarea del servicio de informaciones de EE.UU. el USIS, era habitual objeto de denuncias por "infiltración ideológica" en la propaganda antinorteamericana de los soviéticos. "Desde el punto de vista ideológico, nosotros ya no rechazamos los importantes intercambios de informaciones y de estudiantes", dijo el director del Instituto de Economía de Moscú, Leonid Abalkin, en comentario al programa de intercambio encomendado al USIS.

Las estimaciones soviéticas indican que el costo de capacitación de cada candidato soviético —seleccionado de acuerdo a un criterio no especificado— rondará los 60.000 dólares.

Alemania Federal se prepara, al mismo tiempo, para ser el principal interlocutor en el intercambio soviético con Europa occidental y se está alistando ya un programa para colocar administradores soviéticos en las divisiones de capacitación de sus multinacionales.

Los altos costos del programa se están constituyendo actualmente en un freno del ambicioso programa, pero el gobierno de Bonn se mostró dispuesto a superarlo, abriendo la posibilidad de una financiación conjunta "pues es de interés de Occidente alentar la modernización de la URSS".

01.01

8711605

Montevideo, martes 17 de noviembre de 1987

EL MUNDO

Insólito ataque lanzó "Pravda" contra reformas de Gorbachov



Mijail Gorbachov

MOSCU. — El diario "Pravda", órgano oficial del Partido Comunista de la Unión Soviética, lanzó ayer un insólito y duro ataque contra las reformas liberalizantes que impulsa el líder Mijail Gorbachov en las estructuras políticas y económicas del país.

El artículo, publicado por el diario más leído en la Unión Soviética y que es el medio difusor de la cúspide del partido, criticó muchos de los puntos que promueve Gorbachov, incluyendo el de múltiples candidatos para un mismo cargo y la elección libre de administradores para las fábricas.

Pravda sostuvo que bajo las reformas de apertura (glasnost) de Gorbachov "la democracia es sustituida por la indolencia, la anarquía y el caos". Agregó que "la gente abusando de sus derechos constitucionales."

El artículo de media página en una edición de ocho reiteró los derechos del Partido Comunista de la URSS a controlar la sociedad soviética y acuso a personas que no identificó de aprovechar el programa de reformas para minar la autoridad del partido.

"Jugar a la democracia puede resultar en una catástrofe," afirmó el artículo, que estuvo firmado por Yuri Makhrin.

Un artículo de esa naturaleza sólo puede aparecer publicado en "Pravda" si es aprobado por los rangos jerárquicos del PC y refleja el punto de vista, por lo menos, de alguno de los máximos jerarcas del país.

La presentación de múltiples candidatos para un mismo cargo en las elecciones regionales, idea que ha impulsado Gorbachov, fue ridiculizada por el artículo como "una maratón de muchos meses, similar a los espectáculos de Occidente".

El diario acusó a los obreros de elegir como administradores a los peores trabajadores, de modo que les garantizaran no tener que trabajar duro, y advirtió que de esa manera los "demagogos y oportunistas" tienen la posibilidad de llegar al poder.

El artículo dijo también que alguna gente se está tomando muy al extremo la glasnost, la política de apertura de Gorbachov, para impedir que el Partido Comunista participe en la selección de los dirigentes de fábricas.

Gorbachov ha señalado la elección de los administradores de las fábricas como un ejemplo de las reformas y la "nueva democracia", que considera necesarias para impedir que se agrave la economía soviética.

Pero el artículo dejó en claro que el Partido Comunista no ha abandonado su costumbre de "recomendar" a los candidatos que después son aprobados por unanimidad por los electores, que no votan a voluntad y criterio propio.

"El Partido Comunista de la Unión Soviética es un partido dirigente", dijo el artículo de "Pravda". "Su papel directivo está establecido por la Constitución. Ese es el motivo por el cual los comités partidarios tienen el derecho de expresar abiertamente su opinión para la recomendación de las personas que considera convenientes para éste o aquél cargo".

El artículo reafirmó también la jerarquía del partido, advirtiendo que las órdenes emitidas desde arriba no pueden ser ignoradas bajo "la pancarta de la democratización" de las organizaciones locales.

Yeltsin

El destituido ex jefe del partido en Moscú, Boris Yeltsin, no sufrió un infarto, afirmó entre tanto Ivan Laptiev, director del diario partidario "Izvestia" y miembro del Soviet Supremo. Dijo que la salud de Yeltsin se vio afectada por la destitución del antiguo protegido de Gorbachov por serios errores en su cargo. Por ese motivo, Yeltsin se internó en un hospital para un "período de reposo", agregó Laptiev.

01.01

8711608

18

JRS

026

Protestan falta de información sobre paradero de Yeltsin

Moscú: disuelven manifestación

MOSCU (EFE).- Fuerzas del orden disolvieron ayer una manifestación organizada en el centro de Moscú para protestar por la falta de información sobre la dimisión de Boris Yeltsin al frente del Partido Comunista en la capital y para reclamar datos sobre su actual paradero.

Unos 150 manifestantes de los grupos de iniciativa social se congregaron ayer de tarde en las cercanías del metro Prosoyuznain de Moscú, pero milicianos de las fuerzas de seguridad obligaron a disolver el encuentro.

Entre los manifestantes, miembros de diversas organizaciones informales constituidas con fines culturales en los últimos meses, se difundió el rumor de que Yeltsin se ha suicidado como consecuencia de una crisis psicológica originada por su dimisión.

Otros rumores sin confirmación, difundidos en las últimas horas en Moscú, afirman que Yeltsin se encuentra hospitalizado a causa de una depresión nerviosa, mientras resulta imposible obtener información a través de fuentes oficiales.

Yeltsin, que perdió el pasado jueves su puesto de jefe del Partido Comunista de Moscú, no asistió el sábado a una reunión del Consejo Parlamentario de la capital soviética, circunstancia que contribuyó a aumentar las conjeturas sobre su actual situación.

GRAVE CRISIS

Boris Yeltsin, de 56 años, originó una grave crisis política en el seno del equipo dirigente soviético al criticar el pasado 21 de octobre el estilo de dirección de varios de sus compañeros del Politburó, a quienes acusó de falta de iniciativa en la aplicación de las medidas reformistas

El máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, descalificó públicamente a Yeltsin y le acusó de ser un político ambicicso y carente de ética, a la vez que se decidió aceptar su dimisión del cargo de jefe del Partido en Moscú.

Yeltsin, hasta entonces uno de los mas estrechos colaboradores de Gorbachov, conserva todavía sus puestos como suplente del Politburó (máximo organo de poder en la URSS) y como miembro del Comité Central del Partido Comunista de la URSS.

Por otra parte el director del órgano del gobierno soviético Izvestia, *Iwan Laptiev*, desmintió ayer los rumores de que Boris Jeltsin.

Laptiev, que se encuentra en la ciudad austriaca de Innsbruck, explicó en una conferencia de prensa que la salud de Jeltsin se ha resentido como consecuencia de los últimos acoatecimientos políticos, y que ha ingresado en un hospital para descansar.

El pasado jueves, Jeltsin abandonó durante unas horas la clínica para asistir a una reunión de la Dirección del PCUS de Moscú, afirmó Laptiev.

El periodista describió a Jeltsin como una persona abierta, honrada y sensible, muy vinculada a nuestra causa, pero que quería resultados de la 'perestroika' (reforma) muy rápidos, y para elio ha utilizado medios antidemocráticos que nosotros no queremos.

Opinó que no se puede excluir un regreso de Jeltsin a la escena política soviética, y que es muy probable que en el futuro vuelva a ocupar un cargo importante.

Agregó que serán necesarios al menos dos años para que se vean los resultados de las reformas soviéticas, y que el desarrollo de la democracia será discutido públicamente.

LA MAÑANA 17/11/87

01.01

8711613

H3

024

Montevideo, viernes 20 de noviembre de 1987

La campaña reformista de Gorbachov continuará pese al "caso Yeltsin"

MOSCU. — Un funcionario soviético negó ayer que el desplazamiento del ex jefe del Partido Comunista de la ciudad de Moscú, Boris Yeltsin, vaya a afectar la campaña reformista del líder del Kremlin, Mijail Gorbachov.

Yevgeny Primakov, director del Instituto Soviético de Economía Mundial, recomendó que se ponga fin a las conjeturas en contrario.

El funcionario formuló sus apreciaciones durante un debate transmitido en directo por televisión entre miembros del Soviet Supremo (Parlamento) y del Congreso de Estados Unidos.

"Yeltsin fue desplazado por no estar a la altura de sus tareas como primer secretario del Comité del Partido Comunista de Moscú", explicó Primakov cuando se le preguntó si el cambio implicaba el fin o una limitación del empeño reformista en que está embarcado Gorbachov.

Agregó que "el hecho de que haya recibido una designación para un cargo tan alto debe servir para poner fin a las conjeturas acerca de esta cuestión".

Las autoridades soviéticas anunciaron que Yeltsin, de 56 años de edad, quien se hallaba hospitalizado con problemas cardíacos desde su desplazamiento dispuesto la semana pasada, había sido nombrado primer vicepresidente del Comité Estatal de Construcción con rango ministerial.

La designación, si bien implica un considerable retroceso para Yeltsin, es, sin embargo, considerada respetable para un hombre que parecía haber caído políticamente en desgracia después de ser criticado públicamente por Gorbachov y otros dirigentes del partido.

El tema oficial del debate televisado, tercero y último de una serie protagonizada por legisladores de las dos superpotencias, era el de los conflictos regionales, pero los primeros minutos fueron dominados por la situación de Yeltsin.

Otro de los que participaron en la discusión, el cosmonauta soviético Alexei Yeliseyev, indicó que las nuevas funciones de Yeltsin le permitirán aplicar sus conocimientos técnicos, adquiridos en la ciudad de Sverdlovsk, en los Urales, antes de trasladarse a Moscú.

EL DIA

113

026

EN DRAMATICA PUGNA

La publicación en "Pravda", diario oficial del Partido Comunista de la URSS de un largo artículo de tono muy duro contra las reformas liberalizantes impulsadas por el líder soviético, Mijail Gorbachov, indica que en estos momentos se está librando una dramática pugna en la cúpula del poder

El ataque, que no menciona a Gorbachov por su nombre, pero que es muy claro respecto a sus objetivos, está destinado a frenar todos los intentos de democratización, tanto en la esfera partidaria como en las fábricas y las empresas.

Para el articulista de "Pravda", Yuri Malchrin, visiblemente un vocero del poderoso grupo conservador en el Kremlin, la "glasnost" ha llevado a que "la democracia sea sustituida por la anarquía, la indolencia y el caos", y que "la gente abuse de sus derechos constitucionales".

Es notorio que el ataque a todas las reformas constituye un intento de las altas jerarquías del Partido Comunista de detener un proceso cuya dinámica podría llevar a que pierdan sus privilegios y su uso discrecional del poder.

Tanto Jruschov como Kosygin, intentaron introducir cambios substanciales en el funcionamiento de la economía soviética y tropezaron con el obstruccionismo de la burocracia. Ahora Gorbachov intentó algo más profundo y más amplio que sus antecesores. ¿Logrará sobrevivir políticamente para lograrlo?

01.01

8711619.

[illegible]

NUEVA YORK, 19 (ANSA). — La Unión Soviética no se limita a importar grano de los Estados Unidos: un avión cargado con biblias norteamericanas llegará a Moscú a principios de año próximo.

Las autoridades soviéticas autorizaron la importación de cien mil biblias por parte del Concilio Evangélico.

Cristiano-Bautista, que tiene asiento en Moscú. Se trata de una donación de la United Bible Societies (UBS) en ocasión del milenio de la introducción del cristianismo en Rusia.

EL PAIS 20/11/87

01.01

8711628

URSS

Gorbachov Pide Nueva Actitud del PC Para Segunda Etapa de Reformas

MOSCU, 21 (EFE y ANSA) — El líder soviético Mijail Gorbachov, pidió al Partido Comunista de la URSS (PCUS) que propicie el paso adelante que debe afrontarse en la segunda etapa de la "perestroika".

En un discurso pronunciado ante los miembros del Secretariado del Partido, los jefes de los departamentos del Comité Central, representantes del aparato y miembros del Comité de Control, Gorbachov afirmó que el PCUS debe adoptar una nueva actitud y nuevas aproximaciones a los problemas, para ejecutar la segunda, "difícil y compleja" etapa de las reformas.

La intervención del "número uno" del Kremlin y su llamamiento a impulsar la "perestroika" realizado ante los responsables de la organización del Partido, es interpretado por los analistas en Moscú como una consecuencia de la crisis desatada por Boris Yeltsin, que pidió su dimisión tras admitir que no podía realizar las reformas en Moscú debido a las grandes dificultades existentes.

Gorbachov, que volvió a atacar la actuación de Yeltsin, afirmó, no obstante, que debía señalar "con pesar" que los cuerpos elegidos del Partido no han podido desembarazarse de "la inercia, el conservadurismo y de una sobreorganización".

"En tanto que no cambiemos, nos encontraremos con situaciones como la expuesta en el pleno del Comité Urbano del PCUS, en el que se trató sobre los métodos y estilo de trabajo del camarada Yeltsin", añadió.

Tales palabras del "Número uno" soviético son interpretadas por los observadores como una velada inculpación a los sectores conservadores del Partido en Moscú de la actuación y crisis de Boris Yeltsin, considerado un decidido defensor de la "perestroika".

"No podemos estar satisfechos hoy con el nivel de actividad existente en las filas del Partido, en los cuerpos y cuadros del Partido. Podemos ver que hay cierto desfase y algunas contradicciones entre las demandas de la vida y el nivel de trabajo del PCUS", señaló Gorbachov.

El "número uno" del Kremlin, afirmó también que para que la segunda etapa de la "perestroika" que comienza ahora, caracterizada, según sus palabras, por una democratización de la vida social y la realización de reformas económicas radicales, salga adelante, el Partido debe jugar un papel preponderante y centrarse en las organizaciones de base.

En este contexto, añadió que es necesario ayudar a la gente a comprender las exigencias de la nueva etapa y también apartar a aquéllos que "no aceptan el nuevo pensamiento, rechazan la democratización y los nuevos mecanismos económicos".

El líder soviético subrayó la necesidad de profundizar en la democratización, para poder realizar los cambios económicos, pues "hemos incurrido en muchas pérdidas debido a que nuestras reformas en el pasado no fueron respaldadas con cambios políticos en términos de democratización de la sociedad".

Gorbachov, que destacó que deben celebrarse "discusiones calientes" en las reuniones para informar sobre la marcha del trabajo, respaldó también decididamente un papel preponderante para los medios informativos en las reformas y en la democratización.

Según el secretario general del PCUS, el trabajo de los periodistas soviéticos "debe permanecer en un alto nivel, como en la primera etapa de la "perestroika", aunque añadió que en la nueva etapa su trabajo deber ser "más competente, más serio y analítico", y los dirigentes deben mantener más contacto con los medios informativos.

Con su discurso ante los responsables de la organización y control del Partido, pocos días después de que se desencadenaba la primera crisis interna grave de la "perestroika", Gorbachov pretenció dejar claro que las reformas proseguirán con el ritmo previsto, pese a las resistencias de los sectores más conservadores, opinan los analistas.

La conferencia del Comité Central en la que Gorbachov habló de la segunda fase de la "perestroika" habría tenido lugar el 17 de noviembre, según informó oficialmente la TV soviética.

Como es sabido este tipo de reuniones no suele anunciarse previamente, pero llama la atención que se haya dado una síntesis de la conferencia solo ayer. Probablemente se decidió dar a conocer el contenido de los trabajos de la conferencia ayer y no en el día en que se celebró la conferencia del Comité Central.

Mientras tanto una planta industrial para la producción de cuerda de acero para neumáticos, fue entregada hoy por personalidades de Italia y Austria en Shlobin, República Soviética de Bielorrusia.

Soviéticos no desean otro Chernobyl

URSS: refuerzan todos los reactores nucleares

FRANCFORT (RFA) (EFE).- Después de la catástrofe nuclear de Chernobyl, la URSS emprendió el reforzamiento de la seguridad en todas sus centrales nucleares, declaró el jefe de la comisión investigadora de Chernobyl, Valeri Legassov, a la publicación ecologista alemana Chancen.

En una entrevista con Legasov que Chancen publica en su edición de diciembre, el experto soviético precisó que la URSS destina de tres a cinco millones de dólares a las obras adicionales de protección en cada una de las centrales.

Todos los reactores que se construyen a partir de ahora van equipados con containments (cubiertas de protección).

Legasov reconoció que ese tipo de containments no son posibles en los reactores del tipo del Chernobyl, pero dijo que en esas instalaciones todas las partes potencialmente peligrosas son recubiertas con paredes de cemento armado.

En cuanto a los veintiocho reactores del tipo Nowo-Woronesch, que los expertos internacionales consideran como especialmente peligrosos, el director de la investigación sobre Chernobyl admitió que constituyen un problema, pero que un ejército de técnicos está buscando el modo de dotar a esas instalaciones de la máxima seguridad posible.

Legasov confirmó que hay en la URSS movimientos ecologistas antinucleares que en varios casos, como en las ciudades de Minsk y de Odessa, lograron impedir con sus acciones de protesta la construcción de centrales nucleares.

La Mañana 23/11/87

01.01

8711634

URSS

026

Montevideo, jueves 12 de noviembre de 1987 — EL MUNDO

Golpe para la "perestroika": cesan a Yetsin, jefe del Partido en Moscú

MOSCU. — El jefe del Partido Comunista en Moscú, Boris Yeltsin, que criticó recientemente a Mijail Gorbachov por el lento ritmo de la política de reestructuración, fue destituido ayer debido a "serios fracasos en su liderazgo", informó la televisión soviética.

Yeltsin, de 56 años, que fue traído a Moscú por Gorbachov, y había sido aliado de la política de reestructuración de Gorbachov, fue inmediatamente reemplazado por Lev Zaikov, miembro del gobernante Politburó, dijo la televisión.

En un comunicado de tres líneas que no mencionó a Yeltsin, la agencia noticiosa oficial "Tass" anunció que Zaikov había sido nombrado como nuevo jefe del Partido Comunista en Moscú.

La televisión soviética "Vremya" comenzó su programa vespertino anunciando que Yeltsin "fue destituido de su cargo debido a serios fracasos en su liderazgo".

Su destitución resuelve una crisis que comenzó cuando Yeltsin criticó el lento ritmo de la "perestroika" (política de reestructuración) en el pleno del Comité Central, el 21 de octubre.

Después que fue criticado en el pleno del Comité Central, Yeltsin —según se informó— se retractó y ofreció renunciar. La renuncia fue de conocimiento público solamente en la primera semana de noviembre, poco después de la celebración, el sábado, del septuagésimo aniversario de la revolución comunista.

Error político

"El pleno del partido de la ciudad (Partido Comunista) aprobó la decisión del pleno del Comité Central, que calificó de error político el discurso (del 21 de octubre) de Yeltsin", dijo la televisión.

"El Comité Central lo destituyó de su cargo de primer secretario del comité del partido de la ciudad debido a serios errores en su liderazgo de la organización del partido de Moscú".

A pesar de que Yeltsin abandonó a Gorbachov antes de las celebraciones de la revolución del 7 de noviembre, el enigmático Yeltsin estuvo junto a los principales dirigentes en lo alto del mausoleo a Lenin en la festividad de gala.

Lev Zaikov, de 64 años, nombrado que sustituye a Boris Yeltsin, es uno de los hombres más poderosos de la dirección soviética, pues es miembro titular del Politburó y del secretariado del partido.

Toda la carrera política de Zaikov está ligada a Leningrado, la segunda ciudad en importancia de la URSS, en la que fue nombrado jefe del Partido en 1985, tras la destitución del que fuera considerado el principal rival de Mijail Gorbachov, Grigori Romanov.

El nuevo jefe del PCUS en Moscú, uno de los protegidos de Yuri Andropov, protagonizó una ascenso meteórico tras la llegada de Gorbachov al poder, quien le catapultó hasta los máximos órganos del poder soviético.

De origen ruso, Lev Zaikov se graduó como ingeniero, y durante muchos años estuvo ligado a la industria soviética. Desde 1957 es miembro del Partido Comunista de la URSS, y del Comité Central desde 1981.

Dificultades

Las resistencias a la "perestroika" fueron denunciadas ayer en un artículo de fondo de "Pravda". "No se puede dejar de notar, escribe el órgano del PCUS, que en varias ciudades, distritos, regiones e incluso repúblicas, la perestroika, aún no tuvo un impulso real".

El diario comunista alude a "la ausencia de iniciativa, la desidia política y organizativa de los órganos del partido".

Para "Pravda", es evidente "la intensificación de la resistencia a la perestroika por parte de las fuerzas conservadoras que ven en ella una amenaza contra sus intereses egoístas, sin hablar de la gran dificultad con la que ciertos funcionarios, incluidos algunos que cumplen cargos de responsabilidad, se mantienen en la prisión del formalismo y los reglamentos burocráticos que frenan el progreso".

El temor de quienes se preguntan "¿Y si pasa algo?, anida en la conciencia de muchas personas", se lamenta "Pravda". El diario observa que precisamente en ese momento es cuando "se hace evidente el problema de la cultura de la democracia socialista que todas las organizaciones del partido y todos los cuadros deben adoptar como propia".

Prostitución

La televisión soviética pidió librar una "encarnizada" lucha contra la prostitución en la Unión Soviética (URSS), una plaga que considera "incompatible" con la existencia de una sociedad socialista.

En una emisión de una hora consagrada al 70° aniversario de la creación de la milicia (policía uniformada), la TV difundió una larga secuencia sobre las prostitutas de Sotchi —una estación balnearia del Mar Negro— en compañía de extranjeros.

Es excepcional que los medios de difusión se refieran a la prostitución en la URSS, un tema que sin embargo ya no es tabú desde hace varios meses e inclusive dio lugar, en la federación de Rusia, a la adopción —el 29 de mayo pasado— de una primera ley sobre la represión de ese fenómeno. Hasta ahora el código penal sólo reprimía la incitación a la prostitución de los menores.

La televisión denunció también los robos en las iglesias, que alcanzaron la friolera de unos 600.000 rublos (cerca de un millón de dólares) en 15 regiones de la federación de Rusia, en el transcurso de un período no especificado.

URSS

Moscú: cesan a 60.000 gerentes

MOSCU. — Los ministerios de industrias controlados por el Estado planean despedir a 60.000 gerentes y personal administrativo dentro de los próximos dos años como parte de la campaña de reforma económica del líder soviético Mijail Gorbachov, dijo ayer un periódico industrial. El "Industria Socialista" (Sotsialisticheskaya Industriya) afirmó que los despidos, que deberán ser completados en 1990, alcanzarán al 50% de las personas que actualmente están empleadas en dos docenas de ministerios.

El periódico dijo que 18 millones de personas, o el 15% de todos los recursos laborales del país están en posiciones de gerencia —con algunas industrias que tienen un gerente por cada seis trabajadores.

"Hacia 1990 todos los ministerios industriales reducirán sus gerentes y equipo administrativo en un 50%. Alrededor de 60.000 personas dejarán sus lugares regulares de trabajo", especificó el periódico.

El ministro de Finanzas, Boris Gostev, dijo que el 13% de todas las empresas controladas por el Estado tienen pérdidas y se enfrentan a posibles cierres de acuerdo a las reformas. Su deuda colectiva alcanzaba los 38 mil millones de rublos (60 mil millones de dólares) al 1° de junio de este año.

En un avance de las cosas que vendrán, el periódico expresó que 600 miembros del cuerpo administrativo, en su gran mayoría gerentes, fueron despedidos recientemente cuando se fusionaron dos ministerios.

El ministerio de construcción de maquinaria energética se combinó con el ministerio de construcción de máquinas pesadas para formar una sola entidad. Una comisión establecida por los dos ministerios hizo una revisión caso por caso antes de decidir quienes serían despedidos.

En un país en donde oficialmente no existe el desempleo y los despidos son extremadamente raros, el periódico dijo que las reacciones de los despedidos variaron pero no bordearon al histerismo que creara despidos similares en el Ministerio de Comercio Exterior, cuando a comienzos de este año se llevó a cabo una reorganización masiva.

13/11/87

01.01

8711639

EL VERDADERO SIGNIFICADO DEL ACUERDO PESQUERO

Desde que se conociera la existencia del Acuerdo de Pesca Uruguayo-Soviético, salieron a la luz pública diversas reacciones de medios políticos, jurídicos, sindicales y de la comunicación. Estos sectores presentaron diversas objeciones, ya sea de índole jurídica (como es el caso del Dr. *Eduardo Jiménez de Aréchaga*) o *relativas a la soberanía* nacional (como es el caso del senador Luis A. Lacalle), por citar a dos de las personalidades nacionales que se refirieron en términos críticos al mismo. Sin embargo entendemos oportuno incursionar a través de este análisis, en un enfoque que si bien contempla estos aspectos señalados —violaciones de normas jurídicas, afectación de la soberanía marítima, perjuicios económicos para el trabajador de pesca uruguayo, etc.— apunta a consideraciones de carácter estratégico y global, que finalmente son los que provocan la creciente presencia soviética en el Cono Sur y en nuestro país en particular.

UN ENFOQUE ESTRATEGICO

Como punto de partida debemos tener en cuenta el hecho de que los organismos estatales soviéticos y de otros países del llamado "campo socialista", son —antes que nada y sobre todo— instrumentos de una política que en el plano exterior apunta hacia una dominación global. Dentro de este contexto, el dominio de los mares y las rutas marítimas ha adquirido una preponderancia fundamental.

La creciente presencia soviético-cubana en la zona del Cono Sur y del Atlántico Sur se debe no sólo a consideraciones que tienen en cuenta los recursos naturales y humanos de estos países, sino también a su posición única con respecto a las rutas marítimas que unen —en el caso de Uruguay y Argentina— los océanos Atlántico y Pacífico.

En el Cono Sur, la URSS está tratando de "neutralizar" la posición "pro-occidental" de los países del área, "agrietando" las relaciones de los EE.UU. y creando, como contrapartida, paulatinas formas de dependencia política, diplomática, económica y aun militar con la URSS y sus Estados vasallos. Estos medios no se anteponen, sino que se complementan con la ayuda que la URSS y Cuba dan a los movimientos revolucionarios de la región.

Otro ángulo del problema —rompiendo con una óptica provincial— es el de recalcar nuestra inserción en el conjunto de la situación. Estamos inmersos en un conflicto global ideológico y con implicaciones en todos los campos, punto que reconociera con extrema lucidez el propio presidente de la República Dr. Julio M. Sanguinetti, durante una alocución que ofreciera en la Asociación Cristiana de Dirigentes de Empresa, el año pasado.

Este conflicto global se traslada y encuentra en el Pacífico su zona más importante hacia fines de este siglo. Diversas son las consideraciones que sostienen tal afirmación; pero solamente expondremos que si al incremento militar soviético en la zona (buscando debilitar la alianza EE.UU.-Japón-Corea) lo vinculamos con la presión que ejercen en otras zonas más vitales para los Estados Unidos en lo inmediato, como es el caso de Centroamérica, ello puede finalmente conducir a debilitar los flancos, o sea Asia y Europa.

La región del Cono Sur se muestra como una región del globo desconocida para la gran masa de la opinión pública norteamericana, más dispuesta a ser sensible con aquellos acontecimientos que parecen afectarle de cerca, pero poco conmovible —aun estando valores fundamentales en juego— por acontecimientos más lejanos. No diremos que esto por sí solo explica el fenómeno de la inoperancia de la diplomacia de EE.UU. en la región, puesto que sin duda los errores del pasado han creado un antecedente propicio para no encontrar muchas veces sino dificultades; pero sí la condicionan altamente. Esto, por supuesto, da mayor margen a los soviéticos dentro de una "guerra de maniobras" y "posiciones", enfoque rescatado actualmente por los comunistas que siguen al ideólogo marxista italiano Antonio Gramsci, enfoque que se convierte paulatinamente en una nueva justificación del totalitarismo.

Países como Argentina y Uruguay, debido a las características históricas, culturales y estructuras nacionales los hacen más "viables", comparados con los países de Centroamérica o de otros "eslabones débiles de la cadena de dominación imperialista", cuyas economías están destinadas —como en el caso de Cuba— a estar subvencionadas por la URSS a un costo altísimo que puede llegar a hacerse insoportable para el imperio soviético.

Otro punto a tener en cuenta es que desde que el actual líder M. Gorbachov asumiera la conducción del Partido Comunista de la Unión Soviética, fue ostensible una ofensiva diplomática acompasada con una similar cubana en la región, ofensiva para la que coadyuvó un transitorio "giro a la izquierda" que surgió luego de la retirada de los gobiernos militares de América Latina.

LAS IMPLICACIONES PARA LA SEGURIDAD DEL SISTEMA DEMOCRATICA

Dos aspectos son de gran relevancia: 1o.) el que los organismos oficiales soviéticas son siempre instrumentos de su política expansionista, y que ésta busca finalmente la absorción del mundo libre, al cual nuestro país pertenece por vocación y principios; y 2o.) que los distintos acuerdos diplomáticos, culturales, económicos, etc., no impiden el apoyo soviético a los movimientos revolucionarios, que a través de diversas formas de lucha desestabilizan las florecientes democracias de la región. El mundo libre tendría que haber aprendido que para los comunistas es moralmente válido no cumplir con los compromisos contraídos.

Como ha sido tradicional, todos los organismos soviéticos que intervienen en el tratado, como Sobryflot y Aeroflot, desarrollarán actividades de inteligencia militar y económica, que si bien quizás no afecten al Uruguay en lo inmediato, lo harán a través del hecho de que debilitan al mundo libre del cual formamos parte. Facilitará también, por intermedio de esos "espacios" cedidos, mejores bases de apoyo a los "movimientos revolucionarios" del Uruguay y la región, con lo que se da la paradoja de que mientras por un lado se hablaba de terminar con el "aparato represivo", por otro —simultáneamente— se apunta a incrementar las labores de inteligencia de una potencia imperialista. ¿Quién duda que dentro de una estrategia de dominación una cosa se relaciona con la otra?

Si analizamos los antecedentes vemos que no sólo en 1986 los pesqueros cubanos dejaron armas a los guerrilleros marxistas chilenos, sino que en 1970 buques soviéticos descargaron armas para el Partido Comunista del Uruguay en nuestras costas. Por otra parte Aeroflot es uno de los organismos oficiales soviéticos que tiene mayor índice de expulsiones de miembros en países del mundo libre, por actividades de espionaje. El traslado de agentes de la KGB antes de la invasión de agosto de 1968; el traslado de tropas de asalto en diciembre de 1979 a Kabul antes de la invasión a Afganistán; las actividades de espionaje de sus mandos en España e Italia, todo ha sido realizado por Aeroflot, la que gracias al Tratado comenzará a operar formalmente —ya lo hace de hecho— en territorio nacional.

En 1986, el vice-ministro de Relaciones Exteriores de la URSS Víctor Komplektov declara a la agencia Novosti:

"Es igualmente grande nuestro interés por los países latinoamericanos, sobre todo a la luz de los sustanciales cambios que en ellos se han operado en los últimos años. Al mismo tiempo no disimulamos nuestra solidaridad con las fuerzas que luchan por las transformaciones democráticas, ni nuestra identificación con todo cuanto favorece los intereses de los pueblos latinoamericanos".

Komplektov nos dice claramente lo que ya habíamos advertido, que no es sólo compatible sino que es una orientación oficial de la URSS: combinar los acuerdos diplomáticos con otras naciones, con el apoyo a las "fuerzas que luchan por las transformaciones..." en esos países.

Podemos ver, entonces, que la presencia soviético-cubana —lejos de disminuir— ha ido creciendo a ritmo sostenido en estos países. Un hito fundamental de la misma, sería la anunciada gira de Gorbachev por América Latina, donde la elección de los países por visitar señala por sí sola las preferencias y objetivos soviéticos actuales. Gorbachev visitaría Cuba y Nicaragua —lo que es obvio por la vinculación de éstos con el denominado "campo socialista"— y a Brasil, Argentina, Perú y Uruguay, lo que confirma nuestra hipótesis.

La presencia soviética en Argentina a través de acuerdos económicos, pesqueros, tecnológicos, etc., han condicionado —en particular a través del trigo— en gran forma a la economía argentina. En el caso de Perú, desde los tiempos del gobierno promarxista de Velazco Alvarado, la influencia se extendió a las Fuerzas Armadas, por lo cual cerca de tres mil oficiales peruanos pasaron por las escuelas militares soviéticas. En muchos sectores de la opinión pública especializada a nivel internacional, Perú se ha ido convirtiendo en una "cabeza de puente" de la avanzada soviética en la región.

Mientras en estos países se realizan acuerdos de todo tipo y se observa la presencia soviético-cubana en los medios de comunicación, que buscan como un objetivo primario la "asimilación por parte del cuerpo social" a la URSS como "país amigo" e "interlocutor válido", en otros, como en Chile, la presencia soviética y cubana se centra en el apoyo a los movimientos guerrilleros de esos países, utilizando al efecto buques que transitan en la zona en virtud de acuerdos pesqueros con países como Perú. El último cargamento de armas descubierto en Chile, más de 3.000 de un total de 10.000 fueron dejadas a las fuerzas del FMPR por barcos pesqueros cubanos.

En cuanto al proyectado convenio pesquero entre nuestro país y la URSS, traería a nuestro puerto un número de "pescadores" que puede llegar a miles semanalmente, los que además de implicaciones de seguridad obvias, crearía una zona de influencia social y económica soviética muy importante en Montevideo.

Si bien podemos admitir el derecho a mantener relaciones diplomáticas pacíficas con todos los países del mundo, no podemos dejar de rechazar el que justamente hagamos algo que finalmente afecte los principios sobre los cuales el Uruguay es un país de profunda tradición democrática y libertaria.

No podemos olvidar que las propias declaraciones de los líderes soviéticos nos muestran un especial interés en fortalecer su presencia en la zona. ¿Para qué? Nadie puede engañarse en sus propósitos. Por otra parte no partimos de versiones alarmistas, sino de expresiones vertidas en el diario "La Mañana" del 3 de febrero de 1987, en el cual se titulaba "GESTIONES DE LA URSS EN NUESTRO PAIS. CALIFICADAS COMO UNA VERDADERA OFENSIVA DE TIPO DIPLOMATICO".

La oportunidad coyuntural es también muy importante. Gorbachev necesita imperiosamente mejorar la imagen internacional de la URSS; y la firma de este tratado crearía el "clima" necesario para que la visita se desarrollara con apoyo popular.

Conjuntamente con esto vemos en muchas áreas la presencia soviético-cubana cada vez más creciente, en innumerables giras artísticas (ballet del Cáucaso, Orquesta *Sinfónica*, cantautores, etc.), viajes de políticos y delegaciones juveniles y de mujeres, actividades culturales, adjudicación de becas. Recientemente, a título de ejemplo, el ICUS (Instituto Cultural Uruguayo-Soviético) está ofreciendo becas por seis años para estudiar Ingeniería de Sistemas en la Universidad "Patricio Lumumba" de Moscú. Nada llamaría la atención, a no ser poque esta Universidad se ha caracterizado por ser un centro tradicional de reclutamiento de agentes de la KGB de diversas nacionalidades. Basta recordar, entre otros, al famoso terrorista Carlos Ilich Ramírez, alias "Carlos", de nacionalidad venezolana.

¿TRAE BENEFICIOS ECONOMICOS?

Recientemente el canciller Enrique Iglesias advirtió que Uruguay está consultando a países que han suscrito tratados similares para conocer sus experiencias. Este es realmente un punto importante, dado que el principal argumento de los propulsores uruguayos de este acuerdo, ha sido el beneficio económico para el país que el mismo produciría.

La experiencia en aquellos países que han suscrito tratados similares es totalmente deficitaria. Un caso típico es el de Perú: como es normal, los soviéticos no cumplen sus compromisos (pesca por encima de lo estipulado; descarga de la misma fuera de aguas territoriales; incumplimiento de las cláusulas sobre ayuda técnica y científica; depredación de las especies; etc.).

Por otra parte, el aumento de beneficios económicos para el país no necesariamente trae una afirmación de la independencia de éste. Argentina, por ejemplo, luego de llegar a altísimos niveles de intercambio —fruto de la venta de trigo— sufrió un fuerte bajón lo que fue interpretado como una forma de presión soviética para lograr nuevos acuerdos que aumentarían su presencia en ese país y en la región.

En otro sentido, en recientes declaraciones al periódico "Atlas" de Melo, del 14 de julio de 1987, el agregado de la Embajada de la URSS en nuestro país Vladimir Muzichenco, afirmó que estos trabajos (de pesca y aeronavegación) van a constituir una poderosa fuente de divisas para Uruguay, poniendo como ejemplo lo que dejaría cada vuelo de Aeroflot.

Esto es importante porque entre otras cosas —como hemos visto— el acuerdo tiene en su seno un "caballo de Troya" llamado Aeroflot, del cual poco se acuerdan. Llama la atención que esta empresa oficial soviética tuviera sus oficinas en nuestro país más de un año antes de que este acuerdo se concretara. ¿Sabrían algo que el común de los uruguayos no sabía?

UN TRATADO CONTRARIO AL PAIS Y AL MUNDO LIBRE

Los acuerdos suscritos no sólo no son beneficiosos para el país, sino que debilitan aún más las posiciones del mundo libre frente a un problema concreto que ya nadie puede ignorar luego de más de setenta años: el expansionismo soviético.

El momento es por demás sumamente inoportuno. Desde el punto de vista internacional, porque la URSS está centrando sus esfuerzos en una dirección muy clara (la de fortalecer su imagen en el Cono Sur y en América Latina en general); y desde el punto de vista nacional, porque la democracia uruguaya se encuentra presionada permanentemente por la actividad de grupos revolucionarios coaligados dentro del Frente Amplio, que tienen el apoyo soviético y cubano.

Nadie podrá ser tan ingenuo de pensar que formalizando compromisos con los soviéticos, los movimientos revolucionarios uruguayos cejarán en su actual actitud que ellos mismos definen como de acentuamiento de los enfrentamientos. La debilidad frente a los soviéticos sólo será una señal para que ellos avancen aun más.

Por otra parte, el apoyo soviético y cubano a estos grupos no habrá de disminuir, sino que crecerá a través de dichos acuerdos, para consolidar aun más su presencia en la zona.

Podemos, pues, hablar de muchos inconvenientes. Pero al final debemos concluir en que la democracia no se afirma ni se profundiza en sus valores *más vitales y* profundos, adoptando resoluciones marcadas por las necesidades del momento. Muchas veces, para que finalmente esa democracia pueda prosperar en el futuro, es necesario sacrificar supuestos beneficios del presente, o sea no ceder a las tentaciones del momento. Cuando los gobernantes de nuestro país tengan que resolver —finalmente— sobre este acuerdo, deberán adoptar una resolución basada en saber cuál es el propósito de las partes. Y hay una cosa que está por demás clara: la intención soviética no es consolidar la democracia uruguaya, sino ganar espacios para su estrategia expansionista.

Los profundos cambios que está implementando Gorbachov pueden alterar el delicado equilibrio de las naciones del bloque oriental

Las crecientes expectativa: de nuevas libertades que la nueva política de Mijail Gorbachov induce podrían desatar fuerzas que pongan en peligro el monopolio del poder que hasta ahora detentan los partidos comunistas en todos los países de la órbita soviética. Además, la perestroika o reestructuración puede implicar sacrificios económicos intolerables para las naciones de Europa oriental. Los fantasmas del alzamiento de Berlín en 1953, la revolución húngara de 1956 y la primavera de Praga de 1968 parecen despertar, ya que las iniciativas de Gorbachov no sólo amenazan la legitimidad de los líderes comunistas, sino también el orden que han mantenido en sus países. Análisis de una situación potencialmente explosiva.

¿Traerá la "glasnost" tanques o reformas a los satélites?

Escribe Frederick Miller de "Business Week"



Mijail Gorbachov: ¿Acaso está llevando sus reformas demasiado lejos para la supervivencia del sistema comunista?

Para Erich Honecker, de Alemania oriental, y los dirigentes de los otros cinco satélites soviéticos, la política gorbachoviana de glasnost, o publicidad, y perestroika, o reestructuración, ofrece más peligros que premios. Las crecientes expectativas de nuevas libertades pueden desatar fuerzas que pongan en peligro el monopolio del poder de los partidos comunistas. Y la reestructuración podría implicar sacrificios económicos intolerables. Como lo señala un asesor del canciller Helmut Kohl, Gorbachov utiliza términos como "democracia" para provocar discusiones abiertas. Pero esa palabra evoca sentimientos más potentes, que crecen en intensidad a medida que uno viaja hacia el oeste a través de los países del Pacto de Varsovia. Cabe señalar que Honecker se ha sumado a Gustav Husak de Checoslovaquia y Nicolae Ceausescu de Rumania en la tarea de censurar en los medios de prensa los discursos de Gorbachov.

Esto ha hecho que el diario soviético "Pravda", generalmente cubierto de polvo en los quioscos de Praga, se convierta en instantáneo bestseller, ahora que está lleno de pensamientos de Gorbachov. Desde Budapest a Varsovia, los tópicos que agita Gorbachov están despertando esperanzas populares relacionadas con mayores posibilidades para viajar, consumismo e, inclusive, controles políticos menos rígidos. Para muchos también despiertan los fantasmas del alzamiento de Berlín en 1953, la revolución húngara de 1956 y la primavera de Praga de 1968.

Los dirigentes de esos países recuerdan, asimismo, esos días y no quieren que se repitan. Cuatro de los seis jefes del bloque oriental llegaron al poder en las turbulentas décadas del '50 y '60. Todos ellos orillan la senectud y están acostumbrados a la vieja, predecible, manera de ser de Moscú. Las iniciativas de Gorbachov no sólo amenazan su legitimidad como líderes, sino también al orden que han mantenido en sus países.

Al mismo tiempo, están experimentando una presión económica mayor por parte del mandamás soviético, quien está recortando los subsidios para la exportación de combustibles y exigiendo importaciones de calidad más alta, al tiempo que los seis países están afrontando una reducción de su crecimiento y sus divisas. Esto pone a los dirigentes comunistas en una posición difícil: para responder a las exigencias económicas de Gorbachov necesitan modernizar sus industrias. Esto significa dedicar aún menos dinero para satisfacer las expectativas de la población. También significa desviar exportaciones desde Occidente hacia los Estados Unidos al costo de perder vitales divisas extranjeras.

Este fermento de esperanzas que se alzan y realidad económica adversa puede llegar a ser altamente inflamable. Otra revuelta no está en absoluto descartada. "Se puede concebir como una verdadera amenaza", dice Richard Vornberg, vicepresidente de Citicorp East-West Services. "Realmente no está claro si Gorbachov quiere ir tan lejos como ha dicho". Agrega Ed Hewett, funcionario de la Brookings Institution: "Si llega a haber levantamientos populares, huelgas, crisis políticas y económicas en más de un país de Europa Oriental, los conservadores soviéticos van a usar esto como evidencia de que Gorbachov no puede gobernar el imperio".

Un escenario así podría tomar a los Estados Unidos por sorpresa. Ahora muchos expertos piensan que los EE.UU. tienen su mejor oportunidad en décadas para incrementar sus relaciones con el bloque. En el año pasado, el subsecretario de Estado, John Whitehead ha viajado dos veces a Europa Oriental para tratar de establecer nuevos vínculos comerciales. Parcialmente como resultado de esto, los EE.UU. han levantado las sanciones económicas a Polonia y están ayudando a Hungría a adoptar un management de estilo occidental.

Algunos miembros del Congreso estadounidense piensan que los EE.UU. deberían ir aún más lejos. Una de las propuestas consiste en otorgar el "status" de "nación más favorecida comercialmente" a Checoslovaquia, Bulgaria y Alemania Oriental. Los conservadores estadounidenses, obviamente se resisten a esta propuesta de deshielo de las relaciones y, con las elecciones aproximándose, los Estados Unidos difícilmente vayan a adaptar su política a la cambiante situación del bloque.

• Cambios

Estos cambios están ocurriendo de diversas maneras. Mientras Hungría se ha convertido virtualmente en una sociedad de consumo, Rumania se ha quedado atascada en la época de Stalin. Así de variado es el grado de esperanza individual. Dice un obrero de Görlitz, Alemania Oriental: "Gorbachov tiene un montón de coraje. Pero lo que nosotros queremos es la libertad o una autopista a Hamburgo". En Checoslovaquia, entre tanto, un prominente autor teatral, Václav Havel, dice que los escritores están pidiendo abiertamente una mayor libertad de expresión y el fin de las listas negras.

26/10/87



Jóvenes de Alemania oriental protestan en un mitin contra el servicio militar obligatorio. Las reformas de Gorbachov están aflojando la disciplina que antes imperaba en los países de Europa oriental.

En Hungría, un reformador ubicado en el Comité Central del Partido Comunista, Imre Pozsgay, está estirando la doctrina hasta el límite: está proponiendo a los sindicatos y demás grupos que se constituyan en un virtual parlamento, no en voceros del partido. Miles de personas, por encima de lo habitual se sumaron este año a la conmemoración del levantamiento de 1848 contra el imperio de los Habsburgo, una ocasión para la protesta simbólica. Dice un líder disidente: "La nomenklatura está preocupada". ¿Adónde llevará a Hungría la glasnost?

Aun en la rígidamente disciplinada Alemania Oriental, la tensión latente desde hace tiempo está erupcionando. En junio una multitud de adolescentes en el Muro de Berlín combatió con la policía que quería impedirle que escuchara los conciertos de rock que se desarrollaban del otro lado. "Gorbachov, Gorbachov", gritaban. Días más tarde, centenares de fieles protestantes germano-orientales manifestaron contra el servicio militar y pidieron glasnost en la Iglesia y el Estado.

Gorbachov está evitando una incitación directa al cambio político en Europa Oriental. Durante un "tour" por el bloque el pasado mes de abril, subrayó que cada Estado tiene un "derecho soberano para resolver las cuestiones de su propio desarrollo". Pero al aumentar la presión, Gorbachov está torpedeando un acuerdo que muchos regímenes del Pacto de Varsovia han hecho con sus ciudadanos. Especialmente en Hungría, Checoslovaquia y Alemania Oriental, los dirigentes tácitamente prometieron que los niveles de vida subirían y que la vida privada sería esencialmente inviolable, siempre y cuando la gente evitara discutir con la Unión Soviética. Por su parte, los soviéticos subsidiaban a la industria del bloque oriental.

Ahora, para reducir los déficit que sus socios comunistas tienen con la Unión Soviética, Gorbachov ha endurecido su posición negociadora. En una fábrica de cristales en Karlovy Vary, Checoslovaquia, el director de marketing, Jiří Nova, se queja de que los soviéticos "quieren ítems de primera calidad". La fábrica los solía exportar a Occidente para poder ganar en divisa fuerte.

Los soviéticos rechazaron un embarque de motores de Alemania Oriental porque éstos eran caros y estaban mal hechos. Están pidiendo mayores provisiones de microchips, desviando así preciados semiconductores de las fábricas de la propia Alemania Oriental. Gorbachov está también impulsando una campaña en el bloque para desarrollar computadoras, robots y otros productos de high-tech para poder achicar la brecha tecnológica con Occidente.

Con la mayoría de las economías comunistas sumergidas en la austeridad, las exigencias de Gorbachov seguramente harán descender aún más los niveles de vida. Ya en Polonia, la industria de la construcción está en un punto muerto, porque el gobierno no puede proveerla de materiales. La lista de espera para comprar un departamento puede insumir 20 años y la gente hace cola para conseguir artículos racionados, desde carne hasta chupetes. Rumania no está mejor: para reducir su deuda externa ha endurecido drásticamente las condiciones de vida, llegando inclusive a cortar la electricidad y calefacción en pleno invierno. Los alemanes orientales deben esperar hasta 10 años para poder comprarse un auto. Aun en Hungría, donde las tiendas están llenas de artículos occidentales, muchos trabajadores, con sus salarios congelados, no pueden adquirirlos.

Todo esto significa que los regímenes no pueden exigir mucho más a sus pueblos sin arriesgarse a que haya una reacción. "El progreso económico incluye sufrimiento", dice el profesor de la Universidad de Indiana, Paul Marer. "Estas dirigencias no quieren afrontar el riesgo de encarar ese sufrimiento".

Cómo es que se va a resolver este dilema, constituye hoy el drama central de las relaciones entre la URSS y el bloque oriental. En la mayoría de los países, las reformas económicas se quedan en palabras. Preparando el terreno para la primera visita de Gorbachov a Checoslovaquia en el mes de abril, Husak anunció un gran plan para descentralizar la economía. Pero muchos checoslovacos dudan que vaya a funcionar. Pavel Smid, gerente de la fábrica de tractores Zetor en Brno, quiere que se introduzca la "paga al mérito" en la empresa y poder exportar sus tractores directamente tanto al Este como al Oeste. Pero se queja de que seguramente se lo impedirán: "Estamos rodeados de fuerzas conservadoras. La gente que tiene privilegios, teme resignarlos".

• Reformas

En Polonia, el general Wojciech Jaruzelski ha estado hablando de grandes reformas desde 1982, pero nunca las ha puesto en marcha. En un país donde los disidentes son cada día más y la gente dedica sus mayores esfuerzos a la economía subterránea, Jaruzelski debería hacer concesiones políticas como, por ejemplo, reunirse con el líder de Solidaridad, Lech Walesa, para conseguir que los polacos se interesen en las reformas.

Hasta la mismísima Hungría, luego de casi 20 años de reformas, se encuentra ante el dilema de qué hacer ahora. A partir de su arribo al poder en 1956, el secretario general János Kádar ha ido permitiendo a los húngaros instalar pequeñas cooperativas privadas que abarcan desde restaurantes hasta el rubro de la computación. El también urgió a los húngaros a que ganaran plata extra con segundos empleos en el sector privado.

Sin embargo, desde principio de la década del '80, Hungría se ha endeudado en demasía, principalmente para poder pagar por los bienes de consumo importados. Esto la convirtió en la nación del bloque más endeudada "per cápita" y la hizo peligrosamente dependiente de los préstamos japoneses. El gobierno está creando nuevos impuestos y recortando subsidios, pero probablemente pronto se vea obligado a apelar a créditos "stand by" del Fondo Monetario Internacional. Dice un banquero vienés: "Si hacen eso, la gente se va a enojar aún más. Van a decir que no sólo trabajan para alimentar una camarilla comunista, sino también para pagarles a los bancos occidentales".

En cualquiera de estos países, una simple demostración o huelga podría desatar una serie de eventos que asustarían seriamente tanto a estos regímenes como a los soviéticos. Eso es lo que encendió las rebeliones de 1953, 1956 y 1968 y es así como el movimiento Solidaridad nació en 1980. La presión amenaza con aumentar, al tiempo que se intensifica el debate sobre quiénes sucederán a los ancianos dirigentes del bloque. Predecir cuándo se van a desencadenar los problemas es imposible, pero lo cierto es que los tanques soviéticos comenzarán a rodar nuevamente.

La reciente visita de Honecker a Alemania Occidental sirvió para subrayar la barrera que aún divide a las dos mitades del continente. Como dijera un alemán oriental que fuera recientemente liberado de la cárcel después de haber cumplido su condena por tratar de escapar del país: "Un exceso de esperanza es veneno". Si la política de Gorbachov produce sólo esperanzas, pero no cambios reales en sus satélites de Europa Oriental, ese veneno se va a esparcir por todo el imperio soviético.

D2.02

8711643

URSS
026

POSICION DE GORBACHOV

Clarín 26-10-87

¿Un error de cálculo?

MOSCU, 25 (Por **Gary Lee**, del **The Washington Post**, especial para **Clarín**). — La negativa del número uno soviético, **Mijail Gorbachov**, para fijar la fecha del encuentro **"cumbre"** con el presidente **Ronald Reagan** (a celebrarse en **Washington**) fue una **medida táctica de último minuto instrumentada por el líder de la URSS para presionar al jefe de los Estados Unidos para que limite su polémico plan de desarrollo del sistema de defensa espacial antimisilístico conocido popularmente como "guerra de las galaxias"**. Pero fue una táctica que **podría minar el prestigio del líder del Kremlin e influir en el proceso de control de armamentos** que están llevando adelante norteamericanos y soviéticos.

Esta es la opinión de diplomáticos de Occidente que se encuentran en la capital soviética quienes comentan que esta actitud de Gorbachov —aparecida al término de dos días de conversaciones en Moscú entre representantes de los EE.UU. y la URSS— **fue el primer grave error de cálculo que ha cometido el dirigente del Kremlin desde que llegó al poder.**

A pesar de que Gorbachov le manifestó al secretario de Estado norteamericano **George Shultz** que sigue estando dispuesto a celebrar una "cumbre" en **lo que resta del año** —tal como había quedado convenido el mes pasado cuando el canciller **Edouard Shevardnadze** visitó Washington— el líder del Kremlin no esperaba que su repentino cambio de actitud con respecto de la cumbre **despertaría tanta desilusión y críticas en Occidente**, comentan algunos analistas de Moscú.

En momentos en que norteamericanos y europeos occidentales están analizando el **grado de confianza** que pueden tenerle a las naciones del bloque soviético, el repentino cambio de posición de Gorbachov sobre un acuerdo entre los EE.UU. y la URSS **minó su objetivo a largo plazo de apuntalar la reputación de la Unión Soviética como un socio confiable para las negociaciones** —sostienen diplomáticos de Occidente—. **"¿Qué pensarán los senadores norteamericanos cuando llegue la hora de ratificar un tratado sobre control armamentista?"**, se preguntaba hace poco un diplomático que se encuentra en Moscú.

♦ Si piensa... se equivoca

Más importante aún: Moscú calculó mal aparentemente la posibilidad de que Reagan aceptara nuevos compromisos sobre su programa de **guerra de las galaxias**. Funcionarios estadounidenses ya han descartado esta posibilidad. **"Si Gorbachov piensa que Reagan cambiará de idea solo para poder realizar la cumbre, se equivoca..."**

Un mes después de que la conducción soviética firmara un acuerdo para fijar la fecha de la futura cumbre durante la visita de Shultz a Moscú, Gorbachov se echó atrás inesperadamente este viernes y **condicionó la realización de la cumbre al progreso que se logre durante las conversaciones sobre limitación de la Iniciativa de Defensa Estratégica (IDE) o "guerra de las galaxias"**.

Según funcionarios soviéticos y de Occidente que se encuentran en Moscú el repentino **endurecimiento** en la posición de Gorbachov se basó en la apreciación del Kremlin de que la cumbre es la **"única posibilidad de negociación que queda"** para evitar que los Estados Unidos fabriquen armas para la IDE al punto de estar listas para su emplazamiento.

Otros analistas sostienen que esta reluctancia de último momento por parte de Moscú para ir a Washington es una **reacción** frente a la fría recepción que recibieron las políticas de reforma de Gorbachov en la administración Reagan, incluyendo un intento para forjar una nueva **"détente"**.

♦ Actitud atípica

Sin embargo, diplomáticos de Occidente consideran que esta última actitud de Gorbachov es **sumamente atípica** en un líder soviético que siempre se mostró a favor de una diplomacia de alto nivel y del respeto de los acuerdos. Por ello es que especulan con la posibilidad de que Gorbachov ha sido **forzado en estas últimas semanas por líderes militares o funcionarios del Kremlin, más conservadores, para endurecer su posición frente a la administración Reagan.**

01.01

8711644

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Revelaciones sobre la K.G.B.

PROCEDENCIA: Clarín 19/10/87

ARCHIVADO EN: Servicios Secretos (069)

01.01 8711657

18

026

Firma de EE.UU. monta empresa mixta en URSS

MOSCU, (Reuter). — Combustion Engineering Inc., de Connecticut, se convirtió ayer en la primera empresa estadounidense en suscribir un acuerdo de operación conjunta con la Unión Soviética para fabricar equipos destinados a la industria petrolera.

El acuerdo por cinco años fue firmado por el presidente de la firma estadounidense, Charles Hugel, y un representante legal del ministro de refinación de petróleo, Nikolai Lemayev.

Bajo las reglas soviéticas para este tipo de operaciones, la parte soviética obtiene una participación financiera de 51 por ciento en la agrupación.

Esta llevará la denominación de la sigla soviética "PRIS" y desarrollará sistemas de control automático para refinación de petróleo y plantas petroquímicas, indicó Bill Connolly, portavoz de Combustion Engineering.

Programas lógicos de computación serán aportados por los estadounidenses mientras que la parte soviética contribuirá con equipos técnicos y herramientas, agregó.

Las inversiones de capital ascenderán a 16 millones de dólares en el primer año, la mitad de cuyo monto será aportada por la parte soviética y el resto por Combustion Engineering.

La Unión Soviética es el mayor productor mundial de petróleo y obtiene gran parte de sus reserva de divisas de sus exportaciones de combustible a Occidente.

Combustion Engineering, que el año pasado tuvo ventas por valor de 2.800 millones de dólares con actividades principalmente en Estados Unidos y Gran Bretaña, ya tiene cierta experiencia en operaciones con la Unión Soviética.

Ya casi ha completado un contrato por un periodo de 18 meses para equipar una planta de etileno en Nizhnekamsk, cerca de Moscú.

El Día 2/11/87

01-01

8711662

URSS 026

ANALISIS

La Revolución dé Octubre

70 AÑOS DESPUES

En Octubre de 1917 se hallaba próxima a finalizar la 1ª Guerra Mundial. En ella se enfrentaron los "Imperios Centrales" (el Imperio alemán, de los Hohenzollern y el Imperio Austro Húngaro, de los Habsburgos) contra Inglaterra, Francia, Italia y el Imperio Ruso de los Romanoff, a los que se unirían los Estados Unidos para decidir el conflicto por la victoria de los "Aliados".

A comienzos del mismo año, no obstante las victorias del mariscal von Hindenburg, los alemanes se sentían precisados a reforzar su frente occidental, antes de que intervinieran los Estados Unidos. El alto mando alemán hizo suyo el proyecto de la Cancillería de "conceder un salvoconducto a un líder ultraizquierdista ruso desterrado *para* que, atravesando el territorio alemán, se introdujese secretamente en su propio país". Para ello recurrieron a Vladimir Ilich Lenin, doctorado en las artes y la ciencia de la conspiración desde su más tierna juventud. Su mérito radica en haber dictado las normas para aplicar las teorías de Marx y Engels "a las nuevas condiciones históricas" y en la "teoría de la revolución socialista", en uno o varios países y no en todos a la vez, así como en la función del "partido del proletariado", como fuerza dirigente y organizadora, sin la cual es imposible implantar la dictadura del proletariado y construir la sociedad comunista", por el camino de la lucha: "Luchar o morir; la lucha sangrienta o la nada, es el dilema inexorable". Las clases avanzadas deben derrocar el régimen estatal existente, "haciendo saltar ante todo los eslabones más débiles en la cadena de la economía capitalista mundial".

Tal era el hombre que los alemanes pusieron en el famoso "vagón sellado" en el que, el 9 de abril, Lenin y su comitiva de 31 revolucionarios, fueron conducidos hasta el "ferry boat" que les llevaría a la neutral Suecia, para librarse del fatídico "segundo frente".

—oooOooo—

Las etapas recorridas en este camino fueron: "La revolución democrática burguesa rusa de 1905, la Revolución de Febrero de 1917 y la victoriosa Revolución Socialista de Octubre del mismo año". No bien arribado a Petrogrado (hoy Leningrado, antes San Petersburgo), emprendió una vigorosa acción proselitista con la minoritaria fracción "bolchevique" del partido, en lucha violenta contra la fracción mayoritaria "menchevique", liderada por Alejandro Kerensky, un izquierdista moderado, hasta dominar el ámbito político en su totalidad. Aplicó la "tesis de abril" de "paz inmediata", firmó un armisticio en diciembre de 1917 y, en marzo de 1918, la "Paz de Brest-Litovsk, a cuyas durísimas condiciones se opondría Trotsky, rival de Lenin, después deportado y, posteriormente, asesinado en México.

—oooOooo—

Lenin fue, en suma, el constructor de la U.R.S.S. como Estado. Pero

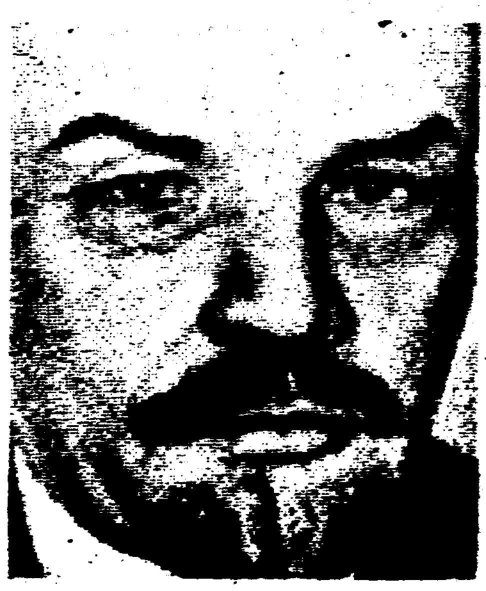
01.02

La Mañana 8/11/87

Santiago Rompani

Octubre 70 años después

La 1ª parte está para fotocopiar



quien le asignó mayor fuerza fue José Stalin. Hace pocos días, el Sr. Gorbachov censuró los excesos de Stalin, en términos mucho menos duros que los que utilizara Khruschev cuando atacara el "culto de la personalidad". Pero el Sr. Gorbachov no pudo menos que reconocer las grandes conquistas, incontestablemente definitivas, de Stalin: la colectivización de la agricultura, entre 1929 y 1932, que costó nueve millones de víctimas, así como también el desarrollo del proceso de industrialización, sin mengua de las "depuraciones" de 1934 a 1936, que costarían varios cientos de miles de otras víctimas. No podemos dejar de agregar que a Stalin se debe la formidable extensión del actual imperio soviético, desde más allá del muro de Berlín hasta las islas Kuriles a partir del tratado germano soviético de 1939 y los acuerdos de Yalta. En un área de 23 millones de kilómetros cuadrados viven casi 300 millones de habitantes, con 112 lenguas reconocidas y no menos de 30 nacionalidades distintas. La Unión Soviética procura, ahora, entrar en la era tecnológica y posindustrial. "Si para el año 2000, postula. Sin embargo el economista norteamericano Paul Samuelson, el ciudadano soviético común logra un ingreso real equivalente a 2/3 del que tiene un ciudadano norteamericano, será un progreso superior al alcanzado por la burocracia de Lenin o la planificación central de Stalin".

Mientras tanto, el mundo gira alrededor de dos polos o depende de dos focos: Washington y Moscú. Gorbachov visitará Washington en Diciembre y Reagan anuncia su visita a Moscú para 1988. Marx pontificó que sus doctrinas jamás se impondrían en el imperio de los zares. Hoy el ex imperio de los zares es un imperio hegemónico, tal como lo previera Tocqueville hacia 1830, con un poder y una influencia tales como ninguno de los zares pudo haberlo ambicionado o previsto jamás.

ERRATA

En mi "Análisis" del jueves 5 ppdo. en el título, donde dice "Imperio de la mandarina", debió decir "El misterio de la mandarina", conforme figura en el texto del artículo.

Santiago Rompani

02.02

8711668

URSS

024

El País 27/8/87

■ **RAISA SERÍA LA CAUSA.** Estocolmo, 27 (EFE).— La causa de la no aparición pública del líder [illegible] Mijail Gorbachov, desde el 7 de este mes fue la operación a que fue sometida urgentemente su esposa Raisa.

El periódico sueco "Expressen" por intermedio de su corresponsal en Moscú informa hoy que Raisa fue intervenida quirúrgicamente de apendicitis y el periodo post-operatorio demandó especiales cuidados, al punto que dejó el hospital después de dos semanas y no tres o cuatro días como estaba previsto. Mijail Gorbachov está permanentemente junto a su mujer.

01.01

8711690

ARCHIVAR EN: URSS (036)

TEMA: Desarme: Compromiso de Caputo y Shevardnadze.

PROCEDENCIA: Clarín 2/10/87

ARCHIVADO EN: Desarme (022)

01.01

8711727

Clarín 15/10/87

026

Por primera vez trascendió que hubo una huelga en una fábrica de la URSS

La prensa escrita soviética censuró ayer una parte del discurso pronunciado un día antes por el líder Mijail Gorbachov, donde hizo referencia a las purgas de dirigentes registradas en China durante el período de la Revolución Cultural. La supresión de ese párrafo se produce, precisamente, cuando la política de apertura posibilita la publicación de noticias sobre una huelga realizada por obreros de una fábrica automotriz, un hecho sin precedentes en la prensa soviética.

MOSCU, 14 (AFP, ANSA, DAN y Reuter). — La prensa soviética informó ayer sobre una reciente huelga de tres días en una fábrica automotriz cercana a Moscú, lo que significa el primer reconocimiento de una medida de fuerza de esa magnitud tomada por obreros de la producción industrial.

Con el título de Extraordinario acontecimiento, el semanario "Las Noticias de Moscú" relató ayer detalles de la "interrupción del trabajo" que durante tres jornadas paralizó una fábrica de autobuses que emplea a 700 operarios en Likino, dentro de la gran periferia moscovita.

Las entrevistas reproducidas por el semanario indican que la huelga (término que no se lee en el artículo) fue provocada por la supresión de los sobresueldos que cobraban los obreros, a raíz de los bajos ritmos y mala calidad de la producción, cuestión que los asalariados consideraron atribuible a la obsolescencia de la maquinaria instalada.

La producción de la fábrica, en razón de sus equipos defectuosos y el mal abastecimiento de repuestos, bajó en los últimos meses a un promedio de 20 a 25 autobuses por día, mientras que el plan preveía entre 33 y 34 vehículos diarios.

En la nota se indica que mientras los obreros cobraron sobresueldos (para lo cual se utilizaron subterfugios de distinta naturaleza) no hubo problemas, pero a partir del control estatal de la calidad los productos de los salarios cayeron entre 70 y 100 rublos mensuales, cuando el sueldo promedio es de 180 rublos.

Además de la cuestión monetaria, varios testimonios revelan que muchos trabajadores adhirieron a la medida de fuerza por el hecho que se conociera la situación y se tomaran las medidas pertinentes.

El director de la fábrica fue destituido y los nuevos conductores decidieron la incorporación de un nuevo equipo para recuperar la producción perdida.

Boris Kaminski, responsable de la supervisión de las industrias constructoras de autobuses en toda la URSS, reveló la existencia de inversiones masivas para construir una nueva cadena de montaje con material que parcialmente vendrá "del exterior".

El funcionario objetó la actitud inicial de la anterior dirección, que recurrió a "un fiscal, para asustar a los obreros" y persuadirlos de que no realizaran las denuncias.

♦ Censuras

El secretario general del Partido Comunista soviético (PCUS) pronunció el martes uno de sus discursos más claros sobre la nueva política aperturista, a pesar de lo cual la prensa escrita de Moscú censuró una parte de su alocución.

"No quiero que ustedes piensen que lanzo un llamamiento para disparar contra los dirigentes, como en China durante los años de la Revolución Cultural. Sería un grave error", dijo el martes Gorbachov en Leningrado, y aunque sus palabras fueron difundidas en directo por la radio y la televisión a todo el país, esa frase fue totalmente ocultada hoy por los periódicos.

La referencia del líder soviético a los acontecimientos que entre 1966 y 1976 sumieron a China en una serie de purgas y forzadas renovaciones de cuadros partidarios había sonado como una aclaración ante los sectores conservadores, reticentes a las innovaciones planteadas en el marco de la "perestroika".

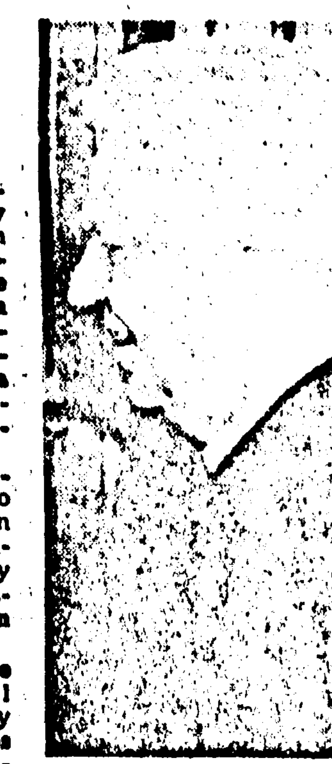
Su discurso en el Instituto Smolny de Leningrado fue de los más directos en cuanto a la instrumentación de la nueva política, y le asignó al PCUS la máxima responsabilidad en esa tarea.

"La perestroika no se va a hacer fuera del PCUS", dijo Gorbachov, y reclamó de sus miembros y organizaciones un "ajuste" en sus formas de actuar, para convertir al partido en el motor principal de la nueva política.

Su lenguaje refleja claramente la línea de pensamiento impulsada por Yegor Ligatchev, ideólogo y número dos del Kremlin, y su utilización en el acto de Leningrado revela al mismo tiempo una mayor aceptación de los nuevos lineamientos entre la conducción partidaria, o al menos entre sus sectores más progresistas.

Ello ocurre además cuando la URSS prepara la conmemoración del 70° aniversario de la Revolución Bolchevique.

Allí han sido incluidas las biografías de León Trotsky, Nikolai Bukharin, Lev Kamenev y otros dirigentes de la primera etapa revolucionaria perseguidos, condenados y ejecutados a partir del ascenso al poder de José Stalin, a quienes una nueva óptica de la propia historia soviética ha revalorizado, aun con juicios críticos por sus posturas.



Yegor Ligachev, considerado el guardián del dogma partidario.

01.01

871734

URSS

Líder soviético propició renovación del movimiento comunista.

Moscú no impondrá políticas a sus aliados, dijo Gorbachov

El Secretario General del PCUS propició ayer la renovación del movimiento comunista y declaró que la Unión Soviética dejará de imponer políticas a sus aliados.

MOSCU (EFE y REUTER).- El líder soviético, Mijail Gorbachov, señaló ayer la necesidad de una renovación y cambios cualitativos en el movimiento comunista.

El número uno del Kremlin hizo esta declaración en la apertura de la reunión con representantes de partidos comunistas y de movimientos socialdemócratas y progresistas que asisten a los actos conmemorativos del 70 aniversario de la revolución bolchevique.

A petición del máximo dirigente de Bulgaria, Todor Zikov, los participantes en la reunión eligieron a su anfitrión, Mijail Gorbachov, presidente de la conferencia que comenzó en el Kremlin y que durará dos días.

Gorbachov destacó que el momento actual en que vive el mundo, el movimiento comunista necesita una renovación y cambios cualitativos.

Esto es especialmente importante en el presente por el carácter internacional de esta fuerza, ya que la humanidad tiene una especial necesidad de ella en la actualidad, añadió.

El máximo dirigente de la URSS se refirió a la actitud del Partido Comunista de la URSS (PCUS), y afirmó que no podemos concebir planes y asuntos internos fuera del contexto internacional.

Gorbachov señaló también que la URSS siente cómo el impulso internacional del socialismo declinó en un período de estancamiento conducido por el extinto líder Leonid Brezhnev, y que la perestroika (reconstrucción) emprendida en la URSS se ha convertido en vital, pues es también un apoyo moral para las fuerzas del socialismo, la democracia y el progreso.

ACCION CONJUNTA

El secretario general del PCUS agregó que una actividad paralela en los respectivos países no es suficiente, por lo que debe intentarse una acción conjunta, pero, por supuesto, en formas que estén al día.

Lo que se necesita es una cultura más avanzada de relaciones entre las fuerzas progresistas, agregó.

El líder soviético añadió que es necesario realizar una nueva lectura del legado teórico de nuestros predecesores, en el nombre de la emancipación social del hombre, teniendo en cuenta las nuevas realidades para sacar conclusiones políticas correctas.

Asimismo, el número uno del Kremlin afirmó que no todas las afirmaciones de Marx y Engels pueden ser dogmáticamente extrapoladas de la época del imperialismo y comienzos de siglo.

Gorbachov invitó a los partidos comunistas, socialistas, socialdemócratas y seguidores de otros pensamientos políticos a cooperar en la búsqueda de una alternativa a la sociedad de antagonismos y a las tensiones de confrontación que se dan en la arena internacional.

El máximo dirigente de la URSS se refirió a la necesidad de coexistencia pacífica entre el mundo capitalista y el comunista por los intereses comunes de toda la humanidad.

También señaló que los efectos internacionales de la perestroika están dirigidos a eliminar el miedo a la amenaza soviética, para que el militarismo pierda su reivindicación política.

01.01

Sajarov exige hacer pública toda la historia de Stalin

MOSCU. (EFE). - El científico soviético y Premio Nóbel de la Paz Andrei Sajarov exigió ayer, en un artículo publicado en el semanario Novedades de Moscú, que se levante el velo que cubre el período histórico de Stalin y se hagan públicos los horrores de la represión.

En el artículo, publicado ayer, Sajarov critica el culto a la personalidad que desarrolló Stalin durante su periodo de mandato y afirma que muchos miles de personas perecieron en las purgas desencadenadas en los años treinta.

El científico soviético, que abandonó el pasado diciembre el confinamiento interno en la ciudad de Gorki por decisión del dirigente Mijail Gorbachov, comentó un documental emitido la semana pasada por la televisión soviética sobre Stalin.

El programa, titulado Riesgo, fue seguido por unos 190 millones de telespectadores en todo el país, y en el se relatan con detalle episodios inéditos de la época estalinista.

Creo -afirma en el artículo Sajarov- que el documental recoge con acierto el conflicto interno que la figura de Stalin despierta en la mayor parte de los soviéticos.

Según el académico soviético, la victoria militar lograda por Stalin en la Segunda Guerra Mundial frente a los invasores nazis sirvió para que la historia pasara por alto los episodios de represión interior en la URSS.

Es hora -afirma Sajarov- de que se enfoque objetivamente esa época de la historia soviética y se abandone la visión de Stalin que le presenta como un personaje sobrehumano por encima del bien y del mal.

Sajarov destaco tambien que el documental ofrece una visión más objetiva de la figura de Nikita Khrushchev, que es víctima de un sentimiento negativo generalizado entre la población soviética.

Khrushchev fue un dirigente de talla internacional que intentó reformar en forma constructiva la estructura anticuada del Estado, afirmó Sajarov.

CLARIN ★ Buenos Aires, miércoles 14 de octubre de 1987

Agencia AFP



El líder soviético, Mijail Gorbachov, dialoga con un grupo de trabajadores, ayer, durante una visita a los astilleros S. Ordzhonikidze, de Leningrado.

Gorbachov criticó a miembros del partido

MOSCU, 13 (EFE). — El líder soviético, Mijail Gorbachov, criticó hoy en Leningrado a los miembros del PCUS que se mantienen al margen o dificultan la "perestroika", en un discurso pronunciado en vísperas del 70º aniversario de la Revolución Rusa.

Sin embargo, el "número uno" del Kremlin señaló también que sus críticas contra estos sectores del Partido Comunista de la Unión Soviética (PCUS) no deben ser entendidas como una especie de revolución cultural china.

◆ "Momento crucial"

Gorbachov hizo estas afirmaciones hoy en el histórico edificio del Instituto Smolny, en el que el 7 de noviembre de 1917, según el nuevo calendario, Vladimir Ilich Lenin proclamó la fundación del Estado soviético.

En su discurso de hoy, el "número uno" soviético, que volvió a alertar sobre el "momento crítico y crucial" en que se encuentra en la actualidad la "perestroika" (reestructuración), reafirmó la necesidad, más urgente que en ningún momento del pasado, de una "amplia y profunda integración de todas las fuerzas creativas de la sociedad".

"Esto puede ser logrado solo a través del partido, que encabeza el curso total de la reestructuración y eleva su papel principal en la sociedad", añadió.

Sin embargo, Gorbachov señaló también que todavía hay muchos mandos del partido que no se han acomodado al ritmo de las bases, es decir, de la "perestroika".

También criticó el burocratismo existente en el propio seno del PCUS, que calificó de "enemigo" del momento actual y del que puso como ejemplo la existencia de muchos despachos abiertos por el partido que son amueblados y acondicionados, pero en los que luego no trabaja nadie.

Gorbachov defendió también la necesidad de una mayor extensión de la crítica y la autocrítica, al tiempo que afirmaba que es "inadmisible" ceder "a los intentos de poner fin a la crítica".

"Más socialismo en realidad", es la política que, según el líder soviético, sirve los intereses vitales de todas las clases y estratos de la sociedad soviética.

◆ Comparación con Lenin

El "número uno" del Kremlín, que durante su discurso alabó el papel jugado por la ciudad de Leningrado y sus habitantes en momentos clave de la historia rusa y soviética, hizo también alusiones y referencias a la revolución de 1917.

Los observadores occidentales en Moscú destacaron como nota curiosa el hecho de que el líder soviético comparará en su discurso el actual proceso de reformas económicas y sociales, conocido como "perestroika", con la famosa NEP (Nueva Política Económica) de Lenin.

Según Gorbachov, al igual que en los años 20 se comprendió la necesidad política de pasar del comunismo de guerra a la NEP, ahora se debe comprender la "perestroika" como una necesidad política.

Esta no es la primera vez que el secretario general del P.C.U.S. relaciona su política económica y social con la del creador del Estado soviético, pues en numerosas ocasiones Gorbachov defendió el carácter revolucionario y leninista de las reformas emprendidas tras su llegada al poder en marzo de 1985.

URSS

026

Reconocimiento soviético a la política argentina

Destacó Shevardnadze la posición de nuestro país sobre desarme nuclear

El ministro de Relaciones Exteriores de la URSS, Eduard Shevardnadze, dijo ayer al llegar al país que "al brindar apoyo político a las iniciativas soviéticas" la Argentina había hecho un aporte considerable al logro de los acuerdos soviético-norteamericanos sobre el desarme nuclear.

Shevardnadze fue recibido en Ezeiza por su colega Dante Caputo, tras lo cual pronunció un breve mensaje.

Calificó como "especialmente interesante" el actual periodo de las relaciones argentino-soviéticas que se enriqueció -dijo- por los contactos políticos, especialmente sobre los problemas de la política mundial.

Mencionó como hechos auspiciosos las visitas de Alfonsín y de Caputo a su país y en ese contexto, señaló- , se sitúa su presencia en Buenos Aires.

Agregó que espera con impaciencia la entrevista con el presidente de la Nación y las conversaciones que mantendrá con Caputo.

Las instalaciones de Ezeiza exhibieron un fuerte aumento de las fuerzas de seguridad y , asimismo, era perceptible la presencia de ciudadanos soviéticos, quienes antes de la llegada del viajero se instalaron en la sala donde iba a pronunciar su mensaje.

Sin embargo no fue molestado el grupo de activistas judíos que en pancartas y cartelones pedían que la política de apertura de la URSS, glasnost, se aplique también a los judíos de ese país.

Cambios en el programa

Poco antes del arribo del canciller soviético se conoció que éste había resuelto suspender su viaje a Mendoza, donde iba a ir el sábado. Consultada la embajada se informó que desconocían el motivo de esa decisión, y que Shevardnadze se quedará en esta ciudad hasta el lunes, en que viajará al Uruguay y luego a Cuba.

Asimismo se resolvió que en cambio de alojarse en el Plaza Hotel lo haga en la embajada de su país.

Con el Presidente

El ministro soviético rendirá esta mañana homenaje a San Martín y luego mantendrá la primera de las reuniones de trabajo previstas, con Caputo. A mediodía saludará al doctor Alfonsín y por la tarde visitará a la Corte y a las autoridades legislativas. Finalmente asistirá por la noche a un concierto en el Teatro Colón.

Shevardnadze y su esposa viajan en una avión Ilyushin 62 acompañados por 39 personas, entre funcionarios, personal de servicio y periodistas.

Despedida del Brasil

Ayer, poco antes de dejar Brasilia, Shevardnadze criticó la política de los Estados Unidos en Centroamérica y sostuvo que el sistema financiero internacional debe ser reorganizado para hacer frente a la deuda del tercer mundo. Dijo que esta medida es crucial para que se obtengan precios justos para las materias primas.

También manifestó estar seguro de que "el Brasil y la Argentina llegaron a la frontera nuclear con objetivos nobles y pacíficos", al responder a una pregunta sobre la posibilidad de que ambos países pudiesen fabricar la bomba atómica.

La Nación 15/10/87

01.01

026

URSS
Cuyo R PCM

ANALISIS

Santiago Rompani

Ministerio de la mandarina y el Conde de Lampedusa

Dos reuniones cumbre se están efectuando, casi simultáneamente, en Moscú y en Pekín.

En Moscú se han iniciado los festejos del 70º aniversario de la "Revolución de Octubre" con un discurso de Mijail Gorbachov, en el Palacio de los Congresos, ante 6.000 espectadores, incluso 300 miembros del Comité Central y 1.600 del Soviet Supremo.

La parte más destacada del discurso de Gorbachov estuvo toda ella dirigida a combatir, en José Stalin, el "culto de la personalidad" que, casualmente, le echara en cara a él, antes de presentar su renuncia al plenario del Comité Central del Partido, el "líder reformista" (según el cable que tengo a la vista) Boris Yeltsin. Gorbachov imputó a su ilustre predecesor crímenes irreparables e inolvidables. Pero elogió la colectivización de la agricultura, la industrialización de la U.R.S.S. y nada dijo de las conquistas territoriales anteriores y posteriores a la II Guerra Mundial. Tampoco nada dijo de la "cortina de hierro", del muro de Berlín.

Vale decir: que todo sigue como estaba.

——oOo——

Está terminando el 13er. Congreso del Partido Comunista Chino, ante el cual presentó renuncia de todos sus cargos el líder reformista Deng Xiaoping, de 83 años de edad. Se ha designado un nuevo Secretario del Partido. Se han nombrado Ministros a los candidatos recomendados por Deng. Pero no se le ha hallado sustituto para la Comisión Central Militar, "que controla (dice el cable) los tres millones de efectivos de las fuerzas armadas" y, supongo, el poderío militar chino, incluso el manejo de la bomba atómica.

"Se considera", dice otro cable, "que podría renunciar a la Presidencia de la Comisión Asesora del Comité Central" y "al comité permanente de cinco miembros del Politburó, el órgano más poderoso de China".

La parte final del cable, íntegramente transcripta, dice así: "Deng permanecerá, de hecho, en el mando, hasta que muera o quede incapacitado".

Vale decir: que todo seguirá como estaba.

——oOo——

Ya he dicho que hay razones para dudar de que las famosas "reformas" introducidas en uno y otro régimen modifican en algo las condiciones generales del sistema comunista.

En la "novela única" "El Gatopardo", el Conde de Lampedusa emitió una frase que pronto se hizo famosa: "Hay que cambiarlo todo para que todo quede como está".

La paradoja (definida como "la verdad puesta patas arriba") hizo fortuna, no obstante constituir un solemne disparate. Si yo hago a lo blanco negro, lo blanco deja de ser blanco para ser negro: no todo queda como estaba antes.

La revolución americana, reza una difundida interpretación marxista de la historia, sustituyó a los explotadores hispanos por los explotadores criollos. La propiedad cambió de manos, pero no cambió de carácter: los explotados habrían continuado siendo los mismos en idéntica situación.

En realidad, hay que cambiar algunos detalles para que el conjunto se mantenga inalterado. La verdad es ésa. Pero la frase de Lampedusa es más gráfica y, por eso, tiene más acogida. Ha trascendido que existieron conatos de huelga en empresas rusas. Creo que no es la primera vez que ocurren. Solamente que ahora se deja filtrar la noticia. Y la represión será la misma de siempre.

——oOo——

Existe una novela policial titulada "El misterio de la naranja china", escrita por el consorcio Ellery Queen. Yo traduzco "naranja china" por "mandarina", que trae el diccionario. En Salto, se decía "tangerina" y los quinteros gringos pronunciaban "tanyirina". Se descubre un crimen en una habitación cerrada. Todo estaba en perfecto orden (si mis recuerdos no me fallan) pero todo estaba al revés: el occiso tenía el saco al revés, el sombrero al revés, la camisa al revés, los zapatos cambiados, el pantalón al revés y lo mismo ocurría con los muebles y enseres de la habitación. Ellery Queen descubre el *intríngulis*: se trataba de un pastor protestante que, como tal, abrochaba el cuello de su camisa por atrás y, para que no se descubriera su identidad, era necesario poner todo al revés. En un búcaro se desmayaba, no una flor como en la "Sonatina" de Rubén, sino las semillas de la naranja que había ingerido el clérigo. Y de ahí el título.

Así tiene sentido la paradoja del Conde de Lampedusa. La cita de Ellery Queen enriquece, como no podía ser de otro modo, las doctorales fuentes bibliográficas a que acudo para mis citas más rebuscadas: prácticamente, no se cambiaba nada, sino que se alteraba el orden de su presentación. Como cuando mi mujer me "asea" la biblioteca: mis libros son los mismos, pero no están en "mis" lugares acostumbrados. La biblioteca es la misma. Pero sus componentes están confundidos y sin embargo todo sigue como estaba.

——oOo——

Debemos ser, ante todo, honestos. Aunque yo sea liberal, me repugna el derecho irrestricto de herencia y la desmesura de la propiedad. Por igual razón, un marxistaleninista no puede tratar de hacernos creer que, dentro de una estructura rígidamente marxistaleninista, se pueda encajar el liberalismo de Occidente sin que las cosas "rechinen", como decía el Dr. Echegoyen.

Al revés: acaba de decir Gorbachov (o Gorvachev) en "La Nación": En Occidente existe la opinión de que la "perestroika" significa desilusión del socialismo o una crisis de sus ideales y fines últimos. ¡¡¡Nada puede estar más lejos de la verdad!!! La perestroika está impulsada por la conciencia de que el potencial del socialismo había sido poco utilizado".

Pensar de otro modo, agrego yo, sería como soñar con la reinstauración de la monarquía incaica en el Belgrano de 1816 o la de los Romanoff en la Unión Soviética actual.

LA MAÑANA 5/11/87

01.01

1B

ARCHIVAR EN: URSS (026.)

TEMA: NaTIBULLAH. NIEGA ENCARCELAMIENTOS.

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 7/11/87

ARCHIVADO EN: AFGANISTAN (029)

01.01

8711783

Mandatario cubano viajó a la capital

Fricciones con Castro

MOSCU (EFE).- El presidente de Nicaragua, Daniel Ortega, salió ayer de Moscú de regreso a Managua dentro del programa previsto, a pesar de haber suspendido una conferencia de prensa, aseguraron fuentes diplomáticas nicaragüenses.

Según la información, Ortega no celebró la rueda de prensa prevista debido a una entrevista de última hora que mantuvo con dirigentes soviéticos en el Kremlin.

Las fuentes desmintieron versiones según las cuales el presidente de Nicaragua había adelantado su regreso a Managua para hacer frente a la situación creada por la deserción a Estados Unidos de un alto funcionario del Ministerio de Defensa.

Agregaron que Ortega anunciará en Managua una serie de puntualizaciones nicaragüenses a los acuerdos de Esquipulas para la paz en América Central.

El presidente de Nicaragua tomó la palabra, el miércoles, ante el pleno del Comité Central del Partido Comunista de la Unión Soviética, y aseguró que su país mantendrá la amistad fraternal con la URSS por encima de cualquier presión o chantaje.

Ortega expresó la opinión de que probablemente Estados Unidos utilizará el pretexto de mi presencia en Moscú para conceder una nueva ayuda de 270 millones de dólares a la contrarrevolución.

Sobre la situación en Centroamérica, Ortega afirmó que tiene esperanzas de que se hagan efectivos los acuerdos de paz, y abogó por una negociación bilateral con Estados Unidos como medio para poner fin a la situación bélica en Nicaragua.

Ortega realizó un fructífero intercambio de puntos de vista sobre la situación en Centroamérica con el jefe del Kremlin, agregaron las fuentes.

Gorbachov expresó a Ortega el respaldo total de la Unión Soviética a los esfuerzos nicaragüenses para llevar a cabo una política de reconciliación nacional.

Ambos mandatarios consideraron que el actual instrumento de paz en Centroamérica es el cumplimiento estricto de los acuerdos de Esquipulas.

El máximo dirigente soviético insistió en que es fundamental que cada país de la zona acepte el principio de que cada pueblo tiene derecho a escoger libremente su modelo de desarrollo.

El presidente de Nicaragua concluyó su visita oficial a la URSS, que realizó con motivo de las celebraciones del 70 aniversario de la revolución marxistaleninista.

LA MAÑANA 5/11/87

147

Urgr. Cuba Nicaragua

074

Entrevista imprevista en el Kremlin

Presidente Ortega abandonó URSS



MOSCU.- El Presidente cubano, Fidel Castro, se abraza con el Primer Ministro soviético, Nikolai Ryzhkov, al llegar a la Unión Soviética. Castro participará en los festejos del 70 aniversario de la Revolución Rusa. (Radiofoto Reuter).

LA MAÑANA 5/11/87

MOSCU (ANSA y EFE).- El máximo dirigente cubano, Fidel Castro, llegó ayer de tarde a la capital soviética para asistir a la conmemoración del 70 aniversario de la Revolución Rusa.

Castro llegó a la capital soviética en un momento en que se especulaba sobre supuestas fricciones entre La Habana y Moscú, ya que el presidente cubano no estuvo presente el pasado lunes en el discurso que pronunció el máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, en los actos de apertura de las celebraciones.

El líder cubano participará hoy en una reunión restringida de dirigentes comunistas en el Kremlin, convocada por Gorbachov con el fin de coordinar en todo el bloque socialista medidas de reforma económica y social.

Según versiones diplomáticas, las relaciones entre Cuba y la URSS atraviesan un momento delicado a causa de la crisis económica que vive el país caribeño, ya que la Unión Soviética advirtió a Fidel Castro que no está en condiciones de financiar indefinidamente el déficit presupuestario cubano.

La llegada de Fidel Castro a Moscú, en cuyo aeropuerto fue recibido por el primer ministro soviético, Nicolai Ryzhkov, coincidió con la salida precipitada del presidente de Nicaragua, Daniel Ortega.

El mandatario nicaragüense se vio obligado a a suspender una conferencia de prensa para partir hacia Managua con el propósito de hacer frente a la crisis desencadenada por la daserción a Estados Unidos de Roger Miranda, hombre de confianza del Ministro de Defensa de Nicaragua, Humberto Ortega.

01.01

Instó a desmilitarizar el sur el canciller de la Unión SOVIETICA

El canciller soviético, Edouard Shevardnadze manifestó, ayer, la disposición de la URSS a "poner una barrera a la militarización del Atlántico sur y a la penetración del arma nuclear" en el continente americano. El ministro de Relaciones Exteriores de la Unión Soviética —en su primera jornada oficial— dialogó durante cincuenta minutos con el presidente Raúl Alfonsín y ambos coincidieron en la necesidad de poner fin a la carrera armamentista y lograr un orden económico internacional más justo.

El canciller soviético Edouard Shevardnadze, reafirmó ayer la disposición de la Unión Soviética a "poner una barrera en la penetración del arma nuclear en el continente (americano)" y a oponerse "a la militarización del Atlántico sur" y tras subrayar que "apoyamos activamente la creación de una zona de paz y seguridad" en el área libre de este tipo de armamento, se pronunció —en otro orden de temas— por "una solución entre todos, de tipo político" en la cuestión de las deudas externas de las naciones en vías de desarrollo.

En su primera jornada de actividad oficial en nuestro país, el primer ministro de Asuntos Exteriores de la URSS se reunió en dos oportunidades con el canciller argentino **Dante Caputo** y fue recibido en la Casa de Gobierno por el presidente de la Nación, **Raúl Alfonsín**.

En esta ocasión, el primer mandatario argentino y el visitante soviético mostraron ayer —durante una conversación de unos cincuenta minutos— varias coincidencias, entre ellas, sobre la necesidad de continuar con **las políticas tendientes a conseguir el desarme mundial y a lograr un ordenamiento económico internacional "con mayor justicia social".**

En un pasaje del diálogo, **Alfonsín calificó la política de apertura democrática soviética emprendida por el secretario general del Partido Comunista de la URSS, Mijail Gorbachov, como "revolucionaria para la Unión Soviética y el mundo".** Añadió el canciller visitante que **"yo aprecié mucho esa alta valoración" (del Presidente)** e indicó que la «perestroika» —la reconstrucción soviética a través de la democratización de su sociedad— **"no tiene nada que ver con golpes de Estado o insurrecciones, sino que es una revolución de la mente, un cambio profundo en el modo de vivir y pensar".**

Edouard Shevardnadze desplegó en la víspera una intensa actividad dentro de la cual se destacaron —además de este encuentro con **Alfonsín**— las con[illegible]ciones con su par argentino Caputo (ver aparte).

Diálogo con el Presidente

El alto funcionario soviético había llegado a la Casa de Gobierno a las 11.52 y en el lugar fue [illegible] por el director de Ceremonial de la Presidencia, [illegible] Pueyrredón, y los embajadores argentino en Moscú, Federico Bravo, y de la URSS en Buenos Aires, Oleg [illegible].

Durante el encuentro, el visitante entregó a Alfonsín una carta personal del premier ruso Gorbachov en la que éste le expresa al mandatario argentino su "satisfacción" por la labor que despliega en el marco del Grupo de los Seis.

Fue el propio Shevardnadze quien al término del diálogo con el Presidente se encargó de informar a la prensa, pues al retirarse se detuvo unos minutos en el Salón de los Bustos para dialogar con los periodistas.

"Fue una charla muy interesante y [illegible]", dijo y acotó, "yo diría, multifacética". [illegible] ambos efectuaron un "análisis muy serio sobre los proble-

INCOMPLETO

Mensaje a Alfonsín de Mijail Gorbachov

El líder soviético Mijail Gorbachov expresó ayer al presidente argentino Raúl Alfonsín su reconocimiento por la labor que desarrolla en favor del desarme al tiempo que manifestó su condena a cualquier forma de "uso de los dispositivos económicos y financieros como instrumento de presión política".

El canciller soviético **Edouard Shevardnadze entregó una carta de Gorbachov a Alfonsín** durante la entrevista que ambos sostuvieron en la Casa Rosada.

Gorbachov señala en su misiva, de poco más de cuatro carillas, su "satisfacción" por la int[illegible]ficación de las relaciones entre ambos países, las cuales, sostiene, "adquieren un carácter cada vez más estable y multifacético".

Al mismo tiempo, destaca el "aumento de confianza y comprensión mutuas" entre la Argentina y la Unión Soviética y su voluntad de "seguir desarrollando las relaciones de amistad".

Gorbachov pone de relieve la cuestión del desarme y afirma a Alfonsín que ese tema fue "el alma de nuestro fructífero intercambio de opiniones efectuado durante su visita oficial a la Unión Soviética en octubre pasado."

"Quisiera [illegible] indicar [illegible] de los dirigentes [illegible] constituye [illegible] encaminada a [illegible] mundo [illegible] nuclear".

[illegible] la [illegible] de la [illegible] Gorbachov [illegible] que la [illegible] que [illegible] total de [illegible] nucleares es [illegible] a lo que [illegible] con [illegible] y [illegible] dades" del [illegible].

Sostiene que [illegible] mos [illegible] de [illegible] los esfuerzos [illegible] nados de todos [illegible] amantes de la paz [illegible] sanear la [illegible] mundial" y que "por ello apreciamos [illegible] iniciativa [illegible] por la Argentina en ese sentido".

"La [illegible] los [illegible] tales, y de usted, señor Presidente [illegible] gozan de perfecta comprensión y, como [illegible] habrá [illegible], de apoyo activo."

"Estamos [illegible] —dice más adelante— de que la Argentina, cuya voz prestigiosa [illegible] tes del [illegible] pliendo en [illegible] una importante [illegible] en la lucha por la supervivencia de la humanidad."

[illegible]

PARTES ILEGIBLES

URSS

Alfonsín Argentina

024

01.01

8711786

¿Qué desregulación es posible en una economía socialista?

Aspectos del proceso de cambio en la URSS de la era Gorbachov

Dos economistas soviéticos explican la necesidad de atacar el inmovilismo, la gestión ineficiente y el escepticismo juvenil

La reconversión económica que encara la Unión Soviética plantea interrogantes sobre su dimensión y las trabas que pone el sistema, para avanzar en los lineamientos fijados por Mijail Gorbachov.

Con el objeto de desentrañar las razones y los alcances de las desregulaciones impulsadas, su marcha y la modalidad de los cambios, LA NACION conversó con Alexandre Kovalev, representante comercial de la URSS en nuestro país, y Alik Touigounov, economista en jefe de la representación comercial.

A criterio de Kovalev, la transformación de los mecanismos económicos y del aparato estatal presupuso el reconocimiento de fuertes desajustes en el funcionamiento de la economía de su país.

Por cierto, la era de cambios que impulsa el líder soviético –acotó– no significa, sin embargo, apartarse de los lineamientos fundacionales del socialismo soviético. La "perestroika" (reestructuración) se centra, siguiendo esta visión oficial, "en la superación de relaciones de producción que habían ido perdiendo su carácter estimulante y mayormente se habían convertido en un freno para el ritmo de desarrollo al que aspira la URSS". Obviamente –reconoció–, ante los cambios propuestos no todos reaccionan de la misma manera. No sólo hay quienes los resisten, sino que a otros, si bien comprenden la urgencia de la reconversión, les cuesta romper con los hábitos.

Los anteriores intentos de cambio, en la época de Kruschov, fallaron ante la resistencia de la dura capa burocrática, sostuvieron los economistas consultados. Pero dos décadas de estancamiento ponen ahora en jaque la paridad productiva con el otro actor de la bipolaridad, los Estados Unidos, y "resultaba así imprescindible un cambio de envergadura".

Diagnósticos: inmovilismo, corrosión, escepticismo

El primer paso en la era Gorbachov fue –indican– reconocer la serie de problemas acumulados, tales como "la no evaluación a tiempo de la necesidad del cambio; el inmovilismo en el sistema de producción socialista; el rechazo infundado de formas de gestión económica eficaces y relaciones de producción y distribución".

"La corrosión social, el escepticismo de los jóvenes y la indignación ante la conducta de aquellos dirigentes que antes que defender los intereses del Estado y la población, abusaban del poder, acallaban la crítica y se resistían a los cambios", resultaban el correlato de los desajustes del sistema según el diagnóstico del partido.

Para Kovalev, la reestructuración encarada no sólo toca lo fundamental del funcionamiento económico, sino que avanza sobre todas las esferas de la vida social soviética.

En el camino de las transformaciones, cobra relieve la reasignación de responsabilidades en el complejo sistema de relaciones de producción –opinó–. Se busca desactivar los métodos de gestión burocrática, que inhibían los proyectos empresarios. Anteriormente, los organismos superiores dictaban su voluntad en la estrategia de producción e inversión. Por ley se adoptó un mecanismo que tiende a fortalecer la autogestión de las empresas. El director y el consejo de trabajadores, a partir de entonces, quedó en manos del "colectivo laboral". De esta manera, cambia la actitud de los participantes de la producción –según Kovalev–, "convirtiéndose los trabajadores en protagonistas más activos en el manejo de las empresas".

A partir de la reestructuración de las relaciones de producción, las ganancias –salvo la alícuota que pasa a estructuras centralizadas– quedan a disposición del "colectivo" laboral de la empresa, que resuelve si se las destina a la reinversión, la construcción de viviendas o para otros fines de índole social.

Los planes de producción ya no se diseñan en entes ajenos a las empresas, sino que son pautados conforme a señales del mercado consumidor –en el caso de bienes finales de consumo– o por la regulación de acuerdos con otras empresas. El esquema anterior llevaba a que los programas de producción, por ende, de oferta, apareciesen desvinculados de las apetencias del mercado, hecho que generaba incongruentes acumulaciones de stocks.

Por otra parte, si una empresa no genera rentabilidad o es muy ineficiente –señaló Kovalev–, en una instancia superior, se toma la resolución de reorientar la producción o cerrar la empresa. En tal caso, el Estado queda obligado a encarar la reubicación de los trabajadores según las necesidades de otras ramas de la industria.

Replanteo salarial

La retribución de los trabajadores se ha replanteado. Se optó por privilegiar ahora la calificación y la productividad del trabajador. El régimen salarial anterior generaba graves distorciones en el mercado laboral. Ello llevaba a que de medio millón de especialistas diplomados –de alta calificación–, aproximadamente –conforme a los datos consignados– un 25% de ellos trabajara como



Alexandre Kovalev (Foto de …)

obreros, ya que así lograban una paga.

La experiencia de empresas –apuntó Touigounov– puso de [illegible] la contradicción existente entre [illegible] canismo económico caduco y la [illegible] ción tecnológica, mostrando [illegible] reestructuración debía abarcar [illegible] amplias esferas, y no sólo de [illegible] nados sectores de la producció[illegible] rando sobre los vínculos inte[illegible] riales, tanto en el sentido hor[illegible] como en el vertical.

La reestructuración del meca[illegible] de gestión tiende a generar est[illegible] para que los trabajadores eleven [illegible] lidad y la eficiencia de la activid[illegible] ductiva.

Con las desregulaciones impu[illegible] los indicadores correspondi[illegible] 1986 y al primer semestre [illegible] muestran que la economía s[illegible] está cobrando el ritmo medio [illegible] crecimiento previsto para el [illegible] nio 1986-1990. El volumen [illegible] ción industrial –en 1986– aum[illegible] 4,9 %, la productividad del tra[illegible] aquel sector creció el 4,6 %, [illegible] que la producción agrícola sup[illegible] en un 100 % el promedio anual [illegible] cado.

La flexibilidad, por otra pa[illegible] abierto nuevos cauces para la [illegible] mentación con Occidente, sen[illegible] especialistas soviéticos.

URSS

Conflicto: Siria Israel

Moscú habría cambiado su posición sobre la OLP en Medio Oriente

En un revés para los esfuerzos estadounidenses de aproximar a Siria al proceso de negociaciones en Medio Oriente, el canciller de ese país rechazó la idea de una conferencia internacional de paz. Pero hay indicios de que la URSS abandonaría una demanda que hasta ahora ha bloqueado el proyecto de esa conferencia.

NUEVA YORK, 1º (Por John McGoshko, del "Washington Post", especial para Clarín). — El ministro de Relaciones Exteriores de Israel, Shimon Peres, dijo el miércoles al secretario de Estado, George Shultz, que la Unión Soviética se apresta a dejar de insistir en que la OLP sea representada por palestinos en cualquiera nueva conversación sobre la paz en Medio Oriente.

Según fuentes confiables, Peres dijo que esta había sido la impresión que le transmitió el ministro de Relaciones Exteriores soviético, Eduard Shevardnadze, en su encuentro de la semana pasada.

Una actitud más flexible por parte de la Unión Soviética con respecto a la representación palestina allanaría uno de los principales obstáculos que bloquea una conferencia internacional que desembocaría en una negociación de paz entre Israel y Jordania. Shultz por otra parte planifica una visita a Medio Oriente este mes para evaluar las posibilidades de dicha conferencia.

Asimismo, el rey Hussein, de Jordania, quien desea apoyo internacional para lograr conversaciones con Israel, ha insistido en una conferencia que se realice con el auspicio de los cinco miembros permanentes del Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas: Estados Unidos, Unión Soviética, China, Gran Bretaña y Francia. Esta propuesta de Hussein produjo un desacuerdo en el gobierno de coalición israelí. El bloque del Likud, encabezado por el primer ministro Yitzhak Shamir, se opone. El partido Laborista, liderado por Peres, sostiene que una conferencia internacional es un puente directo para mantener conversaciones con Jordania y resolver el conflicto árabe-israelí. Peres, en su discurso del miércoles, pidió apoyo mundial para esta conferencia.

En el pasado, la Unión Soviética sostenía que los palestinos (que tienen su territorio ocupado por los israelíes) debían ser representados en cualquier conversación por una delegación de la OLP. Israel, apoyado por Estados Unidos, se negaba a cualquier trato con la Organización y pedían que los intereses palestinos fueran representados por una delegación conjunta jordano-palestina.

♦ Sugerencias

Las fuentes indicaron que Shevardnadze —en su encuentro con Peres— no dijo específicamente que desistiría de pedir por una delegación palestina independiente sino que aludía al tema con frases que connotaban una mayor cercanía con las propuestas israelíes y norteamericanas de una delegación conjunta.

La semana pasada, en conferencia pública, el portavoz del ministro soviético, Gennadi Gerasimov, también aludió a cierto cambio. Dijo que los soviéticos esperaban que los palestinos fueran representados o bien que la delegación jordana incluyera a palestinos "aceptables para la OLP".

Las fuentes agregaron, también que el secretario de Estado Shultz enfatizó que su viaje a Israel no tiene como objetivo presionar a Shamir ni a los oponentes para una conferencia internacional, aunque Estados Unidos la apoye.



Shimon Peres (izq.), canciller israelí, junto a su colega chino, Wu Xue Qian, en la misión de China en las Naciones Unidas.

Rechazo de Siria

NACIONES UNIDAS, 1º (Por Norman Kempster, de "Los Angeles Times", especial para Clarín). — En un firme discurso ante la Asamblea General de las Naciones Unidas, el canciller sirio Farouk Shareh rechazó despectivamente, este miércoles, la conferencia internacional de paz para el Medio Oriente que propicia su homólogo israelí, Shimon Peres, y que parece contar con el apoyo de Estados Unidos.

Shareh urgió a la comunidad internacional a negarse a asistir a esta conferencia propuesta por el canciller israelí como un foro para negociaciones directas entre Israel y sus vecinos árabes.

"Israel nunca gozará de la paz en nuestra región, al margen del alcance de su poderío militar, mientras siga ocupando parte de los territorios árabes", declaró Shareh.

Sus palabras sonaron a un grave revés para los esfuerzos que está haciendo Estados Unidos para acercar a Siria al proceso de paz árabe-israelí. Si bien las relaciones sirio-norteamericanas han mejorado últimamente —luego de años de alejamiento—, el régimen de Damasco no ha cedido en su hostilidad hacia Israel.

Algunos funcionarios estadounidenses temen que una activa oposición por parte de Siria bloquee las negociaciones de paz entre Israel y Jordania o cualquier otra nación árabe. Sin embargo, estos funcionarios confían en que Siria podrá ser convencida para suavizar su posición de modo tal que aun cuando no desee hablar de paz con Israel no trate de obstaculizar que otros estados lo hagan.

"Esperamos que (los sirios) no se conviertan en un obstáculo", comentó una fuente norteamericana luego del discurso de Shareh ante las Naciones Unidas. "Lo que hemos estado diciendo es que las partes en cuestión deberían elaborar algo que les resulte aceptable", añadió.

Hace varios años, el rey Hussein de Jordania propuso la realización de una conferencia de paz internacional como un foro para negociaciones directas con Israel. En su momento, Hussein había declarado que necesitaba apoyo internacional porque no estaba dispuesto a hacer la paz con Israel en forma separada, como había hecho el extinto presidente egipcio Anuar Sadat.

En respuesta a ello, Peres, líder del laborismo en la coalición de gobierno de Israel, sugirió la realización de una conferencia que apoyaría conversaciones jordano-israelíes, pero que no tendría facultades para imponer un acuerdo.

♦ Moderador

Shimon Peres precisó los detalles de su plan en un discurso que pronunció el martes ante la Asamblea General de las Naciones Unidas y señaló que la conferencia funcionaría como una suerte de moderador para conversaciones directas entre Israel y una delegación jordano-palestina, entre Israel y Siria y entre Israel y el Líbano.

Pero esta propuesta es rechazada de plano por el primer ministro israelí, Yitzhak Shamir, y su bloque Likud. PARTES ILEGIBLE

POCO LEGIBLE

026

01.01

8711806

Puntos Pivotales De la Penetración Soviética En el Atlántico Sur

Antecedentes y datos actuales

ALPHONSE MAX

del Instituto de Estudios Internacionales de Montevideo

INTRODUCCION

EN LOS ÚLTIMOS veinte años, la Unión Soviética ha sometido a América latina, especialmente al Cono Sur, a un sistemático proceso de expansión, buscando la instalación, cuando no la preservación y ampliación de su penetración en los mares y territorios de esta parte del continente americano.

Para ello, maneja una serie de instrumentos: el partidario (a través de los partidos comunistas locales que, como el argentino y el uruguayo, son de estricta obediencia a Moscú); el subversivo (prestando su apoyo por intermedio de terceros, OLP, Libia, Cuba, Corea del Norte, a los movimientos terroristas); el político (mediante las relaciones diplomáticas) y el comercial (una actividad que se ha incrementado en los últimos años ya a nivel bilateral, ya participando en grandes obras multinacionales).

URUGUAY

Las relaciones diplomáticas entre Uruguay y la Unión Soviética, han conocido pocas variaciones. Desde el punto de vista comercial, Moscú se ha transformado, en los últimos años, en un activo cliente, sin reparar en el tipo de régimen.

Después de México, Uruguay fue el segundo país latinoamericano en establecer relaciones diplomáticas con la Unión Soviética (22 de agosto de 1926) [1]. Ese mismo año, las dos naciones acuerdan mantener relaciones comerciales. Sin embargo, el 27 de diciembre de 1935, el presidente Gabriel Terra, decretó la suspensión de las relaciones. Ocho años después, durante la presidencia de Juan José de Amézaga, éstas se reanudaron (28 de julio de 1943) [2].

Ya en la década de 1930-1940, queda al descubierto el trabajo de penetración e injerencia llevado a cabo por la Embajada soviética en

01 .07 8711808

Montevideo [3]. Tarea que no se interrumpe en la década siguiente, haciendo irrupción el 3 de octubre de 1966, cuando el Consejo Nacional de Gobierno presidido por el señor Alberto Heber Usher, determinó la expulsión de cuatro funcionarios diplomáticos soviéticos. Medida similar se adoptó el 24 de febrero de 1968, con tres integrantes de la representación rusa [4]. En mayo de 1971 el presidente Jorge Pacheco Areco, convocó personalmente al entonces embajador soviético, Nikolai Demidov, a fin de advertirle sobre la intromisión e injerencia de funcionarios de su representación en la planificación de la escalada subversiva que en estos momentos sufría Uruguay. Este funcionario, perteneciente a los cuadros de la KGB, ya había sido objeto de advertencias y expulsiones en otros países. En 1967, el gobierno brasileño lo había declarado "persona non grata" [5].

Durante el gobierno del presidente Juan María Bordaberry, las relaciones diplomáticas entraron en un período de leve distanciamiento. El gobierno cívico-militar que se instaló en 1973, declaró, en octubre de ese mismo año, ilegales a los partidos Comunista y Socialista, disolviendo todas las organizaciones políticas, gremiales y culturales de inspiración marxista. La prensa que respondía a esa ideología fue igualmente clausurada. La Unión Soviética no alzó su voz de protesta ni censuró en los foros internacionales la persecución de que eran objeto los marxistas. Todo lo contrario, las relaciones, especialmente las comerciales, no registraron los sobresaltos de la situación política imperante, sino que se incrementaron, verificándose saldos positivos en la balanza comercial uruguaya.

En marzo de 1985, asume el presidente Julio María Sanguinetti, y en estos dos años de régimen parlamentario decenas son las delegaciones soviéticas que pululan por Montevideo, sin causar mayor preocupación en el gobierno.

Penetración Cultural

Otra forma de penetración e infiltración cultivada por la Unión Soviética, es el incremento de los lazos artísticos e intelectuales.

En mayo de 1968, fue concertado un convenio sobre colaboración científica y cultural. Desde entonces, numerosos jóvenes han ido a estudiar a la Unión Soviética, especialmente a la Universidad Patricio Lumumba, donde reciben toda clase de adoctrinamiento, incluyendo el espionaje.

El Instituto Cultural Uruguayo-Soviético, fue desde su creación el 5 de diciembre de 1945, un eficaz instrumento de penetración ideológica y de propaganda. Esta labor se reemprende en 1985, año de su reapertura luego de su clausura en noviembre de 1973 [6].

Dentro de esta modalidad de penetración, la Unión Soviética no descuida ningún sector; desarrollando una divulgación masiva de lo "bien que se vive en la Unión Soviética" a través de exposiciones fotográficas, afiches, ciclos de cine, en sindicatos, clubes de barrio y deportivos, asociaciones estudiantiles y sociales. Esta práctica no se circunscribe sólo a Montevideo sino que se extiende también al interior del país.

Las casas culturales ligadas a los distintos sectores que componen el conglomerado izquierdista, Frente Amplio, refuerzan esta tarea de adoctrinamiento y reclutamiento. Así han surgido la Casa de la Cultura del Partido Comunista uruguayo, la Casa "Zelmar Michelini", vinculada al Movimiento "Por la Victoria del Pueblo" (grupo del senador Hugo Batalla), y la reapertura de la Casa del Pueblo del Partido Socialista [7].

Por supuesto que no debemos olvidar la tarea que, en esa materia, les compete a los institutos que responden a los países detrás de la Cortina de Hierro, propiciando viajes, becas, giras, cursos, muestras.

Delegaciones artísticas y culturales están arribando incesantemente al país. Por ejemplo, circos, ballets, entre ellos el famoso Bolshoi, artistas, músicos, actores, periodistas, científicos, deportistas, acompañados por representantes de órganos de seguridad.

Política y Comercio

La situación política del Uruguay en la década de 1970 (golpe de estado de 1973, prohibición de las organizaciones marxistas, proscripción del Partido Comunista y sus legisladores, exilio y/o detención de sus adherentes) no fue obstáculo, como ya lo señalábamos, para que la Unión Soviética incrementara su comercio con Uruguay, teniendo este país una balanza comercial favorable.

Según una estadística publicada el 29 de septiembre de 1973, hasta esa fecha el intercambio con Moscú representaba tan sólo el 1% del comercio exterior uruguayo [8]. Aparentemente paradójico, durante el proceso militar, la Unión Soviética se transformó en uno de los principales socios comerciales de Uruguay; algo que recientemente fuera ratificado por el presidente de la Comisión de Relaciones Exteriores de la Cámara de Diputados, Roberto Asiaín, al manifestar que el intercambio comercial de la Unión Soviética con Uruguay fue mucho más fluido en los años del régimen de facto que en la actualidad [9]. Esto demuestra que los soviéticos usan sus vínculos comerciales como instrumento de presión sobre la política interna de un país: en el régimen militar los efectos de tal presión hubieran sido mínimos, con el actual gobierno ofrece mucho más espacio de maniobra; es exactamente lo que está ocurriendo.

Obvio es decir que, tanto durante el período militar como ahora con la vigencia del gobierno parlamentario, han llegado nutridas delegaciones comerciales, convenientemente acompañadas por elementos al margen de la actividad económica.

Hemos dejado para el final dos áreas de particular interés para Moscú; la actividad pesquera y la participación en las grandes obras de infraestructura.

Los fines de esta última estrategia son diversos; entre ellos lograr que las naciones del continente dependan de la industria soviética con la consiguiente ventaja para el Kremlin de coaccionar sobre los gobiernos correspondientes cuando surge la necesidad de complementación, repuestos y asistencia; introducir agentes bajo la apariencia de expertos; llevar técnicos locales a la Unión Soviética para su adoctrinamiento y recolectar toda clase de datos reservados relacionados con el comercio y la industria.

El interés de Moscú por la obra binacional argentina-uruguaya de Salto Grande, que se remonta por lo menos a 1966, se vio coronada por el éxito, cuando el 28 de abril de 1974, la Comisión Mixta de Salto Grande adjudicó a la firma ENERGOMASCHEXPORT, el contrato para el suministro de las turbinas y maquinaria [10].

El precio propuesto, 50 millones de dólares, era 30% más bajo que los presentados por otras cuatro firmas provenientes de Estados Unidos, Japón, Yugoslavia y el Mercado Común Europeo. La oferta incluía un crédito adicional de 10 millones de dólares, con un plazo de 15 años y con una tasa de interés del 4,5%.

En aquella época (1973), un despacho de AP fechado en Buenos Aires, indicaba que la oferta favorable de la Unión Soviética, era "coincidente con la creciente corriente comercial entre Argentina y la Unión Soviética" [11]. Efectivamente, ese año tres misiones comerciales soviéticas llegaron a Buenos Aires encabezadas por altos funcionarios gubernamentales. Por su parte, el presidente uruguayo, Juan María Bordaberry, se mostró renuente a aceptar la propuesta soviética, pero no tuvo más remedio que acceder, ya que Uruguay participaba tan sólo con un 17% de los costos, aunque se beneficiaba con el 50% del total de la energía producida.

Pesca

En la última década Uruguay ha asistido a buques soviéticos y del bloque comunista surtos en los puertos del país.

Estos barcos pesqueros en aguas del Atlántico Sur se detectan desde hace tiempo. Numerosas han sido las protestas por actos de piratería de estos navíos. En 1968, desde Río Grande do Sul, se denunciaba a "50 buques soviéticos que estaban barriendo la región utilizando métodos contrarios a la conservación de la fauna marina". También desde la Argentina se hacían denuncias similares, cuando no se capturaban a buques pescando en aguas jurisdiccionales [12].

En marzo de 1968, el Departamento de Prensa, Informaciones y Publicaciones del Ministerio de Relaciones Exteriores uruguayo, daba a conocer el siguiente comunicado: "El 1° de marzo de 1968, el ministro de Relaciones Exteriores, doctor Héctor Luisi, presentó una formal protesta al señor embajador de la Unión Soviética, por actitudes asumidas por barcos soviéticos, a quienes se encontró pescando en aguas jurisdiccionales uruguayas" [13].

El 11 de abril de 1987, la Unión Soviética y el Uruguay, finalizaron las negociaciones para un acuerdo sobre la prestación de servicios portuarios y de colaboración tecnológica. A través del mismo, Uruguay otorgará facilidades en relación con el relevo de tripulación, reparación y aprovisionamiento de dichos buques.

En cuanto a la colaboración tecnológica, se acuerda: la preparación de personal en instituciones de enseñanza media y superior de la Unión Soviética, también en buques pesqueros, creación y perfeccionamiento de la infraestructura costera, incluyendo construcciones portuarias destinadas a la reparación y servicio de buques pesqueros. Además se permitirá la operación de la línea aérea soviética AEROFLOT, que ya cuenta con oficinas en Montevideo, para el recambio de tripulaciones [14].

Por intermedio de este convenio, la Unión Soviética tendrá en Montevideo, una nueva base de operaciones, además de las que ya cuenta en Argentina, para 170 buques pesqueros y a través de este acuerdo la posibilidad para movilizar al personal -alrededor de 1.000 tripulantes- que serían sustituidos semanalmente.

ARGENTINA

Las relaciones diplomáticas entre Argentina y la Unión Soviética -que datan de junio de 1946- [15] se incrementaron con los últimos gobiernos peronistas (Cámpora; Juan Perón; Estela Martínez) y contrariamente a lo que podría pensarse, se intensificaron, especialmente a nivel comercial durante el proceso militar que gobernó Argentina desde 1976 a 1984.

En mayo de 1974, el ministro de Economía de Perón, José Ber Gelbard (nacido en Rusia), encabezó una nutrida delegación a la Unión Soviética. La visita concluyó con la firma de un acuerdo sumamente amplio y generoso, ya que Moscú concedía a Buenos Aires un crédito de 600 millones de dólares, pagadero a 10 años, al 4,5% de interés anual y abriéndose la cooperación en el área de los complejos hidroeléctricos, en materia de petróleo, navegaciones aérea y marítima y pesca. Este acuerdo bien podría haber sido el puntapié inicial para que la Unión Soviética reforzara su presencia en una zona geográfica de significativa importancia estratégica. De ahí es más, y amparados en la legitimidad de los acuerdos, se produce una verdadera invasión de técnicos con todo lo que esto implica desde el punto de vista de la seguridad del Estado [16].

Derrocada la presidenta María Estela Martínez de Perón, en 1976, se inicia el gobierno militar encabezado por el teniente general Jorge Rafael Videla, quien inaugura una etapa de intenso acercamiento entre el Kremlin y las juntas militares argentinas.

Es de destacar que los militares argentinos, que se declaraban férreos anticomunistas erradicando todo vestigio de comunismo en el ámbito local, se comportaron de manera ostensiblemente amistosa con la principal potencia marxista (Videla no se plegó al boicot cerealero decretado por Carter; Galtieri aceptó la ayuda soviética, a través de Libia, durante la guerra de las Malvinas y su canciller, Nicanor Costa Méndez, simbolizando las relaciones entre los dos países, se confundió en un apretado abrazo con Fidel Castro durante ese conflicto).

Por supuesto, que Moscú recibió con beneplácito la política exterior de los distintos gobiernos militares, mucho más que cualquier potencia de Occidente. La Unión Soviética se abstuvo de criticar públicamente al gobierno argentino, principalmente en materia de los derechos humanos, dejando esa tarea en manos de los gobiernos occidentales, quienes sí llevaron una ofensiva por la protección de los mismos, sin preocuparse de establecer causa y efecto de ese fenómeno.

Antecedentes de penetración

No se tomó en cuenta, para esa complaciente actitud, los antecedentes que en materia de injerencia había demostrado la Unión Soviética. En 1959, cuatro diplomáticos rusos eran declarados "personas non gratas" por intervenir en los asuntos internos del país y en disturbios estudiantiles. El 4 de noviembre de 1970, dos ciudadanos soviéticos fueron detenidos por agentes de seguridad incautándoseles un microfilm que contenía tomas de objetivos militares y civiles del país. En 1974, varios integrantes de una delegación de las tantas exposiciones industriales soviéticas eran expulsados acusados de actividades sospechosas [17]. El 3 de noviembre de 1976, un cable de ANSA informaba que el gobierno argentino había cancelado la visa de siete técnicos soviéticos del plantel de una exposición industrial y los conminó a abandonar el país en el lapso de 48 horas [18].

Una sutil penetración

Muchas son las visitas de delegaciones culturales y científicas a Buenos Aires. Desde enero de 1985 han arribado al país alrededor de 650 conjuntos de la más variada gama [19]. Entre ellos el coro y danzas del Ejército soviético, ballet que depende directamente del GRU (espionaje militar) [20].

En cuanto al área comercial, la Unión Soviética ha sido uno de los principales compradores de granos argentinos (las relaciones comerciales se remontan a 1921), adquisiciones que se acentúan a fin de los 70 y comienzo de los años 80 cuando las Fuerzas Armadas luchaban contra la subversión. El pico más alto podría ubicarse en 1981, cuando las compras soviéticas llegaron a los 3.550 millones de dólares y las ventas tan sólo a 65 millones de dólares. Llama poderosamente la atención que mientras la Embajada argentina en Moscú tiene acreditado alrededor de 13 personas, la de la Unión Soviética en Buenos Aires alberga a 127 funcionarios. [21]

Dependencia

La dependencia que en materia comercial tiene Argentina de la Unión Soviética es explotada por ésta. Desde 1981, las compras de carne y granos argentinos han declinado, tendencia que el presidente Raúl Alfonsín trató de subsanar en su visita a Moscú (octubre de 1986), prometiendo comprar más maquinaria y aumentar la participación soviética en programas de electrificación rural, proyectos de infraestructura [22].

Las grandes obras públicas

Moscú ha reiterado permanentemente su desinteresada colaboración en los grandes proyectos de infraestructura emprendidos por los diferentes gobiernos argentinos, sin preocuparse -aparentemente- por el tipo de régimen. La aceptación implica una inevitable forma de dependencia: en maquinaria, repuestos, asesoramiento, técnicos, convirtiéndose además, en un nuevo campo de injerencia, entrenamiento y adoctrinamiento.

En mayo de 1966, el entonces presidente de Agua y Energía, Conrado Storani, dio a conocer el interés soviético sobre la represa Chocón-Cerro Colorado. El cambio de régimen, de civil a militar, producido en junio de ese año, no hizo decaer la perseverancia soviética. En julio se informaba que la TEJNOPROMEXPORT de Moscú, se ofrecía a realizar desde las investigaciones que faltaran hasta la provisión de maquinaria. Al año siguiente, mayo de 1967, los asesores del entonces ministro de Economía, Adalbert Krieger Vasena, volvían a destacar la insistencia soviética. En julio se anunciaba que la Unión Soviética había iniciado negociaciones con la Associated Electrical Industries, de Inglaterra, a fin de asociarse y así obtener la posibilidad de adjudicarse la obra [23].

Otro proyecto de gran envergadura que contó con la participación de los soviéticos, ha sido el del complejo hidroeléctrico del Paraná medio. El 20 de noviembre de 1978 (pleno gobierno militar) se firmó en Moscú el acuerdo para la realización de los estudios de factibilidad técnico-económico. Para el desarrollo de esas tareas se emplearon 25 técnicos y 13 expertos de la misma nacionalidad que ya venían trabajando en la Jefatura de Estudios y Proyectos Paraná Medio de Agua y Energía, en Santa Fe [24].

En abril de 1986, se suscribió un convenio para la provisión de cuatro turbinas destinadas a la central

hidroeléctrica de Piedra del Aguila, ubicada sobre el río Limay, a 240 kilómetros de San Carlos de Bariloche [25].

Pesca

La década de 1970 asistió a la constante y reiterada violación de la soberanía argentina por parte de los pesqueros rusos.

La mayoría de esos buques-factorías lograron eludir su apresamiento, lo que estaría indicando que habrían contado con el apoyo de un eficaz "servicio de inteligencia" dirigido desde tierra [26].

A fines de los años 60, el "Bureau de Investigación Naval" con asiento en Suiza, daba a conocer un informe sobre las actividades de los pesqueros rusos en aguas americanas. Señalaba, por ejemplo, el caso del buque "Kegostrov" que había atracado en el delta amazónico con el fin de desembarcar un grupo de guerrilleros comandado por un cubano. En este informe se mencionaba que en junio de 1968, la marina venezolana había sorprendido al remolcador soviético "Idonobon Gromovoy" a 100 millas de la Guajira, comandada por experimentados marinos vinculados a los servicios de espionaje naval soviéticos. El informe llega a la conclusión de que existía "una íntima relación entre todos y cada uno de los casos mencionados, y que, en conjunto, integran una gigantesca operación de inteligencia emprendida por el gobierno soviético"; agregando además, que entre los objetivos estarían los de estudiar la plataforma continental de América latina, levantar cartas costeras de localización, posiblemente para ubicar los lugares que en un futuro puedan ser utilizados como puertos clandestinos y como bases de reabastecimiento de flotas submarinas [27].

Desde 1977, se han venido sucediendo las firmas de acuerdos pesqueros tanto con la Unión Soviética como con los países del bloque oriental. Las facilidades que se concretan también se extienden a los buques de investigación oceanográfica, que dependen de la marina de guerra soviética. Mediante esos acuerdos se estableció una línea directa de Aeroflot, Varsovia-Trelew, para el recambio de la tripulación de los barcos polacos; además se les ha cedido la bahía de Cracker cerca de Puerto Madryn para que realicen los trasbordos y abastecimientos [28-29]. Finalmente, en 1986, se firmó un nuevo convenio a través del cual pesqueros soviéticos y búlgaros podrán navegar libremente por el mar territorial argentino y contar con facilidades en los puertos de la Patagonia [30]. Por intermedio de estos acuerdos, la Unión Soviética, también tendrá un más fácil acceso a las rutas marítimas estratégicas que llevan a la Antártida, donde los soviéticos tienen instaladas siete estaciones permanentes.

BRASIL

Este país tampoco ha escapado al interés estratégico soviético, intensificado durante los últimos veinte años. Las autoridades del Kremlin no perdieron de vista el auge económico que estaba experimentando Brasil en la década de 1970, principalmente en los primeros cinco años, y demostraron su habilidad para forjar vínculos comerciales absteniéndose de emitir juicios de valor acerca de un régimen cuyo anticomunismo era notorio.

Numerosas fueron las delegaciones soviéticas que, de toda índole, recalaron en Brasil.

Es interesante recordar que durante la visita que una delegación parlamentaria soviética efectuó, en septiembre de 1982, a este país, Radio Moscú dedicó encendidos elogios al gobierno militar presidido por Joao Baptista Figueiredo. En realidad, el verdadero objetivo de la misma, no era la de retribuir la realizada por una delegación brasileña en 1980; sino la de presionar a fin de equilibrar la balanza comercial entre los dos países, la cual era favorable a Brasil. En los años 70, esta nación había sido el principal socio comercial de la Unión Soviética en América latina (excluyendo a Cuba), puesto que cedió a Argentina [31].

Esta ofensiva comercial para parte de la Unión Soviética, respondía al objetivo de garantizar el suministro de equipos pesados para los proyectos hidroeléctricos que planeaban las autoridades brasileñas, especialmente el de Itaipú, por el cual los soviéticos ya habían demostrado interés en 1972 cuando en una inesperada visita, el entonces viceministro de Comercio Exterior soviético confesó la intención de su gobierno de suministrar los equipos pesados. Una obvia vía de penetración, ya que esta obra requeriría de equipos altamente sofisticados que a su vez necesitarían de un asesoramiento técnico constante.

La iniciativa soviética no prosperó porque ese mismo año (1972), quedó al descubierto una red de células subversivas vinculadas a Moscú[32]. Pero las autoridades del Kremlin no cejaron en su empeño y se constituyeron en proveedoras de equipos para otros proyectos hidroeléctricos.

En 1974, la Unión Soviética entregó cuatro unidades generadoras para la central hidroeléctrica de Capivari ubicada en el estado de San Pablo [33]. Al año siguiente (1975), se firmó un acuerdo por el cual la empresa soviética ENERGOMACHEXPORT, suministraba a Brasil cinco turbinas y cinco generadores para la presa de Sobradinho, sobre el río San Francisco, en el estado de Pernambuco [34].

En julio de 1981, se firmó un nuevo acuerdo comercial que además de establecer la entrega de 500.000 toneladas de petróleo al año por parte de los soviéticos y el suministro de 1.3 millón de toneladas de soya, entre 1983-1986, y 500.000 de maíz entre 1983-1986 por Brasil, se incluía la participación soviética en el proyecto hidroeléctrico de Ilha Grande en el sur de Brasil [35].

Al mismo tiempo se verificó la injerencia del Kremlin en el plano político. En 1972, ocho ciudadanos brasileños, todos ellos miembros del Partido Comunista

brasileño, fueron arrestados y acusados de espiar en favor de la Unión Soviética y los países del bloque socialista. Estos pasaban información económica y militar a los embajadores de esos países [36]. En 1976, la Cancillería brasileña solicitó a la Embajada de la Unión Soviética, como medida defensiva, que sus diplomáticos comunicaran, con dos días de anticipación, cualquier movimiento dentro del país, ya que se habían constatado numerosas infracciones a ese requisito [37].

También en la década de 1970, se detectó ya la presencia de "pesqueros" soviéticos (30 naves) en aguas territoriales brasileñas. La explicación dada fue el de

"Este país tampoco ha escapado al interés estratégico soviético, intensificado durante los últimos veinte años.Las autoridades del Kremlin no perdieron de vista el auge económico que estaba experimentando Brasil en la década de 1970, principalmente en los primeros cinco años, y demostraron su habilidad para forjar vínculos comerciales absteniédose de emitir juicios de valor acerca de un régimen cuyo anticomunismo era notorio."

estar realizando "investigaciones oceanográficas y geológicas" [38].

En marzo de 1972, la agencia ANSA informaba sobre la presencia de la nave soviética "Cosmonauta Yuri Gagarin", en aguas jurisdiccionales brasileñas, muy próxima al lugar donde se realizarían los lanzamientos de los proyectiles "Black Brandt" de observación meteorológica, que se hacía dentro del plan de colaboración con Alemania Federal [39].

Brasil, al igual que los regímenes militares del Cono Sur de la época, no escapó a la censura de los gobiernos de Occidente en lo que se refiere a la cuestión de los derechos humanos. En este contexto, la Unión Soviética o bien guardó silencio o dio su apoyo implícito a aquel país, como sucedió por ejemplo, en marzo de 1977, cuando los gobiernos brasileño y norteamericano tuvieron un diferendo por el tema de los derechos humanos [40].

Los soviéticos trataron de obtener de Itamaraty una posición favorable a sus intereses en materia nuclear. En 1979, el jefe del Departamento de Asuntos Internacionales del Ministerio de Relaciones de ese país, Sergei Bogomolov, trató de presionar a las autoridades brasileñas de adoptar una posición favorable a la Unión Soviética en la reunión de la Asamblea General de Naciones Unidas que se iba a llevar a cabo ese año. Además pretendió forzar a Brasil a que firmara el tratado de no proliferación nuclear [41].

Una vez instalado el gobierno de José Sarney (15-3-1985), el entonces ministro de Relaciones Exteriores, Olavo Egidio Setúval, visitó oficialmente Moscú en diciembre de 1985. En julio de 1986, una delegación parlamentaria brasileña visitó Moscú a invitación del Soviet Supremo [42].

Obviamente que la penetración cultural tampoco está ausente de los objetivos soviéticos. Así fueron llegando al país las mismas troupes que a Argentina y Uruguay. En el campo científico se observa la misma tenacidad. A título de ejemplo, es de señalar, que en 1985, un físico del Instituto de Investigaciones Espaciales de Brasil estuvo de visita en instituciones físicas de la Unión Soviética. Por su parte, el vicecanciller, Víctor Komplektov, ofreció la cooperación tecnológica para el desarrollo espacial brasileño [43]. También se confirmó el envío de una misión científica brasileña para que participe en el proyecto espacial soviético de envío de una nave a los satélites de Marte [44].

Conclusiones

Como puede verse, la Unión Soviética está llevando a cabo un forma de penetración, eficaz y provechosa para sus objetivos actuales, cambiando la táctica por el momento; prescindiendo de la insurrección armada que ella respaldó.

Por otro lado, es también obvio que la Unión Soviética siempre procede con medios pragmáticos, sin condicionar su actitud por el tipo de gobierno.

En muchos casos, si sus intereses lo imponen, ejercen una política francamente amistosa hacia regímenes militares, vehemente antimarxistas, (Videla-Viola en Argentina) u hostiles hacia gobiernos liberales, (gobierno de Pacheco Areco, en Uruguay).

Referencias

1 - LA HORA - Montevideo, 20 de agosto de 1986
2 - BUSQUEDA - Montevideo, 12 de septiembre de 1984
3 - "SUDAMERICA BAJO LA AMENAZA SOVIETICA" - Angel María Casano, Montevideo, 1936
4 - BUSQUEDA - Montevideo, 12 de septiembre de 1984
5 - EL PAIS - Montevideo, 21 de mayo de 1971
6 - LA HORA - Montevideo, 28 de diciembre de 1985
7 - LA HORA - Montevideo, 28 de diciembre de 1985
8 - LA MAÑANA - Montevideo, 29 de septiembre de 1973
9 - EL PAIS - Montevideo, 6 de febrero de 1987
10 - "EL CUARTO CAMINO DE MOSCU EN EL CONO SUR" - Alphonse Max, Montevideo, 2 de abril de 1974
11 - BUSQUEDA - Montevideo, 12 de septiembre de 1984
12 - BIEN PUBLICO - Montevideo, 26 de enero de 1968
13 - COMUNICADO MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES DEL URUGUAY - 1 de marzo de 1968
14 - EL PAIS - Montevideo, 11 de abril de 1987
15 - CONVICCION - Buenos Aires, 18 de abril de 1976
16 - LA NACION - Buenos Aires, 8 de mayo de 1974
17 - SOMOS - Buenos Aires, 25 de abril de [illegible]
18 - ANSA - 3 de noviembre de 1976
19 - LA PRENSA - Buenos Aires, 8 de mayo de [illegible]
20 - LA PRENSA - Buenos Aires, 8 de mayo de 1987
21 - LA PRENSA - Buenos Aires, abril de 1987
22 - BUSQUEDA - Montevideo, 7 de noviembre de 1966
23 - HECHOS - Montevideo, 28 de noviembre de 1967
24 - LA NACION - Buenos Aires, 10 de junio de 1979
25 - LA PRENSA - Buenos Aires, 29 de abril de 1986
26 - LA PRENSA - Buenos Aires, 29 de septiembre de 1977
27 - LA PRENSA - Buenos Aires, 8 de octubre de 1977
28 - TIEMPO ARGENTINO - Buenos Aires, 24 de julio de 1983
29 - EL PAIS - Montevideo, 30 de abril de 1983
30 - LA PRENSA - Buenos Aires, 20 de noviembre de 1986
31 - MONTEVIDEO LETTER - Montevideo, 21 de septiembre de 1982
32 - LA OPINION - Buenos Aires, 24 de marzo de 1974
33 - IPS - 6 de noviembre de 1974
34 - EFE - 4 de julio de 1975
35 - MONTEVIDEO LETTER - Montevideo, 21 de septiembre de 1982
36 - BUENOS AIRES HERALD - Buenos Aires, 6 de diciembre de 1972
37 - LATIN - 3 de diciembre de 1976
38 - ANSA - 11 de julio de 1970
39 - ANSA - 8 de marzo de 1972
40 - AFP - 9 de marzo de 1977
41 - EFE - 11 de septiembre de 1979
42 - EL DIA - Montevideo, 8 de diciembre de 1985
43 - LA NACION - Buenos Aires, 6 de febrero de 1987
44 - PL - 3 de enero de 1987.

TB

URSS

026

La Mañana

MONTEVIDEO, MARTES 3 DE NOVIEMBRE DE 1987

Señala Mijail Gorbachov

"Perestroika" se encuentra en una fase crucial

MOSCU. (ANSA, EFE, UPI y REUTER).- El máximo dirigente soviético, Mijail Gorbachov, afirmó ayer que el proceso de reestructuración (perestroika) en la URSS ha entrado en una fase crucial, y advirtió que no tolerará resistencias conservadoras ni impaciencias.

En su discurso de apertura de los actos conmemorativos del 70° aniversario de la revolución marxista, Gorbachov admitió que asistimos a un proceso de intensificación de resistencia a la "perestroika" por parte de las fuerzas conservadoras.

El líder soviético, que dedicó gran parte de su intervención a realizar un análisis de la historia del poder soviético, dijo que la perestroika entra ahora en un período crítico, derivado de la aplicación práctica de las reformas.

Los próximos dos o tres años -dijo Gorbachov- serán duros y complicados, porque será necesario manejar al mismo tiempo el proceso de reestructuración global de la economía y la sociedad y sus consecuencias en la gestión pública, la ideología y la cultura.

Gorbachov aseguró que la perestroika se enfrenta a dos peligros igualmente inquietantes: por un lado la obstaculización que practican determinados sectores del partido y la sociedad, y, por otro, los nervios e impaciencias de otras personas, que quieren acelerar indebidamente el curso de los acontecimientos.

CRISIS INTERNA

Esa referencia de Gorbachov se interpreta en medios diplomáticos de Moscú como una alusión a la crisis interior desencadenada por el jefe del Partido Comunista por Moscú, Boris Yeltsin, quien pidió el pasado 21 de octubre ser liberado de sus cargos políticos.

Yeltsin realizó en el pleno del Comité Central una fuerte crítica contra otros miembros del Politburó (máximo órgano de poder en la URSS), y pidió mayor determinación y velocidad en la aplicación práctica de las reformas.

La intervención de Yeltsin fue calificada públicamente como políticamente errónea, y se espera que se anuncie su retirada de la vida política la próxima semana, una vez concluidas las celebraciones del 70° aniversario de la revolución.

CUMBRE

El jefe del Kremlin se refirió a la actual situación internacional y destacó la próxima firma de un acuerdo con Estados Unidos para proceder a la destrucción de los misiles de medio y corto alcance.

Se trata -dijo- de un gran éxito de la nueva mentalidad, un triunfo de nuestra perseverancia en la búsqueda de soluciones mutuamente aceptables en base al principio de igual seguridad.

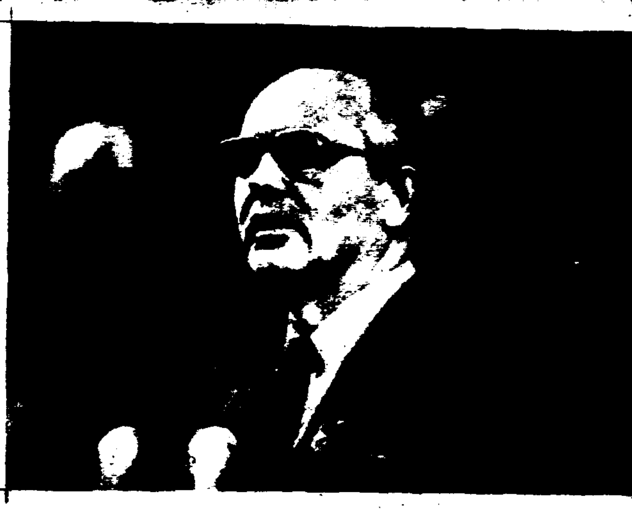
Gorbachov dijo que la próxima cumbre del 7 de diciembre en Washington con el Presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan, está llamada a producir importantes frutos, porque la URSS continuará con la búsqueda de otros acuerdos de limitación de armas estratégicas y de la militarización del espacio.

La Mañana 3/11/87

Conmemoró 70 aniversario de la Revolución

Líder soviético condena purgas stalinistas

El número uno del Kremlin, Mijail Gorbachov, realizó ayer un balance de la política de sus predecesores en los 70 años de historia de la URSS, en el que destacan la condena de las purgas stalinistas y una defensa de las denuncias de Nikita Jruschov.



El líder soviético Mijail Gorbachov en el 70° aniversario de la Revolución. (Radiofoto Reuter).

MOSCU. (ANSA, EFE, UPI y REUTER).- El discurso pronunciado ayer por Gorbachov ante los máximos órganos del poder soviético y ante cientos de invitados de todo el mundo, reunidos en una sesión solemne celebrada esta mañana en el Kremlin, en conmemoración del 70° aniversario de la revolución, no presentó, por otra parte, grandes novedades y tuvo un marcado cariz ideológico.

En lo que se refiere a la parte histórica del mismo, a la que Gorbachov dedicó un espacio considerable de su intervención, los expertos en la capital soviética destacan el equilibrio crítico que el líder soviético supo mantener a la hora de analizar la actuación de Stalin.

Aunque Gorbachov condenó las purgas masivas realizadas por Stalin al comienzo de la década de los 30, que calificó de verdaderos crímenes y culpas enormes e inolvidables, también señaló que está fuera de duda la contribución de Stalin al fortalecimiento del socialismo y a la defensa de sus logros.

Según el número uno del Kremlin, las represiones masivas de Stalin y el culto a la personalidad reinante en los años 30, fueron una consecuencia de la falta de democracia.

En este punto, Gorbachov añadió que el culto a la personalidad de Stalin es un fenómeno extraño a la naturaleza del socialismo, es una desviación de sus principios fundamentales y por ello no tiene excusa.

El líder soviético anunció durante su discurso la creación de una comisión especial del comité central que se encargará de estudiar los hechos y documentos existentes sobre las represiones masivas desencadenadas por Stalin, con vistas a la posible rehabilitación de las personas condenadas injustamente.

León Trotski y Nikolai Bujarin, destacados protagonistas de los acontecimientos revolucionarios, no parece probable que se beneficien de los trabajos de esta comisión de rehabilitación, pues, aunque sus nombres sonaron en la prensa occidental en los últimos meses como candidatos a una recuperación oficial, su labor política fue condenada ayer por Mijail Gorbachov.

El jefe del Kremlin acusó a Trotski y al trotskismo de atacar en esencia el leninismo y de gustar del fraccionalismo, que agravó la situación tras la muerte de Lenin al aliarse con la nueva oposición, liderada por Zinoviev y Kamenev, que a pesar de ser minoría, intentaron imponer una discusión al partido, con la esperanza de dividir sus filas.

En esta disputa, Gorbachov defiende la actitud adoptada entonces por Stalin, que mantuvo el leninismo en el curso de la lucha ideológica, formuló la estrategia y táctica de la fase inicial de la construcción del socialismo y aseguró la aprobación del curso político por la mayoría de los miembros del PCUS y de la clase trabajadora.

Sobre Bujarin, Gorbachov afirmó que fue un teórico escolástico querido por el partido, pero que nunca comprendió la dialéctica y que subestimó la importancia del factor tiempo en la construcción del socialismo en los años 30.

DEFENSA

En su balance de la actuación de los máximos responsables soviéticos que le precedieron en la dirección del Kremlin, Gorbachov defendió la actuación valiente de Nikita Jruschov al denunciar en el XX congreso del PCUS el culto a la personalidad de Stalin y sus consecuencias, y sus esfuerzos por restaurar la legalidad socialista.

Los observadores destacan también el hecho de que el actual secretario general del PCUS haya alabado la labor de Jruschov al lograr la paridad militar de la URSS con EE.UU., sus intentos por acabar con los métodos burocráticos de dirección heredados e impartir más dinamismo al socialismo.

Sin embargo, se señala también que en esta ocasión, al igual que lo hiciera a la hora de evaluar la actuación de Stalin, Gorbachov equilibró la balanza al contrapesar los elogios con los reproches, pues en su opinión Jruschov cometió muchos errores subjetivos, que hicieron más difícil al socialismo entrar en una nueva etapa.

También acusó al mencionado ex dirigente de la URSS de tendencias voluntaristas y aberraciones en la política interior y exterior.

En su discurso de hoy, Gorbachov ligó una vez más el proceso de perestroika o reestructuración con la doctrina de Lenin, el único de sus predecesores que no mereció un reproche del actual máximo dirigente de la URSS.

HB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Revisión "Primavera de Praga"

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 5/11/87

ARCHIVADO EN: CHECOSLOVAQUIA (006)

01.01

8711866

La "glasnost"

En setiembre de este año, el ministro de relaciones exteriores de la Unión Soviética, Eduard Schevardnadze, se convirtió en el primer dirigente de la URSS que visita América del Sur. El viaje estaba destinado principalmente a allanar el terreno para una futura visita de Mikhail Gorbachev. Schevardnadze fue muy cuidadoso en sus declaraciones en Río de Janeiro, Buenos Aires y Montevideo, tratando de evitar cualquier suspicacia que pudiera llevar a pensar que la apertura soviética en América Latina representa una tentativa de expansionismo diplomático, en un momento en que los países del continente buscan una posición más autónoma de Washington.

Schevardnadze, sin embargo, lanzó discretos mensajes contra el Departamento de Estado y el Pentágono al afirmar que la URSS rechaza la división del mundo en áreas de influencia, lo que colocaría a América Latina bajo la hegemonía norteamericana. En realidad, el ministro soviético sabe que Estados Unidos ocupa una posición privilegiada con respecto a América Latina, pero intentó reducir esa situación, definiéndola como una cuestión de hecho (sujeta a alteraciones) y no de derecho (lo que implicaría decir inmutable).

El Kremlin intenta reaproximarse a América Latina, buscando concertar nuevas oportunidades comerciales, capaces de generar dividendos políticos a medio plazo.

Las alianzas comerciales

Paradojalmente fue durante el período más represivo, en la década del 70 que comenzaron a implementarse las alianzas comerciales más importantes de la Unión Soviética con algunos países como Argentina, Brasil, Perú y México. Los soviéticos comenzaron a importar materias primas y a proveer equipos y servicios para sectores económicos de base, como energía y transportes. Argentina se convirtió en el socio más importante gracias a sus exportaciones de trigo. Brasil comenzó a vender soja y minerales, en tanto que Perú, a partir de 1968 se asoció a los soviéticos en materia de pesca y se transformó en el primer país latinoamericano, sin contar a Cuba, que compró armamento a la URSS.

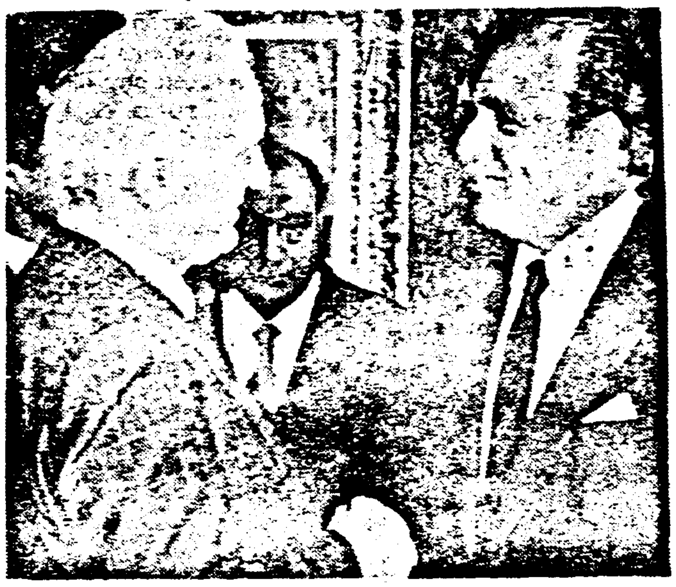
Durante la década del 70, los soviéticos llegaron a equipar el 20% de las represas hidroeléctricas del sub continente.

La penetración comercial de la Unión Soviética se vio facilitada por el sistema de pagos adoptado. Los planes de financiación de las operaciones fueron a largo plazo, con intereses bajos y siempre se utilizó la cláusula de reciprocidad que posibilita el intercambio de materias primas por productos manufacturados y servicios. Sin embargo, el hecho que los soviéticos siempre compraron más de lo que vendieron (excepción hecha del intercambio con Perú) generó grandes saldos comerciales a favor de los latinoamericanos, lo que acabó por estancar el comercio bilateral.

A partir de los años 80, el comercio entre la Unión Soviética y América Latina comenzó a declinar por causa de los saldos desfavorables. En ese momento, se comenzó a pensar en la formación de *joint-ventures*, un terreno en el que Brasil tuvo un papel destacado. La primer experiencia exitosa tuvo lugar en Perú, cuando empresas brasileñas y soviéticas se asociaron para construir una represa hidroeléctrica y, más recientemente, en Angola, donde se repitió la experiencia en la construcción de la represa de Capanda.

Durante la visita de Schevardnadze se concretó el proyecto más complejo en materia de *joint ventures* entre Brasil y la Unión Soviética. Se trata de la construcción de una fábrica de jugos de frutas en la URSS, utilizando materia prima y *know how* brasileños, para producir un jugo concentrado de naranjas que será vendido en Estados Unidos y Europa. Una firma sueca será la encargada de envasar el producto y las ganancias provenientes de la comercialización se repartirán entre todas las empresas asociadas. El mismo *joint venture* producirá además jugo de manzana para consumo local en la URSS.

Otro puente de aproximación entre la URSS y América Latina fue la posición adoptada por el Kremlin en relación al pago de la deuda externa. Los soviéticos siempre fueron partidarios de la cancelación de las deudas con productos primarios o manufacturados, y mantuvieron intereses no extorsivos lo que favoreció su imagen de socios razonables.



Shevardnadze y Sanguinetti, en Montevideo

El comercio de los soviéticos en América Latina no alcanzó todavía al 10% del intercambio global de la región pero ya comenzó a rendir dividendos políticos. Gorbachev vendrá el año que viene para intentar maximizar los réditos de esta situación, utilizando hábilmente su *glasnost*. La presencia del dirigente soviético puede sin embargo, resultar más lucrativa para sus anfitriones que para la URSS. No en términos de acuerdos comerciales concretos, sino porque los presidentes latinoamericanos van a poder utilizar la "carta soviética" en sus negociaciones con los acreedores de Wall Street y de la *City* norteamericana. Este es un argumento puede quitarle el sueño a Ronald Reagan y a los banqueros. •

Carlos Castilho

ECONOMIA

La Europa del Este se pasa a Occidente

LA iniciativa privada y la autogestión, la libertad de precios y la descentralización son algunos de los nuevos mecanismos introducidos en la economía soviética para transformarla. «El sistema económico de la URSS ha fracasado», acaba de reconocer el general soviético Lebelev, en apoyo de los aires renovadores de Gorbachov. Para los marxistas dogmáticos, el capitalismo se ha reinstaurado en la URSS.

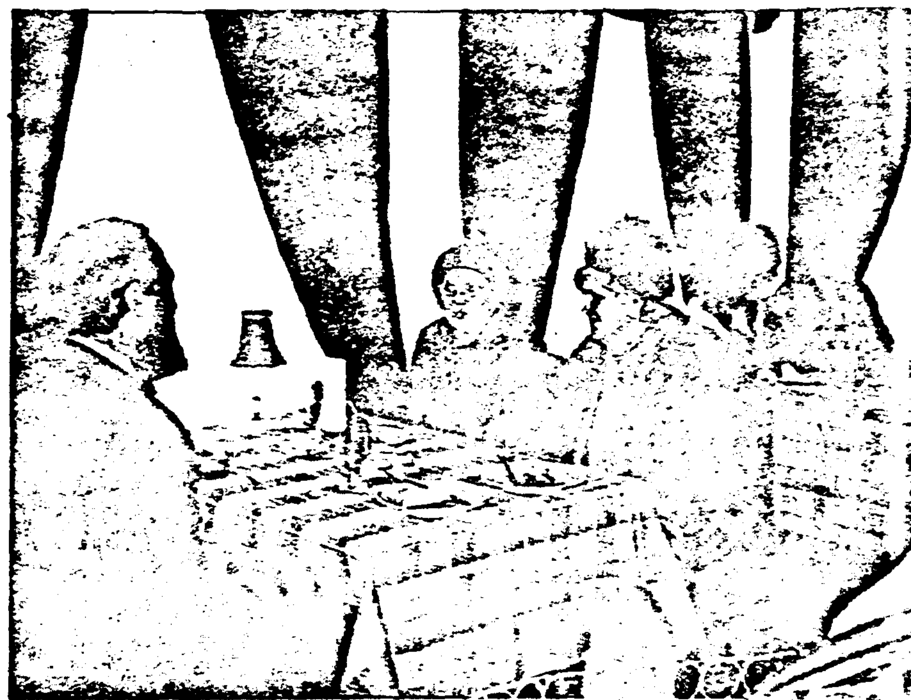
Javier Arce

«Durante mucho tiempo hemos intentado dirigir la economía apelando al entusiasmo de los trabajadores, y a veces a fuerza de disciplina. Pero se han echado en el olvido las indicaciones leninianas: sólo gracias al interés personal, al interés económico y al entusiasmo se podrá desarrollar la producción... Nuestro mecanismo económico, queramoslo o no, está orientado al trabajo mediocre, o hasta malo.»

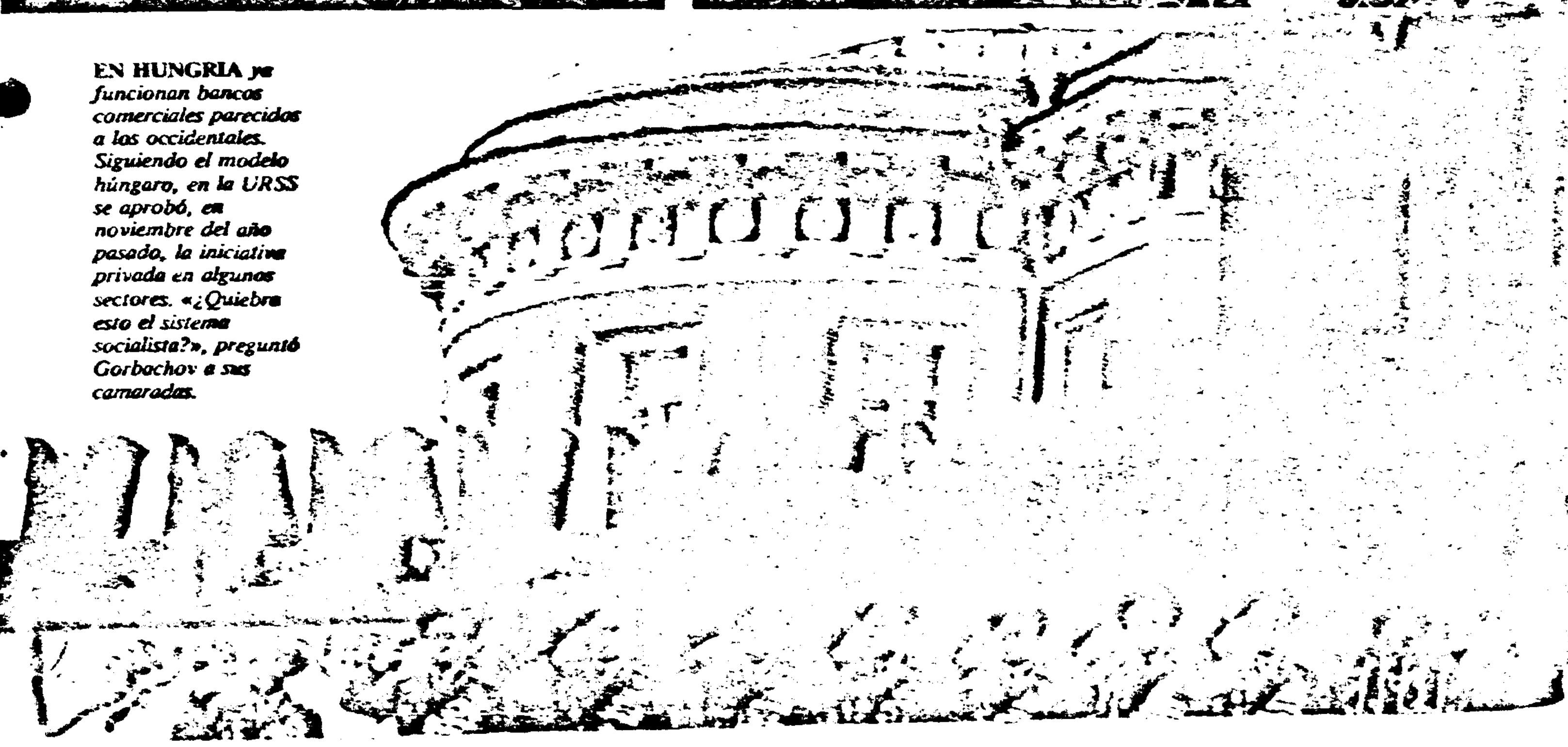
Mijail Gorbachov en el Pleno del Comité Central del PCUS (25 de junio de 1987)

LOS 307 miembros del Comité Central del Partido Comunista de la Unión Soviética intuían el contenido del discurso que iba a pronunciar quien dirige desde el 11 de marzo de 1985 los destinos de la Unión Soviética. Pero nunca imaginaron la dureza





Gamma



EN HUNGRÍA *ya funcionan bancos comerciales parecidos a los occidentales. Siguiendo el modelo húngaro, en la URSS se aprobó, en noviembre del año pasado, la iniciativa privada en algunos sectores. «¿Quiebra esto el sistema socialista?», preguntó Gorbachov a sus camaradas.*

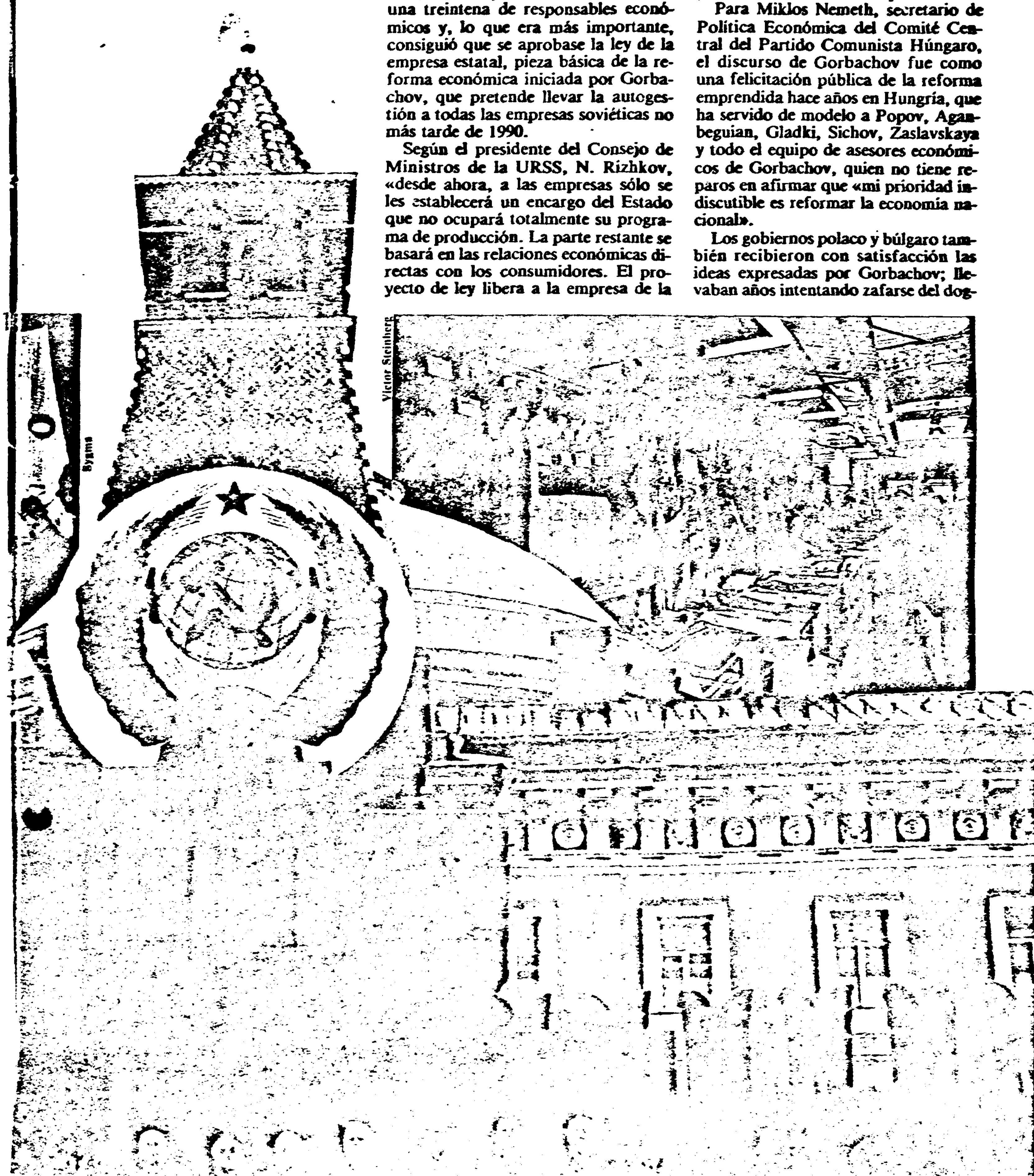
de las acusaciones y críticas que tendrían que escuchar. Bajo el título de *Tareas del Partido en la reforma radical de la administración económica,* Mijail Gorbachov leyó setenta folios, en los que dejó bien sentadas las bases de lo que puede ser la revolución económica de los países socialistas.

Arremetió a diestro y siniestro contra los responsables de la planificación y el control de precios, contra los órganos de la Administración y del Partido, censuró públicamente la tarea de una treintena de responsables económicos y, lo que era más importante, consiguió que se aprobase la ley de la empresa estatal, pieza básica de la reforma económica iniciada por Gorbachov, que pretende llevar la autogestión a todas las empresas soviéticas no más tarde de 1990.

Según el presidente del Consejo de Ministros de la URSS, N. Rizhkov, «desde ahora, a las empresas sólo se les establecerá un encargo del Estado que no ocupará totalmente su programa de producción. La parte restante se basará en las relaciones económicas directas con los consumidores. El proyecto de ley libera a la empresa de la planificación reglamentada desde arriba». Estas breves frases dirigen a la economía soviética a un modelo de economía más abierta, más competitiva, con primas e incentivos, trabajos a varios turnos, liberalización de precios y libertad de la iniciativa privada.

Para Miklos Nemeth, secretario de Política Económica del Comité Central del Partido Comunista Húngaro, el discurso de Gorbachov fue como una felicitación pública de la reforma emprendida hace años en Hungría, que ha servido de modelo a Popov, Aganbeguian, Gladki, Sichov, Zaslavskaya y todo el equipo de asesores económicos de Gorbachov, quien no tiene reparos en afirmar que «mi prioridad indiscutible es reformar la economía nacional».

Los gobiernos polaco y búlgaro también recibieron con satisfacción las ideas expresadas por Gorbachov; llevaban años intentando zafarse del dog-


Sygma

Victor Steinberg

matismo económico brezneviano y hacía ya muchos meses que habían iniciado tímidos intentos de reforma económica. En Alemania Oriental, Honecker, presidente de la República, explicaría poco después a la diplomacia soviética que su país, con una renta *per cápita* de 7.678 dólares —que casi dobla a la rusa—, tiene unos problemas económicos muy distintos a los soviéticos y más cercanos a los de las economías occidentales. Allí, como en la Checoslovaquia que gobierna Gustav Husac —con una renta, muy superior a la española, de 5.765 dólares—, hace ya muchos meses que se han diseñado planes de modernización. Pero se muestran muy reticentes a cualquier cambio estructural que pueda implicar transformaciones políticas.

SOLO los rumanos han mostrado un claro rechazo a la reforma económica que se extiende por toda la Europa del Este. El régimen de Ceaucescu, que mantiene una deuda exterior superior a los 6.000 millones de dólares, se enorgullece del gran edificio que albergará pronto en el centro de Bucarest el mayor centro político administrativo del mundo. Contra la creciente descentralización y liberalización, Ceaucescu responde con nuevas directrices centralizadoras y parece sintonizar con la corriente inmovilista que ahora apadrina en la URSS Ligachev, miembro del Politburó, quien parece pensar, como el máximo dirigente de Albania, Ramiz Allia, que «el capitalismo se ha reinstaurado en la URSS».

Gorbachov, con sus declaraciones ante el pleno del PCUS, ha revolucionado a los dogmáticos de la economía stalinista, planificada y centralizada: «Será preciso conseguir que los ingresos de los trabajadores dependan de su propio esfuerzo laboral, del trabajo de la empresa y de los resultados finales. Algunos piensan que la cooperación y la actividad laboral individual son algo así como el renacimiento de la economía privada. Creo, camaradas, que tanto nuestra propia experiencia como la de otros países socialistas patentiza que es útil y necesario aplicar hábilmente tales formas económicas en el marco del socialismo. Ayudan a satisfacer las acuciantes demandas de la gente, a desplazar la economía sumergida y abusos de todo género; o sea, ayudan a sanear las relaciones socioeconómicas».

Libertad e incentivos parecen ser los únicos mecanismos que ha encontrado el actual dirigente soviético para acabar con la «vergonzosa escasez de todo, de metal, de combustibles, cemento, máquinas y artículos de consumo», para acabar con las colas y la corrupción, y con los problemas más acuciantes de la economía rusa: el alimentario, el de la vivienda y el de bienes de consumo, escasos y de ínfima calidad. Problemas que esbozan una economía casi tercermundista en el seno de una de las grandes potencias del mundo. Una economía caótica con la que el Kremlin quiere acabar a cualquier precio. Y para ello ha puesto en marcha una auténtica revolución, que ha conducido, por ejemplo, al pelotón de fusilamiento al ministro del Algodón de Uzbekistán, acusado de malversación, y llevado aires de libertad a los *koljós* (granjas) y combinados (grupos empresariales) soviéticos. El objetivo es duplicar el actual nivel de renta —4.606 dólares— antes del año 2000.



LOS ARTICULOS *de consumo son escasos y de poca calidad.*

A mediados de 1985, poco después de la elección de Gorbachov, el Combinado de Construcción de Maquinaria de Frunze (en Ucrania) y la fábrica de Avtovaz (en las orillas del Volga) recibieron el encargo de iniciar una experiencia de autogestión y autofinanciación. Ya no tenían que entregar al Estado el ciento por ciento de sus beneficios para pedir al año siguiente nueva financiación. A partir de esa fecha, las empresas pudieron manejar el setenta por ciento de sus ganancias para incentivar la producción como les pareciese más oportuno y crear cuantos turnos de trabajo considerasen necesarios. Los niveles de beneficios alcanzados por ambas empresas (dedicadas a la fabricación de bombas y compresores en Ucrania y de automóviles Zhiguli en la planta del Volga) sorprendieron a todos, duplicándose prácticamente.

Antes de que acabe el año, cinco ministerios industriales, 36 grandes empresas, casi todos los servicios públicos, el comercio y buena parte del transporte funcionarán con un sistema de autogestión. Un sistema que tras la aprobación de la ley de Empresa Estatal, afectará en 1990, a todas las empresas.

Según Rizhkov, «éste parece el único medio de acabar con un sistema productivo que hace que el trece por ciento de la empresas trabaje con pérdidas crónicas y que tengan créditos impagados por un valor superior a los 60.000 millones de dólares». Nadie duda de que muchas empresas, «las que mantengan sus pérdidas durante un tiempo prolongado», que nadie ha querido cuantificar, tendrán que cerrar.

Pero eso no implica, como han señalado algunos comentaristas occidentales, que ya se asome el fantasma del paro. Por decreto, en la URSS hay pleno empleo; pero es que además las necesidades productivas son tan fuertes que en la actualidad quienes pierden su trabajo no tardan más de un mes en encontrar otro, aunque, eso sí, puede estar muy lejos de su residencia habitual, incluso en los distritos siberianos, donde aún falta mano de obra. Sirva como ejemplo que en la URSS trabajan hoy

UN BLOQUE HETEROGENEO

	Habitantes (millones)	PNB (millones de dólares)	Renta per cápita (en dólares)	Export. (millones de dólares)	Import. (millones de dólares)
Alemania (RD)	16,7	128.237	7.678	24.890	22.940
Bulgaria	8,9	39.913	4.454	12.850	12.715
Checoslovaquia	15,4	89.148	5.765	17.196	17.080
Hungría	10,6	23.534	2.101	8.560	8.084
Polonia	36,9	104.264	2.845	11.647	10.547
Rumania	22,6	55.212	2.440	13.241	9.836
URSS	275,4	1.266.869	4.606	91.649	80.624



EN 1990 *todas las empresas serán autogestionadas. Algunas tendrán que cerrar.*

diez millones de pensionistas (allí la mujeres se jubilan a los 55 años y los hombres a los sesenta) que cobran su salario y la pensión correspondiente.

Con vistas a incrementar la producción, en Leningrado y Jarkov se experimentó el pasado año el trabajo a tres turnos en casi todas las fábricas de la ciudad, y la productividad creció un 14,4 por ciento, con lo que el sistema se está extendiendo a todas las fábricas de la URSS. Inevitablemente, los trabajadores del turno de tarde cobran una prima del diez por ciento del salario tarifado (en la URSS el salario industrial medio es de 277 rublos al mes, unas 55.000 pesetas), que llega al veinte por ciento en los trabajadores del turno de noche.

Pero no son estas las reformas que más animan a los ciudadanos soviéticos emprendedores. En noviembre del pasado año Gorbachov sacó adelante la primera ley que reformaba notablemente el sistema productivo soviético, la ley sobre actividad laboral individual, que permite la iniciativa privada —familiar o de un grupo de ciudadanos— en la artesanía, la agricultura y los servicios (talleres de reparación, restaurantes y cafeterías, taxis). La titularidad de los medios de producción sigue siendo estatal, en contra de lo que ocurre, por ejemplo, en el modelo yugoslavo o en el recién estrenado sistema búlgaro, pero los resultados son espectaculares en estos pocos meses.

Y Gorbachov no se recató en comentar algunos ejemplos ante el pleno del PCUS: «A. Volochenski —explicó el líder soviético—, motocultor del *sovjós* Artiomovski, en la región de Pskov, miembro del PCUS, solicitó a la administración del *sovjos* que le asignara tierra y manifestó su deseo de criar varios becerros. Según el contrato, el *sovjós* le asignó cuarenta hectáreas. A. Volochenski restauró con recursos propios una máquina combinada y dos tractores desechados, y reparó un establo abandonado —en la Unión Soviética hay más de 800.000 granjas abandonadas—, donde instaló veinte becerros. No trabaja solo. Le ayudan sus hijos, estudiantes, y en horas libres la mujer, contable del *sovjós*. En total, obtiene más de once toneladas de carne al año. Las ganancias sobrepasarán los 31.000 rublos. Volochenski pagará 23.000 rublos al *sovjós* que le concedió becerros, abonos, semillas y otros recursos al precio que rige en el *sovjós;* y ganará por su trabajo 8.000 rublos. ¿Quiebra esto el sistema socialista?»

A. Volochenski es, simplemente, uno de los nuevos millonarios soviéticos a los que, eso sí, les está prohibida «la explotación del hombre por el hombre», la contratación de personal. De esta forma ha crecido fuertemente la producción agraria, pero los ciudadanos soviéticos, que han ahorrado casi 250.000 millones de rublos —unos cincuenta billones de pesetas—, tienen un grave problema: no saben en qué gastar el dinero. Porque desde 1976 crecen los salarios, pero se mantiene casi congelada la oferta de productos. Ni siquiera es posible acceder a una vivienda propia y singular.

Gorbachov considera que éste es un problema básico, y ha prometido poner a tres turnos las empresas constructoras para proporcionar viviendas a quince millones de familias en este quinquenio, que acaba en 1990. El problema es, de nuevo, la monstruosa maquinaria administrativa que aplasta la economía soviética; los ochenta ministerios del Gobierno, que ahora se reducirán a una veintena, y los infinitos órganos de planificación y control que Gorbachov se propone asaltar. El *Gosplan*, órgano supremo de la planificación económica, que dirige Nikolai Talyzin, ya está sentenciado: quedará reducido a la mitad y perderá, además de buena parte de su poder, 25.000 funcionarios.

En su dramático y acusador discurso de junio, Gorbachov fue implacable: «Reflexionad, camaradas, sobre el siguiente hecho: la mayoría de las repúblicas federadas y autónomas incumplió el plan de construcción de obras para sectores transformadores. Resulta así que los productos agropecuarios que tanto nos cuesta obtener seguirán pudriéndose por falta de almacenes y empresas transformadoras. Y luego vamos a comprar en el exterior lo que hemos perdido. Ya es hora de acabar con situaciones como ésta.»

Dentro de los elementos del libre mercado que la cúpula del Kremlin está dispuesta a introducir, es el de la liberalización de muchos precios el que más preocupa a la ciudadanía. Pero, como explica Gorbachov, «¿cómo se puede explicar que por los neumáticos de la agrupación industrial de Omsk —que son los mejores del país y duran el doble que los demás— se pague lo mismo que por los de otras fábricas?, ¿qué ventajas obtiene de su trabajo ese colectivo laboral?»

VALENTIN Pavlov, presidente de la Comisión Estatal de Precios, explica que «se ha seguido no una política de estabilidad de precios, sino una política de congelación, de estancamiento». Los alquileres no suben desde 1928, las tarifas del gas y la electricidad desde 1946, el pan, el azúcar y los huevos desde 1954, y la carne, la mantequilla, el queso y la leche desde 1962.

Esta política de precios obliga a realizar una política de subvenciones que Gorbachov considera «insostenible». En 1986, las subvenciones al sector de fertilizantes, por ejemplo, fueron de 500.000 millones de pesetas, y las destinadas a maquinaria agrícola ascendieron a 600.000 millones. Una minucia comparados con los 58.000 millones de rublos (7,25 billones de pesetas) con que hubo que subvencionar la agricultura.

Con esa liberalización de precios, el libre desarrollo de la iniciativa privada y los sistemas de autogestión, el Kremlin confía en solucionar otra de sus obsesiones, lograr que los productos *made in URSS* sean exportables, que tengan una calidad aceptable. Gorba-

chov, en contra de su tesis general, descentralizadora, ya ha dado el primer paso para que la producción crezca no sólo en cantidad, sino, lo que es más importante, en calidad. Ha creado el *Gosprium*, un organismo estatal con delegados en todas partes que ya impidió la venta de 20.000 artículos por su calidad insuficiente y ha multado a más de 10.000 funcionarios. Hasta ahora eran los propios comités de fábrica los encargados de supervisar la calidad de la producción.

Otro aspecto fundamental de la reforma económica es la reforma del sistema financiero, «porque es evidente que se ha vuelto obsoleto, y los límites que separan el crédito de la subvención están desdibujados». En este terreno, parece imponerse la reforma búlgara, que el 16 de junio de este año autorizó la creación de bancos comerciales, cuyas acciones serán suscritas por el banco central, y asociaciones empresariales territoriales y sectoriales. Ya se ha creado la primera entidad, el *Biochim*, banco de la industria química y biotecnológica, que paga depósitos y concede créditos, casi como cualquier banco occidental.

Pero Gorbachov y sus seguidores en otros países del Este saben que el esfuerzo que deben realizar es titánico. Y como ejemplo de lo que les espera, Rizhkov señala que «basta con tener en cuenta que sólo el uno por ciento de nuestros dirigentes empresariales tiene formación económica». Para paliar esta falta de directivos, el Kremlin quiere potenciar los estudios de sus cuadros en las escuelas de negocios occidentales, con lo que a su regreso a la URSS la continuidad de la reforma estará casi asegurada.

Otro mecanismo que están dispuestos a potenciar es la creación de empresas mixtas, en las que, eso sí, los gobiernos soviético, búlgaro o polaco se reservan siempre la mayoría del capital. Empresas como Thompson, Siemens, Singer, Occidental Petroleum o L'Oreal ya han mostrado su interés por establecerse en la Unión Soviética. Y hace pocas semanas que varias modelos occidentales desfilaban por el mismo salón de columnas en que se había velado el cadáver de Chernenko para presentar los últimos modelos de *Burda*, la revista de modas alemana que ya vende más de cien mil ejemplares en la URSS.

La revolución económica de Gorbachov está dando sus primeros pasos, pero parece firme y afecta no sólo a los países del Este, sino a toda la economía mundial, incluida España: hace menos de dos meses que se ha creado la primera empresa mixta hispano-soviética en territorio ruso; a partir de una vieja fábrica de cartón de Leningrado, el comité estatal de la URSS para abastecimiento técnico-material y la sociedad española Rua Papel han creado una empresa que procesará 60.000 toneladas de papel de desecho al año. Nuevos mercados, de difícil acceso hasta ahora, entran en el circuito internacional. ■



SOLO *el líder rumano, Ceaucescu, se opone a las reformas.*

El mercado común comunista

EN enero de 1949, los representantes de Bulgaria, Hungria, Polonia, Rumania, Checoslovaquia y la URSS crearon el Consejo de Ayuda Mutua Económica (CAME), que en Occidente se conoce como el COMECON. Las funciones de esta asociación son «contribuir al desarrollo planificado de la economía nacional, a la elevación del nivel de industrialización de los países menos desarrollados, al acercamiento e igualación paulatinos de los niveles de desarrollo económico...» En 1950, Alemania Oriental se adhirió al acuerdo; en 1962 lo hizo Mongolia; en 1972, Cuba, y en 1978, Vietnam.

En la práctica, el CAME se ha desarrollado como un mercado común en el que se ha realizado una clara división del trabajo, de la producción y del mercado. Todos los países miembros destinan a ese mercado más del sesenta por ciento de sus exportaciones. Bulgaria, por ejemplo, es el líder electrónico, a través de su empresa ISOT, y aporta además carretillas elevadoras y tabaco —en ambos sectores es el mayor productor del mundo—. Alemania y Checoslovaquia aportan vagones, vehículos de todo tipo y máquinas herramientas; Polonia, carbón, y la URSS, energía eléctrica y petróleo. Esto posibilita cifras récord de producción, como las 100.000 unidades de autobuses al año que fabrica la empresa húngara RABA.

El comercio del CAME supuso el pasado año 200.000 millones de rublos, unos 280.000 millones de dólares. Aunque el sistema de precios y de pagos es realmente complejo y difícilmente equiparable al occidental. La mayoría de las operaciones corresponden a trueques, y los precios de los productos de suministro se fijan anualmente partiendo del precio promedio registrado en el mercado mundial en los últimos cinco años.

Los volúmenes de producción de los países del CAME son realmente importantes a nivel mundial... siempre que se refieran a productos básicos. Así, por ejemplo, generan el veintidós por ciento de la electricidad mundial; el 31 por ciento de acero y el 34 por ciento de los abonos minerales, el 31 por ciento del carbón y el 30 por ciento del mineral de hierro, y lo que es más importante: producen el 23 por ciento del petróleo mundial.

INTERNACIONAL

Mijail Voslensky: «La Nomenklatura hará fracasar a Gorbachov»

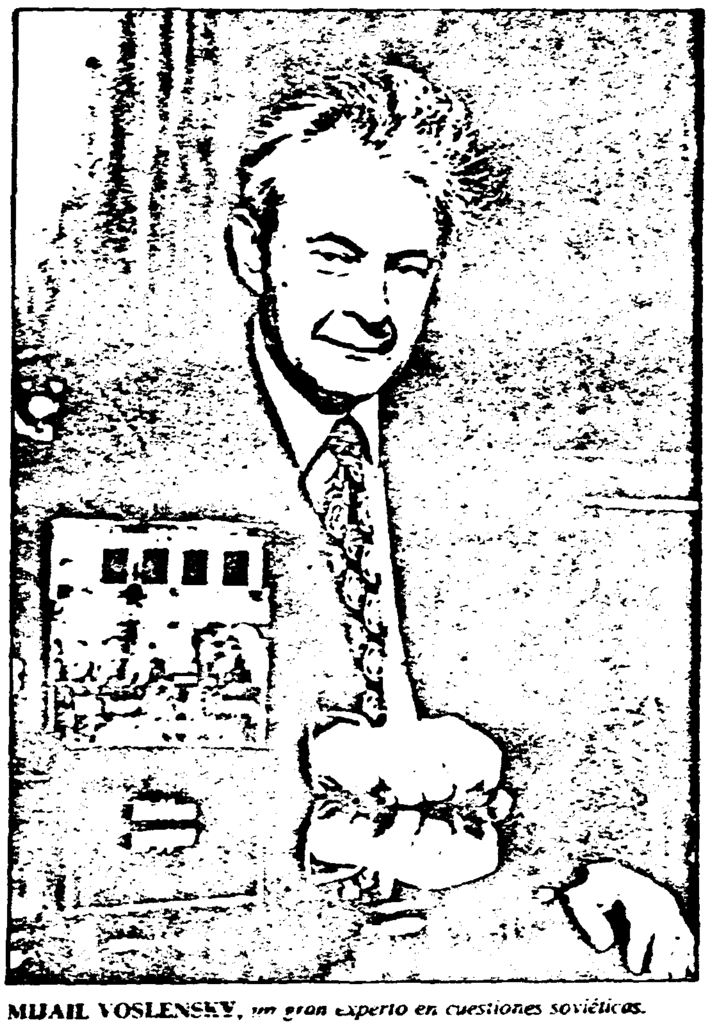
El autor de *La Nomenklatura* vaticina que las reformas de Gorbachov no funcionarán a causa del enorme miedo que la burocracia le tiene a los cambios, pero reconoce que el horizonte político mejorará tras su paso por el Kremlin.

NACIDO en Ucrania en 1920, intérprete durante los procesos de Nüremberg, secretario de la Academia de Ciencias de la URSS para asuntos de desarme e historiador experto en el área occidental, Mijail Serguevitch Voslensky dejó en 1972 su *status* de alto funcionario y se vino a Occidente. Obtuvo la ciudadanía austriaca y escribió en la RFA *La Nomenklatura*, su libro más leído sobre la clase dirigente soviética. CAMBIO16 lo entrevistó en Barcelona.

Para Voslensky, en Occidente existe la convicción de que *joven* equivale a *liberal*, y que, por tanto, la nueva generación de dirigentes soviéticos «tiene que ser necesariamente liberal y muy democrática. No lo son —afirma—. Son oportunistas que han hecho su carrera en el aparato del partido, para los que la palabra *liberal* es un insulto, y no tienen idea de liberalismo. Si a un miembro del partido lo tratan de *liberal*, correrá al comité más próximo a quejarse por la injuria recibida».

Siempre que hay cambios en la URSS, Occidente efectúa una «proyección optimista de sus deseos». Eso ya ocurrió con Breznev, «de quien se decía que era una *paloma* enfrentada a un grupo de militares, los *halcones*, y que había que apoyarlo contra ellos. Luego vino la invasión de Checoslovaquia, y se dijo que estas acciones siempre quedarían restringidas a la zona de estricto dominio soviético, y entonces vino Afganistán... ¿Qué se escribió sobre Andropov? Que era un *hombre occidental*, que hablaba inglés, que leía novelas americanas e inglesas, que prefería el whisky al vodka; se le calificó de liberal, a pesar que fue jefe del KGB durante quince años. Luego vino Chernienko, que fue breve y no despertó gran euforia, pero enseguida se dijo que había un *joven*: Gorbachov. La euforia sobre Gorbachov alcanza ahora su apoteosis, y durará todavía algún tiempo».

Gorbachov no ha hecho nada extraordinario. Según Voslensky, se ha limitado a hacer lo que cualquier otro sucesor de Breznev hubiera hecho: intentar cambiar algo. Hace ya tiempo, desde la muerte de Stalin en 1953, que el secretario general del PCUS (Partido Comunista Soviético) no ostenta el poder absoluto en la URSS. «El secretario general es sólo el presidente del Politburó y del Secretariado del Comité Central, el portavoz de ambos organismos dirigentes, y depende en un ciento por ciento de la mayoría del Comité Central. Sin el respaldo de la mayoría y del Politburó, el secretario general no puede hacer nada. Y ese es precisamente el problema de Gorbachov: no dispone de una mayoría garantizada ni en el Politburó ni en el Comité Central.»



MIJAIL VOSLENSKY, *un gran experto en cuestiones soviéticas.*

Desde hace algunos meses, la prensa occidental se ha hecho eco de esta situación. El pasado enero, el pleno del Comité Central le rechazó a Gorbachov su propuesta de elegir a los secretarios de los comités del partido entre varios candidatos y mediante escrutinio secreto. Otra proposición que también le fue denegada, la de convocar una conferencia del partido el año que viene, es considerada «muy importante» por Voslensky: «Como el Comité Central no ofrece a Gorbachov una mayoría firme, había que crear un organismo que estuviera por encima del Comité Central, un semicongreso del partido. Pero el Comité Central se opuso.»

«En la *nomenklatura* hay dos tendencias —dice—: los que piensan que es posible cambiar algunas cosas e ir bastante lejos (véase Hungría o China) y los que piensan que si se comienza, las cosas acabarán en una revolución (véase la Checoslovaquia de 1968 o la Hungría de 1956). Hasta ahora, da la impresión de que el grupo de los que tienen miedo a la reforma es el más fuerte. Por eso, el Comité Central y el Politburó, que son emanaciones de la *nomenklatura*, son escépticos en lo que concierne a la reforma.»

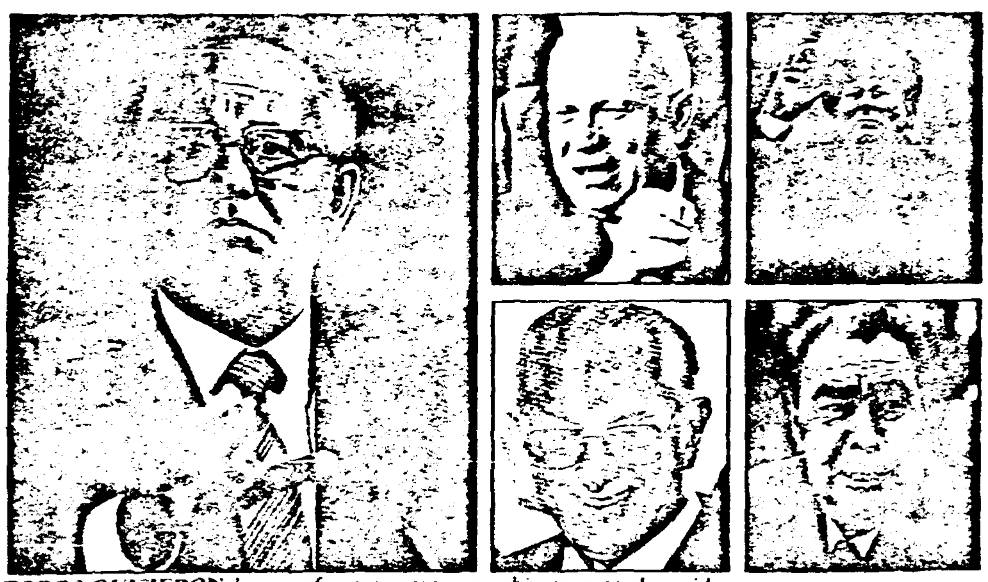
La reforma aparece hoy sobre todo como una necesidad económica. Según cifras oficiales soviéticas, la productividad del trabajo es en la URSS de un cuarenta por ciento, comparada a la de Estados Unidos (entre el veinte y el veinticinco por ciento en la agricultura, y del 55 por ciento en la industria), y según una encuesta publicada en otoño de 1984 por el periódico *Izvestia*, la población soviética dedica anualmente 65.000 millones de horas a hacer colas. Ese tiempo equivale —según la misma fuente— al trabajo anual de 36 millones de trabajadores, contabilizando una semana de cuarenta horas. En un ochenta por ciento ese tiempo se invierte en colas para la adquisición de productos alimentarios básicos. El autor de *La Nomenklatura* opina que todos los intentos de reforma que tuvieron lugar en la URSS intentaron modificar esa realidad, pero que cuando sus autores se vieron ante la inevitabilidad de efectuar cambios entre la propia clase dirigente soviética, ésta reaccionó barriéndolos de la reforma. Tal fue el caso de Kruschev. «Intentó una descentralización de la economía en la que la planificación se organizara a nivel regional, pero no funcionó, porque se encontró con la oposición de la *nomenklatura*. Entonces intentó refor-

mar el propio aparato del partido y lo destituyeron.»

Tras el revoltoso Jruschev vino Breznev. «No era una persona inmovilista. Yo lo conocí. Era un tipo jovial, enérgico, procedente del sur de la URSS..., pero sabía muy bien que la *nomenklatura* quería de él una política de inmovilismo y la practicó. Por eso se le quería tanto y se le mantuvo en el cargo incluso en un estado de absoluta incapacidad física. En la última época, apenas podía leer lo que sus secretarios le habían escrito, y había que vigilar que no se le traspapelaran las páginas al pasar de una hoja a otra, porque no comprendía lo que leía. Tampoco podía responder preguntas de sus interlocutores, cosa que hacía Gromiko sentado a su lado. Se llegó a tales extremos que si estaba en una habitación no podía encontrar la puerta por sí solo.»

economía. Entonces Gorbachov será jubilado, y sus reformas aniquiladas, como siempre sucedió». A esta sentencia fatal, Voslensky añade *otro* juicio del más frío realismo: de la misma forma en que la caída de Jruschev no eliminó muchos de los precedentes sentados por éste (Breznev no restauró, por ejemplo, la práctica estalinista de aniquilar físicamente al adversario político), también el horizonte político de la URSS mejorará en términos generales tras la desaparición de Gorbachov.

Pero, ¿qué opina la población? ¿No puede la reforma encontrar una base social que la fortalezca? «A los trabajadores, Gorbachov les ha pedido trabajar más y mejor —dice—. Además, se les ha impuesto un control estatal de calidad en las fábricas, que decide lo que es aceptable y lo que no. Esto llevará a que los planes económicos no se cumplan, lo que significa que los trabajadores se quedarán sin los extras de sobreproducción habituales. ¿Qué pensarían los españoles si les dijeran: "Trabajen más y mejor, pero cobrando lo mismo"? ¿Serían entusiastas de la reforma? Evidentemente, no. Y la población no lo es. Por otro lado, una campaña contra el alcoholismo como enfermedad es razonable, pero contra el consumo de alcohol, en Rusia la tradición no lo permite. Hay que consumir alcohol, es imposible, es impensable dejar de hacerlo. O sea, que uno no puede tomarse su vodka y tiene que trabajar más cobrando lo mismo. Y todo eso se llama reforma, *renovación* y *transformación revolucionaria*. En estas condiciones también ellos preferirán a un Breznev: por lo menos no pedía trabajar más, ni impedía beber —cosa que él mismo hacía en abundancia—. No, no puede funcionar. Mientras la reforma no ofrezca algo a la población, tampoco ésta apoyará a la reforma.»



TODOS QUISIERON *hacer reformas, pero sucumbieron ante el partido.*

Sobre las propuestas de desarme de Gorbachov, Voslensky opina en términos generales que la Unión Soviética «no es una superpotencia real, sino únicamente una superpotencia militar». Esa circunstancia le impide aceptar un auténtico desarme, con el que perdería el título y la posición de superpotencia. «Otra cosa son las proposiciones. Stalin también las hacía en mil novecientos veintiocho, igual que Jruschev en mil novecientos cincuenta y nueve y mil novecientos sesenta y dos. En esas tres ocasiones, la URSS propuso un desarme general total. Gorbachov nunca ha propuesto algo semejante, y su propuesta de desarme nuclear total tampoco es nueva. Según mis cuentas, antes de Gorbachov, la URSS hizo esa propuesta dieciséis veces.»

A Gorbachov, Voslensky le pronostica algunos años más de reformas, y «luego el miedo de la *nomenklatura* se hará tan grande que ésta prevalecerá sobre los deseos de hacer funcionar la

Mario Vila

Gorbachov no convence en provincias

SAKARPATSKAIA Oblast o territorio subcarpático, es como se conoce en la URSS a la Rutenia subcarpática histórica. Tradicionalmente era una de las zonas más pobres del imperio austro-húngaro. Formó parte de Checoslovaquia desde 1920, y desde 1946 fue anexionada por la URSS. El nivel de vida es allí hoy comparable al de Estonia, Lituania y Georgia, es decir, uno de los más altos de la Unión Soviética.

Según un chiste local, si un ruso consigue el raro privilegio de poder viajar a Occidente, tiene que pasar primero una semana de aclimatamiento en la Rutenia para que el choque no sea demasiado brutal. Si no lo hace así, dicen, se podría marear. En cualquier caso, aquí también se paga una pequeña fortuna por unos pantalones *jeans*, o por un disco de música moderna.

La Rutenia es zona de triple frontera, con Rumania, Hungría y Checoslovaquia. Este territorio, de doce mil kilómetros cuadrados y un millón de habitantes, entre ellos doscientos mil húngaros, treinta mil rumanos, llamados moldavos en la URSS, varios miles de gitanos y una mayoría de ucranianos, es de muy difícil acceso. En la aduana, los funcionarios están familiarizados con la operación de desmontar coches hasta el último tornillo —en busca de droga, dicen—, aunque luego puede ocurrir que lo que encuentren sean siete pares de zapatos de distinto número, o doscientas bolsas de nailón, cosas ambas muy cotizadas en la región, y que no pase absolutamente nada.

En Mukachevo —Munkacs para los húngaros—, una ciudad de setenta mil habitantes que a principios de sigio era la única del imperio austro-húngaro en la que los judíos eran mayoría hasta que los alemanes los llevaron a las cámaras de gas, Gyorgy Lazar, un joven intelectual húngaro-soviético, nos habla de una reforma, la de Gorbachov, en la que no cree, entre otras cosas porque todavía no la ha visto en práctica. En esta ciudad soviética de provincias, situada a dos mil kilómetros de Moscú y doscientos de Budapest, las reformas de Gorbachov sólo provocan escepticismo.

—¿Las reformas de Gorbachov no han llegado al Oblast subcarpático?

—No, este es un país muy centralista, en el que los impulsos de Mos

tardan varios años en llegar a provincias. Eso es lo que ocurrió con el cambio de Kruschev de los años 1958-1959, cuyos ecos llegaron aquí a comienzos de los sesenta. El problema es que no se pueden centralizar las reformas en un país en cuyo interior los contrastes culturales son tan grandes como entre Europa y Africa. Además, los pequeños reyezuelos locales quieren mantener sus privilegios a cualquier precio. La tesis oficial considera la corrupción como algo aislado: hay algunos corruptos que deshonran al partido. Así, pues, la solución es sustituir a éstos y poner a otros en su lugar para que se repita la historia...

—¿O sea, que nada ha cambiado?

—En relación a la época de Breznev las cosas han cambiado muy poco. Aunque se habla mucho de reformas, en lo económico hay una regresión. La corrupción no sólo existe sino que es necesaria, porque si no el sistema no podría funcionar. A diferencia de los años setenta, en la *intelligentsia*, por ejemplo, hay un letargo general. Hay que pensar que un profesor gana 130 rublos al mes y un kilo de carne cuesta diez rublos... Lo que ha cambiado es, precisamente, que ahora se habla mucho de reformas.

—¿Qué piensa la gente?

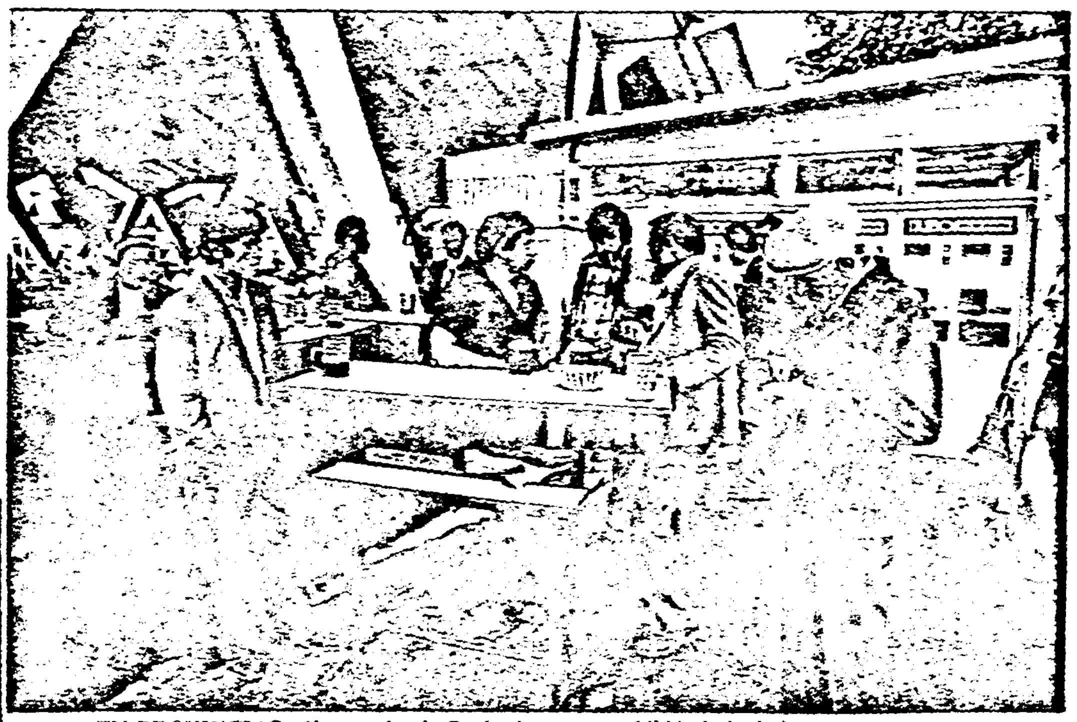
—La situación es tan grave en todos los aspectos que nadie cree posible un cambio. La gente no cree en nada, porque, como en el cuento del lobo, le han dicho que viene tantas veces... Por otro lado, la situación en la URSS es tan cerrada que no sólo la ideología extranjera, sino la misma cultura técnica extranjera, tan necesaria, no puede llegar más que a través de muchos filtros. La ideología es lo más importante, si uno es miembro del partido. Eso importa más que si uno es competente o no.

—Los dirigentes locales del partido se quejan del estilo más democrático y moderno de la televisión húngara que se capta perfectamente en la región, gracias al repetidor de Tokay.

—Sí, un dirigente llegó a decir que había que construir una muralla que impidiera el paso de las ondas de Budapest. La televisión húngara continúa siendo la más popular, incluso entre la población ucraniana de la región. Al igual que nosotros, los ucranianos se enteraron del accidente de Chernobil gracias a la televisión húngara.

—¿Lo anunció antes?

—No sólo antes, sino que únicamente a través de ella se enteraron de los consejos dirigidos a la población. Aquí el canal soviético sólo se busca para obtener información deportiva, y se puede decir que casi todo el mundo escucha emisoras occidentales: Radio Europa Libre, La Voz de América, la BBC, etcétera.



EN PROVINCIAS *sólo se sabe de Gorbachov que prohibió el alcohol.*

—¿La desconfianza hacia los medios soviéticos va acompañada de una confianza en las emisoras occidentales?

—Eso depende de cada uno. A mi me gusta escuchar Radio Europa Libre, porque por lo menos cuando te habla te trata como a un ser humano y no como el dios todopoderoso de arriba a sus ovejas de abajo. Los medios de comunicación soviéticos no pueden hablarte como a un ser humano; enseguida utilizan tonos y actitudes enfáticas, en las que sobra la ideología y se omite la información. Una torta de nata es algo muy rico, pero no si la tienes que comer desde la mañana hasta la noche y durante sesenta años. Y hay que pensar que no te dan tortas de nata sino algo bastante peor, y te lo has de tragar...

—¿Está descontenta la población?

—Lo que excita el descontento es la ley antialcohólica. Desde las dos hasta las siete de la tarde se puede comprar alcohol en los almacenes y restaurantes, pero fuera de esas horas no, ni siquiera en los hoteles. Naturalmente, la medida ha provocado otra corrupción; hay gente, por ejemplo los taxistas, que compra grandes cantidades y las vende por la noche al doble o al triple de su precio. Las restricciones han conseguido convertir el alcohol en una cuestión central en la vida cotidiana; todo el mundo habla de él y es el tema central de las discusiones de la gente. En este sentido se puede pensar que la ley es contraproducente. En las instituciones y en las oficinas se han constituido asociaciones y organizaciones contra el alcoholismo y todos sus miembros deben pagar dos rublos. En toda la URSS hay 150 millones de personas integradas en tales asociaciones, es decir, trescientos millones de rublos. Se trata de aportaciones voluntarias en el sentido soviético, es decir que si se quiere dar buena imagen se ingresa en ellas.

Es cierto que tenemos un grave problema con el alcoholismo y que esta ley podría haber sido positiva. Pero en un país en el que ninguna ley es observada, esta iniciativa ha tenido por efecto que se beba más alcohol, y ahora el alcoholismo está al mismo nivel, con la diferencia de que muchos alcohólicos han optado por beber perfumes, colonias y cualquier combinación química que contenga alcohol. En el plano sanitario ya se ha detectado el fenómeno de gente que llega a hospitales con enfermedades muy graves, aumentando la mortalidad por esta causa. A la gente que se encuentra borracha por la calle se la llevan a centros de desintoxicación y luego el interesado debe pagar todo el tratamiento. Pero lo más grave es que esta institución puede utilizarse no sólo contra los borrachos sino contra la gente más crítica, es una manera de tenerlos permanentemente en tensión.

Con la excusa del alcohol se les detiene y se les ingresa en esos centros. Por ejemplo, si hay un profesor que protesta contra un decreto discriminatorio para las escuelas húngaras acogiéndose a sus derechos constitucionales, cosa que ocurrió hace un año, un día se le puede detener tras haber tomado un par de cervezas y con esa excusa se le interna, sobrio, acusado de alcoholismo. Es una manera indirecta de persuadir.

(Enviado especial, Mu...)

03 | 03

8711884

Transformarse o morir

«Debemos utilizar al máximo el interés económico para activar el factor humano», afirma en este artículo el autor, catedrático soviético, en lo que parece ser una descripción del fin de muchos sueños del marxismo-leninismo.

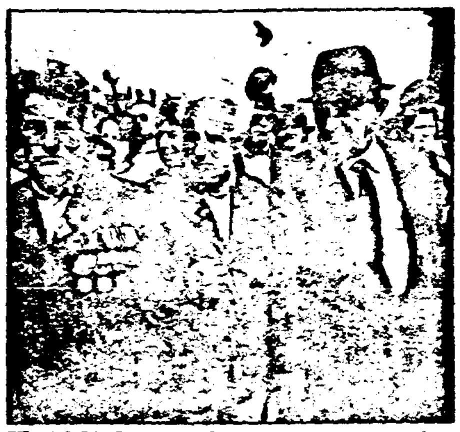
G. POPOV *

DETRAS de los intentos de mantener los métodos autoritarios, detrás de la timidez con que se aplican los métodos económicos, están personas concretas. Los ejecutivos de diferentes organismos administrativos, que pueden perder su puesto a causa de la transformación, son los primeros en obstaculizarla. A ellos se suman funcionarios de aquellos departamentos que por su situación y por el papel que desempeñan son responsables directos de los defectos en el sistema administrativo actual: se trata, ante todo, de la escasez de artículos y viviendas, así como de la distribución de los mismos.

Los funcionarios y organismos cuyo lugar se conserva, pero que cambian la situación y las responsabilidades, frenan también la transformación. Para pasar a los nuevos métodos económicos estos funcionarios deben abandonar sus posturas autoritarias y ejercer la dirección apoyándose en el interés económico de los subordinados. No es fácil hacerlo. Si el administrador influye en los intereses, si los subordinados tienen derecho a discutir la orden desventajosa para ellos, entonces este ejecutivo deberá conocer y saber siquiera un poco más que otros. Tal perspectiva no agrada a todos los ejecutivos porque no todos están a la altura de ella.

La situación se ve agravada porque los factores restrictivos en el sistema administrativo cuentan con el apoyo indirecto de algunos funcionarios de los órganos locales del partido. Durante los años en que se aplicaban los métodos autoritarios, estos funcionarios elaboraron formas que hoy no surten efecto. En particular, mucho tiempo y muchas fuerzas se dedicaban a controlar el cumplimiento de los planes, y, además, a todo precio. Es más, dichos funcionarios podían obligar, por ejemplo, a los constructores a erigir instalaciones no estipuladas por el plan, frustrando así la puesta en activo de empresas muy importantes para la economía nacional. A veces, tales funcionarios del partido interpretan el paso a los métodos económicos, el desarrollo de la autogestión y la electividad de ejecutivos poco menos que como fracaso de la práctica anterior.

Ya no me refiero a los *ortodoxos*, que se oponen a la transformación por consideraciones *teóricas*. Aun cuando ellos no estigmaticen directamente el interés económico, intentan, no obstante, suplantarlo con el interés social, lo que es algo así como romanticismo. No dejan de hablar de los peligros, previenen y exhortan a no entusiasmarse mucho. En realidad, defienden no tanto el centralismo como el aparato burocrático, portador del mismo.



EL APOYO *a las reformas aún no es masivo.*

Pero creo que no son estos grupos los que frenan ante todo el desarrollo. El movimiento masivo de los trabajadores, apoyados en la voluntad de la dirección del partido, podría fácilmente barrer su resistencia. Pero tal movimiento en favor del nuevo sistema de gestión económica no ha tomado aún la debida envergadura. Y eso porque durante decenios nosotros —elaborando planes a base de lo alcanzado— habituábamos incluso a los mejores obreros, a las mejores brigadas, a empresas y *koljós* enteros, distritos y regiones a la idea de que no convenía adelantarse porque entonces aumentaría el plan del próximo año.

Pero lo que preocupa más que nada es la prudencia que muestran obreros, ingenieros y ejecutivos medios. Ella se debe a su postura y, creo, a la existencia en su medio de cierta parte de ingresos no provenientes del trabajo. Habitualmente, por tales ingresos se entienden los beneficios de cuantos reciben sobornos o especulan. Pero creo que la principal parte del dinero no proveniente del trabajo es el salario, no siempre justificado, que cobran estos trabajadores medios. Voy a explicarme: obreros, koljosianos, administradores, científicos, médicos e ingenieros medios cobran parte de su salario (en muchos casos considerable) no por los resultados finales del trabajo, sino por el cumplimiento del plan, por el tiempo laboral, por el puesto que desempeñen y por el grado científico que posean. Por ejemplo, se toma la decisión de disolver un determinado centro investigativo que tenía sus planes, emulación, organizaciones sociales; en él se efectuaban domingos rojos y se componían murales. Pero faltaba lo principal: resultados concretos. Pese a que su personal se consideraba trabajadores honestos y en realidad no violaban las leyes, causaron daño al país (tanto directo, gastando dinero, como indirecto, puesto que no aseguraban el progreso técnico), un daño tal vez mucho mayor que el causado por un vendedor que especula o por un director que acepta dádivas.

¿Quién aboga por los cambios? Dirigentes políticos y administrativos perspicaces, científicos y personalidades de la cultura de tendencias avanzadas. Ellos comprenden que en el siglo XXI la actual variante del desarrollo devendrá peligrosa para el país. Además, por la transformación abogan también los obreros, koljosianos, ingenieros y técnicos avanzados, ansiosos de mejorar su vida y ganar más trabajando honestamente, así como intelectuales progresistas interesados en el desarrollo científico-técnico.

La transformación se desarrolla aún a ritmo lento. Para acelerarla es preciso hallar el mecanismo adecuado. Debemos utilizar al máximo el interés económico para activar el factor humano. Para ello es preciso implantar la autogestión en las colectividades laborales, concederles independencia en la gestión de sus asuntos cotidianos y, de ser necesario, hacerlo también en la esfera de la reproducción ampliada. En definitiva, se trata de ampliar la independencia en la base, para concentrar todas las fuerzas del eslabón superior en el futuro, o sea, en la industrialización.

---

* Doctor en Economía, catedrático de la Universidad de Moscú.

HR

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: esta vez va en serio. La economía soviética factor clave del desarme.

PROCEDENCIA : Socios 30/9/87

ARCHIVADO EN:

DESARME (022)

01.01

8711888

026

Montevideo del 10 al 17 de Agosto de 1987

Puerto de Montevideo para operaciones mayores y abastecimiento total.

Acuerdo pesquero con URSS reportaría U$S 4:

Estimaciones de los servicios técnicos de la Cancillería señalan que la concreción del acuerdo pesquero y de facilidades portuarias proyectado con la Unión Soviética significaría para nuestro país un incremento de tres millones de dólares anuales sobre los ingresos actuales por la operativa soviética, que son de un millón.

Este estudio efectuado por la Cancillería tiende a determinar exactamente los resultados que puede obtener Uruguay de los servicios que se preste a la flota de pesqueros y su tripulación.

Actualmente, la flota pesquera soviética que opera en la región tiene centradas sus actividades en el Puerto de Buenos Aires, en el cual se realiza el relevo de 12.000 tripulantes por año y se llevan a cabo las operaciones de carneado - en dique seco y a flote– y de reparaciones.

La hipótesis manejada por los técnicos de la Cancillería es que se releven 8.000 tripulantes por año, además de la posibilidad de que sea utilizado el

01 .01

8711907

vídeo
noviembre ALTERNATIVA

Más socialismo, más democracia

rbachov desecha los manuales

El Secretario General del
lo Comunista de la URSS, Mijail Gorbachov,
uró –el pasado 4 de noviembre, en el
lin —un encuentro de los partidos y
nientos asistentes a los actos conmemorativos
) aniversario de la Revolución de Octubre,
n discurso en el que desarrolló, de manera
y precisa, el espíritu que guía este proceso
ador que ha emprendido –conocido a nivel
lial, como perestroika— y que implica una
osa revisión de lo actuado al tiempo que una
osición, audaz, de cambio para enfrentar
s realidades, lo que supone un giro en la
ucción de la URSS y del movimiento
nista internacional. Lo que sigue es una
n, casi textual, de sus palabras.



Cuando amainó la potente ola revolucionaria, fue el primero, antes que emás, en comprender toda mplejidad del avance hacia bjetivos que la Revolución ctubre había acercado tan- l parecer de muchos. La pción leninista de la NEP e su propia idea de la co- [illegible] pacífica ("[illegible] acífica") de la esfera mora- r política al principio, y diplomática, a la de las fundamentales de la época. ás tarde, sin embargo, se nían otras ideas distintas. ahora hemos superado definitivamente los intentos de recurrir a astucias en la interpretación de la historia, cuando a veces no partíamos de lo que había, sino de lo que queríamos ver.

En los años 80 se perfilaron claramente las particularidades del desarrollo mundial, las cuales fueron acumulándose y madurando durante todo el período de la posguerra. Estas son, ante todo, las particularidades de la época nuclear que puso en primer plano el problema de la propia supervivencia de la humanidad. Este es, además, el proceso, estimulado por la revolución científico-técnica moderna, de complicación de los vínculos económicos mundiales, de intensificación de la interdependencia de los países y los pueblos del mundo, de su integridad en medio de la diversidad de formas y contradicciones. Por último, es la agudización de los problemas globales que lanzan reto a la propia capacidad biológica del hombre de adaptarse a los peligros, ritmos y stress de la vida contemporánea.

Todo esto muestra con nuevas facetas el contenido de las ideas de la coexistencia pacífica, lo que requiere de los movimientos políticos un nuevo análisis y nueva evaluación de sus tareas y la superación de los esquemas y cliches idiológicos creados.

Esto no es nada fácil. Nadie tiene recetas ya hechas. Es poco probable que alguien tenga en sus manos el hilo de Ariadna que le ayude a salir del laberinto del contradictorio mundo actual. Al exponer nuestras concepciones de la nueva mentalidad, no pretendemos en absoluto poseer el monopolio de la verdad: nosotros solos buscamos e invitamos a otros a buscar conjuntamente los caminos por los cuales la humanidad podría, a través del campo de minas de nuestros días, pasar al siglo XXI y a un mundo desnuclearizado y no violento.

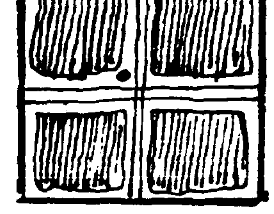
Por cierto que en la perspectiva histórica, precisamente el socialismo —tal es nuestra convicción— hará el aporte decisivo a la superación de los puntos críticos surgidos en el desarrollo de la civilización. Precisamente este sistema posee potencialmente la capacidad de influir de modo eficaz en la búsqueda de esa "medida" hegeliana y de ese balance de intereses que permitan a la humanidad abrirse paso a un nivel nuevo de principio que la salve. El potencial del socialismo todavía no se reveló en plena medida.

En esencia, se está operando una profundísima revolución social, cuyos orígenes arrancan de Octubre. Empero la duración, lo novedoso y la irregularidad de ella, la sucesión e interconexión de cambios progresistas y "retrocesos", el reemplazo y la interligazón de los procesos revolucionarios y evolucionistas, hacen irrealizables todos los esquemas lógicos compuestos según viejos manuales.

Ni los momentos negativos en la historia del socialismo, ni las bibliotecas enteras de los negadores del marxismo, ni la agudeza y sutileza de la polémica ideológica en el mundo, pudieron refutar la conclusión de que el capitalismo tiene alternativa. Y esa alternativa es el socialismo.

Así ocurrió, por ejemplo, con la utilización de la revolución científico-técnica por el capitalismo. Por supuesto, los antagonismos internos del sistema capitalista se reproducen en cada nueva etapa, pero ya de forma nueva, de otra manera.

Por otra parte, consideramos que la revolución tecnológica está solamente en su comienzo



mismo, y las consecuencias principales de su utilización al modo capitalista están aún por llegar. También la investigación teórica fundamental de esta problemática sólo comienza. Tras la acostumbrada fórmula sobre la profundización constante de la crisis general del capitalismo, sólo se vislumbra la esencia de lo que ocurre en el proceso de la producción, sin hablar ya de las predicciones políticas.

También frenó la salida a un nuevo nivel de comprensión de los procesos, la circunstancia de que el socialismo real se quedó atrás, por ahora, del capitalismo en el desarrollo tecnológico. Las premisas de la superación de tal atraso se forman en el curso de la "perestroika" revolucionaria de la sociedad socialista, el paso de ella a un estado cualitativamente nuevo. Precisamente él es la sociedad del día de mañana, y es aquel tipo más elevado de socialismo que ayudará a los que buscan una alternativa social.

En el informe en la reunión solemne yo hablé de dos manifestaciones especialmente peligrosas de las leyes del capitalismo: la militarización y el intercambio no equitativo con el mundo en desarrollo. Pero ellas son posibles solamente con ayuda de la correspondiente política estatal.

Y esta política será apoyada mientras se mantenga el miedo ante la "amenaza soviética" y mientras perdure sólidamente en las mentes la convicción de que existen intereses nacionales "principales" y de que existen intereses [illegible] existen "sujetos" de la política y la economía mundiales y existen "objetos" es decir, la esfera del neocolonialismo.

Nuestra "perestroika" con todas sus consecuencias internacionales destruye el miedo a la "amenaza soviética", y el militarismo pierde su justificación política. Lo inadmisible y nefasto del despilfarro de recursos en armamentos, se hace cada vez más evidente también ante el peligro ecológico y el aumento del desempleo que en la nueva espiral de la revolución científico-técnica se convierte en problema de orden absolutamente distinto del anterior. Da señales temibles también el sistema financiero, que no resiste las supercargas dimanantes de la carrera armamentista, de las astronómicas deudas estatales y del egoísmo económico hegemonista.

Estas son las líneas que sigue en el proceso mundial la formación de la "masa crítica" que plantea el problema del ser o no ser la civilización y que influye en todo lo que ocurre en el mundo.

Ahora ya es imposible consi-



derar el desarrollo mundial solamente desde el punto de vista de la lucha entre los dos sistemas sociales contrapuestos. La dialéctica de ese desarrollo comprende la unidad, el antagonismo, la emulación y la interacción de multitud de factores. Precisamente en esta interacción de las diferentes sociedades cada una de ellas pasa su examen. Eso, por supuesto, no significa una cierta unión de ellas, una cierta convergencia.

No dejaremos ni en un ápice los auténticos valores del socialismo. Por el contrario, los enriqueceremos y desarrollaremos, liberándoles de todo lo que tergiversó el sentido humanista de nuestro sistema. Estamos lejos de tender a que nos "quiera" nuestro enemigo de clase. Eso no nos hace falta en absoluto. Contamos con que la vida le compelerá a tomar en consideración las realidades y comprender que todos vamos en una misma barca, y que hay que portarse de forma que la barca no se vuelque.

Sólo conjuntamente se puede debilitar y eliminar la amenaza global de un "infarto" ecológico. El problema hace ya mucho que se convirtió en internacional. Es poco probable que cada uno por separado pueda resolver radicalmente también el problema energético, y tanto más asimilar las riquezas de los océanos. Finalmente, sólo la razón colectiva de la humanidad es capaz de elevarse a las alturas del espacio circunterrestre y después al espacio circunsolar y sidéreo.

A la luz de lo dicho es extraordinariamente alta la responsabilidad internacional de las fuerzas avanzadas de nuestra época, entre las cuales el movimiento comunista ocupa y seguirá ocupando su digno y prestigioso lugar.

Como representante aquí del PCUS, quisiera agregar varias palabras a lo que dije anteayer de ese movimiento en el informe

El movimiento comunista, como muchas otras cosas en el mundo actual, necesita de renovación y de cambios cualitativos.

Ahora es especialmente importante que él no sólo es una fuerza nacional, sino que, por su propia naturaleza, es una fuerza internacional. Esa fuerza es especialmente necesaria a la humanidad contemporánea.

En lo que respecta al PCUS, no concibe sus planes y acciones internos fuera del contexto internacional y, por supuesto, fuera de la incidencia que ellos tienen o pueden tener en nuestros hermanos de ideas y, en general, en las fuerzas avanzadas.

Nosotros mismos hemos percibido fuertemente que en el período de estancamiento disminuyó el impulso internacionalista del socialismo. Así es que la "perestroika" en la URSS maduró desde este punto de vista. Nos percatamos por completo de la significación de nuestro trabajo en la nueva etapa, no sólo ya en el plano económico y político mundial, sino también en el apoyo moral a las fuerzas del socialismo, la democracia y el progreso.

Sin embargo, no basta con la sola actividad paralela en el país de cada uno. Hace falta también la interacción, y, por descontado, en formas modernas. Se requiera, si se puede decir así, una cultura más perfeccionada de interrelaciones entre las fuerzas progresistas que permita acumular toda la [illegible] de experiencias y [illegible] para comprender el mundo circundante en toda su policromía y contradicciones.

El "engreimiento del sabelotodo" es afín al temor de sentirse incapaz de comprender los nuevos problemas y prueba su costumbre perdurable de rechazar sobre la marcha otros puntos de vista. Así no hay lugar ni para el diálogo, ni para una discusión productiva. Y lo más importante es que se entorpece la acción.

Lo mismo que no fue posible extrapolar dogmáticamente a comienzos de siglo todas las tesis formuladas por Marx y Engels a la época del imperialismo, mucho menos será posible realizar semejante operación, enjuiciando la contemporaneidad con ayuda de postulados que surgieron en los años 50, 60 y, a veces, en los años 30. Se requiere una nueva lectura de la herencia teórica, creada por nuestros predecesores en aras de la emancipación social del hombre, de modo que permita analizar con precisión las nuevas realidades y formar conclusiones políticas óptimamente justas.

Invitamos a la colaboración, a la búsqueda conjunta no sólo a los partidos hermanos, a los comunistas, sino a los socialistas y social-demócratas, a los representantes de otras direcciones del pensamiento y la acción políticos, a todos los que precian las conquistas del espíritu humano, a los que quieren conservarlas y utilizarlas para las futuras generaciones. Este es un trabajo vitalmente importante para la comprensión de la nueva situación, cuando la renovación de la civilización se entreteje con la tarea de asegurar la supervivencia del género humano.

La nueva mentalidad es también una nueva moral, una nueva sicología. Ella está orientada a que cada uno, sin dejar de ser ciudadano de su país, miembro de su Partido, activista de cualquier movimiento progresista nacional, tome conciencia de la responsabilidad que tiene de cómo será el mundo, y de si va a poder existir en general.

024

Europa del Este observa con inquietud y sin entusiasmo la vía reformista

POR JOSE GRAU

"Valdra la pena aspirar a obtener ganancias maximas", dijo el jefe del gobierno polaco, Messner, durante la presentación en el parlamento de su programa de reforma economica. En su declaración se escucharon frases que, ante de la subida de Gorbachov al poder en marzo del 85, hubieran sonado raras, pero que, ahora, en el tiempo de la "Perestroika" sovietica, se han convertido en topico para casi todos los dirigentes del Este.

Polonia, a pesar de que es un pais muy especial dentro del bloque comunista, patentiza bastante bien la nueva manera del quehacer comunista de la "Europa de Gorbachov". Como Messner aseguró se trata de reducir el aparato burocratico (en Polonia se han eliminado o refundido ocho de los veintiocho Ministerios que existian) y de ajustar la estructura de los precios, en concreto de los bienes basicos, de tal manera que se acabe con las subvenciones estatales (Hungria es la nacion que mas se esfuerza en que haya correspondencia real entre constantes, costos y precios).

Pero también se aspira finalmente, en la Europa del Este, a que las empresa puedan funcionar con mayor libertad, para que en el futuro no tengan que estar tan pendientes de los permisos estatales, sino que sólo tengan que registrarse y empezar a trabajar para obtener ganancias. En definitiva, como el mismo Messner decía a los diputados polacos, "Hay que acabar con le baja efectividad del comercio y con los preceptos, que lo único que hacen es entorpecer la iniciativa y la actividad de hombres y mujeres".

Si las reformas se llevaran a la práctica consecuentemente, el marxismo-comunismo moriria, pues, como se ve, los promotores de la "Perestroika" se distancian en la práctica de los principios economicos ortodoxos. En la actualidad, los comunistas polacos —y otro tanto se podrá asegurar de los comunistas en los "paises hermanos"— ya no ponen el acento en la "explotación del pueblo"; antes bien, lo ponen en términos como "ganancia", "rendimiento", "creatividad", "transferencia", en definitiva, "Perestroika".

El problema está en que, por ejemplo, en Polonia, muchos creen que, de verdad, no se va a arreglar nada. El pesimismo de los polacos, que han oido hablar muchas veces de reformas que luego han fracasado rotundamente, es proverbial. Los polacos, tan pronto como el gobierno anuncia "nuevos planes económicos", se echan las manos a la cabeza, porque esos planes casi siempre significan, a la larga, unicamente una subida de precios.

Por otra parte, en la Europa del este, nada apunta a que se cambie en serio la reglamentación del derecho de asociación ni del derecho penal. Además, si de verdad se quisiera honrar en la burocracia, lo primero que habria que hacer seria empezar por el inmenso aparato de seguridad del estado.

Los mismos funcionarios, singularmente de niveles medios, se oponen muchas veces a todo intento de reforma, ya que éstas podrían llevar consigo la pérdida de sus puestos. En Polonia, si la última reforma anunciada se realizara, se calcula que tendrán que quedarse sin puesto una cuarta parte de los funcionarios del Partido.

En el país del Vístula, pues, hay un gran pesimismo con respecto las llamadas "Reformas de Gorbachov" y con respeto a las que se anuncian en el mismo país. Los húngaros, mientras tanto, recuerdan que han sido ellos, mucho antes que los soviéticos, los que se han dado cuenta de que, para seguir subsistiendo, hay que pasar por alto muchos postulados del marxismo-comunismo. Los comunistas checoslovacos, que todavia viven bajo la conmoción de la "Primavera de Praga" de 1968, mantienen muchas reservas respecto a la politica de Gorbachov, y la van aplicando sin correr ningún riesgo. Los búlgaros, por último, son los que tradicionalmente calcan de los soviéticos. Con Gorbachov, no han hecho una excepción.

La politica de Gorbachov, por último, ni en la URSS ni en sus paises satélites ha supuesto realmente una mejora de los derechos humanos. Tan solo con intereses propagandísticos, o por intereses económicos, se ha levantado la mano en lo concerniente a la actitud del régimen para con algunos disidentes.

"ABC"
MADRID

OPINION 30/10/87

01 | 01

8711919.

026

Opinión 30/10/87

Se lleva la materia prima y cierra sus mercados

La URSS provoca desocupación en el Uruguay

por Ricardo Domínguez

La URSS y otros países comunistas, son los responsables principales de la desocupación obrera, en las industrias del tejido y el calzado, al comprar, —fundamentalmente— materia prima para ser industrializadas por ellos, antes que el producto terminado uruguayo.

Los Cuadros que acompañan esta nota, son bien significativos, y están basados, en informaciones proporcionadas por la Dirección General de Comercio Exterior, que fueron recabados de los datos oficiales, procesados por el BROU.

Por otra parte, en estos días se está observando, en distintas paredes y muros de la ciudad, groseras leyendas firmadas por el PIT-CNT, contra el Directorio de ILDU, acusándolo de ser el culpable, de que 900 obreros quedaran, —momentáneamente—, sin trabajo.

Esta seudo-representativa organización obrera, —aunque sí— manifiesta representante de los intereses políticos del comunista Frente Amplio, siempre se está embarcando en los aparentes legítimos reclamos de los obreros, que ven cerrarse sus fuentes de ocupación, atacando violentamente a los empresarios, como si fueran estos, los únicos responsables de tener que suspender la producción.

A ningún ser medianamente inteligente, se le puede escapar el simple razonamiento, que la mayoría de las industrias nacionales, que deben parar, y suspender sus producciones, se debe a dos claras circunstancias: 1) Carencia de materia prima para los procesos de elaboración de las mercaderías; y 2) Carencia de mercados, —local e internacional—, donde colocar los productos fabricados.

Con respecto al primer punto, el Uruguay es dependiente, —para muchas industrias— de *la materia prima* que se importa desde el exterior, o, en los productos tradicionales, de la *materia prima* que se encuentra en el país, si no fue exportada en forma totalmente inexplicable e irracional.

En cuanto al segundo punto, es bien conocida la posición de los países industrializados, la C.E.E y los EE.UU., en su política proteccionista de sus mercados, y la subvención a sus productos, que no hace competitiva la producción nacional.

NO SON DEFENSORES DEL TRABAJADOR

En los casos concretos de la industria textil y del calzado, haciendo un sereno y frío análisis de los datos oficiales, se observa que los países comunistas (URSS, R. D. Alemania, Checoslovaquia, Polonia y Hungría), —que por su aparente ideología, se autodenominan: defensores de la clase trabajadora—, en estos momentos están demostrando otro de sus tantos engaños.

La clase *trabajadora internacional* es burlada permanentemente por la URSS, y no le interesa en *lo más mínimo,* —aunque utilizan a los "cretinos útiles" para que traicionen a sus países—, beneficiando los intereses del comunismo internacional, de la propia URSS y el *séquito de países esclavizados* dependientes.

En dos años de vida "democrática", los países "comunistas" compraron productos textiles, elaborados por obreros uruguayos, por un valor de U$S 2:000.000,oo aproximadamente, mientras que compraron U$S 90:000.000,oo de materia prima, fundamental para el trabajo permanente de *las textiles* (Ver Cuadro 1).

Pero lo más grave se consigna, en que durante los últimos dos años no han comprado un solo dólar de calzado uruguayo con suela de cuero y caucho, aunque sí compraron, más de U$S 30:000.000,oo en cueros bovinos, para fabricar ellos, sus propios zapatos (Ver Cuadro 2).

Ambas actitudes, solo han beneficiado a la URSS y sus países satélites, provocando la paralización de la industria textil y del calzado nacional, por no tener mercados donde vender sus productos, ni materia prima con que fabricarlos.

FRENTEAMPLISTAS A LA URSS

Una delegación integrada con representantes de la casi totalidad de los sectores políticos que constituyen el Frente Amplio, viaja a la URSS al celebrarse el 70 Aniversario de la Revolución Rusa traicionada por los bolcheviques que instauró una feroz dictadura comunista. Especialmente invitados por las autoridades del gobierno y del Comité Central del Partido Comunista soviético, habrán de *trasladarse a Moscú, —entre otros—,* los senadores Luis Alberto Senatore (PGP) y Wilfredo Penco (MPF) y los dirigentes Francisco Otonelli (PDC), Dr. José Pereyra (PS), Rodney Arismendi (PC), y el Arq. Mariano Arana (PC).

Lo interesante, sería saber, si estos cínicos, que fueron a rendir pleitesía y cuentas, a sus amos comunistas de la URSS, también fueron a pedir instrucciones, para saber que verso darle a sus lacayos del PIT-CNT, que están haciendo una campaña contra la patronal de ILDU, porque quedaron 900 obreros en la calle, por culpa exclusiva de los países comunistas que no compran productos uruguayos, pero si se llevan la materia prima nacional.

EXPORTACIONES: RUBRO TEXTIL
(en miles de U$S)

	1985	1986	1987 (Junio)
HUNGRIA			
Lana lavada	— —	39.5	85.3
Tops	3.166.4	2.801.9	1.737.2
Tejidos de lana	660.3	— —	38.2
POLONIA			
Lanas sucias	248.1	633.0	340.1
Tejidos	— —	— —	— —
CHECOSLOVAQUIA			
Lanas sucias	9.400.0	8.700.0	4.900.0
Tops lana peinada	— —	1.300.0	2.000.0
Tejidos	— —	— —	— —
R. D. ALEMANIA			
Tops lana peinada	2.486.6	2.253.5	1.403.8
Tejidos	— —	— —	— —
URSS			
Lana sucia	27.962.0	19.732.0	— —
Tejidos (mantas)	673.5	748.2	— —

TOTALES

Materia prima	U$S 88:724.500,oo
Producción textil nacional	U$S 2:245.000,oo

CUADRO 1

EXPORTACIONES: RUBRO CALZADO
(en miles de U$S)

	1985	1986	1987 (Junio)
HUNGRIA			
Cueros bovinos	3.291.6	1.845.1	2.447.5
Calzado suela cuero	— —	— —	— —
POLONIA			
Cueros bovinos	1.547.6	1.901.9	979.2
Calzado suela cuero	— —	— —	— —
CHECOSLOVAQUIA			
Cueros bovinos	2.000.0	500.0	— —
Calzado suela cuero	— —	— —	— —
R. D. ALEMANIA			
Cueros bovinos	— —	— —	— —
Calzado suela cuero	— —	— —	— —
URSS			
Cueros bovinos	13.512.3	3.170.9	— —
Calzado suela cuero	— —	— —	— —

TOTALES

Materia prima (cueros)	U$S 31.196.100,oo
Calzado (producción nacional)	U$S

CUADRO 2

01.01 E.S.M. 8711920

O26

La Prensa 24/11/87

Panorama mundial

Advertencia de Gromyko a Occidente

Moscú (ANSA) — El presidente soviético, Andrei Gromyko, advirtió a Occidente que no intente cambiar el ordenamiento europeo resultante de la Segunda Guerra Mundial, durante una comida en honor del presidente portugués, Mario Soares, de visita aquí.

Gromyko subrayó que uno de los puntos fundamentales de la política exterior soviética es la coexistencia pacífica entre países con diversos sistemas económico-sociales.

El presidente soviético alentó a Portugal a decir "una palabra autorizada" sobre la necesidad de alcanzar el desarme nuclear. Soares, a su vez, expresó que espera vivamente que el acuerdo entre Washington y Moscú para la eliminación de los misiles de medio y corto alcance sea firmado a la brevedad, cosa que constituiría un "paso histórico".

Soares (el primer presidente portugués que visita la Unión Soviética hablando de las crisis regionales, condenó "el régimen inhumano del 'apartheid'" que significa la permanencia en Sudáfrica de un "clima de injusticia social".

01 .01

8711923

La semana internacional

En todas partes intentan resolver el enigma de "Glasnost"

La visita del canciller soviético Eduard Shevardnadze a Buenos Aires se desarrolló en un marco inverso al que había caracterizado a las relaciones argentino-soviéticas en el pasado reciente. Al comenzar los '80, un régimen decididamente anticomunista como el del general Videla expandía, sin embargo, a cifras nunca vistas nuestro comercio con la URSS, que rondó los tres mil millones de dólares de exportaciones anuales. Hoy, esa cifra ha descendido a algo más de doscientos millones. Sin embargo, en el campo político se exploran nuevas posibilidades. Imbuida del nuevo espíritu que su autor procura insuflar en el rígido sistema soviético, la carta de Mikhail Gorbachov al presidente Alfonsín trata de sumar a la Argentina al clima de distensión que envuelve al mundo como consecuencia del acercamiento entre Washington y Moscú que comentábamos el domingo último.

Los argentinos hemos sido invitados, así, a participar del juego que más apasiona hoy a los observadores internacionales: ¿qué hay detrás de las nuevas consignas lanzadas por Gorbachov al pueblo soviético? "Glasnost", habitualmente traducida por "transparencia" o "apertura" y "Perestroika", que significa "reestructuración", ¿son algo más que nuevas maneras de presentar lo mismo?

Torres gemelas

Mientras "Glasnost" alude a una mayor transparencia en el sistema de comunicaciones, a la ventilación de informaciones y debates hasta ayer secretos, "Perestroika" tiene que ver con la reforma del Estado. Al anotar esta última palabra hay que tener cuidado. El sistema soviético no se apoya, como el nuestro, en un sistema de poder "estatal". Cuando nosotros decimos "Estado" también aludimos a los poderes del Estado: Ejecutivo, Legislativo, Judicial. El dogma básico del sistema soviético, en cambio, es que el poder, todo el poder, lo tiene el Partido. Cuando en Moscú se habla de "Estado", se alude más bien a lo que nosotros mencionamos al hablar de "sector público": la gestión económica a través de estructuras públicas. "Perestroika" apunta a la reforma de la "gestión", pero no necesariamente al sistema de poder de la Unión Soviética. Por cada ministro que actúa en el nivel del Estado, un secretario lo vigila desde el Partido. El propio Gorbachov tiene el poder porque es el secretario general del Partido, y el Politburó, supremo director, lo es en cuanto órgano supremo del Partido.

Los miembros del Politburó, cuyo número ha oscilado históricamente entre *once* y dieciséis, se co-optan, lo cual quiere decir que votan necesariamente por ellos mismos a menos que una grave crisis, como la que destronó a Khrushchev en 1964, lleve a una mayoría a desplazar a una minoría dentro del cuerpo. Hacia abajo, el Politburó controla la integración y la acción de los demás cuerpos partidarios. La torre se maneja desde el último piso. Pero esta torre controla además a la otra torre, la del Estado, que es la colección de los gerentes de la economía soviética bajo las directivas y la vigilancia de los comisarios políticos.

¿Cambio "del" o "en el" sistema?

Esta breve descripción basta para subrayar el carácter monolítico del sistema soviético. El Partido manda. El Partido es concebido, además, como un ejército político cuyos oficiales, los llamados "aparatchiki" u "hombre del Aparato" –unos cuatrocientos o quinientos mil– hacen una carrera parecida a la carrera militar: ingresan jóvenes a través de la Escuela del Partido, que es como el Colegio Militar, y no pasan a los cuadros superiores sino después de aprobar cursos en la Escuela Superior del Partido, que es como nuestra Escuela Superior de Guerra. No ha de serle fácil a Gorbachov, él mismo un "hombre del Aparato", cambiar el sistema.

¿Pero aspira, en realidad, a cambiarlo? Podría distinguirse, en este sentido, entre dos niveles de cambio. El sistema de las torres gemelas opera, a veces, por delante de sí mismo. Así ocurrió entre 1956 y 1964 con Khrushchev y así ocurre desde 1985 con Gorbachov: en períodos como éstos, el sistema operá en su límite más avanzado o liberal, sin cambiar por ello de naturaleza. Otras veces, el sistema opera por detrás de sí mismo, echando mano de sus amplias reservas de coacción. Ocurrió así en las negras décadas de Stalin, de 1923 a 1953, pero también, aunque menos violentamente, en las décadas de Brezhnev y sus frágiles sucesores, Andropov (padrino político de Gorbachov) y Chernenko, de 1964 a 1985. El sistema soviético, sin cambiar en sí mismo, es capaz de vivir a través de ciclos de cerrazón y de apertura. La ofensiva de "Glasnost", ¿sólo apunta entonces a cambiar la operación del sistema o va más allá, hasta el sistema mismo? ¿Es un cambio "en el" sistema o un cambio "del" sistema?

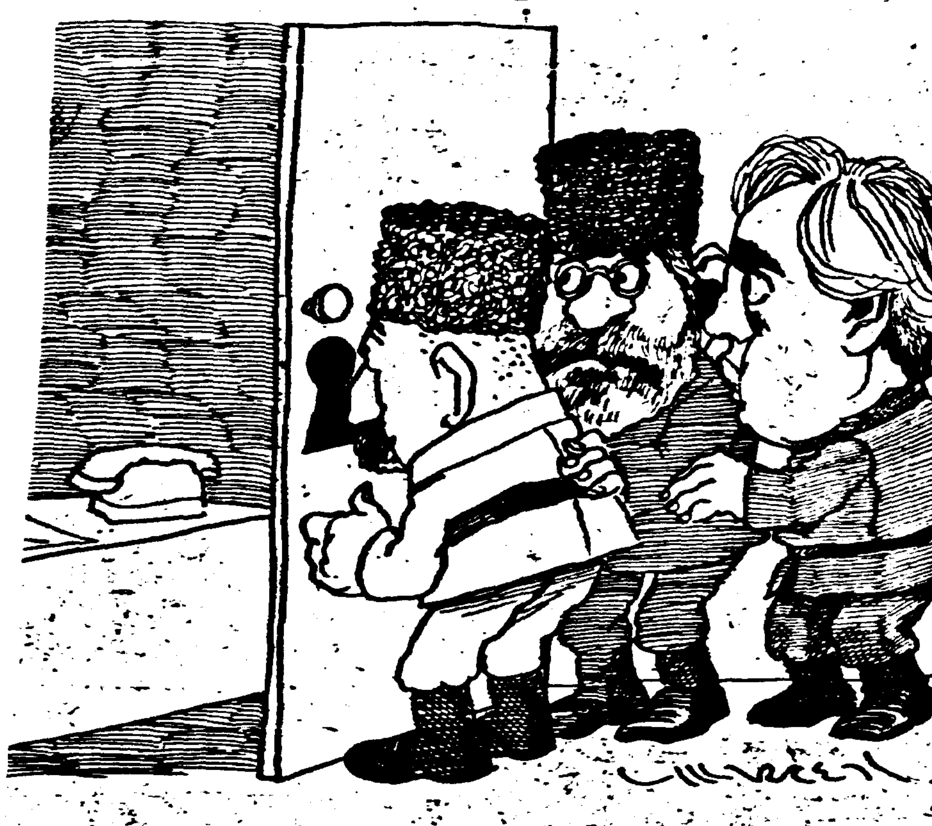


Mikhail Gorbachov

Donde aparece una nueva palabra: "Pokazuka"

Es en torno de esta pregunta que arrecia, hoy, el debate. Dentro de la URSS, los disidentes de ayer, con Sakharov a la cabeza, exploran hasta dónde está dispuesto a ir Gorbachov. Occidente, a su vez, no sabe aún a qué atenerse. Los signos apuntan en diversas direcciones. Que la Unión Soviética enfrenta un serio desafío de modernización económica, no hay quien lo dude. A partir de este dato central, el ex asesor de seguridad del presidente Carter, el brillante intelectual polaco-norteamericano Zbigniew Brzezinski, viene de publicar un artículo en The Washington Post cuya tesis es que los cambios propuestos por Gorbachov son reales. Brzezinski afirma que los *cambios* vienen (el título de su artículo es "Changes Are Under Way") porque, a menos que imprima a su país un giro revolucionario hacia la creatividad tecnológica –imposible sin la enérgica liberación de las iniciativas individuales– Gorbachov tendrá que resig-

el enigma de "Glasnost"



narse a verlo descender del pedestal de las superpotencias.

Para respaldar la tesis opuesta, Peter Osmos –uno de los titulares de la editorial Random House– acaba de recurrir también en The Washington Post a una tercera palabra de origen ruso que contrapone a "Glasnost" y "Perestroika": "Pokazuka", que significa algo así como nuestro "de labios para afuera", algo puramente declamatorio ("for show" o del francés "pour la galerie"). Glasnost no sería, para Osmos, sino una hábil campaña de relaciones públicas. Se preguntan quienes piensan como él, ¿qué clase de apertura o transparencia es ésta en una sociedad cuyo jefe de gobierno viene de pasar, como lo hizo Gorbachov, casi dos meses supuestamente de vacaciones sin que salga una sola palabra sobre él en la prensa? Del 7 de agosto a fines de septiembre, Gorbachov desapareció de las informaciones. Durante ese lapso, dos "duros" del Politburó, Yegor Ligachev, encargado de la ideología, y Viktor Chebrikov, jefe de la KGB, llevaron la voz cantante.

Quienes sostienen que "Glasnost" viene "de veras", usan este episodio para hacer ver la resistencia que encuentran los esfuerzos de Gorbachov por liberalizar el sistema. Pero este argumento también sirve de apoyo a una tercera tesis: que, siendo Gorbachov auténtico en sus intenciones liberales, difícilmente prevalecerá; tanta es la resistencia de la burocracia partidaria.

Navegando hacia los rápidos

El escepticismo en cuanto a "Glasnost" se concentra, por ello, en dos visiones. Según la primera, "Glasnost" es solamente una nueva versión de "Pokazuka": una representación para uso de Occidente, con vistas a lograr de las democracias industriales el intercambio comercial y la ayuda financiera y tecnológica sin los cuales el sistema comunista seguirá estancado. Una versión moderada de esta tesis es la cuádruple exigencia que viene de formular A. M. Rosenthal, uno de los columnistas de The New York Times, al sostener que Gorbachov será creíble solamente cuando suministre las siguientes pruebas: 1) La disposición de reducir no sólo los misiles nucleares sino también las fuerzas convencionales, sector donde la supremacía soviética es total. 2) Vigencia efectiva de los derechos humanos dentro del territorio de la URSS. 3) Mayor autonomía para las naciones de Europa del Este. 4) Desmantelamiento de la formidable estructura de vigilancia y coacción que es la KGB.

La otra forma del escepticismo surge de la sospecha de que Gorbachov, después de todo, es sincero. Lo es, suponen algunos analistas, pero precisamente por eso terminará por caer, como le pasó a Khrushchev. El profesor Charles Gati acaba de señalar, en la entrega de julio de 1987 de "Foreign Affairs", que el punto débil de "Glasnost" es Europa del Este. Su tesis es que, no bien alguien abre las compuertas en Moscú, algo estalla en alguno de sus satélites europeos. Así ocurrió en Hungría, en 1956, con Khrushchev. Y así podría ocurrir de nuevo ahora, porque los líderes de Europa del Este son ancianos con más de setenta años cuyo promedio de gobierno es 24 años; todos ellos, ligados a Brezhnev, serían desplazados por una generación al amparo de "Glasnost", pero entonces lo probable sería que, en alguna parte, los vientos de la libertad soplaran demasiado fuertemente, como ya pasó no sólo en Hungría sino en la famosa primavera de Praga, allá por 1968. Los "duros" aprovecharían entonces para desembarazarse de Gorbachov.

Es como si el secretario general del Partido Comunista soviético hubiese iniciado una navegación hacia los rápidos. Probablemente no sea ni el cínico que supone la teoría de "Pokazuka" ni un mártir al estilo del húngaro Nagy o el checoslovaco Dubcek. Ha tomado o autorizado medidas que afectan la clausura tradicional del sistema comunista. En Polonia, para citar un caso, el vicepresidente Bush viene de criticar abiertamente por la televisión estatal al régimen de su anfitrión, el general Jaruzelski. En la Unión Soviética brotan públicos debates hasta ayer inimaginables. Gorbachov irá tanteando la resistencia de la burocracia conservadora ante la ejecución de su programa. Cuando esa resistencia arrecie llegará para él la hora de la decisión. Como Deng, en China, podrá dar entonces un cauteloso paso atrás. O jugarse, por lo contrario, el todo por el todo. Cuando llegue a los rápidos sonará para él la hora de la verdad. Una hora que parece acercarse. Los rápidos ya dejan oír su inquietante rumor.

Mariano Grondona

"Glasnost": Los teóricos soviéticos predican el desempleo y los obreros hacen huelga

Aceptar una cuota de desempleo y denunciar los "defectos intrínsecos" de la estructura y el funcionamiento de la economía soviética: eso se propone el economista Nikolai Shmeliov. Mientras su trabajo y sus teorías se discuten en las cúpulas de Moscú, toma estado público, por primera vez, la realización de un paro de trabajadores en una fábrica automotriz. El hecho, por novedoso, sacudió al mundo. Está vinculado a la ineficacia económica de algunos rubros de producción soviética y se da en el mismo momento que las teorías de Shmeliov se discuten.

ı documento, Shmeliov ıablar del "conservadoris- competencia" en el siste- lanificación centralizada, opone reemplazar por una ía autogestionaria en la ida el mercado. Uno de ntos más polémicos idea de que "hay que r sin temor las ven- que nos podría pro- ıar la existencia de ducido número de leados". Al ser consul- re este texto (publicado ıensuario Novi Mir de , Mijail Gorbachov dijo ı juicio el diagnóstico es o, aunque no comparto s soluciones propuestas". mente, un extracto del y la respuesta dada por el lo economista Vladimir v, director del Instituto de aciones Científicas de la oviética.

ıestro país hay economis- consideran que para man- nivel de la productividad ajo a un ritmo bastante al- cesario mantener también npleo en una proporción del 2 al 3 por ciento de la pobla- ción económicamente activa.

Este criterio ha sido sostenido por el especialista soviético Nikolai Shmeliov en un artículo publicado por la revista Novi Mir. De dicho texto se deduce que el desempleo sería una forma de castigo para los trabajadores con el fin de obligarlos a elevar su rendimiento.

Mientras eso ocurre en la discusión teórica, la prensa soviética informó sobre una reciente huelga de tres días en una fábrica automotriz cercana a Moscú lo que significa el primer reconocimiento de una medida de fuerza de esa magnitud tomada por obreros de la producción industrial.

Con el título de "Extraordinario acontecimiento", el semanario Las Noticias de Moscú relató detalles de la "interrupción del trabajo" que durante tres jornadas paralizó una fábrica de autobuses que emplea a 700 operarios en Likino, dentro de la gran periferia moscovita.

"A nadie satisface el estado de la economía nacional, cuyos dos defectos principales, vale decir, intrínsecos –el monopolio del productor en medio de déficit generalizados y la falta de interés de las empresas en el progreso científico–técnico–, son obvios quizás para todos. ¿Cómo eliminarlos? ¿Qué hacer, y no en teoría sino en la práctica?", comienza cuestionando Shmeliov, para aceptar que "en este momento las interrogantes son muchas más que las respuestas".

Tras señalar "la hondura, sinceridad y audacia que caracterizan la discusión" de estos problemas en los últimos dos años, y las "transformaciones revolucionarias" que siguieron –dice– al vigésimo séptimo Congreso del Partido Comunista soviético, opina que de resultas de ello "se han formulado nuevos principios de gestión que rechazan la arbitrariedad administrativa" en favor de criterios y estímulos económicos". Pero, agrega, cambios tan grandes "no pueden efectuarse de un tirón", ya que "demasiado tiempo reinó en nuestra economía el imperio de las órdenes, no el de la moneda".

Nikolai Shmeliov, economista soviético pone el dedo en la llaga de lo que constituye el espectro central de polémica detrás de la "perestroika" instrumentada por Mijail Gorbachov y la nueva generación del Kremlin: la posibilidad de aceptar un porcentaje de desempleo para dinamizar las reformas. Sin embargo, el "acelerador" de las reformas de mercado toca un límite político: el desempleo cero es uno de los pilares básicos sobre los cuales la URSS fundamentó cuatro difíciles décadas de sorprendente estabilidad social.

Criticando lo que define como renuncia a la Nueva Política Económica (NEP) de Vladimir I. Lenin, sustituida por el criterio de dirección esencialmente voluntarista", que "no podía preocuparse de producir más y gastar menos", Shmeliov dice: "Todavía se piensa que el sistema de relaciones económicas (incluyendo la estructura de la propiedad) configuradas en el país en una encarnación práctica del marxismo–leninismo", a lo que objeta que contrariamente a esa opinión "los antecedentes históricos de nuestro modelo económico son todavía una cuestión por dilucidar."

Luego, afirma que "Marx y Engels elaboraron los principios teóricos de la revolución, pero no tenían más que conjeturas sobre cómo debería ser la economía una vez consumada la revolución".

Pero los pronósticos están vinculados a la realidad y el paro –publicitado por la prensa–, así lo confirma. Al parecer la huelga (término que no se lee en el artículo publicado) fue provocada por la supresión de los sobresueldos que cobraban los obreros, a raíz de los bajos ritmos y mala calidad de la producción, cuestión que los asalariados consideraron atribuible a la obsolescencia de la maquinaria instalada.

La producción de la fábrica, en razón de sus equipos defectuosos y el mal abastecimiento de repuestos, bajó en los últimos meses a un promedio de 20 a 25 autobuses por día, mientras que el plan preveía entre 33 y 34 vehículos diarios.

El economista, en su trabajo hace una descripción generalizada, de lo que este hecho se convirtió en inesperado ejemplo.

"Hoy tenemos una economía deficitaria, ingobernable en muchos aspectos, refractaria a la planificación y al progreso científico–técnico: actualmente la industria rechaza hasta el 80 por ciento de las nuevas propuestas tecnológicas e inventos."

"Pero las más graves consecuencias de la 'economía por decreto' están fuera del ámbito económico. (...) Se generalizaron la apatía y la indiferencia, el robo, la actitud irrespetuosa hacia el trabajo honesto y, a la vez, la agresiva envidia hacia quienes ganan mucho aún cuando trabajan honestamente; aparecieron síntomas de una casi física degradación de buena parte de la población a consecuencia del alcoholismo y la vagancia. La gente dejó de creer en los objetivos e intenciones proclamados."

"Lo único que se necesita son el valor, la firmeza y la consecuencia en la tarea de desbloquear las potencialidades internas de la economía. ¿Qué las bloquea? Ante todo, el reaseguramiento ideológico, el temor a que el 'mal genio' del capitalismo se nos escape de la botella. Temores totalmente infundados: las clases sociales surgen, existen y desaparecen no en virtud de unas u otras decisiones administrativas. 'Hay que liarse en la pelea, y luego ya se verá', gustaba de repetir Lenin."

"El momento actual es realmente crucial para la agricultura soviética. Si tampoco esta vez la gente ve justificada su esperanza en el renacer del sentido común, la apatía podrá volverse irreversible".

"Hemos de decidir de una vez para siempre qué es lo más importante para nosotros: ser autosuficientes en alimentos o complacer eternamente a los partidarios de la igualdad de todos en la miseria y a toda clase de demagogos irresponsables."

"Hay que llamar a las cosas por su nombre: a la estulticia, estulticia; a la incompetencia, incompetencia; al estalinismo operante, estalinismo operante (...) No importa que perdamos nuestra virginidad ideológica, la cual no existe más que en los editoriales–ficción de primera plana".

"Sería más rentable abonar durante varios meses un subsidio por concepto de desempleo temporal que mantener en la nómina a todo un ejército de holgazanes que pueden hacer malograr –y lo hacen en efecto– cualquier forma de autogestión, cualquier intento de mejorar la calidad y aumentar la eficiencia de la producción."

Shmeliov postula seguidamente la apertura de la economía soviética, la libre convertibilidad del rublo y el estímulo a los capitales foráneos, y critica la "construcción de gigantescas centrales hidroeléctricas y dispendiosas fábricas metalúrgicas.

Gorbachov, para relanzar a la URSS, necesita reformas. Sin embargo estas reformas pueden ser resistidas, no solo por sectores del partido y los sindicatos, sino por franjas sociales.

Al mismo tiempo, el experimento arroja desafíos a la totalidad del bloque socialista. Hungría, por un lado, ya es escenario de un debate sobre el tema, y Fidel Castro, en el otro extremo, criticó esta semana elípticamente la reforma al aludir a los países socialistas que adoptan el fetiche del dinero.

Es que se trata de distintas etapas de acumulación, lo que equivale a decir: dentro y fuera de la URSS se perfilan divisorias políticas en el mundo socialista.

Doplomacia soviética

¿Cambio de estrategia o de imagen?

"Si Ud. le pide que se siente sin pantalones sobre un bloque de hielo, él lo hace sin protestar; y es capaz de no levantarse hasta que se lo ordene". Así definía el entonces Secretario General del PCUS Leonid Brejnev a su canciller Andrei Gromyko según Kissinger en sus Memorias de la Casa Blanca.

Hoy, en un marco de glasnot y perestroika resultaría inoportuna una imagen tan castrense del hombre que debe explicar la nueva orientación de la política exterior soviética. A pesar que según diplomáticos occidentales el verdadero estratega de aquella, sería Anatoly Dobrynine ex embajador de Moscú en EEUU durante un cuarto de siglo, en donde conoció seis presidentes y nueve secretarios de Estado.

Sea como sea, el Canciller Shevardnadze al menos en el ámbito simbólico quedó mejor parado que su ex colega Gromyko al despistar a sus custodias para dialogar con manifestantes que protestaban frente a la embajada soviética por la suerte de los judíos en la URSS. Más aún les propuso verificar en persona acerca del tratamiento que su país dispensa a la colectividad hebrea. Este cambio de imagen se condice con un cambio de la estrategia soviética en sus relaciones internacionales?

La tradición soviética en política exterior se basa en la ideología marxista leninista que transforma las relaciones entre los Estados en conflicto entre dos filosofías. De Lenin en más los dirigentes soviéticos han pretendido descifrar la Historia convencidos que su causa es una fatalidad histórica.

Para Occidente la paz es un estado al que se llega naturalmente basado en el compromiso y la ausencia de conflictos. Según los preceptos comunistas una paz duradera no se logra más que suprimiendo la lucha de clases y sólo una victoria marxista leninista puede ponerle fin a la lucha entre las clases.

Cuando se masacran civiles húngaros en 1956, se interviene Checoeslovaquía en 1968, o Afganistán en el presente decenio, son las naciones occidentales las que son objeto de críticas y amenazas por atentar contra la paz mundial. Por ende toda acción de la URSS, aún la más belicosa sirve la causa de la paz, mientras que toda política capitalista aún conciliadora sirve la causa de la guerra.

Ni más ni menos.

Otro elemento de peso en la política exterior soviética es el ancestral nacionalismo ruso. A lo largo de los siglos el imperio ruso desborda el ducado de Moscovia extendiéndose al este y al oeste; asimilando su sentimiento de seguridad nacional al de dominio y expansión. Por primera vez en la historia de Rusia, el marxismo leninismo le da al instinto expansionista un marco teórico para aplicar a escala mundial.

Ideología, nacionalismo expansionista y dominante marcan la política exterior de la URSS. Ante estos elementos de reflexión, la teoría predominante en las naciones occidentales carecen de realismo aunque no de buena voluntad. Esta se podría definir en tres afirmaciones. Los objetivos de la URSS cambiaron y los dirigentes se ocuparán de mejorar la situación económica de su pueblo más que a intervenir en el extranjero. La mejoría en las relaciones personales con los dirigentes del Kremlin permitirá moderar su hostilidad, y tercero el PCUS encontrándose dividido en halcones y palomas, es de incumbencia de las democracias occidentales reforzar la posición de las palomas adoptando un perfil conciliatorio.

Ya desde los años treinta, dirigentes occidentales pronosticaban el fin de las tensiones y los peligros de guerra generalizada ante actitudes soviéticas que la lógica de occidente consideraba "grandes logros y avances en las relaciones Este Oeste".

La aparición del séptimo Secretario General del PCUS luego de que cinco de ellos fallecieran en ejercicio de sus funciones y otro desplazado mediante un golpe de palacio, pone a las democracias occidentales ante un nuevo desafío.

Y no es para menos, Mijail Gorbachov en sus primeros discursos ante sus pares no prioriza los temas tradicionales de sus antecesores y sí toca temas tabú, convertidos en secreto a veces en la sociedad soviética.

Ineficacia de la planificación socialista, bloqueo de la sociedad por la burocracia, el centralismo y la corrupción de sus dirigentes. La lucha de clases, la lucha contra los desvíos burgueses, el logro de la sociedad comunista son desplazados —al menos en el discurso— por la rentabilidad en la gestión de la economía, el mayor estímulo a la propiedad privada, la necesidad de inversiones capitalistas y un caballito de batalla exterior: el desarme nuclear.

La nueva imagen soviética hacia el mundo está en marcha, el Canciller Shevardnadze acaba de confirmarlo. El comercio internacional y sus anarquías a corregir en el marco del Gatt al cual la URSS ha solicitado adherir, reemplaza las declaraciones de un nuevo orden económico internacional más ideologizado que preocupado en el desarrollo; la necesidad del pago de la deuda presentado como un asunto de dignidad nacional se enfrenta a la simpleza del no pago promovida por Fidel Castro; por último los esfuerzos por la paz y la condena al terrorismo son algunas muestras que indican la preocupación soviética por el cambio de imagen.

¿Bastan estas afirmaciones para concluir que un cambio decisivo se está operando en la estrategia soviética?

Existen dos tipos de realistas, aquellos que observan los hechos y aquellos que los crean. El mundo precisa hombres capaces de crear su propia realidad. Los nuevos dirigentes soviéticos merecen el beneficio de la duda.

C.P.

01.01

8711961

URSS

La destitución de Yeltsin en Moscú favorece a los sectores conservadores

Moscú, 12 (EFE) — La destitución de Boris Yeltsin como jefe del partido Comunista de la URSS (PCUS) en Moscú, es valorada en la capital soviética como una victoria para los sectores conservadores, aunque su sucesor, Lev Zaikov, está considerado como un político próximo a Gorbachev y a los reformistas.

El alejamiento de Yeltsin, uno de los máximos defensores de la "perestroika" y la "glasnost", y símbolo de integridad y honradez, fue anunciado oficialmente anoche, tras protagonizar un duro enfrentamiento con otros dirigentes en el último plenario del Comité Central del PCUS.

Analistas en la capital soviética consideran que la destitución de Yeltsin es una consecuencia de sus diferencias y enfrentamientos con Igor Ligachov, virtual número dos del Kremlin y considerado el guardián de la ortodoxia del régimen, y con Victor Chebrikov, jefe del Comité de Seguridad del Estado (KGB).

Fuentes diplomáticas occidentales señalaron también que el relevo fulminante del jefe del partido en Moscú y los términos violentos del comunicado en el que se anunció oficialmente, podrían interpretarse como una confirmación de que Boris Yeltsin alcanzó con sus críticas al líder soviético, Mikhail Gorbachev.

Según informes, recogidos por la prensa occidental sobre la decisiva intervención de Yeltsin ante el plenario del pasado 21 de octubre, el entonces jefe del PCUS en Moscú acusó al número uno soviético de un creciente culto a la personalidad, alusión que desconcertó a Gorbachev y motivó que no le defendiera.

Fuentes diplomáticas destacaron el pésimo tratamiento informativo que se ha dado en los medios soviéticos a lo ocurrido en la asamblea del día 21 de octubre y también a los términos del comunicado en el que se confirmaba la destitución de Yeltsin, que contrasta con la política de defensa de la trasparencia informativa.

Las mismas fuentes añadieron, que llama la atención la contradicción existente en el comunicado difundido anoche por la televisión y la agencia soviética Tass, en el que se concluye que Yeltsin tuvo una actuación "políticamente errónea", pero se justifica su relevo al frente del PCUS en Moscú por "grandes defectos" en su dirección.

Hasta la pasada sesión plenaria del Comité Central del PCUS, Yeltsin no había recibido ninguna crítica oficial sobre su gestión como jefe del partido en Moscú, calificada por los grupos independientes moscovitas, de muy acorde con la "perestroika" y la "glasnost".



(Radiofotografía de Reuter) Lev Zaikov, quien reemplazó a Boris Yeltsin como jefe del partido Comunista en Moscú

La Prensa 13/11/87

01.01

8711976

POR PRIMERA VEZ EN 25 AÑOS, PEKIN ASISTE AL ANIVERSARIO DE LA REVOLUCION

China envía una delegación a Moscú

En el marco de un encuentro de partidos y movimientos comunistas que tiene lugar en Moscú, el líder cubano, Fidel Castro, aseguró que si prevalece la desigualdad en América, "nuestra tierra no podrá ser liberada de violentas explosiones sociales". Mijail Gorbachov recibió a Yasser Arafat, ante quien ratificó la postura soviética de bregar por un acuerdo para Medio Oriente, con participación del pueblo palestino. En un gesto calificado como "inédito", llegó a la URSS una delegación china de nivel medio para asistir a los festejos del 70° aniversario de la Revolución Rusa.

MOSCU, 5 (AFP, AP y DPA). — Una delegación china de ocho miembros llegó hoy a la capital soviética para asistir a las celebraciones del 70° aniversario de la Revolucion, en un gesto que los observadores calificaron como "sin precedentes" desde la ruptura de Pekín con Moscú, hace mas de un cuarto de siglo. La delegación está presidida por el titular de la Asociación del Pueblo Chino para la Amistad con los Pueblos Extranjeros, Zhang Nanjin, y permanecerá en la URSS por una semana.

En Pekín, la delegación había sido despedida por el embajador soviético en China, Oleg Troyennovsky. Un alto funcionario chino que pidió no ser identificado, dijo a los periodistas de agencias occidentales que la visita a la URSS de esta delegación tiene un carácter "esencialmente simbólico", lo cual se advierte por el hecho de que Pekín incluyó solo representantes sin responsabilidad significativa en el Partido Comunista Chino.

Se recuerda que China conmemoró la Revolución Rusa el pasado miércoles con una recepcion a la que asistieron 300 personas. En un escueto parte, la agencia oficial de noticias Nueva China subrayó que los acontecimientos de noviembre de 1917 en Petrogrado constituyeron "la primera etapa de una larga marcha".

"Si prevalece la desigualdad, nuestra América no será liberada de las violentas explosiones sociales", advirtió hoy el máximo dirigente cubano, Fidel Castro, al hablar en un encuentro de partidos y movimientos que tiene lugar en Moscú.

◆ **Discurso de Fidel Castro**

En su larga exposición, de casi dos horas, Castro, primer secretario del Partido Comunista Cubano y presidente del Consejo de Estado y de Ministros, dijo que "a nosotros, cubanos, inmersos en la porción más lacerante y retrasada de este mundo, nos toca, sobre todo, mirar al porvenir con la perspectiva con que lo vemos desde el subdesarrollo y el atraso".

En otro tramo de su discurso, Fidel Castro recordó que "el dólar cae, los índices de las Bolsas se desploman en Nueva York o en Tokio, el capitalismo deja de crecer y su desempleo se agudiza de manera alarmante. Todo eso, sin dudas, parte del panorama actual, pero, a la vez, para evitar que la crisis se convierta en catástrofe, el imperialismo tiene a nuestros pueblos del sur como "reserva adecuada" mediante el intercambio desigual logra materias primas a bajos precios, nos exprime financieramente con la deuda que sus propios centros mundiales propiciaron y estimularon, nos usa como salida para su excedente de mercancías y de fuente para la barata mano de obra que utiliza o devuelve a los países subdesarrollados al ritmo de sus expansiones y contracciones".

Puntualizó Castro que "el compañero Mijail Gorbachov, en su brillante discurso de la sesión inaugural, al hablar sobre las posibilidades de que la paz se transforme en coexistencia perdurable, formulaba, entre otras preguntas, una esencial: ¿Puede el sistema capitalista pasar sin el neocolonialismo? La respuesta a esta pregunta nos indicará si alsalvar al mundo para la paz, podremos, a la vez, corregir la dramática desigualdad que prevalece". Agregó el líder cubano que "esa desigualdad tiene que ser eliminada o nuestra tierra no será librada de las violentas explosiones sociales y respuestas en que los pueblos neocolonizados se abrirán paso frente a todas las vallas con su propia fuerza y con la necesaria solidaridad de otros pueblos".

◆ **Gorbachov, con Arafat**

En tanto, el secretario general del Partido Comunista soviético, Mijail Gorbachov, tuvo hoy en el Kremlin una breve entrevista con el presidente del comité ejecutivo de la Organización para la Liberación de Palestina (OLP), Yasser Arafat.

La agencia TASS dijo que el número uno soviético subrayó en la ocasión que su país "seguirá con insistencia la búsqueda de la paz y de un justo arreglo en Oriente Medio que responda a los intereses de todas las partes involucradas, incluido el pueblo palestino".

URSS
Obuzor KPCH

POCO LEGIBLE

01.01

8711985

HB

024

URSS

Gorbachov y la democracia

Raúl Godea

En abril de 1987, en "La Democracia", adelantamos algunas opiniones sobre las reformas de Gorbachov, opiniones que distaban entonces de ser las más comunes. En primer lugar dijimos que las reformas enunciadas significaban, en los hechos, el comienzo de una revolución democrática dentro del régimen soviético. Agregamos que estos cambios, de no involucionar, terminarían fatalmente en el reconocimiento del derecho de huelga ("aún cuando hoy no se lo nombre", decíamos) como herramienta esencial de control popular sobre los abusos de poder en el campo productivo. En segundo lugar afirmamos que tales cambios, por la manera franca y enérgica en que estaban siendo propuestos, debían contar con el respaldo también franco de factores de poder decisivos como el Ejército y la Policía Secreta. En tercer lugar agregamos que en nada se parecía este proceso de cambios a la caótica Revolución Cultural China de 1966, sino más bien a las reformas de Dubcek en Checoeslovaquia, en 1968: "En la URSS, hoy, son burócratas los que desplazan a burócratas y los que dirigen con pulso firme, al parecer, el proceso de apertura. No son oportunistas o jovencitos histéricos, como en China, y tampoco obreros e intelectuales opositores, como en Polonia". Terminábamos observando que "la gran diferencia es que a Gorbachov no podrán pararlo ahora los tanques de ningún "hermano mayor", como los que detuvieron la Primavera de Praga y depusieron a Dubcek".

-oOo-

Unas recientes vacaciones de Gorbachov levantaron sospechas en Occidente de que estaba siendo acosado y frenado por la oposición interna. Su reaparición, y algunos otros hechos recientes en la URSS, parecen desmentir estas suposiciones así como confirmar los extremos que habíamos sostenido antes, y citado más arriba.

Al reaparecer con un discursos pronunciado en el Instituto Smolny (lugar simbólico desde el cual Lenin había anunciado el advenimiento del poder soviético en 1917) Gorbachov reafirmó sin ambigüedades la marcha del proceso de cambios y se manifestó dispuesto a "aplastar" a la oposición, aunque advirtiendo que "no esperamos victorias fáciles". Aclaró también que esto no era "una especie de Revolución Cultural China", así como que los cambios eran firmemente apoyados por el Ejército.

Más espectacular que sus propias declaraciones, sin embargo, fue el hecho difundido por los mismos días acerca de paros y huelgas en distintos lugares de la URSS.

A un paro de conductores en la ciudad de Chejov, le siguió algo después una huelga de tres días en la fábrica de autobuses Likino, próxima a Moscú. Al parecer "las tres cuartas partes del personal de la fábrica decidió recurrir a la huelga para que los responsables del ramo, incluído el ministro, se enteraran de la situación de la planta". El representante del control de calidad estatal en la fábrica declaró: "Me parece que el taller abandonó el trabajo por desesperación. Por supuesto, antes nadie se hubiera atrevido a un paso como éste, pero ahora son tiempos distintos".

Estas informaciones, publicadas por el semanario "Novedades de Moscu", parecen dar cuenta de como, en los hechos, el derecho de huelga se ha instalado ya en la realidad soviética, en el marco de los cambios del período Gorbachov.

Este último ha anunciado la publicación de un libro sobre el actual programa de reformas (y millones de dólares se le han ofrecido ya desde Occidente por los derechos de traducción). En esa obra podrá confirmarse, creemos, que la apertura democrática hacia la que pretende avanzar la URSS es un sistema de libertades entendidas como válvulas de seguridad contra los conflictos; como un clima de consensos que permita liberar el entusiasmo y la creatividad sociales para impulsar ese desarrollo económico moderno en el que el mundo marxista-leninista se ha quedado atrás del Occidente industrial.

Lo proyectado es una "larga marcha", seguramente llena de riesgos y acechanzas. Pero el movimiento parece avanzar en un sentido positivo, de aumento de las libertades dentro de un marco de orden básico, y sus inspiradores no están dispuestos a dar marcha atrás. Esto no supone buenas noticias para todos, sin embargo.

Los recientes intercambios de indirectas sobre la deuda externa entre soviéticos y cubanos (que en momentos de escribir estas líneas parecen haber llegado a la crítica directa hacia Carlos Rafael Rodríguez por parte de la prensa soviética) muestran porqué Fidel Castro, desde el primer momento, no fingió ningún entusiasmo por la "perestroika" y la "glasnost", mientras que el más publicitado viaje de Gorbachov a una nación marxista-leninista, por otra parte, fue el que realizara hace unos meses a Checoeslovaquia, justamente el país que en 1968 antecediera a la URSS en el tipo de experiencias de apertura democrática hoy ensayadas por Moscú.

LA DEMOCRACIA 23/10/87

POCO LEGIBLE

01 01

8712009

95 — 026 — FOTOCOPIAR TODO —

TALLER

Nº 5 — Responsable: Tomás Linn - Coordinación: Carlos Muñoz — MARTES 24 DE NOVIEMBRE DE 1987 — AQUI

70 AÑOS DESPUES LA PERESTROIKA

Las exigencias de los nuevos tiempos son fuertes. Cierto retraso tecnológico estaba poniendo a la URSS fuera de carrera. La ***renovación industrial, apresurada*** *por Tokio, seguida por Europa* ***Occidental y ya tardíamente por Estados*** *Unidos, descolocó a la* ***URSS. Problemas*** *serios de eficacia en la producción (a manos del estado), lentitud para recuperar ese retraso tecnológico fundamental para que la URSS sea nuevamente competitiva a nivel mundial, el anquilosamiento del aparato estatal y dificultades serias en lo económico pusieron a la URSS contra la pared. Hacía falta la renovación y la transparencia.*

Es así que empieza, en la era Gorbachov, un fuerte movimiento de flexibilización interna. Se discuten temas abiertamente, sin tabúes. Algunas figuras olvidadas de la literatura recuperan su sitial, hay economistas que salen a hacer su propuesta: espacios para la economía privada, reconocer niveles tolerables de desocupación, márgenes para la libre iniciativa y la innovación productiva. Nada de esto era posible en una sociedad cerrada. La historia de estos últimos 70 años cuenta cómo el país salió de la retrógrada dominación zarista y puso a la URSS como potencia [illegible] notorio pero los costos en materia de libertad también. De una alianza inicial con la Alemania Nazi, la URSS hace su giro e inicia su gran guerra patria que ofrece el mayor número de muertos ante el enemigo invasor nazi. Fueron años, también, de traslados masivos de campesinos y de los horrores del stalinismo, luego denunciados por Kruschev. En la era de la posguerra, los niveles de vida en la URSS subieron en forma notoria, al igual que en Europa Occidental. La URSS se convirtió en potencia mundial compitiendo en producción, comercio, carrera espacial influencia político-ideológico y armamentismo, con los Estados Unidos.

Si la reconversión industrial descolocó a Estados Unidos, que seguía imprimiendo ritmo a su investigación tecnológica, más lo hizo con la URSS. Investigar, inventar, innovar, impulsar, son cosas que no pueden hacerse en una sociedad cerrada.

Gorbachov y su equipo entendieron esto claramente. De ahí el lanzamiento de la "Perestroika" y la Glasnost a los 70 años de la revolución.

En este ***TALLER*** *, se intenta ofrecer un panorama de lo que está ocurriendo, con un testimonio de Francisco José Ottonelli, una entrevista de Miguel Angel Campodónico al escritor Juri Paporov, declaraciones de economistas soviéticos, la política exterior hacia el Cono Sur.*

Se viven tiempos de cambio, de innovación, de expectativa. El fenómeno soviético es una señal clara de que el siglo venidero viene cargado de sorpresas y cambios. Por eso, este número de ***TALLER*** *incluye este informe, consciente de que no todo pudo ser incluido y que el tema abarca mucho más aún. Pero, como comienzo requieren las cosas...*

01.01

PARTES POCO LEGIBLES

La renovación (**perestroika**) y la transparencia (**glasnost**) que son el santo y seña arengados en la prensa, televisión y discursos a los 281 millones de habitantes de la URSS de hoy, obligan a detenerse a reflexionar sobre determinadas realidades insoslayables de ese país.

Quien orienta e impulsa la vida política y social de la Unión Soviética es el Partido Comunista que tiene más de 19 millones de militantes. Para decirlo con las propias palabras de la Constitución soviética "es la fuerza dirigente y orientadora de la sociedad soviética, el núcleo de su sistema político, de los organismos estatales y organizaciones públicas". A su carácter de único partido agrega su papel hegemónico para postular candidatos a cargos electivos, ya que, si bien por el art. 96 se proclama que tienen derecho a elegir y ser elegidos todos los ciudadanos, cuatro artículos más adelante se aclara que "tienen derecho a promover a los candidatos a diputado las organizaciones del Partido Comunista de la Unión Soviética, los sindicatos, la Unión de Juventudes Comunistas Leninistas, las cooperativas y otras organizaciones sociales, las colectividades laborales, así como las asambleas de unidades militares".

Resulta imposible examinar el funcionamiento de la sociedad soviética de hoy y tratar de ex- [illegible] y económico, su plena ocupación (hay demanda de mano de obra) así como la posibilidad de sus habitantes de acceder a bienes y servicios esenciales como la alimentación, salud, vivienda y educación, sin atender a la conformación espiritual del pueblo ruso, su historia y tradiciones. Esos ingredientes culturales cobraron fuerza en la revolución de 1917 y se anudaron en una trenza colectiva y solidaria durante la enorme resistencia ante el invasor nazi, que costó a los soviéticos la imponente cifra de 20 millones de vidas segadas.

Pero aún con esos elementos internos de cohesión, la acción oficial destinada a promover permanentemente un nacionalismo acrítico y la falta de oposición, fueron habilitando una serie de vicios en todo el sistema político y en el andamiaje gubernativo que un gobernante lúcido y desprejuiciado como Gorbachov no dejaría de señalar. Lo dijo sin rodeos en el acto central de conmemoración de los 70 años de la revolución: si bien muchos errores se iban superando (culto a la personalidad, elementos estereotipados de política interior y métodos burocráticos), hay algunas "taras" que aún permanecen, tales como el burocratismo, el desorden económico, la falta de responsabilidad.

¿Y qué es lo que propone a través de su **perestroika**? Cree necesario que hay que imprimir al socialismo un nuevo aliento y proceder a una renovación de la vida de la sociedad, tanto material como espiritual. Señala en la **perestroika** dos elementos esenciales: la democratización de toda la vida social y una reforma económica radical. Atribuye a la democratización el carácter de alma de la **perestroika** indicando que se ha comenzado a perfeccionar el sistema electoral y hay interés en elegir a los soviets a quienes son realmente los mejores representantes de los trabajadores. También en este aspecto indica que hay que fomentar la autogestión, como poder del pueblo ejercido por el pueblo.

En lo que respecta a la reforma económica Gorbachov proclama que el sistema de administración [illegible] debe dejar paso a un sistema con ampliación de autonomía y a una gestión basada en el cálculo económico y la autofinanciación. En este mismo sentido ya fue aprobada una ley sobre empresa estatal, que comenzará a regir el año que viene, por la cual empezarán a funcionar en aquellas condiciones empresas que fabrican el 60% de la producción estatal.

Claro que no es cuestión de entusiasmarse y pensar que esta **perestroika** traerá cambios sustanciales en el sistema político-institucional de la Unión Soviética. El proceso de democratización sólo alcanzará, tal vez profundamente, a áreas de decisión de la gestión empresarial, a un mejor control de la administración pública y a una transparencia de la acción gubernativa.

Pero aún así, limitada, la renovación que allí se está llevando a cabo no es menor y debe merecer la atención de todo el mundo. Es una potencia mundial, que siempre apareció como un país muy poco proclive a ventilar sus problemas y proce- [illegible] **restroika** [illegible] también lleva su peca y autocrítica como una conducta natural y saludable.

No desaprovechó el clima aperturista el presidente de la delegación finlandesa que durante el Congreso conmemorativo de Moscú recomendó a la Unión Soviética a retirarse de Afganistan, como contribución efectiva a la causa de la paz, en las mismas barbas del obeso y sorprendido Najibullah.

Esta **perestroika** está impulsada por un hombre que habla un lenguaje claro y directo ("Mostrar realidades 'sin problemas' ha sido un mal servicio: entre las palabras y en los hechos se ha establecido una distancia, que genera pasividad social y desconfianza hacia las consignas", dijo en una oportunidad refiriéndose a su país). Un hombre poseedor de una carismática ascendencia sobre el pueblo soviético, a quien convenció de la bondad de su idea y a quien movió de su rutinaria vida sin sobresaltos, ni cambios, en una sociedad muy armada y rígida que deja poco margen a la iniciativa individual y a la libertad personal.

Hasta donde quiere llegar Gorbachov, no es fácil saberlo. Lo que sí se sabe es que hay férreos límites ideológicos, resguardados por todo un aparato político-partidario-institucional que no podrán ser sobrepasados.

Sin embargo el camino emprendido no es poca cosa. Como siempre ocurre cuando se abren al hombre senderos de libertad, puede tener destinos insospechados.

POCO LEGIBLE

Francisco José Ottonelli

AQUI
MARTES 24 DE NOVIEMBRE DE 1987

La historia soviética, según San Miguel

Los líderes soviéticos de turno han pasado a ser, cada uno a la vez, los intérpretes oficiales de la historia y quienes determinan cuales héroes merecen el panteón de honor, y cuales no.

Gorbachov hizo lo suyo en los actos del 70 aniversario de la Revolución Rusa, en un discurso de análisis muy personal sobre la historia soviética en estos 70 años. Como los pontífices católicos, también los líderes soviéticos dicen su verdad para actuar según ella. La condena a Stalin fue tajante, aunque de márgenes de reconocimiento, pero no hubo rehabilitación alguna para Trotsky. A Bukharin (que fuera víctima de Stalin) le dejó espacios de tolerancia quizás por entender que algunas de sus propuestas de entonces se parecen a las de Gorbachov de ahora. Repartió en mitades iguales las críticas y los elogios para Kruschev y no demostró caridad alguna para Brezhnev.

De alguna manera, cada lectura histórica sirve al líder de turno para perfilar su propio rol. Stalin hizo la suya en forma tajante. Purgas y ejecuciones cerraban capítulos enteros de la época más heroica de la revolución. Kruschev lanzó sus denuncias contra el "culto de la personalidad" y ello le permitió justificar su etapa venidera. Brezhnev fue más discreto, pero cerró ventanas que habían intentado abrirse. La lectura de Gorbachov, según algunos observadores resultó tibia, lo que demuestra que la perestroika avanza con severas dificultades.

Pese a los juicios severos con los que Gorbachov cuestionó en su alocución el día que se recordaron los 70 años de la Revolución Rusa, a personalidades políticas tan diversas y tan diferenciadas como Stalin, Kruschev y Brezhnev, el tono de su discurso no pasó por una revisión pura y original de la historia soviética. Es muy probable que sus declaraciones morigeradas hayan decepcionado a propios y extraños y, seguramente, a la totalidad de los jóvenes intelectuales soviéticos que habían sumado entusiastamente sus voces a una campaña reformista, con la esperanza de que el PCUS oficializara su enfrentamiento con algunos "espacios en blanco" que esconden más de una atrocidad de la historia soviética.

El líder soviético acusó a José Stalin de haber cometido crímenes enormes e inolvidables y anunció la formación de comisiones que reanuden la tarea de rehabilitar a las víctimas del stalinismo. Gorbachov, empero no vaciló en fustigar durante los errores cometidos por algunas de las principales víctimas de Stalin (tales los casos de León Trotsky y Nicolai Bujarin, éste fue el que quedó mejor parado de todos) y de sus sucesores, Nikita Kruschev y Leonid Brezhnev.

Setenta minutos de las casi tres horas que duró su discurso de inauguración de los actos por el 70 aniversario de la Revolución Rusa, fueron dedicados por el jefe del PCUS a revisar la historia de esos setenta años.

Del mensaje puede inferirse que Gorbachov no intenta ir tan lejos, separarse tan rotundamente de un discurso de varias décadas, presionado por los conservadores comunistas que temen que una manifestación de absoluta franqueza y sinceramiento puede llegar a socavar la autoridad partidaria

Gorbachov afirmó que "la culpabilidad de Stalin y sus colaboradores inmediatos es enorme e imperdonable. Esta es una lección para todas las generaciones" y agregó que "muchos miles de personas, dentro y fuera del partido, fueron sometidas a vastas medidas represivas. Camaradas, esa es la amarga verdad. Se infligió un grave perjuicio a la causa del socialismo y a la autoridad del partido".

Sin embargo, el jefe del PCUS agregó que "para ser fieles a la verdad histórica tenemos que reconocer la incontestable contribución de Stalin a la lucha por el socialismo, a la defensa de sus logros, como los graves errores políticos y los abusos cometidos por él y quienes lo rodeaban".

Según Gorbachov, Stalin poseía una "personalidad extremadamente contradictoria", aunque reconoce que aportó una "innegable contribución a la lucha por el socialismo" y que la galopante política de industrialización seguida en los años '30, que transformó a la URSS en "una potencia industrial verdaderamente grande", fue el resultado de la adopción del curso único y correcto.

El dirigente soviético destacó que el 20º y 22º congreso del partido, bajo el liderazgo de Nikita Kruschev, criticaron el "culto a la personalidad" y rehabilitaron a algunas de las víctimas del stalinismo, pero que ese proceso cesó: "El proceso de restaurar la justicia –dijo– no fue completado hasta el final y de hecho fue suspendido a mediados de los años '60. Ahora, conforme a una decisión adoptada en octubre pasado en la reunión plenaria del Comité Central, debemos volver a esto". Mencionó entonces la revisión histórica que se emprenderá, la publicación de libros con el resultado de las investigaciones y la adopción de "decisiones correspondientes" a los hallazgos de esa comisión.

Subrayó, sin embargo, que algunas de las víctimas de Stalin no tienen derecho a la rehabilitación. Al referirse a León Trotsky, enemigo acérrimo de Stalin, dijo que "fue un político excesivamente autosuficiente que siempre vaciló y mintió", haciéndose eco de un juicio que le pertenece al propio Vladimir Lenin, fundador del Estado soviético.

Quedó claro, sin embargo, que Gorbachov usó distintos niveles de crítica. Al referirse a Stalin, lo atacó por las purgas, pero pareció intentar cierto equilibrio y satisfacer a la línea dura del partido al elogiar "la perseverancia, firmeza y capacidad organizativa" de Stalin durante la guerra contra el nazismo.

Respecto de Kruschev, el reconocimiento que hizo a su tarea de revisión ("tuvo mucha valentía para criticar por primera vez el culto a la personalidad y restablecer la legalidad socialista") no fue obstáculo para la crítica: "Lo malo fue que los cambios positivos que inició no se apoyaban en una amplia democratización y se vieron trabados por un cierto número de errores subjetivistas".

Gorbachov recordó que el propio Lenin había definido a Trotsky como "un político demasiado seguro de sí mismo, esquivo y adulador".

Mejor parada quedó la figura de Bujarin, a quien Gorbachov describió con palabras de Lenin: "Un teórico de gran valor, que goza del merecido aprecio del partido", y recordó que había "contribuido a la derrota del trotskismo junto con Dzerjinski, Kirov y Ordjonikidze". Agregó respecto de Bujarin que, más que su ejecutoria, cabe censurarle su "rígido dogmatismo" y en especial sus juicios "erróneos" sobre el ritmo de desarrollo económico.

Fuentes soviéticas dijeron que el jefe del partido revisó este pasaje de su informe, inicialmente más elogioso y disipó las esperanzas de una pronta rehabilitación de Bujarin.

Por último, Gorbachov dijo que las posibilidades abiertas en el bienio 1965-66 quedaron frustradas en el largo período de "estancamiento" e "inercia" de Leonid Brezhnev (1964-1982) en que "el creciente contraste entre los grandes principios del socialismo y la triste realidad "llegó a extremos intolerables". ◆

¿Transparencia hacia el Cono Sur?

No todos los días un canciller soviético visita Montevideo, recorre el cono sur y planifica "cumbres" entre Gorbachov y los presidentes del área. Pero la perestroika tiene esas cosas, y la apertura hacia nuestra región es un hecho más que sintomático. Mientras el presidente Ronald Reagan ha calificado hasta hoy al Kremlin como un "exportador de subversión", Mijail Gorbachov está ganando influencia en América latina al presentar la imagen de una Unión Soviética moderada, más interesada en las buenas relaciones que en la ideología.

Los esfuerzos metódicos en tal sentido del líder soviético avanzaron otra vez cuando envió a su ministro de Relaciones Exteriores, Eduard Shevardnadze, a tres países de Latinoamérica, su segunda incursión en una región considerada en una época "propiedad privada de Washington".

Estos viajes a México, Brasil, Argentina y Uruguay, sirvieron como preparativo para una próxima gira del propio Gorbachov a la región. Esto podría ocurrir el año próximo y sería la primera vez en la historia que un líder soviético visita estos países.

"Eramos la última prioridad para la Unión Soviética", dijo un diplomático de América del Sur, "Pero, poco a poco, están tratando de desarrollar individualmente con cada país latinoamericano relaciones más definidas." El mismo diplomático señaló: "Hay un movimiento hacia Latinoamérica, muy lento, pero que puede notarse".

En tanto los diplomáticos de la región dicen que las metas finales del Kremlin probablemente no han cambiado –"el objetivo comercial con intenciones políticas", según alguien lo definió–, están claramente intrigados por los nuevos intereses soviéticos.

Ciertamente lo comercial importa. Sin embargo la visita de Sheverdnadze no disminuyó su impacto cuando se supo que el convenio pesquero (que mucho importaba a la URSS) no salía, ni cuando las quejas de un retroceso en el intercambio comercial, se hicieron públicas. Según los datos, de 45.6 millones de dólares exportados por Uruguay en 1984, se bajó a 42.6 millones de dólares en 1985 y a 23.3 millones de dólares en 1986. El canciller Enrique Iglesias explicó que ello se debía a "una caída general en las importaciones de ese país, por problemas de ajuste en la balanza de pagos".

Algo similar ocurre con los países vecinos.

El total del intercambio comercial brasileño–soviético descendió en 1986 a 310 millones de dólares, de un monto de 833 millones en 1983. En cuanto al flujo mercantil con la Argentina, cayó aún más dramáticamente: fue de 267 millones de dólares en 1986, desde los 1.660 millones de 1983. En ambos casos, las compras de la URSS superan en mucho a sus ventas.

El diario brasileño A Gazeta Mercantil remarcó asimismo que la URSS tiene interés en invertir aquí bajo la forma de joint ventures, sobre todo en los sectores minero y de la siderurgia. Ya se dio un primer paso con el préstamo por 60 millones de dólares que el Banco de Comercio Exterior soviético concedió a la sociedad Provale, filial en curso de creación de la CVRD, empresa nacional explotadora de la mina de hierro de Carajas –en Amazonia– que es la mayor del mundo.



Algunos observadores entienden que la reducción del flujo comercial entre la URSS y Brasil se debe a que este país latinoamericano aumentó su comercio con China Popular. El comercio con la Argentina, a su vez, cayó verticalmente el año pasado, cuando Moscú suprimió de hecho las compras de trigo.

No es por cierto la primera vez –señaló recientemente al diario porteño Clarín el economista Igor Sheremetiev, del Instituto de América latina de la Academia de Ciencias de la URSS– que a la URSS se le imputa "desideologizar" sus relaciones económicas y comerciales con América latina. Con ello se quiere decir que abandonamos los principios y adoptamos criterios puramente pragmáticos. Se trata de un enfoque erróneo, como se advierte, por ejemplo, en la ausencia de nuestras relaciones de cualquier tipo, de cualquier carácter, con países como el Chile de Augusto Pinochet o el Paraguay de Alfredo Stroessner.

Diversos analistas han sugerido que esta apertura diplomática implica una "nueva aproximación" a tan importante área, y que se enraíza con la política de glasnot, o transparencia, motorizada por el líder soviético Mijail S. Gorbachov, de la cual el actual canciller es fiel representante.

Esta nueva actividad soviética en América latina no es un acontecimiento aislado, sino parte de un esfuerzo mundial de Gorbachov para ampliar los contactos mediante la transmisión de una imagen menos desafiante de su país.

Sin embargo, Latinoamérica es un caso especial debido al dominio tradicional estadounidense, un factor que según afirmó un diplomático ha forzado al Kremlin a tomar medidas de una cautela especial para evitar la alarma de Washington. ◆

Liberalización económica

Uno de los aspectos sobre el cual mayor énfasis pone la perestroika, es el referido a la economía. Hace pocos días, Cuadernos de Marcha reprodujo una entrevista aparecida en la revista británica Forbes, a un economista soviético que está entre los principales asesores de Mijail Gorbachov.

Leonid Abalkin no es un miembro del Politburó, del Comité Central o del Cuerpo de Generales del Ejército Rojo. Peor aún, durante años, el Estado soviético restringió la audiencia de Abalkin a un círculo de colegas, en el que las ideas relativamente liberales del economista podían causar poco daño. Sin embargo, los tiempos están cambiando y ahora, los conceptos de Abalkin respecto a la reforma económica están adquiriendo un repentino brillo a la luz de la glasnost. Hoy, Abalkin es el principal consejero de Mijail Gorbachov y la influencia más definitiva del masivo esfuerzo reformista por revivir a la convaleciente economía soviética.

"No apuntamos únicamente a una leve mejoría en la situación económica de nuestro país. Queremos elevar nuestro nivel de progreso tecnológico y social hasta igualar a occidente. Pasarán al menos cinco años antes de que el programa reformista comience a dar sus frutos", empezó diciendo Abalkin en dicha entrevista, recogida días atrás por Cuadernos de Marcha.

De ahí en más, el asesor de Gorbachov entra en detalles respecto a la economía soviética y a sus manifestaciones en lo interno. "Antes que nada –dice– se trata de frenar el índice de crecimiento de los ingresos monetarios y la reserva de dinero y de aumentar el volumen de bienes de consumo disponibles. Los aumentos salariales se han convertido en una bola de nieve, y debemos pararla. A través de una serie de medidas como aumentar los precios, limitar los aumentos salariales y aumentar la producción de bienes de consumo de alta calidad, lograremos darle al rublo un valor real."

Prosigue luego diciendo que "El segundo problema es bastante más complicado: ¿Cómo disolver ese enorme fondo de ahorros? Tendremos que recurrir a medidas extraordinarias. Estos ahorros representan una demanda atrasada. Los soviéticos no han tenido oportunidad de gastar dinero. Debería serles posible invertir en acciones, formar cooperativas que contribuirían a edificar una iniciativa privada".

EL GLASNOT, STALIN Y LA EMBAJADA SOVIETICA



Cuando Mijail Gorbachov sacó a luz término "glasnot", nadie imaginó que cabo de los meses éste iba a ser uno los más utilizados en la redacción las noticias que corren a nivel mundial.

Su significado puede ser traducido r "apertura" o "transparencia" o -en tras palabras- "sinceridad". También odría ser individualizada como una utocrítica pública a la que estaría dispuesto el régimen soviético conforme a la voluntad expresada por su líder. De cómo responden a este llamado al 'glasnot' los partidos comunistas y socialistas que siguen las directivas del Partido Comunista de la Unión Soviética, así como los representantes de ese régimen en el exterior, es algo que sólo lo dirá el tiempo. Por ahora, parecería que el impacto de ese propósito no ha podido ser debidamente asimilado por todos, teniendo en cuenta todo lo que se juega en una revisión sincera del pasado. Ni siquiera puede afirmarse que el mismo Gorbachov haya sido enteramente "transparente" en su discurso con ocasión del septuagésimo aniversario de la revolución bolchevique.

STALIN

En su discurso, Gorbachov acusó a Josef Stalin de haber cometido crímenes "enormes e inolvidables" y anunció la formación de una comisión para reanudar la rehabilitación de las víctimas del comunismo en la época stalinista. Pero no aludió directamente a los cerca de **nueve millones que perecieron víctimas de la colectivización de la agricultura emprendida por Stalin entre 1929 y 1932, ni a los centenares de miles de miembros del Partido Comunista asesinados en las depuraciones de 1934 a 1936.**

Gorbachov subrayó, empero, la necesidad de revelar ciertos hechos que han sido "ignorados" por los historiadores y los órganos soviéticos de información, y dijo que Stalin siempre había estado al corriente de la "ilegalidad" de sus acciones. Pero aceptó que alguna de las medidas más duras adoptadas por Stalin, como la colectivización obligatoria de la agricultura y la rápida industrialización del país, fueron necesarias para la supervivencia de la Unión Soviética. No obstante, Gorbachov subrayó: **"La culpabilidad de Stalin y sus allegados inmediatos ante el partido y el pueblo por las medidas de represión en masa y acciones ilegales, es enorme e inolvidable: Este es un mensaje para todas las generaciones".**

Con estas últimas palabras, debió referirse al "discurso secreto" de Nikita Kruschov al vigésimo Congreso del Partido Comunista en 1956, donde censuró duramente a Stalin, discurso que nunca fue publicado para el público en general, y todavía hoy es imposible obtener. En ciertos aspectos Kruschov fue más enérgico que Gorbachov en su condena de Stalin; pero aún antes de que fuera derribado en 1964, Kruschov fue presionado por varios ex lugartenientes de Stalin, que pudieron detener el proceso de desestalinización por temor a ser barridos del poder en un ataque a gran escala contra el legado del dictador.

Todo hace parecer que Gorbachov ha sido advertido por algunos de sus colegas en el Politburó del Partido Comunista, que podría producirse una tremenda anarquía si se abre la caja de Pandora del pasado. De ahí que tanto en su discurso como en los trabajos recientes de los historiadores soviéticos, se haya examinado con cautela el papel de Stalin en el pasado de su nación, teniendo en cuenta -además- que se suele examinar la interpretación dada a la historia de su país por el Kremlin, para tratar de adivinar la actual política del mismo.

Algo de ello dejó traslucir Gorbachov al decir que "incluso ahora existen ciertos intentos de huir de los penosos asuntos en nuestra historia, de hacer creer que no existió nada especial". "No podemos aprobar esto -prosiguió Gorbachov- porque sería una falta de respeto hacia la verdad histórica, falta de respeto al recuerdo de aquéllos que fueron víctimas inocentes de las acciones ilegales y arbitrarias".

EL PARTIDO COMUNISTA

Como ya hemos visto, tanto Kruschov como Gorbachov han pretendido encontrar en Stalin el "chivo expiatorio" de los millones de crímenes cometidos por el Partido Comunista. Porque a no dejarnos engañar por la aparente severidad de los juicios que sus sucesores han formulado contra Stalin.

Porque éste no cometió esos crímenes para beneficiarse personalmente, sino para asentar el poderío del Partido Comunista: ya hemos comentado parte del discurso de Gorbachov donde éste dijo que algunas de las medidas más duras adoptadas por Stalin, **"fueron necesarias para la supervivencia de la Unión Soviética".**

Esa es la caja de Pandora a que aluden algunos de los miembros del Politburó soviético: el hecho de que el actual poderío de la nación de los soviets está cimentado en los crímenes cometidos por Stalin a nombre del Partido Comunista.

Un auténtico "glasnot" -al que fatalmente habrá de llegar la opinión pública soviética- no haría más que autenticar el criterio occidental de que **el régimen comunista está teñido de la sangre de millones de víctimas del genocidio soviético.**

Es lo que afirmáramos recientemente en DISCULPE al establecer que **han sido tan criminales el régimen nazi como el régimen comunista, y en consecuencia -a quienes tenemos un concepto esclarecido de lo que es la libertad y la democracia- tanta repugnancia nos causa el pabellón nazi de la cruz svástica como la bandera comunista de la hoz y el martillo.**

LA EMBAJADA SOVIETICA

En una conferencia de prensa celebrada en la sede de la embajada soviética con motivo de conmemorarse los 70 años de la Revolución Socialista de Octubre -conferencia de prensa a la que no fue invitado DISCULPE- el Embajador Extraordinario y Plenipotenciario de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas, Igor K. Laptev, afirmó que el "glasnot procura mayor democracia y avance social en la URSS".

Lástima que ese "glasnot" en cualquiera de sus acepciones -transparencia, apertura, sinceridad, autocrítica pública, etc.- no sea un ingrediente que Igor K. Laptev utilice al condimentar sus declaraciones a la prensa. Porque de haber sido un sincero partidario del "glasnot" que ha impuesto su amo actual, tendría que haberse referido a su propio pasado, y aclarar -de una vez por todas- si como denunciáramos hace ya cuatro meses, desde nuestro primer número, **fue expulsado de Gran Bretaña en 1971 por actividades incompatibles con su cargo diplomático, en razón de ser agente de la KGB.**

Recordemos que este embajador **Igor K. Laptev ha sido definitivamente identificado por dos o más fuentes fidedignas como participante de actos clandestinos contra países extranjeros, como agente de la KGB.**

Y en cuanto a su expulsión de Gran Bretaña, la misma está documentada en la página 453 del libro "KGB—La Labor Clandestina de los Agentes Secretos Soviéticos" de John Barron, Editorial Diana de México.

No es con el silencio que el embajador soviético podrá seguir escondiendo su turbio pasado. A menos que aún siga siendo agente de la KGB y -lógicamente- eso es algo que le conviene seguir ocultando.

Sólo esa posibilidad estaría justificando que el "glasnot" no haya sido aplicado aún por la embajada soviética en nuestro país.

01.01

87120

113

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: USSR: ADJUSTMENTS TO ITS APROACH TO THE SITUATION IN SOUTHERN AFRICA (Adj. Traducción)

PROCEDENCIA: ENLACE Sudafricano 6/10/87 Doc. 1523/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Sudáfrica (135)

01/01

8712049

MB

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Semana de visitas: un presidente y un Canciller en sólo siete días.

PROCEDENCIA : Aquí 14/10/87

ARCHIVADO EN: FRANCIA (011)

01.01

8712055

13

Cruzar Argentina

026

LA PRENSA 6/11/87 LOCAL - Página 3

Precisó Kvasov aspectos de la política exterior de la URSS

Con motivo de cumplirse mañana el 70° aniversario de la revolución socialista de octubre, la máxima fiesta nacional de la Unión Soviética, el embajador de ese país en la Argentina, Oleg Kvasov, se refirió al significado del citado acontecimiento y abordó aspectos referidos a la política interna y externa de la URSS.

Planes futuros

Después de otras consideraciones, el embajador Kvasov expresó que Rusia tiene "grandes planes de construcción pacífica para el futuro", pero advirtió que para realizarlos, "es imprescindible lograr la paz; por ello el concepto central de nuestra política es hacer todo lo posible para lograr un mundo seguro; reducir la confrontación existente y establecer una interacción constructiva de los estados y pueblos a escala global, acción necesaria –afirmó–, para evitar la hecatombe nuclear".

Señaló que existen auspiciosos avances en ese sentido y al respecto manifestó que será importante la visita que el secretario general del partido, Mijail Gorbachev, efectuará a los Estados Unidos el 7 del mes próximo, "durante cuyo trascurso deben firmarse los acuerdos entre ambos países sobre la liquidación de los misiles de alcance medio y los tácticos-operacionales", lo que representará un paso fundamental en el camino del desarme", aseveró.

Conflictos regionales

En otro orden, dijo que la URSS sigue con preocupación los conflictos regionales que se mantienen en diferentes lugares del planeta, y sobre el particular, opinó que éstos "pueden y deben ser resueltos teniendo en cuenta los intereses de las partes, por vía de negociaciones sobre la base del derecho internacional". "Estamos convencidos –agregó–, que el principio de la coexistencia pacífica entre estados con distintos sistemas sociales es un imperativo de vida que no tiene otra alternativa, ya que debemos ir aprendiendo a vivir juntos en este planeta, que es nuestra casa común".

Relaciones con la Argentina

En la última parte de su exposición, el diplomático señaló su "profunda satisfacción por el elevado nivel que alcanzan en la actualidad las relaciones entre la URSS y la Argentina", subrayando la profundización del diálogo político entre ambas naciones, así como los contactos personales entre dirigentes, "que constituyen la continuación directa del constructivo intercambio de opiniones sobre cuestiones claves de la guerra y la paz, sobre las cuales las cuestiones claves de la guerra y la paz, sobre las cuales las posiciones de ambos países están cercanas o coinciden", afirmó.

Finalmente y ante una consulta, el doctor Kvasov puntualizó que la Unión Soviética brindará todo su apoyo político a la Argentina en las Naciones Unidas sobre el diferendo con Gran Bretaña por las islas Malvinas.

Naciones Unidas

Los planes pacificadores soviéticos

Por Juan Fercsey

Naciones Unidas – Súbitamente, el Kremlin recordó que, desde hace 30 años, la Unión Soviética no ha pagado un solo kopek para las operaciones pacificadoras de las Naciones Unidas. Moscú se negó a pagar nada por la pacificación en el Congo y en Sinaí, y su negativa estuvo a punto de paralizar a la Asamblea General en 1964. De acuerdo con los reglamentos, un país con varios años de atraso en sus pagos puede perder su derecho al voto en la Asamblea General: obstinadamente, la Unión Soviética no quiso pagar, pero amenazó a las Naciones Unidas con su eventual retirada si era acusada públicamente. Los sesudos de la Asamblea General persuadieron entonces a los delegados de que no aprobaran ninguna resolución, adoptándola sin votar, por aclamación.

Ahora, la nueva dirigencia soviética ha prometido pagar 197 millones de dólares de gastos pacificadores, cubriendo tres décadas atrasadas. Al mismo tiempo, a comienzos de octubre, Moscú pagó 111 millones de su cuota regular estipulada y actuales evaluaciones pacificadoras.

Esto resultó bastante sorpresivo, aunque observadores en las Naciones Unidas han pronosticado que, tras la visita del secretario general de Moscú, era probable un cambio de táctica por parte de los soviéticos con respecto de la ONU. El primer secretario Gorbachev aseguró a Javier Pérez de Cuéllar que la dirigencia soviética considera a las Naciones Unidas como centro de asuntos mundiales. Después, en un artículo publicado en "Pravda", Gorbachev propuso que la ONU se encargara de verificar los acuerdos sobre el control de las armas e investigara el terrorismo internacional.

Un diplomático occidental dijo: "Gorbachev parece estar tanteando un nuevo marco para las relaciones internacionales... El Kremlin siempre ha creído en un orden internacional que controlaría...".

¿Con la mira en un "supercomando"?

¿Por qué este sorprendente cambio? ¿Por qué está Moscú jugando al pacificador, después de haber ignorado los esfuerzos de los Cascos Azules de la ONU? "El equipo de Gorbachev contempla a través de las Naciones Unidas el golfo Pérsico y Afganistán", dijo un veterano corresponsal europeo de la ONU. "Consideran que muchos estados miembros apoyarían una fuerza pacificadora de la ONU en el golfo Pérsico, y esa fuerza incluiría a la Marina Soviética. Ese era el sueño de los zares: barcos soviéticos controlando el Golfo... Además, una fuerza pacificadora de la ONU pudiera ser útil en momentos en que —si ello ocurre— las tropas de ocupación soviéticas se retiren de Afganistán; y estas fuerzas de la ONU también incluirían unidades militares soviéticas. Finalmente, tal vez los miembros permanentes del Consejo de Seguridad creen un Comité Ejecutivo de la ONU para Propósitos Militares y, además de los jefes militares de los Estados Unidos, China, Inglaterra y Francia, los de la Unión Soviética estarían incluidos en este "supercomando". A propósito de esto, esa fue una idea que se expuso cuando se creó la ONU, pero su realización resultó imposible.

Gorbachev y sus defensores de la KGB tratan de influir en los estados miembros del Tercer Mundo con este cambio, en los precisos momentos en que los Estados Unidos retienen sus fondos, insistiendo en que las Naciones Unidas debía "cortar la grasa" en su administración. Ellos también tratan de influir en algunos estados miembros para que no voten en contra de la ocupación soviética de Afganistán; el año pasado 122 estados condenaron la presencia de "tropas extranjeras" en Afganistán. (Las únicas tropas extranjeras que hay en ese país son los 120.000 soldados de ocupación soviéticos, que libran una guerra contra el pueblo afgano).

Mientras tanto, los soviéticos impiden acciones eficientes por parte de la ONU: Moscú se negó a cooperar con el Consejo de Seguridad para imponer sanciones a Irán, como consecuencia de la resolución del Consejo aprobada el verano pasado por la guerra del Golfo. Y, en septiembre, el Kremlin frustró la última ronda de "conversaciones de acercamiento", patrocinadas por la ONU sobre Afganistán, al negarse a fijar un programa razonable de retirada de sus tropas de ese país.

La inteligencia soviética en la ONU

El nuevo espectáculo soviético en la ONU está destinado al mundo exterior a la URSS. No hay indicios de un cambio de actitud: el Kremlin usó la ONU para introducir oficiales de la KGB y del GRU (Servicio de Inteligencia Militar) en el personal de la ONU. Estos ciudadanos soviéticos no son servidores civiles internacionales, ni empleados permanentes de la ONU, sino oficiales estrictamente controlados por el Kremlin.

Moscú y su bloque mantienen un control permanente sobre varios puestos claves, tales como personal, información, servicios de conferencia y la biblioteca, aunque estas posiciones debían ser ocupadas por rotación. El año pasado, se suscitó un escándalo cuando el personal de la ONU no distribuyó el texto completo del profesor Felix Ermacora, el "rapporteur" de la comisión oficial de la ONU sobre derechos humanos en Afganistán: simplemente omitieron importantes párrafos que detallaban las atrocidades soviéticas. La explicación de la omisión fue que "no tenían dinero suficiente para las copias del texto completo". Sin embargo, se encontraron fondos para publicar un largo documento checoslovaco —de 107 páginas— que denunciaba a los Estados Unidos por no aceptar las propuestas de "paz y seguridad" de Gorbachev.

HB.

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Pide la ONU a Moscú que retire sus tropas de Kabul.

PROCEDENCIA : LA PRENSA 11/11/87

ARCHIVADO EN: As. Gral. de ONU (204)

01.01

8712072

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Enfrentamientos directos entre Sudáfrica y la URSS en Angola

PROCEDENCIA : LA PRENSA 16/11/87

ARCHIVADO EN: Angola (127)

01.01

8712086

De hormigas y elefantes

Los convenios pesqueros con la Unión Soviética

Juan Raúl Ferreira



Cuando el jueves de la semana pasada planteamos en el senado la necesidad de revisar los *convenios* pesqueros con la URSS, quedamos, a decir verdad, bastante aislados.

No fue esta la primera oportunidad en la que expresamos nuestra preocupación sobre el tema, pero nos pareció que la visita del canciller Shevardnadze brindaba el marco adecuado para proceder a la reconsideración del ya célebre "proyecto de borrador" que tantas consecuencias entraña para la vocación pesquera de nuestra República.

De más está decir que no fue esta una iniciativa puramente personal ni mucho menos apresurada, sino que contaba con un amplio apoyo entre los co[illegible] Partido, a quienes habíamos previamente consultado. Una vez más hizo irrupción en sala el inefable COCO, encarnado esta vez en la figura de los senadores Ricaldoni (colorado) y Rodríguez Camusso (Frente Amplio), oponiendo una tenaz resistencia a nuestro planteo.

Consideraron ambos —cada uno a su manera— que nuestra iniciativa podía resultar ofensiva para el jefe de la diplomacia soviética.

-oOo-

Todo parece indicar, no obstante, que el planteo bien valió la pena. Al día siguiente trascendía en la prensa que el Poder Ejecutivo encaraba la posibilidad de incluir el tema en la agenda de las conversaciones, a fin de exponerle al canciller Shevardnadze las resistencias que el proyecto en cuestión había despertado en el parlamento y en otros sectores de la vida nacional. Finalmente, el comunicado conjunto de ambos gobiernos explicita la voluntad de reformular el llamado "borrador" sobre nuevas bases cuando dice que "ambas partes expresaron su *intención de continuar* analizando mecanismos de cooperación en el campo de la pesca, en especial en lo referente a la utilización de puertos uruguayos, a la conservación y uso racional de los recursos vivos marítimos, a las investigaciones científicas, a las inversiones empresariales, todo ello basado en el principio de mutuo beneficio y cooperación, en consonancia con las legislaciones vigentes en ambos países y en los principios generales del derecho internacional en la materia".

Son precisamente razones de beneficio mutuo —que al fin de cuentas el "beneficio mutuo" no es otra cosa que una intersección medianamente satisfactoria de los "beneficios propios" de una y otra parte— y razones de "consonancia con los principios generales del derecho internacional en la materia" las que nos han inducido a pensar que una drástica revisión de estos convenios responde a los mejores intereses "mutuos" (léase en este caso "a nuestros más genuinos intereses nacionales"). Algunas de las consideraciones que motivan nuestras inquietudes fueron ya expuestas con sobrada autoridad y solvencia por nuestro prestigioso compatriota y notorio adversario en el terreno de la política partidaria, el Dr. Eduardo Jiménez de Aréchaga.

Los convenios de pesca con la URSS — tal cual fueron redactados— implican, en efecto, la disposición por parte de Uruguay de ceder a un tercer Estado el "remanente" de pesca no utilizado.

Dicho remanente se define como el excedente entre nuestra "capacidad de captura" y la "captura permisible" (más allá de la cual se origina una depredación de las especies). Esto obliga naturalmente a nuestro país a cuantificar o definir un remanente y, "esto es negativo porque se aparta de la política que han seguido la mayor parte de los países ribereños que tratan de incrementar su propia capacidad de captura" (Jiménez de Aréchaga).

El criterio más provechoso que podría guiar nuestras políticas pesqueras no es el de proclamar que carecemos de una capacidad plena de captura y que queda, por lo tanto, un excedente a disposición de otros Estados, sino el de incrementar nuestra propia flota y nuestras propias capacidades de captura, recurriendo, si fuera preciso, a las ayudas técnicas y financieras que pudieran resultar imprescindibles a tales efectos.

Cuando se dice, además, que los remanentes se fijarán teniendo en cuenta los requerimientos para la conservación de los recursos vivos y las necesidades de la parte uruguaya para sus plantas pesqueras instaladas en tierra (subrayado nuestro), lo que se hace en realidad es tender a consolidar o perpetuar la situación actual, cerrando peligrosamente las puertas a cualquier desarrollo y expansión futura de nuestras industrias pesqueras.

El Dr. Jiménez de Aréchaga llama asimismo la atención sobre el hecho —por demás evidente— de que estos proyectos en ciernes contienen enormes concesiones por parte de Uruguay pero que no deriva de ellos ninguna auténtica contrapartida (más allá quizás de la utilización de nuestros servicios portuarios). Se trata más bien de "una concesión unilateral y gratuita".

La lectura atenta de estos convenios delata —por lo demás— la ausencia de toda reglamentación y control sobre las actividades que desarrollarán en aguas uruguayas —inclusive en el mar territorial— los barcos de bandera extranjera.

De este acuerdo surge "una especie de consentimiento por anticipado" para la realización de actividades de investigación científica en el mar territorial uruguayo que resulta absolutamente inadmisible y lesivo para la soberanía nacional.

Forzoso resulta concluir entonces que los artículos contenidos en el proyecto de convenio —o en el "proyecto borrador", si así se prefiere— comprometen el desarrollo de nuestra flota y de nuestras industrias pesqueras y lesionan además nuestra soberanía.

Aún en la desdichada hipótesis de que alguien cayera en la ocurrencia de hipotecar alguna parcela de soberanía "al bajo precio de la necesidad", tampoco es posible reconocer ni por asomo cuáles serían las futuras contrapartidas que pudieran despertar los apetitos de los no menos hipotéticos negociadores orientales.

Lo que sí se anuncia como seguro es que, de concretarse el proyecto de convenio que venimos comentando, nos llegarían inmediatamente de la mano a otros temas a nuestros ojos nada desdeñables: así, por lo pronto, el tránsito por nuestro país de más de 60.000 tripulantes soviéticos al año.

-oOo-

Hemos sido tenaces defensores de la universalidad y el pluralismo de nuestras relaciones externas. Hemos dicho siempre que nuestra *política* internacional debe ser esencialmente pragmática y desprovista de consideraciones de carácter político-ideológico. Es más: afirmamos aquí mismo que era una presencia en el campo comercial y de la cooperación ponderada y razonable de los países del bloque soviético —también llamados "socialistas"— en el Cono Sur de América debería contribuir a hacer de nuestra región una zona de paz y de cooperación ejemplar, sirviendo de paso para contrabalancear otras influencias más permanentes y tradicionales.

De todo esto estamos firmemente convencidos.

No podemos desconocer, sin embargo, que para un país pequeño y frágil como el nuestro, los "convenios en borrador" y los demás acuerdos que traerán naturalmente aparejados, harían rápida y peligrosamente crujir algunos elementales equilibrios internacionales.

Son, en fin, los clásicos problemas que plantea el matrimonio del elefante con la hormiga: no es que el elefante sea malo. Simplemente que su anatomía es demasiado grande y desproporcionada.

Es tan vulnerable esta República Oriental nuestra que —para poner un ejemplo gráfico— la sola presencia en nuestro suelo de cualquier secta de origen exótico que trajera consigo algún par de millones de dólares podría terminar en la compra de un banco de plaza, de un diario de la tarde, de un hotel cinco estrellas y hasta en la promoción de un candidato a la presidencia.

Mida pues el lector con qué extrema cautela deberemos los orientales aproximarnos a ciertos coqueteos extra-regionales, por más tentadores que ellos a primera vista sean.

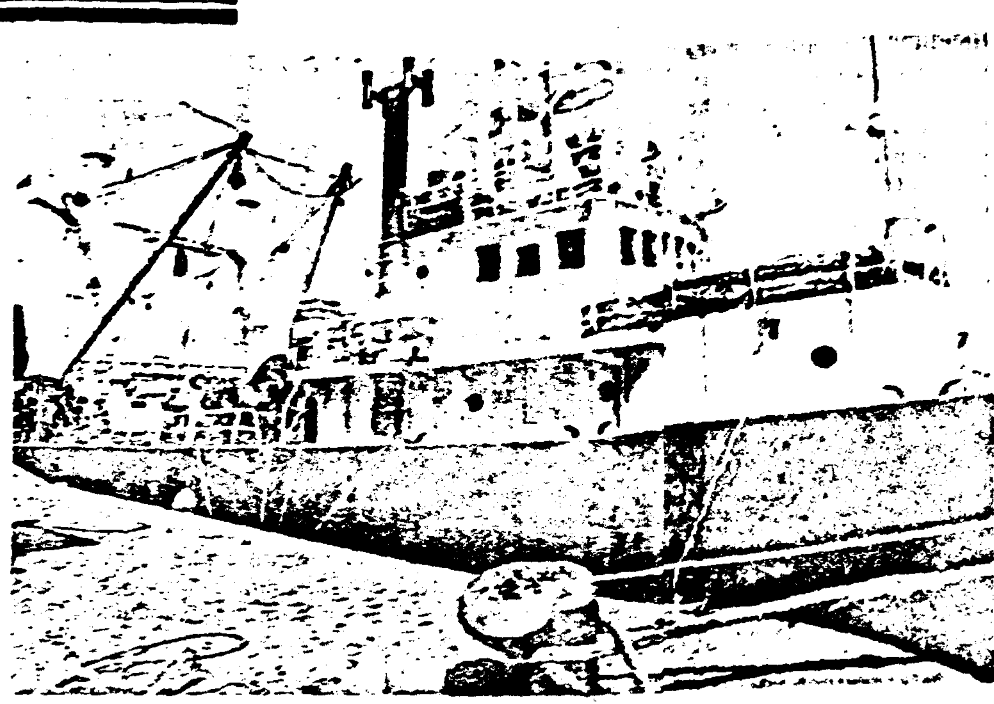
¿Qué busca la URSS en el Sur?

Carlos López Matteo

¿Qué busca y qué espera encontrar la URSS en América meridional, y especialmente en el Cono Sur? La pregunta casi es un lugar común entre expertos y aficionados a la política internacional, y surge a raíz del viaje del canciller soviético Eduard Shevardnadze a Brasil, Argentina y Uruguay. Sería absurdo e ingenuo quedarse en las frases hechas: "fomentar los lazos de amistad y cooperación", "promover la paz y la amistad entre los pueblos", etc. La espontaneidad y sencillez del visitante al mezclarse y dialogar con la gente en la calle y al enfrentar una manifestación hostil de los judíos, y su amplia y simpática sonrisa no impiden recordar que comenzó su visita a Montevideo estableciendo, en cierta forma, las reglas que regirán el estrechamiento de relaciones: "el pago de los intereses de la deuda externa) es un asunto de dignidad nacional", dijo al contestar un discurso de nuestro canciller. La matización inmediata ("Pero es necesario que siempre esos pagos sean limitados por un nivel prudente, caso contrario se convertirán en un dogal en el cuello del deudor.") no anula, al contrario, la reafirma, la declaración de principios. Para muchos analistas, más allá de matices y diferencias en su formulación, la naturaleza de las relaciones entre las grandes potencias, llámense EEUU o URSS, y los países subdesarrollados es esencialmente la misma. ¿Dónde queda el internacionalismo proletario?, se interrogan algunas fuentes. Esta pregunta se une con la que comienza este artículo, y ambas, como se comprende si se recuerda la historia, debieron ser realizadas varios años antes, según opinan los especialistas en temas soviéticos.

VIDELA Y BREZHNEV

Sumarían millares los libros y artículos de ensayistas imparciales que entienden que el internacionalismo proletario hace mucho tiempo que pasó a la historia en función de las necesidades nacionales de la URSS, y que negocios son negocios y geopolítica es geopolítica. Esta comprobación que no tiene ninguna valoración política ni ética, sino que sólo es eso, la comprobación de un hecho, tuvo una de sus más espectaculares y polémicas manifestaciones en el decidido y gran apoyo político y económico que la URSS, en tiempos de Brezhnev, brindó a la dictadura instaurada por Videla en Argentina. Los soviéticos precisaban el trigo argentino y tenían turbinas para colocar en Salto Grande y en las represas proyectadas para el Paraná. En esos años, la URSS también se convirtió en un cliente relativamente importante de los regímenes militares de Uruguay y Brasil. Sin embargo, para muchos expertos, sobre todo argentinos, no se trataba sólo de un interés comercial. El mundo, tecnologías mediante, cada vez es más chico y las especulaciones geopolíticas adquieren nuevos parámetros. Por otro lado, la vacilante línea de J. Carter y la nueva era de "guerra fría" que comenzó Reagan pusieron entre paréntesis a la política de las "áreas de influencia". Los soviéticos advirtieron el extraordinario interés que puede tener esta región del mundo, y comenzaron una intensa aproximación en la que imperaba un pragmatismo absoluto. Al comenzar la recuperación democrática los vínculos económicos se debilitaron. Pero esto fue casualidad, y –como bien destacan los observadores– no tuvo fundamentos ideológicos; en efecto, la menor presencia política y comercial soviética se originó en el virtual vacío de poder en el que quedó la URSS tras la muerte de Brezhnev y durante la etapa final de la gerontocracia. Gorbachov, a su vez, debió afirmarse en la conducción del país y del Partido, impulsar el proceso de reformas y poner en marcha importantes ajustes de la economía en general, y del comercio exterior en particular. Ahora, y pese a los rumores de semanas atrás, estaría más afianzado en el poder y con posibilidades de mirar nuevamente hacia el sur.



Y en esa mirada, a través de las palabras de Shevardnadze acerca de la deuda externa y del acercamiento de la URSS al GATT, no sólo está la advertencia de que las reglas de juego entre ricos y pobres, o entre Norte y Sur, no cambiarán aunque el interlocutor venga desde Moscú, sino que también significan –y así lo interpretaban políticos locales el martes último– un claro mensaje contra Cuba y Fidel Castro, quién como se sabe sostiene que la deuda y sus intereses son impagables. El ministro Zerbino, por cierto (ver El Día y La Mañana del mismo martes), inmediatamente adhirió (sin recordar la "dignidad" de los jubilados o de los asalariados que sufren las consecuencias del pago de la deuda) a las posiciones del canciller soviético sobre este tema.

EL VALIOSO SUR

En el interés soviético por el Cono Sur hay razones económicas y políticas, y Uruguay –señalan los analistas– no es una pieza despreciable por su condición de puerta a la extensa cuenca del Plata.

Entre las motivaciones económicas, destacan las siguientes:

– Los bancos de pesca del Atlántico Sur.
– Las riquezas de la Antártida.
– Los potenciales mercados de Argentina y Brasil.
– La colocación de material militar, en la medida que otros países sigan el ejemplo de Perú.
– El hierro y el manganeso brasileños, así como los minerales estratégicos de la Amazonia.
– La construcción de una planta siderúrgica para la compañía Vale do Rio Doce en el estado de Pará.
– La penetración económica conjunta, con empresas binacionales, en otros países del Tercer Mundo. Actualmente una sociedad brasileña y otra soviética construyen una planta hidroeléctrica en Angola, a un costo de 600 millones de dólares. Es tal la importancia acordada por la URSS a Brasil, que fuentes de Itamaraty destacaron que los acuerdos firmados días atrás "tienen concesiones que Moscú, hasta ahora, sólo había otorgado a países socialistas".
– En Argentina, la construcción de las centrales térmicas de Costanera, Bahía Blanca y otras tres que se están negociando, de las represas del Paraná medio, y la colaboración con Industrias Metalúrgicas Pescarmona en la central hidroeléctrica de Piedra del Aguila. Asimismo, los soviéticos están electrificando líneas ferroviarias y han presentado un proyecto en torno a un puerto de aguas profundas.

Lo anterior es lo concreto, pero se agregan las posibilidades, que son inmensas.

Aunque a veces es difícil separar las motivaciones económicas de las políticas, no son pocos los observadores que ven razones estrictamente políticas en la actitud soviética, y que van más allá de lo que en principio podría ser sólo anecdótico, o sea disputarle por la diplomacia y la economía un sector de influencia a EEUU. En efecto, estas fuentes advierten que las grandes potencias tienden cada vez más a trasladar fuera de sus territorios los riesgos de posibles conflictos bélicos. El reciente –y por cierto bienvenido– acuerdo entre Shultz y el mismo Shevardnadze ha disminuido considerablemente la amenaza nuclear que pesaba sobre Europa. Si hay una tercera guerra mundial, el viejo continente quizás se libre de ofrecer nuevamente el escenario bélico. El Norte, rico y desarrollado, capitalista o comunista –continúa afirmando esta interpretación– pretende que el Sur sea el teatro de sus eventuales guerras; a través de conflictos localizados, o generalizados si no hay otra salida. Pero que Wall Street, el Kremlin y el puente de Londres permanezcan intactos. Ante esta posibilidad, si se tienen buenos socios e influencia en las distintas regiones del hemisferio, sobre todo si ellas pueden transformarse en verdaderos factores explosivos por sus injustas condiciones económicas y sociales, mejor. Y si el apocalipsis no llega a estas tierras sureñas que también existen, igualmente se habrán hecho buenos negocios y se habrá ganado influencia política. Que en este mundo, en definitiva –y ahora opino yo–, nadie regala nada.

Poco Legible

01.01

8712090

URSS

La perestroika llegó aquí...

Shevardnadze: hay que pagar la deuda externa

La escena transcurre en la Plaza Independencia. El canciller soviético, Eduard Shevardnadze, acaba de poner una ofrenda floral al pie del monumento a Artigas. Imprevistamente, se dirigió a un grupo de personas que seguían los pasos de su comitiva y les dijo: "Quiero hablar con Uds... Tenemos que buscar todos juntos la forma de poner fin a la carrera armamentista. Debemos encontrar la forma de acabar con los armamentos nucleares y tener un mundo en paz para las futuras generaciones". Poco después, camino al Palacio Estévez, un niño le ofrecía venderle analgésicos. Shevardnadze se detuvo, puso una mano sobre la cabeza del niño y le regaló una insignia.

Años atrás, nadie hubiera esperado actitudes de este tipo en un diplomático soviético, generalmente ceñidos al más estricto protocolo. Sin embargo, nuevos vientos soplan en la URSS desde que gobierna Govarchov. Shevardnadze es su canciller; actuó y habló inspirado en el espíritu de "glasnot" (transparencia) que impulsa aquél.

Pagar la deuda es cuestión de dignidad

Algunas de sus declaraciones tuvieron gran repercusión. Muchas no dieron crédito a sus oídos cuando le escucharon decir: "El pago de los intereses de la deuda (externa) es un asunto de dignidad nacional, pero es necesario que siempre estos pagos sean limitados por un nivel prudente, caso contrario se convertirán en un dogal en el cuello del deudor". Agregó que "a nuestro juicio, los pagos no deben superar una parte determinada de los ingresos provenientes de exportación de un país deudor, ya que el trabajo destinado únicamente a pagar la deuda puede socavar definitivamente tanto los cimientos económicos como la misma voluntad de la nación"

Esta posición coincide con la sustentada por el presidente peruano Alan García (pagar sólo el 10% del producido por exportaciones) y se opone frontalmente a la pregonada por Fidel Castro (no pagar). Un informe elaborado por la Comisión Económica para América Latina (CEPAL) en 1986, estableció que, junto a Colombia, Uruguay es el país que menor porcentaje de sus exportaciones dedica al pago de intereses de la deuda. En 1986, nuestro país destinó un 23,8% de sus ventas externas para atender sus obligaciones. Las cifras destinadas por otros países fueron: Perú 27,3%, Brasil 37,7%, México 40%, Bolivia 46,7%, Nicaragua 25,8%; Argentina 51,8%.

El ministro de Economía y Finanzas, Cr. Ricardo Zerbino, estuvo de acuerdo con el canciller soviético, señalando que hay aspectos de "dignidad nacional en cuanto al cumplimiento de obligaciones, elemento que es fundamental, no sólo para la convivencia dentro de las sociedades, sino también para la convivencia y el respeto entre las naciones". Señaló que el problema de la deuda es de gravitación internacional porque "está afectando los esfuerzos de desarrollo", subrayando que deben buscarse "formas de compatibilizar ambas cosas a través de fórmulas de pago que no signifiquen una carga muy pesada sobre las economías, lo que atenta contra las legítimas aspiraciones de las poblaciones".

Al cierre de la presente edición de *Jaque* no se conocían comentarios de dirigentes comunistas locales sobre la posición de Shevardnadze en cuanto al pago de la deuda. En cambio, se supo que el PIT-CNT, cuya dirigencia es, en su mayoría, de notoria militancia comunista, adhirió a la jornada internacional latinoamericana contra el pago de la deuda externa de nuestros países, programado para el jueves 15 frente a los Parlamentos de las naciones de América Latina y el Caribe.

La cuestión judía

Otro hecho destacado fue el diálogo mantenido por Shevardnadze con un grupo que manifestó frente a la Embajada Soviética para reclamar el derecho de los judíos a emigrar de la URSS. Un representante de la Federación Juvenil Sionista pidió "que los 400.000 hermanos judíos que se encuentran en la URSS tengan la posibilidad de emigrar libremente al lugar que ellos escojan". El canciller soviético respondió que en la Unión Soviética "no existen prisioneros políticos y los judíos que allí se encuentran podrán salir en un futuro muy próximo". Indicó que "los judíos que allí se encuentran no pueden obtener la visa de salida por conocer secretos estatales". Cuando se le preguntó si los 400.000 judíos conocen secretos de Estado respondió: "Así es...". A su vez, invitó a una delegación a concurrir a la URSS para comprobar la realidad de los judíos allí.

Armas nucleares

Shevardnadze destacó también los avances en las conversaciones soviético - norteamericanas en materia de limitación de armas nucleares. Consideró que se "ha puesto al alcance de la mano un acuerdo de importancia histórica para la eliminación de cierto tipo de arsenales nucleares". Dijo que si bien los acuerdos afectaron a una porción menor del arsenal nuclear, "se trata de un comienzo auspicioso que debe saludar toda la humanidad".

Relaciones Uruguay-URSS

Shevardnadze afirmó que en Uruguay "se han producido cambios muy importantes y positivos en los últimos años", destacando la necesidad de intensificar las relaciones entre Uruguay y URSS.

Se espera que durante el próximo año aumente el intercambio comercial entre los dos países. En 1982, la URSS compraba a Uruguay por una cifra próxima a los 60 millones de dólares, mientras que en 1986 las exportaciones a ese país cayeron hasta los 23 millones.

Finalmente, se confirmó que el presidente Sanguinetti viajará a la URSS en un futuro próximo, que podría ser en marzo de 1988.

JAQUE 14/10/87

URSS
Europa Francia

024

Jaque 14/10/87

Perle / Nono

Shevardnadze - Mitterrand

Estas visitas desmitificadoras

por Luis Eduardo Cladera



Si alguna duda quedaba a alguien que el Uruguay ha entrado en una nueva etapa de sus relaciones con el mundo las visitas oficiales del Canciller soviético Eduard Shevardnadze y del Presidente francés François Mitterrand, puede terminar definitivamente de aventarla. Las visitas responden obviamente a motivaciones distintas, a estrategias muy dispares: la de una de las dos superpotencias, la URSS, cabeza de uno de los bloques mundiales, y de una potencia mediana como Francia inserta en la CEE, el segundo mercado más importante del mundo, después del de los EE.UU.

Aproximación diferente a la de Felipe González, Presidente español que nos visitará a fin de octubre, Jefe de Estado del décimo país industrializado del mundo, recientemente ingresado en la CEE —junto con Portugal—, y que mantiene la relación privilegiada de pertenecer al mismo ámbito cultural uruguayo y latinoamericano.

Sin embargo, estas tres visitas tienen el denominador común que parte de un amplio reconocimiento internacional al rol dinámico que está cumpliendo la reconquistada democracia uruguaya, reencontrada con nuevos ímpetus, en una línea de visión independiente de su política internacional, en el marco del oxigenado proceso de redemocratización de la mayoría de los países de la región. Procesos que implican nuevos enfoques y acciones, rupturistas con los que llevaron las dictaduras militares, de los grandes problemas internacionales: el desarme, las relaciones este-oeste, la deuda externa, el comercio mundial, los vínculos culturales y científico-tecnológico, etc.

Problemas en la URSS

El propio Shevardnadze es un testimonio directo, del indisoluble condicionamiento que existe entre los fenómenos de política interior y las relaciones internacionales. Los uruguayos tuvimos oportunidad de ver reflejado en el canciller soviético el significado de "glasnost", la transparencia a la que apunta la política de Gorbachov y la "perestroika" destinada a la reforma del Estado y su gestión. El reconocimiento abierto en una comida con autoridades de gobierno y dirigentes políticos, de que uno de los grandes problemas de la Unión Soviética es el tamaño del Estado y la mentalidad de los funcionarios públicos en su universo rutinario, nos acerca en forma directa, sin el intermediario verborrágico y acomodaticio de la demagogia aldeana local, a realidades fundamentales del mundo actual.

Lejos estamos de la política aventurera de Nikita Khruschev, que instaló bases de cohetes en Cuba que condujeron a la crisis de octubre de 1962, y el mundo al borde de la guerra nuclear. Política que pesó considerablemente en su caída en desgracia. Lejos parecería que empezamos a estar del largo período Brezhnev y su congelada gerontoburocracia, apoyada en el hincapié puesto en el desarrollo armamentista y una política dirigida a los ejércitos —particularmente en América Latina y Africa—.

Sin embargo, la herencia que recibe el actual equipo soviético en relación a América Latina es pesada: un cuerpo expedicionario cubano en Africa —Angola, Etiopía, Mozambique— de 40.000 efectivos, obviamente financiado por la URSS. Previo a la visita a América del Sur, la primera de un canciller soviético, Shevardnadze pasó por Cuba el día del homenaje al Che Guevara en la isla. Pocas horas permaneció en ella, no fue a los festejos y Fidel Castro no concurrió a despedirlo al Aeropuerto. No pretendemos ser demasiado perspicaces, pero estas actitudes algo parecen revelar. De profundizarse el clima de distensión entre EE.UU. y la URSS, la visita de Shevardnadze es anunciadora de una política por la cual su país apoyará la estabilidad democrática en el continente.

El pragmatismo soviético

La diplomacia soviética siempre ha tenido una política pragmática en lo que se refiere a sus necesidades comerciales. En la región, la URSS expandió su comercio con la Argentina a cifras nunca vistas —alrededor de U$S 3.000 millones de exportaciones argentinas— bajo el régimen "anticomunista" del General Videla, en una coyuntura de necesidades cerealeras por el bloqueo norteamericano. Algo similar sucedió en menor escala en Uruguay. Es de suponer que si las necesidades comerciales soviéticas, tradicionalmente complementarias con el Río de la Plata, vuelven a poder canalizar nuestros productos, se verán reforzadas por la voluntad política de apoyo al proceso democrático, enunciadas por Shevardnadze, y que serán seguramente reforzadas por las visitas en 1988 del Presidente Sanguinetti a la URSS y de Mikhail Gorbachov al Uruguay.

Mitterrand y la francofonía

El estrechamiento de las relaciones franco-uruguayas son un hecho. El Presidente Mitterrand ha sido portavoz de los planteos formulados por los países latinoamericanos en las reuniones de los países desarrollados, ámbito en el que crece el peso y la razón que nos asiste. Es claro también que la diplomacia francesa, que asumió una posición clara en la crisis centroamericana —que se moderó mucho cuando los EE.UU. amenazaron sus intereses en Africa—, mira hoy hacia nuestra región del sur americano, con un mayor interés que el tradicional. Fuera del continente europeo sus vínculos históricos son sobre todo con Africa y Asia, en particular con sus excolonias, y las regiones de habla francesa —Quebec, etc.—. Países como el Uruguay no son de fácil comprensión para un Quai D'Orsay, que por la fuerza de los hechos internacionales tiene una vocación de estrategia con las grandes y medianas potencias, sean estas del tercer mundo (China-India) o del mundo desarrollado.

Las posibilidades reales de progresos concretos de estas relaciones implican la puesta en marcha de proyectos muy puntuales y afinados, para los cuales nuestro país no ha revelado tener demasiada capacidad instrumentada de formulación. Ni tampoco la contraparte francesa que también tiene las dificultades propias de un estilo nacional diplomático burocrático, constatables permanentemente por lo menos en la prensa francesa sanamente autocrítica. La visita de François Mitterrand ha puesto una escenografía en marcha, entusiastamente enmarcada en que somos uno de los pocos países del mundo que incluyen como obligatoria en su programa de enseñanza secundaria la lengua francesa. Aspecto altamente apreciado por el gobierno y el Estado francés. Pero los actores: autoridades, técnicos, científicos y empresarios tienen aún un largo ensayo a realizar para poder salir a escena. Del trabajo a marcha forzada y de la superación de los estilos burocráticos de ambos países —particularmente del nuestro— depende lograr éxitos en programas comunes.

Aldeanos y subjetivos

Estas visitas nos pueden hacer acceder a un trato directo con el mundo real y hacernos comprender mejor nuestra propia especificidad. El Uruguay, pese a estar ubicado en una zona geopolítica apartada de los centros mundiales, supo en el pasado, y sabe en el presente, tener una política independiente. Estamos muy poco determinados por la geopolítica norteamericana. No somos América Central. Podemos aprovechar nuestra lejanía. Pero para hacerlo bien, tenemos que conocer mejor el mundo. La lejanía es un beneficio, pero también ha servido para alimentar un gran subjetivismo aldeano, de corte principalmente ideológico. De lo contrario, cómo explicar que en el serio informe que hace el semanario El Popular sobre la visita de Shevardnadze no se incluyan sus declaraciones sobre que el pago de los intereses de la deuda externa es un problema de dignidad nacional y las coincidencias tenidas con el Ministro Zerbino. Cómo explicar que el semanario Alternativa diga: "El socialismo de Mitterrand, (es) un lineamiento que ha procurado superar el sovietismo y la socialdemocracia, mediante esquemas modernizadores y neoliberales constituye una experiencia muy singular de nuestro tiempo y es objeto permanente de reflexión por los analistas".

Ocultando declaraciones que todo el mundo conoce, disparateando sobre el "neoliberalismo" de Mitterrand, nos ponemos a la altura de los que dicen que los barcos pesqueros rusos vienen cargados de espías. Así nos quedamos en la aldea y el mundo pasa de largo.

01.01

8712092

alternativa

5 de noviembre de 1987, página 8

URSS 026

En su 70 Aniversario

La Revolución de Octubre

La victoria de la revolución rusa hace 70 años, el 7 de noviembre de 1917 (25 de octubre en el viejo calendario ruso), fundó por primera vez en la historia un estado que inspirándose en el marxismo, se proponía la tarea de edificar una sociedad socialista.

No es este el momento para analizar el tema —polémico y necesario para el desarrollo y la afirmación de la conciencia socialista— de la evolución de la sociedad soviética tal como se ha ido forjando en estos 70 años, vale decir, de la crítica socialista al llamado socialismo real. Sólo diremos que, a nuestro entender, la URSS no es una formación social desde el socialismo, tal como lo concibieron Marx, Engels y Lenin, ya haya sido realizado, sino que se trata de una sociedad poscapitalista, ubicada en la transición del capitalismo al socialismo, trabada en dicha transición por su propio y específico sistema de contradicciones, centradas fundamentalmente en la oposición entre la burocracia dominante y las amplias masas de trabajadores.

Más allá de esta valoración acerca de su evolución posterior, la Revolución de Octubre constituye indudablemente el elemento histórico más relevante del siglo XX, pues coloca en el orden del día de la humanidad la tarea de abrir las puertas a una sociedad más plena, más justa, más racional. Nos ha tocado vivir esta época cuyo desenlace no depende de una suerte de fatalidad histórica sino de la voluntad, la conciencia y la lucha por alumbrar esa nueva civilización. Porque el capitalismo sólo supone la injusticia e irracionalidad, y la humanidad, como ya lo afirmaba Lenin, tiene sólo dos salidas: socialismo o barbarie.

Lenin, ocupa un lugar en la historia del marxismo sólo precedido por Marx. Su práctica revolucionaria se vincula a una adaptación creativa y original del marxismo a los problemas de un mundo diferente a aquel en el que Marx y Engels elaboraron su teoría.

Aquello que caracteriza el modo de encarar el marxismo en Lenin es el sentido de la concreción histórica, la conciencia de su historicidad.

"El análisis concreto de la situación concreta, es el alma viva, la esencia del marxismo." Esta afirmación, reiterada varias veces, define el método de Lenin.

mentalmente a la investigación económico - estadística.

El punto de partida está en los hechos pero no en el elemento genérico del promedio estadístico, sino en sus diferencias internas, en el análisis de las contradicciones: son éstas las que señalan la línea dinámica del desarrollo, la necesidad de la praxis y su originalidad.

EL MARXISMO NO ES UN DOGMA

Marx había planteado la posibilidad que Rusia pasase directamente de la comunidad campesina al socialismo sin una etapa capitalista.

O sea que el propio Marx había ofrecido el ejemplo de una aplicación no esquemática de su concepción, lejos de toda reducción del marxismo a una filosofía de la historia que deduce de manera especulativa sus conclusiones y que contiene en sí misma todas las respuestas que nos plantea la realidad. Lenin concluye que esta posibilidad, en 1900, ya no está presente, que el progreso del capitalismo en Rusia está consolidado, no por una nueva aplicación doctrinaria del marxismo —sería entonces "más marxista" que el propio Marx— sino por el análisis concreto de los hechos.

Ya está esbozado aquí el carácter del marxismo en Lenin: el análisis de los hechos con el firme apoyo de la teoría marxista, la aplicación del método dialéctico a la realidad.

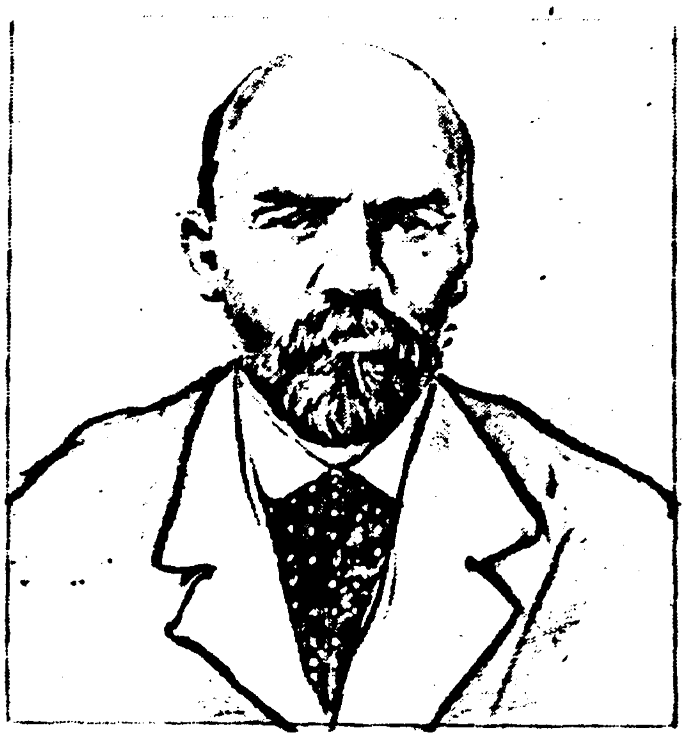
Esto lo aleja del empirismo sin principios y del mero dogmatismo: la clave está en la relación entre teoría y método, teoría y praxis.

Lo recordamos para tomar distancia con otra lectura de Lenin, que a *nuestro juicio* traiciona su pensamiento, al transformar sus aportes en dogmas válidos en cualquier contexto y situación.

Lenin parte de la investigación de lo específicamente ruso y esto le permite superar el dogmatismo de la Segunda Internacional y dar la respuesta que otros no pudieron dar en torno a la relación entre la revolución democrática y la revolución proletaria.

La vida plantea en 1917 que las tareas de la revolución democrática (la tierra, el pan, la paz) no pueden ser cumplidas por la burguesía: sólo la clase obrera puede concluir la revolución democrática y echar a andar las tareas de la revolución socialista, no hay una muralla entre ambos procesos. Así se plantea un nexo históricamente original entre ambas revoluciones, anticipado por Trotsky en cierto sentido en 1905.

nivel de la conciencia la experiencia histórica. La historia, señala Lenin, no se repite y a la praxis se le plantean tareas nuevas: las adquisiciones teóricas hasta ese momento no bastan y de la praxis guiada por el método marxista, surgirán nuevos aportes que enriquecerán la teoría. Es el método el que permite comprender el proceso histórico en su originalidad.



DE LENIN

En la articulación entre análisis económico y análisis sociológico y político consiste el carácter científico del marxismo.

En Lenin es fundamental el vínculo dialéctico entre economía y política, entre infraestructura y superestructura, la superación a la vez del determinismo y del voluntarismo. El primero, nos lleva al mecanicismo, a la concepción menchevique de la revolución, a la alienación del sujeto activo de la historia. El segundo, al desconocimiento de las condiciones reales en aras de la subjetividad.

En Lenin es central el nivel político: política proletaria que se orienta mediante categorías científicas y que se desarrolla en la praxis.

La íntima vinculación entre teoría y acción, el estrecho apego a la realidad concreta hacen a este pensamiento marcadamente rico y articulado.

De ahí su distancia con el dogmatismo al cual la interpretación stalinista quiere reducirlo. Si no se sitúan los textos en el momento histórico, si no se aclara cuál es el fin político de acción al cual tendían pueden avalarse disímiles interpretaciones. *Así por ejemplo*, Lenin señaló en 1907: "el error de los que polemizan con 'Qué hacer' consiste en apartar esta obra de su vínculo con una situación histórica determinada".

ticulación con la revolución mundial, las alianzas de clase que el proletariado debe construir en torno a su propuesta, la revalorización de la filosofía marxista. Está aquí el esbozo inicial de temas como la *hegemonía* y la *revolución en las sociedades complejas del occidente* que luego desarrollaría Gramsci.

Es que el pensamiento de Lenin, como el de Marx, no es punto de llegada, es punto de partida, junto con el de todos aquellos que antes y después de su obra han nutrido la ciencia del marxismo.

Luego de su muerte, toda una serie de pensamientos suyos fueron tomados como absolutos, separados de la situación concreta en que habían surgido, otros en cambio permanecieron en la sombra o fueron silenciados.

SU PENSAMIENTO Y LA INTERPRETACION STALINISTA

La lucha por el poder, a la muerte de Lenin, fue también la lucha por determinada interpretación de su pensamiento que legitimara la línea de quienes aspiraban a sucederle. Un maestro en "utilizar" a Lenin fue Stalin, quien mezcló interpretaciones destinadas a la divulgación, interpretaciones dedicadas a la lucha política contra sus rivales por el poder en la URSS y simplificaciones abusivas. Vamos a enumerar algunas:

1) Lenin llamó al imperialismo "capitalismo agonizante" por ser la última etapa del mismo, en la cual entra en crisis, pero al mismo tiempo, por una relación dialéctica de contrarios, es cuando presenta mayores posibilidades de su desarrollo. La lectura mecanicista y economicista que la 3a. Internacional realizó de este concepto, la llevó a equiparar crisis económica, revolución y ascenso de la conciencia de las masas, dejando de lado todo análisis de la capacidad de consenso y de amortiguación del elemento económico inmediato —como explica Gramsci— que determinadas sociedades poseen.

2) A propósito de la dictadura del proletariado se destaca que sino que se aplica a todo tipo de Estado, aun los democráticos, ya que a través de ellos siempre se ejerce en última instancia el dominio de la clase hegemónica en la sociedad en cuestión. Es más, para los maestros fundadores del socialismo científico, socialismo es libertad: la socialización de los medios de producción combinada con el pleno desarrollo de la democracia y el control de los trabajadores sobre el destino de los excedentes de su trabajo a fin de evitar todo tipo de explotación.

Por esto empleamos —con *Rosa Luxemburgo*— la expresión democracia socialista. La forma específica rusa que Lenin visualiza para este nuevo Estado es la democracia basada en los consejos de trabajadores (Soviets).

Se trata de un nuevo tipo de poder estatal que destruye al estado centralizado y burocrático para construir otro fundado en la democracia de base, la descentralización del poder, hacia la fusión Estado - sociedad civil y a formas de autogobierno.

Lo que subyace es la crítica a la separación propia de la sociedad burguesa de la esfera de lo político —donde se postula la aparente igualdad de los ciudadanos— y la esfera de la sociedad civil, reino de la producción y del trabajo, donde campean las desigualdades.

No se trata de la negación de la democracia, antes bien, hay un salto en calidad: la democracia llevada a su extremo, es incompatible con el capitalismo pues se pone a consideración de la decisión democrática del pueblo, las cuestiones de la producción, las opciones ejecutivas de la vida económica y social.

3) Se deja de lado que se trata de un Estado en vías de extinción y por tanto la identificación progresiva del poder estatal con el autogobierno de la sociedad, cualidad imprescindible para afirmar la existencia del socialismo.

4) Los desarrollos anteriores no implican régimen de partido único. Hasta 1920 subsistió el pluralismo político en los Soviets.

5) En Stalin el criterio de la verdad se traslada de la praxis a los textos, o mejor dicho, a la forma cómo Stalin o el aparato dirigente interpreta los textos.

6) En Lenin el partido es el instrumento superior de la lucha de clases. Esto se transforma en Stalin en un empobrecimiento de las articulaciones con las diversas organizaciones sociales, transformadas en meros "órganos auxiliares" respecto al partido.

7) El concepto de monolitismo en el partido, ausente en Lenin, quien insistía en el carácter disciplinado como resultado de la necesaria confrontación dialéctica.

8) La interpretación maniquea de la lucha de tendencias, donde por simple petición de principios los stalinistas serán siempre los verdaderos "leninistas"

9) La ubicación histórica de Lenin. Se eliminan las mediaciones que por ejemplo Plejanov y Kautsky representan entre Marx y Lenin, al mismo tiempo que la de otros teóricos situados entre Lenin y nuestros días. La relación de Marx y Engels por un lado y Lenin por otro se presenta como un todo compacto, completo en sí mismo, sin tener en cuenta la riqueza del pensamiento y las diversidades de cada uno de ellos.

10) La relación entre el marxismo y el resto de los aportes científicos y culturales. Para Lenin "el marxismo no es una doctrina cerrada y rígida" ("Tres fuentes y tres partes del marxismo" 1913), no es una negación de la cultura del pasado sino su asunción —negación a un nivel más alto. Lejos del pensamiento de Lenin está una actitud cerrada y sectaria en relación a lo valioso de otros desarrollos aún provenientes fuera del horizonte del marxismo.

11) La teoría del socialismo en un solo país. Lenin planteó en 1915 "es posible que el socialismo triunfe primeramente en un solo *país*". De aquí se deduce abusivamente que es posible completar el proceso de construcción del socialismo, porque esa es la cuestión, no de comenzar su construcción, que no es la cuestión.

Todo lo anterior nos lleva a la conclusión que es necesario aplicar el método marxista al estudio de la historia del propio marxismo y detectar en qué medida ciertas lecturas del mismo, lo transforman en "ideología" en el sentido de justificación de intereses y de prácticas de poder.

En conclusión, se trata de volver hoy a una lectura no dogmática de Lenin, a una lectura capaz de recuperar aquella relación entre método y teoría que le es propia y que convierte a su pensamiento junto con los desarrollos de Marx y de Engels, en una de las piedras angulares del marxismo.

Manuel Laguarda

En su 70 Aniversario

La Revolución de Octubre

La victoria de la revolución rusa hace 70 años, el 7 de noviembre de 1917 (25 de octubre en el viejo calendario ruso), fundó por primera vez en la historia un estado que inspirándose en el marxismo, se proponía la tarea de edificar una sociedad socialista.

No es este el momento para analizar el tema —polémico y necesario para el desarrollo y la afirmación de la conciencia socialista— de la evolución de la sociedad soviética tal como se ha ido forjando en estos 70 años, vale decir, de la crítica socialista al llamado socialismo real. Sólo diremos que, a nuestro entender, la URSS no es una formación social donde el socialismo, tal como lo concibieron Marx, Engels y Lenin, ya haya sido realizado, sino que se trata de una sociedad poscapitalista, ubicada en la transición del capitalismo al socialismo, trabada en dicha transición por su propio y específico sistema de contradicciones, centradas fundamentalmente en la oposición entre la burocracia dominante y las amplias masas de trabajadores.

Más allá de esta valoración acerca de su evolución posterior, la Revolución de Octubre constituye indudablemente el elemento histórico más relevante del siglo XX, pues coloca en el orden del día de la humanidad la tarea de abrir las puertas a una sociedad más plena, más justa, más racional. Nos ha tocado vivir esta época cuyo desenlace no depende de una suerte de fatalidad histórica sino de la voluntad, la conciencia y la lucha por alumbrar esa nueva civilización. Porque el capitalismo sólo supone la injusticia e irracionalidad, y la humanidad, como ya lo afirmaba Lenin, tiene sólo dos salidas: socialismo o barbarie.

Lenin, ocupa un lugar en la historia del marxismo sólo precedido por Marx. Su práctica revolucionaria se vincula a una adaptación creativa y original del marxismo a los problemas de un mundo diferente a aquel en el que Marx y Engels elaboraron su teoría.

Aquello que caracteriza el modo de encarar el marxismo en Lenin es el sentido de la concreción histórica, la conciencia de su historicidad.

"El análisis concreto de la situación concreta, es el alma viva, la esencia del marxismo." Esta afirmación, reiterada varias veces, define el método de Lenin.

De otra forma lo plantea en "Nuestro programa" (1899) cuando afirma: "para los socialistas rusos es particularmente necesario impulsar independientemente la teoría de Marx, porque esta teoría da solamente los principios directivos generales, que se aplican en particular en Inglaterra, de un modo distinto que a Francia, a Francia de un modo distinto que a Alemania, a Alemania de un modo distinto que a Rusia". Y así Lenin parte del estudio concreto, del "Desarrollo del capitalismo en Rusia" (1899) dedicado fundamentalmente a la investigación económica - estadística.

El punto de partida está en los hechos pero no en el elemento genérico del promedio estadístico, sino en sus diferencias internas, en el análisis de las contradicciones: son éstas las que señalan la línea dinámica del desarrollo, la necesidad de la praxis y su originalidad.

EL MARXISMO NO ES UN DOGMA

Marx había planteado la posibilidad que Rusia pasase directamente de la comunidad campesina al socialismo sin una etapa capitalista.

O sea que el propio Marx había ofrecido el ejemplo de una aplicación no esquemática de su concepción, lejos de toda reducción del marxismo a una filosofía de la historia que deduce de manera especulativa sus conclusiones y que contiene en sí misma todas las respuestas que nos plantea la realidad. Lenin concluye que esta posibilidad, en 1900, ya no está presente, que el progreso del capitalismo en Rusia está consolidado, no por una nueva aplicación doctrinaria del marxismo —sería entonces "más marxista" que el propio Marx— sino por el análisis concreto de los hechos.

Ya está esbozado aquí el carácter del marxismo en Lenin: el análisis de los hechos con el firme apoyo de la teoría marxista, la aplicación del método dialéctico a la realidad.

Esto lo aleja del empirismo sin principios y del mero dogmatismo: la clave está en la relación entre teoría y método, teoría y praxis.

Lo recordamos para tomar distancia con otra lectura de Lenin, que a nuestro juicio traiciona su pensamiento, al transformar sus aportes en dogmas válidos en cualquier contexto y situación.

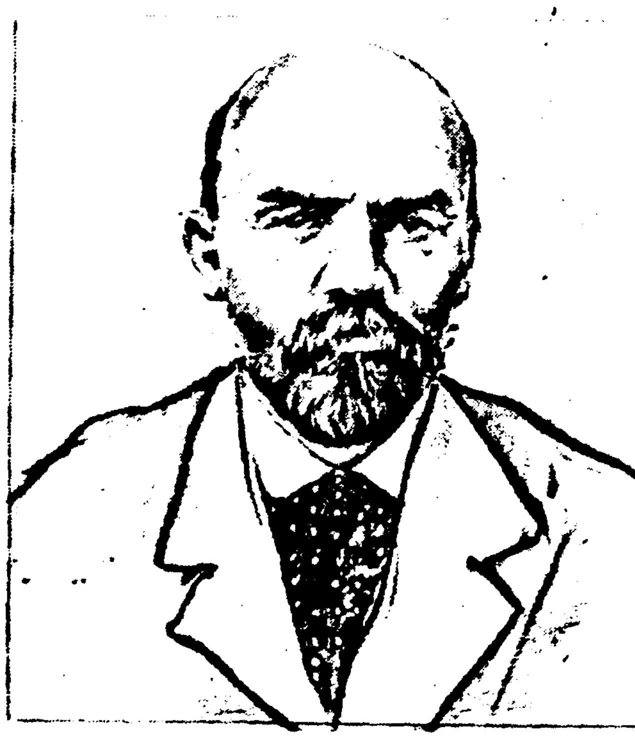
Lenin parte de la investigación de lo específicamente ruso y esto le permite superar el dogmatismo de la Segunda Internacional y dar la respuesta que otros no pudieron dar en torno a la relación entre la revolución democrática y la revolución proletaria.

La vida plantea en 1917 que las tareas de la revolución democrática (la tierra, el pan, la paz) no pueden ser cumplidas por la burguesía: sólo la clase obrera puede concluir la revolución democrática y echar a andar las tareas de la revolución socialista, no hay una muralla entre ambos procesos. Así se plantea un nexo históricamente original entre ambas revoluciones, anticipado por Trotsky en cierto sentido en 1905.

Los reformistas, los dogmáticos, el propio Partido Bolchevique hasta que Lenin logra ganarlo a su posición planteaban así la cuestión: desarrollo de las fuerzas productivas bajo régimen capitalista y luego revolución socialista.

O sea, la convicción de Marx y Engels de que el marxismo no es un dogma sino un método para la acción, es central en Lenin.

La teoría revolucionaria no está formulada para siempre, lo que hace es generalizar, llevar al nivel de la conciencia la experiencia histórica. La historia, señala Lenin, no se repite y a la praxis se le plantean tareas nuevas: las adquisiciones teóricas hasta ese momento no bastan y de la praxis guiada por el método marxista, surgirán nuevos aportes que enriquecerán la teoría. Es el método el que permite comprender el proceso histórico en su originalidad.



En la articulación entre análisis económico y análisis sociológico y político consiste el carácter científico del marxismo.

En Lenin es fundamental el vínculo dialéctico entre economía y política, entre infraestructura y superestructura, la superación a la vez del determinismo y del voluntarismo. El primero, nos lleva al mecanicismo, a la concepción menchevique de la revolución, a la alienación del sujeto activo de la historia. El segundo, al desconocimiento de las condiciones reales en aras de la subjetividad.

En Lenin es central el nivel político: política proletaria que se orienta mediante categorías científicas y que se desarrolla en la praxis.

La íntima vinculación entre teoría y acción, el estrecho apego a la realidad concreta hacen a este pensamiento marcadamente rico y articulado.

De ahí su distancia con el dogmatismo al cual la interpretación stalinista quiere reducirlo. Si no se sitúan los textos en el momento histórico, si no se aclara cuál es el fin político de acción al cual tendían pueden avalarse disímiles interpretaciones. Así por ejemplo, Lenin señaló en 1907: "el error de los que polemizan con 'Qué hacer' consiste en apartar esta obra de su vínculo con una situación histórica determinada".

LOS APORTES DE LENIN

Dentro de la extensa obra de Lenin, debe distinguirse la producción referida a la coyuntura concreta por la que atravesaba su acción, de aquellos aportes que constituyen un salto cualitativo y enriquecedor para el marxismo del siglo XX; sus desarrollos acerca del imperialismo como nuevo estado del capitalismo, sus conceptualizaciones en torno al partido, sus reflexiones sobre el Estado, los planteos respecto a la revolución en los pueblos dependientes y su articulación con la revolución mundial, las alianzas de clase que el proletariado debe construir en torno a su propuesta, la revalorización de la filosofía marxista. Está aquí el esbozo inicial de temas como la hegemonía y la revolución en las sociedades complejas del occidente que luego desarrollaría Gramsci.

Es que el pensamiento de Lenin, como el de Marx, no es punto de llegada, es punto de partida, junto con el de todos aquellos que antes y después de su obra han nutrido la ciencia del marxismo.

Luego de su muerte, toda una serie de pensamientos suyos fueron tomados como absolutos, separados de la situación concreta en que habían surgido, otros en cambio permanecieron en la sombra o fueron silenciados.

SU PENSAMIENTO Y LA INTERPRETACION STALINISTA

La lucha por el poder, a la muerte de Lenin, fue también la lucha por determinada interpretación de su pensamiento que legitimara la línea de quienes aspiraban a sucederlo. Un maestro en "utilizar" a Lenin fue Stalin, quien mezcló interpretaciones destinadas a la divulgación, interpretaciones dedicadas a la lucha política contra sus rivales por el poder en la URSS y simplificaciones abusivas. Vamos a enumerar algunas:

1) Lenin llamó al imperialismo "capitalismo agonizante" por ser la última etapa del mismo, en la cual entra en crisis, pero al mismo tiempo, por una relación dialéctica de contrarios, es cuando presenta mayores posibilidades de su desarrollo. La lectura mecanicista y economicista que la 3a. Internacional realizó de este concepto, lo llevó a equiparar crisis económica, revolución y ascenso de la conciencia de las masas, dejando de lado todo análisis de la capacidad de consenso y de amortiguación del elemento económico inmediato —como explica Gramsci— que determinadas sociedades poseen.

2) A propósito de la dictadura del proletariado se destaca que es sólo la violencia ejercida sin límite legal y se pasa a la sombra lo que tiene que ver con la educación, la persuasión, la construcción del consenso —diría Gramsci— a medida que se adentra en las tareas constructivas del poder. Lenin utiliza la expresión dictadura del proletariado para referirse al Estado de nuevo tipo correspondiente a la construcción del socialismo.

Hay que señalar que para la tradición marxista el término "dictadura" no debe ser equiparado a despotismo autoritario sino que se aplica a todo tipo de Estado, aun los democráticos, ya que a través de ellos siempre se ejerce en última instancia el dominio de la clase hegemónica en la sociedad en cuestión. Es más, para los maestros fundadores del socialismo científico, socialismo es libertad: la socialización de los medios de producción combinada con el pleno desarrollo de la democracia y el control de los trabajadores sobre el destino de los excedentes de su trabajo a fin de evitar todo tipo de explotación.

Por esto empleamos —con Rosa Luxemburgo— la expresión democracia socialista. La forma específica rusa que Lenin visualiza para este nuevo Estado es la democracia basada en los consejos de trabajadores (Soviets).

Se trata de un nuevo tipo de poder estatal que destruye al estado centralizado y burocrático para construir otro fundado en la democracia de base, la descentralización del poder, hacia la fusión Estado - sociedad civil y a formas de autogobierno.

Lo que subyace es la crítica a la separación propia de la sociedad burguesa de la esfera de lo político —donde se postula la aparente igualdad de los ciudadanos— y la esfera de la sociedad civil, reino de la producción y del trabajo, donde campean las desigualdades.

No se trata de la negación de la democracia, antes bien, hay un salto en calidad: la democracia llevada a su extremo, es incompatible con el capitalismo pues se pone a consideración de la decisión democrática del pueblo, las cuestiones de la producción, las opciones [illegible] de la vida económica y social.

3) Se deja de lado que se trata de un Estado en vías de extinción y por tanto la identificación progresiva del poder estatal con el autogobierno de la sociedad, cualidad imprescindible para afirmar la existencia del socialismo.

4) Los desarrollos anteriores no implican régimen de partido único. Hasta 1920 subsistió el pluralismo político en los Soviets.

5) En Stalin el criterio de la verdad se traslada de la praxis a los textos, o mejor dicho, a la forma cómo Stalin o el aparato dirigente interpreta los textos.

6) En Lenin el partido es el instrumento superior de la lucha de clases. Esto se transforma en Stalin en un empobrecimiento de las articulaciones con las diversas organizaciones sociales, transformadas en meros "órganos auxiliares" respecto al partido.

7) El concepto de monolitismo en el partido, ausente en Lenin, quien insistía en el carácter disciplinado como resultado de la necesaria confrontación dialéctica.

8) La interpretación maniquea de la lucha de tendencias, donde por simple petición de principios los stalinistas serán siempre los verdaderos "leninistas".

9) La ubicación histórica de Lenin. Se eliminan las mediaciones que por ejemplo Plejanov y Kautsky representan entre Marx y Lenin, al mismo tiempo que la de otros teóricos situados entre Lenin y nuestros días. La relación de Marx y Engels por un lado y Lenin por otro se presenta como un todo compacto, completo en sí mismo, sin tener en cuenta la riqueza del pensamiento y las diversidades de cada uno de ellos.

10) La relación entre el marxismo y el resto de los aportes científicos y culturales. Para Lenin "el marxismo no es una doctrina cerrada y rígida" ("Tres fuentes y tres partes del marxismo" 1913), no es una negación de la cultura del pasado sino su asunción —negación a un nivel más alto. Lejos del pensamiento de Lenin está una actitud cerrada y sectaria en relación a lo valioso de otros desarrollos aún provenientes fuera del horizonte del marxismo.

11) La teoría del socialismo en un solo país. Lenin planteó en 1915 "es posible que el socialismo triunfe primeramente en un solo país". De aquí se deduce abusivamente que es posible completar el proceso de construcción del socialismo, porque esa es la cuestión, no de comenzar su construcción, que no es [illegible].

Todo lo anterior nos lleva a la conclusión que es necesario aplicar el método marxista al estudio de la historia del propio marxismo y detectar en qué medida ciertas lecturas del mismo, lo transforman en "ideología" en el sentido de justificación de intereses y de prácticas de poder.

En conclusión, se trata de volver hoy a una lectura no dogmática de Lenin, a una lectura capaz de recuperar aquella relación entre método y teoría que le es propia y que convierte a su pensamiento junto con los desarrollos de Marx y de Engels, en una de las piedras angulares del marxismo.

Manuel Laguarda

026

8712096

HP

URSS

026

La apertura soviética

El embajador soviético en nuestro país, Oleg Kvasov, aseguró ayer que "con frecuencia, en Occidente se preguntan si hay oposición política a la perestroika; esta oposición política en la Unión Soviética no existe. La oposición se encuentra en nosotros mismos, en nuestra conciencia y por eso decimos que lo más difícil es la perestroika de la conciencia de la gente".

Con motivo de cumplirse mañana el 70° aniversario de la revolución rusa, el diplomático ofreció una conferencia de prensa en la que se refirió a los nuevos lineamientos políticos y económicos en su país, al acuerdo logrado para reducir los misiles de alcance intermedio y a las relaciones con la Argentina.

"Los soviéticos se enorgullecen de su revolución, ya que ella dio al pueblo la libertad y la independencia y permitió convertir a la Rusia atrasada en un nuevo Estado socialista. En setenta años recorrimos un largo y difícil camino; la Unión Soviética logró impresionantes resultados en todas las esferas de la vida material y espiritual, y hoy es una sociedad que posee un enorme potencial político, intelectual, científico y natural", agregó.

Glasnost y perestroika

Para el embajador Kvasov, el hecho de que fuera publicada una entrevista al disidente Andrei Sajarov en un semanario de Moscú, "no tiene nada de particular".

"Una vez más se comprueba la línea política que fija el glasnost, es decir la transparencia informativa, y como ha dicho en más de una oportunidad Mikhail Gorbachov, el pueblo soviético debe saber todo y no tiene que tener cosas ocultas", aseguró el diplomático.

Señaló que los problemas que tiene la sociedad soviética deben ser resueltos a través de la perestroika –en ruso, "reconstrucción"–, una de cuyas tareas fundamentales es la "permanente elevación de la efectividad de la economía y el mejoramiento de la producción".

Afirmó el embajador soviético que se ha abandonado la subestimación de la propiedad cooperativa y se está alentando la actividad laboral individual, a la vez que se realizan reformas en la educación y salud pública.

Reducción de misiles

En cuanto a la próxima visita de Gorbachov a los Estados Unidos, en donde se firmará la eliminación de los misiles de alcance medio y de los táctico-operacionales, "será un paso considerable en el camino del desarme".

"Pero se trata tan solo del primer paso hacia la reducción de las armas estratégicas ofensivas y la no militarización del espacio cósmico", agregó.

"La política de coexistencia pacífica de Estados con distintos regímenes sociopolíticos, encuentra mejor que nunca su reflejo en las relaciones entre la Argentina y la Unión Soviética".

01.01

8712112

18.

URSS

02

La reforma Gorbachov amenazada por la ineficacia global del sistema

Moscú — Las persistentes falencias de la industria y la agricultura soviéticas están planteando serios problemas al líder del Kremlin, Mijail Gorbachov y a su programa de reforma y dinamización de la economía.

Estadísticas oficiales difundidas durante el fin de semana evidencian que el crecimiento de la producción industrial fue muy inferior al alcanzado el año pasado y se retrajo aun más en los últimos meses.

Casi un tercio de las empresas industriales no alcanzó las metas de producción asignadas, según cifras recogidas por la revista "Ekonomicheskaya Gazeta", registrándose algunas de las gestiones más desfavorables en la construcción de máquinas, foco de la campaña de modernización.

La cosecha cerealera soviética, calculada en alrededor de 210 millones de toneladas, o sea aproximadamente igual a la recolección del año anterior, está asimismo muy por debajo del objetivo de 232 millones de toneladas estipulado para este año, lo cual fue en parte consecuencia de un otoño excesivamente húmedo.

• Opinión

Algunos analistas expresaron la opinión de que los efectos iniciales de la campaña de Gorbachov en favor de una mayor disciplina laboral y una menor corrupción administrativa pueden haber comenzado a declinar, requiriéndose ahora cambios más drásticos para inyectar renovado dinamismo a su "perestroika".

El jefe de la agricultura soviética Viktor Nikonov, describió el rendimiento de los campos como "no malo" pero criticó a los agricultores por no haber sabido atender las demandas de mejoramiento del suministro de alimentos.

"Debe observarse que el ritmo de la producción agrícola todavía no satisface las demandas del plenario de junio de 1987 del Comité Central del Partido Comunista", declaró el mes pasado según informó oportunamente el diario "Pravda".

Analistas occidentales destacan que condiciones atmosféricas desfavorables fueron una importante causa de una producción inferior a la prevista, pero agregan que algunas de las reformas agrícolas auspiciadas por Gorbachov están siendo frenadas por una arraigada resistencia de parte de los agricultores.

• Razones

Otras razones de la deficiencia de los suministros de alimentos son la insuficiencia de espacio de almacenaje, malos transportes y deficiente procesamiento de los productos del campo, como resultado de todo lo cual se desperdician grandes cantidades de productos.

El mes pasado Gorbachov llamó la atención hacia el problema en un discurso pronunciado en Moscú, en el que dijo que la Unión Soviética continuará padeciendo enormes pérdidas si no supera su atraso en la industria del procesamiento de alimentos.

"La tarea de reequipar la industria de los alimentos se ha convertido ahora en una labor de lo más urgente", manifestó.

Similares problemas de materialización de los cambios es-

A. FINANCIERO 16/11/87

Cont. en pág. 16

URSS: freno a las reformas

Viene de pág. 15

tán planteándose en la industria en general, donde, según las estadísticas, la producción se incrementó sólo 3,4 por ciento en los primeros 10 meses de 1987.

Esto implica una apreciable disminución con respecto a 5,1 por ciento de crecimiento industrial registrado en igual período del año pasado y es una indicación de que es improbable que el sector manufacturero alcance el objetivo de un crecimiento de 4,4 por ciento de la producción establecido para todo 1987.

• Crecimiento

El crecimiento en toda la industria de construcción de maquinarias llegó sólo a 1,6 por ciento en el lapso enero-octubre. Apenas tres de los 21 sectores de la industria cumplieron sus metas de producción, mientras que en 12 de ellos la producción fue inclu-so inferior a la del año pasado.

El comportamiento de la industria liviana, bajo presión por un aumento de la demanda de bienes de consumo, fue todavía peor, con sólo 0,5 por ciento de crecimiento registrado en comparación con similar período de 1986.

• Declinación

Una causa de esa declinación es la reciente legislación sobre control de calidad, por la cual los productos defectuosos pueden ser rechazados y excluidos de las cifras de producción.

Sin embargo, algunos analistas, señalan que la cantidad de productos descartados por aplicación de la ley es ínfima, constituyendo menos de 0,1 por ciento de la producción, aunque el equivalente del 1,5 por ciento de la producción fue devuelto a las fábricas para su reprocesamiento.

URSS
026

Pedro Sclofsky con Alternativa socialista 15/10/87

Los judíos en la Unión Soviética y la visita del canciller Schevardnadze

"En esa conversación el canciller soviético asumió el compromiso de que se iniciaba una nueva etapa en lo que tiene que ver con la situación de los judíos en la Unión Soviética", señaló el Presidente del Comité Central Israelita del Uruguay, doctor Pedro Sclofsky, al ser consultado por **Alternativa** sobre el imprevisto diálogo que mantuvo —junto con otros integrantes de la colectividad judía— con el Ministro de Relaciones Exteriores de la URSS, Eduard Shevardnadze.

¿Cuáles fueron las características del encuentro que Ud. y algunos de los integrantes de la colectividad que se hallaban manifestando, mantuvieron con el canciller soviético, y en qué términos se desarrolló el diálogo, que ha provocado resonancia no sólo en nuestro país?

—Nosotros estábamos con miembros de la colectividad israelita manifestando ante la embajada soviética para expresar solidaridad con nuestros hermanos de la URSS, cuando el canciller Shevardnadze se cruzó para entablar con nosotros un diálogo que creo fue fructífero, franco, abierto, yo diría cordial, en el cual él, asumió el compromiso de que se iniciaba una nueva etapa en lo que tiene que ver con la situación de los judíos soviéticos en la Unión Soviética.

—¿Qué cambios se insertarían dentro de ese compromiso asumido?

— Entiendo que la política de la URSS en la materia, va a sufrir de acuerdo a lo dicho por él, cambios sustanciales, en el sentido de que se podrían obtener visas para todos aquellos que desean emigrar para que puedan reunirse en el exterior con sus familiares, de acuerdo con lo estipulado por los Tratados de Derecho Internacional suscritos por la URSS. También se lograría para los judíos que por el contrario desean quedarse en el país, de 2 a 2 millones y medio de personas, que puedan mantener su identidad judía, profesar su religión, estudiar hebreo y seguir cultivando sus tradiciones culturales, es decir aquellos puntos que fueron esenciales en las reivindicaciones que le presentamos en la oportunidad.

—¿El canciller le dio razones para aquellos casos en que a los solicitantes se les niega visa?

—Nos dijo que en realidad existían ciertos problemas con algunas personas que desean emigrar y que poseen secretos de estado o que habían trabajado en áreas sensitivas; pero yo le respondí, y quiero manifestarlo ahora, que eso puede ser una excusa para negarles visa, porque lo que pudo hacer 8 o 10 años un secreto de estado, los avances tecnológicos determinan que haya dejado ya de ser un secreto. Para serle más gráfico, se puede decir que un ingeniero que trabajó en un proyecto sensitivo hace 10 años y solicitó un permiso de visa para emigrar a Israel, automáticamente perdía su empleo y recién después de 10 años, obtenía su permiso de salida. En ese tiempo, la base tecnológica hace que ese secreto haya dejado de ser tal. Nosotros, vemos con preocupación que eso se convierta en una excusa. El canciller me dijo que estaban tratando de agilitar los trámites para todas aquellas personas que han trabajado precisamente en áreas sensitivas. Le manifestamos que para poder apreciar que el progreso del renacimiento de la cultura hebrea es real, tendríamos que apreciarlo in-situ, siendo entonces que el canciller nos invitó para que una delegación de la colectividad judía visite la URSS



Pedro Sclofsky, presidente del Comite Central Israelita del Uruguay.

para poder ver y comprobar. Nuestra lucha, deseo dejarlo establecido, es —y no nos inmiscuimos en los asuntos internos de la URSS—, para lograr que los judíos que quieren emigrar lo hagan, y los que quieran quedarse puedan ejercer plenamente sus derechos.

—¿Previamente a la visita del canciller soviético, Ud. había mantenido una entrevista con el Embajador de la URSS en nuestro país?

— Sí. En realidad esta vez es la primera en que hemos sido recibidos por el Embajador, teniendo en cuenta que en varias oportunidades intentamos mantener un diálogo con él. En esta entrevista, nos dijo que no podía concertar una audiencia con el canciller, debido a que la agenda que debía cumplir en Uruguay era muy extensa, pero que si queríamos hacerle llegar un memorándum él se lo entregaría al visitante. Nos expresó, también, que existe una nueva apertura, una línea política distinta y que ellos desean solucionar este problema. En este aspecto, nos dijo que el año que viene desean realizar en Moscú una convención sobre Derechos Humanos y que no desearían que el tema de los judíos soviéticos empañara o entorpeciera esa reunión, por lo que aspiran a que el problema se solucione antes.

—¿Cuál es su apreciación personal de estas manifestaciones del Embajador? ¿Cree que existe una efectiva distensión en cuanto a este tema?

— Podría sintetizar mi respuesta, diciéndole que vemos que en la Unión Soviética se ha iniciado un estilo distinto, en el cual se aceptan que existen problemas y que se desea solucionarlos. En realidad esperamos que todo esto no sea una política de distensión ante la posible reunión de Reagan y Gorbachov y de Shevernadze y Shultz, y que sólo se hagan declaraciones. Personalmente soy optimista de que nuestros objetivos sean realizados.

—¿A qué atribuye Ud. la política de la Unión Soviética con relación a los judíos soviéticos? ¿Cuáles serían las causas reales?

— Entiendo que todo esto se inscribe en el problema global de la política soviética. Ha pasado por ejemplo, una etapa antisemita durante Stalin. Disminuyó durante Kruschev. En la de Breznev, fue la última etapa de una situación dentro de la URSS que tendía a producir cambios, y, la venida de Gorbachov significa un cambio fundamental. Esta política tiene su correlación con su situación con el Estado de Israel. En nuestra conversación le expresamos al canciller que la URSS podría cumplir un rol muy positivo en el proceso de paz del Medio Oriente. Para ello debe partirse de dos puntos esenciales: el restablecimiento de relaciones con Israel y permitir la salida de los judíos soviéticos. Shevardnadze me manifestó que la conversación con Shimon Peres en las Naciones Unidas, la presencia de una delegación consular en Jerusalén son pasos que indican que la dirigencia de la URSS desea asumir un rol importante en ese conflicto. Entiendo entonces que todo esto se refiere a una política global y no a una situación específicamente particular como era el caso de Hitler y de la Alemania nazi que tenían una política definida de aniquilamiento del pueblo judío.

Histórico: Moscú nos envía por primera vez un canciller

Uruguay: Entre sus necesidades y su enclave estratégico

¿Qué le puede importar Uruguay a la Unión Soviética, para su estrategia internacional? El canciller soviético, Eduard Shevardnadze, incluyó a Montevideo en su gira por Brasil y Argentina. El gobierno uruguayo consiguió —no sin dificultades—, frenar un planteo parlamentario para que abogara frente al visitante por la situación de los judíos soviéticos. Es que tenía enfrente una "negociación" mucho más difícil, que comenzó a enfrentar. Estos son algunos entretelones de esa "negociación".

El canciller de la Unión Soviética, Eduard Shevardnadze, llegó el martes 6 de octubre a la Cancillería para entrevistarse con su colega, Enrique Iglesias. Eran las 10 de la mañana. Junto a Shevardnadze había concurrido un equipo de colaboradores, en Montevideo y Moscú. Los dos cancilleres iban a abordar un análisis de las relaciones bilaterales, con énfasis —de la parte uruguaya—, en el tema económico.

El día anterior, Iglesias había pedido al ex director de Asuntos Económicos de la Cancillería, Carlos Pérez del Castillo, que lo acompañara para formular los planteos a la delegación soviética. Pérez del Castillo, electo Secretario Permanente del Sistema Económico latinoamericano había llegado a Montevideo para arreglar sus asuntos personales y volver a Caracas. Desde su cargo de número uno del SELA, no estaba bien que apareciera integrando la parte uruguaya, corría riesgo de la posibilidad a algunas críticas, sobre todo, sobre aspectos formales. Pero lo hizo y esto marcó el interés de Iglesias por formular un planteo "sólido" a los soviéticos, en procura de mejorar el aspecto comercial, basado en la confianza que el canciller tiene en las dotes de negociador de Pérez del Castillo.

Las exportaciones uruguayas a la URSS pasaron de un total de 43 millones de dólares en 1985, a 23,6 millones de dólares en 1986. Las importaciones de 41,8 millones de dólares en 1985, a 6,8 millones de dólares en 1986. El comercio global uruguayo-soviético en los dos primeros años de reinstalado el sistema democrático en este país, mostró un marcado retroceso: de los 84,5 millones de dólares de 1985, pasó a los 30,4 millones de dólares de 1986. La caída del año pasado con respecto al intercambio comercial de 1985, fue del 64,02%. En 1985, las exportaciones uruguayas a la URSS no llegaron a representar el 5% del total de las exportaciones anuales y en 1986 bajó a un 2,1%. Durante el régimen militar, las cifras fueron muchísimo más altas. En 1982, año de la peor crisis económico-financiera del régimen militar, las exportaciones uruguayas hacia la URSS fueron de 78,6 millones de dólares, las importaciones de 1,7 millones de dólares, con un intercambio que alcanzó los 80,3 millones de dólares y con un saldo, favorable a Uruguay, de 76,9 millones de dólares. En 1985, con un intercambio de 84,5 millones de dólares, el saldo favorable a Uruguay era de 1,2 millones de dólares. En el primer año de tránsito hacia la democracia, con un diagnóstico unánime de catástrofe económica a la que se veían enfrentados todos los uruguayos. En 1986, el saldo favorable a Uruguay creció a 16,7 millones de dólares, pero los negocios entre ambos países cayeron a 30,4 millones de dólares, el 35,97% del total alcanzado el año anterior.

Esta era la percepción uruguaya y sobre ella realizaría un enérgico planteo a la URSS. Le tocó a Pérez del Castillo volver a plantear el tema comercial como eje de las relaciones con la URSS. Pérez del Castillo hizo una formulación en la que la delegación uruguaya hizo sentir su concepción de que hubo avances muy evidentes en los planos diplomático, cultural y político de sus relaciones con Moscú, pero que esto fue acompañado por un retroceso muy significativo en el plano comercial. Además, se detalló que Uruguay está basando su reactivación económica en un fortalecimiento del sector externo y sin embargo "parece bastante increíble" que con un país como la Unión Soviética, se encuentre con retrocesos y con planteos donde Moscú le exige a Montevideo la reciprocidad uno a uno en el intercambio de varios rubros.

La delegación soviética respondió que estaba atravesando por un período de dificultades en su economía, acompañado de una etapa de reestructura, pero que hay voluntad política de mejorar el perfil económico de las relaciones entre los dos países y que ello se podría lograr.

Sin embargo, fuentes vinculadas a la delegación soviética dijeron a Alternativa que el dete-



01.02

15 de octubre de 1987, página 5

riore de las relaciones comerciales entre los dos países, además de los argumentos esgrimidos durante la reunión en la Cancillería, incluía otro que no fue enunciado expresamente. Para los soviéticos, su economía se planifica para períodos concretos y no puede dejar atados sus resultados, a las vicisitudes del cumplimiento o incumplimiento de sus contrapartes. Citaron algunos ejemplos.

Repasando los rubros de exportación de Uruguay a la URSS en 1985 y 1986, se pueden extraer algunas conclusiones. A pesar de que las exportaciones de hilados de lana peinada pasaron de cero a 37.000 dólares de un año a otro y las de mantas de lana peinada de 674.000 dólares a 748.000 dólares, el rubro limones pasó de 858.000 dólares en 1985, a cero en 1986. Las fuentes, que pidieron no ser identificadas, dijeron que hubo un acuerdo de exportar limones uruguayos a la URSS, en el que participó el canciller Iglesias para concretarlo, pero que un barco enviado por Moscú para llevar el embarque, "estuvo 15 días en puerto y se volvió sin los limones".

"El Día" ponía ese mismo día, martes 6 de octubre, un elemento político a las consideraciones que dentro de Cancillería llevaron tres horas abordar. Después de calificar de "acontecimiento de verdadera importancia" la visita de Sheverdnadze a Uruguay, acotó que "nada tiene que ver en esto, como resulta elemental aclararlo, las concepciones políticas diametralmente opuestas que sustentan la Unión Soviética y Uruguay". Observadores diplomáticos analizaron con sorpresa que desde el editorial principal de un diario codirigido por dos destacadísimas personalidades del gobierno, se formularán precisiones de este tipo, con el visitante en Montevideo. "Salvo que se esté enviando otros mensajes, no sólo a su interlocutor de turno", dijo un analista diplomático, basado en Montevideo.

Lo concreto es que Shevardnadze trajo una invitación de Mijail Gorvachob para que el presidente, Julio Sanguinetti, visite Moscú el año próximo. El gobierno uruguayo reaccionó inmediatamente aceptando la invitación e incluyó su decisión en un comunicado conjunto del canciller soviético y su colega uruguayo, firmado el miércoles 7 de octubre. También se acordó que la comisión mixta uruguayo-soviética, que hace 18 meses que no se reunía, deberá hacerlo ahora entre enero y febrero, para presentar fórmulas concretas que apunten a un incremento del intercambio comercial entre los dos países. Los resultados del trabajo de esa comisión mixta, serían refrendados por Sanguinetti y Gorvachob, en Moscú, en marzo de 1988.

La visita de Shevardnadze, calificada de "política" por analistas de la cancillería uruguaya, tuvo sus resultados concretos. Uruguay espera aumentar el intercambio con la URSS. Pero esto tendrá un "precio" para su concreción, expresado por "El Día", el martes 6 de octubre. Es que la URSS ha demostrado que comienza a valorar el papel de América latina en las relaciones internacionales y que revaloriza el papel estratégico del Atlántico Sur.

Y Uruguay tiene un enclave estratégico en el continente, en la región y frente al Atlántico Sur. Si no, que lo diga su propia historia.

Lirna P. Freire

02.02

8712145

Los escritores rusos, bajo el rumor del cambio

Cansados de ser cínicos

La era Gorbachov parece haber llegado también a la literatura. La ocasión es buena para acercarse a las opiniones de los protagonistas que están viviendo en el escenario del cambio. Sally Laird, especialista en temas soviéticos, se ha paseado por Moscú y Leningrado en busca de los signos de la nueva situación. El lector juzgará con este informe el alcance de los hechos.



La plaza Roja de Moscú.

La política de *glasnost* (transparencia informativa) de Gorbachov ha introducido profundos cambios en el panorama literario soviético. Los escritores han hablado clara y francamente contra la censura, y sus críticas han comenzado a surtir efecto: algunas obras literarias que han estado prohibidas durante décadas se están publicando ahora en periódicos oficiales, regidos estatalmente. (Los más interesantes a este respecto parecen ser el matinal *Moscow News*, que se agota rápidamente y *Ogonyok*, más conocido en Occidente que el anterior).

Por ejemplo, a lo largo de los últimos 18 meses, el escritor emigrado Vladimir Nabokov —antes, despectivamente calificado de esteta reaccionario— ha hecho su debú póstumo en su tierra natal; la versión completa del *Réquiem* de Anna Akhmatova, su lamento por las víctimas de las purgas de Stalin, ha sido publicada; y han aparecido por primera vez algunas obras de su marido, el poeta Nikolai Gumilev (fusilado en 1921 acusado de "contrarrevolucionario").

Resurgimientos

Este resurgimiento de los muertos, aunque bien recibido, ha llevado a algunos críticos —pertenecientes tanto a la *derecha* estalinista como a la *izquierda* vanguardista— a acusar a los editores de una cierta "necrofilia" o "fobia a la vida".

La auotra de este artículo fue a Moscú y a Leningrado para averiguar en qué forma se han visto afectados por el reciente *deshielo* los escritores soviéticos vivos. La frontera entre literatura *oficial y extraoficial* ha ido desplazándose a medida que la *glasnost* ha venido ampliando el campo de los temas permisibles para incluir materias históricas *difíciles* y problemas sociales de la actualidad.

Aunque muchos de los componentes de la vieja guardia de los años de Breznev todavía ejercen un considerable poder en el seno de la burocracia literaria, la nueva era ha dado a liberales tales como los poetas Evgeny Evtushenko y Andrei Voznesensky un lugar en la cima de la Unión de Escritores.

No obstante, numerosos escritores, especialmente de la generación más joven, aún se encuentran el camino cerrado por el *establishment* literario. Los viejos estereotipos —escritores disidentes contra la KGB— pueden necesitar ser modificados, pero la *glasnost* no ha eliminado algunas formas más sutiles de disidencia. Estas investigaciones comenzaron en Leningrado, en una conversación con el poeta *oficial* Aleksander Kushner —miembro de la Unión de Escritores— y con Viktor Krivulin, uno de los principales miembros de la *clandestinidad* literaria de dicha ciudad. Continuaron con un paseo por el famoso café literario de la calle Stretenka y una visita al edificio de la Unión de Escritores, acompañados por el poeta Aleksei Parshchikov y la novelista Tolstaya.

En estos tiempos, uno de los lugares de moda en Moscú es el café Literario, situado en la calle de Stretenka. Abierto a principios de este año, está la mayoría de las noches lleno a rebosar por una multitud que en absoluto desentonaría en la Rive Gauche de París o en el Soho o en Manhattan. Barbudos bohemios talluditos, mujeres hastiadas, jóvenes *punks* de ambos sexos se dan cita aquí para charlar, oír *jazz* y mostrarse unos a otros su poesía y su prosa. Algunos artistas cuyas pinturas se exhiben en las paredes han clavado en éstas con chinchetas notas con sus nombres y números de teléfono. Lo mismo que los avisos de *prohibido fumar*, esas notas son prácticamente invisibles detrás de las nubes de humo.

Algunos detalles

Unos cuantos detalles recuerdan que, después de todo, esto es Moscú. Alrededor del mostrador, donde una malhumorada mujer sirve minúsculas cantidades de helado en copas de aluminio, tiene lugar una *melée*.

El zumo de frutas se ha acabado. E ignorando la *melée*, dando la espalda al tablado donde un poeta declama sus versos con el acompañamiento de una música siniestra (una mezcla de Kurt Weil y John Cage), dos caballeros con trajes grises de tres piezas comen ávidamente una especie de pollo asado, regado con coñá armenio. Ocasionalmente, cuando el poema llega a ser especialmente oscuro, uno de ellos ríe con disimulo amparándose en la servilleta.

"¿Quiénes son ellos?", pregunto al poeta Aleksei Parshchikov, con un codazo.

"¿Quiénes? ¡Oh!, ellos. No se preocupe de ellos, están trabajando".

Aparentemente, la presencia de la KGB en el café Literario se da por supuesta. Lo que no podía darse por supuesto hace tan sólo seis meses era la existencia de un lugar como el café Literario. Lo mismo que la de los nuevos clubes (el Club de la Poesía, el Club de la Vanguardia), a los que se les han otorgado locales y un *status* oficial durante más o menos el pasado año, la existencia del café Literario constituye una muestra de que los escritores y artistas ajenos a las uniones oficiales han conseguido con Gorbachov un espacio algo más respirable. Los poetas vanguardistas de la capital están demasiado ocupados explotando este espacio para permitirse sentirse molestos con la compañía ocasional de la KGB. Lo que les preocupa mucho más es que burócratas de aspecto similar, con sus trajes grises, ocupen todavía muchos de los puestos calve de las juntas directivas de las editoriales y bloqueen de manera efectiva su camino hacia la publicación.

Excepciones

"Existen excepciones, por supuesto", comenta Parshchikov. "Y la situación está cambiando constantemente. ¿Ha visto usted el número de abril de Yunost? (*Yunost o Juventud* es una revista mensual dedicada a la obra de los escritores jóvenes). Han destinado un par de páginas a la poesía para poetas de nuestro círculo: somos conocidos como los meta-metamorfistas, aunque el término no se aplica realmente a todos nosotros. Por supuesto que estamos contentos con este hecho. Pero cuando se considera que muchos de nosotros venimos escribiendo desde hace dos décadas, y somos *buenos*, la publicación de un poema de cada uno no parece mucho, ¿no es cierto? Yo constituyo la excepción en el seno de este círculo. Tengo algunas de mis obras incluidas en una antología y varias poesías mías han sido publicadas en *Literaturnaya Gazeta* (el órgano oficial de La Unión de Escritores). Pero si le enseño a usted algunas de las cartas que he recibido como respuesta, comprenderá la clase de problemas a los que tenemos que enfrentarnos".

"Por lo que se refiere al intento de definir un particular movimiento poético", continúa, "los críticos tienen que andarse con pies de plomo. Les es peligroso utilizar nuevas palabras que acaban en *ismo*, porque son automáticamente considerados como una amenaza para los *ismos* establecidos: el socialismo, el humanismo. Incluso cuando en modo alguno los contradigan".

El hombre oficial

Esta entrevista fue realizada, en su casa, a Aleksander Kushner, poeta oficial y miembro de la Unión de escritores.

¿En qué forma ha afectado la limpieza realizada por Gorbachov al panorama literario ruso?

Gorbachov es un hombre bueno, sincero. Lo creo así. Pero resulta difícil predecir los efectos que su política tendrá sobre la propia literatura. La gente a veces escribe mejor cuando los tiempos son duros. Pienso realmente que los poetas con talento *siempre* pueden arreglárselas para llegar a sus audiencias, sea cual sea la situación política. La gente real se extiende como el humo, apenas necesita el papel. La gente conocía de memoria la poesía de Mandelshtam, o la de Brodsky; todavía la conoce, aun cuando no fue publicada. Pero no estoy diciendo que la publicación carezca de importancia (añade apresuradamente). Sólo quiero decir que la política y la poesía son dos cosas diferentes. Posiblemente mi visión de las cosas es más una visión influida por Leningrado (continúa Kushner). Siempre hemos sido más independientes aquí que en Moscú. No estoy negando que, como toda mi generación, *la de los 50 años*, no me haya visto afectado por los cambios políticos. Crecimos durante la guerra y sus secuelas, y todos nosotros nos vimos profundamente influidos por el deshielo de la época posestalinista y por las revelaciones del XX Congreso del Partido. Así como por las decepciones que les siguieron..., pero es cuestión de cómo se reaccione ante esas cosas. Algunos de nuestra generación optaron por pregonar a gritos sus opiniones políticas, y posiblemente existe el peligro, ahora, de que eso vuelva a suceder. Ahora que todo, o más o menos todo, puede decirse públicamente. Pero la poesía no tiene mucho que ver con el grito.

Los jóvenes y el talento

¿Qué opinión le merecen algunos de los poetas más jóvenes que todavía luchan para conseguir ver publicadas sus propias obras?

Algunos de ellos tienen bastante talento. Hago lo más que puedo, como cualquiera que ahora tiene influencia, para ayudar a aquellos a los que admiro. Estos totalmente a favor de que se publiquen sus obras. Preferiblemente, sobre una base comercial, de manera que la gente pueda encontrarlas si alguien quiere realmente leerlas. Los poetas que se ven obligadas a vivir en la clandestinidad durante demasiados años tienden a encerrarse en sí mismos, *sufren*, y su poesía sufre también. Un genio puede sobrevivir tanto si se le publican como si no se le publican sus obras. Pero no todos los que publican son genios.

024

URSS: el ejército pierde influencia

El aterrizaje del Cessna de Mathias Rust en la Plaza Roja de Moscú no sólo ha revelado graves lagunas en el sistema de defensa aérea soviética, sino que también ha contribuido a agravar la tensión entre la dirección del partido y la del ejército.

Según el comunicado de la agencia Tass del 30 de mayo pasado que refería el aterrizaje del aparato del joven alemán, "el avión no fue interceptado sobre el territorio soviético y aterrizó en el mismo Moscú", sin indicar que el Cessna, en realidad, había aterrizado al lado del Kremlin. El comunicado del 31 de mayo no daba más precisiones sobre el lugar del aterrizaje del aparato.

Una escenografía montada por el KGB (?)

La prensa occidental ha abundado en conjeturas sobre las verdaderas razones del vuelo de Rust, variando las especulaciones desde el acto irreflexivo de un joven en busca de fama hasta la posibilidad de una escenografía meticulosamente elaborada por el KGB. Argumento en favor de esta última tesis: el hecho de que ese largo vuelo desde la frontera finlandesa hasta Moscú no fuera interrumpido por los soviéticos, así como la necesidad para el KGB de disponer de un imperioso argumento para exigir una depuración de las altas esferas militares.

Pese a que la versión oficial afirma que los servicios de vigilancia aérea soviética vieron el Cessna de Rust antes de su llegada al espacio aéreo soviético y que los cazas de interceptación lo rodearon en dos momentos, tampoco es imposible que el pequeño aparato pasara inadvertido volando a baja altura.

Las vacilaciones del mando

Pero si el Cessna no fue obligado a aterrizar, ello fue muy probablemente debido a las vacilaciones del mando de la defensa aérea soviética. El escándalo internacional originado por la destrucción del Boeing coreano derribado por los soviéticos está todavía muy presente en las memorias...

Mientras la destitución del mariscal Alejandro Koldunov, jefe de la defensa aérea, no ha causado sorpresa, la jubilación del Ministro de la Defensa, mariscal Seguei Sokolov, no es, en cambio, forzosamente una consecuencia directa del aterrizaje de Rust en la Plaza Roja. Ya habían circulado antes del incidente rumores acerca de la posible jubilación de este ministro por motivos de edad; no obstante, el incidente contribuyó probablemente a acelerar la sustitución del mariscal Sokolov.

El nombramiento del general del ejército Dimitri Yasov al frente del Ministerio de la Defensa ha sorprendido a algunos observadores occidentales que consideraban a este oficial como una personalidad de segundo orden. Sin embargo, Yasov había ocupado un cargo de adjunto del Ministro de la Defensa y, desde el mes de febrero, reemplazaba al general Iván Chkadov al frente de la División de Mandos (personal) del Ministerio de la Defensa.

Relegación de los jefes militares

El conflicto entre dirigentes del partido y jefes militares apareció claramente en septiembre de 1984, cuando fue destituido el jefe de Estado Mayor, mariscal Nikolai Ogarkov. Desde hace algún tiempo, y más especialmente desde la subida al poder de Gorbachov, se observa en la URSS un intento apenas disimulado de las autoridades políticas de relegar a los jefes militares al segundo plano. Dicho intento se manifestó en una reducción del número de militares en el politburó, y por su apartamiento de todo cuanto toca a la nueva estrategia de política exterior iniciada por Gorbachov. Por otra parte, es significativo que, con ocasión de las ceremonias oficiales, los jefes militares sólo figuran ahora al final de la lista de los invitados de honor, entre los representantes de los sindicatos y de los artistas.

Los tres pilares del poder en la URSS: el partido, la policía secreta y el ejército

En la Unión Soviética, los tres pilares del poder son el partido, la policía secreta y el ejército. En todo tiempo se ha podido observar que los dos primeros ejercían a veces sus funciones en detrimento del tercero. Bajo Stalin, la dirección del partido se granjeó el apoyo de la policía secreta para liquidar a los mandos dirigentes del ejército; Jruschev depuró el KGB y, con la ayuda del mariscal Chukov, eliminó a la oposición en el seno de la dirección del partido.

Actualmente, hay tres generales del KGB (Aliev, Chebrikov y Chevardnadze) en el politburó y ningún representante del ejército. Gorbachov, deseoso de salvaguardar el sistema sin dejar de luchar contra la crisis económica, intenta obtener éxitos políticos en el terreno internacional, al mismo tiempo que disminuye los gastos militares: se constata una vez más la alianza entre la dirección del partido y el KGB. Falta saber si este último se contentará en el futuro con este papel de apoyo.

Georg Bruderer: "Revista de la Prensa Suiza" Nº 21, 12/10/87

TRAQUE 28/10/87

01.01

8712185

URSS
024

LA HABANA DICIEMBRE

Concede entrevista a la "NBC"

Gorbachov en televisión

WASHINGTON. (ANSA, EFE, REUTER y UPI).- El líder soviético, Mijail Gorbachov, ha aceptado someterse a una entrevista solicitada por la cadena norteamericana de televisión NBC antes de su reunión con el Presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan.

La entrevista, de una hora de duración y sin cuestionario previo, será realizada en Moscú por el director-presentador del informativo de la tarde, Tom Brokaw y, aunque será grabada el próximo domingo, día 29, no se emitirá hasta el 30 por la noche.

El cuestionario de la entrevista será, según un portavoz de la cadena, espontáneo, sin ensayo previo, y se ofrecerá, también, por la televisión y radio soviéticas en una fecha aún no determinada.

Las otras dos principales cadenas norteamericanas de televisión también han solicitado entrevistar al líder soviético con motivo de su primera visita a Estados Unidos, país donde celebrará la tercera cumbre con Reagan entre el 7 y el 10 de diciembre.

No obstante, la actitud del líder soviético ante las anteriores propuestas informativas ha sido desigual. Mientras la cadena de televisión CBS anunció la semana pasada que Gorbachov rechazó su solicitud, otra emisora, la ABC, afirmó que no obtuvo respuesta.

URSS

024

MIRADOR INTERNACIONAL

URSS

por Archibald Dax

Gorbachov Pulsando y Pulseando

El relevo del Secretario del Partido Comunista de Moscú, Boris N. Yeltsin –más allá de lo anecdótico del asunto– es sumamente significativo. El caido en desgracia representaba a ultranza la política de Gorbachov y manifestó su sentir en el plenario del Comité Central del Partido. Ninguno de los demás participantes lo apoyó, y el mismísimo Gorbachov, por razones tácticas, tuvo que sumar su voto en contra de su más ferviente adlátere –y, de hecho, contra su propia política– para que la contumeliosa expulsión fuera unánime.

Lo anterior demuestra ante todo que Gorbachov se encontraba en minoría con respecto a los demás integrantes del cuerpo gobernante de la Unión Soviética. En segundo lugar, indica que Gorbachov no estaba bien en claro acerca de la correlación de fuerzas. Solamente así se explica el que haya lanzado a Yeltsin, impetuosamente y solo, cual kamikaze, a defender la perestroika frente a una audiencia que él sabía que podría mostrarse hostil a su planteo pero no estaba seguro hasta qué grado. Su motivo no pudo haber sido otro que pulsar el ambiente, desencadenando una situación que le permitiría computar las reacciones y evaluar la posición de los integrantes del Comité Central referente a su política de "ensayo y error". Gorbachov mandó a Yeltsin, como perro en campo minado, a comprobar qué explosiones se producirían.

La posterior, sorpresiva designación de Yeltsin como Ministro de Construcciones puede interpretarse como:

(a) el procedimiento habitual en la URSS en las últimas décadas de evitar la caida estrepitosa de los altos funcionarios (tanto políticos como militeres), procurando que tal caída se produzca más bien en etapas.

(b) Un síntoma de la tenacidad y vehemencia con la cual los partidarios de la perestroika defienden su posición. No hay que olvidar que la perestroika es un instrumento de la KGB contra la burocracia del Partido y las Fuerzas Armadas en la pugna por el poder.

Una vez constatada la falta de apoyo a sus planes en el seno del Comité Central, Gorbachov se apresta a trasladar mayor énfasis a sus iniciativas en materia de política internacional. Concretamente: una semana después de que personalmente hubo declarado al (entonces) Ministro de Relaciones Exteriores norteamericano, George Shultz que no estaba interesado en reunirse con el Presidente Reagan por el asunto del desarme, revoca esa decisión y comunica que está dispuesto a viajar a Washington el 9 de diciembre. La interpretación que cabe darle a este repentino y drástico cambio de parecer es que Gorbachov desea comprometer al máximo la política internacional de la URSS, para que la mayoría de sus colegas en el Comité Central consideren poco aconsejable e inoportuna una remoción suya prematura, por lo que de "no se debe cambiar de caballo en medio del rio".

Una comparación histórica –aunque, como sabemos, comparatio non est ratio– puede hacerse con la táctica que, en su época, aplicó Krushchov. Cuando fracasó en el sector económico, especialmente la agricultura y ganadería, intensificó su contacto con los Estados Unidos, después de la crisis cubana de los misiles, e incursionó con vehemencia en el campo internacional. Sin embargo, menos de dos años después de la muerte del Presidente Kennedy, ya no existia, a los ojos de sus compañeros en el Comité Central, razón alguna para su permanencia en el poder.

Las opciones de Gorbachov en este momento son muy limitadas. Los únicos que lo podrían salvar son sus colegas de la KGB y... Reagan.

Pero la KGB, si es que de veras tiene suficiente fuerza política, podría optar por otro candidato (tres más de su gremio están en el Politburó) o endurecerse y anular la aparente liberalización introducida por glasnost y perestroika. Esto sería un retroceso, pero estaria en concordancia con la realidad soviética y las preferencias de la burocracia omnipresente. El otro factor del que en la actualidad depende (¿simbólicamente?) Gorbachov en su pulseada por el poder en Moscú es el Presidente norteamericano quien, si se aviene a las exigencias soviéticas, le proporcionaría un éxito que, bien explotado en el campo interno, podría asegurarle al Secretario General su permanencia en el Kremlin, por lo menos durante algún tiempo más.

ARCHIBALD DAX

01.01 8712192

URSS

070

URSS

Fue inevitable desplazamiento de Boris Yeltsin

MOSCU. — Según un importante dirigente del Partido Comunista soviético, un reciente discurso del ex líder del partido en Moscú, Boris Yeltsin de hecho "cerró la puerta detrás suyo" no dejando a la conducción nacional otra alternativa que separarlo de su cargo.

En un artículo publicado ayer en el diario "Sovetskaya Rossiya", Vladimir Zatvornitsky, miembro del comité central del partido, indicó que el desplazamiento de Yeltsin fue causado no por sus críticas en sí sino por la forma cómo las planteó.

"Yeltsin acompañó sus palabras con un gesto que implicó en la práctica cerrar la puerta tras sí. Anunció su renuncia. Ciertamente, eso representó un desafío", explicó Zatvornitsky, en un relato personal del plenario del partido el mes pasado que fue marco de la crisis en torno a Yeltsin.

En esa reunión, Yeltsin, ferviente partidario de que se introduzcan reformas en la Unión Soviética criticó a importantes órganos del partido por interferir los cambios y aseveró que el programa de reformas impulsado por el líder del Kremlin Mijail Gorbachov no ha traído aparejado hasta el momento modificaciones reales.

Han trascendido escasos detalles del discurso de Yeltsin, quien se halla hospitalizado por problemas cardíacos desde su separación de la conducción de la sección moscovita del partido.

Según reveló Zatvornitsky, el discurso de Yeltsin fue relativamente breve y si bien contenía frases acerca de "impacto revolucionario, avances y retrocesos" no ofrecía opiniones concretas ni un programa de cambio.

"Por lo tanto esta posición especial (de Yeltsin) es difícil de definir o imaginar. Se expresó más a través de prosa y fraseología que por hecho e ideas", declaró.

El artículo descarta como "basura malintencionada" las versiones en el sentido de que Yeltsin fue perseguido. Por el contrario, sus colegas del partido hicieron todo lo que pudieron por persuadirlo a reflexionar y se refirieron cálidamente a sus realizaciones y cualidades.

"Yo mismo hablé de mi respeto personal por él y de mi desagrado por su gesto", indicó Zatvornitsky, añadiendo que el propio Gorbachov trató de convencer a Yeltsin de que "buscara fuerzas para renunciar a sus ambiciones y seguir en su cargo".

Yeltsin había sido considerado como un protegido personal de Gorbachov, quien lo trasladó a Moscú desde la ciudad de Sverdlovsk, en los Urales, en abril de 1985, transcurrido tan sólo un mes desde que asumiera la conducción del Kremlin.

Al encarar cuestiones como la escasez de alimentos y la ineficiencia burocrática, Yeltsin prontamente se granjeó fama de radical, fustigando a su predecesor Viktor Grishin por permitir el auge de la mala administración y la corrupción.

Zatvornitsky señaló que las críticas son una parte esencial de las discusiones partidarias. "Ningún campo debe quedar exceptuado de las críticas, ningún camarada debe quedar inmune a ellas", destacó, agregando que el propio Yeltsin no se caracterizó por la autocrítica.

Pero indicó que dirigentes del partido en Moscú que denunciaron enérgicamente a Yeltsin en la reunión que culminó con su desplazamiento "no parecieron estar muy bien".

Recientes artículos de prensa han acusado a esos dirigentes de hipocresía

EL DIA 25/11/87

URSS realiza grandes compras de rubros agrícolas en EE.UU.

WASHINGTON. — Impulsado por objetivos de política interna e internacional, Moscú se ha embarcado en una serie de compras de productos agrícolas estadounidenses.

En poco más de dos semanas, la Unión Soviética adquirió a Estados Unidos 1,657 millones de toneladas de trigo, 1,3 millones de toneladas de harina de soja, 800.000 toneladas de soja en grano.

Las compras de harina de soja son las primeras efectuadas a Estados Unidos desde antes del embargo de 1980, sobre las ventas de granos a Unión Soviética, y las ventas de trigo de primavera son las primeras en diez años.

La fiebre de compras ha sido motivada por un esfuerzo por mejorar las relaciones entre Washington y Moscú como prólogo a la reunión cumbre del mes próximo entre las superpotencias y por la decisión del Kremlin de mejorar la alimentación de los ciudadanos soviéticos mediante una mayor producción de carne vacuna, según estiman analistas estadounidenses.

"Esto está cierta y lógicamente vinculado con la conferencia cumbre", estimó John Hardt, destacado especialista en economía soviética del Servicio de Investigaciones del Congreso. "La oportunidad de estas compras es algo más que simple coincidencia", agregó.

Otros analistas señalaron que la Unión Soviética ha comprado subproductos de soja, importantes fuentes de proteínas para alimentación del ganado, a fin de incrementar la oferta de carne y mantener a los consumidores bien alimentados cuando se avecinan casi seguramente aumentos de precios de algunos rubros, como consecuencia de la reducción de los subsidios pagados por el gobierno al agro.

"Moscú quiere asegurarse que los consumidores no tengan que hacer largas filas para comprar alimentos al tiempo que los precios de éstos suben", indicó Gale Johnson, profesor de economía y destacado erudito en temas soviéticos de la Universidad de Chicago.

El hecho de que las compras puedan ser concretadas poco antes de la reunión cumbre de Washington vino por añadidura, dijo Johnson.

"Si se van a hacer estas operaciones de todas maneras, es mejor que se hagan antes de la cumbre que después", agregó.

"Esto forma parte de su reforma económica. Si los soviéticos quieren que el pueblo trabaje más, tendrán que darle algo como aliciente", señaló.

01.01

8712194

Buenos Aires, viernes 16 de octubre de 1987 ★ CLARIN

PODRIAN SER 400 LOS PRESOS BENEFICIADOS

Proyectan suavizar la legislación sobre disidentes en la URSS

Aunque los líderes disidentes afirman que en la Unión Soviética hay unos cuatrocientos detenidos políticos, un alto dirigente del PCUS estimó ayer que solo existen unos cuarenta casos, al informar que el Kremlin analiza la posibilidad de introducir reformas en el código penal que flexibilicen la legislación sobre disidentes. La agencia oficial TASS informó sobre una manifestación de ciudadanos soviéticos a los que no se les permite salir del país y dijo que la mayoría eran de origen judío.

MUSCU, 15 (AFP). —La Unión Soviética se prepara a revisar las disposiciones de su código penal, ampliamente utilizadas en los últimos años para procesar, encarcelar o confinar a los disidentes, confirmó hoy un alto responsable del Kremlin.

Vadim Zagladin, primer jefe adjunto del Departamento Internacional del Comité Central del Partido Comunista de la Unión Soviética, precisó, en ocasión de un debate televisado en directo entre Moscú y Washington sobre los derechos humanos, que el artículo 70 del código penal ruso que reprime "la agitación y la propaganda antisoviética" podria ser cambiado y limitado al delito "de incitación al derrocamiento del Estado".

Las otras repúblicas de la Unión Soviética poseen el mismo arsenal jurídico.

Un "intenso debate" se lleva a cabo también alrededor del artículo 190-1 contra "las calumnias contra la Unión Soviética", disposición que "según algunos", podría ser pura y simplemente suprimida en un futuro próximo, según declaró Zagladin.

Este alto responsable indicó que 20 presos políticos condenados según el artículo 70 estaban aún detenidos en la Unión Soviética y una cifra similar por el artículo 190-1.

Unos 150 presos de conciencia fueron dejados en libertad desde febrero pasado, pero según el académico y Premio Nobel de la Paz Andrei Sajarov, 400 presos políticos se encuentran aún detenidos.

Esta es la primera vez que ha sido evocada oficialmente en Moscú una eventual modificación del artículo 70. Hasta ahora, el debate se había limitado a una posible supresión del artículo 190-1.

Durante el debate televisado soviético-norteamericano, Zagladin propuso también "que una o dos veces por año" los parlamentos de ambos países (el Congreso y el Soviet Supremo) intercambien un informe público sobre la situación existente en ese terreno en la Unión Soviética y en Estados Unidos.

Este "telepuente", el segundo de una serie de tres realizado por ABC News y la televisión soviética, dio lugar a algunas vivas discusiones y al anuncio de informaciones inéditas para los soviéticos, poco acostumbrados a escuchar evocar la suerte de los disidentes.

Una de las grandes novedades fue también la difusión en la Unión Soviética de cortes publicitarios norteamericanos durante las dos horas de debate, que vistos desde Moscú parecen venir de otro mundo.

"Un precipicio entre el pasado y el futuro"

Del lado norteamericano, el senador Daniel Moynihan (demócrata) fue más incisivo y dijo que deseaba ayudar a los soviéticos a "arrancarse de la dictadura de hierro del Kremlin".

"La Unión Soviética ha sido un infierno desde hace un siglo para los derechos humanos", lanzó Moynihan a los interlocutores soviéticos, quienes reaccionaron con serenidad, poniendo por delante los cambios realizados en la Unión Soviética.

"La perestroika (reestructuración) y la glasnost (transparencia) no son solo palabras. La perestroika es como un precipicio entre el pasado y el futuro", dijeron.

A sus interlocutores que evocaban los "miles" de soviéticos que no pueden emigrar, Zegaldin afirmó que actualmente están en instancia 800 pedidos de partida definitiva de la Unión Soviética, de los cuales 549 judíos, y recordó que desde el comienzo de este año más de 19.000 soviéticos recibieron la autorización para emigrar y unos 2.000 casos más estaban en estudio.

Zagladin trató de minimizar el número de casos de refuzniks o de disidentes a los que se impide salir de la Unión Soviética (ocho nuevos casos este año, según él), bajo el pretexto de que conocen secretos de Estado.

El debate, más correcto en sus maneras que el de la primera experiencia el mes pasado, osciló entre la evocación de casos individuales —grandes primeros planos de una norteamericana que lloraba porque desde hace años no podía comunicarse por teléfono con su esposo soviético—, los argumentos y acusaciones tradicionales de violación de los derechos humanos —Estados Unidos tiene a 10.000 presos políticos según Moscú— y declaraciones más políticas.

Zagladin lamentó así que el equilibrio entre el partido y el gobierno, "desgraciadamente" no haya sido "siempre respetado en la Unión Soviética" y evocando la "represión" en la época de Stalin afirmó: "Jamás la olvidaremos ni la perdonaremos".

01.01

871219 8

Montevideo, jueves 26 de noviembre de 1987

URSS varía comercio exterior

NUEVA DELHI. — La reestructuración económica lanzada en la Unión Soviética por el líder Mijail Gorbachov también se aplicará al comercio exterior, declaró ayer el primer ministro soviético Nikolai Ryzhnov.

En conferencia de prensa al final de una visita de seis días a India, el funcionario dijo que Moscú está explorando nuevos campos de cooperación, sin desmedro de los principios socialistas. "Además del comercio tradicional estaríamos interesados en una mayor participación en la división internacional del trabajo", añadió.

Con India, esto revestiría la forma de empresas conjuntas, construcción conjunta de proyectos e investigaciones conjuntas, indicó Ryzhnov. Acciones en esa dirección están ya en marcha con algunos países occidentales, agregó sin especificarlos.

Destacó que se está haciendo todo lo posible por acelerar el desarrollo económico soviético y mejorar el nivel de vida de su población

01.01

8712199

URSS

076

Montevideo, lunes 30 de noviembre de 1987

Delegación judía irá a la URSS durante 1988

El presidente del Comité Central Israelita del Uruguay, Pedro S. Sclofsky, anunció a EL DIA que ya se oficializó la invitación para que una delegación de la colectividad judía visite la Unión Soviética, y que se planificará para principios del verano europeo, o sea a mediados de 1988.

Cuando el canciller soviético Eduard Shevardnadze estuvo en Montevideo, un numeroso grupo de judíos uruguayos manifestaron frente a la Embajada de la Unión Soviética reclamando que dejen salir a los judíos soviéticos. Entonces el titular de la diplomacia soviética se aproximó a los manifestantes y en plena vía pública dialogó con algunos de los dirigentes, invitándolos a visitar su país.

El jueves 12, Sclofsky, acompañado por el vicepresidente del Comité Central Israelita, Cr. Bension, y de Leopoldo Goldenberg, se entrevistó con el embajador Igor Laptev. "Nosotros quisimos que quedara oficializada la invitación que nos fue cursada por parte del canciller Shevardnadze para visitar la Unión Soviética cuando nos encontramos y dialogamos en la vía pública, en un gesto sin precedentes", dijo Sclofsky en diálogo con EL DIA.

"Quisimos que quedara confirmada la invitación por cuanto tuvo un cariz excepcional; una vez que tuvimos esa confirmación, nos avenimos a planificar el viaje", expresó.

Subrayó que esa visita fue condicionada a que se les permita ver a todas aquellas personas que deseen entrevistar, "con absoluta libertad", ya que "no es nuestra intención ir como turistas", sino visitar varias ciudades, hablar con las organizaciones judías, "si es que existen", y con personas que han manifestado tener problemas para salir del país, conocer "la situación de los que sin querer irse, desean vivir de acuerdo a su fe judía".

Planificar la agenda

Sclofsky informó que "nos invitaron para ir en cualquier momento y planificaremos una agenda a presentar como en todos los viajes".

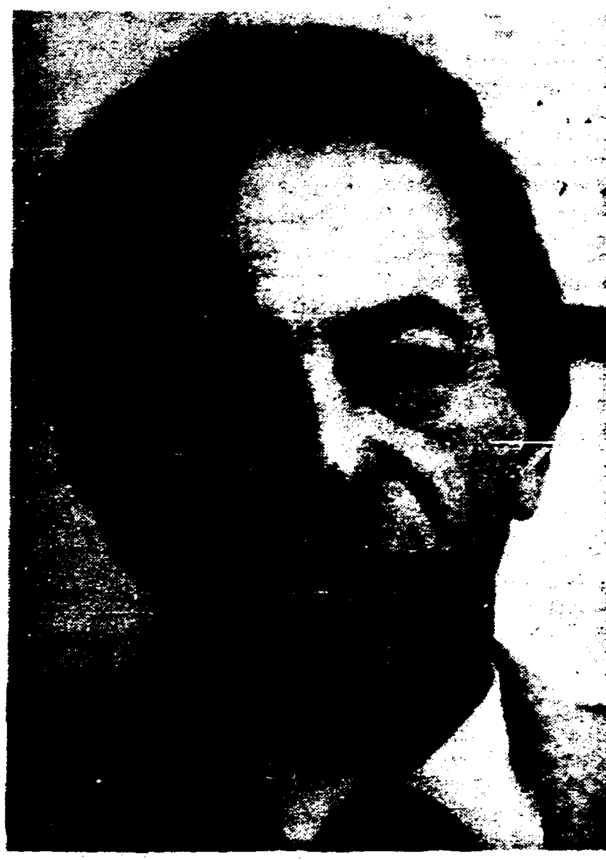
"No estamos limitados por el tiempo, más que el que nos lleve la preparación del viaje, que queremos que sea útil", destacó, explicando que la visita tendrá un programa de varios puntos, ya que "no tenemos la cantidad exacta de judíos que viven en la Unión Soviética, algunos hablan de dos millones y medio pero en general en el mundo judío se habla de tres millones".

"La demanda del pueblo judío todo es que aquellos que quieran encontrarse con sus familiares en Israel no sean perseguidos, encarcelados, deportados por el hecho de solicitar su visa, y que no se les condene por lo que debe ser un trámite administrativo sin ninguna repercusión", enfatizó el entrevistado.

"Deseamos que los judíos que quieran permanecer en la Unión Soviética puedan profesar su religión libremente, manifestar su cultura con libros y textos de religión, historia, las posibilidades de expresar su identidad" dijo, subrayando que "exigimos que el sionismo sea considerado como tal y no vilipendiado por las autoridades soviéticas".

Desafío a cumplir

Reconoció Sclofsky que de emigrar un contingente masivo de judíos soviéticos "esto será un gran sacrificio para los israelíes, ya que habrá demanda y contraoferta de trabajo, pero esto es un desafío que se a va a cumplir".



Pedro S. Sclofsky

Puntualizó que "tanto Israel como la colectividad judía del mundo están totalmente comprometidos y es su sentir y su obligación moral recibirlos".

Recordó que desde hace muchos años existe un comité uruguayo pro judíos soviéticos, y dijo que la colectividad se siente honrada por las personalidades que en ella actúan y actuaron a través de los años, mencionando especialmente al vicepresidente Enrique Tarigo, el Dr. Reyes Abadie, Humberto Ciganda, Claudio Williman, Raúl Ferreira y Ope Pasquet, por nombrar a unos pocos de una lista que encabeza el Dr. Gamio.

"Quiero decir que a nuestro regreso del viaje seremos totalmente imparciales, objetivos de lo que veamos, tanto en lo positivo como en lo negativo, y tenemos grandes esperanzas de que nuestro viaje sea positivo para la minoría judía de la Unión Soviética", concluyó.

Evaluación de dos expertos

Las relaciones soviético-israelíes

No debe exagerarse la importancia de las amenazas soviéticas en relación a las anunciadas pruebas de los misiles Jericó II; ellas son menos significativas que el genuino y gradual mejoramiento de las relaciones entre la URSS e Israel. Ese es el punto de vista tanto del Prof. Amnon Sela, del Departamento de Relaciones Internacionales y Estudios Rusos de la Universidad Hebrea de Jerusalén como de la Prof. Galia Golán, que dirige el departamento de Ciencias Políticas de dicha Universidad.

La advertencia soviética llegó después de que una revista militar alemana informara que Israel había probado con éxito un misil a una distancia de 820 kilómetros, pero cuyo alcance máximo podría llegar a 1.450 kilómetros, colocando los estratégicos campos petroleros soviéticos al alcance de Israel. El informe dijo que el misil podría ser portador de una cabeza nuclear.

La advertencia fue formulada al nivel más bajo posible, explica la profesora Golán. Fue transmitido por la radio de Moscú en idioma hebreo, es decir estuvo destinada al consumo interno israelí. Hay grados [illegible]tados de reacción soviética, y [illegible] fue el menos significativo.

No fue un anuncio de la TASS (Agencia Noticiosa Soviética) ni una declaración oficial, ni un pronunciamiento del liderazgo. Israel exageró el alcance de su respuesta con declaraciones del Primer Ministro Shamir, el Ministro de Relaciones Exteriores Peres y otros.

No es momento de sacar pecho

Por su parte, el profesor A. Sela es particularmente crítico con la reacción del Primer Ministro y la declaración del Ministro sin cartera Moshe Arens. "Este no es un momento para sacar pecho y hacer alardes con nuestra tecnología", señala, "cuando la atención mundial se centra en las perspectivas de reducir los misiles y otras armas".

Destaca además que las noticias sobre el misil israelí llegaron precisamente cuando los soviéticos se negaron a proporcionar a Siria misiles de mediano alcance. "Deberíamos preguntarnos si necesitamos un misil con un alcance de 1.450 kilómetros" a lo cual agrega que "Israel siempre ha dicho que no sería el primero en introducir armas nucleares en el Medio Oriente y los misiles de alcance intermedio sólo son realmente operativos con cabezas nucleares".

"Ellos debían reaccionar debido al momento político de discusiones sobre control de armamentos" dice la profesora G. Golán "Pero las advertencias son de mucho menor importancia que la mejora de relaciones indicada por la llegada de una delegación consular soviética a Israel". La catedrática ha sostenido durante algún tiempo que los rusos realmente desean mejorar las relaciones con Israel. Aparte de las muy publicitadas entrevistas entre Peres y funcionarios soviéticos, incluyendo al canciller Eduard Shevarnatze, los soviéticos permitieron visitas de dos grupos artísticos: el ballet folklórico georgiano y el conjunto gitano, por primera vez después de 20 años de ruptura de relaciones.

Un comentarista destacado del diario gubernamental "Izvestia" integró la última delegación soviética que visitó Israel, y su informe sobre Israel, publicado a su regreso, fue mucho más objetivo de lo usual.

La profesora G. Golán considera que la visita consular señala un punto destacado en el proceso del mejoramiento de las relaciones. "Ellos no necesitaban ocho personas en una visita de tres meses tan solo para ocuparse de visas y de propiedades" comenta.

Mucho depende de lo que suceda el año próximo con la delegación consular, sugiere por su parte A. Sela. Si la delegación se queda, y las cosas se mueven en la dirección deseada, las mejoras se irán haciendo más sensibles.

URSS, poner la casa en orden

Todos los últimos cambios en la política soviética deben ser vistos a la luz del genuino intento del líder del Partido Mijail Gorbachov de reestructurar la sociedad soviética. Ambos especialistas están convencidos de que los movimientos de Gorbachov son mucho más que un cambio de fachada. A su juicio, la Unión Soviética está empeñada en una reducción de las tensiones internacionales para poder poner su casa en orden. ¿Significa esto que los soviéticos son sinceros en lo que respecta a una conferencia internacional de Paz sobre el Medio Oriente y han renunciado a sacar provecho del fomento de la inestabilidad en la zona?

El profesor Sela tiene dudas sobre si en el pasado la Unión Soviética realmente deseaba la inestabilidad. En sus propias condiciones los rusos siempre reclamaban moderación. Hoy, él opina "no tienen socios para la inestabilidad en el Medio Oriente". Irán está muy ocupado con la Guerra del Golfo. Libia ha sufrido reveses en el Chad y recibió una dura lección con los bombardeos norteamericanos el año pasado. Llevará algún tiempo hasta que trate de generar nuevas tensiones.

Siria ahora desea estabilidad. Su economía está en una situación desastrosa y no puede ir a la guerra contra Israel sin una base económica. Los soviéticos quisieran ver a los Estados Unidos complicados en la contienda electoral antes de tomar iniciativas sobre la disputa árabe-israelí.

Por su parte, la profesora G. Golán cree que los rusos probablemente apostaron a la carta de la desestabilización en el Medio Oriente hasta 1967; pero la Guerra de los Seis Días y más todavía la Guerra de Yom Kippur de 1973, los convenció de que no era posible mantener al conflicto árabe-israelí "a fuego lento".

Muy fácilmente podía salir de control de manera muy peligrosa; Egipto y Siria fueron a la guerra en 1973 contra los deseos soviéticos, y las superpotencias se vieron arrastradas en el conflicto. Desde entonces han estado a favor de un arreglo.

Búsqueda de negociaciones

Los rusos quieren una conferencia internacional pero no tienen apuro. "Ellos sin duda no quieren estropear el evento" dice G. Golán "No tienen interés en una conferencia fracasada".

"No tiene sentido colocar a los soviéticos en el rol del 'villano' de la pieza" dice por su parte A. Sela. "Es cierto, ellos apoyan a la OLP y a Siria, pero no son los únicos". Declara que no tiene paciencia con aquellos que se oponen a una conferencia internacional con el argumento de que "ayudaría a los soviéticos a regresar a Medio Oriente". Los rusos no necesitan la ayuda israelí; ellos están muy firmemente instalados en la región.

Señala además que en ciertos aspectos esenciales, las políticas norteamericana y soviética sobre el Medio Oriente están más cerca entre sí de lo que ambas están en relación a Israel. Moscú quiere que Israel se retire a las fronteras del 4 de junio de 1967; Washington habla sobre "rectificaciones fronterizas menores". Ambos países reconocen a Israel en sus fronteras previas a la guerra de los Seis Días; ninguno de ellos reconoce a Jerusalén como la capital de Israel.

La profesora Golán duda que la Unión Soviética permita que una conferencia internacional fracase por la cuestión de la representación de la OLP. El apoyo soviético a la OLP es táctico y no ideológico. Los rusos probablemente aceptarían el concepto de una representación palestina en el marco de una delegación conjunta con Jordania.

En lo referente a Siria "los soviéticos piensan que pueden llevar a los sirios a la mesa de negociaciones; pero, si se equivocaran, podrían aceptar una fórmula por la cual los sirios se incorporarían en una etapa más avanzada de las negociaciones".

La emigración judía

Shamir ha endurecido su actitud hacia la Unión Soviética. Hace un año dijo que su rechazo a la conferencia internacional no se debía a la presencia de los soviéticos, sino a la conferencia como tal. Ahora él dice que es contrario a la participación soviética. La profesora Golán piensa que ese cambio se debe a que el Primer Ministro cree que de esa manera logrará el apoyo de los Estados Unidos para su posición.

Peres, paradójicamente estaba menos interesado que Shamir en mejorar las relaciones con los soviéticos. Fue la insistencia del rey Hussein en la participación de Moscú en las conversaciones de paz lo que lo convenció de que era vital mejorar las relaciones con los rusos.

La conexión entre conversaciones de paz y el judaísmo soviético fue establecida por Israel y "parcialmente aceptada" por la Unión Soviética, notando que fue este país quien estableció dos condiciones para la participación soviética en el proceso de paz: relaciones diplomáticas y la autorización a la emigración de los judíos soviéticos.

Previamente, los soviéticos habían considerado el tema del judaísmo soviético como una cuestión a discutir con los Estados Unidos. "Se puede hacer una gráfica sobre el paralelismo de la emigración judía y la distensión" señala sobre este tema Golán. "Cuando la distensión tuvo éxito, hubo emigración masiva; cuando se detuvo, también se detuvo la emigración".

"Es un dilema trágico para Israel" sugiere por su parte A. Sela. "Debemos subrayar nuestra preocupación por el judaísmo soviético; es nuestra *raison d'être*. Pero al actuar de este modo creamos una situación en la cual los judíos soviéticos se convierten en una mercadería negociable. Los rusos dicen que están resolviendo el problema judío, pero, si este es tan importante para nosotros, están dispuestos a llegar a un arreglo".

La situación no llega a los extremos de Rumania, que vende judíos por dinero; pero los soviéticos están dispuestos a "vender" judíos a cambio de tecnología y crédito comercial favorable.

Los soviéticos consideran que no se les dio la retribución que querían. Dejaron salir a los judíos pero no obtuvieron la tecnología y los créditos prometidos por los norteamericanos.

Como consecuencia de esto, cuando Yuri Andropov llegó al poder, él no solo cerró las puertas a la emigración, sino que además introdujo severas medidas discriminatorias contra los judíos en la Unión Soviética, en lo que atañe a ingresos a la universidad, oportunidades de empleos, etc. Estas medidas fueron abolidas por Gorbachov, quien sin duda tratará de mejorar la vida de los judíos que decidan permanecer en la Unión Soviética.

"Pero no es el antisemitismo oficial lo que hace que la Unión Soviética sea un mal lugar para los judíos" destaca Golán "hay suficiente antisemitismo de tipo extraoficial. No creo que la Unión Soviética pueda ser nunca un buen lugar para los judíos".

Daniel Gavron
(Traducido de "The Jerusalem Post")

La prensa soviética y la glasnost

Por John Hughes

(The Christian Science Monitor).- Durante la reciente visita a Washington del ministro de Relaciones Exteriores, Eduard Shevardnadze, los periodistas soviéticos actuaron tan afanosa y eficazmente como un grupo de reporteros norteamericanos.

El aparato de propaganda soviético se ha vuelto más ingenioso y más sofisticado. El cortés vocero soviético, Gennady Gerasimov, ha estado en la ciudad. Actualmente los soviéticos no sólo responden a, sino que toman la iniciativa de, las revelaciones periodísticas. Se han dedicado a filtrar noticias. Recientemente gastaron 350.000 dólares en insertar un aviso en el Wall Street Journal solicitando cooperación y ofreciendo oportunidades a los inversores norteamericanos en la Unión Soviética.

Todo esto ocurre al amparo de la glasnost, la nueva política de apertura, que tiene un significado trascendente para la prensa soviética.

Pero en la Unión Soviética glasnost apenas significa apertura para los periodistas en el sentido que se le da en Occidente a esa palabra.

Por ejemplo, un periodista norteamericano que acaba de terminar un programa de intercambio de tres meses en Moscú nos cuenta hasta qué punto les está restringido el uso de la fotocopiadora. Los periodistas que quieren reproducir un artículo tienen que conseguir permiso de un supervisor y presentar el material que quieren fotocopiar antes de que se les otorgue la aprobación.

Las redacciones de los diarios norteamericanos, donde no se puede prescindir de la fotocopiadora, quedarían paralizadas si se les impusieran tales restricciones. Pero en la URSS esto forma parte del sistema total, cuya finalidad es entorpecer y obstaculizar el flujo de la información.

Glasnost restringida

Asimismo no hay computadoras en las redacciones soviéticas, ya que pueden hacer accesible un peligroso flujo de información que los regímenes soviéticos tradicionalmente han temido y tratado de reprimir.

Por razones similares, el sistema telefónico soviético ha sido estrictamente controlado. La URSS tiene la más baja distribución de teléfonos per cápita en el mundo industrializado: 10 cada 100 ciudadanos.

Con la glasnost habrá cambios en la URSS. El sistema telefónico será duplicado en la década del 90. El dirigente soviético Mikhail Gorbachov reconoce que tendrá que haber una expansión de la limitada red de computadoras de su país. Pero los expertos advierten que la evolución de dicho sistema será más lenta que en Occidente. Y sería un error, dicen, subestimar la habilidad del gobierno soviético para mantener un control eficaz sobre los nuevos canales de información.

El hecho es que la distensión que se lleva a cabo en la prensa soviética tiene por finalidad alcanzar los propios objetivos de Gorbachov. Se alienta a la prensa para que ataque a los burócratas que Gorbachov quiere que sean atacados y para investigar ciertos asuntos que quiere que sean investigados. Cuando la prensa cumple con la voluntad de Gorbachov hay apertura. En caso contrario hay temas que deben ser evitados y cuerdas tensas por las que hay que caminar cuidadosamente.

Los periodistas soviéticos se mantendrán cautelosos, porque no saben exactamente cómo han sido fijadas las pautas. No saben si Gorbachov -y su política de la glasnost- subsistirá. Boris Yeltsin, un protegido de Gorbachov, más o menos equivalente a un alcalde de Moscú, fue severamente atacado por funcionarios del partido el mes pasado, y eso podría haber sido un ataque velado a Gorbachov. Ultimamente el jefe de la KGB, Viktor Chebrikov, mostró cierta frialdad hacia algunas reformas de Gorbachov.

Todo esto ha introducido bastantes contradicciones en la glasnost periodística soviética. Por una parte, muchos periodistas se sienten con una libertad considerablemente mayor para abordar algunos temas que antes eran tabú. Pero por la otra, si bien la glasnost supuestamente proyecta una imagen de objetividad periodística, gran parte de la retórica antinorteamericana en la prensa soviética se ha intensificado de manera considerable.

Estas anomalías contribuyen a que siga resultando confusa la política de la glasnost periodística, que significa diferentes cosas para diferentes personas.

(Traducción de Eduardo Paz Leston)

La Nación. 20/11/87

70 años de fracasos

"...necesitamos evaluaciones veraces de este y de todos los demás períodos de nuestra historia, sobre todo hoy cuando se ha desplegado la perestroika (renovación), las necesitamos no para ajustar cuentas políticas o, como suele decirse, para desahogar el alma, sino para rendir tributo a todo lo heroico que hubo en el pasado, para extraer enseñanzas de las equivocaciones y de los yerros".

A partir de este párrafo de Mijail Gorbachov, pronunciado a propósito de los 70 años de la Revolución de Octubre, así como de otros de no menos trascendencia, es posible establecer una línea de razonamiento que descubra, siguiendo al líder soviético, las carencias inocultables del régimen comunista.

Naturalmente, damos por descontadas las iras que en los dogmáticos despertará el artículo. No obstante, es necesario señalar desde el principio que a los comunistas criollos les corresponderán las generales de la ley sobre muchas de las críticas de Gorbachov, puesto que en nuestro país, más que ayudar a los fines de la perestroika, han preferido repetir las fórmulas que a su turno se aplicaban en la URSS. Tal vez por eso su silencio sería aconsejable.

"Lo digo sin ambages: se cometieron verdaderos crímenes de abuso del poder. Se vieron victimas de represiones masivas muchos miles de militantes del partido y personas sin partido... Es inmensa e imperdonable la culpa de Stalin y los hombres de su entorno ante el partido y el pueblo por la represión y las arbitrariedades que se cometieron".

Eso, con respecto a la época stalinista, en cuanto a los años 60, las cosas no eran mucho mejores: según el secretario general del PCUS, "escaseaban" los nuevos cambios y la voluntad política de llevarlos a cabo, lo que no cambió mucho durante la gestión de Brezhnev donde "aparecieron muchos fenómenos anómalos... que deformaban los principios de la justicia socialista".

Ahora bien, a pesar de sus dichos anteriores, Gorbachov destaca que en "setenta años nuestro pueblo ha vivido y trabajado bajo la dirección del partido... en aras de una vida mejor y justa".

Y en este estado una conclusión lógica: todos los males denunciados por Gorbachov seguramente no han de deberse a una lucidez desmesurada en descubrirlos (que la puede tener), sino a la simple observación de los hechos. Y si esto es así, ¿no parece lógico pensar que el pueblo soviético "ha vivido y trabajado bajo la dirección del partido" porque no tuvo libertad para otra opción?

Plantear la pregunta es contestarla. Y mucho más si atendemos a otra de las frases del alto dirigente soviético: "al reestructurar nuestro sistema económico y político, tenemos el deber de... enseñar, en la práctica a vivir en una democracia que se amplía, desarrollar y consolidar *los derechos humanos* (el subrayado es nuestro), fomentar la cultura política moderna de las masas". Dicho con otros términos, enseñar y aprender democracia.

Y como sólo se puede "desarrollar y consolidar" aquello que no se tiene, la contestación es terminante.

No quedaría todo dicho, sin duda, si no atendiéramos a que todas las aseveraciones de Gorbachov se han pronunciado en el mismo régimen que prohijó las actuaciones que hoy se critican, a pesar de que, según el secretario general, se ha "comenzado a perfeccionar el sistema electoral".

Entonces, parece lógico concluir en qué nada cambiará si no cambia el régimen mismo, que es el que hace impensable cualquier reforma si ésta no viene de "arriba".

Además, por más perestroika que se pretenda, si no se llega a la democracia, todo esfuerzo será una golondrina que no hizo verano.

Al cabo, en regímenes totalitarios, nadie está a salvo de un Latorre... ni de un Stalin.

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Pide retirada de tropas Soviéticas de Afganistán

PROCEDENCIA : La Mañana 30/11/87

ARCHIVADO EN: Afganistán (029)

01/01

8712327

AR

Clasif.: DESARME

026

Gorbachov da el visto bueno

Desarme convencional

TUTZING (RFA), (ANSA, EFE, REUTER y UPI).- Mijail Gorbachov, secretario general del Partido Comunista de la URSS, ha dado el visto bueno a una propuesta de desarme convencional elaborada por expertos de cuatro países de la Alianza Atlántica (RFA, EE.UU, Gran Bretaña y Dinamarca) reunidos bajo los auspicios del Instituto alemán federal Max-Planck.

El anuncio fue realizado ayer por Albrecht von Muller, Director del proyecto de investigación sobre política de seguridad del Instituto Max-Planck, con sede en Tutzing, quien reveló la existencia de una carta en la que Gorbachov felicita al grupo de expertos occidentales por la elaboración de la propuesta.

El máximo dirigente soviético les escribió diciendo que los países del Pacto de Varsovia aspiran a una situación en la que haya desaparecido la capacidad de ofensiva e invasión de los ejércitos de los dos bloques en el viejo continente.

La iniciativa de desarme, destacó Muller durante el congreso celebrado este fin de semana en la Academia Evangélica de Tutzing bajo el lema Ejércitos sin Armas Ofensivas, prevé una amplia reducción de los arsenales convencionales en el Este y el Oeste europeo.

PROPUESTA

El proyecto establece una limitación de las armas ofensivas de ambos bloques que quedaría fijada en un máximo 10.000 carros y 2.000 aviones de combate, así como misiles con un alcance no superior a los 50 kilómetros por bando entre los Urales y el océano Atlántico.

La propuesta elaborada por Muller y un grupo de expertos de Estados Unidos, Gran Bretaña y Dinamarca, destaca que los ejércitos del Pacto de Varsovia y la Alianza Atlántica podrían tener tantas armas defensivas, como por ejemplo misiles anticarro, como se desee.

01.01

8712334

13

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: Los Años de "Forbes-Show"

PROCEDENCIA: CAMBIO 16 16/3/87

ARCHIVADO EN: DESARME (022)

01.01 8712345

024

La URSS busca atraer inversiones extranjeras

Moscú (UPI) — Las autoridades soviéticas han disminuido las restricciones para la repatriación de las ganancias de compañías extranjeras, pero diplomáticos occidentales dudaron ayer de que la medida sea suficiente para superar la falta de inversión extranjera en el país.

Algunos cambios fueron introducidos a la ley desde que entró en vigor en enero, y las últimas enmiendas se aplicaron al problema central de sacar las ganancias de inversiones riesgosas fuera de la Unión Soviética.

De acuerdo a cambios en las medidas dictados en octubre, las posibilidades para que los inversionistas extranjeros —en inversiones de riesgo con socios soviéticos— repatríen las utilidades logradas, se han incrementado significativamente.

En la propuesta original sólo una parte de las divisas extranjeras obtenidas por la exportación de productos manufacturados en ese tipo de inversiones podía ser sacada del país.

Bajo las nuevas reglas, en vez de ganar rublos que no pueden exportarse, un socio occidental puede adquirir materias primas o bienes terminados soviéticos, venderlos en el exterior y repatriar algunos de sus ingresos internos.

Un experto europeo dijo que el proceso para negociar una inversión se ha convertido en "algo más flexible y no involucra las ideologías del Ministerio de Comercio Exterior".

La Unión Soviética optó por las inversiones de riesgo en un esfuerzo para obtener tecnología occidental sin gastar su débil reserva de divisas más fuertes. La disminución en los precios del petróleo afectó seriamente a Moscú debido a que 80 por ciento de sus utilidades externas proviene de las exportaciones de energía.

A. FINANCIERO 19/11/87

Socio estadounidense para la URSS

Moscú (Reuter) — **Combustion Engineering Inc. de Connecticut**, se convirtió ayer en la primera empresa estadounidense en suscribir un acuerdo de operación conjunta con la **Unión Soviética** para fabricar equipos destinados a la industria petrolera.

Las firmas occidentales generalmente han respondido en forma cautelosa a un ofrecimiento formulado por el **Kremlin** el año pasado, de establecer empresas conjuntas con compañías occidentales, prefiriendo mantenerse a la expectativa hasta verificar los resultados de algunas pioneras de **Finlandia** y **Alemania Federal**.

Pero **Combustion Engineering** aparentemente no tuvo recelos en seguir adelante con un proyecto que contempla la construcción de una fábrica que empleará a unas 300 personas, en su mayoría soviéticos, para lo cual suministrará programas de computación y aportará una suma inicial aproximadamente equivalente a ocho millones de dólares.

"Creemos que estamos en posición única en términos de tecnología y experiencia para atender una clara necesidad económica", declaró a la prensa el portavoz de la compañía **Bill Connolly**.

El acuerdo por cinco años fue firmado por el presidente de la firma estadounidense, **Charles Hugel**, y un representante legal del ministro de Refinanciación de Petróleo, **Nikolai Lemayev**.

Bajo las reglas soviéticas para este tipo de operaciones, la parte soviética obtiene una participación financiera de 51 por ciento en la operación.

Esta llevará la denominación de la sigla soviética "PRIS" y desarrollará sistemas de control automático para refinanciación de petróleo y plantas petroquímicas, indicó **Connolly**.

Programas lógicos de computación serán aportados por los estadounidenses mientras que la parte soviética contribuirá con equipos técnicos y herramientas, agregó.

Las inversiones de capital ascenderán a **16 millones de dólares** en el primer año, la mitad de cuyo monto será aportada por la parte soviética y el resto por **Combustion Engineering**.

026

La URSS permitirá a EE.UU. inspecciones de misiles

WASHINGTON, 19 (de The Washington Post, especial para Clarín). — En un paso importante hacia el acuerdo final sobre el tratado de armas intermedias que va a ser firmado aquí por el presidente Ronald Reagan y el líder soviético Mijail Gorbachov, la Unión Soviética ha decidido permitir a los Estados Unidos la inspección in situ de la planta soviética donde se construyen los misiles SS-25.

Según dijeron funcionarios de la administración Reagan, este avance fue uno de varios progresos logrados en Ginebra durante negociaciones desarrolladas entre el lunes y el martes de esta semana con la conducción de los negociadores Max Kampelman, de los EE.UU., y Yuri Vorontsov, de la URSS. La inspección propuesta, denominada monitoreo perimetral de entrada, es la más intrusa que jamás ha sido considerada en las negociaciones soviético-norteamericanas, e implicaría el estacionamiento de personal e instrumentos de control de los EE.UU. ante una puerta, o entrada, por la cual debe pasar necesariamente todo nuevo misil soviético recientemente fabricado.

El perímetro de la planta también sería controlado de forma continua.

Otros avances importantes, según los funcionarios, son los siguientes:

- Un acuerdo terminológico tentativo que impediría a cualquiera de los países signatarios pasar por alto los requerimientos del tratado sobre armas intermedias (INF), que prohíbe los misiles nucleares de alcance medio y corto.

Anteriormente, los soviéticos habían insistido en una terminología amplia que, según temían los negociadores estadounidenses, habrían bloqueado los acuerdos vigentes de los EE.UU. para proveer a sus aliados de misiles nucleares. Los negociadores de EE.UU. también temían que el enfoque soviético restringiera el emplazamiento futuro de nuevas armas nucleares norteamericanas no cubiertas por el tratado. Washington, contrastantemente, favorecía una terminología que protegiera sus acuerdos y opciones futuras. Los dos lados acordaron un compromiso.

- El retiro soviético de una demanda de que el tratado convoque a negociaciones de seguimiento, que podrían apuntar a reducir armas nucleares de campo de batalla y, posiblemente, aeronaves con armas nucleares en Europa. La administración se ha opuesto a estas negociaciones sobre la base de que podrían resultar en una tendencia hacia la desnuclearización de Europa occidental.
- El tema de los SS-25 salió a la superficie porque la primera etapa del misil se parece al cohete SS-20, que va a ser prohibido por el acuerdo INF. Los negociadores norteamericanos dijeron que el monitoreo de la planta de los SS-25 es necesario para verificar que no se estén fabricando SS-20.

Varios funcionarios estadounidenses dijeron que no esperan un intento soviético de evadir el tratado fabricando misiles SS-20 en la planta de los SS-25, desde que este último, de largo alcance, es un arma más poderosa y efectiva. Pero los funcionarios estaban ansiosos por neutralizar críticas de conservadores del Congreso en el sentido de que la fábrica de los SS-25 era un "agujero legal" en el tratado, convirtiéndola en motivo para oponerse a la ratificación senatorial del acuerdo.

Los soviéticos insisten que, en retribución por el extraordinario nivel de escrutinio que permitirán a los SS-25, que no está cubierto por el tratado, la Administración deber permitir el monitoreo de una planta de valor comparable en los EE.UU. Según las fuentes, los dos lados aún no se han puesto de acuerdo sobre qué planta va a ser, pero expresaron confianza en que esta parte del acuerdo va a ser resuelta rápidamente.

01.01

8712396

024

Reprimen una marcha opositora soviética

RIGA, 19 (AP, The Washington Post y Le Monde, especial para Clarín). — Un alto funcionario del gobierno regional letón desmintió hoy que se hubiesen desatado actos de violencia ayer en esta ciudad, capital de Letonia, al cumplirse en la víspera otro aniversario de la declaración de la independencia de ese territorio anexado por la Unión Soviética en 1940.

Una organización opuesta al gobierno central de Moscú y con sede en Estocolmo, Suecia, conocida como el Grupo Báltico de Helsinki, informó sin embargo esta tarde, citando a fuentes de exiliados letones, sobre diversos choques entre unos 3.000 manifestantes letones y cerca de un millar de agentes policiales soviéticos, reforzados por comandos civiles en número superior a 3.000. Ello habría ocurrido al producirse ayer manifestaciones nacionalistas, en el 69° aniversario de la independencia letona.

Según coincidieron también la agencia noticiosa sueca TT y observadores occidentales, los efectivos de seguridad —en despliegue casi sin precedentes— circularon por las calles de Riga dispersando a nutridos grupos, sobre todo juveniles, que se concentraron en torno al monumento a la Libertad, en la avenida Lenin, coreando las estrofas del himno Dios proteja a Letonia.

La vigilancia se centró, en especial, en los grupos que desde la mañana temprano comenzaron a depositar ramos florales al pie del monumento. La dureza de las medidas de seguridad hizo decir a testigos presenciales que ello parecía constituir otro desafío por parte de la línea dura soviética a la política de apertura o glasnost, implementada por el máximo líder del Kremlin, Mijail Gorbachov.

♦ Críticas a Washington

Letonia fue independiente desde 1918 hasta 1940, cuando resultó ocupada por tropas de la URSS, y anexada a esta nación como una derivación del pacto nazi-soviético de 1939: por ese acuerdo, los países bálticos —Estonia, Letonia y Lituania— fueron asignados, en virtud de una cláusula secreta, a la esfera de influencia de Moscú.

Mientras el jefe de la policía secreta soviética (KGB), Viktor Tchebrikov, notorio representante de la línea antirreformista, advertía ayer sobre los "riesgos" del nacionalismo letón, a su juicio "manipulado por Occidente", la policía efectuó una serie de arrestos domiciliarios, entre ellos, el del dirigente del grupo Helsinki 86, Janis Barkans, que había encabezado las manifestaciones ocurridas el 23 de agosto: en esa fecha, prosiguieron los actos recordatorios de los confinamientos masivos de letones en Siberia, dispuestos por José Stalin, el 14 de junio de 1941.

Paralelamente, las autoridades pro soviéticas de Letonia organizaron ayer y hoy una contramanifestación en la que, según fuentes oficiales, "participaron más de diez mil personas". En su transcurso, varios oradores criticaron vivamente una reciente decisión del Congreso norteamericano en apoyo a la celebración de la independencia nacional letona. El hecho fue calificado como "flagrante interferencia" por el alcalde de Riga, Alfred Rubiks.

026

Fue destituido Boris Yeltsin, jefe del PC de Moscú y decidido reformista

El influyente miembro del Politburó Leo Zaikov, de destacada actuación en la vida económica de la Unión Soviética, fue designado en la víspera nuevo jefe en Moscú del Partido Comunista: reemplazará en ese cargo —de crucial significación para el poder soviético— al popular dirigente Boris Yeltsin, estrechamente ligado a Mijail Gorbachov pero caído en desgracia tras sus fuertes ataques contra sectores ortodoxos partidarios, a los que acusó de "indolencia" en la aplicación de las reformas gorbachovianas.

Perfil del sucesor

MOSCU, 11 (EFE). — **Lev Zaikov**, de 64 años, nombrado hoy nuevo jefe del Partido Comunista de la **Unión Soviética** (PCUS) en Moscú en sustitución de **Boris Yeltsin**, es uno de los **hombres más poderosos del país** en su doble carácter de miembro titular del **Politburó** y del **secretariado** del partido.

Toda la carrera política de Zaikov está ligada a **Leningrado**, la **segunda ciudad en importancia** de la URSS, en la que fue nombrado **jefe del partido en 1985**, tras la destitución del que fue considerado entonces el principal rival de **Mijail Gorbachov, Grigori Romanov**.

El nuevo jefe del PCUS en Moscú, uno de los protegidos del ex dirigente máximo —ya fallecido— **Yuri Andropov**, protagonizó un **ascenso meteórico** tras la llegada de Gorbachov al poder, quien lo catapultó hasta los **máximos órganos soviéticos**.

De origen ruso, Zaikov se graduó como **ingeniero**, y durante muchos años estuvo vinculado con la **industria soviética**. Desde 1957 es miembro del Partido Comunista de la URSS, y de su comité central **desde 1981**.

El hecho de que Zaikov haya sido jefe del partido en Leningrado podría haber influido en la decisión de nombrarlo primer secretario del PCUS en Moscú, dada **su experiencia en la dirección de una gran ciudad**.

MOSCU, 11 (AP, UPI, Reuter, AFP, EFE y The **Financial Times**, especial para **Clarín**). — El reformista **Boris N. Yeltsin**, quien fue uno de los más **consecuentes defensores** de la política de perestroika o reestructuración impulsada por el líder máximo soviético, **Mijail Gorbachov**, fue **destituido** hoy de la jefatura del **Partido Comunista en Moscú** debido a **"serios fracasos en su liderazgo"**, según informó la televisión.

Yeltsin, de 56 años, que el 21 de octubre había presentado la **dimisión** a sus cargos políticos —incluida la suplencia en el Politburó— durante una **agitada reunión** del Comité Central partidario (según informó **Clarín ampliamente** y en forma exclusiva en su edición del domingo primero de noviembre), será reemplazado como primer secretario del PCUS en la capital por el influyente **Leo Zaikov**, de 64 años, miembro titular del Buró Político o Politburó (ver recuadro).

En esa reunión Yeltsin criticó los **métodos de trabajo** de algunos prominentes miembros del Politburó, objetándoles tibieza e **indolencia** en la implementación de las reformas auspiciadas por Gorbachov, cuyo **estilo** también habría reprochado —según **versiones** no confirmadas— imputándole **excesivo personalismo**, algo que parece **improbable** dada la estrecha relación entre ambas figuras.

Su intervención en aquel momento fue **rebatida con vehemencia por el principal ideólogo y número dos del Kremlin, Igor Ligachov**, y por **Viktor Chevrikov**, jefe del KGB (Comité de Seguridad del Estado): ambos calificaron a Yeltsin como **"desertor de la perestroika"** luego que aquél pidiera **ser relevado de sus funciones**, en una iniciativa **sin precedentes** en la vida política **soviética**.

El principal espacio informativo de la televisión estatal, **"Vremia"**, informó esta noche del **abrupto eclipse de Yeltsin de la escena política**, tras afirmar que **"cometió serios errores"**.

La decisión fue adoptada por el Comité Central partidario en Moscú, en una sesión a la que asistieron el propio Gorbachov y Ligachov, lo que da idea de la **importancia conferida al problema**.

En el comunicado sobre la reunión de la fecha, el Comité Central del PCUS en Moscú calificó las recientes actitudes de Yeltsin como **"políticamente erróneas"** y justificó su cese como dirigido a "una mayor **eficacia** en la organización de la dirección política" en este distrito, de **crucial significación** en la cúpula soviética.

♦ **Un dirigente "impaciente"**

En su discurso del martes 3, Gorbachov había advertido que no tolerará **obstáculos conservadores** a la **perestroika**, pero tampoco **"impaciencias peligrosas"**, en una alusión que se interpretó como dirigida a Yeltsin.

Este último había estado anteriormente a cargo del trabajo partidario en **Sverdlovsk**, una ciudad industrial de los **Urales** y fue designado como principal jefe del PCUS en la capital soviética en diciembre de 1985.

Ya en un encuentro con **diplomáticos extranjeros**, el 6 de octubre, Yeltsin comentó que había **despedido a 23 de los 33 responsa-** [illegible] de la ciudad, [illegible]



Boris Yeltsin: la defenestración de un extremista de la "perestroika".

supuestas **"actitudes parásitas"**.

Caracterizado por su **energía y desusada franqueza**, Yeltsin era **detestado abiertamente** por los sectores más **conservadores** del Partido Comunista, razón por la cual Gorbachov **nunca pudo confirmarlo** como miembro pleno del Buró. El líder del Kremlin se habría sentido **muy molesto**, a su vez, por la **innecesaria** elevación de **la temperatura política interna** provocada por el estilo de Yeltsin.

Los moscovitas, entre quienes Yeltsin era **notablemente popular**, temen ahora según señalaron diversos observadores que el **ala más reformista** del **partido** en este distrito clave quede **momentáneamente paralizada a consecuencia del grave traspié de su mayor representante**.

Yeltsin recibió entonces el encargo —que redundaría en una **impresionante popularidad**— de asegurar la **correcta administración y abastecimiento de la** enorme comuna moscovita, distinguida hasta entonces por su **ineficacia** y corrupción: el nuevo dirigente adoptó **posturas inéditas, como la de visitar suburbios no frecuentados por ningún funcionario** durante años, o **clausurar tiendas reservadas a los directivos de la selecta élite del poder**. Gestos que, a mediano plazo, prepararon el terreno a **su elección**.

POCO LEGIBLE

01.01

13

Critican en la URSS abusos psiquiátricos

MOSCU, 11 (DPA). — Prácticamente cualquier persona sana en la Unión Soviética puede ser hospitalizada en una clínica psiquiátrica con diagnóstico de esquizofrenia, afirmó hoy el diario soviético **Komsomolskaya Pravda** en un artículo que por primera vez denuncia abusos de la psiquiatría en el país.

Según una enciclopedia soviética sobre psiquiatría publicada en 1985, los síntomas de la esquizofrenia pueden ser, entre otros, negligencia, apetito desmesurado, hiperactividad, alto concepto de sí mismo, distracción, carácter veleidoso o sensibilidad.

Con esta lista de síntomas, **prácticamente cualquier persona que "bajo condiciones normales se encuentra bien de salud", puede ser declarada esquizofrénica.**

"De estos casos hay muchos ejemplos", indicó el diario soviético, y dio el caso de una trabajadora de Leningrado de 20 años que fue internada en una clínica porque tenía **"conflictos con la dirección de la fábrica donde laboraba"**, y por **"haber buscado siempre la verdad"**.

Además —según la información de la fábrica— la joven trabajó siempre muy de acuerdo con las disposiciones de producción para "no producir una mercancía de pacotilla".

Komsomolskaya Pravda, señaló que **la mujer nunca se desligará del diagnóstico de esquizofrenia, ya que también será anotado en su libreta de trabajo que tiene todo trabajador soviético.**

● Filósofos y religiosos

El artículo agrega que, según el concepto soviético, **también pueden ser considerados esquizofrénicos los ciudadanos que "desarrollan un interés especial por sistemas filosóficos, religión o el arte".**

Así, con estas condiciones y según los métodos de la escuela psiquiátrica de Moscú, sin mayores problemas ciudadanos de la URSS pueden ser internados en una clínica con diagnóstico de esquizofrenia.

CLARIN 12/11/87

POCO LEGIBLE

01.01

8712427

HR

026

COMO VIVIO LA CAPITAL EL CAMBIO EN EL PC

Un ambiente de desazón

OSCU) 13 (Por Gary Lee, de The Washington especial para Clarín). — La multitud que fre-aba las principales calles de esta ciudad y que te el breve apogeo de Boris Yeltsin como jefe del do Comunista en Moscú hacía protestas o rompía a cantar quedó abatida en confusión y tristeza al conocer la noticia de su alejamiento.

Arbat, una colorida y arbolada calle en el centro de la capital, se transformó en los últimos tiempos, durante el liderazgo de Yeltsin, en un lugar de encuentro para artistas y cantantes y para soviéticos que querían protestar por algo, inclusive hippies o judíos. "Yeltsin era el responsable de todo esto", reconoció un pintor que vendía sus cuadros en la Arbat, el jueves.

Algunos ven esto como un duro golpe contra el líder soviético Mijail Gorbachov, cuya política de apertura Yeltsin ponía en práctica. "Creo que es el comienzo del fin de la apertura", dijo Andrei Novokov, un joven de 21 años. "El verano (boreal) pasado yo leí poemas políticos aquí, escuché críticas interesantes contra el estalinismo. Era nuestro Hyde Park (plaza de exposiciones políticas en Londres). El desplazamiento de Yeltsin significa que este tipo de apertura será, probablemente, imposible", agregó.

Otras personas entrevistadas se mostraban confundidas: no entendían cómo una figura política central que hablaba fervientemente a favor de Gorbachov había sido removida tan fácilmente con explicaciones que consideraron insuficientes. Esto se debe a que mientras los diplomáticos occidentales recibieron el informe de que Yeltsin había sido removido del cargo por expresiones inadecuadas contra los oponentes a la "perestroika", el despacho publicado en el diario oficial soviético, el jueves, decía lacónica y confusamente que una reunión plenaria destituyó a Yeltsin "por deficiencias en la dirección de la organización del Partido en Moscú".

En épocas de la "glasnost" debe haber más explicaciones, por lo menos éstas son las expectativas manifestadas por los soviéticos entrevistados para esta nota. La mayoría de los moscovitas atribuyen la introducción de cooperativas de cafés y de negocios y la aparición de comida de mejor calidad durante el período de vacaciones a las iniciativas de Yeltsin por mejorar el estándar de vida en la ciudad.

En las últimas semanas, el suministro de comida ha disminuido. La carne y el queso son difíciles de encontrar y los tomates y otras verduras se consiguen sólo pagando altos precios en el mercado central.

A medida que Yeltsin caía en desgracia por hacer públicos sus puntos de vista, el ánimo de la Arbat se oscurecía también. En setiembre, se pasó un decreto prohibiendo las protestas en muchas partes del centro de la ciudad y los manifestantes que lo hacían eran detenidos o molestados por la policía. "La impresión generalizada es que hemos vuelto a los viejos tiempos", dijo el joven moscovita Novokov.

CLARIN 14/11/87

Poco LEGIBLE

01.01

8712439

Perestroika. Nuevas ideas para nuestro país y el mundo (IV)

No proponemos ningún método ultrarradical para resolver los problemas

Por Mikhail Gorbachov

Publicamos hoy la última nota con extractos del libro de Mikhail Gorbachov en el que define la nueva política de "transparencia" adoptada por la Unión Soviética. Los derechos exclusivos de publicación periodística fueron adquiridos por LA NACION a Emecé Editores, que lanzará el libro simultáneamente con los demás países occidentales en dos semanas más

(EMECE Editores). – La carrera armamentista, igual que la guerra nuclear, es imposible de ganar. De continuar tal carrera en la Tierra y si se extiende en el espacio se acelerará la acumulación y la modernización de las armas nucleares, en una carrera que ya es febril. La situación del mundo puede llegar a un punto en que no dependa ya de los políticos, sino de la casualidad. Todos enfrentamos la necesidad de aprender a vivir en paz en este mundo, de encontrar una nueva manera de pensar, porque las condiciones actuales son bien diferentes de las que existían tres o cuatro décadas atrás.

El tiempo está maduro para abandonar los enfoques imperialistas en la política exterior. Ni la Unión Soviética ni los Estados Unidos serán capaces de imponer su voluntad a los demás. Es posible suprimir, obligar, sobornar, doblegar o destruir, pero solamente por un cierto período. Desde el punto de vista de una política de largo plazo nadie será capaz de someter a los demás. Es por eso que solamente una cosa –las relaciones de igualdad– puede subsistir. Todos nosotros debemos comprender esto. Junto con las realidades ya mencionadas de las armas nucleares, la ecología, la revolución científica y tecnológica y la informática, esto también nos obliga a respetarnos el uno al otro y a todos.

Tal es nuestro mundo, complejo, pero no condenado. Nosotros sostenemos la opinión de que todo puede resolverse, pero cada uno debe replantearse su papel en este mundo y actuar con responsabilidad.

Nuevo pensamiento político

En los dos años y medio que pasaron desde abril de 1985 hemos recorrido un largo camino en la comprensión de la situación del mundo y las formas de mejorarlo. También escribiré sobre los pasos concretos que hemos dado con vistas a mejorar radicalmente la atmósfera internacional. Pero ahora quiero ocuparme del punto más importante.

Al haber adoptado en el 27° Congreso el concepto de un mundo contradictorio pero interconectado, interdependiente y esencialmente integral comenzamos a desarrollar nuestra política exterior con esos fundamentos. Es cierto, seguimos siendo diferentes en lo que se refiere a nuestro sistema social, perspectivas ideológicas y religiosas, y a nuestra forma de vida. Sin duda, las diferencias perdurarán. ¿Pero debemos batirnos a duelo por ellas? ¿No sería más correcto pasar por encima de las cosas que nos dividen, por el bien de los intereses de toda la humanidad, por el bien de la vida en la Tierra? Hemos hecho nuestra elección, sosteniendo una nueva actitud política, mediante declaraciones que nos comprometen, y con acciones y realizaciones concretas.

La gente está cansada de tensiones y confrontaciones. Prefiere buscar un mundo más seguro y confiable, un mundo en el que cada uno pueda preservar sus puntos de vista filosóficos, políticos e ideológicos, y su forma de vida propia.

Con ojos abiertos

Estamos observando lo que sucede con los ojos bien abiertos. Vemos que los estereotipos persisten y que las viejas actitudes han echado profundas raíces, alimentando el militarismo y las ambiciones imperialistas, de acuerdo con las cuales los demás países son meros objetivos de la política y otras actividades propias, y son privados del derecho de elegir libremente y de tener una política exterior independiente.

Nosotros no proponemos ningún método ultrarradical para resolver los diversos problemas regionales, pese a que tales métodos también son necesarios en ciertas circunstancias. No deseamos manejar los asuntos internacionales de una manera que aumente la confrontación. Aunque no aprobamos el carácter de las actuales relaciones entre Occidente y los países en desarrollo, no presionamos para que se interrumpan. Creemos que esas relaciones deben de ser transformadas, privándolas del neocolonialismo, el cual difiere del antiguo colonialismo solamente por sus mecanismos de explotación. Se requieren condiciones en las que los países en desarrollo puedan ser dueños de sus propios recursos naturales y humanos y puedan usarlos para su propio bien, antes que para el de los demás.

Internacionalización

La normalización de las relaciones internacionales en las áreas económica, de información y ecología deberían basarse en una amplia internacionalización. Todo indica que Occidente querría mantener las cosas en familia, por así decirlo, dentro de los Siete, los Cinco y otros similares. Esto probablemente explique los intentos para desacreditar a las Naciones Unidas. Se ha argumentado, por ejemplo, que la UN está perdiendo su significado y eso es simplemente una insensatez. Y eso se dice ahora, cuando hay tantos cambios en un mundo saturado por los diversos intereses de numerosos Estados, y cuando encontrar un equilibrio de esos intereses es prioritario. En estas circunstancias, el papel de las Naciones Unidas, con su experiencia en agilizar la cooperación internacional, es más importante que nunca.

Es cierto que los esfuerzos de las Naciones Unidas no siempre han sido exitosos. Pero, en mi opinión, esta organización es el foro más apropiado para buscar un equilibrio en los intereses de los Estados, lo que es esencial para la estabilidad del mundo.

Me doy cuenta de que todo no puede cambiar de la mañana a la noche. También me doy cuenta de que Occidente y nosotros continuaremos teniendo diferentes enfoques ante situaciones concretas. Pero sin embargo, como ya dije, las naciones del mundo se parecen hoy a un grupo de andinistas, sujetos todos por una misma cuerda. Sólo pueden, o bien trepar juntos hasta la cima de la montaña, o bien caer juntos al abismo. Para prevenir el desastre los líderes políticos deberán superar sus estrechos intereses y darse cuenta de la dramática situación. Por eso es hoy urgente la necesidad de una nueva comprensión de la situación y de sus factores componentes.

Ya no resulta posible planear una política con las premisas de 1947, la doctrina de Truman y el discurso de Churchill en Fulton. Es necesario pensar y actuar de una forma distinta. Y más aún, la historia no espera y la gente no puede permitirse perder el tiempo.

Mañana podría ser demasiado tarde, y pasado mañana quizás no llegue nunca.

Principio fundamental

El principio fundamental de la nueva actitud política es muy simple: *la guerra nuclear no puede ser un medio para lograr fines políticos, económicos, ideológicos o de cualquier otra índole*. Esta conclusión es verdaderamente revolucionaria, porque significa descartar las tradicionales nociones de guerra y paz. La función política de la guerra ha sido siempre su justificación, su explicación "racional". La guerra nuclear es una insensatez, es irracional. En un conflicto nuclear global no habrá ni ganadores ni perdedores: la civilización del mundo perecerá inevitablemente. Es mucho más un suicidio que una guerra en el sentido convencional de la palabra.

Pero la tecnología militar se ha desarrollado en tal forma que incluso una guerra no nuclear sería ahora comparable con una guerra nuclear, por sus efectos destructivos. Es por eso que es lógico incluir también en nuestra categoría de guerras nucleares a esta "variante" de un conflicto armado entre las grandes potencias.

Perestroika. Nuevas ideas para nuestro país y el mundo (IV)

No proponemos ningún método ultrarradical para RESOLVER LOS PROBLEMAS

Por Mikhail Gorbachov

Publicamos hoy la última nota con extractos del libro de Mikhail Gorbachov en el que define la nueva política de "transparencia" adoptada por la Unión Soviética. Los derechos exclusivos de publicación periodística fueron adquiridos por LA NACION a Emecé Editores, que lanzará el libro simultáneamente con los demás países occidentales en dos semanas más

(EMECE Editores). – La carrera armamentista, igual que la guerra nuclear, es imposible de ganar. De continuar tal carrera en la Tierra y si se extiende en el espacio se acelerará la acumulación y la modernización de las armas nucleares, en una carrera que ya es febril. La situación del mundo puede llegar a un punto en que no dependa ya de los políticos, sino de la casualidad. Todos enfrentamos la necesidad de aprender a vivir en paz en este mundo, de encontrar una nueva manera de pensar, porque las condiciones actuales son bien diferentes de las que existían tres o cuatro décadas atrás.

El tiempo está maduro para abandonar los enfoques imperialistas en la política exterior. Ni la Unión Soviética ni los Estados Unidos serán capaces de imponer su voluntad a los demás. Es posible suprimir, obligar, sobornar, doblegar o destruir, pero solamente por un cierto período. Desde el punto de vista de una política de largo plazo nadie será capaz de someter a los demás. Es por eso que solamente una cosa –las relaciones de igualdad– puede subsistir. Todos nosotros debemos comprender esto. Junto con las realidades ya mencionadas de las armas nucleares, la ecología, la revolución científica y tecnológica y la informática, esto también nos obliga a respetarnos el uno al otro y a todos.

Tal es nuestro mundo, complejo, pero no condenado. Nosotros sostenemos la opinión de que todo puede resolverse, pero cada uno debe replantearse su papel en este mundo y actuar con responsabilidad.

Nuevo pensamiento político

En los dos años y medio que pasaron desde abril de 1985 hemos recorrido un largo camino en la comprensión de la situación del mundo y las formas de mejorarlo. También escribiré sobre los pasos concretos que hemos dado con vistas a mejorar radicalmente la atmósfera internacional. Pero ahora quiero ocuparme del punto más importante.

Al haber adoptado en el 27° Congreso el concepto de un mundo contradictorio pero interconectado, interdependiente y esencialmente integral comenzamos a desarrollar nuestra política exterior con esos fundamentos. Es cierto, seguiremos siendo diferentes en lo que se refiere a nuestro sistema social, perspectivas ideológicas y religiosas, y a nuestra forma de vida. Sin duda, las diferencias perdurarán. ¿Pero debemos batirnos a duelo por ellas? ¿No sería más correcto pasar por encima de las cosas que nos dividen, por el bien de los intereses de toda la humanidad, por el bien de la vida en la Tierra? Hemos hecho nuestra elección, sosteniendo una nueva actitud política, mediante declaraciones que nos comprometen, y con acciones y realizaciones concretas.

La gente está cansada de tensiones y confrontaciones. Prefiere buscar un mundo más seguro y confiable, un mundo en el que cada uno pueda preservar sus puntos de vista filosóficos, políticos e ideológicos, y su forma de vida propia.

Con ojos abiertos

Estamos observando lo que sucede con los ojos bien abiertos. Vemos que los estereotipos persisten y que las viejas actitudes han echado profundas raíces, alimentando el militarismo y las ambiciones imperialistas, de acuerdo con las cuales los demás países son meros objetivos de la política y otras actividades propias, y son privados del derecho de elegir libremente y de tener una política exterior independiente.

Nosotros no proponemos ningún método ultrarradical para resolver los diversos problemas regionales, pese a que tales métodos también son necesarios en ciertas circunstancias. No deseamos manejar los asuntos internacionales de una manera que aumente la confrontación. Aunque no aprobamos el carácter de las actuales relaciones entre Occidente y los países en desarrollo, no presionamos para que se interrumpan. Creemos que esas relaciones deben de ser transformadas, privándolas del neocolonialismo, el cual difiere del antiguo colonialismo solamente por sus mecanismos de explotación. Se requieren condiciones en las que los países en desarrollo puedan ser dueños de sus propios recursos naturales y humanos y puedan usarlos para su propio bien, antes que para el de los demás.

Internacionalización

La normalización de las relaciones internacionales en las áreas económica, de información y ecología deberían basarse en una amplia internacionalización. Todo indica que Occidente querría mantener las cosas en familia, por así decirlo, dentro de los Siete, los Cinco y otros similares. Esto probablemente explique los intentos para desacreditar a las Naciones Unidas. Se ha argumentado, por ejemplo, que la UN está perdiendo su significado y eso es simplemente una insensatez. Y eso se dice ahora, cuando hay tantos cambios en un mundo saturado por los diversos intereses de numerosos Estados, y cuando encontrar un equilibrio de esos intereses es prioritario. En estas circunstancias, el papel de las Naciones Unidas, con su experiencia en agilizar la cooperación internacional, es más importante que nunca.

Es cierto que los esfuerzos de las Naciones Unidas no siempre han sido exitosos. Pero, en mi opinión, esta organización es el foro más apropiado para buscar un equilibrio en los intereses de los Estados, lo que es esencial para la estabilidad del mundo.

Me doy cuenta de que todo no puede cambiar de la mañana a la noche. También me doy cuenta de que Occidente y nosotros continuaremos teniendo diferentes enfoques ante situaciones concretas. Pero sin embargo, como ya dije, las naciones del mundo se parecen hoy a un grupo de andinistas, sujetos todos por una misma cuerda. Sólo pueden, o bien trepar juntos hasta la cima de la montaña, o bien caer juntos al abismo. Para prevenir el desastre los líderes políticos deberán superar sus estrechos intereses y darse cuenta de la dramática situación. Por eso es hoy urgente la necesidad de una nueva comprensión de la situación y de sus factores componentes.

Ya no resulta posible planear una política con las premisas de 1947, la doctrina de Truman y el discurso de Churchill en Fulton. Es necesario pensar y actuar de una forma distinta. Y más aún, la historia no espera y la gente no puede permitirse perder el tiempo.

Mañana podría ser demasiado tarde, y pasado mañana quizás no llegue nunca.

Principio fundamental

El principio fundamental de la nueva actitud política es muy simple: *la guerra nuclear no puede ser un medio para lograr fines políticos, económicos, ideológicos o de cualquier otra índole.* Esta conclusión es verdaderamente revolucionaria, porque significa descartar las tradicionales nociones de guerra y paz. La función política de la guerra ha sido siempre su justificación, su explicación "racional". La guerra nuclear es una insensatez, es irracional. En un conflicto nuclear global no habrá ni ganadores ni perdedores: la civilización del mundo perecerá inevitablemente. Es mucho más un suicidio que una guerra en el sentido convencional de la palabra.

Pero la tecnología militar se ha desarrollado en tal forma que incluso una guerra no nuclear sería ahora comparable con una guerra nuclear, por sus efectos destructivos. Es por eso que es lógico incluir también en nuestra categoría de guerras nucleares a esta "variante" de un conflicto armado entre las grandes potencias.

Otra situación

De ese modo ha surgido una situación enteramente diferente. Una forma de pensar y una manera de actuar basadas en el uso de la fuerza en la política del mundo se han ido formando a lo largo de siglos, incluso milenios. Parecería que han echado raíz como algo inconmovible. Actualmente han perdido toda base razonable. El aforismo de Clausewitz de que la guerra es una continuación de la política, sólo que con diferentes medios, que fue clásico en su tiempo, resulta ahora cada vez más desesperadamente anticuado. Está destinado a las bibliotecas. Por primera vez en la historia el basar la política internacional en normas morales y éticas comunes a todo el género humano y el humanizar las relaciones interestatales se han convertido en un requerimiento vital.

Una nueva dialéctica de fuerza y seguridad se desprende de la imposibilidad de una solución militar –es decir, nuclear– para los diferendos internacionales. La defensa ya no puede ser asegurada por medios militares ni por el uso de las armas ni por la disuasión ni por el perfeccionamiento continuo de la "espada" ni por el del "escudo". Los intentos de lograr una superioridad militar son ridículos. Ahora se están haciendo esos intentos en el espacio. Es un asombroso anacronismo que persiste debido al desproporcionado papel de los militaristas en la política. Desde el punto de vista de la seguridad, la carrera armamentista se ha vuelto absurda, porque su propia lógica conduce a la desestabilización de las relaciones internacionales y, eventualmente, a un conflicto nuclear. Al distraer enormes recursos de otras prioridades la carrera armamentista está disminuyendo el nivel de seguridad, perjudicándola. Es, en sí misma, una enemiga de la paz. El único camino hacia la seguridad es a través de las decisiones políticas y el desarme. En nuestra época, una seguridad genuina y pareja puede ser garantizada disminuyendo constantemente el nivel del equilibrio estratégico, del cual las armas nucleares y demás armas de destrucción masiva deberían ser completamente eliminadas.

Complejo industrial-militar

Tal vez eso atemorice a cierta gente. ¿Qué ocurrirá entonces con el complejo industrial-militar?, preguntan. Están involucrados el trabajo y el salario de mucha gente. Ese tema fue especialmente analizado, en uno de sus más recientes trabajos, por el premio Nobel V. Leontyev, quien ha demostrado que el argumento militarista no se sostiene desde un punto de vista económico. Yo creo lo mismo: para empezar, cada trabajo en el complejo industrial-militar cuesta dos o tres veces más que en una industria civil. En su lugar se podrían crear tres puestos de trabajo. En segundo lugar, los sectores actuales de la economía militar están conectados con la economía civil y hacen mucho por esta última. Este es un punto de partida para utilizar sus posibilidades con propósitos pacíficos. En tercer término, la Unión Soviética y los Estados Unidos podrían realizar extensos programas conjuntos, combinando nuestros recursos y nuestros potenciales científicos e intelectuales, para resolver los más diversos problemas en beneficio de la humanidad.

Para todos o para nadie

La nueva actitud política implica reconocer otro simple axioma: la seguridad es indivisible. O hay igual seguridad para todos o no hay seguridad para nadie. La única base sólida para la seguridad es el reconocimiento de los intereses de todos los pueblos y países y de su igualdad en los asuntos internacionales. La seguridad de cada nación corre pareja con la seguridad de todos los miembros de la comunidad mundial. Por ejemplo, ¿sería del interés de los Estados Unidos que la Unión Soviética se encontrara en una situación por la cual se considerara menos segura que Norteamérica? ¿O en que nos beneficiaría a nosotros la situación inversa? Puedo afirmar que a nosotros no nos gustaría. Por eso, los adversarios deben convertirse en socios y comenzar a buscar juntos la forma de lograr la seguridad universal.

FALTA UNA PARTE.

terés común: prevenir una catástrofe nuclear. En consecuencia, no debe buscarse la seguridad propia a expensas de la de los otros.

Doctrinas de defensa

Las nuevas actitudes influyen con igual fuerza en el carácter de las doctrinas militares. Estas deberían ser estrictamente doctrinas de defensa. Y eso está conectado con nociones nuevas, o relativamente nuevas, como las de una adecuación razonable de armamentos, una defensa no agresiva, la eliminación del desequilibrio y las asimetrías en los distintos tipos de fuerzas armadas, la separación de las fuerzas ofensivas de los dos bloques y demás 2.

La seguridad universal estriba, en nuestro tiempo, en el reconocimiento del derecho de cada nación para elegir su propio camino de desarrollo social, en la renuncia a interferir en los asuntos internos de otros Estados, en el respeto por los otros, combinado con una visión objetiva y autocrítica de nuestra propia sociedad. Una nación puede elegir entre el capitalismo o el socialismo. Ese es su derecho soberano. Las naciones no pueden, ni deben, moldear sus vidas de acuerdo con los Estados Unidos o con la Unión Soviética. Por lo tanto, las posiciones políticas deben despojarse de la intolerancia ideológica.

Las diferencias ideológicas no deberían transferirse a la esfera de las relaciones interestatales ni la política exterior debería subordinarse a ellas, porque las ideologías pueden ser polos opuestos, mientras que el interés de la supervivencia y la prevención de la guerra permanece como algo universal y supremo.

A la par de la amenaza nuclear, el nuevo modo de pensamiento político considera la solución de otros problemas mundiales, incluyendo aquellos del desarrollo económico y la ecología, como una condición indispensable para asegurar una paz duradera y justa. El pensar en un nuevo camino significa también ver una directa conexión entre el desarme y el desarrollo.

Nosotros abogamos por la internacionalización de los esfuerzos para convertir al desarme en un factor de desarrollo. En un mensaje a la Conferencia Internacional sobre este tema, en Nueva York, a fines de agosto de 1987, escribí: "La instrumentación del principio básico de «desarme para el desarrollo» puede y debe reunir al género humano y facilitar la formación de una conciencia mundial".

La Declaración de Principios para un Mundo No Violento y Libre de Armas Nucleares, en Nueva Delhi, que fue firmado por el primer ministro de la República de la India, Rajiv Gandhi, y yo, en noviembre de 1986, contiene palabras que también quiero citar aquí: "En la era nuclear, la humanidad debe desarrollar una nueva forma de pensamiento político, un nuevo concepto del mundo, que proporcione garantías confiables para la supervivencia de la humanidad. La gente quiere vivir en un mundo más justo y más seguro. La humanidad merece un destino mejor que el de ser un rehén del terror nuclear y la desesperación. Es necesario cambiar la actual situación del mundo y construir un mundo libre de armas nucleares, libre de violencia y de odio, de miedo y de sospechas".

Hay señales ciertas de que esta nueva forma de pensamiento está tomando cuerpo, que la gente está comenzando a comprender hasta qué abismo se ha aproximado el mundo. Pero este proceso es muy difícil. Y lo más difícil es asegurar que esa comprensión se vea reflejada en las acciones de los hacedores de políticas, en sus mentes. Pero yo creo que la nueva mentalidad política se abrirá camino, porque ha nacido de las realidades de nuestro tiempo.

---

1 Discurso en Fulton, Misuri (1946), donde usa la expresión "cortina de hierro" para referirse a la URSS (N. de la T.)

2 Las naciones socialistas de Europa se han embarcado resueltamente en esa corriente. En Berlín, el 29 de mayo de 1987, una reunión del Comité Consultivo Político adoptó un documento de primordial importancia: "Sobre la Doctrina Militar de los Países Miembros del Tratado de Varsovia". El documento fundamenta la esencia del carácter puramente defensivo de esta doctrina. "Nunca y en ninguna circunstancia –dice– comenzaremos las hostilidades contra algún Estado o alianza de Estados a menos que nosotros [illegible] sometidos a un ataque armado. Nunca [illegible] los primeros en usar armas nucleares. No tenemos reclamos territoriales ante ningún Estado, ni en Europa ni fuera de ella. Los países [illegible] del Tratado de Varsovia no [illegible] Estado ni a [illegible] [illegible]."

[illegible] para comparar las doctrinas militares de las dos alianzas para lograr un mejor entendimiento de las intenciones de cada uno. El silencio fue la respuesta a esta proposición.

Poco Legible

02/02

8712479

1B

024

La URSS dejará de imponer sus políticas a los aliados

MOSCU, 4 (Reuter).– El líder soviético Mikhail Gorbachov propugnó hoy la renovación del movimiento comunista y declaró que la Unión Soviética dejará de imponer políticas a sus aliados.

En un discurso pronunciado ante delegados extranjeros a las celebraciones del 70° aniversario de la revolución bolchevique, Gorbachov criticó lo que describió como "la arrogancia de la omnisciencia".

"Ella tiene el hábito tenaz de rechazar de plano otros puntos de vista. En tal caso no puede haber diálogo; no puede haber discusión productiva y, lo que es peor, la causa se resiente", destacó.

Su declaración marcó un agudo contraste con la actitud expresada por anteriores líderes soviéticos, quienes sostuvieron siempre la necesidad de que los aliados se ajustaran estrictamente a las opiniones y políticas del Kremlin.

Mientras Gorbachov hablaba, un importante historiador soviético daba indicios de que se prepara un reevaluación de la campaña de liberalización lanzada en Checoslovaquia en 1968 bajo la denominación de "la primavera de Praga" y la ulterior invasión militar soviética para frenar ese proceso reformista.

"Creo que es necesario que volvamos a examinar los acontecimientos de 1968", dijo Georgy Smirnov, director del Instituto Marxista-Leninista del partido, hablando en conferencia de prensa.

Muchos analistas extranjeros han comparado las reformas promovidas ahora en la Unión Soviética por Gorbachov con las intentadas por el líder de Praga Alexander Dubcek en 1968.

En su discurso de hoy, Gorbachov subrayó que el ángulo internacional de la actual campaña soviética de reestructuración es vital y este impulso declinó durante el "período de estancamiento" conducido por el extinto líder Leonid Brezhnev.

Llegó Fidel Castro

MOSCU, 4 (Reuter).– El líder cubano, Fidel Castro, arribó a Moscú dos días depués de iniciarse las ceremonias en conmemoración de la revolución bolchevique.

Castro, quien ha evidenciado frialdad hacia los programas de reformas económicas y sociales propugnados por Mikhail Gorbachov, arribó a tiempo para el desfile del Día de la Revolución, que se llevará cabo el sábado en la Plaza Roja.

Sajarov pide la verdad

MOSCU, 4 (AP).– El destacado disidente Andrei Sajarov, que pasó casi siete años en el exilio por criticar las políticas del Kremlin, fue entrevistado por un semanario local que publicó sus declaraciones, entre las que dijo que manifestar la verdad es arriesgado, pero resulta "una necesidad absoluta".

El semanario Noticias de Moscú dice que le pidió a Sajarov su opinión sobre una película documental recientemente difundida por televisión, que relata el desarrollo de la tecnología soviética en proyectiles nucleares. El documental, que fue transmitido el último 26 de octubre, contenía críticas contra el extinto gobernante José Stalin por haber "purgado" a numerosos soviéticos.

"Si hablamos sobre la idea principal de la película, en mi opinión decir la verdad es un riesgo, pero al mismo tiempo, decir la verdad es una necesidad absoluta", expresó Sajarov.

"Por ejemplo –manifestó Sajarov–, la película no dijo que la crisis norteamericano-cubana de 1962 fue desatada por la decisión del Kremlin de enviar a Cuba proyectiles nucleares. Toda la horrible historia de Stalin y su era aun no ha sido contada tampoco, pero eso no podía ser la tarea de esta película."

CANACSO 5/11/87

POCO LEGIBLE

01.01

8712492

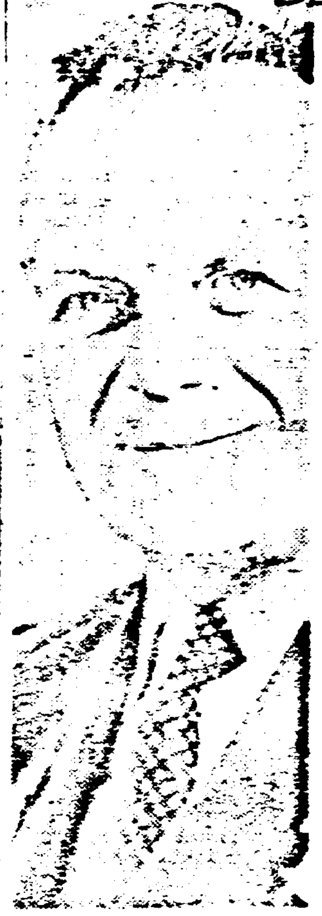
— 026

HR

GORBACHOV PODRIA HALLARSE EN UNA SITUACION CRITICA.

La caída de Yeltsin,

DESDE ADENTRO



Lev Zoikov, el soviético que reemplazó al destituido Boris Yeltsin como jefe del partido en Moscú.

MOSCU, 12 (Por Michel Tatu, de Le Monde, especial para Clarín) — El "caso Yeltsin" presenta, en principio, un problema de política general, ya que el ex jefe del Partido Comunista en Moscú era considerado universalmente como uno de los partidarios más firmes de las reformas impulsadas por Gorbachov.

Ahora bien, estos partidarios no parecen ser tan numerosos. Si después de Yeltsin desaparecieran Iakovlev, secretario y miembro titular del Politburó, tres ó cuatro jefes de redacción de la prensa y algunos responsables secundarios del Comité Central, no quedaría mucha gente para defender la intensificación de la "perestroika".

Parecería ser que el campo conservador utilizó ciertas imprudencias dichas por Yeltsin el 21 de octubre delante del Comité Central para tomar una ofensiva en esa dirección.

Según versiones recogidas de fuentes fidedignas, el plenario del 21 de octubre se podría reconstruir de la siguiente manera: aunque el orden del día se centraba esencialmente sobre el informe que Gorbachov debía presentar el 2 de noviembre en el momento de los festejos del aniversario, Yeltsin pidió la palabra para hablar de otra cosa. **Dijo que estaba cansado de que todas las iniciativas tomadas para sanear la situación en Moscú eran cuestionadas por el aparato del Comité Central y su secretaría.** Se sabe que varios ministerios se opusieron, por ejemplo, a la evacuación de ciertas empresas de la capital solicitando el apoyo de los correspondientes servicios del Comité Central para que se anule la decisión del comité moscovita del partido.

Pero algo más grave aún: **Yeltsin acusó al secretariado nacional y sobre todo a Ligachov, el número dos del partido, de interferir en sus decisiones sobre la elección de los responsables de la ciudad y sus alrededores.**

No debe sorprenderse por lo tanto, que, en estas condiciones, el segundo orador mencionado en el comunicado oficial haya sido precisamente Ligachov. El número dos trató, entonces, de poner de su lado al auditorio, adoptando un tono afligido pero calmo de aquel que se siente injustamente agredido y no sabe por qué. El enfrentamiento de los dos hombres dominó, de ahí en más, la escena, a tal punto que los veintisiete oradores [illegible] del orden del día para tomar posición sobre el [illegible].

Sólo cuatro oradores [illegible] la posición de Yeltsin: Murakhin, cercano a Gorbachov, el cual actualmente preside el comité de control popular; Arbatov, experto en asuntos estadounidenses y que, según se dice, es el más prudente; Kolbin, primer secretario de Kazajstan (tiene en común con Yeltsin el haber sido lanzado como cabeza de una región y que, tanto uno como el otro, navegaron sin arraigarse; Kolbin dirigió con anterioridad el partido en Oulianovsk, muy lejos de Moscú, y Yeltsin, en Sverdolvsk, en los Urales) y Iakoliev. La intervención en el plenario de este último fue inmediatamente posterior a la de Chebrikov, jefe de la KGB, cuyo discurso fue particularmente duro: acusó a Yeltsin de haber hablado además delante de extranjeros, lo que debe sobreentenderse como que se le acusaba de haber divulgado secretos de Estado.

La denuncia no formalizada

En todo caso se trata de una ofensiva generalizada. Varios secretarios de la región están mal predispuestos con Yeltsin porque éste puso fin a algunos privilegios para los cuadros del partido en Moscú (supresión de los autos, de [illegible] especiales y de otras ventajas). Estos secretarios no están dispuestos a renunciar a sus privilegios. Aun aquellos que no se subían a la tribuna para gritar en contra de Yeltsin, evidenciaban su hostilidad para con el ex jefe del Partido Comunista de la capital y sus partidarios.

La [illegible] no era la [illegible], salvo con el último

POCO LEGIBLE

01/02

8712495

PODRIA HALLARSE EN UNA SITUACION CRITICA

Yeltsin, desde adentro

orador, Zatvernitski, de Moscú, que constató que la "perestroika" no había tenido los efectos esperados en la capital, y que el secretario debía asumir las consecuencias. En ese momento Yeltsin subió nuevamente a la tribuna para decir que estaba listo para ejercer cualquier otra función.

No fue dimisión formalizada en términos estrictos y, en todo caso, ningún voto sancionó el debate. Gorbachov se limitó a indicar, en tono neutro, que este tipo de asuntos pone sobre el tapete problemas que tienen su legislación y que convendría reconversarlos en las instancias competentes.

En principio, nada de todo esto debería haberse transparentado en público. Es muy raro que los temas que se debaten en los plenarios del Comité Central "se escapen". Sin embargo, no es lo que sucedió esta vez.

A principios de la semana siguiente hubo rumores precisos y concordantes que le llegaban a algunos corresponsales extranjeros en Moscú. Los autores de este "escape de información" son, muy probablemente, gente interesada en crear un hecho consumado, con el fin de que el reemplazo de Yeltsin apareciera como algo inevitable. De hecho se agregaban algunos bocadillos que daban a entender que el actual ex jefe del partido en Moscú había criticado hasta al mismo Gorbachov. Esto es lo único que Yeltsin desmintió con posterioridad y en forma personal en un reportaje para la televisión norteamericana.

Pero el efecto estaba garantizado: Yeltsin está enfrentado a todo el mundo, está definitivamente "quemado".

♦ Segundo acto

Inmediatamente sucede el episodio del 31 de octubre: Loukianov, secretario del Comité Central, aprovecha una conferencia de prensa para leer —en respuesta a una pregunta que le hace un periodista extranjero— un texto preparado con anticipación. Loukianov afirma que el camarada Yeltsin había formulado juicios "políticamente erróneos" que no habían sido aprobados y que "él había pedido ser relevado de sus funciones". Estos son los problemas que "emanan de su declaración" es decir, de su dimisión, la que será examinada conforme a los estatutos.

Loukianov, por su parte, ha frecuentado la facultad de derecho de la Universidad de Moscú aproximadamente en la misma época que lo hizo Gorbachov, es decir alrededor de los años 50 —aunque esto no es dato suficiente para señalarlo como un hombre cercano al líder soviético— y estuvo, asimismo, trabajando largo tiempo bajo la dirección de Brezhnev en el Presidium del Soviet Supremo. En los últimos tiempos no es considerado como un partidario favorable de la "glasnost". Sus declaraciones han tenido el efecto de hacer caer las acciones favorables a Yeltsin trabajando sobre el presupuesto de que nadie puede quedar en su puesto cuando ha sido desaprobado por sus pares.

En ese momento es cuando se intenta parar el golpe. Mientras la agencia TASS difunde las declaraciones de Loukianov en sus servicios en idioma extranjero, un "mensaje interno" prohíbe "categóricamente" que los lectores rusos tengan conocimiento de los hechos.

♦ Todo parece normal

Poco después Yeltsin aparece en la reunión del 2 de noviembre bien a la vista, detrás de Gorbachov. Iakovlev presenta el incidente del 31 de octubre como un debate perfectamente normal y se cuida de criticar a Yeltsin. Discursos de este frente a los responsables de la capital se reproducen en toda la prensa. La decisión de destituir a Yeltsin de su cargo en el partido en Moscú tiene, sin embargo, su raíz en las enemistades que se creó en este puesto y por las formas bruscas que utilizaba para dirigirse a sus colegas y subordinados. Después de una citada sesión en el comité de Moscú, en los primeros días de octubre, varios colegas elevaron una queja colectiva contra Yeltsin a la dirección del partido. Es probable que esta haya incitado a Yeltsin a tomar la iniciativa, precipitando así los sucesos del 21 de octubre en el comité central.

A esto debe agregarse que los responsables de la capital se enfrentan a graves dificultades "objetivas". El diario Industria Socialista publicó, el 10 de noviembre, que 60.000 funcionarios perderían su empleo en Moscú en 1990 a raíz de una decisión reciente que reduce a la mitad los efectivos de unos cincuenta ministerios responsables de la rama industrial. De hecho fueron ya licenciados 680 empleados de dos ministerios fusionados, doscientos de los cuales fueron reincorporados pero en las afueras de Moscú y con salarios inferiores a los que percibían antes. Muchos fueron a reclamar a una comisión especial "algunos calmos, otros alarmados", señalaba el diario. Lo cierto que el caso Yeltsin es para Gorbachov también una "señal de alarma", agregó.

02/02

8712495.

1B

ARCHIVAR EN: URSS (026)

TEMA: El Comercio Argentino-Soviético.

PROCEDENCIA : LA NACIÓN 19/11/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

01.01 8712510

143

074

Hará escala cuando viaje a EE.UU.

Gorbachov visitará Londres

LONDRES (ANSA, EFE, REUTER y UPI).- El líder soviético Mijail Gorbachov relizará una escala en el Reino Unido cuando viaje hacia Washington, el próximo 7 de diciembre, anunció ayer de tarde la Primera Ministra británica, Margaret Thatcher.

Thatcher dijo, ante la Cámara de los Comunes del Parlamento británico, que Gorbachov sólo permenecerá en el Reino Unido unas pocas horas, aunque también dejó entrever que ha extendido su invitación al líder soviético para que alargue su estancia.

La Primera Ministra informó que ambos mantendrán al menos una conversación, centrada en el acuerdo soviético-estadounidense para la eliminación de misiles de alcance intermedio y, especialmente, en el futuro tras la firma de dicho acuerdo.

INSPECTORES

En tanto se informó que los inspectores soviéticos encargados de verificar la retirada de misiles nucleares de las bases de Greenham Common y Molesworth, centro de Gran Bretaña, estarán acompañados por funcionarios británicos y estadounidenses.

Así lo señalaron ayer fuentes próximas al gobierno británico que agregaron que los inspectores soviéticos no podrán visitar otras instalaciones militares en el Reino Unido.

Estos aspectos están contemplados en el tratado sobre armas nucleares que firmarán el mes próximo en Washington el presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan, y el líder soviético, Mijail Gorbachov, y que deberá ser ratificado después por el Senado estadounidense.

El acuerdo no contempla la presencia de funcionarios británicos en las bases soviéticas para verificar la retirada de misiles.

Varios diputados británicos señalaron que tras la firma del tratado entre las superpotencias, Europa deberá asumir más responsabilidades en su política defensiva.

La Nación 25/11/87

01/01

8712549.

1B

027

Gorbachov Frena el Optimismo Soviético

MOSCU, 14(Nota sobre fuentes ANSA, EFE AP) — El secretario general del Partido Comunista de la Unión Soviética Mijail Gorbachov, afirmó hoy que el programa "SDI" (Iniciativa de Defensa Estratégica) constituye "un peligroso proceso que puede interrumpir el camino del desarme".

Midiendo las palabras y con un tono decidido, el líder del Kremlin, que habló en el telediario "Uremia" frenó los excesivos entusiasmos que nacieron luego de la cumbre de la semana pasada de Washington, y afirmó: "si tenemos que respetar los hechos, es entonces demasiado temprano para hablar de un progreso en nuestras relaciones bilaterales".

En este sentido, Gorbachov destacó que "la posición del presidente Reagan y de la administración norteamericana es más concreta".

"Sin embargo", prosiguió el líder del Kremlin, "el interés del pueblo norteamericano hacia nuestro país fue la cosa más importante", al igual que algunos acuerdos firmados en el campo de las relaciones bilaterales".

Gorbachov añadió que, "en este campo, cambios positivos serían muy importantes", pero que para lograr esto "son necesarios sobre todo por parte norteamericana, grandes esfuerzos".

De este modo, Gorbachov subrayó que es equivocado minimizar el problema del "SDI" y destacó los obstáculos que aún quedan para lograr un auténtico retorno de la distensión".

Hablando sobre la "perestroika", Gorbachov destacó que "la buena marcha de este proceso facilitará a la situación internacional" y que "el camino de la paz" depende también de "la firmeza del partido y de un activo compromiso de la sociedad.

En otra parte de su discurso televisivo, que duró unos veinte minutos, Gorbachov dijo que "algunos ambientes norteamericanos y de otros países occidentales ya están tratando de evitar cambios positivos, mientras que también se escuchan voces que piden al vértice norteamericano frenar el proceso del desarme".

Por último, Gorbachov afirmó: "algunas personas se lamentan de que el tratado sobre los misiles nucleares a medio y corto alcance fue un paso modesto, porque éstos representan sólo el 4 por ciento del total de los arsenales nucleares. Sin embargo no hay que olvidar que, según cálculos científicos, el 5 por ciento de los arsenales totales son suficientes para destruir a todos los seres vivientes de la tierra.

El Secretario General del Partido Comunista habló a los ciudadanos soviéticos sobre los resultados de si viaje a Washington la semana pasada, donde él y Reagan firmaron un acuerdo que elimina las armas nucleares de mediano alcance en poder de las dos superpotencias.

Gorbachov habló a los telespectadores durante 20 minutos al comienzo del servicio nocturno de noticias. Si nos basamos firmemente en los hechos y no exageramos, es todavía pronto para hablar de una mejoría fundamental en las relaciones soviético-norteamericanas, dijo Gorbachov.

Añadió empero que sus conversaciones en Washington con Reagan y otros diregentes políticos norteamericanos fueron diferentes, más constructivas que antes.

Gorbachov dijo que las diferencias que existen en torno a la IDE, el sistema de defensa por cohetes con base en el espacio, podrían aún impedir que las relaciones soviético-norteamericanas progresen.

Durante la cumbre de Washington y en el periodo que desembocó en la reunión, los soviéticos suavizaron sus fuertes críticas a la guerra de las galaxias, indicio de un posible cambio de la posición que mantienen en este asunto.

El Dia 5/12/87

01/01

8712550

026

General de Policía Soviético fue Condenado por Sobornos

MOSCU, 5 (EFE).— Un general de la milicia (policía soviética), responsable de la región de Volvogrado (en el Volga medio), su primer ayudante y dos jefes de departamento han sido condenados a largas penas de prisión por recibir sobornos, publicó hoy el diario "Krasnaya Zvezda", órgano del Ejército.

El diario añade que un grupo de oficiales de la milicia, cuya misión era combatir el crimen, se dedicaba a tapar irregularidades en las empresas investigadas, a cambio de considerables recompensas.

En el juicio seguido contra ellos tras ser descubiertas sus actividades, que duró más de cuatro meses, el jefe de la Dirección de Asuntos Interiores de la región de Volvogrado, identificado como Ivanov, fue condenado a diez años de prisión, su segundo, Tiutiunov, a doce, y dos jefes más de departamento a otras condenas también largas.

"Los ingresos adquiridos por los condenados fueron confiscados y, deberán indemnizar a las empresas por los daños ocasionados.

Mientras tanto el jefe de Estado y del Partido Comunista rumano, Nicolae Ceausescu, destituyó al ministro de Finanzas, Alecsandru Babe, por "incompetencias en la gestión".

Es el trigésimo sexto ministro relevado de sus funciones en los últimos dos años, y la razón alegada para su destitución es, "el incumplimiento de las obligaciones de su cargo".

Ceausescu criticó hoy en una reunión del politburó del Partido los fallos de los "órganos centrales de administración en el desempeño de su papel y de sus atribuciones".

"Todas las condiciones están reunidas para un cumplimiento ejemplar del plan económico previsto para diciembre", dijo, al tiempo de exhortar a los órganos competentes a que respondan con orden y disciplina.

A su vez el Parlamento polaco aprobó hoy la aplicación de reformas económicas que tengan en cuenta las reticencias expresadas por la población en el referéndum del pasado domingo sobre un programa radical que afecte a su nivel de vida.

El primer ministro de Polonia, Zbinniev Messner, anunció al Parlamento que su Gobierno ha decidido escalonar sobre un periodo de tres años el retiro de las subvenciones para los productos alimentarios y los servicios, a fin de que no se produzcan las alzas de preciso de un 110 por ciento anunciadas para 1988.

El primer ministro no precisó cuál es la subida de precios prevista ahora para el año que viene, pero aseguró que sería compensada con aumentos de sueldo.

Explicó, sin embargo, que su Gabinete considera "irremediable" subir los precios del carbón, la energía, el agua caliente y los alquileres un 200 por ciento.

El retiro progresivo, y no inmediato, de las subvenciones tendrá como consecuencia una persistencia del déficit presupuestario y el mantenimiento del racionamiento de la carne para un periodo indeterminado.

Tampoco se podrán reducir inmediatamente, como estaba previsto por el programa de reforma económica radical, los impuestos para las empresas estatales, debido al déficit del presupuesto.

El programa radical de reformas económicas no fue aprobado en el referendum del pasado 29 de noviembre, ya que obtuvo sólo el apoyo de un 44,28 del censo electoral, y no llegó al 51 por ciento que exige la ley.

[illegible] 6/12/87

01/01

CARP. Nº 027

027

YUGOSLAVIA

ENTRE LOS Nºs

8701054-8712432

027

Alta inflación, deuda y desocupación

La oposición crece en Yugoslavia, mientras el país enfrenta serios problemas en el plano económico

por Barney Petrovic

Belgrado. *El Estado yugoslavo y los líderes del Partido Comunista hicieron sonar una dramática alarma sobre la creciente actividad de la oposición, en un país que se enfrenta a serios problemas económicos.*

Un comunicado emitido después de una sesión conjunta entre el estado y las presidencias colectivas del partido de gobierno, advertía que varios grupos hostiles estaban uniendo sus manos para oponerse a la herencia de Tito y al sistema comunista.

La reunión —sin precedentes— fue convenida para discutir lo que se considera un empeoramiento de la situación de seguridad socavada por las críticas al régimen. "Fuerzas antisocialistas y anticomunistas se están uniendo para articular una oposición ideológica y política e infiltrarse en la prensa, instituciones culturales y científicas, en todas las esferas de la vida" decía el comunicado.

Yugoslavia está lidiando con una inflación del 100%, se cree que es la segunda más alta en el mundo, más de un millón de personas sin trabajo y una deuda externa de unos 20.000 millones de dólares. Lo que es peor, sus exportaciones, vitales, están cayendo estrepitosamente, la productividad continúa declinando y el producto interno se está estancando.

Los líderes creen que los grupos de oposición están tomando ventaja de la crisis económica para intentar unificarse y hacer caer al sistema entero. Hasta ahora no han habido evidencias de un frente opositor común en este país multinacional, que es la pesadilla de las autoridades. Pero grupos e individuos en toda Yugoslavia han estado haciendo oír últimamente sus voces en demandas por cambios.

Las huelgas —que son ilegales pero toleradas— han aumentado en gran forma en el correr de este año, por demandas salariales que involucran a varias empresas estatales. El promedio de los salarios en Yugoslavia llega solo a unas 100 libras al mes.

El ataque de la oposición política culminó en un actual conflicto entre el Estado, el liderázgo del Partido y la Academia de Artes y Ciencias de Serbia, la institución que conglomera a los más ilustrados intelectuales del país.

En un memorándum sobre el estado de la nación, la Academia delineó una crítica devastadora del sistema político y económico, llamándolo arbitrario, irrespetuoso de los derechos humanos, ineficiente y que está llevando a la desintegración de Yugoslavia.

También acusó al ex presidente Tito, un croata, y su asociado más cercano Edvard Kardelj, un esloveno, por haber seguido conscientemente una política para debilitar a Serbia, la principal nación yugoslava que ahora tiene grandes disturbios por los nacionalistas albanos.

El memorándum fue filtrado misteriosamente en la prensa semioficial, pero hasta ahora no ha sido publicado en su totalidad.

No obstante, ha llevado a grandes y claros ataques orquestados por parte de los sindicatos y veteranos de guerra contra los altos funcionarios del estado. La campaña ha llevado a que se pospongan las festividades del centenario de la Academia, que se hubieran celebrado este mes.

Una cantidad de miembros de la Academia también han realizado una petición al Parlamento, demandando un sistema multipartidario, el derecho a la huelga, independencia de la justicia y la aplicación de la ley. La petición, encabezada por el escritor Dobrica Cosic, fue descripta por los líderes comunistas yugoslavos como un acto del ala derecha de la oposición y que éstos se abocan a la recuperación del sistema burgués. **(DPA - The Guardian - Especial para Búsqueda).**

01|01

8701054

Una Nueva Dosis de Capitalismo Para el Problema Económico de los Yugoslavos

BELGRADO, 11 (AP).— El Gobierno comunista de Yugoslavia podría estar listo para recibir una nueva dosis de capitalismo con el fin de combatir la inflación, el desempleo y la deuda, que son los más altos de Europa.

Para pagar su deuda externa de 19.000 millones de dólares, que transforma a Yugoslavia en el país europeo con la mayor deuda por habitante, al Gobierno le gustaría contar con los 23.600 millones de dólares que se estima tienen los yugoslavos que trabajan en Europa occidental.

El primer ministro Branko Mikulic extendió una invitación sin precedentes a 30 acaudalados empresarios yugoslavos exiliados para que se reunieran con él el 8 de enero. En la entrevista los comerciantes le dijeron sin pelos en la lengua que estarían dispuestos a invertir en Yugoslavia sólo si se les garantiza ganancias.

LAS LEYES NO CUMPLIDAS

El Gobierno deberá evaluar si los beneficios económicos compensan los riesgos políticos que una medida semejante entrañaría.

Desde fines de la década pasada, Yugoslavia sancionó una serie de leyes para modificar su economía de inspiración socialista con el fin de ganar eficiencia.

Pero muchas medidas tropezaron con obstáculos burocráticos. En un país donde el Partido Comunista insiste en el control político, muchos funcionarios locales que gozan de gran poder hacen lo imposible por mantener su statu quo.

"Los funcionarios municipales temen que alguien se haga rico", dijo el empresario exiliado Dragisa Stefanovic a Mikulic, según un relato del encuentro del 8 de enero aparecido en el Diario Oficial "Politika".

"Nadie quiere abrir un negocio para trabajar y seguir pobre", agregó. "Y el fin de una sociedad socialista no es fomentar la pobreza".

Todos los empresarios se quejaron de las burocracias locales, así como de los funcionarios aduaneros y de las medidas sofocantes de los bancos.

Un empresario, Esad Ljubincic, dijo que escribió a 50 funcionarios locales ofreciendo invertir en su región y no recibió una sola respuesta. Añadió que una demora de ocho meses en el cierre de una operación de compra de tierra en la región central de Serbia lo hizo invertir en Suiza.

Pese a que los yugoslavos frecuentemente se quejan de su padecer económico, el sistema económico dejado por el presidente Josip Broz Tito beneficia a muchos.

INFLACION Y DESEMPLEO

Si bien la tasa oficial de inflación anual fue del 90 por ciento en 1986, el poder adquisitivo de muchos yugoslavos aumentó, o se mantuvo en sus niveles, debido a los periódicos incrementos salariales, que a menudo superan los aumentos de precios.

La tasa nacional de desempleo, que es del 14 por ciento, también es engañosa, ya que mientras en Kosovo, en el Sur subdesarrollado, el 25 por ciento de los trabajadores no tienen empleo, en la rica Eslovenia, al Norte, el índice de desempleo es del 1 por ciento.

Los yugoslavos que tienen trabajos no pueden ser despedidos, y a veces se aprovechan de esto para conseguir un segundo empleo.

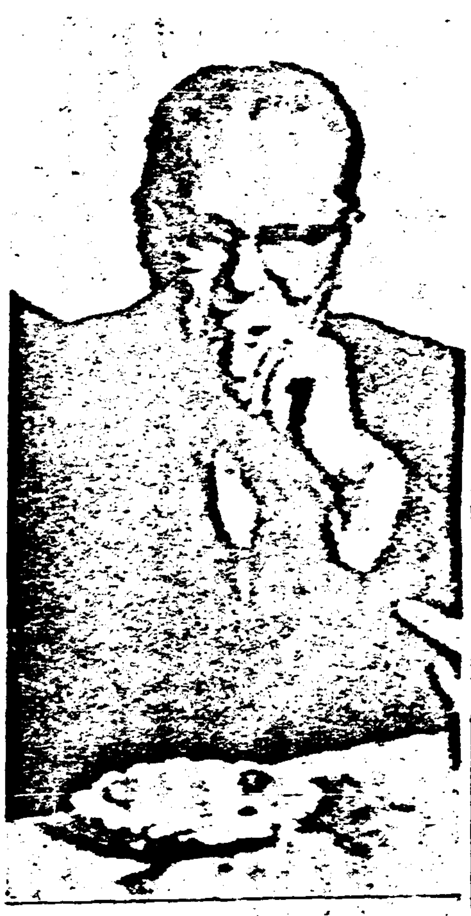
Tito también fomentó la formación de Consejos de Trabajadores en cada oficina y fábrica del país, dando a los obreros la posibilidad de vetar los cambios que una administración pueda promover con el fin de lograr una mayor eficiencia.

Una nueva dosis de capitalismo a través de la inversión foránea podría alterar este arraigado sistema económico.

Pero al mismo tiempo podría calmar a los intelectuales que piden una mayor democracia.

Aún cuando el debate público es más abierto en Yugoslavia, —uno de los fundadores del movimiento de los no alineados—, que en el resto de los países del bloque soviético, las autoridades se muestran renuentes a discutir temas que consideran riesgosos.

Un Comité de Defensa de la Libertad Intelectual ha planteado una serie de demandas, como tribunales independientes, libertad de expresión y hasta un sistema multipartidario.



Tito

Josef Broz (Tito) ahora discuten su legado. (Radiofoto AP).

El Comité, fundado hace dos años, se quejó el 9 de enero de que "un creciente número de personas está siendo condenado a largos términos de prisión por sus opiniones sobre la situación del país".

Hace poco los miembros de la Academia de Artes y Ciencias de Serbia difundió un documento en el que criticó el manejo de la economía, las diferencias sociales en las distintas regiones y el legado de Tito.

ADMITEN ERRORES

Muchas de esas críticas fueron ventiladas en público por la prensa oficial y por el propio Partido Comunista, que admitió haber cometido errores pero no llegó a realizar cambios de personal o de política.

Con todo, al mismo tiempo en las esferas oficiales se recibía con visible molestia la formación de un órgano independiente de crítica, ajeno al partido, en lo que pareció un indicio de la reticencia de los líderes comunistas a renunciar a parte de sus atribuciones.

La inversión foránea plantea varios problemas para el Gobierno. El capital extranjero, incluso de yugoslavos, inevitablemente traerá aparejado un aumento en la circulación de ideas foráneas en un país cuyos ciudadanos viajan libremente y con frecuencia a Occidente.

Muchos yugoslavos y algunos diplomáticos occidentales se muestran escépticos respecto de las perspectivas de que se lleve a cabo una reforma económica importante.

Sin embargo, da la impresión de que Mikulic y otros funcionarios prestaron atención a las quejas sobre el funcionamiento del sistema planteadas el 8 de enero.

Boris Vukobrat, director de una firma energética alemana occidental, dijo, según Politika: "si dos tercios de las cosas que se prometieron se realiza, se puede esperar una inversión de 5.000 millones de dólares en los próximos tres años".

027

Yugoslavia

La Nación 7/2/83

Liga de los Comunistas Yugoslavos denuncia actividades antisocialistas

Belgrado, (PL) – En uno de sus mas enérgicos pronunciamientos, la presidencia de la Liga de los Comunistas planteó que parte de la prensa yugoslava está siendo ganada por la derecha burguesa y destacó la necesidad de revertir esa situación cuanto antes.

La declaración de la Liga afirma que los órganos de información se encuentran bajo la presión de fuerzas antisocialistas y que éstas, en ciertos casos, se sirven de los periódicos yugoslavos para cumplir sus objetivos.

Los pronunciamientos de la máxima dirección de la Liga se realizan pocos días después que el departamento de Política Interior del Parlamento, constató que ha crecido la actividad enemiga en Yugoslavia.

Los parlamentarios concluyeron también que los enemigos internos y externos del país balcánico aprovechan los problemas existentes para desplegar una actividad más intensa.

Al respecto, el Comité parlamentario observó con preocupación el incremento del número de huelgas realizadas el año pasado (900) una participación inusual de los empleados del sector no productivo en los paros y la unificación de círculos derechistas dentro y fuera del país.

Sobre la base de esta situación, la presidencia de la Liga reveló que las fuerzas de derecha han logrado tomar posiciones en la prensa local y que en forma progresiva y sincronizada lanzan sus mensajes políticos e ideologicos.

El documento alerta sobre la penetración de posiciones nacionalistas y aspiraciones antisocialistas en las redacciones de algunos órganos de prensa que contribuyen a aumentar la confusión, las vacilaciones y la falta de confianza.

La presidencia precisa que los periodistas miembros de la Liga están obligados a desenmascarar todos los ataques hostiles contra la sociedad yugoslava, la LCY y el sistema socialista autogestor.

SRSCUR

01 | 01

B702740

027

Mikulic: Vamos a defender el sistema

Profunda crisis laboral amenaza a Yugoslavia

El Primer Ministro yugoslavo, Branko Mikulic, amenazó con emplear todos los medios, incluidas las Fuerzas Armadas para garantizar el orden consitucional instaurado en el país.

BELGRADO, (ANSA, EFE y UPI).- El jefe del gobierno yugoslavo advirtió que tanto en su país como en el extranjero no se deben albergar ilusiones de que no vamos a defender nuestro sistema con todos los medios al alcance, tal como está escrito en la Constitución.

Así lo declaró Mikulic en una entrevista con la revista germanofederal Der Spiegel -recogida ayer también por la agencia oficial yugoslava Tanjug- con motivo de su visita oficial a Bonn el 26 de este mes.

Al ser preguntado por la posible introducción del pluralismo político en Yugoslavia, Mikulic dijo que los que cuestionan el papel rector de la Liga de los Comunistas de Yugoslavia luchan por eliminar completamente a dicho partido del panorama político.

Calificó la actual crisis nacional como la conflictividad laboral más profunda del país, aunque desde el año pasado se logró aumentar la producción y las exportaciones, y reducir ligeramente el índice de inflación, que ronda hoy el 100 por cien.

Aseguró que Yugoslavia no suspenderá el pago de su deuda exterior de más de 20.000 millones de dólares.

Por otra parte, el general yugoslavo del ejército Milan Daljevic declaró en una entrevista con el diario esloveno "Delo" que las Fuerzas Armadas no puedan estar separadas de la principal corriente social.

El alto militar apuntó que están condenados al fracaso los intentos de debilitar al ejército y de separarlo de su pueblo, porque las fuerzas castrenses permanecen unidas, sincronizadas con el rumbo del partido, el sistema de autogestión y la política exterior de no alineamiento.

Esta es la primera vez en este país balcánico que un jefe de gobierno y un destacado militar declaran la intención de recurrir a las Fuerzas Armadas para defender el sistema político instaurado después de la Segunda Guerra Mundial por Tito.

En las últimas dos semanas, unos 11.000 obreros en casi todas las repúblicas han ido a la huelga en empresas estatales y el sector de servicios para protestar contra la política salarial del gobierno.

El Ejecutivo reaccionó el viernes con una congelación de los precios de varios artículos de consumo por un periodo de tres meses y una reducción de los costos de productos de primera necesidad.

01 | 01 8703459

027

RS

El Día 19/3/87

Régimen yugoslavo inflexible

BELGRADO. — Si bien las huelgas se extienden por todo el país, el gobierno yugoslavo no tiene intenciones de modificar la aplicación de la ley que condiciona el aumento de sueldos al incremento de la productividad y por ende de las exportaciones.

Esta fue la posición expresada ayer durante una conferencia de prensa por el presidente del comité para el trabajo y miembro del gobierno de Belgrado Janko Obecki quien recordó que el año pasado los réditos personales de los yugoslavos aumentaron en un 10,01 por ciento mientras la productividad aumentó solo en un 0,9 por ciento. Y la ley, subrayó, "fue aprobada para poner fin a la práctica frecuente en Yugoslavia de gastar lo que no se gana".

PARTES POCO LEGIBLE

01 | 01 8703484

027

Clarín 28/3/87

Huelgas en Yugoslavia

por José-Alain Fralon

"El viernes 13 de marzo nos dieron nuestros recibos de sueldo. En febrero yo había recibido 20 millones de dinares en plata antigua. Bueno, en marzo yo no cobré más que 12 millones, aunque necesito como mínimo quince para comer y otros cinco para el alquiler y la electricidad. Algunos meses atrás nos habían alertado de que la austeridad comenzaría en cualquier momento. Pero acá entre el dicho y el hecho... Así que cuando vimos cuanto íbamos a cobrar, una buena parte de los empleados de la empresa hicieron paro". El relato corresponde a Strogan S., obrero en una fábrica metalúrgica de las afueras de Zagreb.

¿Cómo es posible que hayan podido reaccionar así y comenzar la huelga en tan solo una semana? No se tienen cifras exactas... Para un especialista occidental, en el 60 por ciento de la fábricas, al menos en la región de Zagreb, se registraron paros laborales de algunas horas, y en el 20 por ciento hubo huelgas más consecuentes "Esto no es Polonia", sentenció un profesional al ver llegar a tantos periodistas occidentales.

"En apariencia todo va sobre ruedas", ironiza un hombre de negocios italiano que nos muestra los primeros rayos del sol sobre la cúpula de la iglesia de San Marcos, en la parte alta de Zagreb. La mayoría de los periódicos dieron cuenta de los recientes acontecimientos con encomiable entusiasmo informativo.

Otra primicia: la televisión no vaciló en encarar reportajes a los trabajadores de ciertas fábricas. Pero los "acontecimientos" no duraron más que una semana. Los paros terminaron y el trabajo recomenzó normalmente. ¿Pero como si nada hubiera pasado? Claro que no.

Por su parte, dirigentes oficiales reconocen que las huelgas —las primeras en los últimos cuarenta años originadas puramente en el descontento popular— volverán a producirse. Bozo Marendic, jefe del Departamento de Planeamiento y miembro del Poder Ejecutivo yugoslavo, admite que "1987 será un año marcado por la insatisfacción popular. Sabemos que los problemas salariales y laborales recién comienzan, pero debemos seguir adelante con el programa a pesar de las medidas de fuerza".

El gobierno yugoslavo, liderado por el primer ministro Branco Mukulic, atraviesa una grave crisis económica marcada con una inflación superior al 90 por ciento y una tasa de desocupación del 14 por ciento. A esto se agregan problemas en las exportaciones, necesarias para pagar la deuda externa del país, que orilla los 20 mil millones de dólares.

Los motivos del paro

En principio cabe interrogarse sobre la amplitud sin precedentes de la huelga. La respuesta es unánime: "Los salarios, no hay nada más que los salarios. Esto no fue una huelga política"

El detonante ha sido la ley promulgada por el gobierno federal. Belgrado decidió que durante algunos meses los aumentos salariales no serían decididos por las empresas sino a nivel nacional. Así, el gobierno federal decidió que los salarios fueran congelados en el nivel del tercer trimestre de 1986 y —este factor fue lo que realmente prendió la mecha— pedir a los obreros que reembolsaran los aumentos de sueldo, en ocasiones impresionantes, acordados por las empresas poco rigurosas.

Algunos ejemplos: una médica del principal hospital de Zagreb, que decidió parar por algunas horas simbólicamente, recibió 16 millones en octubre del año pasado, 20 millones en diciembre y 15 millones en marzo. Un profesor que llegó a cobrar 22 millones en diciembre vio su sueldo reducido a 14 millones. Todavía más insatisfactoria que estas reducciones es el alza de los productos. "En tres meses mi sueldo se redujo en un 40 por ciento mientras que los precios aumentaron más del 10 por ciento", explica con resignación un empleado.

La situación se dificulta aun más con la decisión del gobierno de aumentar una serie de artículos. El precio de la leche, por ejemplo, aumentó en un 17 por ciento cuarenta y ocho horas antes de que la ley comenzara a regir, para el 1° de abril se prevé el anuncio de otros aumentos. "Nosotros paramos para advertir que la situación se vuelve insostenible", explica Strogan S., quien aclara que sobre el personal de 5.000 empleados de su fábrica, 2.000 adhirieron a la medida. "Los paros terminaron el viernes. Los dirigentes sindicales nos explicaron que no fueron ellos sino el gobierno quien decidió la reducción salarial y que era preciso aceptarla."

Sin duda el papel de los sindicatos es difícil, particularmente porque han tenido que explicar una ley drástica con muy poco margen. "Después de las explicaciones, hubo amenazas veladas —admite Strogan S.—. Se nos recordó que debíamos cumplir con nuestro deber de trabajadores y que podrían intervenir el ejército y la policía." El gobierno anunció que aquellos trabajadores que participaran de las huelgas podrán ser despedidos. Marendic, por su parte, aseguró que el ejército no intervendría para obligar a los obreros a volver a sus puestos, a pesar de que el mismo Mikulic había dicho que las fuerzas armadas podrían llegar a actuar para defender "el sistema constitucional".

El balance de uno de los participantes de la huelga no es muy feliz: "Tuvimos que volver al trabajo, perdimos una semana de sueldo y sólo ganamos la promesa de que la reducción nos será devuelta". Con todo, las cosas no volverán a ser iguales después de la huelga de Zagreb.

Los dere... ...a nota pertenecen a "Le Monde".

Poco Legible

01-01 37635

027

Crisis sociopolítica y huelgas en Yugoslavia

BELGRADO. — Siete años después de la muerte del creador de la Yugoslavia moderna, el mariscal Josip Broz Tito, una grave crisis sociopolítica coronada por una impresionante oleada de huelgas ganó al país.

En las regiones de Bosnia y Herzegovina, Croacia, Serbia y Kosovo, los trabajadores hacen huelga contra una ley que, vigente desde el primero del corriente, redujo los sueldos entre el 20 y el 50 por ciento.

Esta ley, que debería estar en vigor hasta final de junio próximo, impone a los trabajadores devolver los aumentos de sueldo obtenidos "ilegalmente" porque no han correspondido a un previsto aumento de productividad.

El primero de julio, una vez caída la ley, debería comenzarse a aplicar un acuerdo social en que los sueldos se estimen en función de las rentas de las empresas, en tanto los trabajadores sostienen que el sindicato les abandonó.

El sindicato, encabezado por Ivo Bilanzija, se defiende acusando a las autoridades gubernamentales por la situación que ahora debe enfrentar el país.

Pese a la protesta generalizada en casi todo el país, el gobierno anunció que aplicará con firmeza la ley.

El ministro de Trabajo Janko Obecki dijo ayer a la prensa que en el último año, la renta personal de los yugoslavos aumentó un 10,1 por ciento, mientras que la productividad sólo creció en el 0,9%.

"La ley —explicó el ministro— se aprobó para frenar la arraigada costumbre en Yugoslavia de gastar lo que no se ganó."

"De todos modos, agregó, no hay que dramatizar porque las últimas agitaciones 'sólo' fueron seguidas por 10.000 [trabajadores] en toda Yugoslavia."

Dado que la huelga es ilegal en Yugoslavia, quien la practica puede sufrir condenas penales.

Así pues, el hecho de que muchos trabajadores yugoslavos corran el riesgo de ser condenados, indica el hondo compromiso del trabajador para no cumplir con sus tareas.

En este sentido, cabe señalar que 16 obreros de una fundición de Kula (región de Vojvodina, cercana a Hungría y Rumania) fueron despedidos por haber promovido agitaciones sindicales.

Aparte de las huelgas que afectan a todos los sectores de la producción, Yugoslavia debe afrontar el problema de la inflación.

Según [illegible] ro y febrero de este año [illegible] dencia es del 130 p[illegible] anual; cifra insopo[illegible] un país que [illegible] la recuperación econ[illegible]

El Día 20/3/87

PARTES ILEGIBLE

01 | 01

8703656

O.P

ARCHIVAR EN: 7USOS/2412 (027)

TEMA: 7USOS/2412: STATE OF UNREST.

PROCEDENCIA: Enlace Sudafricano 27/5/87 doc 0770/87

ARCHIVADO EN: Enlace Sudafrica (135)

01|01

8704082

La autogestión yugoslava hace agua

Una ola de huelgas convulsiona a Yugoslavia. El Gobierno congela los salarios que se aumentan a sí mismos los trabajadores y amenaza con utilizar el Ejército contra ellos.

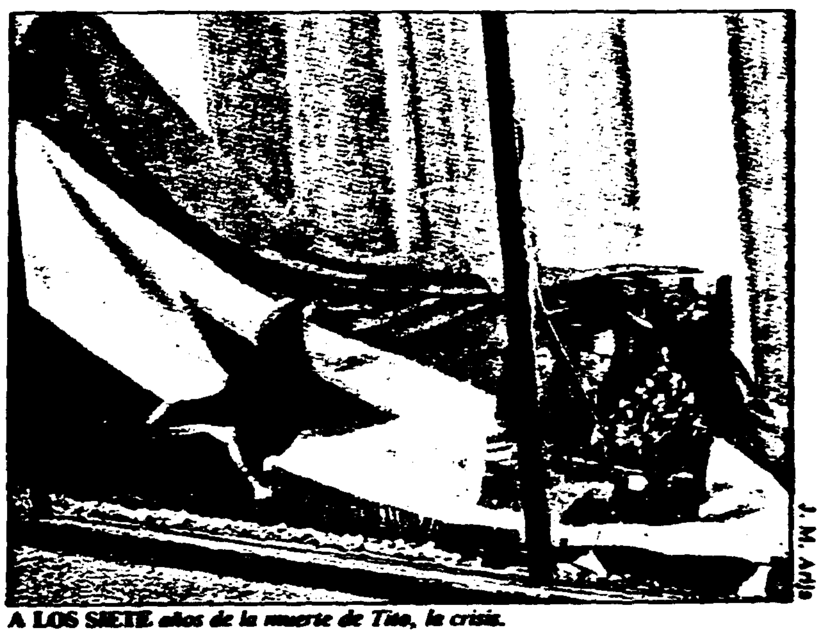
CONVERTIDA en *zona gris* de la división europea desde que se inició la experiencia nacional-comunista del mariscal Tito, la tierra de los Eslavos del Sur (eso significa la palabra Yugoslavia), produce cada tanto algún temblor político que el occidente europeo recibe con una inquietud casi inexplicable, venada de angustia. Algunos lo explican: es el viejo fantasma balcánico, medio cristiano y medio turco, el que se agita en la memoria colectiva. Sin ir más lejos, está el recuerdo del crimen de Sarajevo, detonante de la cadena de ultimátums mal calculados que en pocos días llevó a la catástrofe de la Primera Guerra Mundial. Los idus de marzo han devuelto las inquietudes: miles de obreros en huelga, una inflación de ritmos sudamericanos, nuevos fermentos separatistas, amenazas de utilizar el puño de hierro militar para sofocar «a quienes atentan contra el orden constitucional». Desde la muerte de Tito es un lugar común decir que Yugoslavia está en crisis. Pero ahora las cosas son diferentes: es el propio modelo el que hace agua por los cuatro costados.

El caso yugoslavo se ha ganado un buen espacio en la atención de los vecinos occidentales a partir de las huelgas espontáneas, seguramente no coordinadas por ninguna organización clandestina, al estilo del sindicato *Solidaridad* polaco, que brotaron tras la decisión de congelar y hasta disminuir los salarios que los propios obreros se habían aumentado, de acuerdo al sistema de la autogestión.

La agencia oficial de noticias *Tanjug* anunció que sólo veinte mil trabajadores habían participado de las 168 *interrupciones de trabajo*, eufemismo utilizado para denominar las huelgas en un país donde, oficialmente, estos conflictos capitalistas no pueden existir.

Los obreros no marcharon con banderas ni protestaron en los lugares de trabajo. En Croacia y Eslovenia, las dos regiones federales de mejor nivel de vida (ambas vecinas a las fronteras occidentales, con fuerte influencia católica), simplemente se detuvo la labor diaria.

El descontento que atraviesa a la sociedad yugoslava estalló por una causa precisa: la ley aprobada en febrero que liquidó la alegre costumbre de los trabajadores de aumentarse sueldos y salarios sin tener en consideración las otras variables de la sana economía, en particular la productividad. Se llegó, así, a un crecimiento de los ingresos reales del 10 por ciento. El gobierno y la Liga de los Comunistas (el partido único) dijeron «basta» al unísono. La nueva ley impuso un vínculo entre aumentos de sueldos y productividad. En concreto, esto significó reducciones de entre el 10 y el 50 por ciento en el dinero que los trabajadores cobran a fin de mes, según los casos y las regiones.



A LOS SIETE *años de la muerte de Tito, la crisis.*

La operación quirúrgica representa un momento de grave crisis de consenso para el gobierno que encabeza el croata *Brauco Mikulic*, elegido primer ministro hace menos de un año. Pero al poder central no le faltan razones. Para evitar una segura catastrofe económica y social, que inevitablemente derivaría hacia una tragedia política, el gobierno de Belgrado puso en marcha un plan de reformas a fin de hacer marchar la pesada carreta de la economía centralizada hacia un nuevo rumbo, que tenga en cuenta las leyes del mercado. En un año, los precios controlados han bajado del 62 por ciento al 43 por ciento y el gobierno recuerda que Yugoslavia pagó en un quinquenio 28.000 millones de dólares, entre deuda e intereses, a sus acreedores extranjeros.

Los esfuerzos apenas alcanzaron para moderar el ritmo de crecimiento de la inflación, que pasó del 30 por ciento en 1983 al actual 100 por ciento. «Si no hubiéramos aplicado el plan de reformas, habríamos llegado al 130 por ciento», explica el primer ministro.

La gravedad de los problemas pone al país frente a dos dilemas. El primero: ¿Es necesaria una mayor autogestión o hay que aplicar la mano de hierro, con una fuerte centralización del poder político y de las decisiones económias? El segundo: ¿Como evitar que el *sinceramiento* de la economía, mediante la reconciliación con las leyes del mercado, y una mayor relación con Occidente, no acelere las reivindicaciones de pluralismo político? Yugoslavia ha pedido un vasto plan de financiación y el aumento vertical de sus exportaciones a la Comunidad Europea. Los doce de Bruselas saben que a Belgrado hay que tirarle un consistente salvavidas, para evitar que las cosas vayan de mal en peor. Pero si este proceso se profundiza, para el poder central se hará cada día un poco más difícil combinar la lucidez económica con el garrote político. En las seis repúblicas y las dos provincias autónomas de este país-mosaico que admite la existencia de 18 nacionalidades florecen los fermentos autonomistas.

Las reivindicaciones nacionalistas van acompañadas de una inevitable contestación global al sistema comunista. En estos días ha comenzado la *estafeta* de jóvenes que trotan por el país para rendir homenaje al mariscal Tito, el hombre que realizó el milagro de tener unidos a los yugoslavos, por las buenas y por las malas. En Eslovenia circulan octavillas que abiertamente proclaman: «¿Estafeta? No, gracias». La respuesta del primer ministro Mikulic y de varios altos jefes militares (las Fuerzas Armadas son la única institución homogénea no vinculada a la rotación continua de los cargos entre las ocho repúblicas y provincias autónomas) fue inmediata y tajante: «No permitiremos que se ponga en cuestión el orden constitucional y el papel central de la Liga de los Comunistas. Si es necesario, las Fuerzas Armadas intervendrán en defensa de nuestro sistema».

Julio Algañaraz *(Roma)*

D 027

CRISIS ECONÓMICA AGRAVA DESCONTENTO EN YUGOESLAVIA

Ultimamente los yugoeslavos podrían parecerse a los polacos durante el nacimiento de "Solidaridad". Los problemas obreros se expanden en la mayor parte del país. En meses recientes, los obreros yugoeslavos han realizado una serie de paros ilegales para protestar contra la congelación de salarios y otras medidas de austeridad ordenadas por el Gobierno. La inflación alcanza al 100%; la deuda externa se acerca a los veinte mil millones de dólares. El disenso político gana terreno: en Belgrado, escritores y periodistas han establecido un "fondo de solidaridad" para ayudar a los disidentes que pierden sus empleos. Los intelectuales yugoeslavos condenan abiertamente el sistema de un solo partido, y exigen una reforma democrática.

Esa sensación de inestabilidad y descontento era desconocida en los tiempos en que Josip Broz, Tito, gobernaba Yugoeslavia. Su muerte, en 1980, dejó un enorme vacío que sus herederos políticos han sido incapaces de llenar. El Primer Ministro Branko Mikulic (58), asumió un año atrás con reputación de ser un administrador duro y consciente. Como otros líderes yugoeslavos comunistas de su generación, sin embargo, carece de la estatura de Tito como líder partisano en épocas de guerra, y como uno de los viejos estadistas del Tercer Mundo. En parte como resultado de la rotación regular en las posiciones claves, las autoridades centrales han perdido gradualmente su dominio en las seis Repúblicas yugoslavas y sus dos provincias autónomas. Aún así, el dilema real es el mismo que preocupa a los otros regímenes comunistas de Europa Oriental: cómo liberar la economía sin abrir demasiado la puerta a la democracia estilo occidental.

Mikulic heredó una crisis económica cuyas semillas fueron sembradas en la era de Tito. Bajo éste, Yugoeslavia tuvo ganancias asombrosas, pero también pidió mucho prestado a Occidente y a veces invirtió grandes sumas en proyectos industriales poco exitosos. Entre 1980 y 85, al declinar las exportaciones en moneda fuerte, se creó el problema del Gobierno para atender el servicio de la deuda y el standard de vida cayó en más de un 30%. Aún ahora, el desempleo alcanza al 14%, y los que tienen trabajo reciben un salario increíblemente bajo: alrededor de 150 dólares al mes como promedio. Ello llevó hace poco a la huelga a 10.000 obreros. Y en Titograd, más de 600 empleados de la compañía de construcción Visokogradnja, la abandonaron después de no recibir su salario durante tres meses.

Mikulic todavía tiene que obtener una clara victoria para controlar la economía del país. En febrero, y con la esperanza de detener la creciente inflación, impuso la congelación de salarios. Cuando los obreros respondieron con una ola de huelgas de protesta, Mikulic declaró que apelaría a las tropas si el sistema político se veía amenazado. Y luego puso la otra mejilla. El Parlamento de Belgrado exceptuó a numerosas firmas, que pudieron aplicar los aumentos de salarios otorgados desde fines del año pasado.

Esa serie de ganancias y pérdidas tácticas tienden a oscurecer lo que la mayoría de los yugoeslavos ven como la batalla real: la necesidad de reformas en el sistema político y económico del país. Un miembro prominente de la colectividad declaró que el país enfrentaba una crisis importante a no ser que se introdujeran reformas, y dijo que el Partido Comunista necesitaba recuperar la confianza del pueblo. Pero cuando se trata de propuestas concretas, los líderes del partido cuentan con pocas recomendaciones específicas.

Reformas serias de la economía yugoeslava involucrarían desmantelar la piedra fundamental del legado de Tito: administración propia, pero socialista. Tito veía al sistema como un compromiso entre el planeamiento centralizado al estilo soviético, y la libre empresa al modo Occidental. Bajo ese sistema, los obreros podrían elegir sus Gerentes en las fábricas, e intervenir para fijar la política de la compañía. Pero ese sistema fracasó en erradicar de Yugoeslavia los males que son plaga en las economías comunistas: falta de incentivo, baja productividad y alto ausentismo. De acuerdo a algunas estadísticas, el obrero promedio sólo produce tres horas y media durante las ocho de labor. En una caricatura aparecida en un periódico, un obrero le dice a otro: "Hace seis días que estamos en huelga y nadie se ha dado cuenta".

El problema de reformar el sistema político es igualmente complejo. En Belgrado, los líderes del Partido han expresado su deseo de discutir cambios para la Constitución federal de 1974, que institucionalizaba compartir el poder entre las cuatro Repúblicas.

Pero Mikulic y otros de alto rango, se oponen firmemente a un sistema multipartidario, porque promovería una guerra política y divisoria entre los varios grupos étnicos y regiones que componen Yugoeslavia.

Si los obreros desafían a las autoridades, los intelectuales disidentes no se quedan atrás. En Eslovenia, la más liberal de las Repúblicas yugoeslavas, la revista estudiantil "Katedra" publicó recientemente una entrevista con Milovan Djilas, un ex-ayudante de Tito que fue expulsado del Partido Comunista en 1954 por su posición disidente, y pasó nueve años en la cárcel. Fue la primera entrevista a Djilas que apareció en una publicación yugoeslava en los últimos 30 años. En algunos casos, las autoridades de Belgrado han advertido a los disidentes que no vayan demasiado lejos. Miembros del Sindicato de Escritores de Serbia protestaron por la expulsión del Partido de los que apoyaban el fondo de solidaridad, pero un comunicado del Gobierno recordó a los medios que los periodistas comunistas "están obligados... a desenmascarar todos los ataques hostiles a nuestra sociedad".

Un diplomático occidental con experiencia en Belgrado, argumenta que la presente crisis ha sido dramatizada de más por los propios yugoeslavos, y que de alguna manera saldrán de ella. "Yugoeslavia no se va a desintegrar", dice. Y es posible que así sea. Pero el desafío real para Yugoeslavia, sin embargo, es convertirse en económicamente competitiva y en reformar la Constitución, sin provocar una crisis política de importancia. Ese es un desafío que incluso para Tito hubiera sido difícil.

Angus Deming

Fuente: "Newsweek"
Traducción: Blanca Giuria

El País 27/4/87

Yugoslavia

01\01

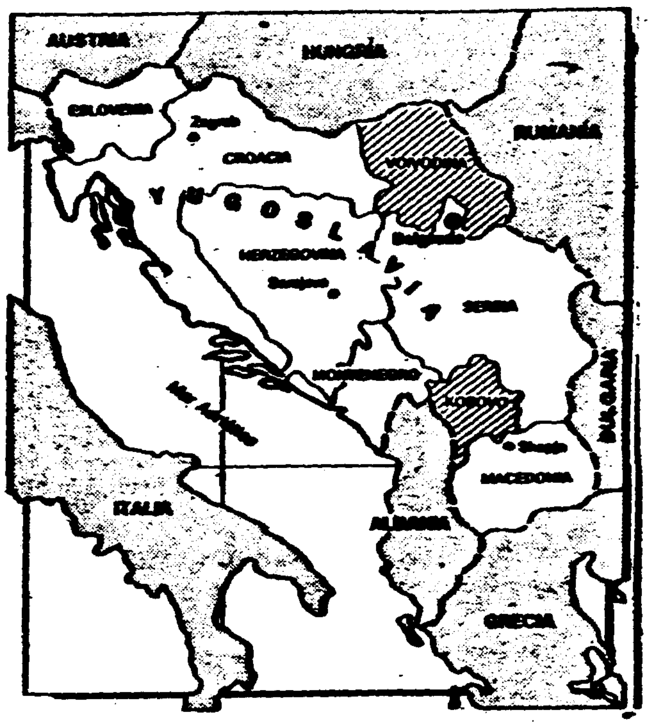
8704341

Desastre económico

Fracasó economía socialista yugoslava

El presidente del Gobierno de Yugoslavia Branko Mikulic, ha advertido que está dispuesto a utilizar todos los medios, "también al Ejército", para defender el sistema socialista-autogestionario que rige en este país europeo. En una entrevista que hoy publica el semanario alemán Der Spiegel, Mikulic ataca con gran dureza a disidentes y críticos, a los que califica de "desestabilizadores" y "traidores".

Señala Mikulic que "nadie debe hacerse ilusiones ni en el interior ni en el extranjero". "Defenderemos nuestro sistema por todos los medios", insiste.



La publicación de esta entrevista, que fue distribuida en Yugoslavia por la agencia oficial Tanjug, coincide con una escalada de la tensión social en el país, numerosos llamamientos a la huelga tras una medida gubernamental que anula los aumentos salariales habidos en el último trimestre y vincula todo incremento salarial en el futuro a un aumento de la productividad. El pasado viernes, el Gobierno decretó también una congelación de precios por 90 días que restituye los vigentes el 31 de diciembre pasado en un intento por aplacar el malestar entre la población.

La endémica crisis económica, la pérdida de capacidad adquisitiva de la población y las constantes tensiones entre las seis repúblicas federativas y dos provincias autónomas que componen el Estado yugoslavo, han crispado el ambiente político y hecho resurgir las voces que piden el reconocimiento del fracaso del sistema.

El jefe del Gobierno, integrante de la línea dura en el seno del partido, manifiesta en sus declaraciones que no tolerará ningún intento de "desestabilizar Yugoslavia" ni opiniones que pongan en duda el futuro de la autogestión socialista ni el carácter federal del Estado. "No podemos aceptar el diálogo al respecto". Mikulic se refiere en durísimos términos al ex consejero del presidente Josef Broz Tito y disidente Milovan Djilas.

Según el jefe del Gobierno, aquellos que ponen en duda el papel dirigente del partido no intentan sino hacer desaparecer a la Liga de los Comunistas de la escena política del país. "Pero eso es ilusorio".

Mikulic defiende la política económica practicada desde que llegó a la jefatura del Gobierno en mayo de 1986 y asegura que, si bien la inflación ha alcanzado el ciento por ciento, sin las medidas aplicadas se hallaría hoy entre el 110 % y el 115 %. "Necesitamos un respiro para hacer las modificaciones en el sistema económico que nos traigan una estabilización a largo plazo". Según Mikulic, Yugoslavia necesitará en el próximo futuro nuevos créditos a medio y largo plazo de Occidente.

Mikulic niega que el origen de los males endémicos de la economía yugoslava esté en el sistema autogestionario. "La burocracia estatal ha frenado la autogestión. Hemos hecho toda una serie de inversiones erróneas. El sistema político por el que nos decidimos no funcionó como pensábamos". No obstante, "estamos convencidos de que Yugoeslavia no tiene futuro sin la autogestión".

También desmiente Mikulic las sugerencias de algunos medios occidentales de que en la profunda crisis económica y política en que se halla Yugoslavia, el régimen podría optar por un estrechamiento de sus relaciones con el bloque del Este. "Yugoslavia no abandonará nunca y por ningún precio su posición como país libre, no alineado e independiente".

PS 027

Yugoslavia

PERLA

Nuevo juego en Europa oriental: la sustracción de electricidad

Por Loszlo Hoty

Viena — Recientemente los expertos yugoslavos encargados de las fuentes energéticas apenas podían creer lo que veían cuando las inspecciones revelaron que Rumania, su "hermana socialista", había estado desviando enormes cantidades de agua del embalse que tienen en común en Portal de Hierro. Esto equivale a un robo de electricidad, y ha traído confusión al suministro de corriente en Yugoslavia. Como resultado de ello la corriente eléctrica en Yugoslavia oriental se cortó completamente.

Sinan Hasani, el actual presidente de Yugoslavia, intentó resolver el problema personalmente en Bucarest. Su evidente falta de éxito se vio reflejada en artículos altamente negativos de la prensa de Belgrado. "Borba", el órgano del Partido, acusó al propio gobierno de no enfatizar lo suficiente su indignación. El gobierno debiera de haber aclarado en la capital rumana que "un acuerdo bilateral particularmente delicado, concerniente a las reservas del Danubio" había sido violado por los rumanos.

El acuerdo pertinente había sido firmado entre Belgrado y Bucarest el 30 de noviembre de 1963. Esta acta signó el nacimiento del "Sistema hidroeléctrico y de navegación de Portal de Hierro". La Unidad de la Central Número 1 de suministro de corriente fue construida entre 1964 y 1972. Las construcciones y equipamiento de la margen derecha del Danubio en Yugoslavia costaron 285 millones de dólares.

Tito y Ceausescu firmaron un segundo acuerdo el 10 de septiembre de 1976. De esta manera los dos dictadores deseaban aprovechar plenamente la capacidad del Danubio inferior. La construcción del segundo complejo comenzó en diciembre de 1977. Así pues, los rumanos han asumido responsabilidad plena de la margen izquierda del Danubio. Fue tarea de los rumanos proveer las unidades de generador y llevar a cabo el ensamblado. Los yugoslavos acordaron construir todos los edificios necesarios, incluyendo una estación de control de 140 KW de potencia en la margen derecha del Danubio. Además, los yugoslavos son también responsables del correcto funcionamiento del proyecto principal. El complejo entró en funcionamiento en 1984. Su capacidad es de 432 MW, que se dividen por igual entre los dos socios. También los costos se dividieron por partes iguales entre Belgrado y Bucarest.

Estalla el escándalo

El escándalo estalló en septiembre de 1986, cuando el periódico yugoslavo "Vencernje Novosti" reveló que los rumanos habían desviado enormes cantidades de agua del embalse común a fin de mantener en funciones su planta hidroeléctrica "Portile de Fier". Es por ello que el nivel de agua del Danubio descendió más de tres metros en su punto de confluencia con el río Nera. Como resultado, la planta hidroeléctrica "Kostolec III", de Yugoslavia, dejó de funcionar por tres días y también estuvo en peligro la planta "Nikola Tesla". No es sorprendente pues, que los yugoslavos protestaran vehementemente al respecto en la capital rumana.

El periódico yugoslavo mencionado anteriorment explicó que la "electricidad robada" no podría ser reemplazada en tanto el agua corriente por el canal principal del Danubio no subiera nuevamente a 2.500 m3/seg. Lo cual no ha de ocurrir por algún tiempo, dado que el nivel del agua ha estado decreciendo continuamente este invierno. Las consecuencias no habrían sido tan serias si hubiera habido lluvias bastante más abundantes.

La prensa yugoslava adoptó un tono conciliador, aceptando que los rumanos no habían actuado "maliciosamente", sino que se habían visto obligados a hacerlo a causa de la situación catastrófica de su economía. El "Vecernje Novosti" actuó correctamente, admitiendo que los yugoslavos habían estado tomando (o sea robando) más electricidsad que la permitida de la Reserva Europea de Electricidad. Se admitió que "el castigo había sido tan severo" que ningún productor yugoslavo "consideraría actuar de esa manera en el futuro".

Además de artículos sobre estos incidentes, la prensa yugoslava ha publicado recientemente artículos criticando las argucias rumanas en el trato de los turistas yugoslavos en la frontera. El periódico "Nap", editado en Slabotica, publicó un artículo sobre el modo en que los turistas son molestados sin razón por los rumanos en la frontera. En un incidente que fuera muy comentado, los oficiales aduaneros rumanos quisieron hacer pagar 60 millones de dinares en impuestos a un grupo de gremialistas yugoslavos que viajaban en un ómnibus. Perros policías fueron utilizados para amedrentar a los viajeros.

El semanario "Nin", de Belgrado, publicó una colección completa de incidentes similares, comentando cínicamente que es más fácil para los yugoslavos atravesar la frontera en la madrugada, siempre y cuando lleven un poco de pan blanco recién horneado a los hambrientos oficiales aduaneros rumanos para su desayuno.

PERLA

LA PRENSA 27/4/87

025

027

PERCN

Le Monde
Exclusivo

El día 2/5/87

Respiro en Yugoslavia

La suspensión del movimiento huelguístico sin precedente que se ha llevado a cabo en Yugoslavia a mediados de marzo no debe crear ilusiones: la República Federativa atraviesa actualmente por una de las crisis más graves que haya conocido. ¿Hasta cuándo va a durar la calma social? Habiendo anunciado el gobierno que no retrocedería en lo esencial de la aplicación de la ley responsable de las detenciones del trabajo —congelación de salarios y concreción de los aumentos decididos por las empresas— ¿por qué si las mismas causas producen los mismos efectos, no habrían de reanudarse las huelgas con motivo de la distribución de los próximos sobres de pago? Ello sería no tomar en cuenta la notable habilidad de los dirigentes para utilizar al mismo tiempo la flexibilidad y la firmeza en la gestión de los conflictos sociales.

Flexibilidad: si bien el principio de la ley no debería ser modificado, su aplicación podría serlo. Así, la recaudación de las alzas, que los trabajadores han percibido como una verdadera disminución de sus sueldos, sería escalonada en el tiempo. Flexibilidad de vuelta: algunas repúblicas podrían —¡sin decirlo!— tomar alguna distancia de esta nueva ortodoxia salarial. La firmeza es menos aparente pero igualmente real.

Si bien los medios de comunicación yugoslavos cubrieron los acontecimientos sociales con una muy novedosa objetividad —llegando a utilizar la palabra "huelga", prohibida hasta el presente— no rindieron cuenta de numerosas presiones ejercidas sobre los huelguistas: despido de algunos de ellos, amenaza de llamar a las fuerzas del orden cuando se prolongaba el movimiento, sin olvidar el no pago de los días de huelga...

En todo caso, una eventual calma social no podría llegar a ocultar la zona de turbulencias particularmente peligrosas por la que atraviesa hoy el país.

El índice de inflación, que alcanza ahora picos "latinoamericanos" —cerca del 130%— sólo es el síntoma más impresionante de la mala salud de la economía yugoslava y de la crisis de la autogestión: descenso de las exportaciones, alza del endeudamiento y de la desocupación, productividad del trabajo cada vez más inconsistente. ¿Qué va a suceder si el gobierno de Branko Mikulic decide aplicar su programa de reconversión, en especial cerrando con el tiempo las empresas no rentables?

Al riesgo de la explosión social que de ello puede derivar se suman las amenazas de desintegración regional —siempre presentes en este mosaico—. De Kosovo, esa provincia del sur habitada por una mayoría de albaneses, hasta Eslovenia, en el extremo norte, donde el impresionante viento de libertad que se ha levantado debería alcanzar a los dirigentes de Belgrado, tarde o temprano, pasando por el agravamiento de las rivalidades entre serbios y croatas, la Federación parece ir a la deriva. Tanto más cuanto que —y la historia en esto es casi una paradoja— el "liberalismo" manifestado en Moscú torna más frágil uno de los cimientos de la nación: el común temor a la URSS.

Lógicamente, por tanto, este haz de elementos debería hacer pensar en que se producirá una crisis grave. Sin embargo hay que dudar en hacer tales predicciones respecto de un país que tantas veces ha engañado a Casandra.

Yugoslavia

P5

027

Yugoslavia

También en Yugoslavia las empresas quiebran

Belgrado (Reuter) — Más de 2000 firmas yugoslavas que dan trabajo a casi 600.000 personas tuvieron pérdidas el año pasado y unas 200 podrían ir a la quiebra, dijo ayer un miembro de la presidencia de la Confederación de Sindicatos de Yugoslavia (CSY).

El funcionario, Dusan Kocoljevoc, dijo que la información fue presentada en una reunión de dirigentes sindicales en Belgrado y agregó que 2306 firmas tuvieron pérdidas en 1986 y que 200 corrían "peligro inminente de quiebra" porque no pudieron cubrir las pérdidas que comenzaron en 1985.

• Congelamiento

Kocoljevoc dijo que las autoridades habían congelado las cuentas bancarias de una de cada cuatro empresas yugoslavas en diversos momentos del año pasado, por no cumplir con sus obligaciones comerciales. Agregó que **empresas que emplean alrededor de 1,4 millones de trabajadores tuvieron en diversas ocasiones saldos bancarios en rojo.**

Yugoslavia, un Estado comunista No Alineado, tiene actualmente un índice inflacionario de casi 100 por ciento anual.

POCO LEGIBLE

027

Diálogo en Belgrado

BELGRADO (ANSA, EFE y UPI). — El ministro de Relaciones Exteriores soviético, Eduard Shevardnadze, sostuvo ayer conversaciones con dirigentes yugoslavos respecto a la cooperación bilateral y a una visita de Mijail Gorbachov en el transcurso del año.

Shevardnadze llegó desde Budapest, para efectuar una visita oficial de dos días a Yugoslavia. Antes de visitar Budapest estuvo en Bulgaria.

El cancillller yugoslavo Raif Dizdarevic acudió al aeropuerto para darle la bienvenida a Shevardnadze, quien tras su llegada se dirigió a rendir homenaje a la tumba del presidente Josip Broz "Tito".

Shevardnadze es el primer ministro de Relaciones Exteriores soviético que visita Yugoslavia desde que Andrei Gromyko estuvo en Belgrado en abril de 1982.

La Mañana 20/6/87

Yugoslavia (fichar)

01 | 01 8705435

Huelgas en Yugoslavia

En respuesta a la congelación de los salarios impuesta el pasado mes de febrero, los trabajadores yugoslavos se declararon en huelga, protagonizando una serie de episodios inéditos en el régimen "comunista a lo Tito", como se dijo años atrás para diferenciarlo, tal era la pretensión, del vigente en la Unión Soviética. Debe ser muy grande la ola de protestas, para que el primer ministro de Belgrado, Branko Mikulic, haya amenazado con sacar al Ejército a la calle.

Lo que concede notoriedad al movimiento de los trabajadores yugoslavos es no sólo el hecho de que se hayan declarado en huelga, sino también –lo que es muy importante–, la circunstancia de que según los términos de la Constitución comunista yugoslava, los obreros integran una de las ramas del poder a través del sistema de "coparticipación" o "co-gestión" en las empresas en que trabajan. Ahora se ha visto que la co-gestión no implica oponerse a una política de precios, ni a una política de salarios. Toda esa materia es impuesta desde arriba y cuando los trabajadores manifiestan su disconformidad, la "última razón" es puesta en manos del Ejército. Con alguna diferencia de matices, esa situación se ha repetido, siempre, uniformemente, en el vasto imperio comunista, tanto en el euroasiático como en su extensión latinoamericana. Y se ha visto además, que el hecho de que Belgrado, desde los tiempos de Tito, no haya hecho buenas migas con Moscú, en nada modifica la situación.

En Yugoslavia, interesada en mantener con Occidente –más que con la Unión Soviética– fluidos vínculos comerciales y receptar las corrientes turísticas de Europa occidental, todo está permitido, menos disentir con el gobierno.

La suerte que el régimen yugoslavo, en vida de su dictador Tito, dispensó a Milovan Djilas, es sobradamente conocida. La publicación de varios artículos –privilegio que sólo a él se le reservó en ese momento– en el órgano oficial del partido Comunista yugoslavo, en el que criticó la falta de libertades en su país y condenó las desmesuras de todo tipo que caracterizaban la vida cotidiana de los jerarcas gubernamentales, le valió en 1954 una condena de nueve años de prisión, y, claro está, la destitución de sus cargos y la expulsión del partido, al que había ingresado en 1937.

En la cárcel escribió los originales de *La Nueva Clase*, uno de los documentos más emotivos e inteligentes que se hayan escrito sobre la naturaleza de todo régimen comunista, se llame como se llame. "Se trata –advirtió, ante la incredulidad de muchos— de la clase cuyo poder sobre los hombres es el más completo que ha conocido la historia".

8

027

Nueva ola de paros en Yugoslavia

BELGRADO. — El gobierno de Yugoslavia debe enfrentar una nueva ola de huelgas, luego de los paros y de las ocupaciones de fábricas del pasado verano en las ciudades de Split, Zagreb y Lubiana. Son ahora los obreros de la planta mecánica "Torpedo" de Fiume los que cruzan los brazos, en reclamo de un 50 por ciento de aumento salarial.

El endeudamiento se ha ido peligrosamente agravando en estos últimos años, y entre junio de 1986 y junio de 1987 el índice de los precios al consumidor ha superado, por primera vez en la historia, el 100% de aumento anual.

Para combatir las presiones inflacionarias, el programa económico del "premier" Branko Mikulic prevé un aumento en los salarios nominales inferior al de los precios, con la consiguiente pérdida del poder adquisitivo de las capas sociales más bajas.

La desocupación, que afecta a más de un millón de trabajadores (el 17% de la población económicamente activa) puede alcanzar niveles alarmantes si el gobierno pone en marcha la ley sobre clausura de las fábricas en quiebra.

Por otra parte, el igual que los países deudores latinoamericanos, Yugoslavia ha debido negociar con los representantes de los bancos comerciales acreedores de sus 20 mil millones de dólares de deuda externa.

PERLA

01 | 01

8707405

HR

ARCHIVAR EN: Yugoslavia (027)

TEMA: Yugoslavia: Slovenia Leads The Way Toward More Pluralism

PROCEDENCIA: ENLACE Alemán 1/3/87 Doc 23/5/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Alemán (135/c)

8707547

01 | 01

027

Yugoslavia

YERLN

17 fugitivos, entre ellos un bebé

Albaneses piden asilo político

BELGRADO. (EFE).- Tres familias albanesas han pedido asilo político en Yugoslavia tras fugarse de su país pasando por las montañas que separan Albania de la República Yugoslava de Montenegro, informó ayer la agencia yugoslava Tanjug.

Los fugitivos, 17 en total, entre ellos un bebé de 11 meses y un soldado de uniforme, tomaron la decisión de abandonar Albania debido a las difíciles condiciones de vida, y a las persecuciones de las autoridades, según explicaron a la policía yugoslava.

Todos ellos vivían en el pueblo fronterizo de Vrmosa, lo que explica que pudieran atravesar con facilidad las montañas, ya que seguramente estaban familiarizados con el terreno.

El Norte / 14-8-87

01|01 8708318

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro. | Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

Destituyeron a un jefe del PC yugoslavo

BELGRADO, 25 (AP).– El jefe del Partido Comunista en esta capital fue destituido hoy, tras un debate público que pusó al descubierto intensas disputas internas entre dirigentes de Serbia, la mayor república de Yugoslavia.

Una mayoría del comité central partidista de Serbia votó en favor de la destitución de Pavlovic, quien había sido duramente criticado por haber sugerido que los diarios de esta capital demuestran un creciente nacionalismo serbio.

Tales comentarios contradijeron la proclamada política partidista de hallar una solución rápida a la tensión entre serbios y albanos, en la agitada provincia meridional serbia de Kosovo.

Los debates sobre el caso de Pavlovic pusieron al descubierto la disputa entre el jefe del partido serbio, Slobodan Milosevic, y el joven presidente de la república, Ivan Stambolic.

LA NACION
26-9-87

01 | 01 8710015

LA MAÑANA

12 SET. 1987

La deuda exterior analizada en Zagreb

Economistas de todo el mundo, reunidos en Zagreb para analizar el problema de la deuda exterior del Tercer Mundo, coincidieron en responsabilizar al FMI y a su política de adaptación, de la crisis económica que viven sobre todo los países en vías de desarrollo.

A este respecto, el economista ugandés F. Bangire dijo que el condicionamiento impuesto por el Fondo Monetario Internacional (FMI) no ha impedido el mal uso de los créditos, sino más bien ha frenado una planificación adecuada.

Morris Miller, que fue director ejecutivo del Banco Mundial, ve la solución al problema de la deuda exterior en un Fondo y un Banco, que avalen los bonos en que se convertirían los débitos de los países en desarrollo.

Federico Rubli Kaiser, del Banco Central mexicano, dijo que aquellos países que han logrado mantener una disciplina fiscal y monetaria, sin toparse con el proteccionismo de sus principales socios comerciales, han visto decrecer la inflación e incrementar su Producto Nacional Bruto.

Según este economista, las consecuencias han sido peores en aquellos Estados cuyos programas de estabilización no se han adaptado a las corrientes mundiales y han mantenido, a la vez, un elevado déficit fiscal y un gran desorden económico, lo que ha promovido el éxodo de capitales y el incremento del paro.

Andre Gunder Frank, de la Universidad de Amsterdam, aseguró que lo que hay que hacer es concentrarse en la producción y en la inversión, lo que reduciría el peligro que supone confiar en el poderío de los Estados Unidos y su supuesta invulnerabilidad económica.

Según el profesor Gerald Meier, de la universidad estadounidense de Standford, no se puede pretender eliminar totalmente la deuda, porque ésta es condición del desarrollo, ya que sin créditos no hay crecimiento.

YUGOSLAVIA

027

El Ejército de Tito y las tensiones étnicas en Yugoslavia

por L. Hory

INNSBRUCK, Austria. — Hace siete años atrás, en mayo de 1980, el Mariscal Tito murió creyendo que su sistema político era indestructible, ya que lo había basado en el ejército, el cual usaría sus armas para defender la labor de toda su vida. Sin embargo, esto ya no es tan así. Hay un creciente descontento entre las jóvenes generaciones.

El Ejército Popular de Yugoslavia cuenta con 213.000 miembros, 101.000 de ellos miembros del partido. Nadie sabe en realidad cuántos de ellos sacrificarían sus vidas en una situación de crisis. El ejército está dividido en varias ramas, a saber: el ejército estable (163.000 soldados), la marina (36.000) y la fuerza aérea (14.000).

La situación en que se encuentra el ejército yugoslavo es paradójica. En vida de Tito, el ejército era la garantía de la estabilidad política del país sin haber sido nunca puesto a prueba. En la actualidad hay dinamita suficiente como para ocasionar la ingerencia del ejército en un rol de mediador. Sin embargo, hay grandes dudas de que el ejército pueda realmente cumplir con dicha tarea.

Bajo Tito el ejército fue esencialmente un medio de afianzar su poder personal y no de apoyo al partido. La "Guerra de Liberación" hace ya tiempo que ha sido olvidada, el dictador ha muerto, y las dificultades económicas se han tornado una amenaza cada vez mayor — para la cual una interferencia militar desde ya no es solución.

Hasta mayo de 1980 el partido vivió de la popularidad de Tito y de su autoridad, aprovechándose de ellas en vez de reorganizar el país. Enterrado el dictador, desapareció la estabilidad del partido. Los miembros del partido fueron incapaces de mantener la unidad de este país multinacional. Apenas un año después de la muerte de Tito la "Irredenta" de Albania en la provincia de Kosovo comezó a atraer a los jóvenes. Belgrado declaró estos desórdenes una "contra-revolución". No los pudo detener. Las dificultades económicas empeoraron las luchas étnicas. Nadie fue capaz de evitar que los desórdenes se extendieran. El ejército ejerció su influencia sobre las organizaciones civiles a regañadientes.

A principios de marzo de 1987 el Almirante Branko Mamula, Ministro de Defensa yugoslavo, reunió a la crema de sus oficiales retirados en Zagreb. Criticó a los "elementos derechistas" que se dice habían conseguido obtener demasiada influencia sobre las tropas. El almirante también mencionó el movimiento pacifista de Eslovenia, cuyo fin es el de introducir "una alternativa civil al servicio militar". El Ministro de Defensa no fue el único en alertar al ejército. Unas semanas más tarde el Primer Ministro Branko Mikulic y el General Milan Daljevic hicieron una declaración pública. Indudablemente Daljevic es la persona de mayor influencia en el Ministerio de Defensa en Belgrado. Tanto él como el Primer Ministro abiertamente dijeron que el ejército habrá de funcionar como el protector de las "leyes constitucionales" de ser necesario.

El General Daljevic se mostró especialmente preocupado por los "ataques" de los jóvenes eslovenos al ejército. Sostuvo que había una contra-revolución en Eslovenia que buscaba destruir la unidad de Yugoslavia. Daljevic se indignó porque las formaciones del ejército en Eslovenia fueron identificadas como "tropas de ocupación extranjeras".

El presidente del comité del partido en el ejército, General Georgie Jovicic se quejó en abril de 1986 de que la mayoría de los extremistas nacionalistas se encontraban entre los reclutas más jóvenes. Más aún: están siendo instigados por los nacionalistas más viejos dentro del ejército. La situación es particularmente alarmante en Kosovo, donde entre 1982 y 1986 el 89% de los soldados abiertamente admitieron tener sentimientos anti-yugoslavos.



El interés por la carrera militar es extremadamente bajo en todo el país. Ha perdido su atractivo en Yugoslavia. El servicio militar obligatorio no es para nada popular, aún cuando el entrenamiento básico ha sido reducido de 18 a 15 meses, y eventualmente a 12. El interés es especialmente bajo en Croacia y en Eslovenia.

En vida de Tito, la alianza entre él y el ejército era tan fuerte que se evitó la fragmentación de las repúblicas entre 1960 y 1971. En 1966 Tito pudo depender de sus oficiales cuando despidió al Primer Secretario del partido y jefe de la policía de seguridad, General Aleksandr Rankovic. A 10 meses de la muerte de Tito el ejército pudo aplastar la "contra-revolución"— los desórdenes de la minoría albana en Kosovo.

Los generales yugoslavos siempre han mantenido que tienen dos tareas primordiales: primero, preservar la integridad de la república federal contra tanto enemigos internos como externos, y segundo, proteger el modo característico yugoslavo de comunismo. Estas tareas no son para nada fáciles, ya que Yugoslavia se ha visto sacudida repetidas veces por serias crisis económicas, que aún no ha podido resolver. El ritmo de inflación está por encima del 100%, los desocupados han alcanzado a 1:300.000, y las deudas de Yugoslavia ni siquiera pueden estimarse. Además del desastre económico hay rivalidades entre las nacionalidades. La fuerza del Ejército Popular decrece y la moral nunca antes estuvo tan baja.

Los generales no han podido presentar ninguna solución a los permanentes problemas económicos y sociales de Yugoslavia. Además existe el peligro de conflictos con las jóvenes generaciones. La juventud yugoslava acepta al ejército como un factor más entre otros. Por supuesto que no está de acuerdo con el ejército como árbitro que no acepta críticas.

027

Tensión entre dos etnias en Yugoslavia

BELGRADO, 25 (AP y [illegible]) [illegible] impuso "medidas extraordinarias" en la convulsionada provincia de Kosovo y envió una unidad especial de la policía a ese distrito, informó ayer la agencia estatal de noticias Tanjug.

El gobierno anunció el envío del destacamento especial de la policía federal a Kosovo para controlar posibles estallidos de violencia entre serbios y albanos.

La presidencia de Yugoslavia, un cuerpo de tres integrantes que, desde la muerte del presidente Josef Broz Tito, en 1980, rige este país de múltiples nacionalidades y 23 millones de personas, consideró que la situación en la provincia autónoma de Kosovo "puede deteriorarse más y amenaza seriamente la seguridad" debido al incremento de las actividades de los separatistas albanos y los extremistas serbios.

El envío de un destacamento de la policía federal, entrenada para enfrentar situaciones de emergencia, se consideró en Belgrado como una medida de precaución.

El gobierno yugoslavo aparentemente no desea ser tomado de sorpresa como ocurrió en 1981 cuando los separatistas albanos causaron sangrientos disturbios en Kosovo.

Los observadores de Belgrado dijeron que la fuerza probablemente sería una unidad paramilitar equivalente a una brigada, de 4.000 ó 5.000 efectivos.

La semana pasada, varios millares de serbias y montenegrinas efectuaron manifestaciones durante tres días consecutivos para protestar por las declaraciones atribuidas a un ex funcionario, Fadilj Hodja, de que las actividades de prostitución de las serbias podrían frenar las frecuentementes denunciadas violaciones en Kosovo.

Hodja, de origen étnico albano y todavía muy influyente en Kosovo, fue expulsado esta semana del Partido Comunista acusado de apoyar el nacionalismo albano.

Clarín 26-10-87

ARCHIVAR EN: Yugoslavia (027)

TEMA: Cooperación nuclear de Argentina y Yugoslavia.

PROCEDENCIA: Clarín 13/10/87

ARCHIVADO EN: Argentina (084)

8711418

01|01

19

YUGOSLAVIA 027

DPTO. II (EXTERI... 30 JUL 82 ... BILBAO

Que Pasa 4/6/82

YUGOSLAVIA

■ El juicio iniciado en abril al criminal de guerra **Andrija Artukovic** está llevando a la luz los monstruosos crímenes de quien fuera ministro del Interior del fascista "Estado croata Independiente", y jefe de los "ustachas", bandas culpables de masacres, persecuciones y asesinatos contra miles de patriotas yugoslavos durante la segunda guerra mundial. Asimismo, el proceso está revelando a la opinión pública mundial la supervivencia de estos grupos fascistas dentro de la emigración yugoslava, y su responsabilidad por diversos atentados y acciones terroristas en varios países. □

01 | 01

8711555

LA MAÑANA 16/11/87

Descontento por incremento de vida

Estabilidad sociopolítica yugoslava amenazada

La estabilidad sociopolítica de la Yugoslavia socialista y no alineada ha quedado amenazada por un decreto, vigente desde ayer de madrugada, que incrementa el costo de la vida en un 16 por ciento.

BELGRADO, (EFE).- Al despertarse, los yugoslavos han oído por radio la voz del Viceprimer ministro, Milos Milosavljevic, anunciando la congelación salarial en muchas ramas económicas, sobre todo en los servicios.

El Ministro ha explicado que la inflación estaba llegando a ser del 160 por ciento y que para primeros de año habría sobrepasado el 220 por ciento.

El dólar, que en 1980 costaba 20 dinares, está ahora en 1.000 y, según Milosavljevic, habría llegado a valer 2.270 el año que viene.

La amenaza de que sigan disparándose las huelgas, ha aconsejado no congelar los salarios de la industria rentable, pero los salarios de miles de fábricas productoras de pérdidas, como se las llama, serán sometidos a un proceso de saneamiento, previo al cierre definitivo.

Sus trabajadores percibirán durante este tiempo salarios simbólicos como medida intermedia de este proceso de reconversión.

En cuanto a las empresas industriales rentables, no podrán aumentar los sueldos por encima del incremento de su propia productividad.

Quedan excluidas de la austeridad la ya maltratada seguridad social y sanidad y la investigación científica.

Tras la divulgación de estas medidas, algunos observadores calculan que el 50 por ciento de la población será reducida a los límites de la pobreza tras que, desde 1980, el ciudadano medio de Yugoslavia haya perdido el 50 por ciento de su capacidad adquisitiva.

Según algunos sociólogos, de los 23 millones de yugoslavos, unos dos millones viven ya en el lindero de la miseria o inmersos en ella.

El desempleo ronda oficialmente el 15 por ciento y el índice es altísimo entre la minoría albanesa de Kosovo e inexistente en la próspera y diminuta República alpina de Eslovenia.

HUELGA

El proyecto de nueva ley de ordenamiento laboral codificará el derecho a la huelga, reduciéndolo en muchos aspectos respecto a la actual situación de simple tolerancia de los focos espontáneos de paro.

Hasta la fecha, en este país balcánico de renta per capita calculada por debajo de los tres mil dólares anuales, la huelga no estaba ni prohibida ni autorizada.

Milosavljevic ha pedido a los sindicatos que colaboren en favor del éxito de estas medidas de excepción económica que, añadió, dejarán de estar en vigor cuando Yugoslavia sanee su deuda exterior de 19.000 millones de dólares.

Más difícil será revisar el tinglado de su propio sistema económico de autogestión, que no funciona: los economistas se dividen entre los partidarios del centralismo y los partidarios de un mercado socialista liberalizado a ultranza.

Los Estados Unidos han prometido su apoyo financiero para el refinanciamiento de la deuda.

La CEE, por su parte, desearía encontrar en la no alineada Yugoslavia más afinidad política antes de ayudarla.

Finalmente, la Unión Soviética controla más del 40 por ciento del intercambio comercial yugoslavo.

Belgrado tiene relaciones estrechas con el Mercado Común Europeo y con su equivalente del bloque socialista el CAME (Consejo de Ayuda Mutua Económica).

En todo caso, para los observadores, resulta muy poco probable una evolución del no alineamiento yugoslavo hacia un neutralismo prooccidental de corte austríaco.

Tras este auténtico golpe económico, si no tuvieran éxito las medidas y se sucediera una oleada de huelgas y desestabilización social, nadie duda de que el Ejército intervendría.

En la mitad balcánica y menos desarrollada de esta federación de seis Repúblicas y dos regiones, los uniformes no provocarían excesivo rechazo.

El norte rico y centroeuropeo, Croacia y, sobre todo, Eslovenia, vería una derrota en la intervención del Ejército.

Desde hace meses, altas personalidades de las Fuerzas Armadas han recuperado protagonismo. Vienen asumiendo en sus intervenciones televisadas el papel de críticos del mal funcionamiento del sistema que, hasta su muerte en 1980, ejerció el inapelable Mariscal Tito.

Devaluación del 25% en Yugoslavia

BELGRADO. — Yugoslavia devaluó ayer el dinar en casi un 25 por ciento para tratar de aumentar las exportaciones en lo que constituye la más reciente de una serie de medidas puestas en vigor por las autoridades de Belgrado para paliar la crisis económica.

La decisión fue adoptada después de que el primer ministro Branko Mikulic lanzó un programa de austeridad que incluyó un aumento general de precios de más de un 70 por ciento e impuso restricciones a los aumentos salariales.

La crisis en la economía de ese país socialista, que se ha venido deteriorando progresivamente desde que la muerte de Tito en 1980 puso fin a 40 años de férreo control, ahora provoca tensiones en este estado balcánico de 23 millones de habitantes.

"La devaluación puede hacer derramar lágrimas a los yugoslavos que planeaban viajes de turismo o de compras al exterior porque todo les va a costar un 25 por ciento más", declaró un economista que trabaja en una embajada de un país de Europa occidental.

"Sin embargo, podrá contribuir a aumentar un poco las exportaciones".

Otro funcionario opinó que "habría sido más apropiada" una devaluación de un 35 por ciento, mientras algunas industrias que dependen de la importación de insumos y no cuentan con reservas de divisas serían gravemente afectadas.

El comercio atraviesa una contracción y Yugoslavia debe soportar la carga de una deuda externa de 20.000 millones de dólares, que se le hace difícil pagar. La tasa de inflación anual asciende a un 13 por ciento y el número de quiebras está creciendo.

La devaluación de un 24,6 por ciento, que rige desde la medianoche, se impuso después de que se introdujeron aumentos de entre un 30 y un 70 por ciento en los precios del combustible, los alimentos, el transporte y algunas materias primas. Estos precios fueron congelados en su nuevo nivel.

Los incrementos se traducen en un aumento de la inflación de un 18 por ciento.

Mikulic también introdujo limitaciones a los aumentos en los salarios, sobre todo a los más elevados.

El dinar, cuyo valor es fijado regularmente por el Banco Nacional, declinó acentuadamente frente a otras divisas a lo largo del año último por medio de una depreciación controlada. Esta es la primera devaluación en gran escala desde 1983.

El paquete de medidas de emergencia, que tiene por objetivo fundamental disminuir la tasa inflacionaria e impresionar favorablemente a los acreedores occidentales con el fin de negociar una reestructuración de la deuda, ha provocado divisiones entre el gobierno y las regiones más ricas de Yugoslavia, Eslovenia y Croacia.

PROTESTAS POR LAS MEDIDAS DE AUSTERIDAD DECRETADAS POR EL EJECUTIVO

Ola de huelgas obreras en Yugoslavia

El gobierno yugoslavo, presidido por el primer ministro Branko Mikulic, impulsó el fin de semana último un programa antiinflacionario para frenar el incremento del costo de vida, que llegó este año al 135 por ciento. En respuesta por el plan recesivo se produjeron manifestaciones y huelgas obreras en todo el país, en reclamo de incrementos salariales.

BELGRADO, 18 (AFP Y Reuter). — **Unos mil obreros** de una planta de aluminio **manifestaron** hoy por las calles de **Skopje**, capital macedónica, y lograron un **aumento salarial del 11 por ciento, mientras el gobierno yugoslavo implementa un nuevo plan de austeridad ante la crisis económica.**

Los operarios lograron un incremento **similar al que se otorgó un día antes para los trabajadores siderúrgicos** de la misma ciudad de **Skopje**, quienes también habían realizado **protestas callejeras** el **martes** para apoyar **sus reclamos**.

Al mismo tiempo unos 1.500 obreros de una maderera de Prilep, otra ciudad de Macedonia, manifestaron **sus reclamos a viva voz** en las calles, y los diarios de Belgrado hablaron de por lo menos **otras cinco huelgas** en esa misma región y en **Montenegro**, al sur del país, **la república** más rica de Yugoslavia.

Los reclamos **sindicales ocurren después que** el primer ministro **Branko Mikulic** lanzó un **programa de austeridad** para frenar una **inflación del 135 por ciento** [illegible] aumentos de **precios y restricciones a los incrementos salariales**.

El programa presentado **ante** el Parlamento el fin de semana último también trata de allanar el camino para **refinanciar una deuda externa de 20.000 millones de dólares**. La crisis **llevó a la suspensión del pago de intereses a la** banca acreedora.

El gobierno decidió hoy **una devaluación** del dinar del **25 por ciento**, la más importante desde 1983, **para** tratar de **aumentar las exportaciones, en** busca de divisas que le permitan **afrontar** sus compromisos con el exterior.

La devaluación **(exactamente** del 24,6 por ciento) **se impuso después** de haberse introducido **aumentos que oscilan** entre el **30 y el 70 por ciento en los** precios de los **combustibles, alimentos, el transporte y** algunas **materias primas**, sobre cuyo nuevo nivel se determinó el **congelamiento**.

♦ La deuda

El paquete **de medidas de emergencia**, cuyo objetivo **fundamental es disminuir la tasa inflacionaria e impresionar** así favorablemente a los **acreedores** occidentales para negociar una **refinanciación** de la deuda a largo plazo, ha provocado **divisiones** entre el **gobierno central** y las **administraciones** de las dos regiones más ricas de Yugoslavia, **Eslovenia y Croacia**.

Precisamente desde esas repúblicas, caracterizadas por **mayor grado de industrialización, se cuestiona la contradicción** entre las medidas restrictivas y el alza de precios avalada desde el gobierno, lo cual — consideran **esos sectores** — solo puede **acentuar la falta de productividad** de empresas que verán **bloqueados los precios** de los bienes **que producen**.

Algunas **industrias** que dependen de la **importación de insumos, y** no cuentan con reservas **de divisas, resultarían** gravemente **afectadas** por las nuevas reglas del juego económico.

El comercio interno atraviesa también una notoria **retracción, y desde hace** unos **años** los **quebrantos** empresariales sostienen un constante **aumento.**

♦ Disidencias internas

El **Partido Comunista** proyecta realizar una **conferencia extraordinaria sobre la crisis** este invierno (boreal), pero funcionarios de la agrupación señalaron que **hay descontento** entre sus filas. Incluso el **número de afiliados**, actualmente de unos [illegible] disminuyendo.

Algunos analistas remontan **los orígenes** de las penurias económicas a los últimos años de **Josip Broz Tito**, cuando comenzaron los **grandes gastos y los mayores empréstitos** del exterior.

Paralelamente el líder **yugoslavo (fallecido** en 1980) impulsó un **mayor equilibrio entre las distintas nacionalidades** del país, para lo cual dio ciertas **autonomías** a las repúblicas y provincias, encuadrado dentro de su **sistema económico de socialismo autogestionario**.

Los gobiernos centrales, **designados** por una **dirección colectiva** del Estado e influidos por el partido, **carecen actualmente** de poder para **instrumentar las reformas en caso de que las regiones no las acepten.**

Ya desde antes de la muerte **de Tito** los dirigentes de la industria **comenzaron a** tomar gran cantidad de **empréstitos** en el exterior para financiar **importantes inversiones**, al mismo tiempo **que se** desarrollaba una marcada **expansión del consumo interno**.

Las empresas **yugoslavas contrajeron a su vez deudas entre ellas, que, según** el viceprimer ministro **Milos Milosavljevic**, ascienden actualmente a unos **10.000 millones de dólares**.

El financiamiento ilegal **se extendió**, y este año estalló el **escándalo financiero** más grave desde la asunción del sistema socialista, en 1945, cuando **una empresa estatal** fue denunciada por haber otorgado **pagarés falsos** por valor de **900 millones de dólares**.

En opinión de **Rorna Rebek**, un destacado economista yugoslavo, el nuevo plan "**restringirá la demanda** por un tiempo, estimulará un poco las exportaciones y ejercerá alguna presión para la baja de la inflación.

01-01

8712432

PARTES POCO LEGIBLE

CARP. Nº 28

028

ASIA

ENTRE LOS Nºs

8702293-8712234

R.028

AN

EL DIA — Montevideo, domingo 8 de febrero de 1987 — PAGINA 5

Principal amenaza en Asia es el poderío soviético, dijo canciller de Canadá

NUEVA DELHI. — La principal amenaza para la seguridad de Asia y el Pacífico es el incremento del poderío bélico soviético, afirmó ayer el ministro canadiense de Relaciones Exteriores, Joe Clark.

Al hablar durante un almuerzo ofrecido por James Harris, alto comisionado canadiense en Nueva Delhi, Clark manifestó que la mejor forma de que Moscú alivie las tensiones regionales consistiría en que retire sus tropas de Afganistán.

"La brutal ocupación de ese país, si continúa, restará veracidad a todas las declaraciones soviéticas de buenas intenciones en Asia sudoccidental", manifestó.

India es el aliado más estrecho que tiene la Unión Soviética en Asia meridional y su auditorio mayoritariamente indio escuchó en silencio las declaraciones de Clark, brindándole un aplauso tibio al final de su exposición.

Clark manifestó al auditorio: "Desde la perspectiva canadiense, la principal amenaza a la seguridad de la región de Asia y el Pacífico en su conjunto es el incremento del poderío militar soviético. Esta amenaza soviética, particularmente la amenaza naval, se extiende a través y más allá de la región y es ciertamente un elemento dentro de una pauta global".

Clark se mostró satisfecho por recientes discursos en favor de la distensión en Asia, pronunciados por el líder soviético Mijail Gorbachov, quien fue calurosamente acogido aquí cuando efectuó una visita en noviembre.

LAS REPUBLICAS ASIATICAS SE RESISTEN A SER CONTROLADAS

La política del líder de la URSS, Mijail Gorbachov, orientada a controlar con más fuerza el Asia oriental soviética —política esbozada el mes pasado en un discurso en Tashkent que no se publicó en la prensa central, moscovita—, parece ir a contracorriente de una considerable oposición entre las poblaciones de estas tierras de antigua conquista zarista.

Los primeros días de Guenadi Kolbin como primer secretario del partido comunista de Kazakistán, una de las repúblicas centroasiáticas de la URSS, no han sido lo que se dice fáciles. Es ruso y eso ha lanzado a grupos de estudiantes de Kazakistán a las calles de Alma Ata, capital de la república, en lo que aparentemente han sido violentas manifestaciones que han durado al menos dos días.

El líder saliente del partido en Alma Ata, Dimujamed Kunaev, de 75 años, era un buen representante de todo lo que disgusta a Gorbachov sobre el modo en que se ha gobernado Asia Central durante decenios. No sólo porque era un próximo colaborador del ahora despreciado Leonid Breznev, sino que también gobernó su república como un feudo, en el que todo el aparato era más leal a Kunaev que a Moscú.

La situación, según informaciones de la Prensa soviética, era aún peor en la República de Uzbekistán, donde Sharaf Rashidov (que murió en 1983), próximo a Breznev, casi permitió al islamismo suní convertirse en una religión de Estado.

Breznev toleró el desarrollo de fenómenos negativos y de graves defectos en la vida soviética, según afirmó el jueves en un editorial el diario oficial Pravda. Algunos expertos interpretan este editorial como la puesta en marcha de un proceso de desbreznevización por parte de Gorbachov.

La batalla contra la tolerancia religiosa, según los comentarios de Gorbachov en Tashkent, es esencial para restablecer una situación auténticamente soviética. Las medidas activas, que ahora se aplican con un desconocido entusiasmo en Uzbekistán, Kirguisia, Tayikistán, Turkmenistán y Kazahistán, incluyen bastantes cierres de lugares sagrados y la persecución de autoproclamados mullahs, según diarios de la zona.

Las preocupaciones centroasiáticas de Moscú son también, en parte, de naturaleza económica. Mientras todos los demás territorios de la inmensa URSS padecen una falta de mano de obra, en Asia Central ocurre lo contrario y la población local no se muestra atraída por las importantes primas que se ofrecen por trabajar en zonas en desarrollo, como Siberia y el Extremo Oriente. Kunaev y sus homólogos de las repúblicas vecinas siempre se han mostrado partidarios de que Moscú lleve las industrias a sus repúblicas en vez de estimular a la población a marcharse. Unos meses atrás, al cancelar el proyecto de desvío de aguas de los ríos siberianos hacia Asia Central, Gorbachov dejó claro que consideraba que un exceso de mano de obra no justifica un énfasis especial en el desarrollo de una economía local.

EXPERIMENTO

Durante los últimos meses se ha acentuado la llegada de funcionarios de origen eslavo a las repúblicas centroasiáticas, una de las técnicas más evidentes que Moscú utiliza para romper la existencia de oligarquías locales cerradas.

Lo ocurrido en el Comité Central de Kazakistán esta semana es un fenómeno nuevo. Desde tiempo atrás se ha seguido la práctica de que el primer secretario de una república sea una persona originaria de la misma. Kazakistán es un lugar adecuado para un experimento de este tipo, pues los naturales de esta república representan sólo el 40% del total de sus habitantes y el 15% de la población de la capital, Alma Ata, antigua guarnición zarista.

Opinión 16/1/87 Nº 68

01-01

028

8703905

Kurdistán: una nación desintegrada

La nación Kurda dispersa en cinco países, se ha visto cada día más involucrada en la guerra del Golfo Pérsico. Varios grupos separatistas armados reivindican el derecho a la autodeterminación, aunque los hechos muestran que también son utilizados como carne de cañón por los países beligerantes.

Aunque el Kurdistan no es un país, los kurdos conforman una comunidad de veinte millones de personas, que habitan la región asiática situada mayoritariamente al este y al norte del río Tigris. Dos factores hacen a esta una zona estratégica de vital importancia, en primer lugar, la enorme cantidad de petróleo que posee su subsuelo, y segundo, por abarcar territorios de cinco países diferentes: Turquía, Iraq, Irán, Siria y URSS.

En tal contexto geo-político, los kurdos se encuentran en medio de un fuego cruzado de intereses contrapuestos, que los pone constantemente en peligro, pero que al mismo tiempo, parecería garantizar su supervivencia. La agudización actual del conflicto del Golfo Pérsico, puede traer consecuencias nefastas para esta comunidad, la cual se ha visto cada vez más involucrada en este conflicto, muchas veces involuntariamente.

Un destino incierto

Analizada globalmente, la comunidad kurda atraviesa una compleja situación y su destino es incierto; una vez más la historia parecería querer hacerle jugar el rol de perdedor. Siria apoya a los kurdos disidentes de Turquía, Iraq apoya a los kurdos de Irán, por su parte Teherán apoya a los kurdos de Iraq, y Turquía e Iraq han firmado un tratado para combatir las guerrillas separatistas de ambos países.

En Turquía viven entre ocho y diez millones de kurdos, en su mayoría en las provincias de Van, Siirt, Diyarbakir, Mardin y Hakkari (las cuatro últimas bajo la ley marcial desde hace tiempo) junto a las fronteras de Siria, Iraq, e Irán. En el primero de estos países vive casi un millón de kurdos, más de seis millones de Irán y unos tres millones y medio de Iraq. Unos trescientos mil kurdos en la URSS completan el soporte humano de esta nación sin Estado, de veinte millones de miembros, que llegó a tener en el pasado una identidad más clara —como nación unitaria— pero que ahora libra batallas aisladas en cada país, la mayoría de las veces dirigidas por minorías activas que no cuentan con un apoyo claro en el seno de la población.

En tres de estos países —Turquía, Iraq e Irán— puede hablarse de un "problema kurdo".

En Turquía, en las llamadas "provincias del Este", habitadas por "hombres de las montañas" (forma oficial para referirse al Kurdistán) se mantiene la ley marcial para enfrentar a los guerrilleros separatistas del Partido de los Trabajadores Kurdos (PKK), un grupo marxista-leninista fundado en 1978 que plantea la creación de un Kurdistán unificado.

Desde agosto de 1984, este grupo ha practicado la lucha armada, registrándose hasta la fecha más de 700 víctimas, entre gendarmes, militares, civiles y guerrilleros.

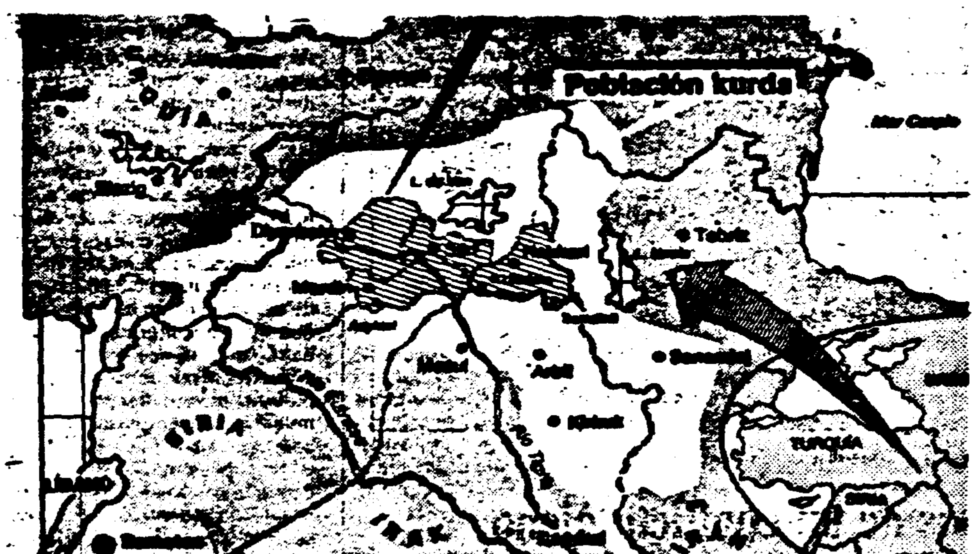
Iraq por su parte, sumergido en una guerra con Irán que ya dura 7 años, se ha visto obligado a limitar el empleo de sus medios militares en el norte, en la zona montañosa habitada mayoritariamente por kurdos. Esta coincidencia de intereses entre Turquía e Irán, los ha llevado a firmar un acuerdo en octubre de 1984, en el cual ambos ejércitos quedan autorizados para penetrar hasta 5 kilómetros en territorio del otro país y durante un plazo máximo de 3 días para perseguir a los separatistas kurdos. Este derecho de persecución acordado entre ambos países ha sido utilizado únicamente por Turquía en muy escasas ocasiones. Iraq, por las mismas razones que la llevaron a firmar el acuerdo, no ha hecho uso de este derecho.

La población se protege

Los ataques de la guerrilla del PKK se efectúan exclusivamente desde las fronteras con Iraq y Siria. Uno de los últimos ataques importantes se efectuó el 28 de abril en Semdinli a 13 kilómetros de la frontera con Iraq, con un saldo de 16 muertos, 13 gendarmes y 3 guerrilleros.

Este ataque parecería mostrar un cambio de estrategia de la guerrilla kurda en Turquía. Hasta entonces los ataques se centraban contra el cuerpo de voluntarios civiles, llamados "los protectores", constituidos en su mayoría por kurdos, armados por los militares, para que ellos mismos se hicieran cargo de la seguridad de las pequeñas poblaciones aisladas en las montañas del Kurdistán.





En el correr del año 87 se han registrado dos sangrientas incursiones del PKK contra las familias de los "protectores".

De las 22 víctimas en estos dos ataques, 19 eran mujeres y niños. Los "protectores" son un objetivo militar de la guerrilla porque de hecho este cuerpo voluntario, que reúne en total unos 6.000 hombres dispersos en pequeños grupos por cada localidad, constituye un muro de contención a todo intento de penetración de los separatistas kurdos. En este sentido el mensaje del PKK es claro: colaborar con el ejército es cruzar el límite y convertirse en enemigo y, por consiguiente, en objetivo militar. Pero no sólo los hombres armados, sino también sus familias. En realidad, estas acciones tuvieron el efecto contrario al buscado por el PKK los protectores identificaron con mayor claridad un enemigo que antes los confundía al referirse a la raíz étnica común. Pero además, cada ataque de los separatistas kurdos es seguido de acciones de represalias del gobierno turco, bombardeando las zonas donde estos tienen sus bases en territorio iraquí, en aplicación del acuerdo entre Ankara y Bagdad.

No hay diferencias étnicas

A pesar de esta realidad, los dirigentes políticos de Ankara se resisten a aceptar que en Turquía exista verdaderamente un problema kurdo. El asesor de mayor confianza del primer ministro turco, Adnan Kahveci, de 39 años y considerado uno de los hombres liberales del Partido de la Madre Patria en el gobierno, declara: "Si dividimos Turquía en grupos étnicos, podemos encontrar hasta 30. Pero, en la realidad social, no existen diferenciaciones étnicas ni discriminaciones. A nadie se le pregunta cuando busca trabajo si es kurdo. En la historia de este país se pueden encontrar presidentes, primeros ministros, jefes de estado mayor, ministros, diputados y profesores que proceden de las provincias del Este".

Por su parte el ex primer ministro socialdemocráta Bulent Ecevit, de 62 años, a quien se le mantiene aún la proscripción política, está convencido que el problema es básicamente de intervenciones exteriores y principalmente socioeconómico. "Cuando mi partido estaba en el poder (antes del golpe militar de 1980) y utilizó una política de estímulo al desarrollo en aquella zona, llegó a obtener en la misma el 60% de los votos", recuerda Ecevit.

Neutralidad interesada

Turquía pretende tener una premeditada política de neutralidad en el conflicto entre Iraq e Irán, e incluso su ministro de Relaciones Exteriores Vahit Halefoglu, declaraba recientemente que las relaciones con Siria están mejorando, a pesar de que una parte de los dirigentes políticos turcos plantea la necesidad de darle una lección a este país por cobijar al líder del PKK, Abdulá Ocalán.

Mientras que Ankara reprocha a Teherán pretender exportar la revolución islámica a su territorio, el régimen del ayatollah Khomeini parece dudar de la neutralidad de los turcos, particularmente por el interés de Ankara en la región del Kurdistán iraquí, donde se encuentra Mosul y la zona petrolífera de Kirkuk. En efecto, Turquía reclama como suyo este territorio que hasta 1926 estaba bajo su dominio, y donde viven actualmente un millón de turcos, pero además —y es lo más importante— de allí obtiene el 45% (casi un millón de barriles por día) del abastecimiento del petróleo que consume actualmente y que llega por un oleoducto hasta la localidad de Ceyhan.

Instrumentos de un conflicto ajeno

En Iraq, el sector separatista más antiguo es el de Mustafá Barzani, el Partido Democrático del Kurdistán (PDK) que desde la revuelta de 1961 tiene en jaque a Bagdad. Las constantes presiones del ayatollah Khomeini finalmente han logrado que este grupo se uniera con la Unión Patriótica del Kurdistán (UPK) en una coalición que actúa militarmente en común acuerdo y en coordinación con la fuerzas de asalto iraníes.

Así la última ofensiva iraní en el frente norte, llamada Kerbela 10, ha contado con el apoyo logístico de los *peshmerga* (guerrilleros kurdos), Bagdad ha llevado adelante varias operaciones de limpieza, aplicando una política de tierra quemada y arrasando del mapa numerosas poblaciones. Sus habitantes son trasladados a zonas mantenidas bajo control militar. El objetivo de estas operaciones es mantener alejada a la población civil de los grupos separatistas y llegar así a respuestas militares directas contra las bases kurdas.

Por su parte, Bagdad apoya al Partido Demócratico del Kurdistán de Irán (PDKI) que opera desde sus bases en territorio iraquí, contra Teherán. Es necesario recordar que los kurdos iraníes participaron activamente en el derrocamiento del Sha, pero luego con el advenimiento de la república islámica perdieron toda esperanza de lograr un acuerdo aceptable con el régimen del ayatollah Khomeini. Desde entonces han vuelto a la guerrilla, luchando sin éxito por un espacio autonómico que el Gobierno de Teherán les niega.

A raíz del estallido del conflicto iranio-iraquí en 1980, que obligó a ambos países a disminuir la presión ejercida contra los territorios kurdos respectivos, la lucha armada de los grupos separatistas se ha visto reactivada en la mayoría de los frentes. Muchos kurdos creen que ha llegado el momento de conquistar el derecho de fundar un Estado propio o una provincia autónoma. Cabe sin embargo preguntarse, más allá de la reivindicación de una identidad étnico-cultural indiscutiblemente válida, si los kurdos no son hoy un pretexto de injerencias militares y carne de cañón de los actuales conflictos del área. No todos los medios son adecuados para lograr la libertad y la independencia tan deseadas. Menos aún cuando las mayorías piensan otra cosa.

Luis A. Guirin

HR

ARCHIVAR EN: Asia (028)

TEMA: Analysis of Meeting of Communist Parties from Asian and Pacific Region Held in Outer Mongolia.

PROCEDENCIA: ENLACE Chino 14/10/87 Doc. 1687/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Chino (135/B)

01 | 01 8710035

EDITORIAL

País mirando al sudeste

(asiático)

DENTRO de una política de clara apertura internacional, nuestro Canciller ha encarado recientemente el estudio destinado a implementar la instalación de una representación diplomática que cubra los países de la ASEAN (Association of Southeast Asian Nations) o sea la Asociación de Países del Sudeste de Asia. Esta organización internacional está formada por Indonesia, Malasia, Filipinas, Singapur, Tailandia y Brunei y fue establecida para acelerar el progreso económico, social y cultural así como para asegurar la estabilidad en el sudeste asiático. Constituida hace veinte años sustituyó la ASA, integrada por Malasia, Filipinas y Tailandia en 1961. Comprende una superficie de más de 3 millones de kilómetros cuadrados y reúne una población de cerca de 300 millones de habitantes entre los que Indonesia es el quinto país en población del mundo. Su volumen de corrientes comerciales es de unos 150.000 millones de dólares repartidos casi igual entre exportaciones e importaciones. Están allí, Singapur, tercer centro financiero en importancia mundial; así como Malasia primer exportador de semi conductores.

ESTA inquietud apunta claramente a insertar al país en una zona económicamente en expansión acelerada y dentro de una gran región donde el Uruguay tiene escasa presencia. Nuestra representación diplomática en Oriente alcanza a una Embajada en Japón, un Consulado General en Hong Kong y una representación en Taiwan que no tiene desde hace tiempo, diplomáticos, sino una funcionaria administrativa local. La escasez de medios, se trasunta en escasez de información, en falta de contactos y nuestros negocios con esa zona no guardan relación con la expansión que la misma ha tenido, no obstante el esfuerzo conjunto de nuestro sector público primero y más recientemente del sector privado que ha destacado en Hong Kong a representantes de nuestro sector exportador con carácter permanente y mediante un significativo esfuerzo.

LA concreción en el futuro de esta iniciativa así como la aparentemente cada vez más cercana instalación de una representación diplomática en China Continental, de acuerdo a lo trascendido al respecto marcarían un punto de inflexión importante en cuanto al mejoramiento de nuestras corrientes comerciales en una zona receptiva por su dinámica a la necesaria expansión y diversificación de nuestras exportaciones. Revelan además un reconocimiento más allá de los aspectos meramente económicos, de lo importante que son estos países como aliados de Uruguay en los foros internacionales. Recientemente se ha publicitado lo importante que resultó en las negociaciones textiles realizadas con Estados Unidos, el fundamento de una medida lograda el año pasado en Ginebra cuando se negoció el protocolo de prórroga del Acuerdo Multifibras. Pues bien en las negociaciones realizadas durante el mes de julio de 1986 en Ginebra nuestro país logró aunar esfuerzos negociadores con un reducido núcleo de países que no obstante por su importancia significaron un gran apoyo estratégico; ellos eran Brasil, México, China Continental, los Asean, Hong Kong, India y Egipto. Es pues de importancia estratégica tener relaciones diplomáticas en otros foros; en especial cuando en temas que nos son tan caros, podemos encarar acciones conjuntas, y todos sabemos que textiles significan en nuestro país en el primer semestre de 1987 más del 36% de nuestras exportaciones.

NO debemos olvidar además que siendo mayoritariamente firmantes del GATT y en el caso de China Popular habiendo solicitado a mediados de 1986 recuperar su estatuto como parte contratante; son países que comparten las reglas de juego y compromisos que tal estatuto involucra. El respeto por los principios —como los de no injerencia o el de nación más favorecida— así como el acatamiento de normas y sanciones no es similar entonces al de otros países —como Taiwan— que al estar fuera de todos los foros y acuerdos

(asiático)

internacionales pueden variar a voluntad sus compromisos sin atenerse a reglas, reclamaciones o sanciones.

EL complemento indispensable a una política de relaciones exteriores, quizás la más clara y de mayor respaldo, que tiene nuestro gobierno, es la definición paralela de una política de Comercio Exterior entre cuyos ingredientes prioritarios debe figurar la reorganización institucional del mismo. Las políticas que relacionan al país con el exterior deben seguir rápida e inexorablemente las realidades del mundo. La realidad de las relaciones internacionales está cambiando, ya no hay fronteras posibles a las influencias extranjeras. El ejemplo de la virulencia aperturista de la Unión Soviética se debe más quizás a un ejemplo vecino de apertura económica y tecnológica avasallante (China Comunista) que a convicciones doctrinarias. Saludamos pues con beneplácito el esfuerzo de nuestra diplomacia por "aggiornarse"; pero pensamos que no debe demorarse un instante en seguir el mismo camino en lo que se refiere al Comercio Exterior. En este campo quizás el trabajo conjunto con el sector privado y una adecuada reorganización institucional pueden ser el marco adecuado para introducirnos hábilmente en las vertiginosamente cambiantes situaciones que deparan las relaciones económicas internacionales. Bienvenida pues la saludable apertura mental que hemos reclamado con insistencia.

J.A.F.B.

PARA ASIA

El portacontenedores "Nedlloyd Singapore" (Nedlloyd) levantó una valiosa partida de [illegible] uruguayos [illegible] puertos de Asia. [illegible] en Sudáfrica fue [illegible] con cueros curti[illegible], 1 contenedor con lana tops, 3 contenedores con madera paraguaya y 1 contenedor con motores de aviones para reparar procedentes de Paraguay, para Australia fueron 3 contenedores con pescado congelado (abadejo y merluza), para Hong Kong 2 contenedores con pescado congelado, 6 contenedores con lana tops, 9 toneladas de aleta de tiburón seguramente para la preparación de la exquisita sopa de aleta de tiburón y otras especialidades para Shangai 10 toneladas de cueros curtidos, para Manila 7 toneladas de cueros curtidos, para Taiwán 9 toneladas de madera paraguaya, 10 toneladas de lana tops, 1 contenedor con cueros curtidos y 2 contenedores con lana tops, para Kaosiung 3 contenedores con atún a granel, para Corea 8 contenedores con lana tops, 3 toneladas de casimires y 15 toneladas de lana tops, finalmente para Japón fueron [illegible] toneladas de lana, 67 toneladas de cueros curtidos paraguayos y 1 tonelada de cueros [illegible]

01 | 01

8712234

CARP. Nº 29

029 AFGANISTAN

ENTRE LOS Nºs

8700054-8712327

Destituyeron al presidente de Afganistán, Babrak Karmal

MOSCU, 20 (UPI).- El presidente afgano, Babrak Karmal, instalado en el poder por Moscú en 1979, ha sido destituido de la presidencia, informó la agencia noticiosa soviética TASS.

Karmal, de 67 años, ya había sido removido en mayo último de la Secretaría General del Partido Comunista, el cargo más importante en Afganistán. La presidencia es una jerarquía esencialmente ceremonial.

"El plenario del PC analizó el pedido de Babrak Karmal de ser relevado de todos sus puestos estatales y del partido", según TASS, que añadió que "el plenario aceptó, unánimemente, el pedido de Karmal".

El informe fue divulgado solo un mes después de que los miembros del Partido Comunista habían expresado públicamente su apoyo a Karmal en una ceremonia en Kabul, la capital afgana. Afganistán fue invadida por tropas soviéticas en 1979.



Babrak Karmal (Archivo)

La lucha por el poder

Según TASS, el plenario del PC expresó su gratitud al veterano político afgano. Sin embargo, los corresponsales occidentales que fueron invitados a Afganistán el mes anterior informaron que Kamal estaba sumamente molesto por su remoción como secretario general del Partido Comunista, el 4 de mayo último.

Karmal fue reemplazado por Mohammed Najibullah, el ex jefe de la policía secreta, quien ha hecho de la reestructuración del ejército una prioridad de su administración.

La destitución de Karmal de todos sus cargos significó el triunfo de Najibullah en la lucha por el poder, que se libró entre bambalinas.

Diplomáticos Kabul informaron que, luego de su destitución como secretario general del partido, hubo manifestaciones en las calles de la capital.

Además, corresponsales soviéticos en Afganistán admitieron que Karmal aún tenía considerable apoyo en el partido.

Radio Kabul, captada en Islamabad, informó de la "renuncia" de Karmal poco después que el enviado especial de la Naciones Unidas, Diego Cordovez, llegara a Pakistán para realizar conversaciones en torno del retiro de las tropas soviéticas de Afganistán.

Control relativo

En la ceremonia para el retiro de un regimiento soviético de Kabul, Karmal diplomáticamente evitó honrar a los soldados soviéticos.

Mientras Najibullah, el embajador soviéticos y otros funcionarios lanzaban flores a las tropas desde una plataforma, Karmal permaneció en silencio, rehusando tomar parte en la ceremonia.

Diplomáticos occidentales estimaron que Najibullah, de 39 años, estaba ansioso por librarse de su rival, pero los soviéticos le aconsejaron cautela debido a que Karmal continuaba siendo popular.

Las fuentes diplomáticas occidentales añadieron que Karmal, criticado en Occidente debido al papel que desempeñó en la invasión soviética, era popular entre las filas del PC afgano.

Karmal fue instalado como líder luego de la invasión soviética en 1979. Tras la muerte del anterior mandatario, Hazifullah Amin, karmal "invitó" a las tropas soviéticas al país.

Sin embargo, más de seis años después de la invasión Karmal no había logrado extender el control gubernamental más allá de las principales ciudades y las rutas patrulladas por los efectivos de Moscú.

El cambio, con un joven Najibullah, fue acompañado de medidas para incrementar la fuerza militar del gobierno, en su lucha contra los rebeldes.

El pecado de no poder arriar la bandera rebelde

El ahora ex presidente del Consejo Revolucionario, entidad suprema del Estado afgano y quien fue, también, secretario general del Partido Comunista, posiblemente no se encuentre en condiciones de rememorar el pasado inmediato. Ese tiempo que ya es historia le recordaría que alguna vez -la precisión de la fecha, 27 de diciembre de 1979, es casi innecesaria- encabezó un golpe contra Hafizullah Amin, quien, apoyado por la URSS, no pudo doblegar a sus compatriotas, una especie de traición para sus mandantes, que debió pagar, al igual que aquel Nur Mohammed Takari títere de Moscú, con lo único que les restaba de un poder desmesurado: la vida.

Si Babrak Karmal pudiese recordar pasaría revista a su legajo, a aquella síntesis que formuló hace apenas dos años: "Desde los 18 años fui un activo militante del movimiento estudiantil. Luego, me uní a la lucha democrática y ayudé a crear el PC. Estuve cuatro años en la cárcel por mis actividades. Fui elegido dos veces por los ciudadanos de Kabul para integrar la Asamblea Nacional durante la década del sesenta. Fui vicepresidente del Consejo Revolucionario después de la revolución de 1978. Mis antecedentes son claros: fui y soy un revolucionario al servicio de mi país y de mi pueblo".

También evocaría aquel 17 de junio de 1980 en el que intentó quitarse la vida de un balazo, episodio que no se gestó por su imposibilidad de arriar la bandera verde de los "mujahidines", sino por saberse un prisionero de quienes, desde los corredores del Kremlin, tejían y destejían los destinos de su país.

Virtual administrador de políticas que él no decidía, rodeado por personal soviético, al igual que su custodia e, inclusive, su cocinero, carecía de un espacio personal, de esa capacidad de maniobra que, necesariamente, habría debido acompañar la jerarquía de un auténtico mandatario. Eran los asesores invasores los que le permitían salir del Palacio. Eran también ellos los que dictaminaban sobre el bien y el mal.

Es factible que hoy tenga conciencia de su error de cálculo cuando aceptó, para jugar un papel decisivo en la política de Afganistán, el respaldo de una Unión Soviética cuyos objetivos no eran, precisamente, los de él. Tal vez hoy acepte que esa expresión de disgusto y la mirada torva que lo acompañó en los últimos años fue un anticipo, una lenta aproximación al fin.

Este intelectual de origen aristocrático, el victimario transformado en víctima, buscará las causas de su destitución y, sin dudas, no las hallará. Si él fue el jefe de Estado que permitió las operaciones irrestrictas del ejército soviético, el que montó un sistema represivo que encarceló y torturó y quien justificó la casi destrucción de las ciudades de Kandahar y Herat por la aviación que ocupaba los cielos de su país y cuyos pilotos, para doblegar una resistencia apoyada en el coraje más que en las armas, arrojaron bombas de fuego líquido sobre los rebeldes, ¿cuál era, entonces su culpa?.

Creador, en 1967, de la fracción Parcham (Bandera) del Partido Comunista, agrupación que desempeñó un decisivo papel en los acontecimientos que marcaron el fin de la monarquía, ha sido reemplazado por Mohammed Najibullah, quien pertenece al PC, pero como miembro del sector Khalq (Pueblo).

"El Islam está lleno de principios progresistas: paz, honestidad, verdad, igualdad, respeto por el prójimo. La revolución afgana está perfectamente de acuerdo con esos principios.", argumentó hace tiempo. No hay razones para dudar de su honestidad al expresar tal pensamiento, inspirado, tal vez, en la creencia de poder unir el islamismo con las prácticas marxistas, un casi despropósito que no pocos comunistas comparten y que, puede inferirse, comenzarán a ganar las calles de Kabul en actitud contestataria por la destitución.

Pero Moscú rehusará cualquier cambio en la naturaleza y composición del régimen de Kabul que pudiera conducir a una posible pérdida del poder.

Otro deberá completar lo que él no supo hacer: esclavizar un pueblo sin aceptar que los hombres, como se refirió el ahora depuesto presidente en relación con los exiliados afganos, puedan "residir en cualquier lugar de la nación, con la plena libertad de hacer lo que deseen y profesar la religión que quieran".

Sería inminente un acuerdo

Afganistan 029

Cayó Karmal en Afganistán

21/11/86 A. Financiera

Escribe Jack Redden
De la Agencia "UPI"

Moscú — El presidente afgano **Babrak Karmal**, instalado en el poder por Moscú en 1979, ha sido destituido de la presidencia, informó hoy la agencia noticiosa oficial soviética "TASS". Karmal, de 67 años de edad, ya había sido removido en mayo de la Secretaría General del Partido Comunista, el cargo más importante en Afganistán. La presidencia es un puesto esencialmente ceremonial. "**El plenario (del PC) analizó el pedido de Babrak Karmal de ser relevado de todos sus puestos estatales y del partido**", según "TASS".

• "**El plenario aceptó unánimemente el pedido de Karmal**", añadió. El informe fue divulgado sólo un mes después de que los miembros del Partido Comunista hubieran expresado públicamente su apoyo a Karmal en una ceremonia en Kabul, la capital afgana. Afganistán fue invadida por tropas soviéticas en 1979.

• Según "TASS", el plenario del PC expresó su gratitud al veterano político afgano. Sin embargo, los corresponsales occidentales que fueron invitados a Afganistán el mes pasado informaron que Karmal estaba sumamente molesto ante su remoción como secretario general del Partido Comunista el 4 de mayo. Karmal fue reemplazado por Najibullah, el ex jefe de la Policía Secreta, quien ha hecho de la reestructuración del ejército una prioridad de su administración.

• La destitución de Karmal de todos sus cargos significó el triunfo de Najibullah en la lucha por el poder, que se libró tras bambalinas desde mayo.

• Diplomáticos en Kabul informaron que, luego de su destitución como secretario general del partido, hubo manifestaciones en las calles de la Capital.

Además, corresponsales soviéticos en Afganistán admitieron el mes pasado que Karmal aún tenía apoyo considerable en el partido.

"Radio Kabul", captada en Islamabad, informó ayer de la "**renuncia**" de Karmal, poco después de que el enviado especial de las Naciones Unidas, Diego Cordovez, llegara a Pakistán para mantener conversaciones en torno al retiro de las tropas soviéticas de Afganistán. "Radio Kabul" sólo informó sobre la "**renuncia**" de Karmal, sin dar más detalles.

• En la ceremonia para el retiro de un regimiento militar soviético de Kabul, Karmal diplomáticamente evitó honrar a los soldados soviéticos. Mientras que Najibullah, el embajador soviético y otros dignatarios lanzaban flores a las tropas desde una plataforma, Karmal permaneció en silencio, rehusando tomar parte en la ceremonia.

• Diplomáticos occidentales estimaron que Najibullah, de 39 años de edad, estaba ansioso de librarse completamente de su rival, pero los soviéticos le aconsejaron cautela debido a que Karmal continuaba siendo popular. Las fuentes diplomáticas occidentales añadieron que Karmal, vilificado en Occidente debido al papel que desempeñó en la invasión soviética de su país, era popular entre las filas del PC afgano.

• Karmal fue instalado como líder luego de la invasión soviética en la Navidad en 1979. Tras la muerte del anterior líder **Hafizullah Amin**, Karmal "**invitó**" a las tropas soviéticas al país. Sin embargo, más de seis años después de la invasión soviética, Karmal no había logrado extender el control gubernamental más allá de las principales ciudades y las rutas viales patrulladas por los efectivos de Moscú. El cambio con un joven Najibullah fue acompañado de medidas para incrementar la fuerza militar del gobierno, en su lucha contra los rebeldes afganos.

AFGANISTAN

029

SEGUN PEKIN DESTITUIRIAN AL JEFE DE LA SEGURIDAD AFGANA

Anuncian el arresto masivo de partidarios de Karmal

La agencia oficial de noticias de Pekín, Xinhua, comunicó ayer que el actual jefe del partido gobernante, Najibullah, sería reemplazado por Moscú. Incluso, se dieron los nombres de sus posibles sucesores. Añadieron esas fuentes que Najibullah habría sobrevivido a un atentado contra su vida y que posteriormente fue llamado a Moscú. La información puntualiza que Babrak Karmal, destituido hace diez días, estaría arrestado y sería conducido próximamente a Checoslovaquia para ser tratado por una leucemia. Detienen en Kabul a partidarios de Karmal, en una ola de redadas.

ISLAMABAD, 25 (AP y XINHUA). — El gobierno soviético está considerando seriamente el reemplazo del jefe del gobernante partido afgano, Najibullah, quien sustituyó en mayo pasado en esa función a Babrak Karmal, quien luego dimitió a la presidencia honorífica del país. Así lo informó hoy la prensa internacional afgana, en Peshawar.

En opinión de la URSS, Najibullah se ha hecho impopular y es incapaz para tratar con los rebeldes y con los insurrectos del grupo de Parcham (Bandera), partidarios de Karmal. La prensa afgana revela hoy que Najibullah había sido llamado a Moscú y que lo reemplazaría el actual ministro del Interior, Muhammad Gulabzal. Otros nombres factibles mencionados por la prensa para suceder a Najibullah son el coronel Sarwar Nooristani —uno de los principales protagonistas del golpe que derrocó a Sardar Daud en 1978— y el diplomático Abdullah Sarwari.

Otra versión recogida por algunos medios de prensa es la de que Najibullah sorteó un atentado contra su vida cuando fue atacado por partidarios de Karmal en el palacio presidencial de Kabul. Según esa especie, el actual jefe del partido oficial afgano habría sido herido en ese suceso al igual que algunos militares soviéticos y varios funcionarios civiles de Afganistán.

La prensa internacional afgana en Peshawar añade que Babrak Karmal está actualmente arrestado y que la próxima semana será enviado a Checoslovaquia para ser tratado de un tipo de leucemia.

En tanto, las fuerzas de seguridad afganas arrestaron en estos días en Kabul a numerosos partidarios del ex jefe del Consejo Revolucionario Afgano, Babrak Karmal, dimitente hace diez días. Fuentes diplomáticas basadas en Kabul añadieron que varios de los seguidores de Karmal habían sido detenidos incluso antes de que aquél presentase su dimisión formal a todos los cargos que ostentaba.

Una de las fuentes puntualizó que 25 partidarios del líder dimitente habían sido detenidos este domingo en la capital afgana y que hubo numerosos allanamientos y detenciones en otras ciudades afganas.

Se recordará que fuentes occidentales habían coincidido en que, a diferencia de lo acontecido en el pasado mes de mayo —cuando fue sucedido por Nakibullah— no se habían registrado protestas callejeras tras la renuncia (o destitución) de Karmal, hace unos días.

Sin embargo, esa misma prensa occidental había dicho la pasada semana que tanques soviéticos y vehículos blindados habían sido emplazados en puntos estratégicos de Kabul y que nutridos contingentes de tropas soviéticas y afganas patrullaban las calles, en una inusual demostración de fuerza mientras se desarrollaba una reunión plenaria del Politburó

Como se sabe, Babrak Karmal, político con amplia trayectoria que había sido instalado por la URSS tras la invasión en 1979, fue destituido sorpresivamente en mayo de este año de su cargo de presidente del partido oficial afgano; y como miembro del Politburó y como titular del Consejo Revolucionario —un cargo poco más que simbólico— la pasada semana. Antes, hubo indicios de que Karmal habría entrado en desgracia con Moscú, que vería con desagrado la manifiesta imposibilidad de éste para enfrentar la virtual guerra civil que protagonizan los rebeldes musulmanes.

CLARIN 26/11/86

01 | 01

8700135

AFGANISTAN

029

AMNESTY INTERNATIONAL DENUNCIA TORTURAS EN AFGANISTAN

Llamado a la URSS

LONDRES, 19 (Por Michael Simmons de "The Guardian", especial para Clarín). — Según un informe de **Amnesty International** publicado este miércoles, **oficiales del ejército soviético en Afganistán participan de sesiones de tortura**, práctica que se ha vuelto "**generalizada y sistemática**" en estos últimos seis años.

La organización dijo haber expresado su preocupación por el problema "**varias veces**" ante el gobierno afgano y haber escrito al presidente **Andrei Gromiko** en Moscú sobre la complicidad del personal soviético en estas sesiones de tortura, pero afirmó que nunca recibió **respuesta alguna**.

El informe pide al gobierno soviético que imparta a todos sus oficiales claras instrucciones para que la tortura no sea tolerada "**en ninguna circunstancia**". Y entre los oficiales, incluye a los miembros de las fuerzas armadas encargados de la custodia, interrogatorio y trato de los prisioneros.

"Amnesty" aclara en su informe que la tortura en Afganistán es **sólo una de sus preocupaciones**. Entre las otras figuran las ejecuciones extrajudiciales "**llevadas a cabo por efectivos soviéticos apoyados por personal militar afgano**", **la encarcelación de miles de prisioneros políticos y la utilización de la pena de muerte.**

Oficialmente, más de 100 condenas a muerte fueron registradas en el lapso de dos años, hasta diciembre del año pasado.

"**Algunas de las víctimas de las ejecuciones extrajudiciales eran opositores armados del gobierno pero muchos otros eran, al parecer, no combatientes que fueron juzgados por simpatizar, simplemente, con grupos de la oposición armada**" hace notar "Amnesty" en su informe.

La organización aclara no haber interrogado a las víctimas de estas **sesiones de tortura perpetradas por los grupos de** oposición armada del país, pero dice estar "**al tanto**" de informes que indican que gente que fue tomada prisionera por dichos grupos fue **efectivamente torturada y ejecutada después**.

Destaca, por otro lado, que observadores internacionales como miembros de la **Cruz Roja** recibieron autorización para acceder a Afganistán "**en forma muy limitada**". Las pruebas de "Amnesty" provienen de ex prisioneros políticos cuyas declaraciones fueron investigadas y confirmadas a través de entrevistas **con antiguos funcionarios de gobierno**.

La presencia soviética

"**Recientemente, recibimos la confirmación de que este cuadro de torturas continuó durante 1986**", precisa el informe.

En cuanto a la participación de personal soviético, Amnesty señala que los **Servicios de Información del Estado — KHAD**— tendrían asesores soviéticos en sus oficinas principales y que muchos de los testimonios recibidos por la organización hablan de la presencia soviética durante las sesiones de tortura.

Wazir Akbar Khan, un estudiante de 26 años que fue detenido durante varios meses hasta principios del año pasado, comentó: "**Funcionarios soviéticos estaban presentes en todos los interrogatorios. Los reconocía por su físico y por el idioma. Todos ellos hablaban en ruso. Actúan como asesores, por lo general. Hacen las preguntas... Las torturas las hacen los agentes del KHAD. Los soviéticos estaban allí pero se limitaban a dar órdenes...**"

Por su parte, un intérprete de 40 años de la ciudad de **Ghazni** declaró: "**Fui arrestado por una unidad militar y detenido durante diez días en un puesto del ejército. Allí había soviéticos también y muchas veces daban la orden de que me golpearan. . Recibí picanas eléctricas como veinte veces y eran los soviéticos los que daban la orden para este tipo de tortura**"

Entre los detenidos figuran ex funcionarios de gobierno, maestros, empresarios y estudiantes. Muchos de ellos son mujeres. A muchos de ellos se los detiene durante meses sin permitirles el contacto con la familia o abogados. Luego se los libera sin ningún cargo.

Poco Legible

01 | 01

8700136

AFGANISTÁN

ONU – Afganistán

061186

Retiro Inmediato de Tropas de URSS

NACIONES UNIDAS, 5 (AP).— La Asamblea General de la ONU aprobó hoy una resolución que insta al retiro inmediato de las tropas soviéticas de Afganistán.

Es la octava vez que este organismo político de la comunidad mundial hace este llamado a la Unión Soviética.

La votación arrojó 122 votos a favor, 20 en contra y 11 abstenciones. Se opusieron la Unión Soviética y sus aliados. Burkina Faso, de Africa, que dio un voto favorable el año pasado votó hoy en contra.

El margen de la votación ha ido aumentando gradualmente desde que esta resolución fue adoptada por primera vez en enero de 1980, pocas semanas después que más de 100.000 efectivos del ejército soviético entraron en Afganistán

El proyecto de resolución, presentado por Pakistán, reafirma el derecho del pueblo afgano a determinar su propia forma de gobierno y sistema economico y social sin interferencia foránea.

Hace un llamado, además, "al retiro inmediato de las tropas extranjeras en Afganistán".

El enviado afgano Mohammed Zarif dijo que esa resolución es "una burda intervención en los asuntos internos de Afganistán". Agregó que el gobierno de su país de "ningún modo" la acatará.

Por su parte, el Ministerio de Defensa soviético anunció hoy oficialmente la culminación del retiro de 8.000 soldados soviéticos de Afganistán y defendiendo la operación contra la crítica extranjera que afirmaba que no era significativa.

En una declaración emitida por medio de la agencia oficial de noticias TASS, el Ministerio dijo que el retiro de seis regimientos culminó el viernes pasado. No hubo explicación de por qué el anuncio fue retrasado cinco días.

"El número total de la fuerza retirada es de más de 8.000 hombres y más de 1.700 unidades de variado equipo militar", dice, agregando que los regimientos fueron enviados a otras zonas en Turkmenistán y otras regiones asiáticas centrales cercanas a la frontera con Afganistán.

"Es una reducción tangible", dice el anuncio. "Ninguna otra unidad militar ha sido enviada o será enviada en lugar de las tropas retiradas"

El Ministerio no dijo qué porcentaje de la fuerza soviética en Afganistán ha sido retirada. El Kremlin se negó consistentemente a decir cuántos soldados soviéticos hay en Afganistán, donde están combatiendo desde diciembre de 1979.

El País 6/11/86

01 | 01

8700587

AFGANISTAN

029

CLARIN ★ Buenos Aires, sábado 13 de diciembre de 1986

GORBACHOV: "NO NOS QUEDAREMOS MUCHO TIEMPO"

Formarían un gobierno de "unidad nacional" afgano

MOSCU, 12 (Reuter y EFE). — El jefe del Partido Comunista afgano, **Najibullah**, dijo esta noche **que las autoridades comunistas de Kabul proyectan formar un gobierno de unidad nacional** que podría incluir a afganos que actualmente residen en el exterior. Najibullah hizo sus declaraciones durante una cena en el Kremlin, tras sus conversaciones con el líder soviético **Mijail Gorbachov**.

"Los afganos estamos trabajando por la unidad nacional tras siete años de conflicto", manifestó. **Najibullah** viajó a Moscú el **jueves** por la noche, **en la primera visita oficial que realiza a la URSS como máximo dirigente de Afganistán**, tras haber reemplazado **a Babrak Karmal** al frente del Partido Comunista, en el mes de mayo.

"Continuaremos por ese camino lo suficiente para establecer un gobierno de unidad nacional —dijo Najibullah—, **que incluiría a representantes de las fuerzas que al presente se encuentran fuera de Afganistán pero que estén dispuestas a contribuir a la renovación histórica de la vida del país".**

La visita del mandatario afgano se produce poco después del retiro de seis regimientos soviéticos **de Afganistán**, y tras las recientes declaraciones de Gorbachov, cuando afirmó que **"no está lejano" un acuerdo político** para el problema afgano.

El líder soviético

Durante esa misma cena, ofrecida en el Kremlin en honor de Najibullah, el líder soviético afirmó: **"La URSS no tiene intenciones de dejar por mucho tiempo nuestras tropas en Afganistán".**

No obstante, Gorbachov puntualizó: **"No abandonaremos a nuestro vecino en una situación difícil".**

Los dos mandatarios examinaron los problemas más importantes de la colaboración entre ambos **países en el curso** de sus **conversaciones**, y **reafirmaron** el deseo **recíproco de** consolidar esa cooperación en aras de la paz y seguridad de Asia y el **mundo** entero.

Mijail Gorbachov saluda al jefe del Partido Comunista afgano, Najibullah, durante la cena oficial en el Kremlin.

POCO LEGIBLE

01 | 01 8700588

Afganistán

EL DIA 17/12/86

Afganos derriban un avión de URSS cada día

WASHINGTON. — Los rebeldes afganos, armados con misiles norteamericanos avanzados, han derribado un promedio de un avión diario en los últimos tres meses en su lucha contra la ocupación soviética de su país, dijo ayer la administración Reagan.

Estas pérdidas de aviones "no tienen precedente y representan un aumento significativo sobre cualquier estadística comparable en la historia de la guerra" de Afganistán, que empezó a finales de 1979 con la invación soviética, dijo Robert Peck, subsecretario adjunto de Estado para Asuntos Asiáticos.

Aunque Peck no quiso comentario, se ha filtrado que Estados Unidos ha suministrado misiles tierra-aire "Stinger" a los rebeldes afganos, en el marco de su ayuda multimillonaria".

Según Peck y el informe anual del Departamento de Estado sobre Afganistán, ocupado por unas 118.000 tropas soviéticas, unos 1.000 aviones "comunistas" han sido derribados desde el inicio de la guerra.

Sin mencionar los "Stinger", el informe precisó que los rebeldes afganos "demostraron mejores capacidades para contrarrestar operaciones militares soviéticas y el gobierno afgano e hicieron grandes progresos en defensa aérea con el creciente uso de misiles tierra-aire".

Según el documento, los soviéticos han sufrido unas 35.000 bajas (de los cuales más de un tercio murieron) desde el principio de la guerra. Las bajas de este año ascendieron a un mínimo de 3.000, indicó.

El vicesecretario de Estado, John Whitehead, dijo ayer a la prensa que, tras sufrir reveses en abril, las fuerzas rebeldes "se fortalecieron" en los meses siguientes y "se encuentran en una fuerte posición militar" al terminar la temporada de combates.

Matan civiles

Aviones soviéticos y afganos bombardearon la semana pasada áreas densamente pobladas y mataron a más de cien civiles en Kandahar, donde los combates con rebeldes musulmanes han dejado un saldo de unos doscientos efectivos afganos muertos, afirmaron ayer diplomáticos occidentales en esta capital.

Los diplomáticos dijeron asimismo que un alto oficial soviético, posiblemente un general, pereció el 8 de este mes durante intensos combates registrados en la parte oriental del Valle del Logar.

Según los diplomáticos, la semana pasada continuaban los combates en Kandahar, la segunda ciudad de Afganistán y que antiguamente fuera su capital, situada a unos 320 kilómetros al sudoeste de Kabul, que desde hace tiempo es escenario de intensa lucha por su control.

Entre el 7 y el 8 de este mes aviones soviéticos y afganos bombardearon dos áreas densamente pobladas de la ciudad dando muerte a más de cien civiles, según informaron a los diplomáticos sus "fuentes diplomáticas de confianza", en Kabul.

Los diplomáticos en esta capital proporcionaron la información a condición de no ser identificados. La información no pudo ser confirmada en otros medios ya que raramente se ha permitido la entrada de periodistas occidentales a Afganistán

DN

El presidente afgano propuso un alto el fuego a los grupos guerrilleros

El jefe del gobierno afgano, Mohamed Najibulah, avanzó en su propuesta de reconciliación nacional al disponer un cese del fuego a partir del 15 de enero. Invitó a todas las organizaciones guerrilleras, opositoras y neutrales, a sumarse para "construir una nueva vida". Un grupo islámico combatiente, con sede en Pakistán, rechazó la iniciativa y la calificó de "fraude".

KABUL e ISLAMABAD, 1º (DAN, Reuter, EFE, ANSA). — **Mohamed Najibulla**, líder del Partido Democrático Popular y jefe del gobierno de Afganistán, anunció hoy un **cese del fuego a partir del 15 de enero** en la lucha que libran las **fuerzas afganas** contra los guerrilleros **rebeldes**, pero la propuesta fue **rechazada** de inmediato por una de las organizaciones **armadas** desde **su base** en el vecino Pakistán.

La decisión acerca del cese del fuego fue anunciada durante el discurso pronunciado por Najibulla ante el comité central del gobernante **Partido Democrático Popular de Afganistán (P.D.P.A.)**, reunido en plenario ampliado extraordinario. El informe del dirigente versó sobre **Las tareas del P.D.P.A. para realizar la política de reconciliación nacional.**

Según Najibulla, "el **pueblo está cansado de la prolongada guerra y demanda la paz, tan esperada, el cese del derramamiento de sangre. La reconciliación nacional hoy es el destino del pueblo. Para ello necesitamos una nueva mentalidad, realista por su contenido y nacional-democrática por su espíritu**".

Los principios para la reconciliación fueron enumerados por el dirigente: "**El alto el fuego. Renunciar a la lucha armada y al derramamiento de sangre en la solución de los problemas presentes y futuros de Afganistán. Garantizar una representación justa de todo el pueblo en la estructura política y la vida económica. No perseguir por la antigua actividad política. Declarar la amnistía general. Mantener y multiplicar las tradiciones históricas, nacionales y culturales. Respetar la sagrada religión islámica**".

Al hacer referencia a la política interior, en su informe, Najibulla sostuvo la necesidad de "**acceder audaz y abiertamente a los contactos con los integrantes de las bandas armadas y de las fuerzas neutrales**", y aclaró que "**ahora, en la etapa de conversaciones con los órganos del poder popular se encuentran 417 bandas, de las que forman parte 37 mil personas**".

♦ Rechazo de un grupo

Uno de los grupos armados opositores, "**Harakate Inkilabe Islami Afghanistan**" ("Revolución Islámica en Afganistán") rechazó la propuesta del gobernante de Kabul.

Desde Pakistán —donde tienen asiento sus campamentos— el grupo se expresó por medio de su líder, **Mohamed Nabi** Mohamedi, quien declaró a los medios informativos de la capital paquistaní que los "**mujahidines**" (guerrilleros) **rechazan la oferta de Najibulla y la califican de "fraude"**.

Mohamedi —de cuya alianza forman parte siete grupos guerrilleros— afirmó que sus fuerzas combatientes no pueden "**confiar**" en Najibulla. Añadió: "**Proseguiremos nuestra lucha hasta el derrocamiento de Najibulla y la instauración de un gobierno islámico en Afganistán**".

Para los guerrilleros, las condiciones previas de la reconciliación son el total e incondicional retiro de las tropas soviéticas de Afganistán y la sustitución del régimen prosoviético de Kabul por un "gobierno islámico".

El Harakate Inkilabe Islami es una organización de [illegible] fundamentalistas, hostil a los sectores [illegible] del rito chiita. Mohamedi [illegible] ha sido activista de otros grupos [illegible] y extremistas como la Hermandad Musulmana y los Servidores del Corán. Desde la insurrección popular [illegible] de 1978 y la instalación del gobierno del P.D.P.A. Mohamedi reside en Pakistán.

La propuesta de Mohamed Najibulla, sin embargo, no fue presentada como incondicional. Por lo contrario sostuvo que "**el alto el fuego no depende de una sola parte**", y advirtió "**Los que todavía ayer disparaban contra nosotros deben saber que no suspenderemos el fuego para facilitar a los demás el fratricidio y el derramamiento de sangre**".

"**Quienes continúen el fuego recibirán la respuesta adecuada**" puntualizó Najibulla formuló al mismo tiempo un llamamiento a todos los afganos, opositores y neutrales incluidos, para que se sumen a "**la construcción de una nueva vida en nuestro país**".

Partes Poco Legible

Se destruyó el documento Nº 8700918 por ser el mismo.

8700590

01|01

Afganistán

LA NACION 2-1-87

Cese del fuego

ISLAMABAD, 1 (Reuter). - El gobierno afgano respaldado por los soviéticos anunció hoy un cese del fuego a partir del 15 del actual en la guerra que libra desde hace mas de siete años con los guerrilleros musulmanes, pero la oferta fue rechazada de inmediato por la principal alianza guerrillera con base en Paquistán.

El cese del fuego fue anunciado en un discurso pronunciado por el líder afgano Najibullah ante una reunión del comité central del Partido Comunista -en el Gobierno- y fue parcialmente difundido esta noche por la radio oficial de Kabul.

A esos 5000 hombres se han incorporado "millares" de efectivos adicionales desde principios de diciembre, dijo Abrams, quien se abstuvo de dar detalles. Agregó que con la entrega de la ayuda norteamericana los rebeldes "van a estar en todo el país y hacer muchas cosas".

01 | 01

8700591

Afganistán

Una guerra de desgaste

Recibió con reservas EE.UU. el anuncio afgano de cese del fuego

Nueva York, 2 (ANSA) — El Departamento de Estado norteamericano rechazó el anuncio del cese de fuego del gobierno afgano, afirmando que los Estados Unidos "esperan hechos y no anuncios".

"Cuando se consideran las intenciones o los anuncios soviéticos —dijo la portavoz Phillis Oakley— es necesario mirar cómo actúan y atenerse a los hechos".

La portavoz destacó luego que las fuerzas de la guerrilla afgana ya han rechazado el cese al fuego y pidieron en cambio al régimen de Kabul, apoyado por los soviéticos, que acuerde una fecha próxima para el completo retiro de los 111 mil soldados rusos del país.

Ayer, el líder afgano Najib anunció que a partir del 15 de enero próximo su gobierno comenzará un proceso "de reconciliación nacional" dirigido a poner fin a las hostilidades, observando el cese del fuego con las tropas de los rebeldes mujaeidines, apoyadas por los Estados Unidos.

Siete años de lucha

La guerra que los musulmanes afganos sostienen desde fines de 1979 contra las tropas soviéticas, que en aquella fecha instalaron en Kabul el gobierno de Babrak Karmal, se ha convertido en una guerra de posición y desgaste, prácticamente olvidada por Occidente, quizá por la lejanía del país y la escasez de información.

Fuentes fidedignas hablan de 100.000 muertos entre la población afgana (unos 14.000.000 de personas), 5.000.000 de refugiados en el extranjero y 1.000.000 de "desplazados" internos.

La Unión Soviética habría perdido 35.000 de los 120.000 hombres que envió a Afganistán, así como unos mil aviones y helicópteros.

Cuando el Ejército Rojo penetró en Afganistán, se dijo que Moscú quería estar cerca del "mar del petróleo", considerado como vena yugular de Occidente, para fortificar su estrategia planetaria. De hecho, el golfo de Omán, punto clave del tráfico petrolífero mundial, se halla a menos de 1.000 kilómetros al sur de Afganistán.

Gesto de Gorbachev

Al tener lugar la intervención soviética en Afganistán, la secretaría del partido Comunista soviético estaba en manos de Leonid Brezhnev, quien acaba de ser criticado por la prensa oficial del partido. El nuevo secretario general, Mikhail Gorbachev, parece dispuesto a resolver cuanto antes el problema.

Gorbachev cumplió en octubre pasado un gesto claramente político-propagandístico, aunque insignificante para el curso de la guerra, retirando de Afganistán 8.000 soldados. Anteriormente, en mayo había conseguido que Karmal, demasiado comprometido con la intervención soviética, fuese exonerado de la secretaría del partido Popular Democrático de Afganistán y sustituido por el jefe de la policía secreta, el general Mohammed Najib.

Najib se entrevistó a mediados de este mes, en Moscú, con Gorbachev, quien le aseguró que los soviéticos "nunca abandonarán a un vecino en desgracia", pero también le pidió que se cree un Afganistán "independiente, no alineado y amigo" de su país. En aquella ocasión, Najib prometió formar un gobierno de unidad nacional como expresión de la reconciliación de los afganos.

Sin embargo, los hechos parecen desmentir las palabras del líder afgano. Amnesty International sostiene que en Afganistán se instauró "la represión generalizada". Y muchos comentaristas estiman que Najib sólo se propone dividir la guerrilla.

Moscú también se mueve en el plano diplomático, en el ámbito de las negociaciones que Afganistán y Pakistán tienen entabladas desde hace cuatro años. Con estas negociaciones se obtuvieron algunos resultados, pero el mayor problema es, sin dudas, la evacuación soviética: el gobierno de la URSS quisiera tomarse unos cuatro años de tiempo. El gobierno paquistaní habla de cuatro meses.

En el plano militar, parece claro que la Unión Soviética no puede ganar con los medios que tiene emplazados en Afganistán.

Los soviéticos pueden atacar a los guerrilleros en cualquier lugar y "sembrar de sal" todos sus campos. Pero no quieren ni pueden atacar frontalmente a la guerrilla para destruirla definitivamente. Probablemente esperan que muera asfixiada por sus divisiones internas.

Después de siete años de lucha, los guerrilleros no consiguieron aún crearse un liderazgo. En mayo de 1985 los siete mayores movimientos guerrilleros crearon el "Frente de Liberación", disminuido por sus profundas divisiones.

Si está claro que la Unión Soviética renunció a la victoria militar en Afganistán, lo está también que no quiere sufrir una derrota política.

LA PRENSA 03-1-87

029

Afganistán

LA PRENSA 4-1-87

Panorama mundial

Afganistán: derriban aerovanes rusas

Islamabad. Paquistán (EFE. ANSA y UP) — Rebeldes afganos derribaron un avion de trasporte y dos helicópteros. todos soviéticos. en las cercanias de Kabul. entre el 26 y 27 de diciembre. segun informó la agencia islamica "IINA".

El informe indicó que el trasporte soviético fue derribado con un misil de los rebeldes. el 26 de diciembre. y se precipitó en Charasyab. cerca de Kabul. muriendo el piloto.

Según "IINA". el 27 de diciembre. dos helicópteros soviéticos fueron destruidos con disparos antiaéreos en Khoshi y Dobandi. al sur de Kabul. en el valle de Logar. Ambos pilotos perdieron la vida.

Por otra parte. fuentes policiales informaron que diez aviones de combate soviéticos Mig bombardearon poblados al noroeste de Pakistán. causando la muerte a por lo menos cuatro personas e hiriendo a más de diez.

El ataque produjo pánico en el pueblo fronterizo de Arandu. valle de Chitral. En total fueron destrozadas 20 casas. un granero y el local de un hospital. en el ataque que duró una hora.

En tanto. el Consejo Revolucionario de Afganistán aprobó el programa de "reconciliación nacional" propuesto el pasado martes por el máximo dirigente afgano. Najib. que contempla un cese del fuego a partir del próximo día 15 si la guerrilla se suma a la tregua.

La propuesta de cese de fuego fue rechazada por las principales organizaciones de la guerrilla islámica que luchan conta el régimen de Kabul.

Se destruyó el documento
Nº 8700926 por ser el mismo.

01 | 01 8700593

029. Afganistán

LA NACION 28-12-86



Guerrilleros afganos se preparan para la resistencia (Archivo)

Una guerra a la que se presta poca atención

Por Jordi Minguell

ROMA, 27 (ANSA). – La guerra que los musulmanes afganos libran desde fines de 1979 contra las tropas soviéticas, que en aquella fecha instalaron en Kabul el gobierno títere de Babrak Karmal, se ha convertido en una guerra de posición y desgaste, en una guerra prácticamente olvidada por Occidente, quizá por la lejanía del país y la escasez de información.

Los desastres de esta guerra no se conocen en cifras oficiales. Fuentes fidedignas hablan de 100.000 muertos entre la población afgana (unos 14.000.000 de personas), 5.000.000 de refugiados en el extranjero y 1.000.000 de "desplazados" internos.

La Unión Soviética habría perdido 35.000 de los 120.000 hombres que envió a Afganistán, así como unos mil aviones y helicópteros.

"Mar de petróleo"

Cuando el "ejército rojo" penetró en Afganistán se dijo que Moscú quería estar cerca del "mar de petróleo", considerado como vena yugular de Occidente, para fortificar su estrategia planetaria. De hecho, el golfo de Omán, punto clave del tráfico petrolífero mundial, se halla a menos de 1000 kilómetros del sudeste de Afganistán, es decir, a una distancia que los Mig soviéticos cubren en menos de una hora.

Al tener lugar la intervención soviética en Afganistán, la secretaría del Partido Comunista soviético estaba en manos de Leonid Brezhnev. Este personaje acaba de ser criticado por la prensa oficial del partido y el nuevo secretario general, Mikhail Gorbachov, parece dispuesto a resolver cuanto antes el problema de Afganistán.

Retiro parcial

Gorbachov cumplió en octubre último un gesto claramente político-propagandístico, aunque insignificante para el curso de la guerra, al retirar de Afganistán 8000 soldados.

Anteriormente, en mayo, había conseguido que Karmal, demasiado comprometido con la intervención soviética, fuese exonerado de la secretaría del Partido Popular Democrático de Afganistán y sustituido por el jefe de la policía secreta, el general Mohammed Najibullah.

La Unión Soviética trabaja en el plano interno. Najibullah se entrevistó a mediados de este mes en Moscú con Gorbachov, quien le aseguró que los soviéticos "nunca abandonarán a un vecino en desgracia", pero también le pidió que se cree un Afganistán "independiente, no alineado y amigo" de los soviéticos. En aquella ocasión, Najibullah prometió formar un gobierno de unidad nacional como expresión de la reconciliación de los afganos.

Poco Legible

029

Esperan que se suspendan actos de violencia

Afganistán: Gobierno propone una tregua

El Consejo Revolucionario de Afganistán aprobó el programa de Reconcialiación Nacional propuesto por el líder afgano, Najibullah, que parte de la proclamación de un alto el fuego a partir del próximo día 15, anunció ayer la agencia soviética Tass.

MOSCU, (ANSA, EFE y UPI).- El próximo día 15 cesará el fuego por parte de las tropas gubernamentales, que suspenderían sus acciones de combate para regresar a los puntos de emplazamiento permanente y a las labores de tiempos de paz, según el documento aprobado por el Consejo Revolucionario.

Las fuerzas armadas afganas se limitarían a proteger las fronteras del país y las instalaciones militares.

CONDICION

El documento divulgado por TASS señala también que se mantendrá el armisticio hasta el día 15 de julio de 1987, con la condición de que la guerrilla se una también a él y que podría ser prolongado si ambas partes lo observan.

En respuesta a estas iniciativas, añadió la nota de TASS, el gobierno afgano espera que se suspendan los actos de terror y subversión.

Como muestra de la sinceridad de la propuesta, prosigue el documento, el Consejo Revolucionario ha aprobado un decreto que anuncia la liberación de aquellas personas detenidas en prisión que se comprometan a no realizar acciones hostiles contra el proceso revolucionario.

El programa de reconciliación aprobado contempla también una amnistía para aquellos que depongan las armas y quieran regresar a Afganistán, y el respeto a la religión.

LA MAÑANA

Avances en la reconciliación nacional en la R. de Afganistán

La URSS manifiesta total respaldo a plan de paz

Kabul, (PL - BAKTHAR) – La decisión del Consejo Revolucionario de Afganistán sobre la Reconciliación Nacional es interpretada como un gesto de buena voluntad que puede conducir a liquidar el conflicto armado en este país del Asia Sudoccidental.

Ese objetivo se presenta más claro después del anuncio gubernamental de cese del fuego por seis meses a partir del 15 de enero y definitivo si las bandas contrarrevolucionarias lo respetan.

La medida, aprobada por el Partido Democrático Popular (PDPA) y el Consejo Revolucionario, representado por las diversas capas sociales, tribus y el clero, busca la paz y la seguridad y abre nuevas posibilidades para reconstruir el país tras más de siete años de guerra fratricida.

El secretario general del PDPA, Najib, exhortó a participar en el proceso de reconciliación y a crear un gobierno de coalición con la participación de todas las fuerzas nacionales, incluyendo la oposición armada, jefes de tribus, los partidos islámicos y otras fuerzas.

Inspirados en una apreciación realista de las condiciones de un país de profundas tradiciones islámicas, las autoridades afganas sostienen conversaciones con las bandas armadas, que agrupan a unas 37 mil personas, en busca del entendimiento.

De ahí que el artículo segundo del proyecto de la nueva Constitución fije el Islam como religión afgana y que su convocatoria para la discusión popular incluya que las partes en conflicto pueden proponer enmiendas y adiciones.

No obstante, ese arreglo político es obstaculizado por la administración norteamericana que, apoyada por Pakistán, insiste en mantener el diferendo y recrudecer las acciones armadas.

En tal sentido, la prensa occidental desvirtúa el acontecer afgano y silencia las transformaciones progresistas operadas después de la revolución de abril.

En respuesta al anuncio de la política de Reconciliación Nacional en el país, las personas que estaban enfrascadas en actividades armadas contra el Estado de Afganistán deponen ahora sus armas para poner fin al derramamiento de sangre en su país.

Un grupo de catorce hombres armados, incluyendo a su jefe, Mohammed Hussain, depuso sus armas en el gran distrito de Khulm en la provincia de Samangan, al norte del país. Ellos prometieron su solidaridad hacia el Partido y el Estado de la RDA.



Najib, secretario general del Partido Popular Democrático de Afganistán.

RESPALDO SOVIETICO A INICIATIVA DE RECONCILIACION NACIONAL

La Unión Soviética ofreció su total respaldo al programa de Reconciliación Nacional adelantado por la dirección política afgana el primero de enero de este año.

Eduard Shevardnadze, miembro del buró político del Partido Comunista de la Unión Soviética y ministro de Relaciones Exteriores de la URSS, quien se encuentra de visita de trabajo en Afganistán, calificó la iniciativa de Kabul de manifestación concreta de una nueva filosofía política.

El dirigente soviético dijo que la dirección de su país y directamente el secretario general del PCUS, Mijail Gorbachov, enviaron esta delegación a Kabul para saludar la valentía con que Afganistán adoptó esa decisión y contribuir a su puesta en práctica.

EL DIA 26/1/87

AFGANISTAN

Waite.

Continúa resistencia afgana

ISLAMABAD. — A pocas horas de la entrada en vigor del cese del fuego proclamado unilateralmente en Afganistán por el gobierno de Kabul, las fuerzas de la resistencia atacaron un convoy del ejército afgano matando a tres soldados.

Fuentes de la resistencia, según se supo aquí, precisaron haber lanzado bombas sobre un convoy militar en las inmediaciones del confín con Pakistán.

Se trata de la primera violación del cese de fuego tras la decisión del líder afgano Najibullah de proponer una tregua de seis meses.

El vocero de la Alianza de los siete principales grupos rebeldes que juntos, desde 1979, se oponen al regimen comunista de Kabul, definió la propuesta de tregua "un truco" y reafirmó la intención de la resistencia de seguir combatiendo.

Reunidos en Peshwar, en Pakistán, los dirigentes de los "rebeldes" musulmanes no quisieron comentar el anuncio hecho hoy en Kabul por el líder afgano Najibullah, según el cual Moscú y Kabul "estuvieron de acuerdo en colaborar en la creación de condiciones favorables" para un retiro total de las tropas soviéticas de Afganistán (unos 115 mil hombres).

En un discurso pronunciado en Kabul, Najibullah también ofreció una amnistía a los desertores y un llamado a los refugiados para que regresan a su país.

EL DIA 16/1/87

...ción de rehenes. (Radiofoto Reuter especial para EL DIA)

Acuerdo en Afganistán para total retiro de tropas rusas

KABUL. — El lider comunista de Afganistán, Najibullah anunció ayer que su gobierno y Unión Soviética alcanzaron un acuerdo que facilitará el completo retiro de las tropas soviéticas del pais.

Najibullah también proclamó una amnistía para los desertores del ejército afgano, tanto oficiales como soldados, como una continuación a sus llamados para poner fin a la guerra civil de ocho años que libran fuerzas gubernamentales y guerrilleros musulmanes.

Nahibullah habló ante un congreso del Frente Nacional de la Patria, una organización pro gubernamental, durante el primer día de la tregua proclamada por el gobierno.

Un funcionario del Frente dijo al Congreso allí reunido que hubo violaciones al cese de fuego —que entró en vigencia a la medianoche y que está previsto se extienda por seis meses— por parte de los rebeldes en la provincia de Khost cerca de la frontera paquistani.

Señaló que se les dará "la respuesta apropiada".

En su discurso, el corpulento Najibullah dijo al Frente de la Patria:

"La Unión Soviética y la República Democrática de Afganistán alcanzaron acuerdos que facilitarán el regreso completo del contingente limitado de Unión Soviética a su pais amante de la paz."

EE.UU.: truco publicitario

Por su parte la Casa Blanca calificó hoy como "truco propagandistico" la oferta soviética de retirar sus tropas de Afganistán tan solo después de que la resistencia afgana acepte el alto el fuego.

En Kabul, el máximo dirigente afgano, Najibullah, dijo hoy que habia llegado a un acuerdo con URSS para la retirada total de las tropas soviéticas del pais, pero precisó que ésta dependerá "directamente" de las medidas que tomen los rebeldes afganos.

Estos, que reciben ayuda multimillonaria de Estados Unidos, han rechazado el alto el fuego, propuesto por el gobierno pro soviético de Afganistán y que entró en vigor unilateralmente hoy.

"Cualquier oferta de tregu[a] sin un acuerdo sobre aspecto[s] politicos y retirada de tropas e[s] una oferta vacia", dijo Alber[t] Bradshear, un portavoz de l[a] Casa Blanca.

LIDER AFGANO CONSIDERA
VIABLE PLANTEO DE TREGUA



ISLAMABAD, PAKISTAN. El líder guerrillero afgano GULBADDIN HEKMATYRAR (AP)

PESHAWAR, PAKISTAN, (por Barry Renfrew), (AP). El líder afgano Gulbaddin Hekmatyrar, jefe del grupo Hezbi-I-Islami, dijo que la Unión Soviética quiere retirar sus fuerzas de Afganistán y que es posible que para lograrlo esté dispuesta a sacrificar al gobierno comunista afgano si es necesario.

Hekmatyrar, uno de los líderes insurgentes más radicales de su país, dijo en una entrevista que las últimas declaraciones de Moscú de que quiere retirarse de Afganistán parecen ser genuinas.

Hekmatyrar bosquejó también una serie de demandas con vistas a llegar a un acuerdo, incluso la realización de conversaciones directas con Moscú.

El gobierno afgano respaldado por los soviéticos pidió una tregua de seis meses con los guerrilleros a partir del próximo jueves y propuso formar un gobierno de reconciliación nacional para terminar con la guerra que se libra desde hace ocho años en Afganistán.

La Unión Soviética ha respaldado enérgicamente el llamado y dijo que desea retirar las fuerzas que tiene destacadas en su vecino de Asia central.

Los líderes de la alianza de grupos guerrilleros, integrada por siete organizaciones, han rechazado individualmente la propuesta del gobierno afgano y dijeron que continuarán luchando hasta que Afganistán esté libre del control soviético.

Los líderes, que tienen todos su sede en Pakistán, se reunirán en Peshawar para que la alianza presente una respuesta unificada.

Hekmatyrar dijo, en la reacción más optimista formulada hasta ahora por un importante líder guerrillero, que hay fuertes indicios de que los soviéticos desean un acuerdo político.

"Los soviéticos se han dado cuenta de que no pueden aplastar la resistencia. Ahora están tratando de resolver el problema por otros medios...", dijo Hekmatyrar. "Tienen que retirarse y se han dado cuenta de que no hay otra solución", añadió.

PEDIDO DE ACUERDO

Según estimaciones occidentales, los soviéticos han perdido hasta 8.000 soldados en siete años de intervención militar en Afganistán. El líder guerrillero, una de las figuras dominantes de la alianza, pidió la concertación de un acuerdo que daría inicio a conversaciones directas entre Moscú y los insurgentes para ventilar como único punto un arreglo para efectuar una retirada soviética inmediata.

Los guerrilleros garantizarían salvoconducto a las tropas soviéticas, dijo. **"Los soviéticos podrían retirarse en menos de una semana si son sinceros"**, añadió.

La retirada soviética iría seguida de la formación de un gobierno provisional aceptable para todo el pueblo afgano, dijo Hekmatyrar. El gobierno provisional prepararía las elecciones que los guerrilleros esperan conduzcan a la creación de una república musulmana independiente no alineada.

Añadió que recientes declaraciones soviéticas y datos procedentes de Afganistán indican que Moscú desea realmente terminar la guerra.

Los soviéticos no han podido alcanzar una victoria militar y su intervención en Afganistán está causando una creciente oposición en ese país, al tiempo que constituye una mancha en la imagen internacional de Moscú, dijo Hekmatyrar. Añadió que el gobierno tendría que abandonar el poder como parte de cualquier acuerdo y que los guerrilleros no negociarían con él.

AFGANISTAN

Anunciaron los rebeldes afganos que proseguirán la lucha armada

Peshawar, Paquistán 17 (ANSA) — Los líderes rebeldes afganos se proponen derrocar con la lucha armada el régimen de Kabul y formar un gobierno interino que convoque a elecciones "libres y honestas".

En una declaración en seis puntos, adoptada hoy, los dirigentes de los siete principales grupos de resistencia musulmana al régimen filosoviético, reunidos en esta ciudad de Paquistán, rechazaron así una vez más las propuestas hechas [illegible] el líder afgano Najib para una tregua y un gobierno [illegible]oalición.

La tregua unilateral propuesta por Najib, que entró en vigor el 15 de enero pasado, había sido ya violada por los mujaidines.

La resistencia afgana anuncia por su parte que continuará la lucha armada iniciada hace ocho años, hasta lograr el retiro total de las tropas soviéticas en Afganistán, unos 115 mil hombres.

En la declaración, la alianza de los mujaidines define como un engaño las propuestas de reconciliación y tregua unilateral hecha por Najib. "Todos los que acepten —afirma la declaración— serán considerados agentes de la KGB o del KHAD", servicios secretos afganos.

Bajo la supervisión del gobierno interino, prosigue la declaración, se convocará a elecciones generales "libres y honestas", que "conducirán a la creación de un gobierno islámico y de un parlamento elegido".

Una comisión se constituirá antes del 1º de febrero para elaborar y presentar ese mismo mes las propuestas de ley y reglamento de la alianza afgana con vistas al nombramiento de un gobierno interino.

La resistencia pide el "retiro total, incondicional e inmediato de las fuerzas rusas". En un discurso pronunciado en Kabul el 15 de enero pasado, el líder afgano Najib había hablado de un acuerdo entre Moscú y Kabul para "crear condiciones favorables" a un retiro total de las tropas soviéticas en Afganistán desde diciembre de 1979.

Apoyo norteamericano

Washington, 17 (EFE) — Estados Unidos se pronunció hoy a favor de la formación de un nuevo gobierno en Afganistán con la participación de los rebeldes, después del abandono total de las fuerzas de ocupación soviéticas.

George Shultz, secretario de estado norteamericano, afirmó a la prensa que se aguarda el abandono de las tropas soviéticas "a corto plazo".

Anunció que la diplomacia norteamericana se prepara para el nuevo período que pondría fin a siete años de guerra civil desatada en esa nación después de la invasión de las tropas enviadas por el Kremlin para el sostenimiento del régimen promoscovita.

Shultz comentó a la prensa que la formación de un nuevo gobierno, con la participación de los rebeldes, deberá realizarse sin presiones ni intimidación.

En la conversación con los periodistas locales afirmó que forma parte de la preparación de la previsible nueva etapa afgana el reciente viaje a Paquistán del subsecretario de estado norteamericano, Michael Armacost, quien fue a conversar con las autoridades paquistaníes sobre la retirada de Moscú.

Estados Unidos, mediante el enlace paquistaní, apoyó militar y económicamente a los rebeldes afganos durante la larga guerra de siete años contra las tropas soviéticas.

Medidas de seguridad en Kabul

Islamabad, Paquistán 17 (EFE) — El dispositivo militar soviético establecido ayer en Kabul y en sus alrededores se redujo esta mañana, aunque se mantuvo en los edificios pertenecientes a los diplomáticos rusos, informaron fuentes en Islamabad.

Durante la pasada noche y parte de esta mañana, los puntos estratégicos de Kabul estuvieron vigilados por carros de combate pesados, que no se habían visto en las calles de la capital de Afganistán desde la intervención de las tropas soviéticas en 1979.

Algunos observadores señalan que el despliegue de efectivos militares soviéticos en Kabul y sus alrededores pudo deberse a po[illegible]bles problemas surgidos en el partido marxista de Najib en el poder o al temor a cualquier ataque de los guerrilleros antigubernamentales.

Sin embargo, Kabul se encontraba hoy en calma, según las fuentes.

LA PRENSA 18-1-87

PARTES POCO LEGIBLE

LA MAÑANA 16-1-87

Atacan un convoy del ejército afgano

Afganistán: rebeldes no respetan cese del fuego

A pocas horas de la entrada en vigor del cese del fuego proclamado unilateralmente en Afganistán por el gobierno de Kabul, las fuerzas de la resistencia atacaron un convoy del ejército afgano matando a tres soldados.

ISLAMABAD (ANSA, EFE y UPI).— Fuentes de la resistencia, según se supo aquí, precisaron haber lanzado bombas sobre un convoy militar en las inmediaciones del confín con Pakistán.

Se trata de la primera violación del cese del fuego tras la decisión del líder afgano Najibullah de proponer una tregua de seis meses.

El vocero de la alianza de los siete principales grupos rebeldes que juntos, desde 1979 se oponen al regimen comunista de Kabul, definió la propuesta de tregua "un truco" y reafirmó la intención de la resistencia de seguir combatiendo.

Reunidos en Peshwar, en Pakistán, los dirigentes de los "rebeldes" musulmanes no quisieron comentar el anuncio hecho ayer en Kabul por el líder afgano Najibullah, según el cual Moscú y Kabul "estuvieron de acuerdo en colaborar en la creación de condiciones favorables" para un retiro total de las tropas soviéticas de Afganistán (unos 115 mil hombres).

En un discurso pronunciado en Kabul, Najibullah también ofreció una amnistía a los desertores y un llamado a los refugiados para que regresen a su país.

8701206

01|01

AFGANISTAN

225 rebeldes afganos se acogen a la tregua de reconciliación

Nueva Delhi, Kabul, (DPA-PL). Pocas horas después de entrar en vigor la tregua unilateral decretada por el gobierno afgano, 225 rebeldes musulmanes (muyahedin) y su comandante han depuesto las armas en la provincia de Laghman, en el este del país, según informó Radio Kabul en una emisión escuchada en Nueva Delhi.

Al tiempo que en el sureste del país se registraban de nuevo acciones armadas por parte de los rebeldes, en las provincias norteñas de Kundus y Yauyan, dos pequeños grupos de rebeldes se entregaron igualmente a las autoridades, dijo la radio.

Ya el pasado 7 de enero se había entregado en Herat (oeste de Afganistán) el jefe rebelde Sayed Ajmed junto con unos 1.000 combatientes.

FINALIZO SEGUNDO CONGRESO DEL FRENTE PATRIOTICO NACIONAL

El segundo Congreso del Frente Patriótico Nacional de Afganistan (FPNA) finalizó sus labores bajo una fuerte impresión causada en los participantes, por el discurso reconciliador, del secretario general del Partido Democrático Popular, Najib, el líder afgano centró la atención en la tarea fundamental que enfrenta el país en el momento actual, es decir la realización del programa de Reconciliación Nacional, cuya primera medida práctica, el cese del fuego unilateral y la suspensión de toda operación militar por seis meses comenzó a aplicarse ayer.

La gran noticia en el discurso de Najib lo constituyó las amplias facilidades de vida, de impuestos y otro tipo que serán concedidas a todos los que regresen al país acogiéndose al programa de Reconciliación Nacional.

También la amnistía para los presos por delitos contra la seguridad interna y externa del Estado. Sin embargo no es posible pasar por alto su contenido político y programático.

Después de señalar que las medidas prácticas de Reconciliación Nacional serán pilar de la solidez de todo el sistema político de la sociedad afgana, Najib dijo que al FPNA le corresponde ocupar posiciones claves en ese proceso.

En sus manos está, puntualizó, la organización del trabajo de las comisiones extraordinarias para la Reconciliación Nacional, la celebración de las Jirgahs (asambleas) de la paz, las conversaciones con los grupos armados y la atracción de la gente al trabajo pacífico.

Volviendo al tema de la paz nacional, Najib dijo que se harán todos los esfuerzos para lograrla y consolidarla.

Agregó que quienes apoyan y financian la guerra no declarada contra Afganistán deben saber que la Unión Soviética no abandonará nunca su vecino en la desgracia. Así quedó reafirmado durante su visita a Moscú y sus conversaciones con el líder soviético Mijail Gorbachov, puntualizó.

En la sesión final del Congreso pronunciaron saludos numerosas delegaciones extranjeras invitadas, entre ellas las de Irán, India, Egipto, Australia, Nicaragua y Cuba.

La Hora, 17/1/87

8701207

EL PAIS 02/1/87

Un romano, Spartaco Landini,

Afganistán

Anuncian Cese de Fuego Rechazado por Rebeldes

ISLAMABAD, 1 (ANSA) — Un portavoz de los distintos grupos de la guerrilla afgana rechazó el ofrecimiento hecho hoy por el líder Najibullah, de un alto al fuego a partir del próximo 15 de enero con el objeto de favorecer la "Reconciliación Nacional".

Pocas horas después del anuncio de la iniciativa de Najibullah, en nombre del partido comunista afgano, el portavoz de la guerrilla en Islamabad, Mohammad Nabi Mohammad rechazó el ofrecimiento definiéndolo como "un fraude".

Mohammad, luego de aseverar que la guerrilla no puede confiar en Najibullah, subrayó que aceptar un "alto de fuego" equivaldría a un reconocimiento implícito del gobierno de Kabul.

Najibullah anunció hoy la tregua por la radio afgana, en base a las decisiones adoptadas por el Comité Central del Partido Demócrata del pueblo de Afganistán (Partido Comunista) tendientes a la "Reconciliación Nacional".

Entre los principios de la pacificación figura "el rechazo de la lucha armada y del derramamiento de sangre para decidir los problemas actuales y futuros de Afganistán" y la creación de "una representación paritaria de todo el pueblo en la estructura política y en la vida económica". Este último principio podría significar la participación en el gobierno de representantes de la actual oposición armada al régimen comunista apoyado por el ejército soviético desde hace siete años.

Otros principios anunciados son la "renuncia por parte del actual régimen a "perseguir legalmente a las personas implicadas en la anterior actividad política" y la concesión de una "amnistía general".

Gran importancia dan los observadores a la frase de Najibullah, quien en base a las decisiones del Comité Central destacó que se "mantendrán las tradiciones históricas nacionales y culturales y el respeto por la sacra religión islámica".

01 | 01

8701208

Afganistán

Régimen afgano ofertó un cese del fuego

Guerrilla desestimó la propuesta comunista

MOSCU. — El gobernante de Afganistán, Najib, propuso una cesación del fuego a partir del 15 de enero como primer paso en un programa de reconciliación nacional, informó ayer la agencia noticiosa soviética "TASS".



Najib Bullah

En Islamabad, Pakistán, el vocero de los rebeldes Mujahideen, Mohammad Nabi Mohammad, calificó la propuesta como un fraude y dijo que los guerrilleros rechazaban la tregua.

Najib anunció asimismo una amnistía para los presos políticos durante una sesión del Comité Central del Partido Democrático Popular afgano realizada hoy en Kabul, según el despacho de "TASS" fechado en la capital afgana.

Tropas afganas apoyadas por fuerzas soviéticas han estado combatiendo a los rebeldes musulmanes desde la invasión soviética en diciembre de 1979.

Mujahideen, que agrupa a siete importantes grupos guerrilleros, afirmó en la capital pakistana que "no se puede confiar en Najib".

Según las palabras de Najib, la reconciliación nacional comenzará con una cesación de fuego a partir del 15 de enero en todo el país", informó "TASS".

"Pero Najib dijo que la tregua depende no sólo de un bando, sino que quienes dispararon contra nosotros incluso ayer deben saber que dejaremos de disparar pero no para hacer más fácil que otros derramen la sangre de sus hermanos. Quienes continúen disparando recibirán una réplica convincente."

"La cesación de fuego es un paso importante y necesario pero sólo un paso preliminar hacia la paz", dijo Najib citado por "TASS". "Para una paz duradera se necesitará un acuerdo nacional sobre cómo organizar una supervisión justa y representa[illegible] de nuestra patria común".

"Con el propósito de evitar nuevos males, consideramos que es posible atender muchos requerimientos y deseos del pueblo afgano acerca de una amplia amnistía a personas que están en prisión, que sinceramente rehúsen cometer acciones hostiles contra la revolución", añadió el jefe del partido.

Las negociaciones para poner fin a la guerra se han prolongado por varios años bajo los auspicios de las Naciones Unidas, pero el secretario general soviético, Mijail Gorbachov ha dicho repetidas veces que espera una solución política

Najib, el jefe de la policia secreta que reemplazó en mayo al presidente Babrak Karmal, estuvo en Moscú a mediados de diciembre para mantener conversaciones con Gorbachov.

01 | 01 8701209

029

Afganistán

EL PAIS 07-1-87

URSS POR CESE DE FUEGO; USA PIDE RETIRO

MOSCU y WASHINGTON, 6 (AP y EFE).— El canciller soviético Eduard Shevardnadze pidió cooperación para un exitoso cese del fuego en Afganistán de manera que las tropas soviéticas puedan retornar a salvo a su patria, dijo hoy la agencia noticiosa TASS.

Shevardnadze formuló la petición en un discurso en Kabul durante una recepción anoche en su honor.

El canciller y el secretario del Partido Comunista para asuntos exteriores, Anatoly Dobrynin, llegaron a Kabul ayer para conversaciones con el líder afgano Najibullah y otros funcionarios.

La semana anterior, en un discurso durante una reunión extraordinaria del comité central del partido de gobierno afgano, Najibullah anunció que las fuerzas gubernamentales empezarán a observar el cese del fuego el 15 de enero. Pidió a los grupos rebeldes que luchan contra las tropas gubernamentales soviéticas que también cesen las hostilidades para facilitar las negociaciones con vistas al fin de la guerra.

Numerosos grupos rebeldes afganos que se oponen a las filosofías marxistas del gobierno de Kabul han luchado junto con las tropas afganas desde abril de 1978, cuando una monarquía constitucional fue depuesta y substituida por un gobierno socialista.

Las tropas soviéticas entraron en guerra en diciembre de 1979 y un estimado de 110.000 soldados rusos permanecen en Afganistán.

"El propósito del cese del fuego ha sido un gesto noble y esperamos que sea respaldado por todas las fuerzas opositoras en Afganistan", dijo Shevardnadze en su discurso.

EE.UU. INSISTE

La Administración norteamericana insistió hoy en que la retirada de las tropas soviéticas de Afganistán debe realizarse "en breve" y desvinculada del éxito del programa de reconciliación afgano.

El portavoz del Departamento de Estado, Charles Redman, aseguró que si los soviéticos "quieren realmente un acuerdo, la retirada de las tropas soviéticas, entonces tendrían que acordar la salida en breve de todas sus fuerzas de Afganistán".

Estas resoluciones reclaman la restauración de un Afganistán no-alineado, la autodeterminación del pueblo afgano y el regreso de los refugiados

01|01 . 8701210

Afganistán 021

ENTE DN

El gobierno afgano anunció que quiere dialogar con la guerrilla

Por primera vez en siete años desde la invasión soviética, el líder afgano Mohamed Najibulla anunció que su gobierno está dispuesto a mantener conversaciones con los guerrilleros musulmanes que resisten al gobierno central. La declaración, publicada en el diario soviético "Pravda", se produce en momentos en que tiende a empantanarse la situación bélica, en medio de una nueva orientación política por parte del Kremlin, y lo que en EE.UU. se considera una guerra imposible de ganar.

MOSCU, 30 (AFP, AP, DAN, DPA y Reuter). — El líder afgano **Mohamed Najibulla** declaró que su gobierno está **dispuesto a mantener conversaciones con los rebeldes musulmanes** que vienen luchando contra Kabul desde hace siete años.

Simultáneamente, diplomáticos occidentales en Islamabad informaron que **siete altos oficiales del ejército afgano habían sido detenidos y encarcelados por orden de Najibulla** en función de los **malos resultados obtenidos en la batalla de la provincia de Kandahar,** donde unos **600 soldados** se habrían sumado a la guerrilla.

También hoy, diplomáticos occidentales dijeron que había ascendido a **450** el número de civiles muertos durante un bombardeo del 8 de diciembre a la ciudad de Kandahar. Los diplomáticos, que calificaron la acción como **"muy desacostumbrada"**, agregaron que en las batallas que tuvieron de epicentro a la ciudad, entre el 4 y el 16 de diciembre, murieron **300 soldados afganos y 400 resultaron heridos.**

♦ Cansados de guerra

Najubulla, quien formuló su declaraciones en una entrevista con el diario soviético "Pravda", sostuvo textualmente: **"Buscamos activamente las vías del compromiso nacional y estamos preparados para él, hasta la creación de un gobierno de unidad nacional. El pueblo está cansado de la guerra y el bandolerismo de los contrarrevolucionarios. La gente aspira a cesar el derramiento de sangre, y la tarea de todos los políticos serios y responsables es ayudar en ello.**

"Los órganos estatales, por todo el país no solo luchan contra las bandas, sino entablan diálogo con ellas. En un año pasaron del lado de la revolución casi 13 mil personas. Depusitaron armas. Llegará la hora y en cada poblado se celebrarán jirgas (asambleas) de paz."

"Cifamos nuestras esperanzas en la solución política del problema en torno de Afganistán. Al tender la mano a los pueblos de Pakistán, Irán y otros países de la región, decimos: resolvamos los problemas no por la fuerza de las armas, sino por vía pacífica."

Los tres párrafos son los últimos del reportaje, tal como lo reproduce un despacho de la agencia TASS.

Los últimos antecedentes de cambios en la dirección política afgana vinieron en noviembre pasado, con el alejamiento del partido y del Estado de **Babrak Karmal,** quien tomó el poder en 1979 mediante un golpe militar que requirió una intervención soviética.

Aunque tropas soviéticas continúan su guerra con irregulares islámicos, el líder soviético **Mijail Gorbachov** procedió recientemente a un retiro simbólico de 6.000 soldados (de un total de 100.000).

El retiro de tropas soviéticas de Afganistán **es una de las condiciones interpuestas por China para mejorar sus relaciones con la URSS.**

Najibulla sucedió a Karmal en mayo, pero tan solo en noviembre se produjo el alejamiento definitivo de este último.

♦ La batalla de Kandahar

Las primeras informaciones sobre el bombardeo de Kandahar aparecieron el 23 de diciembre, cuando diplomáticos occidentales afirmaron que había [illegible] de **"mucho mas de 100 muertos".**

No se pudo determinar quién pilotaba el o los aviones que realizaron el bombardeo, si afganos o soviéticos, ni cuál fue el motivo. Se sabe que soviéticos y afganos han bombardeado otras zonas civiles, pero mayormente se trató de aldeas y poblaciones pequeñas.

Entre los objetivos del bombardeo de Kandahar se incluyeron las oficinas del gobernador de la provincia del mismo nombre, del servicio secreto JAD y del Partido Comunista local. El bombardeo fue seguido por **"serias manifestaciones callejeras de protesta"** por la masacre.

Los diplomáticos también dijeron que **"varios altos oficiales de las fuerzas armadas afganas fueron detenidos a causa de su mediocre actuación"** en la lucha emprendida en Kandahar entre el 4 y el 16.

A pesar de todo esto, el gobierno de Kabul se atribuyó una victoria sobre los guerrilleros musulmanes mujadines en Kandahar. **Los medios de difusión oficiales no dieron detalles.**

Los diplomáticos también dijeron que un gran número de cadáveres de soldados afganos tras la lucha de Kandahar fueron apilados y quemados, en vez de ser sepultados según los ritos islámicos.

Asimismo los diplomáticos informaron de otras acciones de los rebeldes en distintas partes del país, que causaron bajas soviéticas y afganas y destruyeron blindados y otros elementos bélicos.

El 27, un diario soviético informó que los rebeldes habían derribado un avión soviético con 25 pasajeros a bordo. No hubo bajas.

Agencia Reuter



Muhamed Najibulla, jefe del estado afgano: ahora por el diálogo y la unidad nacional.

LA PRESENCIA MILITAR SOVIETICA

Riesgo de guerra sin fin

WASHINGTON, 30 (Por **Dusko Doder**, de "The Washington Post" especial para **Clarín**) — Cuando hace siete años —un 27 de diciembre— tropas de asalto soviéticas ingresaron en la ciudad de **Kabul**, Moscú calificó su invasión como un acto de **"asistencia fraterna"** para con un acosado gobierno marxista. El Kremlin confiaba en que el **"limitado contingente soviético"** podría apuntalar al régimen comunista y convertir a **Afganistán en otro dócil miembro de su imperio.**

Siete años después, y con cerca de **25.000** bajas en el camino, **esta confianza ha sido reemplazada por dudas y nuevas apreciaciones.** La nueva conducción del Kremlin parece ser **perfectamente** consciente de que la Unión Soviética **se encuentra atascada en una guerra imposible de ganar.** (Apreciación que cada vez se hace más evidente.)

Además, las guerrillas anticomunistas están dando muestras de una **creciente eficacia militar** mientras reciben modestas cantidades de armas sofisticadas procedentes de Occidente. La semana pasada, el Departamento de Estado **norteamericano** reveló que los soviéticos han estado perdiendo **un promedio de un avión diario** en estos últimos tres meses. Hecho que se debe, presumiblemente, al hecho de que la guerrilla está **ahora** equipada con un pequeño número de misiles **Stinger** (estadounidenses) y demás armas antiaéreas.

Pero, en realidad, lo que origina este desesperanzado estancamiento en la **guerra afgana es una combinación de grandes intereses, geografía e historia. Los soviéticos** no pueden dar ningún **paso estratégico** decisivo para ganar a **menos que** —como sostienen algunos **especialistas** militares norteamericanos— comprometan a un millón de soldados en esta **"aventura afgana"** y extiendan el conflicto a **Pakistán** (aliado de EE.UU.). Pero una escalada de esta naturaleza podría acarrear **peligrosas consecuencias militares y diplomáticas.**

Los rebeldes afganos, por su parte, son igualmente incapaces de dar un paso estratégico decisivo. No están en condiciones, por ejemplo, de traducir su poderío en una posición tangible —como sería la ocupación de grandes extensiones de territorio—. Una medida de este tipo resultaría **desastrosa**, ya que permitiría a los soviéticos valerse de su superioridad de ataque en contra de posiciones fijas. **Por consiguiente los rebeldes están condenados a seguir siendo una fuerza insurgente de las que atacan y luego se ocultan.**

♦ El Vietnam de Moscú

Según indicó una fuente de inteligencia norteamericana, de no producirse cambios en esta ecuación **"la guerra en Afganistán continuará eternamente".**

A pesar de que el Kremlin trató de evitar los errores que Estados Unidos cometió en **Vietnam**, la guerra en Afganistán parece haberse convertido en **"el Vietnam de Moscú".** A diferencia de los norteamericanos, los soviéticos han resistido la tentación de depender de los militares para la solución del conflicto. Informes de la prensa soviética equiparan la importancia de las **"victorias"** *militares con la de las políticas.*

Pero, en esencia, [illegible] posición de Moscú en Afganistán [illegible] ser idéntica a la de Washington durante la guerra de Vietnam. Los soviéticos están librando una guerra que los guerrilleros afganos pueden seguir perdiendo durante mucho mayor tiempo de lo que los rusos pueden seguir **"ganando".**

El asunto se reduce a una cuestión **de determinación,** comentó un experto militar de EE.UU. **¿"Quién tiene mayor determinación? Los rusos cuentan con el poderío** —material y técnico— **pero esos andrajosos guerrilleros tienen mayor determinación que el mismo gobierno soviético"**, señaló el militar.

Los informes de los medios de prensa soviéticos, sobre esta "aventura afgana", han ido revelando gradualmente el costo que para el Kremlin ha significado esta guerra, tanto por el conflicto en sí como por las reacciones dentro y fuera del país. **Luego de ignorar a la conflagración durante años, los medios soviéticos comenzaron a dedicarse a ella desde la llegada al poder en 1985 de Mijail Gorbachov.**

Un estudio realizado sobre las noticias que se difunden por la TV soviética —por **Ellen Mickiewicz** de la **Universidad de Emory**— demostró que **Afganistán fue uno de los países que recibieron mayor cobertura periodística durante 1985.** Sin embargo, la televisión soviética ha cubierto los aspectos bélicos recién desde noviembre de 1985.

El estudio mostró también que la guerra es tratada ahora con **"un alto grado de emotividad de modo de despertar el patriotismo de los soviéticos".** Lo cual sugiere que el conflicto se ha convertido en **un tema de política interna,** no solo entre la elite política sino también entre grandes segmentos de la población. En especial, entre aquellas familias con hijos en edad de servicio militar que deben hacer frente a la posibilidad de hacer la conscripción **en Afganistán.**

♦ Una herida sangrante

En el curso de este año, Gorbachov llegó a reconocer en público que la guerra de Afganistán **se había convertido en una "herida sangrante"** dentro de su imperio. La frase pareció dar a entender que el peso social y psicológico dentro de la sociedad soviética supera al aspecto económico.

En estos últimos días, Moscú dio algunos indicios que parecieron indicar **algunos cambios.**

Cuando el disidente **Andrei Sajarov** regresó a Moscú luego de su exilio en **Gorki**, el físico volvió a repetir sus críticas con respecto a la política de Moscú para con Afganistán. **"Esta guerra fue el punto más doloroso de la política exterior moscovita"**, indicó Sajarov en respuesta a las preguntas de los periodistas sobre este tema. El físico pidió también la adopción de **"medidas mas enérgicas"** que pongan fin a esta **guerra.**

Ese mismo día, un importante funcionario soviético, interrogado sobre estas declaraciones de Sajarov, comentó: **"No veo nada malo en este comentario de Sajarov".** Y agregó que la conducción soviética había expresado en más **de una oportunidad su deseo de encontrar una solución para el conflicto,** lo antes posible.

Una señal más significativa aún provino de otro importante funcionario soviético, **Evgeni Primakov**, quien durante una entrevista con "The Washington Post" señaló que el Kremlin piensa retirar sus tropas de Afganistán aun cuando fracasen los actuales intentos para hallar una solución política.

Aun habrá que ver si todos estos indicios representan un cambio de táctica o simplemente una evaluación más profunda del conflicto.

Para la elite del Kremlin, **esta guerra** se ha convertido claramente en un **tema que provoca divisiones.** La impresión que primaba hasta hace poco era que el tiempo jugaba a **favor de Moscú,** y que tanto los guerrilleros como sus simpatizantes en Occidente terminarían por sentirse **agobiados y desalentados** frente a la firmeza soviética.

PARTES ILEGIBLE

01 | 01

8701584

Afganistan

Esperan que se suspendan actos de violencia

Afganistán: Gobierno propone una tregua

El Consejo Revolucionario de Afganistán aprobó el programa de Reconcialiación Nacional propuesto por el líder afgano, Najibullah, que parte de la proclamación de un alto el fuego a partir del próximo día 15, anunció ayer la agencia soviética Tass.

MOSCU, (ANSA, EFE y UPI).- El próximo día 15 cesará el fuego por parte de las tropas gubernamentales, que suspenderán sus acciones de combate para regresar a los puntos de emplazamiento permanente y a las labores de tiempos de paz, según el documento aprobado por el Consejo Revolucionario.

Las fuerzas armadas afganas se limitarán a proteger las fronteras del país y las instalaciones militares.

CONDICION

El documento divulgado por TASS señala también que se mantendrá el armisticio hasta el día 15 de julio de 1987, con la condición de que la guerrilla se una también a él y que podría ser prolongado si ambas partes lo observan.

En respuesta a estas iniciativas, añadió la nota de TASS, el gobierno afgano espera que se suspendan los actos de terror y subversión.

Como muestra de la sinceridad de la propuesta, prosigue el documento, el Consejo Revolucionario ha aprobado un decreto que anuncia la liberación de aquellas personas detenidas en prisión que se comprometan a no realizar acciones hostiles contra el proceso revolucionario.

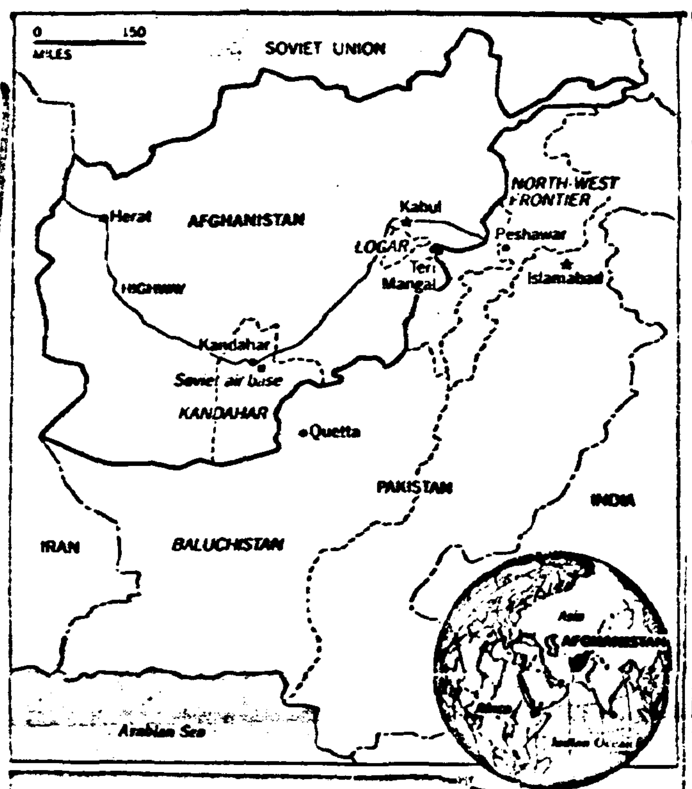
El programa de reconciliación aprobado contempla también una amnistía para aquellos que depongan las armas y quieran regresar a Afganistán, y el respeto a la religión.

LA NACION 04-1-87

Afganistán

OPINION INTERNACIONAL
PAGINA 10
Viernes 9 de Enero de 1987

SIETE AÑOS TERRIBLES EN AFGANISTAN



El 27 de diciembre se observará el séptimo aniversario de la invasión soviética de Afganistán, y se puede anticipar que Moscú una vez más insistirá que sus tropas se encuentran aún en el acosado país "para defender la soberanía de Afganistán". Dicha afirmación es tan ridícula como así también cínica.

La soberanía afgana en realidad esta sufriendo asaltos sistemáticos desde la primavera de 1978, cuando una insurrección por parte de gremios obreros y grupos políticos comunistas, respaldados por el Kremlin, derrocó al gobierno y lo sustituyó con uno encabezado por Nur Mohamad Taraki, el Primer Jefe de Estado comunista de la historia del país. Acontecido esto, se empezó a inundar al país con "asesores" soviéticos, y en diciembre Taraki complació a sus nuevos mentores al firmar el "Tratado de Amistad y Cooperación" que Moscú utilizaría más tarde para "legitimar" su invasión.

Taraki, sin embargo, no pudo detener la creciente rebelión rural contra la extensión de la influencia soviética en Kabul. El no poder hacerlo le costaría la vida —en un tiroteo en la oficina del embajador soviético en setiembre de 1979— y llevaría a su reemplazo por su Primer Ministro Hafizulah Amin.

ARMAS RUSAS FABRICADAS CON TECNOLOGIA OCCIDENTAL

Hace unos años un espía soviético en Tokio convenció a un fabricante japonés de juguetes a que le vendiera los planos de un pequeño robot de juguete que podía programarse para andar por un cuarto y disparar pequeños proyectiles de plástico. El gobierno japonés no prestó mucha atención al repentino interés de un alto espía soviético por juguetes, hasta que se enteró que la microficha utilizada en la computadora del robot de juguete fue adaptada por los soviéticos para ser utilizada en el sistema de guía de más de 140 cohetes nucleares SS-20 que los soviéticos tienen instalados en el Lejano Oriente.

Los soviéticos, por ejemplo, hace unos años se llevaron de contrabando una máquina para cojinetes de bolas. La tecnología utilizada en esa máquina para producir los pequeños cojinetes de bolas fue copiada para producir las piezas miniatura utilizadas en el sistema de guía del gigantesco cohete nuclear SS-18.

Las armas occidentales son un importante blanco para los espías tecnológicos soviéticos, y muchas de las armas en el arsenal soviético son copia de armamento de la OTAN. El proyectil Atolón aire a aire utilizado por un piloto soviético para derribar el avión coreano de pasajeros en 1983, por ejemplo, es imposible de distinguir del cohete Sidewinder americano. El cohete "Redeye" del Ejército de Estados Unidos, diseñado para ser disparado por un soldado de infantería y derribar helicópteros y aviones de vuelo raso enemigos, fue reproducido por los soviéticos con el cohete "Grail".

Los soviéticos, sin embargo, no solo copian, sino que a veces incluso logran robar y utilizar tecnología antes de que el occidente empiece su producción en masa. Un artefacto soviético de escucha oculto en una boya colocada por un rastrero ruso a las costas del occidente de América, por ejemplo, contenía una microficha copiada de un diseño americano que debía haberse utilizado en un sistema de escucha de la Marina de Estados Unidos. Al parecer los soviéticos habían obtenido la ficha, o sus planos, y la utilizaron antes de que las fuerzas de la OTAN concluyeran las pruebas del artefacto computarizado.

Sin embargo, aún contando con un estimado de 20 batallones soviéticos ya estacionados en el país, Amin no tuvo mejor suerte que su antecesor en aplastar la rebelión. De ahí, la invasión soviética de diciembre, la sustitución de Amin por otro designado aun del Kremlin, y los siete años de matanzas que siguieron.

Algunos observadores señalan que si no hubiera indicios de una preocupación soviética por la soberanía afgana durante los sucesos que llevaron a la invasión, por cierto que no ha habido tales indicios desde entonces. De hecho, a pesar de la reciente retirada teatral de unas pocas tropas soviéticas, y los refunfuños de Moscú de vez en cuando respecto a la búsqueda de una solución a la crisis afgana, hay muchas señas de que los soviéticos están resueltos a quedarse por un tiempo indefinido en este país otrora independiente.

Para el pueblo afgano, los costos del colonialismo del Kremlin han sido, y siguen siendo, espeluznantes. Hasta la fecha, mucho más de medio millón de afganos —de cuyos números un porcentaje extremadamente elevado son mujeres y niños— han muerto en el conflicto, y otros 4 millones se han vuelto refugiados afuera de su patria. Se calcula que dos millones de afganos son refugiados dentro del país, expulsados de sus fincas y aldeas por los bombardeos soviéticos. Esa cifra ya habrá de crecer.

A principios de setiembre, el régimen de Kabul divulgó planes para reubicar a unos 300.000 afganos de las provincias de Kunar Oriental, Laghman y Paktia, hacia las provincias desiertas de Fareh, Helmand y Nimroz, en Afganistán Occidental. El objetivo, según diplomáticos en la capital, "es el milsmo que el de otros proyectos de reubicación de los regimenes marxistas: aplastar la oposición al dominio comunista". Las tres provincias que se van a despoblar han dado fuerte apoyo a la resistencia afgana.

Para terminar con tal apoyo por todo Afganistán, los soviéticos se han valido de la destrucción en una escala calificada por observadores como "sin precedentes en tiempos modernos". Un 75 por ciento de las aldeas de la nación han sido destruidas, tierras cultivadas han sido inundadas con Napalm y herbicidas, se han envenenado a los pozos, y se ha dejado en escombros a sistemas esenciales de riego que datan de siglos atrás. Tan extensiva ha sido la destrucción agrícola que a mediados de setiembre el régimen de Kabul anunció que se triplicarían sus importaciones de trigo soviético durante el año que viene, mientras se duplicarían las compras de azúcar soviética. No obstante, otros informes pintan un cuadro aún más desolado. Los periodistas extranjeros y el personal de asistencia médica que regresaron recientemente de Afganistán informan que la desnutrición y el hambre rural "ya no son una posibilidad, son la realidad".

Los soviéticos, sin embargo, evidentemente quieren lograr más que vencer a los mujahedin mediante el hambre en el campo de batalla; han resuelto "sovietizar" a la nación entera. Hasta ahora, mucho más de 10.000 niños afganos han sido enviados a la fuerza a la Unión Soviética para hasta 10 años de preparación y adoctrinamiento antiislámico, y los que se quedan en Afganistán encuentran que se esta atacando a su cultura.

El ruso —descrito como "un idioma civilizador para la educación"— es el único idioma extranjero que se enseña en las escuelas afganas. En efecto, el gobierno esta administrado por los millares de "asesores" soviéticos que infestan a todos los ministerios. Entre las tareas de ellos son: evaluar la "formalidad ideológica" de todos los maestros, y dirigir el cuerpo de ingenieros de minería soviéticos que se aprovechan de las vastas riquezas minerales de Afganistán para enviar a la Unión Soviética.

Todo este esfuerzo cuesta a Moscú un estimado de U$S 3 mil millones por año —un monto suficientemente importante, dicen los analistas, para indicar que las miras del Kremlin están fijadas en una meta más importante que una mera conquista de Afganistán. Los líderes de los mujahedin hace mucho tiempo arguyen que los soviéticos anticipan utilizar a su país como trampolín para la desestabilización de todo el sudeste de Asia, y, lamentablemente, hay cada vez más evidencia que confirma esa conclusión. Hoy día se sabe, por ejemplo, que los soviéticos estan apoyando a los sikh radicales del estado de Punyab, de India, mientras que la policía secreta afgana —dirigida por el KGB— recientemente aumentó sus acciones de sabotaje y subversión en las provincias políticamente volátiles del noroeste de Paquistán.

Sin embargo, por grandiosos que sean los diseños expansionistas de Moscú, quedan obstaculizados por la resolución de los aproximadamente 60.000 mujahedin que luchan para expulsar a los soviéticos de su patria. Dicho conflicto parece que continuará hasta tanto, según juró recientemente un líder de la resistencia "no queda nadie más que una sola mujer capaz de pelear con un hacha".

01 01 8701596

029

Afganistán: bombardeos rusos en áreas pobladas

Nueva Delhi. 16 (UP) — Aviones soviéticos y afganos bombardearon. la semana pasada. áreas densamente pobladas y mataron a más de cien civiles en Kandahar. donde los combates con rebeldes musulmanes han dejado un saldo de unos doscientos efectivos afganos. afirmaron hoy diplomáticos occidentales en esta capital.

Los diplomáticos dijeron asimismo que un alto oficial soviético. posiblemente un general. pereció el 8 del corriente mes durante intensos combates registrados en la parte oriental del valle de Logar. y que desde el 1° de diciembre los rebeldes han logrado abatir por lo menos once aviones soviéticos o afganos. utilizando misiles.

Según los diplomáticos. la semana pasada continuaban los combates en Kandahar. la segunda ciudad de Afganistán y que antiguamente fuera su capital. situada a unos 320 kilómetros al sudoeste de Kabul. que desde hace tiempo es escenario de intensa lucha por su control.

Entre el 7 y el 8 del presente mes. aviones soviéticos y afganos bombardearon dos áreas densamente pobladas de la ciudad dando muerte a más de cien civiles. según informaron a los diplomáticos sus "fuentes diplomáticas de confianza". en Kabul.

Los diplomáticos en esta capital proporcionaron la información a condición de no ser identificados. La información no pudo ser confirmada en otros medios ya que raramente se han permitido la entrada de periodistas occidentales a Afganistán desde la invasión de fuerzas soviéticas. en diciembre de 1979.

Según estimaciones occidentales. Moscú mantiene ahora unos 110.000 efectivos en Afganistán para respaldar al gobierno comunista contra la insurrección musulmana.

Por otra parte. en Washington. un documento producido por el Departamento de Estado norteamericano. la resistencia afgana mantiene sus posiciones frente a las fuerzas soviéticas.

"La costosa tentativa de Moscú por conquistar un país vecino independiente —dice en uno de sus párrafos— sigue siendo un fracaso". Y agrega que. después de la captura en abril pasado de una importante base guerrillera. la resistencia afgana aumentó su fuerza durante el verano y el otoño "terminando la estación de los combates en una fuerte posición militar".

LA PRENSA 16/12/86

01 | 01

8701621

Afganistan 029

Afganistán: amplio apoyo a Reconciliación Nacional

Kabul, (PL).-El Consejo Central de Jirgah (asamblea) Suprema de Afganistán se unió a las diferentes reacciones de apoyo a la política de reconciliación nacional, anunciada por el partido y el gobierno afgano el pasado día primero.

Mohammed Ibrahim Atai, vicepresidente del Consejo Central, dijo a la prensa, al concluir una reunión del comité ejecutivo de la asamblea "que sus integrantes apoyan plenamente las decisiones tomadas por el consejo revolucionario sobre "la reconciliación en Afganistán".

Ataí calificó como paso de histórico significado los esfuerzos del partido y el gobierno de hacer todo lo posible por establecer la paz en el territorio nacional.

La reunión del consejo revolucionario aprobó que a partir del 15 de enero y durante seis meses cesará el fuego de todos los tipos de armas, se suspenderán las acciones combativas, y volverán las tropas a sus puestos de dislocación permanentes, cesarán los hostigamientos de artillería y de aviación contra el enemigo si no representan peligro para la población y las fuerzas armadas se limitarán a la defensa de la frontera estatal así como al cumplimiento de otras tareas puramente defensivas y económicas.

El secretario general del Partido Democrático Popular de Afganistán, Najib hizo, durante una reunión de la comisión extraordinaria suprema para la reconciliación nacional, un nuevo llamado a las fuerzas de oposición en el país a participar en este proceso, enfilado —dijo— a traer la paz y la seguridad a la nación.

En este encuentro participaron representantes de amplias capas de los medios sociales, el clero y la intelectualidad, quienes tras la intervención del líder afgano expresaron libremente sus opiniones sobre este importante problema y aprobaron el envío de numerosos mensajes a diferentes países y personalidades políticas, explicando los objetivos y causas de esta política de reconciliación.

LA HORA 06-1-87

Afganistán

CLARIN 27-12-86

HABLA UN JEFE REBELDE AFGANO

Luchas entre siete grupos

LOS ANGELES, 24 (De **John Kendall**, de "Los Angeles Times", especial para **Clarín**). — De acuerdo con un líder de la resistencia afgana, **la lucha entre los siete grupos** destinatarios oficiales de la ayuda encubierta de EE.UU. **hace fracasar a la resistencia** contra la ocupación soviética de Afganistán.

Taj Mohammed, quien se encuentra en California visitando a sus familiares, manifestó que sólo **una mínima parte de la asistencia** económica de EE.UU. **llega a destino.**

Quienes luchan contra la ocupación soviética en el devastado país **sólo reciben el 10 por ciento de esa ayuda.**

Aun así, los suministros de armas, alimentos y medicamentos **sólo llegan a las unidades que combaten en la montaña** en proporción de uno entre los siete grandes grupos de resistencia, formado por millones de afganos refugiados en Pakistán.

Mohammed, ex gobernador de las provincias afganas de Badakhshan y Lafhman durante los diez años anteriores la invasión soviética de diciembre del '79, expresó que los siete grupos principales de resistencia a veces **se ocupan más de pelear entre ellos que de combatir a los soviéticos** debido a la abierta competencia por la ayuda e influencia norteamericana.

♦ Combatientes necesitados

Mohammed es el principal asesor de **Ahmad Gailani**, líder del **Mohazi-I-Millie-Islam**, organización de resistencia con base en Peshawar, en Pakistán, según confirmó **Nake Kamrany**, profesor de economía de la Universidad de California del Sur y director del "Afganistan Times" que se edita en Los Angeles.

Kamrany, que ofició de traductor durante las declaraciones de Mohammed, dijo que el líder **escapó de Afganistán** tras ser encarcelado por el gobierno afgano designado por los soviéticos. Desde entonces, el líder de larga barba canosa viajó tres veces a su país y pudo conocer las nuevas condiciones de vida por sí mismo. Según las observaciones de Mohammed, **los campesinos del Afganistán están deseosos de combatir a las tropas soviéticas pero carecen de alimentos y artículos de primera necesidad para que su lucha sea efectiva.**

Mohammed minimizó los cálculos periodísticos, según los cuales entre 450 y 480 millones de dólares salieron de EE.UU. con destino a los **moujahedeen**, guerreros santos de Afganistán, en 1986. **"Si hubiéramos recibido esa cantidad** —aseguró Mohammed—, **sin duda la guerra se habría desarrollado en otra línea de la frontera"** (en aquella con la URSS.

En lo que respecta a sí mismo, Mohammed asegura no tener sentimientos negativos hacia los siete grupos elegidos para recibir la ayuda económica, si bien afirma que la desunión entre éstos es tan aguda que impide la lucha efectiva para liberar a Afganistán.

♦ Un programa

"La situación se está poniendo muy delicada", confirma Mohammed, **"tenemos que recomenzar con una nueva unidad donde cada uno obtenga la justicia y equidad que se basa en la población, sus necesidades y una mejor distribución de combatientes".**

Mohammed alude al **Gobierno Provisorio de Afganistán Libre**, que fue proclamado tras las reuniones de junio entre los patriotas afganos en Washington. La coalición propone:

- **Unificar a elementos dispares** de la resistencia en una única fuerza eficaz y cohesiva.
- Conformar una institución política **libre de facciones** que represente cabalmente a todos los sectores de la resistencia afgana.
- **Generar una mayor conciencia y la condena mundial** a la prolongada ocupación soviética al país.
- Utilizar con mayor eficacia la ayuda destinada a la resistencia.
- **Jerarquizar la capacidad militar** de la guerrilla.
- Intensificar las negociaciones tendientes al retiro de tropas soviéticas.

♦ El destino del dinero

Según afirmaciones de Mohammed, los soviéticos, que intentan diseminar la hambruna entre los pobladores, **incendian sembrados**, destruyen los sistemas de irrigación, **bloquean carreteras y matan ganado.** Tras insistir en que la ayuda norteamericana debe ser abierta y contar con registros oficiales, el líder señaló que el socorro a los grupos que combaten debe constar de tres puntos básicos: alimentos, armamento de defensa aérea para ser usado contra los aviones y helicópteros soviéticos y armas de tierra de largo alcance capaces de atacar los puntos vitales de las tropas soviéticas.

El profesor Kamrany completa las declaraciones de Mohammed: **"Lo que él quiere decir es que no hay pruebas de la ayuda norteamericana por valor de 450 millones. ¿Dónde fue a parar el dinero? ¿Quién lo recibió? Los afganos no lo han visto. ¿Por qué la gente de EE.UU. no pregunta cuál fue el destino final de los millones que enviaron?**

GORBACHOV: "NO NOS QUEDAREMOS MUCHO TIEMPO"

Formarían un gobierno de "unidad nacional" afgano

Mijail Gorbachov saluda al jefe del Partido Comunista afgano, Najibullah, durante la cena oficial en el Kremlin.

MOSCU, 12 (Reuter y EFE). — El jefe del Partido Comunista afgano, Najibullah, dijo esta noche que **las autoridades comunistas de Kabul proyectan formar un gobierno de unidad nacional** que podría incluir a afganos que actualmente residen en el exterior. Najibullah hizo sus declaraciones durante una cena en el Kremlin, tras sus conversaciones con el líder soviético **Mijail Gorbachov.**

"Los afganos estamos trabajando por la unidad nacional tras siete años de conflicto", manifestó. Najibullah viajó a Moscú el jueves por la noche, en la primera visita oficial que realiza a la URSS como máximo dirigente de Afganistán, tras haber reemplazado a **Babrak Karmal** al frente del Partido Comunista, en el mes de mayo.

"Continuaremos por ese camino lo suficiente para establecer un gobierno de unidad nacional —dijo Najibullah—, **que incluiría a representantes de las fuerzas que al presente se encuentran fuera de Afganistán pero que estén dispuestas a contribuir a la renovación histórica de la vida del país".**

La visita del mandatario afgano se produce poco después del retiro de seis regimientos soviéticos de Afganistán, y tras las recientes declaraciones de Gorbachov, cuando afirmó que **"no está lejano" un acuerdo político** para el problema afgano.

● El líder soviético

Durante esa misma cena, ofrecida en el Kremlin en honor de Najibullah, el líder soviético afirmó: **"La URSS no tiene intenciones de dejar por mucho tiempo nuestras tropas en Afganistán".**

No obstante, Gorbachov puntualizó: **"No abandonaremos a nuestro vecino en una situación difícil".**

Los dos mandatarios examinaron los problemas más importantes de la colaboración entre ambos países en el curso de sus conversaciones, y reafirmaron el deseo recíproco de consolidar esa cooperación en aras de la paz y seguridad de Asia y el mundo entero.

9/10

NUEVA AMENAZA DEL GOBIERNO AFGANO

El arma de la ocupación soviética

KABUL, ISLAMABAD y WASHINGTON, 21 (EFE, "Los Angeles Times" y "The Washington Post", especial para Clarín). — El gobierno de Afganistán, presidido por Mohamad Najibullah, se reserva el derecho de pedir a las tropas soviéticas —aparentemente, a punto de ser evacuadas de su país en alguna fecha próxima—, que regresen en el caso de que su partida genere graves estallidos a cargo de los grupos opositores.

La afirmación, hecha hoy en Washington por el encargado de negocios de Afganistán en Estados Unidos, Ruhollah Erfagi, es la primera declaración oficial afgana en tal sentido.

Medios diplomáticos en la capital estadounidense opinaron que la revelación de Erfagi, quien es el más encumbrado representante diplomático allí del gobierno de Kabul, podría obstaculizar las conversaciones programadas para el 11 de febrero próximo en Ginebra, Suiza, entre Pakistán y Afganistán, con el auspicio de las Naciones Unidas.

Ese encuentro, que corona dos años de arduas negociaciones, debería permitir un acuerdo con respecto a un calendario para el retiro total de los aproximadamente 115.000 efectivos de la Unión Soviética que desde 1979 ocupan gran parte del territorio, y que libran cruentos combates con las guerrillas anticomunistas acuarteladas en zonas fronterizas paquistanas.

La Comisión Extraordinaria para la Reconciliación Nacional de Afganistán, constituida por el gobierno prosoviético de Kabul, amenazó ayer a los rebeldes con reanudar la lucha si insisten en sus ataques, desacatando el "alto el fuego" unilateral establecido por las autoridades y que debería regir por seis meses.

♦ La misión Kovaliov

Hoy, en la capital paquistana, Islamabad, una delegación soviética de alto nivel encabezada por el primer viceministro de Relaciones Exteriores, Anatoly Kovaliov, comenzó sus discusiones con las máximas autoridades locales. El Kremlin calificó de "coincidencia" el que esto ocurriera solo pocas horas después que abandonó Pakistán el subsecretario de Estado norteamericano, Michael Armacost.

Se cree que Armacost habría advertido al gobierno de Islamabad no apresurarse a suponer un cambio drástico en la actitud soviética. El funcionario señaló que "son los hechos los que cuentan, y el hecho más importante es la retirada de las fuerzas ocupantes" de la URSS.

Moscú había insistido previamente en un plazo de tres o cuatro años para la evacuación, mientras que Washington y los paquistanies hablaban de cuatro meses. Kovaliov, que acudió a Islamabad también en calidad de "representante de Mijail Gorbachov" —como aclaró el Kremlin—, podría reducir ese plazo hasta llevarlo a uno o dos años, según trascendió. Se desconoce cuál es el límite final que podría aceptar el gobierno de Ronald Reagan.

Kovaliov se esforzaba, a juicio de diplomáticos occidentales en Moscú, para conseguir de Pakistán alguna señal de apoyo al plan de "conciliación" del régimen afgano y para que retire su apoyo a la guerrilla.

Mientras, Najibullah mantuvo hoy una reunión en Kabul con medio millar de "representantes" no identificados de grupos armados que han combatido al gobierno en cinco distritos de la capital, informó la agencia oficial soviética TASS. Dos centenares de ellos habrían firmado el fin de la lucha, añadió la agencia.

Pero queda claro que ninguno de los reunidos pertenecía a los grandes núcleos guerrilleros, los que rechazaron la oferta de paz oficial.

También se conoció en la fecha, en medios diplomáticos, que los rebeldes están utilizando con éxito los misiles Stinger provistos por Estados Unidos, los que ya habrían derribado un avión del ejército afgano el pasado noviembre. Además, se dijo, obligan a los aparatos tanto de Afganistán como de la Unión Soviética a volar preferentemente de noche, y al uso de llamaradas procurando confundir a los cohetes, que buscan el calor.

Clarín 22/1/87

AFGANISTAN

LA PRENSA ◆ Viernes 16 de enero de 1987

Los rebeldes atacaron un convoy del Ejército afgano

Islamabad, Paquistán, 15 (ANSA,EFE y UP) — A pocas horas de la entrada en vigencia del cese del fuego anunciado unilateralmente en Afganistán por el gobierno de Kabul, fuerzas de la resistencia atacaron un convoy del Ejército afgano matando a numerosos soldados, según las primeras precisiones conocidas aquí.

Fuentes de la resistencia confirmaron haber lanzado esa ofensiva en las proximidades de la frontera con Paquistán.

Se trata de la primera violación de la tregua tras la decisión del líder afgano, Najib, de proponerla por el término de seis meses.

Un vocero rebelde definió la unilateral decisión del gobierno afgano como "un truco" y reafirmó la intención de la resistencia de seguir combatiendo.

Reunidos en Peshwar, Paquistán, los dirigentes insurgentes musulmanes no quisieron comentar el anuncio hecho hoy por el líder afgano según el cual Moscú y Kabul "estuvieron de acuerdo en colaborar en la creación de condiciones favorables" para un retiro total de las tropas soviéticas de Afganistán (unos 115 mil hombres).

En tanto, Najib redujo hoy el futuro de la reconciliación nacional limitando su oferta para una amnistía general y afirmando que el partido Comunista jamás será derrotado.

Menos de 12 horas después de que entrara en vigencia el cese de fuego, Najib leyó un discurso en una reunión del Frente Nacional Patriótico para enfatizar que continuará la política "revolucionaria" de su régimen comunista apoyado por los soviéticos.

La capital estaba en calma, aunque los aviones continuaban lanzando bengalas para confudir los misiles guiados por calor y usados a menudo por los rebeldes contra aviones del gobierno.



Najib, el presidente de Afganistán

CLARIN ★ Buenos Aires, lunes 19 de enero de 1987

Las tropas de la URSS seguirán en Afganistán, dijo Najibullah

El rechazo a la propuesta de un cese del fuego anunciado por los rebeldes fue calificado como un "crimen contra el pueblo" por el líder afgano Najibullah, quien anunció que las tropas soviéticas no se retirarán del país hasta que no concluyan las hostilidades. En Islamabad, delegados norteamericanos y soviéticos tratan con el gobierno paquistaní la cuestión afgana, como adelanto de las negociaciones de febrero en Ginebra.

KABUL e ISLAMABAD, 18 (AP, DPA, EFE, Reuter y TASS). — El líder afgano, **Najibullah** calificó como un **"crimen contra el pueblo"** el rechazo de la guerrilla a su propuesta de cese del fuego y dijo que **las tropas soviéticas permanecerán en el país hasta el fin de la guerra civil.**

En una conferencia con periodistas acreditados en Moscú e invitados a la capital afgana para cubrir precisamente el comienzo de la tregua ofrecida por el gobierno, Najibullah **acusó a los rebeldes de violar el cese del fuego**, pero no dio detalles.

Los grupos guerrilleros, que ayer habían reiterado desde **Peshawar** (Pakistán) su decisión de no acatar esa tregua unilateral, denunciaron hoy desde Islamabad que el **gobierno de Kabul envió a sus tropas para hostigar a fuerzas rebeldes en distintos puntos de Afganistán.**

Najibullah dijo en la conferencia que su gobierno permitirá a las **organizaciones islámicas** continuar sus actividades políticas **"en tanto se atengan a las reglas"**, y aclaró que el Partido Democrático del Pueblo de Afganistán **no pretende "un monopolio del poder".**

Empero, aclaró que el partido pretende **mantener la dominante fuerza soviética** en esta nación aliada del Kremlin.

Diplomáticos occidentales dijeron esta semana que el conglomerado soviético era ahora de unos **115.000 soldados.**

Pero Najibullah expresó que no habrá retiro alguno hasta que las fuerzas guerrilleras opuestas a su gobierno acuerden un alto a la guerra y hasta que **las naciones que las arman y entrenan garanticen también el término de ese apoyo.**

En Peshawar, los grupos guerrilleros anunciaron ayer, durante una manifestación de unas 100.000 personas, que no acatarán el cese del fuego y pidieron la formación de un gobierno en el exilio.

"La decisión irresponsable asumida por esos grupos no afectará nuestra política. **Llevaremos a cabo lo que hemos declarado"**, dijo el líder afgano.

Agregó que **las guerrillas** que han luchado contra el gobierno desde la revolución socialista de 1978 **no tienen una plataforma unificada** y que los líderes rebeldes en Peshawar no pueden ser representativos del pueblo afgano o del **millón y medio de afganos refugiados en Pakistán**, según estimó.

♦ Tratativas en Pakistán

Funcionarios de alto rango de **Estados Unidos y la Unión Soviética** se hallan desde hoy en Islamabad **para conversar con el gobierno paquistaní sobre el futuro de Afganistán.**

El primer viceministro soviético del Exterior, **Anatoli Kovalyev**, se reunió hoy con el ministro paquistaní del Exterior, **Abdul Sattar**, para discutir los plazos de la retirada soviética de Afganistán.

Mientras Pakistán quiere **conceder un plazo de tres o cuatro meses, Moscú pensaría en unos cuatro años.**

Por su lado, el subsecretario norteamericano del Exterior, **Michael Armacost**, se halla en Islamabad para acordar una postura conjunta frente a la iniciativa de paz soviético-afgana, antes de que comiencen, el 11 de febrero próximo en Ginebra, las conversaciones de acercamiento entre Afganistán y Pakistán.

♦ Golpe frustrado

Las tropas soviéticas frustraron un golpe de Estado en Afganistán esta pasada semana, según informa hoy el dominical londinense "The Observer".

El periódico afirma que el intento de golpe fue protagonizado por seguidores del depuesto líder de los comunistas afganos, **Babrak Karmal.**

03

8701988

Soviéticos permanecerán mientras dure guerra

Najib critica rechazo a tregua



PAKISTAN.- Unos 70.000 rebeldes afganistanos se juntaron afuera del pueblo fronterizo de Peshawar para escuchar a sus dirigentes, quienes rechazaron una iniciativa de paz propuesta por el gobierno de Kabul. (Radiofoto Reuter).

KABUL, (UPI).— El gobernante afgano Najib calificó el rechazo rebelde del cese de fuego que propuso como un "crimen" contra el pueblo y afirmó que las tropas soviéticas permanecerán en el país mientras continúe la guerra.

Najib dijo a periodistas occidentales que la decisión del sábado de los jefes rebeldes en Peshawar, Pakistán, de continuar la lucha hasta que las tropas soviéticas se retiren era "irresponsable".

"Si la guerra que se nos impuso continúa a pesar de nuestros esfuerzos por darle fin, nuestros amigos soviéticos no nos dejarán solos en nuestra pena y miseria", dijo el grueso gobernante afgano.

A pesar de haber fracasado en su intento de conquistarse a las principales figuras de la resistencia armada, Najib dijo que su régimen marxista continuará con su cese de fuego de seis meses iniciada el jueves y su llamado a charlas de reconciliación nacional.

"Esto no afectará la política declarada por nosotros", dijo Najib. Implementaremos lo que hemos declarado".

Los rebeldes calificaron la oferta de Najib de truco de propaganda y dijeron que no tratarían sobre un futuro poder compartido en Afganistán antes del retiro de las 110.000 tropas soviéticos.

En una manifestación de 70.000 personas, los jefes de la resistencia anunciaron su primera propuesta política unificada al proponer la creación de un gobierno interino y "elecciones limpias" cuando caiga el régimen de Kabul.

Najib calificó la posición rebelde de "rebelde" y dijo que sufrirían consecuencias "desagradables y malas" si continuaban su lucha contra el régimen apoyado por los soviéticos.

Afganistán

UN PASO ATRAS, PERO NO DOS

El premier soviético Mijail Gorbachov está firmemente determinado a retirar sus tropas de Afganistán. Pero no a ceder el sitio a Estados Unidos. Kabul busca ahora el perfil de un país no alineado.



Retiro de las tropas soviéticas.

El eclipse definitivo de Babrak Karmal y su reemplazo en el cargo de presidente por Haji Mohammed Chamkani, un desconocido jefe tribal no comunista, clausura una etapa de la operación política mediante la cual Mijail Gorbachov afirma el terreno para retirar las tropas soviéticas de Afganistán.

Dos sobresalientes hechos previos dan la clave de esa estrategia. En mayo, Karmal había renunciado al puesto de secretario general del Partido Popular Democrático de Afganistán (PPDA), es decir, al poder efectivo. Ese lugar lo ocupó Mohammed Najibullah –quien, para quitar resonancias religiosas a su nombre, lo redujo a Najib– un comunista de origen *pushtun* pero insospechable de condescendencia frente a quienes desafían el poder del PPDA. Antes de acceder al Politburó del partido, Najib se destacó como jefe del Khad, el servicio secreto afgano. En octubre, seis regimientos soviéticos (dos de infantería motorizada, uno de tanques y tres de tropas antiaéreas) con un total de 8.000 hombres, abandonaron Afganistán.

Con Najib al comando y Chamkani elevado al rango de símbolo político, el PPDA materializa un gesto de apertura hacia las etnias sublevadas contra Kabul y cambia la imagen de un gobierno comunista en un país atravesado por el islamismo y dominado por una realidad difícil de revertir en el corto plazo: 80% de analfabetismo total y fuertes lazos tribales que dan un carácter singular al cuadro político afgano. Según fuentes oficiales, en lo que va del año esta política cobró cuerpo con la integración de personalidades ajenas al partido gobernante en el Consejo Revolucionario, cuya fracción no comunista pasó del 3 al 61%.

Paralelamente, las fuerzas militares soviéticas afirmaron el control de las tres principales ciudades del país: Kabul, Jalalabad y Mazar-i-Sharif. Najib tiene ahora la misión de mejorar su ejército de 80.000 hombres para ir reemplazando a las tropas soviéticas.

La guerrilla islámica, mientras tanto, no muestra signos de rendición, aunque retrocede visiblemente. El coronel Nikolai Chervov, refiriéndose al retiro de tropas en su carácter de jefe del Estado Mayor de las Fuerzas Armadas de la URSS, acusó a Estados Unidos de *"intentar detener el proceso normalizador de la situación en Afganistán alentando la escalada de acciones hostiles y aumentando la ayuda militar y financiera a organizaciones contrarrevolucionarias"*. Según Chervov, entre 1980 y 1983 la ayuda oficial de Estados Unidos a la guerrilla islámica fue de 325 millones de dólares, pero esa cifra superó los 280 millones sólo en 1985. El semanario estadounidense **Newsweek** asegura que la mayor preocupación militar de las autoridades de Moscú proviene de la decisión de Ronald Reagan, en setiembre pasado, de suministrar misiles *Stinger* (autodirigidos) a los rebeldes mujadines.

Todo indica que la dirigencia soviética, renovada en el reciente congreso partidario que consolidó la figura de Gorbachov, está decidida a retirar sus tropas de Afganistán. Pero el discurso de Chervov no deja lugar a dudas sobre los límites de esa decisión: *"La URSS no abandonará a su vecino en la desgracia. Nuestra solidaridad internacionalista con el pueblo afgano, al igual que los intereses de la seguridad de la Unión Soviética, lo excluyen por completo. La contrarrevolución afgana y sus protectores norteamericanos no tienen probabilidades de cambiar el poder en Afganistán y acercarse más a las fronteras de la Unión Soviética"*.

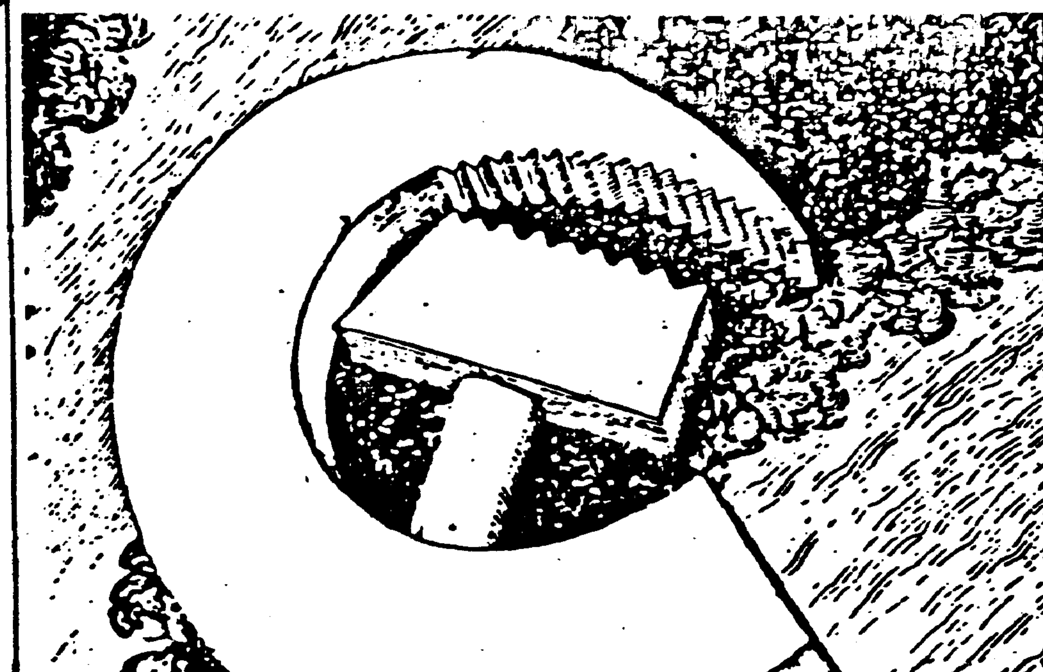
Imposible pedir una definición más neta. Moscú necesita y quiere sacarse de encima esta carga que pesa dolorosamente sobre sus hombros desde diciembre de 1979. Y aún quedan en Afganistán miles de soldados soviéticos. Pero aunque el costo político sea mayúsculo, no retrocederá para dejarle el sitio a Washington. Esto se corresponde con el cambio del perfil del gobierno de Kabul. Un paso atrás sí, pero no dos.

Las 2.000 familias que antes de 1979 poseían el 70% de las tierras no se resignarán, por supuesto. Y los combates continuarán. Pero el Kremlin confía, según las palabras de Chervov, en que *"el gobierno y las fuerzas armadas afganas serán capaces, ellos solos, de poner orden en su país si no se practica la injerencia externa"*.

Sin embargo, basta mirar el mapa y descubrir este país pequeño y misérrimo flanqueado por Irán, Pakistán, China, India y la Unión Soviética, para sospechar que su suerte no dependerá tanto de la habilidad de Najib, o de las conversaciones que afganos y paquistaníes llevan a cabo en Ginebra con la mediación de las Naciones Unidas, como del curso político en el Asia Meridional y el imprevisible desarrollo de la piedra de este escándalo geopolítico que a comienzos de 1979 se llamó revolución iraní.

LUIS BILBAO

AMISTAD - ESTILO SOVIETICO



Hace ocho años, el 5 de diciembre, el régimen ostensiblemente marxista de Afganistán fue inducido, por la fuerza, a firmar un "Tratado de amistad y cooperación" con la Unión Soviética, y, como han venido comprobando los afganos desde entonces, la definición moscovita de "amistad" es bastante curiosa.

Para justificar su invasión de 1979, los soviéticos citaron los términos del tratado referentes a "la ayuda mutua en caso de ataque". Y con igual disimulo, explicaron que su imposición del líder títere, Babrak Karmal, era una forma de "asesoramiento fraternal". Lo que se ignoró durante toda esta farsa trasparente era el hecho de que el "ataque" que utilizaron los soviéticos como excusa para intervenir no llegaba del exterior, sino del pueblo de Afganistán, alarmado por la creciente intromisión de los soviéticos en su país.

Siete años después, ahí están todavía los ocupantes soviéticos, y el régimen de Kabul se ha convertido en poco menos que una extensión del Kremlin. Las escuelas afganas han sido sovietizadas, los contactos afganos con el exterior han sido limitados, y otro líder títere más —Najibulah— ha sido instalado en Kabul, no por sufragio popular, sino por orden soviética. Ello no habrá de causar sorpresa.

Un antiguo diplomático de jerarquía que se desempeñaba en la Embajada afgana en Moscú y en la Cancillería en Kabul mientras se "negociaba" el Tratado de amistad —y varios otros— ha explicado sus razones por huir al exilio. "El Tratado de amistad señaló el fin de la soberanía afgana", dijo. "Dio a los soviéticos una puerta abierta para la intervención en mi país donde y cuando ellos quieran. Era una puerta por la cual entraron enseguida".

Frente a la creciente indignación internacional, los soviéticos en estos días están tratando de convencer al mundo que no tienen intenciones de quedarse en Afganistán para siempre. Por parte de dirigentes soviéticos y del régimen afgano, se ha insinuado que habrá una retirada eventual, y las negociaciones "hoy-si-mañana-no" de Ginebra entre representantes de Afganistán y Paquistán hasta han sacado a luz una fecha propuesta —una fecha inaceptable— cuatro años más adelante. Luego, a mediados de octubre, se inició realmente la retirada parcial de tropas que había prometido anteriormente el secretario del Partido: Gorbachev.

Sin embargo, los analistas quedan convencidos de que Moscú no tiene intenciones de devolver su independencia a Afganistán, ni ahora ni tampoco en el futuro. Observan, por ejemplo, que ninguno de los seis regimientos alegadamente retirados podría calificarse de esencial para las operaciones bélicas soviéticas en Afganistán. Tres de ellos son regimientos anti-aéreos —aunque la resistencia armada de los mujahedin no tiene aviones— y dos son unidades de tanques, que son de poca utilidad en la guerra de guerrillas entre las montañas. Y aunque todas esas unidades se retirarán de acuerdo a lo prometido, los soviéticos todavía contarían con más de 108.000 tropas en Afganistán. Muchas podrían estar allí para siempre: el canciller afgano Sha Mohamad Dost declaró en enero que "aun si un convenio de paz se elaborara, algunos miles de asesores soviéticos se quedarán en Afganistán".

También en lo económico, Moscú está haciendo un esfuerzo masivo para convertir al país en una satrapia soviética permanente. Mientras que sus propios centros eléctricos languidecen, Afganistán poco a poco está siendo conectada a la red energética soviética, y las únicas carreteras afganas que se mejoran —o que apenas se mantienen— son aquellas que van a la frontera soviética. El incentivo para esta inversión son las vastas reservas afganas de cobre, hierro, petróleo, uranio y varios otros minerales valiosos, todos los cuales están siendo explotados por los ingenieros soviéticos y llevados para suplementar los propios recursos de los soviéticos, ya en merma, y alimentar sus vacilantes industrias. Según cálculos hechos en el Occidente, Moscú dentro de poco tiempo habrá invertido mucho más de dólares 1 mil millones en la explotación de los recursos afganos para su propio uso, y según señaló un analista, "los soviéticos no habrán de permitir que tal inversión pase al control de un gobierno afgano independiente".

El Kremlin también está invirtiendo mucho en la sovietización a largo plazo de los recursos humanos en Afganistán. Más de 10 mil niños escolares afganos han sido mandados por la fuerza a la Unión Soviética para "estudios" y adoctrinamiento de hasta 10 años de duración, todos los libros de texto ahora vienen de la Unión Soviética, y el ruso es el único idioma extranjero que se enseña en las escuelas y universidades afganas. "En el espíritu de amistad y cooperación", comentó irónicamente un diplomático en Kabul, Afganistán se está convirtiendo en un 'semejante' de la URSS".

Sin embargo, a pesar de las desalentadoras perspectivas para el futuro de lo que era un país independiente, difieren solamente en grado de las experiencias de otros signatarios de "tratados de amistad y cooperación". Diplomáticos del Oriente Medio recuerdan, por ejemplo, que apenas en abril ppdo. el Presidente sirio Hafez Assad —quien firmó un Tratado de Amistad con Moscú en octubre de 1980— aplastó un golpe que según los analistas no podría haberse organizado sin la activa aprobación soviética. En Yemen del Sur, otro signatario del tratado, estalló una violenta y cruenta guerra civil en enero, al intentar los soviéticos orquestar otro cambio más en la jerarquía dominante del país.

LOS CONTRAS SE UNEN EN UN "PARLAMENTO"

Con la participación de parlamentarios, en carácter de invitados especiales, de Ecuador, Venezuela, Colombia, Panamá, Centroamérica y los Estados Unidos, dio inicio en San José de Costa Rica la IV Sesión de la Asamblea de la Unidad Nicaragüense Opositora (UNO), según lo anunciaron en conferencia de prensa los señores Fuad-Farach y Wilfredo Montalbán, presidente y primer vicepresidente respectivamente de la organización.

La Asamblea de la "UNO" es el órgano legislativo de la Resistencia Democrática Nicaragüense y participan en ella 13 agrupaciones políticas, sindicales y empresariales. Es la encargada de elaborar el programa de gobierno de reconciliación nacional y todo el ordenamiento jurídico por los que se regirán los nicaragüenses una vez que haya sido derrocado el régimen sandinista.

Wilfredo Montalbán expresó que en la reunión se debatieron, entre otros puntos, la carta fundamental de derechos y garantías de los nicaragüenses, el proyecto unificador de la Resistencia Democrática Nicaragüense que será suscrito en otra fecha junto con el Bloque Opositor del Sur (BOS) así como un proyecto de resolución para que sea declarado de interés nacional el regreso de los exiliados al momento de instalarse el nuevo gobierno de reconciliación nacional.

Agregó el vicepresidente de la Asamblea de "UNO" que "la resistencia nicaragüense debe estar preparada para establecer un verdadero estado de derecho y una auténtica democracia a la hora del derrocamiento del Frente Sandinista, ya que esta vez los nicaragüenses no tenemos derecho a volver a equivocarnos".

En el acto están presentes además de los parlamentarios de los países citados, periodistas que llegaron de distintas partes del mundo y los más destacados dirigentes de la "UNO" como el Ing. Alfonso Robelo y el Dr. Arturo Cruz. El Lic. Adolfo Calero Portocarrero de "UNO-FDN" no podrá estar presente debido al impedimento que tiene para ingresar al país.

Entre los parlamentarios que están presentes se menciona al ex candidato a la presidencia de Colombia, Dr. Alvaro Gómez Hurtado, Arturo Vallarino de Panamá, Carlos Lander de Venezuela, Dr. Roberto Escobar de El Salvador y el Lic. Mario Carazena de Guatemala.

Por su parte, el presidente de la Asamblea Sr. Fuad Farach indicó que "es el evento de mayor trascendencia de la Resistencia Democrática Nicaraguense, no sólo por los puntos que tratan en la agenda sino por la calidad de los invitados entre los cuales se encuentran también preminentes parlamentarios costarricenses".

Diario "La República"
San José, Costa Rica

DIVERSION SOLO PARA LA "NOMENKLATUR" CUBANA

Tropicana es una isla en la Cuba revolucionaria, conservada como en sus tiempos de esplendor, dice la propaganda.

Allí se pierde la noción de un país comunista. El espectáculo está pensado para las turistas, mejor dicho, para sacar dólares a las turistas, que es un propósito constante de camareros, recepcionistas, hoteleros, acomodadores, taxistas y buscadores en general. Tropicana no es apta para los cubanos. El precio de la entrada, sin cena, diez dólares, es superior al jornal de un día de trabajo si uno hace el cálculo según el cambio oficial (un dólar, 0,85 pesos). Peso si tenemos en cuenta el cambio en el mercado negro (un dólar, cinco a siete pesos), con el precio de la entrada a Tropicana un cubano puede vivir diez días. La copa de ron cuesta allí dos dólares, y con dos dólares bien administrados un cubano puede comprarse una buena camisa.

Tampoco los cubanos pueden salir, por lo general, de pesca, pero el impedimento en este caso no es económico, sino político. Las autoridades se ven obligadas a ejercer una minuciosa vigilancia sobre las aguas de la isla para evitar que nadie huya del paraíso comunista, y eso lleva consigo la prohibición de salir en barca si no es con un permiso especial. Sólo Castro es dueño y señor del mar territorial y va a pescar cuando quiere con los amigos.

08-08

8701988

Unos 300 efectivos del gobierno murieron en enfrentamientos

L. Mañana 24/12/86

Miles de soldados enviados al Sur de Afganistán para combatir rebeldes

Miles de afganos y soldados soviéticos han sido enviados a la provincia sureña de Kandahar, donde los combates con los rebeldes han dejado unos 300 muertos, según dijeron fuentes diplomáticas.

ISLAMABAD, Paquistán (ANSA, EFE y UPI).- La ofensiva del ejército ocurrió después del bombardeo accidental de los soviéticos a su propia guarnición en Kandahar, donde murieron por lo menos 100 personas y quedó destruida la sede del Partido Comunista y el cuartel de la Policía afgana, dijeron fuentes afganas y diplomáticas.

Dijeron que 300 soldados afganos y soviéticos resultaron muertos y 400 heridos en la campaña para sacar a los guerrilleros musulmanes del área que rodea la segunda mayor ciudad de la nación.

Una fuente dijo que 3.000 tropas fueron enviadas como refuerzos desde Kabul desde el 8 de diciembre.

Los rebeldes han destruido 10 tanques soviéticos y transportes blindados desde el 4 de diciembre.

SIN CONFIRMACION

Los informes diplomáticos no pudieron ser confirmados independientemente ya que pocos periodistas occidentales han podido entrar a Afganistán desde la invasión soviética en diciembre de 1979 para poner un gobierno comunista contra los rebeldes musulmanes. Se cree que hay hasta 115.000 efectivos soviéticos en la nación asiática.

Cerca de 70 soldados afganos muertos durante los bombardeos a Kandahar por dos aviones soviéticos, fueron llevados a Kabul para ser sepultados, dijo un diplomático. Docenas de manifestaciones antigubernamentales siguieron el ataque.

Informes no confirmados señalaron que uno de los bombarderos se estrelló luego del ataque.

Dijeron que continuaron los enfrentamientos en la provincia occidental de Herat, donde 80 soldados afganos fueron muertos el 14 y 15 de diciembre. Las tropas soviéticas y afganas hicieron operaciones para sacar a los rebeldes del área, pero los enfrentamientos han bloqueado su misión.

Los rebeldes musulmanes emboscaron un convoy soviético de cuatro transportes de personal blindados y varios camiones el 16 y 17 de diciembre, dijeron fuentes diplomáticas.

Dijeron que muchos soviéticos fueron muertos o heridos en el convoy que iba de Kabul a Bagram, pero no se dieron mayores detalles.

En general los enfrentamientos se han reducido en Kabul y áreas del norte, tal vez por las frías temperaturas, dijeron los diplomáticos.

01-03

8702017

029

LA PRENSA

Fundado por José C. Paz el 18 de octubre de 1869. Clausurado y confiscado por defender la libertad el 26 de enero de 1951; reinició sus ediciones el 3 de febrero de 1956. Director de 1898 a 1943, Ezequiel P. Paz; de 1943 a 1977, Alberto Gainza Paz.

Sábado 20 de diciembre de 1986

Nuevas operaciones en Afganistán

La noticia del bombardeo por parte de aviones soviéticos a la población civil de Kandahar, segunda ciudad en importancia de Afganistán, cuando está por cumplirse el séptimo año de la invasión a ese país asiático por tropas de la superpotencia comunista, vuelve a poner de relieve el atropello cometido contra la soberanía de una nación independiente, que agravia a toda la comunidad internacional.

El episodio sugiere diversas reflexiones, de las que la más importante es que, a pesar del tiempo trascurrido desde el comienzo de la ocupación militar, ésta no ha podido eliminar la firme resistencia que le oponen vastos sectores ciudadanos alzados en armas. Se pensaba que el poderoso aparato bélico desplegado por los invasores había logrado imponerse en los grandes centros urbanos, reduciendo la acción de los insurgentes a las zonas rurales, que por su conformación montañosa las hacían más aptas para la defensa. Ahora se advierte, sin embargo, que la lucha se libra también en las ciudades, ya que de otra manera carecería de explicación la cruenta operación aérea sobre Kandahar.

En segundo término, el incremento de la actividad ofensiva que denuncia el bombardeo que nos ocupa, demuestra la falacia de los anuncios soviéticos acerca de un paulatino retiro de sus tropas del territorio invadido, profusamente propalados hace pocas semanas. Aunque nadie que estuviera al tanto de la situación podía confiar demasiado en esas promesas, la realidad se ha encargado prontamente de desmentirlas. Las fuerzas rusas no sólo no abandonan Afganistán, sino que aumentan su tarea destructiva en el infortunado país. No sólo lo invadieron sin derecho alguno, sino que para mantenerse en él no vacilan en atacar indiscriminadamente a sus habitantes sembrando a su paso la muerte y el terror.

Frente a estos hechos, entristece la actitud de las naciones occidentales, cuya condena no ha pasado de simples y retóricas protestas en los foros internacionales, desprovistos de todo valor efectivo, y que únicamente han servido para poner de manifiesto una peligrosa tolerancia. De ella, la única que saca provecho es la Unión Soviética, que, especulando con esa permisiva debilidad, continúa impertérrita desarrollando en ese escenario asiático la expansiva penetración imperialista que la caracteriza.

Mientras el mundo libre no adopte una postura más severa que la que hasta el presente ha asumido, difícilmente varíe la situación en que se ha visto envuelto el país tan largamente agredido.

Afganistán

Martirologio del pueblo áfgano por los efectos de armas químicas soviéticas

Apocalíptico testimonio de un periodista europeo en Asia

Si bien la opinión pública mundial cree que la guerra química ha sido proscripta por las naciones civilizadas, en su impresionante libro "Lluvia amarilla", el corresponsal de "Paris Match" en Afganistán, Sterling Seagrave, aporta un testimonio irrefutable sobre la sofisticada panoplia química usada por los soviéticos.

Los afganos vienen experimentando una sorprendente frustración con respecto a los rusos. La invasión del 24/12/79 sorprendió a todos porque nadie esperaba que Moscú tomase intervención en los asuntos de un empobrecido estado tapón del sur asiático. Bravatas, rodadas de mecanismos a la manera eslava, despliegue de armamentos pesados, blandidos por Kalashnikov bajo la nariz de la población musulmana, nada hizo efecto: pronto se hizo evidente que los rusos se mordían los dedos por haber puesto los pies en Kabul. Luego de Laos y de transcurrida la historia de la guerra del Yemen, la pregunta que más me interesa no es tanto saber si los rusos usan agentes químicos para suprimir la oposición afgana, sino saber exactamente cuál es el agente que utilizan.

La guerra se vino cuesta abajo rápidamente y ello condujo al uso de los métodos más extremos. No era cuestión de dejar los problemas militares deslizarse en el género de consideraciones moralizantes que habían sido características de la guerra de Vietnam. Si hubiera habido la menor duda acerca de la utilización de los productos químicos mortales, ello fue más bien un deseo de disimulo.

El esquema básico inmediato era obvio: gases lacrimógenos y agentes paralizantes eran para ser usados en Afganistán por todas partes, incluidos los agentes químicos psicotrópicos del tipo BZ y el nuevo gas soviético Blue X que incapacita a sus víctimas durante 8 a 12 horas sin efectos posteriores, por lo cual pueden ser desarmadas y tomadas prisioneras.

Los letales químicos fueron autorizados solamente en las lejanas provincias de Badakhshan, Knarha y Paktia, en donde el gas fue usado, letal o no.

Gas letal

La mayoría de los momentos de ataque coincidían con las listas de operaciones militares soviéticas. Pero la mayoría de los acontecimientos acerca del uso del gas letal proviene de los increíblemente empinadas cadenas del Hindú Kush que resguarda la seguridad de la provincia de Badakhshan de la observación inquisidora.

Pero a pesar de esta barrera las noticias se filtran a su través; esto ha sido lo más notable. Como los altos valles de Badakhshan están separados entre sí por acantilados a pico duramente enfrentados, permiten atestiguar un ataque para comparar sus impresiones con aquellos que habrían sido testigos de otro ataque varios kilómetros más allá.

Solamente el más resistente podía arreglárselas para cruzar las montañas y salir de la región. Esto explica por qué hay tan pocos refugiados en Badakhshan comparado con otras provincias. Por eso, cuando la información venía de allí, merecía ser tomada seriamente.

El desproporcionado número de casos fatales era lo más significativo.

Al principio uno podía no encontrarle ni pies ni cabeza fuera de la información: una increíble mezcla de ricos recuerdos en color local, la misma que uno encuentra en los cuentos de este seminómade pueblo de montaña que aparece repentinamente con sus cabras y rifles en un desolado paisaje lunar. Para comprenderlos mejor tuve que ir a la escena.

Varios periodistas y aventureros viajaron hacia las regiones del sur: Konarha, Nangarhar, Paktia y Kandahar, todas personas accesibles de las populosas regiones del Pakistán, sin hacer un gran rodeo. Pero enseguida los soviéticos minaron las fronteras y desparramaron pequeños objetos caza-bobos de plástico verde sobre el terreno rocoso.

Es el cielo del mundo. Yendo de Chitral o Gilgit —y demostrando que se tiene mucha suerte— uno puede alcanzarlo a caballo en una semana o más. Pero yo pude usar otro camino cuando pude convencer a algunos viejos amigos del ejército paquistaní.

El aire era muy frío. Desde el tope de la loma en el costado afgano de la frontera, la cadena del Hindu Kush se extendía en el horizonte tras aserrados lomos. Allá abajo, en un valle alpino dotado de rododendros en flor y a través del cual corría la delgada línea blanca de un arroyo de montaña, se venía escuchando el cadencioso ruido de aspas provenientes primero de uno, luego dos y después tres helicópteros Russian Hind que aparecieron volando a lo largo del arroyo y hacia el espinazo, desde el cual luego se dirigieron al siguiente paso cubierto de nieve.

Una nube amarilla

Al norte, a unos 50 km en helicóptero, del otro lado de este angosto corredor afgano, se yerguen los blancos picos de la cadena del Pamir en la Tadzhikistán soviética.

Al oeste de la cumbre donde yo estaba, hacia Zibak y Feizabad (en Badakhshan) la 860ª Brigada de Artillería del Ejército Rojo golpeaba un refugio rebelde. Insurgentes, muyahedines, marchaban hacia abajo, dando resoplidos con condensación blanquecina, mientras bajaban por el séndero de montaña con las armas sobre sus hombros, fusiles AK-47 tomados al enemigo y un arma antitanque RPG-16. Bien pronto dejé de distinguir sus muy amplios pantalones y sus miserables turbantes que desaparecían hacia un lejano combate.

Nosotros habíamos conversado, mediante un intérprete, en la minúscula guarnición fronteriza de esta cresta, a algunos cientos de metros del lugar donde me encontraba. Sólo disponíamos de poco tiempo puesto que el helicóptero debía venir a buscarme enseguida. Los hombres estaban en sus guardias pero parecían mantener buenas relaciones con el comandante de la guarnición, por lo que no hubo ninguna dificultad para que le proporcionaran —más que a mí— las respuestas a mis preguntas.

"Es aquí —dirían ellos— en estos valles encajonados del Kush, que los mudjahiddines —en sus escondrijos alpinos— se habían hecho exterminar en el otoño de 1980 por un arma funesta: una sucia nube amarilla amarronada, lanzada por los helicópteros que arrancó a los combatientes de sus madrigueras en medio de vómitos de sangre, de [illegible] muerte sobre la roca desnuda, muriendo como [illegible] bajo un rocío insecticida. Luego los helicópteros se retiraron en formación, desapareciendo más allá de las crestas, relevados enseguida por Mig 21 que venían a descargar sus napalms. La esencia gelatinosa ocultaba todo vestigio de la nube amarilla y quemaba los residuos de polvo amarillo pegados a la roca. En los escondrijos subterráneos no había más alma viviente alguna ni suelo habitable y afuera los testigos más directos se sentían mal al describir lo que habían visto."

Delicado como el talco

Desde el siglo V a.C., época en la cual Darío el Grande y su ejército franquearon estas montañas desérticas, la muerte no ha cesado de planear sobre el paso de Khyber. En el presente su sombra ha tomado cuerpo: un aerosol amarillo amarronado, una nube de polvo delicado como el talco.

Nosotros teníamos las pruebas que se nos habían escapado en el Yemen. Las analogías eran impresionantes y quedaban al descubierto: los guerreros musulmanes pondiendo desde sus atri ramientos montañosos canzados por los eleme químicos dispersados po aviones soviéticos con ci fica precisión y dotado efectos casi idénticos (inc tal vez más violenta) sus ban en fin la misma resiste encarnizada. Es en esta cı elevada que un afgano cuenta:

"El día del primer ata los helicópteros lanza cohetes sobre la aldea que fendíamos. Había una n de color amarillo, [illegible] da, sucia y [illegible] tientes [illegible] rápida. Vomitaron sangre manchaba sus vestimenta se agitaban como locos p finalmente derrumbarse c convulsivos movimient Fue la única vez que vi con n propios ojos cómo los chu wi (los rusos) conducían ataque de este tipo, pero que hubo otros en mi ause cia."

"Dos veces más vi a mu jahidines morir de esta m nera, tan rápida. Pero no trataba de cohetes. Una vez nube sucia fue dejada caer po una bomba. La otra vez fu proyectada por la artillería Las dos veces nuestros com batientes arrojaban sangre co mo si estuvieran rellenos d sangre. Sus ojos y también su nariz despedían sangre."

"Al principio yo creí que se trataba del efecto de la onda pero la detonación había sido débil y nuestros combatientes no tenían el menor rastro de ello. Sólo pudimos huir de la nube los que estábamos indemnes abandonando a nuestros camaradas; éstos yacían sobre el suelo agitados por sobresaltos como perros a los que se les hubiera quebrado la columna vertebral."

(continuará)

La guerra de Afganistán

¿Pueden retirarse los rusos?

"Estas negociaciones ya no son abstractas", declaró un diplomático paquistaní de alto rango en el mes de mayo, durante "conversaciones de aproximación" celebradas en Ginebra, en procura de un arreglo de la guerra afgana. "Uno percibe una actitud de seriedad, una creciente convicción de los soviéticos de que, hoy por hoy, ésta es la única manera de deshacerse de su albatros político y militar".

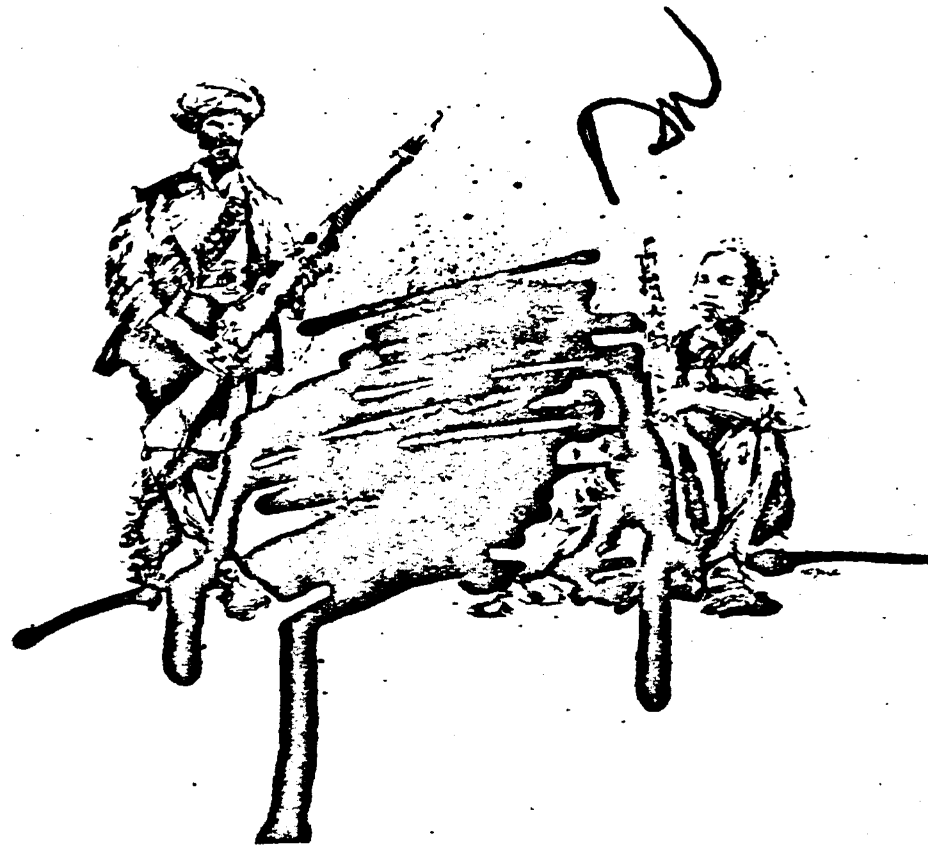
A sólo un mes de lo que podría ser una ronda decisiva de las conversaciones de Ginebra, a reanudarse el 11 de febrero, el gobierno afgano ha salido a aventar las sospechas de los mujaidines anticomunistas.

Ha decretado un cese del fuego por seis meses a partir del 15 de enero, una amnistía de prisioneros rebeldes, la legalización del islamismo como religión nacional, y un salvoconducto para que los líderes de la guerrilla puedan venir a negociar.

Incluso, Niajibullah, el nuevo líder del Partido Comunista afgano, ha anunciado que está dispuesto a formar un "gobierno de unidad nacional" que incluya a los dirigentes mujaidines y la Unión Soviética ha saludado esta propuesta calificándola de "audaz iniciativa política".

La guerra afgana no ha sido muy parecida a la de Vietnam en su fase intermedia. Se le pareció mucho en sus comienzos, sin embargo, y podría también resultar muy similar a ella al final (si es que a eso nos estamos aproximando).

Ambas superpotencias comenzaron por el derrocamiento impaciente de un aliado ideológico que estaba perdiendo la lucha local por el poder merced a su lisa y llana incompetencia. En 1962 los Estados Unidos organizaron el asesinato de Ngo Dinh Diem; en 1979 Moscú derrocó a un régimen de comunistas afganos vernáculos que se habían hecho del poder en un golpe ocurrido en abril de 1978 (contra la opinión de Moscú), y que ya estaba siendo avasallado por la resistencia que su radicalismo y brutalidad habían provocado.



Y bien, tanto los norteamericanos como los rusos descubrieron que efectivamente habían asumido la tarea de dirigir la política, y en gran medida también, la de librar la guerra. Pero los soviéticos tuvieron mucha más suerte, porque Afganistán no es Vietnam.

Tiene menos de un tercio de la población vietnamita; su pueblo carece de un lenguaje común, y posee muy pequeño sentimiento de identidad nacional, como no sea una lealtad compartida hacia el Islam; y las colinas peladas son terreno mucho mejor para los helicópteros artillados que las densas selvas tropicales de Vietnam.

Ya hace siete años que el Ejército soviético está presente en Afganistán pero su compromiso nunca a superado la cuarta parte de los efectivos, que los Estados Unidos llegaron a comprometer en Vietman, que alcanzaban a medio millón de hombres. Sus bajas probablemente no lleguen a la décima parte. No obstante, la guerra es impopular en la metrópolis, y tremendamente dañina para las relaciones soviéticas con todos los demás países (especialmente con los del Tercer Mundo).

Pero al aproximarnos a la fase final del juego, el paralelo con Vietnam se fortalece; la principal preocupación hoy en Moscú, como ayer en Washington, es salvar la imagen. ¿Podemos permitir que las fronteras de la democracia/socialismo retrocedan? ¿Habrá al menos un intervalo "decente" después de que nos vayamos antes de que nuestro régimen títere se desmorone?

La razón por la que Moscú actualmente flirtea con la retirada, es que los augurios son relativamente buenos de que las cosas sean así. La guerra está ya adentrada en la fase de "vietnamización", y al Ejército afgano le ha ido bastante bien este año (como en 1972 le fue al de Saigón). De modo que el gobierno comunista de Afganistán podría —solo podría— sobrevivir a la partida soviética, siempre que aquellos mujaidines que siguieran combatiendo no recibieran ayuda del exterior.

En las "conversaciones de aproximación" que desde hace tres años celebran Pakistán y Afganistán, ha estado virtualmente pronto para la firma un acuerdo que cubre el retiro soviético de Afganistán, la no intervención por parte de otras potencias y la repatriación voluntaria de millones de refugiados afganos. El mayor obstáculo para su firma ha sido el ridículo lapso exigido por Moscú para un retiro gradualizado (comenzó pidiendo tres años), si bien ésta era simplemente la manera de rehusarse a firmar el tratado.

Ahora, probablemente, el gobierno de Gorbachov se encuentre preparado para correr el riesgo y retirarse en forma razonablemente rápida.

Pero si lo hace, debe reconocer la posibilidad de que el régimen que deje atrás pueda en definitiva ser arrollado por fuerzas hostiles.

Afganistán está mucho más cerca de Rusia que lo que Vietnam lo estuvo nunca de los Estados Unidos: ¿cómo puede correrse semejante riesgo?

La respuesta puede ser que los rusos finalmente han llegado a la conclusión de que si los comunistas eventualmente caen en Afganistán, no serán fuerzas prooccidentales las que los reemplacen, sino fundamentalistas islámicos. Casi con certeza, cualquier régimen sucesor que se instale en Kabul se parecerá mucho al del Ayatollah Khomeini en Teherán.

Un Afganistán islámico odiaría y despreciaría a la Unión Soviética, pero no constituiría una amenaza directa para ella; no más que lo que hoy lo es Irán. Existe, por supuesto, el peligro de la contaminación ideológica, que puede soliviantar el entusiasmo islámico entre las masas soviéticas del Asia Central, pero los rusos saben muy bien cómo cerrar fronteras.

De modo que, de pronto, Moscú está realmente preparado para salir de Afganistán. Probablemente, ello ocasionará escaso impacto inmediato en las relaciones norteamericano-soviéticas, pero habrá de ayudar enormemente en sus intentos de acercamiento a China y en sus relaciones con el Tercer Mundo. Y por supuesto, le ahorraría a unos cien soldados soviéticos por mes, más o menos, el trabajo de morirse.

Gwynne Dyer

El País 2/2/87

El País 28/1/87

Pese a Tregua Crece la Lucha en Afganistán

ISLAMABAD, Pakistán, 27, (AP). — La lucha en Afganistán ha aumentado desde que el gobierno comunista declaró una tregua unilateral y los guerrilleros musulmanes han dado muerte a docenas de soldados soviéticos y del gobierno en violentos ataques, dijeron hoy fuentes diplomáticas occidentales.

De acuerdo con las fuentes, que hablaron con la condición de no ser identificadas, versions de Afganistán dieron cuenta de violentos combates en muchas partes del país a un nivel bastante por encima del normal en los meses de invierno.

Los ataques, según las fuentes, parecen ser una acción conjunta de las guerrillas de rechazo a la tregua. Los guerrilleros luchan contra fuerzas del gobierno soviético y afgano en la ciudad de Kandahar en el sudoeste del país y en la de Herat en la región occidental, dijeron las fuentes.

Los guerrilleros han atacado instalaciones militares soviéticas y del gobierno afgano así como otros objetivos en los alrededores de Kabul, en operaciones que han causado grandes bajas al enemigo, dijeron.

Hasta 60 soldados murieron en emboscadas tendidas por guerrilleros fuertemente armados que atacaron con [illegible] un convoy militar en la carretera de Salang. Otros 30 soldados soviéticos perecieron en un ataque contra la base aérea de Bagram en los primeros días de la tregua asimismo se informó de grandes bajas soviéticas durante un ataque guerrillero contra un depósito de petróleo al norte de la capital, que destruyó la instalación, según las fuentes.

★ AFGANISTAN: DECRETAN AMNISTIA

Kabul, (PL). —La presidencia del Consejo Nacional afgano aprobó un decreto de amnistía como parte del programa de reconciliación.

La medida favorece a los condenados por delitos contra la seguridad del país, a las mujeres y los jóvenes que en el momento de delinquir tenían menos de 18 años de edad, y a mayores de 60.

También beneficiará a los oficiales y soldados de las fuerzas armadas y de la seguridad que abandonaron el país durante su servicio.

De acuerdo con el decreto, los no comprendidos en estos grupos podrán ser amnistiados por recomendación y solicitud de las "Jirgahs de la Paz" (asambleas) y las comisiones extraordinarias constituidas para contribuir a la reconciliación nacional.

LA HORA 28/4/87

 La Prensa 24/12/86

Panorama mundial

Ataque rebelde en el sur de Afganistán

Islamabad (UP) — Miles de afganos y soldados soviéticos han sido enviados a la provincia sureña de Kandahar. donde los combates con los rebeldes han dejado unos 300 muertos. dijeron fuentes diplomáticas.

La ofensiva del Ejército ocurrió después del bombardeo accidental de los soviéticos a su propia guarnición en Kandahar, donde murieron por lo menos 100 personas y quedó destruida la sede del partido Comunista y el cuartel de la policía afgana. dijeron fuentes afganas y diplomáticas.

Dijeron que 300 soldados afganos y soviéticos resultaron muertos y 400 heridos en la campaña para sacar a los guerrilleros musulmanes del área que rodea la segunda mayor ciudad de la Nación.

Una fuente dijo que 3.000 tropas fueron enviadas como refuerzos desde Kabul desde el 8 de diciembre.

Los rebeldes han destruido 10 tanques soviéticos y trasportes blindados desde el 4 de diciembre.

Los informes diplomáticos no pudieron ser confirmados independientemente ya que pocos periodistas occidentales han podido entrar a Afganistán desde la invasión soviética en diciembre de 1979 para poner un gobierno comunista contra los rebeldes musulmanes. Se cree que hay hasta 115.000 efectivos soviéticos en la nación asiática.

P. 029.

Liberan en Afganistán a centenares de presos

POL-I-CHERKHI, Afganistán. — Varios centenares de prisioneros condenados por delitos contra la seguridad del Estado salieron ayer de una cárcel de Afganistán beneficiados por la amnistía decretada como parte de la campaña gubernamental para poner fin a la guerra civil desatada hace ocho años.

Algunos funcionarios informaron que casi 1.300 reclusos de la cárcel de Pol-I-Cherkhi, unos 20 kilómetros al este de Kabul, quedaron libres, pero corresponsales occidentales que aguardaban fuera de los portones estimaron que sólo vieron salir ayer aproximadamente la mitad de esa cifra.

Los detenidos asistieron a una reunión cuidadosamente organizada, filmada por la televisión oficial afgana, durante la cual prominentes figuras políticas elogiaron la política gubernamental de reaonciliación nacional.

Los ex presidiarios fueron conducidos a Kabul en una caravana de autobuses.

Se trata de los primeros prisioneros que salen de Pol-I-Cherkhi bajo los términos de la amnistía anunciada por el consejo revolucionario el 25 de enero. Otros prisioneros ya fueron liberados en otras partes del país.

El Día X/2/87

01 | 04 8702313

Reunión soviético-paquistaní por Afganistán

MOSCU, (ANSA, EFE y UPI).- Los Ministros de Asuntos Exteriores de la URSS, Eduard Shevardnadze, y de Paquistán, Sahibzada Yaqub Khan, presiden las conversaciones que ambos países comenzaron ayer en Moscú con el tema de Afganistán como centro de atención.

Además de los dos Cancilleres, por parte soviética participan también en las conversaciones los primeros Viceministros de Asuntos Exteriores, Yuli Vorontsov y Anatoly Kovaliov, y el Embajador de la URSS en Paquistán.

El jefe de la diplomacia paquistaní está acompañado por N. Sheikh, Viceministro de Asuntos Exteriores, R. Mohammad Khan, director general del mismo Ministerio y el Embajador en la URSS.

Aunque el portavoz soviético, Gennady Gerasimov, afirmó esta semana que en las conversaciones se abordaría el tema de la situación que se registra actualmente en Afganistán, hasta el momento ningún medio soviético ha facilitado información sobre lo tratado.

La agencia soviética Tass informó que Shevardnadze ofreció ayer una comida en honor de su colega paquistaní y que en la misma se intercambiaron discursos.

Los observadores destacan la importancia de estas conversaciones, que se realizan pocos días antes de la reanudación en Ginebra de las negociaciones indirectas que mantienen Afganistán y Paquistán y que servirían de preparativo de la reunión en Suiza.

LA MAÑANA 7/2/87

FN

AFGANISTAN

Se unen los rebeldes afganos

La Prensa 26/1/87

Peshawar, Pakistán (UP) — La tregua unilateral de Afganistán con los rebeldes musulmanes de la nación ha producido inesperadamente las primeras verdaderas señales de unidad política entre los dirigentes rebeldes, divididos por diferencias ideológicas y personales.

Funcionarios de la alianza rebelde afgana —compuesta por siete partidos— admiten, sin embargo, que esta nueva unidad exhibida por los dirigentes rebeldes este mes, les fue forzada por un número de factores, incluyendo presión interna.

Los siete dirigentes comparecieron juntos a una manifestación el 17 de enero, en Peshawar, la primera vez que se ven juntos en público desde que formaron su coalición en mayo de 1985.

Los siete rechazaron el cese del fuego y la oferta de compartir el poder por el líder afgano Najib, afirmando ante miles de partidarios que jamás aceptarán nada menos que el retiro total de los soviéticos y el derrocamiento del actual gobierno de Kabul.

Divulgaron su primer entendimiento común para un acuerdo, señalando que una vez que cesen las hostilidades, formarán un gobierno interino para regir a Afganistán hasta unas elecciones parlamentarias.

Los rebeldes, al igual que muchos expertos occidentales, estiman que uno de los propósitos principales del cese al fuego impuesto el 15 de enero es aprovechar las divisiones dentro de la alianza rebelde.

Arrestan en China a un estudiante

Pekín (UP) — La policía arrestó a un estudiante en la ciudad norteña de Tianjin por "confabulación y proveerle informaciones de inteligencia" a un periodista norteamericano, afirmó la agencia oficial de noticias china.

Xinhua sostuvo que la oficina de Tianjín de seguridad estatal encontró "evidencia concluyente" de que Lin Jie, un estudiante universitario le ha proveído informaciones de inteligencia a Laurence Macdonald, un reportero de la agencia de noticias France Presse.

La esposa de Macdonald, Hannah Moore, indicó que él está en Hong Kong. Agregó que su marido estaba dispuesto a regresar a Pekín pero retrasó el viaje "por un par de días" al saber del informe de Xinhua.

Xinhua no ofreció detalles acerca de las informaciones suministradas a Macdonald, quien habla chino con fluidez y tiene un gran número de contactos.

Visita oficial de Strassera a Alemania

AFGANISTAN
PICAD

Líder afgano reiteró posición por la paz y la reconciliación

Kabul (PL). El líder afgano Najib reiteró ayer la decisión de la dirección de su país de realizar el proceso de reconciliación nacional y poner fin a la guerra.

En una conferencia de prensa ofrecida a varias decenas de periodistas extranjeros llegados a esta capital especialmente para conocer ese proceso, el secretario general del Partido Democrático Popular de Afganistán (PDPA) dijo que de ninguna manera se puede confundir la tregua con la reconciliación nacional.

Aclaró que el cese del fuego decretado unilateralmente por las autoridades afganas el pasado día 15, es sólo el primer paso en la realización del programa y con él se persigue poner fin a la guerra que desangra a los afganos.

Precisó que la alternativa frente a la reconciliación nacional es la guerra y si se nos impone, la responsabilidad recaerá sobre quienes la alientan y llevan a cabo.

Najib hizo referencia a la reunión de los jefes de la contrarrevolución afgana, efectuada en Peshawar, Pakistán, quienes según fuentes occidentales de prensa, rechazaron el programa de paz de las autoridades afganas y proponen constituir un gobierno provisional.

En tal sentido, Najib subrayó que tal actitud muestra la miopía política de esos elementos y significa dar la espalda al deseo de millones de afganos en el exterior, así como una falta de respeto para su país y para ellos mismos.

Sería iluso suponer, añadió, que esos señores puedan erigirse como representantes de los dos millones de afganos residentes en el extranjero, de ellos millón y medio en Pakistán, y por eso somos optimistas de que el regreso a la patria de los conciudadanos se producirá a pesar de esa absurda decisión.

En cuanto al cese del fuego, que se mantendrá unilateralmente hasta el 15 de julio, Najib destacó que la República Democrática de Afganistán está dispuesta a prorrogarlo si las agrupaciones contrarrevolucionarias lo secundan.

Respecto a la retirada del contingente militar soviético emplazado en Kabul a solicitud de la dirección afgana, el secretario general del PDPA reveló que el programa de su realización está confeccionado y convenido entre ambas partes, desde hace tiempo.

Precisó que si se firman acuerdos en las negociaciones afgano-pakistaníes, en Ginebra, esa fuerza se reducirá y en caso de cesar las acciones armadas y que se garantice no reanudarlas en el futuro, su retorno será total.

"Si no hay guerra, no quedará un solo soldado soviético en Afganistán", remarcó, a la vez que expresó su convicción de que si se obliga a Afganistán a seguir la guerra, alentada y financiada desde el exterior, la URSS no abandonará a este país en la desgracia.

LA HORA 19/1/87

novembre de 1986

Fundado por ROBERTO NOBLE el 28 de agosto de 1945

La cuestión afgana

LA resolución votada la semana pasada por la Asamblea General de las Naciones Unidas sobre Afganistán, la sexta del mismo tenor desde la intervencion soviética en 1979, replantea la vigencia del derecho a la autodeterminación de los pueblos. Este principio es consustancial con la pacífica y armónica convivencia entre las naciones y su reafirmación debe ser siempre bienvenida, al margen de las contingencias que hayan determinado la actitud intervencionista.

En el caso afgano puede añadirse que también ha sufrido modificaciones el contexto político internacional que rodeó la decisión soviética de enviar sus tropas al vecino país asiático. La evolución de dicho escenario podría muy bien acelerar hoy lo que ayer parecía más dificultoso o riesgoso para las autoridades de Moscú.

Los anuncios sobre un retiro parcial de efectivos militares de la URSS pueden considerarse como una reacción positiva ante tal evolución, pero aún resulta prematuro formular una evaluación definitiva acerca de sus alcances. Una reciente declaración conjunta del primer ministro japonés, Yasuhiro Nakasone, y el secretario general del Partido Comunista chino, Hu Yaobang, pone en tela de juicio la sinceridad del paso dado por los soviéticos y un juicio parecido fue emitido por el presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan.

El tiempo dará la respuesta definitiva a estos interrogantes, pues es evidente que la situación afgana no puede ser escindida del cuadro general de las relaciones entre las dos grandes superpotencias y las sinosoviéticas.

La Unión Soviética ha dado señales, que deberá confirmar, de estar dispuesta a rever su compromiso en Afganistán, iniciado en circunstancias muy delicadas para el equilibrio en Asia del sur. Al comentar esa intervención en esta columna, el 24 de agosto de 1980, dijimos que "la Unión Soviética puede haber intentado detener lo que tal vez le pareció una incontenible marea musulmana, potenciada por los hechos revolucionarios en Irán".

"Es posible —añadíamos— que haya considerado imprescindible tomar posiciones en la ruta vital que, bifurcándose, lleva a la China, a la India y a las aguas tibias del océano Indico. Pero este argumento de 'realpolitik' podrá servir para comprender un razonamiento estratégico, pero no para justificarlo".

En los hechos, el movimiento soviético significó el allanamiento de la soberanía de un pequeño país y la subsiguiente creación de un nuevo foco de tensión a escala mundial, un foco que influyó negativamente en las relaciones con Estados Unidos y despertó un malestar innegable en muchos países del Tercer Mundo.

Las actuales circunstancias internacionales pueden considerarse como más propicias para un retiro definitivo y absoluto de las tropas soviéticas, sin que ello implique una humillación para la gran potencia ni dé origen a riesgos imprevisibles en su frontera asiática meridional. La resolución de la Asamblea General de las Naciones Unidas que conmina al "retiro inmediato de tropas extranjeras" del territorio afgano fue aprobada por 122 votos a favor, 20 en contra y 11 abstenciones.

La presencia de Moscú en territorio afgano contradice los fines de la coexistencia y cualquier fórmula de seguridad que se alcance en el Asia meridional, de manera negociada, será preferible al mantenimiento de esa intervención.

La reafirmación del derecho a la autodeterminación es, en ese sentido, algo más que una debida e insoslayable posición principista. Es también un aporte consistente a la paz universal.

029

Fichaje Afganistán

Algunos rebeldes participan

Iniciativa de cese el fuego en Afganistán

NUEVA DELHI. (UPI).- El Ministro de Relaciones Exteriores afgano, Abdul Wakil, dijo ayer que alrededor de 10.000 guerrilleros musulmanes han acordado participar en una iniciativa del Gobierno para poner fin a la guerra civil afgana, incluyendo miembros de grupos de resistencia cuyos líderes rechazaron el plan.

Wakil dijo que unos 20.000 refugiados han regresado a casa desde que comenzó el esfuerzo por lograr la paz el 15 de enero, con la declaración unilateral de un cese al fuego de seis meses y reiteró la acusación de Kabul de que Irán y Paquistán están evitando que otros regresen.

Los comentarios fueron hechos en una conferencia de prensa durante el segundo día de su visita de tres días a la India, aparentemente con vistas a lograr apoyo para el "programa de reconciliación nacional" de su Gobierno, antes de la reanudación, el 25 de febrero, de conversaciones auspiciadas por la ONU en Ginebra entre Afganistán y Paquistán, para poner fin a la guerra civil.

Bajo la iniciativa de paz, el líder afgano Najib invitó a oponentes a que observaran el cese al fuego para celebrar conversaciones encaminadas a formar un Gobierno de coalición que termine el conflicto de más de siete años y permitir el retiro de las fuerzas de ocupación soviéticas.

RECHAZAN OFERTA

La oferta fue rechazada por los líderes de siete principales grupos guerrilleros que tienen sus bases de operación en Paquistán y están apoyados por Estados Unidos, China e Irán.

Los líderes calificaron el plan de una maniobra propagandista y dijeron que ellos no podían considerar un acuerdo negociado con el presente Gobierno comunista de Kabul o mientras que tropas soviéticas, estimadas en más de 110.000, continúen en Afganistán.

Wakil expresó que no obstante la posición de los líderes, había miembros de todos los grupos con base en Paquistán entre los alrededor de 10.000 guerrilleros que han aceptado participar en la iniciativa y están observando el cese al fuego.

"Un gran número de oponentes dentro de Afganistán han dicho que están preparados para celebrar conversaciones con las autoridades", dijo Wakil. "Como resultado, 81 grupos armados se han unido al proceso de reconciliación nacional, lo cual representa a unas 10.000 personas armadas. Y es sólo el comienzo".

La Tercera 10/2/87

Avión soviético abatido por guerrilla afgana: 30 muertos

Misil alcanzó a la aeronave de pasajeros cuando despegaba

MOSCU. — Un avión de pasajeros soviético Antonov-26 alcanzado ayer por un misil al despegar de un aeropuerto afgano, estalló en llamas y cayó a tierra, matando a 30 personas.

La guerrilla afgana se atribuyó la autoría del hecho, señalando que el ataque constituye una nueva etapa en el recrudecimiento de las acciones contra las tropas soviéticas de ocupación. El régimen de Kabul mantiene unilateralmente un alto el fuego que no está siendo respetado por los principales grupos guerrilleros, que desde el día 15 de enero, fecha de su puesta en práctica, han llevado a cabo numerosas acciones bélicas contra objetivos militares y civiles.

La agencia soviética "TASS" no precisó si se trataba de un vuelo civil o militar. Los Antonov-26 son aparatos utilizados generalmente en el país para transportar personal militar, tanto soviético como afgano.

Sean civiles o militares, todo avión que despega o aterriza en Afganistán está obligado a lanzar señuelos térmicos para desviar eventuales misiles. Este atentado se produce en momentos en que en Moscú se realiza la cita previa a las discusiones afgano-paquistanas que tiene fijada su reanudación el 25 de febrero en Ginebra.

El ataque fue perpetrado en el aeropuerto de la ciudad de Host, cerca de la frontera con Pakistán. Funcionarios afganos convocaron a corresponsales extranjeros a una conferencia de prensa, donde mostraron un misil del tipo Stinger, de fabricación estadounidense.

De esta manera el régimen afgano trata de probar que Estados Unidos está proporcionando misiles antiaéreos sofisticados a las fuerzas de resistencia afganas. (Más información, página 3)

El Día 10/2/87

Afganistán

029

01|01

8702362

029

Afganistán
Ficha

Premier de Afganistán en la Unión Soviética

Moscú, (PL). El presidente del Consejo de Ministros de Afganistán, Sultán Ali Keshtmand, llegó ayer aquí en visita de trabajo, respondiendo a una invitación del gobierno soviético.

El visitante fue recibido por Nikolai Ryzhkov, presidente del Consejo de Ministros de la URSS, y otras personalidades soviéticas.

Las conversaciones entre los dos jefes de gobierno se iniciarán hoy, dijeron en la cancillería soviética, y se centrarán en cuestiones de la colaboración bilateral.

El portavoz de la Cancillería soviética informó que el intercambio de criterios tendrá como base las conversaciones que en diciembe pasado sostuvieron el líder soviético Mijail Gorbachov y el secretario general del Partido Democrático Popular de Afganistán, Najib, quien realizó en esa fecha una visita oficial y amistosa a la URSS.

Se espera que la realización del programa de reconciliación nacional adoptado por las autoridades afganas ocupe un lugar importante en las conversaciones Ryzhkov-Keshtmand, ya que la URSS expresó su total disposicón a cooperar en todas las medidas de carácter económico, comercial, social y humanitario vinculadas al tema.

Aunque se hace énfasis en el carácter bilateral de la visita, seguramente que la situación en torno a Afganistán será un tema importante en las conversaciones.

Acaban de realizar visitas aquí el ministro de relaciones exteriores de Pakistán, Yakub Khan, el representante especial del secretario general de la ONU, Diego Cordovez –quien sirve de mediador en las negociaciones afgano-pakistanies en Ginebra— y el canciller de Irán, Ali Akbar Velayatti.

En todos los casos, se dedicó especial atención al problema afgano y la URSS expresó su respaldo a las gestiones reconciliadoras emprendidas por Kabul.

La URSS está esperanzada de que la próxima ronda de conversaciones afgano-pakistanies, que se inicia el 25 de febrero, sea concluyente, y se basa en el contenido del diálogo con Khan y Cordovez, como lo expresó el portavoz de la cancillería Guennadi Guerasimov.

Además de Moscú, Keshtmand realizará una visita a Tashkent, capital de la República Soviética de Uzbekistán.

La Hora 18/2/87

Afganistán

Derriban un avión con treinta ocupantes los rebeldes afganos

Islamabad, Paquistán, 9 (EFE y UP) — La guerrilla afgana se atribuyó hoy el derribamiento con un misil de un avión Antonov 26 de fabricación soviética cerca de la frontera con Paquistán.

Un portavoz de la guerrilla, citado por la agencia afgana islámica de prensa, declaró que los guerrilleros derribaron el aparato disparándole un misil cuando despegaba del aeropuerto de la ciudad de Host, situada a 20 kilómetros de la frontera con Paquistán.

El portavoz agregó que el avión derribado es de trasporte militar y que dudaba de que en el aparato viajaran civiles.

Radio Kabul, captada en Islamabad, había informado anteriormente de que se trataba de un avión civil y que entre las 30 personas que resultaron muertas figuraban mujeres, niños y ancianos, así como los seis miembros de la tripulación.

La emisora agregó que el avión fue alcanzado por un misil que hirió al piloto y provocó el incendio del aparato que se estrelló poco después.

EL gobierno afgano mantiene unilateralmente un cese del fuego que no está siendo respetado por los principales grupos de la guerrilla, que desde el día 15 de enero, fecha de su puesta en práctica, han llevado a cabo numerosos ataques contra objetivos militares y civiles.

Empero el ministro de relaciones exteriores afgano, Abdul Wakil, dijo hoy que alrededor de 10.000 guerrilleros musulmanes han acordado participar en la iniciativa del gobierno para poner fin a la guerra civil, incluyendo miembros de grupos de resistencia cuyos líderes rechazaron el plan.

Wakil afirmó que unos 20.000 refugiados han regresado a sus casas desde que comenzó el esfuerzo por lograr la paz el 15 de enero con la declaración unilateral de un cese al fuego de seis meses y reiteró la acusación de Kabul de que Irán y Paquistán están evitando que otros regresen.

Los comentarios fueron hechos en una reunión de prensa durante el segundo día de su visita de tres días a la India, aparentemente con vistas a lograr apoyo para el "programa de reconciliación nacional" de su gobierno antes de la reanudación el 25 de febrero de conversaciones auspiciadas por la ONU en Ginebra entre Afganistán y Paquistán para poner fin a la guerra civil.

Bajo la iniciativa de paz, el presidente afgano Najib invitó a los rebeldes a que respetaran el cese al fuego para celebrar conversaciones encaminadas a formar un gobierno de coalición que termine el conflicto de más de siete años y permitir el retiro de las fuerzas de ocupación soviéticas.

Afganistán

LA NACIÓN

Sábado 28 de febrero de 1987

Breves del Exterior

Bombardeo afgano

ISLAMABAD, 27 (Reuter). – Aviones de guerra de Afganistán bombardearon hoy dos campamentos de refugiados afganos en el área fronteriza de Paquistán matando a 43 personas e hiriendo a muchas otras, dijo un grupo guerrillero afgano.

Funcionarios paquistaníes confirmaron que dos campamentos de refugiados fueron bombardeados, pero dijeron que aún no tenían el número total de víctimas.

Una declaración del partido Hezb-i-Islami dijo que 42 mujeres, niños y ancianos murieron en un campamento y que una persona falleció y ocho quedaron heridas en otro.

POCO LEGIBLE

Afganistan

EL DIA 18-2-87

Régimen afgano viola orden de alto el fuego

ISLAMABAD. — Unos 500 rebeldes afganos mujahedines han muerto en acción desde que el gobierno de Kabul proclamase el alto el fuego que entró en vigor el 15 de enero, indicaron fuentes diplomáticas occidentales, agregando que, en el mismo período, once miembros de la comisión designada por el gobierno para promover la reconciliación nacional han sido asesinados por los rebeldes.

La semana pasada, cuatro agentes del ministerio de Seguridad del Estado fueron asesinados en el centro de Kabul, dijeron los diplomáticos, que no quisieron ser identificados.

Las medidas de seguridad montadas en Kabul después de los recientes atentados con bombas permanecen muy severas, según las fuentes.

Mientras tanto habrían continuado los enfrentamientos en la parte este de Kabul, donde dos aviones de transporte de las FF.AA. gubernamentales habrían sido derribados por los mujahedines, al igual que otro avión en el área de Sur-Lot, cerca de Jalalabad.

La carretera Kabul-Jalalabad y el aeropuerto de Jalalabad permanecieron cerrados desde el 7 de febrero hasta el 12 de febrero, probablemente como resultado de un ataque de los rebeldes contra el aeropuerto, el 1° de febrero y de una emboscada contra un transporte de armas de los guerrilleros por parte de soldados soviéticos que respaldan al gobierno de Kabul, el 6 de febrero, en la que algunos soviéticos fueron muertos, según las fuentes.

01|01

8702606

ARCHIVAR EN: Afganistan (029)

TEMA: Criticas de Aquino a la guerrilla

PROCEDENCIA: LA PRENSA 15/3/87

ARCHIVADO EN: Filipinas (037)

8703315

01|01

CLARIN ★ Buenos Aires, jueves 26 de marzo de 1987

Afganistán: ataques en la frontera

ISLAMABAD 25 (AFP) — Mortíferos ataques aéreos afganos contra localidades de la frontera paquistaní, ataques de rebeldes afganos contra territorio soviético, y sangrientas represalias a los mismos, todo ello en las últimas horas, hicieron que la guerra **desbordara las fronteras afganas**, cuando la diplomacia trata de hallarle una solución política.

El lunes y el martes, aviones afganos lanzaron varios bombardeos mortíferos contra Teri Mangai y Angoor Adda, dos localidades del **oeste paquistaní**, junto a la frontera con Afganistán, y pobladas mayoritariamente por refugiados afganos. Esos ataques dejaron al menos 12[illegible] muertos, según la prensa paquistaní de hoy, lo que se agrega a un balance reciente de otros cien muertos.

◆ *Trescientos en un mes*

Si se suman esos muertos a más de un centenar contabilizados el 26 y el 27 de febrero pasado en ocasión de ataques aéreos similares en la misma región, y al sur de la misma, cerca de Miram Shah, se llega a una cifra de **300 muertos en menos de un mes** en territorio paquistaní.

La mayoría de los especialistas de Afganistán en Paquistán interpreta estos ataques aéreos soviético-afganos como una **nueva táctica de Kabul para alcanzar a la guerrilla en sus refugios paquistaníes**, presionando a la vez contra Islamabad para incitarlo a ser **"más comprensivo"** sobre las ofertas hechas por Kabul y Moscú.

Simbólicamente, los ataques de febrero se produjeron durante el segundo día de las negociaciones indirectas paquistano-afganas bajo la égida de la ONU en Ginebra sobre Afganistán.

Todo ello se desarrolló en el marco de una propuesta política de **"reconciliación nacional"** y de gobierno de coalición con las fuerzas de la guerrilla, formulada por Kabul

029

Amnistían a presos en Afganistán

POL-I-CHERKHI, Afganistán, 7 (Reuter) — Varios centenares de prisioneros condenados por delitos contra la seguridad del Estado salieron hoy de una cárcel de Afganistán beneficiados por la amnistía decretada como parte de la campaña gubernamental para poner fin a la guerra civil desatada hace ocho años.

Algunos funcionarios informaron que casi 1.300 reclusos de la cárcel de Pol-I-Cherkhi, a unos 20 kilómetros al este de Kabul, quedaron en libertad, pero corresponsales occidentales que aguardaban fuera de los portones estimaron que solo vieron salir hoy aproximadamente a la mitad de esa cifra.

La amnistía alcanza a los que fueron condenados hasta cinco años de cárcel por delitos contra la seguridad; los condenados hasta siete años que hayan cumplido más de cuatro de su condena; todas las reclusas mujeres; los de más de 60 años de edad o los acusados cuando tenían menos de 18; y los afectados por enfermedades incurables.

El beneficio excluye a quienes fueron condenados por espionaje, terrorismo o por provocar explosiones.

Clarín 8/2/87

01 \ 01 8703399

ARCHIVAR EN: AFganistan (023)

TEMA: AFganistan: firman base sostenimiento.

PROCEDENCIA: LA HABANA 25/3/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

01|01

8703643

Afganistan cruza con PAKISTAN

029

AN

CLARIN ★ Buenos Aires, miércoles 11 de marzo de 1987

Negocian Kabul e Islamabad

GINEBRA, 10 (AFP, ANSA y Reuter). — En las negociaciones indirectas entre Afganistán y Pakistán "parece delinearse una convergencia política de intereses hacia la conclusión de un acuerdo", sostuvo hoy Diego Córdovez, vicepresidente general de las Naciones Unidas encargado del diferendo bilateral.

Al término de la séptima ronda de negociaciones entre Islamabad y Kabul, Córdovez opinó que a partir de ahora "una mejor comprensión entre Estados Unidos y la Unión Soviética resulta esencial para la aplicación efectiva de un acuerdo".

La presencia de las tropas soviéticas en Afganistán es todavía el punto principal de divergencia entre ambos países. Desde 1982, cuando se iniciaron las conversaciones indirectas a través de la ONU, sobre esa cuestión se ha apoyado básicamente el desentendimiento.

De acuerdo con los trascendidos en la sede europea del organismo internacional, sobre esa cuestión también se han logrado significativos acercamientos; mientras Kabul propondría el retiro en un plazo de 18 meses, Pakistán accedería a extender el lapso hasta seis meses. Los analistas recordaron que al iniciarse las tratativas, Afganistán pedía cuatro años más de permanencia soviética, mientras Islamabad no concedía más de tres meses.

Las negociaciones se reanudarán en Ginebra dentro de dos meses.

Guerrilleros afganos derribaron un aerotransporte militar soviético

Representantes paquistaníes y soviéticos analizaron ayer en Moscú las perspectivas de negociación entre Afganistán y Pakistán, que el 25 de febrero reanudarán en Ginebra su diálogo. Paralelamente un avión de transporte afgano fue derribado por los guerrilleros, en una acción que según el gobierno de Kabul arrojó treinta muertos, entre ellos mujeres y niños.



Un soldado afgano monta guardia frente a las ruinas del palacio de Paghman, 20 kilómetros al este de Kabul, en algún momento residencia de la familia real y ahora destruido por los combates.

ISLAMABAD, KABUL y MOSCU, 9 (AFP, AP, EFE, Reuter y UPI). — Guerrilleros afganos derribaron hoy un avión de transporte militar al este de Afganistán, y mientras aseguraban que el ataque ocasionó la muerte de 33 soldados, informaciones provenientes de Kabul señalaban que entre las víctimas había mujeres y niños.

Las contradictorias versiones solo coincidían en señalar que se trata de un avión de transporte Antonov-26, de fabricación soviética, que fue derribado por un misil al despegar del aeropuerto de Khost, en la provincia de Paktia, en el este afgano.

La agencia soviética TASS tomo informaciones difundidas por radio Kabul, según las cuales el aparato, después de ser alcanzado por un proyectil, "estalló en llamas, perdió el control y cayó a tierra, causando la muerte de treinta personas, incluyendo a mujeres, niños y seis tripulantes".

Los voceros guerrilleros en Islamabad, Pakistán, insistieron en que el aparato era un avión de transporte de la fuerza aérea que llevaba tropas.

Según esas versiones, que decían apoyarse en informes ofrecidos por "simpatizantes" de los rebeldes en la base de Khost, el ataque causó la muerte de 15 oficiales y 12 soldados afganos, además de seis miembros de la tripulación.

Las fuentes guerrilleras recalcaban que la versión dada desde Kabul, según la cual se trataba de un avión civil, era poco convincente: recordaban que Khost se halla bajo ataque de las guerrillas y que la mayoría de la población civil fue evacuada o se refugió en Pakistán hace años.

Dos escuadrones de combate de la fuerza aérea afgana usan el Antonov-26, un aparato también empleado por las fuerzas soviéticas instaladas en el país. El avión no está artillado.

Sin embargo fuentes diplomáticas occidentales en Islamabad también admitían que la compañía aérea afgana suele utilizar esos aparatos en las zonas de combates para reemplazar a sus aviones de línea en el transporte de pasajeros.

♦ Combates

Khost es la principal base del gobierno afgano en la provincia oriental de Paktia, una zona que al semana pasada fue escenario de fuertes enfrentamientos entre tropas soviéticas y afganas de un lado y guerrilleros rebeldes musulmanes del otro.

Miembros de las guerrillas dijeron que el misil utilizado en el ataque de hoy fue disparado desde un lugar oculto en una colina cercana a la pista de aterrizaje, pero rehusaron identificar el tipo de proyectil empleado.

En ocasiones anteriores los líderes rebeldes confirmaron haber recibido misiles Stinger, de fabricación estadounidense, y Blowpipe, de procedencia británica.

♦ Tratativas con Pakistán

El ataque guerrillero de hoy se produjo paralelamente con una reunión que mantuvieron en Moscú representantes paquistaníes y soviéticos, como cita previa a las discusiones afgano-paquistaníes que el 25 de febrero se reanudarán en Ginebra.

El diario "Pravda", en un artículo de su corresponsal en Kabul, estimó "poco probable" que esas negociaciones lleguen a resultados positivos. Como primera razón expuso que "el proceso de reconciliación nacional (afgano) será complejo", ya que no depende "únicamente del retiro de las tropas soviéticas".

Por el contrario, la nota considera que esa retirada está sujeta a la previa "obtención de un arreglo político", de cuyo fracaso responsabilizó a la conducta "aventurera de los jefes extremistas" que combaten al gobierno de Kabul.

Esa acusación específica contra los líderes rebeldes también fue lanzada desde Nueva Delhi por el canciller afgano, Abdul Wakil, quien aseguró que unos 10.000 combatientes opositores han acordado participar de la iniciativa oficial que busca finalizar la guerra civil, incluyendo miembros de grupos cuyos líderes rechazaron la propuesta de tregua hecha por Kabul.

ARCHIVAR EN: Afganistán (029)

TEMA: Aviones afganos bombardean población de Pakistán

PROCEDENCIA: La Habana 24/3/87

ARCHIVADO EN: Pakistán (045)

8703793

01|01

QS

ARCHIVAR EN: Afganistán (029)

TEMA: Afganistán: ventajas y desventajas soviéticas.

PROCEDENCIA: La Prensa 14/4/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

01|01

8704596

Karmal, el ex presidente de Afganistán está detenido

Pekín, 3 (UP) - El ex presidente de Afganistán, Babrak Karmal, permanece detenido en una prisión de Kabul, informó hoy la agencia oficial de noticias china Xinjua.

La versión periodística citó fuentes diplomáticas en la capital de Paquistán, Islambad, que afirmaron que el Consejo Revolucionario del Gobierno de Kabul, apoyado por la Unión Soviética, ordenó el arresto de Karmal.

No hubo ninguna confirmación oficial sobre el informe periodístico ni comunicado de Kabul.

Según Xinjua, el ex presidente fue llevado a la cárcel Pul-E-Charkhai de Kabul.

"Karmal presuntamente está bajo arresto desde hace tiempo. Se desconocen aún las razones de su detención", informó Xinjua, y no dio más detalles.

Luego de la invasión soviética a Afganistán en diciembre de 1979, Karmal fue puesto a cargo de la presidencia y fue nombrado jefe del gobernante partido Popular Democrático.

Pero el año pasado, Karmal cedió posiciones ante el ex jefe de la policía secreta, Najib, también conocido como doctor Najibullaj.

Fuentes diplomáticas occidentales sostuvieron que Moscú se mostró disconforme ante el fracaso de Karmal de reunir apoyo popular para su gobierno y para luchar contra los rebeldes musulmanes que se oponen a las fuerzas soviéticas acantonadas en Afganistán.

La agencia "Prensa asociada" de Paquistán citó un informe de radio Teherán con la misma información, también sin fuente especificada.

Karmal, abogado, de 58 años, había presentado su renuncia a la función de presidente de Afganistán el 20 de noviembre de 1986, cargo que, por otra parte, es de carácter esencialmente honorífico y ceremonial. Siete meses antes había sido relevado de su cargo de secretario general del partido Demócrata del Pueblo de Afganistán (PDPA).

Fuentes occidentales, al comentar la noticia del relevo, señalaron que Karmal era considerado, paradójicamente, como un representante del nacionalismo afgano frente a los soviéticos, en oposición a su sucesor, Najib.

01|01 8704743

PS

029

0604

Soldados cubanos en Afganistán

LONDRES (ANSA, EFE UPI).- Fuentes diplomáticas occidentales no identificadas han señalado la presencia de tropas cubanas en Afganistán, informa en su último número el semanario de temas militares Jane's Defence Weekly.

Los cubanos fueron vistos -en fechas no especificadas- en un campamento situado en Kandahar, en las cercanías del aeropuerto de Kabul, añade la revista.

La misma señala que los soviéticos están reforzando algunas de sus bases militares en el área de Kabul, mientras amplían otras instalaciones, como un hospital militar.

La información de Jane's se produce pocos meses después de que la URSS iniciase una retirada simbólica de Afganistán, país al que las tropas soviéticas llegaron en diciembre de 1979 llamadas por el régimen comunista de Babrak Karmal, y en el que desde entonces se enfrentan a los grupos nacionalistas musulmanes.

01|01 8705062

029
M.E.B.

La Mañana

Directores: Eduardo Paz Aguirre - Eduardo Hegüy Terra
Redactor Responsable: Federico Sole
Editorialistas: Dr. Luis I. Lecaldare - Rodolfo M. Fattoruso
Redactores Políticos: Gabriel Gurméndez - Dr. Wáshington Abdala

MONTEVIDEO, LUNES 1° DE JUNIO DE 1987

"El Vietnam de los soviéticos"

La tenaz lucha del pueblo afgano

ALGUIEN ha dicho, no sin cierto grado de acierto, que los soviéticos "han encontrado su Vietnam en Afganistán". La aseveración parece confirmarse, si consideramos que la evolución de los hechos, en el país ocupado por tropas del Ejército Rojo, va tornándose crecientemente análoga a la experimentada por los norteamericanos en la península indochina entre 1965 y 1973.

Hay, sin embargo, una diferencia notable: mientras la opinión pública estadounidense estuvo informada al minuto de lo que sucedía a sus efectivos militares involucrados en la guerra, la población de la URSS, en cambio, carece de otras noticias como no sean las que, con sentido interesado y propósitos propagandísticos, le proporcionan los medios de difusión controlados por el Estado.

Así y todo, a nadie escapa ya que el problema es grave; si no lo fuese, ¿cómo explicarse el que una superpotencia deba mantener más de cien mil soldados combatiendo en un país pobre y contra fuerzas de irregulares, después de cumplidos siete años largos desde el momento de la invasión?

Las cosas van mal para los rusos, que han perdido muchos hombres y también materiales a manos de las guerrillas formadas por los "mujaidines" o combatientes de la libertad. El desigual enfrentamiento entre tropas al mando de una oficialidad profesional, técnicamente bien preparada, y agrupamientos de resistentes, sin que los primeros consigan imponerse a los segundos, pone de manifiesto la superioridad de los valores patrióticos que inspiran la lucha del pueblo afgano.

Cuando se decidió la ocupación, en diciembre de 1979, seguramente los soviéticos contaban con llevar a cabo una campaña tan rápida cuanto fulminante. El suyo fue entonces un apresurado y grueso error de cálculo, excluyente, en forma apriorística, de los escollos supuestos por la defensa, que iban a efectuar los agredidos, de su identidad nacional.

De ahí la prolongación de este conflicto en el tiempo y las derivaciones que últimamente ha experimentado en el terreno militar. La última, y más destacable, consiste en que, inesperadamente, la resistencia afgana está realizando incursiones dentro del propio territorio de la Unión Soviética. Estas acciones se concretan a través del río Amu Darya y tienen por finalidad atacar convoyes e instalaciones militares cercanas a la frontera soviético-afgana.

A raíz del giro sorpresivo que esto representa, la URSS se vio recientemente en la necesidad de trasladar cincuenta mil hombres a sus límites meridionales, para proteger los objetivos susceptibles de ser alcanzados por los "mujaidines".

CON valentía y audacia, los afganos están librando así una auténtica guerra de liberación. Víctimas a su turno del imperialismo soviético, como lo fueran Hungría, Checoslovaquia, Polonia, Berlín (dividida por el muro erigido en 1961) y tantos otros pueblos, padecen el intervencionismo en su expresión más cruel. La URSS no se retira, pese a las resoluciones de la Asamblea General de la ONU, y en Occidente, lamentablemente, existe una sospechosa "conspiración del silencio" en torno de esta tragedia que debiera conmover la conciencia del mundo.

Afganistán

029

M.E.B.

Afganistán

Afganos buscan diálogo

KABUL. — El líder comunista afgano, Najibullah, expresó su disponibilidad a reanudar contactos con los colaboradores del ex rey afgano Zahir Shah, actualmente exiliado en Roma, para promover una solución política del conflicto.

Najibullah hizo conocer su propósito en ocasión del pleno del comité central del Partido Comunista afgano, que se realizó el miércoles pasado en la capital, Kabul.

"Es necesario aprovechar todas las posibilidades para llegar a un contacto con las fuerzas monárquicas, con los activistas políticos y los representantes del clero del pasado régimen", dijo el secretario general del Partido Democrático del pueblo afgano interviniendo en el pleno.

"Existen —dijo Najibullah— condiciones objetivas para la creación en el país de una coalición real, efectiva, de todas las fuerzas democráticas y guiadas por un espíritu patriótico".

Tras expresar que el propósito de esta coalición es "poner fin a la guerra fratricida, asegurar la normalización de la situación e iniciar la solución de los problemas nacionales urgentes del país", el líder comunista agregó: "Para alcanzar estos objetivos es necesario convocar los esfuerzos de todos los partidos y grupos políticos, del clero y de las organizaciones públicas, iniciar compromisos de modo de constituir las bases para la política de reconciliación nacional".

La nueva iniciativa de Najibullah no es del todo inesperada porque en las últimas semanas en Moscú eran insistentes los rumores de una inminente apertura de los dirigentes comunistas afganos.

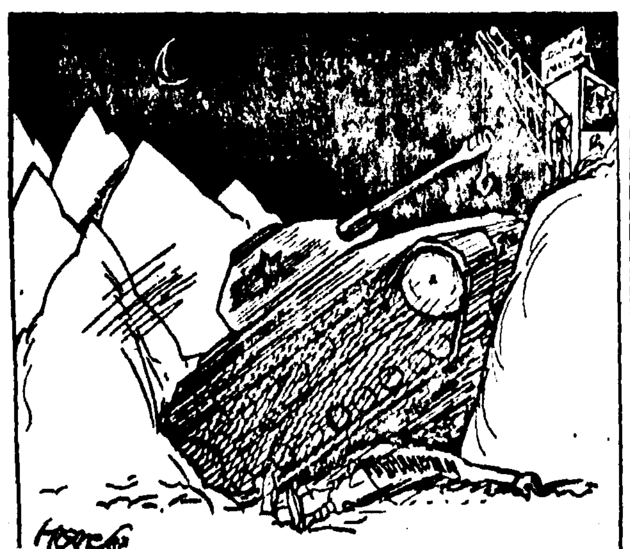
El Día 15/6/87

PERLA

¿Hacia qué paz afgana?

Por Jean François Revel

SOLUCION POLITICA



Varios dirigentes occidentales, después de haberse encontrado con Mijail Gorbachov, lo cual por otra parte es una actividad bastante extendida en nuestros días, se declaran convencidos de que los "soviéticos están dispuestos a partir de ahora a retirar sus tropas de Afganistán siempre y cuando se encuentre una solución política". ¿Cuál es la solución política? Y ¿qué entendemos por eso?.

Me temo por solución política Moscú simplemente entienda el hecho de conservar en Kabul un gobierno dominado por el Partido Comunista, llamado Partido Popular Democrático Afgano (PPDA), con, a lo mejor, algunos partidos que podrían provenir de los movimientos de resistencia que están dispuestos a admitir compromisos. Pero, de cualquier manera, el gobierno tendrá que ser pro soviético y enteramente ligado a la Unión Soviética en lo que se refiere a su diplomacia y defensa. Dicho de otra manera, lo que busca Moscú es volver a la situación de 1978. Entonces, el Kremlin se había introducido en el poder en Kabul. Pero todavía sin tener que entrar en guerra.

De hecho, en 1978 tampoco los soviéticos querían entrar en guerra: les hubiese gustado conservar el poder sin verse obligados a entrar en ella. Como lo escribe Clausewitz: " Al conquistador le gusta la paz; prefiere entrar en su casa sin encontrar resistencia". Al proponer hoy en día retirar el ejército rojo "con la condición de que Afganistán sea comunista", Moscú nos pide de alguna manera realizar el milagro que fue irrealizable en 1978: mantener en Afganistán un régimen comunista rechazado por el pueblo sin tener que emplear las tropas soviéticas para mantener este régimen.

Evidentemente es mucho más agradable.

Si el ejército rojo invadió Afganistán el 24 de diciembre de 1979, no fue por su gusto, ni por llevar un régimen comunista, que ya existía, sino porque el poder comunista local se derrumbaba. Lo que quiere ahora la URSS es borrar siete años y medio de guerra, no sufrir las consecuencias de su fracaso, de su impotencia para someter al pueblo por medio de la fuerza, retirar sus tropas y, sin embargo, quedarse con el poder en Kabul.

Desgraciadamente, tanto en occidente como en Pakistán, se puede advertir una cierta tendencia en complacer a la URSS, y aunque sea una gran paradoja, en presentar el reglamento que seguiría como una prueba de buena voluntad y de espíritu de conciliación por parte de Gorbachov. A los portavoces de los movimientos de resistencia afgana son a los que se les acusa, principalmente en la prensa americana e inglesa, de "rechazar el compromiso", de "falta de realismo" y de pecar de intransigencia. Por ejemplo, "The Guardian", de Londres, escribe que "en interés de la paz" los norteamericanos tendrían que dejar de ayudar a la resistencia.

Después de hacer tenido un millón de muertos (civiles en su mayor parte) y cinco millones de refugiados, exiliados actualmente en Pakistán e Irán, el pueblo afgano tendría que renunciar a recoger los beneficios de una resistencia a un ocupante que ha vaciado el país de casi la mitad de su población: en 1979 había catorce millones de habitantes, solo quedan ocho millones aproximadamente. En el mundo, de cada dos refugiados, uno es afgano. Además, el pueblo afgano ha padecido atrocidades prohibidas por todas las convenciones internacionales, como muy bien lo describió el triple informe redactado para las Naciones Unidas por Felix Ermacora, jurista austríaco, después de varias profundas encuestas. La burocracia de las Naciones Unidas ha escondido como ha podido este informe, pero existe y se le conoce.

Moscú empezó transformando a Afganistán en un satélite cuando Daud en 1972 depuso al rey y en 1975 creó el Partido Unico. Daud no parecía lo bastante pro soviético, por tanto el Kremlin lo hace asesinar en abril de 1978 y lo sustituye por un hombre más fiel: Muhamad Taraki. Por aquel enctonces el pueblo de Kabul se subleva: 3.000 muertos. Durante el resto del año 1978 y a comienzos de 1979, las ejecuciones sumarias, principalmente de militares afganos, se cuentan por decenas de millares. En marzo de 1979, tiene lugar una nueva sublevación en todo el país: la represión produce 30.000 muertos. Al ver que Taraki no puede mantener el país, los soviéticos, a su vez, lo hacen asesinar, para ser más exactos estrangular, el 16 de setiembre de 1979, y lo reemplazan por Hafizula Amin, un viejo agente de la KGB. Pero Amin no lo hace mejor que su predecesor, por tanto es ejecutado a su vez el 28 de diciembre de 1979, cuatro días después de la entrada del ejército rojo, y reemplazado por otro agente de la KGB, Babrak Karmal, que los soviéticos repatrían de Praga, en donde se mantenía en reserva para la revolución". Buen detalle. Los soviéticos, se sabe, dicen que es el gobierno afgano quien les ha pedido enviar las tropas. Si es cierto, por ¿qué estas tropas han matado a Amin, el jefe de este gobierno tan cooperante? ¿Y si es Karmal quien las ha llamado, con que derecho, ya que no era todavía jefe del gobierno y aún no residían en Afganistan?.

A lo mejor estamos en vísperas de una operación que se va a presentar como una "victoria diplomática" de occidente: la autorización dada a la URSS para consolidar su hegemonía en Kabul a espaldas del pueblo afgano. A lo mejor habrá, como en Polonia en 1945, o como en Angola en 1975, una promesa de elecciones "libres" que también ahí nunca tendrán lugar.

"CAMBIO 16"
MADRID

8705340

025 029.

Afganistán

PERLA

Soldados soviéticos adictos a las drogas

Por Juan Fercsey

Nueva York — La adicción a las drogas es un terrible flagelo. Pero, ¿pueden imaginarse a un soldado en combate dispuesto a vender sus botas o municiones, incluso sus armas o uniforme al enemigo a cambio de drogas? Eso es lo que está sucediendo hoy en día en Afganistán, después de más de siete años de guerra. Los soldados soviéticos venden todo lo que poseen por heroína.

El propio "Sr. Glasnost", Mikhail Gorbachev, está alarmado y en una reciente sesión plenaria del Comité Central del Partido llamó la atención sobre "la embriaguez y el uso de drogas" por parte de la población soviética. Es bien conocido que el alcoholismo es casi una epidemia en la Unión Soviética; recuerden un informe de prensa publicado hace tres años en Checoslovaquia en el que se decía que dos soldados soviéticos borrachos querían vender un tanque de combate por una caja de vodka…

De acuerdo con recientes desertores del Ejército Soviético, el 80 por ciento de los 120.000 soldados soviéticos en Afganistán fuman hachís, y alrededor del 25 por ciento usan heroína. Los comandantes "mujahedeen" usan narcóticos para sobornar y obtener información de las tropas de ocupación soviéticas. A cambio de heroína, pueden obtener también gasolina de los soldados soviéticos, en algunos casos regularmente.

"El problema es tan grave, que equipos especiales antidrogas de la KGB operan dentro de cada unidad de combate", dijo un militar que desertó en Peshawar. "Buscan jeringuillas y drogas, y examinan diariamente a las tropas para ver si tienen marcas de inyecciones en sus brazos".

Forma macabra de contrabando

Desde los primeros meses después de la invasión de "Navidad" de 1979, las fuerzas de ocupación soviéticas empezaron a usar hachís —según se dice, como "tranquilizador"— contra el temor y el aburrimiento. Pero, posteriormente, empezaron a usar drogas más fuertes y, especialmente, la heroína. Además del "Triángulo Dorado" —la región de Birmania, Thailandia y Malasia— se sabe que en algunas zonas de Afganistán se cultivaba el opio. A través de los soldados, la heroína penetró en la Unión Soviética. Un reporte de Peshawar informó que en algunos catafalcos de soldados soviéticos muertos en combate, trasportados a ciudades soviéticas, se escondían paquetes de heroína, introducida de ese modo de contrabando en la URSS desde Afganistán.

Recientemente se abrió una clínica soviética en Kabul, específicamente para tratar a los soldados adictos a las drogas. Pero la mayoría de ellos son enviados a clínicas en la Unión Soviética, en donde son tratados con sulfazina, un fármaco (producto químico) usado en los hospitales psiquiátricos de la KGB: Estas "clínicas para casos mentales especiales" fueron invención de Yuri Andropov, que ingresaba a los disidentes en estas instituciones especiales en las que la policía secreta les quebraba la voluntad mediante productos químicos. El tratamiento con sulfazina es sumamente doloroso y provoca una fiebre muy alta; a veces, la muerte.

La Prensa 25/5/87

. 01 | 01

Afganistán

8705384

O29

Moscú ensaya en Afganistán mortíferas armas con rayo laser

Estados Unidos anunció que la Unión Soviética está modernizando "de forma muy significativa" su arsenal nuclear y de todo tipo. Entre las novedades que la industria bélica rusa está sacando a la luz cabe señalar la existencia de un nuevo submarino nuclear y un nuevo misil intercontinental (el SSX-24) con diez cabezas atómicas que puede ser transportado en vagones de ferrocarril. Este nuevo y potente misil soviético estará ya en fase de instalación en un año, declaró el secretario de Defensa, Caspar Weinberger.

Por otro lado, Moscú ha empezado a dotar a sus fuerzas armadas con armas de rayos Laser capaces de "cegar" el enemigo. Un funcionario del Departamento de Defensa precisó que estos sistemas ya han sido utilizados en Afganistán, dejando temporalmente fuera de combate a los guerrilleros afganos. La gravedad del daño que pueden ocasionar depende de la distancia a que se encuentre la fuente del Laser. Weinberger confirmó que se han registrado incidentes en el citado país con pilotos de aviones espías que fueron cegados con un ataque soviético con rayos Laser.

Las mejoras del arsenal nuclear soviético fueron hechas públicas dentro del análisis anual que hace el Pentágono sobre la capacidad bélica del adversario soviético. Viene todo incluido en el informe sobre el "Poderío militar de la URSS", que fue entregado a la prensa en su sexta edición.



En una conferencia de prensa, el secretario de Defensa confirmó que la Unión Soviética ha puesto ya el nuevo submarino nuclear (el Delta 4) a patrullar por las aguas del Mediterráneo y del Atlántico con su contingente de 16 misiles SSN-23, de alcance intercontinental, y con bombas nucleares. Weinberger también confirmó que los misiles SSX-24, que son transportados por ferrocarril y cuentan, por consiguiente, con gran movilidad, estarán en fase operacional en un año. Estos reemplazan a una familia anterior de cohetes, los SS-18 y SS-20.

La Unión Soviética experimenta además con otros tipos de misiles más sofisticados que no entrarán en el escenario hasta los años noventa, manifestó el jefe del Pentágono. Para Weinberger, el informe es una prueba palpable y objetiva del mejoramiento de las fuerzas ofensivas, defensivas y convencionales de la URSS.

Afganistan

Afganistán

PRUEBA ACIDA

La negociación indirecta entre Afganistán y Pakistán es un test de los cambios en la política exterior soviética y de las perspectivas de paz en una región clave de la geopolítica mundial.

La presencia de tropas soviéticas en Afganistán obró como prueba ácida para reconocer la intención de Mijail Gorbachov de imprimir un drástico cambio en la política exterior de la URSS y medir su capacidad de llevarlo a cabo. Las negociaciones iniciadas el jueves último en Ginebra, centradas en la determinación de un calendario para el retiro de los soldados del Ejército Rojo, esperan precisamente el punto alcanzado por el líder del Kremlin.

La reunión en Ginebra no es un paso improvisado. El primer gesto de Gorbachov fue afrontar el creciente malestar en la propia sociedad soviética, conmovida por el alto número de soldados muertos en la guerra contra los *mujahedin*, alentando la transparencia informativa sobre el tema. A partir de allí Afganistán ocupó un lugar destacado en los noticieros de televisión y en las páginas de la prensa.

Es de suponer que mediante este recurso el secretario general del PCUS se aseguró el respaldo de la opinión pública para iniciar la retirada de los 100.000 soldados enviados a Kabul por Leonid Brezhnev en diciembre de 1979.

En un discurso pronunciado en Vladivostok, en julio del año pasado, Gorbachov presentó un plan para efectivizar un sistema de cooperación y seguridad del continente asiático, análogo al modelo europeo conocido como *"acuerdo de Helsinki"*. Sobre esta base, dijo el líder soviético, es posible *"acelerar la búsqueda de una solución política en Afganistán"*. El jueves, en Ginebra, sobre la mesa de discusión quedó expresa la voluntad de Moscú de completar el retiro de tropas en dos años.

El otro aspecto del plan soviético apuntaba al fortalecimiento del gobierno y las fuerzas armadas afganas. Los veloces movimientos para cumplir esos requisitos (ver EL PERIODISTA Nº 116) culminaron el 15 de enero pasado con la declaración unilateral de un cese de fuego por parte del gobierno de Mohamed Najib. El Programa de Reconstrucción Nacional propuesto por Kabul ofrece la amnistía para todos los que depongan las armas, retorno de los exiliados y apertura de negociaciones con todos los sectores para conformar un gobierno de unidad nacional *"independiente, soberano y no alineado"*.

Según la información oficial, el gobierno entabló discusiones con más de cuatrocientos grupos armados que controlan unos 40.000 hombres, de los cuales 15.000 ya habrían depuesto las armas. Miles de presos políticos fueron liberados y comunidades enteras exiliadas en Irán y Pakistán emprendieron el retorno. Los mujadines fueron aislados en buena medida y Najib afirmó su proyecto político. Mientras tanto, Moscú aceleró sus pasos diplomáticos tendientes a cerrar el cerco. A comienzos de diciembre pasado visitó el Kremlin Abdus Sattar, ministro de Relaciones Exteriores de Pakistán y el 6 de febrero hizo lo propio el canciller iraní, Alí Akbar Velayati.

El desenlace, sin embargo, no será sencillo. La mayoría de los jefes de las fuerzas respaldadas por Estados Unidos no aceptó la tregua. En la víspera de la reunión de Ginebra Najib reiteró su propuesta de compartir el poder en un gobierno de unidad nacional, pero desde su base en Peshawar, Pakistán, los jefes musulmanes rechazaron la oferta. El **Washington Post** informó el 13 de enero último que *"De 280 millones de dólares en el período fiscal de 1985, el presupuesto de la CIA destinado a los 'luchadores de la libertad' afganos creció a 470 millones en 1986 y 630 millones en el corriente año"*.

Ese dato elocuente se complementa con otro, más alarmante aún: de acuerdo con la **Far Eastern Economic Review** del 18 de diciembre, por primera vez en 35 años Estados Unidos estableció un comando militar unificado —el Centcom— cuya área de operaciones se extiende sobre Asia Sudoccidental, el Golfo Pérsico y el Cuerno de Africa, una región que abarca diecinueve países y va de Kenya y Somalia hasta Pakistán y Afganistán. El Centcom cuenta con 300.000 hombres disponibles y está planificado que esa cifra aumente a 450.000 para 1989.

LUIS BILBAO

P29.

43 personas murieron

Rebeldes afganos derribaron un avión soviético

ISLAMABAD, Paquistán. (ANSA, EFE y UPI).— Los rebeldes afganos respaldados por Estados Unidos, que los armó con misiles tierra-aire, derribaron la semana pasada un avión de carga soviético, matando a las 43 personas a bordo, afirmaron ayer diplomáticos occidentales.

Se trata del segundo avión de transporte derribado en dos semanas por un misil, coincidiendo con intensos combates al sur del país, donde se ha detectado que el ejército afgano tiene problemas por falta de soldados, añadieron.

Citando fuentes que consideran confiables, los diplomáticos añadieron que el avión soviético fue derribado cerca de la capital provincial de Balkh, en la frontera con la Unión Soviética, en algún momento entre el 14 y 15 de junio.

Todos los 43 pasajeros, en su mayoría militares y la tripulación, perecieron, agregaron los informantes.

El 11 de junio la radio oficial de Kabul informó que en la provincia de Zabul, al sudoeste del país, los insurgentes derribaron un avión soviético AN-26 con un misil antiaéreo norteamericano, matando a 53 de las 55 personas a bordo. Los dos sobrevivientes perecieron luego.

Ese incidente recibió mucha atención en la prensa de Kabul, pero no hubo ningún comentario oficial sobre el segundo avión, dijeron los diplomáticos.

Hace un año que Estados Unidos comenzó a entregar a los insurgentes los misiles antiaéreos, guiados por calor, y disparados desde equipos portátiles, lo que ha provocado la caída de varios aviones afganos y soviéticos, derribados por la resistencia musulmana.

En cuanto a los combates al sur se informó que éstos ingresaron en su cuarta semana en la ciudad de Kandahar, con muchas bajas entre las tropas soviéticas y afganistanas.

Los diplomáticos dijeron que debido a las elevadas pérdidas y las deserciones, el ejército afgano parece confrontar problemas en la región, lo que habría obligado a las autoridades a reanudar la conscripción obligatoria.

Afganistán

01 | 01

8705436

ARCHIVAR EN: Afganistan (029)

TEMA: La URSS y Afganistan incrementará la cooperación y comercio bilateral.

PROCEDENCIA: La Hora 19/2/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

01|01

8705449

PERLA

AFGANISTAN

La reconciliación se abre paso

Por Andrés Moreno

A fines del año pasado, el gobierno y el Partido Democrático Popular de Afganistán proclamaron el rumbo hacia la reconciliación nacional. El 15 de enero de este año declararon unilateralmente un cese el fuego por seis meses. Simultáneamente, han seguido desarrollándose en Ginebra desde fines de febrero, nuevas rondas de negociaciones bilaterales, a propuesta de Afganistán, entre sus representantes y los de Pakistán, con la mediación del representante personal del secretario general de la ONU, Diego Cordovez, quien realiza frecuentes viajes entre Kabul e Islamabad.

La otra cara de la medalla es que, a pesar de los avances sensibles en esta dirección, la guerra no declarada en la extensa frontera no se ha detenido, lo mismo que las provocaciones sangrientas de las bandas armadas de la "contra" (aquí se llaman dushmanes), cuyo punto de partida está en Pakistán (la Honduras de Asia) y que se ramifican al interior del país, incluso hasta la capital.

POCO LEGIBLE



Guldana: una joven madre víctima de un atentado con minas camufladas, en el que falleció su hija. (Foto: R. Budrin APN).

La política de reconciliación nacional ha permitido dar grandes pasos hacia la normalización de la situación general en el país.

El objetivo proclamado es el cese de la guerra fratricida, el retorno a su patria de los refugiados y la ampliación de las estructuras políticas del gobierno para dar cabida a todos los sectores deseosos hoy de colaborar en la obra común, aun cuando en el pasado se hubieran plegado a la contrarrevolución.

Con esta finalidad se crearon 1.300 Comisiones extraordinarias para la reconciliación nacional, que despliegan su labor en todo el territorio. Las integran más de 17 mil activistas. En ellas desempeñan un importante papel los sacerdotes musulmanes: 750 de ellos fueron electos a los órganos locales (provinciales) del poder, 20 mullahs forman parte del Consejo Central del Frente Nacional, y otros 12 son miembros del Consejo Revolucionario de la República.

Desde que se proclamó la política de reconciliación, 40 mil refugiados han regresado a su patria —pese a las trabas que son opuestas, principalmente, por la acción de fuerzas pakistaníes, inducidas por los agentes de la CIA infiltrados— y se integraron a las tareas de la producción y de la defensa. Análogamente, 21 mil miembros de los grupos armados que combatían al gobierno surgido de la revolución de abril de 1978 se pasaron del lado del poder popular. Al control de éste se incorporaron ya, por vía pacífica, 940 poblados de las regiones fronterizas. Al tiempo que unos 1.100 grupos están en contacto con órganos locales del poder, en busca de soluciones que los reintegren a la vida de la sociedad, han sido liberados 5.500 personas que habían participado activamente en la oposición armada al gobierno central.

Del armisticio a la paz permanente

Refiriéndose al cese el fuego, el secretario general del PDPA, Najib, declaró: "Deseamos que el armisticio se convierta en paz permanente". La ampliación del Consejo Revolucionario va dando lugar a la formación de un verdadero gobierno de coalición. En muchas regiones donde la lucha armada prácticamente ha finalizado, representantes de la anterior oposición armada pasan a formar parte de los órganos del poder local. Los religiosos islámicos se han transformado en uno de los principales factores de la pacificación. Un rasgo notable es que quienes "cambiaron de hombro el fusil", son admitidos a todos los cargos y responsabilidades —incluso en la defensa— sin pedirles cuentas sobre su pasado.

Se ha puesto en marcha un organismo destinado a prestar ayuda a las legiones de repatriados, anexo al Consejo de Ministros. Se creó un fondo de ayuda a los refugiados que regresan en el "Afganistán Bank", al cual vierten sus aportes organizaciones estatales, empresas públicas y privadas, comerciantes. El Estado concede a los repatriados trabajo, subsidios, transporte, ropa, artículos de primera necesidad, y les presta atención médica.

La vida bulle en los mercados, barómetro de la vida en los pueblos del Oriente. Ello se debe por una parte, al aumento de la seguridad en las vías de comunicación; y por otra, a la reactivación general de la economía, incluida la del sector privado.

Los avances de los sectores estatal y privado de la economía

Al recordarse, el 27 del mes pasado, el noveno aniversario de la revolución de abril, pudieron valorarse los enormes avances en la economía, en la cultura y en la salud, de este país atrasado y semifeudal, enmarcadas en el plano político en la elección de los órganos provinciales de poder por sufragio universal, a fines del año pasado.

Gracias a la ley de reforma de la tierra y del agua, más de 350 mil familias campesinas recibieron parcelas, provistas de irrigación. Un millón 500 mil personas aprendieron a leer y escribir y el gobierno se propone erradicar el analfabetismo para el año 2.000, objetivo grandioso en un país que, al día de la revolución contaba con un analfabetismo superior al 90% en los hombres y casi total entre las mujeres, muchas de las cuales andan aun hoy con el rostro cubierto. Se construyeron en el período de la revolución 400 escuelas (que constituían uno de los blancos predilectos de la contrarrevolución armada), 120 hospitales y centros médicos (con prioridad absoluta para la madre y el niño), habiéndose duplicado en ese lapso el número de médicos. La mortalidad infantil se redujo a la mitad.

En un país de hecho carente de empresas industriales, deben valorarse como éxitos muy significativos la erección de las instalaciones del yacimiento de gas de Jarkuduk, la fábrica textil de Kandahar, la de [illegible] de Kandahar, la de cemento de Herat, las viviendas de la construcción de viviendas en Kabul, construidas en su mayor parte con ayuda soviética. A la vez, el gobierno colabora al desarrollo de la industria privada. Sobre esas bases, el año pasado la renta nacional aumentó en 5%, y el comercio exterior duplica con creces el nivel prerrevolucionario, manteniendo actualmente Afganistán relaciones con 82 países.

A mediados de abril se celebró en la capital la primera conferencia panafgana de empresarios privados, con 400 industriales y comerciantes de todas las provincias, numerosas delegaciones del extranjero, firmas de la India, Japón, Hong Kong, Líbano, Austria, Checoslovaquia y la URSS. En estos 9 años se integraron 338 firmas privadas de capital nacional, entre ellas 115 el año pasado, con un capital de 1.800 millones de afganis (50 afganis = 1 dólar).

A tenor de la nueva ley de inversiones privadas, aprobada en vísperas de esta conferencia, los empresarios son eximidos por 6 años (antes eran 2 años) del pago de impuestos por utilidades y por transacciones comerciales. Se reducen los derechos de aduana por la materia prima importada, se conceden créditos para la adquisición de equipos, etc.

La otra cara de la medalla

Sin embargo, no todo es color de rosa. Azuzada por los agentes yanquis desde Pakistán, la contrarrevolución continúa asestando sus golpes desde las sombras. En un lapso de dos meses de este año, se registraron 750 bombardeos de ciudades, explosiones de minas-juguetes (una de las variedades más repulsivas del terrorismo, cuyas víctimas principales son los niños) en numerosas ciudades incluida la capital, los terroristas asesinaron a los jefes de las comisiones extraordinarias de pacificación en las provincias de Kunduz, Nangarhar y Kandahar, fue abatido un avión de pasajeros en la provincia de Paktia, provocando 35 muertes.

Actualmente, el objetivo definido de estos actos de provocación es sembrar el temor entre la población, minar su confianza en el nuevo curso emprendido por el gobierno y sabotear la orientación política en marcha. A pesar de su crueldad y de la vastedad de recursos puestos en acción desde Pakistán, hoy es difícil que tales objetivos puedan ser alcanzados. Lo dominante ahora es el avance de la política de reconciliación nacional.



Dirigentes de formaciones armadas son recibidos por los órganos de poder de las provincias para acordar las condiciones de la reconciliación. (Foto: A. Graschenkov. APN).

...Y SIGUE LA GUERRA EN AFGANISTAN

La guerra en Afganistán continúa empatada, pero la actividad militar ha aumentado por los dos lados. La lucha ha sido más difusa y menos predecible, durante el último año los mujaidines han llevado la guerra cada vez más a las ciudades principales del Afganistán, principalmente a la capital, Kabul, y al norte de la cordillera del Indu Koh.

La actividad de la resistencia afgana está muy extendida, y lleva a cabo operaciones en casi todas partes del país. Los mujaidines continúan mejorando en armas y en preparación, y estableciendo formas más eficaces de cooperación y coordinación. Han demostrado una capacidad en aumento para anular las operaciones de la República Democrática de Afganistán (RDA) y las soviéticas, y han progresado apreciablemente en defensa área, aumentando el uso de proyectiles han presentado su causa en varios países, entre ellos Estados Unidos, y ante diversas organizaciones islámicas e internacionales.

Las fuerzas soviéticas han puesto más énfasis en las operaciones a pequeña escala y en los ataques aéreos, y no con los grandes despliegues en los valles. Las tentativas soviéticas de fortalecer a sus aliados de la RDA no han dado resultado. Las fuerzas del régimen se siguen viendo paralizadas por la baja moral, la deserción y las disputas entre las facciones del partido, en lugar de arriésgar la vida de sus hombres, el cuadragésimo ejército soviético prefiere usar más potencia de fuego, tanto de artillería como de aeronaves, algunas veces con efectos devastadores.

En Kabul, Barmal, antiguo gobernante, fue reemplazado por un afgano respaldado por los soviéticos, Najibullah, el ex jefe de la policía secreta. El cambio en la dirección del partido, efectuado en mayo, fue el más importante en el régimen de Kabul desde 1979.

En noviembre, Karmal perdió su último cargo importante como jefe ceremonial de Estado. La expulsión de Karmal y las purgas de sus seguidores llevaron a complicadas diferencias de facciones dentro del partido de gobierno en el país, el Partido Popular Democrático de Afganistán (PPD).

La ocupación soviética ha devastado el campo. Aunque se han reducido las salidas de refugiados, los nuevos parecen haber sufrido más que los que abandonaron el país antes. Los soviéticos han incrementado los ataques de represalia contra los civiles. El régimen de Kabul ha violado consecuentemente los derechos humanos de los ciudadanos afganos, por medio del encarcelamiento indiscriminado la tortura y otras violaciones. El régimen de Kabul y los soviéticos han sido condenados por estos hechos por organizaciones internacionales independientes y la Comisión de Derechos Humanos de las Naciones Unidas.

Pakistán sigue firme en su respaldo al pueblo afgano a pesar de una incrementada campaña de sabotaje y subversión soviético-RDA en las áreas fronterizas. Las violaciones del espacio aéreo paquistaní se triplicaron, los bombardeos de artillería aumentaron aproximadamente cinco veces. Pakistán ha insistido en una solución de la crisis por medio de conversaciones en Ginebra auspiciadas por las Naciones Unidas. Hubo indicios de un creciente respaldo al pueblo afgano de parte de Irán.

En noviembre, las Naciones Unidas acordaron 122 a 120, con 11 abstenciones, un voto de censura por octava vez desde 1979, contra la presencia de fuerzas extranjeras en Afganistán, y demandar el regreso de ese país a una condición de independencia y no alineamiento.

España sigue vendiendo armas a Irán y a aliados de Irak

España exporta actualmente armas a Irán, y a una nación aliada de Irak, Jordania, a través del puerto de Barcelona. Un total de ocho envíos se han contabilizado desde el pasado octubre hasta marzo. El último de los cargamentos salió el 18 de marzo en el barco Urrida, con destino oficial a Lisboa, pero en realidad enfiló la ruta de Suez para llegar al puerto iraní de Bandar Abbás. Estas exportaciones cubrían inicialmente los requisitos legales, pues su documentación acreditaba destinos neutrales, pero igual que el Urrida, otros barcos modificaron su ruta.

08

029

Afganistán

PERLA

22/5/87 OPINIÓN

Irán-Irak

. 01 | 01

870624

CLARIN ★ Buenos Aires, miércole[illegible]

El régimen afgano va a convertir al Islam en religión del Estado

Luego de una sorpresiva visita relámpago a Moscú, donde se entrevistó con Mijail Gorbachov, Mohamed Najibullah, jefe del gobierno de Afganistán, anunció qué cargos de alta responsabilidad le serán ofrecidos a la oposición, incluidos la vicepresidencia del país y todos los ministerios, menos los de Interior, Relaciones Exteriores y Defensa. Afirmó que la nueva Constitución declarará al Islam como religión oficial del Estado

MOSCU, 21 (EFE, REUTER, AFP, AP y ANSA). — El titular del gobierno afgano, Mohamed Najibullah, hizo público hoy, en la capital soviética, un plan para repartir el poder con las fuerzas de oposición y anunció que la nueva Constitución del país reconocerá al Islam como religión oficial del Estado.

Najibullah afirmó esto en una rueda de prensa celebrada poco antes de regresar por vía aérea a Kabul, después de su sorpresiva visita de 48 horas a Moscú, donde se entrevistó con el líder soviético, Mijail Gorbachov.

El máximo dirigente afgano aseguró que el Partido Democrático Popular de Afganistán está dispuesto a compartir el poder con fuerzas de la oposición mediante la cesión de ministerios y cargos políticos de alta responsabilidad. Más aún, el dirigente afgano, ante la pregunta de si estaría dispuesto a dejar el poder en caso de que su presencia obstaculizara el proceso de reconciliación nacional en que está empeñado su gobierno, respondió: "Estamos dispuestos no solo a sacrificar nuestros cargos, sino también nuestras vidas".

Otra pregunta [illegible]

al retiro de las fuerzas soviéticas del territorio de su país. Najibullah dijo entonces que "un cronograma para el retiro solo puede decidirse luego del cese de la interferencia extranjera respaldada por Estados Unidos y sus aliados de la OTAN y cuando existan firmes garantías de que no serán reanudadas".

◆ Con el P.D.P. en el poder

Najibullah afirmó que su gobierno esta dispuesto a ceder a los grupos de oposición que quieran tomar parte de la reconciliación nacional, la vicepresidencia del gobierno, la vicepresidencia del Consejo de la Revolución y 23 ministerios, entre los que se encuentran los de Agricultura, Reforma Agraria, Geología y Recursos, Cuestiones Religiosas, Trabajo, Educación e Industria Ligera. Apuntó, sin embargo, que su gobierno no piensa entregar el control de la política exterior e interior.

A todo esto, la agencia Tass atribuyó a Mijail Gorbachov haber dicho que "la Unión Soviética desea que Afganistán siga siendo un Estado independiente, soberano y no alineado. El camino [illegible]

El líder afgano Najibull[illegible] (der.) aparece ayer, [illegible] Moscú, frente a la Tumba del Soldado Desconocido.

me, el tipo de gobierno que tenga y el programa de desarrollo que adopte son cosas que el pueblo afgano deberá decidir".

Otra de las preguntas que respondió a la prensa el líder afgano se refirió a si algunos de esos cargos podría ser ocupado por el ex rey Mohammad Zahir Sha, exiliado en Roma desde su derrocamiento en 1973. Najibullah respondió: "Todo está sujeto a negociación". Pero aclaró que el Partido Democrático del Pueblo "seguirá en el poder bajo cualquier coalición. El partido retendrá su papel organizador y [illegible]

Al referirse a la nuev[a] Constitución que se en[cuentra] en estudio, el líde[r] afgano dijo que el actua[l] nombre del país —República Democrática de Afganistán— cambiará por el de República de Afganistán, y repitió que esa Constitución reconocerá al Islam como religión y las tradiciones sobre el reparto de la tierra y el agua. Añadió que ese texto legalizará a los partidos políticos. "Ya se constituyó un partido musulmán y dentro de poco surgirá un partido liberal; incluso —dijo— quizá se formen partidos que representen a [illegible]."

01 01

8706526

Atentado en la capital afgana

Islamabad, Pakistán (UP) – Una bomba estalló en Kabul, la capital de Afganistán, matando por lo menos a tres personas y dejando gravemente lesionadas a otras diez, informó Radio Afgana en una trasmisión captada en Islamabad.

Las autoridades culparon del ataque a "elementos subversivos" que se oponen al régimen afgano respaldado por la Unión Soviética.

La bomba, puesta en una motocicleta, estalló a las 17.45. Inmediatamente, los heridos fueron trasladados a un hospital cercano.

Las víctimas no fueron identificadas, pero la radio dijo que dos de ellas eran niños.

En lo que va del mes, es la segunda bomba que ha estallado en la capital bajo ocupación soviética. El primero de julio, una bomba estalló a bordo de un ómnibus cerca del Ministerio de Educación, matando a una persona e hiriendo a nueve.

En ese incidente, según diplomáticos basados en fuentes locales, por lo menos tres personas perdieron la vida y 20 quedaron heridas.

ARCHIVAR EN: Afganistan (029)

TEMA: El líder afgano se entrevistó con Gorbachov. Una guerra incómoda.

PROCEDENCIA: Clarín 27/7/87

ARCHIVADO EN: URSS (036)

01|01 8706894

ARCHIVAR EN: Afganistan (029)

TEMA: Soviéticos preparan ofensiva en Afganistán

PROCEDENCIA: La Mañana 29/6/87

ARCHIVADO EN: URSS (036)

01|01 8707329

AFGANISTAN
ENERO URSS

029

80 soldados soviéticos muertos en Afganistán

NUEVA DELHI. — Unos 80 soldados soviéticos habrían muerto en combate en Afganistán, al atacar rebeldes afganos un puesto militar en el sudeste del país, según informan fuentes diplomáticas occidentales en Nueva Delhi.

El ataque se produjo el 10 de julio en las cercanías de la importante carretera de Jalalabad y se prolongó durante las dos últimas semanas, dice la información.

Por otra parte, los combatientes mujaidines musulmanes habrían tomado prácticamente el control de la ciudad de Herat.

Reconciliación

Por otra parte, el máximo dirigente afgano, Mohamed Najib, declaró al término de su visita a Moscú que el Partido Democrático Popular de Afganistán está dispuesto a compartir el poder con las fuerzas de oposición, mediante la cesión de ministerios y cargos políticos de alta responsabilidad.

Najib afirmó esto en una rueda de prensa celebrada poco antes de regresar por vía aérea a Kabul, después de su visita relámpago de 48 horas a la capital soviética, donde se entrevistó con el líder soviético, Mijail Gorbachov."

Najib llegó a Moscú el pasado domingo con el propósito de informar personalmente a Gorbachov del alcance de las nuevas medidas políticas decididas en Kabul, dentro del proceso de reconciliación nacional.

El pasado día 15, el gobierno afgano decidió prorrogar durante otros seis meses el alto el fuego unilateral y publicó un borrador de Constitución que legaliza la formación de partidos políticos.

La nueva Constitución, dijo Najib en la rueda de prensa, reconoce al islam como la religión oficial del país y que las fuerzas militares soviéticas se retirarán de forma escalonada a medida que cese la injerencia extranjera en los asuntos internos de Afganistán.

El Dia 22/7/87

Otro enclave de tensión: la URSS en Afganistán

PARIS, 12 (De "Le Monde", especial para Clarín). — Las noticias más recientes sobre el conflicto afgano señalan que, a falta de negociaciones, la guerra empobrece al país y amenaza cada vez más la estabilidad de la región. La explosión de tres bombas, el martes 11 de agosto, en una localidad de Pakistán cercana a la frontera entre los dos países, arrojo un saldo de por lo menos quince muertos y sesenta heridos. Al mismo tiempo, diplomáticos occidentales señalan que los sangrientos combates que se desarrollan desde principio de mes en las puertas mismas de Kabul, provocaron un flujo nutrido de refugiados a la capital afgana.

♦ Teoría y práctica

En la teoría, las dos grandes superpotencias podrían reducir esta guerra a la nada. A cambio del retiro militar soviético, EE.UU. pondría fin al envío de armas a los combatientes de la resistencia. Pero nada hace pensar que, dentro de esa hipótesis, los afganos encontrarían un terreno de entendimiento.

De todos modos, las tensiones inevitables entre los partidos, clanes o tribus solo tendrían una importancia menor y no bastarían para impedir el regreso de la masa de refugiados que residen en Pakistán e Irán.

Por otra parte, las autoridades de Kabul, de cualquier color que fueran, no tendrían más remedio que convivir con sus dos principales vecinos, la Unión Soviética y Pakistán.

Sin embargo, la práctica indica que Moscú no ha renunciado a su ambición de mantener por la fuerza en el poder de sus protegidos de Kabul, lo cual explica el fracaso de las propuestas de paz hechas desde diciembre.

Por su parte, los norteamericanos siguen alimentando la resistencia con misiles tierra-aire muy eficaces y otras armas modernas.

Los combates se suceden con pareja intensidad y hay más de cuatro millones de afganos exiliados en Irán y, sobre todo en Pakistán, donde su elevado número causa graves problemas, principalmente debido a la presencia clandestina de mercenarios que ponen bombas siguiendo órdenes de Kabul.

♦ Otras resonancias del conflicto

El régimen de Islamabad, al que le basta con sus propios problemas, se *inquieta* por la creciente impopularidad de la presencia de los refugiados, al tiempo que aprovecha la situación para seguir con su programa nuclear, con la ambición de construir su propia bomba atómica.

El gobierno calcula, en efecto, que EE.UU. tiene demasiada necesidad del punto de apoyo paquistaní, mientras dure la guerra de Afganistán, como para suprimir una ayuda crucial en nombre de la no proliferación de armas nucleares.

A su vez, este problema no hace más que alimentar las tensiones existentes entre Islamabad y Nueva Delhi y envenenar aún más las relaciones entre la India y EE.UU. Por otra parte, la guerra de Afganistán sigue siendo el principal obstáculo en las negociaciones sino-soviéticas, que acaban de ser retomadas en Pekín.

Así, a *más* de ocho años del ingreso de las tropas soviéticas en Afganistán, la estabilidad de la región sigue siendo sumamente precaria.

029

Afganistán prorrogará la tregua

Abril 12/87

La Prensa

NUEVA DELHI. — El gobierno afgano prorrogará por seis meses más el "cese el fuego unilateral" para facilitar el proceso de reconciliación nacional, según declaró ayer ante la prensa en Nueva Delhi el político afgano Sulaiman Layak, miembro del Comité Central del Partido Popular Democrático.

Layak aseguró que con excepción de "algunos extremistas formados por los Estados Unidos", y otros grupos hostiles nadie ha violado el cese el fuego en Afganistán.

El político afgano afirmó, igualmente, que unos 23 mil rebeldes se han pasado al bando gubernamental y que se está en tratos con otros 90 mil con el mismo fin.

Se calcula en medios occidentales que el número de los rebeldes en Afganistán se sitúa alrededor de los 150 mil.

029

PERLA

FRACASA LA RECONCILIACION NACIONAL EN AFGANISTAN

Una encrucijada para la URSS

MOSCU, 17 (Reuter). — La política de reconciliación nacional iniciada por Kabul afronta dificultades, lo que ha generado una confusión en las filas del Partido Comunista Afgano, informa hoy el diario soviético "Pravda".

El corresponsal en Kabul del periódico —órgano del Partido Comunista de la Unión Soviética (PCUS)—, Vadim Okulov, dice que la política de reconciliación destinada a terminar con la guerra entre el gobierno y los rebeldes musulmanes y a formar un gobierno de coalición con grupos opositores, choca con un inconveniente tras otro.

"Pravda" agrega que algunos rebeldes se niegan a negociar con el gobierno porque mucha gente común tiene poco conocimiento de la política y el plan de Kabul supone que este sector de la población modifique su forma de pensar.

Las fuerzas rebeldes, pertrechadas con armas avanzadas —entre ellas misiles antiaéreos estadounidenses Stinger capaces de guiarse por el calor—, continúan luchando en algunos puntos. A pesar de un cese de fuego dispuesto unilateralmente por el gobierno afgano y las tropas soviéticas, destacó el diario.

"El sector más agresivo de las fuerzas contrarrevolucionarias ha logrado agravar la situación en algunas zonas del país", añade.

"¿Significa esto que la política de reconciliación nacional fue un fracaso? En absoluto. Esto sólo demuestra que su implementación se ha tornado más dificultosa que lo previsto", considera el corresponsal soviético.

"Pravda" señala que esta política, estrechamente identificada con el presidente afgano Najibullah, es la única capaz de dar solución al conflicto. El periódico agrega que los ataques de los rebeldes fueron repelidos exitosamente.

Pero el diario agrega una serie de afirmaciones, las más francas formuladas hasta ahora por la prensa soviética, sobre las dificultades para poner en práctica la política de reconciliación.

01 | 01

8707604

029 ...TRO — EL PAÍS ... 6 d... de 1987

PERLA

Afganistán URSS

Testigos Relatan Atrocidades de los Soviéticos que Ocuparon Afganistán

WASHINGTON (por Bryan Brumley de The Associated Press).— Ocupado por el ejército soviético y rodeado de altas montañas, Afganistán está cerrado prácticamente a todos los occidentales, excepto a quienes se aventuran clandestinamente en el campo de batalla.

La odisea a Afganistán ha atraído a periodistas, médicos, abogados e incluso un legislador norteamericano, a quienes ha dejado impresas visiones de refugiados muertos de hambre, niños mutilados, viudas con el rostro oculto tras velos y por sobre todo, los fieros guerrilleros mojahedeen que luchan contra los soviéticos por el control de su patria.

"Fui porque pensé que podría tener aquí un poco más de influencia y también para decir lo que estaba bien y lo que estaba mal" en el programa norteamericano encubierto de asistencia a los guerrilleros, dijo el representante demócrata Charles Wilson, de Texas.

Wilson, miembro de Comité de Inteligencia de la Cámara Baja, que supervisa la ayuda, ha colgado de su pared el primero de los proyectiles antiaéreos "Stinger" enviados a las guerrillas hace algunos meses.

LEGISLADOR "DE INCOGNITO"

En noviembre pasado las autoridades fronterizas de Pakistán impidieron el paso de Wilson, pero el legislador volvió en febrero y se filtró en la frontera para pasar cuatro días cerca de Jost, en el oriente de Afganistán, donde descubrió lo que calificó de "programa del que la CIA puede estar orgullosa".

Los "Stinger" y "una intensificación masiva en el último año han dado vuelta las cosas", obligando a los aviones soviéticos a operar a demasiada altura como para ser efectivos y forzando a sus helicópteros a volar demasiado bajo, al alcance de las ametralladoras de los guerrilleros, dijo Wilson entrevistado en su oficina en el Capitolio.

La periodista Jan Goodwin y el abogado Charles Norchi también entraron en Afganistán y el cuadro que describen tiene más de sufrimiento que valentía y más víctimas que héroes.

"Fui para hacer una historia de las refugiadas (en Pakistán) y cuando llegué allí no pude creer las historias que oí. Pensé que eran exageradas. Así que decidí ir", dijo Goodwin, Directora Ejecutiva de "Ladies Home Journal". Después de su viaje escribió el libro "Caught in the crossfire", su historia sobre Afganistán.

"Cuando fui allí, vi un país que había sido perforado, con laderas devastadas, aldeas aplastadas, niños muriendo de inanición. Los veía caerse muertos a mis pies mientras pasaba por las aldeas", dijo Goodwin en una entrevista.

Norchi y sus colegas documentaron numerosos casos en que los soviéticos o sus aliados del gobierno afgano torturaron civiles, violaron mujeres, mataron niños y redujeron aldeas a escombros. Y hallaron que parte del sufrimiento más severo se debía al hambre.

ATACAN A REFUGIADOS

Los aviones soviéticos han intensificado sus ataques contra campamentos de refugiados en Pakistán y unos 20.000 efectivos especiales soviéticos, Spetsnaz, han llegado para encabezar la guerra en Afganistán, según Wilson, Goodwin y funcionarios del gobierno norteamericano.

Los rusos han hecho todo lo posible para ocultar la guerra a los ojos de Occidente. Vitaly Smirnov, el embajador soviético en Pakistán, dijo hace dos años a los periodistas: "Les advierto y por intermedio de ustedes a todos sus colegas periodistas, dejen de tratar de filtrarse en Afganistán con las llamadas guerrillas. De ahora en adelante, los bandidos y los llamados periodistas que les acompañen, serán muertos".

Pese a la amenaza, Goodwin pasó tres meses con las guerrillas en Afganistán y produjo una de las versiones más detalladas de la guerra que se conocen.

Entre las historias más conmovedoras se cuentan las siguientes: Fátima Nassery, torturada durante 25 días en Kabul, ocupada por los soviéticos, porque protestó los planes de enviar a su hija de edad escolar, a la Unión Soviética para un adoctrinamiento durante doce años. Después de desnudarla y aplicarle la picana eléctrica durante un interrogatorio, dijo Nassery, sus verdugos "me llevaron a otro cuarto, estaba apenas iluminado, pero pude ver manchas de sangre por todos lados. En el piso había dedos amputados".

SECUESTRAN NIÑAS

Abdul Rehman, de 17 años, quien se incorporó a los mojahedeen después que su hermana de 15 años fue secuestrada por soldados soviéticos para desaparecer. En una franja aislada del centro de Afganistán, dijo Goodwin, "tres helicópteros aterrizaron cerca de un campamento nómada y secuestraron a cuatro niñas. Mientras los helicópteros sobrevolaban una aldea cercana, arrojaron las ropas de las niñas. Poco después, les siguieron los cuerpos desnudos de las muchachas".

Norchi dejó una lucrativa práctica privada para unirse a un equipo internacional de abogados que realizó numerosas entrevistas en Afganistán y Pakistán. Haciendo caso de los testigos esperan hacer una sólida presentación legal para convencer a la Comisión de Derechos Humanos de las Naciones Unidas, que los soviéticos son en Afganistán, culpables de masivos crímenes de guerra, linderos en el genocidio.



Drama

Un niño de Afganistán agoniza en los brazos de su padre en un campamento de refugiados en Pakistán. (AP)

01 | 01

8708371

029

Le Monde
Exclusivo EL DIA

EL DIA 10/8/87

Moscú entrampado en Afganistán

La visita relámpago que efectuó hace poco a Moscú el jefe del régimen afgano, Najibullah, tiene mucho más significado que el solo resultado concreto, de carácter simbólico, que de ella surgió: la promesa de un asiento a bordo de una nave espacial soviética para un cosmonauta afgano. Más bien refleja un comienzo de comprobación del fracaso en ese conflicto en que se empantana su ejército.

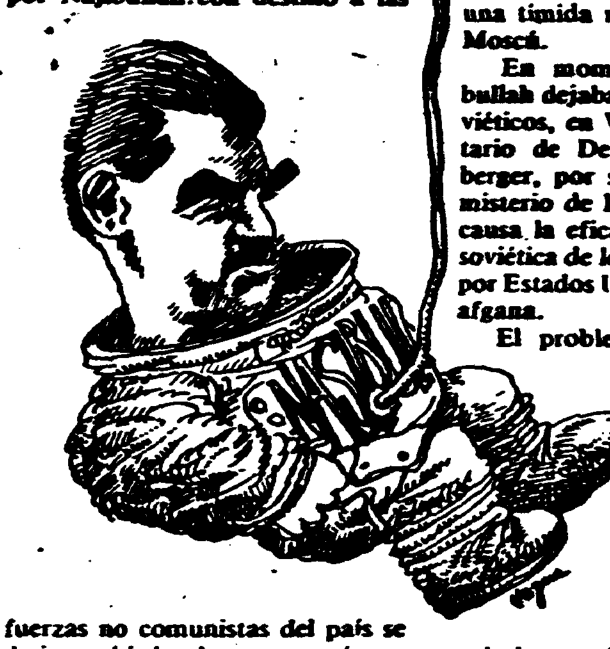
Todas las indicaciones que provienen de Afganistán, en efecto, permiten concluir que esta guerra representa un costo muy elevado para Moscú. En hombres, en primer lugar, como lo atestiguan los reportajes que publica la prensa soviética, cuyo nuevo realismo hace recordar al que otrora, proveniente de Vietnam, se podía leer en la prensa occidental. La publicación de tales escritos, consecuencia evidente de la "transparencia" gorbachoviana, apunta a hacer eco a la inquietud que se abre paso en la población soviética. La guerra de Afganistán no es percibida como un asunto externo que compete solo a militares profesionales, sino como un mal que afecta a las familias en que se reclutan los conscriptos enviados al combate.

De creerle a los expertos, el costo en material, por otra parte, ha alcanzado proporciones que por cierto no habían previsto los estrategas de la época de Brezhnev cuando decidieron la invasión de Afganistán, que ya no se oculta en Moscú que fue un error funesto. Al ritmo de un aparato perdido cada día bajo el fuego de los resistentes, la aviación soviética está demostrando que no logrará proteger el repliegue en forma ordenada y progresiva, tal como quizás lo deseaba Gorbachov.

En términos políticos y diplomáticos, por último, los países occidentales han hecho comprender a Gorbachov que de acuerdo a la evolución de la situación en Afganistán juzgarán sus buenas intenciones en materia de distensión. En cuanto a China, cuyo mejoramiento de relaciones con Moscú constituye uno de los grandes temas que Gorbachov quiere hacer avanzar, ella considera igualmente que a falta de un arreglo en Camboya una leve mejoría en Afganistán sería un paso en la buena dirección.

Ahora bien, Gorbachov acaba de reconocer ante Najibullah, que Moscú no tenía por el momento otra solución que seguir apoyando una política que, desde hace seis meses, no ha rendido ningún fruto. Los ofrecimientos esgrimidos por Najibullah con destino a las fuerzas no comunistas del país se detiene ahí donde comenzaría un cuestionamiento de la supremacía que el Partido Comunista pro soviético piensa seguir ejerciendo. Y aunque sabe a Najibullah particularmente impopular en Afganistán debido a su carrera pasada a la cabeza de los servicios secretos de Kabul, Gorbachov no tuvo una sola palabra para su predecesor, Babrak Karmal, alejado el año pasado por haber dado muestras de una tímida reticencia respecto de Moscú.





En momentos en que Najibullah dejaba a sus anfitriones soviéticos, en Washington, el secretario de Defensa Caspar Weinberger, por su parte, hacía poco misterio de la satisfacción que le causa la eficacia ante la aviación soviética de los cohetes entregados por Estados Unidos a la resistencia afgana.

El problema es saber, pues, cuándo estará Gorbachov en condiciones de imponerle a sus pares la consecuencia lógica de este impasse militar y político: una retirada que pondría fin a una satelización de Afganistán por parte de Moscú.

Najiv se entrevistó con Gorbachov

Afganistán: Moscú estudia un nuevo retiro de tropas

La Nación 21/9/87

La Unión Soviética sigue detenidamente el desarrollo de la situación política en Afganistán para decidir sobre una nueva retirada parcial de las fuerzas militares estacionadas en ese país asiático, aseguraron ayer fuentes diplomáticas europeas.

MOSCU. (ANSA, EFE UPI).- La visita inesperada a Moscú del máximo dirigente afgano, Mohamed Najib, suscitó un intenso intercambio de impresiones entre los Embajadores de países occidentales acreditados en esta capital.

Najib sostuvo una entrevista en el Kremlin con el líder soviético, Mijail Gorbachov, a quien presentó un informe detallado de la situación presente en Afganistán, después de la promulgación de importantes medidas políticas.

Medios oficiosos soviéticos dijeron que Najib explicó a Gorbachov las razones que le movieron a prorrogar por otros seis meses el alto el fuego unilateral, decretado por vez primera el pasado 15 de enero.

Las fuerzas gubernamentales afganas se abstendrán hasta principios del año que viene de atacar a los grupos rebeldes que respeten el alto el fuego, pero continuarán la búsqueda y captura de los traficantes de armas.

Una fuente diplomática occidental, con varios años de experiencia directa en el problema afgano, aseguró que el programa de reconciliación nacional tendiente a la pacificación del país, evoluciona de forma satisfactoria para el Kremlin, que tutela permanentemente el proceso.

En opinión del experto, Gorbachov desea resolver cuanto antes la guerra interna en Afganistán, que constituye uno de los puntos negros de la política internacional soviética, para proceder a una nueva retirada de tropas.

CONDICIONES

Con el fin de neutralizar internacionalmente al país asiático, la URSS exige como condición previa la suspensión de las injerencias exteriores y el término de las hostilidades militares.

Después de la retirada de 8.000 soldados, anunciada en julio del año pasado, la URSS mantiene todavía más de 100.000 hombres en Afganistán, según datos estadounidenses.

La retirada parcial de hace un año, considerada simbólica por muchos gobiernos occidentales, se decidió con el propósito de impulsar la solución política del problema de Afganistán e imprimirle un nuevo empuje, dijo el mismo Gorbachov.

En las actuales condiciones [illegible] que el régimen de Kabul considera un éxito en la aplicación de la política de reconciliación nacional, el Kremlin podría optar por una nueva retirada parcial de sus contingentes antes de fin de año.

En el plano internacional, esta decisión contribuiría a crear un ambiente favorable a la URSS antes de la próxima cumbre entre Gorbachov y el Presidente de Estados Unidos, Ronald Reagan, que está prevista para el último trimestre de este año.

Interiormente, la población de la URSS también acogería la decisión positivamente, en unos momentos en que el proceso de glasnost (transparencia) ha puesto de manifiesto una generalizada actitud social en contra de la movilización de jóvenes soviéticos hacia Afganistán.

El pasado miércoles, Najib anunció la prolongación del alto el fuego y la prensa de Kabul publicó el borrador de la nueva Constitución, que será sometida a un amplio debate público y que autoriza la formación de partidos políticos, un caso sin precedentes en los países de la órbita soviética.

Retirada soviética en doce meses

Kabul revela calendario

GINEBRA, (ANSA, EFE y UPI).- Afganistán y Paquistán reanudaron ayer sus negociaciones indirectas, por intermedio de las Naciones Unidas, con una oferta de Kabul de retirada de las fuerzas soviéticas en el plazo de doce meses, según fuentes bien informadas.

Ni el subsecretario de la ONU y representante personal del secretario general en las conversaciones, Diego Cordovez, ni los ministros de Asuntos Exteriores afgano, Abdul Wakil, o paquistaní, Sahabzada Yaqub Khan, hicieron manifestación alguna al inicio de las conversaciones.

A la salida de su primera entrevista con la delegación afgana, Cordovez se negó a hacer declaraciones o a confirmar la existencia del nuevo calendario de retirada.

Es demasiado pronto. No puedo decir nada. Deben comprender que no se trata de un asunto simple, sino muy complicado, destacó.

Al recibir a la representación de Paquistán -que, según comentó Cordovez, es cada vez más numerosa- el mediador de la ONU reconoció ante Yaqub Khan que la mayor parte de la primera reunión con la delegación afgana la pasamos tratando del calendario de retirada.

La retirada militar soviética de Afganistán continúa siendo el último y mayor obstáculo para la conclusión de un acuerdo.

La importancia de la nueva fase iniciada ayer, y que durará tres días, reside en el hecho de que sucede, una semana después, a la reunión en Washington del Secretario de Estado norteamericano, George Shultz, y el Ministro de Asuntos Exteriores de la URSS, Edouard Shevardnadze.

El Departamento de Estado anunció oficialmente la celebración en Ginebra los días 10 y 11 de un encuentro entre el Vicesecretario Adjunto de Estado para Asuntos de Oriente Medio, Edward Djerejian, y el Jefe del Departamento para Asuntos de Oriente Medio del Ministerio de Asuntos Exteriores soviético, Yuri Alekseyev.

01 | 01

370859 3

029

La Nación 28/8/87

Máximo secreto rodea reuniones

Afganistán y Paquistán continuan negociaciones

GINEBRA (ANSA, EFE y UPI).- El máximo secreto rodea las negociaciones indirectas que Afganistán y Paquistán celebran en Ginebra, bajo los auspicios de la ONU, sobre el calendario de retirada de 115.000 soldados de la URSS de Afganistán.

Ninguna información oficial fue facilitada ayer por los Ministros de Asuntos Exteriores de Afganistán y Paquistán, Abdul Wakil y Sahabzada Yaqub Khan, respectivamente, o por el subsecretario de Naciones Unidas y mediador entre ambas delegaciones, el ecuatoriano Diego Cordovez, al principio o término de las respectivas entrevistas.

Un diplomático afgano, miembro de la delegación de su país, se limitó a decir a los informadores que aguardaban impacientes algún comentario, que era demasiado pronto para pronunciarse.

El subsecretario de la ONU manifestó en relación a las negociaciones que el hecho de hablar ya es algún progreso y el jefe de la diplomacia paquistaní se limitó a esbozar una sonrisa.

A falta de información aquí, se rumorea que Cordovez se entrevistó a primera hora de ayer con Yuli Alekseyev, jefe del Departamento soviético para Oriente Medio.

Alekseyev se encontraba, previsiblemente, ayer en Ginebra para preparar su reunión sobre Afganistán y Oriente Medio con el vicesecretario norteamericano de Estado adjunto para Asuntos de Oriente Medio y Sudeste asiático, Edward Djerejian.

Dicha reunión, la cuarta de una serie acordada por el Presidente estadounidense, Ronald Reagan, y el líder soviético, Mijail Gorbachov, cuyas tres primeras ediciones se celebraron en Helsinki, Viena y Ginebra, tendrá lugar los días 10 y 11 de setiembre en esta ciudad suiza.

El portavoz del Departamento de Estado norteamericano, Charles Redman, confirmó en Washington que el centro de las conversaciones será Afganistán así como la situación en el golfo Pérsico, pero negó que fuera una continuación de las negociaciones que se celebran bajo los auspicios de la ONU, ni que estuvieran vinculadas a las mismas.

La presentación de un calendario basado en un plazo de retirada de 12 meses para que los soldados soviéticos salgan de Afganistán no fue tampoco confirmada por los participantes en las actuales conversaciones, que en principio se prevén terminen hoy.

01 | 01 8708612

La Mañana
MONTEVIDEO, LUNES 7 DE SETIEMBRE DE 1987

Estudiarán en Ginebra retirada de soviéticos

Reanudan diálogo sobre conflicto de Afganistán

Las negociaciones indirectas sobre el conflicto de Afganistán se reanudarán hoy en Ginebra, bajo los auspicios de la ONU, para estudiar un nuevo calendario de retirada de las fuerzas soviéticas propuesto por Kabul, según fuentes bien informadas.

GINEBRA, (ANSA, EFE y UPI).- Igor Rogatchev, funcionario del Ministerio de Asuntos Exteriores soviético, anunció la semana pasada que en Ginebra se presentarán hoy fechas precisas.

La retirada militar de la URSS continúa siendo el último y mayor obstáculo a la conclusión de un acuerdo entre Afganistán y Pakistán, que celebran conversaciones indirectas (ya que no mantienen relaciones diplomáticas) a través del ecuatoriano Diego Cordovez, representante personal del Secretario General de la ONU, desde junio de 1982.

Cordovez, que se entrevistó el 1° de setiembre en Washington con el Subsecretario de Estado norteamericano para asuntos políticos, Michael Armacost, negó conocer la propuesta de Kabul, destacó la importancia de que el proceso se mueva y expresó su desconfianza en que la fase que comienza mañana sea la última.

Kabul fue quien pidió en esta ocasión la continuación de las discusiones, que concluyeron su décima serie el 10 de marzo en Ginebra, bloqueadas por las intransigentes posiciones defendidas por los Ministros de Asuntos Exteriores de Afganistán, Abdul Wakil, y de Pakistán, Yakub Khan.

El Gobierno afgano propuso la retirada soviética en 18 meses e Islamabad exigió la salida de unos 115.000 soldados de la URSS, según estimaciones estadounidenses, en un plazo de siete.

El nuevo calendario, que se presentará hoy en una nueva fase de conversaciones que durará tres días, según un portavoz de la ONU, fijaría un plazo de 12 meses, y según informaciones procedentes de Washington, Estados Unidos aceptaría dicho período como máximo.

La posición oficial norteamericana es que la retirada debe producirse en meses y guiarse solamente por consideraciones logísticas.

Las dos superpotencias aceptaron ser garantes del acuerdo global que establezcan los Gobiernos de Kabul e Islamabad en estas negociaciones, en las que no participan los mujaidines de la resistencia afgana, que combaten a las fuerzas soviéticas desde 1979, lo que pesa significativamente para llegar a un acuerdo y su puesta en práctica.

PROYECTO DE ACUERDO

En su forma actual, el proyecto de acuerdo se refiere al fin del estado de guerra, a sus consecuencias directas como la repatriación voluntaria de unos siete millones de afganos, que huyeron a Pakistán o Irán, el establecimiento de relaciones diplomáticas entre ambos países y de garantías internacionales de no injerencia y no intervención.

Sin embargo, el documento no habla del Gobierno que en Kabul seguirá a la conclusión del acuerdo, y según un representante de la Alianza que integra a los principales partidos mujaidines reconocidos en Pakistán, este país desea la instalación de un Gobierno interno, imparcial y aceptable que supervise la retirada de los soldados soviéticos y organice elecciones democráticas.

Los esfuerzos para conseguir un acuerdo pueden fracasar si no tiene éxito el proceso de reconciliación nacional interna lanzado en enero por el Gobierno afgano, que ha recibido muy poco apoyo de la guerrilla y que trata del alto al fuego, de la liberación de los detenidos y de eventuales elecciones parlamentarias hacia un Gobierno interino.

La falta de una personalidad política fuerte en los grupos mujaidines o en la comunidad afgana exiliada es un importante obstáculo para la formación de una Administración interina.

El antiguo rey de Afganistán, Zahir Chah, exiliado en Italia, que no cuenta con mucho apoyo entre la resistencia y con quien se entrevistó Cordovez en julio tras una visita a Moscú, rechazó encabezar un Gobierno interino, pero se declaró dispuesto a ayudar a un acuerdo político.

ARCHIVAR EN: Afganistán (029)

TEMA: "Experiencia en Afganistán" vía para ascender.

PROCEDENCIA: La Prensa 20/3/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

01|01

8708678

Los afganos luchan ferozmente contra el invasor

Hoy combaten a los Nicolas, los soviéticos, como en el pasado lo hicieron a Alejandro El Grande, a los mongoles, a los árabes, a los ingleses. Es la guerrilla afgana. Cuando el viejo sistema feudal comenzaba a declinar, la invasión soviética de Afganistán ha provocado que se aglutinen en la resistencia los señores de la guerra de antes. Mientras existen conversaciones para lograr la pacificación y se busca la figura de un Rey mediador, la guerra sigue, implacablemente.

Nada ha cambiado en Afganistán desde hace siglos. Hoy como ayer los mujahedines combaten al invasor, que esta vez viene del norte, tiene cabellos rubios y es apodado Nicolas. Cerca de 30.000 hombres se estima que han perdido los soviéticos desde que ocuparon el país hace siete años y dio comienzo una guerra que se ha cobrado ya medio millón de víctimas y ha desplazado a cinco millones de afganos fuera de sus fronteras, de una población de dieciocho millones.

Una guerra que, a pesar del sofisticado armamento que emplean ambas partes sigue siendo, paradojicamente, una lucha feudal. Situado geográficamente entre la URSS, Irán y Pakistán, Afganistán ha sido un país casi permanentemente invadido a lo largo de su historia.

No es de extrañar que uno de los inspiradores de la resistencia, Idris Shah, confiese al periodista que visita este peculiar campo de batalla que "mi pueblo es desde hace miles de años un pueblo de guerreros, conoce el arte de la guerra".

Idris Sahah es heredero de una familia de guerreros afganos cuya genealogía se remonta al año 800.

Con veintisiete etnias e idiomas diferentes, la dispersión, división y atomización son las características fundamentales de una guerrilla que no tiene un jefe único. Según cuenta Idris, la resistencia en Afganistán son doscientos jefes importantes.

"Nosotros decimos que cuando se corta la cabeza el cuerpo muere. El 90 por ciento de los intelectuales, aquellos que habrían podido ser los líderes de la resistencia estan muertos o han sido hechos prisioneros. Los siete partidos políticos afganos que han emigrado a Pakistán están en permanente conflicto", dice Idris.

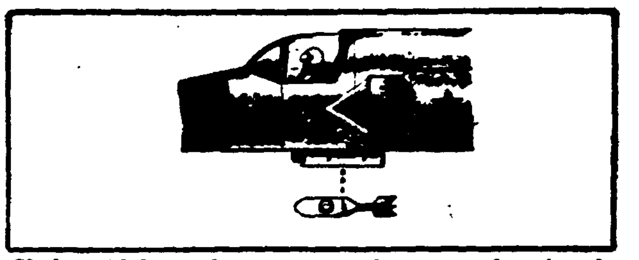
He aquí la paradoja de esta guerra. Una guerra presentada por los medios de comunicación americanos como el Vietnam ruso. Tal y como confirma el viejo guía, faro de la resistencia, "son los jefes tradicionales quienes hay tomado el mando".

Son los grandes señores de la guerra antes, "los descendientes de los que combatieron a Alejandro El Grande, a los mongoles, a los árabes, a los ingleses. Cuando el viejo sistema feudal comenzaba a declinar, la llegada de los rusos ha reforzado el establecimiento de su poder", afirma Idris Shah.

El problema de la tierra, pero sobre todo del agua, enfrenta a estos señores feudales con un sistema político de corte marxista que esta empeñado en llevar a cabo una reforma agraria que no permite la propiedad de más de 15 acres (unas 8 hectáreas).

Hace siete años que comenzo esta guerra, una guerra de escaramuzas cruel y rápida que deja sembrados de esqueletos metálicos las quebradas y que afecta fuertemente a la población civil.

"Cuando los rusos penetraron en Afganistán en 1979 sus tropas actuaron como si trataran de invadir la gran planicie de Alemania del Norte –cuenta Idris Shah–. Millares de tanques se lanzaron al asalto de nuestras montañas. Las máquinas volcaron. Los soviéticos, de espíritu mecánico y carentes de imaginación, necesitaron meses con su lenta burocracia para reaccionar.



Y, como en cualquier fabula de la Edad Media, también existe un tesoro legendario y escondido. La historia se remonta a varios siglos atras. Cuando a Idris se le comenta la historia sonríe, pero no lo niega: "ese tesoro existe. Un anciano Rey de Afganistán trajo su fortuna en oro de la India. Se detuvo en Kandahar para hacerse coronar y enterró el tesoro. Yo mismo fui al lugar y me pregunté en que sitio habría escondido el tesoro si hubiese estado en su lugar. Pense en Kajakai, en razón de su posición estrategica. Naturalmente, nada es seguro, pero el tesoro existe aunque se haya exagerado su valor. El tesoro se ha convertido en un mito para nosotros. Nos falta demasiado material, municiones".

La guerrilla afgana recibe cada día de EE.UU. mayor cantidad y más sofisticado armamento. Ya no son solo los fusiles de asalto AK-47 o las RPG-7 lanzagranadas, sino, sobre todo, los misiles Stingers tierra–aire, temidos por los pilotos de los Migs o los helicópteros soviéticos.

No en vano, estos misiles se han convertido en el arma más poderosa de la guerrilla. Cinco MI-24 fueron derribados durante el pasado abril en los cielos afganos por los guerrilleros. Los rusos han contraatacado, y han enviado oleadas de Migs desde la base de Bagram, en las afueras de Kabul.

La guerra química tiene dos nombres en afganistán: napalm y gas. Las denuncias de la guerrilla se centran en los bombarderos con napalm, "que contiene fósforo y causa atroces quemaduras", y en la utilización de un gas "vaporizado por avión a baja altura como un insecticida".

"El "Tila-Tika" es otro invento soviético empleado en las torturas. El prisionero que se niega a hablar es cortado en trocitos. Primero, una falange, luego, otra, otra y en seguida suben. La cámara de tortura instalada en un sótano del ministerio del interior es siniestramente célebre. Pero el centro de interrogatorios más terrible esta instalado en una soberbia casona en los alrededores de Kabul", denuncia Idris Shah.

En cuanto al ejército afgano la guerrilla afirma que la mayoría de sus hombres han desertado y se han pasado a sus filas.

Las verdaderas víctimas de esta guerra son, como en todas partes, los refugiados. Tres millones de afganos han cruzado la frontera con Pakistán y viven en 323 campos, escalonados en la frontera, hambrientos, hacinados y con enfermedades. Otros dos millones han ido a Irán. El gobierno pakistaní calcula que necesitaría medio millón de dólares diarios para atenderlos. Y sólo tiene 200 millones al año de ayuda internacional.

029

LA MAÑANA 20/4/87

Especulan que calendario de retirada soviética no fue presentado

Sin progresos aparentes en diálogo afgano-paquistaní

GINEBRA. (ANSA, EFE y UPI). Las negociaciones indirectas que celebran Afganistán y Paquistán en Ginebra bajo los auspicios de la ONU para poner fin al conflicto afgano continuaron ayer con una aparente falta de progresos y el máximo secreto.

Todo parece indicar que las conversaciones entre los respectivos Ministros de Asuntos Exteriores, Abdul Wakil y Sahabzada Yaqub Khan, concluyeron ayer una nueva fase sin grandes avances.

Ninguna información oficial fue facilitada al término de las reuniones mantenidas por la mañana entre el subsecretario general de la Organización de Naciones Unidas y representante personal del Secretario General, el ecuatoriano Diego Cordovez, y cada una de las delegaciones.

La única confirmación de la existencia de algún tipo de movimiento en las conversaciones la proporcionó un miembro de la delegación paquistaní al afirmar hoy que Kabul había ofrecido cambios muy pequeños en propuestas anteriores.

En la tarde de ayer continuarán las reuniones de las delegaciones por separado y con Cordovez, trasladándose de una sala a otra para expresar las opiniones respectivas.

Las especulaciones aumentan con el paso de las horas, mientras que algunas fuentes han negado que la presentación del nuevo calendario para la retirada de los 115.000 soldados soviéticos de Afganistán haya siquiera tenido lugar, asunto que continúa siendo el último y mayor obstáculo para la conclusión del acuerdo global.

No solamente es necesario establecer cuánto tiempo durará la retirada militar, que Paquistán desea sea el menor posible, sino desde cuándo comenzará a contar.

Nora

01|01

8709436

029

ARMAS NORTEAMERICANAS PARA REBELDES AFGANOS

Aumenta la presión

WASHINGTON, 21 (Por David Ottaway de "The Washington Post", especial para Clarín). — No convencida de que la Unión Soviética esté dispuesta a retirar sus tropas de Afganistán, la administración Reagan ha decidido enviar morteros de largo alcance y equipos para barrido de minas a la insurgencia afgana (armada por EE.UU.) en un intento por ayudar a poner sitio a las bases militares soviéticas y afganas.

Según el gobierno norteamericano y otras fuentes, la decisión de enviar pesados morteros de 120 mm y cuerdas explosivas para despejar el camino en los campos de minas fue tomada a principios de este verano (boreal), antes del fracaso de la última ronda de conversaciones de paz que se realizaron en Ginebra entre Pakistán y el gobierno comunista de Kabul.

El representante estadounidense por el estado de Texas, Charles Wilson —integrante del comité de inteligencia de la Cámara baja y efusivo defensor de la resistencia afgana— confirmó estas informaciones y adelantó que los morteros y equipos de barrido de minas llegarían a Afganistán "para la época de las primeras nieves", esto es octubre o noviembre, por lo general.

Esta decisión refleja la impresión generalizada en Washington de que si bien los soviéticos están ansiosos por retirar de Afganistán sus aproximadamente 115.000 efectivos, aún no se han resuelto a hacerlo si ello significa una derrota para el débil gobierno afgano y una victoria para los rebeldes anticomunistas.

A principios de este año, Washington había decidido incrementar la presión sobre los soviéticos enviando cientos de misiles antiaéreos Stinger a los insurgentes, quienes han demostrado saber usarlos muy bien contra las naves soviéticas.

"Una prueba más"

Por su parte, los funcionarios soviéticos se han quejado acaloradamente por este gesto de Estados Unidos (de enviarle tecnología militar a los insurgentes) e indicado que ello dificulta cada vez su retiro de Afganistán. Es probable que los soviéticos vean a esta última decisión de Estados Unidos como una prueba más de que la administración norteamericana está más interesada en una derrota soviética en Afganistán que en un arreglo político.

Los insurgentes afganos, por su parte, han estado presionando por los morteros y los equipos barredores de minas de modo de poder comenzar a sitiar en forma más efectiva las ocho grandes bases aéreas que poseen los soviéticos y los aproximadamente 30 cuarteles —de Afganistán o de la URSS— con pistas aéreas, que están diseminados a lo largo de todo el país asiático.

Los morteros nuevos, con un alcance mayor del que tienen ahora en sus manos los rebeldes, permiten la realización de ataques desde una distancia mucho más grande. En tanto que los equipos barredores de minas le harían posible a los insurgentes penetrar en bases aisladas.

Funcionarios de inteligencia norteamericanos estiman que no más de 15.000 de los 115.000 efectivos soviéticos en Afganistán se encuentran comprometidos en acciones de combate. El resto participa de actividades logísticas o de seguridad en pistas aéreas y zonas urbanas.

Fuentes de Estados Unidos bien informadas aclararon que lo que aún no se decidió es si Washington enviará una versión española o israelí del mortero de 120 milímetros. Ambos son mucho más livianos que el mortero norteamericano de 107 milímetros.

01|01

HR/

029

COMO PAGA AFGANISTAN

Es legítimo preguntarse por qué la Unión Soviética persiste en el costoso operativo que supone la ocupación de Afganistán, agregando una nueva carga a la que soporta desde hace más de cinco lustros con Cuba, con Angola, y más recientemente con Nicaragua. La respuesta es muy simple: Moscú compensa sus enormes gastos en el Cercano Oriente explotando los recursos naturales de Afganistán, que no son pocos y que incluso pueden dejarle algún beneficio.

El país es rico en cobre, gas, hierro, petróleo y piedras semi-preciosas. Además tiene uranio en cantidades aún no evaluadas. *No satisfechos con esto, los soviéticos también* se llevan alfombras, algodón, pieles, frutas y verduras. Moscú invierte en Afganistán una suma cercana a los 3.000 millones de dólares anuales, y se lleva en pago todo lo que puede, sin importársele el progresivo empobrecimiento del país. De nada sirve que los afganos se quejen, por ejemplo, de no tener gas. El año pasado los soviéticos se *quedaron con 2.400 millones de los 2.600* millones de metros cúbicos de gas natural producidos.

La parte del león, sin duda, que supone un equivalente a 300 millones de dólares. En lo que se refiere a metales, la situación es muy similar. Las montañas adyacentes al pueblo de Ainak, al Sur de Kabul, albergan uno de los depósitos de cobre más ricos del mundo y los soviéticos han comenzado su explotación protegiendo esa aislada zona con un cerco de tropas y campos minados.

El interés de los rusos por los recursos naturales de Afganistán se remonta a los años 60, época en que equipos de técnicos soviéticos efectuaron un relevamiento completo del suelo del país.

Aparte de las riquezas que sustrae de Afganistán, Moscú dispone allí de un importantísimo campo de prueba para sus nuevas armas y tácticas militares, en condiciones reales de batalla. Fuentes de la OTAN aseguran que las experiencias extraídas de Afganistán, le sirven de base a los soviéticos para los planes tácticos de sus fuerzas en Europa. Pese a los deseos expresados por Mijail Gorbachov de retirar sus tropas de aquel país, existen elementos que inducen a pensar lo contrario.

el País 8/10/87

01 | 01

8709613

HB

ARCHIVAR EN: Afganistan (029)

TEMA: La URSS acordaría sobre Afganistan.-

PROCEDENCIA: Clarín 4/9/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

01|01 8709618

HR

029

Najib Presidente del Consejo en Afganistán

MOSCU (ANSA, EFE y UPI).- Mohamed Najib, Secretario General del Comité Central del Partido Democrático Popular de Afganistán, fue elegido ayer Presidente del Consejo Revolucionario, informó la agencia soviética Tass desde Kabul.

Najib fue designado igualmente Presidente del Presidium del Consejo Revolucionario en una reunión plenaria del máximo órgano estatal sancionador.

En la práctica, las funciones de Presidente del Consejo Revolucionario equivalen al cargo de Jefe de Estado, de forma que Najib se consolida como el "hombre fuerte" de Afganistán en una etapa en que el régimen desarrolla una política de reconciliación nacional y diálogo con la oposición armada.

Según la información de Tass, Mohamed Tsamkani fue elegido Primer Vicepresidente del Presidium del Consejo Revolucionario.

En otro orden, el encargado de negocios de la Embajada afgana en Italia, Nazir Fedaih, dijo ayer en Roma que el ex Rey Zahir Sciá, que desde 1973 vive en el exilio en la capital italiana, puede regresar a Kabul sin que se le oponga ningún obstáculo.

Esto no significa que se haya pensado en restaurar la monarquía, precisó.

Durante una rueda de prensa convocada para informar sobre el proceso de reconciliación nacional, el diplomático afgano precisó que Kabul está dispuesto a dar la bienvenida al ex soberano, si decidiese regresar para colaborar en las negociaciones para la formación de un gobierno de coalición.

La Nación 1-10-87

029

Tres muertos en atentados con bombas en Afganistán

MOSCU, (ANSA, EFE y UPI).- Tres personas resultaron muertas en uno de los varios atentados con bombas que se registraron en la ciudad afgana de Peshawar, entre grupos rivales de rebeldes afganos, informó ayer la agencia Tass.

La agencia oficial de noticias de la URSS, en un despacho fechado en Kabul, dijo que una de las bombas estalló en el campo Nasser, donde los rebeldes reciben entrenamiento para realizar acciones terroristas y de sabotaje, causando graves daños materiales

Otra de las bombas explotó en el centro cultural iraní de Peshawar y también causó importantes pérdidas, sin que se produjeran víctimas.

Las tres personas perdieron la vida al ser arrojada una granada al interior de una vivienda en la que vivía un jefe de las fuerzas antigubernamentales afganas, señaló Tass.

La agencia soviética insistió en que las diferencias entre los distintos grupos rebeldes va en aumento en Afganistán después que el gobierno iniciase la reconciliación nacional y tomase medidas para evitar luchas interiores.

Hace una semana, el Partido Comunista de Afganistán aprobó una resolución con urgentes medidas para fortalecer la unidad del partido, tras reconocer que en el seno del mismo hay luchas y fracciones que debilitan la acción del gobierno.

01 | 01   8710300

ARCHIVAR EN: AFGANISTAN (029)

TEMA: AVIACIÓN SOVIÉTICA Causó bajas civiles en provincia afgana

PROCEDENCIA: EL DÍA 15/5/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

8710409

01|01

HR

ARCHIVAR EN: AFGANISTAN (029)

TEMA: KARACHI: protesta por ATENTADOS.

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 16/7/87

ARCHIVADO EN: PAQUISTAN (049)

8710526

01|01

ARCHIVAR EN: Afganistán (029)

TEMA: Pakistán y Afganistán negocian en la ONU los nudos del problema.

PROCEDENCIA: Diario 8/9/87

ARCHIVADO EN: Pakistán (045)

8710742

01 | 01

DEBATE SOBRE AFGANISTAN

La postergación del debate sobre Afganistán en las Naciones Unidas –reprogramado ahora para la primera quincena de noviembre– no hace más que aumentar las expectativas sobre el mismo. Cierto es que el tema no es nuevo para la ONU, en cuya agenda figura todos los años casi de oficio. Su discusión se ha tornado así en algo rutinario. Pero esta vez hay otros factores que deberían introducir un sesgo diferente en las conversaciones. El principal es, sin duda, la ofensiva pacifista de Gorbachov con su propuesta de un acuerdo con los Estados Unidos sobre limitación de armas nucleares. Si esas propuestas son sinceras, no pueden desligarse del problema de Afganistán, tema que el máximo líder soviético puede estar utilizando como anzuelo, conforme a lo que viene diciendo sobre el deseo de retirar sus tropas de aquel país. Son dos guerras distintas, es cierto. Una fría, la de la carrera armamentista; y otra caliente, la de Afganistán. Pero los protagonistas de las negociaciones son los mismos, y si el tema es la pacificación, un problema no se puede separar del otro.

El debate que se avecina podrá servir también para establecer la veracidad de las expresiones pacifistas soviéticas, porque hasta ahora los acontecimientos que tienen lugar en Afganistán distan mucho del ambiente de distensión que supuestamente debería prevalecer en víspera de conversaciones destinadas a lograr una paz negociada. En la fase bélica, las fuerzas armadas soviéticas se han mostrado particularmente agresivas, con ataques aéreos donde han alternado las bombas convencionales con napalm.

En el orden político, a fines de setiembre se registró un acontecimiento de importancia al asumir el líder afgano, Mohamed Najibullah, el puesto de Jefe de Estado, desplazando al Presidente Mohammed Tsamkani, con lo cual ganaría un control absoluto, ya que la nueva Constitución que se está elaborando, expande los poderes de ese cargo hasta ahora fundamentalmente nominales.

El País 11/11/87

01 | 01 – 8710798

HB.

CLARÍN 28/10/87

029

Emboscada afgana NISTAN

ISLAMABAD, 27 (UPI). — Un director cinematográfico y un camarógrafo estadounidenses, que habían entrado clandestinamente a Afganistán para filmar un documental sobre los rebeldes musulmanes, resultaron muertos en una emboscada, informaron hoy.

El consulado estadounidense en Pakistán informó a la empresa Shapiro Media Productions, de Nueva Jersey, sobre las muertes del director Lee Shapiro, y el camarógrafo y sonidista Lee Lingeloff.

Se dijo que ambos se preparaban para abandonar Afganistán y retornar a Pakistán cuando fueron emboscados cerca de Kabul, y murieron por disparos de armas pequeñas.

No quedó claro de inmediato si Shapiro y Lingeloff estaban en compañía de fuerzas rebeldes cuando fueron atacados, o si los atacantes fueron tropas soviéticas y soldados del gobierno afgano.

01 | 01

8710873

13

029

Fuertes bajas de los rusos en Afganistán

Nueva Delhi, 3 (UP) – Fuerzas soviéticas y afganas lanzaron una gran ofensiva en la provincia oriental de Logar, y sufrieron más de 100 bajas, entre muertos y heridos, en feroces combates contra los rebeldes musulmanes, dijeron hoy diplomáticos occidentales en esta capital.

Los diplomáticos dijeron que bombarderos aéreos y fuego cruzado causaron gran cantidad de muertes entre la población civil, pero que no tenían forma de saber la cantidad de bajas que habrían sufrido los guerrilleros.

Los comentarios de los diplomáticos no pudieron ser confirmados independientemente. A los periodistas occidentales raramente se les permite viajar al interior de Afganistán, país que la Unión Soviética invadió en diciembre de 1979 para apoyar al gobierno comunista en su enfrentamiento con los musulmanes.

Se estima que más de 110.000 soldados soviéticos apoyan al Ejército afgano contra los guerrilleros, que están apoyados por Estados Unidos, Irán y China.

Los diplomáticos dijeron que las tropas afganas y soviéticas comenzaron su ofensiva el mes pasado. La provincia de Logar limita con la provincia de Kabul.

Antes se ha dicho que la zona que rodea la provincia de Dabul ha estado bajo la presión de guerrilleros, pero ninguno de los diplomáticos pudo explicar la estrategia de la presente ofensiva.

"Unidades soviéticas de la sureña provincia de Zabul se unieron a tropas afganas de Kabul para la ofensiva", dijo un diplomático, quien agregó que "los rebeldes musulmanes buscaron la ayuda de otras provincias para los fuertes combates".

Uno de los diplomáticos citó fuentes afganas diciendo que alrededor del 22 de octubre se habría realizado una de las mayores batalles, en la zona de Logars Dobandi, donde las guerrillas habrían causado más de 100 bajas a las tropas afgano-soviéticas.

La Prensa 4/11/81

18

029

FUERTE OFENSIVA CONTRA IRREGULARES

Afganistán: bajas soviéticas

NUEVA DELHI, 3 (UPI). — Fuerzas soviéticas y afganas lanzaron una gran ofensiva en la provincia oriental de Logar y sufrieron más de 100 bajas, entre muertos y heridos, en feroces combates contra los rebeldes musulmanes, dijeron hoy diplomáticos occidentales en esta capital.

Los diplomáticos afirmaron que bombardeos aéreos y fuego cruzado causaron gran cantidad de muertos entre la población civil, pero que no tenían forma de saber la cantidad de bajas que habrían sufrido los guerrilleros.

Los comentarios de los diplomáticos no pudieron ser confirmados independientemente. A los peridistas occidentales raramente se les permite viajar al interior de Afganistán, país que la Unión Soviética invadió en diciembre de 1979 para apoyar al gobierno comunista en su enfrentamiento con los musulmanes.

Se estima que más de 110.000 soldados soviéticos apoyan al ejército afgano contra los guerrilleros, que están apoyados por los Estados Unidos, Irán y China.

Los diplomáticos dijeron que las tropas afganas y soviéticas comenzaron su ofensiva el mes pasado. La provincia de Logar limita con la provincia de Kabul.

"Unidades soviéticas de la sureña provincia de Zabul se unieron a tropas afganas de Kabul para la ofensiva", dijo un diplomático, quien agregó que "los rebeldes musulmanes buscaron la ayuda de otras provincias para los fuertes combates".

Clarín 4/11/83

029

Abuzar, e/URSS

Anuncian retiro de tropas de Afganistán

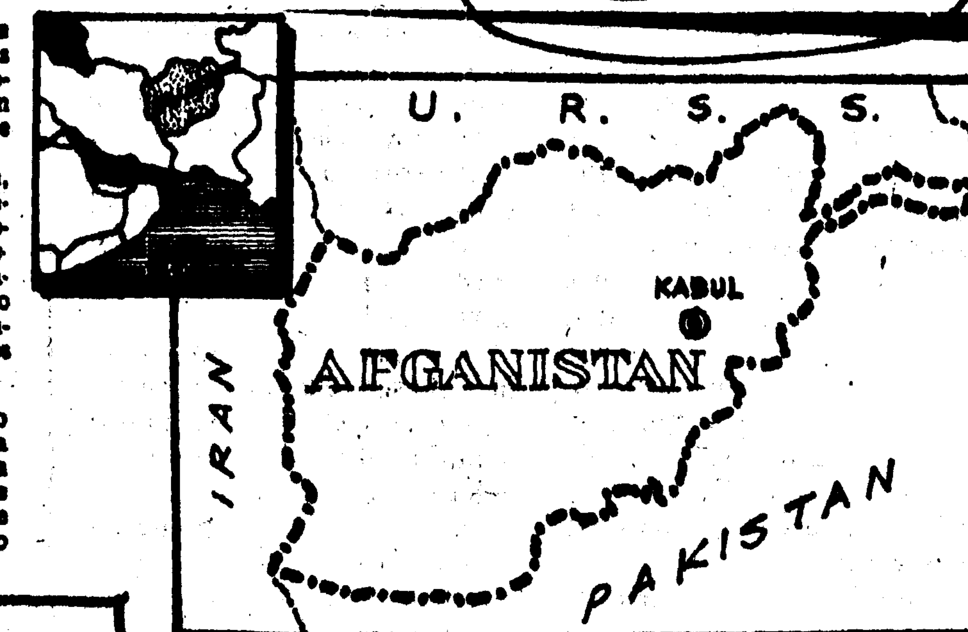
MUNICH. (EFE).- Dentro de un plazo de siete a doce meses serán retiradas las tropas soviéticas que están en Afganistán, según anunció ayer en Munich el portavoz del ministerio soviético de Asuntos Exteriores, Gennadij Gerassimov.

En este sentido, destacó que la retirada de las tropas se podrá convenir en las actuales negociaciones que se llevan a cabo entre Afganistán y Paquistán con la participación del Vicesecretario General de las Naciones Unidas, Diego Cordovez.

La Unión Soviética, señaló Gerassimov en una intervención en el Club de Prenda de Munich, está dispuesta retirar sus tropas de Afganistán pero es necesario que se llegue a un convenio para dar ese paso.

El Gobierno de Moscú, subrayó el portavoz soviético, ha tomado ya la decisión política pero la retirada de las tropas solamente es posible cuando otros países dejen de intervenir en las cuestiones internas de Afganistán

Gerassimov concluyo diciendo que Moscú apoya en Afganistán la política de la reconciliación y se tiene la esperanza de que está llegue a un resultado satisfactorio.



LA HAVANA 17/11/87

01|01

8711501

Afganistán: Atrocidades

Tropas soviéticas y sus aliados en Afganistán han cometido atrocidades contra sus opositores políticos y religiosos, incluyendo casos de crueldades sexuales, afirmó hoy un equipo internacional de abogados en un informe. La Comisión Independiente sobre Derechos Humanos Internacionales, un grupo de abogados que recibe fondos del Comité para un Afganistán Libre, una agrupación conservadora, dijo que su informe se basa en entrevistas con refugiados afganos en Pakistán y en lo que pudieron observar durante una visita que efectuaron a Afganistán.

AFGANISTAN

029

Posición de Kabul

MOSCU, 13 (ANSA y UPI). — El líder afgano Najibullah dijo que su Partido Democrático Popular está dispuesto a compartir el poder político en una coalición de gobierno, al tiempo que aclaró que "jamás se cederá el poder, en su totalidad, a un partido rival". Las declaraciones de Najibullah fueron efectuadas en el curso de un reportaje en un diario partidario y difundidas por la agencia soviética TASS.

Agregó Najibullah que Estados Unidos está ampliando su injerencia en Afganistán, pero está perdiendo terreno frente a su gobierno. El líder afgano, quien en el pasado mes aseguró su poder mediante una elección en la que fue designado jefe de Estado y secretario del partido, anunció, en el reportaje, una amnistía para las fuerzas rebeldes que operan con apoyo de Washington y una cesación unilateral del fuego, como parte de una política de reconciliación nacional.

CLARIN 14/10/87

01 | 01

8711759

Karmal fue sancionado políticamente

Najibuzlah niega encarcelamientos

MOSCU (EFE).- El máximo dirigente afgano, Mohammed Najibullah, negó ayer en rueda de prensa celebrada en Mosch que se hayan producido detenciones en el seno del Partido Democrático Popular de Afganistán (PDPA) a raíz de los fuertes enfrentamientos de facciones registrados en el mismo.

Najibullah respondía así a una pregunta sobre la supuesta detención de su predecesor al frente de la dirección afgana, Babrak Karmal, y sobre la expulsión de algunos de sus seguidores de las filas del partido.

El líder afgano no mencionó concretamente el nombre de Karmal al afirmar que no se han producido encarcelamientos de miembros del PDPA, al tiempo que añadió que las personas que fueron mencionadas por los medios de comunicación afgano no han sido expulsadas del partido, sino sometidas a sanciones políticas. Tales sanciones, según Najibullah, se debieron a que realizaron una interpretación incorrecta de la política de reconciliación nacional, emprendida por la actual dirección hace casi un año.

Los enfrentamientos entre distintas facciones en el seno del Partido Democrático Popular de Afganistán, que según fuentes diplomáticas occidentales de la zona provocaron la expulsión del partido de algunos de sus miembros, fueron reconocidas públicamente por la conferencia nacional del PDPA, celebrada el pasado mes de octubre en Kabul.

Sobre la ideología del partido que encabeza, Najibullah afirmó que no es comunista, y que la revolución afgana no es socialista.

El líder afgano puso también énfasis en señalar que el Islam no tiene enemigos en Afganistán y aunque señaló que opina que la posición de la dirección iraní permanece hostil hacia Afganistán, afirmó que este país no abandona la idea de alcanzar resultados que permitan establecer relaciones de buena vecindad con Irán.

JEAN-FRANÇOIS REVEL



¿Hacia qué paz afgana?

VARIOS dirigentes occidentales, después de haberse encontrado con Mijail Gorbachov, lo cual por otra parte es una actividad bastante extendida en nuestros días, se declaran convencidos de que los «soviéticos están dispuestos a partir de ahora a retirar sus tropas de Afganistán siempre y cuando se encuentre una solución política». ¿Cuál es la solución política? Y ¿qué entendemos por eso?

Me temo que por solución política Moscú simplemente entienda el hecho de conservar en Kabul un Gobierno dominado por el Partido Comunista, llamado Partido Popular Democrático Afgano (PPDA), con, a lo mejor, algunos partidos que podrían provenir de los movimientos de resistencia que están dispuestos a admitir compromisos. Pero, de cualquier manera, el Gobierno tendrá que ser pro soviético y enteramente ligado a la Unión Soviética en lo que se refiere a su diplomacia y defensa. Dicho de otra manera, lo que busca Moscú es volver a la situación de 1978. Entonces, el Kremlin se había introducido en el poder en Kabul. Pero todavía sin tener que entrar en guerra.

De hecho, en 1978 tampoco los soviéticos querían entrar en guerra: les hubiese gustado conservar el poder sin verse obligados a entrar en ella. Como lo escribe Clausewitz: «Al conquistador le gusta la paz; prefiere entrar en su casa sin encontrar resistencia.» Al proponer hoy en día retirar el Ejército Rojo *con la condición de que Afganistán sea comunista*, Moscú nos pide de alguna manera realizar el milagro que fue irrealizable en 1978: mantener en Afganistán un régimen comunista rechazado por el pueblo sin tener que emplear las tropas soviéticas para mantener este régimen. Evidentemente es mucho más agradable.

Si el Ejército Rojo invadió Afganistán el 24 de diciembre de 1979, no fue por su gusto, ni por llevar un régimen comunista, que ya existía, sino porque el poder comunista local se derrumbaba. Lo que quiere ahora la URSS es borrar siete años y medio de guerra, no sufrir las consecuencias de su fracaso, de su impotencia para someter al pueblo por medio de la fuerza, retirar sus tropas y, sin embargo, quedarse con el poder en Kabul.

Desgraciadamente, tanto en Occidente como en Pakistán se puede advertir una cierta tendencia en complacer a la URSS, y aunque sea una gran paradoja, en presentar el reglamento que seguiría como una prueba de buena voluntad y de espíritu de conciliación por parte de Gorbachov. A los portavoces de los movimientos de resistencia afgana son a los que se les acusa, principalmente en la prensa americana e inglesa, de «rechazar el compromiso», de «falta de realismo» y de pecar de intransigencia. Por ejemplo, *The Guardian*, de Londres, escribe que «en interés de la paz» los norteamericanos tendrían que dejar de ayudar a la resistencia.



GUERRILLEROS *y soldados bien armados.*

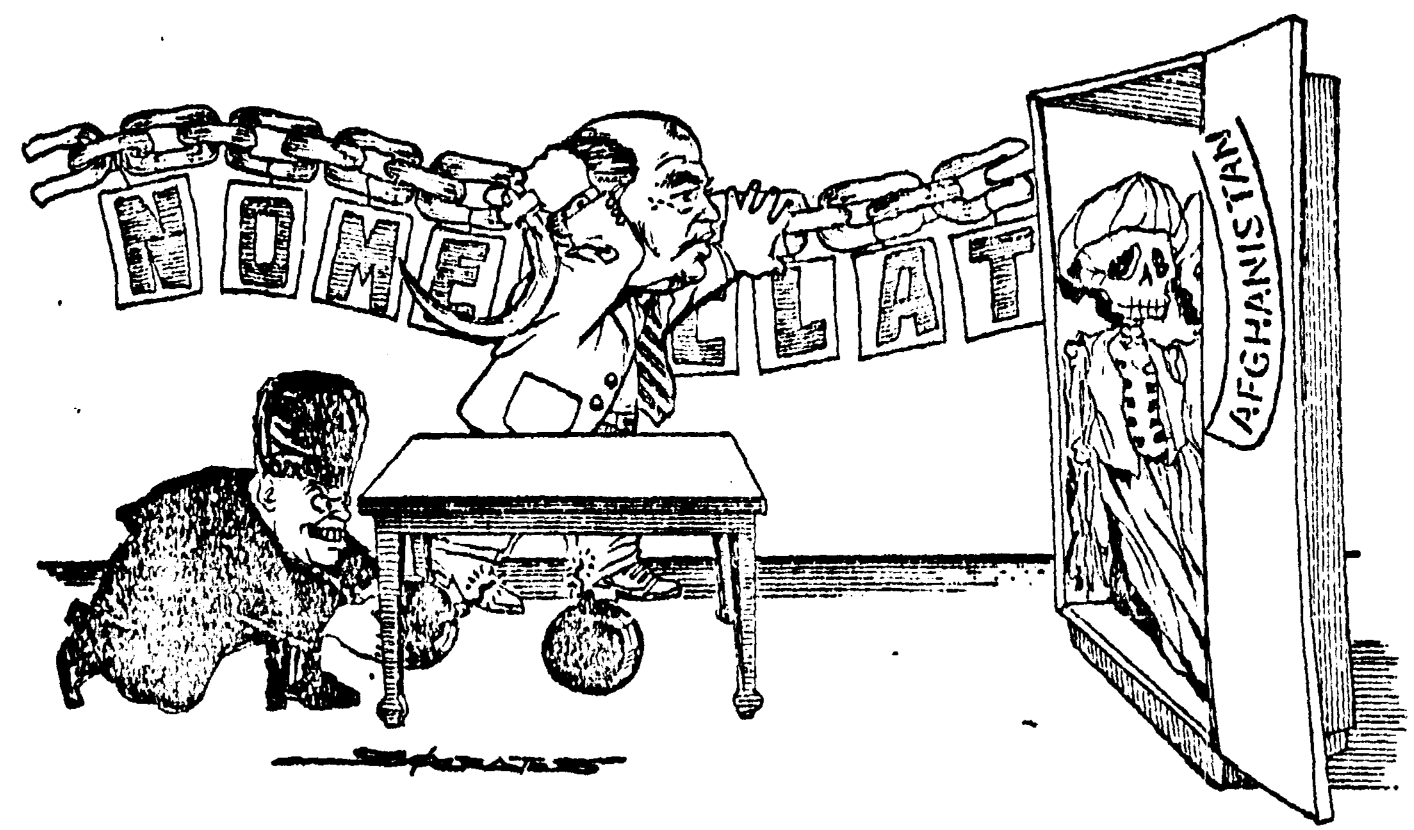
Después de haber tenido un millón de muertos (civiles en su mayor parte) y cinco millones de refugiados, exiliados actualmente en Pakistán e Irán, el pueblo afgano tendría que renunciar a recoger los beneficios de una resistencia a un ocupante que ha vaciado el país de casi la mitad de su población: en 1979 había catorce millones de habitantes, sólo quedan ocho millones aproximadamente. En el mundo, de cada dos refugiados, uno es afgano. Además, el pueblo afgano ha padecido atrocidades prohibidas por todas las convenciones internacionales, como muy bien lo describió el triple informe redactado para las Naciones Unidas por Félix Ermacora, jurista austriaco, después de varias profundas encuestas. La burocracia de las Naciones Unidas ha escondido como ha podido este informe, pero existe y se le conoce.

Moscú empezó transformando a Afganistán en un satélite cuando Daud en 1972 depuso al rey y en 1975 creó el partido único. Daud no parecía lo bastante pro soviético, por tanto el Kremlin lo hace asesinar en abril de 1978 y lo sustituye por un hombre más fiel: Muhamad Taraki. Por aquel entonces el pueblo de Kabul se subleva: 3.000 muertos. Durante el resto del año 1978 y a comienzos de 1979, las ejecuciones sumarias, principalmente de militares afganos, se cuentan por decenas de millares. En marzo de 1979, tiene lugar una nueva sublevación en todo el país: la represión produce 30.000 muertos. Al ver que Taraki no puede mantener el país, los soviéticos, a su vez, lo hacen asesinar, para ser más exactos estrangular, el 16 de septiembre de 1979, y lo reemplazan por Hafizula Amin, un viejo agente de la KGB. Pero Amin no lo hace mejor que su predecesor, por tanto es ejecutado a su vez el 28 de diciembre de 1979, cuatro días después de la entrada del Ejército Rojo, y reemplazado por otro agente de la KGB, Babrak Karmal, que los soviéticos repatrian de Praga, en donde se mantenía «en reserva para la revolución». Buen detalle. Los soviéticos, se sabe, dicen que es el Gobierno afgano quien les ha pedido enviar las tropas: si es cierto, ¿por qué estas tropas han matado a Amin, el jefe de este Gobierno tan cooperante? ¿Y si es Karmal quien las ha llamado, con qué derecho, ya que no era todavía jefe del Gobierno y aún no residían en Afganistán?

A lo mejor estamos en vísperas de una operación que se va a presentar como una *victoria diplomática* de Occidente: la autorización dada a la URSS para consolidar su hegemonía en Kabul a espaldas del pueblo afgano. A lo mejor habrá, como en Polonia en 1945, o como en Angola en 1975, una promesa de elecciones *libres* que también ahí nunca tendrán lugar.

Montevideo, miércoles 7 de octubre de 1987

UN TESTIMONIO SOBRE AFGANISTAN



El periodista del diario alemán **Die Welt, Walter H. Rueb,** *dirigiéndose a más de seiscientas personas que estuvieron participando de la Conferencia del Rearme Moral en Caux, dio testimonio del genocidio que los soviéticos están cometiendo con el pueblo de Afganistán.*

* * * * * * *

A pesar de los 80 meses de ocupación soviética que vino en auxilio del gobierno títere, no pueden dominar a los setenta millones de personas que pueblan su territorio. Solamente tiene el Partido Comunista de Afganistán unos seis mil miembros y alrededor de sesenta mil simpatizantes, que desde las montañas sufren el asedio constante de los luchadores por la libertad.

Si bien desde el golpe de estado pro-soviético han pagado un precio muy alto con alrededor de un millón y cuarto de muertos y muchos millones de refugiados en Pakistán y en Irán, la lucha prosigue como el primer día.

Los soviéticos no han podido eliminar la resistencia del pueblo afgano, aunque han recurrido a la guerra sucia, al empleo de gases y sustancias que causan graves enfermedades a la población.

Aún en Kabul existe resistencia contra el invasor y se suceden los ataques a los cuarteles, tanto de los ocupantes rusos, como del ejército gubernamental, a la Embajada Soviética, al Aeropuerto, la Academia de Policía y otros servicios que puedan utilizar los invasores. El ejército afgano cómplice de los soviéticos, está integrado por cien mil hombres amedrentados, de los cuales desertan decenas por día, siendo sustituídos por jóvenes y niños que temen represalias contra sus familias.

Algunos me han preguntado por las armas que envían los Estados Unidos. Nunca he visto armas norteamericanas, pero sí de los rusos.

Los soviéticos dan el apelativo de "bandidos" a los luchadores por la libertad de Afganistán y los motejan como "contrarrevolucionarios". Es claro, sólo así pueden justificar la presencia de alrededor de doscientos mil soldados rusos en el país.

Hay dos grupos de guerrillas en Afganistán. Una dirigida por fanáticos islámicos y la otra por un líder moderado.

Permanentemente fluyen desde Rusia donde está el cuartel general de los invasores, tanques, aviones y helicópteros, que con los 3.000 consejeros soviéticos existentes en el país, son los que conducen al gobierno de Kabul.

Niños de 14 años son llevados por la fuerza a enrolarse en el ejército, pero en cuanto pueden se pasan con su armamento a las guerrillas en las montañas. Allí los luchadores de la libertad, a pesar de carecer de armas se han hecho fuertes. Las montañas favorecen a las guerrillas y los rusos son impotentes ante la lucha de un pueblo entero. La resistencia regresa a sus escondites en las ciudades para curar a sus heridos y regresan a la lucha. Los jóvenes lideran estas tropas informales, aunque hay profesores, médicos y otros profesionales. Defienden su fe, su religión, sus hogares y su patria, y están convencidos del triunfo final. Los islámicos lo han tomado como una guerra santa. No hay otros argumentos ideológicos en ellos.

Es admirable como a un grito conocido, aparecen desde todos los lugares increíbles y en poco minutos, los héroes anónimos de la resistencia contra los invasores soviéticos. He visto a un anciano de 90 años peleando en las montañas de Afganistán y a un niño de menos de 13 años. Abandonan sus armas sólo para dormir, hacer nuevos refugios en las montañas o preparar las comidas. Escuchan las radios europeas y también "La Voz de América" para informarse de los sucesos del mundo y no estar aislados.

Los rusos han recurrido a medios crueles para acelerar el genocidio de este pueblo valiente. Envenenan ríos y arroyos, incendian las aldeas y destruyen las cosechas. Pero la lucha prosigue. Miles han perdido la vida por la explosión de las bombas de plástico colocadas por los invasores rusos; pero nuevos contingentes los sustituyen.

Pero los rusos tienen miedo. Sus helicópteros no vuelan bajo porque decenas han sido abatidos por los guerrilleros. Por otra parte los jóvenes rusos, que están haciendo el servicio militar con este genocidio, no saben en qué lugar están. Han sido convencidos que están luchando contra los americanos y para mantenerse en un lugar tan inhóspito recurren al alcohol y a las drogas y existe tal corrupción que es común verlos vender elementos suyos para conseguir aquéllos.

La relación de los soldados con los comisarios políticos rojos es muy mala. Los comentarios políticos entre los soldados son interesantes, porque ponen en duda las afirmaciones de sus jefes de que están peleando contra los norteamericanos y europeos. Sus cartas a Rusia son censuradas y destruídas si tienen comentarios inconvenientes.

Estoy seguro que si los rusos se retiran, el gobierno títere no podrá sobrevivir. Por ello no pueden acatar la orden de las Naciones Unidas de retirarse de Afganistán. Además, aunque la nueva dirección política rusa intentó retirarse de Afganistán después de la muerte de Breznev, las fuerzas armadas lo han impedido porque no quieren retirarse derrotadas.

La resistencia no cree ganarles a los invasores rusos; pero quieren demostrar al mundo que la U.R.S.S. no es invencible y esperan lograr la unidad de todo el pueblo. Ese objetivo es una tarea muy difícil, porque su pasado no fue democrático. No existen partidos políticos. Cada tribu tiene un jefe al que se le obedece ciegamente, pero no tiene influencia entre otras gentes. Es innumerable la cantidad de tribus; y el antiguo monarca quiere obtener el liderazgo para unificar la lucha por la liberación. En las actuales conversaciones entre el monarca y los jefes de tribus, existe una gran esperanza. Ninguno quiere poner trabas a una solución política, nadie quiere ser el gobernante, pero todos quieren hablar por su pueblo sin la intervención de nadie. "Las conversaciones de paz sólo deben hacerse entre los rusos y nosotros y no con el supuesto gobierno de Kabul", dicen los jefes de la resistencia. En esto hay unanimidad.

Un representante de Afganistán en la O.N.U. ha dicho, luego de asilarse en Pakistán: "Los rusos no quieren una solución política. Chernienko sólo confía en una solución militar y para ello ha apelado al genocidio de nuestro pueblo, sin importarle el precio ni los métodos".

Nadie sabe cuando va a terminar esta guerra no declarada; pero lo cierto es que el pueblo de Afganistán ha demostrado con su firmeza, que es capaz de luchar por su libertad.

Lino Cortizo
INTERCOPRESS

18

ARCHIVAR EN: AFganistan (049)

TEMA: Pide la ONU a Moscú que retire sus tropas de Kabul.

PROCEDENCIA : LA PRENSA 11/11/87

ARCHIVADO EN: As. Gral. de ONU (204)

01 | 01

8712072

HR
AFGANISTAN
029

Panorama internacional

Valor

ESTRATEGICO DEL PAIS AFGHANO

El lunes 16, el portavoz de la cancillería soviética, Guenadi Guerasimov, declaró a la prensa en la ciudad de Munich, en Alemania Federal, que su país "está listo para retirar sus tropas de Afganistán". Para llegar a ese resultado se necesitan dos cosas: la primera, es un acuerdo, según el cual otras potencias no intenten ocupar su lugar. La segunda es completar la (ya avanzada) negociación entre Kabul e Islamabad, orientada por las Naciones Unidas. A este respecto, el "único punto de litigio" a superar es "la cuestión del calendario" de la retirada. Pero, en todo caso, la operación tendrá lugar antes de 1989, según señaló.

Si se recuerda que la invasión de Afganistán, para sostener allí un precario gobierno local favorable a la URSS, en diciembre de 1979, fue el detonante que llevó al presidente norteamericano Carter a retirar los tratados SALT II del Senado, donde habían sido enviados para su ratificación, y a endurecer su relación con la otra superpotencia, se admitirá que el círculo se está completando con vistas al retorno a la situación anterior. Ello no puede sorprender en momentos en que nuevos acuerdos de reducción de armamentos (y hasta eliminación de algunas categorías de los mismos) se procesan entre las dos superpotencias y en vísperas de la decisiva reunión Reagan-Gorbachov, prevista para el 7 de diciembre, en Washington.

El aumento de la presencia soviética en Afganistán fue, indudablemente, una consecuencia de los hechos producidos en Irán a partir del derrocamiento del cha Pahlevi en enero de 1979. El equipo por entonces gobernante en Moscú, encabezado por Leonid Brezhnev, temió que una oleada de integrismo musulmán afectara, por contagio, sus posiciones en Asia del sur, llegando incluso esa marea a las repúblicas musulmanas que forman parte de la URSS.

Es notable que, por aquel entonces, ambas superpotencias reaccionaran en base a los datos de la geopolítica clásica, establecida como continuidad de una serie de hechos históricos anteriores a la era nuclear. Esa geopolítica indicaba que el expansionismo soviético se orientaba hacia las aguas calientes del Sur. Antes de 1917 habían sido los zares los que presionaron en esa misma dirección. Los occidentales no dejaron de apuntar que el almirante Serguei Gorshkov, a quien se debe la potenciación del tonelaje naval soviético, al comentar la campaña militar del zar Pedro en Azov, a fines del siglo XVII, señaló que "el desarrollo posterior del Estado y su economía solo habrían sido posibles con el establecimiento de salidas hacia el mar".

Por lo tanto, los esfuerzos rusos apuntaron al océano Indico, a lo largo de un extenso corredor llamado indo-persa y en busca de relaciones comerciales con Persia, la India y China. Estos ímpetus se vieron consolidados tan solo a mediados y a fines del siglo XIX, con la conquista de las zonas interpuestas: la Transcaucasia y el Turquestán, según el historiador Milan Hauner, de la Universidad de Wisconsin (y con los proyectos ferrocarrileros y obras subsecuentes como el ferrocarril transpérsico).

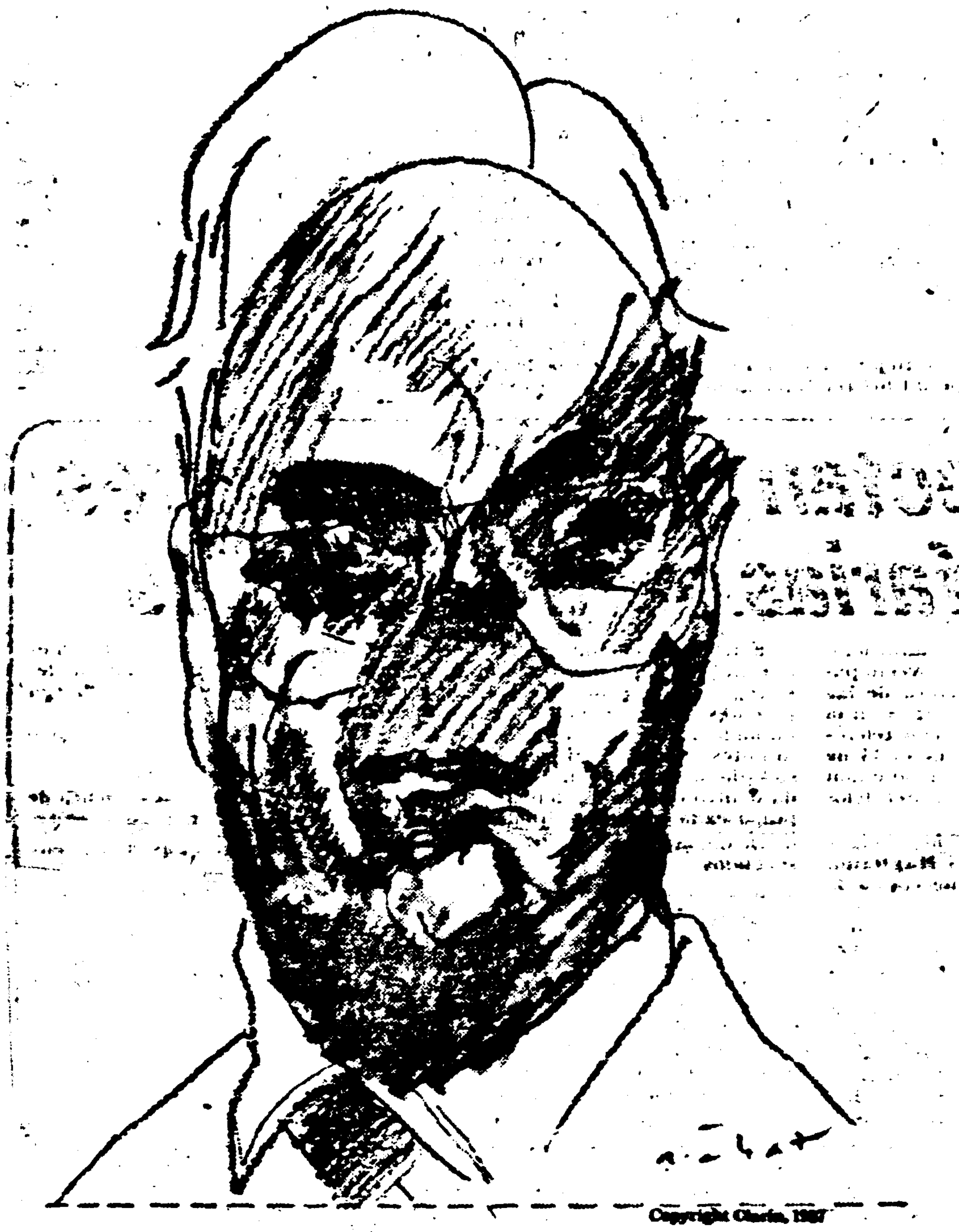
Los británicos salieron al cruce de tales empresas (les preocupaba especialmente la construcción de "un segundo Port Arthur", esta vez en el golfo Pérsico, y en 1907 delimitaron mediante un tratado con los rusos las "esferas de interés" en el Asia Central).

Sin perjuicio de que siguieron aplicándose presiones soviéticas sobre el corredor indo-persa (especialmente cuando Londres se retiró de la región), lo cierto es que el interés preferente de Moscú se enderezó luego hacia lo que Hauner llama un "contexto estratégico más amplio". El Lejano Oriente era, entonces, el "centro focal del expansionismo ruso en Asia". Y, de alguna manera, más que la penetración territorial en busca de la India, les importaba a los soviéticos la defensa del "vientre" de Asia, allí donde las comunicaciones entre los extremos europeos y asiáticos de la superpotencia se estrechan por imperio de la geografía. "Hoy —sigue Hauner— el «puente terrestre» transiberiano enlaza los dos complejos militares más grandes del mundo, los que están separados por más de 13.000 kilómetros".

La conclusión que saca este autor, especialista por otra parte en los temas de seguridad relacionados con la India, es que "el corredor indo-persa sigue siendo de importancia eminentemente secundaria para el imperio soviético en Eurasia y su situación queda determinada por la constante tensión que prevalece en los frentes occidental y oriental y

01|02 8712269

estratégico del país afgano



Secretario general Pérez de Cuellar: las Naciones Unidas asisten en su negociación a Afganistán y Pakistán.

por el temor de que, a la larga, la guerra con China llegue a ser inevitable". Este enfoque se afirma al observar que la economía soviética "ha experimentado el desplazamiento de su centro de gravedad hacia el este de los Urales, donde se localiza el 90 % de sus recursos minerales y energéticos".

Estas consideraciones, de fuente occidental insospechable, permiten comprobar el alegre apresuramiento con que Brezhnev actuó en Afganistán. Indudablemente, lo hizo por temor de que sus intereses y sus aliados fueran barridos. Pero, al hacerlo, emitió señales confusas, que pudieron ser interpretadas —y lo fueron efectivamente— como una variación significativa con respecto a la variante principal de la estrategia de la URSS. Ahora bien, las dos superpotencias podrán ser adversarias acérrimas, pero, por eso mismo, necesitan de un diálogo (directo o indirecto) basado en la buena fe.

No hacerlo así determinó, en el caso de Afganistán, una serie de consecuencias imprevisibles. Una, es que Moscú se puso en el trance de que fuerzas irregulares, alimentadas desde la frontera paquistaní, aplicaran una incesante sangría a sus tropas, impedidas en determinado momento incluso de desplazarse por el país afgano. El costo de la apuesta excedía así enormemente a su interés. La otra se refiere a la recidiva en la guerra fría. Carter no ratificó SALT II, pero Reagan llegó más allá todavía: descreyó de ese tratado (aunque ambas superpotencias lo cumplieran en términos generales) y pronto lanzó ideas estratégicas alternativas (la iniciativa de defensa estratégica).

Como si fuera poco, la dimensión del tema iraní creció inopinadamente y proyectó una sombra desestabilizadora sobre el mundo árabe. La guerra desatada por Irak, su prolongación, la actividad irregular chiita en el Líbano, la presencia de flotas de guerra occidentales en el golfo Pérsico, todo ello ha ido configurando un panorama progresivamente más arduo y, a esta altura de las cosas, solamente la activa aplicación de los esfuerzos combinados de las dos superpotencias puede llegar a reducir el foco de perturbación.

En cuanto a China, la mitigación de su pleito con la URSS depende no solamente de la negociación relativa a la frontera entre ambas potencias sino también —y muy especialmente— al retiro de Vietnam de Camboya y al cese de la intervención soviética en Afganistán.

De manera que la revisión de la política omnipotente de Brezhnev en Afganistán es algo más que un signo de concordia lanzado a Occidente. Y algo más también que el reconocimiento de la repercusión interna de las dificultades halladas en el tembladeral afgano (un aspecto que no puede ser olvidado). Es, para la URSS, el restablecimiento de sus prioridades normales para la defensa y la facilitación de una lectura correcta con respecto a sus intenciones.

Por eso, en julio de 1986, Gorbachov se corrió hasta Vladivostok y emitió allí su "discurso asiático".

Es interesante destacar algunos elementos de aquel. Por de pronto, admite que los Estados Unidos es "una gran potencia del Pacífico", en cuya cuenca "tiene importantes y legítimos intereses económicos y políticos". En esa cuenca es, por otra parte, un vecino que colinda con la URSS "en el sentido literal", pues "la distancia es de solo 7 kilómetros" entre "la isla soviética Gran Diómedes y la norteamericana Pequeña Diómedes".

Por lo tanto, "sin los Estados Unidos y sin su participación no se puede resolver el problema de la seguridad y de la cooperación en la zona del Pacífico de manera satisfactoria para todos". Y "la región de Asia y el Pacífico" deben ser incluidos en "el proceso general de creación de un sistema global de seguridad internacional".

El discurso de Vladivostok se refirió a la necesidad de solucionar diversos conflictos regionales, uno de los cuales, es ciertamente, el de Afganistán, donde "estamos dispuestos a devolver a casa las tropas soviéticas", con la garantía de "la restricción de la injerencia foránea en los asuntos" de ese país. En buen romance: un retorno al "statu quo ante". Al momento en que Kabul actuaba por afinidad con Moscú, pero no albergaba los contingentes armados de esa procedencia. El momento anterior a aquel, hace 9 años, en el cual la decisión de Brezhnev llevó al presidente Carter a retirar del Senado el Tratado SALT II y llevó al recrudecimiento de la guerra fría.

De este retroceso cabe sacar al menos dos lecciones. Una, es la imposibilidad de prevalecer en un débil país de estructura casi tribal cuando la resistencia nacional interna persiste en él y es potenciada desde afuera. En ese sentido, Afganistán [illegible] a Vietnam, aunque no haya alcanzado ni su [illegible] ni su [illegible]. Pero es también una guerra errónea y, por lo tanto, sus frutos resultan amargos para la potencia que la emprendió.

La segunda es que el corredor indo-persa tenía una significación en los tiempos en que lo recorrían, las huestes de Alejandro el Magno, y otra muy distinta en la época de los misiles estratégicos. La posibilidad de operar esa ruta como vía a la India o alternativa a China, en caso de conflicto global, es altamente improbable y, en todo caso, difícil.

Las aguas calientes del Indico parecen, de todas maneras, un objetivo menos importante para Moscú, en estos días que el reacercamiento a China o los eventuales acuerdos relativos a un Lejano Oriente donde se están procesando algunos de los experimentos económicos más significativos del mundo actual. El reconocimiento de que es en el Pacífico donde "pasan cosas" redimensiona la experiencia afgana, en un contexto de tanta movilidad que también las teorías avaladas por los siglos comienzan a ceder en su consistencia, para abrir nuevos horizontes al pensamiento militar.

Enrique Alonso

HB

URSS

029

La Mañana
MONTEVIDEO, LUNES 30 DE NOVIEMBRE DE 1987

Líder afgano resaltó reconciliación nacional

Piden retirada de tropas soviéticas de Afganistán

Mohamed Najibullah, máximo dirigente afgano, solicitó ayer la retirada de las tropas soviéticas de ese país asiático, en un discurso ante los 1.350 delegados de la Asamblea Suprema de Afganistán.

MOSCU. (ANSA, EFE, REUTER y UPI).- Najibullah dijo que "hoy vemos nuestras sagradas obligaciones internacionalistas en la vuelta del contingente militar soviético a su país, y en realizar una acción concreta para iniciar la política de reconciliación nacional", según un resumen del discurso difundido por la agencia oficial soviética TASS.

El establecimiento de unas buenas relaciones con Paquistán e Irán, países que ofrecen refugio a los rebeldes afganos, es otro de los objetivos principales de la política exterior del hombre fuerte de Kabul.

La Asamblea Suprema Afgana decidió ayer, a petición de Najibullah, cambiar el nombre del país, de República Popular de Afganistán por el de República de Afganistán, señaló TASS.

El líder afgano concedió especial interés a la política de reconciliación nacional e hizo un nuevo llamamiento a los jefes de los distintos grupos rebeldes para que se unan a las iniciativas del gobierno.

El sábado se legalizaron cuatro partidos políticos, independientes del comunista y, aunque, hasta el momento, no se conocen sus tendencias, se supone que son afines a la formación gubernamental prosoviética que lidera Najibullah, ante las restricciones existentes para la creación de organizaciones de este tipo.

Los portavoces oficiales del Kremlin repitieron en distintas ocasiones que la URSS saldrá de Afganistán cuando se llegue a un acuerdo de no intervención con Paquistán, y Estados Unidos se comprometa a no suministrar armas a los rebeldes.

Al informar del desarrollo del acto en que intervenía Najibullah ante los delegados de la Asamblea, TASS no informa de la simultánea explosión de varias granadas de mortero en las proximidades del céntrico lugar en que tenía lugar el acto en la capital afgana.

01 | 01

8712327

CARP. Nº 30

030 ARABIA SAUDITA

ENTRE LOS Nºs

8700044-8712173

SIGLASE
ARÁBIA SAUDITA
030

Sangue plebeu poderá afastar Nazer do ministério saudita

Nova Iorque — O novo ministro do Petróleo da Arábia Saudita, Hisham Nazer, possivelmente entregará em breve seu cargo a um membro da família real saudita, um clã de 8 mil membros que, sob a liderança do rei Fahd, comanda o país, terceiro maior produtor de petróleo do mundo, através de um sistema político que dispensa o parlamento e que tem como constituição o Corão, livro sagrado do islamismo.

Segundo fontes da indústria petrolífera ouvidas pelo The New York Times, a substituição do outrora poderoso ministro do Petróleo Ahmed Zaki Yamani por Nazer pode significar um desejo da família real em diminuir o poder de influência de tecnocratas plebeus, como Yamani e Nazer, no mais importante ministério do país. Especialistas em Oriente Médio prevêem que o petróleo este ano renderá 20 bilhões de dólares à Arábia Saudita, menos do que os mais de 30 bilhões obtidos em 1985.

Príncipes no poder

À exceção dos ministérios do Petróleo e do Planejamento — pastas agora acumuladas por Nazer — os principais postos de governo na Arábia Saudita são ocupados por príncipes e outros membros da família real. Nos ministérios da Defesa e do Interior e no governo da capital, Riyadh, estão irmãos de Fahd, rei de 64 anos que assumiu em 1982 após a morte de seu meio-irmão, o rei Khaled. Outro meio-irmão de Fahd, o príncipe Abdullah, acumula por sua vez os postos de vice-primeiro-ministro e de comandante da Guarda Nacional. A chancelaria está nas mãos de um sobrinho do rei e outros cargos de importância, como a embaixada em Washington, são ocupados por príncipes, título estendido a todos os homens da família real.

A verdadeira razão para a demissão de Yamani continua como um bem guardado segredo de estado saudita. Mas William Quandt, diretor do programa de política internacional do Brookings Institution, acredita que a saída de Yamani reforçou a idéia de que a Arábia Saudita continua sendo "um negócio de família".

Fahd é considerado pelos diplomatas como um bom administrador da riqueza saudita e conta inclusive com grande popularidade, já que o povo também acabou beneficiário da fortuna proveniente do petróleo. Fahd também é tido como um fiel amigo dos Estados Unidos. Ele fala inglês fluentemente e tem dois de seus filhos estudando na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara.

O rei saudita possui considerável experiência na administração do Governo. Já aos 28 anos era governador provincial e em 1953 se tornou o primeiro ministro da Educação do país. Em 1960 deixou o gabinete em meio a uma disputa política, voltando posteriormente como ministro do Interior.

Um importante diplomata ocidental ouvido pelo The New York Times disse que os mais destacados príncipes sauditas governam o país como uma típica junta de diretores de uma grande corporação americana.

A sólida posição na atual monarquia, de acordo com os analistas ouvidos pelo jornal nova-iorquino, é reforçada pelo fato de não haver aparentemente nenhum grupo rival que possa ser considerado alternativa de poder.

Como possíveis substitutos de Nazer — que já é visto como um ministro interino ou de transição —, especialistas americanos apontam três nomes: príncipe Bandar, o embaixador em Washington; príncipe Salman, governador de Riyadh; e o príncipe Sultan, ministro da Defesa.

030

El Rey Fahd no controlaba su influencia

Yamani reemplazado: interrogante mundial

NUEVA YORK (ANSA y EFE).- Enfrentamientos con la familia real saudí y su excesiva influencia en el mundo petrolero podrían haber motivado el cese del ministro del Petróleo de Arabia Saudí, jeque Ahmed Zaki Yamani, según los expertos.

La medida tomó por sorpresa tanto al mercado petrolero mundial, como al propio ministro, según amigos íntimos suyos citados por la prensa, y abrió un interrogante sobre el comportamiento de los precios del crudo a corto y largo plazo.

Después de una agitada apertura, los precios en Europa no variaron a la espera de la reacción en Nueva York, donde abrió con un alza de 44 centavos de dólar el barril, fijándolo a 14,17 dólares.

El diario económico The Wall Street Journal dijo ayer que al menos dos miembros de la familia real saudí presionaron para la salida de Yamani: el ministro de Defensa, príncipe Sultan y el gobernador de Riad, príncipe Salman.

POSTURAS DIFERENTES

Los analistas coinciden en que el rey Fahd y Yamani nunca se llevaron bien y mantenían posturas muy diferentes en torno a la política petrolera dentro de la OPEP (Organización de Países Productores de Petróleo) y de Arabia Saudí en particular.

Los analistas dicen que el rey Fahd ha decidido tomar en sus manos la política de petróleo de su país, con la finalidad de estabilizar los precios en torno a los 18-19 dólares el barril y regularizar las relaciones petroleras con Irán.

Al rey saudí, según los expertos, le era difícil controlar la fuerte personalidad e influencia de Yamani dentro de la OPEP, por lo que decidió sustituirle de forma temporal por un ministro más moldeable y pragmático como Hisham Nazer.

El nombramiento de Nazer puede tener implicaciones que van más allá de las políticas que afectan a la producción y los precios del petróleo y podría repercutir en un amplio espectro de relaciones, dice hoy el Wall Street Journal.

Expertos citados en otros medios dicen que la OPEP se ha quedado sin su líder indiscutible, pero para el Wall Street, Yamani deja la antorcha de la guerra de los precios a Alí Jalifa Al Sabah, ministro kuwaití del Petróleo.

Analistas citados por The New York Times opinan que la salida de Yamani no va a provocar inestabilidad en la OPEP por mucho tiempo ni va a tener un efecto importante en la política de precios.

A corto plazo, tendrá un impacto psicológico, pero a largo plazo el precio quedará fijado por la oferta y la demanda, según el profesor universitario Bernard Weinstein.

Otro experto citado por el Times aseguró que la situación hasta finales de año dentro de la OPEP estará fuera de control de cualquiera de sus miembros.

Sustituto Naser pide urgente reunión

BEIRUT (ANSA y EFE).- El nuevo ministro del Petróleo de Arabia Saudí, Hecham Nazer, ha solicitado una reunión urgente del Comité de Fijación de Precios de la Organización de Países Exportadores de Petróleo (OPEP), informó ayer la agencia de noticias saudí SPA.

En una carta dirigida al Secretario General de la OPEP, Nazer dijo que desea que la reunión se celebre antes del mes próximo, para iniciar inmediatamente el examen de la propuesta hecha el pasado 17 de octubre por Arabia Saudí sobre aumento del precio del barril a 18 dólares como mínimo.

El Comité de Fijación de Precios de la OPEP está presidido actualmente por el ministro kuwaití del Petróleo. Sus otros miembros son Libia y Ecuador.

Relevancia desde 1973

Embargo del crudo, su pieza maestra



El jeque Ahmed Zaki Yamani nació en 1930 en La Meca. Estudió Derecho en las Universidades de El Cairo, Nueva York y Harvard y fue inicialmente asesor legal del Consejo del Ministro saudí entre 1958 y 1960, siendo su primera aparición pública como funcionario estatal. Al cesar como asesor, pasó a desempeñar la Cartera de Ministro de Estado y dos años más tarde asumió la poderosa Cartera de Ministro de Petróleo y Recursos Minerales, básica en un país como Arabia Saudita.

Desde el mismo año '62 dirige la "Arabian American Oil Company" (ARAMCO). Y entre 1968/69 ejerció la Secretaría General de la Organización de Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

Fue nombrado poco después de la creación de la organización por el entonces Ministro venezolano Enrique Pérez Alfonso, pero Yamani no alcanzaría notoriedad internacional hasta 1973. Ese año fue el propulsor de la política de embargos de los crudos árabes, que trajo como consecuencia la brusca subida de los precios, que alcanzaron niveles jamás conseguidos y sumergieron al mundo en la crisis petrolera.

La estrategia de Yamani permitió a su nación y a demás miembros de la OPEP controlar los precios y a las compañías extranjeras exportadoras, pero creó pánico en los países consumidores del mundo.

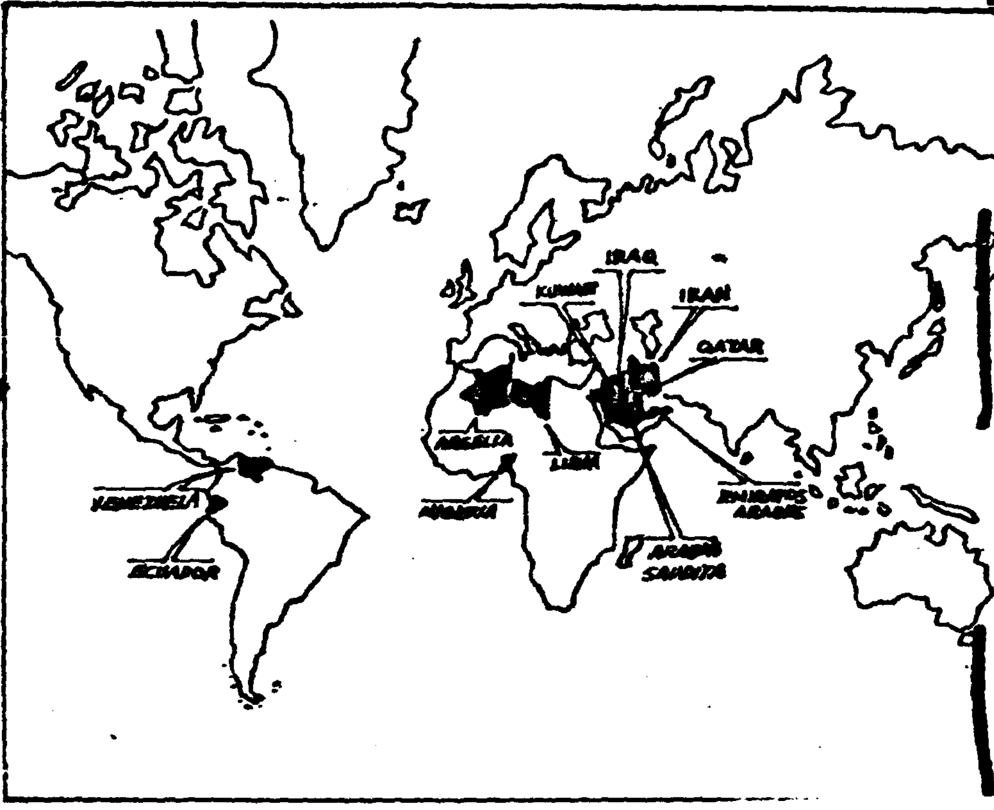
01 | 01

8700436

ARABIA SAUDITA

030

Cerca de la tercera parte del petróleo de la OPEP



Arabia Saudita limita con Kuwat, Irak, Jordania, Yemen del Norte y del Sur, Oman, Emiratos Arabes Unidos, Qatar, el Mar Rojo y el Golfo Pérsico, por lo que tiene una ubicación estratégida de primera magnitud en un área altamente conflictiva.

Se trata de una monarquía que gobierna desde Ryad 11:000.000 de habitantes, y cuyo territorio comprende La Meca, centro espiritual del mundo musulmán, lo que le da una especial relevancia.

El Rey ejerce la autoridad con un Consejo de Ministros, pero la religión del Islam es la ley. Alcohol y entretenimientos públicos están restringidos, teniendo las mujeres un status legal inferior. Arabia saudi se opuso desde un primer momento a la creación del Estado de Israel, estando en guerra desde 1948 al 1973. Asimismo condenó enérgicamente, junto con otros Estados Arabes, el tratado de paz entre Egipto e Israel.

LA MAÑANA 31/

030

CLARIN ★ Buenos Aires, lunes 5 de enero de 1987

RYAD QUEMA RESERVAS

Sauditas, en rojo



Rey Fahd: ajustarse el cinturón

RYAD y ABU DHABI, 4 (UPI y AP). — Arabia Saudita deberá recurrir, por primera vez en su historia, a sus reservas de divisas (por 90.000 millones de dólares) para cubrir el déficit presupuestario de 14.000 millones de dólares que espera para 1987.

Golpeado por la caída de sus ingresos petroleros, el rey Fahd confirmó que el demorado presupuesto contempla ingresos por 31.300 millones de dólares (de los cuales 17.400 millones provendrán del petróleo) y egresos por 45.300 millones. Se está muy lejos de años de bonanza como 1981, cuando los ingresos petroleros sumaron 108.000 millones de dólares y alcanzaban para pagar todos los sueños de la corte saudita. En ese ejercicio, el reino produjo 10,3 millones de barriles diarios a un promedio de 34 dólares el barril.

El presupuesto debió haber sido presentado en marzo de 1986, según las normas de la monarquía saudita, pero fue postergado ante la debacle del precio del petróleo, que cayó de 28 dólares el barril en diciembre de 1985 a menos de 12 y ahora se intenta estabilizar en 18.

♦ Gasto público

El presupuesto reduce el gasto público en 6 %. Los egresos mayores serán para Defensa y Seguridad (rubros que se llevan el 36 % del total, 16.200 millones de dólares, casi todos los ingresos petroleros, aunque fueron cortadas sus partidas en un 5,9 %).

La educación recibirá 9.000 millones, y los nuevos proyectos de desarrollo, 13.400 millones de dólares.

El presupuesto '87 fue elaborado sobre la base de una producción de 4,0 millones de barriles diarios, de los cuales se proyecta exportar 3,1 millones de barriles y los restantes 700.000 se destinarán al mercado doméstico (donde sobresale la demanda de la industria petroquímica que está comenzando a poner en marcha Arabia Saudita).

870 045

01 | 01

030

Arabia Saudita

Penuria saudita

RIAD, 3 (AP). — Arabia Saudita anunció que por primera vez en su historia deberá recurrir a sus reservas de petrodólares para cubrir el presupuesto fiscal de 45.300 millones de dólares de 1957.

Nunca antes los sauditas, los principales exportadores de petróleo del mundo, se habían visto en la necesidad de emplear parte de sus reservas de 90.000 millones de dólares para cubrir el déficit, que se estima será de 14.000 millones de dólares.

Los sauditas, que dieron a conocer su presupuesto el miércoles, dijeron que las ventas de petróleo representarán el 56 por ciento de sus ingresos, o unos 17.400 millones de dólares. El resto de sus ingresos procederá de plantas petroquímicas y de compañías petrolíferas de propiedad del gobierno.

El decreto real con el presupuesto se conoció al día siguiente de que el reino admitiera que no podía calcular sus ingresos debido a la inestabilidad del mercado petrolífero mundial

En 1980, los ingresos en concepto de petróleo fueron de 100.000 millones de dólares y representaron el 87,6 por ciento del total de sus ingresos. En esa época los sauditas producían unos 11 millones de barriles diarios.

PETRO

Al lector 03-1-87

Poco LEGIBLE

8701076

01 | 01

Novo ministro saudita quer aumentar petróleo

Abu Dhabi — A Arábia Saudita deseja que o preço do petróleo passe da faixa de 13 para 18 dólares o barril —, disse ontem o novo ministro do Petróleo, Hisham Nazer, que substituiu o xeque Ahmed Zaki Yamani. A agência de notícias saudita, captada em Abu Dhabi, informou que Nazer pediu uma reunião urgente do comitê de preços da OPEP.

A agência revelou que Nazer, que acumula o cargo de ministro do Planejamento, enviou uma carta ao secretário-geral da OPEP pedindo uma reunião do comitê antes do início do próximo mês (muçulmano), para que se comece "a estabelecer preços de acordo com o documento divulgado pelo Reino da Arábia Saudita no dia 17, que enfatiza a necessidade de elevar os preços para não menos de 18 dólares o barril".

O ministro adiantou, segundo a agência saudita, que os governos integrantes do comitê de preços "receberam bem a solicitação". Esse comitê foi formado durante a última reunião da OPEP — que durou duas semanas, em Genebra — e é presidido pelo ministro do Petróleo do Kuwait, xeque Ali Khalifa Al-Sabah. É integrado também pela Líbia e pelo Equador.

Nazer também exortou outro comitê da OPEP — o que trata da distribuição das novas quotas de produção — a continuar seu trabalho e preparar um estudo sobre a questão antes da próxima reunião do cartel, em Genebra, dia 11 de dezembro. Esse comitê, que é presidido pelo nigeriano Rilwanu Lukman (também atual presidente da OPEP), tem a missão mais espinhosa dentro da Organização.

Preços em oscilação

Na Europa, os preços do petróleo abriram em baixa após as informações de que o xeque Yamani, que, conduziu a política petrolífera da Arábia Saudita por 25 anos, havia sido sumariamente demitido pelo rei Fahd. O óleo Brent (largamente comercializado) caiu inicialmente 20 centavos. Mas a tendência não se manteve. O Brent subiu para 13,60 dólares o barril, voltando aos 13,30 no fechamento. Gasoil (óleo de aquecimento) caiu 5 dólares no preço da tonelada métrica, depois recuperou a perda. Em Nova Iorque, o óleo West Texas Intermediate, padrão de referência nos EUA, subiu 44 centavos para 14,17 dólares o barril logo na abertura dos negócios da Mercantile Exchange (bolsa de mercadorias). Em Tóquio, os preços perderam 60 centavos e baixaram a 11 dólares.

A oscilação parece ter sido causada pela perplexidade sobre a saída de Yamani e as diferentes opiniões que circularam sobre o destino da política petrolífera da Arábia Saudita, país que influencia diretamente — até com sua capacidade de produção — a OPEP. Em Paris o ministro saudita do Interior, príncipe Nayef Ibn Abdelaziz, que está em visita à França, disse que a saída de Yamani não significará qualquer mudança na política do país.

Para o ministro do petróleo da Indonésia, Subroto, a demissão de Yamani terá apenas um ligeiro efeito sobre o futuro da OPEP. Subroto está apostando em preços na faixa de 15 a 17 dólares em 1987. Em Washington, fontes do governo americano disseram que a Organização deverá sair enfraquecida e que esperam novas quedas nos preços.

Queda de xeque provoca instabilidade de preço

Uma pequena oscilação nos preços internacionais de petróleo, no curto prazo, e uma tendência altista a médio e longo prazos seriam as principais conseqüências da demissão do ministro do Petróleo da Arábia Saudita, Ahmed Zaki Yamani, substituído na última quarta-feira por Hishan Nazer, que ocupava o ministério do Planejamento. As avaliações das principais companhias petrolíferas do mundo ainda são preliminares mas as elevações observadas, ontem, nos mercados americano (o preço do barril chegou a US$ 1,29 acima da cotação anterior para o WTI) e londrino (aumento de 80 centavos de dólar por barril para o blend) confirmam essa tendência, na opinião dos observadores.

Entre as inúmeras versões que circularam, ontem, no mercado mundial na tentativa de interpretar os motivos que levaram o rei saudita, Fahd Abdulazis, a demitir um ministro que ocupava o cargo há mais de 25 anos, a mais correta, no raciocínio do superintendente comercial da Petrobrás, Arthur Carvalho, se refere às estratégias de produção e preços. Yamani defendia a ampliação do mercado para os países produtores, através da redução dos preços do petróleo enquanto setores ligados ao monarca imaginavam justamente o contrário. Rumores de que a OPEP teria convocado uma reunião extraordinária de seu comitê de preços, segundo o superintendente, reforçam, inclusive, essa avaliação.

A Arábia Saudita tem reservas de 23 bilhões 500 milhões de barris (24% do petróleo conhecido no mundo) e sua produção que já chegou a 10 milhões de barris/dia, no passado, caiu recentemente para 2 milhões de barris/dia. O declínio da produção foi resultado do sistema de cotas estabelecido pela OPEP para os seus países-membros depois dos sucessivos aumentos no preço do produto a nível mundial.

Yamani, a personificação do poder



Ministro do Petróleo de um país com cerca de um terço das reservas do mundo não comunista desde 1962, o xeque Yamani passou a personificar o poder que o óleo conferiu aos árabes. Desde que foi escolhido pelo rei Saud, tornou-se o principal executor — e muitas vezes o maior arquiteto — da política saudita para o petróleo.

O timoneiro Ahmed Zaki Yamani deu voltas de 180 graus. Ele foi um dos idealizadores do embargo de petróleo de 1973, que mandou os preços às alturas. Mas, ultimamente, também foi sua a decisão de abrir as torneiras da OPEP, o que levou os preços a uma queda livre de 28 para menos de 10 dólares num período de oito meses.

Aqueles que o conhecem de perto dizem que o objetivo maior de sua estratégia sempre foi assegurar o valor futuro do óleo saudita — o único recurso valioso do país. Mas, para muitos ocidentais, seus motivos são suspeitos. Na recente "guerra de preços" em que a OPEP embarcou, alguns viam um desejo de quebrar companhias de petróleo pouco lucrativas, muitas nos Estados Unidos.

Mas todos reconhecem que sua política levou à moderação, pois considerava do interesse saudita prolongar a dependência mundial do petróleo, evitando que os preços subissem muito. A queda do xá do Irã, em 1979, dificultou esse objetivo, ao cortar radicalmente a elevada produção iraniana e causar o segundo choque do petróleo.

Apesar de informações de que ultimamente o poder de Yamani estava se reduzindo, sua experiência e reconhecido talento negociador estavam fora da contestação. A drástica queda da produção a apenas 2 milhões de barris/dia no ano passado (quando a Arábia Saudita ainda procurava enxugar o mercado para sustentar os preços) tornou a vida difícil para o xeque Yamani em seu próprio país.

As tensões começaram a aparecer dentro do Reino. A queda da receita petrolífera descontentava as parceiras americanas na produção de óleo saudita (Texaco, Exxon, Mobil e Chevron) e também os burocratas no governo.

Fontes sauditas disseram que Yamani foi criticado duramente pelo governador de Riyad, príncipe Salman, e pelos ministros Nazer (que o substituiu) e Mohammed Abal-Jail (das Finanças). Suas divergências com a família real teriam se acirrado em relação ao príncipe Sultan, ministro da Defesa e irmão do rei Fahd.

Yamani nasceu em Meca, em 1930, filho de um juiz religioso. Formado em Direito pela Universidade do Cairo, especializou-se em Harvard, EUA, entrando para o governo em 1958 na função de assistente legal. Conhecido por seu temperamento suave, testemunhou dois fatos de extrema violência: o assassinato do rei Faisal, em março de 1975 e, nove meses depois, o seqüestro de diversos ministros do Petróleo durante uma reunião da OPEP, em Viena, pelo superterrorista Ilich Ramirez Sanchez, o Carlos. Yamani esteve entre os reféns.

Rei Fahd busca uma linha mais agressiva na OPEP

Sílvio Ferraz
Correspondente

Washington — Quando os escritórios de corretores do mercado futuro de Nova Iorque, Chicago e os quartéis das grandes empresas de petróleo dos Estados Unidos abriram suas portas, ontem pela manhã, o assunto dominante era a súbita demissão do então todo-poderoso ministro de Petróleo da Arábia Saudita, Ahmed Zaki Yamani, 56 anos, depois de ocupar o cargo quase a metade de sua vida. A mais provável conseqüência será a queda nos preços do petróleo nos mercados mundiais. O barril poderá chegar até a 10 dólares — atualmente está sendo cotado a 14 dólares —, segundo especialistas em energia.

A partida de Yamani do cenário do petróleo é o indicador de que o rei Fahd, da Arábia Saudita, deseja não só ser o único responsável pela política de petróleo de seu país, falando para a comunidade internacional sem intermediários, como também retomar uma linha mais agressiva, buscando reconquistar preciosas fatias de mercado. Para seu soberano Yamani teria cometido o erro do excesso de moderação, zelando pelos interesses institucionais da OPEP, pela estabilização do mercado, ao invés de preservar o fluxo dos petrodólares para os cofres sauditas.

Apesar de ter sido substituído pelo atual ministro do Planejamento, Hisham Nazer — que acumulará as duas pastas e está familiarizado com os procedimentos de Yamani nos meandros do mundo do petróleo, já que foi seu assessor durante anos — os especialistas só sossegarão depois que enxergarem no horizonte os primeiros indícios da nova política energética do terceiro maior produtor do mundo — depois da União Soviética e Estados Unidos. Há ansiedade e incerteza, afirmou Daniel Yergin, que preside a Cambrigde, empresa consultora de energia.

Apesar de o comunicado oficial não ter passado de cinco linhas, funcionários sauditas vazaram para os correspondentes ocidentais que uma das principais razões da demissão de Yamani teria sido seu fracasso em conseguir bons resultados para a Arábia Saudita na reunião da OPEP, encerrada na semana passada em Genebra, com um impasse. Yamani teria sido, segundo estas fontes, excessivamente cauteloso, buscando um consenso entre os 13 países-membros sobre os níveis de produção. Isso contrastou com a posição assumida publicamente pelo rei Fahd que, por inúmeras vezes, declarou desejar o preço estabilizado entre 17 e 19 dólares o barril. Mas, segundo a opinião de analistas de Nova Iorque e executivos de empresas de petróleo do Texas — alguns com estreitos laços de amizade com o ministro demitido — o fracasso na reunião da OPEP não passa de um pretexto.

Sanford Margoshes, analista da Shearson Lehman Brothers, levanta uma preciosa pista que explicaria a demissão de Yamani: o ministro estaria concedendo descontos de até 50 centavos de dólar por barril nos últimos negócios fechados pela Arábia Saudita. E mais: o rei Fahd não teria sido avisado desses descontos. Contrariar a palavra do rei num momento muito sensível é gravíssimo, ponderou Margoshes.

Educado na universidade do Cairo e em Harvard, Yamani — apesar de não pertencer à família real saudita — alcançou um status incomparável na comunidade internacional. Reconhecido por sua competência e moderação, Yamani foi o principal arquiteto da construção da OPEP, em 1960, que mais tarde sacudiria o mundo com dois choques de petróleo, mudando todo o cenário da economia mundial.

Nazer, o gestor do crescimento



Hisham Nazer, que foi nomeado para substituir o xeque Ahmed Zaki Yamani como novo Ministro do Petróleo saudita, pode não ter o reconhecido internacional de seu predecessor, mas economistas e analistas que o conhecem afirmam que logo sua fama crescerá.

Economista, formado na Universidade da California de Los Angeles (UCLA), foi indicado como chefe da Organização de Planejamento três anos depois. No posto, ele comandou o crescimento num período de acumulação de riquezas sem precedentes, que foi seguido das inesperadas restrições conseqüentes da queda dos preços do petróleo.

— Ele conjuga o perfil pouco comum de quem tem experiência em lidar com a família real e possui uma forte base técnica — disse John T. Dunlop, professor aposentado de Economia em Harvard, que por longo tempo fez parte da equipe de especialistas americanos que analisava os planos de desenvolvimento sauditas atualmente a pedido de Nazer.

Nazer começou sua carreira no governo no Ministério do Petróleo e cada vez mais foi se envolvendo com a política petrolífera nos últimos anos como uma liderança forte na mudança da Arábia Saudita em direção à construção de uma indústria petroquímica doméstica. O surgimento das novas cidades industriais de Yenbo, no Mar Vermelho, e Jubail, no Golfo Pérsico, foram projetos de que participou.

Cosmopolita, apaixonado por futebol, Nazer entrou em conflito várias vezes com Yamani em torno da política petrolífera.

— O ministro do Planejamento transformou-se num arquiinimigo de Yamani por muitos anos — disse Feriedun Fesharaki, chefe do programa energético do East-West Center, um instituto de pesquisas independente de Honolulu. — Suas divergências remontam à metade dos anos 70, quando Yamani pregava um aumento da produção de petróleo, enquanto Nazer defendia cortes.

Embora não aparentado com a família real, Nazer tem um background respeitável para os sauditas. Antes de entrar na UCLA, ele estudou no Victoria College, em Alexandria, no Egito, uma escola em moldes britânicos freqüentada por muitos árabes importantes.

Ao ingressar na Organização de Planejamento Central, Nazer era um protegido do Rei Fahd, na época um príncipe e presidente do conselho supremo de Petróleo, sob o rei Saud Faisal.

Esta proteção não comprometeu sua reputação de prudência e perspicácia, de um homem que mescla o interesse pela modernização da economia nacional com a devoção à preservação da cultura saudita. Por exemplo, ele se opôs a misturar homens e mulheres no trabalho, enquanto defendia planos para promover mais mulheres a cargos que descrevia como "de prestígio e aceitáveis para nossa cultura".

Nazer é casado e mantém uma casa de veraneio no Sul da Califórnia.

8701325

030

Primera visita saudita a la URSS

MOSCU, 21 (Por Dominique Dhombres de "Le Monde" especial para Clarín). — Por primera vez, un ministro saudita de petróleo visita la Unión Soviética. Hisham Nazer, que en octubre sucedió al cheik Yamani, fue recibido el martes por Eduard Shevardnadze y Aristov, ministros de Relaciones Exteriores y de Comercio Exterior respectivamente. Después de ignorarse olímpicamente durante décadas, la URSS y Arabia Saudita han establecido algunos contactos tímidos en los últimos años. El martes 20 un portavoz soviético señaló: "Nosotros favorecemos el restablecimiento de relaciones normales con Arabia Saudita; hoy tenemos misiones diplomáticas pero estas no están formalizadas. Nuestro país no tiene embajada en Arabia Saudita".

En el plano jurídico, las relaciones entre la Meca del comunismo y la del Islam constituyen un rompecabezas. Por motivos políticos y religiosos, durante mucho tiempo la monarquía saudita se negó a reconocer el régimen ateo de Moscú. Esta posición fue moderándose con el tiempo.

♦ El precio del petróleo

Es evidente que Moscú y Riad tienen una preocupación común, el precio mundial del petróleo, pese a que sus intereses a veces se opongan en este tema. El ministro saudita informó a Shevardnadze sobre "los esfuerzos hechos por la OPEP a fin de estabilizar el mercado del petróleo y mantener el precio a un nivel razonable", según ha comentado la agencia soviética.

Por lo demás el ministro soviético de Relaciones Exteriores y Nazer "analizaron algunos temas internacionales, en especial la situación explosiva creada por la falta de progresos en un eventual acuerdo global en el Medio Oriente y al largo conflicto entre Irán e Irak".

La producción petrolera de la URSS, que registró bajas constantes en los últimos años, parece estabilizada. La URSS sigue siendo el primer productor mundial de petróleo.

Moscú espera que los precios sean los más elevados posible, ya que sus ingresos en divisa provienen básicamente del petróleo y el gas. Es por esto que la URSS no veía con buenos ojos la política de Yamani, que pretendía mantener bajos los precios para provocar el "shock" necesario. Es indudable que la estrategia actual de Riad, que busca mantener el precio en 18 dólares el barril, es más aceptada aquí.

01 | 01 8702202

030.

SECRETO

5 de enero de 1987

Informe Nº: IA 130

Asunto : Relaciones de ARABIA SAUDITA con la UNION SOVIETICA
Cuadro de situación

Información

1. Basándose en un periódico libanés publicado en LONDRES, la Agencia Noticiosa de KUWAIT informaba el 17 de diciembre último que el Embajador soviético en GRAN BRETAÑA, ZEMIATIN, había visitado en su casa al Embajador saudita, NASSER ALMANKUR. Ambos diplomáticos conversaron sobre los siguientes temas:

   a. La Conferencia Internacional - ZEMIATIN manifestó que una conferencia de esta clase no podría ser provechosa sin la participación de la URSS, expresando la aspiración de que exista un consenso árabe al respecto.

   b. La unidad de la OLP - Según el Embajador soviético, su país no perdió la esperanza de que se recupere la cohesión dentro de la OLP y sigue obrando en este sentido en sus contactos con el gobierno sirio.

   c. Establecimiento de relaciones diplomáticas con ISRAEL - ZEMIATIN subrayó que no se había producido ningún cambio en la posición de MOSCU sobre el tema y el Encuentro de HELSINKI no debe ser considerado como un paso concreto en dirección a un cambio en la posición soviética.

Antecedentes

2. Cuando GORBACHEV asumió el poder, los soviéticos resolvieron intensificar sus esfuerzos con respecto a los países del Golfo Pérsico a fin de arribar a lo que ellos llaman "normalización" (es decir, el establecimiento de relaciones diplomáticas totales). El órgano árabe "Al-Mustakbal" del 18.5.85 decía que GORBACHEV mismo había pedido que se invirtieran todos los esfuerzos posibles para materializar este objetivo. Hasta ahora, los esfuerzos soviéticos obtuvieron cierto éxito: efectivamente, OMAN y los EMIRATOS ARABES UNIDOS han establecido relaciones diplomáticas plenas con la URSS.

3. Por el momento no se perfila un cambio en la posición de ARABIA SAUDITA en lo referente al establecimiento de relaciones diplomáticas con el Kremlin. En el pasado, los sauditas habían justificado la falta de relaciones por dos razones principales:

01.03

8702829

../2

a. La continuación de la ocupación soviética en AFGANISTAN.

b. La política de persecución de la minoría musulmana en la UNION SOVIETICA.

4. Hasta tanto se sabe, el Rey FAHED se opone a reanudar las relaciones con la UNION SOVIETICA, y por el contrario, parecería que el Príncipe Heredero y otros Príncipes de la cúpula saudita apoyan estas relaciones.

5. Cabe señalar que desde fines de la década del 70, MOSCU actúa sistemáticamente con respecto a los sauditas, tratando de convencerlos para que pongan fin a la situación de carencia de un vínculo formal entre ambos países. La prensa soviética no demuestra una actitud crítica hacia los sauditas, y de vez en cuando incluso aparecen artículos que hablan abiertamente en favor de la normalización de las relaciones (por ejemplo, "Izvestia" del 16.2.86).

6. La UNION SOVIETICA ha mantenido contactos con los sauditas a través de sus Embajadores en KUWAIT y en LONDRES. Así por ejemplo, en noviembre de 1985 tuvieron lugar en KUWAIT conversaciones comerciales entre ambos países. Debe señalarse que en los últimos años se produjo un aumento considerable en el comercio entre ambos países, que se refleja en el incremento de la exportación de petróleo saudita a la UNION SOVIETICA. Es posible que esta exportación constituya el pago por equipo militar soviético suministrado a países árabes (IRAK y quizás SIRIA).

7. Desde el punto de vista de la URSS, el esfuerzo de propaganda invertido en propuestas para solucionar el problema de AFGANISTAN estuvo destinado a eliminar uno de los obstáculos principales que según los sauditas estorbaban el establecimiento de relaciones entre ambos países. Asimismo, la política desarrollada por los soviéticos cultiva el vínculo entre las organizaciones islámicas soviéticas y sus similares del Cercano Oriente a fin de:

a. Reclutar el apoyo islámico a objetivos de la política exterior soviética (por ejemplo, las propuestas de la URSS para el desarme nuclear0.

b. Calmar la preocupación de países islámicos y desmentir las persecuciones contra la minoría musulmana dentro de la UNION SOVIETICA misma.

En el marco de estos esfuerzos, entre el 1º y el 3 de octubre de 1986 se llevó a cabo un Congreso de Organizaciones Islámicas en la ciudad de BAKU (URSS), y los sauditas incluso mandaron una delegación al mismo.

.02 ../3

8702829

Evaluación

8. Estimamos que el encuentro de los Embajadores en LONDRES no debe ser considerado como un caso insólito. El mismo condice con las tendencias soviéticas con respecto a ARABIA SAUDITA, tal como se describieran más arriba. El Embajador soviético en LONDRES es una personalidad conspicua y es miembro pleno del Comité Central. En el pasado, ZEMIATIN se había desempeñado como Secretario del Comité Central y como portavoz de BREZHNEV y GORBACHEV.

9. El mensaje referente a la Conferencia Internacional encuadra en la tendencia soviética a crear un consenso árabe que apoye la vía propuesta por MOSCU para solucionar el conflicto de la zona. El Kremlin atribuye importancia al apoyo saudita al consenso árabe con respecto a la participación de la UNION SOVIETICA en el proceso político mediante una Conferencia Internacional. Lo mismo es válido en lo que atañe a la necesidad de movilizar el apoyo de ARABIA SAUDITA, por la influencia que tiene sobre SIRIA, para respaldar el esfuerzo de MOSCU que trata de unificar las filas en la OLP.

10. Las palabras tranquilizadoras de ZEMIATIN en cuanto a la posibilidad de que la UNION SOVIETICA restablezca las relaciones diplomáticas con ISRAEL no constituyen una novedad. Embajadores soviéticos en otros países árabes han transmitido mensajes similares, y el 10 de noviembre último, también el Ministro de Relaciones Exteriores, EDUARD SHEVARNADZE, se refirió públicamente a este tema en VIENA. Cabe señalar que tras el Encuentro de HELSINKI, los medios de comunicación sauditas se caracterizaron por la crudeza de sus críticas contra la UNION SOVIETICA. A esto se debe el deseo soviético de tranquilizar a los sauditas, de que pese a los contactos no se prevé un cambio en las posiciones básicas de la URSS, que apoyan claramente a la causa árabe.

11. En resumen, pese a que no existe la posibilidad de un cambio drástico en el modelo existente de las relaciones entre los dos países, es razonable suponer que la UNION SOVIETICA habrá de perseverar en sus esfuerzos que procuran una normalización completa. Entretanto, MOSCU trata de incrementar los contactos prácticos a fin de crear una infraestructura que facilite el establecimiento total de las relaciones entre ambos países.

030

Arábia Saudita cruzado con Nicaragua

Sauditas financiaram "contras"

Jeff Gerth

The New York Times

Washington — O rei Fahd e outras altas autoridades da Arábia Saudita concordaram em 1981 em ajudar grupos de resistência anticomunista em várias partes do mundo, como parte do acordo pelo qual o governo americano lhes venderia sofisticados aviões AWAC dotados de radar, afirmaram funcionários americanos e outras pessoas envolvidas no trato.

Segundo um empresário que disse ter recusado ofertas de Fahd e outros sauditas para servir de intermediário, o rei saudita e assessores tentaram em 1984 e 1985 enviar 15 milhões de dólares aos guerrilheiros contra da Nicarágua. Este dinheiro, afirma o empresário, teria sido enviado através de Richard Secord, general reformado da Aeronáutica, e de seu sócio, Albert Hakim.

Investigações do Congresso americano já revelaram que Secord e Hakim estivera envolvidos no programa secreto de abastecimento militar dos contras durante o período em que o Congresso limitava estritamente este tipo de ajuda. Secord também negociou a venda de aviões AWAC aos sauditas em 1981, antes de se reformar.

Os investigadores do Congresso também afirmaram que obtiveram prova de que os sauditas forneceram fundos a grupos guerrilheiros apoiados pelos Estados Unidos durante este período. Mas a revelação do acordo de 1981 esclarece pela primeira vez a origem do apoio saudita aos guerrilheiros anticomunistas, assim como o envolvimento pessoal do rei.

Demonstra também que o governo do presidente Ronald Reagan valeu-se de meios secretos para fornecer ajuda a grupos como o dos rebeldes nicaragüenses anos antes do que já era do conhecimento público. Não se sabe ainda quem, no governo americano, propôs pela primeira vez que a Arábia Saudita participasse do financiamento desses grupos apoiados pelos Estados Unidos. Também não parece claro por que razão Washington procurou arranjar este tipo de ajuda já em 1981. Qualquer tipo de ajuda secreta a movimentos rebeldes teria de ser comunicada a comissões encarregadas no Congresso, mas até 1983 não existia, por exemplo, qualquer proibição expressa de ajuda aos contras.

O porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater, disse não haver "qualquer indicação" de que o fornecimento dos aviões à Arábia Saudita tenha sido feito em troca do financiamento a guerrilheiros. Também o porta-voz do Departamento de Estado, Charles Redman, reagiu à informação do New York Times reiterando que apenas a preocupação com os interesses americanos no Golfo Pérsico determinou a venda dos AWACs.

GONZALEZ - PEREA

JORNAL DO BRASIL 05-2-87

PARTES ILEGIBLE

8703022

1

030
H.E.B.

R E S E R V A D O

17 de febrero de 1987

Informe Nº: U 938

Asunto : ARABIA SAUDITA - Intranquilidad en la Corte

INTRODUCCION

En ARABIA SAUDITA hay signos de críticas por el desempeño del Rey FAHED, que está viejo y enfermo. En el exterior incluso se escuchan exhortaciones abiertas por parte de sauditas para que se destituya al Rey y se realicen reformas liberales. El monarca, por su parte, trata de robustecer su posición con medidas organizacionales y de ceremonial.

1. INFORMACION

a. Recientemente se descubrieron varias señales (si bien algo vagas) de intranquilidad en la Corte, e incluso signos de preparativos para una posible pugna por la sucesión.

b. El Rey FAHED IBN ABDEL AZIZ, que actúa también como Primer Ministro y Comandante Supremo de las Fuerzas Armadas, se adjudicó asimismo recientemente (28.10.86) el título religioso de "Servidor (Guardián) de los Lugares Santos". El Rey no goza de buena salud, sufre de exceso de peso, diabetes y quizás también de una enfermedad cardíaca. En la Conferencia Cumbre Islámica realizada en KUWAIT no pudo pronunciar su discurso ante el plenario, a causa de su debilidad ("Al-Ahram", 29.1.87). Se informó que sufre períodos de depresión e introversión, y que tiende a tomar decisiones sin aconsejarse. Por lo tanto, hay quienes ponen en duda su capacidad de desempeñar sus funciones por mucho tiempo.

c. FAHED, por su parte, trata de demostrar que todavía es apto para reinar: destituyó al ministro del Petróleo, ZAKI YAMANI, y nombró en su lugar a HASHEM NAZER, fiel partidario suyo. También efectuó una serie de nombramientos de Ministros de Estado, altos funcionarios y oficiales superiores. En la prensa saudita se observan señales de una campaña de "relaciones públicas", destinada a poner de relieve hasta qué punto el Rey es "amado por el pueblo" y se preocupa por el bienestar del mismo.

d. Un llamado abierto a destituir al Rey (por corrupción y desempeño deficiente) se escuchó en ESTADOS UNIDOS en noviembre de 1986,

procedente de un exiliado saudita llamado FARID IDRI, que lo publicó en una hoja distribuida a los miembros del Congreso.

e. Se supone que si efectivamente FAHED fuera destituido ("por razones de salud"), lo sucedería su hermanastro ABDALLAH, que es el Príncipe Heredero, a cuyo lado habría un Consejo Asesor. Cabe señalar que tampoco ABDALLAH goza de buena salud (el heredero siguiente es el Príncipe SULTAN, Ministro de Defensa).

f. El Príncipe TALAL, también hermanastro del Rey, apoya abiertamente la democratización y liberalización del régimen ("Al Mustakbal", 25.10.86). Este propone la restauración del Consejo Asesor (institución creada en la década del 20, pero dejó de funcionar ya en los años 50), primero por designación y más tarde se convertiría gradualmente en un Parlamento electo.

2. EVALUACION

a. A través de la información de que disponemos, puede deducirse que en ARABIA SAUDITA se escuchan -más que en el pasado- opiniones favorables a la destitución del Rey FAHED. Si bien parte de la información procede de habladurías en torno a la Corte, con todo debe ser considerada como un reflejo de estados de ánimo en RIAD. Una atmósfera de esta clase da lugar a intrigas e ideas de reforma.

b. El título religioso asumido por el Rey, la destitución de YAMANI y los cambios personales en el gobierno pueden ser considerados como signos de autodefensa del Rey, sumido quizás en una sensación de intranquilidad. (La "Sharía" destaca que el gobernante debe ser un musulmán devoto y la exaltación de la devoción religiosa de FAHED tiene por objeto servir a esta finalidad). Al respecto, debe destacarse la importancia del apoyo al régimen por parte de los ulemas wahabitas dirigidos por la familia AAL-EL-SHEIKH. Todo cambio en la cúpula requerirá la aprobación del establishment religioso, que mantiene una alianza de 200 años con la Casa Real saudita.

c. Cabe suponer que a largo plazo al régimen le resultará difícil ignorar las exhortaciones a una reforma, formuladas con mayor insistencia por Príncipes jóvenes y ambiciosos (la generación de los bisnietos de ABDEL AZIZ), comerciantes de la clase media que se vieron afectados por la recesión económica y por lo egresados de universidades de Occidente que vuelven a ARABIA SAUDITA con un bagaje espiritual democrático-liberal. Para enfrentar la exigencia de reformas, naturalmente existe un dilema. El Rey tiene conciencia de los problemas que implica la instauración de la democracia y

tiene ante la vista el ejemplo de KUWAIT, que el año pasado desistió de su intento democrático decepcionante.

3. RESUMEN

FAHED y ABDALLAH, que están envejeciendo, tarde o temprano tendrán que enfrentar una situación socio-económica cambiante y desconocida (recesión económica, expectativas frustradas, exigencias de reformas), esforzándose al mismo tiempo por conservar la estabilidad del reino. Debe destacarse que se trata de un proceso, y no de un pronóstico de hechos que sucederán en un futuro próximo. También en caso de que el Rey sea destituido, cabe suponer que su sucesor continuará su trayectoria, manteniéndose fiel a los valores del Islam, al conservadorismo político y a una política prudente y defensiva.

B
ARABIA SAUDITA
030

SECRET

17TH JUNE 1987

REPORT NO.: 2684

SUBJECT: INTER-ARAB/ACTIVITIES IN CONNECTION WITH AN ARAB SUMMIT

1. LIVELY POLITICAL ACTIVITIES HAVE RECENTLY BEEN GOING ON IN VARIOUS ARAB CIRCLES, THEIR COMMON DENOMINATOR BEING AN EFFORT TO SETTLE DIFFERENCES AND SQUABBLES, MANY OF THEM OF LONG STANDING. PARTICULARLY OUTSTANDING IN THIS FRAMEWORK ARE THE DIALOGUE BETWEEN SYRIA AND IRAQ THROUGH JORDANIAN (AND APPARENTLY ALSO SAUDI) MEDIATION, THE RECENT MEETING BETWEEN THE LEADERS OF ALGERIA AND MOROCCO, IRAQI-LIBYAN CONTACTS, THE RE-ESTABLISHMENT OF UNITY IN THE PLO AND THE ATTEMPTS TO REACH A COMPROMISE BETWEEN SYRIA AND THAT ORGANIZATION. A BY-PRODUCT OF THIS ACTIVITY IS A WAVE OF OPTIMISTIC ASSESSMENTS BY CERTAIN ARAB ELEMENTS THAT THESE RECONCILIATION CONTACTS COULD PROMOTE THE CHANCES OF CONVENING AN ARAB SUMMIT THIS YEAR. IN THIS CONNECTION:

A. THE SECRETARY GENERAL OF THE ARAB LEAGUE, SHADHLI QLIBI, ANNOUNCED IN A NEWSPAPER INTERVIEW THAT AN ARAB SUMMIT IS EXPECTED TO CONVENE SOMETIME IN THE COURSE OF 1987, SINCE THREE MAIN ISSUES WHICH HAD UNTIL NOW PREVENTED ITS CONVENING HAD BEEN SETTLED - THE REUNIFICATION OF THE PLO, THE ACCEPTANCE BY ALL THE ARAB STATES OF THE IDEA OF AN INTERNATIONAL CONFERENCE UNDER THE AUSPICES OF THE UNITED NATIONS AND WITH THE PARTICIPATION OF THE PLO, AND THE CRYSTALLIZATION OF A UNIFIED ARAB STAND ON THE GULF WAR (THE UNANIMOUS DECISION TAKEN AT THE LAST ARAB LEAGUE COUNCIL MEETING IN APRIL OF THIS YEAR). IT HAS BEEN REPORTED THAT IN EARLY JUNE, QLIBI INTENDS TO GO ON A TOUR OF ARAB STATES, BEGINNING WITH JORDAN, FOR THE PURPOSE OF LAYING THE GROUNDWORK FOR THE CONVENING OF AN ARAB SUMMIT.

B. A SENIOR PERSONALITY IN THE ARAB LEAGUE SAID THAT THE ARAB STATES HAD INDEED AGREED TO CONVENE THE SUMMIT IN RIYADH IN EARLY SEPTEMBER 1987, DESPITE THE LIMITED RESULTS OF RECONCILIATION EFFORTS TO DATE. HE SAID THAT ONE OF THE MAJOR OBSTACLES THAT STILL HAD TO BE OVERCOME WAS THE QUESTION OF RELATIONS BETWEEN SYRIA AND THE PLO. HE NOTED, HOWEVER, THAT THIS COULD BE OVERCOME THROUGH SOVIET AND ARAB MEDIATION.

C. THE MEDIA IN THE GULF EMPHASIZE THAT SAUDI ARABIA IS NOW TRYING TO PUT TOGETHER A "SUMMIT OF CONSENSUS" AND NOT A "SUMMIT OF MAJORITY". IT IS CLAIMED THAT A SUMMIT OF THIS SORT COULD BE A MAJOR STEP IN THE DIRECTION OF AN INTERNATIONAL CONFERENCE ON A SOLUTION TO THE MIDDLE EAST

2/..

CONFLICT.

EVALUATION

2. SAUDI ARABIA IS PLAYING A CENTRAL ROLE IN THE PRESENT EFFORTS TO PROMOTE ARAB RECONCILIATION, BOTH BECAUSE OF ITS TRADITIONAL ROLE AS AN ELEMENT TRYING TO IMPROVE RELATIONS IN THE ARAB WORLD, AND BECAUSE OF ITS SPECIAL INTEREST IN HOSTING THE ARAB SUMMIT IN RIYADH. (IT WILL BE RECALLED THAT A REGULAR ARAB SUMMIT HAS NOT BEEN CONVENED FOR ALMOST FIVE YEARS).

3. THERE IS NOT NECESSARILY A DIRECT CONNECTION BETWEEN THE VARIOUS RECONCILATION EFFORTS IN THE ARAB WORLD, SINCE THEY HAVE DIFFERENT MOTIVES AND OBJECTIVES. AT THIS POINT IT IS NOT YET CLEAR WHAT THE RESULTS OF THESE EFFORTS WILL BE. ALTHOUGH THE IRAQ SYRIAN DIALOGUE CONTINUES, BUT THE MOROCCAN-ALGERIAN SUMMIT HAS FAILED. HOWEVER, THE PROXIMITY OF THESE RECONCILATION CONTACTS HAS CREATED A MORE CONGENIAL ATMOSPHERE IN THE ARAB WORLD AND CERTAINLY NURTURED RENEWED HOPES FOR THE CONVENING OF AN ARAB SUMMIT IN THE NEAR FUTURE.

4. ALL OF THE ABOVE STILL CANNOT GUARANTEE THAT THE ARAB SUMMIT WILL INDEED CONVENE IN THE NEAR FUTURE. AS IN THE PAST, THIS WILL DEPEND ON THE RESULTS OF THE INTER-ARAB RECONCILATION EFFORTS, AND ESPECIALLY ON THE STAND OF SYRIA, WHICH HAS BEEN THE MAIN OBSTACLE TO THE CONVENING OF THE ARAB SUMMIT IN THE RECENT YEARS. IN THE PAST SEVERAL MONTHS,THE SYRIAN LEADERSHIP HAS BEEN CREDITED WITH MAKING POSITIVE STATEMENTS ON THE CONVENING OF A SUMMIT MEETING. THE SYRIAN-IRAQI DIALOGUE AND ITS RESULTS WILL PRESUMABLY BE OF MAJOR IMPORTANCE IN DETERMINING THE FATE OF THE ARAB SUMMIT.

5. SAUDI ARABIA AND THE SECRETARY GENERAL OF THE ARAB LEAGUE (WHO WAS CHARGED BY THE LAST LEAGUE COUNCIL WITH TRYING TO PROMOTE THE SUMMIT) WILL MOST PROBABLY CONTINUE THEIR EFFORTS TO BRING ABOUT A THAW IN RELATIONS IN THE ARAB WORLD IN PREPARATION FOR THE CONVENING OF THE ARAB SUMMIT. IT SEEMS THAT THE NEED TO FORMULATE A STAND ON THE ISSUE OF THE INTERNATIONAL CONFERENCE ON A SOLUTION TO THE MIDDLE EAST CONFLICT WILL ALSO ACT AS A CATALYST. WE ASSESS THAT:

A. THE STAND ADOPTED BY SYRIA WILL HAVE GREAT INFLUENCE ON THE CHANCES OF A REGULAR SUMMIT BEING CONVENED. THIS STAND, FOR ITS PART,WILL BE INFLUENCED BY THE MOVES IN THE SYRIAN-IRAQI DIALOGUE AND BY SYRIA'S ATTITUDE TOWARDS THE PALESTINIANS.

B. SAUDI ARABIA WILL TRY TO CONVENE THE SUMMIT,ONCE THE SUCCESS OF THE EFFORTS TO RECONCILE THE VARIOUS CAMPS IN THE ARAB WORLD IS GUARANTEED. THE SAUDIS MADE THIS A PRECONDITION FOR AGREEING TO HOST THE SUMMIT.

6. WE SHOULD BE MOST GRATEFUL FOR ANY INFORMATION YOU MAY BE ABLE TO SUPPLY ON THE CONVENING OF THE SUMMIT,SUCH AS DATES AND ISSUES TO BE DISCUSSED.

02.02

Buenos Aires, domingo 2 de agosto de 1987

TRAGICOS CHOQUES ENTRE IRANIES Y LA POLICIA SAUDITA

Hubo más de 400 muertos en el peregrinaje anual a La Meca

El mundo árabe se encuentra convulsionado por la masacre desencadenada el viernes cuando unidades de la policía antimotines de Arabia Saudita cargaron contra 150.000 iraníes que participaban, junto con 2 millones de musulmanes, en el peregrinaje anual a La Meca. Hasta el momento se estiman en 402 los muertos. Manifestantes iraníes quemaron la embajada de Kuwait en Teherán, saquearon la de Arabia Saudita y apedrearon la francesa. Hay posibilidades de que se produzcan hoy nuevos enfrentamientos en La Meca.

RYAD, 1° (AFP, ANSA, AP, DPA, EFE, Reuter y UPI). — Arabia Saudita dijo esta noche que 402 personas fueron muertas en manifestaciones protagonizadas el viernes por peregrinos iraníes que se dirigían en procesión hacia la sagrada ciudad musulmana de La Meca.

Los informes sobre la masacre, que parece haberse desencadenado a partir del voceo de consignas antinorteamericanas por los iraníes, variaron durante el día. Hasta el momento, del total de muertos pudo discriminarse a más de 200 peregrinos iraníes, más de 80 policías sauditas y 42 extranjeros.

También era confusa la secuencia de acontecimientos. Según Arabia Saudita, la masacre fue producto de los 150.000 peregrinos iraníes, que proclamaban la consigna Muerte a Estados Unidos, Arabia Saudita y a Saddam Hussein, presidente de Irak. Al mismo tiempo, Irán sostiene que sus peregrinos fueron atacados por la policía con gases lacrímogenos, agua hirviente, bastones eléctricos y armas automáticas.

El origen de la tragedia parece haber tenido lugar el martes último, cuando el ayatollah Ruhollah Komeini, líder espiritual de Irán, difundió un enérgico mensaje llamando a los peregrinos y a los "desheredados" a una movilización general en defensa de la República Islámica, víctima de un "complot de las grandes potencias" para "robarle su victoria contra Irak" interviniendo en el Golfo Pérsico (ver pág. 5). Además Komeini amenazó con una crisis petrolera general y afirmó que "Irán irá hasta el fin".

Al parecer, este mensaje debía ser presentado a los peregrinos durante una gran manifestación este domingo. Sin embargo, los hechos se precipitaron: los iraníes comenzaron a manifestarse ayer viernes ante la Gran Mezquita de La Meca, según numerosos testimonios, y empezaron a incendiar vehículos. Según los médicos que atendieron a las víctimas, la policía replicó usando cañones de agua, que disparan chorros de agua hirviente calentada por el sol, y bastones eléctricos. Hoy Arabia Saudita advirtió que estaba prohibida toda nueva manifestación, pero no se descartaban nuevos incidentes de violencia este domingo si los iraníes no acataban la decisión.

Los incidentes duraron unas tres horas, y los primeros enfrentamientos tuvieron lugar en la puerta principal de la Gran Mezquita, pero los más violentos se desarrollaron cerca de la residencia de los peregrinos iraníes. Arabia Saudita difiere de las versiones de los peregrinos y los médicos árabes, al afirmar que la policía solo intervino para detener los enfrentamientos entre los peregrinos iraníes y los de otros países.

El peregrinaje, que se ha convertido en un motivo de tensión periódica entre Arabia Saudita e Irán, reúne este año a 2 millones de musulmanes, 150.000 de los cuales son iraníes. La explosividad de la ceremonia de este año se deriva del crítico momento que atraviesa la guerra Irán-Irak, donde la mayoría de los países árabes y Estados Unidos ha tomado partido por Irak, y de la posibilidad de que los hechos del viernes desaten una quiebra en el mundo musulmán.

La finalización del peregrinaje está prevista para el próximo martes 4, con la Fiesta del Sacrificio (Aid el Adha). El gobierno saudita basa su prohibición de manifestantes en la necesidad de respetar los lugares santos.

♦ Hablan los peregrinos

Majdi Karrubi, jefe de los peregrinos iraníes a La Meca, sostuvo hoy: "Nos mantendremos firmes, hasta el último de nosotros, hasta la última gota de nuestra sangre, para defender nuestra rectitud y nuestros principios divinos. Estamos preparados para sacrificar felices nuestras vidas, en nombre de Alá".

El gobierno iraní decretó hoy día de duelo nacional "en memoria de los peregrinos iraníes muertos como mártires durante el ataque lanzado contra ellos por la policía saudita ante La Meca".

(Más información en las páginas 2 a 5)

Agencia Reuter



Un nutrido grupo iraní marchó sobre la embajada de Kuwait, en Teherán: acusaron a este país de "complicidad" con la represión a los peregrinos a La Meca.

Irán: atacan embajadas de París, Ryad y Kuwait

Una multitud enardecida por las informaciones sobre la muerte de sus compatriotas en La Meca, asaltó y saqueó en Teherán las embajadas de Arabia Saudita y de Kuwait y atacó la representación diplomática de Francia. Posteriormente, según denuncia de Ryad, cuatro diplomáticos sauditas fueron secuestrados por los manifestantes, con lo que se incrementó peligrosamente la crisis. (Más información en las páginas 2 y 3.)

01|03 8706500

Buenos Aires, domingo 2 de agosto de 1987 ★ CLARIN

PERLA

LA CRISIS POR LA MASACRE EN La Meca

Atacaron 3 EMBAJADAS EN TEHERAN

Agencia AP



Manifestantes komeinistas ocuparon ayer las instalaciones de la embajada de Arabia Saudita en Teherán, en repudio a la alegada matanza de peregrinos en La Meca.

El presidente iraní, Alí Kamenei, denunció a Estados Unidos como principal responsable de la matanza de peregrinos iraníes en La Meca. En Teherán, cientos de manifestantes atacaron y saquearon las embajadas de Arabia Saudita, Kuwait y Francia, aunque en este último caso las versiones francesa e iraní sobre los incidentes resultan contradictorias. Poco después la televisión de Ryad informaba que cuatro diplomáticos sauditas fueron secuestrados en Irán. Fue convocada para mañana una concentración masiva en la capital iraní.

TEHERAN, 1º (AP, DPA, EFE y UPI) — Varios miles de manifestantes asaltaron y saquearon hoy en Teherán las sedes de las embajadas de Arabia Saudita y Kuwait, la que también fue incendiada, y atacó la de Francia, como respuesta a la muerte de un número todavía impreciso de peregrinos iraníes a La Meca, en enfrentamientos mantenidos ayer en la ciudad santa contra efectivos de la policía saudí (ver crónica de tapa).

La situación en la sede de la embajada francesa en Teherán fue objeto de informaciones contradictorias, según provinieran de fuentes iraníes o francesas.

Para las primeras, de acuerdo con la versión de la agencia oficial de noticias Irna, "un grupo de indignados manifestantes irrumpieron al mediodía de hoy en la sede de la embajada de Francia para

Poco Legible

02

8706500

PERLN

MASACRE EN LA MECA
tres embajadas en Teherán

arriar la bandera de ese país y demostrar su odio al gobierno francés por su apoyo a los gobiernos reaccionarios árabes".

En París, sin embargo, el Ministerio de Relaciones Exteriores de Francia aseguró que la sede de su embajada en Teherán solo recibió algunas piedras arrojadas por grupos que manifestaban en los alrededores, los que en ningún momento habrían alcanzado a penetrar en el edificio.

Ni las fuentes iraníes ni las francesas formularon precisiones sobre la suerte de los 15 funcionarios que permanecen en el interior de la sede diplomática desde la ruptura de relaciones entre los dos países, el pasado 17 de julio, tras una crisis que duró varios días.

La embajada de Arabia Saudita, por su parte, sufrió el asalto de 3 grupos distintos de manifestantes. El primero de ellos, formado por unas 300 personas, penetró en el edificio inmediatamente después de haber difundido Radio Teherán las primeras informaciones sobre los sucesos de La Meca y haber asegurado que el número de peregrinos iraníes muertos por la policía saudí era de "varios miles".

La misma agencia Irna señaló que entre los manifestantes se encontraban "muchos familiares de los peregrinos martirizados en La Meca".

También aseguró que el personal de la embajada había sido evacuado previamente, por lo que los manifestantes no encontraron oposición para penetrar en las salas del edificio, arrojar por las ventanas muebles, documentos y retratos del rey Fahd y de su antecesor, el rey Khaled. Tras el saqueo, la mayor parte de esos objetos fueron quemados en el curso de los sucesivos asaltos.

Gran cantidad de manifestantes acompañaba los asaltos desde el exterior de la embajada al grito de "muerte a Estados Unidos" y "muerte a los sauditas y a Saddam", en alusión al presidente iraquí, Saddam Hussein".

Algunos heridos

Tras el segundo asalto, la multitud volcó e incendió también varios automóviles estacionados en las inmediaciones lo que, según la agencia Irna, obligó a la intervención de tropas militares.

Siempre de acuerdo con la agencia oficial, en el marco de un tercer asalto, en el que los manifestantes lograron en principio superar la guardia armada, se produjo un enfrentamiento en el que varios participantes resultaron heridos.

Fue a partir de entonces cuando los manifestantes se dirigieron a la embajada de Kuwait —de la que también habían sido desalojados todos sus ocupantes habituales—, donde habrían tenido lugar los destrozos más serios.

Después de saquear el edificio, la multitud procedió a incendiar buena parte de las habitaciones. Al dar cuenta de los sucedido en el lugar, Irna afirmó que en la embajada de Kuwait los manifestantes encontraron retratos del ex sha de Irán, "mapas sobre las instalaciones militares iraníes y otros documentos que prueban que el personal diplomático realizaba tareas de espionaje a favor de Irak".

Estos ataques constituyen los primeros contra sedes diplomáticas extranjeras desde 1979, cuando Guardias de la Revolución ocuparon la embajada de Estados Unidos y mantuvieron como rehenes a 52 norteamericanos durante 444 días.

Las manifestaciones de hoy coincidieron con airadas manifestaciones del presidente iraní, Alí Kamenei, quien atribuyó a Estados Unidos la autoría intelectual de la matanza de La Meca (ver recuadro aparte), mientras que el encargado de negocios de Arabia Saudita en Teherán era convocado por la cancillería para recibir una nota oficial de protesta.

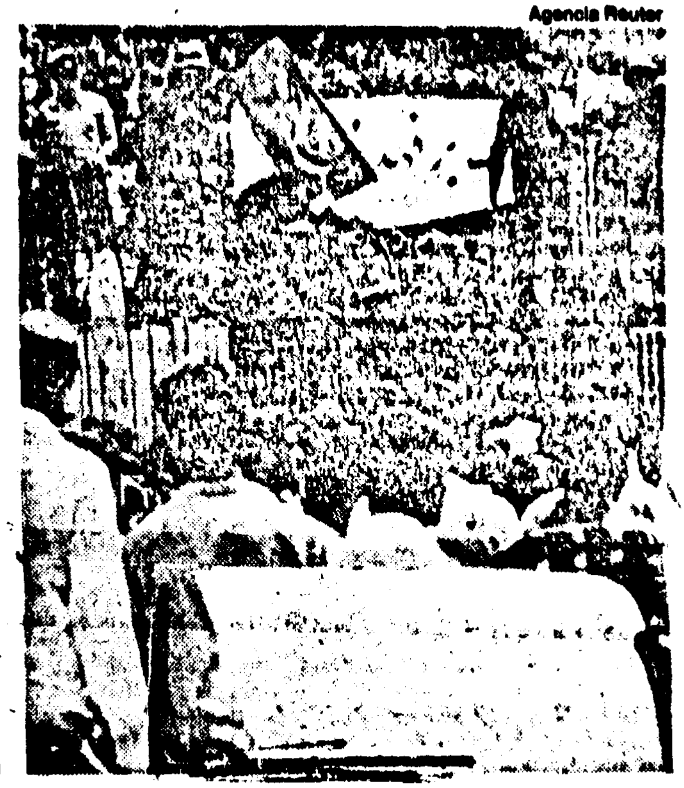
A través de Radio Teherán, Kamenei anunció 3 días de duelo por los peregrinos muertos, y convocó para mañana a una gran concentración de repudio.

En el curso de las manifestaciones de hoy, según las versiones oficiales iraníes, la policía impidió que algunos grupos llegaran hasta las residencias particulares de diplomáticos saudíes y kuwaitíes y también a la de la embajada de Irak.

Agencia Reuter



Agencia Reuter



Arriba, el líder de los peregrinos de Irán a La Meca, Hoj Hamdi Karrubi, al arengar contra la flota norteamericana en el Golfo Pérsico. Derecha, iraníes asaltan la embajada saudiárabe en Teherán, en protesta por la represión saudita a los peregrinos.

8706900

Informe de Arabia Saudita sobre los trágicos incidentes en La Meca



(Radiofotografía de Reuter)

El presidente de Irán, Ali Khomenei (segundo de la derecha), en una reunión de gabinete, acompañado por el titular del Parlamento, Hashemi Rafsanjani, a su izquierda, y el primer ministro Hussein Mosavi, a su derecha

Manama, Bahrain, 2 (UP) – El gobierno de Arabia Saudita informó hoy que 402 personas murieron y 649 resultaron heridas durante las violentas manifestaciones protagonizadas por peregrinos iraníes en La Meca, el más sagrado de los santuarios musulmanes.

Un comunicado del Ministerio del Interior saudita, dado a conocer esta mañana, informó que muchas personas murieron o resultaron heridas al ser pisoteadas por la multitud durante las manifestaciones que se produjeron el viernes.

Entre las víctimas trágicas se contaron 83 sauditas, incluido un número no indicado de policías, 275 iraníes, la mayoría mujeres, y 42 peregrinos de otros países, indicó el comunicado oficial.

Entre los heridos, según la información del gobierno saudita, 145 fueron sauditas, 303 iraníes y 201 peregrinos de otras nacionalidades.

La televisión estatal de Arabia Saudita trasmitió hoy una filmación de 15 minutos de los disturbios del viernes en la que se pudo ver a cientos de iraníes cuando apedreaban a las fuerzas de seguridad sauditas y cuando incendiaban autos de la Policía y motocicletas.

El comunicado del gobierno señaló que muchos iraníes estaban armados de cuchillos, los que utilizaron en forma indiscriminada para apuñalar a civiles y agentes de la Policía.

Después que grupos de iraníes atacaron a la Policía, agregó el comunicado, las autoridades dieron órdenes a "fuerzas especiales de seguridad" de que dispersaran a los manifestantes. Fue entonces que éstos, en su desordenada huída, atropellaron y pisotearon a docenas de mujeres y ancianos, señaló el informe oficial.

Ministro de información

El ministro de información saudita, Ali Hassan Al-Shaer, dijo esta mañana que se había llamado a una reunión urgente del gabinete al que asistió el rey Faud. Agregó que las fuerzas de seguridad no dispararon ni un solo tiro para dispersar a los manifestantes.

Las trasmisiones de la televisión estatal saudita también confirmaron que cuatro funcionarios de la embajada de Arabia Saudita en Teherán habían sido secuestrados y que Jeddah estaba exigiendo su liberación. La televisión señaló que los cuatro funcionarios fueron secuestrados cuando exaltados iraníes ocuparon ayer el edificio de la embajada saudita en Irán.

Radio Teherán informó que varios grupos de manifestantes asaltaron ayer las embajadas de Francia, de Kuwait, Arabia Saudita y de Irak en Teherán, en protesta por la matanza de peregrinos iraníes a La Meca.

Despachos de la agencia oficial iraní Irna captados en Beirut acusaron a la Policía de Arabia Saudita de haber disparado contra una pacífica reunión de 150.000 peregrinos musulmanes "cumpliendo órdenes de los Estados Unidos".

En Washington, el Departamento de Estado emitió una declaración diciendo que las acusaciones de Irán contra los Estados Unidos "carecen de base y esto lo sabe el gobierno de Teherán".

"Las falsas acusaciones de Irán son para desatar pasiones y escalar las tensiones a fin de seguir desestabilizando la región", señaló la nota.

Expresión de dolor del Papa

Castelgandolfo, 2 (EFE) – El papa Juan Pablo II expresó hoy en Castelgandolfo su sentimiento de dolor por la matanza en la que perecieron el pasado viernes 275 peregrinos iraníes y 85 policías sauditas en la ciudad de La Meca.

En el mensaje que el Santo Padre dirigió a los fieles que se congregaron frente a su residencia veraniega, en Castelgandolfo, Juan Pablo II también afirmó estar preocupado por las noticias del conflicto entre Irán e Irak y por el tema de la seguridad de los buques que navegan por el golfo Pérsico.

"Estoy muy dolido por las graves noticias que provienen de Arabia Saudita, donde se han registrado centenares de muertos y miles de heridos", dijo el Papa.

Agregó que esta noticia "se suma a las informaciones, cada día más preocupantes, que nos relatan la guerra entre Irán e Irak y la tensión en la zona del golfo Pérsico".

El Papa invitó a los fieles a orar por las víctimas y a pedir a Dios que "inspire a todos sentimientos de comprensión y deseos de fraternidad y reconciliación".

01 | 01 8706692.

Clarín 4/8/87

030

Arabia Saudita

La matanza de La Meca

LAS implicaciones de los sangrientos episodios del viernes último en La Meca van mucho más allá de las divergencias políticas y confesionales que separan al régimen revolucionario iraní de la monarquía moderada de los sauditas. Esos trágicos incidentes no son ajenos al complejo cuadro de tensiones y conflictos que envuelve en estos momentos a los países del Golfo Pérsico y del Medio Oriente y que afectan los intereses de las grandes potencias mundiales.

Por ello, la inquietud y la conmoción provocadas por la matanza, que convirtió en una tragedia la habitual peregrinación anual de los musulmanes de todas las latitudes a su ciudad sagrada, se extiende ahora, con razonabilidad, a todas las capitales del mundo.

Las recriminaciones mutuas entre sauditas e iraníes no ayudan a la comprensión de los hechos, pero sí muestran cómo su origen está profundamente enraizado en un clima de hostilidad e incomprensión relacionado con la historia política del Asia occidental en las últimas décadas. Más aún, los actuales enfrentamientos se enlazan con tradicionales rivalidades religiosas entre los chiitas, secta islámica a la que adhieren los iraníes, y la ortodoxia sunnita de la mayoría de los árabes.

Irán, en guerra desde hace siete años con su vecino Irak y en permanente hostilidad con los países moderados del Golfo, mantuvo con Arabia Saudita una "enemistad controlada". Representantes de los gobiernos de Teherán y de Riad trataron precisamente en los últimos meses de mejorar las relaciones y evitar que las peregrinaciones a La Meca se transformaran en un escenario de tensiones, tal como viene ocurriendo desde 1980.

Los participantes iraníes, en efecto, utilizaron todas esas oportunidades para expresar ruidosamente su desaprobación por la política de los estados árabes moderados y de las propias autoridades sauditas, a las que califican de "descreídas" y sometidas al "satanismo estadounidense". Pero la violencia nunca desembocó en masacre, tal como aconteció el viernes último por causas que solo una investigación imparcial podrá determinar.

Los peregrinos iraníes, cerca de 150.000 en el seno de una masa de dos millones de fieles musulmanes, reiteraron sus demostraciones y corearon sus lemas habituales, mientras que los guardias sauditas trataban de hacer cumplir la disposición de su monarca, custodio de los lugares santos, en el sentido de que la manifestación religiosa no fuera perturbada por pronunciamientos políticos. Mantener tal actitud, no obstante, es considerada por los iraníes como un "deber divino".

Tras esta disputa se levantan las oposiciones ideológicas y estratégicas que en estos años han llevado al fundamentalismo revolucionario de Komeini, a los tradicionalistas moderados y a los nacionalistas árabes a recorrer caminos muy distintos y contradictorios para encarar sus problemas internos y externos. Las diferencias han cuajado ya en varios conflictos y se han entrelazado con la cuestión palestina, amenazando con desencajar hasta lo intolerable el siempre precario equilibrio que se lograba al término de los sucesivos choques.

La continuación de la guerra entre Irán e Irak excedió todos los plazos y límites supuestos, y su persistencia derivó en la actual inseguridad de navegación en el Golfo Pérsico, que motivó la presencia de numerosas unidades estadounidenses, así como llevó a la ruptura de relaciones entre Teherán y París. Los hechos de La Meca se añaden a ese punto extremo de tensión y reafirman con mayor vigor la pertinencia de la resolución adoptada el 20 de julio por el Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas.

En ella se exige el inmediato cese del fuego y el retorno a las fronteras reconocidas internacionalmente, en una demostración de que las coincidencias entre las grandes potencias permiten recobrar a la ONU su función primigenia de garantizar y custodiar la paz mundial.

Esa paz ha sido nuevamente desafiada y está en peligro, y por ello es oportuno que todas las partes en pugna tomen en cuenta tanto el contenido ético y doctrinario de la organización internacional cuanto la voluntad política expresada por su intermedio. La comunidad organizada de las naciones no puede seguir asistiendo impasible a la perpetuación de situaciones que encierran el riesgo de una conflagración mayor. Por lo tanto, es dable suponer que, en una situación altamente combustible como la que nos ocupa, las chispas que intentan propagar el incendio no han de prevalecer sobre la firme decisión de evitarlo.

Advertencia saudita

LA MECA, Arabia Saudita, 5 (AP).– En una aparente reacción por las amenazas lanzadas por el régimen de Teherán, el rey Fahd afirmó, ante los jefes de delegaciones de 123 países, que defenderá, contra cualquier conspiración, los santuarios sagrados del islamismo y el territorio saudita.

"Nunca cederemos en la defensa de nuestra patria y de santuarios sagrados", subrayó el monarca, para agregar: "El Reino, en cuyo territorio se encuentra la ciudad sagrada de La Meca, con su mezquita de La Kaaba, y la mezquita del profeta Mahoma, en Medina, cumplirá con su deber como defensor de la fe islámica contra maquinaciones de vengativos".

Teherán afirmó que los sauditas abrieron fuego contra los peregrinos por instigación de los Estados Unidos y expresó que vengará las muertes ocurridas mediante el derrocamiento de la monarquía saudita.

Arabia Saudita desmintió la existencia de tiroteos durante los disturbios y aseguró que las víctimas se registraron al producirse corridas descontroladas de peregrinos y manifestantes.

En otro momento de sus declaraciones, el rey Fahd elogió a Irak por su voluntad para poner fin a la guerra con Irán –iniciada hace más de seis años–, y exhortó al régimen de Khomeini a que "escuche los llamados" de Bagdad en ese sentido.

Iraníes interrogados

Autoridades de seguridad saudita señalaron que los iraníes que llegaron a La Meca "eran subversivos", ya que conspiraron para apoderarse de la Gran Mezquita, y obligar a los peregrinos no iraníes a proclamar al ayatollah Khomeini como jefe religioso de "todos los musulmanes del mundo".

Agregaron que fueron interrogados agentes iraníes que simularon ser peregrinos y que "confesaron" que el viernes último tenían planes para cerrar los portones de la Gran Mezquita, dar muerte al religioso que dirigía las plegarias, y después, incendiar parte de las instalaciones.

El diario saudita Okaz indicó que, según fuentes oficiales, sólo una cuarta parte de los 157.000 iraníes que llegaron a La Meca eran auténticos peregrinos, y que los demás eran "voluntarios suicidas, fanáticos o Guardias Revolucionarios".

P8

030

Nota de la embajada saudita en esta capital sobre los graves choques en La Meca

Con motivo de los sucesos ocurridos recientemente en La Meca durante la peregrinación anual que realizan los musulmanes y en los cuales murieron 402 personas, entre ellas más de 300 iraníes, la embajada del Reino de Arabia Saudita en nuestro país dio a conocer la siguiente declaración: "El Mundo Musulmán y Arabe conoce la abnegación del Reino de Arabia Saudita, desde que el Altísimo la honró en custodiar los dos lugares sagrados, de brindar todas sus potencialidades materiales y humanas con el fin de servir a los peregrinos y asegurar su bienestar, su seguridad y el mejor cumplimiento de sus deberes religiosos. Nunca en su historia impidió a ningún musulmán peregrinar a la Casa de Dios o maltrató a alguno de los millones de peregrinos a lo largo de los años hasta el día de hoy.

En cuanto a los peregrinos de Irán, el gobierno del Reino de Arabia Saudita trató, desde la revolución en ese país, y por todos los medios y en todas las circunstancias, en forma directa o a través de países hermanos, de encauzar las relaciones dentro del marco del entendimiento cordial y la cooperación islámica.

"La actitud de los agitadores iraníes, instigados por sus jefes, alrededor de la Sagrada Mezquita, totalmente contraria a las enseñanzas de la religión musulmana, causó la muerte de centenares de musulmanes, muchos de los cuales ancianos y mujeres, que perecieron pisoteados por los manifestantes iraníes.

"La violenta manifestación cundió el pánico entre los peregrinos, bloqueando las calles y obstaculizando los pasos, lo cual impidió a los peregrinos y ciudadanos retornar a sus hogares y/o actividades y malogró el cumplimiento de los deberes religiosos de los demás peregrinos.

"Los peregrinos y ciudadanos impedidos de circular intentaron convencer a los manifestantes iraníes rogándoles despejar el camino ante las mujeres y niños. Sin embargo, los agitadores iraníes comenzaron a empujar a los ciudadanos y demás peregrinos en forma violenta lo que motivó la intervención de las Fuerzas de Seguridad Saudita para evitar el choque entre los ciudadanos y demás peregrinos y los manifestantes iraníes, quienes arremetieron contra las Fuerzas de Seguridad con garrotes, navajas y piedras que llevaban escondidas entre sus ropas . Ante tales hechos, las Autoridades de Seguridad se vieron obligadas a enfrentar a los manifestantes, dispersándolos y estableciendo el orden.

"En consecuencia, los manifestantes comenzaron a retroceder desordenadamente provocando la caída de numerosas mujeres y ancianos obligados a participar en estas criminales acciones. Asimismo, los manifestantes procedieron a destruir los carros de las Fuerzas de Seguridad y sus motocicletas, intentanto prender fuego en algunos edificios, actitudes éstas que se evidencian en las filmaciones que fueron proyectadas en los canales de televisión en muchos países del mundo a través de los satélites.

"La muerte de las víctimas iraníes fue provocada por la participación forzosa de mujeres y ancianos en la manifestación, quienes cayeron bajo el paso de los manifestantes. En cambio, los mártires de la Fuerza de Seguridad Saudita fallecieron al ser apuñalados, lo que confirma que esta fuerza no utilizó las armas contra los manifestantes, caso contrario no hubieran caído víctimas de las navajas y los cuchillos.

"El gobierno del Reino de Arabia Saudita ha dirigido una invitación a todos los jefes de misiones de peregrinos y a los embajadores de países islámicos y árabes acreditados para ver los documentos filmados acerca del desarrollo de esta provocativa manifestación iraní y visitar personalmente a los heridos y a las víctimas", concluye el comunicado de la embajada.

A. Saudita

La Prensa 9 8 87

8707115

01 | 01

ARCHIVAR EN: Arabia Saudita (030)

TEMA: ¿Quiénes son los responsables?

PROCEDENCIA: Clarín 4/8/87

ARCHIVADO EN: IRAN (040)

01 | 01

8707183

ARCHIVAR EN: Arabia Saudita (030)

TEMA: EE.UU. pidió a la ONU el embargo de armas.

PROCEDENCIA: Clarín 13/9/87

ARCHIVADO EN: EE.UU (038)

8707520

01 | 01

EL PAIS

04 AGO. 1987

ISLAM Y NACION



El conflicto en el Oriente Medio se ha agravado considerablemente en el transcurso de las últimas semanas. Las operaciones militares parecen haberse estancado, degenerando en una guerra de posiciones, en la cual ninguno de los bandos puede lograr una victoria decisiva. Entretando, y quizás por esa razón, el conflicto se ha expandido rápidamente envolviendo otros países, e incluso cambiado su naturaleza misma. Los principales eventos señalando esta evolución incluyen: primero, la decisión del gobierno de los Estados Unidos de abanderar varias naves mercantes kuwaitíes y de ofrecerles escoltas navales; segundo, la guerra de las embajadas entre Irán y Francia; tercero los disturbios en la ciudad sagrada de La Meca durante el fin de semana y la reacción de las autoridades en Irán.

Los incidentes tuvieron lugar cuando más de dos mil peregrinos —la mayor parte de ellos iraníes— se manifestaron en los alrededores de la Gran Mezquita para protestar contra la política de los Estados Unidos. La policía saudita lanzó gases lacrimógenos para disolver la manifestación, lo que produjo una estampida. De acuerdo a la versión saudí el resultado fue 402 personas muertas, de las cuales 275 eran iraníes y 86 saudíes. Las autoridades en Irán, por su parte, afirman que la policía saudí disparó a quemarropa contra los manifestantes que estaban demostrando "en favor de la República islámica y contra la herejía internacional". Según esta versión los iraníes muertos ascenderían a más de 650.

Hablando en Teherán, ante una multitud estimada en más de un millón de personas, el presidente del Parlamento iraní, Akbar Hashemi Rafsayani dijo que los responsables habrían de pagar un alto precio por la matanza. "Vemos las manos de la dinastía Saudí detrás de este crimen" —dijo Rafsayani— "y no nos cabe duda de que esta atrocidad ha sido cometida por orden directa de los Estados Unidos". Irán debería derrocar a los gobernantes saudíes y arrebatar el control de los templos sagrados de La Meca de "la contaminada existencia de los Wahhabíes, esos rufianes". Los Wahhabíes son una secta musulmana sunnita, a la cual pertenece la familia real de la Arabia Saudita. Los monarcas saudíes atribuyen una enorme importancia a su papel como guardianes de los lugares sagrados.

Estas declaraciones iraníes implican un cambio fundamental, que, no solamente extiende el área del conflicto, sino también modifica su misma naturaleza. Irán ha formulado amenazas directas contra el gobierno de su vecino Arabia Saudita, quien hasta el momento se había mantenido al margen de la guerra, limitándose a suministrar apoyo financiero a Irak. Pero, quizás, lo más importante es que Irán ha proclamado como su objetivo el modificar el régimen de La Meca, sustrayendo los lugares sagrados de la supervisión ejercida por el gobierno de la Arabia Saudita. Es importante recordar que La Meca se encuentra dentro del territorio de ese país. Esta afirmación supone un desafío directo a la familia real saudita por la primacía sobre la vida espiritual de los millones de musulmanes que habitan la vasta franja de países extendiéndose desde el Atlántico hasta los confines de la China.

El conflicto del Oriente Medio es una compleja ecuación que incluye tres variables fundamentales: la guerra declarada entre Irán e Irak; la lucha por el poder en la región y finalmente, una contienda entre concepciones diferentes acerca de cuál debe ser el sendero para el desarrollo futuro de los países islámicos. Esta contienda no pude reducirse solamente a la rivalidad, que se remonte a los orígenes del Islam, entre las dos ramas principales de esa religión (sunnies y chiítas), porque este factor tradicional se combina con fuerzas mucho más modernas, especialmente el nacionalismo y el socialismo secular árabe.

Juan Oribe Stemmer

8708054

01 | 01

HB

Arabia Saudita

030

EL PAIS

04 AGO. 987

A. Saudita

SANGRE EN LA MECA

Nadie sabe bien cómo sucedieron los disturbios en la ciudad santa musulmana de La Meca, el viernes pasado. Pero es evidente que los que precipitaron las cosas fueron peregrinos iraníes organizados, que al parecer intentaron tomar la principal mezquita de la ciudad, en una acción propagandística destinada a la exaltación del régimen del Ayatollah Khomeini.

Los soldados saudíes, aparentemente atemorizados, actuaron precipitadamente y dispararon a diestra y siniestra sin medir las consecuencias.

El saldo de más de 400 muertos y 650 heridos no es el único resultado de ese estallido de violencia. Además, Irán se ha colocado en pie de guerra con Arabia Saudita, amenazando con convertir la hasta ahora localizada guerra del Golfo en un amplio conflicto regional.

El suceso ha hecho crecer la tensión ya grave en la conflictiva zona, quién sabe con qué [illegible]

030

402 personas muertas

PERLA (A. SAUDITA)

Enfrentamientos entre peregrinos iraníes y policía saudita en La Meca

Cuatrocientas dos personas fueron muertas y 649 heridas durante enfrentamientos entre peregrinos iraníes y fuerzas del orden sauditas, el viernes por la tarde en La Meca, anunció el sábado por la noche la televisión de Arabia Saudita.

LA MAÑANA
02 AGO. 1987

YEDDA, ARABAIA SAUDITA, (AFP). Un primer balance difundido informa que , ochenta y cinco agentes del orden, 42 peregrinos de diversas nacionalidades y 275 iranies perecieron en los enfrentamientos. Entre los muertos se cuentan varias mujeres, precisó la fuente.

Trecientos tres iranies resultaron heridos, al igual que 201 peregrinos de diversas nacionalidades. Igualmente 145 sauditas figuran entre los heridos, agregó la televisión.

ACUSAN A EE.UU.

El gobierno iraní calificó ayer los incidentes ocurridos en la ciudad saudí de La Meca, como un complot urdido por los Estados Unidos y amenazó con una reacción violenta si vuelven a sucederse.

El presidente del país, Alí Jamenie, hizo estas declaraciones al término de una reunión extraordinaria del gobierno, convocada tras conocerse los sucesos sangrientos del viernes en la ciudad santa de La Meca, donde se calcula que hay actualmente miles de peregrinos iranies.

Jamenie, citado por Radio Teherán, anunció tres días de luto nacional por la masacre de que fueron objeto 200 peregrinos en La Meca por parte de la policía saudita, que disparó cuando miles de manifestantes -gritando consignas contra EE.UU.- intentaron tomar la principal mezquita de la ciudad.

El presidente iraní agregó que dado que los detalles del incidente no se conocen por completo, Irán enviará una delegación a Arabia Saudita para investigar los hechos.

La delegación, que incluirá representantes del imán Jomeini y del propio presidente de la República Islámica, viajó ayer mismo a Arabia Saudita.

01 | 01

8708290

Crece la tensión entre Irán y Arabia Saudita



(Radiofotografía de Reuter)

Ataúdes con los restos de peregrinos muertos en la matanza de La Meca son recibidos en Teherán por manifestantes que entonan consignas contra los Estados Unidos

Nicosia, Chipre, 17 (UP) — Irán afirmó hoy que 3.000 policías de Arabia Saudita atacaron el consulado iraní en Yidda y arrestaron al encargado de los peregrinos iraníes en Arabia Saudita, expulsándolo del país tras 17 horas de detención.

Por otra parte, la agencia noticiosa oficial de Irán, Irna, informó que los restos de 37 peregrinos muertos en la matanza que hubo en La Meca a fines del mes pasado fueron trasladados hoy a Teherán y llevados en una procesión por las calles de la capital.

Un nutrido grupo de gente coreó lemas en contra de Estados Unidos, Arabia Saudita e Israel, al tiempo que participaba en una procesión que pasó frente al "nido de espías", lo que era anteriormente la embajada norteamericana.

Irna sostuvo que unos 3.000 agentes de la policía saudita "atacaron" la sede de los peregrinos iraníes en Yidda en la noche del domingo, deteniendo al encargado y a otros funcionarios iraníes.

Expulsión

De acuerdo a una emisora de Radio de Teherán, captada en la capital chipriota, las autoridades sauditas se pusieron en contacto con el consulado iraní en Yidda, el cual sirve de sede para los peregrinos que acuden a Arabia Saudita, y ordenaron que dos funcionarios iraníes abandonaran el país en un plazo de 24 horas.

Los dos iraníes fueron identificados como Mohammed Husseis Rezai y Mehdi Karoubi, siendo este último el representante del ayatollah Ruhollah Khomeini en el peregrinaje de este año a la ciudad sagrada de La Meca.

La emisora afirmó que el consulado se encuentra "completamente rodeado por la policía saudita, y solamente los diplomáticos iraníes, una vez registrados a fondo, pueden entrar y salir del consulado".

Las relaciones entre Irán y Arabia Saudita, que ya eran tensas desde que el ayatollah llegó al poder en 1979, llegaron a su punto más bajo el pasado 31 de julio, cuando centenares de peregrinos murieron al enfrentarse con la policía saudita en una manifestación organizada por iraníes en La Meca.

Acusación de Teherán

Teherán afirmó que la policía de Arabia Saudita había utilizado metralletas para acribillar a los peregrinos, pero el gobierno saudita acusó a Irán de provocar los violentos disturbios.

Arabia Saudita ha sostenido que 402 personas murieron en el incidente, entre ellos 285 iraníes y 85 agentes de seguridad sauditas. El presidente de Irán, Alí Khamenei, afirmó que son 500 los peregrinos iraníes que murieron en La Meca, y que unos 2.000 habían resultado heridos.

"POCO LEGIBLE"

Versión saudí sobre la matanza

Peregrinos intentaban tomar La Meca

NICOSIA (ANSA y EFE).- Los 180.000 peregrinos iraníes que se encontraban en Arabia Saudí el viernes pasado se disponían a tomar la ciudad santa de La Meca y aclamar allí a Khomeini como el Imán de todos los musulmanes, dijo ayer Radio Riad.

La emisora dijo que los cabecillas supervivientes de la manifestación que el viernes pasado concluyó en un baño de sangre en La Meca fueron detenidos por la Policía saudí y confesaron las verdaderas intenciones de los manifestantes.

Según Radio Riad, los detenidos, tras ser interrogados, confesaron que de los 180.000 iraníes tan solo un 22 por ciento viajaba en peregrinaje, mientras que un 25 por ciento pertenecía al cuerpo de los Guardianes de la Revolución iraní y otro 40 por ciento lo componían comandos suicidas.

La radio agregó que los iraníes, además de tomar el recinto sagrado de La Meca, se proponían declarar a la ciudad iraní de Qom tierra santa de los musulmanes.

Los incidentes ocurrieron el viernes pasado, cuando miles de iraníes se manifestaban por las calles de La Meca en protesta por la política estadounidense en la zona y contra la herejía internacional, obedeciendo un llamamiento del Ayatola Khomeini para que se lanzaran a las calles de la ciudad sagrada del Islam.

Según Teherán, la Policía saudí disparó contra los manifestantes, mientras que Riad asegura que las víctimas lo fueron en una estampida, al utilizar las fuerzas de seguridad gases lacrimógenos para disolver a la multitud.

Según Arabia Saudí, son 275 los muertos iraníes, pero según Irán los muertos y desaparecidos suman 650.

01 | 01

8708391

ARCHIVAR EN: Arabia Saudita (030)

TEMA: Ayuda de Arabia Saudita a los EE.UU. Permitirá que los aviones se reabastezcan en sus bases, dijo el Pdt.

PROCEDENCIA: La Prensa 23/8/87

ARCHIVADO EN: Conflicto Iran-Irak (081)

01 | 01 8708475

030

28/8/87 La Prensa

LA PREN

Arabia Saudita podría declarar la guerra a Irán

PERLA

Jeddah, Arabia Saudita, 28 (UP) – Arabia Saudita declaró hoy que estaba "muy tentada" a romper sus relaciones diplomáticas con Irán y aún a declararle la guerra.

"Les estamos diciendo a los iraníes que se lancen o se callen", puntualizó un funcionario saudita, que pidió no ser identificado. "Por el momento ellos han optado por evadir".

En una conferencia de prensa de tres horas y media con corresponsales extranjeros, la fuente describió la política del reino hacia Irán como "una ofensiva diplomática con una alerta militar máxima".

Aseguró que la política de su país hacia Irán es ampliamente apoyada por su pueblo.

"Nunca he visto a este pueblo más dispuesto", acotó. "Desde hace una semana la gente está dispuesta para ir a la guerra, si es necesario".

La fuente indicó que la decisión de hacer pública la posición saudita de "línea dura" había sido causada fundamentalmente por la ira popular y por el genuino sentimiento del mundo musulmán después de los incidentes del 31 de julio en La Meca, donde murieron más de 400 peregrinos durante una ola de violencia ocurrida mientras se realizaban las más sacras ceremonias del mundo islámico.

Arabia Saudita culpó a Ruhollah Khomeini y a sus guardias revolucionarios iraníes de provocar la ola de violencia. La fuente dijo que el gobierno saudita comprendía completamente las consecuencias de señalar a Irán como culpable de los sangrientos acontecimientos de La Meca, en que la mayoría de los muertos fueron peregrinos iraníes.

Eludieron la guerra

"Esperabamos que su reacción iba a ser la guerra", dijo. "Pero ellos la eludieron".

"Mi opinión personal, considerando su retórica (del gobierno iraní) era que ellos atacarían Jubail (en el golfo Pérsico) o algún otro lugar, o atacarían a nuestros barcos. Pero ellos se echaron atrás", agregó.

Preguntado si Riad rompería las relaciones con Irán y haría regresar a los 11 diplomáticos sauditas que quedan en la embajada de Teherán, la fuente dijo "estamos muy tentados de hacerlo".

La embajada saudita en Teherán fue asaltada al día siguiente de los sucesos de La Meca y el gobierno saudita dijo que el agregado militar en esa embajada, Mosaid Ghandi, había muerto a consecuencia de las heridas recibidas durante el ataque. La fuente destacó que Irán impidió que Ghandi regresara a Arabia Saudita para ser atendido por sus heridas antes de morir, hace 10 días...

Irán - Irak

01 | 01 8708485

HR

030

Arabia Saudita
Irán

all

MONTEVIDEO, MIERCOLES 19 DE AGOSTO DE 1987

Diplomático saudí muere por heridas recibidas

Aumenta tensión entre Arabia Saudita e Irán

La crisis diplomática entre Riad y Teherán, abierta con la matanza de La Meca y profundizada por la toma de la Embajada saudí en Irán y el secuestro de cuatro funcionarios, se agravó ayer con la muerte de uno de ellos. La escalada de la tensión coincide con el anuncio de que Washington ha vendido a Arabia Saudí armas por valor de mil millones de dólares.

NICOSIA (ANSA, EFE y UPI).- Las autoridades de Irán informaron ayer que Musaed al Ghamadi, consejero político de la Embajada saudí en Teherán, falleció a consecuencia de las heridas sufridas el pasado día 1°, cuando miles de personas enfurecidas salieron a las calles de la capital iraní para protestar por la matanza del día anterior en La Meca.

Los manifestantes tomaron la Embajada saudí y secuestraron a cuatro diplomáticos, tres de los cuales fueron puestos en libertad y regresaron a su país, mientras que el cuarto fue trasladado a un centro sanitario con heridas graves.

Riad dijo ayer al respecto que la actitud de las autoridades iraníes refleja la cara inhumana de su comportamiento, mientras que la agencia oficial de noticias iraní IRNA aseguró que el diplomático murió debido a la insistencia saudí de repatriar a la víctima, que no estaba en condiciones de viajar.

El diplomático fue trasladado hasta un avión que le llevaría a Yedah (Arabia Saudí), pero falleció a causa de una hemorragia.

El régimen de Riad acusó a Irán de haber retrasado premeditadamente el traslado del diplomático a su país, hasta que ya era demasiado tarde.

CAUSAS DE LA MUERTE

Un comunicado emitido ayer por el Ministerio saudí de Exteriores dice que Ghamadi murió a causa de las heridas sufridas durante la agresión criminal efectuada contra él y por el trato inhumano recibido.

El funcionario se encontraba en condición crítica desde el pasado día 1° en la Unidad de Vigilancia Intensiva del hospital Sharidy de Teherán.

Según el encargado de negocios saudí en Irán, Beshir el Rusumi, el herido tenía fractura de pelvis y heridas internas sufridas durante la toma de la Embajada.

Los manifestantes, que asaltaron también la Embajada de Kuwait secuestrando a dos diplomáticos que luego fueron liberados y las de Francia e Iraq permanecieron en la Embajada saudí durante 15 días.

Los sucesos de Teherán respondían a la matanza ocurrida el día anterior, el pasado 31 de julio, cuando millares de iraníes, que se encontraban de peregrinaje en la ciudad santa de La Meca, salieron a la calle portando retratos del ayatola Khomeini y la bandera verde del Islam.

La manifestación respondía a un llamamiento de Khomeini, quien, en un mensaje televisado, se dirigió a los 180.000 peregrinos iraníes que se encontraban cumpliendo el mandato del Corán visitando la ciudad santa para que protestaran por la política estadounidense en la zona y contra la herejía internacional.

En los incidentes surgidos al disolver la policía saudí a los manifestantes murieron más de 400 iraníes, según versión de Teherán, y 275 según Riad.

INTENCIONES

De acuerdo con la versión saudí, los 180.000 peregrinos iraníes que se encontraban en Arabia Saudí en peregrinaje se disponían a tomar la ciudad santa de La Meca y proclamar allí a Khomeini como el Imán de todos los musulmanes.

Radio Riad dijo que los cabecillas supervivientes de la matanza fueron detenidos por la policía saudí y confesaron las verdaderas intenciones de los manifestantes.

Siempre según la emisora, los detenidos, tras ser interrogados, confesaron que de los 180.000 iraníes tan solo un 22 por ciento viajaba en peregrinaje, mientras que un 25 por ciento pertenecía al cuerpo de los Guardianes de la Revolución iraní y otro 40 por ciento lo componían comandos suicidas.

La radio agregó que los iraníes, además de tomar el recinto sagrado de La Meca, se proponían declarar a la ciudad iraní de Qom tierra santa de los musulmanes.

Pero los antecedentes de la crisis diplomática entre los dos países del golfo no sólo se remontan a los sucesos sangrientos ocurridos el pasado 31 de julio en la ciudad santa de La Meca.

01 | 01

8709449

Irán advierte que tomará represalias

Crece tensión diplomática entre Teherán y Riad

Los choques sangrientos de La Meca y sus violentas consecuencias en Irán, donde cuatro funcionarios de la embajada de Arabia Saudí están secuestrados desde el sábado, han aumentado la tensión en las relaciones entre Teherán y Riad.

NICOSIA (ANSA, EFE y UPI).- El gobierno de Teherán advirtió ayer a Arabia Saudita que tomará medidas de represalia a menos que retire a sus guardias de seguridad de los alrededores de la embajada y consulado iraníes en ese país.

La policía saudí mantiene desde el sábado cercadas dichas oficinas iraníes en Riad y Yedah respectivamente, mientras los cuatro funcionarios saudíes continúan desaparecidos, según la versión de Radio Riad.

Arabia Saudí no había vuelto a hablar del tema desde que el domingo informó de la desaparición de los funcionarios, que fueron arrastrados por la multitud después de que ésta asaltara las embajadas Arabia Saudí y Kuwait en Teherán.

Un numeroso grupo de manifestantes furiosos por los acontecimientos en La Meca, que dejaron un saldo de cientos de muertos y más de mil heridos, se lanzaron a las calles de Teherán el sábado y atacaron las embajadas de Arabia Saudí, Kuwait, Francia e Iraq.

Los manifestantes quemaron varios vehículos en la embajada saudí y algunas dependencias en la de Kuwait, dirigiéndose luego a los domicilios de los funcionarios de ambas embajadas y llevándose consigo a cuatro saudíes y dos kuwaitíes.

Los dos diplomáticos kuwaitíes, uno de ellos el encargado de negocios en Teherán, fueron puestos en libertad el lunes pasado.

La policía saudí rodea las representaciones diplomáticas de Irán en Riad y Yedah, y el régimen de Teherán pidió a Arabia Saudí que levantara el estado de sitio a las mismas, porque en caso contrario, la República Islámica tomará represalias.

ADVERTENCIA

Un portavoz oficial en Teherán dijo que el cerco de las misiones iraníes en la capital saudí se lleva a cabo desde hace varios días, creando gran tensión entre el personal diplomático.

Añadió que las fuerzas saudíes amenazaron con abrir fuego contra la embajada y el consulado, donde hay refugiados algunos niños.

Si el sitio a la embajada y al consulado general continúa -dijo el portavoz- la República Islámica de Irán actuará enérgicamente al respecto.

Las autoridades saudíes detuvieron a numerosos manifestantes que, según la versión del régimen de Riad, confesaron que querían tomar la ciudad santa de La Meca.

Observadores del mismo país comentaron que algunos de los organizadores de la manifestación podrían estar refugiados en la embajada y el consulado.

Radio Riad añadió que el gobierno saudí tiene fotografías reveladoras de los sucesos del viernes en la ciudad santa de La Meca.

ARCHIVAR EN: ARABIA SAUDITA (030)

TEMA: CAERIAN LOS PRECIOS DEL PETROLEO

PROCEDENCIA: El PAIS 8/10/87

ARCHIVADO EN: PETROLEO (057)

01 | 01

8710716

18

030

La Mañana
MONTEVIDEO, LUNES 5 DE OCTUBRE DE 1987

Arabia Saudita e Irán a punto de enfrentarse

WASHINGTON, (ANSA, EFE y UPI).- Un crucero, dos fragatas y un portahelicópteros de Estados Unidos se acercaron en la noche del sábado a las plataformas petroleras de Jafji (Arabia Saudí), donde unas 60 lanchas de guerra iraníes estuvieron a punto de enfrentarse a las Fuerzas Armadas saudíes.

Fuentes del Pentágono informaron ayer que sus servicios de inteligencia advirtieron la numerosa presencia naval de Irán cerca de los yacimientos saudíes en horas de la madrugada del sábado.

Arabia Saudí envió a la zona, situada a unos 30 kilómetros de su costa nororiental, dos fragatas y varios cazabombarderos F15 y F4, de fabricación norteamericana, para detener a los iraníes a unos 30 kilómetros de los pozos petroleros.

Las fuentes norteamericanas indican que no hubo ningún intercambio de fuego, pero que los saudíes dieron a entender a la flotilla persa que estaban dispuestos a repeler cualquier ataque.

En anticipación de un posible enfrentamiento armado, el comando naval norteamericano en el Golfo envió en dirección a Jafji al crucero y buque de mando LaSalle, el portahelicópteros Guadalcanal y las fragatas Thach y Ford, que formaban parte de una flota de once navíos que escoltaba un petrolero Kuwaití, en el sur del golfo.

Los cuatro barcos norteamericanos se detuvieron a la altura de Bahrein, a unos 300 kilómetros de distancia de la zona de tensión, donde permanecieron en estado de alerta, agregaron las fuentes.

Las plataformas petroleras de Jafji son explotadas conjuntamente por Arabia Saudí y Kuwait, países aliados de Iraq, que desde hace siete años está en guerra contra Irán.

Una vez presentes las fuerzas navales y aéreas saudíes, las 60 lanchas de guerra iraníes detuvieron su avance y se dieron vuelta para regresar a la isla iraní de Jarg, desde donde habían salido horas antes, precisaron las fuentes.

Los gobiernos de Arabia Saudí y Kuwait han negado el incidente, pero las fuentes norteamericanas aseguran que todos los movimientos en la zona fueron seguidos de cerca por los aviones-radar AWACS de Estados Unidos que sobrevuelan constantemente la región del golfo Pérsico.

Otra fuente en Washington ha asegurado al diario Washington Post que el Gobierno saudí envió el sábado de noche un mensaje urgente a Teherán advirtiendo que estaba al tanto del desplazamiento de la flotilla de lanchas de guerra hacia Jafji y que estaría dispuesta a defender las instalaciones por la fuerza.

Aunque no se produjo un enfrentamiento armado, fuentes navieras citadas por el periódico aseguran que algunos obreros de las plataformas vieron cómo varios aviones saudíes efectuaron vuelos rasantes sobre las embarcaciones iraníes, sin llegar a abrir fuego.

Por otro lado, el Pentágono ha informado de que en la zona sur del golfo Pérsico se produjo anoche un peligroso encuentro entre un buque de guerra norteamericano y otro iraní.

Los marinos norteamericanos advirtieron que la nave iraní, desde una distancia de 14 kilómetros, había fijado sus radares de tiro sobre su barco.

Estos radares especiales se utilizan para dirigir proyectiles con gran acierto contra un blanco muy distante. Estados Unidos advirtió recientemente a Irán que consideraría una accion hostil la fijación de sus radares de tiro sobre barcos norteamericanos.

El barco estadounidense transmitió una advertencia a los iraníes, conminándoles a apagar sus radares. Esta es nuestra única advertencia, terminaba el mensaje, que fue repetido cuatro veces a intervalos de dos minutos, según precisaron las fuentes.

El barco iraní hizo caso de la advertencia y abandonó la zona al poco rato.

El Pentágono informó que desde mayo último se han producido varios incidentes similares en que los buques iraníes han fijado sus sensores sobre barcos norteamericanos, pero sólo hubo un incidente armado entre los dos países cuando, hace dos semanas, el barco Irán Ajr fue atacado por dos helicópteros estadounidenses que lo descubrieron colocando minas en aguas internacionales.

01-01

871 0727

LA PRENSA ◆ Jueves 3 de septiembre de 1987

Arabia en camino de una decisión frente a la agresividad de Irán

Manama, Bahrein, 2 (UP) – Los recientes ataques de Irán contra petroleros en el golfo Pérsico pondrán a prueba las intenciones de Arabia Saudita de declarar la guerra al régimen de Teherán si fuese necesario, dijeron fuentes diplomáticas.

Los ataques realizados ayer y hoy frente a zonas petroleras de Arabia Saudita pueden también significar que Irán no se siente intimidado por la nueva política señalada por ese reino.

En cualquier caso, es evidente que Irán considera menos peligroso aventurarse contra puertos y campos petrolíferos sauditas que operar en las proximidades del convoy de naves de Estados Unidos, que escolta a los petroleros de Kuwait.

Una fuente diplomática occidental aseguró, cuando se le preguntó si dichos ataques provocarían una respuesta militar por parte de las fuerzas sauditas, "posiblemente no".

Añadió que es visible como el gobierno de Arabia Saudita "retrocedió" de la política de línea dura contra Irán, revelada la semana pasada en Jeddah, en una sesión informativa con periodistas extranjeros.

Luego que las noticias fueran publicadas, el gobierno saudita desmintió que la fuente informativa de los periodistas tuviese carácter "oficial".

Riquezas petroleras

Sin embargo, los sauditas siguieron escalando el tono de su retórica contra el régimen de Teherán, acusando a la guardia revolucionaria del Ayatollah de instigar los incidentes ocurridos el 31 de julio en La Meca, donde fueron asesinados 400 peregrinos musulmanes, muchos de ellos iraníes.

En el pasado los sauditas han gastado mucho de sus riquezas petroleras en armas, dando la prioridad a su defensa aérea.

Si Arabia Saudita usara sus aviones de guerra contra Irán, el primer objetivo posible podría ser la isla de Farsi, usada como base de la guardia revolucionaria para lanzar ataques con lanchas en aguas del golfo.

El ataque más reciente contra un petrolero fue en la zona saudita del golfo, a unos 40 kilómetros al Sudoeste de Farsi.

El barco griego "Dafni" acababa de salir del puerto saudita de Al Jubayl cuando fue atacado hoy por veloces lanchas, desde donde se dispararon granadas.

El puerto tiene un importante complejo petroquímico, ligado por un oleoducto al puerto de Yanbu, en el mar Rojo.

No está claro si "El Dafni", o los otros dos barcos atacados, estaban en aguas reclamadas por Arabia Saudita. Fuentes navieras anotaron que estaban muy cerca.

Fuentes diplomáticas occidentales declinaron especular en cuanto a cómo respondería militarmente el gobierno saudita a esos ataques.

01.01

8710758

ARCHIVAR EN: Arabia Saudita (030)

TEMA: Relaciones Egipto - Arabia Saudita

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 27/11/87

ARCHIVADO EN: Egipto (128)

01/01 8711591

ARABIA SAUDITA

030

LA DEMOCRACIA

Montevideo 25 de Setiembre de 1987

PÉRLP

Insólita importación

Trigo árabe para Uruguay

Uruguay acaba de importar siete mil toneladas de trigo de Arabia Saudí, destinadas a cubrir las necesidades del mercado interno, puesto que la producción local es insuficiente. El cargamento llegó días atrás al puerto de Nueva Palmira, y de inmediato fue desembarcado y transportado a los molinos compradores.

El país asiático, a través de planes quinquenales en los que se invierten los recursos generados por el petróleo, ha desarrollado una rica agricultura en la fértil franja que se extiende al costado del mar Rojo, por un lado, y ganándole arenas al desierto, por otro. A fines de los años setenta Arambia Saudi produjo sus primeras treinta mil toneladas de trigo, y menos de diez años después cosecha dos millones de toneladas anuales, de las que se exportan entre 800.000 y 900.000. El embarque llegado a Uruguay es el primero que se realiza a América, dado que hasta ahora los clientes del trigo árabe eran Egipto, Portugal, Grecia e Italia. Los importadores locales han destacado la excelente calidad del grano, su tamaño y el elevado índice de proteínas: 17.5 o/o.

El combate contra las arenas ha permitido a los árabes, además, desarrollar enormemente el sector hortícola: hace doce años importaban casi todo lo que consumían de frutas y verduras; hoy, en cambio, son importantes exportadores de lechugas, tomates y otras hortalizas, y en 1988 comenzarán a invadir los mercados internacionales con sus propios citrus.

La ganadería es otra preocupación de las autoridades saudíes, y para fomentar la producción han contratado a un plantel de técnicos argentinos que —según esperan— llevará al país, en pocos años, al autoabastecimiento.

El gobierno de Riyad sostiene que el petróleo se terminará algún día, y que es necesario, con sus beneficios, invertir en la producción de alimentos, el desarrollo industrial, la educación y la investigación. En este último aspecto ha puesto el acento en las fuentes de energía renovables, dando un particular impulso a la solar; a tal punto que tres ciudades saudíes ya satisfacen todas sus necesidades de electricidad con este tipo de energía.

Esta orientación hacia el desarrollo tiene uno de sus pilares en los estímulos otorgados a la producción, y el trigo llegado a nuestro país es un claro ejemplo de ello: el costo de importación es de 93 dólares la tonelada, pero el productor árabe recibe 280 dólares por igual volumen del cereal. En los medios industriales vinculados a esta operación se destaca los resultados de las diferentes políticas que aplican ambas naciones: mientras Uruguay —dicen estas fuentes— debe importar trigo, pese a tener tierras fértiles y probada experiencia en la producción, otro país, que lucha contra una difícil geografía, termina siendo su abastecedor.

Eduardo D. Melo

CARP. Nº 31

(1)

031 BANGLADESH /1

ENTRE LOS Nºs

8700158 - 8712328

Desde Bangladesh el Papa urgió a tomar conciencia de la miseria

Bangladesh ofreció ayer al papa Juan Pablo II una multitudinaria recepción, pese a que el país es mayoritariamente musulmán. El Pontífice rezó por una tolerancia religiosa universal como un paso hacia la paz. En una misa celebrada en un estadio, el Papa afirmó que deben realizarse los mayores esfuerzos para garantizar la paz y el desarrollo, que son las condiciones para un mejor futuro de la raza humana. Con posterioridad, el jefe de los católicos siguió viaje a Singapur para una breve visita de cinco horas.

Agencia AP





Juan Pablo II y el presidente de Bangladesh, Hussain Ershad (izq.), frente a la guardia de honor, en la recepción, en Dacca. Derecha: fieles católicos bengalíes son saludados por el Papa.

DACCA, 20 (ANSA, AP, EFE, Reuter, AFP y UPI). — **Con un urgente llamado a la "conciencia del mundo" para que se sienta conmovida por la tragedia "de la pobreza y del hambre", el papa Juan Pablo II comenzó hoy en la capital de Bangladesh su 32° peregrinaje internacional, que después continuó a Singapur, en un viaje de 2.885 kilómetros.**

Apenas bajó del avión en Dacca, el Sumo Pontífice besó la tierra, mientras una banda multicolor ejecutó el himno pontificio y el himno nacional.

El presidente de Bangladesh, **Hussain Mohammed Ershad**, avanzó hacia el "peregrino" y lo saludó cordialmente. **El Papa se dirigió al mandatario como el jefe de una comunidad millonaria de musulmanes que constituye el 85 por ciento de la población, presentándose como "un hermano de nuestra adoración por el Dios único, vivo y subsistente, misericordioso y omnipotente".**

También se presentó como un "**peregrino en el alma del pueblo de Bangladesh**", y recalcó el significado "**sobre todo religioso de su visita**".

En esa oportunidad, **pidió a cristianos y musulmanes que superen el "temor y desconfianza" mutua en este país islámico**, y añadió que todas las religiones deben defender juntas la dignidad humana dada por Dios y la sobrevivencia, **que están "gravemente amenazadas"**.

En concreto, el Sumo Pontífice **enfatizó la necesidad del diálogo cristiano-musulmán**, un tema que reiteró luego durante una misa celebrada en el estadio Ershad de Dacca, en la que ordenó a 18 nuevos sacerdotes nativos.

Desafíos

Ante un grupo de musulmanes, hindúes, budistas y cristianos, Juan Pablo II dijo que espera que su visita **alerte a la humanidad sobre los serios desafíos que enfrenta en los últimos años del siglo XX.** Ocho graciosas niñas, portando velas encendidas y danzando al ritmo de trompetas y tambores, escoltaron al Papa.

Mientras la multitud exclamaba "**viva el Papa**", en el idioma bengalí, las niñas pusieron collares de flores en el cuello del Pontífice.

"**Existe una creciente convicción de que algo urgente debe hacerse para garantizar la paz y el desarrollo, que son las condiciones para un mejor futuro de la raza humana**", dijo, y afirmó que "**la misma supervivencia del hombre está amenazada.**"

"**Las tensiones políticas** —continuó el Pontífice— **e ideológicas entre el Este y el Oeste, y las tensiones económicas y sociales entre el Norte y el Sur, así como otras muchas formas de violencia, la injusticia y la desigualdad, están presentes y constituyen una creciente amenaza a los derechos humanos.**"

Rompe el protocolo

Entre los religiosos que estuvieron en Asís se encontraba el director de la Fundación Islámica de Bangladesh, **M. A. Sobhan**, quien apoyó el pedido del Papa entre las distintas religiones, diciendo que "**los musulmanes también buscan la paz mundial**". El Pontífice **rompió el protocolo y salió de su limusina blindada para continuar su viaje a bordo de un "rickshaw" (pequeño carro tirado por un hombre) hasta el arzobispado**, donde era esperado para el almuerzo.

Durante la misa, el Papa, vestido con una túnica dorada, efectuó su sermón en un inglés con fuerte acento, pero pronunció varios saludos en bengalí. "**Pronuncia el bengalí mejor que el inglés**", dijo un observador.

Cuando se encontraba en viaje hacia Dacca, Juan Pablo II afirmó que decidió iniciar su 32° gira en la nación predominantemente musulmana porque su gente "**es muy, muy pobre, simple y religiosa**".

El Pontífice viajó luego en helicóptero hasta Savar, a 25 kilómetros al sudeste de Dacca, **para depositar una corona de flores en un monumento que conmemora la muerte de 3 millones de personas durante la guerra civil de 1971, que dio lugar a la independencia de Bangladesh, controlada hasta entonces por Pakistán.**

Tras su visita a Bangladesh, **el Papa se dirigió a** Singapur —en una estada que **durará 5 horas— para luego continuar hacia Fiji, Nueva Zelandia, Australia y las islas Seychelles.**

D31

Bangladesh

La Nación 03/1/87

Ataques en Bangladesh

NUEVA DELHI, 2 (AFP). – Setenta y tres personas, entre ellas seis soldados, fueron muertos el lunes por guerrilleros durante dos ataques en la región de Chittagong, Blangladesh, anunció la agencia de prensa india PTI.

Unos treinta guerrilleros de la tribu Shanti Bahini dispararon contra habitantes de Vairopa, de mayoría musulmana, en el distrito de Jagracherri, matando a 35 personas e hiriendo a otras 10, indicó la Press Trust of India.

Otro grupo de guerrilleros mató a 32 personas en Sonainazar, en el norte de la región de Chittagong, señaló también la PTI, citando fuentes de los servicios secretos indios.

01.01

Birmania 031

Burma keeps up pressure on 'Bluff Bulldog'

A Burmese army drive against Karen secessionists is now in its eight month, leaving a trail of dead, wounded and homeless. A.J. Singh assesses the state of the battle, which is putting rebel leader General Bo Mya under stronger-than-usual pressure.

BURMA'S army is continuing its eight-month push against Karen insurgents in the rugged mountains on the border with Thailand. It is beginning to look like a fight-to-the-finish affair, unlike earlier dry-season offensives.

Hundreds of soldiers on both sides have died in the clashes which started last January. Thousands of Karen villagers have been made homeless and have fled into Thailand.

The army has made some significant gains. It controls territory in the Sankhang mountain range and has dug in there. It has also built a helipad on the Nawtaya peak in the Dawana range which facilitates the supply of arms, ammunition and food; and it is maintaining pressure on the Karen stronghold of Maw Po Kay situated on the River Moei, by shelling from 105 mm artillery guns.

At the outset of the offensive there were five Karen bases: Mae Taw Wah, Kierday, Maw Po Kay, Wangkha and Palu.

Mae Taw Wah was overrun by the army in January but despite a heavy artillery and mortar barrage an 8,000-strong force failed to capture Maw Po Kay — the biggest and strongest Karen base on the meandering Moei. The army is believed to have lost 100 dead and 300 injured in the action.

In March, a surprise attack was made on Maw Po Kay, from the rear. A Burmese army contingent stealthily crossed the Moei into Thai territory. But ran into a Thai border patrol unit.

Challenged by the Thais, the Burmese opened fire, reportedly killing two and wounding 13. The noise of the encounter alerted the Karens, and the Burmese hastily withdrew.

The Karens number two to three million people, out of a total population of 33 million. Their differences with the rest of the population go back many years.

Having embraced Christianity during the British Raj, the Karens were recruited to the police and army. They fought for the British in World War II, and were scorned as British collaborators by Burmese nationalists.

When the British agreed to grant independence to Burma, the Karens sent a mission to London to ask for the creation of a separate Karen nation. They were ignored and Burma became independent in 1948, with no mention of a special place for the Karens.

The Karens felt cheated, and did not participate in the Independence celebrations.

Desertions from the military police took place, leading to the formation of an insurgent group under the leadership of Saw Ba U Gyi. The Karen insurgency has continued since then, with the aim of establishing an independent Christian state.

The Karens claim they are unable to retain their identity in Burma, and are not allowed freedom to teach their language, move freely or form political parties.

They also accuse the Ragoon government of misusing overseas development to suppress minorities.

The present insurgent leader is 56-year-old General Bo Mya, the "bluff bulldog." He is president of the Karen National Union (KNU), the political wing of th secessionist movement, and is also chief of its military wing, the Karen National Liberation Army (KNLA).

Bo Mya served under the British in World War II. He joined the Karen revolt in 1949, and has worked his way through the ranks to the very top.

He claims that the KNU has the support of one million Karens living in Kawthoolei, besides those living in the Irrawaddy Delta area. He believes that armed struggle is the only way for Karens to establish an independent state.

KNLA has some 4,000 men under arms, equipped with modern weapons. They are backed by 6,000 volunteers from areas under KNU control.

The reasoning behind the timing of the current offensive is not known, but three developments in 1983 embarrassed Rangoon and may have provoked the government into action.

The first was the stepping up of KNLA guerrilla activity, leading to their first attempt in decades to penetrate deeper into Burma with an abortive attack on Pegu Yoma in central Burma.



BO MYA... armed struggle is the only way for Karens to establish an independent state.

Secondly, there was the kidnapping of a French couple working on a cement factory in Myiang Galay, 150 kilometres east of Rangoon, near the Karen capital of Pa'an.

The third factor was the forging of an alliance by KNU with a small militant Muslim group, the Kawthoolei Muslim Liberation Front.

Karens won world publicity during the kidnapping when they asked France to cut off aid to Burma until the Karen homeland was recognised. Both demands were rejected, and the couple was subsequently released.

The army's immediate aim appears to be to break the KNU's economic lifeline. The rebels' revenue comes from eight border "gates" or toll points, through which a vast array of consumer goods (textiles, electronics, medicines) enter Burma's "parallel economy" from Thailand.

The Karens levy a five per cent tax on the value of the goods. They also impose the same duty on raw material passing in the opposite direction (tin ore, teak, antimony and precious stones).

Thus the union nets around $5 million a year. This is used to buy arms, ammunition and rice from the black-market in Thailand. In addition, the KNU levies a four per cent tax on rice produced in villages under its control.

If the army can squeeze this economic lifeline, it will then go for a massive operation to flush out the insurgents from the Dawana range and other mountainous border areas.

But the bloodiest battles will not come until the end of September, when the dry season sets in.

For the present, the army's artillery shells rain down on Karen outposts, sometimes falling across the Moei River onto Thai villages. One village, Ban Heuy Kaloka, has already been destroyed in this way.

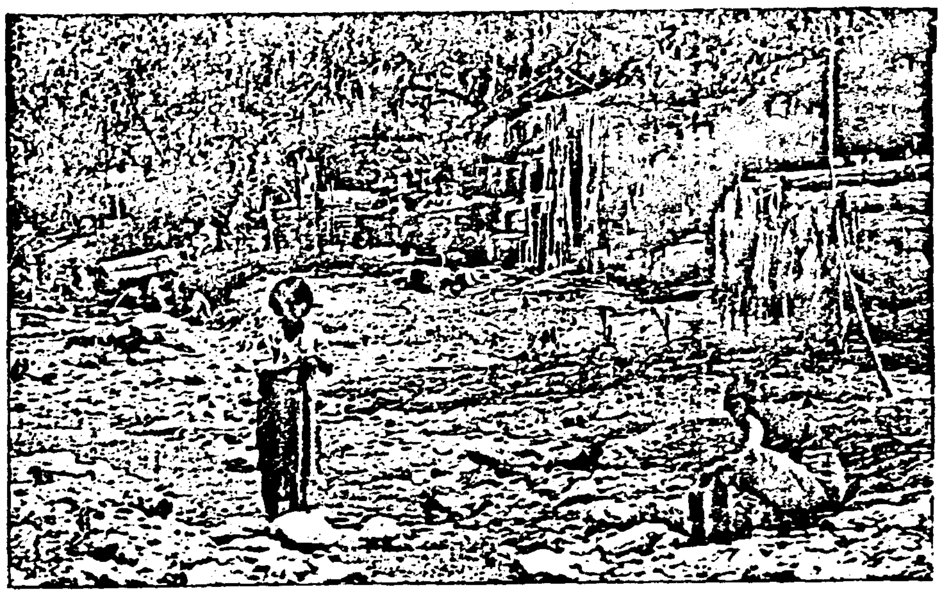
The worst affected are the Karen villagers caught in the cross-fire. Thousands have crossed the Thai border and are in refugee camps at Mae Sam Laeh, Mae Danay, Norbo and Mae Ta. — Gemini

01.03

PARTES POCO LEGIBLE

Refugees from the west

BANGKOK SUNDAY APRIL 21, 1985





Kim Gooi gives his impression of the latest group to cross our borders in search of a haven from war

THE Karen people are the latest group of refugees to come across the four-nation borders of Thailand.

Over the past year more than 10,000 Karen refugees have crossed the Moei River from Burma into Mae Sot district of Thailand. They are to be found living in half a dozen camps along the rugged border; some of them are located in very remote and hilly terrain.

On a recent visit to some of these camps, I came away greatly warmed and impressed by the people living in them.

The camps are clean and well organised. The sites were carefully chosen in wooded areas and beside running streams. They are remote and far from Thai settlements; the only villagers around are those of the Thai Karen tribe who welcome them as their kin.

There is no trouble or problem with the Thai people and crime is rarely heard of — unlike the situation on the Kampuchean border. In one camp at Mae Salit, the refugee committee said they compensated Thai Karens for use of their village paddy-land as camp sites.

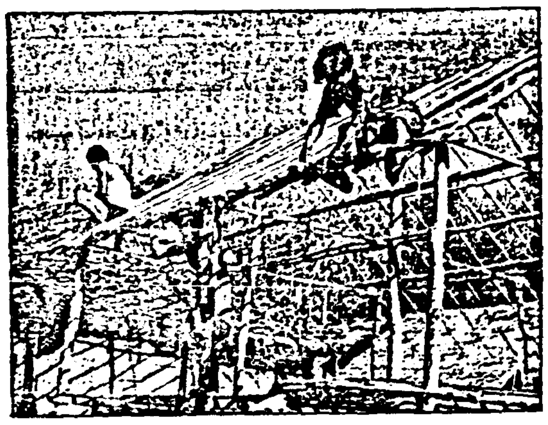
Visitors to each camp are asked to sign the visitors' book and to make comments. At Baw Naw or Mae Tha Waw, a remote camp reached after hours of riding along jungle tracks and shallow river fords, I wrote in the visitors' book: "Do not trust the Burmans." Saw Aye Kyaw, the 61-year-old camp commander and his aides burst into laughter.

The camp has a newly-built church constructed of bamboo and straw, under a canopy of tall jungle trees. A primary school is also being built. We were introduced to the headmaster, who spoke excellent English. Together with the church pastor, he showed us round the camp.

"We have no problem with the Thai Karen living in the hills around here," said pastor Douglas Htoo. "We are the same people, but they are a little wild," he added laughingly, referring to their animist religion.

At Mae Salit, situated on hillside paddy-land, we were surprised to see the refugees digging latrines behind their straw huts, something one never sees on the Kampuchean border. It must be another example of the British influence on the Karen.

The Karen refugees are being taken care of by the Karen Christian Relief Committee of Mae Sot. They get help from the Baptist Church in Bangkok, and the French group Medecins Sans Frontieres provides medical aid. With minimum outside aid, they seem to get by well by refugee standards.



Right: the Karen refugees chose their own sites, build their own accommodation.

The children look healthy, and the people are orderly and disciplined. This is the more admirable as they have managed everything by themselves instead of waiting for handouts and outside help. They have made do with the barest necessities.

The Karen belong to a Mongolian tribe of peoples who migrated southward many centuries ago, and they were the earliest arrivals in Burma, preceding the Mons and the Burmans. According to historical accounts, the Karen people began to move down from West China in two waves; the last arrival of the second group to enter Burma took place in 750 BC.

When Karens first settled there, they called the land Kaw Lah, the Green Country. The peaceful life in the rich, fertile Green Country took a drastic turn, however, with the later arrival of the numerically superior and war-like Burmans who swept down from the Tibetan highlands in the 9th century AD.

The Karen moved to the hills and mountain fastnesses, and left their established settlements to the plundering of the Burmans. Thus it came to pass that the Karen people today are to be found among the hills and forest-land of the region. In 1813, two American Baptist missionaries, Adoniram and Ann Judson, visited the Karen; subsequently many Karens converted to Christianity. Today more than 90 per cent of them are Christians.

For many centuries the Karen have resented the Burmans. Today the struggle continues. Said a Karen leader in Mae Sot: "Unless the Rangoon authorities change their policy of domination and oppression to one of administering the country and improving the livelihood of its people, we will see no end to the struggle of the Karen and the other oppressed peoples of Burma." — Malaichi Productions.



Above: back bruised by the sun, a woman bends to the daily chores.



Above: traditional garb, traditional tatoos.

' We have no problem with the Thai Karen living in the hills around here. We are the same people, but they are a little wild '



Eyeing the future... a top-knotted Karen boy.

KAREN NATIONAL UNION SUPREME HEADQUARTERS

Dear Citizens of Freedom:

As president of the Karen National Union in Burma and as president of the National Democratic Front, which represents nine indigenous races of Burma,. I am presenting a short account of the Karen Revolution to you for your sympathetic consideration.

The Karens were the first settlers in the country now known as Burma, and were later conquered by the Burmese who came after us. We are being oppressed by the successive totalitarian Burmese Governments. The bitter experiences throughout our history taught us that as a nation, unless we have a country of our own, we will never have a chance to enjoy the life of peace and decency. Hence, after World War II, we began asking for our freedom and democracy peacefully, first from the British Government and later from the Burmese Government. Our demand was turned down by the then Burmese Government. Using their military forces, the Burmese arrested and jailed many Karen leaders, killed Karen civilians and raped Karen women. Thus we have been coerced to fight for our freedom and democracy since 1949.

The fighting has been going on for over thirty-six years and we still do not have a country of our own yet. This is because that, all these years the Burmese have been receiving aid from both capitalist and communist countries while we have to stand on our own feet and fight alone without aid of any kind from any country.

Currently, the Burmese soldiers are destroying and burning Karen villages and cash-crops plantations. The belongings of the Karen villages, gold, silver, money, etc: are plundered. The Karen women are raped and killed and the Karen males are made to carry heavy loads as porters and are forced to march before the Burmese soldiers as human mine-sweepers.

Because of these cruelties many Karens have to hide in the jungles or flee into neighboring Thailand and are facing starvation, diseases and deaths.

Other indigenous races of Burma, such as, Arakan, Kachin, Karenni, Mon, Pa-oh, Palaung, Shan, Wa, etc. are facing the same fate as we do. To be able to free ourselves from the totalitarian Burmese Nation, we formed the National Democratic Front (Burma) , which represents nine indigenous races of Burma.

The people living in Burma desperately want to be freed from the military dictatorship of Ne Win and they fear the ever increasing communist involvement in Burma. We can never accept communism.

The production of opium in Burma, Laos, and Thailand causes much hardship throughout the world. We are strongly opposed to the production, trafficking, and use of any illicit drugs and we would like to put a stop to it. We believe this is possible with material and financial aid from abroad.

We are now appealing to citizens of every free country, who love peace and democracy and are sympathetic to the oppressed, to help us with money, food, clothing, medicine, etc. so that we may be able to free our-selves from the totalitarian Burmese Government and form a unified, genuine federal union of Burma.

Thanking you for your kind consideration of our appeal.

Sincerely,

Lt. Gen. Saw Bo Mya

President: Karen National Union and the National Democratic Front of Burma.

Information available from: American-Karen Agency, P.O. Box 2357, Battle Creek, MI, 49016 USA

031

Crece la protesta en Bangladesh

"PERLA"

DACCA. — La decisión de continuar la huelga general iniciada la víspera mantuvo completamente paralizada ayer, por segundo día consecutivo, esta capital de Bangladesh, en una nueva demostración de fuerza de los sindicatos, que disponen del pleno apoyo de las fuerzas políticas de oposición.

Aunque plantea reivindicaciones sociales de primer orden, entre las cuales aumentos de salarios y mejora de las condiciones de trabajo, el pliego incluye también el rechazo de la ley que hizo aprobar el domingo por sorpresa el presidente Hussein Mohammad Ershad, que lo faculta para designar militares en lugar de civiles en las administraciones provinciales, regionales y municipales.

La demostración de ayer que se realizó sin incidentes, provocó nuevamente el cierre de comercios y bancos, y redujo la circulación a su mínima expresión en Dacca.

Por otra parte, 22 agrupaciones estudiantiles, además de secundar los paros del domingo y de ayer dispusieron una huelga general de 9 horas para hoy, lo que hace temer una radicalización del conflicto.

A su vez la oposición, por iniciativa del sheik Hasina Wajed, líder de la liga árabe Awami, decidió boycotear la sesión del parlamento de ayer, para protestar por "la militarización de la administración".

EL DIA 7/1/87

01.01

870756O

031

Relaciones diplomáticas con Bangladesh

El Ministerio de Relaciones Exteriores anunció ayer oficialmente el establecimiento de relaciones diplomáticas entre nuestro país y la República Popular de Bangladesh.

En un escueto comunicado, se establece que "deseosos de promover las relaciones amistosas y la cooperación entre los dos países, el gobierno de la República Oriental del Uruguay y el gobierno de la República Popular de Bengladesh han convenido establecer relaciones diplomáticas con el rango de embajadas, el día 15 de julio de 1987".

Destaca la comunicación ministerial que la acreditación de embajadores será objeto de un acuerdo entre ambos gobiernos.

HR

R.P. de BANGLADESH

031

LA HORA 16/7/85

Entablan relaciones con R.P. de Bangladesh

Uruguay estableció en las últimas horas relaciones diplomáticas con la República Popular de Bangladesh y con las pequeñas islas caribeñas de San Cristóbal-Nevis, según afirmó una alta fuente de la Cancillería.

Se informó que con Bangladesh la representación será a nivel de embajadores, mientras que con las islas San Cristóbal se instrumentará por medio de los representantes diplomáticos acreditados ante la Organización de Estados Americanos (OEA)

Desde la asunción del gobierno democrático se han restablecido relaciones diplomáticas con Cuba y Venezuela. Un punto polémico que se analiza desde hace tiempo en Uruguay es la definición del establecimiento de relaciones con la República Popular China, tema que está en discusión en el ámbito político.

031

Por lo menos 4 víctimas

Bangladesh: siguen protestas callejeras

NUEVA DELHI. (EFE).- Al menos dos civiles y dos policías resultaron muertos ayer durante las manifestaciones de protesta ocurridas en Daca, la capital de Bangladesh, informaron testigos presenciales.

Los dos policías fueron alcanzados por granadas de mano lanzadas por manifestantes, en el tercer día consecutivo de protestas antigubernamentales.

Otras dos personas fallecieron, al parecer debido a los disparos de armas de fuego efectuadas por las fuerzas policiales, que recibieron la orden de responder con contundencia a los manifestantes.

Un portavoz gubernamental indicó que los alborotadores y manifestantes serán reprimidos con armas de fuego.

Los bomberos han tenido que esforzarse en apagar una veintena de incendios provocados en edificios y otros tantos vehículos ardieron en diversas zonas de la ciudad.

Los manifestantes piden la dimisión del presidente de Bangladesh, Husein Mohamed Ershad.

LA MAÑANA [illegible]

01.01

8711495

HR

031

Disturbios por una huelga en Bangladesh

Dacca, 21 (ANSA) — Una huelga general de 48 horas reclamando la dimisión del presidente, general Hossain Mohammad Ershad, dejó un saldo esta mañana de varios heridos en la capital de Bangladesh, mientras que la protesta de la oposición se extiende a otras varias ciudades del país.

Ocho policías y un fotógrafo resultaron heridos en Dacca en choques con la policía en los que utilizaron bombas incendiarias. En algunos casos se produjeron violentas peleas cuerpo a cuerpo entre funcionarios y estudiantes que querían impedirles concurrir a sus trabajos.

Trasportes, comercios, bancos, escuelas e industrias cesaron su actividad en Dacca, Chittagong, segunda ciudad y primer puesto del país, 200 km al sudeste de la capital. En Khulna, tercera ciudad de Bangladesh, también se produjeron paros. En el norte del país, según informaciones procedentes de Dacca, algunos conductores fueron "físicamente obligados" a detener sus trenes.

031

Oposición convocó a paro de 72 horas

Incidentes en Bangladesh

NUEVA DELHI (ANSA, EFE, REUTER y UPI).- El frente de las tres alianzas de los partidos de oposición de Bangladesh convocó a una huelga general de 72 horas a partir del próximo domingo para conseguir la renuncia del Presidente Hussain Mohemmed Arshad, que tomó el poder en 1983 con un golpe de Estado.

En el cuadro de la campaña antigubernamental, la oposición presentará además un drástico programa de iniciativas, que iniciará el próximo 1° de diciembre.

El frente de la oposición está compuesto por una alianza de ocho partidos liderada por Sheick Hasina, Presidente de la "Liga Awami", de otros siete partidos liderados por Begum Zia Khaled, Presidente del Partido Nacionalista, de cinco partidos de izquierda y de una organización musulmana.

Unos veinte militantes del Partido Nacionalista resultaron heridos y uno murió por la explosión de bomba lanzadas por los miembros del "Jatiya", Partido al Poder. Otra quince personas refutaron heridas en los choques entre grupos opositores, y el lunes un líder del "Jatiya" murió y otras ochenta personas fueron heridas en choques entre el partido gubernamental y la oposición.

LA MAÑANA 26/11/88

01.01

8712210

031

Bangladesh: violan toque de queda

BANGLADESH.- Una persona que ha violado el toque de queda es arrestado y obligado a pararse de manos. El presidente Hossain Mohammad Ershad declaró el Estado de Emergencia, para controlar las protestas contra su [illegible]. (Foto vía satélite de Reuter).

La Mañana 30/11/87

CARP. Nº 32

(1)

032/1 COREA DEL NORTE

ENTRE LOS Nºs

8700595 - 8711052

Corea del Norte

032

Reeligen a Kim Il Sung

TOKIO, 29 (UPI). — **El presidente de Corea del Norte, Kim Il Sung, fue reelegido hoy por la Asamblea Nacional que también aprobó una reestructuración parcial de la jefatura del Partido Comunista**, según informes llegados a esta capital.

La reestructuración fue la primera de la cual se informa en la prensa oficial de Corea del Norte, desde que en noviembre circularon versiones de que Kim, de 74 años, había sido asesinado. Los analistas especularon en ese momento que había una lucha por el poder en **Pyongyang**, la capital de Corea del Norte.

La agencia noticiosa oficial y Radio Pyongyang, captada en **Tokio**, indicaron que Kim fue reelegido como presidente en la sesión de apertura de la **Asamblea Popular Suprema**, la legislatura del país.

Kim, fundador del **Partido de los Trabajadores de Corea**, ha gobernado la mitad de la península de Corea desde la división del país después de la Segunda Guerra Mundial.

"Todos los diputados y asistentes estallaron en ovaciones y corearon «Viva el gran dirigente, camarada Kim Il Sung», pletóricos de inmensa excitación y alegría", dijo la agencia.

Esta fue la primera sesión de la asamblea desde que fueron elegidos los actuales diputados el 2 de noviembre. La asamblea es elegida cada **cuatro años**.

La agencia noticiosa también informó de una reestructuración parcial de la jerarquía del Partido Comunista en una sesión del comité central el sábado último.

La nueva integración del **buró político**, de 16 dirigentes, incluye a **Kim Jong Il**, de 44 años, hijo y aparente heredero de Kim Il Sung, y al ministro de Defensa, **O Jin U**, tercero en la jerarquía del partido.

El presidente del Soviet Supremo de la URSS felicitó al líder norcoreano, Kim Il Sung, por su reelección como presidente de su país, informó la agencia soviética Tass.

En su felicitación, el Soviet Supremo, o Parlamento de la Unión Soviética, deseó al máximo dirigente de Corea del Norte **"salud"** y **"nuevos éxitos"** en "su noble actividad en beneficio del pueblo coreano, en interés de la paz y el progreso".

CLARIN 30-12-86

032

Correo del Norte

Nord-Corea propone negociar paz

TOKIO, 13 (ANSA-KYODO).— Nord-Corea difundió un mensaje radial a Corea del Sur convocándola a conversaciones de alto nivel pare establecer relaciones para la reunificación a implementarse el 27 de enero próximo en la Villa Panmunjom Truce, según un informe oficial de la Agencia Central Noticiosa Coreana (KCNA) monitoreada en Tokio.

Pyongyang pidió conversaciones de paz para eliminar "enfrentamientos políticos y tensiones militares" a través de la cooperación y del intercambio entre ambos países, según se anunció.

El mensaje radial, dirigido al primer ministro surcoreano Lho Shin Yong y al ministro de Defensa Lee Ki Baek de sus colegas de Pyongyang, también propuso el encuentro con una delegación surcoreana, de un total de siete a nueve miembros gubernamentales, encabezados por un vice premier y delegados de las Fuerzas Armadas.

También propuso que la primera ronda de conversaciones se abra en el área norcoreana controlada de Panmunjom y, si el gobierno de Seúl lo desea, los contactos preliminares podrían establecerse mediante "grupos de trabajo" que establecerían las condiciones para el encuentro.

De acuerdo con la KCNA, funcionarios surcoreanos se negaron a aceptar el mensaje en su versión original escrita del 10 de enero, exigiéndole a Pyongyang que difunda la propuesta a través de la radio.

CRITICA A NAKASONE

TOKIO (ANSA-KYODO).— Nord-Corea criticó el llamamiento formulado el domingo pasado por el primer ministro japonés Yasuhiro Nakasone, para que las naciones europeas participen en los juegos olímpicos de Seúl de 1988, calificando su mensaje de "pretensión disparatada".

Nakasone, empeñado en una gira por cuatro naciones del este europeo, se comprometió a ayudar "el esfuerzo surcoreano" apelando a las naciones respecto de las cuales (los surcoreanos) carecen de influencias.

M. COLOR 13-1-87

0 . . 0 1

032

COREA DEL NORTE

★ COREA DEMOCRATICA: COMITE CENTRAL REELIGE A KIM IL SUNG

DN FICHADO

Tokio, (DPA). —El jefe de Estado de Corea del Norte, Kim Il-Sung, fue confirmado como secretario general del Partido Norcoreano de los Trabajadores (Comunista), según se desprende de informes de Radio Pyongyang captados en Tokio.

La reelección de Kim Il-Sung se realizó durante la 12 reunión del Comité Central de dicho Partido.

Kim Il-Sung y su hijo, Kim Jong-Il, así como el ministro de Defensa Oh Jin-Woo fueron confirmados además como miembros del Comité Central y del buró político del partido, indican las fuentes.

LA HORA 30/12/86

01-01

8702091

ARCHIVAR EN: COREA DEL NORTE (032)

TEMA: Personnel Reshuffle of Pyongyang's Top Leadership

PROCEDENCIA: ENLACE China 24/4/87 Doc. 0580/87

ARCHIVADO EN:

ENLACE China (135/13)

01.01 8703274

032

Norcorea, primer país insolvente

LONDRES. — Varios bancos occidentales, a los que el gobierno norcoreano adeuda unos 750 millones de dólares, declararon oficialmente insolvente a Corea del Norte (comunista).

Según indicaron ayer en círculos bancarios londinenses, es la primera decisión en este sentido que toman bancos acreedores occidentales respecto a un país deudor desde 1982, en que se declaró la crisis del endeudamiento del Tercer Mundo.

Desde hace dos años, la República Popular Democrática de Corea (Norte) no ha pagado intereses por su deuda exterior ni se ha comunicado con sus acreedores occidentales, sin haberse atenido a tres reconversiones acordadas desde 1977.

En consecuencia, el caso de Corea del Norte es calificado de "único" y un directivo del Instituto Bancario Británico "Morgan Grenfell" califica esta situación de "sumamente seria".

La declaración oficial de insolvencia puede dar lugar a la incautación de valores y depósitos norcoreanos en bancos de Gran Bretaña y otros países.

Por otra parte, Corea del Norte adeudaría no menos de seiscientos millones de dólares a bancos japoneses.

Perú 27/8/87 El Com.

HR

ARCHIVAR EN: COREA del NORTE (032)

TEMA: Dispute Between North Korea and Chinese Communists Denied.

PROCEDENCIA: ENLACE Chino 24/10/87 Doc. 1684/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Chino (135/B)

01.01 8710046.

HR

ARCHIVAR EN: COREA del NORTE (032)

TEMA: Washington Once Again Rejected Pyongyang's Tripartite Meeting Proposal

PROCEDENCIA: Enlace Chino 24/10/87 Doc 1685/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/B)

01.01 8711052

CARP. Nº 32

(2)

032/2 COREA DEL SUR

ENTRE LOS Nºs

8700063 - 8712430

La reunificación por ahora inalcanzable

"SOLO dos países en el mundo tienen un Ministerio de Unificación Nacional" dice Suh Keuk Sung durante una entrevista con periodistas sudamericanos en Seúl. "Esos países son Alemania occidental y Surcorea", añade el funcionario, que tiene a su cargo la subsecretaría para investigación y estudios sobre Norcorea.

En su despacho del National Unification Board explica -intérprete mediante- cuáles son los fines del Ministerio. Fundamentalmente, afirma, "hacer realidad, algún día, la reunificación del territorio coreano", dividido en 1945 por la URSS y los EE.UU., después de treinta y cinco años de ocupación japonesa.

El Ministerio se estableció el 1 de marzo de 1969, sin que haya hasta ahora una Secretaría de Estado equivalente en el Norte.

"Aquí investigamos las cuestiones sociales, políticas, culturales y económicas de Corea septentrional, como base para solucionar la situación de toda la península" expresa Suh. "Patrocinamos también las relaciones entre los dos países" añade, "pero hasta hoy sólo existe algún tipo de diálogo en materia económica y de deportes, así como mediante la Cruz Roja de ambas partes".

El funcionario lamenta luego que "a diferencia del Sur, el Norte considera este tema en el seno del Partido Comunista y lo encara como un asunto de espionaje". Sostiene a este respecto que "las actividades contra el Sur son controladas actualmente por Kim Chon Il, quien ha tomado el lugar de su padre Kim Il Sung" (este último en el poder desde 1948 y ya envejecido).

El ex canciller Ho Dam tiene a su cargo la dirección de las actividades contra el Sur, según Suh.

El problema de la reunificación coreana es vital para las superpotencias, para Japón y China. "Los coreanos pensamos que el tema es de competencia exclusiva de los interesados: el Sur y el Norte". Pero hay diferencias en el enfoque. "El gobierno del Sur (presidido por el general retirado Chun Doo Hwan, a quien eligió la Asamblea Nacional en 1980) procura la reunificación por medios pacíficos; en cambio, las autoridades del Norte, persiguen idéntico objetivo a través de la fuerza y de la subversión interna. Por lo tanto, la reunificación se torna en verdad difícil".

Lo peor que podría suceder es que estallara una nueva guerra entre los dos estados separados a la altura del paralelo 38. "El riesgo existe, desde que la tensión no cede y las dos partes cuentan con armamento sofisticado. En caso de conflicto, 60 millones de personas (40 en el Sur y 20 en el Norte) sufrirían las consecuencias y la economía quedaría una vez más en ruinas. Así, todos involucionaríamos un siglo. Por eso, debe mantenerse la paz. Y a estos efectos el Sur tiene un programa, consistente en mantener el equilibrio armamentístico, a la vez que promover la confianza, la cooperación y los negocios".

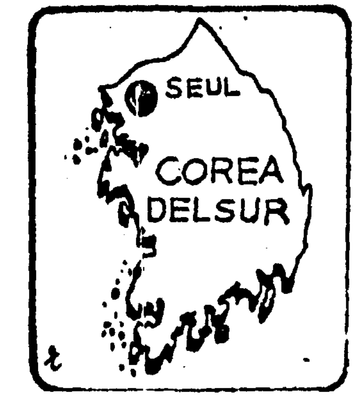
No hay, sin embargo, intercambio comercial. En 1985 se celebraron conversaciones económicas. El Sur propuso entonces realizar algunas operaciones, pero el Norte quiso crear antes una comisión para concretar el asunto. Hasta hoy ese órgano no ha sido establecido.

Asimismo, el Sur -dice Suh- presentó la iniciativa de integrar un cuerpo común encargado de elaborar una misma Constitución. "Infortunadamente, el Norte no se ha dignado responder a esta propuesta".

Para el Sur es importante "discutir la aprobación de una Constitución unificada y someterla a plebiscito en los dos estados, como ya se ha hecho en Yemen".

A juicio de Suh, Alemania está más adelantada que Corea en lo concerniente a la reunificación. "Los germanorientales y occidentales mantienen relaciones diplomáticas, consulares y comerciales, cooperan en algunos terrenos, ambos son miembros de la ONU y hasta han llegado a presentar un solo equipo en las Olimpíadas. Si Alemania no se reunifica es porque lo impiden los intereses de las superpotencias".

Los surcoreanos afirman que ellos también aspiran a una vinculación semejante con los norcoreanos. "Nuestras metas son la distensión y la paz. Empero, gravitan algunos factores que nos diferencian del caso alemán.



Los alemanes no pelearon entre sí; aquí, por el contrario, hubo una guerra civil que duró tres años, y ello comporta un factor que prolonga la rivalidad y alimenta la tensión".

Por las mismas fechas en que recogíamos estas declaraciones, un episodio *confirmaba* las prevenciones, el recelo, con que el Sur mira hacia el septentrión. El régimen de Pyongyang había iniciado la construcción de una gigantesca represa a 10 kms. de la zona desmilitarizada y a poco más de 50 de Seúl. La obra, según Surcorea, tendría "fines militares", porque su ubicación constituye una amenaza. El Ministro de Defensa surcoreano, Lee Kie-baek, sostuvo ante la prensa que "hay muchos otros lugares en el Norte donde podría erigirse la represa con resultados económicos más efectivos". Los norcoreanos, dijo, eligieron el sitio en el que ahora trabajan 50.000 soldados por su proximidad con el Sur. "El embalse, de 900 millones de toneladas de agua, podría fluir hasta el río Han por accidente o por destrucción deliberada y provocaría el efecto de una explosión nuclear" en el Sur.

Aparentemente, la central hidroeléctrica estaría construyéndose con asistencia técnica y financiera de la Unión Soviética, país que, por otra parte, acaba de reforzar la aviación militar norcoreana con veinte cazabombarderos MiG-23, llevando a *46 el número* total de estos aparatos, y proveyendo, además a Pyongyang de misiles SA-3 y otros equipos sofisticados, para "acelerar los aprestos bélicos del Norte", según Lee.

En este contexto, fácilmente se aprecia lo espinoso que es el camino hacia la reunificación coreana. Así y todo, no se pierden las esperanzas en Seúl. "China se abre al capitalismo" señaló Suh Keuk Sung, "y esto puede influir en Corea del Norte. Creemos que después de las Olimpíadas de 1988 habrá un clima de mayor optimismo en toda la península. Ya en la sesión del Comité Olímpico han participado países socialistas, incluyendo a la URSS y en los Juegos Asiáticos -recién realizados en Seúl- intervinieron delegaciones comunistas. Temiendo verse aislada, Norcorea intentó disuadir a los otros estados socialistas de concurrir a las Olimpíadas del '88. Pero en su reciente entrevista Gorbachov y Kim Il Sung no hicieron ninguna declaración conjunta sobre este tema, lo que nos induce a pensar que tienen discrepancias alrededor del asunto. Esperamos, pues, que las Olimpíadas mejoren las relaciones entre Corea del Sur y la URSS, de tal modo que Moscú fuerce a Norcorea a actuar con sensatez y prudencia. Acaso así la distensión comience dentro de un par de años".

Luis Ignacio Lecaldare

01|01

8700063

032

Coréia do Sul afirma que líder norte-coreano foi assassinado

Seul — O presidente da Coréia do Norte, Kim Il Sung, no poder há mais de 40 anos, foi assassinado a tiros dentro de um trem, anunciou o ministro da Defesa da Coréia do Sul, Lee Ki-Baek, afirmando que a notícia fora transmitida pelos alto-falantes dos próprios coreanos do norte, instalados ao longo da fronteira. Entretanto as autoridades norte-coreanas desmentem, dizendo que a notícia não passa de invenção e que Kim está bem.

A situação é confusa: a capital da Coréia do Norte, Pyongyang, está calma mas os sul-coreanos insistem em que algo extremamente anormal ocorre e que, se Kim não estiver morto, está se travando uma violenta luta pelo poder. Seul colocou em alerta máximo seu Exército de 600 mil homens e seus 100 mil policiais e foi convocada uma reunião de emergência do Ministério, para discutir a situação.

A agência japonesa Kyodo noticiou que "fontes confiáveis" em Hanói declararam ter recebido informações, através do Partido Comunista, de que Kim está morto. Mas a mesma agência, em outro despacho, informou que o embaixador da Coréia do Norte em Pequim comunicou aos embaixadores dos países aliados de Pyongyang que a notícia da morte do presidente era falsa.

Falando no Congresso, o ministro sul-coreano Lee declarou que seu governo fora avisado da morte de Kim pela CIA e por porta-vozes das tropas americanas estacionadas no país, que confirmavam as notícias transmitidas pelos alto-falantes existentes ao longo da zona desmilitarizada. Os comandantes dos 40 mil soldados americanos aquartelados ao longo da fronteira no entanto desmentem que os alto-falantes tivessem feito qualquer anúncio ou que a bandeira norte-coreana estivesse hasteada a meio pau, como se dizia. Segundo a versão do ministro Lee, Kim foi morto, numa tentativa de golpe, por guarda-costas a serviço do ministro da Defesa da Coréia do Norte, general O Jin-U, considerado pró-Pequim. Os assassinos teriam fugido para a China, o que o governo chinês já desmentiu. Jin-U sofreu um desastre de carro em agosto e desde então não foi mais visto em público.

Diplomatas norte-coreanos em várias capitais garantiram que o presidente Kim está bem e trabalhando e disseram que as versões divulgadas em Seul são uma manobra para desviar a atenção da opinião pública da grave situação política interna.

O líder comunista da Mongólia, Zhambyn Batmunkh, convidado por Kim a visitar a Coréia do Norte, partiu de Ulan Bator, como estava programado, o que é considerado um forte indício de que Kim está vivo e aparentemente continua no poder.

Jornal do Brasil 18/11/86

Copia del Sur 032

Fracasó un diálogo secreto entre Seúl y Pyongyang

TOKIO, 22 (EFE). Los gobiernos de ambas Corea mantuvieron sin resultados una serie de contactos secretos durante el último año para discutir sobre un eventual encuentro entre los presidentes Kim Il-sung y Chun Doo-kwan, informa el diario Nihon Keizai Shimbun pero las conversaciones no dieron resultados.

Según voceros diplomáticos los contactos ocurrieron en la aldea de Panmunjon entre Ho Dam, miembro del Politburó del régimen de Pyongyang y el director de la Seguridad del gobierno de Seúl, Chan Se-tong.

La versión se difunde días depués del erróneo anuncio del asesinato de Kim por boca del ministro de Defensa de Corea del Sur.

La Nación 23/11/86

COREA DEL SUR

032

Nakasone visitó China

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- El Primer Ministro Yasuhiro Nakasone ofreció mediar en los esfuerzos de China y Corea del Sur por mejorar sus relaciones, informaron ayer funcionarios gubernamentales.

Al finalizar una visita de dos días a China, Nakasone dijo al secretario general del Partido Comunista chino, Hu Yaobang, que su viaje "ayudará a mejorar las relaciones entre China y Corea del Sur", según un informe de la agencia oficial de noticias Xinhua.

Anteriormente, Nakasone afirmó ante la prensa que informó a los dirigentes chinos de "un pedido" del gobierno sudcoreano por un aumento en el comercio y en los vínculos en el campo del deporte con Pekín.

China no tiene relaciones diplomáticas con Corea del Sur, contra quien luchó en la guerra de Corea de 1950 a 1953.

"Para aminorar la tensión y mantener la paz en el noreste de Asia, estaríamos dispuestos a mediar entre China y Corea del Sur", dijo Nakasone.

Fuentes japonesas estimaron que Nakasone hizo su oferta durante un encuentro con Hu el sábado.

Hu no respondió, pero asintió con un movimiento de la cabeza, según las fuentes.

Nakasone dijo que también informó a los dirigentes chinos el deseo sudcoreano de que China participara en los juegos Olímpicos en Seúl en 1988. Agregó que dijo a Hu que los atletas chinos serían recibidos con un "gran aplauso" al entrar al estadio para los juegos asiáticos.

LA MAÑANA 10/11/86

npresiones de Corea II

El ejemplo de una economía inteligente

HO se ha hablado del "mi-
gro alemán". Hoy día corres-
le igualmente señalar otros
económicos, cuyo escenario
iente: Taiwan, Hong Kong,
itemente Singapur y, ocu-
lugar destacado, Corea del
país ha conseguido alcanzar
de desarrollo que excita la
de los expertos y motiva el
los visitantes.

estar en Seúl, una de las
des más pobladas del mundo,
ciar la magnitud del cre-
grado por una sociedad que
s de cuarenta años debió
desde cero, entre las ruinas
tación provocadas por una
l que fue, a la vez, grave
ternacional.

na ciudad moderna, limpia,
ránsito, en la que sobresale el
contables rascacielos. Así su
compadece con lo más ade-
materia urbanística. No debe
es que atraiga al turismo de
os Estados Unidos con cada
intensidad. De ahí la ex-
la calidad de su hotelería,
un nivel solo comparable al
s que ya han ingresado en la
a posindustrial".

rgo, Corea es todavía un país
desarrollo. Pero eso sí, de
as muy especiales. Soporta
deuda externa (alrededor de
nillones de dólares), enfrenta
en el mercado mundial a
roteccionismo de las econo-
itas y, además, no ha llegado
la pobreza. Así y todo,
una renta per cápita de 2.000
ndo a principios de los '60
or era de US$ 80- ocupa el
lugar mundial en términos
o exterior, movilizando 70
s de dólares anuales, y se ha
lo de país agrícola en respe-
cia industrial. Por añadidura
nsecuencia de los progresos
, está embarcada en pro-
lientes a una redistribución
de la riqueza y al mejo-
las economías regionales.

nía se rige por un sistema de
indicativa. Desde 1962, se llevan a cabo planes quinquenales. En Seúl funciona un Instituto para el Desarrollo, integrado por representantes de los sectores oficial y privado. De manera que, si bien el Estado desempeña un papel importante en la marcha de los asuntos económicos, la opinión de los empresarios es fundamental. No en vano ellos, y los trabajadores, han protagonizado en sustancial medida el "milagro" del último cuarto de siglo.

En el Instituto de Desarrollo, un técnico explicó sucintamente las bases financieras de este proceso. "Hasta principios de los '80", dijo, "los planes quinquenales se llevaron a cabo mediante el crédito externo. También, aunque en menor proporción, mediante la inversión de capitales procedentes de Occidente, sobre todo de los Estados Unidos, y del Japón. En este decenio, hemos tomado menos préstamos y abrimos el mercado a los inversionistas foráneos en forma casi ilimitada. Sólo hay unas pocas restricciones.

A las empresas extranjeras les permitimos que repatríen hasta el 100% de sus ganancias, pero eso no nos perjudica porque aquí permanece la tecnología que traen las compañías multinacionales".

De este modo, queda claro que Corea se endeudó en una primera etapa con sentido positivo, aplicando los créditos de la banca internacional a su empeño industrializador. Después, desde 1980, se ha abierto por entero a la inversión extranjera, ofreciéndole las más tentadoras facilidades, como forma de beneficiarse, inteligentemente, con la transferencia de tecnología.

Suceden entonces cosas como esta: en Ulsan, al sur del país, funciona a pleno el gigantesco complejo industrial de la firma "Hyundai". Allí estuvimos viendo cómo actúa una empresa constituida enteramente por capitales nacionales. "La firma se fundó en 1967", dice su Jefe de Relaciones Públicas. "Es una de las cuatro casas automotrices de Corea, y produce el 70% de los automotores que se fabrican en el país. De nuestra línea de montaje sale un automóvil cada 45 segundos. Son coches de modelo económico, que dan 20 kms. por litro, y los hacemos en cinco modelos.



Este año produciremos, 700.000, de los cuales 450.000 se colocaron en EE.UU. y Canadá".

"Hyundai" comenzó a operar con la tecnología de "Ford"; más tarde, en 1973 lo hizo con la de "Mitsubishi" (Japón), y por último desde 1983 emplea su propia tecnología.

Sólo en la planta automotriz trabajan 24.000 operarios, que perciben promedialmente un ingreso de 800 dólares mensuales. Laboran 60 horas semanales y descansan únicamente los domingos. "Cómo el régimen en el país es de 8 horas", explica el funcionario, "y ellos trabajan 10 horas diarias, las horas extra se les abonan con una paga extraordinaria que aumenta considerablemente su salario".

Los sindicatos, se nos manifiesta, actúan libremente, pero son raros los enfrentamientos con las empresas. "Aquí en 'Hyundai' jamás hubo una huelga debido a que las diferencias se discuten entre patronos y obreros en reuniones donde cada uno defiende sus intereses, pero todos comprenden que a fin de cuentas, dependen los unos de los otros", sostuvo nuestro interlocutor.

La firma que visitamos posee uno de los mayores astilleros del mundo. Las construcciones navales comenzaron en 1972; desde entonces se han botado buques por un total (bruto) de 10 millones de toneladas, vendidos a 30 países. En momentos de ir nosotros a Ulsan terminaba de botarse el "Berge Stahl", el mayor barco de transporte de mineral ferroso hasta ahora construido en el mundo. Se trata de una unidad que desplaza 365.000 tons. mide 342 metros de eslora y enarbolará la bandera noruega.

Lo notable de la industrialización coreana es que el país carece de materias primas y debe importar petróleo de las naciones árabes, así como hierro y carbón de la India, Australia y Brasil. Posee, como indicábamos, la tecnología y, sobre todo, una fuerza laboral crecientemente calificada, que aplica el máximo de sus energías a producir, en provecho propio y de la comunidad en su conjunto.

En todo esto, hay mucho de idiosincrasia, pero también de orgullo nacional. A las cinco en punto de la tarde, diariamente, se oye en todo el país un pasaje del Himno Nacional; durante 30 segundos, cada peatón permanece de pie, escuchando una voz que renueva los votos de fidelidad a la bandera y al pueblo. Este mismo espíritu, aplicado en la fábrica, en el taller, en la oficina, es el que impulsa el progreso de un país de apenas 99.000 kms. cuadrados (la mitad de Uruguay) y cuyo territorio es montañoso hasta en un ochenta por ciento.

Allí, para seguir adelante, es necesario trabajar duro, y parecería que nadie deserta de ese compromiso. La deuda externa, la superpoblación (hay 40 millones de habitantes) y la tensión permanente con Corea del Norte obligan a extremar el esfuerzo individual y colectivo. En este sentido, el caso surcoreano constituye un ejemplo del que debiéramos tomar buena nota, en particular, los latinoamericanos, ricos en recursos naturales pero faltos a menudo de la imaginación y la fe que sustentan los milagros.

Luis Ignacio Lecaldare

032

Kim Un-yong Named President Of GAISF Replacing Keller

Kim Un-yong, elected an International Olympic Committee member last month, replaced Thomas Keller of Switzerland as president of the General Association of International Sport Federations (GAISF) in Monaco Oct. 25, it was reported here this week.

The 54-year-old Kim, president of the Seoul-based World Taekwondo Federation (WTF), had been vice president. He was the only candidate. Keller, 61, was standing down after 17 years in the position. He stays on as president of the International Rowing Federation (FISA).



Kim

Sports experts say Kim's election as head of the GAISF augurs well for Korea in connection with its scheduled hosting of the 1988 Summer Olympics.

Kim, who just two weeks ago became a Korean member of the IOC, is expected to play a big role in drumming up greater support from international sports organizations for Korea's successful staging of the Olympics, they said.

A senior Korean sports official this week commented on Kim's election, "With his election, Korea now has two influential sports bodies behind it. It is a very good sign for host Korea as the Olympics is just two years away."

The official, who declined to be named, said the other sports body is the IOC.

He added that Kim, dubbed as Korea's top sports diplomat, is one of the best friends of the IOC president Juan Antonio Samaranch. Samaranch is known to have long supported Korea in its bid to stage the 1988 Olympics.

The GAISF had been a little-kown international sports organizations, with affiliation to a handful of nations, at the time of its institution in 1967.

Since then, it has emerged as one of the world's four major international sports organizations. Three others are the IOC, the Association of the National Olympic Committees (ANOC) and the Association of Summer Olympics International Federations (ASOIF).

The GAISF is affiliated with 65 member federations — 45 regular, 8 associate and 12 provisional.

Kim is the first Korean to head any international sports federation.

Next S-N Talks to Yield Accord On N.K. Presence at '88 Games

Juan Antonio Samaranch, head of the International Olympics Committee, predicted Oct. 27 the next meeting between the IOC and south and north Korean officials will yield agreement on north Korean participation in the 1988 Summer Olympics in Seoul.

Appearing at a news conference in Moscow, held during an IOC seminar on training young leaders of sport, Samaranch was asked if he had met north Korean leader Kim Il-sung, who was in Moscow last weekend, or other officials from Pyongyang while in the Soviet capital.

Samaranch said he had not, and that his last talks with north Korean officials took place Oct. 18 in Lausanne, Switzerland.

"I hope to get some news from them during the next weeks" and to arrange a fourth south Korean-north Korean parley with the IOC either late this year or early next, Samaranch said.

"I have to be optimistic," he added. "I am quite sure that during this fourth meeting we can get a final agreement."

Soviet ally north Korea has objected to the staging of the 1988 Summer Olympics in the south Korean capital of Seoul. Pyongyang has put forward several suggestions to ease the situation, including a plan to hold some games events in the north Korean capital.

Samaranch gave no details of any eventual compromise.

Asked whether he thought the Soviets would definitely attend the 1988 Summer Games after boycotting the 1984 Olympics in Los Angeles, Samaranch replied, "I not only think so. I am quite sure that the Soviet Union will participate in the 1988 Olympic Games."

Marat Gramov, head of the Soviet Olympic Committee and the nation's state sports committee, was seated at Samaranch's side but made no comment on the issue of Soviet participation.

Int'l Memorial Exhibition Slated In Olympic Park

The Seoul Olympic Organizing Committee (SLOOC) plans to open an "international memorial exhibition" in Seoul's scenic Olympic Park to commemorate the city's historical hosting of the 1988 Summer Olympics.

The exhibition will permanently display sculptures, paintings and other artcrafts to be donated by the National Olympic Committees (NOCs) of foreign countries, SLOOC president Park Seh-jik said last week.

Park said that he presented the plan at the recent 91st general meeting of the International Olympic Committee (IOC) and many IOC members favorably responded to it.

He attended the IOC session Oct. 12-18 in Lausanne, Switzerland, as a leader of a four-member Korean delegation.

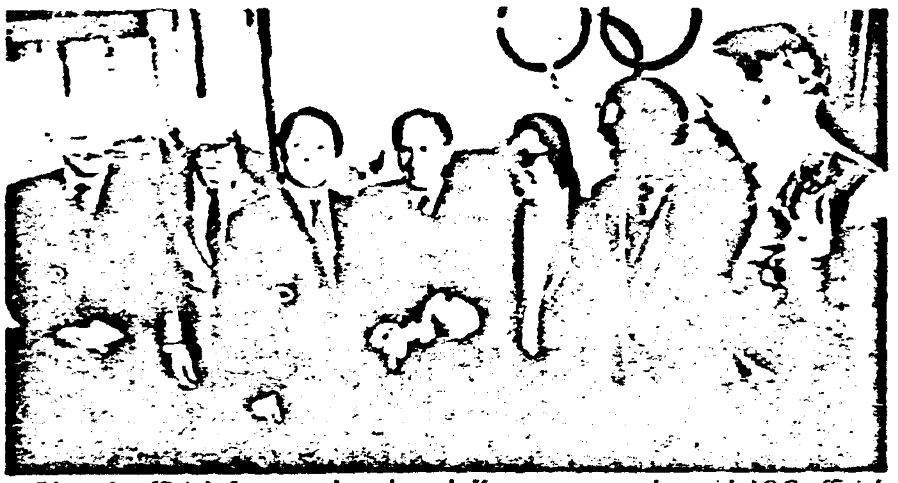
He said that a majority of the IOC members attending the meeting welcomed the plan and expressed their readiness to cooperate for the success of the scheme.

Any country upholding the Olympic spirit of "world peace", "harmony" and "unity" is welcomed to donate any artcrafts for the memorial exhibition, Park said.

The exhibition, the first of such a kind worldwide, is aimed to help world citizens to remember the Seoul Olympics which Park hopes will become a turning point in East-West relations in the great need for permanent world peace, he said.

Copia del Sur

032



Olympic officials from south and north Korea pose together with IOC officials before the third-round meeting of inter-Korean sports talks in Lausanne, Switzerland, on June 10. At center is IOC president Juan Antonio Samaranch, flanked by Kim Chong-ha (left), president of the Korean Olympic Committee, and Kim Yu-sun (right), his north Korean counterpart.

IOC Proposes Holding of 2 Olympic Events in N.K.

The Olympic Games governing body this week proposed that north Korea host table tennis and archery at the 1988 Summer Games set for Seoul, south Korea, in an attempt to fend off a threatened boycott.

IOC president Juan Antonio Samaranch told a news conference on June 11 that this was the "final offer" of the International Olympic Committee (IOC) to head off a boycott by north Korea, which has demanded an equal share in running the games.

Samaranch set a June 30 deadline for south and north Korea to accept the IOC proposal.

"If not, I am sorry, this is the end," he said after two days of talks with the presidents of the National Olympic Committee of the two Koreas held June 10-11 in Lausanne, Switzerland.

The IOC also proposed that the 100-km (600-mile) cycle road race start in the north and finish in Seoul, and that one of the four groups in the soccer competition play in the north Korean capital, Pyongyang.

In return, north Korea would have to drop all other demands and agree to open its tightly-guarded border to "all members of the Olympic Family."

Samaranch said this referred to some 30,000 people accredited to the Olympics, such as athletes, trainers, National Olympic Committee members and reporters.

The question of spectators crossing the border would be discussed only after the IOC offer was accepted, he said.

The Korean peninsula was divided into Communist north and capitalist south in 1945 after World War II. The two countries fought a fierce war between 1950-53.

Samaranch said if the offer is accepted by the governments of both sides he will call a fourth round of talks, possibly by late July, to work out "all necessary organizational and operaional aspects."

The IOC offer fell well-short of the initial north Korean demands when the games were awarded to Seoul in 1981.

North Korea has demanded a joint Korean name for the games, a joint organizing committee and a joint opening ceremony.

None of these demands would be met under the Samaranch compromise. He said the opening and closing ceremonies would be held in Seoul.

The south Korean delegation praised the IOC plan but said the decision on acceptance would have to be taken by the Seoul government.

"We see this as a positive proposal and we endorse it in order to save the Olympic Games," Choy Man-lip, the vice-president of the south Korean Olympic Committee, told reporters.

Korea Dethroned From ABC Title by China

China dethroned defending champion Korea 82-65 to win the 11th Asian Women's Basketball Championships in Kuala Lumpur, Malaysia, on June 8.

China led 47-39 at half-time in a keenly contested game which saw the two top teams in Asia battle for the title.

Both China and Korea were already assured of berths in the World Cup to be held in Moscow in July by virtue of their rankings in the 1984 Los Angeles Olympics, when Korea took the silver medal and China collected the bronze.

Taiwan scored an upset 71-68 win over Japan to take the third position and clinch the third Asian berth for the World Cup.

Making a reappearance in the Asian championship after a 12-year absence, Taiwan had to stave off a strong challenge by the Japanese till the dying seconds of the game.

They were only assured of victory when Hsu Tsai-lin converted a basket in the last seconds of the match after the Japanese had managed to reduce the deficit to 68-69 with only 38 seconds remaining.

The Japanese were down 28-38 at half-time but fought back and several times were only two points behind Taiwan.

Thailand defeated Malaysia 61-42 to take the fifth position after leading 35-21 at the interval.

India took the seventh place followed by Singapore in eighth position, Syria in ninth position and Indonesia last in the ten-nation championships.



China's Guang Xudi and Qiu Chen (center) are holding their 11th Asian Women Basketball Championship trophy after defeating Korea 82-65 in the final round on June 8. Runner-up south Korea's Kim Hwa-soon (left) and third Chinese Taipei Huang Yu-lan (right) are also holding their trophies.

Corea del Sur

Integrity of '88 Games

The "positive" response from Pyongyang to the compromise formula put forward by the International Olympic Committee is anything but an unqualified one. North Korea should drop any claims to the Seoul Olympic Games in 1988 beyond what Seoul can afford to offer and what the international Olympic movement has itself proposed in its consideration for the long-range objective of reconciliation between the divided halves of the Korean peninsula.

The IOC proposed in June that part of four events including table tennis and archery be given to Communist north Korea. Both the south and north reacted affirmatively to the proposal in principle. But Pyongyang has attached some strings, demanding more.

It is common knowledge that the Olympics are awarded to one single city and as such cannot be shared by any other parties. Out of its desire to promote inter-Korean reconciliation, Seoul agreed to transfer some of the events to north Korea. It is as simple as that and Pyongyang is only in a position to take it or leave it without making further demands.

In the spirit of reconciliation, the IOC has brought together the two parts of Korea for a series of meetings in Lausanne. The north has since insisted on some preposterous conditions including equal sharing of the Games' events and financing.

Participation of all member countries in the quadrennial Olympiad is desired to foster peace and harmony among all mankind through sports. The two past Summer Games held in Los Angeles in 1984 and Moscow in 1980 were boycotted by either side for political reasons.

We do not want to see the international Olympic movement suffer any further setbacks. All IOC members, including north Korea, are invited to take part in the Seoul affair with no political considerations. North Koreans must desist from any maneuver to make propaganda capital out of the constructive effort of the IOC.

NEWSREVIEW, JULY 12, 1986

12/12/86

Hays Warns of N.K. Plots to Ruin Asiad, '88 Games

The U.S. Pacific commander said July 4 that north Korea may attempt to disrupt or spoil the Asian Games and the 1988 Olympics, both to be held in Seoul and that he would not rule out the possibility of terrorism in such attempts.

Adm. Ronald J. Hays, commander of the U.S. Pacific Command, made the point during an interview with the U.S. armed forces' newspaper Stars and Stripes on the occasion of the U.S. Independence Day, July 4.



Adm. Hays

Hays said south Korea will enhance its stature in world society if the two sports games and President Chun Doo Hwan's promise to peacefully transfer power in 1988 are carried out successfully.

"The Republic of Korea lives in constant apprehension that north Koreans will break a 33-year-old armistice and invade the south again," he said.

"I think it's a real danger north Korean actions, in recent times, have demonstrated great volatility and unpredictability." Noting that north Korea is an absolutely closed society and allocates 25 percent of its gross national product to its military, Hays said it might divert attention of its oppressed people, who lead a deplorable standard of living, to some external event.

In reference to the Soviet military power in the Pacific, he said the Soviet Union has built up its forces because it recognizes the growing importance of the Pacific region.

As the Soviets could not win any real commercial competition with the economic powers of Japan, south Korea and other countries in the area, they are intent to enjoy military superiority over them, to capitalize on any uncertainty or turmoil that develops, he said.

032

Corea del Sur

01/01 8700112

032

30 Countries Notify Seoul Of '86 Asiad Participation

Thirty countries, including China and Japan, have confirmed their participation in the 10th Asian Games in Seoul, the Seoul Asian Games Organizing Committee (SAGOC) announced early this week.

As the initial deadline passed midnight June 28, the SAGOC said, 25 countries submitted their preliminary entries (entries by number) for competing at the Games and five other countries sent their verbal commitments.

Of the 36 member countries of the Olympic Council of Asia (OCA), only six nations — north Korea, Afghanistan, Laos, Mongolia, Vietnam and South Yemen — have failed to answer Seoul's invitation to the Asiad. Those countries have no diplomatic relations with Seoul.

Aug. 30 is the final deadline for applications for the Seoul Asiad, which will run Sept. 20 to Oct. 5.

The number of athletes and officials from the 25 countries now stands at 5,008, while the anticipated number of athletes and officials from the five countries which sent verbal commitments is 321, the SAGOC said.

Lee Ha-woo, secretary general of the SAGOC, said that he expected the figure to rise before the final deadline, thus making the Seoul Asiad the largest ever.

The previous record number of entries for an Asian Games was 33 countries with 4,500 athletes and officials in New Delhi in 1982.

By nation, host Korea will field the largest contingent of 673 athletes and officials to the Asiad, followed by Japan with 575, India with 540 and Indonesia with 389.

The size of the Korean delegation, which includes 495 athletes, is the largest Korean Asiad squad ever. Korea sent 280 athletes to the 1982 New Delhi Asian Games.

The number of athletes, comprising 151 women, is 74 below the maximum allowed in the Seoul Asiad. Track and field lead the other 24 Seoul Asiad sports in number of participating athletes with 66. Swimming is next with 43, followed by rowing with 36, shooting with 35 and field hockey with 32.

Golf will have the fewest representatives at the 10th Asiad with four, and eight competitors each will enter the competition of judo, taekwondo and archery.

The smallest delegation will be from Maldives with five athletes and two officials in one sport.

China informed the SAGOC last April that it would send 135 athletes and officials in seven team sports. The SAGOC received a telex from China on the June 28 deadline that it had sent additional entries for 14 more sports with about 200 to 250 athletes and officials, the announcement said.

Track and field is the sport attracting the largest delegations with 591 athletes and officials from 20 countries, followed by soccer with 20 nations (469) and swimming with 17 nations (374).

Country	Athletes	Officials	Total
Bangladesh	69	13	82
Bhutan	11	8	19
Bahrain	58	22	80
China	125	10	135
Hong Kong	231	70	301
Indonesia	267	122	389
India	425	115	540
Iran	100	35	135
Iraq	51	14	65
Jordan	29	6	35
Japan	455	120	575
S. Korea	495	178	673
Kuwait	195	62	257
Malaysia	208	61	269
Maldives	5	2	7
Nepal	106	37	143
Oman	57	25	82
Pakistan	182	45	227
Philippines	65	6	71
Qatar	122	42	164
Saudi Arabia	111	39	150
Singapore	166	33	199
Sri Lanka	12	0	12
Thailand	275	68	343
U.S.E.	30	25	55
Total	3,850	1,158	5,008

• Brunei, Burma, Lebanon, Syria and North Yemen have also notified SAGOC of their participation by telex or through other channels.

Seoul Conveys 'Affirmative' Reply to IOC Bid for Olympics

The Korean Olympic Committee (KOC) June 30 sent a reply to the International Olympic Committee's offer for allowing north Korea to stage a few events of the 1988 Seoul Olympics, the KOC announced.

The statement did not disclose the contents of the letter but it was learned that the KOC responded "affirmatively" to the IOC proposal.

But the KOC's acceptance of the IOC proposal is conditional on the north's dropping all other claims to the Seoul Games, the KOC spokesman said.

Samaranch made the proposal to both the south and north Korean Olympic Committees on June 11 at the end of the two-day third-round session of the IOC-initiated inter-Korean talks held in Lausanne, Switzerland.

The IOC head asked for both Olympic committees to send by June 30 written replies to his proposal, which he termed "a final offer."

The two previous meetings held last October and last January, which focused on north Korea's participation in the Seoul Olympics, failed to produce any tangible results because of the north's demand to "co-host" the 1988 Games, which had been awarded to Seoul in 1981.

North Korea, in obvious contradiction to the IOC Charter, had demanded that the Games be shared equally by the two sides and threatened to boycott the Games unless its demand was met.

Under Samaranch's proposal, north Korea would stage table tennis and archery. The 100-km cycling road race would start in the north and finish in Seoul, and one of four preliminary groups in soccer competition would play its matches in north Korea.

In return for the IOC offer, north Korea would drop all other claims to the Seoul Olympics and agree to open its tightly-guarded border to all members of the Olympic family.

Corea del Sur

01 01

8700113

IOC hears on '88 Games preparations

SLOOC's Park reports on security steps, torch relay plan

LAUSANNE, Switzerland (Special) — Athletes' freedom of movement and personal safety will be fully guaranteed in the 1988 Seoul Olympics, Park Seh-jik, president of the Seoul Olympic Organizing Committee (SLOOC), said Monday.

"My government has repeatedly promised that the safety of athletes and officials taking part in the 1988 Olympics will be fully guaranteed. And we, as organizers of the Games, are taking all the necessary security measures in close cooperation with national and municipal law-enforcement agencies," Park noted.



Park

The chief organizer of the Games was reporting to the 91st general meeting of the International Olympic Committee (IOC) on Seoul's preparations for the 1988 Summer Games in the Swiss city Monday.

"We (organizers of the Games) are working hard to make the 24th Olympics a full participation Games for the first time since Munich 16 years ago," Park said.

He said, "we are preparing the Seoul Olympics with a firm belief that the successful staging of the Games will promote the Olympic ideals and at the same time contribute to mankind's well-being and to world peace.

To this end, an Olympic Arts Festival will go on before, during, and after the Games and will include many international programs designated to promote international understanding, he added.

"Together with the sports program involving young people from all over the world in friendship, this arts festival, we are sure, will contribute to the harmony of mankind through increased understanding. This is our ideal and dream for the Seoul Olympics," he said.

For the festival, the SLOOC is planning to invite each participating NOC to donate three-dimensional artworks for permanent display in the Olympic Park as a commemoration of its participation in the Seoul Olympics, he said.

Commenting on the torch relay program for the Seoul Olympics, Park said, "The SLOOC is planning to light the flame in Athens and carry it by air to Cheju-do, the southernmost island of Korea. From there, the torch will be relayed passing through many cities of the country over nine days, to reach Seoul on the eve of the Games, Sept. 16," he said.

The accommodation program for members of the Olympic Family is progressing smoothly, with emphasis on expansion and improvement of facilities and services, he noted.

The construction of the athletes' and press villages will be completed in the first half of 1988, he said.

With regard to the committee's revenue program for the Olympics, Park said a TV rights contract was signed with NBC of the United States last March and negotiations with other networks are under way.

"We are planning to issue Olympic commemorative coins four times at six-monthly intervals starting from the end of this year and to begin selling admission ticket from the end of 1987," he explained. He added that these programs aim at striking a balance between income and expenditure so that the Seoul Olympics will be a "break-even" business.

As for the games facilities, he said that most of the competition venues and other facilities were successfully used in the recent Asian Games. "These facilities were prepared with the Olympics in mind and were operated to Olympic standards during the Asian Games," he said.

With the dedication last May of the Olympic Park which has five Olympic venues, all but a few of the facilities for 1988 have been completed, two years ahead of the Games, he noted.

The SLOOC head also said that the official opening and closing ceremonies will be held in accordance with the Olympic Charter and the practice of the past Olympics.

"However, we are planning to present programs designed to introduce traditional Korean arts and to signify cultural exchange between East and West in order to symbolize the motto of the Seoul Olympics, 'Harmony and Progress,'" he said.

Recalling that last April, delegates of 152 NOCs came to Seoul to attend the fifth general assembly of the ANOC and last month, representatives of all the International Federations of the Summer Olympic sports were in Seoul for a joint meeting of the IOC Executive Board and the ASOIF, Park said, "The attendances at these meetings were, we believe, undeniable evidence of the Olympic Family's active support for the Seoul Olympics."

"I should also add that in 1985, top class athletes came to Seoul to compete in 18 international meets, including world judo and archery championships, making Seoul one of the focal points in the sports world," he said. "This development of Seoul's role in the world sports community even before it hosts the 1988 Summer Olympics, is a source of great satisfaction for us."

Noting that the 10th Seoul Asian Games were successfully held, he said, "Although the Asian Games were a regional event, we organized and operated them to Olympic standards.

¿POR QUE MINTIO COREA DEL SUR SOBRE EL ASESINATO DE KIM IL SUNG?

Una cuestión interna

PEKIN y SEUL, 19 (Por **Jasper Becker**, de "The Guardian", **especial para Clarín**). — Los círculos diplomáticos de Pekín todavía se preguntan el motivo por el cual el martes último los coreanos del sur siguieron insistiendo en que, según la propaganda de Corea del Norte difundida en los parlantes de la frontera, **Kim había sido víctima de un golpe desestabilizador comandado por el ministro de Defensa O Jin-U.**

Las fuerzas de las Naciones Unidas estacionadas en la zona desmilitarizada de la región **no confirmaron el mensaje**, mientras que los coreanos del sur **tampoco aportaron grabaciones de la noticia**. Cierto diplomático de Pekín se preguntaba ayer por qué **los coreanos del sur hayan arriesgado su credibilidad con un rumor que podría desmentirse horas más tarde.**

Según un funcionario de Corea del Norte destacado en Tokio, **Seúl habría maquinado la mentira con el fin de desviar la atención de la represión contra los disidentes del gobierno en Corea del Sur. Corea del Norte** está considerado el **país más controlado del mundo.**

Se ha dicho que **el ministro de Defensa, el general O, responsable de uno de los ejércitos más numerosos del mundo, se opone a que Kim, el líder de 74 años que gobierna el país desde 1948, sea sucedido por su hijo Kim Jong-Il.**

♦ Fotos desmienten la noticia

Cabe recordar que un día después que Corea del Sur anunciara el asesinato del líder de Corea del Norte, **Kim Il Sung, la televisión china mostró instantáneas del mandatario supuestamente asesinado,** mientras abrazaba con aire impasible al líder mongólico **Zhambyn Batmonk,** tras el arribo de éste a Pyongyang.

Frente a una multitud entusiasta, los líderes de Corea del Norte y Mongolia pasaron revista a la guardia de honor del ejército popular coreano en el aeropuerto.

Pese a su rostro impasible y al notorio tumor que tiene en la nuca, **Kim parecía saludable.**

Debido a razones desconocidas, el "**gran líder**" se ha negado durante años a la extirpación del tumor, razón por la que siempre aparece de frente en las fotografías. Un diplomático austríaco presente en la ceremonia del aeropuerto de Sunan, cerca de la capital coreana, **confirmó que no se habían producido novedades en los últimos días.**

Las fotografías mostradas por la televisión de Pekín invalidan así las declaraciones del ministro de Defensa de Corea del Sur, **Lee Ki-Baek**, según las cuales Kim Il Sung había sido asesinado.

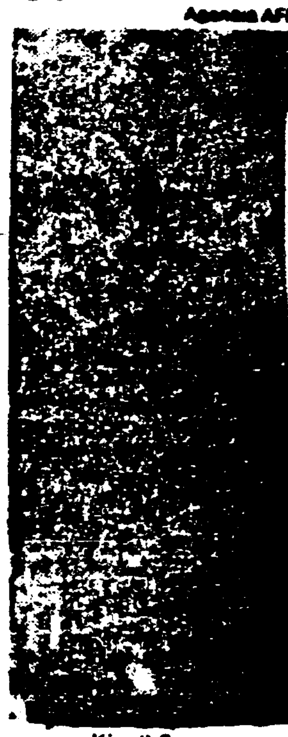
♦ Dos datos misteriosos

A principios de año Corea del Norte **concitó la** atención a raíz de un artículo aparecido en un medio periodístico local, que instaba a **mantener la unidad dentro del partido y a condenar "la formación de facciones tradicionales de nuestra historia."**

Observadores de Corea del Sur, sin embargo, seguían insistiendo ayer en que **una parte considerable del ejército del vecino país se habría amotinado con el fin de deponer a Kim o impedir la sucesión de su hijo. Cabe agregar que ni el ministro de Defensa de Corea del Norte ni el sucesor del máximo líder se encontraban presentes durante la ceremonia ofrecida al mandatario de Mongolia.**

A estos hechos debe añadirse el rumor, el mes pasado, de que el ministro de Defensa se encontraba en estado de coma después de un grave accidente automovilístico, mientras que otra especie insistía en que el general O había liderado un frustrado golpe. También se destacan la inesperada visita de Kim a Moscú, el mes pasado, y el reciente viaje del presidente chino, Li Xiannian, a Pyongyang.

Agencia AFP



Kim Il Sung, presidente norcoreano.

Seúl 1988: será corolario de un enorme esfuerzo

QUIEN recorre la instalaciones del complejo deportivo ribereño del río Han, a trece quilómetros del centro de Seúl, se sorprende ante la monumentalidad de las obras allí existentes. En ese lugar, que ocupa un predio de cincuenta y cuatro hectáreas, e han dedicado casi trescientos mil metros cuadrados a los estadios, gimnasios, velódromos, pistas de atletismo y piscinas, que serán los escenarios de las XXIV Olimpíadas, a realizarse en el verano (boreal) de 1988.

Todo el país, podría decirse, está comprometido en el esfuerzo de organizar los Juegos programados para dentro de dos años. Y todo el país también, ha experimentado recientemente la satisfacción de omproar que el preestreno -podría decirse- del vasto complejo deportivo, tuvo exitosas repercusiones, al efectuarse allí los Juegos Asiáticos 1986.

"La construcción d todo esto -dce un funcionario durante una visita guiada- cmenzó en 1975 e insumió una inversión de ciento setenta millones de dólare".

En 1981, la asamblea general del Comité Olímpico Internacional celebrada en Baden Baden (Alemania Federal) designó a Corea del Sur como sede de las Olimpíads 88. Apenas un par de años después los sudcoreanos lanzaron el logotipo de los Juegos y, junto con él, la imagen de la mascota correspondiente, el tigre Hodori.

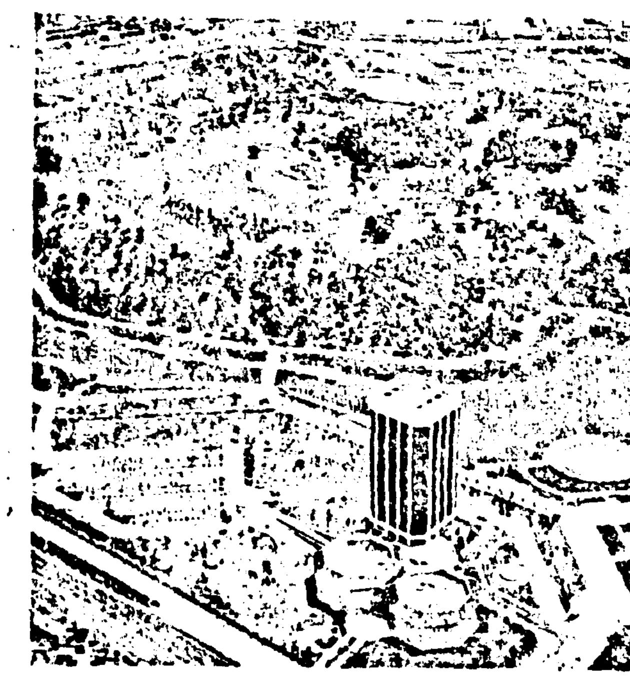
Este personaje representa, en una versión humorística, al félido que, según la tradición, era compañero inseparable del Gran Espíritu en los viejos cultos animistas. Hoy, Hodori está en todas partes: en "souvenirs" de la más diversa índole, en la folletería turística y deportiva, en toallas, pañuelos de pura seda y prendas de vestir. Es, cae afirmarlo, un emblema de rango nacional y a la vez, el símbolo de una grn ilusión: la de que el esfuerzo sudcoreano sea conocido y apreciado a los ojos del mudo, a través de la justa universal del músculo.

Ls sudcoreanos están persuadidos de que la oportunidad de ser anfitriones en las Olimpíadas supondrá un reconocimiento de sus méritos en la campaña de reconstrucción nacional, y algo así como na muestrade confianza internacional en sus legítimas aspiraciones.

Cuando llegue el momento en que la antorcha se encienda en Seúl, los hechos seguramente confirmarán esa esperanza. El acontecimiento tiene mucho de trascendental, sin duda alguna, no sólo parael Estado organizador, sino también -se nos indica- "para todos los países en vías de desarrollo", entre los cuales, aunque con muy singulares características, figura Corea.

Por eso, todo está preparándose conforme a una concienzuda y paciente metodología. Nada queda librado a la improvisación, ni mucho menos al zar. Ya en abril de 1982 se creó el comité organizdor de los Juegos Asiáticos y más tarde, en mayo de 1983, se fusionó aquel órgano con el comité organizador de las Olimpíadas. Más tarde, la Asamblea Nacional, aprobó una ley de apoyo a los Juegos y por último, hasta se creó un Ministerio del Deporte, con el cometido de promover las actividades atléticas.

Corea del Sur mantiene tratados bilaterales de intercambio deportivo con países tales como EE.UU., Kuwait, Alemania Federal, Gran Bretaña, Suecia e Italia. En el plano interno, su población se inclina preferentemente por el fútbol y el béisbol, en tanto existe una versión propia de las artes marciales, denominada taekwondo, que ya cuenta con cultores en Uruguay, según tenemos entendido.



Vista aérea del Parque Olímpico

En el afán de hacer grata la estadía a las delegaciones extranjeras, turistas y periodistas, viene trabajándose con ahínco en los aprestos finales de la próxima Olimpíada. Los planes de ejecución prevén la concurrencia de 9.000 hombres de prensa, procedentes de los cinco continentes, a quienes se facilitará fundamentalmente el rápido acceso a los sitios de competencia y el inmediato envío de la información mediante una compleja red de comunicaciones. Los turistas, que seran unos 270.000 según se calcula, contarán con la hospitalidad de un pueblo afable ycon los esmerados servicios que es capaz de brindar una hotelería moderna, eficiente y en acelerado proceso de expansión. Los protagonistas del vento, vale decir los deportistas y sus dirigentes, se alojarán en una Villa Olímpica que, dicen los entendidos, ofrece comodidades pocas veces vistas.

Los Juegos se desarrollarán entre el 17 de setiembre y el 2 de octubre de 1988. Este período se escogió luego de un minucioso estudio de las condiciones atmosféricas. De acuerdo a las estadísticas meteorológicas de los últimos treinta años, en ese lapso la temperatura promedia los 19 rados Celsius y sólo caen 41 mms. de lluvias.

Por otra parte, en él estarán comprendidas tres fines de semana y dos fiestas nacionales coreanas. Así, pues, los visitantes tendrán tiempo para las actividades sociales y ocasión de conocer, siquiera fugazmente, algunos aspectos de la rica tradición del país.

La tradición sigue jugando un papel preponderante en la vida cotidiana del pueblo coreano. Ni la vertiginosa industrialización, ni la adopción de ciertas costumbres de ostensible cuño occidental, han obstado a la empeñosa fidelidad de los sudcoreanos a sus más antiguas expresiones artísticas y culturales.

El pasado y la veneración a las generaciones precedentes son una constante de su idiosincrasia. De ahí que el septuagenario Sohn Kee Chung, primer coreano que ganara una medalla de oro olímpica (en Berlín 1936), sea hoy miembro del comité organizador de Seúl 88. Y de ahí también que, cuando los aletas comiencen a llegar a la ciudad sede, dentro de dos años, les aguarde el contrastante espectáculo que brinda una construcció del silo XIV, la Puerta Sur, empequeñecida -pero aún airosa- a la sombra de los empinados y soberbios rascacielos. Sabán entonces que han llegado a un país donde el futuro se cimenta sobre la sólida base de una civilización milenaria; donde, asimismo, el sacrificio personal y las desventuras colectivas no han sido lecciones vanas, sino el sustento de una sabiduría que impulsa a avanzar y a superarse.

Luis Ignacio Lecaldare

La Mañana 9/1/86

Corea del Sur

LA PRENSA

Agricultores coreanos vienen al país

Seúl (EFE) — El gobierno de Corea del Sur anunció que planea mandar a la Argentina, a finales del año, a 33 familias sudcoreanas, dentro de un plan de emigración agrícola, informó la agencia oficial de este país asiático "Yonhap".

El Ministerio de Agricultura y Pesca anunció que bajo el plan gubernamental, las familias organizarán comunidades agrícolas en las regiones de Río Negro y Buenos Aires, y que cada una de ellas lleva consigo 30.000 dólares para iniciarse en el negocio agrícola.

Doce familias sudcoreanas han emigrado a la Argentina desde 1984, para criar abejas.

032

EL DIA 5-12-86

Para entender algo

Corea son dos

Las noticias saltan clamorosas en todos los medios de información: en Corea del Sur, en Seúl para ser más precisos, 70 mil hombres fueron puestos en la calle para frenar la presencia militante de la oposición. Hay algunos miles de detenidos y en la represión no se ha respetado ni siquiera fueros parlamentarios.

Vemos así un régimen autoritario, dictatorial, en acción, poniendo en práctica todo el poder etático desde el inmovilismo irracional de los gobiernos "bunkerizados".

Ante estos sucesos solo cabe el rechazo y la censura más enérgica de todos y cada uno de los demócratas.

Caben además algunas precisiones domésticas que sirven para separar la paja del trigo y la buena de la mala conciencia.

Porque una cosa es que los demócratas nos indignemos de lo que ocurre en Corea del Sur y otra muy distinta que quieran sumarse al coro los totalitarios confesos, pescadores en río revuelto que nunca pierden la oportunidad para intentar pasar su mensaje publicitario.

El gobierno de Corea del Sur pone 70.000 hombres en las calles para sofocar a la oposición, es cierto. El gobierno de Corea del Sur, con su estructura autoritaria, se eriza ante la disidencia, desconfía sustancialmente de las opciones asumidas en libertad y se aferra al inmovilismo congelado y congelante de ese tipo de régimen.

Pero, a pesar de todo y dentro de los estrechos márgenes, hay mínimos andariveles en los que cierta acción autónoma puede desenvolverse: hay parlamentarios de la oposición, hay fotógrafos y camarógrafos que pueden registrar la acción represiva, hay ciertas posibilidades de crítica, hay sitio para que el repudio emerja y la rebeldía se exprese.

Comparemos esta sociedad autoritaria y dictatorial, cuya democratización es posible y probable, con su vecina y hermana del Norte.

En Corea del Norte reina el totalitarismo más cerrado. Allí no hay manifestaciones masivas, ni se necesitan 70 mil represores en la calle porque la rigidez institucional y social es tal que impide desde el comienzo el más mínimo atisbo de la más tímida de las contestaciones. En Corea del Norte manda Kim Il Sum, en su desborde faraónico del culto a la personalidad. Ya ha designado sucesor (su hijo, casualmente) y nada ocurre que escape a sus decisiones y a las del grupo que lo rodea.

Eso se vio claro en el reciente y presunto atentado contra la vida del líder supremo y guía. No hubo forma de conseguir otras informaciones que las originadas en fuente oficial. Especialistas de distintos países tuvieron que limitarse a analizar aproximadamente signos y pistas dispersas. La sociedad cerrada resiste con su esquema de enclaustramiento todos los embates y nadie puede suponer ni remotamente que haya un futuro posible o problable de democratización para ese país.

Por estas comprobaciones elementales y obvias, quienes claman con razón por libertad y democracia para Corea del Sur y aplauden y confraternizan con el horror norcoreano, son inconsecuentes. Los correligionarios internacionalistas de Kim Il Sum harían demostración de pudor si se callaran. Aunque en definitiva, y nos rectificamos, es mejor que hablen y proclamen sus eslóganes: de esa suerte la gente conoce sin intermediarios hasta dónde puede llegar su doblez ético y político y su apego a la democracia y la libertad.

01/01 8701223

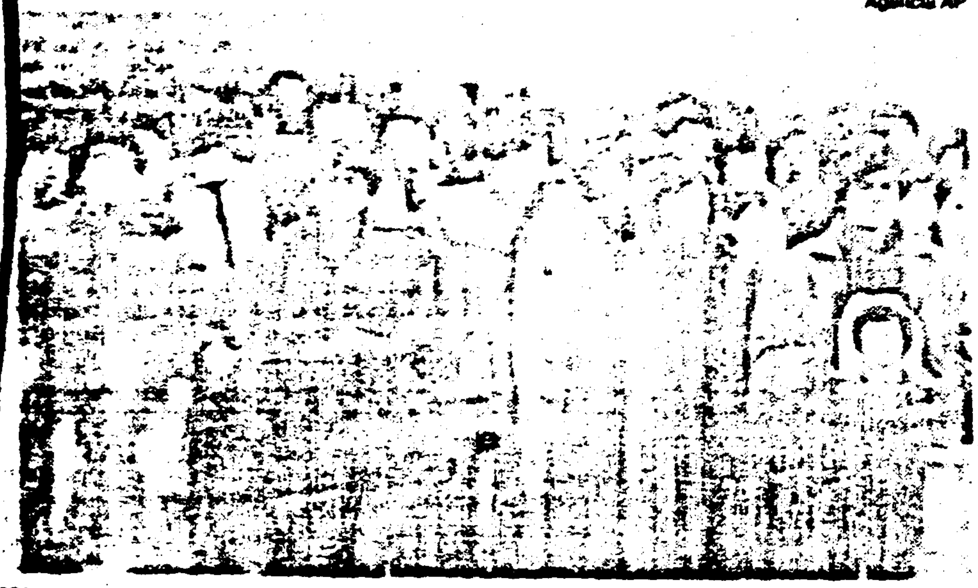
032

COREO DEL SUR

Agencia AFP



Agencia AP



Medidas de castigo en Seúl

Los estudiantes surcoreanos fueron protagonistas de nuevos enfrentamientos con la policía tras la muerte de un joven torturado por funcionarios policiales. Los mayores incidentes (arriba) se registraron ayer ante los portones de acceso a la Universidad de Seúl, pese a que, en un intento por desactivar la creciente crisis política desatada por el trágico fallecimiento el presidente Chun Doo Hwan destituyó al ministro del Interior y al jefe nacional de las fuerzas policiales. Los estudiantes realizaron una ceremonia fúnebre y marcharon a la Universidad portando un retrato de la víctima, Park Chong-chul. Con sus rostros cubiertos (abajo), los universitarios realizaron allí una nueva demostración.

Chernobyl, al Senado de EE.UU.

NUEVA YORK, 20 (ANSA). — El vicepresidente de la Academia Soviética de Ciencias, Yevgheni Velikhov, admitió hoy comparecer ante una comisión del Senado norteamericano para hablar del accidente nuclear de Chernobyl y dijo, entre otras cosas, que las lluvias primaverales en la zona del reactor dañado podrían volver a difundir peligrosas radiaciones en los cursos de agua.

Testimoniando directamente en inglés ante la Comisión Para el Trabajo y los Recursos Humanos, presidida por el senador Edward Kennedy, Velikhov dijo que las autoridades de Moscú están "preocupadas" por los nuevos riesgos.

El académico soviético dijo que anualmente, en la zona de Chernobyl, las abundantes lluvias primaverales aumentan unas diez veces los volúmenes de los ríos y que el agua de lluvia podría volver a poner en circulación los residuos radiactivos depositados desde abril

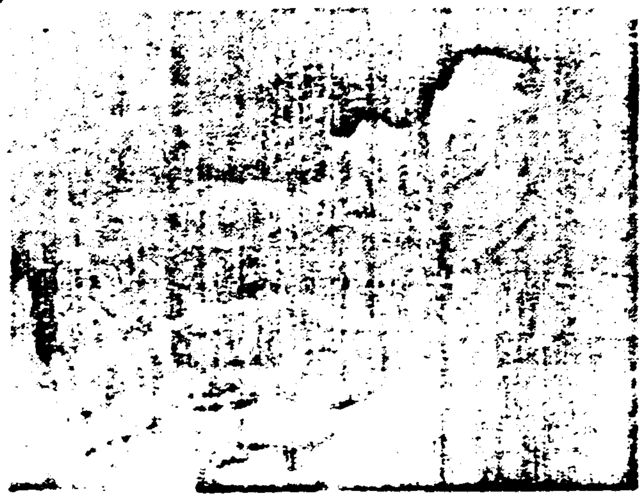
CLARIN 21/1/87

POCO LEGIBLE

032

Corea del Sur

CLARIN ★ Buenos Aires, martes 20 de enero de 1987



Un estudiante de Corea del Sur quema incienso, ayer, frente a un altar levantado en la Universidad Nacional de Seúl para honrar la memoria del activista estudiantil Park Chong-Chul.

Admiten en Seúl una muerte por torturas

SEUL, Corea del Sur (AFP). — Por primera vez en muchos años el gobierno surcoreano admitió y pidió disculpas por la muerte de un estudiante opositor que falleció cuando era sometido a torturas por la policía.

Park Chong-Chul dejó de existir el miércoles pasado en el curso de un interrogatorio a cargo de dos policías del Departamento de Lucha contra el Comunismo, que le habían sumergido reiteradas veces la cabeza en el agua de una bañera.

El ministro del Interior, Kim Jong-Ho, dijo que "un acto tan brutal no volverá a repetirse", al tiempo que anunció la destitución del jefe del departamento. Los efectivos policiales fueron detenidos y serán juzgados por vejámenes, delito para el que se establece entre 3 años de prisión y cadena perpetua.

01/01

870122

032

Ministro y jefe de Policía destituidos en Corea del Sur

SEUL. — El ministro del Interior y el jefe de la Policía Nacional fueron destituidos ayer de sus cargos por el presidente sudcoreano Chun Doo-Hwan, después que un estudiante disidente muriese torturado la semana última.

El presidente lamentó el incidente, calificándolo de "chocante". "Debemos redoblar nuestro esfuerzo para evitar que se renueven hechos tan lamentables", expresó antes de poner fin a las funciones del ministro del Interior Kim Chung-Ho y del jefe de la Policía Kang Min-Chang.

Para los cargos vacantes se designó a un ex general, Chung Ho-Yong y al jefe de Policía de Seúl, Lee Yung-Chang, ambos de 55 años de edad. El primero ejercerá las funciones de ministro del Interior y el segundo de jefe de la Policía Nacional.

El ministro saliente presentó excusas al país por vía televisiva, una vez que se demostró que el estudiante de 21 años Park Chong-Hul había fallecido a consecuencia de la tortura policial el miércoles pasado. Los dos agentes que lo interrogaban están detenidos y pueden ser condenados a penas comprendidas entre tres años de detención y prisión perpetua.

Los ambientes de la oposición, muy solivianados por el asunto, acusaron al presidente de responsabilidad personal en el mismo y anunciaron una manifestación contra la tortura el 29 de enero.

Mientras tanto, más de 1.000 estudiantes concurrieron a las manifestaciones en memoria de Park, cuyo cuerpo fue cremado el pasado viernes 16, organizadas en tres centros universitarios de la capital sudcoreana.

01/01

0701226

O32 Corea del Sur

EMBAJADA DE LA REPUBLICA DE COREA

EN URUGUAY

CIRCULAR Nº 87-1
15/01/87

COREA DEL SUR EN 1987

En su mensaje sobre los lineamientos de la política nacional para el año 1987, pronunciado el pasado 12 de enero, el Presidente Chun Doo Hwan expresó su firme voluntad de llevar la administración nacional con confianza y vigor por el año restante de su mandato, para establecer así la auténtica tradición democrática y bienestar del pueblo en general, afirmando que el desarrollo y la defensa de la democracia liberal son el mayor objetivo de la nación.

Para consolidar la auténtica democracia liberal se requiere una base sólida del ambiente económico liberal y justo, que garantice la vida en abundancia y en libertad para todo el pueblo. Con este fin, el Presidente Chun presenta los lineamientos de la política económica para el año 1987, que son: la exportación sostenida, el desarrollo de ciencia y tecnología, el bienestar social y el desarrollo equilibrado regional. La economía de la República de Corea ha llegado ahora al 20° lugar en tamaño en el mundo, con un Producto Bruto Nacional de alrededor de 100.000 millones de dólares y se ha puesto la nación en el 12° lugar en materia de comercio exterior en el mundo.

También enfatizó en este mensaje, una vez más, el deseo abrigado del pueblo coreano de la unificación y urgió a Corea del Norte a retornar a la mesa de diálogo directo entre Corea del Sur y Corea del Norte, instándole también a aceptar la propuesta ya formulada hace seis años y reiterada en varias ocasiones, de celebrar una reunión entre las máximas autoridades de ambas partes. En sus palabras expresa: "Deseo que la reunión cumbre entre Corea del Sur y Corea del Norte se realice durante el período de mi mandato para lograr la salida hacia la paz, la reconciliación y la unificación" y agrega: "si los máximos líderes de Corea del Sur y Corea del Norte se reúnen, nosotros podremos resolver una amplia gama de cuestiones fundamentales, que abarcan desde el acercamiento básico para la unificación que ya hemos propuesto, hasta medidas prácticas para reducir las tensiones."

En este momento todos los canales de diálogo que se habían desarrollado están suspendidos por el retiro unilateral de Corea del Norte a principios de 1986. La unificación de Corea debe lograrse por los medios pacíficos sobre la base de la autodeterminación del pueblo coreano. Es necesario que Corea del Norte demuestre sinceridad y franqueza hacia el diálogo de ambas partes. Nosotros hemos visto varias veces que Corea del Norte, por un lado propone la ofensiva de paz y por otro lado hace intrigas para perjudicar la confianza mutua y provocar acciones bélicas. Corea del Norte ha hecho ofertas de paz, mientras se prepara al mismo tiempo para acciones hostiles, como por ejemplo - hechos que la comunidad mundial no ha olvidado- la presentación de propuestas de paz antes de la invasión de junio de 1950;

cuando construyó túneles subterráneos para la invasión durante las conversaciones patrocinadas por la Cruz Roja a principios del decenio de 1970 y cuando propuso conversaciones tripartitas un día antes del bombardeo en Rangoon en octubre de 1980, que produjo la muerte de 17 altos funcionarios de Corea del Sur, incluyendo 4 ministros.

Recientemente, Corea del Norte comenzó la construcción de una enorme represa en la corriente arriba del Río Han, cerca de la frontera, que atraviesa ambas partes de la península, haciendo retroceder las aguas de aquel río e ignorando las leyes y prácticas internacionales. Corea del Norte está construvendo una represa económicamente ineficiente, utilizando mano de obra de 150.000 efectivos de las Fuerzas Armadas, como ya se mencionara, cerca de la zona fronteriza y retrocediendo el curso de las aguas que fluyen hacia el Sur. Antes que nada, esta represa va a perjudicar en gran medida la ecología de la zona fronteriza y va a afectar seriamente las represas que están en el Sur, disminuyendo así su caudal.

Sin embargo, lo más peligroso está en la posibilidad -no muy remota- de que Corea del Norte pueda usar esta represa con propósitos militares. Esta obra está situada cerca de la frontera, que no es una ubicación apta para una represa. Si ésta se derrumbara debido a una calamidad natural o fuera artificialmente destruída, la corriente expandría la vida de 15 millones de habitantes en el valle del Río Han en el Sur, incluso habitantes de Seúl.

Corea del Norte está obstinada en alcanzar la quimera de comunizar toda la península por la fuerza; debe suspender tales provocaciones que promueven la desconfianza común y acordar la consulta mutua sobre la utilización pacífica de ríos comunes, de acuerdo con las leyes y prácticas internacionales competentes. Si Corea del Norte demostrara sinceridad a la propuesta formulada por Corea del Sur de diálogos Sur-Norte para el uso común de los recursos fluviales y la investigación común -invitando aún a las organizaciones internacionales, si Corea del Norte quiere- sobre las condiciones geográficas, seguridad y tamaño de esa represa, Corea del Sur estaría dispuesta aún a compensar y suministrar la cantidad de la electricidad que se perdiera por eso. Dice el Presidente Chun: "si esta represa se está construyendo por razones puramente económicas, como Pyongyang aduce, pienso que Corea del Norte no vería ninguna razón de eludir tales diálogos".

Asimismo, el Presidente Chun se refirió a las próximas Olimpíadas de 1988, cuya sede será Seúl, en donde se congregarán deportistas de todo el mundo, gracias a los máximos esfuerzos de Corea del Sur, que incluso ha exhortado a Corea del Norte a participar del máximo evento deportivo mundial. A este respecto, concluyó el Presidente Chun: "Los intentos de Corea del Norte de entorpecer el Festival de la Paz no son apoyados por ningún país y está sólo logrando que Corea del Norte se aísle a sí misma internacionalmente. Es el deseo de la Aldea Global que las Olimpíadas de 1988 sean un verdadero Festival de la Paz y armonía de la humanidad, trascendiendo los intereses políticos y toda diferencia ideológica."

Corea del Sur

EMBAJADA DE LA REPUBLICA DE COREA

EN URUGUAY

CIRCULAR Nº 87-1
15/01/87

COREA DEL SUR EN 1987

En su mensaje sobre los lineamientos de la política nacional para el año 1987, pronunciado el pasado 12 de enero, el Presidente Chun Doo Hwan expresó su firme voluntad de llevar la administración nacional con confianza y vigor por el año restante de su mandato, para establecer así la auténtica tradición democrática y bienestar del pueblo en general, afirmando que el desarrollo y la defensa de la democracia liberal son el mayor objetivo de la nación.

Para consolidar la auténtica democracia liberal se requiere una base sólida del ambiente económico liberal y justo, que garantice la vida en abundancia y en libertad para todo el pueblo. Con este fin, el Presidente Chun presenta los lineamientos de la política económica para el año 1987, que son: la exportación sostenida, el desarrollo de ciencia y tecnología, el bienestar social y el desarrollo equilibrado regional. La economía de la República de Corea ha llegado ahora al 20° lugar en tamaño en el mundo, con un Producto Bruto Nacional de alrededor de 100.000 millones de dólares y se ha puesto la nación en el 12° lugar en materia de comercio exterior en el mundo.

También enfatizó en este mensaje, una vez más, el deseo abrigado del pueblo coreano de la unificación y urgió a Corea del Norte a retornar a la mesa de diálogo directo entre Corea del Sur y Corea del Norte, instándole también a aceptar la propuesta ya formulada hace seis años y reiterada en varias ocasiones, de celebrar una reunión entre las máximas autoridades de ambas partes. En sus palabras expresa: "Deseo que la reunión cumbre entre Corea del Sur y Corea del Norte se realice durante el período de mi mandato para lograr la salida hacia la paz, la reconciliación y la unificación" y agrega: "si los máximos líderes de Corea del Sur y Corea del Norte se reúnen, nosotros podremos resolver una amplia gama de cuestiones fundamentales, que abarcan desde el acercamiento básico para la unificación que ya hemos propuesto, hasta medidas prácticas para reducir las tensiones."

En este momento todos los canales de diálogo que se habían desarrollado están suspendidos por el retiro unilateral de Corea del Norte a principios de 1986. La unificación de Corea debe lograrse por los medios pacíficos sobre la base de la autodeterminación del pueblo coreano. Es necesario que Corea del Norte demuestre sinceridad y franqueza hacia el diálogo de ambas partes. Nosotros hemos visto varias veces que Corea del Norte, por un lado propone la ofensiva de paz y por otro lado hace intrigas para perjudicar la confianza mutua y provocar acciones bélicas. Corea del Norte ha hecho ofertas de paz, mientras se prepara al mismo tiempo para acciones hostiles, como por ejemplo - hechos que la comunidad mundial no ha olvidado- la presentación de propuestas de paz antes de la invasión de junio de 1950;

cuando construyó túneles subterráneos para la invasión durante las conversaciones patrocinadas por la Cruz Roja a principios del decenio de 1970 y cuando propuso conversaciones tripartitas un día antes del bombardeo en Rangoon en octubre de 1980, que produjo la muerte de 17 altos funcionarios de Corea del Sur, incluyendo 4 ministros.

Recientemente, Corea del Norte comenzó la construcción de una enorme represa en la corriente arriba del Río Han, cerca de la frontera, que atraviesa ambas partes de la península, haciendo retroceder las aguas de aquel río e ignorando las leyes y prácticas internacionales. Corea del Norte está construyendo una represa económicamente ineficiente, utilizando mano de obra de 150.000 efectivos de las Fuerzas Armadas, como ya se mencionara, cerca de la zona fronteriza y retrocediendo el curso de las aguas que fluyen hacia el Sur. Antes que nada, esta represa va a perjudicar en gran medida la ecología de la zona fronteriza y va a afectar seriamente las represas que están en el Sur, disminuyendo así su caudal.

Sin embargo, lo más peligroso está en la posibilidad -no muy remota- de que Corea del Norte pueda usar esta represa con propósitos militares. Esta obra está situada cerca de la frontera, que no es una ubicación apta para una represa. Si ésta se derrumbara debido a una calamidad natural o fuera artificialmente destruída, la corriente expondría la vida de 15 millones de habitantes en el valle del Río Han en el Sur, incluso habitantes de Seúl.

Corea del Norte está obstinada en alcanzar la quimera de comunizar toda la península por la fuerza; debe suspender tales provocaciones que promueven la desconfianza común y acordar la consulta mutua sobre la utilización pacífica de ríos comunes, de acuerdo con las leyes y prácticas internacionales competentes. Si Corea del Norte demostrara sinceridad a la propuesta formulada por Corea del Sur de diálogos Sur-Norte para el uso común de los recursos fluviales y la investigación común -invitando aún a las organizaciones internacionales, si Corea del Norte quiere- sobre las condiciones geográficas, seguridad y tamaño de esa represa, Corea del Sur estaría dispuesta aún a compensar y suministrar la cantidad de la electricidad que se perdiera por eso. Dice el Presidente Chun: "si esta represa se está construyendo por razones puramente económicas, como Pyongyang aduce, pienso que Corea del Norte no vería ninguna razón de eludir tales diálogos".

Asimismo, el Presidente Chun se refirió a las próximas Olimpíadas de 1988, cuya sede será Seúl, en donde se congregarán deportistas de todo el mundo, gracias a los máximos esfuerzos de Corea del Sur, que incluso ha exhortado a Corea del Norte a participar del máximo evento deportivo mundial. A este respecto, concluyó el Presidente Chun: "Los intentos de Corea del Norte de entorpecer el Festival de la Paz no son apoyados por ningún país y está sólo logrando que Corea del Norte se aísle a sí misma internacionalmente. Es el deseo de la Aldea Global que las Olimpíadas de 1988 sean un verdadero Festival de la Paz y armonía de la humanidad, trascendiendo los intereses políticos y toda diferencia ideológica."

032

Corea del Sur

LA HORA 13-1-87

*** SEUL ACEPTA REANUDAR DIALOGO CON PYONGYANG**

PN.

Tokio, (PL) – El régimen sudcoreano anunció que acepta reanudar el diálogo norte-sur propuesto por el presidente de la República Popular Democrática de Corea, Kim Il Sung, para eliminar las tensiones en la península coreana.

Según informó Radio Seúl, el jefe del régimen de Seúl, Chon Du Hwan se pronunció en favor de reiniciar conversaciones parlamentarias, económicas y sobre la Cruz Roja, interrumpidas en febrero del año pasado, debido a los ejercicios militares Team Spirit, entre Seúl y Estados Unidos.

En esa ocasión, el gobierno de Pyongyang calificó de provocación la maniobra entre las fuerzas armadas sudcoreanas y las tropas de ocupación norteamericanas.

De acuerdo con la información, Corea Democrática señaló el día 27 de enero como fecha para recomenzar las negociaciones, en la villa de Panmumjon.

01/01

Boca del Sur

LA HORA 21-12-86

Sudcorea: manifestaciones sin precedentes por democratización

Seul, (PL). A menos de dos años de las Olimpíadas y las anunciadas "elecciones presidenciales", la población sudcoreana se ha lanzado de frente contra la dictadura en movilización sin precedentes por la democratización del territorio.

El fenómeno, uno de los grandes dolores de cabeza de Estados Unidos en la región, se consolidó notablemente en 1986 y deberá ascender con mayores ímpetus en el año entrante, vaticinan de forma unánime en círculos diplomáticos y especializados del área.

Para esos medios, la situación del régimen encabezado por el general Chon Du Hwan es angustiosa porque a pesar de sus combinadas tácticas represivas y conciliatorias y múltiples esfuerzos por presentar una fachada de estabilidad y democracia a fin de tratar de garantizar las Olimpíadas, la dictadura hace agua por todas partes.

Para colmo de males, pocos son los que creen en el mundo que se trata solo de una minoría de "fanáticos comunistas" los que alborotan en Sudcorea.

En estos momentos, se manifiestan diariamente contra el régimen políticos pronorteamericanos, sacerdotes católicos, monjes budistas, intelectuales, comerciantes, campesinos, obreros y estudiantes en cantidades sustanciales.

La movilización el pasado 29 de noviembre de 70 mil efectivos represivos apoyados por blindados y helicópteros para aplastar una violentísima revuelta popular en el propio Seul.

Las auto inmolaciones de varios estudiantes a mediados de año, el encarcelamiento del reverendo católico Moon Ik-Kwan y el constante arresto domiciliario de los líderes políticos Kim Dae Jung y Kim Young San, ¿qué indican?

Según cifras del ministerio del interior sudcoreano durante los primeros diez meses del año los estudiantes, el sector más activo de este batallar, escenificaron mil 700 acciones contra la dictadura, lo que revela un sensible incremento sobre el año anterior.

Quien conozca los usuales procedimientos represivos empleados en Sudcorea, que ni a los clérigos católicos respetan según denuncias reiteradas de organizaciones cristianas de Seul y extranjeras, puede imaginarse el grado de valentía que entrañan estas demostraciones antigubernamentales.

01 | 01

8701611

Corea del Sur

COREA DEMOCRATICA: AVION ESPIA DE EE.UU. VIOLA ESPACIO AEREO

PN

Pyongyang. (PL) –Corea Democrática denunció ayer la violación de su espacio aéreo por un avión norteamericano del tipo CP-71.

El aparato penetró la víspera en la jurisdicción de la

LA HORA 02-1-87

01/02

8701612

La Hora 02/1/87

ciudad de Kosong, con lo cual suman 170 esos actos de espionaje este año contra Corea Democrática.

La agencia noticiera KCNA denunció que tales provocaciones contribuyen a agravar las tensiones en la región.

ARCHIVAR EN: COREA (032)

TEMA: GUERRA HIDRICA

PROCEDENCIA: EL PAÍS 20/1/87

ARCHIVADO EN: MAX (046)

01/01 8701870

ARCHIVAR EN: COREA (032)

TEMA: RESURRECCIÓN EN COREA

PROCEDENCIA: EL PAÍS 1/12/86

ARCHIVADO EN: MAX (046)

01/01 8701872

ARCHIVAR EN: COREA DEL SUR (032)

TEMA: SEÚL: NUEVO ARRESTO DEL LÍDER OPOSITOR

PROCEDENCIA: LA PRENSA 18/2/87

ARCHIVADO EN: FILIPINAS

01/01

8701961

032

AN U.N 28-I-87

Prioridad de Corea del Sur: afianzar democracia liberal

Ante los intentos del Norte de comunizar por la fuerza toda la península, Corea del Sur insta al régimen de Pyongyang al cese de tales provocaciones. En lo interno, mientras tanto, el gobierno de Seúl lleva adelante su propósito de consolidar la democracia liberal que llevó a su país a una posición de privilegio en el concierto mundial de nuestros días.

En su mensaje sobre los lineamientos de la política nacional para el año 1987, pronunciado el pasado 12 de enero, el presidente Chun Doo Hwan expresó su firme voluntad de llevar la administración nacional con confianza y vigor por el año restante de su mandato, para establecer así la auténtica tradición democrática y bienestar del pueblo en general, afirmando que el desarrollo y la defensa de la democracia liberal son el mayor objetivo de la nación.

Para consolidar la auténtica democracia liberal se requiere una base sólida del ambiente económico liberal y justo, que garantice la vida en abundancia y en libertad para todo el pueblo. Con este fin, el presidente Chun presenta los lineamientos de la política económica para el año 1987, que son: la exportación sostenida, el desarrollo de ciencia y tecnología, el bienestar social y el desarrollo equilibrado regional. La economía de la República de Corea ha llegado ahora al 20° lugar en tamaño en el mundo, con un Producto Bruto Nacional de alrededor de 100.000 millones de dólares y se ha puesto la nación en el 12° lugar en materia de comercio exterior en el mundo.

También enfatizó en este mensaje, una vez más, el deseo abrigado del pueblo coreano de la unificación y urgió a Corea del Norte a retornar a la mesa de diálogo directo entre Corea del Sur y Corea del Norte, instándole también a aceptar la propuesta ya formulada hace seis años y reiterada en varias ocasiones, de celebrar una reunión entre las máximas autoridades de ambas partes. En sus palabras expresa: "Deseo que la reunión cumbre entre Corea del Sur y Corea del Norte se realice durante el período de mi mandato para lograr la salida hacia la paz, la reconciliación y la unificación" y agrega: "si los máximos líderes de Corea del Sur y Corea del Norte se reúnen, nosotros podremos resolver una amplia gama de cuestiones fundamentales, que abarcan desde el acercamiento básico para la unificación que ya hemos propuesto, hasta medidas prácticas para reducir las tensiones".

En este momento todos los canales de diálogo que se habían desarrollado están suspendidos por el retiro unilateral de Corea del Norte a principios de 1986. La unificación de Corea debe lograrse por los medios pacíficos sobre la base de la autodeterminación del pueblo coreano. Es necesario que Corea del Norte demuestre sinceridad y franqueza hacia el diálogo de ambas partes. Nosotros hemos visto varias veces que Corea del Norte, por un lado propone la ofensiva de paz y por otro lado hace intrigas para perjudicar la confianza mutua y provocar acciones bélicas. Corea del Norte ha hecho ofertas de paz, mientras se prepara al mismo tiempo para acciones hostiles, como por ejemplo —hechos que la comunidad mundial no ha olvidado— la presentación de propuestas de paz antes de la invasión de junio de 1950; cuando construyó túneles subterráneos para la invasión durante las conversaciones patrocinadas por la Cruz Roja a principios del decenio de 1970 y cuando propuso conversaciones tripartitas un día antes del bombardeo en Rangoon en octubre de 1980, que produjo la muerte de 17 altos funcionarios de Corea del Sur, incluyendo 4 ministros.

Recientemente, Corea del Norte comenzó la construcción de una enorme represa en la corriente arriba del río Han, cerca de la frontera, que atraviesa ambas partes de la península, haciendo retroceder las aguas de aquel río e ignorando las leyes y prácticas internacionales. Corea del Norte está construyendo una represa económicamente ineficiente, utilizando mano de obra de 150.000 efectivos de las Fueras Armadas, como ya se mencionara, cerca de la zona fronteriza y retrocediendo el curso de las aguas que fluyen hacia el sur. Antes que nada, esta represa va a perjudicar en gran medida la ecología de la zona fronteriza y va a afectar seriamente las represas que están en el sur, disminuyendo así su caudal.

Sin embargo, lo más peligroso está en la posibilidad —no muy remota— de que Corea del Norte pueda usar esta represa con propósitos militares. Esta obra está situada cerca de la frontera, que no es una ubicación apta para una represa. Si ésta se derrumbara debido a una calamidad natural o fuera artificialmente destruida, la corriente expondría la vida de 15 millones de habitantes en el valle del río Han en el sur, incluso habitantes de Seúl.

Corea del Norte está obstinada en alcanzar la quimera de comunizar toda la península por la fuerza: debe suspender tales provocaciones que promueven la desconfianza común y acordar la consulta mutua sobre la utilización pacífica de ríos comunes, de acuerdo con las leyes y prácticas internacionales competentes. Si Corea del Norte demostrara sinceridad a la propuesta formulada por Corea del Sur de diálogos Sur-Norte para el uso común de los recursos fluviales y la investigación común —invitando aún a las organizaciones internacionales, si Corea del Norte quiere— sobre las condiciones geográficas, seguridad y tamaño de esa represa, Corea del Sur estaría dispuesta aún a compensar y suministrar la cantidad de la electricidad que se perdiera por eso. Dice el presidente Chun: "si esta represa se está construyendo por razones puramente económicas, como Pyongyang aduce, pienso que Corea del Norte no vería ninguna razón de eludir tales diálogos".

Asimismo, el presidente Chun se refirió a las próximas Olimpíadas de 1988, cuya sede será Seúl, en donde se congregarán deportistas de todo el mundo, gracias a los máximos esfuerzos de Corea del Sur, que incluso ha exhortado a Corea del Norte a participar del máximo evento deportivo mundial. A este respecto, concluyó el presidente Chun: "Los intentos de Corea del Norte de entorpecer el Festival de la Paz no son apoyados por ningún país y está solo logrando que Corea del Norte se aisle a sí misma internacionalmente. Es el deseo de la Aldea Global que las Olimpíadas de 1988 sean un verdadero Festival de la Paz y armonía de la humanidad, trascendiendo los intereses políticos y toda diferencia ideológica".

(De la Embajada de Corea)

01/01 8702090

9. 032

Reprimen protesta en Surcorea

SEUL. — Cerca de seiscientas personas han sido detenidas y 14 policías heridos, con motivo de las violentas manifestaciones ocurridas ayer en la capital de Corea del Sur y otras seis ciudades del país.

Las manifestaciones fueron convocadas por los partidos de la oposición para protestar por la muerte de Park Jong Chul, un estudiante de 21 años de la Universidad Nacional de Seúl, el pasado 14 de enero.

Park falleció cuando estaba siendo interrogado en una comisaría de policía. Fuentes oficiales dijeron después que el estudiante murió ahogado a causa de que varios agentes le metieron la cabeza en una bañera llena de agua.

El Partido Demorático de la Nueva Corea y otros 48 grupos políticos disidentes habían organizado para ayer un funeral por el estudiante en la catedral de Myongdong.

Unos diez mil agentes antidisturbios rodearon la zona horas antes del funeral, y otros 34.000 permanecieron en estado de alerta en Seúl con el fin de prevenir las manifestaciones.

Decenas de miles de manifestantes acudieron a la convocatoria exigiendo la abolición de la tortura en el país y la protección de los derechos humanos.

La policía intervino violentamente lanzando gases lacrimógenos contra los manifestantes que repelieron a las fuerzas antidisturbios con piedras y bombas de fabricación casera.

A las dos de la tarde (hora local) cuando comenzaron los funerales en la catedral, las calles adyacentes mostraban un aspecto desolador.

D1/02 8702298

DISTURBIOS EN COREA DEL SUR: POLICIAS HERIDOS Y 600 ESTUDIANTES DETENIDOS



Policías antimotines se llevan a un estudiante que trataba de asistir a una concentración en el centro de Seúl para protestar por el caso de un estudiante que pereció mientras estaba detenido. La policía dispersó a la muchedumbre con gas lacrimógeno. (AP)

SEUL, 7 (EFE). — Cerca de seiscientas personas han sido detenidas y 14 policías resultaron heridos con motivo de las violentas manifestaciones ocurridas el sábado en la capital de Corea del Sur y otras seis ciudades del país.

Las manifestaciones fueron convocadas por los partidos de la oposición para protestar por la muerte de Park Jong Chul, un estudiante de 21 años de la Universidad Nacional de Seul, el pasado 14 de enero.

Park falleció cuando estaba siendo interrogado en una comisaría de policía. Fuentes oficiales dijeron después que el estudiante murió ahogado a causa de que varios agentes le metieron la cabeza en una bañera llena de agua.

El "Partido Democrático de la Nueva Corea" y otros 48 grupos políticos disidentes habían organizado para el sábado un funeral por el estudiante en la catedral de Myongdong.

Unos diez mil agentes antidisturbios rodearon la zona horas antes del funeral, y otros 34.000 permanecieron en estado de alerta en Seul con el fin de prevenir las manifestaciones.

Decenas de miles de manifestantes acudieron a la convocatoria exigiendo la abolición de la tortura en el país y la protección de los Derechos Humanos.

La policía intervino violentamente lanzando gases lagrimógenos contra los manifestantes que repelieron a las fuerzas antidisturbios con piedras y bombas de fabricación casera.

A las dos de la tarde (hora local) cuando comenzaron los funerales en la catedral las calles adyacentes mostraban un aspecto desolador.

Miles de ciudadanos con los ojos enrojecidos tuvieron que retroceder entre columnas blancas de gases lacrimógenos ante una fuerte presencia policial.

Sólo unas pocas personas, religiosos en su mayoría, recibieron permiso del gobierno para asistir a la ceremonia.

Tras el funeral, el jefe de la policía de Seul, Lee Young Chang, informó de que 584 personas habían sido detenidas en la capital y en otras seis ciudades. La mayoría de los detenidos son estudiantes y miembros de los grupos de oposición.

Lee añadió que durante las dos horas que duraron las manifestaciones 14 agentes de policía resultaron heridos, dos de ellos graves. Entre los estudiantes también hubo varios heridos de carácter leve.

Otras fuentes policiales dijeron que los estudiantes habían organizado manifestaciones en más de sesenta lugares del país, y que la mayoría de ellas fueron impedidas por la policía.

A causa de la muerte del estudiante, dos agentes de la policía fueron detenidos hace unos días y acusados de asesinato.

Además el presidente del gobierno coreano, destituyó al ministro del Interior y al director de la policía nacional.

La policía había pedido a los organizadores del funeral que suspendieran la ceremonia ya que los líderes de la oposición querían aprovecharla para llevar a cabo una protesta general contra el gobierno.

Los comercios cerraron sus puertas ante la violencia que se desarrollaba en las calles, sobre en el distrito comercial de Myongdong, en pleno centro de esta capital.

02/02

8702298

PARTES POCO LEGIBLE

032

Corea del Sur

Fichaje

* COREA DEL SUR: ARRESTO A KIM DAE-JUNG

Seul (DPA). El lider opositor surcoreano Kim Dae-Jung, está otra vez bajo arresto domiciliario, medida que afecta también a otros 30 disidentes y miembros del mayor partido de oposición en Corea del Sur NKDP.

Las autoridades de Corea del Sur acusan a Kim Dae-Jung y a los restantes disidentes de intentar utilizar el acto "día de duelo nacional", que se efectuará el sábado próximo en Seúl, para provocar la caida del gobierno.

El acto "día de duelo nacional" ha sido organizado por los sectores opositores, grupos defensores de los derechos humanos y circulos católicos, y está destinado a conmemorar la muerte del estudiante Park Chong-Chol, quién murió como consecuenia de las torturas a las que habría sido sometido.

La Época 7/2/87

01/01

8702354

Ø32

Corea del Sur

Detienen a opositores en Surcorea

Seúl (EFE) – La policía de Seúl detuvo a 22 miembros de una organización clandestina que intenta derrocar al gobierno y establecer una república socialista en Corea del Sur.

Se desconoce cuántas personas integran el grupo, denominado "Asamblea para el Establecimiento de una Constitución Democrática", al que la policía considera incitador de varias manifestaciones contra el actual gobierno.

Por otra parte, el principal partido de la oposición, partido de la Nueva Democracia Coreana, y otras organizaciones disidentes, han convocado para el próximo sábado a una manifestación, a escala nacional, para protestar por la muerte y tortura de un estudiante universitario, que falleció el pasado mes de enero durante un interrogatorio policial.

El partido gobernante, que teme una participación masiva a esta convocatoria, ha declarado que la oposición debe suspenderla, y que los principales líderes políticos y estudiantiles, serán arrestados en su domicilio para impedir que agiten a las masas.

01/01

8702666

Fichaje Canciller Corea del Sur

032

RS

SE ESPECULA CON CAMBIOS DE DESTINOS DE ENVIADOS DIPLOMATICOS.

El gobierno de Corea del Sur designó al Jefe de la misión permanente de observadores ante las Naciones Unidas, Kim Hay-Son como Embajador ante Uruguay en un traspaso, anunciado la semana pasada.

Kim reemplazará a Kim Byung-Yeon a quien se le ha ordenado retornar al Ministerio de Relaciones Exteriores para su cambio de destino.

En los cambios, que afectan quince destinos diplomáticos el gobierno designó a Kim Kyung-Chul del Ministerio de Relaciones Exteriores, como Embajador ante el Vaticano.

El Embajador ante el Vaticano Kong Young-hoon debe retornar al Ministerio de Relaciones Exteriores para un cambio de destino.

El gobierno designó también a Ahn Sae-hoon Consul General en Seattle, Embajador en Kuwait reemplazando a Park Chong-Sang a quien se le ordenó retornar.

El puesto vacante en Seattle, será ocupado por Kim Heung-soo, Oficial del Ministerio de Información Pública.

Chang Man-soon, Director General de la oficina para asuntos europeos del Ministerio, fue designado Embajador en Bangladesh reempalzando a Yoon Chu-won.

El Embajador de Ecuador Yoon Zaehyun fue destinado al Ministerio. El puesto de Yoon será ocupado por Hwang Young-jae inspector del Ministerio.

El gobierno también designó a Kim Hang-Kyung como el nuevo Oficial de Información pública del Ministerio.

Entretanto, Lee Jai-chun, Consejero de la Embajada de Corea en Japón, fue designado Director del Dpto. de Asuntos asiáticos del Ministerio.

Park Bu-vol y Yang Sei hoon fueron nombrados respectivamente directores de los Dptos. de organización internacional y de tratados, y del Dpto. de Comercio Exterior.

El 17 de febrero, el gobierno designó a Tak Pa-hyun, comisionado de investigación en el Instituto de Asuntos Extranjeros y de Seguridad Nacional del Ministerio de Relaciones Exteriores, como Embajador en México, Tak sustituye a Koo-Choong-whay, quien fuera asignado al Ministerio.

Choi Bae-Shik, fue designado Embajador en Oman, reemplazando Lee

01/02 8703276

Won-ho que fue transferido al Ministerio.

Tak de 49 años, es un general de Brigada retirado, graduado en la Academia Militar de Corea en el año 1961. (17a. clase).

Choi se desempeñó como Consejero en Montevideo y Berna desde 1978 a 1983 antes de ser destinado Embajador en Brunei en 1984.

02/02 8703276

Corea del Sur

032

DN Clarín 8/2/87

OTESTAS POR LA TORTURA Y MUERTE DE UN ESTUDIANTE

Hubo violentos incidentes en Seúl

lentas manifestaciones se realizaron ayer en Seúl y otras ciudades de Corea del Sur, como signo de otesta por la muerte de un estudiante universitario, n fue ahogado durante un interrogatorio policial en el mes de enero. Tras los incidentes, se registraron numerosos heridos y más de quinientas personas eron detenidas, entre estudiantes y parlamentarios.

SEUL, 7 (EFE, Reuter, UPI, AFP). — Violentos enfrentamientos se produjeron hoy en esta capital y otras ciudades surcoreanas, cuando **miles de estudiantes y políticos opositores salieron a las calles para protestar por la muerte por torturas de un universitario.**

Alrededor de tres mil manifestantes fueron reprimidos violentamente por la policía, que utilizó granadas de gases lacrimógenos y bastones para dispersarlos.

El masivo despliegue de la policía surcoreana impidió la concreción de manifestaciones de protesta en todo el país, pero agentes y opositores se enfrentaron en por lo menos cuatro ciudades.

Las demostraciones fueron convocadas tras la muerte del activista estudiantil **Parn Cheng-Chol**, de 21 años, quien se encontraba arrestado desde el mes último.

♦ La acción policial

Más de 30.000 policías utilizaron gas lacrimógeno para impedir que los manifestantes se acercaran a la catedral católica de Myongdong, en Seúl, donde unos 400 sacerdotes y laicos asistían a una misa en memoria de Parn.

El joven opositor murió el 14 de enero en una jefatura policial, un comunicado oficial dijo luego que falleció ahogado cuando varios policías sumergieron su cabeza en una bañera llega de agua durante interrogatorios en torno de sus presuntas actividades antigubernamentales.

Dos policías fueron arrestados y procesados por el homicidio. El presidente **Chun Doo Hwan** destituyó luego de sus cargos al ministro del Interior y al jefe de la policía nacional.

El director de la policía, **Lee Young-Chang**, dijo que 557 personas fueron detenidas durante las violentas demostraciones ocurridas en Seúl y en seis puntos provinciales, incluso ciudades como Pusán, Tregu y Kwangjú, no se informó de heridos.

Del total, indicó Lee, 310 fueron arrestados en Seúl, donde unos 2.000 manifestantes combatieron con la policía por más de dos horas, respondiendo a las bombas lacrimógenas con piedras y bombas incendiarias. "Los otros arrestos se hicieron en ciudades provinciales", agregó.

♦ Las protestas

El vocero policial expresó que decenas de agentes fueron heridos en los enfrentamientos próximos a la catedral de Hyongdong, fuentes señalaron que numerosos fieles lloraron cuando el padre Noon Jong-Hydn, miembro de la Comisión Católica para la Paz y la Justicia, dijo a los fieles: **"El régimen debiera renunciar después de arrepentirse sinceramente de sus atrocidades y disculparse con toda la nación".**

Según numerosos analistas, **fueron los más graves disturbios vistos en Seúl en los últimos seis años.** Los manifestantes, en total superiores a 20.000, gritaban **"muera la dictadura", "abajo la tortura" y "libertad, libertad".** Los mismos lemas estaban escritos en grandes carteles enarbolados por los jóvenes o plantados junto a la catedral.

Los comercios cerraron sus puertas ante la violencia que se desarrollaba en las calles, sobre todo en el distrito comercial de Ayongdong, en pleno centro de esta capital.

La totalidad de la fuerza policial surcoreana, compuesta por 120.000 agentes fue puesta en estado de alerta para impedir las manifestaciones. Los organizadores expresaron que a principios de esta semana más de 72.000 personas, entre ellas cristianos, judistas y activistas de los derechos humanos, contribuyeron voluntariamente a la preparación de las protestas, que iban a llevarse a cabo en 20 ciudades.

La policía dispuso que permanecieran bajo arresto domiciliario numerosos dirigentes opositores. Entre estos se cuentan Kim Dre-Jung y Kim Young-Erm, quienes controlan entre bastidores el principal partido de oposición, el Nuevo Partido Democrático de Corea (N.P.D.C.).

Un funcionario del gobierno señaló: **"Afortunadamente la tensión potencialmente peligrosa pudo ser desactivada sin que se produjera un baño de sangre".**

032

Panorama mundial

Violentas protestas en Corea del Sur

Seúl (UP y EFE) — Miles de jóvenes se enfrentaron con la policía en Seúl y en otras importantes ciudades de Corea del Sur. Los incidentes se produjeron a causa de una protesta contra las medidas adoptadas por las autoridades para evitar las manifestaciones durante las honras fúnebres a Park Jong-Chul, un estudiante que murió a causa de las torturas que sufrió en el trascurso de un interrogatorio policial.

Fuentes policiales indicaron que 557 personas fueron detenidas durante las violentas demostraciones ocurridas en Seúl y en seis puntos provinciales. Catorce agentes de seguridad resultaron heridos, dos de ellos de gravedad.

En Seúl sufrieron arresto 318 jóvenes, de los 2.000 manifestantes que combatieron con la policía por más de dos horas.

Park Jong-Chul murió el 14 de enero en un cuartel policial. Las autoridades indicaron más tarde que murió ahogado cuando los investigadores le introdujeron la cabeza en una bañera llena de agua, durante el interrogatorio sobre sus actividades disidentes.

Dos agentes policiales resultaron arrestados y acusados de homicidio, y el presidente Chun Doo Hwan destituyó posteriormente al ministro del interior y al jefe de la policía por la responsabilidad que les cabía en el incidente.

FICHA

COREA DEL SUR

032

RS.

* SUDCOREA: RECHAZAN APERTURA DEMOCRATICA

Tokio, (PL). El gobierno de Chon Du Hwan dio un nuevo paso de rechazo a la apertura democrática en Sudcorea, al clausurar la oficina del Consejo para la Promoción de la Democracia (CPPD), en ese territorio.

Según "Radio Seúl", las autoridades policíacas del régimen de Chon Du Hwan cerraron la oficina del CPPD que encabezan los líderes oposicionistas, Kim Dae Jung y Kim Young Sam, mientras pusieron bajo arresto domiciliario al primero y otros siete miembros de esa organización.

Presidente Chun Doo Hwan delineó la política para el año 1987

Sudcorea en el 12° lugar en comercio exterior

SEUL, (especial para LA MAÑANA) - En su mensaje sobre los lineamientos de la política nacional para el año 19[illegible]7, pronunciado el pasado 12 de enero, el Presidente Chun Doo Hwan expresó su firme voluntad de llevar la administración nacional con confianza y vigor por el año restante de su mandato, para establecer así la auténtica tradición democrática y bienestar del pueblo en general, afirmando que el desarrollo y la defensa de la democracia liberal son el mayor objetivo de la nación

Para consolidar la auténtica democracia liberal se requiere una base sólida del ambiente económico liberal y justo, que garantice la vida en abundancia y en libertad para todo el pueblo Con este fin, el Presidente Chun presentó los lineamientos de la política económica para el año 19[illegible]7, que son: la exportación sostenida, el desarrollo de ciencia y tecnología, el bienestar social y el desarrollo equilibrado regional La economía de la República de Corea ha llegado ahora al 20° lugar en tamaño en el mundo, con un Producto Bruto Nacional de alrededor de 100.000 millones de dólares y se ha puesto en el 12° lugar mundial en materia de comercio exterior



Presidente surcoreano, Chun Doo Hwan.

REUNIFICACION

Chun enfatizó en su mensaje, una vez más, el deseo del pueblo coreano de la unificación y urgió a Corea del Norte a retornar a la mesa de diálogo directo entre el Sur y el Norte, instándole también a aceptar la propuesta ya formulada hace seis años y reiterada en varias ocasiones, de celebrar una reunión entre las máximas autoridades de ambas partes Al respecto expresó: "Deseo que la reunión cumbre entre Corea del Sur y Corea del Norte se realice durante el período de mi mandato para lograr la salida hacia la paz, la reconciliación y la unificación", y agregó: "Si los máximos líderes de Corea del Sur y Corea del Norte se reúnen, nosotros podremos resolver una amplia gama de cuestiones fundamentales, que abarcan desde el acercamiento básico para la unificación que ya hemos propuesto, hasta medidas prácticas para reducir las tensiones"

En este momento todos los canales de diálogo están suspendidos por el retiro unilateral de Corea del Norte a principios de 19[illegible]6. La unificación de Corea debe lograrse por los medios pacíficos sobre la base de la autodeterminación del pueblo coreano Es necesario que Corea del Norte demuestre sinceridad y franqueza hacia el diálogo de ambas partes Corea del Norte, por un lado propone la ofensiva de paz y, por otro, hace intrigas para perjudicar la confianza mutua y provocar acciones bélicas Corea del Norte ha hecho ofertas de paz, mientras se preparaba para acciones hostiles, como por ejemplo -hechos que la comunidad mundial no ha olvidado- la presentación de propuestas de paz antes de la invasión de junio de 1950; la construcción de túneles subterráneos para la invasión durante las conversaciones patrocinadas por la Cruz Roja a principios del decenio de 1970, y la iniciativa de conversaciones tripartitas un día antes del bombardeo en Rangoon, en octubre de 19[illegible]3, que produjo la muerte de 17 altos funcionarios de Corea del Sur, incluyendo a 4 Ministros

REPRESA EN EL NORTE

Recientemente, Corea del Norte comenzó la construcción de una enorme represa en la corriente arriba del río Han, cerca de la frontera, que atraviesa ambas partes de la península, haciendo retroceder las aguas de aquel río e ignorando las leyes y prácticas internacionales Corea del Norte está construyendo una represa económicamente ineficiente, utilizando mano de obra de 150.000 efectivos de las Fuerzas Armadas, cerca de la zona fronteriza y retrocediendo el curso de las aguas que fluyen hacia el Sur Antes que nada, esta represa va a perjudicar en gran medida la ecología de la zona fronteriza y va a afectar seriamente las represas que están en el Sur, disminuyendo así su caudal

Sin embargo, lo más peligroso está en la posibilidad -no muy remota- de que Corea del Norte pueda usar la represa con propósitos militares Esta obra, está situada cerca de la frontera, que no es una ubicación apta para una represa Si ésta se derrumbara debido a una calamidad natural o fuera artificialmente destruida, la corriente expondría la vida de 15 millones de habitantes en el valle del río Han en el Sur, incluso habitantes de Seúl

Corea del Norte está obstinada en comunizar toda la península por la fuerza; debe suspender tales provocaciones que promueven la desconfianza común y acordar la consulta mutua sobre la utilización pacífica de ríos comunes, de acuerdo con las leyes y prácticas internacionales competentes Si Corea del Norte demostrara sinceridad a la propuesta formulada por Corea del Sur de diálogos Sur-Norte para el uso común de los recursos fluviales y la investigación común -invitando aun a las organizaciones internacionales, si Corea del Norte quiere- sobre las condiciones geográficas, seguridad y tamaño de esa represa, Corea del Sur estaría dispuesta aun a compensar y suministrar la cantidad de la electricidad que se perdiera por eso Dice el Presidente Chun: "Si esta represa se está construyendo por razones puramente económicas, como Pyongyang aduce, pienso que Corea del N[illegible]te no vería ninguna razón de eludir tales diálogos"

LAS OLIMPIADAS

Asimismo, el Presidente Chun se refirió a las próximas Olimpíadas de 19[illegible], cuya sede será Seúl, en donde se congregarán deportistas de todo el mundo, gracias a los máximos esfuerzos de Corea del Sur, que incluso ha exhortado a Corea del Norte a participar del máximo evento deportivo mundial A este respecto, concluyó el Presidente Chun:

"Los intentos de Corea del Norte de entorpecer el Festival de la Paz no son apoyados por ningún país y sólo están logrando que Corea del Norte se aísle a sí misma internacionalmente Es el deseo de la Aldea Global que las Olimpíadas de 19[illegible] sean un verdadero Festival de la Paz y armonía de la humanidad, trascendiendo los intereses políticos y toda diferencia ideológica"

La Mañana 20/1/87

Corea del Sur

032

Protestas en Corea por temas estudiantiles y contra el régimen

SEUL. — Más de 8.000 estudiantes realizaron ayer manifestaciones en 18 universidades de la capital y de provincias, en demanda de mejoras administrativas, pero por lo menos hubo un caso en que la protesta estuvo dirigida en contra del gobierno militar, según informó la Policía.

Según la Policía, unos 2.900 estudiantes de cuatro universidades de Seúl y 5.600 estudiantes de 14 universidades provinciales estuvieron activos durante la jornada.

La única manifestación que tuvo un tono político fue la que realizaron unos 2.000 estudiantes de la Universidad de Hangyang en Seúl en protesta por el entrenamiento militar de los estudiantes cerca de la frontera con Corea del Norte.

Los manifestantes antigubernamentales gritaron consignas antinorteamericanas y pidieron el fin del regimen militar.

Corea del Sur tiene un sistema de conscripción de tres años de servicio militar en el Campus. El gobierno atenuó el entrenamiento militar en los predios universitarios, pero la experiencia en los puestos fronterizos sigue siendo obligatoria.

Además, más de 2.000 estudiantes participaron en los disturbios en la tumba en Seúl donde están sepultados unos 200 jóvenes que murieron el 19 de abril de 1960 en una protesta por fraude electoral.



SEUL, Corea. — La Policía del régimen coreano detiene a un monje budista que participaba en una manifestación de homenaje a los estudiantes asesinados en 1960 por denunciar un fraude electoral del gobierno. (Radiofoto Reuters, especial para EL DIA)

Corea del Sur

032

RS

La Prensa 20/4/87

Estudiantes y policías chocan en Seúl

Seúl (UP) — Unos 1.500 estudiantes que coreaban lemas contra el gobierno y los Estados Unidos se enfrentaron con unidades de la policía, cerca de un monumento de los 200 jóvenes que murieron en 1960 en un alzamiento popular que condujo al derrocamiento del gobierno de Corea del Sur.

Las violentas protestas ocurrieron en la tarde junto a "la tumba del 19 de abril", lugar donde se encuentran enterrados los estudiantes y sede de ceremonias a su memoria, convocadas todos los años por otros estudiantes, el gobierno y la oposición.

Los incidentes culminaron una semana de manifestaciones que conmemoraban "la semana de la sublevación estudiantil", que llevó a la caída del gobierno de Syngman Rhee en 1960.

Testigos declararon que unos 200 manifestantes fueron detenidos y varios estudiantes fueron brutalmente golpeados por la policía. No se ofrecieron cifras oficiales en cuanto al número de manifestantes, las detenciones o heridos que se produjeron.

Anteriormente en el día, las familias de los estudiantes caídos en 1960 se reunieron en el recinto del monumento para dejar ofrendas de comida sobre las tumbas.

Al mismo tiempo, figuras del gobierno y la oposición se presentaron para dar el pésame, aprovechando la ocasión para hacer propaganda política.

01/01

Archivo con Copia del S.

032

PS

EMBAJADA DE LA REPUBLICA DE COREA

EN URUGUAY

CIRCULAR Nº 87-1
15/01/87

COREA DEL SUR EN 1987

En su mensaje sobre los lineamientos de la política nacional para el año 1987, pronunciado el pasado 12 de enero, el Presidente Chun Doo Hwan expresó su firme voluntad de llevar la administración nacional con confianza y vigor por el año restante de su mandato, para establecer así la auténtica tradición democrática y bienestar del pueblo en general, afirmando que el desarrollo y la defensa de la democracia liberal son el mayor objetivo de la nación.

Para consolidar la auténtica democracia liberal se requiere una base sólida del ambiente económico liberal y justo, que garantice la vida en abundancia y en libertad para todo el pueblo. Con este fin, el Presidente Chun presenta los lineamientos de la política económica para el año 1987, que son: la exportación sostenida, el desarrollo de ciencia y tecnología, el bienestar social y el desarrollo equilibrado regional. La economía de la República de Corea ha llegado ahora al 20º lugar en tamaño en el mundo, con un Producto Bruto Nacional de alrededor de 100.000 millones de dólares y se ha puesto la nación en el 12º lugar en materia de comercio exterior en el mundo.

También enfatizó en este mensaje, una vez más, el deseo abrigado del pueblo coreano de la unificación y urgió a Corea del Norte a retornar a la mesa de diálogo directo entre Corea del Sur y Corea del Norte, instándole también a aceptar la propuesta ya formulada hace seis años y reiterada en varias ocasiones, de celebrar una reunión entre las máximas autoridades de ambas partes. En sus palabras expresa: "Deseo que la reunión cumbre entre Corea del Sur y Corea del Norte se realice durante el período de mi mandato para lograr la salida hacia la paz, la reconciliación y la unificación" y agrega: "si los máximos líderes de Corea del Sur y Corea del Norte se reúnen, nosotros podremos resolver una amplia gama de cuestiones fundamentales, que abarcan desde el acercamiento básico para la unificación que ya hemos propuesto, hasta medidas prácticas para reducir las tensiones."

En este momento todos los canales de diálogo que se habían desarrollado están suspendidos por el retiro unilateral de Corea del Norte a principios de 1986. La unificación de Corea debe lograrse por los medios pacíficos sobre la base de la autodeterminación del pueblo coreano. Es necesario que Corea del Norte demuestre sinceridad y franqueza hacia el diálogo de ambas partes. Nosotros hemos visto varias veces que Corea del Norte, por un lado propone la ofensiva de paz y por otro lado hace intrigas para perjudicar la confianza mutua y provocar acciones bélicas. Corea del Norte ha hecho ofertas de paz, mientras se prepara al mismo tiempo para acciones hostiles, como por ejemplo - hechos que la comunidad mundial no ha olvidado- la presentación de propuestas de paz antes de la invasión de junio de 1950;

8703937

cuando construyó túneles subterráneos para la invasión durante las conversaciones patrocinadas por la Cruz Roja a principios del decenio de 1970 y cuando propuso conversaciones tripartitas un día antes del bombardeo en Rangoon en octubre de 1983, que produjo la muerte de 17 altos funcionarios de Corea del Sur, incluyendo 4 ministros.

Recientemente, Corea del Norte comenzó la construcción de una enorme represa en la corriente arriba del Río Han, cerca de la frontera, que atraviesa ambas partes de la península, haciendo retroceder las aguas de aquel río e ignorando las leyes y prácticas internacionales. Corea del Norte está construyendo una represa económicamente ineficiente, utilizando mano de obra de 150.000 efectivos de las Fuerzas Armadas, como ya se mencionara, cerca de la zona fronteriza y retrocediendo el curso de las aguas que fluyen hacia el Sur. Antes que nada, esta represa va a perjudicar en gran medida la ecología de la zona fronteriza y va a afectar seriamente las represas que están en el Sur, disminuyendo así su caudal.

Sin embargo, lo más peligroso está en la posibilidad -no muy remota- de que Corea del Norte pueda usar esta represa con propósitos militares. Esta obra está situada cerca de la frontera, que no es una ubicación apta para una represa. Si ésta se derrumbara debido a una calamidad natural o fuera artificialmente destruída, la corriente expondría la vida de 15 millones de habitantes en el valle del Río Han en el Sur, incluso habitantes de Seúl.

Corea del Norte está obstinada en alcanzar la quimera de comunizar toda la península por la fuerza; debe suspender tales provocaciones que promueven la desconfianza común y acordar la consulta mutua sobre la utilización pacífica de ríos comunes, de acuerdo con las leyes y prácticas internacionales competentes. Si Corea del Norte demostrara sinceridad a la propuesta formulada por Corea del Sur de diálogos Sur-Norte para el uso común de los recursos fluviales y la investigación común -invitando aún a las organizaciones internacionales, si Corea del Norte quiere- sobre las condiciones geográficas, seguridad y tamaño de esa represa, Corea del Sur estaría dispuesta aún a compensar y suministrar la cantidad de la electricidad que se perdiera por eso. Dice el Presidente Chun: "si esta represa se está construyendo por razones puramente económicas, como Pyongyang aduce, pienso que Corea del Norte no vería ninguna razón de eludir tales diálogos".

Asimismo, el Presidente Chun se refirió a las próximas Olimpíadas de 1988, cuya sede será Seúl, en donde se congregarán deportistas de todo el mundo, gracias a los máximos esfuerzos de Corea del Sur, que incluso ha exhortado a Corea del Norte a participar del máximo evento deportivo mundial. A este respecto, concluyó el Presidente Chun: "Los intentos de Corea del Norte de entorpecer el Festival de la Paz no son apoyados por ningún país y está sólo logrando que Corea del Norte se aísle a sí misma internacionalmente. Es el deseo de la Aldea Global que las Olimpíadas de 1988 sean un verdadero Festival de la Paz y armonía de la humanidad, trascendiendo los intereses políticos y toda diferencia ideológica."

02

032

SEUL: GOBIERNO Y OPOSICION

Preocupación de Washington

SYDNEY y SEUL, 21 (EFE y por Norman Kempster de "Los Angeles Times", especial para Clarín). — Diputados del partido de gobierno (de Justicia Democrática) instaron hoy al presidente de Corea del Sur, Chun Doo Hwan, a que reanude las negociaciones con la oposición en un intento por poner fin a los disturbios que sacuden a este país desde hace casi dos semanas. Concretamente, los legisladores presionaron al jefe de Estado para que se celebre una reunión entre el líder de la oposición, Kim Young-Sam, y Roh Tae-Woo, nombrado recientemente sucesor de Chun y cuyo nombramiento generó toda la ola de protestas.

Entretanto, se supo hoy que el principal especialista en el Lejano Oriente de la administración Reagan viajará hoy lunes a Seúl para urgir al gobierno surcoreano a reanudar el diálogo político con la oposición.

El vocero del Departamento de Estado norteamericano, Charles Redman, anunció que Gastón Sigur, subsecretario de Estado para Asuntos del Pacífico y el Lejano Oriente, presionará al presidente Chun para que amplíe la base de su gobierno e imponga restricciones al lidiar con el tema de los disturbios.

Gastón Sigur se encuentra en estos momentos en Sydney, Australia, ya que participa de las conversaciones sobre las relaciones entre EE.UU. y este país. Redman precisó que Sigur viajará a Seúl al bien concluyan estas reuniones.

Si bien la oposición a Chun adoptó, a veces, un giro antinorteamericano, Sigur cuenta con una cuota de credibilidad considerable frente a las fuerzas opositoras por un discurso que pronunció este año, en el que instó a Corea del Sur a adoptar un sistema electoral más democrático.

Sigur había mencionado también —en ese discurso— que debía elegirse a un civil para la presidencia luego de generaciones enteras en las que no había en el poder más que generales y ex generales. Se recordará que el partido de Chun ha elegido a Roh Tae Woo como sucesor de Chun: un antiguo general y compañero del presidente en la época en que estaban en la academia militar.

La semana pasada, el secretario de Estado norteamericano, George Shultz, le había pedido a Chun que reanudara las negociaciones sobre la reforma política —interrumpidas en abril—, pero Chun respondió [illegible] estas conversaciones recién serían reanudadas luego de los Juegos Olímpicos —previstos para el año que viene en Seúl—. Shultz le aclaró que el deseo de Washington era que est[illegible] ciaciones se r[illegible] mucho antes.

En esa oportunidad, Shultz había declarado que Estados Unidos debía mostrarse paciente. "No podemos chasquear simplemente los dedos y esperar que la gente haga lo que queremos", manifestó el secretario de Estado. Por lo que se sabe, Sigur utilizará un enfoque mucho más abrupto.

Un importante funcionario del Departamento de Estado reveló que EE.UU. había urgido a Chun a adoptar reformas electorales que garantizaran la justicia en la selección del nuevo presidente.

Corea del Sur

(fichar)

PARTES ILEGIBLE

01/01

8705032

PS - H.E.B.

ARCHIVAR EN: Corea del Sur (032)

TEMA: South Korea: New Appointments in Security Circles.

PROCEDENCIA: Enlace Sudafricano 16/7/87 doc-1002/87

ARCHIVADO EN: E. Sudafrica (135)

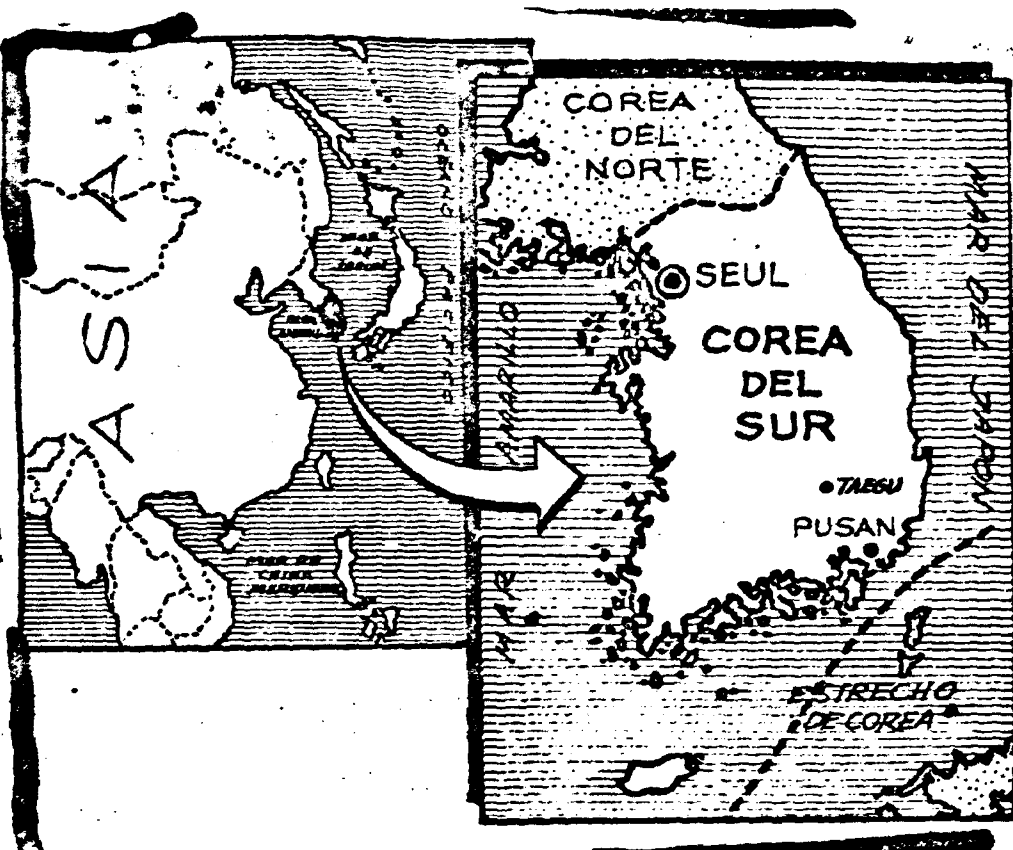
01/01 8705114

032 H.E.B.

PERLA

Internacional 7

LA TRIBUNA 17-6-87



Desarrolladas en 52 universidades

Protestas continúan en Corea del Sur

La tensa calma que se vive en la capital sudcoreana tras las violentas protestas callejeras de los últimos días, se vio alterada ayer cuando miles de estudiantes arrojaron bombas incendiarias contra policías antimotines.



SEUL.- Estudiantes lanzan piedras y bombas incendiarias contra la Policía antidisturbios durante una manifestación realizada ayer en un recinto universitario. Alrededor de 3.000 jóvenes participaron en la protesta contra el gobierno. (Radiofoto Reuter)

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- Miles de estudiantes mantuvieron ayer enfrentamientos con la Policía en los campus universitarios de diversas provincias de Corea del Sur.

En Seúl, la capital del país, 70 disidentes que se encontraban en las proximidades de la catedral de Myondong llevaron a cabo el lunes por la noche una sentada en señal de protesta y se enfrentaron con la Policía cuando abandonaban el lugar en las primeras horas de la tarde de ayer.

Unas 7.000 personas que participaron en las manifestaciones de los últimos días han sido detenidas y más de 240 han sido acusadas de manifestarse ilegalmente, informaron fuentes policiales.

Unos 42.000 estudiantes participaron ayer en manifestaciones de protesta desarrolladas en 52 campus universitarios, agregaron las fuentes.

En la ciudad de Chonan, del centro del país, unos 1,500 estudiantes que lanzaban piedras y bombas de gasolina se enfrentaron a la Policía en las proximidades de la estación ferroviaria de dicha población.

El centro de Seúl, escenario de enconados enfrentamientos en los últimos días, permaneció ayer relativamente en calma.

La mayoría de los enfrentamientos de ayer se han producido en los campus universitarios cuando los estudiantes trataron de manifestarse por las calles.

Varios policías fueron alcanzados por las piedras y bombas de gasolina lanzadas por los estudiantes y algunos de estos resultaron también heridos en los enfrentamientos, pero las autoridades no han facilitado cifras.

BOICOT AL PARLAMENTO

Por otra parte, la oposición sudcoreana ha decidido boicotear el Parlamento mientras aumenta la posibilidad de que el gobierno proclame el estado de excepción tras las masivas protestas del lunes.

El principal grupo de la oposición, el Partido Democrático de la Reunificación (PDR), anunció que no asistirá a la prevista sesión especial de la Asamblea Nacional ni acepta el diálogo con el gubernamental Partido de Justicia Democrática (PJD) para buscar una solución a la actual crisis política.

El PDR revisará su postura sólo si el gobierno libera a los detenidos en las recientes protestas y si el Presidente Chun Du Huan anula su decisión del pasado 13 de abril de aplazar el debate sobre la reforma constitucional hasta después de los Juegos Olímpicos de 1988, según el comunicado recogido por la agencia YONHAP.

La oposición pide la reforma de la Constitución y que se celebren en el país elecciones presidenciales directas antes de que termine el mandato del Presidente Chun Du Huan.

Chun abandonará la presidencia el próximo mes de febrero y el pasado 10 de junio el PJD presentó ya a su Presidente, Roe Tae Wu, como candidato a sucederle en el cargo.

De acuerdo con la Constitución vigente, el nuevo Jefe de Estado será elegido por un colegio electoral de más de 5.000 miembros, procedimiento que garantiza de antemano la victoria del candidato oficial.

Para la oposición, la negativa de Chun de reformar ese sistema antes de que sea elegido su sucesor, obedece al deseo de perpetuar en el poder a la actual dictadura militar.

Corea del Sur

PARTES ILEGIBLE

01/01 8705260

Clarín ★ Buenos Aires, miércoles 17 de junio de 1987

Crecen los disturbios en Surcorea: 7.000 detenidos

Agencia Reuter



Un estudiante coreano arroja ladrillos a la policía antimotines, durante los enfrentamientos callejeros de ayer en todo el país.

SEUL, 16 (EFE, UPI, ANSA y Philippe Pons de "Le Monde" especial para Clarín). — Cuarenta y siete mil estudiantes, apoyados por parte de la población surcoreana, chocaron hoy con fuerzas policiales, en el séptimo día consecutivo de protestas contra la decisión del presidente Chun Du Huan, de nombrar como sucesor, para febrero de 1988, a su colaborador Roh Tae Woo. Oleadas de estudiantes golpeando tambores y al grito de "revolución" y "abajo la dictadura", atacaron a la policía con bombas incendiarias y ladrillos en salvajes combates callejeros en Seúl y por lo menos en otras ocho ciudades. Los estudiantes asaltaron por lo menos cuatro comisarías, destruyeron vehículos policiales y lanzaron bombas incendiarias que estallaban en una lluvia de gasolina ardiente en las filas de la policía antimotines.

♦ Boicot parlamentario

La crisis, marcada por las manifestaciones callejeras más prolongadas y violentas de los últimos años, amenazan con pasar a la escena política. La oposición surcoreana ha decidido boicotear al Parlamento, mientras aumenta la posibilidad de que el gobierno proclame el estado de conmoción interna tras las protestas masivas.

El principal grupo de la oposición, el Partido Democrático de la Reunificación (P.D.R.), anunció hoy que no asistirá a la prevista sesión especial de la Asamblea Nacional ni aceptará dialogar con el oficial Partido de Justicia Democrática (P.J.D.) en busca de la solución a la actual crisis. El P.D.R. añadió que revisará su postura solo en la medida en que el gobierno libere a los detenidos en las recientes manifestaciones y si el presidente Chun Du Huan anula su decisión del pasado 13 de abril de aplazar el debate sobre la reforma constitucional hasta después de los juegos olímpicos, previstos para el año entrante. Se recordará que suman unos 7.000 los detenidos durante los actos de protesta que comenzaron el 10 de junio.

♦ Reforma constitucional

Por su parte el gobierno, a través de su portavoz, reiteró la disposición del partido oficial de dialogar con la oposición y aludió a la posibilidad de que se decrete el estado de conmoción. El vocero señaló que solo una vez establecido el diálogo con los restantes partidos, podría llegar a considerarse la liberación de los detenidos y el levantamiento del arresto domiciliario impuesto, entre otros, a los dos disidentes más conocidos de Corea del Sur, Kim Dae Yung y Kim Yung Sam.

Aunque el gobierno destacó que el cambio constitucional no puede ser tema de las conversaciones, la oposición insiste en que la Constitución sea reformada a fin de permitir en el país elecciones presidenciales directas antes de que termine al actual mandato del presidente. Por su parte, un grupo de sacerdotes católicos exigió la renuncia del presidente y llamó a "mantener una campaña de desobediencia civil" que obligue a las reformas democráticas. "Aquellos en el poder deben admitir ahora que el apoyo popular al régimen ha desaparecido", expresaron en un comunicad[o] los sacerdotes de la arqui[-]diócesis de Seúl.

♦ Los enfrentamientos

Fuentes policiales de Seúl informaron que 57 universidades del país están en situación de revuelta. Las acciones más violentas se produjeron esta tarde en la universidad privada Yonsdei, de Seúl. Otro epicentro de violencia fue el Teatcher's College, escenario de una masiva irrupción policial que puso término a la ocupación de[l] campus y el edificio, tomado desde el 8 de junio.

La agitación que atra[-]viesa Corea del Sur parec[e] haber hecho tomar conciencia al poder de los límites de su política represiva.

Corea

032

01/01

8705410

032

Primer Ministro aceptó "responsabilidad" en caso de tortura

Escándalo político causa nuevo cambio de gobierno sudcoreano

27/5/87

La Nación

PERLA

SEUL. (ANSA, EFE y UPI).- El Presidente sudcoreano Chun Du Huan sacrificó ayer a su Primer Ministro y a tres ministros de su gabinete, con la esperanza de contener un escándalo político a causa del supuesto encubrimiento en un caso de tortura.

El Jefe de Gobierno, Lho Shin-Yong, presentó ayer su dimisión y la de todos los miembros de su gobierno por su responsabilidad política y moral en la muerte de un estudiante bajo tortura policial y en otros escándalos, informó un comunicado publicado por la presidencia.

Chun aceptó la dimisión del Primer Ministro, del Viceprimer Ministro y Ministro de Planificación Económica, Kim Mahn-Ye, y de los Ministros del Interior, Chung Ho-Yong, y de Justicia, Kim Sung-Ky, y los sustituyó por hombres afines a él y al gubernamental Partido de Justicia Democrática, y confirmó en sus cargos a los restantes dieciocho ministros.

Los cambios ministeriales, destinados a poner fin a la controversia sobre la muerte del estudiante, estuvieron acompañados de la destitución del Fiscal General, Suh Dong-Kwon, y del jefe de la Oficina de Planificación de la Seguridad Nacional (espionaje), Chang Se Dong.

Pero el portavoz del opositor Partido de la Reunificación Nacional, Kim Tae-Ryong, manifestó que los retoques ministeriales no pueden restablecer la confianza en el Gobierno y exigió el cese de todo el Gobierno Chun.

El estudiante Park Chong Chul, de 21 años de la Universidad Nacional de Seúl, murió el 14 de enero en detención policial, y una semana más tarde, tras un primer intento de camuflar las circunstancias de su muerte, las autoridades tuvieron que admitir que ésta se produjo a consecuencia de la tortura.

El 20 de enero fueron destituidos el entonces ministro del interior y el jefe de la policía nacional, y detenidos y procesados dos oficiales de la policía.

Corea del Sur

01/01

P 032

Confirmó la Casa Blanca

Gastón Sigur se entrevistará con Kim Dae Yung

WASHINGTON. (ANSA, EFE y UPI).- El enviado del Gobierno de Estados Unidos a Corea del Sur, Gastón Sigur, se entrevistará con el líder de la oposición de ese país, Kim Dae-Joun, confirmó ayer la portavoz del Departamento de Estado norteamericano, Phyllis Oakley.

Oakley no especificó cuándo tendrá lugar la entrevista con Dae-Joun, político que tiene previsto otro encuentro con el Presidente surcoreano, Chun Doo-Hwan.

Kim Dae-Joun, uno de los disidentes contra Doo-Hwan más conocidos del país, se encuentra bajo arresto domiciliario desde el pasado 8 de abril.

Gastón Sigur, Secretario norteamericano de Estado adjunto para Asuntos de Asia oriental y el Pacífico, llegó hoy a Seúl con la misión de transmitir a Doo-Hwan la preocupación de Washington por la grave situación política en Corea del Sur.

El portavoz del Departamento de Estado renovó el llamamiento a Doo-Hawn para que se reúna con los líderes de los partidos de oposición sudcoreanos y tome otras medidas hacia la democratización del país.

El Presidente de Corea del Sur tiene programado reunirse con Kim Yung-Sam, presidente del Partido Democrático de la Reunificación (PDR), a las 0:30 GMT del miércoles.

La Nación 20/6/87

Corea del Sur.

01/01

8705437

032 H.E.B.

EL REFERENDO DE LA CONSTITUCION DEMOCRATICA SE REALIZARA EN SETIEMBRE

Febril actividad preelectoral en Surcorea

Los máximos dirigentes opositores en Corea del Sur, Kim Dae Jung y Kim Yung Sam, calificaron de "victoria popular" los anuncios formulados por el presidente Chun Doo Hwan, que restablecen los comicios directos además de fijar una amplia amnistía y la reclamada reforma de la Carta Magna.

SEUL, 1° (AO, R., AFP, DPA y "The Washington Post", especial para Clarín). — Los partidos políticos surcoreanos se sumergieron hoy en un torbellino de preparativos con miras a las primeras elecciones presidenciales libres y directas que tendrán lugar desde 1971, y que se realizarían entre octubre y diciembre próximos según anticipó un vocero oficialista.

Dichos comicios democráticos, junto con la reforma constitucional, la amnistía política y otras importantes medidas reclamadas en la calle por toda la oposición, fueron anunciados hoy a través de un mensaje televisado por el presidente Chun Doo Hwan, en lo que varios observadores políticos juzgaron como una "verdadera rendición."

Chun, al acoger las propuestas en tal sentido del gobernante Partido de la Justicia Democrática —presidido por otro ex general, Roh Tae Woo— modificó espectacularmente su anterior posición dura, que había provocado casi tres semanas de enfrentamientos callejeros con más de 17.000 detenidos.

Las autoridades preparaban hoy listas de prisioneros políticos que serán puestos en libertad, en tanto que los dirigentes de los partidos de gobierno y opositores celebraron reuniones separadas, preparatorias de encuentros conjuntos la semana próxima.

El principal nucleamiento opositor, el Partido para la Reunificación y la Democracia (P.R.D.), elaboraba a su vez febrilmente los proyectos de enmienda a la Carta Magna a negociar con el partido oficial: El referendo sobre la nueva Constitución, exigido por el pueblo, se celebraría el próximo 20 de setiembre, anticipó hoy el vocero.

"Ungir un candidato común"

"Esta es una verdadera victoria popular", declaró esta tarde Kim Dae Jung, el enemigo número uno de Chun. Dae Jung, inhabilitado políticamente y con una condena de prisión a 20 años en suspenso desde 1980, pero que será rehabilitado por la decisión presidencial, agregó: "La madurez de nuestro pueblo hizo que Estados Unidos dejara de apoyar a un régimen dictatorial". Señaló asimismo que correspondería nombrar un gabinete neutral hasta que Chun deje el poder, el 25 de febrero de 1988.

Kim Dae Jung, que fue candidato presidencial en los últimos comicios celebrados en forma directa en 1971, cuando compitió con el general Park Chun Hee que se impuso por escaso margen, reiteró hoy su compromiso de no postularse a la presidencia pero mostrándose algo más ambiguo que ayer. A la pregunta de un periodista sobre si sería candidato, respondió: "¿Qué tendría de malo?", pero acotó que no tenía "intención" de presentarse.

El otro jefe opositor, Kim Yung Sam, titular del P.R.D., manifestó por su parte: "Tomo muy en serio el anuncio" del presidente. Pero advirtió que "si estas autoridades intentan cambiar de opinión, el pueblo no lo tolerará, y tampoco la mayoría de los militares."

Yung Sam apuntó: "Puedo asegurar que no habrá competencia entre nosotros" (por Dae Jung) "en cuanto a la candidatura. Trataremos de llegar a un rápido acuerdo para ungir a un candidato común."

Roh, desde su digitación por Chun el pasado 10 de junio para suceder a aquél en la jefatura del Estado era visto como un simple testaferro del presidente. Pero al reclamar la adopción de un plan de ocho puntos aceptado hoy totalmente por el jefe del gobierno, consolidó su imagen y hasta "podría ser un fuerte candidato", dijo un diplomático en Seúl.

Algunos grupos opositores consideraban que las reformas anunciadas fueron dictadas por el propio Chun, ante la incontenible presión interna e internacional, y podrían esconder aún alguna maniobra. Pero la calma reinaba hoy en todo el país.

Clarín 2/7/87 DERLA

POCO LEGIBLE

Corea del Sur

D1/01

8705499





El líder opositor Kim Dae-Jung, izquierda, junto al padre de un estudiante muerto. Policías surcoreanos limpian los fragmentos de granadas lacrimógenas frente a una estación ferroviaria de Seúl.

EL RÉGIMEN ACEPTÓ LOS RECLAMOS OPOSITORES. VUELVE LA CALMA A SEUL

Anunciaron elecciones libres y una amnistía política en Corea del Sur

El máximo líder de la oposición en Corea del Sur, Kim Dae Jung, será rehabilitado políticamente y quedará en plena libertad como consecuencia de la espectacular aceptación hoy, por el presidente Chun Doo Hwan, de todas las demandas populares adoptadas en la víspera por el propio partido gobernante en ese país asiático. Habrá elecciones libres y directas; se prometen plena libertad de prensa y vigencia de los derechos humanos.

SEUL, 1° (REUTER, AFP, UPI, AP y DPA). — El presidente surcoreano, Chun Doo Hwan, anunció aquí a las nueve de la mañana de este miércoles (noche del martes para la Argentina), que acepta la realización de elecciones libres para consagrar a su sucesor en la jefatura del Estado, las que se llevarán a cabo "bajo una nueva Constitución". Añadió que "el 25 de febrero de 1988 transferiré las riendas del gobierno al presidente que resulte electo."

De esta forma, antes de esa fecha —y previas negociaciones entre el oficialismo y la oposición— el nuevo presidente de Corea del Sur será electo en comicios directos y no ya mediante un colegio electoral; esta reivindicación fue el eje de la reciente y gigantesca movilización popular.

Asimismo, Chun anunció una amplia amnistía y la restitución de los derechos civiles y políticos así como la liberación de los detenidos "en relación con la situación política". Esta decisión favorecerá de inmediato al máximo líder de la oposición, Kim Dae Jung, quien está inhabilitado y condenado a 20 años de prisión en suspenso por presunto intento de sedición en 1980.

Accediendo a la incontenible ola de demandas populares, manifestadas a través de protestas callejeras que se extendieron por casi tres semanas, Chun dijo en su discurso transmitido por la red nacional de televisión que acepta en su totalidad el paquete de reformas sin precedentes propuesto el lunes por el oficialista Partido de la Justicia Democrática a través de su titular, el también ex general Roo Tae Woo.

Chun anticipó que adoptará los pasos tendientes a "promover el desarrollo democrático y la armonía nacional", incluyendo la libertad de prensa y el acatamiento a los derechos humanos.

• "No aflojar la vigilancia"

Antes de difundirse la alocución presidencial, Chun presidió al mediodía una reunión especial del gabinete; en ella instruyó al primer ministro, Lee Han Ky, para implementar cuanto antes lo propuesto por Roo: éste deliberó por la mañana con el mandatario, quien aceptó la demanda de elecciones directas y de otras sustanciales reformas.

El principal dirigente de la oposición, Kim Dae Jung, había lanzado por la tarde un llamado de alerta señalando que "es afortunado que el partido gobernante haya planteado propuestas democráticas", pero que el pueblo "no debería aflojar su vigilancia".

El líder de 63 años reclamó asimismo la formación de un gabinete neutral —con personalidades oficialistas y opositoras— a fin de "garantizar la realización de elecciones libres y justas y de las reformas democráticas" hasta que Chun abandone la presidencia.

Aunque el levantamiento de la inhabilitación política que pesa sobre él concederá a Dae Jung —el enemigo número uno del gobierno— un derecho automático a postularse para la primera magistratura como lo hizo en 1980, cuando perdió frente a Chun por muy pocos votos, el carismático caudillo reafirmó hoy su decisión de no presentar su candidatura: "Mi objetivo es lograr la democratización de este país y cooperar con el pueblo a tal fin", señaló Dae Jung. Añadió que "no me interesa convertirme en presidente."

Por su parte, el otro líder opositor —y titular del Partido de Reunificación Democrática—, Kim Yung Sam, propuso que el gobierno declare el próximo viernes como Día de la Reconciliación Nacional, abriendo las puertas de las prisiones; acotó que ello sería una buena víspera del Día de la Constitución, el sábado.

Yung Sam también calificó de "muy valiente" la propuesta de Roh Tae Woo y expresó la esperanza de que la revisión constitucional quede completada antes de setiembre. Se votaría en diciembre.

Las propuestas de Roo motivaron una jornada de júbilo nacional; hoy fue el primer día de calma desde hace tres semanas; la policía antidisturbios, que desde el 10 de junio último —cuando el presidente anunció la nominación unilateral de Roo para sucederle en el cargo— había librado verdaderas guerras campales contra decenas de miles de estudiantes y pobladores, dejó sin efecto el estado de máxima alerta y no patrulló las calles ni los campos universitarios. Por el contrario, se dedicó a limpiar los restos de barricadas y destrozos.

También se registró una significativa suba en la bolsa de valores, que se sumó al salto récord de ayer.

COREA DEL SUR: ANUNCIAN UNA AMPLIA AMNISTIA POLITICA

Liberan a 2.335 presos



Agencia AFP

El reverendo Moon Ik Hwan, jefe del grupo disidente Unidad para el Pueblo, liberado ayer.

SEUL, 9 (AFP, AP, Reuter y UPI). — El presidente surcoreano Chun Doo Hwan, otorgó hoy una amplia amnistía para 2.335 presos políticos, incluyendo a Kim Dae Jung, el opositor más implacable del régimen. Todos los amnistiados ya habían purgado sentencias y estaban igualmente despojados de sus derechos políticos y civiles.

Esta decisión del presidente Chun integra un paquete de reformas democráticas que prácticamente satisface las exigencias de la oposición tras tres semanas de violentos incidentes y protestas callejeras.

En la víspera, el gobierno ya había anunciado la liberación de 357 disidentes encarcelados, como parte del programa de reformas anunciado días atrás.

Abajo la dictadura y Viva la democracia fueron las consignas más frecuentes, mientras la multitud entregaba flores y felicitaba a los recién liberados.

Entre éstos se contaron el reverendo presbiteriano Moon Ik-Hwan, un veterano activista de los derechos humanos, y la dirigenta estudiantil Kwon In-Suk, quien denunció que fue torturada sexualmente por un policía después de ser arrestaba durante los desórdenes ocurridos en mayo del año pasado en la ciudad portuaria occidental de Inchon.

Funcionarios del Ministerio de Justicia, que pidieron no ser identificados, dijeron que otros 86 prisioneros que cumplen penas de acuerdo con las leyes de seguridad no fueron liberados porque eran comunistas o no habían dado señales de arrepentimiento.

Entre ellos figura el parlamentario opositor Yuh Sung-Hwan, quien cumple un año de cárcel, condenado por violar la ley de seguridad nacional que prohíbe las actividades procomunistas.

Yuh fue arrestado después de declarar en el Parlamento, a fines del año pasado, que la política nacional surcoreana debería poner más énfasis en la reunificación con Corea del Norte que en el anticomunismo, lo que las autoridades consideraron una adhesión a la propaganda marxista del gobierno de Pyongyang.

♦ **Amnistías y marchas**

Las liberaciones se produjeron en la víspera de los funerales del joven estudiante Lee Han-Yol, de 21 años, fallecido el domingo después de 27 días en estado de coma, a raíz de heridas que le provocó una granada lacrimógena lanzada por la policía durante las manifestaciones antigubernamentales del mes pasado.

Algunos observadores señalaban que la medida del gobierno busca atemperar los ánimos, ya que durante el funeral podrían producirse protestas contra el gobierno y disturbios.

Con la misma intencionalidad juzgaban esos analistas el esperado —para este jueves— anuncio oficial sobre la concesión de una amnistía a más de dos mil opositores actualmente proscriptos por el gobierno del presidente Chun Doo Hwan, lo que se efectivizó en las primeras horas de hoy.

Entre los beneficiarios de esa medida se incluyó a Kim Dae-Jung, de 63 años, condenado a veinte años de cárcel en suspenso por sedición

Agrupaciones opositoras convocaron para este jueves en Seúl y otras once ciudades a marchas de repudio contra el gobierno.

Reprimieron una manifestación por la muerte de un estudiante surcoreano

La muerte de un joven universitario, que había quedado herido un mes atrás por una granada lacrimógena lanzada por la policía, desencadenó una nueva serie de manifestaciones antigubernamentales en la capital de Corea del Sur. El episodio puede agravar nuevamente la tensión política y desvanecer la calma expectante que había despertado el reciente anuncio de una serie de medidas de democratización.

SEUL, 5 (Reuter). — Estalló hoy nuevamente la violencia en las universidades surcoreanas cuando los estudiantes se lanzaron a protestar contra el gobierno tras la muerte de un joven alcanzado hace un mes por una granada de gas lacrimógeno durante una de las manifestaciones.

La policía antimotines disparó gases contra unos dos mil estudiantes concentrados en la entrada de la Universidad Yonsei, Seúl, que entonaban estribillos contra la dictadura. Allí fue donde Lee Han Yol resultó herido fatalmente el 9 de junio.

Después de apedrear a los agentes, los jóvenes se retiraron, pero más tarde prometieron realizar una sentada de protesta en la universidad, durante la noche.

Los estudiantes consideran a Lee un mártir de la lucha por la democracia, y su muerte, después de más de tres semanas de sobrevivir por medios artificiales, desató la ola de violencia más grave desde que el presidente Chun Doo Hwan anunció en la semana última reformas para poner fin a la extendida ola de incidentes en todo el país.

Surgieron temores de que la muerte de Lee y las siguientes protestas puedan frustrar el diálogo político entre los partidos oficialista y opositor acerca de las reformas.

Ambas partes se disponen a acordar los detalles del paquete de cambios políticos, que incluye elecciones presidenciales directas, libertad para los presos políticos y levantamiento de la sanción impuesta al dirigente opositor Kin Dae Jung.

Un vocero del Partido de la Justicia Democrática (P.J.D.) dijo a los periodistas: "Lamentamos el incidente, pero éste no debería deteriorar la atmósfera de diálogo para el restablecimiento de la democracia".

Cuando se anunció hoy temprano la muerte de Lee, estudiantes que llevaban cintas negras como homenaje fúnebre se concentraron en el hospital próximo a la Universidad Yonsei, donde el joven permanecía en cama.



Lee Sae-Smok llora delante del retrato de su hermano Lee Han-Yol, quien murió ayer en un hospital de Seúl luego de ser alcanzado por un cartucho de gas lacrimógeno que le arrojó la policía.



Efectivos de la policía antimotines de Seúl reprimen, ayer, a un estudiante frente a la Universidad de Yonsei, donde unos 2.000 jóvenes se enfrentaron con las fuerzas del orden.

Cinco mil policías antimotines cerraron las calles próximas, pero se retiraron debido a las protestas de los acongojados padres del estudiante y las quejas de dirigentes políticos.

La madre de Lee, Pae Yo Sin, lloraba y gritaba: "Que se retire la policía antimotines. El gobierno debe pedir disculpas".

Más tarde, los estudiantes formaron fila para quemar incienso en un templo situado frente al edificio del consejo estudiantil, que estaba cubierto por un gran velo negro.

Varios miles de jóvenes gritaron "abajo la dictadura" y "fuera el imperialismo norteamericano", mientras se dirigían hacia las puertas de la Universidad, pasando por encima de una ofrenda funeraria enviada por el presidente del partido oficialista, Roh Tae Woo.

Algunos gritaban: "No seremos engañados por Roh, abajo los dictadores militares", mientras se enfrentaban con la policía que se había reagrupado en las calles que rodean la universidad.

Kim Young Sam, el principal dirigente opositor, concurrió al hospital para rendir homenaje al joven, y dijo que su Partido de la Reunificación Democrática (P.R.D.) deseaba que el gobierno ordenara el repliegue de las fuerzas de seguridad, que "están agravando una tensa situación".

El jefe de la policía de Seúl, Kwon Boh Kyon, declaró en un comunicado que "la repartición expresa profundas condolencias a la acongojada familia y lamenta el incidente. Pero es de suma importancia que el pueblo ejercite la moderación. La policía hará todo lo que esté a su alcance para evitar una reiteración de un incidente similar".

Sin embargo, los próximos días pueden ser de extrema tensión, después que Lee se transformó en mártir de la causa antigubernamental. Un enorme cartelón en el que se pintó una reproducción de la fotografía tomada en el momento de ser herido Lee, fue instalado en los terrenos de la Universidad. La imagen muestra al joven sostenido en brazos de un compañero mientras la sangre mana de su herida en la cabeza.

D1/02 Poco legible

CONCESIONES Y REFORMAS POLITICAS

Carta de Reagan

WASHINGTON, 5 (Por Don Oberdorfer de "The Washington Post", especial para Clarín). — Tal como ocurrió en Filipinas y Haití el año pasado, Estados Unidos jugó un papel significativo toda vez que una nación amiga debió sufrir una crisis de autoridad. Este año, le tocó el turno a Corea del Sur. El 19 de junio pasado, el nuevo primer ministro surcoreano, Lee Han Key, anunció que el país avanzaba hacia un "caos social" para lo cual habría que recurrir posiblemente a una "decisión extraordinaria" no especificada. Ese mismo día, el embajador norteamericano, James Lilley, le entregó al presidente de Corea del Sur, Chun Doo Hwan, una carta personal de Ronald Reagan. En esta se le pedía "moderación en las manifestaciones, liberación de prisioneros políticos, levantamiento de las restricciones a la oposición y reanudación del diálogo político con el resto de los partidos".

En otros mensajes, privados y públicos, Estados Unidos advirtió que la utilización del ejército —bajo la vigencia de cualquier tipo de ley marcial— daría lugar a una crisis mucho más grave.

El 20 de junio pasado, cuando el secretario de Estado norteamericano George Shultz y su asesor para Asia, el subsecretario Gastón Sigur volaban hacia Australia el tema de discusión de ambos funcionarios no era otro sino la crisis que estaba viviendo Corea del Sur.

La noche anterior, Sigur había pasado largas horas estudiando informes de la embajada norteamericana procedentes de Seúl que adelantaban que Chun estaba considerando, seriamente, la posibilidad de usar una fuerza del gobierno para detener la ola de manifestaciones. Fue este mismo día cuando Chun recibió la carta personal de Reagan en la que le aconsejaba "moderación".

Durante el curso de ese vuelo, Sigur le propuso a Shultz abandonar la gira por Australia —de 12 días— para volar hasta Seúl con el objetivo de manifestar in situ las opiniones norteamericanas, y recabar impresiones directa[s]. Luego de un par de llamadas te[l]efónicas a Washington y Seúl, des[d]e el avión, se acordó que Sigur vi[aj]aría a Corea.

La misión de Sigur [fu]e el rasgo más visible de la interacción entre la administración Rea[g]an y Corea del Sur mientras el go[b]ierno, los políticos y los surcore[a]nos daban un giro dramático hac[ia] las elecciones presidenciales d[ir]ectas y el gobierno del pueblo. Lo[s] funcionarios de Washington aú[n] están "saboreando" un resultado que parece ser acorde al milagro económico logrado por Corea del S[u]r hace pocos años. El cambio en [C]orea, evolutivo más que revolu[ci]onario, es festejado por funcionari[o]s estadounidenses como un sign[o] de la madurez política de Corea [d]el Sur y de una relación más "ad[ul]ta" entre Washington y Seúl.

"Se nos escuchó en [p]arte, pero en realidad actuamos d[es]de afuera. Empujamos un poco a l[os] coreanos pero no podemos obli[g]arlos", comentó un político norteamericano en alusión a los mensajes de advertencia enviados oportunamente a Seúl para los que no se necesitaron reuniones especiales del Consejo de Seguridad Nacional dado que la política de EE.UU. ya estaba prefijada.

Los intentos de EE.UU. en tiempos de crisis posteriores no fueron tan exitosos. En 1961, las duras declaraciones procedentes de la embajada estadounidense no disuadieron al general Park Chung Hee para que no llevara adelante su planeado golpe militar contra el gobierno civil electo, si bien luego, en 1963, la presión de EE.UU. logró convencer a Park para que cumpliera con su promesa de elecciones presidenciales en lugar de extender su régimen militar.

La reciente crisis en Corea se desató, en gran parte, gracias a una oportunidad: la vieja promesa de Chun de abandonar el poder en febrero de 1988 y dejar a un sucesor. La cuestión —polémica y sin respuesta— era de qué forma se elegiría a este sucesor.

En febrero de este año, consciente de la importancia del año en curso, Sigur delineó la política y preferencia de EE.UU. a favor de un cambio pacífico.

"Estados Unidos continuará alentando a todas las partes coreanas para que trabajen juntas en la creación de un nuevo marco político. Brindaremos un apoyo positivo. No interferiremos..."

Funcionarios norteamericanos coinciden en que más importante que los mensajes de Washington fue el (mensaje) que Chun recibió de importantes oficiales militares de su país. En éste, le expresaron a Chun su oposición al uso del ejército para reprimir las manifestaciones. Ni los militares ni Chun ni el pueblo coreano se habían repuesto, en realidad, de las muertes en 1980 de más de 200 personas cuando efectivos armados sofocaron los desórdenes de Kwangju que habían surgido a raíz de la llegada al poder de Chun.

El 22 de junio, mientras Sigur viajaba hacia Seúl, Washington ya estaba al tanto de que los militares habían rechazado la idea de una intervención armada. Sin embargo, el Departamento de Estado norteamericano emitió una declaración inusualmente directa urgiendo a los comandantes militares a abstenerse de intervenir. Funcionarios de Washington reconocieron que esta advertencia no estaba dirigida tanto a los altos líderes militares como a oficiales de menor rango que podrían haberse sentido tentados de considerar una toma de control de la situación y del gobierno, a través de un golpe.

Si bien no existían pruebas firmes de que se estuviera gestando un golpe, algunos oficiales estadounidenses notaron preocupantes "blancos" en la información procedente de niveles operacionales del ejército.

Sigur regresó a Washington convencido de que Roh —amigo y aparente heredero de Chun— y Chun auspiciarán importantes pasos de conciliación

02.02

870573[9]

CO[illegible] DEL S[illegible]

Piden que se vaya Chun

SEUL, Corea, 3 (Reuter, AFP y DPA). — Los principales dirigentes opositores de Corea del Sur se unieron hoy para exigir la renuncia del presidente Chun Doo Hwan, del gobernante Partido Democrático para la Justicia, a fin de garantizar que sean limpias y democráticas las elecciones directas a realizarse este año. Chun debe dejar la presidencia en febrero, al cabo de un período de siete años que se inició con un golpe militar.

El líder opositor Kim Dae-Jung cuestionó las intenciones del gobierno al afirmar: "No podemos confiar en su voluntad de promover la democratización", mientras que el jefe del Partido Democrático de Reunificación, Kimg Young-Sam, indicó que Chun debe abandonar el partido gobernante para demostrar su voluntad de dar elecciones libres. Esta es la primera vez que Kim Young-Sam apoya públicamente las demandas de su rival opositor.

Entretanto, prosiguen las manifestaciones en Seúl. Más de veinte mil estudiantes y militantes de grupos de la oposición parlamentaria y extraparlamentaria manifestaron hoy en la Universidad de Yonsei, en Seúl, exigiendo el inmediato cumplimiento del programa de democratización anunciado el lunes pasado por el presidente del partido oficial, Roh Tae Woo, y la liberación de los detenidos.

Trascendió en la capital que el lunes serán puestos en libertad entre 160 y 170 personas que fueron arrestadas durante las recientes protestas masivas.

CLARIN 4/7/87

Corea del Sur.

8705741

01|01

Gobierno y oposición apréstanse a tratar las reformas en Surcorea

Seúl, 11 (UP) – El gobierno y los partidos de oposición se dedicaron hoy a preparar sus propuestas para las enmiendas constitucionales que debieran consolidar las reformas democráticas prometidas por el presidente Chun Doo-hwan para terminar la convulsión política y lograr la reconciliación nacional.

Ambas partes aceptaron que la próxima elección presidencial sea directa, y ya no a cargo de un colegio electoral como determina la presente Constitución. En lo que difieren es en los detalles sobre cuál debe ser el nuevo sistema de gobierno.

Cualesquiera sean las diferencias, ambas partes empezarán las negociaciones plenas a mediados de la próxima semana, con la esperanza de lograr un acuerdo que permita una transición pacífica del poder en febrero, al expirar el mandato de siete años del presidente Chun Doo-hwan.

El gobernante Partido de Justicia Democrática (PJD), tiene listos sus ofrecimientos, dijo una fuente de esa formación. El principal opositor, el Partido de la Reunificación Democrática (PRD), terminará sus proyectos mañana.

Mandato presidencial

Analistas políticos estiman que el PJD favorece una presidencia de un sólo mandato de seis años, mientras que el PRD propone un mandato presidencial de cuatro años, con derecho a la reelección.

El PRD aboga por la creación de una vicepresidencia, para ejercer algún control sobre los poderes presidenciales. El PJD se opone a esa idea, señalando antecedentes históricos que prueban que un vicepresidente no tiene ningún impacto en una presidencia. se anotó.

Ambos están de acuerdo en instalar procedimientos para controlar a los presidentes y evitar que exploten a su favor la autoridad qué les confiere la Constitución para convertirse en dictadores.

En su sesión de hoy los dirigentes opositores Kim Young-sam y Kim Dae-jung prometieron a un grupo eclesiástico que se mantendrán unidos en resguardo del proceso de reformas democráticas recién iniciado en el país.

En cuanto a la decisión del presidente Chun de renunciar a la jefatura del partido gobernante, Kim Dae-jung dijo que "es un hecho positivo", pero añadió que "sería aconsejable que también renunciara a su afiliación partidaria".

Al anunciar su decisión Chun dijo que su presidencia ahora la ejercerá "desde un punto de vista suprapartidario". prometiendo aplicar una serie de vastas reformas, empezando por la liberación de 534 presos políticos y restaurando los derechos civiles y políticos a 2.355 disidentes, entre ellos el propio Kim Dae-jung.

Prometió “co[illegible] más atenta” o demandas

Chun Doo Hwan aceptó reunirse con la oposición

El presidente Chun Doo Hwan aceptó ayer reunirse con su principal opositor político y otros dirigentes de la oposición, en un esfuerzo por resolver la crisis política de Corea del Sur y poner fin a las manifestaciones que por casi dos semanas han convulsionado al país.

SEUL, (ANSA, EFE y UPI).— Por decimotercer día consecutivo, estudiantes universitarios se enfrentaron hoy a la policía en diversos puntos del país, para exigir un cambio en la constitución que permita elecciones presidenciales directas y para que Chun deje la presidencia, entre otros puntos.

Chun prometió dar su "consideración más atenta" a varias demandas, entre ellas la liberación de unos 3.000 manifestantes encarcelados, una mayor libertad de prensa y un referéndum o una reforma a la constitución.

Chun también prometió reunirse con el principal dirigente de la oposición, Kim Young-sam, y otros opositores, para buscar una salida a la crisis política.

Pero, el anuncio oficial no tuvo efecto entre los manifestantes, que se congregaron en 58 universidades de todo país, pidiendo la finalización del régimen autoritario de Chun.

Los peores incidentes ocurrieron en la universidad de Yonsei en esta ciudad, donde la policía chocó por más de dos horas con unos 2.000 estudiantes. La policía empleó gases lacrimógenos y los estudiantes bombas Molotov. Nubes de gases, lanzados en ráfagas, oscurecieron el cielo en torno a la zona de conflicto.

En Fusán, alrededor de 200 estudiantes de diez universidades levantaron pacíficamente su ocupación de seis días del centro católico de esa ciudad, la segunda más grande de Corea del Sur.

En Chonju, 110 kilómetros al sur de Seúl, unos 2.500 estudiantes asaltaron una estación policial y quemaron en la calle los muebles de esa dependencia.

La policía dijo que en las manifestaciones de ayer, en Seúl y otras 32 ciudades, participaron unos 20.000 estudiantes.

El presidente Chun se reunió con dirigentes del oficialista Partido de Justicia Democrática (PJD) y otros dos ex presidentes para analizar la posibilidad de hacer concesiones destinadas a controlar la situación política en su país.

"Estoy de acuerdo con que los problemas se resolverán con el diálogo", afirmó Chun, según dijo un vocero presidencial.

Los disturbios comenzaron luego que el propio Chun designó como su sucesor a Roh Tae-Woo.

Roh Tae-Woo, candidato presidencial del gubernamental Partido Justicia Democrática, dijo a los periodistas después de una reunión de una hora con Chun que conversaron una gama variada de temas entre los que se incluyó la reapertura del debate constitucional, una de las exigencias clave de la oposición.

"Le recomendé que era deseable que el Presidente se reuniera con los dirigentes de la oposición y se concluyó que será mejor si se prepara un plan comprensivo de arreglo a la crisis después de informarse de sus honestos puntos de vista", indicó Roh.

"El presidente también aceptó mis recomendaciones de que se dé un máximo de consideración a las exigencias de la oposición de que sean dejadas sin efecto las severas medidas de arresto domiciliario del dirigente de la oposición Kim Dae Jung y que aquéllos que han sido arrestados durante la ola de protestas antigubernamentales sean puestos en libertad".

Jueves 2 de julio de 1987

Otro país camino a la democracia

Rechazo surcoreano al autoritarismo

SEUL, Corea del Sur, 1 (AFP).– El poéticamente denominado "país de las mañanas tranquilas" se prepara para integrarse en las filas de las naciones democráticas del Asia, tras 30 años de un régimen central autoritario, rechazado con vehemencia por la ciudadanía, y criticado por gobiernos extranjeros.

El cambio del marco político de surcorea se efectuó en las últimas 18 horas con una velocidad desacostumbrada. Tanto la población, como las altas personalidades políticas vinculadas con los sectores de poder, y de la oposición, estuvieron hasta las últimas horas al margen de las decisivas consultas entre el presidente Chun Doo Hwan, y su más cercano par ideológico, Roh Tae Woo.

Incluso, a los más experimentados observadores de la política peninsular, la rapidez en la adopción de las reformas, así como su alcance, los tomó desprevenidos.

"Rendición sin condiciones"

El jefe del Estado, quien desde 1980 conduce Corea del Sur con conocida energía estaba considerado, tanto en su país, como en el extranjero, como un auténtico dictador.

Después de no haber aceptado nunca el menor compromiso, su total cambio es tan sorpresivo que no pocos analistas asiáticos y occidentales no dudaron en calificarlo de "rendición sin condiciones" ante la oposición.

Las instancias aprobadas por el primer mandatario Chun Doo Hwan se refieren, fundamentalmente, a la reforma de la Constitución, la convocatoria de elecciones presidenciales por sufragio universal, la celebración de comicios legislativos, la inminente liberación de los presos políticos, y la restauración de la libertad de prensa.

Hasta ahora, Chun Doo Hwan se había negado a consentir, aunque fuera parcialmente, los cambios reclamados por la oposición, los estudiantes y buena parte de la clase media quienes, durante las tres últimas semanas, sumergieron a Corea del Sur en el caos más completo durante las multitudinarias manifestaciones.

El balance de los disturbios de los últimos 16 días es el siguiente: cientos de miles de dólares perdidos por los daños materiales, más de 6000 policías heridos, 17.000 detenidos y 100.000 bombas y granadas lacrimógenas utilizadas durante los enfrentamientos callejeros.

El papel de Washington

Tanto Chun Doo Hwan, como Roh Tae Woo, presidente del Partido Democrático de la Justicia (PDJ), al que pertenece, también, el primer mandatario, pasarán a la historia como los hombres que permitieron la transferencia pacífica del poder en un país en el que la vida política está marcada, tradicionalmente, por golpes de Estado y violencias. Vale recordar que Roh Tae Woo es el autor de la redacción y la presentación de las reformas aprobadas ayer.

Según todos los indicadores, el "consejo" de los Estados Unidos fue decisivo. Los ambientes políticos de Seúl consideran que Washington jugó un papel determinante en la solución de la crisis coreana, disuadiendo al presidente Chun de recurrir a la implantación de la ley marcial, y empujándolo por la vía de la conciliación.

La necesidad de mantener el equilibrio estratégico en la región Asia-pacífico, que corría peligro de verse perturbado por una profundización de la crisis curdoreana dictó, seguramente, las intervenciones diplomáticas norteamericanas.

La vía moderada

Tal opinión es compartida por el dirigente de la oposición, Kim Dae Jung quien, condenado a muerte por sedición en 1980, vio su pena conmutada por la de prisión perpetua por influencia de la Casa Blanca y, tiempo después, por la de 20 años de reclusión, de los que cumplió 2, antes de exilarse en los EE. UU. y retornar a Corea del Sur en 1985.

"Washington dictó a Chun Doo Hwan la vía de la moderación y de la conciliación", afirmó Kim Dae Jung ante periodistas extranjeros. Según él, los Estados Unidos han abandonado "la política de apoyo a los regímenes dictatoriales".

En cuanto a Roh Tae Woo, candidato designado por la mayoría, y vencedor por adelantado de los comicios presidenciales que debían desarrollarse por el sistema de colegios electorales, se ha granjeado, sin duda, un cierto grado de simpatía popular por su actitud.

Aún el viernes último, miles de manifestantes encolerizados reclamaban en las calles de Seúl la caída de Chun Doo Hwan y de Roh Tae Woo. "Vayamos a la Casa Azual -Palacio Presidencial-, para capturar a Chun y devolvérselo a Reagan", rezaba el texto de una pancarta que hizo furor en las calles capitalinas.

Estrecha colaboración

Por parte de la oposición, Kim Dae-Jung, quien debe ser amnistiado próximaente, y Kim Yung Sam, presidente del Partido Democrático para la Reunificación (PDR), de oposición, rivales políticos hasta 1980, anunciaron que están "colaborando estrechamente" para no privar a los sectores opositores de ninguna posibilidad.

Por ahora, subsiste la incógnita de quien de los "dos Kim", únicos candidatos que gozan del crédito ciudadano, se presentarán en las elecciones.

Otro nubarrón se aleja de Corea del Sur tras el anuncio de las reformas formulado por el jefe del Estado. Ahora, el "país de las mañanas tranquilas", puede organizar, sin preocupaciones, los Juegos Olímpicos de septiembre del año próximo.

01/01 8706033

ARCHIVAR EN: COREA del SUR (032)

TEMA: Cuestiones, países, personas. El heredero.

PROCEDENCIA: LA NACION 12/7/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (B)

01/01 8706206

08032

Martes 7 de julio de 1987 ♦ LA PRENSA

Comenzó Seúl a liberar a los presos políticos

Seúl, 6 (EFE, ANSA y UP) — Los primeros 117 presos políticos fueron liberados hoy en Corea del Sur, en el marco del proceso de democratización aceptado hace seis días por el presidente, Chun Doo-hwan.

Mientras se producían hoy nuevas manifestaciones de protesta, el gobierno surcoreano liberó a 117 personas detenidas durante las violentas demostraciones de junio pasado. Otras 319, se anunció, serán liberadas entre mañana y el miércoles.

Entre las personas que aguardaban hoy frente a la prisión, en Seúl, la liberación de los detenidos, se contaron los dos principales líderes de la oposición, Kim Young-sam y Kim Dae-jung.

Al recuperar la libertad rindieron homenaje a Lee Han-yol, el estudiante de 20 años fallecido ayer en el hospital de la Universidad de Yonsei, tras resultar herido por la explosión de una bomba lacrimógena, el 9 de junio.

La muerte de Lee no parece destinada a influir en las tratativas entre el gobierno y la oposición, previstas para la semana próxima.



(Radiofotografía de Reuter)

Uno de los líderes de la oposición surcoreana, liberado ayer, es llevado en andas y recibe el saludo de sus simpatizantes

Comicios

En tanto, el líder del principal partido de la oposición en Corea del Sur declaró hoy que el electorado de su país lograría una "revolución mediante las elecciones", estableciendo un gobierno compuesto exclusivamente por civiles cuando se celebren comicios presidenciales directos.

Kim Young-sam, dirigente del partido de Reunificación Democrática, dijo, asimismo, que los 41.000 efectivos estadounidenses que se encuentran actualmente en Corea del Sur deberían permanecer estacionados para impedir cualquier agresión de Corea del Norte.

"Si se celebran elecciones, ganaremos", vaticinó Kim en una entrevista con UP. "Confío en ello", aseveró.

Gobierno civil

"Existe un consenso nacional en el sentido de que hay que poner fin a la dictadura militar" —acotó Kim—. "Los votantes apoyarán plenamente a un gobierno completamente civil, logrando de esa manera una revolución mediante las elecciones".

Kim ha estado al frente de la lucha contra el gobierno del presidente Chun Doo-hwan, que él calificó de "dictadura militar" porque Chun es un ex general del Ejército.

Kim y su aliado Kim Dae-jung desempeñaron papeles importantes, la semana pasada, a la hora de presionar a Chun para que aceptara un conjunto de medidas de reforma democrática. El gobierno de Chun empezó hoy a liberar a los presos políticos surcoreanos de acuerdo con esas reformas.

Seguridad nacional

"Nuestras propias Fuerzas Armadas tienen un papel crucial en la seguridad nacional, pero la protección esencial frente a la guerra la aportan los 41.000 efectivos norteamericanos" —indicó Kim—. "Deberían permanecer estacionados en este país".

Kim afirma fiarse de las Fuerzas Armadas surcoreanas, y que la democratización es la mejor manera de fortalecer la seguridad nacional.

"Una situación en la que el pueblo se fíe del gobierno garantiza la mayor seguridad" —comentó Kim—. "Esa es la mejor arma contra los comunistas".

Por otra parte, Kim manifestó que también habría que lograr la democratización en el campo económico, estrechando la brecha que existe entre los ricos y los pobres.

Corea del Sur

032

COREA DEL SUR: LA OPOSICION EXIGE UN REFERENDO INMEDIATO

Ruptura de la negociación política

01/02

8706607

El fracaso ayer del diálogo entre un alto jefe opositor de Corea del Sur, Kim Young Sam, y el presidente Chun Doo Hwan, abrió una perspectiva de nuevos enfrentamientos en ese país donde millares de estudiantes y pobladores vienen desarrollando violentísimos disturbios contra la "dictadura militar" y en reclamo de comicios directos. Esta última exigencia motivó el principal reclamo —rechazado— de Kim al mandatario: un referendo para la reforma constitucional. Quedó en libertad el otro líder de oposición, Kim Dae Jung. Siguió la agitación.

SEUL, 24 (UPI, AP, Reuter, AFP, DPA, EFE y TASS). — La crisis política surcoreana se agravó hoy, luego del fracaso de una reunión sin precedentes entre el jefe del Estado, Chun Doo Hwan, y el dirigente opositor Kim Young Sam, que concluyó en el total rechazo por la oposición de las propuestas presidenciales para superar los graves enfrentamientos que se libran en el país desde hace dos semanas.

Kim Young Sam, que encabeza el Partido Democrático para la Reunificación (P.D.R.), dijo en una rueda de prensa posterior a su esperado encuentro con el jefe del Estado en la Casa Azul de gobierno, que Chun no parecía "darse cuenta de la gravedad de la situación". Kim exigió al jefe del gobierno la realización de un referendo sobre la reclamada reforma constitucional.

"Condenamos la conspiración del actual régimen para perpetuarse en el poder, y declaramos enérgicamente que lucharemos junto con las fuerzas democráticas para conseguir la democratización, de una manera pacífica y sin violencia", advirtió Kim en una declaración tras su diálogo con Chun.

Por su parte, voceros del P.D.R. no dudaron en calificar la reunión de "fracaso". Tanto el partido como Kim afirmaron que, luego de lo ocurrido con estas conversaciones, no les queda otra opción que mantener la antigubernamental "marcha por la paz" prevista para el viernes próximo en Seúl y en el resto del país.

La presión norteamericana, y la surgida desde dentro del propio Partido de la Justicia Democrática que gobierna en Corea del Sur —varios de cuyos dirigentes declararon ya aceptar un referendo constitucional así como estar "preocupados por la pérdida de popularidad" de esa corriente— fueron factores decisivos para el diálogo entre Chun y el jefe opositor.

Durante las tres horas de dramático coloquio con el primer mandatario, dijo un vocero del P.D.R., Kim reclamó que se revoque la decisión presidencial del 13 de abril último, que aplazaba para después de los Juegos Olímpicos a desarrollarse en Corea del Sur en 1988 cualquier debate sobre una reforma constitucional que permita comicios libres y directos.

Precisamente, el jefe opositor pidió la celebración de un referendo a fin de escoger entre la elección directa del presidente, reclamada por la oposición, o el mantenimiento del actual sistema en el que aquél es designado por un colegio electoral.

Chun, sin embargo, sólo accedió a restablecer el diálogo constitucional, aunque canalizándolo a través del debate parlamentario, lo que fue rechazado por su interlocutor. En cambio, accedió a otras dos demandas de éste: encarar la liberación de unos 300 presos políticos arrestados durante los 15 días de disturbios callejeros —lo que será "tomada en consideración"— y el cese del arresto domiciliario que pesaba desde hace 76 días sobre el más popular disidente surcoreanos: Kim Dae Jung.

Esto último se puso en práctica a última hora de la tarde, aunque se mantiene la prohibición para el dirigente —de 63 años, y fundador del P.D.R.— de desarrollar actividades políticas.

♦ Beneplácito estadounidense

Pese a la actitud irreductible de la oposición surcoreana, en Washington el portavoz del Departamento de Estado calificó hoy al diálogo entre Chun y Kim Young Sam como "un importante primer paso", agregando que "esperamos que el mismo sea el inicio de un proceso que ambas partes llevarán a resultados positivos." El vocero Phillis Oakley, subrayó que Estados Unidos no había esperado nunca que todo se resolviera de una sola vez.

El Departamento de Estado reveló asimismo que el subsecretario para la Asistencia a la Seguridad, Edward Derwinski, se encuentra actualmente en Seúl: el vocero precisó que esa visita estaba prevista desde hace tiempo, pero que la presencia allí de Derwinski "refuerza" el contenido del mensaje transmitido en una serie de reuniones con el gobierno y la oposición por el subsecretario de Estado para Asia, Gastón Sicur, que también está en Corea. Este último se vio a solas con el presidente Chun y otros líderes esta misma tarde.

Por su parte, el vocero presidencial Marlin Fitzwater indicó que el presidente Ronald Reagan había sido informado en la fecha sobre la situación.

El primer mandatario coreano, que gobierna con mano dura desde 1980, había nombrado el 10 del mes en curso a su sucesor, el también ex general Roh Tae Woo: éste debería asumir la presidencia cuando Chun termine su mandato, en febrero de 1988. Esa designación, y la suspensión "irrevocable" en abril del diálogo constitucional, motivaron la agitación creciente contra la "dictadura militar" protagonizada por millares de estudiantes y extendida luego a nueve ciudades.

Mientras hoy y anoche hubo nuevas manifestaciones callejeras contra el gobierno, en las que participaron por primera vez varios cientos de obreros, en Moscú el portavoz de la cancillería soviética, Guennadi Guerasimov, indicó que su país "no dio por ahora su acuerdo para participar en las Olimpíadas de Seúl, y valora positivamente la propuesta de Corea del Norte, de realizar los Juegos Olímpicos en ambas Coreas, lo que contribuiría a asegurar el curso normal" de ese importante evento.

El presidente Chun Doo Hwan, mientras tanto, era objeto de nuevas y crecientes críticas en el seno de su partido: Según la prensa de Seúl, en una reunión de dirigentes realizada el pasado domingo, se analizó la "pérdida de credibilidad" del gobierno, en medio de acusaciones de inflexibilidad que alcanzaron también al sucesor designado para la presidencia, Roh Tae Woo. Miembros del partido gobernante insistieron, inclusive, en la necesidad de una reforma constitucional.

Poco Legible

02/02

COREA del SUR

032

La reforma constitucional en Surcorea

Seúl (UP) — Representantes del partido gubernamental y de la oposición en Corea del Sur se reunieron por separado, a fin de elaborar la estrategia que seguirán en las históricas negociaciones para revisar la Constitución y garantizar la elección directa del sucesor del presidente Chun Doo-hwan.

Las negociaciones se vieron aplazadas durante dos días la semana pasada cuando dirigentes de pequeños partidos de la oposición ocuparon la Asamblea Nacional para protestar el haber quedado excluidos de las conversaciones.

Los dirigentes del oficialista partido de Justicia Democrática accedieron a las peticiones de los partidos menores, que pretendían mantener simultáneamente negociaciones por separado, lo que abrió paso a la realización de conversaciones con el mayor grupo opositor, el partido de Reunificación Democrática.

La radio estatal informó que representantes de las dos partes se dieron cita por separado para concretar su estrategia de cara a las inminentes negociaciones.

Políticos del partido gubernamental y de la oposición esperan llegar a un compromiso y elaborar una nueva Constitución para el 20 de agosto, para que se pueda ratificar por la Asamblea Nacional a fines de septiembre y sea sometida a un referéndum nacional posteriormente. La agenda exacta no ha sido fijada.

La Prensa 3/8/87 COREA

01/01 8706693

Reformas políticas en Corea

Una generalizada sensación de alivio sucedió a los graves disturbios que durante tres semanas conmovieron a Corea del Sur, cuando el presidente Chun Doo-hwan anunció que el gobierno había aceptado el plan de ocho puntos propuesto por el líder del partido oficialista, Roh Tae-woo, y actual candidato a la jefatura del Estado, consistente en la convocatoria a un "referéndum" para reemplazar el sistema del colegio electoral por la elección directa del presidente, flexibilizar las normas relativas al ejercicio de la prensa, liberar a un número no especificado de presos políticos y a los detenidos a raíz de las últimas reyertas callejeras, amnistiar a Kim Young-sam, líder de uno de los dos partidos opositores y satisfacer otras demandas relativas a la actividad cívica. A partir de ese momento la vida cotidiana retornó a la normalidad y sólo se espera ahora que la Asamblea Nacional declare la necesidad de la enmienda constitucional sobre el régimen de elección presidencial y se convoque al pueblo a elecciones para pronunciarse al respecto.

La prolongación e intensidad de los disturbios, no menos que el número de sus protagonistas, especialmente jóvenes universitarios, planteó serios interrogantes sobre la estabilidad del actual gobierno de Seúl, elegido en 1980 por un período de siete años. Tras las elecciones que, muy probablemente, tendrán lugar en noviembre próximo, la entrega del poder al sucesor de Chun Doo-hwan se realizará en febrero de 1988. Sin embargo, la estabilidad del gobierno era sólo uno de los asuntos, entre otros, sometidos a dura prueba a raíz de los enfrentamientos del pasado mes de junio. El clima reinante hizo temer que ante la gravedad que iba adquiriendo el curso de los acontecimientos, Corea del Sur pudiese ser considerado "país inseguro" con referencia a las Olimpíadas que tendrán lugar el próximo año con la participación de 13.000 atletas pertenecientes a alrededor de 160 países, casi la totalidad, salvo Corea del Norte y Cuba, que boicotearon los Juegos, de los representados en la ONU.

La eventualidad de un hecho semejante tendría, sin duda, severas consecuencias para Corea del Sur, que no sólo ha invertido ingentes sumas en la construcción de la "ciudad olímpica" y en la organización del certamen deportivo, sino que, con buenas razones para ello, espera obtener prestigio mundial en virtud de ese acontecimiento, como lo obtuvo Japón tras las Olimpíadas de 1964. De igual manera, la posibilidad de una desestabilización de la región no era aventurada, partiendo de la base de que ambas Coreas aún no han firmado un tratado de paz, 34 años después de haber cesado la guerra de 1950/53. Entretanto, comisiones de ambos países, representantes de la ONU y de los Estados Unidos, miembros de la Comisión de Armisticio, continúan negociando en Panmunjon los términos de un acuerdo que formalmente ponga fin al estado de guerra, siempre latente a lo largo de una frontera común de 200 kilómetros de extensión, separada por una "tierra de nadie" de apenas 2.000 metros de ancho, tras lo cual los dos países mantienen fuertes contingentes militares.

Por último, la necesidad de preservar el grado de desarrollo económico y de avance tecnológico alcanzado por Corea del Sur es otro de los factores que debió ser tenido en cuenta por el gobierno para lograr el acuerdo con la oposición y anunciar las reformas políticas enunciadas al comienzo. A partir de 1980 (y dejando atrás un prolongado período de revueltas, golpes de estado y asesinatos de figuras gubernamentales) Corea del Sur experimentó un notable crecimiento económico. El PBI pasó de 60.300 millones de dólares a 113.600 milones (estimaciones para el año 1987), mientras el ingreso "per cápita" aumentaba de 1.589 a 2.700 dólares en igual lapso y las exportaciones crecían de 17.500 millones de dólares en 1980 a 41.700 millones (proyección para la totalidad de este año, en el que por primera vez la balanza comercial experimentará superávit, estimado en 4.700 millones de dólares).

Los recientes anuncios y la distensión que provocó contribuirán a crear una instancia propicia a la conciliación nacional, más allá y por encima de las diferencias políticas, propias de una sociedad que aspira a vivir al amparo de normas democráticas. Progreso económico y progreso político deberán ahora consustanciarse y ser uno y otro elementos de recíproca influencia en el marco de una misma concepción del desarrollo del país. La posibilidad de la trasferencia pacífica del poder en febrero próximo es un mérito que habrá que reconocer a la actual administración, pues será la primera vez que ello acontezca en los últimos cuarenta años.

032

LA PRENSA 5/8/87

Afianzamiento democrático en Corea del Sur

Seúl (UP) — Una organización opositora que cuenta con amplio apoyo popular en Corea del Sur declaró que llevará a cabo una "revolución mediante las elecciones", para alcanzar la democracia en lo que queda del año.

La Coalición Nacional para la Constitución Democrática, que organizó casi tres semanas de protestas antigubernamentales en junio, obligando al presidente Chun Doo-hwan a acceder a una amplia serie de reformas democráticas, celebró un congreso nacional en Seúl.

Unas 600 personas, entre ellas los dirigentes opositores Kim Dae-jung y Kim Young-sam, y destacados miembros de grupos religiosos, participaron en la reunión y dialogaron sobre la manera de fomentar la democratización en Corea del Sur.

Fijaron como meta para los próximos meses la realización de una "revolución mediante las elecciones para acabar con la dictadura militar y establecer un gobierno democrático civil".

"Que nuestro movimiento ayude a desarrollar y movilizar al pueblo, logrando así impedir otro avance del sector militar, llevar las fuerzas democráticas a una victoria en las elecciones y establecer un gobierno civil elegido por el pueblo", dijo una resolución de la Coalición.

Los participantes en el congreso decidieron abogar por la elaboración de una constitución democrática a la vez que el gobierno negocia con el mayor partido de la oposición las reformas democráticas prometidas por Chun Doo-hwan.

01/01

8706848

Continúan los paros en Surcorea

Seúl, 9 (UPI) — Parte de los trabajadores en huelga de dos centros provinciales han dejado de lado sus protestas, pero las disputas laborales permanecen sin un acuerdo en más de 80 centros de trabajo, informaron las autoridades.

Los trabajadores han demandado grandes aumentos salariales, mejores condiciones de trabajo y la reorganización de las direcciones sindicales que dicen favorecen a la gerencia.

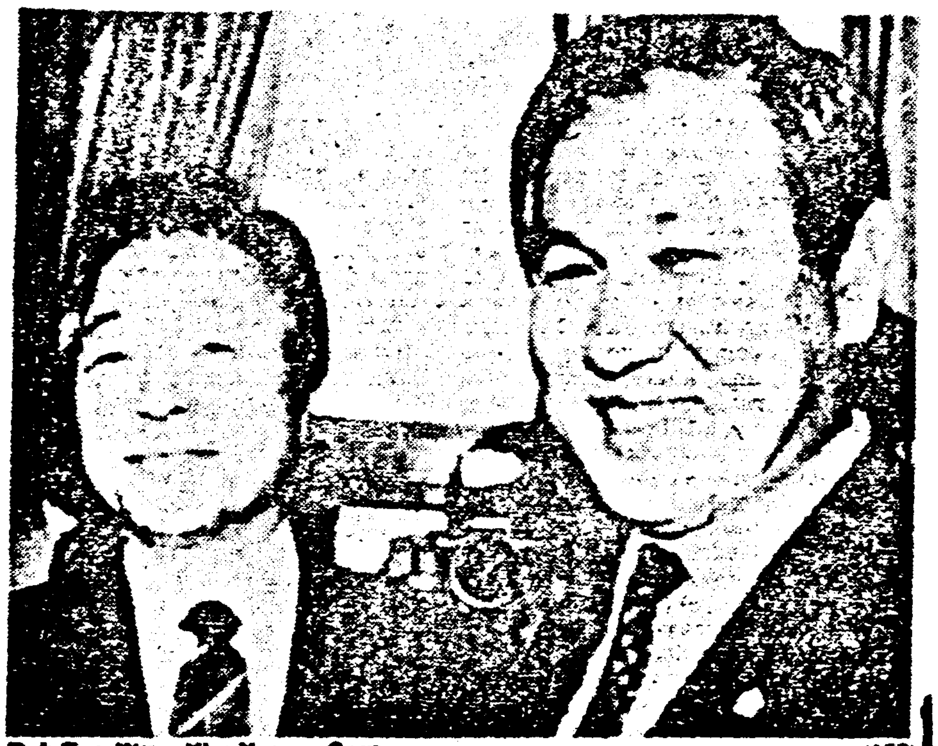
Los partidos en el poder y los opositores, que participan en las negociaciones para reformar la Constitución e implementar las reformas prometidas, han decidido garantizar los derechos laborales plenamente con nuevas leyes.

El gobierno que en el pasado ha evitado movimientos laborales para impulsar el rápido crecimiento económico libre de problemas laborales ha cambiado su política y ahora urge a los empresarios a atender a las demandas laborales hasta donde sea posible.

032

Corea del Sur: comenzó el diálogo entre políticos

Roh Tae-Wu, líder del Partido Justicia Democrática, se reunió con el opositor Kim Yung-Sam, quien demandó se aceleren las negociaciones para la enmienda constitucional, que podrían comenzar el 13 de este mes; 1000 detenidos serán liberados por el régimen



Roh Tae-Wu y Kim Young-Sam (AFP)

SEUL, 2 (AP). – En un sorpresivo gesto de conciliación el titular del Partido Justicia Democrática se reunió con su principal oponente. Ambos acordaron iniciar conversaciones sobre reformas destinadas a preparar el terreno para las elecciones adelantadas.

Roh Tae-Wu, líder del Partido Justicia Democrática (PJD), llegó a la sede del Partido Reunificación Democrática (PRD), sin anuncio previo, para reunirse con el principal dirigente, Kim Yung-Sam, en un gesto considerado asombroso en este país, habituado a la intensa hostilidad entre ambos partidos.

Roh dijo que "lo que sucede hoy es la voluntad y la victoria del pueblo. Los políticos debieran dialogar de manera franca sobre todos los asuntos de interés".

Sorpresa

Kim, que pareció sorprendido por el repentino gesto de Roh, coincidió en que los partidos en el poder y en la oposición deben empezar a trabajar a la brevedad en la revisión de la Constitución, y en la puesta en práctica de otras reformas, aunque no se fijó de inmediato una fecha para tales conversaciones.

"Las negociaciones deben comenzar pronto, sobre el calendario político y una enmienda de la Constitución", expresó Kim.

El presidente Chun Doo-Hwan aceptó las exigencias de la oposición para que se realicen elecciones presidenciales directas y se emprendan otras importantes reformas, decisión adoptada tras reiteradas y multitudinarias protestas.

Roh, que había sido seleccionado en reemplazo de Chun, provocó asombro en Corea del Sur cuando el lunes último reclamó que el presidente cediera ante las demandas, y dijo que, de lo contrario, renunciaría a todos sus cargos.

Llegar a un acuerdo

Entretanto, dirigentes de ambos partidos señalaron que quieren que las conversaciones sobre la revisión de la Constitución y las reformas comiencen alrededor del 13 de este mes, de modo que la Asamblea Nacional pueda considerar los planes en agosto próximo.

Un vocero del PRD dijo que ambos partidos deben llegar a un acuerdo que lleve a las elecciones presidenciales directas antes de principios de noviembre.

Esos comicios, con el sistema de Colegio Electoral, habían sido dispuestos para fin de año. El periodo de Chun vence en febrero del año próximo, y se prevé que permanecerá en el cargo hasta entonces.

Siguen en aumento las conjeturas sobre quién será el candidato presidencial de la oposición, Kim Yung-Sam, o Kim Dae-Jung, el otro alto dirigente opositor. En cuanto al candidato del PJD, se prevé que será Roh.

Tres mil detenidos

Funcionarios del Ministerio de Justicia dijeron, luego que Chun cedió a los reclamos opositores, que la ya iniciada liberación de detenidos durante las protestas beneficiará a alrededor de 1100 personas, y que sólo los retenidos por cargos de traición, o de ofensas criminales, cumplirán sentencias. Algunos dirigentes de la oposición han dicho que hay unos 3000 prisioneros políticos.

Kim ha insistido ante Roh por la pronta liberación de todos los prisioneros políticos, y reclamó que el Gobierno restituya en sus cargos a profesores, estudiantes, periodistas y otros que los perdieron por sus actividades contra el Gobierno.

El país se halla en calma, sin haberse informado sobre protestas, en contraste con las manifestaciones del mes anterior en que centenares de miles de personas se lanzaron a las calles y protagonizaron violentos choques con fuerzas policiales.

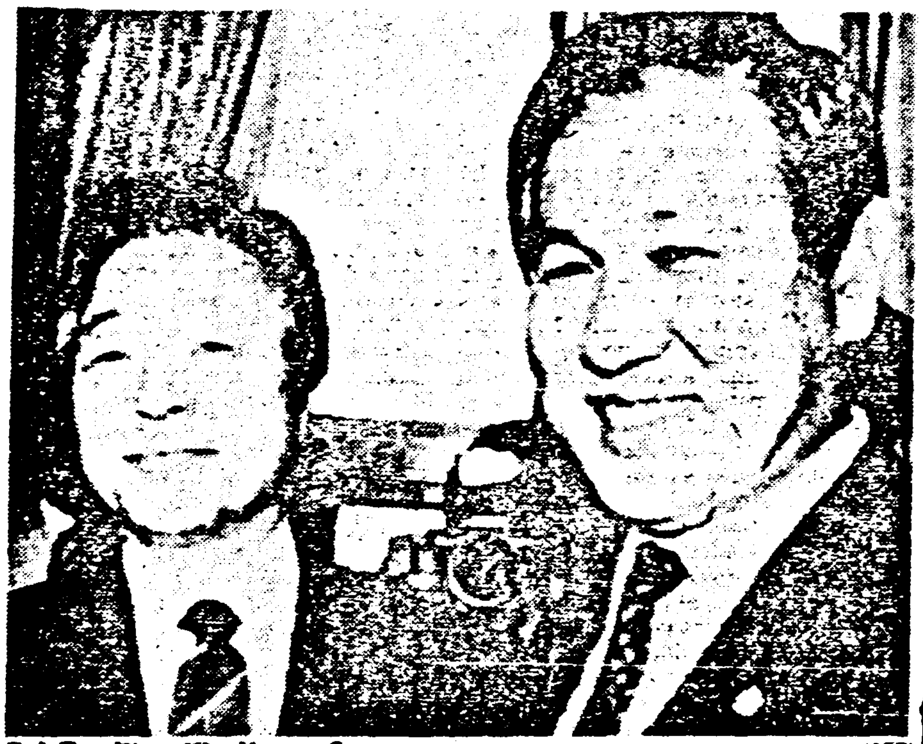
01/01

8707178

032

Corea del Sur: comenzó el diálogo entre políticos

Roh Tae-Wu, líder del Partido Justicia Democrática, se reunió con el opositor Kim Yung-Sam, quien demandó se aceleren las negociaciones para la enmienda constitucional, que podrían comenzar el 13 de este mes; 1000 detenidos serán liberados por el régimen



Roh Tae-Wu y Kim Young-Sam (AFP)

SEUL, 2 (AP). – En un sorpresivo gesto de conciliación el titular del Partido Justicia Democrática se reunió con su principal oponente. Ambos acordaron iniciar conversaciones sobre reformas destinadas a preparar el terreno para las elecciones adelantadas.

Roh Tae-Wu, líder del Partido Justicia Democrática (PJD), llegó a la sede del Partido Reunificación Democrática (PRD), sin anuncio previo, para reunirse con el principal dirigente, Kim Yung-Sam, en un gesto considerado asombroso en este país, habituado a la intensa hostilidad entre ambos partidos.

Roh dijo que "lo que sucede hoy es la voluntad y la victoria del pueblo. Los políticos debieran dialogar de manera franca sobre todos los asuntos de interés".

Sorpresa

Kim, que pareció sorprendido por el repentino gesto de Roh, coincidió en que los partidos en el poder y en la oposición deben empezar a trabajar a la brevedad en la revisión de la Constitución, y en la puesta en práctica de otras reformas, aunque no se fijó de inmediato una fecha para tales conversaciones.

"Las negociaciones deben comenzar pronto, sobre el calendario político y una enmienda de la Constitución", expresó Kim.

El presidente Chun Doo-Hwan aceptó las exigencias de la oposición para que se realicen elecciones presidenciales directas y se emprendan otras importantes reformas, decisión adoptada tras reiteradas y multitudinarias protestas.

Roh, que había sido seleccionado en reemplazo de Chun, provocó asombro en Corea del Sur cuando el lunes último reclamó que el presidente cediera ante las demandas, y dijo que, de lo contrario, renunciaría a todos sus cargos.

Llegar a un acuerdo

Entretanto, dirigentes de ambos partidos señalaron que quieren que las conversaciones sobre la revisión de la Constitución y las reformas comiencen alrededor del 13 de este mes, de modo que la Asamblea Nacional pueda considerar los planes en agosto próximo.

Un vocero del PRD dijo que ambos partidos deben llegar a un acuerdo que lleve a las elecciones presidenciales directas antes de principios de noviembre.

Esos comicios, con el sistema de Colegio Electoral, habían sido dispuestos para fin de año. El período de Chun vence en febrero del año próximo, y se prevé que permanecerá en el cargo hasta entonces.

Siguen en aumento las conjeturas sobre quién será el candidato presidencial de la oposición, Kim Yung-Sam, o Kim Dae-Jung, el otro alto dirigente opositor. En cuanto al candidato del PJD, se prevé que será Roh.

Tres mil detenidos

Funcionarios del Ministerio de Justicia dijeron, luego que Chun cedió a los reclamos opositores, que la ya iniciada liberación de detenidos durante las protestas beneficiará a alrededor de 1100 personas, y que sólo los retenidos por cargos de traición, o de ofensas criminales, cumplirán sentencias. Algunos dirigentes de la oposición han dicho que hay unos 3000 prisioneros políticos.

Kim ha insistido ante Roh por la pronta liberación de todos los prisioneros políticos, y reclamó que el Gobierno restituya en sus cargos a profesores, estudiantes, periodistas y otros que los perdieron por sus actividades contra el Gobierno.

El país se halla en calma, sin haberse informado sobre protestas, en contraste con las manifestaciones del mes anterior en que centenares de miles de personas se lanzaron a las calles y protagonizaron violentos choques con fuerzas policiales.

032 B8

La Mañana 29/6/87

AFP/CAN

Revisará la Constitución de 1980

El gobierno sudcoreano promete cambios políticos

Presionados por dos semanas de violentas manifestaciones a favor de la democracia, las cuales la Policía no ha logrado contener, el gobierno dijo ayer que impondrá mayores reformas políticas incluyendo la demanda de la oposición de revisar la Constitución de 1980.



Cientos de monjas católicas marchan por las calles de Pusan, al sur del país, demandando democracia en Corea del Sur. Las monjas fueron aplaudidas por los transeúntes. (Radiofoto Reuter).

SEUL (ANSA, EFE y UPI).— Los principales dirigentes del gobernante partido Justicia Democrática dijeron que estaban elaborando los planes para revisar la Constitución antes que el Presidente Chun Doo Hwan deje el poder en febrero para sustituir el sistema de colegio electoral indirecto, dijeron informes de prensa.

Los dirigente opositores Kim Young-sam y Kim Dae Jung dijeron que se reunirían hoy para discutir la nueva oferta del gobierno y decidir si van a la mesa de negociaciones o continúan haciendo presión para mayores reformas en las calles.

En una entrevista, Kim Dae Jung dijo que los manifestantes están complacidos por el amplio apoyo recibido desde el 10 de junio cuando se iniciaron las manifestaciones.

"En esta ocasión nuestro pueblo seguramente recuperará la democracia en el país pues, ahora incluyendo a la clase media, la mayoría del pueblo está participando en la lucha contra la dictadura de Chun, dijo Dae desde su casa donde ha estado bajo arresto domiciliario desde el 8 de abril.

Como parte del esfuerzo para poner fin a la violencia, el gobierno, preocupado por probables interrupciones de los Juegos Olímpicos de 1988, anunció la semana pasada que negociaría con la oposición sobre las reformas políticas y el viernes liberó a Kim Dae Jung del arresto domiciliario.

Una de las principales demandas de los miles de manifestantes que han participado en las manifestaciones callejeras con la Policía casi a diario desde el 10 de junio, es la revisión de la Constitución para dar paso a elecciones directas del sucesor de Chun este año.

"Es inconcebible que el nuevo cambio de gobierno en febrero sea realizado bajo la actual constitución", dijo el secretario general del partido Justicia Democrática Lee Choon Koo a los diarios locales.

Ambos dirigentes opositores dijeron que el gobierno debe acordar elecciones directas del sucesor de Chun o convocar a un referéndum nacional para que terminen las protestas.

01/01 8707257

La Mañana

MONTEVIDEO, SABADO 27 DE JUNIO DE 1987

Marcha pacífica duramente reprimida

Detienen al líder opositor sudcoreano

La Policía sudcoreana detuvo ayer al líder opositor Kim Young-sam cuando se dirigía a participar en una manifestación por la paz en pleno centro de Seúl, la cuál fue duramente reprimida por las fuerzas de seguridad, en tanto concentraciones similares se llevaron a cabo en otras ciudades del país.

SEUL (ANSA y EFE).- Cientos de miles de personas, entre estudiantes, empleados, mujeres, comerciantes y obreros, se unieron ayer en todas las ciudades importantes de Corea del Sur para participar en la "Gran marcha de la Paz" convocada por la Coalición Nacional para una Constitución Democrática.

La manifestación en Seúl, de la que participaron entre 80.000 y 100.000 personas, fue declarada "ilegal y subversiva" por la Policía. Alrededor de 25.000 efectivos reprimieron violentamente la marcha, haciendo uso indiscriminado de gases lacrimógenos, dejando el centro de la ciudad cubierto por una densa nube de gas.

Varios centenares de dirigentes de la oposición habían sido detenidos desde la tarde del jueves por la Policía para que no se unieran a la marcha, entre ellos, Kim Dae-jung, uno de los líderes del partido más importante de la oposición, Partido de Reunificación Democrática.

Dae-jung, a quien se le había levantado el jueves el arresto domiciliario, fue detenido de nuevo a primeras horas de la mañana de ayer.

DETENCION DE YOUNG-SAM

El otro máximo dirigente de la coalición, Kim Young-sam, fue detenido ayer de tarde poco después de retirarse de la sede de su partido para reunirse con los manifestantes en Pagoda Park, punto de concentración en el centro de Seúl.

Young-sam fue detenido, junto con un grupo de sus partidarios del Partido Democrátioo para la Reunificación apenas comenzaron las manifestaciones, en las que también se protestaba contra la medida adoptada por el gobierno contra Dae-jung. Posteriormente Young-sam fue transportado hasta su hogar.

En Seúl los manifestantes, divididos en cientos de grupos, cortaron las calles de la ciudad gritando: "Abajo la dictadura, Constitución democrática", portando banderas del país y cantando el himno nacional.

Una gran parte de los conductores hicieron sonar sus claxones a las seis de la tarde (hora local), comienzo de la manifestación pacífica, y se cantó el himno nacional en todas las partes de la ciudad. Mas de 60.000 policías ocuparon las calles de la capital.

En los alrededores de la Catedral del Myondong, símbolo de todas las manifestaciones que se han producido desde el 10 de junio en Seúl, los manifestantes levantaron barricadas con materiales de las construcciones cercanas y se enfrentaron directamente con la Policía.

A primeras horas de la noche los participantes en la marcha se concentraron en los alrededores de la estación de tren, y se produjeron enfrentamientos violentos con la Policía, y quemas de vehículos y autobuses policiales.

GASES LACRIMOGENOS

El aire de Seúl es irrespirable a causa de los gases lacrimógenos. Los manifestantes se protegen la cara con plásticos transparentes y mascarillas.

En las ciudades de Pusan, Taegu y Kwangju, en el Sur del país, las manifestaciones han sido especialmente violentas. Las calles están cubiertas de piedras y siguen ardiendo autobuses y jeeps de la Policía.

En el resto de las ciudades también se han levantado barricadas.

Se desconoce el número total de detenidos, pero puede alcanzar los 6.000 en todo el país. Tampoco se han dado cifras sobre el número de heridos. En las calles de Seúl se podía ver a grupos de estudiantes de medicina y miembros de la Cruz Roja atendiendo a los heridos leves.

Kim Young-sam, Presidente del Partido de Reunificación Democrática, rechazó el jueves la proposición del Presidente sudcoreano, Chun Doo Hwan, de hacer una ronda de conversaciones entre todos los partidos.

También se ha negado a cualquier encuentro con el número dos de Justicia Democrática y candidato presidencial Roh Tae Woo, alegando que el único que tiene la responsabilidad de gobierno es el Presidente Chun.

El cardenal primado de Corea, Kim Dou Hwan, visitó al Presidente Chun y le pidió que iniciara inmediatamente el diálogo para cambiar la constitución. De la misma forma se expresaron los líderes protestantes Han Kyung Chic y Kang Won Young.

El secretario adjunto nortemericano para Asuntos de Asia y del Pacífico, Gaston Segur, declaró en Seúl que Estados Unidos se opondría a cualquier medida de fuerza para resolver la situación actual del país.

08
032

Debates constitucionales serán reiniciados en Corea del Sur

SEUL. — La oposición y el gobierno sudcoreano iniciarán en los próximos dos días, tras largas postergaciones, las discusiones en torno a una nueva Constitución para democratizar el país y establecer la elección del presidente por voto directo y universal.

Desde ya se anticipan controversias frente a la exigencia opositora de poner en libertad a más presos políticos y en lo referente al preámbulo de la nueva Constitución y a la edad mínima para el ejercicio del derecho a voto.

El presidente Chun Doo Hwan accedió a comienzos de julio a una serie de medidas para democratizar el país, incluyendo una reforma constitucional y las elecciones presidenciales directas, pero el debate fue postergado varias veces por la muerte de un estudiante en Seúl y por divergencias [illegible] ambos sectores en torno a cuestiones esenciales de la nueva carta fundamental sudcoreana.

Los líderes del opositor "Partido por la Reunificación y la Democracia" (PRD) instaron ayer a todos los partidos a unirse en una declaración conjunta para exigir la liberación de más presos políticos, mientras el gubernamental "Partido Democrático de la Justicia" (PDJ) se opone siquiera a discutir la liberación de "estudiantes procomunistas".

Según declaró a "DPA" Mok Yo Sang, presidente de la comisión de derechos humanos del PRD, en las cárceles sudcoreanas habría aún más de 400 personas ya condenadas o bajo proceso. Ayer lunes, doce miembros de una agrupación izquierdista fueron condenados a penas de 18 meses a cinco años de cárcel.

El Día 21-7-87

01/01 8707353

Pyongyang hace oferta a Seúl

TOKIO. — Corea del Norte propuso a Corea del Sur que los efectivos militares de cada uno de los dos países sean llevados a menos de 100.000 hombres antes de 1992, anunció radio "P-yongyang" captada aquí.

El gobierno de la República Democrática de Corea está dispuesto a iniciar este mismo año la reducción de sus fuerzas, indicó la emisora, que citaba un comunicado del gobierno norcoreano.

El comunicado agrega que todos los militares norteamericanos y todas las armas nucleares deben ser retirados de la península coreana cuando se hayan realizado las reducciones de efectivos.

Mientras tanto, las tormentas de verano que arreciaron sobre Corea del Sur desviaron ayer la atención de las negociaciones sobre una nueva Constitución democrática, a los esfuerzos de ayuda a decenas de miles de personas que quedaron sin hogar por las lluvias torrenciales.

24/7/87

8707367

01/01

COREA DEL SUR

032

EL DIA 5/7/87 — EL MUNDO

Oposición coreana pone condiciones a régimen

SEUL. — Los dos principales dirigentes de la oposición surcoreana tuvieron ayer un encuentro en el que acordaron no comenzar el diálogo político con el gobierno hasta que no sean liberados todos los presos políticos.

El disidente Kim Dae Yung y el presidente del opositor Partido Democrático de la Reunificación (PRD), Kim Yung Sam, instaron al presidente Chun Du Huan a que dimita de su partido y forme un gabinete provisional de amplia base a fin de supervisar "con neutralidad" el anunciado proceso de democratización.

Los dos antiguos rivales y ahora aliados conversaron durante 90 minutos en un restaurante de Seúl y declararon al final de la entrevista que no existe "divergencia alguna" entre los dos.



SEUL. — Los dirigentes opositores, Kim Yung Sam (izq.), y Kim Dae Jung, se reunieron ayer en un restaurante de Seúl. (Radiofoto Reuters, especial para EL DIA)

"No hay nada que pueda dañar nuestra unidad", subrayaron los dirigentes en una rueda de prensa en la que salieron al paso de los rumores sobre desacuerdos entre ellos.

Los "dos Kim", como se les conoce en Corea del Sur, aunque no existe ningún parentesco entre ellos, mantuvieron en 1971 y 1979 agrias disputas por la candidatura a la presidencia, pero otra vez ambos se muestran resueltos a evitar que se repitan los enfrentamientos y que un solo candidato de la oposición se enfrente en las urnas con el rival del gubernamental Partido de Justicia Democrática, Roh Tae Wu.

Cinco oficiales de la policia surcoreana, declarados culpables de la muerte por tortura de un estudiante, fueron condenados ayer a penas de cárcel de entre cinco y quince años.

La sentencia provocó fuertes protestas entre las casi 300 personas presentes en la sala, entre ellas los familiares de la victima, que consideran insuficientes las penas.

El estudiante, Park Chong Chul, de 21 años, de la Universidad Nacional de Seúl, fue torturado hasta morir, en un interrogatorio policial en enero pasado.

El caso causó un escándalo político que provocó la caída del anterior primer ministro, Lho Shin-Yong, y de cuatro ministros de su gabinete y forzó las dimisiones sucesivas de dos jefes de la policía nacional.

El tribunal de distrito de Seúl condenó a quince años de cárcel al teniente de la policía que dirigió el interrogatorio y a otros quince y ocho años, respectivamente, a dos sargentos que participaron en él.

Los otros dos acusados, responsables indirectos de la muerte del estudiante, fueron sentenciados a siete y cinco años de cárcel, respectivamente.

Mientras tanto, en Moscú, el diario "Pravda" estimó ayer que las reformas políticas prometidas por el dirigente surcoreano Roh Tae Woo son sólo una maniobra táctica inspirada por Washington para presentar a éste como un hombre liberal al frente a los próximos Juegos Olímpico de Seúl.

01/01

8707455

COREA DEL SUR

032

PERALTA

Referéndum constitucional coreano sería en setiembre

Presidente anunció elecciones y liberación de presos

SEUL. — El referéndum popular sobre la nueva Constitución de Corea del Sur se llevaría a cabo el 20 de setiembre, según dijo ayer de tarde en Seúl un representante del partido gubernamental DJP, señalando que ello permitiría la elección directa de un nuevo presidente para Corea del Sur entre fines de octubre y principios de diciembre.

Esto supone que el gobierno y la oposición deben ponerse de acuerdo hasta mediados de agosto sobre un anteproyecto de Constitución.

Sin mencionar expresamente al líder opositor Kim Dae Jung, el primer mandatario anunció una "amplia" amnistía, el restablecimiento de los derechos civiles y la libertad de los detenidos "con relación a la situación política", refiriéndose así a las manifestaciones que conmocionaron el país en las últimas semanas.

En una primera declaración, el portavoz del opositor Partido para la Reunificación y la Democracia (RPD), Kim Tae Ryong, se mostró satisfecho de que Chun haya cedido a la voluntad popular. Sin embargo, agregó, el presidente hubiera podido dar este paso hace una semana, durante la entrevista con el líder del RDP, Kim Young Sam.

Por su parte, Kim Dae Jung exigió la libertad inmediata de "todos los presos políticos", incluso aquellos condenados por supuestas "actividades procomunistas". Mientras el gobierno cifra el número de presos políticos en 1.100, la oposición afirma que se trata de 3.000 personas.

Observadores adjudican determinante influencia en la actual apertura a la presión ejercida por Washington sobre el presidente Chun. El Senado estadounidense aprobó la semana pasada una moción que propiciaba la redemocratización de Corea del Sur, pudiendo llegar a la suspensión de la ayuda estadounidense si no se concretaba en forma rápida.

El presidente de Corea del Sur, Chun Doo Hwan, anunció ayer que convocará a elecciones presidenciales directas por primera vez en 16 años, que serán liberados los presos políticos y que se restituirán los derechos cívicos de los dirigentes de la oposición.

En un discurso por radio y televisión, Chun dijo que aceptará todo el programa de reformas políticas sugerido por el jefe del gobernante Partido de Justicia Democrática, Roh Tae-Woo, estrecho colaborador de Chun.

El programa fue planteado por Roh luego de tres semanas de violentas manifestaciones contra el régimen, provocadas por la decisión inicial de Chun de nombrar a Roh como su sucesor en lugar de convocar a elecciones directas.

De inmediato no se fijó la fecha para los comicios, que llevarán a una transición del poder cuando se retire Chun el 25 de febrero de 1988.

Chun anunció también que serán liberados los presos políticos y que los dirigentes opositores ahora marginados por el gobierno podrán participar en política, otras demandas de la oposición que Chun fue urgido a aceptar por Roh Tae-Woo.

Las manifestaciones a favor de la democracia, en que participaron las iglesias y la clase media, el espectro de que se arruinasen las Olimpíadas de Seúl de 1988, y una creciente alarma internacional forzaron a Chun a reconocer que "el gobierno arbitrario" debe "ser dejado en el basural de la historia".

Pero otros se mostraron escépticos respecto a la aceptación por Chun de la propuesta de Roh, que sorprendió al partido oficialista y a la oposición.

"Una teoría es que la propuesta podría ser un gran engaño programado entre Chun y Roh para mejorar la posición de Roh como candidato", sugirió un diplomático occidental.

El Día 2/7/87

COREA DEL SUR

032

Amnistían 2.335 presos políticos en Sudcorea

SEUL. — El presidente de Corea del Sur, Chun, otorgó amnistía a 2.335 prisioneros políticos, incluyendo a Kim Dae-Jung. el más implacable opositor de su gobierno de siete años, dijo un vocero gubernamental.

Todos lo amnistiados ya habían purgado sentencias por una variedad de delitos, estando despojados de sus derechos políticos y civiles.

La decisión de Chun, que integra un paquete de reformas democráticas que le fueron impuestas al cabo de tres semanas de protestas callejeras, le permitirá postularse para la presidencia.

Poco antes de este anuncio el gobierno había dejado ayer en libertad a 357 disidentes encarcelados, avanzando así en el cumplimiento de su programa de formas democráticas, la víspera de una manifestación popular en protesta por la muerte de un estudiante herido durante refriegas con la policía.

Los funerales comenzarán hoy en la mañana en la universidad, desde donde los estudiantes quieren llevar el cadáver en una marcha de protesta hasta el centro de Seul, antes de que sea trasladado hasta la ciudad de Kwangyu para ser enterrado.

En Kwangyu, la ciudad natal del estudiante muerto, a unos 270 kilómetros al sur de la capital, está vivo todavía el recuerdo de la sangrienta represión que los militares desataron en mayo de 1980 para reprimir una rebelión popular.

Matan policía

Un oficial de la policía de choque mató a golpes a uno de sus subordinados por desobedecer una orden, dijo ayer un funcionario policial.

La novedad se conoció en momentos en qué va en aumento la controversia acerca del papel que las autoridades están exigiendo a la fuerza integrada en su mayor parte por conscriptos en el sofocamiento de las protestas

El Día 9/7/87

Montevideo, martes 14 de julio de 1987 EL

Cambios en la cúpula del gobierno de Corea del Sur

Régimen busca presentar administración "neutral" ante elecciones



SEUL. — *El líder opositor Kim Dae-Jung. (Radiofoto Reuters, especial para EL DIA)*

SEUL. — El presidente sudcoreano Chun Doo-Hwan aceptó ayer la renuncia del premier Lee Han-Key y de cinco ministros (miembros del Partido de la Justicia Democrática, en el poder) y nombró como jefe del nuevo gobierno al ex comandante de la aviación militar y ex embajador en Washington Kim Chun-Yul. Las renuncias tienden a facilitar la creación de un gobierno "neutral" como pide la oposición.

El presidente Chun había manifestado la intención de un reajuste de gobierno para allanar el camino hacia elecciones libres. Tras dos semanas de revuelta popular y de violentos enfrentamientos el jefe del partido en el poder,-Roh Tse-Woo, había anunciado el 29 de junio una serie de reformas para instaurar la democracia en el país. Dos días después las propuestas fueron aceptadas por el prsidente Dhun.

El líder de la oposición Kim Young San había pedido una nueva constitución para someterla a referéndum popular el 20 de setiembre próximo, nuevas elecciones presidenciales para principios de noviembre y elecciones generales para mediados de diciembre.

En una conferencia de prensa ofrecida ayer en Seúl, Kim Young Sam, invitó al presidente Chun a renunciar al Partido de la Justicia Democrática y reafirmó el llamamiento a formar un gobierno "neutral" interino para preparar las elecciones.

Kim fue cuestionado durante la conferencia de prensa por unos 150 disidentes que pedían al líder de la oposición que no comience el diálogo con el gobierno mientras no sean excarcelados todos los presos políticos.

Desde que el gobierno anunció las reformas fueron liberados 534 presos políticos y 2.335 disidentes, entre los cuales Kim Due Jung, obtuvieron la restitución de los derechos civiles y políticos.

Sin embargo, según la oposición, no se decidió aún la suerte de otros 1.300 disidentes. El gobierno, por su parte, sostiene que puso en libertad a todos los presos políticos excepto a los extremistas de izquierda y a los responsables de acciones violentas.

"La llamada democratización será solo un engaño si permanecen encarcelados presos políticos de izquierda y si aún existiera quien no ha sido perdonado o no ha readquirido los derechos civiles" declaró Kim Young San durante la conferencia de prensa.

Turbulencia laboral en Sudcorea

SEUL. — El gobierno cívico-militar de Corea del Sur amenazó con intervenir ayer en momentos en que la efervescencia laboral se extiende aún más entre las industrias exportadoras del país.

Los operarios de líneas de montaje en huelga batallaron ayer con personal de oficinistas que trataba de ir al trabajo en una planta automotriz meridional y mineros militantes chocaron con la Policía prendiendo fuego a un camión y edificios de minas.

El ministro de Trabajo, Lee [illegible] advirtió que el gobierno está perdiendo la paciencia con las huelgas que se extienden como reguero de pólvora y han afectado a las industrias minera, manufacturera y del transporte. Los operarios exigen salarios más altos, mejores condiciones de trabajo y libertad de acción para sus sindicatos.

El ministro dijo en una declaración: "Si las disputas laborales se extienden aún más, poniendo en peligro las vidas del público y significando daños inaceptables para la economía, el gobierno no tendrá otra opción que tratarlas como manda la ley".

Las actuales leyes laborales restrictivas de Corea del Sur permiten al gobierno imponer arreglos en las disputas laborales. El gobierno, sin embargo, se comprometió recientemente a liberalizar los estatutos laborales.

Daewoo, el segundo entre los grandes exportadores de automóviles del país y Kia, el tercero, cerraron ayer sus plantas a causa de la vorágine laboral y a la falta de componentes derivada de las huelgas que afectan a sus principales [illegible].

H.Q

032

el día 3/8/87

Washington por diálogo de coreanos

COREA

WASHINGTON. — El departamento de Estado dio todo su apoyo a una propuesta sudcoreana para llevar a cabo conversaciones directas entre los dos gobiernos coreanos.

En un documento, el vocero Charles Redman dijo que "aplaudimos la visión y determinación de continuar con propuestas realistas y prácticas para reducir la tensión y para conseguir una unificación pacífica".

El gobierno sudcoreano propuso que los ministros del Exterior de Norte y Sudcorea tengan una reunión que les permita discutir cualquier punto que les conciernan a ambos.

El documento estadounidense dice que "el gobierno de Estados Unidos apoya ampliamente esta propuesta".

No ha habido contacto directo entre Corea del Norte y del Sur desde la suspensión del funcionamiento de la Organización de la Cruz Roja, hace 18 meses.

01/01

H.R.

032

Corea

EL PAÍS 11/7/87

PRESIDENTE SURCOREANO NO RENUNCIA. Seúl, Corea del Sur, 10 (AP) — El presidente Chun Doo-Hwan anunció hoy su renuncia como líder del Partido de Justicia Democrática, de gobierno, en una acción destinada a aumentar las posibilidades del candidato del partido para ganar las elecciones presidenciales programadas para fines de año.

8707785

01/01

A.R

Corea del Sur

032

Demandas masivas en Sudcorea

ULSAN, Corea del Sur. — Unos 100.000 trabajadores y simpatizantes de su causa se congregaron ayer en demanda de mayores salarios y libre agremiación en la principal empresa exportadora sudcoreana, mientras el gobierno enviaba a un importante funcionario a mediar en el conflicto.

Aproximadamente 25.000 trabajadores del grupo industrial Hyundai fueron encabezados por dos autobombas de la compañía, una carretilla autoelevadora y una grúa mientras desfilaban por esta ciudad meridional fabril donde tiene su sede central el conglomerado Hyundai.

La marcha fue tumultuosa pero sin actos de violencia, siendo los trabajadores aclamados a su paso por unos 25.000 simpatizantes ubicados a la vera del recorrido.

La manifestación de protesta finalizó con una concentración de 40.000 trabajadores y partidarios en un estadio público.

El cálculo de la gente que participó en los actos fue realizado por periodistas presentes. Las autoridades no dieron cifras de la concurrencia.

01/01

8707846

HB

D32

Ordenan liberación de opositores sudcoreanos

SEUL. — El gobierno de Corea del Sur ordenó ayer la excarcelación de 177 presos políticos como primer paso de un prometido proyecto de democratización.

Otras 300 personas serán beneficiadas por la medida en los próximos días, dijeron voceros del Ministerio de Justicia. Durante los primeros días de la próxima semana se reintegrarán los derechos políticos y civiles al dirigente opositor Kim Dae-Jung y otros 2.000 ex presos políticos.

Otros varios cientos de disidentes que fueron enviados a la cárcel por motivos ideológicos recuperarán la libertad en el curso del año, añadieron los informantes.

Pero el nuevo amanecer político que parece estar vislumbrándose en Corea del Sur podría resultar amenazado por la muerte de Lee Han-Vol, un estudiante de la Universidad Yonsei que falleció ayer. El joven estuvo internado descerebrado en un hospital [illegible] desde el 9 de junio tras recibir en la cabeza el impacto de una granada de gas lacrimógeno mientras participaba en una manifestación opositora.

Pocas horas después de informarse sobre la muerte de Lee, más de 2.000 estudiantes de la Universidad Yonsei atacaron con piedras y bombas incendiarias a las fuerzas policiales, que respondieron con gases lacrimógenos.

Los dirigentes estudiantiles anunciaron su intención de celebrar una multitudinaria concentración de universitarios para discutir hoy el programa político del gobierno y honrar a Lee, a quien definieron como "un mártir de la democracia".

Entre los presos políticos que fueron liberados hoy se cuentan muchos estudiantes y otras personas que fueron arrestadas durante las casi tres semanas de violentos incidentes callejeros que protagonizaron los jóvenes en reclamo de una política de democratización. Las multitudinarias manifestaciones obligaron al partido oficialista a hacer un giro de 180 grados al anunciar la semana pasada la adopción de un programa de profundos cambios políticos.

01/01 8707904

032

Chun ratificó las reformas democráticas

Seúl, 21 (ANSA y EFE) -El presidente de Corea del Sur, Chun Doo-hwan, ratificó hoy, en una conferencia de prensa, su compromiso a promover las reformas democráticas en el país.

Chun invitó a trabajadores y empresarios a dar una muestra de "moderación" en los conflictos sindicales y acusó a Corea del Norte de no querer participar en los Juegos Olímpicos de 1988 y de querer convencer "por todos los medios" a los otros países comunistas a boicotear esa manifestación deportiva.

Después de algunas semanas de incidentes y demostraciones, el pasado 1º de julio el presidente surcoreano aceptó los principales reclamos de la oposición y pidió a los partidos políticos establecer "rápidamente" los tiempos y las modalidades del proceso de democratización del país.

Según Chun "en cualquier nación del mundo, un proceso de este tipo requiere un período de transición en que la seguridad y la estabilidad social pueden estar amenazadas".

Infiltración

Advirtió -asimismo- del peligro que supone para el futuro del país la política de los radicales de izquierda, "que se han infiltrado en numerosos sectores de la sociedad, y son un obstáculo en el proceso de transición política".

Subrayó ante la prensa local, que "es necesaria la adopción de medidas de castigo contra los elementos subversivos, que desean aprovecharse de la situación política, para llevar a cabo su lucha revolucionaria".

El mandatario declaró, además, que dimitirá en febrero, cuando expire su mandato, acto que abrirá el camino a las elecciones presidenciales que constituye el principal reclamo de la oposición.

El presidente Chun llegó al poder en el año 1980, tras un golpe militar.

Derechos

Según Chun los trabajadores tienen derecho a protestar, aunque deben saber que "ningún gobierno, en ningún país del mundo, puede aceptar todos los reclamos de todas las partes sociales".

Afirmó que el gobierno tratará de resolver los problemas laborales dando a los trabajadores más derechos legales y señaló que, a principios del decenio de 1990, la renta "per cápita" sobrepasará los 5.000 dólares.

Por este motivo, acotó "la voluntaria moderación de todos los grupos sociales es de máxima importancia".

Reclamos

Mientras, existen las primeras señales de que las huelgas que se iniciaron en julio pasado están por suspenderse.

Por ejemplo, los conductores de las compañías de trasportes anularon la huelga convocada para mañana y aceptaron el aumento salarial del 11 por ciento propuesto por la patronal.

También las principales fábricas de automóviles del país volvieron a la actividad.

01/01

870733T

pR

032

Acordaron negociaciones para reformas

La Tercera 3-7-87

Rho realizó una visita sorpresiva al líder opositor

En tanto el dirigente del oficialismo Roh Tae-Woo, realizó una visita inesperada al líder opositor Kim Young-Sam, grupos de estudiantes y obreros empezaron ayer a poner a prueba las promesas del Gobierno sudcoreano para llevar a cabo reformas democráticas, pidiendo señales concretas de cambio, la liberación inmediata de presos políticos, y la liberalización de la política laboral.

Corea del Sur

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- El Presidente del Partido de Justicia Democrática (PJD), Roh Tae-Woo, que el pasado 29 de junio presentó el paquete de reformas que puso fin a las movilizaciones populares, hizo ayer de mañana una visita imprevista a la sede del opositor Partido Democrático de la Reunificación (PDR) para entrevistarse con su colega Kim Yung-Sam.

La visita fue tan inesperada que Roh tuvo que aguardar unos diez minutos antes de que Kim, avisado rápidamente, pudiera acudir a recibirle y escuchar de labios de su contrincante el deseo de que los dos partidos colaboren para llevar adelante cuanto antes el proyecto de democratización.

El Presidente del PDR se había negado hasta ahora a todo diálogo con Roh por no querer reconocer a éste oficialmente como el candidato designado a suceder al Presidente Chun Doo-Hwan que se retirará cuando expire su mandato en febrero próximo.

Roh dijo que "lo que quiero hacer es poner todo (en la mesa de negociaciones) y empezar el diálogo", refiriéndose a una revisión de la constitución que permita elecciones presidenciales directas.

Los dos hombres, que seguramente serán los candidatos presidenciales de sus respectivos partidos, acordaron realizar negociaciones destinadas a llevar a cabo las reformas anunciadas ayer por el Presidente Chun Doo Hwan. Chun anunció las reformas para poner fin a tres semanas [illegible] protestas antigubernamentales.

REVUELTA DE KWANGJU

En tanto, el Partido de Justicia Democrática (PJD) sudcoreano en el poder propugna la "armonía nacional" y planea una rectificación en lo relativo a la sublevación de Kwangju de 1980 que hasta ahora se había considerado como una especie de tentativa de subversión contra la democracia liberal encabezada por izquierdistas radicales.

El portavoz del PJD, Kim Jung-Nam, declaró ayer que el partido ha llegado a un consenso en cuanto a que "hemos de considerar el incidente de Kwangju en la forma adecuada cuando nuestro partido está poniendo en práctica medidas de democratización sustantivas para lograr una armonía nacional", informa la agencia de noticias sudcoreana YONHAP.

La sublevación de Kwangju, considerada por el Gobierno como una revuelta encabezada por elementos izquierdistas impuros, fue aplastada por las fuerzas armadas y las autoridades cifraron en 191 el saldo de víctimas.

ESTUDIANTES CONSIDERAN MEDIDAS

Los estudiantes universitarios, principales promotores de las protestas, tienen previsto llevar a cabo una manifestación multitudinaria hoy en la universidad Yonsei de Seúl, a fin de considerar medidas para garantizar que el Gobierno cumpla las promesas.

Las protestas se desencadenaron el 10 de junio y se extendieron por todo el país durante 17 días, debido a que Chun designó a Roh como su sucesor, desoyendo demandas de la oposición para convocar elecciones directas. El período de Chun termina en febrero.

No obstante, las propuestas de Roh fueron más allá de las peticiones de la oposición, e incluyeron hasta la libertad de todos los presos políticos, y la liberalización de las leyes que afectan a los estudiantes, los agricultores, y los trabajadores.

El Ministerio de Asuntos Laborales afirmó hoy que teme que el ambiente democrático que reina en Corea del Sur desde el anuncio de la reforma desate disturbios laborales, según el periódico el Heraldo de Corea.

El diario citó supuestos casos de agitación laboral en varias zonas del país, en las cuales obreros pedían aumentos salariales y mejores condiciones de trabajo a raíz del anuncio de Chun sobre la liberalización de la política gubernamental.

Por otra parte, unos 170 familiares de presos políticos iniciaron ayer la segunda jornada de una manifestación, en la que piden la libertad inmediata de las 1.500 a 1.800 personas que se calcula están detenidas por motivos políticos.

La liberación de los presos podría convertirse en el primer obstáculo a la realización de las reformas democráticas, ya que el Gobierno sudcoreano afirma que hay solamente 1.100 presos políticos.

Anunció oficialmente que aceptó reformas

Mensaje de Chun al país

El Presidente de Corea del Sur anunció ayer que convocará a elecciones presidenciales directas por primera vez en 16 años, que serán liberados los presos políticos y que se restituirán los derechos cívicos de los dirigentes de la oposición.

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- En un discurso por radio y televisión, Chun Doo-hwan, dijo que aceptará todo el programa de reformas políticas sugerido por el Jefe del gobernante Partido de Justicia Democrática, Roh Tae-woo.

El programa fue planteado por Roh luego de tres semanas de violentas manifestaciones contra el régimen, provocadas por la decisión inicial de Chun de nombrar a Roh como su sucesor en lugar de convocar a elecciones directas.

De inmediato no se fijó la fecha para los comicios, que llevarán a una transición del poder cuando se retire Chun el 25 de febrero de 1988.

Chun anunció también que serán liberados los presos políticos y que los dirigentes opositores ahora marginados por el gobierno podrán participar en política, otras demandas de la oposición que Chun fue urgido a aceptar por Roh Tae-Woo.

Las manifestaciones a favor de la democracia, en que participaron las iglesias y la clase media, el espectro de que se arruinasen las Olimpíadas de Seúl de 1988, y una creciente alarma internacional forzaron a Chun a reconocer que "el gobierno arbitrario" debe "ser dejado en el basural de la historia".

"El poder popular ha ganado", dijo Chun Young-yi, un funcionario de alto nivel de la Coalición Nacional para una Constitución Democrática, el grupo que organizó la decisiva manifestación antigubernamental del 10 de junio que hizo desbordar las protestas de los recintos universitarios a las calles de Seúl y otras grandes ciudades, provocando 17 días consecutivos de violencia.

Pero otros se mostraron escépticos respecto a la aceptación por Chun de la propuesta de Roh, que sorprendió al partido oficialista y a la oposición.

"Una teoría es que la propuesta podría ser un gran engaño programado entre Chun y Roh para mejorar la posición de Roh como candidato", sugirió un diplomático occidental.

01/01

8708030

La Mañana
MONTEVIDEO, MIERCOLES 1º DE JULIO DE 1987

Escuchará las opiniones de sus ministros

Presidente Chun aceptó reformas

El Presidente Chun Doo hwan aceptó realizar las reformas democráticas, que incluyen elecciones presidenciales directas, propuestas por su partido para calmar la crisis política marcada por las multitudinarias manifestaciones antigubernamentales, dijeron ayer fuentes oficiales.

SEUL, (ANSA, EFE y UPI). El Presidente Chun dijo que en principio acomodará todo lo que he propuesto, pero que en vista de la gravedad del asunto escuchará las opiniones de su Gabinete y otros altos funcionarios", dijo el jefe del gobernante Partido de Justicia Democrática, Roh Tae-woo.

Fuentes oficiales dijeron que Chun se dirigirá a todo el país a las 10 de la mañana de hoy para anunciar su decisión.

"Se espera que el Presidente acepte oficialmente las propuestas" hechas por Roh, quien recomendó que la Constitución sea enmendada para satisfacer la demanda de la oposición de realizar elecciones libres y directas y que los presos políticos sean liberados para facilitar la reconciliación nacional. Las manifestaciones antigubernamentales se desataron hace tres semanas cuando Chun designó a Roh como su sucesor, desoyendo las demandas de la oposición para elecciones directas.

REUNION CHUN-ROH

Chun se reunió con Roh en la mañanade ayer, durante una hora y 10 minutos, y recibió formalmente las recomendaciones. Luego se entrevistó con el presidente de la Asamblea Nacional, Lee Chai-hyung, para tratar sobre los temas propuestos por Roh, dijeron funcionarios.

En un dramático discurso en el comité ejecutivo de su partido, el lunes, Roh también propuso que le fueran restituidos todos los derechos políticos al dirigente opositor Kim Dae-jung y que se revisaran las leyes para asegurar elecciones honestas y la libertad de prensa.

Ayer al mediodía, Chun presidió una reunión especial del Gabinete e instruyó al Primer Ministro Lee Han-ky y otros Ministros a que impulsaran las medidas e implementaran cuanto antes lo propuesto por Roh.

Cuando las propuestas de Roh se materialicen, unos 1200 presos políticos serán puestos en libertad, mientras que Kim Dae jung y otros 14 políticos opositores serán reincorporados en cargos públicos, dijeron funcionarios.

Las propuestas de Roh generaron una fiesta nacional.

Los policías antimotines no han salido a la calles de capital, mientras en todas partes reina un ambiente festivo. No hubo informes de protestas en ningún lugar del país, y por primera ocasión en muchos días, la paz prevalece en la nación.

El dirigente opositor Kim Young-sam propuso que el Gobierno declare el viernes como "Día de la Reconciliación Nacional" y abra las puertas de las prisiones políticas. Dijo que sería una buena víspera del Día de la Constitución, que se celebrará el sábado.

Las elecciones presidenciales tendrían que realizarse antes de febrero, cuando concluye el período de Chun.



SEUL.- Policías antidisturbios, sin equipo de combate, limpian la entrada a la Universidad de Seúl. La calma volvió al recinto universitario después que el partido gobernante anunciara el lunes un paquete de reformas políticas que incluye elecciones presidenciales libres. (Radiofoto Reuter).

032

Corea del Sur

6 Internacional

Paros laborales continúan

Resurgen violentas protestas callejeras en Corea del Sur

La continuación de las protestas laborales amenazaron ayer con paralizar industrias, mientras centenares de manifestantes se enfrentaron a palos y pedradas con la Policía antimotines, luego de una concentración en los predios de la Catedral católica en demanda de la liberación de los opositores políticos que aún permanecen en prisión.



CHANGWON, Corea del Sur.- Unos 300 empleados de una fábrica de repuestos para automóviles se enfrenta con la Policía antidisturbios en las calles de esta ciudad, en el Sudeste del país. Los manifestantes piden aumentos salariales y mejoras en las condiciones de trabajo. (Radiofoto Reuter).

SEUL. (ANSA y EFE).- Cuatro de las cinco industrias automotrices del país permanecieron cerradas a causa de no tener suficientes repuestos para mantener sus operaciones. La exportación de autos tal vez se suspenda del todo si las disputas laborales con los fabricantes de repuestos no se solucionan pronto.

Unos 3.000 miembros de nueve organizaciones realizaron una manifestación en los predios de la Catedral Myondong, en el centro de Seúl. En las cercanías se hallaban apostados unos 1.500 policías antimotines.

Los opositores, que demandaban que todos los "prisioneros de conciencia" fueran liberados de inmediato, quemaron efigies del Presidente Chun Doo-hwan, del jefe del partido de Gobierno, Roh Tae-woo, y de una efigie que simbolizaba la dictadura militar.

Horas más tarde, ya entrada la noche, centenares de jóvenes trataron de realizar una marcha enfrentándose con palos a las patrullas de policías antidisturbios, quienes respondieron disparando más de cien bombas lacrimógenas. Unos 300 manifestantes lucharon con la Policía a pedradas durante más de una hora, dentro y fuera de los predios de la Catedral.

Fue una de las peores explosiones de descontento antigubernamental desde que el 1° de julio el Presidente hiciera su promesa de efectuar radicales reformas democráticas.

La Prensa 13-AGO-87

001/01

8708140

COREA
032

LA MAÑANA

18 AGO. 1987

PERLA - COREA

Seúl: enfrentamiento con la Policía

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- Cerca de 20.000 trabajadores de Hyundai, el mayor centro exportador de Corea del Sur, se enfrentaron con la Policía del país tras el cierre patronal decretado por la empresa, informó una emisora de radio local.

La protesta, que tuvo lugar en la ciudad de Ulsan, ha sido una de las más cruentas desde que comenzaron los conflictos laborales en Corea del Sur, hace cuatro semanas, aunque no se dio a conocer el número de detenidos.

Los trabajadores, que tuvieron que ser desalojados por la fuerzas antidisturbios del interior de la factoría, solicitan aumentos salariales de más de un 25 ciento y negociaciones para la creación de sindicatos independientes.

Las huelgas comenzaron en Corea del Sur el pasado 1° de julio, cuando el gobierno concedió a la oposición algunas reformas para la democratización del país.

Los conflictos se incrementaron notablemente y en la actualidad hay unos 276 centros de trabajo paralizados total o parcialmente, afirma la agencia sudcoreana.

El grupo industrial Hyundai fabrica barcos, ingeniería pesada, automóviles y productos farmacéuticos.

18/8/87 La Mañana

HB

032

La Mañana
MONTEVIDEO. DOMINGO 23 DE AGOSTO DE 1987

Un trabajador resultó muerto

Violentos incidentes en Corea del Sur

Violentos enfrentamientos, que dejaron como saldo un muerto, se registraron ayer entre empleados de una empresa de construcción naval y agentes policiales en el curso de una manifestación laboral en una isla sureña de Corea del Sur.

SEUL. (ANSA, EFE y UPI).- Un estibador de 21 años resultó muerto ayer y otros 20 trabajadores heridos en un enfrentamiento entre manifestantes y policías sudcoreanos, en la sureña isla de Koje, anunció la radio estatal.

Esta es la primera víctima de los conflictos laborales que afectan a Corea del Sur durante el presente mes.

La radio sudcoreana añadió que Lee Sok-kyu, trabajador de los astilleros Daewoo, murió camino del hospital.

Unos 3.000 trabajadores realizaban una manifestación en los astilleros de Daewoo en señal de protesta por el cierre de los mismos, que fue anunciado el viernes.

Los incidentes violentos se produjeron cuando los manifestantes intentaron entrar en un hotel de las proximidades, en el que se alojaban directivos de la empresa, y chocaron con la Policía antidisturbios, que les impidió la entrada.

Los manifestantes, algunos de los cuales lograron, no obstante, introducirse en el hotel, respondieron a las granadas de gas lacrimógeno lanzado por la Policía con piedras y bombas incendiarias.

Fuentes hospitalarias informaron que la muerte de Lee fue provocada por un fragmento de una granada de gas lacrimógeno que le penetró en el pulmón.

Los trabajadores de Daewoo, uno de los astilleros más importantes del país, iniciaron un paro laboral la semana pasada en demanda de una subida de sueldo y mejores condiciones de trabajo.

La empresa emitió un comunicado el viernes, en el que anunciaba el cierre indefinido de los astilleros, al no haber llegado a un acuerdo con los trabajadores tras las conversaciones que mantuvo con ellos.

Mientras, en Seúl, unos 1.300 miembros del personal de tierra del aeropuerto internacional de Kimpo se declararon en huelga, lo que causó retrasos de más de una hora a un centenar de vuelos domésticos e internacionales.

Los empleados reivindican una subida salarial y el establecimiento de un nuevo sindicato, independiente del control gubernamental, dijeron fuentes del aeropuerto.

Al mismo tiempo, miles de conductores de autobuses de la capital iniciaron un paro laboral en demanda de una subida salarial del 22 por ciento, mientras que su sindicato aconseja que acepten la oferta del 11 por ciento.

Según fuentes municipales, la situación se normalizó con rapidez, ya que la mayor parte de los 1.700 autobuses parados reanudaron sus servicios.

La Policía dijo ayer haber detenido a un total de 37 trabajadores en relación con los conflictos laborales que afectan a Corea del Sur desde que el pasado 29 de julio el Gobierno realizó aperturas democratizadoras, entre las que se incluyen menos restricciones en asuntos laborales.

Según la agencia de noticias sudcoreana Yonhap, dieciocho de esas detenciones se realizaron hoy.

Del total de detenidos, 28 fueron acusados de actos violentos durante las protestas, y seis de unirse a las manifestaciones con fines impuros, agregó la agencia.

La misma fuente informó que la Federación Coreana de Trabajadores del Textil ha demandadado una subida de sueldo del 16,5 por ciento y amenazado con ir a la huelga si no se consigue antes del 31 de agosto.

LA MAÑANA

14 JUL. 1987

Medida favorece transición democrática

Presidente sudcoreano reorganiza el gabinete

En una medida tendiente a instalar un gabinete neutral, el Presidente sudcoreano dispuso ayer la reorganización del mismo, destituyendo a nueve de sus integrantes, incluido el Primer Ministro Lee Han-key.

SEUL (ANSA, EFE y UPI).— El Presidente Chun Doo Hwan destituyó ayer a casi la mitad de su gabinete, en una reorganización realizada con miras a lo que sería la primera transferencia pacífica del poder gubernamental en Corea del Sur, se informó ayer.

La medida tiene el objetivo de instalar a un gabinete neutral que dirija la transición del gobierno durante los últimos siete meses de la gestión de Chun, dijo un portavoz gubernamental.

El Partido de Reunificación Democrática, agrupación opositora, cuestionó de inmediato la supuesta neutralidad de los nuevos ministros, mientras que el oficialista Partido de Justicia Democrática dijo que acogía abiertamente la reforma del gabinete.

La reorganización afectó a nueve de los 22 ministros que componían el gabinete, entre ellos el Primer Ministro Lee Han-key, que fue reemplazado por el veterano político Kim Chung-yul.

"La Justicia será la meta principal", dijo Kim Chung-yul, el Primer Ministro en funciones. "Lo importante es la estabilidad, lograr la transición política prevista en base a la estabilidad, y el llegar a patrocinar los Juegos Olímpicos de verano de 1988. Haré lo mejor que pueda".

ADVERTENCIA

Por su parte, el dirigente opositor Kim Young-sam advirtió a Chun que de no acelerarse el proceso de reforma democrática y la liberación de los presos políticos, el Presidente afrontará "manifestaciones masivas de resistencia popular".

El portavoz presidencial Lee Jong-ryool describió la reorganización ministerial como la última de una serie de medidas que Chun está tomando para suavizar la naturaleza partidista del gobierno antes de los comicios presidenciales directos que podrían convocarse antes de fin de año.

Las elecciones, si llegan a celebrarse tal como lo promete Chun, supondrían la primera transferencia de poder realizada de manera pacífica desde que la república sudcoreana fue fundada después de la Segunda Guerra Mundial.

El viernes, Chun se relevó del cargo que ostentaba como jefe del Partido de Justicia Democrática, afirmando que pretende dirigir el país desde una postura políticamente neutral hasta que venza su mandato en febrero.

No obstante, un portavoz de la oposición afirmó guardar dudas al respecto, al sostener que "ningún de los nuevos ministros es neutral. Vigilaremos muy de cerca, junto con el pueblo, la trayectoria del nuevo gabinete".

El destacado opositor Kim Young-sam, por su parte, declaró ante periodistas que la liberación por el gobierno de 534 presos políticos, parte de las promesas de reforma del gobierno, no era suficiente, y pidió la puesta en libertad de los demás prisioneros. La oposición afirma que aún quedan 1.300 disidentes en las cárceles sudcoreanas.

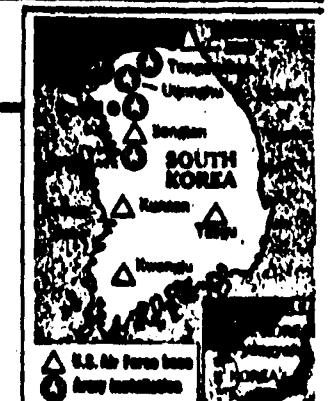
El gobierno afirma haber liberado a todos los presos políticos excepto los presuntos comunistas y los que están acusados de estar implicados en crímenes violentos.

032

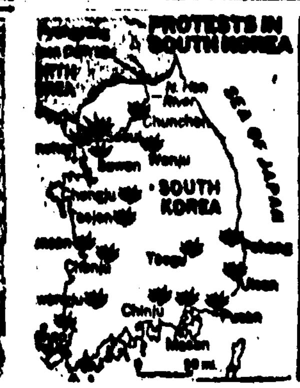
Tropas de ocupación, 41 mil soldados yankis

Sud Corea contra el gatopardismo

Las manifestaciones que se efectuaron esta semana en Seúl y en otras ciudades sudcoreanas, en protesta contra el asesinato del estudiante Lee Man-Yol, fueron las mayores desde que una movilización sostenida de millones de hombres en la calle pugna por derribar la dictadura militar del general Chun Doo Hwan, ex jefe de la K-CIA (una excrecencia de la CIA norteamericana) que asaltó el poder luego del asesinato del anterior dictador, Park Chung Hee, precisamente a manos del jefe de los servicios de seguridad. El lema de los manifestantes es: "Abajo los dictadores militares", "Fuera el imperialismo norteamericano".



Bases militares yankis en Sud Corea. (Mapa de Newsweek).



Ciudades donde arde la protesta contra la dictadura militar. (Mapa de Time).

Un país ocupado

La dictadura militar, que masacra sin piedad a los manifestantes que salen un día tras otro a la calle, no se mantendría un día más en el poder si no contara con el respaldo de las tropas de ocupación norteamericanas, en número de 41 mil hombres, acantonados en la capital y en numerosas bases terrestres y aéreas, dotadas incluso de armas nucleares.

Son las herederas de las que agredieron a Corea del Norte en 1950, con la presencia del secretario de Estado, John Foster Dulles, en las trincheras del paralelo 38°, y bajo el mando del general Douglas Mc. Arthur. Corea del Sur se transformó en un país ocupado. El episodio del avión de la KAL abatido en el espacio aéreo soviético demostró que en Seúl se ha instalado un régimen títere de los Estados Unidos, cuyas fuerzas represivas —adiestradas y tecnificadas por los consejeros yankis— ofician como enemigos de su propio pueblo. El armisticio de 1953 preveía el retiro de todas las tropas extranjeras, pero en el sur ello no se cumplió.



Fuerzas represivas sudcoreanas en acción contra manifestaciones estudiantiles

Antidemocracia y anticomunismo

Órganos de nuestro país, como el diario "El Día", han intentado presentar al sudcoreano como un gobierno que va evolucionando hacia la democracia. Nada más alejado de la realidad. La represión es su receta única, ejercida a base de gases lacrimógenos contra los levantamientos populares que crecen. Los presos políticos, víctimas de la cárcel y la tortura, son más de 40 mil. No hay elecciones, los derechos políticos y civiles no existen, ni tampoco la libertad de prensa. Los partidos de izquierda están prohibidos.

Ultimamente, ante el auge del movimiento opositor, la dictadura militar se vio forzada a algunas concesiones. Fueron liberados unos cientos de presos políticos. Se prometen elecciones para un futuro indeterminado. Pero se está acuñando una salida gatopardista, para que nada cambie en esencia, ya que el principal partido opositor tolerado (el de la Reunificación y la Democracia) propone que se queden las tropas yankis, como "la mejor arma contra los comunistas". Y el partido de gobierno (de la Justicia Democrática) está proponiendo la candidatura continuista de su actual presidente, el general Roh Tae Woo.

Por lo que el pueblo está luchando, es por elecciones directas, libres, y una democracia de verdad, en esta hora en que el mundo mira hacia Corea, sede prefijada de los Juegos Olímpicos de 1988.

01/01

8708177

LA MAÑANA

Corea del Sur

Seúl: 2.335 amnistiados

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- El gobierno de Corea del Sur concedió hoy una amnistía general a 2.335 miembros de la oposición política que, aunque ya habían cumplido diversas condenas de cárcel, carecían de derechos civiles y políticos, según anunció hoy un portavoz oficial.

El portavoz del gobierno, Lee Woong Hee, precisó que la amnistía alcanza también a Kim Dae Jung, el dirigente opositor que desde 1980 estaba condenado a una pena de 20 años de privación de derechos políticos y que ahora podrá participar libremente en cualquier actividad política y presentarse así a las próximas elecciones como candidato presidencial.

La decisión del presidente surcoreano, Chun Doo Hwan, de conceder la amnistía general forma parte del paquete de medidas de reforma democrática que miles de opositores al gobierno exigieron el mes pasado mediante masivas manifestaciones callejeras.

Crece tensión política en Corea del Sur

Aeropuerto de Seúl paralizado por huelgas

Más de 1.000 trabajadores del aeropuerto internacional Kimpo, de Seúl, continúan en huelga por cuarto día consecutivo, paralizando parcialmente los vuelos nacionales e internacionales, en tanto crece la tensión política en el país.

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- Las autoridades del aeropuerto internacional de esta capital han puesto a su personal en estado de alerta, y han tenido que contratar temporalmente a 650 personas debido al paro iniciado el sábado por un millar de trabajadores que exigen aumentos salariales del 50 por ciento, y mejores condiciones de vida.

Hasta ahora las negociaciones entre la directiva y los empleados, se encuentran en punto muerto, y no se ve una fácil solución a este problema.

Por otra parte, la tensión política sigue creciendo. El sábado pasado un trabajador murió al ser alcanzado por una granada de gas lagrimógeno, lanzada por la policía.

Los partidos de la oposición critican al gobierno de Chon Doo Hwan por ignorar las justas demandas de los trabajadores, y utilizar la represión policial para acabar con el movimiento obrero.

La oposición pide también la dimisión del Ministro del Interior, la detención inmediata de los culpables de la muerte del trabajador, y la eliminación de los gases lagrimógenos como medio de disuasión.

El partido gobernante PJD, que se ve incapaz de controlar la actual situación, argumenta que es necesario terminar con la violencia en las fábricas, y con aquellos estudiantes que se han infiltrado en las zonas conflictivas para dirigir el movimiento obrero.

Decenas de miles de obreros, oficinistas, empleados de hoteles, conductores de autobuses, etc., continúan en huelga desde hace más de cuatro semanas, exigiendo aumentos salariales, y la creación de sindicatos libres y democráticos.

Se teme por un empeoramiento de la situación en el próximo mes de setiembre, cuando los estudiantes se reincorporen a las universidades.

Corea ha perdido ya más de 250 millones de dólares a causa de los problemas laborales, y ha reducido drásticamente sus exportaciones al exterior.

Kim vaticina triunfo opositor

Seúl: "Revolución mediante elecciones"

El Presidente del principal partido de la oposición en Corea del Sur declaró ayer que el electorado de su país lograría una "revolución mediante las elecciones", estableciendo un gobierno compuesto exclusivamente por civiles cuando se celebren comicios presidenciales directos.

SEUL (ANSA, EFE y UPI).— Kim Young-sam, dirigente del Partido de Reunificación Democrática, dijo asimismo que los 41.000 efectivos estadounidenses que se encuentran actualmente en Corea del Sur deberían permanecer estacionados para impedir cualquier agresión de Corea del Norte.

"Si se celebran elecciones, ganaremos", vaticinó Kim en una entrevista. "Confío en ello", aseveró.

"Existe un consenso nacional en el sentido de que hay que poner fin a la dictadura militar", dijo Kim. "Los votantes apoyarán plenamente a un gobierno completamente civil, logrando de esa manera una revolución mediante las elecciones".

Kim ha estado al frente de la lucha contra el gobierno del Presidente Chun Doo Hwan, que él calificó de "dictadura militar" porque Chun es un ex general del ejército.

Kim y su aliado Kim Dae Jung desempeñaron papeles importantes la semana pasada a la hora de presionar a Chun para que aceptara un conjunto de medidas de reforma democrática. El gobierno de Chun empezó ayer a liberar a los presos políticos sudcoreanos de acuerdo con esas reformas.

DEFENSA DEL PAIS

"Nuestras propias fuerzas armadas tienen un papel crucial en la seguridad nacional, pero la protección esencial frente a la guerra la aportan los 41.000 efectivos norteamericanos", dijo Kim. "Deberían permanecer estacionados en este país".

Kim afirma fiarse de las fuerzas armadas surcoreanas, y que la democratización es la mejor manera de fortalecer la seguridad nacional.

"Una situación en la que el pueblo se fíe del gobierno garantiza la mayor seguridad", comentó Kim. "Ese es el mejor arma contra los comunistas".

Por otra parte Kim dijo que también habría que lograr la democratización en el campo económico, estrechando la brecha que existe entre los ricos y los pobres a nivel de poder adquisitivo.

El nombre de Kim se baraja como candidato de la oposición para las elecciones presidenciales directas que se podrían celebrar antes de finales de año, una vez que haya sido enmendada la constitución actualmente en vigor.

ENFRENTAMIENTOS

En tanto, se informó que alrededor de una docena de estudiantes fueron heridos ayer en un enfrentamiento con la Policía frente al campus de la Universidad Yonsei de Seúl.

Unos cinco mil estudiantes de dicha Universidad que habían iniciado una marcha pacífica en señal de duelo por la muerte de su compañero, Li Han Yol, que falleció en la madrugada del domingo en un hospital a causa de las heridas sufridas en la cabeza por un bote de gas lacrimógeno lanzado por la Policía, tras permanecer 27 días en coma, trataron de manifestarse por las calles de la capital sudcoreana.

La Policía intervino lanzando granadas lacrimógenas contra los manifestantes causando heridas a una docena de ellos, aunque no practicó detenciones.

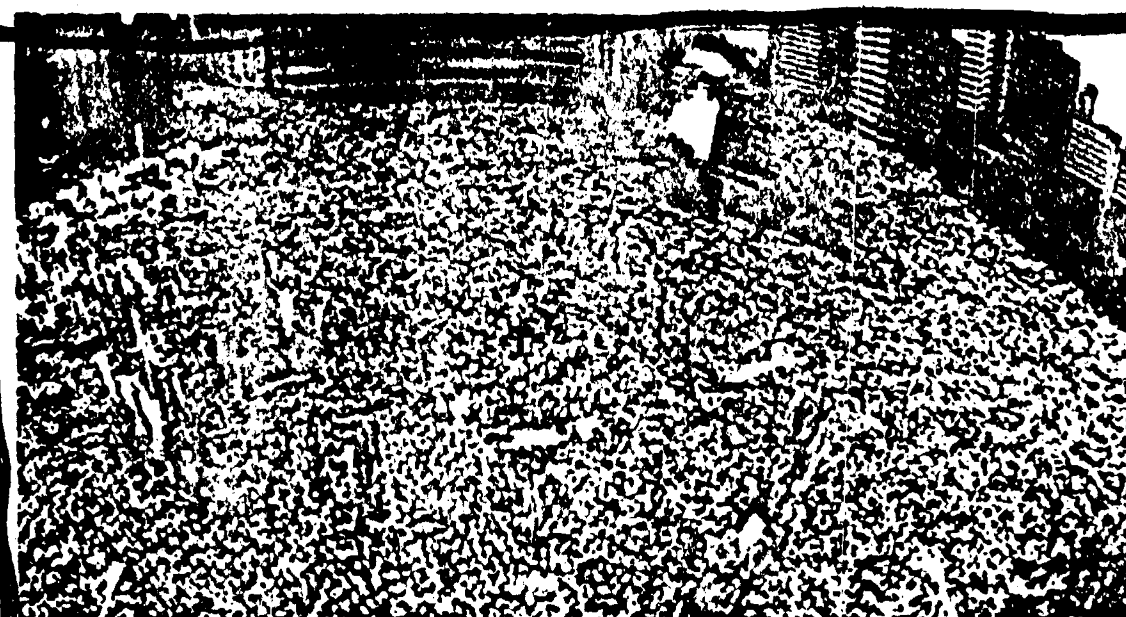
En las últimas horas de la tarde de ayer se produjeron también enfrentamientos entre grupos de estudiantes y los casi 4.000 policías antidisturbios que habían rodeado la universidad de Yonsei y bloqueado las entradas al campus.

Los estudiantes lanzaron piedras contra la Policía y ésta empleó granadas lacrimógenas para dispersarlos.

Manifestantes y policías protagonizaron violentos choques

Una multitud despidió los restos del joven muerto en manifestación en Seúl

El Presidente Chun Doo-Hwan eliminó ayer una prohibición de siete años de las actividades políticas del principal dirigente opositor Kim Dae-Jung, pero centenares de personas que realizaban manifestaciones por un estudiante muerto por la Policía, ignoraron la medida y clamaron "derribar al Gobierno asesino".



SEUL.- Vista general de la multitud que participó en los funerales del estudiante Lee Han-Yol, quien falleció el domingo a causa de las heridas recibidas durante una manifestación el mes pasado. (Radiofoto Reuter).

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- Violentos enfrentamientos estallaron ayer durante las marchas fúnebres del estudiante Lee Han-Yol, quien murió a causa de las heridas provocadas por el estallido de una bomba de gas lacrimógeno el mes pasado.

Grupos de estudiantes lanzaron piedras y bombas incendiarias, respondiendo la Policía con nubes de gases lacrimógenos.

Pero la mayoría de los manifestantes tuvieron una actitud pacífica limitándose a llorar y rezar por el estudiante muerto.

Cientos de miles de personas marcharon pacíficamente por las calles de Seúl siguiendo el ataúd cubierto de flores de Han-Yol, quien murió el pasado domingo.

El cadáver del joven fue llevado para su entierro a su lugar natal, la sureña ciudad de Kwangju, un tradicional bastión antigubernamental, donde también se registraron enfrentamientos entre la Policía y grupos de manifestantes.

Decenas de miles de personas realizaron reuniones en otras áreas de Corea para lamentar la muerte del joven estudiante de la universidad de Yonsei.

La de Seúl fue la mayor manifestación permitida por el régimen del Presidente Doo-Hwan, quien manteniendo su promesa de otorgar una amplia amnistía a los disidentes, restauró los derechos políticos de 2.335 activistas antigubernamentales, incluido Kim Dae-Jung.

La decisión, forzada por tres semanas de violentas protestas el mes pasado, no acalló las voces de los manifestantes que cantaban "Continuar luchando por la democracia" y "Abajo la dictadura".

Dae-Jung, afirmando que "nunca he cometido un crimen", dijo que el pueblo coreano forzó al Gobierno a otorgar la amnistía. "Estoy agradecido al pueblo más allá de toda descripción".

Corea del Sur

LA MAÑANA
1 AGO. 1987

Corea del Sur

032

Corea Sur: Rebrote de Violencia

SEUL, (AP).— Miles de estudiantes que exigen la renuncia del presidente Chun Doo-hwan se enfrentaron hoy a agentes de la policía antimotines con bombas incendiarias y piedras, en el primer día del semestre universitario en todo el país.

La policía atacó a los manifestantes con gases lacrimógenos para dispersarlos al surgir serias batallas por tres horas en el recinto de la Universidad Nacional en Seúl, después que 4.000 estudiantes participaron en una concentración.

"Terminemos con la dictadura militar" y "abajo el régimen asesino" gritaban los estudiantes mientras lanzaban contra la policía piedras y bombas incendiarias que explotaban produciendo una lluvia de gasolina prendida.

Yonhap, la agencia de noticias coreana, informó que unos 10.000 estudiantes realizaron protestas antigubernamentales en otras 19 universidades en el país en el primer día de clases del semestre académico que se inicia hoy. La agencia no informa si las otras manifestaciones fueron violentas.

Dirigentes estudiantiles radicales juraron derrocar el gobierno y el número de alumnos que chocaron con la policía en la Universidad Nacional en Seúl indica un fuerte apoyo estudiantil.

El choque en Seúl surgió en momentos que el dirigente del partido de gobierno, Roh Tae-woo, se reuniría mañana con el dirigente opositor Kim Young-Sam para establecer un calendario para las elecciones presidenciales y la transferencia de poder al finalizar el gobierno de Chun en febrero.

01/01

MONTEVIDEO, MARTES [illegible] DE AGOSTO DE 1987

Violentos incidentes

Seúl: policías dispersan una concentración en estación de tren

SEUL (ANSA y EFE).- La Policía antidisturbios tuvo que emplear hoy botes de humo para dispersar una concentración de mineros en huelga que habían ocupado la estación de ferrocarril de Taebaek, situada en el este del país.

El domingo por la noche se registraron violentos incidentes entre las fuerzas de seguridad y los trabajadores de los astilleros de Daewoo, donde unos 500 hombres han ocupado parte de las instalaciones de los astilleros.

El Ministerio de Trabajo informó ayer que 85 empresas permanecen cerradas a consecuencia del malestar laboral, mientras los trabajadores de la empresa Hyundai Motor Company, la firma fabricante de automóviles más importante de Corea del Sur, dieron ayer por terminado el paro que iniciaron el jueves pasado.

Según informaciones divulgadas por la agencia Yonhap más de 10.000 trabajadores participan en las huelgas que afectan, principalmente, a Seúl y a las ciudades industriales de Chunju, Changwon, Kwangju y Pusán.

En Kwangju, donde la huelga de los transportes urbanos continúa desde hace varios días, las autoridades municipales han dedicado provisionalmente al servicio urbano autobuses pertenecientes a instituciones públicas.

Los trabajadores del sindicato de banca han publicado ayer un comunicado, divulgado por la agencia Yonhap, en el que piden una democratización sustancial y garantía de autonomía en el sector financiero y que se ponga fin al excesivo control e intervención del gobierno.

En el comunicado se pide, además, que se introduzcan, con carácter urgente, mejoras en la estructura del sector financiero con el fin de transformar la economía dirigida en una de carácter privado, y recomienda la privatización de los bancos estatales en fecha inmediata.

La Nación 14-ago-87

032

Huelgas afectan a 226 empresas

Paros e incidentes políticos agravan situación sudcoreana

Los conflictos laborales que afectan a Corea del Sur desde el pasado mes de julio se han agravado como consecuencia de haberse extendido la huelga a la industria electrónica, al mismo tiempo que se han reproducido los incidentes de carácter político.

SEUL. (ANSA, EFE y UPI).- Los trabajadores de la industria electrónica se sumaron ayer al paro laboral, que afecta a 226 empresas de los ramos de minería, construcción naval, fabricación de automóviles, transportes, estibadores y servicios públicos.

Más de dos mil personas se concentraron el miércoles por la tarde en las inmediaciones de la Catedral de Seúl, en la que se oficiaba un servicio religioso por un estudiante muerto en los incidentes ocurridos el pasado mes de julio.

Fuerzas de la Policía, cumpliendo las instrucciones del Gobierno de sofocar cualquier acto de violencia, acordonaron la zona originando fuertes protestas de los manifestantes, que acogieron su presencia con gritos y pedradas.

Los manifestantes pedían apoyo a sus demandas, y la excarcelación de los presos políticos.

La Policía disolvió la manifestación lanzando botes de humo.

En la ciudad de Chongson, situada en la región minera del Este del país, los mineros incendiaron varios edificios después de manifestarse por las calles en demanda de mejoras salariales.

Otras ciudades fueron afectadas por accidentadas manifestaciones. En Taeback la Policía dispersó una concentración de trabajadores que habían ocupado la estación de ferrocarril para tratar de interrumpir el tránsito de trenes.

Corea del Sur

01/01

8708309

Corea del Sur

032

LA MAÑANA

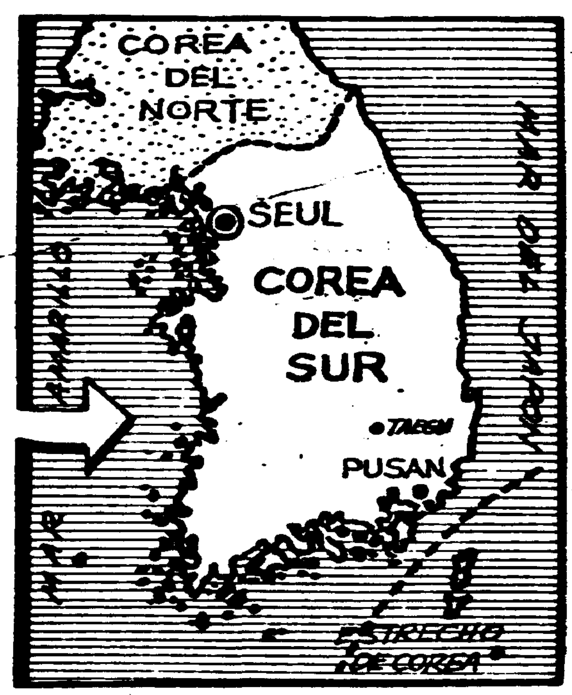
16 AGO. 1987

La Mañana 16/8/87

Corea celebró su día nacional

Ayer, 15 de agosto, se celebró el 42° aniversario de la fecha nacional de la República de Corea. Tras la Segunda Guerra Mundial, Corea celebró con gran alegría, el 15 de agosto de 1945, su liberación al rendirse Japón frente a las potencias aliadas.

Pero su alegría fue muy breve debido a la división territorial. El 25 de junio de 1950 estalló la guerra de Corea, tras un ataque sorpresivo lanzado por las tropas norcoreanas hacia el Sur. Fue una guerra fratricida que dejó una marca profunda en el pueblo coreano y que tuvo como resultado inmediato la separación de facto de la península en dos países regidos por sistemas opuestos.



Cuando logró su independencia en 1945, Corea era uno de los pueblos más pobres de la Tierra. El país quedó devastado y con serios problemas políticos, económicos y sociales. Su población, diezmada por la guerra, aceptaba la pobreza y dependía de la ayuda extranjera. No tenía capital ni tecnología ni recursos naturales. Lo único con que contaba el pueblo coreano era su firme voluntad de vivir mejor. A partir de 1962 Corea inició un crecimiento tan vertiginoso y sostenido que asombró al mundo y la ha llevado a transformarse en una potencia industrial de Asia, con impulso, deseo y capacidad. Este gran cambio se debe a que el pueblo coreano tiene un alto nivel de educación; además, sus habitantes están acostumbrados a trabajar arduamente. Corea se propone mantener su actual ritmo de crecimiento y estabilidad económica para convertirse, a principios del próximo siglo, en una nación industrialmente avanzada, con una distribución equitativa de ingresos y grandes posibilidades para que todos los ciudadanos puedan desarrollar plenamente sus aspiraciones.

Establece elecciones cada 5 años Corea del Sur

Gobierno y oposición logran acuerdo sobre Constitución democrática

Políticos gubernamentales y de la oposición sudcoreanos llegaron ayer a un acuerdo en torno al borrador para una Constitución democrática, que establece elecciones presidenciales cada cinco años.

SEUL. (ANSA, EFE y UPI).- El borrador de la Magna Carta deberá ser aprobado por dos tercios de la Asamblea Nacional, y ratificado en un referéndum a celebrar en octubre próximo, antes de las elecciones presidenciales, que tendrán lugar en diciembre.

Fuentes de ambas agrupaciones aseguran que los líderes del Partido Democrático de Reunificación (RDP) y del gubernamental Partido Democrático de Justicia (DJP) proseguirán las conversaciones esta semana, probablemente mañana.

Por su parte, el partido del Gobierno no accedió a la demanda del DJP, que exigía la creación de la figura de Vicepresidente, pero en cambio estuvo de acuerdo en suprimir el derecho del presidente a disolver el Parlamento.

El DJP ha nominado al presidente del partido, Roh Tae Woo, para la candidatura presidencial, mientras el partido opositor aún no ha decido quién de los dos colideres, Kim Dae Jung y Kim Young Sam,, será elegido para la ocasión.

Las conversaciones para la elaboración de un borrador constitucional comenzaron a finales de junio pasado.

En tanto, Kim Young Sam acusó al gobierno de iniciar una campaña de detenciones masivas en el país, y demandó la amnistía para los presos políticos que, según él, suman más de 300.

El pasado viernes, se produjeron en la capital y en otras ciudades del país los disturbios más graves desde que en junio una ola de protestas civiles obligaron al Gobierno a prometer reformas y la liberación de todos los presos políticos.

A pesar de la insistencia de la oposición exigiendo liberación de unos 330 presos políticos, el gobierno asegura que unos 700 han sido ya puestos en libertad, y que los que quedan encarcelados son autores de delitos de sangre o comunistas -el comunismo está proscrito en Corea del Sur-.

La Mañana 1/9/87

01/01

8708489

HP

Rep. Popular Corea

032

La Hora 20/8/87

Nora Roca

Amenazantes maniobras

Pyongyang (PL). La República Popular de Corea denunció ayer que las próximas maniobras militares norteamericano-japonesas en gran escala cerca de sus aguas territoriales están dirigidas contra su país.

En comentario sobre el particular, el periódico "Rodong Sinmun", órgano central del gobernante Partido del Trabajo, aseguró que esos ejercicios son "peligrosas señales", de la conversión de Estados Unidos y Japón en las mayores amenazas de guerra en Asia.

En las maniobras al este de Corea Democrática, participarán desde el 19 de setiembre un centenar de barcos y 200 aviones, incluido el portaviones Midway y su grupo de batalla y la flota japonesa.

032

15.000 empleados demandan aumentos

Corea del Sur: ocupación del astillero continúa

SEUL. (UPI).- Más de 15.000 trabajadores que demandan aumentos salariales, ocuparon ayer por segundo día un complejo industrial, desafiando advertencias oficiales de que no se permitirán más protestas laborales.

Mientras tanto, un alto miembro del partido gobernante reveló el arresto de un espía de Corea del Norte, por tratar de infiltrar a partidos de la oposición política. Se estima que el caso será denunciado oficialmente hoy, se señaló.

La Policía dijo que otra vez hubo incidentes provocados por unos 5.000 estudiantes, que al regresar de sus vacaciones hicieron manifestaciones en 18 universidades del país, en protesta por la situación política y por la administración de la enseñanza.

Los trabajadores del empresa Hyundai Heavy Industries Co., el astillero más importante del país, en Ulsan, a 306 kilómetros al Sudeste de Seúl, hicieron una "sentada" toda la noche de ayer en un estadio público, luego de incidentes callejeros donde siete autos fueron incendiados.

En el momento más intenso de la manifestación, por lo menos hubo 20.000 personas y los obreros luego se trasladaron hasta locales de su empresa, donde prosiguieron su protesta.

En un grave incidente ocurrido ayer de mañana, un enfurecido conductor embistió con su automóvil a un grupo de obreros que bloqueaba la calle, matando a una persona e hiriendo a otras cuatro, se informó.

La Mañana 4/9/87

032

Corea del Sur

La Nación 3/9/87



MAR DE ANDAMAN, Tailandia.- Oficiales tailandeses y voluntarios durante las tareas de rescate de las víctimas del accidente del avión de Aerolíneas Tailandesas que el pasado lunes se estrellara con 83 personas a bordo. (Radiofoto Reuter).

COREA

Trabajadores sudcoreanos en huelga

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- Más de 30.000 trabajadores de las empresas Hyundai se manifestaron ayer en el centro de Ulsan para protestar contra la política laboral del grupo, cuyo volumen de exportaciones es el mayor del país.

Un portavoz de la empresa dijo este mediodía que los manifestantes se han reclutado entre los huelguistas que en numero de 70.000 provocaron serios disturbios hace dos semanas en demanda de salarios más elevados.

El conflicto centrado en la localidad de Ulsan, donde se encuentra la mayor parte de las instalaciones industriales del grupo Hyundai, ha obligado al gobierno a intervenir como mediador en la disputa.

El ministerio de comercio indicó este mediodía que la conflictividad laboral iniciada hace algo mas de un mes ha reducido el superavit de la balanza comercial de una media de 700 millones mensuales a menos de 94 millones para el pasado mes de agosto.

En sus últimas manifestaciones los huelguistas vienen destacando las pesimas condiciones de su trabajo y la mala fe negociadora de la parte empresarial.

Los representantes del grupo afirman que, en su conjunto, las demandas sindicales equivaldrían a un aumento salarial del 25 por ciento e insisten que sólo pueden ofrecer un 11 por ciento.

Dirigentes acuerdan cronograma

Seúl: nueva Constitución

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- Dirigentes del partido oficialista y de la oposición, deseosos de facilitar la transición hacia la democracia, acordaron ayer el cronograma para elaborar una nueva Constitución y la posterior convocatoria a elecciones presidenciales en Corea del Sur.

El presidente del gobernante Partido de Justicia Democrática, Roh Tae-woo y el jefe del opositor Partido de la Reunificación Democrática, Kim Young-sam, decidieron que la elección presidencial se lleve a cabo antes del 20 de diciembre.

Ambos dirigentes, en su primera reunión de negociaciones, aceptaron que la nueva Carta Magna, llamando a elecciones presidenciales directas e incluyendo la defensa de los derechos humanos, sea propuesta ante la Asamblea Nacional antes del 10 de setiembre.



SEUL.- Roh Tae-woo (der.), presidente del gobernante Partido de Justicia Democrática, estrecha la mano de Kim Young-sam, líder del opositor Partido de Reunificación Democrática, al iniciarse la reunión que ambos sostuvieron ayer. (Radiofoto Reuter).

También acordaron que la nueva Constitución se aprobada en el Parlamento unicameral en octubre y sometida a un referendum a fines de ese mes, para que la elección presidencial pueda realizarse antes del 20 de diciembre.

Sin embargo, quedaron algunas diferencias sin resolver. Young-sam propuso que las elecciones parlamentarias se realicen en abril, dos meses después del cambio de gobierno en febrero, cuando termine el período del actual presidente Chun Doo-hwan.

Tae-woo dijo que su partido prefiere que la elección para la Asamblea Nacional sea antes de la transferencia del mando, de modo que el nuevo presidente tome el juramento ante un nuevo Parlamento.

Los dos dirigentes acordaron que las negociaciones sigan llevándose a cabo por funcionarios partidarios, para llegar lo más pronto posible a un acuerdo.

01/01

8708606

032

Surcorea: campaña antiizquierdista

Seúl (UP) – El borrador de una nueva Constitución con miras a iniciar una nueva era democrática en Corea del Sur fue presentada a la Asamblea Nacional para su ratificación, en un gran paso para elegir directamente al próximo presidente por primera vez en 16 años.

Pero la policía nacional, temerosa de que los disidentes puedan aprovecharse de los esfuerzos para liberalizar el sistema político del país, intensificaron su campaña antiizquierdista contra 24 grupos de la oposición, eligiendo a 8.000 personas para ser investigadas en todo el país.

Los hechos aparentemente contradictorios que ocurrieron el mismo día revelan la inquietud del gobierno acerca de si los siete años de régimen autoritario del general Chun Doo-hwan pueden adaptarse a una rápida transición hacia la democracia.

El gobierno ya ha encarcelado a varios dirigentes estudiantiles, pero anunció que tomará medidas contra otros grupos de estudiantes y disidentes por considerarlos izquierdistas. El anuncio dijo que sólo en la capital hay 4.000 personas que serán investigadas.

Mientras tanto, unos 800 estudiantes de la universidades Yonsei y Corea en Seúl, en un llamado para que se libere a los dirigentes estudiantiles encarcelados, atacaron a la policía antimotines con piedras y bombas incendiarias, y la policía respondió con gases lacrimógenos. Otros 1.600 estudiantes también protestaron en otras partes del país.

La Prensa 15/5/87

01/01 8708687

032

Acuerdo de oposición sudcoreana

SEUL. — Los dos principales dirigentes opositores sudcoreanos alcanzaron ayer un acuerdo para tratar de decidir este mes cuál de ellos será candidato presidencial e intentará suceder al actual gobernante, Chun Doo Hwan, dijeron funcionarios de la agrupación.

Los funcionarios agregaron que Kim Dae Jung y Kim Young Sam, quienes lideran conjuntamente el Partido de Reunificación Democrática (PRD), opositor, también convinieron formar un comité con el propósito de que éste organice una convención nacional del partido que anunciará la fórmula presidencial, posiblemente el mes próximo.

El pacto se logró durante una reunión entre los dos Kim, que compiten por la nominación presidencial del PRD, y sus representantes continuarán con las negociaciones para completarlas hacia fines de este mes, señalaron los funcionarios.

Los dos dirigentes durante las últimas semanas se trabaron en una intensa puja por convertirse en postulantes a la sucesión presidencial por el PRD.

Sep 22/9/87

01 · 01

8708748

032

Protestas de estudiantes sudcoreanos

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- Millares de estudiantes se enfrentaron ayer con la policía en varias ciudades del país para protestar contra el apoyo que Estados Unidos ofrece al gobierno del presidente Chun Doo-Hwan.

En la universidad de Yonse, al oeste de la capital, unos 500 estudiantes tuvieron en jaque a las unidades anti disturbios durante mas de 2 horas.

A las cargas policiales, con bolas de goma y gases lacrimógenos, los jóvenes respondían con pedradas y cócteles molotov.

Los estudiantes de Yonse, cuya manifestación fue la mas violenta entre las 40 registradas en todo el país, portaban pancartas y lanzaban consignas como abajo la dictadura militar, Libertad y Venceremos.

Tanto la universidad de Yonse, como las demás facultades y escuelas afectadas por las protestas, fueron cercadas por las unidades antidisturbios provistas de vehículos blindados.

Entre los factores que mas contribuyen al actual malestar estudiantil figura la coincidencia del viaje a Estados Unidos del candidato gubernamental a la presidencia, Roh Tae-Woo, con la próxima visita a Seul del secretario de estado adjunto, Gaston Sigur.

Roh Tae-Woo realizará en los próximos días una visita privada a EE.UU. de una semana de duración, en el curso de la cual será recibido por el presidente norteamericano, Ronald Reagan, y sus mas próximos colaboradores.

LA MAÑANA

12 SET. 1987

Exhorta a llevar a cabo reformas democráticas

Presidente sudcoreano se reunió con su Gabinete

El Presidente sudcoreano exhortó ayer a su gabinete a que lleven a cabo "rápida y resueltamente" las reformas democráticas que prometió a la nación, pero advirtió contra los posibles intentos de pertubar la ley y el orden.



SEUL.- El Presidente sudcoreano Chun Doo-hwan, durante la reunión del Gabinete, en la que exhortó ayer a llevar a cabo "rápida y resueltamente" las reformas democráticas que prometió a la nación. (Radiofoto Reuter).

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- Dentro del paquete de reformas de Chun Doo-hwan, se espera que las autoridades dejen en libertad a más de 200 disidentes para finales de este mes, aparte de más de 500 que ya han sido dejados en libertad.

Un legislador de Estados Unidos predijo que la oposición derrotará al partido oficial Justicia Democrática en las elecciones presidenciales programadas para fines de este año, también dentro del paquete de reformas.

Al encabezar una reunión del gabinete por primera vez desde que fue nombrado el Primer Ministro Kim Chung-yul el lunes, Doo-hwan dijo que las dependencias del gobierno deben coordinarse adecuadamente para la implementación de las reformas.

"La tarea primordial del Gabinete es llevar a cabo las medidas propuestas para que el progreso democrático se dé rápida y resueltamente", dijo Doo-hwan.

"El Gabinete debe realizar sus deberes para el desarrollo democrático desde una posición neutral y justa, y apoyar efectivamente los programas de eventos políticos tales como enmiendas a la constitución o elecciones".

"Espero que cumplirán con sus papeles como miembros del Gabinete para ayudar a lograr mi sueño de que se lleve a cabo por primera vez en este país una transferencia del gobierno y que se dé el progreso democrático", agregó.

"OLA DE DEMOCRATIZACION"

En un anuncio histórico el pasado primero de julio, Doo-hwan aceptó las propuestas de realizar reformas de largo alcance, incluyendo una revisión constitucional para realizar elecciones presidenciales directas, la liberación de presos políticos y convictos, y la restauración de los derechos civiles y políticos para los disidentes incluidos en una "lista negra".

"Debemos trabajar sobre una ola de democratización que ayude a aumentar las esperanzas de mejorar a todos los segmentos de la sociedad", dijo el Presidente.

EVITAR DEMANDAS EXCESIVAS

Advirtió, sin embargo, que "se deben evitar las demandas excesivas con un esfuerzo bien coordinado, las acciones colectivas ilegales con apoyo colectivo y se debe reforzar la ley en estricta justicia".

Doo-hwan dijo que se deben tomar todas las medidas preventivas para evitar manifestaciones violentas encabezadas por "extremistas de izquierda".

"Los actos que perturban la ley y el orden se deben atacar de acuerdo con la ley para proteger la vida pública", agregó.

Luego del anuncio de Doo-hwan, 534 detenidos políticos han sido liberados. La semana pasada, 69 disidentes que eran juzgados, fueron liberados y sus cargos retirados por las cortes, dijeron fuentes judiciales.

"Las cortes están agilizando las audiencias de políticos para mantener la paz", dijeron las fuentes.

"Dentro de estos programas, unos 220 disidentes que están en procesos judiciales, deberán ser liberados este mes", se indicó. "Sin embargo, aquellos a los que se les han comprobado actividades extremistas no serán beneficiados", dijeron las fuentes.

HR

Corea del Sur

032

De repente en Seúl

Búsqueda 2/7/87

Los surcoreanos parecen estar desconcertados por el giro tomado por Roh Tae Woo —presidente del partido oficialista, Partido Democrático de la Justicia— durante el pasado fin de semana.

Roh Tae Woo se separó repentinamente de su jefe y mentor —el presidente Chun Doo Hwan—, ofreciendo atender todas las demandas de la oposición y afirmando que renunciaría tanto al liderazgo de su partido como a su nominación presidencial si Chun no aceptaba sus propuestas.

En principio, Roh ha quitado obstáculos del camino para acercar a la democracia a un país próspero, rico y modernizador del Tercer Mundo que estaba siendo pobremente servido por la autocracia militar del gobierno de Chun y que sus antecesores habían impuesto por casi dos décadas.

El punto principal es cómo se realizarían las elecciones. Los generales habían utilizado el sistema indirecto para retener el poder, mientras que la oposición favorecía las elecciones directas, cosa que Corea del Sur había disfrutado hasta 1971.

Esto es lo que Roh ha logrado. También propone, no solo levantar el arresto domiciliario —de casi tres meses— del disidente Kim Dae Jung —ex candidato presidencial que regresara [illegible] exilio en Estados Unidos en febrero de 1985—, sino también restaurar sus derechos políticos y alivianar el escenario político.

Las jugadas de Roh parecen calculadas para separar la amplia oposición democrática de los estudiantes radicales, difíciles de conciliar. Si tiene éxito, podría afilar las ansiedades de algunos cuadros militares.

Los generales, a pesar de haber ofendido la sensibilidad política de muchos surcoreanos, disfrutan de un gran respeto por mantener a raya a los comunistas de Corea del Norte. (DPA - Editorial de The Washington Post - Especial para Búsqueda).

0 1 | 0 1

8709214

032

La Jorn 28-9-87

1987

Régimen sudcoreano no logra dividir a líderes opositores

Seúl (PL). La intervención por televisión del líder oposicionista, Kim Dae Jung, el fin de semana, la primera en siete años, puso de relieve los complejos contrastes que caracterizan la situación en Sudcorea.

Las protestas laborales continúan en 56 empresas industriales para que el gobierno reconozca y legalice esos sindicatos y acceda a las reivindicaciones salariales.

Los estudiantes, por su parte, en la mayoría de los centros superiores y medios mantienen sus demandas de que el presidente Chun Du Hwan renuncie para posibilitar que un gobierno neutral convoque a elecciones directas que den paso a un gobierno democrático.

El olor de los gases lacrimógenos y los violentos choques de policías y manifestantes en la mayoría de las principales ciudades sudcoreanas se mantiene y es evidente que el régimen no renuncia al uso de la fuerza.

Más de 600 huelguistas y estudiantes han ido a parar a las cárceles en los últimos días y los militares profieren veladas amenazas acerca del proceso comicial limpio que reclaman los sectores populares.

En los medios oficiales de Seúl se especuló sobre supuestas contradicciones entre los dos posibles candidatos de la oposición, Kim Dae Jung y Kim Young Sam, buscando una salvadora división, hasta ahora inexistente, que favorezca al impopular Roh Taw Woo, designado por Chun para sustituirlo cuando deje el cargo a principios de 1988.

Otro factor determinante en la realidad sudcoreana lo constituye la presencia de más de 40 mil soldados de ocupación norteamericanos, con más de un millar de armas nucleares de diverso tipo introducidas en el territorio, que la oposición en general rechaza.

Hasta qué punto Estados Unidos y su comando militar en el sur de Corea permitirán ejercer la voluntad del pueblo para elegir un nuevo gobierno, fuera de ese tutelaje injerencista, es la pregunta aún sin responder que expone la complejidad en esta disyuntiva crucial.



Los líderes de la oposición coreana Kim Young Sam y Kim Dae Jung.

Se destruyó el documento Nº 8710235 por ser igual

01/01

8709241

032

Mitin de dirigente opositor

Demandan la plena libertad de prensa en Corea del Sur

El líder de la oposición de Corea del Sur retó ayer al gobierno a que "garantice plena libertad de prensa" si acaso es sincero acerca de la democracia.

INCHON (Corea del Sur) (ANSA, EFE y UPI).- Hablando frente a una multitud de 100.000 personas que gritaban "Kim para candidato", Kim Dae-jung tiene ya la apariencia de un candidato presidencial, aunque no ha dicho que buscara la nominación del Partido de Reunificación Democrática.

Ignorando las demandas de Dae-jung, para que los manifestantes se retiraran en forma pacífica, varios cientos de estudiantes y trabajadores tuvieron enfrentamientos con la policía.

La visita de Dae-jung al vecino puerto de Inchón, ubicado a 50 kilómetros de Seúl, fue la tercera aparición pública fuera de la capital para el carismático líder disidente desde julio, cuando el presidente Chun Doo Hwan le devolviera sus derechos civiles después de siete años.

Cientos de miles de personas le dieron la bienvenida al regreso a su provincia natal, después de 16 años.

Al señalar lo que el pueblo de Corea del Sud desea como democracia, Dae-jung dijo a la muchedumbre ovacionante, que "quería un lugar sin los apremios de las bombas lacrimógenas en las calles, donde los trabajadores y campesinos tengan iguales derechos y donde podamos elegir libremente los gobernantes desde el cargo máximo hasta el cargo mínimo".

"Si el gobierno es sincero respecto a la democracia, entonces debería dar plena libertad de prensa. Solo entonces creeremos que nos están mintiendo", agregó Dae-jung.

Pese a que el gobierno prometió varias reformas, entre ellas la libertad de prensa, fue prohibida la publicación de dos revistas que incluyen una entrevista al exjefe de la Agencia Central de Inteligencia coreana, describiendo el secuestro de Dae-jung en 1973, desde un hotel de Tokio.

Dae-jung demandó a las autoridades coreanas y japonesas que reinvestigaran el incidente en el cual fue secuestrado y puesto a bordo de un barco con destino a Corea, en el cual, según el dirigente opositor, no fue lanzado al mar por intervención a su favor de la CIA estadounidense.

Gobierno hace llamado a la moderación

Pérdidas millonarias causan las huelgas en Corea del Sur

Las autoridades sudcoreanas han hecho ayer un llamamiento a la moderación y a la comprensión mientras se ha llegado a un acuerdo para poner fin a los incidentes que durante tres días afectaron a las ciudades proximas a los campos mineros.

SEUL (ANSA y EFE).- Los trabajadores de las minas de la localidad de Sabuk han decidido reincorpoarse al trabajo hoy después de ser informados por portavoces de la compañía propietaria de las minas de que recibirán un aumento salarial del 25 por ciento.

Por el contrario también a partir de hoy trabajadores de varias empresas subsidiarias de la industria del automóvil se sumarán a la huelga lo que supondrá el paro total en 293 empresas sudcoreanas, según revelan los datos facilitados por el Ministerio de Trabajo.

Tanto portavoces del gobierno como de los partidos políticos han hecho llamamientos a empresarias y trabajadores para que aquellos traten de considerar las peticiones de los trabajadores y estos que se abstengan de recurrir a la violencia y que sus peticiones no sean excesivas.

PERDIDAS MILLONARIAS

Este llamamiento ha sido hecho ante la grave situación que las huelgas, iniciadas el pasado mes de julio, están planteando a la economía sudcoreana que ha experimentado perdidas muy elevadas como consecuencia de la reducción de sus exportaciones.

Mientras tanto en las ciudades de Changson y Sabuk los mineros depusieron ayer su campaña de protestas violentas iniciada hace tres días, ante la actitud que ha adoptado la compañía minera de Sabuk

Los últimos incidentes violentos entre los mineros y las fuerzas de seguridad ocurrieron el sábado por la noche cuando millares de trabajadores ocuparon nuevamente la estación de ferroçarril de Sabuk colocando vigas y troncos de árboles en las vías sobre las que habian instalado, además, tiendas de campaña para protegerse de las lluvias intensas.

También se concentraron los mineros en la estación de Changson, pidiendo la excarcelación de compañeros suyos detenidos días antes.

HR

032

Corea del Sur era un polvorín

PÉRLA

Fuego en el Paralelo 38



Seúl se transformó en los últimos tiempos en centro de atención, no precisamente por ser la sede de los próximos juegos olímpicos. El régimen de Chun Doo Hwan ha enfrentado con extrema dureza, las voces opositoras que ganaron la calle con sus aspiraciones de redemocratización y libertades cívicas que les permita expresarse libremente en los próximos comicios.

El mandato de Chun Doo Hwan finaliza en mayo del 88, este hecho determinó que en filas del partido gobernante se manejaran fórmulas para reemplazar al actual mandatario, mientras tanto el sentimiento popular, ajeno por completo a los entretelones oficialistas comenzaba una intensa campaña en pro de un marco que asegure su legítimo pronunciamiento.

Las manifestaciones callejeras se transformaron rapidamente en enfrentamientos, debido a la represión desatada por efectivos policiales y militares. En pocos días las cárceles se cubrieron de miles de estos manifestantes y los hospitales, de centenares de heridos y algunos muertos, como saldo de estos reclamos aún en gran medida insatisfechos.

Estudiantes y trabajadores asumieron un papel muy activo. Las plataformas opositoras exigían libertad para todos los presos políticos, el levantamiento de todas las medidas restrictivas a la libertad de expresión, desproscripción de líderes opositores entre los que se cuenta Kim Dae Yung, reformas constitucionales que posibiliten elecciones directas libres para 1988.

El volúmen de las manifestaciones callejeras y el repudio internacional a la creciente represión, fueron volcando los acontecimientos en favor de las reivindicaciones democráticas de la oposición. Prueba de ello fue el apoyo que los EEUU debieron expresar a tales reclamos, pese a lo cual jugó sus cartas para atenuar el margen de concesiones que el gobierno de Corea del Sur estaría dispuesto a otorgar, anunciando su temor de que las mismas pudieran determinar que los sectores más duros del ejército se lanzaran en una aventura golpista, en una región que es vital para sus intereses en el área.

El gobierno por su parte, debió cambiar el tono de su discurso y tender gradualmente a la distención. Para ello Roh Tae Woo, presidente del Partido de gobierno, condicionó su propia candidatura (que se manejaba la más probable dentro de ese sector) al cumplimiento de una serie de medidas que, en su conjunto, recogían las aspiraciones de la oposición. De inmediato se otorgó un espacio para que las mismas cobraran cuerpo, especialmente la liberación de los presos políticos.

Ese compás de espera, a poco se tornó en desconfianza dado el lento ritmo con que esas libertades se concretaban. Las fuerzas represivas, por su parte, no vacilaron en reeditar su implacable accionar en ocasión de recordarse a un joven estudiante, víctima de la furia gubernista del pasado mes.

Por su parte el gobierno continúa publicitando su generosa amnistía, de la que se sabe cumple en insignificante proporción. La oposición se mantiene vigilante. Para los coreanos 1988, es algo más que el año de la fiesta olímpica: su aspiración es la de expresar libremente su voluntad y consolidar un régimen democrático.

La Juventud 12/7/87

01/01

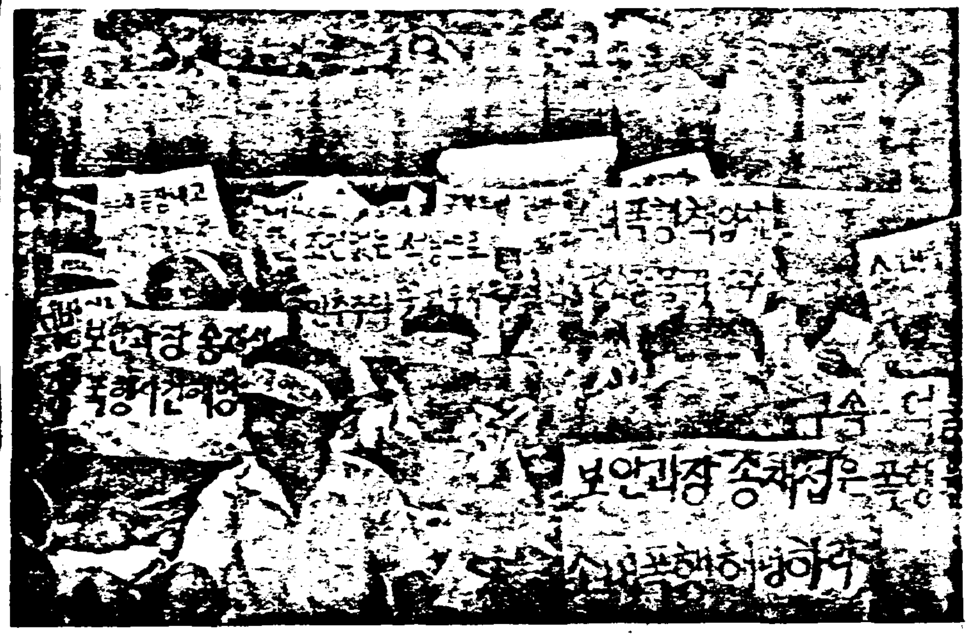
8709379

032

La Mañana

MONTEVIDEO, VIERNES 7 DE AGOSTO DE 1987

Manifestación en Seúl



SEUL.- Familiares de disidentes encarcelados realizan una manifestación en las afueras de una prisión de Seúl, demandando la puesta en libertad de todos los prisioneros políticos y acusando a la Policía de golpear a los detenidos. (Radiofoto Reuter)

01/01

8709387

B. Corea del Sur

032

Cortazzo con legisladores de Corea

El Presidente de la Cámara de Representantes, Prof. Víctor Cortazzo, recibirá hoy a un grupo de seis legisladores de la Asamblea Nacional de la República de Corea.

Según las informaciones recogidas, los visitantes concurrirán al Palacio Legislativo a la hora 11.30, para entablar contactos también con las comisiones de Asuntos Internacionales de ambas ramas parlamentarias. Asimismo, harán lo propio con la Asociación de Amistad de Parlamentarios de Uruguay y Corea. La delegación, compuesta por seis legisladores, partirá de regreso a su país el domingo 2 de agosto desde el Aeropuerto Internacional de Carrasco.

En la víspera, el Diputado Cortazzo recibió en la Presidencia del Cuerpo al nuevo Embajador de Honduras, Dr. Roberto Suazo Torre...

FICHAJE (Emb. Honduras)

Fernández Faingold no

01/01

8709456.

"Pueblo sudcoreano no cree en él"

Exigen renuncia del nuevo Primer Ministro

SEUL, (ANSA, UPI y EFE) — El dirigente político opositor Kim Young-sam, en un reflejo de la nueva liberalización de Corea del Sur, dijo personalmente al nuevo primer ministro que debiera renunciar.

La demanda se produjo cuando el primer ministro Kim Chung-yul, nombrado el lunes por el presidente Chun Doo Hwan, realizaba una visita de cortesía a dirigentes opositores.

"El pueblo no cree que su gabinete satisfaga sus esperanzas y por lo tanto usted y todos los demás miembros del gabinete debieran renunciar cuanto antes", afirmó el jefe del Partido de Reunificación Democrática.

El primer ministro se negó a renunciar afirmando que su gobierno está ya operando a pleno.

Por la mañana de ayer Kim Young-sam y el principal disidente político surcoreano, Kim Dae Jung, se reunieron para elaborar su estrategia y pidieron la formación de un gabinete provisional neutral para supervisar la primera elección presidencial directa del país, que se realizará este año.

"Concluimos que no puede esperarse que el gabinete de Kim Chung-yul mantenga una estricta neutralidad en administrar las elecciones programadas", dijeron ambos Kim.

Un diplomático occidental predijo que la oposición intensificaría sus ataques contra el gobierno y el oficialista Partido de la Justicia Democrática y su candidato presidencial, Roh Tae Woo, en un intento de desacreditarlos.

"Los dos Kim serán más activos, presentarán más demandas que será difícil que el gobierno y el PJD satisfagan", afirmó el diplomático.

DEMANDAS

Los dos Kim también reiteraron su demanda de liberación de todos los prisioneros políticos, que se ha convertido en una cuestión mayor en el país luego del trascendente discurso de Chun al país el primero de julio, cuando prometió las elecciones presidenciales directas y otras reformas políticas.

La oposición afirma que languidecen en las cárceles 1.300 prisioneros de conciencia, a pesar de la anterior liberación de 5[illegible] presos políticos y la restauración de los derechos civiles de 2.335 disidentes, incluido Kim Dae Jung.

El gobierno ha afirmado que solamente los comunistas y los convictos por sedición y crímenes violentos continúan encarcelados.

01/01

8709466

032

LA MAÑANA 27/9/87

Mitin de dirigente opositor

Demandan la plena libertad de prensa en Corea del Sur

El líder de la oposición de Corea del Sur retó ayer al gobierno a que "garantice plena libertad de prensa" si acaso es sincero acerca de la democracia.

INCHON (Corea del Sur) (ANSA, EFE y UPI).- Hablando frente a una multitud de 100.000 personas que gritaban "Kim para candidato", Kim Dae-jung tiene ya la apariencia de un candidato presidencial, aunque no ha dicho que buscara la nominación del Partido de Reunificación Democrática.

Ignorando las demandas de Dae-jung, para que los manifestantes se retiraran en forma pacífica, varios cientos de estudiantes y trabajadores tuvieron enfrentamientos con la policía.

La visita de Dae-jung al vecino puerto de Inchón, ubicado a 50 kilómetros de Seúl, fue la tercera aparición pública fuera de la capital para el carismático líder disidente desde julio, cuando el presidente Chun Doo Hwan le devolviera sus derechos civiles después de siete años.

Cientos de miles de personas le dieron la bienvenida al regreso a su provincia natal, después de 16 años.

Al señalar lo que el pueblo de Corea del Sud desea como democracia, Dae-jung dijo a la muchedumbre ovacionante, que "quería un lugar sin los apremios de las bombas lacrimógenas en las calles, donde los trabajadores y campesinos tengan iguales derechos y donde podamos elegir libremente los gobernantes desde el cargo máximo hasta el cargo mínimo".

"Si el gobierno es sincero respecto a la democracia, entonces debería dar plena libertad de prensa. Solo entonces creeremos que nos está mintiendo", agregó Dae-jung.

Pese a que el gobierno prometió varias reformas, entre ellas la libertad de prensa, fue prohibida la publicación de dos revistas que incluyen una entrevista al exjefe de la Agencia Central de Inteligencia coreana, describiendo el secuestro de Dae-jung en 1973, desde un hotel de Tokio.

Dae-jung demandó a las autoridades coreanas y japonesas que reinvestigaran el incidente en el cual fue secuestrado y puesto a bordo de un barco con destino a Corea, en el cual, según el dirigente opositor, no fue lanzado al mar por intervención a su favor de la CIA estadounidense.

1B

032

Seúl exige disculpas al régimen norcoreano

SEUL. — El Ministerio de Defensa de Corea del Sur exigió a Corea del Norte la presentación de "excusas públicas" y el "castigo de los culpables" por el pesquero surcoreano hundido ayer en aguas internacionales por un guardacostas norteño.

En un comunicado emitido por radio y televisión, el vocero del ministerio, Lee Hung Shik, dijo que "las autoridades militares norcoreanas deberían pedir disculpas por una acción brutal que cometieron intencionadamente y castigar a los responsables.

"Bárbaro asesinato"

El portavoz definió el hecho "un bárbaro asesinato y un nuevo desafío terrorista a los pueblos amantes de la paz". A continuación denunció como "vergonzosa mentira" la reconstrucción del incidente hecha por Corea del Norte.

La agencia de prensa norcoreana ("KCNA") informó que un barco no identificado en misión de espionaje en aguas territoriales norcoreanas, se hundió al chocar con otro barco. El informe de la agencia agrega que lanchas patrulleras de la guardia costera se acercaron para averiguar la identidad de los intrusos. Según dicha versión norcoreana, el barco trató de huir hacia el sur al pedírsele que se identificara, pero chocó con un petrolero y se hundió.

El vocero surcoreano dijo que esta versión "es un invento que revela una vez más la naturaleza agresiva del régimen comunista del norte".

Según la versión de Seul, el pesquero con doce personas a bordo (en lugar de trece como se dijo ayer), navegaba en aguas internacionales a 64 kilómetros de Paengnyong-Do, una isla controlada por Corea del Sur pero situada frente a la costa norcoreana, cuando fue atacado sin aviso previo por una flota de lanchas patrulleras norcoreanas.

Uno de los tripulantes del pesquero, salvado por una lancha surcoreana que intervino rápidamente, confirmó la versión de Seul.

Un segundo pesquero, que estaba trabajando junto con el barco hundido, logró huir y ponerse a salvo, dijo el portavoz surcoreano.

El incidente ocurrió cuando en territorio surcoreano se desarrollaba el festival de la luna llena, que acompaña a las cosechas de otoño.

25/10/87 ER

HR

032

Pesquero sudcoreano fue hundido por nave de guerra nordcoreana

El Día 8/10/87

INCHON, Corea del Sur. — Una cañonera norcoreana atacó y hundió ayer a un pesquero de Corea del Sur en aguas internacionales ametrallando su cubierta antes de embestirla, dijo un presunto sobreviviente del suceso.

Chang Byong-Man, de 32 años, dijo esta noche a los periodistas en Inchón que muchos de sus compañeros tripulantes cayeron bajo la lluvia de balas antes de que fondeara el pesquero. Autoridades sudcoreanas mencionaron que 12 tripulantes se hallaban desaparecidos y se cree que murieron.

La Agencia Noticiosa Norcoreana, captada en Tokio, dijo que una nave espía no identificada se hundió a escasa distancia de la costa occidental del estado comunista antes de chocar con una lancha patrullera del norte.

La Agencia Noticiosa Norcoreana (KCNA) no dijo si la nave del norte abrió fuego o qué ocurrió con la tripulación.

Previamente, la administración de pesquerías sudcoreana dijo que el Jinyang 31 fue hundido a unas 40 millas al noroeste del aislado apostadero sureño en la isla de Paengyong, que mira el continente comunista a través de un estrecho de nueve millas.

La Policía Marítima dijo esta noche que carecía de noticias de la nave hermana del Jingyang, con sus 11 tripulantes, que había estado en las proximidades durante la noche, pero se presume que había escapado.

Chang dijo que su pesquero, proveniente del puerto de Yosu sobre la costa sur, tendía sus redes para capturar rayas en aguas internacionales cuando fue atacado por la cañonera comunista a las cinco de la madrugada de hoy (19.00 GMT de ayer).

El pescador dijo que con fuego de ametralladora y de cañón barriendo la nave, el Jingyang se dirigió hacia el sur y trató de superar en velocidad a la cañonera pero no lo logró. La nave fue embestida y zozobró rápidamente, y él saltó al agua.

La Policía Marítima dijo a los periodistas que Chang fue recogido por una unidad naval sudcoreana cinco horas después, colgando inconsciente de una caja de madera. Manifestaron que los otros 12 tripulantes del pesquero habían desaparecido, y se cree que murieron.

Autoridades sudcoreanas no tenían dudas sobre la responsabilidad del incidente del pesquero, que ocurrió mientras tropas sureñas se hallaban en alerta total ante posibles provocaciones norteñas mientras el país descansaba para el festival de luna llena en el otoño boreal.

"El gobierno y el pueblo están disgustados ante la brutal atrocidad de Corea del Norte y protestaremos enérgicamente ante Corea del Norte sobre el incidente", dijo un funcionario gubernamental a los periodistas.

01/01

032

La Tercera 1-10-87

Seúl: candidato opositor

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- Tras su ruptura -el martes- con Kim Dae-jung, el líder de la oposición sudcoreana, Kim Young-[illegible] ayer formalmente que se postulará como candidato en las próximas elecciones presidenciales, ofreciendo a cambio al rival, el puesto de Presidente del Partido Demócrata [illegible]

"Para que el país acceda a la democracia, estoy firmemente [illegible] me [illegible] candidatura", dijo en una conferencia de prensa Young-sam, quien el martes, en una entrevista de dos horas, no logró convencer a Dae-jung para que le ceda el paso en la carrera por la sucesión del Presidente Chun Doo-hwan.

Young-sam, Presidente del PDR, la mayor fuerza opositora, afirmó que una eventual candidatura de Dae-jung desencadenaría conflictos [illegible] y seguramente sufriría el veto de las Fuerzas Armadas. "Estoy sin embargo listo para cederles, a cambio, la conducción del partido", agregó.

Según fuentes [illegible]ras, Dae-jung estaría considerando la posibilidad de salir del partido del que es consejero permanente y postularse como candidato independiente.

PARTES ILEGIBLE

01/01

8709779

SURCOREA 032

Declaraciones de Doo-hwan

LA NACION 4-10-87

SEUL (ANSA, EFE y UPI). — El presidente surcoreano, Chun Doo Hwan, declaró ayer que el objetivo del país es conseguir la democratización y lograr luego la reunificación de las dos Coreas si ello es posible.

El presidente habló ante autoridades nacionales y municipales durante un acto realizado en Seúl con motivo de la conmemoración de la fundación de la nación coreana, hace más de cuatro mil años, y agregó que el camino de la transición democrática ya ha comenzado.

"Nuestro máximo objetivo nacional es sin lugar a dudas el construir un próspero y avanzado país democrático, mientras completamos la tarea de reunificar esta tierra de un único pueblo", dijo.

A pesar del espíritu reconciliador que mostró, Chun Doo Hwan reiteró en su discurso sus advertencias a aquellos ciudadanos que considera colaboran con el gobierno comunista norcoreano para extender la revolución socialista al sur.

"Debemos reforzar nuestra vigilancia de esos grupos comunistas traidores e intensificar nuestra determinación de mantenernos en el camino recto de nuestra historia mediante el avance en el sistema democrático liberal".

Para el presidente surcoreano, la historia universal demuestra claramente que en la rivalidad entre los regímenes comunistas y democráticos sale favorecido este último.

Gracias a la instauración de un sistema capitalista, Corea del Sur pudo recuperarse con rapidez de la pobreza y el caos tras la guerra de 1950-53, señaló.

El ex general, que ha dirigido Corea del Sur en los últimos seis años, inició el pasado 1 de julio medidas liberalizadoras y una apertura democrática ante la presión de la oposición.

Por su parte, el líder opositor Kim Dae Jung pidió el apoyo del pueblo para democratizar la nación en un acto de protesta en el cual estudiantes radicales pedían el derrocamiento del gobierno.

Dae Jung habló durante un acto realizado en la Universidad, pero no mencionó el desacuerdo surgido entre él y el otro gran líder opositor, Kim Young Sam.

01/01

8709804

INTERCOREA

032

Autoridades acusan a Pyongyang

Atacan barco de Corea del Sur

SEUL. (ANSA, EFE y UPI).- Un barco pesquero surcoreano fue hundido ayer de madrugada en aguas internacionales por un barco de Corea del Norte y 12 de sus tripulantes han desaparecido, según informó la Administración Nacional de Pesca de Corea del Sur.

El ataque se registró a unos 60 kilómetros al Noroeste de la isla surcoreana de Paengyong, situada a unos 10 kilómetros de las costas de Corea del Norte, informó la citada fuente.

El Gobierno surcoreano envió barcos de socorro a la zona y pudieron rescatar con vida a uno de los 13 tripulantes del barco pesquero accidentado, identificado como Jinyong 31.

La Nación 8/10/87

01 | 01

8709950

032

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

13-10-87 EL DIA

Pedido de Informe Nro. | Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

Una nueva Constitución para Corea

del Sur

SEUL. — El Parlamento de Corea del Sur aprobó ayer por abrumadora mayoría un nuevo anteproyecto de constitución democrática, allanando el camino para un referéndum nacional sobre el modelo constitucional y para elecciones presidenciales libres en diciembre.

El documento, elaborado por representantes del oficialismo y de la oposición, fue aprobado por 254 votos contra 4, sin abstenciones.

Si, como se espera, la propuesta consigue apoyo nacional en el referéndum fijado para el 27 de octubre, la nueva constitución pondrá fin a 26 años de autoritarismo respaldado por las Fuerzas Armadas.

032

Seúl: acuerdo en la oposición

Seúl (ANSA) — Los dos jefes de la oposición surcoreana, Kim Young Sam y Kim Dae Jung, lograron un acuerdo para presentar un candidato único en las elecciones directas del nuevo jefe del Estado, previstas para diciembre próximo, informaron fuentes del partido Demócrata para la Reunificación.

Los observadores consideraron que, a primera vista, "el acuerdo cierra un período de encendida rivalidad".

Las mismas fuentes señalaron que sigue sin resolver el problema clave de cuál de los dos representará a la oposición contra el candidato gubernamental Roh Tae Woo.

La situación aún confusa en el frente político es acompañada de enfrentamientos esporádicos entre estudiantes y policías y por el perdurar de las luchas sindicales, si bien con menor intensidad respecto a los meses pasados.

Por otra parte, la Asamblea Nacional inauguró su sesión regular de 50 días avanzando hacia la aprobación de una nueva Constitución y la revisión de las principales leyes políticas, a fin de preparar el terreno para la transición a una democracia plena.

El presidente Chun Doo Hwan, elogiando al gobierno y a los políticos de la oposición por obtener un compromiso sin precedentes para la nueva Constitución, dijo que hará todo lo posible para lograr la transición del actual sistema de partido único a la democracia.

032

Triunfal regreso de Kim a su pueblo

Kwangju, Corea del Sur (UP) – Llamándolo "la esperanza de la nación", cientos de miles de personas recibieron al dirigente opositor Kim Dae-jung, en su triunfal regreso a su pueblo natal tras años de cárcel y exilio político.

Multitudes de simpatizantes llenaron las calles y plazas en torno a la estación ferroviaria de Kwangju. La multitud estalló en estruendo y coreó el estribillo "Kim Dae-jung, Kim Dae-jung, esperanza del país" cuando entraba el tren que traía a Kim desde Seúl hasta Kwangju, 274 kilómetros al sur.

Visiblemente emocionado por el enorme recibimiento, el combativo político, que desde 1980 estuvo proscripto políticamente por el presidente Chun Doo-hwan, sollozó varias veces durante los homenajes que recibió en su pueblo, en la provincia de Chollanamdo.

Sus colaboradores señalaron que la visita a esta provincia, célebre por su oposición al gobierno, era más sentimental que otra cosa, pero Kim aprovechó la ocasión para buscar apoyo para su candidatura presidencial. Kim todavía no ha declarado oficialmente su candidatura.

"Jamás toleraré la intervención de los militares en la política", dijo Kim, ante la aprobación de las miles de personas que lo escuchaban.

Aunque no hubo una estimación oficial sobre la multitud, testigos y periodistas coincidieron en decir que fueron 300.000 personas las que acudieron a Kim, que desde 1971 no había regresado a su pueblo.

PARTES POCO LEGIBLE

01 | 01

8710138

Pidió a políticos por elecciones ejemplares

Presidente sudcoreano envía mensaje a la nación

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- En un discurso leído por el primer ministro, Kim Chung Yul, en la Asamblea Nacional, el Presidente Chun Doo-hwan pidió a los políticos que hagan todo lo posible para que las próximas elecciones, previstas para diciembre, sean justas y un ejemplo en la historia de la nación.

El gobierno de Corea del Sur advirtió ayer que se tomarán fuertes medidas contra los que intenten obstaculizar el proceso democrático.

El máximo dirigente sudcoreano aceptó la celebración de elecciones y una serie de reformas democráticas, el pasado mes de julio, a petición del presidente del gubernamental Partido Justicia Democrática (PJD), Roh Tae Woo, tras varias semanas de manifestaciones masivas contra la dictadura militar.

Todas aquellas personas que intenten destruir el sistema democrático, el nivel de vida del pueblo, y el desarrollo económico de la República, serán castigadas, subrayó el mensaje del Jefe del Ejecutivo.

Con el fin de asegurar el establecimiento de un sistema auténticamente democrático, debemos estar preparados para combatir la proliferación de los movimientos de izquierda, que utilizan la violencia para conseguir sus objetivos, continuó el discurso.

TAREAS HISTORICAS

Doo-hwan indicó que la nación se enfrenta a las tareas históricas de la transferencia pacífica del poder político, prevista para febrero de 1988, y los Juegos Olímpicos a celebrarse en otoño de ese mismo año.

Refiriéndose a la política exterior, Chon subrayó que en 1988 el Gobierno se dedicará a reducir las tensiones en la península coreana, dando prioridad a la reunificación de la Corea dividida, y a promover la cooperación internacional.

Debemos mejorar nuestras relaciones con la Unión Soviética, China, y otros países del bloque comunista, afirmó.

En el discurso leído ante la Asamblea Nacional, el mandatario también pidió que se impulse la cooperación Sur-Sur, con los países en vías de desarrollo del Movimiento No Alineado.

El gobierno intentará reanudar el diálogo con Corea del Norte, para encontrar una solución al problema de la península coreana, dividida en dos naciones, tras la II Guerra Mundial, señaló el mensaje presidencial.

Corea del Norte suspendió unilateralmente el diálogo intercoreano en todos sus canales (político, económico y de Cruz Roja) a principios de 1986, como protesta por los ejercicios militares estadounidense-coreanos que ambos países realizan todos los años a lo largo de la frontera.

Doo-hwan expresó su esperanza de que Corea del Norte participe en los Juegos Olímpicos de Seúl, para que las dos naciones puedan compartir la gloria del festival deportivo, y preparar el camino para su futura reconciliación.

01/01

8710180

Corea del Sur

3121 1

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro. | Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

Seúl: Presidente advierte a jóvenes izquierdistas

SEUL (ANSA).- En el Día Nacional de las Fuerzas Armadas el presidente surcoreano Chun Doo Hwan lanzó ayer una dura advertencia contra "los jóvenes embebidos de propaganda norcoreana" que "tienden a derrocar al sistema democrático".

"Corea del Norte está siempre lista para atacarnos--dijo el presidente--. Y entre nosotros hay exponentesde primera línea que se ubican erróneamente junto a elementos comunistas, por pura ambición política"

Chun pronunció su discurso al término del gran desfile militar realizado en la plaza Yoido de Seul. La ceremonia recordó el 39 aniverario de la fundación del ejéricto surcoreano, y toaron parte en el la representantes de trinta países.

La advertencia presidencial fue una de las más duras contra los "elementos de izquierda" en un momento decisivo para el país que dentro de enos de tres meses concurrirá a las urnas para elegir al sucesor de Chun Doo Hwan, cuyo mandato vence el 25 de febrero de 1988.

La Nación 2-10-87

8710337

037

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro. | Ejemplar Nro.

Asunto

TEXTO

Atentado contra candidato del oficialismo sudcoreano

El artefacto casi alcanza a Roh Tae-Hoo

ER DIG 25/10/87

TAEGU, Corea del Sur. — Una bomba incendiaria estalló ayer a pocos metros del candidato presidencial oficialista coreano, Roh Tae-Hoo, cuando éste recorría la ciudad de Taegu, informaron testigos.

Roh salió ileso del atentado y su auto aceleró y se alejó del lugar de la explosión en dirección a una escuela secundaria donde el candidato se proponía pronunciar un discurso.

La bomba que casi alcanza a Roh fue una de las arrojadas por un nutrido grupo de estudiantes que protestaron contra la visita del postulante a su ciudad natal, situada en el sudeste de la península. La Policía dispersó a los jóvenes con gas lacrimógeno y arrestó a siete de ellos, dijo un corresponsal de Reuter que se encontraba en el lugar de los incidentes.

El corresponsal vio cómo algunos de los estudiantes sangraban por la boca y la nariz mientras la Policía los arrastraba del lugar de la protesta.



Roh-Tae-Hoo

Esta es la última de una serie de violentas protestas registradas durante la campaña de Roh, de 53 años, a quien el actual presidente Chun Doo Hwan ha escogido para sucederlo.

El miércoles último, en Kwangju, el ex general Roh fue alcanzado en dos ocasiones por huevos y un mitin que se iba a llevar a cabo en un mercado callejero fue suspendido cuando un manifestante detonó una granada de gas lacrimógeno.

El jueves Roh se vio forzado a demorar un encuentro proselitista en Jongju, norte de Kwangju, cuando grupos de opositores se enfrentaron con la Policía.

01.01 8710500

Corea del Sur
China con China Nac.

Perú

La Mañana

Directores: Eduardo Paz Aguirre - Eduardo Heguy Terra
Redactor Responsable: Federico Solé

MONTEVIDEO, VIERNES 17 DE JULIO DE 1987

032

Avances de la democracia

Reformas en Corea del Sur y Taiwan

EL Presidente Sanguinetti señaló recientemente a una publicación europea que en América latina "soplan vientos de democracia". Lo mismo podría decirse de algunos países asiáticos, donde la situación política está encaminándose resueltamente hacia la efectiva vigencia del estado de derecho.

No están esos países, por supuesto, comprendidos en la vasta parcela del Extremo Oriente donde se ha implantado el comunismo. Infelizmente, cuando este sistema se adueña de una nación, casi no hay esperanzas para el pueblo de revertir los hechos, como lo demuestra la experiencia histórica. La férrea estructura del Estado policíaco impide a la sociedad liberarse del totalitarismo.

Pero hay otras situaciones de fuerza en el marco de las cuales es posible superar el autoritarismo, tarde o temprano. Son las existentes en aquellos lugares donde básicamente rige el modo de organizar la vida social conforme a los patrones que en términos amplios pueden calificarse de "occidentales", aunque el adjetivo no se corresponda con la ubicación geográfica de la comarca.

Así, hoy día se asiste a significativos procesos de apertura en Corea del Sur y en la República de China (Taiwan). Estos países, es sabido, atraviesan por una coyuntura de notable prosperidad económica, pero en ambos hubo hasta ahora restricciones importantes en el ejercicio de las libertades públicas. Ello, debe reconocerse, a causa en gran medida de ciertas peculiaridades geopolíticas. Tanto en el caso de Sudcorea como en el de Taiwan, el enemigo ideológico está enfrente o a la vuelta de la esquina, y se mantiene constantemente al acecho, después de habérsele enfrentado en terribles guerras que dejaron profundas cicatrices. La Corea capitalista soporta la presión de la Corea comunista a través del límite que pasa por el paralelo 38, en tanto Taiwan (la isla que los descubridores portugueses llamaron Formosa) sigue siendo considerada como territorio irredento por la gigantesca y superpoblada República Popular de China. En esas condiciones, de alguna forma se explica la presencia de gobiernos duros en la región. Pero no se justifica, claro está, y es por ello que ahora merezcan recibirse con agrado las noticias sobre los cambios ya puestos en marcha.

En Corea del Sur, el Presidente Chun Doo Hwan, en el poder desde 1980, ha aceptado el diálogo con la oposición y acaba de aprobar un plan de reformas que incluye enmiendas constitucionales, convocatoria de elecciones presidenciales por sufragio universal, comicios legislativos, liberación de presos políticos e instauración de la libertad de prensa. Su decisión siguió a una etapa de reclamos populares que derivaron en disturbios y reyertas callejeras principalmente en Seúl, la ciudad capital. Hasta ahora se excarceló a 500 disidentes y pronto sucederá otro tanto con doscientos más. Este ha sido un buen comienzo, reforzado por el pedido del propio Mandatario a sus Ministros para que lleven a cabo "rápida" y "decididamente" las transformaciones prometidas. Una vez que ellas se concreten, quedará expedito el camino hacia las urnas, donde desde ya se prevé el triunfo de los partidos opositores.

En Taiwan después de 39 años, el 14 de este mes las autoridades decretaron el cese de la ley marcial. La medida tiene trascendencia, si se considera que, bajo el régimen de excepción, las FF.AA. gozaban de amplios poderes para juzgar e imponer sentencias a los elementos contestatarios del régimen que encabeza el Presidente Chiang Ching-kuo. También fueron liberados 23 opositores, mientras se ha enviado al Congreso un conjunto de proyectos de ley destinados a introducir radicales reformas en el plano institucional. La ley marcial, impuesta en 1948 -un año antes que el comunismo se estableciera en China continental- ha sido reiteradamente denunciada como el mayor obstáculo a la democratización.

DE modo, pues, que los mismos vientos renovadores tan gratos en su momento a nosotros, los latinoamericanos, han alcanzado ahora a otra región del mundo, el Asia, en bien de la dignidad humana. La conciencia democrática universal saluda esta circunstancia, demostrativa de la progresiva extensión de un movimiento que espontáneamente gana terreno y apunta a salvaguardar la libertad, el valor más preciado para el individuo y para los pueblos.

01/01

032

La Nación 28/10/87

Posibilita elecciones presidenciales directas

Sudcoreanos aprobaron la nueva Constitución

Una mayoría abrumadora de los votantes sudcoreanos aprobó una nueva Constitución destinada a traer la democracia plena a su país, luego de años de gobierno autoritario.

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- Los electores sudcoreanos aprobaron ayer en referéndum, por abrumadora mayoría, una nueva Constitución que hará posible la celebración de las primeras elecciones presidenciales directas desde hace 16 años.

Aproximadamente siete horas después del cierre de los colegios electorales, la Comisión Electoral anunció que el nuevo texto constitucional había sido aprobado por una gran mayoría de los electores.

Con el 54 por ciento de los votos escrutados, el 94 por ciento de los sufragios emitidos lo fueron a favor de la nueva Constitución, dijeron fuentes de la Comisión.

En la consulta de ayer participó el 80 por ciento de los 25.600.000 electores que figuraban en el censo.

INCIDENTES

En el curso de la jornada electoral se produjo un enfrentamiento entre manifestantes opuestos al referéndum y la policía en el centro de Seúl, en las proximidades de la catedral católica.

Los manifestantes, alrededor de 500, lanzaron piedras y bombas de gasolina contra las fuerzas del orden, que emplearon gases lacrimógenos para dispersarlos.

Algunos de los manifestantes levantaron posteriormente barricadas en la entrada principal de la catedral y dijeron que permanecerían allí durante toda la noche. La policía no intervino para dispersarlos aunque se mantiene en actitud vigilante sin abandonar los aledaños de la catedral.

El Partido de la Justicia Democrática, en el poder, ha acogido con satisfacción el resultado del referéndum, al igual que el Partido Democrático para la Reunificación, el principal de la oposición sudcoreana, uno de cuyos dirigentes declaró que la nueva constitución marcará un hito en la política de Corea del Sur.

Desde poco antes del amanecer millares de vecinos de Seúl formaron largas colas ante los colegios electorales, esperando a que abriesen sus puertas, a las siete de la mañana (22.00 gmt), y tras emitir su voto, disponer de tiempo libre para trasladarse al campo y disfrutar de la jornada, declarada festiva.

Las autoridades adoptaron el lunes rigurosas medidas de seguridad, en previsión de que pudieran producirse incidentes durante la votación y todas las fuerzas de policía se encontraban en estado de alerta.

Sin embargo, y con la excepción de los incidentes producidos en las proximidades de la catedral católica, la afluencia de votantes a los colegios electorales se desarrolló en un ambiente de tranquilidad y calma.

Este ambiente contrastó con la agitada situación registrada en las dos jornadas previas, cuando se prodigaron manifestaciones e incidentes en los que fueron detenidos numerosos manifestantes y la policía llevó a cabo una redada en la Universidad de Seúl que culminó con una manifestación plagada de violencias.

Según las leyes sudcoreanas, la aprobación de una nueva Constitución requiere la obtención en referéndum de una mayoría simple afirmativa, de al menos el 50 por ciento de todo el censo electoral.

La aprobación de la nueva Constitucion, la décima desde 1948, en que fue establecido en Corea el régimen republicano, hará posible la celebración de las primeras elecciones presidenciales directas desde hace 16 años, reducirá los poderes presidenciales, fortalecerá la independencia del Parlamento y del Poder Judicial y dispondrá que los militares se mantengan apartados de la política.

8710580.

01/01

Viernes 30 de octubre de 1987

Clarín

Fundado por ROBERTO NOBLE el 28 de agosto de 1945

Directora: Ernestina Herrera de Noble

La transición de Corea del Sur

LA aprobación por una abrumadora mayoría de la nueva Constitución de Corea del Sur constituye un indudable paso adelante en el proceso de renovación institucional de la estratégica península, pero no despeja totalmente la compleja situación política que ya ha originado cruentos enfrentamientos y dura represión.

Si bien más del 90 por ciento de los ciudadanos que concurrieron a votar en el referendo dio el sí a la reforma propuesta por el gobierno de Chun Doo Hwan luego de arduas negociaciones con la oposición, quedan abiertos importantes interrogantes que relativizan tanto ese pronunciamiento cuanto el hecho de que la afluencia electoral se haya aproximado al 80 por ciento del padrón.

Lo que quedó explícito es la voluntad de cambio de la mayoría de los surcoreanos, pero no está claramente definido el rumbo que prefieren adoptar. La oposición, en efecto, se fraccionó en dos tendencias que llevaron a la ruptura del Partido Democrático de Reunificación.

Este seguirá dirigido por Kin Young Sam, mientras el veterano luchador por las libertades públicas Kim Dae Jung, varias veces encarcelado y otras tantas exiliado, optó por crear su propio partido y presentar su candidatura presidencial en los comicios previstos para el 20 de diciembre. La división favorecerá inevitablemente al candidato oficialista, Roh Tae Woo, que hace meses había sido designado por el propio Chun Doo Hwan como su sucesor.

Esa decisión fue el catalizador de nuevas y masivas demostraciones de protesta, que encresparon aún más el agitado panorama político y social de los últimos años. Era evidente que los surcoreanos sentían como intolerable el rígido marco que había contenido y encauzado sus actividades y esfuerzos desde el fin de la guerra fratricida que desde 1950 a 1953 los enfrentó con los coreanos del norte, con intervención de chinos, estadounidenses y tropas de las Naciones Unidas. El país estructurado a partir del armisticio aspiró a presentar una imagen de prosperidad casi inigualada en el Lejano Oriente, pero la máscara se fue resquebrajando gradualmente y las acciones de protesta contra el sistema de gobierno autoritario dejaron de ser patrimonio de estudiantes e intelectuales para ganar todas las franjas sociales.

Estaba en crisis la totalidad del andamiaje montado sobre un proceso de industrialización emprendido según el modelo de la "factoría exportadora", como en otras localizaciones del sudeste asiático, y basado en bajos salarios, un fuerte ritmo de capitalización, participación de inversiones extranjeras e integración al mercado mundial. Las diferencias sociales se incrementaron, el país depende absolutamente de la importación de materias primas y la deuda externa supera ya los 40 mil millones de dólares.

El malestar económico se añadió al descontento por la falta de libertades públicas, por la censura a los medios de comunicación social y las restricciones a la libre investigación en las universidades. El debilitamiento del régimen autoritario provocó la lógica preocupación de Estados Unidos, el aliado tradicional más importante de Corea del Sur y todo indicaba que las reformas eran impostergables.

La aprobación de una nueva Constitución, que incrementa los poderes del Parlamento, establece la elección directa del presidente y asegura la vigencia de los derechos humanos, de prensa, de agremiación sindical y de huelga, abre sin duda una perspectiva favorable para una evolución pacífica, pero los intereses en juego no permiten pronosticar un fácil desenlace. No se trata solo de efectuar una transición hacia la democracia, sino de modificar el modelo económico del país para promover un desarrollo más integral y equilibrado. Sin él no podrá garantizarse el ejercicio pleno de la soberanía y la tranquilidad social ni encarar con prudencia y racionalidad el tema de la división de la vieja Corea en dos estados luego de la Segunda Guerra Mundial.

Promete reformas si es elegido Presidente

Roh Tae-woo pide disculpas por abusos

El candidato a la presidencia del partido oficialista, Roh Tae-woo, un general retirado y cercano aliado del presidente Chun Doo-hwan, pidió ayer públicamente disculpas por los abusos de su gobierno contra los derechos humanos y prometió que haría reformas si lo eligen para la primera magistratura.

SEUL (UPI).- Mientras tanto, más de 41.000 disidentes en 22 ciudades protestaron a lo largo del país, exigiéndole a Doo-hwan que despidiera a sus ministros más importantes y que nombrara un gabinete neutral que asegurara la pureza de las elecciones en diciembre. Doo-hwan ha prometido dejar la presidencia, luego de haber estado siete años en el poder.

"Por los abusos a los derechos humanos... yo me siento responsable, a pesar de la causa y las faltas deben ser reconocidas", dijo Tae-woo ante una multitud de 45.000 simpatizantes en un estadio de Seúl.

Roh específicamente mencionó los casos políticamente explosivos ocurridos en enero, cuando la policía torturó y asesinó a un estudiante universitario y el de 1986, cuando una mujer disidente fue sometida a torturas sexuales. Ambos incidentes levantaron una ola de protestas antigubernamentales en junio pasado.

"Yo prometo que esos dolores y sacrificios no serán en vano, pues nos llevaran hacia la democratización y al respeto de los derechos humanos", dijo Tae-woo, quien es un militar retirado que se unió al gobierno después del golpe de estado que puso en el poder a Doo-hwan.



SEUL.- Una estudiante radical es detenida por policías durante una manifestación antigubernamental llevada a cabo ayer en la capital sudcoreana. (Radiofoto Reuter).

CANDIDATOS OPOSITORES

Por su parte, los candidatos presidenciales de la oposición, Kim Dae Jung y Kim Young-sam, hablaron ante multitudes de más de 100.000 personas ayer, atacando a la "dictadura militar" de Doo-hwan.

"La próximas elección es una batalla entre la honestidad y la deshonestidad, donde debe escogerse entre un gobierno militar y un gobierno civil", dijo el presidente del partido de la oposición, Kim Young-sam, a sus simpatizantes en Inchon, a 40 kilómetros al oeste de Seúl.

"Nosotros debemos terminar con el gobierno militar por nuestros hijos", afirmó Young-sam haciendo un llamado a los votantes para que rechacen a Tae-woo.

A su vez, Kim Dae Jung dijo a sus simpatizantes en Chonju, a 200 kilómetros al sur de la capital, que el gobierno estaba "haciendo trucos sucios" al intentar cambiar las fechas de las elecciones de principios de diciembre para finales de mes y evitar una campaña prolongada.

Tae-woo devolvió ayer los ataques de la oposición a su pasado militar, al decir a sus simpatizantes que él es el único hombre capaz de terminar con el gobierno militar.

01/01

6 Internacional

Prometé reformas si es elegido Presidente

Roh Tae-woo pide disculpas por abusos

El candidato a la presidencia del partido oficialista, Roh Tae-woo, un general retirado y cercano aliado del presidente Chun Doo-hwan, pidió ayer públicamente disculpas por los abusos de su gobierno contra los derechos humanos y prometió que haría reformas si lo eligen para la primera magistratura.

SEUL (UPI).- Mientras tanto, más de 41.000 disidentes en 22 ciudades protestaron a lo largo del país, exigiéndole a Doo-hwan que despidiera a sus ministros más importantes y que nombrara un gabinete neutral que asegurara la pureza de las elecciones en diciembre. Doo-hwan ha prometido dejar la presidencia, luego de haber estado siete años en el poder.

"Por los abusos a los derechos humanos... yo me siento responsable, a pesar de la causa y las faltas deben ser reconocidas", dijo Tae-woo ante una multitud de 45.000 simpatizantes en un estadio de Seúl.

Roh específicamente mencionó los casos políticamente explosivos ocurridos en enero, cuando la policía torturó y asesinó a un estudiante universitario y el de 1986, cuando una mujer disidente fue sometida a torturas sexuales. Ambos incidentes levantaron una ola de protestas antigubernamentales en junio pasado.

"Yo prometo que esos dolores y sacrificios no serán en vano, pues nos llevarán hacia la democratización y al respeto de los derechos humanos", dijo Tae-woo, quien es un militar retirado que se unió al gobierno después del golpe de estado que puso en el poder a Doo-hwan.



SEUL.- Una estudiante radical es detenida por policías durante una manifestación antigubernamental llevada a cabo ayer en la capital sudcoreana. (Radiofoto Reuter).

CANDIDATOS OPOSITORES

Por su parte, los candidatos presidenciales de la oposición, Kim Dae Jung y Kim Young-sam, hablaron ante multitudes de más de 100.000 personas ayer, atacando a la "dictadura militar" de Doo-hwan.

"La próximas elección es una batalla entre la honestidad y la deshonestidad, donde debe escogerse entre un gobierno militar y un gobierno civil", dijo el presidente del partido de la oposición, Kim Young-sam, a sus simpatizantes en Inchon, a 40 kilómetros al oeste de Seúl.

"Nosotros debemos terminar con el gobierno militar por nuestros hijos", afirmó Young-sam haciendo un llamado a los votantes para que rechacen a Tae-woo.

A su vez, Kim Dae Jung dijo a sus simpatizantes en Chonju, a 200 kilómetros al sur de la capital, que el gobierno estaba "haciendo trucos sucios" al intentar cambiar las fechas de las elecciones de principios de diciembre para finales de mes y evitar una campaña prolongada.

Tae-woo devolvió ayer los ataques de la oposición a su pasado militar, al decir a sus simpatizantes que él es el único hombre capaz de terminar con el gobierno militar.

Clima preelectoral en Surcorea

Seúl (EFE) — Corea del Sur se prepara para las primeras elecciones presidenciales directas, que tendrán lugar a mediados de diciembre.

Los cuatro candidatos, Roh Tae-woo, del partido Gubernamental (PJD), Kim Young-sam y Kim Dae-jung, de las fuerzas de la oposición, y Kim Jong Pil, primer ministro durante el gobierno de Park Chon Hee (1961-79), han iniciado la campaña electoral para medir el grado de popularidad de que gozan entre los ciudadanos.

Kim Dae-jung, de 62 años, que la semana pasada abandonó la principal fuerza opositora del país, el PRD, para crear su propio partido político y concurrir a los comicios de diciembre representando a los sectores más progresistas del país, acude a los mitines vestido con "hanbok", especie de quimono coreano, para atraerse a las clases más bajas de la población.

En el mitin celebrado el pasado sábado en la ciudad de Chonju, capital de la provincia de Chollapukto, 200.000 ciudadanos recibieron al líder con pancartas que decían: "Kim Dae-jung, amigo de los pobres", "Símbolo de democracia", "Kim Dae-jung, la solución a nuestros sufrimientos".

En 1971, Kim Dae-jung estuvo a punto de convertirse en presidente del país al conseguir el 46 por ciento de los votos en unas elecciones que fueron tachadas de fraudulentas por la oposición. La Prensa 3/11/87

032

Intentan agredir a candidato oficial

Incidentes en Corea del Sur

SEUL. (EFE).- Más de un centenar de personas armadas con palos y piedras intentaron el domingo irrumpir en el hotel en el cual se aloja el candidato presidencial surcoreano Kim Dae-Jung durante su campaña en la ciudad suroriental de Pusan.

Diez agentes de seguridad resultaron heridos cuando impidieron que los agresores, partidarios de Kim Young-Sam, el principal rival de Dae Jung, y como él candidato de la oposición, entrasen en el hotel.

Dae-Jung, que asistía en el interior a un banquete en su honor, abandonó el hotel ante los acontecimientos, informó la televisión.

Uno de los responsables de la seguridad de Dae-Jung debió ser hospitalizado tras recibir una pedrada en la cabeza.

Los agresores, que también causaron daños a diversos vehículos y rompieron los cristales de las puertas del hotel, organizaron una pequeña manifestación a la entrada del mismo, que se disolvió a las dos horas, con la llegada de la policía antidisturbios.

Pusan, la segunda ciudad más importante de Corea del Sur y sede política de Youg Sam, fue escenario esta mañana de un mitin de Dae-Jung, que atrajo a unas 200.000 personas.

La Nación 3/11/87

01 | 01

8711003

Inició la oposición sudcoreana

Campaña electoral

SEUL, (EFE).- Desde que la campaña electoral comenzó oficialmente, el pasado día 16, los principales líderes de la oposición de Corea del Sur, Kim Young Sam y Kim Dae Jung, han centrado sus ataques en el candidato del partido gubernamental, PJD, Roh Tae Woo, al que acusan de cometer crímenes contra el pueblo.

Los dos Kim piden en todos sus mitines a Roh TAE Woo que abandone sus aspiraciones a la Casa Azul y pida disculpas al pueblo, por haber participado en el golpe militar que puso a Chon Doo Hwan en el poder, en 1980.

También se acusa a Roh Tae Woo de haber reprimido brutalmente las revueltas de Kwangju, cuando el Ejército acabó con una serie de manifestaciones, en mayo de 1980, causando más de 200 muertos y numerosos heridos.

MALESTAR CASTRENSE

Las críticas de la oposición están causando el malestar de los militares, y son muchas las personas que piensan que los Juegos Olímpicos de Seúl es lo único que frena una reacción de los generales, que gobiernan el país desde hace 24 años.

Roh Tae Woo, que empieza a perder el control de la situación, ha iniciado su campaña electoral prometiendo acabar con la dictadura, en medio de una estabilidad política que asegure el progreso económico, e intenta convencer al electorado de que la victoria de la oposición traerá el caos al país.

Los dos Kim, que no pudieron llegar a un acuerdo, el pasado mes de octubre, para nombrar a un candidato único que represente a las fuerzas de la oposición en los comicios de diciembre, aseguran que sólo ellos pueden acabar con el régimen militar y establecer una democracia plena en el país.

Kim Dae Jung, presidente del Partido para la Paz y la Democracia, considerado como un líder radical de ideas progresistas, promete en su programa que si gana las elecciones por fin se podrán dar los pasos históricos que lleven a la reunificación de la península coreana.

LA MAÑANA 28/11/87

01/01

INTERCOREA

032

De esta forma se eliminaría la división permanente entre ambas Coreas

Pyongyang plantea un Estado Confederal a Seúl

GINEBRA (EFE).- El observador permanente de la misión diplomática de Corea del Norte en Ginebra, Chol Li, planteó la posibilidad de llegar a un Estado Confederal con Corea del Sur, para eliminar la división permanente entre ambos países.

En una rueda de prensa celebrada en la sede de Naciones Unidas de Ginebra, Chol Li se mostró partidario de eliminar la confrontación política y el enfrentamiento militar por medio de fórmulas que permitan la reunificación de ambas Coreas.

En su intervención, apoyó que se aplique la resolución de la ONU sobre la cuestión coreana, la cual solicita a ambas partes que sustituyan el acuerdo de armisticio militar por un acuerdo de paz, a fin de reducir la tensión.

Chol Li manifestó que Corea siempre ha sido una, y por tanto nosotros propugnamos la reunificación, aunque sabemos que no puede realizarse de inmediato, pero sí se puede alcanzar fijando un período transitorio.

SENTIMIENTO NACIONAL

Respecto a las diferencias ideológicas que separan a las dos Coreas, el representante norcoreano indicó que "nosotros somos comunistas, pero guardamos un sentimiento nacional que está por encima de la ideología".

Calificó de ilegal la presencia de tropas estadounidenses en Corea del Sur, y afirmó que entre los principales perjuicios que ocasionan se encuentran las trabas a la comunicación entre ambas comunidades.

Como medida para alcanzar el propósito de la reunificación, Chol Li destacó la desmovilización de cien mil oficiales y soldados hasta final de año, con el fin de reducir la presencia militar y eliminar el enfrentamiento Norte-Sur.

LA HABANA 20/11/87

01/01

8711465

Incidente en la zona fronteriza

SEUL, (ANSA, EFE, REUTER y UPI).- Un oldado surcoreano resultó erido ayer al ser alcanado por los disperos fectuados por las fuerzas e seguridad norcoreanas ontra la zona desmilitaizada que divide a las dos Coreas, informó el Minisrio de Defensa.

Las fuerzas surcoreanas epelieron inmediatamente l fuego ante la provoación de Corea del Norte, ijo la fuente.

El soldado resultó herido en el hombro izquierdo y fue trasladado nmediatamente en helicóptero a un hospital de la capital surcoreana, agregó la fuente.

Este ha sido el segundo enfrentamiento armado entre las dos Coreas a lo largo de la frontera de 248 kilómetros de longitud que divide a ambos países.

13

COREA DEL SUR

032

La Mañana
MONTEVIDEO. DOMINGO 22 DE NOVIEMBRE DE 1987

Contra el candidato oficialista Tae-woo

Young-sam llama a unión de los grupos opositores

Un llamado a la unidad para procurar la derrota del candidato oficialista en las próximas elecciones presidenciales sudcoreanas fue formulado ayer durante una concentración política, por el dirigente de la oposición, Kim Young-sam.

CHONJU (Corea del Sur) (ANSA, EFE, REUTER y UPI).- El aspirante a la nominación presidencial de la oposición, Kim Young-sam, a despecho de los abucheos de los partidarios de su rival, Kim Dae-jung, hizo ayer un llamado tendiente a formar un frente opositor unido a fin de derrotar al candidato presidencial oficialista, Roh Tae-woo, en las elecciones que se realizarán el próximo 16 de diciembre.

Más de 50.000 personas se reunieron en Chonju para el acto eleccionario de Young-sam.

"La próxima elección es una competencia entre la justicia y el mal", proclamó Young-sam. "Yo pronostico con confianza que la justicia triunfará. Ganaré", dijo.

Al iniciar su discurso frente a la estación de trenes de Chonju, unos 200 personas comenzaron a corear el nombre del candidato rival de la oposición, Kim Dae-jung, pero los partidarios de Young-sam les bloquearon el paso. En la serie de escaramuzas que siguió, nadie resultó herido. Pasada la conmoción, Young-sam prosiguió su discurso.

"A Roh Tae-woo nunca se le debiera permitir que llegara a ser presidente", dijo. "El no está calificado para ser presidente. Tenemos que derrotarlo por todos los medios", agregó Young-sam.

Mientras Young-sam realizaba su concentración en Chonju, estudiantes disidentes lanzaron más de diez bombas incendiarias contra las fuerzas policiales y quemaron dos de sus furgones en la ciudad de Kwangju, 72 kilómetros al Sur.

La multitud concurría a una concentración para denunciar supuestas irregularidades cometidas por el oficialista Partido de Justicia Democrática.

Despachos noticiosos locales indicaron que la policía dispersó a unos 3.000 manifestantes con bombas lacrimógenas, y realizó más de 50 arrestos. Cinco policías resultaron heridos y fueron hospitalizados.

Young-sam acusó a Tae-woo de usar el dinero de los contribuyentes y de abusar de los privilegios del oficialismo en su campaña electoral.

"Yo prevengo que si la democratización es obstaculizada por irregularidades eleccionarias, tanto el Presidente como Tae-woo van a encarar el desastre", dijo Young-sam.

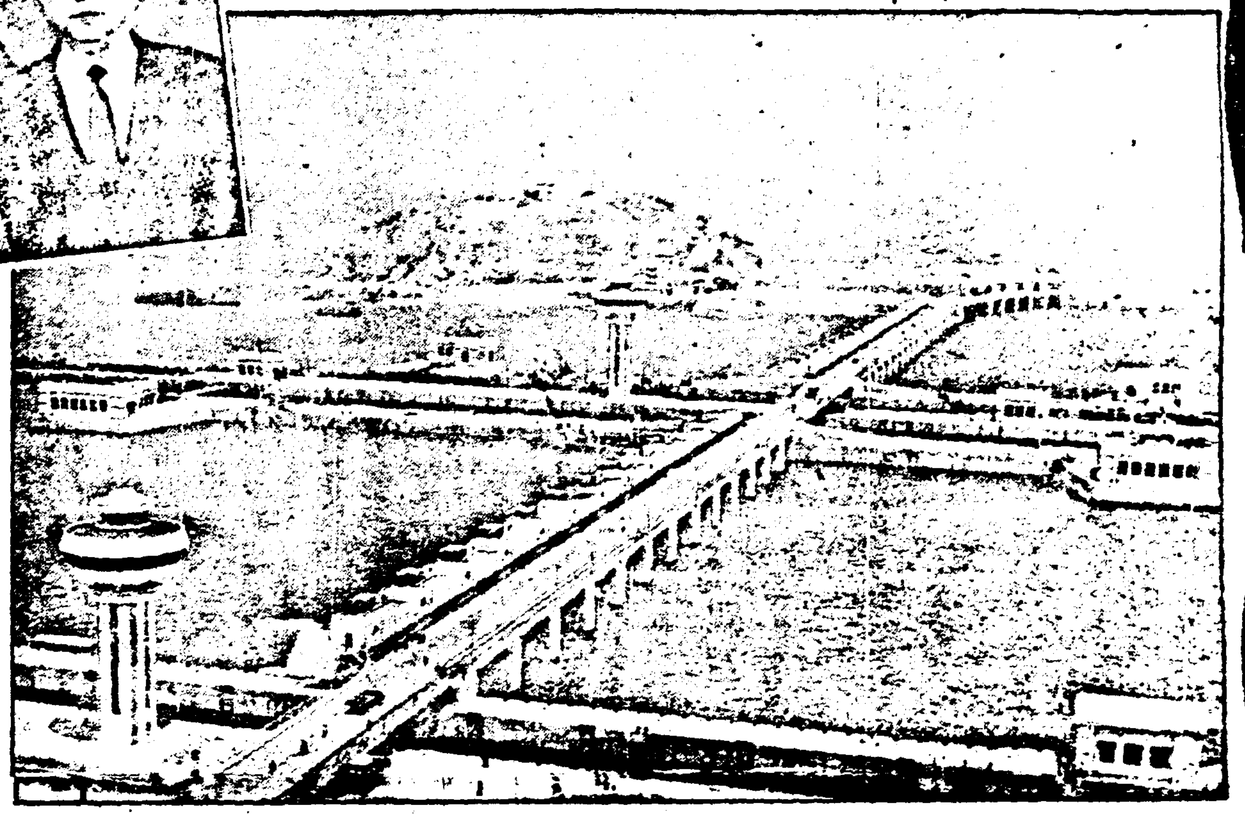
REPUBLICA DEMOCRATICA POPULAR DE COREA

DEL FEUDALISMO AL SOCIALISMO

Athos Fava, secretario general del PCA y Kim Il Sung, presidente de la RDPC y secretario general del buró político del Partido de los Trabajadores, se reunieron en Pyong Yang. Fava comprobó los logros de la revolución y respaldó el Frente por la Reunificación de Corea, eje de la solidaridad internacional con el país asiático

QUE PASA? 14/5/87





REPRESA DE NAMFO, gigante obra de ingeniería, construida en cuatro años

Con motivo de cumplir 75 años el presidente de la **República Popular Democrática de Corea, Kim Il Sung**, visitaron ese país asiático, a comienzos de mes, **Athos Fava**, secretario general del PCA y **Marcelo Arbit**, miembro suplente del Comité Central.

"La importancia de este viaje —dijo a **Qué pasa** Marcelo Arbit— radica en que permitió elevar los vínculos de amistad entre el **Partido de los Trabajadores de Corea** y nuestro partido. Ademas pudimos conocer la realidad de una revolución exitosa".

La República Democrática Popular de Corea (RDPC) surgió en 1948 cuando tras una larga guerra de liberación del Japón y por decisión de las Naciones Unidas, Corea fue dividida en dos: la **República de Corea**, al sur, actualmente dominada y manejada semifeudalmente por Estados Unidos y la República Popular Democrática de Corea, al norte. En 1950, Corea del Sur comienza nuevamente una guerra contra el norte, pero esta vez con la ayuda e intervención del ejército norteamericano. Tres años después, el 21 de julio de 1953, se firmó un armisticio, lo que puso fin a las hostilidades.

La capital de Corea del norte, **Pyong Yang**, quedó completamente destruida, al extremo que en uno de los partes enviado al Estado Mayor estadounidense un general yanqui expresaba que "Pyong Yang jamás podrá ser reconstruida". Pero comenzó inmediatamente la reconsrucción del país. Hoy, 34 años después, la RDPC es un país floreciente, que mantiene relaciones diplomáticas con 110 países, con más de 20 millones de habitantes que tienen un Producto Nacional Bruto de mas de mil dólares. Despues de soportar dos mil años de feudalismo, en menos de tres décadas, se convirtió en un país industrializado, que está robotizando parte de la produccion con robots propios.

Las ciudades y pueblos están completamente electrificadas, unidas por amplias y hermosas carreteras. La poblacion, que a la firma del armisticio era en un 80 por ciento analfabeta, hoy esta completamente alfabetizada.

"El ascenso del nivel cultural es sorprendente —afirma Arbit—, en solo un año y nueve meses se levantó en la capital el **Palacio de Estudio del Pueblo** que da cabida diaria a más de 10 mil personas. Tiene 30 millones de libros y más de 600 aulas. Las salas están acondicionadas con televisores y video cassettes para estudiar las ramas que elija el lector. Por ejemplo, si un obrero quiere conocer a fondo el funcionamiento de un circuito, en la sala científico-técnica le entregan un video para que estudie individualmente. Lo mismo ocurre con la enseñanza de idiomas, música, etc. Nosotros —cuenta— hicimos la experiencia de solicitar en la biblioteca algunos libros sobre Argentina, en 30 segundos nos lo entregaron a través de una cinta transportadora".

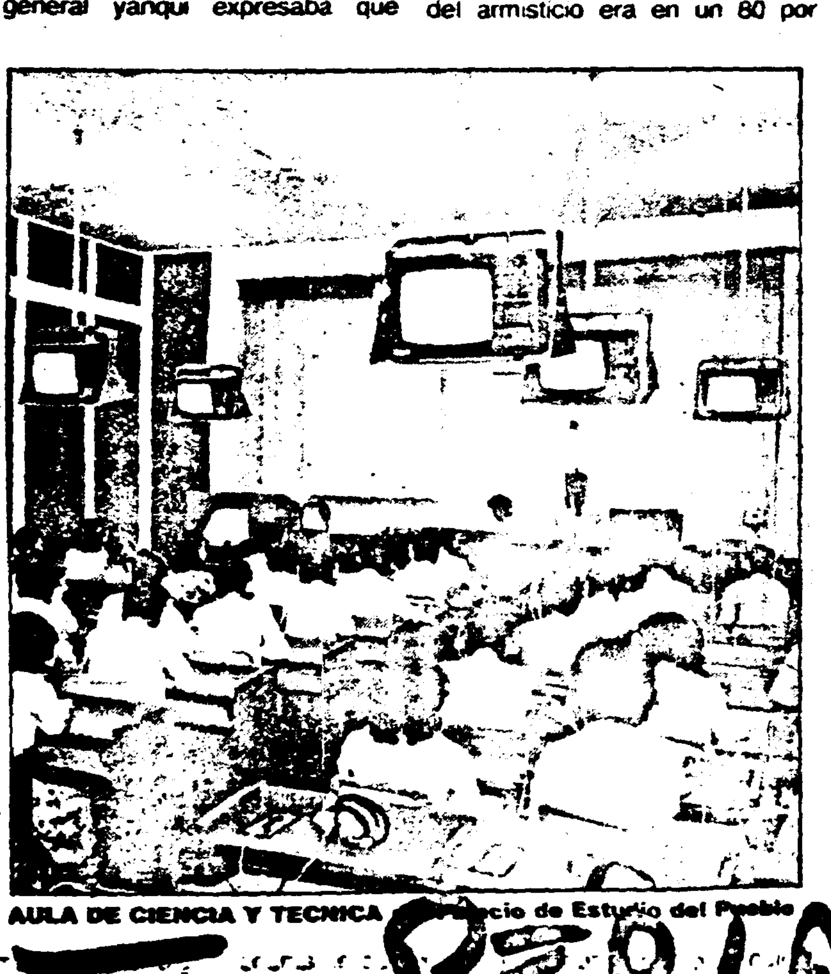
Otra demostración del desarrollo industrial de Corea lo da la construcción de la represa de **Namfó** en solamente cuatro años. Una gigantesca obra de ingeniería. En medio del mar se construyó un dique de contención de 8 kilómetros, con esclusas semejantes a las del Canal de Panamá, que nivelan las aguas para que entren barcos de gran tonelaje. Todo totalmente automatizado. Con esta represa se ha logrado eliminar para siempre las inundaciones, han conseguido, ademas, sacarle la sal al río que bordea la ciudad de Pyong Yang. Como Corea es un país montañoso, le han ganado al mar 300 mil hectareas para convertirlas en tierras cultivables, gracias a las aguas desalinizadas.

En la RDPC hay un frente integrado por el **Partido del Trabajo de Corea** (fundado por el presidente Kim Il Sung), el **Partido Social Demócrata** y el **Partido Chondoista Chong-u**. Estos tres partidos, junto con organizaciones sociales de Corea del Sur y organizaciones de coreanos en otros países formaron el **Frente por la Reunificación Pacífica de Corea**. Esta lucha por la reunificacion es el eje de la soldaridad internacional con Corea, por la defensa del socialismo en el norte, la construcción de un Estado único que avance en las transformaciones democráticas antimperialistas y antifeudales en el sur.

Este Frente por la Reunificacion tiene planteada una tarea muy importante, la realización de las **Olimpiadas** en ambos países simultaneamente, por ejemplo que algunas disciplinas se desarrollen en el sur y otras en el norte, idea esta muy resistida por el imperialismo norteamericano. Otro gran tema que tiene que ver con la solidaridad internacional —explica Arbit— es que ya se aprobó que el próximo **XIII Festival Mundial de la Juventud** se celebrará en Pyong Yang.

Según explicó Marcelo Arbit, la reunion entre el presidente Kim Il Sung y Athos Fava duró aproximadamente dos horas y media. "Charlaron —dijo— sobre la situación en América latina y sus principales problemas, fundamentalmente el de la deuda externa. Fava explicó al presidente Kim los alcances de la conformación en nuestro país del Frente de Liberación Nacional y Social, con vistas a la formación de un Partido Unificado".

En relación a la situacion diplomática de Corea con Argentina, nuestra cancillería exige a la RDPC que pida el restablecimiento de relaciones, lo que no es posible pues Corea nunca ha roto sus relaciones. Lo que sucedió fue que en tiempos de la dictadura la embajada coreana recibió innumerables amenazas, por lo tanto todo el personal abandonó el país. Lo que se pide ahora es la reanudacion de relaciones diplomaticas. No hay que olvidar —expresa Arbit— que Corea es miembro de la Comunidad de Países No Alineados, al igual que Argentina.



AULA DE CIENCIA Y TECNICA del Palacio de Estudio del Pueblo

032

Diez estudiantes fueron arrestados

Enfrentamientos en Corea del Sur

KWANGJU, Corea del Sur (UPI).- Estudiantes de Kwangju, ciudad natal del dirigente opositor Kim Dae Jung, se enfrentaron ayer con la policía durante dos horas, denunciando al candidato presidencial oficialista e ignorando la presencia de otro jefe de la oposición que es enconado rival político de Kim.

Unos 500 estudiantes de la Universidad de Chonnam en Kwangju, la quinta ciudad sudcoreana, a 275 kilómetros al sur de Seúl, se congregaron para conmemorar la autoinmolación de un trabajador —Chun Tae-il— que el 13 de noviembre de 1970, se prendió fuego en protesta por la represión gubernamental del movimiento laboral.

Los universitarios exhibían pancartas que pedían el fin de la represión de los trabajadores y de la dictadura militar.

Mientras los estudiantes se disponían a marchar, unos 500 policías antimotines les cerraron el paso cerca de la puerta principal de entrada al campus. Los manifestantes se detuvieron a unos 200 metros de la línea policial, y cantaron consignas en contra de Roh Tae-woo, candidato presidencial del gobernante Partido Justicia Democrático.

"Andate Roh Tae-woo", le gritaron al candidato del gobierno.

Los estudiantes volvieron a marchar y trataron de ganar la calle por una puerta trasera de la universidad. Cuando la policía los enfrentó de nuevo, los manifestantes empezaron a arrojar bombas incendiarias y piedras.

La policía disparó docenas de bombas lacrimógenas, a lo que siguió un enfrentamiento que se prolongó durante dos horas. Por lo menos 10 estudiantes fueron arrestados.

FRIA RECEPCION

Kim Young-sam, el candidato presidencial del principal partido de la oposición y adversario acérrimo de Kim Dae Jung, también llegó a Kwangju a promover su campaña, pero contó con una fría recepción.

Kim Young-sam visitó el Cementerio de Mangwol, en las afueras de la ciudad, donde están sepultadas más de un centenar de cerca de 200 personas que [illegible] la vida en nueve días de protestas contra el gobierno.

Fue obvio que los residentes de Kwangju, en su mayoría partidarios de Kim Dae Jung, decidieron ignorar la visita de Kim Young-sam, quien realizará mañana una concentración pública para promover sus aspiraciones presidenciales.

En Seúl, unos 700 estudiantes de la Universidad Nacional de Seúl, realizaron una concentración similar a la de los estudiantes de la Universidad de Chonnam.

Los estudiantes en Seúl también tuvieron enfrentamientos con la policía a la que arrojaron bombas incendiarias y piedras. La policía dijo que no se registraron heridos ni arrestos.

LA MAÑANA 14/11/87

01/01

8711594

113

COREA del SUR

032

• **Candidata a la presidencia de Corea**



SEUL. — Primera mujer diplomática en representar a su país en el extranjero, Hong Suk-Ja, de 54 años, anunció su candidatura a la elección presidencial de Corea del Sur de diciembre próximo, bajo los colores del Partido Socialista.

Partidaria de una política de neutralidad respecto a las superpotencias, Hong propone asimismo la creación de un ministerio de los derechos de la mujer para abolir toda discriminación sexual.

"El milagro político sudcoreano sólo puede venir de una presidenta", afirmó la candidata durante una conferencia de prensa, prometiendo al mismo tiempo que, si fuera elegida, confiaría la mayoría de los ministerios a mujeres.

El Dia 12/11/87

Ram

01/01

8711670

Violentos choques con la policía

Protesta estudiantil en Corea del Sur

SEUL (UPI).- Unos 2.000 estudiantes de tres universidades de esta capital chocaron ayer con la policía, tras manifestaciones pidiendo la renuncia del gabinete ministerial del presidente Chun Doo-hwan y la formación de otro neutral para supervisar las elecciones presidenciales, informaron testigos.

Mientras tanto, un congresista opositor y 11 campesinos se afeitaron ayer la cabeza en protesta contra los dirigentes Kim Dae-jung y Kim Young-sam, que cada uno ha decidido postularse a la presidencia, abandonando promesas que hicieran de presentar una sola fórmula opositora.

El diputado Park Chan-jong se afeitó la cabeza dentro de la Asamblea Nacional en una forma tradicional de protesta en Corea, diciendo "prometieron una sola candidatura y luego rompieron el compromiso".

Al mismo tiempo que el diputado Chan-jong se afeitaba la cabeza, un grupo de 11 campesinos católicos también hacían lo mismo, al iniciar una huelga de hambre para presionar a la formación de una sola fórmula opositora.

Analistas políticos estiman que una fórmula opositora dividida ayudará al candidato oficialista Roh Tae-woo en los comicios previstos para fines de diciembre, para elegir al sucesor de Chun.

PROTESTAS ESTUDIANTILES

Las manifestaciones estudiantiles son frecuentes en esta capital y otras ciudades del país, en general en demanda por elecciones justas. Los estudiantes no han podido lograr apoyo de otros sectores sociales para sus protestas, que han quedado ceñidas a los campos universitarios.

En junio los estudiantes encabezaron a cientos de miles de personas en las calles de varias ciudades del país, pidiendo elecciones directas para designar al sucesor de Chun. Luego de semanas de enfrentamientos, el gobierno accedió a sus demandas.

El incidente más violento registrado ayer ocurrió en la Universidad Nacional de Seúl, donde más de mil estudiantes trataron de tomar las calles al mediodía, siendo bloqueados por la policía, vestida en uniforme antimotines.

Los estudiantes gritaban "Abajo la dictadura militar" y "Fuera los norteamericanos", tiraron bombas incendiarias y piedras al contingente policial, que respondió con bombas de gas lacrimógeno.

La consigna estudiantil en las manifestaciones era "formar un gabinete neutral para garantizar las elecciones". No se informó de arrestos o heridos.

LA HABANA 7/11/87

032

01/01

8711747

INTERNACIONAL

Corea: democracia sí, pero con pan

Corea del Sur se encuentra paralizada por huelgas de asalariados que exigen condiciones dignas de trabajo. Los trabajadores quieren su parte de los réditos del desarrollo ahora que, por fin, asoma un nuevo régimen democrático.

EL vertiginoso desarrollo económico de Corea del Sur fue un factor básico para que, en junio y julio pasado, las infatigables algaradas estudiantiles obligaran al Gobierno del dictador general Chan Du Juan a aceptar una transición a la democracia. Pero el progreso económico del país no se basó en los estudiantes, sino en el esfuerzo de los trabajadores surcoreanos que, hasta hoy, han soportado condiciones de trabajo y remuneraciones ominosas. Era inevitable que con los albores de la democracia, los asalariados de la industria y de los servicios salieran a la calle a reclamar condiciones más dignas.

El año pasado, 23.000 trabajadores murieron en accidentes de trabajo. Los *takchan,* verdaderos gallineros donde duermen codo a codo decenas de obreros llegados del campo a las industrias urbanas, proliferan por todo el país como testimonios del capitalismo salvaje sobre el que se ha asentado el desarrollo surcoreano. No existe una ley que determine el salario mínimo y el régimen siempre alentó a los empresarios para que pagaran lo menos posible; las horas máximas de trabajo semanal tanto como las limitaciones al trabajo de los menores nunca se cumplieron. Los sindicatos, manipulados por el régimen dictatorial, ofrecieron siempre poco más que resignación a los trabajadores.



OBRERO S. *Basta de capitalismo salvaje.*

MDesde hace un mes las huelgas tienen paralizado al país. Los reclamos de los trabajadores son tan básicos que hasta el mismo Gobierno se sintió obligado a pedir a los empresarios que aceptaran las peticiones de sus empleados. Ro Tei Gu, presidente del partido oficialista y el principal comadrón de la embrionaria democracia, reconoció que, en el pasado, el Gobierno había «puesto el acento en el crecimiento a expensas de los obreros. Ahora ha llegado el momento en que deberíamos respaldar a los trabajadores en sus demandas».

Las peticiones de los empleados se resumen en tres: aumento de los salarios, mejora de las condiciones de trabajo y sindicatos democráticos.

Corea del Sur ha superado el techo de los 2.500 dólares anuales de ingreso per capita. Es cierto que la mayoría de los surcoreanos gozan de un estandar de vida que sus antepasados jamás tuvieron. Pero es precisamente esto lo que alienta las revueltas.

Las voces de alarma de los sectores más duros del Gobierno y del empresariado han insistido en que ésta es una consecuencia catastrófica para la economía surcoreana (basada en la exportación y en los bajos precios) de haber liberalizado el régimen. Otros anuncian el fin del *milagro coreano* por la supuesta desmesura de las apetencias de los trabajadores y por las recientes huelgas. Lo cierto es que el Gobierno ha hecho una estimación de pérdidas de exportaciones por las huelgas que suman 55 millones de dólares, sólo una pequeña porción de los 25.000 millones de dólares que Corea del Sur exporta anualmente.

La única alternativa que tienen, tanto el Gobierno como los empresarios, es sentarse a negociar. Chan Du Juan ha advertido que ahora tampoco va a sacar el Ejército a las calles. El prestigio del país de cara a los Juegos Olímpicos que deben celebrarse en Seúl el año próximo está en juego una vez más. Los aires nuevos de democracia no dejan otra salida a los más reacios que permitir que los asalariados también se unan al festín del desarrollo.

Ricardo Herrera

HB

032

La Prensa 22/10/87

Corea del Sur en la democracia

La ciudadanía de Corea del Sur definirá el 27 del corriente en un referéndum, si se sanciona la nueva Constitución. Este documento fundamental, que afirma la apertura democrática fue ya aprobado por 254 votos a favor, 4 en contra, y 3 abstenciones, y sobre esa base se realizarán las elecciones presidenciales en el próximo diciembre. La Constitución, octava desde la independencia nacional, en 1948, fue apoyada por un acuerdo entre el partido de la Justicia Demócrata, oficialista, y el de la Reunificación Democrática, después de dos meses de negociaciones.

Es importante la consolidación de los principios republicanos de Corea del Sur, frente al comunismo que impera en el vecino país, Corea del Norte. Precisamente unos días antes se produjo un incidente en el que un pesquero surcoreano, con 12 personas a bordo fue hundido en aguas internacionales por un guardacostas de Corea del Norte. Los atacantes declararon que el barco navegaba en misión de espionaje por aguas territoriales norcoreanas. La declaración fue categóricamente rechazada por Saigón, al informar que tal informe "es un invento que revela una vez más, la naturaleza agresiva del régimen comunista del Norte".

La unidad democrática de Corea es auspiciosa porque libera el camino para la prosperidad nacional, y refuerza el frente interno en la defensa de las libertades de la democracia. Es oportuno recordar la posición geográfica de Corea del Sur, porque está entre el Japón, en el Sur, y los comunistas, en el Norte —Corea del Norte y China—. La condición democrática de aquel país es de singular importancia porque en alguna medida equilibra valores ideológicos en pugna, lo que permite mantener un "status" beneficioso para la paz de la región. Es de esperar, pues, que Corea democrática mantenga sus principios, que ojalá alguna vez puedan ser disfrutados por los norcoreanos, a quienes el comunismo les niega el privilegio de la libertad.

Impiden un acto opositor en Surcorea

(Radiofotografía de Reuter)

El candidato presidencial opositor, Kim Young-sam, saluda a la multitud en Kwangju, 250 kilómetros al sur de Seul, antes de ser atacado con piedras y huevos por los seguidores de su rival, Kim Dae-jung. El incidente impidió que concretara su discurso. La policía informó que se arrestó a 81 personas y que hubo 7 heridos, incluso dos reporteros gráficos, según versiones de prensa. Young-sam, presidente del partido Democrático de Reunificación, y Dae-jung, una importante figura disidente, están compitiendo por los votos opositores en las elecciones para elegir al próximo mandatario. El presidente Chun Doo-hwan dejará el cargo en febrero. Los dos hombres habían prometido seleccionar a un candidato de la oposición en un esfuerzo por mantenerla unificada en su ataque político contra el partido oficial de Chun Doo-hwan y su candidato, Roh Tae-woo, en elecciones programadas para el 16 de diciembre. Se espera que Kim Dae-jung asista hoy a una concentración en Taegu, 242 kilómetros al sudeste de Seul, en un territorio generalmente favorable a Kim Young-sam y al líder del partido del gobierno, Roh

Incidentes entre las dos Coreas

Seúl, 21 (ANSA y UP) — La guardia fronteriza de Corea del Norte disparó hoy desde la zona desmilitarizada que la divide de Corea del Sur contra un puesto de guardia surcoreano e hirió a un soldado, indicó el portavoz del Ministerio de Defensa Heung Shik.

El vocero agregó que las tropas surcoreanas respondieron al fuego y que la posición desde la que dispararon los norcoreanos fue localizada al noreste de Chornow, a unos 80 kilómetros al noreste de Seúl, dentro de la zona desmilitarizada.

Según el portavoz, el tiroteo fue un acto provocatorio para suscitar desórdenes en Corea del Sur, donde a comienzos de diciembre habrá elecciones presidenciales y en el verano próximo (boreal) se disputarán los Juegos Olímpicos. Corea del Sur estima que la del Norte quiere boicotear la olimpiada.

Llamado a un frente opositor

Por otra parte el aspirante a la nominación presidencial de la oposición Kim Young-sam, a despecho de los abucheos de los partidarios de su rival Kim Dae-jung, hizo hoy un llamado tendiente a formar un frente opositor unido a fin de derrotar al candidato presidencial oficialista Roh Tae-woo.

Más de 50.000 personas se reunieron en Chonju para el acto eleccionario de Kim Young-sam.

"La próxima elección es una competencia entre la justicia y el mal", proclamó Kim Young-sam. "Yo pronostico con confianza que la justicia triunfará. Ganaré".

Al iniciar su discurso frente a la estación de trenes de Chonju, unas 200 personas comenzaron a corear el nombre del candidato rival de la oposición Kim Dae-jung, pero los partidarios de Kim Young-sam les bloquearon el paso. En la serie de escaramuzas que siguió nadie resultó herido. Pasada la conmoción, Kim Young-sam continuó su discurso.

"A Roh Tae-woo nunca se le debiera permitir que llegara a ser presidente", indicó Kim Young-sam. "El no está calificado para ser presidente. Tenemos que derrotarlo por todos los medios".

Mientras Kim Young-sam realizaba su concentración en Chonju, 200 kilómetros al sur de Seúl, estudiantes disidentes en Kwangju, 72 kilómetros al sur, lanzaron más de diez bombas incendiarias contra las fuerzas policiales y quemaron dos de sus furgones.

0 1

8712128

Corea del Sur

032

LA NACIÓN 22/1/87

Pronósticos

SEUL.- Corea del Sur reducirá su deuda externa a alrededor de 35.000 millones de dólares este año con un crecimiento del Producto Bruto Nacional del 12 por ciento y un superávit en la balanza de pagos de 9300 millones de dólares, según el viceprimer ministro, Chung In-Yung.

Corea del Sur fue el cuarto deudor del mundo hasta 1986, cuando con un crecimiento del 12,5 por ciento y su primer sustancial superávit de balanza de pagos de 4600 millones de dólares comenzó a pagar a sus acreedores.

Su deuda externa, que ascendió a 47.400 millones de de dólares en julio del año pasado, fue reducida a 44.500 millones a fines de 1986 y a 37.700 millones en septiembre.

01 | 0

8712151

HR

032

Fichaje — LA NACION

...s en Corea del Sur

...ostulantes, quién será presidente; no habría mayoría absoluta

Los principales candidatos







Kim Young-sam

Kim Young-sam, de 59 años, candidato por el Partido de Reunificación Democrática, de oposición, ha prometido que, en caso de obtener un triunfo en las presentes elecciones, designará un gabinete de coalicion con todas las fuerzas democráticas de su país, con la exclusion del actual gobierno.

Excelente estratega, favorecido por una base solida y una larga carrera politica que inició en 1954 como diputado –con 24 años se constituyó en ese entonces en el candidato mas joven de Corea– Young-sam atrae al sector de las clases medias de reciente acceso al consumo, deseosas de cambio, pero con garantias.

Lo desfavorece el concepto que algunos tienen de él de poco capacitado para gobernar.

Sus impugnadores citan el ultimo y considerable error de haber confundido durante la actual campaña electoral armas tacticas con electricidad de origen nuclear.

Kim Dae-jung

Kim Dae-jung, de 63 años, del Partido de Paz y Democracia, escindido del Partido de Reunificación Democrática, también de oposición, se considera como el único candidato capaz de satisfacer el deseo del pueblo para una democracia plena en Corea del Sur.

Después de haber sufrido encarcelamiento, exilio, reclusion domiciliaria, un secuestro, todo ello en 25 años de oposición a regimenes militares, su momento mas dificil fue cuando en 1980 fue condenado a muerte, acusado de conspirar contra el país y de desarrollar actividades subversivas, condena que fue conmutada por el presidente Chun Doo-huan. Tras haberle sido prohibida su actividad politica, la recuperó en julio de 1987.

Orador carismatico,, autodidacta brillante y católico ferviente, Kim cuenta con el apoyo de los obreros, de no pocos intelectuales y, en conjunto, de su provincia natal de Cholla, en el sudoeste, rural pobre.

Roh Tae-woo

El candidato por el Partido Justicia Democrática, oficialista, Roh Tae-woo, de 55 años, es el autor de la redacción y presentación de las reformas politicas implementadas este año en Corea del Sur, entre las que se destacaron la reforma de la Constitución, la convocatoria a elecciones presidenciales por sufragio universal, la liberación de presos politicos y la restauración de la libertad de prensa.

Es un antiguo compañero de promocion del presidente Chu Doo-hwan en la academia militar.

Roh nunca dejó de cuidar su imagen, sin la menor nota falsa. Como lo resume un diplomático, "sencillez, diálogo y amabilidad" son otras de las tantas virtudes que lo disocian del impopular presidente Chun.

El electorado de Roh lo integran principalmente campesinos, conservadores, administrativos, gente de clase media y un sector femenino sensible al fantasma del desorden.

01/01

8712385

032

Corea: consulta nacional por la nueva Constitución

SEUL, 26 (UPI). – Los 26,6 millones de electores de Corea del Sur acuden mañana a las urnas para emitir su veredicto sobre una nueva la Constitución, elaborada para traer la democracia al país después de años de régimen autoritario.

El referéndum nacional concluirá el proceso de la Constitución ya aprobada por la Asamblea Nacional el 12 de octubre. Debe participar en la votación por lo menos la mitad de los ciudadanos habilitados y se requiere el apoyo de más de la mitad de los sufragios emitidos para confirmarla.

La votación en las 13 634 mesas electorales de todo el país comenzará a las 7 y se prolongará hasta las 18. El recuento de los votos continuará durante la noche en 245 puestos de escrutinio y el resultado se conocerá el miércoles por la mañana.

Alerta policial

Los 14.000 agentes de la policía nacional fueron puestos en alerta para impedir actos de violencia y otros intentos de perturbar el proceso de votación. Algunos estudiantes han realizado acciones esporádicas buscando boicotear el referéndum.

En vísperas de éste, unos 500 estudiantes de la Universidad de Corea en Seúl realizaron una violenta manifestación protestando contra el arresto de 25 alumnos durante una incursión policial el lunes al predio académico, que fue parte de las medidas de prevención para la consulta. La policía afirmó que se había incautado de más de 300 bombas incendiarias.

Durante la acción de protesta los estudiantes lucharon con la policía antimotines por una hora y lanzaron más de cien bombas incendiarias, dijeron testigos.

El presidente Chun Doo hwan dirigió una reunión de las autoridades de seguridad y les dijo que debían hacer todo lo posible para ayudar a la conclusión exitosa del referéndum, dijo un vocero oficial.

"Algunos elementos extremistas están desafiando la voluntad popular y procuran perturbar el referéndum", dijo Chun. "El referéndum será un hito en la salvaguarda y el desarrollo de nuestra democracia liberal. Deben hacerse los mejores esfuerzos para que sea un éxito".

La Constitución propuesta, compuesta de un preámbulo, 130 artículos y seis provisiones anexas, fue redactada sobre la base de un compromiso entre el Gobierno y los partidos de oposición. Es la primera vez en Corea del Sur que se elabora una constitución sobre la base de un entendimiento como ése.

La nueva constitución estipula la elección directa del Presidente, eliminando el polémico sistema de elección indirecta. Bajo la nueva ley el Presidente mantendrá amplios poderes pero se extenderán asimismo la autoridad y las funciones del Parlamento.

LA NACIÓN 27/10/87

"Doc. Poco LEGIBLE"

01 | 01

8712430

CARP. Nº 33

(1)

933/1 REPÚBLICA NACIONALISTA

TAIWAN

ENTRE LOS Nºs

8700347-8712560

ARCH

EL DIA 07/12/86

EL MUNDO

PN

Buena votación obtuvo la oposición en Taiwan

TAIPEI, China. — El primer partido de oposición organizado de Taiwan logró un impresionante comienzo en las elecciones nacionales de ayer reclamando la victoria en las dos ciudades más grandes de la isla.

Con todos los votos contabilizados en Taipei y en el puerto sureño de Kadhsiung, siete de los 10 candidatos del opositor Partido Democrático Progresista ganaron asientos en la asamblea nacional y en la cámara legislativa, informó la Comisión Central Electoral.

Al menos otros dos prominentes candidatos opositores, incluyendo al hermano de un exiliado dirigente disidente, Hsu Hsin-Liang, quien no pudo regresar a casa para las elecciones, estaban consiguiendo mayorías en los distritos de Taoyuan y del condado de Taipei.

Un total de 157 asientos en los dos cuerpos legislativos fueron disputados en todo el país por 306 candidatos —44 de ellos demócratas progresistas. Los primeros resultados sólo estuvieron disponibles en Taipei y Kaohsiung.

En la elección de ayer, el PDP capturó alrededor del 30 por ciento de la votación en Taipei y Kaohsiung, pero fuentes del gobierno pronosticaron que las cifras caerían a menos del 20 por ciento una vez que se conocieran los cómputos de todo el país.

La radio oficial dijo que el presidente Chiang Ching-Kuo y su esposa votaron apenas se abrieron las mesas electorales.

Los analistas políticos estimaron que era posible que ayer acudieran más del 66,43 por ciento de los 11,8 millones de votantes de Taiwan, en una marca establecida en las elecciones legislativas de 1980.

El PDP ha pedido la "autodeterminación" para los 19 millones de habitantes de Taiwan, lo que le dio interés a las elecciones.

Se trata del primer grupo opositor que desafía el mando del gobernante Partido Nacionalista. Los taiwaneses nativos conforman el 86 por ciento de la población y no comparten el fervor de los nacionalistas para una reunificación con China continental.

Los nacionalistas gobiernan Taiwan bajo la ley marcial, desde que dos millones de seguidores del general Chiang Kai-Shek se refugiaran en la isla en 1949, cuando los comunistas lograron el control de China.

Aunque el PDP es técnicamente ilegal, Taipei anunció en octubre que la ley marcial se levantará el próximo año y no ha prohibido al nuevo grupo.

PARTES POCO LEGIBLE

01 01

8700347

RCH

LA NACION 08/12/86

Se refuerza la oposición en Taiwan

TAIPEI, 7 (UPI). - Jubilosos miembros del primer partido opositor de Taiwan afirmaron hoy que el resultado de las elección legislativa de este fin de semana muestra que la ciudadania acepta las reformas politicas y la autodeterminación de la isla.

En la primera elección a la que acude la oposición en Taiwan, 23 de los 44 candidatos del Partido Progresista Democrático opositor, conformado hace dos meses, obtuvieron escaños en la Asamblea Nacional y en la Legislatura (Yuan Legislativo).

Los resultados finales publicados por la Comisión Central Electoral muestran que el Partido Nacionalista logro 127 bancas, el PPD 23 y los independientes siete. En total, 306 candidatos compitieron por 157 bancas legislativas.

La comision dijo que el 65,4 por ciento de los 11.8 millones de votantes registrados acudieron ayer a las urnas.

El nuevo partido, cuyos velados llamados a la independencia alarman a Taipei y Pekin, predijo la semana pasada que obtendria entre 20 y 22 asientos.

"En cinco distritos triunfamos por gran mayoria", acota.

"Esto muestra que nuestro partido, su plataforma y nuestros ideales politicos tienen aceptación en el pueblo", dice.

ECONOMIA El Día 4/11/86

Mosca firmó acuerdos por US$ 3: con Taiwan

TOKIO, (Exclusivo para EL DIA por Raúl Ronzoni). — ...ntas a Taiwan por 25 millones de dólares para 1987 ...cresó la delegación de nuestro país a la Cuarta Conferencia sobre Cooperación Económica entre la República de China y Uruguay, según confirmó a EL DIA el subsecretario de Economía y Finanzas, Luis Mosca.

Asimismo se obtuvo asistencia económica en las áreas agropecuarias, industrial y de proyectos especiales por un monto de 3 millones de dólares.

La delegación uruguaya a esta reunión fue presidida por el subsecretario de Economía y Finanzas, Luis Mosca, y estuvo integrada además por el director general de Comercio Exterior, Isidoro Hodara, el director general del Ministerio de Agricultura, Ganadería y Pesca, Carlos del Piazo, el vicepresidente de la Administración Nacional de Puertos, José Bello, el director de Zonas Francas, Alvaro Mastroianni, y representantes del sector privado.

El gobierno de Taiwan se comprometió a comprar en 1987 un total de 200 toneladas de tabaco, 70 mil toneladas de soja, 320 toneladas de tops de lana, 110 mil frazadas, 800 mil pies cuadrados de cuero para capellada y 150 mil cajas de citrus (naranjas, limones y pomelos).

Cooperación técnica

Además, según pudo confirmar EL DIA, se firmaron acuerdos de cooperación técnica por más de 3 millones de dólares, y el gobierno de la República de China ofrecerá además apoyo para el entrenamiento de técnicos uruguayos en aquella nación.

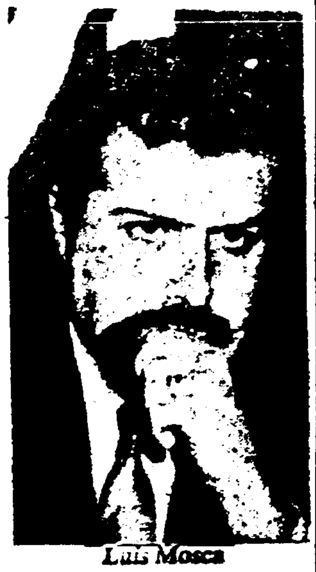
Entre los acuerdos se destaca la donación de 150 mil dólares para la construcción de un laboratorio de acuicultura marina, 100 mil dólares para la compra de equipos para la lucha contra la fiebre aftosa, 1.5 millones de dólares para promover cultivos de soja y maíz, 270 mil dólares para el Centro de Investigaciones "Alberto Boerger" y 300 mil dólares para obras de infraestructura de zonas francas.

Las becas otorgadas por Taiwan incluyen a dos funcionarios de la Dirección de Zonas Francas que estudiarán en esta nación la experiencia recogida sobre el tema.

Importantes contactos

Durante su estada en la República de China, el subsecretario de Economía y Finanzas de nuestro país, Luis Mosca, se reunió con el vicepresidente, Teng-hui Lee, el primer ministro, Yu Kuo-hova, el canciller, Fu-sung Chu y el ministro de Finanzas, Robert Chun Chien, entre otras autoridades.

Quedaron pendientes de estudio varias propuestas de la delegación de nuestro país, de



Luis Mosca

cuyos resultados podrían surgir nuevas ventas a aquella nación.

La delegación china señaló "el deseo que las relaciones económicas y de comercio exterior sean cada vez más estrechas y amplias".

Interés de Citicorp por Bank of America

... Conn, analista

Dólar subió por acuerdo con el yen

MADRID. — El dólar norteamericano subió ayer ligera-

01-01

8700609

033

que nada se resolverá sin la retirada completa del proyecto de reforma

[illegible] vecharon las marchas de duelo, y en

[illegible] contundentes.

LA PRENSA 08/12/86

Satisface a la oposición en Taiwán el resultado comicial

Taipei, Taiwán, 7 (UPI) – Los miembros del nuevo partido opositor, al que se le permitió competir en las elecciones por primera vez, señalaron hoy que la fuerte actuación de la agrupación demostraba el apoyo del público para la reforma política y la autodeterminación.

En las primeras elecciones con oposición organizada en la historia de Taiwán nacionalista, 23 de los 44 candidatos del partido Democrático Progresista ganaron escaños en la Asamblea Nacional y la Legislatura, muchos de ellos por un amplio margen.

Los resultados finales de la Comisión Electoral Central revelaron que el gobernante partido Nacionalista logró 127 bancas, el partido Democrático Progresista 23 e independientes 7.

Un total de 306 candidatos compitieron por 157 bancas en las elecciones legislativas del sábado.

La comisión señaló que el 64.5 por ciento de los 18 millones de votantes registrados acudieron a las urnas.

Sorpresa

Los analistas expresaron su sorpresa por el resultado, y estimaron que los 19 millones de habitantes de Taiwán, por primera vez en los 37 años de gobierno nacionalista de esta isla, están preparados para un sistema bipartidista.

Tanto el partido Democrático Progresista, que tiene su mayor apoyo en la mayoría taiwanesa, y los nacionalistas, que se trasladaron a la isla cuando los comunistas tomaron control de China en 1949, proclamaron sus triunfos.

El partido Democrático Progresista, cuyo llamado a la independencia para Taiwán ha alarmado a China comunista y el gobierno de Taipei, predijo la semana pasada que ganaría 20 ó 22 bancas.

"A poco menos de dos meses de haber formado nuestro partido, hemos ganado las elecciones y las hemos ganado en grande", indicó una declaración opositora difundida hoy.

"Esto demuestra que la formación de nuestro partido, nuestra plataforma y nuestras creencias políticas han sido aceptadas por el pueblo".

El PDP ha pedido la "autodeterminación" para los 19 millones de habitantes de Taiwán, lo que le dio interés a las elecciones.

Es el primer grupo opositor que desafía al partido Nacionalista de gobierno. Los taiwaneses de origen conforman el 86 por ciento de la población y no comparten el fervor de los nacionalistas para una reunificación con China continental.

Ma Shu-Li, secretario general del partido Nacionalista, expresó: **"La exitosa elección ha demostrado la determinación del partido en el poder para lograr la democracia. La mayoría de nuestros candidatos ganaron la elección, demostrando nuevamente que el pueblo apoya a nuestro partido y nuestras políticas".**

Mayoría oficialista

A pesar del impresionante debut del partido Democrático Progresista, los nacionalistas aún cuentan con grandes mayorías en ambos cuerpos legislativos.

El gobierno nacionalista, como el de Pekín, considera a Taiwán una provincia de China y condena como sedicioso cualquier llamado independentista. Pekín ha advertido que atacará a Taiwán si ésta declara su independencia.

Poco Legible

Se realizó ayer el Seminario Sino-Uruguayo

Concretarán inversiones desde Taiwan



Importantes propuestas fueron realizadas en la pasada jornada por dirigentes empresariales y jerarcas de la Administración de nuestro país ante la delegación de inversores de la República de China.

En la oportunidad, se analizó la posibilidad de que dicho país oriental canalizara inversiones hacia los 250 millones de habitantes que conforman el mercado de la ALADI.

Se mencionó asimismo, la factibilidad de que nuestro país tuviera un papel protagónico en la triangulación del canal de inversiones hacia el mercado que conforman los países integrantes del organismo regional.

Como se recordará la República de China tiene un excedente de divisas del orden de los U$S 53.000 millones y la única posibilidad que tiene para su drenaje es la inversión exterior.

La calificada delegación de la República de China, a través del Jefe de la misión, David Liu, invitó a nuestro país para analizar en Taiwan -de la misma forma que lo han hecho EE.UU. y México recientemente- proyectos conjuntos de inversiones y "joint venture".

SEMINARIO

En la víspera, se realizó el Seminario de Comercio e Inversión Sino-Uruguayo que organizara la Cámara de Comercio Uruguay-China con la presencia de la delegación que el pasado domingo arribara a Uruguay y representantes oficiales y de la industria y el comercio de nuestro país.

El Seminario comenzó con comentarios de Jorge Fernández, Presidente de la Cámara de Comercio Sino-Uruguaya a lo que le siguieron palabras de bienvenida del Embajador de la República de China, Henry C. Y. Wang; y posteriormente el Subsecretario del Ministerio de Economía y Finanzas, Ec. Luis A. Mosca y el Subsecretario del Ministerio de Industria y Energía, Cr. Gustavo E. Cola Cancela se refirieron a la importancia de la presencia de la citada delegación y las futuras posibilidades de inversión en territorio uruguayo.

El Ec. Isidoro A. Hodara, Director General de Comercio Exterior destacó las oportunidades comerciales en el Uruguay y sobre inversiones en zonas francas el Esc. Alvaro Mastroianni, Director General de Zonas Francas realizó un pormenorizado detalle de la actual y futura reglamentación (actualmente a consideración del Parlamento) que rigen a tales efectos en el Uruguay.

La Cdra. Graciela Morlán, Directora de la Dirección Nacional de Industrias habló sobre las oportunidades en cooperación industrial.

Los presentes tuvieron oportunidad de escuchar al Jefe de la Misión Comercial, David Liu que disertó sobre el estado actual y desarrollo económico en la República de China a lo que finalmente le siguieron preguntas de los interesados que estaban presentes que recibieron las respuestas de los miembros de la delegación.

PARTES ILEGIBLES



Un aspecto del simposio llevado a cabo ayer, y que contó con la presencia de autoridades nacionales y representantes de importantes gremiales del país. El Jefe de la Misión de la República de China, David Liu, fue el encargado de responder a las numerosas interrogantes que le fueron formuladas

La Mañana 24/3/87

01-01

8703620

033
HEB.

Taipei: aprueban Ley de Seguridad del Estado

TAIPEI. — Una discutida "ley de seguridad del estado" aprobó ayer de noche en Taipei el Parlamento de la República de China (Taiwan).

La ley, que obtuvo todos los votos del partido gubernamental, Kuomintang (nacionalista), [illegible] 1949, en que se estableció la República de China en la isla de Taiwan.

Se cuenta con que el presidente de la República de China, Chiang Ching-Kuo (79 años), presidente del Kuomintang —hijo mayor de Chiang Kai-Chek, fallecido en 1975— firme la nueva ley en los próximos días, para que el Parlamento la ponga en vigor antes del comienzo de las vacaciones parlamentarias, a mediados de julio.

Con la unanimidad de los nacionalistas contrastó la abstención de los 12 diputados del opositor Partido Democrático del Progreso, que protestaron con una sentada ante las cámaras televisivas internacionales contra la ley, que —en su opinión— significará únicamente la continuación de la ley marcial.

El gobierno taiwanés intentó justificar la ley marcial al recordar que la República de China sigue estando prácticamente en guerra con la República Popular China (Pekín), comunista, y ha de hacer frente a infiltraciones y subversiones organizadas desde el continente.

La ley marcial en Taiwan —promulgada en 1949, cuando el régimen nacionalista chino, de Chiang Kai-Chek, se refugió en la isla huyendo de los comunistas chinos, dirigidos por Mao Tse-Tung— fue aplicada rigurosamente hasta principios del decenio del setenta y dio poderes casi ilimitados a las autoridades militares y policiacas, sobre todo al temido servicio secreto militar ("Taiwan Garrison Command"), para reglamentar la vida en Taiwan (18:800.000 habitantes, 36.200 kilómetros cuadrados).

Como resultado de la ley marcial, ha sido censurada la prensa taiwanesa y extranjera y han podido ser confiscados periódicos que no se refiriesen a los comunistas como "bandidos y usurpadores".

El País 25/6/8

Poco Legible

R. A. China

(fichas)

Visto

01-01 8705178

Taiwan: un tímido paso hacia la democratización

La liberalización en China comunista, a la que ahora se da en cierta medida marcha atrás, estimula la introducción de reformas similares en la China nacionalista. Esta curiosa y paradójica situación está dando lugar a situaciones que, a pesar de las distancias ideológicas con la China continental, no dejan de tener similitud.

El Gobierno de Taiwan se apresta a un relevo generacional de sus cuadros directivos con el anuncio de una liberalización sobre todo en el terreno económico y en materia de prensa. Recientemente se suspendieron algunos controles estatales y se prometió el levantamiento del estado de vigilancia para fin de año.

Los acontecimientos vienen forzados desde la calle en cierta medida. Las últimas protestas de la Universidad Nacional de Taiwan tenían como objetivo desmantelar la influencia política del Partido Nacionalista y de la administración de esa casa de estudios superiores.

De acuerdo con fuentes gubernamentales, el Gobierno del presidente Chiang Ching-Kuo se está preparando para hacer frente a la creciente [illegible] de la oposición.

Además de una mayor flexibilidad con los medios de comunicación, hasta ahora en su mayor parte pro gubernamentales, y algunos, simples órganos de propaganda, parece que el Partido Nacionalista (gubernamental) quiere desprenderse de sus «dentes testigos» (delegados) en colegios, institutos de enseñanza y empresas públicas. La presencia de estos controles ha sido comparada por la oposición con organismos similares de China Popular.



CHIANG CHING-KUO
quiere aflojar las restricciones.

La aparición del *Journalist Weekly*, con lanzamiento previsto para el próximo mes de abril, en Taipei, marca lo que a todas luces promete ser una nueva era en la historia de la prensa en Taiwan. El «semanario de los periodistas» será el esfuerzo de un grupo de periodistas y académicos liberales, a cuya cabeza está su editor, Antonio Cheng, quien recientemente estuvo en Hong-Kong. En declaraciones brindadas al final del Congreso Internacional de Periodistas, celebrado en el territorio británico el pasado mes de febrero, el periodista taiwanés afirmó que la nueva publicación «estará por encima de políticas partidarias y será independiente tanto del partido en el Gobierno, Koumintang, como de la flamante fuerza de oposición, el Partido Demócrata Progresista».

En el campo económico, el Gobierno ha acentuado sus esfuerzos para liberalizar la economía, [illegible] las inversiones, elevar los impuestos aduaneros y abrir la bolsa de valores a operaciones realizadas por extranjeros.

Esta línea de pensamiento es la de los teóricos de Taiwan, que afirman que la mejor manera de combatir el comunismo es con una sociedad cada vez más abierta y democrática.

Entre tanto, Taiwan está con los ojos puestos en el cumplimiento de las promesas de Pekín con respecto a Hong-Kong y Macao, dándoles un tratamiento de «zonas especiales» en las que se garantice la continuación del sistema capitalista.

El sentimiento de unión con la patria continental podrá ser muy grande, pero es dudoso que Taiwan esté dispuesta a brindarle en sacrificio todo lo conseguido en casi cuatro décadas de esfuerzo sólo a cambio de las promesas de Pekín. La psicosis de vivir en un estado de sitio permanente —los mejores hoteles de Taipei tienen las señales indicando los refugios antiaéreos— responde a las amenazas apenas veladas provenientes de este lado del estrecho de Formosa. De agotarse los medios de persuasión pacíficos —el propio Deng Xiao Ping lo dijo expresamente el año pasado— China buscaría la reunificación de los territorios separados por la forma que fuera necesaria. Y esto, sin duda, influirá en los años por venir en la evolución política de Taiwan, alimentando con buena leña el fuego de lo que vaya quedando de la «vieja guardia», que todavía mira como punto de referencia histórica, inmune al paso de los años y a la cosmética de los cambios, al blanco e impresionante mausoleo del líder Chiang Kai Shek, en pleno centro de Taipei.

A. C. M.
(Hong-Kong)

4.° marzo-3-87

30 de Marzo de 1987

POCO LEGIBLE

O 033

Decretaron en Taiwán, después de 39 años, el levantamiento de la ley marcial

Taipei, 14 (UP – El presidente Chiang Ching-kuo decretó hoy la finalización de 39 años de la ley marcial, que otorgaba al gobierno amplios poderes de control de las actividades políticas en la isla.

El anuncio, dado a conocer por la Oficina de Información del gobierno, especificó que el presidente ordenó la abolición a partir de la medianoche de hoy, de la controvertida medida de emergencia impuesta en 1948.

Ley de seguridad nacional

Las autoridades sostuvieron que la ley de seguridad nacional del 1° de julio tomará efecto a partir del momento en que la ley marcial sea abolida.

El-Hsuan huang, vocero del opositor partido Democrático Progresista, inmediatamente dijo que la orden del presidente fue "un poco tarde y no demasiado" para lograr la democracia en el país.

Huang dijo que la medida y otras "leyes anormales" de los últimos cuarenta años, "sólo restringen los derechos de la gente" como la ley marcial.

El vocero del gobierno, Yu-Ming shaw, advirtió en reiteradas oportunidades que aunque el levantamiento de la ley marcial y la implantación de la nueva legislación de seguridad eran parte de un sólo paquete de medidas enviadas al Congreso, no significa que sean "de manera alguna, el reemplazo" de una con la otra.

Ma Ying-jeou, secretario general asistente del gobernante Kuomintang y expérto legal del partido, también afirmó que "el espíritu de la nueva ley es garantizar la seguridad de la nación con mínima restricción de la libertad de la gente".

Liberan a 23 presos

El Ministerio de Defensa anunció que fueron liberados hoy después del anuncio del levantamiento de la ley marcial, 23 presos civiles que habían sido acusados por cortes militares.

Un vocero militar declinó confirmar cuántos de los 23 detenidos cumplían sentencias por cargos de sedición y podían ser clasificados de presos políticos.

La declaración del ministerio señaló que las sentencias de 170 personas que permanecen detenidas por "crímenes de sedición" fueron reducidas, en muchos casos a la mitad o menos.

Pero según la información, "algunos sediciosos" y otros detenidos por actos terroristas no serían incluidos en la amnistía que el presidente prometió la semana pasada y que sería introducida junto con la abolición de la ley marcial.

La ley marcial, que en varias ocasioens fue calificada como el mayor obstáculo de la democratización del país, fue impuesta en Taiwán por los nacionalistas en 1948, un año antes de que el gobierno comunista asumiera en China.

Medidas restrictivas

Entre las medidas restrictivas de la ley, se destaca el amplio poder con que cuentan las Fuerzas Armadas para juzgar, e imponer sentencias extensas a los disidentes políticos.

También otorga poder a las Furzas Militares para suspender o cerrar publicaciones nuevas, prohibir la formación de partidos políticos y la publicación de artículos contra el gobierno ó a favor del comunismo.

La nueva ley anula el poder de los militares de enjuiciar a los civiles por cualquier crimen ó de controlar a la prensa.

PERLA La Prensa 15/7/87

POCO LEGIBLE

01 · 01

8706917

R.P. CH.

28

033

China: separarían las funciones del PC y del Gobierno

PEKIN, 30 (UPI). – Los medios informativos oficiales comenzaron hoy a publicar un trascendental discurso de Deng Xiaoping sobre la reforma política, según la cual se separarían las funciones del Partido Comunista y las del gobierno.

Se espera que la reforma sea aprobada en el próximo congreso del PC, en octubre.

Diplomáticos occidentales opinaron que la publicación del discurso puede indicar el inicio de una campaña encaminada a familiarizar al país con los objetivos más profundos de las reformas que se abordarán en el congreso.

La publicación del discurso "es de un gran significado inmediato", dijo la agencia noticiosa oficial Xinhua.

La agencia transmitió un despacho en el que se citaron partes del discurso e información de fondo sobre el tema.

El discurso "establece la orientación de las reformas políticas de China", dijo Xinhua. El texto completo será publicado en separata para conmemorar el 66° aniversario de la fundación del Partido Comunista Chino, el 1° de julio.

Xinhua dijo que se espera que el plan de reformas políticas sea discutido en el XIII Congreso Nacional, que comenzará a sesionar en octubre.

También se espera que durante el congreso, que se celebra regularmente cada cinco años, se nombre a un nuevo jefe del partido y se elija un nuevo Buró Político y su Comité Ejecutivo.

En su discurso, dividido en cinco partes, Deng proclamó la promoción de dirigentes jóvenes y profesionales y criticó la "concentración del poder en unas pocas personas".

El jefe chino, de 82 años, y el individuo más influyente en China desde 1978, anunció el domingo que pensaba pedir un semi retiro durante el congreso de octubre, aunque añadió que se mantendría en su actual "papel".

Diplomáticos occidentales opinaron que Deng habría decidido abandonar algunos de sus cargos actuales para forzar a viejos veteranos a hacer lo mismo.

Se ha dicho que uno de los objetivos de Deng en el congreso sería lanzar el "rejuvenecimiento" del partido, aunque el proceso podría durar unos 10 años.

Diplomáticos occidentales dijeron que el discurso fue publicado en momentos en que corre gran cantidad de rumores de que en julio se realizaría una sesión plenaria especial del partido para fijar la agenda que se tratará en el congreso de octubre y donde se decidirá la lucha por el poder entre reformistas y comunistas "de línea dura", que se ha incrementado este año.

01-01

P8

033

Luchar contra vietnamitas hasta recobrar soberanía

China apoya coalición de Kampuchea

PEKIN. (ANSA, EFE y UPI).- El líder chino Deng Xiaoping reafirmó ayer el apoyo de China Popular al Gobierno de coalición tripartita de Kampuchea en su lucha contra la agresión vietnamita hasta que Kampuchea (antes Camboya) recobre por completo su independencia, soberanía e integridad territorial.

Deng, presidente de la comisión asesora del Partido Comunista chino, se expresó así en una entrevista con el Presidente de Kampuchea democrática, Príncipe Norodom Sihanouk, que encabeza una delegación de tres partidos opuesta al actual régimen de Heng Samrin.

Deng dijo que aceptamos el hecho de que Kampuchea no practicara el socialismo tras su victoria sobre Vietnam, pero esperamos que Kampuchea continúe siendo dirigida por Samdech Norodom Sihanouk.

También expresó su convicción de que una lucha justa por una nación independiente sea culminada con la victoria.

A juicio del líder chino, la Unión Soviética y Vietnam cambiaron su postura sobre Kampuchea, pero Vietnam no ha cambiado su estrategia respecto a una federación indochina, ni Moscú ha abandonado su respaldo a la agresión vietnamita contra Kampuchea.

Recientemente, Pekín calificó este apoyo soviético a la presencia vietnamita en Kampuchea como el mayor obstáculo en el acercamiento chino-soviético.

La delegación, compuesta además por el ex Primer Ministro Son Sann y el Vicepresidente de Kampuchea Democrática, Khieu Samphan, está en Pekín desde el pasado fin de semana, y ha recibido una acogida favorable de la prensa oficial.

01-01 8707081

RPCH.

033

PERCA

[illegible] Miércoles 1º de julio de 19[illegible]

Campaña en China en favor de la reforma política

Pekín, 30 (UP) -- Los órganos informativos oficiales chinos comenzaron hoy a publicar un trascendental discurso del líder Deng Xiaoping sobre la reforma política, según la cual se separarían las funciones del partido Comunista (PC) y del gobierno.

Se espera que la reforma sea aprobada en el próximo congreso del PC, previsto para octubre.

Diplomáticos occidentales opinaron que la publicación del discurso puede indicar el camino de una campaña encaminada a familiarizar a China con los objetivos más profundos de las reformas que se abordarán en el congreso partidario.

"Significado inmediato"

La publicación del discurso, pronunciado por Deng en una reunión del buró político en agosto de 1980, "es de un gran significado inmediato", señaló la agencia noticiosa oficial china Xinhua citando a "observadores".

La agencia noticias trasmitió un despacho en el que se citaron partes del discurso e información de fondo sobre el tema.

Titulado "sobre la reforma en el sistema del partido y la dirección del estado", el discurso "establece la orientación de las reformas políticas de China", expresó Xinhua. El texto completo del discurso será publicado en una separata para conmemorar el 66º aniversario de la fundación del partido Comunista chino, el 1º de julio.

En su discurso, dividido en cinco partes, Deng proclamó la promoción de dirigentes jóvenes y profesionales y criticó la "concentración de poder en manos de un sólo individuo o unas pocas personas".

El líder chino, de 82 años de edad, y el individuo más influyente en China desde 1978, anunció el domingo pasado que pensaba pedir un retiro parcial durante el congreso de octubre, aunque añadió que se mantendría en su actual "papel".

01-01

870712

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Irán probó en el golfo misiles posiblemente comprados a China

PROCEDENCIA: LA PRENSA 8/8/87

ARCHIVADO EN: IRAN (040)

01-01 8707164

ARCHIVAR EN: R.P. CH. (033)

TEMA: TAIWAN: NEW SECRETARY-GENERAL OF THE KMT. del 30/7/87 (B/0768)

PROCEDENCIA: Doc. Nº 1227/87 del 12/8/87

ARCHIVADO EN: ENLACE INGLES (35/C)

01-01 8707204

R.P. CHINA 033

METAS ECONOMICAS CHINAS

PERLA

Igualar a Corea y a Taiwan

Las medidas económicas que se han puesto en vigencia o se planean para China son similares a las que hicieron mejorar las economías de Corea del Sur y de Taiwan.

La primera etapa de desarrollo de un país es el paso en el cual el P.B.N. medio anual por persona de 500 dólares llega a ser de 2.000 dólares. Eso implica el paso de una economía agrícola en la que las familias sacan su alimento de la tierra a otra en el que el 40 % de la población está en el agro y el resto en la industria, servicios, etcétera.

En la actualidad el P.B.N. por persona en China está entre 300 y 500 dólares (una variación que resulta de las distintas paridades que dan para el dólar las monedas locales de distintas regiones). Cuando tomó el poder el Partido Comunista el P.B.N. per capita era de 150 dólares de hoy. En los treinta últimos años se logró un cambio pero el objetivo confesado de Deng es cuadruplicar los ingresos reales y llevarlos a 2.000 dólares, el nivel actual de Corea del Sur y de Taiwan.

Evidencias

Uno de los primeros indicadores del cambio es la migración de los campesinos para hacer asentamientos precarios cercanos a las ciudades que se industrializan. Esto no es todavía evidente en China, porque el Partido Comunista no desea que haya una migración del 25 % de su población rural (lo que pasó en Corea del Sur) e impone controles para evitar que 1/4 de los 800 millones de campesinos se vuelquen a las ciudades.

En China la transformación industrial tiene lugar en dos formas distintas: la producción bruta industrial ha aumentado a un índice anual de 12 % durante los últimos 5 años y además los agricultores están invirtiendo sus ahorros de un modo tal que en 1983-86 la producción de la industria rural (es decir de la que se inició en el campo) creció no menos de 266 % y los campesinos empezaron a comprar televisores y se trasladaron al pueblo cercano para buscar trabajo en las nuevas fábricas.

Esta industrialización en dos niveles está cambiando el perfil de vida de los chinos, la estructura de su economía y hasta al mismo Partido Comunista chino.

El poder del Partido Comunista chino surge del apoyo de las enormes masas campesinas: sus cuadros dirigentes están compuestos de hijos de campesinos, sus medidas más importantes —la abolición del poder de los terratenientes, en 1950, el cuidado preventivo de la salud en regiones remotas hecho por los médicos descalzos— estuvieron dirigidas a ayudar a los campesinos.

En términos de ingreso, China está entre los países más pobres del mundo pero si observamos indicadores como el promedio de vida, mortalidad infantil y nivel de educación, es comparable a un país con el doble o el triple de sus ingresos.

Desde 1949 hasta 1978, a pesar de las declara ciones de Mao, la participación de la agricultura en el P.B.N. bajó y la de la industria aumentó rápidamente, mientras que el comercio con el exterior era prácticamente inexistente.

Otra característica negativa era la desigualdad entre distintas zonas en cuanto a ingreso: un ciudadano de Shangai produce más de 11 veces lo que produce un ciudadano de la provincia de Guizhou, mientras que el pueblo más rico, Qianzhou, es 35 veces más rico que el más pobre, Dongve.

Desde 1978 se ha aumentado la importancia de la agricultura, China ha pasado a ser el país más destacado como importador del Tercer Mundo y se están estrechando las brechas de riqueza.

En los nueve años posteriores a 1978 la producción del agro aumentó 4% por año para granos y 15% anual para el algodón. Los agricultores chinos aumentaron sus ingresos más que en los otros 30 años de dominación comunista, de 134 yuan en 1978 a 424 yuan en 1986 y el país pasó a ser exportador neto. Los agricultores chinos ahora son ricos, pero, aunque no se malogrará lo obtenido hasta ahora, si no se modifican las políticas se desacelerará el ritmo de crecimiento.

Poco LEGIBLE

CHINA (TAIWAN)

033

PERCA

Seminario sobre política, cultura y economía en Taiwán

Una delegación académica de la República de China (Taiwan), inauguró un seminario sobre el desarrollo económico y la evolución política y cultural en su país. En el acto de inauguración se hizo presente el subsecretario de Educación y Cultura, Julio Aguiar, quien señaló que la experiencia de Taiwan constituye un ejemplo para Uruguay en momentos en que nuestro país enfrenta el desafío de la modernización.

La misión está integrada por docentes universitarios y su jefe, Chen Yes-hong, es el rector de la Universidad Tamkang de Taiwan. Los representantes de esta misión expresaron sus deseos de que se incrementen los lazos de cooperación e intercambio económico, comercial y cultural, entre los dos países, e indicaron que empresarios chinos están estudiando la posibilidad de concretar inversiones económicas en la zona sudamericana.

A este respecto Aguiar resaltó la necesidad de Uruguay de relacionarse y conocer las experiencias de otros países, y manifestó que el caso de Taiwan es un ejemplo para nuestro país, que está viviendo una etapa de cambio. Expresó que "no debemos quedarnos fijos en una etapa histórica y cultural que está superada. Hoy con humildad venimos a aprender, a conocer esta experiencia (de Taiwan)".

El jefe de la delegación, tras agradecer la buena acogida por parte del gobierno uruguayo, dijo que ambas naciones están unidas por un mismo ideal, que es el mantenimiento de la democracia y la libertad. Por ese motivo, agregó, vienen a conocer la realidad uruguaya y a ofrecer su experiencia, y recordó que 40 años atrás Taiwan se encontraba en una situación económica y social típica de un país tercermundista pero que la puesta en práctica de un plan de desarrollo económico la llevó a estar hoy entre los paises más desarrollados del mundo.

Un miembro de la delegación, haciendo una disertación sobre este plan de desarrollo iniciado a fines de los años 40, explicó que las metas propuestas fueron tres: el crecimiento, la detención de la inflación y una redistribución de la riqueza del país. Con respecto al crecimiento económico indicó que entre los años 1953 y 1986 tuvo un promedio del 8,7 anual, siendo de 10,8 el crecimiento correspondiente al año pasado.

En ese lapso la actividad agrícola pasó de representar el 36% del Producto Bruto Interno, a ser el 6% en el año 1986, en tanto que la actividad industrial, que en los años 40 significaba el 6% del PBI, alcanza en la actualidad el 50%. La inflación, por su parte, que tenía un indice del 100% anual en 1949, es ahora del 6% anual. Las diferencias entre los sectores de mayor y menor ingreso disminuyeron 20 veces en los últimos 40 años.

La primera etapa del plan de desarrollo adoptado por el gobierno de fines de la década del '40 fue la instrumentación de una reforma agraria con el lema "tierra para quien la cultiva", para incentivar la producción agrícola. Los terratenientes fueron indemnizados con el otorgamiento de acciones de empresas estatales, con lo que también se incentivó la actividad industrial, apoyada con medidas proteccionistas y restricciones a las importaciones que fueran competitivas con la industria nacional.

Se solucionó de esa forma el problema de la mano de obra desocupada, pero surgió la desventaja de la ineficiencia burocrática y la corrupción administrativa, señaló el representante de la delegación.

En los años '60 Taiwan entró en una nueva etapa de su política económica, cuando debido a la saturación del mercado interno se toma la decisión de expandir su producción industrial hacia el exterior. Ello determinó una total liberalización de la economía, con eliminación de medidas proteccionistas, para que la producción alcanzara un nivel competitivo en el mercado internacional.

Hoy Taiwan ocupa el lugar número 16 entre los principales exportadores mundiales, y su ingreso anual per cápita es de 5.000 dólares. El año pasado tuvo un superávit comercial de 15.600 millones de dólares.

25/7/87

01-01

CHINA

033

Destacan posibilidad de agroindustria en Uruguay

El director general de desarrollo industrial de la República de China Shih Chen Yang, sostuvo que existen excelentes condiciones en Uruguay para la implantación de industrias de procesamientos agrícolas. En una reunión de prensa mantenida ayer como culminación de la misión que visitó Montevideo, el director calificó de muy importantes los logros obtenidos para la futura cooperación entre los dos países.

Expresó que confiaba en que las relaciones comerciales e industriales entre los dos países aumentarán como consecuencia del amplio intercambio de opiniones mantenido entre ambos gobiernos y los sectores empresariales. La misión realizó estudios sobre la futura implantación de zonas industriales en nuestro país, así como también la utilización de las zonas francas.

01 - 01

8707380

P8

R.P. China.

033

China compra frazadas

La República de China efectuó una compra de frazadas por un monto de más de dos millones de dólares a empresas nacionales, en una operación que según voceros de la embajada de ese país, se inscribe en el marco de cooperación y amistad que las dos naciones mantienen.

El convenio fue suscrito ayer por el embajador de la República de China, Henry C.Y. Wang, y los representantes de las empresas "La Aurora", "Suitex" y "Campomar", en la sede de la Cámara de Comercio Uruguay-China.

El volumen de la compra es de 2:961.750 dólares y es la tercera operación de este tipo que la República de China efectúa con nuestro país.

El Día 29/7/87

FICHAR

01-01

8707384

Analizaron el Milagro Económico de Taiwan y Perspectivas de Cooperación en Seminario

Un Seminario sobre la República de China, realizado durante el día de ayer en el Hotel Victoria Plaza, analizó el desarrollo económico de ese país y sus perspectivas de cooperación con América Latina, la educación y las políticas y factores sociales en la experiencia de Taiwan. Las exposiciones despertaron el interés del público, integrado por técnicos, legisladores, periodistas, quienes participaron activamente por medio de preguntas que permitieron una mayor proyección de los temas tratados.

El Seminario comenzó con la palabra del Subsecretario de Educación y Cultura, Dr. Julio Aguiar; a continuación disertó el Jefe de la Misión Académica de la República de China, Prof. Dr. Chen Yea-Hong.

DOCUMENTO SOBRE DESARROLLO ECONOMICO DE LA CHINA

Dos documentos fueron presentados durante la mañana, con la moderación del Dr. Juan B. Schroeder, el del Sr. Shih Chi Ping, sobre desarrollo económico; y el de la Dra. Tai-Chun Kuo, referente a un análisis de la experiencia de Taiwan: políticas y factores sociales. Se informó que el área de Taiwan fue retornada a la soberanía de la República de China por Japón en 1945, tras finalizar la Segunda Guerra Mundial. De tal manera, al cabo de 41 años, se puede considerar el proceso de su evolución y las estrategias utilizadas en cada etapa del mismo, y así lo hizo el Sr. Shih Chi Ping. Se transcribe la parte final del documento sobre "Perspectivas de la Cooperación con Centro y Sudamérica: Un concepto que existe en la cultura tradicional de la República de China es "ayudarse a sí mismo y ayudar al prójimo" para procurar la armonía universal. En la etapa inicial de su desarrollo económico, los recursos básicos eran escasos, por lo que fue necesario depender de la ayuda norteamericana. Posteriormente, cuando las condiciones para el desarrollo económico mejoraron grandemente bajo la estrecha colaboración y esfuerzo entre el gobierno y pueblo, dejamos la dependencia de la ayuda estadounidense para procurar un crecimiento por medio y esfuerzos propios; al mismo tiempo, ofreció la parte en que más se especializó, las técnicas agrícolas, como ayuda a las necesitadas naciones en vías de desarrollo.

Entre estas naciones, sobresalen aquellas de Africa y Centro y Sudamérica, donde los programas de ayuda técnica de la República de China no sólo han ayudado a incrementar la amistad mutua entre nuestros países, sino que ha sido considerado como uno de los ejemplos de cooperación económica más importante en la posguerra. La República de China no sólo valora esta experiencia, sino que de acuerdo a la subsecuente maduración de sus condiciones de desarrollo económico, prosigue fortaleciendo este esfuerzo.

Acorde al análisis anteriormente hecho, hemos indicado que la República de China se encuentra en estos momentos acelerando la liberalización e



Autoridades de gobierno, líderes políticos y calificados técnicos participan activamente en el Seminario.

internacionalización de su economía; por ende, sólo está abriendo su mercado interno al mundo exterior, sino que también bajo la persistente revalorización del Nuevo dólar taiwanés y las presiones del proteccionismo comercial estadounidense, se nota un interés más activo de los sectores de producción en invertir en el exterior, y el área de Centro y Sudamérica es precisamente una de las regiones en que se han puesto mayor atención. A mi entender, los empresarios de la República de China están sumamente interesados en esta área, el gobierno también ha puesto su atención a este desenvolvimiento y envisiona dichos proyectos de inversiones y cooperación, no sólo como artífices de un mejor desarrollo bilateral, sino que también fortalecerá el entendimiento mutuo y la amistad entre nuestro pueblos. Estamos seguros que las perspectivas son muy prometedoras, abrimos nuestras puertas y recibimos calurosamente la cooperación con nuestros amigos y hermanos de centro y sudamérica.

LA EXPERIENCIA DE TAIWAN

La Dra. Tai-chun Kuo se refirió a la reconstrucción de Taiwan, cuando el gobierno de la República de China movió su asiento desde Taipei en 1949. Entonces, el ingreso per cápita era de US$ 52; la inflación era un problema importante y la falta de armas y equipos hacía pensar a los observadores políticos extranjeros que los comunistas chinos tomarían la isla en cuestión de meses. "El milagro" de Taiwan fue explicado por la Dra. Tai-chun Kuo, en base a una variedad de factores internacionales, culturales, sociales y económicos involucrados, ya que pese a sus escasos recursos naturales, Taiwan tiene muchas ventajas domésticas.

Dice así el documento presentado al Seminario: "Como en otras naciones subdesarrolladas, los salarios eran bajos, lo cual ayudó a que sus exportaciones fuesen competitivas. Pero a diferencia de muchas naciones subdesarrolladas, tenía una infraestructura construida por los japoneses.

Los aspectos de la cultura indígena, aún cuando fuesen considerados por muchos académicos como un obstáculo para la modernización, posteriormente fueron considerados como propicios para el desarrollo económico. Los mismos incluían la cohesión familiar, respeto por la autoridad, énfasis en la educación y habilidad económica.

La Elite: El influjo de una élite desde el continente siguiendo a la [illegible] le dio a la nación una amplia base de talentos administrativos, económicos y tecnológicos de alto nivel, que ayudaron enormemente al desarrollo.

Reforma Agraria: La reforma agraria y el énfasis en el crecimiento agrícola durante [illegible] de los años cincuenta ayudaron a mejorar la subsistencia de los agricultores, aumentar la estabilidad política, inspirar el desarrollo industrial y acelerar el crecimiento económico. Más importante, una tal política pacífica y gradual evitó la preocupación con la industrialización que muchas naciones del Tercer Mundo sufrieron posteriormente.

Políticas económicas bien diseñadas: La mayoría de los economistas están de acuerdo que el éxito económico de Taiwan radica en las políticas de desarrollo diseñadas por el liderazgo de la República de China. Primero, el gobierno hizo claro que el San Min Chu I o Tres Principios del Pueblo del Dr. Sun Yat-sen —Nacionalismo, Democracia y Bienestar social— servirían de directrices de su desarrollo. Un cuerpo auto-gobernante fue electo tan temprano como 1951 y fue posteriormente expandido para permitir mayor representación popular. Segundo, el gobierno redistribuyó la propiedad rural para aumentar el número de pequeños propietarios privados. Tercero, el gobierno decidió que Taiwan debería dar bienvenida al capital y la tecnología extranjeras, se debería alentar la dependencia en la exportación, y se adoptaron políticas monetarias y fiscales para desarrollar la industria moderna. Cuarto, el estado construiría la infraestructura necesaria para las nuevas industrias manufactureras. También se mantuvo la ley y el orden, se expandieron las oportunidades educativas y se fortaleció la defensa nacional".

EDUCACION EN LA REPUBLICA DE CHINA

En horas de la tarde y con la moderación del Rev. Luis del Castillo S.J., el Dr. Chen Yea-Hong se refirió al tema de la educación en la República de China. En una parte del documento presentado por el Rector de la Universidad de Tamkang, referido a las generalidades y a los principios filosóficos que informan dicha educación, el Dr. Chen Yea-Hong dijo:

"La educación de la República de China procura hoy practicar el ideal de los Tres Principios del Pueblo por medio de la educación moral, la educación democrática y la educación científica. La educación moral educando a cada uno para desempeñar su papel propio en la sociedad y mantener relaciones normales según los preceptos de la moralidad con los demás.

Según eso, la enseñanza escolar acentúa el amor y atención del personal docente a los estudiantes, el respeto y aprecio de los estudiantes por sus maestros. La educación democrática tienen como fundamento el principio de derechos del pueblo de los Tres Principios; su contenido más importante es el pensamiento filosófico y la moral fundamental de los Tres Principios del Pueblo. La política educativa de la República de China se pone en ejecución sólo después de haber sido discutida y aprobada por el Yuan Legislativo. Ese paso es el fundamento democrático de la educación. Además, el principio del bienestar del pueblo en cuanto atañe a la vida del pueblo es revisado y adaptado constantemente según normas científicas buscando en esa forma la solución a los problemas pertinentes, por lo que la educación científica es uno de los contenidos más importantes de la educación de los Tres Principios del Pueblo. La educación científica da la mayor atención al desarrollo de la cultura individual, tomando como objetivos de la investigación el desarrollo científico-técnico para beneficio del pueblo y bienestar y felicidad de toda la población.

En resumen, la educación de la República de China tiene por fin disponer a la práctica de los Tres Principios del Pueblo para alcanzar el objetivo de "del pueblo (gobierno), por el pueblo y para el pueblo" y para promover la fraternidad universal".

HR

R.N.CHINA

033

Viceministro de RR.EE. de China visitará Uruguay en este mes

El viceministro de Relaciones Exteriores de la República de China, Charles Shu-chi King visitará Uruguay entre el 16 y 19 de julio, motivo por el cual fue declarado huésped oficial del gobierno, según establece una resolución del Poder Ejecutivo. Se señala que la visita se basa en el interés de profundizar las relaciones bilaterales con aquel país y eventualmente dinamizar el comercio recíproco.

Por otro decreto, el gobierno nominó al doctor Felipe Paolillo como nuevo representante de la República en la Comisión Técnico Mixta del Frente Marítimo, en sustitución de Luis Alberto Solé quien asumió la embajada uruguaya en el Reino Unido de Gran Bretaña e Irlanda del Norte.

Mientras tanto el doctor Didier Operti fue designado para representar al país en la renegociación del Acuerdo de Transporte Aéreo con Estados Unidos de América, instancia ésta que se desarrollará en Washington el lunes y martes próximos.

A través de otro acuerdo del presidente Sanguinetti con los titulares de Educación y Cultura, Defensa Nacional, Industria y Energía y Ganadería, Agricultura y Pesca se designó a Herbert Donner como miembro titular del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, en sustitución de Egon Sudy a quien le fueron agradecidos los servicios prestados.

Congreso

Finalmente fueron declarados como de Interés Nacional, diversos acontecimientos científicos y culturales a realizarse en nuestra capital.

Se trata del Primer Congreso Uruguayo de Medicina y Ciencias del Ejercicio y el Primer Congreso Sudamericano de Medicina del Deporte, a realizarse en el Centro de Conferencias del Palacio Municipal entre el 28 de setiembre y el 2 de octubre; la 10ª Feria Internacional del Libro a efectuarse en la Explanada Municipal de Montevideo entre el 27 de octubre y el 15 de noviembre de 1987 y la Tercera Muestra Internacional de Teatro de Montevideo prevista del 16 al 24 de abril del año próximo.

El Día 3/7/87

H.Q.

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Cambios recientes en puestos políticos en el Consejo de Estado. (Traducción)

PROCEDENCIA: Enlace China 15/9/87 Doc. 1485/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (/35/B)

01-01 8707540

HAY
1ª Fichaje R.N. CHINA

033

Llega vicecanciller de República China

El viceministro de Relaciones Exteriores de la República de China (Taiwan), Charles Shu-Chi King arribará hoy a Uruguay encabezando una misión diplomática de su país que buscará incrementar los lazos de intercambio económico, comercial y cultural entre las dos naciones.

La visita incluirá entrevistas del vicecanciller, con autoridades nacionales y con parlamentarios, con los que suscribirá el acta de creación de una sociedad parlamentaria para la amistad entre ambos países.

Shu-Chi King arribará al Aeropuerto Internacional de Carrasco a las 13:35 horas, para iniciar una serie de audiencias con ministros y legisladores. Se entrevistará primeramente con la ministra de Educación y Cultura, Adela Reta, luego con el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Pedro Bonino, y a las 18 horas se dirigirá al Palacio Legislativo, donde mantendrá audiencias con el vicepresidente Enrique Tarigo y con el presidente de la Cámara de Diputados, Víctor Cortazzo.

Allí procederá a firmar el Acta de Instalación de la Sociedad Parlamentaria de Amistad Uruguay-República de China, junto con parlamentarios uruguayos.

Mañana proseguirá su actividad con una entrevista y almuerzo con el ministro interino de Relaciones Exteriores, Alberto Rodríguez Nin, para luego entrevistarse con el ministro de Economía y Finanzas, Ricardo Zerbino, con el ministro interino del Interior, Raúl Lago, y con el secretario de la Presidencia, Miguel Semino.

A las 20 horas asistirá a la recepción de bienvenida ofrecida por el embajador Henry Wang en el hotel Victoria Plaza, para concluir su visita oficial el sábado a las 16:30 horas en que dejará nuestro país.

01/02

8707569

Impulso en las relaciones anunció vicecanciller chino

El viceministro de China Nacionalista, Charles Shu-Chi King, declaró que ha venido con la finalidad de impulsar más aun las relaciones entre su país y Uruguay, al arribar ayer por la tarde al Aeropuerto Internacional de Carrasco. Señaló que había decidido visitar Uruguay, país del cual le habían hablado tanto y en el que tantas amistades tiene, antes de dirigirse a Asunción del Paraguay donde presidirá una conferencia de diplomáticos acreditados en el área de América Latina.

Las relaciones entre Uruguay y China Nacionalista han sido tradicionalmente buenas, afirmó, y dijo estar seguro de que en el futuro "vamos a seguir mejorándolas para beneficio mutuo".

Shu-Chi King expresó que los planes de cooperación a nivel técnico-agrícola llevados a cabo en Uruguay han dado sus frutos. "Hemos estado presentes en un programa de extensión del cultivo del arroz y en otro relativo al desarrollo de la soja, los cuales fueron complementados con otros renglones de alta productividad económica para el país".

Agregó el viceministro chino que Taiwan estaba considerando la forma de estimular esta clase de cooperación para beneficio común de ambos países.

En cuanto a la posibilidad de que se produzca un aumento de las inversiones de China Nacionalista en nuestro país, el visitante la consideró real y señaló: "nuestro gobierno ha estado estimulando a la empresa privada para que realice inversiones en el extranjero, donde exista un clima sano y seguro".

Como un paso concreto de este estímulo informó que llegará próximamente a Uruguay una delegación presidida por el director de Industrias del Ministerio de Economía de la República de China. Esta delegación tendrá el cometido de explorar la factibilidad de proseguir la corriente de inversiones en Uruguay.

En el Parlamento

De "momento histórico en las relaciones entre ambos países", calificó ayer, el vicecanciller chino Shu-Chi-King la constitución en el Parlamento nacional de una Asociación de Amistad Uruguay-China, que fue suscrita en la tarde de ayer, en presencia de numerosos legisladores.

Shu-Chi-King visitó en la tarde de ayer el Palacio Legislativo, donde fue recibido por el vicepresidente Enrique Tarigo y por el presidente de la Cámara de Representantes, Víctor Cortazzo, y posteriormente, participó en la ceremonia de firma del acta de instalación de la asociación de amistad de parlamentarios de Uruguay y China Nacionalista, en la Sala de Comisiones del Senado.

02/02

8707569

W.R.

RPCH.

033

LUIS BARRIOS TASSANO EN CHINA CONTINENTAL. — El embajador uruguayo Luis Barrios Tassano se encuentra desde hace varios días en Pekín.

Consultados sobre el hecho, voceros del gobierno confirmaron dicho viaje y aseguraron que se trata de una visita particular, en respuesta a una invitación de la nación asiática.

Barrios Tassano es amigo personal y colaborador del presidente Julio María Sanguinetti, y actualmente se desempeña como jefe de la Embajada de nuestro país en Argentina.

11/8/87

01/01 8707576

H.R.

RNEH-

033

Taiwan y su ayuda al desarrollo

TAIPEI. — Taiwan, que ocupa el segundo lugar en el mundo en materia de reservas de divisas, tiene en estudio el establecimiento de un fondo de ayuda a los países en vías de desarrollo por un monto de 3.000 millones de dólares.

El ministro de Economía, Lee Ta-hai dijo ayer en conferencia de prensa que el fondo sería utilizado para proporcionar préstamos a bajo interés a las naciones del Tercer Mundo para importar productos de Taiwan, incluyendo equipos de transportes, cemento Portland y maquinaria para la industria textil.

Dijo que el Ministerio de Economía discutirá en breve el plan con otros ministerios y el Banco Central.

Taiwan busca desesperadamente reducir sus reservas de efectivo por 63.000 millones de dólares las mayores después de Japón. Las reservas convierten a Taiwan en blanco del proteccionismo estadounidense y amenazan con desatar una espiral inflacionaria.

Taiwan ofrece asistencia técnica gratuita, principalmente en el rubro agricultura, a la mayor parte de los 23 países que todavía reconocen al gobierno nacionalista chino.

Fue uno de los fundadores del Banco de Desarrollo Asiático, pero no asiste más a las reuniones del mismo y sus contribuciones a la organización regional se ven amenazadas por problemas políticos surgidos de la participación de Pekín.

"Somos actualmente la nación comercial número 15 del mundo y queremos brindar ayuda financiera a los países en desarrollo," dijo Lee.

01/01

8707579

033

R.P. China: anuncio sería inminente

EL DIA 20/8/82

CONCEPCION DEL URUGUAY, Argentina. — Una alta fuente gubernamental reveló ayer a EL DIA que es inminente una decisión del Poder Ejecutivo para el establecimiento de relaciones diplomáticas con la República Popular China.

La fuente, que reclamó no ser identificada, precisó que desde la instalación del actual gobierno democrático el tema estuvo a estudio, entendiendo que la resolución "es cuestión de días".

Dijo que seguramente a fines de setiembre la decisión se daría a conocer oficialmente.

Consultado el canciller Enrique Iglesias reconoció que esta posibilidad no puede descartarse, aunque subrayó que el tema se encuentra en la órbita del Poder Ejecutivo.

01/01

8707584

"Capitalismo primitivo": nuevo objetivo chino

PEKIN, 20 (UPI). — Algún capitalismo "primitivo" es necesario en China para lograr una eficiente economía socialista, dijo hoy el primer ministro y jefe interino del Partido Comunista, Zhao Ziyang.

La clave de las reformas económicas chinas es el uso de "medidas diversificadas" para desarrollar una economía gobernada por las fuerzas del mercado que promueva el crecimiento y la productividad "bajo condiciones socialistas", afirmó Zhao al visitante canciller de Burundi, Egide Nkurikiyimfura.

"Eso es lo que queremos decir por seguir políticas más flexibles y reforzar la economía", dijo Zhao, según la agencia noticiosa Xinhua.

♦ No saltar etapas

"China está construyendo el socialismo sobre la base del subdesarrollo económico y cultural y el capitalismo primitivo", indicó.

Pero agregó que no hay lugar par un capitalismo "totalmente desarrollado" en los planes económicos de Pekín.

"No podemos saltar por sobre el período de desarrollo de una economía de intercambio, y tenemos que realizar esta tarea, que debiera haber sido lograda en una economía capitalista, bajo condiciones socialistas", dijo Zabo.

Según la teoría marxista, el capitalismo es un estadio intermedio necesario en el desarrollo del feudalismo al comunismo. China se movió directamente de un sistema semifeudal a uno comunista en 1949.

Pero "mientras realiza las reformas y abre su política, China nunca puede desviarse del socialismo", enfatizó Zhao.

En una reunión con el canciller de Tailandia, Siddhi Savetsila, Zhao también dijo que un crucial congreso del partido programado para octubre esbozaría las teorías para las amplias reformas orientadas al mercado que han reintroducido la empresa privada en China.

Diplomáticos occidentales afirman que el gobierno de Pekín trata de crear una ideología para justificar las reformas introducidas por el dirigente principal Deng Xiaoping en 1979. Algunos de los cambios han sido criticados por ideólogos de línea dura, por apartarse demasiado de la ortodoxia marxista.

Zhao indicó que las reformas políticas que apuntan a separar las funciones del partido de las gubernamentales serán reveladas en el Congreso, que tiene lugar cada cinco años.

"Para adelantar la reestructuración económica del país debe realizarse la reforma política", dijo Zhao. Los cambios se centrarán en "construir la democracia en el país y el sistema legal".

♦ Ofensiva reformista

Desde la obligada renuncia del ex jefe del partido, Hu Yaobang, en enero pasado, reformistas y ortodoxos replantearon sus pujas internas por el control político con la vista puesta en un objetivo clave: el congreso de octubre próximo.

Las declaraciones de Zhao fueron interpretadas por analistas occidentales como una avanzada de la línea reformista, cuando resta poco más de un mes para ese encuentro, e inferían de ellas el prenuncio de resonantes cambios en la cúpula partidaria.

Recordaron recientes comentarios de Zhao, cuando mencionó las dificultades con que tropiezan los intentos aperturistas, principalmente entre los dirigentes más antiguos. "Lo que ofrecen es volver a los (años) 50, y ¿quién puede querer eso?".

Los aperturistas se empeñan ahora por reforzar este tipo de manifestaciones públicas, ya que la vieja guardia de la ortodoxia se han encaramado en el manejo de muchos medios de comunicación, y desde allí han desatado una velada campaña antirreformista.

Las vinculaciones entre la actividad privada y los hechos delictivos se ha convertido en el principal argumento de los ultraortodoxos, pero los seguidores de Deng esperan octubre para asentar sus argumentos también en el plano partidario.

LA NEGOCIACION MOSCU-PEKIN SOBRE CAMBOYA

Jugadas de apertura

BANGKOK y PHNOM PENH, 20 (De "Los Angeles Times" y "Le Monde", especial para Clarín). — La Unión Soviética y la República Popular China podrían estar dirimiendo estos días, en sus diálogos sobre "temas fronterizos" en curso en Pekín, los aspectos más controversiales que impidieron hasta hoy concretar la llamada "negociación coctel" entre el gobierno comunista provietnamita —y por ello, prosoviético— de Camboya y las importantes fracciones guerrilleras camboyanas que se le oponen y que exigen el retiro de las fuerzas de ocupación de Vietnam.

Esta posibilidad fue destacada, en la víspera, por observadores diplomáticos en las capitales tailandesa, Bangkok, y la camboyana, Phnom Penh, pese a las desmentidas de Moscú en cuanto a que no interferirá en la libertad de maniobra de sus aliados en ese país.

Las fracciones adversas al actual gobierno de Camboya, encabezado por Heng Samrin, al que califican de "títere" de Vietnam, e implicadas en la posible "fórmula coctel", reúnen desde 1981 en un frente unitario tanto a las huestes comunistas prochinas del Khmer Rojo como a sus anteriores enemigos, los movimientos no comunistas que responden al ex rey Norodom Sihanouk (quien reside en Corea del Norte) y al líder nacionalista Son Sann, ex premier de este último.

Esas organizaciones, coligadas tras el anuncio en tal sentido hecho en París por Sihanouk el 24 de junio de 1981, son el Frente Nacional para una Camboya Independiente, Neutra y Cooperativa (Funcinpek) del propio ex monarca, los lúgubremente célebres Khmer Rojo y el Frente Liberador del Pueblo Khmer (F.N.L.P.K.), de Sann.



Agencia AP

El príncipe Norodom Sihanouk entre las guerrillas que le responden; interrumpió su retiro de un año y ahora se prepara para viajar a China, escenario de las primeras escaramuzas diplomáticas.

Precisamente, el aún muy influyente Sihanouk —quien luego del dominio total de su país logrado en 1975 por el Khmer Rojo siguió un tiempo como jefe de Estado, fue sometido más tarde a arresto domiciliario y enviado en 1979 a la ONU como vocero del régimen para denunciar la ocupación vietnamita de Camboya ese año, declaró esta semana que entre el 29 de agosto y 2 de setiembre próximos pondrá "entre paréntesis" su "licencia por un año" en Pyonyang como cabeza del Estado camboyano en la resistencia, con asiento en la ONU; licencia tomada por disidencias con el Khmer Rojo.

Sihanouk, según dijo, decidió reasumir en plenitud sus títulos a fin de efectuar entre esas fechas una visita oficial de tres días a China, liderando una delegación conformada también por M. Khieu Samphan, uno de los principales jefes del Khmer Rojo.

La denominada "propuesta coctel", todavía no concretada y aparentemente enfrentada a posiciones poco menos que irreductibles de las partes, había sido anunciada en julio por el ministro de Relaciones Exteriores de Indonesia, Mochtar Kusumaatmadja: al llegar a Bangkok para encontrarse con los gobernantes tailandeses, luego de una reunión de cinco horas con el canciller vietnamita Nguyen Co Thach, Mochtar dijo que Vietnam había avalado esa propuesta tendiente a posibilitar conversaciones informales en Indonesia entre los bandos.

Agregó Mochtar que los líderes del gobierno provietnamita de Camboya se reunirían con representantes de las tres fracciones de resistencia, "sobre una base igualitaria, sin condiciones previas y sin rótulos políticos." Indonesia invitaría luego a "participar en una etapa posterior a otras naciones involucradas, incluyendo a Vietnam", según precisó un comunicado conjunto emitido en la ciudad vietnamita Ho Chi Minh (ex Saigón). La alusión a la no aceptación de "rótulos políticos" tiende a dejar de lado a los Khmer Rojos como tales —rechazados por los gobiernos camboyano y vietnamita—, si bien podrán intervenir a título personal.

La anticomunista Asociación de Naciones del Sudeste Asiático (ASEAN), integrada por Tailandia, Indonesia, Singapur, Malasia, Filipinas y Brunei, dio su aval el 16 de agosto a la "fórmula coctel" pero supeditándola a un plan de ocho puntos planteado por Sihanouk y la resistencia. Hanoi rechazó tal planteo el 19, subrayando que las conversaciones deberían buscar la "reconciliación camboyana" con la eliminación de los Khmer Rojos. Cada parte reafirmó así sus posiciones.

APERTURA AL COMERCIO PRIVADO EN CHINA

Fiebre de ganancias

PEKIN, 19 (Por Patrice de Beer, de "Le Monde", especial para Clarín). — El gobierno chino anunció este miércoles una nueva reglamentación relativa al comercio privado. Prácticamente inexistente hacia el final de la Revolución Cultural, el comercio privado afecta ahora a 15,5 millones de personas y va en aumento constante.

Esta medida aspira tanto a proveer de derechos a los pequeños comerciantes frente al abuso de una administración que repara en minucias, y que por momentos aparece como corrupta, como a asegurar que el sector privado no abuse de su posición para "devorar" a sus clientes o defraudar al fisco.

♦ **La magia del dinero**

Uno de los efectos más sorprendentes de la apertura y de la reforma económica en China es el frenesí de ganancias a cualquier precio. La magia del dinero que se ha apoderado de una gran parte de la población. La semana pasada la crónica diaria registró el siguiente drama: una estudiante de Chengdu (Sichuan) se ahogó delante de unas cuarenta personas, que permanecieron totalmente indiferentes. En respuesta a las súplicas de sus compañeros, algunos dijeron: "¿Cuánto me pagas? Nadie haría eso por menos de 200 ó 300 yuans" (dos o tres veces el salario mensual urbano). Cuando la joven murió la familia tuvo que pagar 80 yuans para recuperar el cadáver y 175 para llevarlo a su casa.

un funcionario del Ministerio de Salud, este aceite contiene "productos químicos tóxicos, como derivados del benceno" pero que no serían mortales.

"Resulta chocante que empresas del Estado se dediquen a prácticas como éstas para ganar dinero", declaró el funcionario.

La venta de productos intoxicados o inadecuados —destinados al consumo— no deja de crecer: en Shanxi, 20.000 personas resultaron envenenadas con un aceite de algodón de mala calidad. Hubo ciento treinta muertes. Un alcohol adulterado a base de metanol produjo también la muerte de 129 personas y encegueció a 38.

Los insecticidas matan decenas de personas por año. Entre un 20 y un 30 % de los productos alimenticios cocidos que se venden en el país no son aptos para el consumo.

Según indican las "noticias comerciales", un millón y medio de fabricantes y vendedores de alimentos en mal estado fueron sancionados desde 1984.

♦ **Saqueos**

En Gansu, Fujian, Shanxi, Sichuan, Jiangxi, Henan... los saqueadores de tumbas y los traficantes de antigüedades se dedican durante las horas del día a depredaciones catastróficas y a un tráfico desenfrenado.

Por lo general se trata de campesinos pero también de integrantes del Partido o de maestros que se sienten atraídos por el dinero.

En Henan y en Hebei, cientos de personas roban a diario —valiéndose de decenas de camiones— centenares de toneladas de mineral de oro en las minas del estadio de Xiaoqinlin, Shanggong y Zhangjiakou.

Según las noticias que llegan del ambiente metalúrgico, la policía local libera a los ladrones aun cuando se los descubra "con las manos en la masa".

Algunas minas se vieron tan afectadas por esta ola de mineros que malgastaban dinamita que debieron ser cerradas para volver a ser puestas en condiciones.

Al mismo tiempo, Pekín se ha embarcado en una vasta campaña contra la negligencia y la burocracia de los cuadros que le cuestan al Estado miles de millones de yuans y varias vidas humanas.

Como el caso de esas 28 chiquitas de Jiangxi que murieron por el derrumbe de los baños de su escuela primaria construidos sin ninguna consideración por las normas de seguridad.

Estas son las lecturas de verano para los chinos, antes de que se vean sumergidos en los textos políticos por el próximo congreso del Partido Comunista Chino.

Son lecturas que apuntan a mostrarles que las autoridades se preocupan por estas situaciones, que con el alza de los precios y la corrupción alimentan la imagen de falta de reformas y dan —si es preciso— argumentos a aquellos conservadores favorables al statu quo.

Inocencia de campesinos

En el campo, personas empresas poco escrupu-sas se aprovechan de la ocencia de los campesi-os para enriquecerse. un cuando saben que na vez engañados rriesgan su fuente de rabajo o incluso una ba-a en la nuca (la bala co-re por cuenta de la fami-lia del condenado). En Guangxi, 50.000 hectáre-as de arrozales fueron destruidas por pastos de mala calidad importados de otras provincias.

En Hubei, cientos de hectáreas fueron consi-deradas "impropias a la cultura" porque un ven-dedor de insecticidas ha-bía recomendado a los campesinos aumentar diez veces la dosis nor-mal.

En Shanxi, un campe-sino fue arrestado por haber vendido semillas falsas a funcionarios de otra provincia que habí-an aceptado sus sobor-nos...

Los diarios están col-mados de este tipo de in-formación, ya que la ac-tualidad política en épo-ca estival no es mucha o bien es "[illegible]" por los dirigentes de los cen-tros balnearios.

Hace poco se inició una investigación sobre la importación de 50.000 to-neladas de aceite de uso industrial que fueron re-acondicionadas como "aceite de mesa". Según

02-02

8707737

H.B

R.N.CH.

033

15/7/87

TAIWAN: ABROGACION [illegible] LEY MARCIAL. – Taipei, 14 [illegible] (ANSA). — El presidente de la República de China (Taiwan), Chiang Ching-kuo, abrogó hoy la ley marcial en vigor en la isla [illegible]

01-01

Avanza cautelosamente la democracia en Taiwan

Mientras que Corea del Sur camina torpemente en una lucha cada vez más violenta hacia la democracia, la otra nación dividida de Asia no comunista avanza cautelosamente hacia la misma meta. El 23 de junio, la legislatura taiwanesa aprobó una nueva ley de seguridad nacional para reemplazar la ley marcial bajo la cual han sido gobernados durante los últimos 38 años los 20 millones de habitantes de la isla.

"Esperamos que esto nos permita dar un gran paso adelante hacia la democracia", dijo Yao Ying-chi del Partido Kuomintang (Nacionalista) de gobierno. Incluso la oposición parece estar de acuerdo: "Nuestro estilo de expresión política es totalmente diferente ahora", dijo en abril un activista político de la oposición. "Incluso el partido de gobierno ha cambiado".

Es el mismo presidente Chiang Ching-kuo el que ha desatado el cambio, ya que sabe que no puede simplemente entregarle el poder del Kuomintang a algún otro miembro de su familia de la misma forma en que él lo heredó de su padre Chiang Kai-shek. Taiwan es ahora un lugar diferente.

Es un milagro económico aun más impresionante que el de Corea del Sur, con un ingreso per cápita que ahora se acerca al de algunos países europeos. Pero hay un problema: desde que los nacionalistas perdieran la guerra civil china en 1949 y se retiraran a la isla de Taiwan, el gobierno y el ejército han estado dirigidos, sobre todo, por los refugiados del continente.

Sin embargo, los continentales son una minoría anciana que se está reduciendo. Los taiwaneses nativos, que hablan un dialecto chino incomprensible para los continentales de lengua mandarina, son el 85% de la población de la isla, y de alguna manera deben ser colocados en posiciones de poder si se espera que el partido y el régimen perduren.

De modo que efectivamente, Chiang Ching-kuo ha comenzado a negociar con ellos. Desde que anunciara su programa de liberalización en marzo de 1986, ha estado promoviendo activamente a nativos taiwaneses para importantes posiciones dentro del Kuomintang y ha estado abriendo el proceso político.



Aunque los partidos de la oposición estaban todavía prohibidos debido a la ley marcial, Chiang le permitió a la mayoría de los grupos de oposición existentes el unirse como Partido Progresista Democrático para las elecciones del mes de diciembre pasado. Al PPD le fue muy bien, obtuvo alrededor de un cuarto de la votación y eligió a 13 miembros al Yuan (cuerpo legislativo).

A fines de mayo el PPD se alió con jóvenes miembros del Kuomintang para forzar cortes presupuestarios que favorecían a antiguas causas ideológicas como la "Comisión Planificadora para la Recuperación de China Continental' (que existe principalmente para darle empleos a los viejos partidarios del Kuomintang). Mucha gente presa debido a ofensas políticas ha sido liberada, y una nueva ley liberalizará sustancialmente los controles estrictos a la prensa.

Sin embargo, todavía vendrán grandes levantamientos, ya que el PPD defiende casi abiertamente el que Taiwan se declare a sí mismo independiente de China. "Aquí no podemos decir 'independencia' porque seríamos encarcelados", dijo Daisy Hsin-i Pen, editor de una revista de oposición. "De modo que decimos autodeterminación. Esto significa que la gente de Taiwan tenga el derecho de elegir su futuro".

La línea oficial nacionalista es que los "bandidos" comunistas han tomado temporalmente el control de las provincias del continente —pero algún día el Kuomintang volverá. Mientras tanto, cualquier conversación sobre separar a Taiwan del resto del país es una traición. En lo que respecta al gobierno de Beijing, ha advertido repetidamente que invadiría si es que hay algún intento por separar a Taiwan constitucionalmente del resto de China.

El peligro sería real si el nacionalismo taiwanés abandona el control, pero en algún sentido es un asunto falso. Taiwan ya es independiente de China para todos los propósitos prácticos. "Independencia" es solamente un slogan político porque el Koumintang usa la ficción de que sigue siendo el gobierno de toda China para justificar su dominio absoluto sobre la política taiwanesa.

De modo que, por ejemplo, sólo 73 de los 324 miembros del Yuan son electos en una elección local. Todos los otros escaños son llenados por nombrados del Koumintang que nominalmente representan a distritos electorales del continente en donde es "temporariamente" imposible tener elecciones. Si Chiang es realmente serio respecto a la apertura de la política taiwanesa, este tipo de tergiversaciones podrían terminarse sin abandonar la necesaria ficción diplomática de que China es todavía un único país.

Probablemente Beijing no objetaría violentamente esto. El problema real es ver si Chiang puede hacer que los conservadores dentro de su propio partido acepten esta retirada del poder absoluto. Ahora tiene 77 años y está achacoso, y el resultado probablemente dependerá de si vive lo suficiente como para forzar los cambios.

Gwynne Dyer

CHINA

R.P. 033

EL "S[illegible]" CHINO

En un gesto de relativa liberalización, el régimen comunista chino, permitió viajar por un mes a Italia, a una conferencia internacional de su especialidad, al astrofísico chino, Fanz Liszhi, quien fuera destituido de su cargo de vicedirector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de Heifei y expulsado del Partido Comunista, por haber sido presuntamente inspirador de las manifestaciones estudiantiles del invierno pasado.

A su regreso del viaje, el científico, a quien se conoce en los círculos intelectuales con el apodo de "Sajarov chino", dijo en una rueda de prensa convocada por su esposa, [illegible]cta recientemente miembro de la Asamblea Popular local de Pekín, que las protestas estudiantiles fueron justificadas y pusieron en evidencia la necesidad de hacer reformas.

Fanz Lieshi abogó claramente por la democratización y su llamado no tuvo aparentemente consecuencias negativas para su persona. El hecho revela que la lucha entre conservadores autoritarios y progresistas demócratas prosigue en el gigantesco país asiático y que felizmente, por ahora, las diferencias no se arreglan ni con las cárceles ni con la horca.

4/7/87 El País.

01-01 8707806

CHINA

033

...IS ...rnes 3 de Julio de 1987

La Economía China Está Prosperando Abriendo el Paso a Iniciativa Privada



DINGXI, China (Por Jim Abrams de The Associated Press).— En esta parte del mundo la mayoría de la gente gana el equivalente a 57 dólares al año, pero Yan Lide es una excepción: fabricando cuchillas de arado obtiene más de 1.000 dólares.

Zhang Rong, su vecino de al lado, gana 540 dólares vendiendo sofás, y calle abajo, Chen Duo reúne 270 fabricando fideos.

Yan, Zhang y Chen son beneficiarios de las reformas rurales en China, que desde 1980 han permitido el funcionamiento de industrias rurales y de "negocios especiales" en las casas de gente con iniciativas.

"Las cosas están hoy diez veces mejor que hace diez años", dijo Yan, padre de dos hijas. Desde que empezó su negocio de arados en 1981 se ha construido una casa nueva, compró televisor y dice que come carne casi todos los días. "Tengo todo lo que puedo necesitar".

Yan [illegible] que ganaba menos de 100 yuan (27 dólares) anuales por fabricar arados en el antiguo sistema comunal. También recuerda los años sesenta cuando sobrevivía comiendo papas y plantas silvestres, y pasó años sin comer carne.

Zhang dijo que en 1974, cuando una tormenta destruyó su cultivo de trigo, muchas gente pasó hambre.

La vida sigue siendo ardua, de todas maneras, en este condado de Digxi en la provincia de Gansú, una zona polvorienta y seca en el centro-Oeste de China.

Como 2.290.000 de los 2.390.000 habitantes de Dingxi, Yan y sus vecinos siguen cultivando la tierra en parcelas de 0,4 héctareas. En los años mejores, producen apenas lo suficiente como para alimentar a sus familias.

"Pero aquí se dice que de cada diez años, hay nueve de sequía", afirmó Wang Xingbang, Director del Comité de Agricultura del condado.

Este año en Neiguanying, la aldea de Yan de 30.000 habitantes, se demoró una quincena la plantación debido a la falta de lluvia, y el granizó destruyó los primeros cultivos.

Los gobiernos nacional y provincial suministraron a Dingxi unos 30 millones de yuan (8,1 millones de dólares) para mantener a la gente alimentada y vestida, construir sistemas de irrigación y desarrollar nuevas fuentes de ingresos.

En Neiguanying, mil personas encontraron empleo en diez industrias rurales, mientras muchas más han creado sus propios trabajos, a menudo con préstamos locales.

Más de 200 personas, en su mayoria mujeres, trabajan en una fábrica de bolsos de plástico que, hasta mayo pasado, había obtenido en lo que va del año una ganancia de 18.000 dólares. Los trabajadores, que ganan [illegible] al mes, son dueños de parte de la operación y recibirán un bono a fin de año de unos 55 dólares si el negocio sigue floreciente.

Ye Tianyu, director de una fábrica de 130 empleados que fabrica fibra de vidrio para cubiertas de equipos de perforación petrolera, dijo que trabajaba día y noche en su empleo, pero ganando el doble de los 16 dólares que recibía como funcionario local.

A fines de 1985, unos 70 millones de los 370 millones de trabajadores en el interior de China se dedicaban a tareas no agrícolas, y el gobierno espera elevar esa cifra a 100 millones para 1995.

En 1986, la producción bruta de los negocios rurales alcanzó 89.000 millones, superando por primera vez el valor de la producción agrícola.

Las industrias rurales han tenido graves problemas al comienzo, como conseguir materias primas, cortes de energía, contaminación, seguridad y baja calidad.

Los aldeanos, pese a sus nuevas fuentes de ingreso, están todavía lejos de poder escapar a la pobreza. Las nuevas casas exhibidas orgullosamente por Yan y sus vecinos, son hogares de una sola habitación con pisos de concreto o de ladrillo e iluminadas por una sola bombilla eléctrica.

No hay plomería y una cama alcanza para toda la familia.

Chen, el fabricante de fideos, quién se mudó a su casa el año pasado, dijo que es el doble de su vivienda anterior, pero el espacio de la casa nueva, de 7 por 3 metros, debe alojar a siete personas, incluyendo dos ancianos.

Zhang, fabricante de sofás, afirma que su nuevo objetivo es abrir un negocio de reparaciones con sus ganancias. "Haré todo lo que pueda para ganar más dinero", afirma.

China concretará donación para mejorar infraestructura de soja

TREINTA Y TRES. — "Este año, continuando con la misma política que comenzara en 1985, tenemos previsto concretar la tercera parte de la donación, destinada a mejorar la infraestructura en la producción de soja", manifestó el diplomático de la República de China, Pedro Whaingh, quien viajó a esta ciudad en compañía de asesores en materia agrícola, económica y cultural.

La donación, consistente en un millón y medio de dólares, es similar a la efectuada en dos oportunidades anteriores y permitirá la construcción de más plantas de silos de almacenamiento y secado, principalmente en la zona de Rincón, 3° sección del departamento.

Adquiere especial importancia el diálogo mantenido con los dirigentes de la Asociación Nacional de Productores de Soja, en el cual, de acuerdo a lo que expresara el ingeniero



Intendente municipal Wilson Elso Goñi, diplomático Pedro Whaingh y asesor, ingenieros agrónomos Gonzalo Gardil y Eduardo Lena.

Gonzalo Gardil, se conversó "sobre la producción y el muy especial momento de expansión que tiene el cultivo, lo que da como un hecho el incremento del área a sembrarse, aunque todavía no pueda hablarse de cifras definitivas".

Es voluntad de la República de China, dijo Gardil, ser un mercado seguro para esta producción que se está gestando, "lo que estimo la expectativa de mayor trascendencia en el actual mercado agropecuario". Para aquellos que se están iniciando en el cultivo de la soja que se encuentra en su fase de preparación, es fundamental y les da tranquilidad el saber que existe la posibilidad cierta del mercado de Taiwan. Otro tema muy importante, el de la industrialización, vendrá en etapas posteriores, aseguró el ingeniero Gardil.

Sobre la cosecha anterior, que se comercializó totalmente, entiende que los precios obtenidos han sido buenos, "no tanto en relación al sacrificio que significa plantar soja, sino a la depresión mundial que existe para los granos en general, y además suficientes para iniciar una nueva etapa".

Consultado el diplomático chino sobre los resultados de esta entrevista, manifestó que "con los dirigentes sojeros se discutieron todos los aspectos de la promoción, producción y comercialización".

Por su parte, el intendente municipal, Wilson Elso, acompañado por el director del servicio de Extensión Agropecuaria, ingeniero Eduardo Lena, planteó la posibilidad de que el gobierno de Taiwan apoye, técnica y económicamente, la implantación del cultivo en predios pequeños ubicados en los alrededores de los centros poblados del departamento.

Llegarán Inversores de la República de China

El Vice Ministro Shu-King Anunció el Interés de su País en Zonas Francas

Las relaciones diplomáticas y comerciales con el Uruguay representan un objetivo muy especial para nuestros sentimientos no sólo por lo que tenemos en común en cuanto a ideales de libertad y democracia en los que vuestro país tiene una larga tradición sino por vuestra línea política de apoyo a nuestro pueblo y nación desde que tuvimos que huir de la opresión".

Por eso, en todo este largo tiempo no hemos escatimado ni esfuerzos ni apoyo a vuestro país no tan sólo por solidaridad sino en la convicción de alentar en lo político y económico a una joven nación que es un ejemplo tradicional para nosotros de dignidad republicana". Así se expresó en una entrevista exclusiva para EL PAIS el Sr. Vice Ministro de Relaciones Exteriores de la República de China Licenciado Charles Shu-King quien acaba de visitarnos encabezando una destacada misión de amistad y acercamiento entre ambos países.

El excelentísimo Vice-Ministro de Relaciones Exteriores sostuvo durante varios días importantes encuentros con hombres de nuestro gobierno en cuyas circunstancias la China Democrática ratificó ante el Uruguay su voluntad de apoyo en lo comercial, industrial como en lo referente a la aportación de tecnología para llevar adelante numerosos proyectos de desarrollo industrial y comercial. En este sentido cabe señalar que desde hace varios años la República de China está haciendo esfuerzos en diversos sectores de nuestra actividad nacional con su apoyo y aportación económica y tecnológica. No han faltado tampoco desinteresadas aportaciones económicas a modo de solidaridad social. Recordamos en este sentido un remolcador que ahora está trabajando en el lago de Tacuarembó, en la investigación agrícola e ictiológica, en materia de puertos, silos, instrumental científico, etc.

"Hemos sostenido conversaciones súmamente alentadoras con hombres de vuestro gobierno y en general además de testimoniar nuestra profunda amistad por el Uruguay hemos delineado algunos objetivos de caracter comercial. Por ejemplo el próximo domingo (19 de Julio) arribará aquí a Montevideo una delegación presidida por el Director del Departamento Industrial del Ministerio de Economía quienes luego de tomar contacto con el sector oficial y privado del Uruguay harán una evaluación para indagar en que sectores industriales o comerciales del país se podrán hacer inversiones. Ellos harán un relevamiento –continúa diciendo el Vice Ministro chino– con la finalidad de detectar aquellos sectores donde la inversión y el "Know how" chino podrán participar directamente para desarrollar las mismas u otras industrias paralelas de interés para el Uruguay. En esta voluntad de servir a nuestros amigos del Uruguay incluimos también la viabilidad de realizar estudios y experiencias sobre las zonas francas en cuyo sector nos consideramos una nación con reconocida experiencia".

Preguntado más adelante el Vice-Ministro Shu-chi King sobre las posibilidades prácticas de que ambos países puedan coincidir en proyectos de interés común dijo "Definitivamente nosotros estamos seguros que habrá enormes posibilidades de trabajar en conjunto con mutuo beneficio porque es nuestro propio gobierno que está apoyando esta voluntad con el país amigo".

EL TEMA POLITICO

Naturalmente, el tema político se plantea y sobre el mismo el Vice-Ministro con una singular claridad de pensamiento ofrece una visión esclarecedora sobre el presente y futuro de la República de China.

"La República de China sostiene relaciones comerciales con más de 130 países y naturalmente nos sentimos orgullosos de esta conexión mundial pero también tenemos vínculos culturales con todos ellos y esto nos demuestra que no estamos solos. Con otros mantenemos además vínculos diplomáticos y en esta línea estamos siempre haciendo esfuerzos para estrechar los vínculos no sólo en la confraternidad y amistad sino también en aspectos prácticos de la actividad humana. Pero permanentemente estamos trabajando para hacer nuevos amigos en el concierto mundial.

LA REUNIFICACION

Sobre la posibilidad de alcanzar en algún momento la reunificación con la China Popular el Vice-Ministro de Relaciones Exteriores de la República de China dijo: "obviamente la China del continente se ha visto obligada a efectuar cambios económicos en algunos sectores y hemos asistido a algo que se llama apertura. Pero en realidad han sido cambios mínimos por necesidades materiales, en el fondo no han podido cambiar porque es un régimen que no admite cambios. En realidad los escasos cambios económicos y políticos que han trascendidos y fueron promovidos por Teng Sio Ping han sido resistidos por los tradicionales o sea por la guardia vieja que han rechazado su revisionismo. En una palabra la esencia misma de China Comunista no ha cambiado y esto se ha visto reflejado en la última primavera como los recientes desórdenes y manifestaciones promovidas por los estudiantes de China Roja. Y estos son hechos ocurridos por los sucesos registrados en la cúpula del comunismo.

La reunificación de China es nuestro objetivo y el de todos los chinos pero esta reunificación sólo tendrá lugar el día que se operen cambios en su economía, en su sistema político, educacional, y en las normas de ética moral".

Nosotros creemos que sólo podrá haber reunificación cuando los comunistas del continente renuncien a su sistema totalitario y violento. Por lo demás, sabemos que dentro del continente el pueblo chino ya sea por los mínimos cambios que han tenido lugar, por un mayor contacto con el mundo occidental, porque tiene mayores oportunidades de viajar, se está formalizando por parte del pueblo un deseo de que mejore la situación interna y se imite a Taiwan. Es por eso, que la cúpula comunista quiere que desaparezca nuestro país para que de esta forma no haya parámetros de comparación entre un sistema y otro y evitar así las ansiedades populares".

Por eso están tratando por todos los medios de aislarnos, destruirnos para que su pueblo no se mire en el nivel de desarrollo político, social y económico que hemos alcanzado en Taiwan y que ya el pueblo de China conoce muy bien.

EL MILAGRO DE TAIWAN

La República de China en Taiwan es un ejemplo palpable y real de como una nación en libertad y voluntad de triunfo puede alcanzar objetivos de riqueza y prosperidad para su país. Y a menudo este hecho, que hoy día Taiwan ocupe los primeros lugares en muchísimos aspectos de la actividad humana nos lleva con simplismos a atribuir éstos resultados a "milagros" como por ejemplo el "milagro alemán", el "milagro japonés", etc.

Sobre este tema el Vice Canciller taiwanés dice "Bueno nosotros hemos tenido un gobierno con una cúpula gobernante bien dirigida con líderes agiles, dinámicos y capacitados y con una buena y sana política. La popularización de la educación al extremo que hoy día tenemos en las escuelas de Taiwan una asistencia de 99.8% una de las más altas del mundo ha sido otra de nuestras cartas de triunfo. Pero nada habríamos logrado sin un amplio y comprensivo espíritu de sacrificio de nuestro pueblo, una gran entrega hacia el trabajo por parte del pueblo. La puesta en marcha de una auténtica, justa y racional reforma agraria fue también un mecanismo de desarrollo, un engranaje que cuando comenzó a funcionar provocó una revolución económica dentro de la isla. La reforma agraria incentivó todos los aspectos de la agricultura, eso a su vez movilizó la industria liviana, luego se pasó a la industria mediana y por último a la industria pesada. Todos estos elementos se conjugaron sin duda para hacer eso que en muchas partes del mundo se llama el "milagro de Taiwan".

Antes de partir para su país el Vice Ministro de la República de China envió por nuestro intermedio un caluroso saludo al pueblo y gobierno del Uruguay remarcando la voluntad del gobierno de Taiwan de colaborar con nuestro país en todo lo que podamos entender como conveniente.



El Vice Ministro de Relaciones Exteriores de la República de China adelantó el interés de su país en distintas áreas comerciales e industriales por parte de sectores oficiales y privados

HR

R. P. CH.

033

El País

CHINA ROJA DE REVOLUCION



Los movimientos de paquidérmica agilidad que la nueva dirigencia soviética viene realizando, tratando de modernizar el país bajo su gobierno, responden antes que nada a las fuerzas de la necesidad. Sin embargo, hay un acontecimiento que creemos debe tenerse presente en relación con este fenómeno, consistente en los cambios literalmente espectaculares que se vienen operando desde hace unos años en China Comunista.

Parte de Siberia y el puerto de Vladivostock, en el Pacífico, pertenecieron en el pasado a China e integran el complejo de diferencias que históricamente han separado a esos colosos. En custodia de sus fronteras, la Unión Soviética tiene actualmente en este límite asentada una fuerza militar de 750.000 hombres, testimonio elocuente de la rivalidad allí latente, que no es sólo territorial.

Los grandes cambios que tienen proyecciones culturales, políticas, económicas y sociales, se originaron con la conducción de Deng Xiaoping. Uno de sus aspectos más trascendentes, se ubica en los pasos dados con prolijo pragmatismo para encaminar la economía de China roja bajo el signo del lucro, los principios del mercado y la sociedad de consumo, lo que ha llevado a este país a un crecimiento anual promedio de un 8 %, en los últimos años.

Bueno es recordar que en su área mundial de existencia, bajo el imperio de estos cánones, conviven con un extraordinario desarrollo Hong-Kong, Corea del Sur, China nacionalista y, nada menos que Japón, los que con la medida de sus realizaciones, se han encargado de desmentir las bondades de la ortodoxia comunista, que planificación, burocracia, larga marcha, revoluciones culturales y libro rojo de Mao mediante, se tradujo en el considerable estancamiento continental. Si bien por su tamaño China roja representa la novena economía del mundo, cuando se toma en cuenta el volumen de población que posee, los resultados adquieren otro sentido, ya que el ingreso per capita es de trescientos cincuenta dólares, lo que le asimila en este aspecto a Haití o Guinea.

Para el proceso importante y vigoroso de hoy en día, se ha convocado tanto a la surgente pequeña empresa privada nacional, como a las grandes compañías extranjeras, de las que se han recibido y se esperan capital y tecnología. Mientras tanto, en un devenir a veces imprevisible, subsisten junto a lo nuevo, las empresas estatales ganadas por la burocracia y la ineficiencia. Dentro del marco descrito para éstas últimas también rige un nuevo desafío, y muchas de ellas han demostrado que sabrán adaptarse a las reglas de juego y al enfrentamiento con la competencia por la conquista del mercado.

Hacia el futuro las predicciones políticas no son fáciles y no podemos aspirar a contemplar desde la distancia, con ojos rioplatenses, las alternativas de un mundo que nos es geográfica y espiritualmente distante. Lo que importa es que en este coloso asiático, según lo registrase el periódico del Partido Comunista "Diario del Pueblo", se anuncia que: "No podemos esperar que las ideas sostenidas en el pasado por Marx y Lenin resuelvan todos los problemas de hoy".

No hay duda por lo expuesto de que esta verdadera revolución asiática de logros importantes, deja en evidencia al estancamiento de la URSS, incide en sus políticas contemporáneas y dicta un fallo inapelable contra una caduca ideología.

Ricardo Reilly Salaverri

033

Si a la China vas por Lana...

...el resultado puede ser que luego de comprarla en grandes volúmenes todo se termine de la noche a la mañana.

Conocida es nuestra posición en favor de mantener nuestras relaciones con la China libre basándonos tan sólo en las realidades económicas de obras realizadas, convenios cumplidos y contratos firmados.

Hemos señalado también en innumerables ocasiones lo inconexo que resultaba manejar el análisis económico de lo que rinde cada uno de los mercados chinos en base a las cifras recientes de comercio exterior, favorables al intercambio con China roja. En efecto lo importante es analizar las repercusiones que en el mediano y largo plazo pueden producirse en el país de acuerdo a los rubros que una y otra están dispuestas a comprar y a apoyar.

La asistencia en infraestructura aportada por la China libre es algo que quedará aquí para siempre en beneficio del sector. Y por supuesto el impacto en el medio rural derivado de un fuerte crecimiento agrícola en algunos rubros de comercialización asegurada por años es mucho mayor que el esperado por compra de lanas. El caso de la soja además es particularmente importante pues se trata de un rubro relevante no solo en el Este para las rotaciones arroceras, sino que quizás sea la única puerta agrícola de entrada a los sistemas de producción con pasturas en la zona norte y central.

Pero si todo lo dicho no fuera suficiente, nada mas oportuno que unas declaraciones del Sr. Pablo Scremini, ex Presidente de Central Lanera, quien al referirse al posible impuesto que China roja aplicaría a nuestras lanas dejándonos así totalmente fuera de mercado, desestimó las consecuencias negativas de este hecho en el país. No somos cautivos de ese mercado, expresó, y luego, con gran sentido común agregó que si antes el Uruguay producía 65 millones de kilos y los vendía todos sin contar a China roja como comprador, ahora con 30 millones más, de los cuales aquel país compra 20, no parece que se llegue a una cifra tan difícil de comercializar.

En definitiva lo que queda claro es que aunque las cifras puedan ser de momento favorables a China roja, su importancia es muy menor en lo que a promocion de actividad se refiere. Si no nos compran lana en definitiva no pasa básicamente nada a juzgar por lo declarado por Scremini que resulta absolutamente lógico. En cambio lo permanente es esa promoción en infraestructura, —los silos y secadores donados— ese crecimiento en rubros nuevos, esa seguridad de colocación en rubros dinamizadores pero de mercados normalmente difíciles. Tal el aporte de Taiwan, que no podemos perder.

El País 11/7/82

Carpeta NORA

INTERCHINAS

033

La Prensa 5/7/82

Acusación de Pekín a Taiwán

Pekín (UP) – China responsabilizó a Taiwán por frecuentes ataques contra pesqueros que tuvieron lugar en los últimos tres meses, y que provocaron por lo menos ocho heridos y daños por un monto que equivale a miles de dólares.

La agencia oficial de noticias china Xinjua señaló que pescadores de la provincia sureña de Fuji, ubicada frente a la costa de Taiwán, están "indignados" por los ataques, y las autoridades chinas están "siguiendo de cerca el desarrollo de los acontecimientos".

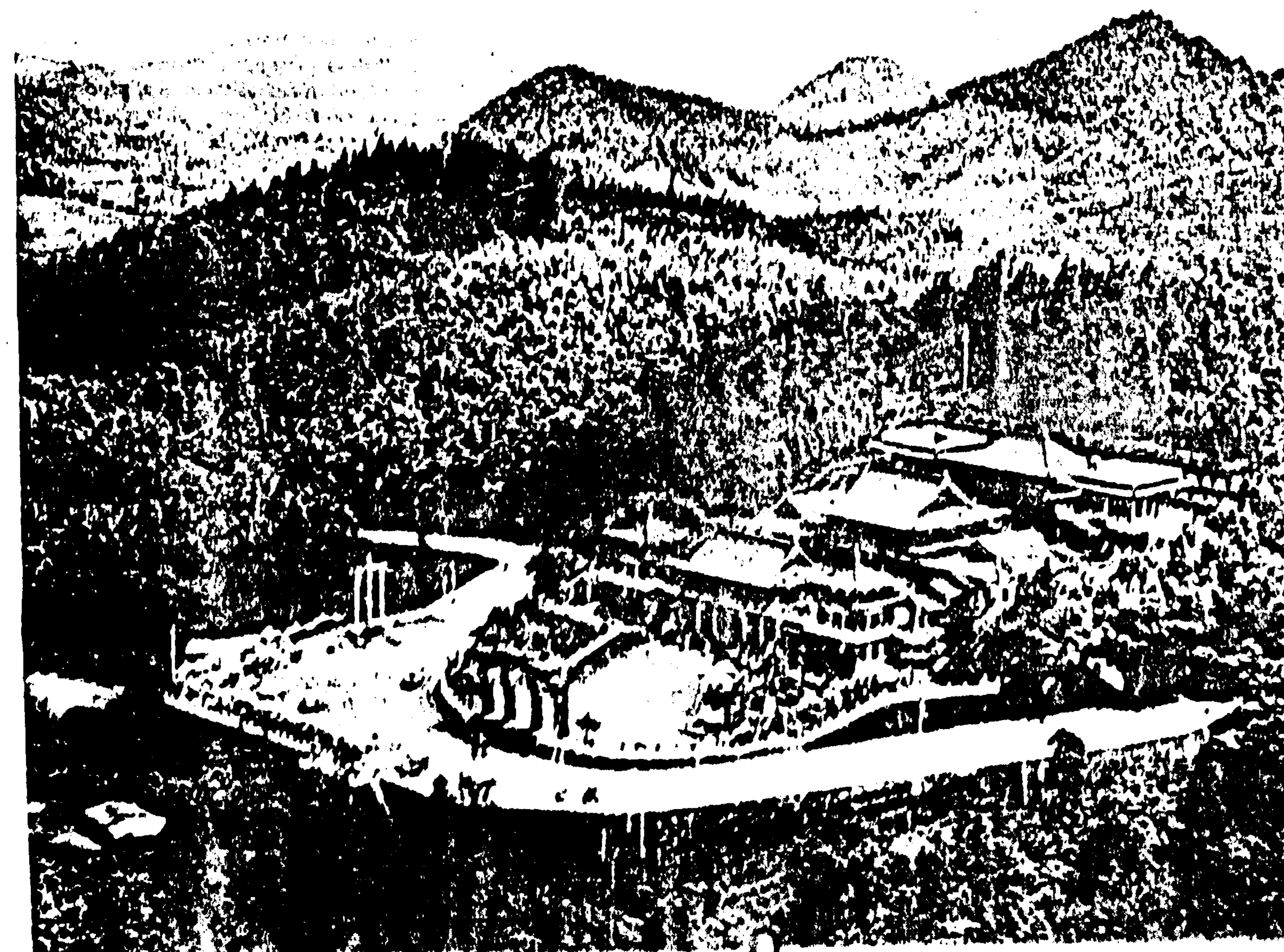
El incidente más reciente ocurrió el 15 de junio cuando marinos a bordo de un buque de una administración de pesca de Taiwán abordaron un barco de pesca de Fuji en el extrecho de Taiwán, dijo Xinjua.

Agregó que en esa oportunidad, los taiwaneses destruyeron algunas de las maquinarias y lanzaron la carga al mar.

El 1º de junio, integrantes de la tripulación de un barco taiwanés no identificado, atacaron dos barcos de pesca de Fuji que estaban anclados a unos 50 kilómetros de la costa de China, agregó la agencia.

Según la información, los taiwaneses habrían utilizado "rocas y válvulas de alta presión" para provocar heridas a seis pescadores y daños en las cabinas, vidrios, detectores de peces y equipos de comunicación.

¿POR QUE VENDERNOS A LA CHINA ROJA?



El juego, evidentemente, es entre varios.

Están, por supuesto, los "nuevaoleros" dentro de los partidos tradicionales y los políticos que responden no a los intereses del país sino a los de la izquierda internacional; están también las expectativas político-personales de algunas figuras con vocación internacionalista que bajo este gobierno han encontrado el camino expedido para promoverse en los grandes foros mundiales; están también los intereses económicos —muy respetables, en la medida que respondan a apuntalar el esfuerzo del trabajo—; están los verdaderos artífices del desarrollo del juego, ésos que utilizan a los medios de comunicación para zarandear el tema de tanto en tanto y que se encargan de ofrecer versiones de "fuentes confiables" que después no se confirman pero que dejan abierto el resquicio de la duda.

Así, en esta maraña de intereses, la definición de nuestro gobierno respecto a las relaciones diplomáticas con China nacionalista o con China continental parece haber entrado en el definitivo período en que ya no se puede seguir especulando.

LA SOJA Y LA LANA

Los que pretendan ver, bajo esta no tan sorda pulseada que una vez advenido este gobierno comenzó a jugarse, una confrontación de intereses entre sojeros y productores de lana, están equivocados. Porque si así fuera, la opción de mantener nuestras relaciones con la China de Taiwán o la de establecerlas con la China roja —con la imposición por los rojos del rompimiento de los vínculos diplomáticos que nos ligan con la isla— ni siquiera se

01-02

8707958

habría planteado.

Y si no, véase.

Sin entrar a considerar la asistencia sostenida que Taiwán nos ha prestado y presta para el desarrollo y formidable crecimiento del cultivo de la soja, sin contar con que han enseñado al agricultor uruguayo los secretos del cultivo, sin contar el compromiso de adquisición del producto mucho más allá en volúmenes de los que hasta el momento se produce, manejemos únicamente cifras.

El año pasado la extensión dedicada al cultivo abarcó 36 mil hectáreas habiéndose colocado la totalidad de la producción en el mercado de Taiwán. Se prevé que para la próxima siembra el área se extenderá a 50 mil hectáreas, siendo notorio que año a año la mayor dedicación de suelos a esta actividad se ha acompasado con una mayor productividad y un mayor rendimiento por hectárea.

La colocación asegurada de la cosecha, por otra parte, ha incentivado a los productores para persistir en su dedicación, a lo que debe sumársele la demostrada conveniencia y compatibilidad de alternar —en suelos aptos para otros cultivos— la plantación de la soja, por los valores nutrientes que enriquecen las áreas sembradas.

Aparentemente para urgir una definición a nivel diplomático tendiente a establecer relaciones con el régimen comunista de Pekín (que nos impone cortar vínculos de la misma naturaleza con Taipei) se trae al tapete "el problema" de la lana. Esta producción —no toda— es comprada por el gran imperio chino continental bajo un régimen de entrada de nuestro producto que se beneficia de alguna preferencia. Esa preferencia —se ha informado— cesa en fecha próxima si no se renuevan las cláusulas de un acuerdo ya muy cerca de su extinción y para cuya nueva realización los rojos imponen a Uruguay el establecimiento de relaciones diplomáticas y la ruptura con Taiwán.

Vale decir, que somos sometidos a un vulgar chantaje.

En esta zafra lanera se han obtenido más de 90 millones de kilos; y tanto ahora como antes, cuando se producían 65 millones, los chinos rojos nos compraban 20. Si el saldo de 70 millones de kilos tenemos que colocarlo en otros mercados que no nos otorgan preferencia, ¿no se podrá hacer lo mismo con los 20 que en la actualidad nos compra la China comunista?

LA "POLITICA" Y LA POLITICA

Palmariamente, entonces, hay que desechar la falsa alternativa que deliberadamente se quiere ofrecer para tratar de justificar la presunta encrucijada que a nivel de sus relaciones internacionales enfrenta el país. No es del caso, por otra parte, señalar los antecedentes de incumplimiento de convenios y acuerdos suscritos en el pasado por otras naciones con el régimen comunista de Pekín, cuya confiabilidad ha quedado muchas veces deshecho en el camino. Tampoco vale esgrimir la potencialidad del mercado consumidor de mil millones de habitantes, si tenemos en cuenta que la abrumadora mayoría de ese teórico mercado consumidor carece de poder adquisitivo.

Más bien entran a jugar en el problema los factores a que aludimos en el comienzo.

El concepto de la "política" de los políticos de toda la izquierda de este país, obediente a las digitaciones de cualesquiera de las dos grandes centrales de irradiación, la URSS y la China roja; una censurable frivolidad en la práctica política de algunas jóvenes y no fogueadas figuras de los partidos tradicionales con irrefrenables ansias viajeras y de vertiginoso aumento de "status"; y las ansias —también irrefrenables— de otras figuras que más preocupadas por su carrera personal en el jet-set de las relaciones internacionales que del propio país al que representan, no vacilan en impulsar (*algunos por lo menos* dando la cara, otros no tanto) una decisión injusta, inconveniente, poco ética y desagradecida para un país que ha demostrado sobradamente ser amigo del nuestro.

Porque si así no fuera, y si la opción que parece avecinarse se debiera exclusivamente a la "necesidad" de colocar la lana, esos entreguistas de ahora serán culpables de haber traicionado el ideario de nuestro fundador al no haber recordado su sentencia de perdurable vigencia: "No venderé el rico patrimonio de los Orientales, al bajo precio de la necesidad".

Claro: Artigas era Artigas y tenía en alta estima dignidad y la del pueblo que representaba, que en ese momento era el único y "rico patrimonio de los Orientales"; y estos otros son simplemente "otros", como otros serán los "patrimonios" que han puesto a la venta.

He ahí la gran diferencia.

02-02

PUGNA TENAZ

Hace ya días, el Servicio de Noticias de China, que es la agencia oficial del régimen comunista para los vínculos con la prensa extranjera, emitió un comunicado señalando que el Partido ha pedido que la prensa dedique más espacio a las reformas económicas y menos a la crítica de las tendencias capitalistas en la economía.

Este cambio de tono, después de cinco meses de agrias críticas a las tendencias occidentales, ha sido interpretado por analistas como un avance de los reformistas en la tenaz pugna que libran con los elementos conservadores.

La lucha entre ambas corrientes sigue a todo vapor y que ambos bandos buscan una definición antes del Congreso del Partido Comunista, que tendrá lugar en octubre.

Como se ve, entre marchas y contramarchas, también los comunistas chinos van marchando hacia la economía liberal.

R. P. China

148

INTERCHINA 033.

EL PAIS

18 AGO. 1987

SOBRE RELACIONES CON CHINA

La Asociación Nacional de Productores de Soja, en Asamblea que tuvo lugar en Treinta y Tres, declaró lo siguiente:

"La Asociación Nacional de Productores de Soja, se considera en la necesidad de adver-ir a la opinión pública y au-oridades nacionales, sobre el ema de nuestras relaciones on la República de China Taiwan) que ha significado no de los puntales funda-nentales para el resurgi-niento del cultivo de la soja, segurándonos una muy bue-a opción de mercado y apoyo l desarrollo de la infraes-ructura necesaria para dicho abro".

Señala luego la resolución e los productores que "vemos con inquietud que se están realizando evaluaciones exclusivamente cuantitativas de las relaciones actuales y pasadas con China Nacionalista y es así como sentimos el deber de recalcar que el impulso que le ha dado al cultivo de soja el comercio con esta nación, ha tenido consecuencias tangibles en cuanto se está promoviendo un cultivo desarrollista, restando terreno a la ganadería extensiva, y dando lugar a una explotación agrícola ganadera, que da empleo, utiliza y mejora las tierras de peor calidad del país, colonizando con caminos y obras de infraestructura, zonas que antes de la soja eran prácticamente inaccesibles e improductivas".

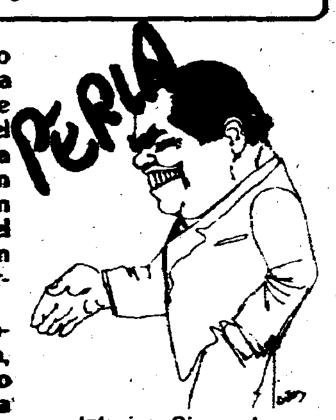
PERLA

H3/
R.P.CH.
03[?]

EL PAIS

14 AGO. 1987

BARRIOS TASSANO: ¿DE CHINA A MINISTRO?



Iglesias: Siguen las versiones sobre su alejamiento

"LE confirmo plenamente la noticia que le adelanté hace 48 horas: el embajador uruguayo en la Argentina se encuentra en plenas negociaciones en China comunista", dijo el Duende a lo largo de un almuerzo con varios informantes en "Morini".

—Le puedo adelantar como "dato posta, posta" que el diplomático desde hace tiempo venía negociando un convenio a 5 años con los chinos continentales.

—Pero me dijeron, repito que me dijeron, que los chinos para firmarlo, como también para mantener el ritmo de compra de lana industrializada sin recargos, exigen el reconocimiento diplomático uruguayo y la ruptura simultánea con China Nacionalista.

—¡Pero la batahola será enorme!, ¿se imagina a los plantadores de soja, entre otros?, ¿ a todos aquellos que no admiten de ninguna manera una presión diplomática que obligue a romper relaciones con un país amigo?

—¡Espere, espere!, la última palabra no está dicha, en las propias filas del Gobierno hay gran resistencia.

—¿Y por qué Barrios Tassano ha sido el hombre para este tipo de negociaciones?

—Me dijeron, repito que me dijeron, que por dos razones, argumentó el que había pasado en Buenos Aires el primer dato y que ahora de vuelta en Montevideo sumaba más novedades.

—Cuente, cuente.

—Bué... usted sabe que las conversaciones se canalizaron a través del Embajador Chino en Buenos Aires y además piense que muchos sostienen que si el Canciller Iglesias se aleja para ocupar un cargo internacional antes de fin de año , el indicado para sentarse en el Palacio Santos sería Luis Barrios Tassano, una persona de indudable confianza y desde larga data muy próximo al primer mandatario.

—Pero esto de China levantará mucha polvareda.

—Le insisto, aún hay quiénes resisten.

D1-01

China Comunista

033

EL PAIS

02 AGO. 1987

RESURGE HU YAOBAN



El nombre de Hu Yaoban, ex-secretario general del "Partido Comunista Chino" (PCCH) caído en desgracia el mes de enero, volvió a emerger hoy en grandes titulares en todos los periódicos chinos, con ocasión del 60 aniversario del Ejército.

Yu Yaoban perdió su puesto como consecuencia de la contraofensiva conservadora que siguió a las manifestaciones estudiantiles de diciembre pasado, y varios intelectuales de la corriente "liberal" fueron igualmente "purgados" del Partido.

Su aparición en el acto de ayer, sentado a la izquierda del presidente de la nación, Li Xiannian, y su citación hoy en cuarto lugar en la nómina de los siete principales participantes, concuerdan con las versiones que circulan últimamente en la colonia británica de Hong Kong, que aseguran una segunda vida política al británico de Hong Kong, que aseguran una segunda vida política al ex-favorito de Deng Xiaoping, el hombre fuerte de China.

[illegible] EFE

HR

China Comunista

033

EL PAIS

02 [illegible] 1987

[illegible] RESURGE HU YAOBAN



El nombre de Hu Yaobang, ex-secretario general del "Partido Comunista Chino" (PCCH) caído en desgracia el mes de enero, volvió a emerger hoy en grandes titulares de todos los periódicos chinos, con ocasión del 60 aniversario del Ejército.

Hu Yaobang perdió su puesto como consecuencia de la contraofensiva conservadora que siguió a las manifestaciones estudiantiles de diciembre pasado, y varios intelectuales de la corriente "liberal" fueron igualmente "purgados" del Partido.

Su aparición en el acto de ayer, sentado a la izquierda del presidente de la nación, Li Xiannian, y su citación hoy en cuarto lugar en la nómina de los siete principales participantes, concuerdan con las versiones que circulan últimamente en la colonia británica de Hong Kong, que aseguran una segunda vida política al británico de Hong Kong, que aseguran una segunda vida política al ex-favorito de Deng Xiaoping, el hombre fuerte de China. (EFE)

01-01

8708045

R.P. CHINA

033

La ganadería en China

En un mundo en que casi las dos terceras partes de quienes lo habitan padecen hambre, resulta siempre confortante toda noticia relativa a incrementos en la producción de alimentos. En ese sentido el aumento experimentado por China continental en el volumen de su ganado, que lo ha convertido en el primer productor de carne porcina y el segundo de carnes rojas, revela un sostenido esfuerzo digno de ser emulado.

Como dato ilustrativo sobre la magnitud de sus rebaños, bastará con señalar que hace cuatro años, China tenía 476 millones de porcinos, vacunos y ovinos, que superaban holgadamente los 192 millones con que contaban los Estados Unidos. Un ambicioso programa en elaboración, apunta a lograr que la nación asiática obtenga 120 millones de toneladas de forrajes a fin del presente siglo, superando en nada menos que 25 veces lo producido hace apenas un lustro.

Especialistas en la materia han señalado que en gran medida, este incremento derivó de los cambios de la política gubernamental que alentaron la propiedad privada. Ello se tradujo en un mayor engorde del ganado, aumento de las compras oficiales, ampliación de las tierras disponibles para uso de particulares, y la creación de la industria doméstica de forrajes. No cabe duda de que en una nación, donde a pesar del régimen político imperante y el desarrollo urbano alcanzado, subsiste un elevado porcentaje de población asentada en las zonas rurales, la desestatización -aunque sólo sea parcial- de la economía agropecuaria, ha constituido un estímulo para la laboriosidad de esas grandes masas de habitantes.

Tan significativos progresos resultan claramente indicativos de la superioridad de los sistemas de libertad económica, y el reconocimiento más absoluto del fracaso de los delirios estatizantes, propios de la burocracia totalitaria, que condena a los pueblos donde está impuesta al retroceso, o, en el mejor de los casos al estancamiento y a la limitación.

PERLA

La Prensa 31-8-87

01-01 8708072

H3

033

EL PAIS 21-8-82

CHINA: "CORRE POR QUIEN LO DICE..."

"¿OBservó que siguen meneando el tema de las dos Chinas?", manifestó uno de los que no ha perdido detalles de los vaivenes que oficiosamente hablan de compras, rompimientos, etc.

—Mire, le puedo decir que no hay duda que se ha movilizado la cosa. Me consta que China Roja anunció que dejaba de comprar lana uruguaya a partir de setiembre si no se le reconocía y se rompía relaciones con Taiwan. Tampoco olvide el viaje del Embajador Dr. Barrios Tassano. ¿Usted piensa que fue en tren de turista?

—No entiendo a qué conclusiones quiere llegar con esta repetición de hechos y preguntas.

—A ninguna. Sólo le reitero realidades que han ocurrido, pero le agrego que no hay novedades y que nadie piensa en las alturas en decisiones drásticas.

—¿Y la versión de que las cosas se precipitaban en setiembre?

—Mire, no quiero poner nada en boca mía. El Canciller Iglesias consultado ayer sobre esas informaciones, sin ocultar su molestia, respondió: "Corren por cuenta del matutino que las publicó". ¿Pero se afirma que se reconocerá a China Comunista?, "pregúntenle a ellos que son los que lo dicen".

—Entonces, violín en bolsa y a no insistir con el problema. Usted sabe que "a río revuelto..."

01-01

8708134

R. N. CHINA 033

18 AGO. 1987

LA MAÑANA

18/8/87 La Mañana

Apoyo técnico a los plantadores de soja

Sede (China)

Delegación china en Treinta y Tres



Una delegación de la Embajada de la República de China visitó el departamento de Treinta y Tres, manteniendo diversos contactos con representantes departamentales, así como también con distintas instituciones productivas en el marco de un programa de cooperación tecnicoagrícola.

TREINTA Y TRES. (Por nuestro corresponsal, Francisco Antonio Rodríguez Correa).— El grupo visitante estuvo encabezado por Pedro Hsiung Yen Chu Encargado del Programa de Cooperación de la Embajada del país asiático, a quien acompañó el Ing. Lo Shreung Young, Jefe de [illegible] isión Tecnicoagrícola de China nacionalista, con sede en esta ciudad.

Los ilustres visitantes fueron recibidos por autoridades departamentales, el Intendente Municipal, Wilson Elso Goñi; integrantes de la Junta Departamental, directivos de la Cooperativa Agropecuaria Ltda. de Treinta y Tres (CALIT), representantes de la Asociación Nacional de Plantadores de Soja, productores sojeros, técnicos de la Estación Experimental del Este y fuerzas vivas del departamento.

PROGRAMA DE COOPERACION

Se mantuvo una importante reunión de trabajo con directivos de CALITT y con la Asociación de Plantadores de Soja.

El alto funcionario de la Embajada de China nacionalista sintetizó este encuentro en estos términos: "Tuvimos una conversación con la Asociación Nacional de Plantadores de Soja, discutiendo de una manera muy franca, todos los aspectos de la promoción, producción y comercialización de la soja".

Recordó que "a partir de 1985 el Gobierno de la República de China ha derivado sus esfuerzos con la colaboración del MGAP, para promover el Plan de Soja. Este año, nosotros seguimos trabajando con la misma política, teniendo previsto concretar la tercera parte de la donación, con el propósito de mejorar la infraestructura de esta producción. Esperamos que la parte uruguaya, con el mismo entusiasmo, continúe colaborando con nosotros".

Con el Intendente Wilson Elso Goñi y técnicos del Departamento Agroindustrial de la Intendencia que dirige el Ing. Eduardo Lena, el delegado visitante mantuvo una reunión, donde se estudió la posibilidad de que la Embajada de la República de China apoye dicho programa (el cual ya ha sido informado por La Mañana).

En ese sentido, trascendió que habría la posibilidad de que si los productores granjeros próximos a la ciudad de Treinta y Tres, tuvieran interés en volcarse hacia la soja, es factible algún tipo de cooperación china, a través del MGAP, órgano nacional que administra y canaliza los términos de esa cooperación bilateral.

PEQUEÑOS Y MEDIANOS PRODUCTORES HACIA LA SOJA

El Ing. Eduardo Lena, Director del Programa Agroindustrial, sobre el particular manifestó que los motivos de la reunión fueron "para lograr apoyo a pequeños y medianos productores en las cercanías de Treinta y Tres y donde viven muchas familias trabajando sus predios con muy pocos recursos económicos".

Sobre las conversaciones realizadas, dijo que "concretamente se habló sobre la posibilidad de que esos predios se pudieran utilizar para la producción de soja en pequeña escala, pero que sumados pueden ser de enorme importancia, no sólo para el departamento sino para la producción sojera en general. Nuestro planteo no se agota en la soja sino que abarca otras producciones, y donde el trabajo familiar puede ser importante, los predios pequeños pueden ser rentables si se produce una adaptación a ellos, y donde puedan volcar su esfuerzo, además del jefe de la familia, los otros miembros de la misma".

Posteriormente se informó a La Mañana que se tienen cifradas esperanzas en estas posibilidades, lo que permitiría la explotación de un número importante de predios cercanos a la ciudad de Treinta y Tres los que sumados y en base a ese programa de cooperación entre la Embajada del país asiático y la Intendencia Municipal reportará resultados muy provechosos, fundamentalmente para productores de pequeños y medianos predios, que hoy no tienen rentabilidad.

Gardil: aumento importante del área

Importantes declaraciones brindó a la prensa el Ing. Gonzalo Gardil, Presidente de la Asociación Nacional de Plantadores de Soja, en oportunidad de la visita a esta ciudad de una destacada delegación de la Embajada de la República de China encabezada por el Encargado del Programa de Cooperación de la citada representación diplomática, Consejero Pedro Hsiung Yen-Chu.

TREINTA Y TRES. (Por nuestro corresponsal, Fco. Antonio Rodríguez Corra).— Gardil informó sobre los planteamientos de la Asociación a la Embajada de China así como otros aspectos relacionados con la mara de este cultivo.

Comenzó diciendo que "hemos establecido un franco diálogo referente a todos los aspectos del cultivo de la soja, su producción y el especial momento de expansión del mismo. Sé de la buena voluntad de ese país como mercado seguro para esta producción que se está gestando".

Más adelante hizo referencia [illegible] de este cultivo y al incremento en la extensión a sembrar.

Dijo que "no hay una estimación del área a sembrar, pero si uno va rescatando de distintas áreas y viendo y participando del entusiasmo con que se va a iniciar esta zafra para el período 87/88, pienso que nosotros podemos darles términos definitivos a este acuerdo con la República de China la máxima importancia y tranquilidad para aquellos productores que se inician".

NUEVA DONACION DE LA RPCA. DE CHINA

Señaló Gardil que "el tercer tramo del préstamo -la nueva etapa- incluye una importante inversión en el departamento de Treinta y Tres (zona de Rincón).

Zona que más necesidades tiene de una planta de silos, cuya obra civil ya está realizada y que a través de este nuevo tramo de donación será terminada.

Esto da una posibilidad de almacenamiento y secado muy importante. La industrialización vendrá en etapas posteriores. La República de China, tal vez tome contacto a través de otras áreas con este tema, no lo especifica que nosotros estamos tratando".

Con respecto a la comercialización de la cosecha anterior, el Ing. Gardil expresó que se comercializó totalmente. "Una parte fue exportada a China, otra absorbida por la industria nacional y también hubo una exportación a Brasil. Los precios que se lograron en los distintos negocios son, dentro de un entorno, por lo menos suficientes para iniciar una nueva etapa, no tanto en relación a lo que es el sacrificio de producir soja, sino teniendo en cuenta la depresión mundial que existe, para los granos en general", finalizó expresando el Ing. Gonzalo Gardil.

¿Poco legible

01 - 01

8708158.

R. NAC. 033 PÉRIA China

Asociación Parlamentaria Afianzará los Vínculos Entre Uruguay y Taiwan

En su visita al Parlamento Nacional, el vicecanciller de la República de China, Charles King, firmó el acta constitutiva de la Asociación de Parlamentarios de la República Oriental del Uruguay y de la República de China, haciéndolo en representación de nuestro país el senador Dardo Ortiz del Partido Nacional.

Por la referida acta, ambos países se comprometen a afianzar los vínculos de cooperación ya establecidos. Como Presidente honorario de esta Asociación, fue designado el embajador de la República de China en el Uruguay, Henry Wang, quien desempeñará ese cargo durante un año.

El acta también luce las firmas del referido diplomático y del senador Bernardo Pozzolo del Partido Colorado y una vez cumplida la ceremonia, el Senador destacó los avances sociales, tecnológicos, culturales y económicos logrados en las últimas tres décadas por una "pequeña, maravillosa isla", que en 1946 comenzó siendo la isla de Formosa y hoy es la República de China.

El vicecanciller chino agradeció las palabras pronunciadas por el senador Ortiz y consideró que todos los pueblos que puedan vivir en democracia y en libertad, teniendo como meta la cooperación, lograrán los objetivos y avances obtenidos por su nación.

La ceremonia se cumplió en una de las Salas de Comisiones del Senado y con ella culminó la parte oficial del primer día de visitas del viceministro Charles King.

Estuvieron presentes en el acto el diputado Julio Daverede de la Unión Cívica, Rubens W. Francolino del Partido Nacional y Walter Isi del Partido Colorado, el senador Eduardo Paz Aguirre del Partido Colorado y el Subsecretario de Relaciones Exteriores, embajador Alberto Rodríguez Nin.

En diálogo mantenido por EL PAIS con el Vicecanciller Charles King, éste señaló que "ambas naciones tenemos en común, como asimismo nuestros gobiernos, un amor por la democracia que es el fundamento de la paz y de la libertad. Todos los pueblos que sustentan esos principios son acogidos por nuestro país y deseamos estrechar relaciones con ellos".

"Partiendo de este fundamento, es que creo que esta sociedad que acaba de ser fundada, podrá cumplir de manera activa su rol en la cooperación de los pueblos", agregó King.

Consultado si este acuerdo firmado era una forma de afianzamiento de los vínculos ya establecidos entre ambas naciones, King expresó que este documento ha sido una prueba más de la convicción popular en el ámbito legislativo del Uruguay de fortalecer las relaciones entre los dos países.

"Estos deseos son mutuos" afirmó King y agregó que no se debían solamente a la política exterior desplegada por el gobierno de la República de China.

Preguntado sobre si la conferencia que se realizará la semana próxima en Asunción del Paraguay, que congregará a embajadores chinos ante los países de América Latina y el Caribe, se enmarca en la mencionada política exterior citada anteriormente, así como los temas a abordarse en dicha reunión, King manifestó que esta no será la primera reunión de esta naturaleza que se realiza entre los representantes diplomáticos taiwaneses y en esta ocasión "intentaremos analizar formas para viabilizar el mejor desarrollo de las relaciones con todos los países donde estamos representados oficialmente. Ponemos acento en que el desarrollo económico es esencial para los pueblos y nosotros queremos coadyudar a que todas las naciones amigas obtengan el mismo nivel de desarrollo que el nuestro", concluyó.



Representantes diplomáticos chinonacionalistas, junto al vicecanciller Charles King, ayer en el Parlamento.

01-01

8708238

China Comunista

033

NO SE TRATA DE OPTAR SINO DE RECHAZAR EL CHANTAJE

Tanto se ha escrito desde el punto de vista de los principios que sostienen la posición uruguaya en materia de soberanía, que hoy traemos expresamente a primer plano, sin posponer aquella, cuáles serían las ventajas económicas que le reportarían al país romper relaciones diplomáticas con la República de China establecida en Taiwan, para acceder al discutido privilegio de inaugurarlas con China comunista.

Yendo a cifras, China nacionalista es, con el Japón, Alemania Federal y Corea del Sur, la constelación de países que absorben la mayor cantidad de reservas internacionales de todo el mundo.

Sus reservas se sitúan hoy en sesenta mil millones de dólares, en tanto la China de Pekín, en estrepitosa caída, las ha disminuido de doce mil millones a tres mil millones de dólares en 1986.

Juan Bautista Schroeder, abogado y profesor de Economía Política de la Facultad de Derecho, reflexiona: "...si pensamos que China comunista tiene relaciones diplomáticas con más de ciento veinte países, y Taiwan apenas con veintidós, es fácil deducir que la perspectiva de comercio con la [illegible] por parte de sus amigos y aliados, son infinitamente mejores que las hipotéticas posibilidades que Pekín le puede ofrecer al Uruguay, un país que sólo le interesa —vamos a no engañarnos—, por razones políticas".

Schroeder va al ejemplo cercano y regional: "Fíjese en Bolivia, que al término del mandato de Siles Suazo se le ocurrió romper con Taiwan e inaugurar relaciones diplomáticas con la República Popular China. Perdió toda la ayuda de la isla y no obtuvo de Pekín ninguna de las ventajas comerciales que le habían prometido".

En este momento, el Uruguay cuenta con el apoyo incondicional de Taiwan en considerable cantidad de áreas de desarrollo, con un aporte concreto y real de treinta millones de dólares anuales en el trienio, aparte de donaciones varias por más de seis millones y medio de dólares.

En el campo de la erradicación de la aftosa, por ejemplo, son anuales y sostenidos los aportes del pequeño país insular, extensivos a una permanente cooperación técnico agrícola, industrial, en zonas francas, deportivas, en el puerto de Montevideo, en la pesca y en los preparados de la carne. Todo ello sin perjuicio de la seguridad que representa para el país y sus productores, la fijación de cuotas de importación de soja y cereales uruguayos hasta 1990.

Aparte de lo dicho, el comercio privado entre empresarios uruguayos y taiwaneses, muestra un espectro de compra de productos uruguayos muy diversificado, con perspectivas ciertas de crecimiento en el futuro inmediato.

Pekín —alude directamente el Dr. Schroeder—, no está en condiciones de ayudar tecnológica ni económicamente al Uruguay, a pesar de su enorme extensión territorial y a sus mil millones de habitantes; es un país pobre y atrasado.

En cuanto al comercio actual del Uruguay con la China continental, muestra en los últimos años compras relativamente importantes en algunos rubros exportables. Estas adquisiciones han coincidido con la tremenda presión que se ejerce sobre el Uruguay para que rompa con Taiwan.

"Este es el precio de la aceptación de imposiciones inadmisibles, verdadero chantaje del gobierno de Pekín sobre nuestro gobierno".

Para Schroeder, el Uruguay, país pequeño y principista, deberá tener en cuenta, prioritariamente, aunque parezca redundante, razones de principios.

La cuestión, dice, no debe plantearse en si hay que tener o no relaciones diplomáticas con China comunista, sino saber si se deben aceptar sus imposiciones para tener relaciones con ella. Pekín exige ruptura de relaciones con Taiwan, y aquí va lo peor: solemne declaración previo a todo vínculo con Pekín, de que Taiwan es una provincia de China sometida al gobierno de la República Popular China.

Esta exigencia implica una afrenta a la soberanía nacional, como no la ha sufrido el país desde su irrupción en el siglo pasado a la vida republicana, sin perjuicio de la implicancia en convalidar una anexión territorial que contraría las normas del Derecho Internacional y las tradiciones del Uruguay en la materia.

CH El País 1/9/87

Poco legible

Visto

01-01

1ª Fichaje R NCH

033

Llegó misión industrial de la República de China

Arribó a nuestra capital una delegación industrial de la República de China, integrada por representantes oficiales y del sector privado.

Durante su permanencia en nuestro país, procurarán darle un nuevo impulso a los planes y acuerdos de cooperación entre ambos países.

Como informara "La Mañana", el arribo de esta misión fue acordado en la 4ª Conferencia Binacional de Cooperación Económica realizada en Taipei en octubre del año pasado.

INCREMENTAR COOPERACION

Donde se acordó incrementar la cooperación técnica en el área industrial ofreciendo la delegación china el envío de un equipo de consultores de alto nivel para asesorar en los proyectos de desarrollo industrial, crear condiciones de inversión en el Uruguay y estudiar las medidas efectivas a encarar para atraer la inversión mejorando las condiciones vigentes.

Por otro lado, los representantes de la industria privada china vienen a nuestro país a fin de investigar las circunstancias de inversión y comercio en el Uruguay.

La misión industrial, que estará presidida por Shih Chien-yang, Director General de la Dirección General para el Desarrollo de la Industria, estará integrada además por el Subdirector de la Administración de Zonas de Procesamiento para la Exportación del Ministerio de Asuntos Económicos, Kuei Sheng-wang; por el especialista del Centro Industrial de Desarrollo e Inversión del Ministerio de Asuntos Económicos, Ning Son-wang; el Senador Chien Han-sun y tres representantes de industrias laneras y aceiteras: Yau Ting-lin, Chih Ying-cheng y Wang Hsien-kun.

La delegación china permanecerá en nuestro país hasta el martes 28 de julio, y durante su estadía tienen previsto entrevistarse con el Subsecretario de Industria y Energía, Gustavo Cola Cancela, para analizar el desarrollo de la cooperación en el área industrial. Visitarán además las ciudades de Paysandú, Nueva Palmira y Colonia, y mantendrán contactos con otras autoridades.

La Mañana 21/7/87

La Mañana
MONTEVIDEO, LUNES 20 DE JULIO DE 1987

Acuerdos de cooperación e inversión

Delegación industrial de China está en Montevideo

Arribó en la víspera a nuestra capital una delegación industrial de la República de China, integrada por representantes oficiales y del sector privado.

Durante su permanencia en nuestro país, procurarán darle un nuevo impulso a los planes y acuerdos de cooperación entre ambos países.

Como informara La Mañana, el arribo de esta misión fue acordado en la 4ª Conferencia Binacional de Cooperación Económica realizada en Taipei en octubre del año pasado, donde se acordó incrementar la cooperación técnica en el área industrial ofreciendo la delegación china el envío de un equipo de consultores de alto nivel para asesorar en los proyectos de desarrollo industrial, crear condiciones de inversión en el Uruguay y estudiar las medidas efectivas a encarar para atraer la inversión mejorando las condiciones vigentes.

PRIVADOS: INVERSION Y COMERCIO

Por otro lado, los representantes de la industria privada china vienen a nuestro país a fin de investigacr las circunstancias de inversión y comercio en el Uruguay.

La misión industrial, que estará presidida por Shih Chien-yang, Director General de la Dirección General para el Desarrollo de la Industria, estará integrada además por el Subdirector de la Administración de Zonas de Procesamiento para la Exportación del Ministerio de Asuntos Económicos, Kuei Sheng-wang; por el especialista del Centro Industrial de Desarrollo e Inversión del Ministerio de Asuntos Económicos, Ning Son-wang; el Senador Chien Han-sun y tres representantes de industrias laneras y aceiteras: Yau Ting-lin, Chih Ying-cheng y Wang Hsien-kun.

IRAN AL INTERIOR

La delegación china permanecerá en nuestro país hasta el martes 28 de julio, y durante su estadía tienen previsto entrevistarse con el Subsecretario de Industria y Energía, Gustavo Cola Cancela, para analizar el desarrollo de la cooperación en el área industrial. Visitarán además las ciudades de Paysandú, Nueva Palmira y Colonia, y mantendrán contactos con otras autoridades.

VR

RNCH

033

La Mañana 11/9/84

Plan inversor para Uruguay

Integración de capital chino

El Departamento de Inversión y la Dirección General de Industria del Ministerio de Economía de la República de China llevaron a cabo una planificación para construir una zona industrial en nuestro país, y de esa forma atraer a fábricas e industrias de Taiwan a hacer inversiones en Uruguay y poder lograr un desarrollo que beneficiará a! desarrollo económico.

La idea es parte de un proyecto que si resulta con [illegible], luego podría ampliarse a otros países latinoamericanos.

En esta primera etapa de planificación, Taiwan suministrará expertos, capital y técnica. Como la base industrial en el Uruguay se limita principalmente al campo de la ganadería y agricultura, las autoridades chinas habrán de enviar expertos para investigar y planificar y, a su vez, organizar con los industriales chinos la integración de capitales.

01-01

KR/

ARCHIVAR EN: Rep. Nac. China (033)

TEMA: TAIWAN: ABOLITION OF MARTIAL LAW.

PROCEDENCIA: ENLACE Sudafricano 7/10/87 Doc. 15/10/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Sudafrica (135)

01-01 8708718

Bonomi: un convenio muy trascendente

La República de China confirmó compra de lanas

La Embajada de la República de China en nuestro país anunció oficialmente la decisión de su Gobierno de realizar compras de lana uruguaya por un valor total de 10 millones de dólares anuales a partir de la víspera y por un tiempo indeterminado.



El Embajador de la República de China, Henry Wang, en momentos de hacer oficial el interés en la compra de lana. Junto al diplomático, el Presidente de la Asociación Rural del Uruguay, Julio Bonomi, y el Presidente de la Cámara Mercantil de Productos del País, Héctor Sarno Beramendi.

La República de China lleva a cabo dichas compras en base a su deseo de incrementar y fortalecer el intercambio comercial con Uruguay.

Diez millones de dólares anuales serán invertidos en la compra de lana, por un plazo indefinido, dicha cuota ha sido fijada y se espera que los laneros uruguayos puedan aprovecharla.

Uruguay será uno de los países de Latinoamérica que contará con una mayor inversión de la República de China.

En estos términos se refirió sobre el particular el Embajador de la República de China en el Uruguay, Henry Wang.

UN CONVENIO TRASCENDENTE

El Presidente de la Asociación Rural del Uruguay, Julio Bonomi, al ser consultado en la oportunidad, en torno a la importancia de este convenio logrado entre Uruguay y la República de China, dijo que el mismo "es muy trascendente, si tenemos en cuenta que año a año se va aumentando la producción de las razas ovinas, y que sin duda se ve reflejado en las toneladas de lana que se obtienen, por eso es inobjetable que en estos momentos el ovino está ocupando un papel muy importante en el país, pero indudablemente que un punto principal es asegurar que esa colocación de la lana en el exterior no se vea limitada, de ahí la importancia que le adjudicamos a este convenio".

Posteriormente Bonomi resaltó que "también estamos luchando para que la carne ovina pueda obtener sus mercados. En nuestra opinión, creemos que en buenas condiciones es loable lograr una comercialización de la carne de dichas razas".

Finalmente, el presidente de la ARU destacó que "se busca brindar una tranquilidad al productor, para que reafirme la explotación ovina en nuestro país, teniendo la certeza de que sus productos podrán ser comercializados".

R.N.CH.

033

La Mañana
MONTEVIDEO, SABADO 12 DE SETIEMBRE DE 1987

Llega trigo desde Arabia

Repca. de China comprará lanas por U$S 10

NORA

Según fuentes fidedignas, la industria textil de la República de China se compromete a adquirir lana uruguaya por un monto estimado en los US$ 10:000.000 (diez millones de dólares), y brinda, al mismo tiempo, la promesa de continuar comprando en los próximos años, por un monto no inferior al anteriormente mencionado.

Esta operación, según se pudo saber, será considerada fuera de los convenios binacionales que actualmente existen de cooperación económica Sino-Uruguaya.



El embajador chino Henry Wang ratificó ayer la compra de lana.

China comprará lana

[illegible] embajador de la República de China, Henry Wang, anunció oficialmente ayer la disposición de su país a realizar compras de lana uruguaya por un valor de 10 millones de dólares anuales y por un plazo indeterminado, y señaló el deseo de "incrementar y fortalecer el intercambio comercial".

Wang efectuó el anuncio en el transcurso de una reunión de prensa desarrollada en el Club de Golf, a la que concurrieron representantes del sector productor, de la industria textil y algunos parlamentarios.

Precisó que los interesados deberán conectarse con el agregado comercial, Jaime Chen, en Scoseria 2871 bis/201, 788711 o 709459.

Por su parte, Chen dijo a EL DIA que "la decisión obedece a una expresión de esfuerzos por incrementar el intercambio comercial" y pu[so] énfasis en destacar que "e[l] aumento será indefinido".

Dijo que las compras s[e] efectuarán preferentement[e] del producto industrializado [y] que ha notado "un fuerte int[e]rés de los industriales ur[u]guayos". Preguntado respect[o] al precio que China está dispuesta a pagar, respondió: "De eso se habla entre empresarios".

f.N.CH.

033

Visita Uruguay misión de asesoramiento de China

Hasta el martes 28 permanecerá en el Uruguay una delegación industrial de la República de China, integrada por representantes oficiales y del sector privado. Es presidida por Shih-Chien Yang, director general de la Dirección General para el Desarrollo de la Industria, y le acompañan Kuei-Sheng Wang, subdirector de la Administración de Zonas de Procesamiento para la Exportación del Ministerio de Asuntos Económicos, Ning-Son Wang, especialista del Centro Industrial de Desarrollo e Inversión del Ministerio de Asuntos Económicos, el senador Chien Hán-Sun y tres representantes de industrias laneras y aceiteras.

El arribo de la misión había sido acordado durante la Cuarta Conferencia Binacional de Cooperación Económica, realizada en Taipei, en octubre de 1986, donde se acordó incrementar la cooperación técnica en el área industrial, ofreciendo la delegación china el envío de un equipo de consultores de alto nivel, para asesorar en proyectos de desarrollo industrial, crear condiciones de inversión en el Uruguay y estudiar las medidas efectivas a encarar, para atraer inversores, mejorando las condiciones vigentes.

Búsqueda 29/7/87 PERLA

033 RNCH.. Perla visto

BUSQUEDA ■ Jueves 30 de julio de 1987

Luego de casi 40 años de régimen autoritario

Lenta liberalización del sistema político en Taiwan

por Daniel Sutherland

Con la formación, el año pasado, de un partido político de oposición, y el levantamiento —este mes— de la ley marcial, Taiwan se está moviendo después de casi 40 años de régimen autoritario de un partido único hacia un sistema menos autoritario, posiblemente más democrático.

Mientras Taiwan parece estar lindando con las mismas metas que Corea del Sur, el progreso es muy lento en esta isla de 19.5 millones de habitantes. Pero hasta ahora, por lo menos está viviendo una transición sin manifestaciones masivas, sin la violencia y sin la confusión política que recientemente llevó al caos a Corea del Sur.

"La política surcoreana es 'política Karate'", manifestó Antonio Chiang, el editor de una revista cercana a la nueva oposición taiwanesa.

"En Taiwan, todo es una 'disputa imaginaria' y de proceso lento", agregó.

En el único ámbito donde la transición [illegible] y más abierta es en el Parlamento, [illegible]. Cuando abrió a comienzos de este año, los diputados lucharon, se empujaron y se presionaron mutuamente. Cuando cerró, la semana pasada, un legislador golpeó el escritorio de un oponente con su zapato.

Los opositores al gobierno chino nacionalista que ha detentado el poder por 38 años dicen que el ejemplo de las protestas públicas surcoreanas en apoyo a la democracia los ha alentado.

No obstante, la mayoría de los analistas políticos señalan que, por las grandes diferencias entre Taiwan y Corea del Sur, el impacto surcoreano ha sido hasta ahora limitado. Taiwan nunca experimentó un gobierno sostenido por generales como Corea.

■ Chiang Kai Shek y su hijo

A pesar de haber sido gobernada por el 'generalísimo' Chiang Kai Shek hasta su muerte en 1976, lo sucedió su hijo, quien no era un general. Los militares taiwaneses tampoco han jugado el importante papel que en la política diaria cumplen las Fuerzas Armadas surcoreanas.

Las manifestaciones registradas en Taiwan en mayo y junio en contra de la ley marcial fueron mucho menores comparadas a las que sacudieron a Corea del Sur.

El presidente Chiang Ching Kuo suspendió la ley marcial el 14 de julio, después de casi 40 años de existencia. El hecho no causó celebración alguna. Muchos ciudadanos comunes apenas sabían, en primer lugar, que la ley existía.

El gobernante Kuomintang —Partido Nacionalista— mantiene sus promesas, el levantamiento de la ley marcial será sólo el primero de una serie de pasos hacia la liberalización del sistema político y para ampliar la base de apoyo del Kuomintang antes que el poco saludable presidente salga de escena.

■ Mini potencia económica

Ubicado a sólo 100 millas de China Continental, Taiwan se transformó en una mini potencia económica en la década de los '60 y '70. Gracias a sus exportaciones, esta pequeña isla se ha convertido en uno de los más grandes socios comerciales de Estados Unidos. Tiene una de las reservas de moneda extranjera más importantes del mundo, valuada en 62.000 millones, sólo excedida por las de Japón y Alemania occidental.

Pero durante años, grupos activistas de derechos humanos, tanto taiwaneses como extranjeros, han criticado al gobierno nacionalista por su monopolio del poder político, el encarcelamiento de militantes opositores y las restricciones que implantó para las publicaciones independientes que criticaban el régimen. Aún sin la ley marcial, el gobierno planea continuar imponiendo medidas estrictas a una prensa en expansión y a las manifestaciones callejeras.

Chiang, de 77 años, hijo mayor de Chiang Kai Shek, y un pequeño grupo de asesores que se fueron de China después de la derrota nacionalista por parte de los comunistas en 1949, aún sustentan casi la totalidad del poder político.

Taiwan continúa declarándose a sí misma como el gobierno de toda China, y la gran mayoría de las bancas de los tres cuerpos legislativos nacionales son ocupadas por miembros vitalicios que fueron electos en los distritos continentales en 1947.

El Kuomintang nunca permitió elecciones generales para el principal cuerpo parlamentario, Yuan, de 318 miembros. Pero elecciones complementarias han permitido el acceso de un número limitado de diputados más jóvenes al llamado "club de los hombres viejos".

El problema del Kuomintang ahora es cómo retirar a los hombres viejos e incorporar a nuevos legisladores, sin sacrificar la imagen de un Parlamento que se supone representa a toda China.

"Reformar la legislatura será mucho más difícil que levantar la ley marcial" dijo Lu Ya Li, un reconocido científico político taiwanés.

■ La oposición en el Parlamento

Sólo 13 legisladores pertenecen al Partido Progresista Democrático, el principal grupo de oposición que se formó el año pasado. La mayoría de sus miembros son nativos de Taiwan. Junto con un número de representantes del Partido Nacionalista, relativamente jóvenes y de mentes liberales, este grupo opositor ha convertido el Parlamento en un vivo foro de debates.

En diciembre pasado, a pesar de que su status era técnicamente ilegal, el Partido Progresista Democrático obtuvo alrededor de un 25% de los votos en una elección para un número limitado de bancas legislativas. Pero desde entonces, el nuevo partido ha tenido dificultades para obtener nuevos miembros y dinero para seguir adelante.

Según Kang Ning Hsiang, un líder del Partido Progresista Democrático y miembro de la legislatura, el partido de 11 meses de existencia "se está rompiendo".

"La gente tiene miedo de afiliarse a un nuevo partido", dijo Kang. Otro problema del nuevo partido es que no tiene un líder claro. Además, sus miembros parecen estar divididos respecto al principio de "autodeterminación" para Taiwan.

Para algunos, la autodeterminación simplemente significa obtener poder político. Pero para otros, significa declarar a Taiwan una nación independiente, algo que podría provocar a los comunistas de China Continental y al Kuomintang.

Kang también reconoce otro problema. El presidente Chiang ha jugado lento, pero firme, para reformar el sistema político, "robando cartas" del nuevo partido.

Una de las demandas claves de la oposición era que el Kuomintang levantara la ley marcial, y el anuncio de Chiang en octubre pasado de que lo haría, disminuyó el impacto que podría haber tenido, como tuvo en Corea del Sur el giro hacia la democracia.

"No tenemos una tradición democrática, y es algo que debe ser aprendido paso por paso" expresó Huang Chu Wen, un legislador liberal —de 40 años— del Kuomintang.

Los políticos de la oposición no han aprendido aún cómo unificar y enfocar sus esfuerzos, de acuerdo con el editor Antonio Chiang. (DPA - The Washington Post - Especial para Búsqueda).

POCO LEGIBLE

01-01

8708865

033

República de China comprará lana por US$ 10 millones

La industria textil de la República de China se comprometió a comprar este año lana uruguaya por un monto de US$ 10 millones, según informó a EL DIA la Oficina de Prensa de la respectiva Embajada.

Esa fuente indicó también que China asume el compromiso de efectuar compras de la fibra uruguaya en el futuro por un monto no inferior al indicado en forma anual y aclaró que esta decisión es independiente de las derivadas del convenio binacional sino-uruguayo de cooperación económica, marco en el cual se operó hasta por US$ 2,5 millones.

01-01

8709030

HR

RNEH

033

Montevideo, viernes 11 de setiembre de 1987 HORA

La República de China suministrará expertos capital y tecnología

La República de China (Taiwán) suministrará expertos, capital y técnica a Uruguay en los campos de la ganadería y la agricultura fundamentalmente, aunque también en áreas de la industria, según reveló el diario "Central Daily News", órgano del gobierno de ese país.

El Departamento de Inversión y la Dirección General de Industria del Ministerio de Economía de la República de China desarrollaron una planificación para construir una zona industrial en Uruguay para atraer a las fábricas e industrias de Taiwán a hacer inversiones en este país y desarrollar la industria y fábricas que ayudarían al desarrollo de la economía, agrega la citada fuente.

Es una primera base que si resulta con buen éxito, luego va a ampliarse a otros países de Sudamérica, establece.

En esta primera etapa de la planificación, Taiwán suministrará expertos, capital y técnica. A causa de la base industrial en Uruguay, que se limita principalmente al campo de la agricultura y ganadería, la autoridad china va a enviar una vez más expertos para investigar y planificar y también se empieza a organizar con los industriales chinos sobre la integración de capitales, precisó el "Central Daily News".

01-01

8709041

R.N.CH.

033

LOS PASOS DEL DESARROLLO

Se ha hablado últimamente con persistencia, de la República de China Nacionalista, tanto con motivo de la visita de su vice Ministro de Relaciones Exteriores, Licenciado Charles Shu-king, encabezando una distinguida delegación, como a consecuencia del rumor de un estrechamiento de nuestros vínculos con la China Popular, circunstancia esta que implicaría la ruptura con Taiwan, a todas luces lamentable.

Mas no es ese el tema de la presente nota. Del llamado "milagro de Taiwan" deseamos destacar el orden y el método de las acciones que a él condujeron, tan bien concebidas y ejecutadas que no podían dejar de producir los resultados que a la vista están. El triunfo de China Nacionalista no es un milagro realmente; es la consecuencia de haber emprendido, la totalidad de sus habitantes, en armonía, un difícil camino preconcebido, de haber realizado un sacrificado y tesonero trabajo con esa comunidad de sentimientos, intereses y propósitos que, según el gran Renán, define las condiciones esenciales para constituir un pueblo: "Tener ciertas glorias comunes en el pasado, una voluntad común en el presente, haber llevado a término juntos grandes empresas y pretender acometer otras..."

El pueblo taiwanés fue, de ese modo, dando pasos firmes, mesurados. No pretendió saltar de golpe del subdesarrollo a la tecnología más avanzada y a una industrialización a ultranza. No omitió ninguno de los escalones del desarrollo bien entendido: reforma agraria, crecimiento agrícola, autoabastecimiento, industrialización, exportación... Todo ello sustentado por una cohesión familiar que es tradicional.

China Nacionalista, que partió de cero pocos decenios atrás, ocupa hoy el 16° lugar en el mundo por su comercio exterior, previéndose que hacia el año 2000 será una de las diez naciones más ricas del mundo.

Esta lejana nación asiática está, pues, señalándonos un camino.

¿No habrá llegado, realmente, el momento en que todos los uruguayos, sin excepciones, pongamos en juego esa famosa reserva moral que sin duda poseemos, para luchar codo con codo, por encima de discrepancias, intereses e individualismos mal entendidos, en pro del bien común y del engrandecimiento de nuestra patria?

El País 27/11/87

01-01

LA [illegible]AÑANA

R.P. China

07 JUL. 1987

Int[illegible]a[illegible]ar el p[illegible]er

Pekín: descubren sociedad secreta

PEKIN (ANSA, EFE y UPI). La Policía arrestó a 11 presuntos responsables de la creación de una sociedad secreta, que intentaba tomar el poder provocando desórdenes y volando puentes, informó ayer la agencia de noticias China.

Desde el 26 de enero hasta el 8 de junio, más de 15.000 panfletos contrarrevolucionarios, afiches y cartas que atacaban al Partido Comunista fueron hallados en 11 condados alrededor de la capital de la provincia de Sichuan, Chengdu, señaló la información periodística.

Agregó que "en raras ocasiones se vio un caso de este tipo" desde que los comunistas asumieron el poder en China en 1949.

La agencia dijo que las autoridades de Chengdu "inmediatamente" lanzaron una operación policial de gran escala para encontrar a los culpables.

El 8 de junio, "los criminales cometieron otro crimen", dijo el diario. "Con clara evidencia", la Policía estableció que Zhang Jinsheng del condado de Pujiang, fue el principal "criminal", dijo la agencia noticiosa.

Agregó que Zhang fue arrestado el 19 de junio y confesó que había organizado "una sociedad reaccionaria secreta y utilizó un régimen feudal para realizar actividades contrarrevolucionarias".

En la casa de Zhang, la Policía halló tres sellos de madera, más de 300 panfletos que aún no habían sido distribuidos, 65 banderas revolucionarias, explosivos, detonadores y dinero, según la información.

"Hasta ahora, 11 personas cayeron en la red de la justicia", agregó.

Las investigaciones policiales determinaron que Zhang y sus secuaces planeaban "ascender al trono" provocando desórdenes y colocando bombas en los puentes cercanos a Chengdu.

Uruguay acelera cuestión china

La apertura de relaciones diplomáticas entre Uruguay y la República Popular China sería inminente, informó ayer el diario oficialista "El Día", aunque otras fuentes gubernamentales aseguraron, en el transcurso de la semana, que una decisión en ese sentido recién se adoptaría a principios del próximo año.

En tanto, son fuertes las presiones que vienen ejerciendo algunos sectores exportadores uruguayos —apoyados por la Unión Colorada y Batllista— para que no se inicie el relacionamiento diplomático con China Popular y que se mantenga con Taiwan.

El Ministro Enrique Iglesias dijo que la inminencia de un pronunciamiento "no podía descartarse".

China Popular se ha comprometido a absorber las exportaciones de Uruguay con Taiwan, al tiempo que se informa que una nueva delegación parlamentaria China llegará a nuestro país el próximo 9 de setiembre.

La misión estará presidida por Zhang-Xiangshan, funcionario de enlace internacional del Partido Comunista Chino con rango de viceministro.

01-01 8708261

R.P.CH.

033

Regresa de China Barrios Tassano

Mientras que está previsto para hoy el regreso desde China Popular del Embajador uruguayo en Buenos Aires, Luis Barrios Tassano, el Canciller Enrique Iglesias afirmó que el tema de las relaciones diplomáticas con ese país "está en estudio".

Como se sabe, Barrios Tassano concurrió a aquel país especialmente invitado por el embajador de Pekín en la Argentina, Shen Yunao.

Al consultársele al Canciller Iglesias sobre el viaje del diplomático, y si el mismo estaría relacionado con el rompimiento de relaciones con China nacionalista, respondió: "Hay una enorme dosis de imaginación en todo ello".

De acuerdo a lo señalado por Iglesias, lo único cierto que hay "es la invitación a Barrios Tassano de su colega chino en Buenos Aires para visitar ese país en las vacaciones. No hay nada más que eso".

La Mañana 15-ago-82

033

La Mañana
MONTEVIDEO, VIERNES 14 DE AGOSTO DE 1987

Conversaciones

El Embajador uruguayo en Buenos Aires visita Pequín

Como hemos anunciado, el Embajador uruguayo en Argentina, Dr. Luis Barrios Tassano, se halla en Pekín desde hace unos días. Se trata de la continuación a otro nivel de conversaciones iniciadas con su colega de China Popular en Buenos Aires.

Su presencia en aquel país se relaciona con el estudio de factibilidad en cuanto a la reanudación de nuestras relaciones con la nación más poblada del mundo, a la vez el mayor adquirente de nuestra producción lanera.

Seguramente las gestiones no resultan fáciles, dadas las vinculaciones de nuestro país con Taiwan y su fuerte y activa presencia en varios renglones de exportación.

Y, como es sabido, China Popular condiciona la apertura de relaciones con cualquier nación a la ruptura con Taiwan en el caso que las tenga, obviamente situación en que se halla Uruguay.

R.P. CHINA

01-01

870832

R.P.CH.

033

EL PAIS

5 AGO. 1987

UN EMBAJADOR EN CHINA ROJA

"EL Duende en sus idas y venidas, en sus vueltas, se enteró que el Embajador del Uruguay en la Argentina, estaba de viaje, en largo, larguísimo viaje. "¿Está enterado del periplo del Dr. Luis Barrios Tassano?", le preguntó un amigo de sobretodo de piel de camello y engominada y traje lustroso, cuando se cruzó con el hombre de "La Trastienda" por plena avenida Santa Fé el último fin de semana.

—Algo había oído, unos me dijeron que tomó rumbo a los EE.UU. otros al viejo Continente, pero nadie me concretó.

—No estuvo muy equivocado el que le dijo que fue hacia el país del norte, lo que pasa es que se olvidó de agregarle que voló en escala hacia China Popular.

—¿Cómo?, ¿un Embajador en Buenos Aires en misión a China Roja?.

—¡Epa, epa!, no se adelante a los acontecimientos, despacio por las piedras, nadie mencionó que en tarea oficial, usted se está aventurando.

—Pues, le puedo refutar, como dato "posta, posta", que don Luis Barrios desde hace tiempo viene manejando el tema relaciones con China Comunista.

—¡Usted se equivoca de medio a medio!, Barrios Tassano está acreditado sólo ante el Gobierno de don Raúl Alfonsín y nunca fue designado como embajador concurrente ante ningún otro país. Además, recuerdo que con China Comunista no mantenemos relaciones.

—Y yo le insisto que Barrios viene conversando con el embajador de China Continental en Buenos Aires desde buen tiempo atrás. Ahora está dialogando con gente de las alturas en Pekín, mientras come arroz con palitos.

—¡Oh, la, la!, esta noticia sí que va a traer cola y puede que algún intento de desmentido. Pero el dato es "posta, posta".

—No dudo la batahola cuando lean "La Trastienda", porque no hay duda que se venía manejando entre "gallos y...

D1-01 8708331

R.P.CH
033

EL PAIS

05 AGO. 1987

DESDE CHINA ROJA CON... EL SABADO

"¿LE dijeron que mañana sábado retorna de China roja el embajador uruguayo en Buenos Aires, Dr. Luis Barrios Tassano?", preguntó uno de los de la rueda de cafés al Duende.

—Estaba enterado. Sé que llega el diplomático acreditado ante el Gobierno de Raúl Alfonsín, que dejó esta vez temporariamente sus contactos con el Canciller Dante Caputo, para atender lo que se dice "una invitación personal del embajador de Pekín en la Argentina, Shen Yunao".

—¿Y?

—Mire, le reitero que hay resistencia por todos lados al reconocimiento diplomático de China Continental, como le digo que las presiones son muchas y también los llamados de atención en torno a la compra sin recargos de tops, la promesa de "pingües" convenios comerciales a cinco años, etc., etc. ¡Ah! y no olvidar la exigencia de que se rompan relaciones con Taiwan.

—¡Espere, espere, no crea que del otro lado se quedarán quietos! Nadie cae de brazos cruzados. No olvide la compra de la producción de soja, las obras del puerto y un crédito de miles de dólares que habría que reintegrar. Y en especial recuerde que son orientales que apoyan en todo las ideas del mundo occidental.

—Mire, por ahora esperar a que llegue Barrios sorpresivo emisario, luego a los contactos que ha[n] Iglesias en la ONU en setiembre.

—Sabe una cosa, a pesar de todo, la veo verd[e] todavía. ¡Abur!.

06 01A

01-01

8708334

IR

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: KOHL viaja a la China y el Tibet.

PROCEDENCIA: El PAís 12/7/87

ARCHIVADO EN: R. F. Alemania (003)

D1-01 8708345

IR

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Que gran parte de la Opinión del PAís vive preocupada ante aventuras peligrosas como el convenio de pesca con la URSS.

PROCEDENCIA: El PAís 14/8/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

8708354

D1-01

Según Deng Xiaping cuestión Camboya impide acercamiento

Relaciones China-Unión Soviética

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- El principal obstáculo para la mejora de las relaciones entre China y la Unión Soviética es la negativa de Vietnam a retirar sus tropas de Camboya (Kampuchea), aseguró ayer el líder chino Deng Xiaoping, según la agencia oficial de noticias Xinhua.

En una entrevista con el ministro tailandés de Asuntos Exteriores, Siddhi Savetsila, en el centro veraniego de Beidaihe, en el norte de China, Deng insistió en que Vietnam debe retirar sus tropas de Camboya, cesar su agresión contra este país y permitir que recobre su independencia.

Recordó que los otros dos escollos para el acercamiento chino-soviético son la presencia soviética en Afganistán y el despliegue de tropas soviéticas en la frontera con China.

Deng subrayó que, después de que las tropas vietnamitas hayan salido de Camboya, este país debe ser independiente y neutral y estar en paz bajo su verdadero dirigente, el príncipe Norodom Sihanouk.

Por su parte, el canciller tailandés expresó su coincidencia con la postura china respecto de Camboya, agregando que Bangkok seguirá apoyando la coalición tripartita de la oposición.

La Unión Soviética apoya a Hanoi desde los tiempos de la guerra de Vietnam, tanto política como estratégicamente.

Al hablar del próximo congreso del Partido Comunista Chino, que se celebrará en octubre, Deng Xiaoping aseguró a su interlocutor tailandés, actualmente en visita oficial a su país, que el rumbo político de China no cambiará y que se hacía más esfuerzos en pro de las reformas y la apertura hacia el exterior.

HR

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Entrevista entre Kohl / Zhao Ziyang.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 14/7/87

ARCHIVADO EN: R. F. Alemania (003)

01-01 8708482

Luchar contra vietnamitas hasta recobrar soberanía

China apoya coalición de Kampuchea

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).- El líder chino Deng Xiaoping reafirmó ayer el apoyo de China Popular al Gobierno de coalición tripartita de Kampuchea en su lucha contra la agresión vietnamita hasta que Kampuchea (antes Camboya) recobre por completo su independencia, soberanía e integridad territorial.

Deng, presidente de la comisión asesora del Partido Comunista chino, se expresó así en una entrevista con el Presidente de Kampuchea democrática, Príncipe Norodom Sihanouk, que encabeza una delegación de tres partidos opuesta al actual régimen de Heng Samrin.

Deng dijo que aceptamos el hecho de que Kampuchea no practicara el socialismo tras su victoria sobre Vietnam, pero esperamos que Kampuchea continúe siendo dirigida por Samdech Norodom Sihanouk.

También expresó su convicción de que una lucha justa por una nación independiente sea culminada con la victoria.

A juicio del líder chino, la Unión Soviética y Vietnam cambiaron su postura sobre Kampuchea, pero Vietnam no ha cambiado su estrategia respecto a una federación Indochina, ni Moscú ha abandonado su respaldo a la agresión vietnamita contra Kampuchea.

Recientemente, Pekín calificó este apoyo soviético a la presencia vietnamita en Kampuchea como el mayor obstáculo en el acercamiento chino-soviético.

La delegación, compuesta además por el ex Primer Ministro Son Sann y el Vicepresidente de Kampuchea Democrática, Khieu Samphan, está en Pekín desde el pasado fin de semana, y ha recibido una acogida favorable de la prensa oficial.

01 - 01

8708498

HR

R.P.CH.

033

Plantea apertura al exterior

Xiaoping reafirma rumbo reformador

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).- El líder chino, Deng Xiaoping, reafirmó ayer que es imposible seguir con el desarrollo de China sin las reformas y la apertura al mundo exterior, informó la agencia oficial Xinhua.

El hombre fuerte chino pronunció estas palabras durante una entrevista con el estadounidense Armand Hammer, Presidente de la American Occidental Petroleum Company (OXY), que se encuentra en el país para concertar la explotación de las mayores minas de carbón nacionales.

Deng subrayó que el proyecto recién acordado con Hammer es otra prueba de que China hace lo correcto, al seguir el camino de las reformas y la apertura al resto del mundo.

Elogió a Hammer por [illegible] valentía en los negocios, [illegible] opinó que algunos empresarios extranjeros aún no tienen el valor necesario para emprender grandes empresas como el de las minas de Antaibao, en la provincia de Shanxi, con una capacidad anual de quince millones de toneladas de carbón.

Por su parte, Hammer declaró que se ha tardado dos años en completar los preparativos de la producción, que forma parte de uno de los mayores proyectos concertados entre China y una firma extranjera.

El multimillonario norteamericano es conocido por sus excelentes contactos con los países del Este europeo, sobre todo con la Unión Soviética, donde mantuvo relaciones comerciales con Lenin.

La Nación 14/9/85

China Popular desea establecer relaciones diplomáticas, comerciales y culturales

El Presidente de la delegación del Partido Comunista de China Popular afirmó que es su deseo establecer relaciones diplomáticas para desarrollar en mejores condiciones relaciones comerciales, económicas y culturales.

"Mi pueblo y el Partido Comunista Chino (PCCH) desean establecer relaciones completas con Uruguay" —señaló Shang Xianshan— Presidente de la delegación de ese país en su corto viaje por Montevideo. Afirmó también que es "nuestro interés establecer relaciones completas en todos los terrenos, y una vez establecidas las relaciones diplomáticas, habrá mejores condiciones para desarrollar las relaciones comerciales, económicas y culturales".

El consultor del departamento de enlace del PCCH vaticinó un futuro de cooperación y colaboración en las relaciones comerciales como así también señaló una amplia gama de coincidencias con los principios uruguayos de política exterior.

También se pronunció sobre el proceso de reformas económicas en la Unión Soviética definiéndolas como una alternativa al estancamiento, a la vez que anunciaba las próximas reformas políticas "para acompañar las reformas económicas, la descentralización de las empresas y la puesta en juego de la iniciativa y el entusiasmo del pueblo", puntualizó Zhang Xianshan.

La visita de la delegación integrada por personalidades políticas y diplomáticas sucede a la de las delegaciones juveniles y parlamentarias que realizaron anteriormente representantes de nuestro país a China Popular.

"Reviste una importancia aún mayor, destacó el integrante del Comité Central del PCCH, a partir del establecimiento de la democracia en el Uruguay, delegaciones del Partido Colorado y del Partido Nacional estuvieron en China, visita que ahora retribuimos para profundizar aún más los lazos de amistad entre el PCCH y el Partido Colorado".

"Estoy seguro —agregó— que estas relaciones se desarrollarán aún más, ya que coincidimos en torno a una serie de problemas internacionales y además, en los últimos años cobró un considerable incremento el intercambio comercial, que estoy seguro tendrá un desarrollo ulterior".

Asimismo indicó que "China respalda que América latina deba ser una zona libre de armas nucleares, el reclamo de soberanía de las 200 millas marítimas, los esfuerzos pacifistas del Grupo de Contadora y la no intervención al conflicto centroamericano".

En relación a la deuda externa, el alto jerarca del PCCH indicó "que China coincide con la mayoría de los países de América latina. Nos oponemos a que los acreedores fuercen el pago de los servicios de la deuda, que sólo pueden ser satisfechos sobre la base de un desarrollo económico de los países deudores, pues es lo único que aumentará su capacidad de amortización".

La Mañana 14/9/87

01-01

8708525



13o. Congreso del PC Chino

Pekin (PL). La elección de un nuevo y más joven cuerpo dirigente y la aceleración de la implantación de las reformas en curso serán los dos temas claves del 13 Congreso del Partido Comunista de China, propuesto para comenzar el 25 del mes próximo.

En el informe se pasará revista a los logros, deficiencias y problemas encarados durante el pasado sexenio de implantación inicial de las reformas y la estrategia de apertura al exterior y enfatizará, en lo teórico, en la importancia y la necesidad de profundizar y acelerar ese rumbo, reveló Deng Xiaoping.

Sanguinetti postergó audiencias con sectores exportadores

23/7/87

El gobierno se replantea los aspectos económicos y comerciales de sus relaciones con las dos Chinas

Los alcances de una decisión del Gobierno, estableciendo relaciones diplomáticas con China Popular (continental) y la consecuente ruptura con la República China (Taiwán) fueron analizados por el canciller Enrique Iglesias con sus asesores, confirmaron a Búsqueda fuentes oficiales.

En tanto, voceros empresariales indicaron que el presidente Sanguinetti postergó por el momento audiencias destinadas a discutir el tema con los sectores directamente involucrados en el comercio con ambos países (lana y soja).

Por su parte, un miembro del Partido Colorado admitió a Búsqueda que el embajador de Uruguay en Buenos Aires, Dr. Luis Barrios Tassano, alcanzó recientemente, un entendimiento con su colega de China Popular, en torno a los términos de un acuerdo comercial por cinco años. Entre sus cláusulas incluiría importantes compras de lanas y transacciones comerciales compensatorias de una eventual pérdida de la corriente comercial actualmente sostenida con Taiwán.

No obstante, se indicó que la firma de dicho acuerdo estaría supeditada al reconocimiento diplomático de Pekín.

La necesidad de una definición parece perentoria, al acercarse el vencimiento —el próximo 1º de setiembre— del acuerdo comercial por el cual China continental exonera de gravámenes a la importación de lanas uruguayas. La anulación del beneficio dejará dicha materia prima fuera de competencia en ese mercado.

Mientras tanto, la ruptura de relaciones con Taiwán, implícita en la decisión de establecerlas con Pekín, significaría el cierre de un mercado en desarrollo para la producción de soja. En el curso del presente año se exportaron con ese destino 26.000 toneladas, en usufructo del compromiso chino de adquirir 140.000 toneladas, las que no podrán ser cubiertas por la producción uruguaya.

■ Inquietud empresarial

La inminencia de la definición originó gestiones de los sectores empresariales interesados. Los exportadores de lana admitieron a Búsqueda que han recibido informaciones provenientes de fuentes diplomáticas, que indican que no se renovará la exoneración arancelaria, por lo que resultaría cortada la corriente vendedora a China continental.

Advirtiendo sobre la situación, han remitido memorándum a las principales autoridades que deben actuar en el problema.

Por su parte, los productores de soja también han manifestado preocupación por el cierre de un mercado para la producción que se venía afianzando.

■ SUL: prescindente

El Secretariado Uruguayo de la Lana (SUL), según informó a Búsqueda su presidente, Ing. Agr. Carlos Coubrough, no opinará sobre el tema. De acuerdo a reciente resolución "objetivamente aportará todos los datos necesarios para facilitar una decisión de las autoridades", pero sin "tomar posición sobre el tema de fondo".

■ El intercambio comercial

El intercambio comercial de Uruguay con China roja muestra un importante incremento en el último año, alcanzando a los 61,41 millones de dólares.

El volumen global del comercio con Taiwán mantuvo en 1986, en términos generales, su nivel habitual, llegando a 23,38 millones de dólares (ver Cuadro I).

Uno de los rubros más importantes de ventas, está constituido por las lanas. En este rubro, China continental pasó de ser en la zafra 1985/86 el cuarto comprador en importancia de montos, a ocupar el primer lugar en la zafra 1986/87 (ver Cuadro II).

Por su parte, Taiwán, desde ocupar el décimo lugar en la zafra inicialmente citada, alcanzó al noveno puesto entre los clientes de Uruguay en la última zafra.

■ Aportes extraordinarios

Al margen del volumen de comercio que se ha generado, la República China (Taiwán) ha realizado diversas contribuciones en carácter de donación al país. Entre las más significativas se encuentra el aporte material para la construcción de silos en Tacuarembó, Vichadero y Treinta y Tres, un secador de granos para la localidad de Castillos, el equipamiento de laboratorios para las cuatro plantas citadas, microcomputadoras para el Centro de Investigaciones Alberto Boerger, asistencia de técnicos en producciones de arroz y soja, un laboratorio de análisis de calidad industrial de semillas para la Dirección de Granos, aporte de recursos para mejorar la infraestructura portuaria en materia de cargas de cereales.

Taiwán comenzó la compra de granos, entre otros productos, en 1984. En febrero de ese año, en oportunidad de realizarse en Taipei la segunda reunión binacional de comercio, se acordó una escala de exportaciones que alcanzará a los tres millones de toneladas en seis años.

Las cuotas establecieron compras de sorgos por 110 000 toneladas en 1987; 120 000 en 1988 y 150.000 para 1989 y 1990. De trigo se venderán 70 000 toneladas por año hasta 1990. De maíz se comprometen 160 000 toneladas en 1987; 230.000 toneladas en 1988; 280.000 toneladas en 1989 y 300.000 toneladas en 1990. Finalmente, las compras de soja previstas, alcanzan a 140 000 toneladas en 1987 y 1988; 240 000 toneladas en 1989 y 280 000 toneladas en 1990.

■ El proceso histórico

En 1949, tras el triunfo de la revolución china encabezada por Mao Tse Tung, el gobierno dirigido por Chiang Kai-Shek y sus seguidores, se recluyó en la isla de Taiwán y su entorno insular.

En esta primera instancia histórica, la mayoría de los países del mundo no reconocieron al nuevo régimen comunista de China continental, manteniendo sus relaciones con el gobierno confinado en las islas.

La situación se fue revirtiendo con los años, sumándose los reconocimientos, hasta que en el año 1971 fue la propia comunidad internacional, la que admitió a China roja en las Naciones Unidas, en sustitución de China nacionalista, que hasta ese momento ocupaba asiento permanente en el Consejo de Seguridad.

Esta sustitución y la sonada reunión, entre el presidente Richard Nixon y Mao, que tuvo lugar un año después, afianzaron la posición de China Popular en el mundo. Hoy día, en el continente viven más de mil millones de chinos, en tanto en las islas lo hacen poco más de veinte millones.

A la fecha, restan reconocer a China Popular 23 Estados en todo el mundo.

Además de Uruguay, mantienen sus relaciones diplomáticas con Taiwán en Latinoamérica: Paraguay, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Haití, Honduras, Nicaragua, Panamá, República Dominicana, San Vicente y las Granadinas.

Promediando el mes de noviembre de 1984, el presidente Li Xiannian, de China Popular, realizó una visita oficial a España. Informó en esa oportunidad "El País" de Madrid, en su edición del día 16 de ese mes, que "el ministro chino de Asuntos Exteriores, Wu Xuequian, pidió a su homólogo español, Fernando Morán, que España influya sobre los once países de Latinoamérica que aún reconocen al gobierno de Taiwán, para que establezcan relaciones diplomáticas con Pekín".

Sin que existan evidencias sobre su relación con este pedido, seis meses después, Bolivia procedía al reconocimiento de Pekín, rompiendo relaciones con China nacionalista.

El reconocimiento del gobierno de China roja implica la ruptura de relaciones con el gobierno de China insular, dado que aquél no admite la simultaneidad de las mismas.

Mientras tanto, la problemática del reconocimiento por parte de Uruguay del gobierno de Pekín, ya constituía una preocupación en el año 1955, cuando fue planteado formalmente por el líder batllista Luis Batlle Berres.

CUADRO I

INTERCAMBIO COMERCIAL CON LAS REPUBLICAS CHINA (TAIWAN) Y POPULAR CHINA (en millones de dólares)

	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987 (1)
EXPORTACIONES									
A Taiwan	0.96	8.07	7.81	12.37	12.53	25.77	15.08	17.76	4.1
A China Continental	—.—	0.64	0.36	9.05	12.17	38.34	43.12	60.01	10.1
IMPORTACIONES									
De Taiwan	4.46	11.10	11.04	5.76	1.86	4.54	2.09	5.06	1.7
De China Continental	1.29	3.06	4.27	2.19	0.55	0.54	0.59	0.80	0.6
SALDO									
Taiwan	− 3.50	− 3.03	− 3.22	6.81	10.87	21.23	12.19	12.16	2.4
China Continental	− 1.29	− 2.42	− 3.91	6.86	11.62	37.83	42.54	59.81	9.5

(1) Hasta marzo/87.

CUADRO II

PRINCIPALES COMPRADORES DE LANA Y PRODUCTOS DE LANA

PAISES (1/10/85 AL 31/03/86)	U$S	PAISES (1/10/86 AL 31/03/87)	U$S
1 URSS	20.199.038	1 CHINA CONTINENTAL	20.467.260
2 ALEMANIA FEDERAL	15.654.208	2 URSS	19.593.663
3 ESTADOS UNIDOS	12.747.387	3 ALEMANIA FEDERAL	16.628.420
4 CHINA CONTINENTAL	12.254.715	4 ESTADOS UNIDOS	15.888.170
5 IRAN	10.158.715	5 REINO UNIDO	13.649.217
6 ITALIA	7.548.556	6 ITALIA	12.245.091
7 CHECOSLOVAQUIA	7.299.345	7 HONG KONG	6.929.188
8 REINO UNIDO	5.940.716	8 JAPON	5.122.129
9 JAPON	3.410.678	9 CHINA TAIWAN FORMOSA	4.800.905
10 CHINA TAIWAN FORMOSA	2.558.058	10 PAISES BAJOS	4.117.184

Fuente: Elaboración Secretariado Uruguayo de la Lana, en base a información proporcionada por el Banco de la República Oriental del Uruguay.

EL NUMERO UNO DE CHINA Y EL PROCESO DE REFORMAS

El retiro de Deng

BEIJING, China, 12 (Por Daniel Southerland, de "The Washington Post", especial para Clarín). — El principal líder chino, Deng Xiaoping, abandonará, a la brevedad, dos posiciones de alto nivel, pero seguirá siendo el líder con mayor influencia del país, según afirmaron diplomáticos occidentales y asiáticos.

Los diplomáticos, a la vez, declararon que Deng conservaría su cargo de presidente de la comisión militar del Partido Comunista, lo cual lo deja en pleno control del ejército.

Por otra parte, los diplomáticos manifiestan que Deng se refirió a sus planes de "retiro" en una reunión con Susumu Nikaido, ex vicepresidente del Partido Demócrata-Liberal de Japón, en un encuentro llevado a cabo aquí.

Los diplomáticos afirmaron que Deng, de 83 años, se retirará del Politburó y de la presidencia de la comisión asesora central del Partido Comunista. Según se presume, estas maniobras están destinadas, en parte, a convencer a otros dos líderes de edad avanzada, quienes se habían mostrado reacios a apoyar las reformas económicas de Deng, a que se retiren como miembros del Politburó.

Estos dos líderes son Li Xiannian, de 81 años, quien ya ha declarado que es su intención abandonar el Politburó, y Chen Yun, de 82, un prestigioso economista que cuestionó los efectos colaterales de los cambios económicos que introdujo Deng.

Los mismos diplomáticos aseveraron que el prestigio de Deng, así como su experiencia y sus vitales conexiones con otros líderes, le permitirán mantener una gran influencia.

Hace unos años, Deng negoció dos de sus cargos, viceprémier y vicepresidente del partido, para obligar a sus opositores a renunciar. Deng se desprendió de sus títulos sin ceder en su verdadera autoridad.

De acuerdo con el consenso general, el alejamiento de Chen Yun, quien dio una imagen de debilidad en su última aparición pública hace más de un mes, eliminaría un obstáculo importante en la obtención de nuevos cambios económicos, esta vez más innovativos.

Por su parte, los analistas declararon que Li Xiannian, que se encuentra en un estado de salud delicado, puede seguir en sus funciones de presidente —un puesto altamente ceremonial— hasta la próxima primavera, cuando el Parlamento posiblemente confirmaría su renuncia.

Sin embargo, el paso más importante a tomar por Li sería su alejamiento del Politburó, un organismo compuesto por 20 miembros que rige sobre las políticas más importantes del país.

Deng y su protegido, actual jefe del Partido Comunista Zhao Ziyang, salieron a la ofensiva recientemente en una maniobra que supuestamente continuará "hasta los últimos minutos", ante el congreso del partido, según las fuentes chinas.

Algunas fuentes manifestaron que los líderes aún tienen que acordar con respecto a quien debería ser designado premier, en reemplazo de Zhao, del que se espera se convierta en el líder del Partido Comunista.

El congreso del partido, que originalmente se llevaría a cabo a fines de setiembre o a principios de octubre, fue pospuesto hasta el 25 de octubre.

Tanto fuentes occidentales como chinas ahora dicen que aún podría haber muchos cambios en las cinco semanas anteriores al congreso.

En una maniobra aparentemente destinada a fortalecer la reforma, mientras tanto, se tomó una decisión para abolir ciertos comités del Partido Comunista que existen en todos los niveles del gobierno, según el periódico pro comunista Wen Wei Po en Hong Kong.

"Si esta decisión es aprobada por el congreso del partido, se convertirá en un paso importante para la reforma", precisó el periódico.

Agencia Reuter



Deng Xiaoping, número uno en China.

033

01-01

8708547

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: El Gobierno de Bonn hacia el de Pekín.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 4/9/87

ARCHIVADO EN: R. F. Alemania (003)

8708556

01-01

R.P.CH.

033

Deng abogó por reformas

CHINA

PEKIN. (ANSA). El máximo dirigente chino, Deng Xiaoping abogó el jueves por una mayor intensidad y rapidez de las reformas y la apertura hacia el exterior de su país.

Según la agencia oficial Xinhua, Deng hizo estas declaraciones durante una entrevista con el ex Secretario de Estado norteamericano, Henry Kissinger, que se encuentra desde el martes en Pekín.

El político dijo que la situación en China es muy estable y digna de confianza, y que eso es esencial para el levantamiento económico nacional.

Aseguró a su interlocutor estadounidense que la sociedad chino-norteamericana, fundada hace poco tiempo, cobrará una creciente relevancia en el fomento de la amistad entre los pueblos chino y estadounidense.

Las declaraciones de Deng sobre la necesidad de seguir el rumbo político de reformas y apertura hacia el exterior coinciden con los indicios cada vez más claros de una pugna entre reformadores y conservadores en la cúpula del Partido Comunista Chino, antes de su congreso del próximo octubre.

La Mañana 4/9/87

INTERCHINAS

033

La Mañana
MONTEVIDEO, MARTES 15 DE SETIEMBRE DE 1987

A personas mayores de 55 años

Taiwan facilitaría visados para visitar China

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- El Gobierno de Taiwan podría estar estudiando la adopción de medidas que faciliten los contactos entre parientes separados tras la división de China.

Según informaciones procedentes de la colonia británica de Hong Kong llegadas a Pekín, las personas mayores de 55 años podrán viajar a China continental (comunista) si conservan en ella parientes hasta de tercer grado.

Los militares y funcionarios no podrán beneficiar de la medida.

Taiwan y la República Popular China se separaron en 1949, tras la guerra civil entre los partidos que hoy siguen a la cabeza de sus respectivos territorios y que se acusan mutuamente de usurpadores.

Durante décadas, los ataques verbales y la tensión fue el único contacto entre ambas márgenes del estrecho de Taiwan.

En los últimos años, con la apertura de China al mundo exterior y el ascenso de generaciones más jóvenes en Taiwan, los contactos no oficiales se multiplicaron.

Se calcula que el comercio bilateral mediante intermediarios alcanza los 1.200 millones de dólares anuales.

El líder chino, Deng Xiaoping, propuso a las autoridades del Kuomintang (partido nacionalista) volver al jirón, conservando su capitalismo, una amplia autonomía y su propio Ejército.

A cambio de ello, reclama la representación internacional de ambas Chinas.

Para dar credibilidad a su propuesta, Deng formuló el principio de un país, dos sistemas, que ya permitió terminar con éxito las negociaciones con Londres y Lisboa para la reintegración de Hong Kong y Macao a la soberanía de Pekín, a final del siglo pasado.

Las autoridades del Kuomintang, por su parte, se han opuesto rotundamente hasta ahora a todo tipo de contacto o negociación con los bandidos comunistas.

De llevarse a cabo, las nuevas normas para facilitar visados simplificarán la vida de miles de isleños, que tenían que hacer un circuito clandestino por Hong Kong o Macao para poder viajar a China.

01-01

8708652

Cortazzo recibe a delegación de China

Una delegación de la República Popular de China visitará hoy la Presidencia de la Cámara de Representantes.

En horas de la tarde, el Prof. Víctor Cortazzo recibirá a los seis visitantes, según las informaciones proporcionadas a La Mañana. Preside el grupo el asesor a jerarquía de Viceministro del Departamento de Enlace Internacional del Comité Central del Partido Comunista de aquel país, Zhang Xiang shan, quien también se desempeñará como Vicepresidente miembro del Comité permanente del Consejo Consultivo Político Nacional. Asimismo, fue Director General de la Administración de Radiodifusión de la Nación.

Le acompañarán en la instancia el Vicepresidente del Instituto Chino-Latinoamericano, el Subjefe de Dirección del Departamento de Enlace Internacional del Comité Central del Partido Comunista de China, el Jefe de Sección del mismo departamento y dos funcionarias.

LA MAÑANA 10/5/87

033

HR

INTERCHINAS

① 33

La Prensa 18/9/87

Satisface a Pekín una actitud de Taiwán

Pekín (EFE) — La prensa de la República Popular China comenta favorablemente la intención del gobierno de Taiwán de facilitar el contacto entre familias chinas separadas tras la división del país en dos, en 1949.

Ultimamente han circulado insistentes rumores en la colonia británica de Hong Kong sobre una próxima declaración del gobierno de Taiwán (China nacionalista) de permitir el libre desplazamiento a china comunista de los mayores de 55 años que no sean funcionarios ni militares.

"Tal posibilidad ha tenido gran repercusión en Taiwán", dice Xinhua, agencia oficial del gobierno de Pekín, que alienta igualmente esta política de reunión de las familias separadas y los vínculos entre las dos comunidades chinas.

A pesar de la prohibición oficial del Kuomintang (partido en el poder en China nacionalista) de mantener cualquier tipo de contacto o de efectuar cualquier especie de transacción con el territorio comunista, éstos no han cesado de incrementarse en los últimos años.

Se calcula que el comercio bilateral mediante intermediarios alcanzó en 1986 los 1.200 millones de dólares, y que los visitantes llegados de Taiwán al continente, dando un rodeo a través de territorio neutral, fueron unos 10.000.

033

INTERCHINOS

EN MEDIO DE PRESIONES

PERIA

A FIN DE AÑO RESOLVERAN RELACIONES CON CHINA

En medio de importantes presiones de la Unión Colorada y Batllista y de algunos sectores industriales y de la agropecuaria, el gobierno de nuestro país se apresta a definir si establece relaciones diplomáticas con China Popular o bien continúa su vínculo con la China insular, Taiwan. Fuentes gubernamentales aseguraron a "La Razón" que son fundamentales para adoptar decisión al respecto, las conclusiones a que llegue el embajador uruguayo en Buenos Aires, Luis Barrios Tassano, tras las reuniones mantenidas con autoridades de Pekín.

El semanario "Búsqueda", informó que Barrios Tassano habría llegado a un entendimiento con China Popular en torno a un acuerdo comercial por 5 años. El diplomático negó la especie pero, a pesar del desmentido, trascendieron algunas cláusulas del acuerdo. Este incluiría importantes compras de lana y transacciones compensatorias, en caso de pérdida de la corriente comercial con Taiwan, puesto que Pekín, exige la ruptura con China insular para acordar negocios.

LOS INTERESES

Taiwan, por su parte, viene realizando ingentes esfuerzos para "bloquear" un posible entendimiento con la China roja y en este sentido, se han verificado contactos con personalidades del oficialismo, fundamentalmente del sector liderado por Pacheco Areco. Por otro lado, sectores empresariales que mantienen un fluido comercio con la isla, se han transformado en serios obstáculos para establecer relaciones con la República Popular China.

Mientras los exportadores de Soja presionan a las autoridades en este sentido, el sector exportador de lanas —que comercia con Pekín— ha manifestado su preocupación ante la indecisión del gobierno, que comenzó a analizar el problema apenas instalado en 1985, dando cumplimiento a la decisión de "abrir las fronteras", independientemente del gobierno imperante en cada país.

Los exportadores de lana han advertido sobre la fecha de vencimiento de las exoneraciones de gravámenes cedidas por China, las que no serían renovadas el próximo primero de setiembre, según confirmó el Director de Comercio Exterior, Isidoro Hodara. Este agregó que la medida es aplicada por China Popular sólo en aquellos países con los que mantiene relaciones normales.

LA DECISION

Según pudo saber "La Razón", el gobierno uruguayo tendrá una decisión tomada a principios del próximo año y es posible que el Presidente Sanguinetti dé a conocer la decisión en oportunidad de su viaje al Lejano Oriente en marzo próximo. El mandatario no ha obtenido consenso dentro del coloradismo y la polémica seguirá seguramente hasta fin de año.

La Razón 20/8/87

01 - 01

Analizan convenio comercial a 5 años con China Popular

China Popular está dispuesta a absorber el costo comercial que pueda emanar de la ruptura con la República de China en caso de establecer relaciones diplomáticas con nuestro país, aseguraron a EL DIA fuentes de la Cancillería uruguaya.

En tal sentido se estudian los detalles de un convenio comercial a cinco años, que será analizado entre el Canciller Enrique Iglesias y el ministro de Relaciones Exteriores de China Popular, Wu-Xuequian, este mes, durante la Asamblea General de Naciones Unidas.

Iglesias hará uso de la palabra el 25 de setiembre, pero los voceros advirtieron que aunque el establecimiento de relaciones es "inminente", no puede precisarse la fecha, acción que compete al Poder Ejecutivo.

Aclararon que la eventual ruptura de relaciones diplomáticas con la República de China —condición impuesta pór China Popular— no supone cortar los vínculos comerciales.

Ventas

Los voceros dijeron que Taiwan mantiene "excelentes vínculos comerciales con gran parte de los países con los que no tiene relaciones, tomando en cuenta, en ese caso, la relación calidad-costo.

Las ventas de nuestro país a la República de China ascienden a unos 25 millones de dólares, mientras las que se realizan a China Popular oscilan en los 60 millones de dólares", las que se incrementarían tras el convenio.

Como elemento indicador de que las negociaciones avanzan, las fuentes mencionaron las ventas de lana.

El gobierno de Pekín grava todo producto de países con los que no tiene relaciones diplomáticas en un 10 por ciento. En el caso de Uruguay, ante la decisión a estudio, resolvió no aplicar el gravamen hasta el pasado 1° de setiembre.

En agosto, poco antes de vencer el plazo, el embajador uruguayo en Argentina, Luis Barrios Tassano, viajó a China Popular manteniendo conversaciones al más alto nivel de gobierno.

Productores laneros consultados por EL DIA destacaron que tienen concretadas operaciones "sin el 10 por ciento", las que se extienden "más allá de noviembre".

Convenio comercial con China Popular

Consideran relaciones diplomáticas

Los términos de un convenio comercial a cinco años, entre Uruguay y China Popular, serán definidos antes de fin de mes por el canciller Enrique Iglesias y su colega Wu-Xuekian, durante la Asamblea de las Naciones Unidas, aseguraron a EL DIA calificadas fuentes [illegible].

Agregaron que este sería el primer paso hacia el establecimiento de relaciones diplomáticas "inminentes" pero no antes de dos meses".

Iglesias disertará ante el foro mundial el próximo 21 de setiembre presidiendo la delegación uruguaya.

[illegible]

R.P.CH.
033

China anunció política monetaria restrictiva

PEKIN. — China reducirá la concesión de créditos y la circulación monetaria y ejercerá un control más estricto sobre los precios en 1988, según las reformas previstas por el gobierno.

El periódico "China Daily" informó que el viceprimer ministro Yao Yilin hizo esas declaraciones el martes en una reunión nacional sobre los planes de desarrollo económico y de reforma.

"Las fluctuaciones de precios siguen siendo un problema, causado por el desequilibrio entre la oferta y la demanda, y podríamos enfrentarnos a graves situaciones en la reforma y el desarrollo económico de China si no lo solucionamos", dijo Yao.

Según el político, el gobierno central aumentará la producción agrícola y de sus derivados, fomentará la industria textil y el desarrollo de la industria ligera, y garantizará la construcción de los proyectos más importantes, pero reducirá o cesará los no relacionados con la producción.

Las reformas económicas del plan económico para 1988 —continuó Yao— se centrarán en la dirección empresarial, las inversiones, las materias primas y las operaciones que generan divisas.

01-01

8708835

R.P.CH.

033

China — El País

16/9/87

SORPRENDENTE DECLARACION

El periodismo, obliga a escuchar toda clase de opiniones; y, con sesenta y nueve años recién cumplidos, "EL PAIS" ha recogido o piadosamente ignorado un variado arsenal de disparates.

Creíamos estar curados de espanto y a prueba de nuevas sorpresas.

Debemos confesar, sin embargo, que lo que nunca pensamos escuchar, ni mucho menos ver publicado en carácter de exclusiva en un diario de la trayectoria de "El Día", fue un reportaje al integrante del Comité Central del Partido Comunista Chino, el PCCH, un tal Zhang Xianshan, que no sabemos si en español, en ruso, o en chino, –eso justificaría un error en la traducción–, "consideró que la recuperación y consolidación democrática en proceso en América Latina, es un acontecimiento positivo que contribuye a afianzar nuestras relaciones".

Lo que no dice la crónica es si lo dijo en serio, se sonrió o se puso colorado, porque en China Popular, ni antes del régimen comunista, ni durante el régimen maoísta, ni después, se ha dado ese "acontecimiento positivo" de un régimen democrático.

Ante aquella sorprendente afirmación, los ancestros del colega tienen que haberse conmovido.

01-01 8708839

HR

INTERCHINAS

033

CHINA: POR AHORA SOLO CHARLAS (I)

"LO vi ayer 'vichando' la entrada de la misión de China Popular a la Comisión de Asuntos Internacionales", afirmó uno de los amigos del Duende cuando ambos se retiraban del Palacio Legislativo.

—Exacto, no quería perderme detalles de la entrada de la delegación de los chinos rojos para conocer si la cosa venía para rumbear hacia las relaciones o no.

—¿Y qué conclusión sacó?

—Algo le adelanté ayer, el asunto va para largo, pese a que hay gente que presiona y presiona.

—Bue..., vamos al grano, ¿cómo fue lo de la Comisión?

—Mire, estaban los diputados León Morelli, que la preside, Julio Daverede (cívico), Javier Barrios Anza (Mov. de Rocha), Roberto Asiaín (Lista 85) y Yamandú Fau, además de los delegados de sector Nelson Lorenzo y Gilberto Ríos (Frente Amplio) y Carlos Fita (independiente). No asistieron el Esc. Guillermo Stirling (Batllismo Unido) y Oscar Piedra (colorado).

—¿Hubo decisión?

—¡Por favor!, está más inquieto que Asiaín. Los chinos dieron cuenta de que los motivos de su visita (presidía la misión de 6 personas invitada por el Partido Colorado: Zhan Xlanshan) obedecía al deseo de estrechar lazos.

—¿Y?

—Se habló de cosas generales, aunque se aclaró perfectamente que el asunto de la política exterior dependía exclusivamente del Poder Ejecutivo.

—En una palabra, mucha conversación, mucha conversación, pero por ahora se vuelven con las manos vacías. ¿Todo queda como está?

—Así es. Un importante legislador de las tiendas coloradas, que balconeó la cosa, fue categórico: No agite las aguas que no hay nada. Evite hacer ruido. En las máximas alturas por este año no mueven un dedo, se lo aseguro.

LA GENTE DE TAIWAN CONTRAATACA (II)

"LE digo que la insistencia de algunos por estos lares de imponer las relaciones con China Comunista ha movido a la gente de la República China", aseguró uno de los informantes al Duende.

—¡Por favor!, me lleva a confusión, para tener un panorama más claro que pueda entender, hábleme de los demócratas y los comunistas.

—Está bien, le insisto que los demócratas ante el avance de los rojos no quieren perder posiciones. No amenazan con cortar compras de "tops" desde setiembre como los continentales, pero obligados plantean un panorama comercial mucho más favorable que hasta ahora.

—"A río revuelto..."

—Bue..., no se pase, pero cuénteme: ¿qué ofrecen de las tiendas taiwanesas?

—Le puedo afirmar que fuentes fidedignas de la industria textil me dijeron, repito que me dijeron, que la República China se compromete a comprar este año lana uruguaya por un monto de diez millones de dólares y agrega la promesa de continuar la adquisición cada año en el futuro por un total no menor a la del '87. ¿Qué me dice?

—Le indico que esta operación es extra, que no está incluida en los convenios de la Comisión Nacional de Cooperación Económica Sino-Uruguaya.

—Veo que los representantes del país fundado por Chiang Kai Sek salieron de su modorra.

—¡Epa, epa!, no olvide que China comunista promete, promete y siempre pone por delante que son 600 millones de habitantes para consumir y comprar, pero en concreto, poco, poco.

—¡Usted está cada día más materialista! Jamás me habla del intercambio cultural.

—Usted sabe que a buen comercio buenas relaciones políticas y diplomáticas.

—Puede ser, pero le agrego que China (Taiwan) está próxima a concretar los detalles de la obra de infraestructura de zonas industriales y de ampliación del Puerto de Montevideo.

01 - 01

8708842

HR

R. PCH.

033

PACHEQUISMO, LOS CHINOS Y EL PARTIDO

"LE aseguro que la gente de la Unión Colorada y Batllista está muy, pero muy molesta con sus correligionarios colorados por la invitación formulada oficialmente a la delegación de China Roja para visitar Uruguay y también la vieja e histórica Casa del Partido en la calle Martínez Trueba", comentó uno de los amigos de "La Trastienda" cuando entraba a "Morini", para su habitual almuerzo.

—Algo había escuchado en boca de un legislador de la gente del embajador Jorge "Bocha" Pacheco Areco.

—Pues le digo que en carta dirigida al Presidente del Comité Ejecutivo Departamental del Partido Colorado señalan "su desagrado y disconformidad... porque en la sede de nuestro partido, de neta tradición y vocación democrática se brinde reconocimiento a una delegación de un partido internacional como lo es el Partido Comunista..."

—¿Y quiénes firman?

—Los representantes de la U.C. y B. en el citado Comité: Andrés F. Merino Pacheco, Héctor Mario Fraud, Dr. Eduardo Olivera Piaggio y Heriberto Billig Lowi.

—Le digo antes de despedirme que no será el primero ni el último encontronazo por este tema entre los sectores colorados. Ya lo verá.

El País 26/9/87

01-01 8708891

HP

R.1.24.

033

Delegación de China Popular se Reúne hoy con Iglesias

NUEVA YORK, Naciones Unidas (por Carlos Pauletti).— Una intensa agenda de contactos y reuniones está manteniendo en las Naciones Unidas el ministro de Relaciones Exteriores, Cr. Enrique Iglesias, que se desarrolla paralelamente a los trabajos de la Asamblea General.

EL PAIS pudo saber que el canciller Iglesias se reunió con el ministro de Relaciones Exteriores de Alemania Federal, Hans Dietrich Genscher, para considerar la marcha de las relaciones bilaterales y la aplicación de los distintos convenios signados en ocasión de la visita del presidente Sanguinetti a ese país en junio pasado.

Del mismo modo, el Canciller mantuvo un casual encuentro de pocos minutos con el secretario de Estado estadounidense George Shultz, con quien tendrá una reunión formal la próxima semana. Luego de participar ayer por la mañana en un desayuno de trabajo con el Ministro de Relaciones Exteriores de España, el Canciller se reunió con su colega de Chile Ricardo García, analizando varios temas, fundamentalmente la truncada negociación entre ese país y Bolivia por una salida al mar de este último. Las informaciones en nuestro poder señalan que la postura chilena no ha variado sustancialmente, y por lo tanto no se vislumbran posibilidades de reanudación del diálogo cuya última instancia se cumplió en Montevideo.

El Canciller estuvo además reunido con su similar de Cuba, Isidoro Malmierca, tratando aspectos referidos a las relaciones comerciales entre Uruguay y esa nación, y al mediodía participó de un almuerzo organizado por la New York Society, en el cual disertó sobre el desarrollo político y económico del Uruguay.

En horas de la tarde, el titular de la diplomacia uruguaya participó de la reunión realizada entre los Cancilleres del Grupo de los Ocho latinoamericanos, esto es Argentina, Uruguay, Perú, Colombia, Venezuela, Brasil, México y Panamá con los doce Ministros de Asuntos Exteriores de la Comunidad Económica Europea, para considerar el apoyo al panorama económico de emergencia para América Central, y el inicio de un diálogo intercontinental sobre todos los aspectos de interés, entre ellos políticos, económicos, culturales, comerciales y sociales.

Esta mañana, en un salón del edificio de las Naciones Unidas, el Cr. Iglesias recibirá al Ministro de Relaciones Exteriores de la República Popular de China, quien le solicitó una entrevista. Y aunque no trascendieron los temas a plantearse, resulta obvio que la delegación asiática plantearía el asunto del restablecimiento de relaciones diplomáticas con el Uruguay, sobre el cual todavía no habría un pronunciamiento de parte del gobierno uruguayo.

Posteriormente, la agenda prevé contactos con el Canciller de Hungría, una reunión plenaria con el presidente Oscar Arias de Costa Rica, quien se encuentra aquí, y que servirá para analizar la marcha del plan de paz para América Central en aplicación, y un encuentro entre los Ministros del Grupo de los Ocho para tratar la preparación de la cumbre presidencial que se realizará en M[illegible]co [illegible] noviem[illegible] [illegible]mo.

01-01

8709024

HR

INTERCHINA

033

Taiwan en procura de acercamiento con Pekín

15/9/87

TAIPEI. — El gobierno de la República de China señaló que estaba a estudio la modificación de las normas vigentes para permitir que los ciudadanos mayores de 55 años que no sean funcionarios de la administración pública viajes a la República Popular China, únicamente para reunirse con sus familiares.

Miles de ciudadanos de Taiwan, aprovechando la falta de vigilancia de las normas en los últimos años, ya han visitado China continental utilizando la vía de la colonia británica de Hong Kong.

Los analistas occidentales afirman que Pekín, que pretende desde hace tiempo se establezcan lazos más fuertes con Taipei, podría acceder al permiso oficial que al respecto pudiera solicitar China nacionalista.

Paralelamente, dos periodistas de Taiwan, ignorando las advertencias de su gobierno, viajaron ayer con destino a Pekín, convirtiéndose así en los primeros reporteros que viajan públicamente desde la isla nacionalista hacia el país comunista.

Los periodistas, Hsu Lu, de 30 años de edad, y Lee Yung-Teh, de 33, ambos del periódico "Independence Post Evening", se dirigieron primero a Tokio para abordar un avión con rumbo a Pekín. Afirmaron que tienen la intención de permanecer entre 10 y 15 días en China, y que evitarán cualquier contacto con funcionarios del gobierno de Pekín.

Los representantes del Servicio de Noticias de China, perteneciente al gobierno de Pekín, se trasladaron al aeropuerto de esta capital para recibir a los periodistas, y dijeron que la agencia noticiosa estaba dispuesta a facilitar la visita de los reporteros de Taiwan.

Al viajar a Pekín, los dos periodistas violaron la prohibición contra las visitas a China que Taiwan ha dictado

visto

01-01

8709026

R.P.CH.

033

La tintorería china

Todos los legisladores presentes en la reciente sesión de la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Diputados, en la cual se recibió a la delegación del Partido Comunista chino, se pronunciaron a favor del establecimiento de relaciones diplomáticas con China Popular.

Las expresiones de los legisladores fueron bien recibidas por los visitantes, quienes no tocaron en cambio el tema, ya que aclararon que el tema de las relaciones diplomáticas es competencia del gobierno de su país. Ellos, como representantes de su partido, llegaron a Uruguay a estrechar vínculos con los partidos uruguayos.

También hubo momentos de buen humor, *que fueron compartidos* pese a la barrera idiomática. El diputado Yamandú Fau dijo a los visitantes que "teniendo en cuenta la experiencia de los chinos en tintorería, deben ayudar a nuestro país a limpiar la mancha que representa no tener aún relaciones con su país". Por su parte, el diputado Roberto Asiaín señaló que *en el tema* "comienza a verse la luz al final del túnel", lo cual fue ratificado con sonrisas por la delegación china.

El Día 15/9/86

01 - 01

8709042

1B

2PC14

033

CHINOS ROJOS SE MUEVEN, PERO...

NORA

¿SE enteró que una misión de China Comunista recorrió ayer los ambientes parlamentarios y la sede central o la casa del Partido Colorado?, preguntó uno de los amigos del Duende.

—Mire, los vi reunidos durante algo más de media hora con legisladores blancos en la sala Verde: Carlos Julio Pereyra, Luis José Martínez, Alem García, Gandini, Juan Pablo Crocci y Carlos Rodríguez Labruna.

—¿De qué hablaron?

—Los visitantes dieron un panorama de China roja e invitaron a viajar a los legisladores nacionalistas, que quedaron en estudiar la posibilidad.

—¿Ni sí, ni no?

—Exactamente, en cambio después que estuvieron con el senador Dr. Jorge Batlle, también algo más de media hora, el líder quincista se mostró partidario del establecimiento de relaciones diplomáticas.

—¡Oh, la, la!, categórico don Jorge.

—Espere, espere, más tarde la comitiva, que la integran dirigentes y un legislador de aquel país, concurrió al edificio de la calle Martínez Trueba, sede del Partido Colorado donde conversaron con el Secretario General, Dr. Enrique E. Tarigo. Fueron acompañados durante todo el tiempo por el gigantesco diputado de la lista 85, Roberto Asiaín, quién muy sonriente los llevó de recorrida por la antigua casona, hoy en etapa de remodelación.

—¿Y dicen que Iglesias durante su concurrencia a la Asamblea de la ONU hablará del tema con el ministro de China Popular?

—Eso afirman. Veo que la cosa es a fuego lento.

—Tiene razón, pero le advierto que escuché a algunos legisladores, que tienen su peso político, que no les gustaba en este momento el asado. ¡Abur!

[illegible] 11/9/87

8709221

01-01

R.P.CH. 033

Sistema mercantil en China Popular

Pekín (PL). A partir del año próximo, China Popular establecerá gradualmente un "sistema mercantil socialista" en la consolidación del actual proceso de reformas de su estructura económica.

La decisión fue difundida ayer por Li Tieying, ministro a cargo de la Comisión Estatal de Reestructuración de la Economía, quien precisó que en el nuevo sistema el Estado controlará el mercado y éste guiará a las empresas en la producc...

La Hora 26-9-87

01-01 8709245

R.P. CHINA
032

BUSQUEDA Jueves 30 de julio de 1987 ■ Pág. 28

Control de natalidad en China

Política de un hijo por pareja crea generación de "pequeños emperadores"

Ocho años después de que la nación más populosa del mundo —China— pusiera en marcha su controvertido programa de planeamiento familiar limitando a la mayoría de las parejas a tener solamente un hijo, uno de los resultados más claros ha sido el surgimiento de una generación de "pequeños emperadores", que en occidente serían conocidos por "mocosos impertinentes".

La prensa oficial está llena de historias sobre tales niños. El año pasado, el diario Noticias de la Juventud China publicó una serie de 12 artículos titulada: "Los pequeños hijos de nuestras vidas", que retrataban algunos casos.

Los padres de un niño de tercer grado escolar, por ejemplo, le compraban todo lo que él quería. Mientras él comía pastel de carne, sus padres comían avena. Rechazaba la ropa que había sido usada por otro alguna vez. Después que su abuelo lo retó por haber comenzado una pelea en la escuela, el muchacho tomó unas tijeras y amenazó con matarse si el abuelo no se disculpaba y le compraba un traje nuevo.

"¿Cuál será el resultado si los padres permiten este tipo de reacciones?", se preguntó el articulista del diario.

China tiene 337 millones de niños menores de 14 años. De ellos, alrededor del 9 % —unos 30.5 millones—, son chicos sin hermanos, la mayoría concentrados en los más bajos grados escolares, expresaron funcionarios de planeamiento familiar. Con el reciente énfasis en la política de "un hijo por pareja", es probable que la proporción aumente a un 90 % en los próximos cinco años, de acuerdo con Liu Bin, vice ministro de la Comisión de Educación del Estado.

Muchos hijos únicos son tan atendidos por sus familias que se vuelven tímidos, altivos, haraganes, auto-indulgentes o despectivos hacia los trabajos físicos, señalaron los funcionarios. La mayoría de estos niños tienen "puntos débiles, como por ejemplo baja capacidad para cuidar de sí mismos, son egoístas, caprichosos y arrogantes", dijo Liu.

"El tema de los hijos únicos causa problemas sociales" manifestó Zhou Huayin, un funcionario de educación en Beijing —Pekín—. Estropeados por su crianza, estos niños se convierten en "malhumorados e irrespetuosos para con sus padres y personas de generaciones más viejas", agregó.

Los médicos también se preocupan, porque muchos de estos chicos no solo son "mocosos", sino "mocosos" gordos. Hay un número creciente de jovencitos con sobrepeso, la mayoría de los cuales son hijos únicos, según Yan Chun, director del Departamento de Medicina Interna del Hospital de Niños de Beijing. La obesidad en los niños se da por falta de ejercicio y por comer demasiado, mientras sus padres, actuando bajo la creencia tradicional de que "más gordito es más sano y mejor", les embuten chocolates y dulces, dijo.

En un país donde la bondad colectiva aún es algo supremo, por lo menos en teoría, el emergente fenómeno social de niños malcriados se está convirtiendo en un tema de creciente preocupación.

Para el año 2000, los chinos de 20 años formarán parejas y cada uno tendrá un solo hijo. "¿Qué tipo de generación será esa?", se pregunta la publicación mensual Revista de la Juventud China. "¿Cuál será el impacto de estos niños sin hermanos ni hermanas en el desarrollo de China?".

En 20 años, los productos de las parejas actuales estarán trabajando, "y escribirán un nuevo capítulo en la historia de China. Estos padres no solo están alimentando y vistiendo a sus niños, o acompañándolos al kindergarten, están haciendo historia".

El Estado ha dejado en claro que la política de "un hijo por pareja" es vital para los logros de la política económica del país y para limitar la población a 1.2 mil millones para el año 2000.

Como parte de sus esfuerzos propagandísticos, el Estado es muy veloz en puntualizar los beneficios de tener un solo hijo. El hijo único tiene un mejor desarrollo físico, intereses más amplios, un mejor sentido de la competencia y una mayor sed de conocimiento, expresó un despacho de una agencia de noticias china citada por Liu.

Estos chicos también se benefician de la capacidad de sus padres para acceder a los lujos de las actividades extracurriculares, como deportes y clases de música, agregó.

Algunas escuelas dan clases para padres una vez al mes. Para conseguir la asistencia, los padres reciben justificación especial para ausentarse de sus trabajos. Estas clases comenzaron hace tres años, después de un sondeo realizado entre escolares, muchos de ellos hijos únicos. Estos niños mostraron tener expectativas poco realistas de su futuro. Muchos dijeron que deseaban ser primeros ministros, muy poquitos deseaban ser trabajadores comunes. Casi la mitad de los chicos encuestados dijeron ser castigados por sus padres si sacaban un puntaje inferior al 80 % en sus pruebas y exámenes.

Funcionarios estatales expresaron tener confianza en su capacidad para resolver el problema a través de propaganda y enfocando la educación de los niños hacia el trabajo físico. En la escuela, se asignan tareas simples, como por ejemplo que los niños laven sus propios pañuelos, como ejercicio para que aprendan a cuidar de sí mismos. Los colegios para padres recomiendan que obliguen a sus hijos a ayudar en las tareas domésticas: preparar la cena, barrer y lavar los platos.

Pero los padres que tienen un solo hijo siempre tienden a malcriarlos y a sucumbir a sus deseos y caprichos.

"Sé que no debería darle más soda", suspiró un padre de 37 años, mientras miraba a su hijo de 18 meses de edad, que alegremente tomaba su quinta taza de soda de naranja. "¿Qué quiere que haga?, solo tengo un hijo".

Vo.Bo.-

El Jefe del Departamento III(PCE)
Tte.Cnel.

P E R E Z

R.P.04

033

Comunistas combaten marxismo

El Día 25/VIII/

PEKIN. — Un dirigente chino vaticinó que la destrucción de las ideas y doctrinas sobre el marxismo que están pasadas de moda demandará mucho tiempo e insinuó la existencia de un profundo debate dentro del Partido Comunista sobre las actuales reformas

Se han planteado muchas anomalías y fricciones entre los dos sistemas económicos que actualmente coexisten en China. El de la economía planificada con rigurosos controles por parte del Estado, cuotas fijas y bajos precios, y la economía de mercado.

R. P. Ch.
033

MARTES 15 DE SETIEMBRE DE 1987

CHINA POPULAR Y LA INDUSTRIA TEXTIL

En asamblea realizada el pasado cuatro de setiembre, el Congreso Obrero Textil (COT) se decidió "reclamar al gobierno que defina qué quiere hacer con la industria textil". En uno de los numerales de la resolución el COT plantea que "la indefinición ante el compromiso asumido hace dos años y medio, de reanudar relaciones con China Popular, compromete no sólo el principal mercado comprador de nuestros tops (y potencial gran mercado para otros productos textiles y de otras industrias), sino que crea el peligro de la rebaja de la cotización de los productos textiles en el mercado internacional".

01-01

El Popular 17/7/87

DESPUES DE 20 AÑOS

El PIT-CNT en China Popular



El cartel de la bienvenida a los dirigentes del PIT-CNT, Oscar Groba y Eduardo Fernández, frente a una fábrica de motos de Shangai.

RESPONDIENDO a una invitación de la Federación de Sindicatos de China (FSCh), viajaron a Pekín los dirigentes sindicales Oscar Groba y Eduardo Fernández. La visita se desarrolló entre el 25 de junio y el 4 de julio manteniendo diversas reuniones con las máximas autoridades del movimiento obrero chino, recorriendo la capital, la ciudad-puerto de Shangai y la populosa villa de Hangchou.

En su despacho de la sede central del PIT CNT, el secretario de Relaciones internacionales de nuestra central, OSCAR GROBA nos refirió de la siguiente forma las impresiones recogidas en su visita al gigante asiático.

¿Cuáles son las sensaciones que se experimenta al encontrarse en un país con más de mil millones de habitantes?

—La imagen gráfica más elocuente es la comparación de cualquier calle o avenida pekinesa o de Shangai o de cualquier otra ciudad, con un domingo de clásico a la salida del estadio. Verdaderas multitudes, que caminan, viajan en coche, en bicicleta, en autobuses. En una palabra, gente y más gente a cualquier hora del día o de la noche.

—¿Qué visitas efectuaron?

—En Pekín estuvimos en una giganteaca fábrica de artesanías, naturalmente en la Gran Muralla, en el Mausoleo del Emperador y en el Palacio Imperial.

En Shangai visitamos el complejo siderúrgico de Baoshan, lugar donde laboran más de 25.000 operarios, presenciamos muestras maravillosas de acrobacia y malabarismo. Estuvimos también en distintas fábricas (de camisas, plástico, de fantasías) y en un tambo. Pero lo más impresionante de esta impresionante ciudad puerto de 12 millones y medio de habitantes es el río Guan Pu. Es una verdadera "arteria industrial". En sus riberas trabajan más de 60.000 obreros en las más diversas ocupaciones, que reciben la materia prima a través del río, se trasladan de un sitio a otro en embarcaciones, etc. En una palabra, el río es el principal elemento. En Hangchou recorrimos una fábrica de seda y visitamos una casa de reposo y de salud para los obreros.

—En el Uruguay se habla, fundamentalmente de parte de los voceros más destacados del gobierno de la necesidad de "modernización" y en China, desde hace 10 años comenzó un proceso trascendente bajo la consigna de Modernizar al país. ¿Qué impresión te merece este fenómeno modernizador?

—Es conocida nuestra posición acerca del proyecto modernizador colorado, por lo tanto te describiré lo que pude apreciar e informarme de la realidad china. La modernización en la China subdesarrollada (tal la definición de sus dirigentes) se viene operando en base a un programa humanizador. Es decir sin afectar traumáticamente a enormes contingentes de hombres y mujeres. Mientras dura la reinserción laboral se les abona el 90 % del salario mientras se realizan profundos cursos de reciclaje de la mano de obra. Modernización en China no ha significado desocupación o rebaja de salarios. Y eso solo el socialismo lo puede brindar. Actualmente el ingreso per cápita oscila en los U$S 400 anuales lo que a primera vista parece poco, pero se debe tener en cuenta que el Estado brinda gratuitamente la asistencia médica, la educación y se están produciendo avances mayúsculos en la órbita de la vivienda, esfera ésta donde la situación hace una década era terrible. Compara tú, un país de 1.000 millones sin índice de desocupación, con el Uruguay donde más allá de las estadísticas oficiales, el flagelo de la falta de fuentes de trabajo o de su cierre, carcome nuestra sociedad. El programa chino de modernización prevé para el año 2000 alcanzar un per cápita de 4000 U$S anuales. El impulso dado a la tecnología y la implantación del criterio de "tanto trabajas, tanto recibes" significó un enorme aumento de la productividad del trabajo y una ampliación considerable del mercado interno, y también de los rubros exportables.

En el campo es donde más se aprecian los cambios. Muchas de las más difíciles realidades, de los más grandes dramas chinos se ubicaban en el medio rural como consecuencia de las desviaciones de la banda de los cuatro y de la revolución cultural, al decir de mis anfitriones. Hoy el incremento del bienestar colectivo se aprecia fundamentalmente en el campo. Se construyen viviendas por decenas de miles, se agilizó el sistema de aprovisionamiento, se calificó al máximo los elementos culturales puestos a disposición del campesinado. Se buscaron nuevas formas económicas. Se destacan las parcelas individuales de cada campesino, su posibilidad de comercializar los productos directamente en el mercado, etc.

—¿Qué información manejaban los anfitriones sobre nuestro país?

—Conocían naturalmente el período dictatorial que acabamos de vivir, manejaban bastantes elementos sobre nuestra realidad, pienso que fundamentalmente fruto de las visitas de delegaciones del Partido Colorado, de núcleos de empresarios, etc. Pero se notaba ausencia de noticias acerca de algunos importantes aspectos de nuestra realidad. Por ejemplo ignoraban lo concerniente a la Concertación Nacional Programática y sobre todo desconocían que el salario real, en democracia, ha sufrido rebaja real.

—¿Y sobre futuros contactos PIT CNT-FSCh?

—Cursamos dos invitaciones. Una para el próximo 1o. de Mayo y otra sin fecha, que quizás pueda producirse en el corriente año. Está prevista la visita de una delegación gubernamental, invitada por el Partido Colorado para agosto, y nosotros esperamos que los sindicalistas chinos tengan el mismo trato en cuanto a visas y documentación que la delegación invitada por el P. Colorado.

Daniel Mañana

01-01

87093 76

RPCH

033

● **Misión partidaria.** *Una misión partidaria de China Popular llegará a Uruguay el 9 de setiembre para mantener contactos con los partidos políticos y el Parlamento.*

La delegación estará presidida por Zhang-Xiangshan, funcionario de enlace internacional del Partido Comunista Chino con rango de viceministro.

Durante su estadía la misión se entrevistará con las comisiones de Asuntos Internacionales del Parlamento y con el Ministro de RR.EE. Enrique Iglesias.

Búsqueda 20/8/84

HR

R. NCH -

033

Planifican incrementar negocios

El Mañana 12/9/87

Delegación china realizó evaluación

TREINTA Y TRES (Por Fco. Antonio Rodríguez Correa).— Una importante delegación compuesta por integrantes de la Cámara de Comercio Chino-Uruguaya, donde se nuclean exportadores nacionales y sectores de negocios de China Nacionalista, visitó la capital olimareña, en el marco de un programa de evaluación de relaciones, precisamente es una región donde el gobierno de Taiwán coopera activamente.

La idea es el incremento de las relaciones comerciales entre ambos países, por lo que los visitantes mantuvieron entrevistas y jornadas de trabajo con importantes sectores productores de la zona.

CON EL INTENDENTE OLIMAREÑO

La delegación compuesta por su presidente el Sr. Jorge Fernández, el Sr. Edison Exailez, jefe de Exportaciones de CALFORU, fueron acompañados por el Gerente de CALITT, Juan Carlos Cabrera, realizándose una entrevista con el Intendente Wilson Elso.

El tema central de la misma giró sobre el significado en la actualidad de las relaciones comerciales entre el Gobierno de China Nacionalista y el uruguayo, precisamente tan fundamental para Treinta y Tres y toda la región productiva en el área sojera.

Como es de conocimiento, casi toda la soja producida y que cuenta con importante infraestructura donada por el gobierno del país asiático, es exportada hacia ese país, asegurándose de esa forma, no solo colocación (mercado) sino la obtención del precio internacional.

GRAN ENCUENTRO REGIONAL

Luego de esta reunión, se acordó que para los últimos días del presente mes de setiembre, se realizará un gran encuentro regional de Productores, autoridades y demás sectores interesados en el tema.

Dentro de la temática a abordar, se incluyen tópicos tales como el rompimiento de relaciones comerciales de nuestro gobierno con la República de China. Dicha eventualidad tiene preocupados a productores de la región, en vista del apoyo que China Nacionalista le ha prestado a nuestro país, fundamentalmente en la producción sojera.

En ese encuentro de insistiría en resaltar los perjuicios que tal decisión acarrearía a la producción regional, como lo expresara la resolución final del recientemente realizado Congreso de la Asociación Nacional de Productores de Soja, que preside el Ing. Gonzalo Gardil.

En aquella oportunidad se fijó posición frente al problema, advirtiendo a las autoridades nacionales y opinión pública, la importancia ha significado —señalaron— un puntal fundamental para el resurgimiento del cultivo de la soja, asegurando mercados y colaborando con donaciones al levantamiento de la infraestuctura necesaria para el manipuleo de dicho cultivo.

CON OTROS SECTORES

Además de lo analizado, esta delegación de la Cámara de Comercio Chino-Uruguaya que visitó Treinta y Tres, realizó una visita a la Planta de Silos-Soja de la 7a. sección de Treinta y Tres y mantuvo entrevistas con otros sectores productivos de la zona.

0330

LA NACION — Miércoles 26 de agosto de 1987

China es el primer productor mundial de carne porcina

Según un economista agrícola, el avance en esa materia se debe en parte a la política de alentar la propiedad privada

WASHINGTON (UPI).- Tras el notable incremento registrado en su producción cárnica desde 1979, China se ha convertido actualmente en el mayor productor mundial de carne porcina y el segundo de carnes rojas en general después de los Estados Unidos, aseguraron investigadores del sector.

El suministro per cápita de carnes rojas aumentó a 14,9 kilogramos por año entre 1979 y 1984, incrementándose el rendimiento y el tamaño del animal para faena, en tanto un ambicioso programa chino de desarrollo ganadero apunta a producir hasta 120 millones de toneladas de forraje para el año 2000, desde 5,1 millones de toneladas de 1982.

El consumo hogareño de productos tales como carne, leche, huevos y pollo es dos veces más alto en las ciudades que en las áreas rurales de China, aunque estas últimas producen la mayoría de esos rubros. El economista agrícola Francis Tuan señala que China posee una tasa relativamente baja de suministro de productos ganaderos, pese a contar con uno de los mayores inventarios mundiales de porcinos, bovinos, ovinos y caprinos.

En el '85, por ejemplo, China tenía 476,5 millones de porcinos, vacunos y ovinos en comparación con los 192,3 millones de EE.UU. El valor de sus productos ganaderos representaba un 19% del valor de la cosechas del país. En los EE.UU. alcanzaba el 50 por ciento.

Dificultades

Entre los problemas del país asiático, comenta Tuan, puede considerarse el hecho de que los precios del ganado no reflejan las condiciones de la oferta y la demanda. El sistema de precios favorece la producción de porcinos pesados y de abundante grasa, aunque los consumidores prefieren la carne menos gorda.

Además, los precios no presentan variaciones suficientes como para alentar el envío de animales a regiones donde hay demanda de carne. De todos modos, observa el especialista, el sector ganadero ha hecho "progresos significativos" desde fines de los años 70.

"En gran medida, el incremento en la producción de carnes derivó de los cambios de la política gubernamental que alentaron la propiedad privada y el engorde del ganado, aumentaron los precios de compras oficiales, ampliaron las tierras disponibles para uso privado y la producción de la industria doméstica de *forrajes*", agrega Tuan.

Tales cambios de política, adoptados en el '85, deberían proporcionar más incentivos a los ganaderos para producir cerdos –afirma–, y el crecimiento en el ingreso de los consumidores debe llevar a una demanda creciente de productos cárnicos en mayor cantidad y de mejor calidad.

Otros cambios

Esto significará presiones hacia más avances en el sector, incluyendo razas superiores de cría, mejores forrajes y un sistema más moderno y eficiente para el transporte y almacenamiento de los productos.

"Hacia fines de la década –dice Tuan– China tal vez deba aumentar gradualmente sus importaciones de forrajes a menos que puedan superarse rápidamente los obstáculos que existen para la transferencia doméstica de superávit de cereales forrajeros de una región a otra.

"Asimismo –concluye–, si China no puede ampliar su área de cultivo de soja o reducir su dependencia de los granos molidos para uso como *fertilizantes*, y si no puede reducir los subproductos tóxicos generados por las harinas de semillas de algodón y colza probablemente empezará a importar harinas."

01-01

"China Popular desea relaciones "completas" con nuestro país

Se incrementará comercio, afirmó dirigente del Partido Comunista

"El pueblo chino, su gobierno y el Partido Comunista Chino (PCCH) desean establecer relaciones completas con Uruguay", afirmó el presidente de la delegación de ese país que visitó Montevideo entre el miércoles y el viernes, el integrante de su Comité Central del PCCH, Zhang Xianshan, en entrevista exclusiva de EL DIA.

"Queremos establecer relaciones completas en todos los terrenos. Y una vez establecidas las relaciones diplomáticas, habrá mejores condiciones para desarrollar las relaciones comerciales, económicas y culturales", puntualizó.

El consultor del departamento de enlace exterior del PCCH señaló asimismo una amplia gama de coincidencias con los principios uruguayos de política exterior y las posiciones sustentadas en diversas materias, incluyendo la de deuda externa y vaticinó un futuro de colaboración y cooperación en las relaciones multilaterales.

También se pronunció sobre el proceso de reformas económicas iniciado en la Unión Soviética, a los que definió como una alternativa al estancamiento y anunció próximas reformas políticas en China "para acompañar las reformas económicas, la descentralización de las empresas y la puesta en juego de la iniciativa y el entusiasmo del pueblo".

La delegación estaba integrada también por el vicepresidente de la Asociación Latinoamericana de China, Yang Baiping, Lui Peigen, Suo Yuanzeng y la secretaria de la Embajada de China Popular en Buenos Aires, Lin Aili.

Esta visita sucede a la de delegaciones juveniles y parlamentarias y Xianshan destacó que la presente "reviste una importancia aún mayor. A partir del establecimiento de la democracia en Uruguay, delegaciones del Partido Nacional y del Partido Colorado estuvieron en China, visita que ahora retribuimos para profundizar aún más los lazos de amistad entre el PCCH y el Partido Colorado, fomentando la amistad entre los dos pueblos".

"Estoy seguro —agregó— que estas relaciones se desarrollarán aún más, ya que coincidimos en torno a una serie de problemas internacionales muy importantes y además, en los últimos años cobró un considerable incremento el intercambio comercial, que estoy seguro que tendrá un desarrollo ulterior".

Coincidencias

El visitante adhirió a los principios de la política exterior uruguaya de no intervención y respeto a la autodeterminación de los pueblos: "China —agregó— sostiene al respecto cinco principios: respeto de la mutua soberanía y a la integridad territorial, no agresión, no intervención, beneficio recíproco y coexistencia pacífica".

"Sobre la base de estos principios queremos establecer relaciones con todos los países del mundo. Y en este campo coincidimos creo que totalmente", explicó.

Especificó asimismo que China respalda "el establecimiento de América Latina como zona libre de armas nucleares, el reclamo de soberanía sobre las 200 millas marítimas, los esfuerzos pacifistas del Grupo de Contadora y la solución pacífica del conflicto centroamericano, sin intervención foránea".

"Ambos países coincidimos en la necesidad de fortalecer la cooperación sur-sur —recordó— y sostenemos que el actual orden económico internacional es injusto: somos partidarios de establecer uno nuevo, más justo y razonable, que permita prosperidad a todos los países".

En relación a la deuda externa, Xianshan dijo que la posición china "coincide con la de la mayoría de los países de América Latina. Nos oponemos a que los acreedores fuercen el pago de los servicios de la deuda, que sólo pueden ser satisfechos sobre la base de un desarrollo económico de los países deudores, pues es lo único que aumentará su capacidad de amortización".

"También respaldamos —dijo— que los países deudores coordinen su posición mediante consultas ante la negociación con los países acreedores".

Experiencia similar

De acuerdo a la visión del presidente de la comisión china, ambos países atravesaron "situaciones similares: fuimos víctimas de la dominación colonial e imperialista y libramos luchas heroicas por nuestra respectiva independencia y soberanía. No sé cómo se ve a China desde Uruguay —agregó— pero somos un país socialista del Tercer Mundo, en vías de desarrollo".

Sostuvo asimismo que "la amplia gama de coincidencias (entre Uruguay y China) incluye la aplicación en cada uno de los países de una política de apertura".

Proteccionismo

Xianshan se pronunció en forma terminante contra "el proteccionismo comercial que pretenden implantar una parte de los congresistas norteamericanos y algunos de los países desarrollados de Europa", considerando que "esta práctica no es favorable al intercambio comercial internacional" y especificando que China lo sufre actualmente en su relación comercial con Japón, que constituye el 30% de su volumen global.



Zhang Xianshan

En relación a la perspectiva comercial con Uruguay, dijo no conocer muchos detalles "pero estoy seguro de que avanzamos hacia un mayor desarrollo. Por el momento el volumen es muy escaso. Con Brasil tenemos otra práctica: nosotros les compramos, entre otros, mineral de hierro y ellos nos compran petróleo y carbón, con lo que accedemos a un mayor ritmo de intercambio. Pienso que este modelo es factible con Uruguay y a través de las consultas amistosas entre las autoridades competentes de ambos países, se llegará a un feliz acuerdo".

Xianshan recordó que la producción china de petróleo fue de 125 millones de toneladas en 1986 y la de carbón de 870 millones, "con lo que tenemos capacidad exportable".

Democracia

El visitante consideró que la recuperación y consolidación democrática en proceso en América Latina "es un acontecimiento positivo que contribuye a afianzar nuestras relaciones. También en China nos estamos esforzando en construir una democracia aún superior".

En relación al proceso en su país, Xianshan relató que se había efectuado una reforma económica de fondo para eliminar el centralismo, por el que la dirección de las empresas estaba emplazada "en los departamentos gubernamentales, en los Ministerios del Consejo de Estado, nuestro gobierno nacional o los gobiernos provinciales".

"Antes —dijo— los planes estatales tenían todos el carácter de orden y se determinaba centralmente el producto a fabricar, su variedad y cantidad, porque las empresas no gozaban de autonomía".

"Para poder poner en juego la iniciativa de las empresas, hemos descentralizado el poder de modo que gocen de amplia autonomía y ahora, para que la estructura política pueda estar a la altura del desarrollo económico, el próximo congreso del PCCH definirá en octubre un proyecto de reforma política".

Andrés Alsina

Parlamentarios de Uruguay y China

Ayer quedó constituida la Sociedad Parlamentaria de Amistad Uruguay-República de China en la sala 220 de comisiones del Senado, con motivo de la visita del Viceministro de Relaciones Exteriores de la República de China, Charles King. Asistieron el distinguido visitante, su comitiva, integrada, entre otras personas, por periodistas. Asistieron legisladores integrantes de las comisiones de Asuntos Internacionales de ambas cámaras, el presidente de la Cámara de Diputados, Víctor Cortazzo, invitados especiales y representantes de la prensa.

ACTA DE CONSTITUCION

El acto comenzó con la lectura del acta de constitución de la entidad internacional, en cuyo artículo 1º se establecía que la finalidad de la sociedad que se creaba era contribuir al mutuo entendimiento y cooperación entre los dos países. En los artículos siguientes se establecía que cualquier miembro del Parlamento será miembro de la entidad y que el embajador de la República de China será miembro honorario.

En lo que refiere a la Asamblea de esta entidad, queda establecido que se reunirá una vez al año, convocada por su presidente, que será, en este primer ejercicio, el Esc. Dardo Ortiz, siendo el senador Luis Bernardo Pozzolo el vicepresidente.

LA ORATORIA

Hizo uso de la palabra el senador Esc. Dardo Ortiz, quien dijo que, al parecer, parecía extraño constituir esta entidad cuando se trataba de dos países tan alejados y aparentemente con tan poco en común. "Es que, en realidad, China nos ha conquistado porque la hemos conocido y cuando más la hemos recorrido más la hemos admirado."

Dijo que la isla de Formosa la conocíamos solamente por lecturas de Salgari, hasta que, después de 1946, supimos lo que era una nación que nació en ese año, por más que su cultura fuera milenaria. Recordó que cuando los japoneses abandonaron la isla de Formosa, dejaron un territorio sin petróleo y sin recursos naturales mayores, pero con una población dispuesta a salir adelante. "Ese fue el milagro de Taiwán, que salió adelante con su comercio, su industria y su cultura."

LA MAÑANA 7/7/87

01-01

8709460

HR

CHINA

033

EL SINDROME DE CHINA

En su destierro de Santa Elena, dijo Napoleón: "El día en que China se despierte temblará el mundo".

También Guillermo II de Alemania tembló ante el "peligro amarillo" y envió un regimiento a China a sofocar la rebelión de los "boxer". Lenin, poco ante de morir, recordó en uno de sus últimos escritos la frase de Napoleón. Y así 50 años después, el Ministro Alain Peyrefitte escribía con parejo título un informe sobre el coloso asiático.

Pero el despertar anunciado no se produjo con la revolución republicana y antimandarina de Sun Yat-sen, ni con la revolución marxista y anti-republicana de Mao. Curiosamente, el despertar —no profetizado— se produjo en la pequeña isla de Taiwán.

Más ahora, el sucesor y corrector de Mao, Deng Xiaoping, quiere poner al día a la China Continental. Y para muchos países del mundo occidental, y "urticantemente" para nosotros, la China Comunista con sus mil millones de habitantes, se convierte en el nuevo "El Dorado". Sólo que la diversa significación de los países y su distinta inserción en la coyuntura mundial plantea situaciones y perspectivas muy diferentes.

En los parámetros económicos en que funciona el mundo moderno, China significa un importante mercado de consumo. Pero el país debe desperezarse primero en el ámbito de la producción industrial y los servicios para que el poder de consumo de cada chino ascienda con el aumento del salario real y la llamada renta per cápita que aún hoy son bajísimos.

Por ello, las potencias industriales de Occidente se vuelcan a China Comunista y el Canciller alemán realiza su reciente periplo a Pekín. El propósito: venderle a China toda la tecnología desarrollista que esas naciones producen. Y como la transacción se realiza de gobierno a gobierno, los negocios son claros para Occidente.

Nosotros queremos subirnos al tren en marcha, pero para nosotros las circunstancias y condiciones son muy diferentes. China necesita ahora comprar tecnología, no alimentos ni fibras. Nos impone el rompimiento con Taiwán avasallando nuestra soberanía (que tanto defendemos en otras áreas). Y para colmo, falta que China cumpla su primera fase desarrollista para que sus mil millones de habitantes lleguen a la capacidad de ser buenos consumidores de nuestros productos.

En el minúsculo Uruguay China no tiene ningún interés comercial, pero estableciendo relaciones diplomáticas y con el anzuelo de sus compras suma un voto más —que sí le importa— en los foros internacionales. Logrado eso, el famoso mercado chino, seguirá aún por muchos años cerrado a nuestros reales intereses. Mientras tanto, hemos roto con Taiwán, estropeado nuestro buen comercio con la isla y llevado a la ruina a miles de trabajadores de la soja. Si las relaciones con China Comunista son fructíferas para los inversionistas y los países industriales desarrollados, son nefastas para nosotros. Habrá entonces que ver cuál es el "criterioso cangrejo" que anda debajo de esta piedra del coqueteo con China.

ALEX PEREYRA FORMOSO

01 - 01

8709471

República de China

033

El País 20/9/87

NO SER FURGON DE COLA

En el enfoque del tema chino, esto es, si debemos permanecer [illegible] nuestra amistad con la República de China, o incurrir en un acto de des[illegible]ente e indecoroso para el país, reconociendo a los comunistas de Pekín, se han dicho muchas cosas y se han usado diversas argumentaciones.

De toda esa literatura, en algunos casos vehemente, nos place reproducir una opinión que inevitablemente debe considerarse valiosa por venir de quien viene y que trasunta acierto y seriedad.

Nos referimos a un artículo escrito por el actual Presidente de la República, Dr. Sanguinetti, en el diario "Acción", el 21 de mayo de 1973.

Dice así el mencionado artículo en sus últimos párrafos:

"Uruguay ha estado hasta hoy vinculado a China Nacionalista y cometería, a nuestro juicio, un error si se apresurara a alinearse en la posición de moda, abandonando una línea que tiene tradición, mantiene una vinculación democrática y reafirma la presencia de un Estado pequeño, cosa que nunca un país como el nuestro puede perder de vista.

"El espejismo comercial de China comunista no pasa de ser eso, una ilusión. Mientras China nacionalista, *en cambio*, puede ser la perspectiva cierta para nuestro país, de entendimientos fecundos y de alcance en campos como el de la pesca o el simple *intercambio comercial*.

"Ser furgón de cola en Pekín no significará nada para nuestro país, salvo el abandono de una relación histórica, que puede hoy ofrecer nuevos terrenos de desarrollo. La prudencia sería hoy el consejo más adecuado que podría ofrecérsele a la diplomacia del Palacio Santos (firma) Julio Mª Sanguinetti".

Inútil sería agregar que participamos íntegramente de lo expresado en el artículo del Dr. Sanguinetti, publicado en el diario que interpretaba entonces el modo de pensar del sector batllista liderado por D. Luis Batlle Berres.

Sus expresiones no sólo reflejan una sólida posición en la materia, sino que, en *algún pasaje*, contienen frases con algo de profético, especialmente cuando dice que China nacionalista puede ser la perspectiva cierta para nuestro país de entendimientos fecundos... agregando en el párrafo siguiente, que no se debe abandonar una relación histórica que puede ofrecer nuevos terrenos de desarrollo.

01-01 8709472

HR

033

LA TORTURA ES CONSTANTE Y GENERALIZADA EN CHINA COMUNISTA

Amnistía Internacional formuló una declaración el reciente martes 8 de setiembre del año actual, afirmando que el uso constante de la tortura en China, por la Policía, los funcionarios del Partido Comunista y las unidades de seguridad, está entorpeciendo los esfuerzos del Gobierno para poner fin a estos abusos.

En un nuevo informe, la organización mundial de Derechos Humanos afirma que la preocupación del Gobierno por la tortura se deduce claramente de la "publicidad sin precedentes" que se ha dado a la cuestión en los últimos años en las publicaciones controladas por el Estado. Pero estas informaciones también han demostrado que la tortura es más generalizada de lo que se sospechaba, y Amnistía Internacional pide que se introduzcan cambios fundamentales en la legislación china para impedir que ocurran esas "graves violaciones" de los Derechos Humanos de los detenidos por delitos comunes y políticos.

Amnistía Internacional afirma que las informaciones indican que los sospechosos han sido golpeados, azotados, colgados de los brazos y agredidos brutalmente con porras eléctricas en comisarías de policía y centros de detención, con el fin de obtener sus confesiones.

En un caso ocurrido en abril de 1986, la policía torturó a más de 100 de un grupo de 201 detenidos ilegalmente, al tratar de obtener confesiones relacionadas con dos robos perpetrados en la ciudad de Baoshan, provincia de Yunnan. Una de las víctimas murió y dos se suicidaron.

Los presos y los detenidos también han sido tratados con crueldad para castigarlos, humillarlos o intimidarlos.

Una persona recluida en el centro de detención de Huangpu, Shanghai, en 1986 denunció: "Entre los castigos más severos estaba el 'aeroplano colgante', que consistía en que te colgaban de las dos manos atadas a la espalda. Lo peor eran las palizas..."

Un interno recluido en el mismo centro con anterioridad, comunicó a Amnistía Internacional que los guardias blandiendo porras obligaban regularmente a más de una docena de reclusos a entrar en una celda de tres metros cuadrados hasta que quedaban apiñados en el suelo con las cabezas juntas, "como el pescado congelado".

Otras torturas consistían en apretar las esposas para que cortaran la carne "hasta que se viera el hueso". Las quejas sobre la forma de utilizar las esposas en las comisarías de policía, han sido generalizadas.

También ha habido casos de presos que han estado recluidos en régimen de aislamiento durante años, sin contacto con sus familias ni con otros reclusos. Algunos han perdido el juicio como consecuencia de ello.

Un preso de conciencia, [illegible] estuvo encerrado varios meses, durante 1986, en una celda sin ventanas a la que se accedía por una trampilla situada en el techo.

Amnistía Internacional declara que el debate abierto en la prensa china sobre el uso de la tortura, parece estar destinado inicialmente a restablecer la confianza pública en la policía. En 1985, un comentarista de temas políticos describió la tortura como una "enfermedad rebelde, que produce en las masas la impresión errónea de que si alguien entra en una comisaría de policía será golpeado inevitablemente". Altos funcionarios han sido acusados públicamente de "hacer la vista gorda" ante el empleo de la tortura por la policía.

Otras víctimas de la tortura han sido detenidas ilegalmente por funcionarios del partido o por miembros de alguna de las muchas unidades no oficiales de seguridad existentes en China.

El secretario del partido en una población de la provincia de Guizhou, fue encarcelado por tres años, en enero de 1987, después de que, junto con unidades de seguridad, detuviese ilegalmente y torturase a dieciséis mujeres para obtener sus confesiones en un caso relacionado con un envenenamiento de alimentos.

En setiembre de 1986, un miembro del Parlamento de China y secretario del partido en la provincia de Shaanxi, fue procesado por detener ilegalmente a 72 aldeanos y por haber ordenado la tortura de diecisiete de ellos por el robo de una parte del timbre de su bicicleta.

Según las informaciones, estas violaciones de Derechos Humanos aumentaron en 1986.

Amnistía Internacional ha afirmado que, pese a la condena pública de la tortura por altas instancias de China, las penas impuestas a algunos torturadores declarados culpables, se han destacado por su escasa severidad. En 1985, un agente de policía que supuestamente dejó tullidos a veintiséis sospechosos cuando intentaba que confesaran, fue declarado culpable de torturar a diez personas y condenado a seis meses de prisión.

La organización ha manifestado que las autoridades han otorgado prioridad a la formación de los agentes de policía y a tratar de que se investiguen los casos de torturas. Pero, en opinión de Amnistía Internacional, la legislación china no contiene suficientes garantías contra la violación de los Derechos Humanos de los detenidos.

Amnistía Internacional pide especialmente que se impongan límites legales a la reclusión en régimen de incomunicación y garantías de que los detenidos serán puestos, sin demora, a disposición de los jueces y podrán comunicarse regularmente con sus familiares, abogados y médicos.

El País 20/9/87

China Popular Aporta Uranio Para Nuevo Reactor Chileno

SANTIAGO DE CHILE, 19 (EFE).— La República Popular China suministrará uranio enriquecido, U-235, para fabricar elementos combustibles para el segundo reactor experimental chileno, según informó la Comisión Chilena de Energía Nuclear.

La versión recogida por la prensa local señaló que el envío de uranio se verificará antes de fin de año, cuando deberá entrar en operación el reactor experimental de 10 megavatios.

En Viena, la Agencia Internacional de Energía Atómica aprobó ayer un acuerdo de seguridad a través del cual Chile se somete voluntariamente a los controles del organismo.

Mientras tanto, el Jefe de Estado chileno, General Augusto Pinochet, dijo que el deber del Ejército "es continuar garantizando el cumplimiento del proceso establecido en la Carta Fundamental de la República aprobada por la mayoría ciudadana en el plebiscito de 1980".

Hizo esa afirmación en un mensaje difundido por una red nacional de radioemisoras con motivo del "Día de las Glorias del Ejército", al cumplir Chile 177 años de vida independiente.

El militar chileno recordó que el golpe de estado del 11 de setiembre de 1973 se produjo en un momento en que el país "sintió amenazada su integridad y su libertad... librándose una nueva batalla para no ser sometidos a extranjeras doctrinas muy ajenas a nuestro ser nacional".

"Hoy enfrentamos un nuevo desafío —dijo Pinochet—, pues la nación se encuentra al inicio de una trascendente etapa institucional".

La Mañana
MONTEVIDEO, VIERNES 17 DE JULIO DE 1987

Impulsan relaciones entre ambos países

Destacan importancia de visita comercial china

El Vicecanciller de la República de China, Charles Shu Chi-king destacó la importancia del arribo de una misión comercial de su país al Uruguay, integrada por autpridades oficiales y del sector privado, a poco de llegar a Montevideo. Calificó las actuales relaciones como "muy buenas" y se mostró optimista en que "en el futuro van a seguir mejorándose para mutuo beneficio".

El alto diplomático chino, que permanecerá hasta mañana en Montevideo, fue recibido en el Aeropuerto Internacional de Carrasco, por el Embajador de su país, Henry Wang, y representantes del Ministerio de Relaciones Exteriores de nuestro país.

-Hemos visto que en su agenda va a desarrollar contactos fundamentalmente en las áreas de la agricultura, de la educación y de la economía. ¿Esos serán los puntos a analizar en estas conversaciones cómo forma de mejorar las relaciones bilaterales?

-He venido con el propósito de observar y ver la manera de impulsar más aún las relaciones de cooperación y de amistad que existen entre los dos países. También había querido venir especialmente para saludar a viejos amigos tales como la Ministra de Educación, Dra. Reta, con la cual me une una gran amistad.

MISION COMERCIAL

-Dentro de esa posibilidad de mejoramiento en las relaciones, ¿existe la posibilidad de que aumenten las inversiones de su país en el Uruguay?

-Las posibilidades existen, y nuestro Gobierno ha estado estimulando a la empresa privada de nuestro país para que haga inversiones en el extranjero, siempre que cuenten con una clima de inversión sano y seguro. Como un paso concreto al estímulo de estas inversiones en el extranjero, va a llegar próximamente al Uruguay una, delegación presidida nada menos que por el Director de Industrias del Ministerio de Economía de la República de China. La delegación explorará y verá las facilidades existentes para que nuestros inversores vengan para seguir con esa corriente de inversiones.

BENEFICIO MUTUO

-¿Cómo calificaría las actuales relaciones entre Uruguay y su país?

-Nuestras relaciones han sido tradicionalmente buenas, en un marco de cooperación y sincera amistad, y estoy seguro que en un futuro vamos a seguir mejorándolas para un beneficio mutuo.

-¿Van a seguir incrementándose inversiones en el sector arrocero?

-Los planes de cooperación agrícola-técnico que se han estado llevando a cabo en el país, han dado sus frutos. Hemos realizado un programa de extensión del cultivo del arroz. También hemos estado en un programa del desarrollo de la soja, y en otros renglones más de alta productividad económica para el país. Estamos estudiando los mecanismos de lograr estimular esta clase de cooperación, como así también de darles un mayor impulso en busca de un beneficio común.

-En el ambiente parlamentario, y también a nivel del Poder Ejecutivo, se ha manejado la posibilidad de que nuestro país restablezca relaciones diplomáticas con China cumunista. ¿Cuál es su opinión al respecto? ¿Y en caso de así concretarse, qué repercusiones podría tener eso en China nacionalista?

-Nuestras relaciones con el Uruguay, como le decía anteriormente, están basadas de manera bastante sólidas, desde hace muchos años. Las hemos llevado adelante con la mayor felicidad. Ahora, tenemos algo común en lo político, y es la aspiración de democracia, de libertad. Con la democracia existe la paz y la libertad.

No creo yo que teniendo nosotros ideologías tan comunes puedan influenciar en nuestras relaciones. En otro aspecto, estamos haciendo todos los esfuerzos posibles para concretar una mayor y sustanciosa relación entre nuestros dos países, por lo que puedo decirle sin temor a equivocarme que veo las cosas desde un punto de vista por demás optimista y ese optimismo creo que puede ser compartido con las autoridades del Gobierno uruguayo.

-¿Cuál es el motivo de su próximo viaje a Asunción?

-Presidiré allí una Conferencia de diplomáticos acreditados en el área de la América latina.

EL PAIS

Fundado el 14 de Setiembre de 1918
Directores: Martín Aguirre, Washington Beltrán y Daniel Rodríguez Larreta

Montevideo, Sábado 10 de Octubre de 1987

EL DOBLE DESAFIO CHINO

CASI veinte millones de chinos establecidos en Taiwan e islas adyacentes, y varios millones más radicados en ultramar, festejan hoy el 76º aniversario de la fundación de la República de China —la primera de Asia— por el Dr. Sun Yat-Sen.

El acontecimiento encuentra al milenario pueblo dividido en dos partes irreconciliables: por un lado, la continental, sumida en la pobreza y el subdesarrollo y atenaceada por un régimen totalitario y liberticida; por el otro, la República de China en Taiwan, ejemplo sin precedentes de avance hacia el progreso, de pasaje de un estado de penuria a otro de elevada calidad de vida.

Probablemente no haya nada más fácil que comparar una y otra y deducir que el abismo que las separa no está representado por una estrecha faja de mar, sino por dos concepciones opuestas, por dos sistemas económicos disímiles, por dos tradiciones —una auténticamente china y la otra distorsionada por el anticonfucianismo rojo— y por dos resultados palpables al menor golpe de vista: por el éxito isleño y por el fracaso pekinés.

PERO no es ésta la finalidad que perseguimos con la evocación de la conmemoración nacional de China Libre, sino la de poner de manifiesto que aquellos Tres Principios del Pueblo con los que el Dr. Sun fundamentaba su revolución —Nacionalismo, Democracia y Bienestar Social— han sido respetados y alcanzados, en forma creciente, por la República de China en Taiwan.

En menos de cuarenta años, en efecto, los lúcidos conductores del gobierno de Taipei han planificado de tal manera el desarrollo económico del territorio bajo su jurisdicción directa, que los habitantes del mismo se encuentran, hoy en día, entre los privilegiados integrantes de las quince naciones más ricas del planeta.

Esta incontrastable afirmación se vuelve más categórica aún por el hecho de que el bienestar social es realmente universal, es decir, llega a todas las capas de la población, ya que la brecha entre los más ricos y los que no lo son, es menor en la China Libre que en la mayoría de los países del mundo.

EL llamado "milagro económico" de la República de China no es discutido por nadie: sencillamente, mueve al asombro y cada estadística, cada guarismo envejece rápidamente ante el empuje de su incesante crecimiento.

Quizás haya que hablar, ahora, de su "milagro político".

Porque la verdad es que este país canaliza sus energías no sólo hacia los logros económicos propios de una sociedad industrial, sino, al mismo tiempo —ambos son inseparables— hacia metas políticas de creciente democracia.

La evolución política de China Libre avala la tesis de que la democracia es un refinado producto que implica madurez popular, educación generalizada, existencia de clases medias definidas y estables y una justicia distributiva básica.

No es un simple traje de confección que puede vestir el que lo descuelgue de la percha de la Historia, sino un traje a la medida que debe ser hecho según las peculiaridades de un cuerpo determinado.

CUANDO el gobierno nacionalista se refugió en Taiwan, tuvo que encarar una situación excepcional: debió ordenar a una creciente población convulsionada por la pobreza, el desánimo y la derrota; enfrentar la corrupción, la falta absoluta de recursos y la permanente amenaza comunista.

En esas condiciones, la democracia hubiera sido un absurdo artículo de importación. Por ello se estableció la ley marcial con un decreto de emergencia que recién fue derogado el 14 de julio de 1987.

Con esta abolición se consagró un proceso de democratización acelerada que tuvo lugar en los últimos años. Desapareció además, la prohibición de formar nuevos partidos políticos (antes de aprobada esta ley comenzó a actuar el opositor Partido Demócrata Progresista que recogió el 30% de los votos en las elecciones de diciembre/86) y desapareció toda injerencia del gobierno en los medios de comunicación masiva.

Pero para que la implantación de la nueva democracia liberal y pluralista fuera posible, tuvieron que darse algunas condiciones.

EN primer lugar, la seguridad nacional tuvo que ser afianzada. Actualmente, la República de China posee un poder militar que obra como eficaz disuasivo ante cualquier agresor previsible. En el ámbito interno, a su vez, ha logrado un consenso popular que hace que toda su población se sienta solidaria en la magna empresa de mantener al país con su presente organización y con su escala de valores vigente.

En segundo lugar, hubo que brindar oportunidades de participación política a niveles limitados para ir creando el clima ideológico adecuado que permitiera efectuar la síntesis entre la tradicional estructura política autoritaria —propia de la cultura china— y las normas de juego democrático. Y en tercer lugar —pero no el menos importante— hubo que superar las preocupaciones por la simple subsistencia, formar una población educada, crear cuadros académicos suficientes, modernizar la administración y desarrollar el deseo de ser el protagonista de una Nación en marcha mediante la amplia difusión de noticias y el respeto a la opinión pública (30 diarios, cuatro millones de ejemplares, TV en todos los hogares).

HABLABAMOS de los abismos que separan a la República de China, en Taiwan, de la República Popular de China.

No son sólo económicos, reiteramos.

Son, también, políticos. En forma gradual, inteligente y pacífica, la democracia constitucional crece y se fortalece en Taiwan. Sin choques traumatizantes, sin patotas regimentadas, sin represiones callejeras, sin falsos mesianismos.

En este Doble Diez de 1987, la República de China lanza al gobierno marxista que sojuzga a sus compatriotas del continente un Doble Desafío: el de su riqueza y el de su democracia.

Es un desafío que también debería ser recogido por todas las naciones subdesarrolladas del mundo, porque así como éstas lo son ahora, la República de China en Taiwan lo fue en el pasado reciente, y, gracias a su esfuerzo y a sus principios éticos, emergió de esa condición, la superó y ostenta hoy una firme posición de innegable relevancia entre los pueblos más pujantes de la tierra.

Ante su ejemplo, rendimos tributo de admiración.

República de China Adquiere Lanas Uruguayas por U$S 10

Recientemente se hizo el anuncio oficial por la Embajada de la República de China en nuestro país, a través de su propio titular, Henry Wang que su gobierno había tomado la decisión de realizar compras de lana uruguaya por un valor total de 10 millones de dólares anuales, a partir del momento en que él hacía el anuncio (setiembre 15 próximo pasado) y por un plazo indeterminado.

El propio embajador Henry Wang destacó en la oportunidad que esa resolución del gobierno de su país responde al deseo del mismo de fortalecer e incrementar el intercambio comercial entre las dos naciones.

Por su parte el Agregado Comercial de dicha misión diplomática, James M. S. Chen significó que "esperamos ir progresivamente aumentando el volumen de lanas a Uruguay". Puntualizó asimismo que "estamos gestionando el aumento de compra de lana industrializada y la industria, de acuerdo a las consultas realizadas, está toda muy interesada en escuchar información sobre compras".

Agregó el citado diplomático en sus declaraciones que "este año ya se concretará ese aumento de nuestras compras, como expresión de la sinceridad de nuestros propósitos de aumentar el intercambio; y respecto a precios, sobre ellos se habla y se hablará con empresarios".

Asimismo es de significar que a nivel de dirigentes rurales uruguayos y de empresarios esa decisión de la República de China fue muy bien recibida, considerándose muy importante la intervención de esa nación como compradora de nuestras lanas. Las cifras —expresaron esas fuentes— [illegible] que la República de China [illegible] este año entre los ocho principales compradores de nuestra fibra. También se [illegible] se consideraciones como ésta: es una manifestación de buena voluntad que la [illegible] con mucho agrado y sin duda en el marco que [illegible] Uruguay hoy, en el que gobierno y [illegible] ríos, estamos todos [illegible] en que la economía nacional y el país se fortifican con la exportación, hechos como éste, son trascendentes.

Otra apreciación a nivel de las fuentes de referencia sobre esta decisión del gobierno de China Nacionalista fue ésta: El hecho de que la República de China haga este anuncio de esa compra que, incluso, dice que es anual y por un lapso indeterminado, por un valor de U$S 10.000.000 y que puede crecer, en el momento que comienza la zafra lanera, es realmente positivo y bueno, y hay que reconocerlo como tal. Además, mirando las estadísticas y sabiendo un poco de cuáles son los países compradores tradicionales a Uruguay, la proyección de la República de China va aumentando y lo va haciendo en porcentaje de casi un 70 a un 80%. Si este año nos compra por esa suma de dólares y el año pasado lo hizo por U$S 5.800.000 y en 1985 nos compró por 3 millones y pico, esta progresión de sus compras es realmente buena, positiva y optimista. Es por cierto una tranquilidad que le puede dar a todos los sectores productivos el saber que nuestras lanas pueden tener [illegible] [illegible] en una forma [illegible].

01-01

8709612

R.P.CH.

033

La Hora 26/9/87

Sistema mercantil en China Popular

Pekín (PL). A partir del año próximo, China Popular establecerá gradualmente un "sistema mercantil socialista" en la consolidación del actual proceso de reformas de su estructura económica.

La decisión fue difundida ayer por Li Tieying, ministro a cargo de la Comisión Estatal de Reestructuración de la Economía, quien precisó que en el nuevo sistema el Estado controlará el mercado y éste guiará a las empresas en la producción.

HK

R.P. Ext.

033

DISTURBIOS EN LASA

Pekín reconoció que en [illegible] manifestaciones anti-[illegible]bernamentales realizadas [illegible] la capital del Tibet, hubo 6 [illegible]uertos y 19 policías grave-[illegible]nte heridos. Al parecer, en [illegible]na de las dos manifestacio-[illegible]s, unos 2000 tibetanos, [illegible]iados por monjes, quema-[illegible]n un destacamento policial.

Los violentos estallidos de [illegible] son considerados como [illegible] más sangrienta demostra-[illegible]ión contra la dominación [illegible]hina del Tibet, desde el falli-[illegible] intento del Dalai Lama de [illegible]pulsar a los chinos en 1959.

Desde hace mucho tiempo [illegible]peraba en el mundo la opi-[illegible]ión de que Tibet había sido [illegible]talmente asimilado por la [illegible]hina y que los tibetanos vir-[illegible]ualmente se habían resigna-do a ser una provincia de Pe-kín.

Pero, indudablemente, la antigua cultura tibetana no está dispuesta a desaparecer y los chinos tendrán que repen-sar su política, si es que no quieren enfrentar un movi-miento independentista cada día más potente.

01-01

8709670

R.P.CH.

033

Aparente calma reina en capital del Tibet

CHINA

El Día 14/10/87

PEKIN. — Diplomáticos occidentales dijeron ayer que Lhasa se encuentra en calma después de los sangrientos disturbios por la independencia y que la capital se encuentra bajo intenso patrullaje policial.

Un funcionario del gobierno tibetano señaló que a los periodistas no se les permite obtener informaciones por teléfono, pero un diplomático occidental que se mantiene en contacto con Lhasa informó que no se produjeron nuevos enfrentamientos desde el lunes por la noche.

Las medidas dispuestas por China, que restringen el ingreso de los extranjeros a la capital tibetana se aplicaban parcialmente, añadió el funcionario.

Pekín aseguró que unos 50 extranjeros tuvieron participación directa en los motines antichinos del 1° de octubre durante los cuales, según fuentes tibetanas, hubo 19 muertos. La versión oficial sobre el número de víctimas fatales es que éstas fueron seis.

Los funcionarios de migración chinos comunicaron a los gerentes de los hoteles que deberán desalojar a los extranjeros que no hayan llegado a la ciudad junto con grupos organizados de turistas. Además, los chinos se negaron a vender pasajes de avión a los extranjeros, tanto periodistas como viajeros en general, que procuraban volar a la capital tibetana.

Sin embargo, algunos turistas occidentales tomaron ayer en Chengdu, sudoeste de China, un avión que los llevó a Tibet, destacó el diplomático.

El gobierno regional de Tibet comunicó que los alborotadores que no se hayan rendido a la policía antes del 15 de octubre serán severamente castigados.

Un funcionario con el que se logró establecer hoy contacto telefónico dijo que las autoridades de Lhasa no permiten que los periodistas reciban información por teléfono.

El funcionario agregó que está a cargo de la Oficina de Relaciones Exteriores de Tibet, pero se negó a dar a conocer su nombre.

Ø3 R.N.CH.

La Mañana 10/10/87

76° aniversario de la Revolución Nacional

Mensaje del Embajador de la República de China



Embajador Henry C.Y. Wang

El 10 de octubre de cada año celebramos el advenimiento de un nuevo aniversario de la Fundación de la República de China, el 76° Aniversario de la Revolución Nacional de 1911, que condujo al establecimiento de la Primera República en Asia, nace vibrar hoy con especial intensidad los corazones del pueblo chino, en el recuerdo de su emancipación política, basada en los Tres Principios del Pueblo: Nacionalismo, Democracia y Bienestar Social, promulgados por el Padre de la Padria, Dr. Sun Yat-sen y las conquistas llevadas a cabo por su continuador, el Generalísimo Chiang Kai-shek.

Los Tres Principios del Pueblo han constituido la permanente fuente de inspiración que guió a un liderazgo enérgico, honesto e inteligente, representado por el Presidente Chiang Chink-kuo y sus colaboradores.

Bajo la acertada dirección del Presidente Chiang, con una inconmovible convicción, una fe inquebrantable en nuestro propio destino y respetuosos de nuestra Constitución, alcanzamos en lo político importantes logros dignos de mención, entre otros, la abolición de la Ley Marcial, los esfuerzos realizados para lograr una total democratización de [illegible] instituciones y una plena apertura respecto a la libertad de expresión y de prensa.

En lo económico, seguimos manteniendo un alto crecimiento que nos ha hecho gozar de una envidiable prosperidad, estando previsto que, para fines del presente año, nuestro ingreso per cápita sea de U$S 5.000. El Gobierno del Presidente Chiang se encuentra actualmente orientando a nuestra economía nacional hacia niveles más avanzados de tecnología industrial. El restablecimiento de nuevos institutos de investigación técnica altamente especializados, entre otros esfuerzos, ha contribuido a elevar a la República de China a la posición de miembro privilegiado de la comunidad internacional más industrializada y próspera. Hoy en día, la República de China en Taiwan ocupa el 14° lugar dentro del grupo de los principales países exportadores del mundo entero.

Y el futuro nos encontrará siempre dispuestos a seguir cooperando con los pueblos de buena voluntad, amantes de la paz y del progreso social, para así lograr el cordial entendimiento internacional que nos conduzca a la Gran Armonía Universal preconizada por nuestro Maestro Confucio.

Hacia el año 2000 proyectamos ser una de las naciones más ricas del planeta. Así, el siglo XXI encontrará a la República de China avanzando con pasos firmes, cautelosos y oportunos, por el camino de la democracia occidental, pero con raíces netamente chinas, hacia una sociedad de pleno bienestar y de completa estabilidad.

Deseo agradecer al Ilustre Gobierno de la República Oriental del Uruguay, por la buena disposición y benevolencia que me ha brindado para el mejor cumplimiento de mi Misión, reafirmando la confianza que nos asiste para que nuestras variadas relaciones de cooperación en los diferentes aspectos del quehacer nacional, tan intensas y fecundas de por sí, sigan dando sus frutos en aras de un beneficio común.

Por último, en nombre del Gobierno y Pueblo de la República de China, formulo mis mejores votos por la creciente prosperidad de esta nación amiga y por la continua felicidad de su noble Pueblo.

Montevideo, 10 de octubre de 1987

POCO LEGIBLE

visto

01-01

8709720

Iglesias con colega chino

El Ministro de Relaciones Exteriores, Cr. Enrique Iglesias, se reunirá en Buenos Aires con el Vicecanciller de China Zhu Qizhen, quien llegó el domingo a la capital argentina, de acuerdo con lo anunciado en la víspera por el rotativo "La Nación".

Zhu Qishen se entrevistará hoy con el Canciller Dante Caputo, quien le acompañará a la Residencia Presidencial de Olivos, donde le recibirá el Presidente de la Nación Argentina, Dr. Raúl Ricardo Alfonsín.

La Mañana 14/10/87

033

01-01.

8709723

R.P.CH.

033

La Tercera 8/10/87

Tercera en menos de dos semanas

Tíbet: sofocan protesta

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- El Ejército y la policía china disolvieron una manifestación de unos 80 monjes tibetanos el martes en Lasa, capital de la región autónoma china del Tíbet, que protestaban contra la detención de otros monjes en días pasados, según fuentes occidentales de Pekín.

Esta es la tercera protesta independentista en esta región en menos de dos semanas, tras las del 27 de septiembre y del 1 de octubre que causó al menos seis muertos y 19 heridos, aunque otros informes señalan que hubo hasta 19 muertos.

Unos trescientos soldados y policías armados con armas atomáticas y cascos con viseras redujeron el martes, a unos 80 monjes, que fueron después transportados en camiones.

Para ayer también estaban previstas mas actividades contra el gobierno de Pekín con motivo del 37 aniversario de la invasión de las tropas chinas en esta región, el 7 de octubre de 1950.

China acusó al líder espiritual tibetano Dalai Lama y a sus seguidores de provocar estas manifestaciones y pidió a la población china en el Tíbet que indendifique y denuncie a los participantes en las manifestaciones independendistas de los pasados días.

Por su parte, grupos de tibetanos en el exilio en la India se ofrecieron a ir al Tíbet a luchar por la independencia de su país.

CONTROLES

La región fue cerrada a los axtranjeros que quieran viajar individualmente al Tíbet, pero parece no haber obstáculos para viajes turísticos organizados, de acuerdo con informes llegados a Pekín.

La embajada china en Katmandu dejó de conceder visados a turistas que quieran entrar al Tíbet desde Nepal, señalaron fuentes occidentales.

01-01   870972

R.P.CH.

033

Afirmaciones del Secretario General Zhao Ziyang

China: Congreso será histórico

PEKIN (ANSA, [illegible] y UPI).- El Comité Central del Partido Comunista Chino (PCCH), con 210 miembros y 138 suplentes, celebrará el próximo 20 de octubre la séptima sesión plenaria del XII Congreso del Partido, cinco días antes de su apertura.

En la sesión plenaria, cuya duración no fue precisada, se aprobará el informe sobre el congreso, calificado por el secretario general en funciones del PCCH, Zhao Ziyang, de histórico por las decisiones que en él se tomarán.

Fuentes occidentales en Pekín apuntaron que en esta reunión se discutirá la situación en Tibet, tras los incidentes de las últimas semanas, el asunto de Taiwan (China Nacionalista) y temas económicos como la suba de los precios de bienes de consumo.

A menos de dos semanas del congreso, el líder Deng Xiaoping reiteró ayer la necesidad de seguir adelante con la reforma económica y la apertura de su país al exterior.

Según la agencia oficial Xinhua, Deng hizo estas declaraciones durante una entrevista con el secretario general del Partido Socialista Obrero Húngaro (PSOH), Janos Kadar, que se encuentra de visita oficial en China desde el pasado sábado.

Deng criticó los errores izquierdistas del pasado, ante todo el gran salto adelante y la revolución cultural, que hizo perder mucho tiempo a China.

En una clara alusión al fracaso de estas dos campañas políticas, Deng añadió que durante la revolución china y en los primeros años de edificación del socialismo (después de 1949) el líder Mao Zedong lo hizo muy bien al combinar el marximoleninismo con la práctica.

Calificó de objetivo principal desarrollar las fuerzas productoras y acabar con la pobreza.

Dijo que lo que China consiga con esta política pertenecerá al pueblo entero y que no surgirá una nueva burguesía en esta evolución, aunque sí habrá algunas diferencias de nivel de vida conforme al principio de a cada uno según su trabajo.

La política de apertura al exterior -iniciada por el propio Deng- es parte de la reforma, y el congreso del PCCH quiere no sólo acelerar la reforma económica, sino también emprender la de la estructura política.

ERRORES

Agregó que en los siete años posteriores a la fundación del Estado chino, en 1949, el desarrollo fue bueno, pero que a partir de 1957, con el salto adelante, lo que aconteció fue contrario a la política del octavo Congreso del Partido.

Deng culpó de ello a los errores izquierdistas, que condujeron a extremos como la revolución cultural.

Por su parte, Kadar replicó que Hungría ha vivido un gran número de cambios y que, tras haber rechazado el dogmatismo, su país está edificando el socialismo de acuerdo con el pragmatismo.

Resaltó la relevancia de la reforma porque sólo ésta puede impulsar la causa del socialismo y agregó que Hungría se adhiere a la mejora de la productividad en la medida que lo permita la realidad.

La Nación 14/10/87

01-01 870973

R.P.CH

033

LA RAZON DE LOS TIBETANOS: QUE SE VAYAN LOS CHINOS

LHASA (Tibet), 25 (AP).– Las autoridades chinas cerraron hoy los caminos a monasterios budistas cuyos miembros han encabezado manifestaciones en favor de la independencia tibetana y se informó que la policía ha cerrado el cerco a los monjes.

"Los chinos han gobernado de una manera violenta en nuestro país y queremos que se vayan del Tibet", dijo un comunicado de dos páginas, impreso en prensas de un Monasterio, y que fue repartido a turistas.

"Pedimos a las Naciones Unidas y a todos los países del mundo que apoyen nuestra causa. Estamos sufriendo", dice el documento.

Los monjes de los tres principales monasterios hicieron otros llamamiento parecido hoy por la mañana temprano y una de las copias llegó a manos de The Associated Press.

"Nosotros los tibetanos hemos pedido a los chinos que tienen ocupado a nuestro país que se vayan", dice el primer documento, emitido por los líderes religiosos de los monasterios de Sera, Ganden y Drepung.

Los tibetanos fijaron cartelones anoche desmintiendo relatos oficiales chinos sobre los sucesos ocurridos el 27 de setiembre y el jueves.

"Ellos (los chinos) han matado a 10 (tibetanos)", dice un cartel. "Pero sacrificaremos 20, 40, 100. Tanto como se necesiten". La policía arrancó hoy los carteles.

Médicos norteamericanos, suecos y alemanes radicados en Lhasa sólo pudieron confirmar que hubo seis tibetanos muertos el jueves durante una manifestación, la mayor y más violenta de dos protestas habidas hasta el momento. Los chinos dijeron que hubo seis policías muertos.

La policía levantó barricadas en los caminos que conducen a los monasterios de Sera, Ganden y Drepung.

Desde París Llaman a la Sublevación en el Tibet

PARIS y PEKIN, 6 (EFE y ANSA).— Pema Gyalpo, hermana del Dalai Lama, principal líder espiritual del Tibet, animó hoy a los tibetanos a que se subleven contra los chinos, en una entrevista difundida por el quinto canal de la televisión francesa.

"Todos los tibetanos —dijo—, estén en el extranjero o en el Tibet, esperan tener su propio país, gozar de los derechos humanos y tener derecho a la independencia".

Gyalpo recordó que los tibetanos vienen sublevándose desde hace tiempo, pero que hasta ahora no se había sabido nada en Occidente.

Los incidentes sangrientos ocurridos en la capital del Tibet, Lhassa, en los últimos días fueron objeto ayer en París de una protesta por parte de la comunidad tibetana en Francia.

En un comunicado difundido el lunes, este grupo de refugiados políticos, cuya cifra no alcanza el centenar, denunció "la continuación del genocidio tibetano" y pidió al pueblo francés que apoye y exija con ellos el "término de estas violencias".

OFENSIVA DE PRENSA CHINA

Entretanto en Pekín, con imágenes de destrucciones provocadas por las manifestaciones independentistas y artículos de fondo sobre los progresos del Tibet en casi cuatro décadas de comunismo amanecieron hoy todos los diarios chinos.

Mientras tanto, reina la incertidumbre sobre la evolución de la situación en Lhassa, la capital tibetana, donde 13 personas murieron durante las protestas de la semana anterior.

El aislamiento geográfico de Lasa —situada en el "techo del mundo" a 4.400 metros de altitud y unida sólo por avión y por dos servicios de autobuses a otras regiones de China— posibilita este control informativo.

El "Diario del Pueblo", en sus versiones "nacional" y para chinos "de ultramar", publica sendos editoriales destinados a vanagloriar los cambios producidos desde 1952 hasta la fecha en la agricultura, la industria, las comunicaciones y la educación en la meseta tibetana, de 1.300.000 kilómetros cuadrados y unos dos millones de habitantes.

La producción cerealera se triplicó y se realizó un gran esfuerzo para desarrollar las comunicaciones, señalan ambos rotativos.

El diario en lengua inglesa "China Daily", por su parte, reitera la legitimidad histórica de la pertenencia del Tibet a la soberanía china y recuerda las diversas pruebas de subordinación dadas al poder imperial de Pekín por los sucesivos Dalais Lama, que practicaron a lo largo de los siglos un sistema de gobierno teocrático-esclavista.

El vespertino "Wenhui Bao", de Shanghai, recibido esta mañana en la capital china, se contenta con incluir en su primera página fotos de desmanes cometidos por los "divisionistas de la patria" durante las reciente protestas.

LAMAS CONTINUAN PROTESTAS

Por su parte, desafiando la explícita prohibición de la policía, unos ochenta lamas del monasterio de Drepurg, a siete kilómetros de Lhassa, manifestaron hoy por las calles para pedir la liberación de los lamas arrestados después de la revuelta antichina del jueves pasado.

Los lamas desfilaron por las calles adyacentes al monasterio a las puertas de Lhassa, entonando estribillos anti-chinos y arrancando los affiches colocados por las autoridades este fin de semana, en los que se condenan las revueltas

01-01 0709764

EL PAIS — Martes 6 de Octubre de 1987 PAGINA TRES

Pekín Impone la Censura Informativa

ARRESTAN MONJES BUDISTAS: PIDEN LIBERTAD DEL TIBET

LHASA (Tibet), 5 (ANSA). — Aún hoy seguía siendo muy tensa la situación que vivía Lhasa, donde desde hace dos días se reiteran los arrestos e interrogatorios de los Lama, los monjes budistas que la semana pasada organizaron una manifestación anti-china, reclamando independencia para el Tibet.

Se trata de las noticias enviadas por la cronista de ANSA que logró transmitir un breve despacho desde la oficina telefónica de la capital tibetana, actualmente en manos de fuerzas policiales, que controlan atentamente cada palabra que se envía.

Un anuncio de la policía, que fue colocado en los muros de la ciudad, y sobre todo en los lugares más frecuentados por los turistas, reitera la prohibición absoluta para los extranjeros de detenerse a observar lo que define "eventuales incidentes" provocados por pequeños grupos de "separatistas" y de enviar "noticias distorsionadas o no verdaderas" sobre la situación.

Anoche, algunos desconocidos colocaron en los alrededores de la plaza frente al templo de Jokhang, desde donde partió la revuelta del jueves pasado, algunos afiches que fueron arrancados a la madrugada. "El tiempo aún no maduró, pero la lucha continúa", se leía escrito en tibetano en los afiches, según testigos oculares.

Numerosos templos y monasterios de Lhasa y de los suburbios de la ciudad, siguen cerrados y cercados por agentes.

Los peregrinos que llegan masivamente al templo de Jokhang, uno de los lugares sagrados del budismo tibetano, cuentan que en muchas de las vias que llevan a Lhasa se instalaron puestos de control.

Las fuerzas de policía, concentradas sobre todo cerca de los templos y monasterios, no interfieren con los cronistas que entrevistan a los tibetanos que hablan chino. De estas conversaciones se conoció el arribo de refuerzos para las tropas chinas en el Tibet.

Los mismos tibetanos afirman que los inspiradores de la disidencia anti-china y de los sentimientos nacionalistas son sobre todo los religiosos. Insistieron en que quienes gozan de los sentimientos nacionalistas son sobre todo los religiosos, que tienen una gran ascendencia entre la población, mientras que los jóvenes tienden a olvidar las antiguas reivindicaciones y cada vez más se sienten más atraídos por la búsqueda del bienestar material.

Algunos tibetanos también dijeron haber sabido que, entre los lamas arribados la semana pasada desde Lhasa, hay algunos provenientes de la India, el país donde hace 28 años se refugió el Dalai Lama, suprema autoridad de los tibetanos.

Inmediatamente después de los desórdenes del jueves pasado que provocaron la muerte de [illegible] personas, las autoridades chinas acusaron al Dali Lama de haber inspirado las palabras de orden entonadas por los religiosos durante la manifestación.

Los viajeros occidentales que llegaron en estos días hasta Lhasa reciben el pedido frecuente de los tibetanos de una cierta edad de fotografías del Dalai Lama.

Finalmente, según trascendió, los dos viajeros norteamericanos que la semana pasada habían sido demorados, fueron puestos en libertad a cambio de la promesa de dejar el Tibet con el primer medio a disposición.

Los viajeros habían sido demorados por la policía, porque en sus efectos personales fueron encontradas dos banderas nacionales tibetanas. Las mismas banderas, con un león y una montaña nevada, habían sido enarboladas por los Lama durante las dos manifestaciones de la semana pasada.

Esta mañana, un periodista de una agencia de prensa norteamericana (AP) fue demorado brevemente mientras esperaba para enviar un despacho.

Algunos viajeros occidentales que se encontraban esta mañana en el aeropuerto de la capital tibetana dijeron que habían visto numerosos soldados armados desembarcar de aparatos de transporte de la eronáutica militar china. Los militares se em-[illegible]lios de transporte militares.

Un ortodoxo sería el nuevo primer ministro en China

En un encuentro con una delegación japonesa, en Beijing, el presidente Li Xiannian anunció su alejamiento como presidente y como miembro del Politburó. Expresó, también, su apoyo a Li Peng como futuro primer ministro, lo que lleva a pensar en un fortalecimiento de la línea ortodoxa del comunismo chino, en relación con las nuevas reformas económicas.

Agencia Reuter



El portero Liu, en la entrada del restaurante Kentucky Fried Chicken, en Pekín.

BEIJING, 26 (Por Daniel Southerland, de "The Washington Post", especial para Clarín). — El presidente Li Xiannian dio pautas muy claras, el viernes, con respecto a que el nuevo primer ministro de la China sería el actual viceprermier Li Peng, un tecnócrata de 50 años considerado como un comunista ortodoxo.

El viernes, después de una reunión entre una delegación del Japón y el presidente Li, fuentes japonesas informaron que el presidente chino consideró al vicepremier como un hombre preparado para un cargo de mayor jerarquía. Esto fue tomado, por algunos analistas como un signo inequívoco de que Li Peng está destinado al puesto de premier. "Es un hombre muy joven y muy hábil", dijo Li Xiannian.

Según la misma fuente, Li informó también a la delegación japonesa que pensaba retirarse de sus dos cargos: el de presidente y el de miembro del Politburó (él es uno de los cinco poderosos miembros que lo conforman), después del Congreso del Partido Comunista que tendrá lugar el 25 de octubre. La delegación japonesa estaba presidida por Ryoichi Kawai, presidente de la Asociación de Comercio y Economía chino-japonesa.

Diplomáticos y analistas coincidieron, tanto en Beijing como en Hong Kong, que todos los indicios señalan a Li Peng como el próximo primer ministro, quien asumiría a principio del año que viene o tal vez antes. El actual premier, Zhao Ziyang, ha tenido que duplicar sus tareas haciéndose cargo también de la jefatura del Partido Comunista desde el alejamiento de ese lugar de Hu Yaobang, el pasado invierno (boreal). Se espera que Zhao deje el cargo de premier para concentrarse en la dirección del Partido.

Li Peng, un comunista ortodoxo

Diplomáticos y analistas dijeron que el mayor líder de la China, defensor de rápidos cambios económicos, llegó a un compromiso con sus rivales más conservadores con respecto a las modificaciones que se harían en la plana mayor del gobierno, los que serían sancionados en el próximo congreso del partido —quienes tienen reparos con respecto a la extensión, marcha y efectos secundarios de las reformas económicas introducidas por el líder Deng Xiaoping— han expresado que ellos conservaron una cantidad de posiciones clave a través de las cuales seguirán ejerciendo influencia. Algunos de estos viejos políticos, como el economista Chen Yun, declaró estar a favor del lanzamiento de Li Peng como premier.

Trascendió asimismo que Li Xiannian dijo a la delegación japonesa que China no dialogará con el resto del mundo sobre sus reformas o sobre su política de puertas abiertas. Un analista japonés observó que esto podría ser considerado peligroso porque Li Peng como premier puede significar que la China está moviéndose en una dirección ideológicamente más "conservadora". "Li Peng no está orientado con mayor énfasis en lo ideológico. Es un tecnócrata", dijo.

Li Peng es un ingeniero especializado en fuerza hidráulica, entrenado por especialistas soviéticos. Está ligado a muchos de los más antiguos jerarcas del Partido chino. Cuando su padre murió, durante la guerra de la revolución, Li Peng tenía tres años. Fue adoptado, entonces, por el que posteriormente sería premier chino, Chou En Lai, y su esposa, Deng Yingchao.

R.P.CH.

033

Activistas convocan manifestación

China envía un contingente militar al Tíbet

NUEVA DELHI (ANSA, EFE y UPI).- Grupos activistas tibetanos, en los que figuran monjes budistas, han convocado a la población de Lhasa para que el miércoles próximo se manifiesten protestando contra la anexión del Tíbet por parte de China hace 37 años.

Coincidiendo con este llamamiento a la población llegó ayer a Tíbet un fuerte contingente militar chino, transportado en aviones, para reforzar a las tropas destacadas en el país, en previsión de que puedan producirse nuevos brotes de violencia mañana, aniversario de la ocupación del Tíbet por China.

El ambiente en Lhasa es de normalidad tras los incidentes ocurridos el jueves pasado, que causaron la muerte a [illegible] personas y culminaron con el asalto e incendio de una comisaría de policía.

Las autoridades chinas mantienen el toque de queda, a partir de las diez de la noche, impuesto a raíz de los incidentes. Esta disposición no afecta a los turistas que visitan el país, a quienes se ha aconsejado que no se inmiscuyan en las actividades de los separatistas tibetanos.

Mientras tanto un portavoz del Dalai Lama, que vive exiliado en la India desde 1959, ha afirmado en Nueva Delhi que este no tiene responsabilidad alguna en los sangrientos sucesos ocurridos la semana pasada en Lhasa.

El portavoz afirmó que todas las propuestas que ha hecho siempre el Dalai Lama son de carácter pacífico y de reconciliación, y que solamente las autoridades de China son responsables de lo que ocurre en el Tíbet.

La Hora 6/10/87

01-01

8709953

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Chinese Communists To Expand Export Of Light Industrial Products.

PROCEDENCIA: ENLACE China 14/10/87 Doc. 1673/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

8710041

01-01

HR

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Chinese Communists Set Up "Youth Ideological Education Centre" To Promote Political work in Schools.

PROCEDENCIA: ENLACE China 14/10/87 Doc. 1674/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

8710043

01-01

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Remarks Made by Peiping's Vice Minister of Finance On Enterprise contract System.

PROCEDENCIA: ENLACE China 14/10/87 Doc. 1681/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

01-01

8710044

HY

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Crackdown on Illegal Publishing Activities by Chinese Communists.

PROCEDENCIA: ENLACE China 14/10/87 Doc 1683/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

01-01 8710045

HY

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Dispute Between North Korea and Chinese Communists Denied.

PROCEDENCIA: ENLACE China 14/10/87 Doc. 1684/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

01-01 8710046

R.P. China (033)

TEMA: Chinese Communists Celebrate 40Th Anniversary of Inner Mongolian Autonomy.

PROCEDENCIA: ENLACE China 14/10/87 Doc 1678/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

8710047

01-01

HB

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Analysis of Second Round of Border Talks Between Chinese Communists And Soviet Union

PROCEDENCIA: ENLACE China 14/10/87 Doc 1677/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

8710048

01-01

LR

ARCHIVAR EN: Rep Pop China (033)

TEMA: Military Conflicts in Indochina Peninsula and Along Sino-Vietnamese Border.

PROCEDENCIA: Enlace Chino 14/oct./87 1675/87.

ARCHIVADO EN: Enlace Chino 135/B

01-01 8710050

PC CHINO
033

El País 15/5/87

—QUE ha causado sorpresa que representantes del Partido Comunista chino, hayan sido invitados por el Partido Colorado y visitado formalmente su sede.

03811

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro.	Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

Pekín: diario defiende reforma política

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- El órgano de prensa del Partido Comunista Chino (PCCh), "Diario del Pueblo", culpa al izquierdismo en este período de todos los errores y fracasos cometidos desde la fundación de la República Popular e insta a combatir esta tendencia en el futuro.

Con motivo de celebrarse ayer el 38 aniversario de la fundación de la república, el periódico, atacó a los sectores conservadores dentro del partido y defendió la reforma política y económica y la apertura al exterior propiciadas por el líder Deng Xiaoping desde 1978.

Según el editorial, el próximo congreso del partido, que comenzará el 25 de octubre, acelerará las reformas económicas y de la estructura política y revitalizará al partido y a la causa socialista.

Por otra parte, el diario resalta los logros de la república en sus 38 años de existencia, aunque admite que ha habido "cambios de dirección y curvas", en alusión a las campañas políticas lanzadas por el líder Mao Tsétung, como el gran salto adelante y la revolución cultural.

El comentario, atribuido a los sectores reformistas, constata que la historia ha demostrado que China debe estar bajo la dirección del Partido Comunista y tomar el camino socialista sin abandonar los cuatro principios básicos: socialismo, dictadura democrática popular, papel rector del partido y pensamiento marxista-leninista y de Mao.

El miércoles, el Primer Ministro y Secretario General en funciones del PCCh, Zhao Ziyang, en una recepción al cuerpo diplomático, periodistas e invitados extranjeros, también se manifestó a favor de las reformas económicas y políticas

01-01 871033 6.

Comité Central aprueba reformas

Estructura política del partido comunista chino

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- El Comité Central del Partido Comunista Chino (PCCh) discutió y aprobó en principio, ideas generales sobre la reforma de la estructura política del partido en el informe previo al XIII Congreso, que se inaugura el domingo.

Según un comunicado divulgado ayer por la agencia oficial Xinhua, esta decisión fue tomada en el séptimo y último pleno del XII Congreso del PCCh, al que asistieron sus 202 miembros y 122 miembros suplentes.

El secretario general en funciones del PCCH, Zhao Ziyang, el líder chino Deng Xiaoping, Chen Yun y Hu Yaobang, todos ellos miembros de la Comisión Permanente del Politburó, presidieron la reunión de varias horas.

El Comité Central también confirmó la decisión de aceptar la dimisión de Hu Yaobang, el 16 de enero pasado, a raíz de las manifestaciones estudiantiles en varias ciudades, y la de elegir a Zhao Ziyang como secretario general del partido en funciones.

La sesión refirmó la decisión del 14 de julio de expulsar del Comité Central a Shen Tu, ex director general de las líneas aéreas chinas CAAC.

Durante el desempeño de su cargo, ocurrieron varios accidentes aéreos, un secuestro de avión a Corea del Sur y otras deficiencias en el servicio.

CONGRESO HISTORICO

La reunión de ayer transcurrió en un clima de democracia, unidad y actividad, señaló el comunicado de Xinhua.

Este Congreso ha sido calificado de histórico por Zhao Ziyang por las importantes decisiones sobre la reforma económica y política, así como por el cambio en la dirección del poder que deberá operarse.

Por su parte, la Comisión Central de Inspección de Disciplina del PCCH, reunida el lunes, indicó que la clave para rectificar el estilo de trabajo del partido consiste en mejorar las cualidades generales de sus miembros, dijo la agencia Xinhua.

La Nación 9/10/87

01-01 8710446

HR

ARCHIVAR EN: R. NAc. China (033)

TEMA: TAiwan: Upgrading of Defence.

PROCEDENCIA: Enlace Sudafricano 4/11/87 Doc 246/87

ARCHIVADO EN: Enlace Sudafrica (35)

01-01 8710474

HR

ARCHIVAR EN: R. Nacional de China (033)

TEMA: Reformas en COREA del Sur y TAIWAN.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 27/7/87

ARCHIVADO EN: COREA del Sur (032)

01-01 8710527

H3

033

Compró casi 5: de ks. de lana

China Popular se retiró del mercado

Los precios en el mercado local de lanas, se encuentran entre un 25 y un 30% por encima de los precios, internacionales, lo que ha provocado el retiro de una de las principales firmas compradoras de la China Continental.

La firma "China—Tex", que en la zafra pasada compró en nuestro país aproximadamente 18 millones de kilos, por un monto de 50 millones de dólares, resolvió orientar sus operaciones hacia la República Argentina, habiendo adquirido en Uruguay, hasta el momento, entre 4 y 5 millones de kilos, en operaciones concretadas un mes atrás.

Tong Yin Ming, representante de la "China—Tex", dijo a La Mañana que por la lana uruguaya en este momento se les ha pedido entre U$S 4,60 y U$S 4,70 precio F.O.B. por kilo base limpia, mientras que en Nueva Zelandia, la semana pasada, el precio para el mismo micronaje era de entre U$S 4,40 y U$S 4,50 C.I.F. por kilo base limpia.

Afirmó que en recientes negocios concretados en el vecino país, la firma pagó por el vellón lavado y del mismo micronaje U$S 4 F.O.B.

DESTACO LA RESISTENCIA

Tong Yin Ming señaló que la intención de la firma que representa es adquirir en Uruguay el mismo volúmen que en la zafra 86/87, pero agregó que por el momento eso se hace imposible por los niveles actuales de los precios.

Esta tarde la delegación de la "China—Tex" viajará a la República Argentina, para continuar concretando operaciones en ese mercado.

El representante chino afirmó que normalmente la firma realiza sus compras en Argentina y Uruguay, pero indicó que "quisieramos comprar más lanas uruguayas porque si bien es de calidad inferior a la de Nueva Zelandia o Australia, es superior a la de Argentina, Chile o Brasil".

Destacó de nuestras lanas, fundamentalmente el largo de la mecha y la resistencia, aunque aclaró que "el color es un poco amarillento".

Tong Yin Ming, al ser consultado sobre que explicaciones había obtenido sobre la situación uruguaya en cuanto al mercado lanero y los niveles de precios referidos, dijo que "no es que los exportadores no quieran vender, sino que el dueño pide mucho" y agregó que de esa manera al industrial no se le hace rentable elaborar los tops y venderlos al extranjero.

La Mañana 28/10/87

RPCH.

033

Pequeño paso hacia la democracia en China

PEKIN. — El Partido Comunista Chino (PCCh) dio ayer un pequeño paso hacia la democracia al anunciar que los delegados a su Congreso podrán elegir entre distintos candidatos cuando voten esta semana a sus nuevos dirigentes.

El presidium del Congreso, encabezado por el jefe interino del PCCh y primer ministro Zhao Ziyang, decidió que los candidatos a miembros plenos del Comité Central deberán ser cinco más que la cantidad de puestos a cubrir, informó ayer la agencia oficial de noticias Nueva China.

"Esta es la primera vez que ocurre algo así en la historia del Partido Comunista Chino", dijo un veterano militar de la agrupación.

"Es el comienzo de un nuevo sistema democrático", comentó un diplomático asiático.

El actual Comité Central, designado en 1982, cuenta con 210 miembros, pero no se sabe si ese número de integrantes será disminuido en esta ocasión.

Una portavoz del Congreso manifestó que las elecciones finales se realizarán el domingo, jornada de clausura del Congreso de ocho días, y ese día se permitirá el ingreso de los periodistas extranjeros.

Según Nueva China, se utilizará el sistema de voto secreto. Mientras el presidium del Congreso —un comité de notables formado por 187 miembros delibera en la Gran Sala del Pueblo para decidir los procedimientos electorales y examinar las listas de nombres de los candidatos, un ministro convocó a una infrecuente conferencia de prensa para explicar la política en materia de ciencia y tecnología.

30-10-87

8710582

01-01

El Día 27/10/87

033

República Popular China

Congreso del Partido decisivo sobre marcha de las reformas

Para Deng Xiao Ping, el anciano (83 años), líder, el 13er. Congreso del Partido Comunista Chino (PCC) que comenzará el próximo domingo 25 de octubre —y que es el 25° en 66 años de historia del PCC— resulta decisivo para asegurar que su programa de reformas continuará. Deng es jefe del PCC desde 1978.

Un periódico especializado de la región, publicado en inglés (1) ha analizado los cambios que se estima van a producirse en el Congreso, cuya duración es impredecible, pues puede realizarse de corrido o interrumpirse y reanudarse más adelante.

El análisis periodístico se basa en declaraciones efectuadas en una serie de entrevistas con visitantes extranjeros, en las cuales Deng ha ido delineando su estrategia: a) El y otros líderes de la vieja guardia cederán sus puestos a políticos más jóvenes y menos conservadores; b) Zhao Ziyang, quien ha administrado las reformas económicas durante 8 años, será designado jefe del PCC; c) Las reformas económicas serán promovidas y dinamizadas; d) El Congreso producirá reformas políticas; e) El Congreso celebrará las reformas y la política de puertas abiertas de Deng.

PERO HAY TENSION

No obstante, dentro del PCC se sabe que existe una seria tensión por rivalidades entre grupos competidores, ideológicamente encontrados.

Esto llevará a que los resultados del Congreso sean compromisorios, emergentes de transacciones, cargados de elementos quizás en algunos casos obstaculizadores para su buena marcha.

Se supone, por ejemplo, que el Congreso dará nuevos lineamientos a la organización y funcionamiento de órganos principales del Estado, como el Comité Central de 209 miembros, el Politburó de 20 miembros y la élite del Politburó, el Comité de 5 miembros. Aquí las negociaciones serán sumamente delicadas.

En el aspecto personal, los 3 dirigentes mayores se supone que se retirarán a integrar un Comité Asesor.

Una interrogante es saber como Zhao Ziyang se consolidará como jefe del Partido.

Ha ganado reputación como administrador y no como un decisor en casos graves. También ha demostrado habilidad para hacer compromisos con conservadores del Partido. Probablemente, es aceptable para las poderosas Fuerzas Armadas chinas.

Pero el vicepremier Li Peng es candidato a premier. Un síntoma, dicen los observadores, es que ha recibido más visitantes extranjeros, en los últimos tiempos, que cualquier otro líder del PCC, algo que en China tiene gran importancia.

La última indicación que recogió el periódico (1) surgió el viernes 25 de setiembre, después que Ryoichi Hawai, presidente de la Asociación Japonesa-China para la Economía y el Comercio, entrevistó a Li Xiannian, quien es presidente del Estado. En esa oportunidad, Li Xiannian habría dicho a Kawai que la próxima vez que visite China deberá entrevistar a Li Peng, para tratar asuntos económicos. Y en China la economía es responsabilidad del premier.

Li Peng aparentemente podría constituirse en el favorito del ala conservadora del PCC. Su ascenso podría comprometer la dinámica de las reformas.

Poco se sabe acerca de la relación entre Zhao Ziyang y de Li Peng y sobre como trabajarían juntos.

EL FUTURO PREVISIBLE

En realidad el Congreso es una reunión del PCC y técnicamente no puede designar un premier. Pero, lo que allí se comprometa, se hará.

El nuevo premier tendrá un período difícil.

Las reformas económicas han creado un sistema en el cual la inflación ha provocado distorsiones (2) y la reciente aparición de tres precios, que dependen de donde uno compra, e incluso de las vinculaciones que tiene: a) precios estatales que son los más bajos; b) precios negociados, que tienen un tope oficial acordado con el productor; y c) precios de mercado, que son los más altos. Esto ha provocado lo que Zhao llama "el nerviosismo de las masas" (2).

El temor de avivar la inflación, inhibe a los líderes a continuar la profundización de la reforma de los precios, aún cuando economistas chinos y occidentales están de acuerdo en que sin esas reformas, otras reformas corren peligro de no ser efectivas.

Ante esta situación, hay observadores que creen que más que avanzar en el irritante tema de los precios, el Congreso hará un llamado a más amplios experimentos en reformas empresarias, y que procurará empujar el sistema de la responsabilidad de los directores que es actualmente probado como experimental en las empresas, donde antes solo funcionarios el Partido podían ser supervisores (3). Con esta iniciativa, que comenzó a aplicarse hace tres años y que no ha tenido el éxito que se esperaba quizás por la sorda resistencia que la esteriliza en buena medida, los gerentes de las plantas se supone que asumirán autoridad decisoria de los funcionarios del PCC.

Otro tema que el Congreso autorizaría, sería la reforma del sistema de inversión. La Comisión de Planificación Estatal, que es un bastión del pensamiento conservador, será reducida en tamaño, y su papel como agencia planificadora, gradualmente sería diluido. La Comisión entonces asumiría la planificación de la política de largo plazo. Dentro de la nueva política de inversiones, los bancos serían impulsados a hacer detalladas decisiones sobre inversiones. La reforma bancaria comenzó en 1984 (4) cuando el Banco Central quedó transformado en un Banco Central independiente. En 1986 tres firmas estatales emitieron acciones, y se abrieron Bolsas de Valores.

LAS REFORMAS POLITICAS

Existe cierto consenso entre los observadores, referente al limitado alcance que tendrían las reformas políticas emergentes del Congreso, que serían deliberadamente vagas.

Los temas principales, de acuerdo a declaraciones que se hicieron públicas de Lu Youghun, miembro de la Comisión Estatal para Reestructuración del Sistema Económico, serán: a) separación de gobierno y partido; b) creación de políticas fiscales y monetarias efectivas de modo que el gobierno central pueda controlar las localidades y regiones; c) disminución de la burocracia; d) permitir más participación de las bases en los asuntos políticos; e) mejorar el sistema legal. El congreso será, indudablemente, un hito importante en la historia de la República Popular China.

Héctor M. Di Biase

(1) The Asian Wall Street Journal, 28/09/87.
(2) "La Semana".
(3) "La Semana" 18/04/87.
(4) "La Semana" 28/03/87.

01-01

033

SIGNOS INUSUALES EN EL CONGRESO DEL COMUNISMO CHINO

CLARIN 30-X-87

¿Apertura o propaganda?

PEKIN, 29 (Por Francis Deron, de Le Monde, especial para Clarín) — El congreso del Partido Comunista Chino del que participan los periodistas extranjeros desde el domingo pasado en Pekín es, decididamente, muy inusual. Los hombres de prensa nunca habían estado en contacto tan directo con las maniobras de los diversos campos y en presencia de la "núpula" del aparato, tradicionalmente inclinada al mayor de los secretos. Podría creerse que Deng Xiaoping —experto en el arte de forjar su imagen en el extranjero— los utiliza para lograr —como desea— su retiro, dejando la dirección a los tecnócratas de su elección.

La balanza parecía volcarse cada vez más en favor del retiro de Deng del comité permanente del buró político, hoy, jueves, tres días antes de la clausura del congreso (el 1° de noviembre) luego de declaraciones vertidas por universitarios durante el curso de una conferencia de prensa en donde la cuestión del retiro del "hombre fuerte del régimen" volvió, por supuesto, a estar sobre el tapete.

Con una unanimidad desprovista de toda naturalidad, los tres universitarios —delegados del congreso— expresaron su "consejo personal" con términos casi idénticos: "Deng Xiaoping debería quedarse, pero respetamos su decisión y comprendemos que el hecho de que una generación nueva tome el relevo redundará, a largo plazo, en el interés del partido y del país".

♦ **Campaña a la occidental**

Los reformistas chinos no están haciendo una campaña electoral "a la occidental", pero el uso que hacen de los medios se asemeja mucho... Los centenares de millones de telespectadores chinos tienen acceso a imágenes que muestran a estos periodistas extranjeros formulando mil y una preguntas a los funcionarios sobre temas que antes eran considerados "tabúes".

La avalancha de "conferencias de prensa", organizadas al margen del congreso sobre todos los aspectos de las reformas contribuye a mantener una presión constante sobre aquellos delegados que se opondrían o desearían moderar su ritmo.

Hace diez años se celebró en Pekín un congreso del PC chino sin que los interlocutores chinos de los periodistas extranjeros se dignaran a confirmar su realización antes de su clausura. Hoy, los mismos hombres o sus remplazantes se encargan minuciosamente de las preguntas más directas, sin ofuscarse. "¿Les gustó?", llegan a preguntar algunos al término de algunas conferencias de prensa...

El clima distendido que prevaleció en el congreso fue incluso la razón de la tímida reserva en la que se encerraron los periodistas chinos.

Un informe radial de Pekín llegó a tocar un punto particularmente sensible al formular preguntas sobre la contratación de gerentes de Occidente para poner en orden a las empresas chinas, exentos sin embargo de "poner en la calle" a los empleados más haraganes.

Los funcionarios debieron incluso dar explicaciones sobre las desigualdades creadas por las reformas, sobre los precios que aumentan, sobre las amenazas de quiebra y las suspensiones y hasta sobre la suerte corrida por disidentes, como el físico en astronomía Fang Lizhi, expulsado del partido durante la crisis del invierno pasado.

Este congreso no logrará dar todas las respuestas a los debates entre ortodoxos y reformistas, pero la publicidad que lo rodea provocará seguramente animadas discusiones en los hogares chinos. No cabe duda de que esto es lo que esperan los jóvenes tecnócratas, decididos a romper con los métodos de la vieja guardia.

Si este no fue el mensaje, ¿por qué estacionaron en el Gran Palacio del Pueblo —bien a la vista del camino que recorren dos veces por día los periodistas extranjeros— sillas de rueda que son utilizadas para trasladar a los inválidos de la generación histórica que están viviendo su último congreso?

01-01

8710608

033

Sorpresa occidental ante el rotundo triunfo de los renovadores en China

Pekín — El primer ministro Zhao Ziyang, estrecho aliado del máximo dirigente Deng Xiaoping y uno de los defensores de las reformas económicas iniciadas por éste, fue elegido ayer de manera formal jefe del Partido Comunista de China.

El Comité Central del Partido eligió a Zhao, a Hu Qili, y a los viceprimeros ministros Li Peng, Yao Yilin y Qiao Shi al Comité Permanente del Politburó, la entidad más poderosa del país.

• Reelección

En una medida sorprendente, el ex jefe del partido, Hu Yaobang, quien había caído en desgracia , fue reelegido al Politburó, junto con otros 11 funcionarios del partido, muchos de los cuales son acérrimos partidarios de los cambios políticos y económicos llevados a cabo por Deng a lo largo de los últimos nueve años.

Las designaciones fueron anunciadas ayer al término de la primera sesión plenaria del nuevo Comité Central, el decimotercero, que fue elegido el domingo por el congreso quinquenal.

• Designación

Deng, quien renunció a su cargo en el Comité Permanente del Politburó, fue designado para encabezar la Comisión Militar Central, lo que le concede el control sobre las Fuerzas Armadas del país, que cuentan con tres millones de efectivos.

Zaho también fue elegido vicepresidente de la Comisión Militar, lo que los analistas calificaron como sumamente importante porque prácticamente garantiza que el nuevo jefe del partido contará con el respaldo de dirigentes militares de línea dura y asegura que Zhao heredará el poder que ostenta actualmente Deng Xiaoping.

• Politburó

Diplomáticos occidentales se mostraron asombrados por la nueva composición del Politburó, y señalaron que los siete nuevos miembros son partidarias de Zhao y de la campaña de reformas.

"Han elegido los reformistas más destacados de varias provincias y los funcionarios gubernamentales más progresistas", dijo un diplomático occidental, "no hay ni un conservador entre ellos", comentó.

Las reformas económicas emprendidas por Deng tienen como objetivo liberalizar la economía china y disminuir el control del partido sobre las actividades comerciales y del gobierno.

01-01

8710620

H2

R.P.CH.

033

CLARÍN 3/11/87

A largo plazo

PEKIN, 2 (Por Francis Deron, de Le Monde, especial para Clarín). — El líder chino Deng Xiaoping logró una hazaña sin precedentes en la historia del Partido Comunista al arrastrar junto con él —hacia un estado de semi-retiro— a la vieja guardia de los compañeros de Mao Tse-Tung. Sin embargo, esta espectacular barrida no basta para garantizar una sucesión exenta de problemas.

Este es el balance mitigado de este decimotercer congreso partidario que clausuró sus sesiones este domingo luego de una semana de trabajos que terminaron confirmando a Zhao Ziyang en el cargo de secretario general.

Además de Deng Xiaoping, casi todos los veteranos de la larga marcha (aún con vida) abandonaron el comité central. En total, nueve de los veinte miembros del antiguo buró abandonan la arena política.

Sin embargo, este rejuvenecimiento introducido en China tiene sus límites —que la prensa oficial mencionó este lunes—, y es que la edad promedio del nuevo comité central —un poco más de los 55 años— logró una baja de tan solo cuatro años. Esta dificultad que experimenta el régimen chino para renovar a su equipo dirigente es, sin duda, consecuencia de los años de caos de la revolución cultural que decapitó a sus "elites" y por los cuales el país sigue pagando su precio.

Este esfuerzo que aspira a ascender a las jóvenes generaciones deberá continuarse pero solo comenzará a mostrar sus frutos dentro de varios años.

Además, este rejuvenecimiento de los cuadros partidarios fue bastante selectivo. Mientras que el general Yang Dezhi —jefe del estado mayor del ejército hasta ahora— se va con 77 años, se queda en su puesto otro veterano: el general Fang [illegible] de 7[illegible] años más.

Otro de los logros de Deng fue lograr que el partido apruebe una revisión de los estatutos que introduce de manera cautelosa pero significativa el principio de la separación de poderes.

Pero otro capítulo de la revisión de los estatutos refleja muy bien las dificultades a las que debe hacer frente Deng Xiaoping y la necesidad de seguir estando "presente" como nunca antes hubiera esperado: a la cabeza de la comisión militar del comité central —el órgano más poderoso de todo el aparato de gobierno—. La revisión operada ya no obliga más a elegir como en el pasado a su jefe entre los miembros del comité permanente del buró político

Por ende, todo sigue apoyándose todavía y sin embargo, sobre la personalidad de Deng.

Poca precisión

Paradójicamente, en el punto en el que se mostró menos decisivo el Congreso fue en lo que concierne al contenido preciso y al calendario de las reformas económicas. Los responsables de esta área lo explican, sin duda, a raíz de la separación de roles entre el partido y el gobierno.

Esta separación es, desde ya, totalmente relativa. Zhao Ziyang conservará durante algunos meses todavía —hasta la sesión anual de la asamblea nacional popular en la primavera— el cargo de primer ministro antes de cedérselo al hijo adoptivo de Zhou En Lai, Li Peng.

01-01

8710623

033

ZHAO ZIYANG FUE NOMBRADO JEFE DEL PC CHINO

Reformadores dominan el Politburó

PEKIN, 2 (Xinhua, AFP, Reuter y UPI). — El primer ministro Zhao Ziyang, estrecho aliado del máximo dirigente Deng Xiaoping y uno de los defensores de las reformas económicas iniciadas por este, fue elegido hoy nuevo jefe del Partido Comunista chino.

El comité central del partido eligió asimismo a Zhao, a Hu Qili, y a los viceprimeros ministros Li Peng, Yao Yilin y Qiao Shi para integrar el Comité Permanente del Politburó, la entidad más poderosa del país.

La nueva dirección del partido tiene una coloración reformista que constituye la más segura garantía para la continuación de la política de apertura y reformas en China, estimaron los analistas.

No obstante, Zhao Ziyang, electo secretario general del PCCh, estará rodeado en el comité permanente, de dos conservadores: Li Peng, llamado a ser el futuro primer ministro, y Yao Yiling.

Li Peng, de 59 años, y Yao Yilin, de 70, son economistas y partidarios de una política menos liberal que la aplicada desde hace diez años, desde la llegada al poder de Deng Xiaoping.

Los otros dos miembros del comité permanente, Hu Qili, de 58 años, y Qiao Shi, de 62, son favorables a las reformas, a pesar de que puede haber reservas respecto de la personalidad de Qiao Shi, durante mucho tiempo dirigente de los servicios secretos chinos, y quien sigue siendo partidario de la estricta autoridad del partido sobre la vida pública.

Comisión militar

En el activo de los reformadores, hay que señalar el mantenimiento previsto de Deng Xiaoping en la presidencia de la comisión central militar, y la significativa designación de Zhao Ziyang como vicepresidente de esa misma comisión, lo que es otro signo de que el secretario general del PCCh será probablemente el sucesor del número uno chino.

Con la nominación de Chen Yun, de 82 años, en la presidencia de la comisión de consejeros, anteriormente dirigida por Deng, los conservadores se ven atribuir solo un puesto honorífico, ya que esta comisión se ha convertido con los años prácticamente en un retiro para los ex dirigentes del régimen.

El nuevo equipo dirigente sigue en la línea de Deng Xiaoping, que a los 83 años se jubila parcialmente, y de Zhao Ziyang, de 69, gracias al buró político, del que los siete recién llegados son partidarios de las reformas económicas.

La edad promedio de los 17 miembros del buró político es levemente superior a los 64 años, contra 71 en el anterior. El nuevo comité permanente también se rejuvenece, con un promedio de edad que cae de más de 77 años a unos 64, conforme con los deseos expresados por Deng Xiaoping.

Este rejuvenecimiento es para el líder chino una de las condiciones para acelerar las reformas económicas y organizar el nuevo proyecto de reformas políticas para separar el papel del partido y el del gobierno, adoptado el domingo por el Congreso.

Conferencia de prensa

Por primera vez en China la nueva dirección del PCCh —Zhao, acompañado por sus cuatro nuevos miembros del comité permanente del PC— se presentó ante unos 400 periodistas extranjeros y chinos invitados especialmente y alternó libremente durante más de una hora con los reporteros.

"Preveo presentar mi renuncia a la Comisión Permanente de la Asamblea Nacional (ANP, Parlamento chino), que se reunirá en un futuro próximo", declaró Zhao.

El nuevo secretario general del PCCh se rehusó dar el nombre de su sucesor que dirigirá interinamente el gobierno chino hasta marzo próximo y debería ser confirmado en ese cargo en el transcurso del plenario del ANP. Agregó sin embargo: "Les puedo decir una cosa, y es que será más joven que yo".

Li Peng, 59 años, considerado como un probable sucesor de Zhao al frente del gobierno chino, estaba a su lado, advirtieron los observadores.

01-01

871062

033

Acercamiento con China continental

"El Gobierno está sensibilizado estudiando como corresponde el momento oportuno de resolver el tema" de las relaciones diplomáticas con China continental, dijo el diputado Roberto Asiaín, quien agregó que existen "avances muy importantes" en materia de acercamiento político, partidario y parlamentario.

Asiaín dijo más adelante que el intercambio comercial entre 1980 y el presente se ha multiplicado 250 veces y que "China es uno de los principales clientes que tiene Uruguay", al que exporta por 60 millones de dólares.

Hablando en el edificio Libertad, el parlamentario subrayó que la próxima visita del presidente del gobierno español Felipe González "habla a las claras de que el nuestro ya no es un país que se sobrevuela, sino una nación en la que interesa estar presente por el protagonismo que tiene dentro de la comunidad internacional y, en particular, en el ámbito regional".

El presidente de la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Representantes destacó la participación uruguaya y "los esfuerzos de paz en Contadora y en lo referente a la constitución del Grupo de Río que tanto importa a los países socialistas como a los occidentales".

Consideró estas acciones como "un nuevo foro político dentro de América Latina que no pretende enfrentarse con nadie, sino que constituye un ámbito y un espacio de discusión de ocho gobiernos democráticos".

El Día 30/12/87

01-01

R PCH - AMNESTY INTERNACIONAL
Amigos
033

EL PAIS

Fundado el 14 de Setiembre de 1918
Directores: Martín Aguirre, Washington Beltrán y Daniel Rodríguez Larreta

Montevideo, Sábado 12 de Setiembre de 1987

AMNESTY DESNUDA A CHINA COMUNISTA

EN tanto algunos grupos se muestran proclives a instaurar relaciones con la República Popular China, es bueno cosa que se conozcan, por parte de la ciudadanía, algunos aspectos del documento de Amnesty Internacional con relación a la sistemática violación de los derechos humanos en que incurre el gobierno de Pekín.

Desde hace varios años, Amnesty ha venido manifestando su inquietud y preocupación por el encarcelamiento masivo de personas ulteriormente calificadas "presos de conciencia", y por el empleo generalizado de la pena de muerte.

El 28 de febrero de 1983 la organización presentó al gobierno de China comunista un memorándum y, posteriormente, ofreció publicar cualquier respuesta que dicho gobierno quisiese proporcionar, sin que haya habido reacción alguna hasta la fecha.

EN setiembre de 1984, Amnesty publicó un informe sobre la violación de los derechos humanos en China, en donde se puso de relieve la existencia de cárceles, centros de detención y campos de trabajo esparcidos por el gigantesco territorio, en los cuales se albergan presos de conciencia, detenidos exclusivamente por el ejercicio no violento de derechos humanos fundamentales.

En algunos casos han sido hallados culpables de "delitos contrarrevolucionarios", de conformidad con artículos de la legislación china, que han sido y siguen siendo aplicados para suprimir cualquier disensión no violenta, mientras que en otras ocasiones, han sido recluidos sin acusación o juicio previo en campos de "reeducación por el trabajo".

Allí fueron a parar trabajadores y estudiantes activos en el movimiento democrático, sacerdotes católicos fieles al Vaticano y tibetanos acusados de apoyar la independencia de la región.

La pena de muerte, según el documento publicado por Amnesty, ha venido siendo utilizada de modo generalizado con condenas colectivas. A fines de 1983 tuvo lugar una ola de ejecuciones en masa, como parte de una campaña para atajar el crimen, en la que murieron miles de personas en menos de tres meses.

El Obispo católico de Shangai, de 84 años de edad, fue condenado a cadena perpetua en 1955, acusado de dirigir un grupo contrarrevolucionario con el pretexto de la religión. Al parecer, su detención se debió a su clara postura de independencia entre Iglesia y Gobierno.

SI bien las ejecuciones públicas debían haber cesado con la Ley de Procedimiento Penal de enero de 1980, los informes recibidos parecen indicar que siguen efectuándose, con exhibición posterior de los cadáveres ante la población.

Periodistas japoneses en gira por la provincia de Anhui, llegaron hace algún tiempo a un campo de ejecución en donde los cadáveres de diez hombres que acababan de ser ejecutados, se hallaban rodeados por dos mil personas. "Entre ellos el verdugo, quien se encontraba de pie con un cigarrillo en una mano y la pistola en la otra..." (Washington Post, enero 20 de 1984).

Este breve muestrario constituye apenas un pequeño capítulo en la cuenta de un interminable rosario de arbitrariedades, con todo tipo de violaciones de los derechos humanos. Inmensos campos de concentración han puesto a buen recaudo a miles de presos de conciencia. La pena de muerte es un procedimiento cotidiano en la República Popular China, en donde tampoco han cesado las olas de ejecuciones públicas dentro del vasto territorio de mil millones de habitantes.

EN el otro confín, apenas renacida la democracia en el Uruguay, razones de posible conveniencia económica alentaron a políticos y diplomáticos uruguayos que ven en Pekín la panacea para todos los males nacionales. Aunque así fuese, que no lo es, porque la China comunista es un país pobre y atrasado, no forma parte de nuestros principios abandonar a nuestros amigos. Y menos cediendo a imposiciones porque en definitiva se trataría, aunque no lo parezca, "de no vender el rico patrimonio de los orientales al bajo precio de la necesidad".

ROC

01-01

8710681

HR

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Aún se tortura en China, dice Amnistía

PROCEDENCIA: LA PRENSA 8/9/87

ARCHIVADO EN: AMNESTY INTERNACIONAL (237)

01-01 8710752

La Nación 26/10/87

Continuaría apertura hacia el exterior

Reformistas chinos logran victoria en el Congreso

El informe presentado ayer en la apertura del XIII Congreso del Partido Comunista Chino (PCCH) supone una clara victoria para los abogados de la reforma introducida por el líder Deng Xiaoping en 1979.

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).- A juicio de un observador con larga experiencia en la escena política china, los primeros indicios de esta conferencia de siete días apuntan hacia el triunfo de los defensores de la continuidad de la reforma y la apertura hacia el exterior.

La presencia en la mesa presidencial del congreso de Hu Yao Bang, destituido de su cargo de secretario general del partido en enero a raíz de las manifestaciones estudiantiles, reafirma que los reformadores han vencido la oposición de los ortodoxos respecto a la continuidad de la reforma y los cambios en la estructura política.

Ante todo, la anunciada separación de funciones entre partido y gobierno es un argumento que convence a los escépticos.

Esta política no supone, sin embargo, en modo alguno, una renuncia a los principios marxistas y mucho menos una aceptación del modelo político capitalista, como habían reivindicado estudiantes e intelectuales en las protestas del pasado enero.

El secretario general en funciones del PCCH, Zhao Ziyang, que leyó el informe del Congreso, hizo una amplia exposición de los beneficios de la reforma para los más de mil millones de habitantes chinos, aunque previno de un excesivo optimismo, porque los problemas a los que nos enfrentamos son mucho más numerosos de lo que suponíamos.

Zhao ha advertido de los peligros de la liberalización burguesa y de las ideas fosilizadas de algunos camaradas si se quiere evitar que la nación china no quede aún más a la zaga y pierda el puesto que le corresponde en el mundo.

Este es un congreso de innovaciones que los líderes consideran inaplazables para la marcha del país.

Quizá la más profunda es la anunciada separación de funciones entre el partido y el gobierno, que ha propugnado ayer nuevamente Zhao Ziyang.

No deja de ser irónico que el orador sea al mismo tiempo primer ministro y secretario general del partido en funciones, desde que sustituyó a Hu Yaobang en enero, tras las protestas estudiantiles.

Si Zhao Ziyang es confirmado en su puesto al frente del partido, renunciará, posiblemente, a su cargo de jefe del gobierno, que podría recaer en Li-peng, un joven tecnócrata de 58 años, fiel a los postulados marxistas, que estudió en la Unión Soviética.

GRAN ESCOLLO

Sin embargo, el escollo más visible para seguir adelante con la reforma es el relevo de la vieja guardia al frente del PCCH, pese a las exhortaciones en este sentido de Deng Xiaoping.

El artífice de la reforma afianzó definitivamente su política en el partido en el último congreso de setiembre de 1982 y ha reiterado su deseo de retirarse para dejar paso a los más jóvenes con el fin de garantizar la reforma y la estabilidad política.

El informe de la apertura recordaba ayer que para lograr un renacimiento de la nación, crear un porvenir brillante y llevar a cabo la modernización socialista, hace falta la gran masa de jóvenes y que el partido y el pueblo siempre han depositado su mayor esperanza en la juventud.

Este congreso también ha sido un recordatorio de los fracasos izquierdistas desde el gran salto adelante en 1958 hasta la desastrosa década de la revolución cultural de 1966 a 1976.

RECH.

033

Reformadores dominan nuevo Politburó chino

PEKIN. — El nuevo Politburó del Partido Comunista Chino (PCCh) está dominado por políticos reformistas que aprendieron el marxismo en las aulas y no acompañando al ejército guerrillero de Mao Tsé Tung en la Larga Marcha.

"El Politburó está repleto de representantes de la nueva China que han estado al frente de los experimentos económicos y políticos", señaló un diplomático occidental.

En el organismo, integrado por 18 miembros, hay siete rostros nuevos y sólo quedan dos militares frente a los cuatro que había antes.

Otro diplomático occidental destacó que Hu Yaobang, ex secretario del PCCh que renunció en desgracia en enero último pero ahora permaneció en el Politburó, tendrá en el cuerpo colegiado numerosos aliados con ideas semejantes a las suyas en un momento en que China inicia una nueva fase en su proceso de modernización.

"Esta es una gran victoria para Deng Xiaoping y una derrota para el pensamiento de Deng Liqun", expresó un periodista chino.

Deng Liqun, un representante conspicuo de la línea dura, se desempeñaba como jefe del comité de propaganda. Ahora perdió inclusive su puesto en el Comité Central.

El Politburó ha quedado sustancialmente renovado tras el éxito de la maniobra de Deng Xiaoping para desplazar a una media docena de veteranos revolucionarios y reemplazarlos por tecnócratas y administradores.

Uno de los típicos nuevos integrantes del Politburó es el alcalde de la ciudad industrial de Tianjin, Li Ruihan, de 53 años, quien ha sido objeto de elogios por el dinamismo con que se desempeñó para atraer inversiones extranjeras a la ciudad.

Otra de las personalidades que pasaron al primer plano con el congreso es Yang Rudai, de 63 años, secretario del PCCh en la provincia de Sichuan, que trabajó con el primer ministro Zhao Ziyang cuando éste consolidó su prestigio lanzando un plan de reformas económicas que posteriormente se extendió a todo el país.

Li Tieying es otra de las caras hasta ahora secundarias que se identifica con los puntos de vista de Zhao. Reemplazó al actual jefe del partido cuando éste dejó en abril el puesto de ministro a cargo de la Comisión Estatal para la Reestructuración del Sistema Económico.

Diplomáticos señalaron que en el Comité Permanente del Politburó la distribución de cargos entre ortodoxos y reformistas es más equilibrada.

Zhao, el único integrante del Comité Permanente en su anterior composición que permanecerá en el cargo, será acompañado por Hu Qili —un reformista— y por el viceprimer ministro Li Peng —quien sería designado primer ministro por el Parlamento cuando éste se reúna en marzo.

El Día 3/11/87

12

RPCH

033

El Mercurio 28/10/87

Discuten separación entre Partido y Gobierno

Congreso analiza reforma en China

Mientras una intensa discusión tiene lugar en el XIII Congreso del Partido Comunista Chino (PCCH), sobre la separación de funciones entre el Partido y el Gobierno, se informó que la permanencia de Deng Xiaoping en la cúspide del poder será sometida a votación secreta.

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- El tema de la separación de funciones entre el Partido y el Gobierno, viene siendo arduamente discutido en el seno del XIII Congreso del Partido Comunista chino.

Esta división fue incluida en el programa del Congreso, inaugurado el pasado domingo, y forma parte de la reforma de la estructura política anunciada por el secretario general en funciones del PCCH, Zhao Ziyang.

La prensa escrita, la televisión y delegados del Partido, han comentado esta reforma, que supondría la retirada de las células del Partido de los 45. ministerios. Sun Weiben, secretario del Comité del PCCH en la provincia de Helongjiang, declaró ayer en una discusión con otros delegados del Congreso que la dirección del Partido no puede fortalecerse a menos que sean separadas estas funciones, según la agencia oficial Xinhua.

Si el PCCH se ocupa de todos los asuntos del Gobierno, no tendrá tiempo de dirigir sus cuestiones y descuidará la edificación del Partido, con el consiguiente debilitamiento de su dirección, dijo el funcionario.

Sin embargo, subrayó que el existente modelo que combina las actividades de Partido y Gobierno se puso en práctica a principios de la década de los años 50, y jugó un papel positivo en la revolución comunista y el levantamiento del país.

El principal problema ahora, según Sun Weiben, radica en el hecho de que el fortalecimiento de la dirección del Partido se ha convertido en una práctica que le permite manejarlo todo.

A juicio de un alto funcionario del PCCH de la provincia de Hunan, la división de las funciones entre Partido y Gobierno es un paso de importancia histórica.

Otro miembro del PCCH de la provincia de Zhejiang dijo en una rueda de prensa que esta modificación no supone una reducción del poder en la dirección del Partido, ya que éste no representa a los intereses de un grupo determinado, sino de toda la sociedad.

HB

RPCH

033

La Mañana

MONTEVIDEO, JUEVES 29 DE OCTUBRE DE 1987

Líder reiteró deseo de retirarse

Permanencia de Xiaoping se votará en secreto

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI). - La permanencia del líder chino Deng Xiaoping en la cúspide del poder será sometida a votación secreta, según revelaron ayer en Pekín delegados del XIII Congreso del Partido Comunista Chino (PCCH) en rueda de prensa.

La sola mención en público de la forma de elección de los máximos dirigentes, ya constituye una novedad en un país que incluso ha mantenido en secreto la celebración de los congresos del partido, apuntaron observadores de la capital.

Li Zemin, secretario del partido en Shenyang, provincia de Liaoning, recordó que Deng reiteró su deseo de retirarse de sus cargos en entrevistas con invitados extranjeros y que el Congreso mostrará si acepta su petición.

El alcalde de Canton, Zhu Senlin, dijo que Deng es el máximo dirigente, que las elecciones son secretas y que piensa guardar el secreto sobre su decisión.

Liao Bokang, secretario del partido en Chongqing, provincia de Sichuan -de donde es oriundo Deng-, dijo que mucha gente en el partido intentó convencerle para que permanezca en sus cargos, pero que también estamos siendo persuadidos para que se vaya.

Nosotros en Sichuan sentimos especial aprecio hacia él. Ha introducido la reforma y la apertura hacia el exterior en el país. Tomaré una decisión difinitiva cuando se formule esta pregunta en el Congreso del partido, dijo Liao Bokang.

Zhao Zaoiang, alcalde de Wuhan, dijo que confía en que Deng no se vaya del Politburó, pero que últimamente le dio una importante razón para irse.



PEKIN.- El líder chino Deng Xiaoping ajusta su audífono durante la sesión inaugural del XIII Congreso del Partido Comunista. Delegados al mismo dijeron que existían distintas posiciones en relación a si el anciano dirigente debería retirarse. (Radiofoto Reuter).

En cualquier caso, el alcalde expresó su esperanza de que el veterano político siga desempeñando una tarea importante en la política.

VALIOSO LIDER

Por su parte, el secretario del partido de Shenyang añadió que el camarada Deng es un valioso líder del partido y que tanto si abandona puestos importantes como si no, lo hará en función de los intereses del partido y del pueblo.

La decisión sobre el futuro de Deng Xiaoping en el poder se tomará, previsiblemente, en la primera sesión plenaria del Comité Central del PCCH, tras la clausura del Congreso el domingo.

El veterano político pertenece a la influyente Comisión Permanente del Politburó (cinco miembros) y preside la Comisión Central de Asesoramiento y la Comisión Militar del partido.

Fuentes diplomáticas en Pekín apuntaron la posibilidad de que Deng permanezca solo en esta última instancia que le puede permitir ejercer gran influencia sobre los militares.

La radio y la televisión retransmiten cada día, a veces integramente, las conferencias de prensa en las que se abordan temas considerados prohibidos hasta ahora, como la sucesión de los líderes, la prostitución y el juego en Cantón o la corrupción de funcionarios y empresas.

En el principal programa informativo de ayer, se retransmitió una discusión entre delegados de la ciudad portuaria de Tianjing sobre el problema creado por los sobornos que aceptan empresas rurales para conseguir contratos.

01-01

871 0866

033

Por primera vez habrá voto secreto para algunos cargos en el PC chino

La política de reformas impulsada por las autoridades chinas no está exenta de cierto tinte nacionalista, que incluye a Taiwán entre los objetivos para la "reunificación de la patria". El domingo próximo los delegados al XIII Congreso del Partido Comunista, por primera vez en la historia, elegirán a los integrantes del comité central por el sistema de voto secreto y por listas con más de un candidato para cada cargo.

PEKIN, 27 (AFP, ANSA, AP y Reuter). — Los delegados al XIII Congreso del Partido Comunista Chino (PCCh) elegirán a la nueva dirigencia con opciones entre distintos candidatos, por primera vez desde la instauración del sistema socialista en ese país.

El Presidium del Congreso, encabezado por el titular interino del PCCh y primer ministro Zhao Ziyang, decidió hoy que los postulantes a miembros plenos del comité central partidario deberán ser cinco más que la cantidad de puestos a cubrir, y serán designados por sistema de voto secreto, indicó la agencia Nueva China.

El actual comité central, designado en 1982, cuenta con 210 integrantes, pero no se especificó si ese número será disminuido con la implantación del nuevo sistema, tal como se especula en círculos allegados a las deliberaciones partidarias.

Una portavoz del congreso indicó que las elecciones finales se realizarán el domingo, jornada de clausura del encuentro de ocho días, y entonces se permitirá el ingreso de los periodistas extranjeros al recinto.

"Esta es la primera vez que ocurre algo así en la historia del partido", dijo un veterano militante del PCCh a la agencia Reuter, al tiempo que un diplomático asiático que prefirió el anonimato comentaba: "Es el comienzo de un nuevo sistema democrático".

Los observadores destacaron el espíritu aperturista de la nueva estructura para la designación de los cargos, así como una mayor transparencia en la comunicación de las decisiones tomadas en el seno del plenario partidario.

Recordaron al respecto que entre los periodistas extranjeros acreditados para la cobertura del congreso figura, por primera vez desde la instauración del sistema comunista en Pekín, un periodista de Taiwán (ver nota aparte).

♦ Libertades a intelectuales

Mientras el Presidium del congreso —un comité de notables formado por 187 miembros— deliberaba en la Sala del Pueblo para examinar las listas de los candidatos, un alto funcionario convocó a una conferencia de prensa para explicar la política en materia de investigaciones científicas.

El ministro de Ciencia y Tecnología, Song Jian, destacó la labor de conocidos científicos disidentes en el campo de las investigaciones, y garantizó que los intelectuales chinos no sufrirán nuevamente las persecuciones de una Revolución Cultural.

El ministro hizo referencia a un caso concreto: "Todos estamos de acuerdo en que el profesor Fang Lizhi es un destacado astrofísico, y él tiene todo nuestro apoyo, sea o no miembro del partido", señaló Song.

Fang fue expulsado del PCCh en enero último, acusado de incitar a los estudiantes que iniciaron una ola de manifestaciones en todo el país para reclamar mayor democracia y libertad.

El disidente también fue destituido de su cargo de vicerrector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei, en el este del país, pero fue autorizado a continuar sus investigaciones en Pekín.

"No creo que Fang sea un politicólogo y menos aún un marxista. Es solo un experto en astrofísica. Tenemos un elevado concepto sobre su trabajo de investigación y haremos todo lo posible por ayudarlo en su labor académica", sostuvo el ministro Song.

Cuando se le preguntó si los intelectuales estarían a salvo de persecuciones como las que se produjeron durante la Revolución Cultural impulsada por Mao Tse Tung entre 1966 y 1976, el funcionario aclaró: "Aprendimos las lecciones de ese período. Yo también las sufrí.



Agencia AFP

El periodista taiwanés Pi Chieh-Hsing conversa con colegas en las afueras del Gran Salón del Pueblo donde tiene lugar el XIII Congreso del Partido Comunista chino.

RPCH

D1-02

871 0874

FACETA INEDITA EN LA POLITICA DE PEKIN

El nacionalismo

PEKIN, 27 (Por **François Deron de Le Monde**, especial para Clarín). — El decimotercer Congreso del **Partido Comunista** chino da lugar en estos días en **Pekín** a un **retorno del nacionalismo** en la ideología del régimen, tal como lo ilustran **las diferentes manifestaciones** que van del **chauvinismo deportivo al operativo de seducción hacia Taiwán** a raíz de su regreso a la "**madre patria**".

En las calles de la capital, una sorprendente manifestación de jóvenes festejó ruidosamente, este lunes a la tarde, **la victoria —ese mismo día en Tokio— del equipo nacional de fútbol** frente a Japón y su clasificación para los **Juego Olímpicos de Seúl**, por primera vez en la historia deportiva china. Las autoridades, sin embargo, no hicieron nada para impedirlas a pesar de que las manifestaciones callejeras están **prohibidas desde las protagonizadas el invierno (boreal) pasado por los estudiantes contestatarios**.

Este martes, los periodistas extranjeros fueron testigos y protagonistas involuntarios de una escena del mismo tenor cuando llegó al gran palacio del pueblo —para asistir a una conferencia de prensa— un colega de Taiwán, **Pi Chia-Hsing** —primer corresponsal venido de la isla controlada por el **Kuomintang** que recibe acreditación en Pekín para participar de un congreso del Partido Comunista. Sin embargo, este enviado especial logró **movilizar la atención general** durante bastante tiempo, más que el orador oficial.

♦ Estrategia de seducción

Esta innovación tiene lugar luego de la visita el mes pasado de dos **periodistas de Taipei**. La medida está incluida en forma manifiesta en la **estrategia de seducción adoptada por el régimen comunista hacia sus compatriotas de Taiwán**, autorizados desde hace poco por su gobierno a viajar al continente bajo determinadas condiciones.

El jefe del Partido Comunista, **Zhao Ziyang**, no pudo ser más elocuente sobre este plan en su apoyo político destinado a la "**renovación de la nación china**" que persiguen las reformas. Evocando, por ejemplo, los acuerdos celebrados con **Gran Bretaña y Portugal** sobre la suerte de **Hong Kong y Macao**, Ziyang subrayó con énfasis que ellos constituyen "**una gran creación de la sabiduría política de la nación china, para lograr la reunificación de la patria**". Pekín espera restaurar su soberanía en la isla de Taiwán sobre el modelo de estos acuerdos **garantizando la conservación del sistema capitalista** en ambas colonias hasta mediados del siglo próximo.

Sin embargo, a los asuntos externos Zhao Ziyang les dedicó un **breve párrafo**, bien vago, al final de su informe y como "**para reparar un olvido**". En cuanto al ejército, este fue felicitado por su papel en la defensa y por su participación en las grandes catástrofes y en la acción económica.

La **manifestación** de los simpatizantes del equipo de fútbol ilustró, sin embargo, los **riesgos de descalabro** inherentes a este tipo de movimiento **tácitamente aprobado y hasta alentado por las autoridades**.

Los **manifestantes**, cuyo número **ascendía a varios millares, se abstuvieron ciertamente de mostrarse abiertamente hostiles hacia Japón**. Pero la delicada fase por la que atraviesan las relaciones entre Pekín y su rico socio asiático fue claramente perceptible detrás de toda esa alegría deportiva de la que informa, hoy, la prensa oficial. La policía, como preocupación, había rodeado herméticamente —con un dispositivo impresionante— todos los barrios donde se hallan las embajadas, incluida la nipona.

Hasta bien entrada la noche, la **Plaza Tiananmen** fue escenario de esta efervescencia extraña que desembocó en el pasado en violentos incidentes en ocasión de algún encuentro deportivo, **pero también durante circunstancias mucho más políticas**.

12

RPCH

033

LA HORA 30/10/87

Relaciones con China; deciden próximamente

El diputado Roberto Asiain concurrió ayer al Edificio Libertad. Afirmó que "hoy la República Popular China es uno de los principales clientes comerciales que tiene Uruguay, con una exportación nuestra de 60 millones de dólares anuales. Enfatizó además Asiain que "Uruguay no puede estar ajeno en materia diplomática a uno de los cinco miembros del Consejo de Seguridad de la ONU, a un país que concentra la quinta parte de la población mundial".

Recordó el diputado colorado que 135 naciones del mundo incluidos todos los paíse importantes de Occidente tienen relaciones con este país. Expresó confianza en que el Ejecutivo, que tiene a estudio el establecimiento de relaciones diplomáticas con China Popular pueda resolver a la brevedad este impor:ante asunto.



Roberto Asiain

Comentando otros aspectos de la realidad internacional Asiain resaltó la importancia de la constitución del Grupo de los Ocho como un nuevo foro político de Latinoamérica.

HB

RPCH

033

Agencia Reuter



El líder chino Deng Xiaoping escucha los debates del XIII Congreso del Partido Comunista.

Discuten retiro de Deng del PC chino

PEKIN, 28 (Reuter). — Un delegado del congreso del Partido Comunista chino ofreció un raro indicio de desunión al aceptar hoy que hay desacuerdo dentro del partido acerca del retiro del **principal líder Deng Xiaoping.**

Liao Bokang, jefe del partido en la ciudad de Chongqing, afirmó en conferencia de prensa que había dos opiniones en la agrupación sobre el tema, que debe ser solucionado por el congreso antes de finalizar el domingo.

Deng es el líder indiscutido de China, aunque sus puestos formales no incluyen la titularidad del partido o del gobierno.

"Desde el punto de vista del presente, Deng no debe retirarse", dijo Liao. "Sin embargo, si bien goza de buena salud —agregó—, **en vista del intento de finalizar con el sistema de empleos vitalicios, debería retirarse."**

Los delegados al congreso apoyan ambos puntos de vista, mientras que "yo personalmente quiero que Deng permanezca en su cargo", declaró.

Clarín 29/10/87

01 - 01

8710895

HR

RPCH.

033

PCCH pide reducción de gastos

PEKIN. — El Congreso que el Partido Comunista Chino (PCCH) celebrará a partir del domingo, debe evitar gastos que agraven la situación económica del país, según su órgano oficial, el "Diario del Pueblo".

El periódico hace un llamamiento para que no se malgaste el dinero y los recursos humanos en la celebración del Congreso y publica una carta de un lector, quien advierte del costo de los previstos festejos y fuegos de artificio en su inauguración.

Con el título "No se puede derrochar para festejar el XIII Congreso", el diario hace un llamamiento al pueblo a economizar y aumentar la producción y a estar alerta por las formalidades que ocasionaron en el pasado grandes pérdidas al partido y al pueblo.

Mientras tanto, continúan los preparativos para el Congreso cuya ceremonia inaugural y clausura se celebrarán en el Gran Palacio del Pueblo y a las que tendrán acceso más de 400 periodistas de todo el mundo.

Al Congreso está previsto que asistan 1936 delegados, en representación de los 46 millones de afiliados al Partido Comunista Chino, que elegirán en su primera sesión plenaria un nuevo Comité Central.

Este órgano del partido debe elegir, a su vez, un nuevo Politburó (20 miembros más dos suplentes), una Comisión Permanente del Politburó (cinco miembros), y un Secretariado (once miembros).

Salvo contadas excepciones, el Comité Central representa a la dirección política, económica y militar de la República Popular China.

Época 22/10/87

01-01 871 0905

H2

RPCH

033

IGLESIAS EN BAIRES: ¿CHINA Y ALGO MAS?

"¿SE enteró que el titular del Palacio Santos, el Cr. Enrique Iglesias, luego del sorpresivo viaje a Hamburgo, invitado para dictar una conferencia a principios de esta semana, se encontraba ayer en Buenos Aires y hoy, en la mañana, regresaba a Montevideo?", fue la interrogante planteado por uno de los de la rueda del Duende.

No me extraña, en esta época a veces hay dificultades para lograr pasaje en el día en el puente aéreo. El Canciller debe haber llegado de Europa y se vio obligado a permanecer una noche en la Argentina.

¡No es así!, me dijeron, repito que me dijeron, que Iglesias estaba en la vecina orilla por preparativos para la reunión del "Grupo de los 8", de apoyo a Contadora que se realizará el 24 y 25 en Punta del Este, y también con motivo de la visita que está llevando a cabo a aquel país el vicecanciller de China roja, Zhu Qizhen.

¿Otra vez el tema China continental en el tapete?

Usted no debe olvidar que el embajador Luis Barrios Tassano fue el que viajó a Pekín y conversó sobre las bases para un convenio comercial de 5 años.

Bué... le señalo que para Uruguay esas posibles conversaciones con los chinos eran muy confidenciales, pero parecé que para los argentinos no, ya que el matutino "La Nación", anunció la llegada de Enrique Iglesias y también la entrevista.

Pues como el dicho español: "Todo Madrid lo sabía..."

EL PAIS 18/10/87

01-01

8710909

EL DALAI LAMA

Retorno imposible

PEKIN 5 (Reuter). — El Dalai Lama, jefe espiritual del Tíbet, podría no retornar nunca a su patria desde el exilio como consecuencia de los violentos motines contra el gobierno que se registraron en Lasa, capital tibetana.

China ha acusado por los incidentes del jueves al Dalai Lama, quien debió abandonar el Tíbet junto con miles de sus partidarios después de la frustrada rebelión de 1959 contra Pekín.

"La actitud de China frente al Dalai Lama se endureció. Nunca se habló de él en términos tan severos", afirmó un diplomático occidental.

"Las dos partes ya estaban bastante distanciadas, los acontecimientos de Tíbet podrían impedirle retornar definitivamente".

Antes de las protestas Pekín invitó al Dalai Lama a regresar a China, pero no con el carácter de "Dios-rey" con el que se lo reconoció en Tíbet hasta 1959. Además, el gobierno chino había propuesto al Dalai Lama quedarse a vivir en Pekín, aunque no en Lasa.

El "Diario de China", perteneciente al gobierno, acusó hoy al Dalai Lama por los motines y dijo que su vieja aspiración de fundar un Tíbet independiente está destinada al fracaso.

♦ Dos corrientes

En Nueva Delhi, colaboradores del Dalai Lama negaron la responsabilidad de éste en los motines y lamentaron la violencia. Al mismo tiempo, advirtieron que es posible que se produzcan más protestas dentro y fuera de Tíbet.

Aparentemente hay dos corrientes de opinión en la comunidad tibetana en el exilio.

"El Dalai Lama preconiza negociaciones pacíficas con Pekín. Pero otros sectores estiman que por este camino no se ha conseguido nada y se pronuncian por una política más radicalizada, más violenta, que aproveche los aniversarios de este mes", afirmó el diplomático occidental.

Pero el plan de paz de cinco puntos para el Tíbet expuesto por el Dalai Lama a un comité del Congreso estadounidense cuando visitó Washintgon una semana antes de los episodios de Lasa, tuvo un carácter netamente político.

El diplomático opinó "Las visitas previas a Estados Unidos fueron más religiosas. El Dalai Lama parece haber decidido quemar sus puentes con Pekín".

Clarín 6/10/87

18

RPEH

033

REPRESION EN EL TIBET

Una vez más las agencias noticiosas han hecho saber al mundo que China Comunista arreció la represión contra los monjes budistas del Tíbet, cerrando los caminos montañosos que conducen a milenarios monasterios.

Amnesty Internacional ha denunciado reiteradamente el atropello permanente de Pekín, que acaba de celebrar el 37° aniversario de la entrada del ejército invasor chino en el Tíbet.

Los reclamos de independencia para el Tíbet, encabezados por monjes pacifistas, son cortados violentamente por efectivos de la policía militar china que en estos días se abalanzó sobre Lasha.

La entidad mencionada recibió a su vez denuncias de que durante la "revolución cultural" se había llevado a cabo detenciones, "simplemente por poseer fotografías del Dalai Lama, líder espiritual exiliado de los budistas tibetanos, o por tener cuadros y escritos religiosos".

La filosofía eterna de los monjes budistas los ha llevado a sostener, cada vez con más ahínco, "que si bien aún el tiempo no maduró, la lucha continúa".

Los chinos mataron, días pasados, una decena de tibetanos. No obstante, carteles que fueron exhibidos a turistas, expresan que "sacrificaremos veinte, cuarenta o cien; tantos como se necesiten".

La policía levantó barricadas en los senderos que conducen a los monasterios de Sera, Ganden y Drepung, impidiendo de este modo la visita de viajeros occidentales que son compelidos a irse del Tíbet.

En nuestro país, en tanto, parecen apagarse por la fuerza contundente de los hechos, las voces que reclamaban la ruptura con Taiwan para establecer relaciones diplomáticas con Pekín.

Hoy se reprime en el Tíbet, como ayer tuvieron lugar los horrores de la "revolución cultural". Los chinos comunistas estuvieron cuatro veces en guerra con sus vecinos, y, fuera de su inmenso territorio apoyaron al Kmer-Rojo, protagonista de una de las masacres más espantosas de todos los tiempos.

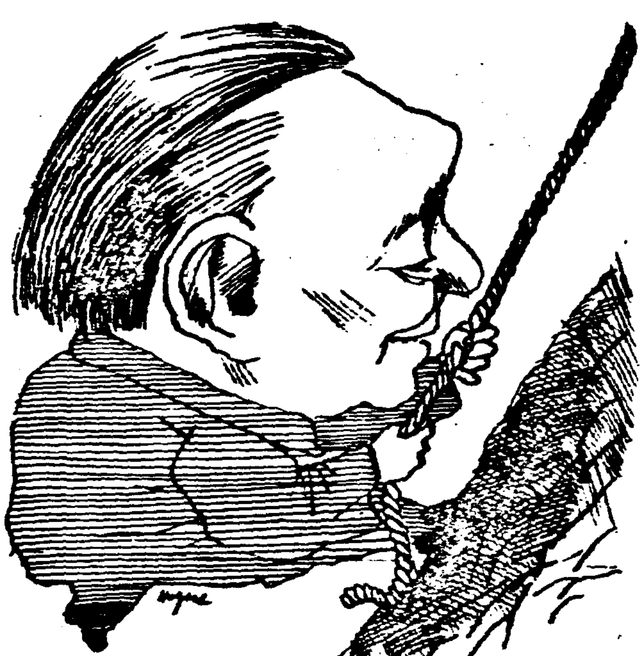
América no se salvó del apoyo terrorista de los chinos: El movimiento subversivo de Sendero Luminoso cuenta con su respaldo. Bien cabe que nos preguntemos nuevamente si a nuestro vapuleado país le puede llegar a convenir, como dice el Dr. Schroeder Otero, un socio con semejantes antecedentes.

El País 15/10/87

Exclusivo El Día 23/10/87

El fracaso tibetano

Los enfrentamientos que en varias ciudades del Tibet han opuesto a los lamas y sus fieles con la policía china subrayan el fracaso de siete años de esfuerzos, por parte de Pekín, para apaciguar los resentimientos provocados por décadas de régimen comunista. Testimonio de ello fue el imponente dispositivo de seguridad desplegado en la región, el pasado 7 de octubre, con motivo del trigésimo séptimo aniversario de la invasión china.



Desde 1980, Pekín ha reconocido la existencia de "problemas de extrema izquierda" en la administración del Tibet, y las autoridades chinas han intensificado las aperturas en dirección al dalai lama, jefe espiritual y temporal de la comunidad, exiliado en India. Trataron de seducir a los tibetanos reconstruyendo monasterios destruidos durante la revolución cultural y acelerando el desarrollo del "techo del mundo".

Los chinos tienen que admitir, hoy por hoy, que estas iniciativas no han dado el menor fruto. Los refuerzos policiales y militares enviados al Tibet, luego de las primeras manifestaciones, no han impedido que se realicen nuevos mitines, brutalmente dispersados.

No sólo los manifestantes enarbolaron la bandera tradicional del Tibet, sino que sus monjes lanzaron varios llamados a la independencia. Todos los testimonios recogidos en el terreno han destacado la hostilidad abierta de los tibetanos respecto de los chinos y su aspiración al retorno del dalai lama.

Los chinos han reconocido que en el pasado "se han cometido errores en materia religiosa". Parece, además, que los servicios de seguridad cedieron al pánico, el 1° de octubre, cuando dispararon sobre los manifestantes en Lhassa. Subsiste el hecho de que ha corrido sangre y que, nuevamente, los principales monasterios están ocupados. Pekín, que acusa al dalai lama de estar en el origen de los disturbios —lo que éste ha desmentido— está condenado a repensar una política de liberalización de la cual uno de sus capítulos —la restauración de los monasterios— había atraído ya numerosos turistas extranjeros.

Estas tensiones son tanto más inoportunas para Deng Xiaoping cuanto tienen lugar a pocos días del XIII Congreso del PC chino, cuya inauguración está prevista para el 25 de octubre en Pekín. El "lobby" conservador, en el seno del PC, podrá argumentar que la "liberalización" en el Tibet no ha llevado a ninguna parte. El debate sobre la "apertura" del régimen chino se anuncia duro, en estas condiciones.

Sería prematuro concluir que Pekín —una vez que se restablezca el orden en el Tibet, lo que aún no es el caso— vaya a optar por la mano dura. Son numerosos los que piensan —y tal es el caso, en especial, de la administración estadounidense— que Pekín va a reaccionar invirtiendo más en el Tibet y otorgándole a la región una más amplia autonomía. Pero nada indica que estos esfuerzos, si se llegan a confirmar, permitan resolver el problema.

Por otra parte, la imagen de China en el extranjero se encuentra desde ya empañada. Si bien la administración Reagan parece tener confianza en los chinos para acelerar el desarrollo del Tibet, no es el caso del Senado que, el martes 6 de octubre pasado, aprobó una resolución vinculando todo suministro de material militar a China con la situación de los derechos humanos en el Tibet. Para Pekín, el repecho se anuncia muy difícil de remontar.

13

RPCH.

033

Monjes rebeldes

LASA 5 (Reuter) — Los monjes guerreros del "techo del mundo" afirman que están dispuestos a rebelarse nuevamente contra China.

Miles de monjes murieron en combate o partieron al exilio en 1959 cuando Tíbet protagonizó su último alzamiento en gran escala contra China.

Ahora, muchos de esos monjes piensan que su destino es volver a luchar con la esperanza de que su jefe, el Dalai Lama, regrese para gobernar un Tíbet independiente.

Por lo menos tres monjes murieron durante los motines del 1° de octubre cuando, según testigos occidentales, policías cercados abrieron fuego contra una multitud que les arrojaba piedras.

Esa jornada comenzó con una marcha pacífica de los monjes del monasterio de Lasa, que enarbolaban banderas tibetanas y coreaban estribillos independentistas.

Los monjes habían firmado un pacto por el que se obligaban a morir por sus creencias, y cuando la policía los detuvo se iniciaron los incidentes, que arrojaron un saldo de 19 muertos.

Algunos de los monjes fueron vistos en el momento en que se trababan en lucha a mano limpia con policías de civil sobre el techo del templo de Jokhang, en el centro de la ciudad.

Fundado en el siglo XV el pequeño ejército de monjes guerreros de Sera fue un cuerpo temido y su carácter levantisco en algunas ocasiones amenazó la estabilidad misma del Estado tibetano.

Los oráculos

Abundan las leyendas sobre las proezas atléticas de los monjes tibetanos, quienes tradicionalmente son entrenados para luchar valiéndose de sus manos.

"El jueves la gente peleó con los puños. Puños contra armas", afirmó un anciano monje que pasó 21 años en un campo de trabajo chino.

Los oráculos tibetanos señalan que el karma o destino de esa tierra montañosa ha cambiado y que ahora se encuentra en el umbral de una nueva era, agregó el monje en tono calmo durante una entrevista realizada en su monasterio.

A la pregunta de si los monjes están dispuestos a usar armas, el entrevistado respondió afirmativamente pero agregó que no cuentan con ellas.

"Nuestro sueño es que en el futuro el Tíbet ocupe su lugar entre las naciones del mundo y que el Dalai Lama regrese a Potala (su palacio de Lasa)", manifestó.

En otro de los monasterios de Lasa, un monje de alto rango habló de las pasiones religiosas y patrióticas que estuvieron subyacentes en los enfrentamientos del 1° de octubre.

"Durante 28 años China ha destruido nuestra religión y cultura, y matado un millón de personas. Lo que se ve ahora en los monasterios es solo para los turistas", aseguró.

01-01 871 0940

Permanecerá en la Presidencia de la Comisión Militar del Partido

Deng Xiaoping se retiró del Comité Central

PEKIN. (EFE).- El líder chino Deng Xiaoping fue persuadido para permanecer en la presidencia de la Comisión Militar del Partido Comunista Chino (PCCH), que ocupa desde 1981, aunque logró retirarse finalmente del Comité Central, dijo ayer la agencia oficial de noticias Xinhua.

Según una nota biográfica, Deng, de 83 años; el presidente de la República, Li Xiannian, 82, y el economista Chen Yun, 82, acordaron ser los primeros en retirarse del Comité Central para contribuir al rejuvenecimiento del partido.

El XIII Congreso del PCCH, clausurado el domingo en Pekín, ha servido de marco para el mayor cambio generacional de la dirección de este partido en los últimos años.

Diez de los veinte miembros del Politburó no fueron reelegidos ayer en la primera sesión plenaria del Comité Central, y el secretario general del PCCH, Zhao Ziyang, fue el único de los cinco miembros del Comité Permanente del Politburó, que seguirá en esta organizacion, máximo exponente del poder en China.

Deng Xiaoping, que fue miembro del Comité Permanente y presidente de la Comisión Asesora del partido y de la Comisión Militar, sólo conservará este último cargo, como se había rumoreado estos días.

Para ello fue necesario cambiar los estatutos del partido, que antes requerían que el presidente de la comisión fuera elegido entre los miembros del Comité Permanente del Politburó.

BIOGRAFIA

Según la biografía oficial, Deng fue víctima de la desastrosa revolución cultural, junto con el presidente Liu Shaoqi, y recuperó sus puestos en 1973. Los volvió a perder en 1976 y en 1977 los recuperó de nuevo.

Fue el promotor de la idea de un país y dos sistemas para solucionar el problema de la colonia británica de Hong Kong y de la portuguesa de Macao. Esta fórmula servirá como principio razonable para solventar la cuestion de Taiwan (china nacionalista) y lograr su reunificación con la china continental, escribe la agencia oficial Xinhua.

Además de gozar de gran prestigio en el partido y ante el pueblo por sus contribuciones, es el diseñador general de la reforma y de la apertura hacia el exterior.

Deng abrió un nuevo camino para China, que vivió también muchos golpes duros, como la revolución cultural, con el fin de edificar el socialismo con características Chinas, abriendo así una nueva página en la historia del partido y de la República Popular.

Está casado con Zhuolin, y tiene dos hijos y tres hijas. Sus aficiones son correr, nadar y jugar al bridge, concluye la biografía.

Considerado el motor de las reformas

Zhao Ziyang es ahora el hombre con más poder en China

El secretario general del Partido Comunista Chino (PCCH), Zhao Ziyang, se convirtió ayer en el hombre con más poder de China, al ser confirmado en este cargo y acceder a la vicepresidencia de la Comisión Militar del Partido. El veterano Deng Xiaoping permanecerá en la presidencia de la Comisión Militar, tras haber salido el domingo del Comité Central y de la presidencia de la Comisión Asesora del PCCH.

PEKIN. (EFE).- El Comité Central del PCCH, en su primera sesión plenaria celebrada ayer en Pekín, confirmó a Zhao en este cargo, que había desempeñado desde el pasado enero interinamente, tras ser destituído su antecesor Hu Yaobang a raiz de las manifestaciones estudiantiles.

Se cumplen así las consignas anunciadas por Deng Xiaoping de que el recién terminado XIII Congreso del Partido debe ser una conferencia de rejuvenecimiento y de reforma.

Zhao Ziyang está considerado como el motor de las reformas y la apertura hacia el exterior, introducidas por Deng Xioping en 1979.

Además, fue nombrado ayer vicepresidente de la Comisión Militar del PCCH, un cargo nuevo que le da control directo sobre el Ejército.

El único puesto que Deng Xiaoping mantendrá será el de presidente en esta Comisión, aunque su peso político se seguirá sintiendo en las altas esferas del Partido.

En una rueda de prensa en el Gran Palacio del Pueblo, Zhao dijo hoy que cuando se presenten cuestiones difíciles consultará a Deng, quien le ha izado al poder del PCCH.

El nuevo hombre fuerte chino anunció también que pronto pedirá su dimisión como primer ministro y propondrá el nombramiento de un primer ministro interino, que sera más joven que él.

El proceso de rejuvenecimiento de la dirección del PCCH, preconizado por Deng Xiaoping, ha tenido éxito en gran parte, puesto que los miembros salientes del Comité Permanente eran todos mayores.

Estos son Deng Xiaoping, (83 años), Hu Yaobang (72), que permanecerá en el Politburó, el economista ortodoxo Chen Yun (82) y el presidente de la República, Li Xiannian (82).

INTEGRACION

El Politburó, que tenía antes 20 miembros, ha pasado a tener sólo 17, de ellos seis nuevos: Jiang Zemin, Li Tieying, Li Ruihuan, Li Ximing, Yang Rudai y Song Ping.

Los más conocidos entre los diez miembros salientes son Deng Xiaoping; el presidente de la República, Li Xiannian; el conservador Peng Zhen; el jefe de los sindicatos, Ni Zhifu, y el militar Yang Dezhi.

El nuevo estilo de apertura de Zhao quedó patente ayer en una recepción ofrecida a la prensa, en la que presentó a los otros cuatro miembros del Comité Permanente del Politburó, que le acompañarán en su labor.

Rechazó la división que hacen algunos periodistas extranjeros entre conservadores y reformadores en el seno del Partido, y señaló que los que basan sus análisis en estas dos facciones al estudiar la situación en China cometen un error tras otro.

Dijo, sin embargo, que entre los 46 millones de miembros del PCCH hay algunos que se oponen a la reforma, pero que la mayoria la apoya, como quedó demostrado por la votación unánime a su favor por los 2.000 delegados del XIII Congreso, que terminó ayer.

Tampoco en China, como en ningún país del mundo, existe libertad absoluta de disentir de las posturas políticas, indicó el nuevo líder chino.

Agregó que China tiene aún muchos problemas por resolver y que la consecución de la reforma necesitará más tiempo que el previsto al comienzo, pero que existe la confianza de que los experimentos iniciados serán llevados a buen término.

Con el XIII Congreso, Deng Xiaoping ha traspasado el poder a Zhao, que en sus siete años al frente del Gobierno se ha destacado por su excelente labor en el campo económico.

Según una biografía divulgada hoy por la agencia oficial Xinhua, Deng Xiaoping ha logrado retirarse del Comité Central, pero pudo ser persuadido de permanecer en la presidencia de la Comisión Militar del PCCH.

La Havane 3/11/87

APEH.

033

Li Peng cuenta con grandes posibilidades

Futuro Primer Ministro

PEKIN. (EFE).- Li Peng, que ascendió ayer al Comité Permanente del Politburó del Partido Comunista Chino (PCCH), tiene grandes posibilidades de ser el sucesor de Zhao Ziyang en el cargo de primer ministro.

Tecnócratra, de 59 años, hijo adoptivo del desaparecido primer ministro Zhou Enlai, Peng fue nombrado viceprimer ministro en 1983.

Zhao Ziyang, secretario general del partido y máxima figura en la jerarquía política, declaró ayer en rueda de prensa que propondrá a un sucesor que sea mas joven que él (69 anos), cuando Li Peng se encontraba a unos pasos de distancia.

De los cinco viceprimeros ministros chinos, dos son mayores que Zhao: Wan Li (71 anos) y Yao Yilin (70). Tian Jiyun (58) y Qiao She (64) podrían, en principio, competir con Li Peng.

En los intentos por categorizarlo entre las corrientes del partido, se le considera más bien como un discreto conservador que se distancia de las pugnas cotidianas por el poder y, que estando abierto al exterior, permanece fiel a los postulados del marxismo.

Li Peng nació en Chengdu, capital de Sichuan, en 1928. Sus padres fueron asesinados por el Kuomintang (Partido Nacionalista) y fue adoptado por Zhou Enlai a temprana edad.

Ingresó en el PCCH en 1945. Estudió física en Moscú de 1948 a 1955 y, a su vuelta a China, trabajó en dos centrales electricas. En 1966 fue responsable de la oficina de electricidad de Pekín.

Algunos analistas han exagerado su supuesta simpatía hacia el sistema político y la economía centralizada de la Unión Soviética, atribuyendolo a su estancia en Moscú.

No existen datos sobre su paradero durante la revolución cultural (1966-1976). A partir de esta catastrófica fase para China, Li Peng empieza su carrera política.

En 1980 ocupa el cargo de director y jefe ingeniero de la planta hidroeléctrica de Fengman y, en abril del mismo año, es nombrado viceministro de Energía Eléctrica.

Entre 1981 y 1982 fue ministro de la nueva cartera de Hidroelectricidad y, en el XII Congreso del PCCH, en septiembre de 1982, ingresó en su Comité Central.

En junio de 1983 fue designado viceprimer ministro y encargado especial de cuestiones energéticas, ante todo energía nuclear.

China tiene ahora dos plantas eléctricas en construccion en el sur del país, que deberán entrar en funcionamiento a principios de la próxima década.

El Comité Central lo elevó ayer al Comité Permanente de cinco miembros del Politburó, convirtiendose en un miembro de la joven generación de dirigentes que el lider Deng Xiaoping desea colocar en el país para asegurar la continuación de la reforma.

La Nacion 3/11/87

18

RPCH

033

Designan a Zhao como jefe del PC en China

21/10/87

La Prensa

Pekín, 20 (UP) – Unos de los lugartenientes del líder Deng Xiaoping fue nombrado hoy como secretario general interino del partido Comunista chino, durante una reunión plenaria del comité central del PC.

Al mismo tiempo fueron respaldadas varias propuestas que se supone facilitarán el avance de las reformas económicas y políticas impulsadas por Deng.

La reunión del comité central preparó el terreno para la inauguración del XIII Congreso del Partido Comunista este fin de semana. El Congreso se centrará en una serie de cambios en las altas esferas y debatirá las medidas que definirán el futuro de la nación más poblada del mundo.

El comité central anunció, después de su breve reunión, que había nombrado a Zhao Ziyang, mano derecha de Deng, como jefe interino del partido, y aprobado varias propuestas de enmiendas a la Constitución partidaria, hechas por Deng, una medida que se espera facilite el camino de las reformas y el semiretiro del líder chino.

Se espera que Zhao, un propulsor de las reformas de Deng, dirigidas a introducir elementos del mercado libre en la economía china, mantenga el cargo de secretario general después del Congreso.

Destitución de Hu

La reunión del comité central, primera desde septiembre de 1986, también confirmó la destitución del ex jefe del partido, Hu Yaobang.

Cientos de policías, incluyendo unidades elite de las tropas fronterizas, tomaron posiciones alrededor de las calles que conducen al Palacio del Pueblo, donde se celebró la reunión.

Las autoridades también limitaron el turismo hacia la capital, requiriendo cartas de presentación de autoridades para comprar pasajes por tren hacia Pekín, dijeron fuentes chinas.

Desde hace semanas la policía de Pekín realiza una operación de "limpieza" de las calles de la ciudad, expulsando a cientos de personas sin residencia en la capital, como preparación del Congreso del partido.

La agencia noticiosa oficial Xinhua indicó que la cita de hoy del comité central, que identificó como "séptima reunión plenaria del XII Congreso del partido", confirmó la fecha del 25 de octubre para la inauguración del XIII Congreso.



(Radiofotografía de Reuter)

Zhao Ziyong

El Congreso será el primero en cinco años y asistirán 1.936 delegados.

Se supone que Deng se retirará de algunos cargos, como es su deseo, y mantendría sólo el puesto de director de la comisión de asuntos militares.

Analistas occidentales han dicho que Deng desea apartarse para dar paso a sus jóvenes asesores, pero que continuará siendo el líder de China hasta su muerte.

Los analistas han dicho también que Deng ha tenido que hacer algunas concesiones a los "comunistas de línea dura" en relación a los que serán elegidos en el Congreso y en una subsecuente reunión plenaria del comité central.

Deng ha insistido en que el Congreso debe nombrar a toda una gama de dirigentes más jóvenes, con mentalidades menos rígidas y más capaces de realizar las reformas que necesita el país.

Las reformas de Deng han sido estancadas por la burocracia y elementos ideológicos y políticos.

01-01 871 0978

HR

ARCHIVAR EN: R.P. Chino (033)

TEMA: Exchange of Information contents. September 1987.

PROCEDENCIA: Enlace Chino 27/11/87 Doc 1802/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/B)

01-01 8710989

"No compartimos exigencias de China Popular"

UCB contraria a ruptura con China Nacionalista

"La Unión Colorada y Batllista es contraria a la ruptura de relaciones con Taiwan y así se lo hicimos saber al Ministro de Relaciones Exteriores en la oportunidad en que él consultó opiniones de sectores parlamentarios.

En aquella ocasión nos mostramos absolutamente partidarios de mantener las relaciones con la República de China y no acceder a la imposición que aparece como violatoria de nuestra ciudadanía de la China Continental que no plantea solamente entablar relaciones con Uruguay, sino que exige previamente la ruptura con Taiwan, en algo que se constituye en lesivo para nuestro país".

Así se expresó el Diputado Mario Cantón sobre el tema de las relaciones diplomáticas con las dos Chinas.

Cantón sostuvo que se debía mantener la relación con Taiwan, no ceder a las presiones de China Continental, y mantener la convicción de que más allá del número de habitantes que tiene China Popular las relaciones con Taiwan siempre han sido amistosas, fructíferas para el país, y nos ha ayudado de muchas maneras en el plano económico. Enfatizó que hay planes que se vienen concretando en función de esa ayuda y señaló que [illegible]ría un paso tan injusto como inamistoso con ellos, como inconveniente para nuestro país".

El Dr. Cantón dijo que la estrategia de China Continental ya la había sufrido en carne propia España, cuando Felipe González concurrió con un muy importante número de empresarios a ese país a raíz de promesas que se les había hecho y se comprobó, después de entabladas las relaciones, el engaño a que fue sometida.

Manifestó que entendía que no estaba muy claro que le convenga al Uruguay romper con un país amigo que nos ha servido, ayudado, que nos está ayudando, y que mantiene planes muy importantes para el país que se están concretando -citó en carácter de ejemplo a la soja- para entablar relaciones con otro que promete mucho y concede poco.

El Diputado colorado reconoció finalmente la potestad privativa del Poder Ejecutivo en cuanto a la toma de decisión final, aunque aclaró que las mayorías parlamentarias deben ser atendidas y conocer cómo se distribuyen las opiniones. Expresó que tiene entendido que en el Parlamento hay diversidad de pareceres en tal sentido y fundamentalmente aclaró que ello se daba dentro de los partidos tradicionales.

01-01

8710995

KPC01

033

La rebelión en el Tíbet

Largos años de ocupación china en el pequeño Estado asiático del Tibet determinaron que cayese algo asi como una espesa cortina de silencio, ocultando al mundo los padecimientos de aquel país sometido por la fuerza.

Empero, noticias recientes han reactualizado el tema, al trascender la existencia de un brote de rebeldía entre los oprimidos, cuyas autoridades legítimas —con el Dalai Lama a la cabeza— están en el exilio desde hace casi treinta años.

La situación, se afirma, reviste contornos dramáticos. Las manifestaciones callejeras habrían sido brutalmente reprimidas, registrándose un doloroso saldo de personas muertas y heridas, mientras muchas más han sido reducidas a la triste condición de presos políticos.

La responsabilidad del régimen de Pekín por estos episodios se muestra agravada, toda vez que sea considerado un dato básico en el planteo de esta cuestión: los tibetanos constituyen una sociedad tradicionalmente pacífica, dedicada —podría decirse— casi por entero a la práctica de la religión y aislada de sus vecinos durante siglos, en parte a causa de sus costumbres y en parte también debido a la ubicación geográfica de su comarca.

La República Popular China se anexó el Tíbet por frías razones estratégicas, obrando de tal manera como lo hiciera la Unión Soviética cuando invadió Afganistán en 1979. Hoy día, mientras Pekín se empeña en exhibir hacia el exterior una imagen de cierto liberalismo, en contraste con la hosquedad de los tiempos de Mao (1949-76), el alzamiento tibetano desmiente, en la práctica, la autenticidad del "nuevo rostro" con el que China pretende confundir a la opinión internacional. Es importante tenerlo en cuenta para evitar interpretaciones erróneas. La realidad de los sistemas totalitarios incluye una fuerte dosis de imperialismo, consustancial a su naturaleza misma y quien deje de verlo así se sentirá defraudado, tarde o temprano.

La Mañana 4/11/87

033

R.P.CH

ADMITEN FUERTE OPOSICION A LOS CAMBIOS

Profundizan en China la reforma en el campo

El viceministro de la Comisión Estatal para la Restructuración del sistema económico, Gao Shanquan, reconoció ayer que el gobierno chino enfrenta la oposición de ciertos sectores que se oponen a las reformas económicas promovidas por Deng Xiaoping. Está en estudio la posibilidad de autorizar a los granjeros a que negocien libremente sus derechos de tierra.

PEKIN, 26 (AP y UPI). — La República Popular China autorizará a los granjeros a traspasar sus tierras, medidas que llevaría aún más lejos las reformas agrícolas que han determinado el desmantelamiento de las comunas y fomentado la formación de fincas familiares en este país.

Du Runsheng, director de la Oficina de Investigaciones sobre Política Rural del Partido Comunista, dijo hoy en rueda de prensa que los granjeros tendrán la posibilidad de negociar libremente sus derechos de tierras y recibir pagos al respecto.

Du Runsheng se reunió con periodistas chinos y extranjeros durante el segundo día de sesiones del XIII Congreso Nacional del Partido Comunista, en el que el líder Deng Xiaoping se esfuerza por lograr la confirmación de su política dirigida a introducir reformas económicas en el país.

Los casi dos mil delegados que asisten al congreso sostuvieron hoy reuniones a nivel del grupo, basadas en el discurso pronunciado ayer por el jefe interino del partido, Zhao Ziyang, que apoyó incondicionalmente las medidas reformistas de Deng Xiaoping.

La política a seguir propuesta en el campo de los traspasos de tierras en el interior del país forma parte de una iniciativa en gran escala emprendida para hacer frente al problema de la mano de obra excedente que hay en el interior de China, donde viven ochocientos millones de los mil millones de habitantes del país.

Unos setenta millones de personas abandonaron en esta década las labores agrícolas para incorporarse a florecientes industrias rurales y el objetivo a alcanzar ahora es reducir la población agrícola en 100 millones de personas para 1995.

♦ No a la propiedad privada

Du afirmó que los granjeros que deseen abandonar sus tierras podrán traspasarlas a personas dispuestas a cumplir con sus contratos de producción. Subrayó que "no introduciremos la propiedad privada", y que el Estado continuará siendo el propietario de todas las tierras.

Añadió que las reformas terminarán con el sistema igualitario de jornales del pasado y que una serie de medidas para aumentar el número de industrias contratadas a individuos o colectivas acompañarán la reforma en su administración.

Por su parte, el viceministro de la Comisión Estatal para la Restructuración del Sistema Económico, Gao Shangquan reconoció hoy que el gobierno enfrenta cierta oposición a la introducción de reformas económicas.

Gao Shangquan, dijo que de todas formas el gobierno y el partido impulsarán las reformas, que incluyen la colocación en el mercado de parte de las acciones de las empresas estatales.

Gao admitió que "ciertos sectores sufrirán" a medida que entren en vigor las reformas económicas, que se basan en los factores del mercado y tienen el fin de conceder más control a los gerentes empresariales para revitalizar las compañías chinas.

"Esta gente puede volverse bastante resistente si pierde su poder o sus intereses", dijo Gao.

♦ Bancarrota

En los últimos meses, sectores de línea dura del partido han criticado el alcance y el ritmo de algunos aspectos de las reformas, entre ellos los esfuerzos por aprobar una ley de bancarrota, la introducción de acciones, el arrendamiento de tierras, y la anulación del control gubernamental sobre los precios.

SOSPECHA — Por Landrú



—¿Tendrá algo que ver en esto Al Zhao Garay?

Agencia AFP

01-01

8711049

033

RPCH

Cuzas XIII congreso (del P.C.CH)

CHINA COMUNISTA ACEPTARA QUE EL EMPRESARIO EXITOSO ENRIQUEZCA

PEKIN, 25 (EFE y AP).— El máximo dirigente chino, Deng Xiaoping, de 83 años, inauguró esta mañana en Pekín el XIII Congreso del Partido Comunista Chino (PCCH), en el que se decidirá la línea de reformas y la apertura al exterior de China Popular en los próximos cinco años.

Deng apareció sonriente en el Gran Palacio del Pueblo de la capital china y recibió una larga ovación de los 1.936 delegados asistentes que representan a 29 provincias, regiones autónomas y municipios.

En el Congreso del mayor Partido Comunista del mundo, con 46 millones de miembros, se acometerán las reformas y la apertura hacia el exterior comenzadas por el líder chino a finales de 1978; el cambio generacional en la cúspide del poder, cuyas dimensiones exactas se desconocen hasta ahora, y la separación de poderes entre gobierno y Partido del país que acoge a una quinta parte de la Humanidad.

Seguidamente a Deng inició un informe de dos horas y media el jefe del Partido Comunista chino, Zhao Ziyang, lamentándose del tiempo perdido y afirmando que era momento de dar paso a la iniciativa privada dentro de un paquete de reformas económicas para salvar a China de la pobreza.

Zhao respaldó ideales como la gerencia industrial independiente, emisión de acciones, empresa privada y la aceptación de que los empresarios exitosos tienen el derecho a enriquecerse.

Hablando en el gran salón del pueblo, Zhao también pidió mayor responsabilidad al partido y la creación de un servicio civil moderno.

Alabó al dirigente Deng Ziaoping, el hombre que cambió drásticamente el curso del socialismo en la China, por su "visión y sagacidad".

Por primera vez el discurso implícitamente da a Deng un status similar a Mao Tse-tung como un dirigente que inició "un gran paso histórico" en la ideología marxista.

Sin nombrarlo, Zhao se refirió al programa de reformas políticas y económicas de Deng como el segundo de tales pasos en la historia de China. El primer paso fue la revolución campesina de Mao.

Deng estuvo acompañado por los otros cuatro miembros del Directorio del Comité político, incluyendo a Hu Yaobang, el ex jefe del Partido que fue destituido en enero para fracasar en enfrentar las expresiones pro democráticas de los estudiantes.

Durante la reunión de ocho días, el Congreso se comprometerá a seguir el programa de reformas orientadas a una economía de mercado de Deng que ha vuelto a poner a China en pie, después del fracaso de la revolución cultural de 1966-76.

Zhao, que también es primer ministro, dedicó más de la mitad de su discurso de dos horas y media al programa de reforma económica del país en los últimos nueve años.

Dijo que "hemos perdido mucho tiempo en el pasado" en el intento de tratar de imponer un socialismo radical a los 1.000 millones de habitantes de China. Esta política fracasó, dijo, en una nación donde casi un cuarto de su población es analfabeta o semianalfabeta y 7.000 millones de campesinos siguen utilizando herramientas de mano para sobrevivir. Muchas industrias están "casi un siglo retrasadas en comparación con los niveles actuales".

El principal objetivo de China será aumentar la producción, introducir tecnología moderna, abrir sus puertas a ideas e inversiones extranjeras y buscar alcanzar mejores niveles en la demanda del consumidor, dijo.

Dijo que se deben adoptar pasos para controlar "el excesivo incremento de precios", generado por la demanda, mientras se eliminan los controles de precios de bienes básicos que han llevado a la especulación, la corrupción y la carencia de bienes.

Propuso la creación de un servicio civil profesional en los que los empleados del gobierno que no participan en trabajo político puedan lograr puestos en base a un examen. Los sueldos y las promociones también deberían basarse en méritos.

Aparentemente hay apoyo general para las reformas de Deng, pero muchos en el partido objetan el ritmo del cambio, que ha favorecido la inflación, la corrupción, la diferencia entre ricos y pobres y la apatía ideológica.

Zhao, de 68 años, espera ser confirmado como nuevo secretario general del partido en una reunión del Comité Central inmediatamente después del Congreso.

T.P. CHINA

033

TROPAS DEL EJERCITO CHINO BLOQUEARON TODOS LOS ACCESOS A LASA

Imponen el toque de queda en

el TIBET

Tropas chinas bloquearon los principales caminos de acceso a la capital tibetana y cerraron monasterios y el Palacio Potala, ex residencia del líder espiritual del Tibet, el Dalai Lama. Testigos de los enfrentamientos del jueves pasado aseguraron que los muertos ascienden a 19. Monjes budistas anunciaron nuevas manifestaciones para el 7 de octubre, cuando se cumpla un nuevo aniversario del ingreso del ejército chino al Tibet. Helicópteros recorrían la ciudad en vuelos rasantes, al tiempo que era implantado el toque de queda a partir de las 22. Numerosos turistas quedaron bloqueados en Lasa al acordonar efectivos del ejército todos los caminos de acceso a la capital. Igualmente las autoridades chinas advirtieron a los visitantes que no se mezclaran en los disturbios.

Poco LEGIBLE

LASA, Tibet, 4 (AP y Reuter): — Las autoridades chinas impusieron hoy el toque de queda y trataron de evitar que un autobús cargado de turistas extranjeros abandone la capital tibetana tras las manifestaciones pro independentistas en las que, según testigos, murieron por lo menos 19 personas.

Disidentes tibetanos colocaron carteles callejeros en chino y en tibetano, según los cuales quienes murieron en el asalto del jueves, contra una comisaría policial, perecieron por todo el pueblo, no por ellos.

Un grupo de monjes budistas en el monasterio de Sera, en las afueras de Lasa, dijo que esperaba organizar otra manifestación el 7 de octubre, día en que las tropas comunistas chinas invadieron el Tibet para anexarlo a China en 1950.

Soldados y policías acentuaron hoy su control sobre la capital tibetana, bloqueando caminos y cerrando monasterios después que hasta 19 personas habrían muerto en un disturbio ocurrido el jueves contra el gobierno chino.

El saldo oficial de muertos fue estimado en seis pero fuentes fidedignas tibetanas dijeron que hasta nueve manifestantes y 10 policías habían muerto. Los manifestantes muertos incluyen a tres monjes budistas, dijeron.

El toque de queda fue implantado anoche. Helicópteros del ejército efectuaron vuelos rasantes sobre la capital tibetana y poco antes de medianoche un convoy de unos 30 camiones de la policía y jeeps patrullaban calles en su mayor parte desiertas, haciendo sonar sus sirenas.

El palacio Potala, ex residencia del líder espiritual del Tibet, el Dalai Lama, también estaba cerrado.

Caminos bloqueados

Todos los caminos principales de salida de Lasa estaban bloqueados por policías armados que ordenaron a los periodistas que intentaban visitar los monasterios a alejarse del lugar.

Los caminos hacia Xhigatse hacia el oeste y Golmud en el norte estaban también bloqueados y viajeros occidentales dijeron que ellos y los lugareños fueron obligados a retornar a Lasa.

El toque de queda desde las 22 estaba en vigencia y altavoces difundieron el domingo en la noche declaracio-

...nes oficiales en calles vacías patrulladas por los jeeps policiales.

Nacionalistas tibetanos dijeron que la campaña punitiva se orientaba a impedir más manifestaciones el 7 de octubre.

Las autoridades chinas colocaron avisos en varios hoteles advirtiendo a los extranjeros que no se mezclen en los altercados, dijo un turista.

El visitante agregó que las advertencias estaban escritas en tibetano.

● Censura del gobierno

El principal periódico del país, el "Diario del Pueblo" (Renmin Ribao), imprimió hoy una historia detallada con fotografías sobre las manifestaciones del jueves. El noticiero vespertino de la televisión proyectó por primera vez película de la protesta. En ella se vio a una multitud que acudió a la plaza del templo Jokhang de Lasa y apedreó a los agentes policiales y la comisaría situada en ella.

Sin embargo, y pese a esta cobertura noticiosa oficial desacostumbrada, las autoridades de la capital decretaron que los télex enviados desde un hotel por los turistas extranjeros fueran censurados y no pudieron ser logradas conferencias de larga distancia con el exterior.

Además, un turista dijo a la prensa que logró abandonar hoy Lasa después que varios soldados detuvieran un autobús cargado de turistas que iba al aeropuerto de la capital y les ordenaron que regresaran a su hotel, aunque 10 minutos después les permitieron partir.

POCO LEGIBLE

Versión oficial

PEKIN, 4 (Reuter). — El más importante diario de China publicó hoy la primera información detallada sobre los disturbios que tuvieron lugar en Lasa, la capital de Tibet.

El "Diario del Pueblo" también incorporó en su edición de hoy cuatro fotografías que muestran una subestación policial y vehículos que resultaron incendiados por la acción de alborotadores, las columnas de humo que se elevaban sobre la ciudad y varios monjes que portan banderas tibetanas independentistas.

Un turista estadounidense puntualizó que las personas ultimadas por la policía fueron nueve: tres monjes, tres civiles tibetanos, dos mujeres y un niño.

Al formular declaraciones en Katmandú, adonde llegó en avión procedente de Lasa, el viajero recordó haber observado muchos tibetanos heridos y decenas de policías chinos, bomberos y fotógrafos lesionados por pedradas o golpeados por la multitud.

El "Diario del Pueblo" dijo que los desórdenes comenzaron cuando la policía condujo a una subestación a los líderes de un grupo que llevaban la bandera de Las montañas nevadas y los Leones, que exige la independencia.

Esa bandera fue utilizada por el ejército de Tibet antes de llegar los comunistas al poder en China, en 1949.

El periódico añadió que "un grupo de personas" comenzó a atacar la subcomisaría con piedras y ladrillos. Posteriormente los revoltosos liberaron a los detenidos y dejaron atrapados en el interior de la dependencia a unos 30 policías, mientras uno de los insurrectos arrebataba una ametralladora a uno de los uniformados.

La muchedumbre también atacó a seis autobombas que llegaron para combatir el incendio, agregó.

El "Diario del Pueblo" consignó seguidamente que los alborotadores ofrecieron 0,6 yüan (16 centavos de dólar) a los niños que se encontraban en el lugar para que arrojaran piedras contra los policías y amenazaron con atacar las casas de quienes no se unieran a los disturbios entre los que participaron en los incidentes había dos extranjeros que exhortaban a los presentes para que atacaran a los policías.

El periódico puntualizó que dos reporteros gráficos de la agencia de noticias Nueva China fueron apaleados y golpeados por más de 20 alborotadores, que les arrebataron sus cámaras y los dejaron con lesiones y hemorragias.

Los policías debieron abandonar la subcomisaría, que comenzó a quemarse cuando los atacantes lanzaron botellas llenas de combustible; posteriormente saquearon las instalaciones.

El "Diario del Pueblo" añadió que "en medio de la confusión se escucharon unos pocos disparos", pero sin brindar detalles sobre víctimas. El mismo periódico informó ayer que los incidentes dejaron seis muertos y 19 policías gravemente heridos.

● Sorpresa

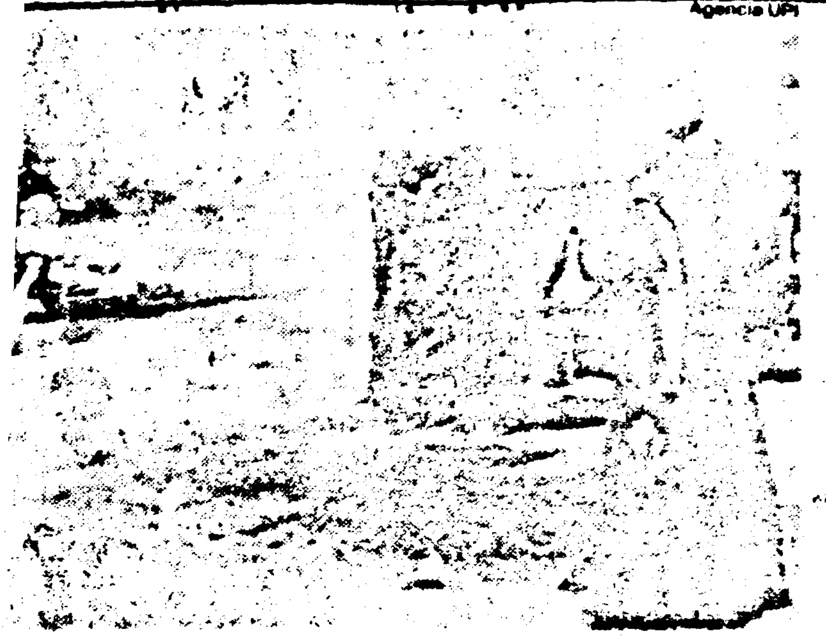
Fuentes locales se manifestaron sorprendidas por la rapidez con que la prensa oficial china, rigurosamente controlada por el gobierno, publicó tantos detalles de un hecho negativo, estimando que los responsables del "Diario del Pueblo" siguieron la orden confidencial que impartió a principios de este año Hu Qiaomu, uno de los principales ideólogos marxistas del Partido Comunista chino.

"Hu dijo que resultaba ridículo que los chinos deban depender de los rumores y las radioemisoras extranjeras para saber lo que ocurre en el propio país, porque sus propios medios de comunicación no les dicen nada", explicaron.

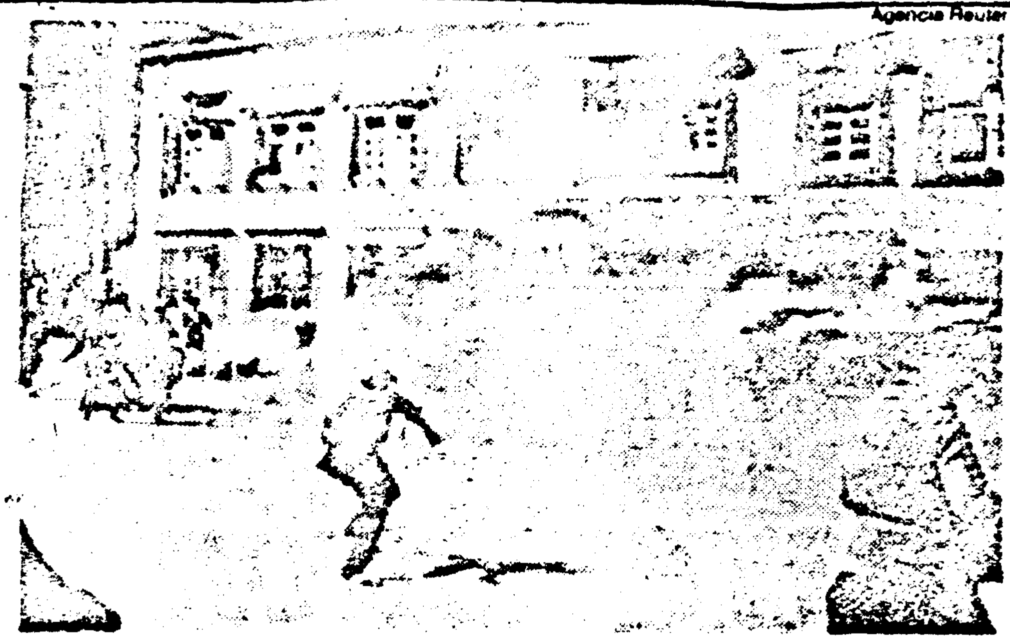
02-02 8711150.

R.P. China 033

Agencia UPI



Agencia Reuter



Dos secuencias de la violencia en el Tibet. Un monje budista aparece parado al lado de un vehículo que fue incendiado. — Manifestantes tibetanos arrojan piedras a una estación central de policía.

LOS SANGRIENTOS INCIDENTES EN EL TIBET

La elección del momento

BEIJING, 3 (Por Daniel Southerland, de "The Washington Post" especial para Clarín) — La violencia que se desató este jueves entre tibetanos y chinos tiene lugar en un momento "delicado" para China —que el jueves pasado celebró el 38° aniversario de la fundación de la República Popular China—. Según opinión de algunos observadores, el 36° aniversario de la entrada del ejército chino en el Tibet es el próximo siete del corriente, fecha que podría convertirse en epicentro de nuevas protestas.

La visita del Dalai Lama a Estados Unidos coincidió con la manifestación del domingo en la localidad de Lhasa (capital del Tibet) y precedió a la gran manifestación del jueves pasado. Durante su estada en EE.UU., el Dalai Lama presentó un plan de paz de cinco puntos que exige el retiro de las tropas chinas y un acuerdo negociado sobre el Estatus del Tibet.

Diplomáticos extranjeros que se encuentran en Beijing señalaron que los funcionarios chinos están seguros de que existe alguna relación entre la visita a EE.UU. del Dalai Lama y las protestas.

Un diplomático de Occidente comentó que era evidente que los manifestantes se habían sentido "alentados" por la atención que recibió el Dalai Lama en EE.UU. de parte de congresistas y simpatizantes.

Los diplomáticos observaron también que los exiliados jóvenes —los del Congreso Tibetano de la Juventud por ejemplo— estarían impacientes por la lentitud que muestra el Dalai Lama en las agitaciones para que se introduzcan cambios.

♦ El gobierno, perplejo

"El gobierno chino debe estar perplejo. Debe sentir que está haciendo todo lo que puede... enviando grandes cantidades de subsidios al Tibet", comentó un diplomático de Occidente.

Para recibir el apoyo de la provincia y para unirla más a Beijing, el gobierno dice estar dándole gran prioridad a los programas de energía, comunicaciones y educación del Tibet. Dice haber invertido más de 2.000 millones de dólares en proyectos no militares para el Tibet desde comienzos de la década del 50, y que esa cifra no incluye a varios proyectos de construcción.

Sin embargo, los analistas extranjeros sostienen que gran parte de esos fondos fueron destinados a la administración de diversos programas (en el Tibet) en lugar de ayudar a desarrollar una economía más productiva. Durante mucho tiempo, el Tibet fue la región más pobre durante el gobierno chino.

"Básicamente, existe una economía colonial", declaró un diplomático del Oeste europeo que visitó a Tibet a principios de este año.

"Los chinos invirtieron mucho dinero pero gastaron mucho también. Muchos fondos fueron usados por y para los chinos" añadió este diplomático.

China restauró varios templos budistas tibetanos que habían sido destruidos o dañados por radicales chinos durante los años de la Revolución Cultural (1966-76). También contribuyó al crecimiento del turismo en el Tibet.

Según estimaciones chinas, solo algunos miles de turistas visitaron el Tibet en 1983. Mientras que el año pasado, el número llegó a 30.000. Para este año se espera la llegada de cerca de 40.000.

♦ Evitar que trascienda...

La agencia oficial de noticias Nueva China había informado a principios de esta semana sobre una manifestación "independentista" ocurrida el domingo pasado en Lhasa. Este viernes, la agencia guardó silencio.

Empleados de Beijing del área de correos y teléfonos indicaron que las autoridades chinas habían cortado todas las comunicaciones cablegráficas y telefónicas con Lhasa, en un intento aparente de evitar que las noticias sobre disturbios en el Tibet fueran difundidas en el resto del mundo.

En realidad, nunca se había tenido noticia de alguna manifestación como la del jueves pasado desde 1959, cuando los chinos reprimieron brutalmente un gran levantamiento que hizo que más de 100.000 tibetanos escaparan a la vecina India. Entre ellos se encontraba el Dalai Lama, el líder budista del Tibet.

Los turistas que pudieron presenciar los disturbios indicaron que los jóvenes tibetanos arrojaron piedras a la policía y que ésta detuvo a un número no determinado de turistas y confiscó sus rollos de fotos o películas.

"Vi a un hombre desangrándose en la calle... Oímos muchos disparos...", relató un turista a la agencia France-Presse.

Por su parte, la cadena norteamericana CBS News informó que dos estadounidenses fueron arrestados durante la manifestación del domingo que fue dirigida por monjes budistas. Un viajante procedente de Lhasa identificó a los norteamericanos como: John Ackerly de Cambridge (Massachusetts) y Blake Kerr de East Hampton (Nueva York).

Leon Schadeberg, un fotógrafo "free lance" de Londres, indicó a la gencia Associated Press de Chengdu —ubicado a 1200 kms al este de Lhasa— que la violencia del jueves se había iniciado luego que ocho monjes comenzaron a protestar por el arresto de 21 compañeros ocurrido el domingo anterior.

Schadeberg agregó que los manifestantes incendiaron una central de policía y por lo menos cuatro vehículos policiales. Testigos precisaron que un número no determinado de monjes, que habían sido detenidos, logró escapar de la estación policial en llamas.

Poco LEGIBLE

01-01 8711154

R.P. CHINA

2a

033

Clarín

Buenos Aires, domingo 4 de octubre de 1987 SEGUNDA SECCION

VIOLENTAS MANIFESTACIONES NACIONALISTAS EN LHASA

Ocho muertos y 100 heridos por la represión china en Tibet

Dawa Thondup, funcionario del gobierno en el exilio del líder espiritual del Tibet, afirmó que los incidentes allí producidos son "el inicio de la lucha por la libertad tibetana". Testigos occidentales afirmaron que los choques entre los manifestantes y la policía ocasionaron ocho muertos y casi cien heridos, algunos de ellos de gravedad. Las autoridades chinas señalaron que los disturbios son el resultado directo de las actividades secesionistas del Dalai Lama, quien reiteró en las últimas semanas sus reivindicaciones en favor de la independencia tibetana.

PEKIN, 3 (EFE, ANSA, REUTER y AP). — **Ocho personas murieron y alrededor de un centenar resultaron heridas —20 de ellas de gravedad—**, tras violentos choques entre sectores independentistas tibetanos y la policía china **confirmaron hoy turistas procedentes de la región del Tibet.**

Las autoridades chinas **admitieron por su parte, la muerte de 6 personas y 20 heridos e impusieron una fuerte restricción a las informaciones de este incidente ocurrido en Lhasa, la capital tibetana, el jueves pasado.**

Dawa Thondup, funcionario **del gobierno en el exilio del Dalai Lama**, condenó hoy duramente las **"brutalidades chinas"** en Lhasa y dijo que los choques que se registraron allí son **"el inicio de la lucha por la libertad del Tibet".**

Turistas extranjeros que presenciaron el incidente señalaron que la policía china **utiliza armas automáticas contra varios miles de tibetanos** que incendiaron una estación policial, destruyeron vehículos y dispararon contra los agentes.

La agencia oficial china **Xinhua**, dijo que la demostración del jueves se inició cuando **"varias docenas"** de personas portando la bandera de las montañas nevadas y el león, el emblema nacionalista tibetano, marcharon hacia el centro de la ciudad **gritando consignas por la independencia.**

Cuando la policía trató de sofocar la protesta "los manifestantes arrojaron piedras a los agentes y luego procedieron a incendiar la subestación policial y destruyeron numerosos vehículos" **añadió la información oficial.**

No obstante, testigos occidentales aseguraron que los agentes **dispararon armas automáticas contra miles de tibetanos que se encontraban en las cercanías del templo Jokhang**, el lugar sagrado más importante del budismo en el Tibet.

Los informantes señalaron que la multitud exigía la liberación de 20 monjes budistas que se encontraban detenidos en la cercana estación de la policía.

Los monjes habían sido arrestados el domingo pasado, después de encabezar una marcha a través de Lhasa en favor de la independencia tibetana, mientras las autoridades consignaron que el arresto se produjo debido a que los budistas **habían golpeado y herido a varios policías que trataban de disolver la manifestación.**

Thondup, jefe de la división internacional del gobierno en el exilio, advirtió que los acontecimientos vividos en Lhasa **"podrían llegar a un punto de convertirse en un levantamiento popular en todo Tibet".**

"Nuestras informaciones —añadió— son que los sentimientos antichinos y las manifestaciones callejeras se están ampliando a otras áreas del Tibet. Habrá un movimiento masivo, una lucha popular, un movimiento de liberación"

Mientras tanto, la policía hindú tuvo que hacer frente en Nueva Delhi a unos **1.000 manifestantes tibetanos** en las adyacencias del Parlamento para evitar **que ingresaran al distrito diplomático, a unos tres kilómetros de ese lugar**

La prensa oficial china responsabilizó al **Dalai Lama**, líder espiritual tibetano que se encuentra exiliado en la India, de "provocar los incidentes" por sus **"actividades secesionistas"** *En las últimas semanas*, el Dalai Lama **reiteró sus reivindicaciones en favor de la independencia tibetana durante su estancia en territorio estadounidense.**

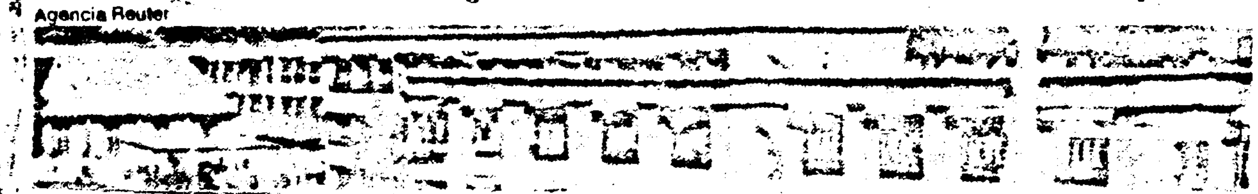
En 1959, el Lama huyó del Tibet, **con más de cien mil seguidores**, cuando las **tropas chinas sofocaron** una **sublevación popular en esta región.**

Pekín insiste en que **el Tibet forma parte inseparable de China**, a la que está unida por 700 años de historia común. Sin embargo, las relaciones entre ambos han sido tensas desde que se firmó el acuerdo de "liberación pacífica" entre los dos pueblos en 1951.

Fuentes occidentales **señalaron** hoy que la situación en **Lhasa era de** relativa calma, **mientras patrullas** del ejército recorrían las **principales** calles de la capital tibetana.

(Información en la página 2)

Agencia Reuter



POCO LEGIBLE

EN FOCO

Un brote insurgente

Los disturbios producidos en Lhasa arrojan repentinamente a la remota región del Tibet al primer plano de la actualidad.

Desde la perspectiva de Pekín, el rebrote independentista no ocurre en cualquier momento: faltan apenas semanas para que tenga lugar el XIII Congreso del Partido Comunista.

Hay coincidencias que no parecen casuales. Los graves incidentes que estallaron el jueves se sobreimprimen con la celebración del 38° aniversario de la fundación de la República Popular China, a pocos días de cumplirse 36 años de la entrada de las tropas chinas al Tibet, y la visita del líder espiritual tibetano, el Dalai Lama, a Estados Unidos.

Esta historia se remonta a comienzos de siglo. En 1911 el Tibet, bajo la dominación china desde el siglo XVIII, declara su independencia e implanta un régimen teocrático, budista y lamadista. Pero el siete de octubre de 1951 las tropas chinas ingresan en territorio tibetano y dos años después instalan allí un gobierno comunista. En 1959 las fuerzas de Pekín aplastan una sublevación popular independentista y el Dalai Lama debe exiliarse, junto a un gran número de seguidores, en la India.

Tres décadas después vuelven a agitarse en esta exótica región las consignas en favor de la independencia enarbolando la bandera de "las montañas nevadas y el león", el emblema nacionalista tibetano.

La celebración del Congreso del P.C. de China Popular no podrá dejar de lado la situación allí planteada y seguramente, deberá revisar y en todo caso afinar la política frente al Tibet. Un funcionario del Dalai Lama ya advirtió: "Es el inicio de la lucha por la libertad tibetana".

8711156

01-01

033

REFORMAS ECONOMICAS Y CAMBIO DE GUARDIA GENERACIONAL

Congreso decisivo del PC chino

PEKIN, 20 (AFP, EFE y UPI). — El Comité Central del Partido Comunista chino adoptó hoy el informe sobre introducción de reformas políticas y modificación de estatutos, que será presentado el próximo domingo al XIII Congreso del partido.

En el mismo plenario, último del duodécimo Comité Central, sus 334 miembros titulares y suplentes confirmaron la decisión de enero pasado de "aceptar la renuncia" del ex secretario general del PC, Hu Yaobang, y su sucesión provisional por el primer ministro Zhao Ziyang.

Zhao será confirmado definitivamente en la Secretaría General por el XIII Congreso. La "renuncia" de Hu siguió a las grandes manifestaciones estudiantiles del pasado invierno boreal y dio lugar a una grave crisis de gobierno.

Según la agencia Nueva China Nueva, el plenario del Comité Central, al que precedieron cinco días de "reuniones preparatorias", transcurrió en un ambiente "caracterizado por la democracia, la unidad y la vivacidad". Asistieron los cinco miembros del Comité Permanente, incluidos el renunciante Hu Yaobang y el "hombre fuerte" del régimen, Deng Xiaoping.

El informe sobre reforma política y modificación de los estatutos del partido será sometido a deliberación durante los trabajos del inminente congreso.

Se señaló, asimismo, que el Comité Central aprobó también varias propuestas de enmiendas a la constitución partidaria, hechas por Deng, una medida que se espera facilite el camino de las reformas y el semirretiro del líder chino.

Se supone que Deng Xiaoping se retirará de algunos cargos, como es su deseo, y mantendrá solo el puesto de director de la Comisión de Asuntos Militares.

Analistas occidentales han manifestado que Deng desea apartarse para dar paso a sus jóvenes asesores, pero que continuará siendo el líder de China hasta su muerte.

Han señalado, además, que Deng ha tenido que hacer algunas concesiones a los "comunistas de la línea dura" en relación con los que serán elegidos en el Congreso y en una subsecuente reunión plenaria del Comité Central.

El líder chino ha insistido en que el Congreso debe nombrar a toda una gama de dirigentes más jóvenes, con mentalidades menos rígidas y más capaces de realizar las reformas que necesita el país.

Algunas de ellas, impulsadas por Deng, han sido estancadas por la burocracia y elementos ideológicos y políticos.



Agencia AFP

Vista de la reunión del Comité Central celebrada ayer en Pekín. Los delegados aparecen con sus manos en alto.

MAS GASTO SOCIAL, Y ARTICULOS DE CONSUMO

Sesión del Soviet Supremo

MOSCU, 20 (AP, DAN, EFE y UPI). — El Soviet Supremo de la URSS aprobó hoy un presupuesto equivalente a 773.700 millones de dólares para 1988, que destina amplios márgenes al gasto social y a la mejora de la producción de artículos de consumo.

Al mismo tiempo se anunció para mañana una sorpresiva reunión del Comité Central del Partido Comunista soviético (PCUS), precisamente en la víspera de la llegada a Moscú del secretario de Estado norteamericano, George Shultz.

Las sesiones parlamentarias terminadas hoy aprobaron importantes modificaciones en la legislación vigente sobre denuncias de ilícitos de los funcionarios públicos, que tienden a facilitar al ciudadano común sus reclamos ante la justicia.

La enmienda permite presentar las quejas directamente ante la Corte: hasta ahora las denuncias debían ser previamente depositadas ante un organismo administrativo superior.

El ministro de Finanzas, Boris Gostev, dijo que los 1.500 delegados aprobaron una partida anual de 153 millones de rublos (unos 225 millones de dólares) para "mejoramiento de instituciones médicas y culturales, compra de equipos, adecuación de escuelas en áreas rurales" y otros rubros sociales.

El portavoz del Ministerio de Relaciones Exteriores soviética, Gennady Gerasimov, confirmó esta tarde la celebración del pleno del Comité Central del PCUS para mañana, un anuncio que sorprendió a los observadores occidentales, ya que habitualmente ese encuentro se realiza antes de la sesión parlamentaria.

Aunque no trascendieron los temas que abordarán los 300 miembros del Comité Central partidario, la reunión se centraría en el informe que presentará el próximo 2 de noviembre el secretario general del PCUS, Mijail Gorbachov, con motivo del 70° aniversario de la Revolución Rusa.

EN FOCO

Factores en juego

Las sesiones celebradas ayer en Pekín por el Comité Central del Partido Comunista chino, destinadas a preparar el trigésimo congreso de esa organización política —que, como es obvio, se ajusta a una férrea disciplina pero sufre desde tiempo atrás los vaivenes de una sorda lucha posicional—, depararon al menos un anticipo de la pugna por venir entre reformistas y antirreformistas.

En efecto: una personalidad en neto ascenso dentro de la constelación china de poder, Zhao Ziyang, considerado uno de los más fieles lugartenientes del líder máximo, Deng Xiaoping, no solo fue designado jefe interino del PCCH; además, Zhao se encargó de comportarse como tal desde su llegada misma al Gran Salón del Pueblo, el recinto que sería durante toda la jornada magno escenario de la ceremonia de recepción.

Si bien se esperaba que el Congreso a inaugurarse el próximo domingo convalide el semirretiro de Deng —sus 83 años pesan en exceso—, todo hacía presumir que el diminuto gran líder retendrá el estratégico cargo de titular de la Comisión Central de Asuntos Militares: esta canaliza el control partidario sobre unas fuerzas armadas muy poco dispuestas a los aires renovadores. No extraña entonces que el [illegible] Deng esté bregando para que sus lemas de "Un lugar para los jóvenes" y "La reforma ante todo" se encarnen en el fiel Zhao y en los cinco vicepremiers que lo rodearon en la sala de banquetes; todos ellos son "jóvenes", con edades que van de los 58 a los 73 años.

De cualquier modo, la actual inflación que amenaza con batir records y deteriorar el creciente bienestar, notorio con relación al anterior congreso de 1982, y el peso que aún ejercen los grupos ortodoxos, sin duda obligarán a Deng a respetar los límites de las líneas de fuerza partidarias. Lo contrario sería intentar una victoria a lo Pirro.

HB

ARCHIVAR EN: República de China (033)

TEMA: MEMORANDUM N° 040/87 Apreciación de Situación de la República de China.

PROCEDENCIA : Dpto II 18/11/87

ARCHIVADO EN: MEMORANDUM (084)

01-01

8711176

HB

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Emprendimientos conjuntos con la República Popular China

PROCEDENCIA : A. FINANCIERO 23/10/87

ARCHIVADO EN: Argentina (034)

8711211

01-01

SE ABRE HOY EL XIII CONGRESO DEL PC CHINO

Lucha por las reformas

No hace falta erigirse en augur para señalar que el decimotercer congreso —a inaugurarse mañana en Pekín— del Partido Comunista Chino, un gigante que hace 66 años solo reunía a 12 "iluminados" y hoy congrega a 46 millones de miembros, marcará una nueva y aún más ardua vuelta de tuerca en la batalla entre reformistas y conservadores. Un enfrentamiento que, sin embargo, debe ser visto a la luz de sus múltiples matices y subtendencias, y de la asombrosa flexibilidad exhibida en años recientes. Y que, casi con seguridad, no ha de quedar zanjado por completo en este congreso.

En sus rasgos fundamentales, tal batalla viene planteándose con especial énfasis desde 1978 —a partir de las audaces innovaciones motorizadas por Deng Xiaoping— en ese todavía enigmático laboratorio comunista asiático; el mismo que ahora, sin desmentir sus profundas e intransferibles raíces, intenta esforzadamente abrirse en mayor grado hacia el resto del planeta e inclusive incorporar reformas y métodos catalogados, por los núcleos más ortodoxos, como "desviaciones liberales".

¿Quién hubiera pensado en 1960, por ejemplo, que el poderoso Partido Comunista Chino, supuesto depositario de los deseos y voluntad de las masas, adoptara como está haciendo ahora, el sistema occidental de las encuestas de opinión a fin de conocer y prever los sentimientos de las bases?

La sola idea de modernizar esta nación de 1.100 millones de habitantes esparcidos sobre 9,5 millones de kilómetros cuadrados, que durante décadas se impregnó hasta la médula con la mística ideológica maoísta (convertida en todo un estilo de vida y pensamiento), resulta apabullante; y podría sonar utópica, si no fuera el fruto de una necesidad intrínseca en vez de brotar del capricho de un grupo de reformistas.

En efecto: al cabo de tres décadas de autarquía absoluta y dogmatismo, los propios grupos conservadores o tradicionalistas admitían la necesidad de implementar, en mayor o menor grado, reformas destinadas a reactivar la economía y aumentar la productividad, observó esta semana el corresponsal europeo Bernard Degioanni, destacado en la capital china.

Las estadísticas parecen, desde este ángulo, más que persuasivas: la producción de granos creció un tercio desde el 78, lapso en el cual el ingreso de los campesinos se triplicó y la producción nacional aumentó más del 100 por ciento. Más impresionante aún resulta el incremento del comercio exterior, que se catapultó hasta registrar un valor siete veces superior al de entonces.

Pero, como un muy cuestionable revés de la medalla, también se han incrementado —o, inclusive, han surgido por primera vez— fenómenos que, como la vitriólica inflación o la corrupción detectable en muchos sectores, son catalogados por los tradicionalistas como efectos de esta creciente "extranjerización liberalizadora" y de su mecánica "burguesa", capaz de engrosarse como una temible bola de nieve.

Así, los pagos a los vendedores de los mercados al aire libre hechos con bonos de racionamiento, aunque ilegales, están a la orden del día en las grandes urbes. En agosto, la policía pequinesa desató verdaderas razias contra las vertiginosas escaladas de precios en almacenes privados, restaurantes, barberías y otros establecimientos. Y no ayudan a la tranquilidad de un pueblo austero, las frecuentes escenas de extranjeros, o chinos ricos que llegan desde el exterior y se movilizan en enormes automóviles, ostentando sus sacones de cuero y relojes de oro.

♦ Los sables de guerra

El anunciado retiro de Deng de sus cargos en el Politburó, con su posible abroquelamiento en la decisiva comisión de Asuntos Militares, coincide con la segura lucha por ver si se confirma a Zhao como premier, o si accede a ese puesto el brillante tecnócrata afín al ala más conservadora Li Peng u otra figura de este tipo. Un punto nodal de esta disputa serán las tan ambiciosas como difíciles de ejecutar propuestas de Zhao y Deng, para separar las células partidarias de la conducción diaria del Estado: un aspecto trascendente para el éxito o fracaso de cualquier reforma modernizadora, que pretenda ir más allá del corset ideológico del momento.

Curiosamente, la ola de descontento estudiantil de principios de año, expandida por diez ciudades al grito de "más libertad y más democracia" fortaleció a esos conservadores que parecían vencidos: hoy, son más fuertes e intransigentes que hace cinco o 10 años. Al mismo resultado contribuyeron los relativos retrasos y fracasos parciales en el plan reformista: drásticos cambios para racionalizar el régimen de fijación de precios, fueron abandonados por este año. También se dilata la reforma industrial tendiente a conceder mayor autonomía y aires "privatistas" a las empresas estatales.

Incluso, se ve zarandeada por serias dificultades la iniciativa, más modesta, de abrir el partido al debate de nuevas ideas. Y el conflicto con Estados Unidos en torno a la imputación de ventas chinas de armas a Irán (negadas por Pekín) o de menosprecio a los derechos humanos en el Tíbet auxilian a los sectores duros.

Mejor, aunque también trabado en muchos aspectos, es el panorama en lo que hace a las reformas basadas en desplazar el sistema de comunas populares en el campo, en favor de regímenes de explotación familiar que aúnan la propiedad colectiva y el interés individual. Y es motivo de inmensa expectativa todo lo que ocurra con la pequeña experiencia piloto de Shenzen, una región abierta a las inversiones de grandes consorcios extranjeros en el marco de nuevas empresas mixtas. Asimismo, los sables de guerra de los grupos enfrentados están muy atentos a lo que suceda en el seno de las bolsas de valores: otra novedad que hubiera provocado síncopes en cadena en la época maoísta.

Jorge Ariel Madrazo

RPCH. Congreso

033

Incógnitas sobre el futuro de Deng, por sus 83 años

El destino de la política modernizadora implantada en China desde 1978 por el anciano líder Deng Xiaoping —que remueve postulados maoístas—, y la relación entre el Estado y el Partido Comunista de esa nación, estarán en juego en los debates del decimotercer congreso partidario que sesiona desde hoy en Pekín. El propio Deng preside las cruciales deliberaciones, en tanto se confirmó a su delfín, Zhao Ziyiang como secretario general del PCCH.

BEIJING, 24 (Xinhua, TASS y EFE). — Deng Xiaoping, máximo líder de la República Popular China, presidirá aquí mañana la ceremonia inaugural del Decimotercer Congreso Nacional del Partido Comunista chino (PCCH), que ha suscitado enorme expectativa en el país y el extranjero y será transmitido en directo por la televisión, según indicó un portavoz partidario.

Simultáneamente se conoció que el primer ministro Zhao Ziyang, nombrado en ese cargo hace siete años y que se perfiló como el motor de las reformas propiciadas por Deng a partir de 1979, fue confirmado en su puesto de secretario general del PCCH. Zhao desempeñó este cargo desde el cese en tal función de Hu Yaobang el 16 de enero pasado, a causa de las multitudinarias manifestaciones estudiantiles.

Por otra parte, en Moscú el diario Pravda señaló que China marcha hacia este evento "con un espíritu práctico, sin alharacas ni declaraciones victoriosas", y señaló que el Partido Comunista chino "conduce a los trabajadores por el camino del socialismo."

El portavoz del cónclave, Zhu Muzhi, al ser interrogado sobre el futuro político de Deng, de 83 años —quien ya señaló su voluntad de retirarse del comité permanente del buró político partidario—, recordó que aquél ha manifestado reiteradamente el deseo de renunciar a todo puesto directivo, pero que muchos miembros del partido no están de acuerdo con ello: "Hay que esperar los resultados del congreso para ver si logró convencerlos", dijo Muzhi.

Ante otra pregunta indicó que a su juicio no será presentado al congreso el caso del ex secretario general Hu Yaobang. Asimismo, Muzhi aludió al rejuvenecimiento de los cuadros dirigentes y a las reformas económicas y políticas.

Clarín 25.10.87

01-01

8711214

!? 182 RPCH. avances económicos

033

CLARIN ★ Buenos Aires, lunes 26 de octubre de 1987 ★ CLARIN

DEFINICIONES DE ZHAO ZIYANG EN LA APERTURA DEL CONGRESO COMUNISTA

China: "El momento para dar paso a la iniciativa privada"

Tal como se esperaba, el 13er Congreso del Partido Comunista Chino adoptó la línea reformista impuesta por su hombre fuerte, Den Xiaoping y su delfín, Zhao Ziyang, lo que significó la derrota de los ortodoxos, hostiles al aceleramiento de las reformas. Zhao Ziyang responsabilizó claramente a la izquierda del partido por ser el obstáculo más grave a la modernización del país. En su discurso de apertura, anunció que "es el momento para dar paso a la iniciativa privada", y agregó que China no podrá retornar a un modelo de sociedad cerrada.

PEKIN. 25 (AFP). — El hombre fuerte chino, Deng Xiaoping, colocó hoy a su país firmemente en la vía del **aceleramiento y profundización de las reformas políticas y económicas**, con el discurso inaugural del Congreso del Partido Comunista chino pronunciado por su delfín, **Zhao Ziyang**.

En una alocución de 150 minutos, el primer ministro Zhao Ziyang, de 69 años, quien casi seguramente será elegido **nuevo líder del partido**, afirmó ante los **1.936 delegados** que "**la reforma es el único proceso por el cual China puede revitalizarse, proceso que es irreversible y que coincide con la voluntad del pueblo y la tendencia general de acontecimientos**".

El informe de Zhao Ziyang apuntó a retomar firmemente el camino reformista iniciado por Deng Xiaoping en 1979 y a **dar definitivamente vuelta la página de 30 años de maoísmo**, estimaron los analistas.

Este informe anuncia una victoria de la **tendencia renovadora** del partido sobre sus adversarios **ortodoxos** hostiles al aceleramiento de las reformas y a la apertura al mundo, estimaron los diplomáticos occidentales.

♦ Fin de la inestabilidad

El detallado informe reformista de Zhao Ziyang **constituye** una parte esencial del 13er. congreso y **dominará sus debates durante una semana, antes** del anuncio de un profundo rejuvenimiento de los órganos dirigentes del partido, estimaron los **analistas. Deng Xiaoping y otros ancianos líderes dejarían sus puestos.**

Zhao Ziyang responsabilizó claramente a la izquierda del partido como el obstáculo más grave a la modernización del país, colocando en un segundo plano **la** lucha contra la "**liberalización burguesa**" y las derivas derechistas del partido, **caballo de batalla de los veteranos ortodoxos**.

"**Dado que los antiguos hábitos «izquierdistas» están profundamente arraigados y constituyen el principal obstáculo a las reformas y a la política de apertura, la primera tarea, por un largo período, será globalmente la de triunfar sobre las ideas osificadas**", declaró el jefe de gobierno.

En una vibrante apología de la apertura añadió que "**no podremos jamás regresar a la sociedad cerrada del pasado, cuando se prohibía que la gente entrase en contacto con tendencias ideológicas de tipos diferentes**", frase que según los analistas encierra la promesa de mayor liberalización intelectual.

Vestido con un traje occidental y una corbata colorada, sentado a la izquierda de Deng Xiaoping en la tribuna oficial, **el nuevo número dos de China anunció además un programa relativamente ambicioso** de reformas políticas, **tendiente a separar los papeles del partido y del gobierno**, y finalizar con la enorme burocracia de millones de cuadros del partido heredada de la época maoísta.

"**La clave de la reforma de las estructuras políticas es la separación entre partido y gobierno**", declaró, y subrayó que debe desaparecer la injerencia del partido de todos los sectores económicos de China.

♦ Sin calendario

A pesar de su gran especificación de las reformas políticas proyectadas, sobre las que Deng Xiaoping habla desde 1980, Zhao Ziyang **no definió un calendario para su aplicación.**

El **informe** de Zhao Ziyang enmarca claramente en el modelo socialista chino a las futuras reformas a ser aplicadas por **el nuevo equipo dirigente más joven que dirigirá los destinos de China después del congreso.**

Al subrayar que era necesario adaptar el marxismo a las actuales necesidades de China, Zhao Ziyang precisó que "**la vía capitalista es un callejón sin salida para China". Todas las reformas se desarrollarán bajo la dirección única del Partido Comunista chino y de ninguna manera se adoptará un sistema de separación de poderes como en los países occidentales**, afirmó.

Sin embargo, añadió: "**Este es el momento de dar paso a la iniciativa privada**"

Zhao respaldó las ideas de **vivienda privada, gerencia industrial independiente, emisión de acciones, empresa privada y la aceptación de que los empresarios exitosos tienen el derecho a enriquecerse.**

Hablando en el Gran Salón del Pueblo Zhao también **pidió mayor** responsabilidad al partido y la creación de un servicio civil moderno.

Alabó al dirigente Deng Xiaoping, el hombre que cambió drásticamente el curso del socialismo en China, por su "**visión y sagacidad**".

Sin nombrarlo, Zhao se refirió al programa de reformas políticas y económicas de Deng como el segundo de tales pasos en la historia de China. **El primer paso fue la revolución campesina de Mao.**

Afirmó que "**hemos perdido mucho tiempo en el pasado**" en el intento de tratar de imponer un socialismo radical a los **1.000 millones** de habitantes de China. Esta política fracasó, dijo, en una nación "**retrasada**", donde casi **un cuarto de su población es analfabeta o semianalfabeta y 700 millones de campesinos siguen utilizando herramientas de mano para sobrevivir**. Muchas industrias están "**casi un siglo retrasadas**".

Agencia AFP

POCO LEGIBLE

UN INFORME "ESPECIFICO"

Sorpresa en Occidente

PEKIN, 25 (UPI). — Analistas occidentales expresaron sorpresa ante el detallado programa presentado hoy, al inaugurarse el 13er Congreso del Partido Comunista Chino, para eliminar el poder que tiene el partido sobre el gobierno y pasar la administración y la economía a manos de los profesionales.

El proyecto de reforma presentado por el premier y actual secretario general interino del partido, Zhao Ziyang, fue descripto por los analistas occidentales como balanceado, pero sobre todo "el más específico" desde que el líder Deng Xiaoping lanzó sus programas de reformas, combatidas por los "ideólogos de línea dura".

"El programa de reformas es mayor y mucho más detallado de lo que esperaba", dijo un diplomático occidental, que declinó ser identificado. "Esperaba en realidad más compromisos y un documento repleto de palabras vagas, pero este es mucho más específico".

El programa de reformas de Deng, dirigidas a permitir que la economía nacional se rija por las leyes naturales de mercado y eliminar el estricto control del partido sobre la producción y el gobierno, ha chocado con fuerte oposición dentro del partido.

Pero en su informe inaugural Zhao hizo un llamado directo por la abolición de las células del partido en órganos estatales.

Otro diplomático occidental opinó que el documento marcaba "un progreso sorprendente y significativo. Es prácticamente uno de sus dos grandes logros del momento".

El segundo, dijo, fue la definición de Zhao de que "China está ahora en la primera etapa del socialismo".

"Esto les ofrece un marco ideológico muy poderoso para hacer toda una serie de cosas", dijo un académico occidental. "Por ejemplo, saca del tablero la acusación de que están introduciendo el capitalismo. Posiblemente esa sea la parte más importante del documento."

Zhao dijo que durante "la primera etapa", que se espera dure hasta bien entrado el siglo que viene, China comerciaría con las acciones y permitiría ganancias no productivas, elemento fuertemente criticado por los de "línea dura" por su tendencia capitalista.



El jefe del Partido Comunista Chino, Zhao Ziyang (der.), pronunció ayer en Pekín el discurso de apertura del decimotercer congreso partidario. A su izquierda Deng Xiaoping.

PARTES POCO LEGIBLE

02

8711216

LA NUEVA GENERACION

Cuatro influyentes

PEKIN, 25 (De The Washington Post, especial para Clarín). — En China en donde varias figuras de setenta u ochenta y pico de años siguen ocupando importantes cargos políticos, los de cincuenta y sesenta años son considerados "jóvenes".

Estos últimos son precisamente los nuevos líderes de China. Aún no ejercen un control absoluto pero están avanzando hacia posiciones de gran influencia.

Zhao Ziyang —de 69 años y jefe del Partido Comunista chino— tiene que lidiar no solo con las figuras más antiguas del partido sino también con esta nueva generación. Algunos de sus integrantes son sus aliados pero otros podrían llegar a convertirse en sus rivales.

En su mayoría son [illegible] que cuentan con una educación mejor [illegible] la de sus mentores revolucionarios pero que [illegible] del prestigio y experiencia de la "vieja guardia" (los que participaron de la [illegible] marcha por China en 1934-35).

Los analistas chinos mencionan frecuentemente a cuatro hombres de la nueva generación que podrían ayudar significativamente —u obstaculizar— en los intentos de Zhao Ziyang para consolidar su poder en el partido e insistir con el punto de las reformas económicas.

♦ Firmes competidores

Tres de estos cuatro son —según aseguran ellos mismos— firmes competidores para el cuerpo de toma de decisiones más poderoso del país: el comité permanente del Politburó.

Estas cuatro figuras son: **Li Peng**, ingeniero entrenado por los soviéticos y especialista en energía nuclear. Peng pasó la mayor parte de su carrera trabajando en ministerios en donde se pone el acento en la planificación central. Tiene 59 años y antecedentes revolucionarios "impecables". Luego de la muerte de su padre (asesinado por chinos nacionalistas) Li Peng fue adoptado a temprana edad por el ex premier Chou En-lai, quien fue el encargado de hacer que fuera aceptado por los veteranos del partido —tradicionalistas o conservadores—. Considerado como un rival en potencia de Zhao Ziyang, Peng no le debe nada al premier a quien se espera, además, que reemplace.

A pesar de las inclinaciones tradicionalistas de Peng, [illegible]s empresarios norteamericanos dicen poder trabajar con él. Respetan su capacidad. En tanto que los diplomáticos que jugaron al tenis con Peng dicen que le gustan [illegible]s golpes fuertes.

Hu Qili: "protegido" del expulsado jefe de partido [illegible] Yaobang. Qili —de 58 años— se distanció a princi[illegible]os de este año de su viejo mentor. De todos modos se [illegible]nsidera que está a favor de reformas económicas in[illegible]ediatas y se ha aliado con Zhao Ziyang. Es uno de los [illegible]cos líderes chinos capaz de pronunciar un discurso en un inglés "aceptable". Zhao Ziyang lo ha puesto a cargo de las áreas de propaganda, trabajo ideológico y reformas política. De los deportes le gusta el tenis, único interés que comparte con Li Peng.

El más misterioso

Qiao Shi: este hombre de 63 años es "el misterio" [illegible]s nuevos líderes. Es el funcionario más importante que tiene que ver con el cumplimiento de la ley. Est[illegible] a cargo, en estos últimos años, de los departament[illegible] Policía e Inteligencia. Se pronunció a favor de [illegible]plementación de un sistema legal más eficaz pero [illegible] apresiones sobre otros aspectos, como la reforma ec[illegible]ómica, no se conocen prácticamente. Llegó al poder [illegible] mano de Hu Yaobang, pero avanzó —desde la caída [illegible]u— hacia una dirección más conservadora. Es vis[illegible] [illegible]mo el candidato que presidirá posiblemente la co[illegible] [illegible]ón central de inspección de disciplina del partido, [illegible] [illegible]anismo asesor que juega un papel de guardián frent[illegible] [illegible] corrupción.

Tian Jiyun: excelente experto financiero —de[illegible] [illegible]ños— próximo a Zhao Ziyang. Es considerado un ri[illegible] [illegible]e Li Peng y será seguramente el elegido de Zhao [illegible]yang para ocupar el cargo de primer ministro. Sin e[illegible]bargo, hace algunos meses, Jiyun —gran defensor de [illegible] reforma— pareció perder terreno frente a Li Peng [illegible] considerado un candidato para el comité permanente [illegible] Politburó pero con posibilidades inciertas.

PARTES ILEGIBLE

EN FOCO

Los ritmos del cambio

"La contribución a la expansión de las fuerzas productivas debe ser el punto de partida para la consideración de todos nuestros problemas", afirmó ayer el jefe del Partido Comunista Chino, Zhao Ziyang.

En realidad, Zhao —tanto como su mentor Deng Xiaoping— estaba apuntando al final de una era y al comienzo de otra: que la propiedad privada y el socialismo son compatibles. Pero aun más: adoptar el pragmático punto de vista de que el fin justifica los medios, es decir, las reformas económicas y la apertura hacia el oeste significan para China la médula para su desarrollo.

Esta enunciación habría hecho empalidecer a Mao, quien estaba convencido del poder ilimitado de los mil millones de chinos para modernizar el país sin asistencia de capitales ni de tecnología extranjera.

En el discurso de Zhao quedó explícito que nadie podrá ser acusado, como en el pasado, de defender la vía del capitalismo si propone instrumentos de la economía de mercado como la ganancia, la liberalización de precios y la privatización del comercio.

La política de reformas y apertura lanzada hace nueve años por Deng tienen desde ayer sistematización teórica por cuanto deja de lado la fase puramente experimental para convertirse en el símbolo de un socialismo a la china.

Y en medio de estos conceptos, la puja entre el ala reformista y los conservadores del PC. Una pugna que será posible analizar cuando en siete días se elijan los nuevos órganos directivos del partido. Por ahora la embestida de los nostálgicos de las grandes enunciaciones ideológicas de la China de Mao se debilita cada vez más. El camino parece irreversible.

Poco LEGIBLE

04-04

871216

Directora: Ernestina Herrera de Noble

El pueblo tibetano

LA eclosión de sentimientos nacionales largamente reprimidos en el Tíbet coloca en estos días ante un significativo desafío a los dirigentes de la República Popular China. Por primera vez la prensa de Pekín reconoció la existencia de descontentos y malestares en la población de la región autónoma constituida en 1959 y admitió graves errores de conducción política.

Ello se debe tanto a la magnitud de las protestas cuanto a los cambios producidos en la propia orientación del gobierno central, que procura liberalizar y modernizar la administración del Estado creado por Mao Tse-tung sobre el gigantesco territorio que alguna vez fue el imperio del Centro. El Tíbet nunca había sido anexado en forma absoluta por los soberanos de las diversas dinastías que se sucedieron en el trono de la Ciudad Prohibida, pero a partir del siglo XVII los dignatarios lamaístas del enorme país de 1.200.000 kilómetros cuadrados que se extiende al norte del Himalaya aceptaron un vasallaje nominal.

Dicho estatuto, que otorgaba a las autoridades chinas el control de las relaciones exteriores y la jurisdicción militar sobre el Tíbet, fue renovado en 1950, cuando el recién instalado gobierno maoísta envió sus primeros destacamentos de tropas y sus primeros funcionarios para negociar con los lamas de Lasa el futuro del territorio. Tíbet, presionado por los británicos que dominaban la India, había proclamado en 1911 su independencia total, logrando en cambio que el Reino Unido no transformara sus pretensiones de influencia en una posesión colonial directa.

La importancia geopolítica de su vasto territorio es innegable para el control de toda el Asia central y meridional.

Las zonas desérticas septentrionales abren el paso al corazón mismo de China y los pasos del Himalaya fueron atravesados por numerosos invasores de la India. Era ingenuo suponer que el nuevo régimen instalado en 1949 en Pekín pudiera soslayar esa cualidad del Tíbet y corriera el riesgo de que los dignatarios lamaístas se cobijaran bajo el manto protector de otro país vecino o de alguna potencia adversa.

El régimen lamaísta había sido instaurado en el Tíbet en el siglo XVI y mantenía a sus cerca de dos millones de habitantes en un sistema feudal inmovilizado, controlado por los monjes de una forma peculiar de budismo en sociedad con un puñado de nobles guerreros. La mayor parte de la población era campesina.

La supervivencia de este estado de cosas era evidentemente incompatible con el nuevo curso de China, y en 1959 se produjo el estallido frontal. Impulsados por los guerrilleros de las tribus khambas del nordeste, los lamas de Lasa intentaron un alzamiento, que culminó con la ocupación masiva del territorio por tropas chinas y con la huida a la India del Dalai Lama. Este, como reencarnación de una de las manifestaciones históricas del Buda, era considerado el soberano del Tíbet.

Se inició entonces un proceso de acelerada incorporación de pautas culturales dictadas por el gobierno de Pekín, que llegó a sus extremos entre 1966 y 1976, los años de la Revolución Cultural. Ella conoció en Tíbet, según ahora reconocen los propios dirigentes chinos, sus extremos más exagerados y dogmáticos. Miles de templos fueron cerrados y aun arrasados y el progreso prometido que se había iniciado con la reforma agraria y con la construcción de carreteras, escuelas y hospitales, se convirtió en un intento exasperado por borrar la historia, la cultura y la tradición de un pueblo.

Los chinos maoístas repetían el mismo papel "civilizador" que antaño se habían arrogado los colonialistas europeos en otros puntos de Asia, África y América y que llegó a ser teorizado como "la carga del hombre blanco". No era aquí ya cuestión del color de piel, pero los chinos adherentes a la versión maoísta del marxismo-leninismo ensayaron modificar por la fuerza y sin contemplaciones el estadio medieval de los tibetanos para lanzarlos a un proclamado socialismo.

A partir de 1978 esa tendencia se corrigió sensiblemente. Otro dirigente religioso del país, el Panchen Lama, un buda encarnado de Shigatsé, fue elegido vicepresidente del Congreso del Pueblo Chino. Al año siguiente el secretario general del Partido Comunista Chino visitó por primera vez Lasa.

Se permitió reanudar voluntariamente la vida monástica a un gran número de lamas; el país fue abierto al turismo extranjero, atraído por las expresiones de una cultura tan particular, y la modernización trató de adecuar sus ritmos a las espectativas y deseos de la población. Evidentemente ello no bastó, y ahora los tibetanos demuestran la fuerza irreprimible del sentimiento de identidad de todo pueblo.

La rueda de la historia no puede volver atrás y los tibetanos no regresarán nunca, seguramente, a un régimen feudal y teocrático, pero el gobierno chino deberá armonizar la defensa de su integridad territorial y de su seguridad con las aspiraciones a la autonomía y a la libertad de un pueblo también milenario, en virtud, por otra parte, de los mismos principios que predica como su fundamento. De lo contrario, Tíbet se convertirá en una espina cada vez más peligrosa en el cuerpo del gigante.

01-01 8711237

APEX

033

SE CUMPLE HOY EL 37º ANIVERSARIO DE LA ANEXION CHINA

Reprimen manifestaciones en el Tíbet

Están anunciados para hoy en el Tíbet la realización de actos independentistas, en coincidencia con el 37º aniversario de la entrada de las tropas chinas a la región. La policía detuvo ayer en Lasa a casi cien personas que participaban de una marcha antichina. En Xigatse, la segunda ciudad tibetana, se produjeron incidentes entre separatistas y fuerzas de seguridad.



Una familia tibetana transporta madera quemada de una estación de policía hasta un mercado que resultó destruido durante las manifestaciones del 1º de octubre en Lasa, capital del Tíbet.

PEKIN, 6 (AFP, Reuter, AP y DPA). — La policía militar china reprimió hoy una manifestación de monjes tibetanos en Lasa, la capital del Tíbet, y detuvo a casi un centenar de ellos.

Según informes de varios testigos, la policía y soldados chinos portando fusiles AK 47 y pistolas automáticas, avanzaron hacia los manifestantes y detuvieron a casi cien personas, la mayoría se cree que eran lamas.

Las autoridades habían reforzado Lasa por temor a nuevas marchas antichinas. Soldados y unidades paramilitares fueron transportados a la capital tibetana desde regiones vecinas.

Se estima que los monjes llegaron a la ciudad desde el monasterio de Drepung, situado a varios kilómetros de Lasa.

Luego de la violenta manifestación del jueves último, que culminó con la muerte de varias personas, la policía colocó nuevos puestos de control en las rutas de acceso a Lasa y se informó que se cerró la frontera entre el Tíbet y Nepal.

Los independentistas sostienen que el objetivo de esta medida es impedir que los tibetanos que viven en Nepal y la India viajen a Lasa para participar en los actos independentistas que se llevarán a cabo mañana, en coincidencia con el 37º aniversario de la entrada de las tropas chinas a la región.

Fuentes tibetanas han señalado que la policía china arrestó a unas cuarenta personas que trabajaban para el gobierno, de quienes se sospecha que han contribuido con el movimiento independentista tibetano.

Un vocero del gobierno declaró hoy que los principales dirigentes regionales no se encontraban en el Tíbet cuando se produjeron los incidentes del 1º de octubre, durante los cuales los manifestantes apedrearon e incendiaron una estación policial después de la detención de veinte monjes que participaban de una marcha antichina.

"La situación es calma, está bajo control", dijo el vicedirector de la Oficina de Relaciones Internacionales, Yan Xianxu.

El funcionario agregó que no cree que ningún empleado gubernamental pierda su cargo como consecuencia de las protestas y añadió que los culpables de los incidentes son una "pequeña minoría de separatistas respaldados por el Dalai Lama", líder espiritual del Tíbet.

En Xigatse

Un viajero chino afirmó hoy que en otra ciudad tibetana, Xigatse, se realizaron en los últimos días manifestaciones en favor de la independencia tibetana, tras los disturbios del jueves pasado en la capital, Lasa.

Agregó el informante que dos extranjeros fueron detenidos durante esas manifestaciones, por portar banderas con el emblema independentista tibetano en el monasterio Tashilumpo de Xigatse, aunque dijo desconocer el día en que se efectuaron las manifestaciones y la nacionalidad de los detenidos.

Xigatse, de 40.000 habitantes, es la segunda ciudad del Tíbet y está ubicada a unos 350 kilómetros al oeste de Lasa.

La oficina de asuntos tibetanos de Chengdú afirmó hoy no tener noticias de la situación en Xigatse. "No sabemos demasiado bien lo que está pasando en el Tíbet", respondió un vocero consultado telefónicamente.

Por su parte, el servicio telefónico de Chengdú, capital de Sechuán, provincia que bordea el Tíbet, señaló que todas las comunicaciones telefónicas con ese país estaban cortadas y que por lo tanto era imposible comunicarse con Xigatse.

Fuentes en la capital china manifestaron hoy que alrededor de 600 efectivos de la policía militar china fueron transportados desde Chengdu a la capital tibetana en aviones, para reforzar las medidas de seguridad.

Arrestos masivos

NUEVA DELHI, 6 (Reuter) — Cientos de tibetanos fueron arrestados luego de las revueltas del jueves en Lasa, en las que murieron unas 20 personas, dijo hoy el portavoz del Dalai Lama.

Tashi Wangdi, vocero del exiliado líder tibetano en Nueva Delhi, agregó que otros muchos tibetanos, incluidos los heridos en las refriegas del jueves al chocar con la policía china, se han escondido por miedo a ser arrestados.

"De acuerdo con los últimos informes de Katmandú —Nepal— al menos varios centenares de tibetanos, incluso monjes, han sido arrestados por las fuerzas de seguridad", se aseveró.

"Mucha gente que fue lastimada pasó a la clandestinidad por temor a los interrogatorios y a la tortura a manos de la policía china", manifestó Wangdi.

El vocero del líder espiritual añadió que los monjes tibetanos también realizaron protestas, indignados por la "vociferante campaña" contra la visita del Dalai Lama a Estados Unidos montada por la radio oficial del Tíbet.

Aseveró que funcionarios tibetanos fueron obligados a criticar esa visita, durante la cual el Dalai Lama hizo un llamamiento por la libertad tibetana.

EL REGIMEN DE PEKIN

Problemas étnicos

PEKIN, 6 (AFP). — Los sangrientos acontecimientos que acaban de oponer en el Tíbet las fuerzas del orden a los tibetanos revelan el fracaso de la política de asimilación que el régimen comunista chino quiso aplicar con las 55 minorías étnicas que viven en China, estimaron hoy los analistas.

Actualmente, a pesar de la política más tolerante llevada a cabo desde hace 10 años, China recibe los contragolpes del autoritarismo practicado por Pekín en las regiones habitadas por minorías a comienzos de 1950, cuando llegaron los comunistas al poder.

Paradójicamente, fue la política de apertura y de reformas lanzada en 1978, y que representó para esas minorías un real progreso social, lo que les permite hoy expresar abiertamente su oposición, durante tanto tiempo ocultada por temor a las represalias.

Estas 55 minorías, que representan el 6 por ciento de la población china, evaluada en más de 1.000 millones de personas, viven en las regiones más desheredadas, que ocupan un 62 por ciento del territorio chino, según estadísticas oficiales.

Tíbet es fronterizo con la India. El Xinjiang, provincia del nordeste de China donde viven ocho millones de musulmanes, linda con cinco países: Unión Soviética, Pakistán, Afganistán, Mongolia e India. Las provincias de Yunnan y de Guangxi (sur), tienen una frontera común con Vietnam, país al que Pekín, tras el conflicto armado de 1979 con Hanoi, reclama la partida de las tropas vietnamitas de Camboya.

A partir de 1950 China envió —generalmente contra su voluntad— a miles de han (responsables políticos, ingenieros, jóvenes diplomados) a esas regiones para que aseguraran el control político, administrativo y económico.

Aún hoy todos los órganos de la dirección en esas regiones están en poder de los han, señalaron los observadores, y si bien es cierto que los gobernadores o presidentes de parlamentos regionales son miembros de una minoría étnica, éstos son siempre elegidos en razón de su subordinación al poder central.

Según estadísticas oficiales, solo un 7 por ciento de la población que vive en Tíbet es han y más del 60 por ciento de los cargos de responsabilidad están ocupados por tibetanos, pero en Xinjiang, más del 40 por ciento de la población es han.

Los desplazamientos forzados de poblaciones causó mucho descontento, tanto en las minorías, que consideraban la presencia han como una ocupación, como entre los propios han, que se veían obligados a vivir durante años en regiones con culturas y formas de vida diferentes a las suyas.

Las regiones de Tíbet y Xinjiang, situadas a más de 3.000 kilómetros de Pekín, son los ejemplos más evidentes. Tibetanos y uighures (etnia musulmana de Xinjinag) no hablan chino y en consecuencia no pueden comunicarse con los han.

Cada comunidad tiene sus escuelas, hospitales y periódicos y las televisiones locales difunden programas en chino y en diferentes dialectos hablados por las poblaciones, demostrando el fracaso de la asimilación.

Todo extranjero que haya visitado esas dos provincias ha podido comprobar en las calles al contacto con la población, que el resentimiento de los tibetanos contra los han llega hasta el odio declarado y que en Xinjiang musulmanes y han se ignoran, para tolerarse mejor.

Esta incompatibilidad —evidente en el Tíbet que reclama su independencia— dificulta la política del líder chino Deng Xiaoping con respecto a las minorías étnicas, que se había caracterizado por una reducción del control político, una mayor tolerancia religiosa y un aporte financiero al desarrollo de esas regiones, donde el poder adquisitivo es 50 por ciento inferior a la media nacional.

Un ejemplo: China celebrará el 7 de octubre el 37º aniversario de su liberación del Tíbet con la entrada de las tropas chinas en Lasa, pero para los tibetanos este es el aniversario de la anexión del Tíbet a China.

Los analistas estiman que China carece de solución para este conflicto, puesto que "volver a cerrar el Tíbet sería reconocer el fracaso de una política de apertura que da credibilidad a China en el exterior desde 1978".

"China debe ahora elegir entre persuasión o represión —actitudes que han fracasado ya—, y el margen de maniobra es casi nulo", estimó un diplomático.

Los analistas estiman que China actuará con prudencia por miedo a que el movimiento de protesta en el Tíbet no se propague en Xinjiang, donde en 1985 más de 10.000 estudiantes uighures llevaron a cabo manifestaciones pidiendo una mayor autonomía política.

PARTES ILEGIBLE

8711238

01-01

HB

033

China: nuevo estilo en el Partido Comunista

PEKIN. — El recién elegido secretario general del Partido Comunista Chino (PCCH), Zhao Ziyang, ha introducido un nuevo estilo de franqueza y apertura sin precedentes en la historia de la dirección del partido.

Pocas horas después de su confirmación como jefe del partido, Zhao, de 68 años, presentó a la prensa china y extranjera en el Gran Palacio del Pueblo de Pekín a los nuevos mandatarios del partido y habló con soltura durante una hora de temas políticos, económicos y generales.

Comparado con la reclusión en que han vivido los anteriores dirigentes chinos y el secreto del que han estado rodeadas sus vidas, esta aparición supone un cambio radical hacia los medios de comunicación, que ha recordado a algunos observadores la ascensión al poder del líder soviético Mijail Gorbachov.

El gran ausente en esta recepción fue Deng Xiaoping, que se retiró el domingo del Comité Central del partido, junto con otros ancianos dirigentes para dar paso a la nueva generación.

En la persona de Zhao Ziyang se agrupan ahora los cargos de jefe del partido y del gobierno, vicepresidente de la Comisión Militar del partido y miembro del Comité Permanente del Politburó.

El líder comunista bromeó sobre el corte de sus trajes con los reporteros y brindó con los que le desearon éxito en la reforma emprendida hace nueve años por el recién jubilado Deng Xiaoping.

Dijo que en breve renunciará a la jefatura del gobierno, que desempeña desde 1980, y que propondrá a un sucesor más joven y más abierto.

LA NACION
Domingo 8 de noviembre de 1987

Cuestiones, países, personas

La flor que resplandece



Zhao Ziyang

Cuando apareció en el XIII Congreso del Partido Comunista chino con traje occidental y corbata colorada, Zhao Ziyang, sucesor de Deng Xiaoping, pareció querer demostrar que esa ruptura con el ascetismo maoísta constituía el mejor símbolo de las reformas políticas y económicas que el nuevo equipo dirigente se propone impulsar para acelerar la modernización del país.

Conocido por su pragmatismo y sus cualidades de administrador, Zhao es un tecnócrata de 68 años que está haciendo bastante irresistible la comparación con Mikhail Gorbachov y su *perestoika*.

Actualmente –dijo hace unos meses– el deber más urgente consiste en elevar el nivel de vida y las condiciones materiales del pueblo. Si para lograr ese objetivo es necesario adoptar algunas prácticas capitalistas o colaborar con el capitalismo, no hay motivos para inquietarse."

Casado, padre de cinco hijos, famoso por su gran capacidad de trabajo, es uno de los pocos dirigentes chinos que tiene una amplia experiencia internacional y no se ruboriza cuando debe predicar el modernismo aun en la vida cotidiana. "Me gusta que las mujeres se embellezcan, se pinten los labios y cuiden su peinado", confesó recientemente.

Zhao fue una de las primeras víctimas de la Revolución Cultural. En 1967, acusado de estar "freneticamente comprometido en un complot criminal para restaurar el capitalismo", fue obligado desfilar por las calles de Cantón con un bonete de asno sobre la cabeza. Pero apenas los "reaccionarios" Deng Xiaoping y el presidente Liu recuperaron el poder, le confiaron la difícil misión de rehacer la economía de la provincia de Sichuan, que se convirtió en el laboratorio experimental de la reforma rural, lanzada oficialmente en 1978.

Allí consolidó su reputación de hombre pragmático y eficiente, dos condiciones que lo catapultaron a la esfera central del poder en Pekín, en 1979, donde se convirtió en la mano derecha de Deng. Después de un período de prueba, en septiembre de 1980 reemplazó a Hua Guofeng –el sucesor de Mao– en el cargo de primer ministro. Pero su verdadera consolidación en el poder se produjo en enero último, cuando reemplazó en forma interina al secretario general del partido, Hu Yaobang, víctima de las manifestaciones estudiantiles que estremecieron al país a fines del año pasado.

Diez meses después de haber tomado el timón en plena tormenta, Zhao ha logrado frenar las impaciencias de los partidarios de una reforma acelerada y calmar los temores de los conservadores. Por eso, al verlo junto a Deng en el XIII Congreso, fue casi inevitable evocar la frase del célebre moralista chino Lao Tse: "Una flor se marchita y otra resplandece".

RPCH
Anuario Argentina

033

Martes 13 de octubre de 1987 — La Nación

Comenzará hoy su actividad oficial el vicecanciller de China

Iniciará hoy su actividad oficial el vicecanciller de China, Zhu Qizhen, quien llegó al país el domingo.

Sería intención de las autoridades chinas establecer lazos comerciales más efectivos sobre la base de un intercambio equilibrado, pues la balanza es altamente favorable a nuestro país.

Programa

El distinguido visitante rendirá, a las 10, homenaje al General San Martín y a continuación mantendrá una reunión con su colega, la secretaria de Estado de Relaciones Internacionales, Susana Ruiz Cerutti, recientemente designada, quien le ofrecerá un almuerzo en el Palacio San Martín.

Acompañan al vicecanciller chino los funcionarios del área latinoamericana de la cancillería de Pekín, Zhu Xiangzhong, Chen Duqing y Shi Longzhuang, quienes mantendrán reuniones con el director del área Asia del Ministerio de Relaciones Exteriores, embajador Ricardo Elizondo.

Zhu Qizhen saludará mañana al canciller Dante Caputo, quien lo acompañará a Olivos, donde será recibido por el presidente de la Nación.

Como informó LA NACION, el ministro de Relaciones Exteriores del Uruguay, Enrique Iglesias, vendrá al país en viaje privado para reunirse con el canciller chino con el fin de conversar sobre el establecimiento de vínculos diplomáticos entre ambos países.

RPCH.

033

Emitirá títulos en marcos alemanes

Acentúa China su apertura económica

Pekín (Reuter) — El ministerio chino de Finanzas anunció ayer que colocará en Frankfurt en los próximos 11 días un título denominado en marcos alemanes.

Esta será su primera emisión de títulos en ultramar desde que los comunistas llegaron al poder en 1949.

Banqueros occidentales indicaron que el ministerio había proyectado originalmente realizar la emisión en Tokio pero optó por trasladar la operación a Frankfurt, por temor a no lograr una clasificación máxima y la emisión tiene mucho que ver con rivalidades entre diferentes ramas del gobierno chino.

El portavoz del ministerio informó que la emisión está siendo manejada por el Dresdner Bank y el dinero que se recaude con la operación será aplicado a proyectos de infraestructura y a pagar intereses sobre deudas previas.

Esta emisión constituye un hito más en el ingreso de China a los mercados financieros mundiales. El viernes, el Banco de China debe firmar formalmente un título de 200 millones de dólares en Londres.

Esto sigue a un acuerdo suscripto entre Gran Bretaña y China en junio, que resolvió todas las reivindicaciones pendientes sobre títulos, que databan de la época en que los comunistas accedieron al poder en Pekín en 1949.

• Planteo

Funcionarios del Ministerio de Finanzas plantearon primero la cuestión de la emisión de títulos en el exterior durante una reunión con una delegación del Japan Economic Journal en abril.

El principal problema, dijo un banquero nipón, es el temor del Ministerio de Finanzas de que la emisión reciba una clasificación menos favorable en el mercadb de Tokio que el Banco de China, que ha emitido títulos allí con una clasificación "AAA".

"Es una cuestión de imagen. Emitir un título en los Estados Unidos también requiere una clasificación, pero en el mercado de Londres o en el germano federal eso no hace falta.

01-01 8711315

RPCH.

033

Masiva purga en PC chino

PEKIN. — El Partido Comunista de China dijo ayer que expulsó a más de 150.000 miembros en purgas realizadas entre 1982 y 1986 y advirtió que continuará siendo "estricto" con los opositores a las políticas de reforma económica.

Fue la primera indicación oficial de la extensión de las purgas, pero ello también muestra la resistencia que han presentado los miembros de línea dura a las reformas impulsadas por el líder Deng Xiaoping.

"La labor de mejorar el estilo de trabajo del partido es una misión a largo plazo", dijo la comisión central para inspección disciplinaria del PC, en un informe difundido por la agencia noticiosa oficial XINHUA.

"El informe destacó la necesidad de ser estrictos con los miembros del partido y hacer cumplir la disciplina del partido para que éste pueda pasar la prueba de reforma y apertura", dijo XINHUA.

El informe fue hecho público luego del cierre del XIII Congreso Nacional del partido la semana pasada, visto como una mayor victoria para Deng y el nuevo secretario general del partido Zhao Ziyang, quien ha dirigido una campaña para rejuvenecer las filas del PC y consolidar el apoyo para la modernización y políticas de "puertas abiertas".

El informe dijo que 650.141 miembros del partido fueron "disciplinados" entre 1982 y 1986 por violar las regulaciones. De ellos, 151.935 fueron expulsados del partido, que cuenta ahora con 46 millones.

Muchos de los "disciplinados" fueron blanco de la primera purga formal del partido desde la década de 1940, una "campaña de rectificación" lanzada en octubre de 1983 para sacar de las filas a los radicales que favorecieron la caótica revolución cultural de 1966-1976.

ELDÍA 5/11/87

01-01

8711355

RPCH.

033

Acercamiento con China continental

El Gobierno está sensibilizado estudiando como corresponde el momento oportuno de resolver el tema" de las relaciones diplomáticas con China continental, dijo el diputado Roberto Asiaín, quien agregó que existen "avances muy importantes" en materia de acercamiento político, partidario y parlamentario.

Asiaín dijo más adelante que el intercambio comercial entre 1980 y el presente se ha multiplicado 250 veces y que "China es uno de los principales clientes que tiene Uruguay", al que exporta por 60 millones de dólares.

Hablando en el edificio Libertad, el parlamentario subrayó que la próxima visita del presidente del gobierno español Felipe González "habla a las claras de que el nuestro ya no es un país que se sobrevuela, sino una nación en la que interesa estar presente por el protagonismo que tiene dentro de la comunidad internacional y, en particular, en el ámbito regional".

El presidente de la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Representantes destacó la participación uruguaya y "los esfuerzos de paz en Contadora y en lo referente a la constitución del Grupo de Río que tanto importa a los países socialistas como a los occidentales".

Consideró estas acciones como "un nuevo foro político dentro de América Latina que no pretende enfrentarse con nadie, sino que constituye un ámbito y un espacio de discusión de ocho gobiernos democráticos".

El Día 30/10/87

01-01

8711380

Miércoles 4 de noviembre de 1987

Clarín

ROBERTO NOBLE el 28 de agosto de 1945

Directora: Ernestina Herrera de Noble

El gran cambio de China

LA tendencia renovadora del Partido Comunista Chino ha logrado consolidarse ampliamente en el Decimotercer Congreso que se celebró la semana pasada en Pekín. El líder Deng Xiaoping arrastró con su renuncia a otros 92 viejos dirigentes y dejó las puertas abiertas para el asentamiento institucional de los hombres que representan el nuevo curso, al que seguirá inspirando desde su papel de orientador sin cargo alguno.

Si ello no obstara para que continúe su influencia, al menos por la etapa que consienta la evolución de los acontecimientos y su propia edad, el alejamiento de los puestos de comando significará para otros, lisa y llanamente, la derrota de una prolongada línea política. Esta, con distintos avatares, es la que presidió el surgimiento del nuevo Estado chino en 1948 y dio lugar al "gran salto adelante" primero y a la Revolución Cultural después, y que comenzó a entrar en su crisis definitiva en los últimos años de la década del '70.

Fue una línea impregnada de rigorismo principista y de voluntarismo, una línea que llamó a las cosas por un nombre diferente y que vivió la ensoñación de tomar por realidades lo que eran simples denominaciones ideológicas. No es que en China no se hubiesen producido cambios. Por el contrario, los hubo y gigantescos, pero no se correspondían con las formulaciones teóricas.

En un país sujeto por siglos al dominio de un estado despótico y constituido por una mayoría de campesinos misérrimos y analfabetos, un pequeño grupo de intelectuales imbuidos de principios marxistas —en la versión leninista— logró convertirse en un partido comunista que si no representó a la casi inexistente clase obrera, sí fue el motor de una transformación sustancial del sistema. Bajo la conducción de Mao Tse-tung, el milenario "imperio del centro" devino la República Popular China, escenario de un gigantesco experimento social de notable incidencia para el futuro de la humanidad.

No es nuestro propósito efectuar aquí el balance de sus errores y de sus aciertos, de sus logros y de sus fracasos, pero a nadie puede ya escapar, y menos a los actuales dirigentes chinos, que la rigidez teórica y el voluntarismo a ultranza demoraron y limitaron muchos de los proyectos enunciados, al margen de su bondad o conveniencia. El desprecio por el desarrollo auténtico de su base material condujo al enorme país asiático a un callejón sin salida.

Los miembros de la clase dirigente que lograron superar con vida los tormentosos años de predominio de la "banda de los cuatro" comprendió la necesidad urgente de adoptar una orientación más racional y realista, acorde con los cambios operados en el mundo industrializado y de los que China se encontraba cada vez a mayor distancia.

Sin embargo, como dijimos en esta columna al comentar a principios de este año la sustitución como primer ministro del moderado Hu Yaobang por el renovador Zhao Ziyang, también designado ahora secretario general del partido, "las sucesivas estrategias para abrirse al exterior y flexibilizar la conducción centralizada de la economía fueron acompañadas, como era lógico suponer, por el surgimiento de tendencias al cambio en el interior de la sociedad china".

Tales tendencias, alentadas en un principio por los dirigentes, también los atemorizaron. Los propios promotores de las medidas tendientes a agilizar el desarrollo tecnológico e industrial del país no aceptaron en su integridad encarar una paralela flexibilización política y social.

El actual desplazamiento de los conservadores más empedernidos implica un paso adelante en ese sentido, pero la conducción del proceso sigue monopolizada por el Partido Comunista. Tal vez, como añadíamos en nuestro comentario, "el precio político que los dirigentes no han querido pagar hasta el presente por el progreso económico, puede llegar a ser ineludible en un futuro muy lejano, pero sus respuestas inmediatas no parecen encaminarse hacia tal posibilidad".

Sin embargo, no puede dejar de apreciarse como trascendente el cambio operado. En un panorama internacional caracterizado por los signos de la distensión y por la búsqueda de nuevas fórmulas de coexistencia internacional, la dirigencia china se presenta decidida a ocupar su lugar con una óptica remozada. Sus relaciones con las otras naciones se muestran cada vez más orientadas a obtener mediante el intercambio razonable los aportes tecnológicos y de capital imprescindibles para modernizar su atrasada economía, a la vez que se aceptan para la actividad interna reglas de juego que antes eran anatematizadas como "capitalistas".

Todo ello no es poco ni simple. La admisión por parte de los dirigentes chinos de que se aprestan a iniciar la "primera etapa socialista" significa mucho más que el abandono de la soberbia dogmática que lustros atrás los impulsaban a definirse como el modelo más acabado del socialismo, en desmedro de los "revisionistas" soviéticos. Significa, en última instancia, que China se apresta a iniciar la acumulación y la industrialización necesarias para el desarrollo de una nación de más de 1.000 millones de habitantes. Esto también repercutirá, inevitablemente, sobre el resto del mundo y colocará nuevos hitos para demarcar los equilibrios internacionales y para encarar los conflictos y las tensiones.

Cabe esperar que contribuya a hacerlo por los senderos de la convivencia pacífica y de la cooperación equitativa, en beneficio tanto de los chinos como de los otros pueblos que componen nuestra atribulada humanidad.

Miércoles 7 de octubre de 1987
La Nación



Jóvenes budistas oran en Lhasa (AP)

Tibet: detienen a monjes budistas

LHASA, 6 (Reuter).– La policía militar china reprimió hoy una manifestación protagonizada por unos 60 monjes budistas, primera expresión de protesta desde los motines del jueves último, informaron testigos.

La policía detuvo a un grupo de monjes en el centro de Lhasa y golpeó a algunos de ellos, que llegaron a la ciudad desde el monasterio de Drepung, situado a varios kilómetros de la capital.

Testigos precisaron que los monjes fueron arrestados frente a la sede del gobierno regional.

Poco después, camiones que transportaban a unos 150 efectivos de la policía militar se dirigieron a toda velocidad al monasterio de Sera, donde habitan los afamados monjes guerreros.

Control en la frontera

Un periodista de Reuter fue detenido en un puesto de control policial situado frente al monasterio de Sera, que ha permanecido cerrado al público desde hace cinco días. Los agentes manifestaron que hay problemas en el lugar y ordenaron al cronista que retornara a Lhasa.

La policía instaló nuevos puestos de control en las rutas de acceso a Lhasa y funcionarios chinos informaron que se cerró la frontera entre Tibet y Nepal y no se permite el ingreso de nadie proveniente de allí.

Los separatistas sostienen que el objetivo de esta última medida es impedir que los tibetanos que viven en Nepal y la India viajen a Lhasa para participar en los actos independentistas que se llevarán a cabo mañana, 37° aniversario de la entrada de las tropas chinas en la región.

Los funcionarios chinos de Chengdu, principal escala en la ruta de los aviones a Lhasa, recibieron órdenes de no vender pasajes a extranjeros que se dirijan a la capital tibetana.

Fuentes del Tibet destacaron que los militares se hicieron cargo de las oficinas del gobierno regional.

Esas fuentes agregaron que la policía arrestó a unas 40 personas que trabajaban para el gobierno, de quienes se sospecha que han contribuido con el movimiento independentista.

Declaraciones oficiales

Un vocero del gobierno, entrevistado hoy, declaró que los principales dirigentes regionales no se encontraban en Tibet cuando se produjeron los motines del 1° del actual, durante los cuales los manifestantes independentistas apedrearon e incendiaron una estación policial después de la detención de 20 monjes que participaban de una marcha.

El jefe del Partido Comunista local, Wu Jinghua, se encontraba en Pekín preparando el congreso nacional del partido, que se efectuará este mes. El gobernador de la región estaba de vacaciones y el alcalde de Lhasa había viajado a los Estados Unidos.

"La situación es calma, está bajo control", manifestó el vicedirector de la Oficina de Relaciones Internacionales, Yan Xianxu.

El vicedirector agregó que no cree que ningún funcionario pierda su cargo como consecuencia de las protestas y añadió que los culpables de los incidentes son una pequeña minoría de separatistas respaldados por el Dalai Lama, líder espiritual del Tibet.

La prensa oficial china no se ha pronunciado sobre las declaraciones de una decena de testigos según los cuales la policía abrió fuego sobre los manifestantes el jueves cuando estos atacaban una de las estaciones situada junto al santuario más venerado de Tibet, el templo Jokhang.

Incitación a la sublevación

PARIS, 6 (EFE).– Pema Gyalpo, hermana del Dalai Lama, principal líder espiritual del Tibet, animó a los tibetanos a que se subleven contra los chinos, en una entrevista difundida por el canal 5 de la televisión francesa.

"Todos los tibetanos están en el extranjero o en el Tibet, esperan tener su propio país, gozar de los derechos humanos y tener derecho a la independencia", dijo.

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Felipe González Afirmó que no Pago de Deuda Externa Acarrearía Consecuencias Peligrosas.

PROCEDENCIA : — —

ARCHIVADO EN: España (008)

01-01

8711427

13er. Congreso del P. C. chino

Zhao Ziyang, proseguirá las reformas



El 13er. Congreso del Partido Comunista Chino (PCCH) iniciado el 25 de octubre y clausurado el 1° de noviembre eligió como nuevo líder a Zhao Ziyang (68 años), quien reúne ahora los cargos de jefe del partido, jefe del gobierno, miembro del comité permanente del Politburó y vicepresidente de la comisión militar del PCCH. Pocas horas después de su elección Zhao presentó a la prensa china y extranjera en el gran Palacio del Pueblo de Pekín a los otros cuatro miembros del Comité Permanente del Politburó: Li Peng (57), Qaiao Shi (63), Hu Quili (58) y Yao Yilin (70) y a otros mandatarios del partido. Zhao anunció que en breve renunciaría a la jefatura del gobierno, que desempeña desde 1980 y que designaría a un sucesor más joven y abierto. La nueva generación presentada representa una victoria de Zhao y de la tendencia reformista del partido, que ha renovado la mitad de los 20 miembros del Politburó quienes tenían entre 60 y 90 años, por hombres cuya edad promedio es 65 y que ha disminuido la participación militar en el congreso al 14% de los 1.963 delegados, cuando en el 9° Congreso de 1969, el porcentaje de militares había sido del 50 por ciento. Una excepción la constituye la designación, como vicepresidente permanente de la comisión militar del partido, del general Yang Shangkun (80), quien permanece en el Politburó. Zhao Ziyang reiteró en rueda de prensa que hay opositores a las reformas que se introducen desde 1979, pero afirmó que es un grupo minúsculo y que los periodistas extranjeros se equivocan cuando dividen los políticos chinos en reformadores y conservadores. Zhao ha recibido todo el apoyo de su antecesor, Deng Xiaoping (83), quien renunció voluntariamente a sus cargos y quien hasta último momento reiteró la necesidad de seguir adelante con la reforma económica y con la apertura del país hacia el exterior, criticando los errores de la izquierda del partido en el pasado, que hicieron perder tiempo al país.

LOS ANUNCIOS DE ZHAO

El pensamiento de Zhao Ziyang fue explicitado en un discurso de 2 horas y media pronunciado el día de la inauguración del congreso. Con un traje muy bien cortado y corbata púrpura, Zhao presentó una clarísima visión de las reformas, con frases sorprendentemente concretas (1).

Dijo que el país acelerará las reformas económicas y usará técnicas vinculadas al capitalismo si ellas promueven el crecimiento. También detalló planes para "reformas políticas", un proceso difícil, cuya sustancia está en quitar el partido del gobierno y de las empresas. "Sin reformas en la estructura política, las reformas en la estructura económica no pueden en definitiva tener éxito", sostuvo. Para aplacar los ánimos, Zhao advirtió que el partido no debería acusar a personas que son "demasiado liberales" de estar abogando por "una liberalización burguesa" o por no deseadas ideas occidentales. Pero tampoco debería el partido, cuando una persona no se acompasa con las reformas, acusarlo de ser demasiado rígido en su pensamiento. Habló de los "principales defectos" del sistema político. El partido, afirmó, es demasiado burocrático, demasiado centralizado y demasiado "feudal". Dijo: "Es difícil para personas jóvenes y promisorias desplegar totalmente sus talentos y es difícil evitar prácticas inconvenientes.

Abogó por separar el partido del gobierno y ofreció algunos ejemplos. Anunció que los comités del PCCH en todo el país deberán dejar de ubicar miembros que no tienen posiciones de gobierno en cargos de operaciones gubernamentales. Incluso dijo que ciertos departamentos del partido deberían ser suprimidos si ellos se sobreponen a unidades gubernamentales.

El poder en el partido también debería ser descentralizado y debería darse a las ciudades, empresas e instituciones, más autoridad. "La devolución del poder se ha mostrado efectiva en reformas rurales y debería ser hecha en otros campos", afirmó Zhao.

REFORMAS ECONOMICAS

Sobre temas económicos, Zhao anunció que China continuará agresivamente sus reformas de puertas abiertas. Dijo que Beijing mejorará el clima para inversores extranjeros. Ofreció pocos detalles acerca de ideas específicas de reformas económicas, pero apoyó varias reformas que han sido consideradas particularmente controversiales, incluyendo la emisión de bonos para la venta al público y permitiendo mercados en estado real y anunciando que la venta de acciones en empresas del gobierno continuará "sobre la base de ensayos". Se refirió a varios problemas causados por reformas adoptadas, incluyendo inflación (2), corrupción y una diseminada disparidad en los ingresos. Dijo que China tendrá que incrementar la producción de granos en la próxima década. Este es un punto sensible, porque líderes conservadores (como Chen Yun), habían advertido durante años que había que ser cauto en la introducción de reformas en el agro para evitar la falta de suficiente producción cerealera. Zhao reconoció que "tomará más tiempo construir el marco estructural de lo que habíamos estimado". Sugirió que algunos aspectos de la economía podrían pasar a ser controlados más severamente (2). En referencia a la delicada reforma en los precios, expresó que los niveles de vida no deberían ser deprimidos en el proceso. Anunció que el gobierno tendrá que incrementar el control de precios para atacar la inflación. Dijo que el Estado debe orientar las inversiones, algo que ha sido descentralizado en los últimos años. Anunció no obstante que la propiedad estatal seguirá siendo dominante en la economía china, aunque la experimentación debería continuar en asuntos tales como entregar fábricas estatales a particulares por el sistema de leasing. También admitió la entrega por venta o leasing de ciertas pequeñas fábricas estatales a empresas colectivas o individuales.

Para resolver el problema ideológico de usar métodos capitalistas en un Estado socialista, los planificadores han formulado una teoría que dice que China todavía está en la "primer etapa" del socialismo. Zhao explicó esa noción en su discurso, marcando por primera vez que reformistas habían intentado crear una ideología comprensiva apuntalando cambios iniciados por Deng Xiaoping. Dijo que en la primera etapa, comenzada en 1950, China experimenta con varios sistemas económicos hasta que el país pueda "poner un fin a la pobreza y al atraso". La meta de Zhao para completar el proceso es la mitad del siglo veintiuno. En el corto plazo, dijo Zhao, China espera duplicar su producto nacional bruto para el año 2.000. En el largo plazo sin embargo, China no va a ser capitalista, advirtió Zhao. "El camino capitalista es una avenida ciega para China", dijo, agregando: "la única vía es la vía socialista".

Las metas han sido fijadas, los ejecutores han sido designados, sus posiciones han sido declaradas. Ahora mil millones de personas dependen de cómo se lleven a cabo esas reformas.

Héctor N. Di Biase

(1) The Asian Wall Street Journal, 26/10/87, pág. 1 y 8.
(2) LA SEMANA, 24/10/87, pág. 2
(3) The Economist, 31/05/87, pg. 37.

Economía

La Mañana

MONTEVIDEO, SABADO 14 DE NOVIEMBRE DE 1987

El conflicto suscitado en Argentina los derivaría a Uruguay

Unos 130 pesqueros de la República China operarían en nuestro puerto

Unos 130 pesqueros taiwaneses operarían desde el próximo año en el puerto de Montevideo, lo que permitirá un ingreso global y anual de unos 50 millones de dólares, teniendo en cuenta el aporte de otros 320 buques de otras nacionalidades dedicados a la pesca en el Atlántico Sur, dijeron a La Mañana calificados voceros del sector privado.

Este incremento cuantitativo posibilitará acrecentar para el próximo año, en más de un 20 por ciento, lo recaudado por servicios portuarios con destino al puerto de Montevideo, afirmaron nuestras fuentes que pidieron no ser identificadas.

El estado actual de las relaciones entre la República de China y la República Argentina, y un enérgico comunicado emitido días atrás por la Cámara de Armadores de Pesqueros Congeladores de la Argentina (CAPECA), contraria a permitir que unos 130 barcos pesqueros taiwaneses operaran desde el puerto de Bahía Blanca, habrían originado una tenaz ofensiva por parte de agencias que operan en Montevideo dirigida a consolidar la operativa desde nuestro propio puerto.

Así, y en tal sentido, se concretaron gestiones ante las autoridades de Taiwan y la Administración Nacional de Puertos para instrumentar un conjunto de medidas tendientes a facilitar los servicios portuarios desde nuestra costa.

Los voceros consultados indicaron a La Mañana que paralelamente el próximo martes llegará a nuestra capital una misión consultora -procedente de la República de China- que trabará contacto con jerarcas de la A.N.P. sobre la base de un proyecto ya presentado que procura la ampliación de las actuales instalaciones portuarias con el fin de alojar unos 40 buques taiwaneses.

OFENSIVA GENERAL

Nuestras fuentes manifestaron que todas las agencias navieras que constituyen el puente natural entre los barcos que desarrollan esta actividad y nuestro país vienen llevando a cabo a todo nivel una ofensiva promocional del puerto de Montevideo, para que éste se convierta en un eficiente e importante vendedor de servicios.

En el corriente año, y cuando faltan poco más de dos meses para culminar el ejercicio, sólo la flota taiwanesa ha dejado por concepto de estos servicios entre U$S 28 y 30 millones, confiaron nuestros voceros.

Este rubro, de importancia trascendental para el país, está constituido por ítems tales como alimentos, cajas de cartón, combustibles, servicios médicos, servicios portuarios, en un abanico difícilmente cuantificable, que es vendido no sólo en nuestro puerto sino a través de envíos que las agencias realizan desde Montevideo a la propia zona de pesca.

ACTUAL OPERATIVA

En la actualidad unos 76 pesqueros taiwaneses vienen pescando en el Atlántico Sur, siendo los calamares el objeto de captura, señalaron nuestros entrevistados.

Los servicios portuarios -fundamentalmente el trasbordo de la captura a los buques congeladores- se viene realizando en Port Stanley, en las islas Malvinas.

Dicho puerto, confiaron se ha constituido, luego del conflicto bélico en una verdadera "ciudad flotante" en base a la gran cantidad de barcos que han solicitado la correspondiente licencia a las autoridades británicas.

En efecto, dijeron, pesqueros taiwaneses, coreanos, japoneses, polacos, griegos, holandeses, soviéticos, de Alemania oriental, búlgaros y españoles entre otros, vienen operando de tal forma.

No obstante, los escasos suministros que puede ofrecer Port Stanley, el hecho de que se trata de una pequeña villa, los costos elevados, especialmente en lo que refiere al combustible, hicieron que algunas flotas procuraran utilizar los puertos atlánticos argentinos.

RECHAZO ARGENTINO

Bajo el título "Oposición a que la flota pesquera taiwanesa opere en Bahía Blanca", el matutino de la vecina orilla "La Nación" publicó días atrás un comunicado de la Cámara de Armadores de Pesqueros Congeladores de la Argentina (CAPECA).

En su edición del 2 de noviembre pasado, La Nación reprodujo el resumen de este comunicado en la siguiente forma:

"Es sumamente inconveniente y peligroso permitir el acceso a puertos argentinos a buques extranjeros. En particular, de este origen dado que no existe ninguna relación bilateral, económica o diplomática que genere reciprocidad equitativa en el tratamiento con lo que se vulnera el principio de igualdad en las relaciones exteriores.

Se estaría facilitando la actual actividad de buques que, con el pretexto de operar fuera de las 200 millas argentinas, penetran en la Zona Económica Exclusiva (ZEE) en forma clandestina, frente a las dificultades de control que provoca la extensión de nuestro litoral marítimo.

Estos buques capturan recursos asociados o idénticos a los explotados por la flota nacional, con lo que se afecta el ecosistema y las disponibilidades de recursos para la industria nacional.

La facilidad de utilizar un puerto cercano a los cardúmenes incrementará los rendimientos y la eficiencia de estas flotas extranjeras y su directa competencia en el mercado internacional, lo que aumentará la oferta y causará la caída de precios en los mercados como ocurre desde 1982.

Otorgar un puerto en estas condiciones implicaría a su vez, contradecir la política sustentada por las autoridades pesqueras y por la Cancillería, toda vez que está dirigida al desarrollo de la pesca nacional y a las negociaciones bilaterales que ofrezcan oportunidad para el crecimiento del sector empresario, en condiciones de intercambio convenientes y en el contexto de aspectos geopolíticos que resultan de interés para la Nación.

MALESTAR POLITICO

Autoridades municipales de las Provincias de Río Negro, Tierra del Fuego y Santa Cruz, se preocuparon seriamente ante el planteamiento de Taiwan, y viajaron expresamente a aquel país para obtener el concurso de la flota de 130 pesqueros.

Las tensiones de diferentes gremiales de armadores y la posición de algunos sectores internos argentinos, mitigaron hasta el momento la intencionalidad de estas autoridades municipales, confiaron nuestros voceros.

Por su parte, el sector privado uruguayo realizó una verdadera ofensiva promocional de nuestro puerto, y las calificadas fuentes consultadas manifestaron que se concretará la operativa de la flota taiwanesa desde Montevideo.

18

ARCHIVAR EN: R. P. China (033

TEMA: Gobierno filipino intercepta envíos Chinos enviar armas a rebeldes.

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 23/III/87

ARCHIVADO EN:

Filipinas (037)

01-01 8711502

INTERCHINAS 033

Contactos entre Taiwan y Pekín

El gobierno de Taiwan acaba de levantar la prohibición de viajar a China impuesta a sus habitantes hace 38 años, cuando el general Chiang Kai Shek abandonó el continente para refugiarse en la isla, acompañado por 4 millones de compatriotas. La población de Taiwan se acerca, en estos momentos, a los 19 millones de habitantes, muchos de los cuales están vinculados por lazos de parentesco con ciudadanos de la República Popular, con quienes les era imposible el contacto personal.

El Partido Nacionalista en el poder informó, en una breve declaración, que ha decidido levantar las restricciones de viajar al continente por "razones humanitarias", y la prensa oficial de Pekín respondió rápidamente que "los compatriotas de Taiwan serán bienvenidos al continente para visitar a sus familiares".

El primer encuentro entre representantes de ambas repúblicas desde el fin de la guerra civil se produjo el año pasado, cuando se encontraron en Hong-Kong para negociar la devolución de un avión comercial con el que un piloto taiwanés había huido -precisamente para visitar a su familia- en la República Popular. Este hecho, en apariencia menor, tenía, sin embargo, gran significación, como lo hicimos notar en su momento en estas columnas. Era una excepción a las estrictas posiciones que ambas partes habían adoptado 37 años antes. Pekín, negándose a reconocer al gobierno de Taiwan por entender que es parte de su territorio; y este último por aplicación del "triple no" que mantuvo vigente sin excepciones: no hacer contactos, no hacer negocios, no ceder ante Pekín.

A despecho de su declarada actitud intransigente, la República Popular China formuló desde 1972 hasta la fecha reiteradas invitaciones a Taiwan para mantener contactos, con pretextos deportivos, por ejemplo, pero también para lograr la reunificación del país por medios pacíficos que otras veces había considerado imposibles, pues sólo apreciaba valederos los argumentos de la fuerza.

Es notorio que China y Taiwan han tenido una evolución sustancialmente diversa a lo largo de los años transcurridos desde la ruptura. Taiwan es una sociedad democrática, que supo aprovechar el aporte de los países altamente industrializados y, no obstante su reducidísimo territorio, mantiene un crecimiento del 10 % anual y un comercio exterior que ronda los 50.000 millones de dólares anuales. Del otro lado, la República Popular ha logrado la unidad política, intenta alejar el fantasma de sus periódicas crisis económicas y parecería procurar una modernización sustentada en la tecnología occidental y la atracción del capital entranjero.

Se cree actualmente en Taiwan que quienes viajan al continente podrían favorecer una mejor comprensión de lo que es una sociedad abierta y de las diferencias que median con los países comunistas, mientras para Pekín la decisión implica, de alguna manera, que se ha accedido a sus reiteradas propuestas, que no habían tenido éxito hasta el momento.

LA NACION 24/10/87

CHINA NACIONALISTA

033

TAIWAN

OBTENIENDO DELANTERA HACIA EL PODER

Los reformistas K M T están ganando terreno sobre los conservadores y la izq.

En las galerías donde se sitúa el público, de la legislatura de Taipei , se encontraba gran cantidad de gente entre observadores y curiosos, que si de antemano anticipaban un espectáculo, no salieron defraudados. En lapsos entre festivos y violentos, los políticos de la oposición, atacaron duramente a antiguos parlamentarios del vigente Partido Nacionalista K M T, la mayoría de los cuales ostenta sus escaños desde que fueron electos en China hace 40 años.-

- " Uds. viejos ladrones ", gritó Chu Kao-cheng, de 33 años el disidente incendiario cuya afición a treparse a mesas y causar conmoción le valió el apelativo de Rambo. - Pagan impuestos sus electores? - les espetó - Donde están vuestros electores? " Oradores de la oposición, iniciaron entonces un violento altercado con miembros del KMT para obtener el control del podio. Luego de hacer sonar repetidamente la campanilla, en un vano intento por reintegrar el orden, el Pte. del Parlamento Nieh Wen - ya, abandonó el recinto hasta que cesara la conmoción.-

El tumulto que estalló a principios de Noviembre en el Legislativo Yuan de Taiwan, no hubiera podido imaginarse, tan sólo unos años atrás, y refleja los vaivenes políticos que están teniendo lugar en el país.- Luego del levantamiento de la Ley Marcial, y habiendo desproscripto a nuevos partidos de oposición en julio último, el Pte. Chiang Ching-kuo, está tratando de acelerar las reformas democráticas, que alteran las configuraciones de poder.-

A pesar de su fuerza y aparatosidad dentro de la legislatura, el Partido Progresista Democrático (PPD) de oposición, se ha visto seriamente minado por las liberalizaciones de Chiang y se encuentra más fraccionado que nunca. La planificación de Chiang de introducir en los cargos gubernamentales a nativos taiwaneses ha puesto a la defensiva a los antiguos cuadros del KMT.
Entretanto una facción más nueva y liberal del KMT, está logrando firme influencia dentro de la legislatura; algo que Chiang (77), aprueba cautelosamente.
El objetivo de Chian, es poner jóvenes de orientación democrática como legisladores, para asegurar que su agenda de reformas lo sobreviva.-

Los viejos Cuadros: De seguro el K M T, permanece firme en el mando y no muestra intenciones de renunciar al actual control que ha ejercido desde 1949.
Pero habiendo introducido un mínimo de competición política, Chiang debe confrontar las crecientes demandas de la influyente y bien educada población de su país, en pos de mayores reformas democráticas.
Como resultado, Chiang está tratando de remodelar la legislatura de 315 miembros, cuya vasta mayoría de escaños la tienen los integrantes de línea dura del KMT, quienes efectivamente, fueron elegidos de por vida. Los legisladores están debatiendo una propuesta a fin de retirar a la mayoría de los miembros de mayor edad del KMT e incrementar el número de representantes taiwaneses de 73 a 170. Este proyecto ha revitalizado la habitual indolencia de la Vieja Guardia del KMT quienes han aumentado sus ataques durante los últimos meses, contra sus colegas reformistas.
El Delegado Sec.Gral. del KMT Ma Ying - jeou de 37 años expresa: "los antiguos miembros saben que si se quedan quietos, estarán acabados.".-
Sin demasiado cuestionamiento, parecería que los parlamentarios de línea dura, están librando una batalla perdida de antemano.
Cientos de representantes continentales murieron desde 1949, y desde entonces el promedio de edad de los que permanecen en los cargos, es de 82 años, por lo que la reorganización legislativa parece invenitable. Existe además presión de parte de la fracción Jovénes Turquestanos del KMT para una reorganización.-
Aunque firmemente comprometidos con las reglas del KMT, estos parlamentarios electos, simpatizan con las demandas de sus contituyentes en cuanto a que el Partido renuncie a una mayor coparticipación de poder. Muchos de ellos apoyan el llamamiento del PPD. de oposición, acerca de una total reelección de la legislatura para 1989, sin ningún escaño reservado a los ancianos miembros del KMT nacidos en China.

Las reformas moderadas del gobierno, también han minado al PPD,en los últimos meses. Desde que Hiang, levantó la ley marcial y liberó algunas de las restricciones, para viajar a China, dos aspectos fundamentales de la estridente plataforma de oposición anti KMT, la de los antiguos PPD,ha encontrado serios tropiezos.

La lucha de facciones entre los miembros que favorecen el camino parlamentario hacia una reforma democrática, y los radicales que desean forazar concesiones por parte de los KMT, a través de protestas callejeras, se ha visto incrementada.-

Durante el congreso anual del Partido en Taipei, el miembro del PPD, Chu - normalmente un político moderado - enarboló una silla por la cabeza de un miembro, exigiendo un gobierno independiente que no se adjudique la representación de toda China, una postura que muchos miembros PPD, rechazan. El jefe del PPD, Yao Chia - wen, quien admite que su partido, sufrirá fuertes presiones a fin de efectuar cruciales decisiones políticas, afirmó que les falta experiencia organizativa.-

Apoyo Popular: Quizás la amenaza mayor que debe enfrentar el PPD, sea la de la defección de sus jerarcas. A principios de mes, el líder de la oposición Wang Yi - hsiung, un legislador que representa a la sureña ciudad industrial de Kaohsiung, disintió para formar el Partido Laboral, bajo el lema " - mejorar el nivel social de los 4 millones de Trabajadores de Taiwan." Wang insiste en que su partido no competirá con el PPD., pero parece bien encaminado a obtener el apoyo popular que hasta el momento ha sido esquivo a la oposición. Con una moderada plataforma que no aboga por un Taiwan independiente o la lucha violenta, el P.Laboraista puede atraer muchos de los nativos taiwaneses., quienes se habían alineado por la retórica radical de los extremistas del PPD. Algunos son del parecer que el P.Lab. puede atraer además a trabajadores del continente y sus hijos, que por mucho tiempo formaron la base de apoyo del KMT. - Los jóvenes del continente, sienten que el KMT favorece el manejo y el afincamiento , según lo expresó el profesor en ciencias políticas de la Universidad Nacional de Taiwan, Lu Ya - li. _Se sienten muy perjudicados y algún día podrían optar por votar el P. Lab.-

Una nueva y movilizadora clase trabajadora, podría cambiar drásticamente el panorama político de Taiwan que podría reunir además grupos desafectados incluyendo estudiantes, estudiosos del medio ambiente y feministas, quienes en la actualidad se muestran políticamente más activos.-

Consciente de esto, el gobierno está tratando de evitar el masivo apoyo al P. Lab., instalando oficinas en toda la isla a fin de escuchar las demandas y quejas de los trabajadores. Pero por el momento, Chiang parece confiado en seguir con las liberaciones manteniendo a la vez, el timon del partido. Muchos políticos del KMT, preven un sistema dentro del cual, el partido dominante no se vea despojado del poder, sino que pueda ser criticado y guiado por pequeños partidos rivales. Esto puede no ser una democracia verdadera, pero traería aparejada, una legislación mejor ilustrada y más flexible para Taiwan.-

NC.





Edging toward democracy: *Oppositionist Chu (right) scuffles with a KMT legislator in Parliament, President Chiang*

AFP

Jockeying for Power

KMT reformists are gaining ground on conservatives and the left

The gallery overlooking Taipei's legislature was packed with curious observers—and if they were anticipating a lively show, they were not disappointed. By turns feisty and furious, opposition politicians lambasted the senior parliamentarians of the ruling Nationalist Party, the KMT, most of whom have held their seats since they were elected in China 40 years ago. "You old thieves!" shouted Chu Kao-cheng, 33, the dissident firebrand whose penchant for climbing atop tables and causing commotion on the chamber floor has earned him the nickname Rambo. "Do your constituents pay taxes?" he sneered. "Where are your constituents?" Opposition orators then began tussling with KMT members for control of the podium. After repeatedly pounding his gavel in a vain attempt to restore order, Parliament president Nieh Wen-ya left the room in disgust, waiting for the chaos to subside.

The tumult that broke out early this month in the Legislative Yuan, Taiwan's Parliament, would have been unthinkable just a few years ago—and it reflects the momentous political shifts that are taking place in Taiwan. After lifting martial law and removing the ban on new opposition parties last July, President Chiang Ching-kuo is moving apace with democratic reforms that are altering the configurations of power. Despite its fierce bombast in the legislature, the opposition Democratic Progressive Party (DPP) has been seriously undermined by Chiang's liberalizations and is more splintered than ever. Chiang's plans to bring more native Taiwanese into the government have also put the KMT's conservative Old Guard on the defensive. Meanwhile, a younger, more liberal KMT faction is steadily gaining influence in the legislature—a development that Chiang, 77, cautiously approves. Chiang's goal: to put younger, democratic-minded legislators in the majority to ensure that his reform agenda will survive him.

Old Guard: To be sure, the KMT remains firmly in control and shows no intention of relinquishing the rule it has exercised since 1949. But having introduced a modicum of competition to politics, Chiang confronts growing demands from his country's affluent and well-educated population for even more democratic reforms. As a result, Chiang is now attempting to remold the 315-member legislature, where the vast majority of seats are held by KMT hard-liners who have effectively been elected for life. The legislature is debating a proposal to retire most of its older KMT members and increase the number of native Taiwanese representatives from 73 to as many as 170. That prospect has reinvigorated the KMT's normally somnolent Old Guard, who have stepped up attacks on their reformist colleagues in recent months. Says 37-year-old KMT Deputy Secretary General Ma Ying-jeou: "Senior members know that if they keep silent, they'll be finished."

There is little question that parliamentary hard-liners are fighting a losing battle, however. Hundreds of mainland-born representatives have died since 1949, and since the average age of those remaining in office is 82, wholesale reorganization of the legislature appears inevitable. Moreover, pressure from the KMT's Young Turks for an overhaul is growing. Though firmly committed to KMT rule, these elected parliamentarians sympathize with their constituents' demands that the party relinquish a greater share of power. Many of them support the opposition DPP's call for the total re-election of the legislature by 1989—without any seats reserved for aging

KMT members who were born in China.

The government's moderate moves have also seriously undermined the DPP in recent months. Since Chiang lifted martial law and eased restrictions on travel to China—two key aspects of the opposition's strident anti-KMT platform—the year-old DPP has been floundering. Factional infighting between members who favor a parliamentary path to democratic reform and radicals who want to force concessions from the KMT through street protests has increased. At the party's annual congress in Taipei last week, DPP member Chu— normally a man of moderate politics— smashed a chair over the head of one member demanding an independent government that will not claim to represent all of China—a position that some DPP members reject. "We lack experience in organizing," says DPP chairman Yao Chia-wen, who admits that his party will be hard pressed to make crucial policy decisions.

Popular support: Perhaps the biggest threat facing the DPP is defection from its ranks. Early this month opposition leader Wang Yi-hsiung, a legislator representing the southern industrial city of Kaohsiung, bolted to form the Labor Party, with the goal of "improving the social standing" of Taiwan's 4 million workers. Wang insists his party will not compete with the DPP, but it seems well poised to gather the popular support that has eluded the opposition so far. With a moderate platform that does not ad[illegible]ate an independent Taiwan or violent struggle, Labor could attract many native Taiwanese who've been alienated by the radical rhetoric of DPP extremists. Some Taiwanese believe Labor might even attract working-class mainlanders and their children, who have long formed the bedrock of support for the KMT. "Young mainlanders feel the KMT favors the establishment and management," says Lu Ya-li, a political-science professor at National Taiwan University. "They have lots of grievances, and could vote for Labor one day."

A newly mobilized working class could drastically change Taiwan's political landscape; it could also join other disaffected groups—including university students, environmentalists and feminists—which are now becoming more politically active. Mindful of that, the government is trying to pre-empt support for the Labor Party by setting up offices around the island to hear w[illegible]rs' complaints. But for the moment, Ch[illegible]g appears confident that he can proceed with liberalizations while keeping his party at the helm. Many KMT politicians foresee a system in which one dominant party is never ousted from power, but criticized and guided by its smaller rivals. That may not be a true democracy, but it will bring Taiwan more enlightened and sensitive rule.

PAULA C[illegible] in [illegible]

05/05 8711541

RPCh
Emigr EEUU

033

CLARIN 1°/10/87

OB → OBSERVACIONES

Revelaron un complot para vender cazas F-14 a China

Altos funcionarios gubernamentales de China pidieron ayer al líder Den Xiaoping que no renuncie a la presidencia del comité militar del Partido Comunista. En Estados Unidos se reveló un complot para vender misiles y cazas de combate F-14 norteamericanos a aquel país; esa transacción está prohibida por el Congreso.

NEWARK, NUEVA JERSEY y PEKIN, 30 (Reuter, UPI y AP). — Las autoridades develaron hoy un complot para exportar misiles y aviones cazas F 14 norteamericanos a China, en el cual estaban involucrados altos funcionarios de Pekín, señaló un tribunal.

La revelación ocurrió durante una vista de detención del empresario Chang-Yao Chi, de 65 años, residente de Nueva York, quien fue arrestado el domingo.

Chi tiene vínculos con "altos miembros de la delegación (china) en las Naciones Unidas y en la República Popular China", dijo el fiscal asistente norteamericano, Mark Olinsky.

El F 14 es la primera aeronave de combate de la marina norteamericana y Estados Unidos nunca la ha vendido a China. Los misiles involucrados son del tipo Tow y Sidewinder (cascabel).

El magistrado norteamericano Stanley Chesler ordenó la detención de Chi sin fianza luego de determinar que había riesgo de que fugara debido a sus contactos diplomáticos y gubernamentales quienes tendrían "la capacidad y deseos" de ayudarlo.

Según la querella, Chi se reunió con un individuo de nombre Charles Chang el 7 de setiembre para discutir aspectos del embarque de los misiles robados.

Chang fue arrestado en agosto como parte del presunto esquema y convino en grabar la conversación en la cual los dos discutieron el embarque con Chi asumiendo el rol de representante de funcionarios chinos, dice el documento judicial.

El abogado Alan Zegas dijo que Chi ha residido en Estados Unidos durante nueve años y anteriormente vivió en Taiwan durante 30 años.

Zegas negó que Chi estuviera involucrado en el complot, y dijo que una transcripción que había preparado de un diálogo grabado, en idioma chino, tuvo "significativas variaciones" de la versión dada por el gobierno norteamericano.

El Sidewinder es un misil de corto [illegible], aire aire, con sistema de orientación de rayos infrarrojos. Puede ser usado en la mayoría [illegible] guerra del aire [illegible].

[illegible] norteamericano normalmente disparado desde un transporte personal, un jeep o un trípode, es el misil antitanque más poderoso usado por la infantería. Puede igualmente ser montado en helicópteros Cobra.

Pedido a Deng

Altos funcionarios del gobierno pidieron al líder chino Deng Xiaoping que no renuncie a su puesto como presidente de la comisión central militar, durante el congreso del Partido Comunista que se realizará el mes entrante, declaró hoy el miembro del Politburó Yu Qiuli.

Otro miembro del Politburó confirmó que el XIII Congreso del PC ratificará el primer paso de una reforma política destinada a separar las funciones del partido y el Estado, eliminando las células partidarias.

"Nosotros insistimos en que Deng Xiaoping permanezca como jefe de la comisión central militar: él no debe jubilarse", dijo Yu, de 73 años, a la prensa durante una recepción con motivo del aniversario nacional chino, que se celebra el 1° de octubre.

"El es la mejor persona para estar a cargo del ejército popular de liberación" manifestó Yu refiriéndose a los tres millones de miembros de las fuerzas armadas chinas.

Deng ha dicho que planea renunciar a alguno de sus cargos durante el congreso que [illegible] el 25 de octubre. Deng, de 83 años, también es presidente de la comisión central asesora y miembro del comité permanente del Politburó.

"Uno no puede juzgarlo por su edad, él todavía es muy listo y tiene mucha sabiduría y energía", dijo Yu.

Se estima que el congreso aprobará las renuncias de otros dirigentes de avanzada edad que han indicado sus deseos de jubilarse.

PARTES ILEGIBLES

01-01 8711546

Bahía Blanca albergaría los pesqueros de Taiwan

Los altos costos de la operativa portuaria de Montevideo llevaron a compañías pesqueras taiwanesas a iniciar negociaciones de anclaje y abastecimiento para 134 barcos de esa bandera en el puerto alternativo de Bahía Blanca, de acuerdo a agentes navieros consultados ayer por EL DIA.

La no concreción de la negociación en marcha con agentes uruguayos para la atención de estas flotas implicará la pérdida de ingresos por 42 millones de dólares anuales para el país, según se especificó.

De esos 134 barcos, 76 utilizaron durante 1987 el puerto de Montevideo para su reaprovisionamiento, reparación, cambio de tripulación y trasbordo de captura al buque factoría, complementando la operación con puerto Stanley en las Islas Falkland.

La conflictividad del puerto de Montevideo, los altos costos de su operativa, la falta de comodidades y medios técnicos y la lejanía de las aguas de captura inciden actualmente para comenzar a considerar la alternativa de Bahía Blanca, de acuerdo a la información.

La opción por Bahía Blanca entra en consideración en una zafra en la que las compañías taiwanesas aumentan su operativa de 76 a 134 barcos pesqueros, e implica disminuir también su presencia en puerto Stanley.

Los pesqueros están actualmente en viaje hacia estas aguas en momentos en que se replantean las negociaciones y de acuerdo al esquema original, deberían entrar en el puerto de Montevideo en enero para su primer cambio de tripula-

01 - 01

8711611

033

El País 18/11/88

NO A PEKIN

Corren insistentes rumores sobre la posibilidad de que el gobierno adopte finalmente una resolución respecto al problema de las relaciones con China. Incluso se habla de la fecha en que se produciría el anuncio del establecimiento de vínculos diplomáticos con la dictadura comunista de Pekín y la consiguiente y obligada ruptura con Taipei.

Otros rumores llegan hasta precisar el lugar y la oportunidad en que el presidente Sanguinetti –en uno de sus próximos viajes– anunciaría ese lamentable cambio en nuestra política exterior.

Sin embargo, no está perdida la causa del mantenimiento de relaciones con la República de China en Taiwan.

La opinión democrática uruguaya se considerará afectada y menoscabada nor cualquier pronunciamiento favorable al totalitarismo rojo y, con seguridad, hará sentir su voz.

Las fuerzas vivas de la nación, por su parte, son conscientes de que el gobierno de Taipei constituye una garantía para incentivar nuestro progreso agrario, nuestras actividades pesqueras y para incorporar valiosa tecnología en diversas áreas de la industria nacional. Sin duda alguna, también presionarán para que el absurdo cambio no se produzca.

Igualmente, ha trascendido que varios e influyentes núcleos parlamentarios, blancos y colorados, manifestarán su discrepancia con las intenciones que se le adjudican al Poder Ejecutivo y señalarán los graves perjuicios que produciría al país el abandono de las relaciones con una sociedad próspera, avanzada y amigable –como es China Libre– para sustituirlas por el nexo con un gobierno poco confiable, poco respetuoso en cuanto al cumplimiento de los tratados que ha firmado y poco afín a nosotros en materia de principios y de normas de convivencia.

Domingo 18 de octubre de 1987

Clarín

Fundado por ROBERTO NOBLE el 28 de agosto de 1945

Directora: Ernestina Herrera de Noble

Un dato positivo

EL gobierno de Taiwan acaba de levantar la prohibición de viajar a China Popular, que regía para los ciudadanos de la isla hace ya treinta y ocho años.

Esta medida es un paso más de un lento y sinuoso acercamiento que los dos países mantienen hace años, procurando cerrar una brecha creada dramáticamente en 1949.

Fue en ese año cuando las fuerzas del Partido Comunista, liderado por Mao Tse-tung, concluyeron su campaña militar instaurando la República Popular. El entonces derrotado Chiang Kai-shek se refugió en la isla de Formosa, distante tan solo ciento cincuenta kilómetros del continente y formó otra república.

Los dos nuevos regímenes mantuvieron durante los primeros años una separación tajante. En China nacionalista estaba prohibido que sus ciudadanos mantuvieran cualquier tipo de contacto con el continente donde habían quedado amigos y familiares. Los retratos de Mao eran censurados hasta en las publicaciones extranjeras. La única relación que el gobierno nacionalista concebía con el continente era su reconquista. La actitud de Pekín era más o menos similar. Con el correr de los años cada país transitó rumbos muy diferentes, nada exentos de paradojas que conducirían, también paradójicamente, a un relativo acercamiento.

Formosa, con el aporte de capitales externos y utilizando una disciplinada mano de obra, se desarrolló como una próspera factoría de exportación, integrada al circuito comercial occidental.

China Popular, luego de pasar por diversas fases de su proceso revolucionario, concluyó, en los últimos años, con una progresiva apertura hacia Occidente, buscando inversiones y tecnología.

El gobierno de China Popular fue imponiendo su presencia diplomática en el mundo y logrando el reconocimiento de la mayoría de los países que, consecuentemente, fueron rompiendo relaciones con la isla de Formosa y manteniendo con ella vínculos puramente comerciales.

Paralelamente, China Popular inició un proceso de acercamiento a Taiwan proponiendo negociaciones para una futura unificación, formalmente anunciada en 1979 en un mensaje público del gobierno comunista a los ciudadanos de la isla.

La fórmula elaborada contempla el respeto del sistema político, de los intereses de los habitantes y de las relaciones exteriores de Taiwan, y se inspira en el tratado realizado entre China Popular y Gran Bretaña por la cual la primera recuperará en 1997 la soberanía de Hong Kong sin que ésta sufra cambios en su actual sistema económico.

El gobierno taiwanés rechazó siempre tales propuestas, manteniendo su postura de recuperar el dominio del continente. Mantuvo también su juramento, realizado en 1949, de no sostener negociaciones de tipo alguno con Pekín. Ello no obstante, reconociendo el peso de una realidad innegable como es la consolidación del gobierno comunista y el atractivo económico del continente, realiza un tímido acercamiento con la autorización a sus ciudadanos a viajar a China Popular.

Este paso fue interpretado por diversos analistas como un abandono tácito de la política taiwanesa de confrontación bélica, lo que contribuirá sin duda a reducir las tensiones entre los dos países y en su zona de influencia.

El comentado acercamiento está, además, en consonancia con la búsqueda de mejores relaciones entre países socialistas y occidentales, el emprendimiento de nuevas formas de cooperación económica y, en fin, la distensión que suponen las negociaciones de desarme que llevan a cabo las dos grandes superpotencias. La nueva fase de las relaciones entre China y Taiwan puede tomarse, por lo tanto, como un dato alentador en el complejo escenario mundial contemporáneo.

HR

RPCH.

033

Fuerte Embarque de Pescado Para China

En el buque frigorífico "Humboldt Rex" se [illegible]car una segunda partida de pescado no tradicional para China Continental. En la oportunidad, este barco que operó en Montevideo el pasado fin de semana llevó alrededor de 1.600 toneladas de pescado congelado que tienen por destino el puerto de Tian Jin próximo a Peking.

Sobre este embarque consultamos al Sr. Ricardo Balsamo, ejecutivo de la empresa Bivar S.A. quien destacó su importancia en razón "que Uruguay estaba colocando en ese novel mercado pescado de tipo no tradicional lo cual abre magníficas posibilidades para este sector de la actividad pesquera".

Nuestra empresa embarcó en esta nave unas 1.100 toneladas de las cuales alrededor de 400 toneladas son corvinas que por cierto tienen muy buen mercado en muchas áreas del mundo. Pero el resto del embarque —continuó diciendo el Sr. Balsamo —consiste de sabalo, lacha, papamosca, pescadilla, lisa y palometa. El sabalo por ejemplo fue pescado en el Río Negro por profesionales y lo mismo podría decirse de la lacha que se obtuvo de la costa de Pajas Blancas. El papamosca que por lo general se desecha porque no se adapta a las exigencias locales tiene mercado en China Continental y esto hace que sea valioso y conveniente negociar pescado con este país porque es una oportunidad de sacar variedades que no tienen andamiento acá o por lo menos no tanto como las conocidas.

LLEGA REPRESENTANTE CHINO

El Sr. Balsamo nos señaló que se encuentra en nuestro país realizando una gira de contactos comerciales (Argentina y Uruguay) el Sr. Zhang Yanxi que es el Presidente de la empresa estatal China National Fisheries que es la compradora de estos embarques de pescado. "Tenemos esperanzas en este contacto personal con el representante chino de incentivar en el futuro nuestros negocios de pescado con ese inmenso país".

El Sr. Balsamo señaló finalmente que el pasado 31 de agosto su empresa había vendido a China Continental el primer lote de pescado no tradicional y también corvina por un volumen de 730 toneladas. Con las que se embarcaron ahora se llega al total de 1.800 toneladas que fue lo pactado hace algunos meses atrás. Como le dije tenemos esperanzas de continuar esta corriente comercial que incluye variedades no tradicionales que para el gusto rioplatense no tienen aceptación pero en cambio para los chinos con una tradición milenaria en la alimentación con productos del mar son variedades aceptables que incluso con[illegible]

RPCH
Orejas Italia

033



• Jefe de Estado chino en Italia

ROMA. — Durante la visita oficial a Italia del jefe de Estado chino Li Xiannian (82), no habrá ningún contacto oficial entre la delegación china, integrada por 60 personas, y el Vaticano, según se informó ayer unánimemente en Roma.

En 1957 la República Popular China rompió relaciones diplomáticas con la Santa Sede. Ultimamente diversos portavoces de la Iglesia expresaron reiteradamente el deseo de normalizar las relaciones con Pekín, pero ahora no hubo reacción alguna de los dirigentes chinos.

En la actualidad se sigue con gran interés el viaje a China del cardenal filipino Jaime Sin, quien habló en Pekín de una ligera mejoría en las relaciones Iglesia-Estado en la República Popular China.

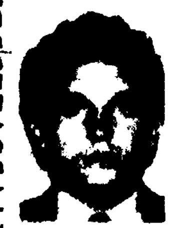
Diario 15/11/85

01-01 8711663

Canciller Chino Planteó Establecimiento de Relaciones

No hay Decisión Oficial del Gobierno Uruguayo con Respecto a China Roja

NUEVA YORK, Naciones Unidas (Por Carlos Pauletti). — El Ministro Iglesias se reunió el jueves, primeramente, con el Canciller de China Popular, Wu Xuquian, con el cual abordó temas como la situación económica internacional, el plan de paz y la crisis de América Central, y el estado de relaciones entre los dos países, particularmente las comerciales. De acuerdo con nuestros informes, el Ministro chino habría planteado el tema del establecimiento de relaciones diplomáticas, a lo que el Canciller uruguayo habría respondido que todavía no hay decisión oficial del gobierno uruguayo al respecto.



Debemos aclarar que todos los años, a partir de la instauración del régimen democrático, el Canciller Iglesias ha mantenido reuniones con todos los miembros del Consejo de Seguridad, tanto los permanentes como los que no lo son.

Luego sostuvo una reunión con el Canciller de Hungría en la que se habló de la situación económica internacional y la de aquel país, las reformas que se llevan a cabo tendientes a liberalizar e incentivar la empresa privada, el estado del comercio entre Hungría y Uruguay, como la fórma de incrementarlo. Se manejaron distintas posibilidades entre las que se destacó una que ya existe y está en práctica, que es el establecimiento de empresas conjuntas.

Estas están funcionando en forma de "trading" y como empresas comerciales, y hasta el momento se ha logrado un interesante aumento en el nivel de intercambio entre ambas naciones.

PRESIDENTES EN MEXICO, EN NOVIEMBRE

También ayer de tarde, el Canciller Iglesias se reunió con sus pares del Grupo de los Ocho, donde se definieron y ajustaron algunos detalles de la agenda que regirá en la reunión presidencial de México. Definitivamente se fijaron el 27 y 28 de noviembre como días de reunión, con llegada prevista de los ocho Presidentes a Acapulco para el día 26. La agenda prevé dos reuniones de trabajo, la primera de carácter público con presencia de la prensa.

El día 29, posteriormente a las reuniones de trabajo, se verificará la firma del documento y se realizará una conferencia de prensa.

De acuerdo a lo manifestado a la prensa por el Canciller de México, Bernardo Sepúlveda, podrían firmarse algunos acuerdos y un Tratado de Seguridad Alimentaria que trasciende el Grupo de los Ocho, y se aplicaría para toda Latinoamérica.

Ayer, la jornada del Canciller uruguayo comenzó con un desayuno de trabajo con el Ministro paraguayo, donde se plantearon distintos aspectos de las relaciones bilaterales y la situación de la niña Mariana Zaffaroni. Iglesias trasmitió la preocupación y el interés humanitario del gobierno uruguayo, aunque se reconoce la imposibilidad de cualquier acción jurídica dado que el delito de secuestro fue cometido en la Argentina. Igualmente Iglesias pinteó la necesidad de una solución, y el tema seguirá siendo motivo de conversación en las Naciones Unidas entre los Cancilleres de Argentina y Paraguay, Dante Caputo y Carlos Saldívar respectivamente. Próximamente, podrían producirse nuevos contactos entre autoridades del gobierno uruguayo y el paraguayo.

REUNION DE CANCILLERES EN DICIEMBRE

También se realizó un desayuno de los Cancilleres de la Cuenca del Plata, ofrecido por Brasil, en el que se convocó a una reunión formal de Cancilleres en Santa Cruz de la Sierra para la segunda quincena de diciembre. Allí se analizarán todos los proyectos de integración existentes a nivel de la Cuenca del Plata, y el lanzamineto de una serie de iniciativas a estudio que estarán prontas para esa oportunidad.

Iglesias se entrevistó seguidamente con el Canciller de Corea del Sur, momento en que éste informó sobre el proceso democrático que se está llevando a cabo en esa nación. Se abordaron asimismo los temas de interés para ambos países, el intercambio comercial, y lo que está ocurriendo en la Ronda Uruguay del GATT y el apoyo coreano a distintas iniciativas que se están planteando allí.

El Grupo de los Ocho mantuvo una reunión con Canadá, fundamentalmente sobre la situación en América Central y los proyectos de desarrollo del grupo, con buena disposición de Canadá para evidenciar su apoyo tanto en lo político como en lo económico, lo cultural, social e intercambio tecnológico.

Culminó la jornada con una cena que ofreció el Canciller Iglesias al Embajador estacounidense ante la ONU, Vernon Walters, donde se tratarán aspectos de las relaciones entre ambos países pero a nivel de la ONU, ya que lo fundamental será tema de la reunión con Shulz, este lunes.

R.P.CH.
Cuyo Argentina

033

Una delegación de China Popular visitó a Cafiero

El electo gobernador de la provincia de Buenos Aires, Antonio Cafiero, recibió en la sede central del (justicialismo) a una delegación de la República Popular China, presidida por el asesor del Departamento de Enlace Internacional del comité central del partido Comunista de ese país, Zhang Xiangshan, para "estrechar los lazos de amistad" entre ambos partidos e incrementar "el intercambio cultural, económico-financiero y tecnológico" de la provincia con la nación asiática.

En la reunión, que se realizó a puertas cerradas, la delegación cursó una invitación a los dirigentes peronistas para que una comisión mixta, integrada por miembros del partido, empresarios y representantes gremiales, visite una provincia china para analizar el posible intercambio.

Dicha invitación -según explicó el diputado nacional Alberto Pierri- será analizada en una futura reunión partidaria.

El legislador manifestó a "La Prensa" que Antonio Cafiero "se mostró muy interesado" en la experiencia china de trasformación de las empresas públicas en sociedades mixtas, que el gobernador electo "pretende llevar adelante" en la provincia de Buenos Aires.

La delegación china, que permanecerá en nuestro país hasta el próximo lunes, estuvo integrada, además, por el vicepresidente del Instituto Chino-Latinoamericano, Yan Baibing; el subjefe de dirección del Departamento de Enlace Internacional del comité central del partido Comunista chino, Liu Peigen; el jefe de sección de dicho organismo, Guo Yuanzen, y la diplomática, Lin Aili.

La Prensa 17/5/87

01-01

8711696

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Visitantes extranjeros en Parlamento

PROCEDENCIA : El Dia 11/9/87

ARCHIVADO EN: Suecia (024)

01-01 8711698

18

RPCH.

33

Buenos Aires, miércoles 14 de octubre de 1987 ★ CLARIN

TRATARAN LA SITUACION DEL TIBET

Congreso comunista en China

PEKIN, 13 (EFE, UPI y Xinhua). — El Comité Central del Partido Comunista Chino anunció hoy que celebrará la próxima semana —el martes 20— la séptima sesión plenaria del XII Congreso del partido, cinco días antes de su apertura. En el marco de esa sesión plenaria, cuya duración no fue especificada, se aprobará el informe sobre el Congreso, calificado de "histórico" por el secretario general del P.C.CH., Zhao Ziyang.

En referencia a ese Congreso, que delineará la política china para el próximo quinquenio, fuentes occidentales de Pekín apuntaron que allí se discutirá la situación en el Tibet, tras los incidentes de las últimas semanas, así como también el asunto de Taiwan y temas económicos específicos, como la suba de los precios de bienes de consumo.

Los analistas coincidían hoy en que las recientes manifestaciones antichinas en el Tibet serán también probablemente analizadas en el plenario, aunque ese tema seguramente será estudiado más en detalle por los 1.936 delegados que integran el XII Congreso, que es el primero de los últimos cinco años. Como se recordará, por lo menos tres grandes manifestaciones contra la administración de Pekín se han registrado desde el inicio del mes en Lhasa, la capital tibetana, y se informó que aún subsiste la tensión en esa ciudad, con patrullas policiales chinas armadas en las calles y en puntos de inspección.

Otros observadores especulaban con que esas protestas —que han dejado un saldo de varios muertos— podrían ser utilizadas por los miembros de la línea dura en la dirección del partido. Estos afirman que la apertura china hacia el mundo exterior está impulsando la intranquilidad política.

RPCH.
Amigos Argentina

033

CLARIN ★ Buenos Aires, miércoles 14 de octubre de 1987

Alfonsín recibe hoy al vicecanciller chino

El viceministro de Asuntos Exteriores de la República Popular China, Shu Qi-Zhen, acompañado por sus colaboradores y por el embajador acreditado ante el gobierno argentino, Shen Yunao, se reunión con la secretaria de Asuntos Internacionales, Susana Ruiz Cerrutti, por espacio de dos horas en la cancillería argentina, reunión que prosiguió en horas de la tarde.

Shu Qi-Zhen, que ha venido acompañado por tres jefes del Departamento Américas y Oceanía de su cancillería y un intérprete, seguirá estudiando las posibilidades de incrementar el comercio exterior de los dos países con su colega argentina, y hoy presentará sus saludos al presidente de la Nación y al ministro de Relaciones Exteriores y Culto, Dante Caputo.

♦ **Jornadas**

Miembros de la misión china que participan aquí de las jornadas sobre Tecnología y Equipamiento de la Industria de la Alimentación analizan con representantes de ese sector y funcionarios oficiales las posibilidades de intercambio entre ambos países en ese sector de la producción.

Las jornadas fueron inauguradas, ayer, en la sede del Instituto de Investigaciones Económicas de la Confederación General de la industria (IIE-CGI) y contaron con la presencia del subsecretario de la Pequeña y Mediana Empresa, Miguel Bein, el secretario de Ciencia y Técnica, Manuel Sadosky, y el titular del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet), Carlos Abeledo.

También participaron representantes de la Comisión Nacional de Energía Atómica (CNEA) y del Instituto Nacional de Tecnología Industrial (INTI).

En la oportunidad, habló el subsecretario de Cooperación Técnica del Ministerio de Relaciones Exteriores, embajador Oscar Yanovsky.

♦ **Integrantes**

La misión del Centro de Intercambio Chino de Ciencia y Tecnología, integrada por Qi Deyu, vicepresidente del referido centro, Hu Yongqi, jefe del Departamento América y Oceanía de la entidad, Zao Roguin, representante de la provincia de Fu Tian y miembro del centro.

Miembros que dejaron Politburó chino eran reacios a innovaciones

Congreso reflejó victoria reformista

La nueva generación de líderes en el Partido Comunista Chino (PCCH) denota una clara victoria de los abogados de las reformas introducidas por Deng Xiaoping, el primer dirigente chino que se ha retirado voluntariamente del poder.

PEKIN (EFE).- Los indicadores al final del XIII Congreso del PCCH y los nombramientos para los principales puestos acordados en la primera sesión plenaria del Comité Central arrojan un saldo favorable para los reformadores.

El secretario general del Partido, Zhao Ziyang, subrayó el lunes de noche en rueda de prensa que hay opositores a las reformas preconizadas hace ocho años, pero agregó que este grupo es minúsculo y que están en un error los periodistas extranjeros que dividen la situación política china en reformadores y conservadores.

La campaña de rejuvenecimiento lanzada por Deng ha culminado con la retirada de unos 90 dirigentes del Partido, que superan los 80 años y que en algunos casos eran los más recalcitrantes a las innovaciones socioeconómicas y políticas.

A este sector se atribuye la mitad de los 20 miembros que dejaron el lunes el Politburó y cuya edad, salvo uno, oscila entre los 71 y 85 años.

También la permanencia de Hu Yaobang en el Politburó, pese a su caída en desgracia en enero, que le costó la jefatura del Partido, tras las manifestaciones estudiantiles, se interpreta en Pekín como un fortalecimiento de la corriente reformadora en el Partido.

Hu salió del Comité Permanente del Politburó y fue relevado del Secretariado del Comité Central, pero ha sido uno de los pocos septuagenarios que ha permanecido en el Politburó.

El triunfo reformador se llevó a cabo en detrimento del Ejército, pese a que este grupo fue el mejor representado en el XIII Congreso, con el catorce por ciento de los 1.963 delegados.

ANTECEDENTE

A título orientativo, en el IX Congreso de 1969, el porcentaje de oficiales del Ejército en el Comité Central era casi del 50 por ciento.

Una excepción en esta tendencia es el general Yang Shangkun, de 80 años, que fue nombrado vicepresidente permanente de la Comisión Militar del Partido y que permanece en el Politburó, pese a su avanzada edad.

En todo caso, Deng Xiaoping conserva la presidencia de la Comisión Militar, y Zhao Ziyang ha sido designado su vicepresidente, un cargo nuevo para controlar de cerca al Ejército desde el Partido, según los observadores.

Entre los veteranos revolucionarios que han sido relevados por la joven generación está el economista Chen Yun, de 82 años, un íntimo aliado del líder Mao Zedong, que en 1985 se pronunció con bastante franqueza contra las reformas de Deng.

También ha dejado el Comité Permanente del Politburó el octogenario Li Xiannian, Presidente de la República y considerado partidario de la economía centralizada y de la industria pesada.

Otro jubilado del Politburó es Peng Zhen, de 85, Presidente del Congreso Popular Nacional (Parlamento), a quien se tiene por un conservador preocupado por el abandono de la ideología en pro de la actitud más pragmática de la escuela de Deng Xiaoping.

El miembro del Politburó Hu Qiaomu y ex secretario personal de Mao está considerado como conservador y el ideólogo de más peso.

Sus operaciones más destacadas fueron las campañas contra la contaminación espiritual en 1983 y contra la liberalización burguesa este año, tras las manifestaciones estudiantiles.

Otro conservador jubilado es Deng Liqun, ex miembro del Secretariado del Comité Central e ideólogo.

El Comité Permanente del Partido reúne, además de Zhao Ziyang, a los cuatro hombres que deberán promover las reformas ratificadas en el XIII Congreso: los tres viceprimeros ministros, Li Peng, Qiao Shi y Yao Yilin, y Hu Qili, todos ellos promotores del nuevo camino emprendido por su maestro, Deng Xiaoping.

Al menos esa fue la impresión que procuraron dar en el Congreso y en su encuentro de ayer con la prensa china y extranjera.

RPCH

033

Críticas en Pekín

PEKIN, 1° (UPI). — Las ideas ultraizquierdistas han causado desaciertos en China desde la revolución comunista de 1949 y Pekín debe combatir tendencias similares para que sus reformas económicas tengan éxito, afirmó hoy el "Diario del Pueblo", órgano oficial del Partido Comunista chino.

El severo editorial en el diario del Partido Comunista fue el más reciente de una serie de ataques a los que se oponen a las reformas económicas chinas con orientación de mercado.

"En el pasado hemos dicho frecuentemente que hay una gran iniciativa socialista entre las masas, pero ¿cómo podemos llevarla a cabo en su totalidad?", preguntó el editorial de primera plana en el aniversario de la fundación de China comunista, el 1° de octubre de 1949.

"Por muchos años no pudimos encontrar la respuestas correcta, y bajo la guía de las ideas ultraizquierdistas, sería imposible encontrar la respuesta", dijo el diario. China generalmente describe como ultraizquierdistas aquellas opiniones que critican y ponen en duda las reformas; como paradigma del ultraizquierdismo se alude a la Revolución cultural que impulsó Mao Tsé-tung entre 1966 y 1976.

El "Diario del Pueblo" eligió las reformas lanzadas por el líder Deng Xiaoping en 1979 como la "llave dorada" que abrió la puerta a la iniciativa de las masas.

CLARIN 2/10/87

POCO LEGIBLE

01-01 8711744

RPCH

Cruzar: ISRAEL.

033

Reunión de Israel y China

NUEVA YORK, Naciones Unidas), 1º (Por Charles Lescaut, de Le Monde, especial para Clarín). — Los ministros de Relaciones Exteriores de China e Israel se reunieron, por primera vez en la historia de estos dos países, el miércoles 30, en el marco de la Asamblea General de la ONU.

Shimon Peres y Wu Xuequian conversaron, según dijo el representante de Pekín, sobre una eventual conferencia internacional en Medio Oriente. "Todas las partes, incluida la OLP, deben tener sus representantes con igualdad de oportunidades", dijo, acorde con el histórico apoyo chino a la OLP.

Por su parte, fuentes israelíes informaron que, en la reunión, ambos países convinieron en establecer un calendario de encuentros regulares.

CLARIN 2/10/87

POCO LEGIBLE

01-01

8711776

MB

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Ministerio de la Mandarina y el Conde de LAMpedusa.

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 5/II/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

Ramírez

01-01 8711778

El Dalai Lama exigió al gobierno de Pekín la desmilitarización del Tíbet

El Senado estadounidense aprobó, en forma unánime, una resolución no vinculante por la cual señala que Washington únicamente debe considerar pedidos de armas de Pekín si China soluciona la situación de los derechos humanos en Tíbet. Desde su exilio de la India, el Dalai Lama, líder espiritual del budismo, instó a los tibetanos a continuar la campaña de protestas pacíficas. Mientras tanto, en el escenario de los hechos, policías fuertemente armados custodiaban el área, al cumplirse el trigésimo séptimo aniversario de la entrada de tropas chinas en Tibet.





Agencia AFP

Grupos de tibetanos leen afiches del gobierno en los cuales se aconseja a la población no participar de ninguna protesta.

DHARMSALA, India, 7 (UPI, AFP, Reuter y DPA). — El Dalai Lama, jefe espiritual de los tibetanos, instó hoy a su pueblo a acentuar la campaña de protestas pacíficas y desobediencia civil contra el dominio chino y dijo que estaba "dispuesto" a mantener conversaciones con Pekín sobre la independencia del Tíbet.

Al mismo tiempo, el Senado de Estados Unidos opinó, en una resolución no vinculante, aprobada anoche, que Washington solo debe tomar en consideración nuevos pedidos de armas de China si la Casa Blanca tiene la seguridad de que Pekín se esfuerza por "solucionar el problema de los derechos humanos en el Tíbet".

"Es importante que los gobernantes chinos sepan, y que también el mundo sepa, que el pueblo tibetano no está feliz", expresó en su exilio de la India el Dalai Lama, en coincidencia con el 37º aniversario de la ocupación militar china al Tíbet.

"Mi idea de la manifestación es sin violencia física. Creo que la violencia no es lo mejor. Seis millones de tibetanos nativos no están felices. La gente dentro del Tíbet debe expresar estos sentimientos profundos", añadió.

Tras rechazar las acusaciones de Pekín sobre que él era el responsable por la violencia alcanzada en las protestas contra China, admitió que su reciente viaje a Estados Unidos fue "un factor" que incidió en las manifestaciones.

En el transcurso de la conferencia de prensa, el líder budista explicó que la desmilitarización del Tíbet y el fin de la transferencia de chinos son "las dos demandas más importantes que deben ser atendidas".

En el Senado

La resolución no vinculante aprobada por unanimidad por el Senado norteamericano instó, asimismo, al presidente Ronald Reagan a entrevistarse con el Dalai Lama, el máximo representante budista.

Al respecto, el Departamento de Estado criticó esa decisión y expresó preocupación de que la aprobación del documento pueda tener consecuencias negativas sobre las relaciones chino-norteamericanas, sin aportar ventajas a la población tibetana.

China ya reaccionó negativamente a una carta enviada por seis senadores estadounidenses a autoridades de Pekín, en la cual se apoya un plan diseñado por el Dalai Lama para la creación de una "zona de paz" en el Tíbet.

Las fuentes del Departamento de Estado subrayaron que Washington apoya tradicionalmente el punto de vista de Pekín respecto de la situación tibetana, ocupada por los chinos en 1950.

Estados Unidos reconoció en las últimas cuatro décadas la soberanía china en el Tíbet y desde 1978 considera oficialmente este territorio como integrante de la República Popular China.

El documento del Senado afirma que China transfirió "millones de personas al Tíbet buscando transformar a los tibetanos en una minoría en su propia tierra", y solicitó un nuevo informe al Departamento de Estado sobre la situación de los derechos humanos en la región, dentro de sesenta días.

Estas afirmaciones fueron definidas como "imprecisas, incompletas y no verdaderas" por las fuentes de la cancillería norteamericana, las cuales acusaron a los legisladores de no haber querido tener en cuenta "significativos cambios" en la actitud china, tendiente a un mejoramiento de la situación de los derechos humanos.

Extreman medidas

Policías fuertemente armados custodiaban hoy las calles de Lasa para evitar manifestaciones antichinas, al cumplirse el trigésimo séptimo aniversario de la entrada del Ejército Rojo en el Tíbet.

"La situación parecía ser razonablemente normal esta mañana, pero la tensión persiste allí todo el tiempo", declaró una ciudadana inglesa que vive en Nepal.

Más de mil miembros de las fuerzas de seguridad impiden el acceso a los monasterios budistas y levantaron barreras en puntos estratégicos de la ciudad, en prevención de nuevas manifestaciones en favor de la independencia tibetana.

Un periodista que llegó a las puertas del monasterio de Sera, uno de los más importantes del Tíbet, fue interceptado por la policía, que le comunicó que el edificio estaba cerrado y que su interior estaba ocupado por numerosos efectivos militares, hecho que se repitió en el tempo Jokjank, el santuario más venerado y centro de la reciente agitación.

01-01

CLARIN 8/11/87

POCO LEGIBLE

033

RPCH

8711823

033

La moda en China

LA NACION

Del uniforme revolucionario a la revolucion del vestido

Por Paulette Flahavin

PEKIN (The Christian Science Monitor). – El rojo revolucionario fue el gran color de moda el verano último en Pekín.

Y "revolucionarios" el modo cómo uno de los expertos de la moda china califica los cambios que han ocurrido en la forma en que se visten en las ciudades chinas.

Las personas jóvenes, educadas, están a la vanguardia de esta revolución en el color, el estilo y la actitud. Son las iniciadoras y las sostenedoras del cambio de la moda.

No vacilan en gastar dinero para mejorar su aspecto. A diferencia de sus padres, a la misma edad, no ahorran. Muchas dicen que hay demasiadas cosas que comprar y pocas razones para ahorrar.

"Muchos cambios psicológicos han ocurrido en años recientes", dice Bu Yuan, un estudiante de 24 años del Instituto de la Tecnología del Hierro y del Acero de la Universidad de Pekín.

"Ahora la gente se fija en su propio aspecto. Empezamos a vestirnos mejor, no como hace cinco o siete años cuando jamás prestábamos atención a la manera en que estábamos vestidos. Nos limitábamos a amoldarnos a los demás, a la sociedad."

Para tener una perspectiva de cuán grandes son los cambios, sólo hay que remontarse a 1966, el comienzo de la Gran Revolución Cultural Proletaria (1966-76). Fue un tiempo en qué, como lo expresa un anciano chino, la desdeñosa descripción que los occidentales hacían de ellos como "hormigas azules" no era inexacta.

Lei Lili tenía 13 años cuando comenzó la Revolución Cultural de Mao Tse-tung.

"Recuerdo que al comienzo de la misma los guardias rojos cortaban la ropa de las mujeres cuando la consideraban demasiado vistosa o demasiado a la moda", dice ella.

Los colores de los 10 años calamitosos eran azul, verde, gris, blanco y negro. Para los adultos, el unisex y la severidad eran los estilos vigentes.

China abre sus puertas

"Todo lo que concernía a la belleza, al amor o incluso a lo recreativo era considerado burgués –dice Zhu Beilan–. Cuanto más sencilla su ropa, más revolucionaria la tildaban a usted."

Hasta los zapatos de cuero eran tabú, ya que también se los consideraba "burgueses". Un periodista chino recuerda una inspección que hicieron los guardias rojos en un ómnibus de Pekín. Los que tenían la desgracia de usar zapatos de cuero tenían que volver a su casa sin ellos.

Cuando se abrieron las puertas de China al mundo exterior, a fines de 1970, los estilos occidentales empezaron a afluir. En ese momento, Pekín estaba mal preparada para los cambios. Sólo había una fábrica de ropa. La compañía de indumentaria de Pekín. Actualmente hay 100 fabricantes locales que producen artículos para el mercado interno y 10 compañías que fabrican ropa para la exportación.

Muchas personas dicen que la aprobación oficial de la moda data de noviembre de 1981, cuando el premier Zhao Ziyang concurrió al mayor desfile de moda que hubo en Pekín. Entonces él y el ex dirigente partidario Hu Yaobang dijeron que las mujeres chinas deberían usar linda ropa.

¿Pero qué se entiende exactamente por lindo? Aun a principios de los años 80 la gente se esforzaba no tanto por dar una respuesta individual a la pregunta, sino más bien se planteaba qué era aceptable para la sociedad. Los vestigios de la Revolución Cultural y, como afirmarán muchos chinos, un pasado feudal, tenían que ser borrados. Los habitantes de las ciudades al igual que los demás temían el juicio de los otros.

En 1983, los periodistas norteamericanos Jay y Linda Mathews escribieron: "Las mujeres chinas de cualquier edad son tan temerosas de parecer provocativas en lo más mínimo que ocultaban su figura con blusas de tamaño mucho más grande y con chaquetas con relleno. Cualquier mujer que se mete la camisa dentro del pantalón o que exhibe una o dos curvas corre el riesgo de ser acusada de promiscua".

11/10/87

revolución del vestido

Pero en el verano de 1986 las jóvenes no sólo ajustaban sus cinturones para lucir sus cinturas, sino que descubrían sus brazos al usar soleras con breteles muy finos, y casi descubrían sus piernas al andar en shorts.

Cambios más atrevidos

La mayoría de las mujeres jóvenes usan medias transparentes con los shorts. Una mujer dice que usar éstos sin [illegible] sería demasiado provocativo. Y, por otra parte, las medias disimulan el aspecto de las piernas que, según temen muchas mujeres, dice ella, no resulta atractivo.

La primavera de 1987 trajo cambios aún más atrevidos. En los primeros meses de la estación, los pantalones negros muy ajustados se habían puesto de moda. Zhu Beilan dice que ahora las mujeres no están preocupadas por lo que la gente dirá de su carácter si usan esa ropa, sino por lo que dirá de su figura.

Este año las mujeres empezaron también a usar polleras mucho antes que lo usual. La vieja norma era que no se podía usar pollera hasta junio, por más calor que hiciera. Una mujer madura cuenta que hace unos años las amigas le hicieron bromas una vez por usar pollera con blusa de mangas largas y suéter. Era evidentemente prematuro usar pollera si también tenía que abrigarse, dijeron. La norma: las polleras deben usarse sólo con blusas de mangas cortas.

Pan Xuejin, una estudiante de 23 años graduada en inglés, dice que actualmente la gente joven se contesta a sí misma la pregunta: "¿Qué es lo lindo?"

"Rara vez nos preocupan los comentarios de los demás. Nos vestimos para nuestro propio placer, para afirmar nuestra individualidad."

Su compañera de promoción Wang Xiaoping dice que los cambios en las actitudes de la gente son positivos. "Indican que la sociedad está avanzando." (c) LA NACION

(Traducción de Eduardo Paz Leston)

02-02

8711844

1 HB

Chapa RPCH

033

Taiwan permitirá viajes a China luego de 38 años de separación absoluta

Voceros del gobierno de ...ina popular exhortaron ...er a las autoridades de Taiwan a abolir las ...mitaciones impuestas a los chinos continentales ...ra visitar la isla. Taipei ...nció, al mismo tiempo, ...e el gobernante Partido Nacionalista aprobó el levantamiento de la ...hibición impuesta, tras ...a guerra civil china, que ...pedía a los ciudadanos taiwaneses trasladarse ...continente. Se exceptúa de esta medida al personal militar y funcionarios gubernamentales.

TAIPEI, 14 (AP y ANSA). — **El gobernante Partido Nacionalista de Taiwan aprobó hoy levantar la prohibición impuesta hace 38 años y permitir que sus ciudadanos puedan viajar a China comunista, sentando así las bases para la reunificación de familias separadas desde la guerra civil china.**

El partido dijo en una breve declaración que el comité central nacionalista, encabezado por el presidente Chiang Ching-Kuo, **decidió levantar las restricciones por razones humanitarias.**

En Pekín, la prensa oficial china respondió rápidamente, afirmando que **"los compatriotas de Taiwan son bienvenidos al continente para visitar a sus parientes".**

La declaración nacionalista afirma que los ciudadanos de Taiwan, **con excepción del personal militar y funcionarios gubernamentales**, podrán visitar a sus parientes "sanguíneos o políticos" en la China continental.

Agregó que la política entrará en efecto después que el Yuan ejecutivo o gabinete resuelva los detalles.

Esta medida, largamente esperada, **es vista como un cambio en la política de Taiwan de no mantener contactos con la China continental**, puesta en efecto por primera vez por **Chiang Kai-Shek**, padre del actual mandatario, cuando su gobierno nacionalista **huyó a Taiwan después de perder la guerra civil contra los comunistas en 1949.**

Voceros de China popular **señalaron que los taiwaneses serán bienvenidos a su territorio y exhortaron a las autoridades de la isla a abolir las limitaciones impuestas a los chinos para visitar Taiwan.**

Peng Huei-En, director de la revista mensual "Fengyung" (Fama), manifestó que el presidente Chiang Ching-Kuo **"aparentemente quiere superar la situación y hacer más fácil para la próxima generación acercarse a China para una posible reunificación".**

Por su parte, **Tony Liao**, un importante conferencista de la Universidad china de Hong Kong, estudioso de las relaciones China-Taiwan, dijo que el cambio significa que los na**cionalistas han abandonado su política de confrontación bélica con el continente, porque se han dado cuenta que "el contacto entre los dos pueblos reducirá las hostilidades".**

Sin embargo, la declaración nacionalista subraya la política **anticomunista** del partido y la determinación **de recuperar el continente del que sostienen son los verdaderos gobernantes.**

El anuncio de la anulación de la prohibición fue amplio y ansiosamente esperado en Taiwan. Alrededor **de dos millones de chinos**, ya prácticamente con pocos años de vida, que huyeron con los nacionalistas a la isla en 1949, quieren antes de morir ver a sus amigos y parientes que se quedaron en el continente.

Varios grupos privados **constituidos principalmente por personas nacidas en Taiwan**, que son la mayoría de la población compuesta por 19,5 **millones de habitantes, también solicitaron que se levante la prohibición para viajar a territorio de China continental**, adonde pueden buscar sus raíces ancestrales y culturales.

Con este medida, **se legaliza lo que de alguna manera era ya una realidad**. El año pasado, de acuerdo con estimaciones fidedignas, por lo menos **unos 20.000 taiwaneses visitaron China comunista vía Hong Kong, desafiando la prohibición.**

Recientemente, **dos periodistas taiwaneses violaron la disposiciones vigentes y viajaron a Pekín y desde allí enviaron crónicas a sus respectivos periódicos en la isla.**

Por otra parte, el jefe del gobierno taiwanés, **Yu Kuo-Hwa** reiteró hace pocos días que la isla **seguía manteniendo su política frente a la República Popular China y estaba firmemente decidida a recobrar el poder en Pekín.**

Agencia AFP



Chiang Ching-Kuo, presidente de Taiwan, basó su decisión en "razones humanitarias".

Agencia AFP



Deng Xiaoping: la reunificación de las dos Chinas, uno de sus principales metas.

EN FOCO

La nueva situación

El Kuomintang —el gobierno de Taiwan— dio señales ayer de un intento aperturista en las relaciones entre las dos Chinas: abolió las restricciones para que sus ciudadanos visiten el territorio continental. Pero este paso, sin duda una modificación sus... hacer pensar en la inmediatez de una reunificación.

Todavía hay muchas cosas por superar. Diferencias políticas, económicas y una historia de 38 años de división que separa a Pekín y a Taipei.

Deng Xiaoping, el líder de la República Popular China, ya había ofrecido a las autoridades taiwanesas iniciar un proceso tendiente a la reunificación y señaló que Pekín aceptaba que la isla conservara las estructuras esenciales de su sistema político y económico. La respuesta de Taipei fue una rotunda negativa.

El ofrecimiento de Deng parecía contener ciertas similitudes con el acuerdo alcanzado con Gran Bretaña para el traspaso en 1997, a China, de la soberanía de Hong Kong en una conjugación de intereses territoriales, económicos y políticos. Tras perder la guerra civil contra los comunistas en 1949, el gobierno nacionalista de Taiwán, liderado entonces por Chiang Kai-Shek, se refugió en la isla y juró no entablar nunca negociaciones con el régimen de Pekín. Ahora, su hijo y sucesor, Chiang Ching-Kuo, mencionando "razones humanitarias" intenta, aparentemente, superar esa situación y se pone a la cabeza de una decisión que implica un cambio, a pocos días de la apertura del Congreso del Partido Comunista Chino, en un marco de consolidación de reformas.

01-01

8711862

KR

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Presidente Chino inicia hoy su visita a Francia.

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 9/11/87

ARCHIVADO EN: FRANCIA (011)

01-01 8711865

REPORTAJE

Los jóvenes revolucionan a China

La apertura llevada adelante por Deng Xiao Ping produce cambios espectaculares en las costumbres. Pero las reformas provocan también problemas y una fuerte oposición. Este es el trasfondo del debate del XIII Congreso del Partido Comunista.

Juan Carlos Algañaraz

EN el parque de la Cultura una pareja se besa discretamente. Ella con un gracioso vestido de colores vivos y él luciendo unos *blue-jean* y botas vaqueras. Varios jóvenes, con gafas oscuras y camisas agobiadas de dibujos y leyendas en inglés, alteran la paz de algunos ancianos, con el fragor de sus motocicletas japonesas.

Para los nuevos ricos de Shangai hay salas de fiesta con espectaculares *shows* a la occidental: muchas luces, trajes rutilantes y muchachas ligeras de ropas.

Cinco jóvenes ensayan un recital de *rock*. Su banda, *Fu Ban*, suena muy bien. Ganan mucho dinero y olvidan que uno era músico de la Filarmónica de Pekín; otro, acróbata, y los demás, graduados de la Universidad.

El *rock* avanza por las ciudades, con el *walk-man*, el sexo premarital, las ropas occidentales y una presión cada vez mayor por la libertad de expresión.

En los mercados florece la libre empresa. Los campesinos siguen con sus ropas *Sun Yat Sen* (el llamado *traje Mao* en Occidente), pero comen cada vez mejor, la gastronomía china está plenamente reivindicada y todos tienen sus radios. La televisión llega también a todos los rincones y acelera los cambios de costumbres en esta sociedad milenaria, apegada a las tradiciones.

A los tres años, Li Ning es un pequeño tigre que se mueve como una tromba por la estrecha vivienda de su familia. Sus abuelos maternos, ambos pensionados, cuidan que el alboroto del niño no destroce sus nuevas y preciadas propiedades: televisor, tocadiscos, nevera y máquina de lavar.



El pequeño Li Ning, de tres años, será uno de los artífices de su país en el siglo XXI.



Los padres de Li Ning son obreros y obtienen, para los niveles salariales de China, buenos ingresos. Pero hace tres años que la familia, con esa ejemplar disciplina y concentración en el trabajo de los chinos, hace reparaciones a domicilio de artefactos eléctricos.

«Nuestros ingresos se han duplicado gracias a la nueva etapa. Y tenemos amigos y vecinos que también han mejorado mucho su vida», explica el padre de Li Ning.

El pequeño tigre escucha y ríe. Es uno de los *nuevos chinos* que serán los artífices de su país en el siglo XXI. Ca-

mo manda la política oficial contra el crecimiento demográfico, que es una de las mayores causas del atraso y el empobrecimiento de China (1.100 millones de habitantes, un quinto de la humanidad), Li Ning es hijo único.

Abuelos y padres miman y echan a perder al niño. Han crecido unos en medio de espantosas guerras y hambrunas y los más jóvenes saben de los rigores de la revolución cultural y la arbitrariedad de los burócratas. La bo-

Cuando despierte asombrará al mundo», sentenció Napoleón. El mundo se enteró de las dimensiones del nuevo gigante político cuando el maestro-poeta, Mao Tse Tung, entró en la Ciudad Prohibida de Pekín y proclamó la República Popular en 1949.

China inició una experiencia de planificación centralizada y de férreo control por el Partido Comunista, que dio asombrosos resultados en el plano económico, educacional y sanitario. El





el consumismo, las efusiones amorosas en público y el desenfado juvenil probablemente no serán vistos como plagas capitalistas.

nanza en que viven los convierten en firmes partidarios del líder Deng Xiao Ping y su política de modernizaciones económica, política, social, científica y militar.

Pero para llegar a esta etapa, que está llena de conflictos y tiene una amplia zona social y política de oposición, ha sido necesaria una larga marcha para la sociedad china.

«China es un gigante dormido.

premio Nobel de Economía Leontiev contestó hace años a CAMBIO16 cuando le preguntó cuál era el país que había obtenido logros más espectaculares. Leontiev, un teórico de la economía capitalista que conoce el mundo entero, no vaciló un segundo en responder: «China, porque ha terminado con el hambre en pocos años y asegura un mínimo de vida digna a sus ciudadanos.»

El progreso económico planteó inevitablemente a los chinos mayores necesidades y deseos de una más amplia libertad económica y política.

La respuesta del Partido Comunista se dividió entre quienes deseaban una apertura y los maoístas.

Entre los primeros destacaba un joven revolucionario, Deng Xiao Ping, tres veces caído en desgracia, inconmovible en la independencia de sus juicios

y, desde 1978, líder indiscutido de los partidarios de la modernización acelerada de China.

Los excesos ideológicos y la feroz represión que acompañaron a la revolución cultural dirigida por la Banda de los Cuatro hicieron retroceder a China en todos los planos de su economía y cultura. Fue Deng Xiao Ping quien lideró a la nueva dirigencia que se lanzó a las más audaces reformas de la sociedad comunista.

Como sucedería años más tarde con Mijail Gorbachov en la Unión Soviética, fue el retraso impuesto por la Banda de los Cuatro —o Leonid Breznev, Constantin Chernenko y sus aliados—



Los grupos musicales chinos se interesan por el rock.



El progreso tecnológico, una asignatura que aún está pendiente.

el factor que impulsó con fuerza inusitada la política de modernización.

Las primeras medidas estuvieron dirigidas hacia los campesinos, el inmenso ochenta por ciento de la población china.

Se autorizaron todo tipo de iniciativas para la producción agrícola y ganadera, se concedieron parcelas privadas a las familias y el Gobierno puso en marcha todo tipo de estímulos a la competencia individual.

APERTURISMO INTELECTUAL. También en la ciudad se autorizó el funcionamiento de pequeñas empresas privadas de todo tipo. Al mismo tiempo se produjo una espectacular apertura política y cultural que favoreció un intenso debate de los intelectuales, de los cuales había abominado la revolución cultural y los cuadros del Partido Comunista, acostumbrados a obedecer sin chistar.

En la producción, los aumentos fueron de un ocho por ciento anual, dos veces y media superior a los promedios de los precedentes veintiséis años, y en la industria llegó a cifras superiores, al veinte por ciento.

Deng Xiao Ping dio entonces otro paso adelante: abrir el Imperio Central a los bárbaros, los extranjeros. Catorce ciudades se convirtieron en zonas



Los jóvenes intentan imitar la forma de vestir occidental.

abiertas a la inversión y las empresas extranjeras.

Centenares de hombres de negocio, entre ellos casi un centenar de delegaciones españolas en 1986, llegaron a China e iniciaron actividades. El choque entre culturas de valores y hábitos disímiles se hizo sentir de inmediato. Hubo quejas, encontronazos y grandes fallos, pero la experiencia ha continuado desarrollándose.

Todavía, el número de empresas privadas es considerablemente pequeño y débil, en relación a las casi noventa mil grandes empresas que controlan el setenta por ciento de la economía china.

El atraso del campo y de las tecnologías industriales es abrumador en muchas zonas. Todavía se cultiva la tierra o se cría el ganado como hace milenios en vastas áreas de la China rural.

El ingreso *per cápita* de los chinos es el de un país subdesarrollado, 350 dólares (unas 42.000 pesetas), y este nivel quiere ser drásticamente aumentado por Deng Xiao Ping y la dirección del Partido a los 800 dólares *per cápita* (96.000 pesetas) cuando llegue el siglo XXI. (El ingreso actual de España supera los 5.000 dólares *per cápita.)*

Sin embargo, la intensidad del desarrollo de las reformas ha producido también inmensos problemas. Hace un año que el Gobierno y el Partido han disminuido la intensidad de la modernización. Están pasando revista a los fracasos más evidentes y ha surgido, también, una oposición considerable en el seno del Partido, en sectores sociales perjudicados y entre los militares.

La iniciativa privada, el individualismo, es bastante contrario a las tradiciones chinas, ligadas a la disciplina familiar y a las estrictas reglas sociales del confucionismo, que marcan la obediencia a los mayores, a los funcionarios y al Estado.

El súbito *enriquecimiento* de quienes aprovecharon los nuevos vientos de renovación aceleró las diferencias sociales, los enfrentamientos y el *«mal del ojo rojo»*, como los chinos denominan a la envidia.

La catarata de objetos de consumo antes desconocidos, las nuevas ropas, el desenfado de los jóvenes y la pasión por todo lo que provenga del extranjero, en un país de tradiciones tan xenófobas como China, revolucionaron las expectativas de millones de personas. Y no todas pueden ser satisfechas.



FOTOS SYGMA

A los nuevos ricos de Shangai les gusta divertirse en discotecas y salas de fiestas.

Los ingresos medios son en China de 752 yuanes (27.000 pesetas) mensuales en la ciudad y 360 en el campo (13.500 pesetas).

«Hay ahora gentes ricas que ganan más de mil yuanes (37.000 pesetas) y muchos creen que esto es injusto», se queja un obrero de una empresa de Shanghai.

No le faltan buenas razones al descontento proletario ni a sus compañeros de trabajo. Los incentivos a la producción benefician a las fábricas mejor organizadas. Pero la mayoría tienen que contentarse con sus salarios habituales.

Y las reformas económicas han traído algunos ángeles del capitalismo (más productos de consumo), pero también ciertos demonios inesperados, como la inflación y el despido de los obreros que no cumplen con las normas de producción en las fábricas más competitivas.

Dos mil productos aumentaron fuertemente sus precios durante el año pasado y los subsidios que ha autorizado el Gobierno a los obreros que sólo cuentan con su trabajo no compensan el deterioro del nivel de vida.

Las protestas no se han dejado de producir y han originado una nueva ley de impuestos que determina once tipos distintos de gabelas a quienes ganan más de 400 yuanes al mes (15.000 pesetas).

ANHELO DE LIBERTAD. Como era inevitable, con la libertad económica y el incremento del individualismo llegó también el anhelo de una mayor libertad política. Fueron, como en muchos otros países, los estudiantes quienes, en diciembre pasado, en Shanghai y otras ciudades, protagonizaron insólitas demostraciones con consignas que literalmente evocaban las reinvindicaciones de la Revolución Francesa.

Este panorama se refracta en el interior del Partido Comunista y provoca un debate intenso que tendrá una dimensión institucional en el XIII Congreso, que se iniciará el 25 de octubre.

Es una incógnita el resultado de la pugna interna, pero la línea modernizante está ya sólidamente implantada. Se habla incluso de que Deng Xiao Ping pudiera anunciar su retiro.

Como sea, el resultado de la experiencia modernizante y renovadora en China tendrá una influencia inmensa sobre la cultura política del mundo entero.

Si fracasa, por ejemplo, la centralización del poder ganará una baza en los regímenes comunistas y en muchos países del Tercer Mundo. Su triunfo, apoyará, sin duda, a otra experiencia históricamente decisiva como la de Mijail Gorbachov. ■



N.º 830 26-10-87

EDITORIAL

Definir el tema chino

3/10 Agosto '87

Cuando asumió el gobierno colorado, hace dos años y medio, el problema de nuestras relaciones con las dos Chinas cobró una desacostumbrada vigencia.

En aquel momento, desde las más variadas esferas gubernamentales, se dijo que el tema iba a ser analizado y resuelto a la brevedad y que para ello, en primera instancia, se iban a iniciar conversaciones.

Sin embargo, el tiempo ha transcurrido entre charlas, acuerdos verbales y plazos, sin que se haya tomado una resolución definitiva.

Lo más grave del caso, que tiene muchos aspectos que así permitirían catalogarlo, es que el próximo primero de setiembre, es decir, menos de un mes, vence el plazo otorgado por China Continental para mantener la actual política arancelaria en la importación de nuestros productos. Si se llega a ese extremo, todo lo realizado hasta ahora habrá sido en vano.

Lo poco que oficialmente se sabe, es que las negociaciones se han sucedido sin solución de continuidad y que las "presiones" han impedido una rápida toma de posición.

Las versiones sobre reuniones del Canciller de la República, los "acuerdos" logrados por el embajador uruguayo con el Embajador chino en Buenos Aires, etc., etc., son sólo parte de una historia que desde hace tiempo exige un digno final.

Parece poco creíble, por ejemplo, que a menos de un mes que culmine un acuerdo arancelario, se busque ahora una nueva prórroga que encierra, sin lugar a la menor duda, un nuevo intento de evitar enfrentarse a los verdaderos acontecimientos, los que se vinculan al tema por el lado político y no por el mero intercambio comercial.

Y es precisamente en el sector político, donde más se ha confundido a la opinión pública y a los empresarios, no fijándose posiciones claras y evitando una discusión seria y real sobre el punto. Las cifras sobre el comercio con ambas Chinas, de las que nos ocuparemos seguidamente, desde un punto de vista objetivo y práctico, no parecerían hacer dudar sobre el camino a seguir y más allá de argumentos comprometidos, todo parece indicar que "es mucho más rentable" optar por China continental, llegando así a la inevitable opción de romper vínculos diplomáticos con una para establecerlos con la otra.

Si esto es así —aunque se discuta, démoslo por cierto por un instante, aunque sea—, ¿cuáles son los otros argumentos que pesan para que el gobierno ya no haya resuelto?

¿Qué poderosa razón nos mantiene vinculados a un pequeño grupo de países en el mundo —veintitrés, en total— "liderando" en algunos casos, naciones casi inexistentes que mantienen relaciones diplomáticas con Taiwán?

¿Cómo es posible que se difiera, en una forma hasta poco seria, este aspecto trascendental de nuestra política exterior y de exportación, y se llegue a extremos de no tener, durante muchos meses, un embajador acreditado en Taiwan?

Todas estas preguntas, cuyas respuestas no aparecen en la prensa, están diariamente en la mente de todos, los exportadores hacia aquellos dos destinos y también en la de toda la ciudadanía.

Pero, para abundar en el tema y que los lectores comprendan de la importancia de lo que se está hablando, vamos a manejar, una vez más, algunas cifras.

La República Popular China, se ha transformado, en el correr de los últimos años, en el principal comprador del Uruguay. Según estimaciones sobre datos oficiales proyectados, se estima que este año, las compras alcanzarán los 100 millones de dólares, buena parte de los cuales surgen de la adquisición de tops.

Los que, comercialmente, defiende esta opción, insisten en señalar los problemas que se presentarán a las industrias topistas y, en definitiva, el país, si China elimina las ventajas arancelarias y se retira del mercado comprador de lanas.

Según esas fuentes, puede asegurarse desde ya, que más de 3.500 obreros quedarán paralizados en todo el sector a partir de la próxima zafra.

Otro tanto, podría decirse de los productores laneros, más de 20.000, que verían desaparecer sus expectativas de precios, hoy sostenidas por una definitoria demanda china.

Por otra parte, insisten en destacar el acceso de China al Gatt, lo cual implica el compromiso de cumplir ciertas reglas comerciales y de no cambiar sus políticas en la materia. Desde el punto de vista político y refiriéndonos sólo a las relaciones internacionales, de optarse por esta vía Uruguay se estará vinculando a uno de los cinco miembros del Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas, sumándose así a la inmensa mayoría de las naciones del orbe.

Con respecto a Taiwan, las cifras de exportación no han variado sustancialmente en los últimos años, llegando a superar los 23 millones de dólares en 1986.

Dentro del principal rubro, se encuentra la soja, y existe en vigencia un convenio por el cual Uruguay recibe en sus zonas productoras donaciones de infraestructura y accede a la posibilidad de colocar hasta 280.000 toneladas para el año 1990.

Esa ambiciosa meta, por el momento, puede ser catalogada como exagerada si tenemos en cuenta que durante 1986 la producción total del país no alcanzó las 40.000 toneladas, y para este año se habla de llegar a las 52.000.

Los productores de soja son, aproximadamente unos 300, con una superficie cultivada de 35.000 hectáreas, con chacras de 100 hás. promedio.

En cuanto al mercado internacional del producto, puede sostenerse que Brasil, coyunturalmente, es un comprador atractivo y que Yugoslavia realiza desde hace 2 años importantes gestiones para lograr un acuerdo similar al de Taiwan.

Frente a ese panorama de incertidumbre que hablábamos al principio, ¿cuál puede ser la actitud de los topistas, de los productores de lana y de soja, separados por sus

chino

intereses pero preocupados por una sola resolución?

En ambos casos, la falta de definición del gobierno, les impide fijar metas a largo plazo, encarar inversiones y, fundamentalmente, aumentar su productividad.

Ese es el caso concreto de los agricultores, que, pese al convenio con Taiwan, no han desarrollado sustancialmente las áreas sembradas.

Y aquí está el aspecto más lamentable de toda la historia. Que desmiente las frases huecas y los discursos sin contenido de algunos al referirse a la industria.

La obligación del gobernante es crear las mejores condiciones económicas para el país y su gente. Y los industriales y empresarios viven en este país y son parte de su población.

Definir algo tan trascendente como la política exterior y comercial, ***está dentro de lo exigible por parte de los sectores productivos.***

El problema de las dos Chinas, no será más *fácil de [illegible] porque el tiempo transcurra. Además, los innumerables ejemplos del mundo, donde casi todos los países mantienen relaciones diplomáticas con China continental y comerciales con Taiwan, están marcando el camino. No tomarlo ahora, realmente exige explicaciones.*

No podemos olvidar, como decía hace algunas semanas el Cr. Julio Franco en un editorial, que:

"...Necesitamos una identidad, precisamos definir un país, una economía nuestra, libre aún de monitoreos; saber qué somos y hacia dónde vamos. Como dijo el señor Presidente de la República 'nos tenemos a nosotros mismos'; pero para que todos podamos definir nuestras aspiraciones a través de los electos que no es lo mismo que los elegidos; debemos crear nuevos ámbitos de discusión y posibilitar nuevos mecanismos de decisión. En materia de política económica y de política comercial externa el país no podrá soportar durante mucho tiempo la dependencia exagerada de factores externos sin hacer algo desde dentro y menos demorar exageradamente en hacerlo. El mundo avanza rápidamente, avanzar lentamente, es sencilla y relativamente, atrasarse cada vez más."

Montevideo, del 24 al 31 de Agosto de 1987

Relaciones con China Popular

El regreso de Pekín del embajador uruguayo en Artentina Luis Barrio Tassano estuvo rodeado de total hermetismo en la Cancillería, pero "El Día" anunció el pasado jueves 20, atribuyéndolo a una "alta fuente gubernamental" que "es inminente una decisión del Poder Ejecutivo para el establecimiento de relaciones diplomáticas con la República Popular China".

La "fuente", que se encontraba en Concepción de Paraguay en ocasión de la entrevista entre los presidentes de Uruguay y Argentina —según reza el origen de la nota— y que "reclamó no ser identificada" dijo que la decisión era "cuestión de días" y que "seguramente a fines de setiembre la decisión sería dada a conocer oficialmente".

Por su parte el diario "El País", de conocida postura adversa a este paso diplomático consignó el viernes 21 que el canciller Enrique Iglesias, consultado al respecto, dijo que esas informaciones "corren por cuenta del matutino que las publicó", refiriéndose al diario codirigido por el vicepresidente Enrique Tarigo y el ministro Hugo Fernández Faingold.

HR
RREP
033

alternativa
exterior
Montevideo,
12 de noviembre

Periscopio

China opta por el cambio

"Abran las ventanas para que entre el aire e, inevitablemente, penetrarán algunas moscas, pero ésa no es la razón para mantener cerrada la ventana", afirmó Deng Xiaoping el año pasado, en medio de la remezón ideológica que como un profundo maremoto sacudía al partido Comunista Chino (PCCh). Los resultados del 13er. Congreso realizado del 25 de octubre al 1o. de noviembre confirmaron ese vaticinio y también la decisión de afrontar el riesgo de "algunas moscas".

En verdad, esta dura y larga batalla se definió meses antes, entre agosto y setiembre, en el transcurso de las vacaciones que los líderes chinos pasaron en el balneario de Beidaihe. Allí Deng puso como condición que su propio retiro significaría también el retiro de otros líderes de la línea ortodoxa, cuya presencia elevaba el promedio de edad del Comité Central a los 70 años. La mitad de los 20 integrantes del Comité Central son nuevos y con ellos, el promedio de edad desciende a 60 años. El heredero de Deng, es Zhao Ziyang (68 años) que acumula los cargos de miembro del Comité Central, secretario general del Partido y vice presidente del comité militar.

Ziyang y sus compañeros de dirección fueron electos por el voto secreto de los delegados: un hecho sin precedentes en la historia del comunismo chino.

La batalla que se dilucidó —esta vez de manera incruenta— fue entre ortodoxos y reformistas. Los primeros, mantenían firmes su adhesión a lo que califican como principios básicos del comunismo chino: fidelidad al pensamiento marxista-leninista y al de Mao, aceptación de la dictadura del proletariado y al papel de conductor del Partido. Esto implica la defensa, en nombre del leninismo, de la planificación centralizada, tal como se practicó durante la década del 50 y de la industria pesada como motor del desarrollo oponiéndose al consumismo que combaten, no sólo por la producción de elementos que consideran prescindibles, al menos en esta etapa, sino por sus secuelas de orden ético que señalan como grave peligro.

Pero no es lo único: también critican una posible escasez de granos si la producción centralizada queda a merced de las decisiones individuales —algo muy real pues los campesinos han optado por otros cultivos que les resultan más rentables— y en China hablar de hambrunas no es teórico sino experiencia vivida por millones de personas.

Por su parte los ortodoxos están a favor de liberalizar los precios, aún corriendo el riesgo de la inflación —el precio de los productos básicos no había cambiado en los últimos 20 años—, disminuyendo el control del Partido en la vida diaria, eliminando a miles de burócratas y montañas de formularios inútiles. En otras palabras, dicen ellos, los funcionarios del partido deben trabajar en la organización partidaria y en el desarrollo ideológico y dejar que los técnicos, especialistas y administradores sean quienes tomen las decisiones empresarias. También propician una mayor tolerancia, aceptan la diversidad y hasta el disenso intelectual.

Los cambios producidos en el máximo órgano de conducción partidaria, señalan que el triunfo ha sido de los reformistas que supieron primero luchar unidos con los ortodoxos, contra la corriente ultra izquierdista desarrollada entre el 66 y el 76 y de la cual ambos fueron víctimas. Derrotados aquellos extremistas que impulsaban la "revolución cultural", los renovadores dieron cuenta ahora, "civilizadamente" de los conservadores.

El escándalo que provocaron las modificaciones introducidas y también los resultados de la aplicación de algunas de ellas —fundamentalmente en el campo económico— fueron respondidas oportunamente por Deng cuando explicó que China se halla recorriendo la primera etapa del socialismo. Su seguidor, Ziyang, afirmó en su discurso inaugural que era necesario experimentar con variados sistemas para vencer el atraso y la pobreza, una meta que piensan alcanzar a mediados del próximo siglo. Pero junto con eso, una afirmación rotunda: China no será nunca capitalista, la única vía es el socialismo. Plagada de contradicciones que el pensamiento occidental tiene grandes dificultades para desentrañar, un pueblo de mil millones de seres y con miles de años de tradición opta por el cambio, a la búsqueda de una vida plena. Cambia de hombres y acepta nuevas propuestas. Para ello empieza modificando su pensamiento.

T. Giaco

01/01

1B

03B

CRONICAS ECONOMICAS

Montevideo, del 14 al 21 de Setiembre de 1987

China Popular mantiene preferencia arancelaria

Los negocios laneros con China Popular se han concretado ultimamente con la preferencia arancelaria habitual, pese a que estas condiciones iban a caducar al 1° de setiembre si no se normalizaba la situación diplomática con este país, dijeron a CRONICAS ECONOMICAS fuentes empresariales.

China Popular mantuvo con Uruguay una preferencia arancelaria en la compra de tops que usualmente no aplica con los países que no mantienen relaciones diplomáticas.

Las fuentes coincidieron en señalar que esta actitud está ligada al reciente viaje del embajador uruguayo en Argentina, Luis Barrios Tassano, y el inminente anuncio —no desmentido— de que Uruguay establecerá el vínculo diplomático tras los contactos entre el Canciller Enrique Iglesias y su colega de China continental durante la Asamblea General de las Naciones Unidas, que comienza a medidados de mes en Nueva York.

01/01

8711915

cercamiento a China Popular (II)

A REFORMA DEL COMERCIO EXTERIOR

En 1979 comienza la apertura de China Popular al
ndo exterior y un marcado desarrollo del multilate-
lismo.

Actualmente comercia con más de 170 países y re-
ones del mundo, participa del GATT, entre cuyos
iembros vuelca el 85% de su comercio y ha consolidado
si un centenar de acuerdos bilaterales.

La obsesión china en el intercambio es la importación
tecnología de avanzada, pero sus posibilidades se ven
mitadas por la disponibilidad de divisas.

Al ir ganando espacio los nuevos enfoques políticos,
hina se abocó a la reforma de su sistema de comercio ex-
rior, abandonando la fuerte centralización de la década
el 50, cuando una docena de empresas estatales mo-
opolizaban el intercambio bajo la férrea conducción del
Ministerio de Comercio Exterior y la gestión se diver-
ificó.

De esta manera se autorizó a diferentes departamentos y empresas a comerciar, hasta totalizar hacia 1986 más de 800 empresas de importación y exportación, donde se comprenden organizaciones especializadas en comercio exterior y conglomerados de empresas industriales y comerciales.

Se autorizó incluso a empresas extranjeras, mixtas y a cooperativas a realizar sus propios negocios para exportar productos e importar bienes de capital.

MOFERT REGULA

Este proceso fue acompañado por la racionalización del comercio exterior a través del tipo de cambio, los gravámenes, los impuestos aduaneros y la política de crédito, bajo el control administrativo del MOFERT y sus delegaciones en todo el país.

El MOFERT es el departamento ejecutivo del gobierno en lo que refiere a aplicación de la política exterior china en lo comercial, la regulación del sistema y la definición de políticas a mediano y largo plazo.

Las empresas autorizadas a comerciar se inscriben en este organismo que además racionaliza el uso de las divisas disponibles.

La planificación del comercio exterior es obligatoria en algunos rubros, indicativa en otros, y deja una porción a la regulación del mercado.

SISTEMA ARANCELARIO

La reglamentación arancelaria de los 50 ha quedado básicamente modificada en la actual etapa de la economía china y ahora se rige por el "Reglamento Para la Imposición de Derechos de Importación" y el "Arancel de Derechos de Importación y Exportación" que rigen desde marzo de 1985.

Durante la "reconstrucción", el arancel se orientó a la defensa de la industria local, pero tras la reforma, las empresas se han independizado en gran medida y el arancel ha jugado un rol más bien regulador.

La política se dirige a alentar la exportación y la importación de bienes necesarios al desarrollo económico.

Para los productos indispensables que faltan en el país el arancel de importación es bajo o nulo y se acentúa en las materias primas inferiores. También se efectúan rebajas arancelarias para las piezas e instrumentos que escasean en el país o que son de baja calidad y se elevan para los que se fabrican localmente o no resultan indispensables.

China aplica en su comercio con determinados países la cláusula de "nación más favorecida" otorgando derechos aduaneros mínimos.

Este tipo de acuerdos está bastante generalizado entre los países de la OCDE y en algunos países en desarrollo.

Hacia este último sector, además de la ventaja de "nación más favorecida", se establecen listas indicativas de productos de intercambio y acuerdos de pagos.

China ha realizado además acuerdos preferentes con casi todos los países del área socialista, que representan un 8% del comercio total del país.

En el nuevo sistema de estímulo a las empresas exportadoras se otorgan créditos preferenciales a quellas que elevan sus niveles de eficiencia y calidad y, si los resultados económicos son altos, se permite otorgar primas en dinero a sus empleados.

PRECIOS: MULTIPLE FIJACION

De la fijación estatal de los precios a importaciones y exportaciones se pasó a un régimen múltiple.

Para los productos de importación comercializados en el mercado interno el precio lo fijan los propios agentes, lo que contribuyó grandemente a elevar las compras en el exterior. De esta situación se exceptúa a productos estratégicos como el acero, los cereales o los fertilizantes cuyo precio es regulado por el Estado, que asume eventuales pérdidas.

Para las exportaciones encomendadas a las empresas autorizadas los precios son fijados por éstas de acuerdo a sus costos y a la situación del mercado internacional. Las empresas reciben por sus operaciones una comisión.

En materia de cambios China, que es miembro del FMI, aplica un sistema de control centralizado de movimiento de divisas de acuerdo al art. 14 del convenio de la entidad financiera internacional.

El ente rector es el Banco Popular de China a través de la Administración del Estado para el Control de Cambios.



Los 6 mil metros de muralla china, un recuerdo de los tiempos en que aislamiento era supervivencia.

La moneda local de intercambio convertible a divisas es el renmimbi, pero los ciudadanos utilizan el yuan.

El sistema oficial de asignación oficial de las divisas fue sustituido por el de retención autorizando reguladamente a las empresas y organismos la compra de la moneda extranjera, lo que aumenta la independencia en materia de decisiones comerciales. Sin embargo no pueden realizar operaciones de divisas entre las empresas.

Las rigideces que aún se perciben en el sistema obedecen a la enorme dificultad de obtención de divisas y esto ha determinado también la apertura de la economía a la inversión extranjera.

Alejandro Nogueira

113

RPCH- 033

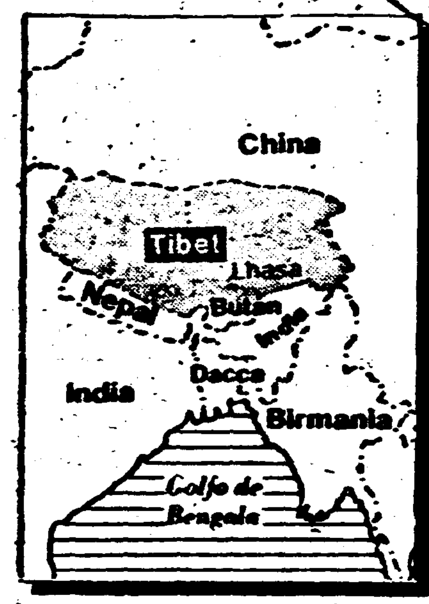
Choques y toque de queda en la capital del Tibet

LHASA, 4 (AP). – Las autoridades chinas impusieron el toque de queda y trataron de evitar que un ómnibus cargado de turistas extranjeros abandonara hoy la capital tibetana tras las manifestaciones en favor de la independencia en las que murieron por lo menos seis personas.

Opositores tibetanos colocaron carteles callejeros en chino y en tibetano, según los cuales quienes murieron en el asalto del jueves contra una comisaría "perecieron por todo el pueblo tibetano, no por ellos".

Un grupo de monjes en el monasterio budista de Sera, en las afueras de esta capital, dijo que esperaba organizar otra manifestación el 7 del actual, día en que las tropas comunistas chinas invadieron el Tibet para anexarlo a China en 1950.

Un diplomático norteamericano destinado en Chengdu, la ciudad importante más cercana al Tibet, dijo que dos norteamericanos detenidos por la policía en Lhasa tras una manifestación separatista el 27 de septiembre, fueron liberados y al parecer se encuentran en Lhasa.



El Tibet autónomo; el nordeste fue incorporado a China

Toque de queda

Las autoridades decretaron un toque de queda a partir de las 22 para los tibetanos, aunque los extranjeros pueden desplazarse por las calles pasada esa hora.

Las autoridades chinas colocaron avisos en varios hoteles y advirtieron a los extranjeros que no se mezclaran en los altercados, explicó un turista.

El visitante agregó que las advertencias fueron escritas en tibetano.

El principal periódico del país, el Diario del Pueblo Renmin Ribao, imprimió hoy una historia detallada con fotografías sobre las manifestaciones del jueves.

El noticiero vespertino de la televisión proyectó por primera vez, secuencias de la protesta. En ella se vio a una multitud que acudió a la plaza del templo Jokhang de Lhasa y apedreó a los agentes policiales y la comisaría situada en ella.

Sin embargo, y pese a esta cobertura noticiosa oficial desacostumbrada, las autoridades de la capital decretaron que los télex enviados desde un hotel por los turistas extranjeros fueran censurados y no pudieron establecerse conferencias de larga distancia con el exterior.

La versión oficial

PEKIN, 4 (EFE). – La agencia china Xinhua dio hoy una versión oficial más detallada de los disturbios ocurridos el pasado 1º en la capital tibetana, Lhasa, no dijo cómo murieron seis personas.

Según relató un testigo a la agencia, en la mañana del 1º de octubre reinaba un ambiente de alegría y felicidad en la capital de la región autónoma del Tibet.

En el parque de Norbulingka, fuera de la ciudad –agregó el testigo–, comenzó una fiesta a la que había acudido mucha gente, que cantaba y bailaba, cuando de repente algunas personas empezaron a gritar en la puerta del templo de Jokhang.

La manifestación

Al mismo tiempo una decena de tibetanos con ropas religiosas desfilaban por las calles con la bandera tibetana de las "Montañas", mientras gritaban "el Tibet quiere independencia".

Mucha gente fue a ver lo que hacían y varias personas no identificadas les siguieron, haciendo mucho ruido y causando confusión en la calle.

Según testigos occidentales, el número de manifestantes sería de alrededor de 2000.

Mientras la policía condujo a los dirigentes de la manifestación a la comisaría para ser interrogados una multitud rodeó el edificio.

Varias personas empezaron a tirar piedras a las ventanas, asaltaron la comisaría y golpearon a los agentes de seguridad, llevándose a los organizadores de los disturbios.

Un joven se apoderó del arma automática de un policía y además, siete vehículos de la policía, aparcados en frente de la comisaría, fueron incendiados.

Según Xinhua, los alborotadores siguieron tirando piedras a la policía y se llegaron a oír algunos disparos en medio de tanta confusión.

Mientras un turista norteamericano que presenció los disturbios dijo desde Lhasa que un niño de siete años falleció por los disparos de la policía, otros desmentían este extremo.

Los manifestantes impidieron a los bomberos extinguir el fuego que se había propagado en la comisaría y un bombero fue herido en la cabeza por una piedra.

El Dalai Lama

La versión oficial agrega que algunos alborotadores corrían por las calles y llamaban a las puertas de los vecinos gritando: "El Dalai Lama está convirtiendo el Tibet en un país independiente y todos debemos seguirle, los que se nieguen a unirse a la manifestación verán sus casas destruidas".

Entre los manifestantes había dos extranjeros que gritaban y animaban a la gente a atacar a los policías, según el relato oficial.

Voceros de Pekín señalaron hoy que dos súbditos norteamericanos que entraron en el país hace unos tres meses habían sido retenidos en Lhasa y que un diplomático de la embajada norteamericana en Pekín había viajado para prestarles ayuda.

Por la noche, los alborotadores –sigue la versión oficial– empezaron a dispersarse mientras la comisaría seguía ardiendo.

01-01 8711927

033

INTERCHINA

DISCULPE 18/11/87

LAS RELACIONES CON CHINA NACIONALISTA

Según ha trascendido, el Ministerio de Relaciones Exteriores ha consultado a los distintos sectores parlamentarios sobre la posibilidad de concretar relaciones diplomáticas con la República Popular de China (la China continental comunista).

Como es sabido, ésta última impone como condición para establecer dichas relaciones, que previamente nuestro país rompa las que mantiene con China Nacionalista (Taiwan).

"La Unión Colorada y Batllista es contraria a la ruptura de relaciones con Taiwan y así se lo hicimos saber al Ministro de Relaciones Exteriores en la oportunidad en que él consultó la opinión de los sectores parlamentarios", declaró a la prensa el diputado pachequista Dr. Mario Cantón. Este sostuvo que la imposición de China comunista aparece como violatoria de nuestra soberanía y se constituye en algo lesivo para nuestro país.

Cantón expresó *"que se debía mantener la relación con Taiwan, no ceder a las presiones de la China continental, y mantener la convicción de que más allá del número de habitantes que tiene China Popular, las relaciones con Taiwan siempre han sido amistosas, fructíferas para nuestro país, y nos ha ayudado de muchas maneras en el plano económico"*. Por otro lado enfatizó que hay planes que se vienen concretando en función de esa ayuda, y señaló que *"sería un paso tan injusto como inamistoso con ellos, como inconveniente para nuestro país"*.

Reiteró que entendía que no estaba muy claro que le convenga al Uruguay romper con un país amigo que nos ha servido, ayudado, que nos está ayudando, y que mantiene planes muy importantes para nuestro país que se están concretando, como en el caso de las plantaciones de soja, para entablar relaciones con otro que promete mucho y concede poco.

El Dr. Cantón -refiriéndose a este último punto- acotó que la estrategia diplomático-comercial de China comunista ya la había sufrido en carne propia la misma España, cuando Felipe González concurrió con un muy importante número de empresarios a ese país, a raíz de promesas que se les había hecho, comprobándose -después de entabladas las relaciones- el engaño a que había sido sometida la nación ibérica.

El diputado pachequista reconoció que el Poder Ejecutivo tiene la potestad privativa en cuanto a la decisión final con respecto a las relaciones con una u otra China; pero aclaró que las mayorías parlamentarias debían ser atendidas en relación a tan importante resolución, máxime cuando en el Parlamento hay diversidad de pareceres, fundamentalmente dentro de los partidos tradicionales.

Demás está decir que compartimos en todos sus términos lo expresado por el diputado Dr. Mario Cantón, que refleja la opinión de la bancada pachequista y -en último y principal extremo- la del líder de su grupo.

Al efecto recordamos que semanas atrás, mientras el embajador uruguayo en Argentina Barrios Tassano visitaba China comunista en una aparente misión oficial, Pacheco Areco concurría a Taiwan en visita particular, que para observadores objetivos significó una toma de posición tan franca como evidente.

Y una vez más, conociendo sus opiniones vertidas en el diario "Acción" sobre este mismo tema, no sabemos cómo hará el Presidente Dr. Julio María Sanguinetti para firmar el establecimiento de relaciones diplomáticas con la China comunista y a la vez romper con China Nacionalista, borrando con el codo lo que escribiera el Dr. Julio María Sanguinetti periodista. Si eso ocurriera -y todo parece indicar que finalmente ocurrirá, al triunfar el empeño de Iglesias, Aslain y compañía- puede ser que el señor Presidente de la República o alguno de sus voceros, conteste la pregunta que venimos formulando desde hace mucho tiempo, sin obtener respuesta: ¿QUIEN CAMBIO: SANGUINETTI O TAIWAN?

01.01

HB

RPCH.

033

Postergan congreso escritores chinos

Expreso 15/1/87

Pekín (UP) — La principal organización de los escritores chinos desistió de sus planes de celebrar su primer congreso nacional en los últimos tres años debido a los temores desatados por la represión política cultural del gobierno.

El congreso que la semioficial Asociación de Escritores Chinos debía celebrar este año fue aplazado indefinidamente debido a la incertidumbre que rodea a la política cultural del gobierno, dijeron fuentes oficiales.

Entre los más de 3.000 miembros de la Asociación de Escritores Chinos se cuentan las más prominentes figuras literarias del país, como por ejemplo, Ba Jin, autor de "Familia" y uno de los pocos escritores chinos cuyas obras han sido publicadas en el mundo occidental.

Las fuentes, pidiendo no ser identificadas, dijeron a United Press que la redada el invierno pasado en contra de las tendencias liberalizantes dejaron a los escritores en tal perplejidad que el congreso nacional no será vuelto a convocar por lo menos hasta fines del próximo año.

POCO LEGIBLE

KR

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: China envía una delegación a Managua

PROCEDENCIA : Clarice 6/11/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

8711985

01/01

Contactos políticos entre Uruguay y China Popular

Recibiendo a una invitación del Partido Colorado una [illegible] Popular mantuvo durante la pasada semana contactos con dirigentes de los principales partidos uruguayos.

La delegación, encabezada por Zhang Xiangshan, encargado de relaciones internacionales del Partido Comunista chino, se entrevistó también con las Comisiones de Asuntos Internacionales del Parlamento y con miembros de la Cancillería.

Dirigentes políticos de todos los sectores —a excepción del diputado Julio Daverede de la Unión Cívica— coincidieron en que el tema diplomático pendiente entre ambos países deberá resolverse a corto plazo.

Federico Bouzá, lista 15

"Es absurdo ignorar a China Popular"



"Creo que el Uruguay tiene que tener relaciones diplomáticas con todos los países del mundo y es absurdo ignorar a China Popular que tiene una de las poblaciones más grandes del mundo e integra el Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas" —opinó el legislador de la lista 15, Federico Bouzá.

Consideró que existía el "inconveniente" de que ambos países hacían de sus relaciones diplomfáticas algo excluyente, pero dijo que "en el balance" de reconocer a uno o a otro, "Uruguay tiene que inclinarse a reconocer a quien tiene una presencia política tan trascendete" como China continental.

Bouzá se mostró partidario de intentar mantener las relaciones comerciales con Taiwan y consideró que con respecto a China Popular nuestro país deberá tener "una acción más agresiva" en este terreno.

Analizando las posibilidades de que China Popular otorgue compensaciones por eventuales pérdidas en el rompimiento con Taiwan, Bouzá se mostró partiario de que "Uruguay plantee esto en las conversaciones".

El gobierno de China anunció en otras ocasiones que estaria dispuesto a este tipo de medidas, pero también se refirió a que aplicaría los recargos arancelarios a las compras de nuestras lanas si no se establecían relaciones y esto es un serio peligro para una corriente comercial ya muy estable que tenemos hoy —dijo. Establecida la negociación política, Uruguay tendrá una posición fuerte como para reclamar todas las ventajas comerciales que sean posibles en un mercado de tanta dimensión."

El representante de "Unidad y Reforma" consideró que "habrá que hacer un esfuerzo de presencia en China y de promoción de nuestra producciones" para "sacar los frutos económicos y comerciales" derivados de la decisión política".

Xiangshan: "relaciones económicas y políticas cobrarán desarrollo integral"

Cuando se restablezcan las relaciones diplomáticas entre China y Uruguay "las relaciones económicas y políticas cobrarán un desarrollo integral" porque ambos países "coinciden en los principios fundamentales" en materia de política exterior, afirmó Zhang Xiangsman en reportaje exclusivo concedido a CRONICAS ECONOMICAS.

El dirigente comunista manifestó que de acuerdo a los contactos políticos realizados en Uruguay se aprecia que "todos los partidos políticos coinciden en desarrollar aún más las relaciones entre ambos países".

—¿Cuál ha sido su impresión de los contactos mantenidos con los distintos partidos políticos uruguayos?

—Las entrevistas han sido todas muy francas y sinceras. A través de estos contactos tengo la impresión de que todos los partidos políticos coinciden en desarrollar aún más las relaciones entre China y Uruguay.

Expresamos nuestro reconocimiento y respeto a estos viejos amigos por sus esfuerzos en las relaciones entre ambos países.

—En nuestro medio se ha informado recientemente que la cuestión diplomática entre nuestro país y la República Popular de China tendrá una solución a corto plazo. ¿Qué opinión le merece como miembro prominente del Partido Comunista chino esta posibilidad?

—Estimo que existe una base política muy favorable para establecer las relaciones diplomáticas entre ambos países porque los dos coinciden en los principios fundamentales.

Hemos podido apreciar que uruguay sostiene los principios de autodeterminación de los pueblos y de no intervención. Sobre esta base establece relaciones con todos los países del mundo.

China sostiene los cinco principios: respeto mutuo a la soberanía e integridad territorial, no agresión, no intervención, beneficio recíproco y coexistencia pacífica.

Sobre estos principios también queremos establecer relaciones con todos los países del mundo.

Por otro lado las relaciones económicas y comerciales entre China y Uruguay datan de mucho tiempo: los últimos dos años estas relaciones han cobrado un desarrollo aún más acelerado.

El desarrollo de estas relaciones económicas ha sentado una buena base para el establecimiento de relaciones diplomáticas.

Además, el intercambio de visitas de políticos y delegaciones de ambos países ha profundizado el entendimiento y la confianza mutua.

Tanto el pueblo chino, como el gobierno y el Partido Comunista deseamos establecer relaciones diplomáticas cuanto antes sea posible.

—Algunos sectores políticos uruguayos han cuestionado el hecho de que a nuestro país le sea impuesta su ruptura con el régimen de Taiwan. ¿Puede explicarnos qué enfoque tiene su país sobre este tema?

—He explicado nuestros principios fundamentales en materia de política exterior.

En el problema de Taiwan nosotros persistimos en el principio de que hay una sola China; y esto nos rige en el establecimiento de vínculos diplomáticos con todos los países del mundo.

—Usted se ha referido a la importante corriente comercial entre Uruguay y China. ¿Qué impresión existe en el PCCH sobre la evolución de ese aspecto de nuestras relaciones una vez establecidas las relaciones diplomáticas?

En ese caso, las relaciones económicas y políticas cobrarán un desarrollo integral.

NO ROMPER RELACIONES CON TAIWAN

Daverede: un problema de soberanía

No sólo mi opinión, sino también de mi partido, la Unión Cívica, entendemos que deben mantenerse relaciones con la República de China, esto es Taiwán, porque no vemos ningún elemento que amerite una ruptura de relaciones y para instalarse estas relaciones con la República Popular de China.

Si no existiera esta exigencia por parte de la República Popular de china no veríamos ningún inconveniente en que estas se realizaran porque el Uruguay debe tener relaciones con todos los países del mundo, cualquiera sea su ideología. Pero ante esta exigencia de romper con un país que es amigo, que ha colaborado y que está colaborando tanto con Uruguay, cuando la realidad con China Popular ya la conocemos, a través de uno solo de nuestros rengolores que es la lana peinada, no sabemos cual será la conclusión a que en materia comercial podrá arribarse ya que la experiencia de otros países que han roto relaciones con la República de China y las han establecido con la República de China y las han establecido con la República Popular han tenido después de los primeros negocios que sufir las consecuencias o de no poder cobrar o de no poder seguir comerciando.

Nos parece que esto no tiene un fundamento muy grande sino que miramos las cosas desde un punto de vista realista y objetivo, pero además está el problema principista que yo señalo en dos aspectos: el primero es el problema ideológico, que no afectaría por cuanto mi partido entiende que las relaciones internacionales más allá de este aspecto, pero sí afecta en cuanto a que se roza la soberanía nacional cuando una potencia extranjera está exigiendo al gobierno a la nación uruguaya que rompa relaciones con otra si queremos mantenerlas con ella. Esto es inaceptable desde el punto de vista ético internacional, creo que no se ajusta a los principos del Derecho Internacional, me parece que por ese camino el Uruguay no debe transitar porque siempre ha sido muy celoso de lo que significa su propia soberanía.

En cuánto a quien representa a la nación china, cuál de los dos regímenes, no hay que olvidar que la China na-

cionalista fue empujada por el régimen de Mao que a través de una revolución ocupó la China Continental. Los chinos nacionalistas se dicen los auténticos representantes de la China clásica, tradicional. A su vez, los de China Popular se dicen que son los representantes porque mantienen la mayor parte del territorio y que tienen la mayoría de la población. Esto es así, pero también hay una situación de fuerza que impera en aquel país, donde hay un pueblo que está limitado absolutamente en su expresión en todo lo que tiene que ver con los derechos humanos y evidentemente donde no existe libertad.

El hecho de que la mayoría de la comunidad internacional haya reconocido mayoritariamente a China Popular se explica porque se han manejado con el criterio del comercio internacional, y esto ha pesado evidentemente.

Pero esto no puede valer para un país tan celoso de los principios y de la soberanía como es el nuestro. Creo que aquí hay aspectos de tipo ideológicos y de derecho que naturalmente no pueden ser pasados por alto. Conviene repetir en estos casos la frase de Artigas: "No venderé el rico patrimonio de los orientales al bajo precio de la necesidad". Si vamos a romper con un país amigo porque necesitamos negociar con otro porque es más poderoso creo que hasta el nombre de orientales nos quedaría mal colocados.

Luis Hierro López (85)

"Es el momento de actuar en este tema" y será por "razones de moral internacional"

El diputado Luis Hierro López (Libertad y Cambio) admitió que "estamos en vísperas" de que Uruguay establezca relaciones con China Popular y lo definió como algo "natural", que obedece, a su juicio, a razones morales y no económicas.

"El establecimiento de relaciones con China Popular tendría que darse aún cuando al país no le conviniera —afirmó—. Hay razones políticas y de moral internacional que justifican este paso aún cuando suponga como costo el rompimiento con Taiwan."

Hierro dijo que atendiendo el aspecto comercial "la relación con China va a ser de interés especial para Uruguay si puede hacerse entender a ese país, como a todos los países grandes, que los países pequeños también tenemos derecho a vender nuestros productos manufacturados".

El legislador de la 85 recordó que antes de su visita a China Popular en 1985 preguntó al presidente Sanguinetti su opinión sobre la cuestión diplomática y qué quería que se trasmitiera a las autoridades de ese país.

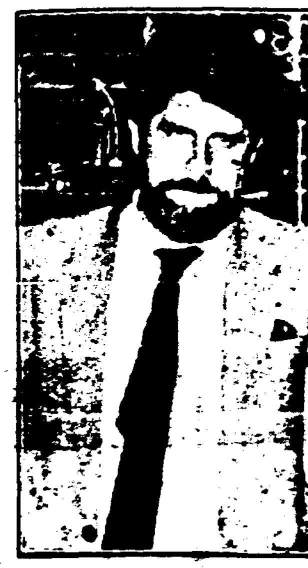
"El Presidente Sanguinetti me dijo lo mismo que le dijo Luis Batlle a los Estados Unidos en la década del 50: que Uruguay tiene derecho a vender su lana manufacturada y no su lana sucia", explicó.

Para Hierro "Uruguay va a hacer un buen acuerdo" y "si es que el embajador Barrios Tassano ha tenido algo que ver como se informó en la prensa, estoy seguro que nuestros intereses estuvieron muy bien representados."

"El acuerdo que se haga tiene que partir de la idea de que los trabajadores uruguayos tienen que defender su mano de obra y a Uruguay le convendría mucho un acuerdo a cinco años como estimo que puede lograrse", dijo.

Hierro consideró "lamentable" la ruptura con Taiwan pero no descartó que "pasado ese momento" se puedan establecer con ese país "buenas relaciones comerciales" como hacen muchos países en todo el mundo.

Consideró que una decisión política de nuestro país en este tema "no supone menoscabo a nuestra soberanía" porque ésta "es una elección soberana y legítima que hace el país".



"Ha llegado el momento de que el gobierno actúe en este tema y creo que establecer lazos con China Popular es la línea correcta", afirmó.

El representante de "Libertad y Cambio" dijo que presumía que el acuerdo del gobierno uruguayo tendrá en cuenta las "compensaciones" por eventuales pérdidas del nexo con Taiwan, "no en términos estrictos" pero sí "en términos genéricos", porque el país "va a salir ganando en los cinco primeros años".

Diputado Luis José Martínez (PN)

Comercio con China Popular ha sido espectacular

Mi opinión ya la he adelantado en ocasión de elaborar el informe que sobre este problema presentamos conjuntamente con el Senador Ferreira bastante tiempo atrás a las Comisiones de Asuntos Internacionales de ambas cámaras.

También he vertido a nivel periodístico un punto de vista que es compartido por un amplio contingente de dirigentes del Partido Nacional, según el cual la política internacional del país no puede rehuir el reconocimiento de las realidades.

El gobierno de China popular ejerce efectivamente la soberanía sobre un vasto territorio, congrega a un núcleo humano de más de 1.000 millones de personas, integra el Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas con carácter de miembro permanente, y ha sido reconocido por la inmensa mayoría de los países del orbe: más de 130 naciones.

Entre tanto, el gobierno de Taiwán muy respetable para nosotros como expresión de una entidad política en esa región, es reconocido por poco más de veinte países en esa región, y en América del Sur sólo por Uruguay y Paraguay. Es notorio que China popular ha sido inflexible en cuanto a que el establecimiento de relaciones con ese país implica que no puedan mantenerse relaciones de igual rango con Taiwán.

•

En algunos círculos esto es considerado como una forma de presión indebida y de ataque a la soberanía. Hemos contestado a esta crítica sostenido que tal ataque a la soberanía existiría si nos fuese arrebatado o impuesto una decisión política y no cuando como en este caso el país puede o no adoptarla.

Hay en esto necesidades bastante claras en cuanto a cuál es la realidad de la representación de la nación China, hay por otra parte realidades en cuanto a perspectivas en cosas más pragmáticas si se quiere, mucho más tangible como lo son las vinculaciones de tipo comercial y lo que tiene que ser el cumplimiento por parte del Poder Ejecutivo de su función de velar por los intereses del país, la promoción de corrientes exportadoras, el incremento de corrientes comerciales con diversos países del mundo y el establecimiento de metas a mediano y largo plazo que aseguren un mínimo de estabilidad en las políticas, particularmente en cuanto al sector exportador.

Nosotros nos inclinamos decididamente por la necesidad de establecer relaciones con China Popular, entre otras cosas porque el incremento de nuestras relaciones comerciales como esta nación ha sido francamente espectacular, aún en ausencia de relaciones diplomáticas formales. La experiencia de algunos países vecinos denota que el establecimiento de tales vínculos diplomáticos ha redundado en incrementos aún más notorios de las corrientes comerciales.

VIAJARON "SAFARIS" DE DIPUTADOS A TAIWAN (FA)

Negro: con China Popular aumentaría intercambio comercial

Creo que esto tendría que haberse resuelto ya décadas atrás, es indudable que la situación se complicó para reanudar las relaciones por el hecho de que el tiempo fue pasando, fueron quedando pocos países y algunos intereses que había a nivel nacional impedían que estas relaciones se hicieran efectivas de inmediato.

Me consta que el Ministro de Relaciones Exteriores y un sector muy importante del partido de gobierno, más parte del Partido Nacional y el Frente Amplio estaban de acuerdo en la reanudación de relaciones.

Es indudable que si Naciones Unidas y la gran mayoría de los países del continente reconocen a China como tal, que China es una sola no nos queda más remedio, con ese razonamiento, que reanudar las relaciones.

Por los transcendidos de prensa y lo manifestado por los propios chinos en conversaciones particulares ellos están dispuestos a resolver el problema de las compensaciones por la ruptura de relaciones con Taiwán. El intercambio comercial que tenemos con Taiwán lo tendríamos también con China y aumentaría sensiblemente el actual intercambio.

En cuanto a las manifestaciones contrarias de algunos sectores del Partido Colorado y del Partido Nacional, creo que hay presiones de todo tipo. Es cierto que acá hay sectores de la población —no digo legisladores— que están interesados en el mantenimiento de las relaciones porque ellos un flujo comercial que creo que asciende a los 18 millones de dólares que es con contrapartida. Eso lo perderían algunas empresas que seguramente tienen vinculación con algunos políticos.

Por otro lado una forma de presión que no sé que efecto ha tenido, pero que no es ético, son las invitaciones a Taiwán, que fueron muy numerosas y donde viajaron prácticamente "safaris" de la Cámara de Diputados.

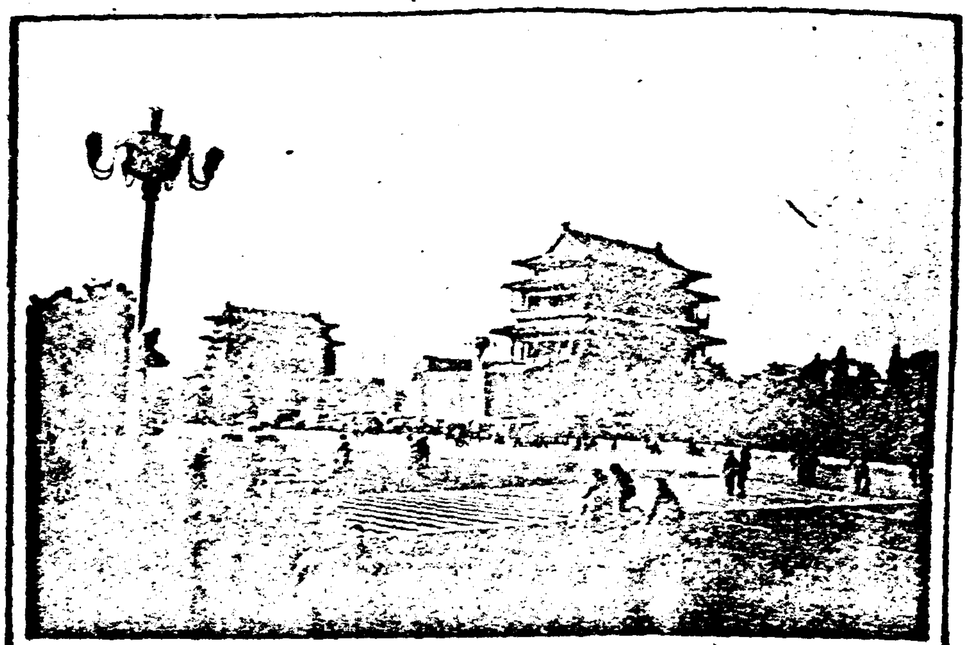
HR

Acercamiento a China Popular (I)

033

Los rasgos de la apertura

El gobierno parece disponerse a resolver la cuestión diplomática planteada con China Popular y a que Uruguay asuma plenamente su vinculación con uno de los cinco grandes, donde habita la cuarta parte de la población del planeta. Es momento de ampliar el conocimiento sobre uno de nuestros principales socios comerciales, al que se involucra la principal decisión diplomática que deberá tomar el régimen democrático en esta etapa.



En el corazón de Pekín, la perspectiva espacial de la Plaza de la Paz Celestial, donde descansan los restos de Mao, venerado por el pueblo pero cada vez más superado por la dirigencia política y los economistas.

OTRO MILAGRO ASIATICO

Tras los cataclismos de la "Revolución Cultural" y luego de la muerte de Mao Tse-Tung y la "descentralización" de la economía de la República Popular China, el crecimiento productivo tanto o más espectacular que los "milagros económicos" de Taiwan y Corea del Sur, si tenemos en cuenta la diferencia poblacional con esos países.

De la parálisis y la hambruna, China pasó a tener un crecimiento promedio del 9% anual y a cuadruplicar su comercio exterior, surgieron nuevos sectores sociales (propietarios rurales, comerciantes minoristas urbanos, etc.) y un fuerte incremento del 50% del ingreso per capita. Hacia 1985 el valor total de la producción industrial y agrícola alcanzó los 454 mil millones de dólares.

Sin embargo, el nivel de vida del pueblo chino, pese a la notoria mejoría, continúa bajo: un muestreo de hogares realizado en 1985 arrojó que el ingreso medio anual neto por habitante es de alrededor de 136 dólares, en un país que cuenta con un 80% de población rural. En las ciudades los ingresos son mayores, alcanzando los 256 dólares anuales per cápita.

Las urgencias que impulsaron el proceso de descentralización y desarrollo se mantienen, pero China Popular sigue siendo sustancialmente un país de economía planificada y propiedad pública: se trata, ahora, de un ensayo de "socialismo a la china". Las exigencias de la producción obligan a China a crear y mantener un sistema multiforme de propiedad de los medios de producción, pese a la dominancia señalada, y junto a las empresas estatales o colectivas han surgido las empresas privadas, mixtas y de propiedad exclusivamente extranjera.

Entre 1981 y 1985 el PBI agropecuario creció solamente un 1% (del 8 al 9%) pero registró picos del 13,1% y del 12,9% en el 82 y el 84. El crecimiento significativo se registró en el PBI industrial que evolucionó sostenidamente entre el 2.5% de 1981 y el 16,5% de 1985.

HACIA AFUERA

Los esfuerzos de la nueva política china se orientaron hacia el comercio exterior y a la importación de tecnología selectiva, rompiendo el aislamiento del periodo maoista.

Según datos oficiales (Ministerio de Comercio Exterior) entre 1975 y 1986 las exportaciones pasaron de los 7.26 billones de dólares (valor CIF) a 31.65 billones, en tanto las importaciones pasaron de los 7,49 billones a 50.

Esta evolución no fue, naturalmente, lineal. Entre 1982 y 1983 China necesitó dólares y restringió las importaciones. Hacia 1986 se produjo un abrupto crecimiento de las compras en el exterior, lo que generó un abultado déficit de 20 billones de dólares.

El aumento relativo de los ingresos de la población aumentó su capacidad de consumo y por tanto de la demanda de productos alimenticios. Esta tendencia se vio acrecentada con la urbanización, que aumentó además la demanda de alimentos preparados. El surgimiento de una nueva clase propietaria rural ocasionó simultáneamente un aumento de consumo y un incremento de la producción que transformó a China en un exportador de alimentos y un país ávido de nuevas tecnologías en la materia. Pero este proceso se ha desarrollado desigualmente: mientras caen las importaciones de granos se mantienen las demandas de productos lácteos, frutas y vegetales y aumentan considerablemente las necesidades de harinas, azúcar, café y bebidas alcohólicas.

Las exportaciones chinas de carne, pescado, café, té, cacao y especies aumentaron marcadamente en los últimos diez años.

La industria alimenticia tiene hoy prioridad para el gobierno chino, que reconoce, por otra parte, que su tecnología es obsoleta.

China se propone además, de acuerdo a su sexto plan quinquenal, enfrentar un 40 o 50% sus importaciones, aumentar el uso de inversiones externas e introducir en el menor tiempo posible tecnología que pueda absorber.

Toda una batería de leyes y disposiciones fue inaugurada para esto: normas para joint-ventures, para protección de la propiedad industrial, sistema impositivo, arbitrajes, etc. La idea es mostrar que China es un socio confiable.

EL SEPTIMO PLAN

La herencia burocrática es aún fuerte en China y su desarrollo gira en torno a los "planes" (quinquenales, globales, sectoriales), a comisiones, ministerios (que son 33) y toda su red de oficinas provinciales y regionales. También pesan los objetivos cuantitativos de producción escrupulosamente preestablecidos.

El Estado controla la asignación de los recursos, sus transferencias y el manejo del sistema de subsidios a las distintas actividades que producen deficits.

Hasta hace poco la carne se seguía distribuyendo mediante cupones de racionamiento y con precios fijados políticamente.

Pero ahora se ha abierto paso la idea de la ganancia, o dicho en lenguaje chino, los "incentivos económicos". Antes no importaba la eficiencia o la calidad sino la cantidad establecida en el plan, aunque hubiera pérdidas. Ahora la empresa estatal debe dar utilidades es decir, que los empresarios estatales chinos deben velar por cuidar el costo energético, la disciplina laboral, el pago de impuestos, la selección de los proveedores y el sistema de ventas.

Durante el maoismo si había ganancias las empresas lo volcaban a Rentas Generales; desde 1983 comenzó a aplicarse experimentalmente que las empresas retuvieran sus utilidades y pagaran impuestos al Estado. Paralelamente cambiaba radicalmente el sistema de crédito y la determinación de las tasas de interés.

NO EN LA MISMA OLLA

La consecuencia: una revolución en el sistema de precios. Algunos productos alimenticios llegaron a aumentar un 150 %.

El control estatal sobre los precios ha comenzado a relajarse y muchos se fijan ahora según los planes generales de la política económica y en base a las leyes del mercado.

La idea es comenzar a desterrar el principio igualitario que rigió la administración maoista donde "todos comen de la misma olla".

Se ha escalonado el sistem salarial, aumentó la diferencia entre los sueldos de los técnicos y mandos medios con respecto al personal no especializado, se incentiva la productividad a través de primas, los salarios se gradúan respecto a la dificultad, la intensidad y la responsabilidad que entraña el trabajo.

Para los precios hay tres modalidades: 1) fijados por el estado, para un número reducido de productos agrícolas e industriales de primera importancia y para los servicios esenciales de la comunidad; 2) precios fijados por orientación estatal dentro de una escala y; 3) precios fijados por el mercado en los márgenes autorizados por las leyes y reglamentos.

La planificación continúa, pero los chinos definen que se transita en un cambio entre la planificación centralizada y la planificación en el sector de los productos.

LOS PRINCIPIOS DE LA RELACION COMERCIAL

La política exterior es de apertura y se basa en tres principios: independencia, igualdad y beneficio mutuo.

En este marco se produjo la apertura costera de China en las provincias de Guangdong y Fujian con políticas especiales y más flexibles que comprenden cuatro zonas económicas especiales (Shenzhen, Zhuhai, Shantou y Xiamen), 14 ciudades litoraleñas (entre ellas Shangai, Tianjin, Guangzhou, Quingdao y Dalian) y tres zonas del delta (en los ríos Changjiang y Zhujiang y la zona triangular de Xiamen en la provincia de Fujian).

Estas zonas son las principales bocas de entrada de la tecnología que necesita China, donde se produce la absorsión mayor de capitales extranjeros y es, en suma, la cabecera de puente de la modernización china.

Alejandro Noguéira

Poco LEGIBLE

HB

033

CRONICAS ECONOMICAS

Negocian en Nueva York relaciones con China Popular

La Asamblea General de la Naciones Unidas que comienza este mes será la instancia decisiva para la definición de las relaciones diplomáticas entre Uruguay y China Popular.

Los cancilleres de ambos países maniendrán contactos en Nueva York y se estimaba inminente en medios gubernativos el anuncio del reconocimiento al régimen de Pekín.

Simultáneamente se ajustarían las bases de un convenio comercial hasta 1989 que aseguren las colocaciones uruguayas en ese mercado, superando los actuales guarismos. Se indicó que China Popular está dispuesta a compensar eventuales pérdidas para Uruguay en su comercio con Taiwán, con quien deberá suspender relaciones diplomáticas si se establecen con China.

033

Acercamiento a China Popular (III)

El poder político en un estado socialista





En 1982 la República Popular China reformó su constitución, adecuando su organización política a los nuevos tiempos. Su carácter se mantuvo dentro de la concepción socialista del Estado, la definición de la propiedad es netamente social, pero la nueva carta no menciona al Partido Comunista chino, consagra la descentralización administrativa y protege formas subsidiarias de propiedad individual.

El poder central se encarna en la Asamblea Popular Nacional que ejerce la función legislativa y designa el Consejo de Estado que encabeza el Primer Ministro, donde reposa la función ejecutiva. La función juridiccional recae en el Tribunal Supremo Popular.

"La base del sistema económico socialista de la República Popular China es la propiedad social socialista de los medios de producción, o sea la propiedad de todo el pueblo y la propiedad colectiva de las masas trabajadoras" enuncia la Constitución.

Así se distingue el sector estatal de la economía de la propiedad en manos de las comunas populares rurales, las cooperativas de producción, crédito y comercialización.

La propiedad privada queda reservada al comercio minorista y algunos servicios y a los ahorros, vivienda y otros bienes personales de los ciudadanos, que, además, pueden heredarse.

EL ROL DEL PARTIDO

La ausencia de toda referencia al Partido Comunista en la constitución china no impide que, como ocurrió desde la revolución de 1949, esta organización sea el eje del Estado y de la sociedad toda.

En este sentido, los por algunos llamados "vientos democráticos" posteriores a la "Revolución Cultural" no significaron nada similar al pluralismo político.

Con 40 millones de afiliados al PCCH ocupa en el mas abierto de los órganos chinos, la Asamblea Popular Nacional, el 63% de los 2.978 representantes.

Los restantes cargos están reservados a otras colectividades políticas (partidos satélites) o a personalidades no afiliadas.

Existen siete u ocho organizaciones políticas menores integradas al sistema: las dos más importantes son el Guomintang y el Partido Democrático y juntos suman unos 100 mil afiliados reclutados principalmente entre intelectuales y profesionales urbanos. Existen también grupos de origen religioso.

El control del aparato estatal en todos los niveles a través de los miembros del partido asegura el flujo de decisiones desde el bureau político comunista.

La personalidad más influyente es sin duda Deng Xiaoping que no ocupa ningún cargo político. En la estructura gubernamental la primacía pertenece al Primer Ministro que desplazó al Presidente del Comité Central del Partido que antaño ejercía el máximo poder.

No obstante, de la presencia avasallante del PCCH en la vida del pueblo chino hasta mediados de la década del 70, hoy se evidencia una injerencia menor.

ESTRUCTURA DEL PODER

Además de la Asamblea Popular y de su Comité Permanente (155 miembros que sesionan bimensualmente) la función legislativa se realiza también en las Asambleas Populares locales a nivel de las provincias, distritos y municipios del país, que coexisten con sus respectivos gobiernos populares locales.

La Asamblea designa al Presidente y al Vicepresidente de la República y al Consejo de Estado que constituye el gobierno popular central.

Este consejo está integrado por el Primer Ministro, los viceprimer ministros, los consejeros de estado, los ministros, los presidentes de comisiones, el auditor general (supervisor de ingresos y gastos financieros) y el secretario general.

La justicia es ejercida a través de los tribunales populares, encabezados por el Tribunal Popular Supremo y por las fiscalías populares, que se ejercen en toda la estructura gubernamental.

El poder político radica en Pekín, también nominada Beijing, de más de diez millones de habitantes.

SOCIEDAD JERARQUIZADA

La sociedad china aparece a los ojos occidentales como fuertemente jerarquizada y esto no obedece solamente a la estructura centralizada del PCCH. El prolongado desarrollo feudal chino y su breve pasaje por la "etapa capitalista" impidieron el desarrollo de formas sociales más horizontales y definieron una impronta de tipo autoritario en la idiosincracia de su pueblo.

El nivel de vida de sus ciudadanos es austero pero cubre las necesidades mínimas de la enorme población y esta situación debe ponderarse en relación a la inmensidad del territorio y a la escasez de recursos de capital que encaró el gobierno revolucionario, acentuado por los errores reconocidos por sus propias autoridades.

El trabajo humano es el principal recurso de China y frecuentemente suple las carencias de tecnología, energía y capital.

La producción agropecuaria, pese a los avances surgidos en la reforma rural encarada en la última etapa, es más bien primitiva. El transporte de productos se desarrolla principalmente por vía fluvial o en base a recursos humanos.

La televisión es el principal medio de comunicación, incluso en las zonas rurales, y actualmente se divulgan en casi todo el territorio muchos programas provenientes del mundo occidental.

La cultura se halla bastante democratizada y se difunden unas 4 mil publicaciones de todo tipo, entre las que se destaca el "Diario del Pueblo" órgano oficial del PCCH con un tiraje de 5 millones de ejemplares.

Alejandro Nogueira

HB/

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: PAís mirando al Sudeste (Asiático)

PROCEDENCIA: O. Económicas 31/8/87

ARCHIVADO EN: ASIA (028)

01-01 8712070

HB

PREH.

033

La Prensa 22/11/87

Reconocimiento del socialismo

Por ROBERTO H. CACHANOSKY

Días pasados veía por televisión un programa en el cual se pasaba parte de una conferencia de prensa que ofreció Felipe González en su reciente paso por la Argentina. Ante una serie de preguntas de carácter económico, Felipe González empezó a ponerse nervioso porque trataba de sostener una ideología socialista pero, al mismo tiempo, reconocía en la economía de mercado el mecanismo más adecuado para generar riqueza y bienestar. Lo que pude percibir, entonces, fue que Felipe González estaba casi tratando de disculparse por aplicar reglas de mercado en la economía de su país.

En realidad Felipe González es sólo un ejemplo entre otros casos en que gobernantes de izquierda empiezan a descubrir que la economía de mercado es el único sistema que permite incrementar el nivel de vida de la población. Estos cambios, que se perciben en España y China, están ocurriendo desde mi punto de vista, no tanto por un convencimiento pleno basado en el estudio de los principios de la economía liberal, sino como consecuencia de los duros golpes que los izquierdistas han recibido de la realidad. Digamos, entonces, que aparentemente, los cambios a los que estoy haciendo referencia responde no a la convicción sino a la realidad.

Pero a pesar de que los cambios en los países mencionados resultan del hecho de que la realidad tiene cara de hereje, la modificación que los gobiernos de izquierda le están dando a sus discursos y las medidas que finalmente adoptan constituyen un ejemplo a tener en cuenta por parte de la mayoría de nuestros políticos.

El caso chino

Durante la década del '80 la China comunista ha realizado una serie de reformas de política economica a través de las cuales la actividad privada ha sido aceptada en varios sectores de la producción. Esta mayor participación privada, especialmente en el sector agropecuario, ha rendido frutos tan importantes que a los gobernantes chinos les ha abierto los ojos sobre los beneficios que tiene la iniciativa privada.

Los cambios que se produjeron en otros sectores de la economía, a partir del éxito de la reforma en la actividad agropecuaria, está inclinando cada vez más a las autoridades chinas a seguir en la senda de la liberación. La reciente designación de Zhao Ziyang, artífice de la reforma agrícola en China, en reemplazo de Xioping muestra que los cambios en China van a continuar.

El informe de trabajo ante el Congreso Nacional del partido Comunista de China del 26 de octubre último es un documento que vale la pena analizar porque en el mismo se advierte un claro reconocimiento, por parte de los socialistas, de que el socialismo no ha logrado generar un estándar de vida ni siquiera cercano al que disfrutan los pueblos de los países capitalistas. En este sentido es sumamente claro el siguiente párrafo que el tema le dedica a Zhao Ziyang en el documento señalado: "Ahora bien, el hecho de que nuestro socialismo haya nacido de las entrañas de una sociedad semicolonial y semifeudal y que el nivel de sus fuerzas productivas esté muy por debajo del de los países capitalistas desarrollados, determina la necesidad de atravesar por una etapa primaria muy prolongada para hacer realidad la industrialización, así como la mercantilización, socialización y modernización alcanzada por muchos otros países bajo condiciones capitalistas".

Por supuesto que Ziyang también se esforzó por marcar las diferencias que existen entre el socialismo y el capitalismo al sostener que: "La distinción esencial entre la economía mercantil socialista y la capitalista reside en su diferencia base en términos de propiedad de los medios de producción". Pero, agrega luego: "El mecanismo de funcionamiento de la economía debe consistir, en términos generales, en que al Estado le corresponde regular el mercado y a éste, a su vez, le corresponde orientar las empresas". Obsérvese que aun negando la propiedad privada, la necesidad de incrementar la producción lleva a que Ziyang reconozca en el mercado al más eficiente orientador para el accionar de las empresas.

Pero los nuevos dirigentes comunistas de China también advierten que el mercado tiene la virtud de consolidar a los productores eficientes y desplazar a los ineficientes. Esta condición, sobre la que se basa la economía capitalista, tantas veces combatida por los intervencionistas y los izquierdistas, ahora también es reconocida como la única manera de asignar eficientemente los recursos y, por lo tanto, incrementar la productividad. Ziyang dijo: "Es necesario fomentar, en los terrenos de la circulación de mercancías, del comercio exterior y de las finanzas, organizaciones de nuevo tipo que funcionen en forma autónoma y por su cuenta y riesgo". Lo que Ziyang está incorporando a la economía China es el concepto de riesgo empresarial de la economía capitalista cosa que, en el pasado, para los comunistas era una manía de la burguesía capitalista.

Pero el nuevo líder chino también quiere incorporar un concepto del capitalismo mucho más difícil de digerir para los marxistas. Estos es: la ganancia. En el documento que estoy comentando se puede leer: "debemos llevar a efecto inconmoviblemente la estrategia de conceder gran importancia a la rentabilidad económica, elevar la calidad, asegurar un desarrollo armónico y mantener un crecimiento sostenido". De manera que si Zhao Ziyang consigue profundizar las reformas económicas en China, este país socialista habría incorporado dos elementos esenciales de la economía capitalista. A saber: la ganancia y el riesgo empresarial.

Pero, además, mientras en la Argentina seguimos mirando de reojo y con gran desconfianza el capital extranjero, los comunistas chinos ya están de vuelta de este infantilismo de los nacionalistas y zurdos. Y ésto se ve claramente cuando Ziyang afirma que: la "inversión exclusivamente extranjera también constituye un complemento indispensable y provechoso de la economía socialista de nuestro país". Agregando más adelante que es necesario "proteger efectivamente los derechos y los intereses de los inversionistas extranjeros y mejorar el ambiente para las inversiones, de modo que los empresarios extranjeros puedan abrir y manejar empresas en China como se acostumbra hacerlo en todo el mundo".

Por supuesto que los chinos también se dieron cuenta de que el mejor estímulo para el trabajo es una remuneración mayor para aquellos que trabajan más y mejor. Por eso en el documento bajo análisis Ziyang propone que "nuestra política de distribución debe, por un lado, contribuir al enriquecimiento, antes que los demás, de aquellas empresas que sepan manejar bien sus negocios y de aquellos individuos que trabajen con honradez, aumentando de modo racional las diferencias de ingresos, y por otro lado, tratar de evitar una excesiva disparidad entre ricos y pobres".

Evidentemente los párrafos comentados sobre la reforma que se está operando en China no pretenden mostrar que este país se ha vuelto capitalista ni muchos menos. Lo que pretenden mostrar es que aquellos países que han aplicado el comunismo con toda su crudeza hoy advierten su fracaso.

Enseñanza

Si alguna enseñanza se puede extraer tanto de Felipe González como de Zhao Ziyang, es que, con todos sus defectos, han aceptado la realidad tal cual es. Luego de pelearse con la realidad porque ésta no respondía a sus necesidades políticas, han optado por cambiar de política antes de que la realidad los terminara devorando.

Este, quizá, sea el mayor éxito de estos gobiernos de izquierda. Obviamente, a un liberal no le causa gracia que se utilice el liberalismo como el mal menor, ni que los socialistas, como Felipe González, traten de robarle banderas al liberalismo diciendo que le pertenecen al socialismo. Por ejemplo, cuando hoy los socialistas dicen que el mantenimiento de las cuentas del sector público en forma equilibrada no es una cuestión de ideologías sino de necesidad, se equivocan. Porque la ausencia de déficit fiscal es una cuestión de necesidad y de ideología. De ideología porque en el pasado han sido los liberales los que han luchado a brazo partido para demostrar los perjuicios de los déficit estatales, mientras que populistas y socialistas veían en el equilibrio presupuestario un interés de los sectores de mayores ingresos. Y es una cuestión de necesidad porque hoy, ningún gobierno quiere cargar con los perjuicios de la inflación.

De todas manera, el liberalismo tiene motivos para darse por satisfecho. La realidad le ha dado la razón y los mismos socialistas hoy lo empiezan a reconocer. Esperemos que, en un futuro no muy lejano, ocurra lo mismo en la Argentina.

La apertura en China

La Nación 16/11/87

En los primeros días de noviembre finalizó en Pekín el XIII Congreso del Partido Comunista, que constituyó una consolidación y profundización del programa de reformas lideradas por Deng Xiaoping. Iniciadas luego de la muerte de Mao, impulsor de la dramática revolución cultural, estas reformas han tenido expresión en la liberalización de la economía, la integración en el mundo, la descentralización de las decisiones y la aceptación de la iniciativa privada. En el terreno político, sus manifestaciones son mucho más lentas, aunque igualmente perceptibles.

El Congreso designó jefe del partido al primer ministro Zhao Ziyang, uno de los seguidores de Deng, ejecutor de importantes reformas, entre ellas la liquidación de las comunas agrarias y su reemplazo por unidades cultivadas por las familias agricultoras. Deng, ya octogenario, abandonó los varios cargos que desempeñaba para pasar a la jefatura de la Comisión Militar Central, desde donde continuará ejerciendo su influencia, comparable, según los sinólogos, a la que tuvo Mao, aunque con una orientación distinta, de tono modernizante y constructivo. También el influyente Buró Político estará presidido por Zhao e integrado por otros cuatro jerarcas, con predominio de los llamados reformistas.

La nueva orientación del extenso y populoso país, que posee alrededor del 20 % de la población mundial, comenzó en 1979 con la citada eliminación de las comunas agrícolas y siguió con la incorporación de capitales extranjeros asociados a las actividades locales; con una gradual apertura al mundo; con su integración a los organismos crediticios, monetarios y comerciales internacionales y con creciente descentralización económica. Tuvo lugar una sustitución de las corrientes comerciales, que se volcaron al Japón y al mundo occidental y se aceptaron algunas reglas de juego del capitalismo privado.

Al promediar la década actual, aparecieron dudas en relación con la continuidad de esta política por la reacción de los sectores conservadores del partido y la influencia de la burocracia, desplazada de sus posiciones de guardianes de las actividades políticas, culturales y productivas. Se esgrimió la existencia de una gran corrupción, la aparición de síntomas de inflación acelerada y de desequilibrio de las cuentas externas. Surgieron críticas por la vulneración del igualitarismo y de los dogmas del marxismo, que, a la luz de las designaciones recientes, han resultado nuevamente derrotados. Las protestas estudiantiles de Pekín fueron interpretadas como un signo de impaciencia por la lentitud de las reformas y no como una señal de peligro para la estabilidad del régimen.

Desde el punto de vista político, las decisiones del Congreso del Partido Comunista han significado reformas, más bien tibias, consistentes en la aceptación del principio de la disidencia intelectual, la introducción del voto en la elección de las cúpulas y el debilitamiento del dogma igualitario. China seguirá teniendo, sin embargo, un régimen autoritario.

En materia económica, las reformas continúan su curso. Se ha aceptado ahora la negociación de los derechos de posesión de las tierras de propiedad estatal, a efectos de facilitar la movilidad social; se reconoce el derecho a enriquecerse; se permite la emisión de acciones y el principio de la privatización y se ha abierto una bolsa de valores en Shanghai. Las empresas privadas podrán aumentar el número de personal ocupado, que hasta ahora estaba limitado a ocho personas y se acepta el despido y la bancarrota, aportando ingredientes novedosos a la actividad industrial y de servicios, a los que se quiere colocar en los carriles que permitieron mejorar la agricultura.

Las decisiones adoptadas en China constituyen una consolidación importante para ese país y para el mundo. En el este de Asia, donde existe un progreso notable, estos pasos de Pekín significarán una inyección saludable. En el mundo socialista introduce una nueva evidencia de los cambios existentes, que permiten ver a la apertura soviética como una manifestación bastante tardía de la realidad. Algunos países del este europeo pujan desde la década del 50 por mayor libertad política y económica y China lo hace desde fines de la década del 70.

Resulta de sumo interés el análisis de la realidad internacional en un mundo que abandona el socialismo por necesidad, después de más de medio siglo de fracasos y frustraciones. Nuestro país y América latina en su conjunto tienen buen material para la reflexión con lo que está sucediendo en el este asiático y en el mundo comunista en general. La sujeción a ideas obsoletas y principios fracasados debe ser aquí dejada de lado, si queremos abandonar la mediocridad y el estancamiento.

01/01 8712083

China: entre la necesidad y la ideología

James Raytton

En 1966, el secretario del Partido Comunista Chino (PCCh) en la provincia de Guangdong, Zhao Ziyang, fue destituido de su cargo por los guardias rojos de la Revolución Cultural, y arrastrado por las calles de Cantón con un bonete de burro sobre la cabeza. Miembro de la tendencia moderada que orientaba Deng Xiaoping, Zhao Ziyang fue defenestrado junto con su líder. En una de esas curiosas y dramáticas volteretas que tiene la historia, el 1º de noviembre último, al clausurarse el 13er. congreso del Partido Comunista Chino, Deng Xiaoping, con 83 años sobre sus espaldas, consolidó las reformas que impuso al país desde 1979 (había sido rehabilitado tras la muerte de Mao Tse-tung), abandonó la mayoría de sus cargos (sólo conservó la jefatura del ejército), y dejó firmemente establecido en el poder a Zhao Ziyang, quien asumió la secretaría general del Partido y mantuvo el puesto de primer ministro.

REJUVENECIMIENTO DEL PARTIDO

La renuncia de Deng arrastró las de otros 92 antiguos dirigentes del PCCh, que se oponían a su política de reformas. El nuevo comité central, de 175 miembros, es un fiel reflejo de los aires que ahora soplan sobre el inmenso y varias veces milenario país. Pero Deng debió desplegar toda su astucia y experiencia para imponerse sobre los ortodoxos e impulsar la renovación y el rejuvenecimiento. El día anterior a la clausura del congreso era incierto el que pudiese [illegible]nunciar, aunque esa dimisión implicase el precio por la consolidación de las reformas. Curiosa paradoja propia de la cultura y de la mentalidad orientales: si ganaba, Deng debía irse; pero si perdía, tendría que quedarse en sus cargos. Después de forzar varias votaciones fue evidente que los congresistas respaldaban, con una gran mayoría, los postulados del anciano líder. Deng dimitió, asumió [illegible] convertirse en el político más influyente del país aunque no conservase sus funciones, y abrió las puertas para que importantes personajes perdieran sus posiciones partidarias. Entre éstos figuran el presidente Li Xiannian (82 años), el presidente del Congreso Nacional del Pueblo *Peng Zhen* (85) 68, casi puede ser considerado un adolescente al lado de los ancianos que ahora se retiran a cuarteles de invierno.

Deng, el gran triunfador y el primer alto dirigente chino que abandona sus puestos voluntariamente, hará lo mismo aunque no totalmente. Los observadores estiman que continuará siendo el poder detrás del trono, y un inevitable hombre de consulta respecto al proceso que él mismo desencadenó. Por otro lado, quiso mantener la presidencia de la comisión militar central, función que equivale a la de comandante supremo del ejército. Para ello fue necesario modificar la Constitución, dado que ese cargo debía ser ocupado por un miembro del comité central.

LA ETAPA PRIMARIA DEL SOCIALISMO

Con 9:561.000 km2 y más de mil millones de habitantes, China no ha salido del subdesarrollo, pese a la revolución triunfante en 1949. El logro más importante del régimen, y por cierto no despreciable, es haber terminado con el hambre. Pero China continúa siendo una nación en la que todavía se emplea el arado de madera. La férrea disciplina, el autoritarismo y las distintas experiencias que fueron del estalinismo puro al voluntarismo de la Revolución Cultural, pasando por la etapa del "gran salto adelante", no sirvieron para capitalizar al país. El ortodoxo Mao, en sus últimos años, advirtió el problema y, junto a Henry Kissinger, aceptó la "diplomacia del ping-pong" y la necesidad de una apertura del régimen. Sus herederos, aunque virtualmente negando los principios del fundador de la nueva China, continuaron una tarea que, con este 13er. congreso, alcanza un punto de inflexión decisivo.

Ningún dirigente quiere reconocer el abandono de los principios socialistas ni que el marxismo-leninismo haya dejado de ser el foco inspirador del sistema. Pero la necesidad impone un pragmatismo que fue gráficamente explicado por Deng: "Si caza ratones, no importa que el gato sea blanco o negro". El nuevo líder, Zhao Ziyang, bebe en las mismas fuentes que el anterior. Pero busca cubrir las apariencias y demostrar que sus posiciones están enraizadas en la doctrina marxista. Sostiene que China vive la "etapa primaria del socialismo", la cual exige determinadas medidas económicas y sociales que pueden parecer de corte capitalista. Pero no lo son –sostiene Zhao–, sino que son meros instrumentos para conseguir el objetivo *final*. En los meses previos al congreso difundió por todo el país este argumento, y salió airoso ante las críticas de los ortodoxos. Su propia experiencia avalaba sus tesis: durante varios años fue secretario del Partido en la provincia de Sichuan, a la que sacó de una prolongada crisis y la transformó en exportadora de alimentos. Zhao sostenía que los problemas de Sichuan (un territorio con la superficie de Francia y cien millones de habitantes) se originaba en el centralismo burocrático y en la falta de incentivos a los productores. Reorganizó las empresas industriales y agrarias, y les permitió retener parte de los beneficios para estimular a los trabajadores. En cinco años, la producción creció en más de un ochenta por ciento.

Ahora se propone hacer lo mismo en todo el país, a través de una mayor apertura a las inversiones extranjeras, la concesión de estímulos materiales, el desarrollo de ciertas formas de propiedad privada y el aflojamiento de los controles políticos y sociales. En este último aspecto, llamó la atención la amplia discusión que precedió al congreso, así como que se permitiese la asistencia de la prensa occidental a la mayoría de las sesiones. Incluso se aceptó la acreditación de un periodista de Taiwán.

Para los analistas resulta obvio que China no retornará a un capitalismo puro, y mucho menos al feudalismo anterior a la revolución maoísta. La gran nación vive sin duda un período fermental en el que se contraponen la necesidad y la ideología. En estos momentos gana aquélla, pero ésta mantiene sus defensores y, además, debe cumplir un papel de imagen de un régimen que no ha renunciado, al menos formalmente, a sus raíces doctrinarias. Por otro lado, se recuerda que los chinos, antes que nada, son nacionalistas. Y tienen muy claro que las reformas despiertan la avidez de las multinacionales y variadas especies de inversores, tentadas por la importancia de un mercado de más de mil millones de personas que han sufrido muchas privaciones y aspiran a adquirir hábitos de consumo cercanos a los del Occidente capitalista. Zhao lo sabe, y por eso los observadores creen que de ahora en más el desarrollo de la política china no será lineal sino pendular o, si se [illegible] a una gráfica en el papel, sumamente quebrado e [illegible]

China: entre la necesidad y la ideología

James Raytton

casi puede ser conside- un adolescente al la- de los ancianos que ra se retiran a cuarteles invierno.

Deng, el gran triunfa- y el primer alto diri- e chino que abandona puestos voluntariamen- hará lo mismo aunque totalmente. Los obser- ores estiman que conti- rá siendo el poder de- del trono, y un inevi- e hombre de consulta ecto al proceso que él mo desencadenó. Por lado, quiso mantener residencia de la comi- militar central, fun- que equivale a la de andante supremo del ejército. Para ello fue necesario modificar la Constitución, dado que ese cargo debía ser ocupado por un miembro del comité central.

LA ETAPA PRIMARIA DEL SOCIALISMO

Con 9:561.000 km2 y más de mil millones de habitantes, China no ha salido del subdesarrollo, pese a la revolución triunfante en 1949. El logro más importante del régimen, y por cierto no despreciable, es haber terminado con el hambre. Pero China continúa siendo una nación en la que todavía se emplea el arado de madera. La férrea disciplina, el autoritarismo y las distintas experiencias que fueron del estalinismo puro al voluntarismo de la Revolución Cultural, pasando por la etape del "gran salto adelante", no sirvieron para capitalizar al país. El ortodoxo Mao, en sus últimos años, advirtió el problema y, junto a Henry Kissinger, aceptó la "diplomacia del ping-pong" y la necesidad de una apertura del régimen. Sus herederos, aunque virtualmente negando los principios del fundador de la nueva China, continuaron una tarea que, con este 13er. congreso, alcanza un punto de inflexión decisivo.

Ningún dirigente quiere reconocer el abandono de los principios socialistas ni que el marxismo-leninismo haya dejado de ser el foco inspirador del sistema. Pero la necesidad impone un pragmatismo que fue gráficamente explicado por Deng: "Si caza ratones, no importa que el gato sea blanco o negro". El nuevo líder, Zhao Ziyang, bebe en las mismas fuentes que el anterior. Pero busca cubrir las apariencias y demostrar que sus posiciones están enraizadas en la doctrina marxista. Sostiene que China vive la "etapa primaria del socialismo", la cual exige determinadas medidas económicas y sociales que pueden parecer de corte capitalista. Pero no lo son –sostiene Zhao–, sino que son meros instrumentos para conseguir el objetivo final. En los meses previos al congreso difundió por todo el país este argumento, y salió airoso ante las críticas de los ortodoxos. Su propia experiencia avalaba sus tesis: durante varios años fue secretario del Partido en la provincia de Sichuan, a la que sacó de una prolongada crisis y la transformó en exportadora de alimentos. Zhao sostenía que los problemas de Sichuan (un territorio con la superficie de Francia y cien millones de habitantes) se originaba en el centralismo burocrático y en la falta de incentivos a los productores. Reorganizó las empresas industriales y agrarias, y les permitió retener parte de los beneficios para estimular a los trabajadores. En cinco años, la producción creció en más de un ochenta por ciento.

Ahora se propone hacer lo mismo en todo el país, a través de una mayor apertura a las inversiones extranjeras, la concesión de estímulos materiales, el desarrollo de ciertas formas de propiedad privada y el aflojamiento de los controles políticos y sociales. En este último aspecto, llamó la atención la amplia discusión que precedió al congreso, así como que se permitiese la asistencia de la prensa occidental a la mayoría de las sesiones. Incluso se aceptó la acreditación de un periodista de Taiwán.

Para los analistas resulta obvio que China no retornará a un capitalismo puro, y mucho menos al feudalismo anterior a la revolución maoísta. La gran nación vive sin duda un período fermental en el que se contraponen la necesidad y la ideología. En estos momentos gana aquélla, pero ésta mantiene sus defensores y, además, debe cumplir un papel de imagen de un régimen que no ha renunciado, al menos formalmente, a sus raíces doctrinarias. Por otro lado, se recuerda que los chinos, antes que nada, son nacionalistas. Y tienen muy claro que las reformas despiertan la avidez de las multinacionales y variadas especies de inversores, tentadas por la importancia de un mercado de más de mil millones de personas que han sufrido muchas privaciones y aspiran a adquirir hábitos de consumo cercanos a los del Occidente capitalista. Zhao lo sabe, y por eso los observadores creen que de ahora en más el desarrollo de la política china no será lineal sino pendular o, si se [illegible] a una gráfica en el [illegible] sumamente quebr...

LOS DERECHOS HUMANOS EN CHINA

Durante largos años hemos pasado escuchando, leyendo y viendo los infor- mes de Amnesty International nos hacía llegar sobre las violaciones a los dere-

En segundo lugar vemos que según el informe, el gobierno de China

del informe de este organismo internacional sobre un país donde gobierna la ideología marxista-leninista. Se trata de China comunista.

¿Será ésta una nueva forma de hacernos creer que también actúan en la otra mitad del globo?. De ese informe hemos extractado algunas frases por su alto significado:

"... *el uso constante de la tortura en China, por la policía, los funcionarios del Partido Comunista y las Unidades de Seguridad, está entorpeciendo los esfuerzos del gobierno para poner fin a estos abusos. La preocupación del Gobierno por la tortura se deduce claramente de la publicidad sin precedentes que se ha dado a la cuestión en los últimos años en las publicaciones controladas por el Estado. Amnisty International pide que se introduzcan cambios fundamentales en la legislación china para impedir que ocurran esas graves violaciones de los derechos humanos de los detenidos por delitos comunes y políticos...*".

Al tomar conocimiento de estos problemas, evidentemente surgen espectativas muy especiales de quienes estamos acostumbrados a leer los anteriores informes.

En primer lugar, es muy alentador conocer que la organización mundial de derechos humanos se dedica en estos nuevos tiempos a analizar, visitar e investigar a países que están detrás de la cortina de hierro o de bambú.

Y lo más significativo es que se reconozca que en ellos no sólo existen presos comunes, sino que también hay presos políticos.

una pequeña purga

-método tan conocido por aquellas latitudes- sería más que suficiente para terminar en forma definitiva con las torturas.

Pero el asunto no termina aquí, lamentablemente, ya que si leemos la recomendación de Amnisty International, concluimos en que esto es una verdadera farsa. Porque pedirle al gobierno chino que modifique su legislación "para impedir que ocurran esas graves violaciones de los derechos humanos", es como pedirle a un pez que no viva en el agua.

Conociendo cómo se manejan las acciones en países como China, nos sentimos defraudados por la recomendación planteada. ¿Es posible que los integrantes de Amnisty International desconozcan tanto a un país como ése?. ¿Es posible que puedan siquiera pensar que el mundo acepte como efectiva una recomendación de ese tipo?. ¿Es posible que nos crean tan crédulos?.

Todo esto da para pensar y para hacernos seguir de cerca los futuros acontecimientos que tengan relación con el tema. Porque no deja de llamar la atención el hecho de que Amnesty International, que jamás aceptó como positivas las medidas que países occidentales tomaban para mejorar las condiciones de los derechos humanos, ahora -con la extensa experiencia que debe haber adquirido- haga un informe con una recomendación que sabe muy bien que no habrá de ser cumplida.

Diario DE 28/10/87

871 2099.

01-01

033

CHINA COMUNISTA Y LA LANA

Los nuevaoleros juveniles de la política, particularmente algunos que militan en el partido de gobierno, ésos que se dejan seducir por las modas (*"las modas son y no hay duda que hoy el maoismo es la minifalda de la ideología marxista"*, escribía el ahora Presidente Sanguinetti en el diario "Acción"), acaban de recibir otro balde

-principalmente la lana, poderosos intereses incluidos-, es el potencial gigantesco mercado de los chinos continentales (el presunto "filón ilimitado" a que aludía el actual Presidente).

Ahora resulta que no es tan fácil acceder a ese mercado, y que -como en todo negocio- allí donde se dan las

que se fue a comprar lana en Buenos Aires después de adquirir acá una cantidad que no llega a los 5 millones de kilos, porque los precios del país vecino son más bajos. En la zafra pasada la misma firma, originaria y establecida en la China comunista, había adquirido en el mercado local aproximadamente 18 millones de kilos por un monto de alre-

30 por ciento más cara que en otros lados, por lo que la lana se queda acá y los dólares no entran. Así de simple.

No obstante estamos convencidos que los "muchachos" seguirán insistiendo en lograr de cualquier manera el rompimiento con China nacionalista para abrazarse gozozos a la China

AQUI

Se afirman las reformas [...] cambio generacional en [...]

Jóvenes, vestidos con trajes de calle y corbata (no con el "cue[...] esa es la imagen que trasmitió la nueva cúpula china. El hist[...] Congreso del Partido Comunista Chino confirmó el triunfo [...] encabezada por el anciano Deng Xiaoping. Este, al retirarse de[...] del partido, arrastró consigo a otros 92 viejos dirigentes para [...] las estructuras partidarias y del Estado. Zhao Ziyang es el [...] heredero de la política consolidada por Deng.

La frase le pertenece: "Si caza ratones, no importa que el gato sea blanco o negro". El pragmático Deng Xiaoping terminó una maniobra vasta, paciente, china hasta la médula. Movió la última pieza (la sesión final del 13º Congreso del Partido Comunista) y sus rivales debieron reconocer mansamente la derrota.

Se fue sin irse; se quedó sin quedarse. La historia dirá si tanto virtuosismo dará el resultado que busca. Deng arrastró consigo a otros noventa y dos ancianos –muchos de ellos absolutamente opuesto a sus ideas– y abrió el camino a un grupo amplio de jóvenes embarcados en sus planes renovadores.

La composición de nuevo Comité Central del Partido Comunista Chino (PCCh), implicó la consolidación de la tendencia renovadora y un triunfo personal para el líder Deng Xiaoping, quien se retiró de la dirección del partido para conservará la jefatura suprema del ejército. Por su parte, Zhao Ziyang fue confirmado en su cargo de primer ministro.

El líder da un paso atrás no para desaparecer sino, al contrario, para poder ver con mayor claridad el espectáculo [...] montó concienzudamente. Será el poder entre bastidores, el director de la obra. Su primer actor será Zhao Ziyang, aquel que, por su encargo, recuperó económicamente a la gigantesca provincia de Sichuán. Zhao será secretario general del partido además de conservar su puesto de primer ministro.

El nuevo jefe del Partido Comunista Chino (PCCh), sobrevivió a las humillaciones a que lo sometieron los Guardias Rojos en los años de la Revolución Cultural para más tarde ganar fama como coherente reformista.

Zhao ganó prestigio internacional de innovador pragmático en el terreno de la economía a fines de la década del '70 cuando puso en práctica las reformas de corte capitalista inspiradas por Deng, precisamente en Sichuan, provincia natal del viejo líder.

En 1980 Zhao reemplazó en el cargo de primer ministro al hombre que Mao Tsé–tung había escogido para sucederlo, Hua Guofeng.

Siete años más tarde, el primer ministro se hacía cargo, con carácter interino, de la jefatura del partido cuando Hu Yaobang fue obligado a dejar el cargo acusado de mostrarse débil en el campo ideológico.

Zhao, a principios de 1987, detuvo la creciente influencia de una tendencia de línea dura que propugnaba el retorno a una ortodoxia intransigente.

El primer ministro es considerado uno de los principales mentores de la política económica orientada por el mercado que contraviene los postulados del marxismo en su versión clásica.

El partido concluyó su 13º Congreso con la elección de un nuevo comité central de 175 miembros, en el que por propia voluntad no fue reelecto el anciano número uno Deng Xiaoping, ni tampoco otros varios líderes octogenarios opuestos a su programa de reformas económicas y políticas.

Es la primera vez en la historia que un líder chino abandona voluntariamente sus cargos más importantes, destacaron los observadores.

Deng, de 83 años, seguirá ejerciendo no obstante su liderazgo y desempeñando su papel de "principal arquitecto" de las políticas de reforma del partido.

Todo fue hecho con suma precisión. Incluso el cambio de 10 de los 50 artículos de los estatutos del partido, de manera que Deng pueda manejar la comisión militar –virtual jefatura de las fuerzas armadas– sin la condición de que sus miembros deban ser integrantes de la comisión permanente del Politburó.

El líder ya no necesita cargos. Los reformistas se han impuesto. El puente entre aquellos y los conservadores puede desaparecer. El papel de conductor no lo dan los puestos sino las ideas. Comienza la etapa de anciano consejero.

Se inicia –así lo indica lo actuado en el congreso– una nueva y muy distinta larga marc[...] Ziyang afirma [...] etapa primaria d[...] cialismo, dijo el [...] peculiaridades ch[...]

Por otra part[...] bierno ha contrib[...] va imagen de la [...] en el exterior. T[...] cional chaqueta [...] los trajes de cor[...] nera la impresió[...] el que Occidente [...]

Zhao Ziyang [...] seno de una fam[...] la provincia de H[...]

A los 20 año[...] se desempeñó co[...] y activista rura[...] contra Japón y [...] cionalistas de Cl[...]

En 1950, un [...] toria comunista [...] tas, fue nombrad[...] en la provincia d[...]

Se alió con [...] del partido que [...] protector, el pre[...]

Debido a esto [...] co para los Gua[...] nistas de la Rev[...] zada por Mao Ts[...]

LEVANTAN PROHIBICION DE VIAJAR

Taiwán: gesto de aper[...] hacia China Popula[...]

Voceros del gobierno de China popular exhortaron a las autoridades de Taiwan a abolir las limitaciones impuestas a los chinos continentales para visitar la isla Taipei anunció, al mismo tiempo, que el gobernante Partido Na[cion]alista aprobó el levantamiento de la prohibición impuesta, tras la guerra civil china, que impedía a los ciudadanos taiwaneses trasladarse al continente. Se exceptúa de esta medida al personal militar y funcionarios gubernamentales.

El Kuomintang –el gobierno de Taiwan– dio señales hace 10 días, de un intento aperturista en las relaciones entre las dos Chinas: abolió las restricciones para que sus ciudadanos visiten el territorio continental. Pero este paso, sin duda una modificación sustancial, no tiene por qué hacer pensar en la inmediatez de una reunificación.

Se levantó así una prohibición impuesta hace 38 años que permite que sus ciudadanos puedan viajar a China comunista, sentando así las bases para la reunificación de familias separadas desde la guerra civil china.

El partido de gobierno dijo en una breve declaración que el comité central nacionalísta, encabezado por el presidente Chiang Ching–Kuo, decidió levantar las restricciones por razones humanitarias.

En Pekín, la prensa oficial china respondió rápidamente, afirmando que "los compatriotas de Taiwan son bienvenidos al continente para visitar a sus parientes".

La declaración nacionalista afirma que los ciudadanos de Taiwan, con excepción del personal militar y funcionarios gubernamentales, podrán visitar a sus parientes "sanguíneos políticos" en la China continental.

El ofrecimiento de Deng parecía contiene ciertas similitudes con el acuerdo alcanzado con Gran Bretaña para el traspaso en 1997, a China, de la soberanía de Hong Kong en una conjugación de intereses territoriales, económicos y políticos. Tras perder la guerra civil contra los comunistas en 1949, el gobierno nacionalista de Taiwán, liderado entonces por Chiang Kai–Shek, mencionado "razones humanitarias" intenta, aparentemente, superar esa situación y se pone a la cabeza de una decisión que implica un cambio, a pocos días de la apertura del Congreso del Partido Comunista Chino, en un marco de consolidación de reformas.

Por su parte, Tony Liao, un importante conferencista de la Universidad china de Hong Kong, estudioso de las relaciones China–Taiwan, dijo que el cambio significa que los nacionalistas han abandonado su política de confrontación bélica con el continente, porque se han dado cuenta que "el contacto entre los dos pueblos reducirá las hostilidades".

Sin embargo, la declaración nacionalista subraya la política anticomunista [...] terminación de [...] nente del que [...] verdaderos gobe[...]

Con esta me[...] que de alguna [...] realidad. El año [...] con estimacions [...] menos unos 2[...] visitaron Chin[...] Hong Kong, de[...] bición.

Recientemen[...] taiwaneses viol[...] ciones vigentes [...] kín y desde allí [...] a sus respectivo[...] isla.

Todavía hay [...] superar. Difer[...] económicas y u[...] años de división [...] kín y a Taipei.

Pero esta me[...] esperada, es vis[...]

ALEJANDRO TRAPANI

representante de la firma "China-Tex", [...] día en venta estaba entre un 35 y un [...]

[...] nemos la ruptura de la buena amistad que mantenemos con China nacionalista.

Sabido es que el principal argumento para dar la espalda a quienes mucho nos han ayudado en la presunta colocación de nuestros productos [...]

China: [illegible] cúpula

Zhao fue destituido de su cargo y arrastrado por las calles de Cantón con un bonete de burro.

Pero en 1971 retornó a la función pública al ser designado para ocupar un puesto en Mongolia y, en 1975, volvio a ser secretario del partido en Guangdong.

Afirmó su prestigio cuando, a partir de 1975, se desempeñó como secretario del PCCh en la provincia de Sichuan. Esa designación fue promovida por el mismo Deng.

Analistas occidentales estimaron que el partido concederá a Deng su deseo de mantener la presidencia de la comisión militar central, cargo que equivale a la jefatura suprema del ejército chino, dado que el Congreso modificó su Constitución para permitir que ese puesto sea ocupado por alguien que no integra el comité [illegible].

[illegible] al poder desde 1977, Deng Xiaoping fue el hombre que puso fin a 30 años de autocracia e igualitarismo impuestos por Mao Tse-tung con su programa de reformas políticas y económicas, que comenzó a aplicarse en 1979.

Junto a Deng, quien seguirá siendo el líder chino más influyente, según diplomáticos occidentales, también se retiraron del comité central otros varios líderes octogenarios, conservadores adversarios de las reformas.

La retirada de estos hombres no sólo saca del medio a los principales opositores del programa de reformas de Deng sino que también abre la vía para el rejuvenecimiento más importante del liderazgo del partido desde que la República Popular China fue fundada en 1949. ◆

---

bio en la política de Taiwan de no mantener contactos con la China continental, puesta en efecto por primera vez por Chiang Kai-Shek, padre del actual mandatario, cuando su gobierno nacionalista huyó a Taiwan después de perder la guerra civil contra los comunistas en 1949.

Voceros de China popular señalaron que los taiwaneses serían bienvenidos a su territorio y exhortaron a las autoridades de la isla a abolir las limitaciones impuestas a los chinos para visitar Taiwan.

Peng Huai-En, director de la revista mensual "Fengyung" (Fama), manifestó que el presidente Chiang Ching-Kuo "aparentemente quiere superar la situación y *hacer más fácil* para la próxima generación acercarse a China para una posible reunificación".

Deng Xiaoping, el líder de la República Popular China, ya había ofrecido a las autoridades taiwanesas iniciar un proceso tendiente a la reunificación y señaló que Pekín aceptaba que la isla conservara las estructuras esenciales de su sistema político y económico. La respuesta de Taipei fue una rotunda negativa. ◆



[illegible] obreros de una planta taiwanesa instalada en China



Antiguos líderes y nuevas realidades: Chiang-Kai-Shek y Mao

Después de casi cuatro décadas de tenaz aislamiento, hay indicios de acercamiento entre las "dos Chinas": la enorme masa continental y Taiwán, o isla de Formosa. El empuje es sobre todo económico, y basado en los recientes cambios de postura de ambos regímenes enfrentados

Taiwán y China: primeros pasos

Cuando en 1949 las tropas nacionalistas de Chiang Kai-Shek emprendieron la retirada de China continental, ante la victoria de las fuerzas comunistas, casi dos millones de nacidos en el continente comenzaron a vivir en un aislamiento que iba a prolongarse a lo largo de casi cuatro décadas. El gobierno de Taipei insistió, durante ese período en que era el auténtico gobierno de China, y que alguna vez regresaría a conquistar el continente. A nivel internacional la afirmación, contradicha por los hechos, era promovida por el juego de las superpotencias: Washington apoyaba su pretensión, manifestaba ese [illegible] con ayuda económica y militar abundante, y sostenía a Taiwán en la ONU.

A nivel interno, existe la prohibición absoluta de viajar al continente, con fuertes penas legales. El modo en que se ha ido modificando el contexto internacional y económico, sin embargo, ha comenzado a aflojar las restricciones extraoficialmente. En 1979 la República Popular China fue reconocida en la ONU y pasó a integrar su Consejo de Seguridad. El movimiento se tradujo en un mayor aislamiento diplomático para Taiwán. A su vez el bienestar económico provocado por la evolución de la industria liviana y sus abundantes importaciones produjo, como en Corea del Sur, el crecimiento de una capa de clase media con inquietudes políticas, que presiona cada vez más por una liberalización en los planos político y social.

Entretanto, al otro lado del estrecho de Taiwán la apertura progresiva de China a las inversiones extranjeras, y la relativa liberalización de su propio régimen, ha ayudado a crear un clima propicio para un acercamiento. Tal atmósfera ha ido acompañada por medidas concretas. Desde 1979 Pekín insiste en lo que han bautizado la "ofensiva sonriente": la oferta de ventajas económicas para inversores taiwaneses y facilidades para el intercambio comercial y las visitas de parientes de ambas regiones.

Sólo para mayores

En el correr de este año el gobierno taiwanés comenzó a mostrar señales de flexibilidad, a diversos niveles, desde los detalles de lenguaje (ha dejado de tratar de "bandidos comunistas" a los líderes de la República Popular China), hasta hacer la vista gorda económica (ha permitido que empresarios locales intenten aventuras económicas al otro lado del estrecho) o estudiar medidas concretas, explícitas. Una de ellas permitirá que por primera vez los mayores de 55 años que tengan parientes en el continente puedan viajar legalmente a visitarlos.

Hasta ahora el contacto se hacía a través de un viaje triangular y costoso, que incluía como puente a Hong Kong o Tokio. En el último par de años se han multiplicado las oportunidades de contacto, con la excusa de campeonatos de bridge o acontecimientos sociales semejantes. Se espera que el desbloqueo relativo provoque una afluencia masiva a la provincia continental de Fujian, tierra natal de la mayoría de los residentes de Taiwán.

También en el plano cultural se advierte el deshielo: en China continental se publican con frecuencia obras de escritores taiwaneses (a quienes se les pagan los derechos mediante cuentas bancarias anónimas de Hong Kong); en la provincia de Fujian un teatro presenta obras de origen taiwanés; en agosto de este año una feria en la "zona especial" (una de las creaciones del nuevo régimen chino) de Shenzhen presentó una feria de libros taiwaneses sobre política, temas militares y economía; la propia liberalización del continente ha provocado un afloje de la censura en Taiwán, aunque en pequeña medida (se ha permitido el crecimiento de un mercado de videos piratcados con paisajes de China; o la edición de los recuerdos de Kao Chun, un poeta que visitó clandestinamente el continente en 1981).

En parte la nueva actitud, después de décadas de una política de rechazo total ("ni acuerdo, ni negociacion, ni contacto") depende de las crecientes presiones de los propios taiwaneses, que vinculan la libertad de viajar, con libertades más específicamente políticas, como la de vivir en un sistema democrático.

Por su parte el gobierno de Taipei confía en que la flexibilidad redunde en un efecto propagandístico: el ingreso per cápita de la isla es notoriamente superior al del continente, y los viajeros dan testimonio de esa diferencia. Es lo que ocurrió con dos periodistas que hicieron el "viaje prohibido" a fines de setiembre, y que informaron sobre las difíciles condiciones de vida de las aldeas campesinas chinas, comparadas con zonas del propio Taiwán. Aun así el gobierno se sintió obligado a seguir manteniendo una fachada de severidad y prometer castigo, en un "doble discurso" que se hará cada vez más difícil de sostener a medida que los contactos aumenten.

Mano de obra barata

Donde se han advertido con mayor claridad indicios de cambio es en el plano económico. Los empresarios taiwaneses realizan intercambio desde hace tiempo a través de Hong Kong: se calcula en 1.000 millones de dólares (según datos del gobierno de Hong Kong) el monto de lo negociado en el intercambio en los dos sentidos en 1986. Se espera que este año la cifra aumente en un 50%.

Pero los empresarios desean participar más activamente en el proceso de apertura al exterior de China, aprovechado por países de leyes menos rígidas al respecto, como Corea del Sur, Singapur y el propio Hong Kong. De modo casi clandestino, varios empresarios se han animado a abrir camino participando en empresas mixtas del continente. Los empuja fundamentalmente el deseo de aprovechar los costos mucho más reducidos de producción: la apreciación del dólar taiwanés y el aumento de los salarios ha vuelto atractivo el costo continental, donde el salario obrero es unas 15 veces inferior al de la isla.

A ello se agregan los términos especiales con que recibe Pekín a los inversores taiwaneses, ofreciéndoles ventajas impositivas, importación libre de recargos y condiciones superiores a las de los inversores de otras nacionalidades.

Por el momento los movimientos son lentos y en pequeña escala. El gobierno de Taipei sigue manteniendo su fachada de severidad, y teme que el deshielo en las relaciones pueda repercutir negativamente en la política interna.

El año pasado se permitió la formación del Partido del Progreso Democrático (PPD). En julio se levantaron restricciones del estado de sitio. Si en la población la relación entre nativos y ex "continentales" favorece abrumadoramente a los primeros (que forman el 85%), en el Parlamento la relación se invierte, y el Kuomintang domina las dos terceras partes. El PPD, que nuclea a masas jóvenes sin vínculos de nostalgia con el continente, ha comenzado a sugerir que desea la "autodeterminación" de la isla, algo que rechazan con la misma intensidad el régimen local y el de China continental.

Si por una parte el temor de "desborde" se corporiza en los recientes tumultos de Corea del Sur, por otra, soluciones como la de Hong Kong (donde la devolución a China se hará según un proyecto de "dos sistemas y un solo estado"), o el acercamiento entre las dos Alemanias (concretado en la reciente visita de Honecker a Berlín) vuelve especulativamente posible el fin del aislamiento entre la isla y el continente. ●

E.K.

Las dos Chinas

Taiwan

Territorio: 35.981 km2.
Población: 19.000.000 de habitantes.
Religión: predomina el budismo chino; le siguen el taoismo y el confucianismo. Minorías musulmana y cristiana.
Idioma: chino (oficial), en especial [illegible] dialecto de Amoy [illegible]
Política: Predomina [illegible] Kuomintang (Partido Nacionalista Chino). [illegible] apoyan el Partido de China Joven [illegible] Partido Socialdemócrata de China. [illegible] ción ha comenzado a nuclearse [illegible] Partido del Progreso Democrático [illegible]

República Popular China

Territorio: 9.596.961 [illegible]
Población: 1.100.000.000 de habitantes.
Religión: [illegible] el budismo; le siguen el taoismo y el confucianismo [illegible]
Idioma: chino oficial. [illegible] tos, entre los que [illegible]
Política: [illegible]

712107

CHINA

033

LA NACION 22/01/87

La deuda china

PEKIN.– La deuda externa de China no superará el 20 por ciento de sus entradas por exportaciones y actualmente representa solamente el 8,5 por ciento de las mismas, según el viceministro de Finanzas, Tian Yinung.

El diario oficial World Economic Herald cita a Tian como diciendo que la deuda externa no superará el 13 por ciento, sin dar otros detalles.

Hasta agosto pasado, China había firmado préstamos externos por 28.900 millones de dólares entre 1979 y fines de 1986, de los cuales 20.700 millones habían sido utilizado.

KPCH.

033

JAQUE 14/oct/87

El derecho de autodeterminación

Tibet: "que los chinos se vayan"

Rodeado por las montañas más altas de la tierra, que lo hacen casi inaccesible, el territorio del Tibet ha ejercido desde tiempos lejanos una extraña atracción sobre el hombre occidental.

Estos últimos días ha vuelto a ser foco de atención. El 7 de Octubre se cumplieron 37 años de la ocupación del territorio tibetano, lo que permitió un nuevo levantamiento de elementos nacionalistas en contra de las autoridades comunistas chinas que administran el territorio desde que éste contra la voluntad de la amplia mayoría de los tibetanos, se convirtió en la quinta región autónoma de la República Popular de China.

Al igual que en acontecimientos similares —el levantamiento de 1959, a modo de ejemplo— sucede algo que llama poderosamente la atención: las informaciones son fragmentadas, tardías y confusas. A pesar de los avances tecnológicos que en materia de comunicaciones nos ha dejado nuestro siglo, la geografía del Tibet sigue siendo una barrera impenetrable que dificultó tremendamente el trabajo de los aprox. 15 corresponsales extranjeros que lograron llegar, días atrás, a Lhasa, capital del territorio.

Los focos de la revuelta fueron nuevamente los Lamasterios —Monasterios, para los occidentales— desde donde los Lamas, que conforman la casta religiosa y gobernante del Tibet, incitaron a la revuelta que degeneró en enfrentamientos con la policía, en el saqueo de varios puestos policiales, y en el incendio del principal cuartel de la Guardia Policial en el centro de Lhasa. Los últimos cables nos informan que el saldo de estos choques ascendería a una veintena de muertos entre policías y manifestantes.

El Lamasterio de Sera, en los suburbios de Lhasa, fue aparentemente uno de los focos principales de la revuelta. La policía y tropas chinas cercaron inmediatamente el lugar, impidiendo incluso el ingreso de varios periodistas occidentales al mismo. No obstante, los Lamas lograron imprimir un comunicado de dos páginas que fue repartido entre turistas; un ejemplar logró llegar hasta las oficinas de una agencia noticiosa norteamericana con sede en Nueva Delhi, especificándose en el claramente que "Nosotros los Tibetanos hemos pedido a los chinos que ocupan nuestro territorio que se vayan". El documento afirmaba que se habían sucedido múltiples enfrentamientos en los cuales fallecieron hasta 10 Lamas, pero que de ser necesario habría muchos otros tibetanos muertos, si ello era la precondición para lograr la independencia del Tibet.



Muchos de los exiliados tibetanos en India —durante la revuelta de 1959 lograron huir cerca de 100.000— han iniciado movimientos de protesta en Nueva Delhi. Manifestaciones frente a la embajada de China en la capital hindú terminaron en enfrentamientos con la policía, con varios arrestados. Varios Lamas, representantes de los Lamasterios más poderosos y antiguos, se hicieron presentes en Naciones Unidas para lograr algún apoyo para los movimientos independentistas, así como para intentar consagrar un reconocimiento al gobierno Tibetano en el exilio.

La situación hoy sigue tensa, aunque aparentemente los enfrentamientos entre policías y manifestantes se han calmado. Las autoridades chinas han establecido una rígida censura de prensa; se cortaron las líneas telefónicas y de télex para el exterior, lo que limita toda la información a lo que puedan observar los viajeros que abandonen Tibet a través del aeropuerto internacional de Lhasa. Se estaría gestionando una orden de expulsión de todos los corresponsales extranjeros argumentando que su ingreso no fue autorizado por las autoridades.

El territorio del Tibet ha sido ocupado, desde tiempos inmemoriales, por diversos ejércitos. Quienes más reivindican sus potestades sobre el territorio montañoso de clima árido y con apenas 2 millones de habitantes son los chinos. Lograron legalizar su ocupación en 1950, luego de un tratado firmado entre la Unión Soviética y Gran Bretaña en el cual reconocían los derechos chinos sobre la región. Aquí, una vez más, el derecho de autodeterminación de los pueblos se ignoró. Los tibetanos quieren ser independientes, y las consecuencias que derivan de algunas injusticias históricas se están observando.

L.G.E.

01-01

8712182

R.N. CH.

033

CALAMARES A TAIWAN

El buque frigorífico "Win Jeong Tay" está cargando una excelente partida de calamares.

En efecto la nave llevará con destino a Taiwan en China Nacionalista una partida de 1.200 toneladas de calamares provenientes de capturas de [illegible] chilenas.

01-01

8712197

Tibet

Nacionalismo y budismo



Cuando en las resoluciones de las NN.UU., de la UNESCO, la UNCTAD u otros organismos internacionales se menciona la tragedia de una nación sin Estado, siempre se hace referencia al pueblo palestino. Como si el mismo drama no lo tuviesen otras naciones sin Estado: los kurdos, los armenios, los tamiles, los tibetanos y muchos más. De los últimos, casi nada se comenta en la prensa internacional. Al menos hasta hace poco, concretamente hasta el 1° de octubre, fecha en la cual un centenar de lamas (monjes), rodeando el Jokhang, el templo más sagrado del budismo tibetano, manifestaron contra las autoridades chinas al grito de "Tibet para los tibetanos".

Los lamas fueron encarcelados por los chinos y eso desencadenó una verdadera rebelión popular en que miles de habitantes de la capital, Lhasa, atacaron la sede de la policía central, produciéndose una masacre que determinó el renacer del nacionalismo tibetano.

Invasión del santuario

Nadie se inmutó en 1950 cuando el ejército popular chino invadió Tibet derrotando a las tropas del Dalai-Lama, que hasta ese momento regía los destinos de un gobierno teocrático, con un territorio independiente de hecho desde siglos atrás y protegido por su situación geográfica que lo sitúa en un altiplano a 5.000 metros de altura, rodeado de montañas. Hasta 1956 las tropas chinas se instalaron en el país sin intervenir mayormente en la administración, pero a partir de esa fecha China crea órganos de supervisión del territorio, impone una reforma agraria y obliga a los monjes a casarse y a cultivar las tierras.

Como el Dalai-Lama es la reencarnación de Buda y los lamas son sus ayudantes directos, eso cayó como un sacrilegio a los tibetanos y los khampas (guerreros) promovieron una violenta revuelta que fue sofocada por los chinos y en 1959, el Dalai-Lama se refugió en la India con miles de seguidores. Como consecuencia de todo esto China dinamitó los monasterios. De varios miles que había, al paso de la revolución cultural quedaron sólo varias decenas. Condenó el acceso a la orden de nuevos monjes, impidió el cultivo tradicional tibetano —la cebada— imponiendo la siembra de arroz y de trigo y prohibió la práctica religiosa, que es el fundamento mismo de la cultura tibetana.

Luego, desde 1979 en adelante, las autoridades chinas —revisionismo del maoísmo, mediante— perciben sus errores y cambian su táctica, liberalizando bastante la práctica religiosa y algo la economía, fomentando el turismo y las inversiones.

Nacionalismo renaciente

En ese contexto más liberal de la China pos-Mao, el gobierno de Pekín invita a volver al Dalai-Lama, pero no a Lhassa, sino a la capital china, ofreciendo reconocerle su estatus de jefe espiritual, a cambio de su aval en la integración del Tibet a la República Popular. La reencarnación de Buda no acepta, acusando a los hombres de Deng Xiaoping, de querer "chinatizar" su nación.

El 21 de setiembre de este año el Dalai-Lama explaya sus penas ante el Congreso de EE.UU., proponiendo crear una zona desmilitarizada en el Tibet, lo cual provocó una acusación de los chinos de querer independizar el altiplano y de intervenir en asuntos internos. Simultáneamente los jefes lamas de los tres monasterios más grandes, exponen su causa ante la asamblea general de las NN.UU. y todo esto es lo que provoca la manifestación de los monjes del 1° de octubre, con la cual comenzamos esta nota.

Para China Popular el problema es serio, por el mal ejemplo que conlleva y porque en el año 1986 unos 40.000 turistas dejaron buenas divisas en Tibet y los últimos sucesos con expulsiones de extranjeros y ocupación de monasterios, han determinado un retraimiento lógico del flujo de visitantes. Por su parte, el Senado de EE.UU. adopta una resolución que liga las ventas de armas a China Popular a la finalización de las violaciones de los derechos humanos en lo que se ha dado en llamar el "techo del mundo".

Mientras tanto, el Dalai-Lama apela el 7 de octubre a la desobediencia civil no violenta contra el ocupante chino, —al mejor estilo de Mahatma Gandhi— y la propaganda de Pekín habla de "separatistas y terroristas" refiriéndose a los lamas en rebelión acusando al Dalai de haber organizado los incidentes.

Pero lo concreto es que los 5 y pico de millones de tibetanos, que tienen los ojos puestos en su jefe espiritual, han visto el renacer del nacionalismo o como dijo el gobierno en exilio desde su sede india de Dharamsala: "El inicio de la lucha de liberación nacional tibetana". Quizás sean vanas esperanzas y difícilmente puedan terminar con la presión de un invasor que cuenta con una población de 1.000 millones de personas. Pero al menos, por las muestras recientes, los tibetanos no van a facilitar las cosas a Pekín. (1)

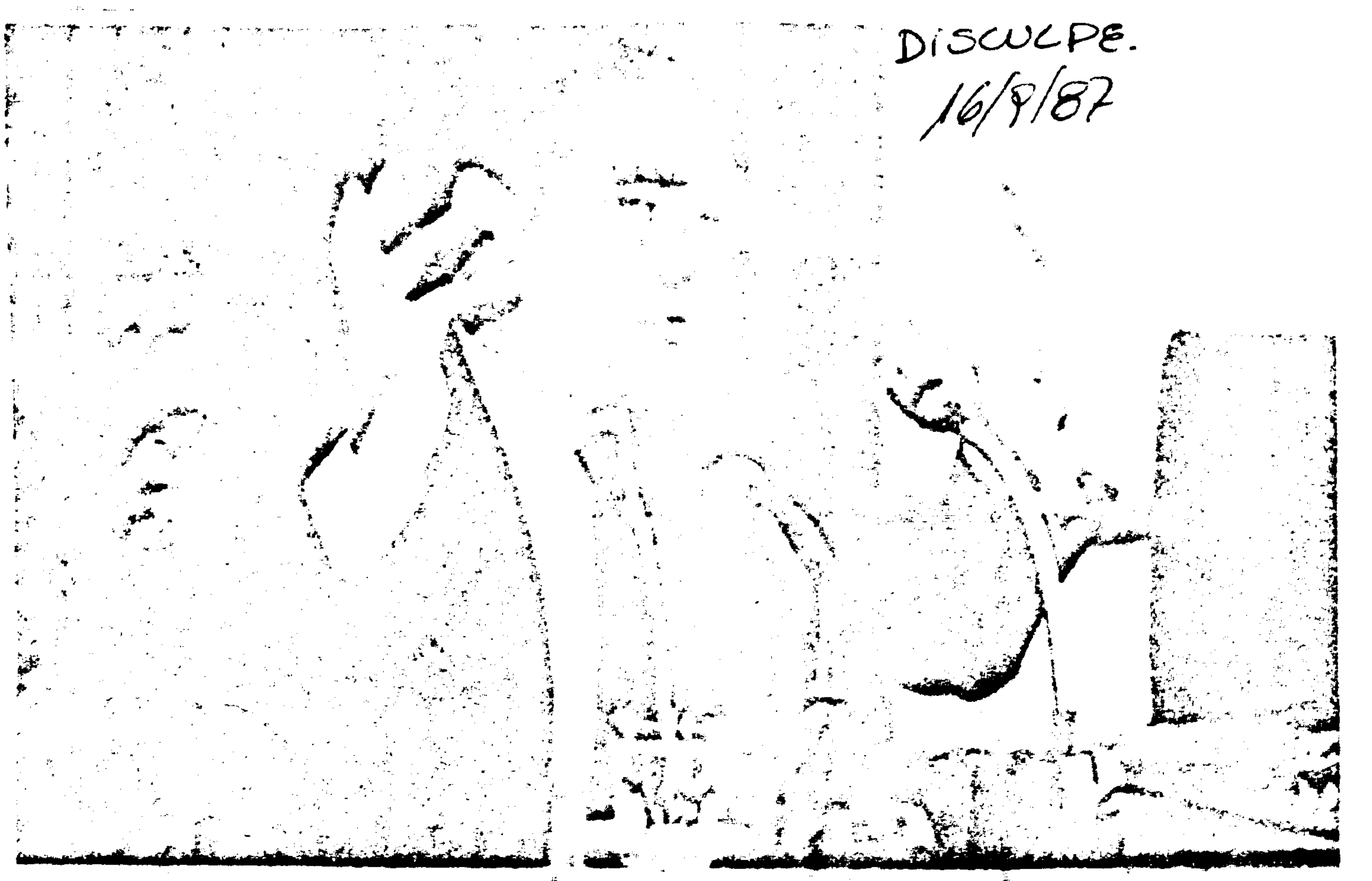
Alfredo Costa Mills

EL DIA 30/11/87

(1) Dada la particular sensibilidad que tienen algunos con el asunto de las relaciones diplomáticas con China, no quisiéramos que esta nota se interprete como una defensa indirecta al régimen de Taiwan. A ese tema nos referiremos en su momento.

DISCULPE.
16/9/87

NORA



¿QUIEN CAMBIO? ¿SANGUINETTI O TAIWAN?

*En el diario "ACCION" del 21 de mayo de 1973, figura el artículo que a continuación transcribimos, firmado por **JULIO MARIA SANGUINETTI**. Hoy que está a punto de decidirse si supeditamos nuestra amistad con la China democrática a la venta de unos vellones de lana, que es lo mismo que decidir si nos vendemos a la China comunista rompiendo -por imposición de esta última- con nuestra amiga Taiwan, es bueno que recordemos lo que entonces opinaba el hoy Presidente de la República sobre esa posibilidad, cuando es muy factible que sea él quien rubrique la infamia de un acuerdo con la China roja. Y es bueno que él también lo recuerde. Porque si finalmente firma el establecimiento de relaciones diplomáticas con la China de Pekín rompiendo las que mantenemos con China nacionalista, tendrá que explicar -y ser muy claro en sus conceptos- si el que cambió fue él o fue Taiwan.*

Aclaramos que los subrayados nos pertenecen.

TAIWAN, UNA VOLUNTAD DE SUPERVIVENCIA

En los apenas 35 mil kilómetros de la isla de Taiwan, "Formosa" para el navegante portugués que la descubrió, viven hoy 5 millones de chinos, que aún bajo la patriarcal advocación del Generalísimo Chiang Kai-Sek, levantan las banderas liberales frente al poderío multitudinario de la China Roja. Desde 1949, en que Chiang mudó su gobierno para allí ante el avance maoísta, se ha construido un país en lo que era apenas una isla que históricamente había pasado de mano en mano, y donde todo hubo de hacerse al impulso de la necesidad y en medio de la superpoblación (una densidad de 450 habitantes por kilómetro) más alta del mundo. Allí, bajo la constante amenaza, ese pueblo ha superado todos los obstáculos y aún en medio del aislamiento diplomático conque se le ha ido cercando, ofrece el espectáculo de un desarrollo económico y social vigorosamente en ascenso.

PUEBLOS CIUDADES

Los 15 millones de chinos que se agolpan en la isla de Taiwan proceden de toda China, pero especialmente del Sur. Pocos rastros se advierten en la población de la ocupación japonesa, que se arrastró desde 1895 hasta 1945, al término de la guerra. El fenómeno demográfico y cultural importante es que, unió al chino continental y a los pocos aborígenes de la isla -de origen polinesio- van creciendo los nativos de Taiwan, nacidos y criados ya en el contorno geográfico y cultural del nuevo país.

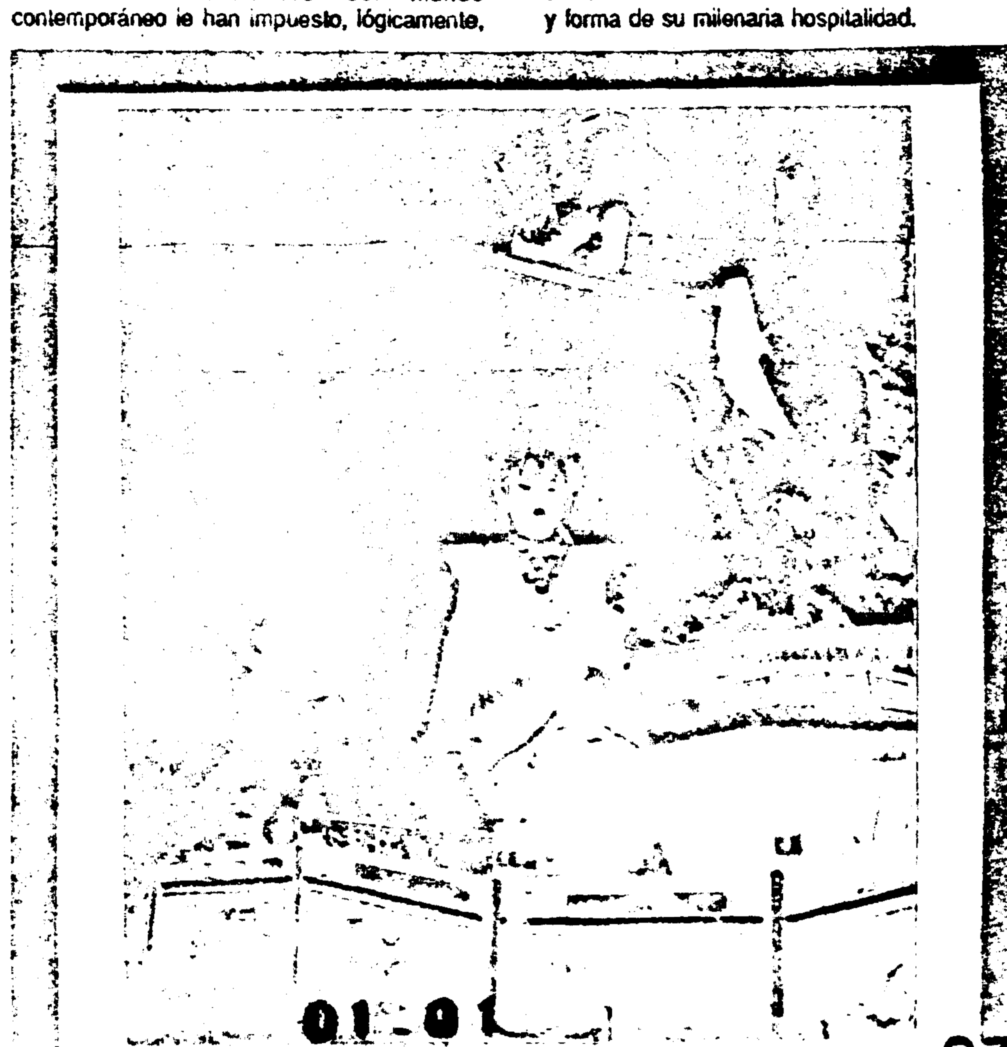
Taipei, la capital de Taiwan, es una ciudad de 1:600.000 habitantes. Rodeada de colinas de hermosa vegetación, que el hombre trabaja con sistemática paciencia, la capital crece y se moderniza constantemente, resolviendo sobre la marcha los problemas urbanísticos de ese desarrollo acelerado.

Tanto Taipei como las demás ciudades de la isla no son viejas capitales. Han nacido del esfuerzo de estos años, sobre la base de pequeños núcleos que servían a una población enteramente agrícola. Hoy, la población urbana alcanza ya a la mitad de los habitantes como consecuencia natural del empuje industrial de una nación que va diversificando su economía mediante ambiciosos planes de desarrollo económico.

CHINO SIEMPRE CHINO

El chino mantiene sus costumbres, su tradición, los hábitos emergentes de su cultura milenaria. Las necesidades del mundo contemporáneo le han impuesto, lógicamente, una adaptación a las condiciones de vida de una sociedad industrial. **Pero ello no ha cambiado las bases éticas de una vida que sigue rigiéndose en Confucio y sus sabias máximas, código moral que predica la confraternidad humana, el desarrollo de la persona humana y la afirmación del sistema familiar.**

La propia lucha contra los comunistas, que han enterrado la religión y sus tradiciones, conduce a la reafirmación tradicionalista como un modo de afirmación del ser nacional. Que se mantiene tanto en el plano filosófico como en el diario vivir. Así, el chino sigue devoto a su comida tradicional, que en pequeños platillos ofrece variedad infinita de gustos y sabores. A diferencia de nosotros, que comemos mucho de pocos platos, el chino -sabiamente- come poco de muchos y muy variados platos, que sazona y condimenta con variadas salsas, multiplicando las combinaciones de sabor. Una comida normal en una casa de familia consta de cinco o seis platos (mariscos o carne de gallina o cerdo, legumbres, sopa, arroz), una comida formal pasa la docena de platos, que el chino ofrece al visitante como tributo de amistad y forma de su milenaria hospitalidad.



VOLUNTAD DE SOBREVIVENCIA

El desvío de la diplomacia norteamericana frente a China, con el resonante acercamiento de Nixon y Mao, ha puesto un signo de interrogación sobre China nacionalista. A la distancia, ese signo se agiganta, cuando simplistamente se pregunta cómo podrá sobrevivir este pequeño Estado, de 15 millones, frente a la superpotencia continental con sus 700 millones de habitantes, que crecen vertiginosamente pese a los esfuerzos disuasivos del gobierno.

Recorriendo Taiwan la interrogante cede a una respuesta clara, cuando se mide la inequívoca voluntad de sobrevivencia de un pueblo, que construye su desarrollo mediante el trabajo y vela su soberanía con un poderoso ejército. La economía crece, las exportaciones se elevan, el standard de vida sube sin cesar a ritmo acelerado. Todo ello se hace, sin perjuicio de mantener un ejército regular de 550 mil hombres, equipados con los últimos elementos, que salvaguardan la integridad de la República.

Contra esa voluntad, ninguna diplomacia podrá. Los que hoy abandonan a China, mañana deberán reconocerla, cuando el tiempo muestre que no sólo sobrevive sino que, aún pequeña, muestra formas de vida y de economía superlativamente superiores al ***de ese gigantesco hormiguero marxista que*** **regimenta hombres en la perfección de un sistema educativo de adiestramiento y un lavado de cerebro constante y sistemático.**

LA MODA DE MAO

Cualquiera entiende que no era sensato que una China con 700 millones de hombres pudiera ser ignorada por la organización internacional, veinte años después de su advenimiento como Estado. **La lógica lo indica, aunque las respectivas políticas internacionales impongan un enfrentamiento que obligue a romper a todo otro** Estado que haya reconocido al rival.

Del mismo modo la lógica también señala que es ridícula la posición de Estados que hoy ignoran a China nacionalista con la misma estolidez conque hasta ayer sostenían la posición contraria. Las modas son y no hay duda de que hoy el maoísmo es la minifalda de la ideología marxista, ahora que Moscú aparece como una vetusta y burocrática estructura aburguesada. En ese nuevo radicalismo ha caído también EEUU que se ha pasado de un extremo al otro y hoy exhibe su nueva amistad con ingenuidad juvenil.

Pero todo esto pasará, como pasará la ilusión de algunos Estados que hoy se abalanzan sobre el mercado chino, pensando que allí hay un filón ilimitado, sin advertir que esos 700 millones consumen muy poco, que el gobierno restringe al mínimo toda variante de vestimenta y comida y que no concede nada a los hábitos de comodidad de su pueblo. Es más, las maquinarias que hoy los chinos comunistas compran en algunos países occidentales, sólo tienen como destino el ser copiadas para ir logrando un auto-abastecimiento paulatino de esos elementos que, con cuenta-gotas, se van incorporando a su economía.

NUESTRA POSICION

Uruguay ha estado hasta hoy vinculado a China nacionalista y cometería a nuestro juicio un error si se apresurara a [illegible] la posición de moda, abandonando una línea que tiene tradición, mantiene una vinculación democrática y reafirma la presencia de un Estado pequeño, cosa que nunca un país como el nuestro puede perder de vista.

El espejismo comercial de China comunista no pasa de ser eso, una ilusión. Mientras China nacionalista, en cambio, puede ser la perspectiva cierta para nuestro país, de entendimientos [illegible] y de [illegible] en campos como el de la pesca o el simple intercambio comercial.

Ser furgón de cola en Pekín no significará nada para nuestro país, salvo el abandono de una relación histórica que puede hoy ofrecer nuevos terrenos de desarrollo. La prudencia sería hoy el consejo más adecuado que podría ofrecérsele a la diplomacia de nuestro Palacio Santos.

Julio Ma. Sanguinetti

01-01

PARTES ILEGIBLE

INTERCHINAS

033

Embajador visitó Rocha

Relaciones con China Popular

REP. DE CHINA

ROCHA (Por Mario Barceló). El Embajador de la República de China, Henry Wang, analizó la posibilidad de que nuestro país establezca relaciones con China Popular, en el curso de una gira por Rocha, Treinta y Tres y Cerro Largo donde mantuvo reuniones con los Intendentes y cultivadores de soja.

Consultado por "La Mañana" sobre las razones de su visita a la región estableció que "el principal propósito que me mueve al venir al interior, es hacer llegar los saludos de mi Gobierno a los amigos de la República de China y apreciar las etapas que se están cumpliendo en el cultivo de la soja. El plan nacional es un programa que tiene gran importancia para la transformación de la estructura de la región. Estamos seguros que mi Gobierno tiene sumo agrado en ver que ese plan se ha llevado a cabo de manera cada vez de mayor beneficio para las comunidades de Rocha, Treinta y Tres y Cerro Largo".

"La Mañana" preguntó al Embajador sobre el futuro de las relaciones diplomáticas con Uruguay, a la vista del eventual establecimiento de vínculos con el Gobierno de la República Popular de China a lo que respondió: "Las relaciones entre la República de China y la República Oriental del Uruguay se han estado llevando a cabo por espacio de más de treinta años y ,claro, cada Estado tiene derecho soberano de establecer nuevas relaciones o buscar nuevos amigos con quien desee. A ese respecto nuestro Gobierno no tiene ninguna opinión. Sin embargo, sobre la base de una vieja amistad de nuestros Estados, nuestro punto de vista es que cualquier relación que se lleve a cabo, no vaya en detrimento de nuestras relaciones.

- Precisamente cuando esas relaciones se llevan a cabo con muchas condicionantes, creemos que si esas condiciones imponen al Gobierno uruguayo romper relaciones con otro país con quien ya las tiene, pues creemos que eso es injusto. A la larga, esas relaciones con condiciones no van a durar mucho. El Gobierno de la República de China y el de Uruguay han mantenido relaciones de amistad basadas en un sincero deseo de respeto mutuo y de beneficio común".

Entrevistado sobre el futuro de los convenios actualmente en vigencia, Wang dijo que: "Nada se me ha dicho desde la parte oficial. Me cabe a mí solamente expresarle que estoy aquí desde hace dos años para lograr que estos convenios culminen de manera feliz".

Finalmente, sobre el futuro de las relaciones entre los dos Gobiernos chinos dijo que "este asunto compete al pueblo chino y esperamos que a la hora de consultársele el mismo decida qué es lo que más conviene a sus intereses y que pueda hacerlo en entera libertad".

LA MAÑANA 30|11|87

14

033

Clarín 29/x/87

Agencia Noticias



Desertó un piloto chino

El piloto chino Liu Zhiyuan, quien voló a Taiwán en su MiG 19. El desertor aterrizó en la base militar de Ching Chuan Kang, luego de haber sido escoltado por unidades de la fuerza aérea de Taipei, apenas ingresó al espacio aéreo de Taiwán. Este es el segundo avión chino cuyo piloto se pasa a la isla nacionalista en los últimos cuatro años.

01-01 8712398

Pese a que en el terreno ideológico persiste la ortodoxia comunista

Acentúa la nueva conducción china su política de liberalización económica

Escribe
Alejandro A. Tagliavini

La sensatez sigue imponiéndose en el mundo, es así que Zhao Ziyang, jefe del Partido Comunista Chino (PCC), el 25 de octubre próximo pasado durante la inauguración del XIII Congreso Nacional del PCC, reafirmó las reformas económicas que tanto progreso han traído a este país, y que incluyen ideas como vivienda privada, gerencia industrial independiente, emisión de acciones, y, lo que es aun más importante, la aceptación de la idea de que los empresarios exitosos tienen derecho a enriquecerse violentando la tradicional teoría marxista de la plus valía. Pero Zhao ha ido aun más lejos y ha lamentado el tiempo perdido y el atraso conseguido con la política cerrada y centralizada de la era maoísta.

Estas reformas económicas fueron iniciadas por Deng Xiaoping quien las ha justificado diciendo: "Nosotros debemos integrar la verdad universal del marxismo con las realidades concretas de la China, encontrar un camino propio y construir un socialismo con características chinas. Esta es la conclusión básica a la que hemos llegado luego de sumar una larga experiencia histórica". (1)

Los reflejos de esta nueva "integración" pueden verse en cualquier edición del "The New York Times" en donde pueden leerse anuncios de exposiciones de pintura moderna china en Nueva York, giras turísticas por este país asiático o una carta de lectores quejándose por la falta de higiene y toallas en el baño durante un vuelo de China Airways (2), o leer en "Business Week" el anuncio de una nueva revista internacional de negocios, publicada en chino juntamente con el gobierno comunista de este país. (3)

• Meca económica de Mao

Mao Zedong, luego de tomar el poder, inicia inmediatamente la comunización de la economía, logrando, con la utilización de una política caracterizada por la brutalidad, hacer desaparecer todo vestigio de libertad económica sumiendo al pueblo en la miseria. Pero Mao, lejos de recapacitar frente al fracaso evidente, endurece aún más su posición ejecutando aquella famosa "Gran Revolución Cultural Proletaria", produciendo tal ruina y caos que se ve obligado a recurrir al Ejército para restaurar el orden. Al morir en 1976, su viuda Jiang Qing y la célebre "Banda de los Cuatro", intentan continuar su política, pero se suceden una serie de luchas internas hasta que finalmente Deng Xiaoping se impone como el hombre fuerte.

• 'Cuatro modernizaciones'

Este nuevo personaje, consciente del rotundo fracaso de la política maoísta, anuncia las "cuatro modernizaciones" consistentes en la abolición del sistema agrícola colectivizado, permitiendo que los campesinos siembren sus propios productos, los vendan en el mercado y compren el equipo necesario con lo que pudiera sobrarles; la reducción en la planificación económica central permitiendo que las unidades económicas locales sean responsables por la adquisición de materia prima; el incentivo al desarrollo tecnológico para aumentar la producción y, finalmente, la realización de proyectos conjuntos, con firmas extranjeras, permitiendo de esta manera la inversión de capitales foráneos, para lo cual se crearon zonas económicas especiales como las de Shenzhen, Zhuhai, Xiamen y Shantou.



Zao Ziyang

Sin embargo, cuando el estudiante Wei Jingsheng pegó un panfleto en la "pared de la democracia" demandando la "Quinta Modernización", la democracia; fue arrestado, enjuiciado y sentenciado a un largo período de cárcel, y la pared clausurada.

• Los resultados

Esta relativa liberalización ha conseguido que el crecimiento de la economía durante 1985 fuera de 12,4 %, mientras que su sector industrial aumentó 18 %, y en 1986 el crecimiento económico fue de 9,2 %. Para tener una idea comparativa, durante 1985 el PBI en los EE.UU. creció 2,7 %. (4).

Otro logro importante sin duda, es el afianzamiento de la paz. Durante años los autores clásicos han venido señalando que la libertad de comercio, además de enriquecer a los pueblos, crea entre ellos una interrelación que va suavizando cualquier aspereza que pudiera existir. Es así que las tradicionalmente tensas relaciones con Taiwan, cuyas exportaciones están creciendo a un ritmo de 36 % anual y que este año -probablemente lleguen a los 50.000 millones de dólares, están dando paso a la cooperación económica. "Que cada chino use un producto taiwanés, es mucho mejor propaganda que la propaganda política", asegura Jaw Shau-Kong, legislador en Taipei. (5)

01 - 01 8712417

13

033

LA NACION 27/10/87

China: permitirían permutas de tierra

El vocero del PC aclaró, no obstante, que la propiedad privada no será restablecida

PEKIN, 26 (AP) – China está considerando el autorizar a los granjeros para traspasar sus tierras, medida que llevaría aún más lejos las reformas agrícolas que han determinado el desmantelamiento de las comunas y fomentado la formación de fincas familiares.

Du Runsheng, director de la Oficina de Investigaciones sobre Política Rural del PC, dijo hoy en conferencia de prensa que a los granjeros se les permitirá negociar libremente sus derechos de tierras y recibir pagos al respecto.

Los delegados que asisten al XIII Congreso del PC analizaron hoy a nivel de grupo el discurso del jefe interino del Partido, Zhao Ziyang, que apoyó incondicionalmente las medidas reformistas de Deng Xiaoping.

La política sobre los traspasos de tierra en el interior forma parte de una iniciativa en gran escala emprendida para hacer frente al problema de la mano de obra excedente que hay en las provincias donde viven 800 de los mil millones de habitantes.

Unos 70 millones de personas abandonaron las labores agrícolas en esta década para incorporarse a florecientes industrias rurales y el objetivo actual es reducir la población agrícola en cien millones más de personas para 1995.

Du dijo que los granjeros que deseen abandonar sus tierras podrán traspasarlas a personas dispuestas a cumplir con sus contratos de producción.

Subrayó que "no introduciremos la propiedad privada" y que el Estado continuará siendo el propietario de todas las tierras.

(Más información en la página 2)

01 - 01

8712429

033

Panorama internacional

¿Taiwan está muy lejos de CHINA?

¿Logrará China el reintegro territorial de Taiwán? Ese es uno de los principales objetivos del gobierno orientado por Deng Xiaoping. Sus iniciativas, sobre la base de la fórmula "un país, dos sistemas", no han prosperado hasta ahora. Los taiwaneses quieren despejar varias incógnitas. Una de ellas consiste en saber qué pasará cuando Deng se aleje del poder en Pekín (por inexorables razones de edad). Otra estriba en la evolución de Hong Kong, a partir del momento en que los británicos se retiren (en 1997) y comiencen allí una experiencia dual equivalente, destinada a durar medio siglo. Ver para creer, parecen decir.

No es el único obstáculo. En los últimos tiempos el régimen de Taipeh ha decidido liberalizar en parte su férreo dominio político sobre la antigua isla de Formosa. La oposición, que antes se presentaba a elecciones como "tangwai" (sin partido), ha podido ahora reunirse bajo el rótulo de la democracia progresista. Ha sacado aproximadamente los mismos votos de siempre (alrededor de un 20 %), pero está organizada. En la capital su presencia es todavía más ostensible (un 30 %). Y sus ideas significan un intento de renovación con respecto al viejo Kuomintang que, a la muerte del mariscal Chang Kaishek, quedó en manos de su hijo Chang Chingkuo.

En el pasado, los chinos naturales de la isla de Formosa y los llegados del continente mantuvieron una aguda rivalidad, acentuada incluso por el hecho de que hablaban distintos dialectos. Los formoseños habían vivido, asimismo, bajo la colonización portuguesa y, en una época posterior, bajo el dominio japonés. Ello determinaba la influencia de otros factores culturales. Pero han pasado cuatro décadas y la población taiwanesa es ahora más homogénea. La integran generaciones que no conocieron la China continental. Y la oposición plantea el derecho a la autodeterminación.

En forma muy moderada, puesto que la doctrina imperante en Taipeh hace exacto "pendant" con la de Pekín: son el gobierno de toda China y tarde o temprano extenderán su jurisdicción al continente. De manera que la tesis "independentista" no llega a formularse en forma neta. Los demócratas progresistas hacen más hincapié en la liberalización del régimen político. Chang ha prometido levantar la ley marcial, pero seguirá habiendo una legislación restrictiva.

Tal es el marco en el cual cabe ubicar el "pequeño paso" dado por Taiwán en el sentido de autorizar a sus habitantes a visitar a sus familias en el continente. La iniciativa fue presentada como "humanitaria", pues para la cultura china la familia tiene un alto valor. Pero fue asimismo interpretada como un reconocimiento de que no se apelará ya a la fuerza para buscar la reintegración. En realidad los viajes, los contactos, existían desde hace tiempo. Pero la admisión oficial no resulta intrascendente.

Es que, además de todo cuanto se menciona, hay factores objetivos para el acercamiento. Deng está interesado en una experiencia que ostenta altas tasas de crecimiento del producto (11 % en 1984) y una gran capacidad de evolución industrial y penetración en los mercados mundiales. Taiwán, a su vez, cuenta con unos 20 millones de habitantes y ese mercado interno le resulta exiguo (como son exiguos su territorio y sus recursos) para un despliegue que no dependa en forma estricta de las fluctuaciones del mercado externo. A la vez, la isla consagra el 40 % de su presupuesto a solventar su ejército, lo cual representa una carga sensible.

La evolución (en cierto modo alucinante) de la economía taiwanesa puede ser descripta de la manera siguiente: como no disponía de energía ni de materias primas, la antigua isla de Formosa vivía de la agricultura y de la pesca. Tampoco generaba recursos como para implantar capitales y técnicas. A partir de 1949, Taiwán comenzó a exportar ciertos productos sofisticados de la tierra (como espárragos a Francia), y a constituir pequeñas empresas textiles o mecánicas. Luego admitió fábricas de armado (a favor de una mano de obra abundante, que no necesitaba para eso una calificación especial y trabajaba por bajos salarios). Sin derechos sociales, sin sindicalización (luego se admitieron sindicatos por empresas y no por ramas de industria), esos trabajadores pasaron a desempe-

POCO LEGIBLE

01-02

8712488

...está muy lejos de China?

fiarse en "zonas francas" donde los grandes consorcios instalaban uno de los eslabones de su cadena productiva. La producción —al comienzo tipificada por paraguas o por aparatos de TV en blanco y negro— se exportaba a todos los países industrializados, pero preferentemente a los Estados Unidos y al Japón. Estos dos últimos titularizan hoy el 90 % de las inversiones externas en la isla, por partes iguales.

De tal manera, los taiwaneses alcanzaron al comienzo de esta década un ingreso por habitante/año que decuplicaba el de los chinos continentales y era, después del Japón, el más elevado de Asia. A la vez, se ubicaba como una de las 25 primeras potencias comerciales del mundo. La clase media florecía. Y el "gap" entre los sectores de más bajos y más altos recursos era menor que en países latinoamericanos que también se industrializaban (como Brasil y México).

Finalmente, los taiwaneses se orientaron hacia la biotecnología para potenciar su agricultura y crearon un instituto de investigación tecnológica (en Hsinchu, a unos 50 kilómetros de Taipeh) donde se asociaron con empresas extranjeras para estudiar las nuevas tecnologías y ponerlas a disposición de sus propias empresas. Entretanto, las costumbres y el vestuario se habían occidentalizado totalmente.

El despliegue industrial mostró una cierta dosis de ingenio. Por ejemplo, cansados de armar "chips" por cuenta de otros, comenzaron a crear su propio modelo. Cuando ni los Estados Unidos ni el Japón podían ya competir en computadoras de bolsillo (por la incidencia de su mano de obra), tomaron el relevo. Pensando en el vasto mercado chino (no solo de China sino de todo el sudeste asiático), ensayaron una computadora "bilingüe". Y así siguieron.

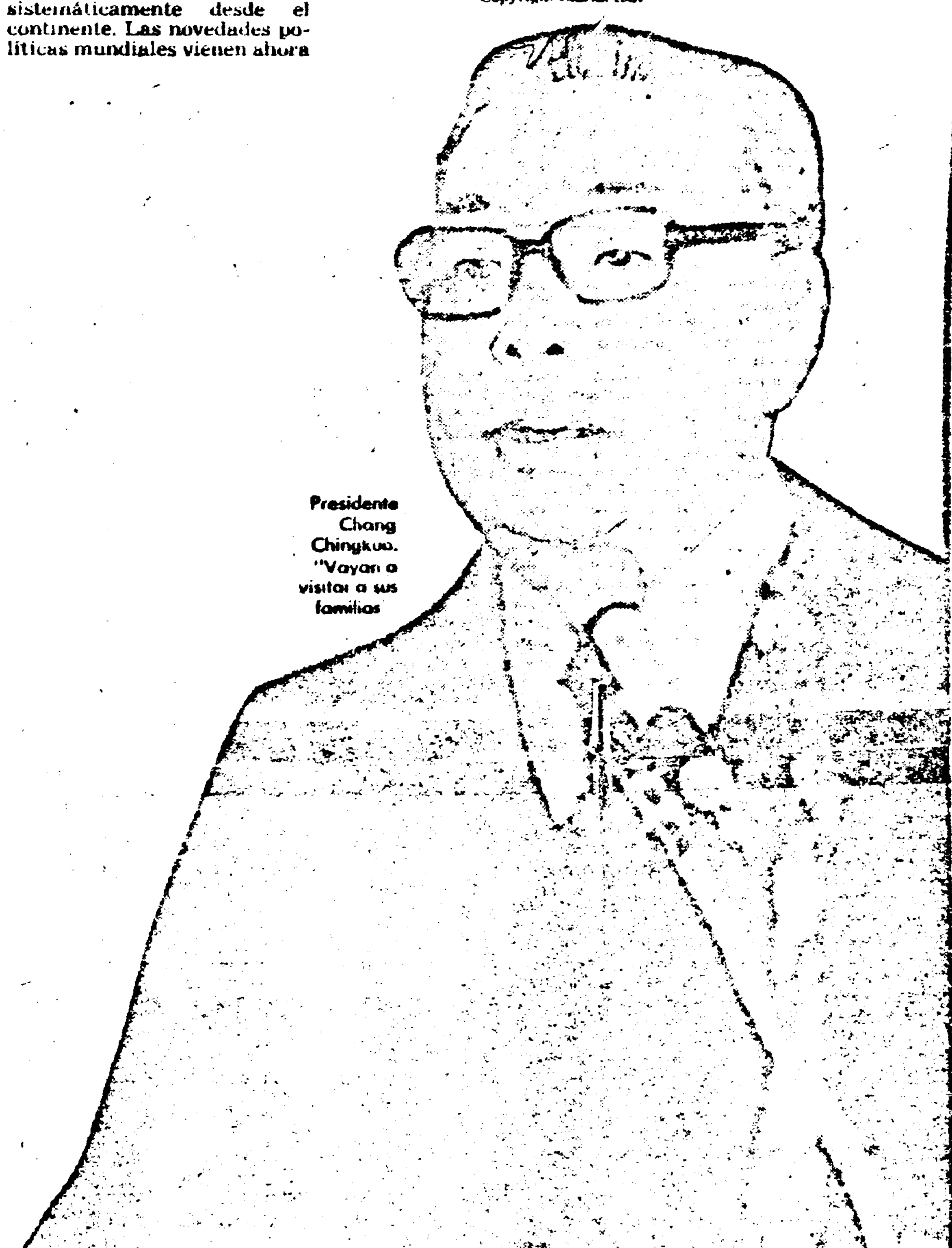
Los límites del "modelo" surgen por sí mismos. Fue edificado sobre la base de una población inicialmente sin calificación productiva y pagada con bajos salarios. A medida que evolucionó, se hizo más y más dependiente del costado externo. En tales condiciones, es escasa la posibilidad de un desarrollo integrado. A la vez, la contención salarial estaba vinculada a la rigidez del sistema político. Pero a medida que surgía una clase media, reclamaba liberalización política. El paso a la "alta tecnología" es una consecuencia de ello. Se entra así en un terreno en el cual la competencia mundial es feroz. Si se lo emprende con medios propios, entonces la renovación técnica en Japón o en los Estados Unidos es mucho más rápida. La investigación local depende a su vez de asociaciones con empresas externas. Y si se encara la "alta tecnología" mediante las "zonas francas", ello se hace obviamente bajo el supuesto de márgenes comprimidos de ganancia. La influencia de las actitudes proteccionistas (los Estados Unidos) se manifiesta, a su vez, con mucha fuerza.

De manera que el proyecto de ser "el Japón del año 2000" no parece estar todavía a la mano de Taipeh. Tampoco puede pensarse que el crecimiento económico de la isla haya dependido del juego espontáneo de las fuerzas del mercado. Según explicó en 1983 un enviado de Le Nouvel Observateur, Gerard Bonnot, el gobierno de Taiwán, aunque "solo jura por las virtudes del liberalismo, siempre condujo firmemente la economía, fijando los objetivos, orientando las inversiones, jugando a veces al proteccionismo, y en caso necesario, no vacilando en financiar grandes obras para relanzar la actividad".

Por otra parte, el papel de Taiwan como bastión anticomunista le permitió aprovechar el interés de los Estados Unidos en sostenerlo. La cercanía del Japón invita, asimismo, a una gran fluidez en los movimientos del comercio y los capitales. Las dudas que se generan sobre su futuro dependen, entonces, de los límites de su crecimiento en las condiciones asociadas en que éste tiene lugar y, sobre todo, de las cracterísticas restrictivas del mercado internacional. Taiwán no cuenta con un mercado interno amplio en el cual apoyarse en los momentos de tormenta o de reconversión productiva. Ese es su principal "talón de Aquiles". Pues, en la medida misma en que logra éxitos económicos, sus problemas dejan de poder resolverse por la metodología del "enclave" y el conocimiento técnico que absorbe se esterilizaría de no ser aplicado a una producción autosostenida, que depende antes que nada de un mercado interno consistente.

En tales condiciones, ¿no podría pensarse en una suerte de "joint-venture" entre Taiwan y China? Y si eso ocurriese, ¿la reintegración territorial sería una utopía? Estamos muy lejos de la época en que el islote de Quemoy era bombardeado sistemáticamente desde el continente. Las novedades políticas mundiales vienen ahora a caballo de la revolución tecnológica. Y el núcleo nacional de esa transformación es inexcusable. Pues ni la economía ni la técnica existen para sí mismas. Se relacionan con sociedades humanas concretas, cuyo bienestar es la otra cara de la eficiencia que persiguen los managers.

Enrique Alonso



Presidente Chang Chingkuo. "Vayan a visitar a sus familias"

POCO LEGIBLE

033

Existe oposición a las reformas en el seno del comunismo chino

PEKIN, 26 (UPI). – Mientras el Partido Comunista chino realiza una trascendental asamblea para impulsar una amplia gama de reformas economicas y políticas, un alto funcionario reconoció hoy que existe oposicion a tales intentos.

Pero el viceministro de la Comision Estatal para la Reestructuración del Sistema Económico, Gao Shangquan, dijo que de todas formas el Gobierno y el Partido impulsarán las reformas, que incluyen la colocación en el mercado de parte de las acciones de las empresas estatales.

"No podemos decir que no hay resistencia a las reformas", dijo en una conferencia de prensa en el gran salon del pueblo durante el segundo dia del XIII Congreso del Partido Comunista.

La televisión estatal mostró imágenes de algunos de los 1936 delegados al congreso, analizando el programa de reformas que presentó ayer el primer ministro y secretario general interino del Partido, Zhao Ziyang, en la sesion inaugural.

Intereses creados

Gao, uno de los más cercanos colaboradores de Zhao, dijo que cuando las reformas entren en vigencia "danaran algunos intereses creados".

"Esas personas ejerceran alguna resistencia al perder su poder e intereses", acotó.

Los analistas occidentales opinaron que quienes más sufriran por las reformas son los dirigentes de mando medio del Partido, que perderan su influencia ya que la alta direccion del Partido pasará el poder de decision a los administradores de empresas y técnicos, con vinculos e intereses directos en la producción y sin trabas ideológicas que puedan mermar la eficiencia productiva.

Los secretarios de las celulas partidarias en las fabricas, generalmente de una menor educacion y sin experiencia en el mercado, han tenido hasta ahora una gran influencia en la politica administrativa de las empresas.

Los analistas occidentales consideran que los dirigentes de linea dura han criticado las reformas impulsadas por Deng Xiaoping en los ultimos ocho años, porque las reformas intentan mermar la influencia del Partido en la sociedad china.

Sin embargo, Zhao dio un fuerte impulso a las reformas de Deng durante el presente Congreso, con una propuesta muy detallada y especifica que defiende inclusive los experimentos con la venta libre de acciones.

Bolsa de Shanghai

La primera bolsa de valores China después de 1949 se abrió experimentalmente en la ciudad de Shanghai en septiembre del ano ultimo.

Preguntado si esos experimentos continuarian a pesar de la caida del sistema financiero internacional de la última semana, Gao dijo que el problema no habia tenido "gran repercusión en China, que tiene sólo una pequena cantidad de acciones en el mercado internacional".

Senaló que Pekin estudia la crisis, pero que de todas formas impulsara la formacion de nuevas bolsas de valores en el pais que, dijo, "pueden ser utilizadas tanto por paises capitalistas como socialistas".

Gao senalo que China también reintroducira las leyes de bancarrota, explicando que "hay muchas condiciones" para la ratificación de una ley sobre empresas industriales, primer paso para hacer responsables de las pérdidas o ganancias a los gerentes de las empresas.

En lo que hace al alza de precios, fuente de un creciente descontento popular en las ciudades, se mostró muy prudente, señalando que la reforma de los precios era "inevitable" y que debera continuar "etapa por etapa" con el fin de "preservar la estabilidad social".

La inflacion en China es de seis a siete por ciento anual, según una estimacion oficial que los expertos occidentales juzgan ampliamente subestimada y que ellos calculan en 15 por ciento y mas.

El igualitarismo

Agrego que el igualitarismo, un dogma maoista, subsistía en China pese a que "algunas tendencias" fueron dominadas en este aspecto. En su informe Zhao critico el mantenimiento de la "tendencia principal", cual es el igualitarismo en China

Los responsables chinos estudian también cual es el número de empleados que una empresa privada puede absorber. Actualmente esta cifra [illegible] de ocho, pero ciertas empresas poseen hasta cien asalariados, anadio Gao, asegurando que un esfuerzo legislativo será realizado para "proteger los derechos" del nuevo sector privado chino que cuenta con 18 millones de habitantes.

Por su parte, Ru Runsheng anunció que China importara de cuatro a cinco millones de toneladas suplementarias de cereales e[illegible]curso del ano, con lo cual las importaciones sobrepasarán a las exportaciones.

POCO LEGIBLE

01 - 01 8712499

Jueves 19 de noviembre de 1987

Clarín

Fundado por ROBERTO NOBLE el 28 de agosto de 1945

Un toque de atención para la solución argentina de los problemas argentinos

Directora Ernestina Herrera de Noble

Relaciones chino-indias

LA nueva ronda de negociaciones entre la India y la República Popular China se abrió en Nueva Delhi en un clima de cauto, pero sensible optimismo. Es la octava oportunidad desde 1981 que representantes de los dos países más poblados del mundo se reúnen para tratar de resolver las cuestiones fronterizas que en 1962 los enfrentaron en una guerra abierta, seguida por una tregua quebrada por frecuentes escaramuzas hasta cinco años después.

Las relaciones chino-indias habían sido estrechas y amigables en los primeros años de la posguerra, cuando se consolidaban los respectivos regímenes, el de la India independiente surgida al término del dominio británico, y el de la China maoísta. La primera crisis se produjo en 1959, cuando el gobierno de Pekín incorporó formalmente al Tíbet como región autónoma.

El país del Himalaya había sido ya objeto de controversias y conflictos entre el viejo imperio chino y la India británica. El límite entre la India y Tíbet fue establecido en forma bastante vaga en 1914 por el entonces secretario de Relaciones Exteriores del gobierno virreinal, sir Henry McMahon, tras negociar con el régimen teocrático de los lamas de Lhasa.

Las autoridades de China Popular sostuvieron que el Tíbet carecía de los atributos de soberanía para firmar acuerdos de ese tipo, pues desde el siglo XVII sus gobernantes habían aceptado delegar en el soberano chino los asuntos exteriores y la defensa.

Como en otras regiones del mundo que habían sido sometidas en forma directa al dominio colonial o, al menos, a la influencia de las potencias imperiales, los nuevos regímenes de la India y de China veían entorpecida su convivencia por las cuestiones heredadas. Si el entendimiento y la voluntad de cooperación impusieron inicialmente una tregua virtual en las viejas disputas, ello se disipó con la cuestión tibetana y poco después fue puesta en discusión toda la frontera que separa a las dos grandes naciones. Actualmente China reclama derechos de soberanía en 90.000 kilómetros cuadrados sobre los que no tiene control y que están administrados por la India en la zona de Bhutan.

Al enfrentamiento de los años '69 siguió una convivencia precaria. Los temas de controversia no fueron resueltos, pero sí tácitamente eludidos. Los tormentosos tiempos de la revolución cultural no fueron por cierto propicios para renovar la amistad con la India, pero a partir de sus postrimerías ya se intentaron acercamientos que fructificaron en relaciones más cordiales a partir de la caída de la "banda de los cuatro".

Las relaciones tensas entre la China y la India no sólo disminuyen el peso específico de uno y otro país en las cuestiones internacionales, sino que limitan sus posibilidades de maniobra para encarar otros conflictos, tanto internos como externos que mantienen ambos países. Son, por lo tanto, una carga innecesaria y peligrosa para ambas partes.

Por ello es presumible que dentro de la nueva óptica inaugurada por la etapa de distensión internacional que impulsan las grandes superpotencias, se intensifiquen los esfuerzos para hallar una solución estable. La eclosión de sentimientos nacionales en el Tíbet, paradójicamente, tal vez contribuya ahora a la búsqueda de acuerdos.

China Popular ha seguido en los últimos tiempos una política prudente y negociadora que al dejar de lado los rigorismos ideológicos le permitió encontrar una salida inteligente para la descolonización de Hong Kong y encarar con nuevas perspectivas [illegible].

La aplicación de esos mismos principios a la cuestión tibetana le consentiría probablemente hallar una solución que sin desmedro de su integridad territorial y su seguridad podría satisfacer al mismo tiempo los anhelos de autonomía e identidad cultural de los tibetanos.

Dentro de esa misma estrategia podrían tratarse las cuestiones limítrofes pendientes con la India. Si ha llegado el momento se verá ahora en Nueva Delhi, pero es evidente que el nuevo curso de la política china y los nuevos rumbos de la política internacional influirán decididamente sobre el futuro de las negociaciones en un sentido positivo para la paz y la cooperación.

LO MISMO PERO EN OTROS ODRES

EN reciente Conferencia, en la que evocábamos la figura del Dr. Eduardo Rodríguez Larreta analizando su gestión cuando actuó al frente del Ministerio de Relaciones Exteriores, nos referimos al concepto de "diplomacia", expresando que el mero empleo de esa palabra ponía en guardia al interlocutor que, por aprendizaje histórico y experiencia cotidiana, asociaba, con el automatismo del reflejo condicionado, ese vocablo con la idea de intriga, de solapado desplazamiento, de cálculo que no rehuye la mezquindad o del estricto rastro materialista sobre el llamado de los principios.

Pero anotábamos que el Uruguay podía, hasta ahora, enorgullecerse de no hallarse embretado en el cartabón común. Nos ceñíamos a otras reglas. Quizá, porque éramos un país pequeño, y como tal, al no tener vocación expansionista ni estar empujados por la ambición de ocupar espacios de poder, podíamos darnos la satisfacción de hacer, de nuestra conducta exterior, algo opuesto al arte del engaño o de la sugestión estomacal. O quizá, esa línea de proceder no era sino el eco de una sensibilidad especialmente aguzada de nuestro pueblo, que por razones genéticas o por formación cultural, estuvo siempre militante en la solidaridad con la víctima, con el inmolado, con el oprimido.

PERO este juicio tenía un hito. Destacábamos el "hasta ahora". Porque ese bagaje ético-político lo integraba un recorrido analizado hasta el momento en el que se estampaba la opinión.

Ponemos el énfasis separatista sobre el ayer que honra, porque el hoy desafía la incertidumbre de la fidelidad a una trayectoria, o la triste y desoladora entrega de ese acervo.

Que no otra cosa que esto, todo esto se halla en juego en la controversia de las dos Chinas, periódicamente resucitada. Con el agregado, en la última reaparición, de un ingrediente que hasta ahora no había figurado: la deformación de los términos del enfrentamiento.

Una versión periodística ubicada en el privilegiado centro de atención que es la primera plana de un diario, dio cuenta, recientemente, que se habría producido un "cambio fundamental en la política de Taiwan", en función del cual el gobierno de ese país "está dispuesto a conservar sus vínculos con Uruguay, aun en el caso que se establezcan relaciones con China Popular".

No somos amigos de prejuzgar intenciones. Pero la información confunde tanto los términos de la cuestión, al mismo tiempo que taponea con tal intensidad las principales baterías de defensa de la postura principista, que esa alteración de la realidad lleva a los extremos de la sorpresa.

CONFUNDE los términos del problema. Porque el debate se plantea, no porque Taiwan nos imponga el deber de elegir entre ella y la China comunista, sino porque China comunista —el hecho es público y notorio— se ha ceñido, como norma de política exterior, a ésta: para establecer relaciones con ese país, hay que previa o simultáneamente romper las que se tiene con la ejemplar isla. En ningún momento, que nosotros sepamos, Taiwan nos enfrentó a la disyuntiva de una u otra. Al contrario. Respetuosa de nuestra soberanía, deja librado a nuestra decisión, la coetaneidad de ambos vínculos diplomáticos. La verdad, pues, está en la antípoda de la versión. Que además de desnaturalizar los hechos en perjuicio de China nacionalista, desarma a sus defensores.

¿CUAL es el principal argumento contra el establecimiento de relaciones con China comunista? Que ésta, al exigir la opción, pone un precio afrentoso para nuestra soberanía. Podríamos desvincularnos de Taiwan por múltiples razones. Manejando hipótesis a los efectos dialécticos, el maltrato a compatriotas podría ser motivo. El agravio a símbolos nacionales o la falta reiterada de compromisos, o notas descomedidas, serían también móviles legítimos. Como podrían configurar, igualmente, factor de distanciamiento hechos de menor entidad que magnificaríamos. Hay sólo una causa, una sola causa por la que no podemos interrumpir esas relaciones: porque nos mandan hacerlo. Porque una potencia extranjera nos indica dónde podemos tener Embajadas y dónde no. Esto estremece de indignación hasta la raíz del cabello.

De ser cierto la noticia que criticamos, este argumento de dignidad soberana pierde toda eficacia. Porque expresar que Taiwan ha rectificado su política, para admitir ahora que es posible mantener sus lazos diplomáticos con el Uruguay, aunque esta tierra tuviera representación oficial en China Popular, es señalar que, hasta el momento, Taiwan proclamaba la inconcibiabilidad de esa coincidencia. Lo que colocaría, a quienes nos oponemos a la ruptura con ella, en la misma posición lesiva de nuestra soberanía de quienes demandan ese rompimiento.

Bueno es señalar que, ante la rectificación que de inmediato se hizo de aquel anuncio, el cronista que divulgó éste, lo ratificó señalando que se enteró por "fuentes empresarias". No dudamos de su buena fe. Ponemos en cambio, en el congelador de la reserva, la intención de quien o quienes fueron surtidores del reporte.

DE octubre del '86 a setiembre de este año, las exportaciones de lana a China comunista se acercan a los 12:000.000 de kilos. Un grupo económico, sólo un grupo económico, envió el 65% de ese caudal.

Como es sabido, aquel país, sobre formular la agraviante pretensión que hemos comentado, pasó al terreno de la amenaza, que ya ha empezado a concretarse. Se ha hablado de aranceles que gravarían nuestras exportaciones de textil si no nos desvinculábamos de Taiwan. Y las cifras de lo importado hasta el momento y en comparación al año pasado, se han abatido. Es, así, un socio de conveniencia, cuya fiabilidad es totalmente negativa. Que ha mostrado las zarpas, anticipando ya las apreturas con que puede estrujarnos cuando, conseguido lo que busca, su voluntad sea el único manantial de decisión.

EL problema que analizamos lo hemos desarrollado en el plano estricto de los principios.

Lo que no obsta para los que, por añadidura, miran consecuencias, tengamos en cuenta:

1) Que en el país se ha desarrollado sorprendentemente el cultivo de soja, con adopción de nueva tecnología, porque Taiwan aportó ésta y aseguró su comercialización, con excelente precio y en cantidades progresivas, de la leguminosa.

2) Que los convenios cerealeros llevarán la exportación de cereales hasta las 280.000 toneladas en 1990.

3) Que entre 1985-1987, la cooperación financiera a nuestro país ha sido de U$S 30:000.000 y la técnico-agrícola, la acuicultura, la deportiva, etc., totalizan U$S 6:500.000.

4) Que el hecho de ser Montevideo base de operaciones de la flota pesquera en el Atlántico Sur, supone para el Uruguay un ingreso de U$S 10:000.000 anuales.

5) Que como se ha hecho público, se comprará, a partir de 1987 lana por valor de U$S 20:000.000 anuales.

6) Que Taiwan financiará la ampliación del puerto de Montevideo —modernización y ampliación— por un importe de U$S 5:800.000, en la primera etapa y, de U$S 13:000.000 en la segunda, si es necesario hacerla.

7) Que ofrece una cooperación en la infraestructura de zonas francas y parques industriales sumados a inversiones, capaz de revolucionar, transformando en proceso de avance, el panorama económico nacional.

8) Que puede considerar el otorgamiento prioritario a nuevos planes de financiación, por intermedio del BID, para obras de ingeniería.

9) Que el gobierno chino está estudiando la creación de un Fondo para el Desarrollo de la Cooperación Económica con Ultramar, de U$S 500:000.000 en 5 años, para el que el Uruguay estaría en condiciones de prioridad.

NO obstante todos estos antecedentes, el rumor, difuso y sin rostro, adelanta que en febrero del próximo año se tomará decisión, por el gobierno, sobre el problema.

Esperemos que no se aproveche que el Parlamento está en receso para decidir, evitando así la tempestad crítica que tal resolución puede desatar. Que eso sería el proceder furtivo del quien rehuye el debate esclarecedor y resonante, porque tiene un juicio de su propia determinación.

INTERCHINA
033
13/12/87
El País

01-01 8712542

033

Comunistas palestinos visitan Pekín

PEKIN (ANSA, EFE, REUTER y UPI).- El Partido Comunista de China anunció ayer el establecimiento de relaciones oficiales con el Partido Comunista de Palestina, al cual encomió por librar "una lucha heroica" contra los israelíes.

La agencia oficial Xinjua dijo que Naim Abas Al Ashjab, jefe de la primera delegación del PCP que visita China y un miembro del buró político de ese Partido, se reunieron ayer con Hu Qili, miembro del comité interino del politburó del PCCh.

Xinjua dijo que Hu "extendió sus congratulaciones" por el establecimiento de vínculos entre ambos partidos, que dijo "ayudaba" a los pueblos palestino y chino y a la paz mundial.

La acción ocurrió a pesar de rumores de que Pekín se encamina al mejoramiento de sus relaciones con Israel, con el cual no tiene vínculos diplomáticos. Funcionarios chinos e israelíes de alta jerarquía se han reunido en meses recientes en las Naciones Unidas.

"El Partido Comunista Palestino, apoyado por su pueblo, ha librado una lucha heroica contra los israelíes que ocupan su tierra", dijo Hu según fue citado por Xinjua. "El partido se ha convertido en una fuerza importante en la lucha del pueblo palestino por sus derechos nacionales".

Hu dijo que China continuará "apoyando firmemente la lucha justa del pueblo palestino".

La reunión, que ocurrió en el decimosegundo día de una visita de la delegación palestina por dos semanas a China, tuvo [illegible] la participación de Youssef Rejeb Radji, jefe de la misión de la Organización de Liberación Palestina en Pekín.

Xinjua dijo que la delegación del PCP ha realizado una serie de conversaciones con su contraparte china durante el viaje, que incluyó una gira por las ciudades orientales de Nanjing y Xiamen. La delegación partirá mañana de China.

La Mañana 28/1/1987

01-01 8712546

INTERCHINA

033

EL PAIS 16/12/82

CHINA: HOY DEFINIRIAN LOS BLANCOS

¿QUE pasó con la entrevista que los legisladores Jude, Ortiz y Cantón iban a solicitar al primer mandatario para trasmitirle la preocupación que dominaba a un grupo grande de senadores y diputados blancos y colorados en torno al anuncio del rompimiento con Taiwan?", inquirió uno de los amigos del Duende.

—Mire, el trámite sigue su curso, pero ahora tengo una novedad que es más próximo y urgente. El tema de China sería considerado hoy a nivel del Directorio del Partido Nacional.

—¡Qué sorpresa! No había escuchado nada hasta el momento.

—Le puedo afirmar que en estos últimos días se han registrado contactos, al más alto nivel, discutiendo el anunciado establecimiento de relaciones con China Comunista y el rompimiento con la gente de la Isla.

—¿Y se formó posición en las filas de Saravia?

—Mire, de plantearse la cosa en el "Honorable" como vaticinaban anoche altos dirigentes, existían dos criterios mayoritarios: uno en el sentido de emitir una declaración; otro, de solicitar audiencia al Presidente de la República y plantear directamente el sentir nacionalista en este momento.

—Por favor corríjame si me equivoco. Pero me dijeron, repito que me dijeron, que hay mayoría entre los blancos que estima que el asunto de los Chinas encierra toda una política de Estado, que no se puede adoptar una resolución sin que exista consenso. Y que es evidente que en la actualidad se provocaría una enorme división en los partidos tradicionales y en la ciudadanía. Y la cúpula blanca no estaría dispuesta a que este tema abriera una profunda grieta en las filas nacionalistas, por lo tanto aconsejaría dejar "todo como está" hasta que se logre consenso entre los uruguayos.

—Una clara y razonable posición. ¿Y el gobierno qué hará?

—Usted escuchó que el canciller Iglesias no ocultó que el tema "está a estudio y exclusiva decisión del Presidente Sanguinetti".

—¿Pero si divide a los uruguayos?

COMERCIO POR U$S 52 MILLONES Y CREDITOS POR U$S 30 MILLONES CON REPUBLICA DE CHINA

Más de 32 millones de dólares, sin contar la cuota anual de compra de lana por valor de 20 millones a partir de 1987 que acaba de fijarse, le significó a Uruguay el comercio con China Nacionalista entre enero y agosto de este año. Entre el año 1985 y 87 por otra parte, la República de China aportó 30 millones de dólares en préstamos financieros y más de 6 millones de dólares en donaciones.

De acuerdo a cifras confiables que recabó EL PAIS, el comercio entre ambas naciones de enero a agosto de 1987, incluyendo 4 millones en lana y 6 millones en soja, sumó 16 millones de dólares. A ello hay que agregarle dos convenios firmados por la compra de frazadas, uno en agosto y otro en noviembre pasado, por 3 millones de dólares cada uno.

La compra anual de lana a nuestro país, a partir del presente año, se ha fijado en 20 millones de dólares. Con el agregado de que si China Continental suspendiera por razones políticas sus compras de lana al Uruguay, el gobierno de la República de China estaría dispuesto a ayudar a colocar ese excedente en otros mercados.

El puerto de Montevideo, como base de operaciones de toda la flota pesquera de Taiwan en el Atlántico Sur, recibe más de 10 millones de dólares. Para las obras de ampliación del mismo además, el gobierno chino financiaría cerca de 6 millones de dólares en una primera etapa, y de ser necesaria la continuación de las obras las apoyaría con una cantidad adicional en el entorno de los 13 millones de dólares.

■ TREINTA MILLONES DE DOLARES EN PRESTAMOS

Entre 1985 y 1987, la cooperación financiera de Taiwan sumó 30 millones de dólares en préstamos y más de 6 en donaciones en distitas áreas, que a continuación se detallan.

Concepto	Monto
COOPERACION FINANCIERA	
En BROU - New York, sin restricciones de uso	U$S 10.000.000
En BROU - New York, Financiación de Soja	U$S 7.000.000
Financiación Proyectos por B.I.D.	U$S 13.000.000
COOPERACION TECNICO - AGRICOLA	
Erradicación de Aftosa - Donación (1986)	U$S 500.000
Erradicación de Aftosa - Donación (1987)	U$S 100.000
Equipos Lab. Investigación Soja	U$S 300.000
Equipos Lab. en Control Cuarentena [illegible]	U$S 75.000
Silos y Secadoras en distintos Dptos. (Donación/86)	U$S 3.000.000
Silos y Secadoras en Distintos Dptos. (Donación/87)	U$S 1.500.000
Donación para Unidades Experimentales Demostrativas: Comunicación, Audiovisual, Equipos Computación	U$S 270.000
Donación para construcción de Invernáculos, adquisición de Fitotrones	U$S 100.000
Programa de cultivo de Maíz a partir de Set./86: donación centrífugas de alta velocidad	U$S 50.000
COOPERACION EN ACUICULTURA	
Desarrollo cría de Camarones: donación primer. Lab. Piscilutura (1986)	U$S 110.000
donación segundo Lab. Piscicultura (1987)	U$S 150.000
COOPERACION INDUSTRIAL	
Estudio para reactivación de ARINSA: donación equipos computadores para Banco de datos de la Dirección Nacional de Industrias	U$S 30.000
Comisiones de Cooperación Industrial Bilaterales	
COOPERACION EN ZONAS FRANCAS	
Proyección de zonas francas: 2 becas a funcionarios (Donación)	
Donación para obras de infraestructura	U$S 300.000
Donación de computadoras	U$S 20.000
COOPERACION DEPORTIVA	
Donación equipos depotivos C.N.E.F.	U$S 40.000
Donación equipos a Federaciónes Deportivas	U$S 30.000

No se tienen en cuenta, en este resumen, los distintos convenios suscritos entre empresas de ambos países por comercialización de harina de pescado, cueros, frazadas, etc.

■ IMPLANTARIAN ZONAS INDUSTRIALES

Surge, por otra parte, de la información recibida por EL PAIS, que el gobierno de Taiwan, de acuerdo a su expereincia y éxitos logrados, está dispuesto a implantar en el Uruguay modelos de Zonas Industriales, proporcionando el financiamiento necesario. En el corto plazo, plantearían traer la inversión de fábricas textiles, eléctricas y de zapatos, así como la instalación de una fábrica de repuestos para automóviles que significa, en el total del proyecto, una millonaria inversión en dólares.

Además de la financiación de obras de infraestructura en zonas francas y parques industriales, el gobierno chino podría considerar el otorgamiento prioritario a nuevos planes de financiación por intermedio del BID para otras obras de ingeniería, como ya lo hizo el año pasado por valor de 13 millones de dólares.

En el marco de la cooperación en preparados de carne que se adquirían a nuestro país, Taiwan proyecta el envío de un técnico en la materia, a fin de que supervise la adaptación de recetas adecuadas y condimentos necesarios para consumidores chinos.

■ PRIORIDAD URUGUAYA EN FONDO PARA DESARROLLO

Finalmente, el gobierno chino está considerando la creación de un Fondo para el Desarrollo de la Cooperación Económica con Ultramar, cuyo monto inicial será de 500 millones en cinco años. Cabe destacar que los países con los cuales se mantienen relaciones diplomáticas oficiales tendrán prioridad en esta cooperación, y al respecto, Uruguay podrá ser considerado de manera prioritaria, con ayuda inmediata. Taiwan, según trascendió, espera la respuesta de las autoridades uruguayas para concretar.

También trascendió que si bien abundan los ejemplos de ayuda por parte de la República de China a nuestro país, no es menos cierto que lo mismo ocurre con los casos de incumplimiento por parte de China Continental, en lo que se refiere —en casos concretos— a convenios celebrados con Canadá, Alemania Occidental, Estados Unidos, España y Japón.

Una explicación podría encontrarse en las diferencias que registran cifras comparativas. Mientras la reserva de divisas de Taiwan asciende a 69.000 millones de dólares, la de China Continental sólo alcanza a 10.000 millones. Mientras la deuda externa de Taiwan suma 2.000 millones de dólares, la de China Continental es de 20.600 millones.

En lo que se refiere al total del comercio exterior, las cifras para 1986 indican que el de Taiwan ascendió a 64.000 millones de dólares con más de 15.000 millones de superávit en la balanza de pagos. El de China Continental fue de 74.000 millones de dólares, pero con un déficit superior a los 12.000 millones.

Las diferencias señaladas adquieren más relieve si se tiene en cuenta que el territorio de China Continental ocupa 9:561.000 kilómetros cuadrados, mientras la superficie de Taiwan es de 35.988 kilómetros cuadrados. Menos de la quinta parte del Uruguay.

Flexibilización de Taipei en su política externa

La disposición del gobierno de Taiwan a mantener sus relaciones diplomáticas con Uruguay aun en el caso que se establezcan relaciones con China Popular, informada ayer en forma exclusiva por EL DIA, implica la flexibilización de los criterios sustentados en materia de política internacional desde que el Partido Nacionalista (Kuomintang) constituyó a Taipei en la capital de China, en diciembre de 1949.

Este cambio fundamental de orientación se produce en momentos en que el gobierno de Taipei mantiene relaciones con un total de 23 países en el mundo, cuatro de ellos en América Latina: Costa Rica, Panamá, Paraguay y Uruguay.

El proceso de aislamiento —también extenso en los otros continentes— se aceleró a partir de 1971, cuando la lucha diplomática paralela entre los dos gobiernos por obtener el reconocimiento exclusivo por parte de las distintas naciones, tuvo un vuelco decisivo con el reconocimiento de la Asamblea General de las Naciones Unidas a la República Popular China como "el único representante legítimo de China", el 25 de octubre de ese año.

Entre el 21 el 28 de febrero de 1972, el entonces presidente norteamericano realizó una histórica visita a Pekín, estableciendo en el comunicado conjunto final que "Taiwan es parte de China y los EE.UU. no desafían esa posición".

El Día 3-12-1987

01-01

8712557

EL PAIS — Domingo 13 de Diciembre de 1987

Pekín Intenta Aplicar Violencia Moral Contra Uruguay, Dijo Jude

"Se pretende que Uruguay, no por decisión soberana, no por existencia de causales propias, no por el libre albedrío de su conciencia, sino por el imperio, por mandato y por orden de Pekín, rompa con Taiwan", afirmó el senador Raumar Jude (Unión Colorada y Batllista) en una exposición que efectuó en la Cámara de Senadores sobre las relaciones diplomáticas con la República de China.

"Pekín pretende que este país reniegue y abjure de su historia, que se olvide de sus tradiciones. Pekín pretende que el país pierda su principismo por imperio de su prepotencia imperialista, ejerciendo una violencia moral propia de la filosofía maoísta", enfatizó, como paso previo a manifestar que "Uruguay, por la esencia misma de su historia, nunca podrá renegar del principio, bajo cuyo palio se transforma en país libre e independiente: el principio de autodeterminación de los pueblos. La invocación y el ejercicio de este principio fueron el marco legal de la Convención Preliminar de Paz de 1828, donde surge Uruguay como país libre e independiente de todo tipo de reivindicación territorial de Argentina y Brasil".

Añadió que "resulta obvio que el sentido de autodeterminación de los pueblos tiene un sentido mucho más cabal y legítimo en Taiwan que en Pekín. Taiwan es un país libre y democrático; Pekín es un régimen totalitario, ayer invariablemente-unido a la dictadura moscovita, hoy prodigando su apoyo irrestricto a movimientos guerrilleros esparcidos en el mundo, desestabilizadores de gobiernos libres, y violentando en toda su expresión a la libre determinación de los pueblos. Como ejemplo: en América existe su estigma, que lo constituye el atroz testimonio se Sendero Luminoso en Perú".

CONVENIOS INCUMPLIDOS

Jude también abordó aspectos de la relación comercial con China Comunista. Sostuvo que "el intercambio refiere a una mínima diversificación de productos importados, fundamentalmente lanas y cueros uruguayos, y desde el año 1981 llevan fundamentalmente tops". Pero, advirtió que existe la posibilidad a mediano plazo que Pekín monte su propia industria topista y que se trata de un producto que no presenta dificultades serias de colocación en el mercado internacional.

Agregó que "en materia de carnes sólo se han realizado importaciones mínimas por Pekín, y ello es lógico, pues no es costumbre la dieta con carnes rojas. Tampoco consumen manteca ni queso, por lo cual la exportación de nuestros lácteos resultaría de difícil concreción".

Jude manifestó que si Uruguay rompe relaciones con la República de China, el régimen de Pekín estaría dispuesto a compensar el monto de exportaciones que se realiza a aquélla.

"Esta propuesta es absolutamente inmoral e inaceptable por sí misma", advirtió, antes de enumerar una serie de incumplimientos y fracasos de convenios comerciales entre China Comunista, Bolivia, Canadá y España.

"Nuestro intercambio con Taiwan ofrece ventajas ciertas. Todas nuestras exportaciones, con excepción de la harina de pescado, obtienen un precio superior al competitivo internacional", dijo Jude.

NO SOLO ECONOMIA

"Otra característica importantísima es la diversificación del mercado. A diferencia de Pekín, Taiwan importa cueros, trigo, sorgo, harina de pescado, mantas y frazadas, tops, etc.

Existen también con Taiwan cooperaciones e inversiones en el área de la pesca, en la utilización del Puerto de Montevideo por la flota de ultramar china que opera en el Atlántico. Existen proyecciones futuras como lo es la financiación de ampliaciones portuarias con una aportación en dos etapas de más de 18 millones de dólares. Obras de infraestructura en zonas francas. Ayuda a través del BID y de un fondo chino para la cooperación económica con ultramar por 500 millones de dólares y en el que Uruguay podría tener prioridad.

Por último, referiríamos un producto que puede muy bien servir de ejemplo de lo que son y serán nuestras relaciones con Taiwan: el ejemplo de la soja, que de acuerdo con lo expresado por el embajador chino en su visita a Treinta y Tres, se prevé un intercambio que asegura una producción en aumento y se fija como meta una exportación para Taiwan en 1990 de 280.000 toneladas.

En un terreno hipotético, si supusiéramos que Uruguay no tuviera relaciones, ni diplomáticas ni comerciales, ni con Pekín ni con Taiwan, y tuviera que optar por una de ellas por razones estrictamente económicas las ventajas que le ofrece Taiwan son infinitamente más importantes que las de Pekín.

Pero, no es esto de lo que se trata; no se trata de ventajas o desventajas económicas.

La economía es importante, pero nunca lo suficiente como para condicionar conductas morales e hipotecar principios políticos y éticos. Este tipo de evaluación de conducta es lo que ha permitido a lo largo de la historia que Uruguay, a pesar de su intrascendencia económica a nivel mundial, siempre fuera considerado, no obstante ello, un país enjundioso y pródigo en materia de derecho internacional".

CARP. Nº 033

033/2 REPÚBLICA POPULAR CHINA

PEKIN

ENTRE LOS Nºs

8700067 - 8706543

EL PAÍS 3/9/86

RPCA

033

CHINA COMUNISTA PRESIONA DURAMENTE (I)

"Le digo que estoy vivamente impresionado por la presión que ejerce China comunista para el restablecimiento de relaciones diplomáticas", comentó un observador político al Duende cuando caminaba ayer por el "lobby" del Victoria Plaza.

—¿No me diga que apura al Gobierno uruguayo?, preguntó uno de los que normalmente integra la peña de "La Trastienda".

—Mire, no sé si lo pone entre la espada y la pared, pero que emplea términos de coacción, los emplea.

—¿No me diga? Cuente, cuente.

—Bueno, ayer le señalé que la misión que conversó sobre la compra de "lana peinada", condicionó el negocio al reconocimiento de China Roja.

—Lo recuerdo perfectamente, pero la cosa se puso más dura al mediodía cuando formuló declaraciones Sen Tao, miembro del Comité Permanente de la Asamblea Popular Nacional que desde ayer visita Montevideo.

—No estoy enterado, por favor déme detalles.

—Mire, el hombre en cuestión señaló textualmente: "Un país que quiera establecer relaciones diplomáticas con mi nación, tendrá necesariamente que romper relaciones diplomáticas con Taiwan. Mi país no permite que existan dos Chinas. Las relaciones comerciales serán consideradas con las autoridades de Uruguay, pero ello no constituye el motivo de nuestra visita, ya que fuimos invitados por el Parlamento Uruguayo".

—¡Oh, la, la, que presiona don Sen Tao. Parece que estuviera "parao" y no "sentao" sobre los pedales.

—Le digo que es una declaración bastante intimidatoria para un país que mantiene relaciones comerciales y que en algún sector del Gobierno hay interés para establecer relaciones.

—Pero no hay duda que sonríen comercialmente, siempre que atrás venga la ruptura con Taiwan y el reconocimiento diplomático.

—¿Qué le parece?

—Y que aquí sí que cabe la frase con "el cuchillo bajo el poncho".

033
R Pol

EL PAÍS 3/9/86

LA OTRA CARA DE LAS CHINAS (II)

El hombre que se encontraba en el "lobby" del Victoria mirab[illegible] para un lado y veía un chino, miraba para el opuesto y observava otro chino". ¿Qué pasa acá?, ¿Invasión?, se planteó las interrogantes con verdadero asombro. Y la verdad es que por el ascensor, por las escaleras aparecían orientales elegantemente vestidos.

—No se alarme, es que justo hoy coincidieron en el Hotel Victoria Plaza las dos delegaciones: la que anunciamos ayer, la Comercial de Taiwan y la de China Roja invitada por el Parlamento Uruguayo, cuyo presidente formuló las detonantes declaraciones de "comercio con relaciones o nada".

—¡Con razón! Entonces era una de entrar y salir chinos que todo parecía s[illegible]do de la película "Chinatown".

—Tiene razón. Más le digo para los cabalistas que los de Taiwan están en el cuarto 1409 y los rojos en el 1309, uno arriba del otro.

—¿Qué le parece?

—Que no me extraña. Mas, le señaló que hubo cierto malestar de los de China Nacionalista donde vieron a los del continente colocar una ofrenda floral en el monumento a Artigas con la bandera de la República Popular.

—¡Justo! le puedo decir que un alto funcionario de la Embajada de Taiwan, me dijeron que podría ser el propio embajador, se entrevistó con el subsecretario Embajador Alberto Rodríguez Nin.

—Bué... esto ultima noticia es más bien anecdótica, pero la anterior es para poner "las barbas en remojo". No hay duda que presionan los Chinos rojos. ¿Qué opina la Cancillería?

—Le puedo decir lo que me dijo un alto funcionario: "No ha habido decisión de cambio del status actual".

PARTES ILEGIBLE

01-01

0700068

037

RPCH

POR EL MUNDO

★ COREA DEL SUR: VIOLENTA REPRESION IMPIDE MANIFESTACION

Seúl, 29 de nov. (DPA). — Una manifestación masiva contra el régimen surcoreano fue impedida ayer en Seúl por nutridos efectivos policiacos.

Unos 70 000 números, con cascos, escudos, porras y caretas-antigas, interceptaron los accesos a la capital e hicieron imposible la concentración del millón de manifestantes convocados.

Casi 250 dirigentes y activistas opositores quedaron el viernes en arresto domiciliano, entre ellos Kim Dae Jung, que encabeza extraoficialmente la oposición, y los manifestantes detenidos pasan de 600, indicaron en círculos de la oposición.

El "Nuevo Partido Democrático de Corea", el más importante de la oposición en Corea del Sur, había [illegible] la manifestación para mostrar su respaldo popular con vistas a una reforma constitucional en la que el jefe del estado sería designado directamente por el censo electoral.

★ CHILE: CONDENAN A MUERTE A TRES MIEMBROS DEL MIR

Santiago [illegible] juez militar de Chile con[illegible] personas acusadas de haber [illegible] de Santiago, el general [illegible] Carol Urzua, el 30 de agosto de 1983.

[illegible] juez militar Samuel Rojas afecta a [illegible], Jorge Palma Donoso y Carlos Araneda [illegible], sindicados de pertenecer al proscrito Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), quienes se encuentran recluidos en un establecimiento carcelario de esta capital.

★ ARMAS CHINAS A TAILANDIA CONTRA VIETNAM Y KAMPUCHEA

Pekín, (PL). — Un número indeterminado de tanques arribará en breve a Tailandia como obsequio del gobierno chino, que meses atrás regaló a sus vecinos sureños una cantidad considerable de cañones de 130 milímetros.

La información, revelada por la revista hongkonesa Far Eastern Economic Review, sigue a la reciente visita oficial del canciller Tai Siddhi Savetsila a China para nuevas coordinaciones de acciones contra Vietnam y Kampuchea y muy amenazantes declaraciones del primer ministro pekinés Zhao Ziyang contra Hanoi en la frontera común.

Durante la visita de Siddhi, las máximas autoridades chinas le ratificaron completo apoyo político y militar a Tailandia al igual que a las fuerzas antigubernamentales kampucheanas y al mismo tiempo amenazaron a Vietnam que seguirán en adelante presionándole militarmente en la frontera, como hasta ahora.

PA

PAJ

La Hora 30/11/86

PARTES ILEGIBLE

RCH 033

La concurrencia a las urnas fue masiva

La oposición triunfa en dos ciudades de Taiwan

LA MAÑANA 07/12/86

El primer partido de oposición organizado en Taiwan logró un impresionante comienzo en las elecciones nacionales de ayer, reclamando la victoria en las dos ciudades más grandes de la isla.

TAIPEI, Taiwan (ANSA y UPI).- Con todos los votos contabilizados en Taipei y en el puerto sureño de Kaohsiung, siete de los 10 candidatos del opositor Partido Democrático Progresista ganaron asientos en la Asamblea Nacional y en la Cámara legislativa, informó la Comisión Central Electoral.

Al menos otros dos prominentes candidatos opositores, incluyendo al hermano de un exiliado dirigente disidente, Hsu Hsin-liang, quien no pudo regresar a casa para las elecciones, estaban consiguiendo mayorías en los distritos de Taoyuan y del condado de Taipei.

Un total de 157 asientos en los dos cuerpos legislativos fueron disputados en todo el país por 306 candidatos, 44 de ellos demócratas progresistas. Los primeros resultados solo estuvieron disponibles en Taipei y Kaohsiung.

En la elección de ayer, el PDP capturó alrededor del 30 por ciento de la votación en Taipei y Kaohsiung, pero fuentes del Gobierno pronosticaron que las cifras caerían a menos del 20 por ciento una vez que se conocieran los cómputos de todo el país.

La agencia central de noticias de Taipei dijo que los votantes fueron muchos más que los registrados en las elecciones legislativas de hace tres años.

Las 9.818 mesas electorales de la isla funcionaron entre las ocho de la mañana y las cinco de la tarde.

SOLO INCIDENTES MENORES

La Policía y las autoridades electorales dijeron que la votación fue pacífica en toda la isla, con algunos incidentes menores, pero sin importancia.

La radio oficial dijo que el Presidente Chiang Ching-kuo y su esposa votaron apenas se abrieron las mesas electorales.

Los analistas políticos estimaron que era posible que acudieran más del 66,43 por ciento de los 11,8 millones de votantes de Taiwan, en una marca establecida en las elecciones legislativas de 1980.

El PDP ha pedido la "autodeterminación" para los 19 millones de habitantes de Taiwan, lo que le dio interés a las elecciones.

Se trata del primer grupo opositor que desafía el mando del gobernante Partido Nacionalista. Los taiwaneses nativos conforman el 86 por ciento de la población y no comparten el fervor de los nacionalistas para una reunificación con China continental.

Los nacionalistas gobiernan Taiwan bajo la ley marcial, desde que dos millones de seguidores del general Chiang Kai-shek se refugiaran en la isla en 1949, cuando los comunistas lograron el control de China.

Aunque el PDP es técnicamente ilegal, Taipei anunció en octubre que la ley marcial se levantará el próximo año y no ha prohibido al nuevo grupo.

El Gobierno nacionalista, como Pekín, considera a Taiwan una provincia de China y condena como sedicioso cualquier llamado independentista. Pekín ha advertido que atacará a Taiwan si ésta declara su independencia.

01-01 (sorte)

RPCH

033

China plantea exigencias para reconocer al Vaticano

PEKIN, 29 (UPI y EFE).— La Iglesia Católica de China, autorizada por el gobierno, aprobó hoy un estatuto que aboga por el socialismo como la única solución para "salvar" a ese país, y advirtió al Vaticano que no interfiera en sus asuntos, según informó en Pekín la agencia noticiosa oficial Xinhua.

El vicepresidente de la Asociación Patriótica Católica, obispo Tu Shihua, al hablar en esta ciudad durante la sesión de clausura del cuarto Sínodo de la organización, describió como "absolutamente correcto" el principio de la independencia y autogobierno de la Iglesia china, indicó la agencia.

Pekín no reconoce al Vaticano, del cual la Iglesia china se escindió en 1957, tras proclamar que Roma no tenía derecho a dictaminar sobre los asuntos religiosos de un Estado soberano.

El documento revisado reclamó que para poder mantener buenas relaciones con la autoridad papal, "el Vaticano debe romper relaciones con Taiwan, reconocer a la República Popular China" como el único gobierno legal, "y dejar de interferir en los asuntos internos" chinos, según dijo al congreso el integrante del Politburó del Partido Comunista, Xi Zhongxun.

El cónclave también aprobó una resolución según la cual "los asuntos de la Iglesia Católica en China deben ser manejados por el clero y los laicos chinos, a la luz de las condiciones de China en el presente y en el futuro."

Advertencia a los católicos

En una clara referencia al Vaticano, Xi Zhongxun expresó: "El gobierno chino apoya a nuestros amigos de círculos religiosos para que aumenten sus contactos con otros países, pero no permitiremos a ninguna organización religiosa o individuo que interfiera en los asuntos religiosos de nuestro país, y que gobierne nuestras iglesias."

La grave acusación fue más explícita aún al continuar diciendo el dirigente: "El Vaticano debe cesar su política de interferencia en los asuntos internos de China."

Estas palabras, dichas ante una reunión de 200 jerarcas católicos, fueron interpretadas por los observadores occidentales como una seria advertencia a los católicos que desean mantener, o mantienen, contactos extraoficiales con la jerarquía vaticana.

En China hay unos 10 millones de cristianos, de los cuales la tercera parte son católicos. En los últimos seis años se han abierto o reconstruido unas 1.900 iglesias de culto católico, así como diversos seminarios y conventos. Igualmente, entre 1982 y 1985 fueron consagrados una veintena de obispos.

La Iglesia Católica Patriótica de China depende, por su parte, de una entidad estatal dentro de la organización del Partido Comunista Chino, y reivindica el no mantenimiento de relaciones con el Vaticano. Pero muchos fieles y sacerdotes exigen esta relación con Roma y someterse a la guía y autoridad del Papa, algo inherente —afirman— a la condición de católico.

CLARIN 30/11/86

POCO LEGIBLE

033

RPCH

El Diario 9/27/86

China busca aumentar los lazos militares con mundo occidental

PEKIN. — El ministro de Defensa de China, Zhang Aiping, pidió una cooperación militar más estrecha con Estados Unidos, Gran Bretaña y otras "naciones amigas", reveló ayer el periódico oficial "China Daily".

Zhang dijo a un oficial británico, que está de visita, que aunque para China el criterio básico es mantener su autonomía defensiva, Pekín quiere fortalecer sus lazos militares con otros países.

"El intercambio de tecnología defensiva y de personal militar será intensificado con todos los países amigos, entre ellos Estados Unidos y Gran Bretaña", dijo el periódico, citando declaraciones de Zhang en charlas con el mariscal de campo Edwin Bramall, ex jefe de comando británico.

Zhang dijo que China ha descartado el punto de vista de Mao Tse Tung, en sentido que es inevitable una guerra mundial.

"Por ello, el país ha modificado sus alertas de guerra, con excepción de algunas fronteras importantes y áreas que potencialmente pueden ser agredidas, como la frontera chino-soviética", acotó la autoridad militar china.

China y Vietnam han denunciado varias escaramuzas a lo largo de su frontera común, luego de una guerra que durante un mes sostuvieron en 1979, poco después que Hanoi enviara tropas a Camboya para expulsar al régimen del Khmer Rojo, respaldado por Pekín.

Se estima que en su frontera norte con Unión Soviética, China tiene un millón de soldados desplazados, donde Moscú por su lado tiene 53 divisiones.

8700090

01-01

RPCH

033

China, pionera de la piscicultura

16/10/86 La Nación

Por Rob Pease

BOSTON (The Christian Science Monitor). - "Cuando mis peces salen a la superficie, jadeantes, arrojo una cantidad de sal a la laguna de agua dulce", explicó un campesino chino, que se dedicaba a la piscicultura, a un grupo de asesores de la FAO. Algunos de éstos se rieron de él y los funcionarios chinos se sintieron molestos. Sin embargo, los cálculos posteriores demostraron que la sal ayudaba realmente a oxigenar el agua, y actuaba sobre los desperdicios de los peces.

"¿Quién sabe desde cuándo hacen esto? ¿Mil... dos mil años? Quizá ya han probado todos los demás métodos. Ese hombre, un analfabeto, sabía que el suyo daba resultado aun sin comprender el porqué", comentó Ron Zweig, experto en planificación computada de sistemas de acuacultura (*) y miembro del equipo de la FAO.

En la actualidad, China provee el 25 % de la producción pesquera mundial; el 60 % de su producción proviene de un sistema de lagunas de agua dulce sumamente integrado.

Según cuenta la leyenda, la cría de peces en China se remonta a tres milenios, más exactamente a la época en que el emperador Li prohibió el consumo de una variedad de carpa común denominada, precisamente, "li".

Un refugiado resolvió prontamente el problema que planteaba la veda, e ideó un método económico que permitía criar diversas variedades de carpa en una sola laguna. Algunas se alimentaban de residuos vegetales que flotaban en la superficie; otras, de algas profundas; las demás, en fin, extraían su alimento del fondo de la laguna.

Con el tiempo, el sistema se integró más estrechamente a la producción agroganadera, de manera bastante similar a como lo hacen los ecosistemas naturales: el desecho que deja cada componente "revive" en forma de alimento o fertilizante de otro.

Lo que más interesa a Zweig es la estrecha integración del sistema: "Si arrojo un átomo de nitrógeno a la laguna como alimento, un pez lo consume, de él pasa nuevamente al agua y, al regar con ella los cultivos, enriquezco la tierra. Luego, los residuos vegetales retornan a la laguna como alimento".

Y añade: "Por eso me consagro por entero al estudio de estas estructuras de recuperación de recursos. El concepto de los sistemas globales es decisivo para su mantenimiento por períodos prolongados".

Lleva 15 años estudiando estos sistemas. Ultimamente ha trabajado en el Instituto de la Nueva Alquimia, de Cape Cod, entidad especializada en la búsqueda de métodos alternativos para producir energía y alimentos.

Zweig fue uno de los primeros científicos occidentales que visitaron a China, y aprovechó el acercamiento a Occidente iniciado por Deng Xiaoping en la década del 70. Allí vio practicar la piscicultura en una escala que, hasta entonces, sólo había existido en su imaginación.

Finanzas vs. nutrición

En su segundo viaje de asesoramiento, Zweig se dirigió a Guangdong. Los chinos pensaban dedicar 7284 hectáreas a la cría de peces. Era el proyecto más grandioso que se había trazado hasta entonces y el primero que requería la obtención de préstamos internacionales.

El gobierno chino necesitaba tractores para acelerar las obras y la FAO envió a Zweig en calidad de analista económico. Los nuevos criaderos de peces darían trabajo a decenas de miles de personas y alimentarían a varios millones. No obstante, el proyecto, tal como había sido propuesto, dejaría una utilidad inferior al 1 %; este índice, excesivamente bajo, desalentaba la concesión de préstamos.

Por un tiempo, Zweig quedó atrapado entre las exigencias de las finanzas occidentales y los intereses chinos en materia de trabajo y alimentación. Analizó más a fondo el problema y se le ocurrió una modificación que aumentaría el margen de utilidad a un 25 o 30 por ciento.

Si en los terraplenes de las lagunas se plantaba pasto común en vez de caña de azúcar se obtendría más alimento para los peces al sumarse la hierba a las algas. China consiguió el préstamo.

En estos momentos, Zweig se encuentra nuevamente en China, en su tercera misión importante encomendada por la FAO: un estudio de campo del potencial que ofrecería la piscicultura en 23 distritos.

En los intervalos entre sus viajes al exterior, Zweig dirige el grupo Ecologic, una institución sin fines de lucro fundada por él. Trabaja en colaboración con su esposa, Christina Rawley, quien perteneció durante mucho tiempo a la comisión directiva del Instituto de la Nueva Alquimia y actualmente prepara su doctorado en Harvard.

"El grado de atención que se presta a los sistemas acuáticos constituye una diferencia fundamental entre Oriente y Occidente -señala Rawley-. Los occidentales no se interesan por ellos, porque poseen tierras en abundancia."

Ecologic intenta fomentar en los Estados Unidos la aplicación, en pequeña escala, de los métodos eficientes y ecológicamente sanos que el matrimonio Zweig ha visto practicar tan extensamente en China.

Los datos recogidos por Zweig indican que la cría de peces en lagunas y el cultivo hidropónico de plantas (para el que se emplea una solución nutritiva, en vez de tierra) son económicamente factibles. Sin embargo, resulta difícil fundar este tipo de empresas.

Con todo, la acuacultura ha logrado algunos progresos en el frente educacional: las instituciones de crédito internacionales van habituándose gradualmente a los métodos de producción locales, que absorben una mano de obra numerosa, y, en un informe, la Fundación Carnegie ha recomendado la acuacultura como una importante materia de enseñanza.

Zweig también ha tenido halagos personales: en 1987 dictará un curso en la Institución Oceanográfica Woods Hole, al que asistirán 30 analistas políticos de diferentes países.

(Traducción de Zoraida J. Valcarcel)

(*) Disciplina que abarca la piscicultura propiamente dicha, la mitilicultura, ostricultura y los cultivos acuáticos en general, ya sea en el mar, lagunas de agua dulce o estanques instalados en recintos cerrados.

01 - 01

8700093

033

22.09.86 1-2

RPCH

Bolsa abre na China com filas para comprar ações

Pequim — A primeira bolsa de valores a ser aberta na China desde 1949 está funcionando em Xangai desde sexta-feira. A novidade de mais essa ousada investida das autoridades chinesas contra a ortodoxia marxista, para arregimentar capitais extremamente necessários e reformar o atrasado sistema financeiro do país, levou os interessados a formar filas durante pelo menos três horas e a negociar papéis no equivalente a 26 mil dólares, segundo o jornal Wen Hui Bao.

Um detalhado artigo publicado por Tong Dalin, eminente economista do regime, no *Diário do Povo*, no início do mês, forneceu toda a justificação ideológica e pragmática de que a empreitada necessitava. "Na China", dizia ele, "as ações vêm há muito sendo consideradas uma característica do capitalismo, e os dividendos são condenados como sinal de exploração do trabalho humano. Preocupa os chineses a possibilidade de que o mercado de ações crie uma classe que viva de lucros, e não se de seu próprio trabalho."

Esta é uma visão incorreta, pondera o artigo, acrescentando: "Para os indivíduos que compram ações, seus dividendos não constituem uma forma de exploração dos empregados, mas recompensa por apoiarem a construção econômica do país." Tong Dalin argumenta ainda que uma empresa que emite ações torna-se uma entidade independente, mais eficientemente administrável por não sofrer interferência direta do Estado. E pondera que a emissão de ações mobiliza capitais ociosos e os dirige para as utilizações mais eficientes, já que as melhores empresas atrairão mais capitais.

Já segundo Wen Hui Bao, as duas principais vantagens do mercado de valores são: desviar o dinheiro dos gastos de consumo para a produção; e pressionar a administração das empresas emissoras de papéis, no sentido de terem um melhor desemoenho produtivo. E o jornal cita o presidente de uma das empresas cujas ações estão à venda: "A venda demonstra que os compradores têm grande confiança no futuro de nossa empresa. Mas a competição torna-se cada vez mais intensa, de modo que certamente deveremos fazer melhor uso deste capital".

Mais de 1 mil 400 empresas de Xangai, o principal centro industrial da China, emitiram títulos e ações avaliados em mais de 225 milhões de yuans (ou 61 milhões de dólares) desde o início do ano passado. E por toda a China são milhares as que fizeram o mesmo para obter capitais muito necessários, mas que os bancos não podem fornecer. A imprensa oficial informou no mês passado que empresas estatais também venderam ações a seus empregados pela primeira vez, em três fábricas de Cantão, e que outras fariam o mesmo, já que aumentou sua produtividade e eficiência.

A emissão de ações é mais uma mudança radical das que vêm ocorrendo no sistema financeiro chinês nos últimos três anos. A China contava com apenas dois bancos até 1984, ano em que transformou um deles em banco central, que hoje supervisiona as atividades de cinco bancos especializados e dezenas de outras instituições financeiras nas províncias.

Em agosto, Lai Hongru, vice-presidente do Banco Central, disse que o velho sistema de financiar tudo através dos bancos já não é viável. Segundo ele, a China precisa dispor de outros meios de levantar capitais, pois por muito tempo os bancos não terão fundos suficientes para atender à demanda.

PC aprova o "socialismo humano"

Pequim — O Comitê Central do Partido Comunista da China aprovou um longo documento, com 10 mil caracteres, contendo as novas diretrizes para o desenvolvimento de um "socialismo humano" no país de um bilhão de habitantes. O texto, aprovado na 6ª sessão plenária, reafirma a política de portas abertas ao exterior e define a adaptação do marxismo às condições da China atual.

"A edificação de uma sociedade socialista com cultura e ideologia avançada deve ser capaz de promover a modernização da China e abertura ao mundo exterior", diz o texto divulgado logo após pela agência oficial de notícias Nova China.

Ao mesmo tempo em que lembrava que essas reformas permitirão à população da China "participar, em maior número que agora, dos processos de opinião e decisão", o documento pede por uma maior moralidade pública para elevar "os critérios ideológicos e éticos da nação". Respondendo a críticos conservadores que afirmam a política de portas abertas de corromper o país, o texto diz que "a história moderna do mundo mostra que nenhum país pode progredir se se nega a aceitar os elementos de avanço da ciência e cultura exteriores".

Segundo diplomatas ocidentais em Pequim, o documento invalida essa campanha de "contaminação ideológica" lançada em 1983 contra influências ocidentais. Outro diplomata lembrou que as diretrizes querem prevenir os jovens para que não sobreponham o desejo da riqueza aos ideais marxistas.

Com o aval dos cinco principais líderes do país — a começar pelo homem forte do regime, Deng Xiaoping —, os 325 delegados e membros do partido decidiram convocar reformas no sistema de liderança a partir do próximo congresso, em outubro de 1987, no qual profundas substituições na cúpula do poder deverão acontecer. O objetivo, segundo diplomatas, é o de rejuvenescer o partido com uma nova geração. O próprio Deng, de 82 anos, disse que gostaria de se retirar nessa oportunidade.

033

RPCh

Pekín: plan de reforma del dominio estatal

PEKIN, (UPI) — Los economistas chinos han propuesto un plan en varias fases para terminar la propiedad estatal de varias empresas en favor de la administración individual o colectiva, al urgir más estudios del funcionamiento del capitalismo, dijo ayer el periódico Diario del Pueblo.

Las empresas fiscales reaccionan muy lentamente a la actividad del mercado y por ello debe reformarse el sistema de propiedad pública, dijo el periódico, citando opiniones de varios economistas chinos.

"El camino hacia una economía socialista requiere una adecuada estructura de propiedad, y por ello una de las reformas económicas más importantes es modificar la propiedad estatal", señalaron los economistas, en una reciente sesión sobre teoría de la producción de bienes.

También urgieron la venta a individuos o colectividades de las varias pequeñas empresas públicas del país, además de la emisión de valores para las empresas de la nación, a fin de elevar el interés de los trabajadores en la producción.

La propuesta es una de las más ambiciosas que se hacen en China, dentro de su plan para reactivar las empresas estatales. La propiedad estatal de los medios de producción es considerada uno de los pilares de la economía socialista.

El Día 040986

01-01 8700095

RPCH

033

La Nación 29/9/86

Reafirman en China la política de apertura

PEKIN, 28 (Reuter). - El Partido Comunista que gobierna China aprobó hoy una extensa resolución reafirmando su política de apertura y haciendo un llamado para incrementar la moralidad pública. Estableció también que aún se puede aprender mucho de los países capitalistas, aunque subrayó la supremacía del marxismo.

La agencia noticiosa Nueva China informó que la resolución fue aprobada hoy en la VI Reunión Plenaria del XI Comité Central del Partido, presidida por los cinco jefes más importante.

La agencia citó la resolución de 10.000 caracteres estableciendo que la política aperturista, tanto en la faz ideológica como en términos económicos, era una "política estatal básica e inalterable".

Esta política, que finalizó con el aislamiento de China destacando el pragmatismo sobre la pureza ideológica y las reformas económicas asociadas con ellas han llevado a partir de 1979 a disparidades en los ingresos por primera vez desde 1949. Estas desigualdades son defendidas en la resolución.

"No deberíamos condenar las diferencias justificables en los ingresos... China debe incentivar a parte de su pueblo a ser más próspera en principio, antes que el objetivo de prosperidad común sea alcanzado", expresa.

El documento también hace un llamado para el mejoramiento de las éticas profesionales y condena el abuso del poder para provecho personal, defraudaciones y extorsiones. Tales malas prácticas aparecieron bajo la política aperturista.

La resolución establece que China debe esforzarse en adquirir avances científicos, tecnología y conocimientos de otros países, incluidas las naciones capitalistas más avanzadas.

Además, pidió reformas y mejoras en el partido y en el sistema de liderazgo estatal, así como también del "sistema legal socialista".

Reafirmó la principal importancia del marxismo-leninismo y del pensamiento de Mao Tse-tung. "China va a modernizarse y construir una sociedad socialista ideológicamente avanzada".

Un diplomático occidental dijo que la resolución trasuntaba preocupación entre los jerarcas de que el pueblo, especialmente los jóvenes, no deben olvidar los ideales marxistas en el vértigo por llegar a ricos.

Manifiesta también que el liderazgo caminaba por un delgado límite entre la embestida de la reforma económica y la necesidad de conservar las cualidades básicas del sistema socialista de China.

El plenario también decidió celebrar el XII Congreso Nacional del Partido en octubre de 1987, período durante el cual se esperan cambios de mayor envergadura en el liderazgo por el poder entregado a una nueva generación.

Deng, que se ubicó en el centro de los cinco hombres que presidieron la reunión de hoy, dijo a comienzos de este mes que deseaba retirarse para el Congreso de 1987 pero que sus colegas se habían opuesto.

033

RPEA

Reformarán economía china

Las ambiciosas reformas del líder Deng Xiaoping para descentralizar el sistema económico de su país están provocando una gran cantidad de controversias entre los economistas chinos, dijo hoy la agencia noticiosa Xinhua. Varios economistas han recomendado que China adopte los puntos "fuertes" de la planificación central, y no sólo los del sistema de mercado libre, mientras se implementan las reformas, dijo Xinhua. El inusual debate aparentemente destaca las dificultades que encuentran los líderes chinos en su intento por crear un sistema que combine las leyes del mercado libre con la planificación de la economía al estilo soviético. "Debemos escoger como modelo administrativo el crear planes de guía como factor dominante", fue el veredicto de varios economistas que asisten en Pequín a una conferencia nacional sobre administración económica, dijo Xinhua. "Esto significa que el Estado debe regular y controlar el mercado, y que luego debe guiar la producción", dijo Xinhua citando a un economista. En octubre de 1984, China adoptó una serie de reformas económicas urbanas que reemplazaron la planificación central en un intento por estimular la producción y hacer más eficiente la economía. "Pero aun donde la fuerza reguladora del mercado se ha impuesto, el Estado debe mantenerse utilizando sus medidas administrativas para dominarlo, de manera que pueda guiar la producción de acuerdo a las necesidades económicas del país", dijo uno de los participantes. El Estado debe mantener un control directo sobre algunas operaciones económicas para lograr el equilibrio del sistema de mercado libre, añadió. Diplomáticos occidentales opinaron que las reformas están originando una creciente resistencia por parte de miembros conservadores del partido que temen que la falta de planificación central provoque fluctuaciones de precios, y por parte de burócratas que están perdiendo su poder. Otros participantes expresaron su apoyo a las reformas, dijo Xinhua. "Creo que el mercado debe asumir la mayor parte de las funciones reguladoras de la economía china", dijo un economista. "Sólo cuando esto sea efectivo el Estado deberá ejercer regulaciones suplementarias". "Muchos de los participantes coincidieron en que la descentralización y la simplificación administrativa no han logrado aún grandes resultados", dijo la agencia noticiosa.

180986

033

110986
La Nación

China deja de lado el izquierdismo

destructivo del Pasado

Por Jim Abrams

PEKIN (AP). - China ha cambiado en la década transcurrida desde la muerte de Mao Tse-tung. Las ganancias comerciales, la felicidad personal y la reforma política -algunas de las principales preocupaciones de los chinos de hoy- son conceptos que el finado caudillo habría considerado anatemas.

La muerte de Mao, el 9 de septiembre de 1976, a los 82 años, aceleró el fin de una década de caos izquierdista conocido como Revolución Cultural que dejó a la nación sumergida en el desorden social y político.

Su sucesor como dirigente principal, Deng Xiaoping, también tiene 82 años, pero aparentemente goza de vigor y buena salud y controla firmemente la Segunda Revolución, como ha sido llamada la campaña para traer la prosperidad económica a este país de mil millones de habitantes.

Los restos de Mao reposan en su mausoleo, en la enorme plaza Tiananmen, de Pekín, y su recuerdo es venerado por haber llevado a los comunistas al poder en 1949.

Pero, en general, es culpado por el torbellino económico del gran salto hacia adelante de 1958, que precipitó el establecimiento de comunas y acerías con medios primitivos. También es responsabilizado de los excesos de la Revolución Cultural durante la cual millones de personas sufrieron persecuciones por presuntas impurezas en su lealtad al maoísmo.

Deng, dos veces destituido de sus posiciones por sus desviaciones capitalistas, resurgió en 1977 después del derrocamiento de la "pandilla de los cuatro" que incluía a la viuda de Mao, Jiang Qing, quien pretendió adueñarse del poder tras la muerte del caudillo.

Modernización económica

El actual gobernante encaminó a China por una senda de modernización económica que ha traído a la que fue en un tiempo la más comunista de las naciones mercados competitivos, libre empresa y, recientemente, mayor libertad de expresión.

Los reformistas de Deng actuaron rápidamente para desmantelar las comunas y alentar a los agricultores a que, una vez cumplidas sus cuotas de producción, cultivasen y comercializasen sus propias cosechas.

Las comunas populares fueron un fracaso. El Partido tiene ahora la sensatez de no interferir en el trabajo de los campesinos, dijo en una entrevista el director del Instituto de Marxismo, Leninismo y Maoísmo de la Academia de Ciencias Sociales, Su Shaozhi.

Los reformistas también establecieron "zonas económicas especiales" y abrieron el acceso a ciudades costeras para estimular la inversión y la tecnología extranjeras en China.



Deng Xiaoping

Por todas partes han aparecido mercados libres y en centenares de esquinas vendedores privados ofrecen de todo, desde pollos vivos hasta prendas de alta costura de Hong Kong.

La plaza Tiananmen, en un tiempo lugar de concentración de un millón de fervorosos jóvenes Guardias Rojos que agitaban sus "pequeños libros rojos" de pensamientos de Mao, está ahora abarrotada por turistas chinos con sus cámaras fotográficas distintivas.

Deng ha ordenado a burócratas y a funcionarios del Partido Comunista que den paso a administradores profesionales capacitados para transformar las fábricas ineficientes de la nación en empresas lucrativas. El gobernante sopesa los conceptos capitalistas de quebrantos comerciales, bonos flotantes y mercados de valores.

El nivel de vida

El nivel de vida del pueblo ha mejorado notablemente. El ingreso per cápita de los 800 millones de residentes rurales, aunque todavía es uno de los más bajos del mundo, ascendió a 400 yuan (108 dólares) en 1985, o sea tres veces más que en 1978. El ingreso urbano se acercó a los mil yuan (270 dólares), un aumento del 50 por ciento sobre el de 1978.

Más del 93 por ciento de las familias urbanas poseen aparatos de televisión, la mitad tiene grabadores de cinta y un 36 por ciento, máquinas lavarropas. Las ventas de receptores de TV quintuplicaron el año pasado el volumen de 1980, en tanto que las compras de refrigeradores, todavía un artículo suntuario, aumentaron 80 veces.

El consumo de carne porcina, el manjar predilecto de los chinos, subió un 100 por ciento en los últimos siete años, y el de cereales, un 25 por ciento.

"Los campesinos pueden comprar carne todos los días. Algunos tienen ventiladores y aparatos de televisión, algo inimaginable hace unos años", dijo Su.

Actualmente hay en China 17 millones de trabajadores independientes, cien veces más que en 1978. Los colegios universitarios de la nación, cerrados durante gran parte de la Revolución Cultural, diplomaron a 287.000 graduados el año pasado. Otros 35.000 jóvenes fueron enviados a estudiar al extranjero entre 1978 y 1985.

La política de puertas abiertas atrajo el año último a tres millones de turistas extranjeros, el triple del nivel de 1978, que ahora pueden visitar 244 ciudades sin necesidad de permisos especiales. El comercio exterior alcanzó el año último los 60.000 millones de dólares, un aumento del 50 por ciento con respecto a 1980.

Graves problemas

Lo que Deng define como "socialismo con características chinas" también enfrenta serios problemas. El apresuramiento por consolidar las reformas económicas ha provocado un aumento de la delincuencia. Se tiene entendido que más de 10.000 malhechores fueron ejecutados desde que comenzó una campaña de represión del delito en 1983.

La corrupción y el favoritismo burocrático persisten a pesar de los esfuerzos para reducir el número de funcionarios y reprimir sus abusos.

Millares de jóvenes confinados en remotos poblados rurales durante la Revolución Cultural todavía no pueden regresar a sus lugares de origen, mientras que muchos sufren las consecuencias de haber perdido una década de educación.

"Hay un vacío espiritual entre los jóvenes que vivieron las aberraciones de la Revolución Cultural. Aun cuando puedan ganar dinero con la venta de ropas en un puesto callejero, fueron privados de la oportunidad de alcanzar su pleno potencial", comentó un intelectual pequinés.

El hambre, que causó la muerte de unos diez millones de personas a comienzos de la década de 1960, después del "gran salto hacia adelante" de Mao, ha sido en gran medida superada, pero los gobernantes chinos admiten que 60 millones de habitantes viven por debajo de lo que este país pobre considera su límite de pobreza.

En las ciudades, muchos trabajadores asalariados fueron afectados por la inflación desatada el año último a raíz de la eliminación de algunos subsidios alimentarios. La vivienda es todavía un problema grave, ya que el promedio de espacio para cada residente urbano es de apenas 6,3 metros cuadrados en edificios carentes en muchos casos de baños privados.

La libre expresión

En 1979, Deng reprimió el "movimiento de democracia mural", el medio empleado por grupos de jóvenes para criticar al Gobierno, al

sobreestimar los alcances de la nueva atmósfera liberal.

Pero a partir del año pasado, el Gobierno, más confiado en su apoyo popular, ha alentado el debate abierto en las artes, la ciencias e inclusо en la prensa oficial, fundamentado en la consigna formulada por Mao en 1957: "Dejad que un centenar de capullos florezcan, dejad que un centenar de corrientes de pensamiento compitan".

Los artistas recuerdan que el último movimiento de "cien flores" fue seguido de una represión hacia quienes osaron expresar públicamente sus ideas, pero la mayoría confía en que las nuevas libertades sean permanentes.

Deng también propone ahora la aplicación del concepto de "democracia", no solamente a los foros académicos sino también al ámbito político.

En materia de relaciones exteriores, China ha puesto énfasis en su papel de defensora de las causas del Tercer Mundo, pero también ha reforzado significativamente sus vínculos políticos y, en un grado limitado, los militares, con Occidente desde la normalización de relaciones con los Estados Unidos en 1979.

En 1984, suscribió con Gran Bretaña un trascendental acuerdo para la devolución de Hong Kong a la soberanía china en 1997. Los gobernantes de Pekín esperan que el ejemplo de Hong Kong persuada eventualmente al régimen nacionalista de Taiwan a iniciar conversaciones de reunificación.

Las relaciones de China con la Unión Soviética se agriaron en 1960 cuando Mao acusó a Nikita Khrushchev de tratar de dominar el campo socialista.

Los lazos continúan tirantes debido a la oposición china a la presencia soviética en Afganistán, al respaldo del Kremlin a la ocupación de Camboya por fuerzas vietnamitas y al ingente despliegue de tropas soviéticas a lo largo de la frontera entre los dos grandes países comunistas.

Pero en años recientes se ha registrado un gradual acercamiento en los ámbitos económico y cultural, y los dirigentes chinos se han mostrado receptivos a las declaraciones del jefe soviético, Mikhail Gorbachev, en favor de un entendimiento.

La mayoría de los chinos piensa que su país ha aprendido tanto las buenas como las malas lecciones de Mao y no retrocederá hacia al izquierdismo destructivo del pasado.

02.02

033

Mercado de divisas autorizan en China

Pekín (UPI) — China inauguró un mercado de cambio de divisas de clientela limitada, respondiendo a quejas de inversores extranjeros de que las restricciones cambiarias chinas perjudicaban sus negocios, informó ayer la agencia oficial de noticias "Xinhua".

La agencia señaló que cuatro clientes cambiaron fondos equivalentes a 100.000 dólares en el primer día de operaciones del Centro de Ajuste de Moneda Extranjera, en la ciudad portuaria de Shanghai.

La casa de cambios, que opera exclusivamente con clientes que usan capital extranjero, permite que las compañías con grandes entradas de divisas extranjeras, tales como hoteles y agencias turísticas, vendan sus excedentes a empresas cuya entrada principal es en moneda local, que es inconvertible.

"Necesitamos yuanes para pagar los salarios a nuestros empleados y para otros gastos", dijo el administrador del Servicio de Desarrollo Turístico, Ye Anqi, uno de los primeros clientes del centro.

Previamente, sólo los bancos podían procesar la compra y venta de moneda local y extranjera de empresas conjuntas, entre China e inversionistas extranjeros, un trámite que podía tomar varios meses a causa de que el gobierno chino limitó la salida de divisas al perder reservas.

El "Diario de China" citó a funcionarios gubernamentales de Shanghai que afirmaban que "los precios de las transacciones serán determinados por el gobierno a favor de los vendedores". Pero no dio mayores detalles.

01 - 01. 8700099

RPeH 033

CICATRICES DE LA REVOLUCION CULTURAL

Después de la pesadilla. Por Liang Heng y Judith Shapiro. [illegible] páginas. Knopf.

Si bien China llegó a tratar a sus intelectuales mucho peor de lo que lo *hizo* la Unión Soviética con los suyos, la China moderna nunca produjo esa clase de disidente que se establece en Occidente y lanza ataques contra su patria. Los intelectuales chinos siempre sintieron un deber casi confuciano de cambiar la sociedad y el gobierno mediante la crítica, en lugar de irse disgustados. Liang Heng es un buen ejemplo. Un disidente chino de 32 años nacido en Hunán, que ahora vive en Nueva York, critica apasionadamente a su patria, pero sigue pareciendo tener una responsabilidad por ella. Su último libro: "Después de la pesadilla", registra las experiencias recogidas en una amplia gira que Liang y su esposa y coautora, la norteamericana Judith Shapiro, hicieron en 1985 para apreciar el efecto de las reformas de Deng Xiaoping. el resultado era un espléndido fresco de la vida en la China de hoy, desde los altos funcionarios que dirigen los organismos de planificación de las reformas, hasta los empresarios campesinos que son potencialmente los mayores beneficiarios de su implementación.

El libro comienza con una patética reunión familiar. El padre de Liang, un ex-periodista del diario de Hunán, cuya vida fue arruinada por la Revolución Cultural, tuvo que soportar las duras faenas campestres, la crítica y luego el abandono por parte de sus ex-colegas.

Liang, accidentalmente, promueve un encuentro entre su padre y su madre, quienes se divorciaron durante la campaña anti-derechista en 1957. Su dolorosa reunión da el tono para otras historias. Una y otra vez, los autores se encuentran con personas cuyo pasado está enterrado pero no olvidado. Un capítulo "Tres mujeres en Guiyang" presenta un trío de dramáticos relatos. Una mujer sigue de duelo por el suicidio de su única hija durante la Revolución Cultural; otra es una musulmana cuya *familia fue masacrada en una batalla religiosa en 1975;* la otra rehúye el tema de sus sufrimientos durante la Revolución Cultural y anuncia que sólo aspira a enriquecerse.

Junto a los amargos recuerdos del pasado hay un deseo de olvidar y de concentrarse en hacer dinero. Pero no todos son los suficientemente afortunados como para obtener ventajas de las reformas. Los campesinos en el sur de Hunán no tienen medios de hacer llegar su grano al mercado y siguen siendo tan pobres que no pueden permitirse comer carne. Los antiguos modelos agrícolas son ahora retrógrados. Liang y Shapiro yuxtaponen constantemente el pasado izquierdista y el presente utilitario y el efecto es deliberadamente inquietante.

CUADROS INFANTILES: "Después de la pesadilla" es más pesimista sobre el éxito de las reformas de lo que podría complacer a los líderes chinos. Sin embargo, los problemas que Liang y Shapiro plantean son los que los propios chinos critican: los cuadros infantiles que se consideran por encima de la ley, los burócratas locales que odian ver que los campesinos ganan más dinero que ellos, las provincias del interior del país que son demasiado subdesarrolladas como para beneficiarse de la reforma.

El mayor temor de los autores es que China, una vez más, caiga en el izquierdismo y la anarquía que caracterizaron a la Revolución Cultural.

Desafortunadamente, este temor sólo es discutido al final del libro, de manera demasiado superficial. Un error más serio es la incapacidad de los autores de situar los acontecimientos de China en un contexto más amplio. Por ejemplo, no analizan si los actuales cambios están o no ligados al mismo impulso burgués que guía a las comunidades chinas en el extranjero. Los autores tampoco ubican a las reformas de Deng en un amplio espectro histórico de 100 años de reformas. "Nuestra sobrevivencia como nación depende en gran medida de si las lecciones de la Revolución Cultural serán transmitidas a las generaciones futuras", escribe Liang. Pero la sobrevivencia de China depende también de muchas otras cosas; no es suficiente ver a China solamente a través del prisma de la Revolución Cultural.

La primera colaboración de Liang y Shapiro fue su muy elogiado libro "Hijo de la revolución" (1983). El texto versaba sobre el pasado: contaba la vida de Liang, se concentraba en la década de la Revolución Cultural y narraba la implacable persecusión de la familia de Liang como intelectuales derechistas. Vista a través de los ojos de un muchacho, la Revolución Cultural se reveló en toda su estúpida retórica y su idealismo distorsionado. En su nuevo libro, Liang y Shapiro enfrentan al presente. Ahora el narrador es un hombre y puede no sólo ver los acontecimientos, sino también reflexionar sobre ellos.

NERVIOSOS PARTIDARIOS DE LA LINEA DURA: *Como* analistas de la China moderna, el prestigio de Liang y Shapiro va en incremento. Shapiro, una graduada de Princeton y la Universidad de California, en Berkeley, y una de las primeras norteamericanas invitadas a enseñar en China después de la normalización de las relaciones con los Estados Unidos, se encontró con Liang en el Instituto de maestros de Hunán. Además de colaborar con Shapiro en los dos libros, Liang fundó "El intelectual chino", una revista en ese idioma. Ya en su tercer año de existencia, la revista que aparece cuatro veces por año, se distribuye en China, los Estados Unidos y otras partes: publica artículos sobre la cultura norteamericana y textos de especialistas sobre China.

"Mi revista es muy controvertida en China" dice Liang. "A los reformadores y a los intelectuales les gusta. Obtienen de ella mucha información sobre Occidente. Pero los partidarios de la línea dura están muy nerviosos respecto a su difusión". "Hijo de la revolución" fue recibido por un silencio hostil en China, a pesar de que el liderazgo repudió a la Revolución Cultural y a los responsables de ella. "Después de la pesadilla", indudablemente habrá de tener un destino similar.

CARROLL BOGERT
(Traducido de "[illegible]")

130986 EL PAIS

Poco LEGIBLE

01-01 8700100

RPCH 033

300986 Jornal do Brasil

Deng acha que é preciso provar que socialismo é melhor opção

Pequim — "A China ainda precisa provar que o socialismo é melhor do que o capitalismo — precisa construir uma sociedade afluente ou não estará qualificada para falar sobre a superioridade do socialismo". As surpreendentes palavras do líder máximo chinês, Deng Xiaoping, saudaram o presidente da Polônia, Wojciech Jaruzelski, que inaugurou a nova fase de aproximação entre Pequim e os países do bloco soviético.

Considerada corajosa pelos diplomatas ocidentais, a declaração de Deng foi feita apenas um dia após o Comitê Central do PC ter aprovado uma nova resolução estimulando a população chinesa a trabalhar para enriquecer sob as reformas econômicas voltadas para o mercado. Segundo a resolução, o direito a uma vida mais próspera faz parte dos novos rumos do "socialismo humano" que a China quer desenvolver.

Deng afirmou que o objetivo do comunismo é fazer a população prosperar e não mantê-la na pobreza. Acrescentou que "no passado não se perguntava o que é o socialismo e nem se a pobreza pode existir num regime socialista".

Pela primeira vez, o pragmático Deng abria claramente uma nova discussão: mais do que o sucesso ou fracasso do programa de reforma econômica da China, ele colocou em questão a própria essência do socialismo, afirmaram especialistas em Pequim.

O líder chinês, que anunciou recentemente sua intenção de se aposentar em breve, afirmou que a China espera aproximar-se do nível econômico dos países desenvolvidos nas primeiras cinco décadas do próximo século. "Somente então seremos capazes de afirmar que a China, com sua enorme população, contribuiu para o desenvolvimento da humanidade".

Aos 82 anos, Deng considera a sociedade comunista ideal aquela cuja riqueza é distribuída para cada pessoa de acordo com sua necessidade e pergunta: "Se a essa altura ainda estivermos numa situação de pobreza, o que poderemos oferecer para ser distribuído?"

Critica a ênfase dada no passado à luta de classes — "durante a Revolução Cultural praticamos um socialismo pobre" — em vez do desenvolvimento econômico.

Jaruzelski, que entra dificuldades econômicas sérias em seu próprio país, ouviu atentamente as declarações de Deng, sem fazer comentários. A visão de Deng se viu refletida no domingo, quando o Comitê Central do PC anunciou as tentativas de conciliar as reformas econômicas voltadas para o mercado com a filosofia marxista e a idéia da prosperidade do povo num regime socialista.

Jaruzelski afirmou que outras nações socialistas estão acompanhando de perto as reformas chinesas, descritas por Deng como "uma grande experiência". A visita do presidente polonês, que durará três dias, é a primeira retomada dos contatos entre Pequim e um dos mais próximos aliados de Moscou no bloco socialista desde que China e União Soviética romperam relações em 1960.

Ontem à tarde, o dirigente polonês reuniu-se com o líder do PC chinês, Hu Yaobang. No mundo socialista, os laços entre os partidos são tão importantes quanto as relações diplomáticas a nível de governo. "Observamos com grande atenção a maneira como as relações entre a China e outros países socialistas estão se desenvolvendo", declarou Jaruzelski, que aproveitou para convidar Hu a visitar a Polônia. As duas nações, disse Jaruzelski, compartilham muitas idéias semelhantes, mas ainda discordam em algumas questões.

A gafe do general Jaruzelski

Pequim — Presidente de uma das nações aliadas mais próximas do governo soviético — a Polônia —, o General Wojciech Jaruzelski estreou a nova política de aproximação da China com os países do bloco socialista cometendo uma gafe. Ao ser recebido por Deng Xiaoping, o homem forte da China, no Grande Salão do Povo, Jaruzelski saudou seu anfitrião com a frase Todos os caminhos levam a Pequim — um slogan da Revolução Cultural, ultrapassado na China pragmática de Deng.

O líder chinês, que condena o estilo Mao do culto à personalidade, respondeu que "Pequim ainda está muito atrasada", embora se venha "praticando o socialismo há 30 anos".

300986 Jornal do Brasil

Hu: em busca de uma nova imagem

Nada do que os dirigentes chineses vêm afirmando nos últimos dias — do documento aprovado domingo pelo PC chinês às declarações de ontem de Deng Xiaoping ao recepcionar o presidente polonês — é novidade para quem acompanha de perto o processo de reformas desencadeado na China depois da Revolução Cultural e a partir da ascensão de Deng. Novidade é a maneira aberta e clara que os líderes chineses parecem ter adotado recentemente para criticar o socialismo do passado e vislumbrar o socialismo do futuro.

Em recente entrevista a jornalistas estrangeiros publicada na revista americana Newsweek, o secretário-geral do Partido Comunista chinês, Hu Yaobang, admitiu que há alguns problemas com o socialismo, a nível internacional, no campo da democracia e dos direitos humanos, e que a imagem do regime socialista sofreu arranhões nos últimos anos "porque os socialistas não fizeram um bom trabalho".

"Temos que restaurar essa boa imagem com o trabalho árduo de nossas próprias mãos", disse Hu. "Não é apenas na China, é um fenômeno mundial. O desenvolvimento econômico não tem sido muito rápido nos países socialistas".

Hu afirmou que a meta é construir em alguns anos uma civilização socialista espiritual, mas com uma civilização material altamente desenvolvida. Segundo ele, já se pode detectar um "suave progresso" nesse sentido porque a reforma "trouxe benefícios materiais enormes, tanto para o país quanto para a população".

Resistência? Para Hu a resistência às reformas se deve à falta de experiência. "Qualquer diretriz que empurre a História para frente, diz ele, não navegará em calmaria". "Apenas a prática e a experiência provarão o que está certo e o que está errado".

Aos 71 anos, Hu é considerado o herdeiro e provável sucessor de Deng, se este se aposentar, como vem se dizendo, logo após o 13º Congresso Nacional do PC no próximo ano.

RPCA 033

Fichaje

EL PERIODISTA DE BUENOS AIRES Nº 101 · 15 AL 21 DE AGOSTO DE 1986 · Página 33

Protagonistas



Hu Yaobang

EL LIDER CHINO DE SACO Y CORBATA

Cuando China y la URSS anunciaron simultáneamente la pasada semana el avance en las negociaciones bilaterales y la reducción de tropas en la zona fronteriza, los observadores internacionales volvieron a centrar su atención en Hu Yaobang, un hombrecito vivaz, ávido lector de la prensa nacional y extranjera, que desde 1978 ejerce las funciones de secretario general del Partido Comunista Chino.

Los medios de comunicación occidentales suelen referirse a Hu como el *protegido* de Deng Xiaoping y un minucioso seguimiento de los primeros tramos de su vida parece confirmarlo. Nacido en 1913 en Hunan, participa a los dieciocho años de la Larga Marcha, resulta herido en la batalla de Kweichow y ya a fines de la década del 40 ocupa la jefatura del departamento político de un regimiento perteneciente al Segundo Cuerpo de Ejército. El comisario político era por entonces el controvertido Deng. En 1952 se lo promueve a secretario de la Liga de las Juventudes, en tanto Den Xiaping ocupa la secretaría del partido. Como la mayor parte de los máximos dirigentes debe abandonar sus funciones ante el embate contestatario de la Revolución Cultural, que lo hace objeto de incisivas críticas en los famosos *dazibao* o diarios murales, reprochándosele entre otras cosas su reconocida afición *por un juego tan occidental como el bridge*.

La caída de la "banda de los cuatro" lo devuelve a los primeros planos. Deng lanza entonces la consigna de *"buscar la verdad en los hechos"*, un modo sutil de incitar a no buscarla en las machaconas citas de Mao Tse Tung. Montado sobre la cresta de esta ola, Hu Yaobang impulsa un conjunto de reformas graduales aunque profundas como encargado de la dirección de la escuela central del partido. Su estrella sigue en ascenso y en ocasión del tercer plenario del PCCH es designado secretario, un cargo en ese momento inexistente que es reinventado para consagrar su creciente influencia, facilitar el cambio de guardia en la cumbre y acelerar el relevamiento del cuestionado Hua Kuofeng. Tres años más tarde, en 1981, se convertirá en su sucesor al ser designado para ocupar la presidencia del partido, transformada luego en secretaría general para evitar cualquier parangón con la investidura del fallecido Mao. A partir de allí la manifiesta habilidad negociadora de Hu lo convierte en el fiel de la balanza del poder, y su acción mediadora, que se desarrolla siempre en el seno del propio grupo reformista, se torna imprescindible para ordenar el maremagnum de tendencias internas que amenazan con anarquizar las rígidas estructuras partidarias.

En 1983 da la voz de orden de *"reformar todo en todos los campos de la vida china"*, incluyendo el abandono del tradicional traje Mao y su reemplazo por el saco y la corbata, decisión que fundamenta alegando que *"si la revolución de 1911 de Sun Yat Sen hizo que los chinos se cortaran la coleta, ahora se hace necesario liberar también a los cuellos de la tiranía del viejo uniforme revolucionario"*. También se deben a su iniciativa las pautas directrices de la reforma económica y la puesta en práctica del gigantesco relevo de los grupos dirigentes operada en los últimos tiempos.

Pero si hay un terreno en el que su influencia resulta indiscutible, éste es el de las relaciones internacionales. Hu es el primero entre los jerarcas chinos en promover el apoyo a los movimientos pacifistas y en aportar iniciativas dirigidas a negociar una salida al dilema camboyano. También advierte permanentemente sobre el peligro de que la prolongación del conflicto con Vietnam lleve a un enfrentamiento directo entre Moscú y Pekín y plantea la urgencia de restablecer la *tradicional amistad chino-vietnamita*. Los últimos años de la década del 70, plenos de invocaciones a la unidad contra el *principal enemigo*, el *"hegemonismo soviético"*, han quedado atrás y Hu Yaobang interpretando sagazmente los nuevos tiempos fija un objetivo prioritario: mejorar las relaciones con la Unión Soviética y afianzar la *"tercera vía"* que parte de la preservación del no alineamiento y el rechazo de todo tipo de alianzas o vínculos estratégicos con las dos grandes potencias.

Un claro indicio de esta voluntad lo constituye el envío de una delegación a Moscú para felicitar al "camarada" Gorbachov, en circunstancias de su elección como secretario del Partido Comunista de la URSS y su reciente decisión de efectuar una gira por el continente europeo.

Mao Tse Tung sostenía que la disputa geopolítica entre chinos y soviéticos podría demorar 10.000 años en solucionarse. Hoy Hu Yaobang tiene la oportunidad histórica de desmentirlo volcando todos sus esfuerzos a la tarea –*difícil pero no imposible*– de reconciliar a los dos gigantes del mundo comunista.

DANIEL VILA

RPett 033

El comunismo en entredicho

La categórica afirmación del líder de China Popular, Deng Xiaoping, en el sentido de que al cabo de cuatro décadas de experiencia revolucionaria en ese país no se ha podido comprobar la superioridad del socialismo sobre el capitalismo, plantea una concepción revisionista de los postulados ideológicos del comunismo formulada desde las propias entrañas de una colectividad marxista, e incluso una tácita admisión de eventuales yerros o falsedades en la doctrina que lo sustenta.

En cuanto a lo primero, es decir el esquema revisionista, la declaración que nos ocupa no constituye sino la ratificación de las reformas puestas en vigor en la nación asiática, tendientes a liberalizar su economía y a ampliar la esfera de la propiedad privada, sustituyendo el agobiante monopolio estatal de las actividades productivas por un régimen orientado a las leyes del mercado y de la competencia que lo acerca al sistema capitalista occidental. En lo referente a lo segundo, o sea la rectificación de los principios marxistas, se manifiesta en la duda exteriorizada por el dirigente chino acerca de si la sociedad socialista resulta eficaz como solución para desterrar la pobreza.

La respuesta negativa a esa pregunta esencial pareciera surgir del contexto de sus mismas expresiones, al señalar la imposibilidad de un equitativo reparo de bienes cuando se carece de ellos para hacerlo. Los frutos de la revolución comunista china son, en ese aspecto, tan desalentadores como aleccionadores, ya que después de cuarenta años de su férrea instauración en el poder no ha servido para mejorar sustancialmente el atrasado nivel de vida de su población, y exhibe un estancamiento agropecuario e industrial que distancia cada vez más a esa nación del desarrollo alcanzado por otras vecinas a ella, como Japón y Corea del Sur, en el mismo lapso, pero adheridas al sistema económico libre.

Sea como fuere, las aseveraciones del líder oriental tienen el significativo valor de haber puesto en entredicho, o por lo menos en tela de juicio, la intangibilidad del sistema comunista por quien hasta hace poco tiempo era un fiel adherente a su doctrina. Ese solo hecho comporta la antesala de su negación, porque su propia naturaleza requiere la aceptación sumisa de sus dogmas y principios. Toda discusión acerca de ellos atenta contra su integridad, y quien la plantee es considerado un heresiarca del credo político marxista.

Del otrora intransigente Mao Tse-tung a la flexibilidad de que hace gala su sucesor actual media la distancia que va de un cerrado fanatismo a una fundada actitud dubitativa. Ese camino se ha recorrido en pocos años, y la revisión que preanuncia –en algunos aspectos ya puesta en ejecución– comporta una saludable aunque tardía rectificación.

11/10/86 La Prensa

8700103

01-01

033

Ambito Financiero
Lunes 15 de diciembre de 1986

Más impuestos pagarán en China

Beijing — A partir del primero de enero de 1987, todos los ciudadanos chinos con residencia e ingresos en China tendrán que pagar un impuesto de regulación de ingresos.

El Consejo de Estado ha promulgado "reglamentos provisionales sobre impuestos de regulación de ingresos individuales", lo cual está destinado a disminuir la diferencia de ingresos, ahora que la política del Estado estimula a una parte de los ciudadanos a alcanzar primero la prosperidad mediante una labor honesta.

La tasa de impuestos y la parte de tributación de los ingresos de los habitantes variarán entre las once "zonas salariales", sistema que consiste en otorgar diferentes remuneraciones a los trabajadores de la misma categoría en zonas donde las condiciones de vida y los precios varían.

Por ejemplo, en Beijing, que pertenece a la sexta zona se recaudará impuesto sobre un ingreso mensual individual que exceda de 400 yuanes.

El nuevo impuesto comprende salarios y otros ingresos.

Gracias a la reforma económica, más y más personas están obteniendo ingresos extra.

Al orientar los esfuerzos a la eliminación del igualitarismo, dijo un funcionario, es posible que algunos ciudadanos logren ingresos excesivamente altos, creando así problemas en el suministro de productos.

01-02 8700342

RPett

China fija impuesto al ingreso personal

PEKIN, 11 (UPI) – China impondrá en 1987 un impuesto al ingreso personal, en un intento por reducir la brecha entre ricos y pobres, que aumenta rápidamente, anunció la agencia noticiosa oficial Xinhua (que aclaró que la medida no afecta "la política de estímulo al desarrollo personal").

Las "provisiones sobre regulación del impuesto al ingreso personal", emitidas por el Consejo de Estado, se aplicarán a todos los ciudadanos chinos con residencia e ingreso en China.

El impuesto que entrará en vigencia desde el 1° de enero es parte del intento gubernamental por reducir la brecha de ingresos "ahora que la política estatal alienta a algunos pocos a ser los primeros en lograr prosperidad a través del trabajo honesto", dijo Xinhua.

La tasa del impuesto y la parte imponible del ingreso variarán según 11 zonas o regiones de salarios diferentes para obreros de igual rango y donde las condiciones de vida y precios varían.

En Pekín, dentro de la 6ª zona, el impuesto será aplicado a los que reciban un ingreso mensual de más de 110 dólares, y la tasa aumentará progresivamente.

El impuesto cubrirá "sueldos y otros ingresos, incluyendo a los obtenidos de contratar tareas específicas, transferencias de contratos y patentes, servicios de trabajo, alquileres de propiedades, honorarios, así como intereses, dividendos y bonos".

Es improbable que el nuevo impuesto afecte a gran parte de la población rural, cuyo ingreso anual promedio fue el año pasado de 107 dólares; el promedio del salario urbano fue de 203 dólares.

Pero el impuesto puede afectar a trabajadores que reciben bonos cada vez mayores de sus unidades de trabajo, como incentivos a la producción (aprobados por el gobierno)

CLARIN 12/12/86

PARTES ILEGIBLE

Marx y los mandarines continúan en el poder en CHINA

Por Guy Sorman
(Para LA NACION)

Guy Sorman estuvo en China, donde, a instancias de la Academia de Ciencias Sociales de Pekín, dio una conferencia sobre el renacimiento del liberalismo. En esta nota nos cuenta sus impresiones y sintetiza el debate

PEKIN. – China cambia poco, menos rápidamente, en todo caso, que la mirada que posamos en ella o que nuestras ilusiones: el hecho de que una empresa china fuera declarada en quiebra recientemente no quiere decir que China se haya hecho capitalista. China sigue siendo socialista y, aun más, es inmutable. El retrato de Mao preside siempre el centro de Tien Anmen; se dice que es el último en el país, pero se encuentra en el sitio más simbólico de la nación.

Las multitudes en Pekín están, como siempre, vestidas de azul y al acercarse el invierno sacan a relucir sus pesados capotes de abrigo y sus gorros de piel. Las callejuelas de la capital están siempre atestadas de peatones y de bicicletas negras por millares, que, haciendo sonar las bocinas, se abren camino entre la muchedumbre indisciplinada. Es cierto que Pekín cuenta ahora con algunos hoteles internacionales y con taxis japoneses, pero la notable desenvoltura del personal basta para recordar que el sistema continúa siendo burocrático y de escaso incentivo.

Clima intelectual

Lo más nuevo en la China de hoy es, quizás, el clima intelectual, una especie de retorno al período llamado de las Cien Flores, de hace 30 años, cuando Mao invitó a los intelectuales a dar pruebas de imaginación. Como entonces, y es de desear que por más tiempo, el debate floreció nuevamente, pero dentro de las fronteras ideológicas de un socialismo tan difícil de delimitar como de definir. El socialismo chino –me dice el profesor Ma Jiaju– es "el crecimiento y la justicia social".

Fue en esta jaula entreabierta donde fui invitado por la Academia de Ciencias Sociales de Pekín a evocar lo que podría significar una solución liberal para China. Este ejercicio de acrobacia intelectual no es nuevo para los chinos: desde que el imperio se vio enfrentado con Europa sus intelectuales se dedican a reconciliar la "sustancia y la función", lo que, en términos claros, quiere decir introducir las técnicas occidentales sin modificar la organización de la sociedad.

China tiene tanto menos vocación de tornarse liberal cuanto que su socialismo de hoy es la versión moderna de su sistema jerárquico tradicional. Marx, en cierta forma, ha aportado una "legitimidad científica" y moderna a un eterno control social fundado en otros tiempos en el emperador y en Confucio.

Este debate parecerá abstracto, pero está sin embargo en el centro de las preocupaciones de los economistas chinos: éstos han sido encargados por el Gobierno y el Comité Central del Partido Comunista de reconciliar la ideología y la economía, la China eterna con la técnica moderna.

Estos economistas pertenecen a dos generaciones distintas que reflejan bien la composición del público de la Academia de Ciencias Sociales: un grupo restringido e influyente de los que tienen más de 60 años y una generación joven de 20 a 30 años. Entre ambas falta un eslabón, el de los de 40-50 años, caídos en el pozo negro de la Revolución Cultural.

Los economistas han sido los últimos en volver del campo y de los campamentos de trabajo hacia 1979, cuando el poder se dio cuenta de que tenía necesidad de ellos también. La observación me fue hecha con humor por el profesor Yu Guangyuan; él mismo tuvo que criar cerdos durante diez años en el Sichuan, y considera que no le fue mal, porque la región no era del todo desfavorable a la cría de cerdos.



Mao Tse-tung

El ejemplo Renault

Estos economistas manifiestan un interés particular por Francia, pero por razones paradójicas.

Este país es visto en China como el laboratorio de la planificación indicativa de un sector público vasto y bien administrado; ¡el ejemplo más frecuentemente citado es el de la Renault!

Esta falsa perspectiva tiene su origen sin duda en el hecho de que los intercambios entre Francia y China están monopolizados por la administración y el sector público: los franceses que viajan a China en el marco de ese intercambio son en su mayor parte funcionarios o investigadores de la Comisión Nacional de Investigaciones Científicas (CNRS). Me enteró así, no sin cierta ironía, de que una misión china visitó a París en febrero último, justamente un mes antes de las elecciones, con el fin de estudiar la gestión de empresas públicas actualmente en vías de privatización.

Una vez establecidos los límites ideológicos, el debate en la Academia de Ciencias Sociales se desarrollaría esencialmente en torno de la reforma. La reforma es la gran empresa de China, a menudo interpretada en Occidente como el abandono del socialismo, por cierto que equivocadamente.

Inaugurada en 1979, en las zonas rurales, esta nueva política ha dejado sin efecto la colectivización de la tierra, sin por ello restituirla a la propiedad privada. El campesino chino está ligado por contrato al Estado, que le asigna una parcela de

PERIAN

tierra y una cuota de producción que deberá entregar obligatoriamente a los almacenes oficiales a un precio establecido.

La gran innovación reside en la libertad concedida a los campesinos de vender el excedente en el mercado libre. Esta compleja combinación de exigencia e incentivo ha transformado los campos de China y los mercados han invadido Pekín. El espectáculo, irrelevante en cualquier otra parte, de una granjera que vende coles en el mercado a precios que se discuten es considerado en China como una nueva revolución. De ahí la idea de aplicar a la industria el mismo régimen.

Pero, en este punto, los obstáculos parecen hoy a mis interlocutores chinos poco menos que insuperables. Liberalizar la industria, en efecto, constituye un asalto directo contra los tabúes fundamentales, el papel del proletariado en la edificación del socialismo y la autoridad de una administración pletórica que controla e impone gabelas a todas las fábricas del país.

¿Liberalismo de Estado?

La principal proposición de los economistas chinos más abiertos, como el profesor Ma Hong o Jiang Jiwei, sería crear un "mercado de trabajo" -sin usar ese término aborrecible-, en la medida de lo posible. Los gerentes de fábrica serían nombrados por un período establecido por contrato; los nuevos asalariados serían igualmente reclutados por contrato por un tiempo determinado y los salarios podrían variar en función del cometido de cada uno.

Para comprender cuánto tiene de audaz el proyecto hay que tener en cuenta que, por regla general, los directores de empresas en la actualidad son designados por un año; que los efectivos son fijados por una oficina administrativa de la mano de obra, sin considerar las necesidades reales de la empresa, y que los salarios son prácticamente idénticos para todo el mundo.

Las consecuencias de este sistema son, por supuesto, la ausencia aparente de desocupación y la igualdad en los ingresos; pero los burócratas se benefician con numerosas ventajas no salariales, y en tales condiciones es poco menos que imposible administrar una empresa de acuerdo con criterios de eficiencia. Ma Hong y Jiang Jiwei agregan que las administraciones nacional y locales gravan estas empresas con impuestos considerables que anulan toda posibilidad de inversión.

Mi papel en este asunto es el de contribuir a resolver la cuadratura del círculo al proponer lo que el profesor Ma Hong llama un "liberalismo de Estado". El camino, como se puede ver, es estrecho, pero me pareció evidente que más vale apoyar este modesto esfuerzo de liberalización, con todas sus paradojas, antes que adoptar por mi parte una actitud de estricta ortodoxia liberal.

Marx y los mandarines

Si admitimos, pues, la hipótesis de que el gobierno chino está empecinado en mantener la propiedad pública, el trabajo obligatorio y una planificación central, sugiero a mis interlocutores dos prioridades: conferir a los dirigentes de empresas la estabilidad y la autoridad, particularmente la de hacer variar de hecho los salarios; ello sería, a mi juicio, más importante que el derecho de despido, inconcebible por la desocupación que provocaría.

El segundo eje consistiría en reforzar en China la defensa en derecho contra la arbitrariedad: esto pasaría en particular por el establecimiento de una fiscalización clara, estable y previsible, en lugar de la intervención directa de la administración en la vida de las empresas.

Estas proposiciones parecerán modestas si se consideran en el contexto de la vulgata liberal tal como se las profesa en Europa. Pero, a la medida de Pekín, son de una audacia temeraria, y no estoy muy seguro de que tengan muchas probabilidades de abrirse caminos.

He de agregar que la joven generación de economistas chinos me da la impresión de que es menos liberal que sus mayores. Cuando, al término de los largos debates de la Academia, visité una institución "de punta", llamada la Universidad de los Negocios y del Comercio Exterior, tuve la decepción de enterarme de que el cincuenta por ciento de los diplomados en ella iban a engrosar las filas de la administración económica central y que se trataba, naturalmente, de los mejores. Marx y los mandarines continúan en el poder en Pekín, y probablemente por mucho tiempo. Pero podría equivocarme, porque ¿quién tendría la pretensión de conocer a China? (c) LA NACION

(Traducción de Jorge Ortiz Barili)

RPCP

Fichaje

Visitó las plantas siderúrgicas de Baoshan

Presidente mexicano en Shangai

Fichaje

PEKIN, (ANSA y UPI).— El Presidente de México, Miguel de la Madrid, visitó las plantas siderúrgicas de Baoshan en Shanghai y asistió ayer a un banquete estatal ofrecido por el alcalde Jiang Zhemin, informó la agencia noticiosa oficial Xinjua.

De la Madrid pasó la mañana viendo esculturas y estatuas que datan de la Dinastía Tang (618-907) en la antigua capital de Xian antes de volar hacia Shanghai, dijo Xinjua.

En Shanghai, la ciudad china más poblada con 11 millones de habitantes, De la Madrid fue recibido en el aeropuerto por el alcalde Jiang Zhemin, dijo Xinjua. El presidente mexicano está en una visita de una semana a China, la tercera de un presidente mexicano.

El Ministro chino de la Industria Metalúrgica, Qi Yuanjiang, acompañó posteriormente a de la Madrid en su gira por las obras en acero de Baoshan de Shanghai, señaló Xinjua.

A la noche De la Madrid, acompañado por su esposa y cuatro ministros del gabinete, asistieron a un banquete ofrecido por el alcalde de Shanghai, dijo la agencia noticiosa.

De la Madrid pasó la primera parte de su visita en Pekin donde sostuvo conversaciones con el dirigente Deng Xiaoping, el Primer Ministro Zhao Ziyang y el jefe del Partido Comunista, Hu Yaobang.

Luego de las conversaciones, China y México firmaron una convención consular y otros tres acuerdos con el fin de estimular el intercambio económico.

La visita del presidente mexicano es principalmente para fortalecer el comercio bilateral, que es de 180 millones de dólares al año con un excedente a favor de México.

De la Madrid se reunirá el martes con su similiar chino Li Xiannian en Shanghai antes de partir a la ciudad industrial de Cantón. Se espera que viaje de China hacia Hong Kong el miércoles.

Los documentos fueron un tratado consular, un acuerdo sobre planeamiento social y económico, otro de cooperación entre el Consejo Chino para la Promoción del Comercio Internacional y el Banco Nacional de Comercio Exterior de México, y un acuerdo de crédito recíproco.

No se dieron detalles sobre los convenios.

De la [illegible] aseveró que los intercambios económicos y comerciales entre China y México "están en [illegible]ajo nivel", lo que no re[illegible]a las excelentes relac[illegible]nes políticas entre las dos naciones.

LA JORNADA 09/12/86

PARTES ILEGIBLE

01-01

8700344

RCA

9 DE DICIEMBRE DE 1986 La Mañana

Regresaron Mario Cantón y Fá Robaina

Positiva visita a la República de China

Retornaron ayer de la República de China los legisladores Mario Cantón y Juan Carlos Fa Robaina, al cabo de 10 días de permanencia en su territorio.

Según expresara a La Mañana el Diputado colorado Mario Cantón, a escasas horas de su arribo a Montevideo, el viaje obedeció a una invitación especial formulada a ambos parlamentarios por el gobierno chino. En tal sentido, destacó que se mantuvieron una serie de importantes contactos con el Vicecanciller de la República de China, así como con el Presidente del "Yuang" Legislativo y del "Yuang" de Control (dos de los Poderes establecidos en la Carta Magna de dicha nación). Asimismo, durante la estadía en la capital (Taipei) se realizó una visita a un establecimiento penitenciario destinado a menores de edad.

En cuanto a las impresiones recogidas durante el viaje, el Representante Mario Cantón definió de "muy fecunda" la visita, remarcando también el "fortalecimiento en el progreso y el incremento progresivo en el estandard de vida de la población china", que tuviera oportunidad de constatar.

En ese orden de cosas, tuvo palabras de elogio hacia el clima de paz y de disciplina que evidencia el aludido pueblo, enfatizando además en lo que atañe a la organización y la planificación en todos los órdenes de "aquella pequeña gran nación".

El viaje, que incluyó una profusa agenda, había sido previsto inicialmente por el término de siete días, prolongándose luego en tres más.

RPclt

EL DIA 07-12-86

México y Pekín han estrechado sus relaciones

PEKIN. — El líder máximo de China, Deng Xiaoping, dijo ayer al presidente mexicano Miguel de la Madrid que los recientes esfuerzos de China para reformar su sistema político requieren de "valentía y prudencia", informó la agencia oficial de noticias "Xinhua".

"Las relaciones entre nuestros países han progresado desde su establecimiento (en 1972)", dijo Deng a de la Madrid en el tercer día de una visita de una semana que hace a China el mandatario mexicano.

"Tenemos una larga historia de entendimiento mutuo", agregó. La agencia oficial Xinhua dijo que Deng informó a de la Madrid sobre los recientes esfuerzos de China para reformar su estructura política a través de una reducción de la interferencia del Partido Comunista en las acciones diarias del gobierno.

"Una reestructuración del sistema político de China requiere primero, de valentía y resolución, y segundo, de prudencia, ya que involucra miles y miles de personas", dijo Deng, de 82 años.

Reiteró la intención de China de mantener su política de "puerta abierta" a la inversión extranjera

De la Madrid respondió que México "sigue con gran interés" el progreso de la China, puesto que ambos países están preocupados por la paz mundial.

De la Madrid, que se convirtió en el tercer presidente mexicano en visitar China, calificó de "muy importantes" sus conversaciones con el primer ministro Zhao Ziyang

Poco Legible

RPett

A/FINANCIERO 04-12-86

China consigue crédito por u$s 475 millones

Pekín (UPI) — La **Occidental Petroleum Corp.**, y el **Banco de China** firmaron ayer un préstamo sindicado de **475 millones de dólares** para financiar la explotación de una mina de carbón a tajo abierto en la provincia de **Shansi**, que es la mayor empresa conjunta chino-estadounidense.

El préstamo, conducido por **Bank of America**, es el mayor paquete financiero organizado por bancos extranjeros en **China** y requirió tres años de difíciles negociaciones a menudo enturbiadas por incertidumbre en torno de los declinantes precios del carbón y a la atmósfera para la inversión en **China**.

Otros bancos que participaron en la conducción del préstamo son **Bank of China, Crédit Lyonnais, The Industrial Bank of Japan Ltd., y The Royal Bank of Canada**. El **Bank of America** es la única entidad estadounidense entre los 39 bancos participantes, la mayoria de los cuales son japoneses.

"Es una gran muestra de confianza cuando hoy en dia los bancos prestán **475 millones de dólares** para una empresa conjunta que uños pocos años atrás todos eran escépticos en que seria concretada", le expresó el titular de la **Occidental Armand Hammer** al vice primer ministro chino, **Li Peng**, antes de la ceremonia de la firma.

La mina es una de las más grandes del mundo a tajo abierto y se estima que producirá **15 millones de toneladas de carbón** al año.

01-01

8700348

RPet

Radares para Pekín

WASHINGTON, 5 (Reuter). — China firmó un acuerdo para comprar radares estadounidenses y otros elementos electrónicos para los aviones caza F-8 de fabricación china, por valor de 550 millones de dólares.

El Departamento de Defensa norteamericano señaló que el acuerdo se logró después de la visita que realizó a ese país el secretario de esa cartera, Caspar Weinberger.

Es ésta la mayor compra militar de Pekín a Washington desde la instauración del gobierno comunista en aquel país.

El teniente coronel de aviación Don Brownlee, vocero del Pentágono, dijo que "la venta incluirá en su mayor parte artículos «standard» disponibles en nuestra industria de aviación".

El Pentágono indicó que China está modernizando sus fuerzas armadas, y la administración Reagan ofreció este año venderle equipos defensivos de aviación, incluidos radares aerotransportados, equipos de navegación y computadoras.

Clarín 6/11/86

01-01 8700349

RPCH
Fichaje

EL DIA 17-12-86

Libertad preocupa a Pekín

PEKIN — Un importante funcionario de la actividad literaria en China afirmó ayer que Pekín está "muy preocupado" en cuanto a si permitir o no cartelones con leyendas políticas, como los colocados la semana pasada por grupos de estudiantes durante demostraciones instando a más democracia y libertad en la nación.

Kie Yongwang, un vocero de la asociación de Escritores Chinos, patrocinada por el Estado y editor de noticias de arte y literatura, expresó "satisfacción" por el reciente aflojamiento de los controles culturales y manifestó confianza en que esa política continuará.

033

RPCH Fichaje

La Prensa 6/11/86

Exposición de armas en Pekín

Pekín (UP) — El ministro de defensa, Zhang Aiping, inauguró la mayor exhibición internacional de armas en China, que incluye una muestra sin predecentes de equipos militares chinos.

Cientos de especialistas en armas se reunieron en el Centro Internacional de Exhibiciones de Pekín, para inspeccionar más de 1 000 muestras, desde máscaras de gas, hasta fusiles, cañones y vehículos blindados.

La exposición de tecnología de defensa del continente asiático, llamadas Asiande, incluye la primera amplia exhibición de equipos militares chinos ofrecidos en el mercado internacional, y muestras de 158 contratistas de defensa y organizaciones gubernamentales de 11 países.

Entre los participantes de la muestra se encuentran Gran Bretaña, Canadá, Italia, Alemania occidental, Francia y los Estados Unidos.

China invitó a compradores de armas de 37 paises, especialmente del "tercer mundo", para asistir a la presentación que fue organizada por el consejo chino para la promoción de comercio internacional y por la corporación china Nueva Era, un conjunto de empresas que representa a las seis industrias del Ministerio de Defensa.

PARTES POCO LEGIBLE

RPCH Importante Relación c/Uruguay

Viernes 19 de setiembre de 1986

Relaciones con China, o de realidades y falacias

El eventual establecimiento de relaciones diplomáticas con Pekín, sigue dando lugar a variados comentarios. A medida que esa decisión parece más próxima, arrecian las críticas por parte de quienes intentan impedirla.

Tales críticas son de diversa índole. Aquí nos ocuparemos de la afirmación de que esas relaciones sólo pueden ser establecidas bajo condición de renunciar a prerrogativas esenciales, inherentes a nuestra soberanía.

Es sabido que el gobierno de China Popular (o comunista o continental, que de tales maneras indistintamente es conocida), proclama ser el único representante legítimo de la nación china, y no acepta por ello que otros Estados mantengan simultáneamente relaciones diplomáticas con Taiwan. Esa postura ha sido sostenida consecuentemente por aquel gobierno, y de este modo todos los países que intercambiaron embajadores con Pekín, incluido según es notorio Estados Unidos de Norteamérica, retiraron su personal estrictamente diplomático —no así sus representantes comerciales— de la China insular.

La tesis de ciertos impugnadores es, decíamos, que el gobierno chino pretende imponernos condiciones lesivas de nuestra dignidad y que, por ello, debemos mantener el "statu quo".

Esa tesis es errónea. Y es, además, particularmente injusta.

Es errónea, no ya porque la postura de China continental es sustentada desde hace muy largo tiempo y frente a todos los Estados —desde que no por ello dejaría de ser lesiva para nosotros si tal resultara por su naturaleza—, sino porque no puede hablarse propiamente de una imposición, esto es, de un constreñimiento irresistible de nuestra voluntad. En todo caso es claro que —más allá de que se ponga de por medio una condición que no nos agrada— no se nos ha amenazado con una acción ilegítima dirigida contra el país, ni con la omisión de un hecho debido, a nuestro favor, según las reglas del derecho internacional.

Si la posición china fuese entendida de ese modo, casi no habría negociación de clase alguna entre Estados, e incluso entre personas privadas, en que una de las partes no fijase condiciones lesivas para la dignidad de la otra. El intercambio de mercancías, el ingreso a uniones aduaneras o a mercados comunes, el otorgamiento de créditos o la refinanciación de deudas, están regularmente sujetos a requisitos gravosos. Baste como ejemplo la exigencia de comprar ciertos productos extranjeros como contrapartida de la venta de bienes de producción nacional. No hablemos ya del condicionamiento que significa la fijación de determinadas políticas económicas y financieras —y el sometimiento a los controles del caso— para obtener el favor de ciertos organismos multinacionales de crédito, e inclusive para acceder a fuentes privadas de financiamiento. Porque aquí sí que la diferencia ya no es de grado, sino de esencia.

Por otra parte, los supuestos de hecho en que la impugnación se basa, frecuentemente no coinciden con la realidad. A modo de ejemplo, las informaciones que ciertos órganos de difusión brindaron con motivo de la reciente visita de una delegación china, difirieron regularmente con los hechos. Se llegó al extremo de que el contenido de alguna nota periodística relacionada con esa visita, nada tenía que ver con su detonante título.

La tesis es, por ello y en buena medida, infundada, en el estricto plano de la realidad. Pero es, sobre todo, profundamente injusta, en cuanto coloca a quienes consideramos que el país debe normalizar sus vínculos diplomáticos con Pekín, en la lista de los que resignarían prerrogativas irrenunciables de la nación a cambio de tales o cuales ventajas supuestas. Claro está que la vocinglería de quienes pretenden que el Uruguay no mire lo que sin embargo no puede dejar de ver, no perfila por sí sola una defensa consecuente de la soberanía nacional, ni coloca a quienes opinan de diferente modo en el bando contrario. Los hechos y, por encima de todo, las conductas, continúan siendo, por suerte, más elocuentes que las palabras.

Luis José Martínez

01-01

033

RP.CH

050976

Iglesias: más vínculos con China Popular

PEKIN. — El canciller Enrique Iglesias dijo que China y Uruguay "tienen gran interés en continuar promoviendo las relaciones bilaterales para normalizar por completo las relaciones diplomáticas en un momento dado".

En una entrevista concedida a la agencia oficial "XINHUA" en Naciones Unidas, Iglesias expresó que Uruguay "quiere estrechar sus relaciones con China en todos los campos".

Uruguay y Paraguay son únicos países sudamericanos que aún no mantienen relaciones diplomáticas con China Popular.

La mayoría de los países que aún reconoce a Taiwán (República de China) son los situados en Centroamérica, con la excepción de Nicaragua que recientemente abrió su Embajada en Pekín.

Iglesias recordó a la agencia "XINHUA" que las relaciones económicas entre su país y China se han desarrollado últimamente y que ambos países han mantenido frecuentes contactos diplomáticos y políticos desde que el gobierno constitucional fue formado en 1985 en Uruguay.

También se refirió a la entrevista mantenida el año pasado en Naciones Unidas entre el presidente Sanguinetti y el canciller chino Wu Xueqian.

"Esta entrevista" —dijo— "muestra que ambas partes tienen gran interés en continuar promoviendo sus relaciones hasta normalizarlas por completo en un momento dado".

En los últimos meses las visitas de delegaciones políticas y económicas tanto chinas a Uruguay como de este país a China se han multiplicado.

Respecto de los esfuerzos realizados por el Grupo Contadora y el Grupo de Apoyo, para lograr una solución política al conflicto de Centroamérica, Iglesias dijo que aunque últimamente tuvieron algunos problemas no van a cesar en sus esfuerzos pacificadores.



Enrique Iglesias

Iglesias señaló que la solución al problema de la deuda externa de los países de Latinoamérica radica en que se dé oportunidad a las naciones deudoras para que puedan pagar su deuda mediante el desarrollo de sus respectivas economías.

01-01

8700367

RPCH

Xangai será grande centro de comércio

Pequim — A China está decidida a transformar Xangai, a maior cidade do país, num dos mais importantes centros de comércio da costa ocidental do Pacífico, segundo noticiou ontem o jornal Diário da China. O plano, recentemente aprovado pelo poderoso Conselho de Estado, prevê grandes melhoramentos em cinco anos na infra-estrutura da cidade de mais de 12 milhões de habitantes e está baseado num empréstimo de 100 milhões de dólares separados pelo Banco Mundial.

"O Plano Global da Cidade de Xangai pede por melhorias a antigas reclamações de habitantes e homens de negócios em relação ao congestionado tráfico, falta de moradia, telecomunicações ineficientes e energia inadequada", comentou o jornal.

Pelo Plano, que será supervisionado por uma comissão especialmente designada por Pequim, sete cidades satélites de Xangai serão expandidas e ligadas por estradas e ferrovias, o mesmo acontecendo com nove áreas industriais e centros de comércio ao redor da cidade. Aeroportos e portos serão ampliados, os rios Suzhou e Huangpu passarão por drenagens e uma área específica, a de Padong, se tornará "uma nova base para finanças, comércio, cultura, educação e informação", disse o Diário da China.

Um projeto de tão grande dimensão não poderia deixar de lado o problema populacional de Xangai. Uma das cidades mais densamente habitadas no mundo, ela deve chegar ao ano 2000 com não mais de 13 milhões de pessoas — em 14 anos a população cresceria em menos de 1 milhão de habitantes — o que, segundo o jornal, ajudaria a "criar um clima mais atrativo para investimentos estrangeiros".

• As autoridades chinesas, preocupadas com a migração interna para Pequim, estão aumentando seu controle sobre os residentes temporários a fim de evitar o fluxo de criminosos e mendigos, que, informa o jornal China Daily, de língua inglesa, constituem "séria ameaça" à ordem social. Com as novas medidas, os visitantes só poderão permanecer três dias na capital.

25/0886

8700368

01-01

RPelt

26/10/86 La Prensa

Desertó un piloto de China roja

Seúl, 24 (UP) — Un piloto de combate de China comunista desvió hoy un avión MIG-19 hacia Corea del Sur, en lo que parecía ser una deserción de su país, informó el Ministerio de Defensa.

El avión chino fue interceptado sobrevolando el mar Amarillo y fue acompañado a una base aérea cerca a Chongju, a 112 kilómetro al sudeste de Seúl, dijo un vocero del ministerio.

Se trata de la segunda vez que un piloto chino deserta este año a Corea del Sur y la cuarta desde 1983.

El 7 de agosto, un piloto chino utilizó un avión MIG-21 para trasladarse a Taiwán, en busca de asilo político.

La versión china del avión soviético IL-28 efectuó un aterrizaje de emergencia el 25 de agosto de 1985 en un sembradío de arroz en Taiwán, donde las autoridades le concedieron asilo político.

Otro piloto chino desertó el 19 de abril, tras dirigirse a Corea del Sur a bordo de un MIG-19.

Los aviones siempre han sido devueltos a China.

El vocero del ministerio dijo que el avión y el piloto están bajo la protección de las autoridades de Corea del Sur, y que se están esperando los resultados de una investigación sobre el caso.

En Taiwán, las autoridades señalaron que su embajada en Seúl estaría buscando la liberación del piloto y que el mismo podría dirigirse a Taiwán si así lo desea.

RPol

Presidente de la RDA viajará a China Popular

Berlín (ADN) — Mi viaje a la República Popular China proseguirá las relaciones tradicionalmente amistosas entre los pueblos de la RDA y China, las cuales tienen su origen en las batallas de la clase *obrera* alemana y china contra el imperialismo, la opresión, el fascismo y la guerra. Esto lo subrayó el jefe de partido y de estado de la República Democrática Alemana, Erich Honecker, en una entrevista concedida aquí a "Reamin Ribao" y a la agencia Xinhua.

Honecker calificó esta visita de muy oportuna. El inminente intercambio de opiniones sobre cuestiones internacionales y bilaterales contribuirá a mejorar el entendimiento mutuo y a dar nuevos impulsos a la obra común en la construcción socialista y en la lucha por la paz y la seguridad internacional, afirmó, al tiempo que aludió al continuo desarrollo positivo de las relaciones entre la RDA y la RPCH en las esferas política, económica y cultural en beneficio de los dos estados socialistas y sus pueblos y en interés de la paz.

Honecker dijo que el orden social socialista en ambos países y sus potencias económicas constituyen una buena premisa para acelerar el desarrollo de la cooperación económica y científico - técnica. Ante los progresos alcanzados ya por los esfuerzos conjuntos, se expresó muy optimista en cuanto al continuo desarrollo de las relaciones. La visita, agregó, profundizará la amistad y abrirá una nueva etapa en las relaciones en beneficio recíproco.

Refiriéndose a cuestiones del aseguramiento de la paz en el mundo, Erich Honecker destacó la responsabilidad especial de la RDA, armas acumuladas particularmente en el continente europeo para liberar, finalmente, al mundo de esas peligrosas armas de exterminio en masa. Señaló que la RDA se empeña constructivamente en favor de la creación de una atmósfera de la confianza y la cooperación de buena vecindad, "con el fin de asegurar el porvenir pacífico de la humanidad, llevamos el diálogo objetivo con todos quienes estén dispuestos a participar en él", declaró.

LA HORA 18/10/86

RPch

Socialismo y capitalismo

PEKIN, 29 (UPI). - El líder Deng Xiaoping dijo hoy al premier de Polonia, general Wojciech Jaruzelski, que China todavía no ha probado que el socialismo sea mejor que el capitalismo, a casi 40 años del triunfo de la Revolución.

Un diplomático occidental calificó como atrevida la declaración de Deng de que China tiene que construir una sociedad de riquezas para "ser capaz de hablar de la superioridad del socialismo".

Deng hizo sus comentarios durante una reunión con Jaruzelski, quien visita el país, en la Gran Sala del Pueblo, un día después de que el Comité Central del Partido Comunista adoptó una resolución que promueve la empresa privada bajo las reformas económicas orientadas al mercado.

JAQUE 8

China

Hablándole al general

En vísperas de la visita oficial del dictador polaco Wojciech Jaruzelski a Beijing, el Partido Comunista Chino aprobaba, en su sesión plenaria anual, una resolución favorable a la instalación de una *"civilización espiritualmente socialista"*, la que debería *"servirse de la ciencia y la tecnología, la gestión económica y otros adelantos útiles de las naciones capitalistas más avanzadas"*. Pagando tributo al *"marxismo-leninismo y al pensamiento de Mao Dsedong como una teoría directiva"*, los comunistas chinos instaron a no considerar el marxismo como *"un dogma rígido"*, al tiempo que alertaban contra la tendencia a *"celebrar ciegamente las filosofías burguesas y sus doctrinas sociales"*. No obstante, el Comité Central afirma que no se debe *"condenar las diferencias justificables en los ingresos de la gente... China debe estimular a parte de su pueblo a ser más próspera en principio, antes que el objetivo de prosperidad común sea alcanzado"*.

Esta peculiar lectura del marxismo, respaldada con la autoridad de los 325 miembros titulares y alternos del Comité Central del PCCh (entre los que se encontraban el pequeño Deng Xiaobing, así como el Secretario General Hu Yaobang, el Primer Ministro, Zao Ziyang, y el Presidente Li Xiannian, pasaba por un necesario diagnóstico: *"nuestro país está apenas en la etapa inicial del socialismo (por lo que) debemos aplicar el principio de la distribución de acuerdo al trabajo y desarrollar la economía de mercado socialista y la competencia"*. Si bien se asegura que la posición dominante será la del sector público, dice el PCCh que se *"estimulará a algunas personas a que se enriquezcan primero, antes que se logre el objetivo de prosperidad común... rechazando firmemente todos los aspectos feos y decadentes del capitalismo"*.

La lección fue bien aprendida. Horas después llegaba a Beijing Jaruzelski, encargado, precisamente, de restañar las distancias políticas entre la Europa Oriental y el régimen comunista chino. Pues bien, ante el mismo dictador polaco Deng expresó que *"China todavía no ha probado que el socialismo sea mejor que el capitalismo, a casi cuarenta años del triunfo de la Revolución"*. *"En el pasado,* aclaró Deng, *no tuvimos respuestas a las preguntas sobre qué es el socialismo, o si la pobreza puede existir con el socialismo"*. En una sociedad comunista, afirmó, la riqueza debería distribuirse a cada cual de acuerdo a sus necesidades. *"Pero"*, culminó, *"si a esta altura todavía estuviéramos en una situación de pobreza, ¿qué es lo que podríamos distribuir?"*. No fue Jaruzelski quien respondió a la pregunta.

RPCH
F. Tecnológicos
Sup.

Satélites con fines comerciales

Pekín (UP) — China, que se prepara a ingresar en el lucrativo negocio mundial de los lanzamientos espaciales con fines comerciales, anunció que completó con éxito la misión orbital de su 19º satélite.

El anuncio ocurrió un día después que el secretario de defensa de los Estados Unidos, Gaspar Weinberger, que visita un centro espacial en la provincia de Sichuan, afirmara que China tiene "evidentemente la capacidad para realizar lanzamientos comerciales".

"Un satélite de relevamiento de recursos terrestres, que trasportaba valiosos datos tecnológicos, retornó a China según lo programado", informó la agencia noticiosa Xinjua.

Un funcionario del programa espacial afirmó a Xinjua que el satélite fue lanzado el lunes desde el centro de lanzamientos Jiquan en la provincia de Gansu.

"Todos los instrumentos en el satélite funcionaron normalmente y retornaron a tierra según lo planeado", sostuvo el funcionario.

Min Guirong, presidente de la Academia China de Tecnología informó que el satélite de relevamiento de esta semana, estaba equipado con "tecnología especial" que resultó en fotografías más níticas.

"Las fotos del satélite y otros datos se usarán para relevar la tierra del país, para hacer propección de recursos, dibujar mapas de tierra adentro y las costas, y para planificar ciudades", agregó.

19/10/86

RPCH- Nicaragua

PEKIN REGALO 20 MILLONES DE DOLARES

Pekín. — China otorgó un préstamo por valor de veinte millones de dólares a Nicaragua sin intereses ni plazo de devolución, en señal de solidaridad política y económica, anunció el Presidente Daniel Ortega en Pekín.

El primer mandatario nicaragüense habló en una rueda de prensa, punto final de su visita oficial de cuatro días a China.

Ortega declaró estar muy satisfecho por los resultados de su visita a China, primera que realiza un presidente de país centroamericano, porque "abrió perspectivas para reforzar y desarrollar las relaciones sino-nicaragüenses".

El presidente del gobierno sandinista dijo que la posición China es de "total rechazo de la agresión norteamericana a Nicaragua y de apoyo a una solución pacífica, a alcanzar con el diálogo y las negociaciones".

Ortega no quiso especificar si la ayuda china incluye también armas, pero dijo que durante sus entrevistas en China, tuvo ocasión de explicar ampliamente a las autoridades la situación de Nicaragua y sus necesidades. "La respuesta fue positiva", agregó.

Los veinte millones de dólares serán empleados en ayuda al pueblo de Nicaragua e incluye también productos alimenticios y bienes de consumo.

China, por su parte, ha sostenido siempre que no dará armas a Nicaragua.

Ortega opinó que el presidente norteamericano Ronald Reagan "es sumamente peligroso", porque "es como un niño caprichoso, pero con armas atómicas y soldados".

China y Nicaragua entablaron relaciones diplomáticas en diciembre del año pasado y Pekín apoyó desde un principio al gobierno sandinista en su lucha contra los "contras" respaldados por Estados Unidos.

Ortega se entrevistó también hoy con el líder chino Deng Xiaoping. Según la agencia "Nueva China", Deng insistió en "la oposición de China a todo intento de hegemonía practicado por pequeñas o grandes potencias y su apoyo a toda acción que conduzca a la paz mundial".

190986

RPCH con jodo con URSS

Hoy co
conve

Pekín, (PL) – Soviética está l discutir con China cuestión que inter dos partes en bene normalización relaciones bilater presó ayer el vic soviético Igor Rog

En declaracio prensa en el aerop arribo a la capital para la novena conversacione representantes de los dos países, aseguró que las r entre las dos naciones están en franco proceso de desarrollo.

El nuevo representante de la URSS en las negociaciones puntualizó que por su parte actuarán acorde con la serie de propuestas presentadas personalmente por el líder soviético Mijail Gorbachov el pasado 28 de julio en Vladivostok para mejorar sustancialmente los nexos con China Popular.

La serie de propuestas incluye negociar el diferendo fronterizo subsistente, para lo cual convinieron ya reanudar conversaciones el año próximo y la reducción de las tropas en la frontera común, elevar a los más altos niveles el dialogo político, y extender la cooperación mutua a nuevas áreas, incluidas la espacial para lo cual Moscú mostró su disposición a entrenar a cosmonautas del país asiático.

La novena ronda de conversaciones, se iniciará hoy con Rogachov, el nuevo vicecanciller encargado de la zona, encabezando la parte soviética por la local, el vicecanciller Qian Qichen, el interlocutor habitual de China en esta pláticas.

El encuentro es el primero de su categoría después de las propuestas presentadas por Gorbachov en Vladivostok, y la visita del primer vicepremier soviético Nikolai Talyzin a China y las extensas conversaciones de los cancilleres de las dos naciones en Nueva York la semana pasada.

Las conversaciones entre enviados especiales de los

06 09 86 La Hora

RPCH con jodo con URSS

Hoy comienza novena ronda de conversaciones sino-soviéticas

Pekín, (PL) – La Unión Soviética está lista para discutir con China cualquier cuestión que interese a las dos partes en beneficio de la normalización de las relaciones bilaterales, expresó ayer el vicecanciller soviético Igor Rogachov.

En declaraciones a la prensa en el aeropuerto a su arribo a la capital pekinesa para la novena ronda de conversaciones entre representantes especiales de los dos países, Rogachov aseguró que las relaciones entre las dos naciones están en franco proceso de desarrollo.

El nuevo representante de la URSS en las negociaciones puntualizó que por su parte actuarán acorde con la serie de propuestas presentadas personalmente por el líder soviético Mijail Gorbachov el pasado 28 de julio en Vladivostok para mejorar sustancialmente los nexos con China Popular.

La serie de propuestas incluye negociar el diferendo fronterizo subsistente, para lo cual convinieron ya reanudar conversaciones el año próximo y la reducción de las tropas en la frontera común, elevar a los más altos niveles el dialogo político, y extender la cooperación mutua a nuevas áreas, incluidas la espacial para lo cual Moscú mostró su disposición a entrenar a cosmonautas del país asiático.

La novena ronda de conversaciones, se iniciará hoy con Rogachov, el nuevo vicecanciller encargado de la zona, encabezando la parte soviética por la local, el vicecanciller Qian Qichen, el interlocutor habitual de China en esta pláticas.

El encuentro es el primero de su categoría después de las propuestas presentadas por Gorbachov en Vladivostok, y la visita del primer vicepremier soviético Nikolai Talyzin a China y las extensas conversaciones de los cancilleres de las dos naciones en Nueva York la semana pasada.

Las conversaciones entre enviados especiales de los dos países se reanudaron a fines de 1982, y desde entonces las relaciones bilaterales conocen progresivo avance de los campos político, económico, comercial, científico, tecnológico, cultural, educacional, y otros.

Durante la etapa restablecieron las relaciones de cooperación en los terrenos económico, científico y tecnológico, firmaron el primer convenio comercial quinquenal, y reanudaron los contactos entre los parlamentos y organizaciones sociales y de masas respectivas, luego de más de 20 años de suspensión.

En la esfera comercial, los intercambios mutuos aumentaron nueve veces durante el cuatrienio hasta alcanzar el año pasado el nivel récord de dos mil 400 millones de dólares y hay acuerdo oficial para elevarlo a siete mil 500 millones de dólares para fines del presente quinquenio.

06 09 86 La Hora

01 - 01

8700375

RPett

Relaciones sino-soviéticas: sin cambios

Pekín (UP) — China dijo que la novena ronda de conversaciones entre Pekín y Moscú no logró "cambios sustanciales", pero que la Unión Soviética aceptó discutir por primera vez sobre temas considerados por China como obstáculos para una mejora en las relaciones bilaterales.

Ambos países anunciaron que las conversaciones, estancadas tras la invasión soviética a Afganistán en 1979, serán reanudadas en febrero.

Diplomáticos occidentales y fuentes europeo-orientales dijeron que a pesar de no haberse logrado grandes avances en las conversaciones, el lado soviético mostró mayor flexibilidad que en las sesiones previas.

Antes de partir hacia Moscú, el viceministro de relaciones exteriores de la Unión Soviética, Igor Rogachev, expresó satisfacción por las "constructivas" discusiones de la semana pasada en Pekín.

Pero el vicecanciller chino, Qian Qichen, dijo a los periodistas que el encuentro logró "cambios sustanciales" especialmente en lo referido a Camboya.

161086

01 - 01 8700376

RPett

EL PAÍS 12/10/86

CHINA TAMBIEN PRESIONA

Mijail Gorbachov también quiere acercarse a China Roja, quizá para contrarrestar el incremento de las relaciones sino-norteamericanas. Los vecinos y gigantes asiáticos se mantienen separados desde 1960, cuando se dieron la espalda por agudas diferencias ideológicas. Desde entonces, salvo una reunión que tuvo lugar en 1969 entre los primeros ministros Alexei Kosygin y Chou En-lai, ambos paises mantienen una fria relación protocolar.

La ofensiva diplomática soviética comenzó este año con una propuesta del Kremlin para concertar una reunión con dirigentes chinos de alto nivel, pero la misma fue desechada. Más tarde, a fines de julio, Gorbachov pronunció en Vladivostok un discurso conciliador, destinado a mejorar las relaciones soviéticas con China y otros países de Asia y el Pacífico. Sus palabras fueron seguidas por una concesión aparentemente unilateral para solucionar un diferendo fronterizo que mantenía con Pekín, y sugerencias sobre un posible retiro de tropas de Mongolia. Estas iniciativas no alcanzaron para seducir a China.

La respuesta de Deng Xiaoping se hizo esperar hasta setiembre, y sólo fue para anunciar que estaría dispuesto a reunirse con Gorbachov, si éste adopta medidas concretas para lograr que Vietnam retire sus tropas de Campuchea (Cambodia). Los vietnamistas invadieron ese país a fines de 1978, dejando en su territorio entre 160.000 y 180.000 soldados que cooperan con el gobierno títere en la lucha contra el Frente de Liberación Popular Khmer. y un grupo que encabeza el depuesto Príncipe Norodom Shianouk, unidos en el intento de recobrar la independencia perdida.

En rigor, los chinos citan tres obstáculos para reanudar las conversaciones con Moscú. Además de la ocupación vietnamita de Cambodia, Pekín objeta la invasión de Afganistán por parte del Ejército Rojo y la masiva presencia de tropas rusas a lo largo de la extensa frontera sino-soviética. Como se puede apreciar, china también resiste la apetencia neo-colonialista de Moscú.

033

Pekín, Moscú y Camboya

Una respuesta cortés más que una arremetida decisiva. Tal es la interpretación dada por diversos observadores a las expresiones de Deng Xiaoping, que se declaró dispuesto a ir a la URSS para encontrarse con Gorbachov si Moscú "presiona a Vietnam para que ponga fin a su agresión a Camboya y para que retire sus tropas".

El 28 de julio, en su discurso en Vladivostok, el número uno soviético implícitamente había deseado tal encuentro. Deng Xiaoping acepta en principio poniéndole una condición, la más difícil de cumplir, indudablemente, para el Kremlin. ¿O sea que el dirigente chino se contentó con devolver la pelota al campo adversario?

Existen diversas razones para pensar que su gesto puede ir más lejos. En la entrevista al canal estadounidense de televisión CBS, en el curso de la cual tuvo esas expresiones, Deng Xiaoping evocó igualmente las relaciones entre China y Estados Unidos. Presentó como un "inmenso obstáculo" al desarrollo de estas relaciones el apoyo dado por Washington al régimen de Taiwan. Pocas veces había sido puesto en evidencia en forma tan clara la preocupación por la equidistancia china respecto de las dos superpotencias.

Es igualmente significativo el hecho de que Deng Xiaoping entre personalmente por el camino de un mejoramiento de las relaciones sino-soviéticas. De todos los miembros de la dirección china, es él, en efecto, quien hasta el momento ha manifestado la mayor desconfianza respecto de Moscú, donde se lo considera desde hace mucho como a un interlocutor particularmente difícil.

Por último, y sobre todo, la eventualidad de un encuentro en la cumbre entre chinos y soviéticos es evocada en un momento en que las relaciones entre los dos países entran en una fase activa. El pasado 8 de setiembre viajó a Pekín, Nikolai Talzyn, primer viceprimer ministro y miembro suplente del Buró Político del PC soviético. El objetivo de las tratativas de Talzyn, que es igualmente presidente del Gosplan, era en principio de orden sobre todo económico con vistas a la firma de nuevos acuerdos de cooperación. Sin embargo las cuestiones políticas no estuvieron ajenas en el orden del día de las conversaciones.

Ahora bien, se destacó a este respecto la presencia en la delegación soviética, junto a Talzyn, de Igor Rogatchev nuevo viceministro de Relaciones Exteriores encargado del sector Extremo Oriente que el pasado verano (boreal) se dirigió en misión a las tres capitales indochinas, a Hanoi especialmente. ¿Fue un completo azar, por otra parte, si el príncipe Sihanouk, jefe de la coalición antivietnamita en Camboya, se encontraba al mismo tiempo en la capital china?

Lo menos que se puede decir es que, si se quiere hablar entre chinos y soviéticos del "obstáculo camboyano", las condiciones ya están reunidas, en todo caso, como para poder hacerlo. ¿Conversación imposible? Quizás no, si se comprende bien las opiniones de Deng Xiaoping, que no ha hecho del retiro de las tropas vietnamitas una condición previa para su encuentro con Gorbachov, sino que sólo pide a los soviéticos que ejerzan una presión en este sentido sobre Hanoi. Queda por saber en qué momento estas "presiones" serán consideradas suficientemente significativas en Pekín y hasta qué punto la URSS —que no puede desautorizar a su aliado vietnamita— está en condiciones de ejercerlas.

121080

PARTES POCO LEGIBLE

ARCHIVAR EN: Rep. Pop. China (033)

TEMA: Relaciones de China con países de Europa Oriental.-

PROCEDENCIA:

ARCHIVADO EN: Embajada China (135/B)

01 - 01 8700379

R. P. Ch

033

1085

Lunes 15 de diciembre de 1986 • LA PRENSA

Convenio entre la Facultad de Derecho y el gobierno chino

Presidido por el rector de la Universidad de Buenos Aires, doctor Oscar Julio Shuberoff, se realizó en el salón del Consejo Superior de la casa de altos estudios el acto protocolar de firma del acuerdo celebrado por la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales y el Ministerio de Justicia de la República Popular China, mediante el cual la mencionada Facultad formará a cincuenta abogados chinos.

Asistieron el embajador de aquella República, Shen Yunao; el director de Asuntos Culturales de la Cancillería, embajador Ramiro de Casasbellas; el decano de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales, doctor Jorge Alberto Sáenz; representantes del cuerpo diplomático chino, y otras autoridades universitarias.

En virtud del mencionado convenio, la carrera de posgrado para Abogados de la Empresa dictará un curso acelerado de doscientas horas de clases, en la ciudad de Chongqing, para el entrenamiento de cincuenta abogados chinos procedentes de distintos centros de ese país, con el objeto de prepararlos para la negociación internacional de adquisición de tecnología y recepción de capitales extranjeros. El curso será dirigido por el profesor Liao Junchang, del Instituto de Ciencias Políticas y Jurídicas del Suroeste Chino, y por el director de la citada carrera, profesor Remo F. Entelman.

Hablaron el doctor Shuberoff, el consejero político de la embajada china, Tang Yonggui, y el profesor Entelman.

El rector manifestó que "es un orgullo para esta Universidad el motivo que nos congrega, fundamentalmente porque se enmarca en la política que el Consejo Superior viene desarrollando, en el sentido de abrir todos los canales posibles para nuestro contacto con la ciencia y la cultura universal. Normalmente estamos abocados —dijo— en la tarea de abrir compuertas para recibir aquello que tanto nos está haciendo falta en esta complicada misión de regenerar los valores de la Universidad.

"En este caso -añadió- es un legítimo motivo la satisfacción para la Universidad, y en particular para la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales, la firma de un convenio mediante el cual esta Universidad se compromete a prestar asistencia académica en la República Popular China para la formación de posgrado en un tema que es sumamente crítico en las presentes circunstancias".

Por su parte el consejero político de la embajada china, Tang Yonggui, expresó que "con la firma de este acuerdo entre la Universidad de Buenos Aires y el Instituto de Ciencias Políticas y Jurídicas del Sudoeste de la República Popular China, vamos a dar un paso muy concreto en el estrechamiento de las relaciones existentes entre mi país y la República Argentina".

El doctor Entelman dijo que "La Facultad de Derecho considera una nota de prestigio y una seria distinción el poder haber llegado a efectuar este acuerdo que supone la trasferencia de una tecnología que hemos desarrollado recientemente, y que originariamente surgió por la ambición de entregar a la comunidad argentina abogados formados de otra manera para prestar servicios al sector empresario".

8700577

01-01

RPeH

PEKIN (ANSA y EFE).- La Reina Isabel II de Inglaterra finalizó ayer en Guangzhou (Cantón) su histórica visita a China de seis días de duración y emprendió viaje hacia la colonia británica de Hong Kong.

La visita de la soberana inglesa no fue, ni mucho menos, un mero trámite protocolario para sellar el destino de Hong Kong. La reina se entrevistó con la plana mayor de los dirigentes chinos -Deng, el presidente Li, el premier Zhao y el secretario general Hu- y auspició la firma de importantes contratos.

China puso especial interés en brindar a la Reina y a su esposo, el Duque de Edimburgo, un recibimiento grandioso -sin precedentes, dicen los observadores-, desplegando su hospitalidad y cortesía, como lo prueba el inhabitual hecho de que el propio Deng Xiaoping se desplazara a la residencia de la Reina para entrevistarse con ella.

Tampoco es corriente que el Presidente Li Xiannian viaje a Shanghai para asistir a un acto oficial organizado por un dignatario extranjero, y menos aún si se trata, como en esta ocasión, de un banquete de retribución ofrecido por la Reina a bordo del yate real Britannia.

Sin embargo, la ocasión bien lo merecía, pues esta fue la primera visita de un monarca inglés a China, un símbolo diáfano del acercamiento entre ambos países desde la firma del acuerdo sobre Hong Kong y un fiel reflejo de que quedaron definitivamente atrás las guerras del opio del siglo pasado.

En este sentido, en círculos diplomáticos se hacían cábalas sobre si China no se ha excedido en su recibimiento a la soberana inglesa.

Fuentes diplomáticas dijeron que China se ha apartado de su habitual política de tratar a todos los países, sean grandes o pequeños, por igual. Hay países más iguales que otros, agregaron.

Otras fuentes consideraron que el programa de la visita y las atenciones prodigadas a la pareja real fueron tan abrumadores que llegaron a incomodar a la Reina y sobre todo al Príncipe Felipe, mucho menos paciente que su esposa.

En todo caso, parece casi seguro que la Reina Isabel II y su esposo repitan visita en un futuro. Los dirigentes chinos han reiterado las invitaciones en este sentido, y la soberana inglesa ha afirmado que desearía visitar el campo en su próximo viaje, posiblemente no tan histórico como éste.

China y Gran Bretaña aprovecharon su luna de miel para estrechar vínculos comerciales y firmar una docena de acuerdos, entre los que destacan una empresa siderúrgica mixta con un coste total de 4.000 millones de dólares y un contrato de telecomunicaciones por valor de 20 millones de dólares.

La Reina Isabel II quedó especialmente impresionada con los guerreros de terracota que protegen la tumba del primer emperador que unificó China, cerca de Xian, la antigua capital imperial.

19/1096

8700596

01-01

Riempre RPCH - cruzan RFA

033

Clarín. 26/11/86.

ALEMANIA FEDERAL

Diplomático chino asilado

BONN 25 (AP y DPA) — El primer secretario de la embajada china en Alemania Federal, Tu Pingju, pidió asilo político en esta capital, con su esposa, dijeron fuentes del gobierno alemán. Las fuentes confirmaron así un anuncio de una organización de derechos humanos, emitido hoy en Francfort, de que el diplomático chino y su esposa, Cho Meilan, habían solicitado asilo a primera hora del lunes.

Un funcionario dijo a periodistas occidentales que el informe era correcto y que el matrimonio se había asilado en Bonn.

"En este momento no conocemos sus razones y no tenemos informes sobre su paradero", dijo a la prensa el funcionario, que declinó ser identificado.

La Sociedad Internacional de Derechos Humanos, un grupo de Francfort, dijo esta tarde que "el alto diplomático chino dio ayer ese paso espectacular porque ha rechazado desde hace largo tiempo el sistema comunista en su patria".

El comunicado agregó que "tratamos de establecer contacto con él, con el fin de aconsejarlo, si así lo desea".

El grupo dijo que recibió la información de "fuentes fidedignas de Bonn" que tampoco identificó.

En la lista de diplomáticos de Bonn aparece un individuo identificado como Tu Bingru como primer secretario de la sección comercial de la embajada china quien llegó aquí, según la lista, con su esposa Zhu Meilan el 1° de abril de 1984.

La fuente dijo empero que a pesar de la diferencia en la escritura de ambos nombres, se trataba de la misma persona que pidió asilo.

Un individuo que respondió el teléfono en la embajada china dijo a las agencias internacionales que no había ningún vocero disponible para responder a preguntas de la prensa.

En la historia de la República Popular China son muy raros los casos de funcionarios que se pasen a Occidente y pidan asilo político. Además, las autoridades de Pekín silenciaron, casi siempre con éxito, los pocos casos que luego trascendieron. Las instancias gubernamentales alemanas no dieron detalles mayores sobre el caso de Tu Pingju —coincidían hoy los observadores— en un intento para evitar tensiones en las buenas relaciones que mantienen las dos capitales.

POCO LEGIBLE

01-01

8700597

CHINA P.

China fija impuesto al ingreso personal

PEKIN, 11 (UPI) – **China impondrá en 1987 un impuesto al ingreso personal**, en un intento por **reducir la brecha entre ricos y pobres**, que aumenta rápidamente, anunció la agencia noticiosa oficial Xinhua (que aclaró que la medida no afecta "la política de estímulo al desarrollo personal").

Las "provisiones sobre regulación del impuesto al ingreso personal", emitidas por el Consejo de Estado, **se aplicarán a todos los ciudadanos chinos con residencia e ingreso en China.**

El impuesto, que entrará en vigencia desde el 1° de enero, es parte del intento **gubernamental por reducir la brecha de ingresos "ahora que la política estatal alienta a algunos pocos a ser los primeros en lograr prosperidad a través del trabajo honesto"**, dijo Xinhua.

La tasa del impuesto y la parte imponible del ingreso variarán según 11 **zonas o regiones de salarios diferentes para obreros de igual rango y donde las condiciones de vida y precios varían.**

En Pekín, dentro de la 6ª zona, el impuesto **será** aplicado a los que reciban un ingreso mensual **de más de 110 dólares, y la tasa aumentará progresivamente.**

El impuesto cubrirá **"sueldos y otros ingresos**, incluyendo a los obtenidos de contratar **tareas específicas, transferencias de contratos y patentes, servicios de trabajo, alquileres de propiedades, honorarios**, así como **intereses, dividendos y bonos".**

Es improbable que el nuevo impuesto afecte a gran parte de la población rural, cuyo ingreso anual promedio fue el año pasado **de 107 dólares**; el promedio del salario urbano fue de 203 dólares.

Pero el impuesto puede afectar a trabajadores que reciben bonos cada vez mayores de sus unidades de trabajo, como **incentivos a la producción** (aprobados por el gobierno)

CLARIN 12/12/86

PARTES POCO LEGIBLE

RPCH

se inició la guerra entre Irán e Irak. las tropas iraquíes dirigieron una real ... tractivo ... a vengar

Arrestos en China por las protestas estudiantiles

PEKIN, 26 (UPI, AP, AFP y ANSA). — Las autoridades chinas confirmaron hoy por primera vez que se practicaron detenciones, durante uno de los actos que formaron parte de los disturbios y manifestaciones que este mes congregaron a millares de estudiantes, apoyados por diversos núcleos de trabajadores y población, al menos en nueve ciudades del país.

Aunque, según testigos, durante las manifestaciones en favor de reformas democráticas, mayor autonomía estudiantil y libertad de prensa se habría producido gran número de arrestos desde el viernes 19 hasta hoy inclusive, dicha versión fue desmentida oficialmente.

Sin embargo, la agencia noticiosa estatal Xinhua reportó en la fecha la detención el miércoles del obrero de fundición Wang Guishan y del mecánico de autobuses Xue Wenxeng, por "perturbación del orden público y deterioro intencionado de la propiedad pública y privada" en el curso de una manifestación efectuada frente a la alcaldía de Shanghai, la ciudad más grande de China.

La agencia añadió que Wang trepó a un automóvil e incitó a los manifestantes a volcar y quemar el vehículo, y luego intentó hacerlo junto con Xue y otras personas.

Paralelamente, el gobierno de Pekín y de otras de las ciudades afectadas por los actos de protesta, los de mayor magnitud registrados desde 1976 —cuando concluyeron los diez años de la llamada "Revolución Cultural"—, reglamentaron hoy en forma estricta la futura realización de manifestaciones.

El Congreso del Pueblo pekinés declaró ilegales tales manifestaciones, a menos que sean previamente autorizadas por la policía, para lo cual deben presentarse las solicitudes con cinco días de antelación. La reglamentación es similar a la impuesta el lunes en Shanghai.

♦ Advertencias oficiales

En esta metrópoli las protestas disminuyeron de intensidad el martes pasado, tras cinco días consecutivos de agitación, pero se confirmó que esta semana hubo otras expresiones contestatarias masivas en Pekín, en el puerto oriental de Tianjin y en Nankin, antigua capital no lejos de Shanghai

Allí, entre 2.000 a 3.000 estudiantes manifestaron los últimos cuatro días a los gritos de "abajo los burócratas" y "queremos libertad y democracia", según informó hoy un dirigente estudiantil no identificado.

El mismo dirigente explicó que numerosos dazibaos (carteles murales manuscritos) seguían cubriendo hoy los muros de las diversas facultades. El miércoles y jueves, grupos de estudiantes desarrollaron una gran campaña de "concientización" en el centro de la ciudad, reuniendo a enormes grupos de ciudadanos que siguieron atentamente sus discursos.

Nankin, de 2.500.000 habitantes, fue una de las últimas ciudades chinas en sumarse al impresionante movimiento de protesta estudiantil iniciado a principios de este mes. La manifestación más importante reunió el sábado último, en Shanghai, a cerca de 70.000 estudiantes y obreros.

A lo largo y ancho del país, los medios de comunicación han desplegado entre tanto una gigantesca campaña para insistir en la necesidad de mantener "la unidad y estabilidad" políticas, "no dificultar la reforma" estructural en curso y que sea el Partido Comunista el que adopte la iniciativa de cualquier cambio.

En Pekín hay inclusive indicios de que el Partido está dispuesto a preparar contramanifestaciones: ya en la Universidad de Qinghua hubo una pequeña concentración de estudiantes con la bandera de la "Liga Comunista Joven" y en aparente apoyo a la línea oficial.

Mientras, los altavoces universitarios allí y en otras ciudades difundieron todo el día artículos y editoriales de la prensa, incitando a los estudiantes a no manifestar y con la advertencia de consecuencias graves si lo hacen.

CLARIN 27-12-86

China-EE.UU.: el "triángulo" pesa

Por Claudio Uriarte

Hay signos de enfriamiento en las relaciones Estados Unidos-China. **Hu Yaobang**, secretario general del **Partido Comunista**, postergó por otro año sus planes de viajar a Washington y, del lado norteamericano, la administración indicó recientemente que no cedería a las presiones de Pekín para que actúe como intermediaria ante Taiwan por la propuesta china de abrir vínculos comerciales, de comunicación y de transporte. Simétricamente, el rompecabezas se completa con la "apertura" promovida por el líder soviético **Mijail Gorbachov** hacia China y, del lado chino, una sutil redefinición teórica: los soviéticos ya no son "socialimperialistas" sino meramente "hegemonistas".

Una simplificación extrema del juego de fenómenos indicaría un giro prosoviético de la dirección china. El "péndulo", en un examen más sobrio, debe ser interpretado como un elemento de peso propio dentro de un complejo equilibrio de fuerzas: si crecen las tendencias "distensionistas" entre EE.UU. y la URSS, China tiende a abroquelarse en su antisovietismo ante el peligro de un arreglo a sus expensas; si, por el contrario, eumentan las tendencias de confrontación, China puede estirar su margen de regateo con EE.UU. sin poner su seguridad en peligro. Hay una importante nota al pie de página: el programa de modernización económica exige reducir el gasto militar, lo que se ve espejado por una similar necesidad soviética, en una etapa de acumulación diferente.

Analogías

Algo empareja la historia de China y la de la URSS: las dos revoluciones se plantearon a sí mismas como universalistas, para luego encerrarse de puertas adentro como forma de superar el atraso. El resultado fue que ambas direcciones pasaron a identificar el triunfo de su causa con los objetivos de su política externa. Otra simplificación es afirmar que la URSS es socialista, y que China está volcándose al capitalismo. Si se mide el socialismo por parámetros clásicos —propiedad privada de los medios de producción, modos de representación política directa— ninguna de las dos sociedades es socialista. Sin embargo, si se considera que el Estado monopoliza los medios de producción tanto en la URSS como en China —un dato solo matizado por los experimentos de mercado libre— ambos gigantes se retratan en etapas transicionales paralelas. Aquí aparecen las diferencias: los puntos de arranque están a diferentes alturas, lo que se refleja en políticas externas distintas.

La digresión es útil para discernir los signos de diferencias que puedan aparecer en la conducta de la dirección del P.C.C.H. El líder chino **Deng Siaoping** fijó tres condiciones para mejorar relaciones con Moscú: disminución de efectivos fronterizos, retiro de tropas vietnamitas de Camboya, y soviéticas de Afganistán. Hu Yaobang, por su parte, podría expresar un emergente: un sector que privilegie una "detente socialista" para impulsar mejor una modernización socialista. El resultado político parece situarse en el espectro de superposición de estas configuraciones diferentes de un mismo conjunto de necesidades legítimas.

El problema se complica con cuestiones de inestabilidad política en EE.UU. Washington, desde **Richard Nixon** hasta **Ronald Reagan**, ha privilegiado alternativamente distintos aspectos de una política única: triangularizar la relación bipolar. Las idas y venidas de las administraciones sucesivas desde y hacia China reflejaban el componente central: las relaciones con Moscú.

El tono de la relación con la segunda superpotencia determinaba la política a seguir ante el "tercero en discordia". Hay una continuidad: el **Comunicado de Shanghai, de 1972**; el **acuerdo de normalización de relaciones, de 1979**, y el **Comunicado de 1982**, afirmaron y reafirmaron que existe una sola China, cuya capital es Pekín. Comercio, tecnología y ventas de armas han tendido a actuar como variables secundarias de esta definición básica.

La administración Reagan acopió un expediente desafortunado en todo esto. Insinuó, para comenzar, una vuelta a los tiempos de **Dean Rusk** y del "lobby taiwanés"; seguidamente, descuidó preocupaciones esenciales chinas sobre tecnología y comercio; y, por último, pareció peligrosamente al borde de cerrar, en **Reikiavik**, un acuerdo de redistribución misilística con Moscú que habría trasladado a la frontera asiática los misiles de alcance medio que la URSS tiene actualmente apuntados contra Europa. Al mismo tiempo, la "era Gorbachov" despuntaba en el Kremlin.

Motivaciones

Cualquier análisis del "triángulo" debe considerar las motivaciones centrales de sus componentes:

- **Washington** busca compensar su pérdida de hegemonía en Asia con una China independiente de Moscú que, al mismo tiempo, sirva para controlar el equilibrio regional en términos aceptables para el Departamento de Estado. La política de este programa consiste en fomentar el impulso nacionalista de la dirección china, lo que generalmente termina entrando en conflicto con las tendencias distensionistas implícitas en la modernización económica.

- **Moscú** busca recomponer, desde el actual statu quo (conservación del triángulo Vietnam - Camboya - Laos), los términos de su relación con los fragmentos más rebeldes del mosaico socialista asiático. Conviene entender que se trata de un impulso conservacionista: la "modernización" de Gorbachov tiene escaso margen para tolerar conflictos desgastantes que, además, puedan terminar minando su prestigio. El enfoque es coherente con una política exterior que ya no juega a la desestabilización revolucionaria del entorno sino a la adquisición de una estatura diplomática central en el contexto del **Tercer Mundo**.

- **China** busca crecer desde adentro. La operación tiene dos caras de política externa: oscilación permanente entre EE.UU. y la URSS, y afirmación de una posición "tercermundista" propia. Internamente, las oscilaciones se expresan bajo la forma de las tendencias contradictorias que moviliza el impulso modernizador: se trata de constreñir en límites de propiedad estatal los gérmenes microcapitalistas con que se busca dinamizar el crecimiento.

La tarea no es fácil, y envuelve marchas y contramarchas. Afuera, las tendencias internas se mueven entre los polos. Internamente, la ola de movilizaciones estudiantiles de diciembre sugieren que puede haber estallado una disputa partidaria interna.

Lo que piden los estudiantes al poder socialista

Por Daniel Southerland

SHANGHAI, China (Especial para Clarín). — "Diez mil años es demasiado esperar para la democracia", dice uno de los carteles en las paredes de la Universidad de Jiaotong, en Shanghai. "La queremos ahora".

Los manifestantes estudiantiles de Shanghai y muchos de sus colegas de las universidades de otras partes de China están seguros de que quieren un sistema democrático y lo quieren rápidamente —por lo menos, más rápido de lo que el gobierno quiere permitirlo.

Más allá de eso, muchos de los estudiantes entrevistados aquí durante cinco días seguidos de manifestaciones por la democracia, tienen ideas apenas vagas acerca de lo que quieren en cuanto a cambios sustanciales de política para el largo plazo.

Pero tienen, por lo menos, algo agendado para el corto plazo, y lo que esto presenta al gobierno chino por el momento podría ser descripto mejor como una explosión de sentimientos sobre la democracia entre estos estudiantes que como un movimiento con un programa político.

Los estudiantes prefieren hacer responsables a los miembros de la enorme burocracia china y Shanghai es una de las ciudades donde los burócratas se destacan por resistir los cambios.

Mantienen que los que están a cargo de hacer cumplir las leyes del país —la policía—, a menudo parecen ser los más ignorantes del contenido de las leyes.

Algunos de los estudiantes dicen que querrían ver a más de un candidato presentarse en las elecciones para ciertos puestos de provincias y no solo a un candidato nominado por el Partido Comunista.

Quieren ver una prensa abierta a una mayor diversidad de ópticas y que informe con lealtad las opiniones de los estudiantes, algo que no es probable que aliente el Gobierno.

También quieren garantías constitucionales del derecho de fijar carteles proclamando las opiniones y el derecho de mantener debates públicos.

Pero pocos estudiantes quieren sacar al Partido Comunista. La mayoría parece desear reformar el sistema desde su interior.

Muchos de los estudiantes muestran una visión ingenua y poco informada de los sistemas democráticos occidentales.

Algunos de ellos afirman que querrían ver establecidos a más partidos políticos no comunistas en China, pero no parecen darse cuenta de que esto sería imposible bajo un sistema comunista.

Las demostraciones evidenciaron que los estudiantes están mal organizados y, a menudo, actúan espontáneamente en vez de hacerlo sobre la base de cálculo y planificación.

¿Fue por Deng?

Pero el solo hecho de que esto pase en una sociedad que por tanto tiempo estuvo cerrada a las ideas del exterior y que tiene una larga tradición de regímenes autoritarios, es digno de mención. Muchos de los observadores lo ven como el resultado de la decisión del anciano líder Deng Xiaoping de abrir China a más contacto con el Oeste.

Cuando los estudiantes de la Universidad Tongji de Shanghai mantuvieron el martes una caldeada reunión con funcionarios de educación para discutir sus pedidos, un testigo notó que los estudiantes habían puesto un poster de la Estatua de la Libertad sobre un lado del escenario.

Los estudiantes dijeron que querían mantener una conferencia de prensa del tipo frecuente en los países occidentales para dar sus opiniones.

En algunos puntos, el gobierno y los estudiantes no están demasiado alejados. Deng hace mucho que se ha manifestado a favor de reducir la burocracia y hacerla más responsable. Desde hace un tiempo el gobierno trabaja para presentar nuevas leyes y hacer que los procesos legales sean más predecibles, en un país donde la autoridad del hombre casi siempre ha sobrepasado a la autoridad de la ley.

También el gobierno ha estado experimentando, hasta ahora de una manera harto limitada, la mayor participación en los congresos del pueblo al nivel local. Igualmente ha acordado, como resultado de una manifestación estudiantil en Hefei, que los estudiantes universitarios deben tener más peso en la selección de los candidatos para un congreso del pueblo provincial, por lo menos para una localidad.

Pero no hay precedentes de un Partido Comunista que permita la libertad de prensa o partidos políticos no comunistas viables.

Sin embargo, Deng y sus colegas en el liderazgo parecen sentir que algún tipo de reformas políticas es necesario para poner freno a la burocracia y a los cuadros del Partido Comunista que se resisten a las reformas económicas.

Deng y los demás han permitido que tuviera lugar un considerable debate sobre las reformas políticas posibles dentro de institutos patrocinados por el gobierno y en publicaciones académicas. Los estudiantes quieren participar en esta deliberación.

Lo que hace a todo esto aún más delicado para Deng es que algunos de los estudiantes que revistan en las demostraciones son parte de una elite que está siendo educada para tomar el mando, como ingenieros, científicos y arquitectos, en el programa de modernización del país. Un diplomático dijo que el hecho de que sean vitales para este programa debe darles bastante confianza.

Durante varios años, Deng ha tratado de promover a los intelectuales y darles mayor status para que contribuyan a la modernización. Perseguidos en el pasado pero ahora apreciados por el gobierno por sus conocimientos, están pidiendo por lo menos ser escuchados.

Cómo viven

Algunos de los estudiantes entrevistados durante los últimos días declararon que apoyan las reformas económicas de Deng pero quieren verlas implementadas con mayor rapidez y equidad. Varios de ellos le dijeron a un periodista británico que estaban preocupados por la inflación resultante de las modificaciones de precios y por el tratamiento especial que reciben los hijos e hijas de los funcionarios de alto rango, por ejemplo autorización para estudiar en el exterior.

Algunos parecen estar preocupados por sus propias condiciones de vida. La comida provista por las universidades chinas generalmente es considerada de lo peor y casi todos los estudiantes viven en mezquinos y abarrotados dormitorios. En la Universidad de Tongji, supuestamente de elite, en la que se forman arquitectos, ingenieros y otros profesionales, en muchos casos se alojan hasta ocho en un cuarto.

Por su enorme población de casi 12 millones, Shanghai puede proveer aún menos lugar para vivir a los estudiantes que la mayoría de las ciudades chinas.

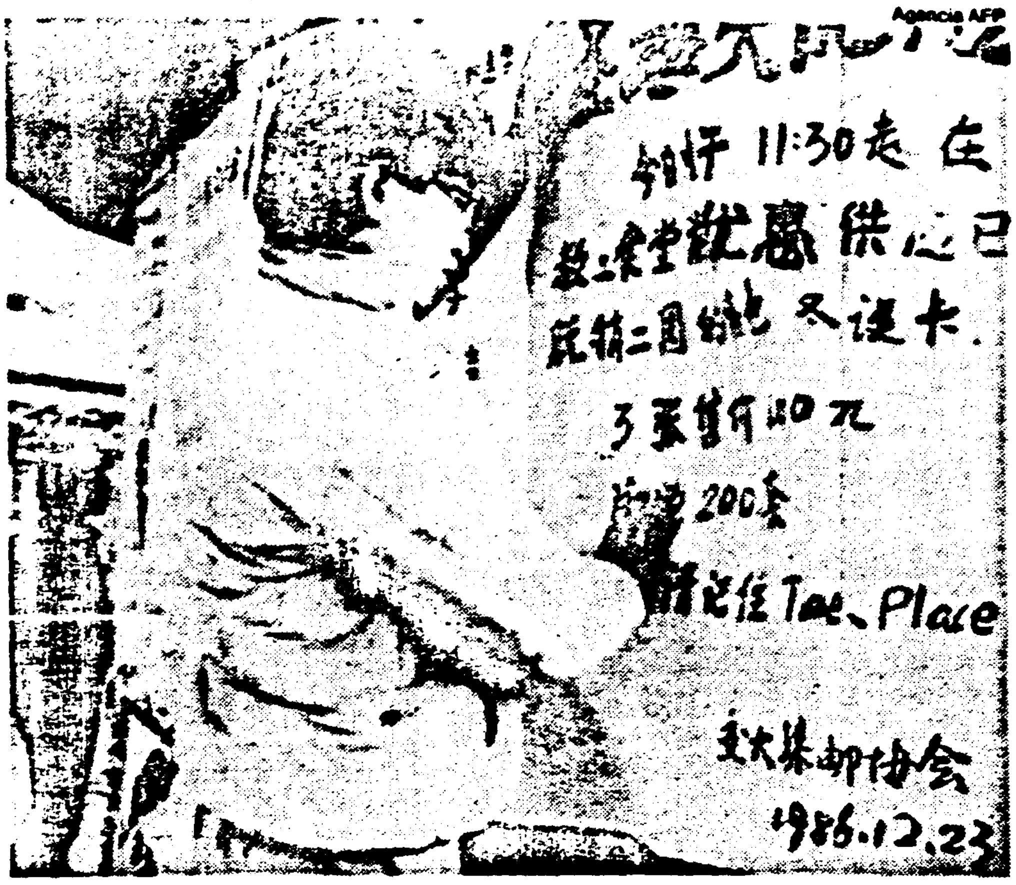
No es sorprendente para los chinos que entre una media docena de ciudades que han tenido manifestaciones en las últimas semanas, Shanghai haya tenido el mayor número de manifestantes. Esta ciudad posee una gran población estudiantil en las casi 50 instituciones de alta enseñanza, que es tradicionalmente contestataria.

En la década de 1940 tuvieron el rol director en la oposición al gobierno nacionalista chino. En la Revolución Cultural de 1966-76 estuvieron entre los radicales que apoyaban a la "Banda de los Cuatro". Con estos antecedentes es probable que el gobierno use la persuasión en vez de la fuerza para tratar con los estudiantes.

El miércoles un vocero del gobierno retiró los cargos de que los manifestantes estudiantiles de Shanghai hubieran golpeado a 31 policías el sábado a continuación de una "sentada" frente al Departamento de Policía. Los estudiantes habían ridiculizado estos cargos, que fueron dados a conocer originalmente por la agencia Nueva China. Con el retiro de los cargos, el gobierno señaló su voluntad de adoptar un enfoque más conciliador.

Pero la gran cantidad de carteles de protesta que han sido puestos en Shanghai en los últimos días muestran lo difícil que sería para el gobierno satisfacer algunas de las demandas de los estudiantes.

No obstante, el gobierno siempre ha tenido los medios para ejercer discretas presiones sobre el estudiantado y hacerlo volver a sus libros. Es él quien asigna a la mayoría de los estudiantes sus trabajos después de la graduación: puede darle a un revoltoso un puesto por debajo de sus calificaciones o, lo que es peor, mandarlo a un remoto lugar de China.


Agencia AFP

Un estudiante de Shanghai y un aviso por tarjetas de Navidad en la Universidad. Las demandas apuntan a obtener reformas, no a voltear el gobierno.

Traducción de [illegible]. Los derechos de esta nota pertenecen a "The Washington Post".

Fue reprimida en China otra manifestación de universitarios

PEKIN 1 (UPI). Millares de manifestantes que gritaban "viva la democracia", desfilaron hoy desafiantes por el centro de la capital china, pero fueron rechazados por centenares de policías cuando intentaron ocupar la histórica plaza Tienanmen.

Unos 2000 estudiantes que exigían la liberación de por lo menos 24 compañeros supuestamente detenidos por la policía manifestaron en torno del predio de la Universidad de Pekín. Los estudiantes, que coreaban el himno nacional chino y gritaban "suelten a nuestros camaradas", amenazaron con realizar otra marcha callejera ilegal, la que efectivamente se efectuó momentos después.

Mas de 3000 estudiantes marcharon a través del cinturón universitario de Pekín insistiendo en la liberación de los detenidos.

Los manifestantes agitando los brazos y coreando "liberen a nuestros camaradas", salieron de la Universidad de Pekín y marcharon hacia la cercana Universidad de los Pueblos, uniéndose en el trayecto a sus filas varios centenares de personas.

Poco después de salir de esta universidad, se encontraron con alrededor de 300 policías que formaban una barricada humana en una intersección cubierta de nieve. Los manifestantes, empero, proclamando la "unidad de la Universidad de Pekín" forcejearon con los policías.

Estos, con megáfonos, aconsejaban a los manifestantes regresar a sus universidades, mientras otros los filmaban.

Antes de salir de la Universidad de Pekín, millares de estudiantes marcharon a la casa del presidente de la institución, Ding Shisun, para entregarle varias demandas, incluyendo un pedido para la liberación de 24 colegas detenidos en una primera manifestación de hoy en la plaza Tienanmen.

Liberación de detenidos

Ding, de quien se informó que estaba en contacto con el alcalde de Pekín, Chen Xittong, y otros miembros del poderoso comité central del Partido Comunista dijo más tarde, para regocijo de los estudiantes, que los 24 detenidos serían liberados.

A pesar del anuncio de Ding, alrededor de 3000 estudiantes salieron de los predios universitarios insistiendo en la liberación de sus compañeros.

Ding apareció otra vez para decir a los manifestantes que había enviado ya ocho vehículos al centro de Pekín en busca de los detenidos, pero para entonces otro grupo de manifestantes ya estaba varias cuadras más allá.

Los estudiantes pidieron también que no se tomen represalias contra los manifestantes, la cobertura noticiosa completa de las marchas en la prensa oficial y una "exacta evaluación" de las manifestaciones por parte de las autoridades de la ciudad, la universidad y funcionarios del comité central del Partido Comunista. La manifestación de horas antes por el centro de Pekín se realizó en desafío a una prohibición de las protestas, impuesta hace una semana, e ignoró las advertencias de las autoridades de que los manifestantes serían "castigados en forma severa".

"Fue algo fantásticamente corajudo y fantásticamente estúpido", dijo un diplomático extranjero acerca de la protesta.

Por lo menos 20 personas fueron vistas cuando eran llevadas a rastras por la policía, pero no hubo informes inmediatos sobre heridos. Las autoridades citadas por la agencia noticiosa oficial Xinhua dijeron que "varios revoltosos fueron detenidos para educación e interrogatorios".

La manifestación

La marcha por el centro comenzó cuando unos 400 o 500 estudiantes y trabajadores intentaron quebrar un fuerte cordón policial que rodeaba el Monumento a los Héroes del Pueblo en el centro de la vasta plaza Tienanmen. Los manifestantes que gritaban "no nos golpeen, no nos arresten", fueron expulsados de la plaza después de una refriega de 40 minutos con la policía.

Las filas de los manifestantes aumentaron entonces a unos 3000 al sumarse transeúntes y otros estudiantes en el cercano bulevar Changan, en una espontánea demostración de apoyo.

Cantando el himno revolucionario La Internacional, los manifestantes primero se alejaron de Tienanmen, luego decidieron retornar porque, como dijo uno de ellos "ése es el sitio tradicional de reuniones".

Cuando volvían a aproximarse a Tienanmen los manifestantes coreaban "viva la democracia, viva la libertad" y hacían la señal de la victoria a los espectadores. Los pasajeros de un ómnibus atascado, se inclinaron fuera de las ventanillas y devolvieron el saludo.

Los manifestantes, precedidos por una camioneta policial sobre la cual se hallaba montada una cámara de filmación, también portaban cartelones en los que se leía "apoyamos a (el líder chino) Deng Xiaoping, "apoyamos las reformas" y "crear un sistema legal democrático".

En Tienanmen, la multitud empujó al cordón policial hasta que llegaron unos 100 efectivos de refuerzo, y hubo varias golpizas entre agentes y manifestantes.

Millares de policías eventualmente llegaron a Tienanmen. Mientras los manifestantes y los transeúntes observaban desde el otro lado de la calle, varios centenares de policías se formaron a espacios de un metro tendiendo un cordón en torno de la plaza.

Algunos detenidos

A pesar de los intentos por dispersar a la muchedumbre, unas 3000 personas permanecieron cerca de la escalinata frontal del Museo de la Revolución China hasta tarde, cuando comenzó a caer nieve. Testigos vieron a los policías llevándose a rastras por lo menos a cinco personas escaleras arriba hacia adentro del museo.

Muchos de los policías llegaron a Tienanmen poco después del amanecer en un intento por impedir que se congregaran más manifestantes en la plaza, a una cuadra del predio gubernamental de Zhongnanhai, corazón del poder en China.

Alrededor de las cuatro de la mañana, un camión derramó agua sobre el centro de la plaza dejando una sólida capa de hielo. Las autoridades también organizaron una ceremonia en la plaza en la que participaron unos 4000 jóvenes pioneros, que actuaron como amort guadores detrás de las líneas policiales.



(AFP)

Manifestación estudiantil en Pekín

"Parece que las autoridades centrales han hecho grandes esfuerzos por mantener a los estudiantes fuera de la plaza", dijo un diplomático extranjero. "Ello demuestra cuán preocupados están por toda esta agitación".

El diplomático dijo que la policía demostró considerable moderación al tratar con los manifestantes cuya marcha fue descripta por Xinhua como "abortada e ilegal".

Por lo menos 11 ciudades chinas se han visto afectadas por manifestaciones en favor de la democracia en las últimas cuatro semanas.

Nuevas demostraciones

PEKIN, 2 (AFP). - Más de 4000 estudiantes seguían manifestando en la noche del jueves al viernes en Pekín, pese a que un responsable de la universidad de la capital anunció la liberación de sus camaradas detenidos en la mañana de hoy.

El vicepresidente de la Universidad de Pekín, Xia Jiankun, afirmó a los manifestantes que todos los estudiantes detenidos habían sido liberados y que por ello debían estar satisfechos, pero no fue escuchado cuando les solicitó que regresaran a sus residencias universitarias, indicó un corresponsal, testigo de los hechos.

Los estudiantes ovacionaron al responsable, pero prosiguieron su marcha en compañía de Xia hacia la plaza Tianamen, y desbordaron sin violencia a varios puestos de la policía.

Por otra parte unos 200 policías solicitaron en vano con altavoces a los estudiantes que detuvieran su marcha y no alteraran el orden público, en momentos en que éstos se encontraban a una hora y media a marcha del centro de Pekín.

RPCH

REIVINDICACIONES ESTUDIANTILES EN CHINA

¿Conflicto generacional?

PEKIN, 2 (Por Patrice de Beer, de "Le Monde", especial para Clarín). — En el campus de Beida, principal universidad de Pekín, la temperatura descendía catorce grados bajo cero y soplaba un viento helado. Esto no impidió que **centenares de estudiantes se congregaran** aún frente a los paneles donde aparecen **decenas de "dazibao"**, carteles de grandes caracteres confeccionados por estudiantes anónimos en papel de computadora y escritos en un estilo florido, en ocasiones muy contundente. *Frente a cada cartel, un estudiante declama el texto que otros registran en minigrabadores y que pasará de mano en mano hasta llegar a estudiantes de otras universidades. En la actualidad, el grabador ha reemplazado al lápiz y papel en este nuevo* **"muro de la democracia"**.

Todos ellos saben que cuando se vayan a dormir, **los equipos de limpieza van a arrancar los "dazibao"**. El periódico de Pekín recordó a la población el lunes que los carteles no están considerados por la ley y que todo ciudadano tiene el derecho, y aún el deber, de arrancar los que encontrara en el camino. La prohibición no intimidó a los estudiantes de Beida, que se sumaron tardíamente a la ola de manifestaciones que sacude a China desde hace tres semanas, pero que se han decidido a participar. **Ellos se burlan de la prohibición y pegan nuevos carteles.** A los funcionarios que denuncian la vinculación entre las manifestaciones recientes y aquéllas de la "revolución cultural", el **máximo insulto para estos estudiantes, optan por responderles: ¿Acaso los verdaderos responsables de la revolución cultural fueron los "dazibao" o los estudiantes?**

♦ La democracia buscada

Uno de los afiches cuestiona **"los cuatro principios fundamentales" en que se basa el poder del partido:** orientación del partido, socialismo, dictadura de la democracia popular, el pensamiento de Mao. Uno de los nuevos principios propone como representante del estudiantado ante la asamblea nacional popular a **Fang Lizhi**, vicerrector de la Universidad de Hefei, donde tuvieron lugar las primeras manifestaciones. **"Si nuestras elecciones pueden expresar realmente las inquietudes populares, entonces podríamos aspirar al nivel de** las elecciones en Filipinas". Se trata de las que llevaron al poder a Cory Aquino, **de un profundo impacto en China. "Si cada uno de nuestros votos tuviera el mismo peso que el del camarada Deng Xiaoping, entonces sin duda Fang resultaría electo viceprimer ministro o incluso presidente".**

El ogro de los estudiantes chinos no es **Deng**, sino el viceprimer ministro **Wan Li**, quien declaró en la universidad de Hefei que **"la democracia es solamente algo que se ofrece como un regalo"** para ellos la democracia es un derecho y **a quienes declaman que "la democracia burguesa occidental"** no es una auténtica democracia", **contestan que tampoco lo es la que rige en China**, y que en EE.UU. existe efectivamente la libertad de prensa...

Se expresan con tranquilidad, están ansiosos de tomar contacto con los periodistas extranjeros. Dicen que representan a la mitad del estudiantado de Beida, insisten en su voluntad de desarrollar **"la democracia y la libertad"**. Pero **"de manera concreta y no abstracta como los manifestantes del 18 de setiembre de 1985"**, según afirma uno de ellos. Otro agrega: **"Sabemos bien que no veremos resultados inmediatos, porque no contamos con la fuerza. Pero estamos dispuestos a proseguir la lucha durante años: queremos un auténtico multipartidismo, y no la opresión de la mayoría por una minoría".** Este estudiante espera poder difundir las ideas de las manifestaciones en su propia localidad, adonde él regresa ahora aprovechando las vacaciones por las fiestas de fin de año.

♦ "Nuestros padres nos apoyan"

Otro compañero cree que esas ideas no son realistas. **"Los trabajadores todavía no nos comprenden"**, agrega otro. **"Pero hoy nosotros decimos en voz alta lo que ellos piensan en voz baja. Usted puede escuchar nuestras consignas en las conversaciones privadas de familia o en los transportes. Por eso, aunque nuestros padres no lo expresen en voz alta, en el fondo del corazón nos apoyan".** Es por esto que las consignas suenan un poco duras. El periódico de Pekín cita solo una de ellas, cuya traducción podría ser: **"Los principios fundamentales se pueden ir al diablo".**

Oímos decir a los estudiantes que los **"partidos democráticos"** tolerados por el P.C. son una burla; que se hace necesario un bipartidismo **aun entre el P.C. y el Kuomintang, que tal bipartidismo existe ya de hecho en el seno del P.C. entre los sectores conservadores y los progresistas**; que de ser preciso, y si el pueblo lo desea, habrá que modificar completamente el Partido Comunista chino, tratar de reemplazarlo por alguna otra cosa...

No obstante, no se debe deducir que los estudiantes pretenden un cambio radical del régimen. Son inteligentes, estudian y quieren conseguir un buen trabajo. Pero al igual que sus compañeros de Francia, están muy decepcionados y **padecen el conflicto generacional**. No toleran el discurso uniforme del partido, aunque éste se muestre dispuesto a introducir reformas en el camino de la liberalización. Debido a que solo un pequeño porcentaje de los estudiantes ha participado en las *manifestaciones*, mientras que la *mayoría* trabaja, y que sus métodos *inquietan* **"la estabilidad y unidad"** indispensables para dar curso a las reformas, muchos **intelectuales jóvenes no coinciden** con los recientes hechos.

♦ Actitud oficial

El principal temor de las autoridades es que la protesta estudiantil se extienda a otras capas sociales, lo que explica **el arresto de implicados** en las manifestaciones que no son estudiantes, **y el llamado a la población de respetar la dirección del partido** y abstenerse de apoyar a los **"factores de intranquilidad"**. No se descarta que hoy se produzcan nuevos disturbios, ya que los estudiantes se han dado cita en la plaza de Tiananmen, donde se ha prohibido todo tipo de reuniones públicas.

En una conferencia de prensa, el viceministro de la Comisión del Estado Para la Educación, **He Dongchang**, reconoció que, si bien **no era aceptable manifestar** en las presentes circunstancias, era **posible hacerlo en 'circunstancias especiales'**.

Según el funcionario, **"en cierto sentido"** las demostraciones recientes **"no son algo malo"** y podrían ayudar a corregir errores y **"el grave problema de la burocracia"**. Dongchang agregó que **"es comprensible"** que la mayoría de los estudiantes deseen una aceleración de las reformas políticas. Pero es preciso dejar al partido la tarea de la democracia...

♦ Debate interno y moderación

La televisión difundió por primera vez el lunes imágenes de las manifestaciones en Shanghai. Hasta entonces, los chinos interesados en los disturbios debían contentarse con el informe del programa "La voz de América".

Otro signo de tolerancia es la **publicación** de los nuevos reglamentos **para** la elección de representantes en las asambleas locales, que en 1987 elegirán a los futuros delegados ante la **asamblea** nacional popular. Por primera vez, no solo el partido sino también las **"organizaciones sociales"** y los grupos de individuos, en un mínimo de diez, **podrán presentar una lista de candidatos**. Gracias a la reforma los electores podrán enfrentarse con diversas opciones, cuando antes solo podían pronunciarse sobre un candidato. Es evidente que el P.C. siempre tendrá la mayoría y que, de un modo u otro, encontrará la forma de pronunciarse en favor o en contra de los demás candidatos. La decisión habría sido tomada el 2 de diciembre, es decir, antes de haberse producido las primeras manifestaciones.

Hasta la fecha los principales dirigentes del país *se han abstenido de tomar partido públicamente. De hecho en la actualidad existe un severo debate en el seno de la dirección partidaria, entre quienes prefieren la mano dura y los más moderados.* **Cada sector busca aprovechar en su favor los episodios recientes:** así, los conservadores esperan imponer la opinión de que **las reformas demasiado rápidas solo pueden ocasionar disturbios** y resucitar fantasmas de antaño. Los reformistas, por el contrario, buscan demostrar que el **deseo de cambio es profundo y auténtico y que no se debe contradecirlo, sino** canalizarlo.

Hasta hoy la represión ha sido moderada: no fue arrestado ningún estudiante, solo un puñado de agitadores no universitarios. Sin embargo habrá que esperar la vuelta de los estudiantes a las aulas, a mediados de febrero, para constatar la actitud del gobierno. Muchos se preguntan a estas horas si la **protesta estudiantil volverá a ser una de las constantes de la vida política en China.**



Agencia AFP



Los estudiantes universitarios reclaman libertad de expresión y de publicación (arriba). La policía procede a desalojar a los jóvenes de la plaza de Tiananmen, donde todos los días se reúnen para formular nuevos pedidos al gobierno central.

PARTES POCO LEGIBLE

01-01

8700603

R PCH

Piden en China castigos para los agitadores anticomunistas



(Radiofotografía de Reuter)

Estudiantes chinos sostienen un cartel con una leyenda por la cual se convoca a luchar por la libertad y la democracia, mientras son contenidos por efectivos policiales en Pekín

Pekín, 2 (UP) – La prensa oficial de China pidió hoy castigos más severos para los "agitadores anticomunistas", a quienes se acusa de haber hecho demostraciones en favor de la democracia, en el corazón mismo de la capital de la nación.

Sin embargo, los más decididos estudiantes de la Universidad de Pekín, que participaron en marchas que terminaron esta mañana, colocaron pancartas acusando –a su vez– a los dirigentes chinos de no comprender a la juventud.

En un relato publicado en primera página, "El Diario de Pekín" dice que cientos de personas que ayer al mediodía manifestaron durante 20 minutos en la plaza de Tiananmen, gritaron consignas en apoyo del sistema comunista de China, "creyendo que de ese modo burlaban las reglamentaciones vigentes en esos casos".

"Pero entre sus filas había gente que gritaba abajo la tiranía y otras consignas contra los cuatro principios básicos" de la constitución de China: el liderazgo del partido Comunista, la supremacía del pensamiento marxista-leninista-maoísta, la construcción socialista y la dictadura del proletariado.

También señala que un estudiante difundió un mensaje grabado en la plaza de Tiananmen, llamando a participar en las protestas y pidiendo la liberación de "los presos políticos".

El periódico aseveró que los manifestantes, que no pudieron romper un cerco policial en su intento de entrar a la plaza Tiananmen, era "instigados por individuos hostiles al sistema socialista".

Añade que "un pequeño grupo de personas con motivaciones ulteriores" empujaron a los estudiantes a las manifestaciones "incluso llegando a golpear a aquellos que rehusaban participar".

El periódico trascribe declaraciones del secretario general de la Academia de Ciencias Sociales, Wu Jiemin, quien dijo que "los enemigos del sistema socialista son quienes pretenden el caos". Wu pidió "castigos severos" para esas personas.

Pero, el diario dijo que los detenidos durante las protestas, unas 24 en total, según testigos, fueron liberados tras ser "educados".

"Gente vieja"

Mientras tanto cientos de estudiantes estaban hoy congregados en la Universidad de Pekín, leyendo un cartel escrito a mano titulado "carta abierta al líder de China Deng Xiaoping".

Al explicar los motivos de las protestas los estudiantes dicen que "hay gente vieja que trata de aplastarnos".

"Queremos que nuestros dirigentes entiendan a nuestro pueblo. Sabemos que Deng Xiaoping es un excelente jugador de bridge. También debiera ser capaz de elegir dirigentes", dice el texto.

También la radio oficial china acusó hoy a elementos "antisocialistas" de provocar los disturbios de ayer.

Durante el día, cientos de estudiantes se concentraron y manifestaron en la principal plaza de Pekín para pedir reformas democráticas profundas.

Varios estudiantes y otros manifestantes, hasta un total de 24, según algunas fuentes, fueron detenidos por la policía.

Una manifestación posterior, para conseguir la libertad de estos detenidos, duró casi seis horas, hasta bien avanzada la madrugada y recorrió 16 kilómetros desde la Universidad de Beida hasta la plaza de Tiananmen.

Los manifestantes, en número superior a mil, se dispersaron cuando uno de los que habían sido detenidos les aseguró que todos habían sido ya puestos en libertad.

La agencia china Xinhua recogió declaraciones de un residente de Pekín en las que ataca las emisiones en chino de la emisora estadounidense La Voz de América.

Es la segunda vez, en esta ocasión citando el nombre, que en los medios de comunicación chinos se ataca a esa emisora de onda corta cuya audiencia es muy numerosa en el país.

En una reciente nota del gobierno municipal de Pekín se acusó a la emisora de propagar "emisiones inflamatorias" sobre las manifestaciones estudiantiles.

033

APEH

La Prensa 4/1/87

Primera bolsa de valores en Pekín

Pekín (UP) – El primer mercado de valores de la capital de China abrió ayer al público y realizó transacciones por el equivalente de casi 150 millones de dólares, dijeron informes oficiales.

La televisión nacional mostró a ciudadanos apiñándose en los mostradores del nuevo mercado, que ofrece servicios de créditos, préstamos interbancarios, compra-venta de acciones y títulos y consultorías financieras.

Xinhua afirmó que el mercado hizo transacciones por 550 millones de yuan (149 millones de dólares) en el día.

Otras ciudadas abrieron mercados similares el año pasado por primera vez en China desde 1949, como parte de los esfuerzos gubernamentales por estimular la economía alentando a los ciudadanos a invertir sus ahorros en la industria, reduciendo así el uso de fondos estatales para la inversión.

Reiteráronse en Pekín los reclamos por la democracia

PEKIN, 4 (Reuter). - En la Universidad de Pekín reaparecieron hoy carteles ("dazibao") ilegales que urgen a Deng Xiaoping a responder a los reclamos de democracia y llaman a los estudiantes a quemar ejemplares del Diario de Pekín, órgano del Partido Comunista, por la inexactitud de sus informaciones.

Testigos dijeron que había por lo menos tres carteles en la casa de estudios, entre ellos una carta abierta de cuatro páginas dirigida a Deng. Ayer los funcionarios de la universidad arrancaron todos los carteles menos uno.

"Tenemos que escribirte porque no nos quedan otros canales de expresión. Por favor, respóndenos", decía una carta abierta dirigida a Deng y firmada por Guo Jichuan, estudiante del último año de matemáticas.

La carta decía que los estudiantes darían a Deng 10 días para responder antes de decidir sus próximas acciones.

Los estudiantes dijeron que la prensa oficial había distorsionado las noticias sobre las manifestaciones del jueves y del viernes, cuando mil estudiantes recorrieron 15 kilómetros hasta la plaza Tienanmen para reclamar la liberación de por lo menos 24 estudiantes detenidos en la protesta del jueves.

La carta de Guo, leída ávidamente por los estudiantes, dijo que la policía había sido demasiado dura con los estudiantes el jueves. "Nuestras manifestaciones fueron todas ordenadas... Ya han terminado, pero habríamos marchado en vano durante siete horas y media si nuestros reclamos de democracia son distorsionados por los diarios".

Deng y otros miembros del Politburó gobernante se han abstenido de opinar públicamente sobre las marchas, lo que llevó a especular que los dirigentes del Partido Comunista no tienen un criterio unánime al respecto.

"Los diarios deberían informar, no dar opiniones. Hay demasiadas opiniones y demasiada información inexacta, que ha llevado a los ciudadanos de Pekín a oponerse a los estudiantes", decía la carta.

Junto a ella había dos carteles sin firma, uno de los cuales proponía a los estudiantes a asistir a una quema pública de ejemplares del Diario de Pekín, mañana por la tarde, debido a su "información distorsionada" sobre las protestas, que estaba separando a los estudiantes de las masas.

El otro acusaba al diario de provocar intranquilidad con su información parcializada y decía que era "la voz de los izquierdistas".

Los estudiantes de la universidad dijeron que probablemente no realizarían más protestas debido a los inminentes exámenes, pero algunos prometieron asistir a la quema del periódico.



Un estudiante emplea una linterna para leer los carteles (Reuter)

Advertencia del PC

PEKIN, 4 (UPI). - El Partido Comunista chino emitió hoy un severo mensaje a dirigentes y funcionarios de toda la nación advirtiendo que aquellos que abusen de su cargo, sean incompetentes o violen la ley enfrentan la remoción o despido y una reducción de salario.

Aunque el partido ha hecho progresos en asegurar que su conducción sea más revolucionaria, joven, mejor educada y más profesional, "una minoría muy pequeña" aún no está debidamente calificada, expresa la circular emitida por el Departamento de Organización del poderoso comité central del partido.

Dirigentes no debidamente calificados son aquellos que son "incompetentes, violan la ley, carecen de cualidades de conducción o abusan de sus cargos para su propio beneficio", señaló el comunicado de cinco puntos difundido por televisión durante el noticioso nacional.

La actuación de funcionarios partidarios y gubernamentales de nivel de distrito y superior será evaluada anualmente por sus subordinados directos y por líderes de las unidades subordinadas mediante voto secreto, añade la circular.

Los funcionarios que "no obtengan el voto favorable de la mayoría serán examinados por autoridades superiores para decidir si deben ser degradados y transferidos", señala más adelante.

RPCH

la capital china

Pekín: estudiantes queman ejemplares del diario oficial

Pekín, 5 (UP) – Más de 300 estudiantes de la Universidad de Pekín quemaron hoy centenares de copias de un periódico oficial que acusó a los manifestantes que están en favor de la democracia de oponerse al comunismo e impulsar la anarquía.

Los estudiantes, enojados por una ola de críticas en los órganos de prensa estatales, se congregaron durante aproximadamente 45 minutos en torno de las dos fogatas hechas con el "Diario de Pekín" y otras publicaciones.

Mientras cantaban "quemen, quemen, quemen el 'Diario de Pekín' ", arrojaron petardos y botellas de licor a las llamas, aplaudiendo cada vez que una nueva copia del periódico era lanzada al fuego.

La protesta ocurrió a la hora de almuerzo cerca de un lugar en que se colocan boletines con informaciones universitarias, donde había varios carteles críticos del "Diario de Pekín" y pronunciándose por una mayor democracia y libertad de prensa, que fueron colocados el domingo por la noche y a tempranas horas de hoy.

Uno de los carteles alababa a la radio estadounidense La Voz de América, cuyas informaciones sobre las recientes manifestaciones en pro de la democracia han sido atacadas por la prensa oficial china.

"Esperamos que la situación por la cual La Voz de América es más rápida y más verídica que nuestras propias informaciones cambiará en el futuro", se leía en el cartel.

Acusación

Los estudiantes hicieron blanco de sus protestas al "Diario de Pekín", que hoy acusó a los manifestantes de "usar una falsa democracia capitalista para practicar la anarquía".

También fueron quemadas otras publicaciones, entre ellas el "Diario del Pueblo" del partido Comunista chino.

Desde las ventanas de un dormitorio cercano también fueron arrojados periódicos en llamas, entre los aplausos de 300 a 400 estudiantes.

Los estudiantes del tercer piso de uno de los dormitorios hicieron descender hasta el suelo un letrero hecho con numerosas páginas de periódicos pegadas entre sí sobre las cuales se había escrito con grandes caracteres negros: "Al diablo con el 'Diario de Pekín' ".

Las autoridades universitarias no trataron de poner fin a la protesta, pero sí intentaron requisar películas tomadas por periodistas extranjeros.

El artículo de primera página del "Diario de Pekín" en que acusó a los estudiantes de oponerse al comunismo y de apoyar la democracia capitalista fue leído en la televisión nacional.

LA PRENSA 06-1-87

033

ESTUDIANTES CHINOS

Diarios del P.C., a la hoguera

PEKIN, 5 (Por Jasper Becker, de "The Guardian", especial para Clarín). — Al grito de "fuego, fuego, fuego", trescientos estudiantes chinos quemaron este lunes copias del "Diario del Pueblo" (órgano del Partido Comunista) y de otra publicación oficial, el "Pekín Daily", en señal de protesta por la cobertura periodística que este medio dio sobre sus recientes manifestaciones.

Algunos jóvenes le prendieron fuego a carteles que decían "Diario de Pekín, vete al diablo" y los arrojaron a la calle desde las ventanas de una universidad. Otros hicieron una gran fogata con ediciones de "Bandera Roja", "Diario de Pekín" y demás órganos de prensa del partido.

Pero el medio que mayor indignación despertó entre los estudiantes fue el "Pekín Daily", que sigue encabezando los ataques periodísticos contra los estudiantes.

Este lunes, un espinoso editorial acusaba a los estudiantes de pretender defender tan solo los "cuatro principios básicos" del régimen del Partido Comunista, durante la manifestación del jueves pasado en la Plaza Tiananmen.

El editorial indicaba, sin embargo: "No distinguen entre la democracia capitalista y la socialista. En realidad, desean usar al liberalismo burgués para defender el anarquismo. Están envenenados por el liberalismo burgués y enarbolan la bandera roja para oponerse a esta misma insignia", en alusión a un eslogan de la Revolución Cultural.

Los estudiantes, por su parte, acusan al diario de ser "la lengua y garganta" de los "izquierdistas" responsables de la Revolución Cultural.

El "Pekín Daily" recurrió a la autoridad máxima e invocó a Deng Xiaoping, quien en 1980 habría recomendado normas que prohibían la realización de manifestaciones sin autorización y la existencia de publicaciones y organizaciones ilícitas.

El diario continuó culpando a los agitadores "externos" y publicó una nota en primera página sobre Xue de Yuan, el ex estudiante que fue detenido la semana pasada por incitar a sus compañeros universitarios.

Agencia Reuter



Un estudiante de la Universidad de Pekín sostiene una copia en llamas del "Diario de Pekín", ayer, durante una manifestación realizada en el complejo universitario.

Con anterioridad a las protestas, "el señor Xue y otro criminal" vendieron, al parecer, poemas y publicaciones ilícitas que defendían "la libertad y democracia burguesas" e incitaban al "anarquismo".

Xue y sus cómplices son tenidos como responsables de orquestar la propuesta y oponerse "desenfrenadamente a los cuatro principios básicos".

Xue habría pronunciado un discurso en el que habló a favor de la abolición de una norma del partido y de la implantación de un sistema multipartidario.

Las manifestaciones de los estudiantes chinos son demasiado desorganizadas, sin embargo, como para dar crédito a la suposición de que son manipuladas por foráneos.

Al perseguir a gente como Xue —que no es estudiante—, el gobierno estaría tratando de desalentar a los trabajadores de unirse a los jóvenes —que están libres de proceso aparentemente—. Algunos estudiantes de Pekín tenían la esperanza de que los trabajadores —preocupados por el alza de los precios— se unieran a ellos, como ocurrió en Shanghai.

◆ Ambiciones ingenuas

Rong Yiren, el principal capitalista de China y con la reputación de ser el hombre más rico del país, se pronunció también en contra de los estudiantes. Opinó que sus ingenuas ambiciones ponen de manifiesto su falta de conocimiento sobre el pasado de la nación.

Yiren declaró para la revista "Outlook": "Participé del movimiento estudiantil cuando estaba equivocado, y también entoné los slogans de democracia y libertad, pero llegué a la conclusión de que la democracia debe ir de la mano del centralismo. Podemos aprender algo de los países capitalistas, pero ello no quiere decir que todo esté bien en estas naciones". Rong Yiren es presidente de la China International Trust & Investment Corporation.

Yiren enfatizó, en otro orden de cosas, el "deber sagrado" que tiene la generación de los mayores de educar a los jóvenes.

Algunos diplomáticos de Occidente estiman que estas protestas reflejan la importancia de la brecha generacional en China. Yiren y los de su generación fueron castigados por todos los cambios políticos, y él mismo fue una de las principales víctimas de la Revolución Cultural.

Los estudiantes chinos pertenecen a la impaciente generación posterior a la Revolución Cultural, educados durante la época del programa de reforma y con grandes expectativas de libertad personal.

Algunos de los agitadores externos —por los que está tan preocupado el gobierno— pertenecerían a la castigada generación de la Revolucion Cultural.

Ellos fueron —como grupo más duro y organizado— los que encabezaron el movimiento democrático de la "primavera de Pekín", luego del arresto de "la banda de los cuatro".

Entretanto, el "Diario del pueblo" y demás medios han hecho saber que se realizarán cambios en el sistema. Difundieron de hecho una vieja circular del Comité Central sobre la degradación de jerárquicos no aptos.

La circular precisaba que a partir de ahora la labor de los funcionarios de gobierno y de partido, a nivel de condado y por encima, será evaluada por sus subordinados directos a través de votos secretos. La nota agregaba que aquellos que no obtengan el voto de la mayoría serán examinados por autoridades más altas que decidirán si son degradados o transferidos.

8700608

01-01

01-01

033

RPCH

La Prensa 04/1/87

Primera bolsa de valores en Pekín

Pekín (UP) – El primer mercado de valores de la capital de China abrió ayer al público y realizó transacciones por el equivalente de casi 150 millones de dólares, dijeron informes oficiales.

La televisión nacional mostró a ciudadanos apiñándose en los mostradores del nuevo mercado, que ofrece servicios de créditos, préstamos interbancarios, compra-venta de acciones y títulos y consultorías financieras.

Xinhua afirmó que el mercado hizo transacciones por 550 millones de yuan (149 millones de dólares) en el día.

Otras ciudadas abrieron mercados similares el año pasado por primera vez en China desde 1949, como parte de los esfuerzos gubernamentales por estimular la economía alentando a los ciudadanos a invertir sus ahorros en la industria, reduciendo así el uso de fondos estatales para la inversión.

Trabajadores se unen a las protestas de los estudiantes en Shanghai

Continuaron por tercer día consecutivo las manifestaciones estudiantiles en demanda de democracia y libertad en la ciudad de Shanghai, la mayor de China. A los jóvenes se unieron en gran cantidad trabajadores preocupados por rumores de aumentos de los precios. No se produjeron incidentes, pero la agencia Nueva China denunció agresiones a policías y perturbación del orden.



Agencia AP

Manifestantes estudiantiles —algunos portando pancartas— se congregaron ayer frente a la municipalidad de Shanghai, China, para exigir libertad y reformas democráticas.

SHANGHAI, 21 (Reuter y UPI). — La policía dispersó esta noche a una multitud de miles de personas que se encontraban frente a la municipalidad local y arrestó por lo menos a siete jóvenes, en la tercera jornada consecutiva de intranquilidad estudiantil en demanda de mayor democracia, según indicaron testigos.

Agregaron que unos 200 policías se introdujeron entre la muchedumbre congregada en el principal bulevar costanero junto a la municipalidad y arrestaron a los jóvenes luego de formar un cordón para alejar al gentío.

Por lo menos siete jóvenes fueron llevados a la rastra, aparentemente por instigar a la multitud a desbordar el cordón.

Había decenas de miles de estudiantes y curiosos frente a la municipalidad y en las calles vecinas cuando la policía intervino aproximadamente a las 21.30 (11.30 en la Argentina).

Los testigos revelaron que en cuanto la policía comenzó a introducirse entre la multitud, los estudiantes bajaron los carteles que reclamaban democracia y optaron por retirarse o entremezclarse con los grupos de espectadores.

A la media hora de su intervención, la policía había despejado un área de 300 metros a lo largo de la amplia avenida.

Numerosos policías desarmados provistos de intercomunicadores montaban guardia entre cercas rotas y decenas de bicicletas que cubrían la calzada, mientras gritaban a los jóvenes, encaramados a otras cercas y árboles, que se fueran.

Los estudiantes, apoyados por grupos de trabajadores, se habían congregado frente a la municipalidad para expresar su disconformidad con la respuesta del alcalde, Jiang Zemin, a una lista de reclamos que sus dirigentes habían presentado en una reunión el viernes.

♦ Demandas rechazadas

Dijeron que Jiang había rechazado las demandas de mayor democracia y libertad de prensa, aunque aceptó el pedido de que su acción de protesta fuese considerada legal y que su seguridad fuese garantizada.

Los estudiantes sostuvieron que el alcalde había roto su palabra, ya que ayer hubo unos 200 arrestos y la policía había golpeado a una docena de personas.

Las protestas de Shanghai son las mayores de una serie de manifestaciones estudiantiles que han afectado en las últimas semanas a más de una decena de ciudades.

Trabajadores airados por rumores de próximos aumentos de precios se sumaron hoy a decenas de miles de estudiantes que protestaban por presunta "brutalidad policial" en el tercer día de protestas en favor de la democracia en Shangai, la ciudad más grande de China.

Se estima que los estudiantes habrían logrado congregar a entre 30.000 y 50.000 personas, y recibieron hoy el apoyo de gran número de trabajadores de Sanghai, algunos de los cuales expresaron su descontento por rumores sobre aumentos de precios a comienzos del año próximo.

♦ "Perturban el orden"

La tensión creció hoy cuando los miles de manifestantes que reclaman reformas democráticas prometieron pasar una "tercera noche en las calles".

Cantando y gritando consignas bajo un colorido mar de pancartas y banderas, marcharon de a 20 en fondo por las arterias que convergen en el edificio municipal, e interrumpieron totalmente el tránsito y se mofaron de las exhortaciones a la dispersión difundidas por un sistema de altavoces.

No menos de 500 policías habían acompañado a los manifestantes y se habían alineado en apretadas filas bajo las columnas corintias del ayuntamiento y a lo largo del bulevar marítimo.

"Manifestantes estudiantiles golpearon en Shanghai a 31 policías y se introdujeron en las oficinas municipales", afirmó la agencia oficial Nueva China citando a un vocero gubernamental de la ciudad.

033

APCH

LA NACIÓN 20-12-86

Reunión de la cúpula militar

PEKIN, 25 (EFE). - La comisión militar central del Partido Comunista chino, el organismo más importante de la estructura militar del país, está reunido en Pekín desde el 11 del actual, informó la agencia oficial Xinhua.

Aunque la agencia no relaciona la reunión con los últimos acontecimientos de orden público, podría interpretarse como un intento de mostrar que el poder militar y el poder político están en buenas relaciones.

Xinhua dijo que se trata de la reunión más numerosa de este organismo desde fines de 1978, año en el que se inició el proceso de reforma económica en el país.

El principal dirigente chino, Deng Xiaoping, presidente de esta comisión, se reunió hoy con varios altos jefes militares.

En la reunión "se discutió la consolidación de la constitución del ejército en la nueva situación", indicó la agencia, que no dio más explicaciones para ampliar el significado de la frase.

Al reunirse con los jefes militares de varias regiones, Deng Xiaoping comentó: "Nuestros jefes militares son realmente mucho más jóvenes", refiriéndose al proceso emprendido desde hace tiempo para reemplazar a los veteranos jefes con gente joven y más preparada.

Los jefes militares se reunieron también con el secretario general del Partido Comunista, el primer ministro y el presidente de la Asamblea Popular Nacional, tres de los políticos de mayor rango en el país en estos momentos.

En una información aparte, la agencia consignó que desde hace más de un año, el Ejército Popular de Liberación (EPL) ha reducido sus efectivos en 410.000 hombres.

En la reunión anterior, Deng Xiaoping anunció el propósito del Gobierno de reducir los efectivos en un millón de soldados, aproximadamente una cuarta parte.

El proceso de reducción de efectivos militares se está desarrollando sin problemas y con un avance destacado, añadió la agencia.

La actual reorganización del ejército chino supone la reducción de los "grandes mandos (o zonas) militares", de once a siete.

8700929

01-01

033

RPC

Viernes 26 de diciembre de 1986 LA NACION LA NA

Advertencia oficial a los estudiantes en China

SHANGAI, 25 (Reuter). - Los diarios oficiales, las radios y la televisión chinas intensificaron sus advertencias contra las demostraciones estudiantiles en favor de una mayor democracia, y afirmaron que la ola de protestas podría llevar a la anarquía.

El Diario del Pueblo, órgano del Partido Comunista, trazó paralelos con los acontecimientos de la Revolución Cultural de 1966-76, y dijo que la llamada "gran democracia" había causado confusión y desgracia, especialmente para los estudiantes jóvenes.

"Todo el pueblo, incluidos los estudiantes jóvenes, que se muestran preocupados por la reestructuración política, jamás permitirá que una tragedia histórica semejante se repita bajo ninguna consigna por hermosa que sea", agregó.

El diario dijo que la reforma política sólo podría llevarse a cabo bajo el liderazgo del partido. Agregó que las campañas en favor de la "gran democracia" podrían conducir al anarquismo, con los derechos de las mayorías hollados por un pequeño número de personas ignorantes de la ley y que hacen lo que quieren.

La Revolución Cultural

Mao Tse Tung, quien condujo la revolución comunista de 1949, llevó a cabo en 1966 la Revolución Cultural, de extrema izquierda, durante la cual depuso al presidente Liu Shaoqi y purgó al Gobierno y al partido de sus seguidores.

Radio Estación, de Shangai, la mayor ciudad de China, también criticó las demostraciones en las universidades diciendo que las indisciplinadas movilizaciones estudiantiles podrían llevar a la anarquía.

Un líder estudiantil dijo que las facciones radicalizadas estaban presionando en favor de la realización de una gigantesca demostración en la que participen las 48 instituciones de altos estudios de Shanghai.

Dijo a Reuter que no se había fijado aún una fecha para la reunión debido a que muchos estudiantes universitarios se están preparando para sus exámenes de mitad de año a principios del mes próximo.

El plan radicalizado también es fuertemente atacado por los estudiantes moderados que temen que provoque derramamientos de sangre que podrían contradecir sus objetivos declarados de búsqueda de la democracia y de reformas pacíficas, dijo.

Varios estudiantes anunciaron la noticia de la inminente movilización a los transeúntes de la plaza del Pueblo, escenario de la movilización que contó con la adhesión de 10.000 personas el fin de semana última.

Las autoridades advirtieron que cualquier reunión pública sin autorización oficial sería prohibida y reprimida severamente por la policía.

El gobierno anunció hasta el momento sólo el arresto de dos obreros fabriles que volcaron un automóvil en la plaza el domingo, pero maestros extranjeros dijeron que creían que algunos estudiantes habían sido detenidos.

En un juicio televisado, ambos hombres fueron acusados ayer de provocar desórdenes públicos y de intento de incendio intencional.

La central televisiva de Pekín, realizó esta noche entrevistas con funcionarios del gobierno y un trabajador fabril y ambos se quejaron de que las movilizaciones habían ocasionado inconvenientes a los trabajadores.

Heridos en manifestaciones

PEKIN, 25 (AFP). - Varios enfrentamientos se produjeron hoy entre estudiantes y la policía china frente a la sede de gobierno de la ciudad de Tianjin (nordeste de China), donde se produjeron varios heridos en el curso de manifestaciones que reunieron unas 3000 personas, indicó un testigo de los acontecimientos.

Por su parte, un responsable del gobierno de la ciudad, interrogado por teléfono, desmintió que hubiese enfrentamientos y heridos, pero reconoció que los estudiantes acudieron a manifestar delante de la sede del gobierno y que una delegación se encontraba dentro de los locales "para discutir con las autoridades".

Los incidentes

Los enfrentamientos se produjeron delante del edificio de la gobernación de Tianjin cuando la policía trató de impedir la entrada de los estudiantes al mismo, indicó el testigo en una entrevista telefónica.

Asimismo indicó que había unos 300 policías pero no pudo precisar el número de heridos y si hubo detenciones.

La policía filmó las primeras filas de los manifestantes y las autoridades indicaron que la ley se aplicaría a los responsables de los incidentes.

JORNAL DO BRASIL 28/12/86 Internacional

Febre de reformas ataca os países do mundo comunista

Silvia S. Costa

Não há nada de errado com o socialismo, garantem os líderes do mundo comunista, mas vários países que adotaram esse regime — a começar pela própria União Soviética, que abriu a lista de adesões, em 1917 — atravessam uma maré de autocríticas que está surpreendendo e intrigando o Ocidente. Embora os Estados Unidos afirmem que se tratam de mudanças internas sem reflexos, até agora, na política externa, sabe-se que o líder soviético, Mikhail Gorbachev, há 20 meses no poder, deflagrou sua glasnost (abertura) com um olho nos problemas internos e outro na repercussão no exterior.

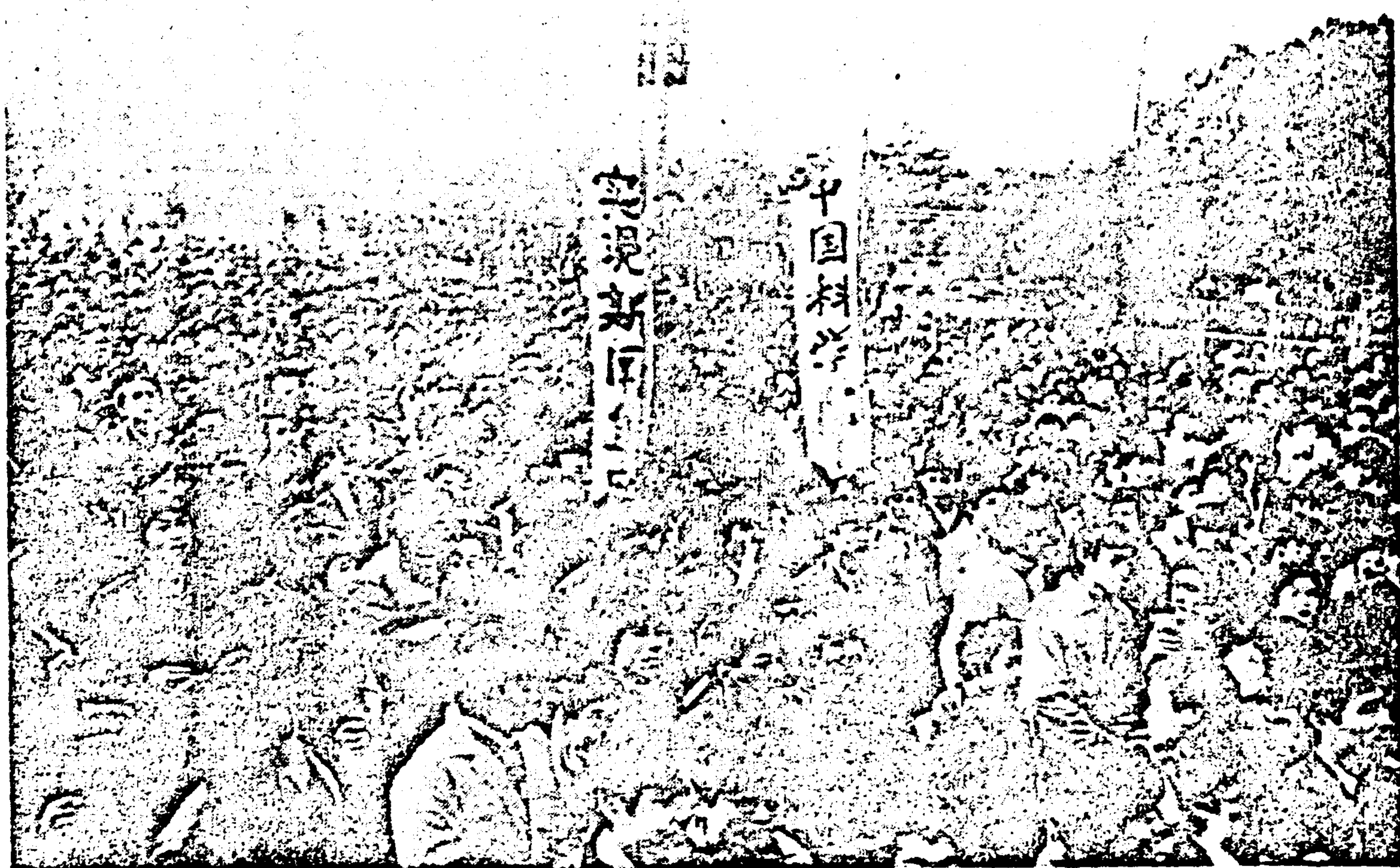
As mudanças na área econômica e a liberalização no terreno cultural, promovidas por Moscou ao longo deste ano, foram reforçadas agora em dezembro com a permissão para que o físico Andrei Sakharov e sua mulher Yelena Bonner deixassem o exílio em Gorki e retornassem ao seu apartamento da rua Chkalov, na capital soviética. Gorbachev encarregou-se pessoalmente de telefonar para o dissidente para dar a boa notícia.

Sakharov voltou a Moscou depois de sete anos, reassumiu o seu posto no Instituto de Física da Academia de Ciências e retomou as críticas à presença soviética no Afeganistão e à existência de presos políticos em seu país. O chefe do Departamento de Direitos Humanos do Ministério de Relações Exteriores, Yuri Kashlev, garantiu que não há qualquer problema em relação às declarações do dissidente: "Se ele comentar honestamente assuntos internacionais, não será punido.".

Há quem diga que Sakharov só foi libertado para atenuar as reações à morte na prisão de outro dissidente, Anatoly Marchenko. Outros vêem o fim de seu exílio como uma tentativa da nova liderança soviética de remover o símbolo mais visível das violações aos direitos humanos. Mas o próprio Sakharov manifestou seu "grande respeito" por Gorbachev e disse que a imprensa moscovita publica hoje informações que, quando fornecidas por dissidentes nos anos 70, podiam levar à prisão.

O líder soviético marcou pontos ainda ao permitir a saída do país de alguns doentes que precisam de tratamento e ao receber o senador democrata, Gary Hart, candidato a candidato à presidência dos Estados Unidos, e assegurar-lhe que Moscou deseja concluir um acordo de controle de armas com Washington. O fato mais surpreendente, contudo, foi o noticiário sobre os distúrbios estudantis no Cazaquistão, motivados pela substituição do nativo Dinmukhamed Kunayev pelo russo Genadi Kolbin.

Pequim — AP



Milhares de estudantes saíram às ruas das principais cidades chinesas para pedir reformas

Indochina renova para superar reveses

Barbara Crossette

The New York Times

Bancoc — Para as três nações da Indochina, tem sido um período de introspecção e mudança de liderança. Essas renovações são a marca registrada dos Partidos Comunistas dirigentes, de Moscou a Havana, um reflexo da dificuldade de se motivar sociedades com uma economia centralizada e uma ideologia que, em sua maior parte, não admite heresias. Para o Vietnam, Camboja e Laos, o problema se torna mais exacerbado devido a sérios reveses econômicos.

Em congressos do PC em Hanói, semana passada, e no Laos no mês passado, ouviu-se uma extraordinária cascata de autocríticas, expressas nas usuais palavras-chave, como deficiências, erros graves, egoísmo, preguiça e corrupção. O Camboja também reconheceu seus problemas, remanejando sua liderança nas últimas semanas.

No Laos, que, como o Camboja, foi atraído para a órbita de Hanói através da cooperação econômica e a presença de tropas e assessores vietnamitas no país, o líder do PC, Kaysone Phomvihan, relacionou 12 áreas — da saúde à manutenção da lei — que necessitam de atenção imediata.

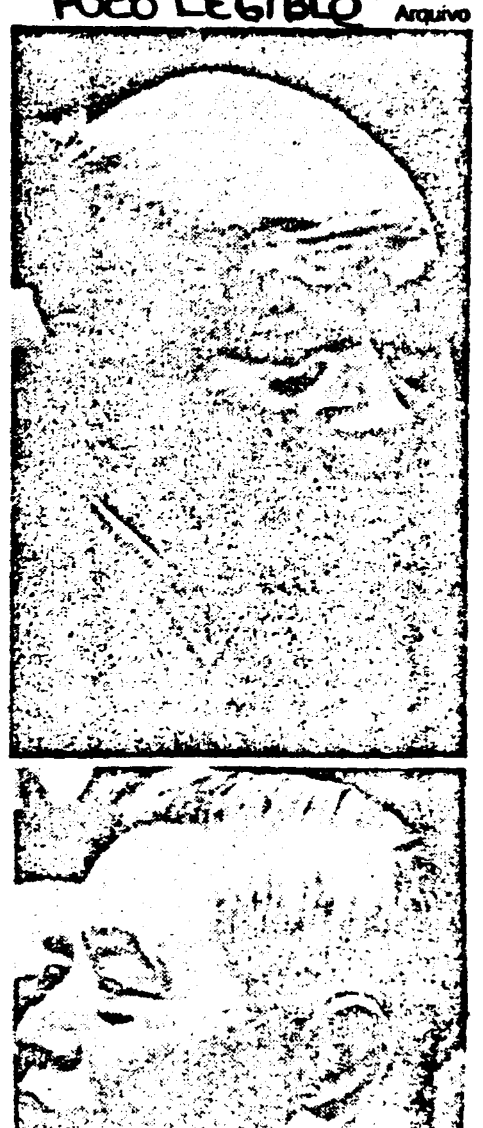
Mas a avaliação mais dura partiu de Truong Chinh, secretário-geral do PC vietnamita, que na semana passada aparentemente perdeu a luta para manter seu cargo. No congresso do partido, ele atacou "fenômenos corruptores na máquina do Estado" e destacou o fracasso em melhorar a economia do Vietnam ou inspirar seu povo, nos quase 12 anos decorridos do fim da "guerra americana".

"Os erros e negligências cometidos pela liderança nos campos econômico e sócio-econômico se originaram da negligência nas atividades do Partido, ideológicas e de organização, e no trabalho dos quadros", disse ele.

Todos os três países se preocupam com a inadequada segurança nacional. O Camboja e o Vietnam, envolvidos numa guerra contra guerrilheiros apoiados pela China, demitiram seus ministros da Defesa. E o Laos, embora procure melhorar as relações com a vizinha Tailândia e, em menor escala, com a China, aumentou o recrutamento militar e tem pro[illegible] mais eficientes suas Forças Armadas.

Em meio a críticas e advertências, há apelos por "renovação": melhor administração, contabilidades mais honestas, trabalho mais duro. Os líderes argumentam que nada há de errado com o sistema socialista e culpam os burocratas ineptos por criarem má imagem.

Arquivo



O veterano Troung Chinh (alto) foi substituído na chefia do Partido por Nguyen Van Linh

A turbulência na Indochina está provocando preocupação em outros lugares — incluindo Moscou, que continua empenhado em manter os aliados à tona. Em Hanói, na semana passada, Yegor Ligachev, um substituto de Mikhail Gorbachev, prometeu duplicar a assistência econômica não-militar ao Vietnã, de cerca de 1 bilhão de dólares para quase 2 bilhões por ano, durante os próximos cinco anos — apesar das queixas soviéticas de que sua ajuda está sendo desperdiçada.

"Moscou atribui grande importância ao Vietnam. Sua integração ao bloco soviético atingiu um ponto sem volta", diz Thai Quang Trung, professor vietnamita que vive em Paris.

"Hanói não pode se permitir fracassar ou se constituirá num mau exemplo para a região", diz Thai. "Além do mais", acrescentam diplomatas, "Moscou está decidido a impedir que Hanói descambe para o herético pragmatismo econômico da China. O Vietnam é uma valiosa base para as forças soviéticas no Oriente e decisivo para novo impulso diplomático de Moscou no Sudeste Asiático e no Pacífico.

Os problemas da Indochina se tornam mais agudos em contraste com seus vizinhos não comunistas. A brecha entre a Indochina e os membros da Associação de Países do Sudeste Asiático — Tailandia, Filipinas, Malásia, Cingapura, Indonésia e Brunei — continua a aumentar, mesmo numa época de declínio econômico. Um economista da ONU na Tailândia recentemente chamou Vietnam, Laos e Camboja de "novas cestas de lixo do mundo".

Que remédios têm proposto os líderes indochineses ? Observadores que têm estudado os planos laosianos e vietnamitas — o Camboja, mergulhado na guerra civil, é um caso à parte — dizem que os dois países estão empenhados em revitalizar suas economias. Mas os especialistas ressaltam que isso será realizado numa atmosfera de moderação, refreando tanto os radicais que desejam uma marcha mais rápida em direção ao socialismo, através da coletivização, e os pragmatistas, favoráveis às forças do livre mercado.

O planejamento econômico estalinista, que coloca a ênfase na indústria pesada, será abandonado [illegible] os líderes vietnamitas. Os esforços [illegible] para aumentar as exportações [illegible] socialista e a formação de [illegible] (empreendimentos conjuntos). As autoridades sabem que a juventude inquieta não se comove com apelos ao sacrifício.

"As pessoas suportam qualquer dificuldade em tempo de guerra. Mas numa época de paz, [illegible] grandes" diz [illegible]

01-02

Estudantes

"Mais do que as informações sobre os protestos e a rapidez com que elas foram divulgadas — algo absolutamente novo na imprensa local —, surpreendeu a revelação de conflitos entre as etnias não-russas e russas, com sua longa tradição de domínio político e cultural do país. Analistas ocidentais afirmam que, ao invés de representar uma perda de controle por parte de Moscou, a divulgação dessas notícias significa uma clara mensagem às demais repúblicas soviéticas para que se mantenham na linha".

Quase ao mesmo tempo em que os estudantes do Cazaquistão tinham seus protestos anunciados aos quatro cantos do planeta, seus colegas chineses iam às ruas em diversas províncias pedindo mais democracia e liberdade. Desde o fim da Revolução Cultural, em 1976, a China não via manifestações de 50 mil jovens, como ocorreu em Xangai, há uma semana. Diplomatas ocidentais acreditam que o objetivo dos estudantes é pôr à prova a tolerância de Pequim em relação às dissidências e o propalado compromisso do líder Deng Xiaoping com a democratização política e [illegible].

Os jovens chineses pedem melhor alimentação nas cantinas universitárias, redução das taxas escolares, mais iluminação em suas salas e, no caso da Universidade de Pequim, liberdade sexual. Mas a principal causa dos protestos é, sem dúvida, a reivindicação por mais democracia, que eles desejam que se traduza em eleições livres para os vários níveis das administrações locais e regionais. Querem também respeito aos direitos humanos e liberdade de imprensa, tal qual os soviéticos.

O descontentamento da futura elite chinesa, até então insuspeitado pela atual liderança, poderia ter um caráter pró-Ocidental. Só que os manifestantes admitem pouco saber sobre as outras democracias do outro lado do mundo e dizem que ficariam contentes com algumas melhorias na estrutura chinesa de poder, que permite o funcionamento de um único partido político. O movimento estudantil que põe em xeque a abertura de Xiaoping pode beneficiar a ala conservadora do regime, sempre influente e disposta a conter quaisquer inovações.

A febre reformista que vem atingindo mais vigorosamente a União Soviética e a China já provocou efeitos nos demais países socialistas. No início deste mês, o presidente cubano Fidel Castro disse, num acesso de franqueza, que a corrupção e a má administração dos sindicatos, entre outros problemas, impedem que o país atinja suas metas econômicas. No trigésimo aniversário do levante húngaro, em outubro, 122 pessoas assinaram um documento denunciando a intervenção soviética e pedindo democracia e não foram presas. Na Polônia, a Igreja católica continua desafiando o regime do general Jaruselski, que recentemente anistiou mais de 100 presos políticos.

Essas mudanças já contagiaram até mesmo os três países comunistas da Indochina: Vietnam, Laos e Camboja. No 6º Congresso do Partido Comunista do Vietnam, este mês, o então secretário-geral Truong Chinh admitia a estagnação da economia de seu país. Os dirigentes do Laos reconheceram, no mês passado, que "erros, negligência e corrupção" têm impedido o desenvolvimento. E o governo do Camboja ainda tenta pôr fim à guerra civil que vem destruindo o país desde os anos 70, dividido entre adeptos de uma marcha mais acelerada em direção ao socialismo e pragmáticos favoráveis a uma economia de mercado.

A luta da imprensa alternativa polonesa

Ricardo Arnt

Desde a implantação do Estado de Guerra, em dezembro de 1981, mais de mil publicações da imprensa **underground** apareceram na Polônia: jornais, revistas, livros, boletins de circulação periódica, volantes, panfletos, cartas, etc. A diversidade dos títulos, sua pluralidade política e as condições de edição e produção das notícias não têm contrapartida em nenhum regime de corte comunista.

Na República Popular da Polônia, todo tipo de material impresso destinado à distribuição pública é censurado — de obituários a cartões de visita. O Escritório Geral de Imprensa, Publicações e Eventos, em Varsóvia, encarrega-se de impedir que qualquer informação inconveniente ao governo chegue ao conhecimento público. A estrita promoção dos interesses do Partido Comunista na imprensa oficial, sua imediata identificação como voz do Estado, é a maior causa do apoio popular à imprensa clandestina e da multiplicação das publicações independentes, desde 1976.

Entretanto, atingida as dimensões que o fenômeno alcançou na Polônia, as publicações **underground** defrontam-se com uma questão crucial para a imprensa, seja ela qual for: credibilidade. Evidência disso é o artigo do jornalista polonês independente Michael Kolodziej, publicado no último número da **East European Reporter** (vol. 2, nº 2), revista editada em Londres especializada na cobertura dos movimentos de oposição no Leste Europeu. Kolodziej considera que a imprensa alternativa polonesa está ameaçada por vários desafios.

O primeiro, naturalmente, é a repressão. O Serviço de Segurança do Estado (SB) está determinado a desmantelar a imprensa clandestina, reduzir sua influência ou sabotá-la. Para isso, vários métodos são usados. A polícia pode produzir textos apócrifos e inseri-los no lugar de textos genuínos de uma edição. Pode produzir uma edição inteira falsa, respeitando os originais, adulterando apenas um ou dois textos. Pode, através de agentes, infiltrar informações falsas que serão erroneamente aproveitadas em edições clandestinas.

Os leitores da imprensa **underground** devem estar acostumados a comparar os tipos e técnicas de impressão para detectar falsificações, ainda que os jornais possam mudar de impressão a cada edição para surpreender os falsificadores. Um procedimento de segurança extremo é considerar adulterado, **a priori**, todo jornal, lê-lo com atenção, comparar os artigos com as tendências conhecidas dos autores e procurar confirmar as informações em outros exemplares. Ler um jornal é, um pouco, decifrar um palimpsesto.

As adulterações e as sabotagens são constantes. No final de 85, na edição nº 53 do **Nosso Tempo**, jornal da seção clandestina do Sindicato Solidariedade de Gdansk, Lech Walesa fornecia números e avaliações das eleições parlamentares de 13 de outubro de 1985 diferentes daqueles fornecidos aos correspondentes estrangeiros. Toda a edição do jornal tinha sido adulterada.

Em 28 de julho de 1982, apareceram duas versões diferentes do nº 22 do **Semanário Mazowsze**, de Varsóvia. Uma, continha um apelo da TKK, a Comissão Coordenadora Provisória do Solidariedade, assinado por seus quatro membros. Só um leitor informado saberia que, desde o começo daquele mês, a TKK passara a ser composta por cinco membros. O texto adulterado pedia que a população se abstivesse de manifestações de protesto pelo segundo aniversário da vitória das greves de agosto de 1980. A segunda versão trazia, ainda, uma entrevista forjada com Zbigniew Bujak (o líder da TKK preso em maio de 1986), na qual o operário advertia que a opinião pública mundial não estava interessada na desestabilização da Polônia e pedia que os poloneses dessem três meses de crédito para a WRON (a então Junta Militar presidida pelo General Jaruzelski) realizar suas promessas. Falsificações como essa visam gerar suspeita e incompatibilizar grupos e tendências entre si.

Os leitores poloneses também devem atentar para o estilo de cada jornalista. Somente alguns, os que estão na clandestinidade, geralmente, assinam com o nome verdadeiro; a maioria usa um ou vários pseudônimos. Kolodziej chega a recomendar que os leitores "mantenham sempre à mão um índice de nomes e pseudônimos de jornalistas para checar suas posições e atitudes com escritos anteriores".

Mas a credibilidade não é um bem precioso a ser defendido apenas das ameaças externas. Ela pode ser corroída por dentro. Nas condições de clandestinidade, as informações são precariamente recolhidas. O uso de telefone é arriscado; telex e telegrama muito mais, uma vez que revelam, imediatamente, a identidade do emissor. Em geral, só os maiores jornais da imprensa alternativa dispõem de uma rede de correspondentes espalhada pelo país. As Agências Alternativas de Notícias dão uma contribuição fundamental, mas, via de regra, nem a informação proveniente delas pode ser devidamente checada. Informações de segunda mão, observações parciais, intuições, subjetivismos, conduzem a informações imprecisas, enganos, paranóias e distorções. O número 12 do jornal **Solidarnosc**, de Gdansk, explica: "Nós operamos sempre em condições precárias, ameaçados constantemente pela traição, a espionagem e a prisão. Precisamos confiar não só na nossa habilidade e na nossa intuição, mas também na boa vontade dos nossos informantes, na honestidade e na agudeza da observação deles. E apesar disso, as notícias que publicamos são corretas e as distorções possíveis raras".

Mais perigoso é quando a razão da militância se sobrepõe. Às vezes, admite Kolodziej, "os editores nem sempre querem contar a verdade. Situações afloram em que a verdade não é conveniente para um editor ou para as idéias que ele representa. A verdade que o editor objetivamente conhece poder, assim, estar deliberadamente destorcida". Ou seja, o problema do jornalista continua, paradoxalmente, o mesmo, de braços com o pode ou na clandestinidade, como Kolodziej conclui: "A generalizada falta de confiança na imprensa como um todo só pode ser superada, no caso da imprensa clandestina, se ela aderir rigidamente — até onde for possível — ao estrito princípio de divulgar informações verdadeiras, independente de serem convenientes ou não aos autores e aos editores dos jornais".

033

Estudiantes golpean a policías en Shanghai

SHANGAI. — Manifestantes estudiantiles golpearon a una treintena de policías e irrumpieron en dependencias del gobierno municipal de Shanghai donde este fin de semana hubo grandes protestas en demanda de mayor democracia, dijo hoy lunes 22 la agencia noticiosa "Nueva China".

En su primer despacho sobre las protestas juveniles en la mayor ciudad de China, la agencia agregó que varios miles de estudiantes habían perturbado el orden social, agravando la congestión del tránsito e impedido trabajar a la gente.

"Un pequeño número de personas intenta perturbar la estabilidad y la unidad, desarticular la producción y el orden social aprovechándose del celo patriótico de los estudiantes y sus aspiraciones de democracia y libertad", dijo un vocero municipal citado por la agencia.

Dirigentes estudiantiles acusaron a la Policía de golpear ayer domingo a una decena de manifestantes y de arrestar a unos 200, pero nada dijeron de que estudiantes hubiesen atacado a la Policía.

Aunque la agencia publicó anteriormente declaraciones oficiales acerca de que el pueblo chino tenía el derecho constitucional de manifestar, el despacho de la agencia fue sumamente crítico respecto de las concentraciones de Shanghai.

"Ustedes quieren libertad, pero nos privan de la libertad de ir al trabajo y de volver a casa", dijo, según la agencia, el pasajero de un autobús a los estudiantes, cuyas concentraciones en una avenida principal bloquearon el transporte público.

"Después de la revolución cultural hemos conseguido cierta paz. ¿No es bastante el sufrimiento producido por la revolución cultural?", dijo otro de acuerdo con la aencia.

Anoche, testigos dijeron que la Policía había dispersado a una multitud de varios miles de personas congregadas frente a la municipalidad y arrestado a por lo menos siete jóvenes en la tercera jornada consecutiva de intranquilidad.

Apoyo

También trabajadores, airados por rumores de próximos aumentos de precios, se sumaron ayer a decenas de miles de estudiantes que protestaban por presunta "brutalidad policial" en el tercer día de protestas en favor de la democracia en esta ciudad, la más grande de China.

Se estima que los estudiantes habían congregado entre 30.000 y 50.000 personas.

Al caer la noche, más de 20.000 de los manifestantes se reunieron frente a la Alcaldía, donde una mujer munida de un altavoz los conminó a dispersarse.

Los manifestantes pedían la liberación de unos 200 compañeros, supuestamente detenidos ayer, cuando cientos de policías irrumpieron en la Plaza del Pueblo, en el centro de Shanghai.

Al mediodía los estudiantes, cantando y gritando consignas, llevaban banderas con pedidos de libertad y democracia.

Entre los manifestantes estaban unos 500 estudiantes que hicieron una vigilancia nocturna frente a la legislatura local, luego de un marcha realizada ayer para presionar por reformas democráticas, a la que acudieron más de 30.000 estudiantes.

Las manifestaciones de ayer, no autorizadas por el gobierno, fueron las más grandes desde las de 1976, al término de los diez años de la revolución cultural.

La protesta iniciada el viernes 19 en Shanghai, con unos 10.000 estudiantes que llegaron hasta la Alcaldía, es la más importante de las ocurridas en por lo menos seis ciudades de China, incluso en Pekín, en las dos pasadas semanas.

China acusa "Voz da América" de incitar protesto estudantil

Pequim — Reuters



Libertado após 12 horas de detenção, o estudante Zhans Yanxi foi carregado pelos companheiros

Pequim — O governo chinês voltou a endurecer o tom de suas críticas ao movimento estudantil, depois de dois dias de protestos na Praça da Paz Celestial (Tiananmen), a principal de Pequim. A agência oficial Nova China (Xinhua) acusou a rádio Voz da América, que pertence ao governo americano, de incentivar os protestos dos estudantes pela democracia e liberdade de expressão. Segundo a Xinhua, um repórter da rádio conclamou os jovens a "não desanimarem".

Da tarde do dia 1º até a madrugada de ontem, cerca de 1 mil estudantes marcharam 16 quilômetros sob intensa neve, do complexo universitário até a Praça Tiananmen, em protesto contra a prisão de 24 colegas durante a manifestação da véspera do Ano Novo.

Ao passar em frente ao complexo Zhongnanhai, onde fica a sede do PC e vários altos funcionários têm seus escritórios, eles cantaram o hino da Internacional Socialista e gritaram slogans como "viva a liberdade" e "viva a democracia". Ontem de manhã o governo anunciou que todos os detidos tinham sido liberados, após "serem advertidos pelo departamento de segurança pública".

O Diário de Pequim afirmou que a manifestação do dia 1º foi "um evento ilegal instigado por elementos anti-socialistas". Segundo o jornal, o protesto "prejudicou o tráfico, causou distúrbios à ordem social e desobedeceu as regulamentações para manter a tranqüilidade na praça Tiananmen".

"Uma fita encontrada no bolso de um estudante preso mostrou que o protesto tinha sido planejado, passo a passo", disse a rádio oficial. O Diário de Pequim citou Wu Jiemin, secretário-geral da Academia de Ciências Sociais, segundo o qual os estudantes "devem aumentar a vigilância para não se deixarem enganar por esses elementos". Wu pediu "punição severa" para os inimigos do socialismo.

A agência Nova China atacou duramente a rádio Voz da América, afirmando que "enquanto as autoridades chinesas tomam medidas para educar os estudantes, a Voz da América reproduz declaração de um tal de Stone, dizendo esperar que os jovens não sejam desencorajados". A agência referia-se a comentários do jornalista americano I. F. Stone, transmitidos logo após a marcha que terminou na madrugada de ontem.

Segundo estimativas não oficiais, citadas pela agência UPI, a Voz da América (VOA) é a rádio estrangeira de maior audiência na China, entre 12 e 50 milhões de ouvintes.

Chineses querem reforma mais rápida

Pequim — A maioria dos chineses quer reformas econômicas que melhorem suas oportunidades de trabalho e terminem com o sistema de distribuição de empregos pelo Estado, revelou uma pesquisa feita com 3 mil 300 pessoas de 29 províncias e divulgada pela agência Nova China. Segundo a agência, 41% dos entrevistados disseram que as reformas estão sendo implementadas "lentamente" e 10% que "muito lentamente." Só 21% acham que o ritmo das reformas é "adequado".

Muitos entrevistados, de acordo com a Nova China, expressaram desagrado em relação à distribuição de empregos vitalícios nas empresas estatais: 33% disseram que têm "grande vontade" de mudar de emprego e 27,1% reponderam apenas "sim" à mesma pergunta. Só 20% afirmaram não ter vontade de trocar de emprego. Entre os que desejam outro trabalho, a maioria acha que o atual não aproveita todo seu potencial e iniciativa.

Mais de 55% se declaram contra O emprego vitalício e 70% disseram que prefeririam procurar empregos sem a interferência estatal. Entretanto, 55% afirmaram que não trocariam de emprego se lhe oferecessem maior salário em um outro.

Na Universidade de Pequim, a mais prestigiosa da capital chinesa, os estudantes que se reuniram ao redor de vários novos dazibaos (cartazes) pregados perto da cantina, para avaliar as últimas manifestações, afirmaram apoiar o socialismo e as reformas implementadas pela atual liderança chinesa, mas queixaram-se principalmente da falta de canais próprios de comunicação e dos relatos geralmente incompletos e deturpados que a imprensa oficial faz do seu movimento.

Entre os dazibaos, havia uma "carta aberta a Deng Xiaoping" (o líder máximo da China) em que os estudantes pediam dirigentes que os entendam. "Alguns velhos líderes querem nos impedir de falar", dizia o cartaz. "Nós apoiamos Deng Xiaoping e as reformas", disse uma jovem que participou da marcha do dia 1º. "Nós opomos aos conservadores", completou ela.

Outro estudante comentou que "as reformas fizeram bem à China". "Somos contra as coisas que bloqueiam as reformas, como o burocratismo e os privilégios", afirmou ele. Um cartaz criticava duramente o Diário de Pequim e a Rádio Pequim por divulgarem notícias sobre as manifestações que os estudantes consideram "falsas". "Não nos opomos ao socialismo; a Faculdade de Direito deveria processar os dois (o jornal e rádio) por essa distorção", dizia o cartaz, referindo-se à acusação de que o protesto foi instigado por "elementos anti-socialistas".

Jerusalém — AFP

033

RPctt

Elogio chino de la libertad económica

Recientemente, la Agencia Oficial Nueva China, con sede en Pekín, emitió un comentario laudatorio a propósito del ejemplo de un cultivador de perlas que había sido capaz de amasar una fortuna a través de su labor personal. Este caso se ubicaba a la cabeza de otros trabajadores de la misma condición a quienes el gobierno chino otorgó libertad para producir y vender. Esta medida se incluye dentro de las actuales reformas económico-políticas resultantes de la revisión de un sistema que Mao impuso en su momento y cuya quiebra es más notoria cada vez.

Emerge aquí nuevamente la necesidad de reconocer el valor de la iniciativa individual y el beneficio que resulta del ejercicio de la libertad de producir, comerciar y desarrollar toda industria útil. La concepción marxista condujo a la cancelación de la filosofía de la libertad, que había originado la expansión económica de los tiempos modernos. Gradualmente, el tiempo histórico redescubre los principios que cimentaron la riqueza de las naciones.

A la inversa de las premoniciones agoreras que Marx lanzó con referencia a los regímenes que sustentan la propiedad privada de los medios de producción, parecería que la extensión maoísta del comunismo encontró sus límites en la ineficacia de la propiedad colectiva. Por ello vuelve hoy a reconocer gradualmente el perfil de una necesidad constante: la de afirmar los principios básicos de la libertad económica.

Hace muy pocos días se comentaron en estas columnas los retos que Fidel Castro propinó a su pueblo debido a la ineficiencia productiva. Su llamativa autocrítica denunciaba un estado de cosas, lo que puede ser el punto de partida para revisiones mayores. Comparativamente, el gobierno chino parece estar ubicado en un espacio de mayor avance. La información que comentamos deja traslucir que hay ya un diagnóstico orientado a establecer las causas de la ineficiencia y que insinúa una política de remoción de errores.

Acaso esta reacción se halle vinculada con las raíces culturales de la dialéctica propia de la cultura taoísta, más sutil que la del marxismo, puesto que permite penetrar con profundidad en el necesario juego de los opuestos, que configuran una esencial unidad.

LA NACION 28-12-86

033

RPCH

China: la prensa insta a retornar a las ideas marxistas

LA PRENSA 09-1-87

Pekin. 8 (UP) – La prensa china advirtio hoy que algunos teoricos están tratando al marxismo con indiferencia y pidieron un renovado enfasis en el entrenamiento ideológico, mientras parecia que las manifestaciones estudiantiles se habian debilitado.

Los comentarios en los diarios son los mas recientes de una serie de editoriales en que se convoca al retorno a los principios marxistas y la oposicion al "liberalismo burgues", descrito como una negacion del socialismo favorecedor del capitalismo.

Diplomaticos occidentales afirmaron que el llamado para un mayor entrenamiento ideologico es apoyado por el lider Deng Xiaoping y otras altas autoridades, quienes temen que los estudiantes que han participado en las recientes manifestaciones en favor de la democracia en China hayan sido "envenenados" con ideas foraneas.

Un comentario de primera página en el diario "Guangmig", una publicación para intelectuales, se quejó de que los teoricos chinos han ignorado el marxismo a favor del pensamiento occidental.

"Aquellos que han utilizado los puntos de vista y métodos del marxismo para explicar los problemas prácticos... frecuentemente los han estado ignorando", indicó el diario. "Aquellos que venden la filosofia de la burguesia occidental y sus teorias politicas han sido bien venidos".

Sin embargo sostuvo que China no puede cerrar sus puertas a occidente.

Editoriales similares han sido publicadas en el diario de "La Liberación Armada y Noticias Jóvenes de China", recordando a los lectores que "sin la suprema dirección del partido Comunista, China estaria en el caos".

Entretanto la policia de Pekin estableció hoy un estricto control de seguridad en la plaza Tiananmen, en un aparente intento por evitar que manifestantes prodemocracia se reunieran para celebrar el décimo primer aniversario de la muerte del primer ministro Chou Enlai.

8700935

01-01

RPCH

LA NACION 11-1-87

Purga en el PC chino

PEKIN, 10 (Reuter). - El destacado científico chino Fang Lizhi fue expulsado del Partido Comunista por su presunto papel en las recientes protestas estudiantiles, informó hoy uno de sus ex alumnos.

El joven confirmó las versiones adelantadas por diplomáticos occidentales en torno de la medida contra Fang, un eminente astrofísico y vicerrector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei, ciudad donde hace un mes comenzaron las demostraciones.

Los estudiantes de por lo menos 12 universidades de todo el país protagonizaron demostraciones para demandar libertad de prensa y democracia.

"Fang está en Pekín bajo vigilancia", dijo el estudiante.

La expulsión de Fang se produjo después de una ola de críticas en la prensa oficial contra miembros del partido a los que se acusó de sabotear el socialismo.

El diario oficial Wen Hui Bao destacó hoy que algunas personalidades prominentes han abogado por la "libertad capitalista".

El periódico agregó que estas figuras predican la occidentalización china y critican al socialismo.

Estudiantes de Shanghai, donde decenas de miles de jóvenes se lanzaron a las calles el mes último, informaron que, antes de las protestas, Fang les había hablado sobre la necesidad de democracia.

01.01

8700936

033

RCA

La Prensa 11/1/87

Victoria oficialista en Taiwán

Taipei (UP) — El oficialista partido Kuomintang conquistó una victoria abrumadora en las elecciones por el control del ente gubernamental más poderoso en Taiwán, el Control Yuan, en comicios caracterizados por violentas manifestaciones.

De las 22 bancas postuladas, el Kuomintang obtuvo 18; el recién formado partido Democrático Progresivo, una, y partidos independientes, tres.

Cientos de miembros del partido Democrático Progresivo realizaron manifestaciones en Taipei, Taichung y Kaoshiung, en un intento por lograr que se anularan los comicios. Según afirmaron, hubo fraude por parte de miembros del Kuomintang.

El Control Yuan supervisa a funcionarios gubernamentales y tiene el poder de enjuiciar a aquellos que estén involucrados en actividades ilegales. Tiene 68 bancas, 51 de ellas en poder del partido oficialista.

Los miembros del ente son elegidos por miembros del Concejo Provincial de Taiwán y de la ciudad de Taipei y Kaoshiung, dos ciudades bajo la jurisdicción directa del gobierno central.

visto

033

RPCH

Detuvieron en Pekín a 15 estudiantes chinos

ALFANANCIERO 2-1-87

Pekín (UPI-Reuter) — No menos de 15 estudiantes fueron detenidos ayer por la policía china, durante el transcurso de una marcha de protesta en **Pekín.**

La manifestación, de algo más de **3000 personas**, marchó por el principal paseo pekinés concentrándose entre el **Pekín Hotel** y la vecina plaza Tianamen portando cartelones en, **demanda de libertad de prensa y de más democracia para China**, en abierto desafío de una prohibición municipal de realizar protestas no autorizadas.

Al grito de "Viva la libertad" y "Viva la democracia", entre 400 y 500 chinos, la mayoría estudiantes y trabajadores, presionaron al cordón policial que los rodeaba en un intento de alcanzar el monumento a los héroes del pueblo en el centro de la plaza, cerca de donde se encuentra el mausoleo del extinto líder **Mao-Tsé-Tung.**

La policía introdujo a la fuerza en los vehículos policiales a los estudiantes, mientras otros fueron apresados por agentes de civil entremezclados con la multitud. **Un vocero policial informó que los estudiantes no habían sido arrestados sino llevados para someterlos a un período de "educación", y que pronto recuperarían la libertad.**

La confrontación con la policía duró cerca de dos horas y cedió hacia finales de la tarde. No obstante los arrestos, los restantes manifestantes estaban exultantes y una advertencia por los altavoces para que se retiraran para no correr peligro de engriparse fue recibida con sonoras carcajadas. Uno de los estudiantes dijo que la finalidad de la protesta era promover los derechos humanos, otro dijo a **las líneas policiales: "Ustedes son la policía del pueblo, deberían estar de nuestro lado". Al final, comenzaron a alejarse de la inmensa plaza en medio de una temperatura bajo cero y en plena nevada.**

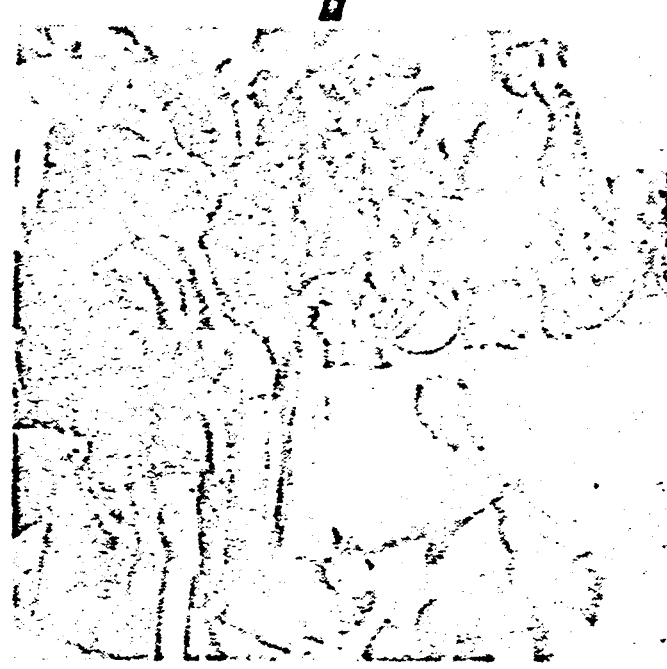
8700938

01-01

033 RPD

CLARIN ★ Buenos Aires, lunes 29 de diciembre de 1986

estudiantes reclaman de cambios políticos



Estudiantes y trabajadores se reúnen en Pekín para reclamar una serie de cambios políticos.

que, según versiones, formuló un llamado a implantar un sistema político multipartidario.

"El se opone al partido (Comunista) y al socialismo", decía el afiche. "¿El es bueno o es malo? ¿Por qué se opone al partido y al socialismo? ¡Porque él ama a nuestra tierra!", afirmaba más adelante.

La prensa oficial china menciona hoy por primera vez a Nankin como sitio de una gran protesta estudiantil, al tiempo que anuncia reformas electorales en una acción aparentemente encaminada a satisfacer demandas de la juventud descontenta.

La agencia oficial Xinhua, en un despacho publicado en primera plana por los principales diarios, dice que en Nankin "un pequeño número de elementos desenfrenados aprovechó la oportunidad para causar dificultades, perturbando el orden social de la zona". Agrega que los residentes del lugar se sintieron molestos por las actividades estudiantiles y expresaron la esperanza de que los jóvenes "se den cuenta de la importancia de la actual situación de estabilidad y unidad".

Fue la primera versión periodística en mencionar esa ciudad oriental china de 3 millones de habitantes, donde durante seis días consecutivos, hasta ayer, se efectuaron manifestaciones callejeras en favor de la democracia. Acusa a los elementos desenfrenados de dañar automóviles y comercios, golpear a peatones, insultar a las mujeres, pisotear las plantas y dañar los semáforos de tránsito.

Un reportero de AP informó anoche desde Nankin que hasta 5.000 estudiantes y residentes se reunieron en una esquina para participar en un amplio debate sobre la democracia y el futuro de China. La policía no intervino y no hubo incidentes.

8700939

01-01

O33

RPCH

Pekín anunció que la lucha con Vietnam ha concluido

Bangkok. 9 (UP) – China anunció hoy que la lucha fronteriza con Vietnam había terminado después de tres días de encuentro armados. que dejaron más de 1.900 soldados muertos. según versiones de ambos bandos

Tanto Hanoi como Pekín señalaron que sus respectivas fuerzas habían repelido a las tropas invasoras.

"Se ha sabido que el ingreso de tropas vietnamitas fue repelida en la noche del 7 de enero". destacó un vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores de China.

Interrogado si ello significaba que la lucha había terminado. el funcionario respondió afirmativamente.

No dio mayores detalles de los encuentros armados que se iniciaron el lunes. y que constituyeron el más sangriento enfrentamiento militar desde la guerra que sostuvieron en 1979.

Informaciones vietnamitas oficiales señalaron que unidades civiles y fronterizas rechazaron el avance de soldados chinos. en puntos estratégicos en el distrito de Vi Xuyen. en la provincia de Ha Tuyen el martes y miércoles.

Radio Hanoi aseguró que los chinos sufrieron "fuertes derrotas".

Informes contradictorios

"De acuerdo con las estadísticas aun incompletas. nuestras Fuerzas Armadas locales y el pueblo dieron muerte a casi 1.500 soldados enemigos. diezmaron cinco regimientos. destruyeron muchas trincheras. fortificaciones. depósitos de municiones. un buen número de armas enemigas y otro material bélico". dijo la emisora de Hanoi.

En una versión ligeramente diferente. la agencia oficial de noticias de Vietnam aseguró que "casi 1.500 chinos fueron muertos. heridos o capturados".

China proclamó el miércoles que sus tropas habían dado muerte "a 200 vietnamitas y aniquilado una compañía vietnamita. que habitualmente consiste entre 100 y 200 hombres.

Los informes no pudieron ser confirmados en forma independiente. Diplomáticos occidentales puntualizaron que las cifras de bajas dadas por ambos países parecían ser exageradas.

Informes vietnamitas destacaron hoy que China lanzó una ofensiva de artillería durante 12 horas anteayer. disparando más de 60.000 proyectiles de cañón y morteros. en la acción más intensa de esta naturaleza en un solo día en los enfrentamientos fronterizos entre las dos naciones en años recientes.

033

La Nación 14/1/87

RPCH

Deng no toma en serio al "uno por ciento de la población estudiantil"

Por Mark O'Neill

PEKIN, 13 (Reuter). - El lider chino Deng Xiaoping rompio hoy su silencio respecto de las mayores movilizaciones realizadas en el pais en la ultima decada, diciendo que las ideas antisocialistas representan una amenaza mayor que miles de estudiantes protestando.

Deng hizo sus primeros comentarios publicos sobre las protestas a Noboru Takeshita, secretario general del Partido Democratico Liberal del Japon (en el gobierno), cuya reunion programada con el jefe del Partido Comunista, Hu Yaobang, fue cancelada.

La cancelacion provoco conjeturas en el sentido de que Hu, un protegido de Deng, estaba en apuros politicos, si bien el departamente de coordinacion del Partido Comunista dijo a Reuter que Hu no se entrevistaba con visitantes extranjeros porque estaba enfermo.

En Tokio, la agencia de noticias japonesa Kyodo dijo que Deng critico airadamente a Hu y otros funcionarios por no haber podido evitar que las protestas estudiantiles se extendieran.

Kyodo cito fuentes chinas no identificadas en Pekin y dijo que Hu recibio el reproche mas fuerte en una reunion de emergencia a la que tambien asistieron el primer ministro Zhao Ziyang, el viceprimer ministro Wan Li y el miembro del Politburo Hu Qili.

Takeshita se entrevisto con Deng en el Gran Salon del Pueblo, en Pekin, y mas tarde hizo comentarios a los periodicos.

Dijo que Deng no tomó en serio "al uno por ciento" de la poblacion estudiantil que participó de las demostraciones en varias ciudades de China durante el último mes en reclamo de mayor democracia y libertad de expresión.

"Unas pocas demostraciones protagonizadas por un reducido número de estudiantes no pueden derribar el sistema politico chino", dijo, según Takeshita.

"Pero tenemos algunos problemas en el plano ideológico", dijo Deng.

El lider chino expresó que había elementos perniciosos dentro y fuera del partido que provocaron a los estudiantes y que "se oponen al liderazgo del partido y al socialismo y abogan por la occidentalizacion".

Desde 1979, la politica de puertas abiertas de China ha llevado a realizar cambios sin precedentes con el mundo exterior, e introdujo nuevas ideas e influencias en todos los terrenos de la vida china

Las demostraciones estudiantiles reclamaron mayor participacion del pueblo en el gobierno y libertad de prensa y de publicacion. Muchos de ellos invocaron el modelo de los paises occidentales.

La prensa oficial de Deng ha aclarado que estos reclamos son inaceptables, que no se permite ningun desafio al Partido Comunista y que el mismo, por si solo, decidira sobre la paz y sobre el grado de democratizacion.

"Lo importante es que no vamos a cambiar nuestra politica. Las movilizaciones no tienen influencia sobre nuestra politica de puertas abiertas", dijo Deng.

PARTES POCO LEGIBLE

033

RPC Fidoji

Vietnam se acercaría hacia China

de Día 20-12-80

MOSCU. — El viceministro de Relaciones Exteriores de Vietnam, Vo Dong Giang, dijo en una entrevista publicada ayer en el diario "Izvestia" que su país está dispuesto a "hacer todo lo posible" para restaurar relaciones normales con China, y con ese fin pidió conversaciones a cualquier nivel, en cualquier lugar.

Pero Dong no ofreció un retiro de las tropas vietnamitas de Camboya, el principal obstáculo para mejorar las relaciones entre China y Vietnam. Vietnam tiene unos 140.000 soldados en Camboya y, a raíz de su ocupación de ese país, luchó durante cuatro meses con China en 1979.

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033

TEMA: PEIP'ING REAFFIRMS ITS "THREE-SELF" RELIGIOUS POLICY

PROCEDENCIA: 1ra. SECRETARIA APTO. II Nº 0138/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701125

CHINA P

LA NACION 17-1-87

Los protagonistas del relevo

Fichaje

Hu Yaobang, el relevado secretario general del Partido Comunista chino, durante decenios fue un estrecho compañero de lucha del actual hombre fuerte de Pekín, Deng Xiaoping, artífice de su encumbramiento y, ahora, de su ocaso.

La militancia común de Hu y Deng se remonta a la legendaria larga marcha con la que Mao Tse-tung inició la prolongada batalla que culminaría con la proclamación de la República Popular China, en 1949.

A los 71 años Hu ha tenido que ceder la jefatura del PC chino, que cuenta con 44 millones de afiliados, por no poder controlar las recientes manifestaciones estudiantiles en favor de la apertura de una brecha en el cerrado dogmatismo del régimen. Hasta entonces, la estrella de Hu estaba tan alta que nadie dudaba de sus perspectivas para suceder a Deng Xiaoping.

Hijo de campesinos pobres de Liuyang, en la provincia de Hunan, Hu nació en 1915 y a los 20 años ya se encontraba participando activamente en la histórica larga marcha de 1934/35. De aquellos años de guerra data su estrecha relación con Deng, de quien fue su lugarteniente, y también, paradójicamente, con su sucesor, el actual primer ministro Zhao Ziyang.

En 1956 Hu se convirtió en el miembro más joven del poderoso comité central del PC. Sus indudables dotes de mando lo condujeron a la secretaría general del partido en 1980, a la caída de Hua Guofeng, cargo que, pese a la enorme responsabilidad que entraña, no le hizo perder su popularizado sentido del humor y su vivacidad, características infrecuentes en líderes de su talla.

Una destreza perdida

Sin embargo, la hábil mano de conductor de Hu perdió su destreza en ocasión de las protestas estudiantiles de diciembre, cuando numerosas manifestaciones de universitarios rompieron la monótona calma en trece ciudadades chinas. La ocasión fue aprovechada por los sectores más conservadores del partido para echarse sobre Hu y provocar su caída.

Aunque su experiencia en política exterior era escasa -sólo llegó a visitar Japón, Australia y Nueva Zelanda- y no hablaba ninguna lengua extranjera, Hu se había convertido en abanderado de la apertura de su país hacia el exterior, objetivo que gracias a él quedó impreso en el partido.



Hu Yaobang (AFP)



Zhao Ziyang (AP)

Bajo la dirección de Hu, y con el asentimiento nunca explícito de Deng, la prensa oficial china comenzó a debatir abiertamente la posibilidad de introducir reformas en los distintos órdenes de la vida política. Algunos ideólogos del partido llegaron incluso a reclamar el establecimiento de mecanismos de control político. Esto alarmó a la vieja guardia conservadora del partido, que utilizó las protestas universitarias para reclamar mayor disciplina en el seno del partido, estocada que conduciría al decapitamiento político de Hu.

El sucesor

Por su parte, Zhao Ziyang, el primer ministro chino de 67 años al que se le confió interinamente la secretaría general del Partido Comunista, es el arquitecto de las reformas económicas del país, y alcanzó prominencia nacional con su trabajo como gobernador de la provincia de Szechwan.

Considerado menos liberal en asuntos políticos que el depuesto jefe de su partido, Zhao también es un protegido de Deng y se ha convertido en los últimos años en modelo para los jóvenes tecnócratas encargados de los ambiciosos planes de modernización propuestos por Deng.

Zhao, quien ganó reputación como experto agrícola, ha viajado ampliamente durante su gestión como primer ministro y su imagen es la personificación misma de la habilidad para cambiar de un cómodo e inmaculado traje occidental a la tradicional chaqueta de Mao.

Nació en la provincia de Henan, en el seno de una familia de terratenientes y se unió a la Liga de la Juventud Comunista en 1932. Seis años más tarde fue miembro pleno del partido.

Cuando en la década del 50 se desempeñaba como funcionario regional del partido en el sur de China, planificó una virulenta purga en la provincia de Guangdong contra dirigentes acusados de corrupción, vínculos con Taiwán y oposición a la reforma agraria.

En 1957 supervisó una campaña de "rectificación" cuyo costo fue el destierro al área rural de 80.000 funcionarios para ser "aleccionados".

Un "burro" en Cantón

Pero Zhao tampoco escapó a los vaivenes y enconos de la política china, y también resultó víctima de las frecuentes purgas de dirigentes. En 1967 se lo obligó a desfilar por las calles de Cantón con una gorra de burro en su cabeza y entonces nadie dudó de que su carrera política había llegado ya, irremisiblemente, a su fin.

Pero no fue así. Poco después, enarboló duros ataques a los tabúes de la era Mao, como la empresa privada, la libertad de contratación y los incentivos materiales, y su campaña le sirvió para emerger de la desgracia pública.

De 1971 a 1975, como secretario del partido en Mongolia y funcionario en la provincia de Guandong, ganó espacio para su administración agrícola.

En 1976, cuando Deng cayó en desgracia por decisión de los maoístas acérrimos, Zhao pidió públicamente que se dieran a conocer los "delitos" del ahora líder máximo de China, episodio que, evidentemente, Deng no olvidaría.

Como gobernador de Szechwan, la provincia china de mayor población, logró eliminar una virtual hambruna y encaminar la región hacia una época de bonanza mediante el desmantelamiento del sistema comunitario, la restauración de las parcelas privadas, la creación de empresas rurales privadas y la introducción de un bono por méritos.

Entre 1977 y 1980 el aumento de la producción agrícola de la provincia llegó a un 25 por ciento y el de la industria, al 81 por ciento.

Con la llegada de Deng al poder, en 1978, Zhao fue promovido en 1980 como miembro del politburó y viceprimer ministro. Seis meses después fue nombrado primer ministro en reemplazo de Hua Guofeng, designado por Mao como sucesor y destituido por Deng.

Zhao ya había retomado su parcela de poder.

Inusual despliegue de tropas soviéticas en Kabul

PN

KABUL, 16 (AP). - El ejército soviético desplegó hoy sus contingentes en esta ciudad en número calificado de insólito por diplomáticos occidentales, y sus tropas asumieron posiciones en torno a la estación de radio, zona residencial soviética e intersecciones claves de esta capital.

Se dijo que el emplazamiento de fuerzas es el más intenso de épocas recientes en Kabul, si se exceptúa la reciente llegada de una delegación de alto nivel del Kremlin.

Los movimientos de tropas ocurrieron al segundo día de un alto el fuego declarado por el gobierno y en plena operación de relaciones públicas para lograr algún tipo de reconciliación nacional.

También siguieron a varios días en que los diplomáticos residentes en Kabul dijeron que el ejército soviético había reducido su presencia visible en las calles de la ciudad como parte de los preparativos para la llegada de medio centenar de periodistas extranjeros, que vinieron desde Moscú para una visita vinculada con la campaña de paz del gobierno.

La razón del emplazamiento soviético no se hizo evidente de inmediato.

Diplomáticos basados en Kabul, que declinaron ser identificados, dijeron que los soviéticos podrían temer una operación urbana de las fuerzas musulmanas que combaten el gobierno promoscovita de Afganistán desde abril de 1978.

También los soldados soviéticos toman posiciones en la ciudad para impedir que las distintas facciones desaten entre sí actos de violencia.

Pero los diplomáticos dijeron que los soviéticos también podrían estar preparándose para recibir a invitados extranjeros.

Testigos vieron por lo menos dos decenas de vehículos de transporte blindado de personal en distintos puntos de Kabul.

Un tanque T-62 vigilaba un puente que conduce hacia el distrito residencial en que viven gran número de ciudadanos soviéticos y miembros del partido en el poder, según los informantes.

A lo largo de la calle principal del barrio se vieron vehículos blindados que estaban estacionados en las esquinas, y seis de ellos fueron emplazados en torno a Radio Afganistán durante unas dos horas, de acuerdo a los informes.

Una columna de siete tanques soviéticos entró a la carretera periférica de Kabul, y avanzó hacia el centro de la ciudad, según los testigos.

LA MAÑANA

Gritan contra nuestra Constitución

Prensa oficial de China pide castigos severos para los manifestantes

La prensa oficial de China pidió ayer castigos más severos para los "agitadores anticomunistas", a quienes se acusa de haber hecho una manifestación donde se gritaron consignas contrarias a los cuatro principios básicos de la constitución de China, en el corazón mismo de la capital de la Nación.

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).- A pesar de las amenazas los más decididos estudiantes de la Universidad de Pekín, que participaron en manifestaciones que terminaron ayer de mañana, colocaron pancartas acusando a los dirigentes de China de no comprender a la juventud china.

En un relato publicado en primera página, en diario de Pekín dice que cientos de personas que ayer al mediodía manifestaron durante 20 minutos en la plaza de Tiananmen, gritaron consignas en apoyo del sistema comunista de China "creyendo de ese modo burlaban las regulaciones vigentes en casos de manifestaciones".

"Pero entre sus filas había gente que gritaba abajo la tiranía y otras consignas contra los cuatro principios básicos" de la Constitución de China, el liderazgo del Partido Comunista, la supremacía del pensamiento marxista-leninista-maoísta, la construcción socialista y la dictadura del proletariado.

También dijo que un estudiante difundió un mensaje grabado en la plaza de Tiananmen, llamando a los estudiantes a participar en las protestas y pidiendo la liberación de los "presos políticos".

El periódico aseveró que los manifestantes, que no pudieron romper un cerco policial en su intento de entrar a la plaza de Tiananmen, era "instigados por individuos hostiles al sistema socialista".

Añade que "un pequeño grupo de personas con motivaciones ulteriores" empujaron a los estudiantes a las manifestaciones "incluso llegando a golpear a aquéllos que rehusaban participar".

El periódico transcribe declaraciones del Secretariado General de la Academia de Ciencias Sociales, Wu Jiemin, que dijo que "los enemigos del sistema socialista son quienes pretenden el caos".

Wu pidió "castigos severos" para esas personas.

Pero el periódico dijo que los estudiantes detenidos por la policía durante las protestas, unas 24 en total, según testigos, fueron liberados tras ser "educados".

Mientras tanto cientos de estudiantes estaban ayer congregados en la Universidad de Pekín, leyendo un cartel escrito a mano titulado "Carta abierta al líder de China Deng Xiaoping".

Al explicar el motivo para manifestar, los estudiantes dicen que "hay gente vieja que trata de aplastarnos".

Setenta mil personas recibieron su saludo

Hirohito realizó su tradicional y única presentación en público

TOKIO, (ANSA, EFE y UPI).- El Emperador Hirohito, el más viejo de los monarcas vivos del Mundo, saludó ayer por año nuevo desde su balcón de cristal a prueba de balas a las personas que se reunieron para presenciar su tradicional y única presentación anual en público.



TOKIO.- El emperador Hirohito y la emperatriz Nasako responden a los saludos de la multitud desde el Palacio Imperial.

Funcionarios del Palacio Imperial dijeron que la multitud de este año era casi la mitad de la del 2 de enero del año pasado, una de las pocas oportunidades en que se abren las puertas del solemne palacio para permitir la entrada del público.

El año pasado se congregaron unas 137.000 personas para ver al Emperador.

Los funcionarios atribuyeron la disminución de asistentes a la temperatura y a la salud del anciano.

El Emperador, de 85 años de edad, parecía cansado pero firme y sonriente cuando saludó y deseó un feliz año a los allí reunidos. Estaba flanqueado por su hijo, el Príncipe Akihito, su nieto, el Príncipe Hido, y su nuera, la Princesa Michiko.

La razón por las escasas presentaciones públicas del anciano Emperador es su avanzada edad, dijeron los funcionarios. La emperatriz Nagako, de 83 años de edad, apareció sólo en dos breves oportunidades en la ceremonia.

El año pasado Hirohito celebró el sesenta aniversario de su reinado, que ha visto atravesar a Japón desde una enorme maquinaria militar hasta una superpotencia económica, pasando por su derrota en la Segunda Guerra Mundial.

El propio Emperador logró cambiar su imagen de la de un Dios viviente a un monarca constitucional. Pero aún sigue siendo el símbolo de su Nación.

CHINO

Dimitió Hu como jefe del PC chino

Admitió haber cometido errores; lo reemplazará el premier Zhao Ziyang

PEKIN, 16 (AP). – El secretario general del Partido Comunista chino, Hu Yaobang, renunció hoy después de reconocer haber cometido errores "en importantes aspectos de principios del partido".

La renuncia fue aceptada por una reunión ampliada del comité político central, que se reunió hoy.

Voceros dijeron que Hu, de 71 años, había sido criticado por el máximo dirigente, Deng Xiaoping, por su manejo de las recientes manifestaciones estudiantiles y de intelectuales pro occidente, ahora en desfavor del partido.

Hu, víctima de la revolución cultural, no había sido visto en público durante casi tres semanas, generando rumores de que tenía problemas políticos. Tampoco estuvo presente en importantes reuniones con dignatarios extranjeros, y funcionarios dijeron que estaba agotado por exceso de trabajo.

En reemplazo de Hu el comité político eligió unánimemente al primer ministro Zhao Ziyang, como secretario del Partido Comunista chino, que cuenta con 44 millones de afiliados.

El comité político, cuerpo principal en la toma de decisiones, dijo que las determinaciones adoptadas sobre Hu y Zhao deberán ser sometidas a la próxima reunión plenaria del Comité central para su confirmación.

Los participantes en la reunión "ofrecieron al camarada Hu Yaobang una crítica seria y cordial, y al mismo tiempo reconocieron sus logros", informó la agencia oficial de noticias Xinhua.

La versión agregó que Hu mantendrá sus puestos como miembro del Politburó y del comité permanente de ese organismo.

La importancia de Deng

PEKIN, 16 (Reuter). – El desplazamiento del jefe del Partido Comunista chino, Hu Yaobang, debilita al dirigente máximo Deng Xiaoping y sus esfuerzos reformadores, manifestaron hoy diplomáticos occidentales.

Explicaron que el episodio plantea interrogantes sobre la capacidad de Deng para garantizar que sus ambiciosos proyectos apuntados a cambiar el rostro de China puedan continuar después de su muerte.

Un comunicado dado a conocer por una reunión ampliada del Politburó expresa que Hu incurrió en errores políticos y diplomáticos. Extranjeros señalaron que las recientes manifestaciones estudiantiles para exigir una democra-

(Continúa en la página 2, col. 1)

LA NACION: 17-1-87

DOC. INCOMPLETO

ENTRE LA LIBERALIZACION ECONOMICA Y LA HEGEMONIA DEL PARTIDO

Por qué cayó Hu Yaobang

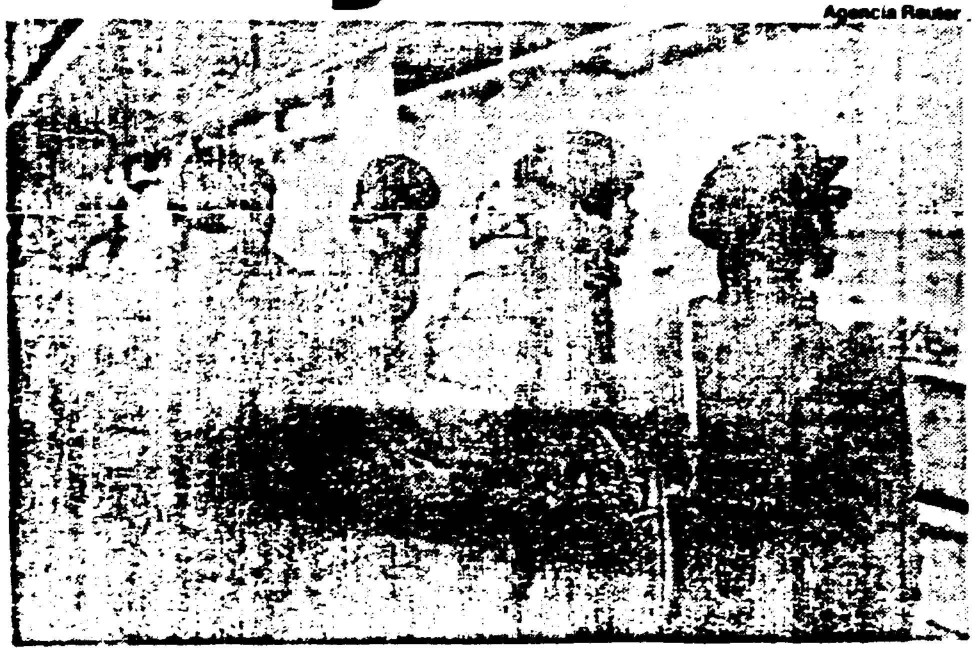
Hay pocas dudas de que la remoción de Hu Yaobang como secretario general del Partido Comunista chino fue un sacrificio transnacional que el número uno Deng Xiaoping debió ofrendar a los "centralistas" del partido, las fuerzas armadas y los aparatos de seguridad (liderados por Peng Zhen, del Comité Permanente del Congreso del Pueblo) para conservar intacta la política de liberalización económica. Sin embargo, la ecuación no se sostiene fácilmente: la liberalización económica no puede realizarse plenamente sin liberalización política. Segmentar una política por la mitad constituye un compromiso de facciones, no necesariamente una respuesta eficiente.

Las pruebas están a la vista. Las declaraciones públicas de Hu se diferencian poco de las de Deng, quien recientemente reconoció que "una profunda reforma económica debe ser acompañada por su correspondiente reforma política". Zhao Ziyang, el ex primer ministro quien ahora reemplaza a Hu, difícilmente conforma el arquetipo del "centralista" dogmático y provincial a tal punto que los corresponsales extranjeros en China no encuentran nada más notable que marcar que su afición a los trajes de tres piezas, las costumbres occidentales y su impulso económico reformista. Los tres hombres, lo que es más, fueron "purgados" en la época de la Revolución Cultural, y es improbable que Deng y Hu, que pasaron 40 años en las mismas trincheras, descubran ahora una repentina incompatibilidad ideológica.

Los informes coinciden en algo: los centralistas venían gestando una revuelta contra Deng desde hace por lo [illegible], y las manifestaciones estudiantiles pro democráticas de diciembre precipitaron los acontecimientos. Súbitamente, los periódicos chinos comenzaron a atacar a fines de año las tendencias al liberalismo burgués, por lo que implicaban la posibilidad de elecciones y mecanismos de libre discusión que puedan cuestionar la realidad del P.C.CH. como partido único. Los reformistas de Deng transitan una delgada línea: el microcapitalismo fragmentado que impulsan tiende a fortalecer una burguesía campesina, que podría empezar a disputar sus derechos políticos. Simultáneamente, necesitan liberalizar trabajar mejor quienes sienten que pueden decidir su destino.

♦ Manifestaciones y crisis

El movimiento estudiantil chino tiene una distinguida historia como vanguardia y portavoz de cambios. 1915, 1919 y 1935 marcaron hitos movilizadores contra el imperialismo japonés; Mao Tse-tung, en 1966, reclutó a los estudiantes como los Guardias Rojos de su Revolución Cultural; Deng, en 1976, los lanzó contra la Banda de los 4, que constituía el residuo de aquel experimento político.



Agencia Reuter

Un grupo de ciudadanos chinos lee el comunicado oficial del Comité Central del Partido Comunista en el que se informa la renuncia del secretario general, Hu Yaobang.

Las manifestaciones de diciembre de 1986 tuvieron un claro paralelo histórico: la Primavera de Pekín, de 1978-1979, que fue impulsada por Deng para afianzar su poder pero que, en definitiva, fue un movimiento que adquirió una dinámica propia y debió ser suprimido por el mismo jefe que lo había lanzado a volar. Wei Jingsheng y otros disidentes, que ahora languidecen en las cárceles, lanzaron un concepto original desde sus diarios murales: se trataba de impulsar la quinta modernización, la democracia, para que el programa de 4 modernizaciones económicas de Deng pudiera tener éxito.

Carcelero y prisionero parecieron coincidir por encima de los años en 1986. Hu, Deng y Zhao hablaron con una sola voz sobre este tema durante el curso del año: la "democracia socialista" definía el cuadrante, y el reclamo *no era muy distinto del que había formulado* Wei. Cuando las manifestaciones brotaron en Hefei el 5 de diciembre, los líderes chinos y la prensa oficial elogiaron a los estudiantes cálidamente. Fue suficiente, sin embargo, que los estudiantes propagaran su movimiento a Shangai y Pekín (entre diez ciudades más) para que el paternalismo comprensivo se trocara por el áspero vozarrón del Estado.

Aquí conviene reseñar las características del movimiento. Los estudiantes constituyen una elite privilegiada en China: sólo hay 2 millones en las 1.061 instituciones de enseñanza terciaria de un país de 1.000 millones de habitantes; el año pasado, sólo un 4 % de los 12,6 millones de egresados secundarios accedieron a la Universidad. La vida universitaria es dura, la mayoría de los programas de estudio data de la década del '50, y los disidentes pueden esperar empleos en lugares distantes al finalizar sus carreras.

El movimiento de diciembre tuvo características reformistas. Aunque las consignas eran la libertad y la democracia, se pedía en rigor algunos mecanismos electorales y un fin a la omnipresencia del partido. Adicionalmente, algunos de los estudiantes hicieron a Deng el flaco favor de reivindicar sus políticas de apertura, y algunos carteles de la Universidad de Pekín manifestaron preocupación por la suerte de Deng, Hu y Ahao, reclamando en un momento su aparición en público.

La movilización llegó a su clímax a finales de mes. Hubo dos razones: 1) los estudiantes chocaron con la policía, como resultado de su desobediencia a un nuevo edicto gubernamental, requiriendo una autorización seis días por adelantado; 2) se aproximaba el fin de año, y los exámenes de principios de enero.

La efervescencia se extinguió en el frente estudiantil, pero las consecuencias empezaron a verificarse en la política interna del P.C.Ch.

Las expulsiones empezaron poco después. Los primeros en caer fueron Guam Weiyen y Fang Lizhi, quienes fueron separados de sus cargos como rector y vicerrector de la Universidad de Hefei.

El 14 del corriente, el P.C.Ch. expulsó de sus filas, bajo la acusación de "liberalismo burgués", al dirigente, escritor y crítico literario Wang Ruowang.

♦ Liberalización y democracia

A pesar de la transparencia de esta cadena de eventos, parecería ingenuo el intento de convertir a Deng en un "hombre en el medio" víctima de las presiones simétricas de los conservadores del partido y los estudiantes liberales. La verdadera filiación de Deng corresponde más bien a la de un centrista que actúa bonapartísticamente: surge de un desequilibrio permanente y maniobra entre fracciones.

Conviene explicar sumariamente este punto. A comienzos de la década, Deng lanzó una orientación cuya genealogía más próxima en el bloque socialista estaba en la Nueva Política económica aplicada por V. I. Lenin y diseñada por Nikolai Bujarin para la Rusia soviética de la posguerra civil. El esquema consistía en permitir la difusión de mecanismos de mercado, acumulación capitalista personal e islotes de microcapitalismo para incentivar a los productores y dinamizar la economía. El peligro es la transformación del instrumento en ente autónomo: los nuevos ricos pueden reclamar poder.

Hace falta una traducción política. La liberación no es lo mismo que la democracia, capitalista o socialista. A la vez, el concepto de democracia socialista no necesariamente significa partido único. El experimento democratizante impulsado por Deng distaba —y dista— de ser democrático por una razón: se impulsaba una reforma desde arriba, pero no se modificaba la pirámide de poder. El P.C.CH. impulsaba la democratización, a condición de que la identidad entre partido y Estado se conservara intacta. Impulsaba, de algún modo, una dictadura benevolente.

Visto desde el ángulo económico se permite la difusión de invernaderos capitalistas, pero no se modifica la propiedad estatal de los medios de producción. El vuelco capitalista que algunos observadores occidentales creen percibir en China constituye una ilusión óptica: se trata de una figura distinta que se dibuja desde el mismo trazado de lápiz.

Aquí se pueden distinguir tres niveles. Uno, central y dominante, es el impulso liberalizador de Deng; otro, de los "centralistas", tiende a la preservación de los antiguos feudos de poder y muestra una novedosa participación militar; un tercero remite a la movilización estudiantil y configura un enigma programático: apoya la "libertad y la democracia" pero no se define sobre las cuestiones clave del partido, el Estado ni la propiedad.

China, país atrasado, conoció su primera traducción del Manifiesto Comunista en 1920. Seis décadas y media después, la definición de la sociedad china es un rompecabezas conceptual que no responde a los parámetros capitalistas ni a los ideales socialistas. Similarmente, tampoco se sabe si las manifestaciones de diciembre se inscribieron en el horizonte de una revolución política de una revolución social.

Claudio Uriarte

CHINO

El País 5.1.87

En el Principal Centro Universitario de Pekín Apareció Carta a Deng

PEKIN, 4 (Nota sobre Fuentes de ANSA y EFE) – La protesta estudiantil continúa en las principales ciudades chinas y a pesar de la explícita prohibición de colocar carteles o "dazibaos", hoy en la principal universidad de Pekín apareció una carta abierta al líder chino Denga Xiao Ping.

La mayor parte de los estudiantes chinos, en efecto, apoyan al octogenario Deng y sus reformas, pero quisieran que las mismas fueran más efectivas.

La carta dirigida a Deng, firmada por uno de los líderes estudiantiles, Guo Ji Zhuan, estudiante de matemáticas, también fue enviada a los diarios nacionales, pidiendo su publicación en nombre de "la libertad de prensa".

Después del inicio de las manifestaciones, a principio de diciembre, en las cuales los estudiantes pedían una reforma política más incisiva que la propuesta por el liderazgo de Pekín y una mayor libertad de prensa, la prensa china desató una insistente campaña acusando a los estudiantes de hacerse instrumentar por quienes quieren "destruir el clima de unidad y estabilidad del país".

Por su parte, los estudiantes colocaron junto a la carta para Deng Xiao Ping un ejemplar del "Diario de Pekín" con la crónica de la manifestación difundida por fuentes oficiales, escribiendo arriba, con grandes caracteres: falso.

Un ex estudiante y un obrero fueron detenidos en los últimos días por incitar a manifestaciones ilegales dentro de la actual campaña estudiantil para conseguir más libertad y democracia en China.

CHSRD

Tras la remoción de Hu Yaobang

Deng tranquiliza a inversores externos

Pekín (UPI) — El líder **Deng Xiaoping**, que preside una creciente campaña contra las tendencias capitalistas, dijo ayer que China debe abrir más sus puertas al mundo exterior. Durante sus conversaciones con el primer ministro de **Zimbabwe, Robert Mugabe**, que se halla de visita en **Pekín**, Deng también dijo que China había tratado de ir demasiado rápido y que se había esperado demasiado de sus reformas económicas y sociales. "Nuestros objetivos ahora son realistas y prácticos", dijo Deng, según informó la agencia noticiosa oficial **Xinhua**.

"Los errores de China cometidos hace unos cuantos años se debieron a una velocidad excesiva y a la sobredemanda, sin tener en cuenta las realidades del país", sostuvo. Deng, de 82 años, que ha dirigido una lucha contra el "liberalismo burgués" o influencias capitalistas, defendió su política de abrirse al mundo exterior. "Si hay algunos errores en mejorar nuestra política de puertas abiertas, **el principal es que China necesita abrirse más**", dijo Deng en un aparente intento por **tranquilizar a los inversores extranjeros, preocupados por la perspectiva de nueva inestabilidad en la nación más grande del mundo.**

Sin embargo, insistió en que los contactos con otras naciones "de ninguna manera afectarán al sistema socialista de China". Algunos dirigentes de la línea dura del Partido Comunista han culpado a la política de puertas abiertas por el esparcimiento de "ideas capitalistas decadentes" en China.

Ayer también en Pekín se informó que dos personas más fueron arrestadas en conexión con las manifestaciones estudiantiles en pro de la democracia, que se realizaron en por lo menos trece ciudades chinas entre el 5 de diciembre y el 1 de enero.

Los periódicos más importantes de China publicaron ayer notas en primera página condenando al físico **Fang Lizhi**, un académico liberal que fue expulsado el lunes del Partido Comunista por supuestamente incitar a los estudiantes a que realizaran manifestaciones.

Fang es el segundo intelectual que es expulsado del Partido, como parte de la campaña contra las tendencias capitalistas. El conocido escritor de Shangai **Wang Rouwang** fue expulsado el 14 de enero.

Algunos analistas creen que **Fang** fue apoyado por **Hu Yaobang**, que dimitió como secretario general del Partido Comunista el pasado viernes, tras admitir errores en temas políticos "importantes".

21/1/87 PN

01-01

LA HORA 11-1-87

China: confirman disturbios en fábricas

Pekín, (PL). Un alto responsable sindical chino confirmó que recientemente ocurrieron disturbios de carácter antisocialista y prooccidental en algunas fábricas y urgió a la clase obrera a elevar su vigilancia para frustrar tales actos.

En la primera información oficial sobre esos incidentes, el vicepresidente de la Federación Sindical Nacional Luo Gan afirmó que los disturbios fueron rápidamente controlados.

En exposición ante el consejo sindical de la municipalidad capitalina subrayó que los trabajadores rechazan firmemente la "occidentalización total" promovida por una "minoría de gente mala" que pretende imponer el caos en la nación y negar el papel dirigente del Partido Comunista y el carácter socialista del régimen.

Llamó seguidamente a la clase obrera a estar en la vanguardia de la lucha por la afirmación de los principios socialistas básicos y la oposición a las corrientes de "liberalización burguesa" proliferantes en el país y especificó que la prensa y tribunas de los sindicatos están vedadas para los elementos prooccidentales.

01-01

8701287

ANALIZAN EN CHINA LA SITUACION POLITICA Y LAS REFORMAS ECONOMICAS

Reunión en el más alto nivel del P.C.

El buró político del Partido Comunista chino convocó ayer, con carácter de "urgente", a un plenario de dirigentes de todo el país para analizar la situación interna y nacional luego de las manifestaciones estudiantiles realizadas en demanda de mayores libertades, en noviembre y diciembre últimos. Las autoridades del P.C. chino resolvieron también la expulsión del escritor Wang Rouwang acusado de "debilidad ideológica".

PEKIN, 14 (AFP, EFE y ANSA). — La cúpula del Partido Comunista Chino (P.C.Ch.) resolvió hoy expulsar al escritor y crítico literario Wang Rouwang, acusado de "defender la liberalización burguesa", al tiempo que convocó a una sesión de trabajo para "estudiar la situación" política después de las manifestaciones estudiantiles.

El máximo dirigente chino, Deng Xiaoping, responsabilizó a Wang de promover las ideas capitalistas que dieron origen al movimiento estudiantil y lo acusó de oponerse a los cuatro principios fundamentales del Estado chino: **fidelidad a la dirección del partido, al socialismo, al marxismo-leninismo y maoísmo y a la dictadura del proletariado.**

Wang es el primer dirigente expulsado del P.C.Ch. desde el comienzo de la crisis política iniciada el 5 de diciembre como consecuencia de las demostraciones estudiantiles en demanda de mayor democracia y libertad. Las revueltas provocaron también la separación de sus cargos del rector y del vicerrector de la Universidad de Hefei, **Guan Weiyan y Fang Lizhi,** quienes, **a diferencia de Wang, no fueron excluidos del partido.**

La expulsión del escritor, considerado de tendencia liberal, fue interpretada como la decisión del P.C.Ch. de continuar con su política de reforma económica con mayor disciplina en el terreno ideológico ante el ataque frontal contra el partido a través de las proclamas estudiantiles del último mes.

♦ "No habrá barrida"

Fuentes bien informadas de Pekín aseguraron que "no va a haber barrida de reformistas" pero que "deberán mantener una línea ideológica más firme", descartando así nuevas expulsiones de dirigentes a los que se les imputa "debilidad ideológica".

Otro de los políticos acusados de ser "demasiado débiles" ante las recientes manifestaciones estudiantiles es precisamente el secretario general del Partido Comunista Chino, **Hu Yaobang,** considerado hasta hace muy poco **el número dos del país y probable sucesor del anciano Deng.**

En un editorial publicado hoy, el Diario del Pueblo —órgano del P.C.Ch.— se critica a **"algunos camaradas" que "se obstinan en defender el liberalismo burgués y se niegan a cambiar de opinión. Obrando así -concluye el artículo- demuestran haber perdido los requisitos necesarios para ser miembros del partido y deben salir de él".**

♦ "Sesión de trabajo"

Al margen de la expulsión de Wang, las autoridades del partido resolvieron también convocar a un plenario de dirigentes que comenzó a sesionar esta tarde en la capital china para analizar la situación política interna y nacional luego de las manifestaciones estudiantiles de noviembre y diciembre. La reunión no es la primera desde el comienzo de la crisis: la preceden otras dos del buró político del P.C.Ch. Pero se desarrolla **"en un clima típico de la víspera de importantes decisiones"**, según indica un cable de la agencia noticiosa italiana ANSA.

Desafío al poder de Deng

PEKIN, 14 (Por Jim Mann, de "Los Angeles Times", especial para Clarín). — Hay evidencias crecientes en China de que un grupo de líderes conservadores del Partido Comunista, los aparatos de seguridad y las fuerzas armadas, bajo el liderazgo del veterano dirigente Peng Zhen, han montado un significativo **desafío interno a Deng Xiaoping,** actual "número uno".

Las fuerzas conservadoras han **presionado e inducido al régimen chino a dar un dramático y abrupto golpe de timón.** Un indicio: el Partido Comunista, de ahora en adelante, se comportará **estrictamente como un** partido leninista ortodoxo. Otra indicación: todos sus miembros estarán **obligados a adherir a la** doctrina del partido, y a **obedecer las órdenes de la dirección.**

Las discusiones de reformistas e intelectuales sobre el derecho a disentir, y sobre la necesidad de un juego de controles y balances sobre el poder del partido, han sido **abandonadas.** Algunos diarios chinos que el año pasado ventilaron ideas nuevas ahora reciben órdenes de operar nuevamente como órganos propagandísticos convencionales.

♦ Por ahora, sigue Deng

Al parecer, las poderosas fuerzas del conservadorismo están dispuestas por ahora a seguir adelante con Deng en su programa económico reformista de orientación al mercado y su política de puertas abiertas, pero en tanto y en cuanto Deng mantenga bajo control aquellos líderes partidarios que querían descentralizar las operaciones del P.C. chino y dar nuevas libertades a los intelectuales.

Deng sigue siendo el líder chino pero la autoridad de algunos de sus asesores que buscaban la reforma política es ahora materia de duda, y la línea oficial y las políticas que actualmente están siendo impulsadas por el partido día a día corresponden principalmente a las de Peng Zhen y los conservadores.

El eje de los combates partidarios internos ha sido nada menos que el futuro político del comunismo chino. Además, los conservadores han cuestionado la noción de que **un solo hombre, Deng, deba ser considerado la autoridad suprema en China, diciendo que, en lugar de eso, el partido es el último depositario del poder.**

Generalmente, Peng y los conservadores han estado dispuestos **a permitir ciertas reformas económicas, pero en tanto y en cuanto no cuestionen la autoridad del partido.** Sus creencias, en algunos sentidos, pueden no ser demasiado distintas de las del mismo Deng, quien nunca fue un partidario fuerte de la liberalización política.

Sin embargo, algunos de los principales asesores de Deng, incluyendo al secretario general del partido, **Hu Yaobang,** y el miembro del Politburó, **Hu Qili,** quien estaba siendo puesto en la línea de la sucesión, han dicho que las reformas económicas no tendrán éxito si no son acompañadas por cambios políticos significativos que limiten el poder del Partido.

♦ Antecedentes

El desafío contra Deng y los líderes reformistas **se montó en los últimos dos meses.** La ola reciente de manifestaciones estudiantiles puede haber acelerado las cosas, pero las maniobras intrapartidarias **preceden a los desórdenes y se remontan a más de medio año atrás.**

El referente a las fuerzas conservadoras ha sido Peng, 84, el rígido ex alcalde de Pekín que es actualmente presidente del **Comité del Congreso Nacional del Pueblo,** el Parlamento chino. Bajo el ex presidente **Mao Tse-tung,** Peng fue una vez **un aliado de Deng,** pero actualmente constituye una figura independiente de **fuertes vínculos en el aparato interno de seguridad y defensa.**

El primer signo de lucha interna vino en un discurso de Peng en noviembre que implicó nada menos que **un ataque contra el líder chino.**

En setiembre pasado, Deng había dicho al jefe del estado polaco, general **Wojciech Jaruzelski: "Si tenemos éxito, mostraremos la superioridad del socialismo sobre el capitalismo. Caso contrario, no estaremos capacitados para hablar de la superioridad del socialismo, para no hablar de nuestro ideal de llegar a la etapa de la sociedad comunista".**

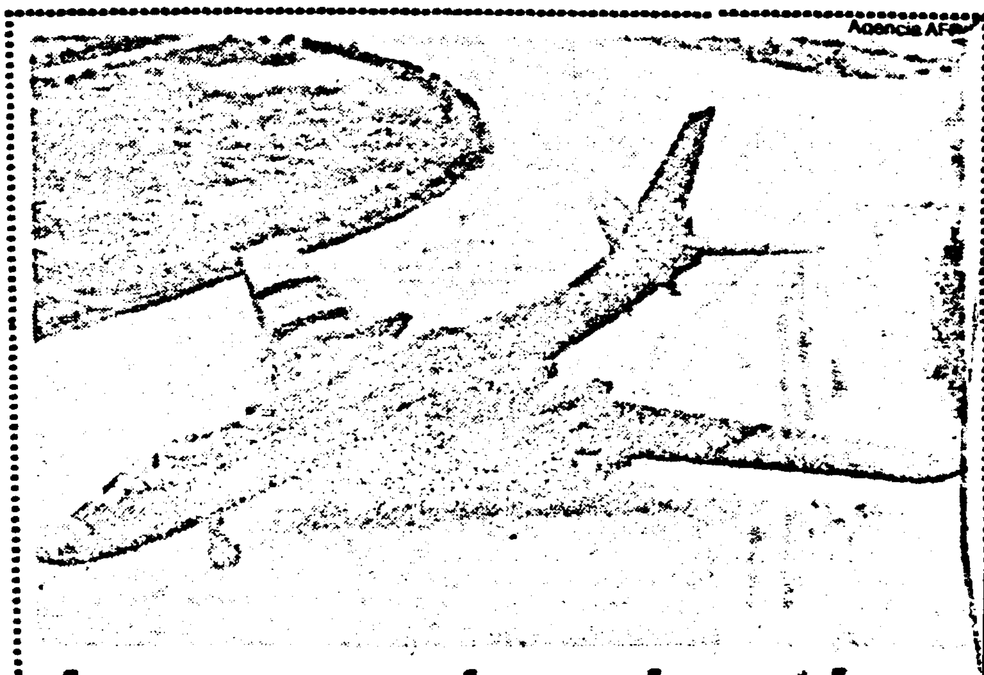
El 26 de noviembre, **en un discurso al Congreso** del Pueblo, Peng realizó un ataque feroz contra personas que no nombró y que restan importancia al ideal del comunismo o hablan de él como algo que se encuentra en el futuro remoto. En lugar de eso, dijo Peng, el ideal comunista es **"una cuestión de importancia inmediata".**

"El ideal comunista fue, es y será siempre una fuente de fuerza y un pilar espiritual para nosotros los comunistas y los elementos avanzados", dijo Peng.

También atacó a quienes proponen una democracia del tipo occidental, diciendo que **"la democracia en los países capitalistas está más y más a la merced del capital monopólico".**

Por último, Peng criticó la moción del **"gobierno personal"** en China, argumentando que **"lo más fundamental e importante es confiar en el sistema".**

Agencia AFP



Los nuevos aviones de combate

Uno de los flamantes bombarderos B6-D que la armada de China acaba de desarrollar para incorporar a su flota. La fabricación de estos aviones y de otras naves de combate se inscribe en las recientes medidas adoptadas por las fuerzas armadas chinas a fin de modernizar y ampliar su arsenal bélico, en el marco de las múltiples reformas encaradas también en los sectores económico y financiero.

EL PAIS 02-1-87

La República de China Duplicará Compras de Granos en Uruguay

CANELONES (Por Daniel Palma, Corresponsal). — *El* Embajador de la República de China Nacionalista Henry Wang acompañado por su Sra. esposa y su hija, y por el Consejero de la Embajada, Sr. Rómulo Chang, visitaron el departamento de Canelones, accediendo a una invitación realizada por el Intendente Hackembruch, con el propósito de aumentar las relaciones que se mantienen con ese país, en el ámbito protocolar y comercial.

El Embajador Wang luego de una breve recorrida realizada por la capital canaria expresó su agradecimiento a las autoridades departamentales por la sincera demostración de afecto recibida y destacó su impresión de que Canelones posee un potencial de desarrollo muy importante, justificado en parte por el dinamismo de sus gobernantes.

PROMOCION DE PRODUCTOS

En lo que se refiere a las relaciones comerciales entre nuestro país y China Nacionalista, el Embajador Wang destacó que además de importar corned beef en cantidades que van en aumento (procedentes del departamento de Canelones) y la importación de granos que se espera duplicar para 1990, en el mes de marzo de 1987 se realizará en Taipei auspiciado por el gobierno chino una campaña de promoción de los productos uruguayos considerados no tradicionales, para lo cual se están realizando contactos en nuestro país con diversas industrias del área.

ASISTENCIA TECNICA

Otro de los aspectos sobre los que la Embajada China está actuando como nexo entre su país y el nuestro a través del Ministerio de Agricultura, Ganadería y Pesca, es en lo referente a el aporte de la asistencia técnica necesaria para encarar un proyecto de recuperación de suelos en el departamento canario, destacando a modo de ejemplo la donación realizada recientemente por el gobierno chino a nuestro país de una lancha totalmente equipada para la erradicación de la fiebre aftosa.

Finalmente el Embajador Henry Wang informó al Intendente Hackembruch que su país estará presente oficialmente en la Expo-Atlántida '87, evento que sin lugar a dudas ha de concitar la atención del público que visite la Costa de Oro entre el 23 de enero y el 8 de febrero próximos.

visto

ANALISIS

Santiago Rompani

Mao Tse-tung y su sombra

No hace muchos días resté toda importancia a las manifestaciones estudiantiles realizadas, al parecer sorpresivamente, en la China continental. Dije entonces que, a mi parecer, era inexplicable cómo podían filtrarse ideas filocapitalistas en el seno deun estudiantado totalmente absorbido por las directivas del Gobierno, es decir, por las resoluciones del partido, es decir, por las órdenes de su secretario general.

No creo que el secretario general del politburó tenga más importancia que el politburó, del cual no es más que un megáfono. En algún momento se dijo que las manifestaciones estudiantiles que, al parecer, pedían "democracia y libertad", palabras éstas que no sé cómo se tradujeron al chino de modo que pudiera entederlas un adolescent después de medio siglo de régimen totalitario, habían sido, si no promovidas, por lo menos facilitadas por elementos desafectos al secretario general para, hablando mal y pronto, "moverle el piso" y "serrucharle las patas a la silla".

Algo de eso pudo haber. No sólo el secretario sustituto, prontamente designado sobre la aceptación no menos pronta de la renuncia del secretario anterior, explicó por qué éste había sido removido, sino que, además, como parce ser de precepto, el secretario más o menos renunciante confesó sus errores y cantó el "mea culpa" como el más humilde militante de cualquier religión, "opio de los pueblos".

ooOoo

Se ha marcado el acento en dos cosas: primero, en que la responsabilidad del secretario renunciante no afecta en nada la confianza depositada en el anciano líder Deng Kiao-ping; y, segundo, que las refocmas de carácter comercial, tecnológico, financiero y económico no se suprimirán, pero que ya no sen alentdas.

Es decir: que Pekín comprará lo que no puede producir, invertirá capitales extranjeros bajo la tutela oficial, venderá aquello contra lo que nadie podrá competir y se valdrá de todos los adelantos técnicos quelos funestos capitalistas de Occidente han logrado ya y que en China no se han podido obtener.

La purga no se detiene allí. No será Hu Yao-bang elúnico protervo condenado a las calderas del infierno de la proscripción, sino que también lo será, entre otros, Fang Lizhi, el "Andrei Sajarov de China", Vicerrector de la Universidad de enología y Ciencia Nacional que, al parecer describiera, omnosamente, al sistema comunista como un "feudalismo moderno" y que habría urgido a los estudiantes a que "sacudieran a la sociedad" para exigir más democracia. Recordamos que habían pedido mayores facilidades de ingreso al partido, que cuenta con 44 millones de afiliados, en un país provisto de mil millones de habitantes.

Confieso que me asmbra la importancia que la prensa occidental ha conferido al movimiento operado en la "dirigencia" (como horriblemente ahora se dice) de partido del gobierno, es decir, del gobierno de la China comunista.

El partido ha insistido en reaccionar contra los "liberales" injertados en el régimen. Es decir: "volver a Marx y a Lenin". No olvidemos que ellos han insistido siempre en que son más realistas



que cualquier otro rey y, por tanto, másmarxistaleninistas que cualquier otro marxistaleninista. Recordemos que el bien llamado "maoísmo" supuso un "retorno a las fuentes" y representó la radicalización extrema de todas las izquierdas. Si hay algo que sigue vigente, inconmovible y casi sacralizado es el famoso librio rojo de Mao: el catecismo de la religión del Estado totalitario. A saber: "El enemigo no desaparecerá por sí solo", "una revolución es un acto de violencia" y "el sistema socialista terminará por reemplazar al sistema capitalista según una ley objetiva independiente de la voluntad del hombre". "Hay que fortalecer el prato del Estado, principalmente el ejército popular, la policía popular y los tribunales poplares", porque, "nuestro Estado es una dictadura", arego yo, no ha dejado de serlo.

ooOoo

Estoy proponiendo un ejercicio de memoria, no u programa de acción. La pureza de nuestras convicciones propias de lo que ellos, "los otros", llaman despecivamente "democracia libera capitalista y burguesa" no debe impelernos a privarnos de todo contacto pecaminoso con regimenes distintos a los nuestros. Sería lo mismo que imitar a Robinson Crusoe. O al señor aquel que bebía agua destilada, porque es el agua más pura, pero es la única que no sirve para beber.

Pekín mantiene intata su política interior. Y también su política exterior: sabido es que ninguna gracia le causa tener tan cerquita a sus cofrades de la Unión Soviética, en la frontera siberiana, en la guerra de Afganistán y en la agreión constante de Vetnam a Kampuchea, el Cambodge de mis estudios escolares.

Cada maestro con su librito y cada uno con el sayo que le caiga en suerte. No sólo de pan vive el hombre. Pero comienza por vivir de pan. Para aprender a nadar hay que empezar por tirarse al agua. Y desués, veremos.

8701290

CHINO

LA NACION 21/1/87

Continúa la purga en Pekín

PEKIN, 19 (UPI). - El nuevo jefe del Partido Comunista, Zhao Ziyang, dijo que su antecesor, Hu Yaobang, era muy "blando" hacia las tendencias capitalistas y que trató de llevar a cabo las reformas liberales demasiado rápido, dijeron hoy fuentes de Europa oriental.

Al mismo tiempo, en una creciente campaña contra las tendencias capitalistas, el partido anunció la expulsión del académico Fang Lizhi por incitar las protestas estudiantiles democráticasque se realizaron en 13 ciudades.

La campaña eliminó ya al secretario general Hu Yaobang, quien entregó el viernes su cargo al primer ministro Zhao Ziyang, tras admitir errores sobre importantes temas políticos, según un comunicado del PC.

No hubo detalles públicos sobre los errores de Hu, pero las fuentes dijeron que Zhao lo acusó de oponerse a la política de Deng Xiaoping desde que ocupó el cargo en 1980.

Indicaron que Zhao, quien retuvo el cargo de primer ministro, hizo sus comentarios en una reunión, ayer en Pekín, con Havasi Ferenc, dirigente del Partido Socialista de los Trabajadores de Hungría.

Zhao dijo que Hu, aliado de Deng por cuatro décadas y considerado su probable sucesor, quería ir mucho más lejos que Deng en la implementación de reformas, dijeron las fuentes.

Las fuentes dijeron que Zhao acusó a Hu de ser muy suave con el liberalismo burgués, una frase dedicada a las tendencias capitalistas a las que se atribuye oficialmente la causa de las protestas estudiantiles. Varios analistas creen que Hu apoyaba al físico Fang Lizhi, cuya expulsión se anunció hoy.

Purga

PEKIN. - El físico Fang Lizhi, conocido entre los estudiantes como "el Andrei Sakharov de China," describió al sistema comunista como un feudalismo moderno y urgió a los estudiantes a que sacudan a la sociedad para exigir más democracia, informó hoy la prensa oficialista.

La agencia de noticias Xinhua dijo que Fang, de 51 años, fue expulsado del Partido Comunista chino el sábado por defender el capitalismo e incitar a los estudiantes a que realizaran manifestaciones en por lo menos 13 ciudades entre el 5 de diciembre y el 1 de enero.

Salió lana y pescado a varios destinos

Embarcaron tabaco nacional para República de China

LA MAÑANA 5/1/85

Los productos que lograron mayor volumen, en las exportaciones por vía marítima durante la semana que pasó, fueron la lana y el pescado, concretándose también, buenos embarques de otros productos, como el de 200 tons. de tabaco nacional, para la República de China.

Con las lanas se superaron las 1.800 tons. que en muy diversos tipos, se embarcó para puertos del Reino Unido, continente, Mediterráneo, EE.UU., China, Corea y Japón.

Con respecto a los embarques de pescado, se superaron con ellos las 1.700 tons. y estuvieron dirigidos a EE.UU., Israel, España, Australia, Reino Unido y Le Havre.

Con la carne, los embarques concretados estuvieron en el orden de las 660 tons. que salieron para puertos del Norte europeo, y los de cornef beef, que alcanzaron las 171 tons. cargados para puertos del Reino Unidos y EE.UU.

Se produjeron, además del ya mencionado embarque de tabaco para China, buenas partidas de diversos productos no tradicionales, como zapatos, textiles, velcro, recortes de cuero, azulejos, y accesorios para baño, para EE.UU. destacando que respecto a los azulejos, hubo también partidas para el Reino Unido e Israel, país este último para donde salieron también frazadas y harina de pescado.

Pequeñas partidas de ágatas y amatistas para China y Europa, vinos para Kobe, caseína para Le Havre, granito para oriente e Italia, uvas y glicerina para el Norte de Europa.

LLEGA PAPA DE CANADA

Se produce el arribo del buque JAMES, agenciado por Universal Shipping, con una nueva partida de papas, esta vez de 3.200 tons. procedente de Canadá.

Damos a continuación, el detalle, por buque del movimiento portuario.

NORTE DE EUROPA

ESTRELLA DEL MAR. De MONTEMAR S.A. agenciado por Latinoamericana S.A. lleva para el Reino Unido 740 tons. de diversos tipos de lanas, a Rotterdam 1 ton. de efectos personales y 37 tons. de carne sin hueso, Bremen 28 tons. de lana y finalmente para Vigo 16 tons. de mondongo y 300 tons. de pescado.

CMB MEMLING. Agenciado por Schandy S.A. lleva para el puerto de Rotterdam 1 contenedor con uvas,, y 2 más con carne, Hamburgo 1 contenedor con cueros, 1 con cueros, lana y efectos personales, 10 contenedores con carne, y 2 con pescado, Bremen 4 contenedores con lana y 3 con pescado, y para Amberes 1 contendor con glicerina y 2 más con lana.

Por A. Mitrano lleva para Le Havre 25 tons. de caseína, tejidos de lana y 3 automóviles antiguos (1927, 30 y 48), para Flushing vía Rotterdam 17 tons. de lana sucia. Hamburgo 10 tons. de tejidos de lana y cueros lanares, Bremen 50 tons. de lana lavada y tops, además de 19 tons. de pulmones vacunos congelados, y para Le Havre 70 tons. de pescado carne congelada.

Por Briss Lines (Houlder - J. R. Williams) con destino a Tilbury, lleva 6 tons.de cueros curtidos, 97 tons. de lana sucia, 23 tons. de azulejos, 143 tons. de corned beef, 112 tons de pescado y 194 tons. de carne congelada.

Por Piñón, Sáenz y Vidal lleva para Bremen 68 tons. de lana tops y cueros curtidos, para Hamburgo 69 tons. de lana tops, cueros curtidos, textiles, ágatas, y amatistas, además de 139 tons. de carne. Amberes 148 tons. de lana tops, y ágatas. Rotterdam 3 tons. de cueros curtidos y 41 tons. de carne congelada y enfriada, finalmente en tránsito para Australia 8 contenedores con pescado.

Por Dodero S. A. lleva a Rotterdam. 5 tons. de textiles, a Bremen 14 tons. de lana tops, y Hamburgo 5 tons. de textiles, a Bremen 14 tons. de lana tops y Hamburgo 5 tons. de efectos personales.

Por Maclean y Stapledon, lleva 20 tons. de lana tops (tránsito) con destino a Bremen.

RIO NEGRO II. De Elma S.A. lleva para el puerto de Hamburgo 40 tons. de maní paraguayo y para Lisboa 10 tons. de efectos personales, luego de descargar 250 tons. de materias primas para la industria.

ORIENTE

VALERIA. De NYK LINE, agenciado por Latinoamericana S.A. tiene salida prevista hoy y lleva para Kobe 134 tons. de granito y 2 tons. de vinos, Yokohama 33 tons. de granito. Honk Kong 3 tons. de aletas de tiburón, Busa y Singapur 22 tons. de madera paraguaya. Shanghai 30 tons. de cueros y para Sidney 4 tons. de efectos personales.

NEDLLOYD NAGOYA. Agenciado por Dodero S. A. lleva para Durban 2 tons. de cueros curtidos. Singapur 1 ton. de figuras cerámicas. Hong Kong 4 tons. de textiles, 40 tons. de carne congelada y 160 tons. de lana tops. Taiwan 3 tons. de ágatas, 200 tons. de harina de pescado, 200 tons. de tabaco nacional y 13 tons. de lana tops, y para Corea y Japón 150 tons. de lana tops.

COSTA ESTE

SAN MARTIN I. De Ivaran Lines, agenciado por E. J. Rohr lleva para Montreal 4 tons. de textiles. Boston 60 tons. de lana, 8 tons. de zapatos y 15 tons. de textiles. N. York 8 tons. de apatos, 7 tons de velcro, 7 tons. de recortes de cuero, 10 tons. de accesorios para baño, 30 tons. de productos textiles, 10 tons. de cueros curtidos, 8 tons. de efectos personales y 12 tons. de aceites esenciales, para Baltimore 18 tons. de corned beef y para Miami 54 tons. de azulejos.

ICELANDIC. De Seatrade, agenciado por Universal Shipping, lleva 850 tons. de pescado, de las que 750 de ellas fueron cargadas en el puerto de La Paloma, y el resto en el de Montevideo.

MEDITERRANEO

GREAT CONCERT. De Zim, agenciado por Schandy S. A. lleva para Valencia 2 contenedores de 40 pies con pescado, Barcelona 4 de 20 con cueros, Génova 1 de 40 con cueros, 3 de 20 con tripas y 12 de 20 con lana tops. Livorno 430 tons. de granito, 1 contenedor de 20 contextiles, 5 de 20 y 1 de 40 con lana tops, y 3 más de 40 con pescado. Finalmente para Haifa 1 contenedor de 20 con efectos personales, 510 tons. de harina de pescado, 3 contenedores de 20 con cospeles (tránsito) 1 de 20 con textiles, 1 de 40 con pescado, 4 de 20 con frazadas, 2 de 20 con azulejos y 2 más de 20 con efectos personales.

01-01

070292

Auspiciosos signos en China y la URSS

Se advierten signos inequívocos de transformación en Rusia y China continental, con una serie de hechos altamente significativos, y donde por primera vez en ambos países suena en la calle a "grito pelado" la palabra libertad.

Los estudiantes en la China comunista, pese a las restricciones que todos conocemos, se han lanzado a la calle pidiendo libertad de prensa y opinión y su gobierno se encuentra impotente para controlar a esos miles de muchachos que parecen haber asimilado y valorado el modus vivendi de Occidente y la oscura cárcel donde viven actualmente.

Y, hasta la fecha, han sido vanos los esfuerzos del gobierno chino para evitar esas ruidosas manifestaciones estudiantiles y lo que es peor, explicar a sus adeptos el significado de esta revolución social, de neto corte democrático, que busca el cese de la aplicación de una ideología tiránica.

En tanto en la URSS, Gorbachov, con una visión mucho más clara del panorama interno de su país, donde las drogas, la corrupción, el alcoholismo y el descontento han calado hondo en muchos estratos sociales, con extrema prudencia pero con mano firme, empieza a suprimir algunas de las crueles disposiciones que dieron mérito a colocarla a la cabeza en materia de violación de los derechos humanos.

El cese del destierro del disidente Sajarov y su traslado a Moscú y su permiso para dialogar con la prensa internacional y sus críticas —sin la tajancia de otrora—, prueban de manera fehaciente el primario interés de Gorbachov de abandonar —por ahora en parte— el rígido contralor de su pueblo, y su inclinación a buscar un entendimiento con Estados Unidos.

Se ha iniciado el año con características disímiles a las anteriores. El fantasma del holocausto nuclear parece alejarse definitivamente, ya que los líderes de las grandes potencias nuevamente buscarán en un diálogo distinto, las soluciones a los graves y acuciantes problemas que azotan a la humanidad.

U/NOTICIAS 10-I-87

22

CHINA

LA MAÑANA 08-1-87

Temen extensión del descontento estudiantil

Pekín: advierten a obreros

Pekín, (EFE).- Mientras los estudiantes chinos hablan de nuevas manifestaciones, autorizadas y no autorizadas, el 'Diario de los Obreros' advirtió hoy de la presencia de 'saboteadores y elementos anticomunistas' en las fábricas.

El periódico, en un tono que recuerda el de las grandes campañas políticas izquierdistas, pidió a los trabajadores que estén alerta ante estas infiltraciones.

El editorial, leído ayer íntegramente en los espacios informativos de la televisión estatal, es una nueva indicación de que el gobierno teme que el descontento estudiantil y su campaña 'pro democracia' se extienda a las fábricas.

'La clase obrera es la clase dominante', afirmó el diario oficial de los sindicatos, que pidió a las masas 'mantenerse en primera fila de los que se oponen al liberalismo burgués'.

La prensa oficial china, en su condena del movimiento estudiantil, se ha referido varias veces al peligro del liberalismo burgués, o lo que es lo mismo, según la definición oficial, 'defender el capitalismo y negar el socialismo'.

Nuevos carteles aparecieron en las últimas horas en la universidad 'del Pueblo', de Pekín, criticando la disposición municipal de diez puntos, que prohíbe manifestaciones espontáneas, y en favor de la democracia y la libertad.

Los estudiantes consideran que la disposición vulnera sus derechos constitucionales de libertad de manifestación y de expresión.

En Beida, la más importante universidad de Pekín, se informó que varios estudiantes quemaron copias del 'Diario del Pueblo', el órgano oficial del Partido Comunista, por su actitud de dura crítica contra los estudiantes, a los que califica de 'envenenados por el liberalismo burgués'.

Muchos creen que la frustración por la falta de expresión y las constantes críticas en la prensa pueden impulsar 'a los estudiantes a salir de nuevo a la calle.

PU LA MAÑANA 22/1/87

Dirigentes comunistas de línea dura presionan

Reformas en China serán gradualmente descartadas

PEKIN (ANSA y UPI).— Diplomáticos occidentales predijeron ayer que algunas de las reformas en China serán limitadas o gradualmente descartadas, ante las presiones de los dirigentes comunistas de línea dura, y señalaron que ya se ha iniciado en tal sentido una campaña en la prensa y las esferas culturales.

Sin embargo, un alto funcionario chino declaró que los cambios en la dirección del Partido Comunista y la campaña contra las tendencias capitalistas no tendrán efecto adverso en las políticas exterior y doméstica de Pekín.

La agencia noticiosa oficial Xinhua informó del cierre de la Oficina Estatal de Publicaciones, que fuentes chinas dijeron había sido "fuertemente criticada" por no lograr el control ideológico sobre los medios de comunicación.

Xinhua dijo que la oficina sería sustituida por la Oficina de Publicaciones y Medios directamente bajo el gobernante Consejo de Estado. Agregó que la nueva entidad supervisará la publicación de noticias y casi todos los aspectos editoriales en China.

Una fuente china dijo que Bian Chunguang, director de la oficina ahora cerrada, fue severamente criticado por las autoridades del partido el año pasado por no controlar el contenido de los medios de información, particularmente en la provincia de Guandong, cerca de Hong Kong.

"Esto representa un mayor control sobre los medios", dijo la fuente. "Inmediatamente después de los disturbios estudiantiles (de diciembre) en Shanghai, hubo una reunión de publicaciones nacionales en Pekín y este es un resultado directo de ello".

"LIBERALISMO BURGUES"

El vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, Ma Yuzhen, en un aparente intento por calmar los temores de otro mayor cambio en la política china, defendió el retiro del viernes del jefe del partido Comunista Hu Yaobang y la nueva campaña contra el "liberalismo burgués" o las tendencias capitalistas.

Hu, un cercano colaborador del líder Deng Xiaoping, dejó su cargo como secretario general del partido de 44 millones de miembros luego de reconocer que había cometido errores en "importantes asuntos". El primer ministro Zhao Ziyang tomó su cargo de manera interina.

"El reciente cambio en el Comité Central y la actual lucha contra el liberalismo burgués no tendrá de ninguna manera efecto adverso en la implementación de la linea del partido, sus principios o en sus políticas externas o internas", dijo Ma en una conferencia de prensa semanal a la prensa extranjera.

Sin embargo diplomáticos occidentales dijeron que los comentarios de autoridades chinas en la semana pasada demostraban un fuerte resurgimiento de una facción conservadora dentro del partido Comunista que favorece la planificación centralizada y un mayor control ideológico.

Embajador soviético niega interferencias

Política de las Filipinas

MANILA, (ANSA y UPI) — El embajador soviético en las Filipinas calificó ayer de "puras mentiras" los informes de que Moscú está interfiriendo en los asuntos internos del país.

Durante una conferencia de prensa, el embajador Vadim Shabalin acusó indirectamente a Estados Unidos de hacer circular tal versión de forma que Washington podría tomar "medidas urgentes" para "rescatar el país".

"Las afirmaciones de que la URRS está participando en actividades que contradicen las normas de relaiones entre Estados mutuamente aceptadas, son puras mentiras", dijo Shabalin.

"No tenemos contacto con subversivos", agregó el embajador a través de un intérprete.

Un político lanzó acusaciones la semana pasada de que armas soviéticas habían llegado a bordo de un barco para ser destinadas a un campamento rebelde comunista en la isla de Samar. Dos rebeldes también dijeron recientemente que la Unión Soviética les había ofrecido "todas las armas y la ayuda monetaria que necesitamos".

Durante una conferencia de prensa, Jalandoni también advirtió al ejército de que las guerrillas "contraatacarían efectivamente" si los solados seguían adelante con su amenaza de vengarse por las bombas.

Antes del anochecer explotaron bombas en tres puentes cerca de Iloilo. Sólo causaron daños menores y no hubo víctimas.

China

ILUSIONES CHINAS

La apertura en China enfrenta su peor invierno desde que el venerado Deng Xiaoping lanzó las reformas económicas —llamadas liberales— para alcanzar las cuatro modernizaciones: agricultura, industria, fuerzas armadas y ciencia y tecnología. No le ha faltado audacia, pero es todavía frágil el paso dado por el sucesor de Mao.

Una señal de eso está en la caida de la más ilustre cabeza entre todas las que cayeron en los últimos días, acusadas de errores que van desde la "violación de la pureza ideologica", hasta la "occidentalización exagerada". Estudiantes, intelectuales, sectores ponderables de la sociedad habrian tomado demasiado en serio los ademanes de Deng.

¿Estará China en los principios de cambios más grandes? La respuesta probablemente sólo será conocida en el futuro. Forma parte del ajedrez chino el culto a la incertidumbre. El propio Deng Xiaoping, que ahora parece decir al pueblo: "has lo que yo digo pero no lo que yo hago", es severo con las infidelidades ajenas, después de entrar en la historia cabalgando en las suyas.

Deng fue infiel a Mao, al Partido, al ejército, a las ideas. Sin embargo, en su desobediencia a lo que es ortodoxo reside todo su mérito. Por sus manos China está en el camino de la ruptura de los dogmas, como el de la infalibilidad del partido comunista, y a las puertas de la modernización. Pero las dificultades que tiene por delante son grandes.

Es una ilusión suponer que China pueda transformarse en el sueño de gran potencia en el siglo XXI, como desea Deng Xiaoping, apenas con reformas económicas. Sin reformas politicas su programa corre el riesgo de no salir de los limites de las contradicciones ideológicas. Sin su amigo Hu Yaobang al frente del Partido Comunista, todo se hace más difícil.

La iniciativa de renovación del país trajo algunos importantes cambios económicos.

Con todo, se empantanó en la inquietud estudiantil y en la toma de posición de los que ya no resisten a expresar sus ansias democráticas. Puestas a prueba de la libertad, las reformas amenazan fracasar.

Las reacciones de Deng Xiaoping y del Partido Comunista, apoyados por la prensa oficial, no dejan margen a las dudas.

El rector y el vice-rector de la Universidad de Pekín, escritores, periodistas y militantes no ortodoxos, fueron demitidos de sus puestos o expulsados del partido, anticipando la desgracia de Hu Yaobang.

Estos hechos indican que a pesar de comenzar a restaurar la tradición china, Deng Xiaoping ha sido incapaz de sobreponerse a la máquina burocrática del partido. A los 82 años y con problemas de salud, el hombre fuerte de China deja que se procesen a su sombra los juicios que condenan a los liberales a la marginalización total.

Los que ahora son recriminados y apartados son los mismos con los cuales debería estar contando Deng Xiaoping para tornar irreversible el soplo liberal en el interior del Partido Comunista y en sus estructuras de poder. Los estudiantes y todos los chinos, atónitos con lo que viene aconteciendo, reclaman los beneficios de la democracia y de la libertad. Se sienten, en consecuencia, coherentes con las reformas prometidas por el propio regimen. ¿Que hay de reaccionario o de conspiracion capitalista en eso?

(de Jornal do Brasil)

El País
22/1/86

18/1/87 EL DIA —

China inicia ofensiva diplomática por crisis

PEKIN. — Las autoridades chinas comenzaron una ofensiva diplomática para tranquilizar al resto del mundo sobre la crisis interna y el hecho que la destitución del secretario general del Partido Comunista, Hu Yaobang, anunciada en el marco de una campaña contra elementos considerados de derecha, no frenará la política de apertura y las reformas económicas.

Al recibir a un diplomático de Europa occidental pocas horas después del anuncio de la renuncia de Hu Yaobang, el canciller Wuy Xueqian dijo que la política de apertura china, en particular hacia Europa occidental, no cambiará a causa de las novedades en el partido y en el gobierno.

Una de las primeras reacciones de preocupación fue la de los ambientes financieros de Hong Kong. Una fuente económica de la colonia británica (que dentro de diez años volverá bajo soberanía china) dijo que se esperaba una baja del precio de las acciones en la reapertura de la bolsa mañana lunes.

La renuncia de Hu Yaobang, el más íntimo colaborador del líder Deng Xiao Ping, fue precedida por una ola de manifestaciones universitarias que pedían más democracia en el país. Hu Yaobang era promotor de reformas radicales a las que se oponían las fuerzas más conservadoras del partido. Su renuncia fue el resultado de la lucha entre las fuerzas conservadoras y las progresistas dentro del partido.

Perplejidad

Los chinos se mostraban ayer perplejos pero serenos debido a la repentina caída en desgracia de uno de los dos hombres más poderosos del país, el secretario del Partido Comunista, Hu Yaobang.

En la histórica plaza Tiananmen, en el centro de Pekín, la gente posaba para los fotógrafos y remontaba cometas bajo un sol brillante, aparentemente indiferente al desplazamiento de Hu.

Muchos de ellos manifestaron que no les preocupaba quién fuera el líder mientras continúe la actual política económica sin modificaciones.

Los diarios publicaron informes escuetos sobre la renuncia de Hu y editaron sólo el comunicado oficial según el cual el secretario había cometido graves errores políticos y por ello lo había reemplazado el primer ministro Zhao Ziyang.

El cambio de figuras no fue objeto de editoriales ni de artículos que proporcionaran pistas a partir de las cuales se pudieran elaborar hipótesis explicativas de los hechos.

Diplomáticos opinaron que la crisis parece haberse iniciado como consecuencia de las recientes demostraciones estudiantiles para reclamar mayor democracia y libertad.

Jóvenes pertenecientes a la Universidad de Pekín expresaron que dudan de que sus manifestaciones puedan ser la única causa de la remoción de Hu.

Sucesor

Pronto sería designado el sucesor del ex premier Zhao Ziyang, quien reemplazó como jefe del Partido Comunista al renunciante secretario general Hu Yaobang, dijeron ayer diplomáticos occidentales, quienes comentaron que no se puede esperar demasiado tiempo.

"No veo cómo podrían esperar", dijo uno. "Zhad Ziyang no puede ocupar ambos cargos. Me parece que adoptarán pronto una decisión".

El diplomático expresó que la sucesión podría anunciarse durante la actual sesión del comité permanente del Congreso Nacional Popular, que puede aprobar los cambios en el puesto de primer ministro. No se anunció fecha para la conclusión de esa reunión.

Diplomáticos dijeron que los principales contendores para el cargo eran el viceprimer ministro Li Peng y Li Ruihuan, alcalde de la ciudad norteña de Tianjin. Varios analistas creen que Li Peng sería preferido por la línea dura, mientras que Li Ruihuan lo sería por los reformistas.

EL DÍA 16/1/87

CHINO

Se confirman purgas en comunismo chino

PEKIN. — Dos autorizadas intervenciones publicadas ayer por la prensa oficial china confirman que la campaña de purgas en el partido comenzada en estos días no es producto de las manifestaciones estudiantiles de estos dos últimos meses sino la culminación de una operación comenzada hace por lo menos cinco meses para marginar a los elementos considerados de derecha.

Las manifestaciones estudiantiles que comenzaron el mes pasado, escribe un comentario la agencia oficial "Nueva China", "son el resultado de la expansión de los años pasados de la idea de la 'liberalización burguesa' y de la falta de resolución de algunos camaradas para contrastarla". Pero la necesidad de combatir estas tendencias, agrega el comentario, ya surgió en setiembre pasado cuando el partido aprobó una resolución sobre los principios guía para la "construcción de una sociedad socialista cultural e ideológicamente avanzada". "Por lo tanto se puede decir, escribe la agencia, que la lucha contra la liberalización burguesa no es para nada una cosa de estos días".

Ideas burguesas

Según el comentario los promotores de estas ideas "burguesas" intentaron llevar al país sobre la vía del capitalismo, aprovechando de las reformas económicas y de la reforma del sistema político propuesto el año pasado por la misma conducción.

En un segundo comentario, la misma "Nueva China" afirma que los promotores de la liberalización burguesa se escondieron detrás del "slogan" "Que cien flores broten y cien escuelas del pensamiento disputen" para difundir sus ideas, invocando el derecho a expresar "un punto de vista diferente".

01-01

LA MAÑANA 12/1/87

CHINO

Ideas de Fang citadas en carteles chinos

Académico acusado de propagar el capitalismo

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).— Un expresivo académico cuyo criterio liberal sobre la democracia inspirara a los participantes de las recientes protestas estudiantiles fue acusado por un diario oficial ayer de intentar dirigir hacia el capitalismo a China.

Fang Lizhi, del que fuentes chinas decían que sería expulsado del Partido Comunista en lo que sería una señal del comienzo de una purga nacional contra "liberales burgueses", no fue citado por su nombre en el comentario, aparecido en el Diario de Guangming.

Pero el comentario de primera página cita a "un camarada que es vice presidente de una universidad" como uno entre quienes promueven la "occidentalización total" de China y el abandono del socialismo.

Los medios de prensa estatales citaron a un dirigente sindicalista cuando advertía a los trabajadores que no se asociaran con los activistas estudiantiles.

Diplomáticos decían que el comentario estaba obviamente dirigido contra Fang, un físico de 51 años que es vice presidente de la Universidad Nacional de Ciencias y Tecnología en la oriental ciudad de Hefei.

Decían que el uso por el Diario de Guangming del título "camarada" indicaba que Fang no fue expulsado aún del partido.

Por lo menos otros dos hombres, ambos escritores, deberían ser expulsados con Fang, dijo una fuente china. Dijo que cualquier anuncio formal sobre las expulsiones no aparecería hasta alrededor del día 20, cuando los estudiantes estén de vacaciones.

IDEAS LIBERALES

Las ideas liberales de Fang sobre la democracia fueron citadas en carteles estudiantiles y gritadas por manifestantes durante las protestas estudiantiles chinas del mes pasado. La primera de por lo menos 13 manifestaciones pro-democracia sucedió en Hefei el día 5 de diciembre. Fang dijo que entendía las frustraciones de los estudiantes, pero no concordaba con sus métodos.

El Diario de Guangming, un impreso de intelectuales, decían que hay gente que intenta eliminar los "cuatro principios básicos" de la Constitución — pensamiento Marxista-Leninista-Mao Tse-tung-ista, socialismo, dictadura del proletariado y liderazgo del Partido Comunista.

"Esa gente tiene un nuevo criterio llamado "total occidentalización", decía el comentario. "Por ejemplo, un camarada que es vice presidente de una universidad ha declarado abiertamente: aprecio el punto de vista de la occidentalización total".

El comentario decía que quienes desean la occidentalización total buscan importar la ciencia y la tecnología, la cultura, la ideología, los principios morales y los sistemas políticos occidentales".

01-01 8701299

EL PAÍS 08/1/87

CHINO

Mutuas Acusaciones Entre Pekín y Hanoi

BANGKOK, 7 (EFE).— Tropas chinas y vietnamitas combatían hoy por tercer día consecutivo en la frontera entre ambos países, que se acusan mutuamente de haber provocado esta nueva ronda del enfrentamiento iniciado en 1979.

La agencia oficial de noticias china, Xinjua, informó hoy que las tropas vietnamitas han lanzado una docena de ataques desde la mañana del lunes hasta la de hoy, contra posiciones chinas en la provincia fronteriza de Yunnan.

El Ministerio chino de Asuntos Exteriores indicó, por su parte, que en los "últimos días, guardias fronterizos chinos realizaron poderosos contraataques contra las provocaciones de las tropas vietnamitas".

Un portavoz del Ministerio calificó de "total exageración" la cifra de 500 bajas que Hanoi afirma que sus fuerzas han causado a las tropas chinas.

El portavoz no dio cifras sobre bajas propias o enemigas en los combates, pero la agencia Xinjua indicó que 200 soldados vietnamitas murieron el lunes pasado al ser "aniquilada" una compañía militar de Vietnam por tropas chinas.

"Las llamadas victorias de los vietnamitas son una total exageración. Su propósito es defraudar al pueblo vietnamita y a la opinión mundial", dijo el portavoz del Ministerio chino de Exteriores, Ma Yuzhen.

El Financiero 20/1/87

La destitución de Hu Yaobang ha sembrado inquietud en los medios financieros

China: suspicacia inversora ante cambios

Pekín (Reuter)— La Comunidad empresaria extranjera se muestra **cautelosamente optimista** sobre la posibilidad de que la renuncia del secretario general del Partido Comunista, **Hu Yaobang**, no afecte las inversiones y la política comercial.

Empresarios occidentales, banqueros y diplomáticos dijeron que se sienten alentados por las repetidas garantías de la cúpula gobernante en el sentido de que el **proceso de reformas y la política de puertas abiertas no experimentarán cambios**, pero sin embargo adoptaron por ahora una actitud de espera atenta.

El anuncio de la renuncia de **Hu** debido a **"errores políticos"** fue formulado el viernes y el primer ministro **Zhao Ziyang** fue nombrado secretario general interino del partido.

La prensa oficial desde entonces no dejó de repetir que las políticas fundamentales de apertura al mundo exterior y de reforma no serán modificadas. "Los cambios de personas no afectarán nuestra línea y nuestra política pero nos pondrán en condiciones de implementarlas más correctamente", dijo **Zhao**.

Un diplomático occidental expresó: "**Zhao** todavía está al timón, lo que representa un reaseguro para los extranjeros. El secretario general está estrechamente vinculado con la política reformista. Pero podría haber otros cambios dentro del gobierno que podrían afectar los negocios".

Señaló que los inversores extranjeros podrían sentirse preocupados si el viceprimer ministro **Li Peng** sucediera a **Zhao** como jefe de gobierno. Li, educado en la **Unión Soviética**, habla más de disciplina y de planificación central que de reformas, agregó. **Pekín** no precisó si **Zhao** continuará al mismo tiempo como primer ministro y como jefe del partido.

El diplomático destacó que **China** todavía tiene que ganar la confianza de los extranjeros. Las cifras oficiales muestran que las inversiones extranjeras contratadas cayeron el año último a **2900 millones de dólares**, a partir de los **5850 millones de dólares** de 1985, mientras que las inversiones directas disminuyeron a **1500 millones de dólares** desde los **1570 millones del año previo**.

Pero algunos empresarios se mostraron más pesimistas: "El cambio nos ha vuelto más cuidadosos que antes", dijo el representante en **Pekín** de una importante compañía japonesa.

• "Liberalismo burgués"

"La apariencia y la realidad en **China** son siempre diferentes. La política de puertas abiertas al extranjero se desacelerará si el gobierno sigue insistiendo en su campaña propagandística contra el liberalismo burgués", añadió.

"Liberalismo burgués" es la expresión utilizada por los medios de difusión oficiales para criticar a los acusados de abogar por la imposición de ideas y un sistema democrático de modelo capitalista en **China**.

"Me siento intranquilo", señaló un banquero de **Hong Kong**; "esta campaña propagandística es una regresión que me recuerda las de la década del '60", agregó.

"El gobierno dice que esta campaña y la política de puertas abiertas son dos temas diferentes y que no están relacionadas, pero lo están. La política y la economía en **China** están estrechamente vinculadas. ¿Qué significado tiene la protección legal en un país donde el partido lo controla todo?", dijo.

El banquero opinó que la mayor barrera para las reformas son los millones de cuadros intermedios con un bajo nivel educativo. "Cuando me encuentro con ellos, me dan una pequeña lección sobre los males del liberalismo burgués antes de hablar de negocios", manifestó.

Martin Weil, representante en **Pekín** del Consejo Nacional de Comercio Chino-estadounidense, opinó que no parece que hubiera habido cambios en la política.

Weil agregó que el principal problema es el sentimiento de inestabilidad. "Esperamos que los acontecimientos que se produzcan en **China** en el futuro próximo disipen las suspicacias sobre la estabilidad política."

China anunció en octubre último medidas dirigidas a mejorar la situación de los inversores extranjeros y revertir la caída de las inversiones.

La "Revista de Pekín" dijo ayer que si los chinos se mantienen en guardia podrán rechazar las "lacras del capitalismo" y asimilar lo mejor del extranjero para desarrollarlo en la práctica.

Afirmaciones del dirigente Deng Xiaoping

"China debe abrir más sus puertas al mundo exterior"

El líder Deng Xiaoping, que preside una creciente campaña contra las tendencias capitalistas, dijo ayer que China debe abrir más sus puertas al mundo exterior.



PEKIN.- Foto de archivo de Tian Jiyun, de 57 años de edad, el cual según rumores es considerado candidato a ocupar el puesto de Premier de China. El actual Premier, Zhao Ziyang, ha sido nombrado jefe interino del Partido Comunista después de la renuncia de Hu Yaobang la semana pasada. (Radiofoto Reuter).

PEKIN (ANSA y UPI).- Durante sus conversaciones con el Primer Ministro de Zimbabwe, Robert Mugabe, que se halla de visita en Pekín, Deng también dijo que China había tratado de ir demasiado rápido y que se había esperado demasiado de sus reformas económicas y sociales.

"Nuestros objetivos ahora son realistas y prácticos", dijo Deng, según informó la agencia noticiosa oficial Xinhua.

"Los errores de China cometidos hace unos cuantos años se debieron a una velocidad excesiva y a la sobredemanda, sin tener en cuenta las realidades del país", sostuvo.

Deng, de 82 años, que ha dirigido una lucha contra el "liberalismo burgués" e influencias capitalistas, defendió su política de abrirse al mundo exterior.

"ABRIRSE MAS"

"Si hay algunos errores en mejorar nuestra política de puertas abiertas, el principal es que China necesita abrirse más", dijo Deng en un aparente intento por tranquilizar a los inversionistas extranjeros preocupados por la perspectiva de nueva inestabilidad en la nación más grande del mundo.

Sin embargo, insistió en que los contactos con otras naciones "de ninguna manera afectarán al sistema socialista de China".

Algunos dirigentes de línea dura del Partido Comunista han culpado a la política de puertas abiertas por el esparcimiento de "ideas capitalistas decadentes" en China.

ARRESTOS

Se informó que dos personas más fueron arrestadas en conexión con las manifestaciones estudiantiles prodemocracia, que se realizaron en por lo menos 13 ciudades chinas entre el 5 de diciembre y el 1° de enero. En la provincia norteña de Shanxi 19 personas fueron arrestadas.

El periódico oficial de Shanxi dijo que los hombres fueron arrestados por llevar a cabo actividades "contrarrevolucionarias". También dijo que escribieron cartas alentando a los estudiantes a que se manifestaran.

Todos los periódicos más importantes de China publicaron ayer notas en primera página condenando al físico Fang Lizhi, un académico liberal que fue expulsado el lunes del Partido Comunista por supuestamente incitar a los estudiantes a que realizaran manifestaciones.

La expulsión de Fang se hizo una semana después de que fuera despedido como Vicepresidente de la Universidad Nacional de Ciencia y Tecnología de la ciudad de Hefei, donde se informó que tuvo lugar la primera manifestación de estudiantes.

Fang es el segundo intelectual que es expulsado del partido, como parte de la campaña contra las tendencias capitalistas. El conocido escritor de Sanghai Wang Ruowang fue expulsado el 14 de enero.

Algunos analistas creen que Fang fue apoyado por Hu Yaobang, que dimitió como secretario general del Partido Comunista el pasado viernes, tras admitir errores en temas políticos "importantes".



SEUL, Corea del Sur.- Escena registrada durante una concentración en memoria de un estudiante asesinado la semana pasada. (Radiofoto Reuter).

01-01 8701302

PRIMERAS DECLARACIONES DE DENG XIAOPING SOBRE LA CRISIS DEL P.C.

"China seguirá siendo socialista"

En una nueva expresión de la actual campaña contra el "liberalismo burgués" y las influencias capitalistas, Deng Xiaoping reiteró que el sistema socialista del país no será alterado, pero afirmó que la apertura hacia el mundo exterior debe hacerse aún mayor. Fueron éstas las primeras declaraciones públicas del líder chino tras la renuncia de Hu Yaobang como jefe del partido.

PEKIN, 20 (AFP, UPI y EFE). — Deng Xiaoping, máximo líder chino, afirmó hoy que "se había intentado avanzar demasiado rápidamente y se había esperado demasiado de las reformas económicas y sociales", pero reafirmó que "China debe abrir aún más sus puertas al mundo exterior".

♦ Errores del pasado

El dirigente, en diálogo con el primer ministro de Zimbabwe, Robert Mugabe —quien cumple una visita oficial en Pekín— afirmó: "Nuestros objetivos ahora son realistas y prácticos."

La agencia informativa oficial china, Xinhua, indicó que Deng sostuvo ante su invitado: "Los errores que China cometió hace unos cuantos años se debieron a una velocidad excesiva y a la sobredemanda, sin tomar en cuenta las realidades del país."

Deng Xiaoping, de 82 años, dirige una campaña contra el "liberalismo burgués" —expresión utilizada para aludir a las "influencias capitalistas"— pero defiende su política de apertura al mundo exterior, circunscripta a lo concerniente a tecnología y capitales, pero no a política e ideología.

"Si hay algunos errores en el mejoramiento de nuestra política de puertas abiertas", afirmó, "el principal es que China necesita abrirse aún más".

Esta expresión fue interpretada por analistas occidentales como un intento de tranquilizar a los inversionistas extranjeros, preocupados por la perspectiva de inestabilidad en la nación más grande del mundo.

El "pequeño timonel" de la era posmaoísta —referencia a la designación de "gran timonel" aplicada anteriormente a Mao Zedong— insistió en que los contactos con otras naciones "de ninguna manera afectarán al sistema socialista de China".

En los últimos días, otros dirigentes chinos han enfatizado también que la apertura es sólo de naturaleza económica y que se rechazará la entrada al país de ideologías políticas y prácticas capitalistas. La insistencia de tales declaraciones se registra, presuntamente, ante la preocupación expresada en varios países, principalmente en el Japón, que tienen importantes intereses económicos en China.

♦ El ejército, con Zhao

Según lo expresado por Deng ante Mugabe, "la política china de abrirse al exterior y de vigorizar la economía está destinada a liberarnos de la pobreza".

Por otra parte, analistas militares occidentales en Pekín estimaron hoy que el nuevo secretario general del Partido Comunista chino, y primer ministro, Zhao Ziyang, contará con el apoyo del ejército, que ayudó a la caída de su antecesor, Hu Yaobang.

"Nunca, desde su instalación al frente del P.C.Ch., en 1980, Hu hizo un gesto dirigido a la jerarquía militar; por lo contrario, acumuló errores y mostró un autoritarismo que le valió la hostilidad de los oficiales superiores", afirmaron los expertos occidentales.

♦ El poder

De acuerdo con dichas fuentes, en China ningún político puede plantearse el ejercicio del poder sin contar con el apoyo del Ejército Popular de Liberación, que con cerca de 3 millones 200 mil hombres, es hoy numéricamente el mayor del mundo.

El E.P.L. contribuyó a la caída de Hu al oponerse una vez más a su designación, el 25 de diciembre último, como jefe de la Comisión Militar Central del P.C.Ch., cuyo presidente es Deng. En las previsiones para suceder a Deng, Hu habría debido ocupar la titularidad de dicha comisión desde octubre de 1987.

PARTES ILEGIBLE

La política del realismo práctico

PEKIN, 20 (por Jasper Becker, de "The Guardian", especial para Clarín). — Las declaraciones formuladas hoy por el líder chino Deng Xiaoping y algunos economistas sugieren que el programa de reformas económicas de China disminuirá su ritmo.

"Nuestros objetivos son ahora realistas y prácticos" dijo Deng, en su primera declaración pública desde la renuncia de Hu Yaobang a la dirección del Partido Comunista chino, el viernes último.

Según Deng, los errores del pasado fueron debidos a un "exceso de velocidad" y a la "sobredemanda", mientras actualmente la orientación tiende a "liberarnos de la pobreza". Paralelamente con estas expresiones del máximo dirigente, el "Diario del Pueblo" publicaba comentarios de economistas "conservadores" referentes a un retorno a los conceptos económicos tradicionales.

La producción de granos debe ser nuevamente prioritaria porque en China "no habrá estabilidad sin agricultura y habrá desorden sin granos", afirmaron miembros del influyente comité de la Asamblea Nacional Popular.

Tales palabras parecen una cita directa de las observaciones planteadas por el veterano economista Chen Yun en un congreso partidario de 1985. A menudo considerado como dirigente de la facción conservadora y rival de Deng Xiaoping, Chen había atacado en aquella oportunidad, cuando la producción granífera cayó por primera vez en seis años, las recientes reformas económicas.

La amplia advertencia de Chen fue considerada entonces como evidencia de peligrosas desavenencias en la cúpula dirigente respecto de las reformas.

Los miembros del comité también se hicieron eco de los puntos de vista de Chen Yun respecto de la necesidad de volver a reforzar la planificación centralizada. China no debe ser indulgente con el "consumismo" ni con el "alto consumo"; es "absolutamente necesario propiciar una dura lucha y oponerse a la extravagancia".

La cuestión de la necesidad de mayores controles sobre los gastos fue levantada también por Li Peng, el principal candidato para transformarse en primer ministro si es que Zhao deja esa jerarquía para consagrarse al cargo partidario.

Los puntos de vista de la línea dura conservadora comienzan a imponerse también en las artes. En una ominosa indicación de que toda libertad expresiva puede resultar restringida a partir de ahora, el ministro de Cultura, Wang Meng —quien según ciertos rumores recientemente debió hacer una autocrítica por sus propios enfoques liberales— se sumó al ataque contra el "liberalismo burgués".

Wang se había hecho pasible de un castigo en 1957, durante una campaña antiderechista, por su obra como escritor, y después de asumir el ministerio de Cultura (el año pasado) [illegible] la libertad de expresión de los artistas.

DENG SACRIFICA A HU AL QUE SE LE CREIA SUCESOR

PEKIN, 12 (ANSA).— El Secretario General del Partido Comunista Chino, Hu Yaobang, considerado hasta hoy el más probable sucesor de Deng Xiaoping como guía de China, parece haber caído en desgracia.

Los rumores en este sentido que circulan desde hace dos días en Pekín, parecen confirmados porque Hu Yaobang (71 años) no podrá recibir al Secretario General del Partido Liberal Democrático japonés, Noburu Takeshita, como se había previsto.

Trascendió que Hu decidió pasar un período de descanso fuera de Pekín por consejo de los médicos en lugar de recibir al dirigente japonés, a causa de una "gran postración física".

La sustitución de Hu habría sido decidida por el mismo Deng, sacrificando a un valioso aliado para contrarrestar los ataques de quienes, en el buró político del Partido Comuista y en las fuerzas armadas, preconizan más fidelidad a la ortodoxia marxista-leninista en la vida económica y social del país.

El malhumor de algunos sectores de la dirección china se fue acumulando desde hace un año por una serie de fenómenos negativos vinculados a la aplicación de las reformas y a la apertura del país al exterior. Estos van desde el escaso rendimiento de algunos sectores de la economía hasta las corrientes liberalizadoras surgidas en los intelectuales y economistas, en abierta oposición a los principios del "socialismo real".

La oleada de manifestaciones en las principales universidades del país, que se verificó en las últimas semanas, hizo de catalizador para el descontento del ala más ortodoxa.

Esto obligó a Deng a tratar de resolver el problema con una purga, que ya afectó a algunos intelectuales y parece que llegó incluso a la cumbre del Partido.

Si se confirma, la caída de Hu pondrá nuevamente en discusión el problema de la renovación de la máxima dirigencia del país, que se esperaba para el 13º Congreso del Partido, programado para octubre.

Hu asumió la Secretaría General del Partido Comunista en 1980 y desde entonces se empleó a fondo junto a Deng, en la aplicación de las reformas económicas, conocidas como "nuevo curso" chino.

Deng y Hu anunciaron que tenían la intención de retirarse de la vida política activa antes que termine este año, para abrir camino a elementos más jóvenes.

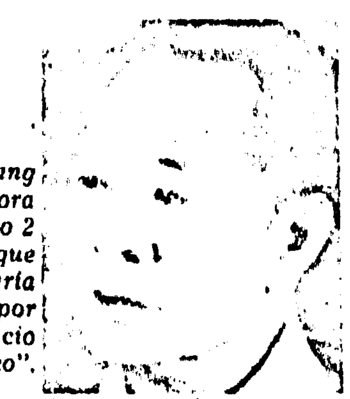
Pero una eventual salida de escena de Hu Yaobang, se dice en medios bien informados, privaría a los reformadores de uno de sus elementos más valiosos, además de eliminar al más obvio sucesor de Deng como líder de China. Esto obligaría al anciano dirigente a seguir en su cargo.

INTELECTUALES LIBERALES "PAGARAN EL PATO"

PEKIN, 12 (EFE).— Intelectuales liberales, que se atrevieron a hablar claro durante el reciente período de permisividad, pagarán los platos rotos de la actual crisis política.

Como en otras ocasiones en el pasado, el Partido Comunista habló de un nuevo clima de tolerancia y de emancipación para los intelectuales pero después "cortó las cabezas" de los que más se atrevieron a sobresalir.

El "Diario de la Claridad", periódico pensado para los intelectuales, se refirió claramente a un destacado científico e intelectual chino, Fang Lizhi, al que acusó de promover la total entrada de ideas capitalistas en China.



Hu Yao Bang hasta ahora el número 2 de China que se retiraría por "cansancio físico".

Paradójicamente, el propio diario publicó hace tres meses una entrevista al profesor en la que éste defendía crear una atmósfera de democracia y libertad que permita a los intelectuales cultivar su conciencia.

En ese momento se estimulaba a los intelectuales a exponer sus opiniones y criterios sin miedo.

Ahora se les acusa de fomentar "ideas liberales y burguesas que llevan a China por el camino del capitalismo".

Otro de los que están en la lista de "reos" es Liu Bingyan, un escritor liberal, articulista del "Diario del Pueblo", que ya tuvo problemas en la famosa campaña de Mao "de las cien flores", en la que se apeló a la independencia de los intelectuales.

01-01

8701304

Chino

LA NACION 17-1-87

AN

La renuncia de Hu al PC chino

(Continuación de la página 1, col. 6)
cia de estilo occidental y libertades precipitaron la crisis.

El anuncio fue una sorpresa porque Hu, de 71 años, es un viejo aliado de Deng y fue éste quien lo eligió para que orientara al Partido Comunista en medio del proceso de cambios.

"Deng está debilitado y los reformadores también", estimó un diplomático occidental.

"Los adversarios de Deng deben estar frotándose las manos alegremente", dijo otro diplomático.

"El principal mensaje oficial en los próximos días será que este cambio no afectará el proceso de reformas", agregó.

Hu era impopular entre la línea dura del Partido Comunista y el Ejército, pero siempre contó con todo el apoyo de Deng.

Diplomáticos opinaron que Hu cayó en desgracia con Deng cuando quiso llevar el proceso de reforma y liberalización hasta un punto que el líder chino no estaba dispuesto a consentir.

El primer ministro Zhao Ziyang, otro protegido de Deng, fue nombrado jefe interino del partido, pero aún no fue posible determinar si retendrá los dos cargos indefinidamente o si en breve transferirá uno de los puestos a otro dirigente.

En los últimos días circularon los nombres de varios posibles sucesores de Zhao, entre ellos el viceprimer ministro Li Peng.

Uno de los miembros del politburó, Hu Quili, un seguidor de Hu Yaobang, fue considerado el principal candidato para reemplazar al primer ministro, decisión que se podría haber oficializado durante la reunión del congreso del partido en septiembre. Pero diplomáticos dijeron que ahora la designación de Hu es poco probable.

Retiro del líder

Deng manifestó en varias ocasiones su deseo de retirarse y de dejar el país en manos de sus herederos, Hu y Zhao, pero la remoción de Hu indica que todavía tendrá que seguir cumpliendo sus funciones por un buen tiempo.

"Si alguien piensa en el retiro de Deng, es mejor que lo olvide", señaló un diplomático.

La política económica de puertas abiertas y otras reformas ya instituidas seguirían en vigor, pero las iniciativas para extenderlas inevitablemente se desacelerarían en los próximos meses.

La remoción de Hu también tendrá un efecto desalentador sobre los intelectuales chinos, que el año último fueron convocados por el partido a olvidar las purgas del pasado y sumarse con entusiasmo al proceso de reformas.

"Los intelectuales están muy preocupados por los efectos de estos cambios", expresó un diplomático.

Otros diplomáticos opinaron que los hechos llevan a plantearse la pregunta de si el control que Deng ejerce sobre la política china no estará comenzando a resquebrajarse.

"Deng ahora tiene 82 años, y debe enfrentar el hecho de que en algún momento no estará para seguir controlando las cosas", dijo un diplomático. "Esto arroja dudas sobre toda la estrategia de sucesión y lleva a uno a preguntarse cuánto tiempo se mantendrá en el poder".

CHINO

EL MUNDO EL DIA 02-1-87

PN

Estudiantes chinos demandan democracia

PEKIN. — Miles de manifestantes que gritaban "Viva la democracia", desfilaron ayer desafiantes por el centro de la capital china, pero fueron rechazados por cientos de policías cuando intentaron ocupar la histórica plaza Tienanmen.

Unos 2.000 estudiantes que exigían la liberación de por lo menos 24 compañeros supuestamente detenidos por la Policía, manifestaron en torno al predio de la Universidad de Pekín. Los estudiantes, que coreaban el himno nacional chino y gritaban "Suelten a nuestros camaradas", amenazaron con realizar otra marcha callejera ilegal, la que efectivamente se efectuó momentos después.

Más de 3.000 estudiantes marcharon a través del cinturón universitario de Pekín insistiendo en la liberación de los detenidos.

Los manifestantes, agitando los brazos y coreando "Liberen a nuestros camaradas", salieron de la Universidad de Pekín y marcharon hacia la cercana Universidad de los Pueblos, uniéndose en el trayecto a sus filas varios centenares de personas.

Poco después de salir de esta universidad, se encontraron con alrededor de 300 policías que formaban una barricada humana en una intersección cubierta de nieve. Los manifestantes, empero, proclamando la "Unidad de la Universidad de Pekín" forcejearon con los policías.

Los policías con megáfonos aconsejaban a los manifestantes a regresar a sus universidades, mientras otros los filmaban.

Antes de salir de la Universidad de Pekín, miles de estudiantes marcharon a la casa del presidente de la institución, Ding Shisun, para entregarle varias demandas, incluyendo un pedido para la liberación de 24 colegas detenidos en una primera manifestación de ayer en la plaza Tienanmen.

Ding, de quien se informó que estaba en contacto con el alcalde de Pekín, Chew Xitong, y otros miembros del poderoso comité central del Partido Comunista, más tarde dijo, para regocijo de los estudiantes, que los 24 detenidos serían liberados.

A pesar del anuncio de Ding, alrededor de 3.000 estudiantes salieron de los predios universitarios insistiendo en la liberación de sus compañeros.

Ding apareció otra vez para decir a los manifestantes que había enviado ya ocho vehículos al centro de Pekín en busca de los detenidos, pero para entonces otro grupo de manifestantes ya estaba varias cuadras más allá.

Los estudiantes pidieron también que no se tomen represalias contra los manifestantes, la cobertura noticiosa completa de las marchas en la prensa oficial y una "exacta evaluación" de las manifestaciones por parte de las autoridades de la ciudad, la universidad y funcionarios del comité central del Partido Comunista.

CHINO

opinión
Sábado, 3 de enero de 1987

U/NOTICIA 03-1-87

Democracia en el comunismo es como pedir peras al olmo

Las manifestaciones estudiantiles con que se ha cerrado 1986 en China comunista son un hecho a analizar y a tener en cuenta, tanto para conocer el comunismo y sus tácticas como para evaluar la verdadera situación del continente chino respecto a la democracia y a Occidente.

En todo el mundo comunista se viene observando un esfuerzo sostenido por disimular o congelar temporariamente las taras ideológicas que le impiden alcanzar el progreso económico y tecnológico del Occidente capitalista. Pero, con la misma claridad, también se observa que los principios básicos de la estructura totalitaria del Estado comunista, así como los objetivos sustanciales de la evolución histórica de la humanidad, se mantienen férreamente intactos y, ante eventuales "desviaciones", se subrayan enérgicamente como advertencia a los "revoltosos" que piden democracia.

En una docena de grandes ciudades de China comunista se han multiplicado las manifestaciones de estudiantes universitarios que, en columnas que han superado en algunos casos los treinta y cuarenta mil y a las que se han sumado también contingentes importantes de trabajadores, han exhibido elocuentes consignas en sus pancartas: "Viva la democracia", "Queremos libertad"; o han condenado el "tratamiento nazi" de la policía. En un contexto de "libertad económica" para inversores extranjeros en áreas restringidas, o de habilitaciones parciales para alguna que otra actividad económica privada, es evidente que lo que estas masas estudiantiles reclaman no son parches o pragmatismos económicos para superar el subdesarrollo y el bajo nivel de vida que les da el comunismo, sino un sistema entero de libertades políticas, como el que ellos ven en las democracias occidentales. Exigen libertad política, pluripartidismo, elecciones libres y todo aquello que implica el protagonismo del individuo, libremente asociado, en la conquista de su destino social y de su dignidad humana y personal.

*Pero eso no es permitido en un Estado comunista. En una declaración oficial a la prensa extranjera, una alta autoridad educativa lo recordó: **"El Partido Comunista chino quiere construir una sociedad democrática. Pero ello sólo es posible si se respetan cuatro principios de la revolución: la vía socialista, la dictadura democrática del pueblo, el liderazgo del Partido Comunista y los principios del marxismo leninismo".** Cualquiera entiende que, si en China comunista no se puede pensar fuera de los esquemas marxistas leninistas, si no se puede optar por ningún camino que no sea el socialista impuesto por una élite iluminada, etc., todas las reformas y concesiones de Deng Xiaoping en materia económica no tienen nada que ver con la democracia y la libertad de los hombres, sino con una eficiencia que el comunismo no puede tener en materia económica y tecnológica. En definitiva, pues, quienes responden a los señuelos que China está ofreciendo, confirman una vez más el famoso pronóstico de Lenin sobre la cuerda que el mismo capitalismo se afanará en tejer para ser ahorcado por el comunismo. La caricatura sobre los tratados de Yalta de un diario madrileño: "Engordar al cerdo para luego no poderlo matar".*

Nadie puede engañarse sobre ciertas aperturas seudoliberales de una ideología tan dogmática y cerrada como la comunista. Las empresas privadas familiares (sin empleados, sólo para trabajar en el tiempo libre y sólo para familiares que viven juntos) que en mayo empezarán a funcionar en Rusia, sólo tratan de paliar el descontento de grandes masas de consumidores ante la ineficiencia de las empresas estatales de la Unión Soviética. El simulacro cubano de un parlamento democrático sólo es una pantalla de la tiranía: no ha sido invitado a la "Cuarta Conferencia de Parlamentos Iberoamericanos" a celebrarse en Madrid, provocando las iras de Fidel Castro, que ha calificado (¡tan luego él!) de "tipejo fascitoide" al Presidente del Congreso Español por haber descartado a un engendro comunista de lo que sólo es para "cámaras legislativas de carácter representativo y plural".

Y así muchos casos más de remedos más o menos groseros, siempre parciales y utilitarios, de instituciones y mecanismos democráticos; pero ninguno, jamás, de principios sustanciales del sistema democrático libre y dignificador de la persona.

¿Serán la excepción el comunismo uruguayo y sus socios?

(Continúa en la pág. 8 col. 1)

Ofensiva diplomática china para atenuar repercusiones

Pekín, 17 (ANSA) – Las autoridades chinas comenzaron una ofensiva diplomática para tranquilizar al resto del mundo sobre el hecho de que la destitución del secretario general del partido Comunista, Hu Yaobang, anunciada ayer en el marco de una campana contra elementos considerados de derecha, no frenará la política de apertura y las reformas económicas.

Al recibir a un diplomático de Europa occidental pocas horas después del anuncio de la renuncia de Hu Yaobang, el canciller Wuy Xuequian señaló que la política de apertura china, en particular hacia Europa occidental, no cambiará a causa de las novedades en el partido y en el gobierno.

Una de las primeras reacciones de preocupación fue la de los ambientes financieros de Hong Kong. Una fuente económica de la colonia británica (que dentro de diez años volverá bajo soberania china) dijo que se esperaba una baja del precio de las acciones en la reapertura de la bolsa, el lunes próximo.

La renuncia de Hu Yaobang, el mas intimo colaborador del lider Deng Xiao Ping, fue precedida por una ola de manifestaciones universitarias que pedian más democracia en el pais. Hu Yaobang era promotor de reformas radicales a las que se oponian las fuerzas más conservadoras del partido. Su renuncia fue el resultado de la lucha entre las fuerzas conservadoras y las progresistas, dentro del mismo.

Mientras tanto continúan las reuniones de alto nivel tras el nombramiento del premier Zhao Ziyang como secretario general del partido en lugar de Hu Yaobang. Segun los observadores, a breve plazo sera designado un nuevo premier. Al respecto se señala que el comité político consultivo de la Asamblea del Pueblo (Parlamento), a la que corresponde la ratificación del nombramiento del premier, está reunido desde hace unos días.

El nombre que fuentes chinas consideran más probable entre los candidatos al cargo de "premier" figura el del actual alcalde de la ciudad de Tianjin, Li Ruihuan, un ex albañil y sindicalista que tiene el mérito de haber sabido explotar a fondo las oportunidades ofrecidas por las reformas para comenzar el proceso de desarrollo industrial de su ciudad.

La "purga" de elementos acusados de "liberalizacion burguesa" no habría terminado, según los observadores, tras la expulsion del partido de algunos intelectuales. Desde hace una semana la prensa oficial no menciona al ministro de cultura Wang Weng, cercano a Hu Yaobang, pero segun aseguró un vocero del ministerio aún no hay cambios.

Duros ataques al renunciante

La renuncia de Hu Yaobang fue publicada hoy en primera página en los principales periodios de China. El hombre que se pensó que un día conduciria los destinos del país, fue atacado por su actitud permisiva hacia las nuevas tendencias capitalistas.

Una declaración publicada hoy por el periodico del partido Comunista, "Diario del Pueblo", afirma que el luchar contra el "liberalismo burgués", en referencia al capitalismo, es una "tarea urgente".

"Algunas organizaciones, especialmente jefes de partido, ven (las tendencias capitalistas) pero dicen que no las ven, oyen pero no escuchan, son permisivos y apáticos", señala el articulo en clara referencia a Hu.

"Su posicion no es clara frente a las nuevas tendencias liberales, su actitud no es firme, son debiles

AN

LA PRENSA 18-1-87

PARTES POCO LEGIBLE

CHINO

Reemplazarían al jefe del partido Comunista chino

Pekín. 13 (UP) – El líder chino. Deng Xiaoping, y otros funcionarios evitaron hoy comentar la ausencia pública desde hace dos semanas del jefe del partido Comunista, Hu Yaobang, incrementando los rumores de que se considera su reemplazo a raíz de las protestas estudiantiles exigiendo más democracia en China.

Una fuente china, reiterando informes del diario del partido comunista italiano, "L'Unita", y la agencia noticiosa yugoslava, Tanjug, señaló que se espera que Hu sea reemplazado por el primer ministro Zhao Ziyang en el vigésimo tercer congreso partidario que se efectuara en octubre.

Posible sucesor

Los informes no confirmados estimaron que Zhao sería reemplazado en su cargo actual por el alcalde de Tianjin, Li Ruihuan, de 52 años de edad.

En su primera declaración pública sobre las manifestaciones estudiantiles, Deng dijo al visitante dirigente del partido Democrático Liberal japonés, Noboru Takeshita, que "varios conocidos miembros del partido Comunista comparten esas ideas" (de los manifestantes).

Deng mencionó al físico Fang Lizhi y a los escritores liberales Liu Binyan y Wang Ruowang, según fuentes japonesas.

Según fuentes chinas, los tres podrían ser expulsados del partido Comunista chino, de 44 millones de miembros.

Críticas de los manifestantes

En relación a las protestas estudiantiles, Deng afirmó que los manifestantes eran anticomunistas y partidarios de una "total occidentalización", término que oficialmente significa el apoyo del capitalismo y la negación del socialismo.

Fang, conocido entre los estudiantes como "el Andrei Sakharov de China", fue destituido ayer de su cargo como vicepresidente de la Universidad de Ciencias Naturales y Tecnología de la ciudad oriental de Hefei por supuestamente incitar a los estudiantes a protestar.

El presidente Guan Weiyan también fue destituido.

Cuando Takeshita le pidió que deseara a Hu una pronta mejora, Deng sólo respondió: "Gracias", dijeron los diplomáticos.

El diario del partido Comunista italiano, "L'Unita", informó que Deng podría estar preparando el reemplazo de Hu con Zhao Ziyang, y el traslado del alcalde de Tianjin, Li Ruihuan, al puesto de Zhao.

Hu ha mantenido una estrecha relación con Deng hace más de 40 años, alianza que lo ayudó a alcanzar el liderazgo del partido en 1980.

Desmentida

Por otra parte, un vocero gubernamental desmintió una versión aparecida en la prensa oficial de que Jiang Qing, la viuda de Mao Tse-Tung, quien está encarcelada por haber encabezado la "banda de los cuatro", sufre de cáncer y está agonizando en un hospital de Pekín.

El vocero del Ministerio de Seguridad Pública, Wang Jingrong, señaló que Jiang, de 73 años, está sufriendo de males "tal como otra gente vieja" y "está cumpliendo su sentencia de cárcel normalmente".

LA PRENSA 14-1-87

PARTES POCO LEGIBLE

LA PRENSA 19/1/87

CHINO

Zhao Ziyang: "no existe inestabilidad"

Pekín, 18 (UPI) – El "premier" chino y jefe del partido Comunista, Zhao Ziyang, descartó como "injustificados" los temores de que la renuncia del ex líder Hu Yaobang llevaría a la inestabilidad a China.

Zhao habló en una reunión con el visitante [illegible] del partido de Tra[illegible] socialistas de Hungría, Havasi Ferenc, su primer acto oficial como secretario general del PC chino desde que fue electo para reemplazar a Hu, el viernes.

"Los temores de inestabilidad política son injustificados", acotó Zhao, añadiendo que los cambios en el ce[illegible] del partido están "dirigidos a asegurar la continuidad y estabilidad de nuestras políticas".

Los cambios de dirigentes recientemente aprobados por la reunión expandida del Politburó de ninguna manera afectarán los planes, direcciones y políticas internas y externas del partido", aseguró una trasmisión radial a todo el país en que se citó a Zhao.

Zhao también descartó ansiedades de que una nueva purga nacional de "liberales burgueses" –así definidos aquellos que se oponen al socialismo y favorecen el [illegible] se desarrollaría en una campaña a gran escala.

"Somos un partido maduro", dijo Zhao. "Nos oponemos al liberalismo burgués, pero no vamos a librar campañas".

El viceprenmier Li Peng le aseguró a los intelectuales –las primeras víctimas de la campaña de purga de "liberales burgueses"– que China tiene una total confianza en ellos.

PARTES ILEGIBLES

8701310

Hacen más cargos a Hu en China

PEKIN, 19 (AFP, AP y EFE) — Hu Yaobang, hasta el pasado viernes secretario general del Partido Comunista chino "se resistió durante siete años a las directrices políticas del máximo dirigente Deng Xiaoping", según una nueva acusación lanzada ayer por el nuevo secretario general del P.C., Zhao Ziyang, a modo de explicación de la decisión del buró político del comité central para forzar la dimisión de aquel. La explicación fue dada por Zhao a Havasi Ferenz, secretario del Partido Socialista de los Obreros Húngaros, con quien sostuvo una reunión.

Hu fue asimismo acusado de ser "blando" en su posición a la infiltración de la corriente "liberalizadora burguesa" dentro del Partido Comunista chino. Anteriormente, Hu había sido acusado de aplicar medidas de reforma política "con demasiada rapidez" y de actuar erróneamente durante la crisis ocasionada por las recientes manifestaciones estudiantiles.

Zhao, que sustituyó el viernes a Yaobang, aseguró a los intelectuales que no serán perseguidos en la campaña que se libra actualmente contra las ideas liberales de Occidente, dijo en un despacho la agencia oficial china Xinhua.

♦ Mayor cooperación

Xinhua atribuyó a Zhao haber manifestado hoy que "el cambio de personas no afectará nuestra línea ni nuestras políticas, sino que nos permitirá llevarlas a cabo más correctamente". Zhao agregó que "continuaremos con la política de apertura al mundo exterior, ampliaremos, en lugar de reducir, nuestra cooperación con los países extranjeros en las esferas del comercio, economía, técnica y otros campos. Esta cooperación será ampliada en extensión y en profundidad".

Zhao, de 67 años, es firme partidario de las reformas económicas iniciadas por Deng cuando asumió el poder (en 1978) para modernizar a la nación.

La campaña contra la denominada "liberalización burguesa" o contra las actitudes antisocialistas y antipartido continuaron hoy con la publicación de un extenso artículo en el "Diario del Pueblo", que cita extractos de discursos pronunciados por Deng entre 1979 y 1986. El artículo del "Diario del Pueblo" señala que los discursos de Deng de esa época demuestran que el líder chino "se opuso resueltamente, desde hace tiempo, a la ola de liberalización burguesa".

La agencia Xinhua dijo que Zhao manifestó hoy que "China no lanzará un nuevo movimiento político ni tampoco recurrirá a las prácticas izquierdizantes del pasado".

POCO LEGIBLE

01.01

8701311

CHINO PICNO

033

LA PRENSA 17/1/87

FICHA

Dimitió el segundo jerarca en China

Pekín, 16 (UP) – Hu Yaobang, considerado el segundo hombre más poderoso de China por cerca de siete años, renunció hoy como secretario general del partido Comunista más grande del mundo, aparentemente víctima de una nueva campaña contra las tendencias capitalistas.

La radio y la televisión anunciaron que una sesión plenaria especial del gobernante politburó eligió por unanimidad al primer ministro Zhao Ziyang, de 67 años, como secretario general interino del partido Comunista de China, que cuenta con 44 millones de militantes, en reemplazo del dimitente.

Zhao es un reformista urbano que ganó su reputación como el máximo dirigente del partido Comunista en la provincia central de Sichuan, donde trasformó la atrasada región en un modelo para la nación.

El nuevo dirigente del partido ha sido primer ministro desde 1980, cuando fue traído a Pekín por el anciano líder Deng Xiaoping. Los anuncios no indicaron si continuará en el cargo.

Fuentes chinas señalaron que es posible que sea reemplazado por el viceprimer ministro Li Peng o por el alcalde de Tianjin, Li Ruihuan.

Un comunicado del politburó indicó que Hu, de 71 años, "hizo una autocrítica de sus errores sobre importantes principios políticos en violación del principio del partido de la dirección colectiva".

No dio detalles y agregó que Hu solicitó que el comité central aprobara su renuncia. La decisión aparentemente terminó una estrecha asociación con Deng que duró más de 40 años.

"Los participantes en la reunión hicieron al camarada Hu Yaobang una seria y amistosa crítica y al tiempo reconocieron sus logros en el trabajo", expresó el comunicado.

El anuncio puso fin a varios días de especulaciones de que Hu, que no fue visto en público por más de dos semanas, había caído en desgracia por no adoptar una línea lo suficientemente dura contra el "liberalismo burgués" en China.

033

LA NACION 21/I/87

Rpca. Popular de China

Deng alienta la inversión extranjera

PEKIN, 20 (UPI). - El líder Deng Xiaoping, que preside una creciente campaña contra las tendencias capitalistas, dijo hoy que China debe abrir más sus puertas al mundo exterior.

Durante sus conversaciones con el primer ministro de Zimbabwe, Robert Mugabe, que se halla de visita en Pekín, Deng también dijo que China había tratado de ir demasiado rápido y que se había esperado demasiado de sus reformas económicas y sociales.

"Nuestros objetivos ahora son realistas y prácticos", dijo Deng, según informó la agencia noticiosa oficial Xinhua.

"Los errores de China cometidos hace unos cuantos años se debieron a una velocidad excesiva y a la sobredemanda, sin tener en cuenta las realidades del país", sostuvo.

Deng, de 82 años, que ha dirigido una lucha contra el "liberalismo burgués" o influencias capitalistas, defendió su política de abrirse al mundo exterior.

"Si hay algunos errores en mejorar nuestra política de puertas abiertas, el principal es que China necesita abrirse más", dijo Deng en un aparente intento por tranquilizar a los inversionistas extranjeros, preocupados por la perspectiva de nueva inestabilidad en esa nación.

R.P. CHINA

Hu sigue sin aparecer

PEKIN, 15 (EFE). — El secretario general del Partido Comunista Chino, Hu Yaobang, canceló hoy definitivamente una entrevista prevista con el presidente del Partido Comunista Finlandés, Arvo Aalto.

Un portavoz de la Embajada de Finlandia en Pekín anunció que la entrevista fue cancelada por "indisposición" del secretario general.

Este fue el segundo compromiso internacional suspendido por Hu Yaobang en los últimos tres días y se produce en medio de rumores de todo tipo sobre su inmediato futuro político.

La visita de la delegación comunista finlandesa fue la más importante en los últimos 20 años.

La delegación fue recibida esta mañana por el principal dirigente chino, Deng Xiaoping.

Un portavoz del Partido dijo que Hu Yaobang continúa indispuesto, pero a la pregunta de si aún es secretario general respondió "no puedo confirmarlo, ni negarlo".

Hu Yaobang, de 71 años, podría ser una víctima de la crisis política originada por un mes de manifestaciones estudiantiles en pro de la democracia y libertad en, al menos, doce ciudades de todo el país.

G. Colon 15/1/87

China: anuncian dos expulsiones

PEKIN (ANSA, EFE Y UPI).- El Partido Comunista Chino anunció ayer la destitución del rector y vicerrector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de China, en Hefei, cuna del movimiento estudiantil prodemocracia.

Guan Weiyan, rector, y Fang Lizhi, vicerrector, considerado este último inspirador ideológico del movimiento estudiantil, fueron expulsados de sus cargos y acusados de favorecer la liberalización burguesa en la universidad.

Fang Lizhi, que algunos han calificado como el Sajarov chino, fue acusado de defender la liberalización burguesa (negar el socialismo y promover el capitalismo), difamar a la dirección del partido y sus dirigentes, negar los logros de éste en las últimas décadas y calumniar el sistema socialista.

Por su parte, el rector de la universidad fue acusado de hacer oídos sordos a los hechos y palabras en favor de la liberalización burguesa.

Guan fue también acusado de la mala influencia causada a nivel nacional por los problemas estudiantiles habidos en su universidad.

Hefei, la capital de la provincia de Anhui, al este de China, fue la cuna del movimiento estudiantil prodemocracia iniciado el cinco de diciembre.

Las manifestaciones cesaron hace unos días después de una fuerte presión estatal y amenazas contra los participantes.

LA MAÑANA 13-1-87

MUNDO 3ok 13/1/87

CHINA

"Error de estudiantes" dice Deng

PEKIN, 13 (EFE). — El máximo dirigente chino, Deng Xiaoping, dijo hoy que las recientes manifestaciones estudiantiles fueron "un gran error" y que el gobierno no cambiará su política.

En su primera declaración pública sobre las protestas estudiantiles pro-democracia, Deng Xiaoping dijo que los estudiantes no tuvieron "una buna guía" (ideológica) y el partido deberá trabajar ahora en ello.

El dirigente chino habló en una entrevista que mantuvo hoy con el secretario general del Partido Liberal Democrático japonés, Takeshita Nobulu.

"Sólo un uno por ciento de los estudiantes del país tomó parte en las manifestaciones. No podemos considerarlo, pues, un movimiento extraordinario", dijo Deng.

Se refirió también a algunas personas que han abogado por la total "occidentalización" de China, y nombró a tres: Fang Lizhi, profesor de astrofísica, y los escritores Liu Binyan y Wang Rowang.

El primero fue expulsado de su cargo de vicerrector de la Universidad en Hefei, cuna, del movimiento estudiantil.

Los otros dos son escritores liberales —uno del periódico del partido "Diario del pueblo"— y, al parecer han sido expulsados de sus cargos

EL PAIS 9/1/87

CHINO

COMBATES

BANGKOK, 8 (ANSA).— Las tropas chinas están concentrando sus ataques contra un punto de ingreso al territorio vietnamita a lo largo de la frontera entre los dos países, la misma zona donde hubo duros combates durante la guerra entre ambos países comunistas en 1979, según informó hoy un vocero de la Embajada de Hanoi en Bangkok.

Según fuentes chinas los combates, 225 kilómetros al norte de Hanoi, prosiguieron hoy por cuarto día consecutivo, pero según la agencia de prensa oficial vietnamita (VNA) Hanoi quiere mejorar las relaciones con Pekín.

BOMBARDEO

PARIS, 8 (ANSA).— La cla-

01-01

8701317

Cambios y remociones en China a raíz de protestas estudiantiles

La destitución por el Partido Comunista chino de las máximas autoridades académicas de la Universidad de Hefei, acusadas de instigar las recientes manifestaciones estudiantiles así como de "defender la liberalización burguesa y calumniar al sistema socialista", se vio acompañada en las últimas horas por crecientes versiones sobre posibles cambios en la más alta dirigencia del partido: su secretario general, Hu Yaobang, no recibió a dos líderes partidarios del exterior. Otros trascendidos sobre remociones en el interior del país.

Agencia AFP



El líder del Partido Comunista chino, Hu Yaobang, aparece aquí en una fotografía que se le tomó en 1934. Hay inquietud en Occidente por su ausencia en la escena política.

PEKIN, 12 (AFP, UPI, EFE, Reuter, ANSA y "The Washington Post", especial para Clarín). — El rector y el vicerrector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei fueron expulsados de sus cargos por orden del Partido Comunista chino, acusados de promover las revueltas estudiantiles que durante diciembre último afectaron a más de una docena de ciudades en todo el país, informó hoy la agencia oficial Xinhua (Nueva China).

También en la fecha trascendió que se habrían producido cambios y remociones, aún no confirmados oficialmente, en el Departamento de Propaganda e Información del propio partido.

Simultáneamente suscitó crecientes especulaciones entre los observadores occidentales el anuncio de que el secretario general partidario, Hu Yaobang, no pudo recibir al jefe del Partido Democrático-Liberal japonés, Noburu Takeshita, por hallarse en un estado de "extrema fatiga", según dio a conocer un diplomático nipón.

Hu, de 71 años, al frente del P.C.Ch. desde 1980 y tenido por firme aliado del líder máximo Deng Xiaoping, fue visto por última vez en público el 28 de diciembre, cuando se encontró con el primer secretario del Partido Socialista francés, Lionel Jospin.

Varios observadores y medios diplomáticos occidentales sugirieron que el anuncio respecto de Hu podría estar vinculado con posibles cambios en el liderazgo del partido chino, de 44 millones de miembros.

Una fuente china, cuya identidad no fue revelada, señaló a informantes occidentales que Hu Yaobang y el viceprimer ministro Wan Li fueron blanco de veladas críticas por parte de Deng durante un encuentro, el 4 de este mes, de siete altos funcionarios que discutieron la ola de inquietud universitaria.

Funcionarios finlandeses dijeron, por su parte, haber sido informados de que habrá nuevos cambios en la agenda de un ya retrasado encuentro entre Hu y otro visitante a China, el presidente del Partido Comunista de Finlandia, Arvo Aalto, que llegó a Pekín el 6 de este mes en visita de 10 días y es el el primer dirigente comunista de su país que arriba a China en más de dos décadas. provincial.

El "Sajarov chino"

En cuanto a las destituciones en la Universidad de Hefei, que fue cuna del movimiento estudiantil en reclamo de reformas democráticas, su titular Guan Weiyuan fue sancionado por negligencia en el cumplimiento de su deber, "que trajo consigo el abandono del trabajo ideológico y político" en dicha ciudad capital de la provincia de Anhui, al este del país.

A su vez, el vicerrector Fang Lizhi —prestigioso profesor de astrofísica destinado ahora a un observatorio astronómico en Pekín—, cesó en su cargo por defender "la liberalización burguesa, difamar a la dirección del Partido, negar los logros de éste en las últimas décadas y calumniar al sistema socialista", según la información.

Lizhi, llamado por muchos "el Sajarov chino" —en alusión al físico disidente soviético Andrei Sajarov— y considerado el inspirador ideológico de las movilizaciones estudiantiles surgidas a partir del 5 de diciembre, había sido elogiado como un "científico modelo" por la prensa oficial, hace sólo tres meses.

Otra expulsión

El académico, que pronunció numerosas conferencias en el exterior, además de recibir premios internacionales, habría sido también expulsado del Partido Comunista según versiones. Sus artículos, leídos y hechos circular en las reuniones estudiantiles, propiciaban una "representación más democrática" en las Asambleas Legislativas.

Anoche, la televisión retransmitió una reunión del claustro profesoral de Hefei, en la cual un miembro del Comité Central, Zhu Guangzhao, informó de la medida contra Weiyuan y Lizhi.

Las sillas de ambos aparecían vacías en una sala colmada. Zhu insistió largamente en la "culpabilidad" de Fang, calificando a sus ideas de "liberales burguesas, opuestas al socialismo, a la dictadura democrática popular, a la dirección del partido, al marxismo-leninismo" y "al pensamiento de Mao Tsé-tung".

01-01 8701318

Aumenta a catorce personas acusadas

China: nuevo detenido por incitar manifestaciones

Un trabajador de la localidad costera de Qingdao, Yu Chunyan, fue detenido el sábado por la Policía acusado de inicitar a estudiantes a manifestarse durante la campaña prodemocracia y libertad del mes de diciembre.

CHINA (EFE).— Según la Policía, Yu Chunyan dirigió cartas a estudiantes de varias ciudades, entre ellas Pekín, Shanghai y Nanjing "instigando a los estudiantes a manifestarse y a boicotear los exámenes".

La Policía local describió a Yu como "hostil al sistema socialista" y añadió que a mediados de 1986 intentó formar una organización política "contrarrevolucionaria" denominada "Nuevo Partido Nacional Social Democrático".

Con éste se eleva a catorce el número de personas detenidas por su participación en instigar o secundar manifestaciones prodemocracia que desarrollaron una crisis política que el viernes supuso la caída del Secretario General del Partido Comunista chino, Hu Yaobang.

El nuevo Secretario General, Zhao Ziyang, que aún conserva su título anterior de Primer Ministro, aseguró ayer a un alto funcionario húngaro que la política básica de China no cambiará.

"Los temores de inestabilidad y de cambio de política son infundados. China y el Partido Comunista mantendrán su política interior y exterior", dijo Zhao.

La prensa china lanzó ayer duras críticas contra el escritor Wang Ruowang, expulsado del Partido Comunista hace poco, después de haber permanecido en él cincuenta años.

Wang fue acusado de pregonar la total occidentalización de China, el camino capitalista y un sistema político multipartidista.

Un artículo en el "Diario del Pueblo" órgano del Partido Comunista, sentenció: "Nunca permitiremos que nadie intente negar el sistema socialista para introducir totalmente el capitalismo".

Zhao: "Somos un partido maduro"

Jefe del Partido descartó temores de inestabilidad

PEKIN, (ANSA y UPI).— El premier chino y jefe del Partido Comunista, Zhao Ziyang, descartó ayer como "injustificados" los temores de que la renuncia del ex líder del partido Hu Yaobang llevaría a la inestabilidad a China.

Zhao habló en una reunión con el visitante secretario del Partido de Trabajadores Socialistas de Hungría, Havasi Ferenc, su primer acto oficial como Secretario General del Partido Comunista chino desde que fue electo para reemplazar a Hu, el viernes.

"Temores de inestabilidad política son injustificados", dijo Zhao, añadiendo que los cambios en el liderato están "dirigidos a asegurar la continuidad y estabilidad de nuestras políticas".

"Los cambios de dirigentes recientemente aprobados por la reunión expandida del Politburó de ninguna manera afectarán los planes, direcciones y políticas internas y externas del partido", dijo una transmisión radiada a todo el país en que se citó a Zhao.

Zhao también descartó ansiedades de que una nueva purga nacional de "liberales burgueses" — definidos como aquellos que se oponen al socialismo y favorecen el capitalismo — se desarrollaría en una campaña a gran escala.

"PARTIDO MADURO"

"Somos un partido maduro", dijo Zhao. "Nos oponemos al liberalismo burgués, pero no vamos a librar campañas".

El vicepremier Li Peng le aseguró a los intelectuales — las primeras víctimas de la campaña de purga de "liberales burgueses" — que China tiene una total confianza en ellos.

"Alguna gente está tratando de incitar a los intelectuales contra el partido, asegurándoles que serán las primeras víctimas de una campaña contra el liberalismo", citó la agencia Xinhua a Li.

"Pero esto es una mentira y una calumnia", apuntó.

Hablando en una reunión para criticar ideas "burguesas", varios altos académicos advirtieron que todo debate en China "tiene que ser guiado por el marxismo", dijo un informe publicado en los periódicos ayer.

"Alguna gente considera el marxismo como una de entre cientos de escuelas", dijo el filósofo He Lin, en referencia al llamado de Mao Tse-tung "Que florezcan cien flores, que rivalicen cien escuelas de pensamiento", que Hu revivió el año pasado en un intento por alentar un debate más vigoroso y abierto entre los intelectuales de China.

"Pero aun bajo la política de permitir un centenar de escuelas de pensamiento, el marxismo no es una más, sino la dominante y la que tiene la función de guiar a las restantes", apuntó.

CHINO

Jiang Qing aquejada de cáncer

Viuda de Mao está en estado de coma

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).- Jiang Qing, la viuda de Mao Zedong, se encuentra en un hospital chino al borde de la muerte, aquejada de cáncer de garganta, según informa un semanario chino.

Una breve información en una revista semanal publicada en la provincia de Anhui dice que Jian Qing fue trasladada desde la cárcel a un hospital para recibir tratamiento.

La enferma se encuentra en una habitación individual del hospital al borde de la muerte, señala la revista.

Jiang Qing, tercera esposa de Mao Zedong, fue condenada a muerte en 1981 por formar parte de un grupo contrarrevolucionario junto con otras tres personas que integraban la banda de los cuatro.

Su sentencia fue posteriormente conmutada a cadena perpetua.

La banda de los cuatro fue declarada culpable de haber llevado a cabo la revolución cultural, ahora llamada la década del caos, el periodo más izquierdista y radical de la historia de China, desde 1966 a 1976.

LA MAÑANA 13-1-87

CHINO

LA MAÑANA 14-1-87

Fang Lizhi sería expulsado

Reemplazarían al Jefe del Partido Comunista chino

PEKIN. (UPI).- El líder chino Deng Xiaoping y otros funcionarios evitaron ayer comentar la ausencia pública desde hace dos semanas del jefe del Partido Comunista Hu Yaobang, incrementando los rumores de que se considera su reemplazo a raíz de las protestas estudiantiles exigiendo más democracia en China.

Una fuente china, reiterando informes del diario del Partido Comunista italiano, L'Unita, y la agencia noticiosa yugoslava, Tanjug, dijo que se espera que Hu sea reemplazado por el Primer Ministro Zhao Ziyang en el vigesimotercer Congreso partidario que se efectuará en octubre.

Los informes no confirmados estimaron que Zhao sería reemplazado en su cargo actual por el alcalde de Tianjin, Li Ruihuan, de 52 años de edad.

En su primera declaración pública sobre las manifestaciones estudiantiles, Deng dijo al visitante dirigente del Partido Democrático Liberal japonés, Noboru Takeshita, que "varios conocidos miembros del Partido Comunista comparten esas ideas" (de los manifestantes).

Deng mencionó al físico Fang Lizhi y a los escritores liberales Liu Binyan y Wang Ruowang, según fuentes japonesas.

Según fuentes chinas, los tres podrían ser expulsados del Partido Comunista chino, de 44 millones de miembros.

CAMBIOS ADMINISTRATIVOS

El encuentro de Takeshita y Deng, de 82 años de edad, se produjo en medio de rumores de un inminente cambio administrativo, aumentados por el retiro de un alto asesor del Departamento de Propaganda del partido y la ausencia de la vista pública hace dos semanas de Hu, secretario general del PC.

AN

"China necesita abrirse aún más al exterior", aseguró Deng

LA PRENSA 21/1/87

Pekin, 20 (EFE, ANSA y UP) — En un nuevo intento de rechazar la preocupación por una involución política en China, el máximo dirigente de este país, Deng Xiaoping, señaló que "China necesita abrirse aun más".

En una entrevista [illegible] el primer ministro de [illegible], Robert Mugabe, de visita en China, Deng aseguró que "si hay algunos errores en la puesta en práctica de nuestra política de apertura, el principal es que China necesita abrirse aun más. Nuestros objetivos ahora son realistas y prácticos", agregó, según informó la agencia noticiosa oficial Xinhua.

"Los errores de China cometidos hace unos cuantos años se debieron a una velocidad excesiva y a la sobredemanda, sin tener en cuenta las realidades del país", sostuvo.

Deng, de 82 años, que ha dirigido una lucha contra el "liberalismo burgués" o influencias capitalistas, defendió su política de abrirse al mundo exterior, en un aparente intento por tranquilizar a los inversionistas extranjeros preocupados por la perspectiva de nueva inestabilidad en la nación más grande del mundo. Sin embargo, insistió en que los contactos con otras naciones "de ninguna manera afectarán al sistema socialista de China".

Temores y desconfianza

En los últimos días, los dirigentes chinos advirtieron que la apertura es sólo de tipo económico y que no quieren la entrada en el país de ideologías políticas o costumbres capitalistas.

La insistencia en estas declaraciones sobre la continuidad política de China se produce ante la preocupación expresada en varios países, principalmente Japón, que tienen importantes intereses económicos en China.

Los temores fueron alentados por el reciente cese del Secretario General del partido Comunista, Hu Yaobang, un reformista, y el lenguaje izquierdista de la prensa china en las últimas semanas.

A pesar de las palabras de Deng Xiaoping y del nuevo secretario general del partido Comunista, Zhao Ziyang, sobre la continuidad de la reforma económica, muchos analistas temen que el ritmo de ésta va a disminuir. Suponen que vendrá un aumento del control del partido en fábricas y centros de trabajo, y una menor capacidad de maniobra para empresarios que hasta ahora se han guiado por criterios de mercado para desempeñar su actividad.

Más arrestos

Se informó que dos personas más fueron arrestadas en conexión con las manifestaciones estudiantiles pro democracia, que se realizaron en por lo menos 13 ciudades chinas entre el 5 de diciembre y el 1° de enero. En la provincia norteña de Shanxi 19 personas fueron arrestadas.

El periódico oficial Shanxi informó que los arrestos se debieron a actividades "contrarrevolucionarias". También acotó que escribieron cartas alentando a los estudiantes a que se manifestaran.

Todos los periódicos más importantes de China publicaron hoy notas en primera página condenando al físico Fang Lizhi, un académico liberal que fue expulsado el sábado del partido Comunista por supuestamente incitar a los estudiantes a que realizaran manifestaciones.

La expulsión de Fang se hizo una semana después de que fuera despedido como vicerrector de la Universidad Nacional de Ciencia y Tecnología de la ciudad de Hefei.

PARTES ILEGIBLE

Perspectivas de una evolución

Taiwán como modelo para China roja

Por Alphonse Max

En varias ciudades de China comunista se han registrado revueltas estudiantiles en que se *exigía* "libertad" y "democracia".

El fenómeno es nuevo y, como el lector se podrá imaginar, muy significativo. Revela entre otras cosas que cierta parte de la joven generación ya no tiene, como sus padres, tanto miedo y terror a manifestar sus ideas en público. Existe en la actualidad, por lo menos en las universidades, cierto margen para discrepar más allá de la protesta individual. Esto es muy distinto a lo que ocurre en la Unión Soviética, donde el disentimiento, cuando tiene oportunidad de articularse, es casi siempre a nivel personal, prácticamente nunca grupal.

Los hechos recientes están estrechamente vinculados con la política pretendidamente liberal del mandamás de China comunista, Deng Xiaoping. ¿Y cuáles son las perspectivas de evolución de esta tendencia? Contemplando la situación desde lejos, se nos ocurre que *hay* dos caminos que podrían recorrer China roja:

Dos caminos

1° — que el gobierno permita que las aperturas que hicieron su aparición en los últimos años, comenzando con tibias oportunidades para la iniciativa privada, se profundicen y se extiendan de la economía a otros sectores, entre ellos el estudiantil;

2° — que el partido Comunista, en vista de las consecuencias funestas de este taimado liberalismo para el ejercicio de su poder, de marcha atrás.

En el primer caso es probable la formación de una avalancha que paulatinamente abarcará a todos los sectores de China continental, o sea a más de mil millones de seres humanos, y que barrerá con el régimen comunista. Tal desarrollo transformaría a China en una nación libre, con economía de mercado, democracia pluralista, independencia intelectual, etcétera.

Si éste fuera el camino elegido, en la práctica no significaría otra cosa que el triunfo ideológico de la doctrina del doctor Sun Yat-sen y de sus tres *principios del pueblo*, y una victoria política de la China Nacionalista obra de Chiang Kai-shek. Pues lo que ha estado ensayando China continental es una imitación, a escala muy humilde, del modelo seguido por Taiwan. Si la modesta apertura que [illegible] comunista siguiera sus impulsos naturales, dentro del algún tiempo no habría mayores obstáculos para una reunificación con la República China en Taiwán, cuyo éxito (así como el de Hong Kong) está constantemente a la vista de los chinos del continente. Como los taiwaneses han aplicado sistemas económicos, políticos y sociales que, a pesar de un marco de condiciones adversas, funcionan, no se necesita mucha perspicacia para darse cuenta de que los acaramorados intentos de Pekín de modernizar a su enorme país están [illegible] gobierno en Taipei.

Las consecuencias posibles

Evidentemente los líderes de China comunista no ignoran que a esta altura de los acontecimientos la población entera se pregunta cómo es posible que una parte del pueblo chino, los 19 millones que viven en una pequeña isla montañosa y difícilmente explotable disfruten de prosperidad y libertad crecientes mientras que en el continente se pasan penurias bajo la mano férrea del Estado.

El segundo camino podría ser la consecuencia de reacciones adversas de parte de distintos sectores. La cúpula del partido o de las Fuerzas Armadas, por ejemplo, reconociendo el desastre que el comunismo ha significado para el pueblo chino, tendrá motivos más que suficientes para temer que si el *liberalismo sigue su* marcha ininterrumpidamente, le sea adjudicada la responsabilidad de haber causado o contribuido a la debacle anterior. En caso de operarse una verdadera liberalización y modernización en China, los líderes serían llamados ante los tribunales para responder por sus crímenes, amén de ser excluidos, ellos y sus familias, del goce del poder. En consecuencia, si los epifenómenos de la apertura china —manifestaciones públicas contrarias al régimen, aparición de una nueva clase de ejecutivos privados y una incipiente clase burguesa— siguen expandiéndose, el gobierno podría decidir poner freno total a la liberalización mientras todavía está en condiciones de hacerlo. En ese caso, China continental volvería a su punto de partida: el maoísmo.

Conveniencia de Moscú

Una reflexión final. La Unión Soviética, por múltiples motivos, la mayoría de los que ciertamente nada tienen que ver con ideología, difícilmente tolerará que al otro lado de su larga frontera se cree un Estado que, superando al comunismo, se trasforme en una sociedad liberal. Por consiguiente, es de esperar que el Kremlin apoye a aquellas fuerzas en China roja que temen al progreso, o sea las que adopten la posición más reaccionaria y retrógrada. Para la Unión Soviética es imprescindible que China siga siendo débil e inoperante. Una comparación de la Unión Soviética con China continental que le sea favorable a ésta, entre otras cosas haría mucho daño a su imagen en los *países satélites y los del llamado* tercer mundo.

Los comunistas de todas las latitudes saben muy bien que no les conviene el progreso social de la población. En las naciones que son dominadas por ellos, la miseria y las carencias que allí inexorablemente existen paralizan a las masas y sofocan cualquier amago de resistencia.

CHINO

EL DIA 09-1-87

Brotes de racismo en Pekín

PEKIN. — Alrededor de 900 estudiantes africanos se manifestaron esta mañana en la capital china para protestar por los "prejuicios raciales" de los que son víctimas en el país.

Los estudiantes recorrieron más de diez kilómetros a pie desde el instituto de lenguas hasta la sede de varias embajadas africanas.

El embajador de Marruecos, decano del cuerpo diplomático africano, les recibió y prometió transmitir a las autoridades su petición de más seguridad

También pidieron que las autoridades, y especialmente la Policía, tenga menos prejuicios contra ellos cuando surgen problemas de convivencia.

La actitud de los estudiantes fue estimulada por una carta de una desconocida "Asociación de estudiantes chinos", dirigida a todas las embajadas africanas en la que se acusa a los estudiantes negros de incultura, malos modales; molestar a muchachas chinas y ser vagos.

La federación de estudiantes chinos denunció la carta por "maliciosa y truculenta" pero los estudiantes africanos dijeron que sólo es un episodio más de la hostilidad de muchos chinos hacia la raza negra.

Los estudiantes partieron a las ocho de la mañana para su marcha de más de dos horas y media tras ignorar las advertencias policiales de que la manifestación era ilegal.

01-01

8701324

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: CHINESE COMUNISTS AND NORTH KOREA WOULD FIGHT SIDE BY SIDE; COMMANDER CH'IN CHI-WEI OF PEKING MILITARY REGION EMPHASIZES

PROCEDENCIA: DOC. SECRET. DPTO. II Nº 0125/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 0701479

ARCHIVAR EN: R.P.CH. (033)

TEMA: SERIOUS DISPUTES OCCURRED IN CHINESE COMMUNIST "PAI TAI HO CONFERENCE".

PROCEDENCIA: Sor. SECRETARIA DPTO. II Nº 0131/87 del 21/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 0701482

ARCHIVAR EN: R.P CHINA (033)

TEMA: CHINESE COMMUNIST STATE PRESIDENT LI HSIEN-NIEN VISITS NORTH KOREA

PROCEDENCIA: Sop. SECRETARÍA DPTO. II Nº 0156/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 0701480

ARCHIVAR EN: R.P.CH. (033)

TEMA: SERIOUS DISPUTES OCCURRED IN CHINESE COMMUNIST "PAI TAI HO CONFERENCE".

PROCEDENCIA: Sop. SECRETARÍA DPTO. II Nº 0131/87 del 21/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 0701482

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: ASSESSMENT ON PEIPING ECONOMIC SITUATION IN FIRST HALF OF 1986

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARÍA DPTO. II Nº 0164/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 0701483

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: CHINESE COMMUNISTS CARRYING OUT ALL-OUT PARTY RECTIFICATION IN RURAL AREAS

PROCEDENCIA: DOC. SECRET. DEL DPTO. II Nº 0132/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE CHINA (135/B)

01-01 0701484

ARCHIVAR EN: R.P.CHINA (033)

TEMA: CHINESE COMMUNISTS INCREASE THEIR CONTACT AND COOPERATION WITH SOVIET UNION

PROCEDENCIA: Nº IDENTIF. SECRETARIA DPTO. II 0198/87 del 30/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701485

ARCHIVAR EN: R.P.CH. (033)

TEMA: CHINESE COMMUNISTS LIKELY TO SEND MISSILES TO NICARAGUA

PROCEDENCIA: 1er. SECRET. DPTO. II Nº 0134/87 del 24/4/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701487

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: PERFORMANCE OF "SPECIAL ECONOMIC ZONES" SAID UNSATISFACTORY

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARIA DPTO. II Nº 0124/87 del 01/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/8)

D1-01 8701493

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: CHINESE COMMUNISTS AID SIKKIM ANTI-INDO ORGANIZATION WITH WEAPONS AND TRAINING

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARIA DEL DPTO. II Nº 0135/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/8)

D1-01 8701496

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: COMMENT ON "PROPAGANDA NEWSLETTER" PUBLISHED BY PROPAGANDA DEPARTMENT OF CCP KWEICHOW PROVINCIAL COMMITTEE (WITH ORIGINAL TEXT)

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARIA DEL DPTO. II Nº 0126/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

D1-01 0701499

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: ORGANIZATIONAL STRUCTURE AND MAJOR TASKS OF KWANGTUNG PROVINCIAL "DEPARTMENT OF STATE SECURITY"

PROCEDENCIA: DOC. SEC. DPTO.II Nº 0127/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

D1-01 0701500

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: CHINESE COMMUNISTS STICK AT THEIR BASIC POLICY IN SUPPORT OF BURMESE COMMUNISTS

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARÍA DEL DPTO. II Nº 0128/87 del 21/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701501

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: ANALYSIS OF ROUND 9 "NORMALIZATION OF RELATIONS" TALKS BETWEEN PEIP'ING AND MOSCOW.

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARÍA DPTO. II Nº 0129/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701502

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: GENERAL ANALYSIS OF RECENT SUCCESSIVE VISITS TO CHINESE MAINLAND BY CHIEFS OF EAST EUROPEAN COUNTRIES

PROCEDENCIA: DOP. SECR. DPTO. II Nº 0130/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE DE CHINA (135/8)

01-01 8701503

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: PROBLEMS EXISTING IN DEVELOPMENT AND TRANSFER OF SCIENCE AND TECHNOLOGY AS SURVEYED BY CENTER FOR PROMOTION, DEVELOPMENT, AND RESEARCH OF SCIENCE AND TECHNOLOGY UNDER PEIPING'S STATE SCIENCE AND TECHNOLOGY COMMISSION.

PROCEDENCIA: DOP. SECRET. DPTO. II Nº 0133/87 del 21/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/8)

01-01 8701508

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: ANNUAL CONSCRIPTION STARTED BY CCP

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARIA DPTO. II Nº 0149/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

D1-01

8701510

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: AMERICAN BUSINESSMEN'S INTEREST ON CHINESE MAINLAND MARKEDLY WANES

PROCEDENCIA: DOC. ~~[illegible]~~ SECRETARIA DPTO II. Nº 0150/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

D1-01

8701511

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: SITUATION CONCERNING PEACE TALKS BETWEEN PEIPING-BACKED BURMESE COMMUNISTS AND BURMESE GOVERNMENT

PROCEDENCIA: 1er. SECRETARIA DPTO. II Nº 0151/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 0701514

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: THAI POLICE CRACK DOWN SEVERAL WEAPON SMUGGLING CASES NEAR BORDER WITH CAMBODIA

PROCEDENCIA: 1er. SECRETARIA DPTO. II Nº 0152/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 0701515

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: YOUTHS ON CHINESE MAINLAND LOSE FAITH IN COMMUNISM: HU YAO-PANG

PROCEDENCIA: Doc. SECRETARIA DPTO. II Nº 0148/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701516

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: CHINESE COMMUNISTS LOBBY LAOTIAN RESISTANCE LEADER JOINING PRO-PEIP'ING FRONT

PROCEDENCIA: Doc. SECRETARIA DPTO. II Nº 1815/86 del 19/8/86

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701521

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Assessment of Hu Yao-Pang's Remarks Calling For Correct Handling of Intra-Party Contradictions.

PROCEDENCIA: ENLACE China del 30/1/87 Doc. 0191/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

01-01 8701535

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Peiping's Religious Policy as Seen From Expansion OF ITS Internatio nal UNITED Front Activities.

PROCEDENCIA: ENLACE China del 30/1/87 Doc. 0192/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B

01-01 8701540

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Chinese and Brazilian Communists Restore "Party to Party" Relations.

PROCEDENCIA: ENLACE China del 30/1/87 Doc. 0192/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B

8701541

01-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Vietnamese Refugees Receiving Military Training on Chinese Mainland

PROCEDENCIA: ENLACE China 30/1/87 Doc. 0193/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

01-01 8701542

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Keynote Speech by Gorbachev at Recent Plenum of CPSU'S Central Committee.

PROCEDENCIA: Enlace China 30/1/87 Doc. 0195/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01 8701544

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Analysis of Hu Yao-Pang's Policy To Develop Relations with East European Countries.

PROCEDENCIA: Enlace China 21/2/87 Doc. 0237/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

8701545

01-01

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Peiping's Policy To Aid Burmese Communists Remains Unchanged.

PROCEDENCIA: Enlace China 30/1/87 Doc. 0194/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01 8701546

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: The Situation in Mainland China: Recent Changes and Future Development

PROCEDENCIA: Emb. Rep. China 30/1/87 Doc. 0196/87

ARCHIVADO EN: Liga Anticomunista Mundial (044)

01-01 8701547

APO# 033

Deng Xiaoping afirmó que no puede dejar la política

El líder Deng Xiaoping dijo que las recientes manifestaciones estudiantiles constituían un "obstáculo derechista" a la modernización de China. Al recibir al secretario del partido Liberal-Demócrata japonés, Noboru Takeshita, Deng agregó que no abandonará este año —como lo deseaba— la actividad política. Dos periodistas —Liu y Wang— podrían ser expulsado del P.C. chino.

PEKIN, 13 (ANSA y AFP). — El iniciador del nuevo curso chino, **Deng Xiaoping, de 82 años, dijo hoy, en su primera aparición pública de este año que, contra sus deseos, no podrá dejar este año la vida política activa.**

Recibiendo hoy al secretario del Partido Liberal-Demócrata japonés, Noboru Takeshita, **Deng dijo: "Parece que tendré que seguir trabajando porque ningún dirigente está de acuerdo en que me vaya".**

El año pasado, Deng había dicho repetidamente que quería retirarse para que lo sustituyese un elemento más joven. Se rumoreó que **su sustituto iba a ser el actual secretario general del Partido Comunista, Hu Yaobang, de 71 años.**

Se afirma que Hu cayó en desgracia. Según fuentes chinas, está fuera de Pekín observando un período de reposo que los médicos le prescribieron para superar un estado de profunda postración física.

En este sentido hay que señalar que **desde hace días ninguna fuente oficial china menciona al jefe de Propaganda del Partido Comunista, Zhu Houze ni al ministro de Cultura, Wang Meng**, nombrados a comienzos del año pasado con el patrocinio de Hu.

En el ámbito de la actual **campaña contra el "liberalismo burgués"**, Peng Zhen, presidente del Comité Permanente de la Asamblea e influyente miembro del buró político, dijo hoy en el cuartel general de la policía que se debe combatir contra la **"contaminación espiritual"**, lo que hace eco a una campaña de 1983 contra los influjos occidentales.

♦ Los estudiantes

"Las recientes manifestaciones de estudiantes en favor de la libertad y la democracia constituyen un obstáculo derechista a la modernización en China", declaró hoy Deng Xiaoping, anunciaron fuentes japonesas en Pekín.

"Existen diversos tipos de obstáculos a las cuatro modernizaciones", declaró Deng a Noboru Takeshita, secretario general del Partido Liberal-Demócrata en el poder en Japón, según dichas fuentes.

Las cuatro modernizaciones son las de la agricultura, la industria, el ejército y las ciencias y las técnicas.

"En el pasado, agregó Deng, los obstáculos venían de la izquierda, pero esta vez, con las manifestaciones de estudiantes, encontramos obstáculos a la derecha". Los obstáculos de la izquierda son una alusión a los medios chinos opuestos a todo tipo de reformas.

"Hemos tenido problemas con nuestro trabajo ideológico. No supimos dirigir bien a nuestros estudiantes y esto es un grave error", dijo, estimando que aunque menos del uno por ciento de los estudiantes participó en las manifestaciones de diciembre, esos acontecimientos deben ser considerados como un **"hecho grave"**.

Durante las manifestaciones, ciertos estribillos criticaban la dirección del Partido Comunista y el sistema socialista.

"Malos elementos influenciaron a los estudiantes preconizando una occidentalización completa y entre ellos se encontraban ciertas personas célebres, como los intelectuales Fang Lizhi, Liu Binyen y Wang Ruowang", dijo Deng.

Agencia AFP



Deng Xiaoping, hombre fuerte de China

01-01

8701597

Partido Comunista chino reafirmó la "apertura" y defensa del socialismo

Destituyen a dirigentes de la Universidad de Hefei

Pekín, (PL) —La dirección del Partido Comunista de China reafirmó la continuidad de las reformas y la denominada apertura al exterior, y rechazo los intentos, de elementos que no identifica, de negar el socialismo en beneficio del capitalismo.

En editorial del órgano central, "Renmin Ribao" las autoridades admiten que en los últimos tiempos proliferan aquí partidarios de la llamada occidentalización total que , remarcó no es más que negación del socialismo y pretensión de restauración del capitalismo.

La lucha contra estas tendencias debe incrementarse para servir, subraya, a la continuidad de la estrategia de reformas y apertura a la cooperación con el exterior y la consolidación de lo que califican de socialismo con características chinas.

Según estiman los especialistas, con ese editorial las autoridades chinas pretenden por un lado reiterar la desaprobación de tales corrientes, y por el otro puntualizar que no hay cambios en la estrategia impulsada por el líder Deng Xiaoping desde hace un sexenio.

Para los opuestos a ese rumbo, las recientes manifestaciones antisocialistas en medios estudiantiles, intelectuales y obreros es fenómeno inseparable de los cambios en curso en el sistema de propiedad, la creciente privatización y en el orden internacional los estrechos nexos de cooperación, incluso militar, tejidos por Pekín, durante el período con Estados Unidos, Europa occidental y Japón.

En conexión con esta problemática, los periódicos hongkoneses "Wen Hui Pao" y "Ta Kung Pao" relacionados con las autoridades pekinesas afirman que durante una reciente reunión gubernamental de emergencia Deng Xiaoping urgió a expulsar del Partido Comunista a los promotores de las tesis de liberalización burguesa.

DESTITUIDOS DIRIGENTES DE UNIVERSIDAD CHINA

La dirección del Partido Comunista y el gobierno de China destituyó al rector y vice-rector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei, Anhui y les acusó de posiciones antisocialistas y procapitalistas.

Como nuevos dirigentes del centro de estudio por donde comenzaron hace cuatro semanas las manifestaciones estudiantiles que han sacudido el país fueron nombrados los viceministros de las comisiones estatales de ciencia y técnica y educación Teng Teng y Peng Peiyun.

Al informar en Hefei sobre la decisión, el representante del Comité Central del Partido Comunista Zhou Guangzhao acusó al ex-rector Guan Weiyan de incumplir sus obligaciones en particular en el área ideológica y política y al ex vice rector Fang Lizhi de posturas abiertamente antipartido, antisocialistas y procapitalistas.

En exposición sobre el caso, Li Guizian, secretario del comité provincial del Partido en Anhui, responsabilizó a Fang Lizhi de promover los recientes disturbios estudiantiles en la universidad y de negar el régimen socialista en favor del capitalista, informó la Radio Nacional.

ESTADO AGONICO DE LA VIUDA DE MAO

La tercera esposa y viuda de Mao Zedong, Jiang Qing, de 73 años, está ingresada en grave estado en un hospital de esta capital, según reveló la publicación semanal de la provincia china de Anhui en su última edición.

En medios locales se recordó que Jiang Qing, condenada a muerte en 1981, por formar parte de la llamada "Banda de los cuatro" y cuya sentencia le fue conmutada por la de cadena perpetua, estaba internada en la prisión de Qin Cheng, a unos 50 kilómetros al norte de aquí.

La "Banda de los cuatro" fue señalada como la responsable de una violenta represión desde 1966 a 1976 en la etapa conocida como la "Revolución cultural" donde cientos de miles de personas desaparecieron y otras fueron perseguidas, entre ellas, el máximo dirigente chino actual, Deng Xiaoping.

La información del semanario dice que Jiang Qing padece de cáncer en la garganta y está en un estado de salud crítico.

La URSS perfecciona sus armas en el margen de los acuerdos

Moscú, (Por Ricardo Saxlund) —Sólo en los límites de los Salt y en respuesta a las nuevas armas estadounidenses es que la URSS moderniza los cohetes SS, asevera ayer en "Pravda" Yuri Maximov, general del ejército y comandante en jefe de las tropas coheteriles de designación estratégica de la URSS.

Desmiente en absoluto las afirmaciones de Richard Perle, asesor del secretario de Defensa de EE.UU., en cuanto a que la URSS ha elaborado un nuevo cohete "pesado", un cohete balístico intercontinental. Esa patraña, dice el alto jefe soviético, está dirigida a personas que no conocen el contenido del acuerdo SALT II. "No elaboramos ningún cohete "pesado" nuevo y solo realizamos algunos trabajos con nuestros cohetes de guardia", dice Maximov, "para mantener el grado necesario de preparación" rigurosamente enmarcados en el acuerdo. Añade que se realizan los ensayos pertinentes. Estas operaciones se ajustan asimismo a la declaración del gobierno soviético formulada el 5 de diciembre último. El nuevo cohete balístico intercontinental ligero, llamado SS 24 en Estados Unidos, se elaboró en respuesta al despliegue por Estados Unidos del misil de primer golpe MX, hecho también según los límites del SALT II sostiene el general Maaximov.

Las declaraciones de Perle, dice, busca distraer de las violaciones al Salt hechas por EE.UU. con vistas a lograr superioridad militar.

SUSPENDEN CLASES

El pertinaz frío que en zonas de la URSS se mantiene por debajo de los 60 grados, y en la capital llega hasta menos de 40 bajo cero por la noche, manteniéndose sobre los 30 grados durante el día, llevó a suspender la reanudación de las clases de escolares hasta el tercer grado.

En todo el país se reanudaron ayer las clases de los demás grados y niveles tras las vacaciones invernales que esta vez fueron verdaderamente de invierno.

Desde hace décadas no se registra una ola de frío intenso tan prolongada como la presente. Al corresponsal le tocó vivirla en Tallín, la capital de Estonia, donde el frío de termómetro se incrementa por el viento húmedo del golfo y hace entumecer manos y pies. En el suelo soviético, más allá de naturales inconvenientes en el transporte y algunos servicios en las zonas más afectadas —sin descartar consecuencias para la producción agrícola—, la vida es normal: el trabajo dicta sus normas y las casas son cálidas por el buen acondicionamiento térmico predominante.

Cuando regresaba de Estonia, el frío era mucho (cercano a 35 grados bajo cero en el aeropuerto) y por la mañana había poca gente en las calles y avenidas. Ayer, día laboral, con buen abrigo, los moscovitas, más urgidos que de costumbre, practican normalmente sus actividades.

NUEVA TAREA DE LA JUVENTUD

La mayor cooperación entre los militantes del Komsomol (Juventud Comunista) y la milicia en la lucha contra los ingresos ilícitos, la borrachera y el parasitismo fue resaltada por el ministro del Interior de la URSS en una entrevista publicada este domingo por el diario de la organización juvenil "Komsomolskaya Pravda".

Alexandr Vlasov aprueba la iniciativa de los jóvenes de organizar "grupos no formales" para contribuir a mantener el orden público en ciudades y poblados. También se pronuncia el ministro —en respuesta a preguntas de lectores— contra cualquier medida coactiva a los jóvenes de "extraña apariencia exterior (punks, metalistas y otros fanáticos) que choca a adultos y exhorta a los dirigentes juveniles a dialogar con esos grupos.

También señala Vlasov que no hay objeciones al uso de videocasetes excepto cuando se trata de material pornográfico o belicista.

En la URSS rige el control del ingreso de videocasetes de tal contenido incluido los del cantante español Julio Iglesias por su notorio vínculo con elementos fascistas y su función de propagandista del imperialismo yanqui, acotamos.

Por lo demás el ministro del Interior soviético informa a los lectores del gran trabajo a cargo de su ministerio para limpiar de las filas a los comprometidos en infracciones de las leyes, mejorar la política de cuadros y publicitar más la actividad de la milicia. Afirma la necesidad de revisar el código Penal, sin cambios durante un cuarto de siglo, desajustado a las nuevas condiciones sociales y el ambiente moral de la sociedad soviética.

RPCH

Las relaciones con la Comunidad

BRUSELAS, 13 (EFE). — **Las autoridades chinas anunciaron a la Comunidad Económica Europea (CEE) su intención de "privilegiar" las importaciones del Mercado Común**, en la reunión del comité mixto CEE-China celebrada en esta ciudad.

El comunicado conjunto, publicado hoy al término de esta reunión de altos funcionarios, señala también que **"la cooperación entre la Comunidad y China se ha desarrollado considerablemente en los últimos años tanto en volumen como en diversidad"**.

También se constata que se ha producido un nuevo crecimiento de los intercambios durante 1986, **acompañado de una disminución sensible del déficit chino.**

La CEE es el tercer socio comercial de China, al absorber un 11,9 por ciento de sus exportaciones, por delante de **Estados Unidos** (10,7 %) y detrás de Japón (30,1 %) y Hong Kong (17,8 %).

La Europa comunitaria vende, sobre todo, a China maquinaria, calderas y material de transporte, mien[illegible] que el 37 % de las importaciones totales de la CEE de China son productos textiles.

En 1985 China importó productos de la CEE por valor de 3.802 millones de ECU (alrededor de otro tanto en dólares), mientras que la CEE vendió a China casi el doble, 6.534 millones de ECU.

China ve en las relaciones con Europa una alternativa fundamental a la bipolarización del mundo, lo que incrementa su interés comercial hacia la Comunidad **Europea, señalaron fuentes próximas a la CEE.**

Las relaciones entre la CEE y China se rigen por el acuerdo de cooperación económica y comercial suscripto **en mayo de 1985**, cuyo funcionamiento fue examinado en la reunión del comité mixto.

En esta reunión, según fuentes comunitarias, la CEE ha expresado su deseo de mejorar la imagen de China ante los empresarios europeos, dada la escasa confianza de los inversores europeos hacia ese país asiático según encuestas realizadas por la propia CEE.

Una de las cuestiones concretas planteadas por la delegación China **ha sido el pedido a la CEE de la apertura de un contingente de importación a arancel reducido de 600.000 toneladas anuales durante tres años para las papas dulces y de 330.000 toneladas de mandioca.**

Esta petición ya le fue comunicada al presidente de la comisión europea, **Jacques Delors**, en su viaje a China, en julio del año pasado, y una decisión al respecto podría ser tomada por los ministros de Relaciones Exteriores de la CEE en su reunión del próximo 26 de enero en Bruselas.

[illegible] reunión del comité mixto estuvo encabezada por Yan[illegible] [illegible]hua, directora adjunta del ministerio chino de rel[illegible] económicas internacionales, y por **Jos Loeff**, [illegible] general adjunto de relaciones exteriores de la [illegible] europea.

CLARÍN 14-1-87

PARTES ILEGIBLE

01-01

8701600

Apet 033

_as relaciones Hanoi-Pekín

MOSCU, 28 (UPI). — El viceministro de Relacio- Exteriores de Vietnam, Vo Dong Giang, declaró en entrevista publicada hoy en el diario "Izvestia" su país está dispuesto a "hacer todo lo posible" restablecer relaciones normales con China, y que ese fin ha pedido conversaciones en cualquier l, en cualquier lugar".

Pero Dong no ofreció un retiro de las tropas viet- litas de Kampuchea, el principal obstáculo para orar las relaciones entre China y Vietnam.

Vietnam tiene unos 140.000 soldados en Kampu- y, a raíz de la ocupación de ese país, luchó duran- ntre meses con China en 1979.

"Los pueblos de Vietnam y de China están ligados muchas eras de amistad, por la experiencia de la a contra el imperialismo", dijo Dong. "Vietnam riza altamente la amistad entre ambas naciones y hará todo lo necesario para restaurarla tan pronto como sea posible", agregó.

"Hemos presentado diversas propuestas para la normalización de relaciones entre Vietnam y China, y estamos dispuestos a comenzar conversaciones sobre este problema en cualquier nivel y en cualquier lugar", aseguró Dong a "Izvestia".

Dong afirmó que Vietnam apoya la intención del gobierno de Kampuchea de "comenzar conversaciones con los grupos de oposición con el objetivo de lograr un acuerdo nacional".

Pero agregó que las conversaciones deben excluir a los seguidores de Pol Pot, el dirigente kampucheano que fue derribado del poder

En agosto, los cancilleres de Vietnam, Kampuchea y Laos emitieron una exhortación similar a realizar conversaciones con China.

China: los una serie

CLARIN 29/12/86

No decrece en China la inquietud desencadenada entre el estudiantado universitario: la agitación se ha extendido a la capital y a la ciudad de Nankín. En Pekín, un numeroso grupo de jóvenes desafió el frío y la nieve para escuchar la lectura de un mural que reclamaba democratización y mayores libertades. Similares reivindicaciones fueron planteadas en Nankín, así como en otras diez ciudades.

PEKIN, 28 (UPI-AP). — Estudiantes de la Universidad de Pekín se congregaron esta noche frente a esa casa de estudios, desafiando un viento helado y bajo la nieve, para escuchar —dando muestras de aprobación— la lectura de un largo mural que expresaba apoyo a un sistema político multipartidario, demandaba libertad de prensa e instaba a luchar por cambios en el gobierno.

Un estudiante leyó a la luz de una linterna los caracteres del mural colocado en uno de los muros de la universidad, considerada una de las más prestigiosas de la nación. "Debemos tomar medidas", decía. "Nosotros mismos debemos movernos para cambiar el sistema de política de gobierno".

Entretanto, las autoridades de Nanjing, a mil kilómetros al sur de Pekín, anunciaron el arresto de tres trabajadores que participaron el viernes en una manifestación en demanda de reformas políticas, lo que elevó a ocho el número de detenciones anunciadas en toda China, debido a las recientes protestas.

El mural en la universidad local, cuya lectura fue interrumpida varias veces por la risa excitada de los estudiantes presentes y frecuentes gritos de "¡bien dicho!", exhortaba a apoyar las protestas prodemocráticas que han estallado este mes en por lo menos diez ciudades, "porque no podemos esperar diez años por lo que queremos".

El afiche atacaba además a los medios de comunicación gubernamentales por las críticas publicadas contra los miles de personas que han tomado parte en las manifestaciones de protesta. "Los estudiantes están furiosos", decía. "Cada día el gobierno nos presiona a través de los diarios".

"Queremos hablar. Queremos nuestros propios diarios. Diarios para el pueblo. Ahora el partido del gobierno controla todo", demandaba el mural, que asimismo expresaba apoyo a un vicepresidente de la Universidad de Hefei

01-01

8701625

RPCH

MANIFESTACIÓN DE OBREROS Y ESTUDIANTES EN SHANGHAI

PEKIN, 21 (EFE) — **Miles de estudiantes, a los que se unieron obreros y viandantes, se manifestaron hoy por tercer día consecutivo en Shanghai en demanda de mayores libertades políticas en la República Popular China. El número de manifestantes aumentó a lo largo del día hasta llegar a la cifra aproximada de unos 20.000, según testigos presenciales. La manifestación, centrada por la tarde frente a las oficinas del gobierno municipal y del comité local del Partido Comunista chino, transcurrió de forma ordenada y no se registraron incidentes ni actos de violencia. Por primera vez hoy hubo informaciones de que grupos de obreros se unieron a las manifestaciones y los viandantes aprovecharon para quejarse por los aumentos de precios.**

En algunas pancartas de los congregados se podía leer "viva la democracia" y "fuera la burocracia". Otras pedían libertad de prensa y respeto a los derechos humanos.

La manifestación transcurrió en orden durante todo el día y no hubo tensiones ni enfrentamientos. Se observó una fuerte presencia policial pero las fuerzas del orden se limitaron a vigilar la concentración.

Las nuevas versiones que circulaban hoy desmintiendo o suavizando las que refirieron detenciones masivas y brutalidad de la policía en la masiva concentración del sábado contribuyeron a calmar los ánimos.

Junto a las oficinas del gobierno municipal se invitó a los estudiantes a dispersarse pero los dirigentes estudiantiles anunciaron que la protesta seguirá de forma indefinida.

MAYOR LIBERTAD Y DEMOCRACIA

En otro lugar de la ciudad, en la llamada Plaza del Pueblo, continuó la concentración de estudiantes, que ha permanecido allí casi de forma ininterrumpida desde el inicio de la actual protesta, el pasado viernes.

Alrededor de las 21:00 horas (13:00 GMT) el número de congregados en la plaza era superior a los tres mil, según testigos, y al igual que en el otro foco de concentración, junto al paseo marítimo, el ambiente era distendido.

Según informaciones llegadas hoy a Pekín, manifestaciones similares en la ciudad meridional de Kunming se prolongaron durante cuatro días y concluyeron el pasado viernes.

Además de reinvindicaciones específicamente estudiantiles, los manifestantes pedían libertades políticas y mayor democracia y representatividad.

En esa ciudad los estudiantes trataron de conseguir que grupos de trabajadores secundaran la protesta, pero al parecer no hubo una respuesta sensible por parte de éstos, como tampoco a los intentos de cortar el tráfico ferroviario en la ciudad.

Mientras tanto el país aún no ha sido informado de esta serie de protestas estudiantiles en los últimos quince días y el gobierno mantiene por ahora silencio sobre los hechos.

Unas declaraciones de un alto funcionario de la comisión estatal de Educación, reconociendo el derecho de los estudiantiles a manifestarse, sólo fueron difundidas en medios de comunicación destinados al exterior.

EL PAIS 22-12-86



Protesta

Estudiantes chinos exigen ante la municipalidad de Shangai libertad y reformas democráticas. Foto de la agencia japonesa Kyodo. (AP)

ADVERTENCIA OFICIAL

En la primera información oficial sobre las recientes manifestaciones de Shanghai, la agencia oficial china "Xinhua" mostró el completo desagrado de las autoridades.

La agencia de noticias lanzó una seria advertencia a los estudiantes para que no sigan "perturbando el orden social" y les acusó poco menos que de "falta de patriotismo".

La agencia reconoció la existencia de varias manifestaciones en los tres últimos días, en las que se mostraron pancartas con las inscripciones "democracia", "libertad" y "derechos humanos".

"Xinhua" recogió las declaraciones de un "viandante" en las que comparó los problemas causados por los manifestantes con parecidas situaciones durante la "revolución cultural".

Ello podría indicar que, si los estudiantes persisten en su actitud, el gobierno podría aplicar severas medidas.

En su información, la agencia acusó a los estudiantes de "agravar la ya congestionada situación del tráfico", de "desbaratar la producción normal y el orden social", y de "crear completo desorden".

Según "Xinhua", 31 policías fueron golpeados por los estudiantes cuando aquellos trataron de desalojar las oficinas municipales ocupadas por un grupo de manifestantes.

DESMIENTEN DETENCIONES

La agencia citó a un portavoz del gobierno municipal de Shanghai que aseguró que "nunca hubo casos de cargas policiales ni de detenciones de estudiantes".

Los rumores de masivas detenciones fueron ocasionados por el hecho de que la policía utilizó autobuses "para mandar a los estudiantes a sus escuelas".

Según la información, el alcalde de Shanghai dialogó con los estudiantes el día 18 y les expuso su deseo de que sus acciones de mantuvieran dentro de los requisitos constitucionales y de los "cuatro principios" básicos de la política china (dictadura del proletariado, liderazgo del partido comunista y adhesión al pensamiento marxista-leninista y de mao zedong)

01-01

8701626

RPCA



Rebeldes rechazan propuesta

Proponen en Afganistán una cesación del fuego

MOSCU, (ANSA, EFE y UPI).— El gobernante de Afganistán, Najib, propueso una cesación del fuego a partir del 15 de enero como primer paso en un programa de reconciliación nacional, informó ayer la agencia noticiosa oficial soviética TASS.

En Islamabad, Paquistán, el vocero de los rebeldes Mujahideen, Mohammad Nabi Mohammad, calificó la propuesta como un fraude y dijo que los guerrilleros rechazaban la tregua.

Najib anunció asimismo una amnistía para los presos políticos durante una sesión del Comité Central del Partido Democrático Popular afgano realizada ayer en Kabul, según el despacho de TASS fechado en la capital afgana.

Tropas afganas apoyadas por fuerzas soviéticas han estado combatiendo a los rebeldes musulmanes desde la invasión soviética en diciembre de 1979.

Mujahideen, que agrupa a siete importantes grupos guerrilleros, afirmó en la capital paquistaní que "no se puede confiar en Najib".

Según las palabras de Najib, la reconciliación nacional comenzará con una cesación de fuego a partir del 15 de enero en todo el país, informó TASS.

Las negociaciones para poner fin a la guerra se han prolongado por varios años bajo los auspicios de las Naciones Unidas, pero el Secretario General soviético Mijail Gorbachov ha dicho repetidas veces que espera una solución política, y recientemente retiró unos 8.000 efectivos soviéticos como gesto simbólico de sus intenciones.

Najib, ex jefe de la policía secreta que reemplaz[ó] en mayo al president[e] Babrak Karmal, estuvo e[n] Moscú a mediados d[e] diciembre para manten[er] conversaciones con Gor[ba]chov, que según di[plomáticos] extranjero[s] estuvieron centradas en e[l] posible retiro de las tropa[s] soviéticas estimadas e[n] unos 110.000 efectivos.

La lucha ha sido intens[a] recientemente y cinc[o] profesionales afganos qu[e] huyeron a Paquistán di[jeron] que cada vez so[n] mayores las dificultades e[n] su país. La prensa de lo[s] rebeldes afganos afirm[ó] ayer que los combatiente[s] derribaron 206 aeronave[s] soviéticas y destruyero[n] otras 36 en tierra durant[e] 1986.

Entre las metas de l[a] reconciliación citadas po[r] Najib se cuentan la paz y l[a] seguridad, el fortale[ci]miento de la revolución y la amistad con la Unió[n] Soviética.

Exigen liberación de compañeros

Continúan protestas estudiantiles en la capital china

Miles de universitarios marcharon ayer en la madrugada hacia una jefatura de policía en el centro de Pekín para exigir la liberación de sus compañeros detenidos durante una manifestación en la plaza de Tian Anmen en un acto de desafío a la prohibción gubernamental de manifestarse en ella.

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).— Más de 4.000 estudiantes, con los brazos entrelazados y gritando "libertad para nuestros compañeros" y "viva la democracia" se abrieron paso empujando a través de por lo menos dos barreras humanas formadas por unos 300 policías que intentaban detener la protesta no autorizada.

Los estudiantes, que desafiaron una fuerte tormenta de nieve, afirmaron que marcharían durante la noche hacia el Ministerio de Salud Pública para exigir la liberación de sus compañeros detenidos durante una manifestación en la plaza Tienanmen.

La marcha a la medianoche comenzó cuando unos 3.000 estudiantes salieron de la Universidad de Pekín y desfilaron frente a la cercana Universidad del Pueblo, donde otros cientos de personas se sumaron a sus filas.

Los policías con megáfonos instaron a los manifestantes a volver a sus predios universitarios, mientras otros agentes filmaban la protesta.

PRESENTAN VARIAS DEMANDAS

Antes de salir de la Universidad de Pekín, miles de estudiantes se congregaron en la residencia del Rector Ding Shisun para presentar varias demandas, incluyendo la liberación de 24 alumnos detenidos horas antes en Tienanmen.

Ding, quien según se dijo se puso en contacto con el Alcalde de Pekín, Chen Witong y un miembro no identificado del Comité Central del Partido Comunista, luego dijo a los estudiantes que todos los detenidos habían sido liberados, y los jóvenes estallaron en ovaciones.

A pesar de las garantías dudas por Ding, unos 3.000 estudiantes manifestaron fuera del predio universitario, exigiendo la liberación inmediata de sus compañeros.

La agencia noticiosa oficial Winjua informó que "algunos estudiantes" detenidos durante el incidente en la plaza Tienanmen, había sido devueltos a sus Facultades, pero no indicó cuántos eran.

"Finalizó período de vergüenza"

Discurso de Corazón Aquino

MANILA (UPI).— La presidenta Corazón Aquino dij[o] ayer a sus compatriotas que 1986 pasará a la histori[a] como un año cuando los filipinos pusieron fin a u[n] período de vergüenza, al derrocar al régimen de 20 años de Ferdinand Marcos.

En un mensaje de año nuevo difundido a todo el país por la televisión estatal, Aquino dijo que 1987 es el año "para revitalizar nuestra economía y dar vida y vigor perdurable a las instituciones de una democracia plena".

Aquino advirtió empero que la tarea de reconstruir la democracia en las Filipinas sigue siendo "prolongada y dura" y que "los desafíos son grandes".

Las Filipinas dominaron los titulares en 1986. Además de su sensacional ascenso al gobierno y la huida de Marcos, Aquino fue noticia al sobrevivir a dos complots, uno de los cuales concluyó con la destitución del Ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile en noviembre.

Otro logro significativo en 1986 fue la apertura de históricas negociaciones con el poderoso movimiento rebelde en un esfuerzo por poner fin a 17 años de guerra de guerrillas.

El jefe de las fuerzas armadas, General Fidel Ramos, atacó indirectamente a Aquino por sus intentos de hacer las paces con el nuevo ejército popular que cuenta con unos 23.000 guerrilleros y el el brazo armado del Partido Comunista de las Filipinas.

El general insistió en que el gobierno debe poner coto a lo que calificó como una enorme "campaña de propaganda" de los rebeldes desde que entró en vigencia la cesación de fuego el 10 de diciembre.

Los guerrilleros han realizado conferencias de prensa casi cada día desde que comenzó la tregua de 60 días. Los rebeldes abrieron una oficina a poca distancia del palacio presidencial, y sus negociadores, que son inmunes al arresto durante la cesación de hostilidades, han disfrutado de una extraordinaria atención de la prensa.

RPCH



Rebeldes rechazan propuesta

Proponen en Afganistán una cesación del fuego

MOSCU, (ANSA, EFE y UPI).— El gobernante de Afganistán, Najib, propuso una cesación del fuego a partir del 15 de enero como primer paso en un programa de reconciliación nacional, informó ayer la agencia noticiosa oficial soviética TASS.

En Islamabad, Paquistán, el vocero de los rebeldes Mujahideen, Mohammad Nabi Mohammad, calificó la propuesta como un fraude y dijo que los guerrilleros rechazaban la tregua.

Najib anunció asimismo una amnistía para los presos políticos durante una sesión del Comité Central del Partido Democrático Popular afgano realizada ayer en Kabul, según el despacho de TASS fechado en la capital afgana.

Tropas afganas apoyadas por fuerzas soviéticas han estado combatiendo a los rebeldes musulmanes desde la invasión soviética en diciembre de 1979.

Mujahideen, que agrupa a siete importantes grupos guerrilleros, afirmó en la capital paquistaní que "no se puede confiar en Najib".

Según las palabras de Najib, la reconciliación nacional comenzará con una cesación de fuego a partir del 15 de enero en todo el país, informó TASS.

Las negociaciones para poner fin a la guerra se han prolongado por varios años bajo los auspicios de las Naciones Unidas, pero el Secretario General soviético Mijail Gorbachov ha dicho repetidas veces que espera una solución política, y recientemente retiró unos 8.000 efectivos soviéticos como gesto simbólico de sus intenciones.

Najib, ex jefe de la policía secreta que reemplazó en mayo al presidente Babrak Karmal, estuvo en Moscú a mediados de diciembre para mantener conversaciones con Gorbachov, que según diplomáticos extranjeros estuvieron centradas en el posible retiro de las tropas soviéticas estimadas en unos 110.000 efectivos.

La lucha ha sido intensa recientemente y cinco profesionales afganos que huyeron a Paquistán dijeron que cada vez son mayores las dificultades en su país. La prensa de los rebeldes afganos afirmó ayer que los combatientes derribaron 206 aeronaves soviéticas y destruyeron otras 36 en tierra durante 1986.'

Entre las metas de la reconciliación citadas por Najib se cuentan la paz y la seguridad, el fortalecimiento de la revolución y la amistad con la Unión Soviética.

Exigen liberación de compañeros

Continúan protestas estudiantiles en la capital china

Miles de universitarios marcharon ayer en la madrugada hacia una jefatura de policía en el centro de Pekín para exigir la liberación de sus compañeros detenidos durante una manifestación en la plaza de Tian Anmen en un acto de desafío a la prohibción gubernamental de manifestarse en ella.

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).— Más de 4.000 estudiantes, con los brazos entrelazados y gritando "libertad para nuestros compañeros" y "viva la democracia" se abrieron paso empujando a través de por lo menos dos barreras humanas formadas por unos 300 policías que intentaban detener la protesta no autorizada.

Los estudiantes, que desafiaron una fuerte tormenta de nieve, afirmaron que marcharían durante la noche hacia el Ministerio de Salud Pública para exigir la liberación de sus compañeros detenidos durante una manifestación en la plaza Tienanmen.

La marcha a la medianoche comenzó cuando unos 3.000 estudiantes salieron de la Universidad de Pekín y desfilaron frente a la cercana Universidad del Pueblo, donde otros cientos de personas se sumaron a sus filas.

Los policías con megáfonos instaron a los manifestantes a volver a sus predios universitarios, mientras otros agentes filmaban la protesta.

PRESENTAN VARIAS DEMANDAS

Antes de salir de la Universidad de Pekín, miles de estudiantes se congregaron en la residencia del Rector Ding Shisun para presentar varias demandas, incluyendo la liberación de 24 alumnos detenidos horas antes en Tienanmen.

Ding, quien según se dijo se puso en contacto con el Alcalde de Pekín, Chen Witong y un miembro no identificado del Comité Central del Partido Comunista, luego dijo a los estudiantes que todos los detenidos habían sido liberados, y los jóvenes estallaron en ovaciones.

A pesar de las garantías dudas por Ding, unos 3.000 estudiantes manifestaron fuera del predio universitario, exigiendo la liberación inmediata de sus compañeros.

La agencia noticiosa oficial Winjua informó que "algunos estudiantes" detenidos durante el incidente en la plaza Tienanmen, había sido devueltos a sus Facultades, pero no indicó cuántos eran.

Finalizó período de vergüenza

Discurso de Corazón Aquino

MANILA (UPI).— La presidenta Corazón Aquino dijo ayer a sus compatriotas que 1986 pasará a la historia como un año cuando los filipinos pusieron fin a un período de vergüenza, al derrocar al régimen de 20 años de Ferdinand Marcos.

En un mensaje de año nuevo difundido a todo el país por la televisión estatal, Aquino dijo que 1987 es el año "para revitalizar nuestra economía y dar vida y vigor perdurable a las instituciones de una democracia plena".

Aquino advirtió empero que la tarea de reconstruir la democracia en las Filipinas sigue siendo "prolongada y dura" y que "los desafíos son grandes".

Las Filipinas dominaron los titulares en 1986. Además de su sensacional ascenso al gobierno y la huida de Marcos, Aquino fue noticia al sobrevivir a dos complots, uno de los cuales concluyó con la destitución del Ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile en noviembre.

Otro logro significativo en 1986 fue la apertura de históricas negociaciones con el poderoso movimiento rebelde en un esfuerzo por poner fin a 17 años de guerra de guerrillas.

El jefe de las fuerzas armadas, General Fidel Ramos, atacó indirectamente a Aquino por sus intentos de hacer las paces con el nuevo ejército popular que cuenta con unos 23.000 guerrilleros y el el brazo armado del Partido Comunista de las Filipinas.

El general insistió en que el gobierno debe poner coto a lo que calificó como una enorme "campaña de propaganda" de los rebeldes desde que entró en vigencia la cesación de fuego el 10 de diciembre.

Los guerrilleros han realizado conferencias de prensa casi cada día desde que comenzó la tregua de 60 días. Los rebeldes abrieron una oficina a poca distancia del palacio presidencial, y sus negociadores, que son inmunes al arresto durante la cesación de hostilidades, han disfrutado de una extraordinaria atención de la prensa.

01-02

8701627

LA MAÑANA 2/1/87

Taiwan sigue siendo un obstáculo

Según Pekín relaciones con EE.UU. son "estables"

PEKIN. (ANSA, EFE y UPI).- El Ministro de Relaciones Exteriores Wu Xueqian, dijo que las relaciones con Estados Unidos son "básicamente estables" pero que la controversia en torno a Taiwan sigue siendo un obstáculo de importancia a un mayor desarrollo de los vínculos bilaterales.

Pasando revista a la política exterior china durante 1986, difundida por la agencia noticiosa Xinhua, Wu también dijo que los lazos políticos con la Unión Soviética no mostraron "sustancial progreso" durante el año.

Según Xinhua Wu dijo que "las relaciones chino - norteamericanas han sido básicamente estables y han continuado desarrollándose en cierta medida".

El ministro agregó que los contactos a varios niveles entre las dos naciones "han ampliado el entendimiento mutuo" mientras que las relaciones económicas han permanecido a los niveles de años anteriores.

"Al mismo tiempo, la cooperación técnica y científica y el intercambio cultural y educativo entre las dos naciones, como también los contactos entre sus fuerzas armadas se han expandido" dijo Wu según Xinhua.

"No obstante la cuestión de Taiwan continúa siendo un obstáculo de importancia a un mayor desarrollo de las relaciones chino-norteamericanas", añadió.

"Espero que el gobierno de Estados Unidos se guíe por los tres comunicados conjuntos chino—norteamericanos y tome medidas efectivas para eliminar este obstáculo de manera que las relaciones chino-norteamericanas puedan lograr un crecimiento continuo y sostenido" expresó Wu.

Admiten en Pekín la gravedad de la ola de protesta estudiantil

Como "un asunto muy serio, aunque no aterrador", calificó ayer el "Diario del Pueblo" la ola de manifestaciones estudiantiles por la democracia en ...hina, en lo que constituye la primera admisión oficial ...rmal de la gravedad del problema. Al mismo tiempo, el editorial fustiga a "algunos camaradas" por haber ...ermitido la difusión del "liberalismo burgués", en una ...xteriorización de crecientes disensos entre un sector ...ortodoxo y el liderazgo reformista de Deng Xiaoping.

...cenas de las manifestaciones de Pekín crecieron hasta ...barcar más de 150 universidades y al menos ...7 ciudades chinas en diciembre pasado; ...hora, refluje la ola.

PEKIN, 6 (AFP, ANSA, AP, DPA, EFE, Reuter, UPI y "Le Monde", especial para Clarín) — El "**Diario del Pueblo**" sostuvo hoy en su editorial que las manifestaciones estudiantiles son "**el producto inevitable de la debilidad de algunos camaradas en su lucha contra la difusión de la liberalización burguesa**", lo que fue interpretado por los observadores como un signo de que la influencia de los conservadores y ortodoxos dentro del Partido Comunista estaría en ascenso.

Además, el editorial, publicado en la primera plana del "Diario", reconoció por primera vez que las manifestaciones "**son hechos importantes y graves**", y fuentes bien informadas de Pekín sostuvieron que las marchas por la libertad y la democracia afectaron **más de 150 universidades y al menos 17 ciudades de China el mes pasado**, ampliándose a fines de diciembre a **Harbin** y **Dellan**, en el **Nordeste**, y el 1° de enero a **Yangzuhu**, en el delta del **Yangtse**.

Hoy, mientras la calma parecía retornar a la Universidad de Pekín, los estudiantes respondieron con humor a las acusaciones del diario de esa ciudad, en el sentido de que eran "ingenuos" y deberían tener vergüenza" (ver recuadro). "**¿Avergonzarnos? Al contrario, estamos orgullosos de lo que hicimos, y lo haríamos nuevamente**", declaró un estudiante, congregado junto con algunos compañeros de estudios frente a una hilera de carteles ilegales que satirizaban la ortodoxia del "**Diario de Pekín**".

♦ **Ahora, el "despertar"**

"**Algunos camaradas han cerrado los ojos ante la tendencia del liberalismo burgués**", sostuvo el "Diario del Pueblo" "**Ahora es el momento de despertar**".

Conviene recordar que los manifestantes reivindicaron la figura del líder chino **Deng Xiaoping**, artífice del programa de reformas. El editorial de hoy parecía un tiro por elevación contra la figura de Deng.

Con todo, el diario también citó una frase de Deng, de 1979, diciendo que "**algunos miembros del partido dieron apoyo indirecto**" a ideas anticomunistas, agregando que "**si el liberalismo burgués sigue sin ser revisado, las reformas y la política de puertas abiertas podrían sufrir un serio revés**".

Y añadió: "**El liberalismo burgués es ciertamente una tendencia que está envenenando a nuestra juventud, poniendo en peligro la estabilidad y unidad de nuestra sociedad, alterando nuestras reformas y nuestra política de puertas abiertas, e impidiendo la modernización**".

El editorial dijo que el desvío al que llevan las ideas capitalistas es un desafío que enfrenta el Partido Comunista y pidió a las organizaciones partidarias que pongan el tema "**en la agenda diaria**".

También se califica a la ola de protestas como "**un asunto muy serio, aunque no aterrador**".

Un diplomático occidental dijo que el "**fuerte**" editorial en el "Diario del Pueblo" pareció reflejar la posición de los dirigentes chinos y podría dar paso a una campaña para estimular la educación ideológica entre los estudiantes del país.

El oficial "Diario Económico" también criticó a los miembros del partido por "**no prestar atención**" al problema del liberalismo burgués.

"**Algunos de ellos llevan la insignia del partido, pero sus palabras y sus acciones no tienen la menor similitud con las comunistas**", sostuvo.

♦ **Contestan los "dazibaos"**

Aplacadas las manifestaciones, los enfrentamientos parecían canalizarse hoy en forma escrita, entre las críticas del "Diario del Pueblo" y del "Diario de Pekín" a los estudiantes (que ayer quemaron ejemplares de esos diarios) y la respuesta estudiantil expresada a través de los "dazibaos", o periódicos murales.

Como respuesta al editorial del "Diario del Pueblo", los estudiantes dijeron hoy en sus carteles que la liberalización que piden **no es de orden burgués**, y que piensan que la reforma política que está estudiando la dirigencia china debe estar acompañada por una "**reforma radical de la forma de pensar**" de gobernantes y de gobernados.

Admiten, seguidamente, que este cambio **no podrá ser tan rápido** como las reformas aplicadas en los últimos seis meses por los líderes del "**nuevo curso**", pero dicen que es indispensable "**para sacar al país del atraso**".

Otro cartel, pretendidamente en nombre del gobierno de la ciudad, enumera **diez normas aplicables a la difusión de noticias falsas**, satirizando las diez reglamentaciones fijadas el mes pasado para regular las manifestaciones.

"**Antes de dar a conocer noticias falsas, la unidad de trabajo deberá someter una solicitud a la Oficina de Seguridad Pública con cinco días de antelación, explicando el nombre, lugar, hora de publicación y contenido de la noticia fraudulenta**", dice el cartel.

Los jóvenes universitarios, que acaban de comenzar dos semanas de exámenes, repiten, entretanto, que **ya no tienen intención alguna de realizar manifestaciones, que deben** preparar sus vacaciones y sacar pasajes de tren.

Algunos de ellos señalan que **nada debería suceder antes de las elecciones locales, previstas para marzo**. Con todo, algunos observadores extranjeros no descuentan la posibilidad de **provocaciones** surgidas de sectores ortodoxos del aparato estatal.

La dirigencia china está unida para criticar a los estudiantes, pero no tanto en lo que concierne al fondo del problema. Según los observadores, el hecho de que sea prácticamente imposible recoger comentarios, al margen de las publicaciones oficiales, indica que el debate interno continúa, y seriamente.

"Algo se está moviendo"

...6 (Por Daniel Southerland, de "The ... Post", especial para Clarín). — Algo está ...detrás de las críticas de la prensa oficial a ...es chinos, y los observadores creen que ...e abierto una fractura en la cúspide del ...nista (P.C.Ch.).

...io" de Pekín, en su editorial del lunes, ...a calificar a los estudiantes como títeres ... [illegible] ...cionario. Se cree que estas críticas pro...rxistas conservadores o dogmáticos, dis... la idea de hacer cambios importantes en ...lítico del país.

...observadores creen que Wu Weicheng, el ..."Diario" de Pekín, es uno de esos conser... ...o pocos diplomáticos occidentales y obser...ranjeros tienen conocimientos suficientes ...rlo con seguridad.

...rial del "Diario" de Pekín dijo que los ...eran "ingenuos".

...que debían "**evitar participar en actos pla...tigados por elementos hostiles al socialis...ar sus planes, y criticar profundamente las tendencias de pensamiento del liberalismo burgués, que se han extendido mucho últimamente**".

El "Diario" dijo que los estudiantes que habían desfilado por el centro de la capital el día de Año Nuevo decían adherir a los cuatro principios explicitados por el líder chino **Deng Xiaoping**. Tales principios exhortan a sostener el **rol directivo del Partido Comunista, el socialismo, el marxismo leninismo y el pensamiento de Mao Tsé-tung**.

Sin embargo, el editorial agrega que los **estudiantes insistieron en realizar su manifestación a pesar de** advertencias de los voceros municipales en el sentido de que "**elementos hostiles**" planeaban aprovechar la marcha para crear "**caos**" en Pekín y otras ciudades.

"**No podemos encontrar ni un gramo de adhesión al marxismo en esto**", sostuvo el editorial.

Aunque Deng y los reformistas principales del país, el líder partidario **Hu Yaobang** y el premier **Zhao Ziyang**, no han dicho nada desde que empezaron las marchas cuatro semanas atrás, algunos diplomáticos occidentales creen que **está en el interés de los reformistas dejar que los conservadores expongan sus puntos de vista sobre las manifestaciones estudiantiles**.

Según un diplomático "**las declaraciones de los conservadores presionan a los estudiantes a que se detengan, y les muestran que existe el peligro de una reacción conservadora**".

Comentó: "**Actualmente, Deng no debe tener muchos problemas con estas declaraciones, ya que probablemente está de acuerdo con lo que dicen en el sentido de la necesidad de preservar la estabilidad y la unidad.**"

Muchos estudiantes dicen que **apoyan** las reformas de Deng, pero quieren acelerar **los cambios**, particularmente los políticos.

Y el lunes, algunos estudiantes **de la Universidad** de Pekín dijeron que no querían continuar con las manifestaciones, porque **esto haría el juego a los oponentes conservadores de Deng**.

También ayer, un pequeño cartel en la universidad decía que Deng, Hu y Zhao no habían aparecido en las noticias por cierto tiempo, y que esto preocupaba a los estudiantes.

♦ **Temores**

Un intelectual chino que escribe artículos teóricos **y que se considera ideológicamente un liberal dijo que temía el advenimiento de una ola represiva en los campos ideológico y cultural**.

Sin embargo, diplomáticos occidentales dicen que hay signos en la prensa china que indican que Deng y sus colegas están impulsando reformas económicas e incluso políticas a pesar de la línea dura adoptada por los conservadores.

Uno de estos signos, según lo describió un diplomático, fue una directiva del comité central del Partido Comunista, publicada en la edición del lunes del "Diario del Pueblo", el principal diario comunista. La directiva llama a remover de sus cargos a los cuadros partidarios ineficientes a escala nacional, algo que aparentemente ha ocurrido en niveles locales.

Vale la pena recordar que las manifestaciones del lunes tuvieron lugar en una parte de la universidad repleta de carteles que pedían más libertad y democracia. Otros estudiantes tiraban ejemplares del "Diario de Pekín" desde sus ventanas, y un cartel urgía al diario a enviar algunos de sus redactores al campus para participar de un debate abierto.

Todo esto se produjo tras cuatro **semanas** de manifestaciones, donde una de las demandas centrales fue por la **libertad** de prensa.

LA NACION 28-12-86
Año 117 - Número 41.356

China: habrá más libertad en las elecciones de 1987

No obstante, la prensa oficial condena a la "democracia burguesa occidental"

PEKIN, 27 (AP). - En aparente reacción ante las recientes protestas estudiantiles en reclamo por democracia, el Congreso Popular Municipal de esta capital anunció hoy que realizará elecciones para legislaturas locales a partir de principios del año próximo, y que aplicará mayores medidas democráticas en el proceso electoral.

El anuncio del comité permanente del Congreso Municipal, o Legislatura, consignó que las elecciones para congresos populares de distritos, condados, poblaciones y aldeas se desarrollarán durante el primer semestre del año entrante.

La decisión, sobre la que informó la agencia noticiosa Xinhua, se adoptó durante una reunión de tres días en que también se resolvió adoptar severas restricciones para efectuar manifestaciones en la capital.

El diario Peking Daily recuerda hoy que las últimas elecciones se efectuaron en 1984, y que el mandato de los representantes locales vencerá en breve.

Pero el anuncio fue considerado como una aparente respuesta a las protestas estudiantiles desarrolladas durante la semana pasada en por lo menos nueve ciudades. En la más reciente, registrada anoche en Nankin, participaron alrededor de 4000 estudiantes, se informó.

No se aclaró cuales serán las medidas electorales para introducir mayores medidas democráticas en tales procesos, pero se informó que el vicepresidente del Comité, She Diking, manifestó que la labor electoral desarrollará plenamente la democracia.

Más participación popular

She dijo que el gobierno pondrá énfasis en la participación pública durante las elecciones de candidatos, y una mayor intervención popular en los debates y decisiones sobre cuestiones importantes.

Si bien el aspecto de la representación en las legislaturas locales no fue mencionado específicamente en el reciente activismo estudiantil en Pekín, fue uno de los principales temas mencionados en manifestaciones efectuadas en otras ciudades.

En los últimos años hubo indicios de que las legislaturas locales han estado teniendo un papel cada vez más importante en la formulación de leyes, y en enfrentar problemas locales como viviendas, caminos y trabajos para suministro de agua.

Pero su tarea como organismos representativos se ha visto obstaculizada por el dominio que el Partido Comunista continúa ejerciendo en las decisiones políticas en todo nivel.

El Daily agrega que el comité permanente también aprobó normas para restringir las manifestaciones, limitándolas a aquéllas que sean autorizadas por la policía, y para las que se efectúen en diversos lugares de esta capital.

La versión dice que el jefe de la policía de Pekín, Su Zongxiang, indicó que las normas que regulen las manifestaciones serán formuladas por los gobiernos locales, y que manifestó que el país necesita elaborar su sistema legal nacional, desarrollar la democracia socialista y proteger la estabilidad, unidad y reformas políticas de la capital.

Por su parte, el principal diario del país, Renmin Ribao (Diario del Pueblo), dice hoy en primera plana que la "democracia burguesa occidental" ejerce una influencia perniciosa en la juventud china.

Las versiones de prensa forman parte

(Continúa en la página 2 col. 3)

RPCH

Elecciones en China

(Continuación de la página 1, col. 6)

de una nueva gran campaña de los medios de difusión que durante la semana criticaron a los manifestantes, tras las protestas efectuadas en Shanghai con la participacion de decenas de miles de estudiantes.

Los manifestantes reclamaban reformas politicas en el actual sistema, mejoras que se aproximen a la democracia de estilo occidental, y una mayor libertad academica, entre otros aspectos.

Nuevas protestas

PEKIN, 27 (UPI). – Los estudiantes de Pekin, desautorizados a continuar con sus manifestaciones en favor de la democracia, levantaron hoy pancartas demandando el fin del "despotismo" en China y elogiando con "vivas" a la democracia.

Se informó que las universidades estaban tranquilas en varias ciudades, donde las tres semanas pasadas tuvieron lugar una serie de manifestaciones estudiantiles.

En Pekin, asi como la radio y television nacionales, difundieron los diez puntos de las "regulaciones temporales para manifestaciones y protestas", que fueron emitidos ayer por el Consejo Municipal.

Los diplomaticos senalaron que seria el modelo por aplicarse en otras ciudades del pais. En Shanghai y Tianjin, al Norte, tambien se anunciaron nuevas reglas para las manifestaciones y protestas.

En la Universidad de Pekin, los estudiantes estaban congregados hoy ante unos boletines, copiando dos manifiestos politicos con fuertes criticas al regimen.

Una pancarta decia que a pesar de que el gobierno comunista de China no se refiera a si mismo como el "patrón", en todo aspecto "es idéntico a los despotismos feudales más tiránicos que hayamos tenido".

El texto anota que un ciudadano chino puede ser encarcelado por sus creencias religiosas o politicas.

Discusión

El otro manifiesto se referia a una supuesta discusión sobre la democracia entre el viceprimer ministro Wan Li y el vicepresidente de la Universidad de Ciencia y Tecnologia de la ciudad de Hefei, ocurrida a fines de noviembre.

Los estudiantes de Hefei citaron ese debate como una de las razones por las cuales hicieron manifestaciones este mes.

El texto cita a Wan Li diciendo que la democracia "no es un derecho, solo puede ser concedida a alguien como un favor".

También menciona las manifestaciones estudiantiles en Hefei, Shanghai y Nanjing, citando al final varias consignas, "vivas" a la democracia y "abajo el despotismo", subrayado en rojo.

En un comentario de primera pagina, el diario de Pekin advirtió hoy a la ciudadania a protegerse de personas guiadas por "objetivos diabólicos" que pretenden "sacrificar" a los estudiantes en sus intrigas con el liderazgo del Partido Comunista.

La prensa señala que ciertos manifestantes "gritaron consignas contra la Constitución y los cuatro principios básicos", el pensamiento marxista, leninista y maoista, el liderazgo del Partido Comunista, la construcción socialista, y la dictadura del proletariado.

Mientras tanto, en Shanghai, las autoridades anunciaron el arresto de otros tres trabajadores, acusándolos de vagancia y de insultar mujeres; con ellos son cinco los detenidos en relación con las manifestaciones ocurridas entre el 19 y el 23 del actual en esta capital.

Reunión militar

Por otra parte, la poderosa Comision Central Militar, dirigida por el dirigente Deng Xiaoping, concluyó su reunion más numerosa desde 1978, según el diario Del Pueblo.

Este, que calificó como significativamente histórico el encuentro, informó que el tema principal fue el trabajo politico y la promoción de la ética socialista en las fuerzas armadas.

Los integrantes de la comisión trataron, ademas, el plan de reducción del Ejercito de Liberación Popular, de 4 millones de efectivos a sólo un millon.

Informes oficiales publicados ayer indicaron que el ejército no habia logrado esa meta, que debia alcanzarse a fin de este año, y que sólo 410.000 soldados habian sido dados de baja.

02-02 8701629

PARTES ILEGIBLE

Apett

SIN TITULO

PEKIN, 27 (AP). — En aparente reacción a los recientes protestas estudiantiles en reclamo de democracia, el Congreso Popular Municipal de Pekín anunció hoy que realizará elecciones para legislaturas locales a partir de principios del año próximo, y que aplicará mayores medidas democráticas en el proceso electoral.

El anuncio del Comité Permanente del Congreso Municipal, o legislatura, dijo que las elecciones para congresos populares de distritos, condados, poblaciones y aldeas se desarrollarán durante el primer semestre del año entrante.

La decisión sobre lo que informó la agencia noticiosa Xinhua, se adoptó durante una reunión de tres días en que también se resolvió adoptar severas restricciones para efectuar manifestaciones en la Capital.

El diario "Peking Daily", dice hoy que las últimas elecciones tuvieron lugar en 1984, y que el mandato de los representantes locales vencerá en breve.

Pero el anuncio fue considerado como una aparente respuesta a las protestas estudiantiles desarrolladas durante la semana pasada en por lo menos nueve ciudades. En la más reciente, registrada anoche en Nankin, participaron alrededor de 4.000 estudiantes, se informó.

No se aclaró cuáles serán las medidas electorales para introducir mayores medidas democráticas en tales procesos, pero se informó que el vicepresidente del comité, She Diking, manifestó que la labor electoral desarrollará plenamente la democracia.

She dijo que el Gobierno pondrá énfasis en la participación pública durante las elecciones de candidatos, y una mayor intervención popular en los debates y decisiones sobre cuestiones importantes.

Si bien el aspecto de la representación en las legislaturas locales no fue mencionado específicamente en el reciente activismo estudiantil en Pekín, fue uno de los principales sistemas mencionados en manifestaciones efectuadas en otras ciudades.

En los últimos años hubo indicios de que las legislaturas locales han estado teniendo un papel cada vez más importante en la formulación de leyes, y en enfrentar problemas locales como viviendas, caminos y trabajos para suministro de agua.

Pero su tarea como organismos representativos se ha visto obstaculizada por el dominio que el partido comunista continúa ejerciendo en las decisiones políticas a todo nivel.

El "Peking Daily" agrega que el Comité Permanente también aprobó normas para restringir las manifestaciones, limitándolas a aquéllas que sean autorizadas por la policía, y para las que se lleven a cabo en diversos lugares de esta Capital.

La versión dice que el jefe de la policía de Pekín, Su Zongxiang, indicó que las normas que regulen las manifestaciones serán formuladas por los gobiernos locales, y que manifestó que el país necesita elaborar su sistema legal nacional, desarrollar la democracia socialista y proteger la estabilidad, unidad y reformas políticas de la Capital.

Por su parte, el principal diario del país, "Renmin Ribao" (diario del pueblo), dice hoy en primera plana q ue la "democracia burguesa occidental" ejerce una influencia perniciosa en la juventud china.

Las versiones de prensa forman parte de una nueva gran campaña de los medios de difusión que durante la semana criticaron a los manifestantes, tras las protestas efectuadas en Shanghai con la participación de decenas de miles de estudiantes.

M. COLOR 27-12-86

01-01

La Mañana 19/1/87

Aumenta a catorce personas acusadas

China; nuevo detenido por incitar manifestaciones

Un trabajador de la localidad costera de Qingdao, Yu Chunyan, fue detenido el sábado por la Policía acusado de inicitar a estudiantes a manifestarse durante la campaña prodemocracia y libertad del mes de diciembre.

CHINA (EFE).— Según la Policía, Yu Chunyan dirigió cartas a estudiantes de varias ciudades, entre ellas Pekín, Shanghai y Nanjing "instigando a los estudiantes a manifestarse y a boicotear los exámenes".

La Policía local describió a Yu como "hostil al sistema socialista" y añadió que a mediados de 1986 intentó formar una organización política "contrarrevolucionaria" denominada "Nuevo Partido Nacional Social Democrático".

Con éste se eleva a catorce el número de personas detenidas por su participación en instigar o secundar manifestaciones prodemocracia que desarrollaron una crisis política que el viernes supuso la caída del Secretario General del Partido Comunista chino, Hu Yaobang.

El nuevo Secretario General, Zhao Ziyang, que aún conserva su título anterior de Primer Ministro, aseguró ayer a un alto funcionario húngaro que la política básica de China no cambiará.

"Los temores de inestabilidad y de cambio de política son infundados. China y el Partido Comunista mantendrán su política interior y exterior", dijo Zhao.

La prensa china lanzó ayer duras críticas contra el escritor Wang Ruowang, expulsado del Partido Comunista hace poco, después de haber permanecido en él cincuenta años.

Wang fue acusado de pregonar la total occidentalización de China, el camino capitalista y un sistema político multipartidista.

Un artículo en el "Diario del Pueblo" órgano del Partido Comunista, sentenció: "Nunca permitiremos que nadie intente negar el sistema socialista para introducir totalmente el capitalismo".

Zaho: "Somos un partido maduro"

Jefe del Partido descartó temores de inestabilidad

PEKIN, (ANSA y UPI).— El premier chino y jefe del Partido Comunista, Zhao Ziyang, descartó ayer como "injustificados" los temores de que la renuncia del ex líder del partido Hu Yaobang llevaría a la inestabilidad a China.

Zhao habló en una reunión con el visitante secretario del Partido de Trabajadores Socialistas de Hungría, Havasi Ferenc, su primer acto oficial como Secretario General del Partido Comunista chino desde que fue electo para reemplazar a Hu, el viernes.

"Temores de inestabilidad política son injustificados ", dijo Zhao, añadiendo que los cambios en el liderato están "dirigidos a asegurar la continuidad y estabilidad de nuestras políticas".

"Los cambios de dirigentes recientemente aprobados por la reunión expandida del Politburó de ninguna manera afectarían los planes, direcciones y políticas internas y externas del partido", dijo una transmisión radiada a todo el país en que se citó a Zhao.

Zhao también descartó ansiedades de que una nueva purga nacional de "liberales burgueses" — definidos como aquellos que se oponen al socialismo y favorecen el capitalismo — se desarrollaría en una campaña a gran escala.

"PARTIDO MADURO"

"Somos un partido maduro", dijo Zhao. "Nos oponemos al liberalismo burgués, pero no vamos a librar campañas".

El vicepremier Li Peng le aseguró a los intelectuales — las primeras víctimas de la campaña de purga de "liberales burgueses" — que China tiene una total confianza en ellos.

"Alguna gente está tratando de incitar a los intelectuales contra el partido, asegurándoles que serán las primeras víctimas de una campaña contra el liberalismo", citó la agencia Xinhua a Li.

"Pero esto es una mentira y una calumnia", apuntó.

Hablando en una reunión para criticar ideas "burguesas", varios altos académicos advirtieron que todo debate en China "tiene que ser guiado por el marxismo", dijo un informe publicado en los periódicos ayer.

"Alguna gente considera el marxismo como una de entre cientos de escuelas", dijo el filósofo He Lin, en referencia al llamado de Mao Tse-tung "Que florezcan cien flores, que rivalicen cien escuelas de pensamiento", que Hu revivió el año pasado en un intento por alentar un debate más vigoroso y abierto entre los intelectuales de China.

"Pero aun bajo la política de permitir un centenar de escuelas de pensamiento, el marxismo no es una más, sino la dominante y la que tiene la función de guiar a [illegible]", [illegible].

870190

01-01

Manifestaciones estudiantiles revelan disidencias dentro del P. C. chino

Las manifestaciones estudiantiles en China pusieron en evidencia la existencia de diferencias en el seno del Partido Comunista chino, entre los sectores que defienden las reformas llevadas adelante por Deng Xiaoping y aquellos que ven en ellas una peligrosa "occidentalización" del régimen. Aunque las aspiraciones de los estudiantes buscaban únicamente una mayor liberalización social, si algo consiguieron fue que tanto los reformistas como los ortodoxos del Partido coincidieran en la condena total del movimiento.

El estallido de manifestaciones estudiantiles en China no puede verse como un hecho aislado o nuevo en la China comunista. En 1967 cuando Mao Tse-Tung lanzó su "Revolución Cultural", los primeros sectores sociales que se movilizaron fueron los estudiantiles, en especial los universitarios. A dos décadas de aquel fenómeno, las autoridades chinas consideran a la Revolución Cultural como un ejercicio que llevó al país a la "anarquía", por lo que no pudieron ocultar su preocupación por los episodios de diciembre y enero.

Las manifestaciones se iniciaron el 5 de diciembre del año pasado y tuvieron como foco de irradiación la ciudad de Shangai. Allí, el carácter multitudinario de las mismas hizo que la policía fuera movilizada para ejercer un férreo control. Los contactos entre los líderes estudiantiles y las autoridades de la ciudad no fructificaron y pronto cerca de 150 universidades y 17 ciudades de todo el país se contagiaban con el fenómeno. Las demandas de los estudiantes eran la intervención en las discusiones sobre reformas políticas que está llevando adelante el Partido Comunista chino, participación en el manejo de la Educación, permiso para volver a colocar en los muros los clásicos "dazibaos" (rústicos cartelones pintados a mano y que constituyeron la principal forma de realizar críticas durante la Revolución Cultural) y una mayor libertad de prensa. Precisamente fue a través de la prensa que se formularon las máximas críticas a las movilizaciones estudiantiles, a las que catalogaron de "desviación burguesa".

La preocupación de las autoridades se manifestó además en la información de que desde el 11 de diciembre se hallaba reunida la Comisión Militar Central del Partido Comunista Chino. Los "hijos de la Nueva China" –como los denominó el viceministro de Educación He Dongchang– no se amilanaron por esto o por la prohibición expresa del gobierno a las manifestaciones, sino que continuaron con las mismas hasta los primeros días de enero, teniendo lugar la principal en la Plaza Tiananmen de Pekín, el primer día del año.

Reformistas y ortodoxos condenaron las movilizaciones a través de la prensa oficial. Así, el Diario de Pekín sostuvo que los estudiantes eran "ingenuos y títeres de los enemigos de clase". Agregó además que "debían evitar participar de actos planeados e instigados por elementos hostiles al socialismo, denunciar sus planes y criticar profundamente las tendencias del liberalismo burgués que se han extendido mucho últimamente". Sostuvo además que a pesar de que los estudiantes manifestaron su adhesión a los cuatro principios de Deng Xiaoping (rol directivo del PC, socialismo, marxismo leninismo y el pensamiento de Mao), en la creación de caos en las ciudades "no se puede encontrar ni un gramo de adhesión al marxismo".

Por su parte, el principal órgano de prensa chino, el Diario del Pueblo, expresó que "el liberalismo burgués es ciertamente una tendencia que está envenenando a nuestra juventud, poniendo en peligro la estabilidad y unidad de nuestra sociedad, alterando nuestras reformas y nuestra política de puertas abiertas, impidiendo nuestra modernización". Recién el día 6 de enero este diario reconoció que las manifestaciones eran "hechos importantes y graves" además de "producto inevitable de la debilidad de algunos camaradas en su lucha contra la difusión de la liberalización burguesa".

Estos "camaradas débiles" parecen estar empezando a caer. Por orden del Partido Comunista, fueron expulsados de sus cargos el rector y el vice rector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei, una de las cunas de las manifestaciones. El vice rector, Fang Linzhi, es conocido como "el Sakharov chino" y es un prestigioso astrofísico que solo tres meses atrás había sido catalogado por la prensa oficial como "científico modelo". Fang es considerado como el instigador de las manifestaciones ya que sus escritos propugnando "una representación más democrática en las Asambleas Legislativas" son muy populares en los círculos estudiantiles. Habría también cambios a nivel del Departamento de Propaganda e Información del propio Partido. Finalmente, parece que en la cúpula política habría caído en desgracia el secretario general del Partido Hu Yaobang (de 71 años), hasta hace poco aliado de Deng y particularmente silencioso en las últimas semanas.

Si las autoridades respondieron en forma unánime a los estudiantes, no pudieron en cambio dejar de traslucir las diferencias internas del propio Partido Comunista. Allí, los sectores más ortodoxos han criticado las reformas llevadas adelante por Deng y los suyos, a las que consideran como una peligrosa "occidentalización" del régimen. Deng los ha dejado manifestarse, sobre todo contra los estudiantes, debido a que "ello presiona a aquellos a que se detengan, ya que existe el peligro de una reacción conservadora", al decir de un observador diplomático. "Probablemente está también de acuerdo con lo que dicen sobre los estudiantes, en el sentido de que es necesario preservar la estabilidad y la unidad", agregó.

Deng por su parte, mantuvo prudencial silencio durante el pasado mes de diciembre. En enero, el líder de 82 años catalogó a las movilizaciones de "obstáculo derechista", además de afirmar que la situación impedía su retiro de la política en este 1987.

Los estudiantes por su parte, manifestaron no estar avergonzados de lo realizado y que "lo haríamos nuevamente". En sus "dazibaos", los estudiantes afirman que no continuarán con las manifestaciones debido al período de exámenes y a las vacaciones pero que sus solicitudes de liberalización no son de origen burgués y que la reforma política que está estudiando la dirigencia china "debe estar acompañada por una reforma radical de la forma de pensar de gobernantes y gobernados".

Recrudece protesta estudiantil en China

Pekín (UPI) — El "Diario del Pueblo", órgano oficial del Partido Comunista Chino, advirtió ayer a los estudiantes que han efectuado manifestaciones en once ciudades de la nación demandando reformas democráticas, que las autoridades castigarán a quienes traten de socavar el sistema socialista de gobierno.

Un comentario editorial aparecido en el diario y que por la noche fue leído en toda su extensión por la red nacional de televisión, al finalizar el noticiero vespertino, advirtió que "Era errónea y confundida" la creencia de que la democracia puede lograrse "sin la conducción del Partido Comunista y sin el sistema socialista".

Ayer por la madrugada, estudiantes de por lo menos cuatro universidades de Pekín, reiteraron sus demandas de libertad y democracia en una marcha a la luz de antorchas y al batir de tambores por las calles cubiertas de nieve de Pekín, que al amanecer había atraido unos 3000 participantes.

Los estudiantes de la Universidad de Pekín, además de desafiar la prohibición oficial contra manifestaciones no autorizadas participando en esa marcha, convocaron en un nuevo desafío a celebrar una marcha el primero de enero en la céntrica Plaza de Tienanmen.

- **Distorsión**

"Describir el sistema capitalista como un mundo libre con democracia por doquier y al sistema socialista como una autocracia sin democracia es una distorsión deliberada o carece del más elemental conocimiento", dice una traducción del comentario editorial, difundida por la agencia noticiosa oficial Xinhuá.

"El sistema democrático de países capitalistas es en esencia una forma de gobierno burgués, sirviendo a la propiedad privada capitalista. Llevar a cabo una campaña electoral en países capitalistas, por ejemplo, no es una oportunidad para todos porque es muy costoso", añade el comentario, pero admite: "Es innegable que el sistema socialista de China necesita ser perfeccionado", agrega.

"Recibimos con agrado cualquier sugerencia positiva y críticas bien intencionadas en cuanto a la construcción de la democracia. Pero hay unas pocas personas, con motivos ulteriores que tratan de vilipendiar la conducción del partido y el sistema socialista para confundir y envenenar las mentes de las gentes exagerando las dificultades temporarias del país y hasta esparciendo rumores".

A. Financiero 31/12/86

ECOS DE LA DESTITUCION DE HU YAOBANG

"No hay inestabilidad en China", dijo Zhao Ziyang

El flamante titular del Partido Comunista Chino —el más grande del mundo— aseguró que los recientes cambios en la cúpula del P.C.Ch. no significan el comienzo de una nueva orientación política. Zhao Ziyang desmintió además que las reformas propuestas por Deng Xiaoping estén en dificultades y garantizó que no se recurrirá a métodos izquierdistas para hacer frente al "liberalismo burgués".

PEKIN, 18 (Reuter). — El secretario general interino del Partido Comunista Chino (P.C.Ch.), Zhao Ziyang, aseguró hoy que el desplazamiento del ex jefe partidario Hu Yaobang no tendrá efectos sobre la política china, al tiempo que calificó como "infundados" los temores sobre inestabilidad.

"Los cambios en la dirección dados a conocer el viernes último después de la reunión ampliada del politburó tienen por finalidad garantizar la continuidad y la estabilidad de la línea política. Los cambios de personas aprobados no afectarán en absoluto los planes, la dirección o la política interna o exterior" afirmó Zhao en su primera declaración pública desde que se hizo cargo de la jefatura del partido en lugar de Hu. El dirigente comunista desmintió también versiones según las cuales los cambios en la cúpula partidaria significan que las reformas introducidas por el líder Deng Xiaoping atraviesan dificultades.

Hasta hace unos pocos días Hu era considerado la mano derecha de Deng y su sucesor más posible, pero las recientes manifestaciones estudiantiles en demanda de mayor libertad de expreción precipitaron una crisis en la cúpula del P.C.Ch.

♦ "No cambia la orientación"

Zhao recalcó que los reemplazos de personas no representan la inauguración de una orientación política distinta de la vigente.

El titular del P.C.Ch. hizo estas declaraciones al término de un encuentro que mantuvo con una delegación del Partido Comunista de Hungría y añadió: "Algunas personas temen que esta reunión pueda afectar la estabilidad y continuidad de nuestra política. Estas preocupaciones son innecesarias. Exactamente al contrario. La reunión tuvo por objetivo garantizar la continuidad y la estabilidad de la política del partido".

Zhao precisó que los fundamentos de esa política son proseguir con los procesos de reforma y de "puertas abiertas", además de la vigencia de los "cuatro principios básicos": China debe avanzar en la vía del socialismo, del pensamiento marxista-leninista-maoísta, la dirección a cargo del Partido Comunista y la dictadura del proletariado.

♦ Respeto por los intelectuales

Zhao reiteró las imputaciones de "liberalismo burgués" que el P.C.Ch. viene utilizando para referirse a las naciones occidentales de democracia y libertad de expresión reclamadas por los estudiantes en las manifestaciones de diciembre, pero agregó que no se permitirá que esa denuncia alcance una dimensión que escape al control partidario.

Concluyó diciendo que "no se recurrirá a métodos izquierdistas para solucionar el problema" y aseguró que el partido siente un gran respeto por los intelectuales.

Como consecuencia de la crisis política tres intelectuales fueron acusados de difundir ideas impregnadas de "liberalismo burgués" y de haber propuesto una "completa occidentalización" de China: el rector y el vicerrector de la Universidad de Hefei y el escritor Wang Rouwang.





El por ahora nuevo jefe del P.C. chino, Zhao Ziyang, junto con Deng Xiaoping (der.) quien continúa siendo el verdadero líder de la potencia asiática.

Pekín minimiza incidentes

PEKIN, 18 (Por Patrice de Beer y Francis Deron de "Le Monde", especial para Clarín). — China minimizó en forma drástica los incidentes de la semana pasada en la frontera con Vietnam. Al recibir a Didier Bariani, secretario de Estado para Asuntos Exteriores de Francia, su homólogo chino encargado de cuestiones asiáticas, Liu Shuqing indicó este lunes que los combates del 5 y del 7 de enero provocaron quinientas víctimas entre las filas vietnamitas y solo "algunas decenas" entre soldados de la armada popular por la liberación china. El funcionario no se mostró inquieto por los enfrentamientos, que para China parecen estar en el orden de lo habitual, mientras que en Hanoi se les adjudicó gran importancia.

Por el contrario, el secretario chino insistió en el problema de Camboya y requirió de Francia "un compromiso más importante" dentro de la resistencia camboyana. Por su parte, Bariani confirmó la voluntad de París de aportar ayuda comunitaria a la resistencia no comunista, al proporcionar a los partidarios del derrocado príncipe Norodom Sihanuk, y eventualmente a los de Son Sann ayuda consistente en información y auxiliares médicos. Hay dos cuestiones en que los gobiernos de París y Pekín no coinciden: Francia excluye el reconocimiento de los kmer rojos y no tiene intención de dejar de suministrar ayuda a Vietnam.

Por otra parte, Bariani expresó la conformidad de Francia con el plan de ocho puntos del príncipe Sihanuk, que China apoya y constituye "el punto de partida".

Liu conversó con el secretario francés sobre su reciente visita a Laos, país aliado de Vietnam, ya que Pekín y Vientiane han retomado el diálogo, aunque sin progresos de importancia. Según Liu, los laosianos no disponen de un margen de maniobra suficiente en vista de los vietnamitas. Asimismo, Bariani destacó ante los chinos el problema del Pacífico sur, y pidió que se reconsidere la intención china de firmar los protocolos del tratado de Rarotonga sobre la desnuclearización de la zona, que los soviéticos acaban de ratificar, al tiempo que admitió lo difícil que resulta para China no sumarse a esta iniciativa de los países del Pacífico. El secretario Bariani reconoció que "China no puede más que beneficiarse con las múltiples intenciones de echar a Francia del Pacífico".

La visita del alto funcionario francés a Pekín coincide con la inauguración de la primera fase de catorce centrales telefónicas instaladas en Pekín por la empresa francesa Alcatel. También se inscribe en el marco de los convenios de intercambio comercial que se han concretado en los últimos tiempos, como la llegada al puerto de Tianjin de las primeras locomotoras eléctricas encargadas por China a París.

LA PRENSA 22/1/87

Reformas socio-económicas

Predicen limitaciones en China

Pekín, 21 (UP y ANSA) – Diplomáticos occidentales predijeron hoy que algunas de las reformas en China serán limitadas o gradualmente descartadas, ante las presiones de los dirigentes comunistas de línea dura, y señalaron que ya se ha iniciado en tal sentido una campaña en la prensa y las esferas culturales.

Sin embargo, un alto funcionario chino declaró que los cambios en la dirección del partido Comunista y la campaña contra las tendencias capitalistas no tendrán efecto adverso en las políticas exterior y doméstica de Pekín.

La agencia noticiosa oficial Xinhua informó del cierre de la Oficina Estatal de Publicaciones, que fuentes chinas dijeron había sido "fuertemente criticada" por no lograr el control ideológico sobre los medios de comunicación.

Xinhua informó que sería sustituida por la Oficina de Publicaciones y Medios directamente bajo el gobernante Consejo de Estado. Agregó que la nueva entidad supervisará la publicación de noticias y casi todos los aspectos editoriales en China.

Una fuente china señaló que Bian Chunguang director de la oficina ahora cerrada, fue severamente criticado por las autoridades del partido el año pasado por no controlar el contenido de los medios de información, particularmente en la provincia de Guandong, cerca de Hong Kong.

Mayor control

"Esto representa un mayor control sobre los medios", añadió la fuente. "Inmediatamente después de los disturbios estudiantiles (de diciembre) en Shanghai, hubo una reunión de publicaciones nacionales en Pekín y este es un resultado directo de ello".

El vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, Ma Yuzhen, en un aparente intento por calmar los temores de otro mayor cambio en la política china, defendió el retiro del viernes del jefe del partido Comunista Hu Yaobang y la nueva campaña contra el "liberalismo burgués" o las tendencias capitalistas.

Hu, un cercano colaborador del líder Deng Xiaoping, dejó su cargo como secretario general del partido de 44 millones de miembros luego de reconocer que había cometido errores en "importantes asuntos".

"El reciente cambio en el comité central y la actual lucha contra el liberalismo burgués no tendrá de ninguna manera efecto adverso en la implementación de la línea del partido, sus principios o en sus políticas externas o internas", afirmó en una conferencia de prensa.

Sin embargo diplomáticos occidentales señalaron que los comentarios de autoridades chinas en la semana pasada demostraban un fuerte resurgimiento de una facción conservadora dentro del partido Comunista que favorece la planificación centralizada y un mayor control ideológico.

Negociaciones con Moscú

Por otra parte, se informó que el próximo 9 de febrero comenzará en Moscú la primera sesión de las nuevas conversaciones entre China y la Unión Soviética para la delimitación de las fronteras, donde hubo serios incidentes en 1969 y 1970. Lo informó hoy en Pekín un vocero de la cancillería, quien agregó que el gobierno chino "tomó nota" del anunciado retiro de las tropas soviéticas destacadas en Mongolia.

DJ

Poco legible

01-01

Chino

LA PRENSA ◆ Domingo 25 de enero de 1987

Un periodista fue expulsado del partido Comunista chino

Pekín, 24 (UP y ANSA) — Un periodista especializado en escribir sobre el lado oscuro del socialismo chino, se convirtió hoy en el tercer intelectual prominente que es expulsado este mes del partido Comunista en una creciente campaña contra las ideas capitalistas.

Liu Binyan, escritor del "Diario del Pueblo", cuyas atrevidas exposiciones acerca de los errores oficiales lo convirtieron en el periodista más popular de China, fue expulsado por sus críticas al partido Comunista chino y calificar al marxismo "obsoleto", afirmó la agencia de noticas oficial Xinhua.

El despacho señaló que la expulsión de Liu fue ordenada el 23 de enero por la comisión de inspección de disciplina del partido, que también acusaba al escritor de describir los principios comunistas como "frases desgastadas que han llevado a China a calamidades en varias ocasiones".

La expulsión fue decidida por no haber respetado los cuatro puntos básicos de la Constitución: adhesión al socialismo, a la dictadura democrática popular, al principio de liderazgo del partido y al pensamiento de Mao. Liu definió a estos principios como buenos en la letra pero reaccionarios en los hechos".

Ha violado, gravemente, los principios periodísticos de respetar los hechos y comprobarlos para que sean exactos", afirmó Xinhua parafraseando la decisión del partido. "Al escribir reportajes Liu incluso fue más lejos fabricando hechos para atacar al partido y confundir a los lectores inconscientes de la verdad".

También expresó que Liu, quien fue perseguido como "derechista" durante la revolución cultural y rehabilitado en 1979, rehusó aceptar el liderazgo del partido Comunista.

El periodista, quien también es vicepresidente de la Asociación de Escritores Chinos, fue acusado de ridiculizar la táctica propagandística de alabar a los trabajadores modelo. Xinhua sostuvo que Liu calificó tales esfuerzos como "un intento de convertir a la gente en tontos serviles".

CHINO

Llamado de Hanoi a concluir la ocupación de Camboya

PEKIN, 25 (UPI y Xinhua). — A ocho años de que Vietnam invadiera Camboya, China hizo hoy un llamado a Hanoi para que retire sus tropas y procure un arreglo político a la convulsa situación de esa nación del sudeste asiático.

Al mismo tiempo, concluyó la visita del vicecanciller chino Liu Shuqing a Laos, país que se ubica dentro de la órbita vietnamita, pero que calificó la presencia de Shuqing como "un primer paso hacia la normalización y mejoramiento de las relaciones entre los dos países".

♦ Plan para Camboya

En una declaración dada a conocer por el ministerio de Relaciones Exteriores de China se reiteró el apoyo a un plan de ocho puntos propuesto en marzo por la coalición antivietnamita que encabeza el príncipe Norodom Sihanouk.

El plan propone un retiro escalonado de las tropas vietnamitas bajo la supervisión de la Organización de las Naciones Unidas y el establecimiento de un gobierno de coalición formado por cuatro partidos con Sihanouk como presidente.

Vietnam invadió Camboya en diciembre de 1978 derrocando, a principios de enero, el gobierno de Khmer Rouge, que contaba con el apoyo de Pekín. En febrero siguiente tropas chinas invadieron a Vietman y ambos países sostuvieron enfrentamientos armados en la zona fronteriza durante un mes.

"Vietnam está acosado por la crisis económica en lo doméstico, y en una posición de aislamiento sin precedentes en el mundo", indicó la declaración. "La causa de ello es la invasión y ocupación de Camboya."

"Sin embargo las autoridades vietnamitas no tienen ni el coraje de enfrentar esta realidad ni la intención de cambiar sus políticas erróneas de belicosidad, agresión y expansionismo", agregó.

Según la declaración, después del retiro de las tropas vietnamitas "los problemas internos de Camboya deberían ser atendidos por el pueblo camboyano y por varias de las fuerzas políticas de Camboya a través de consultas en igualdad de condiciones y libres de cualquier interferencia externa. . ."

En el pasado, Vietnam ha permanecido indiferente a los reclamos de China. Ahora, sin embargo, se especula que la crisis y el aislamiento vietnamitas, así como la política de distensión alentada por el líder soviético Mijail Gorbachov, hacia China podrían modificar esta postura.

♦ Visita

La agencia oficial Xinhua, por otra parte, dijo que Liu Shuqing mantuvo esta mañana una "conversación amistosa" con Phoun Sipaseuth, vicepresidente del Consejo de Ministros y ministro de Relaciones Exteriores de Laos. Sipaseuth, según la agencia, afirmó que las conversaciones habían sido favorables para mejorar la comprensión mutua.

A su vez, Shuqing señaló que el deseo común de ambos pueblos era restaurar las relaciones de buena vecindad y amistad.

La visita de Shuqing tuvo lugar a raíz de una invitación laosiana.

CLARIN 26/12/86

LA PRENSA, Miércoles 17 de diciembre de 1986

Preocupación en China por las demandas estudiantiles

Pekín, 16 (UP) — Un importante funcionario de la actividad lite-raria en China afirmó hoy que Pekín está "muy preocupado" en cuanto a si permitir o no cartelones con leyendas políticas, como los colocados la semana pasada por grupos de estudiantes durante demostraciones instando a más democracia y libertad en la nación.

Satisfacción

Xie Yongwang, un vocero de la Asociación de Escritores Chinos, patrocinada por el Estado y editor de noticias de arte y literatura, expresó "satisfacción" por el reciente aflojamiento de los controles culturales y manifestó confianza en que esa política continuará.

"En el año pasado, los escritores chinos se han encontrado en una atmósfera muy libre y vivaz", declaró durante una conferencia de prensa ofrecida por 10 prominentes miembros de la asociación. Xie citó en la oportunidad un trabajo crítico de aspectos de las reformas económicas emprendidas por el gobierno.

Pero Xie declinó decir si aprobaba "cartelones", como los colocados la semana pasada por estudiantes en predios universitarios en Pekín, Hefei y Wuhan. La mayoría de los cartelones, pidiendo más libertad y democracia en China, fueron arrancados por las autoridades durante el fin de semana.

Advertencia

"Si los estudiantes tienen demandas, pueden discutirlas y estudiarlas con otros estudiantes", dijo Xie a United Press tras la conferencia. El dirigente literario agregó que no estaba al tanto de lo expresado en los "posters", pero advirtió que "si atacaban la Constitución o los principios básicos de la nación comoel socialismo, entonces son malos".

"En lo que respecta a lo que yo pienso en la materia prefiero no decirlo en este momento porque el gobierno está muy preocupado por este problema", respondió al preguntársele si se debía permitir a los estudiantes colocar cartelones instando a una mayor democracia.

Diplomáticos con sede en Pekín afirmaron que los afiches demuestran la creciente influencia occidental en la juventud china.

01-01

8701912

Dinadado inutilizado aparece ...

Advertencia de Deng contra las tendencias capitalistas en China

Pekín, 15 (UP) — El líder chino Deng Xiaoping advirtió hoy que el partido Comunista no tolerará tendencias capitalistas, mientras que un alto funcionario gubernamental estimó que habrá "una prolongada batalla" contra los esfuerzos para liberalizar a China.

Al aumentar los rumores de que la campaña contra las tendencias capitalistas acabará derrocando al secretario general del partido Comunista, Hu Yaobang, un portavoz del partido rehusó comentar si Hu aún permanecía en el cargo.

Un diplomático occidental señaló que la negativa del vocero indicó que Hu se encontraba "en serios problemas".

Hu ha estado ausente de la vista pública desde hace más de dos semanas.

Importante reunión

Una fuente china informó que dirigentes municipales y provinciales se congregaron en Pekín para una reunión que podría convertirse en una sesión del comité central del partido.

El comité tendría que ratificar cualquier cambio en el liderazgo.

Analistas chinos notaron que la televisión central mostró a Hu plantando un árbol en un programa sobre el embellecimiento de Pekín, pero no se pudo especificar cuándo fue grabado el film.

Hu también fue citado en un discurso publicado hoy por el periódico del partido Comunista, "Diario del Pueblo".

Hu, considerado el segundo hombre más poderoso de China durante los últimos siete años, ha sido criticado por Deng por ser demasiado suave con los liberales, según la agencia noticiosa japonesa Kyodo.

La agencia noticiosa oficial Xinhua citó a Deng, quien le comentó al visitante jefe del partido Comunista de Finlandia, Arvo Aalto, que "en este momento existe una tendencia ideológica que apoya la liberalización burguesa".

"Los marxistas de China no estarán de acuerdo con esto", añadió, según Xinhua.

El término "liberal burgués", frase utilizada por dirigentes chinos para referirse al capitalismo, ha sido aplicado a la ola de protestas estudiantiles a favor de más democracia en China. Se realizaron manifestaciones que afectaron a por lo menos 13 ciudades desde el 5 de diciembre hasta el 1° de enero.

Reunión cancelada

El partido canceló hoy una reunión entre Hu y el jefe del partido de Finlandia, reiterando un anuncio anterior de que Hu "no está bien de salud" y le es imposible reunirse con dignatarios extranjeros que visitan China.

Aalto es el funcionario más importante del partido Comunista de Finlandia que visita China en 20 años.

Según una fuente china, los que se oponen a Hu están utilizando la reciente ola de protestas para derrocarlo.

La fuente añadió que Hu se ausentó de la vista pública luego de saber que sería reemplazado por Zhao Ziyang en el vigésimo tercer congreso del partido que se realizará en octubre.

Agregó que Zhao sería sustituido por el alcalde de Tianjin, Li Ruihuan, de 52 años de edad.

Hu, durante 40 años un aliado estrecho de Deng, sería colocado en el puesto ceremonial de presidente de la conferencia consultiva política del pueblo.

Control de precios

Por otra parte, el gobierno reimpuso controles de precios en un intento de mantener la estabilidad social tras la ola nacional de desórdenes estudiantiles, informó hoy la agencia noticiosa oficial.

"Esta es una clara reafirmación de que el gobierno se preocupa por los precios y el efecto que pueden tener en los niveles de vida y la moral", señaló un diplomático occidental. "Tratan de que la gente se sienta segura".

En una circular de ocho puntos emitida ayer, el Consejo de Estado ordenó controles más estrictos de los precios en un intento de estabilizar el costo de los bienes esenciales en 1987, indicó Xinhua.

"Los precios de los bienes básicos son un tema de principal importancia para la estabilidad general económica y social de China, que es de interés inmediato para las masas", afirmó la circular.

Fuentes diplomáticas manifestaron que las autoridades temían que los trabajadores, empujados por recientes rumores sobre alzas de precios, se unieran a la reciente ola de protestas estudiantiles ocurridas en por lo menos 13 ciudades desde diciembre.

LA PRENSA 16-1-87

8701913

01-01

CRISIS EN LA CUPULA DE PODER EN PEKIN

CLARIN 17/1/87

Renunció el secretario general del P.C. de China

Renunció Hu Yaobang a la jefatura del Partido Comunista Chino, el más grande del mundo, con 44 millones de miembros. Así lo informó un comunicado tras una reunión del buró político, señalando que Hu hizo una "autocrítica" de sus errores. El segundo hombre más importante de China después de Deng Xiaoping seguirá siendo miembro del buró. Su sucesor, Zhao Ziyang, fue primer ministro y es considerado un activo reformador.

Agencia AFP

PEKIN, 16 (UPI, DPA y Reuter). — **Hu Yaobang renunció hoy como jefe del Partido Comunista más grande del mundo, aparentemente víctima de una nueva campaña contra las tendencias capitalistas.**

La radio y la televisión anunciaron que **una sesión plenaria especial del gobernante Politburó eligió por unanimidad al primer ministro Zhao Ziyang, de 67 años, como secretario general interino del Partido Comunista de China, que cuenta con 44 millones de militantes, en reemplazo del dimitente.**

Zhao es un reformista urbano que ganó su reputación como el máximo dirigente del Partido Comunista en la provincia central de Sichuan, donde transformó la atrasada región.

El nuevo dirigente del partido ha sido primer ministro desde 1980, cuando fue traído a Pekín por el anciano líder Deng Xiaoping. Los anuncios no dijeron si continuará en el puesto de primer ministro. Fuentes chinas señalaron que es posible que sea reemplazado por el viceprimer ministro **Li Peng** o por el alcalde de Tianjin, **Li Ruihuan.**

♦ "Autocrítica"

Un comunicado del Politburó dijo **que Hu, de 71 años, "hizo una autocrítica de sus errores sobre importantes principios políticos en violación del principio del partido de la dirección colectiva".**

No dio detalles y dijo que **Hu** solicitó que el comité central aprobara su renuncia. **La decisión aparentemente terminó en una estrecha asociación con Deng que duró más de 40 años.**

El anuncio puso fin a varios días de especulaciones de que **Hu, que no había sido visto en público por más de dos semanas, había caído en desgracia por no adoptar una línea lo suficientemente dura contra el "liberalismo burgués" en China.**

"El liberalismo burgués" ha sido culpado oficialmente de las **manifestaciones estudiantiles en pro de la democracia y la libertad que se produjeron en por lo menos trece ciudades** entre el 5 de diciembre y el 1° de enero.

Fuentes chinas dijeron que **Hu, que había sido líder del partido desde febrero de 1980 y que se esperaba que sucediera a Deng, fue objeto de crecientes críticas después de las protestas estudiantiles.**

Un diplomático occidental —anotando que el estilo de **Hu** irritaba tanto a reformistas como a conservadores— dijo que su salida era "muy probablemente el resultado de una lucha por el asunto de la sucesión" y que fue causada por las marchas estudiantiles.

"El acabar sumariamente con el número uno del partido afirma que no todo es estable en China", dijo otro diplomático.

♦ Línea política

Añadió que la reunión del Politburó —**a la que asistieron** por lo menos 43 dirigentes del partido— urgió al P.C. a que continuara implementando su **"línea política, principios y varias políticas domésticas y extranjeras".**

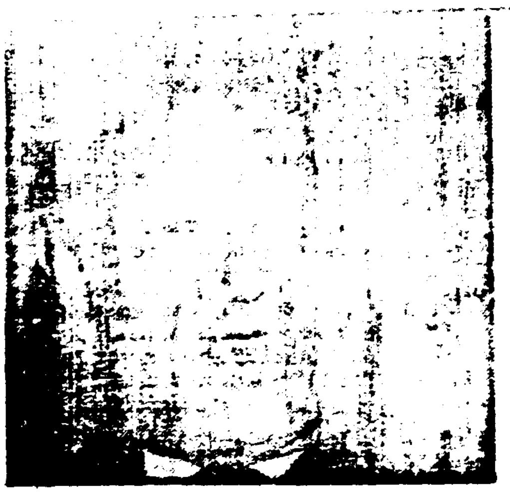
El comunicado de dos minutos fue leído en la televisión nacional por un anunciador vestido de azul marino en **"traje Mao".**

Indicó que el **partido continuará ejecutando las reformas iniciadas por Deng a fines de la década de 1970, incluso la política de "abrir el país al resto del mundo** y reforzar la economía doméstica, continuar la promoción de la democracia socialista y mejorar el sistema legal socialista".

El comunicado también pidió a los miembros del partido que combatieran la "liberalización burguesa".

01.04

8701914



Hu Yaobang, secretario general del Partido Comunista, acaba de renunciar tras admitir "errores" en la política reformista de China.

Comunicado oficial

PEKIN, 16 (ANSA, AFP y UPI). — Difundido al término de la reunión del buró político, un comunicado afirma que Hu Yaobang hizo la autocrítica de los errores cometidos durante su administración del partido.

"Tales errores —dice el documento— atañen a la violación del principio del liderazgo colectivo del partido".

La oficina política "hizo al compañero Hu Yaobang una crítica seria y fraternal, reconociéndole al mismo tiempo que supo obtener buenos resultados en su trabajo".

En la misma reunión se estableció elegir a Zhao Ziyang para cubrir el cargo de secretario general interino y presentar esta decisión, para la necesaria confirmación, en la próxima sesión plenaria del comité central.

Hu Yaobang, a firma el comunicado, conserva los cargos de miembro del comité permanente del buró político del partido y de miembro del mismo buró político.

El comunicado invitó al partido a seguir apoyando los cuatro principios vitales de la Constitución (adhesión al socialismo; al principio del rol-guía del partido; a la dictadura del proletariado y al marxismo-leninismo, y al pensamiento de Mao Tsé-tung) y a combatir la "liberalización burguesa".

Gesto conciliatorio soviético

MOSCU, 16 (EFE, Reuter y UPI). — La Unión Soviética intenta reactivar la laboriosa tarea de la normalización de sus relaciones con China, a través de un nuevo gesto dirigido al otro gigante comunista, como fue el anuncio de que en la próxima primavera se retirarán de la frontera chino-mongol un regimiento motorizado y otros grupos de soldados soviéticos.

La numerosa presencia de soldados soviéticos en la frontera entre China y Mongolia es uno de los tres clásicos "obstáculos" que Pekín presenta siempre como base de su resistencia a una normalización de relaciones con la URSS, por ello, la iniciativa soviética de retirar un regimiento motorizado y otros grupos de soldados la próxima primavera, que ya había sido anunciada aunque sin fecha concreta por Mijail Gorbachov el pasado mes de julio en Vladivostok, supone un intento de la URSS por superar, o al menos limar, este "obstáculo" chino.

Según Pekín la Unión Soviética mantiene en la frontera de Mongolia con la República Popular China 100.000 soldados, cifra rebajada hasta 60.000 por fuentes occidentales.

♦ **URSS: un "gesto"**

Los expertos señalan también que éste es un "gesto" realizado de cara a la reanudación de las negociaciones sobre sus fronteras que los dos grandes del comunismo comenzarán el próximo mes de febrero tras una interrupción de más de veinte años.

Las negociaciones entre China y la URSS se rompieron en 1964 como una consecuencia más del distanciamiento ideológico que se produjo en aquella época entre los dos grandes del comunismo.

Aunque hasta el momento Pekín no se ha pronunciado sobre el anuncio de la retirada de una parte de los soldados soviéticos en Mongolia a partir del próximo mes de abril, las autoridades chinas le restaron importancia al afirmar que se trataba de un gesto simbólico e impreciso.

♦ **China: dureza**

Los expertos destacan además que la postura de mayor dureza de China con respecto a la URSS y a una normalización de relaciones se concentra en el apoyo de Moscú a Vietnam, con la ocupación de Camboya y Laos de fondo. Los otros dos obstáculos, la militarización de la frontera común y la presencia soviética en Afganistán, serían más "negociables" para Pekín y más fáciles de superar para la URSS, según estos círculos.

Desde la incorporación de Mijail Gorbachov a la dirección del Kremlin, hace casi dos años, la URSS ha lanzado una activa ofensiva de acercamiento a China.

♦ **Gorbachov**

En su discurso de Vladivostok, localidad siberiana situada a tan solo 80 kilómetros de la frontera con China, Gorbachov señaló que las relaciones de ambos países son de extrema importancia, "porque somos vecinos, compartimos la frontera más extensa del mundo, y nosotros, nuestros hijos y nuestros nietos están destinados a vivir cerca siempre".

Como parte de estos esfuerzos de acercamiento a Pekín, Moscú propuso un encuentro entre Mijail Gorbachov y Deng Xiaoping, que recibió la típica respuesta de Pekín de que China favorecería la celebración de dicho encuentro si ayudaba a superar los clásicos "tres obstáculos".

.02

8701914

ZHAO ZIYANG

Un gran reformador

PEKIN, 16 (UPI, EFE y DPA). — **El nuevo secretario general del Partido Comunista de China, Zhao Ziyang, es un hombre que no se preocupa por mantener la tradición, descartando viejos patrones económicos.**

De estilo occidental, con sus trajes de tres piezas y modales urbanos, Zhao, de 67 años, no parecería ser apto para el papel de duro líder del Partido Comunista más grande del mundo.

Sin embargo, según analistas, a diferencia del hasta hoy secretario general del Partido Comunista, Hu Yaobang, quien renunció, Zhao es un hombre al que hay que respetar.

Zhao logró una reputación como el hombre más importante del partido en la provincia central de Sichuán, de 1975 a 1980, convirtiendo a la atrasada región en un modelo para el resto de la nación al desechar las tradicionales teorías comunistas y reemplazarlas con incentivos propios del libre mercado.

En 1980, el líder Deng Xiaoping recompensó a Zhao con el cargo de primer ministro.

Desde allí, Zhao fue adquiriendo confianza y seguridad hasta convertirse en el principal ejecutor de las reformas de corte capitalista impulsadas por Deng.

♦ Ministro reformista

La capacidad y cautela de Zhao como administrador contrastó con la reputación de Hu de comentarios poco diplomáticos.

Como los chinos suelen decir: "Hu Shuo, Zhao Gan", juego de palabras que se traduciría en "Hu habla tonterías mientras Zhao hace el trabajo".

Zhao nació en 1918 con el nombre de Zhao Xiuheng, hijo de un rico agricultor en la provincia central de Henan.

Se sumó a la Liga de la Juventud Comunista en 1932 y al Partido Comunista en 1933, luego de cursar su educación primaria en Henan.

Desde la década de 1940 hasta mediados de la década de 1960, ocupó varios cargos a nivel intermedio del partido, principalmente en el sur de China, y fue identificado con su labor por la reforma rural.

En 1965, Zhao ascendió a un importante cargo como jefe del partido en la provincia de Guangdong, fronteriza con Hong Kong.

Sin embargo, su período fue corto.

Durante la Revolución Cultural de 1966 a 1976 fue asociado con el presidente Liu Shaoqi, el blanco principal a principios de la revolución, y denunciado como "un revisionista contrarrevolucionario".

♦ Acusado de espía

A Zhao se lo obligó a desfilar por Cantón luciendo un "sombrero de burro" y se lo acusó de ser un espía soviético.

Sin embargo, comenzó a regresar lentamente al poder en 1971, resurgiendo en el ámbito como funcionario del partido en Mongolia, antes de volver a Guangdong.

Cuando se mudó a Sichuan en 1975 a sugerencia de Deng, Zhao encontró que muchas personas en la provincia se estaban muriendo de hambre.

"Vine para dar de comer al pueblo", dijo Zhao al llegar a Sichuan. Instaló un camastro en la parte de atrás de un camión y viajó a través de los campos de Sichuan, visitando comunas sin previo aviso y rehusando banquetes en su honor.

Al cabo de tres años, Zhao había llevado a Sichuan a su posición tradicional en China como la región de la "divina cornucopia".

Zhao se sacó la camisa de fuerza maoísta y utilizó elementos de una economía liberal, permitiendo mercados libres, terrenos privados e industrias privadas aparte de la economía estatal.

Otorgó a las industrias más poder para decidir sus propias estrategias de producción.

El dicho "Si deseas comer trigo para apaciguar tu hambre, busca a Zhao Ziyang" se difundió a través de Sichuan.

♦ Pragmático y sutil

Como socio estrecho de Deng, Zhao fue reclutado para lograr la misma tansformación nacionalmente que la que relizó en Sichuan.

Zhao es visto por Deng y sus socios de edad ya avanzada como una de las garantías de que China continuará en un curso hacia la modernización después que mueran estos, en lugar de caer nuevamente en las luchas internas maoístas.

Luego de una pugna por el poder entre Deng y el sucesor seleccionado por Mao, Hua Guofeng, Zhao se convirtió en primer ministro en 1980.

Al igual que Deng, Zhao es calificado como pragmático, sutil y duro. También es rápido con la sonrisa.

A pesar de que muestra una preocupación profunda por los campesinos, con sus suaves manos y cuerpo poco atlético, se les parece poco.

Cuando sus deberes se lo permiten, hace trote con un radio transistor en la mano para escuchar las noticias.

—HU YAOBANG—

Una política agotada

WASHINGTON, 16 (UPI y AFP). — Hu Yaobang, jefe del mayor Partido Comunista del mundo desde 1980 hasta su caída hoy, fue el segundo hombre más poderoso de China. Hijo de campesinos pobres, Hu (71 años) sobrevivió a la larga marcha de la década de 1930 y la humillación amarga de la Revolución Cultural de la década de 1960, lapso durante el que vivió en un establo durante más de dos años.

Su íntima alianza con el actual líder Deng Xiaoping durante cuatro décadas propulsó a Hu a los cargos más altos del país, pero solo después de que Deng defenestrara al sucesor elegido de Mao Tse-Tung: Hua Guofeng.

Extranjeros que conocieron al duro y alto Hu lo consideraban un pensador con un atractivo intelecto, con un conocimiento soberbio de la realidad china y muchas ideas sobre la marcha hacia la era moderna.

Pero varios funcionarios chinos que defienden el legado de Mao, particularmente entre los militares y los conservadores, aclararon su criterio de que las ideas de Hu eran demasiado "liberales" y agudamente divergentes de los puntos cardinales del marxismo-leninismo y del pensamiento de Mao Tse-tung.

Preguntado una vez cuál de los pensamientos de Mao era aplicable a la campaña china de modernización económica, Hu replicó: "Creo que ninguno".

Respuestas como ésa dieron a Hu la reputación de ser más pragmático y más crítico de Mao que Deng Xiaoping.

Su tendencia a alentar a escritores y artistas, y el hábito de improvisar sus reacciones, contribuyeron a su caída, trascendió.

♦ Críticas de Deng

Tras las manifestaciones estudiantiles pro democráticas, Deng dijo que varios "dirigentes del partido" eran "muy entusiastas" en su oposición a las tendencias izquierdistas pero "no tan entusiastas" al oponerse a los derechistas, una advertencia para Hu sobre su estilo de dirección del Partido Comunista.

Nacido en 1915 en una familia campesina de la provincia central de Hunan, Hu es considerado por sus asociados como "decidido, franco y audaz", una persona empeñada en seguir con constancia toda política que cree correcta. Visitantes extranjeros señalaron que es "picante y claro" en su conversación y es conocido por su persuasiva oratoria.

Hu ingresó al Partido Comunista a los 14 años, cuando se unió al Ejército Rojo para luchar en sus bases montañosas como soldado niño.

Autodidacto en gran medida y un especialista en propaganda y trabajo de organización, comenzó su asociación con Deng en 1941, cuando él era funcionario político en un grupo militar y Deng comisario político.

Acentuaron su amistad cuando ambos ocuparon secretariados del partido en la provincia de Sichuan en 1949 y fueron transferidos juntos al liderazgo central del partido.

Hu logró dominio sin rivales de la Liga Juvenil Comunista durante la década de 1950 y mantuvo su contacto con Deng.

♦ "Con las vacas"

Pero cayó en desgracia en 1966, cuando fue condenado por los guardias rojos como contrarrevolucionario y fue purgado.

"Durante dos años y medio —indicó—, dormí en un establo, con las vacas", tras ser enviado al campo para purgar sus "errores".

Retornó brevemente en 1972 y para 1975 estaba nuevamente junto a Deng en los corredores del poder.

Pero ambos cayeron luego en desgracia en 1976. Fueron forzados a ponerse "gorros de burro" ante una multitud.

Hu dijo de la revolución cultural (1966-1976): "Me dije que o me haría matar o el poder de la Banda de los Cuatro duraría 10 años". La banda fue derrocada poco después de la muerte de Mao Tse-tung en 1976.

A fines de 1977, Hu fue nombrado director del Departamento de Organización del comité central del partido y pocos meses después tomó el control del importante Departamento de Propaganda.

Estaba rodeado de un equipo de fieles colaboradores, todos ellos formados bajo su dirección en la liga de la Juventud Comunsita. El más influyente de ellos es hoy Hu Qili, miembro del buró político del P.C.Ch. considerado hasta ahora como su sucesor probable.

♦ Jefe del P.C.

En febrero de 1980 fue elevado al poderoso comité permanente del Politburó y se convirtió en secretario general del P.C., tomando el control del manejo diario del Partido Comunista de 44 millones de miembros.

Hasta hace dos semanas era el hombre que la mayoría de los analistas consideraban sucesor de Deng Xiaoping.

Hu tomaba posiciones audaces en materia de derechos humanos, pero tenía también la reputación de dejarse llevar por su entusiasmo y de incurrir por ello en "metidas de pata" en materia de política internacional.

Hu era poco conocido en el extranjero. Su último viaje fuera de las fronteras chinas se remonta al mes de junio de 1986, cuando realizó una gira por Gran Bretaña, Francia, Italia y la República Federal Alemana.

POCO LEGIBLE

04.04

8701914

CHINO

CLARIN ★ Buenos Aires, domingo 25 de enero de 1987

Pekín: periodista expulsado del P.C.

PEKIN, 24 (UPI). — Un periodista, especializado en escribir sobre el lado oscuro del socialismo chino, se convirtió hoy en el tercer intelectual prominente de este mes que es purgado del Partido Comunista en una creciente campaña contra las ideas capitalistas.

Liu Binyan, periodista del "Diario del Pueblo", cuyas atrevidas exposiciones de equivocaciones oficiales le convirtieron en el periodista más popular de China, fue expulsado por "calificar" al Partido Comunista chino como "degenerado" y llamar al marxismo "obsoleto, dijo la agencia de noticias oficial Xinhua.

El despacho señaló que la expulsión de Liu fue ordenada el 23 de enero por la Comisión de Inspección de Disciplina del partido, que también acusaba al escritor de describir los principios comunistas como frases desgastadas que han llevado a China a calamidades en varias ocasiones.

Una mujer que contestó el teléfono de Liu en su residencia de Pekín hoy por la noche dijo que él no quería hablar con la prensa. También dijo que no sabía si Liu, de 61 años, podría dejar su trabajo en el "Diario de las Gentes", el órgano oficial del Partido Comunista.

TIBIO ACERCAMIENTO CHINO-SOVIETICO

Un paso adelante

PEKIN, 24 (Por Daniel Southerland, de "The Washington Post", especial para Clarín). — Un vocero del ministerio de Relaciones Exteriores chino anunció que China y la Unión Soviética han acordado reanudar conversaciones sobre su disputa fronteriza a principios del mes entrante. El diálogo entre ambas naciones se rompió hace ocho años.

A pesar de que diplomáticos de Occidente vaticinaron que estas conversaciones serán largas y complejas —teniendo en cuenta la diferencia en las posiciones de ambas partes— uno de ellos calificó al acuerdo sobre la reanudación del diálogo como "otro modesto paso adelante" en las alguna vez tensas relaciones sinoviéticas.

Qian es un veterano de la diplomacia que se desempeñó como principal negociador de China con la URSS durante encuentros de "normalización" política que se celebraban dos veces por año. Estos encuentros se prolongaron por espacio de más de cuatro años —sin producir resultados significativos, aparentemente—.

Durante el anuncio hecho a la prensa este miércoles en la cancillería china, el vocero del ministerio reaccionó con indiferencia frente a la divulgación soviética, la semana pasada, de retirar de Mongolia una división de efectivos entre abril y junio de este año.

Según diplomáticos de Occidente que se encuentran en Moscú, este retiro equivaldría a sacar de Mongolia entre 10.000 y 12.000 soldados (de un total de 70.000). Cabe recordar que Mongolia es aliado de la Unión Soviética.

Los chinos se muestran particularmente sensibles a la presencia en Mongolia de efectivos soviéticos, ya que éste sería el escenario natural de cualquier invasión a Pekín

La presencia soviética en la frontera china es uno de los tres obstáculos que cita China como impedimento para la normalización de las relaciones sinosoviéticas. Los otros dos son el apoyo de la URSS a la ocupación vietnamita de Camboya y la presencia soviética en Afganistán.

Ultimamente, los chinos han puesto toda su atención en el tema Camboya que es, también, la zona en donde los soviéticos tienen, probablemente, menos capacidad para responder.

El acuerdo para reanudar las conversaciones se vio acelerado, aparentemente, por una concesión hecha en julio pasado por el líder soviético Mijail Gorbachov. Durante el discurso que pronunció el 28 de julio en la ciudad de Vladivostok, Gorbachov indicó que la URSS estaba dispuesta a aceptar la posición china de que la frontera entre ambos países —ubicada a lo largo del río Amur— pase por el principal canal navegable.

01-01

8701915

Clarín 23/1/87

Sigue en China una purga política

PEKIN, 22 (Reuter, AFP, Xinhua y "Newsday"). — El jefe de propaganda del Partido Comunista Chino, Zhu Houze, fue destituido hoy de su cargo, y paralelamente el comité permanente de la Asamblea Nacional Popular (Parlamento) reemplazó al presidente y al vicepresidente de la Academia de Ciencias, en sendas medidas que se interpretan como continuidad de la campaña contra el "liberalismo burgués".

Según fuentes chinas consultadas por las agencias occidentales, Zhu, de 56 años, era íntimo allegado de Hu Yaobang, el hasta hace pocos días secretario general del P.C.Ch., y fue depuesto debido a sus posiciones liberales en el campo ideológico. El año pasado había formulado audaces declaraciones políticas que abogaban por una mayor libertad en el debate de las ideas.

Zhu había reemplazado, en setiembre de 1985, a Deng Liqun, considerado como un ultraconservador al comenzar la campaña contra la "contaminación espiritual" de fines de 1983.

Las fuentes indicaron que probablemente Zhu había sido acusado de "falta de supervisión de la propaganda", tras las recientes manifestaciones estudiantiles en varias ciudades del país. Además, estimaron probable que el cargo de Zhu fuera ocupado por su segundo, Wang Daming, o bien por el director del "Diario de Pekín", el ortodoxo Xu Weicheng, quien es al mismo tiempo secretario adjunto del comité de la capital del P.C.Ch.

También hoy, durante la decimonovena sesión del comité permanente de la Asamblea Popular Nacional —que se clausuró en la fecha— fueron destituidos Lu Jiaxi, presidente de la Academia de Ciencias, y Yan Dongsheng, vicepresidente.

Para sustituirlos se designó a Zhou Guangzhao y a Teng Teng.

Zhou, un científico, fue quien había anunciado el 12 de enero la expulsión de las filas del partido del astrofísico Fang Lizhi, vicepresidente de la universidad de Hefei cuando estallaron las protestas estudiantiles. Era hasta ahora vicepresidente de la academia.

Teng —56 años—, un ingeniero químico formado en la URSS, había ocupado los cargos de subjefe de propaganda del comité central del P.C.Ch., viceministro a cargo de la Comisión Científica y Tecnológica, vicerrector de la universidad de Qinghua, y, desde principios de la semana pasada, rector de la universidad de Ciencia y *Tecnología de Hefei.*

♦ La sucesión de Deng

Deng Xiaoping mantiene firmemente el control de los destinos de China, y pronto procurará definir a su propio sucesor al frente del máximo liderazgo, seg[ún] estiman fuentes responsables.

El actual primer ministro, Zhao Ziyang, quien a[l]canzó el segundo rango tras la renuncia de Hu Yaoba[ng] el viernes último, no es considerado un titular firme. L[a] comisión permanente del Parlamento concluyó hoy s[us] sesiones sin decidir el nombramiento de un nuevo mini[s]tro, razón por la cual Zhao seguirá ocupando los d[os] puestos quizá por largo tiempo.

La más próxima ocasión para que se concreten def[i]niciones es probablemente el congreso partidario, pr[e]visto para octubre venidero.

Deng, de 82 años, enfrenta la necesidad de hallar u[n] nuevo rostro antes de su largamente ambicionado retir[o]. Por el momento, Hu Qili, un intelectual de 57 años, e[s] considerado como el candidato con más probabilidad de asumir el liderazgo que Deng deje vacante.

Graduado universitario e integrante de la alta jerarquía partidaria, Hu Qili es una rareza. Fue alcalde de Tianjin, la tercera ciudad china. Alcanzó la calidad de miembro del secretariado partidario cuando el entonces secretario general Hu Yaobang intentaba imponer las reformas que finalmente lo enfrentaron a la "vieja guardia" y provocaron su caída.

Fichaje

Fichaje

CHINP

PN

De la semana internacional

Tribulaciones de los dirigentes chinos

Acaso sean atribuibles a un mal cálculo político, acaso a lo enmarañado del carácter chino y a su particular concepción de la ideología comunista. El análisis da para diversas posibilidades. Pero lo cierto es que varios dirigentes chinos y, entre ellos, el líder máximo, Deng Xiaoping, afrontan tribulaciones cuyos orígenes auténticos son, por ahora, difíciles de precisar.

Las movilizaciones estudiantiles que durante todo el mes último conmovieron a las principales ciudades chinas fueron reveladoras de una inestabilidad concreta. Nada, en una sociedad tan rígidamente conducida como lo es la de China, puede ser atribuido a la casualidad.

Los sucesos ocurridos en el filo de este fin de semana, subrayados por la tajante destitución del secretario general del Partido Comunista, Hu Yaobang, demostraron que la inestabilidad existía. Proviene, casi no cabrían dudas, de una confrontación tan solapada como feroz: la que sostienen los dirigentes comprometidos con la corriente renovadora, a la cual pertenecen las más recientes manifestaciones de la apertura al Occidente, con los integrantes de las líneas ortodoxas.

El triunfo parcial del sector duro -cayó el hombre signado como el sucesor de Deng- no es definitivo. Obliga, empero, a dejar atrás toda cavilación acerca de orígenes, móviles y objetivos de las acciones estudiantiles, para inquirir acerca de temas más delicados, como es el papel jugado por el líder chino en toda esta cuestión, de la cual hay sólo una seguridad: es global y en ella todo está interrelacionado.

¿Triunfo o derrota?

A la luz de las primeras manifestaciones de los estudiantes -en China como en cualquiera otra parte siempre dispuestos a integrar la vanguardia de los movimientos contestatarios- en esta columna se aventuró que la atmósfera de intranquilidad podía haber sido canalizada por Deng Xiaoping en dos sentidos. O bien era una demostración alentada para conmover a los sectores ortodoxos o bien se orientaba a encauzar inquietudes, para evitar males mayores. No se descartó que ese disconformismo, primitivo, si cabe, pudiese derivar en alternativas de importancia mayor.

Los hechos han venido a demostrar que, en definitiva, se dio la última de aquellas variantes. Pese a su pragmatismo en materia de grandes orientaciones, Deng Xiaoping debió salir a escena para condenar los excesos.



El líder chino, Deng Xiaoping

Resta saber ahora si esa actitud responde efectivamente a una convicción del anciano líder o es solamente una concesión forzada por la presión de los sectores ortodoxos, que, en definitiva, habrían de cobrar el alto precio de la destitución de Yaobang.

Acaso muchos observadores hayan sido conducidos a error por exceso de optimismo. En efecto, hubo quienes sugirieron, veladamente, que China viraba imperceptiblemente hacia un socialismo de otro cuño. Propuesta muy osada, pese a la aparente liberalización propugnada por Deng.

Hu Yaobang, acaso víctima de este equívoco y renunciante después de afrontar las críticas duras de la asamblea del Politburó del Comité Central, debió hacerlo por haberse excedido en los términos fijados por las estructuras partidarias.

Va de suyo que también sería muy apresurado deducir que la caída de Yaobang y su reemplazo por el primer ministro, Zhao Ziyang, constituyen, en definitiva, un revés político de Deng.

Estas circunstancias hasta pueden haber afirmado al anciano líder en su papel de árbitro de toda alternativa. Máxime cuando en ningún momento demostró oposición ni desacato a las peticiones del Politburó. Este organismo, tras la remoción de Yaobang, recitó fórmulas bien conocidas como sustento de su intransigencia: todos los miembros del partido deben adherir a los principios de apoyo al socialismo, al comunismo, a la dictadura democrática del pueblo y al pensamiento marxista-leninista-maoísta.

Toda una definición -pese a su carácter repetitivo- para un Estado que, como sucede con China, busca todavía redefinirse tras el fallecimiento de Mao Tse-tung.

Error de apreciación

La cautela es la mejor arma para manejar cualquier prospectiva acerca de la situación china. De lo contrario, las cavilaciones pueden conducir al error.

El juicio anterior no invalida, por cierto, la posibilidad de manejar hipótesis acerca del futuro de la apertura. Curiosamente, en torno del tema coincidieron opiniones tan dispares como las de los editorialistas de la agencia Nueva China y los analistas norteamericanos. Mientras que los voceros de los dirigentes orientales sostuvieron "que nadie abrigue dudas de que el país continuará sus reformas y su política de apertura", los segundos adhirieron a la tesis de que no habrá cambios de fondo en las grandes líneas políticas.

Si se quiere, unanimidad previsible: China no puede resignar la política de apertura, esencialmente en el campo económico, si, tal cual lo han manifestado reiteradamente sus autoridades máximas, procura dialogar igualitariamente con las superpotencias.

El visitante del Papa

"La conversación fue seria, clara y profunda. Permitió un análisis de los problemas de la sociedad polaca, las relaciones entre la Iglesia y el Estado en Polonia y tratar asuntos relativos a la paz internacional."

Dos polacos astutos, apasionados y amantes -cada uno a su manera- de la patria, en esos momentos lejana, se encontraron en el Vaticano. Juan Pablo II es soberano de uno de los Estados más pequeños del mundo y, al mismo tiempo, representa a la fuerza espiritual de mayor importancia que pueda concebirse. Wojciech Jaruzelski, además de general del ejército polaco es un dirigente cuyo papel todavía no fue sometido al juicio de la historia: acaso un día pueda conocerse en concreto aquello que todavía no dejó el plano de las suposiciones: la afirmación de que aceptó someter a sus compatriotas para evitarles un mal mayor, el de la intervención soviética.

La reunión de ambos líderes tuvo valores significativos. No es un secreto que la Iglesia Católica desea consolidar sus relaciones con Polonia, una de las naciones más profundamente católicas del orbe. El establecimiento de relaciones diplomáticas no sólo representaría una victoria moral de vasto alcance. Permitiría, también, asentar un bastión de fe absolutamente definida dentro del coto circunscripto por la Cortina de Hierro.

Polonia tampoco es impermeable a la intención de solidificar las relaciones. Si la entrevista con Juan Pablo II fue, en cierta forma, una carta de aval para Jaruzelski, la vinculación con la Iglesia puede ser el camino idóneo para limar asperezas que aún hoy enrarecen la relación entre el gobierno de Polonia y el pueblo polaco, sensibilizado por episodios -caso Solidaridad- cuyo recuerdo está vigente.

Prudentemente, el gobernante polaco no arriesgó comentarios acerca de los temas tratados en la entrevista. La situación de la patria común debe de haber ocupado gran parte de los casi sesenta minutos del diálogo. Pero tampoco hay dudas de que el Papa es suficientemente sagaz como para no haber forzado definiciones que imponen mayor decantación. Al fin y al cabo, está próxima su visita a Polonia. Allí no sólo podrá continuar la conversación sino que tendrá oportunidad de demostrar hasta dónde pesa su jefatura espiritual.

PARTES ILEGIBLE

LA NACION 18-1-87

AP

Elegirían a un nuevo premier en China

PEKIN, 17 (UPI). - Pronto sería designado el sucesor del "premier" Zhao Ziyang, quien reemplazó como jefe del Partido Comunista al renunciante secretario general Hu Yrabang, dijeron hoy diplomáticos occidentales.

Las primeras páginas de los diarios anunciaban en forma dominante el comunicado del partido sobre la renuncia ayer de Hu, considerado el segundo hombre más poderoso del país desde que se convirtió en 1981 en secretario general del partido de 44 millones de miembros.

El comunicado dijo que Hu admitió errores sobre "importantes temas" políticos en una aparente indicación de que se lo culpó por no haber reducido las protestas estudiantiles prodemocracia sucedidas en 13 ciudades entre el 5 de diciembre último y el primero de este mes.

El partido señaló que el primer ministro Zhao, de 67 años, sería un secretario general temporal hasta su confirmación por una reunión plenaria del comité central.

Diplomáticos occidentales dijeron que pronto podría anunciarse el nombre del reemplazante de Zhao, quien fue el principal jefe ejecutivo del gobernante Deng Xiaoping y sus audaces reformas económicas desde que asumió el cargo en 1980.

"No veo cómo podrían esperar", dijo uno. "Zhao Ziyang no puede ocupar ambos cargos. Me parece que adoptarán pronto una decisión".

El diplomático expresó que la sucesión podría anunciarse durante la actual sesión del comité permanente del Congreso Nacional Popular, que puede aprobar los cambios en el puesto de primer ministro. No se anunció fecha para la conclusión de esa reunión.

Diplomáticos manifestaron que los principales contendores para el cargo eran el viceprimer ministro Li Peng y Li Ruihuan, alcalde de la ciudad norteña de Tianjin. Varios analistas creen que Li Peng sería preferido por la línea dura, mientras que Li Ruihuan lo sería por los reformistas.

Aunque carece de la antigüedad de Li Peng, Li Ruihuan se convirtió en uno de los dirigentes más respetados por sus logros en reconstrucción urbana y planificación económica en Tianjin.

Campaña intensa

PEKIN, 17 (AP). - La televisión china prosiguió hoy su reciente campaña contra la liberalización de su sistema de gobierno, pero no mencionó el caso de Hu Yaobang, el secretario general del Partido Comunista chino que fue obligado a renunciar ayer, según se dijo, debido a que permitió la propagación de ideas liberales en el país.

La prensa estatal china, si bien desplegó hoy la renuncia de Hu en sus primeras planas, no ha ofrecido detalles acerca de su caída en desgracia.

Aunque no se dieron ulteriores explicaciones, fuentes diplomáticas y chinas afirmaron que fue el dirigente máximo, Deng Xiaoping, quien obligó a Hu a renunciar debido a su manejo de las recientes manifestaciones estudiantiles en favor de la democratización del país y la adopción de ideas liberales por parte de intelectuales y afiliados al partido.

033

R. P. CHINA

L. MAÑANA 24/12/86

Más de mil universitarios marcharon por las calles de Pequín

Manifestaciones estudiantiles se extienden hasta la capital china

Se extienden a toda China las manifestaciones de los estudiantes, al grito de "libertad" y democracia". La portesta llegó ayer a Pekín, después de su estallido en Hefei, al Este del país, y de extenderse por todas las universidades y colegios de las principales ciudades.

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- Más de mil estudiantes de Pekín marcharon ayer por las calles de la capital en solidaridad con las demostraciones en demanda de reformas democráticas ocurridas en los últimos días en Shanghai y en otras ciudades chinas.

Residentes de la capital dijeron que los manifestantes salieron de la Universidad de Pekín alrededor de las nueve de la noche (1300 GMT) y se dirigieron a la cercana Univesidad del Pueblo expresando solidaridad con los miles de estudiantes que están enfrentando a las autoridades de Shanghai.

Esta fue la primera marcha de este tipo que se registra en la capital desde que el 4 de este mes comenzaron en la ciudad de Hefei, cerca de Nanking, las manifestaciones demandando democracia.

En Shanghai, la ciudadanía grande de China, unos 5.000 estudiantes acallaron a gritos a un grupo de funcionarios municipales que les habian pedido poner fin a las demostraciones prodemocráticas, durante una reunión celebrada en el auditorio de la Universidad de Tongji para discutir las demandas estudiantiles.

DESAFIO

Los estudiantes les exigieron que hoy a la mañana a más tardar las autoridades de la ciudad respondan a las demandas que han presentado y que abarcan desde libertad de prensa hasta una disculpa pública del alcalde.

En desafío de una prohibición de manifestaciones no autorizadas impuesta el lunes, los estudiantes de Tongji efectuaron ayer una marcha por quinto día consecutivo. Unos tres mil estudiantes, encabezados por un gran cartelón con una imagen de la Estatua de la Libertad, marcharon de Tongji en dirección a Shanghai entonando consignas pidiendo más democracia.

Aunque la policía no trató de cerrarles el paso, a mitad de camino los manifestantes regresaron a predios de la universidad para celebrar la reunión con cinco funcionarios del gobierno. En el auditorio de la universidad varios estudiantes empleando megáfonos vocearon desde el escenario la serie de demandas, saludadas con ovaciones por unos cinco mil estudiantes presentes.

"Si no responden a nuestras demandas, hoy marcharemos", dijo un vocero de los estudiantes a lo que la audiencia respondió con un coro de "¡marchemos, marchemos, marchemos!".

Los estudiantes demandaron que las autoridades reconozcan sus protestas como "patrióticas, legales y justas". El gobierno municipal aceptó el lunes reconocer como legales las protestas.

Por otra parte, los estudiantes demandaron permiso para convocar a una conferencia de prensa para dar su versión de las recienes protestas, acusando a los medios de prensa controlados por el estado de haber "dañado la reputacion de los estudiantes".

Los estudiantes desmintieron las informaciones aparecidas en la prensa china de que en el curso de sus protestas habían agredido a agentes de la policía y por el contrario acusaron a las fuerzas de seguridad de haber apaleado a varios manifestantes.

Los funcionarios del gobierno prometieron que se tomará acción legal contra los efectivos responsables si los estudiantes tienen prueba de la agresión.





Arriba: Un oficial de la Universidad de Shanghai indica a corresponsales extranjeros a que abandonen el local. Abajo: estudiantes universitarios leen afiches en los que se desmiente informes oficiales que acusan a manifestantes de haber golpeado a policías y haber volcado autos durante recientes protestas. (Radiofoto Reuter)

8702018

01-03



PEKIN.- Un policía chino prueba la mira de un arma de entrenamiento fabricada en Francia en la stand de la fábrica de armas Giat, durante la Exhibición Asiática de Tecnología de Defensa que se realiza en esta capital. (Radiofoto Reuter)

Diario comunista advierte

Reacciones a las demandas

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).— El diario del Partido Comunista chino, en una aparente reacción a las protestas estudiantiles que han surgido en por lo menos siete ciudades, advirtió ayer que "acciones extremas" podrían afectar la estabilidad y la unidad de la nación.

En un comentario en la página uno del Diario del Pueblo se anotó que tanto el Partido Comunista y el gobierno "da la bienvenida a las críticas y sugerencias del pueblo".

Dijo que los últimos ocho años han sido los mejores desde la fundación de la República Popular China en 1949 y destacó que el gobierno está comprometido a llevar a cabo reformas económicas y mejorar "la democracia y la legalidad socialista".

"La reforma es una revolución profunda", señaló el comentario difundido por la agencia oficial Xinhua. "En el curso de la reforma, es normal que haya nuevos problemas a ser estudiados y solucionados, y debe de haber puntos de vista diferentes sobre temas concretos".

"Sin embargo, si los puntos de vista llevan a acciones extremas, de hecho afectarán la estabilidad y unidad, la libertad de trabajar de otras personas, el estudio y la vida e interferirá con el progreso de construcción y reforma".

"Incluso si su intención es buena, su acción podría llevar a lo que no desean e incluso podría ser utilizado por pocas personas que tienen deseos ocultos y desean ver al mundo en medio del caos".

El comentario fue luego de tres días de protestas pro democráticas por decenas de miles de estudiantes en Shanghai y otras protestas este mes en por lo menos otras seis ciudades. Sin embargo el comentario no mencionó directamente las protestas.

El Diario del Pueblo dijo que la gente joven representa el futuro y esperanza de China "y deben de tener un claro entendimiento de la situación, distinguir entre el bien y el mal y hacer contribuciones positivas para la mejora de la estabilidad y unidad".

8702018

Realizan nuevas protestas públicas en China Popular

Pekín, (PL). Carteles demandando mayor democracia y libertad de prensa aparecieron en la universidad de Beijing, la principal del país, luego de las manifestaciones públicas de idéntico corte en dos provincias.

Las demostraciones callejeras tuvieron lugar en el curso de la semana en las capitales de las provincias de Anhui y Hubein, donde varios miles de personas, según diversas fuentes extranjeras, demandaron mayor democracia en la elección de los delegados a las Asambleas Populares.

En uno de los carteles colocados hoy en la universidad de Beijing se plantea que la democratización debe comenzar por las áreas rurales donde reside la inmensa mayoría de la población china y, una vez consolidada, extenderse a las ciudades.

En otro de los murales se ataca explícitamente al Partido Comunista por, subrayan, el estricto control que ejerce sobre la prensa y se demanda plena libertad en la esfera.

Estos movimientos parecen íntimamente vinculados, pues uno de los carteles colocados en el centro docente capitalino aparece firmado por supuestos representantes de los círculos protestantes de Anhui, quienes solicitan apoyo y solidaridad de sus compatriotas.

En medios diplomáticos ha llamado poderosamente la atención esta secuencia de acontecimientos, coincidentes con las discusiones en la dirección del Partido Comunista sobre la implantación de la reforma política en preparación y la convocatoria dentro de diez meses del 13 congreso de la agrupación gobernante.

Justo en torno al primer problema subsiste aguda polémica, pues mientras algunos responsables y teóricos reclaman una llamada redistribución del poder político, las máximas autoridades del país aseguran que la reforma en preparación persigue fortalecer y no debilitar el régimen socialista y en particular el rol dirigente del Partido Comunista.

Entroncado con la polémica y en evidente respuesta a los defensores de modos políticos de tipo occidental, el presidente de la Asamblea Nacional Peng Zhen alertó días atrás sobre la naturaleza opresiva de la denominada democracia burguesa y las abrumadoras ventajas para las masas populares de la democracia socialista.

Las manifestaciones de protestas curiosamente surgen poco después del reciente pleno del Partido Comunista que reafirmó categóricamente el curso socialista de la nación y rechazó la ideología y sistema capitalistas como alternativa válida para China.

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: MIRADOR INTERNACIONAL "CHINA ROJA EN LA ENCRUCIJADA

PROCEDENCIA: EL PAÍS DEL 5/2/87

ARCHIVADO EN: MAX

01-01 870212.0

033 R.P. CHINA

Sombras confusas

En las últimas semanas la atención de la prensa mundial, en primera página, centróse en la difusión y comentarios de lo que -aparentemente insólito- estaba ocurriendo en China. Manifestaciones estudiantiles —algunas de ellas integradas por 50.000 jóvenes- desfilaron por las calles de nueve ciudades para peticionar a las autoridades en favor de una apertura hacia la "democracia" y la "occidentalización del país" según rezaban las pancartas y los discursos de los líderes universitarios. Estos hechos, resulta lógico admitirlo, asombraron al mundo y provocaron una ola de juicios y análisis en su mayoría inclinados a un optimismo que un análisis más detenido no hubiese autorizado. La historia no conoce acontecimientos repentinos o súbitos, ni en lo que se refiere a revoluciones políticas o trasformaciones sociales, ni a descubrimientos científicos. No hay suceso sin proceso, y no hay adelanto que escape a la evolución de las condiciones que lo posibilitan y estimulan.

De ahí que cuánto viene ocurriendo en China deba ser puesto bajo la lente de la experiencia histórica (especialmente del comunismo) para analizar, previamente, cuál es el grado de espontaneidad de las manifestaciones estudiantiles; si éstas no han gozado de una suerte de "media palabra" previa de un sector (Deng Xioaping) del gobierno y si aún admitiendo que han obrado por su propia cuenta, lo que estamos lejos de desechar, tienen en este momento posibilidades de lograr éxito en sus demandas. No debemos olvidar que los regímenes comunistas incluido el chino, son formaciones esclerosadas a lo largo del tiempo -por eso van a la zaga del mundo moderno- en razón de lo cual resulta ilusorio toda creencia en cambios sustanciales por lo menos a breve plazo. En 1979, después de una "primavera" vivida diariamente por los estudiantes en Pekín frente al Muro de la Democracia, movidos por la palabra esperanzadora de Deng Xiaoping, fue éste, y no otro, quien ordenó el cese de las "manifestaciones reaccionarias", (reclamo de "libertad de expresión"). Se había ido demasiado lejos. Deng Xiaoping estaba arriesgando más de lo que podía en el marco del delicado equilibrio del poder que se vive estos días en China.

Así autoriza a creerlo la virtual contraofensiva que los servicios de seguridad, acaso con la venia cómplice del propio Deng Xiaoping en prosecución de su propio juego, ordenando golpizas, detenciones y prohibiciones. Es decir, "se acabó lo que se daba". Pocas dudas caben de que en las alturas del poder de Pekín se desarrolla estos días un enfrentamiento que podría ser dramático y aun sangriento, según sean sus alternativas. El octogenario jefe del gobierno representa sin duda una concepción más matizada de lo que debe entenderse por régimen comunista, pero no está tan distante de Lenín como algunos pretenden. Obviamente, no quiere regresar al mandarinado de Mao Tse-tung, mas de allí a la instauración de un sistema democrático, media un largo camino. Pruebas al canto: el físico Fang Lizhi, de 51 años, vicepresidente de la Universidad Nacional de Ciencias y Tecnología de la ciudad de Hefei, denostado oficialmente por el criterio liberal que preside sus manifestaciones (las pocas que han trascendido, entre otras su propuesta de "occidentalizar" a China y repudiar al comunismo como sistema de gobierno) ha sido acusado por un diario oficial de intentar dirigir a China "hacia el capitalismo". Sus ideas inspiraron las consignas orales y escritas de las recientes manifestaciones estudiantiles.

Lo que ocurre hoy en China va más allá de todo examen simple. Es sin duda complejo, y acaso en el congreso del partido Comunista que se realizará próximamente (su agenda incluye el reemplazo o la reelección de Deng Xiaoping) el panorama se aclare. Hasta ahora las cosas no han ido más allá de una proyección de sombras confusas.

LA PRENSA 29/1/87

CHINO

EL PAIS 5/I/87

En el Principal Centro Universitario de Pekín Apareció Carta a Deng

PEKIN, 4 (Nota sobre Fuentes de ANSA y EFE) – La protesta estudiantil continúa en las principales ciudades chinas y a pesar de la explícita prohibición de colocar carteles o "dazibaos", hoy en la principal universidad de Pekín apareció una carta abierta al líder chino Denga Xiao Ping.

La mayor parte de los estudiantes chinos, en efecto, apoyan al octogenario Deng y sus reformas pero quisieran que las mismas fueran más efectivas.

La carta dirigida a Deng, firmada por uno de los líderes estudiantiles, Guo Ji Zhuan, estudiante de matemáticas, también fue enviada a los diarios nacionales, pidiendo su publicación en nombre de "la libertad de prensa".

Después del inicio de las manifestaciones, a principio de diciembre, en las cuales los estudiantes pedían una reforma política más incisiva que la propuesta por el liderazgo de Pekín y una mayor libertad de prensa, la prensa china desató una insistente campaña acusando a los estudiantes de hacerse instrumentar por quienes quieren "destruir el clima de unidad y estabilidad del país".

Por su parte, los estudiantes colocaron junto a la carta para Deng Xiao Ping un ejemplar del "Diario de Pekín" con la crónica de la manifestación difundida por fuentes oficiales, escribiendo arriba, con grandes caracteres: falso.

Un ex estudiante y un obrero fueron detenidos en los últimos días por incitar a manifestaciones ilegales dentro de la actual campaña estudiantil para conseguir más libertad y democracia en China.

★ AUMENTAN INVERSIONES EXTRANJERAS EN CHINA

Pekin, (PL) Las autoridades chinas aprobaron el establecimiento en el país en 1986 de mil 454 empresas con inversiones extranjeras para totalizar siete mil 738 durante del último sexenio.

Al informar sobre el particular un vocero del Ministerio de Relaciones Económicas y Comercio con el Exterior señaló ayer que de ese conjunto 870 correspondieron a entidades mixtas, , 560 a negocios de administración cooperativa y 18 a empresas de exclusiva propiedad de extranjeros, más seis contratos para la explotación de petróleo submarino.

El portavoz precisó que los mayores inversionistas provienen de Hong Kong y Macao, seguidos de Estados Unidos y Japón.

Desde 1979, resumió, China aprobó el establecimiento en total de tres mil 210 empresas mixtas, cuatro mil 390 de administración cooperativa y 130 de propiedad exclusiva de capital foráneo, la mitad de las cuales están ya en operaciones.

LA HORA 26/1/87

CHINO

La Prensa 24/12/86 PN

En Pekín se suman a la marcha por la democracia de Shanghai

Shanghai, 23 (UP) — Más de mil estudiantes de Pekín coreando "queremos democracia", marcharon hoy por las calles de la capital en una muestra de apoyo a sus colegas de Shanghai, donde se tienen previstas otras expresiones por sexto día consecutivo.

Las manifestaciones de Pekín son las primeras en esa ciudad desde que comenzaron las demostraciones en favor de la democracia en China, a comienzos de diciembre.

Los estudiantes, coreando "queremos democracia, queremos libertad", comenzaron sus demostraciones esta tarde en la prestigiosa universidad Qinghua. Luego desfilaron por el sector universitario, pidiéndole a los demás estudiantes que se sumaran a la manifestación.

En la Universidad del Pueblo, los guardias vigilaron las puertas cerradas, pero los estudiantes las abrieron para unirse a sus colegas.

Los manifestantes anduvieron más de cuatro kilómetros hacia el centro de la capital, vigilados de cerca por policías en motocicletas. Un portavoz gritaba consignas durante la manifestación, haciendo un llamado por un sistema político multipartidista, especie de tabú en el país.

Solidaridad

"Queremos mostrarle nuestra solidaridad a los estudiantes de Shanghai", dijo uno de los manifestantes en relación a los cinco días de demostraciones en la ciudad sureña.

Dos veces la policía acordonó la avenida por donde desfilaban los estudiantes, pidiéndoles que se retiraran, mientras filmaban las escenas.

Después de breve discusión, un grupo de 400 estudiantes atravesó la segunda línea policial, y encontró poca o ninguna resistencia. Pero los manifestantes se dispersaron después de sobrepasar unos 200 metros el último cordón policial, alrededor de las 24.

Los manifestantes dijeron que habría más manifestaciones en Pekín.

En Shanghai, la ciudad más grande de China, unos 5.000 estudiantes acallaron a gritos a un grupo de funcionarios municipales que habían pedido poner fin a las demostraciones pro democráticas. Durante una reunión celebrada en el auditorio de la universidad de Tongji para discutir las demandas estudiantiles.

Los estudiantes les exigieron que mañana a la mañana a más tardar las autoridades de la ciudad respondan a las demandas que han presentado y que abarcan desde libertad de prensa hasta una disculpa pública del alcalde.

En desafío de una prohibición de manifestaciones no autorizadas impuesta ayer, los estudiantes de Tongji efectuaron hoy una marcha por quinto día consecutivo. Unos tres mil estudiantes, encabezados por un gran cartelón con una imagen de la Estatua de la Libertad, marcharon de Tongji en dirección a Shanghai entonando consignas pidiendo más democracia.

04-04

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: MIRADOR INTERNACIONAL "CHINA ROJA EN LA ENCRUCIJADA

PROCEDENCIA: EL PAÍS DEL 5/2/87

ARCHIVADO EN: MAX

01-01 870212.0

P. 033

EL MUNDO

China: plan contra el liberalismo

PEKIN. — El Partido Comunista sugirio ayer a los mil millones de habitantes de China que estudien la linea oficial sobre el "liberalismo burgues" y señaló que se colocarán carteles en todas las aldeas y fábricas para explicar por qué deben combatirse las ideas prooccidentales.

La agencia de noticias "Nueva China" dijo que el partido habia convocado a una campaña publicitaria de alcance nacional para detener la propagación del "liberalismo burgués", una designación para calificar las libertades y democracia de modelo occidental, a las que se culpa de haber provocado los incidentes estudiantiles de diciembre pasado.

Las nuevas directivas ponen el acento en los principios partidarios que incluyen el liderazgo indiscutido del comunismo, agregó la agencia.

Nueva China no se extendió sobre el contenido de la campaña pero señaló que tendrá por finalidad "reforzar la atención del público".

El Día 8/2/87

01/05 8702315

China

Los ajustes de tuerca de Deng Xiaoping

BRECHA 6/2/87

Un mes de manifestaciones estudiantiles provocan un sacudón en el Partido: la renuncia de Hu Yaobang, acompañada de una escueta y genérica autocrítica, es interpretada como un giro conservador de la dirección china que, sin embargo, no puede pensar en culminar exitosamente su estrategia de las "Cuatro Modernizaciones" sin una mayor democracia. Esta es la visión de la revista norteamericana Time.

La imagen de apertura de un noticioso nocturno chino, hace unas semanas, mostraba de inmediato que algo importante estaba en marcha. En vez de su traje y corbata de estilo occidental acostumbrados, el locutor llevaba un severo traje Mao azul-gris. Tras su cabeza, una cortina con caracteres chinos deletreaba la leyenda: "Anuncio de una reunión general del Politburó". El informe del reportero fue breve... y asombroso. Hu Yaobang, el hombre considerado como el más firme candidato para suceder en el timón de China a Deng Xiaoping, de 82 años, había renunciado. Más aun, había renunciado como jefe del Partido Comunista "después de efectuar una autocrítica de sus errores en temas importantes". Hu seguiría siendo miembro del Politburó y conservaría su puesto en la poderosa Comisión Permanente, pero su cargo partidario pasaría al premier Zhao Ziyang.

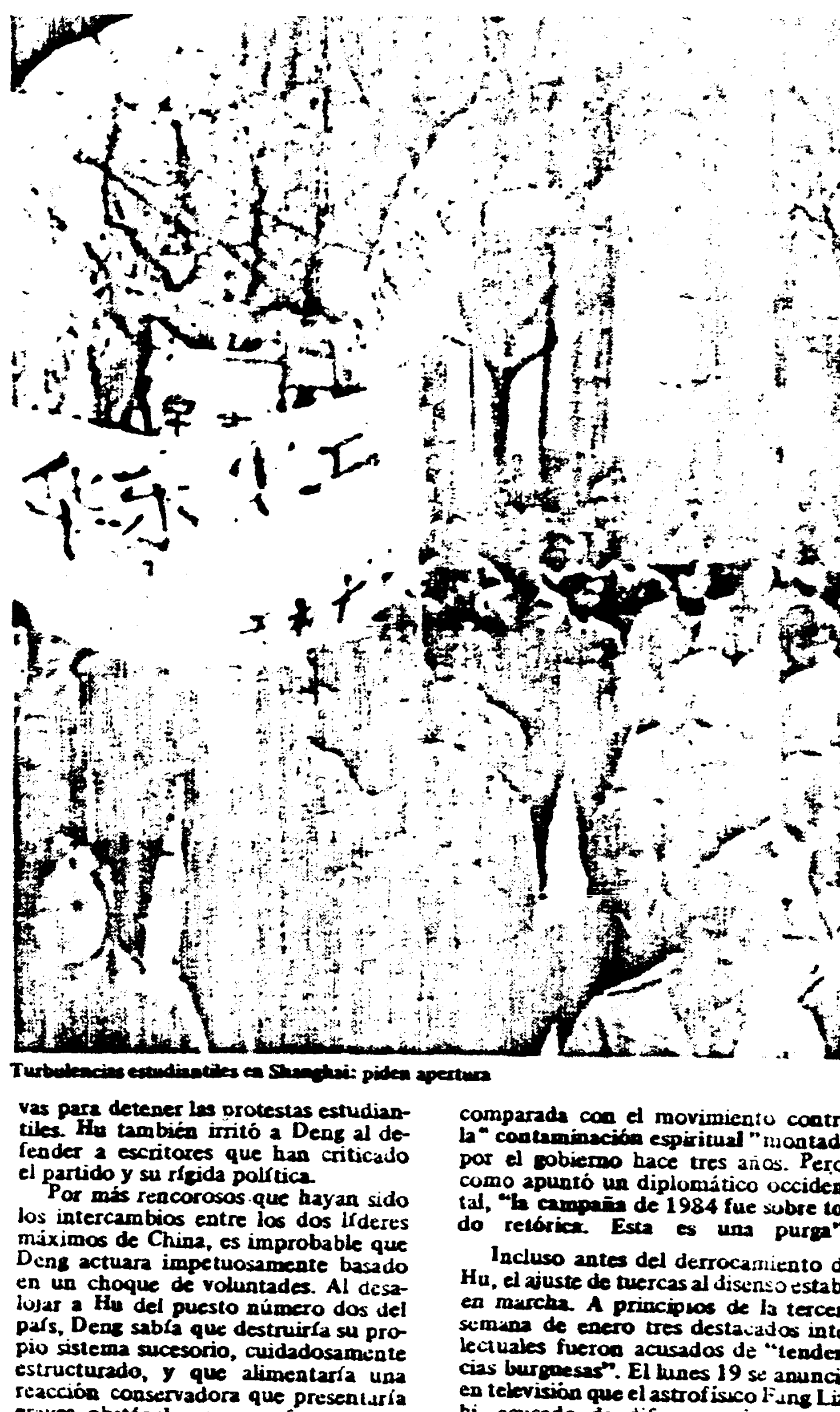
Tal anuncio ponía de pronto en cuestión el curso de la Segunda Revolución china. Un país que ha pasado a través de varios cambios abruptos de dirección política en los últimos 40 años tal vez estaba por enfrentar otro desplazamiento considerable. Durante la última década, Deng lideró el más riesgoso programa de reforma económica llevado a cabo alguna vez por un país comunista, y Hu, de 71 años, era su firme mano derecha en la cúpula. Ambos impulsaron una liberalización económica que liberó al país de la mano de hierro de los planificadores centrales y abrió un camino que parecía conducir eventualmente a más libertades personales.

Pero la revolución de Deng ha enfrentado desde un principio el dilema de combinar la liberalización económica y política. ¿Podría China liberar su economía sin aflojar el sistema político y permitir mayor democracia? Durante el último mes el tema fue discutido en las calles. Miles de estudiantes en todo el país manifestaron en favor de mayor libertad política, quemando a menudo periódicos del Partido Comunista y denunciando a líderes del partido.

Deng, el Reformador siempre ha sido una especie de enigma. Ha apoyado con energía el cambio económico mientras se mantenía cauteloso con las reformas políticas. Las experiencias personales durante los caóticos años de Mao, en especial la anarquía de la Revolución Cultural (1966-76), convencieron a Deng que incluso una cantidad modesta de disenso podría girar rápidamente hasta descontrolarse. Incómodo, permitió que su protegido explorase posibles caminos de cambio. Bajo la dirección de Hu, los integrantes del Partido Comunista llegaron incluso a cuestionar el derecho del Partido a gobernar, y alentaron una mayor libertad de expresión entre los artistas y los intelectuales.

Cuando las protestas estudiantiles brotaron en diciembre, sin embargo, Deng abortó el experimento. El movimiento convenció a algunos observadores de China de que Deng sacrificaría cualquier [illegible] que arriesgar convulsiones [illegible]. Su posición dura respecto a las protestas quedó en evidencia en la primera directiva de 1987 emitida por el Comité Central. Citaba estas palabras de Deng: "Cuando es necesario, debemos enfrentarnos severamente a quienes desafíen las órdenes. Podemos permitirnos derramar algo de sangre. Solo traten, hasta donde sea posible, de no matar a nadie."

Parece haber pocas dudas de que Deng preparó personalmente la caída de Hu. Se afirma que los dos hombres, que habían sido amigos y aliados ideológicos durante 40 años, habían discutido amargamente durante las dos semanas previas. Se informó que Deng había reprendido a Hu por fallar en cuanto a las medidas eficaces y decisivas para detener las protestas estudiantiles. Hu también irritó a Deng al defender a escritores que han criticado el partido y su rígida política.



FOTOGRAFIA DE A. FRIEND

Turbulencias estudiantiles en Shanghai: piden apertura

Por más rencorosos que hayan sido los intercambios entre los dos líderes máximos de China, es improbable que Deng actuara impetuosamente basado en un choque de voluntades. Al desalojar a Hu del puesto número dos del país, Deng sabía que destruiría su propio sistema sucesorio, cuidadosamente estructurado, y que alimentaría una reacción conservadora que presentaría graves obstáculos a sus reformas económicas. El movimiento de Deng puede haber sido defensivo, un golpe previsor destinado a detener a las fuerzas conservadoras, que se precipitaron a explotar las manifestaciones estudiantiles tratando de hacer retroceder las reformas económicas y sociales. En pocas palabras, es muy posible que Deng sacrificara sencillamente a Hu para salvar su apreciado programa de modernización.

Ahora Deng parece propenso a demostrar que no es el reformador liberal que los optimistas habían esperado. En general se cree que ha ordenado el actual ajuste de tuercas al "liberalismo burgués" en Pekín, referido esencialmente a cualquier tipo de conducta que se aparte del comunismo ortodoxo. "Deng no fue llevado por la fuerza a una posición débil por los conservadores", declaró un diplomático occidental en Pekín. "Cuenta con su pleno apoyo." La campaña ha sido comparada con el movimiento contra la "contaminación espiritual" montada por el gobierno hace tres años. Pero, como apuntó un diplomático occidental, "la campaña de 1984 fue sobre todo retórica. Esta es una purga".

Incluso antes del derrocamiento de Hu, el ajuste de tuercas al disenso estaba en marcha. A principios de la tercera semana de enero tres destacados intelectuales fueron acusados de "tendencias burguesas". El lunes 19 se anunció en televisión que el astrofísico Fang Lizhi, acusado de difamar a integrantes del Partido y de injuriar el socialismo, había sido despedido de su cargo de vicepresidente en la Universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei, donde las protestas estudiantiles comenzaron a principios de diciembre. Guan Wiyan, jefe de Fang, fue acusado de no mantener a Fang en línea y también fue despedido de su empleo. El escritor Wang Ruowang, reprendido por sostener ideas liberales, fue expulsado del Partido Comunista. Existe una opinión más cínica de los delitos de los tres hombres: habían aplaudido las recientes acciones de los estudiantes, apoyado el pluralismo político occidental y disfrutado en algún momento del patrocinio de Hu.

Según pautas recientes chinas, la purga fue suave. Los dos funcionarios universitarios fueron rápidamente reubicados en puestos de investigación en Pekín, y el escritor Wang no perdió esencialmente más que la tarjeta del Partido. "Están tratando de efectuar un tipo de purga distinto", explicó un analista de Europa del Este que vive en Pekín. "Quieren mantener un equilibrio entre liquidar el disenso y asustar a todos los intelectuales."

Aun así la atmósfera en Pekín en la segunda quincena de enero recordaba épocas más represivas. La remoción pública de Hu por cierto no fue tan cruel como el tratamiento brutal que recibió durante la Revolución Cultural, cuando le afeitaron la cabeza y fue obligado a caminar en cuatro patas. Pero el doloroso retorno a la autocrítica forzada no pareció lejano cuando Hu reconoció "errores en temas cruciales de principios políticos". Los periódicos chinos también emplearon la autocrítica, disculpándose extrañamente por historias escritas en el otoño chino pasado. No menos escalofriantes fue el grupo de científicos que apareció en el noticiero nocturno a hablar contra Fang dos días después del despido del astrofísico. "Estos días", declaró un maduro oficinista pequinés, "huelen a pólvora de la Revolución Cultural".

El olor es más intenso en los círculos intelectuales. Las expulsiones del Partido dejaron a muchos académicos, artistas y escritores preguntándose si los intelectuales chinos se habían equivocado una vez más. En 1956 Mao lanzó la campaña de las Mil Flores, que invitaba a la crítica de los actos del Partido. El programa tomó su nombre del antiguo dicho chino: "Que florezcan mil flores, y que mil escuelas de pensamiento compitan". Quienes se atrevieron a hablar, sin embargo, se convirtieron en blancos de la ira oficial cuando la línea del gobierno se volvió conservadora. Los intelectuales chinos temen haber sido alentados una vez más a asomar la cabeza, sólo para descubrir que se las cortan.

El apoyo de los intelectuales y especialistas es crucial si se piensa continuar con las reformas en industria, agricultura, ciencia y tecnología, las áreas de las Cuatro Modernizaciones de Deng. El lunes 19 de enero el premier Zhao se dirigió a 19 científicos y especialistas. "Los últimos ocho años fueron testigos del mejor periodo de desarrollo económico", dijo. "En esos años los intelectuales chinos se vieron libres por entero de preocupaciones". Como es comprensible los intelectuales son escépticos y cautelosos. Un indicio de su nerviosismo es que en las últimas semanas a los diplomáticos y los periodistas extranjeros les resulta cada vez más difícil entablar contacto con integrantes de la elite intelectual china.

A pesar del nuevo ajuste de tuercas, Deng jura que las reformas económicas de China continuarán. "La reforma debiera ser llevada a cabo de modo ordenado", declaró. "Eso significa que debemos ser audaces y cautelosos". Ahora la cautela está asegurada, pero queda en duda si el nuevo clima sostendrá la audacia. Parece razonable suponer que las reformas que ya están en marcha continuarán. Pero parece improbable que la China de Deng dé algún paso adelante de peso durante cierto tiempo.

El hombre que Deng eligió para reemplazar a Hu como jefe del Partido Comunista difícilmente presione por mayor libertad política. Zhao, de 67 años, que tendrá el título de Secretario General actuante hasta que el Comité Central confirme su designación, es un experto agrícola que apoya con ardor las reformas económicas de Deng. Como número tres de la jerarquía, ha sido considerado menos liberal que Hu en cuestiones políticas, y considerablemente menos franco. Después de un mes de estudiantes indóciles, parece ser justo lo que Deng necesita.

Time, 26 de enero de 1987
Información de Jaime A. FlorCruz [illegible] Richard Hornik, en Pekín.
[illegible] de Elvio E. Gandolfo

La Mañana
4/2/87

China
pican

Propulsor de "liberalismo"

Dirigente chino removido

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).— El Partido Comunista chino anunció ayer la remoción de su liberal jefe de propaganda, Zhu Houze, la segunda víctima de más alto rango en la feroz campaña de este año contra las influencias occidentales.

Un vocero del partido dijo que "Zhu Houze ya no está trabajando" como jefe del departamento de propaganda, que debe velar por la educación ideológica y diseminar la línea partidista.

Dijo que Zhu ha sido reemplazado por Wang Renzhi, subeditor de la publicación teórica del partido, Bandera Roja. Wang, que diplomáticos occidentales creen es de línea fuerte, es también uno de los 209 miembros del Comité Central del Partido.

El vocero no dijo si Zhu, uno de los principales propulsores de las reformas liberales y la liberación del dogma marxista, fue transferido a otro cargo y no dio razón alguna por la reorganización. Fuentes chinas, sin embargo, dijeron que la remoción de Zhu fue vinculada a una campaña contra las tendencias políticas occidentales lanzada por el partido el mes pasado en respuesta a manifestaciones estudiantiles en favor de la democracia que surgieron en por lo menos 13 ciudades.

Ohina
Ficha

Nuevo secretario de comunistas chinos subrayó la continuidad

Pekín, (DPA) - El nuevo secretario general del Partido Comunista Chino, Zhao Ziyang, subrayó en Pekín, en su primera actuación pública en el nuevo cargo, que la República Popular de China no variará su rumbo político.

Zhao, primer ministro de Pekín hasta que el viernes relevó a Hu Yaobang en la secretaría del Partido, manifestó hoy a una delegación visitante del Partido Comunista de Hungría que su país no alterará su línea política y que no había razón para temer un período de inestabilidad en China.

Según Radio Pekín, Zhao reahazó cualquier especulación sobre la posibilidad de que el programa de reformas internas del país estuviera atravesando dificultades y dijo que los recientes cambios en la conducción política de Pekín estaban orientados a "garantizar la estabilidad y continuidad de nuestra política".

El hasta ahora Primer Ministro fue designado el viernes por el buró político del PCCH nuevo Secretario General, en sustitución de Hu Yaobang, que según fuentes oficiales de Pekín admitió no haber respetado el principio de la dirección colectiva.

La opinión general es que Hu, estrecho colaborador durante decenios de Deng Xiaoping, fue sustituido por no haber podido frenar las espectaculares protestas estudiantiles de diciembre pasado en favor de "más democracia" en China.

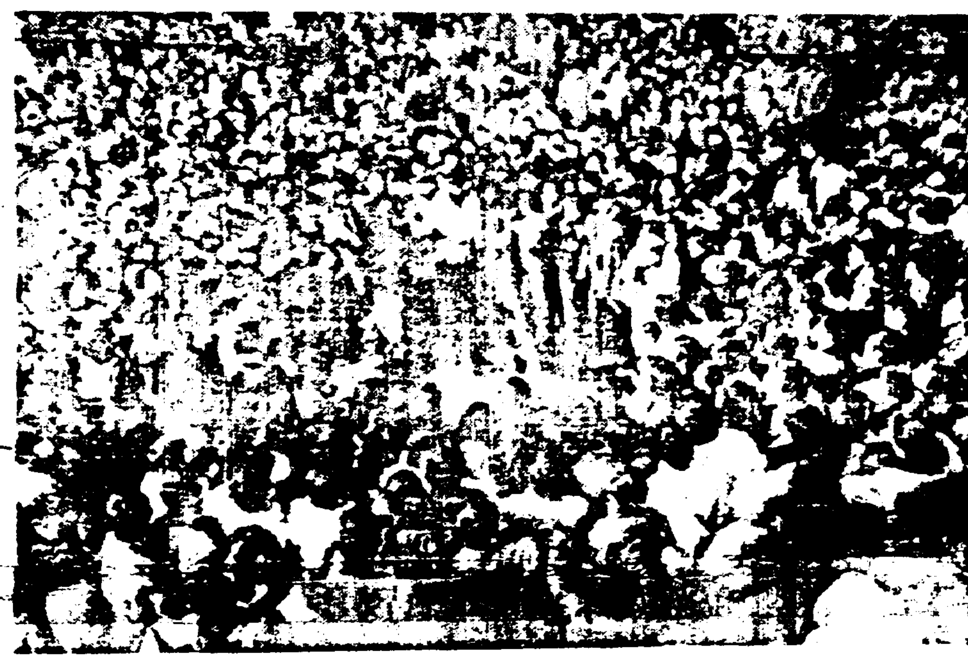
Por iniciativa de Deng, el PCCH inició recientemente una creciente campaña contra el "liberalismo burgués", expresión empleada contra los intelectuales iniciadores de la protesta estudiantil, acusados de pretender llevar al país hacia formas democráticas "occidentales", incompatibles con los principios socialistas.

La Hora 19/1/87

China: ¿Por qué salieron los jóvenes a la calle?

por Pablo Aragón

La escena es hija de la contradictoria realidad que la ha hecho posible: abigarrados grupos de jóvenes universitarios chinos se reúnen en torno a anónimos escritos pegados a los muros de los centros de estudio ("dazibaos"), herencia peculiar de una forma de expresión colectiva china. El papel, sin embargo, es el empleado en modernas computadoras, y mientras uno de los estudiantes lee en voz alta lo que allí reza, muchos de sus compañeros graban sus palabras en mini-computadoras japonesas. Es la conjunción de estas realidades la que los ha reunido allí.



Los jóvenes celebran: el atrevido *"dazibao"* (que las autoridades retirarán durante la noche) reclama *"libertad"* y *"democracia"*, consignas que miles de estudiantes hicieron suyas el pasado mes de diciembre en una decena de importantes ciudades chinas. En el origen del reclamo, sin embargo, se encontró la inquietud planteada por los jóvenes en torno a la elección de delegados ante la Asamblea Nacional Popular, hasta hoy nominados por el Partido Comunista.

Pero la impaciencia ha ganado a los estudiantes mientras los dirigentes estudian sus reclamos. Casi 70.000 son los que salen a las calles de Shangai el 19 de diciembre en protesta por el silencio oficial. Los reclamos masivos tienen ya diez días, pero Shangai es la ciudad más importante de China, la "vidriera" a Occidente, un reducto del antiguo régimen que conserva su polémico perfil: a pesar de la *"furia roja"* de la Revolución Cultural (1966-1976) a pesar de los intentos de conciliar lo mejor de dos mundos por parte del actual hombre fuerte, Deng Xiaoping. *"¡Viva la democracia!"*, gritan los integrantes de una columna de casi un kilómetro que circula por la avenida Nanjing de Shangai, mientras la policía los filma y vigila, bien que sin interrumpir su tránsito. Primera reacción oficial: un comunicado reconoce el *"derecho a manifestar"* de los ciudadanos. *"Es comprensible"*, aclara, *"que los estudiantes estén inquietos con respecto a la reestructuración del sistema político y esperen expresar sus puntos de vista sobre estos problemas"*. Frente al consulado norteamericano en Shangai los estudiantes vocean sus consignas. *"El mundo debe estar informado"* anuncia un joven.

¿Revolución cultural?

Dos días después la protesta es ya una crisis de delicada solución. ¿Hay arrestos, como denuncian los jóvenes? Un nutrido grupo de policías se infiltra entre los manifestantes y procede a dispersarlos. Los cartelones que pedían democracia se bajan apresuradamente. Los jóvenes buscan confundirse con los espectadores. El alcalde de Shangai, Jiang Zemin tiene en sus manos una lista de reclamos que van desde la fórmula abstracta (*"mayor democracia"*) hasta la concreta demanda de *"libertad de prensa"*. A cierta altura busca razonar con los representantes de una población estudiantil de cerca de 200.000 miembros. *"¿Acaso fuimos nosotros quienes le elegimos como alcalde?"*, pregunta un estudiante.

Jiang no contesta. Representa un sistema que transita una de sus etapas más comprometidas. Jóvenes como éstos fueron los que en abril de 1976 protestaron por el retiro de ofrendas florales a la memoria del fallecido Chou Enlai. La era Mao y sus delirios revolucionarios llegaba, así, a su fin. De ahí en más sobrevendría lo inevitable: no más *"revolución cultural"*, la caída de la *"banda de los cuatro"*, la muerte de Mao, el ascenso de Deng Xiaoping, la modernización de China. Jiang sabe, sin embargo, que el programa modernizador entraña riesgos: mayor productividad, apertura de mercados, bienvenida al capital extranjero, eliminación de las irracionales reglamentaciones pergeñadas por el maoísmo, prometen para China un proceso de mayor dinamismo económico. Pero también conflictos.

La realidad le recuerda todo esto a Jiang horas más tarde. Una economía libre de las trabas feudales del socialismo también supone carestías, inflación, acaparamiento de mercaderías. Y la población trabajadora de Shangai se muestra inquieta. Si los jóvenes ven en la modernización un preámbulo a la democracia política, sus mayores sienten la inseguridad de ver un mundo que cambia con las horas y sin rumbo cierto. La intranquilidad de ambos se traduce en lo mismo, y el 21 de diciembre son estudiantes y obreros los que desfilan por las calles de Shangai. Ahora exigen una disculpa pública por parte del Alcalde. Y se mofan de sus representantes, y de la prensa oficial que, desde el *"Diario del Pueblo"* *"ha dañado la reputación de los estudiantes"*.

Pero ahora es Pekín el escenario de nuevas protestas. *"¡Solidaridad con los camaradas de Shangai!"*, proclaman varios miles de jóvenes que, en medio de temperaturas de casi 20 grados bajo cero, logran llegar hasta la plaza de Tien An Men, burlando el cerco policial. Allí, como en Shangai, el aire recoge las mismas palabras: democracia, libertad...

También el ejército

Ahora sí debe hablar el régimen. Y sus palabras deben ser medidas. Deng sabe que sus reformas despiertan serias resistencias entre los burócratas civiles y militares del Partido Comunista Chino. Confía en los jóvenes cuadros que promociona con la misma ineluctabilidad con que su vida se apaga. Pero no confía en los bolsones de nostálgicos. O en los oportunistas. O en los apresurados. Para él el fin del año debía ser auspicioso. Con la reunión de la Comisión Militar Central del Partido pensaba poner en evidencia el respaldo castrense a sus programadas reformas: un millón de soldados, la cuarta parte del Ejército Popular, serían dados de baja, junto con la reducción de once a siete comandos. El fusil también sería objeto de modernización. Pero los jóvenes protestan en las calles.

El editorial del *"Diario del Pueblo"* del 23 de diciembre es el fruto de estos encontrados sentimientos. Primer recuerdo: la *"revolución cultural"* de 1966 fue el fruto de un empeño por exaltar *"a la gente, en primer lugar a los estudiantes, para que expusieran sus puntos de vista libremente y formaran grandes debates"*. Y advertencia: *"si alguien calcula mal la situación y trata de empujar a la gente hacia una 'gran democracia', en un intento de apartarse de la dirección del partido y desviarse de la orientación hacia el socialismo, interrumpir las reformas y perjudicar la producción y construcción del país, nunca triunfará, y tendrá que comerse su propio fruto amargo. La reestructuración política es un proceso de autoperfeccionamiento del sistema socialista y debe ser dirigida por el partido"*.

propuesta estudiantil

La protesta ahora alcanza también a la ciudad de Tiajin y a la antigua capital de Nankin. *"¡Abajo los burócratas!"*, exclaman en esta última ciudad los estudiantes. Los *dazibaos* de Pekín recuerdan que no fueron los estudiantes quienes impulsaron la insania de 1966. En Shangai un grupo radical propone una manifestación gigantesca que reúna a los estudiantes de los 48 centros de estudios de la ciudad. La propuesta es desestimada por los moderados que dirigen el reclamo, hasta ahora pacífico. La modernización también les dice a estos muchachos que el próximo mes de enero es el del período de exámenes, y que de su desempeño depende el acceso a los nuevos empleos que esa modernización crea. Quieren, sin embargo, información sobre lo que sucede en los otros escenarios de protesta, y se muestran insatisfechos con las respuestas oficiales, que se reducen en algún caso a nuevas disposiciones que requieren de los manifestantes una solicitud presentada con cinco días de antelación para poder manifestar en la vía pública.

El día de Navidad, en tanto, las autoridades confirman la existencia de arrestos. Dos obreros, se afirma, son acusados de perturbar el orden público. El régimen controla su mano. Al fin de cuentas esos jóvenes son los legatarios del esfuerzo modernizador: hostilizarlos podría precipitar a la burocracia gobernante en una guerra interna que los nódulos maoístas se cuidarían bien de utilizar en su provecho. En Pekín se habla de posibles contramanifestaciones organizadas por la Liga de la Juventud Comunista, pero ellas no se materializan.

No podemos esperar

Dejar que las protestas continúen, en tanto, tampoco sería prudente. Sobre el fin de año los *"dazibaos"* pekineses reclaman un sistema multipartidario de gobierno. *"No podemos esperar diez años por lo que queremos"*, razonan los anónimos autores, *"si dos mil años de falta de democracia no son suficientes, ¿qué lo es?"*. *"Diarios para el pueblo"*, piden otros. *"Los principios fundamentales del Partido se pueden ir al diablo"*. El lunes 29 el régimen informa por televisión sobre las manifestaciones; los ciudadanos ven secuencias de las marchas, diez días después que estas ganaran la atención internacional, veinte desde que se iniciaran en las diez ciudades más importantes de China. Las organizaciones sociales, y grupos de ciudadanos independientes podrán postular candidatos a la Asamblea Nacional Popular. Fang Lizhi, vicerector de la Universidad de Hefei (donde comenzara la protesta) podrá representar al estudiantado en caso de ser electo. La medida electoral, se apresura a informar el vocero oficial, ya había sido tomada con anterioridad a los movimientos callejeros.

Con el nuevo año las protestas se acallan. Deng sabe, sin embargo, que el silencio de hoy es todo menos silencio. Abrir a China para la contemporaneidad implica una revolución de las expectativas que las reformas aún no pueden satisfacer. Hoy son los estudiantes los que muestran su frustración. ¿Serán mañana los obreros? Pero la modernización debe continuar, aun cuando el último año no probó ser tan impetuoso como los dos precedentes. Deng lo sabe: es difícil equilibrar las urgencias de dos mundos. Y allí estuvieron los jóvenes para recordárselo.

8702315

033

Fiolofi

LA NACION
24/1/87

RPCH

Parcial rehabilitación de Hu

PEKIN, 23 (Reuter). - Hu Yaobang, quien renunció a su puesto de secretario general del Partido Comunista chino la semana última después de caer en desgracia, sería puesto a cargo de un organismo asesor con el objeto de limpiar su imagen, informaron fuentes chinas.

Agregaron que Hu sería designado presidente de la Conferencia Política Consultiva del Pueblo Chino (Cpcpch), una entidad que no tiene poder real pero que agrupa a distinguidas figuras del comunismo y extrapartidarias.

Hu reemplazará a la actual titular de la Cpcpch, Deng Yingchao, viuda del ex primer ministro Chou Enlai, quien se retirará debido a su avanzada edad, manifestaron las fuentes. Deng Yingchao cumplirá 83 años y cuando aparece en público es acompañada por enfermeras.

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Peiping's Newly Promulgated Regulations Concerning Statute on Issuence and Aplication of Resident.

PROCEDENCIA: Enlace China 20/2/87 Doc. 0422/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/3)

8702369

01-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Communist Official Discloses Peiping's Agricultural Development Goals.

PROCEDENCIA: Enlace China 20/2/87 Doc. 0423/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/3)

8702371

01-01

P 033 CHINA

PN

ANALISIS DEL DEPARTAMENTO DE ESTADO SOBRE CHINA

Todo seguirá igual

WASHINGTON, 11 (Reuter). — Estados Unidos sigue de cerca los tumultos estudiantiles en China, pero no considera que los acontecimientos en ese país impliquen una amenaza a las políticas reformistas de Pekín ni un desafío a su líder Deng Xiaoping, señalaron círculos diplomáticos de esta capital.

El Departamento de Estado se limitó a decir, por su parte, que las manifestaciones de protesta en favor de diversas medidas democráticas que arreciaron en China el mes pasado, y los últimos esfuerzos de seguridad para reducirlas, son "un tema interno" y están al margen de comentarios.

Pero los analistas de dicho departamento siguieron con detenimiento el desarrollo del movimiento estudiantil chino, y entienden que se inició con gran consenso, señalaron esos medios diplomáticos.

Manifestaron que Washington desestimaba algunas elaboradas teorías que circulaban entre los expertos chinos para explicar los orígenes de las protestas.

Según uno de ellos, los tumultos pudieron ser fomentados o manipulados por fuerzas conservadoras de la cúpula de Pekín, para subrayar los supuestos peligros de una erosión del poder del Partido Comunista, a causa de la campaña reformista oficial en marcha.

Otra teoría expresa que Deng podría haber promovido las protestas y su represión, durante la semana pasada, como una forma de asegurar que "no se acelerara demasiado" el momento hacia una mayor libertad política.

Expertos estadounidenses opinan que, cualesquiera hayan sido los orígenes de los disturbios, Deng reafirmó su autoridad al ordenar una línea más dura contra los desórdenes, definiendo en el proceso los límites del debate político público.

Michael Freney, un veterano analista del Centro de Estudios Estratégicos e Internacionales de Washington, una organización privada de investigación, señaló que el dirigente chino pareció haber emergido de los acontecimientos con un completo control de la situación.

♦ "Límites de la tolerancia"

Por su parte, analistas oficiales y especialistas académicos norteamericanos ven las manifestaciones como el reflejo de un fermento entre la elite educada, estimulado por movimientos hacia una economía más libre.

"Es claro que las reformas despertaron muchas expectativas", señaló al respecto un funcionario.

Pekín permitió, claramente, que las protestas alcancen a las ciudades provinciales, donde se iniciaron como una advertencia para los opositores a las reformas, impulsadas oficialmente, en cuanto al apoyo con que cuentan los intentos de descentralización, opinan los analistas.

Merle Goldman, profesor de historia china de la Universidad de Boston, dijo que "aunque las protestas estudiantiles exigen reformas de más largo alcance, Deng y su grupo reformista las utilizaron para presionar a los líderes más importantes a fin de conseguir el logro de reformas de alcance más limitado".

Sin embargo, los expertos estadounidenses consideran que las manifestaciones fueron más allá de lo esperado.

"Parecen haber elegido un momento propicio, y Deng y los otros pueden haber quedado desconcertados", señaló un funcionario, agregando: "Se alcanzaron los límites de la tolerancia".

Goldman, escribiendo para el periódico "The New York Times" bosquejó un paralelo con el movimiento democrático de fines de la década de 1970, que inicialmente sirvió a los intereses de Deng para promocionar la reforma, pero fue demasiado lejos.

"La historia china reciente sugiere que las manifestaciones —manipuladas para presionar a los dirigentes de alto nivel—, generan ideas y prácticas que los que las manejan no pueden extinguir de forma total", señaló Goldman.

Considerando el largo plazo, los analistas dicen que el futuro del programa de reforma no parecía estar en duda, aunque la cúpula de Pekín puede verse ante coyunturas crecientemente delicadas al manejar las reformas políticas que inevitablemente van de la mano con el cambio económico.

01/01

8702378

03/3

PPCH

Gobierno chino declina hacer comentarios sobre Hu Yaobang

Pekin, (PL) Un vocero del Comité Central del Partido Comunista de China declinó confirmar o desmentir las versiones extraoficiales circulantes sobre la supuesta hospitalización de urgencia del recientemente destituido secretario general de la agrupación, Hu Yaobang.

Consultado sobre el particular por Prensa Latina, el portavoz se limitó a declarar que desconocía esa situación, respuesta valorada en medios periodísticos como harto significativa pues no desmiente los rumores.

Según las versiones ampliamefte circulantes aquí desde hace días, Hu Yaobang, de 71 años, fue ingresado de urgencia en el hospital militar número 301 de esta capital por padecimientos no conocidos, tras rechazar la medida de destitución dispuesta contra él por la dirección del partido gobernante, el mes pasado.

Hasta el momento no hay una información oficial completa sobre las causas de la remoción de quien hasta su desaparición de la vida política nacional, a fines de diciembre último, era presentado como el sustituto principal del líder chino Deng Xiaoping, salvo la escueta nota suministrada sobre la destitución.

El texto, aprobado en reunión ampliada del buró político el 16 de enero, señala que Hu Yaobang fue severamente criticado por sus colegas por la comisión de graves errores ante importantes problemas políticos del país (no especificados) y la violación del principio de dirección colectiva de la organización.

En información sobre el caso, el representante de China en Hong Kong, Xu Jiatun, reveló que Deng Xiaoping le aseguró que la destitución de Hu Yaobang se debió a errores cometidos durante los últimos cuatro años, originados por no escuchar los consejos formulados por veteranos revolucionarios que no identificó.

La Hora 13/2/87

01-01

033

RPCH

Clarín 19/2/87



Zhoo Ziyong, premier chino.

Denuncia de Pekín

PEKIN, 18 (Xinhua). — Los guardias fronterizos chinos rechazaron las provocaciones vietnamitas a lo largo de la frontera, declaró un vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores de China.

"Las tropas vietnamitas cañonearon el territorio chino, dando muerte e hiriendo a campesinos que labraban en el campo. Además se enviaron agentes especiales al territorio chino para realizar hostigamientos y ataques".

"Es natural y justo, el rechazo de las provocaciones perpetradas por Vietnam", dijo el vocero.

RPCH
Important

AN

CHINA FIRMA DESNUCLEARIZACION

Se suma así al Tratado de Rarotonga, en el Pacífico sur

Tokio/Pekín, (PL). — China firmó el tratado acordado en 1985 por los 13 Estados miembros del Foro del Pacífico Sur que declara zona desnuclearizada a la región.

Esta posición fue reiterada por el ministro de Relaciones Exteriores Wu Xueqian en carta al primer ministro de Fiji, Kamisese Mara, presidente del foro.

El contenido de la misiva fue difundido en coincidencia con la firma por parte de China en Fiji de los protocolos uno y dos del tratado.

El documento fue acordado en el foro integrado por Australia, Nueva Zelandia, Islas Cook, Fiji, Nauru, Islas Salomón, Papua-Nueva Guinea, Vanuatu, Tonga, Kiribati, Tuvalu, Niue, la Federación de las Islas de la Micronesia y Samoa Occidental.

El acuerdo, suscrito en Rarotonga, Islas Fiji, compromete a los Estados miembros a no ensayar, fabricar o almacenar armas nucleares, y exhorta a las potencias atómicas a respetar la zona desnuclearizada, al tiempo que prescribe el uso de la región como basurero atómico.

En respuesta a este llamamiento, Estados Unidos comunicó la semana pasada, su negativa a firmar el tratado sumándose a la actitud de Francia, que lleva a cabo un programa de ensayos nucleares en la Micronesia, específicamente en el polígono del atolón de Mururoa.

Por su parte, Gran Bretaña no se ha pronunciado aún sobre el asunto.

Aunque el tratado no incluye entre sus prohibiciones la visita de barcos portadores de armas nucleares o de propulsión atómica, sí expresa la determinación de los pueblos de la región de convertirla en una zona desnuclearizada y de paz en el mundo.

Nueva Zelandia, de acuerdo con la política antinuclear de su gobierno, puso en crisis el pacto militar "Anzus" en agosto de 1986, al decidir Wellington prohibir el arribo de buques de guerra con propulsión nuclear o armas del mismo tipo a los puertos del país.

ANUNCIAN REFORMAS EN EL SISTEMA DE PROPIEDAD INDUSTRIAL

China acometerá este año una profunda reforma del sistema de propiedad y de la administración de su industria ligera, con el arriendo a particulares de las entidades estatales pequeñas y la conversión de algunas grandes en sociedades por acciones.

La decisión fue anunciada por el ministro del ramo, Yang-Bo, y difundida en primera plana en el diario oficial "Renmin Ribao" y otros, en rotunda ratificación de la continuidad de las reformas económicas en curso, cuestión puesta en duda por algunos especialistas en cuestiones chinas tras los recientes cambios en la dirección del gobernante Partido Comunista.

Al revelar las líneas esenciales del programa, el titular precisó que la experimentación con el sistema de acciones comenzará este año en las empresas de cosméticos, equipos electrodomésticos, química, papel, procesamiento de alimentos y otras, e incluirá -dijo- a un reducido número de entidades estatales de tamaño mediano y grande.

Las empresas medianas y pequeñas, añadió, serán arrendadas a particulares unas y entregadas otras a la administración de grupos del sector privado, mientras algunas se transformarán en propiedades colectivas y sociedades por acciones.

01-01

8702500

IDEAS

PARA UN BALANCE DEL MAOISMO

Han pasado diez años desde la muerte de Mao, una buena ocasión para revisar su trayectoria. Diez años no son muchos, pero vuelven más honda la perspectiva, más evidentes las proporciones. El problema es que poco interesa hoy la historia: interesan las historias, cuanto más pequeñas mejor. Por eso en Italia, los medios de comunicación se ocupan más de Aldo Brandirali (maoísta italiano de los años 70) que de Mao, preguntándose estupefactos cómo existieron en un país inteligente, o sea el nuestro, muchos que se dijeron maoístas. Entre éstos estábamos nosotros. ¿Todavía?

He leído el editorial de **Il Manifesto** de hace diez años. Su título era: "Rebelarse es justo". Me sigue pareciendo justo. Decía que Mao planteó en el movimiento comunista los únicos interrogantes verdaderos que interesan a las sociedades avanzadas en Occidente. Lo sigo pensando. Pero considerando los tiempos que corren, supongo que debo explicarlo.

Mao era tolerante. En los años de las ejecuciones en los países del Este, no *cortó cabezas*; en su ensayo de 1956 **Sobre la correcta solución de las contradicciones en el seno del pueblo**, invita a no ver contrarrevolucionarios en cada disidencia, y que se abrieran cien flores parecía hermoso. China *abre* se decía, y si todavía habla del "Estado-guía", es para evitarse problemas con la Unión Soviética, pero Mao sigue haciendo lo que le parece. Y lo que le parece significaba dar de comer dos veces por día, una cobija de lana pesada para el invierno y una liviana para el verano, un juego de ropa para el invierno y otro para el verano, un techo o una gruta para cientos de millones de personas que nunca los habían tenido, prohibir la venta de niños, liberar a las mujeres. Espero que, aun en la vasta estupidez que nos inunda, nadie objete que una empresa de estas dimensiones no deja de ser "economicismo". Quien iba a la India o a Hong Kong y veía aquella hambre, suciedad y enfermedad, y después pasaba a la China pobre y limpia como una moneda de plata, se preguntaba, con razón, cómo había sido posible.

En 1958 desapareció esta China doméstica: eso escapó a nuestra comprensión progresista, que nos había hecho amar la conquista de los derechos más sencillos. Cuando vuelva a aparecer como *punto de referencia*, ya no será para los mismos, sino para aquellos otros –nuevos jóvenes, nuevos estudiantes, nuevos obreros– que criticaban el progresismo planteándole sus porqué y sus para quién. Y creían posible y querían una revolución radical como la de Mao, pero diversa de la tradición bolchevique.

¿Cómo fue que los *dazibao* de la Universidad de Pekín en 1966 fueron iguales que los de Berkeley, París, Turín, Berlín, Trento en 1968? ¿Y que el problema para los estudiantes chinos fuera, exactamente como entre nosotros, no tanto el derecho cuanto la calidad del estudio y los modos de transmisión del saber? Esta es una demanda que se plantea a partir de cierto nivel de derechos adquiridos a la cual nadie ha dado respuesta. Del mismo modo, tanto en la Sorbona como en Tsing-hua se tenía la misma percepción del saber como forma sutil de una pedagogía de la obediencia.

Tanto en China como entre nosotros la crítica a la escuela remitía al conjunto de la formación social y de sus roles. No es una casualidad que los obreros de la gran ciudad, la más internacionalista, Shanghai, plantearan el mismo tipo de pregunta radical y antiprogresista sobre el trabajo: ¿Por qué la división técnica se convierte en jerarquía? ¿De dónde viene esta "objetividad"? ¿Por qué no la recomposición de tareas en lugar del ciego trabajo parcelizado? ¿Por qué no administrar la fábrica? ¿Y por qué la sociedad no se autogestiona?

No conozco ningún dirigente comunista, salvo Mao, que comprendiera y apoyara *estas preguntas*. Ellas pasan exactamente sobre la línea que divide progresismo y comunismo. Y por lo menos desde 1957, cuando participó en la Conferencia de Partidos Comunistas después del trágico balance de 1956, Mao se preguntaba, no qué defecto de los dirigentes había conducido a esos desgarramientos, sino qué idea del socialismo había llevado a coagular nuevos poderes, subordinaciones, opresiones y un rencor tan inmenso de la gente. La respuesta que Mao se dio, y que se trasluce aún en el prudente "Discurso sobre las diez grandes relaciones", era que lo que había creado señoríos y subordinaciones, y empobrecido durante un tiempo insoportable a una parte de la población para financiar a la otra, respondía a la lógica propia del modelo de desarrollo escogido por la Unión Soviética: no sus errores, sino su paradigma.

Mao pensó primero en una corrección que detuviera un empobrecimiento ulterior de los campesinos, una mayor compresión de los consumos. Esperaba que bastaría avanzar con ritmos más lentos, pero homogéneos en todo el terreno productivo, que no aumentasen las distancias. Era 1957: al año siguiente debió convencerse de dos cosas. Una, que la simple corrección del modelo soviético no funcionaba, porque su tendencia a la descomposición social es intrínseca; la otra, que es inherente a ese modelo un sistema jerárquico, que desde la fábrica se extendía a la sociedad, o si se quiere al partido –Estado, otro tema difundido en nuestros movimientos de 1968 en adelante.

La primera "utopía" de Mao –¿cómo hubieran sido las cosas si no hubiese tenido en contra a todos y a todo?– es el Gran Salto Adelante. ¿Cuál es la riqueza de China? Abundancia de brazos, y una tradición de trabajo inteligente. ¿Por qué no intentar de inmediato aquello que, de lo contrario, sobrevendría en plazos tan largos que obligarían a generaciones enteras a vivir en la miseria? ¿Por qué no intentar la unificación agricultura-industria, en todas partes, inmediatamente, transformando los instrumentos de trabajo o el producto agrícola a través de la instalación de laboratorios rudimentarios, hornos, fábricas de cemento, un nivel técnico suficiente para acortar los tiempos y recomponer las tareas, y al mismo tiempo para modificar al campesino convirtiéndolo en un tipo diferente de productor? Esto habría significado un desarrollo extensivo sobre el territorio, la prioridad a la unidad productiva pequeña o medio-pequeña, un paisaje (y por lo tanto una comunidad) agrícola-urbano en crecimiento equilibrado. ¿Locuras? ¿Pero no eran éstas, no lo son acaso, las preocupaciones de los urbanistas modernos? ¿No es la tendencia a la descentralización que hoy se recomienda?

Es cierto, hacía falta tiempo. Pero un tiempo utilizado en la unificación de los saberes y en el estímulo a las diferencias, porque este tipo de producción no se planifica desde el centro, sino que se autogestiona. El poder pasaba a las comunas. Estado y partido veían reducirse sus campos de intervención, mientras se les asignaba un *papel de compensadores* y proveedores de grandes servicios unificadores. Se puede suponer, razonablemente, que a la mayoría terminó por parecerle que ese "tiempo" faltaba. La Unión Soviética, literalmente, enloqueció frente al indisciplinado e incontrolable proyecto. Dejó de dar cobertura a China; de golpe le quitó el escudo atómico y, ante la primera crítica en el movimiento comunista, retiró en dos días sus técnicos y su ayuda, contando con que el sobreviviente colapso obligaría a Mao a la rendición.

El Gran Salto duró menos del tiempo de un ensayo. Mao se convenció de que no se habrían podido dar con el partido el salto sobre el río turbio de la transición y la construcción acelerada de las bases materiales de la igualdad. El partido es una estructura de poder. Por más que esté dirigida al servicio del pueblo, tiene la lógica de conservación propia de las estructuras.

Así, cuando en 1966 una señorita colgó el primer *dazibao* contra las autoridades académicas, Mao le envió una carta de apoyo –lo cual dice mucho sobre su escasa voluntad de discutir la cuestión en las "instancias correctas". Cuando el partido trató de cabalgar sobre el movimiento para controlarlo, Mao colgó su cartel: "Bombardeen el cuartel general".

Mao arriesgó todo sobre la hipótesis de que la revolución o es social, o no existe. O pasa a través de la gente, o no existe. O cada uno la toma en sus manos, o no existe. O tiene lugar a través de un proceso que en cada etapa libere las posiciones límite y "después" se equilibre al centro, o no tiene lugar. ¿Quién se atreve a negar hoy que el mecanismo de los socialismos reales se ha trabado y hay una regresión? Pero Mao fue el único dirigente comunista que lo pensó, y por eso su crítica al modelo de Stalin se movió en dirección opuesta a la crítica de derecha (la cual, por lo demás, no es viable en China, tal como se dará cuenta Deng).

Pero la relación entre sociedad civil y política, base y cúspide, masas y partido, personas e instituciones, ¿no ha sido también el problema agudo de los movimientos, el lugar de su crisis, el de la crisis actual de la política? Mao hablaba de lo que hoy nos atormenta. También es el terreno donde, como él, fuimos derrotados. Porque el nudo de los nudos, el punto verdaderamente no resuelto, está en lo que él trató de correr hasta el fondo y no resultó verdadero: que esas masas, en el conflicto, habrían crecido hasta reequilibrarse por sí mismas; que en la revolución cultural se habrían herido ellas, el partido, el ejército, pero para arribar a una relación más avanzada. Este fue su único error: la subestimación del cúmulo de frustraciones, atraso y violencia que explotó en aquel punto y la amargura y el rencor que provocó en el partido. Ambos incontrolables, pese a su carisma, pese a una antigua y probada solidaridad.

033

Ficha

IRPCH

China se pronuncia a favor de las relaciones con los Estados Unidos

Pekín, (PL). El Secretario norteamericano de Estado, George Shultz, será recibido por los principales dirigentes de este país, durante su próxima visita a China prevista del 1 al 6 de marzo, se informó en medios oficiales de esta capital.

Al referirse al tema, el portavoz Ma Yuzheng precisó que Shultz sostendrá conversaciones con el Ministro de Relaciones Exteriores, Wu Xueqian, y después de ser recibido por los líderes chinos viajará por Guilin, Dalian, Shandong y Shangai, al suroeste, nordeste y este.

A preguntas sobre el 15 aniversario este año, de la firma del comunicado de Shangai, que sentó las bases para el ulterior desarrollo de las relaciones bilaterales, el vocero señaló que los vínculos actuales son "básicamente estables" y hay desarrollo en ciertos campos "específicos", aunque prosiguen algunos obstáculos entre las partes.

Remarcó que esperaban que cumpliendo lo estipulado en el documento, las relaciones chino-norteamericanas puedan proseguir desarrollándose.

votantes negros y de la comunidad hispánica.

En Chicago, desde hace más de medio siglo ningún republicano ha logrado obtener el cargo de alcalde, posición que siempre han ocupado los demócratas.

La Prensa 26/2/87

01-01

8702510

Irán y Taiwán son temas de la visita de Shultz a China

Pekín (EFE) – El secretario de estado estadounidense, George Shultz, comenzó hoy su tercera visita a China, que se produce en un momento en que los dos países afrontan serios problemas internos.

Los Estados Unidos están inmersos en el escándalo Irán-"contras" que ha hundido a la administración de Wáshington en una profunda crisis, y China se encuentra embarcada en una lucha contra la "liberalización burguesa" en el marco de una nueva pugna por el poder.

Shultz llegó hoy a Pekín procedente del sur de China, donde había hecho una escala turística en la ciudad de Guilin.

El secretario de Estado Norteamericano fue recibido por el viceministro de asuntos exteriores chino, Zhu Qizhen, en el aeropuerto de Pekín, desde donde se dirigió al centro de la capital para un recibimiento oficial por su colega Wu Xueqian y una comida ofrecida en su honor en el gran Palacio del Pueblo.

Shultz comenzará el lunes sus conversaciones formales, que incluyen encuentros con Wu Xueqian y con el secretario general del partido Comunista en funciones y ex primer ministro, Zhao Ziyang.

El próximo martes tendrá una entrevista con el veterano Deng Xiaoping, artífice de la reforma y apertura económicas emprendidas por China.

Es probable que Shultz le trasmita la preocupación de los Estados Unidos y de los países industrializados de Occidente en general por el impacto que dicha campaña pueda tener sobre las relaciones económicas y comerciales.

Según declaró el secretario de estado antes de emprender su viaje, otro de los puntos que tratará con sus interlocutores chinos es el malestar de Wáshington por los suministros de armas chinas a Irán.

Otro de los problemas que gravitan sobre la visita, y que fue apuntado ya en el comunicado oficial chino de anoche, lo constituye Taiwán, también en relación con los ministros militares.

Aunque los Estados Unidos hayan reducido a poco más de 20 millones de dólares sus ventas de armas a Taiwán desde que establecieron relaciones diplomáticas con China en 1972, Wáshington ha rechazado hasta ahora la demanda china de cortar esos suministros.

Una vez terminados sus contactos oficiales en Pekín, Shultz viajará a la ciudad industrial de Dalian y al lugar de nacimiento de Confucio, en la provincia oriental de Shandong, y terminará su estancia de cinco días en China con una visita a Shanghai, antes de emprender su viaje de regreso, con escalas en Corea del Sur y Japón.

Reformas en China

PEKIN 14 (Reuter). — **China prometió hoy reformar su estructura política y continuar con las reformas económicas, pero advirtió que una vuelta al capitalismo solo provocaría un retorno del feudalismo.**

El diario del **Partido Comunista "Bandera Roja"**, citado por la agencia oficial de noticias **Nueva China**, dijo que China debe permanecer dentro del socialismo **aun cuando todavía es imperfecto.**

El diario también atacó a tres importantes intelectuales expulsados del partido este año, durante una campaña en contra de las ideas pro occidentales. Dijo que los tres negaban logros hechos por China.

"Adherir al socialismo es un imperativo para continuar la política de apertura hacia el resto del mundo. China incluso planea una apertura mayor al mundo externo.

apett

LA PRENSA 28-2-87

Visita de Shultz a Pekín

Pekín (EFE) — El secretario de estado norteamericano George Shultz iniciará el fin de semana una visita de cinco días a China, viaje considerada importante por producirse en un momento de incertidumbre política.

La comunidad empresarial internacional espera respuesta de una serie de interrogantes surgidos en los últimos meses a raíz del cese del secretario general del partido Comunistà y el cambio en el clima político del país.

Shultz es el político occidental más importante que visita China desde el inicio de la crisis, y muchos observadores creen que si China tiene algo importante que decir aprovechará la publicidad que tendrá la visita de Shultz.

Desde la caída de Hu Yoabang al frente del partido Comunista, el 16 de febrero, China ha estado viviendo un resurgir de la ideología izquierdista que se ha traducido en una intensa campaña contra las influencias capitalistas y occidentales.

Simultáneamente, los políticos chinos pretenden convencer al mundo de que nada ha cambiado y que la política de apertura y de reforma es un hecho irreversible.

033
RPCH

Pekín exige igual seguridad en Asia

PEKIN, 4 (AFP, Reuter y especial de "Le Monde" para Clarín). — El canciller soviético, Eduard Shevardnadze reconoció ayer como un hecho el aumento de la presencia soviética en el Pacífico norte mientras el gobierno chino reiteraba su pedido de una "reducción simultánea y equilibrada de misiles de alcance intermedio de Europa y Asia por parte de la Unión Soviética y de Estados Unidos".

Las dos declaraciones ganan importancia en el momento en que parece gestarse una concreta posibilidad de acuerdo entre las dos superpotencias para el desarme del teatro europeo, que podría tener como contrapartida, en principio, la concentración del resto admitido de los respectivos arsenales de misiles de alcance intermedio en territorio de Asia (ver crónica aparte).

Fue precisamente como comentario al avance de las negociaciones de desarme de Ginebra en el tema de los euromisiles que un portavoz de la cancillería de China señaló que, para Pekín, "la seguridad de Europa y Asia tienen la misma importancia y deben recibir igual atención; como nación asiática, China está naturalmente preocupada en relación con los misiles de alcance intermedio desplegados en Asia".

El vocero agregó que "hemos sostenido permanentemente que la reducción de misiles de alcance intermedio instalados en Europa y Asia por la Unión Soviética y Estados Unidos debería ser simultánea y equilibrada y tendría que cumplirse con el mismo principio hasta su total destrucción".

- **"Solo una respuesta".**

Shevardnadze, por su parte, abordó el tema de la estrategia militar soviética en las costas orientales de Asia en el curso de una visita a Australia, en el marco de una gira que también incluye a los paises de la región de Indochina.

Al brindar absolutas seguridades a las autoridades australianas sobre la decisión de Moscú de no tener actividad militar en el Pacífico sur, el canciller asumió como cierta, en cambio, una mayor presencia armada soviética en el Pacífico norte. "Esto representa, únicamente, la respuesta a la expansión de las fuerzas norteamericanas en esa región", aseguró Shevardnadze.

CLARIN 5/3/87

033
RPCH

Campaña contra el liberalismo en el Ejército de China roja

Pekín, 17 (UP) – El Ejército chino ordenó a sus 3.5 millones de miembros a reunirse en masa para criticar las tendencias capitalistas, intensificándose la campaña política contra las ideas occidentales, informaron los medios oficiales.

El diario del Ejército de Liberación señaló que el departamento político de esa rama de las Fuerzas Armadas emitió una circular para que "todos los oficiales, soldados y personal militar tomen parte en la campaña de siete semanas contra el "liberalismo burgués".

"La oposición al liberalismo burgués es una seria lucha política", indicó el documento.

Agregó que las autoridades políticas deberían enseñar a las tropas a ser leales al partido Comunista y al sistema socialista chino y oponerse al "liberalismo burgués".

Todo el personal militar debería estudiar los recientes discursos del dirigente Deng Xiaoping y los trabajos básicos de Marx.

"Luego de estudiar los documentos, deben organizarse en masa y discutir y dar unas cuantas leídas a discursos típicos del liberalismo burgués para analizarlos y criticarlos", dijo.

Señaló que los colegios militares deberían dar clases de política, medida que recuerda la [illegible] cultural de 1966-1968 [illegible] el Ejército fue politizado y [illegible] el resto de la nación.

[illegible] la revolución cultural, Deng ha intentado reducir el papel político del Ejército, provocando resentimiento entre algunos oficiales.

PARTES POCO LEGIBLE

01-01 8703241

033 RPOH

BN

El gobierno chino intenta controlar ideas políticas

El jefe interino del Partido Comunista chino, Zhao Ziyang, está trabajando silenciosamente para limitar el impacto de las maniobras contra las ideas políticas occidentales, según informó una alta fuente al corresponsal del The Washington Post en China, Donald Southerland.

La fuente expresó que Zhao, con la total cooperación del principal líder chino, Deng Xiaoping, está realizando todos los esfuerzos para preservar las reformas económicas y la política de apertura hacia el occidente llevadas adelante por Deng, y para prevenir que las maniobras ideológicas no se extiendan dentro de la economía.

Zhao está intentando asegurar a los ejecutivos de las empresas extranjeras que China es un país estable y que es redituable invertir en él, prosiguió la fuente.

Al mismo tiempo, Zhao está procurando demostrar que los intelectuales chinos tienen poco que temer a pesar de las recientes expulsiones de dos miembros del partido.

"Las manifestaciones estudiantiles y las críticas de los intelectuales pueden entorpecer el avance de las reformas" continuó la fuente, que tiene acceso a los asesores de Zhao. "Pero nadie quiere cerrar las puertas abiertas y nadie quiere detener las reformas".

Los recientes eventos en China han dado un nuevo giro al viejo adagio chino "Maten al pollo y asusten al mono", expresó Carroll Bogert en un editorial publicado en el The Washington Post. El proverbio ilustra una táctica política para asustar al oponente que se tiene, atacando a aquellos que lo rodean.

Pero con la expulsión de Hu Yaobang, Secretario General del partido, Deng Xiaoping ha matado al mono. Y muchos pollos en China ahora deben de estar muy, pero muy nerviosos.

Los pollos en este caso son los intelectuales, de quienes la modernización de China depende. Tomaron parte el año pasado, cuando altos funcionarios del partido, liderados por Hu Yaobang, hicieron un llamado a la creatividad, más críticas a los errores, y claridad en los conceptos. A pesar de décadas de promesas quebradas por el partido, muchos intelectuales creyeron que su gobierno realmente quería, en la frase que Mao utilizó 30 años atrás, "dejar a cien flores crecer".

El éxito de la reforma económica de China depende de buenas nuevas ideas, plantea Carroll Bogert. Y Deng Xiaoping lo sabe. El siempre intentó dar a los intelectuales una mayor voz. Recién ahora, de repente, no le gusta lo que dicen.

La expulsión de Hu marca el fin de la política del crecimiento de las "doscientas" flores. Hu protegía a varios de los más famosos intelectuales chinos. Su salida demuestra cuán profundo es el resentimiento de los viejos conservadores con los discursos libres que comenzaron a amenazar la autoridad del Partido Comunista. La caída de Hu por lo tanto significa para cada intelectual chino que "si no pueden decir algo bueno, mejor no digan nada".

Los intelectuales, definidos por los chinos como cualquier persona que tenga una educación secundaria completa, son un grupo cuyas opiniones son diversas y no pueden ser categorizados con precisión. Pero los más jóvenes quieren claramente más democracia. Cientos de miles de estudiantes han manifestado alrededor de todo el país en pos de la democracia. Algunos intelectuales más viejos simpatizan con las demandas de los más jóvenes. Los directores de empresas, frustrados con el manejo económico del partido, han estado entre los principales sustentadores de la democracia. Ciertamente hay intelectuales que apoyan una mayor estabilidad y otros son genuinos creyentes del sistema comunista.

Carroll Bogert expresa que los intelectuales chinos no son como sus contrapartes soviéticos. Históricamente, han jugado un rol al estilo Confucio, como servidores del gobierno y asesores del emperador. Tienden a ser leales al Estado aun cuando el régimen al poder no los favorezca. Los disidentes chinos son un fenómeno relativamente poco común, y en occidente no hay grupos chinos comparables a los de emigrados soviéticos.

La animosidad entre los reformistas y conservadores ha dado comienzo. Probablemente la lucha no se convertirá en una guerra a gran escala —como lo fue durante la Revolución Cultural— pero sí complicará en gran forma la difícil tarea de gobernar. Mas aún, Deng Xiaoping no ha designado a un sucesor en el puesto de Hu Yaobang, y el futuro se ve aún más incierto. Zhao Ziyang y Deng se enfrentan a una batalla para poder continuar con la reforma económica. Necesitan del total apoyo de los intelectuales chinos, pero probablemente no lo obtengan.

Atención madre

01 - 01

8703246

033

APCH

China: intensifican educación política

Pekín (EFE) — Los estudiantes chinos recibirán a partir de ahora más educación política contra la ideología capitalista y realizarán trabajos en el campo, las fábricas y en el Ejército, según la Comisión Estatal de Educación.

En las nuevas clases establecidas para ampliar sus conocimientos políticos, los alumnos deberán estudiar los discursos del máximo dirigente chino, Deng Xiaoping, sobre la necesidad de que el país se mantenga en el camino socialista, acepte la dirección del partido Comunista chino (PCCH), la dictadura del proletariado y el pensamiento marxista, leninista y maoísta.

La Liga Comunista Joven organizará este semestre "actividades prácticas" para los estudiantes en el campo, las fábricas y también en el Ejército.

Un dirigente de la Liga, en la Universidad de Pekín, dijo que este tipo de actividades permitirá "ampliar el campo de conocimientos de los estudiantes, aumentará su conciencia política y desarrollará el espíritu de trabajo duro".

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: China: Hu Yaobang's Resignation

PROCEDENCIA: Enlace Ingles 30/3/87 Doc. 05/7/87

ARCHIVADO EN: Enlace Ingles (135/c)

8703260

01/01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Sino-Vietnamese Border Clashes

PROCEDENCIA: E. Ingles 30/3/87 Doc. 05/5/87

ARCHIVADO EN: Enlace Ingles (135/c)

8703261

01/01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Chinese Communists to Shrink Construction Scale.

PROCEDENCIA: ENLACE China 24/4/87 Doc. 0590/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B

8703263

01/01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: First Chinese Communist Normalization Talks with Laotians

PROCEDENCIA: E. China 24/4/87 Doc. 0584/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

8703265

01/01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Document to Curb Bourgeois Liberalization Issued by Chinese Communists.

PROCEDENCIA: Enlace China 24/4/87 Doc. 0582/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

8703266

01/01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Politburo Action on Hu Yao-Pang's Resignation.

PROCEDENCIA: Enlace China 24/4/87 Doc. 0593/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

8703272

01/01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Points of 1987 CCP Central Document No. 1

PROCEDENCIA: ENLACE China 24/4/87 Doc 0595/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

01 | 01 8703273

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Chinese Communists To Build Piers For Columbia

PROCEDENCIA: ENLACE China 27/4/87 Doc 0602/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

01 | 01 8703277

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: ON Peip'ing's Efforts to Introduce Course of "Militaristic Dialectics" in Military Schools.

PROCEDENCIA: Enlace China 27/4/87 Doc. 0600/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

8703278

01 | 01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Assessment of Peip'ing's Efforts to Better Ties with Communist Parties of Other Countries.

PROCEDENCIA: Enlace China 27/4/87 Doc. 0601/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

8703279

01 | 01

RPCH. entregas con Irán

033

Shultz se entrevistó con Deng Xiaoping

LA NACION 4/3/87

PN

China seguirá vendiendo armas a Irán

PEKIN, 3 (Reuter). – Una nota discordante empañó hoy las conversaciones del secretario de Estado norteamericano, George Shultz, con funcionarios chinos, al insistir éstos en la prerrogativa de Pekín de seguir vendiendo armas a Irán, a pesar de las sugerencias en contrario formuladas por Washington.

Shultz dijo que los dirigentes chinos habían "preguntado" si las ventas de armas a Irán realizadas por Washington no eran un argumento que invalidaba la campaña norteamericana para evitar que otros países provean pertrechos a Teherán.

"Lógicamente, nos ha causado algunos problemas, pero, básicamente, nuestra posición radica en los méritos del caso", dijo Shultz.

Adujo que negarse a entregar pertrechos a Irán por ser éste el bando del conflicto del golfo Pérsico que rehusa negociar "es una forma de ejercer presión sobre Teherán para que cese la lucha".

"La respuesta que recibí fue que debíamos esperar que China siguiera actuando como hasta ahora", agregó.

China niega estar vendiendo armas a Irán, pero Washington sostiene que Pekín es el principal proveedor de armas que tiene Teherán y que también está entregándolas a Irak.

La discrepancia sobre las ventas de armas a Irán se vio compensada en las conversaciones de Shultz por coincidencias en otros campos.

Shultz informó que en sus discusiones con el líder Deng Xiaoping y otros importantes dirigentes, éstos insistieron en que seguirá adelante la reforma económica y se mantendrá la apertura hacia Occidente. "Se esforzaron en poner de relieve ese punto y no tengo motivos para dudar de su sinceridad", dijo.

Sectores intransigentes

Manifestó que los dirigentes chinos le señalaron que "China se embarcó en el camino de la reformas hace varios años. Los cambios han dado resultados y el pueblo está ahora mejor, gracias a ellas. Todo eso tiene sentido".

Sin embargo, funcionarios norteamericanos advirtieron en privado que seguramente las reformas seguirán a un ritmo más lento, teniendo en cuenta el resurgimiento de la influencia de sectores opuestos a los cambios.

Tal opinión fue avalada por pronunciamiento chinos de las últimas horas. La agencia noticiosa Nueva China informó, por ejemplo, que el presidente Li Xiannian declaró que "algunos extranjeros parecen esperar que China abandonará totalmente la economía planificada, practicará sólo la economía de mercado y abrazará el capitalismo y la occidentalización total".

Problemas superados

"Eso es pura ilusión", agregó Li en obvia referencia a la insistencia de Shultz en una reformas económica acelerada, orientada hacia el mercado.

El debate en China sobre el asunto provocó una convulsión política y una campaña contra el "liberalismo burgués", que culminó con la separación del jefe del Partido Comunista, Hu Yaobang.

01 - 01

8703351

033

Clarín – Buenos Aires

China [illegible] que se harán las reformas

HONG KONG, 17 (Por **Jasper Becker**, de "The Guardian", especial para Clarín). — La evidencia de una continua lucha por el poder dentro del **Partido Comunista Chino** como consecuencia de la forzada renuncia del secretario general **Hu Yaobang** sigue presente en las declaraciones formuladas el martes por [illegible] importantes.

El nuevo jefe del Partido Comunista, **Zhao Ziyang**, declaró que las reformas del país y la política de puertas abiertas no se vieron amenazadas en [illegible] momento por **la campaña actual contra las ideas occidentales**

las ideas occidentales

[illegible] que el ejército de [illegible] medio [illegible]. También, y [illegible] de este programa de educación ideológica, el departamento político del ejército hizo un llamado a que se estudien los trabajos del líder chino **Deng Xiaoping**.

Wang Zhem, una figura líder conservadora, instó a los maestros a que fortalezcan la instrucción ideológica y patriótica [illegible] a los chicos de la escuela primaria y secundaria. Apoyó las sugerencias de otra figura conservadora, **Hu Qiaomu**, de que las escuelas lleven a cabo ceremonias en las que se ice la bandera todas las semanas, que se visiten las tumbas de los mártires revolucionarios y otras [illegible] revolucion[illegible].

[illegible], el **ministro de Educación Li Peng**, quien se postula como **futuro primer ministro**, precisó que las universidades también serán el **blanco de la maniobra en contra de la llamada "liberalización burguesa" y previno que los estudiantes deben ser "políticos y académicamente correctos"**, si es que quieren **encontrar trabajo después de graduarse en la universidad**.

Al referirse al día en que los estudiantes chinos vuelven de sus vacaciones, Li declaró que el culpable de las manifestaciones del año pasado **son "los años de actitudes [illegible] vagas e imprecisas con respecto a la tenden[illegible]**

[illegible]

[illegible] que los ataques [illegible] a las [illegible] encontraron serios "obstáculos".

Las reformas económicas de Deng fueron lanzadas hace ocho años, pero se cree que Deng siempre estuvo al frente de los ataques contra esta liberalización burguesa.

A pesar de la acentuación de las pasadas desavenencias ideológicas entre los líderes, Zhao precisó que la actual maniobra ideológica "**solamente conducirá a la estabilidad y a la unidad y no a la confusión**".

Clarín 18/1/87

PARTES ILEGIBLE

Rpc H. 033

24/2/87 **La Mañana**

Aprensión en zonas rurales

Lucha contra el liberalismo en China causa pánico

La nueva campaña contra las tendencias capitalistas está causando pánico en el campo a pesar de los esfuerzos de Pekín por limitarla a las ciudades, según informes de medios oficiales llegados ayer a la capital china.

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- Un editorial de primera página en el Diario de Sichuan dijo que varios funcionarios, campesinos y trabajadores de zonas rurales, están "aprehensivos" acerca de la campaña de siete semanas, lanzada en respuesta a los desórdenes estudiantiles de diciembre en demanda de democracia.

Indicó que varios residentes rurales de la central Provincia de Sichuan temen apoyar a la empresa privada, comprar valores o iniciar industrias domésticas "porque podrían ser acusados de practicar el liberalismo burgués".

"Varias empresas privadas se preparan para reducir sus operaciones y no se atreven a dedicarse con audacia y libertad a la producción ni a actividades empresariales", dijo el editorial.

Manifestó que el pánico frenó los esfuerzos por implementar y mejorar las reformas económicas rurales.

El editorial dijo que debería lanzarse una campaña de propaganda para informar a los residentes rurales sobre la decisión del Partido Comunista de fines de enero de que la campaña anticapitalista no debe librarse sólo dentro del partido y que no debe afectar las zonas rurales ni la economía.

LIMITAR TEMORES

El diario publicó también un informe sobre los esfuerzos por limitar los temores de los campesinos en el condado Pengxi de Sichuan, donde por lo menos un empresario viajó cuatro veces a la capital del condado para informarse sobre la política última.

Dijo que funcionarios han estado realizando encuentros, redactando informaciones y transmitiendo textos radiales para persuadir a los residentes de que no se preocupen.

Problemas similares hicieron noticia en el Diario Hebei del jueves.

El diario citó a Xing Chongzhi, secretario del partido en la provincia norteña, al decir que varias empresas privadas de transporte quieren entregar sus vehículos a entes colectivos, que la gente que planeaba instalar empresas está devolviendo la maquinaria que compró y que las empresas privadas suspendieron sus operaciones.

Diplomáticos occidentales creen que los esfuerzos de Pekín para limitar la campaña están siendo dañados por dirigentes partidarios de línea dura y funcionarios locales celosos y opuestos a varias de la reformas económicas de orientación de mercado del líder Deng Xiaoping.

Con esas reformas, el ingreso campesino aumentó en un promedio anual del 16,9 por ciento entre 1979 y 1985, comparado con el 3,3 por ciento promedio de crecimiento de los anteriores 26 años.

033

La Mañana 18/3/85

Corporaciones presentes

Se inicia la exposición de China Popular

Desde el próximo viernes y hasta el 5 de abril, tendrá lugar en la Sala de Exposiciones del Palacio Municipal de Montevideo, en la calle Soriano 1375, una importante muestra de la República Popular China.

Sobre un área total de 500 metros cuadrados, la Exposición Económica y Comercial de ese país, una amplia gama de artículos textiles, artesanales, autóctonos y animales, de la industria ligera, aparatos electrónicos, etc. serán dados a conocer al público uruguayo.

La muestra permanecerá abierta, en el horario de 16 y 30 a 21 y 30, habiendo previsto sus autoridades la venta de los diferentes artículos que se presentarán en los respectivos 'stands'.

Las más importantes corporaciones de importación y exportación de productos chinos estarán presentes en esta exposición que tendrá carácter económico y comercial. Entre las corporaciones chinas que participarán en la exposición, figuran con sus respectivos productos las siguientes:

•La Corporación Nacional China para Importación y Exportación de Productos de la Industria Ligera, que exhibirá utensilios de hierro esmaltado, manufacturas de vidrio, utilería de cocina, vajillas, artículos deportivos, material didáctico y educativo, relojes, zapatos, juguetes, etc.

•La Corporación Nacional China para Importación y Exportación de Productos Autóctonos y Animales, que expondrá un amplio surtido de las afamadas alfombras, frazadas de terciopelo, productos artísticos en cera, etc.

•La Corporación Nacional China para Importación y Exportación de Productos Textiles, que participará mostrando diversidad de telas, tejidos de algodón, tejidos de punto, confecciones y vestidos, etc.

•La Corporación Nacional China de Seda, que aportará muestras de la famosa seda de diversas especies, incluyendo seda natural, seda cruda, réplicas, etc.

•La Corporación Nacional China para Importación y Exportación de Productos Artesanales, sucursal de Beijing, estará presente con bellas esculturas en marfil, en jade, obras de bronce esmaltado (cloisonné), miniaturas en vidrio, réplicas de antiguas porcelanas, adornos artísticos en laca, reproducción de los famosos esmaltados tricromos de la Dinastía Tang, muebles, etc.

•La Corporación Nacional China para Importación y Exportación de Productos Electrónicos, que presentará televisores, equipos de acústica y sonido, diversidad de casetes, teléfonos, pianos electrónicos, juguetería electrónica, computadoras, equipos electrónicos para acupuntura, etc.

IMPORTANTE DELEGACION

Desde hace varios días, tal como lo anunciáramos en ediciones anteriores, se encuentra en nuestro país una importante delegación de la República Popular China.

Vino encabezada por el Presidente de la Exposición Económica y Comercial de ese país, Liu Fugui, y viene manteniendo intensos contactos a todos los niveles para dar a conocer al público uruguayo "una visión general de los logros de China en su desarrollo económico", y "apreciar cómo, desde que China ha puesto en práctica su política de apertura al mundo exterior y de revitalización de su economía, han aumentado enormemente la variedad, la calidad y el colorido de las mercaderías". Esto, "contribuye a una mejor posibilidad de desarrollo de los contactos comerciales de China con el resto del mundo".

Mañana, a las 12 y 30 horas, en el lugar donde se realizará la mencionada exposición, la delegación de China Popular agasajará a los periodistas de nuestro país.

La apertura de la muestra comercial y económica, se llevará a cabo el próximo viernes a las 19 y 30 horas, habiéndose cursado invitaciones entre otras, a distinguidas personalidades del quehacer político nacional.

Fichaje (R.P.CH.) 033

RS

Pekín: piden controles para los estudiantes

PEKIN, 12 (UPI). — Un viejo dirigente del Partido Comunista, de línea dura, advirtió hoy que podrían estallar nuevas protestas estudiantiles en demanda de democracia, si no se sometía a los estudiantes a un severo control ideológico.

Deng Liqun, miembro del poderoso secretariado del partido y dirigente conservador, opositor a varias de las reformas actuales, dijo que Pekín no puede descuidar el problema de la inquietud estudiantil.

"Si no la enfrentamos con efectividad, habrá desorden", acotó Deng al periodismo, en Pekín.

Deng, quien perdió el cargo de jefe de propaganda del Partido en 1985 por exceso de celo en una abortada campaña contra la "polución espiritual occidental", reemergió como fuerza rectora después de la reciente "lucha" contra las tendencias "liberales burguesas" capitalistas.

La última campaña antiliberal fue lanzada tras las protestas estudiantiles sucedidas en trece ciudades, entre el 5 de diciembre y el primero de enero. Desde entonces no hubo protestas públicas. Las universidades han estado cerradas desde mediados de enero por las vacaciones de invierno y abrirán la próxima semana.

"Debemos tener en mente que algunos jóvenes no han pensado bien las cosas y dicen que pueden hacer lío porque quieren democracia, libertad y derechos humanos", dijo Deng en un discurso del 25 de enero publicado por primera vez.

"Hasta creen que nuestro partido, gobierno y gobernantes son completamente inaceptables", expresó el dirigente comunista. "Si este problema de su criterio no se cambia, volverán a protestar cuando se les presente la oportunidad".

Citó al gobernante Deng Xiaoping al decir que "si no tenemos estabilidad y unidad, no tenemos nada", y advirtió que los desórdenes podrían detener las reformas económicas y políticas, entre ellas la de abrir el país al mundo.

PN

CLARIN 13/2/87

8703585

01-01

ARCHIVAR EN: China (033)

TEMA: En España: la revuelta estudiantil y un móvil oculto: la desocupación

PROCEDENCIA: Las Noticias 29/1/87

ARCHIVADO EN: España (008)

8703623.

01-01

CHINA (PEKIN)

CRUZAR CON PORTUGAL

033

Acuerdo luso-chino por Macao

PEKIN. — Un acuerdo que prevé el retorno de Macao a la administración de China en diciembre de 1999, está a punto de ser firmado por Pekín y Lisboa y un comunicado conjunto al respecto debe ser publicado en breve en esta capital.

Las delegaciones portuguesa y china se reunieron ayer durante más de cinco horas, en tres sesiones, y fuentes portuguesas afirmaron que Lisboa intenta conseguir de China algunas concesiones sobre la nacionalidad de una parte de la población del enclave.

Ahora el principal tema en discusión es, en efecto, el de la nacionalidad de 80.000 a 100.000 personas nacidas en Macao antes de 1979 y que, según la ley de Portugal pueden pretender la nacionalidad

El Día
20/3/87

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Las negociaciones Sino-Soviéticas.

PROCEDENCIA: La Prensa del 14/3/87

ARCHIVADO EN: URSS (026

8703812

01-01

ARCHIVAR EN: China (033)

TEMA: China: Political Reform.

PROCEDENCIA: E. Inglés 13/5/87 Doc. 2488/87

ARCHIVADO EN: Enlace Inglés (035/c.

8703820

01-01

RS

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Peiping's Assessment of Development of International Situation in Next Five Years

PROCEDENCIA: Enlace China 15/5/87 Doc 0718/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

8703895

01-01

RS

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Analysis of New Escalation of Border Dispute Between Chinese Communists and India

PROCEDENCIA: Enlace China 15/5/87 Doc. 0585/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01

8703896

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Hu Yao-Pang's Ranking in CCP Ruling Politburo Dropped to Bottom.

PROCEDENCIA: E. China 5/5/87 Doc 0634/87

ARCHIVADO EN: Embací China (135/3)

RS

01-01

8703897

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Chinese Communist Chung fa Paper N° 1 1987 and Mayor of Tientsin Li Jui-huan's Speech on Student Demonstrations.

PROCEDENCIA: Embací China 5/5/87 Doc 0635/87

ARCHIVADO EN: Embací China (135/3)

RS

01-01

8703898

LA NACION 15/4/87

Transformación del grupo empresarial más grande de China

Un holding multinacional... socialista

Por Mark O'Neill

PEKIN, 14 (Reuter).- El empresario más importante de China anunció hoy al mundo comunista la formación del primer "conglomerado socialista", dirigido de acuerdo con modelos occidentales pero con beneficios destinados a la mejoría del nivel de vida del país.

Rong Yiren, de 70 años, tiene todo el aspecto del heredero de una de las familias de capitalistas más ricas de China antes de la revolución comunista de 1949, al dar una conferencia de prensa vestido con un traje gris cruzado en el rascacielos que alberga su firma.

Rong es presidente de China International Trust and Investment Corp (CITIC), creada en 1979 con el objetivo de traer tecnología y capitales extranjeros a su país. La empresa creció tan rápidamente que sus activos casi se cuadruplicaron entre 1984 y 1986.

El empresario manifestó que debido a la velocidad con que se desarrolló Citic el Consejo de Estado en febrero resolvió convertirla en un "conglomerado socialista" de subsidiarias que operan en la banca, el comercio, la inversión, el turismo, la actividad inmobiliaria y las colocaciones de capital en el exterior.

"Nuestros métodos y prácticas no serán muy diferentes de las de Occidente, pero somos socialistas, pertenecemos al sector público, y los beneficios son sólo un medio de desarrollar la productividad y la economía nacional y de elevar el nivel de vida de la población", señaló.

El imperio empresario de Citic incluye una industria maderera en los Estados Unidos, siderurgia en Australia, un banco en Hong Kong y el 12,5 por ciento de las acciones de la línea aérea Cathay Pacific, de Hong Kong.

Fuentes de Europa del Este señalaron que no hay ninguna organización en el mundo comunista que supere el espectro de operaciones y la independencia financiera de CITIC.

Mayor independencia

Rong expresó que, mientras otras organzaciones chinas necesitan la aprobacion para proyectos de más de 200 millones de yens (54 millones de dólares), Citic no lo precisa, ya que está en condiciones de obtener por sí misma energía, transporte y materias primas. Estos rubros son escasos en China.

Rong confirmó las noticias proporcionadas por la prensa británica según las cuales Citic compró sus acciones de Cathay Pacific en enero, sin dar cuenta de ello a la línea aérea nacional china CAAC, que compite con la primera en la ruta que une Hong Kong con diversas ciudades chinas.

"Para los grandes proyectos, informamos al Consejo de Estado. Pero éste no interviene para nada en otros aspectos", señaló el empresario.

A la pregunta de cómo un conglomerado socialista puede hacer negocios con Chile, donde los socialistas son enviados a la cárcel o corren una suerte aún peor, Rong respondió que no se había enfrentado con ese problema. Citic todavía está estudiando una inversión en un proyecto de explotación cuprífera en Chile, precisó.

Agregó que, hacia fines del año pasado, Citic había tomado parte en 177 proyectos en lo que se recurrió a inversiones o tecnología extranjeras en China, con capitales propios por un valor de 2640 millones de yens (710 millones de dólares).

Desde 1982 obtuvo más de 720 millones de dólares a través de la colocación de bonos en Japón, Hong Kong y Alemania Federal, agregó.

En América latina

PEKIN, 14 (EFE).- La compañía china Citic mantiene también contactos comerciales con México y Brasil dentro de sus operaciones internacionales, dijo hoy aquí su presidente.

APQA

033

825

Después de la Luna de Miel

EMPRESAS BINACIONALES EN CHINA

En lo que va del año las inversiones extranjeras en China han caído 20% (US$ 1.24 billones en contratos) comparado a igual periodo del año 85. Menos de la tercera parte de las 2.600 compañías mixtas están actualmente funcionando. De las restantes, un gran porcentaje han sido reducidas o reunificadas debido a los altos costos, escasa rentabilidad y problemas de administración. En marzo, "Beatrice Companies", el grupo americano de alimentos, dijo que, luego de una experiencia de dos años en Guangdong entregaría su parte a sus socios chinos en un plazo de dos años, a causa de problemas de administración. En mayo, "American Motors" anunció su paralización por dos meses en la producción de jeeps a causa de dificultades con divisas.

El primer ministro, Zhao Ziyang, reconoció estos problemas el 7 de agosto, ofreciendo permisos especiales a empresas mixtas que exporten sus productos o reinviertan sus ganancias en China.

El presidente del Banco de China, Sr. Wang Deyan, dijo que de ahora en adelante, la política de préstamo favorecería a empresas extranjeras exportadoras o proveedoras de alta tecnología. Los empresarios extranjeros reaccionaron cautelosamente ante estas declaraciones, ya que no encuentran ningún camino para resolver los problemas diarios de administración (salarios, alquileres, entrenamiento, etc.) que los envuelve. Las sobrevivientes empresas mixtas están luchando en procura de solucionar estos problemas. Por ejemplo, la Compañía aeroespacial americana "Mc Donnell Douglas". Su acuerdo con (SAIC) "Shanghai Aviation Industrial Corporation" para construir 26 aviones MD-82, llevó seis años de negociaciones. La gestión comprendió gran transferencia de tecnología y mayor entrenamiento en obra que cualquier acuerdo previo. Un MD-82 tuvo que ser emsamblado en Long Beach, California, y los otros 25 serán parcialmente ensamblados allí y embarcados a China para su finalización, entre 1987 y 1991.

Este proyecto ha tenido dificultades desde el inicio. Su primer presidente chino liquidó el personal y los recursos. Solamente a través de la intervención personal del Sr. Zhao, fue reemplazado. Su sucesor, Sr. Jing Deyuen, es entusiasta pero, como muchos otros oficiales de su rango, está agobiado por problemas del personal que debieran ser transferidos a subalternos de estar en Occidente.

"Mc Donnel Douglas" intentó introducir al proyecto obreros chinos no especializados, de acuerdo a un sistema rejilla aconsejado por el Sr. Robert Blake y la Srta. Jane Mouton, dos académicos americanos. Básicamente, sostienen que la información y autoridad fluya en diferentes direcciones de acuerdo al problema a ser resuelto. Este sistema es un grito lejano de las maoístas "sesiones de lucha" que suplantaron el trabajo productivo durante la Revolución Cultural —sin mencionar el generalizado hábito chino de derivar los problemas hacia autoridades superiores.

Otros han tomado menos fielmente las ideas de Blake y Mouton. No solamente los administradores chinos son renuentes a compartir información esencial con sus socios occidentales (por ejemplo una mera lista de empleados experientes) sino también son temerosos de la represión política y dudan al tomar decisiones o dejar sentada por escrito sus opiniones.

Afortunadamente, el deseo chino de obtener la aprobación de los aviones del "America's Federal Aviation Administration", ha eliminado la común argumentación en las empresas mixtas sobre calidad.

Sin embargo, los 600 manuales de procedimiento de "Mc Donnel Douglas" (de los cuales sólo 200 han sido traducidos) van contra la manera china de hacerlo. Algunos operarios están ahora atemorizados de hacer algo que no está dictado en el manual.

Ninguna experiencia administrativa está a prueba en la compañía "Shenda Telephone", empresa mixta entre "Cable and Wireless" y su socia china en Shenzhen, en la zona económica especial en el límite con Hong Kong. El Sr. Richard Goswell, gerente de planta, prefiere una llave pequeña, con asiento cercano. Esto incluye la complicada tarea de proyectar un sistema basado en la toma de posesión que ellos comenzaron y que luego los administradores chinos revertirán a su propio sistema una vez que el personal de occidente o los chinos de Hong Kong se marchen.

El problema de "Cable and Wireless" ha sido hacerles tomar conciencia de la importancia del mantenimiento. En sus dos primeros años, "Shenda" mantuvo la tradicional separación entre personal de instalación y de mantenimiento. Ambos eran pequeños grupos, ya que muchas instalaciones telefónicas eran realizadas por contratistas externos y el mantenimiento era mínimo. "Cable and Wireless" insistió en que debían combinarse ambas para vencer la idea china que los servicios consisten en una serie de tareas individuales. "Shenda", como "Mc Donnell Douglas", tuvieron problemas con el personal. Ambas confiaron inicialmente en la existencia de mano de obra en fábricas. Ambas subestimaron el levantamiento que un nuevo proyecto causaría. "En la primera mañana, nosotros esperamos simplemente la llegada del personal", dice el Sr. Goswell. Los trabajadores no se ponían de acuerdo en quiénes harían el nuevo proyecto, por lo que debió esperar durante semanas.

Obtener personal especializado fue también un problema porque otras compañías son reticentes a ceder sus mejores trabajadores.

"Cable and Wireless" decidió pagar la educación de tres potenciales empleados bajo un programa de educación ministerial. "Comprar" personal de esta manera significa demora, pero permite a las empresas extranjeras planificar el futuro, otro concepto no conocido por los trabajadores chinos.

Mario Lizardo M.

(Traducido de "The Economist", agosto 16 de 1986)

061086

Nelly

POCO LEGIBLE

01-01

8703927

Notas

Principios de reforma

China se aventura por caminos inexplorados

Por Flora Lewis

CHONQING, China (The New York Times). - Esta ciudad, (*) que fue capital de China durante la ocupación japonesa, en la Segunda Guerra Mundial, debe desempeñar una vez más un papel especial.

Es la mayor "ciudad experimental" y, en verdad, también es la ciudad más grande del país, con 14 millones de habitantes contra los 12 millones de Shanghai, y se espera que demuestre que la reforma urbana puede transformar las ciudades industriales, del mismo modo en que la reforma agraria cambió el campo.

Nadie duda del éxito de esta última. Hoy día, China puede alimentar a sus mil millones de habitantes, lo cual es una hazaña extraordinaria si se la compara no sólo con la necesidad que tenía, pocos años atrás, de importar enormes cantidades de cereales, sino también con la constante obligación soviética de comprar alimentos.

Los principios de la reforma urbana no difieren de los aplicados en el agro: proporcionar incentivos al trabajo, reducir la interferencia de la administración pública en las decisiones económicas, asignar un papel a las fuerzas del mercado y proceder con suficiente cautela para poder corregir los errores antes de que lleguen a cometerse en gran escala.

No obstante, modificar el modo de actuar de la industria es mucho más complicado que autorizar a los campesinos a reanudar sus métodos tradicionales de labranza y comercialización de sus productos, basados en el grupo familiar. Además, las nuevas disposiciones van mucho más a contrapelo de las prácticas ortodoxas comunistas.

El modelo económico

La política actual se denomina oficialmente "economía socialista de los artículos de consumo", sólo que "socialista" significa "planificada" y "artículos de consumo" es un eufemismo por "mercado".

Con todo, no cabe esperar nada parecido a la idea occidental de una economía mixta, porque no se abolirán los controles básicos y la apertura hacia las empresas privadas seguirá limitada a la pequeña industria.

Aquí y allá se introducen prácticas habituales en las economías capitalistas: la quiebra, pero sólo en casos limitados y extremos; el contrato de



Deng Xiaoping

trabajo, en vez del empleo vitalicio; la emisión muy restringida de títulos y acciones, eso sí, no comerciables, y, sobre todo, una ampliación del papel desempeñado por las fuerzas competitivas del mercado y el derecho de los gerentes de fábricas a responder a ellas.

China no se está volviendo capitalista. Los espíritus simplistas que disciernan cualquier decisión de ese tipo en sus incursiones por caminos inexplorados de la economía social sólo generarán decepciones.

China busca, quizás, una nueva definición de qué se entiende, presumiblemente, por "sociedad comunista". Hasta ahora el modelo de esa sociedad derivaba principalmente de Stalin. El hecho en sí es apasionante y podría acarrear consecuencias de alcance mundial.

Por ahora, toda la atención se concentra en los esfuerzos por modernizar el país, reparando apenas lo suficiente en los cánones teóricos como para evitar los debates tediosos acerca de la fidelidad al credo marxista.

Actitud del pueblo

Basta recorrer un poco el país para encontrar fácilmente a toda clase de gente ansiosa de explicar que ha cambiado... pero no qué significa el cambio.

Cuesta creer que éstas son las mismas personas que apoyaron la Revolución Cultural. Como dijo el director de un diario, deseoso de demostrar que aquello no podía repetirse: "El fracaso puede ser la mejor garantía del éxito". ¿O acaso estamos simplemente ante otro sistema de pensamiento masivo?

Los funcionarios manifiestan una confianza absoluta en su capacidad para "aprender de los hechos" (como dijo Deng Xiaoping), porque lo que es "correcto" será obvio para todos. ¿Han abierto los ojos o se someten una vez más a la autoridad del líder?

Río abajo, siempre sobre el Yangtsé, está la ciudad de Wuhan, con tres millones de habitantes. Es un puerto fluvial y otra floreciente "ciudad experimental".

Su teniente de alcalde, Wang Ming Quán, un hombre de 39 años rebosante de entusiasmo y orgullo local, explica que la reforma agraria significó "que algunos campesinos pudieron enriquecerse primero", ahora, la reforma urbana significará "que algunas ciudades podrán enriquecerse antes que otras".

Wuhan lo está haciendo al estilo de Chicago. Ha resucitado sus antiguas prácticas comerciales, transformándose en un emporio que enlaza las florecientes ciudades de la costa oriental con las zonas más atrasadas del interior. La prosperidad se huele en medio del bullicio.

El cambio deriva particularmente de la reactivación del comercio. Todos reconocen en ella a un acicate de la producción . . . y ésta es el tema exclusivo de las reformas.

Uno de los cambios importantes es la "división del trabajo" entre el secretario del Partido Comunista de cada empresa y el gerente. Deng le ha dicho al partido que debe hacerse a un lado y dejar actuar a los gerentes.

En la fábrica de máquinas-herramientas de Chongqing, su gerente, Chen Zisheng, de 46 años, nos dijo que ahora era claramente responsable de las decisiones. El secretario del partido, Zhang Xiaochuan, de su misma edad, que lo escuchaba con una sonrisa tensa, admitió: "Como miembro del partido, debo acatar su decisión con respecto al papel asignado al gerente".

Sin embargo, añadió que éste debía asumir un riesgo personal, junto con su responsabilidad.

Estos pantallazos apenas si nos proporcionan una noción básica del significado que va adquiriendo la reforma económica en China. Sin duda, seguirá adelante, pero no necesariamente con tranquila fluidez. Absorbe casi totalmente la atención de los chinos y, aunque ellos la buscan, la ayuda extranjera no será decisiva. Este es un drama interno, con connotaciones mundiales. (c) La Nación

(*) En la grafía antigua: Chung-king.

(Traducción de Zoraida J. Valcárcel)

El cambio deriva particularmente de la reactivación del comercio. Todos reconocen en ella a un acicate de la producción . . . y ésta es el tema exclusivo de las reformas.

Uno de los cambios importantes es la "división del trabajo" entre el secretario del Partido Comunista de cada empresa y el gerente. Deng le ha dicho al partido que debe hacerse a un lado y dejar actuar a los gerentes.

En la fábrica de máquinas-herramientas de Chongqing, su gerente, Chen Zisheng, de 46 años, nos dijo que ahora era claramente responsable de las decisiones. El secretario del partido, Zhang Xiaochuan, de su misma edad, que lo escuchaba con una sonrisa tensa, admitió: "Como miembro del partido, debo acatar su decisión con respecto al papel asignado al gerente".

Sin embargo, añadió que éste debía asumir un riesgo personal, junto con su responsabilidad.

Estos pantallazos apenas si nos proporcionan una noción básica del significado que va adquiriendo la reforma económica en China. Sin duda, seguirá adelante, pero no necesariamente con tranquila fluidez. Absorbe casi totalmente la atención de los chinos y, aunque ellos la buscan, la ayuda extranjera no será decisiva. Este es un drama interno, con connotaciones mundiales. (c) LA NACION

(*) En la grafía antigua: Chung-king.

(Traducción de Zoraida J. Valcárcel)

02/02

8703928

Reforma radical propugnan para economía china

HONG KONG. — Para dar mayor impulso a su economía, China se propone aumentar la independencia de los dirigentes de empresa respecto de los organismos dependientes del Partido Comunista: es esta una de las claves de la reforma iniciada por el número uno del régimen, Deng Xiaoping.

Desde ahora se aplicará el "sistema de responsabilidad", ya experimentado a partir de 1984 en 28.000 empresas estatales, sistema aquerda a los dirigentes mayor poder de administración.

Simultáneamente se conoció que las empresas estatales acrecientan las deudas: a mediados del pasado setiembre 6.800 de ellas señalaban un déficit del 70 por ciento mayor que en 1985 en la misma fecha, y el resultado negativo se atribuía a la mala administración de las autoridades superiores.

A partir de este mes, los trabajadores que sean admitidos en las empresas industriales estatales en las zonas urbanas tendrán un contrato de trabajo que les asegura la ocupación sólo por un período fijo, concluido el cual podrá ser o no renovado por el trabajador o por la empresa, según la más reciente reforma económico-social aplicada en China.

Con el nuevo decreto se considera el trabajo casi del mismo modo que los otros factores de producción. También si esta prevista una indemnización de desocupación, es esto un ulterior importante factor en la construcción de un sistema de mercado que se acompaña a la más acentuada autonomía de las empresas y a una cauta reforma del sistema de los precios.

Diez años después de la muerte de Mao, la creación de nuevas instituciones económicas y las políticas realizadas por los nuevos dirigentes políticos han hecho la China no reconocible.

Las nuevas instituciones económicas se están orientando hacia un "socialismo de mercado". En el campo fueron progresivamente abolidas, a partir de 1978, las comunidades rurales, sustituyéndoselas por empresas familiares. En efecto, aboliendo el criterio de la remuneración al campesino en base al trabajo efectuado y haciéndola depender sólo del resultado se mira obviamente a la familia campesina como a la unidad productiva de base. Y los resultados productivos han sido tan positivos para todo el mundo rural que puede decirse que se ha logrado el secular objetivo de la autosuficiencia alimenticia, haciendo inútiles los acopios estatales de cereales.

En las áreas urbanas se ha creado un sector privado y cooperativo que partiendo de las actividades artesanas y comerciales se ha extendido al sector industrial a través de formas de alquiler de empresas también de medias dimensiones.

Es un modelo original que se está desarrollando, basado en la norma guía de la ganancia, creando nuevos grupos sociales y obviamente también nuevas inestabilidades. Estas reformas son realmente radicales respecto al modelo de salida de tipo soviético, y necesitan lógicamente políticas económicas distintas. Introducción de fuertes incentivos materiales, privilegio de los consumos personales y abertura de la economía. Han sido éstas, en síntesis las líneas de política económica adoptadas a partir de 1978, con resultados excelentes.

Particularmente positiva resultó la apertura hacia el mundo exterior. Pero el programa de adquirir tecnología y atraer inversiones para financiar la modernización está encontrando obstáculos en la vinculación de las reservas monetarias (caídas a aproximadamente 10.000 millones de dólares correspondientes a tres meses de importaciones) y al fuerte atraso de las infraestructuras.

¿Qué ocurrirá en el futuro? Todas las políticas económicas realizadas, así como los cambios institucionales se inspiran en la descentralización. Esta supone fuertes incentivos productivos, con inestabilidad económica y social.

Además en términos políticos descentralización quiere decir difusión de poder hacia nuevos centros periféricos.

¿Es esto compatible con el monopolio como del poder económico? El problema, para los dirigentes de Pekín, es que más las reformas estimulan la eficiencia, más se pone en discusión el poder del Partido Comunista.

Se comprende como China tenga ahora que hacer frente a situaciones peligrosas. En efecto, las reformas económicas han llegado a un punto tal que no se puede volver atrás, so pena de una fuerte caída productiva, y ya ponen en discusión el sistema político.

Al cumplirse diez años de la muerte de Mao, China refleja rápidos cambios

"BUSQUEDA" 11/9/87

por Jim Mann

Pekín. Li Baisheng era estudiante de la secundaria una década atrás, y como decenas de millones de personas en China, recuerda haber escuchado las noticias de la radio en aquella época.

"Recuerdo que era un día oscuro, sin sol, aunque tampoco estaba demasiado nublado". Li, que ahora tiene 25 años y trabaja como técnico en una fábrica de Pekín, expresó hace pocos días mientras charlaba con un periodista: "alrededor de las tres de la tarde, hubo un anuncio diciendo que todos debían encender sus radios a las cuatro de la tarde, porque se transmitiría un anuncio importante. Cuando lo escuchamos, era como si nos hubieran dicho que nuestro padre había muerto".

La noticia: esa mañana, 9 de setiembre de 1976, Mao Tse-Tung, el arquitecto de la Revolución Comunista china y el líder de la República de China Popular había muerto a la edad de 82 años.

Por más de cuatro décadas, Mao había sido la figura dominante en la vida de China. La victoriosa "guerra popular" que llevó adelante en contra del gobierno nacionalista de China se volvió un modelo para las insurgencias guerrilleras en todo el mundo. Luego de la victoria comunista de 1949, Mao tenía poder sobre un cuarto de la población mundial, poder que en oportunidades excedía el de su contraparte soviética, José Stalin.

El pasado martes 9 fue el décimo aniversario de la muerte de Mao. A lo largo de la última década, China ha sido testigo y protagonista de cambios en la dirección y en la ideología del Partido Comunista, en la forma de su economía socialista, en la vida cotidiana, e incluso en la propia visión de Mao.

¿Mao en el olvido?

¿Cuál ha sido el legado de Mao? Después de una década, ¿cuánto ha quedado de su visión de la China? ¿Por qué ha sido posible que China sufriera un giro tan rápido después de su muerte? ¿Es que los chinos se han "olvidado" de él o de los principios que embanderaba?

La fotografía de Mao aún se encuentra en la plaza Tian An Men, en el corazón de Pekín, debajo del portón en donde, el 1º de octubre de 1949, declaró la fundación de la República Popular con las palabras "China se ha levantado".

La estructura política que impuso Mao en aquel momento ha permanecido intacta, y diez años después de su muerte el Partido Comunista aún mantiene un gran control sobre toda actividad política. Los signos de discrepancia con el gobierno del Partido o del sistema socialista son regularmente suprimidos.

No obstante, en sus políticas económicas y en la ideología oficial del Partido Comunista, parece ser que China ha decidido ignorar a Mao



Mao Tse Tung

y a sus ideas visionarias, por lo menos por el momento.

Los anuncios oficiales transmitidos por la radio el día en que Mao murió, comprometían a la población china para que llevara adelante la voluntad de Mao persistiendo en la lucha de clases, continuando con la política de auto-confianza, e intensificando la crítica de las masas hacia "la contrarrevolucionaria línea revisionista" del dimitido premier Deng Xiaoping.

Lucha de clases: error ideológico

Ahora, Deng gobierna en China. La política de autoconfianza ha sido cambiada por una que abre más a China hacia el mundo exterior. El Partido Comunista ha declarado oficialmente que el concepto que Mao sostenía sobre continuar con la lucha de clases, era un error ideológico, y su llamado a la "Revolución Cultural" es considerado como un terrible desastre.

Las comunas populares, a través de las cuales Mao implementó la colectivización a lo largo de las provincias de China, han desaparecido. La desconfianza de Mao en los expertos, ha abierto el camino para una reverencia oficial a la ciencia y a la tecnología.

El cuerpo de Mao yace en un "memorial hall" en Tian An Men, visitado diariamente por no menos de 40.000 personas. Ocasionalmente, alguno de ellos, generalmente los chinos de mayor edad, dejan escapar algunas lágrimas frente al monumento. Sin embargo, la mayoría pasa rápidamente con la misma imagen que brindan los turistas cuando recorren la Casa Blanca.

Desde 1983, Mao ha tenido que compartir ese espacio con monumentos a otros tres líderes chinos: el premier Chou En-Lai, el mariscal del ejército rojo Chu Teh, y el ex jefe de estado Liu Shao-Chi. Durante la "Revolución Cultural", Liu, a quien Mao había considerado un rival para su ejercicio del poder, murió en la oscuridad luego de habérsele negado asistencia médica.

Hace pocas semanas, un vocero del Tian An Men manifestó a un periodista que no estaba seguro si habría alguna ceremonia para conmemorar los diez años de la muerte de Mao.

"Será decidido por el departamento de Propaganda" expresó el vocero; "por ahora no tenemos instrucciones".

El radical cambio del Partido Comunista chino se dio en dos fases, una sorprendentemente inmediata y otra más gradual.

La primera ocurrió después de menos de cuatro semanas de la muerte de Mao, la que derivó en un golpe de estado. En la noche del 6 de octubre, bajo el liderazgo del premier Hua Goufeng y el ministro de Defensa Ye Jianying, las tropas chinas arrestaron a la esposa de Mao, Jiang Qing, y a sus tres principales aliados en el politburó del partido.

Habían habido signos de que estos cuatro líderes, quienes habían sujetado el ala más izquierdista del partido, estaban planeando tomar el poder. Desde entonces, los chinos se han referido al intento de esta "banda de cuatro" como el final de la "Revolución Cultural" de Mao.

Este hecho clarificó el camino para la eventual toma del poder de Deng y sus aliados —el ala pragmática del partido, que apoyaba a la modernización, los incentivos materiales, el aprendizaje de la experiencia de otros, y la apertura de China hacia el mundo exterior.

Deng mismo volvió a Pekín en julio siguiente, a menos de un año de la muerte de Mao, y rápidamente comenzó a tomar el control, tanto del Partido como del aparato de gobierno.

Desde entonces, en forma tenaz y continua, Deng y sus seguidores han estado moviendo al Partido y a la nación por el camino de la modernización económica. El cambio ha sido lento. Pero a lo largo de una década, los cambios instrumentales han logrado llevar al Partido a adoptar medidas económicas y posiciones ideológicas que en otros tiempos hubieran sido impensables.

Existen diferencias en el seno del Partido respecto a Mao y a las políticas actuales. Hay quienes creen que Deng ha llegado muy lejos, y que la apertura de China hacia el mundo exterior los ha llevado a sufrir "decadentes" influencias del mundo occidental.

Veredicto sobre Mao

Por ello, en junio de 1981, el Comité Central del Partido adoptó una resolución, un "veredicto" sobre Mao, que aún tiene reconocimiento oficial: dice que Mao fue un gran marxista y un gran revolucionario del proletariado, estratega y teórico". Además dice que "si juzgamos sus actividades como un todo, sus contribuciones a la Revolución China son muchísimo mayores que sus errores". Pero también expresa que Mao cometió "grandes errores" durante la "Revolución Cultural", que su "arbitrariedad personal" socavó al partido y que "su culto a su personalidad se agravó más y más" en sus últimos años.

La visión convencional de Mao fue mejor resumida por Chen Yu —uno de los líderes del Partido— en un discurso publicado en el "Pekín Review" pocos años atrás: "Si Mao hubiera muerto en 1956, no hubieran existido dudas de que fue un gran líder del pueblo chino. Si hubiera muerto en 1966, sus meritorios logros hubieran sido algo discutidos, pero en su totalidad muy buenos. Pero realmente murió en 1976, y no hay nada que podamos hacer al respecto".

Pero es entre los chinos más jóvenes, particularmente aquellos activistas que embanderan la democracia y los derechos humanos, que se manejan juicios más duros respecto a Mao.

A pesar de las críticas, la memoria de Mao aún ejerce gran influencia en la vida política china.

Millones de chinos de edad aún le hacen reverencia, e incluso miles de jóvenes, particularmente los que se han desencantado con las maniobras actuales de modernización. Muchos de los que han tenido un bajo estatus en la China de Deng, y que disfrutaban de una mejor posición una década atrás —entre ellos los trabajadores de las fábricas, soldados y cadetes de rangos bajos y medios del Partido— se encuentran tentados de mirar hacia la era de Mao con orgullo. (DPA - Los Angeles Times - Especial para Búsqueda).

01.02

8703930

• Fusilamiento en China

26/09/86

PEKIN. — Un ex funcionario del Partido Comunista fue ejecutado ayer por un pelotón de fusilamiento por haber aceptado 800 dólares en sobornos y estafar 25.000 dólares, dijo la televisión estatal.

La televisión central china dijo que Huang Yuhui, ex secretario del Partido Comunista en el condado de He Xian, en Guangxi, fue sentenciado a muerte por corrupción por la Corte Popular Intermedia de la provincia y ejecutado después que la Corte Suprema confirmó el veredicto.

Huang "se aprovechó de su posición para estafar 95.150 yuan (25.000 dólares) y aceptar 3.000 yuan (800 dólares) en sobornos", dijo la transmisión.

EL DÍA

Gran incendio petrolero en China

17/09/86

PEQUIN. 16 (Reuter). - Desde hace 16 dias arde sin control uno de los mayores yacimientos de petróleo chino con una pérdida de 100.000 dólares diarios.

Al respecto se informó que el siniestro se registra en el yacimiento de Zhongyoan y lo causó una explosión.

02.02

8703930

Noticias de China

Por Arturo Uslar Pietri

Caracas, octubre de 1986

Las noticias que llegan de China son desconcertantes. Después de muchos años de aislamiento, de monolito ideológico y político, de tentativa desesperada de cortar radicalmente, no sólo con la contemporaneidad occidental sino con el propio pasado, que caracterizó el régimen de Mao, China parece querer cambiar de rumbo y emprender un nuevo tiempo político, cultural y social.

El régimen de Mao se había ido haciendo cada vez más cerrado sobre sí mismo, terminó por ver con radical hostilidad todo lo que podía venir de afuera, particularmente de Occidente, y hasta por reaccionar, suicidamente, contra su propio pasado. La llamada Revolución Cultural fue una tentativa paranoica de arrebatarle a aquel pueblo, varias veces milenario, su memoria y su herencia histórica. Hacer una tabla rasa, cortada del resto del mundo y enemiga de su propio pasado.

Era una posición absurda e insostenible que no sobrevivió ni un momento a la desaparición física de Mao. Quien se asoma a la China actual tiene la impresión que el maoísmo está tan perdido en la noche de los tiempos como la dinastía Ming.

El maoísmo pretendió crear una nueva sociedad, una nueva cultura, una nueva mentalidad de la que el pasado y lo contemporáneo estuvieran ausentes, no sólo ausentes sino condenados como perniciosos e indeseables. Con sorprendente rapidez se está produciendo un cambio general y acelerado en la situación china. En primer lugar, se ha abierto ampliamente al mundo, a la economía y a la cultura mundial. Al rigorismo ascético de la economía de Mao ha sucedido una apertura audaz hacia la economía mundial y a adaptar, en todo lo posible, los métodos de producción y mercadeo de los occidentales. Se observa el comienzo de una economía de mercado, de formas de beneficio personal y concurrencia, de colaboración con las grandes empresas internacionales, pero, al mismo tiempo, se ha levantado sensiblemente la pesada regimentación que asfixiaba la vida cultural. Escritores y artistas chinos pueden viajar ampliamente al resto del mundo, se hacen traducciones y exposiciones de escritores y artistas extranjeros, que hasta hace poco no sólo estaban prohibidos sino condenados como esencialmente contrarevolucionarios.

Se ensaya, con audacia, un cine libre y una literatura libre, hasta un punto que hubiera sido inconcebible hace apenas diez años. Bertolucci, el famoso cineasta, realiza en Pekín una grande y costosa producción cinematográfica, sobre la vida dramática de Henri Pu Yi, el último ser que alcanzó a ostentar el título imperial, a principios de este siglo. No ha dejado de haber quienes, a propósito de Bertolucci y de su nuevo film, hayan bautizado jocosamente a éste "El último tango en Pekín".

¿Hasta dónde llega esta sorprendente novedad? No es fácil responder. Desde el punto de vista del control del partido oficial sobre la sociedad entera no ha habido cambio. Sigue habiendo un sistema vertical rígido, sin ninguna forma de representación o participación popular efectiva, pero el sistema comienza no sólo a tolerar formas y actividades que eran prohibidas y condenadas antes, sino que hasta parece estimularlas. Semejante incongruencia no podrá mantenerse indefinidamente, no puede coexistir un grado efectivo de libertad económica y cultural con un sistema ideológicamente dogmático y autoritario. O la liberalización llega inevitablemente a la política o será eliminada más pronto que tarde.

Los nuevos gobernantes chinos han resucitado la frase que lanzó Mao al comienzo de su régimen: "Dejemos florecer cien flores, dejemos debatir cien escuelas de pensamiento". Todos saben que eso no pasó de una frase muy pronto olvidada. Hoy parece que intelectuales y artistas chinos sienten cierto grado de desconfianza y cautela hacia la nueva situación. Algunos se atreven más que otros, pero ciertamente el cambio ha revestido hasta ahora una dimensión y una profundidad que pueden hacerlo irreversible.

Se podría decir que China emerge de su encierro en el maoísmo para redescubrir el mundo que la rodea y su propio pasado. Con igual avidez se ha lanzado sobre ambos. Tan grandes y atrayentes novedades les parecen Confucio y la Opera China como el arte abstracto, el cine moderno o la música "rock".

En el siglo pasado no faltaron las profecías temerosas que hablan de lo que podía pasar cuando China despertara de su largo sueño de atraso y aislamiento. Hoy, abundan las profecías optimistas que celebran que China haya despertado de nuevo y se incorpore a la hora presente de la humanidad.

LA NACION — Jueves 23 de octubre de 1986

Murió Ye Jianying, uno de los estrategas de Mao



Ye Jianying (AP)

El mariscal Ye Jianying, el hombre que en agosto de 1977 advirtió que "los Estados Unidos y la Unión Soviética están unidos en una creciente y encarnizada lucha por la hegemonía en la arena internacional" y que, por ello, subrayó el imperativo de acelerar los esfuerzos para fortalecer las fuerzas armadas, las milicias populares, la producción de armas modernas -misiles guiados y cohetería nuclear- y las industrias dedicadas a la defensa del país, y uno de los principales estretegas de la "Larga Marcha" que, a través de 12.500 kilómetros, consolidó la lenta génesis de una China comunista, murió a los 90 años.

Integrante del reducido grupo de ancianos líderes que trabajó con Mao Tse-Tung y Chou En-Lai, renunció en 1985 a su último cargo importante en el comité permanente del buró político del Partido Comunista. Su dimisión, que coincidió con las de más de ciento cincuenta veteranos dirigentes del PC respondió a la necesidad de Pekín, con Deng Xiaoping en el poder, de allanar la transferencia de la conducción en su más alto nivel, a una nueva generación que sería la encargada de promover las políticas de apertura.

Ye Jianying integró el "ejército rojo" y el Ejército de Liberación del Pueblo durante medio siglo. Entre 1975 y 1978, se desempeñó como ministro de Defensa. Pero más allá de las distintas jerarquías que jalonaron su existencia, a las que se deben agregar su titularidad en la Comisión Militar de Control, la comandancia de la región militar de Guangdong, en las proximidades de Hong Kong, y la vicepresidencia de la Comisión Militar Central, Ye Jianying habría sido -este aspecto nunca fue expresado con total claridad- el responsable de montar la campaña para desacreditar y encarcelar a la viuda de Mao y otros miembros de la denominada "banda de los cuatro" a Jiang Qing, que concluyó con la implantación de la Revolución Cultural (1966-1976) y sentó las bases para que Deng Xiaoping -otro de los revolucionarios "venerable"- accediera al poder.

Lo que sí se conoce es que concluido el episodio de la "banda de los cuatro", se constituyó en uno de los críticos de los intentos de Deng por modernizar el país y el ejército y por reducir al pasado gran parte del legado de Mao Tse-Tung.

La dimisión de la vieja guardia, que en 1985 lo incluyó, conformó un hecho político de una China que, conducida por Deng, decidió, en nombre de una ideología menos ortodoxa que la soviética, aceptar los beneficios del siglo XX -especialmente en los tecnológicos y económicos-, apartándose del esquema del enfrentamiento entre el Este y el Oeste, al menos, como estrategia para el desarrollo.

En febrero de 1983 renunció como presidente del comité de gobierno del Congreso Nacional del Pueblo, responsabilidad equivalente a la del presidente y, en forma lenta, comenzó a ser pasado, al igual que otros militares que dieron forma y contenido a la revolución china.

Tras su deceso, ocurrido anteayer, el secretario general del PC chino, Hu Yaobang, dijo por televisión: "Debo informarles con dolor que nuestro querido camarada Ye Jianying murió esta madrugada. Le pido observar tres minutos de silencio en su memoria". Tal silencio data de años atrás y rodeó al veterano líder en un país que comenzó a serle extraño una vez pasado el tiempo del heroísmo y de la guerra. Ye Jianying es un símbolo de China encerrada en sus fronteras, de un ayer que sucumbió mucho antes que él.

033
RPCH
tecnología

Millonario contrato de China para la tecnología nuclear

China reafirmó su decisión de desarrollar la industria nucleoenergético al formalizar su mayor contrato comercial de la historia, con firmas francesas y británicas, para la construcción de una planta nuclear, con un costo de 3.700 millones de dólares. Se anunció la primera venta de cohetes chinos para el lanzamiento de satélites a una empresa norteamericana, Deng Xiaping aseguró que su país está dispuesto a contribuir al crecimiento tecnológico y económico del Tercer Mundo.

PEKIN y NUEVA YORK, 23 (ANSA, Reuter, UPI, y por James Bernstein, de "Newsday", especial para Clarín). — China firmó hoy el mayor contrato comercial, con el exterior, de su historia al formalizar, en una ceremonia realizada en la Gran Sala del Pueblo, en Pekín, los acuerdos con empresas francesas y británicas para la construcción de una central nuclear en Bahía Daya, 50 kilómetros al nordeste de la isla de Hong Kong, con un costo estimado en cerca de 3.700 millones de dólares.

Se trata del primer [illegible]royecto de construcción [illegible] una planta nuclear [illegible]obado tras el desastre [illegible]a central soviética de [illegible]nobyl, en el pasado [illegible] abril. Desde aquel [illegible]te, la resistencia [illegible] habitantes de [illegible]ng a la concreción [illegible] planta de Bahía Daya fue creciendo notoriamente, hasta el punto de que, en los últimos días, un petitorio elaborado en la isla para exigir la anulación del proyecto logró juntar alrededor de un millón de firmas.

Cuando estén en funcionamiento los dos generadores de la planta de Bahía Daya —está previsto que el primero se ponga en marcha en 1992 y el segundo un año más tarde—, los 5,5 millones de habitantes de Hong Kong se beneficiarán con alrededor del 70 por ciento de la energía proporcionada por ellos.

La planta de Bahía Daya tendrá una capacidad total de 1970 megavatios, producidos por los generadores que proveerá la compañía británica General Electric.

La firma francesa Framatome, por su parte, aportará dos reactores de agua presurizada de 900 megavatios cada uno, mientras que el diseño y construcción de la planta correrá por cuenta de Electricité de France.

En total, los contratos con las firmas francesas y británicas alcanzan a los 3.300 millones de dólares, que serán financiados a plazos promedio de 15 años por 7 bancos franceses, liderados por el Banco Nacional de París, y el Midland Bank de Londres.

China está representada en el proyecto por una compañía mixta, la Empresa de Energía Nuclear Guangdong, formada por la Compañía de Inversiones de la provincia de Guangdong —donde estará ubicada la planta— y la Compañía Nuclear de Inversiones de Hong Kong. La primera de ellas participará en el proyecto con 300 millones de dólares y la segunda con 100 millones.

Como una implícita respuesta a las protestas surgidas en Hong Kong por la puesta en marcha del proyecto, poco antes de la firma de los acuerdos el primer ministro chino Zhao Ziyang señaló que "China no cambiará su política tendiente al desarrollo de la energía núcleo-eléctrica, como una de las formas de resolver su problema energético, aun cuando la industria núcleo-eléctrica no ocupa un lugar importante en el plan de crecimiento económico nacional".

De todos modos, afirmó que "debemos poner gran atención a la seguridad de las plantas nucleares luego del accidente en la estación de Chernobyl".

♦ Tercer Mundo y cohetes

Mientras se concretaba la firma de este contrato sin precedentes, el líder chino Deng Xiaoping aseguró que su país "como nación en vías de desarrollo, no se olvidará jamás de sus amigos pobres del Tercer Mundo

Deng hizo esta reiteración del "tercerismo" chino al recibir al científico paquistaní Abdus Salam, Premio Nobel de Física, quien el año próximo presidirá en Pekín la segunda conferencia de la Academia de Ciencias del Tercer Mundo.

Las afirmaciones de Deng coincidieron también con el anuncio, formulado en Nueva York, de que la compañía estadounidense Terasat Inc., especializada en lanzamientos de satélites, se convirtió en la primera empresa de su país en contratar cohetes fabricados en China para concretar la puesta en órbita de sus productos.

PARTES ILEGIBLE

01-01 8703933

RPeH

033

RECLAMO DE CHINA A LA UNION SOVIETICA DURANTE LA VISITA DE WEINBERGER

Desmantelamiento de misiles en Asia

China manifestó su satisfacción por la efectivización de la reunión cumbre de Islandia entre Ronald Reagan y Mijhail Gorbachov, tras la tercera ronda de conversaciones en Pekín entre funcionarios chinos y soviéticos para mejorar sus relaciones, virtualmente fracturadas desde hace dos décadas. Pero, en el mismo marco, el gobierno chino instó a la URSS a levantar las baterías de misiles emplazadas en Asia. Arribó a Pekín el secretario de Defensa norteamericano, Caspar Weinberger.



Agencia AP

El secretario de Defensa estadounidense, Caspar Weinberger (der.), se levanta para tomar una fotografía de su colega chino Zhang Aiping

PEKIN, 8 (AP, EFE y Reuter). — **China demandó hoy que la Unión Soviética desmantele los misiles SS-20 emplazados en Asia**, durante el tercer día de conversaciones para normalizar las relaciones entre los dos países, virtualmente fracturadas hace dos décadas. La petición **coincidió con la visita a Pekín del secretario de Defensa norteamericano, Caspar Weinberger**, quien aseguró a funcionarios chinos que en la conferencia cumbre de Islandia, el presidente norteamericano **Ronald Reagan** adoptará **"un punto de vista global" sobre la retirada de los misiles soviéticos.**

Ma Yuzhen, director de la Secretaría de Información china, dijo también que en la próxima cumbre Reagan-Gorbachov **"hay que prestar importancia no solo a la seguridad de Europa, sino también a la de Asia"**. La declaración china —que mantiene **un lenguaje duro** hacia la URSS— se produjo en coincidencia con la llegada a la capital de Weinberger y de un grupo de funcionarios soviéticos.

Los analistas coincidían también en que el viaje del secretario de Defensa norteamericano tiene lugar en medio de dos reuniones de nivel internacional, **cada una con un significado "simbólico" para la triangular relación** que existe entre Washington, Moscú y Pekín. Precisamente la llegada de Weinberger tiene lugar cuando las relaciones de Estados Unidos con China (económicas, militares y diplomáticas) **se encuentran en una encrucijada** y en momentos en que, paralelamente, **la Unión Soviética trata de mejorar sus relaciones con China** que se vieron prácticamente "congeladas" durante casi 20 años.

"Contamos hoy con una gran oportunidad con los chinos", *comentó* hoy una fuente del Departamento de Estado norteamericano, en Washington, que solicitó mantenerse en el anonimato.

Al término de la tercera rueda de conversaciones, China dijo que no era conveniente hablar, por ahora, ni del tono ni del contenido de las mismas. En tanto, una fuente soviética dijo a la agencia española EFE que **el curso de las negociaciones "va bien"**, pero agregó que, por ahora, **no hay nada para informar, ya que las sesiones son secretas.**

El portavoz oficial chino, en su habitual reunión semanal con la prensa, dijo que **China aplaude la celebración de la próxima cumbre** y espera que las dos superpotencias acuerden una rapida reducción de armamentos **"para relajar la tensión internacional"** y mantener la paz. Pero agregó que **"China, como país asiático, no puede dejar de sentir preocupación por la amenaza que representa para la región la presencia de misiles de alcance medio"**.

"Los misiles de alcance medio desplegados por la Unión Soviética y Estados Unidos en Europa —puntualizó el portavoz oficial chino— deben ser reducidos **en una forma simultánea y equilibrada, o simplemente destruidos.**"

Otros analistas señalaban hoy que el actual estado de cosas entre China y la URSS pasa porque mientras en el aspecto económico "se han producido avances sustanciales", **en las relaciones políticas "no se ha conseguido ningún progreso significativo"**.

En tanto Pekín y Moscú desarrollan esta "guerra de palabras", el gobierno chino dio nuevas muestras de un mayor acercamiento hacia los países socialistas de Europa en las últimas 24 horas: el canciller **Wu Xueqian** asistió a una recepción en la embajada de la República Democrática Alemana, en un gesto que fue descripto como "de acercamiento y amistad" ante la próxima visita a Pekín del jefe de Estado de la R.D.A., **Erick Honecker**. También se anunció que es inminente la llegada a [illegible]

INCOMPLETO

01-01 8703934

Relaciones de China con la URSS: una larga marcha de pequeños pasos

por Jim Hoagland

Pekín. *Mientras enérgicamente intenta alejar a su país del comunismo al estilo soviético, Deng Xiaoping está lanzando a China con una larga marcha hacia la mejora de las relaciones diplomáticas con la Unión Soviética y sus aliados de Europa Oriental.*

Para Deng y sus seguidores, las dos políticas no están en conflicto. Surgen de la misma fuente: la determinación de China para modernizar su economía para fines de siglo, y dar prosperidad a algunos de los 1.000 millones de ciudadanos.

■ Vuelta de asesores soviéticos

Si se abandonan las peores facetas del sistema soviético y se adoptan mecanismos de libre mercado dentro de una economía de estado, puede ayudar a lograr esta meta. Los funcionarios del gobierno chino creen que si aumentan el comercio con la Unión Soviética, permitiendo que asesores económicos soviéticos vuelvan a las fábricas chinas, y además disminuyen la tensión en la frontera mientras recortan el presupuesto militar, será más fácil obtener resultados.

Creen además que pueden lograr todo esto siguiendo su exquisito y tortuoso cronograma. Mientras toman cada pequeño paso en respuesta a las iniciativas soviéticas, echan un vistazo a Washington y miden los problemas que los seguidores de Taiwan pueden causarles, acusando a Deng de jugar cínicamente con los soviéticos en contra de los estadounidenses.

Como resultado, la lenta apertura de Pekín hacia Moscú debería significar un aumento de poder para Mikjail Gorbachov, —quien ha estado cortejando seriamente a los chinos en los últimos meses—, cuando se siente la semana próxima junto a Ronald Reagan en Islandia.

■ Invitación rechazada

Los chinos respondieron a esos efectos tanto a Washington como a Moscú rechazando una invitación secreta soviética para promover visitas oficiales.

La invitación se realizó durante las conversaciones entre el premier Nicolai Talyzin y el premier chino Zhao Ziyang. Inesperadamente, Talyzin extendió una invitación a Zhao para que este fuera a Moscú en visita oficial. Zhao negó la invitación inmediatamente, y permitió que su negativa circulara entre la comunidad diplomática.

Los chinos exigirán un progreso en las conversaciones sobre los problemas fronterizos que se desarrollarán el próximo año como precio para el intercambio de visitas entre los ministros de relaciones exteriores chino y soviético. Recién en ese momento Zhao estará dispuesto a considerar una visita a Moscú.

■ Relaciones partidarias

Será más difícil mejorar las relaciones partidarias con Moscú, ya que el liderazgo chino siente que esto implicaría una medida de acuerdo político con sus ex camaradas soviéticos.

Pero la recién acabada visita del líder del gobierno y del partido polaco, Wojciech Jaruzelski, demuestra que los chinos están dispuestos a ser más flexibles en sus relaciones con Europa Oriental, en donde pueden existir chances de recoger simpatías por el esfuerzo chino de reformar al marxismo como doctrina política y económica.

"Tenemos una cantidad de experiencias para intercambiar con los europeos orientales", expresó Huan Xiang, un analista de políticas exteriores, y vocero del pensamiento del liderazgo chino. "En problemas concretos como la reforma de precios, podemos aprender mucho de ellos".

Para los soviéticos la forma de por lo menos tener un pequeño rol en China es a través de los cientos de fábricas que los rusos construyeron en los años 50, muchas de las cuales necesitan ahora ser renovadas, y China sólo puede pagar por esto con materias primas que otros países no tomarían, pero que los rusos necesitan.

Huan manifestó que los rusos pronto comenzarán a "modernizar 17 fábricas de las que construyeron en los '50, y que unos pocos técnicos vendrán a supervisar".

Los diplomáticos notan un cambio significativo en el tono de los funcionarios soviéticos cuando se refieren a las reformas económicas chinas. Talyzin no ofreció críticas cuando se le preguntó sobre este tema, y Gorbachov citó al experimento chino durante un discurso ofrecido en el mes de julio en Vladivostok sin criticarlos y en el que dejó entrever un nuevo interés soviético en Asia.

Este énfasis está siendo examinado cuidadosamente por los chinos, quienes tal vez intenten un nuevo esfuerzo para competir políticamente con los soviéticos en la región del Pacífico. Por ejemplo, probablemente los chinos llamen a un foro de las naciones del Pacífico Sur, para hacer de esa región una zona nuclear libre, como respuesta a indicaciones similares soviéticas. **(DPA — The Washington Post — Especial para Búsqueda).**

Seguridad

RPCH

R25 cruzar con servicio secretos

033

PEKIN: EL SERVICIO SECRETO PIERDE SU ESPIA FAVORITO

La KGB soviética y la CIA estadounidense son sin duda los servicios de inteligencia más famosos del mundo. Pero por lejos, el más importante y más secreto pertenece a China. La vasta vigilancia del servicio de Pekin se ocupa de una nación con un billon de habitantes. Aún así, y durante décadas, casi nadie, ni chino ni extranjero, supo gran cosa de su trabajo interno.

La cortina de bambú se entreabrió la semana pasada cuando fuentes chinas, no oficiales pero de altas esferas, confirmaron que uno de los mas relevantes espias del país, Yu Zhensan, había huido a Occidente el año pasado. Su paradero no se conoce, pero ha sido identificado como el Director de Asuntos Extranjeros del Ministerio de Seguridad chino.

La defección de Yu constituye un golpe importante para la inteligencia occidental; y un desastre para la de Pekin. El maestro de espias de China comunista, de quien se dice tiene cerca de 40 años y es hijo de prominentes revolucionarios chinos, parece ser el oficial de más alto rango que desertó desde que los comunistas se apoderaron del poder en 1949.

Aparentemente conoce todas las operaciones de inteligencia china en el exterior, y está intimamente relacionado con las de seguridad interna del país. De hecho, en muchos medios se ha especulado que fue Yu el que informó a los agentes estadounidenses, que un muy bien ubicado empleado de la CIA, Larry Wu-tai Chi, había estado canalizando secretos a la inteligencia china durante tres décadas.

Chin, un traductor retirado y experto en China, se suicido en la celda de su prisión dos semanas después de ser condenado, en febrero pasado. Durante el juicio, dijo creer que había sido traicionado por un desertor. Altos funcionarios de la inteligencia estadounidense le dijeron recientemente a "Newsweek" que efectivamente era asi, pero que el desertor no había sido Yu. Ello plantea la intrigante posibilidad de que la inteligencia occidental haya podido hacerse de otro oficial superior del espionaje chino.

Estos hechos plantean un dilema a los zares de la seguridad en Pekin. Las defecciones y la infiltración extranjera continuarán aumentando a medida que la nación prosiga con su política de "puertas abiertas", engranaje que le sirve para aumentar el comercio, el turismo y la amistad internacional. Sin embargo, esas mismas metas podrian verse seriamente amenazadas por una rajadura en el sistema de seguridad.

Pekin, por lo tanto, ha adoptado el mismo tipo de represalia que Moscú en el caso Daniloff-Zakharov. La reacción china, no obstante, ha sido tan sutil que muchos expertos en inteligencia no están seguros de si se trata de una reacción directa.

Lo que se sabe luego de la defección de Yu y la condena de Chin, es que el Ministerio de Seguridad adoptó dos medidas. En julio detuvo, y luego expulsó, a John Burns, corresponsal [del] "New York Times", por recorrer zonas restringidas. En agos[to] sentenció al chino-americano Roland Shensu Loo a doce años de prisión, bajo la acusación de haber espiado para Taiwan. Aparentemente es el primer ciudadano estadounidense que se encarcela en China por espia, desde que los dos paises reanudaron relaciones diplomáticas en 1979.

La cuestión clave que se plantea ahora, es qué alcance tiene el espionaje que practica Pekin para los extranjeros que residen en China. A pesar de que el aparato de seguridad del Estado es menos opresivo que el de la Unión Soviética, China continua siendo un país autoritario.

Aunque 224 ciudades y áreas turisticas están abiertas a los extranjeros, la mayor parte del país permanece cerrada y sólo puede ser visitada —en caso de que se permita con una autorización previa y en algunos casos con escolta oficial.

Aun en el clima politico menos asfixiante de la actualidad, sospechar de los extranjeros es parte de la forma de vida en China. Hombres de negocios, periodistas y diplomáticos, no contratan su personal local; sus empleados chinos le son asignados por organizaciones del Estado y a éstas reportan. Los salarios se pagan a través del gobierno, porque Pekín no desea que los empleados chinos se sientan tentados a tener lealtad hacia los extranjeros para los cuales trabajan.

Como algo que ni se discute, la mayoria de los extranjeros asumen que sus ayudantes chinos, traductores y chauffeurs, son informantes, siempre a la busqueda de datos. Los diplomáticos dejan bajo llave las cintas de las máquinas de escribir cuando tienen que salir; los ejecutivos encienden la radio cuando discuten un negocio. Un diplomático cuenta que, recientemente, al levantar el teléfono de su casa, escuchó su propia voz en una grabación de una conversación anterior; otros hablan del "sindrome del mármol rodante", un sonido en el techo que parece señalar la actividad de aparatos de espionaje.

Esto también tiene su lado jocoso. Se ha sabido de extranjeros que se han puesto a gritar ante las paredes desnudas de sus cuartos de hotel, con la esperanza de obtener mejor servicio. Y las jóvenes chinas de Shangai fueron recientemente autorizadas a bailar con extranjeros, siempre y cuando no "revelaran secretos de Estado". Esto resulta problemático, porque nunca se sabe con certeza qué clase de conversación se puede convertir en un secreto de Estado para el siempre vigilante Ministerio de Seguridad.

Michael Mey[er]

Fuente: "Newsweek"
Traducción: Bianca Giuria

061086

Nelly

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Present Agricultural Crisis on Chinese Mainland

PROCEDENCIA: Enlace Chino 13/5/87 Doc. 18/3/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/B)

8703960

01-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Enterprises on Chinese Mainland Are Not Given Free Hand

PROCEDENCIA: Enlace China 13/5/87 Doc. 1811/86

ARCHIVADO EN: Enlace China ( )35/B.

8703961

D1-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Chinese Communists Improving Ties with Cuba.

PROCEDENCIA: Enlace China. 22/5/87 Doc. 0732/87

ARCHIVADO EN: Enlace China ( )35/B

8703962

D1-01

Situación política actual en el continente chino

Chang Chen-pang

Mao Tse-tung murió en septiembre de 1975; un mes después la pandilla de los cuatro fue derrocada. Estalló entre los comunistas chinos una furiosa lucha por el poder entre dos facciones rivales — la de Teng Hsiao-ping y la de Hua Kuo-feng. Teng Hsiao-ping salió por fin victorioso, pero la lucha no terminó; ha continuado aunque en otra forma. Porque los problemas surgidos en el continente chino durante los más de 30 años de tiranía comunista, en particular los creados por los 10 años de la revolución cultural, no podían ser resueltos por esa contienda entre Teng y Hua. Los problemas que abruman hoy a Teng Hsiao-ping y a su facción son mucho más espinosos que la empresa de arrebatar el mando del partido de manos de Hua Kuo-feng. Se ofrece aquí un breve análisis de tres de esos asuntos, desde el punto de vista político; son la rectificación del partido, la eliminación de la "contaminación espiritual", y la vigorización de la paz y del orden sociales.



La mujer de Teng Hsiao-ping detesta las Obras Selectas de su marido, en cambio se pirra por las canciones de Teresa Teng.

1. Rectificación del partido

En septiembre de 1981 el 12° congreso nacional del partido comunista chino resolvió efectuar una rectificación general del estilo de trabajo (conducta) del partido y de sus organizaciones. Esa limpieza del partido empezaría en el segundo semestre de 1982 y se prolongaría por tres años. El 11 de octubre del año pasado la segunda sesión plenaria del 12° comité central del partido aprobó una "resolución sobre la rectificación del partido" fijando el invierno siguiente para su comienzo. Teng Hsiao-ping había preparado sus hueste a lo largo de todo un año, y se sentía dispuesto a dar comienzo a una nueva tanda de lucha en gran escala. Esta vez no apunta sus cañones a unos pocos cabecillas hostiles, sino más bien a los rangos intermedios e inferiores de dirigentes y miembros del partido.

Al ir disponiendo los ánimos para la gran limpieza, los cabecillas comunistas han comparado muchas veces esta "rectificación" con la campaña de hace muchos años hecha en Yenan con el mismo fin. Señalan que mientras en aquella ocasión la rectificación tuvo por fin prepararse para arrebatar el poder político en el continente chino, en esta el fin es disponer las condiciones necesarias para ejecutar las cuatro modernizaciones. ¿Qué impacto tendrá esta campaña en la tarea de modernización? La respuesta será posible cuando haya transcurrido el tiempo necesario. Fuera de eso, la rectificación presente tiene algo en común con la realizada en Yenan. Como es sabido, Mao Tse-tung desencadenó la campaña de rectificación del partido en Yenan en 1942 con dos fines principales: unificar el pensamiento o la ideología, y deshacerse de los que lo contradecían. Quería que todo el

partido se ajustara estrictamente al "pensamiento de Mao Tse-tung". Cuando la campaña se aproximaba a su fin, en 1945, el 7° congreso nacional del partido adoptó específicamente "el pensamiento de Mao Tse-tung" como guía del pensamiento del partido en todas sus tareas. Mao quería acabar con Wang Ming, jefe de la facción internacional que tenía el apoyo de la Tercera Internacional. El movimiento de rectificación en Yenan barrió a Wang Ming y a su facción internacional.

Examinando el movimiento de rectificación del partido iniciado ahora por Teng Hsiao-ping encontramos que tiene los mismos fines, o los mismos motivos que Mao Tse-tung en aquellos tiempos. El 1 de julio de 1982 los comunistas chinos celebraron el aniversario de la fundación de su partido publicando "las Obras Selectas de Teng Hsiao-ping". Siguió enseguida una circular mandando que todos los dirigentes y miembros de partido estudiaran ese libro para prepararse ideológicamente a la gran limpieza. En otras palabras, se trata de unificar el pensamiento del partido según el pensamiento de Teng Hsiao-ping. La resolución sobre la rectificación del partido indicaba que uno de los objetivos más importantes era la purificación de las organizaciones partidarias, para lo cual sería necesario expulsar del partido a "tres clases de personas". Esas tres clases son: los secuaces de Lin Piao y de la pandilla de los cuatro que ascendieron a posiciones importantes durante la revolución cultural; los "obsesionados con ideas faccionalistas" con detrimento de la unidad partidaria; y los que se dan a actos delictivos como golpear a otros, romper cosas y saquear. La gente en esas tres clases son los dirigentes y miembros del partido que se oponen más reciamente a Teng Hsiao-ping y a sus compinches. En conjunto son gran parte de los 18 millones que ingresaron al partido durante la revolución cultural. En ese aspecto, por lo tanto, lo que Teng Hsiao-ping hace ahora no se diferencia de lo que Mao Tse-tung hizo años atrás.

Hay algo que algunos observadores no observan suficientemente en el comunismo chino y que tiene mucho que ver con el apremio de esas campañas de rectificación. El yugoslavo Milovan Djilas en el libro *La Nueva Clase* acusó al comunismo soviético de haberse convertido en una nueva clase, en la burocracia privilegiada, manipulando toda la riqueza y todo el poder. Lo mismo ha ocurrido con los comunistas chinos. Si en algo se diferencias estos de los comunistas rusos es en ser más corrompidos que sus camaradas soviéticos. Se puede dar un paso más y afirmar que entre la docena o más de gobiernos comunistas en el mundo, el régimen comunista chino ocupa el primer puesto en términos de corrupción. Noticias de los mismos comunistas chinos lo confirman. Uno de los cabecillas veteranos, Chen Yun, hombre de gran prestancia en el partido y en el régimen actual, llegó a decir: "El estilo (la conducta) del partido es cosa de vida o muerte para el régimen y para el mismo partido". Con la campaña de rectificación los comunistas chinos esperan amputar la corrupción, reavivar la vitalidad del partido y restaurar "las tradiciones revolucionarias" para perpetuar su dominio en el Continente chino. Por eso se puede llamar a la campaña de rectificación "campaña de salvación del partido". La "resolución sobre rectificación del partido" ha subrayado con gruesas líneas la necesidad y la urgencia de la campaña.

Sin embargo, las dolencias que aquejan a los comunistas chinos — confusión ideológica, relajamiento de la disciplina, la mala conducta y el desbarajuste organizativo — no son males recientes; se han ido acumulando a lo largo de más de 30 años. No se trata de indisposiciones pasajeras sino de enfermedades crónicas, muy arraigadas, que han invadido cada celula del cuerpo comunista chino. No hay medicina que puede curar esos males en poco tiempo. Hu Yao-pang expresó la esperanza de que el estilo del partido mejoraría fundamentalmente en cinco años. Teng Hsiao-ping, con más experiencia, fue menos optimista; en el discurso inaugural del 12° congreso nacional del partido dijo que unos 20 años podrían ser necesarios para extirpar los delitos económicos y otros y para completar la rectificación del partido.

2. Eliminación de la "contaminación espiritual"

La resolución de rectificar el partido tomada por los comunistas chinos contiene la decisión de "eliminar la contaminación espiritual" del pensamiento, de la literatura y las artes y de la sociedad. "Contaminación espiritual" es un término nuevo, usado por los comunistas chinos desde no hace mucho tiempo. Le dan un ámbito más amplio que a la ideología, pero esencialmente es un problema ideológico. Los comunistas chinos, como es sabido, dan gran importancia a la cuestión de la mentalidad de cada uno. Por eso han dado el primer lugar en esta campaña de rectificación a la uniformidad de pensamiento. Sin unidad de pensamiento no hay unidad de acción, y la unidad de acción es necesaria para lograr los

fines que se proponen.

Tratemos de comprender primero qué es eso de la "contaminación espiritual". Chu Mu-chih, ministro de cultura del régimen de Peiping dió algunas explicaciones en una reunión del 31 de octubre de 1982. En esta campaña de rectificación del partido — dijo Chu — hay que acentuar las ideologías para resolver el problema de la contaminación espiritual, y eso especialmente en lo tocante a doctrinas, a las artes y a la literatura. En términos generales la contaminación espiritual ocurre en dos categorías: una es el abandono del marxismo-leninismo para propagar en su lugar ideas abstractas de valores humanos, de humanismo y de las llamadas "aberraciones socialistas"; la otra es el estilo de vida burguesa decadente que da publicidad a la obscenidad y a la sexualidad, a los asesinatos, al terror, a cosas fabulosas, y que busca satisfacción en comodidades materiales depravadas. Ambas cosas son perniciosas, pero mientras las de la segunda clase son fácilmente reconocidas, las de la primera, la propagación de valores humanos, del humanismo y otras herejías, resultan más difíciles de señalar. Siendo incapaces de reconocerlas, algunos camaradas no les dan importancia, y no faltan los que ven en eso la manifestación de gran viveza mental. No llegan a percibir que esas cosas propagan ideas reaccionarios y corrompidas de la clase burguesa y de otras clases explotadoras y engendran dudas acerca del partido y del socialismo. Chu concluyó su perorata diciendo: "Es un asunto íntimamente ligado con la clase de gente que tendremos en la generación siguiente, y que decidirá el destino de nuestro partido y de nuestra nación". Evidentemente es un asunto muy grave para los comunistas chinos. Lo que se debate ahora con referencia a la ideología es si el socialismo ha degenerado. En ese sentido, los cabecillas del partido han obligado a Chou Yang, uno de los teóricos prominentes del partido y figura destacada en literatura, a "autoexaminarse". En marzo del año pasado los comunistas chinos tuvieron una sesión académica para conmemorar el primer centenario de la muerte de Marx. Chou disertó allí y en el curso de su exposición afirmó que caprichos y extravagancias ideológicas, políticas, y económicas en las sociedades socialistas habían hecho tambalear al marxismo y sacudido los fundamentos de todos los gobiernos comunistas apoyados en él.

Conviene indicar aquí las circunstancias en las cuales "la contaminación espiritual" ha llegado a ser un problema en el continente chino. Todo tiene origen en el desastre de los experimentos comunistas en el continente por más de 30 años. Nunca como ahora ha habido en la historia del partido comunista chino tal alboroto ideológico entre los dirigentes y miembros de ese partido. La revolución cultural por espacio de diez años produjo una profunda "crisis de fe"; todos en el continente, incluyendo a gran parte de los dirigentes y miembros del partido, quedaron desilusionados del comunismo. De ahí se ha extendido en el continente estos últimos años la idea de que "el comunismo está condenado". Por la otra parte, sin embargo, existe todavía una obstinada fuerza izquierdista extrema que se aferra a la línea radical de Mao Tse-tung y choca de frente con las políticas de Teng Hsiao-ping, en particular con la reprobación de los errores de Mao. Un caso patente es el de Chao I-ya, con participación del "Diario del Ejército de Liberación", ocurrido poco antes del 12° congreso del partido. Cuando tuvo el poder en sus manos, Teng Hsiao-ping adoptó la política de apertura al exterior, con lo que ideas occidentales de libertad y de democracia penetraron en el continente con gran impacto en la ideología de la población. Los comunistas chinos declararon su oposición a las tendencias liberales burguesas y en la segunda sesión plenaria del 12° congreso iniciaron el movimiento de limpieza de la contaminación espiritual. Esos hechos han causado mayor desorden ideológico en el continente; el mismo Teng Hsiao-ping ha acentuado ahora el antiizquierdismo, ahora el antiderechismo, oscilando como un péndulo de izquierda a derecha. Por fin, en esa segunda sesión, Teng anunció que en adelante el tema en el frente ideológico sería la oposición al derechismo, lo que se debe a que en la misma facción de Teng hay divergencias en el asunto. Esa situación obstaculiza la consolidación del poder que Teng y su facción siguen procurando. De cualquier modo, la mentalidad del pueblo del continente se conforma según las realidades imperantes en el continente y no puede ser torcida por medidas subjetivas de los cabecillas en el poder. No les será fácil unificar el pensamiento de los miembros del partido y de la población con "Las Obras Selectas de Teng Hsiao-ping".

3. Paz y orden en la sociedad

Los más de 30 años de dominio comunista en el continente, y en particular los 10 años de la revolución cultural, han dado origen a otro problema muy serio — el quebranto de la paz y del orden en la sociedad. En estos últimos

años todas las ciudades grandes y medianas han sido sacudidas por asesinatos, violaciones, robos y explosiones en gran cantidad, que han trastornado por completo el orden social. Las autoridades comunistas han echado mano a todos los medios disponibles, hasta al uso del ejército, para contener esos desbordes, pero sin conseguirlo. Consideraron, pues, que antes de iniciar la campaña de rectificación del partido sería necesario mejorar la paz y el orden sociales y lanzaron una violenta campaña contra el crimen.

Desde julio del año pasado ha habido "juicios populares" en Tangshan, Peiping, Kueiyang, Chingtechen (Kiangsi), Wuhan, Shanghai, Shengyang, Cantón, Shenchen, Fanyu (Kwangtung), Foochow, Hangchow, Liaoyang, Kunming, Nanchang y otras ciudades. Han ejecutado a un gran número de delincuentes. En Peiping, al fin de un juicio popular ejecutaron a 30 en el mismo lugar. Según periodistas extranjeros estacionados en Peiping, a partir de aquella fecha 300.000 culpables de varios delitos habían sido arrestados en ciudades grandes y medianas. Unos 5.000 de esos, la mayoría jóvenes, habían sido ejecutados. El quebrantamiento del orden social es tan grave que ha sacudido los cimientos del régimen comunistas.

En abril del año pasado el régimen comunista anunció el establecimiento de una "fuerza policial popular armada" para proteger mejor la paz y el orden sociales. Además, se agregó al consejo de estado un nuevo ministerio, de "seguridad del estado", diferente del ya existente de seguridad pública, que se hizo cargo de la investigación y represión de actividades contrarrevolucionarias y de espionaje. Confirmando y coordinando esas medidas, la segunda sesión del comité permanente del sexto Congreso Nacional Popular, que se reunió del 25 de agosto al 2 de septiembre del año pasado, aprobó cinco resoluciones sobre paz, orden y justicia. Las dos más importantes son sobre juicio rápido y castigo severo de delincuentes, y es conveniente explicarlas aquí.

La primera, sobre el "juicio rápido de criminales que afectan seriamente la paz y el orden de la sociedad" tiene por fin despachar prontamente esos juicios. Establece la resolución que (1) los delincuentes que han cometido homicidio, violación, robo a mano armada, que han causado explosiones u otros actos que hacen peligrar seriamente la seguridad pública y que merecen la pena de muerte habiendo excitado la indignación pública, deben ser juzgados inmediatamente después de haberse confirmado las pruebas de esos crímenes, sin sujetarse al artículo 110 del código en lo referente al límite de tiempo para la entrega de copia de la acusación y notificación al acusado; (2) Los delincuentes mencionados arriba tendrán tres días para apelar, en ves de los 10 días establecidos por el art. 131 del mismo código. La fiscalía popular tendrá también tres días para impugnar la sentencia.

Conforme a esas disposiciones los acusados de aquellos delitos pueden ser juzgados prontamente y después de ser sentenciados a muerte la sentencia se puede ejecutar dentro de tres días si en ese tiempo no ha habido apelación o impugnación.

La segunda resolución, sobre castigo severo, establece pesados castigos a los delitos graves. Anteriormente los acusados de herir corporalmente a otros, de ocuparse en el comercio de esclavos, en la fabricación, el comercio o el transporte ilegales de armas y municiones, de propagar supersticiones, de organizar asociaciones feudales o religiosas clandestinas con fines contrarrevolucionarios, de inducir a mujeres a la prostitución, podían ser condenados a sólo siete años de prisión. Ahora todos pueden y deben ser condenados al máximo prescripto y más, hasta la pena de muerte. El criterio para la aplicación de la pena se ha extendido, prácticamente sin límite. La misma resolución dispone asimismo los castigos a los que inducen a otros al crimen; en casos menores de tres años de prisión como máximo; en ofensas graves de cinco o más años, y en las muy graves de cadena perpetua o muerte. Todas esas resoluciones fueron aprobadas por el comité permanente del congreso nacional popular, no por el mismo congreso que es, estrictamente, el cuerpo legislativo de los comunistas chinos. Esas resoluciones implican modificaciones de las leyes. Una vez más los cabecillas comunistas chinos han manipulado las leyes arbitrariamente para hacerlas servir sus fines políticos, en este caso para fortalecer "la dictadura del proletariado".

4. Conclusión

Habiendo expuesto brevemente esos tres tópicos podemos extraer una simple conclusión: aunque Teng Hsiao-ping y su facción hayan ganado la última vuelta de la lucha por el poder, el régimen comunista chino no ha conseguido mayor estabilidad. Parecería que, al contrario, la situación es ahora más desfavorable a Teng y a sus compinches que cuando arrebataron el poder. Teng Hsiao-ping tiene ya 80 años y no vivirá mucho más. Nadie sabe de cierto qué pasará en el continente cuando le llegue la hora. ■

RS'

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: People's Republic of China: Africa: Relations.

PROCEDENCIA: Sudafricano 13/5/87 Doc. 0036/86

ARCHIVADO EN: Enlace Sudafrica (135)

01-01 8703964

RS

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Laotian Communists Call Their 4th Party Congress, Resolve to Improve Relations with Chinese Communists and Thailand.

PROCEDENCIA: Enlace China 22/5/87 Doc 0733/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/3

8703974

01-01

RS

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Development of Party-to Party Relations Between Peiping Regime and Communist Bloc in Eastern Europe

PROCEDENCIA: E. China 22/5/87 Doc. 0734/87

ARCHIVADO EN:

Enlace China (735/B)

01-01 8703975

RS

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Analysis of Tengist Abolishment of 3rd-Tier Leadership Concept.

PROCEDENCIA: E. China 22/5/87 Doc. 0735/87

ARCHIVADO EN:

E. China (735/B)

8703976

01-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Mexican President's Visit to Chinese Mainland

PROCEDENCIA: Enlace China 22/5/87 Doc. 0736/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01 8703977

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: CCP and PCP Begin to Thaw Their Relations

PROCEDENCIA: E. China 22/5/87 Doc 0737/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

8703978

01-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

RS

TEMA: Comprehensive Analysis of Recent Development in Peip'ing - Moscow Ties.

PROCEDENCIA: Enlace China 22/5/87 Doc 8738/87

ARCHIVADO EN: Enlace China 135/B

01-01 8703979

ARCHIVAR EN: CHINA COMUNISTA (033

TEMA: ALIANZA MOSCU-PEKIN

PROCEDENCIA: EL PERIODISTA

ARCHIVADO EN: FICHAJE CAJ. 8

01-01 8703980

033

China

AN

Ambito Financiero
Martes 21 de abril de 1987 Pág. 15

Pekín se queja de la lentitud de los permisos de exportación de Washington

China importaría más pero no la dejan

Escribe Mark O'Neill
de la agencia "Reuter"

Pekín — China acusó a los Estados Unidos de demorar la aprobación de ventas de productos de alta tecnología a China y desperdiciar así oportunidades de exportar. La revista oficial "Peking Review", dijo en una nota editorial que los Estados Unidos aprobaron sólo 60 por ciento de las exportaciones de tecnología que China solicitó el año pasado y habían mantenido restricciones injustificadas a la transferencia de tecnología. Dijo que las restricciones deberían haber sido levantadas cuando los Estados Unidos trasladaron a China a una categoría menos restrictiva para productos de tecnología "crítica" en 1983.

El editorial apareció en vísperas de una visita del secretario de Comercio estadounidense, Malcom Baldrige, que copresidirá la quinta sesión de una comisión conjunta sobre comercio e intercambio que revisará las relaciones comerciales entre los dos países.

Fue Baldrige quien anunció en diciembre de 1985 que los Estados Unidos acelerarían la aprobación de las exportaciones de tecnología a China, y que en la lista de aprobación rápida se incluirían 27 categorías de productos, en lugar de siete.

El editorial dice que a veces los Estados Unidos aprueban ventas de tecnología después de haber descubierto que otros países vendían a Pekín los mismos productos, o demoraban tanto la aprobación que lo que China recibía finalmente estaba relativamente atrasado.

La revista sostiene que China nunca ha violado acuerdos transfiriendo a un tercero tecnología o equipos de avanzada importados de los Estados Unidos o de cualquier otro país.

Países que "adoptan hacia China una política de apertura y transfieren tecnología en condiciones favorables estarían por cierto en una posición comercial ventajosa y competitiva con China", agregó. "Muchos países son muy conscientes de esto".

01-01 8703989

F 033

China

AN

Fichaje

Vacilan los inversores extranjeros en China

Pekín, (Reuter) — El funcionario chino a cargo de las inversiones extranjeras declaró que los empresarios extranjeros se sienten recelosos por la campaña contra las ideas políticas occidentales pero pronosticó que las inversiones foráneas volverán a aumentar este año.

El consejero de Estado Gu Mu manifestó en conferencia de prensa que algunos inversores del extranjero se retrajeron tras la campaña contra el "liberalismo burgués", término que se aplica a las concepciones políticas occidentales en China.

Esos inversores no comprenden que tal campaña no modificará las políticas económica, comercial o de inversiones, añadió.

Indicó que las inversiones extranjeras con contratos firmados en el primer trimestre de este año son aproximadamente iguales a las del mismo período del año pasado y aumentarán levemente en todo el año 1987, con relación a 1986.

Las inversiones extranjeras concertadas por China el año anterior bajaron de los 6300 millones de dólares a que habían llegado en 1985 a 3308 millones de dólares. Algunos empresarios atribuyeron el descenso a un inadecuado sistema legal, demasiada burocracia, deficiente infraestructura (caminos, ferrocarriles, etc.) y falta de acceso al mercado local.

Gu admitió que subsisten muchos de esos problemas. "Debido a nuestro prolongado autoaislamiento en el mundo, no tenemos suficiente personal interiorizado en comercio exterior. La burocracia es excesiva y la eficiencia escasa", reconoció, y añadió que China está poniendo énfasis en mejorar su sistema legal y en capacitar personal.

Un escaparate de la política china de inversiones es la zona económica de Shenzhen, próxima a Hong Kong, donde dos diarios y una revista fueron clausurados durante la campaña contra el liberalismo burgués. Gu indicó que si bien Shenzhen es una zona económica especial, no es una zona política especial.

Shenzhen ha sido criticada en el pasado por vender gran parte de su producción al resto de China en lugar de exportarla, como había proyectado el gobierno. Pero Gu manifestó que más de la mitad de la producción total de Shenzhen en 1986 fue destinada a la exportación obteniendo ganancias y comenzando a amortizar los fondos invertidos en su desarrollo.

A. Financiero 3/4/87

01 - 01

8703990

ARCHIVAR EN: R. P. China (033).

TEMA: Communist China Crude Oil Exports.

PROCEDENCIA: E. China 13/5/87 Doc. 18/10/87

ARCHIVADO EN: Entrada China (133/13)

01/01 8704020

RS (033) RPCH
Recortes Fichaje. Periodo
PPC

Visita oficial de Jaruzelski en Pekín

Como "invitado del gobierno, no del partido", el jefe de Estado polaco, general Wojciech Jaruzelski, se convirtió ayer en el representante más destacado de Europa oriental, aliada a la URSS, en visitar China. Simultáneamente, el P.C.Ch. culminaba un plenario con una resolución que subraya la política aperturista y llama a una sociedad "espiritualmente socialista".

PEKIN y VARSOVIA, 28 (ANSA, AP y Reuter). — El general **Wojciech Jaruzelski**, jefe del gobierno polaco, llegó hoy a esta capital convirtiéndose en **el visitante de más alto rango de los estados de Europa oriental aliados a la URSS desde la división sinosoviética de principios de los años 60.**

Jaruzelski, quien recientemente amnistió a la casi totalidad de los presos políticos de su país, fue recibido en el aeropuerto de esta capital por el canciller chino **Wu Xueqian** y tenía previsto celebrar una reunión más tarde con el premier **Zhao Ziyang**, quien también ofrecerá un banquete de honor al dirigente polaco.

Al mismo tiempo, en Polonia, el dirigente sindical **Lech Walesa**, del proscripto sindicato **Solidaridad**, dijo que éste querría actuar ahora dentro del **marco legal**, como próximo **paso de distensión interna después de la amnistía.**

♦ **Invitado del gobierno**

Un funcionario de la cancillería china declaró a los periodistas en la terminal aérea que Jaruzelski visita el país **en condición de invitado del gobierno chino, no del Partido Comunista.**

"**De los partidos comunistas de Europa oriental, el P.C.Ch. solo mantiene relaciones normales con los de Yugoslavia y Polonia**", explicó.

"**Las relaciones partidarias con Polonia no han sido normalizadas aún. Este tema será tocado durante las conversaciones de Jaruzelski con los líderes chinos, pero yo no puedo vaticinar el resultado**", acotó.

Jaruzelski, quien habría llegado a Pekín vía **Moscú**, donde habría sostenido conversaciones con altos funcionarios del **Kremlin**, y que también volverá por esa vía, tiene previstas reuniones con el líder chino **Deng Xiaoping**, el presidente **Li Xiannian** y el jefe partidario **Hu Yaobang**. Abandonará China el martes por la mañana.

Según fuentes bien informadas, los principales temas de las conversaciones del dirigente polaco con los líderes chinos serían **las relaciones sinosoviéticas y de índole bilateral.** Además, los miembros de la comitiva de Jaruzelski firmarán con sus colegas chinos **un acuerdo de cooperación cultural.**

El viaje también tiene una importante dimensión económica. El intercambio comercial sino-polaco llegaría a **938 millones de dólares** este año, comparado con los 394 millones de 1984.

El comercio chino con Europa oriental en su conjunto también ha crecido. **El volumen de 1985 fue de 2.640 millones de dólares**, lo que representa un salto del 70 por ciento respecto de **1984**.

Admite el P.C. de China bondades del capitalismo

PEKIN, 28 (AFP, DPA, Reuter, UPI y "The Washington Post", especial para **Clarín**). — El **Partido Comunista de China** aprobó hoy en su sesión plenaria anual una resolución que concilia los principios para crear "**una civilización espiritualmente socialista**" con la necesidad de "**servirse de la ciencia y la tecnología, la gestión económica y otros adelantos útiles de las naciones capitalistas más avanzadas**".

La resolución, de 10.000 caracteres, aprobada por el comité central del P.C.Ch. tras cinco días de deliberaciones, sostiene que "**no deberíamos condenar las diferencias justificables en los ingresos de la gente... China debe estimular a parte de su pueblo a ser más próspera en principio, antes que el objetivo de prosperidad común sea alcanzado**", agrega el texto, que según los observadores lleva la impronta del actual "**hombre fuerte**" de Pekín, **Deng Xiaoping**.

♦ **Enfasis en los principios**

Con todo, el énfasis de la resolución, titulada **Sobre la edificación de una sociedad socialista con cultura e ideología progresistas**, parece puesto en los principios socialistas: indica que para modernizar al país sigue siendo "**esencial adherir al marxismo leninismo y al pensamiento de Mao Tse Tung como una teoría directiva**", agregando que sería "**erróneo considerar al marxismo como dogma rígido**", del mismo modo que lo sería "**celebrar ciegamente las filosofías burguesas y sus doctrinas sociales**".

El documento presenta como "**tarea fundamental**" la "**elevación de los criterios ideológicos y éticos de la nación**" a fin de lograr una "**modernización socialista**" que apunte hacia una "**sociedad socialista humana**". También formula un llamado para el mejoramiento de las éticas profesionales y condena **el abuso de poder para provecho personal, defraudes y extorsiones**, todas prácticas que aparecieron con la política aperturista y de las cuales el ala conservadora del partido trató de servirse para resistir a Deng.

Sobre el aperturismo, la definición del documento es clara: tanto en el aspecto ideológico como en el económico, se trata de una "**política estatal básica e inalterable**". Los 325 miembros y miembros suplentes del comité central resolvieron también un congreso partidario para 1987 a fin de lograr un **rejuvenecimiento del aparato de conducción.**

Deng, quien se ubicó en el centro de los cinco hombres que presidieron la reunión de hoy, dijo a comienzos de este mes que deseaba retirarse para el Congreso de 1987.

La televisión de Pekín mostró hoy a Deng junto al jefe partidario **Hu Yaobang**, el premier **Zhao Ziyang** y el presidente **Li Xiannian**.

♦ **El Estado, primero**

El documento sostiene: "**Como nuestro país está apenas en la etapa inicial del socialismo, debemos aplicar el principio de distribución de acuerdo al trabajo y desarrollar la economía de mercado socialista y la competencia**".

"**Siempre se asegura la posición dominante del sector público**", dice el P.C.Ch., agregando que el partido "**estimulará a algunas personas a que se enriquezcan primero, antes que se logre el objetivo de prosperidad común**", pero "**rechazando firmemente**" todos los "**aspectos feos y decadentes del capitalismo**".

Ante los críticos conservadores que juzgan que la política de puertas abiertas está corrompiendo al país, el documento sostiene que "**la historia moderna de China y el mundo demuestran que ningún país puede progresar si se niega a aceptar los elementos del avance de la ciencia y la cultura modernas. Cerrar un país al contacto externo solo resulta en el estancamiento**", advierte.

Los conservadores del P.C.Ch. usaron en el pasado la promoción de una "**civilización espiritual**" como consigna de agrupamiento. En 1983, **Deng Liqun**, un importante ideólogo y, por entonces, jefe de propaganda del partido, lanzó una campaña, que duraría poco, contra la "**polución espiritual**" del "**Occidente decadente**".

8704039

China gasta más de lo que gana

Pekín (UPI) — China registró un déficit fiscal de 1910 millones de dólares el año pasado y esa cifra aumentará en 1987 mientras Pekín trata de superar los problemas derivados de sus amplias reformas económicas, dijo ayer el ministro de Finanzas, Wang Bingqian.

En un informe ante el Congreso Nacional del Pueblo, sobre la situación económica del año pasado y las previsiones presupuestarias para 1987, Wang atribuyó el déficit a la evasión impositiva generalizada, a las deficientes inversiones de capital, salarios que rápidamente aumentan y a la "ostentosa malversación" de fondos públicos. Dijo que el año pasado China tuvo ingresos por 222 mil millones de yuans, unos 60 mil millones de dólares, mientras que sus gastos fueron equivalentes a 62 mil millones de dólares.

• Fracaso

Los planificadores tenían previsto equilibrar el presupuesto en 1986, evitando un déficit que llegó a 1910 millones de dólares, luego de los excedentes de 880 millones de dólares de 1985. Wang proyectó un déficit aun mayor para 1987, equivalente a 2160 millones de dólares. "El consejo estatal reducirá los gastos fiscales diez por ciento en base a cifras del año pasado, con excepción de los precios subsidiados y para el pago de capitales e intereses de los créditos internos y externos" aseveró Wang.

Se estima que los subsidios a los precios subirán este año en 39 por ciento, llegando al equivalente de unos 9100 millones de dólares. "Los subsidios tendrán que terminarse", dijo un diplomático occidental, anotando que "la medida es por temor de la insatisfacción de parte de los trabajadores."

Además de los subsidios a los precios, el gobierno de Pekín gastó 8800 millones de dólares para compensar pérdidas en fábricas del Estado. Wang añadió que posiblemente este año esa cifra alcance 9700 millones de dólares. Los gastos militares representarán ocho por ciento del presupuesto, dos puntos menos en relación a 1985, en un reflejo del énfasis que Pekín está poniendo en la economía civil, afirmó el ministro de Finanzas.

La Mañana — MONTEVIDEO, DOMINGO 12 DE ABRIL DE 1987

Remueven Ministro de Seguridad

China: cambios en el Gabinete

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).— El Parlamento de China aprobó ayer la remoción del Ministro de Seguridad Pública, Ruan Chongwu, quien fue responsable de dirigir a las fuerzas policiales del país durante las masivas manifestaciones estudiantiles por la democracia que se produjeron a lo largo y ancho del país en diciembre último.

En la sesión de clausura del Congreso Nacional del Pueblo, que se efectúa anualmente, también se votó por nuevos Ministros para los rubros de salud pública, industria de luz y reforma económica, y se tomaron resoluciones que llamaron al ahorro y la confianza, así como a tomar medidas enérgicas respecto a las tendencias capitalistas.

Ruan, de 53 años, vicealcalde de Shangai que fue designado Ministro de Seguridad Pública en setiembre de 1985, fue destituido con el rechazo de sólo cinco de los 2.674 delegados en el gigantesco Gran Salón del Pueblo.

No se dio explicación alguna sobre la deposición de Ruan, pero algunos analistas occidentales creen que pudo deberse al manejo moderado que hizo de las manifestaciones estudiantiles que pedían democracia y libertad, y que estallaron en por lo menos 20 ciudades en diciembre pasado.

Ruan, quien no tenía currículo conocido en el trabajo policial, pudo haber sido un protegido del depuesto líder del Partido Comunista, Hu Yaobang, la víctima mayor de la campaña contra las tendencias al capitalismo que Pekín lanzó como respuesta al disturbio estudiantil.

Hu, cuya renuncia fue anunciada el 16 de enero, no concurrió a la sesión de clausura del Congreso, dejando un conspicuo asiento vacío en una fila de los líderes del Partido Comunista en el podio. La única aparición pública de Hu desde su remoción ocurrió durante la ceremonia de apertura del Congreso, el 25 de marzo.

RS

033

China Comunista

Ratifican en China la política de reformas internas

Pekín. 25 (UP) – Al inaugurar la sesión del Parlamento de China, el primer ministro, Zhao Ziyang, declaró hoy que a pesar de los graves problemas económicos y la oposición de los sectores intransigentes "que mentalmente no están emancipados lo suficiente", Pekín seguirá presionando con sus reformas internas.

Diplomáticos occidentales calificaron de "positivo y seguro" al discurso de Zhao, destinado a apaciguar los ánimos de los sectores que temen que la reformas económicas hayan ido demasiado lejos, y al mismo tiempo señalando que esas trasformaciones seguirán adelante.

Entre los 2.719 diputados congregados en el gran Salón del Pueblo, para la inauguración del Congreso Nacional del Pueblo, que durará 16 días, estaba Hu Yaobang, ex jefe del partido Comunista.

Fue su primera aparición pública desde su destitución el 16 de enero, acusado de no poder frenar la expansión del "liberalismo burgués" en China.

Hu es la víctima más prominente de la campaña contra las ideas "capitalistas" que se lleva a cabo en Pekín.

En palabras dirigidas a calmar a sus críticos, Zhao, de 67 años, señaló que el gobierno debe dar más atención a la deficiente producción agrícola, promover más la producción que el consumo, reducir los gastos fiscales e implantar la austeridad estatal y "combatir con energía la liberalización burguesa".

Los sectores intransigentes han criticado la baja producción agrícola de China en los dos pasados años, culpando a la descentralización implantada en ese sector por el gobierno.

Zhao admitió que un incontrolado gasto en bienes de consumo ha producido un derroche de los fondos públicos, generando un estilo de vida ostentoso y extravagante que "podría corromper la moral social".

Sin embargo, Zhao acotó que los problemas económicos de China sólo podrán ser resueltos con "reformas más profundas" y se comprometió a llevar adelante sus correcciones en el sistema de precios y en el político. También dijo que reducirá la influencia de la burocracia del partico Comunista en la industria y la reestructuración de las finanzas y la banca.

"Algunas personas partidarias de las reformas y la apertura no son mentalmente muy sobrias, así como muchos que se aferran a los principios marxistas no están mentalmente emancipados", afirmó Zhao.

Un diplomático occidental calificó el discurso de Zhao como la advertencia más dura contra los intransigentes del partido Comunista, anotando que "mostró mucha decisión".

La Prensa 26/3/87.

RS

033

China

Declaraciones del Vicepremier Yao Yilin

China no descarta uso de la fuerza para recuperar Taiwan

PEKIN. (ANSA, EFE y UPI).- China, con planes ya listos para la reanudación de la soberanía sobre Hong Kong y Macao, no descarta el uso de la fuerza en su objetivo de recuperar Taiwan antes de fin de siglo, dijo ayer el viceprimer ministro Yao Yilin.

Yao, hablando en una conferencia conjunta con los viceprimeros ministros Li Peng y Tian Jiyun, dijo que el primer ministro Zhao Ziyang continuará en el puesto de secretario general interino del Partido Comunista hasta setiembre.

"Esperamos que la reunificación entre el continente y Taiwan se logre lo más pronto posible", dijo Yao, que hizo la declaración dos días después que China y Portugal pusieron sus iniciales en un acuerdo para el retorno de Macao al gobierno chino en 1999.

Funcionarios chinos describieron el acuerdo, que es casi idéntico al pacto firmado hace tres años entre Pekín y Londres para el retorno de Hong Kong en 1997, como un "importante paso" en "el gran objetivo de China de reunificar a la madre patria" antes de fin de siglo.

Yao dijo que "me es imposible hacer predicciones" de cuándo China continental recuperará el control de Taiwan, pero agregó que "es nuestra esperanza que se logre a través de medios pacíficos".

"Pero no hemos eliminado la posibilidad de recurrir a medios no pacíficos para alcanzar ese proceso", apuntó Yao. Negó una sugestión de un periodista de Hong Kong de que la reciente publicidad de China sobre el entrenamiento de su cuerpo de infantería de marina tenía por fin indicar que se está preparando para usar la fuerza contra Taiwan.

China ha considerado a Taiwan como una provincia rebelde desde que el ejército nacionalista de Chiang Kai-shek huyó allí en 1949 después que los comunistas se apoderaron del país.

PS.

033

China Comunista
cuenca
con Brasil

Aviones chinos de combate

PEKIN, 9 (Reuter).- China ganó un importante contrato para la venta de aviones de combate a Brasil, en lo que diplomáticos occidentales calificaron como su mayor operación aeronáutica con el exterior.

El Diario del Pueblo, citando fuentes bien informadas, dijo que China y Brasil estaban negociando una venta de aviones caza F-7, copia del MIG-19 soviético, y agregó que las tratativas progresan.

Se ignora el número de aparatos que entran en la operación, aunque se estima que serían varias docenas.

Un diplomático latinoamericano dijo que el negocio implicaría un canje que permitiría al Brasil absorber la avanzada tecnología del avión.

Brasil, dijo, no está en posición de gastar miles de millones de dólares en armamentos, aunque existe la posibilidad de que el acuerdo pueda incluir el canje de los F-7 por algunos aviones de fabricación brasileña.

Los F-7 son interceptores monoplaza que desarrollan una velocidad máxima de 2230 kilómetros por hora y que pueden transportar misiles y cohetes aire-aire y aire-tierra.

LA NACION 10/4/82

01-01

8704209

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Assessment of Peipling's 1987 Economic Situation Development.

PROCEDENCIA: Enlace China 24/4/87 Doc. 0574/87

ARCHIVADO EN: Enlace China / 135/B

8704220

D1-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Survey of decline of Peiping's industrial development.

PROCEDENCIA: Enlace Chino 4/6/8 + 2a. 0833/87

ARCHIVADO EN:

Enlace Chino (138/3

01-01 8704221

033 RPCH

300487

China ingresó al Banco Asiático de Desarrollo

Osaka, (DPA) La vigésima conferencia anual del Banco Asiático de Desarrollo (BAD) finalizó ayer en la ciudad nipona de Osaka, tras tres días de sesiones. Lo más importante de la conferencia fue el ingreso en la institución de la República Popular China.

La Unión Soviética envió por primera vez una delegación para observar el desarrollo de las sesiones, pero no tomó decisión alguna sobre si tiene la intención de entrar en el BAD, que cuenta con 47 países miembros, en los que vive la mitad de la población del planeta.

La conferencia, a la que asistieron unos 2.000 banqueros, se vio dominada por el tema de las paridades monetarias. El lunes, el día de la inauguración, la cotización del dólar cayó en el nivel más bajo desde 1945 con 137,25 yens. EEUU y Japón son para la mayoría de miembros del banco los países más importantes a la hora de conceder créditos, por esta razón, las repercusiones económicas de las oscilaciones de las paridades de las monedas de los dos países tienen una gran importancia en toda la zona asiática.

El presidente del BAD, Masao Fujioka, anunció al fin de la conferencia que este año la institución bancaria concederá un crédito a China. Los detalles, dijo Fujioka, no se han fijado aún, pero cree que la cuantía oscilará entre 100 y 150 millones de dólares.

01-01 8704222

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Chinese Communist appraisal of The Southeast Asian situation.

PROCEDENCIA: Enlace China 4/6/87 Doc. 0836/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

8704224

01-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Peiping's Policy-related objectives in The Third world and its tactics to fulfil such objectives.

PROCEDENCIA: Enlace China 4/6/87 Doc 0835/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01 8704225

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Peiping's Foreign Policy and Its Relations with The World.

PROCEDENCIA: Embajada China 4/8/87 Doc 0834/87

ARCHIVADO EN: Embajada China (135/B)

01 - 01

8704226

Mijail Gorbachov y Deng Xiaoping: cinco años después de Breznev y diez años después de Mao. Casi dos generaciones y tres décadas de dramáticos acontecimientos los separan. Y sin embargo, nunca como ahora habían parecido tan semejantes los problemas que los líderes de las dos potencias socialistas deben enfrentar.

En Pekín, Deng lanza una profunda campaña de reformas económicas: se desmantelan las comunas, grandes zonas de China se abren a las inversiones extranjeras y a sofisticados intercambios comerciales y financieros; hasta la legendaria Bolsa de Shangai, en otros tiempos la más famosa de Oriente, reabre sus puertas.

En Moscú, de una forma no menos espectacular y decidida, Gorbachov y sus hombres destituyen burócratas y proclaman como meta la eficiencia del sistema socialista.

A fines del año pasado, mientras los estudiantes chinos salían a la calle a reclamar libertad y democracia, los desórdenes de Alma Ata (la capital de la república soviética del Kazajstán, en Asia Central) y la resistencia de los burócratas sometían a dura prueba el liderazgo de Gorbachov.

Hay, por otra parte, intercambios de gestos, iniciativas y concesiones por parte de Moscú y Pekín. Al discurso pronunciado por Gorbachov en Vladivostok el 18 de julio pasado, tendiendo la mano a los chinos, siguió la inmediata respuesta de Deng, quien se manifestó dispuesto a entrevistarse, sin importar dónde, con el jefe de los soviets.

¿Son suficientes estas señales para sacar la conclusión de que las dos simultáneas reformas contribuirán a agrietar la barrera de hielo que separa a ambos estados? Este interrogante orienta la siguiente conversación con el sinólogo Jean Chesneaux, de la Universidad de París, con Enrica Collotti Pischel, de la Universidad de Milán, y con los académicos chinos Lu Feng y Huang Weiping, profesores de economía en la Universidad del Pueblo de Pekín.

–Los procesos actualmente en marcha en la Unión Soviética y China exhiben rasgos paralelos en más de un sentido. ¿Atribuyen ustedes esto a una coincidencia sólo temporal o a razones de carácter político e ideológico?

Huang Weiping. –El modelo stalinista suponía un altísimo grado de concentración de la economía, en pos de los dos objetivos: eficiencia e igualdad. Ninguno de ellos fue logrado. De ahí, pues, las reformas de Gorbachov. Nuestra reforma ha sido inspirada por motivos que, en muchos aspectos, son similares. Pero hay una diferencia: la URSS tiene tras de sí setenta años de experiencia.

En China, por el contrario, la historia del socialismo es mucho más reciente. Esa es la primera causa de ciertos errores cometidos. Suele mencionarse como segunda causa el exceso de población, que ha constituido un freno al desarrollo económico de China. Pero si tomamos en cuenta a un país como el Japón, carente de materias primas y superpoblado, vemos que en poco más de treinta años los japoneses han logrado convertirse en la segunda potencia económica del mundo. Debemos convencernos, entonces, de que en nuestros razonamientos y en nuestros justificativos hay algo que no funciona. Miremos un poco a Europa: los Países Bajos, Bélgica e Italia, que en relación con su territorio poseen mayor densidad de población que China, han sabido resolver admirablemente sus problemas económicos y tecnológicos. Lo real es que en el Japón, ni Italia, ni los países del Benelux han conocido un período oscuro, como lo fue el de la Revolución Cultural China. Las consignas de Mao, y la voz de orden que nos imponía concebir a la lucha de clases como el eje único de la acción política, llevaron a China a sufrir un profundo deterioro.

Tal vez se argumente que la economía también está estancada en la Unión Soviética y en los países del este de Europa, que tampoco conocieron una experiencia como la de la Revolución Cultural, pero, en todo caso, lo que se puede deducir de esto es que el sistema impuesto en su momento por Stalin era estructuralmente erróneo. El exceso de planificación, en efecto, impide aprovechar los recursos disponibles de la mejor manera, y distribuirlos adecuadamente.

Lu Feng –La coincidencia entre ambas reformas no es casual. Tanto la URSS como China poseen un sistema centralizado de propiedad estatal. Hay, con todo, una diferencia, y es que nosotros, los chinos, además del objetivo de la eficiencia, buscamos el del *enriquecimiento colectivo*. Consideramos útil, y perfectamente compatible con el sistema, que una parte de la población pueda llegar a enriquecerse antes que el resto. La consecuencia de ello será que en lo inmediato surgirán diferencias de riqueza y de bienestar entre las distintas capas de la población. Pero a largo plazo crecerá el bienestar, y se verá favorecido el enriquecimiento general. Logrado eso, habremos conseguido la igualdad a un nivel alto; no, como sucedió hasta ahora, la igualdad a bajo o a bajísimo nivel.

Chesneaux –Yo veo una coincidencia en el hecho de que, sobre todo, la URSS y China consideran al Occidente industrializado como su interlocutor privilegiado. Deng ha renunciado ya al principio de que la economía y la tecnología pueden desarrollarse contando sólo con las propias fuerzas. Gorbachov, por su parte, sabe muy bien que sus objetivos estratégicos sólo pueden ser alcanzados mediante un entendimiento global con Occidente y, más particularmente, con Estados Unidos. Ahora bien, de esta coincidencia de objetivos puede surgir la reaproximación entre ambas superpotencias comunistas.

–¿Pero no existe el peligro de que las reformas puedan servir de detonante para peligrosas tensiones sociales y, por lo menos en lo que se refiere a China, provoquen un reflorecimiento de las tendencias extremistas?

Huang Weiping –No; en China no es muy grande ese riesgo. En estos años la gente ha podido ver con sus propios ojos que las reformas son necesarias y útiles, y que producen resultados tangibles. Yo sería algo más cauto en lo que se refiere a la Unión Soviética, pues en ese país las apelaciones y las consignas reformistas han sido muchas, en tanto que las reformas verdaderamente instauradas son muy pocas.

Lu Feng –También en China la reforma tendrá que superar grandes dificultades. Si no logramos controlar los precios y la inflación, las masas protestarán. En la difícil etapa de transición –entre lo viejo que muere y lo nuevo que nace– pueden llegar a desarrollarse las que nosotros definimos como *tendencias malsanas:* corrupción, favoritismo, privilegios... Hay dos cosas, sobre todo, que determinarán el resultado: el aumento de productividad y el incremento de los ingresos reales de la población. Y el crecimiento del grado de libertad y de democracia depende también de esos dos factores.

Huang Weiping –En China aún sobrevive una tendencia extremista de izquierda, firmemente asentada en una base social bien definida. Pero no creo que el punto de referencia de esa *izquierda* sea la que se ha definido como la Banda de los Cuatro. No, las tendencias extremistas están vinculadas con una ideología que tiene fuertes raíces en China, y cuyos orígenes se remontan a una época muy anterior a la de la Revolución Cultural.

Collotti Pischel –China y la URSS tienen hoy un interés común: el de luchar contra la ineficiencia y el burocratismo. Y una característica que también comparten es la existencia del Estado-Partido. En este terreno pueden nacer instancias de mayor pluralismo. Pero mi impresión es que no se trata tanto de extender las fronteras de la libertad, sino de ampliar las posibilidades de iniciativa de los individuos y las empresas en el ámbito económico. En el momento en que el reclamo de mayor libertad económica desemboque en reivindicaciones *subversivas* pueden surgir nuevos problemas. De todos modos, no veo en China ni en la URSS, por ahora al menos, el surgimiento de fenómenos pluralistas que puedan limitar el poder de los respectivos

Clarín c/Desarme

13 al 19 03 87

13/03/87

ping



nidos. Lo cual era otra forma de aplicar la
itigua estrategia china de *"oponer un
árbaro a otro bárbaro"*. Pero esa estrate-
a fue instrumentada exasperadamente,
asta el punto de apoyar a Pinochet en
hile y a Jonas Savimbi en Angola, o de
ponerse a los sandinistas, considerados
omo el largo brazo moscovita en Centroa-
érica.

**–Afganistán, Vietnam, problemas de
ontera. Son los tres temas que, según
s chinos, impiden la normalización de
s relaciones con Moscú. ¿Cuál de
los es hoy el más importante para
ekín?**

Huang Weiping –Los tres problemas,
s tres escollos, son los que se han seña-
do. Cuando un país debe vérselas con
n poderoso aparato militar, como el que
s soviéticos han desplegado en sus fron-
ras con China, es muy difícil hablar de
na completa normalización de las relacio-
es. Por otra parte, si se contempla la
estión desde el punto de vista histórico,
osotros no olvidamos de que la Rusia de
s zares invadió China, que Stalin ejerció
na gran hegemonía sobre nuestro partido
omunista, y que Kruschev trató por todos
s medios de influir sobre nuestros grupos
rigentes y desestabilizarlos. Pero los
mpos están cambiando, y nosotros ha-
mos todo lo posible para mejorar las re-
ciones mutuas.

Collotti Pischel –El problema de Afga-
stán no constituye ya un obstáculo insu-
erable para los chinos; yo creo, al contra-
, que Deng podría ayudar a Gorbachov
salir del polvorín afgano. En lo que se
fiere a Camboya, la cuestión es más
ompleja. La intervención en Camboya
r parte de Vietnam no es fruto de ningu-
orden impartida por Moscú, sino de una
ecisión autónoma del gobierno de Hanoi,
e al parecer se sentía amenazado por
hina, y no sin razón.

Pero desde el momento en que Deng
considera probable ni posible que haya
ataque por parte de la URSS, también la
estión camboyana puede ser resuelta.

GIANNI CORBI

EL PERIODISTA DE BUENOS AIRES Nº 131 - 13 al 19 DE MARZO DE 1987 - Página 17

Desarme

NACE UN DESAFIO

Con su última iniciativa sobre la eliminación de los euromisiles, Gorbachov acaba de lanzar un llamado al que será difícil responder negativamente.

Cuando apenas habían transcurrido diez días desde la clausura del Foro de Moscú (ver EL PERIODISTA Nº 128) Mijail Gorbachov dio una impresionante muestra de haber comprendido plenamente las expectativas e inquietudes de sus interlocutores occidentales. En un sorprendente comunicado difundido la semana pasada, el líder soviético abrió el *"paquete"* de Reykjavik y ofreció tratar por separado la cuestión de los euromisiles con el objetivo de eliminar en el plazo de cinco años todos los proyectiles atómicos de mediano alcance instalados por Estados Unidos y la URSS en el escenario europeo y reducir a cien las cabezas nucleares en la región asiática de la Unión Soviética.

Esta es la respuesta inequívoca y radical a los pedidos que una parte de Occidente –aquella que ha declarado su deseo de avanzar por el camino abierto en Reykjavik– había formulado al gobierno soviético. La oferta de Moscú –que confirma la línea elegida por el nuevo liderazgo– irrumpe de este modo en el debate ya abierto en Occidente con respecto a la reanudación del diálogo Este-Oeste. Gorbachov advirtió, con excepcional prontitud, los primeros signos que los países europeos occidentales habían exhibido, dos semanas atrás, sobre el tema crucial de la interpretación del tratado ABM (firmado en 1972 entre la URSS y Estados Unidos, destinado a limitar los misiles antibalísticos). Frente a la interpretación *"amplia"* que propone Washington como caballo de Troya para sepultar finalmente el tratado (así definió la situación el ministro de Relaciones Exteriores italiano Giulio Andreotti durante su reciente visita al Kremlim), estos gobiernos europeos optaron por presionar a Estados Unidos promoviendo el respeto del acuerdo sobre la base de su *"interpretación estricta"*. Europa –o al menos una parte de ella– demuestra haber comprendido que entre la guerra de las galaxias y la cancelación del acuerdo que veta la creación de un sistema antimisilístico existe un nexo indisoluble. No intentar poner freno a la marcha de la Administración Reagan hacia la destrucción del tratado ABM hubiera significado un retroceso grave e irremediable con respecto a Reykjavik.

Por el momento, Gorbachov no cuenta más que con indicios de la disposición europea en ese sentido. Pero esto le bastó para hacer una concesión radical. Y esta vez será mucho más difícil responderle negativamente.

El paquete se abrió frente a una Europa que comienza a comprender –como ha dicho Gorbachov– *"la grandeza y la tragedia"* de Reykjavik. Grandeza por un acuerdo que estaba al alcance de la mano, y tragedia porque *"poderosas fuerzas se opusieron a él"*. Desde entonces, en Washington todos los gestos se orientaron a marcar una marcha atrás con respecto a los fallidos acuerdos de la cumbre. Moscú intenta ahora revertir el curso de los acontecimientos con un fuerte golpe de acelerador cuyos efectos están destinados a agitar las aguas en ambas costas del Atlántico. Y la declaración de Gorbachov abre, al mismo tiempo, la vía para resolver también los dos problemas que fueron planteados por los europeos occidentales frente a la perspectiva de una *"opción cero"* para los euromisiles: el de los proyectiles tácticos-operativos y los de corto alcance.

"Apenas se haya firmado el acuerdo para liquidar los misiles de los teatros de operaciones soviéticos y norteamericanos en Europa, la URSS retirará de la República Democrática Alemana y de Checoslovaquia los misiles tácticos operativos que fueron instalados como respuesta al despliegue de los Pershing 2 y Cruise en Europa occidental", declaró Gorbachov. Y con respecto a los misiles de corto alcance el líder soviético manifestó que *"estamos dispuestos a emprender inmediatas negociaciones para su reducción y completa liquidación"*.

(En Roma) GIULETTO CHIESA

LOS BLANCOS DE GORBACHOV

Con su reciente propuesta en el terreno del desarme, Mijail Gorbachov apuntó no sólo a las esperanzas del viejo continente. Por primera vez después de la cumbre de Reykjavik aparece al alcance de la mano la posibilidad de liberar a los países europeos de todas o casi todas las cabezas nucleares. Una perspectiva que no puede dejar de favorecer políticamente a quien la presenta. Pero Gorbachov apuntó seguramente también a Estados Unidos, aunque allí no cuenta tanto la promesa de la desnuclearización de Europa. (No sólo eso; es presumible que esta idea irrite a muchos estrategas, verdaderos o de salón, que siempre consideraron que un conflicto nuclear en Europa era un modo de impedir o postergar el riesgo para el territorio norteamericano.) Importa mucho, en cambio, que el presidente Reagan tenga una posibilidad de concluir su mandato con un acuerdo histórico, para recuperar una imagen que ahora parece destruida por los escándalos.

Pero hay un tercer blanco al que debe apuntar Gorbachov. Un blanco que en este momento tal vez sea para él más importante: el propio frente interno. El líder del PCUS ha sacudido a la sociedad soviética y está empezando a *"crear"* una nueva opinión pública. Ahora, el problema es lograr el consenso. Y no resulta fácil: los motivos de temor o de oposición social al *"nuevo rumbo"* son muchos y se expresan de muchos modos.

Para avanzar, Gorbachov necesita resultados concretos a muy corto plazo: ventajas que los ciudadanos soviéticos y del Este europeo puedan poner en la balanza frente a los temores y sacrificios que genera el nuevo rumbo. También por eso eligió lanzar su propuesta precisamente en el momento en que el tambaleante Reagan podrá aceptarla con más facilidad. Un acuerdo sobre los misiles en Europa sería el primer verdadero tiro al blanco de la recién nacida opinión pública de la URSS.

A.D.

02-02

8704263

033

RPCH- Uruguay
elurgar 088 ...

China y URS

China Popular se constituyó en el principal comprador de lanas uruguayas, con 18,75 % del volumen neto exportado, durante la zafra 1985/86 (del 1º. de octubre de 1985 al 30 de setiembre de 1986), según información aportada por la Cámara Mercantil de Productos del País.

23/10/86

NIVEL MUNDIAL

principales compradores de lana

se sucia de las com-
e China Roja alcanza-
20,99 % de la produc-
endida al exterior.
otal neto exportado al-
a 66:660.75 kilogra-
n todas sus formas. La
ucia que originó esas
s al exterior fue de
6.841 kilogramos.

La Unión Soviética se erigió en el segundo comprador en volumen neto, con 15.88 % del total. La República Federal Alemana adquirió el 13,07 %, el Reino Unido el 10,09 % y Checoslovaquia el 6,94 % del volumen exportado.

Las compras de Taiwan, de distintas fibras de lana, alcanzaron al 0.83 %.

Las cinco principales firmas exportadoras fueron Otegui Hnos. S.A., que colocó el 15,09 % del volumen neto; Hart S.A. (8.41 %); Alberto Puig & Cía. (8.24 %); Central Lanera Uruguaya (8.76 %) y Woolmonte S.A. (7.70 %).

01-01

8704264

033

China

Instalara avanzados

China modernizar

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).— La armada de China emprenderá la expansión de sus fuerzas de combate y la instalación de avanzados armamentos y equipos de comunicación, según consta en un plan de 13 años anunciado ayer por el periódico oficial, el Diario de China.

"La tarea principal en los próximos años será la de modernizar, revolucionar, y elevar el nivel de nuestras fuerzas", dijo el comandante Liu Huaquing según la cita del diario que se publica en inglés.

Liu dijo que la armada, que cuenta con 300.000 efectivos, decidió ejecutar un programa de tres etapas de cara a su desarrollo hasta el año 2000, manteniendo a la vez su estrategia de "defensa marítima positiva".

La publicación no reveló los detalles del plan, pero según una declaración de Liu, "dado un presupuesto limitado, nuestra prioridad será el desarrollo de las fuerzas navales de combate, entre ellas barcos de guerra, submarinos y aviones".

La Armada china cuenta actualmente con más de 100 submarinos de ataque de

propu
rinos
barco
unos
"P
futur
de c
electr
ofensi

Seg
citada
indus
de n
tores,
Liu
cabo
por e
preten
zas a
homb
Al
tamañ
la Ar
racion
eficac

El Diario 13/4/87

01-01

mentos

us fuerzas

nvencional, varios subma-
ulsión nuclear, más de 40
mbate de gran tamaño, y
es de combate.

r una base sólida de cara al
a dotar a nuestras tropas
le mando y comunicación
misiles, y otros sistemas
zados", señaló Lin.

fuente de un astillero estatal
publicación oficial, dicha
acelerando la construcción
es de submarinos, destruc-
ninas este año.

que la Armada ha llevado a
cción de personal ordenada
no de Pekín en 1985, que
tar el conjunto de la fuer-
chinas en un millón de

80 unidades de diverso
go de los últimos dos años,
a logró una estructura más
os equipos de mando más
les, explicó Lin.

8704267

ARCHIVAR EN: CHINA (033)

TEMA: MANIFESTACIONES ESTUDIANTILES EN CHINA

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 24/2/87

ARCHIVADO EN: FICHAJE (8)

01-01 870

RS

033

China

CRUZAR CON ARGENTINA

China y la Argentina, 15 años de relaciones

Pekín (EFE) — China y la Argentina pueden ayudarse entre sí y complementarse, ya que la cooperación entre las dos naciones dispone de enormes potenciales, declaró el canciller chino Wu Xueqian.

Wu pronunció estas palabras en el transcurso de un acto celebrado en la embajada de la República Argentina para conmemorar el decimoquinto aniversario del establecimiento de relaciones diplomáticas entre los dos países.

"Los últimos 15 años transcurridos han sido testigos del expedito desarrollo que han registrado las relaciones entre los dos países", dijo el canciller refiriéndose a la expansión de la cooperación bilateral en diversos campos.

Por su parte, el embajador de la Argentina en China, Arturo Enrique Ossorio Arana, dijo que a través de acuerdos y convenios, ambos países han "tejido una trama sólida sobre la cual estamos ya en condiciones de elaborar nuevas formulas imaginativas de colaboración".

El embajador Ossorio recordó la coincidencia de criterios de ambos países en el tema del no alineamiento, la oposición a la carrera armamentista y el desequilibrio Norte-Sur.

La Prensa 20/2/87

PARTES POCO LEGIBLE

033

China

En el apogeo de las relaciones bilaterales

LA NACION 2-3-87

Respalda Washington las reformas en China

El secretario de Estado norteamericano, George Shultz, lo expresó en un discurso al iniciar una nueva visita de cinco días a Pekín

PEKIN, 1 (Reuter). - El secretario de Estado norteamericano George Shultz, inició hoy una visita de cinco días dando un decidido respaldo a los planes de reforma encarados por China, que han encontrado una tenaz resistencia en los círculos comunistas ortodoxos.

Shultz, que habló durante un banquete con el que le dieron la bienvenida a esta capital, recurrió a las palabras de uno de los principales jerarcas marxistas para sugerir que los cambios deben ser audaces.

Una cita de Zhao

"Recuerdo que, en 1984, el primer ministro Zhao declaró que la clave del progreso radica en los esfuerzos por emancipar nuestro pensamiento de manera osada, llevar a cabo reformas con decisión, encarar nuevos inventos con valentía", dijo Shultz.

Zhao está desempeñándose también como secretario general interino del Partido Comunista desde que Hu Yaobang fuera separado de ese cargo en enero por no [illegible] manifestaciones estudiantiles en favor de mayor democracia.

Esas protestas desataron una campaña contra el "liberalismo burgués", término que se aplica aquí a las ideas e influencias políticas occidentales, que sumió a los sinólogos en un debate sobre el futuro inmediato de las reformas políticas y económicas.

Aprensión

Washington ha dicho públicamente que aún no está preocupado por la batalla política que se ha desatado en Pekín, añadiendo que se atiene a las palabras de los dirigentes chinos, quienes se han comprometido a no abandonar la política de apertura a Occidente.

Pero esta noche Shultz pareció evidenciar cierta aprensión al alinearse claramente junto al bando de los reformistas más audaces.

Shultz, en su tercera visita a China en casi cinco años como secretario de Estado, dijo durante el viaje a Asia que está sumamente interesado en interiorizarse de las complejas batallas políticas que se libran en China en estos momentos y de lo que podrían representar para sus políticas.

Algunos diplomáticos occidentales estiman que los ortodoxos han impuesto su posición y frenarán el ritmo de la reforma.

Añaden que esos políticos, que sostienen que lo que se necesita es cambiar las prácticas de administración y no el sistema político, podrían incluso llegar a detener totalmente la campaña de cambios que impulsa el régimen.

Relaciones

Shultz declaró esta noche que las relaciones entre China y los Estados Unidos "han superado incluso los sueños más exagerados" que pudieron acariciarse cuando el Comunicado de Shanghai, firmado en 1972, abrió el camino para la reanudación de relaciones diplomáticas en 1979.

"No obstante, no podemos conformarnos con lo ya logrado" -manifestó-, agregando que el actuar con franqueza es crucial para afianzar los progresos obtenidos y alcanzar otros en una relación de la que ambas partes se han beneficiado.

PARTES POCO LEGIBLE

¿Qué pasa en Pekín?

Apertura económica con severidad ideológica

El cauteloso discurso de Zhao Ziyang, primer ministro y jefe del Partido Comunista chino, ante los 2.700 integrantes del Congreso Nacional del Pueblo (Parlamento) el 25 de marzo, reveló sin dudas un conflicto interno en el partido y que, ante la necesidad de mantener la confianza de los eventuales inversores y socios comerciales, el gobierno está dispuesto a respetar las reformas económicas, aunque seguirá adelante con las reformas ideológicas y políticas, tendientes a borrar todo vestigio de "liberalismo burgués" que pueda haberse infiltrado en el pensamiento y en la acción de gobernantes y gobernados.

El informe anual "Sobre el estado de la nación" de Zhao Ziyang estuvo signado por compromisos que reflejan la continuidad del conflicto ideológico en el liderazgo chino.

DEFICIT E INFLACION

Zhao fue franco al referirse a los problemas económicos, revelando que en 1986 se sufrió un serio déficit presupuestal. Sugirió que China tenía un arma para combatir esas dificultades: "mayor producción, economía práctica, aumentar los ingresos y reducir los gastos". Afirmó que será necesario deprimir la demanda y tener un "espíritu pionero", afirmaciones que no hubieran sido posibles en un discurso ortodoxo enmarcado en los lineamientos ideológicos puros de 1956. Permitió entrever la preocupación por el aumento de precios que ha demorado planes tendientes a reducir subsidios a la producción. Declaró que las modificaciones de precios serían limitadas a un "muy pequeño número de productos este año", agregando: "Los incrementos de precios durante las reformas inevitablemente provocarán la pregunta de si el Estado, empresas y público podrán soportar la tensión económica y sicológica".

La tensión política es un evidente problema. Zhao atacó a algunos reformistas por no ser "desapasionados" y atacó a ideólogos por no haber sido "mentalmente emancipados". También urgió a los ideólogos a sentirse alentados por "el obvio logro de nuestras reformas" y, haciendo eso, admitió la presencia de fracciones en el liderazgo.

Retomó el ataque contra el pensamiento "liberal burgués" recordando la necesidad de evitar que esas tendencias resurjan.

En un discurso que muchos supusieron tendría su parte fundamental en el anuncio de una reforma revolucionaria en la conducción de las empresas, Zhao se limitó a decir que los obreros delegados "deberán asumir plena responsabilidad" por la gestión de la empresa, pero no precisó como el Estado garantizaría el poder de esos delegados obreros que deberían sustituir a los actuales delegados del Partido Comunista.

Al día siguiente de ese discurso el jueves 26, el Gobierno presentó un proyecto de Presupuesto para el año 1987 que incluye un déficit de 8.000 millones de Yuan (2.160 millones de dólares) con una previsión de crecimiento del producto de 7%. El déficit es superior al de 1986, que totalizó 7.000 millones de Yuan, y que había sido el más alto desde 1980. Song Ping, ministro de Planeamiento, y Wang Bingqian, ministro de Finanzas, atacaron los "gastos innecesarios" y condenaron la "falta de disciplina financiera". El crédito externo será de 3.000 millones de dólares, frente a 2.000 millones solicitados en el exterior en 1986, de Gobierno a Gobierno (en 1986 el endeudamiento externo total de China aumentó en 5.000 millones de dólares).

EL RELEVO DE HU

Un síntoma revelador del proceso de ajustes en el Partido se evidenció el viernes 16 de enero, cuando renunció a su cargo el jefe del Partido Comunista chino, Hu Yaobang, después de admitir que había cometido "errores políticos" durante las manifestaciones estudiantiles celebradas en todo el país a partir del 5 de diciembre en demanda de democracia y libertad. Se informó que para sustituirlo había sido designado el primer ministro, Zhao Ziyang. La agencia "Nueva China" (Xinhua) informó que Hu, de 72 años, mantenía sus puestos en el Politburó y en el Comité Central del partido. Hu había llegado a la jefatura del partido de la mano de Deng Xiaoping en 1981, en sustitución de Hua Guofeng. La agencia "Xinhua" aseguró que las reformas implantadas por Deng en 1978 —de las que Hu fuera uno de los principales instrumentos— proseguirían su curso, y que el "liberalismo burgués" sería combatido. Hu no volvió a aparecer en público hasta el 25 de marzo.

Otro dato a tomar en cuenta se había dado el 7 de marzo, cuando Deng aseguró que las luchas políticas habían concluido y que las reformas no estaban en peligro. Aseguró que las dudas respecto a la continuación de las reformas habían sido motivadas por una falta de comprensión de los observadores. De esta manera, procuraba calmar a los radicales alarmados por la evidente disminución de los comentarios anticapitalistas antes y durante la visita del secretario de Estado de EE.UU. G. Shultz, quien estuvo en Pekín del primero al seis de marzo. Los líderes chinos le aseguraron reiteradamente que todo estaba estable en el país y que China no cerraría sus puertas al extranjero, ni cambiaría la dirección ni la profundidad de sus reformas económicas. ("LA SEMANA" del 26/03/87, pág. 4).

DESAFIO PARLAMENTARIO

Pero, una semana después de esas declaraciones de Deng Xiaoping, el 13 de marzo, en abierto desafío, un grupo de parlamentarios criticó la propuesta gubernamental destinada a reducir la influencia del Partido en las empresas industriales del país. La propuesta, una de las más importantes de las planteadas por Deng, concedería responsabilidad plena en el manejo de las fábricas a los administradores de las plantas, sustituyendo a los delegados del secretariado del partido.

Zhao Ziyang había tratado de calmar a los parlamentarios, en dos discursos pronunciados el 15 y el 16 de marzo. En el primero aseguró que se continuaría la campaña contra el liberalismo burgués, y que China persistiría en su apertura económica, importando los productos que se consideren positivos de la cultura y de la tecnología occidental. Había asegurado que la situación de China es buena y que su mercado "está floreciendo". "Las reformas actuales han ayudado a resolver una serie de viejos problemas" afirmó, destacando que el PNB se ha duplicado en los últimos 8 años. En el otro discurso, dirigido al Departamento de Propaganda del Partido, había afirmado que la campaña para eliminar las tendencias capitalistas ha sido exitosa, y que la lucha "contra el liberalismo burgués" no debe afectar a las reformas económicas. La campaña debe ser "limitada estrictamente" al Partido Comunista de 44 millones de 'militantes' y "a los campos político e ideológico". Zhao explicó que la campaña "tiene por fin resolver cuestiones de principio y de orientaciones políticas fundamentales y no incluirá pautas para reformas económicas ni rurales".

La cautela de su discurso del 25 de marzo, revela claramente que el gobierno no arriesgaba otro enfrentamiento público. El proyecto de ley sobre la reforma de las empresas industriales, con el alcance de que las funciones de las secretarías del partido deben restringirse a la educación y al trabajo ideológico con las masas, estaba incluido en la agenda del Parlamento para la sesión plenaria del 25 de marzo, y el tema hubiera merecido de parte de Zhao Ziyang algo más de decisión, si el gobierno hubiera considerado que podía ser aprobado.

¿Qué pasa en Pekín?

Héctor N. Di Biase

30/4/87

01-01 8704343

QS

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: M2C20 – R. P. China. Un País, dos Sistemas.

PROCEDENCIA: Tague 22/4/87

ARCHIVADO EN: M2C20 (050)

01-01

8704363.

Mayor acercamiento

Acuerdos China-Checoslovaquia

PEKIN, (UPI).— El líder chino Deng Xiaoping le dijo ayer al Primer Ministro de Checoslovaquia, Lubomir Strougal, que los dos países deben dejar de lado más de 25 años de diferencias políticas y que "deben avanzar hacia el futuro".

"Compartimos un lenguaje común en muchos *asuntos*", dijo Deng en una reunión matutina con Strougal, el funcionario checo de mayor rango que visita China desde la agria disputa entre Pekín y la mayoría de los países del bloque soviético a mediados de la década de los años 60.

"Nuestras relaciones han crecido satisfactoriamente en los últimos años", dijo la agencia oficial china de noticias Xinhua al citar los comentarios del líder de 82 años.

"El pasado ha terminado. Avancemos hacia el futuro continuamente", dijo el líder chino según la agencia de noticias.

Xinhua informó que la reunión en el decorado Gran Salón del Pueblo "se desarrolló en una atmósfera de amistad y sinceridad".

Strougal "ha coincidido completamente con los conceptos de Deng sobre las relaciones bilaterales y la evaluación que esas relaciones han ingresado a una nueva fase", dijo la agencia de noticias.

Deng señaló a Strougal que Checoslovaquia se ha desarrollado mejor que China. "Estamos mejorando en los últimos ocho años", dijo Deng. "Pero en el pasado hemos soportado muchos tropiezos, particularmente la Revolución Cultural".

"Nosotros mismos hemos creado nuestros desastres y problemas", dijo Deng, quien pasó los dos primeros años de la Revolución Cultural de 1966-76 en un confinamiento solitario calificado como un "roedor capitalista".

"Pero lo bueno de la Revolución Cultural es que nos ha enseñado una lección, y ese es un importante beneficio", dijo.

En la tarde del domingo, Strougal y el Premier Chino Zhao Ziyang concurrieron a la ceremonia de la firma de un acuerdo para establecer una compañía naviera sino-checoslovaca.

Strougal, quien llegó a China el jueves para una visita de seis días, después se dirigió a Shanghai, terminando la visita a Pekín del primer líder checo desde 1957.

Pekín oficialmente normalizó sus relaciones con Praga en marzo, al restaurar los lazos de amistad durante la visita del Ministro de Relaciones Exteriores de China, Wu Xueqian, a Praga.

P5

033

China

Exterior LA NACION 2/6/87 (PERLA)

Más de 200.000 sancionados en el Partido Comunista de China

PEKIN, 1 (AP). – El Partido Comunista Chino expulsó a más de 33.000 militantes y sancionó a otros 184.000 durante los tres años y medio que duró una campaña de rectificación, dijo Bo Yibo, alto dirigente del partido en un discurso publicado hoy.

El diario del partido, Renmin Ribao (Diario del Pueblo), y otros importantes periódicos publicaron el texto del discurso pronunciado el martes pasado por Bo, vicepresidente de la Comisión de Consolidación de Gobierno, en una reunión de la alta conducción del partido.

En el discurso, Bo declaró que la campaña de rectificación era exitosa, pero que aún persisten problemas en los rangos del partido que tiene 44 millones de miembros.

La campaña fue iniciada en 1983 para desembarazarse de los ultraizquierdistas que se unieron al partido durante la revolución cultural 1966-76 y fue posteriormente ampliada para incluir sanciones por corrupción.

Partes de los discursos de Bo y del primer ministro Zhao Ziyang en la reunión de la semana pasada que marcó el fin de la campaña, fueron publicados por la prensa oficial, pero el texto completo del discurso sólo apareció hoy.

En todo el país, excepto en la región autónoma de Guangxi Zhuang, en el Sur, fueron expuestas en público 5.440 personas por cometer acuchillamientos, saqueos y otros desmanes, dijo Bo.

También fueron expuestos otros 43.074 por cometer serios errores.

En Guangxi, 27.919 personas, entre ellas 6042 dirigentes y 13.154 que incurrieron en serios errores, fueron igualmente expuestos por violar la ley y la disciplina del partido.

No explicó por qué las cifras de Guangxi eran tan altas y se mencionaron en forma separada del resto de la nación.

Bo explicó que 33.896 personas fueron expulsadas del partido y otros 184.071 fueron objeto de la disciplina interna al sometérseles a investigaciones, destituciones de sus cargos, recomendaciones de suspensión de cargos no partidistas y serias advertencias.

A 90.069 no se les permitió reinscripción en el partido y a otros 145.456 sólo se les inscribió a prueba por un periodo, dijo.

Dijo que se emplearon métodos de crítica y autocrítica para dar la solución adecuada a los problemas.

"La campaña ayudó a la gente a descubrir que las actividades promovidas durante la revolución cultural bajo la bandera de la lucha de clases estaban equivocadas, y fortaleció la capacidad del partido para resistir al capitalismo y a la ideología feudal decadente", dijo Bo.

"Pero el trabajo de rectificación no ha sido balanceado", expresó. "Algunas unidades de trabajo, incluyendo las de alto nivel, asumieron la rectificación con informalidad y sus problemas de debilidad en la tarea de rectificar aún esperan solución".

Buenos Aires, domingo 24 de mayo de 1987 ★ CLARIN

CHINA NO QUIERE INNOVACIONES POLITICAS

Hong Kong, "congelado"

Deshielo en Pekín



Agencia AP

El máximo líder chino, Deng Xiaoping, confundiéndose en un estrecho abrazo con el presidente de Corea del Norte, Kim Il Sung; el mandatario coreano llegó a Pekín para una visita oficial de tres días, la primera que tiene lugar desde 1984. El líder chino dijo que "no hay diferencias" entre ambos gobiernos tras el enfriamiento registrado por el acercamiento coreano a Moscú.

HONG KONG, 23 — (Por Jim Mann de "Los Angeles Times" especial para Clarín).— Cuando **China y Gran Bretaña** firmaron el acuerdo sobre el futuro de Hong Kong, a fines de 1984, prometieron que la colonia británica tendría **su propia legislatura y un "alto grado de autonomía"**.

Estas promesas formaban parte del concepto del líder chino Deng Xiaoping de **"un país, dos sistemas". China aceptó que Hong Kong conservara su sistema capitalista durante 50 años luego que China reasuma su soberanía en 1997.** Ofertas similares fueron hechas a **Macao** —la colonia portuguesa que China recuperará en 1999— y a **Taiwan**, que se ha negado a participar de las negociaciones.

Pero ahora China está aclarando que la idea de **"un país, dos sistemas" tiene sus límites. China no desea que ninguno de los territorios que recupere tenga el tipo de democracia sólida, al estilo de Occidente, que pueda llegar a generar oposición al régimen comunista** en el continente.

En estos últimos meses, líderes chinos de diferente jerarquía —de Dang para abajo— han estado ejerciendo una gran **presión** sobre el gobierno británico para que **demore** las reformas políticas que desembocarían en **elecciones directas** para Hong Kong.

El canciller chino **Wu Xueqian** se reunió en dos oportunidades con su colega británico, **sir Geoffrey Howe**, para discutir el desarrollo político de Hong Kong. Y el mes pasado, el mismo Deng advirtió que Hong Kong **no debería tratar de imitar sistemas políticos democráticos como el de Gran Bretaña o Estados Unidos.**

Lo que importa —señaló— es **"que el territorio sea manejado por gente de Hong Kong que sea patriota y que ame a su tierra"**, añadió que las elecciones generales no garantizan, necesariamente, que los que sean electos cumplan con estos requisitos.

Deng aclaró también que no es **"realista"** pensar que China dejará a Hong Kong completamente solo y que le permitirá ser políticamente independiente de Pekín.

♦ Un simple cambio de dictadores

Un importante empresario de Hong Kong, que se negó a revelar su nombre en público, confesó con pesar que todo parece indicar que Gran Bretaña **se limitará simplemente a pasarle a China las riendas del poder en Hong Kong.**

"Tuvimos una dictadura antes y ahora lo que habrá será nada más que un cambio de dictador".

Por su parte, **Martin Lee**, abogado de Hong Kong y miembro del **Consejo Legislativo** de la colonia, declaró: **"Los chinos temen que a la gente de Hong Kong no le guste el comunismo. No hay que olvidar que muchos de los que viven aquí escaparon del régimen comunista.**

En cuanto a Gran Bretaña, la impresión en Hong Kong es que este país está dispuesto a sacrificar los intereses de los cinco millones de habitantes de la colonia para mantener sus **buenas relaciones** con China.

♦ Antecedentes

China le cedió a Hong Kong a Gran Bretaña por el tratado de **Nanjing**, luego de la guerra del **opio** en 1842. Desde entonces el gobierno británico ha manejado la colonia en forma **paternalista**, sin preocuparse por las sutilezas de la democracia que predominaba en el Viejo Continente.

El gobernador de Hong Kong, nombrado por la cancillería británica en nombre del soberano, detenta una **autoridad casi ilimitada** sobre el territorio. Hasta hace unos pocos años, el Consejo Legislativo de la colonia estaba integrado, por completo, por **empleados públicos y hombres designados por el gobernador.**

Pero tres años atrás, poco antes de la firma del acuerdo con China, los británicos adoptaron un plan para la **democratización "restringida"** de Hong Kong. Anunciaron que en 1985, 24 de los 56 miembros del Consejo Legislativo serían elegidos no por el gobernador sino a través de **elecciones indirectas** por grupos profesionales de abogados y banqueros o por representantes de los barrios de Hong Kong seleccionados localmente.

Se estimaba que esta elección era el **primer paso** hacia el cambio político. El gobierno británico prometió revisar el sistema otra vez antes de las próximas elecciones legislativas (en 1988) y señaló que estaba **abierta la posibilidad de que al menos algunas bancas sean elegidas a través de elecciones directas.**

Pero una fuente familiarizada con las recientes discusiones entre China y funcionarios británicos comentó: **"Los chinos dejaron bien en claro que no desean que haya elecciones directas en 1988. Piensan que serían un factor desestabilizante para Hong Kong, en especial durante el período de transición entre hoy y 1997."**

La fuente agregó que China también es de la idea de que **"por principio"** Gran Bretaña **debería abstenerse** de introducir cambios significativos en el sistema político hasta tanto China termine de redactar una **Constitución relativa al** gobier[illegible]

033

China cruzan con G. Bretaña

01-01

8 [illegible] 6

ARCHIVAR EN: China (033)

TEMA: Ministro Japonés realiza histórica Visita a China

PROCEDENCIA: La Mañana 31/5/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (8)

01-01 8704430

El Partido Comunista chino combate la penetracion Occidental


Zhao Ziyang

PEKIN (The Christian Science Monitor). – La campaña emprendida por el Partido Comunista chino contra las ideas occidentales no ha sido tan limitada como lo prometió su jefe, Zhao Ziyang, sino que ha penetrado profundamente en muchos sectores de la sociedad china, afectando a intelectuales y estudiantes, militares y policías, gerentes de fábricas y obreros.

De acuerdo con los informes periodísticos, algunos comités provinciales del partido se han adherido a ella con entusiasmo y, en unos pocos casos, la han extendido a las zonas rurales.

Hasta ahora, la "campaña contra el liberalismo burgués" ha consistido principalmente en una acción de tipo pasivo (ejercida por medio de la propaganda y la educación política), pero psicológicamente coercitiva, tendiente a asegurar el conformismo político de los miembros del partido y del pueblo chino en general.

Al mismo tiempo se refuerzan los "cuatro principios": el socialismo, el liderazgo del partido, la ideología marxista-leninista y de Mao Tse-tung y la dictadura democrática del pueblo.

Su blanco principal

La propaganda apunta con especial rigor a los estudiantes universitarios, sometiéndolos a dosis adicionales de estudios políticos. Los funcionarios docentes alegan que los jóvenes –cuyas manifestaciones de protesta para pedir reformas políticas, a fines del año pasado, motivaron la ofensiva del partido contra las ideas occidentales– no comprenden adecuadamente la historia reciente de su país ni su actual situación política y económica.

Según ellos, esa falta de comprensión los hace "pasibles de adquirir ideas equivocadas". La prensa oficial, que últimamente se caracteriza por sus constantes comentarios políticos, los acusa de ser crédulos con respecto a las teorías políticas occidentales y hacer comparaciones "no científicas" entre China y Occidente.

Dichos comentarios describen las protestas estudiantiles como una forma de "anarquismo". Durante las vacaciones de invierno se envió a algunos estudiantes "de regreso al campo", para que aprendieran de los campesinos y adoptaran una actitud más realista.

En las principales universidades de Pekín se han formado grupos de estudio, dirigidos por miembros del partido, en los que se enseña cuidadosamente a los jóvenes a refutar las críticas políticas de dos intelectuales destacados, expulsados recientemente del partido: Fang Lizhi y Liu Binyan.

La campaña ha alcanzado igualmente a los obreros fabriles y se ha ordenado a los gerentes de empresas que refuercen su adiestramiento ideológico, por ejemplo, mediante sesiones de estudios políticos organizadas en las mismas fábricas.

Autocríticas y castigos

Los chinos tienden a tolerar este adiestramiento, denominado "educación positiva", que es, en gran parte, una reiteración de los ejercicios políticos que vienen practicando obligatoriamente desde hace años.

No obstante dicen que la campaña ha impelido a muchos compatriotas a mostrarse más cautos y menos dispuestos a correr riesgos, al imponer enérgicamente el predominio del Partido Comunista sobre la sociedad china.

Aparte de las reuniones que concluyeron con la expulsión del partido de Fang Lizhi y Liu Binyan, no se tiene noticia de que haya habido otras sesiones de crítica y, mucho menos, luchas como las libradas durante la Revolución Cultural de 1966-1976, cuando se humillaba y golpeaba a los acusados de crímenes contrarrevolucionarios.

Algunos intelectuales han debido escribir declaraciones de autocrítica, entre ellos Liu Xinwu, director de Literatura del Pueblo, la principal revista literaria china, quien fue acusado, junto con su cuerpo de redactores, de haber publicado unos cuentos cortos sobre Tíbet que, supuestamente, violarían las normas del partido. Liu Xinwu fue suspendido "temporariamente".

Según parece, otros universitarios y escritores, así como varios periodistas, han corrido la misma suerte. Algunos de ellos han sido mencionados como blanco de críticas específicas y han faltado a sus trabajos durante muchas semanas. Poco se

China

01-02

8704455

la penetración occidental

[illegible]

sabe acerca de por qué motivos y de qué modo fueron elegidos.

Al profesor Fang Lizhi lo acusaron de haber sido el principal instigador de las protestas estudiantiles y de figurar entre los partidarios de la "occidentalización total" y el "liberalismo burgués". Sin embargo, las autoridades le permitieron presentar un trabajo científico en una reunión celebrada a principios de marzo, como si quisieran convencer al público de que hasta las personas más vilipendiadas en la actual campaña política pueden llevar una vida normal.

Actitud de los militares

Las Fuerzas Armadas han sido el campo de batalla más curioso dentro de esta ofensiva política.

A fines de enero, Yu Qiuli, jefe del departamento político del Ejército de Liberación del Pueblo, dijo que éste había mantenido una conducta ejemplar durante la campaña política y señaló, como hecho significativo, que ni un solo alumno de las academias e instituciones militares (son más de un centenar) había apoyado en forma manifiesta las protestas de los estudiantes civiles.

Con todo, varias semanas después, Yu Qiuli impartió una directiva en la que expresaba que, a diferencia de los civiles, todos los militares, incluida la plana mayor, debían participar en la "formal lucha política" contra el liberalismo burgués.

Aquí, en Pekín, los observadores dicen que, aparentemente, los militares habrían sido los menos afectados por las ideas occidentales. Algunos diplomáticos extranjeros especulan con la hipótesis de que los altos oficiales están respaldando a los conservadores que controlan actualmente los órganos de propaganda del partido, y pugnan por obtener un mayor dominio sobre éste y el Gobierno.

Un diplomático occidental opinó que, tal vez, están tratando de recuperar su fama de chinos ideológicamente puros, dignos de ser emulados por todos sus compatriotas. Añadió que en un tiempo desempeñaron ese papel y ahora les gustaría reclamarlo para sí.

La estrategia de combatir las ideas occidentales por medio de la reeducación fue mencionada públicamente por primera vez el 29 de enero de este año por Zhao Ziyang, secretario general del partido, quien declaró que la tarea de oponerse al liberalismo burgués "se limitaría estrictamente al Partido Comunista chino y se llevaría a cabo, principalmente, en el campo político e ideológico", acotando que no se extendería a las zonas rurales.

(Traducción de Zoraida J. Valcárcel)

La Nación 6/5/87

02-02 8704455

QS

033

Simposio sobre reforma agraria realiza China

En la República de China, organizado por autoridades de su gobierno se realizará un Simposio sobre reforma agraria y desarrollo rural, con el objetivo de proceder a una evaluación de los efectos de la modificación de la estructura agraria sobre el desarrollo rural.

El gobierno de la República de China ha invitado a participar en dicho Simposio a especialistas altamente calificados en el tema y con amplia experiencia, así como también a profesores vinculados al mismo.

Entre los participantes se cuenta el Ing. Agr. Augusto Eulacio, vicepresidente del Instituto Nacional de Colonización quien viajó en la tarde de ayer con ese destino.

La nominación del Ing. Eulacio fue dispuesta por resolución del Directorio del I.N.C., por unanimidad de votos de los cuatro miembros restantes. Y contó con el beneplácito del Poder Ejecutivo.

El Simposio tendrá una duración estimada de dos semanas a partir del próximo día 31 y como es norma del gobierno del país invitante, todos los gastos son de su cargo.

El Ing. Agr. Augusto Eulacio aprovechará la oportunidad de su estadía en la República de China, para mantener contactos con jerarcas de servicios oficiales pertinentes a los efectos de evaluar posibilidades de concretar un intercambio tecnológico en relación con los trabajos de producción y rubros que los comprendan, de pequeños y medianos productores y que, en caso afirmativo, podría configurar una apertura de perspectivas muy interesantes para los integrantes de los núcleos del Instituto Nacional de Colonización y de intercambio.

U. Noticias. 28/5/87

Fichaje

China

China acusó a Hanoi de violación territorial

Pekín, 15 (UP) – China acusó hoy a Vietnam de violar su soberanía territorial al ocupar una disputada isla del mar de China meridional, y advirtió que Pekín retiene el derecho a recuperar su "sagrado territorio".

El vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, Li Zhaoxing, señaló que Vietnam debe retirar sus tropas de la isla Bojiao "ocupada ilegalmente". La isla Bojiao está situada estratégicamente en el importante archipiélago de Nansha.

El grupo de islas situadas cerca de vitales rutas marítimas comerciales, posiblemente contiene yacimientos de petróleo, y también ha sido reclamado por Taiwán, Malasia y Filipinas.

Las islas Nansha, varias de las cuales ya estaban ocupadas por Vietnam, se encuentran al norte de Borneo y al oeste de las islas Filipinas de Palawan, en el mar de China meridional.

"Recientemente, las autoridades vietnamitas una vez más han abusado de la integridad territorial y soberanía de China al enviar descaradamente tropas a la isla Bojiao de las islas Nansha de China y ocuparlas ilegalmente", declaró Li en una reunión semanal de prensa.

El gobierno de Pekín ha reclamado firmemente las islas Nanshas y otros tres grupos del mar de China meridional como "el sagrado territorio chino", según dijo Li.

Advertencia

"China tiene indiscutibles derechos soberanos sobre esas islas y sus aguas adyacentes, y no tolera el abuso por ningún país bajo ninguna excusa ni en ninguna forma", declaró Li.

"El gobierno chino condena severamente a las autoridades vietnamitas por su ilegal invasión y ocupación de algunas de las islas Nansha de China y demanda firmemente que la parte vietnamita retire sus tropas".

Agregó que, "el gobierno chino se reserva el derecho de recuperar esas ocupadas islas en un momento apropiado".

Las islas Nansha son inhabitables, pero de gran importancia estratégica debido a su posición cercana a importantes rutas marítimas comerciales entre el este asiático y el norte de Asia por una parte y por otra el océano Indico.

La ocupación de Camboya

Bangkok, 15 (ANSA) – Vietnam terminará la ocupación militar de Camboya si China deja de pretender el regreso al poder de los Khmer Rouge de Pol Pot, lo afirmó el secretario del partido Comunista vietnamita, Nguyen Van Linh en una entrevista trasmitida anoche por la agencia de prensa oficial de Vietnam.

Vietnam invadió Camboya en 1978 para derrocar al sangriento régimen de los Khmer Rouges, apoyados por Pekín y actualmente mantiene en el país una fuerza de 110 mil soldados. Contra éstos y el régimen provietnamita de Heng Samrin, combaten los guerrilleros gobierno del tripartito en el exilio de la Kampuchea Democrática encabezado por el príncipe Sihanouk.

La Prensa 16/4/87

01-01

8704579

PS

033

R.P. China (fichaje)

Campaña ideológica en escuelas chinas

Pekín (UP) – El ministro de educación, Li Peng, advirtió a los maestros que su tarea principal no es la creación de académicos sobresalientes, sino el desarrollo de talentos que ayuden al sistema comunista, informaron los medios oficiales de prensa.

Li también exhortó a mantener una campaña de largo plazo para erradicar las tendencias capitalistas en las escuelas de China, indicó la agencia Xinjua.

Las declaraciones de Li, formuladas al clausurar la conferencia del Sindicato de Trabajadores de la Educación, ocurrieron en medio de esfuerzos de los gobernantes chinos por ajustar el control ideológico sobre las universidades, despues de las manifestaciones estudiantiles en favor de la democracia y la libertad registradas en diciembre en unas 20 ciudades.

El ministro Li señaló que "la tarea fundamental" de una escuela es producir "talentos útiles a la causa del socialismo" más que académicos destacados.

Li indicó que los educadores asimismo deben defender los principios básicos del comunismo en China y luchar contra la "liberalización burguesa".

La Prensa 4/5/87

RS

033

Trágico saldo por una explosión en China

PEKIN, 16 (AP, AFP y UPI). — Una violenta explosión en una fábrica de aceite de lino en la ciudad de Harbin, en el noreste del país, dejó un trágico saldo de por lo menos 45 operarios muertos y otros 185 heridos, algunos con gravísimas quemaduras. El accidente ocurrió en la madrugada de ayer y el diario "Noticias Legales de China", que suministró la información, señaló que aún no se habían establecido las causas de la explosión y el posterior incendio.

El tremendo estallido ocurrió exactamente a las 2.30 de la víspera momentos en que en la fábrica estaban trabajando 470 operarios, en el turno más reducido de la importante planta.

La prensa china destaca que cuatro plantas colindantes, pertenecientes al mismo emporio, dedicadas a la fabricación de tejidos de lino, también resultaron seriamente dañadas por el siniestro.

Decenas de dotaciones de bomberos y unos 400 policías y médicos especializados concurrieron inmediatamente al lugar de la tragedia para auxiliar en las iniciales tareas de rescate, remoción de escombros y posterior remisión de heridos y quemados a diez centros asistenciales de la ciudad y de otras localidades cercanas.

Se trata, recordó la prensa local, de la mayor tragedia fabril que se haya producido en la región en los últimos veinte años.

♦ Clausuras

Por lo menos tres publicaciones de dos provincias chinas fueron recientemente clausuradas por haber publicado artículos favorables a la "liberalización burguesa", afirmaron hoy fuentes en Pekín. El jefe de redacción de "Tribuna de la Juventud", de la ciudad de Hubei, en el centro de China, Zhao Zuchay, dijo que su revista fue acusada de haber difundido "la liberalización burguesa" y que sus periodistas están siendo objeto de una investigación.

Por su parte, You Lihua, redactora jefa de la revista quincenal "Ciencias", de Anhui —al este del país— indicó que su publicación fue clausurada hacia mediados del pasado mes, invocándose motivos similares. Esta revista se publicaba en uno de los más activos centros del movimiento de protesta estudiantil de diciembre del pasado año.

Observadores y diplomáticos occidentales coincidían en que estas medidas se inscriben en el marco de la campaña ideológica "lucha contra el liberalismo burgués", lanzada en la República Popular de China en enero pasado en reacción a las masivas manifestaciones estudiantiles.

R.P. China

01-01 8704830.

Relevaron en China a cuatro ministros: puja por el poder

Agencia Reuter



El líder chino Deng Xiaoping, es saludado durante la sesión de la Asamblea Nacional del Pueblo, que concluyó ayer.

PEKIN, 11 (AP, DPA, EFE y UPI). — Signos de indefinición en la puja por el poder ofreció la clausura de la sesión anual de la Asamblea Nacional del Pueblo, El Parlamento chino, en la que se aprobaron al mismo tiempo —sin que se reiterara la tradicional unanimidad en los votos de las distintas decisiones— el informe sobre la situación nacional efectuado por el primer ministro y secretario general del Partido Comunista, Zhao Ziyang, y su desplazamiento como responsable de la comisión estatal para la reestructuración del sistema económico, con rango de ministerio.

En total, fueron cuatro los relevos en los ministerios, el más importante de los cuales —junto con el contradictorio desplazamiento de Ziyang, quien sigue siendo primer ministro— es el del de Seguridad Pública, Ruan Chongwu, en apariencia como resultado de su actitud relativamente moderada frente a las manifestaciones estudiantiles de diciembre pasado, las que exigían una mayor liberalización del sistema.

La Asamblea aprobó con solo dos abstenciones el discurso de apertura sobre la situación nacional de Zhao Ziyang, de la cual se exaltaron los beneficios del experimento chino de ocho años con un mercado orientado a la economía, al tiempo que se señalaban los problemas económicos y políticos en el país.

Hubo especulaciones de que los conservadores de la Asamblea forzarían cambios en el discurso. Sin embargo, su aceptación puede mostrar el grado de solidez que tienen los principales reformistas como Zhao y el veterano líder Deng Xiaoping.

En cuanto a los motivos del relevo de Chongwu, las manifestaciones estudiantiles en más de una docena de ciudades en diciembre pasado fueron reprimidas por alentar [illegible] lo que se llamó una liberalización burguesa y promoción del occidentalismo y capitalismo sobre el socialismo. Ruan, ingeniero y diplomático de 82 años, fue reemplazado por Wang Fang, un jefe provincial del Partido Comunista con amplia experiencia en seguridad pública.

Ruan había exhortado a la policía china a mejorar su imagen y terminar con el maltrato a los sospechosos. Si su cambio tiene conexión con las manifestaciones estudiantiles se convertiría en el más alto funcionario removido de su cargo por esos motivos desde la destitución del secretario general del Partido Comunista, Hu Yaobang, el 16 de enero, por tolerar las ideas liberales de Occidente.

Hu, quien asistió a la sesión de apertura de la Asamblea en su primera aparición pública desde su apartamiento, estuvo ausente de la clausura.

♦ Otros cambios

En los otros cambios ministeriales, Chen Minzhang, ex director del hospital y viceministro de Salud Pública, reemplazó a Cui Yueli como titular de la cartera. Zeng Xianlin, ingeniero y viceministro de la Comisión Estatal de Planificación reemplazó a Yang Bo como ministro de Industria Ligera y Li Tieying, ministro de Industria Electrónica, asumió en lugar de Ziyang en la Comisión Estatal para la Reestructuración del Sistema Económico. Li, tuvo 21 votos de oposición.

El Congreso, al aceptar el informe de Zhao, remarcó en una resolución la necesidad de incrementar la producción granera, combatir la dilapidación e ineficiencia en el gobierno, recortar la construcción e inversiones sin control y mantener los principios de "autoconfianza y dura lucha".

En la línea centrista de Zhao, el Congreso dijo que China debe eliminar las tendencias a la burguesía liberal y, al mismo tiempo, ampliar las reformas económicas y continuar la apertura china al mundo.

03

033

Fichaje

R.P. China

• Olvidemos viejos [illegible]



PEKIN. — Con la visita del líder búlgaro Todor Zhivkov, en curso en estos días en Pekín, los dirigentes chinos indicaron la voluntad de poner a un lado definitivamente la disputa ideológica con los países del bloque soviético (que se arrastra desde hace más de veinte años), incluso con un país totalmente alineado con la URSS como Bulgaria, y de abrir un nuevo capítulo en las relaciones con Europa Oriental. Lo indicó hoy en términos explícitos el líder chino Deng Xiaoping, el cual, recibiendo a Zhivkov, invitó al huésped búlgaro a "poner de lado cuestiones dejadas abiertas en la historia" y a "trabajar para el futuro".

"Nosotros tenemos nuestros defectos, pero tampoco ustedes están en lo justo", dijo Deng, agregando que "el mejor modo de resolver estos problemas es olvidarlos del todo o mirar en cambio hacia adelante".

01 - 01

8704836

CONTRA EL CONSERVADORISMO

Zhao Ziyang exhortó a la moderación ideológica

Mientras China y la Unión Soviética dan señales de mejorar sus relaciones diplomáticas, y en ese marco solucionar sus diferencias en el sudeste asiático, Zhao Ziyang, secretario general del P.C. chino, exhortó a la moderación en la campaña ideológica.

PEKIN, 15 (AFP). — El líder del Partido Comunista chino, Zhao Ziyang, lanzó este fin de semana un llamado a la moderación en la actual campaña contra el "liberalismo burgués", lo cual podría anunciar una nueva ofensiva del sector reformista del partido contra el sector conservador, según los observadores.

"China no se opondrá a la liberalización burguesa" pues tal oposición significaría una merma de la democratización, dijo el sábado Ziyang durante una reunión de científicos chinos. Declaraciones que además son reproducidas hoy en la primera página de todos los periódicos del país.

Apelando a un refuerzo de la democracia en China, pero siempre con la dirección del Partido Comunista, el nuevo secretario general interino del mismo, y también primer ministro, dijo que su país debía mostrar más respeto por sus intelectuales y por sus obras.

Ziyang mostró una prudente reserva respecto de las fuertes declaraciones de los viejos responsables ortodoxos y conservadores, que últimamente volvieron a cobrar importancia en la escena política china, lo que hizo pensar a los diplomáticos que analizan la situación que el dirigente reformista se halla en una situación delicada.

"Deben abrirse canales de discusión y de diálogo entre los dirigentes y los intelectuales, para que éstos puedan expresar sus puntos de vista, y, con un espíritu tranquilo, contribuir aún más a la modernización socialista", añadió Ziyang.

En otro discurso pronunciado el sábado durante una reunión de más de 70 encargados de la propaganda, que también aparece hoy en la primera página de los diarios chinos, Ziyang subrayó que la campaña ideológica debe quedar limitada al interior del partido, y no cuestionar ni la política de reformas económicas ni las reformas en las zonas rurales.

Golpe conservador

Numerosos diplomáticos occidentales estiman que los dirigentes conservadores, la mayoría de los cuales posee más de 70 años, se hallan comprometidos desde fines del año pasado en una encarnizada batalla por el poder contra los reformistas.

Para ello, los conservadores aprovechan que China vive actualmente la más dura crisis política de la última década y el impulso que tomaron luego a raíz del "golpe palaciego" con que lograron el alejamiento de Hu Yaobang.

Los llamados de Ziyang a la moderación se producen en un momento en que China debe afrontar cruciales decisiones. La dirección del partido y el gobierno deben decidir rápidamente quiénes serán los hombres que dirigirán el país en los próximos años, cuya designación será oficializada en un congreso del P.C. en setiembre próximo.

SIGNOS DE ACERCAMIENTO

Relaciones Pekín-Moscú

PEKIN, 15 (Por Patrice de Beer de "Le Monde", especial para Clarín). — La aceleración de las reformas propuestas por Mijail Gorbachov tomó a los dirigentes chinos por sorpresa. La reunión del Comité Central del Partido Comunista soviético tuvo lugar en enero, en el momento mismo en que el partido comunista chino daba marcha atrás a sus reformas a consecuencia de las manifestaciones estudiantiles.

Pekín había recibido de buen grado la noticia de la elección de Mijail Gorbachov. Cuando el nuevo secretario general soviético comenzó a sacudir la burocracia de su país, los chinos interpretaron que sus propias reformas bien podían servirles de ejemplo. Al mismo tiempo, con discreción y siempre "sotto voce", les inquietó el riesgo que la dinamización de la URSS representaba para los chinos, para el resto de Asia y para el Pacífico.

Las manifestaciones de Pekín, no obstante, marcaron un cambio. La estabilidad política se volvió de pronto ilusoria ante la remoción repentina del secretario general del P.C.Ch., Hu Yaobang. El reformismo inicial de Deng Xiaoping sufrió un duro revés con la vuelta al primer plano de los conservadores. Entretanto, los peones de Gorbachov avanzaban en el ajedrez del plenario del Comité Central. La prensa china, que hasta entonces apuntaba escrupulosamente los esfuerzos modernizadores de la URSS, hizo gala de una discreción ejemplar. La nueva agencia de noticias de Pekín se conformó con algunos despachos vagos y circunspectos.

Los contactos y tratativas, en particular las de las últimas semanas, siguieron multiplicándose, pero Pekín no ha dejado de temer la actitud conquistadora de la URSS. Los militares chinos, cuya influencia política va en aumento, son decididamente antisoviéticos, particularmente proque de esa nacionalidad son las armas que los vietnamitas emplean para encararlos, como soviética es la ayuda que reciben para ocupar Camboya.

Esta desconfianza de China hacia la URSS debería impedir un acercamiento rápido. El armamento producido o comprado por China se destina a proteger las fronteras con la Unión Soviética o sus aliados, pese a que Moscú es un socio comercial potencial. Ya sea que Gorbachov gane o pierda la pulseada interna, los chinos consideran que una alianza informal y limitada con EE.UU. sigue siendo útil.

Hay un ingrediente que podría poner en duda esta posición de los chinos: la existencia de aquello que algunos especialistas extranjeros de Pekín denominan un "lobby pro soviético", en particular alrededor de Li Peng, miembro del Politburó y viceprimer ministro con formación soviética, un conservador conocido por su simpatía con el Kremlin.

China dispone de un importante contingente de técnicos y dirigentes formados en la Unión Soviética durante los años cincuenta que, contrariamente a lo que ocurre en otros países del Tercer Mundo, no han adoptado opiniones antisoviéticas.

RS

033

CHINA

AUN SON MUCHOS

Aparte de los cambios sufridos en los últimos tiempos por la economía y la política chinas, un factor problemático sigue subyacente a todo movimiento de superficie: el crecimiento sostenido de la población, que pone en jaque la prosperidad del país. Si en 1949 había 540 millones de habitantes en el gran país asiático, actualmente ya superan los 1.000 millones.

Las técnicas empleadas por el gobierno han sido múltiples: desde la promoción de casamientos tardíos y familias de un solo hijo, hasta diversas técnicas anticonceptivas. Tales medidas dieron resultado sobre todo en el quinquenio 1980-1985, arrivando a este último año con 14 millones de nacimientos menos de los establecidos por el plan oficial. Desde entonces, sin embargo, el crecimiento demográfico parece haber recobrado el terreno perdido, y amenaza con superar por lejos la cifra oficial de 1.200 millones de habitantes para el año 2.000.

Hacia 1983 la aplicación estricta de la exigencia de que cada familia tuviese un solo hijo había provocado consecuencias como el asesinato de niñas al nacer: en 1984 se estaban investigando 2.800 casos de ese tipo en Chonking. Algunos funcionarios de China del Sur presionaron a los padres para que se esterilizaran después del primer hijo (técnica también empleada en la India), o aplicaban castigo a las familias con más de un hijo, consistente en la negativa de ayuda estatal y raciones alimenticias.

La excesiva presión oficial comenzó a provocar resistencia popular, la que a su vez llevó a un relajamiento relativo a partir de 1984. En los últimos años las reformas agrícolas, que impulsaron la responsabilidad individual de las familias por lo que cultivan y cosechan, han sido un factor impulsor de las familias de más de un hijo (ya que se emplean más manos en el campo). A su vez la cantidad de parejas que están por establecer vida en común y familiar ha aumentado en esta segunda mitad de la década del '80. El tema no dejará de desempeñar su papel en la delicada balanza entre reforma y endurecimiento por la que está pasando toda la sociedad china.

033

R.P. China

Más de 33.000 miembros

China: purga en Partido Comunista

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).— El Partido Comunista de China ha expulsado a 33.869 miembros a lo largo de una purga iniciada hace tres años y medio, pero aún existe el problema del faccionalismo y "otras perniciosas secuelas feudales", dijo un veterano ideólogo chino en un discurso publicado ayer.

Diplomáticos occidentales consideraron el discurso de Bo Yibo, vicedirector de la comisión asesora de la rectificación del partido, como un indicio de que los elementos que se oponen al ritmo y al alcance de las reformas económicas pretenden retrasar algunos de los cambios que se están llevando a cabo.

Un total de 33.869 militantes comunistas fueron expulsados en la purga, declaró Bo, en una conferencia que marcaba el fin de la iniciativa emprendida en octubre de 1983 por el líder Deng Xiaoping. El texto del discurso fue publicado en la primera plana del periódico oficial del Partido, el Diario del Pueblo.

La divulgación representa la primera vez que las autoridades chinas han revelado cuántas personas han sido obligadas a abandonar las filas del partido. La cifra es menor de la que se había difundido en un principio, cuando fuentes del Partido calculaban que unos tres millones de miembros serían expulsados.

La purga estaba destinada a excluir del partido a los que no cumplían estrictos criterios morales, sobre todo los ultraizquierdistas, a los que seguían tendencias faccionalistas y a los que habían cometido "asaltos, destrozos y saqueo" durante la llamada revolución cultural de 1966-1976.

PV, RCH La Nación 21.6.87

01-01 8705047

Primer ministro chino llegó en visita oficial a la RDA

Berlín (PL). Zhao Ziyang, primer ministro de China, llegó ayer a esta capital en visita amistosa de cinco días para fortalecer las ya buenas relaciones económicas y comerciales entre su país y la República Democrática Alemana.

El también secretario General Interino del Comité Central del Partido Comunista de China vino a Varsovia, donde culminó una visita similar de cinco días en compañía de una delegación amplia de dirigentes de alto nivel del gobierno y partido de su país.

En el aeropuerto de Berlín-Schoenefeld fue recibido por su anfitrión, el secretario general del Partido Socialista Unificado de Alemania (PSUA) y presidente del Consejo de Estado de la RDA, Erich Honecker, así como varios miembros del Buró Político y dirigentes y personalidades de esta república.

Tras recibir los honores correspondientes a su cargo, Zhao Ziyang expresó su satisfacción por encontrarse en este país, "que en difíciles condiciones superó las secuelas de la segunda guerra mundial, y logró desarrollar un Estado [illegible] con altos [illegible] en los campos científico-técnicos".

Tras la ceremonia de recepción el premier chino y sus acompañantes salieron de la instalación aérea, para recibir el saludo fraternal de la ciudadanía berlinesa a lo largo de su recorrido desde Schoenefeld a la casa de protocolo, donde se hospeda.

Unos minutos después comenzó a cumplir el amplio programa de actividades contempladas para su estancia aquí, dirigiéndose primeramente al Monumento a los Luchadores Antifascistas caídos, donde depositó una ofrenda floral en homenaje a los que murieron en la lucha contra el nazifascismo.

El plan comprende además encuentros con Honecker y con el primer ministro Willi Stoph, participación en un acto para designar una escuela berlinesa con el nombre de un patriota chino, visitas a la Escuela Superior de la Economía Socialista, centros científico-técnicos capitalinos y a Dresde.

Zhao Ziyang y la delegación que le acompaña terminarán su estancia en la RDA el 11 próximo y viajará a Checoslovaquia, donde continuará su gira de 18 días por los países socialistas europeos.



[illegible] de Estado de la RDA, Erich Honecker, en ocasión de su visita a [illegible] Popular de China, a fines del pasado [illegible]

8705058

01-01

033 M.E.B.

M.E.B.

R.P. China

Profunda purga en el PC chino

PEKIN. — Aproximadamente seis millones de afiliados al Partido Comunista de China en áreas rurales han sido transferidos o expulsados de sus filas en la purga con la que durante los últimos tres años y medio la organización de 44 millones de afiliados trato de deshacerse de los izquierdistas y corruptos, informó ayer el diario oficial del partido.

La rectificación partidaria nacional a nivel de aldeas de cerca de un millón de dependencias del partido que comprendió a 20 millones de miembros del partido, "básicamente está completa", informó el "Diario del Pueblo".

La "rectificación partidaria" fue lanzada por el veterano dirigente Deng Xiaoping a fines de 1983, y entró en su última etapa, una inspección a nivel de los miembros de las bases en el sector campesino, a principio de este año.

"En la consolidación del partido, todas las regiones rectificaron y ajustaron aquellos cuerpos dirigentes que estaban débiles o flojos, así como problemas y aquellos que no se adaptaban a las exigencias", indicó el diario.

"El alcance del ajuste llegó entre un quinto y un tercio" de los integrantes del partido en las zonas rurales informó el periódico en la primera indicación oficial que muchos conservadores en las organizaciones campesinas del partido han sido destituidos.

3 Dic. PM 9/4/87

01-01 8705237

ARCHIVAR EN: R.P. China (033.

M.E.B.

TEMA: Enfoques Año I N° 6 Junio 1987.
CAUSA Análisis y comentario.

PROCEDENCIA: 23/7/87 Doc. 1083/87

ARCHIVADO EN: SECTA MOON (067)

01-01 8705284

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Portugal devolverá la colonia Macao a China 1999.

HEB.

PROCEDENCIA: LA NACIÓN 24/3/87

ARCHIVADO EN: Portugal (023

01-01

8705322

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Conversaciones Macau - Pequin. Primer Ministro Portugues en Pequin.

MEB.

PROCEDENCIA: ——

ARCHIVADO EN: URSS (026)

01-01 8705325

INTERNACIONAL

Liberalización en China

Un paso adelante, dos atrás

POR un momento en Occidente se pensó que la Muralla China iba a dejar de ser barrera contra los vientos liberalizadores que intentan penetrar en el mundo comunista. Hu Yaobang, el ahora defenestrado secretario general del partido, también lo creyó. Sin embargo, esa gerontocracia de más de ochenta años de media, se opone a las reformas. Den Xiao Ping, de cuya mano podían haber llegado los cambios, se bandea entre unos y otros, en una nueva Larga Marcha.

Alberto C. Márquez *(Hong Kong)*

ZHOU Jihu, un joven de Wuhan, en la China Popular, fue citado recientemente en una información oficial como «un ejemplo a seguir». Se elogiaba su contribución al progreso tecnológico y a la medicina. El meritorio trabajo de este granjero de veintisiete años consiste en regentar, con pingües ganancias (100.000 yuanes al año o 25.000 dólares norteamericanos), un establecimiento modelo dedicado a la cría de escorpiones. Zhou Jihu tiene ya 14 empleados y proporciona materia prima para uno de los renglones de la medicina tradicional china, la utilización de escorpiones, después de ser cuidadosamente preparados para ingerirlos, para aliviar los penosos síntomas del reumatismo, dolores de cabeza intensos y otras dolencias. Pero Zhou Jihu es también un ejemplo del equilibrio delicado del experimento reformista que se llevaba a cabo hasta muy recientemente, aunque este otro aspecto no haya conocido una gran publicidad.

Todavía se recuerda aquí en Hong Kong un célebre discurso del ahora defenestrado Hu Yaobang, en el cual y apenas dos años atrás se aleccionaba a los extranjeros, y en particular a los *China watchers*, «observadores de China», clásicamente estacionados en este territorio británico, advirtiéndoles que no existía una división en los cuadros superiores del partido entre «liberales» y «conservadores». En su momento, este desplante ortodoxo no tuvo mucho recibo, aunque alentó esperanzas de que esta pretendida unidad ayudara a llevar adelante la apertura y las reformas necesarias para que China comenzara a sintonizar mejor con el mundo.

Ahora ya se sabe no sólo que existe la fractura y la división en dos campos difícilmente conciliables, sino que esta situación ha conducido al partido y al país a la peor crisis de la última década.

A principios de mes, después de una reunión de una hora con el secretario de Estado norteamericano, *George Shultz*, voceros oficiales chinos aseguraron que los problemas ideológicos internos estaban solucionados. Nadie está muy seguro de esto y las contradicciones están a la vista. El propio Deng Xiao Ping, en dos discursos dirigidos a cuadros del partido en enero último, empleó un estilo y conceptos sumamente duros. Refiriéndose a la situación imperante en China y al ejemplo de Polonia, expresó: «Esto demuestra que sin dictadura no se funciona. No se puede sólo hablar de métodos dictatoriales, esos métodos tienen que ser aplicados cuando el momento llega.» Luego, en un alarde de patriotismo y ortodoxia, dijo: «La lucha contra el liberalismo burgués es una que no podemos perder y no debemos temer que los extranjeros digan que estamos desafiando a nuestra propia imagen.» «China debe seguir su propio camino y construir el socialismo con características chinas; todo lo que se necesita es que los extranjeros perciban que hay una situación política estable.»

Aparte de que nadie todavía ha acertado a definir qué es exactamente el denostado «liberalismo burgués», circula una versión que habla de que es «todo aquello que atenta contra el espíritu y la aplicación de las directivas del partido, los antirreformistas están centrando también sus campañas en la denuncia de "actividades contrarrevolucionarias"».

Esta es una acusación, dentro del universo ideológico chino, mucho más grave que el ser etiquetado de «liberal burgués», y comprende un espectro



Gamma

LAS REVUELTAS de los estudiantes no fueron totalmente apoyadas por Den Xiao Ping.

PERLA

30 de Marzo 1987

8705355

PERLA



LA GERONTOCRACIA *se enfrenta con el aparato del partido a la tímida liberalización de Deng.*



HU YAOBANG *creyó en las reformas y fue defenestrado.*



DEN XIAO PING, *jugando a todas las barajas.*

muy amplio de casos. Entre ellos el de personas acusadas de «ser espías de Taiwán», o el caso de un estudiante chino recientemente llegado de los Estados Unidos enjuiciado también de contrarrevolucionario. Es interesante observar que la procedencia geográfica de estas denuncias está casi siempre situada en las grandes ciudades de la franja costera, como Shanghai, y en Pekín. El *contagio* de los *males occidentales* ha encontrado eco múltiple en capas de población de cierto nivel de vida, y allí han hecho nido las *lacras* que los chinos consideran más reprobables. Se han publicado en diarios pro chinos de Hong Kong casos de redes de prostitución, consumo de drogas, una historia de grupos de *gays* y lesbianas de Hong Kong yendo a frecuentar sus círculos correspondientes en ciudades meridionales chinas, los primeros casos de SIDA entre chinos y demás. La opinión de los observadores es que esto es sólo la parte que aflora del iceberg y que algo de la virulencia de la embestida antirreformista viene influida por esta «decadencia de costumbres socialistas». Han menudeado en las últimas semanas los llamados a la «austeridad partidaria» y los recordatorios, exhumándolos del olvido, de pensamientos de Mao de épocas perdidas en la bruma casi mitológica de la historia del Partido Comunista Chino.

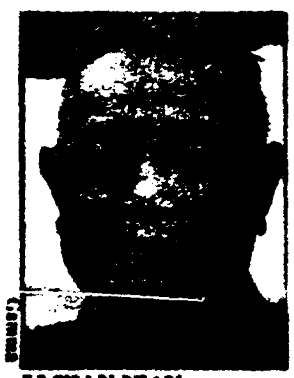
EN momentos de grave crisis, cuando la razón de ser misma del partido y su papel directivo y omnipresente en la sociedad china buscan ser revitalizados por el veterano liderazgo reaccionario, se desentierran los iconos ideológicos y las piezas oratorias de décadas atrás con intenciones de amonestación y advertencia.

Si bien el líder Deng Xiao Ping no se ha volcado ostensiblemente a favor de una de las dos facciones en pugna, ha reiterado que «los recientes cambios en el liderazgo no alterarán las políti-

PERU

cas nacionales establecidas». Per[o] igual que hace un cuarto de siglo Den[g] batalló contra los excesos de la izquierda iconoclasta dentro del partido, y en no escasa medida contra directivas del propio Mao, ahora también aparece como un árbitro de la situación. Con la diferencia de que en 1987 ha brindado un importante apoyo, se desconoce hasta qué punto las circunstancias han influido en él en ese sentido a los puristas de la gerontocracia, antiguos camaradas suyos, para corregir evidentes «desviacionismos». Los integrantes de la denominada «banda de los viejos» y que aparecen como la punta de lanza de la cruzada antiliberal-burguesa son Peng Zhen, presidente del Congreso Nacional del Pueblo, de ochenta y cuatro años; el veterano jerifalte del partido Wang Zhen, setenta y ocho, y el presidente Li Ziannian, och[en]ta y dos años.

FRENTE a ellos, con un apoyo algo velado pero vital de Deng, libra su combate para mantener la riada antirreformista dentro de ciertos límites y no asestar golpes debilitantes a la política económica de «puertas abiertas» el nuevo primer ministro, Zheo Ziyang.


LI XIAN NIAN o la gerontocracia.

Las manifestaciones estudiantiles de diciembre y enero últimos, así como la decisiva actitud de Deng de no apoyarlas, proporcionaron a los veladores de las esencias partidarias una magnífica excusa para extender las purgas más allá de los [ám]bitos del partido. La *blitzkries* sobre las artes, por ejemplo, ha caído sobre periodistas, escritores, poetas, pintores, realizadores cinematográficos, etcétera.

Tal ha sido el caso del relevante escritor Lui Xiawu, relevado de sus funciones como editor del *People's Literature Journal* («Periódico Literario del Pueblo») por haber escrito una novela en la que «se violan las políticas del partido y del Estado en materia de arte, nacionalidades y religión». Según un comunicado de la agencia de noticias Nueva China, se acusa al escritor cesado de haber escrito una novela asqueante y vulgar, haciendo uso de un lenguaje sensacionalista para distorsionar las costumbres sociales tibetanas, que ha mostrado que el autor tiene «deseos carnales despreciables y se muestra indulgente consigo mismo en la búsqueda de ganancias monetarias».

Freud y Sartre, para citar dos casos, han sido reiteradamente atacados desde las columnas de la Prensa china du-



LOS [illegible]TUDIANTES queman la prensa oficial.

rante las últimas semanas. En el periódico oficial, *Guangming Daily*, se afirmó que el interés de los chinos en la psicología sexual de Freud había resultado de una «pornografía obscena» producto de «una influencia vil». En el mismo comentario de primera página el autor afirmaba que «debemos estudiar aspectos del extranjero, pero sin endiosarlos ni adorarlos». También decía que no se explica por qué los trabajos existencialistas de Sartre están siendo presentados a la juventud china sin acompañarlos de un texto crítico.

EL impulso contra los «burgueses» y «liberales» —a pesar de declaraciones en sentido contrario— se ha extendido también a la Policía Armada del Pueblo (600.000 hombres), a la cual se ha pedido que esté «vigilante» contra los que buscan corroer y distorsionar el liderazgo del partido. También en el seno del Ejército Popular de Liberación (PLA, en su sigla inglesa) circulan directrices en este sentido, y es sabido que las Fuerzas Armadas de China, una vez más (aunque en esta oportunidad con signo contrario), han puesto su peso en reacción contra las manifestaciones estudiantiles recientes y el posterior enderezamiento de las políticas partidarias.

Lo que resulta evidente, dentro de la proverbial dificultad para prever el sesgo de los acontecimientos políticos en China, es que la actual pugna va a continuar. Simultáneamente seguirá la depuración de elementos no gratos a la ortodoxia. Un veterano líder conservador del partido, Bo Yibo, se encargó de resumirlo así: los cuadros del partido deben estudiar la teoría marxista-leninista para «imprimirle valor al espíritu de una vida sencilla y de trabajo duro».

RS

033

China

China ingresó al Banco Asiático de Desarrollo

Osaka, (DPA) La vigésima conferencia anual del Banco Asiático de Desarrollo (BAD) finalizó ayer en la ciudad nipona de Osaka, tras tres días de sesiones. Lo más importante de la conferencia fue el ingreso en la institución de la República Popular China.

La Unión Soviética envió por primera vez una delegación para observar el desarrollo de las sesiones, pero no tomó decisión alguna sobre si tiene la intención de entrar en el BAD, que cuenta con 47 países miembros, en los que vive la mitad de la población del planeta.

La conferencia, a la que asistieron unos 2.000 banqueros, se vio dominada por el tema de las paridades monetarias. El lunes, el día de la inauguración, la cotización del dólar cayó en el nivel más bajo desde 1945 con 137,25 yens. EEUU y Japón son para la mayoría de miembros del banco los países más importantes a la hora de conceder créditos, por esta razón, las repercusiones económicas de las oscilaciones de las paridades de las monedas de los dos países tienen una gran importancia en toda la zona asiática.

El presidente del BAD, Masao Fujioka, anunció al fin de la conferencia que este año la institución bancaria concederá un crédito a China. Los detalles, dijo Fujioka, no se han fijado aún, pero cree que la cuantía oscilará entre 100 y 150 millones de dólares.

La Hora 30/4/87

01/01

85

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Conversaciones de la URSS y China.

PROCEDENCIA: LA HORA 22/4/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

01/01 8705367

033

"¿Cómo está usted, Xiaoping?" LA PRENSA 11.5.87

Un retrato político y privado de Deng

Por Juan Forosey

Naciones Unidas-Hace tres años, los estudiantes de la Universidad de Pekín organizaron una manifestación en honor del líder reformista del partido, Deng Xiaoping, que sin violencia trasformó el patrón maoísta y dirigió este antiguo país de mil millones de habitantes por el camino de la modernización y el mejoramiento económico. En 1985, la revista "Time" escogió a Deng Xiaoping como "El hombre del año", por trasformar a China en un flexible gigante, que avanzaba sin mayores problemas por esta nueva "Larga Marcha".

Pero, súbitamente, a fines del año pasado, los estudiantes de varias grandes ciudades chinas marcharon de nuevo, esta vez demandando más reformas y más libertad. Algunos observadores dijeron que también "vientos maoístas aullaban de nuevo". La víctima de los motines fue el jefe del partido, Hu Yaobang, uno de los más íntimos aliados de Deng, acusado de una debilidad que llevó a las protestas. A comienzos de enero, Deng convocó una reunión de seis líderes del partido: Hu (que fue criticado y despedido), el premier Zhao Ziyang (otro íntimo aliado de Deng, que sucedió a Hu como jefe del partido), el viceprimer Li Peng, el también viceprimer Wan Li, el miembro del Politburó, Hu Qili, y Dongchang, jefe de educación.

Se dice que Deng aclaró su posición: China está abierta a los países extranjeros, usa tecnología y capital extranjeros, pero "China es China, no un país occidental, y sigue el camino socialista". Y en política internacional, "la carta china está en manos de los chinos".

"Que florezcan miles de flores..."

Una caricatura publicada por el "Sydney Morning Herald", recorrió el mundo, apareciendo en los periódicos de Europa, América y Asia. En ésta se ve a un líder del partido caminando por un campo de flores, pero tras él hay otro que camina con una cortadora de césped, segando las flores. Al pie de la caricatura se lee: "Que florezcan miles de flores... China reforma".

El gran interrogante sobre China es: ¿Continuará la tendencia reformista y la "acomodación estratégica" con Occidente, especialmente con los Estados Unidos frente a la amenaza soviética (Afganistán, la ocupación vietnamita de Camboya, y las 43 divisiones soviéticas en la frontera siberiana) después de Deng, que ya tiene 83 años, o tomará el poder algún maoísta de "línea dura"? La respuesta de los seguidores de Deng ha sido que por décadas se ha ido formando una nueva dirigencia de mentalidad reformista que, silenciosamente, proseguirá la política de "Deng sin Deng". Pero ahora se plantea otra incógnita: ¿está Deng todavía a la cabeza?

Algunos observadores opinan que después de la caída de Hu, el propio Deng se ha debilitado. Pero la mayoría de los "expertos en China" creen que Deng Xiaoping "sigue firme en la montura". La inquietud estudiantil ha pasado, la economía está mejorando; la producción industrial y agrícola aumentó un 8 por ciento y las exportaciones alcanzaron un récord de 28.000 millones de dólares.

No hay dudas d de que Deng Xiaoping es uno de los grandes líderes de este siglo. Siendo el de menor estatura en el Comité Central (Mao se burlaba algunas veces de la diminuta figura de Deng), se elevó hasta revestir caracteres de líder nacional de importancia histórica, comparable sólo con Mao Tse-tung y Chou-enlai. Debido a su oposición a Mao, cayó tres veces, y en dos ocasiones fue enterrado políticamente, pero resistió y subió hasta la cima.

El largo camino hacia la cima

En el último número de la revista "China Gráfica", un escritor chino, Wang De, escribió un artículo sobre la larga vida de Deng Xiaoping, que "no quiere una biografía escrita". La excepción fue cuando, en 1936, habló con Edgar Snow, un periodista norteamericano. El nombre original de Deng era Xixian; nació el 22 de agosto de 1904 en la villa de Sichuan. Su madre murió cuando él era todavía niño; su madrastra era hija de un botero. A los 16 años, Deng fue a Francia, trabajó en la fábrica de automóviles Renault, fue fogonero de tren y camarero en un restaurante. Se hizo marxista y por un tiempo vivió en Europa en el mismo apartamento con Chou-enlai. Se hizo propagandista comunista. Después fue a Moscú a estudiar en las universidades Oriental y Sun Yat-sen; fue compañero de clase de Chiang Jingguo, hijo de Chiang Kai-shek. Regresó a China pasando a través de Mongolia.

Deng trabajó en la clandestinidad y se unió a la Larga Marcha del Camino de Yenán. En la guerra contra el Japón y contra los nacionalistas, fue comandante del Ejército. Tras la fundación de la República Popular China, fue ministro de finanzas, viceprimer, y secretario general del Comité Central; pero a comienzos de la desastrosa "Revolución Cultural", fue expulsado y cayó en desgracia. Pasó a ser obrero manual de una fábrica, cultivó hortalizas y crió pollos. Sin embargo, "siempre se sintió optimista" y, en 1973, estaba de regreso en Pekín; en 1975 era vicepresidente del Comité Central. Pero criticó a Mao, y fue expulsado de nuevo, acusado de "desviacionista de derecha".

Entonces, en 1976, la "Pandilla de los Cuatro" –los "espíritus del mal en torno a Mao"– cayó y en 1977 Deng fue rehabilitado; entonces "cambió el curso de la historia con una nueva Larga Marcha de la modernización socialista", escribió Wang De.

Deportista y hombre de familia

Una breve visión de la vida privada de Deng: Hace treinta años se fracturó las piernas; entonces aumentó sus caminatas y subió montañas. En Francia, era fanático de fútbol, "en una ocasión vendió una chaqueta para comprar la entrada a un juego" y no se perdía los juegos por la televisión. Practica la natación todavía en la actualidad. Además del fútbol, se aficionó en Francia a los "croissants"; cuando estuvo en París en 1974, compró un centenar de croissants y los compartió con Chou-enlai y otros amigos. Sus entretenimientos: el bridge y el billar; Deng es un jugador de bridge de categoría mundial y en el billar "puede anotarse 100 puntos en una vuelta".

Deng es un devoto hombre de familia: tiene una familia de 16 miembros de 4 generaciones. Pero su familia ha pasado por amargos períodos. Su hijo mayor, Deng Pufang, destacado estudiante de la Universidad de Pekín, fue apaleado por la "guardia roja" de la "Revolución Cultural" hasta tal punto que quedó paralítico de por vida. Los otros tres hijos fueron enviados a un remoto lugar del interior del país para ser "reeducados"; su esposa, Zhuo Lin, su madrastra y su hija menor, Deng Rong, puestas bajo vigilancia en otra provincia remota. Una de sus hijas vive ahora en los Estados Unidos, en donde estudia junto con otros 10.000 estudiantes chinos; el año pasado Deng tuvo un nieto, nacido en Rochester, Nueva York.

El número de "China Gráfica" (que obtuvimos en las Naciones Unidas) publicó también once fotos de Deng Xiaoping, subiendo montañas, nadando en el mar, visitando a Francia en 1974 (cuando advirtió que se debía estar en guardia contra la amenaza soviética a Europa occidental), montando a caballo, etcétera. También hay una foto de una manifestación estudiantil, en la que los estudiantes llevan un letrero que pregunta: "¿Cómo está usted, Xiaoping?" Tras las protestas estudiantiles y los cambios en el partido, la pregunta se repite de nuevo, en espera de una respuesta de Deng: "¿Cómo está usted, Xiaoping?"

01-01

China

033 M.E.B.

CLARIN ★ Buenos Aires, miércoles 1° de julio de [illegible]

PERU

PROMOVERAN LA DESCENTRALIZACION DEL PODER

Impulsan reformas en China

PEKIN, 30. (APP y UPI).— Un extenso discurso pronunciado por el líder Deng Xiaoping en agosto de 1980 fue publicado parcialmente hoy por los órganos informativos oficiales chinos, acompañado de detallada información sobre la reforma política que sería aprobada en octubre por el congreso del Partido Comunista. El discurso, titulado [illegible] la reforma en el [illegible] mos para iniciar la tarea de reformar y mejorar el sistema de la dirección del partido y del gobierno", con el objetivo de quebrar la burocracia y separar el papel y los poderes de las organizaciones política y gubernamental.

Recientemente el líder chino de 84 años reiteró que el próximo congreso decidirá un profundo rejuvenecimiento en la cumbre del partido, y las reformas tenderán a expurgar a China de su "burocracia tentacular". Deng habló también en tono crítico de la centralización excesiva de los poderes, los métodos patriarcales, los cargos de responsabilidad vitalicios y los privilegios de todo tipo, prácticas que —dijo— acarrean el peligro de "alejarse gravemente de las masas".

La agencia oficial china subrayó que el discurso —que será publicado mañana, al cumplirse el 66° aniversario de la creación del P.C., en separata por la prensa oficial—, constituye el armazón de los debates y de los trabajos del próximo congreso.

Las reformas políticas, según los analistas, tienen como blanco principal a los "nostálgicos del maoísmo, generalmente hostiles a las reformas económicas". Xiaoping, al plantear las propuestas de cambios, aclaró que estas respetarán la ideología socialista, y que China no se encaminará "jamás en la vía capitalista".

China

01-01

8705511

033 M.E.B.

CLARIN ★ Buenos Aires, miércoles 1º de julio de

PERU

PROMOVERAN LA DESCENTRALIZACION DEL PODER

Impulsan reformas en China

PEKIN, 30. (AFP y UPI).— Un extenso discurso pronunciado por el líder Deng Xiaoping en agosto de 1980 fue publicado parcialmente hoy por los órganos informativos oficiales chinos, acompañado de detallada información sobre la reforma política que sería aprobada en octubre por el congreso del Partido Comunista. El discurso, titulado "Sobre la reforma en el sistema del partido y la dirección del Estado", contiene las propuestas de cambios y su fundamentación, y fue calificado por la agencia noticiosa Xinhua como de un gran significado inmediato.

Deng Xiaoping anticipó en aquella oportunidad la madurez de "las condiciones para iniciar la tarea de reformar y mejorar el sistema de la dirección del partido y del gobierno", con el objetivo de quebrar la burocracia y separar el papel y los poderes de las organizaciones política y gubernamental.

Recientemente el líder chino de 84 años reiteró que el próximo congreso decidirá un profundo rejuvenecimiento en la cumbre del partido, y las reformas tenderán a expurgar a China de su "burocracia tentacular". Deng habló también en tono crítico de la centralización excesiva de los poderes, los métodos patriarcales, los cargos de responsabilidad vitalicios y los privilegios de todo tipo, prácticas que —dijo— acarrean el peligro de "alejarse gravemente de las masas".

La agencia oficial china subrayó que el discurso —que será publicado mañana, al cumplirse el 66º aniversario de la creación del P.C., en separata por la prensa oficial—, constituye el armazón de los debates y de los trabajos del próximo congreso.

Las reformas políticas, según los analistas, tienen como blanco principal a los "nostálgicos del maoísmo, generalmente hostiles a las reformas económicas". Xiaoping, al plantear las propuestas de cambios, aclaró que éstos respetarán la ideología socialista, y que China no se encaminará "jamás en la vía capitalista".

China

M.E.B.

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Relations between Chinese Communists and East Germany May Be Greatly Improved.

PROCEDENCIA: Enlace Chino 20/7/87 doc. 052/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (35/3)

01-01 8705533

China se debate para alcanzar su meta de producción cerealera

Por Mark O'Neill

PEKIN (Reuter). – China hace intensos esfuerzos para alcanzar sus metas de producción cerealera a pesar de una intensa sequía, pero empresarios y diplomáticos occidentales coinciden en que el país tendrá que importar más granos este año para poder alimentar a su población de más de mil millones de habitantes.

Se incrementaron las importaciones de fertilizantes y los subsidios estatales para los cereales, en un esfuerzo por lograr una ambiciosa meta cerealera, fijada en el nivel de la cosecha récord de 1984 en 405 millones de toneladas.

"El propósito de la revolución comunista era alimentar al pueblo de China", –dijo un diplomático asiático a Reuter–. "Si el partido no puede alimentarlo, el pueblo perderá su fe en él."

Las exuberantes cosechas obtenidas entre 1979 y 1984 dieron la posibilidad a China de transformarse en 1985, por primera vez, en un neto exportador de granos y reducir radicalmente las importaciones que alcanzaron el nivel récord de 16.150.000 toneladas en 1982.

Pero un diplomático occidental estimó que una grave sequía reduciría la cosecha de trigo de 1987 en dos o tres millones de toneladas de los 89 millones del año anterior.

"La lluvia del mes pasado significó que será buena la producción en la superficie cultivable –manifestó–, pero la superficie es poca."

Fuertes gastos

Señaló que las dos provincias cerealeras más importantes que había visitado, Hebei y Shandong, no escatimaban gastos para alcanzar su meta e incrementar drásticamente los gastos en fertilizantes y proyectos hídricos.

Las últimas cifras aduaneras disponibles muestran que en los dos primeros meses de 1987 las importaciones cerealeras fueron de 945.226 toneladas, inferiores a las 984.735 del mismo período del año anterior, y las exportaciones de 1,020 millón de toneladas, también inferior a 1,250 millón.

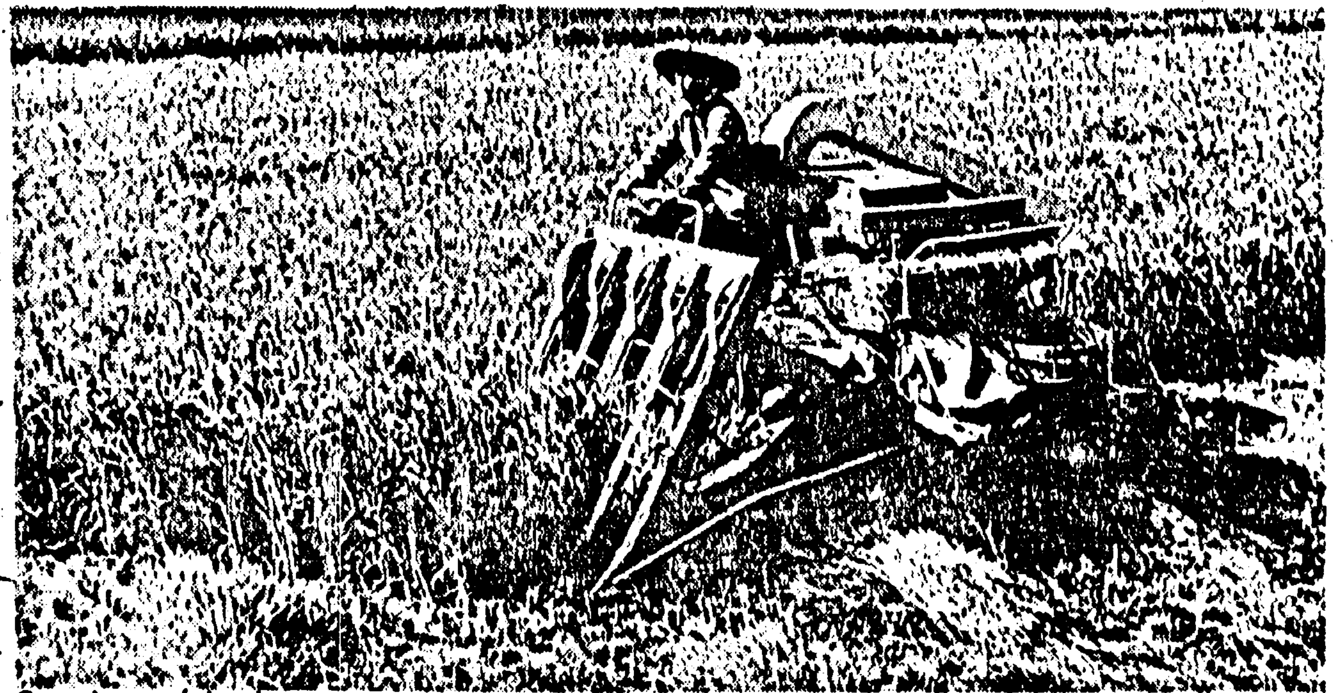
Pero las cifras de aduana indican que las importaciones de fertilizantes en enero y febrero sumaron 1,155 millón de toneladas, con un aumento del 131 y 284 %, respectivamente, sobre los meses correspondientes del año anterior.

El Diario del Pueblo dijo en un artículo de primera plana a comienzos de este mes que deben emplearse todos los medios para alcanzar la meta cerealera.

Dio ejemplos de cómo las provincias habían incrementado drásticamente su inversión en la agricultura, importado más fertilizantes y creado fondos de desarrollo agrícola con dinero proveniente de impuestos y de las industrias rurales.

La medida más importante tomada para incrementar la producción cerealera fue aumentar el precio que el Estado paga a los agricultores por el maíz y el arroz, con vigencia desde el 1 de abril.

El dinero provendrá del erario nacional, dado que el Gobierno descartó aumentar los precios que los 200 millones de habitantes de la ciudad pagan por el grano, pero los costos de esta política crecen.



Cosecha mecánica de arroz (Archivo)

Presupuesto

En su discurso del mes pasado sobre el presupuesto, el ministro de Finanzas, Wang Bingqian, situó el costo de los subsidios a los precios agrícolas en 1987, en 33.723 billones de yuanes (9000 millones de dólares), más del siete por ciento del gasto fiscal total y superior a los 24.200 millones (6500 millones de dólares) de 1986.

"Parece que no hay muchas posibilidades de que los subsidios a los precios puedan ser abolidos en el futuro cercano", dijo el viceprimer ministro Tian Jiyun en una conferencia de prensa el mes pasado.

Esto sólo puede ocurrir gradualmente, señaló, "mientras nuestras reformas económicas estructurales se profundizan y el sistema de precios es gradualmente puesto en orden".

El aumento de la demanda interna también obliga a China a reducir sus exportaciones. Un comerciante japonés indicó que los embarques de maíz caerán en 1987 a tres millones de toneladas, cuando el año pasado fueron de 5,340 millones de toneladas de una producción cerealera total de 9,240 millones.

"China continuará exportando maíz al Japón y la Unión Soviética a quienes considera sus clientes más importantes. No venderá a otros", afirmó.

"Las exportaciones cayeron porque la demanda interna es sostenida, los precios internacionales están bajos y existe una brecha de hasta 30 dólares por tonelada entre los precios cerealeros locales y los internacionales, lo que obliga a China a pagar un subsidio sobre cada tonelada que exporta", señaló el comerciante.

China está dedicida a no depender de las importaciones. El periódico Ming Pao, de Hong-Kong, citó el mes pasado al líder chino Deng Xiaoping, diciendo que su país debe evitar la situación de los últimos años de importar más de 10 millones de toneladas anuales.

Las importaciones del año pasado crecieron a 7,73 millones de toneladas,de 5,97 millones en 1985, y las exportaciones a 9,420 millones de los 9,330 anteriores.

Un diplomático occidental situó las importaciones de este año en 9,650 millones de toneladas y las exportaciones en 7,200 millones. (c) La Nación

Advertencia china acerca de las ideas capitalistas

Beijing, 15 (UP) — El primer ministro Zhao Ziyang, al comentar las recientes protestas estudiantiles en China, advirtió hoy que el partido Comunista nunca más permitirá que las ideas capitalistas provoquen divisiones internas.

Zhao, quien es también presidente del partido Comunista, afirmó que la vida modesta y el "combate contra el liberalismo burgués", como han nombrado la campaña contra las tendencias cpaitalistas, son las principales prioridades de China.

Las dos políticas han sido citadas repetidamente por los comunistas de línea dura desde que se realizaron varias manifestaciones estudiantiles en demanda de reformas democráticas en 13 ciudades chinas, en diciembre pasado.

Zhao, uno de los más importantes reformistas del actual liderazgo chino, fue citado por la oficial agencia noticiosa Xinhua diciendo a los miembros de un organismo asesor del Parlamento que la modernización del país depende del éxito de la lucha contra el liberalismo burgués.

"Menos del uno por ciento de los estudiantes universitarios estuvo involucrado en las manifestaciones, que duraron un corto período" señaló Zhao.

"Además, la gente en las ciudades y en el interior, permaneció en calma. Esto demuestra que el 99 por ciento de la gente odia el desorden", agregó.

Zhao advirtió, sin embargo, que para prevenir futuras manifestaciones de los estudiantes, "el partido Comunista debe emitir un comunicado a todo el país para decir que nunca permitirá que el liberalismo burgués vuelva a interrumpir nuestra campaña hacia la modernización".

El dirigente agregó que, al llevar a cabo esta campaña contra el capitalismo, China debe persistir en sus reformas de apertura al resto del mundo, que según sus políticas consiste en importar sólo los productos que se consideran elementos positivos de la cultura y la tecnología occidental.

Algunas de las principales reformas de Zhao están siendo cuestionadas por los conservadores chinos, y sus comentarios de hoy al parecer tuvieron la intención de calmar a los dirigentes de línea dura y promover sus políticas.

China

RS

033

China no permitirá el capitalismo

PEKIN, 15 (UPI). – El primer ministro Zhao Ziyang, al comentar sobre las recientes protestas estudiantiles, advirtió hoy que el Partido Comunista nunca más permitirá que las ideas capitalistas provoquen divisiones internas.

Zhao, quien también es presidente del Partido Comunista, dijo que la vida modesta y el "combate contra el liberalismo burgués" son las principales prioridades de China.

Zhao, uno de los más importantes reformistas de la actual conducción china dijo a los miembros de un organismo asesor del Parlamento que la modernización del país depende del éxito de la lucha contra el liberalismo burgués.

Zhao advirtió, sin embargo, que para prevenir futuras manifestaciones de los estudiantes, "el Partido Comunista debe emitir un comunicado a todo el país para decir que nunca permitirá que el liberalismo burgués vuelva a interrumpir nuestra campaña hacia la modernización".

La Nación 16/2/87

China

01-01

8705697

Taipei se perfila como principal centro financiero en sustitución de Hong Kong

Tres plazas: Tokio, Singapore y Taipei, se perfilan como candidatas a reemplazar a Hong Kong como centro financiero de Asia, una vez que Pekín asuma el poder en esta colonia británica, lo que ocurrirá en 1997.

C. Hayes, presidente financiero del Banco Nacional de París en Hong Kong, efectuó una pormenorizada evaluación de las posibilidades y en sus conclusiones sostiene que si el gobierno de la República China, insiste en adoptar una efectiva política financiera, las perspectivas de que Taipei asuma el status desempeñado hoy por Hong Kong, son elevadas.

Esta última plaza ganó el rol de centro financiero, al amparo de la experiencia de sus ejecutivos, el papel secundario del que se cuidó de no salir el propio gobierno de la colonia británica, y la total libertad de entrada y salida de capitales. Sin embargo, con la sombra de la nueva administración comunista, al cabo de la próxima década, es dudoso que mantenga el dominio de las finanzas.

Aparecen entonces las posibilidades de las tres plazas citadas. Tokio tiene el respaldo de su continua expansión, el poder de su economía, sus reservas y el volumen de sus transacciones en los mercados externos. Pero según Hayes, Tokio comparativamente está lejos del sureste asiático. Además, el costo de vida allí es muy alto, todo lo cual es desventajoso para que la metrópoli japonesa sea el nuevo centro financiero.

Pese a que existen algunas regulaciones estrictas en torno a los negocios financieros, Singapore se erige como el candidato con mayor potencia, según el banquero. Tiene la ventaja de su proximidad geográfica al sureste asiático y la mayor parte de su gente tiene buen conocimiento del inglés. En la práctica, sus operadores tienen menor dominio de los negocios en comparación con Tokio o Taipei.

Frente a estas dos opciones se erige Taipei con aspectos superiores en términos geográficos y en el potencial de su desarrollo económico, a poco que el gobierno de Taiwán reaccione rápidamente, modificando algunos aspectos de su política financiera y las respectivas regulaciones.

01-01 8705723

28

033

Síntomas de libertad en China continental

Que las diferencias entre los regímenes comunistas que sojuzgan a diferentes países existen, existen. No hay duda.

Y si no, véase —o, mejor dicho, sépase— que la "perestroika" soviética del camarada Gorbachov no es lo mismo que la "campaña de rectificación" del camarada Zhao Ziyang, que al cabo de tres años de aplicación en la China continental, determinó la reciente expulsión del Partido Comunista de 33 mil militantes y serias medidas disciplinarias para otros 184 mil, acusados de malversaciones pecuniarias y desviaciones ideológicas.

Pero la campaña de moralización china tiene también su contrapartida. No todo habrá de ser sanciones y, aunque a paso de tortuga, la "perestroika" recién alumbrada por el comunismo ortodoxo moscovita, parece dirigirse camino a Pekín, adonde llegaron sus primeros adelantados.

Obedeciendo a los principios rectores del sistema que introduce ciertas reformas, la férrea dictadura termina de autorizar a que los chinos continentales bailen. Así pudo saberse entre nosotros —que nos alegramos por la conquista de las parejas pekinesas— a través de la agencia noticiosa internacional Reuter, que en un cable fechado en Pekín dice: (transcribimos textual) "Pekín, Reuter. Los bailes han sido autorizados en la ciudad de Pekín, siempre que las luces alumbren bien, que no se sirvan bebidas alcohólicas y que actúe una banda que sepa dos canciones y que use trajes iguales.

Los postulantes deben ser registrados en la policía, obtener una licencia del Ministerio de Cultura y un permiso comercial del Departamento Estatal de Industria y Comercio, se hizo notar. Los conjuntos musicales deben llevar el mismo traje todos sus miembros, tener por lo menos cuatro integrantes y conocer, por lo menos, dos piezas. La única música autorizada es la que ya ha sido legalmente editada, o emitida por radio y TV. La noticia aclaró que no existen normas acerca del tipo de danzas que pueden bailar los concurrentes".

Si la "perestroika" soviética consigue apurar el paso, siglo llegará en el cual los comunistas chinos podrán bailar alguna música distinta a la autorizada por ahora. Principio quieren las cosas.

Ú. NOTICIAS 4/6/87

China

CD

033

China

34 altos oficiales

China: siguen recortes del personal militar

PEKIN, (UPI).— El ejército de China pasó a retiro a 34 oficiales de alto rango del área de Pekín siendo este el grupo más numeroso de oficiales pasados a retiro de una vez desde que se iniciaron los recortes de personal militar hace dos años, informó ayer el Diario China.

El diario indicó que la decisión fue aprobada por el máximo dirigente Deng Xiaoping, quien es el presidente de la Comisión Central Militar.

"El Ejército Popular de Liberación (EPL) pasó a retiro a 34 oficiales de alto rango en el área militar de Pekín en un gran esfuerzo por rejuvenecer su liderazgo", señaló el Diario China.

Todos los oficiales cuyas carreras datan de principios de la década de 19 30, se desempeñaban en importantes puestos más altos que el rango de "comandante del ejército" indicó la información.

Fueron elogiados por sus "extraordinarias contribuciones" a la modernización del EPL por el comandante en jefe Qin Jiwei y el comisario político Yang Baibin de la zona militar de Pekín.

El diario destacó que éste ha sido el número más grande de oficiales de alto rango que han sido pasados a retiro desde que el EPL, que incluye la armada y la fuerza aerea, inició hace dos años un programa para reducir en un millón sus efectivos.

La Habana 23/6/87

01/01

8705897

(B

(D 33

¿Quién gobierna en China?

PEKIN, 11 (Por Patrice de Beer, de "Le Monde", especial para Clarín). — Los conservadores acaban de aferrarse de algunas otras citas de Deng Xiaoping para justificar la nueva mano dura.

Las posibilidades actuales son que Deng haya dado un giro completo y reniegue ahora de su pragmatismo anterior o bien que se ha visto obligado a no comprometerse ante los conservadores. Resta la interpretación de que está luchando desde la última fila contra esta ala de ortodoxia que amenaza con aplastar su política de reformas. ¿Podemos pensar que Deng es víctima de esa vieja práctica de "agitar la bandera roja para combatir a la bandera roja"?

Los antiguos métodos son difíciles. La prensa reflota textos viejos que sirven a la polémica actual y retoma el hábito del ataque indirecto, como cuando se denunciaba la política de Kruschev a través de críticas al mariscal Tito... Los primeros ataques se dirigen a los intelectuales de renombre. ¿Son ellos lo suficientemente poderosos como para poner en cuestión el poder comunista, o bien la cultura sigue siendo la arena de lucha privilegiada entre las facciones políticas?

Este tipo de críticas revive malos recuerdos: las denuncias recíprocas, las autocríticas, las campañas contra las "obras aborrecibles". Los textos elogiados ayer se convierten en desagradables brulotes a los que se les achaca una verdad poco halagadora: cierto artículo del periodista Liu Binyan sobre la corrupción de algunos dirigentes de la ciudad de Xian, publicado hace dos años en el "Diario del Pueblo", hoy es declarado reprochable porque "reabre viejas heridas". Sigmund Freud, "rehabilitado" en 1984, y Jean Paul Sartre sufren hoy una nueva embestida...

¿Quién gobierna en China? Los chinos se lo preguntan con angustia; ahora, cuando creían que el pasado estaba enterrado para siempre. Se preguntan también a quién deben recurrir en caso de ambigüedad o si podrán "seguir con sus negocios". "Retrocedimos diez años", nos comenta alguien con apura, pues se siente observado por la omnipresente policía china.

La incertidumbre es aún mayor en el interior, donde las noticias llegan con atraso, al punto de ser ya perimidas, superadas por nuevos acontecimientos. En el Cantón cierto funcionario nos confió a mediados de febrero que desde la dimisión de Hu Yaobang se temió un regreso a los sucesos de la revolución cultural.

En el aspecto económico, la puerta abierta se ha entornado. Las discusiones comerciales parecen dificultarse y los negociadores chinos habrían recibido la instrucción de alargar los procedimientos. La actitud de Pekín hacia el problema de la democratización de Hong Kong se ha endurecido y han vuelto a la primera fila los cuadros militares más conservadores, sujetos con rienda corta en los últimos años. Ahora han regresado y reclaman el crédito y el poder que les corresponde.

Resulta dudoso que Zhao llegue a consolidar su poder a la cabeza del partido comunista chino. Hoy asistimos a una verdadera pulseada por la sucesión de Deng aún antes de que éste haya abandonado la escena. Ocurre que no está solo en juego su cargo, sino también la política a seguir en los próximos años.

No obstante hay grandes divergencias con el pasado. En la actualidad vida cotidiana transcurre como si n hubiera ocurrido.

R.P.

China

01/01 8706035

CHINA ROJA DA CUENTA DE PURGA IDEOLOGICA Y MALVERSACIONES

BEIJING, (EFE y AP).— El cinco por ciento del dinero destinado a varias instituciones de educación pública fue a dar a otras arcas durante dos años consecutivos, informa el diario "Claridad".

Malversaciones de alrededor de 500 millones de yuanes (unos 135 millones de dólares) fueron descubiertas por los organismos de inspección en 2.700 distritos y unos 10.000 centros de enseñanza.

Las sumas, destinadas en principio a renovar escuelas e instalaciones vetustas, se aplicaron a la construcción de oficinas y hoteles, cuando no a la compra de automóviles o a otras actividades comerciales.

Algunos de los administradores inmovilizaron en el banco parte del dinero vertido, en detrimento de la seguridad de las aulas.

A pesar de la gravedad de esta situación, los departamentos de inspección financiera manifiestan cierto optimismo en cuanto a su evolución, pues en años anteriores las malversaciones podían alcanzar en algunas zonas hasta un nueve por ciento del presupuesto de educación, añade "Claridad".

EXPULSADOS

Se supo asimismo que el Partido Comunista chino expulsó a más de 33.000 militantes y disciplinó a otros 184.000 durante los tres años y medio que duró una campaña de rectificación, dijo un alto dirigente del partido en un discurso publicado.

El diario del partido, Renmin Ribao (diario del pueblo), y otros importantes periódicos publicaron el texto del discurso pronunciado el martes pasado por Bo Yibo, vicepresidente de la comisión de consolidación de gobierno, en una reunión de la alta dirigencia del partido.

En el discurso, Bo declaró que la campaña de rectificación era exitosa, pero dijo que aún persisten problemas en los rangos del partido que tiene 44 millones de miembros.

La campaña fue iniciada en 1983 para desembarazarse de los izquierdistas que se unieron al partido durante la revolución cultural radical 1966-76 y fue posteriormente ampliada para incluir sanciones por corrupción.

Partes de los discursos de Bo y el Primer Ministro Zhao Ziyang en la reunión de la semana pasada que marcó el fin de la



ZHAO ZIYANG; en pleno proceso de crítica y autocrítica

campaña, fueron publicados por la prensa oficial.

LOS DATOS

En todo el país, excepto la región autónoma de Guangxi Zhuang del sur de China, fueron expuestas en público 5.449 personas por incurrir en golpizas, acuchillamientos y saqueos, dijo Bo.

También fueron expuestos otros 43.074 por cometer serios errores.

En Guangxi, 27.919 personas, entre ellas 6.042 dirigentes y 13.154 que incurrieron en serios errores, fueron igualmente expuestos por violar la ley y la disciplina del partido.

No explicó por qué las cifras de Guangxi eran tan altas y se mencionaron en forma separada del resto de la nación.

Bo dijo que 33.896 personas fueron expulsadas del partido y otros 184.071 fueron objeto de la disciplina interna al sometérseles a investigaciones; destituciones de sus cargos, recomendaciones de suspensión de cargos no partidistas y serias advertencias.

A otras 90.069 no se les permitió reinscripción en el partido y a otros 145 456 solo se les inscribió a prueba por un período, dijo.

Dijo que se emplearon métodos de crítica y autocrítica para dar la solución adecuada a los problemas.

INFORMALIDAD

"La campaña ayudó a la gente a descubrir que las actividades promovidas durante la revolución cultural bajo la bandera de la lucha de clases estaban equivocadas y fortaleció la capacidad del partido para resistir el capitalismo y la ideología feudal decadente", dijo Bo.

"Pero el trabajo de rectificación no ha sido balanceado", dijo. "Algunas unidades de trabajo, incluyendo las de alto nivel, asumieron la rectificación con informalidad y sus problemas de debilidad en la tarea de rectificar aún esperan solución", dijo.

"Algunos de ellos sólo emitieron documentos y apelaciones, pero no hicieron un verdadero trabajo de rectificación", dijo.

Dijo que entre los problemas que aún subsisten se hallan el mal empleo de los contactos personales, remanentes de faccionalismo y feudalismo, la práctica de actos reñidos con la ley debido a que era una orden de un funcionario poderoso y el uso del poder para el beneficio personal.

Algunos de los que cometieron esos errores no han sido aún expuestos en público o expulsados, sino severamente tratados, dijo Bo.

LOS LIBERALES

"En la corrección de los errores izquierdista, no se ha prestado la debida atención a los errores derechistas y una tendencia al liberalismo bugués, la occidentalización y el capitalismo sobre el socialismo", dijo Bo.

La mayor acción contra el liberalismo burgués fue llevada a cabo en enero pasado en respuesta a la intranquilidad estudiantil en manifestaciones prodemocracia.

Bo dijo que algunos miembros del partido han participado en la propagación del liberalismo burgués.

"Debido a que algunos importantes funcionarios terminaron en 1983 una campaña contra la polución espiritual, el resultado fue que los promotores del liberalismo burgués se creyeron con derecho a protección", dijo.

ARCHIVAR EN: China (033

TEMA: China: INTERNAL SITUATION

PROCEDENCIA: ENLACE Ingles 3/8/87 Doc 1099/87
ARCHIVADO EN:
ENLACE Ingles (135/C)

01-01 8706118

ARCHIVAR EN: China (033)

TEMA: China: THE ECONOMY AND REFORM.

PROCEDENCIA: ENLACE Ingles 3/8/87 Doc. 1107/87
ARCHIVADO EN:
ENLACE Ingles (135/C)

01-01 8706137

p. P.
033

China

CRUZAR CON URSS

PERTA

LOS PROCESOS DE REFORMA EN CHINA Y EN LA URSS

La pugna en el poder chino.

PEKIN, 11 (AP, "Los Angeles Times" y "The Washington Post" especial para Clarín). — Hay signos concretos e inconfundibles de que la selectiva ortodoxia que dominó la política china en los últimos seis meses es en la actualidad blanco de crecientes ataques por parte de otros dirigentes partidarios que auspician las reformas económicas y sociales propulsadas por el veterano líder Deng Xiaoping. Sin duda, el indicio más claro es que la agencia noticiosa oficial, Xinhua, informó de las críticas efectuadas por el primer ministro chino y secretario general del Partido Comunista, Zhao Ziyang, a aquellos funcionarios que consideran que las reformas introducidas hace ocho años atentan contra el socialismo. "La mayoría de los principales cuadros ya eran demasiado ancianos hace años —dijo el primer ministro—. El problema de la enorme cantidad de dirigentes viejos no ha sido superado." Xinhua difundió el párrafo donde Zao decía: "Trabajar a puertas cerradas en un vivero es mucho más cómodo, pero las flores cultivadas así son más frágiles y vulnerables a las tormentas. No podemos abandonar las reformas, dejar de abrirnos al mundo exterior y reforzar la economía y, al mismo

01/02

8706153

CLARIN ★ Buenos Aires, do[...] 12 de ju[...]

poder chino

tiempo, volver a trabajar en las mismas condiciones que ayer".

Zhao, que formuló estas declaraciones el 13 de mayo durante una reunión de especialistas en propaganda, teoría y periodismo, dijo que "la publicidad que se dé a estas reformas es una tarea delicada, que debe llevarse a cabo con suma prudencia y cautela".

La difusión de su discurso sigue a una serie de artículos aparecidos recientemente en medios de información y declaraciones de Deng, favorables a reimpulsar las reformas a fin de reducir la burocracia y aumentar la democracia con vistas al próximo congreso del partido, que tendrá lugar en octubre.

Residentes occidentales en Pekín infieren que crecerá aún más la lucha entre las distintas tendencias a medida que se aproxime el Congreso que se realiza cada cinco años, marca la dirección general de la política y designa a los futuros dirigentes. Cierto diplomático europeo observaba que "evidentemente los reformistas de Zhao han tomado la ofensiva".

♦ La ortodoxia, sin programa

Desde que el antiguo jefe del partido Hu Yaobang debió renunciar en enero, tomó la hegemonía de los medios y la dirección política una coalición de ortodoxos intransigentes que bien pronto trató de sofrenar las medidas liberalizadoras impulsadas por Deng. Ultimamente, sin embargo, los medios vuelven a publicar advertencias de Deng y Zhao sobre los graves peligros del izquierdismo paralizante y de la "osificación" que producen las ideas anticuadas. Es que, como reflexionan algunos analistas, "los conservadores no tienen ninguna alternativa [...] que no tienen un programa económico. Lo que ofrecen es volver a los '50, y ¿quién puede querer eso?: nadie".

Los ortodoxos, sin embargo, no miran la creciente influencia de Zhao con los brazos cruzados: los periódicos chinos de las últimas semanas también exhiben generosamente casos de malversaciones cometidas por empresarios privados y crímenes morbosos con fines económicos. La criminalidad y los delitos financieros son el blanco preferido de quienes creen que las innovaciones apartan a China del comunismo e inducen al caos social.

Por su parte, el mensaje simbólico de los reformistas equipara el izquierdismo ciego con la pobreza. La frase "pobreza socialista" recuerda a muchos chinos la historia de la Revolución Cultural, entre 1966 y 1976, cuando Mao Tse-tung y sus aliados sostenían las ventajas de "comer el pasto socialista" antes que compartir el alimento del capital. Incluso el órgano teórico del partido, el periódico "Bandera Roja", un foro exclusivo de los ortodoxos desde enero, defiende hoy las reformas económicas. "Sin una política de apertura y reformista, nuestro socialismo se habría osificado y estancado, y la construcción de un socialismo de características chinas hoy no significaría nada", rezaba un reciente editorial.

Por primera vez en los últimos seis meses se está discutiendo el esbozo de un programa para separar al Partido Comunista del aparato administrativo estatal. Esta semana, Deng confirmó a cierto dirigente yugoslavo, de visita en Pekín, que "la reforma política está a la orden del día y será el centro del debate en el próximo congreso".

Por lo demás, ¿qué será de China sin su anciano líder? En círculos diplomáticos occidentales se especula que Deng, de 83 años, podría llegar a renunciar al Politburó, en parte porque desea facilitar el camino a los líderes más jóvenes pero también como una estrategia para obligar a dimitir a los conservadores, tan viejos como él. Aunque Deng renunciara, seguiría ejerciendo una enorme influencia en el partido y el gobierno. "Mientras esté vivo, el viejo líder conservará el control", opinaba ayer un empresario europeo.

♦ Un totalitarismo caótico e ineficaz

Más allá de conjeturas y especulaciones —nadie sabe aún cómo se definirá la pulseada—, todavía permanece intacta la estructura originalmente rígida que China constituyó con la ayuda de la Unión Soviética tras la revolución del '49. En la teoría, el Estado controla cada aspect[o] de la actividad humana[,] decide cuándo se casan lo[s] individuos, dónde vivirá[n] y cuándo tendrán hijos. E[n] este país que todavía hon[ra] a José Stalin y levant[a] la bandera de "la dictadu[ra] del proletariado", al Es[tado] cada vez le cuest[a] más conservar el contro[l]

Poco Legible

02-02

8706153

Cooperación chino - búlgara

Pekín (PL). El presidente búlgaro, Todor Yivkov, iniciará en las próximas horas una visita oficial a China consagrada a la cooperación bilateral y la lucha por la paz y el desarme, informó ayer a Prensa Latina un vocero oficial del país europeo.

Esta será la primera vez que un primer secretario del Partido Comunista y presidente del Consejo de Estado búlgaro visite a la República Popular China en los anales de la historia entre ambas partes.

En declaraciones a la prensa china publicadas ayer, Yivkov consideró que las partes deben esforzarse por mejorar y diversificar los intercambios políticos, científicos, tecnológicos, comerciales y culturales y expandir la cooperación industrial y agrícola, donde -indicó- subsisten muchas áreas vírgenes.

El portavoz señaló que al término del periplo, que durará cinco días, Yivkov y el primer ministro chino Zhao Ziyang firmarán un acuerdo general para la promoción de la cooperación mutua en los campos económico, comercial y tecnológico.



Todor Yivkov.

LA HORA 5/5/87

China cruzar con BULGARIA

China popular.

R. POH. 12

033

Montevideo, 20 de Julio de 1987.-

AGENCIA DE NOTICIAS XINHUA (CHINA COMUNISTA).-

- Gestionaron en 1985 ante ANTEL, su establecimiento en el país, por intermedio de Agustín Jorge COUTO(sin antecedentes) quien trabaja en la empresa José María FACAL y Compañía, Colon 1572, Telf.:95 - 69 - 05, y se domicilia en 21 de Setiembre 2415, Telf.:70 - 98 - 38. Dicha gestión aún no está terminada.-
- El Nº. de Telex internacional de la Agencia es 23643 - XHAR - AR.
- La agencia se encuentra en la calle Caracé Nº.543 Ap. 601 del Edificio JUCANE, Telf.:70 - 09 - 47.
- El Nº. de Telex de Uruguay es XINHUA - UY 6321.
- Se efectuaron 2 llamados telefónicos consecutivos a la misma y atendieron 2 personas diferentes de marcado acento extranjero.-

POCO LEGIBLE

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL
Dirección General de Información de Defensa
DPTO. ... (X ... ERIOR)
Fecha de Entrada 17/8/87.
Fecha de Salida 21/8/87
Pasa a Sub. Dpto. Nacional
Nº de Identificación 1208/87

01/01 8706543

CARP. N 034

NO

EXISTE

CARP. N 035

NO EXISTE

CARP. Nº 036

036 EMIRATOS ARABES UNIDOS

ENTRE LOS Nºs

8701229-8711991

036

EMIRATOS ÁRABES

Diarios árabes condenan sanciones de CEE a Siria

Abu Dhabi, (WAM) Los diarios de los Emiratos Arabes Unidos condenaron en sus editoriales de ayer las sanciones de la Comunidad Económica Europea (CEE) contra Siria.

El diario de Abu Dhabi "Al Ittihad" calificó las sanciones contra Siria como un "fracaso" de la CEE ante las presiones norteamericanas.

"Un fracaso vergonzoso que comprueba el sometimiento de los países europeos al chantaje israelí y a las presiones norteamericanas y británicas", exgregó.

"La postura antiárabe de los países europeos se contradice con sus intereses económicos y tiende a empeorar las relaciones con una parte importante y vital del mundo".

El diario exhortó a los países europeos a "retirar las medidas adoptadas y tomar conciencia que el terrorismo israelí, además de perjudicar a los árabes, podría también perjudicar a los europeos".

"La aceptación de las presiones británicas y norteamericanas, antes de perjudicar a Siria, afectará negativamente sus posiciones internacionales", explicó.

Por su parte, el diario de Sharjah "Al Khaleej" condenó las sanciones europeas, acusando a los países de la CEE de someterse a las presiones de Estados Unidos.

El diario elogió la negativa griega de someterse "a las órdenes norteamericanas", y exhortó a los árabes a adoptar medidas prácticas "que manifiesten el rechazo a la decisión de Europa".

Otro diario de ABU Dhabi, el "Al Wahda", destacó que las medidas europeas contra Siria se dan en el marco de una vasta campaña antiárabe impulsada por Israel y por el sionismo internacional, ejecutada por Estados Unidos y sus aliados en la OTAN.

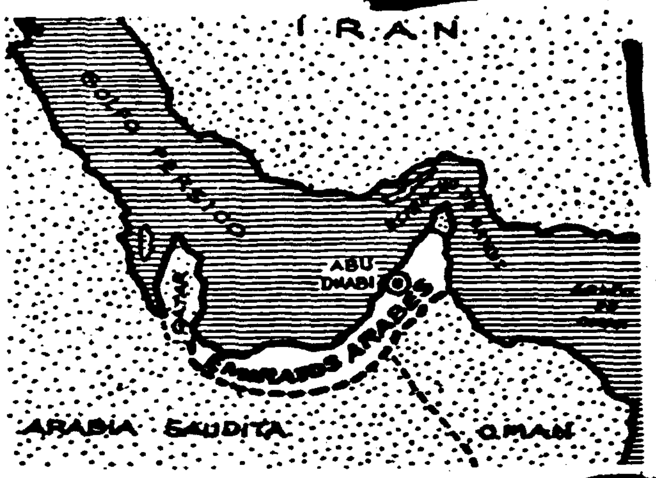
El periódico exhortó a los árabes a adoptar una posición unánime frente a la actitud hostil y las campañas antiárabes.

PERIODICO 12.11.86

8701229

¿Abdicó o víctima de conjura familiar?

Sultán de Sharjah dejó el trono



EL CAIRO, (ANSA, EFE y UPI).- El jeque Bin Mohamed Al Qassimi, sultán de Sharjah, uno de los siete emiratos que forman la Emiratos Arabes Unidos, EAU, abandonó ayer el trono, y no se sabe aún con seguridad si abdicó o fue víctima de una conjura familiar.

[illegible] informaciones recogidas en la capital egipcia son bastante contradictorias respecto a la causa que provocó la caída del sultán Al Qassimi, que era también miembro del Consejo de Gobierno de los Emiratos Arabes Unidos.

Según un despacho de la agencia oficial de noticias de los EAU, Al Qassimi confirmó que había abandonado el trono de Sharjah en favor de su hermano, el jeque Abdul Aziz.

La información también recogía, en palabras de Al Qassimi, que este había decidido marcharse a causa de la mala gestión realizada con ingresos procedentes del petróleo.

Las emisoras oficiales del emirato de Dubai, contiguo al de Sharjah, informaron que Abdul Aziz había destronado a su hermano mediante un golpe de Estado.

Por otra parte, otras fuentes diplomáticas árabes comentaron que Al Qassimi se encontraba en Londres cuando se dijo que había abandonado el trono, y que su caída había estado provocada por una supuesta crisis financiera entre el emirato de Sharjah, ciertas empresas petrolíferas que operan en el territorio y algunos bancos.

A causa de la crisis económica originada por la caída de los precios del petróleo el año pasado, los ingresos del emirato de Sharjah se redujeron casi a la mitad. La escasez de fondos públicos obligó a Al Qassimi a solicitar cuantiosos préstamos a bancos locales y extranjeros.

La caída del sultán Al Qassimi se produce, en opinión de analistas financieros, coincidiendo con la fuerte deuda extranjera del emirato de Sharjah que asciende a más de 400 millones de dólares.

Sharjah, con unos 225.000 habitantes, es el tercero en extensión de los siete emiratos árabes que formaron la federación de los EAU, después de que se independizaron de Gran Bretaña en 1971. Los otros emiratos son Dubai, Abu Dabi, Fujaira, Ajman, Umm AlQuiwain, y Ras Al Jaimah.

01/01

8704616

Emiratos Arabes Unidos

Emiratos buscan conciliación

Consejo opina debe volver el depuesto

CHARDJA (ANSA, EFE y UPI). — Los dirigentes de los Emiratos Arabes Unidos concertaron ayer conversaciones de reconciliación entre un dirigente rebelde, el jeque Abdel Aziz y su depuesto hermano menor, el jeque sultán Bin Mohammed al Qassimi, informaron fuentes políticas.

Aziz de 50 años de edad se reunirá con Al Qassimi, de 48, en el palacio Al-Maqam en el remoto oasis de Al Ain a unos 100 kilómetros al sur de su emirato en el sur del Golfo Pérsico, dijeron las fuentes.

Aziz tomó el poder de Al Qassimi el miércoles en un golper no sangriento cuando el dirgente regresaba de una visita a Londres. Aziz culpó a su hermano de tener 1.400 millones de dólares en deudas que el gobierno no podría pagar.

Sin embargo, el Consejo Supremo de los Emiratos Arabes Unidos dijo que Aziz debería de retirarse a favor de Al Qassimi. Bajo el régimen de Aziz, se podría convertir en príncipe coronado, una promoción de su cargo previo de comandante de la guardia nacional. Regularmente solo los primeros hijos reciben el título de príncipe coronado.

AZIZ NO RESPONDIO

Aziz, que tiene el apoyo de los 2.500 miembros de la guardia nacional, no ha dado respuesta pública al Consejo Supremo.

Hubo informes contradictorios sobre el paradero de Aziz. Las autoridades de su guardia nacional dijeron que había viajado a la zona de Al Ain a bordo de un helicóptero militar a las 4 de la mañana.

Expertos políticos dijeron que el jeque Zayed bin Sultán Al Nahyan, el poderoso dirigente de Abu Dhabi, está trabajando tras bambalinas para que los dos hermanos arreglen su disputa.

El jeque Zayed inicialmente no hizo nada para evitar la toma pero Dubai, la otra gran fuerza en la federación, se opuso energicamente al golpe en el palacio desde el principio.

Si Aziz acepta la decisión del Consejo Supremo podría tener una mayor voz en las decisiones ejecutivas que en el pasado, especialmente en la política económica de los emiratos.

ARCHIVAR EN: Emiratos Arabes Unidos (036)

TEMA: Relaciones IRAQ - Siria

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 18/8/87

ARCHIVADO EN: IRAK (040)

01/01 8708478

RATOS ARABES

Ajuste de la política económica a la baja de precio del petróleo

L sector del petróleo sigue dominando la economía de los ... pero la proporción del ...ucto Interno Bruto (PIB) ...inal correspondiente a ...roducción de petróleo ...inuyó del 67% en 1975 ...% en 1986. Entre esos ... pueden distinguirse ... periodos diferentes: un ... económico en la se...da mitad de la década de Setenta, resultado del pronunciado aumento de los precios mundiales del petróleo, y un periodo —a comienzos de la década de los ochenta— caracterizado por las dificultades que originó la disminución de los ingresos del petróleo y por la necesidad de importantes ajustes de política económica.

El auge económico de la década de los Setenta se caracterizó por un pronunciado aumento del gasto público, financiado por crecientes ingresos del petróleo. Esto, permitió al país desarrollar una importante infraestructura socioeconómica y estimular la actividad del sector privado, lo cual dio lugar a una considerable afluencia de mano de obra extranjera que llegó a representar un 80% de la población de los Emiratos. Al mismo tiempo, el número de bancos aumentó ante la perspectiva de una mayor actividad económica, y la construcción en el sector privado registro una expansión excesiva. Este auge se vio acompañado también por un rapido crecimiento de la oferta monetaria y, dados los frecuentes embotellamientos de la oferta, se produjo un pronunciado aumento de los precios.

Se utilizaron los ingresos del petroleo para crear una serie de industrias orientadas a la exportación y con uso intensivo de capital, basadas en los recursos de gas y petróleo. En Abud Dhabi se establecieron una gran refinería, instalaciones para la elaboracion de gas y fabricas de fertilizantes. La producción de gas se destina casi exclusivamente a Japón, en tanto que gran parte de la producción de fertilizantes se destina a India.

Producción de petróleo en 1981-86. A partir del ejercicio 1980/81, y como consecuencia de la baja del petróleo y la reduccion de la producción, los ingresos provenientes de este producto comenzaron a disminuir. Estos ingresos, que recibe directamente cada uno de los emiratos, ascendieron en 1980 a un elevado nivel de unos U$S 19.500 millones en 1985 y U$S 6.500 millones en 1986. La disminucion de los ingresos del petroleo en 1981-85 fue el resultado de la disminución de la producción y los precios. En 1986, los E.A.U. incrementaron su producción un 15%, como reacción ante la rapida baja, de los precios que comenzó a fines de 1985. Esto contrarrestó en parte la baja de los precios, que fue de un 50% ese año.

La producción de petroleo tiene caracteristicas diversas en los siete emiratos. Por ejemplo, Abu Dhabi, el mayor productor, habia absorbido casi toda la reduccion de la producción de petroleo desde 1977. Como resultado de ello, la proporcion de la producción total de petroleo de los E.A.U. correspondiente a Abu Dhabi disminuyó del 83% ese año a un 66% en 1985. Sin embargo, como consecuencia de la baja de los precios del petróleo, Abu Dhabi aumentó su produccion, y la proporción de la produccion total correspondiente a este emirato ascendio al 70% en 1986. Con el fin de reducir los costos, Abu Dhabi congelo los programas de desarrollo y exploracion. Dubai, por el contrario, ha mantenido su produccion de petróleo crudo en un nivel relativamente estable de unos 350.000 barriles diarios, nivel que, segun las informaciones, es cercano a la plena capacidad.

La politica de precios con respecto al petróleo también difiere de un emirato a otro. Abu Dhabi ha tratado de vender su petróleo principalmente mediante contratos, en tanto que Dubai ha tendido a comercializar su petróleo principalmente en los mercados de entrega inmediata.

Ajuste ante la baja de los precios del petróleo. Los efectos de la disminución de los ingresos del petróleo se dejaron sentir sobre todo en el presupuesto publico, la banca y el sector privado, así como en la balanza de pagos. La gran disminución de los ingresos del petroleo podria haber causado una gran perturbación en la economía, pero, en la practica, las autoridades han logrado atenuar los efectos.

Presupuesto público. Los ingresos del petróleo siguen representando la mayor parte del ingreso fiscal, un promedio del 90% en 1982-86. En consecuencia el presupuesto público se ha visto sujeto a una creciente presión como resultado de la baja de los precios del petroleo y de la reducción de la producción. En el periodo 1981-86, el ingreso fiscal disminuyó casi dos tercios. Al mismo tiempo el gasto corriente se mantuvo casi constante, si bien el gasto para el desarrollo disminuyó en cierta medida, al terminarse algunos proyectos de infraestructura de cierta envergadura. Como resultado de esto, el gasto presupuestario interno disminuyó sólo un tercio. El considerable deficit presupuestario que se produjo fue financiado principalmente recurriendo al sistema bancario interno y a los activos externos.

Conforme a los mecanismos institucionales actuales, el gobierno federal sólo cuenta con un pequeno ingreso propio, y depende en gran medida de las contribuciones de cada uno de los emiratos. Dado que el ingreso de los emiratos ha disminuido, tambien han disminuido sus contribuciones al gobierno federal. Estas contribuciones, que en 1981 ascendia a 22.500 millones de dirhams y excedian el gasto federal por un amplio margen, disminuyeron a menos de Dh 12.000 millones en 1986 y cubrieron solo el 85% del gasto federal. En consecuencia, se ha admitidio, en general, que el gobierno federal debe ampliar su base de ingresos.

Sector bancario. En el contexto de la baja de los precios del petroleo y la atonía general de la economia, las fallas del congestionado sistema financiero se hicieron evidentes. La reducción del superávit en cuenta corriente limitó la disponibilidad de divisas y, como resultado de esto, disminuyó la disponibilidad de liquidez. Esta situación se vio agravada por el hecho que el acceso del banco central a los activos externos del país, y por ende su capacidad de proporcionar liquidez a los bancos comerciales, son limitados. En lo que respecta a la solvencia del sistema, muchos bancos se vieron afectados por el aumento de los activos no rentables originado por la atonia económica y la capacidad no utilizada en muchos sectores, especialmente la construcción y los bienes raices. La incertidumbre creada por las disposiciones contradictorias de la ley islámica y el derecho civil con respecto a la legalidad de ciertos pagos de intereses contractuales podría afectar también a la integridad financiera de los bancos. Con el fin de afianzar el sistema bancario, las autoridades han fomentado la fusión de bancos, han establecido nuevas reglamentaciones, y han elevado el nivel mínimo de capital desembolsado, el coeficiente capital/activo y el nivel de reservas mantenidas con respecto a los prestamos no rentables. Por otra parte, se han iniciado una serie de operaciones de rescate. El banco central ha limitado también el número de sucursales bancarias y ha intensificado su labor de supervisión.

Sector privado. Si bien se han desplegado esfuerzos por ampliar y diversificar la base productiva de la economia, la reducción de los ingresos del petroleo ha tenido también una repercusión considerable en el sector privado no petrolero. Se ha producido un gran exceso de capacidad en el sector inmobiliario, y los alquileres han comenzado a disminuir pronunciadamente. Como resultado de esto, la actividad de la construccion ha disminuido. Muchos trabajadores extranjeros han sido despedidos, y algunos han debido regresar a su pais o aceptar salarios mas bajos. Recientemente, sin embargo, modificando radi-

Poco Legible

calmente la política anterior, y en un intento por consolidr la demanda interna de bienes y servicios, las autoridades han liberalizado las normas de inmigración permitiendo que los trabajadores extranjeros traigan a sus familias. En 1982, el Gobierno Federal creó el Banco Industrial de los Emiratos con el fin de facilitar el desarrollo de las pequeñas industrias. También se ha respaldado al sector agrario, en el cual se ha logrado cierto progreso en los últimos años.

Sector externo. La contracción de la actividad económica se refleja también en la disminución de la importación, que pasó de casi U$S 10.000 millones en 1981 a U$S 5.500 millones en 1985. Las remesas del sector privado al extranjero también disminuyeron. Sin embargo, esto sólo contrarrestó una pequeña parte de la disminución de los ingresos del petróleo y como resultado de ello, el superávit en cuenta corriente disminuyó de U$S 11.700 millones en 1981 a U$S 6.900 millones en 1985 y a un nivel estimado de U$S 1.400 millones en 1986. No obstante, la balanza en cuenta corriente de los E.A.U. ha seguido siendo superavitaria, y la gestión de los activos externos del país, en la cual se hace hincapié en la rentabilidad a largo plazo y los valores, se ha mantenido sin variación a través de los años. El tipo de cambio se ha mantenido oficialmente vinculado al DEG desde 1978. Sin embargo, desde noviembre de 1980, el dirham se ha mantenido al mismo tipo de cambio frente al dólar de EE.UU., que es la moneda de intervención. En consecuéncia, en valores reales, el dirham aumentó de valor considerablemente hasta comienzos de 1985 y luego ha registrado una baja más o menos continua.

Detlev Hamman
Departamento del Oriente Medio del FMI

02/02

CARP. Nº 037

037/1 FILIPINAS

ENTRE LOS Nº

8700034-8705893

[Manifestantes exigem o afastamento do ministro Enrile e a prisão dos golpistas]

Guerrilha suspende negociação e crise se agrava em Manila

Manila — Manifestações pedindo o afastamento do ministro da Defesa, general Juan Ponce Enrile, preparativos de greve e sobretudo a suspensão das negociações por um cessar-fogo, por parte da guerrilha comunista: a situação política deteriorou-se mais nas Filipinas ontem, após o assassinato do líder político e sindical de esquerda Rolando Olalia, com crescentes suspeitas apontando para os setores da caserna e do próprio governo interessados em minar o processo de entendimentos com a guerrilha.

A presidenta Corazón Aquino, além de permanecer por pelo menos uma hora em missa de corpo presente em intenção do líder do Partido do Povo (Ng Bayan) e do sindicato Movimento Primeiro de Maio (KMU), morto aos 52 anos, anunciou que "todos os recursos e poderes" de seu governo serão utilizados para levar à Justiça os autores do crime. Ela colocou o ministro da Justiça, Neftali Gonzalez, à frente de uma comissão encarregada de "rápida e inequívoca" investigação dos fatos. Uma recompensa equivalente a 10 mil dólares está sendo oferecida por informações que levem aos responsáveis.

Enquanto o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, general Fidel Ramos, colocava "todas as unidades do Exército, arquivos e outros recursos" à disposição da comissão de inquérito, Aquino fazia um apelo emocional pela pacificação do país, dizendo-se "horrorizada e furiosa" com a repetição de métodos que levaram à morte seu marido, Benigno Aquino, em 1983, e o coronel do Exército Rex Baquiran; este foi morto quando ela se encontrava nos Estados Unidos em setembro, ao passo que os assassinos de Olalia fizeram coincidir seu crime com a estada da presidenta no Japão.

Milhares de manifestantes se reuniram ontem em Campo Aguinaldo, a

Manila — Foto da AP



Corazon condenou o crime

região das cercanias de Manila onde estão concentrados quartéis e o próprio Ministério da Defesa, para acusar Enrile e exigir seu afastamento. O ministro da Defesa chegou a ser responsabilizado diretamente pelo crime, em entrevista coletiva que o fundador do partido de Olalia, José Maria Sison, convocou em Tóquio. Após reunião do Gabinete em Manila, Enrile, questionado por repórteres, limitou-se a dizer que a polícia investigará os fatos. Antes deste episódio, seu nome já estava no centro dos boatos de preparativos de golpe de Estado, por sua declarada oposição às negociações do governo com a guerrilha.

Em comunicado conjunto, o sindicato KMU e o Partido do Povo anunciaram a convocação, a partir de hoje, de greves intermitentes na região da capital, que poderão desembocar numa paralisação geral pelo resto do país, durante a semana, "se o governo não adotar medidas urgentes para o esclarecimento do crime". Além de manifestar a convicção de que este se destinava a prejudicar os entendimentos com a oposição armada, o comunicado pede à presidenta que "discipline os setores militares que se tornaram um poder paralelo".

Por sua vez a Frente Democrática Nacional, braço político legal da insurreição armada comunista (Novo Exército do Povo), que também invectiva a "clique militarista" comandada no governo por Enrile, anunciou que os negociadores não compareceriam ao encontro previsto para ontem, sem fixar data ou prever nova reunião. A carta aberta dirigida aos negociadores governamentais chefiados por Ramon Mitra considera "cada vez menos possível continuar no caminho da busca de uma solução negociada de nossa trágica guerra civil, se, de vossa parte, não obtiverdes consenso a respeito de uma política de paz no interior do governo Aquino".

Estas negociações são de grande importância para o governo de Corazón Aquino, que conta com um cessar-fogo que ainda há pouco parecia iminente para consolidar seu poder e contribuir para a vitória do "sim" no referendo que se realizará a 3 de fevereiro sobre a adoção de uma nova Constituição que a mantenha no cargo, assumido em fevereiro, até 1992.

O presidente de Israel, Chaim Herzog, que desde o dia 2 realiza viagem oficial por países do Pacífico Sul e do Sudeste Asiático, cancelou sua visita às Filipinas, prevista para amanhã, em vista dos "recentes acontecimentos políticos" em Manila, informaram a Chancelaria em Jerusalém e a embaixada nas Filipinas. Sabe-se que a presidenta Corazón Aquino foi exortada pelos países muçulmanos da região, especialmente Malásia e Indonésia, a não recebê-lo. A presença de Herzog poderia por outro lado criar dificuldades nos entendimentos com a guerrilha separatista muçulmana que opera na ilha de Mindanao. A visita foi apenas adiada, oficialmente.

01-01 8700034

037

Más de 100.000 personas en el funeral de Olalia

Masiva manifestación en Filipinas

MANILA, 20 (AP). - Más de 100.000 personas se volcaron a las calles para asistir al funeral del líder izquierdista Rolando Olalia, asesinado recientemente, en la mayor demostración de comunistas y otros sectores de izquierda registrada en este país desde que la presidenta Corazón Aquino asumió el poder.

Más de 50.000 personas desfilaron delante de los ataúdes de Olalia y de su chofer, Leonor Alay-Ay, en una procesión pacífica que duró todo el día y que discurrió por los sectores comerciales e industriales, así como por el centro de la ciudad.

Millares más se alinearon a lo largo de la ruta y muchos corearon las consignas "Revolución, revolución" y "Que viva el Partido Comunista de Filipinas", así como otras que demandaban la destitución del ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, a quien la izquierda atribuye el asesinato de Olalia.

Corazón Aquino

Al tiempo que se iniciaba el funeral después de una misa oficiada en la capilla de la Universidad de Filipinas, la señora Aquino dijo en un seminario que su gobierno de ocho meses en el poder "amplió las posibilidades para que hubiese manifestaciones razonables de disidencia" después de dos décadas de régimen autoritario durante el mandato del ex presidente Ferdinand E. Marcos.

Añadió, empero, que "no podemos tolerar plan alguno dirigido a socavar la autoridad del gobierno o la estabilidad de la sociedad filipina". Los observadores dijeron que la gran afluencia de público que asistió al funeral podría constituir más una manifestación de repulsa contra el asesinato de Olalia, que un indicio de respaldo amplio a la izquierda.

En cualquier caso, el despliegue en gran escala de banderas izquierdistas y comunistas y de personalidades de esa tendencia carece de precedente en Manila desde que el Partido Comunista y su Nuevo Ejército del Pueblo iniciaran su "guerra popular" en 1969.

Ofrecimiento

La enorme manifestación de hoy se produce a raíz de los infructuosos esfuerzos realizados por el Partido Ng Bayan, Partido del Pueblo y la Federación Laboral Movimiento Primero de Mayo, por organizar una huelga general.

Cuando la multitud pasó junto al palacio presidencial de Malacanang, los oradores instaron a la señora Aquino a que utilice la izquierda para hacer frente al desafío de la derecha de Enrile y de los partidarios del ex presidente Ferdinand E. Marcos.

Quince muertos

MANILA, 20 (EFE). - Al menos cuatro personas, tres rebeldes y un soldado, murieron en un combate librado entre las tropas y la guerrilla comunista del Nuevo Ejército del Pueblo en la localidad de Abucay, Bataán, a unos 50 kilómetros al norte de la capital filipina.

Además, el miércoles último, ocho civiles murieron por el fuego cruzado entre la guerrilla y tropas del ejército, en la ciudad de Davao, en el norte de la isla de Mindanao.

También ese día un ex legislador derechista y dos jefes de la policía perecieron en atentados en la zona central de la isla de Luzón.

Simultáneamente, en la provincia de Camarines Sur, a unos 400 kilómetros de Manila, las tropas invadieron un campo de entrenamiento de los insurrectos, contra quienes libran fuertes combates desde hace 48 horas.

La Nación 3/11/?1

Filipinas

037

Domingo 30 de noviembre de 1986

Clarín

Fundado por ROBERTO NOBLE el 28 de agosto de 1945

Directora Ernestina Herrera de Noble

Tregua en Filipinas

LA tregua por 60 días acordada entre el gobierno de la presidenta Corazón Aquino y los rebeldes comunistas abre nuevas perspectivas de consolidación para el régimen democrático instaurado en Filipinas en febrero último, luego de los 20 años de dictadura de Ferdinando Marcos. Las negociaciones con los guerrilleros son un elemento clave en el difícil equilibrio que la viuda del destacado dirigente opositor asesinado en 1983 mantiene con los jefes militares que en principio favorecieron la transición, pero que no dejan de ponerle límites políticos.

Hace pocos días la presidenta logró desembarazarse de la incómoda presencia en su gabinete del general ultraderechista Juan Ponce Enrile, quien, como titular de la cartera de Defensa, interpretaba la posición de los oficiales más reacios a los cambios institucionales. Su defenestración se produjo luego de la denuncia sobre un complot que habría dirigido para convocar al Parlamento elegido en las elecciones del 7 de febrero último, tildadas de fraudulentas por la oposición y los observadores extranjeros.

Constituido en su mayor parte por adictos al fugitivo Marcos, ese cuerpo legislativo debía destituir a la presidenta y consagrar como mandatario provisional a un conspicuo miembro del antiguo régimen. Uno de los principales cargos que los conspiradores formulaban contra la señora Aquino era, precisamente, debilidad frente a los guerrilleros comunistas.

Ponce Enrile fue reemplazado por el general Rafael Ileto, a la sazón embajador en Tailandia, quien se había distanciado hacía muchos años del dictador Marcos. Su designación fue respaldada por el jefe del Estado Mayor del Ejército, general Fidel Ramos, quien se presenta como un garante del régimen constitucional, pero a la vez como un tenaz opositor a todo intento de radicalización o de complacencia hacia los comunistas.

Lograr una tregua con las fuerzas del Nuevo Ejército Popular, alzado en armas desde hace 17 años contra el gobierno central, era vital para la presidenta a fin de afianzar su poder y contener las presiones militares. Los negociadores oficiales ofrecían una suspensión del fuego de 30 días y los rebeldes, representados por el Frente Nacional Democrático, exigían 90 días. Finalmente se llegó a un entendimiento para concretar en 60 días, a contar desde el 10 de diciembre, una tregua provisional que permitirá iniciar conversaciones sobre las razones que motivaron la insurgencia y la posibilidad de superarlas en el marco de una nueva normalidad institucional que contemple aspiraciones básicas del pueblo filipino en cuanto a "los derechos humanos, el bienestar popular y una paz durable con dignidad nacional y soberanía".

Al comentar el 6 de marzo pasado en esta columna los primeros pasos dados por Corazón Aquino para "rectificar, modificar y sustituir el andamiaje de corrupción y autoritarismo que por más de 20 años caracterizó el sistema político de las Filipinas", dijo que tan peligrosa como la acción de los guerrilleros o las desinteligencias militares era "la persistencia de los factores sociales y económicos que engendraron o permitieron la tiranía de Marcos".

Entre los problemas más acuciantes para los nuevos gobernantes enumeramos "el desempleo, la industrialización inhomogénea, las formas arcaicas de la actividad rural junto a los latifundios y la abultada deuda externa, superior a los 25.000 millones de dólares". Todo ello determina una sociedad lacerada por las contradicciones típicas del subdesarrollo y que exigen una real voluntad transformadora por parte de quienes sucedieron al dictador.

La importancia geopolítica de las Filipinas —pieza clave para la defensa de Occidente en el Lejano Oriente— impone la necesidad de superar esos desgarramientos, a fin de evitar que ellos sustenten acciones irregulares que pongan en tela de juicio la cohesión interna del país. Filipinas merece afirmar su rescatada democracia sin caer en la trampa de los ultrismos de izquierda o de derecha. Para ello le resulta imprescindible consolidar la condición nacional.

FILIPINAS

037

CORAZON AQUINO PACTO CON LA GUERRILLA COMUNISTA

Clarín 30/11/86

La tregua y sus problemas

MANILA, 28 (De [illegible] Gordon Bates, de "Le Monde", y John Carroll, de "The Washington Post", especial para Clarín). — El gobierno filipino y los representantes de la guerrilla comunista firmaron el jueves 27 **un acuerdo de cese de fuego que comenzará el 10 de diciembre y habrá de prolongarse por sesenta días.** Las negociaciones de una tregua, que comenzaron el 5 de agosto, debieron ser interrumpidas a raíz de distintos hechos tales, como el arresto de **Rodolfo Salas**, supuesto jefe del Nuevo Ejército Popular Comunista (NEP), en Manila, en el mes de setiembre, y luego en noviembre, tras el asesinato del sindicalista **Rolando Olalia.**

Tras el ultimátum dado por la presidenta Corazón Aquino el 30 de noviembre, **ambas partes han querido dar una prueba de buena voluntad y avenirse a la redacción de dos textos:** el primero instaura el cese de fuego propiamente dicho y el segundo garantiza la inmunidad de los negociadores rebeldes con vistas a futuras conversaciones. La tregua, la primera de este tipo en 17 años de lucha armada, cubrirá el período del referéndum previsto para el 2 de febrero, acerca de la nueva Constitución filipina, que podría confirmar a Aquino en el poder hasta 1992.

[illegible] de la tregua

[illegible] el acuerdo es apenas un inicio: las conversaciones futuras tendrán por objeto la redacción de un texto más completo. La tregua se basa actualmente en **comisiones de vigilancia,** compuestas por cinco miembros "mutuamente aceptables" por ambas partes. Los dos sectores se han comprometido a **no emplear represalias** en caso de violación local de la tregua y a **desarmar a "los elementos incontrolables"** de ambas partes.

No se han querido mencionar los temas de desacuerdo entre el gobierno y los rebeldes, como el de los **"impuestos revolucionarios"** que cobra la guerrilla en los territorios que controla. El gobierno se reserva el derecho de impedir esta práctica, pero un representante de la guerrilla, **Satur Ocampo**, asegura que los insurgentes seguirán percibiendo el cobro de impuestos. Lo mismo ocurre con las patrullas militares que vigilan las regiones conflictivas, evidente punto ciego en las negociaciones. **El acuerdo evita toda referencia a la noción de territorio liberado,** una de las varias concesiones de los comunistas en el pacto.

Además del Partido Comunista, fundado en 1969 sobre tesis maoístas y con un brazo armado, el NEP, la guerrilla agrupa a unas diez organizaciones de izquierda, que incluyen a sacerdotes y seminaristas que pasaron a la lucha armada durante el régimen de **Ferdinando E. Marcos.** El cese de la asistencia militar China, en 1975, al reconocer este país el gobierno de Marcos, no impidió que la guerrilla progresara. Según fuentes militares, consta de **unos veinte mil hombres armados** y controla entre el ocho y el quince por ciento del archipiélago filipino.

Agencia AP



La presidenta Corazón Aquino (der.) conversa con el vicepresidente, Salvador Laurel (cent.) y el cardenal Sin (izq.), mientras el general Fidel Ramos lee un programa, durante una ceremonia oficial.

Después del despido de Enrile

En Manila se afirma que la dimisión, el domingo pasado, del ministro de Defensa **Juan Ponce Enrile,** fue una de las exigencias de la guerrilla para avenirse al cese de fuego.

La decisión de Aquino del alejamiento de Enrile y otros integrantes de su gabinete ha detenido por el momento a quienes protestaban contra la debilidad del gobierno. En los últimos tiempos, **su política conciliatoria había abonado el terreno tanto para los extremistas de derecha, que aún apoyan al depuesto Marcos, como para el ala izquierda del NEP y sus aliados.** Ambos bandos requieren de la popular "Cory" una mano dura, aunque en opuestos sentidos.

Una de las anomalías del gobierno es que solo uno de los antiguos hombres de Marcos fue encarcelado, (aunque en Italia, donde fue preso por posesión ilegal de armas). La morosidad en la detención y enjuiciamiento de los elementos leales a Marcos —culpables de crímenes y todavía activos en Filipinas— se debe a que **el aparato judicial, político y militar** permanece **intacto** y que quienes los integran no parecen dispuestos a aceptar acciones drásticas contra sus «amigos». Después de una revolución como la filipina, es difícil resolverse a formar filas de condenados frente a un pelotón.

Otra prueba de debilidad de la presidenta ha sido la elección de su gabinete, donde algunos integrantes de izquierda, y otros poco eficientes y aun probadamente corruptos, hicieron que el jefe de las fuerzas armadas, general **Fidel Ramos**, apoyara la exigencia de Enrile sobre la renuncia de algunos ministros. En Manila se afirma que **la dimisión de otros dos integrantes fue una concesión de Aquino para conservar el apoyo de Ramos.**

Este respaldo fue considerable en vista del intento de golpe militar de la semana pasada. No queda claro que Enrile haya sido su artífice directo, pero se sabe que **participaron algunos militares que lo defienden y que aspiran al "pinochetismo".** Se conjetura que Enrile podría encabezar algún grupo de oposición durante o después del plebiscito.

Por lo demás, la estructura militar parece aceptar la jerarquía de Ramos y del nuevo ministro de Defensa, general **Rafael Ileto.** Los seguidores de Enrile están aislados y y acaso su carrera militar haya concluido. Algunos líderes provinciales fieles a Marcos mantienen tropas poco numerosas que no constituyen una amenaza.

De manera que Corazón Aquino tiene hoy una nueva oportunidad: el desafío de recomenzar con un gabinete a salvo de controversias, sin la amenaza de golpe que paralizó a su gobierno en los últimos meses.

PARTES POCO LEGIBLE

Filipinas 037

La Presidenta Aquino viajó a Tarlac junto a sus hijas

Filipinos se registran para crucial consulta de febrero

MANILA. (ANSA y UPI).— La Presidenta Corazón Aquino encabezó ayer a millones de filipinos que comenzaron a registrarse para votar en el plebiscito constitucional del 2 de febrero próximo.

La consulta popular busca la aprobación de una nueva constitución que reemplazará a la que rigió durante el régimen del depuesto Presidente Ferdinand Marcos. La lista de resgistrados servirá también para las elecciones generales del próximo año.

La Presidenta Corazón Aquino, que fue la primera en registrarse, viajó a su provincia natal de Tarlac, 97 kilómetros al norte de Manila, aompañada por sus hijas Victoria Elisa y María Elena.

Aquino llenó los formularios y puso sus huellas digitales frente a una emocionada empleada que la declaró elegible para votar.

Consultada sobre la dirección de su residencia, Aquino, que asumió el mando el 25 de febrero en una revuelta apoyada por los militares, pareció confundida, pero su hija María Elena dio la del palacio presidencial.

JORNADA PACIFICA

El presidente de la Comisión electoral, Ramón Felipe, dijo que la primera de las cuatro jornadas dedicadas a la inscripción de votantes fue "pacífica".

En otros acontecimientos, el Ministro de Defensa, Rafael Ileto, dijo que un batallón de soldados será desplegado en cada una de las 12 regiones del país durante el cese de fuego y que las tropas colaborarán en la construcción de caminos y reparaciones de escuelas.

El cese de fuego, acordado entre el Gobierno y la guerrilla como base para futuras negociaciones de paz, entrará en vigencia a medianoche del miércoles y continuará por un período de 60 días, hasta después del plebiscito de febrero.

"El cese de fuego dará a cada soldado una oportunidad para mostrar al pueblo lo que valen", dijo Ileto. "Mostraremos que el Gobierno no ha ignorado a su gente, como ocurrió en el régimen pasado", aseguró.

"Demostraremos que el nuevo Gobierno y las Fuerzas Armadas de las Filipinas son dignas del apoyo y de la confianza de la gente".

El funcionario también advirtió a las unidades militares que deben respetar la tregua o arriesgar la anulación de "todos nuestros esfuerzos para dar una oportunidad a la paz", mientras que el jefe de las Fuerzas Armadas, General Fidel Ramos, ordenó a los soldados a evitar enfrentamientos "a no ser que sean provocados".

LA MAÑANA 07/12/86

POCO LEGIBLE

Filipinas

037

El general Ramos evitó el golpe en Filipinas

MANILA. — El jefe del Alto [illegible] Mayor filipino, general [illegible] Ramos, desarticuló un plan de golpe de Estado tramado por el ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, para tomar el poder durante el próximo viaje de la presidenta a Japón, afirmaron ayer dos periódicos de Manila.

El general Ramos tuvo varias entrevistas con Ponce Enrile en las que logró "disuadirle" para que abandonara su proyecto de derrocar a Corazón Aquino durante el viaje de cuatro días a Tokio que ésta tiene previsto comenzar mañana lunes 10, informó el "Manila Chronicle".

El semanario económico "New Day" corroboró las revelaciones del mencionado diario, aunque añadió que la presidenta sigue estando bajo fuertes presiones para que haga "concesiones" a los militares.

Los mandos militares están divididos entre quienes exigen una acción rápida para forzar un cambio en el gobierno y los que abogan por procedimientos menos drásticos, pero ambos bandos coinciden en que deben continuar las presiones a fin de empujar al gobierno Aquino a ciertas concesiones, precisó "New Day".

Los portavoces tanto de la Presidencia como del Ministerio de Defensa manifestaron [illegible] tener conocimiento de la [illegible] conspiración.

La presidenta, que el viernes 4 descartó los fuertes rumores sobre un golpe militar, estuvo reunida anoche con Ponce Enrile, pero ninguna de las partes informó sobre el contenido de la entrevista.

El jueves 6 el general Ramos había alertado a los mandos militares contra "elementos aventureros" en las Fuerzas Armadas que pudieran estar implicadas en conspiraciones, y había dado órdenes precisas para "neutralizarlos".

Garantías

La presidenta Corazón Aquino, tras discutir sobre rumores de un posible golpe de Estado con el ministro de Defensa Juan Ponce Enrile, dijo ayer que recibió garantías que nada ocurrirá durante su viaje al Japón la próxima semana.

El gobierno también anunció que Aquino revocó los derechos extraordinarios ejercitados por el depuesto presidente Ferdinand Marcos de ordenar "prisión preventiva" para sospechosos de actos subversivos.

El consejero legal de la Presidencia, René Saguisag, trató de restar importancia a la medida, pero analistas occidentales les dijeron que podría ser un indicativo del nerviosismo del gobierno y que aparentemente se trata de eliminar la posibilidad de arrestos en gran escala.

Marcos y sus "representantes" gozaban del derecho de arrestar a sospechosos sin presentación previa de cargos, en cumplimiento a lo estipulado en los tres decretos anulados por Aquino.

Funcionarios del gobierno de Corazón Aquino anunciaron ayer la formación de un movimiento para apoyar la ratificación de la nueva Constitución filipina, una organización que según un ministro podría convertirse en el "partido del futuro".

Unos 2.000 delegados encabezados por nueve miembros del gabinete vitorearon al ministro de Reforma Agraria, Weherson Alvarez, cuando anunció la formación del Movimiento Laka Ng Bansa (Fuerza de la Nación).

PARTES POCO LEGIBLE

Servicio Especial Cono Sur Press por Romulo Solari

Filipinas: La crisis continúa



Cory Aquino desplazó al ministro de defensa

Al centro, el ex-ministro de Defensa Juan Ponce Enrile, a su izquierda, sentado, el jefe del Estado Mayor Fidel Ramos.

La presidenta Corazón Aquino desplazó el pasado domingo al ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, el hombre que contribuyó a llevarla al poder y que más adelante hizo todo lo posible para socavar su gestión. Aquino pidió la renuncia de todos los integrantes de su gabinete y de inmediato aceptó la de Enrile, quien según insistentes rumores, planeaba un golpe contra la jefa de Estado. Esta medida, aunque oportuna, le ha resuelto un problema a Corazón Aquino para crearle otros. En este sentido, los observadores se han empeñado en recordar los antecedentes del nuevo ministro de Defensa, el teniente general retirado Rafael Ileto, llamado el "padre de los rangers filipinos" o, simplemente, "la pieza de recambio de Washington" en este archipiélago del Sudeste Asiático.

Tras la fulminante crisis resuelta por Corazón Aquino, sin derramamiento de sangre y sin que la población supiera qué estaba realmente ocurriendo, grandes manifestaciones populares devolvieron a las principales ciudades filipinas el clima de euforia que siguió a la partida de Ferdinando Marcos, diez meses atrás.

Esta, la decisión más dramática adoptada por la mandataria en los nueve meses que lleva en el cargo, se produjo después de que el jefe de Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, Fidel Ramos, le manifestó su pleno apoyo. El general, que al menos en esta justa con la ultraderecha militar optó por permanecer al lado de Corazón Aquino, dijo que las tropas no debían obedecer órdenes que no provinieran directamente de él, o de sus subordinados debidamente autorizados.

En otro comunicado a los comandantes de los distintos cuerpos, Ramos confirmó las versiones que insistían en torno a la inminencia de un golpe de Estado encabezado por Ponce Enrile: "algunos militares estaban implicados en una conjura inspirada por elementos leales al ex-presidente Ferdinando Marcos para convocar a la disuelta Asamblea Nacional" y derrotar a Aquino. "Esta tentativa de golpe fue frustrada sin pérdidas de vidas", agregaba el comunicado del alto oficial, al tiempo que ordenaba la destitución de oficiales del Ejército destacados en el norte de Luzón.

La presidenta, esposa del ex-líder Benigno Aquino, asesinado hace unos años, se comportó como una verdadera equilibrista del poder; por un lado se reunió el mismo domingo con su gabinete –que luego renunciaría– por espacio de 7 horas y declaró para la televisión que "al fin mi circunspección había sido interpretada como debilidad y mis intentos de reconciliación como indecisión, esto no podía seguir así (...)"; por el otro recibía las presiones de los militares que la instaban a deshacerse de los funcionarios "incompetentes", denominación utilizada por aquellos para referirse a los "izquierdistas" o "progresistas". También Aquino dijo que Ramos había tomado "medidas preventivas contra la imprudencia de ciertos elementos entre los militares. Advierto a todos los que puedan sentirse inclinados a explotar la situación que se tomarán las medidas más severas si intentan algo". También estableció un plazo de siete días para que los 23 mil guerrilleros comunistas que operan en 62 de las 74 provincias del archipiélago acepten un cese de fuego que ponga fin a 17 años de insurgencia.

ILETO: ¿PIEZA DE RECAMBIOS?

Otra de las decisiones trascendentes de la presidenta –trascendente porque estará presente en la dilucidación de los futuros encontronazos entre los diferentes factores de poder que conforman el espacio político filipino– fue la confirmación en el cargo de ministro de Defensa de un militar retirado, el teniente general Rafael Ileto, que hasta el domingo se desempeñaba como segunda autoridad en esta clave secretaría de gobierno.

A Ileto, de 66 años de edad, lo conocen sus camaradas de armas como el "padre de los rangers filipinos", la unidad de elite del ejército de tierra que logró la desarticulación de algunas columnas guerrilleras que hicieron aparición a principios de la década del 60. Otros, los analistas políticos, prefieren rotularlo como "pieza de intercambio de Washington en Filipinas". Su historial soporta esto último: graduado en West Point en 1953, en la que también cursó estudios el general Fidel Ramos, Ileto tuvo su bautismo de fuego el comienzo de la guerra del Pacífico entre Nueva Guinea y Filipinas, formando parte de la Sexta Flota estadounidense. Conocido entre sus allegados como un hombre reservado, entró en 1950 a formar parte del Ejército filipino, que dejó en 1978 cuando era sub-jefe del Estado Mayor. Sin embargo, su abierta oposición a la ley marcial que proclamó en 1972 el derrocado Ferdinando Marcos –esa ley marcial de la que fue principal arquitecto Ponce Enrile– provocó el enfriamiento de las relaciones entre el comandante en jefe y el candidato a la jefatura del Ejército.

En un esfuerzo por recompensar su trayectoria militar, Ileto fue nombrado embajador en Irán en 1975 y posteriormente en Tailandia, puesto diplomático que ocupó hasta los acontecimientos de febrero '86 luego de los cuales se transformó en viceministro de Defensa. Otra de sus mas importantes cartas credenciales es el haber sido agregado militar en Saigón durante la guerra de Vietnam.

A pesar de la sustitución de Ponce Enrile por Ileto y de las manifestaciones populares en su apoyo, es evidente que las próximas no serán horas de paz para Aquino. Según los especialistas, la convulsa situación del país no le concederá tregua y en tal sentido se enmarcan las negociaciones con los guerrilleros para un cese de fuego y un diálogo estable, y con la banca extranjera para aliviar los términos de pago de la asfixiante deuda externa.

Washington: Elogios al poder civil y al mando militar

El gobierno de Washington expresó su apoyo a Corazón Aquino e instó a "todas las partes" a unirse para resolver los "serios problemas económicos y de seguridad" que afectan a Filipinas. El rápido pronunciamiento norteamericano, esta vez a través del vocero presidencial Larry Speakes, demuestra la preocupación de la Casa Blanca por la evolución de la situación de un país que tiene para Washington una importancia estratégica de primer orden. Todas las declaraciones efectuadas por funcionarios del gobierno de Ronald Reagan hacen suponer que en esta jugada Estados Unidos jugó sus cartas a la supervivencia del gobierno civil mientras la "amenaza comunista" no se vuelva incontrolable, lo que parece ocurrir en la presente coyuntura.

Según los observadores, la eventualidad de un golpe de Estado parece lejana, por lo menos mientras los militares sigan obteniendo lo que desean sin presionar demasiado y no se vean desbordados por la lucha interna de la ultraderecha civil y militar. La popularidad de Aquino parece ser también un factor determinante en esta etapa.

No obstante, los analistas también coinciden en que la situación va a variar en los próximos meses. El espíritu de la "revolución" de febrero no se mantendrá eternamente y el gobierno debe reactivar la situación económica si aspira mantener su actual apoyo popular, que responde exclusivamente a razones políticas coyunturales. Parece seguro, de todos modos, que se ha abierto una tregua hasta el 2 de febrero próximo, fecha prevista para el referéndum sobre un proyecto de nueva Constitución. Si el proyecto fuera aprobado, Corazón Aquino prolongaría sus funciones hasta 1992 y, lo que es más importante, consolidaría su frágil autoridad. Pero no es para hacerse demasiadas ilusiones. También Larry Speakes elogió el "profesionalismo" del general Fidel Ramos.

Ponce Enrile: Un conspirador incansable



La rebelión militar de febrero pasado que precipitó la caída del anterior régimen filipino, trajo a Corazón Aquino un aliado inesperado: Juan Ponce Enrile, que había sido durante dieciséis años ministro de Defensa de Ferdinando Marcos y había apoyado al ex presidente durante su prolongado gobierno. Pero repentinamente, Ponce Enrile, eficaz colaborador en todas las campañas electorales de Marcos, desde la primera de 1965 hasta la última del 7 de febrero, se sumó a las voces que desde las calles denunciaban el fraude en las urnas y proclamaban a Corazón Aquino vencedora en los comicios presidenciales. El hombre que durante nueve años, de 1972 a 1981, había comandado a los 200 mil soldados encargados de hacer cumplir la ley marcial, se unió a los ataques populares contra la "dictadura represiva".

Según informaron entonces varios periódicos de Manila, Ponce Enrile había planeado un golpe de Estado que fue descubierto por Marcos, y él y sus hombres se adelantaron a su detención, declarándose en rebeldía y tomando el lado de Aquino. Existiera o no ese golpe militar destinado a llevar al ministro de Defensa al poder, lo cierto es que Ponce Enrile no negó jamás sus propias ambiciones presidenciales.

Hubo incluso un tiempo en que el nombre de Ponce Enrile sonaba insistentemente como futuro candidato a la presidencia: en las semanas que siguieron al asesinato de Benigno Aquino, en agosto de 1983, cuando Marcos, acosado por masivas protestas populares, expresó el deseo de no presentarse a nuevas elecciones. Pero las posibles esperanzas del ministro de suceder a Marcos por la vía reglamentaria se frustraron cuando el ex presidente, en diciembre de 1985, decidió anticipar los comicios, previstos inicialmente para 1987, y presentarse otra vez como candidato.

Ponce Enrile, que nació como hijo ilegítimo en Ilocos (al norte de Manila), y que sólo a los dieciséis años logró ser reconocido por su padre, un influyente abogado de Manila, tuvo una educación esmerada que culminó con su graduación como abogado en la prestigiosa universidad norteamericana de Harvard.

Apoyó activamente a Marcos desde las elecciones de 1965, que lo llevaron al poder. El ex- presidente lo recompensó con cargos cada vez más importantes, no poniendo obstáculos para que amasara una gran fortuna. Desde 1965 a 1970 fue comisario de Aduanas, secretario de Finanzas y ministro de Justicia, hasta ser nombrado en este último año ministro de Defensa. Allí comenzó para Ponce Enrile el período de máximo poder.

Pero hacia 1980, la estrella de Ponce Enrile comenzó a declinar, a medida que el ex-presidente pasaba el control militar a manos del general Fabián Ver, a quien había nombrado jefe del Estado Mayor y que era considerado como el "más leal de los leales" de Marcos.

El general procesado y absuelto en el asesinato del que fuera esposo de la actual presidenta, Benigno Aquino, acompañaría a Marcos al exilio.

La Juventud 30/11/86

PARTES POCO LEGIBLE

D1-01.

Filipinas 037

Asesinaron en las Filipinas a un político partidario de Aquino

MANILA, 22 (AP). - Un prominente político musulmán aliado de la presidenta Corazón Aquino, Ulbert Ulaman Tugung, fue asesinado a balazos a la salida de un hotel de esta capital y las fuerzas armadas acordonaron las estaciones de radio y televisión del gobierno, al tiempo que recrudecían los rumores de golpe de Estado.

También se incrementaron las medidas de seguridad en torno del palacio de Malacanang y de la residencia para invitados oficiales.

Más de una docena de camiones militares flanquearon la avenida Mendiola que rodea el conglomerado de edificios presidenciales.

El asesinato de Tugung fue el tercero de una figura política en los últimos 10 días en la zona de Manila, y dio más impulso a especulaciones sobre una campaña para desestabilizar al gobierno de Aquino. Tugung, que encabezaba el gobierno de Mindanao Occidental, se hallaba en Manila para declarar su apoyo a la ratificación de una nueva Constitución, lo que fue considerado un "voto de confianza" al gobierno de Aquino.

Jefes militares

El asesor presidencial René Saguisag dijo que los jefes militares se reunieron en el cuartel general de Campo Aguinaldo, pero expresó que no sabía los motivos del encuentro. Agregó que entre los asistentes se incluyeron el ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, señalado, insistentemente, en las recientes versiones que anticipaban un golpe, y el jefe del estado mayor, general Fidel Ramos, al que las versiones le atribuyeron haber contenido, hace un mes, un movimiento militar contra el gobierno.

En las últimas horas de hoy se observó que era reforzada la seguridad en el campamento, en la sede del Ministerio de Defensa y en la comandancia general de las fuerzas armadas.

Quinientos militares

MANILA, 22 (EFE). - Unos 500 militares filipinos "reformistas" celebraron una manifestación en apoyo de las demandas de sus jefes para que se "destituya a los ministros incompetentes" del gobierno de Corazón Aquino.

La mayoría de los manifestantes se concentran en la capilla del cuartel militar Camp Osmena de la ciudad de Cebú, a unos 600 kilómetros al sur de Manila.

Nuevo Ejército del Pueblo

MANILA, 22 (ANSA). - El Nuevo Ejército del Pueblo (NEP), la organización guerrillera comunista de las Filipinas, se adjudicó el asesinato del ex legislador David Puzón.

En un comunicado se afirmó que el asesinato de Puzón figura en el programa del NEP de "castigar a todos los criminales notorios".

Filipina 037

Round para corazón

por Hugo Machin



Gral. Fidel Ramos: decisivo

El último domingo de octubre, Juan Ponce Enrile, ministro de Defensa filipino era el principal orador en un acto organizado en el centro de Manila por los partidarios del ex dictador Ferdinando Marcos.

El antepenúltimo domingo de noviembre cese como ministro ante la firme decisión de la presidenta Corazón Aquino.

En menos de [illegible] días la de por sí [illegible] y [illegible] democracia filipina logró sortear —con miles de ciudadanos en las calles— uno de los principales [illegible] del antiguo régimen. [illegible] nueve meses de agudos enfrentamientos entre Cory y el caudillo [illegible] de los marquistas.

Motivo principal aparente de discordia [illegible] el disímil tratamiento [illegible] por parte de la [illegible] de Estado. En [illegible] natural de un terrateniente español, ex ministro de Marcos, [illegible] un selecto grupo de influyentes [illegible] banqueros del archipiélago [illegible] que trató de impulsar un proceso democrático recortado que cuidara las apariencias. Y particularmente [illegible] a Juan Ponce coronar con [illegible] una carrera política iniciada 20 años atrás como subsecretario del ministerio de Hacienda dictatorial.

Se fue Rambo, pero sigue la rabia

Ponce Enrile, denominado "Rambo" por el pueblo, comenzó a perder este round a raíz de la huelga general convocada durante dos días —lunes 17 y martes 18— por el movimiento Primero de Mayo ante el inicio de prácticas paramilitares peligrosas contra la población civil.

Con el secuestro, tortura y asesinato el miércoles 12 de Rolando Olalia, 50 años, primer dirigente del mayor sindicato filipino, los trabajadores de Manila y Quezón, principales centros industriales, se vieron enfrentados a esta opción: se avalaba el inicio de actividades ilegales por parte de comandos fascistas, o se hacía abortar la aventura nostálgica que ya se llevaba la vida de un dirigente de primera línea, artífice del proceso de pacificación y diálogo entre Corazón Aquino y la insurgencia, fuera musulmana (Frente Moro), o las del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP).

La huelga se vio complementada por una manifestación de 50 mil personas el 21 de noviembre que transformaron los funerales de Olalia en una demostración antifascista bajo el lema: Enrile debe irse.

Corazón Aquino inmediatamente de conocido el crimen prometió justicia. El ministro, precisamente de esa cartera, Neptalí González, interrogado sobre la eventual participación de Enrile en el hecho no lo desmintió. Paralelamente la presidenta contraofreció al NEP una tregua de treinta días y no de cien como lo entiende necesario la guerrilla.

Ponce Enrile intenta tomar el centro de la escena y es acribillado Ulbert Ulaman Tugung, dirigente político musulmán junto a otras dos personas. El atentado, en las puertas del Hotel Aurelio, fue una clara advertencia a la misma Cory quien tenía en Ulaman Tugung un amigo y un aliado para sus reformas democráticas.

Inmediatamente la presidenta puso a prueba al jefe del Ejército, general Fidel Ramos, apodado "el incorruptible" y éste pese a ser la garantía de las dos bases norteamericanas de Filipinas, respondió. Las tropas rodearon esa misma noche el edificio de Comunicaciones, el Parlamento y el Palacio Malacañang. Tomadas y chequeadas las previsiones del caso, la presidenta exigió la renuncia a Enrile sin dilaciones. Rambo había perdido esta vez.

El Nuevo Ejército del Pueblo (NEP) ofreció firmar los acuerdos para la tregua el 27, fecha aniversario de Benigno Aquino, esposo de la presidenta que fuera asesinado por Ferdinando Marcos.

Cory aspira completar las etapas previstas desde su asunción en febrero pasado: referendum el dos de febrero de 1987 sobre la nueva Constitución; elecciones provinciales, elecciones municipales y finalmente elecciones parlamentarias en mayo de 1987. Su antiguo compañero de fórmula, vice presidente y primer ministro, Salvador Laurel, con ambiciones presidenciales también, cierto carisma, y eventualmente aliado del desfenestrado Enrile, ha interpuesto un obstáculo: que en febrero próximo el pueblo se pronuncia sobre la permanencia de la presidenta en el poder.

Asimismo, la pesada deuda externa, 25 mil millones de dólares, el hecho de no haber obtenido prácticamente ni un dólar en sus recientes salidas a Washington, Jacarta, Singapur y últimamente a Tokio; un ejército cuya oficialidad está formada en EE.UU., ofrecen previsibles y nuevos problemas a Corazón.

La Hora 30/11/86

PARTES ILEGIBLE

01-01

8700084

Filipinas 037

Lanzó seria advertencia ante rumores de golpe de Estado

LA MAÑANA 11/11/86

Corazón Aquino viajó a Tokio

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- La Presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, viajó ayer a Japón en busca de ayuda económica, en medio de rumores de un inminente golpe de Estado y con las Fuerzas Armadas en alerta roja.

"Desgraciadamente la credibilidad de Filipinas como país seguro para invertir disminuyó con estos rumores y el daño ya está hecho", dijo Aquino en unas breves declaraciones antes de tomar el avión que le llevó a Tokio.

La Presidenta pasó revista en el aeropuerto de Manila a una compañía del Ejército que le rindió honores, acompañada del jefe del Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, y del polémico Ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, a quien se considera como el posible cerebro de la trama golpista.

"Que sean verdad o no (los rumores) no me importa, el pueblo filipino está resuelto a no permitir que nadie destruya nuestra democracia", agregó la jefa del Estado, mientras lanzaba una seria advertencia a los que llamó "elementos descaminados" del Ejército.

Corazón Aquino señaló que en cualquier acción militar que intenten tendrán que contar "con la lucha de mi oposición y la del poder popular", en una referencia a los millones de personas que tomaron las calles durante la revolución de febrero que puso término a 20 años de dictadura bajo el régimen de Ferdinand Marcos.

Aquino advirtió también a las fuerzas de la izquierda que no intenten aprovechar su tercera ausencia del país desde que asumió la presidencia y cursó órdenes al jefe del Estado Mayor y gobernadores militares en las diferentes provincias para que rechacen toda agresión que afecte a la seguridad del Estado y de la población.

Sin embargo, los rumores siguieron dominando la vida ciudadana y el Vicepresidente Salvador Laurel declaró en una conferencia de prensa que aunque era improbable un golpe, la situación sigue siendo fluida.

ACUERDO TACITO

El Vicepresidente, que también es responsable de la política exterior filipina, explicó que aunque no existe ningún documento escrito de los acuerdos alcanzados entre los sectores civiles y militares durante la revolución de febrero, entiende que hubo un acuerdo tácito entre ambas partes.

La postura de Laurel es similar a la adoptada por el Ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, y contradice las declaraciones que hizo la Presidenta, el pasado viernes, en el sentido de que formó su gobierno independientemente y sin contar con ningún tipo de coalición.

Por la tarde, mientras Cory Aquino era recibida en Tokio por el Emperador Hirohito, circuló entre los medios de información la noticia de que algo importante iba a suceder en la sede del Ministerio de Defensa.

Todo terminó al final en un golpe de prensa con más de un centenar de periodistas locales y extranjeros en el interior del cuartel militar de Camp Aguinaldo y sendos comunicados de Ponce Enrile y del general Fidel Ramos en los que se pedía calma a la población.

11/11/86

Filipinas 037

1.625 millones de dólares

Japón promete un mayor apoyo a las Filipinas

TOKIO, (EFE).- La Presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, recibió ayer del Primer Ministro japonés, Yasuhiro Nakasone, un mayor apoyo de Japón para superar las dificultades económicas de su país.

Aquino llegó ayer a Tokio para una visita oficial de cuatro días, acompañada por seis ministros de su gabinete.

Japón prometió también créditos en condiciones especiales por un monto de 40.400 millones de yenes (unos 252 millones de dólares), como había solicitado el Gobierno filipino, destinados a la expansión de la central térmica de Batangas, al sur de Manila, informó el Ministerio de Asuntos Exteriores.

El Emperador Hirohito y Yasuhiro Nakasone dieron la bienvenida oficial a la Presidenta filipina en el palacio de estilo europeo de Akasaka, donde la invitada de Estado pasó revista a la guardia de honor.

Poco después de la ceremonia, Corazón Aquino se reunió durante más de una hora con el Primer Ministro Nakasone, con quien habló, principalmente, de la situación económica de Filipinas.

Nakasone dijo a Aquino que Japón no abandonará su apoyo a los esfuerzos de construcción del nuevo país.

Ambos dirigentes acordaron la necesidad de un mayor apoyo (a Manila) para superar los problemas económicos y en favor de la promoción de inversiones y comercio entre los dos países para la recuperación económica de Filipinas.

El Gobierno de Aquino, presionado por un negativo crecimiento de la economía, una alta tasa de desempleo y una deuda exterior de 26.000 millones de dólares, solicitó a Japón 260.000 millones de yenes en créditos (unos 1.625 millones de dólares), de los que 130.000 millones corresponden al programa japonés de préstamos oficiales de este año destinado a Filipinas.

Jaime Ongpin, Ministro de Finanzas filipino, dijo recientemente en Manila que su país esperaba otro crédito extra de 500 millones de dólares del Export-Import Bank japonés para la financiación de proyectos industriales.

Este es el tercer viaje al extranjero de Corazón Aquino como Presidenta de Filipinas. Los dos anteriores los realizó a Singapur e Indonesia en agosto y a Estados Unidos en setiembre.

La Mañana 11-11-86

01-01

8700125

037

Filipinas

Hállanse en alerta total las FF.AA. en Filipinas

Manila,10 (UP) – El ministro de defensa de Filipinas, Juan Ponce Enrile, que según rumores estaría detrás de una conspiración contra la presidenta Corazón Aquino, dijo hoy que los militares estaban en alerta total para impedir que "los enemigos del estado se aprovechen de una aparentemente tensa atmósfera".

La presidenta Aquino advirtió antes de viajar a Japón ayer que cualquier intento de golpe se encontrará "con el poder del pueblo".

Mientras tanto, el negociador gubernamental Ramón Mitra informó que se reanudaron hoy las conversaciones de paz con emisarios de los guerrilleros.

Mitra dijo que esperaba lograr pronto un acuerdo para la cesación del fuego.

Enrile y el jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, se reunieron con los comandantes de las principales unidades militares horas después de que la señora Aquino emprendiera viaje para una visita oficial de cuatro días a Japón. La reunión tuvo por objeto analizar la situación de seguridad en el país, y tanto Enrile como Ramos emitieron posteriormente declaraciones separadas en las que exhortaron a los filipinos a "mantener la calma".

"Nuestra evaluación es que la situación en todo el país es estable y segura", señaló Enrile.

"Sin embargo, convenimos en mantener una alerta vigilancia de alto nivel para impedir cualquier intento de que los enemigos del estado se aprovechen de una aparentemente tensa atmósfera" en la nación.

Ramos dijo haber reiterado a los comandantes las órdenes previas de la presidenta para que los militares "ataquen fuerte a los grupos armados que realizan actividades violentas contra nuestro pueblo, de acuerdo con la situación que exista".

Informaciones periodísticas dijeron que oficiales identificados con Enrile, y que están preocupados por el comportamiento "blando" de la presidenta con la insurgencia guerrillera comunista que ya lleva 17 años, estarían detrás de un intento de golpe.

Según se ha informado, la conspiración consistiría de una "operación llamada en código 'Dios salve a la reina', para eliminar a los ministros inclinados hacia la izquierda, hacer de la señora Aquino una figura protocolar en el poder e instalar a Enrile como primer ministro".

La Prensa 11/11/86

01-01

8700126

Filipinas 037

No cree Aquino que pueda ser derrocada

Tokio (UP) — La presidenta de Filipinas, Corazon Aquino, rechazó los rumores de un posible golpe de estado en su país y aseguró a los líderes japoneses que su gobierno de ocho meses tiene una base firme.

"No hay espacio en la nueva Filipinas para aquellos que no acepten las formas de la democracia", dijo la señora Aquino en un discurso pronunciado en un almuerzo que le ofreció el primer ministro Yasuhiro Nakasone en la segunda jornada de su visita oficial de cuatro días.

"Aunque estoy ansiosa por resolver la insurgencia comunista sin que haya derramamiento de sangre", dijo en referencia a la lucha de 17 años que libra el gobierno contra el Nuevo Ejército Popular de 25.000 hombres, "no toleraré un desafío no democrático a nuestro gobierno y a nuestro pueblo de ningún sector".

La mandataria, que llegó al poder después de un golpe de estado llevado a cabo el 25 de febrero, que terminó con el derrocamiento del entonces presidente Ferdinand Marcos, dejó sus Fuerzas Armadas en estado de alerta contra cualquier intento por derrocar su gobierno durante su tercer viaje al exterior como presidenta.

La gobernante, de 53 años de edad, dijo que "continuará el trabajo del cambio democrático iniciado por mi victoria electoral y que pronto será completado por el establecimiento de las instituciones democráticas necesarias".

Filipinas 037

INFORMACION INTERNACIONAL

Aquino parece fuerte en Filipinas, pese a los rumores de golpe y a los desplantes de Ponce Enrile

por Stephen J. Solarz (*)

En febrero pasado, en conmovedoras escenas que serán recordadas siempre y cuando los hombres y mujeres cuiden y aprecien la libertad, el pueblo filipino derrocó dos décadas de despotismo y reclamaron con orgullo sus derechos democráticos.

Pero hoy, las conversaciones en Manila son de golpes de estado y contra-revoluciones. Juan Ponce Enrile, el ministro de Defensa de Corazón Aquino, se ha vuelto más y más cínico en cortejar a los opositores del gobierno mientras los partidarios del exiliado Ferdinando Marcos reclaman ruidosamente su regreso.

En algunos aspectos, estos hechos reflejan meramente el tumulto de la democracia, el dar y recibir normal en una sociedad tradicionalmente displicente. Sin embargo, tales incidentes están turbando profundamente a aquellos que glorificaron los eventos del verano pasado. Promoviendo una impresión de inestabilidad doméstica, alientan a las fuerzas de la democracia y envalentonan a aquellos que impondrían una nueva tiranía —tanto de derecha como de izquierda— en las Filipinas.

■ Supremacía civil

Los informes de Manila —generalmente— describen un panorama erróneo. Pocos observadores entendidos creen que un intento de golpe sea probable. Aún menos creen que un golpe sería exitoso. La tradición de la supremacía civil está profundamente arraigada en los militares filipinos, y por encima de todo, en el general Fidel Ramos, el jefe del staff de las Fuerzas Armadas y un graduado de West Point cuya cooperación sería ciertamente necesaria para un golpe con alguna remota posibilidad de éxito.

Más aún, un golpe tendría menos posibilidades de éxito, porque el pueblo filipino siente un verdadero afecto por Corazón Aquino. Al igual que manifestaron su apoyo a Enrile cuando éste se levan[illegible] Marcos el verano pasado, sin dudas tomarían las calles en apoyo a Aquino si Enrile intentara derrocarla.

Sin embargo, las constantes críticas de Enrile y sus amigos pueden provocar un impacto perjudicial. Socavaría la habilidad del gobierno filipino para enfrentar los serios problemas que lo aquejan. Podría desalentar a las nuevas inversiones extranjeras que el país tanto necesita para poder reconstruirse. Cortaría además los efectos beneficiosos obtenidos en la reciente y triunfal visita de Aquino a Estados Unidos.

La impaciencia y las expectativas poco realistas pueden agotar la efectividad de incluso el gobierno más estable. En nuestro reconocimiento de todo aquello que queda por hacerse en las Filipinas, no debemos ignorar todo aquello que se ha logrado.

■ Pasos importantes

En la esfera política, se ha redactado una Constitución que institucionaliza la transición de la dictadura a la democracia, y pronto será plebiscitada para contar con la aprobación del pueblo. Los presos políticos encarcelados por Marcos han sido liberados. Se ha establecido un Poder Judicial independiente y una comisión electoral honesta.

Reformas igualmente significativas han sido adoptadas en el campo económico: El gobierno ha roto con los monopolios del azúcar y de los cocoteros, los que eran utilizados por el régimen anterior para obtener dinero de la riqueza del país. Ha llegado a un acuerdo con el Fondo Monetario Internacional (FMI) para promover el crecimiento económico, aun cuando Manila no puede pagar la enorme deuda que heredó de Marcos. También ha comenzado a privatizar corporaciones públicas ineficientes.

En la esfera de seguridad, las Fuerzas Armadas han sido revitalizadas. Los generales corruptos han sido revocados. Las tropas han sido transferidas fuera de Manila hacia el interior del país, donde reside el verdadero enemigo. El gobierno ha dado pasos significativos en la restauración de la disciplina y en la erradicación de los abusos de los derechos humanos en las Fuerzas Armadas.

Pero intensos problemas permanecen. Tal vez el 70% de la población filipina vive en una situación desesperada de miseria y pobreza. Marcos dejó una deuda externa de 26.000 millones de dólares. En la provincia, una inquebrantable insurgencia comunista continúa en punto de ebullición.

■ Enrile irónico

Enrile ha reprochado la incapacidad demostrada hasta ahora por el gobierno en derrotar a la insurgencia. Esto es particularmente irónico, ya que como Ministro de Defensa de Marcos, su primera responsabilidad era combatir a los insurgentes, que en aquel momento el número de adeptos creció de pocos cientos a 20.000.

Pero Enrile no considera el punto fundamental. Los medios militares no ofrecen la posibilidad de dominar a los rebeldes. Solo atendiendo las causas del descontento que lleva a la gente a tomar las armas, se puede vencer a la insurgencia. Esta es la meta que Aquino prometió. Los métodos de Enrile solo llevarían a baños de sangre, aumento de represión y nuevas rebeliones.

La Administración Reagan ha dejado bien claro que Estados Unidos apoya al gobierno de Aquino, y que no tolerará intentos extralegales para tomar el poder. Aquellos que consideran la posibilidad de dar un golpe de estado deberían saber que el Congreso estadounidense tiene una sola posición en ese tema, la de la Administración. Deberían saber que cualquier maniobra en contra del presente gobierno filipino precipitaría a la peor crisis imaginable entre las relaciones de ambos países. (DPA - Los Angeles Times - Especial para Búsqueda).

(*) Stephen Solarz, autor de este artículo, es representante demócrata por Nueva York, y miembro del Comité de Relaciones Exteriores.

Inesperada consecuencia del contragolpe palaciego de Corazón Aquino

Remoción de Enrile aumenta confianza de inversores en la economía filipina

Escribe Rajendra Bajpai
De la Agencia "Reuter"

Manila — La cotización de las acciones subió ayer en Manila, cuando los inversores apoyaron la decisión de la presidenta **Corazón Aquino** de remover a su ministro de Defensa, **Juan Ponce Enrile.**

El ministro de Comercio e Industria, **José Concepción,** expresó que los inversores extranjeros, que se habían alejado de Filipinas, considerarían el alejamiento de Enrile como un indicio de que el gobierno está dispuesto a resolver sus problemas. Concepción agregó que la decisión de la presidenta había recibido una vasta acogida.

Un corredor de Bolsa de la Anscor Hagedorn Securities, **Ramón González,** dijo a "Reuter": "El mercado reaccionó positivamente. No hubo signos de pánico vendedor. Desde la apertura al cierre los valores estuvieron en alza".

El índice comercial e industrial subió de 36,66 puntos a 544,50 y los papeles mineros pasaron de 74,65 a 2105,29.

Los operadores expresaron que el alza demuestra confianza en el gobierno, después de la actitud de Aquino frente a quien fuera el crítico más conspicuo de la línea conciliatoria con que la gobernante intenta poner fin a 17 años de guerra de guerrillas librada por los insurgentes comunistas.

Un banquero extranjero que opera en la capital filipina expresó que la actitud de Aquino contribuiría a estabilizar el país. Agregó que la velocidad con que se instrumentó la medida constituyó una sorpresa, y opinó que la imagen de la gobernante se vería reforzada en caso de que se desprendiera de algunos de los ministros de inclinaciones izquierdistas.

Aquino ayer pidió la renuncia a todos los integrantes de su gabinete y de inmediato aceptó la de Enrile. Este fue uno de los líderes que encabezaron la revuelta contra el ex presidente Ferdinando Marcos, en febrero, que llevó a la actual jefa de Estado a su cargo.

Una fuente del Banco Central filipino opinó que el alejamiento de Enrile tendría un impacto decisivo sobre la opinión de los inversores acerca de la estabilidad del gobierno. "Esto es lo que hemos estado esperando. Ahora sí que contamos con alguien que ejerce el poder", añadió esa fuente.

El ministro de Finanzas, **Jaime Ongpin,** quien mantiene conversaciones con los bancos extranjeros para obtener la reestructuración de parte de los 26.000 millones de dólares a que asciende la deuda externa filipina, reveló que el tema de la estabilidad había sido planteado por representantes de los acreedores.

"Esta cuestión se trató en Nueva York. Dije a los banqueros que tenía la esperanza de que el problema se resolviera con prontitud. En ese momento no creía que fuera a solucionarse tan rápidamente", expresó el funcionario a los periodistas. Finalmente dijo que, "para él, el inconveniente estaba superado y los inversores extranjeros podrían considerar a Filipinas como un lugar más estable".

Entretelones del "putsch" de Manila

Escribe Fernando Del Mundo
De la agencia "UPI"

Manila — Un pequeño grupo de militares conspiró con aliados de Ferdinando Marcos para derrocar, el fin de semana pasado, a la presidenta **Corazón Aquino,** aseveró ayer el principal vocero de gobierno de la mandataria filipina. El secretario de Prensa, **Teodoro Benigno,** dijo que los militares comprometidos en el frustrado intento de golpe estaban ligados al ministro de Defensa **Juan Ponce Enrile,** quien fue destituido el domingo.

Agregó que la expulsión de Enrile eliminó "una de las tres dagas apuntadas al corazón del gobierno de Aquino, instalado hace nueve meses, aunque añadió que era "vaga" la responsabilidad de Enrile en la conspiración denunciada. Enrile no ha hecho comentarios públicos sobre el asunto.

Benigno dijo que 180 políticos aliados a Marcos y un pequeño grupo de oficiales identificados con Enrile quisieron llevar a cabo el "putsch" el sábado, pero que el comandante de las Fuerzas Armadas, general **Fidel Ramos,** les hizo "un jaque mate". Ramos dio su apoyo al gobierno y ordenó a las tropas no recibir órdenes del ministro de Defensa. Benigno añadió que los conspiradores planeaban convocar a la Asamblea Nacional, abolida luego que Aquino llegara al poder tras el derrocamiento de Marcos en febrero.

El plan tenía previsto que la



Corazón Aquino

Asamblea nombrase presidente interino a Nicanor Yñiguez, que fue titular de ese cuerpo durante Marcos, hasta que se realizaran nuevas elecciones.

"Pero todo era una jugarreta. En realidad su objetivo era hacerla a un lado a Aquino de un empujón", añadió Benigno.

Yñiguez rechazó que los partidarios de Marcos tuviesen previsto "reunirse furtivamente". Afirmó que la reunión del sábado fue una "sesión mensual habitual". El nuevo ministro de Defensa, **Rafael Ileto,** en conferencia de prensa, en su primer día como titular del cargo, dijo que **lo del complot "son todavía rumores" que no sirven de base "para cualquier castigo".**

"Mi declaracón se basa en lo que he leído en los periódicos y en base a **informaciones de alguna gente que vino al ministerio",** aseveró Ileto, de 66 años, un general de tres estrellas educado en **West Point,** la academia militar estadounidense, y ex diplomático. Ileto, que hasta el domingo se desempeñaba como viceministro de Defensa, dijo que no tenía evidencias de un intento de golpe.

Benigno aseveró, por su parte, que la investigación en torno al complot debería ser realizada por el ministerio de Ileto, a lo que el titular de Defensa respondió: **"Mi ministerio no puede hacerlo, ni lo hará. Ello corresponde a los militares".** Ileto acotó que "varios" de los miembros de la seguridad de Enrile habían presentado sus renuncias. "Era muy difícil para la presidenta dirigir un país que estaba como rehén de un grupo, un grupo muy pequeño cuyo dirigente visible era el ministro Enrile, de militares que querían hacerse del poder", dijo Benigno.

El comandante en jefe de las Fuerzas Armadas, el general Fidel Ramos, que el domingo dijo que "se había abortado un intento de golpe, sin pérdida de vidas", declaró ayer que "el conjunto de los militares" lamentaba la renuncia de Enrile. Ramos, junto a Enrile, ayudó a derrocar a Marcos en una revuelta popular que llevó a Corazón Aquino al poder el 25 de febrero, menos de tres semanas después de una fraudulenta elección en la que Marcos dijo haber ganado, mientras recuentos independientes proclamaban vencedora a Aquino. Ramos tuvo un papel decisivo en los hechos del sábado, cuando dio su respaldo a Aquino.

01-01

0730129

037

Crece la exigencia de que renuncie ministro filipino

Manila (IPS - PL) — Miles de manifestantes pidieron a gritos la renuncia del ministro de Defensa de Filipinas general Juan Ponce Enrile, mientras desfilaron por Manila en el cumplimiento de una huelga general convocada para protestar por el asesinato de un importante líder sindical.

Mientras tanto el jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, reclamó "calma" a la población para "no exacerbar el odio".

La huelga, lanzada para protestar contra el asesinato del Rolando Olalia, dirigente del mayor sindicato filipino, ocurrido el pasado miércoles, se cumplió con marcado ausentismo en la zona industrial de la capital y el paro de transporte se extendió por todo el país. Los trabajadores, además, formaron cadenas humanas en numerosas autopistas -sobre todo las que conducen a la industrial zona de Quezón—provocando colapsos en el tránsito.

El cuerpo, torturado y mutilado de Olalia fue encontrado el jueves cerca de Manila, luego que el líder sindical desapareciera el día anterior.

La presidenta Corazón Aquino prometió una exhaustiva investigación del crimen.

Las fuerzas de izquierda filipinas acusaron a Ponce Enrile de estar detrás del asesinato y el movimiento guerrillero de Filipinas señaló que el crimen atentaba contra las negociaciones de paz que sigue con el gobierno.

Mick Elmas, dirigente del movimiento Primero de Mayo, dijo en la víspera que "no sólo los obreros sino la población, entera debe actuar, si es necesario con armas, para defender la democracia".

El jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, pidió "calma y sobriedad" y dijo que el asesinato de Olalia no debía "agravar el odio y causar más derramientos de sangre".

El ministro de justicia filipino, Neptalí González anunció que uno de los automóviles utilizados para seguir a Olalia -en los días previos al secuestro— llevaba la chapa de un vehículo utilizado por los servicios de seguridad gubernamentales. La chapa mencionada había desaparecido en 1984. A la pregunta hecha por periodistas de si el ministro de Defensa, Enrile, tendría algo que ver con el asesinato de Olalia, González se limitó a decir que "por el momento no se puede acusar a nadie".

17/11/86 LA HORA

01-01

8700130

Asesinan en Filipinas a un amigo político del general Ponce Enrile

Una bomba estalló en la mañana de ayer en una tienda céntrica de Manila, y 35 personas resultaron heridas. El asesinato de un político allegado al ministro Ponce Enrile y otros dos policías confirma la escalada de violencia en Filipinas.



Agencia AFP

El cadáver de David Puzón, tras ser transportado a un laboratorio militar para su autopsia.

MANILA, 19 (AFP, AP, EFE, Reuter, UPI y Xinhua). — **El asesinato de David Puzón,** un político allegado al ministro **Ponce Enrile,** la muerte de **dos oficiales de policía** que fueron emboscados y el **estallido de una bomba en una tienda céntrica** que provocó más de treinta heridos, agravaron hoy la situación política filipina.

Mientras algunos sectores ligaban los atentados con una posible represalia de la izquierda por la muerte de Rolando Olalia, la semana pasada la presidenta, Corazón Aquino, instruyó a sus emisarios para que logren **una tregua con la guerrilla "antes de un mes".**

El ex parlamentario David-Puzón, su abogado **Manuel Viloria** y el chofer **Romeo Reyes,** resultaron muertos en el poblado suburbano de Valenzuela, 16 kilómetros al norte de Manila. La nuera de Puzón, Eva, resultó gravemente herida.

El automóvil de Puzón fue atacado por un grupo de siete personas, algunas disfrazadas de mujeres, con armas automáticas.

Puzón fue miembro del **Parlamento filipino** hasta que el ex presidente **Ferdinando Marcos** lo disolvió. Igualmente, después integró el **Partido Movimiento de la Nueva Sociedad** orientado por Marcos, y era conocida por todos su amistad personal con el ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile.

La agencia oficial filipina P.N.A., citando fuentes familiares, dijo que el Ejército del Pueblo Nuevo (P.N.A.), ala armada del P.C. filipino, estaba exigiendo a Puzón un **"impuesto mensual"** equivalente a **40.000 dólares por sus actividades** empresarias.

La misma agencia atribuyó a la guerrilla comunista otras dos emboscadas en las que fueron muertos los jefes de policía de dos ciudades de la provincia de Pampanga. De confirmarse esa versión, serían seis los policías muertos en los últimos meses en esa región a manos del P.N.A.

♦ Piden dimisiones

Blas Ople, ex ministro de Trabajo del presidente Marcos, pidió **la dimisión del gabinete de Aquino** para dar lugar a un **"gobierno de unidad nacional".** "El ciudadano y contribuyente ordinario, desarmado e indefenso, solo puede acobardarse con miedo ante esta atmósfera de ley y el espectáculo de un gobierno incapaz o impotente para detenerla", señaló.

La presidenta Aquino, en una entrevista televisada, opinó que la escalada de violencia **"está dirigida contra mí",** y prometió tomar las medidas pertinentes en el momento oportuno, cuando esté segura de **"qué fuerzas están conmigo".**

La presidenta debió responder a varios interrogantes sobre la seguridad pública, fuertemente cuestionada también por el secuestro del empresario japonés Noboyuki Wakaoji y por el estallido de hoy en el almacén Shoemart, en la zona céntrica de esta capital.

La explosión, que según la policía fue causada por un artefacto de fabricación casera con mecanismo de relojería, dejó por lo menos **35 heridos,** aunque casi todos con lesiones leves.

Ningún grupo se atribuyó el hecho y hasta la noche la policía no había producido detenciones relacionadas con él. Media hora antes atacantes desconocidos arrojaron **una granada de mano** contra una sala cinematográfica y teatral, a dos cuadras de la tienda, pero el **artefacto no hizo explosión.**

Para mañana, jueves, la izquierda espera reunir a unas cien mil personas en el entierro de Rolando Olalia, cuyo cortejo fúnebre recorrerá las calles principales de esta capital.

Paralelamente, el jefe del estado mayor de las fuerzas armadas, general **Fidel Ramos,** ordenó el envío de un batallón a la provincia de Pampanga, para reforzar a las fuerzas gubernamentales de la zona en su lucha contra los rebeldes comunistas.

Como si tratara de acentuar su propia respuesta política a la crisis, la presidenta Aquino instruyó a su ministro negociador, **Ramón Mitra,** para que logre **una tregua** con los rebeldes **"en un plazo no mayor a un mes",** dijo el emisario presidencial.

♦ Tratativas

Las tratativas habían quedado virtualmente paralizadas desde el asesinato de Olalia, la semana pasada. Cuando se lo consultó a Mitra sobre qué pasaría de fracasar nuevamente la iniciativa, el negociador contestó: "No sé qué planes tiene ella (Corazón Aquino) ni cuáles son sus razones, pero las instrucciones son específicas".

La presidenta Aquino, en su entrevista por la televisión oficial intentó **tranquilizar al pueblo filipino** respecto de la situación y la escalada de violencia.

Aquino recordó que España "tardó tres años" para superar la crisis posterior a la dictadura franquista. Sostuvo que en ese país "elementos radicales de la extrema derecha y de la izquierda hicieron todo lo posible para desbaratar la consolidación democrática".

Aprovechó entonces para acusar **"a los especuladores de la izquierda totalitaria o de la derecha fascista",** en Filipinas, cuyo único objetivo es **"desestabilizar el país y alejar a los inversores",** en alusión al secuestro del empresario japonés.

870001 31

D1-01

037

Filipinas

LA MAÑANA 09-12-86

Duras reacciones de rebeldes

Peligra tregua en las Filipinas

MANILA (ANSA y EFE).- El Ministro de Defensa de Filipinas, Rafael Ileto, dijo ayer que el Gobierno sólo autorizará a 50 miembros de la guerrilla comunista del NEP a llevar armas durante los 60 días de la tregua que comenzará a regir mañana.

Durante una ceremonia castrense, Ileto afirmó que "los guerrilleros deberán permanecer en las montañas (...) no los vamos a molestar".

Las declaraciones del jefe castrense provocaron duras reacciones de los emisarios de la guerrilla en las conversaciones de paz, Satur Ocampo y Antonio Zumel.

En una carta enviada a la Presidenta Corazón Aquino, los voceros rebeldes advierten de la posibilidad de un estallido de las hostilidades entre las fuerzas gubernamentales y la guerrilla, si el Ejército no respeta lo pactado en el armisticio de no patrullar las zonas insurgentes.

El Gobierno tiene que hacer cumplir la ley, dijo el Ministro de Defensa, y si alguien es secuestrado y llevado a las montañas durante el cese del fuego "perseguiremos al responsable, no importa quién sea".

"Cada pulgada de la tierra pertenece a la soberanía del Estado y nadie puede disfrutar esto", añadió.

01-01

8700322

037

Filipinos

EL DIA — Montevideo, domingo 7 de diciembre de 1986 — PAGINA 7

Presidenta Aquino encabezó inscripción de ciudadanos

Registro obligatorio para el plebiscito de febrero 2

MANILA. — La presidenta Corazón Aquino encabezó ayer a millones de filipinos que comenzaron a registrarse para votar en el plebiscito constitucional del 2 de febrero próximo.

La consulta popular busca la aprobación de una nueva Constitución que reemplazará a la que rigió durante el régimen del depuesto presidente Ferdinand Marcos. La lista de registrados servirá también para las elecciones generales del próximo año.

La presidenta, Corazón Aquino, que fue la primera en registrarse, viajó a su provincia natal de Tarlac, 97 kilómetros al norte de Manila, acompañada por sus hijas Victoria Elisa y María Elena.

Aquino llenó los formularios y puso sus huellas digitales frente a una emocionada empleada que la declaró elegible para votar.

Consultada sobre la dirección de su residencia, "Cory" Aquino, que asumió el mando el 25 de febrero en una revuelta apoyada por los militares, pareció confundida, pero su hija María Elena dio la del palacio presidencial.

Propuesta de tregua es un paso adelante, dijo la Presidenta

Aquino creó "Comité especial" para estudiar la oferta de los rebeldes

La Presidenta de las Filipinas describió como "un paso adelante" una propuesta de los rebeldes comunistas para un cese del fuego de 100 días y anunció la creación de un "comité especial" para estudiar dicha oferta.

MANILA. (ANSA, EFE y UPI).- La Presidenta filipina, Corazón Aquino, creó un comité especial, integrado por emisarios del Gobierno y algunos consejeros militares, para estudiar la oferta de tregua en las negociaciones de paz con la guerrilla comunista.

La creación de este comité especial fue decidida ayer por Cory Aquino, tras dos horas de reunión con el Consejo Nacional de Seguridad.

La Presidenta convocó ayer a este Consejo para estudiar la posición del Gobierno de Manila a la hora de negociar la propuesta de 100 días de paz, que sugirió la guerrilla el pasado sábado, día 1°.

En la reunión del Consejo, celebrada en el palacio presidencial de Malacanang, participaron el Vicepresidente Salvador Laurel, el polémico Ministro de Defensa, Juan Ponce Enril[illegible] Jefe del Estado Mayor del Ejército, general Fidel Ramos, así como los representantes gubernamentales en las negociaciones con la guerrilla.

Los emisarios comunistas, Antonio Zumel y Satur Ocampo, anunciaron el sábado, en rueda de prensa, la propuesta de 100 dias de tregua, a partir del próximo 10 de diciembre, fecha que conmemora el Día internacional de los derechos humanos.

CONDICIONES

La guerrilla impuso, no obstante, duras condiciones para negociar el alto el fuego, entre ellas, el desarme de las fuerzas paramilitares creadas durante el régimen anterior para combatir la insurgencia en todas las aldeas del país.

La guerrilla pidió, también, el confinamiento de la Policía en funciones de paz y orden ciudadano solamente, el cese total de las operaciones militares y el desmantelamiento de todos los ejércitos privados que siguen operando en el país, a pesar del cambio de Gobierno.

En un comunicado leido ayer por el portavoz de la Presidencia, Teodoro Benigno, la Jefa de Estado dice que la propuesta de los insurgentes es "un paso adelante" y añade que durante el período de tregua o de las negociaciones, los organismos gubernamentales encargados de hacer cumplir las leyes seguirán funcionando normalmente.

Aunque no huvo hasta ahora reacciones militares a la propuesta de los insurgentes, fuentes oficiosas que recoge la televisión gubernamental explican que el Ejército encuentra la propuesta rebelde de los 100 días de paz demasiado larga.

Sin embargo, los observadores estiman que la Jefa del Ejecutivo se inclinará a aceptar la oferta de los insurgentes, con ligeras modificaciones, lo cual redundaría en una paz relativa por primera vez en muchos años durante una convocatoria electoral en el país.

El próximo mes de enero, los filipinos irán de nuevo a las urnas, esta vez para refrendar la nueva Constitución, que concede a la Presidenta un mandato de 6 años.

En lo próximos dias se espera que Cory Aquino anuncie una fecha tope en las negociaciones con la guerrilla, concesión a la línea dura del Ejército que representa el Ministro de Defensa Ponce Enrile.

EMBOSCADA

Y mientras se llevan a cabo estas reuniones para estudiar la forma de negociar una paz que acabe con el conflicto armado que se extiende desde hace casi 18 años, la guerrilla comunista perpetró hoy un atentado contra un coche de agentes policiales, en el que resultaron muertos cinco policías.

Según informaron fuentes militares, el Jefe de la Policía de la localidad de Dasol (Pangasinan), situada a unos 230 kilómetros al Norte de Manila, y otros cuatro agentes resultaron muertos en este atentado perpetrado por los guerrilleros del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP), el brazo armado del partido comunista filipino.

Las fuerzas policiales que viajaban a bordo de un jeep, murieron en una emboscada tendida por los insurgentes en una carretera nacional cuando regresaban de una misión de reconocimiento en una localidad vecina que había solicitado la ayuda policial.

La mismas fuentes añaden, que al Sur de Manila, en la isla meridional de Mindanao, tropas gubernamentales apoyadas por helicópteros y aviones de combate libran en las últimas 48 horas una dura batalla contra más de un centenar de insurrectos comunistas del NEP.

En estos combates resultaron muertos dos soldados y 20 guerrilleros, añadió la fuente.

INTERNACIONAL

Filipinas

Una tregua para la paz con la minoría musulmana

La presidenta de Filipinas Corazón Aquino y el líder guerrillero Nur Misuari, después de entrevistarse en un convento de la isla de Jolo resguardado por tropas del gobierno y tropas insurgentes, acordaron el 4 de setiembre negociar un tratado de paz para poner fin a la lucha musulmana por la independencia, que llevaba 14 años de duración.

El acuerdo, que exhortó a la formación de juntas para "negociaciones sustantivas a realizarse en el futuro" bajo supervisión de la Conferencia Islámica de 46 naciones, fue el primero en una década para resolver el problema, que afecta a 3.500.000 musulmanes en el país y que ha costado la vida a 60.000 personas desde que comenzó la lucha armada, en 1972.

Un comunicado conjunto de Aquino y Misuari, acordó "apoyar un prolongado cese de hostilidades', refiriéndose al cese del fuego declarado por los comandantes del "Frente Moro de Liberación Nacional" que dirige Misuari, un mes atrás.

Esta "Cumbre de Mindanao" como la ha llamado la prensa, fue preparada por Butz Aquino, cuñado de la presidente y hermano del asesinado candidato Benigno Aquino, en negociaciones con Misuari en el exterior. Se habrían reunido primero en Madrid y posteriormente en Yeddah.

Corazón "Cory" Aquino dio así un paso hacia la paz. No obstante, en su camino quedaron muchas piedras por superar. La guerrilla del "NEP" aún no ha aceptado negociar, y los problemas políticos son delicados.

SEIS MESES VIOLENTOS

Hostigada sin cuartel por la guerrilla comunista denominada "Nuevo Ejército Popular" (NEP) y al mismo tiempo por los seguidores del ex presidente Ferdinand Marcos, Corazón Aguino ha gobernado desde el 25 de febrero en continua zozobra.

El NEP, fundado en 19[illegible] y que hoy opera en 36 de las 74 provincias del archipiélago, con 16.000 hombres en armas, es una fuerza capaz de poner en entredicho, mediante la violencia, la autoridad del gobierno.

El movimiento "pro Marcos" realizó permanentes movilizaciones desde que Marcos salió del país y Aquino asumió el poder. Los actos públicos aumentaron su violencia a partir de abril; el 6 de julio, Arturo Tolentino, abogado, ex legislador y candidato a la vicepresidencia por el partido de Marcos, intentó un golpe militar, apoyado por 4 generales y un grupo de civiles y de soldados.

Tolentino, quien afirmó que había "asumido" la presidencia interina de acuerdo a la Constitución de 1973 que otorgó a Marcos plenos poderes y que pretendía ocupar el cargo "Hasta que Marcos regrese" de su exilio, designó incluso al ministro de Defensa para el mismo cargo en su gobierno, compuesto por cinco miembros, y designó a Fidel Ramos jefe del estado mayor. Ramos y Enrile encabezaron la revuelta civil, apoyada por las Fuerzas Armadas, que depuso y envió al exilio al presidente Ferdinand Marcos el pasado 25 de febrero. Cuando Ponce Enrile declaró, el 8 de julio: "sólo hay un gobierno en este país, que presiden Corazón Aquino y Salvador Laurel como vicepresidente", Tolentino se entregó con sus seguidores, los que fueron amnistiados después de jurar lealtad al gobierno de Aquino.

Esa rebelión estalló sólo cuatro días después de producirse el primer encuentro entre las delegacones del gobierno y la guerrilla del Frente Dmocráticao Nacional (FDN) de orientación comunista, en negociaciones que la presidente habría encarado en contra de la opinión de Enrile y Ramos. Cuando la rebelión, Aquino se encontraba en la isla de Mindanao, negociando por la paz.

Las semanas transcurridas desde entonces también han sido violentas, con enfrentamientos en distintos puntos del país, entre tropas gubernamentales y guerrilleros.



PUNTOS DE APOYO

El 25 de febrero, Corazón Aquino asumió el poder.

El 22 de marzo, formuló un primer llamado a la paz y la concordia nacional.

A principios de abril, ofreció al NEP una amnistía y "programas de rehabilitación" para quienes depusieran las armas. El 21 de abril reiteró su propuesta. El 13 de mayo, aseguró que algunos rebeldes se habían acogido ya a los "programas de rehabilitación", después de entrevistarse con sus emisarios personales. Otras etapas se cumplieron. El 6 de agosto, el ministro de Agricultura, Ramón Mitra, representó al gobierno en la primera reunión con los negociadores del Partido Comunista, Antonio Zumel y Satur Ocampo, con quienes discutió durante tres horas y media. Tres días después, el NEP accedió a establecer un alto el fuego en la provincia de Mindanao, y el comandante militar de la zona, general Mariano Adalem, ordenó también el cese de las hostilidades, que ya había sido aceptado por el Frente Moro de Liberación Nacional.

Refiriéndose al NEP, Aquino [illegible] su oferta de incorporar a los guerrilleros a sus "programas de rehabilitación" mediante los cuales he puesto a disposición de ellos 33.000 *hectáreas de tierras fértiles*, para su explotación con apoyo crediticio del Gobierno.

Mindanao ha sido uno de los focos de mayores problemas para Aquino. Más de 500 líderes de las islas de Mindanao, Palawany las del mar de Zulú, llegarona aprobar una Constitución sucesionista pra crear la nueva "República Federal de Mindanao" y amenazaron con llevar el caso a las Naciones Unidas.

Esta tregua suscripta con el Frente Moro de Liberación Nacional le otorga a la presidenta mayor poder negociador con el NEP; le permite disipar el escepticismo de Estados Unidos, evidenciado pr la escasa ayuda otorgada, antes del viaje de la presidenta a Washington, que tendrá lugar el próximo miércoles 17; le facilita el trabajo de redacción de la nueva Constitución de Filipinas, que Aquino quisiera aprobar a la mayor brevedad; y quizás la ayude a calmar los ánimos de los mandos militares que ven con recelo los compromiss que asumiría en las negociaciones con los guerrilleros.

A estas preocupaciones se sumarán pronto las elecciones parlamentarias de principios de 1987, que enfrentarán al Partido de Aquino —LABAN— considerado de izquierda por sus opositores, con el Partido del vicepresidente Salvador Laurel, UNIDO, De corte netamente conservador y crítico de los acuerdos con los guerrilleros. Una pérdida de apoyo en la Asamblea Nacional dejaría a Aquino sin margen de maniobra, un aumento de apoyo ampliaría su capacidad de acción y debilitaría la crítica interna de su vicepresidente.

La tregua de Mindanao no ha asegurado pues la victoria final, aunque ha pavimentado el camino.

Héctor N. Di Biase

GRUPOS
FILIPINAS

LA NACIÓN 24/4/86

Un escollo menos para Aquino

Por Roberto Coloma

MANILA, 23 (AFP). – Al forzar la dimisión de Juan Ponce Enrile y colocar como ministro de Defensa a Rafael Ileto, la presidenta Corazón Aquino sólo sorteó uno de los obstáculos que se oponen todavía a la consolidación de su poder.

Nada permite afirmar que tras la crisis, resuelta sin que la opinión pública supiera que estaba ocurriendo, la violencia desatada en las últimas semanas en las Filipinas sea detenida como por arte de magia porque Ponce Enrile abandonó el gabinete.

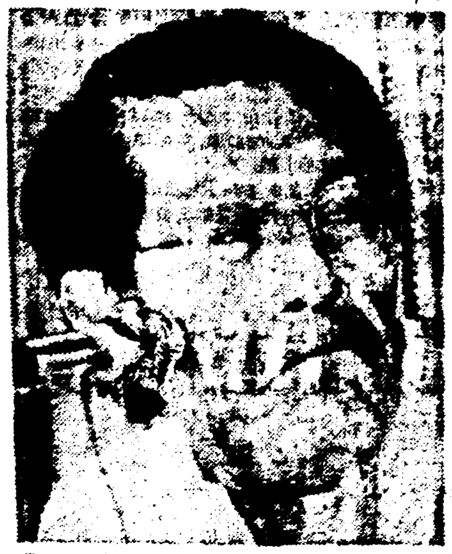
La presidenta deberá ahora redoblar su vigilancia, simplemente porque los muchos amigos del ex ministro de Defensa tratarán de vengarse, o de demostrar –con la complicidad de quienes realizan los atentados– que Ponce Enrile era ajeno al terrorismo.

Los nostálgicos de Marcos

Relativamente minoritarios, pero bien organizados y dueños de fuertes medios financieros, los nostálgicos de Ferdinand Marcos, agrupados en el apoyo circunstancial a Ponce Enrile, poseen todavía cuanto se necesita para mantener el clima de inquietud e inseguridad en el gobierno.

Tampoco se sabe hasta qué punto la tentativa de golpe de Estado va a desembocar en sanciones que los mandos pueden aplicar a los oficiales jóvenes y los coroneles derechistas que daban su apoyo a la intentona fracasada.

Agrupados en torno del Movimiento por la Reforma del Ejército, con un crédito político hasta ayer inagotable, esos militares, cuyo número se estima en unos 700, nunca hasta ahora fueron sancionados por sus superiores. Pero sus acciones rara vez fueron bien recibidas por la jerarquía militar.



Ponce Enrile (AFP)



Rafael Ileto (AFP)

Por otra parte, Aquino tampoco ignora que la credibilidad de su gobierno ante los inversionistas extranjeros, cuyo concurso es indispensable para la reactivación económica, depende especialmente del desenlace de los espectaculares secuestros de varios empresarios.

Uno de los rehenes, sobre todo, concita la atención: se trata de Noboyuki Wakadoji, director de la filial filipina del gran grupo japonés Mitsui, que ya lleva varias semanas desaparecido.

Aquino, además, deberá vigilar con atención el restablecimiento del equilibrio en su gobierno. Si bien la réplica que sacó del camino a Ponce Enrile llamó la atención por la habilidad de concepción y ejecución, los próximos pasos demostrarán cuál es el verdadero margen de maniobra que resta a los civiles frente a un equipo militar homogéneo detrás de Fidel Ramos.

Junto con Aquino, Ramos aparece como el gran vencedor de este domingo tan especial de Manila y, al mismo tiempo, como el hombre clave del proceso.

Para los comentaristas, Aquino tiene como única alternativa marchar de pleno acuerdo con Ramos, que goza del respeto de las tropas, pero también de los dirigentes civiles de casi todas las tendencias.

El peso de Ramos, por otra parte, se hace cada día menos oculto en todas las actividades, como se advirtió el viernes, al hacer leer por el vocero de la presidencia un comunicado firmado por el jefe del estado mayor, donde se pide el alejamiento de varios ministros, y que, si oficialmente los acusaba de incapacidad, en privado las señalaba como excesivamente teñidos de izquierdismo.

Resistirán intentos golpistas

Oposición apoya Constitución

MANILA. (ANSA, EFE y UPI).— Un partido político de izquierda que afirma tener un millón y medio de militantes anunció ayer que apoyará la campaña de la Presidenta Corazón Aquino para la ratificación de un proyecto de Constitución.

El Partido Bayan, o Partido Popular, de base campesina, dijo en una declaración que también resistirá cualquier intento militar por derrocar al Gobierno de ocho meses de la señora Aquino llamando a huelgas generales. Al decidir apoyar la Constitución a ser sometida a plebiscito el 2 de febrero, Bayan dijo que la principal consideración es la necesidad de unirse contra los esfuerzos de los "militaristas" por desestabilizar el Gobierno, "sabotear los esfuerzos de paz y restaurar y rechazar un Gobierno fascista".

Bayan había estado al frente de las violentas huelgas generales en las provincias antes de la caída del Presidente Ferdinand Marcos en un levantamiento militar "impulsado por el pueblo" en febrero pasado.

IMPORTANTE APOYO

La decisión de Bayan es considerada como un importante apoyo a los esfuerzos de la señora Aquino de lograr que la ley básica sea ratificada por una mayoría aplastante y hacer volver al país a la democracia completa.

El proyecto de constitución presentado a la Presidenta Aquino el 15 de setiembre por un panel especial después de cuatro meses de deliberaciones revive el sistema presidencia estilo norteamericano que Marcos abolió cuando declaró la ley marcial en 1972. Llevará a elecciones para un Congreso bicameral en mayo.

Autoridades militares y de la defensa han mirado a Bayán con preocupación. Han acusado al partido de tener vínculos con el proscrito Partido Comunista de las Filipinas y con su Nuevo Ejército Popular de 23.000 hombres.

Estos funcionarios también han exhortado a la señora Aquino a fijar un plazo en las conversaciones de paz iniciadas hace cuatro meses con el Frente Democrático Nacional, el que representa a los disidentes. Una reunión de tres horas y media realizada el lunes no consiguió producir acuerdo sobre un cese del fuego.

Gobierno filipino tiene una base firme

Aquino rechazó rumores de golpe de Estado ante políticos japoneses

La Presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, subrayó ayer la importancia de la democracia y rechazó los rumores de un posible golpe de Estado en su país, asegurando a los líderes japoneses que su Gobierno de ocho meses tiene una base firme.

TOKIO. (ANSA, EFE y UPI).- "Nuestro pueblo quiere el regreso de la democracia y los ocho primeros meses de Gobierno han sido un esfuerzo para restaurarla lo mejor posible", señaló ayer la Presidenta filipina ante más de 100 políticos reunidos en la residencia del presidente de la Cámara Baja, Kenzaburo Hara.

Corazón Aquino llegó el lunes a Tokio en visita oficial de cuatro días, acompañada por seis Ministros, en busca principalmente de apoyo económico que ayude a superar las dificultades económicas que atraviesa su país.

"Correctas o equívocas, sólo las leyes que hace el mismo pueblo, por medio de sus representantes directamente elegidos, tendrán validez y apoyo", dijo refiriéndose al borrador de nueva Constitución que será sometida a referéndum de toda la nación el próximo mes de febrero.

Aunque en Filipinas ahora no hay Parlamento, Aquino manifestó que consulta directamente con el pueblo sobre sus problemas y sus posibles soluciones.

Entre los asistentes a la reunión se encontraban Tetsuzo Fuwa, presidente del Partido Comunista de Japón; Yoshikatsu Takeiri, presidente del Partido de Buen Gobierno (Komeito), y Takako Doi, recientemente elegida presidenta del Partido Socialista.

Aquino repitió su deseo de reconstruir la economía de Filipinas mediante la iniciativa privada, con la inclusión de empresas tanto nacionales como extranjeras, para lo cual ha solicitado ayuda económica a los países amigos.

Durante un almuerzo ofrecido ayer en honor de Aquino, Yasuhiro Nakasone elogió y apoyó los esfuerzos de construcción que hace Filipinas.

En respuesta, la Presidenta filipina expresó su firme determinación para mantener la libertad y la democracia en su país, así como intentar desempeñar un papel positivo en la estabilidad de Asia y la región del Pacífico.

En el almuerzo, ofrecido en la residencia oficial del Primer Ministro, Nakasone calificó la transición del poder del Gobierno de Aquino como "una demostración de prudencia y coraje vuestro y de todo el pueblo filipino, lográndose sin derramamiento de sangre".

El Primer Ministro extendió sus "sinceras palabras de apoyo" a Aquino y al pueblo filipino, que se esfuerza por construir un país nuevo con una nueva Constitución, el restablecimiento de la paz y el orden y la reconstrucción de la economía.

FILIPINAS

03f

LA NACIÓN — Lunes 24 de noviembre de 1986

El nuevo ministro de Defensa

Ileto: una pieza de recambio de EE. UU.

MANILA, 23 (EFE). – El teniente general retirado Rafael Ileto, que sustituyó hoy como ministro de Defensa del gobierno de Corazón Aquino a Juan Ponce Enrile, puede ser considerado como la "pieza de recambio" de Washington en Filipinas.

A Ileto, de 66 años, se le conoce en los medios militares como el "padre de los rangers filipinos", la unidad de élite del Ejército de tierra que logró la desarticulación de la subversión comunista a principios del sesenta.

Graduado en la escuela militar norteamericana de West Point en 1943, en la que también estudió el jefe del Estado Mayor del Ejército, general Fidel Ramos, Ileto tuvo su bautismo de fuego al comienzo de la guerra del Pacífico entre Nueva Guinea y Filipinas, formando parte de la Sexta Flota norteamericana.

Conocido entre sus allegados como hombre reservado, entró en 1950 a formar parte del Ejército, que dejó en 1978 cuando era subjefe de Estado Mayor.

Ileto, explicaron voceros militares, era el hombre llamado a ser el jefe del Estado Mayor.

Sin embargo, su abierta oposición al estado de ley marcial que proclamó en 1972 el derrocado presidente filipino Ferdinand Marcos provocó el enfriamiento de las relaciones entre el comandante en jefe y el candidato a la jefatura del Ejército.

En un esfuerzo por retribuir su trayectoria militar, Ileto fue nombrado embajador en Irán en 1975 y posteriormente en Tailandia, cargo que ocupó hasta la revolución de febrero antes de asumir al cargo de viceministro de Defensa.

Los observadores lo consideran como el nuevo "hombre de Washington" capaz de aglutinar el apoyo de la población civil y de Ejército en la lucha contra los 23.000 comunistas en armas infiltrados en 62 de las 74 provincias del archipiélago filipino.

Su estrategia militar en la lucha armada contra los primeros comunistas filipinos, y el haber estado como agregado militar en Saigón y Laos en los años difíciles del conflicto con las fuerzas de ocupación, son sus más importantes cartas credenciales para resolver el conflicto armado con los insurrectos comunistas y los separatistas musulmanes del sur.

El ministro de Defensa destituido

Juan Ponce Enrile: la sombra de Marcos

MANILA, 23 (AFP). – Juan Ponce Enrile, que fue forzado a dimitir de su cargo de ministro de Defensa, se calificó recientemente a sí mismo de "Rambo filipino", para ilustrar su anticomunismo virulento.

Enrile, de 62 años, siempre sonriente detrás de sus lentes, es considerado como el líder de la clase dirigente y de los nostálgicos del régimen del ex mandatario Ferdinand Marcos, que lo aclamaron recientemente en un parque de Manila cuando denunció "la debilidad" de la presidenta Corazón Aquino frente a los comunistas.

Este ex hombre fuerte de Marcos es licenciado en derecho y diplomado en la prestigiosa universidad norteamericana de Harvard.

En 1965 conoció a Marcos, que acababa de ser elegido presidente, y a partir de ahí, durante más de veinte años su trayectoria transcurrió a la sombra del dictador.

Considerado por todos como un joven brillante, subió poco a poco los escaños de la jerarquía gubernamental, siendo designado en 1970 ministro de Defensa.

Después de haber sido el segundo del régimen, perdió progresivamente su influencia ante Marcos.

Y a partir de 1981, el general Fabián Ver, que había ganado la simpatía de Marcos, se convirtió en jefe del Ejército.

Según muchos, esto explica el inesperado cambio de Enrile, que luego de las elecciones presidenciales de 1986 se amotinó contra Marcos, en compañía del general Fidel Ramos.

Enrile desempeñó en ese momento, cuando el veredicto de las urnas era aún incierto, un papel fundamental, que permitió a la señora de Aquino acceder al poder.

Aquino lo mantuvo como titular de Defensa, pareciendo olvidar que, en 1973, Enrile había firmado el mandato de detención de su marido, Benigno Aquino.

Pero rápidamente, erigiéndose como rival de Aquino, Enrile demostró que aspiraba a ser el primero, lo que motivó un llamado al *orden* por parte de Washington.

Sin embargo, pese a su dimisión forzada, Enrile no parece ser un hombre que abdique tan fácilmente, aun si debe someterse a un eclipse pasajero.

Filipinos

Corazón solta mulher de líder comunista

Manila — O governo das Filipinas libertou a mulher e o principal assessor de Rodolfo Salas, o suposto líder do Partido Comunista e do seu braço armado Novo Exército do Povo, que permanece preso aguardando julgamento. Josefina Cruz e José Concepción, acusados de rebelião, foram soltos devido a um acordo entre o procurador-geral da República, Sedfrey Ordoñez, e o advogado dos presos, Romeo Capulong.

O advogado tinha entrado com um pedido de concessão de *habeas corpus* para os três na Suprema Corte e aceitou a libertação de Josefina e Concepción em troca da retirada da petição. Salas e os outros dois guerrilheiros foram presos pelo Exército filipino na noite de 29 de setembro, em frente ao Hospital Geral de Manila, onde ele se submeteu a uma cirurgia.

Apesar do forte esquema de segurança montado ontem em torno da Suprema Corte para a apresentação de Salas, Josefina e Concepción, cerca de 50 manifestantes protestaram contra as prisões com cartazes

J/DO BRASIL 15/10/86

FILIPINAS

037

Ramos pidió a Aquino cambio de ministros

MANILA, 21 (EFE).- El jefe máximo de las Fuerzas Armadas filipinas, general Fidel Ramos, pidió cambios en el gobierno de Aquino.

El jefe militar reveló que "recomendó" a la presidenta, con la que estuvo reunido hoy durante una hora y media, la "inmediata sustitución" de los ministros que no hayan contribuido "adecuadamente" a la eficiencia de la actuación gubernamental.

El vocero de la presidencia, Teodoro Benigno, admitió que la iniciativa puede estar impulsada por cierto malestar en algunos sectores de las Fuerzas Armadas.

Ramos señaló la necesidad de cesar a los ministros ineptos y no a los "izquierdistas" que son blanco de las exigencias que la prensa filipina ha atribuido al titular de Defensa, Juan Ponce Enrile, el más abierto crítico de la política del gobierno y de sus negociaciones de paz con la guerrilla.

En rueda de prensa, Teodoro Benigno apuntó la posibilidad de que los "pequeños retoques" que Aquino podría emprender en respuesta a la recomendación del general Ramos figure una reducción del campo de competencias de Arroyo.

La iniciativa del jefe del Alto Estado Mayor, que en las últimas semanas de intensos rumores sobre supuestos planes de golpe de Estado consiguió crearse una aureola de hombre moderador se produjo un día después de que las fuerzas de la izquierda, reunidas en Manila para los funerales del sindicalista Rolando Olalia, que fue asesinado, solicitaran de la presidenta la eliminación de los "elementos fascistas" del gobierno y de las Fuerzas Arma[illegible] de la

Negociación con le la ba[illegible]lla

MANILA, 21 (finitiva[illegible]a guerrilla comunista retomidades qo con el gobierno filipino, an de cre ministro de Agricultura, Ram estaría.

Esta informaci derosa [illegible]ite nuevas esperanzas para [illegible] como [illegible]tual alto el fuego antes de l[illegible] sol [illegible]óximas navidades, después de l[illegible] decepción provocada por la ruptura de las negociaciones la semana pasada tras el asesinato del dirigente de izquierda Rolando Olalia.

La Nación · 22/11/86

01-01

8700612

Un profesional de línea democrática

Afimoro/4/10

Filipinas
Fichaje

Manila (Reuter)— El nuevo ministro de Defensa de Filipinas, **Rafael Ileto**, entrenó a las tropas de elite que se encargan de la custodia de la presidenta **Corazón Aquino**, derrotó una rebelión comunista en la década del 50 y se opuso al establecimiento de la ley marcial en 1972. Soldado de carrera convertido en diplomático, tiene reputación de hombre recto y goza de amplio respeto entre los 250.000 efectivos de las Fuerzas Armadas filipinas.

El general, de 66 años, egresado de la academia estadounidense de **West Point** y ex embajador en **Irán**, presenta una figura paternal situada por encima de las disputas y las luchas por el poder entre los militares. "Estoy desilusionado con el Ejército", dijo a un periodista la semana pasa-

24/10/86

Cont. en pág. 24

Profesionalismo militar en Manila

Viene de pág. 9

da. "Se han formulado acusaciones de corrupción generalizada, violaciones de los derechos humanos y falta de disciplina de las tropas en el campo."

Ileto, quien organizó y fue jefe de los **"Scout Rangers"** del Ejército que combatieron con eficacia la rebelión comunista de los años 50, también contribuyó a la preparación del **"Ejército Amarillo"**, un grupo de elite integrado por soldados escogidos para custodiar a la presidenta. "Nuestra única intención es proteger a la presidenta. En este momento la única persona que puede mantener este país unido es Corazón Aquino y nuestro deber es protegerla", manifestó el militar.

Aquino llegó al poder en febrero tras una revuelta militar encabezada por el jefe del Ejército, **Fidel Ramos**, y por el ex ministro de Defensa, **Juan Ponce Enrile**, que culminó con la partida del entonces presidente **Ferdinando Marcos** al exilio en los Estados Unidos.

Ileto se cuenta entre las figuras prominentes que apoyaron a Enrile y Ramos cuando éstos rompieron con Marcos. El general, cuando ocupaba el cargo de subjefe de Estado Mayor, se opuso a la decisión adoptada por Marcos en 1972 de imponer la ley marcial. Esa actitud le valió ser enviado como embajador a Irán, un cargo que no deseaba.

Un oficial del Ejército que solicitó que su nombre se mantuviera en reserva, afirmó que Ileto fue un estrecho aliado del marido de la actual presidenta, **Benigno Aquino**, asesinado durante el gobierno de Marcos, de quien fue acérrimo opositor.

"Marcos sospechaba que fue Ileto quien hizo trascender un plan de aquél para establecer la ley marcial, cuyo nombre en código era "Plan Saggitarius". Ese proyecto "fue dado a conocer por Benigno Aquino en un discurso que pronunció en el Senado, poco antes de que se impusiera la ley marcial en 1972", agregó el oficial.

Al ser consultado sobre la situación política filipina, Ileto respondió: "Hay demasiados que quieren ser presidente". Se autodefine como un hombre que no está enrolado en ninguna línea: "soy neutral", precisa.

El general, de hablar pausado, es considerado un anticomunista rabioso. "Una coalición con los comunistas está descartada", manifestó a los periodistas la semana última. El Nuevo Ejército del Pueblo" (comunista) debe ser eliminado. "Pero ahora el gobierno está tratando de encontrar una solución pacífica al problema."

Aquino ha iniciado conversaciones para un cese del fuego con los dirigentes comunistas y dijo que si no se alcanza una tregua en una semana ordenará al Ejército aplastar la rebelión.

01-01

Aquino pide apoyar nueva Constitución

MANILA. (ANSA, EFE y UPI).— La Presidenta Corazón Aquino urgió ayer a los empresarios filipinos a apoyar la nueva Constitución en el plebiscito del 2 de febrero, y a eliminar las amenazas contra la democracia.

Aquino habló en el Hotel Plaza, en la conferencia anual de la Cámara de Comercio, cuyos representantes aplaudieron la firma de una tregua de 60 días con los guerrilleros y la "firmeza" de la Presidenta en su intento de promover estabilidad política.

Voceros militares aseguraron que no se informó sobre incidentes más de 48 horas después que la tregua fuera firmada el jueves con emisarios de los 23.000 efectivos del Nuevo Ejército Popular. La tregua entrará en efecto el 10 de diciembre y servirá de base para las negociaciones para poner fin a los 17 años de insurgencia.

Aquino dijo que una continuación de las conspiraciones provocará temor entre la gente y proyectará la imagen de un Gobierno inestable.



SEUL.- Un estudiante es conducido por dos policías con equipo de combate, luego que numerosas personas intentaron realizar una concentración convocada por el principal partido de oposición. (Radiofoto Reuter).

Violenta represión policial

Impiden marcha de protesta en Seúl

SEUL. (ANSA, EFE y UPI).- La Policía impidió ayer en Seúl la manifestación convocada por el principal partido de oposición, Nueva Democracia Coreana, al detener a los principales líderes opositores y emplear gases lacrimógenos y una violenta represión.

Desde primera hora de ayer, miles de policías equipados con máscaras antigás, escudos, cascos y bombas lagrimógenas acordonaron las principales calles del centro de Seúl y paralizaron la ciudad.

Los pocos manifestantes que pudieron llegar al lugar de la convocatoria, después de burlar varios controles policiales, fueron dispersados por las fuerzas del orden con gases lacrimógenos.

La detención, el viernes, del consejero del principal partido de oposición, Kim Young sam, y de otros 260 líderes de las llamadas organizaciones antigubernamentales, contribuyó a impedir la celebración de una manifestación pacífica, destinada a exigir al Gobierno cambios democráticos en la Constitución, y la petición de elecciones presidenciales directas.

El fiscal general de Seúl, Suh Dong kzon, anunció que todas aquellas personas que sean detenidas en la manifestación de ayer, recibirán un severo castigo por violar la legislación vigente.

Le rotura de todos los canales de diálogo entre el partido gubernamental y la oposición puede provocar un aumento de las tensiones en los próximos días.

El partido gubernamental prohibió la manifestación de ayer, alegando que grupos radicales de estudiantes, trabajadores despedidos y otros elementos, podrían aprovecharse de la convocatoria.

De momento no se sabe con exactitud el número de personas detenidas, pero se especula con 'varios centenares.

Los detenidos deberán asistir a un cursillo de adoctrinamiento ideológico y mostrar su arrepentimiento antes de salir en libertad, según es costumbre en Corea del Sur.

037

FILIPINAS

LA PRENSA 05/12/86

Manila: investigan un supuesto complot



(Radiofotografía de Reuter)

El comandante en jefe de las Fuerzas Armadas filipinas Fidel Ramos. lee un diario momentos antes de hablar ante los miembros del Club del Ejercito y la Marina

Manila. (UP)— El comandante en jefe de las Fuerzas Armadas. general Fidel Ramos. declaró hoy que se están investigando versiones aparecidas en la prensa local. afirmando que hasta unos 350 soldados leales al ex ministro de defensa Juan Ponce Enrile están ocultos en un area montañosa al este de Manila aguardando sus instrucciones.

Ramos señaló que había ordenado una investigación "simplemente para descartar la versión si en verdad no hay nada alli o para que podamos actuar de inmediato si hay algo por lo que debamos actuar".

No obstante. Ramos añadió que creía que la versión era falsa.

El diario financiero "Business Day". citando una alta fuente militar. informó que una fuerza armada de 300 soldados del Ejército. la infantería de marina y de unidades de seguridad del Ministerio de Defensa están ocultos en las montañas de las provincias de Bataan y Zambales. al oeste de la capital. al otro lado de la bahía de Manila

Los soldados están en estado de "confusión" y aguardan ordenes de Enrile. que fue destituido de su cargo por la presidenta Corazón Aquino el 23 de noviembre. tras un abortado golpe de estado. indicó asimismo "Business Day".

Ramos respondiendo a preguntas tras pronunciar un discurso en el Club del Ejército y la Armada. expresó que ya se han investigado veesiones similares. resultando que los diversos movimientos de tropas. incluyendo el de un pequeño contingente de infantes de marina que abandonó el cuartel general del Ejército. habian sido todos autorizados.

← Poco LEGIBLE

01-01

8700615

Filipinas

CORAZON AQUINO RECHAZO FORMAR UN GOBIERNO DE COALICION

Propuesta guerrillera en Filipinas

El proyecto de un gobierno de coalición con la guerrilla y la expulsión de las bases militares estadounidenses fueron rechazados ayer por el gobierno de Filipinas, que calificó de "ilógicos e infundados" los reclamos de los representantes del Nuevo Ejército del Pueblo. Aclaró, sin embargo, que está dispuesto a negociar sobre la reforma agraria y la industrialización.

MANILA, 2 (AP). — El gobierno filipino rechazó hoy la formación de una coalición con los rebeldes comunistas por considerarla **"infundada e ilógica"** y señaló que las conversaciones, a iniciarse la semana próxima, con el fin de terminar con la insurgencia, deberían limitarse a la **reforma agraria** y a la **industrialización.**

En una carta dirigida al **Frente Democrático Nacional (F.D.N.)** el gobierno señaló que los rebeldes no tenían un monopolio sobre el patriotismo o las ideas para mejorar la sociedad y les hizo una invocación para que respeten el mandato del **poder popular** que llevó al gobierno a la presidente **Corazón Aquino.**

El jefe de la comisión negociadora del gobierno, **Teofisto Guingona**, distribuyó copias de la misiva en una conferencia de prensa luego de una reunión de dos horas que él y otros dos miembros del grupo sostuvieron con Aquino y altos jefes militares en el palacio gubernamental.

• "Poder popular"

El gobierno ha rechazado anteriormente demandas rebeldes para el establecimiento de una **"coalición de gobierno de transición"**, pero fue la primera vez que expresó su posición por escrito.

"Este gobierno recibió el mandato a través del poder popular", señaló la carta, refiriéndose a la revuelta de febrero que derrocó al régimen de **Ferdinando E. Marcos**, después de una elección considerada fraudulenta.

"Este gobierno continuará esa revolución inconclusa, para recobrarse de la crisis y dar los pasos necesarios para corregir los errores del pasado... pero no lo hará a través de una demanda infundada e ilógica de una coalición de gobierno", dijo.

No hubo respuesta inmediata del **Frente Democrático Nacional**. Pero anteriormente la agrupación se había quejado de que el gobierno rechazaba sus demandas aun antes de que se iniciaran las conversaciones de paz, y había dicho que las perspectivas para terminar con 18 años de insurgencia eran tenues si el gobierno endurecía su posición.

Ambas partes acordaron anteriormente una tregua puesta en vigencia el 10 de diciembre

Guingona dijo que el gobierno también había rechazado las demandas de abolir un acuerdo que permite a **Estados Unidos** operar bases militares en el país y de integrar el **nuevo ejército popular** (guerrillero) a las fuerzas armadas de Filipinas, en caso de que se llegara a un arreglo pacífico.

Aunque el gobierno estaba dispuesto a tratar otros temas además de la reforma agraria y la industrialización, Guingona dijo que **"en lo que a las bases se refiere, tendremos que someter el tema a la Constitución de 1986".**

La nueva carta, que será sometida a la aprobación de los votantes en un plebiscito a realizarse el 2 de febrero, contempla la permanencia de las bases en el país aun después de terminar el plazo de alquiler, en 1991, debido a que está sujeto a un tratado formal entre Estados Unidos y Filipinas.

Tanto la derecha como la izquierda han urgido a votar contra la Constitución, cuyo objetivo es estabilizar al gobierno. El voto es considerado como una prueba crítica de la popularidad de Aquino, luego de un convulsionado primer año en el poder.

(Radiofotografía de [illegible])

Guerrilleros comunistas filipinos alzan sus armas junto con una hoz y un martillo, emblemas de su partido, durante los festejos de fin de año en su refugio de las montañas, en la provincia de Quezón

Manila, 2 (UP y ANSA) – El gobierno de la presidenta Corazón Aquino decidió hoy que sus conversaciones con los insurgentes comunistas se limitarán a tratar la reforma agraria y la industrialización del país, y calificó de "infundados e ilógicos" sus pedidos para compartir el poder.

En una dura respuesta a la propuesta de paz del Frente Democrático Nacional (FDN), el gobierno también rechazó negociar el futuro de las bases militares de Estados Unidos en las Filipinas, el repudio a la deuda externa o a la nacionalización de industrias estratégicas.

Después de la derrota del presidente Ferdinand Marcos, el 25 de febrero de 1986, la señora Aquino asumió el poder afirmando que uno de los puntos básicos de su programa de gobierno era comenzar tratativas con los grupos marxistas que desde hace 17 años combaten una sangrienta guerrilla en el sur de las Filipinas. Las negociaciones con los rebeldes comenzarían el seis de enero.

Campaña de la presidenta

La respuesta se produjo en la víspera de la partida de la presidenta a las ciudades de Legaspi y Naga, a unos 300 kilómetros al sur de Manila, a iniciar una campaña nacional en favor de la ratificación de la nueva Constitución, en un plebiscito a realizarse el 24 de febrero.

Tanto la derecha como la izquierda han urgido votar contra la Constitución, cuyo objetivo es estabilizar al gobierno. El voto es considerado como una prueba crítica de la popularidad de Aquino, luego de un convulsionado primer año en el poder.

Si el documento no fuese aprobado por una gran mayoría, la oposición interpretaría el voto como una manifestación de desconfianza hacia la administración y se intensificarían los reclamos de nuevas elecciones presidenciales.

Oposición de Ponce Enrile

Por su parte, el ex ministro de defensa, Juan Ponce Enrile, destituído del cargo en noviembre, luego que el gobierno desarticuló un supuesto golpe de estado, comenzó hoy una campaña de cinco días en las sureñas islas de Mindanao para alentar el voto contra la Constitución.

Tras defender la esencia popular del gobierno de Aquino, los negociadores oficiales señalaron en su carta al FDN que el gobierno "proseguirá en su afán de recuperarse de las profundidades de la crisis y tomará los pasos necesarios para corregir los equívocos del pasado".

"Pero no dará paso al infundado e ilógico pedido de un gobierno de coalición. Las Filipinas tienen un solo gobierno, y una bandera y una Constitución", dijo la carta.

"Dada la gravedad de nuestros problemas nacionales y considerando el cronograma de trabajo, sugerimos que nuestra agenda conjunta se concentre en dos objetivos posibles, imperiosos para resolver las necesidades de nuestro pueblo", añadió.

Agenda

La agenda propuesta para las conversaciones señalan la reforma agraria y la industrialización como las prioridades oficiales.

También citan otros temas posibles "según permitan las circunstancias", en lo que se estima una posible referencia a la extensión de la cesación del fuego, que fue firmado por el gobierno y la insurgencia comunista por un período de 60 días, y que hoy entró en su 23ª jornada.

Filipinas: los rebeldes del P.C. amenazan la tregua

MANILA, 4 (AFP, ANSA y UPI). — Mientras el gobierno filipino llegó a un principio de acuerdo para terminar las hostilidades de la guerrilla musulmana en el sur del país, los rebeldes comunistas amenazaron con reanudar acciones armadas el mes próximo, al cumplirse los 60 días de tregua convenidos el 10 de diciembre último.

Los acuerdos con el Frente de Liberación Nacional Moro (F.L.N.M.), que desde hace 14 años demanda la independencia del sur filipino respecto de Manila, se basarían en el otorgamiento de ciertas autonomías para la isla de Mindanao y otras cuatro menores.

Las negociaciones del gobierno con los rebeldes moros se realizaron en Jeddah, Arabia Saudita. Inur Misuari, presidente del F.L.N.M., dijo que "en servicio de la paz" había abandonado su antigua demanda de independencia para aceptar una progresiva autonomía dentro de "procesos democráticos".

Entre tres y cinco millones de filipinos musulmanes y unos 15 millones de cristianos que viven en Mindanao y las islas de Sulu, Basilan, Tawi-Tawi y Palwan deberán votar por la adopción de un sistema autónomo respecto de Manila en las áreas educativa, legislativa y judicial.

El ejército, el sistema impositivo y la política exterior, en cambio, quedarían bajo control del gobierno de Manila.

Agapito Aquino, cuñado de la presidenta Corazón Aquino y negociador principal con el F.L.N.M. en Jeddah, dijo que los rebeldes aceptaron la autonomía dentro del marco de la Constitución de 1986, que debería ser ratificada en el polémico plebiscito del 2 de febrero próximo.

El acuerdo de autonomía depende ahora de la votación que realicen los pobladores de las 17 provincias en cuestión. Aquino opinó que la mayoría cristiana de esas regiones no aceptaría el nuevo sistema. Misuari, al contrario, consideró que incluso la mayoría cristiana está "cansada de ser cruelmente explotada" por la administración central de Manila.

♦ **Distanciamiento**

Las conversaciones con el Frente Democrático Nacional (F.D.N.) que nuclea a las guerrillas c[...] del país parecen, en cambio, haber entrado en [una etapa] de distanciamiento.

Las tratativas no logran superar diferenci[as cen]trales sobre el futuro de las bases norteameric[anas en el] país, la nacionalización de la industria y la [moratoria] unilateral de la deuda externa.

Jefferson Tugowin, representante del Frente Dem[ocrático] Nacional por la zona del norte de Luzón y Antoni[...] negociador por los rebeldes.

Filipinas

Acuerdos con los rebeldes musulmanes en Filipinas

Manila, 4 (UP) – Negociadores del gobierno y un jefe rebelde musulmán anunciaron hoy que durante el fin de semana lograron acuerdos destinados a poner fin a la guerra de 14 años por la autonomía musulmana en el sur de las Filipinas.

Los acuerdos, que permitirían una votación sobre una posible autonomía en lugar de la independencia para los 3 a 5 millones de filipinos musulmanes, fueron calificados de "hitos" por negociadores del gobierno. El jefe musulmán Inur Musuari señaló que "la paz no debería estar muy lejos".

Pesimismo de los comunistas

Mientras se informaba sobre este éxito de las iniciativas de paz de la presidenta Corazón Aquino con los musulmanes, voceros de los guerrilleros comunistas difundían su evaluación más pesimista hasta hoy de las perspectivas de una solución duradera para su guerra de guerrillas.

En una conversación telefónica desde Jeddah, Arabia Saudita, Lnur Misuari, presidente del Frente de Liberación Nacional Moro, indicó que había acordado "en servicio de la paz" el abandono de su antigua demanda de independencia y que aceptó la autonomía dentro de "procesos democráticos".

Alcances de los pactos

Los acuerdos deberían producir una votación entre los 3 a 5 millones de filipinos musulmanes y sus 15 millones de compatriotas cristianos en el sur del país sobre una posible declaración de autonomía frente a Manila y el establecimiento de su propio sistema educacional, legislativo y judicial.

El ejército, los impuestos y la política exterior, sin embargo, quedarían bajo control del gobierno central, señalaron fuentes del gobierno.

"Ahora creemos que, a no ser por circunstancias imprevistas, la paz no debería estar muy lejos", expresó Misuari, quien dirigió una sangrienta guerra contra el depuesto régimen de Ferdinand Marcos por la independencia musulmana en el sur que dejó unos 60.000 muertos la década pasada.

Agapito Aquino, negociador y cuñado de la presidenta, afirmó que se firmaron en Jeddah ayer y hoy dos acuerdos que deben conducir hacia una solución permanente del conflicto musulmán en el sur.

"El logro mayor del acuerdo es la autonomía", dijo. "El FNLNM ha reducido su exigencia: autonomía en lugar de independencia".

Agapito Aquino añadió desde Jeddah que el FNLNM aceptó la autonomía "dentro" del marco de la Constitución de 1986, que debería ser ratificada en el plebiscito del 2 de febrero.

Futura legislación

La carta señala un congreso que crearía la legislación para las regiones autónomas del sur. Agapito Aquino dijo que cubriría 21 de las 73 provincias en cinco islas, incluso la devastada Mindanao.

Los acuerdos sobre autonomía, sin embargo, dependen de una ratificación en base de provincia-por-provincia. Agapito manifestó que dudaba de que la mayoría cristiana de 17 provincias aceptara la autonomía. Pero Misuari afirmó lo contrario al decir que la mayoría cristiana está "cansada de ser cruelmente explotada" por el resto del país.

Mindanao, la segunda isla más grande del país, es rica en tierras y recursos naturales, pero sus funcionarios afirman que su desarrollo ha sido descuidado por Manila.

En Manila, los rebeldes comunistas acusaron hoy al gobierno de tratar de curar "un cáncer con aspirina" y advirtieron que una falta de progresos sustanciales en las conversaciones de paz puede llevar a una renovación de las hostilidades.

LA PRENSA 05-1-87

037

Filipinas

Un legislador de EE.UU. reunióse con rebeldes en Filipinas

Manila, 5 (UP) – Los rebeldes filipinos se reunieron en secreto con el legislador norteamericano Stephen Solarz, en su primer contacto con autoridades norteamericanas, y el visitante prometió hoy que Wáshington "hará todo lo posible" para evitar un derrocamieto armado de la presidenta Corazón Aquino.

Solarz, presidente de la Subcomisión de la Cámara de Representantes sobre Asuntos del Asia y del Pacífico, se reunió anoche con dos representantes del Frente Nacional Democrático en la casa suburbana de un "amigo mutuo", confirmaron voceros rebeldes y norteamericanos.

Fuentes rebeldes dijeron que se dijo a Solarz durante la reunión de dos horas que los guerrilleros comunistas estaban comprometidos con la lucha armada y el cierre de las estratégicas bases norteamericanas ubicadas en las Filipinas.

LA PRENSA
06-1-87

037

Filipinos

Los sindicalistas no votarán a Aquino

MANILA, 21 (UPI). — En sendes ataques a la presidenta Corazón Aquino, el sindicalismo reveló que en febrero votará contra la Constitución, y la Iglesia Católica afirmó hoy que **la corrupción oficializada "no permite la reconstrucción" de Filipinas.**

Se estima que el **plebiscito del 2 de febrero**, para ratificar la Constitución preparada por el gobierno, **es vital para el futuro político de Corazón Aquino.**

El cardenal **Jaime Sin** pidió a la presidenta Aquino **"terminar con la colma y la corrupción"**, al anotar que esos males se han hecho **"endémicos"**

En una homilía leída en las iglesias católicas filipinas, Sin aseveró: **"No podrá haber una genuina reconstrucción de nuestra sociedad mientras la corrupción no sea eliminada."**

Los observadores políticos indicaron que el mensaje de Sin constituye **una de las más severas críticas de la Iglesia contra el gobierno de Aquino.**

Sin, el mundialmente conocido arzobispo de Manila, pidió a los funcionarios del gobierno **"conservar su integridad"** en el servicio público y **combatir la corrupción, un "mal arraigado en nuestra sociedad".**

Por su parte, el **Movimiento Primero de Mayo (M.P.M.)**, el sindicato más poderoso de Filipinas y el primero en confrontar la dictadura de **Ferdinand Marcos**, anunció su voto **contra la Constitución.**

El sindicato, que tiene **600.000 afiliados**, reveló que procederá así **porque el proyecto de Constitución no contiene disposiciones para acelerar la reforma agraria y la nacionalización de la industria en Filipinas.**

CLARIN 22-12-86

8700904

01-01

Filipinas

El Día 28/12/86

Comunistas violan tregua en Filipinas

MANILA. — En la primera denuncia de rompimiento de la tregua acordada hace 17 días, una comisión nacional de monitoreo dijo ayer que los insurgentes comunistas violaron un cese de fuego, al ingresar armados a un pueblo.

En una decisión adoptada por cuatro votos a uno, la comisión convalidó una protesta del comandante en jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, que calificó de "provocación" el incidente ocurrido el 11 de diciembre último en la histórica península de Bataan, advirtiendo que ello podía conducir a "confrontaciones violentas".

El presidente de la Comisión Nacional de Monitoreo, Antonio Fortich, un popular obispo de la isla central de Negros, dijo a la prensa que la tregua se mantenía a pesar de la denuncia. De los otros 11 reclamos militares uno fue descartado.

"Gracias al cese de fuego tuvimos una navidad tan pacífica, como nunca. Ojalá esto dure más allá del año nuevo", aseveró Fortich.

Agregó que es preciso "que cooperemos con esta mujer, debemos agradecerle por haber implantado el cese de fuego", refiriéndose a la presidenta Corazón Aquino.

La comisión dijo que el incidente de Bataan va en "detrimento" de la tregua y pidió al liderazgo de la insurgencia "ejercer todo su peso para evitar y prevenir actos similares en el futuro".

El incidente ocurrió el 11 de este mes en Samal, pueblo a unos 90 kilómetros al noroeste de Manila, en festejos al día siguiente de la implantación del cese de fuego. Unos 80 efectivos del nuevo ejército popular empuñaron sus armas durante la manifestación en la plaza del pueblo.

Se supone que la decisión de la comisión, de culpar a la guerrilla de la primera violación del acuerdo, significa un golpe para el Frente Democrático Nacionalista, que siempre ha insistido en que las denuncias militares de violaciones al acuerdo eran inventos para desacreditar a los insurgentes.

El representante de los rebeldes en el panel, Francisco Pasqual, denunció la decisión alcanzada por la comisión.

01-01

037

Filipinas

EL DIA 29-12-86

EL MUNDO

Queman revistas "Time" en Manila

MANILA. — Varios cientos de manifestantes que entonaban consignas contra el gobierno quemaron ayer ejemplares de la revista "Time", en la que se presenta a la presidenta Corazón Aquino como la mujer del año.

Los opositores, que llevaban carteles con la leyenda "fuera el Time", prendieron fuego a pilas de la revista, que menciona a Aquino como ejemplo de valentía y decisión en la tarea de conducir su país a la democracia. El semanario afirma que la gobernante fue la personalidad que mayor influencia ejerció en 1986.

La Policía informó que los manifestantes eran partidarios del ex presidente Ferdinand Marcos,

Gobierno acusa a guerrillas

Fue violado el cese del fuego en las Filipinas

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- En la primera denuncia de rompimiento de la tregua acordada hace 17 días, una comisión nacional de monitoreo dijo ayer que los insurgentes comunistas violaron un cese de fuego, al ingresar armados a un pueblo.

En una decisión adoptada por cuatro votos a uno, la comisión convalidó una protesta del Comandante en jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, que calificó de "provocación" el incidente ocurrido el 11 de diciembre en la histórica península de Bataan, advirtiendo que ello podía conducir a "confrontaciones violentas".

El Presidente de la Comisión Nacional de Monitoreo, Antonio Fortich, un popular obispo de la isla central de Negros, dijo a la prensa que la tregua se mantenía a pesar de la denuncia. De los otros 11 reclamos militares uno fue descartado.

"Gracias al cese de fuego tuvimos una Navidad tan pacífica, como nunca. Ojalá esto dure más allá del año nuevo", aseveró Fortich.

Agregó que es preciso "que cooperemos con esta mujer, debemos agradecerle por haber implantado el cese de fuego", refiriéndose a la Presidenta Corazón Aquino.

La comisión dijo que el incidente de Bataan va en "detrimento" de la tregua y pidió al liderazgo de la insurgencia "ejercer todo su peso para evitar y prevenir actos similares en el futuro".

El incidente ocurrió el 11 de este mes en Samal, pueblo a unos 90 kilómetros al noroeste de Manila, en festejos al día siguiente de la implantación del cese de fuego. Unos 80 efectivos del Nuevo Ejército Popular empuñaron sus armas durante la manifestación en la plaza del pueblo.

A pesar de incidentes, subsiste tregua filipina

MANILA. — El gobierno filipino y negociadores rebeldes declararon ayer que la sustancia de su acuerdo de tregua por 60 días no ha sido rota no obstante los "incidentes de los últimos días".

La declaración fue dada a conocer tras una reunión privada convocada para discutir lo que según los líderes militares ha sido una clara violación del acuerdo, que ha entrado ya en su cuarto día —una demostración de poderío militar de los rebeldes en una localidad situada al oeste de Manila que violó las normas que regulan la portación de armas dentro de zonas pobladas.

Los negociadores se negaron a discutir públicamente dicho incidente, pero dijeron a los periodistas en una declaración:

"... El gobierno y el Frente Democrático Nacional (NDF) creen firmemente que la sustancia del acuerdo de cese el fuego preliminar no ha sido roto de ninguna manera.

"Los incidentes pertinentes han sido trasladados al Comité Nacional de Cese el Fuego para que adopte las medidas adecuadas. Los dos paneles reiteran su firme compromiso de mantener el cese el fuego e invitar a todas las fuerzas de ambas partes a seguir demostrando sobriedad en respaldo de un esfuerzo de paz."

Suman fuerzas

El proscripto Partido Comunista de las Filipinas dijo ayer que sus fuerzas cesarán la lucha armada si las negociaciones con el gobierno de Corazón Aquino permiten la formación de un gobierno de transición de ancha base y la fusión de las fuerzas insurgentes con el Ejército regular.

Por su parte, la agencia noticiosa oficial dijo asimismo ayer que el comandante regional, brigadier general Mariano Adalem, y las fuerzas rebeldes en la isla sureña de Mindanao, acordaron el viernes sumar fuerzas para perseguir criminales. La decisión fue adoptada luego de una reunión de dos días en el Seminario de San Pedro, en la ciudad de Butuan.

El comandante regional rebelde, George Madlos, de 42 años, cuya cabeza ha sido puesta a precio, descendió de las montañas para asistir a la primera reunión entre jefes del Ejército y la insurgencia, desde que comenzó una tregua de dos meses, el pasado miércoles.

Madlos, en una entrevista por radio y televisión efectuada en la isla, situada a 800 kilómetros al sur de Manila, prometió durante la reunión respetar la tregua y pidió a la Policía sumar fuerzas para realizar operativos conjuntos en la cacería de criminales en zonas rebeldes.

En fin, la presidenta filipina, Corazón Aquino, aceptó ayer la dimisión de su ministro de Trabajo, Augusto Sánchez, en tanto fuentes oficiales y de la guerrilla comunista señalaron que se hará todo lo posible para continuar la tregua acordada.

Aquino pidió al ministro renunciante que siga en su cargo hasta fin de año

037 Filipinas

Marcos predice que en las Filipinas habrá hechos de violencia

LA PRENSA 2-1-87

Manila. 1 (UPI) – El derrocado presidente de las Filipinas. Ferdinand Marcos. acuso hoy a Estados Unidos de haberlo "prácticamente secuestrado" en febrero pasado y pidio a Washington que se abstenga de inmiscuirse en los asuntos internos de su pais.

En una entrevista telefónica desde Hawai. donde se encuentra exiliado. Marcos dijo tambien que los comunistas "ya se han hecho cargo" del gobierno de Manila.

En la charla. que fue trasmitida por la radioemisora Dzec. Marcos pronosticó que 1987 traerá una "explosión de violencia en las Filipinas". "Podria presentarse una situacion tal en la que el pueblo tenga que tomar el asunto en sus manos y entonces tendremos una guerra civil". dijo.

El ex dictador. que fue derrocado el 25 de febrero en un levantamiento popular-militar incruento. dijo que Washington lo habia enganado para salir del pais.

"Fui enganado y prácticamente secuestrado fuera de las Filipinas". declaró Marcos. agregando que cuando era trasladado fuera del palacio gubernamental pensaba que seria conducido a su provincia natal de Ilocos Norte. al nordeste del pais. Marcos fue llevado a Guam antes de proseguir a Hawai.

"Prometamos que intervenciones como estas nunca más serán permitidas por el pueblo filipino. Prometamos que los filipinos resolverán sus asuntos internos y que ellos serán quienes decidirán quién debe gobernar su país". dijo.

Marcos indicó que el y su esposa Imelda estaban "profundamente apenados" al no haber podido estar en las Filipinas para el advenimiento de 1987.

En la entrevista. Marcos también sostuvo que era "una trama propagandística" del gobierno de la presidente Corazón Aquino la demanda que se le instauró por 750 millones de dólares.

El juicio, iniciado el 29 de diciembre. busca el pago de daños por una suma que no tiene precedentes en la historia de las Filipinas.

La acción judicial. la primera contra Marcos en las Filipinas. intenta complementar una orden de un juez de distrito de Estados Unidos bloqueando la venta de cuatro edificios en Manhattan. Nueva York. y en Long Island. en el mismo estado. hasta que se determine la verdadera propiedad de esos inmuebles.

Manila insiste en que las propiedades pertenecen a la familia Marcos. "Ellos no pueden tocar esos edificios". dijo el ex presidente. "¿Cómo es que las cortes filipinas pueden tener jurisdicción sobre esas propiedades?". se preguntó.

Marcos insistió que las evidencias "demostraron que el dinero utilizado para comprar esas propiedades fueron prestadas de otras personas. no por Marcos".

El derrocado mandatario y su esposa. Imelda. han formulado varias declaraciones radiales a sus seguidores con motivo de la Navidad y el Año Nuevo. Los dos. por separado. han prometido en esos mensajes que regresarán para gobernar otra vez en las Filipinas.

Mensaje de Corazón Aquino

En tanto la presidenta Corazón Aquino dijo hoy a sus compatriotas que 1986 pasará a la historia como el año cuando los filipinos pusieron fin a un periodo de verguenza. al derrocar al régimen de 20 años de Ferdinand Marcos.

En un mensaje de Año Nuevo difundido a todo el país por la televisión estatal, Aquino señaló que 1987 es el año "para revitalizar nuestra economia y dar vida y vigor perdurable a las instituciones de una democracia plena".

"Ignoramos los riesgos y enfrentamos los sacrificios para lograr la libertad". acotó Aquino en referencia a la revuelta militar y popular del 25 de febrero que desalojo del poder a Ferdinand Marcos. tras 20 años de gobierno. y lo envio a su exilio en Hawai.

"Aquello vivira para siempre en nuestra memoria". agregó la presidenta sentada ante el sello presidencial en su despacho del Palacio Malacanang. Aquino recordo que cuando comenzo su campaña para las elecciones presidenciales. una de sus principales consignas era que 1985 seria "el último de nuestros años de verguenza".

Aquino advirtio empero que la tarea de reconstruir la democracia en las Filipinas sigue siendo "prolongada y dura" y que "los desafíos son grandes".

01-01

037

Filipinas

La Prensa 22/12/86

Rechazó Aquino una demanda de los rebeldes

Manila, 22 (UP) — El gobierno filipino rechazó hoy una de las principales demandas de los guerrilleros, el levantamiento de bases estratégicas militares estadounidenses, en víspera de críticas conversaciones destinadas a poner fin a la lucha armada iniciada hace 17 años.

El gobierno de la presidenta Corazón Aquino también insistió en que nunca compartirá un gobierno con los comunistas.

Luis Jalandoni, representante del Frente Nacional Democrático, señaló en una conferencia de prensa que el gobierno del presidente Reagan era "una siniestra fuerza internacional que hace todo lo posible para sabotear el proceso de paz".

Por su parte, el jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, acusó a los dirigentes de los 23.000 rebeldes de actuar "como si ya fueran los triunfadores de las Filipinas".

El intercambio de acusaciones se produjo un día antes de que comités del gobierno y de los rebeldes comiencen a discutir una agenda para las conversaciones de paz

01-01

037

Filipinas

CLARIN 29-12-86

Aquino: amenaza a la democracia

MANILA 28 (UPI). — La presidenta **Corazón Aquino** dijo hoy que su iniciativa de paz con los rebeldes comunistas está enraizada en una **profunda fe en Dios**, pero advirtió que la **"vergonzosa" brecha entre ricos y pobres amenaza a la democracia en la nación.**

"El compromiso hacia la vía de la paz (es) el primero y, si es posible, el medio final de resolver una pugna", dijo Aquino. "Solo como un único recurso y **solo para defender las vías de la paz y la democracia debemos apelar a la fuerza para protegerlas.**"

Aquino formuló esos comentarios ante un grupo de asociaciones pro familia al finalizar la pausa de tres días en sus labores que tomó con motivo de la Navidad.

"Hablo de la injusticia social en el mundo, el aumento de la vergonzosa desigualdad entre la **minoría, que es rica y poderosa**, y la **mayoría**, que es **pobre e impotente**".

"La complacencia con uno mismo y la extravagancia son las características de la tiranía, no del Estado republicano que somos.

037

Filipinas

La Prensa 10/1/87

Manila: nueva propuesta gubernamental

Manila. (UP) — El ministro de defensa de las Filipinas. Rafael Ileto. propuso una mutua reducción de armas y tropas entre las Fuerzas Armadas y los rebeldes del "Nuevo Ejército Popular". para buscar una solución permanente a la guerra de guerrillas.

En una declaración difundida por su ministerio. Ileto afirmó haber planteado su propuesta al principal negociador del gobierno. Teofisto Guingona. para que la presentara a los representantes del Frente Democrático Nacional. el brazo político de los guerrilleros. en la próxima ronda de charlas el martes.

La propuesta de Ileto. anunciada al cumplirse el 31º día de la tregua de 60 días entre el gobierno y los rebeldes. no contiene detalles sobre un mecanismo preciso para esa reducción.

Pero indica que una respuesta favorable de los guerrilleros podría conducir a una extensión de la cesación del fuego.

037

Filipinas

Marcos quiere volver pronto a las Filipinas

MANILA, 14 (AP). – El ex presidente Ferdinand Marcos dijo que esperaba que algún «milagro» le permitiera retornar a Filipinas para Navidad, en un mensaje grabado transmitido por una radio privada.

Mientras tanto, la Junta de Transporte Aéreo vedó el uso del aeropuerto de Laoag, de Ilocos Norte, la región natal de Marcos, a todos los aviones privados, según funcionarios del aeropuerto. Los diarios de Manila dijeron que la medida tenía por objeto impedir un posible intento de Marcos por ingresar en el país.

El presidente depuesto, en el mensaje transmitido por la radio, deseó al pueblo feliz Navidad y Año Nuevo "si no nos vemos, aunque tengo la esperanza de que por algún milagro podamos vernos en estas fiestas".

Marcos, que habló en inglés y el dialecto local ilocano, se refirió a la presidenta Corazón Aquino como "esta mujer controlada y títere de los comunistas".

LA NACION 15-12-86

037 Filipinos

Rechazó la guerrilla comunista la propuesta de Corazón Aquino



(Radiotelefoto de Reuter)

La presidenta de las Filipinas y miembros de su gabinete hacen la señal de la L (inicial de Laban, lucha en idioma filipino) en un mitin de su campaña en favor de la ratificación de la nueva Constitución

Manila, 3 (UP) – Los rebeldes comunistas rechazaron hoy una propuesta del gobierno de la presidenta Corazón Aquino para limitar el alcance de las conversaciones de paz, circunscribiéndolas a la reforma agraria y la industrialización del país. Al mismo tiempo, acusaron a Estados Unidos de interferir en las negociaciones.

"Ha habido numerosas informaciones dando cuenta de asesores norteamericanos entrando y saliendo de Malacañang (el palacio presidencial)", afirmó Carolina Ocampo, negociadora del Frente Democrático Nacional (FDN), conducido por los comunistas.

"Denunciamos lo que percibimos como una injustificada interferencia norteamericana en nuestros asuntos internos, en el proceso de paz", añadió Ocampo en una conferencia de prensa.

Por su parte, Antonio Zumel, también representante de los comunistas en las negociaciones, rechazó una propuesta del gobierno para limitar el alcance de las conversaciones, calificándola de "enfoque fragmentario de los problemas que asedian a nuestra nación".

El gobierno envió una carta, ayer, a los rebeldes, sugiriendo que el alcance de las conversaciones sea limitado, debido a la "gravedad de nuestros problemas nacionales... y considerando el periodo de tiempo disponible".

La iniciativa fue la respuesta del gobierno de Aquino a una exigencia de los rebeldes de incluir el desmantelamiento de las bases militares de Estados Unidos. Los rebeldes también quieren discutir el repudio de la deuda externa y la nacionalización de las industrias estratégicas.

"El nuevo enfoque del gobierno refleja el tipo de método que los norteamericanos han tratado de usar en El Salvador y otros países centroamericanos", afirmó el delegado Saturnino Ocampo.

"Este tipo de intervención, mientras está en marcha el proceso de paz... es una injustificable y completamente objetable intromisión de Estados Unidos en asuntos internos filipinos", denunció Luis Jalandoni, representante en Europa del FDN.

La etapa sustitutiva de las conversaciones para poner fin a 17 años de insurgencia comunista comienza el 6 de enero. En la primera etapa de las negociaciones, los representantes del gobierno y del FDN están tratando de acordar una agenda común.

Reforma constitucional

Mientras tanto, en la ciudad de Legaspi, Corazón Aquino inició hoy su campaña proselitista exhortando a ratificar la nueva constitución nacional, en el plebiscito que se celebrará el 2 de febrero, para que las Filipinas puedan "vivir en libertad por siempre, para que nunca tengamos otro dictador".

"Estoy dispuesta a ofrecer mi vida por ustedes", dijo la presidenta a miles de entusiastas partidarios, que se congregaron para escucharla en las laderas del volcán Mayon.

"Esta votación es por democracia... por nuestra recuperación económica, esto es para nuestros hijos, de manera de que ellos puedan vivir en libertad por siempre, para que nunca tengamos otro dictador", afirmó Aquino refiriéndose al plebiscito.

Aquino inició su campaña proselitista en Legaspi y en la cercana Naga, dos ciudades que votaron abrumadoramente a favor suyo en las elecciones de febrero último, con las que culminó el derrocamiento del ex hombre fuerte, Ferdinand Marcos. Soldados con equipos de combate patrullaban las calles de las dos ciudades.

Acusación de Ponce Enrile

Entretanto, el ex ministro de defensa Juan Ponce Enrile, que promueve el rechazo de la Constitución, acusó al gobierno de forzar al pueblo a votar por la aprobación del proyecto de carta magna.

Enrile fue separado del gabinete en noviembre pasado, cuando fue detectada y neutralizada una conspiración para dar un golpe de estado, al parecer orquestada por algunos de sus ayudantes.

Tras afirmar que el gobierno de Aquino es una "dictadura", Enrile sostuvo que la presidenta ha lanzado su campaña proselitista "porque ya no está segura de que pueda conducir al pueblo filipino".

En general, se descuenta que la constitución será aprobada, pero el gobierno se ha propuesto conseguir un 65 por ciento del voto a favor como un espaldarazo a su gestión.

La nueva carta magna prevé un poder legislativo bicameral y estipula un periodo presidencial de seis años, lo que significa que, si es aprobada, Aquino permanecerá en el cargo hasta 1992.

LA PRENSA 04-1-87

037

Filipinas

Por despido de un Ministro

Protesta laboral en Las Filipinas

MANILA, (UPI).-- Cientos de policías antimotines y soldados bloquearon ayer la marcha que realizaban unos 4.000 trabajadores hacia el palacio de la Presidenta Corazón Aquino en protesta contra el despido de un Ministro izquierdista.

Siete coches bomberos, cinco camiones militares y unos 500 policías provistos de garrotes y armas cortas bloquearon la entrada del puente Mendiola, a unos 200 metros del palacio presidencial.

Soldados armados de fusiles M-16 y lanzagranadas formaron una segunda línea de defensa.

Los trabajadores del Movimiento Primero de Mayo gritaban "militares abusivos, embósquenlos" en protesta contra el despido del Ministro del Trabajo Augusto "Bobbit" Sánchez, despedido en diciembre.

Sánchez, el Ministro más izquierdista del Gabinete Aquino, fue el último Ministro despedido en una serie de cambios iniciada en noviembre con la destitución del ex Ministro de Defensa Juan Ponce Enrile. Fue reemplazado ayer por Franklin Drilon.

"Aquino fue presionada por las grandes empresas y algunos militares", dijo el Vicepresidente del Movimiento Primero de Mayo, Leto Villar.

Villar dijo que si Sánchez no volvía al Ministerio, el Gobierno podría esperar unos 300 paros durante el primer trimestre de 1987.

Los 650.000 miembros del movimiento laboral demandan también una "rápida solución" sobre el asesinato de su dirigente Rolando Olalia, secuestrado y muerto el 13 de noviembre.

A 601 06-1-87

01 - 01

8700915

ARCHIVAR EN: FILIPINAS (037)

TEMA: "PEOPLE'S POWER MOVEMENT PARTY" FORMED EN PHILIPPINES

PROCEDENCIA: ADC. SECRETARIA DPTO. II Nº 0153/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

8701509

01-01

Filipinas 037

Confirmó que no se presentará de nuevo a la presidencia

La Presidenta Corazón Aquino inició su campaña favor de la nueva constitución

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- La Presidenta filipina, Corazón Aquino, inició ayer su campaña para la ratificación de una Constitución que legitimará su gobierno y aseguró que no se presentará de nuevo a la presidencia cuando finalice su mandato de seis años en 1992.

Aquino, que pronunció discursos en dos ciudades meridionales situadas en una región que se considera como un baluarte de la guerrilla comunista, afirmó que la nueva Constitución fortalecerá la democracia y estabilizará el clima político y económico de país.

En su discurso ante unas 10.000 personas en la ciudad de Naga, a unos 30 kilómetros al Sur de Manila, la Presidenta dijo que en 1992, me dirigiré una vez más a vosotros para daros las gracias. Entonces corresponderá a vosotros elegir a vuestro nuevo Presidente.

La nueva Carta Magna filipina será sometida a referendo el próximo 2 de febrero y establece que Corazón Aquino permanecerá en la presidencia hasta el 30 de junio de 1992 sin necesidad de convocar elecciones presidenciales hasta esa fecha.

Antes de viajar a Naga, Aquino habló ante unas 15.000 personas en la ciudad de Legazpi, donde anunció que la región de Bicol recibirá 2.400 millones de pesos (unos 120 millones de dólares) para proyectos de infraestructura, entre ellos construcción de carreteras, escuelas y sistemas de irrigación para la agricultura.

Observadores políticos independientes consideran que la rápida propagación de la insurgencia comunista, que se inició hace casi 18 años, puede achacarse a la incapacidad del gobierno para proporcionar educación adecuada, servicios de salud y administrativos a los filipinos que viven en áreas rurales.

Los militares filipinos consideran que el grupo guerrillero comunista Nuevo Ejército del Pueblo (NEP) cuenta con 23.500 hombres.

OPOSICION DE ENRILE

Simultáneamente a las intervenciones de la Presidenta para pedir el voto afirmativo en el referendo sobre la nueva Constitución, el ex Ministro de Defensa Juan Ponce Enrile instaba a rechazar la Carta Magna en la ciudad meridional de Zamboanga.

Apelo a todos los filipinos amantes de la paz y la libertad a que rechacen el gobierno dictatorial y revolucionario de Corazón Aquino, que está intentando sutilmente de justificar mediante una campaña popular la ratificación de la Constitución, dijo el ex Ministro de Defensa.

Enrile, que fue cesado por la Presidenta en noviembre pasado después de que se anunciara que el jefe del Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, General Fidel Ramos, había abortado un intento de golpe de estado protagonizado por oficiales militares próximos al ex Ministro, dijo que los filipinos no deben votar a favor de la Constitución porque los que la redactaron no fueron elegidos por el pueblo sino nombrados por la Presidenta.

Los diarios de Manila dijeron ayer que la gira de Enrile por áreas del Sur del país forma parte de una campaña de la oposición derechista a Aquino para presionar a la jefa del ejecutivo a convocar nuevas elecciones presidenciales si la nueva Constitución es rechazada.

La mayor central sindical de izquierdas del país, el Movimiento Uno de Mayo, también ha pedido que se rechace la Constitución por sus principios supuestamente proimperialistas.

También se oponen a la Constitución los simpatizantes del depuesto Presidente Ferdinand Marcos debido a que permite a Corazón Aquino permanecer en la presidencia hasta el 30 de junio de 1992 sin convocar nuevas elecciones.

Se espera que Corazón Aquino visite también la isla meridional de Mindanao a últimos de mes antes del referendo del 2 de febrero.

Filipinos

La Prensa 07/1/87

Negociaciones con la izquierda filipina

Manila, 6 (UP y ANSA) – Los negociadores del gobierno filipino y los del "Frente Democrático Nacional" (NDF), organismo que agrupa al Partido Comunista y a su brazo armado, "NPA" (Nuevo Ejército del Pueblo), concertaron hoy en Manila la agenda de los conversaciones de paz.

Miembros de las dos delegaciones salieron de una reunión que se prolongó por dos horas en una universidad suburbana y anunciaron "acuerdo en principio" a una agenda común, propuesta por el ex senador José Diokno, para romper un punto muerto y alejarse de "cuestiones ideológicas".

Diokno, de 64 años, el respetado presidente de la Comisión de Derechos Humanos instituida por la presidenta Corazón Aquino está sufriendo de cáncer. Entregó la posición oficial de una página ayer desde su cama.

"Tenemos el derecho a vivir en una manera que esté de acuerdo con nuestra dignidad humana y nos permita hacer florecer nuestro talento al máximo", expreso Diokno. "¿Para qué sirve la libertad si no hay comida, o la justicia cuando no hay trabajo, 'alimentos, libertad, trabajo y justicia. Estas son las llaves de la paz", agregó.

Los representantes del "NDF" dijeron estar de acuerdo en discutir en base a las propuestas de Diokno, pero que "alimento, libertad, trabajo y justicia" son generalizaciones que tienen que ser precisadas. En particular los rebeldes piden la liberación de Rodolfo Salas, ex presidente del Partido Comunista y supuesto jefe del "NPA", y que se discuta sobre las bases militares norteamericanas en las Filipinas.

Parece improbable que el gobierno acepte estos pedidos.

El ex senador también advirtió contra "la interferencia de parte de cualquier nación, especialmente el gobierno de Estados Unidos, cuyos intereses se oponen a los de nuestro pueblo".

La advertencia siguió a una reunión secreta celebrada el domingo entre el legislador norteamericano Stephen Solarz y los líderes del Frente Democrático Nacional, el primer contacto conocido entre funcionarios norteamericanos y los insurgentes.

El principal negociador de la presidenta Corazón Aquino, Teófisto Guingona, declinó comentar sobre la reunión, pero dijo que el panel del gobierno también se había reunido "informalmente" con Solarz.

ARCHIVAR EN: FILIPINAS (037)

ARCHIVADO EN: R.P.CH (033)

TEMA: DISCURSO DE CORAZÓN AQUINO

PROCEDENCIA LA MAÑANA del 2/2/87

FECHA: __/__/__001/01 8701628

Filipinas 037

Corazón Aquino no Acepta Gobernar con la Guerrilla

El PAIS 03-1-87

MANILA, (ANSA).— El gobierno de Corazón Aquino rechazó hoy el pedido de los rebeldes comunistas de un gobierno de coalición, definiéndolo como "injusto, infundado e ilógico" y afirmó que las inminentes tratativas de paz deberán limitarse a los problemas de la Reforma Agraria y de la industrialización.

En una carta enviada al "Frente Democrático Nacional" (FDN), la comisión gubernamental de negociación rechazó también el pedido de discutir el futuro de las bases militares norteamericanas de Clark y Subic Bay, así como la moratoria unilateral de la deuda externa y la nacionalización de la industria.

Después de la derrota del presidente Ferdinando Marcos el 25 de febrero de 1986, la señora Aquino asumió el poder afirmando que uno de los puntos básicos de su programa de gobierno era comenzar tratativas con los grupos marxistas que desde hace 17 años combaten una sangrienta guerrilla en el Sur de las Filipinas. Las negociaciones con los rebeldes comenzarían el seis de enero.

La respuesta del gobierno a la plataforma presentada por el "FDN", el organismo que agrupa al partido comunista de las Filipinas (ilegal) y al "Nuevo Ejército del Pueblo" (NEP), su organización armada, fue enviada a los rebeldes en vísperas de la campaña que mañana lanzará la presidenta normalmente a favor de la nueva Constitución que será sometida a referendum popular el 2 de febrero.

Cory Aquino, que comenzara la campaña en Legasi y Naga, al sur del país, donde es más fuerte la insurrección armada comunista, comparó la aprobación de la nueva constitución con un voto de confianza a su presidencia, que una respuesta favorable prolongaría hasta 1992.

El nuevo texto, que instituye un sistema bicameral del tipo estadounidense, fue redactado por una comisión compuesta por 48 miembros designados por la presidenta. El mismo prevé, entre otras cosas, formas de autonomía para las regiones meridionales con mayoría musulmana (actualmente se están realizando negociaciones en este sentido en Gedda) y una prolongación de la permanencia de las bases norteamericanas, sujeto a la aprobación del Parlamento, al que podría seguir un referendum popular.



Rechazo

La presidente de Filipinas Corazón Aquino que rechazó el ofrecimiento de la guerrilla comunista. (Radiofoto AP)

Para Corazón Aquino el referendum sobre la nueva constitución es un hecho de extrema importancia. Si el documento no fuese aprobado por una gran mayoría, la oposición interpretaría el voto como una manifestación de desconfianza hacia la administración y se intensificarían los reclamos de nuevas elecciones presidenciales.

La oposición tanto de derecha como de izquierda es contraria a la nueva Carta.

El ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile, excluido del gobierno como sospechoso de haber tratado de organizar un golpe de estado contra Aquino, acusó a la presidencia de haber perdido su legitimidad después de abolir la Constitución en vigor en el momento de su elección y de haber confiado la redacción del nuevo texto a una comisión no elegida por el pueblo, desde la izquierda, el sindicato "KMU" declaró que se opondrá a la nueva Carta porque "no es precursora de ningún cambio".

Filipinos

Rechazó la guerrilla comunista la propuesta de Corazón Aquino



Radiofotografía de Reuter

La presidenta de las Filipinas y miembros de su gabinete hacen la señal de la L (inicial de Lagon, lucha en idioma filipino) en un mitin de su campaña en favor de la ratificación de la nueva Constitución

Manila, 3 (UP) – Los rebeldes comunistas rechazaron hoy una propuesta del gobierno de la presidenta Corazon Aquino para limitar el alcance de las conversaciones de paz, circunscribiéndolas a la reforma agraria y la industrialización del pais. Al mismo tiempo, acusaron a Estados Unidos de interferir en las negociaciones.

"Ha habido numerosas informaciones dando cuenta de asesores norteamericanos entrando y saliendo de Malacanang (el palacio presidencial)", afirmó Carolina Ocampo, negociadora del Frente Democrático Nacional (FDN), conducido por los comunistas.

"Denunciamos lo que percibimos como una injustificada interferencia norteamericana en nuestros asuntos internos, en el proceso de paz", añadió Ocampo en una conferencia de prensa.

Por su parte, Antonio Zumel, tambien representante de los comunistas en las negociaciones, rechazó una propuesta del gobierno para limitar el alcance de las conversaciones, calificandola de "enfoque fragmentario de los problemas que asedian a nuestra nacion".

El gobierno envió una carta, ayer, a los rebeldes, sugiriendo que el alcance de las conversaciones sea limitado, debido a la "gravedad de nuestros problemas nacionales... y considerando el periodo de tiempo disponible".

La iniciativa fue la respuesta del gobierno de Aquino a una exigencia de los rebeldes de incluir el desmantelamiento de las bases militares de Estados Unidos. Los rebeldes tambien quieren discutir el repudio de la deuda externa y la nacionalización de las industrias estratégicas.

"El nuevo enfoque del gobierno refleja el tipo de metodo que los norteamericanos han tratado de usar en El Salvador y otros paises centroamericanos", afirmó el delegado Saturnino Ocampo.

"Este tipo de intervencion, mientras está en marcha el proceso de paz... es una injustificable y completamente objetable intromision de Estados Unidos en asuntos internos filipinos", denunció Luis Jalandoni, representante en Europa del FDN.

La etapa sustitutiva de las conversaciones para poner fin a 17 anos de insurgencia comunista comienza el 6 de enero. En la primera etapa de las negociaciones, los representantes del gobierno y del FDN estan tratando de acordar una agenda comun.

Reforma constitucional

Mientras tanto, en la ciudad de Legaspi, Corazon Aquino inició hoy su campaña proselitista exhortando a ratificar la nueva constitucion nacional, en el plebiscito que se celebrará el 2 de febrero, para que las Filipinas puedan "vivir en libertad por siempre, para que nunca tengamos otro dictador".

"Estoy dispuesta a ofrecer mi vida por ustedes", dijo la presidenta a miles de entusiastas partidarios, que se congregaron para escucharla en las laderas del volcán Mayon.

"Esta votación es por democracia... por nuestra recuperación económica, esto es para nuestros hijos, de manera de que ellos puedan vivir en libertad por siempre, para que nunca tengamos otro dictador", afirmó Aquino refiriéndose al plebiscito.

Aquino inicio su campaña proselitista en Legaspi y en la cercana Naga, dos ciudades que votaron abrumadoramente a favor suyo en las elecciones de febrero último, con las que culminó el derrocamiento del ex hombre fuerte, Ferdinand Marcos. Soldados con equipos de combate patrullaban las calles de las dos ciudades.

Acusación de Ponce Enrile

Entre tanto, el ex ministro de defensa Juan Ponce Enrile, que promueve el rechazo de la Constitución, acusó al gobierno de forzar al pueblo a votar por la aprobacion del proyecto de carta magna.

Enrile fue separado del gabinete en noviembre pasado, cuando fue detectada y neutralizada una conspiracion para dar un golpe de estado, al parecer orquestada por algunos de sus ayudantes.

Tras afirmar que el gobierno de Aquino es una "dictadura", Enrile sostuvo que la presidenta ha lanzado su campaña proselitista "porque ya no está segura de que pueda conducir al pueblo filipino".

En general, se descuenta que la constitución será aprobada, pero el gobierno se ha propuesto conseguir un 65 por ciento del voto a favor como un espaldarazo a su gestion.

La nueva carta magna prevé un poder legislativo bicameral y estipula un periodo presidencial de seis años, lo que significa que, si es aprobada, Aquino permanecerá en el cargo hasta 1992.

LA PRENSA 4-1-87

01-01

Instancia definidora para Corazón Aquino

MANILA. — La presidenta filipina Cory Aquino tiene exactamente una semana de plazo para restaurar su autoridad política y moral antes del referéndum constitucional del 2 de marzo.

La popularidad de Aquino se resintió desde el pasado martes 20, tras la brutal represión (al menos 15 muertos) de una manifestación campesina ante el palacio presidencial de Malacañang. Ahora bien, el proyecto de nueva Constitución prevé su permanencia en el poder hasta 1992, por lo que la votación del próximo domingo 1° de febrero será en gran parte a favor o en contra suya.

De hecho, el carácter presidencialista del texto y la perspectiva de prolongación del mandato de Cory son, según los sondeos, los únicos puntos que conoce el 90% de los filipinos.

Según los observadores, la matanza del martes no impedirá la victoria del "sí", pero puede restarle brillantez al privar a la jefa de Estado de los votos de parte de la izquierda del movimiento electoral People's Power (Poder Popular) que la llevó al poder tras los comicios de febrero pasado.

Ello es importante en la medida en que Aquino necesita un referéndum lo más triunfal posible para consolidar la recobrada democracia y disuadir a sus adversarios de sus constantes empeños de desestabilización.

Los consejeros de la presidenta —que ayer cumplió 54 años— se asignaron conseguir del 60 al 70% de los votos afirmativos. Una victoria mediocre sería un revés que las oposiciones derechista y comunista tratarían de explotar.

De ahí que sea imperativo recuperar esta semana la confianza de la izquierda no comunista, influyente en los medios sindicales y dispuesta a "vengar" la muerte de los 15 sindicalistas campesinos organizando una dura campaña de huelgas a partir de mañana lunes.

Renuncia

El presidente de la Oficina de los Derechos Humanos y más de la mitad de los integrantes de la junta directiva renunciaron en protesta por la muerte de 15 campesinos ocurrida frente al palacio presidencial, dijo ayer un funcionario del gobierno.

El director de la Comisión Presidencial de los Derechos Humanos, Antonio Quintos, dijo que el presidente de la comisión, el vicepresidente y otros tres miembros entregaron el viernes 23 una carta conjunta de tres párrafos por la que presentaban las renuncias a sus cargos.

Quintos dijo que los miembros se reunirán hoy con Aquino.

Fuentes cercanas a la comisión indicaron que Aquino podría tratar de persuadir a los renunciantes a que reconsideren su posición.

El anuncio se produjo en momentos en que la presidenta celebraba su cumpleaños. Irritada por el tiroteo frente al palacio y el colapso de las conversaciones de paz con los rebeldes comunistas, la presidenta celebró la fecha en compañía de su familia.

LA PRENSA 25/1/87 PU

FILIPINAS



(Radiofotografía de Reuter)

Residentes ilegales en el distrito de Tondo, en las Filipinas, interceptan el paso de la policía para impedir la demolición de sus viviendas

Demanda la oposición la renuncia de Aquino

Manila, 24 (ANSA y UP) — El ministro de informaciones y presidente del partido Social Cristiano Democrático, Francisco Tatad, demandó la renuncia de Aquino y exhortó a nuevas elecciones presidenciales para enfrentar una "crisis irreversible".

"Ella ha perdido la moral necesaria para dirigir la Nación", dijo Tatad en una declaración radial emitida en Manila. También anunció el retiro de su partido de la coalición que apoyó a Aquino el 7 de febrero de 1986, cuando asumió el mando tras derrocar al entonces presidente Ferdinand Marcos.

Se trata de la primera vez que un miembro de la oposición pide su renuncia.

Fuentes gubernamentales afirmaban aquí que miembros de la comisión presidencial de derechos humanos también estarían considerando renunciar en señal de protesta por el asesinato de 12 manifestantes.

Uno de los cinco miembros de la comisión, que pidió no ser identificado, indicó que la decisión será anunciada la próxima semana, "según los acontecimientos". La comisión está presidida por José W. Diokno, de 64 años, un respetado ex senador.

Apoyo a la presidenta

Corazon Aquino afirmó hoy ante la mayor manifestación de su campaña constitucional en Dumaguete que "se hará justicia" en relación con las víctimas del tiroteo frente al palacio presidencial.

"Quisiera asegurar a las familias de las víctimas, y también a toda la nación, que se hará justicia", expresó la presidenta Aquino ante las 200.000 personas reunidas esta tarde en la empobrecida isla de Negros.

Sostuvo que la comisión que formó para investigar la matanza publicará sus conclusiones el 6 de febrero.

Aunque la manifestación se hizo a sólo dos días del confuso tiroteo, la multitud fue la mayor expresión de apoyo para la mandataria durante el mes en que promueve la ratificación de la nueva Constitución. Habrá un plebiscito sobre ésta el 2 de febrero.

Esa votación es vista como una prueba crítica de la popularidad de la presidenta.

Miles de personas se dirigieron al helicóptero presidencial de Aquino cuando aterrizaba en el estadio de Dumaguete, a unos 645 kilómetros al sur de Manila. La policía impidió que sus simpatizantes alcanzaran a la presidenta.

La plataforma de prensa se derrumbó —con varios periodistas, camarógrafos y fotógrafos— cuando la multitud trató de trepar a ella para poder ver a Aquino. Una mujer fue herida en el episodio.

Horas antes, Aquino viajó a Tacloban, la primera escala de su gira, y urgió a los votantes a apoyar la nueva Constitución.

"Hemos hecho mucho para preservar nuestra democracia", expresó Aquino ante unas 20.000 personas reunidas en la plaza principal de la ciudad, capital de la isla de Leyte, a unos 700 kilómetros al sur de Manila.

Sostuvo que la violencia registrada el jueves en Manila, durante una protesta en la que se exigía la implementación de la reforma agraria prometida por la presidenta, fue "algo triste".

"No me avergüenza el decir que mañana cumplo 54 años. Estoy bastante vieja, pero todavía soy lo suficientemente fuerte para servirles", agregó Aquino.

PARTES POCO LEGIBLE

…angrienta represión en Filipinas

LA PRENSA 23/1/87

(Viene de la pág. 1 col. 6)



(Radiofotografía de Reuter)
…otógrafos llevan … cuerpo de uno de los manifestantes …idos en Manila

"violencia" provocada por más de 10.000 campesinos e izquierdistas equivalía a una insurreccion. Añadio que la situacion se habia puesto "fea".

Mientras tanto. una portavoz de los manifestantes. Loretta Anne Rosales. calificó el incidente como una matanza.

"Es una declaración de guerra contra los campesinos —apuntó Rosales—. El único crimen de los campesinos es el de ser pobre"

"Esto es sangre en las manos de Aquino". acotó uno de los manifestantes.

Fue el peor hecho de violencia en Manila desde que el esposo de Corazón Aquino. el dirigente opositor Benigno Aquino. fuera asesinado en 1983.

Once personas murieron y 247 resultaron heridas el 21 de septiembre de 1983. en una demostración un mes después que Benigno Aquino fuera asesinado en el aeropuerto de Maniola. cuando regresaba a las Filipinas tras varios años de autoexilio en los Estados Unidos.

Testimonio

Uno de los heridos declaro que la policia abrió fuego sin recibir ordenes ni emitir advertencias.

"Yo corria. tratando de huir". dijo Reynaldo Caballes. quien fue herido de bala en la parte posterior de una pierna.

"Los soldados estaban frente a nosotros. —señaló Caballes en la sala de emergencia de un hospital—. De pronto. trataron de dispersarnos con palos y escudos".

No podiamos dispersarnos porque habia miles de personas detrás de nosotros. Yo corri hacia un lado y después senti un dolor en la pierna".

Una bala atraveso la pierna izquierda de Caballes desde la cadera y salió por la parte anterior de la pierna. Un médico dijo que varios de los manifestantes fueron heridos en la parte posterior de las piernas cuando huian.

La orden de disparar

Aunque dijo estar furioso por haber sido herido. Caballes comento que no culpaba a la presidenta Aquino.

"No creo que ella diera la orden de disparar contra civiles desarmados". exclamó con un gesto de dolor.

"Los militares comenzaron la cosa: Querian dispersarnos. No podiamos dispersarnos. asi que hicieron estas cosas". dijo.

"Tal vez los militares lo hacen por gusto —agregó—. "Les gusta vernos huir corriendo".

Reforma agraria

Caballes. padre de tres hijos. añadió que fue a la manifestacion desde su casa en Pagsanjan Falls. a unos 80 kilometros al sudeste de Manila. porque apoya a los campesinos que demandan una reforma agraria.

Los manifestantes. varios armados de palos y barras de metal. se dirigieron hacia el Palacio de Malacanang al grito de "Revolucion. revoluci…

Filipinas

La Prensa 23/1/87

Manila: Hubo 12 muertos y 100 heridos al ser reprimida una protesta izquierdista

Manila, 22 (UP) – Infantes de marina y policías dispararon hoy, indiscriminadamente, contra 10.000 campesinos y manifestantes izquierdistas que marchaban hacia el Palacio Presidencial, causando la muerte a por lo menos 12 personas e hiriendo a 100, en la protesta más sangrienta desde que Corazón Aquino asumió el poder.

Los organizadores de la manifestación afirmaron que 15 personas perecieron.

La mayoría de las víctimas sufrió heridas de bala mientras huía en medio de una andanada de disparos de armas automáticas.

Los campesinos e izquierdistas, que marchaban hacia el Palacio Presidencial desde el edificio de Correos, realizaron la manifestación para exigir que se implementara la reforma agraria prometida por el gobierno de Aquino, instaurado hace casi un año.

Algunos testigos dijeron que, aparentemente, las fuerzas de seguridad abrieron fuego luego que algunos manifestantes arrojaron bombas Molotov y piedras.

"Asumir su responsabilidad"

Aquino, en un discurso televisado a la nación, destacó que la violencia de hoy la "conmovió" y "entristeció profundamente".

"Las personas responsables por esta tragedia –pertenezcan al lado que pertenezcan– tendrán que asumir su responsabilidad", aseguró la mandataria, quien apeló al pueblo filipino a mantener "la calma y la serenidad".

Aquino manifestó que el comandante de las tropas que reprimieron, el brigadier General Ramón Montaño, permanecerá de licencia a la espera de los resultados de la investigación.

El anuncio fue hecho tras una reunión de tres horas entre Aquino, el jefe de las Fuerzas Armadas, el ministro de defensa y otros funcionarios.

Suspenden conversaciones

Asimismo, funcionarios del gobierno y dirigentes comunistas anunciaron poco después del incidente que las conversaciones de paz se habían suspendido, lo que representa un golpe a los intentos de Aquino de negociar un acuerdo pacífico con la guerrilla comunista.

Miembros de las comisiones que realizaban las negociaciones afirmaron que ambos lados habían sido víctimas de amenazas de muerte por fuerzas que, supuestamente, intentan desestabilizar al gobierno.

"En este momento no es propicio continuar las conversaciones", dijo el principal negociador oficial, Teofisto Guingona.

El negociador del rebelde "Frente Democrático Nacional", Saturnino Ocampo, expresó que no habrá una extensión de la cesación de fuego de 60 días entre el Ejército y los 23.000 miembros del "Ejército Nuevo del Pueblo", que vence el 8 de febrero.

Durante las conversaciones, los negociadores del FDN difundieron una carta a Aquino para protestar contra presuntas violaciones del cese de fuego temporal.

Se acusó, específicamente, al jefe de las Fuerzas Armadas general Fidel Ramos de "mala fe y violación fundamental" del acuerdo.

"Equivale a una insurrección"

El general Montaño afirmó que la

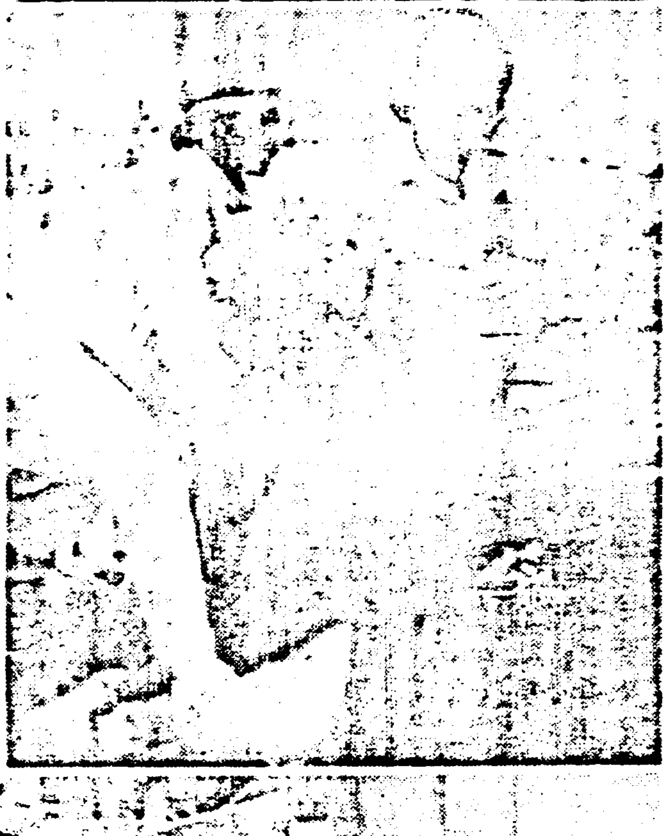
(Continúa en la pág. 4 col. 6)

Agencia AFP



Graves disturbios en Filipinas: más de 10 muertos y 100 heridos

La presidenta filipina, Corazón Aquino, dispuso la suspensión indefinida del diálogo de paz con la guerrilla comunista, en común acuerdo con los representantes rebeldes, luego de haber recibido amenazas de muerte y a raíz de violentos choques ocurridos frente al palacio presidencial de Malacanang: allí, las fuerzas de seguridad dispararon contra millares de campesinos concentrados para exigir el cumplimiento de la reforma agraria, con un saldo de no menos de una decena de muertos y un centenar de heridos. Denuncian un "plan desestabilizador".



Arriba: manifestantes filipinos, en su mayor parte agricultores, mientras buscaban cubrirse de los disparos policiales, cerca del palacio presidencial. Derecha: dos de los activistas arrastran a un compañero herido; según testimonios, los graves disturbios arrojaron un saldo de una docena de muertos y un centenar de hospitalizados. Abajo: patrullas antimotines de la policía y de la infantería de marina, con sus carros blindados, preparándose para reprimir la gigantesca concentración izquierdista que reunió a más de diez mil campesinos.

Agencia AP



MANILA, 22 (UPI, AFP, R., EFE y ANSA). — Policías e infantes de marina de Filipinas desataron en la fecha una cruenta represión contra una manifestación de más de 10.000 agricultores, apoyados por activistas de izquierda, que quisieron reunirse en los jardines del palacio presidencial de Malacanang.

Los manifestantes reclamaban la prometida redistribución de tierras en Luzón, isla donde nació la jefa de Estado.

Como consecuencia, la presidenta Corazón Aquino suspendió hoy las conversaciones de paz abiertas el 6 de este mes con los rebeldes comunistas, tras un común acuerdo con éstos en tal sentido.

La mandataria había recibido también con anterioridad amenazas de muerte, que se suman a las hechas llegar a diversos negociadores de uno y otro bando, según se conoció esta tarde.

Los campesinos reprimidos, pertenecientes en su gran mayoría al Movimiento de Agricultores de las Filipinas —acusado de pro comunista por fuentes del Ejército—, habían mantenido anteriormente un asedio de siete días en torno al ministerio de la Reforma Agraria, en el vecino suburbio de Quezón.

Los disparos de la policía causaron de 10 a 12 muertos, según las fuentes, y casi un centenar de heridos, en lo que constituye el peor estallido de violencia desde que la mandataria asumió la presidencia en febrero del año pasado, y la primera revuelta desde entonces con un desenlace luctuoso.

El gobierno de Estados Unidos lamentó el sangriento episodio, a través del Departamento de Estado.

Un vocero policial filipino aseveró que entre los muertos, todos ellos manifestantes, figuraba un comandante del Nuevo Ejército del Pueblo (N.E.P.), rama armada comunista compuesta por 23.000 miembros. A su vez, informes de hospitales señalaron que muchas de las víctimas habían sido baleadas en la cabeza o por la espalda.

♦ "Plan desestabilizador"

Los hechos son muy confusos. Según algunos testigos los manifestantes lanzaron explosivos, pero otros testimonios aseguran que los soldados dispararon "deliberadamente". Una portavoz de los campesinos, Loretta Rosales, calificó los hechos de "masacre".

Un comunicado de prensa del Movimiento de Agricultores, respaldado por las organizaciones de izquierda Bayan y el sindicato Kilusang Mayo Uno —cuyo presidente, Rolando Olalia, fue asesinado en noviembre en circunstancias aún no aclaradas—, señaló que el gobierno de "Cory" Aquino "enseñó su cara fea" y predijo que "comenzó la caída de su régimen".

Aquino, evacuada del palacio ya avanzada la tarde, cuando su cuerpo de seguridad estimó que los ánimos de la muchedumbre estaban excesivamente caldeados, regresó por la noche a sus oficinas. Más tarde, en un discurso televisado a todo el país señaló que lo sucedido la "conmovió".

"Las personas responsables por esta tragedia —pertenezcan al lado que pertenecieran— tendrán que asumir su responsabilidad", afirmó la mandataria, anticipando además que el comandante de las tropas que reprimieron a los manifestantes, brigadier Ramón Montano, será licenciado a la espera de los resultados de una investigación "muy profunda".

La misma estará a cargo de una comisión presidida por el juez retirado de la Corte Suprema José Feria.

En cuanto a Montano, negó que la orden de disparar hubiera sido dada por la presidenta: "Mandamos aquí. No se necesita para actuar una orden expresa presidencial", dijo el alto oficial, advirtiendo enseguida: "Dispersaremos a cualquier muchedumbre de revoltosos."

Simultáneamente, el principal negociador gubernamental, Teofisto Guingona, tras sostener un encuentro de tres horas con los representantes del Frente Democrático Nacional, brazo político del N.E.P., señaló que ambas partes coincidieron en cuanto a que "este momento no es propicio para continuar las conversaciones".

Guingona añadió que el plan consistiría en matar a un miembro de uno de los grupos y acusar al otro.

Por su parte, el representante comunista al diálogo con las autoridades, Satur Ocampo, tras acusar de "mala fe" y "violación del acuerdo" al jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, señaló a los periodistas que se mantendrá el cese del fuego por 60 días, que expira el próximo 8 de febrero, aunque se "defendería" de ser necesario.

DIA 22/1/87

Chocan grupos musulmanes en Filipinas

MANILA. — Por lo menos veintiuna personas murieron en los últimos tres días en violentos enfrentamientos entre grupos musulmanes rivales en el centro de Mindanao, en el sur de Filipinas, informó ayer la agencia "PNA".

Miembros del Frente Islámico de Liberación Moro (FILM) y sus rivales del Frente Moro de Liberación Nacional (FMLN) protagonizaron sangrientos choques en varios lugares de la isla, que comenzaron el domingo y se intensificaron el martes.

El FMLN de Nur Misuari llegó en diciembre pasado a un acuerdo con el gobierno de Corazón Aquino, en el que renuncia a la lucha por la independencia de los territorios musulmanes de Mindanao a cambio del compromiso gubernamental de una autonomía política y económica para la isla.

El FILM, una rama disidente del FMLN, se opone a ese acuerdo porque en él no se escucharon a las otras facciones musulmanas, y el pasado 13 de enero, sus combatientes lanzaron ofensivas simultáneas en cuatro provincias del centro de Mindanao, donde mantuvieron duros combates con las tropas gubernamentales, que causaron medio centenar de muertos.

Por su parte, el embajador soviético en Filipinas calificó ayer de "puras mentiras" los informes de que Moscú está interfiriendo en los asuntos internos del país.

Durante una conferencia de prensa, el embajador Vadim Shabalin acusó indirectamente a Estados Unidos de hacer circular tal versión de forma que Washington podría tomar "medidas urgentes" para "rescatar el país".

D6

8701921

La calma volvió a Filipinas, luego de otro temor de golpe

MANILA, 18 (EFE y Reuter). — La calma parece haber retornado a esta capital luego de que ayer por la noche las fuerzas armadas filipinas fueran puestas en estado de alerta y las tropas rodearan el palacio presidencial ante insistentes rumores de un golpe militar que circularon en vísperas del viaje de Corazón Aquino a la convulsionada zona sur del archipiélago. Según las informaciones, la acción conjunta para deponer al gobierno provendría de rebeldes musulmanes, grupos derechistas y seguidores del ex presidente Ferdinando Marcos que, con apoyo de ciertos sectores del ejército, intentarían forzar la dimisión de Corazón Aquino y restaurar la Constitución de 1.973.

Poco después de tomar conocimiento de lo que ocurría en Manila, la Casa Blanca renovó su total apoyo a la presidenta filipina. "Ella es una persona impresionante y el pueblo filipino es afortunado por tener una mujer del carácter de Aquino en el momento de transición política que vive Filipinas", dijo el secretario de Estado norteamericano, George Shultz, a la cadena N.B.C. Shultz descartó además la posibilidad de un golpe: "No veo que haya ningún peligro porque tiene un fuerte apoyo popular".

♦ Alerta roja

Centenares de soldados aislaron el palacio de Malacanang mediante barricadas construidas con alambradas de púas horas después de que los militares entraran en alerta roja total para evitar un eventual intento golpista, el tercero desde que Aquino asumió la presidencia hace 11 meses. Inmediatamente, la jefa del Estado mantuvo una reunión con sus colaboradores más cercanos al término de la cual los participantes negaron la existencia de dificultades.

Un indicio de normalidad estuvo dado por la televisión, que no prorrogó su programación habitual, a diferencia de lo ocurrido hace tres meses cuando transmitió ininterrumpidamente durante un conato de golpe perpetrado por fuerzas leales al ex ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile.

Las calles adyacentes al palacio de Malacanang, que permanecieron cortadas durante algunas horas, fueron abiertas al tránsito esta mañana, aunque continuaba la vigilancia militar en torno del edificio presidencial.

Clarín 19/1/87

FILIPINAS

La Mañana 29/1/87

Militares "aceptarán veredicto popular"

Enrile niega participación alguna en golpe de Estado

El ex Ministro de Defensa filipino Juan Ponce Enrile negó ayer categóricamente la participación en un presunto plan para derrocar a la Presidenta Corazón Aquino.

WASHINGTON, (EFE).— Ponce Enrique fue entrevistado ayer desde Washington por la cadena de televisión ABC, reconoció que existe preocupación en algunos sectores militares sobre la política de apertura política de "Cory" Aquino.

Dijo que existen varios puntos de vista sobre la posibilidad de que los comunistas y sectores de izquierda participen en el gobierno.

Preguntado sobre la nueva constitución que será sometida a plebiscito, dijo que los militares "aceptarán el veredicto popular" y expresó su confianza en que sean manipuladas las urnas.

En el mismo programa televisivo de la cadena ABC fue entrevistado el Secretario Ejecutivo de Aquino, Joker Arroyo, que dijo "no creo que ninguna posibilidad de golpe pueda tener éxito en este momento".

RESPALDO A AQUINO

En otro programa dominical el Secretario de Estado norteamericano, George Shultz, renovó ayer su respaldo al gobierno de Aquino y dijo que no cree en la posibilidad de un golpe de Estado porque la Presidenta tiene un fuerte respaldo popular.

Las fuerzas armadas filipinas fueron puestas el sábado en estado de alerta y las tropas rodearon el palacio presidencial de Malacanang ante nuevos rumores de golpe militar, mientras la Presidenta Aquino continuaba su campaña electoral en la zona más conflictiva de Mindanao.

La movilización militar, que tuvo lugar en la noche del sábado al domingo, es la primera que se produce en la capital filipina desde el pasado 23 de noviembre, cuando Corazón Aquino cesó a Ponce Enrile e inició una remodelación de su Gabinete.

Según informaciones periodísticas difundidas ayer en Manila, los jefes militares adoptaron medidas excepcionales de vigilancia para prevenir una posible acción conjunta de rebeldes musulmanes con grupos derechistas y seguidores del ex Presidente Ferdinand Marcos que, con el apoyo de "ciertos" sectores del ejército, intentarían forzar la dimisión de la Presidenta, convocar la Asamblea Nacional disuelta por ella y restaurar la Constitución de 1973.

D8

8701921

Prevención en las Filipinas por un posible golpe de Estado

MANILA, 17 (Reuter). - Hoy temprano el palacio presidencial de Malacañang fue rodeado por barreras y según voceros militares la mayor asociación militar (la Hermandad de Guardianes) advirtió que se estaba complotando nuevamente contra el gobierno de la presidenta Corazón Aquino.

Según periodistas que visitaron anoche las guarniciones de Crame y de Aguinaldo, las dos mayores de Manila, las tropas habían sido colacadas en alerta total desde la tarde.

Un vocero militar insistió en que no sucedía nada inhabitual y hoy temprano la televisión estatal salió al aire como de costumbre.

La noche del 23 de noviembre, cuando las fuerzas leales al ex ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, habrían complotado contra la presidenta, la televisión transmitió continuamente.

Un periodista de Reuter que visitó el palacio debió atravesar tres barreras y dijo que una de las entradas estaba cerrada al paso por soldados fuertemente armados. Otra de las avenidas de acceso estaba bloqueada por una barricada de alambre de púas.

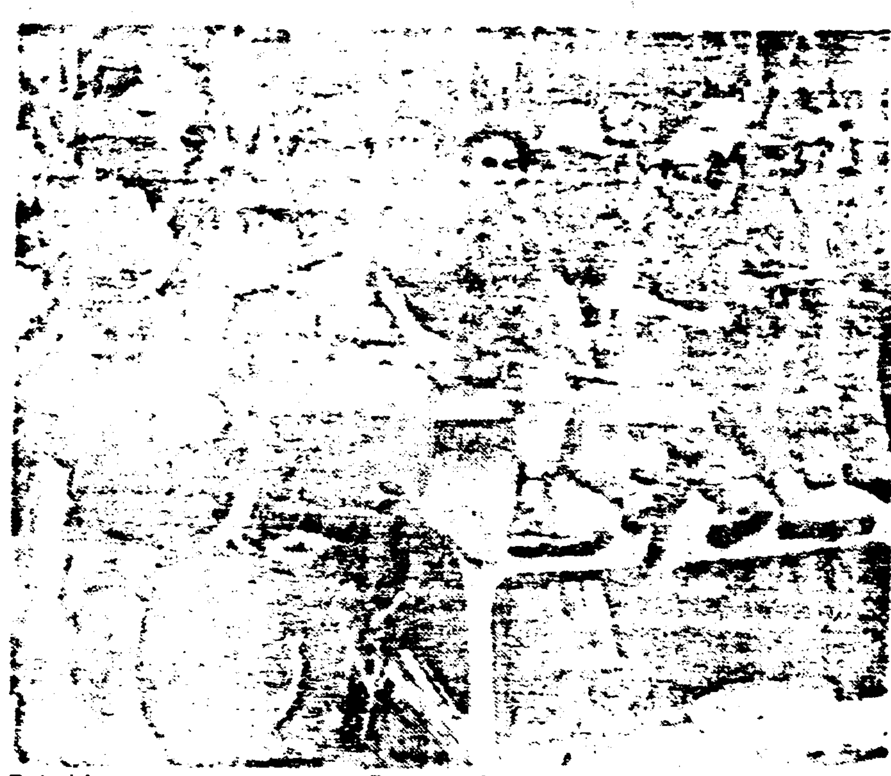
Voceros militares bien informados dijeron que el jefe de la mayor asociación castrense filipina del país envió un mensaje por télex a todos los comandantes regionales, para ser distribuido a los miembros del grupo.

El télex del comandante nacional de la Hermandad de Guardianes, el mayor Efren Arayata, declaró que el comandante en jefe de las Fuerzas Armadas Fidel Ramos, le había informado que un grupo disidente dentro del sector uniformado estaba tratando de lanzar "otro complot para desestabilizar al actual gobierno", manifestaron.

La Hermandad de Guardianes incluye al 70 por ciento de los 250.000 hombres bajo bandera, y en noviembre respaldó a la señora de Aquino.

El télex de Arayata dijo que el grupúsculo militar trataba de organizar a la Fundación de Guardianes para que encabece el complot contra la primera mandataria. El mayor solicitó a sus asociados que permanecieran leales al actual esquema de mando y al Gobierno.

Domingo 18 de enero de 1987



Rebeldes musulmanes acompañan a su líder en las conversaciones de paz (Reuter)

El problema musulmán

COTABATO, 17 (Reuter). - Rebeldes musulmanes mataron hoy a 11 personas cerca de aquí pero luego interrumpieron sus ataques para observar un cese de fuego que allana el camino para la visita de la presidenta Corazón Aquino al bastión separatista en el sur del archipiélago.

La policía expresó que los guerrilleros lanzaron una granada contra un ómnibus que pasaba por el norte de Cotabato apenas tres horas antes de que entrara en vigor la tregua. Como consecuencia del atentado murieron tres personas y 15 quedaron heridas. Policías que seguían al vehículo de transporte público en un auto patrullero abatieron a tres de los rebeldes.

El cese de fuego con el Frente Moro de Liberación Islámica fue negociado por un emisario de la señora de Aquino en una pequeña escuela rodeada por unos 100 rebeldes armados.

Mientras los dirigentes rebeldes y el emisario del Gobierno elaboraban los distintos aspectos del acuerdo, Aquino viajó a la convulsionada isla de Mindanao y exhortó a la paz a decenas de miles de personas en tres concentraciones sucesivas llevadas a efecto en provincias cristianas.

El negociador, principal consejero político de la presidenta y ex líder político de Mindanao, Aquilino Pimentel, se puso de acuerdo con el jefe de Estado Mayor del Frente Hadji Murad en que los rebeldes no provocarán problemas en el curso de la gira que la gobernante llevará a cabo mañana a Cotabato.

Un acuerdo luego definitivo requiere la aprobación del presidente del Frente, Hashim Salamat, quien ahora se encuentra exiliado en Paquistán.

"Logramos acordar un cese de fuego inmediatamente. Nos prometió que no se perturbaría la visita de Aquino", manifestó Pimentel a los periodistas.

En los últimos cinco días el FMLI incendió edificios públicos, cortó cables de tendido eléctrico y voló puentes en siete de las 23 provincias de Mindanao. La ola de violencia dejó un saldo de más de 50 muertos.

Pimentel afirmó que los ataques del FMLI derivaron de que esta organización se siente marginada de la conversaciones de paz que mantienen las autoridades con el más importante de los grupos rebeldes musulmanes, el Frente Moro de Liberación Nacional.

Formarán gobierno los rebeldes afganos

PESHAWAR, Pakistán. 17 (Reuter). - Dirigentes rebeldes afganos acordaron formar un gobierno interino para asumir en su país en caso de que sea derrocado el régimen prosoviético de Najibullah, informó hoy la principal alianza guerrillera.

La declaración de una coalición integrada por las siete principales agrupaciones insurgentes, que se leyó ante una concentración de entre 60 y 70 mil exiliados afganos en el noroeste de Pakistán, también rechaza la última iniciativa de paz de Kabul.

La declaración hace un llamado a continuar la lucha iniciada hace ocho años hasta lograr la expulsión de los 115.000 soviéticos y el derrocamiento del gobierno de Najibullah.

El gobierno interino supervisaría la realización de elecciones generales y el establecimiento de un Ejecutivo y un Parlamento islámicos.

No fue posible determinar si el nuevo Ejecutivo comenzará a funcionar tan pronto como se aprueben sus lineamientos o si operará como un gobierno en el exilio.

Vigilancia en Kabul

ISLAMABAD, 17 (EFE). - El dispositivo militar soviético establecido ayer en Kabul y en sus alrededores se redujo esta mañana, informaron voceros diplomáticos.

Durante la noche última y parte de esta mañana los puntos estratégicos de Kabul estuvieron vigilados por carros de combate pesados, que no se habían visto en las calles de la capital de Afganistán desde la intervención soviética en 1979.

Algunos observadores señalan que el despliegue de efectivos soviéticos en Kabul pudo deberse al temor a ataques guerrilleros.

Acuerdos para la evacuación

Washington calificó de "truco propagandístico" la afirmación del gobierno comunista de Kabul sobre a un próximo retiro de las fuerzas soviéticas de su país pero condicionado al acatamiento, por la guerrilla, del alto al fuego que ayer comenzó a regir. Moscú anticipó que se darán más detalles sobre la evacuación, y acusó a Washington de interferir en la crisis. Desde sus bases en Pakistán, los jefes guerrilleros advirtieron que no aceptarán la tregua unilateral, atribuyéndose ataques en toda la zona fronteriza con no menos de 50 soldados afganos muertos.

KABUL, 15 (AFP, R., AP, UPI y EFE). — El líder del gobierno prosoviético de Afganistán, Najib Mohamad Najibullah, anunció hoy que su país y el Kremlin alcanzaron acuerdos que facilitarán el completo retiro de las tropas de la Unión Soviética del territorio afgano, aunque "dependiendo" de la actitud que adopte la guerrilla.

El anuncio fue formulado menos de 12 horas después de entrar en vigencia el alto al fuego que regirá durante seis meses, y ofrecido por Najibullah a los rebeldes anticomunistas.

Las fuerzas soviéticas en territorio afgano, estacionadas desde 1979, alcanzarían en la actualidad, según observadores occidentales, a cerca de 115.000 efectivos.

Simultáneamente, el gobernante proclamó una amnistía parcial para los presos políticos no acusados de actos terroristas, así como para todos los desertores de las fuerzas armadas, sean soldados u oficiales, y enfatizó que continuaría con su política "revolucionaria".

Agregó que "las medidas futuras", y el retorno "a su país amante de la paz" del "contingente limitado" de la Unión Soviética, dependerán "directamente de los pasos que dé el otro bando", en clara referencia a la guerrilla.

Mientras tanto, la emisora nacional informó que en las primeras horas del cese del fuego se registraron algunas violaciones a la tregua por los rebeldes, en zonas próximas a la frontera con Pakistán. A su vez en la capital paquistaní, Islamabad, fuentes de la resistencia precisaron que ésta atacó un convoy del ejército, dando muerte a tres soldados.

Otras fuentes guerrilleras afirmaron haber lanzado ataques en varias provincias provocando por lo menos 50 bajas al gobierno.

Uno de los principales jefes rebeldes, Abdul Hak, dijo en Islamabad que "las operaciones continúan normalmente. Estamos atacando bases del ejército soviético y convoyes afganos. No aceptaremos lo que digan los comunistas".

Trascendió que la alianza de los siete grupos rebeldes más importantes sostendrá el próximo sábado una reunión en la fronteriza ciudad paquistaní de Peshawar, previéndose que los líderes guerrilleros producirán un rechazo unificado al cese del fuego.

♦ "Truco propagandístico"

Al propio tiempo, en rueda de prensa en Moscú el portavoz oficial soviético, Guennadi Guerasimov, indicó que "próximamente" se darán más detalles sobre la retirada de las tropas de la URSS de suelo afgano.

Añadió también —casi en los mismos términos que el gobierno afgano— que ello estará condicionado "a la situación que se vaya creando en ese país" a medida que los efectivos salgan de allí, y anticipó como "muy probable" que Estados Unidos intente "interferir" en la política de "reconciliación nacional" de Najibullah.

La Casa Blanca calificó por su parte de "truco propagandístico" la oferta soviética de retiro de sus tropas de Afganistán.

"Ofertas de retirada de tropas solo después que los combatientes de la libertad acepten un alto al fuego, y sin un acuerdo sobre los aspectos políticos", son "un gesto vacío", agregó el vocero presidencial norteamericano Albert Bradsher, poniendo énfasis en la "autodeterminación" del pueblo afgano.

El "número tres" del Departamento de Estado, Michael Armacost, viajará a Pakistán a fin de semana para consultar con Islamabad sobre una respuesta coordinada a las recientes actitudes soviéticas en la crisis afgana, dijeron hoy fuentes informadas en Washington.

Se recuerda que el próximo mes, en Ginebra, Pakistán y Afganistán deberán negociar una solución a la crisis, con el auspicio de las Naciones Unidas.

El discurso de Najibullah tuvo lugar ante el congreso del Frente Nacional Patriótico, organización política pro gubernamental, y fue transmitido por la radio afgana. El dirigente observó, en tono duro, que "la Unión Soviética no nos dejará solos si prosigue la agresión contra nuestro país."

Cronología de la ocupación

LONDRES, 15 (REUTER). — La intervención militar soviética en Afganistán, en 1979, marcó una década turbulenta para la nación asiática y contribuyó a detener el relajamiento de las tensiones Este-Oeste.

Más de doscientos años de monarquía habían concluido en 1973, cuando el rey Zahir fue derrocado por un golpe militar encabezado por su primo Mohammad Daoud, quien estableció un gobierno de izquierda moderada.

La que sigue es una cronología de los principales hechos ocurridos desde entonces.

1978: el presidente Daoud es muerto por las fuerzas armadas en el golpe de abril. Se establece la República Democrática de Afganistán (R D A). Nur Mohammad Taraki es elegido presidente del Consejo Revolucionario. Se firma un tratado de amistad con Moscú.

1979: Hafizullah Amin es elegido primer ministro. Más tarde se convierte en presidente tras un tiroteo en el que Taraki resulta muerto.

A partir del 24 de diciembre aviones de transporte soviéticos aterrizan en Kabul con creciente frecuencia, trayendo soldados y equipos. El 27 de diciembre las tropas toman edificios clave y estaciones de radio. Babrak Karmal se convierte en presidente y pide ayuda militar soviética. **Amin es ejecutado.**

El 30 de diciembre **Moscú admite haber enviado un "contingente militar limitado"** para repeler la agresión externa y dice que el mismo **será totalmente retirado cuando deje de ser necesaria su presencia.**

1980: la Asamblea General de la Organización de las Naciones Unidas pide por abrumadora mayoría el retiro inmediato de las tropas extranjeras. La Organización de la Conferencia Islámica suspende a Afganistán como miembro. **Seis grupos nacionalistas afganos, con sede en Pakistán forman una alianza islámica para la liberación de Afganistán.**

El presidente de Estados Unidos, James Carter, decide **sanciones comerciales contra la Unión Soviética** y anuncia un boicot liderado **por su país a los Juegos Olímpicos en Moscú.**

Se impone la ley marcial en Kabul.

En mayo, Afganistán propone un acuerdo negociado, incluidas conversaciones con Irán y Pakistán la devolución de refugiados, cuya cantidad llega a unos cinco millones.

♦ Retiro de tropas

En junio, **Moscú anuncia el retiro parcial de tropas.**

Los Juegos Olímpicos se inauguran con un considerable éxito del boicot.

1981: la Unión Soviética **rechaza la propuesta de la Comunidad Europea par la realización de una conferencia internacional sobre la cuestión afgana. En agosto, Karmal acepta realizar conversaciones con Pakistán e Irán.**

1982: el enviado de la ONU, Diego Cordovez mantiene conversaciones en Kabul, Teherán e Islamabad sobre un posible acuerdo negociado. **Fuerzas soviéticas y afganas lanzan una importante ofensiva en mayo en el valle de Panjsher.**

En junio, los cancilleres de Pakistán y Afganistán mantienen conversaciones directas a través de Cordovez en Ginebra. Irán no participa.

Moscú decide que la revolución afgana es "irreversible" y se niega a retirar las tropas si no cesa la "intervención extranjera".

1983: se libran fuertes combates entre rebeldes y fuerzas gubernamentales en Kandahar. Una **cumbre de no alineados insta al retiro de tropas extranjeras.** Se llevan a cabo en Ginebra nuevas conversaciones patrocinadas por la ONU.

1984: la Unión Soviética inicia en abril una importante ofensiva en el Valle de Panjsher con bombardeos de saturación contra los grupos de resistencia.

En julio, el presidente soviético Konstantin Chernenko **comunica al secretario general de la ONU,** Javier Pérez de Cuellar, que apoya la mediación de las Naciones Unidas.

♦ La negociaciones

Pakistán acusa a Afganistán de realizar incursiones a través de la frontera y de atacar aldeas en su país. Dice por primera vez que reconocerá el gobierno de Karmal si las tropas soviéticas, estimadas entonces en 115.000 efectivos, se retiran. Nuevas conversaciones en Ginebra en agosto.

Los rebeldes bombardean el aeropuerto de Kabul.

1985: en marzo, **el presidente Zia de Pakistán se entrevista con el nuevo líder soviético Mijail Gorbachov,** que según dice busca en Afganistán una solución política más que una militar.

Funcionarios soviéticos y estadounidenses discuten sobre Afganistán. Nuevas ruedas de negociaciones en Ginebra en junio y agosto logran acuerdos entre Afganistán y Pakistán para invitar a Moscú y a Washington a que actúen como garantes de un futuro acuerdo.

La embajada soviética en Kabul es atacada con cohetes en julio.

1986: El canciller soviético Eduard Shevardnadze dice Cordovez que Moscú desea realizar sustanciales progresos tendientes a un acuerdo político. **Afganistán entrega a Cordovez un programa tentativo para el retiro de las tropas soviéticas.**

Se informa que Karmal está enfermo. Najibullah se convierte en presidente.

En julio, Gorbachov anunció que seis regimientos de tropas soviéticas, o unos 8.000 hombres, se retirarán de Afganistán. Lo harán tres meses más tarde.

Otra ronda de conversaciones se realiza en Ginebra en agosto sin que aún esté resuelto el cronograma de retiro soviético.

1987: El 1° de enero, **Najibullah anuncia el cese del fuego de las tropas afganas y soviéticas a partir del 15 de enero,** convoca a conversaciones de paz con la guerrilla y **ofrece formar un gobierno de coalición. Los rebeldes rechazan la propuesta.**

PARTES ILEGIBLES

Filipinas



Delegados del Frente Nacional Patriótico deliberan en Kabul. El martes se informó el cese del fuego

Kabul, en calma

POCO LEGIBLE

KABUL, 15 (Por Gary Lee de "The Washington Post" especial para Clarín) — Helicópteros de fabricación soviética sobrevuelan la zona desparramando llamaradas multicolores de modo de dispersar los misiles disparados por rebeldes desde un avión lleno de extranjeros. Entretanto, en las calles de la capital afgana, soldados uniformados se abren paso a través de vendedores de fruta y verdura, mientras algunos ciudadanos se retiran a sus hogares para cenar.

En el aeropuerto de Kabul, las pistas exhiben helicópteros de fabricación soviética y equipos de artillería listos para ser utilizados en combate. Horas antes de iniciarse el alto el fuego —de seis meses de duración— propiciado por el gobierno en esta guerra que ya lleva siete años de vida, un visitante norteamericano que viajó hasta aquí (como parte de una misión auspiciada por la URSS) se asombró al constatar que los signos de conflicto militar son sumamente escasos.

La reciente campaña por la paz orquestada por el gobierno se encuentra en su apogeo. Afiches y artículos periodísticos proclaman el comienzo de una "reconciliación nacional". Tal como lo explicó el jefe del gobierno afgano Najib Najibullah en su discurso del 1º de enero, esta reconciliación contempla el establecimiento de un gobierno de coalición, el reconocimiento del Islam como religión oficial y el deseo de concretar el regreso al país de por los menos cinco millones de afganos exiliados.

Najibullah —ex jefe de seguridad, de 39 años, que llegó al poder en mayo pasado— dirigió un discurso al país este miércoles a la noche en el que pidió apoyo para la decisión de "suavizar" el toque de queda que rige por la noche. (Comenzaría ahora a medianoche, en lugar de a las 22.)

Un día antes del inicio (previsto para hoy) del alto el fuego, Najibullah se comprometió con los rebeldes a dejar las armas.

"Hermanos, padres, apóyennos. El destino de la patria está en nuestras manos", declaró el número uno afgano.

A raíz del arribo de un grupo de cerca de cincuenta corresponsales de Occidente con asiento en Moscú —para presenciar el alto el fuego y observar los esfuerzos de Kabul en esta "reconciliación nacional"—, la ciudad ha sido adornada para dar su mejor imagen. Pancartas de colores brillantes celebran la llegada de la paz en las calles de Kabul.

Sin embargo, el toque de queda nocturno y el hecho de que los visitantes de Occidente no pueden trasladarse sin ser vigilados por oficiales de seguridad indican que el clima de guerra sigue vigente, a pesar de que esta ciudad fue considerada durante mucho tiempo un bastión del gobierno.

Durante el día, el mercado público del centro de la ciudad es todo un caos. Las naranjas, sandías, coliflores, manzanas y nueces son tan abundantes que desbordan casi de los puestos de venta mientras los clientes hacen sus compras.

Las mujeres se pasean por las calles con ropas muy sueltas, los chicos intercambian saludos a los gritos, y la multitud, en general, pasea tranquilamente en una tarde fresca.

Kabul —rodeada por ondulantes montañas de no gran altura— disfruta de una temperatura cálida mientras gran parte de Europa y del norte de Asia "se muere de frío".

♦ Rastros de otra cultura

Al margen de la sensación solapada de guerra, lo que sorprende aquí son los rastros de la cultura occidental que se ha infiltrado en este gobierno apoyado por los soviéticos: emblemas de la reducida comunidad de Occidente que vive aquí, o souvenirs.

Autos Mercedes Benz y otros, de procedencia occidental, recorren las calles de Kabul en medio de Volga u otros vehículos de fabricación soviética. Los mercados venden, incluso, azúcar norteamericana y otros artículos provenientes de Pakistán o de la India. El dólar también es fuerte aquí. Un dólar cuesta 53 afghanis en el mercado oficial y tres veces más en el mercado negro.

El hotel Mallmah Pall —en donde se hospedan los periodistas y dignatarios— sigue ofreciendo algunos de los lujos que tenía en la época en que pertenecía a la cadena Intercontinental —antes de la revolución—. Es decir, tenis, sauna y servicio en las habitaciones.

Sin embargo, el país aún se encuentra afectado por la guerra y se perciben algunas señales que ponen en duda el futuro de esa política de reconciliación nacional promulgada por Najibullah.

Una de ellas es el cauteloso manejo que se está dando al tema del retiro de efectivos soviéticos —llegados aquí hacia fines de 1979 para colaborar en la lucha contra los rebeldes—. Según cifras de Occidente su número ascendería a 115.000.

T3 | 13

8701921

037

Filipinas

Defiende Aquino su estrategia de paz

LA PRENSA 29/12/8

Manila. 28 (UP) – La presidenta Corazón Aquino dijo hoy que su iniciativa de paz con los rebeldes comunistas está enraizada en una profunda fe en Dios, pero advirtió que la "vergonzosa" brecha entre ricos y pobres amenaza a la democracia en la nación.

"El compromiso hacia la vía de la paz es el primero y, si es posible, el medio final de resolver una pugna", expresó Aquino. "Sólo como un único recurso y sólo para defender las vías de la paz y la democracia debemos apelar a la fuerza, para protegerlas".

Aquino formuló esos comentarios ante un grupo de asociaciones pro-familia al finalizar la pausa de tres días en sus labores que tomó con motivo de la Navidad. La presidenta se refirió a cinco "valores fundamentales para la construcción de la nación", entre los que incluyó fe en Dios y el cometido de eliminar el delito y la corrupción.

"Habló de la injusticia social en el mundo, el aumento de la vergonzosa desigualdad entre la minoría que es rica y poderosa y la mayoría que es pobre e impotente". "Esa situación no puede continuar", indicó.

"La complacencia con uno mismo y la extravagancia son las características de la tiranía, no del estado republicano que queremos. El lujo nos distrae de las virtudes específicas que debemos cultivar para asegurar la supervivencia de la democracia".



(Radiofotografía de Reuter)

Simpatizantes de Ferdinand Marcos se aprestan a quemar publicaciones con noticias sobre Corazon Aquino, durante una manifestacion realizada en Manila

01/07 8701922

Busca la paz un sacerdote rebelde en las Filipinas

Manila, 16 (UP) – Un sacerdote comunista rebelde, que rompió filas con el partido Comunista para formar su propio grupo guerrillero, bajó hoy de las montañas para almorzar con la presidenta Corazón Aquino y conversar sobre la autonomía para su región tribal en el norte del país.

El negociador gubernamental Agapito Aquino, cuñado de la presidenta, dijo que el combatiente tribal y el gobierno habían decidido considerar una agenda de tres puntos que incluye la trasformación del "Ejército Guerrillero" en una "fuerza de paz" reconocida militarmente.

Conrado Balweg, quien cortó en abril sus vínculos con el "Nuevo Ejército Popular" y formalizó un pacto por su cuenta de cesación del fuego con el gobierno de Aquino el 13 de setiembre último, dijo que las negociaciones "proporcionaron una atmósfera de paz" en la región de la cordillera.

Los esfuerzos de Aquino por hacer la paz con Balweg coinciden con una tregua a nivel nacional con el NEP de 23.000 miembros, y una cesación de las hostilidades con el Frente Musulmán de Liberación Nacional, en la isla sureña de Mindanao.

"Definitivamente, nosotros apoyamos al actual gobierno", dijo Balweg, de 39 años, en conferencia de prensa luego de una reunión y almuerzo de una hora con Aquino en la residencia presidencial para huéspedes.



(Radiofotografía de Reuter)

Los líderes rebeldes comunistas Manuel Quizón (derecha) y Rodolfo Miranda, realizan una conferencia de prensa en una desolada villa de Pampagna, al norte de Manila

Región autónoma

El "Ejército Popular de Liberación de la Cordillera" tiene unos 300 combatientes.

"Es tiempo de Navidad" —dijo—. "Nosotros quisiéramos proyectar al pueblo filipino que la paz es por lo que luchamos".

En una gestión para disipar la tensión entre las minorías en las Filipinas, donde predomina la religión Católica, los redactores de una nueva Constitución incluyeron un artículo que estipula la creación de la región autónoma para las tribus en el norte y los musulmanes en el sur.

Las tribus minoritarias en las cordilleras acusaban al depuesto régimen de Ferdinand Marcos de negligencia en el desarrollo regional, y de aprobar la explotación de los recursos naturales en tierrras ancestrales.

Balweg, un ex sacerdote de la tribu Tinggian cuya captura estaba recompensada con 130.000 pesos (6.350 dolares) hasta junio, se unió al NEP en 1979 y combatió a las fuerzas del gobierno hasta que se separó del NEP en abril.

Dijo que abandonó el NEP porque el partido Comunista había "traicionado" las aspiraciones del pueblo de la cordillera e intentaba sustituir la ideología comunal con la de una sociedad sin clases.

Corazón Aquino, desde que asumió el poder, viene desarrollando una intensa campaña de pacificación del país, no siempre compartida por sectores militares que han resistido sus iniciativas. No obstante, recientemente logró una tregua con el grupo guerrillero más numeroso constituido por el "Nuevo Ejército Popular".

02 8701922

LA MAÑANA 16/12/86

Pequeño grupo de soldados logró hacer huir a rebeldes

Filipinas: atacan base militar

MANILA (ANSA y UPI) — Un reducido grupo de soldados en una remota base derrotó ayer a unos 100 guerrilleros comunistas que lanzaron el primer ataque de magnitud desde que la cesación del fuego fuera implementada hace cinco días, informaron las autoridades militares.

No se informó de bajas entre los 19 soldados que controlan la base en la colina de Madalag en la central isla de Panay, a 464 kilómetros de Manila, de acuerdo al mayor Guillermo Matiling, oficial de operaciones.

Matiling dijo que los guerrilleros del procomunista Ejército Nuevo del Pueblo atacaron al amanecer, disparando a los soldados. Dijo se defendieron, forzando a los rebeldes a retirarse a media mañana.

Aquino citó en Manila al jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, quien estaba visitando la cercana isla de Cebú, para discutir el incidente en una reunión de emergencia del gabinete.

CLARA VIOLACION

El comandante regional, general Domingo Río, dijo que el asalto fue "una clara violación del acuerdo al cese de fuego" entre el gobierno y los 23.000 combatientes del Ejército del Pueblo Nuevo.

El incidente de Madalag fue el primer ataque de los comunistas desde que entró en efecto la tregua de 60 días el 10 de diciembre.

El Comité Monitor del Cese de Fuego de cinco miembros dijo en un informe que el ataque habia sido presentado por el ejército. Dijo que realizaría su propia investigación sobre el incidente.

Los negociadores del Frente Democrático Nacional se nego a comentar al señalar que no habia recibido un informe.

Pimentel dijo que el ataque fue uno de dos que Ramos presentó ante el Gabinete. Dijo que el otro fue un ataque del ENP que mato al propietario de una tienda en Cebu supuestamente al negarse a "pagar los impuestos (revolucionarios)".

Por otra parte, el gobierno de la presidenta Corazón Aquino se mantuvo firme en su decisión de no permitir que el derrocado dirigente Ferdinand Marcos regrese de su exilio en Hawai si solicita permiso para asistir al funeral de su hermana menor, dijeron las autoridades.

Elizabeth Keon murió el domingo luego de una prolongada enfermedad a los 65 años de edad.

Un alto asesor de Aquino, Aquilino Pimentel, dijo a los periodistas luego de una reunión de emergencia del gabinete que Marcos "no sólo seria una mosca en el unguento, sino un desestabilizador también".

Marcos, de 69 años de edad, derrocado el 25 de febrero en una revuelta militar apoyada por los civiles, dijo en una entrevista de radio que los comunistas están por tomar el gobierno y quería salvar la república. Dijo que esperaba volar a casa para Navidad.

EL DIA

AN. 10-12-86

EL MUNDO

Expectante comienzo de la tregua filipina

MANILA. — Un cese el fuego por 60 días entre los rebeldes comunistas y el gobierno filipino entrará en vigor hoy tras haberse superado los obstáculos de último momento, dijo un negociador del gobierno de la presidenta Corazón Aquino.

Teofisto Guingona hizo el anuncio en un canal privado de televisión horas después de que los emisarios de los comunistas dijeron que se oponían a las amenazas de los militares de desarmar a los rebeldes.

Guingona dijo que se había acordado que los rebeldes dejarían sus armas en los lugares de donde provenían o que las depositarían en sedes militares cuando entraran a zonas pobladas. El cese el fuego regirá a partir del mediodía (04.00 GMT).

"Hemos arribado a un acuerdo y el cese el fuego entrará en vigencia mañana, como se había programado", dijo tras un encuentro a altas horas de la noche con los representantes de los rebeldes, Antonio Zumel y Satur Ocampo, ambos ex periodistas.

El acuerdo de cese el fuego había empezado a peligrar después de que los militares dijeron que no autorizarían a los rebeldes comunistas a portar armas de fuego, y que patrullarían sus refugios y los desarmarían durante los 60 días de vigencia del acuerdo.

Los negociadores rebeldes pidieron que Aquino emitiera un comunicado censurando a los militares por insistir en sus derechos a desarmarlos.

Dijeron que el acuerdo firmado el mes pasado específicamente consideraba el desarme como un acto de hostilidad.

Sin embargo, Aquino pareció no estar perturbada por los conceptos de los líderes rebeldes. Antes de que sus representantes iniciaran las conversaciones para salvar el acuerdo, dijo a los periodistas: "estoy muy esperanzada".

Tras el anuncio de Guingona de que las hostilidades que llevan ya 17 años concluirían en forma temporaria, él y los líderes comunistas aparecieron en una conversación televisiva en la que discutieron el acuerdo.

Guingona dijo en su intervención: "hemos tenido que hacer ajustes y asumir compromisos respecto de algunos puntos, haciendo concesiones de ambas partes con espíritu de buena fe".

Pero antes, ambas partes habían hablado en forma diferente y Zumel dijo en una entrevista con periodistas extranjeros: "Estamos atónitos por la confusión de voces que provienen del gobierno. El gobierno habla con varias voces. Parecen estar hablando con ambas partes de la boca. Queremos ver un comunicado definitivo de la presidenta".

Entonces él y Ocampo plantearon puntos de vista diferentes. Zumel dijo que el rebelde Nuevo Ejército del Pueblo (NEP) está notificado de que debe acatar el cese el fuego.

"En el mediodía de mañana, los fusiles de nuestro lado estarán en silencio", dijo.

Guingona dijo que una cuestión, la de si los militares pueden patrullar las áreas rebeldes, se aclaró en una reunión esta mañana y calificó al obstáculo de las armas como "una zona gris" en el cese el fuego del 27 de noviembre. No dio más detalles al respecto.

Pero el retirado general de división José Mango, asesor militar de la presidenta Aquino, rehusó hoy apartarse de la posición de los militares.

"Los rebeldes no estarán desarmados hasta que arriben a un lugar en el que esté en vigencia una prohibición a utilizar armas de fuego. Hay lugares públicos en zonas pobladas donde... los civiles pueden asustarse. Déjenlos (a los rebeldes) depositar sus armas de fuego en campamentos".

Guingona agregó que incluso los policías filipinos deben dejar sus fusiles en sus casas cuando están de licencia.

EL PERIODISTA DE BUE[illegible] 116 · 28 DE NOVIEMBRE AL 4 DE DICIEMBRE DE 1986

Filipinas: VOLVER A EMPEZAR

Abortado el domingo pasado el latente golpe de Estado, el gobierno de Corazón Aquino enfrenta el desafío de pacificar el país.



Corazón Aquino

El desplazamiento del ministro de Defensa Juan Ponce-Enrile, dispuesto el domingo último por la presidente Corazón Aquino, ha logrado aventar por el momento la posibilidad de un golpe de Estado derechista y fortalecer la deteriorada imagen de la líder filipina de quien sus críticos opinan que *"va a misa tres veces por día, dice el rosario en televisión, pero no gobierna"*.

Saliendo al cruce de estas acusaciones, *Cory* se presentó por televisión tras una prolongada reunión de gabinete que duró más de siete horas, en la que pidió la renuncia de todos sus ministros y aceptó inmediatamente la de Enrile. *"Al fin, mi circunspección había sido interpretada como debilidad y mis intentos de reconciliación como indecisión. Esto no podía continuar así"*, reconoció la presidenta, mientras el comandante en jefe del Ejército Fidel Ramos, se ocupaba de garantizar que las tropas no obedecieran órdenes que no provinieran directamente de él o de sus subordinados debidamente autorizados.

El ocaso de Enrile, líder del Movimiento por la Reforma del Ejército –una logia ultraderechista a la que adhieren alrededor de setecientos oficiales– obedece al fracaso de sus intentos por obtener el apoyo de Washington en su cruzada anticomunista. Durante semanas el *"hombre Rolex"* (*así* llamado por haber recibido en 1972 un reloj de oro de regalo como premio a su fidelidad al ex dictador Marcos) amparó una vasta actividad agitativa que influyó mitines y pintadas en los muros de Manila en las que se definía como *"serpientes comunistas"* a algunos funcionarios de la actual administración, partidarios de las negociaciones con la guerrilla del Nuevo Ejército del Pueblo. En distintas oportunidades, además, dijo poseer pruebas incontestables que involucraban a ministros del gobierno de Aquino en actos de corrupción administrativa, tal vez para contrarrestar las evidencias de su propio enriquecimiento ilícito. Pero en una reservada conversación concretada la última semana, con el embajador norteamericano en Filipinas, Stephen Bostworth, Corazón Aquino se habría asegurado de que Estados Unidos no apoyaría ninguna aventura golpista.

La personalidad de quien reemplazará a Enrile en el Ministerio de Defensa confirma la disposición gubernamental de contar con la aquiescencia de Ronald Reagan para estabilizar y pacificar al país, sin ceder espacio a la guerrilla comunista que ya controla el 20% de las 40.000 aldeas filipinas, y ha multiplicado por diez sus efectivos desde 1981. En efecto, el teniente general Rafael Ileto, conocido como el *"padre de los rangers filipinos"*, una unidad de élite del ejército que logró desarticular a la guerrilla en la década del '60, no puede ser considerado precisamente un *blando*. Egresado de la escuela militar norteamericana de West Point en 1943, tuvo la oportunidad de ampliar sus conocimientos sobre contrainsurgencia cuando revistaba como agregado militar en Saigón durante la guerra de Vietnam.

Superado el mayor obstáculo que amenazaba su gestión, Corazón Aquino deberá afrontar ahora la difícil tarea de poner en orden una economía devastada. Hasta el momento puede acreditar algunos módicos logros: la inflación, por ejemplo, se redujo en el primer cuatrimestre de este año al 2,1%, frente al 40% imperante en igual período de 1985. Tal reducción, sin embargo, devino fundamentalmente de las restricciones al consumo popular. De los 52 millones de filipinos, el 70% se halla por debajo de la línea de pobreza, hay más de dos millones y medio de desempleados y entre el 35 y el 40% de subocupados y sólo

Gobierno y oposición deben trabajar juntos

Aquino niega inminente reajuste ministerial

La Presidenta de Filipinas desmintió ayer, al término de su visita oficial a Japón, los rumores sobre un inminente reajuste ministerial y afirmó que "los miembros de mi Gobierno tienen el deber de ayudarme".



Ultima foto tomada al líder izquierdista Rolando Olalia, durante una conferencia de prensa realizada el martes. Olalia desapareció anoche, después de una reunión en un sindicato, y su cadáver fue hallado en la mañana de ayer. (Radiofoto Reuter).

TOKIO. (ANSA, EFE y UPI).- En una rueda de prensa realizada ayer en esta capital, Corazón Aquino se refirió al Ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, diciendo que "él no es un enemigo de mi familia" y que "por el momento no tengo intención de reemplazarle".

Agregó que ella y sus adversarios políticos deben trabajar juntos para resolver los problemas pendientes y que "los miembros de mi Gobierno tienen el deber de ayudarme, no hacer que la tarea de la Presidencia sea más dura de lo que ya es".

La Presidenta filipina criticó a un funcionario del Gobierno psr haben oprovechado su visita a Japón para revivir acusaciones sobre prácticas de corrupción con el exterior, mientras estábamos tratando de atraer inversiones a nuestras costas.

Corazón Aquino, que viajó a Japón en medio de insistentes rumores de un golpe de Estado, aseguró que todo está bajo control y reafirmó la confianza en su liderazgo político, a través del poder del pueblo, que me mantiene y aporta a Filipinas las reformas que necesitamos.

REBELDES

Refiriéndose a la actividad de la guerrilla comunista, la Presidenta dijo que "no hay lugar en la nueva Filipinas para los que no acierten el camino de la democracia".

El líder izquierdista Rolando Olalia apareció ayer asesinado en Manila, al tiempo que se anunciaba la formación de un nuevo movimiento denominado Coalición contra la restauración del fascismo.

Linda Dacanay, del movimiento radical Bayan (PNB), al que pertenecía el político asesinado, señaló que unas 40 organizaciones que describe como nacionalistas formaron un nuevo movimiento.

Fuentes del PNB anunciaron que los restos de Olalia serían trasladados a la Iglesia de Santo Domingo, donde también estuvo el cuerpo del ex Senador y marido de la actual Presidenta, Benigno Aquino, después de ser asesinado el 21 de agosto de 1983.

EXPECTATIVAS SUPERADAS

Respecto de su viaje a Japón, Corazón Aquino le calificó de verdaderamente valioso y estimó que sus resultados han superado mis expectativas.

Mencionó su encuentro con el Emperador Hirohito como uno de los momentos más memorables, pero evitó revelar el contenido de sus conversaciones con él, aunque Teodoro Benigno, Secretario de Prensa de la Presidenta, manifestó a los periodistas, tras la entrevista, que el Emperador Hirohito se había disculpado por las atrocidades japonesas durante la Segunda Guerra Mundial.

El Ministro de Finanzas, Jaime V. Ongpin, enumeró durante la rueda de prensa detalles de la ayuda financiera que Japón prestará.

Por parte japonesa, Nakasone afirmó en un comunicado conjunto que Japón no regateará esfuerzos para apoyar los intentos de reconstrucción del Gobierno de Aquino.

Durante su viaje, que efectúa tras los realizados a Singapur, Indonesia y Estados Unidos, la Presidenta filipina fue recibida en audiencia por el Emperador japonés y se entrevistó con el Primer Ministro y con financieros y hombres de negocios.

Aquino pidió en Japón la transferencia de tecnología a su país, así como ayuda para proyectos

Gobierno y oposición deben trabajar juntos

Aquino niega inminente reajuste ministerial

La Presidenta de Filipinas desmintió ayer, al término de su visita oficial a Japón, los rumores sobre un inminente reajuste ministerial y afirmó que "los miembros de mi Gobierno tienen el deber de ayudarme".

TOKIO. (ANSA, EFE y UPI).- En una rueda de prensa realizada ayer en esta capital, Corazón Aquino se refirió al Ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, diciendo que "él no es un enemigo de mi familia" y que "por el momento no tengo intención de reemplazarle".

Agregó que ella y sus adversarios políticos deben trabajar juntos para resolver los problemas pendientes y que "los miembros de mi Gobierno tienen el deber de ayudarme, no hacer que la tarea de la Presidencia sea más dura de lo que ya es".

La Presidenta filipina criticó a un funcionario del Gobierno por haber aprovechado su visita a Japón para revivir acusaciones sobre prácticas de corrupción con el exterior, mientras estábamos tratando de atraer inversiones a nuestras costas.



Ultima foto tomada al líder izquierdista Rolando Olalia, durante una conferencia de prensa realizada el martes. Olalia desapareció anoche, después de una reunión en un sindicato, y su cadáver fue hallado en la mañana de ayer. (Radiofoto Reuter).

Corazón Aquino, que viajó a Japón en medio de insistentes rumores de un golpe de Estado, aseguró que todo está bajo control y reafirmó la confianza en su liderazgo político, a través del poder del pueblo, que me mantiene y aporta a Filipinas las reformas que necesitamos.

REBELDES

Refiriéndose a la actividad de la guerrilla comunista, la Presidenta dijo que "no hay lugar en la nueva Filipinas para los que no acierten el camino de la democracia".

El líder izquierdista Rolando Olalia apareció ayer asesinado en Manila, al tiempo que se anunciaba la formación de un nuevo movimiento denominado Coalición contra la restauración del fascismo.

Linda Dacanay, del movimiento radical Bayan (PNB), al que pertenecía el político asesinado, señaló que unas 40 organizaciones que describe como nacionalistas formaron un nuevo movimiento.

Fuentes del PNB anunciaron que los restos de Olalia serían trasladados a la Iglesia de Santo Domingo, donde también estuvo el cuerpo del ex Senador y marido de la actual Presidenta, Benigno Aquino, después de ser asesinado el 21 de agosto de 1983.

EXPECTATIVAS SUPERADAS

Respecto de su viaje a Japón, Corazón Aquino lo calificó de verdaderamente valioso y estimó que sus resultados han superado mis expectativas.

Mencionó su encuentro con el Emperador Hirohito como uno de los momentos más memorables, pero evitó revelar el contenido de sus conversaciones con él, aunque Teodoro Benigno, Secretario de Prensa de la Presidenta, manifestó a los periodistas, tras la entrevista, que el Emperador Hirohito se había disculpado por las atrocidades japonesas durante la Segunda Guerra Mundial.

El Ministro de Finanzas, Jaime V. Ongpin, enumeró durante la rueda de prensa detalles de la ayuda financiera que Japón prestará a Filipinas, entre ellos los nuevos créditos de cooperación económica por importe de 206 millones dedólares.

Además, el Primer Ministro japonés, Yasuhiro Nakasone, prometió la concesión de otro paquete de ayuda económica de unos 252 millones de dólares para la central geotérmica de Batangas.

Por parte japonesa, Nakasone afirmó en un comunicado conjunto que Japón no regateará esfuerzos para apoyar los intentos de reconstrucción del Gobierno de Aquino.

Durante su viaje, que efectúa tras los realizados a Singapur, Indonesia y Estados Unidos, la Presidenta filipina fue recibida en audiencia por el Emperador japonés y se entrevistó con el Primer Ministro y con financieros y hombres de negocios.

Aquino pidió en Japón la transferencia de tecnología a su país, así como ayuda para proyectos agrícolas y el establecimiento de pequeñas empresas que creen puestos de trabajo.

En un discurso ante los parlamentarios japoneses, Aquino subrayó que sus nueve meses de Gobierno han dado estabilidad política y económica a Filipinas, y que la ratificación de la nueva Constitución, prevista para el próximo febrero, mejorará la situación.

Desembocaría en guerra civil

Ramos: prevenir una polarización en las Filipinas

MANILA (EFE, ANSA y UPI).- El jefe del Estado Mayor de las Fuerzas Armadas filipinas, general Fidel Ramos, dijo ayer que debemos dar prioridad a asuntos tan importantes como prevenir una polarización del país que podría desembocar en una guerra civil.

Afirmó que esta posible polarización es más grave que los problemas de la insurgencia y los político-económicos, aunque éstos también son considerables.

El general Ramos, en un club cívico de Manila, dijo que esta es la razón por la que el Ejército apoyó a la presidenta Corazón Aquino durante el intento golpista del pasado 23 de noviembre, que supuso la crisis más importante del nuevo régimen filipino desde que asumió el poder en febrero último.

Según comentarios generalizados, el fracasado golpe de estado lo impulsaban elementos militares de derechas cercanos al anterior ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile.

En su primer comentario público desde la intentona, Ramos no quiso divulgar los motivos que le impulsaron a frenar el golpe, calificado sólo como rumor por las autoridades militares, señalando que hay que ver estas cosas desde una perspectiva más amplia y más profunda.

Tras los sucesos de esos días, Corazón Aquino aceptó la renuncia de Ponce Enrile y de otros cuatro ministros de su Gobierno.

GUERRILLEROS

El jefe del Ejército explicó que el Nuevo Ejército del Pueblo (NEP), el brazo armado del Partido Comunista filipino, creció en los últimos cuatro años de unos 7.750 guerrilleros a 23.200 que tiene ahora.

Ramos expresó su preocupación porque ha observado que en los últimos ataques, los insurrectos se aproximan cada vez mas a los centros urbanos.

El NEP firmó el pasado 27 de noviembre un alto el fuego temporal, durante 60 días, con el Gobierno de Manila.

Ramos añadió que el Partido Comunista y los guerrilleros del NEP colectan anualmente, en concepto de impuestos revolucionarios, especialmente en grandes empresas, unos 138 millones de pesos (6,9 millones de dólares).

Por otra parte, el diario Business Day, que cita fuentes militares, afirma que unos 300 soldados filipinos están escondidos en las provincias de Bataan y Zambales, al norte de Manila, a la espera de recibir instrucciones de ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile.

El grupo, integrado por soldados de los tres ejércitos y del grupo especial de seguridad, huyó de Manila el pasado 23 de noviembre, horas después de que el Jefe del Estado Mayor del Ejército lograse neutralizar la intentona golpista.

Las mismas fuentes explican que las tropas están fuertemente armadas con fusiles y ametralladoras automáticas y que acamparon en una hacienda que dispone de modernos medios de seguridad, propiedad del antiguo gobernador de la provincia de Zambales, Vicente Magsaysay, conocido aliado de Ponce Enrile.

LA MAÑANA 5-11-86

CLARÍN 20/1/87

037

El alerta en Filipinas

MANILA, 19 (AFP y EFE). — La presidenta filipina **Corazón Aquino, restó importancia hoy a los rumores sobre un intento de golpe de Estado,** que se reavivaron desde ayer en Manila, al tiempo que las autoridades militares hicieron saber que las tropas destacadas en las cercanías de la capital **fueron puestas en alerta total, por simple precaución.** Por su lado, el ministro de Defensa filipino, **Rafael Ileto,** fue aun más categórico al declarar —tras una entrevista con Aquino— **que no hubo intento alguno de golpe.**

En tanto, Manila recobró hoy su **plena normalidad.** Las calles que rodean el palacio presidencial de Malacanang, que habían permanecido cerradas hasta anoche, por segundo día consecutivo, **fueron reabiertas al tránsito.**

El titular de Defensa, saliendo al cruce de la ola de rumores, dijo hoy a la prensa que las fuerzas armadas fueron puestas en estado de alerta simplemente **para prevenir un estallido violento en la capital, parecido al sucedido la semana pasada en Mindanao** —al sur del país— donde hubo medio centenar de muertos tras choques durante cinco días entre una facción del guerrillero Frente Moro de Liberación Islámica y tropas gubernamentales.

Filipinos

Sin embargo, tropas están en "alerta roja"

Aquino desmiente rumor

MANILA (ANSA y UPI).— La presidenta Corazón Aquino "se carcajeó" ayer ante rumores de un nuevo complot contra su gobierno, pero las autoridades militares dijeron que las tropas alrededor de la capital fueron puestas en alerta total por precaución.

El jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, dio las órdenes que pusieron a unidades militares de Manila metropolitana y de sus ingresos norte y sur en "alerta roja".

Una fuente militar dijo que el estado máximo de alerta era respuesta a los informes sobre soldados descontentos y leales al ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile y simpatizantes del depuesto presidente Ferdinand Marcos que complotaban para "desestabilizar" al gobierno.

El presunto complot debió ser implementado antes del 2 de febrero, fecha del plebiscito sobre una nueva constitución. Aquino insiste que la aprobación de la constitución es esencial para la restauración de la estabilidad política.

Fue la segunda vez en dos meses en que Ramos actuó para aplastar un presunto golpe contra Aquino. Los actos de Ramos incluyeron una orden a las unidades en las regiones norte y sur de la capital para parar todo movimiento no autorizado de tropas, dijo la fuente.

Unos 200 soldados y policías tomaron posiciones alrededor del palacio presidencial la noche del sábado pero se retiraron el domingo, cuando Aquino voló al atribulado sur del país para seguir su campaña por la nueva carta.

El presunto complot debió incluir, se dijo, una reunión de la ex Asamblea Nacional controlada por Marcos, cuyo titular se declararía presidente suplente hasta nuevas elecciones bajo la constitución de 1973, que Aquino abolió un mes despues de tomar el poder.

Un complot similar fue aplastado el 22 de noviembre, un día antes de que Aquino destituyera a Enrile, quien codirigió la revuelta que derrocara a Marcos y la llevara al poder hace casi 11 meses.

Enrile ha laznado desde entonces un ruidosa campaña para lograr el rechazo de la nueva constitución.

El vocero militar dijo que el estado de alerta se declaró por temores de que la violencia rebelde musulmana en el sur que dejó 52 heridos la semana pasada llegara a Manila, pero el ministro de Defensa Rafael Ileto dijo a los reporteros que no había relación entre ambos eventos.

LA MAÑANA 20/I/87

01-01 8701959

EL MUNDO 19/1/87

Militares en estado de alerta y rumores de golpe en la capital filipina

MANILA. — Las Fuerzas Armadas filipinas fueron puestas en estado de alerta y las tropas rodearon el palacio presidencial, mientras que en Manila surgían nuevamente rumores de golpe militar y la presidenta Aquino continuaba su campaña electoral en la zona más conflictiva de Mindanao.

La movilización militar, que tuvo lugar en la noche del sábado al domingo, es la primera que se produce en la capital filipina desde el pasado 23 de noviembre, cuando Corazón Aquino cesó a su ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, e inició una remodelación de su gabinete.

Dos periódicos de la capital filipina, "Malaya" y "The Philippine Tribune", informaron ayer, citando a fuentes militares, que seguidores del ex presidente Ferdinand Marcos y "algunos sectores" de las Fuerzas Armadas planean derrocar a la presidenta.

El ex ministro de Defensa filipino Juan Ponce Enrile negó ayer categóricamente la participación en un presunto plan para derrocar a la presidenta Corazón Aquino.

"Naturalmente que no", dijo el ex ministro cuando se le preguntó *vía satélite* si estaba involucrado en la supuesta rebelión.

Ponce Enrile fue entrevistado ayer desde Washington por la cadena de televisión "ABC". Reconoció que existe preocupación en algunos sectores militares sobre la política de apertura política de "Cory" Aquino.

Dijo que existen varios puntos de vista sobre la posibilidad de que los comunistas y sectores de izquierda participen en el gobierno.

Con una flor

Entre tanto la presidenta Corazón Aquino voló ayer a la convulsionada isla de Mindanao y recibió una promesa de paz y una flor de un jefe musulmán que encabezó un levantamiento contra su gobierno.

Aquino, ignorando advertencias sobre un golpe en Manila y los riesgos de seguridad en el sur, viajó a la atribulada isla de Mindanao para ver al jefe del Frente Moro Islamita de Liberación (MILF) Haji Murad durante unos 10 minutos.

"Le entregamos una flor como símbolo de paz y un papel con nuestra posición", dijo Murad a los reporteros tras la entrevista, de la que dijo que empezó con un apretón de manos con la presidenta.

"Tenemos nuestras esperanzas puestas en ella", dijo el jefe rebelde.

Murad dijo que Aquino le invitó a un "encuentro más largo" en el Palacio Malacañang pero dijo que el exiliado jefe del MILF *Hashim Salamat* debe aprobar esa entrevista. Salamat estuvo recientemente en Jeda, Arabia Saudita.

"Esperamos una pronta reanudación de las charlas para dar una solución final al problema moro", dijo Murad, declinando dar detalles sobre el documento del grupo.

FILIPINOS

JAPON

COREA DEL SUR

LA PRENSA 18-1-87

Amenaza contra el gobierno de Aquino

Manila (UPI) — Las Fuerzas Armadas fueron puestas en alerta total y soldados con equipo de combate tomaron posiciones en las proximidades del palacio presidencial. en medio de advertencias de una organización fraternal de los militares de "otro complot para desequilibrar" al gobierno.

Un oficial de guardia en el centro de operaciones del cuartel general de las Fuerzas Armadas informó esta madrugada que el "alerta rojo" fue ordenado a las cuatro de la tarde de ayer. sabado.

El oficial señalo desconocer el motivo de la orden de alerta o la existencia de movimientos de efectivos.

Un portavoz de la Policía nacional informó por su parte que "la situación es normal".

La presidenta Corazon Aquino ya se encuentra de regreso de su visita a la isla de Mindanao. en el sur de las Filipinas. donde ataques de los rebeldes musulmanes en la semana que termina dejaron un saldo de más de 50 muertos y decenas de heridos hasta que ayer se declaró un cese del fuego.

El camino que conduce a la residencia presidencial estaba custodiado esta madrugada por unos 150 efectivos de la Policía nacional. equipados con elementos para control de disturbios. además de 50 soldados fuertemente armados del cuerpo de la guardia de seguridad presidencial.

Nakasone visitó a Polonia

Varsovia (EFE) — El primer ministro japones. Yasuhiro Nakasone. que finalizó una visita oficial de 24 horas a Polonia. invito al maximo dirigente polaco. Wojciech Jaruzelski. con quien se entrevistó durante tres horas. a visitar Japón. segun informó un portavoz de la delegación nipona.

El subsecretario general de la oficina de analisis y planificación japonesa. Ryoji Onodera. fue quien presentó el comunicado final de la visita en el que se explica. por otra parte. que ningún acuerdo económico concreto entre Japon y Polonia ha sido firmado en Varsovia.

"Polonia tiene primero que ganarse la confianza de los hombres de negocios japoneses". dijo Onodera al explicar que Japon no concederá nuevos créditos a Polonia mientras este pais no pague los intereses de su deuda con Japon que asciende a 1.300 millones de dólares.

No obstante. algunos proyectos fueron esbozados. y Nakasone ve la posibilidad de crear "Joint Ventures" (empresas de riesgos compartidos) con Polonia.

Por otra parte. Japon enviara proximamente a Polonia un grupo de expertos en medio ambiente. y se prevé tambien el intercambio de analistas que estudien los respectivos mercados.

Seúl: nuevo arresto del líder opositor

Seúl (ANSA) — El líder surcoreano opositor. Kim Dae Jung. fue condenado a arresto domiciliario y se le impidió dejar su casa en Seúl para participar en el segundo aniversario de la fundación del "nuevo partido Democrático". la mayor fuerza de oposición del país.

Se trata de la cuadragésima vez que Kim es condenado a arresto domiciliario después de su regreso del exilio voluntario en los Estados Unidos en febrero de 1985. El líder de la resistencia está cumpliendo una condena de 20 años de cárcel por sedición. suspendida ahora por "motivos humanitarios".

La nueva medida restrictiva contra Kim refleja la persistente tensión entre el gobierno del presidente Chun Doo Hwan y el nuevo partido democrático sobre el crucial tema de la revisión constitucional. El gobierno presiona para pasar a una república parlamentaria con amplios poderes para el primer ministro. mientras que la oposición pide el restablecimiento de las elecciones con sufragio universal. como único medio para democratizar las instituciones.

El desacuerdo está trabando desde hace un año la vida política del país. El presidente Chun. cuyo mandato vence en 1988. solicitó varias veces un acuerdo entre las partes. en ausencia del cual. afirmó en su reciente discurso programatico para 1987. se vera obligado a "asumir graves decisiones". Segun la oposición. las declaraciones de Chun equivalen a la proclamación de la ley marcial.

01-01. 8701961

EL DÍA

Montevideo, domingo 18 de enero de 1987 — PAGINA 5

Fuerzas Armadas de Filipinas en estado de alerta

MANILA. — Las fuerzas armadas fueron puestas en alerta total y fuerzas con equipo de combate tomaron posiciones en las proximidades del palacio presidencial, en medio de advertencias de una organización fraternal de los militares de "otro complot para desequilibrar" al gobierno, hoy domingo 18.

Un oficial de guardia en el centro de operaciones del cuartel general de las fuerzas armadas informó ayer que el "alerta rojo" fue ordenado a las cuatro de la tarde de ayer sábado.

El oficial dijo desconocer el motivo de la orden de alerta o la existencia de movimientos de efectivos.

Un portavoz de la Policía nacional informó por su parte que "la situación es normal".

La presidenta Corazón Aquino ya se encuentra de regreso de su visita a la isla de Mindanao, en el sur de las Filipinas, donde ataques de los rebeldes musulmanes en la semana que termina dejaron un saldo de más de 50 muertos y decenas de heridos hasta que ayer se declaró un cese del fuego.

El camino que conduce a la residencia presidencial estaba custodiado esta madrugada por unos 150 efectivos de la Policía nacional, equipados con elementos para control de disturbios, además de 50 soldados fuertemente armados del cuerpo de la guardia de seguridad presidencial.

Entretanto, se reveló que "Guardians Brotherhood Inc.", una organización fraternal de los militares, habría enviado un mensaje a los comandos regionales advirtiendo que "la situación nacional está siendo nuevamente perturbada por grupos escondidos que estarían tratando de organizar a miembros de la fundación de los Guardians para crear otro complot para desequilibrar al presente gobierno".

La tregua provisional que logró en Mindanao la presidenta Aquino, puso fin a cinco días de sangrientas hostilidades entre rebeldes del Frente Moro de Liberación Islámica (FMLI) y tropas gubernamentales.

El acuerdo fue firmado por el consejero presidencial, Aquilino Pimentel, que encabeza el equipo negociador del gobierno, y el jefe militar del FMLI, Haji Murad, en la ciudad de Sultan Kudarat, cercanías de Cotobato, el principal foco de las hostilidades de esta semana.

Poco antes de acordarse la tregua murieron cuatro pasajeros de un autobús.

LA PRENSA 17/2/87

Cruento ataque contra rebeldes musulmanes en las Filipinas

Manila, 16 (UP) – Fuerzas gubernamentales lanzaron hoy andanadas de artillería contra posiciones de rebeldes musulmanes causando unos 50 muertos.

El general de brigada Jesús Hermosa, expresó a los periodistas en la ciudad industrial de Iligan que los disparos de los Howitzer de 105 milímetros mataron a 15 insurgentes en sus baluartes del río Kakar, cerca de la ciudad de Cotabato.

Hermosa aseguró que el bombardeo de las posiciones rebeldes junto al río Buluan, en la provincia de Maguindanao, dejó muertos a otros 24 guerrilleros del "Frente Moro de Liberación Islámica".

Las autoridades informaron antes que dos soldados y siete civiles fallecieron durante un ataque del grupo separatista. Hubo por lo menos 57 heridos.

Hermosa voló a Iligan, 800 kilómetros al sur de Manila, para supervisar los preparativos de seguridad para la visita que mañana hará la presidenta, Corazón Aquino, a esa ciudad.

El ministro de defensa, Rafael Ileto, aseguró en Manila que el uso de artillería contra los rebeldes buscaba mostrar "que tenemos la capacidad de destruirlos. Si no se someten, los podemos destruir".

El jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, informó hoy a la mandataria filipina sobre la ofensiva musulmana, lanzada en represalia por la exclusión de estas fuerzas rebeldes en las negociaciones de paz con otra fracción musulmana.

01-01

Guerrilleros protestan por haber sido excluidos de las charlas de paz con el Gobierno

Filipinas: ataques de rebeldes musulmanes

ZAMBOANGA, FILIPINAS, (ANSA, EFE y UPI).- Rebeldes musulmanes ametrallaron casas, lanzaron granadas y lucharon contra fuerzas del Gobierno en una ofensiva en las últimas 48 horas, dijeron ayer fuentes militares.

Por su parte, el Jefe de las Fuerzas Armadas, General Fidel Ramos, dijo a los reporteros tras una gira por la atribulada isla de Mindanao que "casi tota" la situación estaba "bajo control".

La Presidenta Corazón Aquino continuaba con sus planes de visitar seis ciudades de Mondanao este fin de semana, pero su vocero presentó la posibilidad de que el itinerario fuera revisado debido a los ataques.

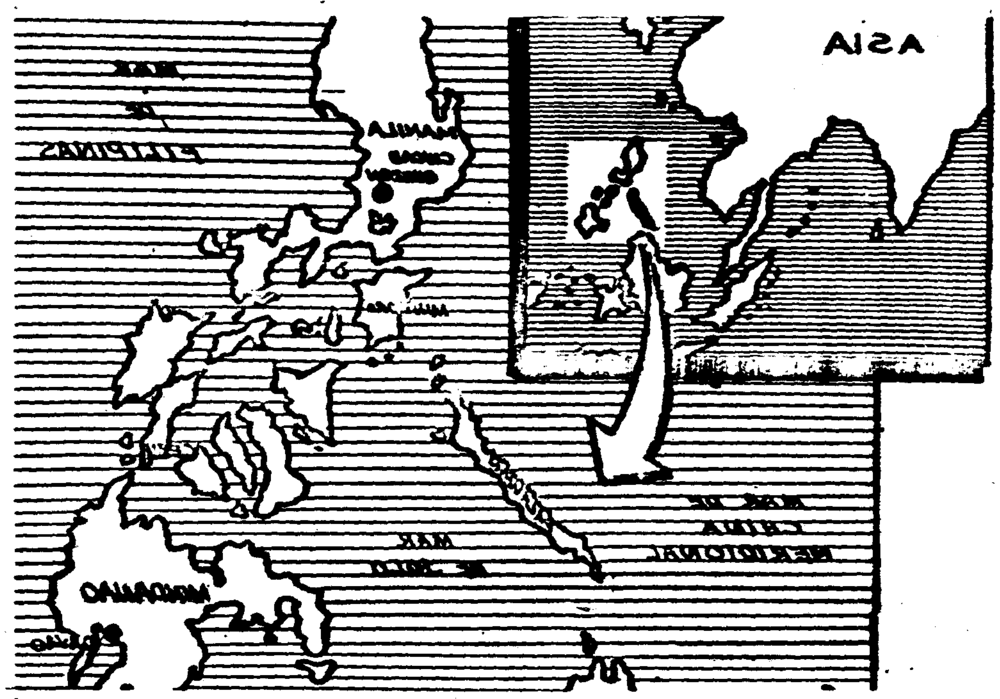
Un informe militar dijo que fuerzas del gobierno chocaron con guerrilleros del Frente Moro de Liberación islámica en el pueblo de M'Lang, 944 kilómetros al Sur de Manila. Dos soldados y seis civiles murieron y hubo siete heridos.

Las autoridades informaron que dos civiles murieron y hubo 29 heridos por granadas e incendios provocados en cuatro provincias de Mindanao.

El Frente Moro entró en la ofensiva el martes tras advertir que "sonó la hora de reanucada las hostilidades". Los rebeldes detonaron granadas, volaron puentes, cortaron líneas eléctricas y quemaron una municipalidad en una campaña por 13 pueblos y dos ciudades; en las provincias de Maguindanao, Cotabato Norte, Sultán Kudart y Lanao del Sur.

PROTESTAN EXCLUSION

Las autoridades dijeron que los 7.000 guerrilleros protestaban por haber sido excluidos de las charlas de paz entre el gobierno de Aquino y la principal organización musulmana rebelde, el Frente Nacional Moro de Liberación. El Frente tiene 10.000 guerrilleros.



Cinco granadas lanzadas desde cerca del río Kaka estallaron en ciudad Cotabato antes de la pasada medianoche, informaron fuentes militares.

La agencia de prensa estatal dijo que una granada estalló en una casa y otra en un barrio pobre, hiriendo a 12 personas, una de ellas un bebé de 10 meses.

Ramos ordenó la movilización de dos batallones de 1.500 efectivos apoyados por cuatro helicópteros artillados.

"Casi toda la situación en Mindanao central... está bajo control gubernamental", dijo Ramos. "Nuestra misión primaria allí es restablecer el orden y a la calma".

"Lo importante es poder mostrar a los guerrilleros que el gobierno no cede ante su demostración de fuerza y su intento de forzar al gobierno y a la presidenta de que hagan lo que ellos demandan", dijo.

El gobierno negocia con el Frente Nacional Moro de Liberación de 10.000 miembros dirigido por el Nur Misuari el fin de 14 sangrientos añoïs. Los rebeldes despiden el autogobierno musulmán, con antonomía a las minorías musulmanas en la nueva Constitución.

El Frente Moro de Liberación Islámica demanda ser incluido en las negociaciones.

El negociador del gobierno Aquilino Pimentel dijo ayer en Manila que "nunca hubo intención de excluirlos (al FMI) de las charlas de paz".

Filipinas

Corazón Aquino

Mindanao: nueva ofensiva guerrillera

ZAMBOANGA, Filipinas, 15 (UPI). - Rebeldes musulmanes ametrallaron casas, lanzaron granadas y lucharon contra fuerzas del gobierno en una ofensiva que dejó ocho muertos y 36 heridos en el sur de las Filipinas en las últimas 48 horas, dijeron hoy fuentes militares.

Por su parte, el jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, dijo a los reporteros tras una gira por la atribulada isla de Mindanao que la situación estaba casi bajo control.

La presidenta Corazón Aquino continuaba con sus planes de visitar seis ciudades de Mindanao este fin de semana, pero su vocero anunció la posibilidad de que el itinerario fuera revisado debido a los ataques.

Autonomía denegada

MANILA, 15 (AFP). - La presidenta filipina Corazón Aquino rechazó hoy la demanda de autonomía para la mayor parte de la isla de Mindanao, reclamada por los musulmanes del Frente Nacional de Liberación Moro (MNLF).

Nur Misuari, dirigente del MNLF, había solicitado el retiro de las disposiciones referentes a la gran isla del sur de las Filipinas del proyecto de nueva Constitución que será sometido a referéndum el próximo 2 de febrero.

La Nación 16.1.87

FILIPINAS

EL DIA 13/I/87

Enrile pide llamado a elecciones

MANILA. — El ex ministro de Defensa filipino Juan Ponce Enrile pidió ayer la convoctoria de nuevas elecciones presidenciales, y anunció que está dispuesto a dirigir otra revolución del "poder popular", si la presidenta Corazón Aquino se niega a dejar el poder en caso de que los filipinos rechacen el proyecto de la nueva Constitución.

Enrile, que dirigió una revuelta militar apoyada por la Iglesdia Católica para instalar en el poder a Corazón Aquino, manifestó en una entrevista a EFE que el general Fidel Ramos, jefe de las Fuerzas Armadas, debería dirigir otra sublevación si fuese rechazada en las urnas la nueva Constitución y la presidenta no abandonase el poder.

Descontento en extrema derecha e izquierda

Protestan en Filipinas la nueva Constitución

Unos 30.000 izquierdistas, al grito de "invadan Malacanang" marcharon ayer hasta el palacio de la presidenta Corazón Aquino para protestar contra la nueva constitución, y miles de seguidores del depuestos dictador Ferdinand Marcos quemaron copias de la Carta.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).— Unos 200 policías y soldados, armados de garrotes, escudos de acero y rifles automáticos, pararon a los manifestantes a tres cuadras del palacio Malacanang. Una docena de camiones bomberos bloqueaban la puerta principal.

La policía estimó que los manifestantes, con antorchas y carteles que decían "No a la dominación norteamericana" y "No a la constitución" en 30.000 — la mayor hasta ayer contra la legislación presidencial.

La policía dijo que un manifestante fue herido en la cabeza por una botella lanzada desde el dormitorio de un colegio para mujeres contra los manifestantes.

Unos 2.000 seguidores de Marcos quemaron copias de la constitución haciendo señales de la "V" durante una marcha en la Manila suburbana.

Los seguidores de Marcos fueron al lugar en una caravana de autos que cruzo la capital abanderada con signos que decían "Marcos" y "No a la constitución de Cory".

Se lanzaron piedras y botellas contra los vehículos desde una construcción en el suburbio Makati de Manila, dijeron testigos. Dijeron que algunos guardaespaldas dispararon sus armas para impedir la pedrea.

AQUINO CONTINUA CAMPAÑA

La presidenta Aquino, entre tanto, voló a cuatro ciudades siguiendo su campaña personal de un mes para lograr la ratificación de la carta.

"Nos gustaría ser un gobierno de confianza", dijo en un almuerzo con funcionarios locales en Malolos, al sur de la norteamericana Base Aérea Clark en Angeles. "pero necesita la ayuda de ustedes".

Aviones norteamericanos de transporte zumbaban sobre su cabeza cuando Aquino urgió a una multitud de 10.000 personas en Angeles que "vigilen atentamente" contra la corrupción el progreso de los proyectos estatales.

El rival de Aquino, el ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile, entre tanto, llevó su campaña contra la constitución a territorio de Marcos y acuso al gobierno de perderse en "fantasias, vanidad y revanchismos".

Filipinas: dos proyectos en pugna

Por Marcos Panucci

A lo largo del pasado año la situación en Filipinas estuvo constantemente entre las prioritarias preocupaciones de los analistas políticos internacionales. No era para menos, desde que la caída de Ferdinand Marcos y su régimen corrupto abriera paso a un proceso democrático particularmente dinámico y fluido, inestable y, por encima de todas las cosas, trascendente para el futuro político de la región.

A principios de 1987, Filipinas vuelve a ser objeto de la mirada reconcentrada de los observadores políticos, en virtud de dos instancias coyunturales en las cuales se deciden aspectos importantes del proceso democrático y nacional que ese pueblo conquistara con su propia lucha. El próximo dos de febrero se realizará un plebiscito constitucional para refrendar, o no, una Carta Magna que la presidente Cory Aquino impusiera en los primeros meses de su gobierno. Paralelamente se desarrollarán las conversaciones entre representantes del Frente Democrático Nacional, amplia organización política autolegalizada tras la caída de Marcos y respaldada por un movimiento guerrillero cuyo poderío militar nadie discute, y el gobierno de la presidente Corazón Aquino, una figura política que encarna, al mismo tiempo, las aspiraciones democráticas de amplias masas de filipinos y las expectativas norteamericanas de mantener su hegemonía sobre el país recurriendo a la vieja práctica de cambiar algunas cosas para asegurar que todo continúe como antes.

Los ejes reales de una crisis

Desde que en Filipinas comenzó a resquebrajarse la paz de los sepulcros implantada por Marcos durante veinte años, surgieron claramente las premisas de las transformaciones democráticas del país. La casi que diríamos desesperada campaña de la administración Reagan por deshacerse del desprestigiado Marcos tenía un nombre y un apellido muy evidentes: la actividad guerrillera del Nuevo Ejército del Pueblo, basada en una larga actuación y en una creciente base de masas en la población campesina, así como en importantes sectores obreros e intelectuales de los centros urbanos, anunciaba una nueva Nicaragua en el más importante punto estratégico del plexo belicista organizado por Estados Unidos en el anillo del Pacífico sur. La importancia de las bases norteamericanas en Filipinas no podía jugarse, evidentemente, en una "ruleta rusa" donde los caprichos de Ferdinand Marcos, un patriarca en pleno otoño, pusieran en riesgo los sagrados intereses del imperio.

Para alumbrar una democracia útil a sus intereses, la administración norteamericana hubo de pagar un precio muy alto. Luego de 88 años de dominio colonial sobre Filipinas, encontrar una figura nacional representativa, no comprometida con las sucesivas direcciones entreguistas, antipopulares y antidemocráticas por definición, no era cosa fácil.

Surgió, finalmente, una figura **representativa de la oligarquía del país, que jamás había actuado en política y cuyo** principal mérito era haber acompañado las viscicitudes políticas de su esposo, Benigno Aquino, personalidad que durante años mantuvo la imagen de la oposición antidictatorial sin distanciarse jamás de la influencia de Estados Unidos, país donde pasó varios años de su exilio.

Durante los primeros diez meses de gobierno, Cory Aquino ha conducido, sin duda asesorada muy de cerca por gente más experimentada, el barco de la política filipina en la cresta de una ola cada vez más alta y cada vez más sacudida por torbellinos violentos. Desde la derecha sobrevinieron dos serias intentonas golpistas, dirigidas por sectores de un ejército cuyos mandos han sido formados durante décadas en la doctrina de la seguridad nacional. Desde la izquierda, el gobierno de Cory Aquino ha debido responder a las justas aspiraciones populares, hábilmente recogidas por un Frente Democrático Nacional cuyos voceros —Satur Ocampo, Tony Zumel y Manica Malay— han planteado una plataforma de diez puntos en torno a los cuales se definen los objetivos de una auténtica revolución nacional y democrática. Siete de esos puntos introducen elementos programáticos orientados a consolidar y profundizar la democracia: derogación de las leyes represivas, promoción de la cultura nacional, gobierno de inspiración popular, etc. Tres de los puntos expuestos por el FDN plantean los problemas de carácter nacional, cuales son la realización de una reforma agraria que liquide de una vez por todas el canceroso latifundio paralizante de la estructura productiva del país, la puesta en marcha de un plan de industrialización de carácter nacional y, finalmente, ruptura de la relación desigual con Estados Unidos, es decir el desmantelamiento de las bases norteamericanas.

Las claves del futuro

El "alto el fuego" pactado entre el gobierno y la guerrilla a partir del 10 de diciembre y con 60 días de duración enmarca este diálogo que no será, evidentemente fácil.

Por lo pronto, el gobierno de Aquino ha rechazado la formación de un gobierno de coalición con el FDN, exige que el Nuevo Ejército del Pueblo deponga las armas, rechaza la nacionalización de las industrias estratégicas y propone diferir la discusión en torno a las bases norteamericanas. A cambio, ofrece una reforma agraria y un plan de industrialización del país basados, ambos, en nebulosas promesas de "modernización".

En realidad, Cory Aquino apuesta a los resultados del referendum del próximo 2 de febrero donde se espera un masivo triunfo de sus posiciones en torno a una Constitución que le permitirá seguir gobernando hasta 1992. Una vez obtenido el apoyo popular, hecho que se descuenta en función de su enorme prestigio actual, seguramente se iniciará una nueva etapa política en Filipinas. Algunas pautas del próximo "discurso político" de Cory Aquino ya se han hecho presentes, subrepticiamente, como tendencia inmanente al carácter de clase del nuevo régimen. Al abandonar la Presidencia para hacerse cargo de la campaña electoral la presidenta ha dejado el cargo a su Vice-Presidente, Salvador Laurel, sin duda el verdadero poder presidencial, hombre de derecha que representa el pacto del actual gobierno con los sectores más negativos de las Fuerzas Armadas. En anteriores ocasiones, el subrogante de Aquino había sido el secretario de la Presidencia, un hombre de posiciones sensiblemente más progresista. El asesinato del líder sindical Rolando Olalia, que concitara una gran repulsa popular, es por otra parte una clara señal del papel de la CIA y el Pentágono en Filipinas.

Ante este panorama no cabe ser excesivamente optimista en relación al actual diálogo gobierno-FDN. Antonio Zumel, uno de los negociadores del FDN, acaba de entrevistarse con el congresista norteamericano Stephen Solarz, previamente el reinicio del diálogo con Corazón Aquino. No es casual, la presencia de Solarz en Filipinas en estos días, máxime si se tiene en cuenta que es el presidente del Comité de Asia y el Pacífico del Congreso estadounidense. Igualmente significativo resulta el hecho de sus conversaciones con el FDN, un implícito reconocimiento de la influencia alcanzada por las fuerzas patrióticas y revolucionarias en Filipinas.

Tal como están las cosas, apostar a una contraofensiva derechizante después de las elecciones de febrero y antes de las parlamentarias de mayo, otra instancia importante, es ir sobre seguro.

Pero apostar a que el programa de la revolución filipina, levantado por el Frente Democrático Nacional, será una alternativa real en plazos breves, es todavía una apuesta más segura: por la crisis estructural de la economía filipina, por la crisis del dominio norteamericano sobre el vasto archipiélago y por la existencia de una fuerza política que ha demostrado la suficiente lucidez y la necesaria firmeza como para impulsar grandes transformaciones sociales y económicas, políticas y culturales, de signo democrático y antimperialista.

Comandante en Jefe desmiente rumores

Filipinas: tentativas de golpe

Manila, (ANSA, EFE y UPI).- El Comandante en jefe de las fuerzas armadas filipinas, General Fidel Ramos, prometió ayer aplastar toda tentativa de golpe de estado por parte de elementos derechistas militares.

Ramos desmintió tambien las alegaciones formuladas por un partido político de izquierda señalando que él y otros mandos militares estaban planeando un golpe de estado contra la Presidenta Corazón Aquino.

En una conferencia de prensa, convocada apresuradamente ayer, el General Ramos declaró que estaba investigando informaciones que habían señalado que el ex jefe de las fuerzas armadas filipinas, General Fabián UBer, estaba implicado en el suministro de armas estadounidenses a Irán desviando a este último pais las que iban destinadas a Filipinas.

El partido político de izquierda NG Bayan (Partido del Pueblo) alegó que Ramos estaba implicado en una tentativa de golpe de estado, programada por mandos militares, apoyada por el gobierno de Estados Unidos. El citado partido hizo esta acusación después de que Ramos lo calificara de frente del partido Comunista de Filipinas.

Por parte de los militares, no se producirá ninguna tentativa de operaciones o incluso de toma del poder, al menos en lo que a mi respecta, dijo Ramos, recordando que puso término a una alegada tentativa de golpe de estado el pasado noviembre por oficiales identificados con el ex Ministro de Defensa Juan Ponce Enrile.

Con respecto a las alegaciones de que la nueva tentativa de golpe de estado, de la que los periódicos de Manila se hicieron ayer eco ampliamente en sus páginas, contaba con el apoyo del gobierno de Estados Unidos Ramos dijo: ¿Cómo pueden ser parte de ello si no existe tentativa de golpe al menos que yo sepa? Y si Estados Unidos se propone desempeñar un papel en cualquier futura tentativa de golpe de estado, se lo impediremos ya que nuestro interés primordial es la seguridad e integridad de la nación filipina.

LA MAÑANA 11-1-87

01-01 8701969

Rumores de golpe en Filipinas

EL DIA 11-1-87

MANILA. — El comandante en jefe de las Fuerzas Armadas filipinas, general Fidel Ramos, prometió ayer aplastar toda tentativa de golpe de estado por parte de "elementos derechistas" militares.

Ramos desmintió también las alegaciones formuladas por un partido político de izquierda señalando que él y otros mandos militares estaban planeando un golpe de estado contra la presidenta Corazón Aquino.

En una conferencia de prensa, convocada apresuradamente ayer, el general Ramos declaró que estaba investigando informaciones que habían señalado que el ex jefe de las Fuerzas Armadas filipinas, general Fabián Viber, estaba implicado en el suministro de armas estadounidenses a Irán "desviando" a este último país las que iban destinadas a Filipinas.

El partido político de izquierda NG Bayan (Partido del Pueblo) denunció que Ramos estaba implicado en una tentativa de golpe de estado, porgramada por mandos militares, apoyada por el gobierno de Estados Unidos. El citado partido hizo esta acusación después de que Ramos lo calificara de frente del Partido Comunista de Filipinas.

01 - 01

La Mañana 08-1-87

Unión Soviética ofreció ayuda

Guerrilleros en Las Filipinas

MANILA, (ANSA, EFE y UPI).- La Unión Soviética ofreció todas las armas y dinero que necesitaban los guerrilleros filipinos, pero condiciones "imposibles" les obligaron a no aceptar, según un informe de prensa divulgado ayer.

Un vocero del rebelde Frente Democrático Nacional dijo en Manila que todo lo que los rebeldes habían recibido de algún gobierno extranjero era "ropa vieja". El informe de primera página en el Boletín Manila, el principal diario del país que se publica en inglés, dijo que dos dirigentes guerrilleros en la provincia de Bataan, frente a la bahía de Manila, dieron a conocer la oferta soviética en una reciente entrevista.

El informe citó a Javier Domingo y Ricardo Silvestre al decir que Moscú había "ofrecido a los comunistas locales todas las armas y ayuda monetaria que necesitaran".

Domingo es el representante de Bataan del Frente Democrático Nacional y Silvestre es el comandante regional del Ejército del Nuevo Pueblo.

El diario citó a los dos señalando que el ofrecimiento fue rechazado porque había "condiciones imposibles atados a este". Se negaron a discutir los detalles. "Aún no es el momento propio para revelarlo, pero si lo hubiéramos aceptado, tal vez hubiéramos logrado nuestro objetivo más pronto de lo que nos lo hemos propuesto", dijo el informe.

DESMENTIDO

Un vocero de la embajada soviética negó el informe. "Esto no es cierto. Definitivamente no hubo tal ofrecimiento", dijo el vocero.

Carolina Malay, negociadora del Frente en las conversaciones de paz con el gobierno, dijo que el informe del diario era "muy poco probable". Negó tener conocimiento de él y dijo que el Frente investigaría al respecto.

"Hemos estado aceptando el apoyo de gobiernos extranjeros y organizaciones extranjeras" dijo Malay. "Gran parte de ellos es en términos de ayuda política y moral".

Preguntada si esos países no mencionados estaban dando ayuda material de algún tipo, Malay señaló "envian ropa vieja".

"En algun momento u otro en todas las guerras revolucionarias, las armas llegan de fuentes extranjeras", dijo. "Aún no hemos llegado a ese punto".

01-01

Acuerdos permitirían votación sobre posible autonomía

Filipinas: fin a guerra por independencia para los musulmanes

MANILA, (ANSA, EFE y UPI).— Negociadores del gobierno y un jefe rebelde musulmán anunciaron ayer que durante el fin de semana lograron acuerdos destinados a poner fin a la guerra de 14 años por la autonomía musulmana en el sur de las Filipinas.

Los acuerdos, que permitirían una votación sobre una posible autonomía en lugar de la independencia para los 3 a 5 millones de filipinos musulmanes, fueron calificados de "hitos" por negociadores del gobierno. El jefe musulmán Inur Musuari, dijo que "la paz no debería estar muy lejos".

Mientras se informaba sobre este éxito de las iniciativas de paz de la Presidenta Corazón Aquino con los musulmanes, voceros de los guerrilleros comunistas difundían su evaluación más pesimista hasta ayer de las perspectivas de una solución duradera para su guerra de guerrillas.

En una conversación telefónica desde Jeddah, Arabia Saudita, Inur Misuari, Presidente del Frente de Liberación Nacional Moro, dijo que había acordado "en servicio de la paz" el abandono de su antigua demanda de independencia y que aceptó la autonomía dentro de "procesos democráticos".

Los acuerdos deberían producir una votación entre los 3 a 5 millones de filipinos musulmanes y sus 15 millones de compatriotas cristianos en el sur del país sobre una posible declaración de autonomía frente a Manila y el establecimiento de su propio sistema educacional, legislativo y judicial.

El ejército, los impuestos y la política exterior, sin embargo, quedarían bajo control del gobierno central, dijeron fuentes del gobierno.

"Ahora creemos que, a no ser por circunstancias imprevistas, la paz no debería estar muy lejos", dijo Misuari, quien dirigió una sangrienta guerra contra el depuesto régimen de Ferdinand Marcos por la independencia musulmana en el sur que dejó unos 60.000 muertos la década pasada.

Agapito Aquino, negociador y cuñado de la Presidenta, dijo que se firmaron en Jeddah el sábado y ayer dos acuerdos que deben conducir hacia una solución permanente del conflicto musulmán en el sur.

REDUCEN EXIGENCIA

"El logro mayor del acuerdo es la autonomía", dijo. "EL FNLNM ha reducido su exigencia: autonomía en lugar de independencia". Agapito Aquino dijo desde Jeddah que el FNLNM aceptó la autonomía "dentro" del marco de la constitución de 1986, que debería ser ratificada en el plebiscito del 2 de febrero.

La carta señala un congreso que crearía la legislación para las regiones autónomas del sur. Agapito Aquino dijo que cubriría 21 de las 73 provincias en cinco islas, incluso la devastada Mindanao.

Los acuerdos sobre autonomía, sin embargo, dependen de una ratificación en base de provincia-por-provincia. Agapito Aquino dijo que dudaba de que la mayoría cristiana de 17 provincias aceptara la autonomía. Pero Misuari afirmó lo contrario al decir que la mayoría cristiana está "cansada de ser cruelmente explotada" por el resto del país.

Mindanao, la segunda isla más grande del país, es rica en tierras y recursos naturales, pero sus funcionarios afirman que su desarrollo ha sido descuidado por Manila.

En Manila, los rebeldes comunistas acusaron ayer al gobierno de tratar de curar "un cáncer con aspirina" y advirtieron que una falta de progresos sustanciales en las conversaciones de paz puede llevar a una renovación de las hostilidades.

LA MAÑANA 25-1-87

---

que en la operación participaron cuatro aviones Mig de fabricación soviética, de la Fuerza Aérea libia.

El paralelo 16 divide el país en dos zonas, una al n[...] controlada por Libia y otra, al sur, por el gobierno [...] presidente Hisén Habre, que es respaldado por Francia.

FRANCIA ESTUDIA MEDIDAS

Francia decidirá en las próximas horas las medi[...] apropiadas para apoyar al gobierno de Yamena tra[...] bombardeo libio de dos localidades chadianas situada[...] sur del paralelo 16, anunció el portavoz del gobie[...] francés, Alain Juppe.

En unas declaraciones transmitidas por la emis[...] francesa Europe 1, Juppe recordó que Francia [...] brindado su ayuda logística, financiera y material [...] gobierno chadiano.

Francia mantendrá sus compromisos y tomará [...] decisiones apropiadas para apoyar al gobierno chadia[...] afirmó el portavoz, que precisó que la naturaleza de e[...] medidas será determinada en las próximas horas por [...] autoridades competentes.

Dirigentes franceses han señalado en repetid[...] ocasiones que Francia no intervendrá contra Libia [...] norte de esa línea divisoria, pero que cualquier acción [...] la región del sur provocaría automáticamente la reacci[...] de París.

FILIPINOS

Confirmó que no se presentará de nuevo a la presidencia

La Presidenta Corazón Aquino inició su campaña favor de la nueva constitución

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- La Presidenta filipina, Corazón Aquino, inició ayer su campaña para la ratificación de una Constitución que legitimará su gobierno y aseguró que no se presentará de nuevo a la presidencia cuando finalice su mandato de seis años en 1992.

Aquino, que pronunció discursos en dos ciudades meridionales situadas en una región que se considera como un baluarte de la guerrilla comunista, afirmó que la nueva Constitución fortalecerá la democracia y estabilizará el clima político y económico de país.

En su discurso ante unas 10.000 personas en la ciudad de Naga, a unos 30 kilómetros al Sur de Manila, la Presidenta dijo que en 1992, me dirigiré una vez más a vosotros para daros las gracias. Entonces corresponderá a vosotros elegir a vuestro nuevo Presidente.

La nueva Carta Magna filipina será sometida a referendo el próximo 2 de febrero y establece que Corazón Aquino permanecerá en la presidencia hasta el 30 de junio de 1992 sin necesidad de convocar elecciones presidenciales hasta esa fecha.

Antes de viajar a Naga, Aquino habló ante unas 15.000 personas en la ciudad de Legazpi, donde anunció que la región de Bicol recibirá 2.400 millones de pesos (unos 120 millones de dólares) para proyectos de infraestructura, entre ellos construcción de carreteras, escuelas y sistemas de irrigación para la agricultura.

Observadores políticos independientes consideran que la rápida propagación de la insurgencia comunista, que se inició hace casi 18 años, puede achacarse a la incapacidad del gobierno para proporcionar educación adecuada, servicios de salud y administrativos a los filipinos que viven en áreas rurales.

Los militares filipinos consideran que el grupo guerrillero comunista Nuevo Ejército del Pueblo (NEP) cuenta con 23.500 hombres.

OPOSICION DE ENRILE

Simultáneamente a las intervenciones de la Presidenta para pedir el voto afirmativo en el referendo sobre la nueva Constitución, el ex Ministro de Defensa Juan Ponce Enrile instaba a rechazar la Carta Magna en la ciudad meridional de Zamboanga.

Apelo a todos los filipinos amantes de la paz y la libertad a que rechacen el gobierno dictatorial y revolucionario de Corazón Aquino, que está intentando sutilmente de justificar mediante una campaña popular la ratificación de la Constitución, dijo el ex Ministro de Defensa.

Enrile, que fue cesado por la Presidenta en noviembre pasado después de que se anunciara que el jefe del Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, General Fidel Ramos, había abortado un intento de golpe de estado protagonizado por oficiales militares próximos al ex Ministro, dijo que los filipinos no deben votar a favor de la Constitución porque los que la redactaron no fueron elegidos por el pueblo sino nombrados por la Presidenta.

Los diarios de Manila dijeron ayer que la gira de Enrile por áreas del Sur del país forma parte de una campaña de la oposición derechista a Aquino para presionar a la jefa del ejecutivo a convocar nuevas elecciones presidenciales si la nueva Constitución es rechazada.

La mayor central sindical de izquierdas del país, el Movimiento Uno de Mayo, también ha pedido que se rechace la Constitución por sus principios supuestamente proimperialistas.

También se oponen a la Constitución los simpatizantes del depuesto Presidente Ferdinand Marcos debido a que permite a Corazón Aquino permanecer en la presidencia hasta el 30 de junio de 1992 sin convocar nuevas elecciones.

Se espera que Corazón Aquino visite también la isla meridional de Mindanao a últimos de mes antes del referendo del 2 de febrero.

.erno de Aquino impone límites

...versaciones en Filipinas

MANILA. (ANSA, EFE y UPI). El Gobierno de la Presidenta Corazón Aquino decidió ayer que sus conversaciones con los insurgentes comunistas se limitarán a tratar la reforma agraria y la industrialización del país y calificó de "infundados e ilógicos" sus pedidos para combatir el poder.

En una dura respuesta a la propuesta de paz del Frente Democrático Nacional (FDN), el Gobierno también rechazó negociar el futuro de las bases militares de Estados Unidos en las Filipinas, el repudio a la deuda externa o a la nacionalización de industrias estratégicas.

La respuesta se produjo en la víspera de la partida de la Presidenta Corazón Aquino a las ciudades de Legaspi y Naga, a unos 300 kilómetros al Sur de Manila, a iniciar una campaña nacional en favor de la ratificación de la nueva Constitución, en un plebiscito a realizarse el 24 de febrero.

Tanto la derecha como la izquierda han urgido votar contra la Constitución, cuyo objetivo es estabilizar al Gobierno. El voto es considerado cono una prueba crítica de la popularidad de Aquino, luego de un convulsionado primer año en el poder.

Por su parte, el ex Ministro de Defensa Juan Ponce Enrile, destituido del cargo por Aquino en noviembre, luego que el Gobierno desarticuló un supuesto golpe de Estado, comenzó ayer una campaña de cinco días en las sureñas islas de Mindanao para alentar el voto contra la Constitución.

CARTA AL FDN

Tras defender la esencia popular del Gobierno de Aquino, los negociadores oficiales dijeron en su carta al FDN que el Gobierno "proseguirá en su afán de recuperarse de las profundidades de la crisis y tomará los pasos necesarios para corregir los equívocos del pasado".

"Pero no dará paso al infundado e ilógico pedido de un Gobierno de coalición. Filipinas tiene un solo Gobierno, una bandera y una Constitución" dijo la carta.

"Dada la gravedad de nuestros problemas nacionales y considerando el cronograma de trabajo, sugerimos que nuestra agenda conjunta se concentre en dos objetivos posibles, imperiosos para resolver las necesidades de nuestro pueblo", añadió.

La agenda propuesta para las conversaciones que deben comenzar el seis de enero señalan la reforma agraria y la industrialización como las prioridades oficiales.

También citan otros temas posibles "según permitan las circunstancias" en lo que se estima una posible referencia a la extensión del cesación de fuego, que fue firmado por el Gobierno y la insurgencia comunista por un periodo de 60 días y que entró en su 22 jornada.

LA MAÑANA 03-1-87

Gobierno de Aquino impone límites

Conversaciones en Filipinas

MANILA. (ANSA, EFE y UPI). El Gobierno de la Presidenta Corazón Aquino decidió ayer que sus conversaciones con los insurgentes comunistas se limitarán a tratar la reforma agraria y la industrialización del país y calificó de "infundados e ilógicos" sus pedidos para combatir el poder.

En una dura respuesta a la propuesta de paz del Frente Democrático Nacional (FDN), el Gobierno también rechazó negociar el futuro de las bases militares de Estados Unidos en las Filipinas, el repudio a la deuda externa o a la nacionalización de industrias estratégicas.

La respuesta se produjo en la víspera de la partida de la Presidenta Corazón Aquino a las ciudades de Legaspi y Naga, a unos 300 kilómetros al Sur de Manila, a iniciar una campaña nacional en favor de la ratificación de la nueva Constitución, en un plebiscito a realizarse el 24 de febrero.

Tanto la derecha como la izquierda han urgido votar contra la Constitución, cuyo objetivo es estabilizar al Gobierno. El voto es considerado cono una prueba crítica de la popularidad de Aquino, luego de un convulsionado primer año en el poder.

Por su parte, el ex Ministro de Defensa Juan Ponce Enrile, destituido del cargo por Aquino en noviembre, luego que el Gobierno desarticuló un supuesto golpe de Estado, comenzó ayer una campaña de cinco días en las sureñas islas de Mindanao para alentar el voto contra la Constitución.

CARTA AL FDN

Tras defender la esencia popular del Gobierno de Aquino, los negociadores oficiales dijeron en su carta al FDN que el Gobierno "proseguirá en su afán de recuperarse de las profundidades de la crisis y tomará los pasos necesarios para corregir los equívocos del pasado".

"Pero no dará paso al infundado e ilógico pedido de un Gobierno de coalición. Filipinas tiene un solo Gobierno, una bandera y una Constitución" dijo la carta.

"Dada la gravedad de nuestros problemas nacionales y considerando el cronograma de trabajo, sugerimos que nuestra agenda conjunta se concentre en dos objetivos posibles, imperiosos para resolver las necesidades de nuestro pueblo", añadió.

La agenda propuesta para las conversaciones que deben comenzar el seis de enero señalan la reforma agraria y la industrialización como las prioridades oficiales.

También citan otros temas posibles "según permitan las circunstancias" en lo que se estima una posible referencia a la extensión del cesación de fuego, que fue firmado por el Gobierno y la insurgencia comunista por un periodo de 60 días y que entró en su 22 jornada.

LA MAÑANA 03-1-87

01-01 8701974

LA MAÑANA 31/12/86

Guerrilla presentó una lista

Violaciones a la tregua en las Filipinas

P.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- La guerrilla comunista filipina presentó ayer una lista con 14 posibles violaciones de la tregua por parte de las Fuerzas Armadas, en respuesta a las acusaciones en este sentido formuladas por los militares contra los rebeldes.

"Queremos llamar la atención a la opinión pública sobre las violaciones o posibles violaciones por parte de las Fuerzas Armadas para que no pueda parecer que sólo nosotros somos los que hemos violado la tregua", dijo Antonio Zumel, portavoz del Frente Democrático Unido (FDU).

El FDU, organización política que representa a la guerrilla del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP) en las negociaciones de paz con el gobierno, convocó ayer una rueda de prensa en la que facilitó una lista de 14 posibles violaciones por parte de los militares de la tregua de 60 días que entró en vigor el 10 de diciembre.

En la lista se incluye la muerte, presuntamente por miembros de las Fuerzas Armadas, de un manifestante izquierdista en la ciudad de Davao el mismo día en que se inició la tregua, asi como la detención y tortura de varios guerrilleros del NEP, entre otros casos.

Zumel indicó, sin embargo, que "no creía que las violaciones de las que hablan las dos partes impliquen una ruptura del alto el fuego".

Desde que la tregua entró en vigor, las Fuerzas Armadas han acusado a la guerrilla de haber cometido unas 30 violaciones, entre ellas, según el ejército, ataques a posiciones militares y el cobro de impuestos revolucionarios.

Según informó el portavoz del FDU, la lista presentada hoy a los periodistas ha sido ya remitida al comité nacional de supervisión de la tregua, que está formado por representantes de ambas partes.

La rueda de prensa convocada por el FDU tenia como motivo la inauguración de una oficina de esta organización en el centro de prensa de Manila.

Filipinas: comenzó tregua entre guerrilla y gobierno filipinos

Manila, (PL) - Un alto al fuego de 60 días, entre el Nuevo Ejército del Pueblo (NEP) y los militares gubernamentales, entró el miércoles en vigor en Filipinas, pese a los augurios en contrario de sectores conservadores.

Los obstáculos que habían surgido en las últimas horas, debido a la interpretación de los puntos de acuerdo y la insistencia del ejército para desarmar a los guerrilleros, quedaron solucionados en una reunión de urgencia entre los negociadores gubernamentales y los del Frente Democrático Nacional (FDN), en representación del NEP.

La fórmula acordada fue que los insurgentes conservaran su armamento en las zonas rurales y circularan por las grandes urbes con brazaletes identificativos, mientras que los miembros del ejército solo podrán portar armas cuando estén de servicio.

Saturnino Ocampo, quien junto a Antonio Zumel y Carolina Macay, integra la delegación del FDN, anunció a través de la Radio Nacional la culminación exitosa de la reunión y anticipó que en los próximos 30 días proseguirán las conversaciones de paz.

El negociador gubernamental, Teofisto Guingona, confirmó el anuncio de Ocampo y expuso que las conversaciones incluirán el proyecto de la presidenta Corazón Aquino para una pronta recuperación económica, reformas sociales y una amnistía.

Una multitud se congregó en tanto frente a la catedral de Manila para apoyar la extensión del diálogo de paz y entre los participantes se encontraba la personalidad argentina Adolfo Pérez Esquivel, Premio Nobel.

En las principales ciudades del país aparecieron miles de guerrilleros, llegados en camionetas y otros vehículos desde las zonas montañosas para júbilo de familiares y amigos que les tributaron efusivas demostraciones, según las informaciones llegadas a esta capital.

Tras una reunión de su gabinete, la presidenta Aquino calificó la jornada de hoy como "un buen día" y dijo que la comisión que velará por el cese al fuego a nivel nacional está presidida por el obispo católico de la ciudad de Bacolod, Isla de Negros, monseñor Antonio Fortich, y que también se crearán comités regionales en las 74 provincias del país.

LA HORA 12-12-86

Días difíciles para Aquino que auguran otros peores

Cuando Corazón Aquino asumió el poder en Filipinas en 1985 nadie pronosticó para ella un gobierno tranquilo. Nada de eso: los años de dictadura de Ferdinando Marcos le legaron un país jaqueado por la crisis, la corrupción, el poder militar y el encono entre las facciones de derecha e izquierda, aparte de la importante presencia de las guerrillas en diversas islas del archipiélago. Ahora con la renuncia del ministro de Defensa Juan Ponce Enrile, Cory ha logrado sortear una batalla en la que los rumores de golpe se hicieron sentir más que otras veces. Pero queda planteada la interrogante sobre si la Presidenta logrará sortear otra crisis de poder como ésta e impedir que los militares derechistas lleguen al poder.

por Enrique Pereyra

La separación de Juan Ponce Enrile del gabinete de Aquino se constituyó en el corolario de una serie de sucesos que inquietaron seriamente la estabilidad del gobierno filipino. Como se recordará, Enrile fue junto al general Fidel Ramos quien motivó la partida del dictador Marcos del archipiélago, al negarse a aceptar sus órdenes tras el intento de birlarle las elecciones a Aquino, encendiendo la mecha final del proceso que culminaría con Marcos en Hawaii y Aquino en el gobierno.

Desde ese momento hasta hoy, mucha agua ha pasado por debajo de los puentes y sobre todo, agua previsible. Los intentos de Corazón Aquino de lograr acuerdos con las guerrillas izquierdistas que dominan grandes porciones del territorio filipino se vieron obstaculizadas constantemente hasta crear la incertidumbre acerca de si finalmente se lograría o no un acuerdo; los asesinatos políticos no dejaron de producirse, sobre todo teniendo como víctimas a líderes de sectores y partidos de izquierda; los viejos partidarios del antiguo régimen tampoco han dejado de conspirar, sobre todo luego de la disolución de la Asamblea Nacional, llegando a producir episodios como el intento de golpe de febrero pasado. Todo esto sazonado con las presiones por parte de sectores de las fuerzas armadas y del gobierno para que la Presidente desplace a los ministros que ellos consideran "de izquierda".

Dichos sectores de derecha han tenido todo este tiempo como cabeza visible a Enrile, quien en su calidad de ministro de Defensa ha mantenido estrechos contactos c.. los sectores más conservadores del Ejército filipino además de haberse hecho de un grupo de oficiales absolutamente leales a los que llama "the boys" (los chicos). Estos sectores del Ejército han manifestado constantemente su disconformidad con diversas actitudes del gobierno y su descontento ha ido en aumento en los últimos meses hasta llegar a noviembre, donde la situación pareció llegar a su "clímax".

En efecto, en momentos en que Corazón Aquino realizaba una visita de cuatro días a Japón, los sectores liderados por Enrile manifestaron una movilidad que hizo temer acerca de si Cory encontraría su gobierno cuando regresara. Fidel Ramos, en su calidad de jefe de las Fuerzas Armadas, se reunió con Enrile e intentó apaciguar la situación accediendo presentar a Aquino una lista de lo que los militares consideraban "ofensas" a reparar. Entre ellas estaba el pedido de dimisión de los ministros Aquilino Pimentel (Gobiernos locales), Augusto Sánchez (Trabajo) y del secretario de la Presidencia Joker Arroyo; que el Ejército tuviera un rol central en la coordinación de la campaña contra los insurgentes y que el cese de fuego prometido a los mismos fuera corto y no prorrogable. Estos últimos puntos eran cruciales en momentos que el gobierno negociaba con los líderes del comunista Nuevo Ejército del Pueblo (NPA, el principal grupo guerrillero) un acuerdo de paz. De no acceder a estos puntos, la posibilidad de que Enrile y los suyos instalaran una junta militar iba en aumento.

Todo esto se iba gestando en un clima de incertidumbre donde los asesinatos del sindicalista y líder de la ultraizquierda Rolando Olalía y del líder muslim pro-Aquino, Ulbert Ulama Tutung parecían poner la cuota de sangre necesaria para desestabilizar al gobierno.

La respuesta de Aquino se produjo tras un despliegue de las tropas de Ramos por las calles de Manila, controlando los puntos estratégicos así como los medios de comunicación. El portavoz presidencial denominó a esto una "precaución de rutina" ante reportes de inusuales movimientos de tropas. Corazón Aquino solicitó entonces la renuncia de todo su gabinete y anunció otros cambios "en los próximos días". Asimismo, y en aparente gesto hacia sus aliados en el Ejército, dictaminó al día 1o. de diciembre como fecha tope para extender el cese del fuego con las guerrillas comunistas.

"Mi circunspección ha sido vista como debilidad", sostuvo la Presidenta, tras aceptar la dimisión de Enrile. Pero el alejamiento de éste del gobierno no significa que Aquino haya solidificado nuevamente su poder. Aún queda saber cuál será su actitud ante los sectores descontentos de las Fuerzas Armadas. El general Ramos le ha acercado una lista de "recomendaciones" por parte de los militares, donde nuevamente se hace hincapié en el alejamiento de determinados funcionarios.

La Presidenta de Filipinas ha logrado así sortear momentáneamente una grave crisis, mientras la interrogante es si podrá hacerlo la próxima vez.

EL PAIS 07-12-86

Filipinas: Rebeldes por Gobierno de Coalición

MANILA, 6 (ANSA).— Los guerrilleros comunistas que llegaron a un acuerdo de tregua de 60 días, que regirá desde la medianoche del miércoles próximo, esperan que en las tratativas de paz posteriores se concrete su objetivo de fondo: la formación de un gobierno de coalición, encabezado por la señora Corazón Aquino.

El hecho de que la presidente haya excluido esta hipótesis de la lista de posibilidades, que el jefe del estado mayor de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, la había definido "impensable", no parece desalentar a Saturnino Ocampo y Antonio Zumel. Salidos de la clandestinidad como representantes oficiales del "Frente Democrático Nacional" (NDF) —el organismo que reagrupó al Partido Comunista de Filipinas (fuera de ley), y el "Nuevo Ejército del Pueblo" (NPA), su organización armada —en las tratativas con el gobierno, Ocampo y Zumel están ahora dando mayor importancia a los requerimientos para un gobierno de coalición.

"Si durante las próximas negociaciones —afirmó Ocampo, dos días atrás en una trasmisión televisiva— se delinease la posibilidad de un amplio acuerdo sobre las cuestiones económicas, políticas, militares y sociales, entonces hará falta decidir su realización práctica y las dos partes podrán coordinarse hasta llegar a una efectiva conjunción", pero, por el momento, pocos están en condiciones de sostener que las tratativas tendrán éxitos.



Corazón Aquino

La presidente de Filipinas, Corazón Aquino, se inscribe como electora en su Provincia de Tarlac, a 80 kilómetros de Manila. Pidió a sus compatriotas que ratifiquen en el plebiscito del 2 de febrero una nueva constitución y la celebración de elecciones legislativas en mayo. (AP)

Sobre todas las cuestiones citadas por Ocampo, las dos partes están separadas por amplias fosas, algunas de las cuales al parecer insuperables.

Una de ellas es la presencia de las bases norteamericanas de Clark y Subic Bay, que Washington considera prácticamente insustituibles en el área del Asia y del Pacífico.

Zumel a igual que Ocampo, durante la transmisión televisiva, afirmaron que la "NDF" desea "la independencia nacional" de Filipinas, es decir, el cierre de las bases, la salida de Filipinas de la órbita estadounidense y el abandono de la asociación de los países del sudeste asiático (ASEAN), el organismo regional, marcadamente filo-occidental, de cooperación política y económica.

LA PRENSA • Martes 2 de diciembre de 1986

Urgen a apoyar la tregua a los militares filipinos

Manila, 1° (UP) — El nuevo ministro de defensa urgió hoy a los altos jefes militares apoyar la tregua de 60 días que se inicia la semana proxima, con la promesa de los guerrilleros comunistas de "implementar fielmente" el acuerdo.

"Creo que debemos darle una oportunidad al esfuerzo", señaló el nuevo ministro, Rafael Ileto, en una conferencia con jefes militares.

"No alberguemos la idea de que cualquier cesación de fuego está destinado a fracasar", expresó Ileto.

Reunión con comandantes

Ileto asistió a su primera conferencia con los comandantes regionales desde su nombramiento como ministro de defensa hace una semana, cuando la presidenta Aquino destituyó a Juan Ponce Enrile.

Un ex jefe de estado mayor, Ileto fundó la unidad militar de asalto que aplastó un levantamiento comunista apoyado por campesinos en la década de 1950. Dijo que durante la cesación de fuego, las tropas del gobierno "regresarían a lo básico" en las relaciones cívico-militares, incluidos proyectos de acción civil.

El gobierno y los negociadores rebeldes firmaron una tregua temporal de 60 días el jueves y acordaron iniciar una segunda fase de conversaciones sobre "sustanciales temas" en un periodo de 30 días. La tregua se inicia el 10 de diciembre.

Declaración comunista

El proscrito partido Comunista de las Filipinas emitió su propio comentario sobre la tregua sin precedentes en una declaración publicada hoy por varios diarios de Manila.

"Todo el partido y todas las fuerzas bajo su dirección implementaran fielmente el acuerdo y se opondrán firmemente a todas las violaciones y actos de sabotaje", indicó.

El "Manila Times" dijo que el comité central reiteró su llamado a una "genuina independencia nacional y democracia y el derrocamiento del imperialismo estadounidense, el feudalismo y el capitalismo burócrata".

La tregua fue acordada entre el gobierno y los representantes del rebelde Ejercito del Nuevo Pueblo", con 23.000 miembros, el brazo armado del partido Comunista.

037

Filipinos

Aquino reclamaría la fidelidad de militares

MANILA, 3 (Reuter). - La presidenta Corazón Aquino podría pedir un juramento de fidelidad a los militares, después de haber logrado una abrumadora victoria en la consulta sobre la reforma constitucional, informaron fuentes oficiales.

Las fuentes, que pidieron no ser identificadas, dijeron que la gobernante se ocuparía, en forma prioritaria, de someter a los inquietos militares después de que se anuncien los resultados oficiales del referéndum en el plazo de una semana.

El Gobierno está dispuesto a "estrechar filas para forzar a los militares a aceptar la Constitución", manifestó una encumbrada fuente.

Descontento

Tropas descontentas con el proyecto de ley fundamental lanzaron un frustrado golpe de Estado la semana última en el curso del cual trataron de apoderarse de cuatro bases militares claves y tres canales de televisión.

Analistas de temas militares señalaron que muchos de los uniformados están descontentos con la tregua de 60 días acordada con los comunistas, que expirará el domingo próximo.

El ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile, desplazado por Aquino, advirtió durante una conversación con la prensa extranjera que el resentimiento de los militares no se desvanecerá.

"Mientras las fuerzas armadas se encuentren fragmentadas, como lo están ahora, siempre habrá descontentos que se manifestarán de distintas formas, por distintos caminos", señaló Enrile.

Las tendencias registradas en la consulta indican que el escrutinio final arrojará una ventaja de cuatro a uno en favor de la reforma constitucional. Las cifras proporcionadas registraron 7.264.000 de votos favorables a la reforma, frente a 1.965.000 contra ella, cuando se habían escrutado 33.000 de los 87.000 locales comiciales.

Posición fortalecida

MANILA, 3 (AP). - El gobierno de Corazón Aquino aseguró que la aprobación abrumadora impartida por el pueblo a la nueva Constitución en el plebiscito de ayer ha fortalecido su posición en la lucha de 18 años contra la insurgencia comunista, aunque señaló que las puertas continúan abiertas para reanudar las conversaciones con los rebeldes.

"Esto evidencia un rechazo a la afirmación de los comunistas de que cuentan con el respaldo del pueblo", dijo en una declaración el ministro de Defensa, Rafael Ileto. "Es evidente que nuestra posición está ganando fuerza", añadió.

El ex ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, principal adversario derechista de la señora Aquino, reconoció junto con otros grupos de izquierda y de derecha su derrota en la campaña contra la nueva Constitución.

La señora Aquino prometió que la nueva Constitución, que legitimiza su gestión revolucionaria de 11 meses en el poder dará estabilidad a un gobierno asediado tanto por la izquierda como por la derecha.

El Partido Comunista de Filipinas se opone a la nueva Constitución porque alega que no va lo suficientemente lejos en cuanto a reformas sociales, económicas y políticas.

La Nación 4/II/87

POCO LEGIBLE

01/07 8702079

Libano. (AP).

ESTIMASE UN MARGEN DEL 80 POR CIENTO A FAVOR DE CONSTITUCION FILIPINA

MANILA, 2 (AP).— Los filipinos habrian aprobado por amplia mayoria una nueva constitución propuesta por la presidenta Corazón Aquino, segun anticipan los primeros resultados extraoficiales de un plebiscito efectuado hoy con gran concurrencia de votantes.

Los resultados finales oficiales serán anunciados por la Comisión Electoral (COMELEC). La próxima semana, pero las cifras extraoficiales del Movimiento Nacional por Elecciones Libres (NAMFREL) evidenciaban una aprobación por amplio margen en la mayor parte de los distritos del país. Sus computos, de 15.503 de los 86.703 distritos de la nación, registraban 3.498.214 votos en favor de la ratificación y 888.567 en contra, un margen a favor de 80 por ciento.

NAMFREL sostuvo que la constitución fue rechazada por amplio margen sólo en el norte Desluzon, un baluarte del derrocado presidente Ferdinand Marcos. Sus resultados parciales de esa zona mostraban un 54 por ciento de votos en contra y un 46 por ciento a favor. También se percibió una fuerte oposición a la nueva cartamagna en distritos de Manila en que hay instalaciones militares.

El presidente de COMELEC, Ramón Felipe, calculó que acudieron a las urnas entre el 80 y el 90 por ciento de los 25 millones de votantes empadronados. Calificó a las elecciones como las "más limpias e imparciales" en mas de 20 años.

Los votantes debian pronunciarse por "si" o "no" acerca de la ratificación de la nueva constitución, que reduce considerablemente las facultades del presidente, restaura la legislatura bicameral, prohibe a los militares intervenir en política, aparte de votar, y amplía las garantías a los derechos humanos. La constitución, cuya redacción terminó en octubre una comisión de 48 miembros designada por Aquino, también le garantiza a la presidenta un mandato de seis años.

Fue esta la primera votación nacional bajo el gobierno de Aquino y sus partidos dijeron que el plebiscito representaria un "voto de confianza" en la presidenta.

El ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile, que propugnó el rechazo en la campaña previa al plesbicito, afirmó que Aquino utilizó el plebiscito como forma de postularse a la reelección sin oposición.

Los izquierdistas, incluso los sindicatos y el partido comunista, dijeron que el proyecto de constitución era "proimperialista" y no avanzaba en la medida necesaria para reformar la sociedad filipina.

Los derechistas se negaron a admitir la derrota. El ex senador Arturo Tolentino —compañero de fórmula presidencial de Marcos en las elecciones de 1986, insistentemente denunciadas como fraudulentas, que derivaron en el golpe que derrocó a Marcos instaló a Aquino —dijo que si continuaba la tendencia en la resultados Aquino lograría un mandato claramente legal. Sin embargo, Tolentino, que también encabezó un frustrado golpe contra Aquino en julio en el hotel Manila, pronóstico que continuarian los cambios políticos.

La presidenta expresó en una declaración la esperanza de que "esta admirable demostración de democracia en acción no sólo continue sino también preanuncie la estabilidad que todos deseamos".

GUERRILLEROS ATACARON

MANILA 2 (EFE).— Al menos tres guerrilleros del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP), considerado como brazo armado del Partido Comunista Filipino, resultaron muertos y otros tantos soldados heridos tras los combates de hoy en la provincia de Cotabato (al sur de la isla meridional de Mindanao).

El coronel Honesto Isleta, portavoz de las Fuerzas Armadas explicó que en la localidad de Malongoy, en la misma zona, unos 300 guerrilleros atacaron varios colegios electorales impidiendo que continuase el recuento.

Un segundo incidente, según el general Romeo Recina, jefe militar de aquella región, se produjo en una emboscada de los guerrilleros contra una columna de soldados y funcionarios gubernamentales que transportaban las urnas y los resultados del plebiscito.

Aunque la guerrilla comunista anunció recientemente el colapso de las negociaciones de paz con el gobierno filipino, señalaron que mantendrian el "alto el fuego" hasta el día 8.

NOBEL PARA AQUINO

ROTTERDAM, Holanda 2 (AP).— El primer ministro Ruud Lubbers ha postulado a la presidencia filipina Corazón Aquina para el premio nobel de la paz 1987, dijo hoy un diario holandés.

El País 3/2/87 JR

La Mañana 26/1/87

Renuncias por la matanza contra campesinos

Grave crisis en las Filipinas

MANILA, (ANSA y UPI).— La Presidenta Corazón Aquino cumplió ayer 54 años de edad en medio de la crisis más severa de su gobierno a raíz de la matanza de manifestantes frente al palacio presidencial y el fracaso de las negociaciones de paz con las guerrillas comunistas.

El cardenal de Manila, Jaime Sin, responsabilizó ayer por la matanza a la inhabilidad gubernamental de implementar las reformas agrarias, pero apeló al pueblo filipino a mantener la calma.

"La pérdida de vidas fue debido en gran medida a que el antiguo problema de la reforma agraria aún no ha sido resuelto", apuntó.

Sin pidió al gobierno "prestar atención de manera urgente" a la reforma agraria.

En otro golpe al gobierno de la Presidenta Corazón Aquino, más de la mitad de la Comisión de Derechos Humanos de la presidenta renunció ayer en protesta por la matanza.

Infantes de marina abrieron fuego el jueves contra miles de manifestantes que marchaban frente al palacio presidencial, causando la muerte a por lo menos 12 personas e hiriendo a otras 106.

El director ejecutivo de la Comisión Presidencial de los Derechos Humanos, Antonio Quintos, dijo que la mayoría de los miembros renunciaron a raíz de la matanza y porque los casos de derechos humanos que involucraban a las Fuerzas Armadas no estaban siendo atendidos.

Aquino creó la comisión para que investigara las violaciones de los derechos humanos durante el gobierno del ex Presidente Ferdinand Marcos.

Unos 20.000 izquierdistas tienen previsto realizar hoy una marcha del "Día Nacional de Indignación", hasta el palacio presidencial de Malacañang, donde Aquino tiene sus oficinas.

También se planearon manifestaciones y paros laborales alrededor del país.

El jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, convocó una "conferencia del comando" para analizar como manejar las protestas de hoy.

Mientras Aquino celebraba su cumpleaños junto a su familia, unos 100 manifestantes llevaron 11 ataúdes al puente Mendiola, donde ocurrió la matanza del jueves, con una pancarta negra que decía: "Feliz Cumpleaños, Aquino".

Filipinos

Corazón Aquino Exhortó a Rendirse a os que aún se Mantienen Amotinados



ral Eduardo Ermita aparece rodeado por los periodistas al salir del canal 17 de Manila. Ermita se entrevistó con los rebeldes que ocupan la telemisora. (AP)

MANILA, 27, (AP). — La presidenta Corazón Aquino dijo hoy que los militares habían detenido un intento de golpe de tropas "mal dirigidas" y que habían capturado a muchos de los amotinados. Varios cientos de rebeldes aún mantenían capturada la estación de radio y televisión.

Aquino lanzó la advertencia públicamente en un discurso transmitido a nivel nacional por radio y televisión para que fueran despejadas las inmediaciones del complejo, que incluye instalaciones radio DZBB y de Canal 7 de televisión, en Quezon.

Unos 500 soldados gubernamentales rodearon el complejo y arrojaron gases lacrimógenos para dispersar a los partidarios del derrocado presidente Ferdinand Marcos.

Los militares dijeron que los amotinados también habían atacado dos bases y cuarteles militares en Manila.

Aquino dijo en su discurso que los militares habían detenido un intento de "personal militar mal dirigido" contra el gobierno y exhortó a rendirse a los que aún mantenían capturada la estación.

Dijo que había ordenado al jefe del Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, general Fidel V. Ramos para que aplique "toda la fuerza de la ley" contra los militares y civiles amotinados que hubieran participado en "este acto de rebelión".

Advirtió, asimismo, que no mostraría la misma indulgencia que tuvo contra los que participaron en un fracasado golpe en julio en hotel Manila, ni en el presunta conspiración del 22 de noviembre de oficiales bajo el mando del entonces ministro de Defensa Juan Ponce Enrile.

"Hay un momento para la reconciliación y otro para la justicia y retribución", dijo "ese momento ha llegado", añadió. También instó a los civiles a despejar la zona.

"Podrían registrarse intensivas operaciones militares en los alrededor de Canal 7" dijo. "No permanezcan en la zona o podrían resultar lesionados", agregó.

Se escucharon varios disparos al mediodía pero no se conoció de inmediato quienes los hicieron. Un hombre fue desalojado del complejo pero no se indicó si se tratara de un amotinado o de un empleado de la estación.

Por su parte el jefe del Estado Mayor Conjunto, general Fidel V. Ramos, dijo hoy que es posible que la captura de una estación de radio y televisión en esta capital y los intentos contra cinco guarniciones militares hayan constituido parte de un empeño golpista de "mayores proporciones" que abarcaba posiblemente el regreso de Hawaii del ex presidente Ferdinand Marcos.

Ramos dijo que el posible regreso de Marcos explicaba la desaparición hoy de la madre del ex presidente, Josefa Edralin Marcos, del hospital donde estaba internada en Manila.

Añadió que la viuda de 94 años estaba en Ilocos Norte, provincia de la que Marcos es oriundo y donde cuenta aún con considerable respaldo, el vice Jefe del Estado Mayor Conjunto, general Eduardo Ermita, que ha venido negociando con los rebeldes, dijo que más de 160 soldados, varios policías y unos 50 civiles simpatizantes de Marcos continuaban atrincherados en los estudios del canal siete y de la emisora radial DZBB, que capturaron a las 19:00 GMT de hoy.

Los rebeldes pusieron en libertad a 37 empleados de la emisora que retuvieron como rehenes al ocupar la estación. Uno de ellos dijo que ningún otro empleado permanecía en el interior.

Anteriormente, los rebeldes liberaron a tres empleadas y tres niños de guardias de seguridad que viven en el complejo de edificios.

Ermita dijo que 271 rebeldes habían sido arrestados, incluso 52 que fueron hechos prisioneros durante un choque de cuatro horas en al base aérea de Villamor, situada junto al aeropuerto internacional de Manila, donde un soldado rebelde murió y 16 resultaron heridos.

Ramos dijo que otra fuerza trató de capturar armas y aviones en la estación aérea de Sangley Point en ciudad Cavite, pero que posteriormente se rindió.

Las autoridades militares dijeron que los rebeldes planeaban también apoderarse de tres campos militares en la zona de Manila, pero fueron interceptados por fuerzas pro gubernamentales antes de que llegaran a las puertas de las instalaciones.

Más tarde hoy, unos 300 simpatizantes de Marcos se congregaron en la Avenida Edsa cerca de la estación capturada donde hicieron fogatas, arrojaron piedras contra la policía y gritaron "queremos a Marcos, queremos a Marcos".

8702079

04

REBELDES FILIPINOS RESISTEN Y LOS ATACAN CON GASES

MANILA, 28 (AP) — Soldados progubernamentales dispararon hoy granadas de gas contra los rebeldes que ocupan una estación de radio y televisión, después que éstos ignoraran un ultimatum de rendición.

Los amotinados estarían vinculados al ex Presidente Ferdinand Marcos.

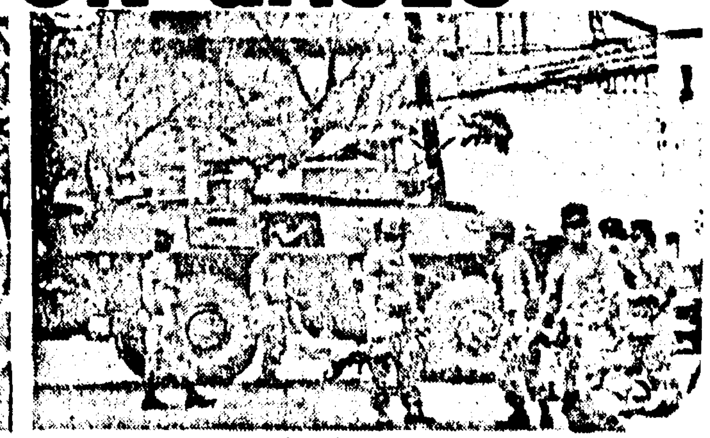
Soldados fuertemente armados tomaron posiciones en los alrededores del Canal 7 de televisión y la emisora radial DZBB después que el Brig. Gral. Alexander Aguirre dio media hora a los 200 amotinados para que se rindieran.

Al cumplirse el plazo, fueron disparadas cuatro granadas de gas hacia el edificio, en lo que un oficial calificó de advertencia.

"No permitan que esto empeore, ríndanse", gritó un oficial con la ayuda de un altavoz "El pueblo filipino les pide que lo piensen cuidadosamente, para que podamos resolver el problema", agregó.

Cinco minutos antes del ataque, el líder rebelde, Cnel. Oscar Canlas, había instado a la cordura al Jefe del Estado Mayor, Gral. Fidel Ramos.





Miembros rebeldes que se habían resistido a los efectivos gubernamentales aparecen poco después de haber sido reducidos, tras intensos tiroteos. En la toma de la izquierda tropas y tanques frente al canal de televisión, que es el último reducto insurgente. (Radiofotos AP)

Canlas fue entrevistado por la radio católica Veritas.

Tras la cuarta granada, el oficial progubernamental gritó a Canlas que enviara a un emisario para arreglar la rendición. No estaba claro si el oficial rebelde, perteneciente a la Fuerza Aérea, respondió a la exhortación.

Un reportero de la emisora radial del Ejército, en una trasmisión en vivo desde el lugar, dijo que soldados armados con fusiles lanza granadas avanzaban hacia la estación. No se informó si los amotinados respondían al ataque.

Ramos ordenó a los rebeldes que se rindieran durante una reunión con Canlas que duró 45 minutos, poco antes del amanecer. Horas antes del enfrentamiento, Canlas dijo a los periodistas que estaba dispuesto a rendirse, pero necesitaba tiempo para arreglar los detalles.

Fuentes militares y civiles dijeron que Canlas quería demorar su rendición hasta el jueves, pero las autoridades temían que lo hiciera con la esperanza de recibir la ayuda de elementos pro Marcos.

Canlas negó toda vinculación con Marcos y dijo que su actitud era alentada solamente por el deseo de llamar la atención sobre la amenaza comunista.

Pero Ramos dijo hoy al gabinete que "era evidente la posibilidad de que estos elementos militares descarriados fueran usados con propósitos políticos". El vocero presidencial Teodoro Benigno dijo que los amotinados eran "leales a Marcos".

El reportero de la radio militar dijo que tras la cuarta granada Dengas, el general Aguirre suspendió el ataque para un último llamado a la rendición de los rebeldes.

Aguirre exhortó a los rebeldes a que se pusieran en contacto por radio con las tropas progubernamentales y negociaran la rendición. No se anunció plazo alguno.

28/1/87 U.N.

.05

8702079

05

EL MUNDO
EL DÍA 27/1/87

Fue aplastado intento de golpe en Filipinas

Intensos tiroteos en una base aérea

MANILA. — Tropas rebeldes protagonizaron un conato de golpe contra la presidenta de Filipinas, Corazón Aquino en la madrugada de ayer y estallaron tiroteos en la base de la Fuerza Aérea en Villamor, pero la tentativa fue aplastada y la situación está controlada, dijo un vocero militar.

"Todo se encuentra bajo control, y la población debe mantener la calma", dijo el portavoz en un reportaje radial.

Expresó que tropas rebeldes fuertemente armadas también se apoderaron del Canal 7 de televisión, pero fuerzas leales las rodearon, y les impidieron propalar emisiones.

Un vocero de Villamor, adyacente al aeropuerto de Manila en el sur de la ciudad, dijo que los rebeldes intentaron capturar la base a las 3 de la madrugada pero fueron repelidas al cabo de 10 minutos de intensos tiroteos.

Expresó que dos rebeldes fueron muertos y alrededor de 50 fueron capturados.

Empleados de los canales 4 y 7 dijeron que las tropas ingresaron a los edificios amparadas por la oscuridad.

Personal del Canal 7, de propiedad privada, dijo que unos 300 soldados con vinchas azules, respaldados por tres tanques, entraron al local y ordenaron a los empleados a suspender las transmisiones o abandonar el edificio. Los soldados se negaron a indicar su filiación, o el propósito de su misión.

"Doble alerta rojo"

Entretanto se informaron también que hubo algunos movimientos de tropas en varias partes de Manila y sus suburbios, en tanto se vieron barricadas en algunos puntos de las principales carreteras.

No se obtuvieron de inmediato comentarios sobre la situación de parte de funcionarios de gobierno o representantes militares.

Tampoco se conocía el paradero de la presidenta Corazón Aquino. Su gobierno se vio sacudido por la matanza de 15 manifestantes la semana pasada por parte de soldados, y revelaciones de que facciones militares leales al destituido ministro de Defensa Juan Ponce Enrile habían tendido intervenciones clandestinas a sus despachos y a los de otros altos funcionarios.

Partidarios del depuesto presidente Ferdinand Marcos calificaron a los nuevos movimientos de tropas como una tentativa de golpe por parte de una facción militar orientada por oficiales de rango medio.

Una estación privada de radio dijo que los cuarteles Aguinaldo y Crame estaban clausurados.

La estación citó a algunos soldados diciendo que estaban en "doble alerta rojo", para frustrar tentativas comunistas de desestabilizar al gobierno de Aquino.

Filipinas

Corazón Aquino instó al pueblo a votar por la nueva Constitución

Manila, (PL) — La presidenta filipina Corazón Aquino exhortó a todos sus conciudadanos a apoyar la nueva Constitución que será sometida a consulta popular el 2 de febrero próximo.

Aquino lleva a cabo una campaña por distintas regiones del país, en favor de esa Ley Fundamental, que reemplazará la llamada "Carta de Libertad" adoptada un mes después del triunfo del movimiento cívico militar que la llevó al poder en febrero de 1986, tras el derrocamiento de Ferdinando Marcos.

Desde el momento de su confección el proyecto ha sido criticado tanto por la derecha como por la izquierda, la primera estima que la mandataria filipina pretende mantenerse en el poder hasta 1992.

Por su parte, los sectores populares aducen que no plantea cambios en la estructura socio-económica del país y mantiene la injerencia de Estados Unidos al conservar las bases norteamericanas en territorio filipino más allá de 1991, cuando expira el acuerdo vigente.

MANIFESTACIONES CONTRA LA NUEVA CONSTITUCION

Miles de manifestantes marcharon hacia el Palacio de Gobierno para protestar contra la nueva constitución.

En la manifiestación integrada, por 30 mil personas, se portaban carteles con consignas de "no a la dominación norteamericana" y "no a la Constitución".

Mientras unos dos mil seguidores de Marcos, quemaron copias del documento, en los suburbios de Manila.

Las demostraciones fueron reprimidas por policías y soldados que interceptaron a los participantes cuando se dirigían al Palacio de Malacanang.

La presidenta Aquino proseguía su campaña por la ratificación de la nueva Carta, por varias ciudades del país, que incluyó Santiago, en la provincia de Isabela en ese antiguo bastión de los partidarios de Marcos exhortó a los electores a olvidar sus antiguas lealtades y votar afirmativamente en el plebiscito del próximo 2 de febrero.

Posteriormente Corazón Aquino se trasladó a Lingayen y Urdaneta, en la provincia de Pangasinan antes de su retorno a Manila.

LA HORA 13/1/87

07/07

8702079

037

La Hora 8/12/86

* FILIPINAS: NEP REITERA EL ALTO AL FUEGO

PN

Manila, (PL) - La guerrilla filipina reiteró hoy que las bases para un cese del fuego duradero son el fin del feudalismo y de la intervención de Estados Unidos, y la realización de la reforma agraria.

Esa posición fue reafirmada por el jefe guerrillero Ricardo Silvestre en la zona liberada de Samal, pequeña localidad de la provincia de Bataan, visitada por unos 50 periodistas al cumplirse el primer día del cese del fuego pactado ayer por el gobierno y el Nuevo Ejército del Pueblo (NEP).

Poco legible

Silvestre, quien permanece en las montañas desde 1972, dijo que hay que conservar los fusiles porque aún no están resueltos los problemas de los campesinos y el gobierno sigue siendo semicolonial.

8702080

01/01

p. 037

El Día 8/2/87 DN

La guerrilla filipina rehúsa proseguir tregua

MANILA. — La guerrilla comunista filipina anunció ayer que no prolongará el alto el fuego de 60 días que expira hoy domingo al mediodía (04h00 GMT), y rechazó la oferta efectuada la semana pasada por el gobierno de Cory Aquino para reanudar el diálogo.

"No hay motivo que pueda justificar la persistencia de una tregua que las Fuerzas Armadas filipinas han saboteado y violado de manera flagrante", indicó un comunicado del Frente Democrático Nacional (NDF), expresión política de la guerrilla, en una "carta abierta al pueblo filipino".

Esta carta abierta no indicó si los rebeldes del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP), que reúne a unos 23.000 combatientes, tienen la intención de pasar a la ofensiva tras la expiración del alto el fuego.

Según diversas informaciones recientes, el brazo armado de la guerrilla comunista se esforzará únicamente, en un primer tiempo al menos, de defenderse en caso de ataque de las Fuerzas Armadas filipinas.

Sin embargo, la agencia de prensa filipina "PNA" anunció ayer que unos 70 rebeldes tendieron una emboscada a una unidad del Ejército, que causó cinco muertes y cinco heridos a las fuerzas de seguridad, cerca de Luna Town, a 400 km al norte de Manila.

Por su parte, la presidenta Cory Aquino, fortalecida por su indiscutible victoria en el referéndum constitucional del pasado 2 de febrero, había prevenido a los rebeldes comunistas desde hace bastante tiempo que si rechazaban una solución negociada con el gobierno, el Ejército intensificaría sus operaciones armadas contra ellos.

El viernes 6, el jefe del Estado Mayor del Ejército, general Fidel Ramos, declaró que las Fuerzas de Seguridad, que cuentan con 250.000 hombres, estaban dispuestas a "golpear enérgicamente" a los rebeldes.

El alto el fuego, que entró en vigor el 10 de diciembre pasado, estaba destino a facilitar l[illegible]ura de conversaciones entre el gobierno filipino y el NDF, pero las dos partes no se pusieron nunca de acuerdo en torno a una agenda.

Suspendidas "sine die" el 22 de enero, las discusiones fueron rotas el 30 de enero por el NDF, tres días antes de la consulta.

El NDF, en su carta abierta, rechaza implícitamente la propuesta de reanudación de las conversaciones efectuadas el miércoles por Aquino tras su masiva victoria en el referéndum, y planteó cuatro condiciones para la celebración de nuevas discusiones.

La decisión de la guerrilla comunista era esperada en la medida en que, tras la contundente victoria de Aquino en el referéndum, habría estado obligada a aceptar la exigencia del gobierno de negociar en el marco de disposiciones de la nueva Constitución, lo que los rebeldes siempre rechazaron.

Esta decisión de la guerrilla representa un revés en el esfuerzo de Cory Aquino de obrar en favor de una "reconciliación nacional".

Luego de su victoria del lunes 2 pasado, la presidenta filipina podía en toda legitimidad acariciar la esperanza de que los rebeldes comunistas no se atreverían a desafiarla, tras ser plebiscitada por más de tres cuartos de los electores.

Además de la fuerza militar, la presidenta cuenta, para debilitar a la rebelión, con un programa de un monto de 22.000 millones de pesos (alrededor de 1.000 millones de dólares) que prevé la entrega de tierras, dinero y empleos para los combatientes del NPA que depongan las armas.

Este programa debe ser lanzado el 25 de febrero, primer aniversario de la llegada al poder de Cory.

La presidenta Aquino no ocultó nunca su convicción que la gran mayoría de los rebeldes no son comunistas convencidos sino descontentos, víctimas de abusos de todo tipo perpetrados por su predecesor, el ex dictador Ferdinand Marcos.

Poco Legible

LA MAÑANA 8/2/87

Rebeldes condicionan el diálogo

Anuncian fin de la tregua en Filipinas

MANILA (EFE).- El Frente Nacional Democrático (FND), organización política de los rebeldes comunistas, publicó ayer un comunicado en el que anuncia el fin de la tregua, y en una carta, a la que tuvo acceso EFE, impone condiciones al gobierno para volver a negociar la paz.

Según el FDN no existe ninguna justificación para prorrogar la tregua, que las Fuerzas Armadas filipinas han saboteado de manera flagrante. La tregua, que concluye mañana, fue pactada con el gobierno el 10 de diciembre de 1986

En la citada carta, abierta al pueblo filipino, el FDN afirma que sólo negociará, si el gobierno de Manila emprende programas que ataquen las raices de los problemas de la sociedad, afirme y ejercite con efectividad la supremacia civil sobre un ejército fascista que deberá de reformar y reorientar.

Bajo el título El gobierno de Aquino no es serio a la hora de negociar una paz duradera y justa, el FDN pide también el reconociemínto como entidad política con una causa legítima y un programa que apoya un importante segmento de la población y que trabaja por la solución genuina del conflicto político y armado.

Acusa, asimismo, al gobierno de Manila, de intentar engañar con su programa de rehabilitación y amnistía a las fuerzas revolucionarias para que se rindan intercambiando una lucha de principios por un puñado de beneficios materiales.

Para el FDN, la nueva constitución, bajo cuyo marco el gobierno pretende negociar, es un documento que esencialmente preserva el interés del imperialismo norteamericano y la élite tradicional en contra de la creciente lucha del pueblo filipino para democratizarse e independizarse.

El FDN acusa finalmente a la presidenta Cory Aquino de tolerar y mimar a un ejército de orientación fascista con un sector cada día más difícil de controlar y condiciona su regreso a la mesa de negociaciones.

Filipinas

El reformismo de Cory Aquino

Las agencias cablegráficas informan desde Manila que a raíz de la aprobación abrumadora otorgada por el pueblo filipino a la nueva Constitución promovida por el Gobierno, ha fortalecido su posición frente a los múltiples detractores de la iniciativa que consagra una serie de cambios fundamentales desde el punto de vista político y socioeconómico. Entre el fuego cruzado de la izquierda y la derecha, se destacan las guerrillas comunistas que reivindicaban un "supuesto" apoyo masivo de la población, que sin embargo las urnas desmintieron.



La sociedad filipina muestra hoy en día rasgos dramáticos, referidos fundamentalmente a la extrema pobreza que sufre una franja mayoritaria de la población, a lo que se le puede agregar vestigios feudales en el ámbito social y cultural que aún trascienden en áreas rurales. La responsabilidad recae básicamente en un autoritarismo alejado de los intereses del pueblo -como peculiarmente siempre sucede- que en este caso tuvo la firma de Ferdinando Marcos y que por cierto se suma a una larga lista de "iluminados" de derecha que prometieron amplias reformas diluidas en la larga noche de represión que estos sistemas implantan.

La opción reformista que plantea el gobierno liderado por la esposa del mártir popular Benigno Aquino, plasmada en una Carta Magna, no sólo plantea una plataforma de cambio racional y en muchos aspectos de carácter revolucionario en lo social y económico, sino que sale al cruce de los enemigos antedichos, principalmente la guerrilla de orientación comunista que ha mantenido en jaque la estabilidad de las instituciones durante los 11 meses de Gobierno constitucional posMarcos.

El camino del cambio compulsivo, violento, de ruptura de estructuras en pos de una sociedad tantas veces prometida pero que nunca se concreta, no fue apoyado por el pueblo filipino. Sí fueron respaldados los medios para alcanzar en forma lenta pero segura, la justicia social, la modernización cultural, y la puesta al día de un sistema político al servicio de sus ciudadanos y no de una camarilla de dictadores corruptos.

La historia ha demostrado que el camino elegido por los seguidores de Corazón Aquino es el único que construye sociedades firmes y justas, trascendiendo los embates de los hombres y del tiempo. Duro es el camino que queda por recorrer para un gobierno tan presionado como el filipino, presiones que sin embargo siempre le dieron un sabor sincero a las victorias que históricamente lograron los reformistas en el mundo entero.

— LA MAÑANA 8/2/87

Filipinas

El País 8/2/87

COMUNISTAS PONEN FIN A LA TREGUA

MANILA, 7 (ANSA y EFE).— La guerrilla comunista en Filipinas anunció hoy que no tiene intenciones de renovar la tregua de 60 días negociada con el gobierno y que vence mañana a mediodía (04.00 GMT).

El anuncio fue hecho con una declaración de la organización del norte para la zona de Luzon del Frente Demócrata Nacional (NDF), el organismo que representa al partido comunista filipino (prohibido) y la NPA, su organización armada.

Luzon es la más importante y la más al norte de la isla del archipiélago filipino.

"No toleraremos por mucho más tiempo esta mascarada del cese del fuego", proclamó la organización y "haremos callar nuestros fusiles cuando las armas no serán más necesarias para defender los intereses del pueblo".

La guerrilla no excluyó totalmente la posibilidad de nuevas negociaciones con el gobierno en el poder preciso que deberían realizase en posicines paritarias.

Las tratativas para resolver un conflicto que dura desde hace 18 años habían sido emprendidas por el gobierno de Corazón Aquino, pero se interrumpieron el 30 de enero.

El motivo de la interrupción, que tuvo lugar el 22 de enero, fue una intervención del ejército contra una manifestación de campesinos que reclamaban una nueva reforma agraria que había concluido con un balance de 14 muertos

Según el FDN "no existe ninguna justificación para prorrogar la tregua, que las Fuerzas Armadas filipinas han saboteado de manera flagrante".

En la citada carta, "abierta al pueblo filipino", el FDN afirma que sólo negociará, si el gobierno de Manila emprende programas que ataquen las raíces de los problemas de la sociedad, afirme y ejercite con efectividad la supremacía civil sobre un ejército fascista que deberá de reformar y reorientar.

Bajo el título "El gobierno de Aquino no es serio a la hora de negociar una paz duradera y justa", el FDN pide también el reconocimiento como entidad política con una causa legítima y un programa que apoya un importante segmento de la población y que trabaja por la solución genuina del conflicto político y armado.

INTERNACIONAL

Filipinas:

La tenaz batalla de una mujer acosada



Obtuvo, el pasado lunes, un masivo respaldo: la presidenta Corazón Aquino se mantendrá, hasta el 30 de junio de 1992, al frente del gobierno filipino, pese a los guerrilleros [illegible] del Nuevo Ejército Popular y a los nostálgicos derechistas adeptos al [illegible] Ferdinand Marcos, insistentes [illegible] de un siempre frustrado retorno.

El ochenta por ciento del electorado —una cifra superior a la esperada por la mujer que doce días atrás cumpliera 54 años de edad y que, hoy hace exactamente un año, asumiera el poder luego de una revuelta popular que depusiera al ahora opulento exiliado en Hawaii— se pronunció por la estabilidad y desautorizó así, con la fuerza del sufragio, la intentona golpista verificada seis jornadas antes de los comicios.

No ha sido sencilla, por cierto, la gestión de "Cory": una herencia de veinte años de dictadura —[illegible] al comienzo, definida y sangrienta en sus etapas finales— constituye una carga difícil de superar, porque crea intereses de distinta índole, viola normas, provoca acostumbramientos a distorsiones de tipo ético y conductual: lega, siempre, un país enfermo. Filipinas no escapó a esta regla.

Las fuerzas armadas, corrompidas bajo Marcos y su esposa, han acosado permanentemente a la nueva mandataria quien, a los cinco meses de haberse instalado en el Palacio de Malacañang, debió enfrentar la trama golpista urdida por la organización militar secreta "El Diablo", fundada por el coronel Reynaldo Cabautan. Los complotados recurrieron a un civil sumiso y ambicioso —siempre los hay, cuando de poder se trata— para proclamarlo presidenta, y Arturo Tolentino, ex ministro de Relaciones Exteriores, asumió alegremente el papel que se le encomendara.

La conspiración centrada en el lujoso Hotel Manila pudo ser, sin embargo, minuciosamente desarticulada, y decenas de oficiales superiores fueron detenidos. Se inició entonces el proceso de desmantelamiento de los servicios de inteligencia (¿quién les habrá adjudicado ese apelativo casi ilustre?) montados por los especialistas en "guerra psicológica" de Marcos, y [illegible] por su jefe del Ejército, el general [illegible] Ver.

Las actividades desestabilizadoras no cesaron. La línea ultraderechista castrense, siempre activa, sólo pudo ser públicamente desarticulada cuando dos meses atrás, "Cory" destituyó al anterior ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile. En el cargo quedó instalado su par, Rafael Ileto. ¿Hasta cuándo?. Porque las intrigas están incorporadas, en el archipiélago (que [illegible] en Oriente todo), al modo de [illegible].

Paralelamente a la [illegible] tenazmente librada contra los [illegible] oficiales golpistas, autores de pronunciamientos militares sucesivos, la viuda del [illegible] opositor que fuera asesinado por los hombres de Marcos en el mismo [illegible], cuando regresaba del destierro, [illegible] constantes negociaciones con los representantes del Frente Nacional Democrático, agrupación [illegible] doce [illegible] —entre ellos el Partido Comunista— y del Nuevo [illegible] integra[illegible] siempre pasa[illegible] un acuer[illegible], pero las tratati[illegible] interrumpi[illegible] enfrentamientos verificados el 22 de enero entre fuerzas militares y policiales y una manifestación de 10.000 agricultores que reclamaban mejoras económicas. Hubo, allí, dieciséis víctimas.

Al día siguiente correspondió el turno a estudiantes y trabajadores, que marcharon nuevamente hacia el palacio presidencial —con centenares de banderas rojas— para reclamar se destituyera a los principales responsables de la represión.

En esa oportunidad, la titular del Poder Ejecutivo logró imponer su línea dialogante, y varios miembros del gabinete y altos funcionarios gubernamentales recibieron a los "protestantes" en el trágico puente donde tuvieron lugar los violentos incidentes de la jornada anterior: todo se encaminó entonces de otra manera.

La jugada siguiente estuvo a cargo de la Fuerza Aérea: el martes previo a las elecciones (el propósito consistía en impedir que se llegara a la consulta popular, cuyos resultados podían pronosticarse, aunque finalmente resultaron inclusive más contundentes que lo previsto), tres centenares de hombres ocuparon las instalaciones de un canal de televisión, en pleno centro de Manila, y se mantuvieron allí durante 60 horas, cercados por efectivos ¿leales? a la presidenta Aquino.

Todo culminó con una nueva tanda de detenidos, el más notorio de los cuales es el general José María Zumel, piloto de combate que dirigió la Academia Militar del país hasta el derrocamiento de Marcos e, increíblemente, hermano de Antonio Zumel, portavoz de la guerrilla izquierdista en las conversaciones con el gobierno: los extremos, se sabe, pueden entrelazarse.

En ese contexto (¿quién puede construir en tales condiciones?) se llevó a cabo la consulta popular respecto a las reformas constitucionales, pregonadas por Aquino y sus seguidores centristas como un vehículo "para la paz, democracia y progreso", y atacadas desde la fuerte izquierda —porque autorizan la permanencia de dos grandes bases estadounidenses y otorgan al gobierno la posibilidad de realizar una moderna reforma agraria y disputarle así una de sus siempre alegadas banderas— y la no menos fuerte derecha, empeñada en el retorno de Marcos y opuesta a legitimar el régimen de su sucesora.

De todos modos, el "sí" fue rotundo. El relevado Ponce Enrile comentó, casi románticamente, que "no siempre puede esperarse el amor del pueblo", y Marcos afirmó, desde Honolulu, que "la votación estaba caracterizada por el fraude", materia en la cual demostró ser un verdadero experto a lo largo de las dos décadas en que se mantuvo al frente del gobierno.

Pero —siempre hay al menos uno— el cómputo de las papeletas en los cuatro acuartelamientos de Manila demostró la existencia de un claro divorcio entre gobierno (pueblo, ahora) y ejército: allí triunfó el rechazo a la propuesta constitucional legalizadora del mandato de "Cory". ¿Cuándo llegará, para las fuerzas armadas filipinas, la hora de la lealtad? Las pautas fueron peligrosamente diferentes, entonces, entre civiles y militares: los primeros —que pueden discrepar— apoyaron a "Cory"; los segundos —que deben obedecer— no lo hicieron. Una sociedad dicotómica quedó así en peligrosa evidencia. Puede preverse que continuará, sin pausas, la tenaz batalla de una mujer acosada.

Sergio Papa Blanco

Mayoría rechaza Constitución de Aquino

Divorcio del Ejército

MANILA (EFE).- A pesar de la aplastante mayoría de filipinos que el lunes dijo sí a la *nueva* Constitución, el cómputo final de las papeletas en los cuatro acuartelamientos de Manila presagia un claro divorcio entre el Gobierno y el Ejército.

Según datos oficiales aún no definitivos, el 79 por ciento de los participantes en el plebiscito constitucional votó afirmativamente.

Sin embargo, los militares de la base aérea de Villamor, sede del cuartel general del aire, y los del cuartel general del Ejército, que alberga al Ministerio de Defensa, rechazaron mayoritariamente la Constitución que legaliza el mandato de Cory Aquino hasta 1992.

En los cuarteles de Camp Crame, de la policía y en el de Fort Bonifacio, del Ejército de tierra, el único en el que votaban las familias de los militares, el recuento favoreció al voto afirmativo por mínimos porcentajes.

El propio Viceministro de Defensa, Wilson Gamboa, admitió ayer que presumiblemente en los resultados del plebiscito en Camp Crame y Fort Bonifacio influyó la presencia de electores civiles.

Gamboa añadió que el intento de golpe de estado registrado la semana pasada contribuyó a que la nueva Carta Magna fuese ratificada.

"Esto demuestra que el pueblo quiere que finalicen las constantes amenazas de los elementos de derechas en el Ejército que tramaron el abortado golpe", subrayó Gamboa.

Aunque el Jefe del Estado Mayor del Ejército, general Fidel Ramos, y el responsable de Defensa, Rafael Ileto, apelaron a la Comisión Oficial de Elecciones (COMELEC), en un intento de que todos los militares pudieran ejercer el derecho al voto en el lugar de destino, el grueso del Ejército se vio privado de participar en el ejercicio electoral.

Para el general Ramos, esto causó desmoralización entre el personal afectado.

Ministros y altos funcionarios del gobierno, en un intento aparente de justificar los resultados electorales en los cuarteles, señalaron que puede que sea un problema regional en vez de militar, debido a que muchos militares proceden de las regiones del norte de la isla de Luzón de donde es oriundo el derrocado presidente Ferdinand Marcos.

"QUEJAS"

Sin embargo, el consejero legal de la presidencia, René Saguisag, dijo que la tendencia en los cuarteles es una muestra de que los militares tienen "quejas" contra el gobierno civil.

Saguisag estimó que una de las causas que pudo haber influido a la hora de votar de muchos militares es al artículo de la nueva Constitución que habla de la supresión de los diferentes cuerpos policiales hasta ahora existentes en el país y su integración futura en el cuerpo de una policía nacional unificada.

Los observadores concluyen que la preponderancia del voto negativo en los cuarteles revela o bien que el Ejército continúa siendo la espina del gobierno filipino o que está totalmente desconectado con el resto de la opinión pública del país.

Los analistas perciben también que los grandes derrotados en el plebiscito son la extrema derecha que conforman las secuelas de 20 años de dictadura y la izquierda armada de unos 23.500 guerrilleros del Nuevo Ejército del Pueblo, el brazo armado del Partido Comunista filipino.

Para el palacio presidencial de Malacañang, las cifras son claras y Aquino goza del apoyo popular, dijo el secretario de prensa Teodoro Benigno.

La guerrilla, añadió Benigno, debe reconsiderar su posición y reanudar las conversaciones de paz, porque las tendencias en el recuento indican que ellos sólo representan a una minoría de la población.

La guerrilla comunista anunció el colapso en la mesa de negociaciones con el gobierno, en protesta por la muerte de 16 agricultores el pasado 22 de enero durante una manifestación de unas 10.000 personas del sector en el puente de Mendiola, a unos 400 metros del palacio presidencial.

Por su parte, el Ministro de Defensa, Rafael Ileto, afirmó en un duro comunicado que los resultados del plebiscito repudian claramente las reivindicaciones de los comunistas de que cuentan con el apoyo del pueblo.

"Ahora tendrán que pensar de otra forma porque el gobierno cuenta con el apoyo total y el respaldo del pueblo," añadió Ileto.

FILIPINAS

Abrumadora mayoría aprobó la nueva Constitución

Gran respaldo a Corazón Aquino

FILIPINAS

La Presidenta Corazón Aquino parece haber asegurado un poderoso mandato, luego que por abrumadora mayoría fuera aprobada la nueva Constitución que restaura plenamente el Gobierno democrático y le otorga a la mandataria seis años más en el poder.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- La constitución filipina fue ratificada ayer por el 79,71 por ciento de los electores que acudieron masivamente a las urnas, según las estimaciones realizadas por el Namfrel (Movimiento Nacional para unas Elecciones Libres).

Según este recuento no oficial, en el que participaron 300.000 voluntarios, un 20,29 por ciento de los electores votaron en contra.

Las mismas fuentes señalaron que un 80 por ciento de los 25 millones de electores acudieron a las urnas colocadas en los 87.000 colegios electorales repartidos por las 7.000 islas con las que cuenta el archipiélago.

Estos datos fueron ofrecidos cuando se había traspasado la barrera de los cuatro millones de votos contados a través de la operación recuento rápido con un sistema radiocomputarizado, que cubre el 75 por ciento de los precintos.

El Presidente del Comité Electoral, Ramón Felipe, dijo que los resultados finales no serán anunciados hasta el próximo lunes.

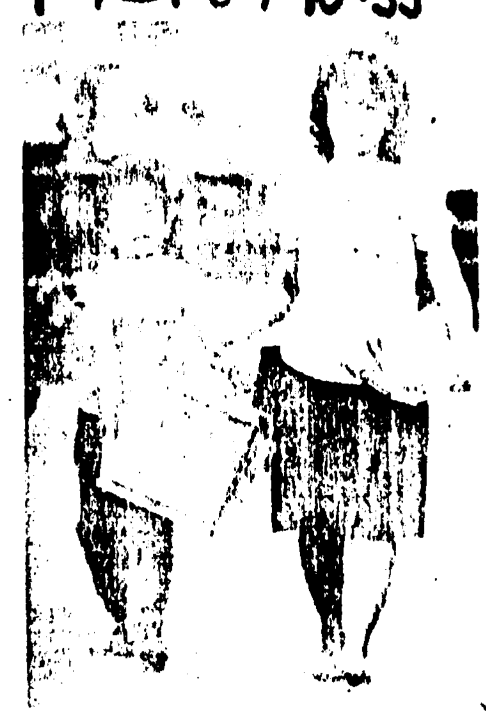
HITO HISTORICO

El gobierno de Manila describió como un hito en la historia del país estas elecciones para ratificar la nueva carta magna y constitucionalizar el mandato de la presidenta Corazón Aquino. Las primeras elecciones libres celebradas en Filipinas desde el derrocamiento de la dictadura de Ferdinand Marcos el 25 de febrero de 1986 después de una revolución incruenta.

El "Día C" o "Día Cory", como los filipinos calificaron el plebiscito, fue calificado por los analistas como un resonante voto de confianza a la Jefa del Ejecutivo filipino.

Este voto fue otorgado al margen de la reciente matanza en el puente de Mendiola en la que murieron 16 agricultores en un choque con la policía, del amotinamiento de dos centenares de militares leales en el canal 7 de televisión, secuestros e incontables tramas golpistas en los primeros 11 meses del nuevo gobierno de Manila.

Cory Aquino, que votó en la hacienda azucarera Luisita, propiedad de su familia, en la provincia de Tarlac, a unos 140 kilómetros al norte de la capital, explicó que la primera tarea de su gobierno después del plebiscito será concentrarse en el relanzamiento de la economía, que registró por primera vez en los últimos tres años indicadores de crecimiento positivos.



MANILA.- Loreto Peñaranda, de 9 años, ayuda a su madre, una profesora que trabaja para la Comisión Electoral, a trasladar una urna con votos hacia un centro de tabulación. (Radiofoto Reuter).

MADUREZ POLITICA

La presidenta de Filipinas calificó la jornada electoral, en la que solo se registraron pequeños incidentes aislados en todo el país, como una muestra de la democracia en acción que prueba la madurez política de los filipinos y su compromiso con la democracia.

Al margen de pequeñas incursiones de grupos fuertemente armados en las proximidades de algunos colegios electorales en algunos suburbios de la capital que paralizaron temporalmente el proceso, el único incidente violento se produjo en las localidades de Malongoy y Balongon de la provincia de Cotabato del sur en la isla meridional de Mindanao, a unos 850 kilómetros al sur de Manila.

Los primeros resultados parciales, solo favorecen de forma mayoritaria el voto negativo en la localidad de Sarrat, Ilocos Norte, de donde es oriundo el ex presidente Marcos y en la zona de Cagayan Valley, de donde procede el ex ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, ambas situadas al norte de la isla filipina de Luzon.

En cuanto a la estabilidad política que los filipinos esperan con la ratificación de la nueva carta magna, el anterior jefe de Defensa -ahora jefe de la oposición a Cory Aquino- señaló en unas declaraciones que recoge el canal 9 de televisión, que piensa aceptar el voto de la mayoría (...) pero la inestabilidad no disminuirá si el gobierno no lleva a cabo importantes programas, en una clara referencia a las amenazas golpistas.

En un intento de prevenir disturbios, 79 batallones del ejército mantuvieron alerta máximo en todo el país. Por otra parte, el proceso no se llevó a cabo en algunas aldeas remotas de la provincia sureña de Tawi-Tawi, al este de la isla de Borneo, a unos 1.200 kms.

Informan de guerrilleros muertos tras combates con el Ejército

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Al menos tres guerrilleros del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP), considerado como brazo armado del Partido Comunista Filipino, resultaron muertos y otros tantos soldados heridos tras los combates de ayer en la provincia de Cotabato (al sur de la isla meridional de Mindanao).

El coronel Honesto Isleta, portavoz de las Fuerzas Armadas, explicó que en la localidad de Malongoy, en la misma zona, unos 300 guerrilleros atacaron varios colegios electorales impidiendo que continuase el recuento.

Un segundo incidente, según el general Romeo Recina, jefe militar de aquella región, se produjo en una emboscada de los guerrilleros contra una columna de soldados y funcionarios gubernamentales que transportaban las urnas y los resultados del plebiscito.

Aunque la guerrilla comunista anunció recientemente el colapso de las negociaciones de paz con el gobierno filipino, señalaron que mantendrían el alto el fuego hasta el día 8.

07

8702326

Aquino promete depurar estamento militar

Filipinas: capturan rebeldes en granja

La Jefe de Estado filipina se comprometió ayer a depurar el estamento militar de "elementos indeseables y descarriados", al tiempo que se informaba que tropas del ejército se abalanzaron sobre una granja para capturar más rebeldes que participaron en el reciente frustrado intento golpista.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- La Presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, concluyó ayer la campaña para la ratificación del borrador de la nueva Constitución de su país en un mitin al que asistieron unas 200.000 personas según fuentes oficiales.

El acto se celebró en el conocido parque Luneta de Manila, mientras unidades del Ejército hacían fracasar, casi a la misma hora, un nuevo complot para desestabilizar al gobierno en el poder en la localidad de Montalbán, a unos 36 kilómetros de la capital filipina.

Las fuerzas intervinientes en la operación ocuparon la granja "Paraíso" que servía de campamento de entrenamiento a soldados rebeldes, leales al ex Presidente Ferdinand Marcos.

Cinco soldados rebeldes sospechosos fueron capturados junto con dos vehículos, 13 armas automáticas, dos metralletas y cantidad importante de municiones, informó el portavoz de las Fuerzas Armadas, coronel Honesto Isleta.

Isleta dijo que los rebeldes "huyeron", dejando atrás uniformes, armas de fuego y demás objetos personales cuando los soldados, respaldados por dos helicópteros artillados, llegaron a la finca.

Por otra parte, un incendio, cuyas causas se desconocen, destruyó el ala de un hospital, en el que se encontraban unos 150 pacientes, situado a un kilómetro aproximadamente del parque Luneta, causando la muerte de una persona que pereció carbonizada.

EL ACTO

La presidenta filipina llegó al lugar de la celebración del mitin a bordo de un helicóptero, vistiendo un traje amarillo en recuerdo de los días de la oposición a Marcos, para pedir el voto a los asistentes y defender la más bella Constitución del mundo, en palabras del cardenal de Manila, Monseñor Jaime Sin.

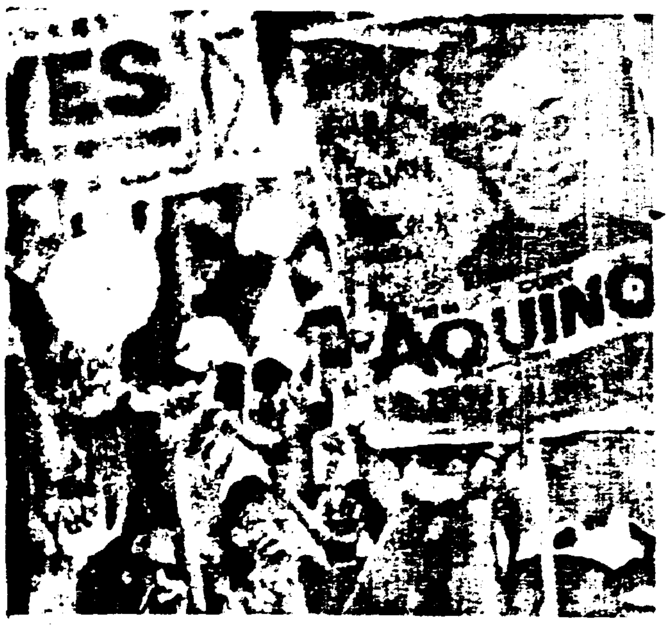
Los últimos sondeos de opinión efectuados por la organización Asian Research predicen un 71 por ciento de votos afirmativos y un largo margen, que varía del 40 al 15 por ciento, de indecisos.

En el mismo muestreo, que dio a conocer el portavoz presidencial Teodoro Benigno, un 60 por ciento de los filipinos presienten que el ex Ministro de Defensa Juan Ponce Enrile respaldaba en la sombra el último intento golpista y los restantes acusan a los leales y al derrocado presidente Marcos.

GOLPISTAS SERAN PROCESADOS

Corazón Aquino, que saludó a sus partidarios con las manos en alto y haciendo la letra L sinónimo de Laban (lucha) con los dedos índice y pulgar, contestó a los vítores de "Cory", "Cory", anunciando que los conspiradores de la última intentona golpista serán procesados con todo el peso de la ley.

"Creo que los filipinos pueden reconciliarse, pero hay algunos que sólo están interesados en crear problemas y divisiones (...) no quiero matar, pero tampoco quiero que nos maten", explicó la Jefa del Estado.



MANILA.- Miles de simpatizantes de la Presidenta Corazón Aquino gritan y hacen el signo "Laban", durante la concentración llevada a cabo ayer en el parque Luneta, en apoyo a la ratificación de la nueva Constitución. (Radiofoto Reuter).

La mandataria se comprometió a depurar el estamento militar "de elementos indeseables y descarriados".

Aquino logró reactivar en el parque Luneta el famoso poder popular de la revolución que derrocó a Márcos, aglutinando de nuevo a todos los elementos más característicos, religiosos, trabajadores, estudiantes y la clase media alta que reside en las elegantes urbanizaciones del distrito financiero de Makati, considerado como el Wall Street de la capital filipina.

La Presidenta filipina concluyó agradeciendo la colaboracion de los garantizadores de la nueva democracia, en una referencia al jefe del estado mayor de las fuerzas armadas, General Fidel Ramos, y de su Ministro de Defensa, el ex general Rafael Ileto, del que dijo: "gracias a Dios que en la última intentona golpista (...)" Ileto era el responsable de Defensa.

Sin embargo, a pesar de las promesas del general Ramos y del jefe de la Defensa de destituir a todos los elementos desviados del Ejército, en Manila persisten los rumores de nuevos intentos para derrocar al gobierno en el poder, antes de que sea refrendado, el próximo lunes 2 de febrero, con la nueva Constitución, que tendrá vigencia en los seis próximos años.

LA MAÑANA

AN

FILIPINAS

EL PAIS — Sábado 31 de Enero de 1987

Dominados los Marquistas, Aquino Enfrenta Ahora a los Comunistas

MANILA, 30 (ANSA). — Los rebeldes comunistas filipinos del "Frente Democrático Nacional" (NDF) anunciaron hoy formalmente su retiro de las negociaciones de paz con el gobierno de la presidente Corazón Aquino, acusándolo de no querer una solución negociada de la guerrilla y de ser responsable de la muerte de 18 personas en el puente de Mendiola, durante la manifestación de campesinos efectuada el pasado 22 de enero en los alrededores del palacio presidencial de Malaganang.

El comunicado del "NDF", el organismo que agrupa al Partido Comunista de Filipinas y al "Nuevo Ejército del Pueblo" (NPA), su brazo armado, coincidió con el anuncio del Jefe de Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, concerniente a la orden de arresto emitido contra unos veinte oficiales, 359 soldados y 137 civiles, en gran parte simpatizantes del ex presidente Marcos, en relación con el intento de golpe de estado organizado por estos últimos

La insurreccion concluyó ayer con el rendimiento de los últimos rebeldes, militares y civiles, que se habian barricado durante 61 horas dentro de la estación televisiva "GMA".

El anuncio de Ramos refleja la decisión de la señora Aquino de adoptar la mano dura contra los militares rebeldes, cuyo intento de golpe ha sido el más grave desde que la Presidente asumió el poder en febrero del año pasado, después de la partida de Marcos.

En un mitin electoral efectuado en Davro, en vista del referéndum sobre la nueva constitución que se llevará a cabo el próximo lunes, Corazón Aquino afirmó que contra los responsables de la insurrección se aplicará toda la severidad prevista por la ley.

Refiriéndose al anterior intento de golpe de julio pasado, también llevado a cabo por los simpatizantes de Marcos, Aquino declaró que "el tiempo de la clemencia ha terminado".

El retiro del "Frente Democrático Nacional" de las negociaciones de paz, representa un duro golpe para la política de reconciliación nacional puesta en marcha por Aquino.

Los rebeldes afirmaron en su comunicado, distribuido por las calles de Manila, que la "sangrienta represión registrada el martes pasado supera inclusive las del régimen de Marcos", y que ella "ha revelado el verdadero rostro del gobierno aquino".

Además, según los rebeldes, el reciente intento de golpe es únicamente el resultado de "la lucha entre grupos dentro de la clase dirigente", y que análogas rebeliones están destinadas a repetirse.

COMPLICE DE MARCOS

MIAMI, (Florida, EE.UU.), 30 (EFE). — El conocido como "mercader de la muerte", el traficante de armas libanés Sarkis Soghanalian, que vive en Miami Beach, fue uno de los cómplices del expresidente Ferdinan Marcos en su fracasado intento de regresar a Filipinas esta semana, dijeron fuentes gubernamentales.

Soghanalian fue quien aportó el Jumbo 707 con el que Marcos pretendía abandonar su exilio de Honolulu para regresar a su país, donde el gobierno de la presidenta Corazón Aquino se enfrentó a una nueva intentona de golpe de estado.

El avión, alquilado a la compañía de vuelos Charter de Miami, Pan Aviation, que dirige el hijo de Soghanalian, Garobet, regresó anoche a esta ciudad desde Hawai, después de que el gobierno norteamericano, alertado por el cónsul filipino en Honolulu, impidió la salida de Marcos.

Soghanalian, de 57 años, que llegó en ese vuelo, dijo a la prensa que el gustaba Marcos y que le gustaría verlo de regreso a su país.

"Tengo gran admiración por ese hombre porque es anti-comunista", comentó Soghanalian, de quien se dice es el mayor traficante de armas del mundo. "Haría cualquier cosa que me pidiera siempre que no comprometiera los intereses de EE.UU.", añadió.

Originario de Turquía y de nacionalidad libanesa, Soghanalian reside en Miami Beach en una lujosa mansión, valorada en 750.000 dólares (unos cien millones de pesetas) localizada en Hibiscus Island, un islote residencial en la Bahía de Biscayne.

Filipinas

LA HORA 28/1/87

Presidenta Aquino superó el golpe y se prepara para vencer en referendo

Manila (PL). La presidenta Corazón Aquino salió airosa de una nueva intentona golpista que perseguía como objetivo inmediato impedir la realización del referendo constitucional convocado para el próximo dos de febrero.

La asonada castrense fue frustrada tras rápida intervención de las Fuerzas Armadas leales a Aquino a un costo mínimo de pérdidas humanas: un muerto y treinta heridos.

Los complotados, calculados en 500 militares, ocuparon las bases militares de Villamor y la de Stangley, además del complejo que incluye Radio DZBB y el canal Siete de la televisión en Quezón.

Este es el tercer intento golpista que enfrenta Aquino desde que asumió el poder en febrero pasado, todos dirigidos por grupos de militares partidarios del ex mandatario Ferdinando Marcos.

El primero ocurrió el 6 de julio pasado cuando un grupo de militares encabezados por el ex parlamentario Arturo Tolentino ocupó el hotel Manila y proclamó un gobierno provisional.

En noviembre pasado, cuando Aquino realizaba una visita a Japón en busca de apoyo financiero, el ex ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, presidió una conspiración, desarticulada por las Fuerzas Armadas.

Pero no sólo Aquino enfrentó esos intentos sediciosos, sino que sorteó diversas maniobras tendientes a restarle votos a su proyecto de Constitución, que de ser aprobado la mantendría en el poder hasta 1992.

Diversos medios coinciden en que militares marquistas infiltrados en las Fuerzas Armadas abrieron fuego contra una pacífica manifestación de campesinos la pasada semana y dieron muerte a 15 participantes.

Aquino, de 53 años de edad, parece decidida a continuar al frente de un país con dos millones y medio de desempleados, un cuarenta por ciento de subempleo (de una población de 56 millones) y un 70% de los filipinos viviendo en la pobreza.

Actualmente rige en el país un cese del fuego por sesenta días pactado por el gobierno y las fuerzas insurgentes, que desde hace 18 años luchan por cambiar la situación filipina. Ahora continúan interrumpidas las conversaciones entre el gobierno y el Frente Democrático Nacional, que agrupa a trece organizaciones progresistas, y se acerca la fecha, el 8 de febrero en que vence la tregua con los guerrilleros.

Esos hechos llevan a la certidumbre de que febrero será para Aquino un mes de nuevas pruebas y de no pocos escollos que librar.

La Hora

19/1/87

FILIPINAS: CESE AL FUEGO EN MINDANAO AL LLEGAR AQUINO

Manila (PL) - El gobierno y los insurgentes musulmanes acordaron un cese del fuego en Mindanao poco después de la llegada a la ciudad de Iligan de la presidenta de Filipinas, Corazón Aquino.

La tregua pone fin provisionalmente a cinco días de combates entre el ejército y el Frente Nacional de Liberación Moro (FNLM), que aspira a la autonomía de esa isla meridional del archipiélago filipino.

Durante esos encuentros murieron más de cincuenta personas y se originaron decenas de heridos.

LA PRENSA 26/1/87

Aquino y un festejo en medio de su peor crisis de gobierno



(Radiofotografía de Reuter)
A pesar de los difíciles momentos, la presidenta Aquino recibe el apoyo de sus seguidores

Manila, 25 (UP) — La presidenta Corazón Aquino cumplió hoy 54 años de edad en medio de la crisis más severa de su gobierno, a raíz de la matanza de manifestantes frente al Palacio Presidencial y el fracaso de las negociaciones de paz con la guerrilla comunista.

El cardenal de Manila, Jaime Sin, responsabilizó hoy por la matanza a la inhabilidad gubernamental de implementar las reformas agrarias, pero apeló al pueblo filipino a mantener la calma.

"La pérdida de vidas fue debido en gran medida a que el antiguo problema de la reforma agraria aún no ha sido resuelto", apuntó.

Sin pidió al gobierno que "preste atención de manera urgente" a la reforma agraria.

Pero, en otro golpe al gobierno de la presidenta Aquino, más de la mitad de la Comisión de Derechos Humanos de la presidenta renunció hoy en protesta por la matanza.

Infantes de Marina abrieron fuego el jueves contra miles de manifestantes que *marchaban frente* al Palacio Presidencial, causando la muerte de por lo menos 12 personas e hiriendo a otras 106.

Aquino creó la comisión para que investigara las violaciones de los derechos humanos durante el gobierno del ex presidente Ferdinand Marcos.

Unos 20.000 izquierdistas tienen previsto realizar mañana una marcha del "Día Nacional de Indignación", hasta el Palacio Presidencial de Malacanang, donde Aquino tiene sus oficinas.

También se planearon manifestaciones y paros laborales alrededor del país...

12/12

Filipinas

8702326

037

Filipinas



Pueblo vs. Ejército

MANILA, 3 (EFE).— A pesar de la aplastante mayoría de filipinos que ayer dijo "sí" a la nueva Constitución, el cómputo final de las papeletas en los cuatro acuartelamientos de Manila presagia un claro divorcio entre el gobierno y el ejército.

Según datos oficiales aún no definitivos, el 79 por ciento de los participantes en el plebiscito constitucional celebrado ayer votó afirmativamente.

Sin embargo, los militares de la base aérea de Villamor, sede del cuartel general del aire, y los del cuartel general del ejército, que alberga al ministerio Defensa, rechazaron mayoritariamente la Constitución que legaliza el mandato de Cory Aquino hasta 1992.

En los cuarteles de Camp Crame, de la policía constabularia, y en el de Fort Bonifacio, del Ejército de tierra, el único en el que votaban las familias de los militares, el recuento favoreció al voto afirmativo por mínimos porcentajes.

El propio viceministro de Defensa, Wilson Gamboa, admitió hoy que presumiblemente en los resultados del plebiscito en Camp Crame y Fort Bonifacio influyó la presencia de electores civiles.

Gamboa añadió que el intento del golpe de estado registrado la semana pasada contribuyó a que la nueva Carta Magna fuese ratificada.



01/01 8702357

037

La Nación 24/1/87

Filipinas

Tensión en Filipinas

MANILA, 23 (UPI). - La presidenta Corazón Aquino prohibió hoy a los infantes de marina que se encarguen de la seguridad durante protestas contra el Gobierno, después de que el jefe de las fuerzas armadas admitiera que las tropas habían "reaccionado con exceso" durante un enfrentamiento cerca del palacio presidencial, que dejó un saldo de 12 muertos.

El secretario de prensa de la presidencia, Teodoro Benigno, describió a la presidenta como "profundamente apenada y psicológicamente berida" por la represión de ayer, cuando los efectivos abrieron fuego contra los manifestantes.

El portavoz dijo que Corazón Aquino presidió una reunión de sus asesores militares y civiles y se mostró dispuesta a "bacer justicia".

Por lo menos 12 personas resultaron muertas y 106 beridas cuando los soldados dispararon cuando unos 10.000 manifestantes estaban acercándose al palacio, en una marcha para exigir que se implemente la reforma agraria prometida por la presidenta.

Cuatro de los beridos se hallan en condiciones graves, entre ellos un bombre declarado "cerebralmente muerto".

8702358

01-01

Admiten que hubo excesos en la represión contra manifestantes en Manila

Manila, 23 (UP, ANSA y EFE) — La presidenta Corazón Aquino prohibió hoy a los infantes de marina que se encarguen de la seguridad durante protestas contra el gobierno, después que el jefe de las Fuerzas Armadas admitiera que las tropas habían "reaccionado con exceso" durante un enfrentamiento cerca del Palacio Presidencial, que dejó un saldo de 12 muertos.

En un comunicado del Estado Mayor, el general Fidel Ramos criticó abiertamente la actuación de las fuerzas de seguridad que dispararon indiscriminadamente contra unos 10.000 campesinos.

"Se ha observado que las fuerzas de seguridad reaccionaron con desmesura ante la situación", reza el comunicado de Ramos, en el que se lamenta, además, la "falta de diálogo" por parte de los dirigentes de la marcha, "que fueron invitados a dialogar y no acudieron".

Pesar de la presidenta

El secretario de prensa de la presidencia, Teodoro Beningo, describió a la presidenta como "profundamente apenada y psicológicamente herida" por la represión de ayer, cuando los efectivos abrieron fuego contra los manifestantes.

El portavoz afirmó que Corazón Aquino presidió una reunión de sus asesores militares y civiles y se mostró dispuesta a "hacer justicia".

Por lo menos 12 personas resultaron muertas y unas 106 heridas cuando los soldados dispararon contra unos 10.000 manifestantes que estaban acercándose al palacio, en una marcha para exigir que se implemente la reforma agraria prometida por la presidenta.

Cuatro de los heridos se hallan en condiciones graves, entre ellos un hombre declarado "cerebralmente muerto".

Advertencia

El arzobispo de Manila, cardenal Jaime Sin, advirtió sobre una situación "extremadamente volatil" e hizo un llamado a la "restricción y la prudencia".

El cardenal recordó que la Constitución sujeta a referéndum popular el 2 de febrero prevé la reforma agraria que ayer reclamaban los manifestantes pero añadió que en las circunstancias presentes la señora Aquino "tiene otras y más importantes prioridades a las que hacer frente".

Mientras Aquino enfrentaba críticas por el peor incidente de violencia política desde que asumió la presidencia hace 11 meses, grupos izquierdistas afirmaron que su gobierno no era mejor que el del ex presidente Ferdinand Marcos. Al mismo tiempo, la derecha lanzó una nueva campaña para desacreditarla.

Un aliado cercano del destituido ministro de defensa Juan Ponce Enrile, difundió hoy una grabación de 20 minutos de una conversación telefónica que Aquino había mantenido con altos asesores, en que se vertían dudas sobre la integridad de la nueva Constitución que ella confía en que será ratificada en un plebiscito el 2 de febrero.

La cinta se refería a la oposición norteamericana a la prohibición del abastecimiento de buques con armas nucleares. Los Estados Unidos mantiene bases militares en las Filipinas.

Aquino indicó su preocupación de que tal prohibición constitucional pusiera en peligro los esfuerzos para lograr ayuda de Wáshington.

A pesar de los informes, un portavoz del gobierno señaló que Aquino reanudará mañana su campaña por el "sí" en el plebiscito.

01·01

8702359

037

037

Filipinas

El Ejército filipino reanudó operaciones

MANILA. — Tropas filipinas reanudaron ayer su guerra de 18 años contra los rebeldes comunistas lanzando operaciones para prevenir ataques guerrilleros, menos de 24 horas después de expirar el cese el fuego que mantuvo silenciosas las selvas filipinas durante 60 días.

A pesar de su desilusión por el súbito final del acuerdo de tregua, la presidenta Corazón Aquino impulsaba su campaña de reconciliación nacional en otro frente.

Otro esfuerzo

En los suburbios de Manila y bajo fuertes medidas de seguridad comenzaron conversaciones entre el gobierno y los separatistas musulmanes, que mantienen una guerra de 14 años que ha costado ya más de 60,000 vidas.

El gobierno mostró optimismo sobre estas negociaciones, aunque sólo dos de las cinco facciones musulmanas del Frente Moro de Liberación Nacional, participaron en la reunión inaugural.

El jefe de los negociadores del gobierno y cuñado de la presidenta, Agapito Aquino, encabezó la comisión gubernamental.

Se espera que en la reunión los musulmanes presenten su propuesta de crear un estado autónomo en la sureña isla de Mindanao, donde se inició la batalla separatista.

El jefe de las Fuerzas Armadas, Fidel Ramos, dijo que las operaciones del Ejército en las selvas tenían como objetivo capturar miembros de las guerrillas comunistas del Ejército del Nuevo Pueblo, quienes lanzaron una ofensiva general de cuatro provincias desde tres días antes de ayer, cuando expiró el acuerdo de cese el fuego.

"Las operaciones de las Fuerzas Armadas están relacionadas a la ofensiva guerrillera que comenzó antes de terminar el cese el fuego", dijo Ramos.

Añadió que el Ejército está también realizando operaciones contra campamentos guerrilleros en prevención de posibles ataques rebeldes.

El Día 10/2/87

037 Filipinas

LA MAÑANA 8/2/87

El primer cese de fuego en 18 años expiró en Filipinas

DN

El primer cese de fuego en 18 años de hostilidades entre el gobierno y rebeldes comunistas expiró ayer, acusándose ambos lados de incumplimientos.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Las unidades militares filipinas fueron puestas en alerta en espera del reinicio de acciones militares en las selvas, pero no hubo informes inmediatos de violencia al expirar el cese de fuego al mediodía de ayer (hora de Filipinas).

El ejército dio a conocer lo que dijo era un documento secreto comunista demostrando que los rebeldes aca aron el cese de fuego sólo como un "gran diseño de engaño".

Teofisto Guingona, quien representó al gobierno en las negociaciones de paz con los rebeldes, dijo que la Presidenta Corazón Aquino quería extender el cese de fuego y seguir las conversaciones, pero que los comunistas establecieron "injustificadas y presuntuosas condiciones" para regresar a la mesa de negociaciones.

Guingona dijo que el colapso de las conversaciones se debió a que los comunistas de línea dura están "diametralmente opuestos" a los deseos del pueblo.

CONDICIONES EXCESIVAS

"El gobierno mantendrá abierta la puerta a la paz", dijo Guingona en conferencia de prensa en el Palacio Presidencial Malacañang. "Seguiremos buscando la reconciliación, pero nunca cederemos a condiciones excesivas".

Por su parte, el Frente Democrático Nacional encabezado por los comunistas emitió una declaración el sábado acusando al ejército de "flagrantemente subvertir y violar" la tregua. Le pidió al pueblo que "lleven a cabo luchas militantes incesantes".

Guingona dijo que el gobierno tratará de negociar acuerdos de cese de fuego con comités regionales y rebeldes individuales en lo que opositores calificaron como una estrategia de "divide y vencerás".

Los comunistas abandonaron las conversaciones de paz el 22 de enero luego de que 13 personas murieron durante una manifestación frente al palacio presidencial. Los dos lados no llegaron a ningún acuerdo antes de que las conversaciones se desplomaran.

"Las negociaciones de paz iniciales han fracasado y la responsabilidad por el fracaso recae sobre el gobierno", dijeron los comunistas.

"El cese de fuego expiró ayer porque el FDN no quería hacerle caso al llamado y el deseo del pueblo", dijo Guingona.

POCO LEGIBLE

ARCHIVAR EN: Filipinas (037)

TEMA: The Philippines: Referendum on the Draft Constitution

PROCEDENCIA: Enlace Sudáfrica 5/3/87 (0458/87)

ARCHIVADO EN: Enlace Sudáfrica (135)

8702373

01/01

037

Filipinas

Atacan a Davao

Filipinas: respuesta comunista

23

13/III/87

MANILA (ANSA, EFE y UPI).— Los rebeldes comunistas, en respuesta a la "luz verde" que la presidenta Corazón Aquino dio al ejército, lanzaron ayer violentos ataques contra la segunda ciudad más importante de las Filipinas, haciendo subir a 50 el número de muertos luego del terminó de la tregua.

En el cuarto día desde que expiró el cese del fuego de 60 días, la presidenta también confrontó un dolor de cabeza político presentado por 10 miembros de la oposición, incluyendo el depuesto ministro de Defensa Juan Ponce Enrile, para las elecciones legislativas del 11 de mayo.

El grupo opositor, esperanzado en perturbar el programa legislativo de Corazón Aquino al ganar la mayoría de las bancas del Congreso, pidió "reglas universales de juego limpio". Las demandas incluyen igual acceso a los medios de comunicación estatales y representación en la comisión de elecciones.

En Davao los rebeldes lanzaron dos granadas contra un cuartel policial en el centro de la ciudad.

La Nación

01 - 01

8702503

CLARIN 12/2/87

REPORTAJE A UN COMANDANTE GUERRILLERO FILIPINO

"No controlan a las FF.AA."

CATUBIG, 11 (Por **Mark Fineman**, de "Los Angeles Times", especial para **Clarín**). — Un día antes de expirar esta semana el cese del fuego pactado por los rebeldes con la presidenta **Corazón Aquino**, el veterano jefe guerrillero solo pensaba en volver a combatir. El comandante Puling, como se hace llamar, habla por la radio de frecuencia V.H.F., algo a lo que todavía no ha accedido el ejército regular, en medio de la selva esta madrugada. Desea comunicarse con el Tercer Frente de Combate de las fuerzas comunistas. El Tercer Frente **equivale en tamaño a un batallón militar completo** y es solo una de las doce unidades rebeldes diseminadas por todo el país.

Durante los dos meses de tregua, que acabaron el domingo, los hombres de Puling recorrieron la provincia de Samar del Norte en busca del lugar más indicado para un curso de entrenamiento que durará un mes: se trata de un claro de 8.000 metros cuadrados, rodeado por aldeas civiles leales, en su totalidad, a los comunistas. En este campamento rebelde podemos comprobar los inmensos beneficios que obtuvo la guerrilla con el cese de fuego, un medio por el cual Corazón Aquino esperaba, sin fortuna finalmente, dividir y conquistar a la guerrilla de mayor y más rápido crecimiento en todo el continente asiático. Se estima que hay 23 mil rebeldes comunistas en la actualidad.

El Nuevo Ejército del Pueblo (NEP) invitó a un periodista del "Los Angeles Times" al campamento para ofrecerle algunos reportajes. El viaje incluyó doce horas de travesía en una canoa y algunas más de caminata en medio de la selva. Estas fueron las declaraciones de los rebeldes entrevistados.

● El balance de la guerrilla

La política de atracción de la presidenta, quien ofrece dinero y tierras a los rebeldes que abandonen la lucha armada, **ha fracasado hasta el momento**. No solo los integrantes del NEP están más entregados a la causa que antes, además la jefatura ha **amenazado con la ejecución de quienes rindan sus armas.**

Pese a las afirmaciones de Aquino, en la isla de Samar, en la región de Bucol, en la isla de Luzón, en Mindanao y en otras zonas estratégicas del archipiélago donde la guerrilla es muy fuerte, **el número de rebeldes ha aumentado considerablemente**. La guerrilla habría alistado a muchos más combatientes de los que se rindieron durante la tregua.

Lejos de haberse dividido, según declara el gobierno, los líderes políticos del Partido Comunista y los comandantes del NEP están mucho más unidos que antes de la tregua. Pese a que la mayoría de los rebeldes entrevistados habrían desechado personalmente la propuesta de treguas regionales, todos dijeron que las decisiones solo serían tomadas a nivel de los líderes nacionales del partido en Manila.

Los rebeldes aprovecharon la tregua para **producir armas nuevas y más eficaces**, entre ellas lanzamisiles caseros. Varias unidades de guerrilla poseen hoy minas de fabricación local, algunas de las cuales fueron usadas en la apertura de la ofensiva rebelde el viernes pasado, en el norte de la provincia de Kalinga-Apayao. El comandante de Samar dijo a este enviado que **las minas serán empleadas con regularidad** a partir de ahora.

Aunque los líderes guerrilleros admiten no haber trabajado en contra de la popularidad de "Cory" Aquino, han usado la tregua para fortalecer los contactos con el campesinado y también con un grupo que los respalda cada vez más... Se trata de empresarios y **comerciantes rurales a quienes** [illegible] "**la pequeña burguesía**".

Por oposición, en muchas [illegible] la guerrilla es popular, las fuerzas armadas [illegible] no han llevado a cabo las "**actividades** [illegible] **no-militares**" con la intensidad que habían prometido, en un esfuerzo por conquistar "**el corazón y la conciencia**" del campesinado durante la tregua. En lugar de visitar aldeas remotas y construir nuevas carreteras y escuelas, **la clase militar se dedicó a prácticas de tiro, entrenamiento de supervivencia y acontecimientos sociales.**

Uno de los eventos sociales más curiosos fue el baile por la "**paz**" organizado por el Rotary Club de Catarman, el 26 de diciembre, **cuando rebeldes y soldados regulares** depusieron las armas **para bailar en la misma pista durante horas.** Organizado por el comandante de las tropas regulares de la región, el baile repitió la situación de una serie de partidos de tenis, donde las tropas oficiales enfrentaron a los principales líderes comunistas de la zona.

Los jefes guerrilleros aseguran que el comandante, Federico Ruiz, debió rodear las canchas de tenis con fuerzas de seguridad y que el baile de Navidad no fue prueba de cooperación sino de las profundas divisiones en el seno de la sociedad de Samar. El comandante Philip, nombre de guerra de este joven rebelde del NEP, asegura que esa noche "**nosotros estábamos en una punta del salón con toda la gente, mientras los militares estaban solos en otra punta. Allí se podía ver lo aislados que ellos están**".

El comandante Philip es el jefe de operaciones del NEP en el norte de Samar. Este joven de 29 años, de alto nivel cultural y ex seminarista, abandonó la fe para internarse en la selva hace cinco años. "**Cada vez es más claro que Aquino no controla a sus militares**".

Philip concluye que la presencia de Aquino ha modificado la estrategia comunista: "**Hemos comprendido que no podemos ganar la revolución con el campesinado exclusivamente. Debemos abrirnos a las fuerzas medias**, a la pequeña burguesía. **Queremos que el nuestro sea un ejército popular, no un ejército campesino**".

01 01

8702508

PARTES ILEGIBLES

LA PRENSA ◇ Miércoles 11 de febrero de 1987

Filipinas

Filipinas: 14 muertos por la violencia guerrillera

Manila. 10 (UP) — Tropas gubernamentales y guerrilleras comunistas chocaron hoy por primera vez desde que terminó el cese del fuego. en combates que causaron la muerte de 14 personas.

Las Fuerzas Armadas informaron que en el enfrentamiento murieron 11 rebeldes. un teniente del Ejército y dos civiles.

Mientras tanto, la presidenta Corazón Aquino intentó mejorar las relaciones gubernamentales con las Fuerzas Armadas —compuestas por 250.000 miembros— asegurando a oficiales descontentos que ella no tenía simpatizantes comunistas en su gobierno y que todos sus asesores eran anticomunistas.

Los últimos choques entre las tropas gubernamentales y guerrilleras comunistas se registraron en Namulandayán. una aldea dominada por la guerrilla filipina en las afueras del pueblo de Lupao. casi 145 kilómetros al norte de Manila.

Unos 50 guerrilleros se enfrentaron a una compañía de soldados en un choque que duró una hora. hoy en la aldea. 48 horas después que se suspendió una tregua sin precedentes entre el gobierno y las fuerzas rebeldes.

El comandante regional. brigadier general Eugenio Ocampo. informó que los rebeldes se perdieron entre los residentes que huían presas del pánico al encontrarse en medio del tiroteo.

En otro informe. las autoridades informaron que la guerrilla mató a cuatro civiles —un dirigente de una aldea. su esposa. su hijo y su nuera— el lunes en el pueblo costero de Padada en la sureña isla de Mindanao.

El secretario de prensa de la Presidencia. Teodoro Benigno. dijo que los oficiales militares presentaron a Aquino sus quejas —incluyendo una baja paga y la preocupación por la existencia de funcionarios izquierdistas en el gobierno.

Filipinas

Predicción de Ponce Enrile

MANILA, 27 (EFE). - Si el Gobierno no frena la actual tendencia de crecimiento de la guerrilla comunista, en los próximos cinco años alcanzaría la fuerza suficiente para declarar una guerra convencional contra las fuerzas gubernamentales, manifestó el ex ministro filipino de Defensa Juan Ponce Enrile.

Este explicó que si no se toman medidas acertadas y a tiempo, la guerrilla podría llegar a tener tres divisiones armadas y operar como un ejército regular.

Aunque por ahora el problema está controlado, si se rebelan al mismo tiempo los separatistas musulmanes de la sureña isla de Mindanao y los insurgentes comunistas, la situación sería "muy peligrosa" en todo el país, precisó.

Canarias 28/2/87

2599

Filipinas

Reanudan en Filipinas operaciones militares

Manila, 9 (UP) — Tropas filipinas reanudaron hoy su guerra de 18 años contra los guerrilleros comunistas, lanzando operaciones para prevenir ataques guerrilleros, menos de 24 horas después de expirar el cese al fuego que mantuvo silenciosas las selvas filipinas durante 60 días.

Campaña en otro frente

A pesar de su desilución por el súbito final del acuerdo de tregua, la presidenta Corazón Aquino impulsaba hoy su campaña de reconciliación nacional en otro frente.

En los suburbios de Manila y bajo fuertes medidas de seguridad comenzaron conversaciones entre el gobierno y los separatistas musulmanes, que mantienen una guerra de 14 años que ha costado ya más de 60.000 vidas.

El gobierno mostró optimismo sobre estas negociaciones, aunque sólo dos de las cinco facciones musulmanas del Frente Moro de Liberación Nacional participaron en la reunión inaugural.

El jefe de los negociadores del gobierno y cuñado de la presidenta, Agapito Aquino, encabezó la comisión gubernamental.

Propuesta musulmana

Se espera que en la reunión los musulmanes presenten su propuesta de crear un estado autónomo en la sureña isla de Mindanao, donde se inició la batalla separatista.

El jefe de las Fuerzas Armadas, Fidel Ramos, indicó que las operaciones del Ejército en las selvas tenían como objetivo capturar miembros de las guerrillas comunistas del "Nuevo Ejército del Pueblo", quienes lanzaron una ofensiva general en cuatro provincias desde tres días antes de ayer, cuando expiró el acuerdo de cese al fuego.

"Las operaciones de las Fuerzas Armadas están relacionadas con la ofensiva guerrillera que comenzó antes de terminar el cese al fuego", afirmó Ramos.

Prevención de posibles ataques

Añadió que el Ejército está también realizando operaciones contra campamentos guerrilleros en prevención de posibles ataques rebeldes.

"Si no actuamos ahora, los civiles correrán más peligro", dijo Ramos desde un campamento de entrenamiento en el pueblo de Tanay, a 40 kilómetros al este de Manila.

A pesar de su tono de dureza, Ramos repitió que el gobierno mantiene las puertas abiertas para reanudar las conversaciones de paz con los rebeldes comunistas.

El general de brigada Restituto Padilla, jefe de la séptima división de Infantería, expresó que se analizarán caso por caso los intentos de cese al fuego en cada localidad y que la respuesta militar contra los rebeldes "será el último recurso".

La Prensa 10/2/87

Filipinas

LA PRENSA ◆ Jueves 12 de febrero de 1987

Entró en vigor la nueva Constitución en Filipinas

Manila, 11 (UP) – La presidenta Corazón Aquino firmó y declaró en vigor la nueva Constitución hoy, poniéndole fin a la naturaleza revolucionaria de su gobierno y haciendo recaer el peso de la legislación sobre un Congreso al estilo estadounidense que será elegido en mayo.

En el norte de las Filipinas, la insurgencia comunista aumentó su actividad cuando 20 guerrilleros dieron muerte a dos policías y un guardia de seguridad en la planta termoeléctrica Dendro, 230 kilómetros al noroeste de Manila, indicó la Agencia de Noticias Filipina.

Los informes de bajas aumentaron a 28 el número de muertos desde que el domingo finalizó el acuerdo de cese al fuego de 60 días entre el gobierno y los rebeldes comunistas.



(Radiofotografía de Reuter)

La presidenta Corazón Aquino estrecha la mano del vicepresidente Salvador Laurel, después de promulgar la nueva Constitución filipina

Restauración democrática

La nueva Constitución, aprobada la semana pasada por un abrumador margen en votación popular que se interpreta como la mayor victoria del gobierno de la señora Aquino desde que asumió el poder hace poco menos de un año, restaura la democracia total por primera vez desde que el depuesto presidente Ferdinand Marcos comenzó su gobierno autoritario en 1972.

"Un orden político gobernará ahora la forma como trabajamos juntos hacia fines comunes, como un solo pueblo, y para resolver nuestras restantes diferencias en una forma pacífica y democrática", declaró la presidenta en una ceremonia televisada a todo el país desde el palacio presidencial Malacanang.

Vistiendo un traje de color pastel suave, la señora Aquino firmó varias copias de la Constitución. Después puso su mano izquierda sobre una Biblia sostenida por su hija, María Elena, y juró lealtad a la Constitución ante el juez presidente del Tribunal Supremo, Claudio Teehankee.

Luego de declarar la Constitución "debidamente ratificada por el pueblo filipino y por tanto, en vigor", la señora Aquino dirigió a su gabinete y todos los miembros del tribunal supremo a tomar el juramento de lealtad.

La presidenta Aquino, cuyo mandato de seis años, establecido por la Constitución, expirará el 30 de junio de 1992, viajó luego al campamento Aguinaldo, el cuartel militar general, para tomarle el juramento a 400 oficiales, incluyendo el jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos.

La señora Aquino expresó que el gobierno tratará de lograr acuerdos regionales de cese al fuego, la recuperación económica y la rehabilitación de los rebeldes, pero que el Ejercito no debe vacilar en atacar a los insurgentes en acción.

"El cese al fuego ha terminado. Envíen este mensaje a todas nuestras tropas para que ninguno se engañe y se relaje sobre su peligro y el de la gente a quien tiene que proteger", señaló la presidenta a los oficiales.

Juramentos militares

El ministro de defensa, Rafel Ileto, afirmó que las Fuerzas Armadas, de 250.000 personas prestarían similares juramentos en ceremonias a través de todo el país, a no más tardar el lunes. Un cuarenta por ciento de los militares votaron en contra de la nueva Constitución, según los resultados oficiales.

Ramón Felipe, presidente de la comisión de elecciones, le presentó los resultados del plebiscito constitucional celebrado el 2 de febrero a Aquino, diciendo que simbolizan "la rededicación de nuestro pueblo a la justicia, libertad y democracia".

Los resultados oficiales finales arrojaron un total de 17.059.495 votos "sí", o un 76.37 por ciento, contra 5.058.714 votos "no", o un 22.65 por ciento. Las abstenciones totalizaron 220.235, o el 0,98 por ciento.

La Constitución, octava desde la revolución contra los colonizadores españoles en 1892, revive el sistema presidencial al estilo de Estados Unidos, que fue desmantelado cuando Marcos declaró ocho años de ley marcial en setiembre de 1972.

Marcos fue derrocado por un movimiento militar apoyado por los civiles el 25 de febrero de 1986 y, un mes más tarde, Aquino anunció el establecimiento de un gobierno estilo revolucionario y abolió la Constitución de 1973 que había perpetuado el gobierno autoritario de Marcos con un Parlamento incondicional.

037
Filipinas

El Día 14/2/87

Rebeldes de Filipinas contra oferta oficial

MANILA. — Los rebeldes comunistas del "Frente Democrático Nacional" (FDN) de la isla de Mindanao rechazaron ayer las ofertas del gobierno de la señora Corazón Aquino para la reanudación de las negociaciones de paz a nivel regional.

La decisión de los rebeldes de [illegible]nao, la segunda isla en orden de tamaño del archipiélago filipino, fue anunciada después de una semana de consultas entre exponentes [illegible] FDN a nivel local y nacional. La decisión indica que las intenciones gubernamentales de continuar a pesar de todo en la búsqueda de [illegible]z, están destinadas a encontrar serias dificultades.

Contemporáneamente, también en Mindanao, uno de los grupos de los irredentistas islámicos, los "reformistas" del "Frente Nacional de Liberación Moro" (MNLF), amenazaron boicotear el próximo encuentro con el gobierno [illegible]diente a discutir la concesión de formas de autonomía a la mayoría musulmana de la isla, integrada por unos 5 millones de personas (el resto del país es en su mayoría católica).

La primera reunión entre las partes se llevó a cabo el lunes 9 pasado con la presencia de los representantes del gobierno, de los "reformistas" y del "Frente Nacional de Liberación Moro" propiamente dicho, encabezado por Nur Misuari y representante de la mayor parte de los rebeldes islámicos en el sur de Filipinas.

Indagación

El [illegible] las Fuerzas Armadas filipinas, [illegible]mos, ordenó [illegible] investigación contra militares que pre[illegible]mamente violaron los derechos humanos [illegible] la lucha contra los rebeldes comunistas.

[illegible] diario independiente "Philippine Star" dijo que el [illegible] grupo de soldados dio muerte a casi todas las personas que estaban dentro de [illegible] casa

PARTES ILEGIBLES

01 - 01

8702?52

087 Filipinas

"La tregua finalizó... y la historia decidirá quién será acusado

Aquino autorizó reanudación de las operaciones antiguerrilleras



MANILA.- La Presidenta Corazón Aquino conversa con el jefe de estado mayor, General Fidel Ramos, (izq.), el general Daciana y el coronel Go. Aquino dio órdenes a su ejército de reanudar la guerra contra los rebeldes comunistas. (Radiofoto Reuter).

La Presidenta de Filipinas autorizó ayer a las Fuerzas Armadas para que inicien las operaciones ofensivas contra la guerrilla comunista, tras el colapso de las conversaciones de paz y la expiración del alto el fuego, el pasado domingo.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- "La tregua se terminó... y la historia decidirá quién deberá de ser acusado por darle fin", declaró ayer Corazón Aquino en una reunión con cerca de medio millar de oficiales en el cuartel de Camp Aguinaldo, sede del Ministerio de Defensa, informó la agencia oficial PNA.

Al reanudarse las operaciones antiguerrilleras, Corazón Aquino espera que las tropas gubernamentales mantengan una conducta de honor y humanidad contra el enemigo, al mismo tiempo que deberán cuidar al máximo la seguridad de la población.

Sin embargo, la Presidenta dijo que, a pesar del fin del armisticio pactado con la guerrilla comunista, su Gobierno intentará seguir explorando otras posibilidades, a nivel provincial y regional, reforzadas con el programa de reinserción social que empezará a aplicarse en todo el país a partir del próximo 25 de febrero.

"Espero que nuestras tropas reflejen en su conducta los valores por los que luchan: honor, humanidad y los derechos y libertades de la democracia", dijo la Presidenta.

"Por el momento tenemos el compromiso de garantizar la seguridad de los ciudadanos y sus propiedades", explicó la jefa del Ejecutivo filipino después de tomar juramento de lealtad a la nueva constitución a los militares presentes en el cuartel.

El Ejército, añadió Corazón Aquino, luchará por un nuevo orden caracterizado por "el máximo respeto a los derechos humanos. Pero, incluso cuando nos preparamos para la lucha futura, seguiremos rezando para que Dios pueda sacarnos a tiempo del riesgo de la guerra".

DIRECTIVAS POLITICAS EN CHINA

Control del PC en el ejército

PEKIN, 28 (Por **Henry Latour** de "Le Monde" especial para Clarín). — Los periódicos publicaron el jueves 26 de febrero una **"resolución sobre el trabajo político** para el nuevo período **en el seno del ejército"**, adoptada el 27 de enero por la comisión militar del comité central del Partido Comunista Chino (P.C.C.) y acompañada con una circular del partido que convoca a todos los estamentos del P.C.C. **"a su estudio concienzudo"**. Esta es la primera vez que un texto importante indica que China acaba de ingresar en una nueva etapa, empezada con la caída del secretario general, **Hu Yaobang**, a mediados de enero. Y no es simple coincidencia cuando de los militares se trata, cuyo papel está en constante expansión y que son los encargados de la actual coyuntura.

Los objetivos

La resolución insiste en el papel del "pensamiento de Mao Tse-tung", relacionado al marxismo-leninismo, y de la propaganda. La resolución anuncia **"los tres grandes objetivos de la etapa próxima: la construcción moderna socialista, la reunificación del la patria, incluido Taiwan, la lucha contra la hegemonía absoluta y la salvaguarda de la paz mundial"**. Sin precisar su naturaleza, menciona un **"cambio estratégico de la idea directriz de la edificación de nuestro ejército"** que, según señala el texto **"debe quedar bajo la dirección absoluta del partido."** Por último, retoma **la experiencia de los militares**, durante años forzados a acepdar las migajas de la modernización, "de un armamento moderno".

El texto —y el consejo dado a los miembros partidarios de industrias **acerca del sector militar**— viene a cerrar un período duro de diez años, durante los cuales el ejército, demasiado involucrado en la revolución cultural, se mantuvo bajo la supervisión férrea de Deng Xiaoping. El texto parece revisar esa tutela y otorga a los militares un papel más importante en la vida política del país y en las diferentes facciones que se disputan el poder.

Al mismo tiempo, están los documentos internos del partido que datan de principios de año, cuando comenzó a eclosionar la crisis política surgida de las manifestaciones estudiantiles.

Deng, conservador

Dos textos que citan conceptos de Deng, vertidos el 7 y el 15 de enero, fueron dados a conocer a la prensa. Por si era necesario, **confirman el carácter fundamentalmente conservador de Deng**, en especial cuando éste cita como ejemplo a seguir el "estado de sitio" de 1981 en Polonia: "Ellos (los funcionarios polacos) apelaron a ese recurso y dominaron la situación; **esto demuestra que sin dictadura hay cosas que no funcionan bien.** No hay que hablar con ligereza de los métodos de la dictadura, **hay que aplicarlos en el momento preciso"**. Veinticuatro horas después del segundo texto, Hu fue removido de su cargo.

Sobre los diversos aspectos de la política exterior, Deng no oculta su desprecio por el sistema político de EE.UU. "Aquello es una lucha caótica que entraña muchos problemas. Nosotros no podemos aceptar esos métodos. **La lucha contra el liberalismo burgués 'durará' por lo menos veinte años (...).** No podemos permitirnos el fracaso. Ustedes ponen atención a las opiniones provenientes de Taiwan o de los especialistas burgueses extranjeros. Todos requieren de nosotros que entremos en el camino del liberalismo, comprendido el hecho de la liberación de **Wei Jingsheng** (disidente de la "primavera" de Pekín, condenado a quince años de reclusión)... **Dicen que no respetamos los derechos humanos.** Pero lo que nosotros precisamente queremos preservar son las cosas contra las que ellos luchan y que ellos esperan que modifiquemos."

¿Qué se ha hecho del "liberalismo" que floreció en China en los dos últimos años? Dang eligió una **línea autoritaria**, leninista, ya sea por propia decisión o forzado por la corriente conservadora dominante. De todas formas, Deng juzga que lo primordial es que, a los ojos del mundo occidental, China presente una imagen estable.

Aquino ofreció una amnistía total a la guerrilla comunista

Un decreto de amnistía para todos aquellos guerrilleros comunistas que se entreguen en un plazo de seis meses decretó ayer Corazón Aquino, presidenta de Filipinas. La mandataria acordó también una serie de planes de rehabilitación para los rebeldes amnistiados.

MANILA, 28 (EFE). — **La presidenta filipina, Corazón Aquino, decretó hoy una amnistía para todos los guerrilleros que se entreguen en los próximos seis meses.**

El decreto concede la **"plena amnistía para todas las personas que, llevadas por sus credos políticos, hayan cometido o son sospechosas de haber cometido cualquier acto penalizado bajo las leyes existentes".**

La jefe del Estado dio a los insurgentes seis meses para que se entreguen, y señaló que con la amnistía **"las familias podrán reunirse de nuevo y se curarán las heridas de la nación".**

"Cory" Aquino anunció también que el gobierno, **en el Plan de Reinserción Social, tiene preparados centros en todo el país para proveer a los rebeldes amnistiados de todo lo necesario para que asuman "papeles productivos" en la sociedad.**

"Estamos llamados por Jesucristo a ser libres (...) creemos que todos los hombres desean vivir en paz con sus vecinos y que la alegría es la promesa de los que promueven la paz", añadió la jefa del Ejecutivo filipino.

Agencia AFP



La presidenta Corazón Aquino en una revista, acompañada por un alto oficial del ejército filipino. Ayer concedió una nueva amnistía a los guerrilleros.

Por otra parte, **Solita Monsod**, responsable de los programas de Economía y Desarrollo del gobierno de Manila, explicó que los ministerios de Servicios Sociales y de Defensa serán los encargados de desarrollar el programa de rehabilitación.

La ministra de Planificación Económica añadió que el Gobierno está **dispuesto a comprar las armas a los rebeldes comunistas o musulmanes que se entreguen, pagando la mitad en metálico y la otra mitad en "especies".**

La señora **Monsod manifestó que los rebeldes actualmente encarcelados, entre ellos el máximo dirigente del NEP, Rodolfo Salas, no están incluidos en la oferta de amnistía.**

"Nos referimos a los que se entregan voluntariamente, y no a los que han sido capturados", dijo la ministra, según la agencia informativa filipina.

Las últimas estadísticas militares reveladas recientemente por el jefe del Estado Mayor, **general Fidel Ramos**, señalan que por los menos **23.000 guerrilleros comunistas del nuevo ejército del pueblo están armados**, pero se desconocen cifras exactas de los rebeldes musulmanes de la isla meridional de **Mindanao.**

El decreto de amnistía aparece tres semanas después del fin de la tregua de 60 días **que había sido acordada en noviembre pasado entre el gobierno y el Frente Democrático Nacional (F.D.N.) como representante de la guerrilla comunista del nuevo ejército popular.**

Pocos días antes de expirar el alto el fuego, **el F.D.N. había abandonado la mesa de negociaciones por considerar que no existe "ni la más mínima base común" con el gobierno para poder llegar a un acuerdo de paz definitiva** tras casi dieciocho años de insurrección.

Las luchas entre la guerrilla comunista y las tropas gubernamentales se reanudaron el pasado 9 de febrero, y desde entonces han causado ya alrededor de 90 muertos.

"POCO LEGIBLE"

01 - 01

270265

Filipinas

Aquino declaró en vigor la nueva Constitución filipina

MANILA, Filipinas, 11 (UPI).- Corazón Aquino declaró en vigor la nueva Constitución, poniéndole fin a la naturaleza revolucionaria de su gestión, y haciendo recaer el peso de la legislación sobre un Congreso que será elegido en mayo próximo.

Simultaneamente, en el norte del país, la insurgencia izquierdista aumentó su actividad. Una veintena de guerrilleros dio muerte a dos policias y a un guardia de seguridad en una planta generadora de electricidad al noroeste de la capital.

Los informes sobre bajas aumentaron a 28 el número de muertos desde que el domingo último finalizó el acuerdo de cese del fuego que, durante sesenta días, mantuvieron el Gobierno y las fuerzas rebeldes.

Restauración de la democracia

La nueva Carta Magna, aprobada la semana anterior por un abrumador margen en elecciones populares, restaura la democracia total, por primera vez desde que el depuesto presidente Ferdinando Marcos comenzó su gobierno autoritario en 1972. Además, la nueva Constitución es la mayor victoria de Corazón Aquino desde que asumió el poder, hace menos de un año.

"Un orden político gobernara, ahora, la forma de trabajar juntos hacia fines comunes, como un solo pueblo, y para resolver nuestras restantes diferencias en una forma pacifica y democrática", declaró Corazón Aquino desde el palacio presidencial Malacanang.

Juramento de lealtad

Tras declarar la Constitución "debidamente ratificada por el pueblo filipino y, por tanto, en vigor", la señora Aquino tomó a los miembros del Gabinete y a los miembros del Tribunal Supremo el correspondiente juramento de lealtad. Momentos antes, la jefa del Estado, con la mano izquierda colocada sobre una Biblia que sostenia su hija Maria Elena, juró lealtad a la Carta Magna.

Çorazón Aquno, cuyo mandato de 6 años establecido por la Constitución, expirará el 30 de junio de 1992, se trasladó posteriormente al cuartel militar general, para tomarle juramento a 400 oficiales, incluyendo al jefe de las FF.AA., general Fidel Ramos.

"El cese del fuego ha terminado"

"El cese del fuego ha terminado. Envien este mensaje a todas nuestras tropas para que ninguno se engañe acerca del peligro que recae sobre él y la gente a quien tiene que proteger", señaló la mandataria.

El ministro de Defensa, Rafael Ileto, dijo que las FF.AA., de 250.000 integrantes, prestarian similares juramentos, a más tardar, el lunes próximo. Vale recordar que el 40 por ciento de los militares votaron contra la nueva Constitución.

La Constitución, la octava desde la revolución contra los colonizadores españoles en 1892, revive el sistema presidencial al estilo de los Estados Unidos, que fue desmantelado cuando Marcos declaró ocho años de ley marcial en septiembre de 1972.

Marcos fue derrotado por un movimiento militar apoyado por los civiles el 25 de febrero del año anterior y, un mes más tarde, Corazón Aquino anunció el establecimiento de un gobierno de estilo revolucionario y abolió la Carta Magna de 1973, que había perpetuado el gobierno autoritario de Marcos con un Parlamento "sello de goma".

Corazón Aquino renunciará a amplios poderes legislativos con el impe rio de una carta constitucional provisional después que un Congreso bicameral sea elegido el 11 de mayo y se reuna en julio venidero.

037

Filipinas

Adeptos de Marcos podrían ir a un nuevo intento de Golpe

Manila, (PL). Los mandos militares leales a la presidente Corazón Aquino están en estado de alerta ante la amenaza de un quinto intento golpista de antiguos oficiales del depuesto Ferdinando Marcos, se conoció ayer en esta capital.

La conspiración denunciada en la prensa local tiene pocas posibilidades, según el ministro de Defensa, Rafael Ileto, pero un vocero del servicio de inteligencia militar reveló que grupos conservadores retiraron casi cinco millones de dólares de bancos locales, presumiblemente destinados al complot.

Esas mismas fuentes dicen que el plan, fijado para el próximo 25 de febrero, primer aniversario del gobierno de la presidente Aquino prevé, básicamente, ataques y toma de cuarteles en el interior, donde existen guarniciones privadas de terratenientes.

Tales ejércitos privados prevalecieron en los pasados 20 años, durante la etapa de Marcos, cuya administración les suministró armas para reprimir los movimientos campesinos y la lucha insurgente por la reforma agraria, en un país donde el 80 por ciento de sus 56 millones de habitantes radica en las areas rurales.

No se descarta en los mandos leales al gobierno que esté implicado en la actual sedición el coronel de la Fuerza Aérea, Oscar Canlas, quén huyó al interior del país al fracasar el complot del pasado 27 de enero, durante el cual fue ocupado por 72 horas en la zona metropolitana el canal 7 de la televisión.

Sólo un pequeño grupo de militares fue detenido al concluir esos sucesos, lo que motivó que oficiales leales a la jefa del Estado acusaran al jefe del Estado Mayor, general Fidel Ramos, de mantener una actitud débil ante los conspiradores que proliferan en las Fuerzas Armadas.

Los oficiales constitucionales piden reformas en los mandos y han denunicado que aún permanecen en activo en los cuerpos armados elementos ligados al ex presidente Marcos, implicados en malversaciones de fondos gubernamentales o en operativos contra la población civil.

La presidenta Aquino, al anunciar el programa de festejos que se efectuará el próximo 25 de febrero, dijo que su gobierno creará bajo la nueva Constitución, una comisión de derechos humanos que investigará todas las denuncias sobre violaciones a esos principios y los culpables serán castigados.

01-01

8702936

CORAZON AQUINO FUE DESAIRADA

La guerrilla no aceptó la amnistía

Por lo menos tres policías y veinte guerrilleros murieron como consecuencia de nuevos enfrentamientos en Davao, Filipinas. El ataque rebelde se produjo poco antes de que un ex líder del Nuevo Ejército del Pueblo, brazo armado del Partido Comunista, calificó de insuficiente la oferta de amnistía hecha por el gobierno de Corazón Aquino y reclamó reformas políticas más profundas.

MANILA, 1º (AFP, AP y Reuter). — Un ex líder guerrillero filipino dijo hoy que **la oferta de amnistía de la presidenta Corazón Aquino no será suficiente para hacer que los rebeldes comunistas abandonen la lucha armada.**

"No surtirá efecto. Mis [illegible] que están en el [illegible] darán la espalda al [illegible]miento", dijo a los [illegible]stas **Bernabé Buscayno**, cofundador del [illegible] Ejército del Pueblo [illegible].

Buscayno, cuyo nombre [illegible] era **Comandante** [illegible], agregó que la amnistía era un **gesto vacío si** no lo acompañaba de **reformas políticas, tales como la legalización del Partido Comunista.**

"¿Por qué no legalizar al Partido Comunista de las [illegible] y permitir una [illegible] interacción de las [illegible] políticas?", preguntó.

El gobierno no ha descartado una eventual legalización del partido, pero los líderes rebeldes dicen **que no quieren esto si significa renunciar a la lucha armada.**

Ayer, Aquino **ofreció** una amplia amnistía a los rebeldes antigubernamentales si se rinden en un plazo de seis meses. Señaló que los rebeldes que depusieran las armas podrían obtener dinero por ellas y **entrenamiento para encontrar trabajo.**

Un funcionario de la coalición de izquierda **Frente Democrático Nacional (F.D.N.)** dijo que una amnistía por sí sola no ayudaría al logro de un acuerdo **y que el gobierno juzgaba erróneamente al NEP.**

Carolina Malay, quien participó del grupo de coalición en **fracasadas conversaciones de paz** con el gobierno de Aquino, dijo a los periodistas: "Si quieren llegar a un acuerdo político, la táctica de la amnistía no servirá".

"Creo que subestiman **en exceso al ala armada del NEP**, parecen creer que ellos (los rebeldes) van al monte en forma impulsiva, y esto no es así", agregó.

Buscayno, quien se cuenta entre los varios cientos de detenidos políticos liberados por Aquino en marzo pasado, dijo **que** miembros de su izquierdista Partido del Pueblo **se** enfrentan a la posibilidad de **una ofensiva violenta del gobierno**, a medida que crece la **campaña de las elecciones parlamentarias de mayo.**

"Si alguna vez hay violencia, si alguna vez **nuestra** gente pasa a la clandestinidad y los que apoyan al Partido del Pueblo eligen **otra forma de lucha diferente de la parlamentaria**, no será por culpa nuestra sino por la del gobierno", dijo.

La Comisión Electoral modificó el viernes una reglamentación anterior que prohibía al partido participar de las elecciones porque **en su plataforma no se renunciaba a la violencia.**

Buscayno, probable candidato en las elecciones, dijo que su partido presentaría a **ocho candidatos para el Senado de 24 miembros y tenía nominados a unos 140 para 200 bancas en la Casa de Representantes.**

Buscayno **no es el único ex guerrillero con ambiciones políticas.** La ex reina de belleza **Nelia Gómez, de 39 años, que se unió a los rebeldes en 1970, proclamó hoy su candidatura a la Casa de Representantes.**

♦ Enfrentamientos

Por lo menos **tres policías y veinte guerrilleros comunistas murieron** anoche, cuando [illegible] de **milicianos** atacaron un **cuartel policial en las proximidades de Davao, en la isla sureña de Mindanao**, informaron hoy aquí fuentes militares.

El ataque del NEP tomó **de sorpresa a una decena** de policías, que no advirtieron la llegada de los rebeldes a bordo de un autobús y un camión de transporte de bananos.

Tres agentes murieron en el primer contacto con la guerrilla, pero luego un contraataque —del cual se ignoran aún los detalles— culminó con alrededor de **20 bajas entre los atacantes.**

Por otra parte se indicó que otro incidente registrado en Tugbok, suburbio de Davao, terminó con la **muerte de un guerrillero comunista, heridas en** otros tres y la detención de cinco milicianos más.

Quince oficiales de alto rango dijeron hoy que el **jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Víctor Ramos**, enfrentado a fuertes críticas en el seno del ejército, es un **"factor indispensable de cohesión y unidad"** entre los militares.

Los oficiales, entre los que figuran **12 generales en actividad y retirados**, prometen en un manifiesto publicado hoy a toda plana en la prensa local, "sin equivocación ni reservas, **la aceptación total, absoluta y sin condiciones" de la jefatura de Ramos.**

La declaración se produce después de que **algunos** generales retirados emitieran un informe confidencial en el que piden **la destitución de Ramos**, al que acusan de ser **"débil y vacilante".**

"El general Fidel Ramos ha demostrado su capacidad de jefe, bajo las condiciones y **situaciones más difíciles**, de las que surgió siempre como un oficial y un hombre mejor", dice la declaración de los oficiales.

"Es en estos momentos el factor indispensable de cohesión y unidad entre los militares", añade la declaración.

PARTES ILEGIBLES.

037

Filipinas (fichaje)

Aquino reorganiza gobierno

MANILA. — Con el nombramiento de cuatro nuevos ministros, de dos directores generales y del gobernador de Manila ha comenzado ayer la restructuración del gobierno de la presidenta de Filipinas, Corazón Aquino.

Estos nombramientos forman parte de la reorganización que debe llevar a cabo la mandataria filipina tras la dimisión de catorce miembros de su administración para presentarse a las elecciones legislativas del 11 de mayo.

Los nuevos ministros ocuparon las carteras de Justicia, Agricultura, Buen Gobierno y Recursos Naturales, vacantes desde su obligada dimisión para ser candidatos al Senado y al Congreso de Diputados.

El Día 10/3/87

01-01 8702938

Filipinas: 28 muertos y 56 heridos en una jornada de violencia

Nuevamente la violencia protagonizó ayer otra jornada en Filipinas. Por un lado, nueve personas murieron y otras 56 resultaron heridas al estallar una granada en un auditorio público. En tanto, en una emboscada tendida por la guerrilla comunista perecieron siete soldados del ejército. Posteriormente en un enfrentamiento fueron ultimados doce insurgentes.

Agencia Reuter



La presidenta Corazón Aquino y el vicepresidente Salvador Laurel, frente a un busto de Ferdinand Marcos; foto dada a conocer ahora.

MANILA (Reuter y AFP). — La explosión de una granada en un auditorio atestado de personas en el sur de las Filipinas provocó anoche la muerte de nueve personas y heridas a 56, dijo un informe radial.

La transmisión desde la isla de Mindanao dijo que la granada de mano fue arrojada en Margosatubig, en el oeste de Mindanao, durante el momento culminante de una fiesta.

La mayoría de los heridos en el salón, ocupado por unas 5.000 personas, fueron mujeres y niños que resultaron aplastados cuando la multitud trató de huir del lugar.

La información, captada en la norteña ciudad de Mindanao de Cagayan de Oro, dijo que funcionarios del gobierno local habían pedido que se hicieran donaciones de sangre. No se suministró mayor información.

En tanto, al menos 19 personas resultaron muertas ayer jueves en una emboscada tendida por el Ejército Nuevo del Pueblo (guerrilla comunista) al norte de Filipinas, indicó hoy la estatal agencia filipina de noticias.

Al menos siete soldados gubernamentales y 12 insurgentes comunistas murieron en la emboscada y en el posterior enfrentamiento, ocurrido ayer jueves en la norteña provincia de Isabela.

La agencia indicó que 11 soldados resultaron heridos en la celada que se produjo a dos semanas de la expiración del alto el fuego de 60 días entre el gobierno y las fuerzas comunistas.

P.N.A. citó al capitán Pinpin, comandante de la unidad del ejército que fue atacada por el N.P.A., quien afirmó que los rebeldes eran 120 y estaban bien armados.

Fuentes militares en Manila no pudieron confirmar inmediatamente la noticia.

El arzobispo de la ciudad de Cagayán de Oro, en la isla de Mindanao, solicitó hoy al jefe militar de la zona la suspensión de la ofensiva militar contra la guerrilla comunista del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP), en un esfuerzo por prolongar el cese del fuego con las tropas gubernamentales, que expiró el 8 de febrero, e intentar negociar la solución política del conflicto armado en el sur del país a nivel regional.

Monseñor Patrik Cronin, que preside el Comité Nacional del Cese del Fuego en la isla sureña, señaló que la reanudación de las hostilidades entre el ejército y los insurgentes provocará evacuaciones y desplazamientos forzosos de los campesinos en las áreas rurales, agravando la situación de pobreza en la zona.

El prelado filipino añade, en unas declaraciones, que los rebeldes comunistas de Mindanao optaron por continuar con el armisticio desoyendo a los dirigentes nacionales de la guerrilla, que recientemente se retiraron de la mesa de negociaciones con el gobierno de Corazón Aquino.

01-01

8702947

037

Filipinas

Los comunistas tomaron Lubog

MANILA, 17 (EFE). – Unos 120 guerrilleros del Nuevo Ejercito del Pueblo (NEP), brazo armado del Partido Comunista Filipino, ocuparon la localidad de Lubog, en Isabela, 500 kilómetros al noroeste de esta capital, y asesinaron al jefe de la comunidad mientras tomaban como rehenes a todos los habitantes.

En un informe de la policia, el comandante de la zona, Benjamín Aguilar, señaló que las tropas apoyadas por helicópteros persiguen ahora a los terroristas, pero aún se desconoce la suerte que hayan podido correr los civiles retenidos que, se presume, serán utilizados como barreras en el caso de un ataque militar.

Durante combates en el extremo sur de la isla de Luzón, un civil y cuatro soldados fueron asesinados por comunistas, con lo que se eleva a más de medio centenar el número de victimas mortales en atentados perpetrados por los subversivos del NEP contra las fuerzas desde el 8 del actual, fecha en que expiró el alto el fuego.

Mientras tanto, un comunicado del Movimiento Cristianos por la Liberación Nacional acusa al gobierno de Corazón Aquino de tratar a los insurrectos como "criminales comunes", y señala que no es posible parar una guerra ena gran escala en todo el pais entre la reducida elite capitalista y la gran mayoria que conforma el campesinado y los trabajadores.

El Gobierno, precisa este movimiento, "intenta ser centrista entre intereses irreconciliables, prolongando la violencia sistematizada, y al pueblo no le queda otra opción que la de elegir el sendero de la defensa armada".

La Nación 18/2/87

01-01

037

Filipinas

La Nación 10/2/87

Filipinas: atacaron los comunistas

MANILA, 9 (Reuter). - Los rebeldes comunistas mataron hoy a cinco civiles en el primer estallido de violencia luego de una tregua de 60 días, mientras las tropas recibieron órdenes de atacar a los extremistas que ayer lanzaron ataques antes de expirar el cese del fuego.

Un vocero militar dijo que el Nuevo Ejército del Pueblo, comunista, asesinó a cinco civiles de la provincia meridional de Davao del Sur, en un ataque al amanecer. No amplió detalles.

El comandante en jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, dijo que las tropas perseguían a los rebeldes que mataron a cinco soldados e hirieron a otros cinco en un asalto en la provincia norteña de Kalinga-Apayao y a otros que el viernes atacaron dos granjas en el sur.

Persecución

Ramos dijo que las Fuerzas Armadas perseguirían a los "extremistas" -de izquierda y de derecha del espectro político- que persistieran en violar la ley.

El Frente Democrático Nacional, brazo político de los rebeldes, rechazó los pedidos del Gobierno de extender la tregua y reiniciar negociaciones dirigidas a hallar una solución permanente a la insurgencia de 17 años.

"Haremos lo que tengamos que hacer si los extremistas de nuestro país persisten en violar la ley", sostuvo.

Ramos dijo a sus soldados en la inauguración de un centro de entrenamiento militar al oeste de Manila que la extrema izquierda, que nuclea al Frente Democrático Nacional, el Nuevo Ejército del Pueblo y el Partido Comunista con sus frentes, utiliza la violencia para tomar el poder.

Agregó que en la extrema derecha había ciertos grupos que utilizaban dinero y su propio ejército privado "para afianzarse y perpetuarse en posiciones de influencia y obtener ventajas económicas". Ramos no identificó a los grupos.

El general Ramos manifestó que los militares se hallan en el centro de todos los sectores de la sociedad y que han sido "la influencia estabilizadora para nuestro Gobierno y nuestro pueblo durante estos críticos momentos".

El militar sostuvo que la aprobación por los votantes la semana pasada de una nueva Constitución, reflejaba el rechazo del pueblo a esas fuerzas extremistas.

"Para todos los elementos extremistas que se niegan a unirse a la corriente principal de la sociedad, no tenemos recursos excepto utilizar la autoridad que nos fue legalmente conferida por la Constitución y las leyes existentes para proteger a nuestra comunidad y proveer seguridad al público", subrayó.

Entretanto, el negociador rebelde Antonio Zumel dijo que las acciones del Gobierno para aspirar a las treguas regionales "destacan más su insinceridad para trabajar por una paz durable y justa".

037

El pueblo filipino se pronunció por la continuidad de Corazón Aquino

La oposición al gobierno de Corazón Aquino, encabezada por el ex titular de Defensa, Juan Ponce Enrile, admitió la amplia victoria de aquélla en el referendo a que fue sometida la nueva Constitución filipina. Los últimos cómputos de hoy daban al "sí" casi un 80 % de los sufragios emitidos por el electorado. Entre otros puntos, la nueva Constitución posibilita a Aquino un mandato de seis años sin requerir elecciones presidenciales. No hubo incidentes en los comicios.

MANILA, 3 (ANSA, EFE y UPI). — La nueva constitución de Filipinas, sometida hoy a referendo por el gobierno de la presidente Corazón Aquino, fue aprobada hoy por una aplastante mayoría de los ciudadanos que concurrieron a sufragar. Estimaciones de medios de difusión y de agencias informativas coincidían en que el voto afirmativo solicitado por la presidente había logrado cerca del 80 por ciento de los votos emitidos. Por la noche, el ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile —relevado de su cargo el pasado noviembre— reconoció la terminante victoria de la Aquino. No se esperan sino para dentro de varios días los resultados finales de los puestos electorales distribuidos a lo largo de las 7.000 islas que componen el país.

Entre otros puntos, la nueva Constitución otorga a la presidente Corazón Aquino un período de gobierno de seis años, sin tener que enfrentarse a nuevas elecciones presidenciales. La nueva Constitución llevaba ventajas amplias en todas las regiones del país —según los últimos cómputos— con excepción de Ilocos Norte, territorio del cual es oriundo el derrocado presidente Ferdinando Marcos.

A diferencia de muchas anteriores elecciones en Filipinas, la de hoy fue tranquila, aun cuando en la fecha las tropas del ejército regular dieron muerte a cinco rebeldes comunistas que atacaban puestos electorales, en la isla de Mindanao, al sur del país.

El independiente Movimiento Nacional para Elecciones Libres (M.N.E.L.) efectuó un recuento no oficial de votos, en el que participaron 300.000 voluntarios y la encuesta señaló que el 79,71 % aprobó la nueva carta magna, en tanto que el 20,39 % votó en contra de ella. La misma fuente dijo que por lo menos el 80 % de los casi 25 millones de filipinos aptos para emitir el voto acudió a las urnas colocadas en 67.000 colegios electorales.

Estos datos fueron dados a publicidad cuando se había traspasado la barrera de los cuatro millones de votos contabilizados a través de un operativo denominado "recuento rápido" —con un sistema de radio computarizado— que cubría prácticamente el 78 % de los precintos electorales.

El gobierno de Manila describió a estas elecciones como "un hito en la historia del país", señalando que el "día C" (o "día Cory") derivó "en un verdadero voto de confianza" para la jefa del Poder Ejecutivo filipino.

Corazón Aquino votó en la hacienda azucarera Lusita, propiedad de su familia, en la provincia de Tarlac, a 140 kilómetros al norte de la capital. Explicó a los periodistas que la primera tarea de su gobierno después del plebiscito será concentrarse en el "relanzamiento" de la economía, que registró, por primera vez en los últimos tres años, indicadores positivos de crecimiento. La presidente filipina calificó la jornada electoral de "democracia en acción", manifestando que prueba la madurez política de los ciudadanos y su compromiso con la democracia.

Juan Ponce Enrile, el jefe de la oposición a la Aquino, aceptó la derrota pero dijo por televisión que "la inestabilidad no disminuirá si el gobierno no lleva a cabo importantes programas", en una clara referencia a las amenazas golpistas.

En un intento para prevenir disturbios, 79 batallones del ejército filipino se mantuvieron en estado de "máxima alerta" en todo el país. El proceso electoral no se llevó a cabo en algunas remotas aldeas de la provincia sureña de Tawu-Tawi, al este de la isla de Borneo, a unos 1.200 kilómetros al sur de Manila, por no haber llegado a tiempo el padrón electoral que era transportado en un barco de la armada, detenido por averías.

A medianoche, el secretario general del mayor partido de oposición, René Cayetano, del Partido Nacionalista, admitió la derrota y dijo que "la voz del pueblo es la voz de Dios y la alta afirmación del 'sí', impone nuestro respeto por la voluntad popular". Cayetano es aliado del ex titular de Defensa, Ponce Enrile, exonerado de su cargo después de protagonizar un fallido intento de golpe de estado. A la misma hora, el presidente del Comité Electoral Nacional, Ramón Felipe, dijo a los periodistas que los resultados oficiales no serán difundidos antes del próximo lunes.

Agencia Reuter



Corazón Aquino, feliz por el amplio respaldo obtenido en el plebiscito constitucional.

Marcos: "Hubo fraude"

HONOLULU, 2 (Reuter). — El derrocado presidente filipino Ferdinando Marcos dijo hoy que hubo fraude en el referendo sobre una Constitución, realizado en su país.

Marcos, exiliado en Hawaii, dijo en una declaración, leída por un vocero, que los filipinos recibían una paga que oscila entre 80 y 100 pesos para votar en apoyo de la presidenta Corazón Aquino. Manifestó que no se permitía a sus partidarios arribar a los lugares de votación.

"Ningún observador independiente supervisa la elección", dijo Marcos. "Los únicos observadores son partidarios de Aquino", añadió.

El vocero no dio indicios sobre el origen de la información de Marcos. El ex presidente se exilió en febrero del año pasado después que oponentes también denunciaron masivo fraude de las fuerzas de Marcos en los comicios que llevaron al poder a Aquino.

*0703308

POCO LEGIBLE

01-01

037

Filipinos

Juzgar c/Afganistán

La Prensa 19/3/87

Críticas de Aquino a la guerrilla

Manila — La presidenta Corazón Aquino aseguró que los guerrilleros comunistas del "Ejército del Nuevo Pueblo" ya habían perdido la batalla que ella ganó hace un año.

Horas más tarde, el izquierdista partido del Pueblo nominó a Bernabé Buscayno, uno de los fundadores del "Ejército del Nuevo Pueblo", como candidato al Senado.

Buscayno, de 43 años, ex comandante de los rebeldes, fue sentenciado a 10 años de cárcel durante el gobierno del depuesto presidente Ferdinand Marcos.

Desde que el partido Comunista fue ilegalizado, en 1955, no se había permitido postular a ningún candidato izquierdista con semejantes credenciales.

"El poder del pueblo está hoy presente aquí", afirmó la presidenta Aquino. Añadió que la sobrevivencia política estaba ligada "a la voluntad del pueblo".

"Esa es la realidad que enfrentan los reacios rebeldes comunistas", apuntó.

AP

Afganistán: liberan a 4 mil detenidos

Moscú (EFE) — Más de 4 000 personas han sido puestas en libertad por el decreto de amnistía del gobierno afgano y unos cien dirigentes de grupos guerrilleros llegaron a un acuerdo con el régimen de Kabul para deponer las armas, aseguraron fuentes oficiales soviéticas.

Según datos soviéticos procedentes de la capital afgana, el proceso de reconciliación nacional, que comenzó en enero último, avanza de acuerdo con el plan previsto, mientras aumenta el número de refugiados que regresan a Afganistán desde Paquistán e Irán.

Hasta el momento, más de 4.000 detenidos por razones políticas salieron a la calle y cien líderes guerrilleros —se estima que existen unos 400 grupos armados— pactaron con el gobierno para integrarse, con sus hombres y armamentos, al ejército regular afgano, aseguraron las fuentes.

En las últimas semanas, la URSS desplegó una intensa actividad diplomática hacia Irán y Paquistán para que ambos países, donde se albergan dos millones de refugiados afganos, colaboren con el proceso interno de reconciliación.

Militares filipinos en cargos de Gobierno

La Nación 22/2/87

MANILA. (ANSA, EFE y UPI).— El Jefe del Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, sugirió ayer la posibilidad de que militares ocupen cargos en el Gobierno de las Filipinas porque "se necesitan desesperadamente y son escasos" los funcionarios de talento y experiencia.

Fue la primera vez que Ramos sugiere que militares ocupen puestos públicos tradicionalmente ocupados por civiles.

En un discurso ante el Club Rotario de Manila, un día después del primer aniversario del derrocamiento de Ferdinand Marcos, Ramos exhortó a las Fuerzas Armadas a respetar y defender el gobierno civil.

"La participación militar directa en el Gobierno podría no ser considerada apropiada y aceptable en las circunstancias actuales", dijo Ramos.

"Pero con el talento y la experiencia que se necesitan desesperadamente y son escasos, tanto civiles como militares tienen que ser utilizados cuando y donde puedan ser más útiles".

Ramos, considerado la persona clave para impedir intentos de golpe de Estado y complots contra la Presidenta Corazón Aquino, también advirtió que todavía existe el peligro de una ruptura entre funcionarios civiles y militares.

"Este colapso puede evitarse y de hecho está siendo evitado, si ambas partes comparten un respeto mutuo y un objetivo común", dijo Ramos.

"Es la máxima misión del Gobierno, asegurar que esa unidad de interés y propósitos sea creada y mantenida", agregó.

ADVERTENCIA

Ramos advirtió que los insurgentes comunistas continuarán intentando "crear una división" entre los funcionarios militares y civiles. "La falta de unidad es uno de los caminos más cortos para la derrota", agregó.

La Constitución, que entró en vigor recientemente, declara que la "autoridad civil es, en todo momento, suprema sobre la militar" y afirma que "las Fuerzas Armadas de las Filipinas son las protectoras del pueblo y del estado".

Filipinas

037

"Hombre de confianza" abandona Gobierno

¡chaja! Anuncio de Corazón Aquino

Manila. (ANSA, EFE y UPI).- La Presidenta filipina Corazón Aquino anunció hoy que el Secretario de la Presidencia, Joker Arroyo, dejará el Gobierno próximamente.

En un comunicado, la Jefa del Estado explicó que Arroyo pidió la baja a partir del pasado 25 de febrero para regresar a su profesión de abogado.

Este anuncio coincide con la publicación en el diario Manila Times de una información en la que se habla de una campaña secreta del Gobierno estadounidense para destituirle.

En esa misma información se indica que ciertas indiscreciones que cometió Arroyo últimamente amenazan seriamente a las relaciones bilaterales entre los dos países.

La demanda secreta de los norteamericanos, añade la misma fuente, fue presentada directamente ayer miércoles por Gaston Sigur, vicesecretario para Asuntos de Asia y del Pacífico, en una reunión privada que celebró con la Presidenta filipina.

En anteriores ocasiones, los militares filipinos también pidieron la destitución de varios Ministros de Aquino.

037

La guerrilla comunista de Filipinas anunció que reanudará los combates

Vencida la tregua de pacificación en Filipinas, no prosperó la iniciativa gubernamental de reanudar el diálogo con la guerrilla comunista. Los rebeldes anunciaron que no prolongarán el cese del fuego porque "las fuerzas armadas han saboteado y violado" la tregua. En tanto, el general Fidel Ramos advirtió que los soldados que no sean leales al ejército "deben retirarse"

MANILA (AFP). — **La guerrilla comunista filipina anunció hoy que no prolongará el alto el fuego de 60 días que expira mañana domingo al mediodía, y rechazó la oferta efectuada la semana pasada por el gobierno de "Cory" Aquino para reanudar el diálogo.**

"No hay motivo que pueda justificar la persistencia de una tregua que las fuerzas armadas filipinas han saboteado y violado de manera flagrante", indicó un comunicado del **Frente Democrático Nacional (F.D.N.)**, expresión política de la guerrilla, en una **"carta abierta al pueblo filipino"**.

Esta carta abierta no indicó si los rebeldes del **Nuevo Ejército del Pueblo** (NEP), que reúne a unos **23.000 combatientes**, tienen la intención de pasar a la ofensiva tras la expiración del alto el fuego.

Según diversas informaciones, el brazo armado de la guerrilla comunista se esforzará únicamente, en un primer tiempo al menos, **de defenderse en caso** de ataque de las fuerzas armadas filipinas.

Sin embargo, la agencia de prensa filipina **PNA anunció hoy que unos 70 rebeldes tendieron una emboscada a una unidad** del ejército, que causó **cinco muertos y cinco heridos** a las fuerzas de seguridad, cerca de **Luna Town**, a 400 kilómetros al norte de Manila.

Por su parte, la presidenta "Cory" Aquino, fortalecida por su indiscutible victoria en el referéndum constitucional del 2 de febrero, había **prevenido** a los rebeldes comunistas desde hace bastante tiempo que si rechazaban una solución negociada con el gobierno, el ejército **intensificaría** sus operaciones armadas contra ellos.

Advertencia del general Ramos

MANILA, 7 (XINHUA y AFP). — El jefe del estado mayor de las fuerzas armadas de Filipinas, general **Fidel Ramos**, dijo hoy aquí **que los soldados que no sean leales a la institución militar deben retirarse del servicio.**

Según la agencia noticiosa filipina, Ramos hizo esta declaración en un discurso pronunciado en una ceremonia para conmemorar el 40° aniversario del centro de investigación y desarrollo de las fuerzas armadas.

Al referirse a los [illegible] soldados que participaron en el fallido intento de golpe de Estado del 27 de enero, el general Ramos señaló que ellos constituyen solo una pequeña fracción de los 25.000 integrantes de las fuerzas armadas de las Filipinas.

Explicó, sin embargo, que la institución armada no puede permitirse tener un grupo fragmentado dentro de su organización, por más pequeño que sea.

Según Ramos, la victoria en algunos campos militares de los votos por el "no" en el plebiscito del dos de febrero es una señal de que el gobierno debe atender las necesidades de los soldados.

Por lo menos el 40 por ciento de los soldados que emitieron su sufragio en el referéndum constitucional votaron por el "no", lo cual constituye un motivo de preocupación para el gobierno.

Ramos dijo que un punto que ha afectado la moral de los soldados es que se **"los investigue mediante una agencia gubernamental por supuestas violaciones a los derechos humanos"**.

◆ Cómputos finales del referendo

MANILA, 7 (AFP). — El referendo sobre el establecimiento de la nueva Constitución filipina y el mantenimiento de Corazón Aquino como presidenta hasta 1992 fue aprobado por el 76 por ciento de los votos y obtuvo un 22 por ciento en contra, según los datos definitivos y oficiales anunciados hoy aquí por la comisión electoral.

◆ Advertencia

Ayer viernes, el jefe del **Estado Mayor del Ejército, general Fidel Ramos, declaró que las fuerzas de seguridad, que cuentan** con 250.000 hombres, estaban dispuestas a **"golpear enérgicamente"** a los rebeldes.

El alto el fuego, que entró en vigor el 10 de diciembre pasado, estaba destinado a facilitar la apertura de conversaciones entre el gobierno filipino y el N.D.F., pero las dos partes **no se pusieron nunca de acuerdo** en torno a una agenda.

Suspendidas sin término el 22 de enero, las discusiones fueron rotas unilateralmente el 30 de enero por el N.D.F., tres días antes de la consulta.

El N.D.F., en su carta abierta, **rechaza implícitamente** la propuesta de reanudación de las conversaciones efectuadas el miércoles por Aquino tras su masiva victoria en el referéndum, y **planteó cuatro condiciones para la celebración de nuevas discusiones:**

- Implementación de un programa gubernamental **"que haga frente a los problemas de nuestra sociedad en sus raíces."**
- Control efectivo por el poder civil **"de las fuerzas armadas fascistas que deben ser reformadas y reorientadas."**
- **Reconocimiento del N.D.F. en tanto que "entidad política que defiende una causa legítima y está dotada de un programa sostenido por una fracción considerable de la población."**
- Esfuerzos del gobierno con vistas a **"una solución auténtica del conflicto armado y político."**

La decisión de la guerrilla comunista era esperada en la medida en que, tras la contundente victoria de Aquino en el referendo, habría estado obligada a aceptar la exigencia del gobierno de negociar en el marco de disposiciones de la **nueva Constitución**, lo que los rebeldes siempre rechazaron.

◆ Se desvanece la reconciliación

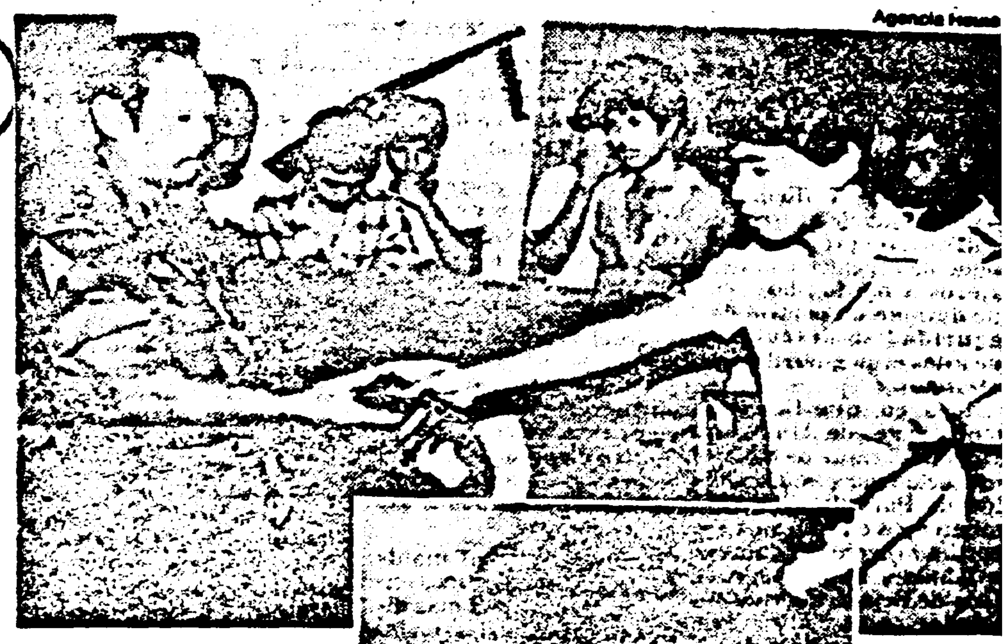
Esta decisión de la guerrilla representa un revés en el esfuerzo de "Cory" Aquino de obrar en favor de una "reconciliación nacional". Luego de su victoria del lunes pasado, la presidenta filipina podía con toda legitimidad acariciar la esperanza de que los rebeldes comunistas no se atreverían a desafiarla, tras ser plebiscitada por más de tres cuartos de los electores.

Además de la fuerza militar, la presidenta cuenta, para debilitar a la rebelión, con un programa de un monto de 22.000 millones de pesos (alrededor de 1.000 millones de dólares) que prevé la entrega de tierras, dinero y empleos para los combatientes de M.P.A. que depongan las armas.

Este programa debe ser lanzado el 25 de febrero, primer aniversario de la llegada al poder de "Cory".

La presidenta Aquino no ocultó nunca su convicción de que la gran mayoría de los rebeldes no son comunistas convencidos sino descontentos, víctimas de abusos de todo tipo perpetrados por su predecesor, el ex dictador Ferdinando Marcos.

En días pasados, el gobierno filipino evocó también la posibilidad de proseguir las negociaciones en el plan regional con aquellos rebeldes que estén dispuestos a continuar el diálogo con el gobierno.





Agencia Hous[illegible]

Arriba, uno de los 18 rebeldes comunistas que rindieron las armas al gobierno, el viernes, cuando la [illegible] parecía posible. [illegible] la presidenta "Cory" Aquino.

870346[illegible]

POCO LEGIBLE

01-01

037

Filipinas: la guerrilla ocupó y retiene una ciudad

MANILA, 17 (AFP y EFE). — Unos 120 guerrilleros del **Nuevo Ejército del Pueblo (NEP)**, de orientación marxista, ocuparon la localidad de **Labog**, en Isabela, 500 kilómetros al nordeste de Manila, asesinaron al jefe de esa comunidad y tomaron como rehenes a todos sus habitantes.

El comandante de la zona, **Benjamín Aguilar**, señaló en un informe de la policía filipina que tropas gubernamentales apoyadas por helicópteros persiguen ahora a los rebeldes, pero que aún se desconoce la suerte que puedan haber corrido los civiles retenidos, que se presume serán utilizados como barreras humanas en caso de un ataque militar.

Agencia AFP



El general Fidel Ramos, jefe del estado mayor filipino, prueba un rifle lanzagranadas para ser usado contra los rebeldes. Las presiones por su remoción aumentan desde la extrema derecha militar.

♦ Cinco muertos por día

La espectacular acción guerrillera marcó un nuevo repunte de las operaciones del NEP después que cesara el alto el fuego con el gobierno, el 8 de febrero. Hoy se informó que un civil y cuatro soldados fueron asesinados por los insurgentes en intensos combates en el extremo sur de la isla de **Luzón**, lo que eleva a más de medio centenar el número de muertos desde que concluyó la tregua.

Al tiempo que crecían las acciones armadas, parecía disminuir el espacio de diálogo y negociación que se había hecho posible en las negociaciones entre gobierno y guerrilla. Hoy, el arzobispo de Manila, cardenal **Jaime Sin**, afirmó a través de un portavoz que respaldaba las acciones del ejército filipino contra los rebeldes, dada la terminación del alto el fuego. "Si no velamos para que las leyes del país sean aplicadas, reinará la anarquía", advirtió el religioso.

Sin, un allegado a la presidenta **Corazón Aquino**, y uno de los principales arquitectos de la transición desde la dictadura de **Ferdinando Marcos**, acusó a los comunistas de "utilizar a la Iglesia para lograr donaciones" del extranjero para sus actividades. Asimismo, Sin pidió a la prensa que no llame "padres" a los sacerdotes que abandonaron sus actividades religiosas para sumarse al combate.

El portavoz religioso **Félix Bautista** indicó también que el padre **Rústico Tan**, un sacerdote que afirmó abiertamente su pertenencia al **Frente Democrático Nacional**, la coalición política de la guerrilla, fue expulsado de su orden la semana pasada y abandonó la congregación, aunque no había colgado los hábitos.

A pesar de todo, Sin pidió al ejército que "evite, en lo posible, un baño de sangre".

El diario "Chronicle", de esta capital, informó hoy en este sentido que un amplio sector de jefes y oficiales de las fuerzas armadas están presionando a la jefa del Estado para que destituya al general **Fidel Ramos** del cargo de jefe de estado mayor del ejército, caracterizándolo como "débil y vacilante". Un informe "secreto" elevado a Aquino pediría reorganizar la dirección de las FF.AA., y que ponga a su frente a un líder profesionalista.

La revelación produjo una fuerte reacción por parte de Ramos. A través de un comunicado, el general afirmó que mientras permanezca en su puesto, seguirá ejerciéndolo lo mejor que pueda, dentro de la mejor perspectiva en que lo observe y de acuerdo con la política nacional de reconciliación, seguridad y desarrollo.

Asimismo, Ramos obtuvo respaldo explícito de la presidencia ante las versiones. Funcionarios del **Palacio de Malacañang** dijeron hoy que Aquino consideraba a Ramos como un "hombre óptimo" en la institución armada.

A su vez, el ministro de Defensa, **Rafael Ileto**, se manifestó confiado que Ramos permanecerá en su cargo hasta 1989, como lo estipula la ley.

PARTES POCO LEGIBLES

01 - 01

8703416 .

RAFAEL ILETO, MINISTRO DE DEFENSA

Las FF.AA. y el poder civil

MANILA, 9 (Por Philippe Pons, de "Le Monde", especial para Clarín). — Ministro de Defensa desde el alejamiento forzoso del general Juan Ponce Enrile —el 23 de noviembre de 1986—, el general (retirado) Rafael Ileto es considerado como un militar aferrado al principio de la neutralidad política de las fuerzas armadas y al de la supremacía del poder civil.

Formado en la academia norteamericana de West Point, participó activamente en la lucha conducida por el presidente Magsaysay al comienzo de los años 50 contra la rebelión de los huks (movimiento campesino procomunista. Jefe del estado mayor adjunto, fue el único general que se opuso a la ley marcial proclamada por Ferdinando Marcos en 1972.

Como consecuencia, fue "exiliado" en calidad de embajador en Teherán, y luego en Bangkok. Al día siguiente de su acceso al poder, la señora "Cory" Aquino lo designó viceministro de Defensa.

El sábado último respondía de este modo a nuestras preguntas.

Acerca del malestar en las fuerzas armadas. "La fuerza armada actual es el producto de veinte años de reclutamiento según el estilo impuesto por Marcos. La promoción no se fundaba en el mérito sino en la lealtad al régimen. Por otra parte, en virtud de la ley marcial, este ejército se acostumbró a disponer de poderes excepcionales y dictar su política a los gobiernos de provincia y a las autoridades locales".

"El resultado ha sido un deterioro acelerado del profesionalismo. Nuestro objetivo posterior a febrero de 1986 consiste en reformar esta fuerza armada: se trata de reorganizarla, reentrenarla, equiparla, pero también, y sobre todo, de reeducarla. Esta meta es no solo la más difícil; además tomará tiempo."

Actitud política hacia los comunistas. "El gobierno aspira a encontrar, si es posible, una solución pacífica al problema de la rebelión comunista. La fuerza armada, es cierto, ve con malos ojos esta posibilidad."

Política hacia los comunistas tras la ruptura de la tregua. "El principio de esa política permanece invariable (la búsqueda de una solución pacífica). Pero su aplicación es ligeramente refractada: si los comunistas rehúsan retomar las negociaciones en el nivel nacional, los llevaremos a un plano local. En las regiones en las cuales ellos no quieran discutir, recurriremos a la fuerza. No se trata, por ahora, de retomar las acciones militares en gran escala, sino de operaciones puntuales. El recurso a la fuerza será gradual, con el fin de ejercer una presión destinada a constreñir al adversario a negociar."

Las divisiones en el seno de la fuerza armada. "No hay que exagerar nada. Tenemos, efectivamente, dificultades con algunos oficiales, pero menos con los soldados. Algunos hombres están tan politizados que piensan poder dictar, todavía hoy, su política al gobierno. Otras son simplemente dificultades de adaptación... Pienso que es en esta perspectiva como corresponde interpretar el hecho de que cerca de la mitad de los militares votaron 'no' en el referendo del 2 de febrero. Incluso mi chofer votó contra la nueva Constitución."

La aparente divergencia entre los puntos de vista del gobierno y de la jerarquía militar acerca de la manera de restablecer el orden y la disciplina en la fuerza armada. "Algunos miembros del gobierno tienen una percepción errónea de la fuerza armada. Antes de hablar de sanción (contra los autores de los 'golpes' de fines de enero), es necesario comprender por qué algunos actuaron como lo hicieron, y establecer las responsabilidades".

"Atacar la sede de la cadena de Televisión 7 (ocupada por doscientos soldados rebeldes) habría sido un grave error. Habría agravado peligrosamente los disensos en el seno de la fuerza armada. Habrá sanciones, pero es necesario también evitar un aumento del malestar en la fuerza, y no parecer manejando dos pesas y dos medidas para los comunistas y los militares".

Sobre la eventualidad de nuevos intentos de golpe. "Sin duda habrá nuevas tentativas de desestabilización. Estamos preparados para enfrentar toda eventualidad".

FICHD-FI

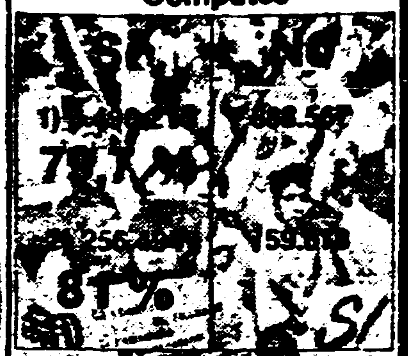
Clarín 10/2/87

01-01 8703422



Corazón Aquino emite su voto (AFP)

Cómputos



Fuente:

1) Movimiento Nacional de Ciudadanos por Elecciones Libres (Cifras ex traoficiales)

2) Agencia Noticiosa Filipina (Computados 1247 de los 86.200 precintos)

Aquino obtuvo un amplio triunfo

Con la nueva Constitución podrá seguir seis años más en el gobierno de Filipinas

LA NACION 3/2/87

MANILA, 2 (UPI). - Los filipinos acudieron hoy masivamente a las urnas y aprobaron con un resonante "Sí" el proyecto de Constitución que otorga a la presidenta Corazón Aquino seis años más en el poder, plebiscito calificado de "crucial" para su gobierno.

Un dirigente de la campaña opositora reconoció la derrota sólo seis horas después que cerraron las urnas y prometió acatar "esta monumental voluntad popular".

Los resultados preliminares mostraron que el proyecto de Constitución fue aprobado por más de un 75 por ciento de los votos, cuando el secretario general del Partido Nacionalista (opositor), René Cayetano, aceptó el resultado.

"La voz del pueblo es la voz de Dios. Y el pueblo ha ofrecido su opinión: es un resonante «Sí»", dijo Cayetano.

"Este es un nuevo comienzo para todos nosotros. Démosle al pueblo lo que quiere, y creo que lo que el pueblo quiere es estabilidad.

"Quiere progreso, quiere democracia. Podemos asegurarle al Gobierno y a todo el mundo que obedeceremos esta monumental voluntad popular", apuntó Cayetano.

Una entusiasmada Aquino afirmó 90 minutos después de cerrarse las urnas que la votación había sido "limpia, honesta, ordenada y excepcionalmente nutrida".

"Mi esperanza es que hasta que estén los resultados finales esta admirable demostración de la democracia no sólo continuará, sino que reafirmará la estabilidad política que todos deseamos", dijo.

Entre un 85 y 90 por ciento de los 25 millones de votantes registrados en el país concurrieron a las urnas, una asistencia récord.

Se necesitaba sólo una mayoría de un 51 por ciento para adoptar la nueva Constitución. Aquino, quien luchó personalmente por su ratificación, esperaba que un 70 por ciento de los votantes la aprobaran. Los resultados oficiales finales serán anunciados el

(Continúa en la página 2 col. 1)

Fichaje

FILIPINAS
Eichoff

037

Triunfo de Aquino

(Continuación de la pág. 1, col. 6)

próximo lunes, pero los extraoficiales indicaron que Aquino conquistó más votos de los que esperaba.

El Movimiento Nacional de Ciudadanos por Elecciones Libres, organización independiente, informó que según sus informes extraoficiales 3.490.214 votaron en favor de la Constitución y 888.567 en contra, una aprobación de un 79,7 por ciento.

Los primeros resultados extraoficiales de la agencia noticiosa filipina mostraron que en 1247 de los 86.200 precintos del país 256.494 ciudadanos votaron "Sí" y 59.678 votaron "No", una victoria por un 81 por ciento.

Un cómputo parcial de los resultados de todas las regiones realizado por la radio independiente DZRH mostró que un 74 por ciento votó en favor de la Constitución.

Marcos dice que hubo fraude

HONOLULU, 2 (Reuter). – El derrocado presidente filipino Ferdinand Marcos dijo hoy que hubo masivo fraude en el referendum sobre una Constitución realizado en su país.

Marcos, exiliado en Hawai, dijo en una declaración leída por un vocero que los filipinos recibían una paga que oscila entre 50 y 100 pesos para votar en apoyo de la presidenta Corazón Aquino. Manifestó que no se permitía a sus partidarios ir a los lugares de votación.

"Ningún observador independiente supervisa la elección", dijo Marcos. "Los únicos observadores son partidarios de Aquino."

Abatieron a rebeldes

GENERAL SANTOS, Filipinas, 2 (Reuter). – Soldados abatieron a cinco rebeldes comunistas que integraban un grupo que atacó locales de votación en Mindanao durante la consulta sobre la misma reforma constitucional, informó un militar.

Los insurgentes se retiraron después de una hora de lucha, y no hubo ciudadanos ni soldados heridos, dijo a Reuter el oficial.

Combates

MANILA, 2 (EFE). – Al menos tres guerrilleros del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP), considerado como brazo armado del Partido Comunista Filipino, resultaron muertos y otros tantos soldados heridos tras los combates de hoy en la provincia de Cotabato (al sur de la isla meridional de Mindanao).

8703429

02.02

EXPIRO EL CESE DEL FUEGO EN FILIPINAS

Combaten el ejército y la guerrilla

El ejército de Filipinas reanudó ayer el enfrentamiento armado contra la guerrilla comunista tras la finalización del cese del fuego de 60 días. Los rebeldes dieron muerte a cinco civiles en su primera acción violenta posterior a la tregua aunque, según las fuerzas armadas, ya habían ultimado a cinco soldados y herido a otros. Ayer entró oficialmente en vigor la nueva Constitución. El ministro de Defensa, Rafael Ileto, expone la posición castrense en una entrevista especial.

MANILA, 9 (UPI) — Tropas filipinas reanudaron hoy su guerra de 18 años contra los rebeldes comunistas lanzando operaciones para prevenir ataques guerrilleros, menos de 24 horas después de expirar el cese del fuego que mantuvo silenciosas las selvas filipinas durante 60 días.

Los rebeldes comunistas mataron a cinco civiles en el primer estallido de violencia luego de la tregua que finalizó ayer, reveló un vocero militar.

Agregó que el Nuevo Ejército del Pueblo atacó hoy al amanecer en la provincia meridional de Davao del Sur.

El comandante en jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, anunció que "las tropas perseguían a los rebeldes que mataron a cinco soldados e hirieron a otros cinco en un asalto en la provincia norteña de Kalinga-Apayao y a otros que el viernes atacaron dos granjas en el Sur.

Ramos indicó que las fuerzas armadas perseguirían a los "extremistas" —de izquierda y de derecha del espectro político— que persisten en violar la ley.

El jefe de las fuerzas armadas afirmó que las operaciones del ejército en las selvas tenían como objetivo capturar a miembros de las guerrillas comunistas del Nuevo Ejército del Pueblo, quienes lanzaron una ofensiva general en cuatro provincias desde tres días antes de ayer, cuando expiró el acuerdo de cese del fuego.

"Las operaciones de las fuerzas armadas están relacionadas con la ofensiva guerrillera que comenzó antes de terminar el cese del fuego", dijo Ramos.

Añadió que el ejército está también realizando operaciones contra campamentos guerrilleros, en prevención de posibles ataques rebeldes.

"Si no actuamos ahora, los civiles correrán más peligro", declaró Ramos desde un campamento de entrenamiento en el pueblo de Tanay, 40 kilómetros al este de Manila.

♦ **Negociaciones**

A pesar de su tono de dureza, Ramos repitió que el gobierno mantiene las puertas abiertas para reanudar las conversaciones de paz con los rebeldes comunistas.

El general de brigada Restituto Padilla, jefe de la Séptima División de Infantería, reveló que se analizarán caso por caso los intentos de cese del fuego en cada localidad y que la respuesta militar contra los rebeldes "será el último recurso".

A pesar de su desilusión por el súbito final del acuerdo de tregua, la presidenta, Corazón Aquino, impulsaba hoy su campaña de reconciliación nacional en otro frente.

En los suburbios de Manila y bajo fuertes medidas de seguridad comenzaron conversaciones entre el gobierno y los separatistas musulmanes.

El gobierno mostró optimismo sobre estas negociaciones, aunque solo dos de las cinco facciones musulmanas del Frente Moro de Liberación Nacional participaron en la reunión inaugural.

El jefe de los negociadores del gobierno y cuñado de la presidenta, Agapito Aquino, encabezó la comisión gubernamental.

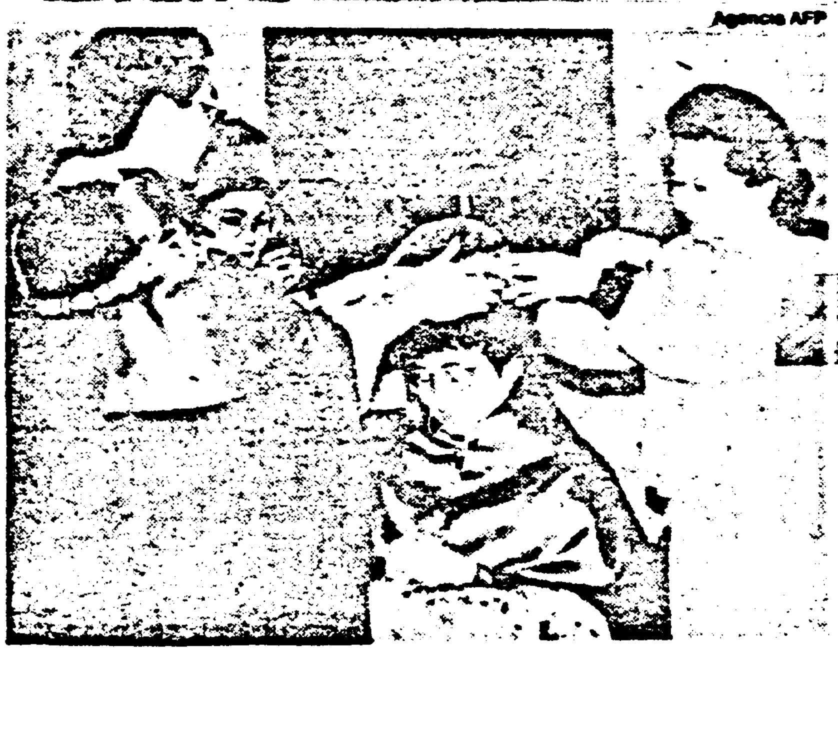
Se espera que en la reunión los musulmanes presenten su propuesta de crear un estado autónomo en la sureña isla de Mindanao, donde se inició la batalla separatista.

Agencia Reuter



Soldados con equipos de combate juran obediencia a la Constitución un día después de la expiración del período de cese del fuego con los rebeldes comunistas.

Agencia AFP



La presidenta de las Filipinas, Corazón Aquino, centro, recibe en Manila un título honorario en leyes del padre Norberto Castillo, izquierda.

01 - 01

8703451

FILIPINAS
037

Entró en vigencia la nueva Constitución

MANILA, 9 (Por Philippe Pons, de "Le Monde", especial para Clarín). — La presidenta Corazón Aquino proclamó oficialmente hoy, lunes, la entrada en vigor de la nueva Constitución filipina que, sometida a un referendo el 2 de febrero, fue aprobada por una mayoría del 76,29 por ciento de los votantes, según los resultados oficiales y definitivos anunciados el sábado último.

Pero, entretanto, la ruptura de las negociaciones con los comunistas está consumada: el cese del fuego de sesenta días con los rebeldes tocó a su fin ayer, domingo.

Si bien las autoridades esperan retomar las negociaciones a nivel regional, las expectativas de éxito de semejante empresa parecen, por el momento, sumamente erráticas. El Frente Nacional Democrático (F.N.D.), que representa a la guerrilla, puso como condiciones para el retorno al diálogo con el gobierno que éste presente un programa coherente de reformas, que reconozca al F.N.D. como una entidad política legítima y que demuestre la supremacía del poder civil sobre el militar.

[illegible], el representante gubernamental en las negociaciones con los comunistas, declaró que tales demandas son "injustificadas y presuntuosas". El sábado último, el Nuevo Ejército del Pueblo (NEP, comunista), atacó dos villorrios en la isla meridional de Mindanao, dio muerte a dos soldados y quemó unas sesenta viviendas.

El ministerio de Agricultura anunció ayer, domingo, la iniciación de una redistribución de aproximadamente un millón y medio de hectáreas de tierra, destinadas a campesinos.

Pero, ante la guerrilla, las preocupaciones del gobierno se vuelven igualmente hacia los militares, entre los cuales reina un malestar más y más notorio, y que el propio ministro de Defensa, general Rafael Ileto, reconoció en una entrevista (ver esta misma página).

CLARÍN 10/2

POCO LEGIBLE

01 - 01   8703454

FILIPINAS

037

RS

Oponentes e aliados de Marcos fazem aliança

Manilha — Opositores e aliados do ditador deposto das Filipinas, Ferdinand Marcos, se uniram para enfrentar os candidatos da presidenta Corazón Aquino, nas eleições de maio para o Congresso.

— Estamos esquecendo as divergências do passado em benefício do país. Está em questão a sobrevivência da democracia nas Filipinas — alegou um porta-voz do novo grupo, a Grande Aliança pela Democracia (GAD).

O mais conhecido dos integrantes do GAD é o ex-ministro da Defesa, Juan Ponce Enrile, um dos líderes da rebelião militar que derrubou o ditador Marcos, em fevereiro do ano passado, e levou Cory Aquino ao poder.

O GAD terá 24 candidatos ao [illegible] [illegible] de antigos [illegible] de Marcos e políticos [illegible] que se opuseram ao regime ditatorial que durou 20 anos. A campanha eleitoral começará hoje. A eleição de 11 de maio escolherá os 24 integrantes do Senado e 240 da Câmara dos Deputados.

Marcos fechou o Congresso quando impôs a lei marcial, de 1972 a 1981, e depois concordou em formar um novo Parlamento, mas inteiramente subordinado ao ditador.

O chefe do GAD e um de seus candidatos, Vicente Puyat, disse que a intenção do grupo é "criar estabilidade por meio da recuperação da economia". Ele afirmou que "o povo está faminto e não existem empregos". A presidente Cory Aquino destituiu Ponce Enrile em novembro, depois da descoberta de uma conspiração militar para derrubá-la do governo.

Entre os candidatos do GAD está também Arturo Tolentino, candidato dos partidários de Marcos nas eleições presidenciais de 1986, antes da derrubada do ditador, e que, em julho, tentou liderar uma rebelião contra a presidente Aquino.

J. Do Brasil 9/3/87

PARTES ILEGIBLES

01-01

8703479

037

El Día 19/3/87

BS

Atentado en academia militar de Filipinas

BAGUIO, Filipinas. — Una bomba de tiempo, aparentemente dirigida contra la presidenta Corazón Aquino, estalló ayer en la Academia Militar de las Filipinas y mató a cuatro personas e hirió a por lo menos otras 45, informaron las autoridades.

Entre los muertos figuraba un coronel.

Las autoridades sospechan que la bomba podría haber sido colocada por personal que trabaja en la Academia Militar, conocida como centro de tenaz resistencia a Aquino y sus políticas de paz con las fuerzas rebeldes comunistas, que tienen unos 24.000 efectivos.

Algunas [illegible] estimaron que la bomba [illegible]mente debía estallar el domingo, cuando Corazón Aquino tenía previsto asistir a la graduación en la Academia Militar, ubicada en Baguio, al norte de Manila. La bomba había sido activada [illegible] dijeron los [illegible]

[illegible] en otro incidente, [illegible] minas y armas automáticas, fuerzas guerrilleras del [illegible] ejército popular mataron en una emboscada a 19 soldados e hirieron a otros siete, en la peor derrota para el gobierno desde que el [illegible] de febrero caducara una cesación de fuego con las fuerzas insurgentes.

El vicecomandante de las Fuerzas Armadas, general Salvador Misón dijo que el estallido de la bomba destrozó el palco cercano a un podio donde la presidenta Aquino tenía previsto dar un discurso el domingo en la graduación de cadetes, la explosión también hizo volar parte del techo del palco, parte de las paredes y expandió escombros en un área de 30 metros a la redonda.

La presidenta Aquino dijo que mañana volará a Baguio, una ciudad en la montaña, a 192 kilómetros al norte de Manila, para visitar a los heridos.

La explosión, posiblemente de unos cien cartuchos de dinamita, según las autoridades estalló cuando los cadetes estaban ej[illegible]tando las [illegible] de su graduación.

PARTES ILEGIBLE

D1-01

8703482

Filipinas

037

RS

Aquino inició la campaña electoral

LA TERCERA 10/3/87

Batangas. Filipinas (UP) — La presidenta Corazón Aquino inició la campaña de 60 días para los comicios legislativos de mayo próximo, asegurando que las elecciones serán la "más limpias" en la historia de la nación.

En tanto, el subsecretario de estado norteamericano para el este de Asia y el Pacífico, Gaston Sigur, se reunió con el jefe de las Fuerzas Armadas general Fidel Ramos, para dialogar sobre la lucha contra el rebelde "Nuevo Ejército del Pueblo" que lleva ya 18 años.

"La amenaza de la insurgencia comunista es una amenaza seria, pero nosotros apoyamos sus planes de acción y la manera en que están manejando la situación", dijo Sigur a la prensa luego de su reunión con el jefe militar.

Aquino tomó el juramento a cuatro nuevos miembros del gabinete, que reemplazarán a los que ahora son candidatos a las elecciones legislativas del 11 de mayo. Más tarde, la mandataria voló a la ciudad industrial de Batangas, para iniciar la campaña de los 24 candidatos oficialistas al Senado de la república.

"Las elecciones serán las más limpias en la historia de nuestro amado país", dijo la mandataria ante una multitud de 5.000 personas en la plaza principal de Batangas, 95 kilómetros al sur de Manila.

DI-01

8703490

Se rindieron las tropas rebeldes en Filipinas

MANILA, 29 (UPI). – El coronel Oscar Canlas, jefe de unos 250 soldados insurrectos que ocupaban una estación de televisión, se rindió el jueves y puso fin así a 56 horas de crisis al frustrarse un intento de golpe de Estado contra la presidenta Corazón Aquino.

"Me complace anunciar que hemos puesto fin a otro episodio en la historia de estas asonadas que nos han aquejado en los últimos meses", dijo el ministro de Defensa, Rafael Ileto, después de una negociación de 90 minutos con Canlas.

Advertencia

MANILA, 28 (AP). – Previamente a la rendición de los insurrectos, fuerzas del Gobierno dispararon gases lacrimógenos como advertencia a los rebeldes para que pongan fin a la ocupación.

El coronel de las Fuerzas Armadas Honesto Isleta dijo a los periodistas tres horas después de que comenzara el enfrentamiento que el jefe rebelde, el coronel de la Fuerza Aérea Oscar Canlas, había dicho a los militares: "No nos rendiremos".

Fuentes civiles y militares expresaron el temor de que Canlas esté demorando una decisión para dar tiempo a otros grupos de simpatizantes del ex presidente Ferdinand Marcos de llegar a la estación.

Después de esa declaración de Canlas, otros dos proyectiles con gas lacrimógeno fueron disparados hacia los estudios del canal siete y de la radio DZBB para un total de nueve en tres horas.

Unos 1000 hombres fuertemente armados, incluso soldados, infantes de marina y policías antimotín rodean los estudios, capturados ayer por la madrugada por una fuerza de cerca de 200 rebeldes que el Gobierno vinculó con Marcos.

Se agudiza la situación

Las tensiones se intensificaron esta tarde cuando el general Alexander Aguirré, comandante interino de la región de la capital, ordenó disparar gas lacrimógeno cerca de la estación después de que los rebeldes hicieran caso omiso de una orden de evacuarla en un plazo de media hora.

La orden emitida poco después de las diez de la noche de hoy, hora local, y el primer proyectil fue disparado a poco de expirar el plazo. Los rebeldes hicieron caso omiso a los planteamientos de Aguirre para que se rindieran.

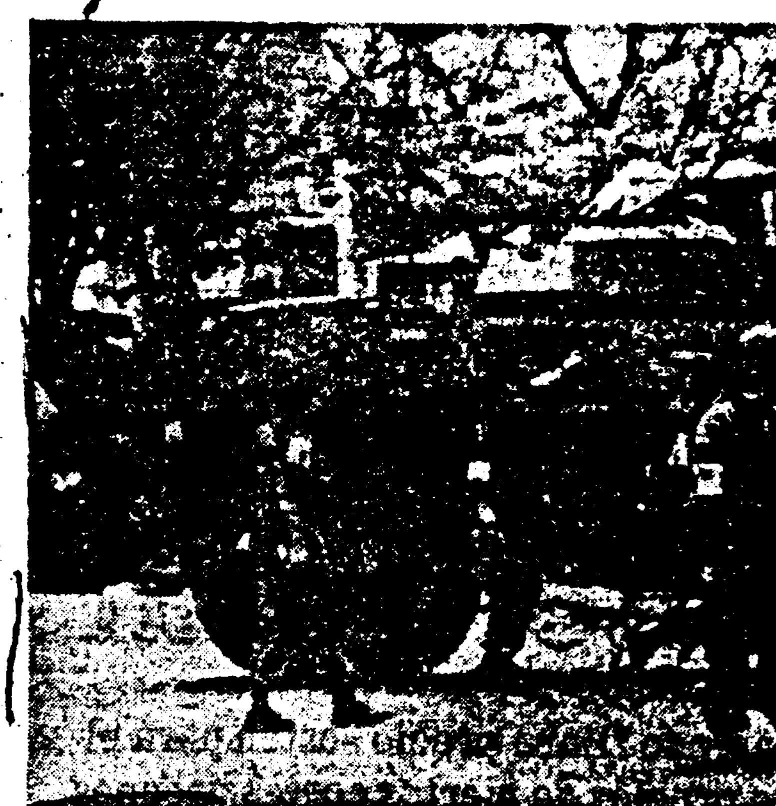
Momentos antes del primer disparo, esposas angustiadas de algunos de los rebeldes les rogaron a gritos que se rindieran. Después de disparar cuatro veces, Aguirre suspendió su proyectado ataque y apeló reiteradamente a Canlas para que depusiera las armas, exhortaciones que fueron ignoradas.

Entretanto, un grupo de oficiales vinculados con el último intento de golpe en noviembre contra la presidenta Corazón Aquino pidieron al jefe del estado mayor conjunto, general Fidel Ramos, que no ordenara un ataque contra los rebeldes.

El líder del grupo, coronel Gregorio Honasan, se reunió con Ramos esta tarde para hacerle el pedido. Honasan fue jefe de seguridad del ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile hasta que éste fuera despedido del gabinete a raíz del intento de golpe de noviembre. Honasan desempeñó también un papel clave en la revuelta militar de febrero contra Marcos, que llevó al poder a la señora Aquino.

Aguirre dijo unas dos horas después del primer disparo que hab[...] el ataque para permitir a [...] liera de la estación y reuni[...] nistro de Defensa, Rafael I[...]

Aguirre renovó los di[...] lacrimógenos debido a que [...]



Fuerzas leales a Corazón Aquino recorren Manila

01-01

Se rindieron las tropas rebeldes en Filipinas

MANILA, 29 (UPI). - El coronel Oscar Canlas, jefe de unos 250 soldados insurrectos que ocupaban una estación de televisión, se rindió el jueves y puso fin así a 56 horas de crisis al frustrarse un intento de golpe de Estado contra la presidenta Corazón Aquino.

"Me complace anunciar que hemos puesto fin a otro episodio en la historia de estas asonadas que nos han aquejado en los últimos meses", dijo el ministro de Defensa, Rafael Ileto, después de una negociación de 90 minutos con Canlas.

Advertencia

MANILA, 29 (AP). - Previamente a la rendición de los insurrectos, fuerzas del Gobierno dispararon gases lacrimógenos como advertencia a los rebeldes para que pongan fin a la ocupación.

El coronel de las Fuerzas Armadas Honesto Isleta dijo a los periodistas tres horas después de que comenzara el enfrentamiento que el jefe rebelde, el coronel de la Fuerza Aérea Oscar Canlas, había dicho a los militares: "No nos rendiremos".

Fuentes civiles y militares expresaron el temor de que Canlas esté demorando una decisión para dar tiempo a otros grupos de simpatizantes del ex presidente Ferdinand Marcos de llegar a la estación.

Después de esa declaración de Canlas, otros dos proyectiles con gas lacrimógeno fueron disparados hacia los estudios del canal siete y de la radio DZBB para un total de nueve en tres horas.

Unos 1000 hombres fuertemente armados, incluso soldados, infantes de marina y policías antimotín rodean los estudios, capturados ayer por la madrugada por una fuerza de cerca de 200 rebeldes que el Gobierno vinculó con Marcos.

Se agudiza la situación

Las tensiones se intensificaron esta tarde cuando el general Alexander Aguirré, comandante interino de la región de la capital, ordenó disparar gas lacrimógeno cerca de la estación después de que los rebeldes hicieran caso omiso de una orden de evacuarla en un plazo de media hora.

La orden emitida poco después de las diez de la noche de hoy, hora local, y el primer proyectil fue disparado a poco de expirar el plazo. Los rebeldes hicieron caso omiso a los planteamientos de Aguirre para que se rindieran.

Momentos antes del primer disparo, esposas angustiadas de algunos de los rebeldes les rogaron a gritos que se rindieran. Después de disparar cuatro veces, Aguirre suspendió su proyectado ataque y apeló reiteradamente a Canlas para que depusiera las armas, exhortaciones que fueron ignoradas.

Entretanto, un grupo de oficiales vinculados con el último intento de golpe en noviembre contra la presidenta Corazón Aquino pidieron al jefe del estado mayor conjunto, general Fidel Ramos, que no ordenara un ataque contra los rebeldes.

El líder del grupo, coronel Gregorio Honasan, se reunió con Ramos esta tarde para hacerle el pedido. Honasan fue jefe de seguridad del ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile hasta que éste fuera despedido del gabinete a raíz del intento de golpe de noviembre. Honasan desempeñó también un papel clave en la revuelta militar de febrero contra Marcos, que llevó al poder a la señora Aquino.



Fuerzas leales a Corazón Aquino recorren Manila (AP)

Aguirre dijo unas dos horas después del primer disparo que había suspendido el ataque para permitir a Canlas que saliera de la estación y reunirse con el ministro de Defensa, Rafael Ileto.

Aguirre reanudó los disparos de gas lacrimógeno debido a que Canlas se abstuvo de responder, pero suspendió su propia orden un minuto después cuando las esposas de varios de los rebeldes llegaron con otra apelación para que cesaran en su actitud.

870350

01-01

PRENSA
...ido por José C. Paz el 18 de octubre del año 1869
...57 - NUMERO POSTAL 1319 - BUENOS AIRES - Tel. 33-1001/9 y 1011/19

PRONOSTICO METEOROLOGICO
Temperatura y humedad en aumento. Algo nublado. Max. 32°C Min. 20°C. Vientos leves del norte. Información pag. 16.

Gran triunfo electoral de Aquino en Filipinas

La nueva Constitución le permite gobernar 6 años más

Manila, 2 (UP y ANSA) – La presidenta de las Filipinas, Corazón Aquino, parecía haber asegurado hoy un poderoso mandato luego que el 80 por ciento de los votantes aprobó una nueva Constitución que restaura plenamente el gobierno democrático y le otorga a Aquino seis años más en el poder.

La oposición aceptó la derrota sólo seis horas después de clausurarse los comicios.

La Constitución dará a Aquino un período presidencial de seis años y estipula el reemplazo del Parlamento por una legislatura bicameral.

Incidentes

A pesar de la muerte de nueve personas en "incidentes aislados" entre el gobierno y rebeldes en zonas rurales, el secretario de prensa Teodoro Benigno calificó el plebiscito de "la primera elección honesta y ordenada en el curso de un largo, largo tiempo".

Beningno agregó que la masiva asistencia a las urnas se debió probablemente a los tumultuosos eventos de las últimas semanas, que habrían aumentado entre la población el deseo de estabilidad.

"El peligro representado por los extremistas de izquierda y de derecha –dijo Benigno– fueron advertidos por los electores, que yendo en masa a las urnas demostraron su convencida participación en el proceso democrático".

Resultados extraoficiales difundidos por el Movimiento Nacional de los Ciudadanos por Elecciones Libres, una organización independiente, señaló que, con el 27,31 por ciento de los sufragios contados, 5.374.617 votos eran por "sí" (80.59 por ciento) y 1.294.656 por "no" (19.41 por ciento).

Se necesitaba sólo una mayoría de un 51 por ciento para adoptar la nueva Constitución.

Aquino, quien luchó personalmente por la ratificación de la nueva Constitución, esperaba que un 70 por ciento de los votantes la aprobaran.

El presidente del Comité Electoral, Ramón Felipe, informó que los resultados finales no serán anunciados hasta el próximo lunes. Felipe indicó que votó el 90 por ciento de los 25 millones de electores.

Aquino, de acuerdo a resultados extraoficiales, perdió en la región de Ilocos, lugar de nacimiento del derrocado presidente Ferdinand Marcos, por un margen de 49 por ciento a 51 por ciento. Pero en sus bastiones de Manila logró el 77 por ciento y en Cebú, la segunda ciudad más grande del país, obtuvo el 86 por ciento.

La oposición admitió la derrota

Los resultados preliminares mostraban que la Constitución había sido aprobada por más de 75 por ciento de los votos cuando el secretario general del opositor partido Nacionalista, René Cayetano, aceptó el resultado.

"La voz del pueblo es la voz de Dios. Y el pueblo ha ofrecido su opinión: es un resonante "sí" ", afirmó Cayetano.

"Este es un nuevo comienzo para todos nosotros. Démosle al pueblo lo que quiere: creo que lo que el pueblo quiere es estabilidad", añadió Cayetano.

"El pueblo quiere progreso, quiere democracia. Podemos asegurarle al gobierno y a todo el mundo que obedeceremos esta monumental voluntad popular", aseguró Cayetano.

Entusiasmo de la presidenta

Una entusiasmada Aquino afirmó 90 minutos después de cerrarse las urnas que la votación había sido "limpia, honesta, ordenada y excepcionalmente nutrida.

"Mi esperanza es que hasta que se den a conocer los resultados finales, esta admirable demostración de la democracia no solo continuará, sino que reafirmará la estabilidad política que todos deseamos", dijo.

La nueva Constitución le permitirá a Aquino gobernar hasta el 30 de junio de 1992.

01/01

8703505

037

LA REPUBLICA 7/2/87

Advertencia de las FF.AA. a la guerrilla en las Filipinas

Manila, 6 (EFE) — El jefe del Estado Mayor de las Fuerzas Armadas filipinas, general Fidel Ramos, afirmó hoy que el Ejército empleará la fuerza contra la línea dura de los insurgentes comunistas si fracasan las conversaciones de paz con el gobierno.

El próximo domingo 8 finaliza la tregua de 60 días firmada por el gobierno de Corazón Aquino y el Frente Nacional Democrático (FND), organización que agrupa a 12 movimientos en la clandestinidad, entre ellos el partido Comunista y la guerrilla "Nuevo Ejército del Pueblo" (NEP), que cuenta con unos 23.500 hombres.

La guerrilla comunista se retiró de la mesa de negociaciones a raíz de la muerte de 16 agricultores durante una manifestación en las cercanías del palacio presidencial de Malacanang.

Hasta ahora los negociadores del gobierno no recibieron respuesta alguna de los insurgentes para reanudar las negociaciones.

El comité del FND de la isla meridional de Mindanao señaló hoy en un mensaje publicado en los periódicos de Manila que respalda la decisión de la guerrilla de retirarse de la mesa de negociaciones.

La "falta de sinceridad e intransparencia del gobierno de la señora Aquino (...) no nos deja otra alternativa que tomar las armas de nuevo hasta ver señales de buena fe", afirma el FND en su nota.

El jefe del Ejército, en un discurso en el cuartel de Camp Aguinaldo de la capital, explicó que si los rebeldes no aprovechan la línea de apertura del gobierno, "es el final (...) al menos que quieran negociar de nuevo".

Ante la posible ruptura de las negociaciones a nivel nacional, Ramos prevé sin embargo seguir negociando con los comité regionales que manifestaron interés en una solución política a 18 años de guerra fraticida en el país.

"Seremos duros"

"Pero en las regiones en que continúan siendo tercos y siguen violando nuestras leyes y la tregua —subrayó Ramos—, seremos duros".

Sin embargo, las perspectivas para que regresen a la mesa de negociaciones los representantes del FND, los ex periodistas Satur Ocampo y Antonio Zumel, parecen bastante sombrías.

Hoy fue desmantelada la oficina permanente en las instalaciones del Club Nacional de Prensa que abrieron recientemente después de la firma de la tregua.

En cuanto a la última crisis del gobierno de Aquino, precipitada por un intento de golpe de estado que protagonizó medio millar de fuerzas leales al derrocado presidente Ferdinand Marcos, a las que Ramos calificó de "elementos desviados", el jefe del Ejército señaló que las tropas fueron "engañadas" por sus comandantes.

Sobre el plebiscito constitucional del pasado 2 de febrero, en el que un elevado porcentaje de militares votaron en contra de la nueva Carta Magna que legaliza el mandato de Aquino hasta junio de 1992, Ramos agregó que "este es un país democrático y nadie debe investigar el voto de los soldados", que próximamente tomarán juramento de lealtad a la nueva Constitución.

Por otra parte, el ministro para asuntos nacionales, Aquilino Pimentel, señaló que a partir del próximo lunes la comisión gubernamental para la paz y el desarrollo de la isla de Mindanao comenzará a negociar con las diferentes facciones de rebeldes musulmanes las propuestas para resolver el conflicto en el sur de Filipinas.

La comisión bilateral, que integran tres representantes del gobierno y tres rebeldes, presentará a los tres meses sus conclusiones a los paneles encargados de negociar la paz en la isla.

PARTES POCO LEGIBLE

01-01

8703520

037

RS/

Rechazo de la guerrilla en Filipinas

Manila, 7 (UP) – Los guerrilleros comunistas rehusaron hoy los llamamientos del gobierno para reanudar las conversaciones de paz, llevando a las Filipinas al final de una tregua de 60 días y a la reanudación de la guerra de guerrillas.

El cese del fuego, un punto de controversia para la política de reconciliación de la presidente Corazón Aquino, terminará oficialmente mañana al mediodía.

"Las negociaciones iniciales de paz han fracasado y la responsabilidad por el fracaso descansa en el lado del gobierno", expresó una declaración del Frente Nacional Democrático, los negociadores de paz de izquierda y el brazo armado de los 22.500 guerrilleros comunistas.

"Llamamos a las organizaciones populares a que continúen la lucha militante y sin tregua en todos los frentes por los intereses patrióticos y democráticos", señaló la declaración.

En el norte de Filipinas, los militares informaron que una emboscada guerrillera dejó a cinco soldados muertos y cinco heridos.

El choque fue la peor batalla desde que comenzó el cese del fuego el 10 de diciembre.

Intento de comunistas en Filipinas

MANILA. — Rebeldes comunistas han preparado una lista de futuras víctimas de atentados, que incluye a importantes funcionarios civiles, militares y policiales, los que serían eliminados en un intento por desestabilizar al gobierno de la presidenta Corazón Aquino, denunció ayer el comandante de la policía de Manila.

El general de Brigada, Alfredo Lim, dijo a los periodistas que las fuerzas de seguridad de la capital fueron puestas en estado de alerta después que escuadrones reducidos de comandos rebeldes se infiltraron en la capital y dieran muerte a siete oficiales de policía en una semana.

Filipinas 037

Siempre habrá críticas y tenemos que aceptarlas

Ataques al Gobierno de Corazón Aquino

MANILA, Filipinas (ANSA, EFE y UPI). La Presidenta filipina Corazón Aquino, definiéndose como "muy humana", dijo que las críticas no constructivas a su gobierno la hieren y la hacen sentirse muy mal.

"Siempre habrá críticas para el gobierno y tenemos que aceptarlas en la mejor forma posible si nos dan alguna alternativa o sugerencia constructiva", dijo la Presidenta a una delegación de la Universidad Maryknoll, en su despacho del palacio de gobierno.

"Este tipo de críticas realmente no ayuda a nadie y me hace sentir muy mal", dijo, refiriéndose a recientes ataques de la oposición contra su gobierno.

"Siempre le digo a la gente que soy muy humana y sensible", dijo.

Mientras tanto en el sur, en la isla de Mindanao, el brigadier general Mariano Adalem, anunció que hoy presentará cargos criminales en contra del sacerdote católico Diosdado Ladera, por su supuesta participación en una emboscada comunista que sufrió la semana pasada una unidad del ejército y que dejó un saldo de ocho muertos.

EVIDENCIAS

El oficial del ejército dijo que existían suficientes evidencias como para probar que el sacerdote Ladera era el hombre que había guardado las armas de los soldados emboscados por los rebeldes.

Según los comunicados oficiales, cinco soldados y tres civiles murieron en el asalto llevado a cabo el sábado pasado por 50 rebeldes del Ejército del Pueblo Nuevo, en el camino montañoso de Magtais, 800 kilómetros al sur de Manila.

Las autoridades religiosas de Mindanao indicaron que iniciarían su propia investigación separada sobre los cargos contra el sacerdote.

El caso se produjo en momentos en que el arzobispo de Manila, cardenal Jaime Sin, ha prohibido a los sacerdotes y monjas participar en política.

Una directiva de instrucciones distribuida a los 5.500 sacerdotes y 8.600 monjas del país les prohibe específicamente participar en actividades políticas con el proscrito Partido Comunista de Filipinas.

Entretanto, en Baguio, el Embajador de la Unión Soviética en Filipinas, Vadim Ivanivich Shabalin, dijo a los reporteros que Moscú ha propuesto el desmantelamiento de las instalaciones militares que ese país tiene en la región asiática del Pacífico, con el fin de reducir la tensión en esa área.

El diplomático, hablando en una exhibición de fotos de la Unión Soviética, no indicó a quién se había comunicado la propuesta.

Shabalin dijo que antes de que las instalaciones fueran desmanteladas, debería efectuarse una "mutua verificación e inspección" de las bases.

La Mañana 18/3/87

037

El Día
4/3/87

Filipinas: recrudece violencia

MANILA. — La presidenta filipina, Corazón Aquino se manifestó ayer consternada por el recrudecimiento de los combates entre soldados y rebeldes de la guerrilla comunista, tras el vencimiento del cese del fuego de 60 días que finalizó el pasado 8 de febrero.

Los últimos incidentes se produjeron por la noche del lunes en la provincia de Leyte, donde 12 guerrilleros fueron muertos y heridos otros cinco, según informes militares llegados a la capital.

Las autoridades, entre tanto, afirman que el alevoso ataque contra un alto oficial del ejército y su chofer, en el que ambos fueron asesinados esta mañana, podría ser el comienzo de una nueva ola de terror por parte de los rebeldes.

Se sospecha que fueron combatientes armados del clandestino nuevo Ejército del Pueblo quienes, a plena luz del día, mataron a tiros al teniente coronel Benjamin Casabar y su chofer cuando su vehículo se detuvo ante un semáforo en un cruce muy transitado en Manila.

La presidenta se manifestó preocupada por los in[...]es de combates, señalando que durante la vigencia del cese del fuego hubo un pro[m]edio de dos incidentes diarios, cifra que se ha elevado hasta ocho combates por día.

"La tendencia es muy alarmante", dijo el jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, revelando que por lo menos 181 personas murieron entre el vencimiento de la tregua, el 8 de febrero, y el 28 del mismo mes.

La presidenta Aquino, sin [illegible] gobierno proseguirá la [illegible] de negociaciones [illegible] con los rebeldes [illegible] a nivel regional.

PARTES ILEGIBLES

01/01

8703570

Filipinas

037

El Dia 25/3/87

Caso Aquino: arrestan a ex ministro y militares

MANILA. — Autoridades judiciales filipinas han expedido ayer orden de arresto contra dos ex ministros, un alto [illegible] aeronáutico y once soldados por su vinculación en el asesinato, en 1983, del líder opositor Benigno Aquino, esposo de Corazón Aquino.

Se espera que las órdenes de arresto sean publicadas después de que la corte contra la corrupción "Sandiganbayan" resolvió una moción del fiscal general, Raúl Gonzáles, acusando a los mencionados de complicidad en el asesinato de Aquino.

Entre las personas acusadas por el fiscal de complicidad figuran los ex ministros en el gobierno del derrocado presidente Ferdinand Marcos, Gregorio Cendana (Información) y José Aspiras (Turismo), a ex jefe de Transporte Aéreo, Jesús Singson, así como once soldados.

Con ello se eleva a 40 el número de las personas acusadas por el asesinato de Aquino.

La muerte de Aquino, baleado mortalmente en el aeropueto de la capital filipina a su regreso del exilio en EE.UU., aceleró la llamada revolución popular que terminó con el régimen de Marcos.

Raul Gonzáles destacó que testigos implicaron a Aspiras, Cendana y Singson, a quienes escucharon discutir el plan para el asesinato un día antes de que Benigno Aquino fuera asesinado en el Aeropuerto de Manila el 21 de agosto de 1983

PARTES ILEGIBLE

01 | 01

8703571

037

FILIPINAS

Malestar militar

MANILA, 12 (Por Philippe Pons de "Le Monde", especial para Clarín). — **"Si el 45 por ciento de los militares que votaron por el «no» en el referéndum constitucional fueran rebeldes potenciales, el gobierno tendría sus días contados. No es este el caso, pero el mensaje no puede ser más claro: existe un profundo malestar en el ejército".** Así se expresaba el coronel de aviación de la base de Villamor en Manila, que a fines de enero fue escenario de uno de los frustrados intentos de golpe de las fuerzas militares contra el gobierno de Corazón Aquino.

Los soldados que apoyaron la "revolución" filipina en febrero de 1986, se sienten los "mal queridos" del nuevo poder. Los "jóvenes turcos" se sienten traicionados y los moderados tienen la impresión de haber sido abandonados. **"De ser los ciudadanos de segunda clase"**, nos dice el coronel de aviación.

Estos oficiales estiman que el ejército le ha dado el poder a la señora Aquino y que por lo tanto ella debe tener en cuenta la opinión de los militares en la definición de su política. Implícitamente, quizás abiertamente, piensan que **siendo la fuente del poder, ellos pueden recuperarlo, cuando juzguen que el gobierno no cumple su objetivo.**

Sin lugar a dudas, el número de oficiales que componen el grupo RAM (organización informal de coroneles y capitanes a favor de una reforma en las fuerzas armadas), **punta de lanza de la rebelión que le dio el golpe de gracia a Marcos, tienen las opiniones menos radicalizadas. El RAM no constituye el** principal grupo de presión en el seno del cuerpo de oficiales. Es una delegación que representa a un centenar de esos miembros que disuadieron en enero al **general Ramos, jefe del Estado Mayor**, de atacar a los rebeldes que ocuparon la cadena de televisión número 7.

Los oficiales actuantes en política y los sediciosos en el poder, juegan sobre todo uno de los raros fermentos de unidad entre los militares: el anticomunismo. Si bien no más de 700 hombres participaron en las últimas tentativas de golpes de fuerza que precedieron al referendo, **la gran mayoría de los militares comparten las visiones de los revoltosos que denunciaban la debilidad del gobierno frente a la amenaza comunista.**

Estos oficiales hacen hincapié en el descontento que reina entre los militares. **"Reclamamos ser tratados con igualdad"**, nos dice un coronel leal a la gobernanta Aquino. **"Se nos acusa de haber violado los derechos del hombre, yo no niego que hubo abusos pero los comunistas, que son responsables de los mismos crímenes, deben también ser juzgados".** Nuestro interlocutor denuncia además que **"un sargento no gana más de 2.000 pesos por mes (100 dólares). Desde que mis hombres se enteraron que el gobierno prevé entregar un millón de pesos a cada rebelde que se rinda, la mayoría se ha puesto mal, ya que con su jubilación no puede esperar ni siquiera comprarse una casa".**

Todos estos resentimientos hacen que algunos oficiales se vean disponibles para las aventuras políticas y muchos de sus hombres vulnerables a las manipulaciones de los "putschistas". El general Ramos, jefe del Estado Mayor General, intenta remediar este malestar actuando de varias formas. En primer lugar obteniendo del gobierno una mejora en las condiciones de vida de los soldados (un aumento de los sueldos, particularmente). Por otra parte, figura el hecho de la irritación de los militares que reprochan al gobierno el haber impedido participar en el referendo a los soldados que en razón del destino que se les había dado no estaban en su distrito de origen.

CLARIN 13/2/87

RS

037

RS

MAXIMO ALERTA MILITAR EN LAS

Filipinas al cesar la tregua

La Nación 9/2/87

MANILA, 7 (UPI). - Las fuerzas comunistas ignoraron hoy un llamado de última hora del gobierno de la presidenta Corazón Aquino para una extensión del histórico cese de fuego, mientras unidades militares eran puestas en máximo alerta en previsión de la reanudación de las hostilidades.

En la norteña provincia de Kalinga-Apayro, un bastión de los insurgentes, los militares informaron que cinco soldados fueron muertos y otros cinco heridos en una emboscada realizada ayer, en la violación más sangrienta del cese de fuego que se implantó el 10 de diciembre.

"Las operaciones en plena escala comenzarán el lunes", dijo un comunicado del Ejército.

El Frente Democratico Nacional (FDN), el brazo politico del Nuevo Ejército Popular, que cuenta con 23.000 efectivos, señaló por su lado "no vemos ningún justificativo para extender el acuerdo de cese de fuego", al acusar a las fuerzas militares de violar la tregua.

Fracaso

"Las negociaciones iniciales de paz han fracasado y la responsabilidad de su fracaso reside en el gobierno", dijo el FDN en una declaracion.

"Convocamos a las organizaciones populares a llevar adelante sus luchas militantes y combativas en todos los frentes en favor de sus intereses patrióticos y democráticos", acotó el mensaje.

Funcionarios oficiales y militares sostuvieron hoy reuniones a puertas cerradas para planificar lo que se estima el reinicio de hostilidades y considerar al mismo tiempo la posibilidad de otras conversaciones de paz.

Por lo menos 43 soldados, civiles y rebeldes han perecido durante la tregua entre el gobierno y el FDN. Fue la primera tregua en los 18 años de actividad guerrillera en Filipinas.

Los negociadores del FDN se retiraron de las charlas de paz el 22 de enero, señalando que terminaria la tregua luego que 13 personas fueran muertas por fuerzas militares durante una manifestación frente al Palacio de Malacañang.

El final del cese de fuego está previsto concluir mañana al mediodia y las fuerzas militares han sido puestas en alerta máxima. El ministro de Defensa, Rafael Ileto dijo que el gobierno tratará de establecer ceses de fuego regionales, pero que también está dispuesto a luchar.

"Los convenceremos de conversar y al mismo tiempo tendremos que recurrir a la fuerza para convencer a los intransigentes, gradualmente , para que lo piensen otra vez", dijo.

Antes en una misa al aire libre, la presidenta Corazón Aquino planteó ante unas 8000 personas la reanudación de las conversaciones de paz, pidiendo oraciones "para lograr una paz permanente y honorable para nuestra patria".

"No debemos ceder ante las fuerzas del odio y la desesperación, sino buscar la paciencia para alcanzar nuestros objetivos, paso a paso", dijo.

La responsabilidad

MANILA, 8 (AP). - El gobierno atribuyó hoy a jefes comunistas intransigentes la responsabilidad del fracaso de una tregua concertada con el Ejército, pero agregó que "mantendrá abierto el camino de la paz", aun cuando sus militares se preparan para la guerra.



Corazón Aquino (Archivo 87)

Entretanto, el obispo monseñor Antonio Yapsutco Fortich, presidente del Comité del Armisticio, instó a la presidenta Corazón Aquino.

No hubo informes de choques tras el final del armisticio, el primero en los 18 años de rebelión, que expiró al mediodia de hoy cuando el Frente Democrático Nacional, la agrupación rebelde, rehusó aceptar una prórroga.

01-01

8703584

037

Filipinas: bomba en Academia Militar se detonó desde lejos

Se utilizaron cohetes soviéticos en su fabricación



Corazón Aquino

BAGUIO, Filipinas. — Las autoridades informaron ayer a la presidenta Corazón Aquino que la explosión en la academia militar de Filipinas fue provocada por una bomba fabricada con cohetes soviéticos, detonados simultáneamente por control remoto.

El ministro de Defensa, Rafael Ileto, y el jefe de la investigación, general Jesus de la Cruz, dijeron a la prensa que es posible que el estallido ocurrido el miércoles 18, que mató a tres militares y a una mujer, además de herir a 43 personas, fue "obra de [illegible]" "[illegible] se puede descartar esa posibilidad", aseveró Ileto. Luego acotó que los investigadores tampoco descartaban la posibilidad que fueran guerrilleros comunistas los responsables del estallido en el podio de la academia militar.

Tanto Ileto como de la Cruz anotaron que dado que las investigaciones están en curso, no se podían confirmar especulaciones que sugirieron que el estallido fue obra de militares descontentos cuyo objetivo era la presidenta Aquino.

No se ha detenido a nadie y tampoco nadie se ha adjudicado la responsabilidad del atentado, ocurrido durante preparativos para las ceremonias de graduación a realizarse el domingo 22 en las que Aquino tiene previsto dar un discurso.

El ministro de Informaciones, Teodoro Benigno, dijo que Aquino de todos modos dará su discurso como estaba planificado. Las autoridades contrataron hoy a obreros para reparar los daños en el podio ceremonial.

En una visita de cinco horas a Baguio, en las montañas, a 192 kilómetros al norte de Manila, Aquino inspeccionó el podio en la instalación militar y dio su pésame a los familiares de los fallecidos y visitó a los heridos.

Benigno dijo que los investigadores creen que la bomba "fue obra de cualquiera de esos tres grupos", pero no dio ningún otro detalle ni los identificó.

Los observadores estiman que esos tres grupos podrían ser guerrilleros del Nuevo Ejército Popular, que desde hace 18 años combaten al gobierno; militares opositores a las iniciativas de paz del gobierno de Aquino o posiblemente leales al ex presidente Ferdinand Marcos.

Benigno dijo que el estallido fue provocado por "bombas improvisadas" hechas con cohetes antitanques, ocultos en tres distintos lugares del podio. Los artefactos, de cuatro kilos cada uno, fueron detonados simultáneamente a control remoto, desde algún punto en un radio de dos kilómetros.

De la Cruz dijo que los cohetes son de fabricación soviética porque las Fuerzas Armadas Filipinas tienen armamento estadounidense.

PARTES ILEGIBLE

01 - 01

8703653

037

Es interrogado por la comisión investigadora — La Mañana 24/5/88

Detienen a capitán en relación con atentado en academia militar filipina

MANILA, (ANSA, EFE y UPI).- El jefe del Alto Estado Mayor del Ejército filipino, general Fidel Ramos, admitió ayer que ha ordenado la detención de un capitán, relacionado con la bomba que explotó la pasada semana bajo una tribuna que debía ocupar tres días más tarde la Presidenta Corazón Aquino.

En rueda de prensa, Ramos añadió que el capitán, cuya identidad no quiso revelar, está siendo interrogado por una comisión militar encargada de la investigación del atentado y que se le ha aplicado el Código de Justicia Militar.

Se presume que el capitán del Ejército William Doromal fue el cerebro de la explosión de tres bombas antitanque en el podio de la Academia Militar filipina en la ciudad de Baguio, a unos 250 kilómetros de Manila, el pasado jueves 19.

La explosión ocasionó 4 muertos y 43 heridos, la mayoría profesores de la escuela y familiares de los cadetes, señaló hoy la televisión gubernamental.

También se encuentran arrestados 3 soldados y 6 civiles, añadió Ramos quien dijo que en las próximas 24 horas se revelará su identidad y los motivos que hay tras la explosión.

Ordené la detención de un capitán que parece ser el principal sospechoso, agregó el general Ramos, señalando que el Ejército no ha terminado sus investigaciones, dando a entender que también puede estar involucrado en el atentado la guerrilla comunista del Nuevo Ejército del Pueblo.

HALLAN ARMAS

En la residencia del capitán Doromal se ha descubierto un importante alijo de armas y munición diversa, consistente en un lanzagranadas, rifles, granadas, cables eléctricos y detonadores, así como 1.830 cajas de munición.

El general Jesús de la Cruz, jefe de la zona militar y responsable del equipo investigador del atentado, explicó que el alijo formaba parte de los materiales que utilizó el [illegible] del Ejército en el [illegible] de entrenamiento de [illegible] que recibieron [illegible] cadetes de la escuela de [illegible] profesor.

[illegible] Cruz añadió que [illegible] 4 oficiales y 13 soldados están siendo investigados en relación con la explosión y dijo que después del atentado, el jefe de la Academia Militar, general Rodolfo Biazón, había recibido varias amenazas de muerte.

El capitán detenido, señalaron investigadores militares a la televisión gubernamental, es el padrino de la hermandad militar conocida como Los Guardianes, la más grande de las Fuerzas Armadas, involucrada en varios intentos de golpe de Estado

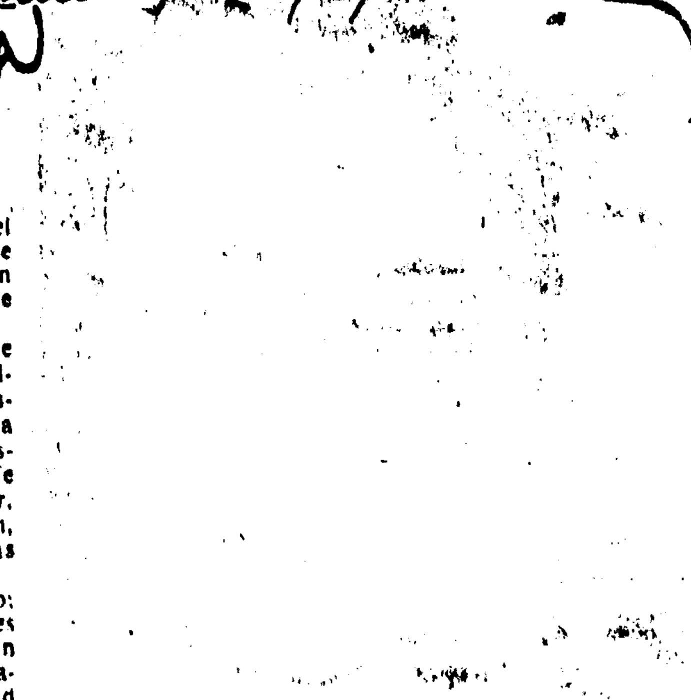


Foto de archivo del jefe del Alto Estado Mayor del Ejército filipino, general Fidel Ramos, quien ayer admitió haber ordenado la detención de un capitán, relacionado con la bomba que explotó la pasada semana

PARTES ILEGIBLE

01-01

8703728

FILIPINA

037

RS

Masivo festejo popular en Manila

CLARIN 26/2/87

MANILA, 25 (ANSA, DPA y AFP). — Más de medio millón de filipinos que llevaban camisetas y cintas amarillas en honor al gobierno convirtieron hoy en las principales avenidas de Manila para festejar con bailes y cantos el primer aniversario de la revolución popular que el 25 de febrero de 1986 derrocó al dictador Ferdinando Marcos y llevó al poder a la señora Corazón Aquino.

Los festejos, que se multiplicaron en las siete mil islas del archipiélago filipino, comenzaron al alba de hoy, cuando las campanas de todas las iglesias del país comenzaron a sonar. Por la noche, exactamente a las 21.15, un imponente espectáculo de pirotecnia encendió el cielo de Manila en celebración del preciso instante en que, un año atrás, Marcos, junto con sus familiares y sus colaboradores más cercanos, salieron en el helicóptero norteamericano que habría de conducirlos a su exilio de Hawaii. En la capital, los actos se concentraron en los cuarteles militares de Camp Aguinaldo y Camp Crane, que en 1986 sirvieron de refugio a los soldados y oficiales rebeldes. En su discurso, la presidenta subrayó el papel de las fuerzas armadas en la rebelión y también mencionó a Juan Ponce Enrile, destituido como ministro de Defensa en noviembre pasado y líder, junto al actual jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, de la insurrección contra Marcos.

Festejos amenazados

Al hablar en la ceremonia de izamiento de la bandera, televisada a todo el país, Aquino dijo a los militares que el pueblo filipino "está observando con orgullo mientras ustedes limpian y fortifican la institución militar y la hacen un pilar de la democracia y una espada contra nuestros enemigos". Se recordará que la presidenta ha enfrentado por lo menos tres intentos fallidos de golpe de Estado liderados por militares leales a Marcos y en ejercicio.

Los festejos se llevaron a cabo en medio de amplias medidas de seguridad tras conocerse hoy la existencia de un plan para asesinar al jefe de las fuerzas armadas, general Ramos, y debido a que circularon versiones sobre intentos de derrocar a la presidenta. Las autoridades desplegaron hoy 12 unidades de bomberos y alrededor de 1.000 policías antimotines en torno del palacio de Malacanang, pero no se informó de incidentes, pese a que, en forma paralela a los festejos de la revolución del "poder popular", unos 150 "leales" a Marcos llevaron a cabo una manifestación en contra de Aquino, en el centro de Manila.

Por la tarde, Aquino asistió a una misa y a un festival. "Hemos restablecido la libertad en el país", dijo la presidenta luego de la misa. "Ahora tenemos que continuar con ese mismo espíritu abnegado y dedicado del «poder popular» para lograr el objetivo de (...) aliviar la pobreza de las masas".

Ausente de las celebraciones estuvo el ex ministro Enrile, quien pese a haber sido invitado advirtió que "el país será desgarrado si no se logra resolver la situación actual. Temo no estar hablando de un golpe", dijo Enrile en una entrevista a la televisión filipina. "Si no tomamos precauciones todo será más grave. Esa es la percepción de mucha gente".

El complot

La cadena oficial de televisión reveló hoy que dos ex oficiales filipinos leales a Marcos regresaron al país procedentes de EE.UU. para organizar el asesinato del general Ramos.

La cadena PTV-4 citó fuentes militares al precisar que el asesinato debía cometerse hoy miércoles durante las ceremonias de festejo. Los ex oficiales llegaron a Filipinas hace un par de semanas con unos dos millones y medio de dólares y se trasladaron a la isla de Mindanao para reclutar mercenarios. A pesar de la amenaza, el general Ramos participó de la ceremonia de homenaje a la bandera en Camp Aguinaldo.

PARTES ILEGIBLE

037

RS

Alerta rojo en Filipinas

MANILA. — La presidenta Corazón Aquino, al celebrar el primer aniversario del derrocamiento de Ferdinand Marcos, declaró ayer que "No hay ningún camino fácil para lograr la libertad, pero los filipinos la valoramos tanto que daríamos nuestras vidas para defenderla", en tanto las Fuerzas Armadas permanecían en "alerta rojo" —el nivel máximo de precaución— por segundo día consecutivo, tras los informes de que "escuadrones de la muerte" de grupos rebeldes lanzarían algunos ataques durante las celebraciones.

Además, circularon rumores de que soldados leales a Marcos intentarían otro golpe de Estado contra Aquino.

El ministro de Defensa, Rafael Ileto, rechazó los rumores de que Marcos tenía planes para regresar al país, desde su exilio en Hawai, durante las celebraciones del aniversario de su salida.

"No existe nada de eso al respecto", dijo Ileto a la prensa.

Aquino recibió ayer en el palacio Malacanang a la niña estadounidense Emily May Jeeson, estudiante del quinto grado en Nueva York, quien logró el primer lugar en un concurso de ensayos sobre la revolución filipina.

Unos 30.000 niños estadounidenses de más de 200 escuelas [illegible] concursaron en el tema. "¿Qué significa para mí la revolución filipina?"

En su ensayo, Jeeson dijo que sus padres emigraron de las Filipinas hace 10 años [illegible] que "ellos no querían que yo creciera en un país sin libertad".

"La revolución filipina ocurrió a miles de kilómetros hace 12 meses, pero mi familia y yo la sentimos como si hubiera ocurrido aquí en Nueva York", dijo Emily al leer su ensayo ante Aquino.

"¿Qué significó esto para mí? Puedo pensar en dos palabras: orgullo y esperanza", dijo la pequeña.

Aquino también [illegible] canción dedicada a la revolución del "Poder Popular", interpretada por el grupo folclórico estadounidense de Peter, Paul y Mary, que está en Manila para tomar parte en la celebración de cuatro días.

El trío interpretó su canción "No easy walk to freedom" (No hay camino fácil a la libertad) dedicada a la victoria de Aquino.

El Día 24/2/87

PARTES ILEGIBLES

01-01

8703784

037

RS

DP

Buenos Aires, lunes 23 de marzo de 1987 ★ CLA[illegible]

Corazón Aquino admitió que quisieron asesinarla

BAGUIO, Filipinas, 22 (Reuter). — **La presidenta Corazón Aquino, quien admitió por primera vez que el atentado de la semana pasada en la Academia Militar filipina estuvo dirigido contra ella, se comprometió a terminar con todas las amenazas a las libertades provenientes de la izquierda o de la derecha.**

Aquino, en un discurso pronunciado desde el palco gravemente dañado por el estallido, agregó que el atentado había sido la más grave de las amenazas contra su vida desde que asumió la presidencia hace 13 meses.

"Camino libremente mezclándome con el pueblo, sin más protección que su afecto, y es aquí, en una base militar, donde tiene lugar la mayor de las amenazas contra mi vida", dijo.

La jefa del Estado se comprometió a tomar revancha contra todos los responsables de la explosión del miércoles, que dejó un saldo de cuatro muertos y más de 40 heridos.

"Mis ofertas de paz y de reconciliación fueron respondidas con el más sangriento rechazo, tanto de la izquierda como de la derecha", expresó Aquino en referencia a **los rebeldes comunistas y a los derechistas que aún apoyan al presidente depuesto Ferdinando Marcos.**

Agencia AFP



La presidenta Corazón Aquino pasa revista a efectivos de las fuerzas armadas en el Colegio Militar.

Aquino manifestó que antes de haber finalizado su periodo de seis años en la presidencia **"terminará definitivamente con todas las amenazas a la libertad".**

"Quiero decirles a nuestros enemigos que acaben con su lucha fútil si tienen algo de patriotismo y de humanidad en sus venas. **La democracia está aquí para quedarse. Están matando a su propio pueblo. No desperdiciaremos esfuerzos y adoptaremos todas las medidas necesarias para protegerla"**, destacó.

"Nada me intimidará. La muerte no nos asusta, ni al comandante en jefe ni al soldado que se encuentra en la primera línea", añadió.

El estallido se produjo durante un ensayo general para la ceremonia de graduación de hoy.

037

Página 37 ... Aires, lunes 27 de abril de 1987 CLARIN

ante e

Versiones sobre posible ... fuerzas armadas y policiales ... violencia, a quince días ...

MANILA, 26 (AFP, AP, Reuter ...) — Las fuerzas armadas filipinas ... en "alerta roja" a todas las guar... militares y centros policiales ... ción de un posible intento de ... Estado.

Un vocero militar indicó que ... las fuerzas armadas, general ... mos, ordenó a la una de la tarde ... do (5 GMT) al ejército, la marina, ... náutica y la policía la detención ... quier movimiento de tropas ... do".

El portavoz dijo que se había ... "información en crudo" sobre ... soldados descontentos que podrí... car importantes instalaciones ...

Las acciones, según los rumo... drían tener lugar en cualquier ... entre el fin de semana y el ... mayo, fecha elegida para las ... legislativas, explicó el brigadier ... Alexander Aguirre, jefe de las fu... liciales en Manila.

En esos comicios estarán ...



Presidente Aquino: un peligro que no cesa

rados. "Otros 430 se rindieron durante el mismo período", según agregó el militar.

Vicente Puyat candidato de la oposición a la presidenta Corazón Aquino, convocó hoy a un cese del fuego por treinta días entre el gobierno y las fuerzas rebeldes tras advertir que las elecciones parlamentarias del 11 de mayo podrían ser "muy violentas y muy sangrientas".

El dirigente opositor tomó en consideración los informes oficiales sobre los enfrentamientos, y dijo que un incremento de la violencia podría privar a millones de filipinos del derecho a votar.

POCO LEGIBLE!

01/01

8703808

Filipinos

Filipinas: "Alerta rojo" ante nuevo temor de golpe

Versiones sobre posibles copamientos de unidades militares motivaron la declaración del estado de "alerta rojo" entre las fuerzas armadas y policiales filipinas. El general Víctor Ramos, máximo jefe castrense, alertó sobre el recrudecimiento de la violencia, a quince días de las próximas elecciones legislativas. Hubo pánico en Manila por un fuerte movimiento sísmico.

MANILA, 26 (AFP, AP, Reuter y UPI). — Las fuerzas armadas filipinas pusieron en "alerta rojo" a todas las guarniciones militares y centros policiales en prevención de un posible intento de golpe de Estado.

Un vocero militar indicó que el jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, ordenó a la una de la tarde del sábado (5 GMT) al ejército, la marina, la aeronáutica y la policía la detención de "cualquier movimiento de tropas no autorizado".

El portavoz dijo que se había recibido "información en crudo" sobre grupos de soldados descontentos que podrían atacar importantes instalaciones militares.

Las acciones, según los rumores, podrían tener lugar en cualquier momento entre el fin de semana y el próximo 11 de mayo, fecha elegida para las elecciones legislativas, explicó el brigadier general Alexander Aguirre, jefe de las fuerzas policiales en Manila.

En esos comicios estarán en juego un total de 24 curules del Senado y 200 de la Cámara baja. Aguirre explicó que el estado de alerta "es sólo una medida de precaución. La información no ha sido verificada, pero no queremos ser sorprendidos".

El general Ramos también aludió a posibles intentos golpistas relacionados con la celebración de esas elecciones. El máximo jefe militar dijo que sus fuerzas han identificado ya 778 ciudades y pueblos de todo el país como posibles escenarios de incidentes durante la etapa preelectoral.

Agregó que los riesgos allí aumentan por la existencia de agudas rivalidades entre candidatos, a las que deben sumarse la presencia de verdaderos "ejércitos particulares" de jefes políticos locales y la actividad terrorista de la guerrilla comunista.

♦ Creciente violencia

Ramos dijo que 30 personas —entre las que se contaron cuatro candidatos oficialistas y un opositor— murieron en hechos de violencia, que constituyen una tradición en las campañas proselitistas filipinas.

Las otras 25 víctimas fatales fueron tres funcionarios locales que no se postulaban como candidatos y 22 personas que trabajaban en la organización de los comicios.

Las autoridades militares informaron que siete civiles murieron y otros 11 resultaron heridos ayer en la isla Cebú, en la región central del país, cuando los insurgentes comunistas atacaron con armas automáticas y granadas de mano a la aldea de Pamután. No se aclararon las razones del ataque.

Según las estadísticas de los militares, desde principios de este año las actividades de los rebeldes provocaron la muerte de 837 personas: 361 guerrilleros, 278 soldados y 198 civiles.

Los datos revelados por el propio Ramos dieron cuenta de 433 guerrilleros del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP) capturados. "Otros 430 se rindieron durante el mismo período", según agregó el militar.

Vicente Puyat candidato de la oposición a la presidenta Corazón Aquino, convocó hoy a un cese del fuego por treinta días entre el gobierno y las fuerzas rebeldes tras advertir que las elecciones parlamentarias del 11 de mayo podrían ser "muy violentas y muy sangrientas".

El dirigente opositor tomó en consideración los informes oficiales sobre los enfrentamientos, y dijo que un incremento de la violencia podría privar a millones de filipinos del derecho a votar.



Presidente Aquino: un peligro que no cesa

POCO LEGIBLE!

01/01

8703808

Fichaje Filipinas 037

RS

Otro problema para "Cory" Aquino

El movimiento separatista de Mindanao

DN

Por Nathan Castro

Manila — Pronto se presentará un juicio formal ante las Naciones Unidas por la creación de una república separada en Mindanao, al sur de las Filipinas.

Se presentará una apelación ante la ONU tan pronto como Rubén Canoy, presidente del Movimiento Independentista de Mindanao (MIM) haya completado la recolección de cinco millones de firmas —tanto de musulmanes como de cristianos— en Mindanao, que tiene una población de unos 10 millones de cristianos y 3 millones de musulmanes.

Los líderes musulmanes responsables, y en particular el sultán Alf Dimaporo, un reconocido alto líder político musulmán, y líderes tanto del Frente de Liberación Nacional Moro (FLNM) como el Frente de Liberación Islámico Moro (FLIM) ya se han comprometido, según se ha informado, a unirse al movimiento secesionistas dirigido por Canoy.

Bandera e himno

Los separatistas ya han enarbolado su propia bandera y cantado su propio himno nacional en una reciente reunión en la cumbre celebrada en Ciudad Davao.

Ahora se encuentran en proceso de terminar su propia Constitución que integrará los cánones y la ortodoxia cristianos y musulmanes.

La proyectada apelación ante la ONU está causando agitación en Manila, donde el gobierno de la presidenta Aquino aumenta sus esfuerzos para resolver la situación mediante negociaciones con Nur Misuari, presidente del FLNM, al que se apela para que no permita que el FLNM se una al movimiento separatista y, en cambio, convenga en una propuesta autonomía para Mindanao, con lo cual se accede a prácticamente todas las demandas del FLNM, salvo la secesión.

Un equipo de alto nivel de negociadores gubernamentales, presidido por Agapito Aquino, cuñado de la presidenta, ha sido enviado por ésta hacia Mindanao con poderes plenipotenciarios a fin de impedir el desmembramiento de la República de las Filipinas.

Gravedad de la situación

La propia presidenta, consciente de la gravedad de la situación, voló a Mindanao para conversar personalmente con Misuari y concluir un cese el fuego entre los combatientes musulmanes y las tropas del gobierno, y llevarlos a la mesa de negociaciones.

Esa fue la primera vez que un gobernante de Filipinas tuvo que salir de Manila y dirigirse al sur a fin de tratar los problemas de las minorías musulmanas.

Otro fuerte pilar del movimiento secesionista es la Asociación Mindanao-Sulu-Palawan (MINSUPALA), presidida por el antiguo gobernador Rolando Geotina, y que incluye a líderes políticos de todas las tendencias del área de Mindanao.

Otro líder político de importancia, Homobono Adaza, probablemente —según se espera— se sumará a los separatistas de un momento a otro. Adaza lleva tiempo batallando por el federalismo y su reciente salida del gobierno de la [illegible]esidenta Aquino probablemente [illegible]recipite su unión a los líderes sec[illegible].

Para las Filipinas sería devastador la pérdida de Mindanao, de aquí que la misión de Agapito Aquino se considere crucial para la existencia misma de la república. Su fracaso sería poco menos que una catástrofe.

Es por ello también como "Cory" Aquino ha demandado el pleno apoyo de su pueblo para ayudarle a resolver el explosivo problema de Mindanao. Y ella se ha comprometido a darle la más amplia atención y estudiar las demandas de los líderes de Mindanao.

LA PRENSA 20/4/87

FILIPINAS

037

Un apagón motiva nuevas versiones de golpe en Manila

Manila, 19 (UP) — Un corte del suministro de energía eléctrica que dejó en la oscuridad a esta capital y una extensa área del norte de las Filipinas por varias horas esta noche, acentuó los rumores de un golpe, un día después que un grupo de soldados se amotinó en un cuartel del Ejército.

Oficiales militares dijeron ayer que 19 de los 102 soldados detenidos en una guarnición a la espera de ser sometidos a corte marcial en relación con el intento de derrocar a la presidenta Corazón Aquino, el 27 de enero, desaparecieron durante el amotinamiento del sábado.

"No sé qué ocurrió"

"No sé qué ocurrió", expresó el vocero de las Fuerzas Armadas, Honesto Isleta, en declaraciones a la agencia estatal de noticias, agregando que los que habían desaparecido suman 19. "Pueden estar todavía ocultos dentro del campamento, amparados por simpatizantes, o pueden haber escapado".

La presidenta Aquino ordenó que las Fuerzas Armadas juzguen con toda la severidad del reglamento a las tropas rebeldes, bajo los artículos de guerra. Un soldado rebelde fue muerto cuando las fuerzas gubernamentales asaltaron la guarnición amotinada para aplastar el levantamiento de ocho horas.

Inquietud y alerta

Funcionarios de la Compañía Nacional de Energía dijeron que el servicio eléctrico se restableció en un tercio de Manila por unas tres horas, pero que no habían determinado qué causó el apagón, el primero de importancia desde el ocurrido el 21 de agosto de 1986, en el tercer aniversario del asesinato de Benigno Aquino.

El apagón provocó atascamientos del tránsito y desencadenó inquietud entre los filipinos. Las autoridades difundieron llamados a la calma por la radio, y la policía de Manila fue puesta en alerta.

"Fue un accidente"

El secretario ejecutivo de Aquino, Joker Arroyo, en un mensaje difundido el domingo a la noche por la radio gubernamental, indicó que no había causa para la alarma.

"Fue un accidente. No tenemos evidencia de que el apagón haya sido deliberado y nada hay por qué preocuparse", concluyó Arroyo.

La Prensa 20/4/87

01-01 8703909

RS

ARCHIVAR EN: Filipinas (037)

TEMA: AQUINO SE SACÓ A ENRILE DE ENCIMA Y GIRA A LA DERECHA

PROCEDENCIA: Búsqueda 27/11/86

ARCHIVADO EN: Fichaje (8)

01-01

8703998

037

Filipinas

Anuncian un severo castigo a militares filipinos sediciosos

MANILA. — Los integrantes de un pequeño grupo de soldados que el sábado irrumpió en un comando del Ejército filipino en un acto de sedición contra el gobierno de la presidenta Corazón Aquino se encuentra bajo fuerte custodia y serán castigados por el articulado del Código de Justicia Militar en tiempos de guerra.

El jefe de las Fuerzas Armadas filipinas, general Fidel Ramos, a quien la presidenta Aquino ordenó que "aplicara todo el peso de la ley" a los rebeldes, dijo que estos se hicieron pasibles de un "severo castigo" al iniciar una rebelión que finalizó ocho horas después de estallar con una pérdida de una vida.

Las autoridades castrenses informaron que 12 soldados se encontraban bajo fuerte custodia en el comando de Fuerte Bonifacio, en Manila, tras ser aplastado el motín en cuyo transcurso los insurgentes exigieron la renuncia de Aquino y la entrega del poder a las Fuerzas Armadas.

"Ellos (los rebeldes) deben ser sometidos al severo castigo que estipulan los artículos del Código de Justicia Militar en tiempos de guerra para actos de amotinamiento de esta naturaleza— dijo Ramos a los periodistas sin brindar detalles.

01-01

8704103

037

Filipinas

Oficiales desbaratan una conjura subversiva de soldados contra Aquino



La presidenta filipina, Corazón Aquino, que se hizo con el poder en febrero de 1986. (Radiofoto Reuter especial para EL DIA) 1/4/87

MANILA. — Un nuevo complot militar fue desbaratado en Manila durante el fin de semana pasado, gracias a la intervención de oficiales superiores del Ejército que impidieron la salida de los sublevados del cuartel en que se hallaban, anunció ayer la agencia filipina de prensa ("PNA").

Citando fuentes cercanas a los Servicios de Inteligencia, "PNA" precisó que 400 soldados al mando de un suboficial integraban el complot cuyo objetivo era apoderarse de dos cadenas de televisión, una radioemisora y una escuela a la que concurrían los hijos de extranjeros.

El diario "Malaya" denunció, por su parte, el sábado pasado, el descubrimiento por el comando del Ejército, de un intento [illegible] golpe de Estado por parte de un millar de militares fieles al ex presidente Ferdinand Marcos. La tentativa rebelde debía producirse antes de las elecciones legislativas del 11 de mayo próximo.

Por otra parte, el Estado Mayor del Ejército lanzó órdenes de detención contra tres oficiales prófugos, entre ellos el general José Zumel, sospechoso de estar implicado en un atentado dinamitero contra la academia militar de Filipinas, en el norte del país y que provocó cuatro muertos.

Los otros dos oficiales requeridos, precisó el portavoz del Ejército, son el coronel Rolando Abadilla y el teniente coronel Reynaldo Cabauatan, que estuvieron involucrados en la abortada rebelión militar de enero pasado.

01-01

8704151

037
RS

Filipinas

Aniversario de creación de grupo rebelde

Alerta militar en Filipinas

MANILA. (ANSA, EFE y UPI).- Todas las unidades militares filipinas recibieron orden de máxima alerta de combate, en la víspera del XVIII aniversario de la fundación de la guerrilla comunista Nuevo Ejército del Pueblo (NEP).

Durante la última semana, los enfrentamientos entre el ejército y la guerrilla ocasionaron en Filipinas una media diaria de 17 muertos, pese a que la presidenta del país, Corazón Aquino, ordenó a los jefes militares utilizar helicópteros de combate y vehículos acorazados para reducir a los guerrilleros.

No obstante, las fuerzas rebeldes intentaron perpetrar ataques múltiples y asesinar a relevantes mandos militares, según afirmó el portavoz del Ejército, coronel Honesto Isleta, quien agregó que los planes de la guerrilla son un intento bárbaro y desesperado que deshonra a sus combatientes.

Por temor a un recrudecimiento de las hostilidades con motivo del XVIII aniversario de la fundación del NEP, el jefe del Alto Estado Mayor de las Fuerzas Armadas filipinas, general Fidel Ramos, ordenó ayer máxima alerta a todas las unidades militares del país, durante todo el tiempo que sea necesario.

La coalición de fuerzas revolucionarias filipinas, representadas por el Frente Nacional Democrático, pactó con el Gobierno de Manila una tregua de 60 días el pasado mes de noviembre, a fin de buscar soluciones políticas a la lucha fratricida.

Además, la policía ha establecido controles en los accesos más importantes a la capital

INTERNACIONAL

Las posibilidades en Filipinas

Por Gwynne Dyer

A comienzos de este mes, por vez primera desde que Corazón Aquino se convirtiera en presidenta de los filipinos, mediante una revolución virtualmente sin sangre, en febrero de 1986, el Partido Comunista filipino se refirió al "régimen EE.UU.-Aquino". Esta es la misma fórmula que usaban para referirse al ex presidente Ferdinando Marcos, un títere estadounidense, y los comunistas continuaron llamando a Aquino una hipócrita demagoga que simplemente pone la cara por los "mercenarios del imperialismo" (el ejército filipino).

Estas son frases de pelea, y la lucha ciertamente ha recomenzado. Las negociaciones de paz entre el gobierno y los líderes de los 23.000 guerrilleros comunistas se rompieron a fines de enero después que fueran asesinados por lo menos una docena de manifestantes campesinos por el ejército en la puerta del palacio presidencial. Desde que expiraran los 60 días del cese del fuego el 8 de febrero, la guerra en los campos ha recomenzado con su acostumbrada ferocidad.

Incluso se está aproximando a los centros de poder. Ocho policías y soldados fueron muertos en Manila en los últimos diez días, y el 18 de marzo una bomba en la Academia Militar filipina mató cuatro e hirió a 38 durante un ensayo de la ceremonia de graduación.

¿Esto significa que la estrategia de EE.UU. para salvar su posición en Filipinas permitiéndole a Aquino acceder al poder ha fracasado? Si esto es así, ¿qué ocurrirá con las bases de EE.UU. allí, los medios militares mayores y más vulnerables de EE.UU. en Asia y en las mismas Filipinas?

Aquino tiene más fuertemente el control ahora que en ningún momento de los últimos 13 meses. En noviembre se deshizo del ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, el principal actor de la revuelta militar (con apoyo tácito de EE.UU.) que comenzara el derrocamiento de Marcos. Ella logró legalizar su posición con una triunfante mayoría de tres a uno en el referéndum para una nueva Constitución a comienzos de febrero (lo que la hará presidenta hasta 1992).

Ya está trabajando duro para la campaña de las elecciones al Congreso que serán el 11 de mayo. Y el 16 de marzo, incluso llegó a anunciar que varios grupos paramilitares (sobre todo la Milicia de Defensa Civil con sus 40.000 miembros) que son responsables de las peores atrocidades de la lucha antiguerrillera, serían disueltos inmediatamente.

Pero esta vez ella dio una mordida más grande de lo que podía tragar. Al día siguiente su consejero militar emitió una "clarificación" diciendo que las milicias de Defensa Civil sólo serían desmanteladas gradualmente durante los próximos dos o tres años, porque todavía se necesitaban para pelear contra los insurgentes comunistas. Pero por mucho que ella controle, el ejército sigue dictando sus propias normas.

De todos modos, la estrategia de EE.UU. en Filipinas depende en gran medida de las Fuerzas Armadas, y particularmente del jefe del Estado Mayor, el general Fidel Ramos. La operación que EE.UU. llevó a cabo allí para sacar a Marcos lo más suavemente posible se basó principalmente en la cooperación del ejército, y hasta ahora ha sido la más exitosa en su tipo.

Existe una larga historia de operaciones similares de EE.UU., en países que son más o menos satélites estadounidenses, en los cuales se le ha 'permitido' caer a regímenes de derecha, especialmente si su corrupción y tiranía les permite a los insurgentes comunistas tener control del país.

El modelo ha sido generalmente el mismo, desde el asesinato de Ngo Dinh Diem en Vietnam del Sur en 1962, al intento de reemplazar el régimen militar ultraderechista en El Salvador en 1979, hasta el derrocamiento de 'Baby Doc' Duvalier en Haití el año pasado. El truco es encontrar 'elementos moderados' dentro de las fuerzas armadas locales y luego simplemente darles luz verde para que puedan pasar; la idea es que un régimen más moderado pueda detener una toma de poder por parte de los comunistas.

Pero Vietnam del Sur cayó, El Salvador culminó en una guerra civil enormemente expandida y aunque todavía no tengamos evidencias en Haití, los signos no son buenos. Filipinas es más grande e importante para EE.UU. que cualquiera de estos países y la dictadura de Marcos fue ciertamente el mejor reclutador de comunistas en Filipinas ¿pero esta estrategia funcionará mejor allí?

Finalmente dependerá no tanto de la innegable capacidad de Cory Aquino para ganar elecciones, como de la velocidad con la que se recupere la economía filipina del terrible desastre que sufrió bajo Marcos. Cuando éste llegó al poder 20 años atrás, el país era uno de [illegible] milagros económicos de Asia, desarrollándose según el mismo modelo de países como Corea del Sur, Taiwán y Malasia.

Pero esos países tienen ahora ingresos per cápita tres o cuatro veces mayores que el de Filipinas y la distancia se ensancha rápidamente. El PBI de Filipinas bajó un 10% en los últimos dos años, el servicio de la deuda externa de 26 mil millones de dólares se comió la mitad de las ganancias de divisas del país y por lo menos la mitad de la fuerza de trabajo está o desempleada o severamente subempleada.

Si la economía comienza a recuperarse, entonces probablemente la estrategia de EE.UU. tendrá éxito. Si no lo hace, entonces tarde o temprano el gobierno de Aquino será visto por la clase media de Manila como simplemente bien intencionado pero un irrelevante intento de cautelosa reforma. La insurgencia continuará creciendo y un golpe militar abierto para enfrentarse a ésta comenzará a ganar apoyo en Washington.

Hasta ahora EE.UU. habiendo ayudado al gobierno de Aquino a existir, ha hecho muy poco por crear las condiciones económicas para su éxito. Si no se empeña un poco más, especialmente en ayudar a Manila a aflojar el terrible peso de la deuda externa, el futuro de las bases estadounidenses en Filipinas será breve y la perspectiva general sigue siendo sombría.



Filipinas

Presidenta engaña al pueblo

Dirigente opositor ataca a Aquino

PN

PARIS. (ANSA, EFE y UPI).- "El Gobierno de la Presidenta Corazón Aquino no es diferente del régimen de Ferdinand Marcos", afirmó ayer en París el dirigente de la oposición filipina José María Sison.

"Una facción reaccionaria ejerce actualmente el poder en Filipinas", afirmó Sison, quien fue liberado el año pasado tras pasar nueve años en prisión.

José María Sison ha fundado junto a Bernabé Buscayno, ex dirigente comunista, el Partido del Pueblo (Bayan) que presenta candidaturas a las legislativas del mes próximo bajo la sigla Alianza Para una Nueva Política.

El dirigente realiza actualmente una gira por diversas capitales europeas y acusó a la Presidenta filipina de querer engañar al pueblo de su país con la reforma agraria.

Sison, que fue uno de los fundadores del Partido Comunista filipino, afirmó que en noviembre último se produjo un cambio en el Gobierno de Corazón Aquino, tras un acuerdo secreto con Washington.

Dicho compromiso, continuó diciendo el político filipino en rueda de prensa, compromete la permanencia de la bases estadounidenses desde 1991, cuando expiran los actuales acuerdos.

Además se prevé la participación estadounidense en las operaciones de lucha contra las guerrillas comunistas, integradas por 25.000 elementos en total, señaló Sison.

Con relación a los rumores, desmentidos, que afirman que ha vuelto a tomar la presidencia del Partido Comunista filipino, el dirigente señaló que mantiene las mejores relaciones con las fuerzas revolucionarias.

Con relación a los comicios del próximo día 11, estimó que el centenar de candidatos a la Cámara Baja del Parlamento de la Alianza Para una Nueva Política podría obtener entre un 20 y un 30 por ciento de los votos.

Por otra parte, la Presidenta Corazón Aquino instó ayer a Estados Unidos a que entregue los helicópteros militares que se había comprometido a suministrar al Ejército filipino, afirmando que Washington no puede pretender que Filipinas luche contra los rebeldes comunistas "con los dientes y las manos".

Tan sólo una horas después, rebeldes comunistas dieron muerte a 16 soldados e hirieron a otros nueve en una emboscada perpetrada en Aklan, a unos 350 kilómetros al Sur de Manila.

Fuentes militares declararon que los guerrilleros atacaron un contingente militar que se dirigía por una carretera para reforzar a otros soldados que estaban siendo atacados en la misma zona.

La Nación 5/4/87

02/02

PS

037

Filipinas

...oficial", señala Shamir en la entrevista.

Asesinato en Filipinas

PN

MANILA, 10 (EFE).- Alberto Dulalas, candidato de la coalición gubernamental PDP-Laban a las elecciones del 11 de mayo, fue asesinado en la ciudad de Oroquita en la isla de Mindanao (800 kilómetros al sur de Manila), cuando presenciaba una riña de gallos.

Con el asesinato de Dulalas, son ya tres las víctimas desde el comienzo de la campaña para las elecciones al Senado y a la Asamblea Nacional.

En Labawon, 400 kilómetros al sur de Manila, siete soldados y dos bomberos murieron en una emboscada de la guerrilla comunista del Nuevo Ejército del Pueblo.

LA NACION 11/4/87

01/01

8704387

037

Filipinas

Dos personas resultaron muertas

Disturbios en acto electoral en Filipinas

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Rebeldes izquierdistas abrieron fuego ayer en un centro de votación ubicado en el pueblo de Sariaya, al Sur del país, durante las elecciones especiales realizadas en poblaciones que no pudieron participar en las votaciones para el Congreso efectuadas el pasado 11 de mayo.

Durante el incidente dos personas murieron y otras tres resultaron heridas, informaron funcionarios gubernamentales.

El comandante regional, general brigadier Restituto Padilla, informó telefónicamene que los hombres armados perpetraron el ataque en Sariaya, en la provincia cocotera de Quezón, ubicada a 95 kilómetros al sureste de Manila, una hora después de que se inició la votación en una escuela primaria.

Un policía y un civil que se encontraban ahí murieron y tres policías más, entre ellos el jefe de la policía de Sariaya, resultaron heridos.

Padilla dijo que los atacantes eran miembros del grupo izquierdista Nuevo Ejército del Pueblo, que desde hace 18 años constituyen la punta de lanza de la insurgencia.

La agencia oficial de noticias, News Agency, indicó que 40 hombres armados dispararon contra la escuela.

Una funcionaria de la dirección electoral local, Milagros Reynoso, dijo que 137 de los 1.496 votantes, habían llenado sus boletas cuando se verificó el ataque. Padilla dijo que la votación fue suspendida por espacio de una hora.

MAXIMA ALERTA

El jefe de las Fuerzas Armadas, mayor general Eduardo Ermita, informó en una conferencia de prensa que el ejército se mantenía en máxima alerta en 38 poblados donde se estaba llevando a cabo la votación especial.

Dicha votación determinaría la composición final de los 24 miembros del senado, elegidos a nivel nacional, así como de los delegados de distrito de la Casa de Representantes, compuesta por 200 miembros.

Los candidatos elegidos por la presidenta Corazón Aquino estaban a la cabeza con 22 de los 24 escaños del Senado, de acuerdo con un recuento oficial que se espera completar la próxima semana.

El grupo opositor, Gran Alianza para la Democracia, tiene dos candidatos en la lista de ganadores en el Senado, el secretario de Defensa, Juan Ponce Enrile y el actor de cine Joseph Estrada.

Estrada está seguro en el décimocuarto puesto, pero Enrile se encuentra en el vigesimosegundo lugar, luchando por permanecer en la lista de ganadores.

En la sureña isla de Jolo, el ejército evitó ayer que un barco de la armada filipina desembarcara materiales electorales en el pueblo de Panamao, ubicado a 960 kilómetros al sur de Manila.

El vocero del comando sureño, coronel Antonio Elías, dijo en una entrevista telefónica que los hombres armados deseaban apoderarse de los materiales electorales.

LA MAÑANA 31/5/87

01/01 8704399

La Democracia

El confesor de Cory Aquino se confiesa

Filipinas es hoy un modelo de democracia

El Cardenal Jaime Sin, confesor de la mandatario filipina, dijo que su país es un modelo de democracia, que apoya sin reservas a Cory Aquino y que procura mantener la iglesia por encima de las batallas terrenales entre el gobierno y la guerrilla. Sin, de sesenta años de edad, considerado héroe nacional por su participación en la lucha de su pueblo por la democracia, no ocultó su admiración por la presidenta, a la que considera merecedora del Premio Nobel de la paz, "porque ha hecho mucho por la libertad". En su residencia habitual, aislado de la pobreza de sus feligreses que le admiran y respetan, Sin manifestó que Filipinas es un modelo de democracia en estos momentos. "El Papa ha alabado en Chile a nuestro país, lo puso como modelo de transición y –agregó– los filipinos son conscientes de la situación política que vivimos, aunque se haya conseguido a base de luchas y sufrimientos".



– Aunque en Filipinas impere ahora la democracia, es cuando más sangre se está derramando. . .

Cuando se produjo el cambio político, no hubo derramamiento de sangre. Es precisamente ahora, cuando la democracia está tomando cuerpo, cuando esto pasa. Naturalmente estos problemas que tenemos son de ayer, heredados de alguna manera, pues ni los españoles, ni los americanos pudieron controlar a los musulmanes, y ni estos rebeldes, ni los comunistas, que son muy pocos, se convencen de que el derramamiento de sangre no es condición "sine qua non". Nosotros tenemos que parar eso.

– ¿Se nota la democracia en su país?

Filipinas es un país joven, con apenas 37 años de independencia y puedo decir que las dificultades que ha pasado en este año, es el resultado de su propio crecimiento. Llegará un momento en que Filipinas será progresista. Lo malo hasta ahora es que los políticos se han aprovechado de la bondad del pueblo. Afortunadamente los actuales son distintos, conscientes de sus obligaciones, jóvenes y honestos.

– ¿Qué actitud tomaría la iglesia si volvieran el ex-presidente Marcos y su mujer Imelda?

Yo no creo que Marcos deba volver. El resultado de su vuelta sería su muerte porque causó mucho daño a algunas familias y si vuelve. . . sabe usted que la naturaleza humana es vengativa. Yo no quiero que lo maten e hice todo lo necesario para salvar su vida, por eso está en Hawai, por mí. Yo le aconsejaría que no volviese por el momento, a lo mejor dentro de unos años. . .

– Usted dice que salvó a Marcos. . .

El pueblo estaba desesperado y él todavía permanecía en Malacanang. Llegaron ante mí unos musulmanes con sus cuchillos y me dijeron: usted, Cardenal, está llamando a la gente, nosotros somos su gente en Manila, denos instrucciones para ir a matarlo. Les dije que no convenía matar al presidente y además en la historia de Filipinas nunca se ha matado a un presidente. Les dije: lean su Corán e imiten al Carabao que tiene mucha paciencia.

– ¿Usted habló con Reagan para solucionar la situación de Marcos?

Reagan no quería que Marcos fuera a su país porque allí podrían investigar y habría implicaciones porque ambos son amigos. Entonces me aconsejó que mandara a Marcos a Honduras, pero el presidente de este país, me dijo: "Señor Cardenal, hemos decidido no admitir a su presidente, sin embargo, si usted me lo pide, lo voy a consentir". Así me lo dijo, pero yo le contesté "No voy a meterme en Honduras" y al final se fue a Hawai.

– Además de confesor espiritual de Cory Aquino, ¿Ud. influye en ella cuando hay que tomar decisiones importantes?

Si ella me pide consejo tengo obligación de dárselo, pero siempre le digo que no conviene eso. De vez en cuando y sobre todo cuando hay cosas urgentes, estoy dispuesto a ayudarla. La mayor parte de su gabinete antes trabajaba conmigo y ella me los quitó. Por lo tanto creo que está bien aconsejada.

– Cory Aquino ha sido propuesta por presidentes de varios países para el Premio Nobel de la paz. ¿Ud. qué piensa?

Es digno de él. Ha hecho mucho por Filipinas y sigue haciendo lo posible para consolidar la demo- [illegible]

Filipinas: "Alerta rojo" ante nuevo temor de golpe

Versiones sobre posibles copamientos de unidades militares motivaron la declaración del estado de "alerta rojo" entre las fuerzas armadas y policiales filipinas. El general Victor Ramos, máximo jefe castrense, alertó sobre el recrudecimiento de la violencia, a quince días de las próximas elecciones legislativas. Hubo pánico en Manila por un fuerte movimiento sísmico.

MANILA, 26 (AFP, AP, Reuter y UPI). — Las fuerzas armadas filipinas pusieron en "alerta rojo" a todas las guarniciones militares y centros policiales en prevención de un posible intento de golpe de Estado.

Un vocero militar indicó que el jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, ordenó a la una de la tarde del sábado (5 GMT) al ejército, la marina, la aeronáutica y la policía la detención de "cualquier movimiento de tropas no autorizado".

El portavoz dijo que se había recibido "información en crudo" sobre grupos de soldados descontentos que podrían atacar importantes instalaciones militares.

Las acciones, según los rumores, podrían tener lugar en cualquier momento entre el fin de semana y el próximo 11 de mayo, fecha elegida para las elecciones legislativas, explicó el brigadier general Alexander Aguirre, jefe de las fuerzas policiales en Manila.

En esos comicios estarán en juego un total de 24 curules del Senado y 200 de la Cámara baja. Aguirre explicó que el estado de alerta "es solo una medida de precaución. La información no ha sido verificada, pero no queremos ser sorprendidos".

El general Ramos también aludió a posibles intentos golpistas relacionados con la celebración de esas elecciones. El máximo jefe militar dijo que sus fuerzas han identificado ya 778 ciudades y pueblos de todo el país como posibles escenarios de incidentes durante la etapa preelectoral.

Agregó que los riesgos allí aumentan por la existencia de agudas rivalidades entre candidatos, a las que deben sumarse la presencia de verdaderos "ejércitos particulares" de jefes políticos locales y la actividad terrorista de la guerrilla comunista.

Creciente violencia

Ramos dijo que 30 personas —entre las que se contaron cuatro candidatos oficialistas y un opositor— murieron en hechos de violencia, que constituyen una tradición en las campañas preselitistas filipinas.

Las otras 25 víctimas fatales fueron tres funcionarios locales que no se postulaban como candidatos y 22 personas que trabajaban en la organización de los comicios.

Las autoridades militares informaron que siete civiles murieron y otros 11 resultaron heridos ayer en la isla Cebú, en la región central del país, cuando los insurgentes comunistas atacaron con armas automáticas y granadas de mano a la aldea de Pamután. No se aclararon las razones del ataque.

Según las estadísticas de los militares, desde principios de este año las actividades de los rebeldes provocaron la muerte de 827 personas: 351 guerrilleros, 278 soldados y 198 civiles.

Los datos revelados por el propio Ramos dieron cuenta de 433 guerrilleros del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP) capturados. "Otros 430 se rindieron durante el mismo período", según agregó el militar.

Vicente Puyat candidato de la oposición a la presidenta Corazón Aquino, convocó hoy a un cese del fuego por treinta días entre el gobierno y las fuerzas rebeldes tras advertir que las elecciones parlamentarias del 11 de mayo podrían ser "muy violentas y muy sangrientas".

El dirigente opositor tomó en consideración los informes oficiales sobre los enfrentamientos, y dijo que un incremento de la violencia podría privar a millones de filipinos del derecho a votar.



Presidente Aquino: un peligro que no cesa

01/01

R5

037

Filipinas

Panorama mundial

Rechazó Aquino un acuerdo con la banca

Manila (UP) — La presidenta Corazón Aquino rechazó inesperadamente un acuerdo con la banca internacional para reestructurar la deuda externa de las Filipinas, tras recibir informaciones de que la Argetnina obtuvo términos más favorables para el pago de su deuda.

Aquino también se desvió del programa estblecido para sus negociaciones con una delegación de legisladores norteamericanos y pidió que se acelere la entrega de helicópteros y medicamentos de los Estados Unidos, destinados a fortalecer la campaña del Ejército filipino contra los insurgentes comunistas.

El ministro de economía, Jaime Ongpin, señaló que Aquino había aprobado una recomendación de rechazar los términos de un acuerdo alcanzado el 27 de marzo, y volver a entablar negociaciones si se confirmaba que la Argentina recibiría condiciones más favorables en el pago de sus obligaciones crediticias.

En una rueda de prensa cocedida con el gobernador del Banco Central, José Fernández, Ongpin declaró que el gobierno también "se reservaba el derecho de volver a negociar cualquier otro aspecto del acuerdo al que llegamos con el comité de asesores (de la banca de Nueva York)".

La Prensa 16/4/87

01/01 8704587

037 H.E.B.

Prometen lealtad a Aquino

Guerrilleros se rinden

TANDAG, FILIPINAS (ANSA, EFE y UPI).— El alcalde de un pueblo, 200 guerrilleros comunistas y 1.000 simpatizantes de los rebeldes se rindieron ayer ante las autoridades militares, en el mayor acto de este tipo desde que el gobierno de la Presidenta Corazón Aquino anunció hace cuatro meses su programa de amnistía para los insurgentes.

Todos ellos prometieron lealtad al gobierno de Corazón Aquino en una ceremonia realizada en Tandag, ciudad costera de la conflictiva isla de Mindanao, a 850 quilómetros al sudeste de Manila, al acogerse al programa de amnistía presentado en febrero.

La rendición reveló la infiltración comunista en el gobierno local en la provincia de Surigao del Sur, considerada por los jefes del ejército como una de las provincias más conflictivas de la isla sureña.

Ernesto Carmino, de 39 años de edad, alcalde del pueblo de Cagwait encabezó la ceremonia en Tandag, cerca a aquella localidad.

"Mi propósito al unirme a los rebeldes fue participar en la lucha contra el régimen del derrocado presidente Ferdinand Marcos", dijo Carmino, el primer alcalde de un pueblo que admite en público haber sido un rebelde.

EL MADRID 18/6/87

PERLA

Filipinas

01/01 8704653

Jueves 19 de marzo de 1987 LA NACION

Cruento atentado en Filipinas

Hubo 4 muertos en la Academia Militar, adonde iba a asistir Corazón Aquino

MANILA, 18 (ANSA). – No cesa la violencia en Filipinas, donde hoy una bomba de tiempo, probablemente destinada a la presidenta Corazón Aquino, estalló en la Academia Militar de Baguio y provocó 4 muertos y unos 45 heridos, en tanto al sur de esta capital los guerrilleros comunistas mataron a 19 soldados en una emboscada.

La bomba de tiempo, con una potencia equivalente a 100 cartuchos de dinamita, según las primeras investigaciones, habría estallado prematuramente. Su mecanismo de acción debía ponerse en marcha el domingo, a las 10 de la mañana, durante una visita de Corazón Aquino a la Academia, con motivo de la entrega de diplomas de fin de curso a los cadetes de la escuela.

El general Rodolfo Biazón, director de la Academia, ubicada a unos 200 kilómetros al norte de Manila, declaró que la bomba voló el techo de cemento de la estructura donde se encuentra la gradería y el palco de las autoridades en el patio principal donde se realizan desfiles y manifestaciones. Las víctimas del atentado son un teniente coronel, dos soldados y una mujer.

Los heridos incluyen 16 oficiales, 5 soldados, 2 cadetes y 22 civiles.

Estos últimos estaban presenciando en las graderías los ensayos de los cadetes para la ceremonia del domingo.

Hipótesis

Ningún grupo se atribuyó el atentado, pero fuentes militares lo atribuyeron a los guerrilleros comunistas del Nuevo Ejército del Pueblo (NPA), con la intención de atacar a la presidenta.



Efectivos del ejército observan el lugar del atentado (AP)

Independientemente de quienes sean los responsables de la explosión, ésta representa el primer atentado a la vida de la presidenta desde cuando asumió el poder en febrero del año último.

Otras fuentes militares no excluyeron que la bomba pueda haber sido instalada por personal de la Academia, donde ha nacido el movimiento de reforma de las Fuerzas Armadas que primero apoyó a Corazón Aquino y luego en parte se rebeló participando en los intentos de golpe de Estado encaminados a destituirla. En el referendum sobre la nueva constitución que se realizó el 2 de febrero y que fue aprobado por el 76 por ciento del electorado, el 40 por ciento de los militares votó en contra, como lo hicieron también los cadetes de la academia.

El ministro de Defensa, Rafael Ileto, afirmó en un comunicado que responsables del atentado serían los rebeldes del NPA, que desde hace 18 años llevan adelante la lucha armada contra el gobierno de Manila. El jefe del Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, definió al atentado como "un acto infame" y prometió que los responsables serán castigados severamente.

Emboscada

Hoy, en tanto, los guerrilleros del NPA atacaron duramente. Fuentes militares hicieron saber que 19 soldados murieron en una emboscada de los rebeldes en las inmediaciones de Caranauán, a unos 200 kilómetros al sur de Manila.

Un convoy militar cayó en una zona minada y fue sucesivamente atacado por los guerrilleros con armas automáticas. Se trata del más grave agravio para las Fuerzas Armadas desde el 8 de febrero, cuando venció la tregua de dos meses con los rebeldes. Desde entonces, un promedio de ocho personas por día son muertas en las hostilidades, que se reanudaron con intensidad en todo el país.

Filipinas

037

8704749

025

037

Filipinas

Disolvió Aquino a los grupos paramilitares

Manila, 16 (UP) – La presidenta Corazón Aquino ordenó hoy la disolución de los grupos paramilitares del país, entre ellos uno dedicado a combatir a los guerrilleros comunistas, en una iniciativa que podría crear fricciones entre las Fuerzas Armadas y el gobierno.

"Todas las fuerzas paramilitares incluyendo la 'Fuerza Civil de Defensa del Domicilio' (FCDD), que no coinciden con el Ejército que establece la Constitución, serán disueltos o convertidos en ejércitos regulares", indicó una resolución presidencial.

La "FCDD", creada en 1976 por el gobierno de Ferdinand Marcos, es una fuerza paramilitar privada que lucha contra los 24.000 guerrilleros comunistas que actúan en el país.

La fuerza, que llegó a tener 70.000 hombres durante el gobierno de Marcos, fue vinculada a violaciones de derechos humanos en áreas rurales y hubo insistentes versiones según las cuales algunos políticos la estaban utilizando para protección propia. Varios miembros de la "FCDD" estuvieron implicados en la muerte de un sacerdote italiano en 1985.

Aquino había prometido disolver al grupo durante su campaña presidencial, pero desistió hacerlo ante la gran oposición de las Fuerzas Armadas.

El actual comandante en jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, apoyó una reorganización del grupo paramilitar, con el propósito de renovar sus filas e incorporarlo a la lucha contra los insurgentes, afirmando que hay escasez de hombres para el Ejército regular.

Algunos analistas políticos consideran que la decisión de Aquino podría crearle conflictos con las Fuerzas Armadas.

La orden presidencial también incluye al grupo anticomunista "Alsa Masa", que opera dentro y en las afueras de la ciudad de Davao, 965 kilómetros al norte de Manila.

La Prensa 17/3/87

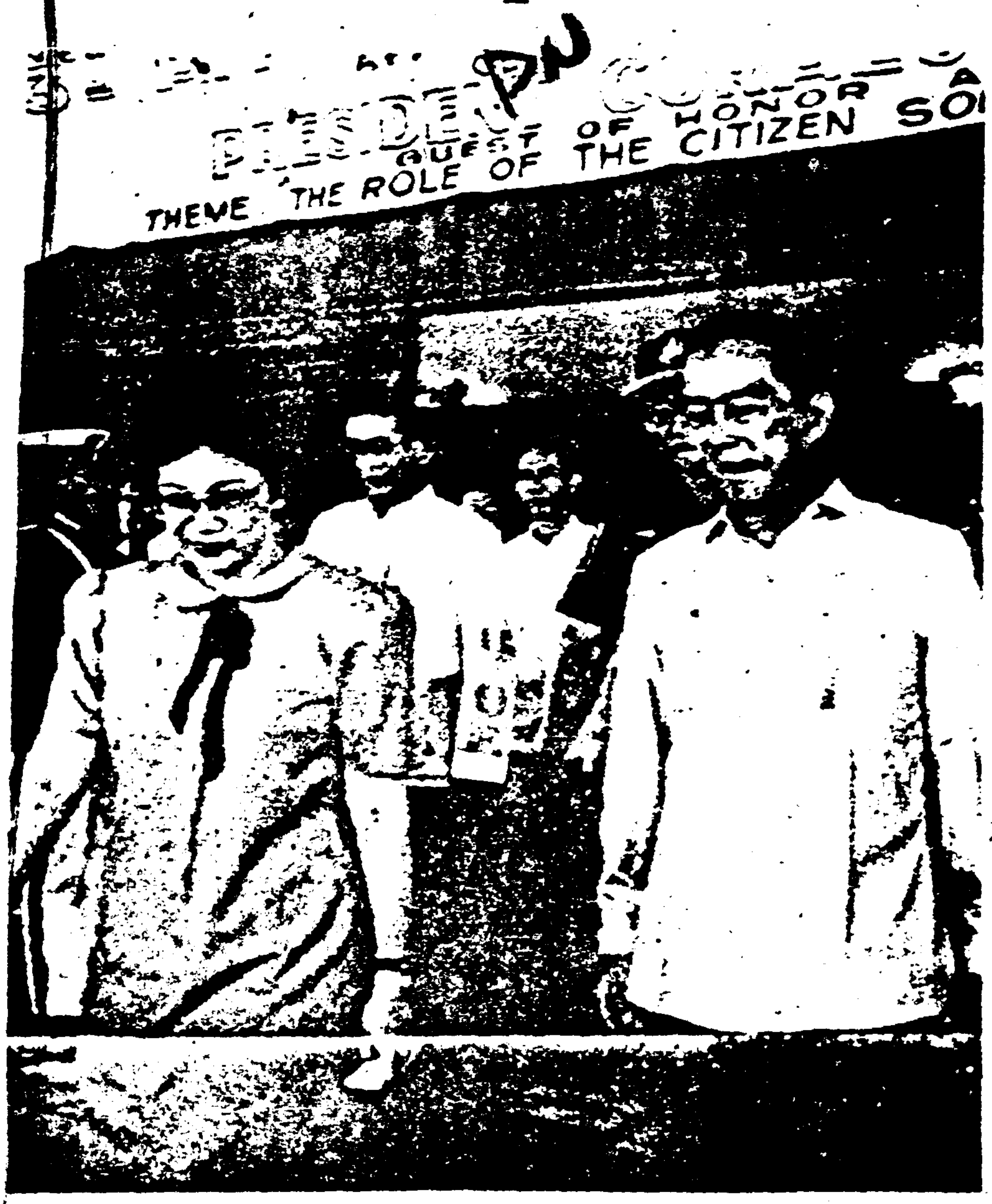
01/01

RS 037

Filipinas

La Mañana 25/4/87

Aquino pide colaboración más estrecha entre la población civil y el ejército



MANILA.- La Presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, es acompañada por el Secretario de Defensa Rafael Ileto, al final de un discurso pronunciado ayer en el que pidió una colaboración más estrecha entre la población civil y el Ejército con el fin de movilizar el poder popular contra los extremistas. (Radiofoto Reuter)

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- La Presidenta filipina Corazón Aquino pidió ayer una colaboración más estrecha entre la población civil y el Ejército con el fin de movilizar el poder popular contra la guerrilla comunista y las fuerzas de extrema derecha e izquierda.

Aquino hizo la petición ante unos 300 oficiales reservistas de las Fuerzas Armadas, seis días después del abortado amotinamiento de medio centenar de suboficiales en Fort Bonifacio, sede del cuartel general del Ejército de tierra, en el centro de Manila.

"Interesa una colaboración más directa entre la población civil y las fuerzas militares (...) ambos sectores son más efectivos cuando se apoyan mutuamente", dijo la Jefa del Estado filipina.

En su discurso, Aquino pidió que la opinión pública apoye al gobierno contra lo que llamó las fuerzas desafiantes de la extrema izquierda y de la extrema derecha, en una clara referencia al Partido Comunista de Filipinas y su brazo armado, la guerrilla del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP), así como a los leales al depuesto Presidente Ferdinando Marcos que intentaron desestabilizar su gobierno en los últimos 14 meses desde que asumió la presidencia.

La jefa del ejecutivo filipino no hizo referencias directas en cuanto a los grupos de vigilantes anticomunistas que se han extendido en los últimos meses por todo el archipiélago con el apoyo de las Fuerzas Armadas.

Los simpatizantes de dichos grupos dicen que son el ejemplo legítimo del concepto del poder popular a la hora de defender sus comunidades contra los rebeldes marxistas.

Sin embargo, los grupos de derechos humanos creen que los vigilantes amenazan las liberades civiles y pueden ser manipulados por los políticos.

"Me doy cuenta de que hay que proteger la seguridad ciudadana (...) el resto consiste en movilizar al pueblo e involucrarle en la defensa de sus valores y de sus comunidades, pero con salvaguardias efectivas que prevengan el abuso de ese poder", añadió Corazón Aquino.

25

037

Filipinas

La Nación 25/4/87

Rebeldes amenazan embajadas en Filipinas

Manila, (ANSA y EFE).- Al menos siete misiones diplomáticas en Manila, entre ellas las de España y México, recibieron cartas de la guerrilla del Nuevo Ejército del Pueblo, el brazo armado del Partido Comunista Filipino, en las que solicitan contribuciones.

El Viceministro de Asuntos Exteriores de Filipinas, Manuel Yan, declaró hoy viernes a la agencia oficial PNA que carecen de firma las misivas recibidas en las Embajadas de España, México, Malasia, Noruega, Suecia, Nueva Zelanda y Australia.

Pero al final del texto, añadió, se lee la frase larga vida al NPA, siglas bajo las que se agrupan unos 24.000 guerrilleros marxistas que operan en 65 de las 74 provincias del archipiélago filipino.

Yan calificó de amenazador el contenido de las cartas, señalando que los insurgentes indicaron que volverán a establecer contacto con las Embajadas próximamente.

Según revela el diario Chronicle de la capital, la guerrilla pide en sus cartas apoyo finaciero para la lucha de las masas filipinas contra el capitalismo, el fascismo y el feudalismo.

Hemos llevado a cabo investigaciones y otros trabajos de inteligencia sobre usted y su personal. Por lo tanto, no intente comprometer nuestra petición, añaden las cartas enviadas a los jefes de las misiones extranjeras en Manila.

25

Archivar 037

p. fichaje

Filipinos

Grupos: TERRORISMO

LA PRENSA 17/5/87

Manila: principio de acuerdo con islámicos

Manila (ANSA) — Emanuel Peláez, jefe de los negociadores del gobierno con los separatistas islámicos del "Frente Nacional de Liberación Moro" (MNLF), señaló que se llegó a un principio de acuerdo para otorgar autonomía regional a Filipinas del sur.

El acuerdo fue alcanzado con el líder de los rebeldes, Nur Misurari, por Peláez, que la semana última viajó a Jolo, bastión de los guerrilleros moro en el archipiélago de Sulu. Peláez regresó a Manila e inmediatamente fue recibido por la presidenta Corazón Aquino.

Al terminar la audiencia, Peláez indicó que se llegó a un acuerdo con Misuari y que el entendimiento definitivo podría quedar concluido antes del fin de semana.

Mientras tanto, el gobierno envió más tropas al sur de Filipinas en previsión del último plazo para las negociaciones, que vence el sábado. Un fracaso significaría para el Ejército tener que enfrentar al mismo tiempo a los guerrilleros del MNLF y a los comunistas del "Nuevo Ejército del Pueblo" (NPA).

La situación se complicó cuando se dio la noticia de que fueron secuestrados dos ciudadanos suizos y cuatro enfermeras filipinas en la isla sureña de Mindanao, todos pertenecientes a la Cruz Roja Internacional.

Guerrilla filipina cuenta con 15.000 hombres armados

MANILA (EFE).- La Presidenta filipina Corazón Aquino espera que el ejército logre importantes victorias contra la guerrilla comunista del nuevo ejército del pueblo y también contra los separatistas islámicos de la isla de Mindanao, dijo ayer el Ministro de Defensa Rafael Ileto.

En una rueda de prensa, el jefe de Defensa filipino, señaló que los comunistas cuentan con unos 15.000 hombres armados de una fuerza total estimada en 22.000 guerrilleros que operan en las dos terceras partes de las provincias del país.

El programa de reconciliación nacional iniciado por la Jefa del ejecutivo cuando asumió el poder y la declaración de amnistía a los rebeldes que entreguen las armas, añadió Ileto, tuvo un éxito considerable con la rendición de unos 4.000 insurrectos marxistas, de ellos 1.000 armados y el resto simpatizantes.

Sin embargo, la insurgencia comunista creció comparativamente en un 9 por ciento en relación con el año anterior.

Hasta ahora no se ganaron batallas para que el militar se sienta orgulloso de la victoria dijo el responsable de Defensa, señalando que después del colapso de las negociaciones de paz y la ruptura del cese al fuego el pasado mes de enero, el Gobierno de Manila dio luz verde al ejército en su lucha contra la guerrilla.

En cuanto al empleo de organizaciones de vigilantes civiles anticomunistas en todo el país, Ileto defendió su empleo para ahuyentar a los rebeldes de las zonas habitadas, concentrándolos en zonas que sean vulnerables a los ataques de las fuerzas gubernamentales sin que afecte a la población civil.

Aunque el gobierno filipino pretende dictaminar la suerte de los polémicos grupos de vigilantes con un plebiscito que se celebrará en las zonas donde nacieron estas organizaciones, sectores de la iglesia católica y movimientos de derechos humanos, dudan de que su empleo resulte eficaz en un país donde el 70 por ciento de sus 56 millones de habitantes viven por debajo del llamado cinturón de la pobreza.

El Cardenal Ricardo Vidal, Presidente de la Conferencia Episcopal Filipina, declaró a los periodistas en la ciudad central de Cebu, que aunque los civiles tienen derecho a la autodefensa, la forma en que ésta se piensa llevar a cabo es cuestionable.

RSP 037

Filipinas

Coalición gobernante dice que es un complot

Opositores exigen dimisión de Aquino en jornada de protesta

el día 25/5/87

MANILA, (ANSA, EFE y UPI).- La oposición política filipina de derechas pidió ayer la dimisión de la presidenta Corazón Aquino en una manifestación que tuvo lugar en Manila.

La numerosa manifestación de las fuerzas políticas de derecha que lidera el ex-ministro de Defensa Juan Ponce Enrile y los leales al derrocado presidente Ferdinand Marcos tuvo lugar en la avenida Edsa de la capital, entre los cuarteles militares de Camp Crame y de Camp Aguinaldo.

Los manifestantes protestaban por un supuesto fraude en las elecciones al Senado y al Congreso de Diputados del 11 de mayo del que responsabilizan a la presidenta Corazón Aquino.

Entre 20.000 y 30.000 personas, según las distintas fuentes, se congregaron ayer en la popular avenida que fuera el foco de la revolución popular en el mes de febrero de 1986, en lo que pretende ser un intento de réplica de una sublevación cívico-militar que llevó a Cory Aquino a la presidencia de la nación.

Encabezaban la protesta los principales líderes de la coalición de derechas Gran Alianza Democrática (GAD), fundada en torno al polémico ex-ministro Ponce Enrile por antiguos marquistas y la línea dura de los leales al depuesto dictador del Movimiento de la Nueva Sociedad o (KBL), partido que gobernó al país en las últimas dos décadas.

"MAXIMA ALERTA"

Los manifestantes lograron cortar los accesos a la zona mediante barricadas que levantaron con autobuses.

Aunque el Ejército está en situación de máxima alerta, el jefe del Comando Especial para la Defensa de la Ciudad o (Capcom), el general Alexander Aguirre, señaló a los periodistas que había recibido ordenes de actuar con máxima tolerancia.

El jefe del Alto Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, advirtió ayer a unos 250.000 militares del Ejército de un posible desorden civil con más peligro para la seguridad interna de la nación que las amenazas de la guerrilla.

Además ordenó que se respete en forma rigurosa la cadena de mando, según los observadores a modo de advertencia a los militares que intenten abandonar sus puestos para unirse al boicot opositor.

La agencia oficial PNA señala que centenares de tropas antidusturbios están en alerta, así como dos helicópteros de combate y 10 coches bomba, mientras la policía se mantenía bastante alejada de los manifestantes y en el interior del cuartel de Camp Aguinaldo, sede conjunta del Ministerio de Defensa y del Alto Estado Mayor.

Ponce Enrile y los leales transmiten las incidencias y los llamamientos a la población a través de la emisora de radio Dzec, que aseguró se habían congregado más de dos millones de personas a media tarde, en lo que describían como la protesta Ng Bayan o protesta del pueblo cuyo objetivo parece ser la dimisión de la jefa del Ejecutivo filipino.

Abajo con Cory y Cory dimite o atiende a las consecuencias eran los gritos mas repetidos por los partidarios de Ponce Enrile, mientras los políticos en sus discursos pedían a los soldados de los dos cuarteles que abandonen sus puestos y colaboren en lo que llaman la segunda parte de la revolución que comenzó en febrero de 1986.

Ponce Enrile pidió a los oyentes de la emisora comida y agua para los manifestantes que pretenden llevar a cabo un nuevo poder popular en los días sucesivos, si Cory Aquino no anula los resultados de las pasadas elecciones y convoca nuevos comicios.

Cuando la Comisión Oficial de Elecciones (Comelec) lleva escrutados el 60 por ciento de los sufragios, el actor de cine Joseph Estrada y Ponce Enrile son los únicos opositores que han logrado dos de los 24 escaños del Senado.

La oposición parece rehusar los escaños conseguidos y forzar a la presidenta Aquino a que reconozca que hubo fraude masivo y declare un fracaso electoral en todo el país. El ex-ministro de Trabajo Blas Ople dijo que quien acepte un escaño será colgado en Edsa.

COMPLOT

Sin embargo, para la coalición dominante Lakas Ng Bayan (Fuerza del Pueblo) la jornada de protesta de la oposición es parte de un complot bien engrasado con el dinero de los hombres del expresidente Marcos para desestabilizar la Administración filipina.

Fuentes de la coalición dijeron ayer que el conocido compinche de Marcos Eduardo Cojuangco, un primo hermano de la presidenta Aquino apodado el Rey del coco, está financiando con unos 4.000 millones de pesos (unos 200 millones de dólares) manifestaciones simultáneas en todo el país.

Cojuangco ha reclutado manifestantes entre los habitantes de las zonas de chabolas en los suburbios de las ciudades, pagándoles 50 pesos (2,50 dólares) cada cuatro horas, mientras que para los testigos de supuestas manipulaciones electorales la cifra sube a 5.000 pesos (unos 250 dólares).

A pesar de los rumores golpistas y la protesta de la oposición, la capital filipina permanecía en calma al final de la tarde de ayer y solamente en el palacio presidencial de Malacanang se nota que se han reforzado todas las guardias y los accesos.



La Presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, enfrenta duras acusaciones de fraude en las elecciones, por parte de la oposición derechista. (Radiofoto Reuter).

PERLA

01/01



(Radiofotografía de Reuter)

Diversas manifestaciones se realizaron en Filipinas, con motivo de las elecciones convocadas para hoy

Se realizan en Filipinas elecciones legislativas

Manila, 10 (UP) – La cuestión para resolver, mientras los filipinos se preparan para votar mañana, en las primeras elecciones legislativas en 15 años, es si surgirá una oposición capaz de desafiar a la presidenta Corazón Aquino.

Aquino, quien ha postergado su programa legislativo por más de un año hasta tener la posibilidad de someterlo a un cuerpo elegido constitucionalmente, ha exhortado a los votantes a recomponer totalmente el Senado. La presidenta, a lo largo de toda la campaña, exhortó a los votantes a que lleven al Senado restructurado los 24 candidatos que ella seleccionó.

Su insistencia se debió al temor de que muchos de los votantes omitan llenar los 24 espacios para escaños en el Senado en las boletas de sufragio, o que siquiera recuerden los 24 nombres, lo cual dejaría en disputa la última docena de bancadas y con ello el equilibrio de poder.

El peculiar sistema de votación, por el cual serán elegidos todos los candidatos del Senado en todo el país, ha magnificado asimismo la importancia del reconocimiento de los nombres, realzando las perspectivas de un puñado de artistas de cine, aliados del ex presidente Ferdinand Marcos que han maquillado su fachada, y de familiares de figuras nacionales.

A pesar de todo, existen pocas dudas sobre la capacidad del equipo de Aquino para tomar el firme control del Senado, así como de los 200 escaños de la Cámara de Representantes, cuyas bancadas se ocuparán sobre distribución por distritos, y por lo tanto tienen más peso los intereses locales.

Por otra parte, el ministro de defensa despedido por Aquino, Juan Ponce Enrile, reapareció listo para asumir la conducción de la oposición después de realizar una buena campaña en favor de su gran alianza para la democracia.

Enrile ha ganado terreno en las últimas semanas de su campaña, argumentando que el nuevo Congreso, disuelto por Marcos en 1972, necesita de una oposición enérgica para asegurar el adecuado funcionamiento democrático.

Vigilancia de las boletas electorales

Por otra parte, el presidente de la Comisión Electoral, Ramón Felipe, advirtió que se suscitarán "atentados por todo el país" con el fin de robar las boletas electorales así como los resultados oficiales de la votación, mientras que los 28 millones de votantes filipinos se preparan para realizar sus primeras elecciones legislativas en 15 años.

Felipe informó que algunos hombres armados, que viajaban en un automóvil, ametrallaron la casa de un miembro de la Comisión Electoral.

"Habrá intentos en todo el país por robar los formularios oficiales, las boletas de votación, los resultados oficiales", señaló Felipe. "Hemos advertido a nuestro personal que mantenga la vigilancia sobre estos documentos".

Las oficinas de votación abren el lunes a la hora 07.00 local. Felipe dijo que unos tres o cuatro días después podrá distinguirse alguna tendencia en la votación, y que el escrutinio probablemente durará una semana.

037

El País DN 12/5/87 PAGINA TRES

Filipinas: Aquino Triunfa en Comicios Limpios y Pacíficos

MANILA, 11 (EFE). — En las "elecciones más limpias y pacíficas desde la independencia de Filipinas", como dijo hoy la presidenta Corazón Aquino, cerca del 90 por ciento de los 26,5 millones de personas inscriptas en el censo acudieron a las urnas para elegir a 24 senadores y 200 representantes del Congreso de Diputados.

Recuentos parciales en 38 colegios electorales, dados a conocer por la organización cívica "Movimiento Nacional por unas Elecciones Libres" (Namfrel), revelan que la coalición gubernamental "Lakas Ng Bayan" lleva gran ventaja sobre la oposición.

Según este recuento, facilitado a medianoche de Filipinas, el partido de Corazón Aquino ha logrado 20 escaños del Senado y la oposición los 4 restantes.

Entre los cuatro opositores elegidos de la "Gran Alianza para la Democracia" figura el ex-ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile y el popular actor de cine Erap Estrada.

Los rumores de golpes protagonizados por los "leales" al depuesto presidente Ferdinand Marcos, las amenazas de la guerrilla, la violencia y terror electorales y el fraude que caracterizaron todos estos procesos durante casi dos décadas de dictadura en el país, no han logrado disminuir la participación en los comicios.

Las votaciones solamente fueron interrumpidas en algunos distritos de la isla meridional de Sulu, debido a incidentes armados con la guerrilla islámica.

Salvo el hecho aislado de robos de urnas en aldeas de la isla de Luzón, así como la presencia de votantes "volantes" —aquellos que ejercen el sufragio en más de un colegio electoral— y algunos casos de compra de votos en los barrios pobres, la jornada fue en general "ordenada", señaló el presidente de la Comisión de Elecciones (COMELEC), Ramón Felipe.

Estas elecciones forman parte de la segunda fase de la restauración de la democracia que prometió la presidenta Aquino cuando asumió el poder, en febrero de 1986, después de una revolución incruenta que condujo a la caída de Marcos.

Anteriormente, los filipinos ratificaron de forma aplastante la nueva Constitución, en un Plebiscito celebrado en el último mes de febrero, y en el próximo mes de agosto están previstas las elecciones municipales en toda la nación.

La nueva Constitución, que restaura un tipo de legislatura bicameral concebido según el modelo estadounidense, autoriza a la jefa del Ejecutivo a nombrar a 25 escaños del Congreso que representen los diferentes sectores sociales, mientras que otros 25 asientos serán nombrados por los diferentes partidos políticos en consonancia con el número de votos obtenidos.

Las primeras tendencias se darán a conocer dentro de cuatro días y los escrutinios finales no se sabrán hasta dentro de una semana, de acuerdo con las previsiones del Comité Electoral.

Pero "Namfrel", que destacó a más de 300.000 vigilantes en todos los recintos del archipiélago, mediante una operación "recuento rápido" facilitó los primeros resultados a partir de la madrugada del martes 12, todavía lunes en Europa y América.

En opinión de los observadores, el gran tiruntfador de estos comicios fueron las fuerzas políticas centristas coaligadas con la Administración de Cory Aquino en el movimiento "Lakas Ng Bayan" (La fuerza del pueblo).

Le sigue, a mucha distancia, la derechista "Gran alianza para la Democracia", que lidera el anterior ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, y, prácticamente descolgados, los políticos de izquierda y los "marquistas" del "Movimiento por una nueva sociedad" que gobernaron al país en los últimos 20 años.

Las organizaciones radicales de izquierda, en un anuncio publicado hoy lunes en el diario "Malaya" bajo el título "Otra violación de la democracia", señalaron que las llamadas elecciones limpias y honestas, al margen de las indicaciones de terrorismo y fraude durante la campaña, "parecen seguir el patrón del ejercicio electoral en El Salvador, donde el candidato respaldado por los Estados Unidos se hizo con la victoria".

Con el Ejército en estado de "máxima alerta" en todos los cuarteles de la nación, la jornada dejó 15 muertos y 13 heridos en 21 "incidentes relacionados con las elecciones", según explicó el General Renato de Villa, jefe de la Policía Constabularia filipina.

Filipinas

D3

037

Adversarios de Aquino rechazan reconciliación

MANILA. — Adversarios derechistas de la presidenta filipina Corazón Aquino rechazaron ayer el llamado a la reconciliación formulado por la gobernante, la acusaron de fraude electoral y reclamaron el retorno del ex jefe de Estado depuesto, Ferdinand Marcos.

Negándose a reconocer su derrota en las elecciones parlamentarias, dirigentes del Movimiento Nueva Sociedad, fundado por Marcos cuando detentaba el poder, junto con unos 1.000 integrantes de la agrupación, entonaron estribillos acusando a la presidenta de haber cometido fraude, durante una concentración en Manila.

"Pediremos al presidente estadounidense (Ronald) Reagan el retorno del presidente Marcos", expresó el líder sindical derechista Antonio Díaz durante la concentración, efectuada frente a la sede central del servicio de correos.

Otra demostración que proyectaba llevar a cabo la Gran Alianza por la Democracia, principal grupo opositor, fue cancelada debido a que los funcionarios encargados del escrutinio de las elecciones dijeron que no proclamarían hoy a los ganadores de las elecciones senatoriales del 11 de mayo.

La manifestación del Movimiento Nueva Sociedad coincidió con una ceremonia en la que Aquino debió colocar la piedra basal de una iglesia erigida para conmemorar el pronunciamiento del Ejército apoyado por los civiles que la condujo al poder.

La ceremonia debía llevarse a cabo a unos 20 kilómetros del punto donde se efectuó la demostración opositora.

DK 13 1-7-87

Filipinas

01-01 8705444

M.EB.

037

Equivaldrían a[illegible] de[illegible] deuda de Filipinas

Marcos alega poseer aún mil toneladas de oro escondidas

Escribe Carol Giacomo
de la agencia "Reuter"

Washington (Reuter)— El derrocado presidente filipino **Ferdinando Marcos** afirma que **tiene mil toneladas de oro por valor de 14 mil millones de dólares** escondidas en su patria, revelaron ayer en una audiencia parlamentaria en el Congreso de EE.UU.

Si el gobierno de **Corazón Aquino** recuperara el oro, **podría pagar más de la mitad de la deuda externa filipina que supera los 27 mil millones de dólares.**

El abogado **Richard Hirschfeld** dijo a la Subcomisión de Asuntos Exteriores de la Cámara de Representantes que Marcos le había hablado del oro cuando buscó su ayuda para montar una insurrección armada en las Filipinas.

En una cinta grabada con la voz de Marcos, que acompañó la declaración de Hirschfeld, el ex presidente dice: "No debemos perder el oro. Podemos perder todo menos el oro".

En la cinta, Marcos admite que ni siquiera sabe el paradero de todo el oro.

Dice que su hijo, **Bongbong**, sabe dónde está una parte, pero que su esposa, **Imelda**, fue mantenida en la ignorancia porque "es demasiado nerviosa".

El tema de su fortuna ha perseguido a **Marcos** desde su **derrocamiento**. El gobierno filipino dice que saqueó el país en sus 20 años de régimen férreo, y que tiene millones de dólares escondidos en cuentas bancarias suizas.

Hirschfeld dijo que no estaba en situación de juzgar las afirmaciones de Marcos con respecto al oro, pero agregó: "Es concebible que lo tenga".

La cinta, y el testimonio de **Hirschfeld, indican que el oro proviene de una estatua de Buda perdida hace tiempo, el Banco Central de Filipinas y un fondo al que contribuyero[n] los veteranos después de la Segunda Guerra Mundial.**

Públicamente, **Marcos h[a] negado poseer cuentas en ba[n]cos suizos.** Pero en la cint[a] admite tener entre 500 y m[il] millones de dólares en tal[es] cuentas. "Pagamos lo que co[rr]esponde para saber cuán[to] hay allí", dice Marcos. "Es[tá] entre los 500 y los 1000 mill[o]nes", agrega.

También revela que "el go[]bierno suizo ha mandado d[e]cir que quiere resolver" u[na] disputa sobre las cuentas, o[ri]ginada por intentos de recup[e]rar el dinero por parte del go[]bierno de Aquino.

Hirschfeld dijo que Marco[s] le dio una lista de los banco[s] donde estaba depositado el dinero.

Marcos quería obtener 75 millones de dólares en préstamo de un cliente de Hirschfeld, para financiar un gol[]pe en Filipinas, planeado para hoy.



Corazón Aquino

El abogado grabó en secreto la conversación que mantuvo con Marcos en Hawaii, el 21 de mayo.

El derrocado presidente filipino planeaba **una invasión armada** a su país y **tomar como rehén a la presidenta Corazón Aquino**, según la cinta. En ella sugiere también que contaba con **respaldo para su golpe de parte de un oficial militar estadounidense de alto rango en las Filipinas.**

El gobierno de Estados Unidos, esta semana, **prohibió a Marcos abandonar la isla de Ohau, en Hawaii, sin autorización escrita del Servicio de Inmigración y Naturalización de los Estados Unidos (INS).**

Robert Chastain, un asociado de Hirschfeld, se hizo pasar por traficante de armas en conversaciones con Marcos. "Voy a aterrizar allí. No me importa quién se oponga", le habría dicho Marcos. "Y si se oponen a mi llegada, entonces comenzaremos la batalla", agregó. Marcos trataba de comprar equipos militares por millones de dólares para respaldar su invasión, según la cinta transcripta. El dictador filipino fue derrocado por una "rebelión popular" pacífica en febrero de 1986, que instaló a Aquino como su sucesora.

El portavoz del Departamento de Estado, Charles Redman, dijo que Marcos recibió orden de permanecer en Hawaii, **bajo una ley que otorga al INS autoridad para prohibir que un extranjero salga de los Estados Unidos.**

"Los Estados Unidos están seriamente preocupados por los indicios de que el señor Marcos parecía estar intentando desestabilizar al gobierno de Aquino y planeaba retornar a las Filipinas sin el permiso expreso del gobierno filipino", dijo Redman.

El gobierno estadounidense **llevó a Marcos a Hawaii convenciéndolo de que abandonara Filipinas sin presentar combate**, luego de la rebelión.

Washington ha apoyado a Aquino desde que asumió el mando y funcionarios estadounidenses acusaron a Marcos en varias oportunidades de tratar de desestabilizar su gobierno.

Redman dijo que la "orden sobre control de la partida" fue entregada a Marcos en Honolulu el 6 de julio por el asesor legal del Departamento de Estado Abraham Sofaer y otros funcionarios.

Agregó que Sofaer también le entregó **una carta del presidente Ronald Reagan, que reafirmó la posición de que mientras se encuentre en los Estados Unidos, "el señor Marcos está sometido a nuestras leyes".**

A.F. 10/7/87

Filipinos
Fichaje

M.E.B.

037

Marcos planeaba secuestrar a Corazón Aquino

Las autoridades filipinas confirmaron que una tentativa de golpe de Estado, en la que estaba involucrado el ex dictador Ferdinando Marcos, debió haber estallado en el país el pasado fin de semana pero que fue abortada. También manifestaron su satisfacción por la decisión de EE.UU. de confinar a Marcos en Hawaii.

MANILA y WASHINGTON, 9 (AFP, AP y Reuter). — El derrocado presidente filipino Ferdinand Marcos aseguró que poseía 1.000 toneladas de oro (un valor de 14.000 millones de dólares) que estarían escondidas en algún lugar de Filipinas, se dijo hoy en una audiencia parlamentaria en Washington. En el marco de la Subcomisión de Asuntos Exteriores de la Cámara de Representantes, el abogado norteamericano Richard Hirschfeld dijo que Marcos le había hablado del oro cuando buscó su ayuda para montar la insurrección armada en Filipinas con el propósito de desestabilizar el gobierno de la presidenta Corazón Aquino.

En una cinta grabada que acompañó a la declaración de Hirschfeld, el ex presidente dice "no debemos perder el oro. Podemos perder todo, menos ese oro".

Tanto la cinta como el testimonio dado hoy por el abogado Hirschfeld indican que el oro proviene de una estatua de Buda perdida hace tiempo del Banco Central de Filipinas y de un fondo al que contribuyeron los veteranos después de la Segunda Guerra Mundial. Se recordará que Ferdinand Marcos ha negado públicamente poseer cuentas en bancos suizos, pero en la grabación admite tener entre 500 y mil millones de dólares en tales cuentas.

El abogado que testificó en el Congreso norteamericano grabó en secreto la conversación que mantuvo con Marcos en Hawaii, el pasado 21 de mayo.

Si el gobierno filipino de Corazón Aquino lograra recuperar el oro que dice tener Marcos (14.000 millones de dólares), podría pagar con él más de la mitad de su deuda externa de 27.000 millones.

En el curso de la misma audiencia, se reveló que Marcos declaró a un comerciante de armamentos, Robert Chassain, que tenía la firme intención de retornar a su país, reunir a sus partidarios y capturar a Corazón Aquino, según otra transcripción telefónica grabada secretamente y dada a conocer ahora. "Voy a aterrizar —dice Marcos— y si se oponen al aterrizaje, pues combatiremos hasta el fin".

La conversación telefónica grabada tiene tres horas y media de duración. El ex dictador filipino —que está refugiado en Hawaii desde febrero del pasado año— intentaba obtener de Chassain una cantidad de misiles antiaéreos "Stinger", armas antitanques, lanzagranadas y municiones suficientes para una lucha total durante por lo menos tres meses.

♦ Satisfacción en Manila

En tanto, en la capital filipina, la presidenta Corazón Aquino expresó hoy su complacencia por la decisión de Estados Unidos, hecha pública ayer, de prohibir a Marcos salir de su refugio en Hawaii. Como se sabe, el Departamento de Estado norteamericano dijo haber confinado a Marcos en Hawaii —donde reside actualmente en carácter de exiliado— luego de indicios firmes de que se proponía desestabilizar el régimen de la Aquino y retornar a Manila.

Paralelamente, las autoridades filipinas confirmaron hoy que una tentativa de golpe de Estado, en la que estaba directamente involucrado Marcos, debía haber estallado el pasado fin de semana. El presidente de la comisión gubernamental encargada de recuperar la inmensa fortuna de Marcos, Ramón Díaz, en conferencia de prensa dijo que la tentativa de golpe de Estado fue revelada por fuentes allegadas a los mismos conspiradores.

Filipinas

Hoja 10/7/87

POCO LEGIBLE

01/01

8705506

(2)

037

Los partidarios de Cory Aquino en manifestación callejera. La mandataria ob[illegible] la m[illegible]ría en el Senado en los comicios de ayer.

VEPCA

Manila, (PL). La coalición Lakas Ng Bansa (poder del pueblo) de la presidenta Corazón Aquino ganó 17 de las 24 bancas senatoriales en las elecciones efectuadas ayer, según resultados preliminares, de la agencia filipina PNA.

La Gran Alianza para la Democracia, movimiento derechista del ex ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, se adjudicó seis bancas de la Cámara de Representantes en los conteos iniciales en provincias cercanas a esta capital.

En los comicios votaron 26 millones de electores, el 90 por ciento de los inscriptos para elegir 24 senadores y 200 representantes al Congreso bicameral, además de los 50 que designará la mandataria.

Estas elecciones legislativas, primeras desde 1972 cuando el ex dictador Ferdinando Marcos disolvió el Congreso y decretó la ley marcial, se caracterizaron por la violencia.

Desde que comenzó la campañan hace dos meses, unas 50 personas murieron en forma violenta, incluidos varios aspirantes.

La votación se inició a las 07.00 de la mañana y desde horas antes grandes cantidades de personas se congregaron frente a los colegios electorales, más de cien mil en todo el archipiélago.

La presidenta Corazón Aquino ejerció su derecho al voto a las 08.00 horas en el Colegio Barangay Central, ubicado en la plantación cañera de su familia en la provincia de Tarlac, al norte de Manila.

Después, la jefa de Estado declaró a la prensa que esperaba que las elecciones fueran limpias, pacíficas y sin violencia. No obstante, las autoridades han reportado algunos incidentes aislados. La presidenta Aquino recibió una abrumadora mayoría en febrero último en el referéndum que aprobó la actual Constitución.

Filipinas

MAYORIA PARA CORY AQUINO
LA HORA 12/5/87

01/01

25

037

Manifestación en respaldo de Ferdinand Marcos

MANILA, 12 (AP). – Cientos de partidarios de Ferdinand Marcos participaron hoy en una marcha por las calles capitalinas exigiendo el retorno del derrocado presidente, en la primera demostración de respaldo desde que se reveló su intención de retomar el poder mediante una conspiración.

Los manifestantes coreaban "queremos que regrese Marcos" y hacían señas con la "V de la victoria" mientras recorrían una avenida céntrica donde se halla la Embajada de Estados Unidos. No se registraron incidentes.

Varios portaban retratos de Imelda Romualdez, la esposa de Marcos, con un banderín blanco y celeste, identificándola como "madre de la nación".

Marcos fue derrocado del gobierno el 25 de febrero a raíz de una revuelta militar apoyada por la Iglesia católica a la que se unieron cientos de miles de civiles.

En su testimonio en Washington el jueves, Robert Chastain y Richard Hirschfeld, dijeron que habían usado grabadoras ocultas y credenciales falsas de traficantes de armas para burlar a Marcos, a fin de que revelase sus proyectos.

Parte de una treta

Marcos dijo ayer en Honolulú, Hawaii, que las grabaciones eran parte de una treta del gobierno de Aquino, según dijo The Manila Times. El abogado de Marcos, Rafael Recto, dijo que las cintas habían sido alteradas para justificar el permanente rechazo de Aquino de permitir el retorno del ex presidente a su país.

Marcos aseguró que nunca iniciaría una acción militar en las Filipinas sin el consentimiento de Estados Unidos. "La discusión en las grabaciones en relación con armas y acción militar se basó en el pronóstico de la caída de las Filipinas ante un golpe comunista o a una coalición comunista, y que (en ese caso) la única esperanza de restablecer allí la libertad y la democracia sería una invasión aprobada por Estados Unidos, que yo encabezaría", dijo en una declaración difundida anoche.



Ferdinad Marcos

"Yo siempre sostuve que mi lugar está en las Filipinas y que deseo regresar a mi país", agregó Marcos. "Y he afirmado reiteradamente que sólo lo haré con la aprobación del gobierno de Estados Unidos."

Según un informe de la inteligencia filipina, soldados vinculados a Marcos se proponían tomar el aeropuerto de esta capital y una base militar cercana. El vocero militar, que habló bajo la condición de permanecer anónimo, mostró el informe.

Mientras tanto, el diario The Chronicle dijo que un funcionario filipino había indicado que el gobierno de Aquino hizo un arreglo con los dos norteamericanos para que recibieran un porcentaje del oro que Marcos afirma haber ocultado en las Filipinas.

El diario afirma que Ramón Díaz, presidente de la Comisión Presidencial del Buen Gobierno, que el acuerdo fue tomado el mes pasado en Londres después de sostener negociaciones con Richard Kendall, abogado de la comisión que reside en París.

Filipinas

CARP. N 037

937/2 FILIPINAS HONG KONG

ENTRE LOS Nos

8706265-8712541

La democracia filipina

Con graves dificultades de orden público, cuestiones de tipo social de antigua data, y problemas de toda índole que van desde lo económico a lo religioso y a lo militar, el gobierno filipino intenta empeñosamente conducir el país por la vía democrática hacia su completa normalización.

Un importante paso dado en ese sentido por la presidenta Corazón Aquino, lo constituyó la inauguración de las sesiones del Congreso legislativo, al cabo de nada menos que tres lustros de clausura. El silencio parlamentario, impuesto por la dictadura de Ferdinand Marcos, ha sido pues levantado, y las dos cámaras de que se compone ese poder del Estado, se aprestan a cumplir su elevada finalidad política. Dijo con acierto la jefa del gobierno en esa ocasión que "cuando se inició esta sesión, las grandes facultades que estaban unidas a mi persona se dividieron, y una porción ha fluido hacia ustedes". Al resignar en manos del cuerpo las atribuciones legislativas que hasta ahora había venido ejerciendo, la presidenta expresó que no había sentido ninguna sensación de pérdida, sino por el contrario, otra muy grande de triunfo.

Al margen de los peligrosos conflictos que se abaten sobre la nación, el gobierno que derrocó a la tiranía imperante, ha logrado aprobar una Constitución, convocar a un Parlamento, y sancionar normas tendientes a lograr un mayor progreso social, superando el estancamiento y la injusticia existentes. Todo ello, a pesar de la actividad insurgente que pulula en diversas regiones y que amenaza la todavía no del todo asentada estabilidad institucional; y afrontando asimismo los difíciles problemas económicos, entre ellos el del colosal endeudamiento externo, que traban y obstruyen las posibilidades de un auténtico desarrollo.

Situaciones como la que comentamos, con prescindencia de su lejanía geográfica, resultan confortantes y ejemplares, en la medida que demuestran la fortaleza del espíritu democrático encuadrado en instituciones liberales, sin que puedan arredrarlo ni intimidarlo los riesgos y peligros que se le oponen. Aun estando enclavada en el extremo oriental del mundo Filipinas, hoy por hoy, se empeña en demostrar que está integrada a la civilización occidental.

01-01 8706265

FICHASE
FILIPINAS
RS
037

Retiro de generales

MANILA, 28 (Reuter). – La presidenta Corazón Aquino aceptó el pase a retiro del subjefe de las Fuerzas Armadas, teniente general Salvador Misón, y del jefe del Ejército, mayor general Rodolfo Canieso y se comprometió a aceptar el poder de fuego de las Fuerzas Armadas contra los izquierdistas.

Por su parte, el Nuevo Ejército del Pueblo, comunisto condenó en un comunicado "la actitud belicista de Aquino", exigió que los militares pongan fin a sus abusos contra la población civil y advirtió a los soldados que molesten a los neutrales que "el alcance de la justicia revolucionaria es amplio y largo".

PERLA LA NACION 29/6/87

01-01

8706356

FICHAJE FILIPINAS

RS

037

Retiro de generales

MANILA, 28 (Reuter).– La presidenta Corazón Aquino aceptó el pase a retiro del subjefe de las Fuerzas Armadas, teniente general Salvador Mison, y del jefe del Ejército, mayor general Rodolfo Canieso y se comprometió a aceptar el poder de fuego de las Fuerzas Armadas contra los izquierdistas.

Por su parte, el Nuevo Ejército del Pueblo, comunisto condenó en un comunicado "la actitud belicista de Aquino", exigió que los militares pongan fin a sus abusos contra la población civil y advirtió a los soldados que molesten a los neutrales que "el alcance de la justicia revolucionaria es amplio y largo".

PERLA

LA NACION 29/6/87

01 - 01.

8706356

Corazón Aquino aplica a sus tierras la reforma agraria

MANILA, 22 (AFP, AP, EFE, Reuter y UPI). — La presidenta Corazón Aquino firmó hoy el decreto que dispone la aplicación de una reforma agraria que afecta a la mayoría de las propiedades en Filipinas, pero dejó en manos del Congreso las determinaciones sobre los alcances de las expropiaciones.

La proclamación se realizó en el curso de un consejo de ministros en el palacio presidencial de Malacanang, después de varios meses de infructuosas consultas y tratativas con las partes implicadas, vale decir terratenientes y agricultores.

Aquino señaló a los periodistas que la nueva ley "incluye todas las tierras", incluidas las 6.000 hectáreas que su familia posee en Hacienda Luisita, destinadas a producción de azúcar y coco, en la provincia de Tarlac, unos 130 kilómetros al norte de Manila.

Allí trabajan unas mil personas, entre quienes habrá de distribuirse la propiedad, ya que "nadie está por encima de la ley", según explicó la mandataria a los periodistas.

El buen talante demostrado durante la charla con la prensa contrastó con la actitud mantenida hasta pocos minutos antes en la reunión de gabinete: un vocero que reclamó el anonimato reveló que Aquino pronunció un discurso desusadamente enérgico.

"Está de más decir que si alguno de ustedes se siente incómodo con alguna de las cláusulas de este decreto desista de criticarlo públicamente, a menos que renuncie al gabinete", habría expresado la presidenta a sus ministros.

El proyecto pasó ahora al Congreso, que cuenta con un plazo de 90 días para darle forma legal. Si el Senado y la Cámara de Representantes no actúan en ese plazo, "el gobierno implementará su propia reforma", advirtió Aquino.

La presentación hecha por el Ejecutivo se limitó a trazar las grandes orientaciones de la reforma, pero la Legislatura deberá decidir sobre los límites de las retenciones posibles para la clase terrateniente.

Justamente, una fuerte presencia de esos sectores privilegiados dentro de las dos cámaras ha despertado la protesta de los agricultores.

El K.M.P., movimiento de los agricultores filipinos de orientación izquierdista, consideró que en el decreto presidencial "no hay nada que impida al Congreso excluir grandes propiedades particulares o controladas por compañías multinacionales de la reforma".

Paralelamente, los grandes terratenientes han cuestionado los planes oficiales, que preveían retenciones máximas de siete hectáreas.

037

LA PRENSA 23/7/87

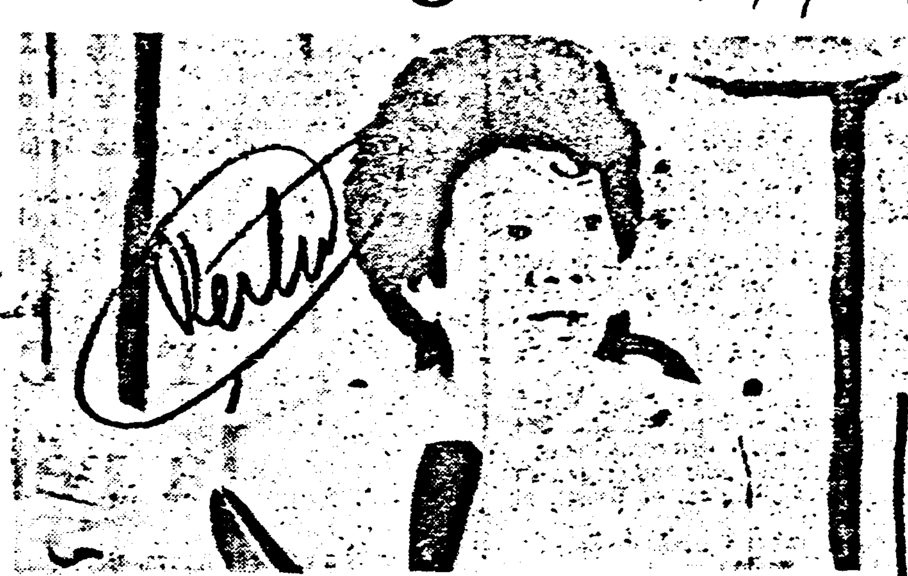
Promulgaron en las Filipinas la ley de reforma agraria

Manila, 22 (UP) –La presidenta, Corazón Aquino, promulgó hoy una ley de reforma agraria, que dispone la división de los latifundios para dar las tierras a los campesinos y terminar con la pobreza rural.

La ley dispone la división de todas las tierras agrícolas, incluidas las vastas plantaciones de coco y de azúcar.

La presidenta Aquino dijo que su familia, dueña de plantaciones azucareras, aceptó dividir las 6.500 hectáreas de sus posesiones entre los campesinos que trabajan esas tierras, afirmando que "nadie está por encima de la ley".

La ley determina que en un plazo de 180 días se debe hacer un catastro de todos los predios agrícolas de las Filipinas, y que los propietarios recibirán en efectivo un diez por ciento del valor de sus tierras y el resto en bonos redimibles en diez años, a tasas de interés corriente.



(Radiofotografía de Reuter)
La presidenta, Corazón Aquino, durante la conferencia de prensa ofrecida antes de promulgar la ley de reforma agraria

Plazo para el Congreso

En declaraciones a la prensa, la presidenta Aquino dijo que cumpliendo su mandato constitucional daba un término de 90 días al Congreso para decidir el explosivo tema de con cuánta tierra podrán quedarse los actuales propietarios y en cuánto tiempo deberá realizarse el plan.

Si el Congreso no lo hiciera, la presidenta Aquino señaló que un panel ejecutivo emitiría "guías de implementación".

También afirmó que en los próximos cinco años, el gobierno recaudará el equivalente a unos 2.500 millones de dólares para financiar la reforma agraria, vendiendo varias propiedades del gobierno y con los recursos recuperados de la mal habida fortuna del depuesto presidente Ferdinand Marcos.

"La reforma agraria es un medio, uno de tantos, para conseguir el objetivo más importante que me he propuesto en el gobierno, que es eliminar la pobreza poniendo a los filipinos a trabajar productivamente", expresó la presidenta poco antes de promulgar la ley.

Al término de una reunión ministerial de 22 minutos, hasta ahora la más breve en sus 16 meses de gobierno, la presidenta parecía preocupada al pedir a sus ministros respaldo para la reforma agraria.

La señora Aquino estaba siendo muy presionada para promulgar la reforma agraria, antes que pierda sus poderes legislativos ante el Congreso, que por primera vez, en 15 años, se reunirá este lunes.

Los analistas estiman que la reforma agraria era la principal promesa del gobierno de Corazón Aquino, que en febrero de 1986, con apoyo civil y militar, derrocó al regimen de Marcos, que estuvo 20 años en el poder.

La ley de reforma agraria dispone la distribución de unos 3.7 millones de hectáreas de tierras cultivables entre unos 2,13 millones de campesinos filipinos.

Demandas por enriquecimiento ilícito

Por otra parte, el gobierno filipino demandó hoy al dirigente opositor Juan Ponce Enrile y a otras siete personas, por un monto equivalente a 2.550 millones de dólares, acusándolos de participar en "un grosero y escandaloso" abuso de poder para enriquecerse a costa del pueblo.

La demanda civil es una de unas 45 demandas que presentará antes de fin de mes la Comisión Presidencial del Buen Gobierno, encargada de recuperar miles de millones de dólares supuestamente robados por el derrocado presidente Ferdinand Marcos y sus colaboradores, durante 20 años en el gobierno.

01-01

8706387

Asesinan en Filipinas al ministro de las Autonomías Regionales

MANILA, 2 (UPI, EFE y AP). — Tres hombres fuertemente armados sorprendieron hoy en una emboscada al ministro de gobierno local, Jaime Ferrer, y le dieron muerte junto con su chofer, en el asesinato político más grave desde que hace 17 meses asumió el gobierno la presidenta Corazón Aquino.

Jejomar Binay, comisionado metropolitano de Manila, reveló que Ferrer, de 70 años, había sido alcanzado por nueve balazos en la cabeza, el pecho y otras partes del cuerpo, y que murió poco después de ser internado en el hospital San Juan de Dios.

"Las heridas fatales fueron en la cabeza", dijo Binay.

También pereció en el atentado el chofer de Ferrer, Zosimo Calderón, quien murió instantáneamente en el atentado, ocurrido a pocos metros del domicilio de Ferrer, en el suburbio de Paranaque.

La policía indicó que un grupo de tres hombres, armados con revólveres calibre 45 y una metralleta, tendieron una emboscada al vehículo de Ferrer a las 6.15 de esta tarde (10.45 G.M.T.). Destrozaron el parabrisas con sus disparos y alcanzaron a las dos víctimas en el asiento delantero.

Varios testigos coincidieron en que los tres asesinos habían esperado una hora a Ferrer, parados en un negocio de comidas en una esquina próxima.

Una enfermera relató que Ferrer "estaba bañado en sangre" al llegar al hospital, donde 15 minutos más tarde fue declarado muerto.

Nadie se atribuyó por el momento la responsabilidad del atentado contra Ferrer, el más veterano de los ministros del gabinete de la presidenta Corazón Aquino.

Ferrer, quien llegó al grado de coronel durante la Segunda Guerra Mundial, había ejercido varios cargos en el gobierno, y era un fogueado parlamentario.

En diciembre, la presidenta Aquino lo convocó a su gabinete para ocupar el controvertido cargo que estaba hasta entonces en manos de Aquilino Pimentel. Su misión era reformar los gobiernos locales tras la caída de Ferdinand Marcos, por lo que se hizo de muchos enemigos.

Familiares estiman que Ferrer estaba en la "lista de sentenciados" del Nuevo Ejército Popular, porque abogó por la creación de grupos irregulares de vigilancia para confrontar a la guerrilla en áreas rurales.

¿La guerrilla?

Se trata del asesinato político más grave en esta capital, luego del crimen del sindicalista izquierdista Rolando Olalia, que junto con su chofer fue muerto en octubre. El caso no se ha resuelto.

El gobierno de la presidenta Corazón Aquino confronta conspiraciones de derecha y de izquierda para derrocar a su gobierno, el que asumió en febrero de 1986 en un movimiento civil respaldado por los militares.

Horas antes, el ministro de Defensa, Rafael Ileto, advirtió contra nuevas tácticas terroristas de la guerrilla, que desplazarían su actividad a las ciudades desde áreas rurales "para salvar la cara" tras los reveses sufridos frente a las fuerzas militares.

"En su frustración, están cambiando sus tácticas, saliendo del campo donde han sufrido derrotas. Ahora actuarán en centros urbanos para compensar sus reveses", dijo Ileto en una declaración.

01-01

870672 7

ARCHIVAR EN: Filipinas (037)

TEMA: Bonn y Moscú procuran una mayor cooperación

PROCEDENCIA: LA PRENSA 8/7/84

ARCHIVADO EN: R.F. Alemania (003)

01-01 8706750

ARCHIVAR EN: Filipinas (037)

TEMA: Tropas Filipinas Amotinadas Atacaron Palacio Presidencial. Aquino a salvo

PROCEDENCIA: El País 28/8/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (B)

8706836

01-01

C8
037

PERLA

Filipinas: crean una milicia civil de apoyo al ejército

MANILA, 28 (Reuter). – La presidenta Corazón Aquino firmó hoy numerosos decretos, entre ellos uno para crear un ejército civil y otro para imponer sanciones más severas a los comunistas, antes de entregar mañana las facultades legislativas al Congreso.

En total, la jefa del Estado dictó 42 decretos un día antes del restablecimiento de una democracia parlamentaria plena en Filipinas después de años de régimen autoritario de Ferdinand Marcos.

Aquino dispuso que el ejército civil esté integrado por reservistas y soldados retirados que podrán ser convocados para reforzar el ejército en tiempos de crisis nacional.

El decreto no estipula el número de efectivos de ese ejército, pero funcionarios estimaron que podría convocarse a más de un millón de ciudadanos de más de 20 años.

Normas más severas

Aceptando los reclamos militares de normas más severas contra los extremistas, Aquino dispuso que se aplicará prisión perpetua al que se vincule con el movimiento comunista. Hasta ahora ese delito era penado con 12 años de cárcel.

La presidenta expresó que los nuevos decretos entran en vigor de inmediato.

Las dos nuevas normas están destinadas a otorgar más respaldo a los militares en la lucha que desde hace 18 años libran contra los subversivos comunistas, en el curso de la cual murieron miles de personas.



Aquino (Archivo 87)

Las fuerzas armadas sostienen que no más de un millón de personas, de los 58 millones que forman la población del país, son partidarios de los comunistas. Controlan un quinto de las 42.000 ciudades y aldeas del país.

Aquino también dispuso que las elecciones nacionales, que se iban a realizar el 24 de agosto, se efectúen en noviembre, aunque no fijó una fecha precisa.

Otro decreto autoriza la venta de propiedades valuadas en varios millones de dólares situadas en Japón y que Filipinas recibió de ese país en concepto de reparaciones de guerra.

Los militares fueron colocados en estado de alerta máxima para el acto de apertura del Congreso, que tendrá lugar mañana, debido a los rumores sobre una tentativa de golpe y a las amenazas lanzadas por la izquierda y la derecha de marchar al edificio del Parlamento.

Se reúne el Congreso

MANILA, 28 (Reuter). – Mientras las fuerzas armadas se encuentran en estado de alerta roja, el primer congreso democrático filipino de los últimos 15 años comenzará a deliberar mañana para iniciar urgentes reformas en un país que ha sufrido casi dos décadas de rebelión comunista.

El alerta militar se inició tras conocerse nuevos rumores sobre un intento de golpe de Estado y las amenazas de disidentes derechistas y opositores de marchar sobre el fuertemente custodiado edificio del Congreso mientras la presidenta Corazón Aquino pronuncie su mensaje ante más de 200 [illegible] legisladores.

"No podemos permitirnos perder esta segunda oportunidad que nos concede la historia", dijo el titular de la Cámara baja, Ramón Mitra, al enfatizar la necesidad de lograr el fortalecimiento de la democrácia tras 20 años de gobierno autocrático.

01-01 8706859

LA MAÑANA 2/9/87

037

FILIPINAS

Hay que "revisar nuestras políticas"

Aquino pide apoyo del pueblo para vencer inestabilidad

La Presidenta de Filipinas admitió ayer que el conato de golpe de estado de la semana pasada demostraba que algo "faltaba" a su gobierno y opinó que había llegado el momento de revisar sus políticas.



MANILA.- La Presidenta Corazón Aquino se saluda con el cardenal Jaime Sin, en un acto religioso celebrado ayer en esta capital. (Radiofoto Reuter).

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Asediada por problemas políticos y económicos y la reciente rebelión militar, la presidenta Corazón Aquino apeló ayer al poder popular para frustrar las diabólicas maniobras de los autores del intento de golpe de estado.

Cuando el país sufre aún las secuelas del más grave atentado contra su nuevo régimen democrático, la Presidenta pidió de nuevo el apoyo del pueblo para superar la actual inestabilidad.

Aquino y toda su familia vivieron en las últimas horas en medio de una fuerte tensión, ya que los servicios de seguridad alertaron sobre un movimiento de tropas aparentemente dispuestas a atacar de nuevo el palacio presidencial.

El jefe del grupo de seguridad presidencial desplazó nuevas tropas a los alrededores del palacio, para proteger a la Presidenta.

Aquino dijo que consideraba el intento de golpe del viernes "tanto un reto como una oportunidad para mejorarnos".

"Es verdad que hemos hecho todo lo que hemos podido, pero quizá es cierto que aún quedan muchas cosas por hacer. Quizás nos falte algo a todos nosotros y ha llegado el momento de revisar nuestras políticas", dijo Aquino.

Agregó que "el país ha superado sus últimas crisis gracias a una serie de milagros, y que estaba segura de que, mientras el país me necesite, Dios salvará mi vida".

La Presidenta pronunció estas palabras en un acto público celebrado ayer en Manila, rodeada de fuertes medidas de seguridad y en medio de noticias alarmistas de que los rebeldes habían establecido una junta militar y un Gobierno provisional en el Norte del país.

MANIOBRA PUBLICITARIA

Varios comentarios apuntaron ayer la posibilidad de que esta supuesta junta no sea más que una maniobra publicitaria para desestabilizar al Gobierno.

A pesar de la poca credibilidad de la nota en la que los rebeldes anunciaron la constitución de una junta militar, los periódicos publicaron ayer la noticia con grandes titulares.

El Jefe del Alto Estado Mayor del Ejército, general Fidel Ramos, puso en duda ayer la existencia de esta junta, de la que tampoco hay evidencia clara, y comentó que no es más que un desesperado intento de conseguir apoyo para una causa perdida.

Ramos señaló que lo que ahora se necesita es unidad en el Ejército, para poder recuperar plenamente su capacidad operativa y combatir al enemigo número uno: la guerrilla comunista.

El General, al que muchos consideran una garantía de continuidad del actual proceso democrático, opinó que el jefe de los rebeldes, coronel Gregorio Honasan, no ha hecho más que ayudar y dar más confianza a esta guerrilla.

Esta insurrección, la pobreza, el aumento de los precios y la corrupción, son otros de los factores de desestabilización del país, además del volcán activo del descontento militar.

El Cardenal Jaime Sin, influyente líder religioso, se refirió ayer a uno de estos problemas, el de la corrupción, al señalar que muchos de los hombres públicos, activos durante la dictadura y que ahora tienen también cargos en la Administración o la vida pública, han vuelto a sus viejos hábitos.

Mientras tanto, Manila sigue protegida por fuerzas especiales del Ejército y carros de combate, que forman un anillo defensivo alrededor de la ciudad en previsión de nuevos ataques.

Ficioina
28
Fichado
037

LA MAÑANA 4/9/87

Al menos 19 personas murieron

Duros combates entre la guerrilla y el ejército filipino

La Presidenta de Filipinas aseguró ayer que la dedicación del pueblo filipino a conservar el proceso democrático del país es la mejor arma para superar cualquier crisis política. En tanto, se informó de nuevos combates entre tropas del Gobierno y guerrilleros que dejaron un saldo primario de 19 muertos.

MANILA. (ANSA, EFE y UPI).- En un discurso en el palacio presidencial de Malacanang, ante medio centenar de mujeres abogadas de la Asociación de países del Sudeste Asiático (ASEAN), Corazón Aquino señaló que la mejor medicina para sacar a flote al país es trabajar duro y seguir rezando.

En los últimos 18 meses -agregó- he acudido en busca de ayuda a mi pueblo y a Dios (...) y estoy convencida de que si no hubiese alguien en las alturas ayudándome, hoy no estaría aquí.

La Jefa del Ejecutivo filipino asumió el poder en febrero de 1986, después de una revolución popular incruenta que terminó con dos décadas de dictadura en el país.

COMBATES

Entretanto, la agencia oficial filipina de noticias, PNA, informó que al menos 19 personas murieron ayer en los combates que libran fuerzas gubernamentales filipinas contra guerrilleros comunistas del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP) en la provincia de Cagayán, 350 kilómetros al Noreste de Manila.

Fuentes militares de la zona informaron que el Ejército sufrió seis bajas mortales, mientras diez guerrilleros y tres civiles, víctimas del fuego cruzado, resultaron muertos en dos ataques perpetrados por rebeldes del NEP contra localidades de la citada provincia.

El combate más duro, según el capitán Domino Mendoza, de los servicios secretos militares filipinos, se libró en la madrugada del miércoles, cuando unos 60 guerrilleros atacaron el cuartel de la Policía, sito en la localidad de Gonzaga.

Desde el fallido intento golpista en Filipinas, el pasado 28 de agosto, es la segunda vez que los insurrectos han atacado este cuartel.

El Frente Nacional Democrático, brazo político del Partido Comunista filipino, anunció el sábado pasado un recrudecimiento de las hostilidades contra las tropas gubernamentales en todo el país.

En los últimos siete meses, 2.500 personas murieron en combates entre las Fuerzas Armadas filipinas y unos 23.000 insurrectos comunistas del NEP, infiltrados en las dos terceras partes de las 74 provincias del archipiélago.

Nuevo Congreso en Filipinas

MANILA. — Con la inauguración del nuevo Congreso electo culminarán, hoy lunes, 18 meses de esfuerzos de la presidenta Cory Aquino para edificar un régimen democrático de tipo norteamericano sobre las ruinas de la dictadura de Ferdinand Marcos (1971/86).

Desde el punto de vista constitucional, Aquino perderá hoy mismo los plenos poderes heredados de su predecesor y tendrá que gobernar con un Congreso bicameral (Cámara de Representantes y Senado) de prerrogativas semejantes al de Estados Unidos.

Políticamente, pues, Filipinas vivirá una profunda mutación: la era de los legisladores sucederá al agitado período en que la presidenta tuvo que preparar el futuro en un clima de continuas intentonas golpistas.

Lo que no quiere decir que el peligro de golpe de Estado esté definitivamente conjurado, como atestiguan las excepcionales medidas de seguridad tomadas para la solemne apertura del Congreso.

Sólo la práctica y el tiempo definirán claramente los respectivos papeles del Poder Ejecutivo y el Poder Legislativo filipinos, pero, según sus allegados, el propósito de Cory es que el Congreso electo el pasado 11 de mayo se convierta en motor de la vida política nacional.

En principio no debiera resultar difícil, puesto que la presidenta cuenta con mayorías adictas en ambas Cámaras. En el Senado (24 miembros electos por seis años) no hay más que un solo opositor de derecha, el actor de cine Joseph Estrada.

H.R.

Filipinas

037

Cinta grabada involucra a Marcos en un golpe

DEPUR

WASHINGTON. — El derrocado presidente filipino Ferdinando Marcos planeaba una invasión armada a su país y tomar como rehén a la presidente Corazón Aquino, según la transcripción de una cinta grabada dada a conocer por una subcomisión del Congreso.

Marcos, actualmente exiliado en Hawaii, sugiere también en una conversación con un hombre de quien cree es un comerciante de armas, que contaba con respaldo para su golpe de parte de un oficial militar estadounidense de alto rango en Las Filipinas.

Se supo que el ex presidente Ferdinando Marcos organizaba un nuevo golpe de estado contra el gobierno de Cory Aquino, que debía estallar el fin de semana último. Las pruebas están en un casete que las autoridades filipinas presentaron ayer en una rueda de prensa en Manila.

En la cinta hay una conversación de Marcos por teléfono, en que éste pide desde su exilio en Hawai fusiles, misiles tierra-aire y tanques a un abogado estadounidense. Se desconoce el nombre de dicho abogado que, según se cree, representa a un mercader de armas árabe. Las armas pedidas por Marcos bastan para armar a diez mil personas y tienen un valor de veinticinco millones de dólares.

En un comunicado, la presidenta Cory Aquino dijo estar "muy satisfecha" por la decisión que las autoridades estadounidenses tomaron ayer, de prohibir a Marcos que abandone el territorio de Estados Unidos. Dicha decisión fue adoptada por Washington al recibir una copia de la bobina.

Ramón Díaz, presidente de la Comisión pro-Buen Gobierno instaurada por Cory Aquino, dijo en la conferencia de prensa que el abogado que recibió el pedido de Marcos entregó la cinta a la embajada de Filipinas en París, por miedo a una posible acusación en Estados Unidos. Copias de la grabación llegaron después a Washington y Manila.

El derrocado presidente filipino Ferdinand Marcos afirmó que tiene 1.000 toneladas de oro por valor de 14.000 millones de dólares escondidas en su patria, se dijo ayer en una audiencia parlamentaria.

Si el gobierno de Corazón Aquino recuperara el oro, podría pagar con él más de la mitad de la deuda externa del país, de 27.000 millones de dólares. EL DIA 10/7/87

01-01

EL NUEVO INTENTO DE GOLPE EN FILIPINAS

Nunca fue tan eficaz

CLARIN 30/8/87

MANILA, 29 (Por Keith B. Richburg del "Washington Post", especial para Clarín). — Este quinto intento de derrocar el gobierno de Corazón Aquino fue el más eficaz de los realizados hasta ahora por los solddos rebeldes. Los anteriores sucedían cuando ya circulaban rumores sobre acciones inminentes, generalmente, porque fuentes clandestinas de las fuerzas derechistas leales a Marcos telegrafiaban a la prensa local y extranjera, advirtiendo a los periodistas para que no dejaran el lugar.

Usualmente los diarios de Manila anunciaban en grandes titulares sobre un golpe planeado para un determinado fin de semana, pero este intento parece haber tomado a todos por sorpresa. También se diferencia al resto porque mientras los anteriores atentados de golpe de Estado involucraban a los largamente desacreditados soldados leales a **Ferdinando Marcos**, éste incluye a muchos de los soldados que iniciaron la revuelta que instaló a Corazón Aquino en el poder, en febrero de 1986.

Gregorio Honasán, líder de las fuerzas rebeldes, había sido con anterioridad oficial de seguridad del senador **Juan Ponce Enrile** (cuando éste era ministro de Defensa). Por otro lado, uno de los interrogantes pendientes es el paradero de Enrile, quien, en el último año, como líder de la oposición en el Senado, dirigió las críticas más feroces contra **Aquino**, y dio así un punto de aglutinación para los soldados rebeldes. En la sesión de emergencia del Senado que se convocó el viernes, para tratar el tema del golpe, Enrile no asistió y, desde entonces, la prensa no pudo contactarse con él.



oldados del gobierno vigilan la salida de la Base Bonifacio, cuartel general de Infantería de Marina en Filipinas.

01/02 8707590

30/8/87 CLARIN

El coronel Honasán fue uno de los miembros fundadores del Movimiento de Reforma de las Fuerzas Armadas (RAM), grupo catalizador de los sentimientos contra Marcos entre los militares. También comandó una de las tropas que desbarató el primer golpe contra el gobierno de Aquino, cuanto tropas leales a Marcos tomaron el Hotel Manila. Honasán rodeó con su tropa el hotel.

Otro tipo de golpista

Juan Ponce Enrile fue destituido como ministro de Defensa el pasado noviembre, cuando Ramos afirmó que los jóvenes oficiales del RAM (presumiblemente incluyendo a Honasán) estaban planeando un golpe. Sin embargo, no se tomaron medidas punitivas, y los integrantes del RAM fueron dispersados por varios puestos a lo largo del país.

Este grupo se estuvo quejando amargamente, desde que Aquino asumió el poder, sobre la política seguida por ésta así como por el hecho de que se promocionaron los oficiales según su lealtad política. Criticaron también al gobierno y sus seguidores por su política "blanda" contra la insurgencia comunista y sus actos severos contra los soldados acusados de haber violado los derechos humanos. Igualmente los soldados del RAM (la mayoría oficiales jóvenes de los cuadros medios) acusaban a Ramos por ser débil. En este último intento de golpe Honasan reclamaba la renuncia de Ramos y de Aquino.

En un primer momento parecía que los rebeldes podían triunfar: habían tomado Campo Aguinaldo, cuartel general del estado mayor de las fuerzas armadas, dos estaciones de televisión e intentaban tomar el Canal 4, estatal. La base aérea de Villamor parecía también estar bajo control. Sin embargo, la situación se definió el viernes por la tarde cuando la marina y el ejército se mantenían del lado del gobierno.

El ejército es el arma más importante y su respaldo es considerado crucial para el mantenimiento de cualquier gobierno en el poder. La marina, por su parte, es considerada el arma más elitista y profesional de las que ha mantenido su apoyo leal al gobierno de Aquino, durante esta crisis.

La victoria del gobierno filipino comenzó cuando tropas leales controlaron, después de las 14, el canal estatal de televisión. Una hora después, la presidenta Aquino, sombría y tensa, apareció por televisión y dijo: "No tengo nada que decir a esos traidores. Abrimos fuego con la artillería. El asalto continuará hasta que la rebelión sea totalmente sofocada. No habrá negociaciones". Y agregó: "Destruiremos y castigaremos a esos traidores".

El viernes por la noche, algunos sectores políticos mostraron cierta comprensión por las quejas de los soldados rebeldes, aunque deploraron la metodología empleada. "El gobierno y los rebeldes deben tratar de comunicarse —dijo Salvador H. Laurel, vicepresidente y ministro del Exterior—. No somos enemigos. Somos todos filipinos". Agregó luego que el gobierno debe "investigar las quejas de los rebeldes".

General Fidel Ramos, la clave militar

Agencia Reuter



General Fidel Ramos, arquitecto del contragolpe leal.

MANILA, 29 (AFP y EFE). — El jefe del Estado Mayor de las fuerzas armadas filipinas, general Fidel Ramos, ha vuelto a revelarse como un elemento clave para sofocar los levantamientos contra el gobierno de la presidenta Corazón Aquino, desde los producidos en 1986 y 1987 hasta el más sangriento y peligroso de ellos, que estalló en la madrugada de ayer liderado por el coronel Gregorio "Gringo" Honasán y que provocó 55 muertes.

Ramos, de 58 años y considerado "el hombre de Estados Unidos" —se educó en la academia estadounidense de West Point— es un militar de espíritu estrictamente profesional y de ideas liberales, pero también célebre por el cigarro que tiene siempre en la boca y por su afición a las motos de gran cilindrada.

Al frente de un equipo de profesionales formados militarmente en los años '50, con el que aplastó en la víspera a un fuerte conato golpista calificado aquí como una "lucha de coroneles contra generales", Ramos accedió a la notoriedad mundial en febrero de 1986: en ese momento fue el motor de la rebelión militar que desencadenó una incontenible ola de agitación popular: ello permitió derrocar al gobierno de Ferdinand Marcos y restaurar una democracia constitucional en Filipinas.

Aquella revolución popular llevó e[n] un primer momento a una coalición d[e] poder entre "Cory" Aquino, Ramos y e[l] entonces ministro de Defensa genera[l] Juan Ponce Enrile, que se enemistó po[r] las actitudes confusas de Ponce Enril[e] durante un primer intento golpista protagonizado por el vicepresidente Artur[o] Tolentino y los leales a Marcos, y un[a] nueva conspiración en noviembre del 8[6] que motivó la destitución de Ponce.

Sus adversarios sostienen que Ramos adoptó su audaz posición contr[a] Marcos de acuerdo con Washington, miembro de una poderosa familia de l[a] oligarquía filipina y pariente del mismo Marcos, Ramos, tras egresar d[e] West Point se graduó de ingeniero civ[il] en Illinois y, con posterioridad, partici[]pó en las guerras de Corea y de Vietnam. De todos modos, el jefe del Estad[o] Mayor fue siempre uno de los militare[s] más populares del país, e inclusive e[n] época de Marcos era considerado uno d[e] los pocos jefes castrenses "incorruptibles".

Siempre opuesto a intervenir en deliberaciones de carácter político, y adorado por las tropas debido a su arrej[o] personal —a veces fuente de excentricidades—, Ramos profesa la religión protestante en un país donde las inmens[a] mayoría de la población es católica.

02 | 02

8707590

FILIPINA 037

PERLA

Abogado dice que Marcos no planeó golpe

MANILA. — Un abogado del ex presidente de las Filipinas afirmó que Ferdinando Marcos ha sido víctima de una confabulación para hacer creer en un intento de golpe de Estado contra su país.

En una conferencia de prensa Rafael Recto afirmó que las cintas registradas de las que resultaría la compra de armas por parte de Marcos han sido un truco.

"Es muy difícil manipular cintas-video, pero se puede hacer cualquier cosa con una grabación sonora", dijo. Las cintas examinadas por una comisión especial del Congreso norteamericano revelan el plan de Marcos de reunir diez mil hombres y comprar armas por 35 millones de dólares para invadir Filipinas y hacer prisionera a Cory Aquino.

Tras descubrir la existencia de las cintas las autoridades norteamericanas intimaron a Marcos a no moverse de las Hawai donde vive en exilio.

Secuestro

Mientras tanto, un grupo de rebeldes musulmanes que secuestraron a dos mujeres, una empleada del gobierno y otra de Naciones Unidas, pidió ayer una recompensa de 20.000 dólares por su libertad, se informó.

La nota pidiendo la recompensa estaba firmada por Alinor Bara Acol y Mussa Morda, que se identificaron como comandantes del Frente Moro de Liberación Musulmán, que pretende un gobierno islámico para Mindanao, isla del convulsionado sur filipino.

La carta fue enviada a Mimandog Guiling, alcalde del pueblo de Masio al nordeste de Mindanao, a unos 900 kilómetros al sur de Manila. Masio está cerca del pueblo de Bansayan, donde dos mujeres filipinas, Linda Madrid y Teófila Smith, fueron secuestradas el miércoles.

HB

FILIPINA

037

CPYA 15/2/87

Frustraron intento de matar a Corazón Aquino

MANILA. — Fuerzas militares abortaron el viernes 17 en la ciudad de Naga City de la isla de Luzon, a unos 300 kms al sur de Manila, un intento de asesinato de la presidenta filipina Corazón Aquino.

El hecho, según reveló ayer el diario "Manila Times", de esta capital, concluyó con la detención de tres rebeldes comunistas cuando intentaban atravesar el cordón de seguridad que protegía a la jefa del Ejecutivo.

El Ejército filipino lanzó una amplia ofensiva contra la guerrilla comunista, que podría ser eliminada en un plazo de tres años, dijo ayer el general Renato de Villa, jefe de Estado Mayor [illegible]to del Ejército.

De Villa indicó en rueda de prensa, que el jefe del Estado Mayor General del Ejército filipino, general Fidel Ramos, ordenó "una amplia ofensiva en todas las regiones donde hay rebeldes".

Marcos

El gobierno de la presidenta Corazón Aquino presentó ayer cargos civiles a la Justicia por más de 10.000 millones de dólares contra tres colaboradores de Ferdinand Marcos, incluyendo al ex presidente y a su esposa Imelda [illegible] 35 acusados en el juicio.

01 - 01

HB

037

Ingresan armas en Filipinas

MANILA. — Los insurgentes [illegible] han [illegible] armas modernas en el exterior y se aprestan a trasladar a los pueblos y ciudades la lucha que desarrollaban en el sector rural, según la denuncia del máximo jefe militar filipino.

El comandante de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, dijo hoy que la mayor parte del arsenal recibido por los comunistas del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP) fue adquirido en el exterior por la "Comisión Internacional" de los insurgentes que encabeza un ex sacerdote católico.

"Estoy hablando de modernas armas de gran poder de fuego", declaró Ramos ante los periodistas, sin precisar características. Según las estimaciones de las autoridades filipinas, el NEP dispone de unos 22.000 combatientes.

Los diarios de Manila, citando fuentes militares, han publicado muchos informes sobre avistamiento de naves soviéticas supuestamente dedicadas al desembarco de armas y la realización de cursos de entrenamiento entre los guerrilleros por parte de "asesores rusos".

La Embajada de Moscú en esta capital y los voceros del NEP negaron asidero a esas versiones.

El Día 24/8/87

01 - 01 8707639

CLARIN 31/8/87

Divisiones en el seno de las FF.AA.

MANILA, 30 (Por Keith Richburg de "The Washington Post" especial para Clarín). — La sangrienta rebelión militar en contra de la presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, puso de manifiesto las profundas divisiones que siguen existiendo en el seno de las Fuerzas Armadas de este país y resucitó también el viejo debate sobre cuál es la manera apropiada para combatir una creciente insurgencia armada comunista bajo un gobierno liberal y democrático.

Analistas extranjeros y filipinos comentaron que si bien el gobierno fue sumamente elogiado por reprimir rápidamente el reciente intento golpista, la rebelión —que ocurrió luego de una serie de huelgas por el aumento en el precio de los combustibles— pareció agregar un elemento más a la impresión generalizada de que Aquino no ejerce todavía un control absoluto de su país tras 18 meses a la cabeza del gobierno.

El punto a favor para la presidenta Aquino es que las fuerzas leales lograron reprimir el intento golpista antes de que los rebeldes consolidaran sus posiciones. Sin embargo, a las pocas horas de iniciarse el levantamiento, los rebeldes parecían haber "conquistado" la simpatía de las fuerzas armadas de varios puntos del país, con lo cual puede inferirse que la jefa de Estado deberá ahora atender de inmediato algunas de las quejas de los militares o arriesgarse a padecer una inestabilidad constante en las filas de esta crucial institución filipina, indican líderes político y analistas militares.

♦ Poco entusiasmo

Al respecto, un analista militar extranjero con estrechas relaciones con importantes oficiales filipinos declaró: "En el ambiente castrense no hay ningún entusiasmo por la administración de 'Cory'. No es una persona que les agrade..."

Por su parte, otro diplomático de una nación asiática vecina señaló: "Todo depende, en realidad, de cómo 'Cory' maneje a los militares después de esto. Tendrá que atender algunos reclamos".

El eje de las críticas que le hacen los militares a la administración Aquino gira en torno de la impresión de que se le permitió a la insurgencia comunista ganar terreno.

Se trata de una impresión —que exagerada o no— tiene su origen en la polémica decisión del gobierno de liberar a todos los detenidos políticos que habían sido encarcelados durante el régimen del depuesto líder Ferdinando Marcos —incluyendo a algunos importantes cabecillas del proscripto Nuevo Ejército del Pueblo.

Además, una de las primeras medidas que tomó el gobierno (el año pasado) fue formar una comisión presidencial sobre derechos humanos y prometer la aplicación de duras medidas contra aquellos soldados del gobierno que incurrieran en violaciones a los derechos civiles de los ciudadanos.

Esta profunda desconfianza es de doble filo, a decir verdad. Tanto Aquino como sus más altos asesores desconfían de la institución castrense a la que siguen considerando responsable del afianzamiento de la dictadura de Ferdinando Marcos. Se recordará que fueron los militares los que encarcelaron al esposo de Corazón Aquino —el líder opositor Benigno Aquino Jr. — y los que lo asesinaron a su regreso de Estados Unidos, lugar en donde había permanecido cuatro años exiliado.

En el campo de los militares, por su parte, el antagonismo se centra en los soldados que arriesgan sus vidas en esa batalla cada vez más despiadada contra la insurgencia, que tiende emboscadas a destacamentos militares del interior del país y lanza ataques diurnos contra importantes oficiales en centros urbanos.

Muchos soldados rasos estiman que el gobierno está actuando con demasiada "blandura" frente a los comunistas.

En tanto para los oficiales que han viajado al exterior o estudiado la historia de los movimientos de insurgencia del sudeste asiático, el éxito de una campaña de contrainsurgencia depende de un enfoque integrado, en el que se apliquen programas de gobierno que introduzcan cambios verdaderos en las zonas rurales y que minen el atractivo del comunismo.

Muchos oficiales desearían, además, mayor libertad para actuar. Es decir, que existan menos limitaciones legales como la obligación de obtener una orden de arresto antes de detener a un rebelde comunista, o la exigencia para liberarlos si no se presentan cargos en su contra en un lapso de 24 horas.

♦ Nuevo dilema

La rebelión de este fin de semana en Filipinas —la quinta en realidad y sin duda el intento de golpe más grave desde que Corazón Aquino llegó al poder— ofrece un nuevo y grave dilema tanto para los militares cuanto para la conducción política: cómo castigar a los rebeldes sin correr el riesgo de una ruptura en las filas militares.

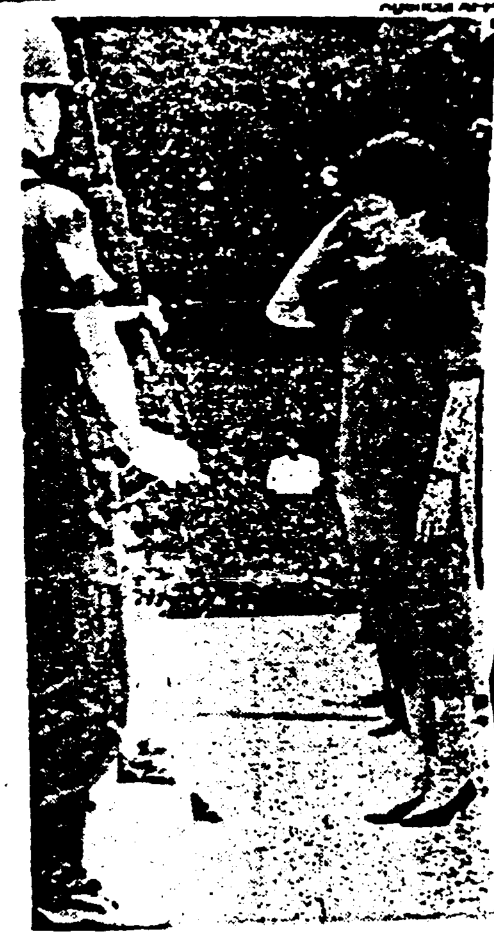
Un diplomático extranjero que siguió de cerca todos los eventos ocurridos en el seno de las fuerzas armadas comentó: "Unidades y comandos de todo el país expresaron su simpatía por la rebelión..."

Agencia Reuter



El ministro de Defensa filipino, Rafael Ileto (izq.), dialoga con el general Fidel Ramos —jefe de las fuerzas armadas—, al analizar los intentos golpistas.

Agencia AFP



Corazón Aquino, presidenta filipina.

"Vivo o muerto", la orden de captura para el coronel que encabezó a los sublevados

MANILA, 30 (UPI). — El jefe de las fuerzas armadas de las Filipinas, general Fidel Ramos, ordenó la captura "vivo o muerto" del coronel Gregorio "Gringo" Honasán, quien el viernes escapó de Campo Aguinaldo junto con su esposa e hijos en un helicóptero, cuando el intento de golpe de Estado que encabezó había fracasado.

Fuerzas gubernamentales cerraron las salidas de esta capital en medio de amplios rumores de escaramuzas aisladas durante las operaciones en busca del fugitivo líder del abortado y sangriento golpe de Estado del viernes.

El más grave de los complotes sediciosos contra el gobierno de la presidenta Corazón Aquino concluyó ayer cuando el "puñado" de rebeldes restantes se rindió en la comandancia de Campo Aguinaldo y en la isla de Cebú.

Manila vive una tensa calma desde que los principales diarios del país informaron que los insurrectos se estaban congregando a 190 kilómetros al norte de aquí para enfrentar "una embestida final".

El "Manila Bulletin", citando fuentes militares que no identificó, dijo hoy que los últimos rebeldes, encabezados por no menos de seis oficiales, incluido el jefe del alzamiento, el teniente coronel Honasán, huyeron a la provincia de Quirino, en el norte del país.

Honasán fue colaborador de seguridad del ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile. Los otros líderes de la intentona también mantienen estrechas relaciones con Ponce Enrile, quien hoy hizo su primer comentario público en torno al intento de golpe, manifestando su total desvinculación del mismo.

Ponce Enrile, ex miembro del gabinete que fue destituido por Aquino por estar vinculado con soldados presuntamente involucrados en intentos de desestabilización previos, es senador y una figura importante de la oposición.

Al ser consultado por una radioemisora local si creía que los amotinados estaban equivocados, respondió: "No quiero hacer una declaración de condena o perdón. Quiero mantenerme neutral".

La eventual participación de Ponce Enrile en la rebelión ha sido objeto de amplias especulaciones. El propio ex ministro dijo que no culpaba a la gente por sospechar de él.

El nerviosismo y la incertidumbre treparon a nuevos [illegible] ayer, cuando personas no identificadas asesinaron a tres soldados que cayeron en una emboscada a menos de dos kilómetros de la base aérea Clark, que Estados Unidos opera a 80 kilómetros al norte de Manila.

No quedó en claro en un primer momento si el ataque estaba relacionado con el frustrado golpe o si había sido obra de los guerrilleros comunistas.

Los responsables de Clark decidieron limitar los movimientos de los militares estadounidense y sus familias.

Soldados fuertemente armados custodiaban esta mañana el puesto que sirve de acceso sur a Manila, examinando todos los camiones que se dirigían hacia la capital. Sin embargo, los automóviles se desplazaban sin ser inspeccionados.

Un vehículo blindado de transporte de personal tomó posición con sus cañones apuntados hacia la carretera, dijo un corresponsal de Reuter.

Centenares de vehículos, que formaban una fila de casi tres kilómetros, estaban demorados anoche en los accesos del norte de la ciudad, donde las tropas instalaron puestos para evitar cualquier intento de las fuerzas rebeldes por avanzar sobre Manila o la fuga de los rebeldes del cabecilla del frustrado golpe.

CLARIN 31/8/87

SIGUEN FOCOS DE REBELION EN FILIPINAS

Denuncia de Aquino: "Nos querían asesinar"

El jefe de las fuerzas armadas de Filipinas, general Fidel Ramos, ordenó ayer la captura "vivo o muerto" del líder del fracasado intento de golpe de Estado, coronel Gregorio Honasán, y exhortó a la unidad del ejército. Por su parte, la presidenta Corazón Aquino aseguró que los sediciosos planeaban asesinarla a ella y a toda su familia y remarcó la "envergadura y brutalidad" del ataque rebelde. Para el "Washington Post" el abortado complot demuestra "las profundas divisiones que persisten en el seno de las fuerzas armadas filipinas" y "vuelve a poner en el tapete" el viejo debate sobre la manera apropiada de combatir la insurgencia comunista en un gobierno democrático.

MANILA, 30 (AP, UPI y Reuter). — La presidenta Corazón Aquino aseguró hoy que el objetivo del abortado intento de golpe era "claramente asesinar a la presidenta y a su familia".

Al mismo tiempo, el jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, advirtió de nuevos "esfuerzos desesperados" de los renegados para atacar posiciones clave del gobierno.

En un discurso pronunciado desde la base militar de Fort Bonifacio, la señora Aquino elogió a los guardias presidenciales por aplastar "un ataque cobarde y traidor" contra el palacio de gobierno, durante el sangriento intentó de golpe de Estado.

"El objetivo de los rebeldes era claramente asesinar a la presidenta y a su familia", dijo Aquino y subrayó: "La magnitud y crueldad del ataque, la brutalidad de los rebeldes que dispararon contra civiles y la oportunidad escogida, demuestran más allá de toda duda sus intenciones criminales".

La presidenta colocó hoy una ofrenda floral en un cementerio militar de Fort Bonifacio en el día de los héroes nacionales, mientras docenas de guardias con ametralladoras Uzi y fusiles M-16 custodiaban el lugar.

Tras comprometerse a adoptar severas medidas contra los militares que en el futuro se alcen en armas, Aquino, de 54 años, destacó que "les enseñamos (a los sediciosos) la más amarga de las lecciones. Volveremos a enseñársela si así lo quieren".

"Yo pensaba que el espíritu de reconciliación cerraría las fisuras de las fuerzas armadas, pero ahora veo que solo una causa común, un peligro común y una lucha común por lo que es justo podrían forjar una banda de acero".

Aquino expresó su confianza en el jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, a quien elogió por "su gran esfuerzo por preservar la democracia".

En un comunicado dirigido a las tropas, Ramos les advirtió a los 250.000 miembros de las fuerzas armadas mantenerse vigilantes. "Puede haber aún esfuerzos desesperados por parte de los rebeldes para atacar posiciones clave del gobierno

El jefe militar exhortó, asimismo, por la unidad del ejército y aseguró que estaba trabajando por un aumento general de salarios. Las bajas remuneraciones que reciben los soldados fue uno de los elementos que utilizaron los sediciosos, quienes acusaron a la señora Aquino de "mimar a los comunistas".

El ejército informó hoy que fue arrestado Orlando Dulay, dirigente provincial durante el gobierno de Ferdinando Marcos. Este se unió a la rebelión y apoyado por un grupo de civiles armados se apoderó de un edificio del gobierno situado en la provincia septentrional de Quirino.

Insistentes rumores en esta capital indican que persiste la tensión en la isla de Cebú, donde los militantes se pronunciaron en favor de los rebeldes y se señaló que se espera un contraataque sedicioso desde Quirino.

Un portavoz de la policía, señaló que soldados leales detuvieron hoy a una caravana de seis tanques y camiones, con 300 efectivos rebeldes, en el pueblo de Bustos, en las afueras de Manila.

Se informó, por otra parte, que continúa la búsqueda del líder sedicioso, coronel Gregorio Honasán (ver nota aparte), mientras el ex ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, lo exhortó a "acatar la ley".

En sus primeras declaraciones públicas desde el inicio de la revuelta, Ponce Enrile negó haber estado complicado en el intento golpista y aseguró que se mantendrá neutral ante los acontecimientos. Honasán y varios de los principales protagonistas de la fracasada revuelta fueron colaboradores del ex titular de Defensa, quien fue destituido por la señora Aquino.

02 | 02

H.R

Filipinas Aquino Bolivia

037

HECHOS Y PROTAGONISTAS

El Diario 3/7/87

• Corazón Aquino invitada a Bolivia



MANILA. — La presidenta filipina, Corazón Aquino, fue invitada oficialmente ayer a visitar Bolivia por el presidente Víctor Paz Estenssoro, por medio de una carta personal entregada por el embajador boliviano, Arnold Hofmann-Bang Soleto, durante la presentación de sus cartas credenciales.

La nueva etapa que se abre en las relaciones bilaterales, que el embajador Hofman describió como "más militantes" intenta incrementar los intercambios económicos y culturales entre los gobiernos de La Paz y Manila, hasta ahora prácticamente inexistentes.

En el capítulo económico, al margen de esporádicas transacciones, las relaciones han sido nulas y Manila, añadió Hofman, debe ser el "puente" de acceso de nuestras exportaciones a los mercados de la Asociación de Países del Sudeste Asiático (ASEAN).

H.R.

037

DEMOCRACIA FILIPINA

Las Filipinas, bajo la conducción de Corazón Aquino, la viuda del mártir de la revolución contra Ferdinando Marcos, ha asentado su régimen democrático.

Después de 15 años de gobierno dictatorial, logró en elecciones ejemplares *una amplia* representacion popular que responde a su Presidenta, siendo escasa la minoria que aún aspira a derrocarla.

En 24 senaturias. los perdedores solo obtuvieron 6 bancas.

Y fueron precisamente, veinticuatro millones de filipinos que se volcaron a las urnas para mostrar su apego a la vuelta al sistema democrático de tipo occidental.

La difícil situación económica, la guerrilla que no ha cesado, serán los enemigos que deberá *afrontar* el nuevo régimen bajo la conducción de su sacrificada presidenta, pero es de esperar que puedan ser vencidos para que las Filipinas integren, definitivamente, la comunidad democrática de naciones.

El País 15/1/87

01-01 8707783

H.B.

El País 23/7/87

037

REFORMA AGRARIA.— Manila, 22 (UP).— La presidenta Corazón Aquino decretó hoy un programa de reforma agraria que afecta a la mayoría de las



propiedades, incluyendo a la hacienda azucarera de su propia familia. Pero dijo que el Congreso decidirá cuantas propiedades podrán [illegible]

01-01

8707784

FILIPINAS Y LA ESTRATEGIA EN EL PACIFICO

Corazón Aquino es una mujer simpática y valiente, pero conviene no hacerse ilusiones: el poder de la Presidenta de Filipinas continúa siendo frágil y permanentemente amenazado. Aún teniendo en cuenta el triunfo obtenido con el referéndum constitucional a principios de este año.

La situación interna del país está signada por violentas tensiones. Ese archipiélago de 55 millones de habitantes, ha pasado a ser, por sobre todo, una apuesta estratégica y geopolítica de capital importancia, tanto en el Pacífico como en Indico. Con su minoría musulmana, también es ideal para la desestabilización del islam asiático.

Desde 1969, la doctrina Nixon saca las consecuencias de la expansión del comunismo en Asia continental. Para adoptar la expresión de François Joyaux, uno de los mejores especialistas franceses en la región, existe una "trayectoria" casi del marxismo por continuidad geográfica, alimentada desde 1917 en el Extremo Oriente soviético, relevada más tarde por China, Corea del Norte y Vietnam, y que se extendió a Laos y Camboya. La corriente se detiene en el Asia de las penínsulas y las islas: Malasia, Singapur, Corea del Sur, Indonesia, y, naturalmente, Japón y Taiwán.

Pero también, y sobre todo, en las Filipinas, antigua colonia americana que comanda el acceso para la VII Flota estadounidense al océano Indico y el golfo Pérsico. El archipiélago está situado a 1.000 kilómetros de la costa vietnamita, donde la marina soviética utiliza las dos importantes bases de Da Nang y Cam Ranh.

Los estadounidenses disponen al norte de Manila de dos elementos capitales para su logística en el extranjero: la rada de Subic Bay para la marina, y la zona de Clark para la aviación. Subic sostiene 70 navíos, 450 aviones y 50.000 hombres. Clark alberga los 8.000 soldados de la 13ª Fuerza Aérea: tres escuadrones de cazas, cinco de transporte, un grupo de entrenamiento táctico, y también un gigantesco centro de operaciones y telecomunicaciones.

Para un experto, como el General francés Henri Eyraud, el volumen de las fuerzas americanas en las Filipinas es comparable a la totalidad del ejército francés del aire y superior al de la marina como también mayor que las fuerzas estacionadas en ultramar. Subic y Clark emplean 43.000 trabajadores filipinos, de los cuales 5.000 son técnicos perfectamente calificados. Cada mes, ochenta enormes embarcaciones reabastecen Subic. La actividad aérea de Clark es seis veces superior a la del Aeropuerto Internacional de Narita, en Tokyo, el más importante de Asia.

Es a partir de esas dos bases que aviones de combate y tropas pueden ser desplegados en 24 horas en Asia meridional, en el Cercano Oriente, o en la costa oriental de Africa. Es por esa "puerta trasera" que se lanzó en 1973, el puente aéreo que s[...] a un Israel corto de municiones y de repuestos, luego [...] negativa portuguesa para que los cargueros de la Fuerza Aé[...] estadounidenses utilizaran las Azores. Es a partir de las Filipin[...] y de ellas solas, que mañana podría ser montada una operaci[...] en el Golfo.

Formidable apuesta. No es por casualidad que los dirigent[...] de la guerrilla comunista se muestran más interesados por l[...] bases americanas que por la necesaria reforma agraria. Es[...] última sería, sin embargo, la única solución al dramático problema del subdesarrollo de buena parte del archipiélago.

"Cory", que en su juventud militante pedía la partida de los americanos, ha elegido esperar el vencimiento de 1991, que marcará el fin del acuerdo por 40.000 hectáreas en Subic y Clark, para someter la cuestión a referéndum popular. Es evidente que el problema va a envenenar los próximos años. Corazón Aquino obtuvo ciertas ventajas electorales de la tregua con los comunistas que se produjo a causa del referéndum. Pero los dirigentes del Partido Comunista son de hecho los grandes beneficiarios de esa pausa, que les permitió mostrarse durante varias semanas en Manila, y hacerse conocer públicamente.

Los americanos están desde hace tiempo estudiando soluciones de reemplazo. Todas son malas. La transferencia de l[...] bases filipinas costaría más de ocho billones de dólares [...] exigiría, como mínimo, cinco años de trabajos. La posibilidad d[...] implantarlas en Corea, Japón, Australia, Guam o las islas Mari[...]nas, alargaría terriblemente las líneas de comunicación de la V[...] Flota, y además presentaría inconvenientes estratégicos qu[...] serían una ganga para los rusos.

La vuelta probable de la guerrilla comunista no será solamente motivada por una situación económica explosiva. Se inscribirá en el marco de la estrategia activa del Kremlin en el Pacífico. Y estaría acompañada por las entregas de armas de Kadhafi a los rebeldes musulmanes, que también amenazan con reabrir las hostilidades.

La opinión occidental se ha apasionado por el combate de Corazón Aquino contra la dictadura de los Marcos. Pero debe saber que la partida que se juega en Filipinas desborda en mucho la situación interna de ese país desgarrado. La supervivencia política de la "Presidenta Coraje", pasa ahora a través de su capacidad de realizar una verdadera reforma agraria. [...] consiste también en no subestimar la enormidad de la dimensi[...] estratégica.

YVES CU[...]

Fuente: "L'Express"
Traducción: Blanca Giuria

01-01 8707794

La bomba de tiempo filipina

Cory Aquino: con el carisma no alcanza

A dieciseis meses de llegado al poder en las Filipinas, el gobierno de Corazón ("Cory") Aquino parece más un milagro de supervivencia que la base sólida de una recuperación democrática después del prolongado período de dictadura *marquista*. La lista de acechanzas es mayor que la de logros, aunque uno de estos es básico y nadie discute: el restablecimiento de las libertades públicas en un país de 58 millones de habitantes que estuvo sometido durante dos décadas a un gobierno despótico y corrompido hasta la médula.

LA ultraderecha pro Marcos se muestra activa en sus sueños de restauración bajo el liderazgo de Juan Ponce Enrile, el ex Ministro de la Defensa, (un hombre muy comprometido en los sucesos que derivaron en el asesinato del marido de la actual Presidente); irónicamente, el partido *marquista* agita ahora frenéticamente la bandera de la pureza electoral. Los arquitectos del fraude durante 20 años acusan ahora de fraude al gobierno de Cory, cuya coalición *Lakas ng bayan* ("Poder Popular") obtuvo una aplastante victoria en las últimas elecciones para el parlamento que asume el mes próximo. Del otro lado del espectro está la insurgencia armada del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP). La guerrilla comunista controla entre un 10 % y un 15 % del país. Agitando el peligro de que la guerrilla pueda tomar el poder, la derecha ha ido creando grupos de "vigilantes" armados (como los "Guardianes de la Nación", los "Soldados de Cristo" y el "Movimiento Popular contra el Comunismo").

Como si este panorama no fuera de por sí preocupante, Cory enfrenta también una rebelión de las minorías musulmanas en el sur del país y una aguda crisis económica (deuda externa filipina: 27.000 millones de dólares) y social. La economía debe crecer a un ritmo anual del 6 % para que el producto llegue al nivel que tenía en 1981 y el crecimiento del año pasado apenas llegó al 1,5 %. Cerca del 55 % de los habitantes viven por debajo de la llamada línea de la pobreza, fijada en un ingreso de 116 dólares por mes para una familia de seis personas. La mitad de estos indigentes no tienen ingresos superiores a los 74 dólares mensuales. Un 12,5 % de los 22 millones de la fuerza laboral está desempleada y otro 30 % tiene un nivel de subempleo. Hay cinco millones de campesinos sin tierras; cuatro de cada cinco niños campesinos padecen desnutrición.

La Presidente está sentada en una bomba de tiempo, por ahora desactivada, pero cualquiera de los factores mencionados pueden poner el mecanismo nuevamente en funcionamiento y causar el estallido. Cory cuenta con muchos elementos a su favor: una buena imagen internacional y el respaldo de los Estados Unidos en primer lugar; su inmensa popularidad en lo interno. La coalición de gobierno está integrada por la clase media (no muy numerosa pero influyente) el empresariado y la clase política centrista y la Iglesia, un factor de poder importante en las Filipinas, donde el 85 % de la población es católica. el Cardenal Jaime Sin, de Manila, es consejero personal de la Presidente y figura de reconocida influencia.

En términos generales, los analistas políticos consideran que la amenaza a la estabilidad democrática por parte de los sectores más radicalizados de la izquierda y de la derecha no está por el momento en condiciones de materializarse. El *marquismo*, desprestigiado, no tiene campo de maniobra, particularmente desde que el *ejército* –aunque a regañadientes– ha hecho las paces con el gobierno democrático, y la guerrilla comunista está jaqueada por la maquinaria militar (*"El NEP mantiene ocupado al ejército y eso puede favorecer a Cory Aquino: mientras tengan que pelear, los militares no tendrán tiempo para pensar en ocuparse de otras tareas de gobierno"*, sostiene un analista).

En julio, las Filipinas entran en una nueva etapa institucional. Hay una constitución liberal, recién aprobada (en un plebiscito de febrero pasado) y un parlamento fuerte de nueva integración, donde el partido de gobierno dispone de amplia mayoría. Para Corazón Aquino habrá llegado la hora de las realizaciones. Para ello, debe contar con el apoyo indispensable de los Estados Unidos. *"El problema es que a Washington no le importa tanto el fortalecimiento de la democracia y las reformas, como la lucha contra la insurgencia comunista y el mantenimiento de las bases en Subic Bay y Clark"*, advierten los analistas. Para salir adelante y contemplar los intereses en juego, Cory deberá demostrar dotes de prestidigitación política y sutileza para armonizar todos los factores de poder que han renacido con la democracia: claramente, con el carisma no alcanza.

H. TOSCANO



HR

037

Montevideo, lunes 17 de agosto de 1987 PLAN

Acción rebelde filipina y protesta popular contra el gobierno de Aquino

MANILA. — Dieciocho personas murieron en batallas provinciales entre guerrilleros y fuerzas de seguridad, mientras que en Manila, la presidenta Corazón Aquino afrontaba una borrasca de protestas a raíz de los aumentos decretados en los precios de petróleo y gasolina.

Informaciones difundidas ayer por militares y policías dijeron que los 18 murieron en confrontaciones ocurridas durante los últimos dos días en el centro y sur de Filipinas.

Los aumentos decretados en los precios de gasolina y derivados de petróleo por la Junta Reguladora de Energía se perfilan como la medida más impopular adoptada por el gobierno de Aquino en sus 18 meses de poder.

Una organización nacional que alega contar con 200.000 choferes de transporte público como afiliados anunció que efectuará una huelga de un día en Manila, mientras que en cinco ciudades provinciales habrá mañana protestas contra el aumento de cerca del 20 por ciento implantado en los combustibles.

Bonifacio de Luna, presidente de la Confederación de Choferes de Filipinas, dijo que la huelga se propone paralizar el transporte público, por lo menos en la capital.

De Luna también dijo que mañana comparecerá ante el Senado para presentar una formal petición de [illegible] aumento de precios, y previno que si no era satisfecha esta solicitud, su organización lanzará una huelga de mayor envergadura.

Anteriores paros en el transporte público de Manila se vieron agravados por hechos de violencia, y la Policía dijo que estaba lista para prevenir desórdenes.

En el centro de Filipinas, los rebeldes lanzaron ataques simultáneos al amanecer contra dos estaciones policiales en la isla Negros, matando a un policía y a un miliciano, dijo la Policía.

La Policía dijo que uno de los grupos incursores estaba capitaneado por una mujer, a la que se oyó gritar "Muerte a los policías" antes que los rebeldes abrieran fuego y arrojaran una granada contra un puesto policial a tres kilómetros de Bacolod, capital provincial de Negros.

Informaciones militares indicaron que [illegible] rebeldes y dos soldados resultaron muertos ayer cuando una patrulla gubernamental, respaldada por helicópteros artillados, enfrentó [illegible] guerrilleros comunistas del Nuevo Ejército del Pueblo en la provincia meridional de Bukidnon.

Los militares dijeron que otros dos rebeldes fueron muertos y cuatro fueron capturados en confrontaciones separadas ocurridas ayer en la provincia Surigao del Sur, adyacente a Bukidnon.

01-01

8707841

HB

FILIPINAS 037

EL PAIS

5 AGO. 1987

Peligran las Bases de los EE.UU. en Filipinas

MANILA, 4 (ANSA) — El apenas instalado nuevo senado filipino comenzó el largo proceso preliminar para afrontar una de las cuestiones más importantes del nuevo período parlamentario: las negociaciones sobre la presencia de las dos bases norteamericanas, la naval de Clark y la aérea de Subic Bay.

El nuevo clima democrático y la libertad de prensa restablecida tras la llegada al poder de la presidenta Corazón Aquino favorecieron un amplio debate sobre la independencia de Las Filipinas y una franja de opinión, que cuenta con el aval de varios senadores, comenzó a interrogarse sobre el interés nacional que tiene la permanencia de las bases.

El acuerdo original entre Washington y Manila se remonta a 1947 y debía tener una duración de 99 años, pero posteriormente fue modificado y actualmente tiene vencimientos cada 25 años sujetos a "profundas y detalladas revisiones" cada cinco años.

El próximo plazo vence en 1991 y las primeras negociaciones serán establecidas a partir de 1988.

La incertidumbre sobre el futuro de las bases depende de diversos factores, uno de los cuales es la actitud de la misma presidenta Aquino quien aunque se comprometió a respetar el acuerdo hasta su vencimiento, aclaró que en lo que respecta al futuro quiere mantener abiertas sus opciones.

01-01

8708087

Filipinas: Militares Declaran el Alerta; Reforma Agraria y Bases

MANILA, 26 (por Robert H. Reid de la AP).— Con las tropas puestas en alerta total, el Congreso se apresta a reunirse a partir de mañana para analizar importantes leyes como la de la reforma agraria y el futuro de las bases militares norteamericanas además de ayudar a guiar a la nación que trata de salir de una herencia de dictadura y conflictos internos.

La presidente Corazón Aquino, que gobernó por decreto durante sus primeros 17 meses en el poder, emitirá un mensaje a la nación a las 16.00 hora (08:00GMT), señalando su agenda para la primera Asamblea Legislativa Bicameral desde 1972.

Las tropas en Manila y en una docena de provincias cercanas ha sido puesta en "alerta roja" para prevenir que los seguidores del derrocado presidente Ferdinand Marcos y otros extremistas interrumpan las ceremonias.

Varios grupos, incluyendo a los izquierdistas y los seguidores de Marcos, dijeron que realizarán manifestaciones en toda la ciudad simultáneamente a la inauguración del Congreso.

La inauguración de las actividades legislativas es la última etapa en la restauración de instituciones democráticas después de la caída, el 25 de febrero de 1986, del gobierno autoritario de Marcos.

La presidente Aquino dispersó la Asamblea Unicameral de Marcos y escribió el borrador de una nueva constitución al mes de llegar al poder.

Los miembros del senado y de la cámara de representantes fueron elegidos el 11 de mayo, tres meses después de ratificarse la nueva constitución. Uno de los 24 senadores y unos 10 representantes de los 200 miembros de la cámara baja permanecen aún sin nombrar a causa de conflictiva contabilidad de votos, pedidos de recuento y otros problemas.

El establecimiento de una legislatura elegida, cuyos miembros incluyen desde izquierdistas hasta leales a Marcos, complicará el objetivo de gobernar a un país que ha enfrentado ya dos insurgencias armadas, pobreza generalizada, instituciones débiles y una deuda externa de 28.000 millones de dólares.

Editorialistas filipinos y fuentes legislativas creen que mucho dependerá ahora de la habilidad de la presidenta Aquino para trabajar con el Congreso y el liderazgo que genere para proponer programas de trabajo para ambas cámaras pese a la ausencia de maquinaria partidista bien organizada.

Varios columnistas expresaron sus temores de que una vez que se inauguren las [illegible] del congreso, la "política de siempre" pueda perjudicar su trabajo en razón de las amargas disputas internas, especialmente en el senado, por la elección de autoridades y cargos directivos.

"Quiero pensar que ahora hay más idealismo en el senado y mayor preocupación por el bienestar general en lugar de intereses particulares", dijo el recientemente designado presidente del senado, Jovito Salanoga, en declaraciones al diario "The Manila Chronicle".

Muchos comentadores creen que la reforma agraria será la muestra de la capacidad del Congreso para enfrentar un tema complejo y potencialmente explosivo.

El miércoles pasado, la presidente Aquino ordenó la redistribución de la tierra, pero dejó al Congreso definir la mayoría de los detalles, incluyendo la cantidad de tierra que los propietarios pueden mantener.

Un programa de reforma agraria justo es visto aquí como crucial para superar la intranquilidad social y combatir a la creciente insurgencia comunista rural. La conferencia de Obispos Católicos de Filipinas previno que el tema amenaza con "dividir al país".

Pero la más de un tercio de los miembros de la Cámara de Representantes vienen de ricas familias de comerciantes y terratenientes. Por lo menos 69 de ellos están aliados con tradicionales "clanes políticos" que dominaron la política hasta antes de Marcos aboliera la legislatura decretara ocho años de ley marcial en 1972.

"La razón dominante del pesimismo frente al Congreso, es el origen clasista de la mayoría de los miembros de la Cámara de Representantes", afirmó el columnista Art Borjal en el diario "The Philippine Star". "Estos delegados podrían ser progresistas en sus convicciones políticas, pero su concepto de propiedad y tierras son totalmente distintas".

El Congreso también tiene que aprobar leyes para dar autonomía regional para las áreas de las montañas cordillera en Luzón y las musulmanas en el sur, ambas zonas afectadas por insurgencias armadas.

El Frente de Liberación Nacional Moro (FLNM), el mayor de los tres grupos rebeldes musulmanes, se opone a dejar la decisión de la autonomía al Congreso.

La semana pasada, el jefe de la FLNM, Nur Misuari previno que "sólo un milagro" podría prevenir la reanudación de la rebelión musulmana de 15 años.

Otra gran batalla legislativa se espera sobre el futuro de las bases norteamericanas en Filipinas, cuyo contrato de alquiler termina [illegible]



Corazón Aquino: Temas Candentes

Corazón Aquino: su proyecto de reforma agraria y las bases de EE.UU., temas candentes a tratar por el parlamento filipino

01-01

8708125

HB

037

FILIPINAS

LA MA[illegible]NA

18 AGO. 1987

80% del transporte paralizado

Huelga en Filipinas

MANILA. (ANSA, EFE y UPI).- Las federaciones de conductores y propietarios de minibuses -los populares jeepneys- paralizaron ayer un 80 por ciento del transporte de la capital filipina, en protesta por el alza de precios de los combustibles.

La huelga afecta a la mayoría de los jeepneys, que son modelos tradicionales de jeep adaptados al transporte urbano con capacidad entre quince y veinte viajeros.

A la jornada de huelga de los sindicatos del jeep -que controlan la mayoría del transporte en la capital y dicen contar con unos 200.000 afiliados- se unieron las federaciones de la ciudad central de Cebú, la segunda en importancia del archipiélago.

El jefe de la Policía de Manila, general Romeo Zulueta, informó que no se produjeron incidentes, pero el canal 9 de la Televisión filipina anunció que las fuerzas del orden detuvieron a dos docenas de conductores, acusados de actos de intimidación.

El gobierno empleó camiones civiles y militares en un intento de paliar e[illegible] problema del transporte en la capital mientras que las instituciones de ense[illegible]ñanza cerraron las aulas y una gran part[illegible] de empresas públicas y privadas tuviero[illegible] que suspender las operaciones [illegible] mediodía.

La Presidenta de Filipinas, Corazó[illegible] Aquino, quien anunció el pasado vierne[illegible] una subida del 19 por ciento en el preci[illegible] del petróleo y sus derivados, dijo a lo[illegible] periodistas que la situación está baj[illegible] control y que el gobierno no pued[illegible] acceder a las demandas de rebajar los precios energéticos.

Tenemos un fondo destinado a la estabilización de los precios de los derivados del petróleo y se ha terminado añadió la jefa del ejecutivo filipino.

Mientras, el Senador Ernesto Maceda, pidió a la Cámara alta que abra una investigación inmediata sobre las causas que motivaron la subida de la gasolina y señaló que tal como se ejecutó la medida nos hace recordar los tiempos de Marcos.

PÉRLA

La Mañana 18/8/87

8708149

01-01

EL PAIS

11 AGO. 1987

Irrefrenable Oleada Criminal en Filipinas

MANILA, 4 (AP).– El asesinato el domingo del prominente miembro del Gabinete, Jaime Ferrer, último de una serie de crímenes aún no resueltos ocurridos en este país peligrosamente dividido, suscita dudas acerca de la capacidad del gobierno de la presidenta Corazón Aquino en hacer valer su autoridad.

Ferrer, de 70 años, ferviente comunista y uno de los miembros más influyentes del Gabinete, fue abatido a tiros el domingo por la noche junto con su chofer cuando regresaba a su casa de la Iglesia. Nadie se ha atribuido la responsabilidad por el crimen y la policía no ha efectuado arrestos.

"Lo que presenciamos es no sólo el descalabro del orden público sino también la incapacidad del gobierno de implantar su autoridad en una situación social caótica", dice el periodista Patronilo Daroy en un artículo que publica hoy The Manila Chronicle. "El pueblo no puede ser acusado de esta situación..., es el gobierno el que ha evidenciado su deficiencia de manera consistente", añadió.

La prensa da cuenta frecuentemente de crímenes cometidos contra ciudadanos comunes, en el campo de batalla contra rebeldes comunistas, de robos donde las víctimas son frecuentemente violadas o asesinadas o en reyertas por cuestiones de poca monta en las barriadas de esta capital.

El jefe del Estado Mayor, Fidel V. Ramos confirmó el mes pasado que la delincuencia aumentó este año en la zona de Manila un 30 por ciento. La señora Aquino, cuyo esposo fue asesinado por motivos políticos en un crimen aún no resuelto, se ha quejado abiertamente de la incapacidad evidenciada para frenar la ola de delincuencia.

El crimen de Ferrer, primer miembro del gobierno que es ultimado en la historia de Filipinas, no tiene precedente, sin embargo, la clase alta urbana del país, que no ha sufrido los efectos de las acciones violentas manifiesta la mayor preocupación debido a que podrían ampliarse a otras zonas y porque podrían afectar en última instancia los comercios", dijo el hombre de negocios Raúl Concepción. "Es posible que lo que necesitemos sea una enérgica reacción del gobierno

Aunque el crimen de una personalidad de tan alto rango como la de Ferrer no tiene precedente, su asesinato sigue a una serie de acciones similares, muchas de las cuales continúan sin ser resueltos.

Se establecieron una serie de comisiones, se emitieron declaraciones de pesar y el gobierno formuló enérgicas advertencias contra los autores de los crímenes.

037

Filipinas

MONTEVIDEO, MARTES 14 DE JULIO DE 1987

Piden que no dialogue con Gobierno

Exigen libertad de presos políticos a líder opositor

SEUL (ANSA, EFE y UPI).- Un grupo disidente interrumpió ayer una rueda de prensa que celebraba Kim Young-sam, principal dirigente de la oposición, para exigir la liberación de los presos políticos.

Más de doscientas personas, en su mayoría estudiantes activistas, que habían sido encarcelados recientemente y familiares de presos políticos, irrumpieron violentamente en la sede del Partido Democrático de la Reunificación (PDR), cuando su Presidente, Kim Young-sam, estaba reunido con los periodistas.

Los disidentes, tras mantener un altercado con los ayudantes de Young-sam, consiguieron entrar en el local, en el que hicieron una sentada y no depusieron su actitud hasta después de ser recibidos por el propio Young-sam a quien pidieron que no participe en las negociaciones con el Partido de Justicia, en el poder, sobre las futuras reformas constitucionales hasta que no sean liberados todos los patriotas que aún están encarcelados.

El dirigente de la oposición dijo en la rueda de prensa que el Presidente Chun Doo-hwan debe abandonar el Partido de Justicia y aceptar la formación de un gobierno provisional neutral que se encargue de convocar y supervisar unas elecciones correctas a celebrar en los meses próximos.

Insistió Young-sam en que la campaña electoral no debe hacer hincapié en los antagonismos y divisiones y, por el contrario, debe insistir en la armonía nacional y en la justicia para todos.

PROPUESTAS

El Presidente del Partido Democrático de la Reunificación propone que la ley sobre la revisión de la Constitución esté preparada para que sea aprobada por la Asamblea Nacional el próximo 15 de agosto y que sea presentada a referéndum hacia el 20 de setiembre.

Propone, además, que las elecciones presidenciales sean celebradas a finales del mes de octubre o en los primeros días de noviembre y que las elecciones generales sean convocadas para mediados de diciembre.

Después de escuchar a los disidentes, Young-sam afirmó que mantiene su postura contra la política del gobierno con respecto a la forma selectiva en que se están realizando las excarcelaciones de presos políticos, dado que no ayuda a la concordia nacional ni a la estabilidad política y pidió al Gobierno que ponga en libertad a todos los disidentes y que devuelva sus derechos civiles a los que ya están en libertad.

Incluso si algunos de ellos fuesen sospechosos de ser procomunistas deberían ser perdonados con excepción de los elementos más extremistas y radicales y los que han cometido actos de terrorismo contra instalaciones oficiales o sean convictos de haber quebrantado la ley sobre seguridad nacional.

LA MAÑANA

14 JUL. 1987

037

Militar confesó el plan

Golpe frustrado contra Aquino

MANILA, (ANSA, EFE y UPI).— Las autoridades militares frustraron un intento de golpe de Estado contra la Presidenta Corazón Aquino, arrestando a un mayor del ejército que confesó el plan, informó ayer un jerarca militar.

El general Alexander Aguirre, jefe del comando militar de la capital, dijo a los periodistas que se ordenó la captura de un número no especificado de soldados activos y retirados, en relación al frustrado intento de golpe de Estado.

Aguirre se negó a identificar al mayor detenido. Una fuente militar dijo que el oficial fue arrestado el viernes. La televisión estatal indicó que cinco oficiales, incluidos dos mayores, habían sido detenidos hasta ahora.

"Estamos siguiendo el caso", dijo el vocero de las Fuerzas Armadas, coronel Honesto Isleta, quien se negó a dar detalles.

Una semana atrás se divulgó la grabación de una conversación entre el ex Presidente Ferdinand Marcos y dos estadounidenses, revelando los planes del derrocado Presidente de comprar 25 millones de dólares en armas para dotar a 10.000 combatientes que se lanzarían contra el palacio presidencial y tomarían a Aquino como rehén.

La conversación en la casa de exilio de Marcos en Hawai el 27 de mayo con dos estadounidenses, indica que el derrocado Presidente planeó un golpe a fines de junio o mediados de julio.

Aguirre dijo que el arresto del mayor eliminó la posibilidad de otro intento de golpe de Estado contra Aquino, quien ha sobrevivido cuatro intentos de golpe y rebeliones desde que llegó al gobierno en una revuelta militar apoyada por civiles hace 16 meses.

"El mayor dijo durante un interrogatorio que él solo fue invitado por los que planeaban (el golpe) y quienes buscaban su apoyo si el golpe tenía éxito", dijo Aguirre.

Dijo que el intento fue financiado por grupos de civiles y políticos quienes probablemente apoyaban a Marcos.

Filipinas

03f

EL PAIS

10 AGO. 1987

Corazón Aquino Implanta Medidas Anti Terroristas de Mucha Mayor Severidad

MANILA, 9 (ANSA).– La presidenta filipina, Corazón Aquino anunció nuevas medidas de seguridad para combatir al terrorismo, a una semana del asesinato del Ministro para los entes locales Jaime Ferrer, cuyos autores aún no han sido descubiertos.

En un discurso pronunciado en el cuartel general de la policía por el 86° aniversario de su fundación, Corazón Aquino dijo que "nuevas y más severas medidas serán adoptadas en los próximos días por las fuerzas del orden con el objeto de eliminar la alarmante proliferación de armas en circulación y la impunidad de los criminales en la sociedad filipina".

Entre las medidas figuran la intensificación de las pesquisas en los puestos de control, el aumento de los puestos de control y de la vigilancia en los puestos aduaneros para impedir el tráfico de armas. Días atrás Corazón Aquino se lamentó de que los asesinos de Ferrer y de su chofer aun no hubieran sido identificados y que no hubieran sido sometidos a la justicia.

El comandante de la region militar de Manila, General Alexander Aguirre informo que cuatro personas fueron demoradas con relación al asesinato de Ferrer, el primer Ministro victima de la violencia en la historia filipina.

Sin embargo, por el momento no fue formulada ninguna acusación contra los cuatro demorados y otras dos personas arrestadas precedentemente con relacion al asesinato de Ferrer, fueron puestas en libertad.

Filipinas

01-01 8708185

Atentados con bombas en Filipinas

Jefe castrense denuncia plan desestabilizador

MANILA, (ANSA, EFE Y UPI).— Las autoridades militares dijeron ayer que la reciente ola de bombas es parte de un plan para desestabilizar al gobierno de la Presidenta Corazón Aquino, y advirtieron que los ataques podrían aumentar.

El jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos y sus comandantes dijeron en una conferencia de prensa que los 10 incidentes con bombas que dejaron cuatro heridos durante las últimas tres semanas, no tuvieron el propósito de matar gente o destruir propiedad.

"Es parte de un gran plan para desestabilizar y poner al gobierno a la defensiva, para crear temor en la mente de las gentes", dijo el general Renato de Villa, subjefe de las fuerzas armadas y jefe de la Guardia Civil filipina.

"No estoy descartando el hecho de que pueda ponerse peor", dijo de Villa, quien también supervisa las fuerzas policiales en el país.

Otras fuerzas militares dijeron que los soldados leales al derrocado Presidente Ferdinand Marcos, eran responsables de los recientes atentados con bombas. Agregaron que los leales a Marcos planean un golpe de Estado para perturbar la sesión del Congreso del 27 de julio.

"FANATISMO O DINERO"

El general Alexander Aguirre, jefe del Comando Nacional Capital Regional de Defensa, dijo que varios incidentes con bombas durante el fin de semana fueron realizados por grupos extremistas motivados por "fanatismo o por dinero".

Pero de Villa dijo que las investigaciones continuarían, añadiendo que era "prematuro" decir quién era responsable por los ataques. Los blancos incluyeron dos instalaciones estadounidenses en la capital, una iglesia, la residencia oficial del cardenal Jaime Sin, el influyente arzobispo católico de Manila y algunos negocios.

Aquino ha sobrevivido cuatro intentos de golpe de Estado. Varios complots fueron organizados por simpatizantes de Marcos, quien fue derrocado en un levantamiento popular en febrero de 1986.

Ramos dijo que la mayor amenaza a la República, sin embargo, es de los 23.400 guerrilleros del Nuevo Ejército Popular, ala militar del proscrito Partido Comunista de las Filipinas.

037

Filipinas

La Tercera

Ramos impulsó ofensiva total

10-7-86

Jefe del ejército ordena aniquilar la guerrilla

MANILA, (ANSA, EFE y UPI).- El jefe de Estado Mayor de las Fuerzas Armadas filipinas, general Fidel Ramos, ordenó ayer una ofensiva total hasta la destrucción de la guerrilla del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP), informó la agencia oficial PNA.

La orden fue dada por el general Ramos en una reunión con los camandantes militares del país que tuvo lugar en Zamboanga, en la isla de Mindanao (950 kilómetros al sur de Manila).

Los jefes militares del país, añadió la misma fuente, consideran que la guerrilla del NEP, compuesta por unos 24.000 efectivos, es la amenaza más importante con la que se enfrenta el gobierno filipino.

Las órdenes del general Ramos son claras: destruir y neutralizar a las fuerzas comunistas, explicó a PNA el jefe del Ejército de Tierra, general Restituto Padilla.

Fuentes militares señalaron que al menos 1.400 personas murieron en los últimos seis meses en combates librados en todo el país entre las fuerzas gubernamentales y la guerrilla.

Por otra parte, en un cambio brusco de su táctica militar, las fuerzas rebeldes, que recientemente declararon a Manila ciudad abierta, trasladaron sus acciones terroristas a la esta capital con un balance de más de 40 policías y militares asesinados en las calles de la ciudad.

EL PAIS — Miércoles 2 de Setiembre de 1987

Revelan Crisis en la Gestión del Gobierno de Cory Aquino

Fragilidad de la Lealtad de los Militares a la Presidenta

MANILA, 1 (por Licino Germini enviado especial de ANSA). — Los últimos y dramáticos acontecimientos ocurridos en las Filipinas son sintomáticos de una crisis en la gestión gubernamental de la presidenta Corazón Aquino, que se fue tornando cada vez más evidente durante los últimos meses, según la generalizada opinión de los observadores locales y extranjeros.

La rebelión del viernes pasado, con su alto saldo de victimas, no fue lanzada por un nostálgico del ex-presidente Ferdinand Marcos, como ocurrió en los cuatro precedentes intentos de "golpe" registrados desde cuando Aquino asumió el poder, hace 18 meses.

En la organización de la insurrección, que con el posterior anuncio de la formación de un gobierno revolucionario provisional, no parece del todo sofocada, estuvieron aquellos mismos sectores militares pertenecientes al "Movimiento de Reforma de las Fuerzas Armadas" (RAM) que contribuyeron a la caida de Marcos.

El lider de los revoltosos, el Coronel Gregorio "Gringo" Honasan, de 37 años, demostró la fragilidad de la lealtad de los militares hacia Aquino, logrando adueñarse con un centenar de rebeldes del cuartel general de las Fuerzas Armadas en Campo Aguinaldo, sin disparar un tiro. La reacción de las tropas gubernamentales, guiadas por el Jefe del Estado Mayor, General Fidel Ramos, se produjo luego, y según se sabe, organizar la contraofensiva no fue empresa fácil.

Honasan es uno de los principales exponentes del "RAM", al que pertenecia el propio Ramos y el ex-ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile. Fue bajo su liderazgo que las Fuerzas Armadas se rebelaron contra Marcos, respaldando a Aquino, probablemente en aquel tiempo considerada una figura transitoria.

De los tres exponentes del "RAM", solo Ramos permaneció al lado de la presidenta, pero desde hace tiempo viene siendo asperamente criticado por haber sido incapaz de lanzar una eficaz contraofensiva para someter la insurrección armada comunista del "Nuevo Ejército del Pueblo" (NPA) que asola en todo el país.

Si Aquino todavia está en el Palacio Presidencial de Malacanang se lo debe no sólo a su popularidad sino también al papel desempeñado por Ramos, quien en cinco ocasiones sofocó intentos subversivos contra el gobierno. Cuanto más podrá aun el Jefe del Estado Mayor contar con la lealtad del grueso de los militares es el principal interrogante de quiénes buscan prever el futuro de las Filipinas.

Los jóvenes oficiales [illegible] están insatisfechos no sólo porque la situación de orden público es desastrosa: en Manila arribaron desde hace tiempo los terroristas urbanos de la "NPA", las denominadas "Unidades Gorriones", que mataron a varias decenas de personas entre militares, policias y guardias de seguridad, y vastos sectores en el propio seno de los militares quisieran recibir desde el gobierno mano libre para una represión más incisiva de la que en cambio les está actualmente permitida.

FILIPINA 037

Manila: rechazan pedido rebelde

MANILA (ANSA y EFE).- El Gobierno filipino descartó ayer la demanda de la guerrilla secesionista musulmana del FMLN de establecer un gobierno provisional en Mindanao, como punto de partida para la solución del conflicto en el sur del país, en donde se calcula que murieron más de 50.000 personas en los años 70.

La petición es anticonstitucional y antidemocrática, declaró Emmanuel Peláez, Embajador filipino en Washington y jefe de la delegación gubernamental en las conversaciones con los guerrilleros musulmanes, que pretenden negociar una salida autonómica para trece provincias de Mindanao, y presidir un gobierno provisional durante los próximos cinco años.

Peláez añadió que, de acuerdo con la Constitución vigente (no reconocida por los guerrilleros musulmanes), el Gobierno filipino consultará a la población afectada sobre el futuro autonómico de las provincias sureñas, donde la mayoría es de religión cristiana.

Según la nueva Carta Magna, el Congreso de los Diputados, apoyado por una comisión de la zona, tiene que legislar la creación de la región autonómica de Mindanao.

El portavoz del Frente Moro de Liberación Nacional (FMLN), Ibrahim Uy, dijo que la guerrilla llevará su caso a la ONU utilizando el conducto de la Organización de Países Islámicos, si el Gobierno de Manila no resuelve favorablemente el conflicto.

ARMAMENTO

Por otra parte, el subjefe del Alto Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, general Eduardo Ermita, admitió que equipos y armas para el FMLN, que lidera Nur Misuari, entraron clandestinamente por la llamada puerta falsa del sur del archipiélago.

La agencia oficial PNA informó que, según fuentes de los servicios militares de información, en uno de los últimos desembarcos en los islotes del sur la guerrilla islámica recibió unas 1.500 armas de fuego.

Observadores filipinos opinaron que la mayor parte del tráfico ilegal de armas pasa por los islotes próximos a Malasia, en el mar de Sulu, país con el que Filipinas mantiene un conflicto histórico sobre la península de Sabah, en la que habitan unos 150.000 filipinos, la mayoría refugiados durante la dictadura.

La Nación 11-8-87

Estabilidad del país está amenazada

Ola de violencia en las Filipinas

Dos atentados, uno de ellos mortal, fueron cometidos el viernes en Filipinas, al tiempo que se informó que un profesor y 15 estudiantes de la Universidad de Mindanao, en la ciudad de Marawi City, fueron secuestrados ayer por un grupo armado que las autoridades militares creen pertenece a la guerrilla separatista musulmana.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- La Presidenta Corazón Aquino asistió en la mañana de ayer al entierro del secretario de Administraciones Locales, Jaime Ferrer, asesinado el pasado domingo, y su secretario de Defensa, Rafael Ileto afirmó que la estabilidad de su país sufre una amenaza más grave que en 1972, cuando el depuestro presidente Ferdinand Marcos impuso la ley marcial en el Filipinas durante ocho meses.

El viernes por la noche un soldado fue muerto a tiros en la localidad de Pasay por dos desconocidos que se dieron a la fuga.

Mientras tanto, en la ciudad de Cebu, otras dos personas arrojaron una grar_da contra el domicilio del presidente de la Cámara de Comercio filipina, Philip Tiongco, que no resultó herido.

Por su parte, el arzobispo de Manila, Jaime L. Sin, hacía un llamamiento durante el entierro de Ferrer para que se ponga fin a la violencia que acosa al país.

En lo que va de año, 50 policías y soldados han muerto en atentados, y la semana pasada un grupo comunista, la Brigada Alex Boncayao anunció nuevos ataques.

SECUESTRO

Entretanto, el coronel Raúl Aquino, comandante militar de la provincia de Lanao, en la conflictiva isla meridional de Mindanao, informó que un grupo de estudiantes que viajaban en un autobús fueron secuestrados y, según las pesquisas policiales los rehenes fueron llevados a una isla de la citada provincia.

Por otra parte, dos batallones de infantería apoyados por helicópteros de combate, persiguen en la isla de Mindanao a guerrilleros comunistas del Nuevo Ejército Popular al mando de un sacerdote rebelde, Francisco Navarro.

Este grupo de guerrilleros es responsable del robo de un importante alijo de explosivos en una compañía maderera de la provincia sureña de Surigao (unos 760 kms de Manila), señalaron fuentes del Ministerio de Defensa.

El grupo insurgente que capitanea el sacerdote Navarro secuestró temporalmente el pasado día 2 de agosto a unos doscientos trabajadores y guardias de seguridad de la compañía antes de emprender su huida.

Filipinas

037

LA MAÑANA 03 AGO 1987

Maquinaria de Marcos sigue vigente

Manila: atentan contra Ministro

MANILA, (ANSA, EFE y UPI). El asesinato del Ministro filipino de gobiernos locales, Jaime Ferrer, ayer, deja sin concluir el desmantelamiento de la maquinaria política de la dictadura del depuesto presidente Ferdinand Marcos.

Este asesinato se produce tres meses antes de la convocatoria de las primeras elecciones municipales en Filipinas, que los observadores describen como el último paso de la transición a la democracia, iniciada con la revolución popular en febrero de 1986.

Ferrer, de 71 años de edad, fue víctima mortal de un atentado perpetrado por un grupo armado -hasta ahora sin identificar- cuando regresaba en un vehículo de su propiedad a su residencia, situada en el distrito residencial de Paranaque, en las afueras de Manila.

El chofer, que conducía el vehículo, pereció en el acto, mientras el Ministro filipino, que fue trasladado al hospital San Juan de Dios, en el centro de la capital, fallecía una hora después -sobre las 12,00 gmt- debido a las heridas producidas en el cráneo por los impactos de bala, según determinaron los facultativos.

Jaime Ferrer sustituyó en la polémica cartera de gobiernos locales al ahora Senador Aquilino Pimentel durante la crisis política más importante que afrontó la Presidenta Corazón Aquino desde que asumió la presidencia el pasado mes de noviembre, y que concluyó con la dimisión del anterior Ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, y la contención de una conspiración golpista.

HISTORIAL POLITICO

El Ministro filipino, deja un brillante historial político durante más de tres décadas.

Fue el fundador en los años cincuenta de la organización cívica NAMFREL (Movimiento Nacional por unas Elecciones Libres), Presidente de la Comisión Oficial de Elecciones (COMELEC), cargo del que dimitió al comienzo del régimen del ex presidente Marcos, al no aceptar seguir una línea de irregularidades electorales que le obligaba el depuesto dictador.

Perla AIR

Filipinas

01-01

8708278

HR

Filipinas

037

El Sillón de Corazón Aquino Está Oscilando: Rebeldes Reciben Apoyo

El País 4/9/87

MANILA, 3 (Nota sobre fuentes AP, ANSA y EFE). — El mayor grupo rebelde musulmán declaró hoy su apoyo a los soldados que se amotinaron la semana pasada contra la Presidenta Corazón Aquino, en tanto que 46 personas por lo menos han muerto después del golpe a raíz de una intensificación de los ataques de grupos comunistas.

El General Alexander Aguirre, Comandante de la zona de Manila, advirtió de posibles ataques terroristas por parte de rebeldes encabezados por el líder del golpe, Coronel Gregorio "Gringo" Honasan, que continúa prófugo junto con unos 400 seguidores en provincias cercanas a la capital.

Aguirre advirtió a los izquierdistas que no siguieran adelante con un acto señalado para el viernes y amenazó con recurrir a la fuerza contra ellos si la manifestación tenía lugar.

Los izquierdistas organizaron el acto para protestar contra el arresto de los líderes de la huelga del transporte la semana pasada.

La Presidenta Corazón Aquino, que hace frente a la crisis más grave de su gobierno de año y medio en el poder, ordenó a los dirigentes del Congreso que respaldaran al Jefe del Estado Mayor, General Fidel Ramos, que ha sofocado media docena de intentos contra su gobierno.

Algunos funcionarios del gabinete, incluso el asesor presidencial Teodoro Locsin, criticó empero a Ramos por no atacar de inmediato a los rebeldes el pasado viernes ni suprimir las transmisiones de las estaciones de televisión capturadas por los amotinados.

Las críticas profundizaron las diferencias surgidas entre los militares y un gobierno sospechoso aún de las Fuerzas Armadas, debido al papel que éstas desempeñaron durante la época en que rigió la Ley Marcial de 1972 a 1981.

Entretanto, en una declaración emitida en Islamabad, Pakistán, el Frente de Liberación Nacional Moro (FLNM) elogió el levantamiento del viernes por parte del "Ejército Nacionalista" de los militares y le manifestó su apoyo para "derrotar al común enemigo, el gobierno de Filipinas".

"En nombre de la paz, la justicia y la libertad, expresamos nuestra Alianza táctica con todos los grupos oprimidos en todo el país", dijo el vocero del FLNM, Habib Hashin, en una entrevista telefónica con The Associated Press desde Islamabad.

Hashim instó a los militares a "no apuntar sus armas contra el pueblo oprimido de Filipinas, sino ayudar a los combatientes de la libertad para restaurar la libertad y la justicia para todos".

Los militares estiman que el grupo cuenta con 15.000 combatientes en el Sur de Filipinas. Los musulmanes dijeron que las iniciativas de paz de la señora Aquino hacia los rebeldes de esa fe y los comunistas figuran entre las razones de la revuelta, además de los bajos salarios entre otros factores.

Parecía entretanto que los rebeldes comunistas estaban llevando a la práctica su amenaza de explotar la confusión actual, que la jefatura comunista dijo ponía de relieve la "bancarrota de las Fuerzas Armadas".

Las autoridades dijeron que 46 personas por lo menos murieron en todo el país en ataques perpetrados por los comunistas después del golpe, incluso 21 soldados que perecieron ayer en una emboscada 64 kilómetros al Este de la capital.

El Comandante de la Policía y de la Región Militar de Manila, General Alexander Aguirre, confirmó hoy que Honasan reunió bajo su mando a unos dos mil rebeldes y que se aprestaría a desatar otro intento insurreccional.

Una áspera polémica se desató mientras tanto entre parlamentarios de la mayoría gubernamental, entre los cuales parientes de Aquino, y dos de los más estrechos colaboradores del Presidente, el Secretario Ejecutivo Joker Arroyo y el redactor de los discursos presidenciales, Teodoro Locsin, a quienes les fue pedida la renuncia inmediata.



Presidenta

Corazón Aquino rodeada de militares y oficiales que le responden.

POCO LEGIBLE

01-01

8708285

FILIPINAS 037 PERIA

Juran Constitución de 1935 y demandan elecciones presidenciales

Rebeldes filipinos habrían formado gobierno provisional

La situación en Filipinas continúa siendo confusa, pues mientras el gobierno sostiene que todos los efectivos sublevados fueron detenidos, un comunicado de los rebeldes afirma que en "algún lugar de la isla de Luzón" han formado gobierno revolucionario provisorio.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Soldados filipinos proclamaron ayer en Filipinas un gobierno provisional revolucionario, bajo una junta integrada por jóvenes oficiales reformistas que fueron derrotados la semana pasada en un intento de golpe de Estado.

Simultáneamente, soldados leales a la presidenta, Corazón Aquino fueron dispuestos para reforzar las defensas de la capital con tanques y un contingente especialmente entrenado para enfrentar cualquier ataque.

En su comunicado los rebeldes explican que la Junta juró la Constitución del año 1935. La declaració, emitida en una localidad descrita como "el cuartel general Luzón", desde alguna parte al norte de Manila, calificó como "traidores" a los integrantes del gobierno de Aquino y llamó a que se realizaran nuevas elecciones presidenciales.

La declaración fue difundida y autenticada por dos fuentes vinculadas a los dirigentes del Movimiento Reforma de las Fuerzas Armadas, o RAM, organización que encabezó el levantamiento de 1986 que concluyó con el desplazamiento, después de 20 años de gobierno, del presidente Ferdinand Marcos.

Al pedírsele comentarios al secretario de prensa de la presidencia, Danilo Gozo, afirmó ayer que "la presidenta no expresará indulgencia frente a ninguna fuerza de izquierda o de derecha que sea hostil a su gobierno".

La declaración rebelde atacó a la presidenta Aquino por (su) "extraordinaria indulgencia" hacia los insurgentes comunistas, por una supuesta secesión de los filipinos al permitir la autonomía insurgente y a grupos minoritarios y por otros actos de supuesta corrupción y traición.

CONTROL DEL PAIS

La declaración agregó que la junta había puesto a todo el país bajo su control hasta que "las condiciones políticas se hayan estabilizado y hasta que una nueva, limpia y honesta elección presidencial haya sido ejecutada por el pueblo filipino".

Los analistas filipinos estiman que la vuelta a la constitución de 1935 refleja el intento de los golpistas de buscar las simpatías de Washington, ya que la Constitución actual abre un futuro incierto en cuanto a la presencia de las instalaciones norteamericanas de Clark y Subic, situadas a casi 90 kms. de Manila, y estratégicamente muy importantes para la defensa del Pacífico.

Por otra parte, en Manila se especula sobre la posibilidad de que los rebeldes contasen de antemano con el apoyo de conocidos sectores de la extrema derecha de Estados Unidos, que han fomentado recientemente la solución militar como única alternativa viable para combatir la insurgencia.

Entrenados para combatir en la selva

Llega batallón de choque

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Un batallón de choque integrado por 900 soldados especialmente entrenados para combatir en la selva fue aerotransportado desde la isla de Mindanao para reforzar las tropas leales al gobierno de la Presidenta Corazón Aquino, informó el brigadier comandante Raúl Aquino.

Los soldados gubernamentales, con orden de disparar a matar, están procurando la captura del coronel Gregorio 'Gringo' Honasan, quien el viernes encabezó el fracasado golpe de Estado.

Las autoridades han dicho que Honasan probablemente aún está en Manila.

Un importante ayudante de la presidenta, que pidió no ser identificado, dijo que el fallido golpe de Estado del viernes -que en 24 horas dejó 42 muertos- podría ser una "prueba" por un alzamiento de mayor importancia.

"Creo que esto va a tener una segunda etapa", dijo.

El jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, en una circular interna pidió ayer a todo el personal que se mantuviera alerta.

"Pueden producirse todavía esfuerzos desesperados de parte de los rebeldes en atacar instalaciones clave del gobierno y atentar contra personas", dijo Ramos.

Tenían tanques y vehículos acorazados

Detienen a 500 efectivos en el centro de Luzón

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Unos 500 oficiales y soldados rebeldes, que tenían cuatro tanques Scorpio y dos vehículos acorazados ligeros, que al parecer debían apoyar a las fuerzas del coronel Gregorio Honasan en el intento golpista, fueron detenidos ayer por fuerzas gubernamentales en el centro de la isla de Luzón.

Los detenidos, pertenecientes al cuartel de Fort Magsaysay, donde el coronel Honasan era titular de la Escuela de Operaciones Especiales del Ejército de Tierra, fueron trasladados al cuartel de Fort Bonifacio, en la capital filipina, publicó el vespertino Tonight.

Por otra parte, el Ejército intensificó sus vuelos de reconocimiento para localizar a soldados rebeldes que escaparon tras el fracaso del más sangriento golpe de Estado contra el Gobierno de la presidenta Corazón Aquino desde que asumió el poder, hace 18 meses.

Al menos 30 oficiales y más de medio millar de soldados rebeldes, que se rindieron o fueron capturados, están detenidos en un barco de la Armada filipina anclado en la bahía

Formula críticas al Gobierno

Ponce Enrile niega vinculación con intento golpista

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- El Senador opositor y exministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, a quien la presidenta Corazón Aquino destituyó en noviembre, y de quien Honasan era ayudante, negó ayer toda vinculación con el intento de golpe de Estado, pero, agregó que no condenaría ni defendería a los rebeldes.

"Son lo suficiente hombres como para defenderse a sí mismos y responder ellos mismos por cualquier cosa que hagan", dijo Ponce Enrile.

El ex ministro señaló asimismo que los problemas por los que atraviesa el país radican en la falta de dirección política del gobierno.

"Los fusiles y las granadas de Edsa fueron silenciados, pero no los temores, ansiedades y frustaciones de nuestro pueblo", dijo el principal rival político de Aquino, en su primera intervención pública desde la revuelta en un hotel de Manila.

Edsa es la conocida avenida de Manila que separa los cuarteles del Camp Crame y de Camp Aguinaldo, que se hizo popular durante la revolución contra la dictadura de Ferdinando Marcos y el último viernes 28 fue escenario de duros combates entre fuerzas gubernamentales y rebeldes.

El ex ministro filipino señaló que lo acontecido el último viernes es "una fiebre alta que indica la presencia de una enfermedad grave en el país".

Ponce Enrile explicó que no pretende condenar ni acusar a los protagonistas de la conspiración golpista, señalando que "a ellos y a mí la historia y la voluntad del pueblo se encarearán de juzgarnos".



MANILA.- Los senadores opositores Juan Ponce Enrile (der.) y Joseph Estrada oran por el futuro de Filipinas y por las víctimas del intento de golpe de Estado, durante una reunión senatorial realizada ayer en esta capital. (Radiofoto Reuter).

Cadetes realizan huelga de hambre

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Los cadetes de la Academia Militar filipina de Fort del Pilar, en la ciudad de Baguio, unos 250 kms. al norte de Manila, declararon una huelga de hambre al estilo Gandhi en apoyo de la causa rebelde del Coronel Gregorio Honasan, líder del abortado golpe de estado contra el Gobierno de Corazón Aquino.

A pesar de un mentís oficial del director de la Academia, el Comodoro de la Armada Rogelio Dayan, un portavoz del cuerpo de cadetes señaló en una llamada al diario Independent de Manila, que continuarán expresando su solidaridad con las fuerzas rebeldes hasta que las autoridades resuelvan un conjunto de cuatro demandas.

Ninguna medida drástica deberá de ser empleada contra los militares vinculados al amotinamiento; los políticos no deberán intervenir en asuntos militares; justicia y humanidad en el tratamiento a las fuerzas detenidas y la dirección de la Academia deberá de autorizar un coloquio de los cadetes con la prensa.

Contingentes de tropas fuertemente armadas, vehículos acorazados y [illegible] geros, añade la misma fuente, controlan los alrededores de la academia militar de Fil[illegible]

87084 87

01-01

Hay que "revisar nuestras políticas"

Aquino pide apoyo del pueblo para vencer inestabilidad



MANILA.- La Presidenta Corazón Aquino se saluda con el cardenal Jaime Sin, en un acto religioso celebrado ayer en esta capital. (Radiofoto Reuter).

La Presidenta de Filipinas admitió ayer que el conato de golpe de estado de la semana pasada demostraba que algo "faltaba" a su gobierno y opinó que había llegado el momento de revisar sus políticas.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Asediada por problemas políticos y económicos y la reciente rebelión militar, la presidenta Corazón Aquino apeló ayer al poder popular para frustrar las diabólicas maniobras de los autores del intento de golpe de estado.

Cuando el país sufre aún las secuelas del más grave atentado contra su nuevo régimen democrático, la presidenta pidió de nuevo el apoyo del pueblo para superar la actual inestabilidad.

Aquino y toda su familia vivieron en las últimas horas en medio de una fuerte tensión, ya que los servicios de seguridad alertaron sobre un movimiento de tropas aparentemente dispuestas a atacar de nuevo el palacio presidencial.

El jefe del grupo de seguridad presidencial desplazó nuevas tropas a los alrededores del palacio, para proteger a la Presidenta.

Aquino dijo que consideraba el intento de golpe del viernes "tanto un reto como una oportunidad para mejorarnos".

"Es verdad que hemos hecho todo lo que hemos podido, pero quizá es cierto que aún quedan muchas cosas por hacer. Quizás nos falte algo a todos nosotros y ha llegado el momento de revisar nuestras políticas", dijo Aquino.

Agregó que "el país ha superado sus últimas crisis gracias a una serie de milagros, y que estaba segura de que, mientras el país me necesite, Dios salvará mi vida".

La Presidenta pronunció estas palabras en un acto público celebrado ayer en Manila, rodeada de fuertes medidas de seguridad y en medio de noticias alarmistas de que los rebeldes habían establecido una junta militar y un Gobierno provisional en el Norte del país.

MANIOBRA PUBLICITARIA

Varios comentarios apuntaron ayer la posibilidad de que esta supuesta junta no sea más que una maniobra publicitaria para desestabilizar al Gobierno.

A pesar de la poca credibilidad de la nota en la que los rebeldes anunciaron la constitución de una junta militar, los periódicos publicaron ayer la noticia con grandes titulares.

El Jefe del Alto Estado Mayor del Ejército, general Fidel Ramos, puso en duda ayer la existencia de esta junta, de la que tampoco hay evidencia clara, y comentó que no es más que un desesperado intento de conseguir apoyo para una causa perdida.

Ramos señaló que lo que ahora se necesita es unidad en el Ejército, para poder recuperar plenamente su capacidad operativa y combatir al enemigo número uno: la guerrilla comunista.

El General, al que muchos consideran una garantía de continuidad del actual proceso democrático, opinó que el jefe de los rebeldes, coronel Gregorio Honasan, no ha hecho más que ayudar y dar más confianza a esta guerrilla.

Esta insurrección, la pobreza, el aumento de los precios y la corrupción, son otros de los factores de desestabilización del país, además del volcán activo del descontento militar.

El Cardenal Jaime Sin, influyente líder religioso, se refirió ayer a uno de estos problemas, el de la corrupción, al señalar que muchos de los hombres públicos, activos durante la dictadura y que ahora tienen también cargos en la Administración o la vida pública, han vuelto a sus viejos hábitos.

Mientras tanto, Manila sigue protegida por fuerzas especiales del Ejército y carros de combate, que forman un anillo defensivo alrededor de la ciudad en previsión de nuevos ataques.

Ramos: anuncio de la Junta es un ejemplo

Rebeldes están desesperados

MANILA, (ANSA, EFE y UPI).- El general Fidel Ramos, jefe del Alto Estado Mayor filipino, dijo ayer que los últimos soldados rebeldes aún no capturados están actuando a la desesperada y escondidos en la jungla del norte del archipiélago.

En una rueda de prensa, celebrada en Campo Aguinaldo, sede del Cuartel General de las Fuerzas Armadas, Ramos indicó que el anuncio de la formación de una junta militar por los rebeldes es un esfuerzo desesperado de conseguir apoyo para una causa perdida.

El general, al que muchos consideran la pieza clave para aplastar el intento de golpe, señaló que con su actuación las Fuerzas Armadas evitaron una guerra civil.

Preguntado sobre la evidencia de la formación de una junta militar y un gobierno provisional por los rebeldes, no pudo ofrecerla, pero manifestó que ésta era la intención declarada de los rebeldes.

Si realmente han pedido establecer una junta y un gobierno provisional, esto es un desafío directo al legítimo Gobierno del país, y por tanto haremos un esfuerzo para evitarlo, agregó.

Informó de que, tras entrevistar a varios de los participantes en la rebelión, pudo comprobar que muchos soldados creyeron que iban a Manila de maniobras, y otros fueron convocados para defender el Cuartel General del Ejército contra una supuesta ofensiva de la guerrilla comunista.

PRINCIPAL PERDEDOR

Expresó que el principal perdedor de este episodio ha sido la capacidad de nuestra República de hacer frente a la amenaza de grupos armados contra nuestro pueblo, de los que el Nuevo Ejército del Pueblo (la guerrilla comunista) es el más potente enemigo.

Opinó que Gregorio Honasan, el coronel jefe de los rebeldes, no hizo más que dar ayuda a los terroristas comunistas.

Añadió que la capacidad de lucha del Ejército ha disminuido temporalmente, pero se mostró convencido de que podrá seguir garantizando la estabilidad política del país, como ha hecho desde la revolución popular de febrero de 1986.

Con respecto a las quejas por el poco sueldo en el Ejército, que los rebeldes enarbolaron como bandera, dijo que este asunto y otras necesidades materiales de nuestros soldados merecen la más alta prioridad, pero es igualmente vital que las Fuerzas Armadas mantengan su efectiva capacidad para luchar en los diferentes frentes con que se las acosan.

Recomendó la convocatoria del Consejo de Seguridad Nacional, organismo cívico-militar para situaciones de crisis, y la reinstauración de la pena de muerte para crímenes atroces, como el reciente caso de rebelión militar.

LA MAÑANA 2/9/87

Filipinas

Acusa a funcionarios gubernamentales

Laurel busca responsabilidades

MANILA, (ANSA, EFE y UPI).- El vicepresidente filipino, Salvador Laurel, afirmó ayer que las acciones de algunos funcionarios del gobierno contra los militares influyeron en los soldados rebeldes para perpetrar el fallido intento golpista del pasado viernes 28.

En una entrevista concedida a la emisora de radio DZRH, Laurel, que también es titular de la cartera de Exteriores, explicó que algunos militares, que no quisieron revelar su identidad, llamaron por teléfono a su oficina para manifestar sus quejas.

Estas se referían a la anulación de ciertos privilegios que disfrutaban y a la política blanda que el gobierno de Manila está llevando a cabo con la insurgencia comunista y los separatistas islámicos de la Isla de Mindanao.

Según Laurel, los soldados acusaron al secretario ejecutivo de la presidencia, Joker Arroyo, de ser el responsable del bloqueo de algunos beneficios que corresponden al personal de las Fuerzas Armadas.

La acción de Arroyo se presume que puede haber desencadenado la desmoralización entre los militares, dijo el vicepresidente filipino.

Laurel añadió, que personalmente siempre fue contrario a la política de guante blanco empleada por el gobierno contra la guerrilla comunista, a la que los observadores describen como la más potente de Asia.

Anteriormente, Laurel recomendó a la presidenta Corazón Aquino la creación de una comisión presidencial encargada de investigar las causas que provocaron la abortada conspiración golpista.

01-01

8708495

Aquino anunció cambios en el Gabinete

MANILA, (ANSA, EFE y UPI). La presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, que se enfrenta a la crisis de gobierno más seria desde que asumió el poder hace 18 meses, anunció los primeros cambios en su gabinete, nombrando como ministro de Finanzas al anterior responsable de Obras Públicas, Vicente Jayme.

Jayme, sustituye a Jaime Ongpin, que fue duramente criticado por su gestión durante la renegociación de parte de los 28.000 millones de dólares de la deuda externa filipina.

La jefa del ejecutivo filipino, dejo como ministro interino de Exteriores al hasta ahora viceministro Manuel Yan, antiguo jefe del alto estado mayor del ejército y diplomático después de su retiro, al mismo tiempo que nombró a una juez como nueva directora general de Inmigración y al general retirado Salvador Mison, al frente de Aduanas.

Cory aceptó ayer la dimisión del vicepresidente Salvador Laurel como ministro de Exteriores y reiteró la política dura del gobierno en la lucha contra los insurgentes.

En un mensaje televisado, Aquino dijo que aceptó con pesar la dimisión de Laurel, después de una reunión que mantuvieron en el palacio presidencial los representantes de los clanes familiares Aquino-Laurel que gobiernan en Manila.

Anteriormente, Salvador Laurel anunció en una rueda de prensa su dimisión irrevocable debido a diferencias de criterio fundamentales en política de estado especialmente en el tratamiento del problema de la insurgencia comunista, señalando, sin embargo, que no piensa forjar una alianza con la oposición de derechas que lidera el anterior jefe de Defensa, Juan Ponce Enrile.

Sin embargo, Ponce Enrile, ahora máximo rival político de Corazón Aquino, dijo que Laurel será bienvenido en la oposición.

Cory afirmó que después de la ruptura del cese al fuego y de las negociaciones de paz con la guerrilla comunista, ordenó una ofensiva total contra los insurrectos el pasado mes de febrero y pidió al ejército una cadena de victorias militares.

El pueblo me llevó al poder para devolver la democracia y la paz al país dijo Cory Aquino, explicando que en su opinión, la agresión no es la respuesta a las raíces de la guerrilla sin los componentes socioeconómic[...] que saquen al país de [...] miseria.

Ofensivas milita[...]s respetando el proce[...]o democrático y apoyo a [...]s programas de rela[...]-zamiento económico es [...]a política contrainsurge[...]e del gobierno, añadió [...] presidenta.

Guerrilleros comunis[...]s destruyeron hoy miérco[...] parte de una línea de [...]rrocarril que enlaza Man[...] con la punta sur de la [...] de Luzon y causaron da[...]s importantes en un pue[...] de la provincia de Sors[...]gon, situado a unos 30[...] kms al sur de Manila.

037

Filipinas: los extremos



Los hechos de los últimos días y su trágica secuela, han supuesto una dura prueba para Filipinas, Estado en cuyo territorio han ocurrido desde fines del siglo pasado diversos acontecimientos en los cuales la historia y el drama se han dado la mano. La población sufrió, en el pasado más reciente, las alternativas de la Segunda Guerra Mundial y la opresión de un régimen corrupto y liberticida que detentó el poder durante veinte años, hasta 1986.

Cuando finalmente la decisión soberana de la ciudadanía instaló a las autoridades encabezadas por la Presidenta Aquino, creyóse abierto por fin el camino hacia una etapa de paz y de absoluta vigencia del estado de derecho. No obstante, como suele suceder a las democracias, el Gobierno enfrenta las presiones de los sectores extremos: por un lado, de las guerrillas comunistas y, por otro, de un grupo de las FF.AA. nostalgioso del sistema autoritario y aparentemente empeñado en retornar a los aciagos tiempos de Ferdinand Marcos.

Esto explica la aparición de los graves problemas que acaban de conmover a Manila y a otras ciudades del archipiélago.

01-01

8708564

037

FILIPINAS.

MONTEVIDEO, MIERCOLES 9 DE SETIEMBRE DE 1987

Acusa a importantes empresarios

Manila: Arroyo denuncia campaña contra su persona

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- El secretario ejecutivo de la presidencia filipina, Joker Arroyo, acusó en la sesión de ayer de la Cámara de los Diputados a tres destacados miembros de la patronal de ser los responsables de una campaña para expulsarle del gobierno.

Arroyo dijo que el presidente de la empresa de petroleo Shell, Cesar Buenaventura, el presidente de la compañía auditora nacional más importante, Roy Navarro, y Raul Concepcion, hermano del ministro de Comercio, "han lanzado una campaña porque no pueden acceder e imponer sus condiciones a la presidenta".

Asimismo, el hombre de confianza de la dirigente filipina, Corazón Aquino, testificó ante la Cámara sobre sus acciones durante el fallido intento golpista que protagonizó el pasado 28 de agosto el coronel Gregorio Honasan junto con unos 2.000 militares rebeldes y en el que medio centener de personas resultaron muertas y 300 heridas.

"En el transcurso de la más sangrienta crisis de su gobierno, la presidenta Aquino tuvo que salvar al país y lo salvó", dijo Arroyo, que negó su injerencia en los asuntos militares, autodescribiéndose como un "mensajero" encargado de transmitir ordenes.

En los últimos días, tanto Arroyo como el letrado asesor de la presidenta, Teodoro Locsin, fueron acusados por círculos próximos a Aquino, de haber interferido en decisiones puramente militares durante la última crisis, y de haber dañado seriamente las relaciones entre el Ejército y el poder civil.

El hombre que durante la dictadura de Marcos se distinguió como letrado de derechos humanos, explicó asimismo que las experiencias golpistas que vivieron España y Corea del Sur en la última década, no deberán de repetirse en Filipinas, si hay mas colaboración entre los diferentes sectores sociales del país.

Arroyo dedicó parte de su intervención a exponer la experiencia golpista española del 23 de febrero de 1981 y la labor del Rey Juan Carlos I, de quien dijo, como comandante en jefe actuó con firmeza y neutralizó el golpe.

01-01.

8708577

037

FILIPINAS

La Habana 8/9/87

Aparato militar filipino está muy politizado

NUEVA YORK (ANSA, EFE y UPI).- El reciente intento de golpe de Estado en Filipinas estuvo a punto de derrocar al gobierno de la presidenta Corazón Aquino, indicaron varios funcionarios norteamericanos al diario The New York Times.

La intentona tomó por sorpresa a los servicios de inteligencia norteamericanos, a los que preocupa la cantidad de militares filipinos que se quedaron de brazos cruzados ante la actitud de los rebeldes, agregaron las fuentes, que pidieron el anonimato.

Preocupa también el futuro inmediato del gobierno democrático de Corazón Aquino, agregaron los funcionarios, porque ahora tendrá que atender a los militares rebeldes en menosprecio de la lucha contra los insurgentes comunistas.

En retrospección, explicó un analista, las tropas leales al gobierno dieron la vuelta a la situación cuando bombardearon el centro de comunicaciones del cuartel militar de Campo Aguinaldo, dejando aisladas a las tropas rebeldes que dirigía el Coronel Gregorio Honasan de los demás insurgentes en otras partes del país.

Los rebeldes parecían tener la lealtad de buena parte del ejército, comentó al rotativo un funcionario que siguió de cerca los hechos.

APARATO MILITAR ESTA POLITIZADO

Otro analista explicó que el aparato militar filipino continúa muy politizado y casi feudal en su estructura, y agregó que resultará muy difícil para el gobierno actual convertirlo en un cuerpo meramente profesional.

Los militares filipinos vienen quejándose de que su paga y equipo son deficientes, así como de la poca determinación con que el gobierno de Manila se enfrenta a los guerrilleros comunistas.

Cuando se desató la intentona, el pasado 21 de agosto, el nuevo embajador norteamericano, Nicholas Platt, que llevaba pocos días en el país, pidió telefónicamente al ex ministro filipino de Defensa Juan Ponce Enrile, que emitiese un comunicado exigiendo el fin de la rebelión, pero el militar se negó, explicaron las fuentes.

Durante la rebelión militar, cundió el rumor de que Enrile estaba detrás del coronel Honasan y el movimiento rebelde.

Kaplan y otros diplomáticos norteamericanos, se pusieron en contacto con otros jefes militares filipinos, a quienes advirtieron que, si el golpe triunfaba, Estados Unidos suspendería su ayuda militar al país.

En esas primeras horas de la rebelión, subrayaron las fuentes norteamericanas, lo veíamos todo muy negro e incierto el que se pudiera someter a los rebeldes.

"Estaba claro que estuvieron a punto de derrocar a un gobierno muy popular... y aún no ha terminado del todo, sentenció otro funcionario.

ATENTADOS GUERRILLEROS

Entretanto, se informó en Manila que guerrilleros del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP), brazo armado del Partido Comunista Filipino, volaron ayer dos puentes en la provincia de Camarines Norte, en la isla de Luzón, a unos 270 kilómetros al sur de Manila.

El portavoz de las Fuerzas Armadas, coronel Honesto Isleta, explicó que el atentado, perpetrado la pasada madrugada, no causó víctimas.

El transporte por carretera quedó suspendido, y sólo una línea de ferrocarril comunica la capital con la punta sur de la isla de Luzón.

Por otra parte, al menos 28 guerrilleros del NEP resultaron muertos el domingo, en una ofensiva que llevan a cabo las fuerzas gubernamentales en el norte de la isla meridional de Mindanao, según una información que recoge el diario Bulletin, de Manila.

Los combates, señaló el coronel Napoleón Deocaris, fueron librados por los nativos de la zona apoyados por tropas de infantería, y no se registraron bajas entre las tropas gubernamentales.

D1-01

La Mañana
MONTEVIDEO, JUEVES 3 DE SETIEMBRE DE 1987

Líder rebelde tiene 2.000 hombres bajo su mando

Gobierno filipino teme nuevo golpe de Honasan

Según fuentes oficiales, el fugitivo Coronel Gregorio Honasan, líder de la frustrada rebelión del pasado viernes, podría intentar otro golpe para derrocar al Gobierno de la Presidenta Corazón Aquino.

MANILA. (ANSA, EFE y UPI).- El Ejército de Filipinas, ante un posible ataque de fuerzas rebeldes detectado por los servicios de inteligencia militar, impuso ayer la máxima alerta en la ciudad central de Cebú, a unos 600 kilómetros al Sur de Manila.

En declaraciones a la prensa, el Ministro de Defensa, Rafael Ileto, dijo que el amotinado coronel del Ejército Gregorio Honasan, tiene unos 2.000 hombres bajo su mando y "posiblemente intente otro golpe" a breve plazo.

La capital filipina sigue protegida por un anillo de seguridad, con tropas especiales que refuerzan el palacio presidencial de Malacañang y todas las instalaciones vitales de la ciudad.

El coronel Miguel Abaya dijo que los servicios de inteligencia militar detectaron informaciones según las cuales soldados sin identificar intentan lanzar un ataque contra el mando militar del centro del país, con base en el cuartel Lapu Lapu, sede de la III División de Infantería, según la agencia oficial filipina PNA.

Mientras, el general Dominico Casas, jefe de la 220 Ala Aerotransportada de la Fuerza Aérea filipina en dicha provincia, fue destituido ayer por su supuesto apoyo a las tropas rebeldes durante el último intento golpista, encabezado por el Coronel Gregorio Gringo Honasan el pasado 28 de agosto.

Otros dos generales, Edgardo Abenina, jefe de la Policía de Cebú, y Federico Pasión, Vicejefe del Estado Mayor del Ejército del Aire, fueron destituidos con anterioridad por su participación en el affaire Honasan.

En Manila, la televisión gubernamental señaló que las sesiones del Senado fueron suspendidas antes de lo previsto y citó al Senador Ernesto Maceda en cuanto a especulaciones sobre movimientos de tropas en el cuartel general del Ejército.

Sin embargo, en una entrevista telefónica, el Senador Raúl Manglapus, titular de la comisión de Defensa, desmintió el contenido de esa información.

El Jefe del Alto Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, habló de la posibilidad de que Gringo Honasan no haya huido a las provincias del interior de la Isla de Luzón y siga escondido en Manila, sobrevolada durante el día de ayer por seis helicópteros militares en misiones de reconocimiento.

Por otra parte, el Jefe de la Fuerza Aérea, general Antonio Sotelo, aseguró en una entrevista con la emisora DZRH que todos los efectivos y unidades están bajo control gubernamental.

Al mismo tiempo, el general Sotelo desmintió los rumores sobre el desplazamiento de un avión militar rebelde a la Isla de Mindanao, con el fin de transportar reclutas.

Sueldo del ejército será aumentado en un 70%

Atienden peticiones militares

MANILA, (ANSA, EFE y UPI).- El gobierno de Corazón Aquin anunció ayer que dará caracter de urgencia a un plan para aumentar el sueldo de los miembros del ejército filipino en un sesenta por ciento.

El gobierno, que se reunió ayer en consejo de ministros, está dispuesto a destinar fondos, ya aprobados para otros propositos, a esta medida de urgencia para frenar el descontento en el ejército que muchos citan como razón principal del intento de golpe de estado del viernes pasado.

Fidel Ramos, jefe supremo del ejército, dijo ayer, tras la reunión gubernamental, que la presidenta y sus ministros han tomado algúnas acciones muy positivas con el fin de atender de forma inmediata los problemas de los soldados.

A la vista de que la crisis político-militar desencadenada por el golpe no ha cesado, la presidenta Aquino anunció hoy la convocatoria de una cumbre político-empresarial para analizar la situación del país.

Aquino dijo que convocará al directorio de las dos cámaras del parlamento, algunos miembros del gobierno y representates del sector privado de la economía para hacer frente a los grandes problemas que sufre el país.

Por su parte el jefe del Alto Estado Mayor del ejército, general Fidel Ramos, no pudo aun dar datos sobre el paradero del jefe de los rebeldes, el coronel Gregorio Honasan.

Estamos investigando varios informes ya que se han mencionado tres provincias como posible paradero, principalmente en Luzón Central (la zona cercana a Manila), pero también debemos considerar la posibilidad de que este en el area metropolitana de Manila, dijo Ramos.

Insubordinados son unos "cobardes"

Aquino: "No les permitiremos" que sigan con esta situación

MANILA. (ANSA, EFE y UPI).- La Presidenta filipina, Corazón Aquino, calificó ayer de cobardes al coronel Gregorio Gringo Honasan y sus tropas rebeldes que perpetraron un intento de Golpe de Estado el pasado 28 de agosto.

Hablando en filipino, en el curso de un programa emitido el miércoles por la noche en el canal 4 de la televisión gubernamental, Aquino tachó también de grandes "mentirosos" a las tropas de Gringo Honasan, a las que responsabilizó de las bajas civiles durante el ataque que lanzaron contra el palacio presidencial de Malacang y cuatro canales de televisión, antes de librar su última batalla en el cuartel de Campo Aguinaldo.

"No le permitiremos que siga con esto", dijo la Jefa del Estado, en una referencia al Coronel Honasan, ahora prófugo, al que acusó de haber timado a los soldados que apoyaron su causa, explicándoles que iban en una misión de prueba necesaria para graduarse.

Una gran mayoría de los soldados golpistas que entraron en Manila al mando de Honasan eran reclutas del cuartel de Fort Magsaysay en la provincia central de Nueva Ecija en la isla de Luzón, a unos 200 kilómetros al norte de Manila, en donde el militar rebelde ejercia como jefe de instrucción.

RECAPITULACION

La Jefa del Ejecutivo filipino hizo una recapitulación de los acontecimientos que se sucedieron el día del golpe, señalando que fue despertada por los disparos y que personalmente ordenó a su Jefe del Alto Estado Mayor y al titular de Defensa que resolvieran el conflicto inmediatamente y sin condiciones con los rebeldes.

Cerca de 50 oficiales y unos 1.300 soldados estuvieron involucrados en la trama golpista en el momento de ser neutralizada. 40 oficiales y más de 900 soldados se rindieron.

Aquino reiteró que el objetivo de los rebeldes era asesinarla, así como a sus hijos, para asumir el poder. Su único hijo varón, Benigno Aquino III, fue herido en las inmediaciones de su casa, mientras que tres de sus escoltas fueron víctimas mortales de las balas rebeldes.

Cory Aquino hizo un llamamiento a la nación de unidad y cooperación y señaló que es el momento de que todos los funcionarios del Gobierno piensen qué es lo que más conviene al pueblo filipino, para mejorar sus condiciones de vida y restaurar la paz y libertad.

Poco antes de su intervención ante las cámaras de televisión, en Manila circularon rumores de nuevos movimientos de tropas en el Cuartel General del Ejército, información que fue desmentida por el portavoz de las Fuerzas Armadas filipinas, Coronel Honesto Isleta.

La Mañana
TEVIDEO, MARTES 15 DE SETIEMBRE DE 1987

"No deseábamos matar a Aquino"

Coronel rebelde niega que vaya a entregarse

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- El coronel Gregorio "gringo" Honasan, dirigente del intento de golpe de Estado del 28 de agosto, descartó que vaya a rendirse y responsabilizó a la guardia presidencial del tiroteo en el que fue herido Benigno Aquino, único hijo varón de la Presidenta Corazón Aquino.

En una entrevista con el diario de la derecha Independent, la primera desde que pasó a la clandestinidad, Honasan niega que sus tropas dispararan contra civiles en las inmediaciones del Palacio Presidencial y pide que se abra un examen balístico.

"Nuestra intención no era matar a la Presidenta y a su familia aunque disponíamos de fuerzas suficientes (...) solo pretendíamos dar a conocer los sentimientos de nuestros soldados y del pueblo", explica el coronel Honasan.

El militar, al parecer refugiado en una zona del centro de la isla de Luzón, describe la fallida trama golpista como una continuación de la revolución de febrero de 1986 que llevó a Corazón Aquino a la Presidencia de Filipinas.

Honasan añade, que las primeras elecciones democráticas del 11 de mayo fueron fraudulentas y que la situación de Filipinas es similar a la anterior al derrocamiento del dictador Ferdinand Marcos.

Anteriormente, en un mensaje grabado que retransmitió la emisora DZRH, Honasan dio al gobierno un ultimátum de 30 días, para la puesta en marcha de reformas aceptables, especialmente en el Ejército.

El líder rebelde que, según cifras militares, cuenta con medio millar de militares prófugos, descartó llevar a cabo acciones terroristas en la capital y un posible diálogo con sus jefes, hasta que el Gobierno presente un plan serio de reconciliación nacional.

El Jefe del Alto Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, ordenó el arresto del coronel Honasan y otros doce oficiales huidos, a quienes acusa de estar involucrados en el quinto intento golpista contra el Gobierno en los últimos 18 meses.

Otros diez oficiales bajo arresto, están siendo interrogados en relación con su participación en la trama para derrocar a Corazón Aquino.

Movimientos de civiles se están organizando en la capital de Filipinas, en un intento de revivir el poder del pueblo en apoyo de la Presidenta Aquino, que se enfrenta a la más seria crisis gubernamental desde que asumió el poder.

Se espera que la Presidenta Aquino anuncie la reorganización de su gabinete en esta semana, después que los 26 Ministros de su Gobierno presentasen su dimisión el pasado día 9.

Purga en las Filipinas

MANILA, 17 (Reuter).– La presidenta Corazón Aquino, presionada por militares descontentos, separó hoy de sus cargos a dos de sus más íntimos colaboradores mientras continuaba la reestructuración de su gabinete.

Aquino intenta contener las repercusiones del fallido golpe de Estado destado tres semanas atrás. Hoy expresó, en un discurso televisado: "Les aseguro que controlamos la situación".

La presidenta, con tono tranquilo, anunció que aceptó las renuncias de su secretario ejecutivo, Joker Arroyo, y de su asesor jurídico, Teodoro Locsín.

Mantuvo en su cargo al jefe del Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, cuyo alejamiento es exigido por los sediciosos.

HR

037

El Día 28/8/87

Firme actitud adopta Aquino ante subversivo

Filipinas

MANILA. — El secretario ejecutivo de la presidenta Corazón Aquino descartó posibles negociaciones con el coronel Gregorio "gringo" Honasan, el cabecilla fugitivo del último intento de golpe de estado, quien ha manifestado desde la clandestinidad su disposición para sostener conversaciones con el gobierno si se realizan reformas significativas.

"La presidenta hizo un anuncio inmediatamente después de que el (intento de) golpe de estado comenzara, estableciendo que no aceptaba para la reconciliación ninguna clase de negociaciones (con los amotinados)", señaló ayer a los periodistas el secretario de la presidenta Joker Arroyo. "Ella no ha cambiado su política".

Mientras tanto en la convulsionada isla Mindanao, el domingo, cerca de 200 guerrilleros emboscaron una patrulla gubernamental cerca de la ciudad Davro, 966 kilómetros al sur de Manila, matando a 13 soldados y a un miliciano, informó hoy el vocero del comando sur, teniente coronel Anthony Elías.

En una entrevista realizada durante el fin de semana en algún lugar en los suburbios de la capital, Honasan afirmó que no se rendiría y que intentaba desarrollar una campaña de "no confrontación" contra el gobierno.

El oficial insubordinado agregó que estaba dispuesto a iniciar negociaciones con el gobierno si éste aplicaba reformas significativas.

Arroyo señaló que la atención pública se ha "desviado" desde el conato encabezado por Honasan, el quinto y más sangriento desde que Aquino asumiera la presidencia hace 18 meses.

Aquino posterga cambios

MANILA, 12. (AP y DPA).— La presidenta Corazón Aquino postergó hasta "un futuro próximo" el anuncio de los cambios de su gabinete que debía hacer hoy, y a través de una declaración leída por su portavoz Teodoro Benigno explicó que es su decisión dar a conocer los nuevos nombres cuando el equipo esté totalmente integrado y "no por etapas".

"Me he dado cuenta —dijo la presidenta en la declaración— de que el gabinete ideal es el que trabaja en equipo", y "por esta razón, todos los cambios necesarios en el Ejecutivo serán anunciados en un futuro próximo".

La crisis de gabinete fue acelerada por el fracasado intento de golpe de Estado del 28 de agosto, que dejó 53 muertos y cientos de heridos y serias divisiones no solo entre funcionarios civiles y militares sino dentro de las fuerzas armadas y los miembros del gabinete.

En relación con aquellos sucesos y en apoyo del gobierno de Corazón Aquino, cientos de personas manifestaron hoy en las calles de Manila agitando flores amarillas y serpentinas.

Los manifestantes, miembros de una coalición de 15 grupos pacifistas, marcharon con velas amarillas encendidas y antorchas en sus manos por la principal avenida de la ciudad hacia dos campos militares. Allí ofrecieron flores para simbolizar su gratitud a las fuerzas armadas por sofocar la intentona golpista encabezada por el coronel Gregorio "Gringo" Honasán.

Filipinas

Por quinta vez, el golpe

LA RAZON 3/9/87

El quinto golpe militar contra el régimen democrático de Corazón Aquino ha sido el más grave de la serie. Sus raíces se hunden en el pasado cercano, y ponen al descubierto los límites del proceso político y reformista dirigido por la presidenta filipina



Corazón Aquino y General Fidel Ramos: la presidenta y su custodio

El sábado 29 de agosto comenzó a confirmarse el dominio definitivo de las tropas leales a la presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, con el control de Campo Aguinaldo, cuartel general del ejército de Manila, donde 800 efectivos se habían acuartelado para una resistencia final. El golpe fue el quinto sufrido por el gobierno en su escaso año y medio de vigencia. Se trató de un movimiento sorpresivo y sangriento, que culminó con 50 víctimas, y 150 heridos, entre ellos Benigno Aquino, único hijo de la presidenta. Al cierre de estas páginas, circulaban rumores de que el fugado líder de la rebelión, el coronel Gregorio "Gringo" Morazán, estaba reuniendo fuerzas en la provincia de Quirino, al norte del país. La represión de los rebeldes estuvo a cargo del general Fidel Ramos, el jefe de las fuerzas armadas. Todos los implicados trazan un panorama complejo en sus actividades del pasado cercano.

El poder y los límites

El golpe tuvo como marco la realización de huelgas por parte de sindicatos poderosos, contra el aumento del 30% sobre los combustibles. A su vez las huelgas se produjeron en momentos en que por vez primera se registraban índices de mejora en la descalabrada economía que dejó a sus espaldas la dictadura de Ferdinando Marcos.

La presidenta Corazón Aquino, transformada en líder luego del asesinato de su esposo, Benigno Aquino, contó desde un principio con un alto porcentaje de popularidad y apoyo por parte de la población filipina y de los medios internacionales, en especial de Washington. Los 18 meses de gobierno, unidos a ciertos rasgos de la realidad filipina, han hecho sin embargo que el desgaste de su figura sea considerable y de incidencia aún imprevisible.

Entre los principales problemas que enfrentó en ese período, se encuentran los que resultan de la conjunción de las guerrillas comunistas, las fuerzas armadas, la corrupción política y la crisis económica. Respecto a la relación guerrillas-fuerzas armadas, el punto fue la principal bandera de lucha explícita de los rebeldes, sintetizada en la queja de un trato "desigual" a guerrilleros y militares, y en el pedido de una mejora salarial para los sectores militares. El accionar despiadado de los rebeldes (en especial el ataque furibundo contra el hijo de Corazón y su custodia) revelan sin embargo que había también una intención clara de liquidar al sector liberal de Aquino a través de la eliminación física.

El hecho de que el coronel Gregorio Morazán integrara el sector militar que apoyó a Aquino en 1986 para derrocar a Marcos, ha hecho sonar el timbre de alarma respecto a la situación inestable de las fuerzas armadas, que demostraron estar claramente divididas. Ya uno de los intentos anteriores de golpe (el copamiento del hotel Manila en noviembre de 1986) había resultado en la caída del ministro de defensa Ponce Enrile. El coronel Morazán forma parte del círculo íntimo del ex ministro de Defensa, quien, al igual que el ex dictador Marcos, rechazaron toda participación en este quinto golpe.

En cuanto al margen de acción de Corazón Aquino en el campo social y económico, también se ve limitado y complicado por parte de su propio entorno. Si hay analistas que coinciden en afirmar (incluso dentro de las propias fuerzas armadas) que el mejor método para la desarticulación de la guerrilla de izquierda sería una profunda reforma agraria, ésta se ve bloqueada por diversos factores. En zonas clave como la isla de Negros, los hacendados ya han comenzado a organizar fuerzas paramilitares de difícil control (véase "La Razón" No. 42). Por otra parte una de las grandes fincas a dividir en una reforma a fondo pertenece a la propia familia de la presidenta, y es administrada por su hermano, Peping Cojuangco Aquino, acusado de emplear su poder político (fue elegido senador en las recientes elecciones de mayo) en provecho propio, mientras su hermana ha sido acusada de permitir que medre el nepotismo en su entorno inmediato, saturado de familiares y amigos íntimos.

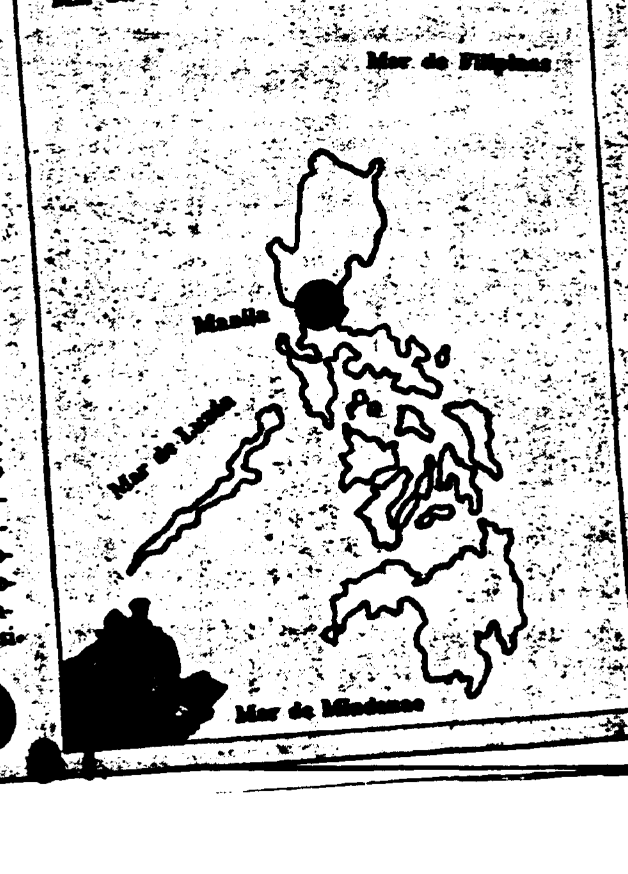
Otro factor a la vez limitante y conflictivo es el religioso. Corazón Aquino tiene antecedentes profundos en la principal religión del país, la católica. Esta se encuentra actualmente dividida entre sectores radicales que apoyan a la guerrilla y el cambio inmediato, y sectores reformistas que apoyaron en su momento a Corazón Aquino y que se han ido volcando hacia el polo conservador en los últimos meses, como el cardenal Jaime Sin. Esos sectores están obstruyendo la implementación de medidas de control de la superpoblación (uno de los más graves problemas del país), o la legislación divorcista.

La presidenta filipina ha ido encarando el complejo panorama con movimientos que para algunos observadores resultan lentos y tibios. Respecto a la reforma agraria, le ha pasado la pelota al Congreso recientemente electo, lo que significará una prolongación considerable en su tratamiento, y un consiguiente crecimiento de la tensión social en las zonas más pobres del país, núcleos de alimentación del reclutamiento guerrillero, que a su vez, ha comenzado a operar en las ciudades.

Dentro de ese panorama, el régimen liberal y democrático de la presidenta no ha tenido más remedio que apoyarse cada vez más en los sectores fieles del ejército, liderados por el jefe del Estado Mayor, el general Fidel Ramos, dentro de un creciente divisionismo en las filas militares que llevó a un analista a definir como "lucha de coroneles contra generales" el golpe de fines de agosto (fórmula que no deja de hacer pensar en la reciente rebelión de Pascuas en Argentina). Ramos es un militar de religión protestante en un país decididamente católico, miembro de una familia de la oligarquía filipina y pariente del ex dictador Marcos, pero fue una de las piezas claves en la insurrección popular y militar que lo derrocó. Cuenta con el apoyo de Washington y durante los años de dictadura logró construirse una reputación de incorruptible y arrojado. Actualmente es uno de los principales puntos de apoyo para el jaqueado régimen de Corazón Aquino.

Las 7.000 islas

Superficie: 300.000 km2. Integrada por 7.000 islas; las 11
principales abarcan el 94% del área total.
Habitantes: 55.000.000. Predominan los malayos. Grupos
menores: chinos, españoles. La religión es mayoritariamen-
te católica, con una minoría islámica. El idioma oficial es el
tagalo o filipino; también se habla español; el inglés es
obligatorio en la enseñanza, y se emplea en la administra-
ción.
Bosquejo histórico: Luego de la llegada de Magallanes
(1521), las islas fueron colonizadas por los españoles, cuyo
dominio duró más de tres siglos y medio. A fines del sigloo
pasado Estados Unidos intervino en la lucha entre guerrille-
ros y españoles; Filipinas pasa a ser colonia norteamericana
en 1898. En 1916 Washington otorga la autonomía en un
sistema semejante al de Puerto Rico. En la Segunda Guerra
Mundial es invadida por los japoneses. En 1946 Estados
Unidos concede la independencia, aunque continúa su domi-
nio económico. La principal riqueza económica (la agricul-
tura) está en manos de grandes hacendados. A partir de 1966
se impone Ferdinando Marcos, que aplica una fuerte repre-
sión contra los opositores de su gobierno. A fines de la dé-
cada del '70 la presión popular le hace conceder terreno. Co-
rroído por la corrupción, su régimen se desmorona en febre-
ro de 1986, cuando las movilizaciones, apoyadas por un im-
portante sector del ejército, lo derrocan. Eligen como presi-
denta a Corazón Aquino, viuda de Benigno
Aquino, opositor asesinado por hombres de
Marcos en 1983, al llegar al país. Norteaméri-
ca tiene importantes bases navales en el país.



HP

FILIPINAS

D3f

Aquino cesó a militares terroristas

MANILA. — La presidenta Corazón Aquino se reunió ayer con altos jefes militares para aprobar la destitución formal del fugitivo cabecilla del último intento de golpe de estado, que causó más de 350 víctimas, el coronel Gregorio "Gringo" Honasan.

Además ordenó la destitución de otros 16 militares y una pronta acción para terminar con "toda forma de terrorismo".

Por otra parte, cinco mil seguidores del líder opositor Leandro Alejandro, de 27 años, asesinado el sábado en un atentado en esta capital, desfilaron ayer por las calles de Manila con banderas rojas y carteles de condena al gobierno de Corazón Aquino.

Por su parte, la presidenta aseguró a la opinión pública —a través del portavoz oficial— que "la situación está bajo control de las autoridades centrales" y desmintió rumores sobre una inminente imposición de la ley marcial y sobre la suspensión de las libertades civiles y de "habeas corpus".

Aquino también dijo haber "advertido a los militares para que terminen lo antes posible con todas las amenazas" y haber expulsado de las Fuerzas Armadas al autor del fracasado atentado del 28 de agosto.

01-01

8708771

HR

037

El País 19/9/87

Viraje de Aquino a la derecha para aplacar a los militares

MANILA. — La presidenta filipina, Corazón Aquino, interesada en aplacar a los militares, constituyó esta semana un nuevo equipo de gobierno más tecnócrata que el anterior que le permitirá dar una orientación más derechista a su régimen, estimaron ayer los observadores en Manila.

Todos los grandes nombres de "la revolución" de febrero de 1986 que derrocó la dictadura de Ferdinand Marcos, han prácticamente desaparecido del gobierno. Fueron destituidos o remplazados, como Joker Arroyo, Jaime Ongpin y Salvador Laurel.

Viejo amigo de la familia Aquino, Arroyo, un socialdemócrata con auténtica dimensión política, había convertido su cargo, en principio administrativo, en el más importante del régimen luego de la presidencia. Su sucesor, un tecnócrata que también fue brevemente ministro de Justicia en la época de Marcos, no podrá desempeñar el mismo papel.

El Ejército, a través de su jefe de Estado Mayor, general Fidel Ramos, se congratuló por este cambio gubernamental que le entregó "las cabezas" de sus enemigos jurados, Arroyo y Teodoro Locsin, su adjunto, artífices de una política que intentó anteponer el poder civil al militar.

El martes, el secretario de Industria José Concepción, declaró ante el Congreso que el gobierno inició negociaciones con patronos y obreros para instaurar una moratoria de cinco años de huelga en el sector industrial.

Así, mientras el gobierno favorece a los militares, los trabajadores deben limitar sus reivindicaciones en nombre de la reactivación económica.

01-01

8708815

037

FILIPINAS: MAS RENUNCIAS. [illegible], 11 (AN[illegible]).— El gobernador del Banco Central de Filipinas, José [illegible]ández, y otros cinco altos burócratas del Estado renunciaron hoy voluntariamente a sus cargos para dar "mano libre" a la presidenta Corazón Aquino en su trabajo de reorganización de los aparatos ejecutivos y administrativos del país, tras el fallido golpe [illegible]



01-01

8708840

Los leales controlan Filipinas

Hay 556 detenidos, pero el jefe rebelde, coronel Honosán, sigue prófugo; hubo ataques menores; se temió un avance sobre Manila de efectivos del Norte, fieles a Marcos

MANILA, 29 (AP). – Fuerzas del gobierno capturaron hoy a las últimas tropas amotinadas en el cuartel general militar, tras aplastar el intento de golpe de Estado contra el gobierno de la presidenta, señora Corazón Aquino, aunque aún continúan en fuga el jefe de la rebelión, coronel Gregorio Honosán "El Gringo", y centenares de rebeldes, se informó.

Entretanto, las tropas norteamericanas en la base aérea Clark se hallaban confinadas hoy en esa instalación, después que tres policías murieron y tres civiles resultaron heridos en una emboscada cerca de la guarnición, dijeron las autoridades, que también indicaron que todas las víctimas eran civiles del vecindario.

Situación bajo control

El jefe del Estado Mayor, general Fidel Ramos, dijo que la situación en el área de Manila se hallaba bajo control casi total 32 horas después de que alrededor de 800 amotinados atacaron la residencia presidencial aquí, bases militares claves y el centro estatal de radiodifusión.

El intento de golpe, encabezado por jóvenes oficiales de graduación media, fue el desafío más sangriento que enfrentó el gobierno de la señora de Aquino, que asumió hace 18 meses.

Según voceros militares hubo por lo menos 25 muertos y 275 heridos, entre los que figura el único hijo de la gobernante, Benigno Aquino, de 27 años.

Para esta mañana tropas leales habían retomado la totalidad del Campamento Aguinaldo, el cuartel general militar en la suburbana Ciudad Quezón, donde anoche se produjo la lucha más intensa, que se prolongó durante dos horas y media.

Soldados leales al gobierno repelieron ataques de los rebeldes contra el palacio presidencial de Malacañang, donde el intento de golpe se inició alrededor de la 1.30 de ayer.

Oficiales militares dijeron que hoy temprano 43 amotinados se rindieron en Campamento Aguinaldo, y otros 51, entre los que había activistas civiles, fueron capturados allí durante operaciones de limpieza. Asimismo, autoridades militares indicaron que para anoche se había capturado a 462 rebeldes, con lo que alcanzan a 556 los amotinados detenidos.



Rebeldes capturados son trasladados en barco a un lugar desconocido (Reuter)

Pero el jefe de la rebelión, coronel Gregorio Honasan, "el gringo", continúa prófugo junto con una cantidad no determinada de rebeldes, se indicó.

La Base Villamor

La situación tampoco se halla totalmente clara en la base aérea Villamor, cercana al aeropuerto internacional de Manila y cuartel general de la fuerza aerea, que ayer fue tomada parcialmente por unos 400 amotinados y que esta mañana fue rodeada por infantes de marina.

Entretanto, en Cebú, la segunda ciudad del país, a 565 kilómetros al sudeste de Manila, el comandante de la policía nacional paramilitar, que había respaldado el intento de golpe, dejó hoy el cargo por orden del general Ramos y fueron dejadas en libertad las autoridades provinciales que había puesto bajo arresto domiciliario.

Posteriormente, los liberados –el gobernador provincial y el alcalde de la ciudad– encabezaron una manifestación en apoyo al Gobierno.

En un incidente ocurrido cerca de la base aérea Clark, unos 20 hombres armados y que usaban ropas de fajina emboscaron un automóvil patrullero y tras apoderarse de las armas de sus ocupantes se dieron a la fuga en dos camiones, dijo un vocero de la patrulla caminera.

Por su parte, el Frente Democrático Nacional, que agrupa a organizaciones comunistas, dijo en una declaración que el fracasado intento de golpe "puso al descubierto la inevitablemente agudizada crisis del fraccionado sistema gobernante reaccionario", y pronosticó que habrá otros amotinamientos sangrientos.

Precauciones y rumores

MANILA, 29 (UPI). – Fuerzas gubernamentales cerraron las salidas de esta capital en medio de amplios rumores de escaramuzas aisladas durante las operaciones en busca del fugitivo líder del fracasado y sangriento golpe de estado del viernes.

La señora de Aquino habló brevemente sobre los últimos acontecimientos desde el palacio de Malacañang, fuertemente defendido.

"Los quiero detenidos", dijo de los sediciosos, que dieron muerte a más de 20 civiles durante el curso de los combates.

"No es un problema de perdonar, porque este asunto no fue hecho contra mí sino contra todo el país. Ustedes han visto cuántos inocentes civiles han sido asesinados", dijo.

El vocero de la policía, teniente coronel Cris Moralit, dijo que se habían recibido otros varios informes de tropas uniformadas dirigiéndose a la capital, pero no se sabía si eran hostiles. Añadió que se había establecido un cordón alrededor de la capital como "medida de precaución" y que quedaría allí toda la noche hasta que los rumores terminaran.

La mayor parte de los comentarios se referían a movimientos de tropas en la parte norte de la isla de Luzón, baluarte del derrocado presidente Ferdinand Marcos y ahora del líder opositor Juan Ponce Enrile.

Mientras tanto, se dijo que Enrile habría asegurado al presidente del Senado, Jovito Salonga, que él no tenía nada que ver con el último movimiento sedicioso, que costó por lo menos 41 vidas.

Ramón Mitra, presidente de la Cámara de Representantes, dijo haber ordenado el arresto de los 200 miembros de la fuerza de seguridad del Congreso que se pasaron a los rebeldes durante el intento de golpe. También ordenó el reclutamiento de otros 200 soldados para la misma fuerza.

01-01 8708860.

037

Crece tensión filipina: matan líder izquierdista

MANILA. — Un dirigente izquierdista filipino fue muerto a balazos ayer aquí por atacantes no identificados frente a la sede de su organización, dos días antes de previstas manifestaciones izquierdistas contra el "fascismo creciente" en el país.

Leandro Alejandro, secretario general de la Nueva Alianza Patriótica (DAYAN), pereció en el atentado y tres de sus compañeros fueron heridos, cuando hombres armados con fusiles que se desplazaban en un camión con las ventanillas pintadas abrieron fuego contra un automóvil en el que viajaba el dirigente izquierdista de 26 años, afirmaron funcionarios de la Alianza.

Alejandro volvía a la sede de la DAYAN y su automóvil se encontraba detenido frente a la puerta en espera de que se abriera, cuando los asesinos que sorprendieron a su vehículo unos segundos antes le dispararon, informaron funcionarios.

El atentado ocurrió poco después que el general Fidel Ramos, jefe de las Fuerzas Armadas, dijera que los militares se encontraban en completa alerta para prevenir cualquier acto de violencia durante las manifestaciones de protesta y marchas de agrupaciones de izquierda planeadas para mañana.

DAYAN culpó en una declaración al gobierno de la presidenta Corazón Aquino por el asesinato. Su administración ha sancionado la represión y enviado soldados contra las organizaciones legítimas del pueblo, afirmó.

Apoyo a golpista

Los oficiales jóvenes y los [illegible] favorables, por escasa mayoría, al promotor de la intentona golpista del 28 de agosto último, coronel Gregorio "Gringo" Honasan, reveló un sondeo organizado por el ex vicepresidente Salvador Laurel, cuyos resultados se dieron a conocer ayer en Manila.

Unos 5.800 oficiales y soldados participaron en la consulta, según la cual un 53,80% de oficiales jóvenes (tenientes y capitanes) y un 56,60% de soldados apoyan a Honasan, actualmente prófugo.

En cambio, el 70,50% de los oficiales superiores y un 95% de altos responsables del Ejército reprueban la tentativa.

En momentos en que los oficiales derechistas pudieran tener éxito con su última tentativa del mes pasado de derrocar el gobierno de la presidenta Corazón Aquino, los izquierdistas de la capital, tanto los comunistas ilegales como sus simpatizantes, comenzaron a huir a las montañas, temiendo que los militares desaten una matanza generalizada.

El éxodo forma parte de una pesadilla que se acrecienta para la izquierda: la posibilidad de que el gobierno sea derrocado por una junta militar predispuesta a una rápida eliminación física de sus enemigos políticos.

En vista de tal posibilidad, muchos izquierdistas han preparado planes contingentes de fuga y se preparan para lo peor.

"Lo que tememos es una situación a lo Indonesia", dijo una alta fuente del movimiento clandestino comunista, aludiendo a la [illegible] 87.000 comunistas indonesios en 1965.

01-01

8708870

037

Aquino pospuso reorganización

LA MAÑANA 13/9/87

Trece muertos en enfrentamientos en las Filipinas



Corazón Aquino, Presidenta de Filipinas.

MANILA, (ANSA, EFE y UPI).- Al menos seis miembros de la policía filipina y siete guerrilleros comunistas, murieron en un combate librado ayer en la localidad de Samal, distante 56 kilometros al norte de Manila.

El coronel Vicente García, comandante local de las fuerzas gubernamentales, señaló en una información recogida por la emisora Dzmm, que las tropas fueron enviadas a Samal después de haber recibido informaciones sobre la presencia en la zona de Saturnino 'Satur' Ocampo, portavoz del Frente Nacional Democratico, brazo politico del clandestino Partido Comunista Filipino.

Ocampo, junto al antiguo periodista Antonio Zumel, fueron los responsables de negociar un alto el fuego de los insurrectos con el gobierno de Manila durante 60 dias, que finalizó el pasado 8 de febrero, después de acusaciones mutuas de haber violado el armisticio en diferentes ocasiones.

Garcia indicó que las fuerzas gubernamentales combatieron durante seis horas con unos 50 insurgentes que se habian hecho fuertes en residencias privadas de la localidad, capturando ocho fusiles abandonados por los guerrilleros en su retirada.

REORGANIZACION DEL GABINETE

En otro orden, la Presidenta filipina Corazón Aquino pospuso ayer el anuncio parcial de los nuevos ministros que formarán su gabinete, explicando que en 'fecha próxima' dará a conocer el equipo de gobierno completo.

Anteriormente, Aquino, quien se enfrenta a la crisis gubernamental más importante desde que asumió la presidencia hace 18 meses -provocada por un intento golpista de militares rebeldes al mando del coronel Gregorio Honasan el pasado 28 de agosto- habia señalado que su gobierno seria dado a conocer por etapas.

En un comunicado, Cory Aquino indicó que busca un gabinete que 'pueda trabajar en equipo', manifestación que los analistas interpretan como reflejo de las dificultades que está encontrando para reorganizar el gobierno y poner término a las divergencias ideológicas que caracterizaron hasta ahora al ejecutivo.

Joker Arroyo, secretario ejecutivo de Cory Aquino y hombre de confianza de ésta (tildado por la derecha y el ejército de 'simpatizante' del Partido Comunista), causaría baja segura en el nuevo equipo de gobierno, según los observadores.

La prensa local especula sobre el futuro del general Fidel Ramos, jefe del alto estado mayor del ejército e indiscutible 'garante' de la democracia, a quien los militares considerados reformistas acusan de 'debilidad' en el mando.

En los últimos dias, la jefa del ejecutivo filipino, convocó por primera vez a los 15 miembros que integran el Consejo de Estado y parece que su principal tarea es reconstruir las relaciones con las fuerzas armadas, para lo cual anunció una campaña de 'acercamiento'.

Por su parte, las dos cámaras del congreso de diputados abordan una subida de un 60 por ciento de los sueldos de los militares.

Ciertos analistas concluyen, que en la composición del nuevo gabinete parecen quedar descartadas conocidas personalidades 'progresistas' y presumen que se dará entrada en el mismo a más politicos de centro-derecha y tecnócratas vinculados al poder de la patronal, bien vistos por el ejécito.

Asesinaron a balazos a un líder de la izquierda filipina



Agencia Reuter

Un inspector de policía (izq.) observa el cadáver del líder izquierdista Lean Alejandro.

MANILA, 19. (EFE y AP).— El secretario general del movimiento Nueva Alianza Nacionalista (Bayan), Lean Alejandro, fue asesinado hoy a balazos, poco después de haber anunciado, en una conferencia de prensa, la convocatoria a una manifestación de protesta contra la supuesta militarización del gobierno de la presidenta Corazón Aquino.

Una fuente del movimiento Bayan informó que los pistoleros, que viajaban en una camioneta blanca, dispararon a quemarropa contra el dirigente izquierdista de 27 años, a través de una de las ventanillas de su automóvil, muy cerca de las oficinas de la organización política. Con heridas graves Alejandro fue trasladado al hospital, donde murió a poco de llegar. Su chofer, Roberto Panganiban, también resultó herido.

El atentado ocurrió poco después de que el general Fidel Ramos, jefe de las fuerzas armadas, indicara que los militares se encontraban en estado de alerta para prevenir cualquier acto de violencia durante las manifestaciones de protesta y marchas de agrupaciones de izquierda planeadas para el lunes.

En una declaración, el movimiento Bayan culpó al gobierno de la presidenta Aquino por el asesinato. "Su administración ha sancionado la represión, y enviado soldados contra las organizaciones legítimas del pueblo", declaró.

En la conferencia de prensa ofrecida poco antes del asesinato, Alejandro había lanzado acusaciones contra el gobierno, y anunciado que "vamos a salir a las calles el lunes en todo el país para condenar el resurgimiento de un gobierno fascista en Filipinas".

La muerte de Alejandro elevó la tensión política y generó comentarios relativos a la posible imposición de un estado de emergencia, al que también aludió, en su declaración, la organización liderada por el joven ex dirigente estudiantil. El vocero de las fuerzas armadas, Honesto Isleta, dijo que "esto dependerá de la presidenta y tendrá que ser aprobado por el Congreso", al ser consultado sobre la posibilidad de que se dicte en Filipinas la ley marcial.

01-01

AQUINO CEDIO DOS HOMBRES

El veto militar

MANILA, 19 (Por Anne Nelson, especial para "Los Angeles Times" y para Clarín). — El alejamiento de los ex ministros Joker Arroyo y Teodoro "Teddy Boy" Locsin Jr., quienes esta semana renunciaron al gabinete de la presidenta Corazón Aquino, fue insistentemente vinculado con la rivalidad entre los militares filipinos y ambos funcionarios, y ésta, a su vez, pintada como una disputa entre civiles de derecha y de izquierda. Este es, sin embargo, un análisis que no tiene en cuenta la esencia del problema.

Mientras que los antecedentes de Arroyo como abogado defensor de los derechos humanos no le sirvieron para congraciarse con los militares, existen importantes figuras dentro del gobierno de Aquino cuyas credenciales en esta materia (derechos humanos) son equivalentes y cuya línea política se halla visiblemente a la izquierda de la de Arroyo. En lo que concierne a Locsin —quien trabajó para Ferdinando Marcos y escribió discursos para Juan Ponce Enrile— difícilmente puede ser tildado de izquierdista.

El enfrentamiento entre los militares y los dos ministros fue un choque de estilo, cultura y clase, exacerbado por la impresión generalizada de que la administración Aquino no ha sido muy efectiva en su gestión de gobierno. Naturalmente, la preocupación mayor de los militares ha sido el fracaso del gobierno para asignar los grandes aumentos en ayuda militar extranjera y equipos que pensaban les habían prometido.

Pero Arroyo y Locsin —que forjaron una alianza de dos hombres dentro del gabinete— fueron mucho más criticados por el denominado Concilio de Trento de la comunidad empresaria por "lavarse las manos" tanto en temas de conducción (como trabajar con inversores extranjeros) cuanto en temas económicos clave como la creación de importantes líneas de préstamos.

♦ **"El cordón sanitario"**

A ambos hombres les fascinaba asombrar al público con declaraciones extravagantes y travesuras (Arroyo calificó de Goebbels al secretario de Prensa del ejército en alusión al propagandista nazi, por ejemplo). Pero dentro del gobierno, Arroyo y Locsin eran acusados de formar el 'cordón sanitario' de la presidenta. Ambos aseguran que la jefa de Estado quería verse protegida de opiniones no solicitadas, mientras que otros filipinos, incluidos otros miembros de gabinete, opinaban que las oficinas presidenciales se habían convertido en un cerrado 'invernadero' político.

Hasta los antiguos colegas de Arroyo, del movimiento de derechos humanos, se mostraban desilusionados con su actuación. En los 18 meses en que Arroyo mantuvo el cargo más poderoso del país, la situación en materia de derechos humanos empeoró en forma constante. Los militares llevaron a cabo en enero pasado dos masacres masivas, y los organismos internacionales de derechos humanos registran un aumento sostenido en el número de desapariciones y matanzas.

La complejidad única de la política filipina indica que nunca existen solo dos lados en ningún tema y no hay razón para pensar que los diversos enemigos de Locsin y de Arroyo eran amigos entre sí.

El conflicto fue reflejo, en realidad, de la gran brecha que existe entre la elite educada de Manila —que la señora Aquino eligió para su gobierno— y la clase predominantemente rural que impera entre la mayoría de los soldados del país. Y se relaciona con un viejo rencor personal contra la institución que mantuvo a Benigno Aquino Jr. y a otros prisioneros políticos en una sucesión de campos militares empujando a sus abogados y familiares a humillantes búsquedas y amenazas.

Hoy, el cuerpo de oficiales se ve sobrecargado de figuras de la generación de Fidel Ramos (considerados obsoletos) y de impetuosos oficiales jóvenes que al verse impedidos de acceder a una rápida promoción se prestan a crear innumerables milicias dentro del ejército tales como los Guardianes, los Masones y el ala del Movimiento de Reforma del Ejército que lideró el reciente golpe de Estado —abortado— contra Corazón Aquino.

♦ **Difícil trabajo en conjunto**

Los militares, que sufren un vacío de liderazgo, recurrieron a la administración Aquino para que atendiese sus problemas —tanto políticos cuanto profesionales—. Pero es difícil que el gobierno y los militares trabajen juntos cuando la administración central le teme más a los representantes castrenses que a los guerrilleros. El propio Estados Unidos, que ha tratado de reforzar la posición de la señora Aquino, aún no ha recuperado su influencia frente a los militares filipinos luego de los sobresaltos de estos últimos dos años.

En gran medida, la "manzana de la discordia" no es un problema que haya surgido ahora sino que tiene larga data. Y se centra en el estilo de conducción. Todos están de acuerdo en que una de las exigencias más urgentes en este momento es modernizar la 'maquinaria' y el papeleo de las oficinas de gobierno.

El alejamiento de Arroyo y Locsin podrá significar —cuanto mucho— que los debates políticos tengan lugar en forma más eficiente, pero no que serán resueltos.

8709006

HR

FILIPINAS

037

FILIPINAS

Aquino tratará de lograr apoyo en el Ejército

Manila, 18 (UP) — La presidenta, Corazón Aquino, anunció hoy que recorrerá las bases militares de la nación, donde está la fuente del creciente descontento que estalló el 28 de agosto en un intento de golpe de estado y la forzó a realizar una dolorosa reorganización de su gabinete.

En un intento por mostrar que su acosada administración cuenta con apoyo, la señora Aquino también prometió mejorar los vínculos con la rama legislativa sosteniendo encuentros regulares con miembros claves del Senado y de la Cámara de Representantes.

La presidenta se reunió durante una hora con 20 senadores pro gubernamentales, a quienes exhortó a encabezar el camino y "acercarse a las bases y mejorar las relaciones" con las Fuerzas Armadas, señaló el secretario de prensa, Teodoro Benigno.

Agregó que la serie de visitas a los campos militares comenzaría la próxima semana, con un viaje a la isla sureña de Mindanao, donde el Ejercito ha tenido más éxito al combatir tanto a los comunistas como a los insurgentes musulmanes.

Durante su recorrido, la presidenta escuchará muchas de las quejas ya expresadas durante una visita realizada por el vicepresidente, Salvador Laurel, antes de que fuera relevado de su cargo de ministro de relaciones exteriores, esta semana.

La Prensa 19/9/87

HR

FILIPINAS

037

LA PRENSA 14/9/87

Protesta en Manila

Manila (UP) — Unos 1.000 partidarios del depuesto, presidente, Ferdinand Marcos, trasformaron una reunión convocada para orar por la unidad de las Fuerzas Armadas en una manifestación antigubernamental.

Gritando "Marcos, Marcos todavía" y "Traigan de vuelta a Marcos", los llamados "leales" al ex mandatario, ahogaron las voces de los dirigentes de la manifestación, organizada por el movimiento "Salven a nuestros soldados" (SNS).

El SNS, un grupo civil recientemente formado, había llamado para orar en un parque de Manila, e instar a la presidenta Corazón Aquino a que abriera negociaciones con el coronel rebelde Gregorio "Gringo" Honasan, quien dirigió el sangriento intento golpista del mes pasado. El mayor desafío al gobierno de la presidenta Aquino que dejó un saldo de 53 personas muertas y dividió profundamente a las fuerzas militares, que cuentan con 160.000 efectivos.

037

LA MAÑANA 27/7/87

FILIPINAS

Decreta la Presidenta Aquino

Manila: ejército de ciudadanos

MANILA (UPI).— La presidenta Corazón Aquino, usando sus facultades legislativas por última vez antes de que comience a sesionar el Congreso, dispuso ayer, entre otras cosas, la creación de un ejército de ciudadanos, medidas más severas y el restablecimiento de elecciones locales para el 9 de noviembre.

La oficina de prensa informó que la mandataria lanzó 42 decretos el día antes de la apertura formal del Congreso por primera vez desde que fue clausurado en 1972, cuando se declaró la ley marcial.

La señora Aquino dará un discurso en la sesión de apertura hoy, en lo que constituirá el retorno del sistema democrático en la nación de 57 millones de habitantes.

Las autoridades militares habían declarado a la capital filipina y a dos regiones cercanas en estado de alerta, después de que grupos de izquierda y simpatizantes del depuesto ex presitende Ferdinand Marcos realizaron manifestaciones de protesta contra el gobierno.

La presidenta asumió el cargo en febrero de 1986, con amplios poderes legislativos.

PEALP

01-01

8709087

037

Aquino procura aliviar las divisiones políticas surgidas tras el reciente intento de golpe

Renunció en pleno el gabinete filipino

MANILA, 9 (AP).- El gabinete de la presidenta Corazón Aquino renunció hoy, después de haberse producido varias demandas en favor de un cambio en el rumbo del Gobierno para aliviar las divisiones políticas provocadas por el sangriento intento de golpe del mes último.

El vocero Teodoro Benigno manifestó que, durante una breve reunión de emergencia, presentaron su renuncia 25 miembros del gabinete y otros tres de la Comisión Presidencial sobre Buen Gobierno.

Entre los renunciantes figura el secretario ejecutivo Joker Arroyo, asesor más allegado a la presidencia y cuya destitución había sido reclamada por militares, congresistas, grupos empresariales y de la Iglesia, tras el intento de golpe lanzado el 28 de agosto último.

Un testimonio

Según manifestaron funcionarios, la renuncia en grupo se originó parcialmente en el testimonio que Arroyo brindó ayer ante la Cámara de Representantes, en el que criticó a dirigentes empresariales, acusó al vicepresidente, Salvador Laurel, de fomentar la disensión entre los militares, y comparó al principal vocero militar con el propagandista nazi Josef Goebbels.

Benigno, que también renunció, expresó a los periodistas que "todos los miembros del gabinete han presentado a la presidenta su renuncia. Eso es todo lo que estoy autorizado a decir".

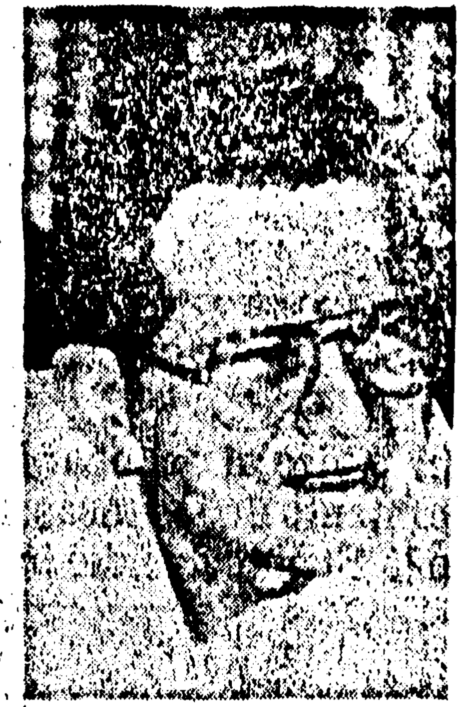
El informante agregó que Laurel, que visita actualmente la isla Mindanao, presentó su renuncia como secretario de Asuntos Extranjeros telefónicamente, aunque continúa en el cargo de vicepresidente.

Insistentes reclamos

Benigno afirmó que las renuncias no fueron motivadas por ningún grupo del fragmentado gabinete. El intento de golpe del mes último originó insistentes reclamos para que el Gobierno cambiara de política, tanto para frenar el desasosiego entre los militares como la creciente amenaza de los rebeldes comunistas.

El secretario de Finanzas, Jaime Ongpin, manifestó que "el gabinete consideró que este momento era apropiado para que cada uno presentara su renuncia, de modo que la presidenta pueda quedar en libertad para ... una reorganización".

La primera información sobre las renuncias provino del secretario de Comercio, José Concepción, cuyo hermano Raúl figuró entre los tres altos dirigentes empresariales a quienes Arroyo acusó ayer de planificar campaña para destituirlo.



Laurel (AFP)



Ileto, ministro de Defensa (A

01-01

8709095

Convocaron en Filipinas al Consejo Nacional de Seguridad

El comandante de las Fuerzas Armadas, Fidel Ramos, dijo que la situación es seria

MANILA, 1 (DPA).– El comandante en jefe de las Fuerzas Armadas de Filipinas, general Fidel Ramos, pidió hoy la convocatoria del Consejo Nacional de Seguridad (NSC) para analizar la situación tras el fallido golpe militar del fin de semana último contra el gobierno de la presidenta Corazón Aquino.

Ante un grupo de periodistas reunidos en la guarnición militar de Campo Aguinaldo, en Manila, uno de los principales bastiones de la intentona, Ramos calificó a la situación como "seria" y reconoció que la capacidad de combate de las tropas leales quedó "debilitada transitoriamente" durante la revuelta.

En las instalaciones parcialmente destruidas de la guarnición, el jefe militar dijo que la situación era lo suficientemente grave como para convocar al NSC, encabezado por Corazón Aquino e integrado por líderes parlamentarios, el gabinete y la jerarquía militar.

Ultimo esfuerzo

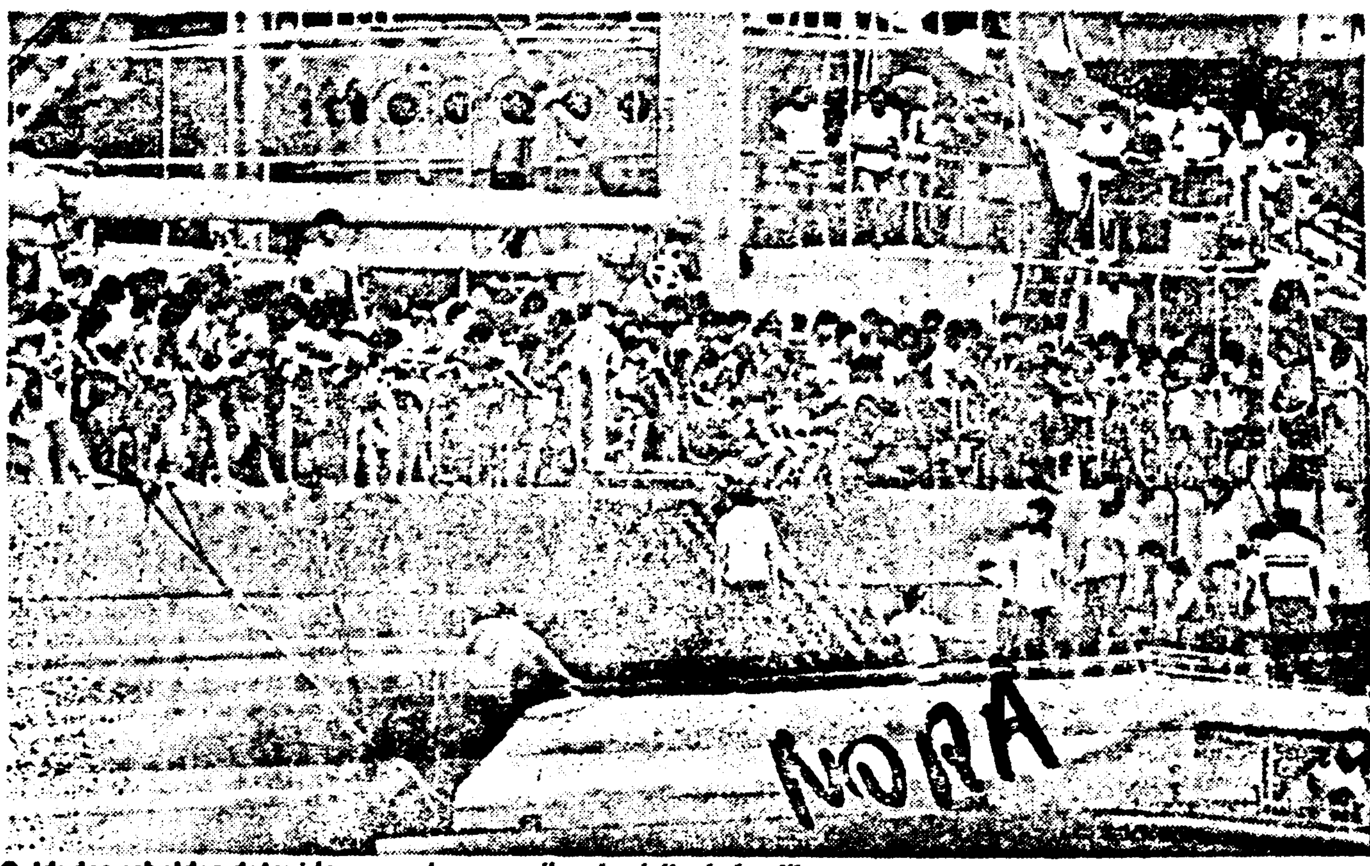
Al referirse a las versiones sobre la formación de un gobierno rebelde en la provincia de Luzón, en el norte del país, encabezado por el mayor Gregorio "Gringo" Honasan, Ramos dijo que se trataba de "un último esfuerzo por generar apoyo a una causa perdida". El viernes, Honasan logró huir de Campo Aguinaldo en helicóptero.

Añadió que en caso de existir realmente un gobierno rebelde, ello significaba un desafío. Afirmó que él, personalmente, ordenó a la artillería y a la Fuerza Aérea atacar la guarnición.

Entretanto, durante la jornada de hoy fueron reforzados los controles militares frente a la Casa de Gobierno y a las instalaciones militares, en prevención de un retorno de los rebeldes a Manila. El Gobierno ordenó la movilización a la capital de fuertes contingentes armados desde distintos sitios del país.

Un país soberano

Ramos añadió que la jefatura política debe considerar informes, según los cuales una potencia extranjera –cuyo nombre no especificó– estaría ligado a la quinta y última intentona militar en los 18 meses de gobierno democrático. "Este es un país soberano. No aceptamos ninguna intervención extranjera", afirmó.



Soldados rebeldes detenidos en un barco reciben la visita de familiares (AP)

Varios parlamentarios habían insinuado la posibilidad de una participación de los Estados Unidos en el motín y propusieron una investigación.

Opinión de Corazón Aquino

MANILA, 1 (UPI).– La presidenta Corazón Aquino admitió hoy que el conato de golpe de Estado de la semana última demostraba que algo "faltaba" a su gobierno y opinó que había llegado el momento de revisar sus políticas.

Al hablar desde su despacho en el Palacio de Malacanang, la señora Aquino dijo que consideraba el intento de golpe del viernes "tanto un reto como una oportunidad para mejorar".

"Es verdad que hemos hecho todo lo mejor que hemos podido –dijo la presidenta– pero quizás nos falte algo a todos nosotros y ha llegado el momento de revisar nuestras políticas."

Negociación

Mientras tanto, funcionarios dijeron que el Gobierno consideró negociar con los rebeldes.

"Estamos esperando sus demandas", dijo el vicedirector de prensa, Danilo Gozo. "Si hay una demanda razonable –añadió– no hay razón por la cual el Gobierno no converse con ellos. Pero primero vamos a esperar su demanda oficial".

Condena soviética

MOSCU, 1 (Reuter).– La Unión Soviética condenó hoy el frustrado golpe militar de la semana última en Filipinas y auguró al gobierno de la presidenta Corazón Aquino éxito en la resolución de sus problemas.

"Los intentos de derrocar por la fuerza a gobiernos legítimos, constituidos teniendo debidamente en cuenta la opinión de los pueblos, no han merecido ni merecerán la solidaridad de la Unión Soviética", manifestó el vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, Yuri Gremitskikh.

"Esto subraya nuestra actitud respecto de los recientes sucesos de Filipinas, donde un grupo de militares intentó derrocar a la presidenta Corazón Aquino", agregó el funcionario.

El más grave

Por lo menos 40 personas murieron y 270 resultaron heridas en oportunidad del más grave de los cinco intentos de golpe producidos durante el actual gobierno, que lleva 18 meses de vida.

"El pueblo soviético ve con comprensión las dificultades experimentadas actualmente por Filipinas y augura éxito al pueblo y al gobierno filipinos en sus esfuerzos para superarlas", dijo Gremitskikh.

Por su parte Pravda, órgano del Partido Comunista Soviético dijo que "el frustrado golpe demuestra que las concesiones hechas al complejo militar industrial de los Estados Unidos y a los dictados de los monopolios extranjeros han debilitado la posición de la administración local y fomentan las iniciativas de la ultraderecha".

037

Su esposa responsabilizó al gobierno

Dirigente opositor fue asesinado en Filipinas

Un destacado dirigente filipino fue asesinado por ayer desconocidos en una zona céntrica de Manila, y su esposa responsabilizó al gobierno y a los operativos militares de estar detrás del atentado.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- El Secretario General del movimiento Nueva Alianza Nacionalista (BAYAN), Lean Alejandro, fue asesinado ayer sobre las 5 de la tarde, hora local, en las cercanías de las oficinas de la organización, situadas en una zona céntrica de Manila.

Alejandro, de 27 años, regresaba a su oficina después de celebrar un encuentro con periodistas en el Club Nacional de Prensa de Filipinas cuando fue tiroteado por individuos vestidos de paisano.

El líder de BAYAN había anunciado una convocatoria de protesta para mañana en varias partes del país, denunciando la militarización.

La esposa de Alejandro, responsabilizó al gobierno de Corazón Aquino y a los operativos militares de estar detrás del atentado.

"Creo que el gobierno es responsable. En situaciones anteriores acusaba a las fuerzas leales al último régimen, pero los acontecimientos de las últimas semanas demuestran que no hay diferencias entre ellos y los militares leales a Cory Aquino", explicó la esposa del dirigente filipino.

Preguntada sobre los posibles sospechosos, dijo: "seguro que son militares expertos en estas tareas y espero que el gobierno no busque en los comunistas a los cabezas de turco".

Mientras, la portavoz del movimiento Bayan, Loreta Rosales, en una dura acusación contra el gobierno de Corazón Aquino señaló que "los militares son lo que dictan (...) no queremos investigaciones porque no van a ser imparciales".

Rosales mencionó los comités creados para esclarecer los asesinatos del líder sindical Rolando Olalia en noviembre de 1986 y de doce agricultores que murieron a las puertas del Palacio presidencial de Malacañang en enero, que hasta ahora no han presentado conclusiones.

Por otra parte, Crispín Beltrán, presidente del sindicato de izquierdas Kilusang Mayo Uno, hizo un llamamiento a la presidenta Aquino, explicando que, "éste no es el trabajo de una persona (...) es un plan organizado para derrocar a su gobierno".

Beltrán habló a través de la emisora DZRH desde un lugar desconocido, por medidas preventivas afirmó, aunque explicó que no había pasado a la clandestinidad.

037

FILIPINAS

LA MAÑANA 09 SET. 1987

Rebeldes piden apoyo a su programa

Honasan critica a la Presidenta Aquino

NORA

Los miembros de la autoproclamada Junta Filipina lanzaron ayer una campaña de propaganda en la capital para pedir apoyo a su programa político irradiando un mensaje grabado del Gregorio Honasan.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- El Coronel rebelde Gregorio Honasan, líder de la reciente intentona golpista en Filipinas, acusó ayer a la Presidenta Corazón Aquino de ineficacia y la responsabilizó de la amplia ruptura en las relaciones entre el Gobierno y el Ejército.

En sus primeras declaraciones públicas tras la revuelta del pasado 28 de agosto, en la que murieron más de 50 personas y unas 300 resultaron heridas, Honasan aprovechó para criticar la política gubernamental, desde que la desorientada Presidenta Aquino asumió el poder hace 18 meses.

El mensaje dedicado al pueblo por el coronel huido fue grabado en una cinta magnetofónica y difundido por la emisora privada de Manila DZRH, mientras en la capital persisten rumores de una nueva intentona golpista militar.

El líder rebelde criticó especialmente las medidas por las que fueron puestos en libertad los presos políticos que estuvieron en las cárceles de la dictadura, así como las conversaciones de paz con la guerrilla comunista y la reactivación de negociaciones con los separatistas islámicos de la isla de Mindanao.

También dedicó duras palabras a la corrupción y soborno en el Gobierno y al supuesto regreso de las dinastías políticas que persiguen, dijo, sus intereses personales.

En cuanto al ataque de sus tropas contra el palacio presidencial de Malacanang y diversas instalaciones militares en Manila, el Coronel Honasan explicó que el objetivo fue dejar constancia de nuestra protesta en nombre del pueblo filipino y de la forma más enérgica.

El héroe y villano, según describen los analistas a ese oficial de 39 años de edad que hasta hace unos meses fue jefe de seguridad del ex Ministro y principal rival de Aquino, Juan Ponce Enrile, señaló que sus fuerzas no tenían intención de hacer daño a la Jefa del Ejecutivo o a su familia.

RESPUESTA DEL GOBIERNO

El Gobierno respondió a las declaraciones de Honasan de forma inmediata, en un intento de cortar la guerra propagandística de la que se considerada la prensa más libre de Asia y en la que compiten, sólo en Manila, 24 diarios para menos de un millón de lectores en todo e país, y centenares de emisoras de radio -hasta ahora el único medio que llega a todo el archipiélago-.

El portavoz de la Presidencia, Teodoro Benigno, en declaraciones a la misma emisora, describió a Honasan como un autoproclamado mesías con ilusiones de grandeza, que se delató como traidor y cobarde al abandonar sus tropas en el cenit de los combates contra las fuerzas gubernamentales.

Benigno repasó los logros políticos económicos alcanzados por el Gobierno democrático y criticó duramente a Honasan y a su grupo, que lo único que quieren es asumir el poder político y militar en el país.

Mientras, el Jefe del Alto Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, General Fidel Ramos, lanzó un reto a los rebeldes para que se entreguen si son profesionales, explicando que el grupo Honasan sólo intentaba gobernar con una Junta.

Ramos, cuya actuación durante la revuelta confirmó su papel como el principal garante de la democracia en Filipinas, no descartó una posible participación de líderes civiles en la abortada trama golpista.

01-01 870917

037

LA PRESIDENTA FILIPINA SEPARO DE SUS CARGOS A DOS ESTRECHOS COLABORADORES

Aquino cede a presiones militares

MANILA, 17 (AFP, Reuter y UPI). — La presidenta Corazón Aquino separó hoy de sus cargos a su secretario ejecutivo, Joker Arroyo, y a su asesor jurídico, Teodoro Locsin, dos hombres de su mayor confianza cuestionados por sectores militares en razón de supuestas tendencias izquierdistas.

"Les aseguro que controlamos la situación", dijo hoy



Agencia Reuter

Teodoro Locsin Jr. (izq.) y Joker Arroyo (der.), que hoy dejaron de pertenecer al gabinete ministerial de Filipinas. Locsin era asesor de la presidenta Aquino, y Arroyo, secretario ejecutivo.

Aquino a todos los filipinos en un mensaje emitido por la televisión y les garantizó que "se han tomado todas las medidas para salvaguardar a esta república. No hagan caso a la campaña de desinformación", agregó.

Al completar esta reestructuración de su gabinete, la presidenta intenta contener las repercusiones del fallido golpe de Estado del 28 de agosto, que amenazó seriamente la estabilidad de su gobierno y acentuó las discrepancias internas.

Con tono tranquilo, aunque evidentemente con muestras de cansancio, Aquino elogió a Arroyo como un campeón de la democracia. "Espero que nadie interprete su salida como que sus ideales, que encendieron nuestra lucha por la democracia, hayan partido también", dijo la presidenta.

Acerca de Locsin, consejero especial para asuntos jurídicos y redactor de los discursos presidenciales, Aquino dijo que será conservado en calidad de consultor, aunque ya no como integrantes del gabinete.

Ambos, al igual que los otros 24 miembros del gabinete, habían presentado la semana pasada sus renuncias.

Para los analistas no resultó sorpresivo que la presidenta decidiera aceptar la dimisión de Arroyo, quien se desempeñaba como virtual primer ministro: sobre él se habían centrado las acusaciones de algunos sectores castrenses sobre la supuesta infiltración de elementos comunistas en el seno del gobierno.

Abogado de 61 años, un defensor de los derechos humanos durante la dictadura de Ferdinando Marcos, Arroyo fue el principal artífice de una política que tendía a instaurar en Filipinas la preeminencia del poder civil sobre el militar.

El dúo Arroyo-Locsin llegó a exasperar a los militares cuando el 28 de agosto intervinieron ante el comando del ejército para que se acelerara la represión del levantamiento acaudillado por el todavía prófugo coronel Gregorio "Gringo" Honasan.

La señora Aquino reemplazó a Arroyo con Catalino Macaraeg, que era viceministro de Justicia bajo el gobierno de Marcos, aunque también se desempeñó como colaborador del principal asesor presidencial ahora alejado del gobierno.

Ramos y los militares

En una actitud sin precedentes, Aquino brindó un espacio de televisión al máximo jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, que en un mensaje en vivo aseguró: "Los militares siguen protegiendo y salvaguardando la estabilidad de la república".

La aparición pública de Ramos poco después de que se anunciaron las separaciones de Arroyo y Locsin fue interpretada como un esfuerzo extremo por tranquilizar a la ciudadanía.

PARTES POCO LEGIBLE

01-01

8709172.

EL VICEPRESIDENTE CRITICO A AQUINO POR TENER "SIMPATIZANTES COMUNISTAS" EN EL GABINETE

Crisis en el gobierno de Filipinas por la política hacia la insurgencia

Agencia AFP



Vicepresidente filipino Salvador Laurel: críticas.

Agencia AFP



Presidenta filipina Corazón Aquino: más presiones.

La presidenta Corazón Aquino aceptó ayer las renuncias del ministro de Finanzas, Jaime Ongpin, y de sus comisionados de Aduanas e Inmigración. El vicepresidente Salvador Laurel anunció, paralelamente, su dimisión "irrevocable" al cargo de canciller, al negarse a compartir un gabinete "con cierta gente que simpatiza con los comunistas", un argumento que coincide con los planteos realizados el mes pasado por los militares que intentaron un golpe de Estado.

MANILA, 16 (AFP, AP, Reuter y UPI). — El vicepresidente filipino, Salvador Laurel, renunció hoy a su cargo como canciller, después de negarse a compartir un gabinete "con cierta gente que simpatiza con los comunistas".

Laurel, quien sin embargo decidió conservar su cargo de vicepresidente, anunció el carácter "irrevocable" de su dimisión en una conferencia de prensa, después de haberse entrevistado durante dos horas con la presidenta Corazón Aquino en el palacio presidencial de Malacañang.

Todos los integrantes del gabinete habían presentado sus renuncias formales la semana pasada, para que la primera mandataria dispusiera con absoluta amplitud sobre la conformación del nuevo equipo de gobierno, después del sangriento intento golpista el 28 de agosto pasado.

Laurel dijo que su decisión era tomada a raíz de "diferencias irreparables" con la presidenta sobre la política antiinsurgente.

"No creo que pueda seguir trabajando con gente que no está de acuerdo con mis principios. No puedo comprender por qué debemos tener a cierta gente en el gobierno que simpatiza con los comunistas", dijo Laurel en su encuentro con la prensa.

El renunciante canciller no ha ocultado sus propias ambiciones presidencialistas, e insinuó que usará su cargo de vicepresidente para perseguir sus propios fines: "Continuaré haciendo lo que pueda con mayor libertad. No estaré atado ya más por las limitaciones de ser un miembro del equipo", aseguró.

Aunque no dio nombres, los observadores aquí en Manila consideraron que su alusión a integrantes del gobierno apuntaba principalmente al principal asesor presidencial, el secretario ejecutivo Joeker Arroyo.

Los analistas señalaban la coincidencia del planteo hecho por Laurel con uno de los principales reclamos de los rebeldes acaudillados por el coronel Gregorio "Gringo" Honasán: un "endurecimiento" de la política asumida frente a la guerrilla comunista del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP).

Recordaron entonces la visita que Laurel realizó a los cuarteles militares un día después de sofocado el motín.

Apenas dos horas después que Laurel anunciara los motivos de su dimisión, la presidenta Aquino transmitió un mensaje a todo el país por radio y televisión, donde se esforzó por reafirmar su decisión de continuar la lucha contra la guerrilla.

Recordó la presidenta que "aun mientras exploraba el sendero de un fin negociado a la insurgencia, dejé muy en claro que si las negociaciones fracasaban no vacilaría en empuñar la espada de la guerra".

A juicio de varios observadores, Aquino se apresuró a contestar las acusaciones del vicepresidente, para restarle márgenes a Laurel en su intento de acaudillar la causa anticomunista en el archipiélago, una posición muy del gusto del ejército.

Es que las disidencias señaladas por Laurel golpearon en uno de los puntos más débiles del gobierno: la propia figura del general Fidel Ramos, máximo jefe militar y verdadero sustento de Aquino ante los repetidos intentos golpistas originados en el mismo seno de las fuerzas armadas, está actualmente cuestionada por sectores de la oficialidad que consideran insuficientes las acciones antiinsurgentes.

El ex ministro de Defensa y actual senador Juan Ponce Enrile se apresuró a adelantar que Laurel sería bien recibido en las filas opositoras. El vicepresidente, sin embargo, aclaró que sus disidencias no lo llevarán a jugar un papel de opositor sino de "fiscalizador".

En su discurso de hoy la presidenta Aquino anunció que el general (R) Manuel Yan, hasta ahora subsecretario de Relaciones Exteriores, pasa a ocupar la Cancillería.

Esa decisión fue interpretada como una concesión a los militares, al igual que la designación del general Salvador Misón, ex comandante segundo del ejército, al frente de la Dirección de Aduanas.

En la Secretaría de Finanzas, Jaime Ongpin fue reemplazado por el hasta ahora ministro de Trabajos Públicos, Vicente Jayme. Ongpin, hombre de relaciones en la comunidad financiera internacional, era un ferviente partidario del pago estricto de la deuda externa filipina, cercana a los 30.000 millones de dólares.

037

Clarín 17/9/87

01-01

8709173

037

 LA MAÑANA 5/9/87

(FILIPINAS) NORA

Oficiales serán sometidos a Consejo de Guerra

Ileto descartó amnistía a golpistas y ley marcial

El Ministro de Defensa filipino descartó ayer la imposición de la ley marcial en el país y una amnistía para los militares rebeldes que perpetraron el quinto intento de golpe de Estado contra la Presidenta Corazón Aquino, el pasado 28 de agosto.

MANILA. (ANSA, EFE y UPI).- Según el Ministro de Defensa, Rafael Ileto, los oficiales que dirigieron el intento de golpe de Estado de hace una semana serán sometidos a un consejo de guerra pero la mayoría de los soldados participantes serán puestos en libertad.

Ileto dijo que la mayoría de los 800 soldados detenidos por su participación en la rebelión creyeron que iban a realizar maniobras o a defender el Cuartel General del Ejército.

El Ministro descartó la imposición de medidas extremas para hacer frente a la actual situación de crisis e inestabilidad, como por ejemplo declarar la ley marcial.

"Esta no es por ahora necesaria -dijo- y sólo lo será en caso de que se deteriore gravemente la situación".

En rueda de prensa, Rafael Ileto dijo que recomendaría a la Presidenta Corazón Aquino otras medidas para superar la crisis desatada tras el frustrado golpe del Coronel Honasan, en el que murieron 53 personas y cerca de 300 resultaron heridas.

Ileto añadió que cerca de un millar de oficiales y soldados detenidos en relación con la trama golpista, que se encuentran en dos barcos de la Armada anclados en la bahía de Manila, serán juzgados por un consejo de guerra.

"Perderíamos la confianza popular con medidas como la ley marcial o la supresión del derecho de habeas corpus", afirmó Ileto.

LUCHA CONTRA LA GUERRILLA

El Ministro de Defensa también dijo que los últimos acontecimientos prácticamente no alteraron las operaciones militares contra insurgentes de las Fuerzas Armadas y contra los 23.000 guerrilleros comunistas que operan en Filipinas.

Desde la fallida conspiración golpista de la semana pasada, al menos 32 militares y 50 rebeldes del Nuevo Ejército del Pueblo, el brazo armado del ilegal partido comunista filipino, resultaron muertos en combates librados en todo el país.

Por su parte, la Presidenta Corazón Aquino, aseguró que la lucha contra la guerrilla comunista no va a relajarse y reconoció que el pueblo está impaciente por ver resultados en su gestión de gobierno.

La presidenta se refirió a los últimos ataques guerrilleros, los peores en lo que va de año.

También dijo que desde el comienzo de la ofensiva gubernamental contra la insurrección comunista, hace tres o cuatro meses, se ha detenido el crecimiento de la guerrilla.

En un acto desarrollado en Campo Aguinaldo, sede del Cuartel General de las fuerzas armadas, Aquino también reconoció que "nuestro pueblo está impaciente por ver resultados (en la gestión del gobierno)".

"Nuestro objetivo es lograr el progreso del pueblo y sacarle de la pobreza y para ello tenemos que actuar con velocidad y eficacia", dijo la presidenta.

En tanto, sigue la búsqueda del coronel Gregorio Honasan, héroe de la revolución de febrero de 1986 y ahora en situación de rebeldía contra el gobierno y sus superiores como cabecilla del golpe del pasado viernes.

Su hermano, Don Honasan, fue detenido ayer tras un registro de su casa en el que se encontraron un rifle M-16 y varias pistolas, armas calificadas por las autoridades como de gran potencia.

Los controles militares en varias zonas del país, entre ellas los accesos a Manila y el interior de la capital, se mantienen, aunque no hay informes de movimientos o acciones de tropas rebeldes.

Varios medios de comunicación nacionales y extranjeros han recibido llamadas anónimas dando cuenta de movimientos de tropas rebeldes e informaciones similares.

Ello se debe a una campaña de desinformación y desestabilización lanzada por seguidores de los rebeldes que pretenden sembrar un clima de tensión y confusión en el país.

037

Corazón Aquino enfrenta nueva crisis de gobierno

MANILA. — La presidenta filipina, Corazón Aquino, aceptó las renuncias del canciller Salvador Laurel (que es también el vicepresidente) y del ministro de Finanzas, Jaime Ongpin, anunció la propia jefa de Estado hoy aquí por televisión.

Laurel conserva su cargo de vicepresidente. Como canciller, puesto al que renunció por "diferencias básicas" con Aquino, será reemplazado provisionalmente por el viceministro de Relaciones Exteriores, Manuel Yan. Ongpin será reemplazado por el actual ministro de Obras Públicas, Vicente Jayme.

Aquino anunció que se producirán más cambios en el equipo gubernamental. El Gabinete le había presentado renuncia en bloque tras el cruento intento de golpe de estado militar del mes pasado.

La renuncia "irrevocable" de Salvador Laurel, también vicepresidente filipino, a la cartera del Exterior cayó ayer en Manila como una bomba política de relojería preparada desde hace tiempo.

Durante una conferencia de prensa, Laurel justificó su rompimiento con la presidente con "diferencias fundamentales" entre él y Corazón Aquino. Salvador "Doy" Laurel —un hábil abogado y multimillonario de 58 años, padre de ocho hijos, descrito como un hombre agradable y muy audaz— afirmó que el círculo interno del Gabinete de la señora Aquino lo excluyó de importantes decisiones políticas.

Nuevo canciller

Entre tanto, Corazón Aquino anunció el nombramiento del general retirado Manuel Yan como nuevo ministro del Exterior. Nuevo ministro de Finanzas será Vicente Jayme, quien reemplazará a Jaime Ongpin. Jayme ocupaba el Ministerio de Obras Públicas, que fue confiado ahora a una "cara nueva", el Dr. H. Estuar.

Sin embargo, esta última escalada de la crisis política no llegó tan inesperadamente, pues era un secreto a voces que desde hace tiempo había fricciones entre Laurel y la presidente.

Los observadores políticos en Manila opinan que con su renuncia, Laurel ha puesto las vías para una nueva lucha por el poder en las Filipinas, es decir por la presidencia, ya que el político no ha renunciado a su cargo de vicepresidente elegido. Laurel es además el indiscutido líder de la "Organización Nacionalista Demócrata Unida" (UNIDO), creada en 1980 como agrupación opositora al régimen de Ferdinand Marcos, y que está respaldada por los empresarios, terratenientes y por la clase media en general.

Después del fracasado golpe militar, encabezado por el coronel Gregorio "Gringo" Honasan —quien sigue prófugo y sobre quien corren rumores de estar refugiado en un campo militar estadounidense — surgió en las discusiones políticas cada vez más la pregunta que si era factible una alianza táctica entre Laurel y el líder de la oposición de centro-derecha del ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile.

Laurel, a quien se atribuyen fuertes ambiciones políticas, es hijo de una antigua familia de terratenientes y políticos. Su padre fue vicepresidente de las Filipinas durante la ocupación japonesa de 1943 a 1945.

Ahora ha surgido la pregunta que si Salvador Laurel también tiene madera de presidente. De acuerdo a la constitución filipina, las próximas elecciones presidenciales se celebrarán en 1991. Empero, en la actual inestabilidad política, lo imprevisto parece del todo imaginable.

Sólo una semana después de la más sangrienta intentona golpista durante el gobierno de Corazón Aquino, Laurel ya estaba juntando puntos a su favor dentro de las Fuerzas Armadas divididas. En un principio, Aquino le había encargado sondear el ambiente entre los soldados y jóvenes oficiales. Sin embargo, en las reuniones, Laurel planteó cuestiones que los militares acogieron con aplauso.

Sus planteamientos correspondieron claramente a las exigencias que el líder rebelde, Gregorio Honasan, dirigió a la señora Aquino: aumento de sueldo para los 160.000 hombres de las fuerzas armadas y una "limpia" del aparato gubernamental y militar de ministros y comandantes supuestamente incapaces.

01 - 01

8709195

037

Ofrecerán recompensa por terroristas

Funcionarios y militares filipinos en lista negra

MANILA. (ANSA y EFE).- Altos funcionarios del Gobierno y de las Fuerzas Armadas filipinas están incluidos en las listas negras de los grupos terroristas, manifestó ayer el Vicejefe del Alto Estado Mayor del Ejército, general Renato de Villa.

El general dijo a la prensa, al final de una reunión de altos jefes civiles y militares en el Cuartel General de Ejército, que el Jefe del Estado Mayor, general Fidel Ramos, pedirá al Ministerio de Defensa que autorice una recompensa de 250.000 pesos (unos 12.500 dólares) a las personas que faciliten información que conduzca a la captura de los tres presuntos asesinos del titular de Gobiernos Locales, Jaime Ferrer.

Anteriormente, el Gobernador de Manila, Jejomar Binay, anunció una recompensa de 50.000 pesos (unos 2.500 dólares).

Ferrer, de 71 años, conocido por su militancia anticomunista y responsable del desmantelamiento de la maquinaria política de la dictadura, fue asesinado el pasado día 2 en las inmediaciones de su residencia en el distrito de Paranaque, en Manila.

SOSPECHOSOS

En relación con el asesinato del primer miembro de un gabinete en la historia del país, la Policía filipina detuvo el martes a dos sospechosos, Gerry Justo, de 21 años, y Amelil Malaquiok, contra quienes, hasta ahora, no presentó cargos por falta de pruebas.

Según De Villa, Justo estuvo merodeando por la zona del asesinato, declaró uno de los testigos, mientras Malaquiok, conocido como Comandante Rony -un antiguo rebelde secesionista musulmán que se entregó con sus tropas durante el régimen de Marcos-, fue invitado a declarar.

La prensa filipina, citando fuentes militares, señaló que Malaquiok es un conocido líder de los leales a Marcos, y se presume que pueda ser el cerebro del complot para asesinar al Ministro Ferrer.

La Presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, ordenó un estricto control de las armas de fuego en el país, donde se cree que unas 500.000 de diferentes calibres carecen de la apropiada documentación y permisos reglamentarios.

Por otra parte, la Oficina de Prensa del Ejército informó ayer que al menos cinco personas resultaron muertas, entre ellas el teniente de Alcalde, en un ataque de unos 100 guerrilleros comunistas al Ayuntamiento de la localidad de Bangui, en la provincia de Ilocos, al Norte de la isla de Luzón, a unos 400 kilómetros al Norte de Manila.

Indicó que los guerrilleros pertenecían al Nuevo Ejército del Pueblo, brazo armado del Partido Comunista Filipino.

Agregó que el Jefe del Estado Mayor del Ejército, general Fidel Ramos, ordenó el traslado desde la capital de dos compañías rangers de Infantería, para reforzar a las fuerzas gubernamentales en esa provincia.

LA MAÑANA

20 SET. 1987

01-01

870924

Una gigantesca misión detectivesca que abarca a tres continentes para recuperar una fortuna

Más de dos millones de documentos están siendo analizados en una gigantesca misión detectivesca que abarca a tres continentes, tratando de recuperar el tesoro que el ex presidente Marcos sacó de Filipinas. La revista estadounidense "Business Week" hizo una exhaustiva investigación del tema, que se vuelca en esta nota. El magnate árabe Adnan Kashoggi fue uno de los que ayudó a Marcos a sacar valiosos cuadros que incluían obras de El Greco y Gauguin. Los juicios contra el ex hombre fuerte acumulan alrededor de 100 mil millones de dólares. El gobierno de Aquino intenta recuperarlos. El salario de Marcos como presidente era de 5500 dólares mensuales.

FILIPINAS

A LA BUSQUEDA DEL TESORO DE MARCOS

En un clima de intriga digno de James Bond, el rastro llevaba a la Riviera francesa. Apenas había aterrizado ese día de junio del '86 en Niza el jet DC-8 de Adnan Khashoggi, cuando una docena de baúles conteniendo valiosas pinturas fueron descargados y conducidos a su elegante yate, el Nabila. Semanas más tarde las obras de arte fueron mudadas al departamento monegasco del traficante de armas saudita, de acuerdo a investigadores filipinos que, a su vez, citaron a empleados de Khashoggi como testigos oculares. Una noche cercana a la Navidad las pinturas fueron devueltas al yate y luego, a principios de abril, transportadas al lujoso departamento que Khashoggi posee en Cannes. Pero cuando agentes estadounidenses, franceses y filipinos arribaron allí con una orden de registro, las obras de arte se habían esfumado.

¿Por qué este juego a las escondidas? El gobierno de Corazón Aquino dice que las telas están entre las 177 que el ex presidente Ferdinand Marcos y su esposa, Imelda sustrajeron al Estado filipino. Algunas, todavía, están siendo escondidas por su buen amigo Khashoggi y muchas están todavía desaparecidas, dice el gobierno filipino.

Las telas, que incluyen trabajos de El Greco y Gauguin, son sólo uno de los objetivos del hercúleo esfuerzo que está realizando la Comisión Presidencial sobre Bienes del Gobierno, para recuperar la fortuna ilícita erigida por la familia Marcos y sus allegados durante sus 20 años en el poder. Mientras que los llamados "Marcos y Compañía" estaban desplumando al Estado por un valor estimado en los 10 mil millones de dólares, de acuerdo a la comisión, la economía filipina se convirtió de una de las más prósperas de Asia en una de descarte. En los días en que Marcos cayó en desgracia, 18 meses atrás, 70% de los filipinos estaban viviendo en la pobreza, cifra que no superaba 48% en 1965, cuando Marcos se convirtió en presidente. Comprensiblemente, el nuevo gobierno quiere recuperar todo el dinero que pueda.

Intentarlo ha requerido un esfuerzo detectivesco que abarca tres continentes e incluye desde revisar los apartamentos de la glamorosa Riviera hasta la improba tarea de analizar casi dos millones de documentos. "Es la caza del tesoro, un trabajo extraordinario de ensamblaje y análisis de pistas" dice Mary Concepción Bautista, una de las cinco comisionadas que están rastreando el botín.

Ahora la búsqueda se ha intensificado. En julio la comisión inició una batería de 35 juicios en Manila contra los Marcos y unos 300 asociados suyos. Los juicios son por un total de 100 mil millones de dólares, incluyendo daños. Docenas de otros juicios en los Estados Unidos y Suiza se estaban desarrollando ya, algo que mantendrá ocupados por muchos años a legiones de abogados. Aun ahora la búsqueda de los millones de Marcos está abriendo nuevos surcos en las leyes y finanzas internacionales. Dice Severina Rivera, que está coordinando las investigaciones de la comisión en los Estados Unidos: "Estamos sentando precedentes acerca de lo que los dictadores pueden hacer. Es la primera vez que un país ha juzgado a un dictador que ha robado miles de millones y se ha escapado". Agrega Franklin Siegel, un abogado neoyorquino que ha colaborado con la comisión: "Los juzgados de los EE.UU. efectivamente han dicho: Vamos a reconocer los derechos de los extranjeros a que usen los juzgados estadounidenses para actuar en contra de funcionarios que hayan malversado la confianza pública de sus países".

A pesar de la enérgica investigación de la comisión, gran parte de la riqueza escondida probablemente nunca se recobre. Los Marcos enterraron su fortuna en fundaciones de Lichtenstein, compañías petroleras de las Antillas Holandesas, cuentas bancarias codificadas en Suiza y detrás de inconspicuos testaferros filipinos. A veces los investigadores deben ir desbrozando una docena de capas de testaferros y aun así los nombre propios de los Marcos raramente aparecen en las acciones o los certificados.

Asimismo está el desafío de separar los hechos de la ficción en la caza del tesoro de Marcos. El dictador depuesto se ha vanagloriado de que tiene miles de millones de dólares en oro escondidos en las Filipinas. Sin embargo, el presidente de la comisión Ramón Díaz atribuye esto al "vuelo de su imaginación".

• Logro

Aunque la comisión ha tenido éxito en persuadir a los tribunales extranjeros que congelen las riquezas de Marcos fuera de las Filipinas, traerlos de vuelta ya es otra historia. Las leyes de secreto bancario en Suiza y el fracaso de Manila de acusar penalmente a Marcos, han trabado los esfuerzos para recuperar los 1250 millones de dólares que Marcos y Compañía han depositado en ese país. Transferir la propiedad de muchos de los inmuebles estadounidenses de Marcos al gobierno filipino puede requerir que los tribunales estadounidenses deban pronunciarse sobre tópicos generalmente considerados fuera de su jurisdicción, como por ejemplo determinar si la pareja usó fondos filipinos



En el exilio, Marcos y su [...] niegan los cargos que le hace el gobierno de C[...] Aquino. Los juicios contra él suman [...]000 millones.

hados para comprar las p[...] piedades. Hay sentencias es[...] dounidenses contradictori[...] sobre si Marcos está protegi[...] do por la inmunidad de to[...] jefe de Estado en relación [...] hechos privados que hubie[...] realizado mientras era pre[...] dente.

Los Marcos en sí, tambi[...] son un problema. En uno [...] los casos judiciales en [...] EE.UU., cada uno de ellos i[...] vocó 250 veces la Quinta E[...] mienda de la Constitución, [...] sus testimonios hechos en H[...] nolulu. Desde su exilio all[...] Marcos rebate las acusaciones que se le han hecho com[...] "pura y simple propaganda negra". El niega tener cuentas bancarias en Suiza, refuta los cargos de que posee propiedades en los Estados Unidos y acusa al gobierno de Aquino de estar acosándolo.

Aun así, los filipinos tienen mejores chances de recuperar algunos de sus bienes, que países como Irán y Nicaragua, que han fracasado en sus intentos de recuperar las fortunas de gobernantes depuestos. Una razón clave: Marcos fu[...] un hombre prolijo que dej[...] detrás de sí un largo rastro [...] papeles.

Minutos después de que [...] helicópteros estadounidenses se llevaron a los Marcos alrededor de las 10 de la noche [...] 25 de febrero de 1986, turbas alborozadas inundaron el p[...]lacio de Malacañang. Ju[...] con nueve pianos de cola, [...] enormes frascos de perfume de Imelda y su famosa colección de corpiños y zapatos, [...] encontraron tres máquinas

[...]adoras de documentos re-[...] [...]tas hasta el tope y monto-[...] [...]s de documentos. Los hom-[...] [...]es de Aquino obtuvieron el [...]ontrol del palacio recién a [...]edianoche. El 28 de febrero, [...]diante su primer decreto, la [...]eva presidente creó la comi-[...]ón. Al día siguiente, dos do-[...]nas de valijas repletas de pa-[...] [...]eles encontrados en Malaca-[...]ñang fueron enviadas a Jovi-[...] R. Salonga, el primer pre-[...]sidente de la comisión.

• Salonga

Salonga, ahora de 62 años, [...] el candidato natural. Co[...] senador en la década del [...], él había propuesto la im-[...]gnación de Marcos tras ha[...] conducido una investiga-[...] de las cuestionables inver-[...]nes realizadas por el presi-[...]nte. A mediados de marzo [...] año pasado Salonga esta-[...] en los EE.UU., cuyas auto-[...]dades le entregaron 2300 do-[...]mentos capturados a los [...]arcos luego de su arribo a [...]awaii.

Después de 17 meses de ras-[...]o, los investigadores declararon que habían identificado [...]s métodos que Marcos había usado para saquear su [...]ís: aceptar sobornos o comi-[...]ones en negocios particulares [...] cambio de conceder favo-[...]s; expropiar propiedades pú-[...]das; arreglar préstamos de [...]ncos gubernamentales p[...] [...]s secuaces; sustracciones al [...]soro público; distraer ayu-[...] o préstamos de otros go-[...]rnos y la creación de mono-[...]lios puestos en manos de [...]gados.

Juntando recibos de pago de impuestos como si formaran un rompecabezas, la comisión reprodujo los impuestos a las ganancias de Marcos en los últimos 20 años. Desde 1963 a 1984, Ferdinand Marcos habría tenido una ganancia, libre de impuestos de 224.750 dólares. Imelda, que en determinado momento fue gobernadora de Metro Manila y miembro del gabinete reportó una ganancia neta de 100.000 dólares. En 1985, su último año entero en calidad de presidente, el salario de Marcos fue de 5500 dólares.

A pesar de estos modestos salarios, la pareja estaba depositando miles de dólares en bancos suizos desde por lo menos 1968, el tercer año de la presidencia de Marcos. Ese año los Marcos abrieron cuatro cuentas en la casa central del Crédit Suisse en Zürich. Dos de las cuentas estaban registradas a nombre de otros tantos seudónimos de los Marcos, William Saunders y Jane Ryan, y las otras dos a sus nombres reales. Marcos inclusive practicó varias veces la firma de "Saunders" sobre un papel de la presidencia que fue encontrado en el palacio.

En una carta fechada el 21 de marzo de 1968, C. Walter Fessler, por ese entonces director de Crédit Suisse en Zürich, acusó recibo de 950.000 dólares para depositar en esas cuentas. Para asegurar el secreto de las transacciones en esas cuentas, palabras en código como plywood y coopper eran usadas. Toda la correspondencia debía ir a la casilla de correo 4539, en Manila, en un sobre doble.

A principios de la década del '70 las cuatro cuentas totalizaban más de un millón cien mil dólares. Marcos pidió a un agente en Zürich que creara la Fundación Sandy en Vaduz, Lichtenstein, con una inversión inicial de 100.000 francos suizos. El dispuso entonces que fueran cerradas las cuatro cuentas suizas y la plata fuera transferida a esta fundación, que a su vez abrió otras dos cuentas en Credit Suisse. Si los Marcos querían retirar dinero de la fundación, mandaban un telegrama con las palabras "Cumpleaños Feliz" al representante del banco suizo en Hong Kong, señalando con esto que querían que los visitara en Manila. El podía contactarlos a través del entonces coronel Fabián Ver, quien luego se convirtió en el jefe del estado mayor de Marcos. Hacia fines de 1980 las cuentas de la Fundación Sandy habían crecido hasta alcanzar la cifra de 25.883.037 dólares.

Los documentos enumeran toda una tanda de otras cuentas suizas a nombre de fundaciones ligadas a los Marcos: la Fundación Valamo tenía 65.512.977 dólares al 29 de diciembre de 1980; la Fundación Avertina registraba [illegible] al 31 de diciembre de 1983 y la Fundación Vibur contabilizaba 2.576.773 en la misma fecha. La comisión cree que el

Cont. en pág. 1[...]

El tesoro de Marcos

Viene de pág. central

grueso de la fortuna de Marcos en Suiza está distribuida en, por lo menos, 15 cuentas.

Tan sólo cuatro meses después de la revolución, Michael De Guzmán, un socio filipino de Marcos, presentó ante Credit Suisse en Zürich dos cartas firmadas por los Marcos y autorizándolo a actuar en sus nombres. Cuando Guzman trató de retirar 213 millones de dólares de las cuentas de Marcos, el banco le pidió que volviera al día siguiente. Los funcionarios del banco derivaron inmediatamente el asunto al gobierno suizo, que esa misma noche congeló todas las cuentas que hay en Suiza relacionadas con Marcos. Fue un paso sin precedentes, tomado antes de que los suizos hubieran recibido un pedido formal del nuevo gobierno filipino.

Desde ese momento, Marcos ha perdido una sixtra de procesos judiciales en Suiza. El 1 de julio la Corte Federal de Suiza dictaminó que las autoridades judiciales suizas pueden asistir a las filipinas y que el secreto bancario respecto de las cuentas puede ser levantado. Aun así, una larga confrontación legal se perfila sobre la cuestión de si los suizos pueden entregar fondos a los juzgados filipinos antes de que los casos pendientes sean completados.

A principios de la década del '80, los Marcos —particularmente Imelda— se convirtieron en grandes jugadores en el ruedo del mercado inmobiliario internacional. La comisión está tratando de recuperar cuatro propiedades en Manhattan que los Marcos habrían comprado a través de una telaraña de agentes y compañías petroleras.

Aunque los juzgados estadounidenses han congelado toda posibilidad de venta de las propiedades, Manila todavía está lejos de poder recuperarlas. Eso es así porque los Bernstein y Khashoggi reclaman ahora los inmuebles en cuestión. Los Bernstein dicen que tienen un contrato, firmado en 1986, para comprarle esos edificios a los Marcos. Khashoggi por su parte presentó un documento datado en 1985 y firmado por Tantoco quien asevera haber comprado las propiedades para él y no para los Marcos.

• Claves

Otras claves que conducen al tesoro escondido han provenido de antiguos secuaces que aceptan brindar información acerca de los Marcos a cambio de inmunidad judicial. A raíz de un arreglo de este tenor, celebrado en marzo pasado, Antonio Floirendo, un socio de Marcos entregó tres millones y medio de dólares en efectivo y ocho millones en propiedades inmuebles.

Floirendo es tan sólo uno de los secuaces de Marcos que le ayudó a devastar la economía filipina. Desde la industria de los cocoteros a la construcción, Marcos puso a un asociado a cargo de cada una de las industrias más importantes del país. Imponiendo impuestos confiscatorios u otorgando licencias de exportación lucrativas, Marcos podía hacer que se fundan sus adversarios y se enriquezcan sus amigos.

El ex presidente también financiaba a sus paniaguados. A instancias de Marcos, los bancos eran forzados a extender préstamos a sus asociados, a menudo para proyectos inviables e inclusive inexistentes. Cuando los proyectos de los paniaguados fracasaban, el gobierno pagaba la fianza correspondiente. Ahora el gobierno de Aquino está tratando de recuperar 7500 millones así gastados. Quiere privatizar bienes por valor de 5400 millones que el gobierno de Marcos estatizó en gran parte para realizar salvatajes de las empresas de sus allegados.

A veces el saqueo era más alevoso aún: virtuales asaltos al Tesoro público y sobornos de proveedores de los que fuere: desde plantas nucleares hasta mechazas importadas. Un documento firmado por Marcos en 1981 ordenaba al Banco Nacional de Filipinas depositar 20 millones de pesos para solventar los gastos de uno de los viajes al exterior de Imelda.

La organización de Marcos era tan extensa que la comisión maneja ahora una gran porción de la economía de Filipinas. Hasta ahora ha recuperado del botín de Marcos 23 plantaciones, 36 estaciones de radio, 18 estaciones de televisión, 29 aeronaves y 12,5 millones de dólares en joyas que pertenecieron a Imelda, incluyendo un par de aros de diamante de 80 mil dólares de valor comprados en Van Cleef & Arpels.

La comisión, con un presupuesto anual de dos millones y medio de dólares, está enterrada bajo una montaña de papeles. Un índice de los papeles encontrados en Malacañang tiene un grosor de 23 centímetros.

Aunque a muchos filipinos les encantaría ver a Marcos detrás de las rejas, hay pocas chances de que Filipinas o los Estados Unidos le permitan volver para ser enjuiciado. Mientras tanto, la maraña de procesos podría desarrollarse por espacio de décadas. "Va a tomar 20 o 30 años", dice Rafael Recto, ex abogado presidencial. "Todos estarán muertos para ese entonces".

02-02 870922S

Presentó su renuncia en pleno el gabinete filipino

Manila, 9 (UP) — El gabinete filipino renunció hoy en pleno, para permitirle a la presidenta Corazón Aquino reorganizar su gobierno y "aclarar la atmósfera", después de la serie de acusaciones provocadas por el conato de golpe de estado del mes pasado.

Once de los 24 miembros del gabinete ofrecieron su renuncia sin anuncio previo en una reunión que convocaron esta mañana. Los restantes, más cuatro asesores de la presidenta, fueron citados a una reunión de emergencia al mediodía, en la cual se sumaron a sus colegas renunciantes.

El vicepresidente Salvador Laurel, quien estaba de visita por las bases militares del sur del país, presentó su renuncia por vía telefónica al cargo de secretario de relaciones exteriores.



[Radiofotografía de Reuter]

La presidenta Corazón Aquino contesta una pregunta de un periodista, después de que el gabinete renunciara en pleno

Expectativas

El secretario de prensa, Teodoro Benigno, uno de los primeros en renunciar, señaló que la presidenta Aquino se mantuvo "serena" en la medida en que los ministros presentaron sus renuncias, en pedazos de papel escritos a mano, pero no indicó cómo procedería después.

"Ella no nos ha comunicado que haya aceptado nuestras renuncias", dijo. "De modo que continuaremos en funciones".

La mayoría de la Cámara de *Representantes*, que apoya firmemente a la presidenta, aprobó una rápida resolución felicitando a los ministros por su disposición. El presidente del Senado, Jovito Salonga, también elogió la decisión, diciendo que "esto muestra que el gobierno está respondiendo positivamente a la opinión pública".

Las renuncias, que Benigno calificó de "combustión espontánea" del gabinete, siguieron a doce días de tensiones y acusaciones que tuvieron su climax ayer, con la presentación del secretario ejecutivo Joker Arroyo ante el Congreso.

El asesor presidencial, que es jefe del ala liberal del gabinete, fue acusado por los militares de interferir en las operaciones contra los golpistas. También ha sido fuertemente criticado tanto por los militares que participaron del intento de golpe como por influyentes miembros del congreso y de la comunidad empresarial.

Arroyo pronunció un apasionado discurso ayer en el cual, entre otras cosas, cuestionó la lealtad de los militares y acusó de traición a tres destacados comerciantes, incluyendo al hermano mellizo del secretario del gabinete José Concepción.

Por su parte, Emanuel Soriano, director del Comité de Crisis de la presidencia, negó que las renuncias fueran una respuesta a las demandas de los golpistas dirigidos por el coronel Gregorio "Gringo" Honasan.

"Aclarar la atmósfera"

"Sólo analizamos los sucesos de las últimas semanas y consideramos que las cosas han llegado al extremo", afirmó. "Existe la necesidad de aclarar la atmósfera".

Fue ésta la segunda renuncia en masa del gabinete de la señora Aquino, justamente 10 meses después de los cambios que resultaron en la destitución del ministro de defensa Juan Ponce Enrile.

Enrile declinó comentar sobre las últimas renuncias, y sólo apuntó que "la selección y nombramiento de los miembros del gabinete es función del gobierno".

Anuncio de filipino golpista

MANILA. — El militar filipino Reynaldo Cabautan, emboscado en Filipinas y buscado por complicidad en golpes fallidos, comunicó ayer el propósito de formar un "gobierno transitorio nacionalista".

En declaración llegada en Manila se afirma que Cabautan no quiere formar una junta militar, sino "un gobierno transitorio nacionalista con civiles y militares".

Cabautan es correligionario del militar filipino Gregorio Honasan, también emboscado, que el 28 de agosto encabezó un golpe frustrado contra la presidenta de Filipinas, Corazón Aquino.

El periódico manileño "Bulletin" difundió ayer que el Partido Comunista Filipino (clandestino) constituyó un gobierno en la península de Bataan, al noroeste de la capital.

Por otro lado, un vocero del Ejército anunció que 25 personas murieron durante un ataque contra un campo de milicianos por guerrilleros comunistas cerca de Cagayan de Oro, al sur de Filipinas.

Unos 55 rebeldes, precisó, atacaron una posición gubernamental cerca de la ciudad de López Jaena. Los guerrilleros perdieron 15 hombres y mataron a cinco civiles y cinco milicianos.

Ante funerales de político asesinado

Advertencia en Filipinas



MANILA.- La esposa del asesinado dirigente izquierdista Leandro Alejandro (c.), a quien acompañan la Hermana Mary Mananzan y José Suárez, Presidente de la Alianza Nacional de Izquierd, informa en conferencia de prensa que los soldados deben mantenerse alejados del servicio fúnebre masivo que se realizará el martes en esta capital. La advertencia fue formulada con el fin de evitar confrontamientos y violencia. (Radiofoto Reuter).

La Tribuna 27-9-87

01-01 8709254

037

Coronel critica a la Presidenta filipina

"Sin duda, es una comunista"

MANILA (ANSA, EFE y [illegible]). — El coronel [illegible] Reynaldo Cabauatan, calificó ayer de comunista a la Presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, y dijo ser el autor de la proclamación de un gobierno provisional el pasado 29 de agosto.

Sin duda, la forma en que la señora Aquino gobierna claramente demuestra que es comunista, dijo el coronel Cabauatan en un comunicado dirigido a los miembros del Ejército y que leyó ante los periodistas reunidos en un edificio de Manila.

Cabauatan, que lideró el primer golpe de Estado contra Aquino en julio de 1986, pidió a la Presidenta que dimita para evitar violencia, explicando que si es necesario utilizaremos la violencia..., los comunistas son violentos.

Los comunistas controlan el ejecutivo y la legislatura. Corazón Aquino no es vuestra Presidenta. Es una ignorante, dijo al explicar que la junta civicomilitar se rige por la Constitución de 1935 y que los analistas tildan de pro norteamericana.

En el comunicado denuncia asimismo que los soldados amantes de la libertad son tratados por el Gobierno como criminales comunes, mientras que los detenidos comunistas viven en celdas con aire acondicionado.

El líder golpista, dado por prófugo desde la toma del canal 7 de televisión el pasado enero, recogió las declaraciones que hizo ayer el Presidente Salvado Laurel ante el senado, donde señaló que hay más de un centenar de simpatizantes comunistas en el Gobierno y que los dirigentes gubernamentales apoyan izar la bandera de la hoz y el martillo en el país.



La Presidenta de Filipinas, Corazón Aquino.

"ALIANZA TACTICA"

En el curso de la rueda de prensa, celebrada a primera hora de la noche de ayer, el coronel Cabauatan, identificado con las fuerzas leales al ex dictador Ferdinand Marcos, dijo que no ha llegado a ningún tipo de alianza táctica con el coronel Gringo Honasan, pero que su Ejército espera contar con su apoyo.

Cabauatan, mostró una carta dirigida a todos los militares, en la que presenta un programa de gobierno de nueve puntos y la formación de un gobierno provisional nacionalista.

Aunque no reveló la identidad de los que componen la junta ni el número de fuerzas de que disponen, admitió sin embargo, que hay políticos en el gobierno provisional.

Mientras, una emisora de radio señaló que tropas gubernamentales en 6 camiones y un vehículo acorazado ligero, fueron estacionadas en la entrada norte de Manila, en la localidad de Malinta.

El jefe del Alto Estado Mayor del las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, dijo a la misma fuente a su llegada al cuartel general después de inspeccionar las tropas en el acuartelamiento de Nueva Ecija, que el despliegue forma parte de una medida de precaución.

En julio del pasado año, Cabauatan, con atuendo militar y una pistola del calibre 45 al cinto, tomó con medio centenar de tropas el hotel Manila, mientras el anterior titular de Exteriores, Arturo Tolentino juraba como Presidente interino del país.

037

LA MANANA 29-9-87

Rebeldes intentaban aislar a Manila

Violentos combates contra la guerrilla en Filipinas

Las tropas regulares filipinas y los rebeldes del Nuevo Ejército del Pueblo, brazo armado del Partido Comunista, están empeñados desde ayer en violentos choques en las montañas al Norte y al Sur de Manila, después de la campaña decidida por el gobierno, para una primera demostración de fuerza tras el fracasado golpe de Estado de agosto pasado.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Fuerzas del Ejército filipino lanzaron ayer una ofensiva contra guerrilleros comunistas en zonas cercanas a esta capital para impedir el aislamiento de Manila.

La ofensiva intenta evitar que los guerrilleros controlen zonas cercanas a Manila y fue lanzada en la provincia de Bulacán, donde se han registrado violentos combates, y en la región de Bicol, donde las guerrillas volaron cinco puentes en el último mes.

Fuentes oficiales, sin dar detalles, dijeron que los combates arrojaron numerosas víctimas y que los guerrilleros intentaban aislar la capital de otras zonas del país.

Mientras tanto, un portavoz de la Presidenta Corazón Aquino negó ayer que el gobierno estuviera negociando con los rebeldes, y afirmó que los militares tienen mano libre para atacar a la guerrilla cuándo y cómo quieran.

DOCUMENTO CONFIDENCIAL

En otro orden, la Jefa de Estado negó ayer la existencia de un documento confidencial que presuntamente habían preparado los Servicios de Inteligencia del Gobierno (NICA) sobre los funcionarios gubernamentales de tendencias de izquierda.

La existencia de dicho informe fue revelada por el Vicepresidente, Salvador Laurel, que pidió autorización a la Jefa del Ejecutivo filipino para dar a conocer su contenido en el curso de su testimonio ante las dos Cámaras del Parlamento.

Laurel dimitió como titular de la cartera de Relaciones Exteriores debido, dijo, a diferencias fundamentales con Aquino en política de Estado a raíz de la crisis de gobierno que originó el último intento golpista.

En una carta al Vicepresidente, Aquino explicó que el director de NICA, el general retirado Rodolfo Canieso, le informó que desconoce la existencia de tal documento ni de su puesta al día el pasado setiembre, como señaló a los periodistas Salvador Laurel.

Su comparecencia ante el Congreso queda a su discreción (:..) parece que no hay nada que revelar, añadió.

Sin embargo Laurel fue fotografiado con una copia del supuesto documento secreto, que publica con una entrevista el diario conservador Independent de Manila.

01-01 8709277

VR

032

Separan a 33 generales filipinos

MANILA. — El comando militar filipino separó de sus puestos de mando a 33 generales y a otros altos oficiales, se informó ayer en Manila.

La medida afecta a altos militares especialmente de las regiones donde el grupo clandestino comunista "Nuevo Ejército Popular" lleva a cabo una guerra de guerrillas.

Una parte de los oficiales separados de sus cargos se encuentra "muy cerca" del coronel Gregorio "Gringo" Honasan, quien encabezó un golpe de estado frustrado el 28 de agosto pasado y actualmente se encuentra prófugo.

Entre las demandas de los golpistas figuran la renuncia del comandante en jefe del Estado Mayor, general Fidel Ramos. Al parecer, Ramos está tratando ahora de colocar en los puestos de mando a militares de su confianza.

El golpe frustrado de agosto fue el quinto y más peligroso vivido por la presidenta filipina Corazón Aquino.

Por su parte el comandante en jefe de las Fuerzas Armadas filipinas, general Fidel Ramos, pidió leyes más duras para luchar contra la guerrilla comunista y dijo que todo ciudadano debe tener una tarjeta de identificación.

Ramos dijo a la prensa que había pedido al Congreso leyes que permitan la mejor identificación de los guerrilleros, especialmente en las áreas residenciales donde a menudo se esconden.

8 Dic 29/9/87

01-01

8709281

HR

037

El Día 28/9/87

Combaten en Filipinas militares y guerrilleros



Corazón Aquino

MANILA. — Los militares informaron ayer de intensos combates con guerrillas comunistas cerca de Manila, mientras la presidenta Corazón Aquino dijo a la nación que estaba tomando medidas para detener la "destrucción" provocada por los rebeldes.

Las autoridades del cuartel general del ejército en Campo Aguinaldo dijeron que tenían sólo escasa información de los combates en la provincia de Bulacán, 55 kilómetros al noroeste de Manila, donde al menos 4 soldados de gobierno fueron heridos.

El jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, advirtió la semana pasada que una dramática ofensiva rebelde en la región de Bicol al sudeste de Manila podría ser una señal falsa para una verdadera ofensiva proveniente de la región norte de la capital.

Una vocera señaló que fuerzas combinadas de la Policía nacional y del Ejército se habían enfrentado con las fuerzas comunicaciones del nuevo ejército popular cerca del pueblo de Doña Remedios Trinidad y se trenzaron en una fuerte batalla gran parte del día.

Las comunidades con las fuerzas gubernamentales fueron cortadas en la tarde dejando a las autoridades de Manila sin información respecto a las bajas ocurridas, agregó la portavoz.

Corazón Aquino, en un comunicado radial condenó al NEP por sus acciones en Bicol. En la región sudoeste de la isla de Luzón, que ha sido aislada desde que fuerzas rebeldes volaron las líneas ferroviarias y cuatro puentes.

Dos batallones de fuerzas especiales antiguerrilleras del ejército regular han sido lanzados en paracaídas a la región y en una ofensiva han empujado a las guerrillas a sus refugios.

IR

Filipinas

03f

"REEDUCACION" PARA REBELDES. Manila, 7 (ANSA). — Los más de 800 militares rebeldes detenidos a bordo de dos naves ancladas en la Bahía de Manila por la fallida insurrección contra el gobierno lanzada el 28 de agosto por el coronel Gregorio Honasan, fueron hoy trasladados a tierra para ser destinados a diversas unidades de las Fuerzas Armadas donde serán sometidos a cursos de "reeducación".

Según dijo un portavoz de la [illegible], gran parte de los [illegible] [illegible] a la fuerza.

01-01

8709383

FILIPINAS

037

Aquino y la relación con las FF.AA.

MANILA, 10 (UPI, AP, Reuter, EFE y ANSA). — En medio de la peor crisis política de los 18 meses que lleva en el poder, la presidenta filipina Corazón Aquino se reunió hoy con los integrantes del flamante Consejo de Estado para considerar la reorganización del gabinete, y pidió a los miembros del organismo consultivo "más esfuerzos para estrechar las relaciones con las fuerzas armadas".

Cory Aquino presidió el encuentro con el "consejo de Estado ad hoc" —según lo calificó el vocero presidencial— en el Palacio de Malacañang. Entre los asistentes se hallaban dirigentes del Congreso, el secretario de Defensa Rafael Ileto, un magistrado retirado del tribunal supremo y figuras destacadas del sector empresarial.

El asesor del gobierno, Emmanuel Soriano, reveló que durante la reunión la jefa de Estado había sido consultada sobre una posible reorganización de las fuerzas armadas. "Una consecuencia importante de la reunión" —añadió— "es que el componente civil del gobierno deberá apoyar más al ejército para que no se sienta aislado en su lucha contra los insurgentes".

Esta es la primera vez que la presidenta convoca al Consejo, un organismo integrado por 15 representantes de diferentes sectores sociales. La reunión duró más de dos horas y a su término el vocero presidencial, Teodoro Benigno, declaró que se habían abordado temas referentes al orden público y al objetivo de aliviar la pobreza del país.

♦ Pide apoyo popular

Ayer, 26 ministros, 3 subsecretarios y el principal asesor presidencial, Joker Arroyo, presentaron su dimisión "espontáneamente". En un comunicado de prensa, Aquino anunció hoy que dará a conocer los cambios en el gabinete para "los próximos días, posiblemente el fin de semana".

Un despacho de la agencia DPA indica que el general Fidel Ramos, jefe de las fuerzas armadas, había ofrecido hoy su renuncia.

En un discurso trasmitido hoy a todo el país, la presidenta Aquino pidió el apoyo de la ciudadanía a su gobierno, defendió los logros de sus 18 meses en el poder y aludió a los desastrosos efectos que tuvo sobre la economía el reciente intento golpista.

El discurso duró unos 40 minutos. La gobernanta propuso una manifestación masiva de respaldo popular y requirió apoyo a la ciudadanía, "especialmente en estos momentos, cuando aún hay elementos abocados a derrocar este gobierno... Mi promesa es que trabajaremos para darles el gobierno que debemos darles, porque ustedes nos pusieron en el poder".

Clarín 11/9/87

01 - 01 8709389

037

Una azucena roja para Corazón Aquino

La señora Presidenta de Filipinas parece haber sorteado, con relativa fortuna, la cuarta o quinta intentona realizada para derrocarla.

Las tropas sublevadas atacaron el palacio presidencial y la sede del Canal 4 de televisión gubernamental.

Esas tropas se hallaban al mando del Coronel Gregorio Honassan, ex ayudante de Juan Ponce Enrile. Juan Ponce Enrile, como Jefe de Estado Mayor del Presidente Ferdinando Marcos, a quien se imputara la muerte de Benigno Aquino, esposo de la actual Presidenta, fue quien derrocó a su propio Presidente y facilitó la elección de "Cory" Aquino. También Honassan había participado en el motín que terminara con el Gobierno del Presidente Marcos.

Los sucesos ocurridos pueden constituir una reyerta de centuriones, como en la Roma de la decadencia, a menos que sean sinceros estos revolucionarios que inculpan a Cory de no combatir suficientemente al comunismo o proclaman su propósito de salvar a los niños. A la invocación del comunismo ya estoy acostumbrado. Lo que para mí resulta una novedad es que se apele a los derechos de la infancia para justificar un golpe de mano.

—— oo O oo ——

Las Filipinas fueron liberadas por los norteamericanos, casi al mismo tiempo que Cuba, del poder español, en 1898. Esta fecha es importante. Los españoles hablan, genéricamente, del "Desastre". Se trataba de la liquidación definitiva del imperio español en las Indias. Ríos de tinta se han consumido para justificar, defender, atacar, abominar o hacer cualquier cosa, tanto por el "Desastre" como por la intelectual "generación del 98", donde meten, como en una bolsa de gatos, a Unamuno, Azorín, Baroja, Valle Inclán, Ortega y Gasset y a nuesto mismísimo Rodó.

Los americanos tienen en Cuba una base más o menos aeronaval en Guantánamo, dentro de la isla de Cuba, por la que pagan una renta que Fidel Castro se ha negado a cobrar. Los americanos poseen en las Filipinas una base que creo es la más importante del Pacífico, después de Hawaii, supongo. Paga unos mil millones de dólares anualmente por concepto de arrendamiento. Ferdinando Marcos, cuando el arriendo andaba por los 800 millones, exigió un aumento con la amenaza de transferirle a los rusos el contrato de arrendamiento de las dichosas bases. Reagan aceptó el aumento y las Filipinas obtienen buenos ingresos con los gastos que en las islas hacen los efectivos norteamericanos allí instalados.

—— oo O oo ——

Es fácil advertir que el problema no se agota en los muertos y heridos de la última aventura. Hay una guerrilla de 30.000 comunistas contra la que nada ha podido hacer, hasta ahora, el Ejército. Existe una minoría musulmana, en Mindanao, que proclama la autonomía del Gobierno central e incluso la secesión. Cory Aquino subió un 15% el precio de los combustibles y el pueblo de Manila se lanzó a las calles en la forma acostumbrada, sobre las que prefiero no insistir. Cory accedió a disminuir el aumento a la mitad. No apaciguó a nadie. Y ahora esto, en que llegó a decirse había perdido la vida uno de sus cinco hijos y en que el actual Jefe de Estado Mayor General Fidel Ramos afirma que ha llegado a un acuerdo de paz con Ponce Enrile. Parece que Fuerte Magsaysay, base de entrenamiento militar en Nueva Ecija, posee una guarnición que ha estado involucrada en todos los intentos anteriores.

—— oo O oo ——

Quien bien te quiere, te hará llorar. Los militares insurgentes que ayer te hicieron Presidenta, Cory Aquino, son los mismos que hoy tratan de hacer contigo lo que hicieron con Ferdinando Marcos, el asesino de tu marido.

Una de las novelas que más he leído es "La Azucena Roja", de Anatole France. La publicó en 1897. Ya habían pasado por París (y el mundo, naturalmente) el "realismo" del inmenso Flaubert y el "naturalismo" del minucioso Emilio Zola. Sin embargo, "La Azucena Roja" es, para mi gusto, una novela romántica. Su protagonista es una mujer casada que, como la heroína de "Madame Bovary", está aburrida de su marido y tropieza con el más exigente de los amantes. Un amante que todavía es de aquellos que, rodilla en tierra, entregaban una flor. Todavía era de aquellos que padecían hondas amarguras porque no habían sido los primeros en la vida amorosa de ellas. Se hacía eco del Adriano Banchieri de la "Mascherata de Villanele", que recogía el famoso piropo de un jovenzuelo: "Mi disse ler mattina / un giovinetto,/ perché non'o tal pulce / nel mio letto" (¡quién me diera el privilegio de ser aunque fuera una pulga de tu cama!). Todo transcurre en Florencia, cuyo emblema es una azucena roja, flor heráldica que el enamorado caballero invoca de continuo, pero que dice también:

"Los celos son, para los mujeres, resquemores de vanidades; en el hombre, son una tortura, honda como el sufrimiento moral, continua como el sufrimiento físico:

...amar es padecer... Sólo en ti puedo enterrar lo que de ti me daña". A Cory Aquino, su pasado la condena: los mismos que conspiraron con ella, conspiran ahora contra ella. ¿Que se trata de regímenes distintos? La pasión, sea la pasión amorosa, sea la pasión del poder, no se detiene en estas minucias: "Sin cesar te veo con él". Sin cesar, te vemos con nosotros, detentadores del poder, de la voluntad, de la ambición, a ti, a quien te hicimos elegir por los demás.

LA MAÑANA 10/9/87

01-01

8709393

Aquino tiene "mano libre" para la reorganización

Ministros de Gobierno presentan dimisión

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Todos los Ministros del Gobierno filipino presentaron ayer su dimisión al finalizar un consejo urgente en el Palacio presidencial de Malacanang.

"Fue una medida que se pensó en conjunto y no obedece a ningún tipo de presión, explicó a los periodistas el portavoz de la Presidencia", Teodoro Benigno.

La intención es darle a la Presidenta "mano libre" para la reorganización (del Gobierno), señaló el citado portavoz, quien añadió que ios Ministros seguirán en sus puestos hasta que se acepten sus dimisiones.

En cuanto al responsable de Exteriores y Vicepresidente, Salvador Laurel, que se encuentra visitando varios cuarteles del sur del país, Benigno informó que prometió presentar su dimisión.

La crisis de gobierno se produjo a raíz del intento golpista del Coronel Gregorio Gringo Honasan, ocurrido el 28 de agosto, y en el que murieron medio centenar personas y cerca de 300 resultaron heridas.

Esta es la segunda vez que Corazón Aquino debe remodelar su Gobierno, desde que hace 18 meses asumiera la Presidencia de Filipinas.

La anterior reorganización se produjo en noviembre pasado, tras la conspiración de militares reformistas, que condujo a la dimisión del entonces Ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile.

El Congreso de Diputados recibió con aplausos el anuncio de la dimisión del Gobierno.

03f

Se acentúa insurgencia en Filipinas

MONTAÑAS DE LA SIERRA MADRE, Filipinas. — El reciente intento de golpe de Estado contra la presidenta Corazón Aquino allanó el camino para un régimen abiertamente fascista en las Filipinas, y ha dado a los guerrilleros una oportunidad para acentuar su insurgencia, dijo un vocero de los rebeldes.

Hay poco que la presidenta Aquino pueda hacer para impedir una creciente militarización del régimen, agregó el portavoz Saturnino Ocampo en una conferencia de prensa clandestina en las Montañas de la Sierra Madre, al sudeste de la capital.

Ocampo es un dirigente del Frente Nacional Democrático, ala política del Partido Comunista de las Filipinas, y ha estado en la clandestinidad desde que se interrumpieron en febrero las conversaciones con el gobierno para una cesación de hostilidades y un proceso de pacificación.

Los partidarios de la presidenta lanzaron ayer un nuevo movimiento, la "Coalición por la paz", al que adhieren varios grupos y que tratará de coagular alrededor de la viuda de Benigno Aquino (líder de la oposición a Marcos, asesinado hace cuatro años) el apoyo popular que en los últimos tiempos había disminuido. En los últimos 18 meses Cory fue blanco de cinco intentos de golpe de Estado.

01-01 8709461

HB

037

Clarín 24/8/87

Leyes severas para combatir guerrilla

Manila: planteo militar



MANILA.- Joker Arroyo, ex consejero de la Presidenta Corazón Aquino, durante su discurso ante un comité del Congreso, en el que afirmó que los medios de información estadounidenses han hecho un héroe del coronel Gregorio Honasan.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- El comandante en jefe de las Fuerzas Armadas filipinas, general Fidel Ramos, pidió leyes más duras para luchar contra la guerrilla comunista y dijo que todo ciudadano debe tener una tarjeta de identificación.

Ramos dijo a la prensa que había pedido al Congreso leyes que permitan la mejor identificación de los guerrilleros, especialmente en las áreas residenciales donde a menudo se esconden.

Mientras tanto, en las últimas horas la guerrilla destruyó una línea férrea en la provincia de Camarines Sur en un intento por cortar las líneas de aprovisionamiento militar entre Manila y esa zona, ubicada al sudeste de esta capital.

01-01 8709490

037

De la semana internacional 6/9/87

Situación inestable en Filipinas

Al tomar distancia, merced a las jornadas transcurridas desde que fuerzas sublevadas intentaron derrocar a la presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, cabe intentar un análisis acerca de la naturaleza de este golpe de Estado –quinta asonada en menos de un año y medio–, que aparece hasta el momento como el intento más eficiente, si cabe el término, de cuantos atentaron contra el actual régimen filipino.

Un coronel de personalidad singular y altamente profesionalizado, Gregorio Honasán, quien supo tener vinculación con algunos de los más duros opositores a Aquino –el ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile– movilizó a soldados de primera línea, se apoderó de una de las principales bases militares de Manila y arremetió en busca de la propia presidenta y sus más íntimos allegados. Fue guiado por la convicción de que cosecharía rápidas y fáciles adhesiones. Asimismo, que de esta manera impediría cualquier intento de reacción, especialmente de los sectores civiles para quienes Aquino es una figura insustituible.

El militar sublevado no contó con la tenacidad del comandante en jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, quien no se amilanó por la renuencia de las unidades del ejército más próximas para enfrentar a los rebeldes. Ramos, cuya adhesión a Aquino proviene más del deber que de la convicción, apeló a otras ramas de la milicia. Los infantes de marina, sin ningún compromiso y sin ninguna vinculación con el jefe rebelde, pusieron paréntesis a la intentona.

La sublevación, empero, no parece que se pueda dar por definitivamente derrotada. Replegados al centro del país, los rebeldes mantienen su actitud y, según se cree, conservan a su líder. Buscan aprovechar el prestigio que tienen en un ejército minado por las vacilaciones gubernamentales para profundizar la lucha contra los rebeldes separatistas musulmanes. Baste con citar que los 800 cadetes de la academia militar de Baguio iniciaron una huelga de hambre para interceder por los sublevados; al parecer, tras casi una semana de conflicto, todavía no han depuesto su actitud.

¿Un hombre solo?

Fue dicho que Honasán es un hombre singular. Inclusive pintoresco. Paracaidista y elemento de las fuerzas especiales, solía cultivar la compañía de una serpiente pitón, su compañera de saltos. Tiene fama de despiadado en la lucha y de reflexivo en los momentos en que se ocupa de la organización de sus hombres. No resulta una personalidad brillante. Es difícil, entonces, adjudicarle la paternidad exclusiva de un golpe que apunta a conmover –y modificar– las estructuras institucionales de uno de los aliados más confiables de los Estados Unidos. A expensas de un gobierno que, en su momento, apareció en el escenario mundial como la encarnación de la fuerza de la democracia y que, hasta el momento, conserva toda la confianza de la administración Reagan, cuya aquiescencia es indispensable para que pueda sobrevivir en ese medio altamente conflictivo.



La presidenta de Filipinas, Corazón Aquino

Todas las sospechas enderezan a responsabilizar al ex ministro Ponce Enrile, quien nunca ocultó su escasa tolerancia para con la fragilidad política de Aquino.

De acuerdo con esos indicios, los rebeldes parecerían aguardar, confiados, una segunda instancia, en la que habrían de disponer, necesariamente, de un respaldo más consistente.

También apunta en esa dirección la certeza de que la sublevación estuvo desligada de todo vínculo con el exiliado dictador Ferdinand Marcos. Resultó la primera, acaso, en cuyo seno fue imposible hallar toda intención de regresar al pasado.

La situación estabilizada revierte más en perjuicio de la presidenta que en contra de los rebeldes, que reclaman mayor energía contra la guerrilla musulmana y el retorno a la Constitución de 1935 y el llamado a elecciones generales.

El tiempo transcurre en perjuicio de la presidenta Aquino. La división de las Fuerzas Armadas la priva de un aliado interno sin cuyo concurso es improbable que pueda concretar un manda[illegible] consistente. La dilación obrará a lar[illegible] plazo en detrimento del prestigio del g[illegible]neral Ramos, principal elemento de c[illegible]hesión de los militares fieles a la invest[illegible]dura presidencial. O podría derivar e[illegible] un retiro del crédito que Ramos le h[illegible] venido concediendo a la presidenta, lo cual equivaldría al rápido desmoronamiento del Gobierno.

El sector disidente musulmán, en tanto, no se resignó a la pasividad. Una emboscada cruenta y otras escaramuzas entre guerrilleros y soldados demostraron la actividad –y la impunidad– de los secesionistas. Además, los jefes guerrilleros hicieron pública su adhesión a los rebeldes de Honasán: les ofrecieron sus fuerzas.

La certeza de que la dictadura de Marcos fue una experiencia desgraciada que no puede revivir ha cohesionado a los filipinos en torno de su presidenta. Pero no alcanza a ser la malla resistente que, en este momento, requiere una situación delicada; a punto tal que es caldo de cultivo para cualquier ej[illegible]cicio descabellado.

1R

037

La Habana 8/10/87

Ordenan cierre de tres emisoras de radio

Ramos advierte complot contra Corazón Aquino

El Gobierno de Filipinas ordenó ayer el cierre de tres emisoras de radio, mientras un jefe militar advirtió que los soldados rebeldes y los políticos derechistas intentarán llevar a cabo un golpe de Estados para restablecer el régimen encabezado por Ferdinand Marcos.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- El general Fidel Ramos, jefe de las Fuerzas Armadas de Filipinas, anunció ayer la existencia de una conspiración para derrocar a la Presidenta Corazón Aquino antes de un mes.

Afirmó Ramos que una coalición de grupos de la oposición que apoya al ex-Presidente Ferdinando Marcos, se ha conjurado para llevar a cabo el golpe de Estado y expresó su temor de que el Ejército no tenga capacidad suficiente para hacer frente a la conjura, que cuenta con fuerte apoyo político.

Por su parte, el Jefe del Comité de Crisis, Emmanuel Soriano, dijo que el complot era más peligroso que los previos cinco intentos de golpe, debido a la dimensión política.

En tanto, el vocero del Palacio de Gobierno, Teodoro Benigno, citó a Sorieno diciendo que "este golpe incluirá a toda clase de participación política que los militares no podrán manejar"

Si son sólo militares contra militares, entonces el Ejército los puede manejar", dijo Soriano. "Pero si involucra la oposición politica ya es cuestión de que todo el gobierno se encargue".

CIERRAN EMISORAS

Coincidiendo con estas afirmaciones, el gobierno ordenó ayer el cierre de tres emisoras de radio acusadas de divulgar propaganda de grupos extremistas de la oposición, informó Benigno.

El portavoz oficial afirmó que "tres o cuatro emisoras de radio han desafiado al gobierno de la Presidenta Aquino en forma reiterada transmitiendo propaganda de grupos rebeldes de extrema derecha y de otros enemigos del Estado".

La decisión de ordenar el cierre de esas emisoras de radio fué adoptada por la Presidenta Corazón Aquino durante la reunión habitual del Consejo de Ministros que se ha celebrado bajo fuertes medidas de seguridad.

Ante la puerta principal del Palacio presidencial de Malacañang se encuentra un vehiculo de transporte de tropas y soldados del ejercito montan guardia en torno al edificio asi como en las calles proximas al mismo, mientras patrullas de la policia realizan registros de automoviles que circulan por las calles proximas al palacio, ante los informes de un inminente ataque de un seguidor de Marcos, el coronel Reynaldo Cabaután, que antes ya intentó un golpe de Estado.

Cabaután dijo el martes en una conferencia de prensa clandestina en la base aérea Clark que ya estaba "infiltrado" en Malacañang y que no tenía duda que el próximo golpe tendría éxito.

Benigno dijo que no había ninguna evidencia sólida que involucrara al Vicepresidente Salvador Laurel en el complot, pero nombró al senador Juan Ponce Enrile como una de las figuras opositoras que están implicadas. Enrile negó participación alguna.

DETENCIONES

En la noche del martes fueron detenidas alrededor de 20 personas sospechosas de conspirar contra el régimen y algunas de ellas fueron puestas en libertad ayer.

Estas detenciones fueron practicadas después de que los militares rebeldes, coronel Gregorio Honasan y teniente de navio Anselmo Cabingan, que estuvieron al frente de la rebelión del pasado mes de agosto y que se encuentran refugiados en una base estadounidense, anunciasen en declaraciones que hicieron por separado su propósito de continuar luchando contra el regimen de la Presidenta Aquino.

Jefes castrenses demandaron la renuncia

El comandante en jefe de las fuerzas armadas filipinas, general Fidel Ramos, aprobó un plan que permitiría el regreso al servicio activo de 45 oficiales y 774 soldados que participaron en el cruento intento de golpe contra el gobierno de Corazón Aquino. Al mismo tiempo, un grupo de altos oficiales en actividad y en situación de retiro exigieron ayer la dimisión del titular de las fuerzas armadas, uniéndose así a las demandas de los sublevados.

NORA

Una unidad del ejército filipino patrulla una localidad de la provincia de Luzón a la búsqueda de rebeldes comunistas.

MANILA, 6 (AP, Reuter y UPI). — Un grupo de altos oficiales de las fuerzas armadas filipinas en actividad y en situación de retiro exigieron hoy la destitución del general Fidel Ramos, comandante en jefe de la institución castrense.

Los militares, enrolados en el Movimiento para el Profesionalismo de las Fuerzas Armadas (M.P.A.), se unieron de esta manera a las demandas de los efectivos sublevados contra el gobierno de la presidenta Corazón Aquino, respecto del reemplazo del general Ramos, el hombre que comandó la represión contra los golpistas.

Al mismo tiempo, un comunicado de prensa militar señaló hoy que el general Ramos aprobó un plan que permitiría el regreso al servicio activo de centenares de soldados que participaron en el alzamiento del pasado 28 de agosto.

En su edición de hoy, el diario "Manila Chronicle", señaló que el M.P.A. considera que "el deficiente liderazgo del titular de las fuerzas armadas ha provocado descontento en el seno del ejército, embarcado en una cruenta lucha contra insurgentes comunistas y musulmanes".

Los oficiales, muchos de ellos altos jefes en actividad y en situación de retiro, acusaron también a Ramos de desarrollar ambiciones presidenciales, de acuerdo con lo manifestado por el influyente periódico.

Ramos, cuya gestión al frente de la institución militar se extenderá hasta 1989, no pudo ser localizado por el periodismo para consultarle sobre estas afirmaciones, pero en varias oportunidades manifestó su intención de alejarse del cargo cuando así se lo pidiera la presidenta Aquino.

El diario filipino puntualizó que el M.P.A. no tiene vinculaciones con el fallido intento golpista, aplastado tras violentos combates en torno del palacio presidencial, una estación de televisión y una importante guarnición militar.

En una carta dirigida el mes pasado a un ministro que no identificó, el M.P.A. denunció que el general Ramos promueve en el escalafón castrense a sus favoritos, que aspira a ocupar la presidencia y que para ello se postulará como candidato en las elecciones de 1992, añadió el "Manila Chronicle".

La nota aseveró que en su carta los oficiales del M.P.A. afirmaron que el titular de las fuerzas armadas no informó a la presidenta sobre el descontento que existe en las filas militares, con el propósito de

91-01

Filipinas de Ramos

NORA

"transformarse en un elemento indispensable".

El periódico no identifica a los jefes del M.P.A., pero aclaró que la mayoría de sus miembros son efectivos de la armada.

♦ "Readiestramiento"

La oficina de prensa de las fuerzas armadas anunció hoy que el general Fidel Ramos aprobó un plan para procesar a 45 oficiales y 774 soldados detenidos en dos navíos de la armada en la bahía de Manila y reintegrarlos al servicio tras un período de readiestramiento.

El subjefe militar, en un informe a Ramos, señaló que el 65 por ciento de los detenidos son soldados rasos o cabos y podrían ser los menos implicados de los participantes en el motín.

"Se propuso que los elementos militares y policiales de esta categoría fueran segregados y transferidos a la custodia de sus comandantes de servicio para su desprocesamiento, readiestramiento y reorientación para que puedan ser reincorporados al servicio", según la declaración de prensa.

Corazón Aquino dijo el miércoles que algunos de los soldados sublevados que fueron capturados declararon que habían sido engañados para que se sumaran al intento golpista, el quinto y el más cruento sufrido por el gobierno filipino.

De acuerdo con lo señalado por la presidenta, el líder rebelde, coronel Gregorio Honasán, sobre quien pesa una orden de captura "vivo o muerto", hizo que los soldados creyeran que estaban realizando un "ensayo de misión militar". Dijo que otros efectivos sublevados llevaban informes radiofónicos falsificados respecto de que el palacio presidencial estaba siendo atacado por insurgentes comunistas.

El vicepresidente filipino, Salvador Laurel, se reunió hoy a puertas cerradas con varios centenares de oficiales y soldados en los cuarteles de Campo Aguinaldo, uno de los epicentros de la sublevación, en la última de una serie de consultas destinadas a contrarrestar la hostilidad de los militares hacia el gobierno presidido por Corazón Aquino.

Un colaborador de Laurel, que requirió no ser identificado, dijo que varios efectivos castrenses le pidieron al vicepresidente que Aquino destituyera al secretario ejecutivo Joker Arroyo y al asistente presidencial Teodoro Locsin (uno de los más próximos colaboradores del asesinado Benigno Aquino), por lo que calificaron como sus "puntos de vista antimilitares".

8709544

HR

FILIPINAS

037

Clarín 7/9/87

Ataques de prensa

MANILA, 6 (Reuter). — El gobierno filipino enfrenta una peligrosa confrontación a través de los medios de comunicación: la reacción del pueblo ante las declaraciones del líder rebelde, general Gregorio Honasán.

La presidenta Corazón Aquino recibió los ataques de la prensa (radial y escrita) por inacción respecto de los temas que provocaron la frustrada rebelión del 28 de agosto pasado.

"El problema con nuestro gobierno es que es lento en reaccionar a las quejas, y mucha gente ahora cree que el pronunciamiento castrense era necesario", manifestó un observador.

"Si el gobierno no emprende ya las reformas, puede sumergir al país en una guerra civil", dijo una ama de casa a una emisora radial.

CLARIN ★ Buenos Aires, miércoles 23 de setiembre de 1987

INTER

EL JEFE DEL EJERCITO FILIPINO ADVIRTIO SOBRE LA APARICION DE "ESCUADRONES DE LA MUERTE"

Buscan cercar al militar rebelde

MANILA (UPI y Reuter). — La rápida acción contra el último intento de golpe de Estado impidió una guerra civil en Filipinas, pero el gobierno de la presidenta Corazón Aquino sigue enfrentando serios problemas, dijo hoy el jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos.

Ramos, cuyo cargo está en peligro desde el conato de golpe del 23 de agosto, dijo también que los militares estaban investigando la posibilidad de que el asesinato de un dirigente izquierdista durante el fin de semana signifique el surgimiento de "escuadrones de la muerte derechistas" en la capital de la nación.

Ramos, en un almuerzo con corresponsales extranjeros, dijo que él había "evitado una guerra civil" al ordenar el bombardeo de su propia comandancia, en Campo Aguinaldo, para expulsar de allí a las tropas del renegado coronel Gregorio "Gringo" Honasan.

Sin embargo, Honasan sigue oculto, acompañado de unos 1.000 soldados, obligando al ejército a desviar fuerzas de su guerra contra los insurgentes comunistas y extremistas religiosos, mientras el gobierno de la presidenta es golpeado desde adentro por disensiones y actos ilegales.

"Estuvimos, entonces, mucho más cerca de la guerra civil de lo que estamos ahora, pero todavía no hemos salido del bosque", dijo Ramos.

♦ **Apoyo de Thatcher**

Mientras tanto, la presidenta Aquino recibió un mensaje personal de apoyo y el ofrecimiento de ayuda de la primera ministra británica, Margaret Thatcher, transmitido durante una visita al palacio presidencial por el viceministro de Relaciones Exteriores británico, lord Glenarthur.

Ramos, preguntándose si el asesinato del dirigente izquierdista Leandro Alejandro era obra de "escuadrones de la muerte derechistas", dijo que "existe la posibilidad de que estén operando en Manila, todo es posible. Estamos investigando".

Alejandro, de 27 años, el carismático y popular secretario general de la Nueva Alianza Nacionalista, o Bavan, fue asesinado a tiros el sábado, su chofer quedó herido de gravedad y otros dos acompañantes fueron también heridos.

Ramos expresó su desagrado por el aumento de muertes en los combates contra las guerrillas del Ejército del Nuevo Pueblo, haciendo notar que habían muerto 153 soldados en las tres semanas posteriores al 28 de agosto, comparado con los 43 soldados muertos en las tres semanas anteriores a esa fecha.

♦ **A EE.UU., no**

Las autoridades filipinas anunciaron haber redoblado la vigilancia en los puertos para evitar la salida del país del insurrecto coronel Gregorio "Gringo" Honasan, mientras la embajada de Estados Unidos cancelaba cualquier papel de viaje emitido por esa representación a nombre del militar.

"Si tiene intenciones de huir del país, no podrá hacerlo legalmente", dijo Enrique Idaquin, comisionado de Inmigración.

Honasan, un carismático oficial que se transformó en héroe de los filipinos en 1986, durante la revuelta que terminó con el gobierno del presidente Ferdinando Marcos, se transformó en el hombre más buscado del país tras encabezar a 2.000 soldados que protagonizaron un sangriento golpe de Estado contra la presidenta Corazón Aquino.

Cuando las fuerzas leales aplastaron el levantamiento, Honasan pasó a la clandestinidad, y según numerosas versiones no confirmadas, fue visto en Manila o en las provincias vecinas.

01-01

8709562.

FILIPINA 037

DECISIONES DE AQUINO HACEN PELIGRAR DEMOCRACIA FILIPINA

Jaime Ongpin no da la impresión de haber sido despedido recientemente como ministro de Finanzas del gabinete de Corazón Aquino. "Soy un hombre libre", declara, pero cuando empieza su historia de 19 meses en el gobierno, el informe no deja dudas de que las Filipinas atraviesan una profunda crisis.

La democracia en ese país descansa en un frágil sostén de recuperación económica, y la buena voluntad del Ejército de servir al gobierno. El relato de Ongpin apunta fundamentalmente a la economía. Pero describe la misma fiebre de frustración que ha hecho presa de las Fuerzas Armadas, y que desembocó en un levantamiento el mes pasado.

Remontándose a cuando Corazón Aquino lo invistió en el cargo, en su segundo día como Presidenta, Ongpin rememora sus esperanzas. Su meta era terminar con la economía feudal que prevaleció en tiempos de Marcos, y confiar principalmente en la fuerza del mercado libre como factor de desarrollo. Con el apoyo de la señora Aquino, encaminó las reformas hacia una tributación más baja, y un programa para privatizar cerca de cien compañías estatales y cientos de organismos inoperantes. Pero fue entonces que Corazón Aquino perdió su garra o su sabiduría, y las reformas de Ongpin fueron sacrificadas a la política. Aunque la Presidenta despidió hace poco a su secretario privado, Joker Arroyo, la némesis política de Ongpin, el hecho ocurrió demasiado tarde. Ongpin describe la segunda parte de su etapa en el gobierno como un proceso de "golpear mi cabeza contra la pared".

Ya a principios de año las desavenencias eran grandes en el gabinete aún cuando la economía filipina hubiera salido de la depresión, con un comienzo de crecimiento que se situaba en el 5.5% anual. Ongpin negoció un nuevo paquete de refinanaciación con bancos extranjeros, únicamente para cosechar la crítica local ante su insistencia de que la deuda externa del país, superior a los 28 billones de dólares, debía pagarse. Ahora, tanto el Congreso como la Presidenta consideran desestimar parte del pago, a pesar de las advertencias de Ongpin.

Otro problema serio es que el programa de privatización ha estado bloqueado durante meses, con eliminación de la lista de la Philippine National Oil Co., a la que Aquino ha decidido considerar "estratégica". Aunque la PNOC no es en sí deficitaria, las compañías del Estado insumen la cuarta parte del presupuesto nacional.

Mientras tanto, otro problema ha hecho su aparición. La Comisión Presidencial instalada por Aquino tenía el mandato de investigar, apoderarse y retornarlas al pueblo, las ganancias mal habidas por Marcos y sus testaferros. Hasta ahora, es mucho lo que se ha recuperado pero muy poco lo que se ha devuelto, en una especie de burla cruel a la que los banqueros denomina "Frankenstein".

Con todo, hasta "Frankenstein" resultaría benigno comparado con el programa de reforma agraria que debía llevarse a cabo esta primavera. Aquino firmó la ley en julio, pero el Congreso todavía está estudiando los detalles. La reforma incluye un plan cuyo costo es de tres billones de dólares, que el país no tiene, con los que el gobierno podría adquirir propiedades rurales y dividirlas en pequeñas parcelas para granjeros sin tierra.

La reforma agraria es supuestamente necesaria para detener el aumento de gente pobre en áreas rurales, e impedir que se unan a los insurgentes comunistas del Nuevo Ejército de Liberación. Pero también podría resultar peligrosa. En islas como Mindanao y Negros, algunos terratenientes han advertido que si el gobierno trata de apoderarse de su tierra, recurrirán a ejércitos privados, lo que podría convertirse en otro frente para los militares.

Las tropas enviadas para hacer frente a los comunistas están desmoralizadas y sin equipo. Los militares han visto al gobierno de Aquino ofrecer amnistía a los arrepentidos, mientras la paga de los soldados es baja, las raciones malas, y un panel de Derechos Humanos investiga sus actividades.

Esos problemas fueron en parte la causa del golpe intentado por el coronel Gregorio "Gringo" Honasan, considerado como un héroe por pedir mejor tratamiento para los militares y una estrategia para derrotar a los insurgentes. Estas preocupaciones fueron señaladas recientemente por el vice-presidente Salvador Laurel, que renunció "irrevocablemente" a su cargo de Ministro de Relaciones Exteriores, "debido a que la Presidenta ha sido demasiado suave con los comunistas y demasiado dura con los militares". Una acusación similar fue hecha por Juan Ponce Enrile, a quien Aquino despidió como Ministro de Defensa en noviembre pasado, luego de otro intento de golpe.

Corazón Aquino todavía tiene cinco años como Presidenta. Si llegara a perder el poder antes de que expire el término, los resultados podrían ser siniestros y las Filipinas habrían perdido su recién ganada democracia. Si así ocurre, los Estados Unidos han advertido que cortarán toda clase de ayuda, tanto militar como humanitaria. Sería lo mismo que pavimentar el camino para que los comunistas se apoderen del poder, amenazando el resto del Este de Asia, y modificando el balance estratégico en el Sudeste de Asia y en el Pacífico.

Claudia Rosa

Fuente: "The Wall Street Journal"
Traducción: Blanca Giurie

al PAIS 8/10/87

037

Liberan en Filipinas a soldados rebeldes

El coronel Rodolfo Aguinaldo, relevado como comandante militar de la provincia de Cagayán la semana pasada, anunció hoy su renuncia para unirse a los efectivos sublevados. Varios cientos de soldados que se encontraban detenidos tras el intento golpista fueron liberados para iniciar su "rehabilitación".

MANILA, 7 (Reuter, UPI, EFE y AP). — El ejército filipino comenzó hoy a liberar a cientos de soldados que participaron en la sublevación y que se encontraban recluidos en buques de la armada fondeados en la bahía de Manila.

Al mismo tiempo, se anunció que el coronel Rodolfo Aguinaldo, relevado la semana pasada como comandante militar de la provincia de Cagayán, presentó su renuncia para unirse a los amotinados y combatir a la guerrilla comunista.

El coronel Honesto Isleta, vocero de las fuerzas armadas, dijo que las autoridades dispusieron que 800 de los 1.300 soldados detenidos tras el intento golpista, fueran trasladados a tierra firme para su rehabilitación.

"Una vez que obtengan el visto bueno serán devueltos a sus unidades de origen para combatir a los insurgentes comunistas", agregó el coronel Isleta.

Respecto del pedido efectuado por efectivos de las fuerzas armadas para que el gobierno amnistíe a los cabecillas de la sublevación, el vocero militar expresó: "Eso depende de la presidenta Aquino, pero en lo que a nosotros atañe, nos atendremos al reglamento".

El diario "Manila Times" anunció, por otra parte, que el coronel Aguinaldo, compañero de graduación del líder rebelde, coronel Gregorio Honasán, afirmó que un número importante de subalternos habían decidido seguirlo en su decisión.

El diario filipino agregó que Aguinaldo acusó a la jerarquía castrense de distorsionar los hechos sobre la insurgencia comunista en el país, que ya cuenta con 18 años de vida.

Mientras una fuente allegada a los rebeldes pronosticó nuevos ataques en los próximos 15 días, el jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, dijo que un nuevo intento subversivo sería posible pero no tan importante como fue el del 28 de agosto pasado, que provocó 53 muertos y centenares de heridos.

♦ Ataque comunista

Guerrilleros del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP), volaron hoy dos puentes en la provincia de Camarines Norte, en la isla de Luzón, a unos 270 kilómetros al sur de Manila.

El portavoz de las fuerzas armadas, coronel Honesto Isleta, explicó que el atentado no causó víctimas.

El transporte por carretera quedó suspendido y solo una línea de ferrocarril comunica la capital con el extremo sur de la isla de Luzón, comentó el militar.

Se anunció, por otra parte, que al menos 23 guerrilleros comunistas del NEP resultaron muertos ayer, en una ofensiva llevada a cabo por los militares en el norte de la isla de Mindanao.

Agencia Reuter



Un grupo de soldados que participaron en el motín en Filipinas, espera ser trasladado a una unidad del ejército.

01-01 8709602

037

FILIPINAS
Cuyos EEUU

CLARIN 2-8-87

Qué debe hacer Washington

LOS ANGELES, 1° (Por Henry Hyde, especial para "Los Angeles Times" y para Clarín). — El intento golpista en Filipinas —el fin de semana pasado— puso de manifiesto la profunda división que sigue existiendo entre los militares y el gobierno civil de la señora Corazón Aquino.

La sangrienta intentona exacerbará seguramente las sospechas entre esos dos grupos de poder, y a corto plazo. Pero hay motivos para confiar en que el fracaso de la rebelión fomentará el surgimiento de militares más profesionales y sometidos por completo a la conducción civil.

La etapa de cicatrización de las heridas llevará algún tiempo, pero resulta esencial si el gobierno le presta toda su atención a los graves problemas económicos y de seguridad a los que debe hacer frente.

Para cualquier democracia que tenga que enfrentar amenazas como las de la insurgencia comunista filipina es imprescindible que militares competentes y profesionales trabajen muy de cerca con las autoridades en un espíritu de confianza mutua.

¿Pero qué es lo que puede hacer Estados Unidos para ayudar en este proceso? Es de suma importancia que los norteamericanos sigamos apoyando el proceso democrático y rechacemos claramente, y sin hesitación, todo intento ilícito para apoderarse del poder. En este sentido, el presidente Ronald Reagan hizo lo correcto —y rápidamente— al expresarle a la señora Aquino su "apoyo incondicional" en las horas difíciles que debió sortear.

En caso de que el golpe hubiera tenido éxito, EE.UU., conforme al artículo 513 de la Ley de Asistencia Extranjera de 1987 —que prohíbe la ayuda a aquellas naciones cuyos jefes de gobierno hayan sido derrocados por un golpe militar o decreto— hubiera suspendido su asistencia al nuevo gobierno "ilícito". Lo cual hubiera tenido consecuencias devastadoras para los esfuerzos de recuperación económica de Filipinas.

Norteamericanos y filipinos por igual deberían rechazar la noción que alega que la democracia es incompatible con la existencia de un gobierno eficaz en tiempos de crisis.

La aparente frustración del líder del intento golpista en Filipinas —Gregorio Honasán— por la ineficacia del programa de contrainsurgencia del gobierno y por su antipatía hacia la conducción del jefe de las fuerzas armadas, Fidel Ramos no justifica, con todo, el camino que siguió.

♦ La única forma

La democracia es intrínsecamente un proceso ineficiente y complejo que requiere un debate libre y una fe implícita en la gente para que haga lo que tiene que hacer. Quizá no sea ésta la mejor manera de "hacer negocios", pero es la única para preservar la libertad y asegurar el gobierno de la ley y la responsabilidad de la población. Este proceso no desemboca siempre en políticas buenas o que nos plazcan a todos, pero las políticas que no funcionan son las más factibles de ser corregidas.

La señora Aquino lo sabe y a medida que se fue gestando el motín en su país quedó claro que la gran mayoría de los miembros de las fuerzas armadas también lo saben. Estas optaron —con cierta ambivalencia y cierto peligro— por colocar sus vidas al lado de la libertad.

♦ El rol de EE.UU.

No cabe duda de que la señora Aquino sigue siendo muy popular. Estados Unidos, por su parte, debe evitar ser manipulado por políticos filipinos que buscan arrastrarnos a sus propias contiendas partidarias. Los medios de las cadenas de televisión norteamericanas no resultaron ser de gran ayuda en este sentido al volcarse —todos— a entrevistar a Ferdinando Marcos, —precisamente— el individuo que es responsable del lamentable estado en que se encuentran, hoy, la economía y la política filipinas. Lo único que lograron fue darle una credibilidad falsa a lo que más temen los filipinos: que Washinton apoye el pedido del ex dictador de volver al poder.

Por último, Estados Unidos debe recordar que si bien la crisis inmediata ha sido resuelta, los problemas de Filipinas son muchos y graves. En los próximos meses Washington será llamado a apoyar en forma tangible los esfuerzos de la señora Aquino para reforzar las raíces de las instituciones políticas democráticas, provocar un crecimiento económico sostenido y derrotar la amenaza del comunismo.

Para que estos objetivos puedan cumplirse se requerirán altas dosis de asistencia económica y de seguridad por parte de Estados Unidos.

Henry Hyde, representante por el estado de Illinois, es integrante del Comité de Relaciones Exteriores de la Cámara de Representantes.

01.-01.

8709617

La Mañana
MONTEVIDEO, JUEVES 15 DE OCTUBRE DE 1987

FILIPINAS

Señaló la Presidenta Aquino

Estamos listos para combatir emergencia

La Presidenta de Filipinas dijo ayer que el Gobierno está preparado para neutralizar cualquier emergencia, y afirmó además que considerará la reanudación de las negociaciones de paz con la guerrilla comunista si lo solicitan formalmente.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- "Tenemos que estar listos ante cualquier contingencia que se presente. No podemos relajarnos", manifestó ayer la Jefa de Estado, Corazón Aquino, refiriéndose a las amenazas golpistas de políticos y militares de derechas.

Las Fuerzas Armadas filipinas se encuentran en estado de máximo alerta desde que los sindicatos de izquierda convocaron el lunes una huelga general, para presionar al ejecutivo en relación con la demanda de un aumento de diez pesos (0,5 dólares) en el salario mínimo.

La pasada semana, el Gobierno descubrió un plan golpista que, al parecer, iba a ser perpetrado este mes por una coalición política de fuerzas militares de derechas, grupos rebeldes del coronel Gregorio Honasan, partidarios del derrocado Ferdinand Marcos y conocidos empresarios y políticos.

NEGOCIACIONES CON LOS GUERRILLEROS

"Hasta ahora no recibí ninguna petición formal y desconozco qué asuntos intentan tratar, pero si me lo piden (la guerrilla) abordaré el tema con el jefe de la Comisión de Paz del Gobierno", declaró Aquino a los periodistas al final de un Consejo de Ministros.

Por su parte, Saturnino Ocampo, portavoz del Frente Nacional Democrático (FND), brazo político de los comunistas, explicó el lunes en un comunicado que la guerrilla está preparada para regresar a la mesa de negociaciones.

Agregó que el FND desea negociar con el Gobierno o con cualquier otro grupo político opuesto a la intervención de Estados Unidos en el país y a los esfuerzos de reimponer un régimen autoritario.

Tras el alto el fuego de 60 días de primeros de año, la guerrilla comunista se retiró indefinidamente de la mesa de negociaciones, cuando doce agricultores murieron a las puertas del Palacio Presidencial durante una manifestación en la que pedían una reforma agraria.

Fuentes militares manifestaron que la nueva estrategia guerrillera es un indicador claro de que están perdiendo la guerra, al mismo tiempo que descubre los problemas internos por los que está pasando la cúpula del Partido Comunista desde la captura de su líder, Rodolfo Salas.

Las Fuerzas Armadas parecen estar en desacuerdo con una posible reanudación de las conversaciones, ya que el Ministro de Defensa, Rafael Ileto, señaló que "a la guerrilla se le dio una oportunidad con la política de atracción y no funcionó. Ahora estamos en la etapa de persuasión, o bajan o vamos a por ellos".

ATENTADOS EN MANILA

En tanto, se informó que al menos tres personas resultaron heridas leves al explotar a las 13.00 hora local (05.00 GMT) una bomba en el hotel Manila Garden, situado en el distrito financiero de Makati.

Según fuentes policiales, el artefacto explosivo, al parecer de relojería, estaba compuesto por varios cartuchos de dinamita y fue colocado en un rincón de la entrada posterior del hotel, que generalmente no es utilizada por el público.

Dos de los heridos eran choferes de un microbús aparcado en la entrada, a la espera de un grupo de turistas alojados en el hotel.

El tercero, una empleada de un restaurante de las proximidades, que fue afectado parcialmente por la onda expansiva.

El hotel es propiedad de la compañía aérea japonesa Japan Airlines, y la mayoría de los clientes son de nacionalidad nipona.

Hasta ahora, ningún grupo se hizo responsable del atentado.

Una explosión similar causó ayer daños de consideración en los grandes almacenes Shoemart, en el distrito de Quezon City.

03f

La Habana 27/5/87

Ante funerales de político asesinado

Advertencia en Filipinas



MANILA.- La esposa del asesinado dirigente izquierdista Leandro Alejandro (c.), a quien acompañan la Hermana Mary Mananzan y José Suárez, Presidente de la Alianza Nacional de Izquierd, informa en conferencia de prensa que los soldados deben mantenerse alejados del servicio fúnebre masivo que se realizará el martes en esta capital. La advertencia fue formulada con el fin de evitar confrontamientos y violencia. (Radiofoto Reuter).

Anuncio de filipino golpista

MANILA. — El militar filipino Reynaldo Cabauatan, emboscado en Filipinas y buscado por complicidad en golpes fallidos, comunicó ayer el propósito de formar un "gobierno transitorio nacionalista".

En declaración llegada en Manila se afirma que Cabauatan no quiere formar una junta militar, sino "un gobierno transitorio nacionalista con civiles y militares".

Cabauatan es correligionario del militar filipino Gregorio Honasan, también emboscado, que el 29 de agosto encabezó un golpe frustrado contra la presidenta de Filipinas, Corazón Aquino.

El periódico manileño "Bulletin" difundió ayer que el Partido Comunista Filipino (clandestino) constituyó un gobierno en la península de Bataan, al noroeste de la capital.

Por otr lado, un vocero del Ejército anunció que 25 personas murieron durante un ataque contra un campo de milicianos por guerrilleros comunistas cerca de Cagayan de Oro, al sur de Filipinas.

Unos 55 rebeldes, precisó, atacaron una posición gubernamental cerca de la ciudad de López Jaena. Los guerrilleros perdieron 15 hombres y mataron a cinco civiles y cinco milicianos.

El Día 30/9/87

01-01 8709646

Rebeldes intentaban aislar a Manila

Violentos combates contra la guerrilla en Filipinas

Las tropas regulares filipinas y los rebeldes del Nuevo Ejército del Pueblo, brazo armado del Partido Comunista, están empeñados desde ayer en violentos choques en las montañas al Norte y al Sur de Manila, después de la campaña decidida por el gobierno, para una primera demostración de fuerza tras el fracasado golpe de Estado de agosto pasado.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Fuerzas del Ejército filipino lanzaron ayer una ofensiva contra guerrilleros comunistas en zonas cercanas a esta capital para impedir el aislamiento de Manila.

La ofensiva intenta evitar que los guerrilleros controlen zonas cercanas a Manila y fue lanzada en la provincia de Bulacán, donde se han registrado violentos combates, y en la región de Bicol, donde las guerrillas volaron cinco puentes en el último mes.

Fuentes oficiales, sin dar detalles, dijeron que los combates arrojaron numerosas víctimas y que los guerrilleros intentaban aislar la capital de otras zonas del país.

Mientras tanto, un portavoz de la Presidenta Corazón Aquino negó ayer que el gobierno estuviera negociando con los rebeldes, y afirmó que los militares tienen mano libre para atacar a la guerrilla cuándo y cómo quieran.

DOCUMENTO CONFIDENCIAL

En otro orden, la Jefa de Estado negó ayer la existencia de un documento confidencial que presuntamente habían preparado los Servicios de Inteligencia del Gobierno (NICA) sobre los funcionarios gubernamentales de tendencias de izquierda.

La existencia de dicho informe fue revelada por el Vicepresidente, Salvador Laurel, que pidió autorización a la Jefa del Ejecutivo filipino para dar a conocer su contenido en el curso de su testimonio ante las dos Cámaras del Parlamento.

Laurel dimitió como titular de la cartera de Relaciones Exteriores debido, dijo, a diferencias fundamentales con Aquino en política de Estado a raíz de la crisis de gobierno que originó el último intento golpista.

En una carta al Vicepresidente, Aquino explicó que el director de NICA, el general retirado Rodolfo Canieso, le informó que desconoce la existencia de tal documento ni de su puesta al día el pasado setiembre, como señaló a los periodistas Salvador Laurel.

Su comparecencia ante el Congreso queda a su discreción (...) parece que no hay nada que revelar, añadió.

Sin embargo Laurel fue fotografiado con una copia del supuesto documento secreto, que publica con una entrevista el diario conservador Independent de Manila.

037

El Congreso filipino investiga a dos colaboradores íntimos de Aquino

Los dos principales consejeros de la presidenta Corazón Aquino negaron ante el Parlamento filipino los cargos que les formulan altos jefes de las fuerzas armadas por supuesta "interferencia" en las operaciones castrenses durante el frustrado golpe. La mandataria designó un nuevo Consejo de Estado que la asesorará en cuestiones de seguridad nacional.

MANILA, 8 (UPI, Reuter y ANSA). — A modo de réplica a las críticas por su actitud ante el último intento de golpe de Estado, la presidenta Corazón Aquino estableció hoy un nuevo Consejo de Estado que actuará como asesor en cuestiones de seguridad nacional y que incluye a representantes del gobierno, integrantes del alto mando militar, dirigentes de las cámaras legislativas y miembros del sector privado de la economía.

Paralelamente, la mandataria envió a dos de sus principales asesores, el secretario ejecutivo Joker Arroyo y el consejero presidencial Teodoro Locsin, a enfrentar un interrogatorio del Congreso suscitado por las acusaciones militares de que habían "interferido" con las operaciones del ejército durante el frustrado golpe.

El nuevo Consejo de Estado se reunirá el jueves. Preguntada si el organismo incluiría al senador Juan Ponce Enrile, ex ministro de Defensa vinculado a los militares que intentaron el golpe del 28 de agosto, la presidenta Aquino respondió enfática y lacónicamente: "No".

La presidenta se reunió además, hoy, a puertas cerradas, con un grupo de políticos, militares y funcionarios municipales para analizar una posible "respuesta civil" en caso de repetirse otro intento como el del 28 de agosto. Según un vocero presidencial, el grupo acordó mejorar los canales de comunicación que permitan asegurar al público que el gobierno mantiene el control durante la crisis.

Entretanto, el gobierno anuló los cargos de "posesión ilegal de armas" que pesaban sobre Don Honasán, hermano menor del coronel Gregorio Honasán —cabecilla del golpe que dejó 53 muertos y 200 heridos—, y dispuso su libertad.

Asesores ante el Parlamento

En sus declaraciones ante el Parlamento, Arroyo reveló que Aquino había estado decidida a aplastar inmediatamente el golpe, pero que las fuerzas armadas habían titubeado y que incluso se habían negado a obedecer órdenes.

"A algunas unidades no les gustaba la idea de abrir fuego contra el enemigo", aseguró. Añadió que el general Fidel Ramos, jefe de las fuerzas armadas, "no estaba seguro de que sus órdenes se cumplirían".

Al igual que Arroyo, Teodoro Locsin respondió al interrogatorio parlamentario y a una creciente presión para que renunciaran tras las críticas de algunos militares por haber interferido con las operaciones castrenses.

Altos oficiales habían sostenido que Locsin se presentó ante el general Ramos durante la rebelión y lo intimó a bombardear una de las estaciones de televisión de Manila, ocupada por los insurrectos. El consejero replicó que se había presentado ante Ramos porque la línea telefónica entre éste y la presidenta estaba interrumpida.

"No hubo interferencia", afirmó, por su parte, Arroyo. "Yo, como secretario ejecutivo, simplemente cumplí las órdenes presidenciales. Había una presidenta que actuaba como comandante en jefe para salvar al país. Y así lo hizo". La acusación contra Arroyo era que había ordenado personalmente la intervención de la policía junto con los militares.

También adelantó que la señora Aquino está dispuesta a solicitar al Congreso el uso de una cláusula constitucional sobre poderes especiales en estado de emergencia. Tales poderes, con todo, están lejos de los que caracterizan a la ley marcial y de la capacidad para suspender el derecho de hábeas corpus.

Agencia AFP



Dos colaboradores de la presidenta Corazón Aquino: el consejero presidencial Teodoro Locsin jr. (izq.) y el secretario ejecutivo Joker Arroyo (der.) antes de declarar sobre su actuación durante el fallido intento de golpe del 28 de agosto.

037

Ejército y guerrilla combaten al norte de la capital filipina

MANILA, 27 (Reuter y UPI). — Fuertes combates estallaron hoy entre tropas del ejército filipino y guerrilleros a 65 kilómetros al norte de Manila. Los choques causaron un número de bajas que todavía no ha podido ser determinado, pero que podría ser alto teniendo en cuenta la violencia y extensión de los choques armados.

Algunos testigos dijeron haber visto a jeeps militares que transportaban soldados muertos o heridos desde el lugar de los enfrentamientos, iniciados en la provincia de Bulacán, cerca del pueblo Doña Remedios Trinidad.

Un vocero militar dijo que el ejército estimaba que los miembros del grupo guerrillero del Nuevo Ejército Popular (N.E.P.) habrían sufrido numerosas bajas causadas por tropas apoyadas por helicópteros.

Los combates desatados en Bulacán coincidieron con una ofensiva del ejército en la región de Bicol, que abarca cinco provincias al sudeste de Luzón, zona donde la guerrilla voló puentes y vías férreas poniendo en acción a un grupo de 500 rebeldes. El jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, había advertido la semana pasada que la guerrilla podría estar emitiendo señales falsas con sus ataques a Bicol, para lanzar una ofensiva de fondo al norte de Manila. Los choques de hoy podrían significar que esa ofensiva anunciada por Ramos se habría iniciado.

♦ Aquino: mensaje

En un mensaje radial, la presidenta Corazón Aquino dijo que "estas fuerzas que combaten al gobierno no trabajan en favor del pueblo; pretenden ser sus salvadores, pero no hacen más que crear problemas a ese mismo pueblo y a su gobierno, que gasta más en reparar la destrucción que en destinar ese dinero a cosas útiles".

Igualó a los rebeldes guerrilleros y a los hombres que comanda el sublevado coronel Gregorio Honasan, afirmando: "Honasan tendrá que responder por lo que hizo. No podemos permitir que gente como él salga con la suya; quería apoderarse del gobierno y llevarnos a una dictadura militar a través de una junta. Tanto los militares rebeldes como los comunistas serán juzgados con la nueva Constitución de Filipinas."

Por su parte, en Manila, Edicio de la Torre, sacerdote católico de izquierda, jefe del Instituto de Democracia Popular, analizó la situación diciendo que la única posibilidad de que la presidenta Aquino sobreviva en su cargo es que comparta el poder con las fuerzas derechistas del país, aunque no aclaró si se refería a la clase política de derecha o al ejército, fuertemente anticomunista.

El sacerdote, además, descartó la posibilidad de que la izquierda filipina acceda al poder, pero insistió en que "Corazón Aquino deberá aceptar —si quiere mantenerse en el poder— una fórmula para compartir el poder con la derecha". De la Torre, encarcelado durante el régimen de Ferdinando Marcos, aseguró que tal alianza "estará forjada dentro de un año", según el reportaje que le efectuó el diario "Manila Chronicle".

A última hora de hoy, voceros militares dijeron que no podían contar con las tropas acantonadas en Manila debido al temor de que, aprovechando la situación, se produzca un nuevo golpe. El coronel Honasan se encuentra escondido en Manila, protegido por civiles y oficiales militares opuestos al gobierno.

Sobre la medianoche filipina y pese a que los rebeldes habían logrado cortar las comunicaciones en Bulacán, comenzaron a llegar algunos informes dispersos. Un jefe militar, que habló a condición de no ser identificado, dijo saber que por lo menos un soldado había muerto y que había visto a cinco de ellos heridos.

El militar añadió que se había producido una explosión, este mediodía, en la sede central de la fuerza interna de seguridad militar, en Manila. El informante reflexionó respecto a que la cercanía de los ataques guerrilleros —a solo 60 kilómetros de la capital— y ese atentado marcaban la gravedad de la situación.

01-01

8709745

037

"El país ha mejorado", afirmó

Aquino descarta que su gobierno sea derrocado

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- La Presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, descartó ayer la posibilidad de que su Gobierno sea derrocado antes de que finalice su mandato, en 1992.

"A pesar de las intentonas de la extrema izquierda y de la ultraderecha, tengo confianza en que mi Gobierno continuará", dijo Aquino en una entrevista con los periodistas del palacio presidencial.

A una pregunta sobre el deterioro del orden público desde que asumió la Presidencia, hace 19 meses, y las continuas amenazas golpistas de militares de derechas, la jefa del Ejecutivo filipino explicó que todos los jefes militares del país le han asegurado que no se va a repetir un nuevo "affair Honasan", y añadió que si se produce, no será como el del pasado 28 de agosto.

El coronel Gregorio Honasan, hasta ahora prófugo, comandó el más importante complot golpista contra el Gobierno de Cory Aquino, que dejó un balance de 53 muertos y unos 300 heridos.

Honasan, en una entrevista con el diario Tempo de Manila, publicada el viernes pasado, advirtió que piensa terminar su cruzada antigubernamental en las próximas dos semanas.

"Nos pusimos de plazo mes y medio desde el paso inicial el 28 de agosto. No disponemos de más tiempo ni podemos permitirnos seguir titubeando", señaló Honasan.

En cuanto al comportamiento de las Fuerzas Armadas, la presidenta filipina dijo que la gran mayoría favorece los procesos constitucionales y rechaza cualquier intento de que los ultras tomen el poder.

"A pesar de lo que digan mis detractores, el país ha mejorado en lo político y en lo económico con la restauración de la democracia", añadió Aquino.

En otro orden se informó que un sargento y un policía murieron ayer en un atentado perpetrado por presuntos comandos urbanos, gorriones de la guerrilla comunista del Nuevo Ejército del Pueblo, en el distrito de Santa Mesa, de Manila, a unos 1.500 metros del área que rodea al palacio presidencial de Malacañang.

Por otra parte, el Ejército llevará a cabo maniobras militares en la capital de Filipinas durante la noche, para poner a prueba su capacidad de reacción ante un ataque rebelde, señaló la agencia oficial PNA.

FILIPINAS

037

Honasan promete nuevo golpe

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- El Coronel rebelde Gregorio Gringo Honasan afirmó que sus tropas se comprometieron a lograr el objetivo de otro golpe militar en un plazo de 45 días, según una entrevista publicada ayer en el diario Tiempo de Manila.

Honasan [illegible]rotagonizó el [illegible] lo golpe [illegible] militar del pasado 28 de [illegible]sto, que causó la muerte [illegible]3 personas y [illegible] das a 300.

"No dis[illegible]mos de más tiempo y no podemos permitirnos seguir titubeando", dijo el Coronel, quien explicó que había visitado a sus tropas en la isla de Luzón y en la región de Visayas, y que "[illegible] está [illegible]puesto, por lo [illegible] nuestro [illegible] margen de error [illegible] y no vamos a [illegible]er el [illegible]mo error dos veces".

Honasan, [illegible] fue entrevistado en alg[illegible] lugar de la isla de Luzón, l[illegible] mayor del archipiélago filipino, agregó que el Gobierno de la Presidenta Corazón A[illegible]ino "se autodestruirá", y precisó que "intentaremos que los civiles no sean víctimas del fuego cruzado".

Tras acusar al jefe del alto Estado Mayor de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, de no estar preparado para el cargo, dijo que "en la Administración de Manila prevalece la corrupción, el soborno y el mismo favoritismo contra el que luchamos durante la dictadura del Presidente Ferdinand E. Marcos".

Las declaraciones del Coronel Honasan parecen dar crédito a los rumores golpistas que circularon esta semana, especialmente desde la autodeclaración de un supuesto Gobierno provisional, el 29 de septiembre, de las fuerzas leales al depuesto dictador Ferdinand Marcos.

LA NACION 3-10-87

PARTES ILEGIBLES

01-01

8709803

Clarín 1º/9/87



El jefe de las fuerzas armadas filipinas, general Fidel Ramos.

FIDEL RAMOS

El soporte democrático

MANILA, 31 (Reuter). — El general Fidel Ramos ha protegido a la presidenta Corazón Aquino durante varios intentos de golpe de Estado, pero es también una de las principales razones de que subsista un descontento latente en sectores castrenses.

Al aplastar sin miramientos la más seria amenaza registrada hasta ahora para derrocar a Aquino el viernes, el diminuto comandante en jefe de las fuerzas armadas filipinas se ha granjeado aún más antipatías entre algunos colegas, ya disconformes con el gobierno.

"Le ha sumado otro problema a los que ya tenía Cory. Quienes no lo querían en las fuerzas armadas lo querrán menos ahora. Aquino podría pensar que es preciso sustituirlo para ayudar a reunificar las fuerzas armadas pero, si lo hace, ello se interpretará como un triunfo de los rebeldes", comentó hoy a Reuter un agregado militar occidental.

Ramos, extrovertido fumador de habanos, a veces desafía a sus subordinados a correr a campo traviesa para demostrar su estado atlético; es más popular entre los civiles que con los militares.

No importa qué sentimientos albergan hacia él sus camaradas de armas, para los filipinos en general sigue siendo un héroe, quizás la segunda persona más popular en el país después de la presidenta; algunos analistas políticos creen que Ramos podría llegar algún día a reemplazarla.

Los analistas lo consideran el factor individual más efectivamente estabilizador en el gobierno de Aquino, que ha sobrevivido a cinco intentos de golpe en menos de 18 meses.

Graduado de la academia militar estadounidense de West Point y entusiasta de los deportes, Ramos, de 59 años de edad, ha puesto siempre de relieve la supremacía civil sobre los militares, ratificando el principio de la cadena de mandos naturales en la estructura castrense.

Violó esa regla en febrero de 1986 cuando, junto con el ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile, se alzó contra su superior militar general Fabián Ver y contra el comandante en jefe Marcos. Esa rebelión culminó con el derrocamiento del régimen de Marcos, que había estado vigente 20 años en Filipinas.

Ramos ha manifestado que no lamenta haber dado ese paso, a diferencia de las otras dos figuras clave de ese movimiento cívico-militar, Enrile y el coronel Gregorio "Gringo" Honasan, quienes se han pasado ahora al bando de los disidentes.

Acusado por oficiales de jerarquía intermedia de no adoptar una actitud más firme ante el gobierno respecto a la lucha contra la insurgencia comunista, el general Ramos recibió ayer el total respaldo de la presidenta Corazón Aquino.

037

FILIPINAS

HONASAN, LIDER REBELDE

Estilo despiadado y algo extravagante

MANILA, 31 (Por Keith Richburg, de "The Washington Post", especial para Clarín). — En las filmaciones sobre la revuelta militar de 1986, que derrocó al presidente filipino Ferdinando Marcos, el coronel Gregorio "Gringo" Honasan aparece en una actitud silenciosa. Su figura, sin embargo, está siempre en primer plano.

Honasan emergió de la mano de su mentor —el ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile— como una especie de fornido ídolo de "matinée" que atraía por momentos mayor atención que su jefe durante las apariciones públicas, y que contaba con gran aceptación entre el público femenino.

El status de Honasan —que tiene sus raíces en aquellos agitados días de febrero de 1986— se fue forjando con un estilo de vida que concuerda con la imagen del "macho". Honasan era conocido como un despiadado combatiente cuando participó de una rebelión en la década del setenta en la isla Mindanao. Se dice que acostumbraba cortar las orejas de sus víctimas.

Preguntado, en alguna oportunidad, sobre estas mutilaciones, Honasan respondió: "La mayoría de ellos estaban muertos, o casi".

Honasan siente un gran cariño, además, por su mascota Tiffany que es nada más y nada menos que una serpiente pitón. Este coronel solía hacer paracaidismo con su pitón enroscada en el cuello.

En una ocasión se lo vio bailando sin camisa y con su mascota sobre el cuello. Se sabe, incluso, que muchas veces evadía compromisos políticos —con Enrile— para participar de concursos de belleza locales.

Honasan era uno de los chicos de Enrile y miembro fundador del Movimiento de Reforma de las Fuerzas Armadas (RAM por sus siglas en inglés), integrado básicamente por graduados de la elitista academia militar filipina.

De modo que cuando Enrile se distanció —el año pasado— de la presidenta Aquino y declaró que se comportaría como Rambo si lo provocaban fue casi inevitable que ese equipo fuera conocido como Rambo y los chicos del RAM.

Pero se trató de un juego que pronto se volvió peligroso. Los chicos del RAM, que solían mostrarse muy jocosos, fueron perdiendo su humor a medida que aumentaban sus críticas contra Corazón Aquino y declaraban abiertamente que eran capaces de derrocar a otro presidente.

El otoño (boreal) pasado, uno de los "chicos del RAM" —muy próximo a Honasan— le describió a un periodista extranjero un escenario golpista en el que Aquino era tomada como prisionera en su palacio, privada de todo poder y autorizada a seguir gobernando pero al estilo de una monarquía inglesa. Se lanzaban también "ataques quirúrgicos" contra algunos de sus colaboradores más importantes.

Las especulaciones de que Honasan orquestaría un golpe de Estado eran tan fuertes que en noviembre pasado un diario publicó en tapa su fotografía y una entrevista con el título: "«Gringo» desmiente todo rumor de golpe".

En esta entrevista —que fue publicada en vísperas precisamente de un viaje de Aquino a Japón, el 9 de noviembre pasado— se le preguntó a Honasan lisa y llanamente: "¿Sabe usted si está previsto algún golpe para este fin de semana?".

"No, no hay ningún golpe previsto para esta semana", había contestado Honasan.

Ese mismo mes, Enrile era destituido como ministro de Defensa luego de que militares cercanos al gobierno advirtieron que Honasan y los "chicos del RAM" estaban armando otro golpe. Sin embargo, ni Honasan ni ninguno de los supuestos conspiradores fueron castigados o acusados públicamente.



Agencia AP

El coronel Gregorio "Gringo" Honasan aparece en el campo Aguinaldo, sede de las fuerzas armadas en Manila, dando instrucciones a sus hombres el día del intento golpista.

Clarín 1/9/87

D1-01.

8709814

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro. | Ejemplo Nro.

Asunto:

TEXTO:

Tenso clima en las Filipinas

MANILA, 26 (AP). – El líder del intento golpista del mes pasado ha sido visto en Manila, pero no puede ser arrestado debido a que es protegido por miembros de las fuerzas armadas, dicen hoy tres diarios de Manila.

Mientras tanto, tropas del gobierno tomaron un campamento rebelde comunista en una ofensiva militar contra las guerrillas del Nuevo Ejército del Pueblo, cuyos recientes ataques amenazaron aislar la región de Bicol en el sudeste de Luzón.

La Nación 27-7-87

01-01

8709837.

INESTABLE SITUACION EN LA CRISIS MILITAR DE FILIPINAS

Golpistas anuncian un gobierno paralelo

Seiscientos efectivos de la Academia Militar filipina proclamaron ayer su adhesión a los rebeldes que intentaron derrocar el viernes pasado a la presidenta Corazón Aquino. Los amotinados que lograron huir de las tropas leales anunciaron, mediante un comunicado fechado el sábado último, la instalación de un gobierno provisional en la isla de Luzón (la más grande del archipiélago).

Agencia AFP





Movimiento de tropas en Filipinas. Infantes de marina relevan la guardia en un cuartel (arriba) y otro grupo limpia sus armas frente al palacio presidencial.

MANILA, 31 (UPI, Reuter, AFP, AP y ANSA). — Soldados rebeldes proclamaron hoy en Filipinas un gobierno provisional revolucionario, bajo una junta integrada por jóvenes oficiales derrotados la semana pasada al intentar derrocar al gobierno de Corazón Aquino.

Simultáneamente, efectivos leales fueron dispuestos para reforzar las defensas de la capital con tanques y un contingente especialmente entrenado para enfrentar un eventual contraataque de los sublevados.

A través de un comunicado dado a conocer hoy, pero fechado el pasado sábado, un día después del fracasado complot, los rebeldes hicieron saber que habían establecido un gobierno provisional en la isla de Luzón (la más grande del archipiélago filipino, donde se encuentra Manila), y que juraron fidelidad a la Constitución de 1935, exigiendo asimismo la convocatoria a nuevas elecciones presidenciales.

Los insurgentes acusaron a la señora Aquino de "inaceptable indulgencia hacia los guerrilleros comunistas" y de poner en peligro la integridad del país accediendo a los pedidos de los irredentistas islámicos, así como de tolerar en el seno de su gobierno "una corrupción galopante".

Ante este anuncio, el gobierno filipino reaccionó señalando que no hará ninguna concesión a los soldados renegados que proclamaron el gobierno provisional, encabezados por oficiales pertenecientes al Movimiento de Reforma de las Fuerzas Armadas (RAM), que en febrero del año pasado contribuyó a la caída del ex presidente Ferdinando Marcos.

El secretario de Prensa de la presidencia, Danilo Gozo, dijo que el gobierno no estaba enterado de la última acción rebelde, pero anunció que "no hará ninguna concesión a ninguna fuerza hostil, ni de derecha ni de izquierda".

La división en el seno de las fuerzas armadas filipinas quedó demostrada más ostensiblemente al saberse que los cadetes de la Academia Militar declararon hoy una huelga de hambre en adhesión a los insurrectos.

El subjefe del Estado Mayor, general Eduardo Ermita, fue enviado por el gobierno de Aquino para tratar de convencerlos de desistir, aunque son disímiles las informaciones posteriores sobre los resultados obtenidos por el jefe militar.

El general Ermita se dirigió a la Academia ubicada en la ciudad de Baguio, 210 kilómetros al norte de Manila, tras saberse que el cuerpo de cadetes, integrado por unos 600 efectivos, realizaba una huelga de hambre en apoyo a los amotinados.

El vocero militar, coronel Honesto Isleta, señaló posteriormente que Ermita y otros jefes mantuvieron prolongadas reuniones con los cadetes y afirmó que los jóvenes dijeron que "habían ... al informa... dos" y que mañana volverían a sus clases.

Sin embargo, la Academia Militar estableció un estricto silencio informativo acerca de la protesta, y no se pudieron establecer contactos con los cadetes para confirmar lo manifestado por el coronel Isleta.

♦ **Ataques comunistas**

Los guerrilleros comunistas anunciaron hoy que se proponen lanzar nuevos ataques contra objetivos del ejército filipino, profundamente dividido tras el frustrado golpe de estado.

El proscripto Frente Democrático Nacional (comunista) anunció que tratará de aprovechar plenamente la confusión que reina en las filas castrenses para continuar la lucha de insurgencia, iniciada hace 18 años en este país.

"La tensión y los persistentes problemas que existen dentro de las fuerzas militares profundamente divididas han creado una excelente oportunidad para el florecimiento de la insurgencia", dijo el Frente en un comunicado.

Un ataque lanzado el sábado por los elementos del Nuevo Ejército del Pueblo —también comunista— contra un puesto policial cercano a la ciudad de Davao provocó 14 muertos, entre ellos 10 rebeldes.

Mientras los soldados leales a la presidenta Aquino continúan la búsqueda del líder de la revuelta, coronel Gregorio Honasán, sobre quien pende una orden de captura vivo o muerto, un vocero del gobierno

paralelo

—que no quiso ser identificado— señaló que el fallido intento de golpe de Estado del viernes podría ser "una prueba" para un alzamiento de mayor importancia. "Creo que esto va a tener una segunda etapa", dijo.

Esta opinión se vio robustecida por los últimos acontecimientos ya señalados y por la circular interna enviada por el comandante de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, quien exhortó a sus hombres a que se mantuvieran en estado de alerta.

"Pueden producirse todavía esfuerzos desesperados de parte de los rebeldes en atacar instalaciones claves del gobierno y atentar contra civiles", manifestó Ramos.

No obstante, nadie ha podido brindar datos confiables sobre la cantidad de rebeldes que adhirieron a la intentona golpista y ahora al gobierno provisional y, menos aún, cuántos podrían adherirse en las próximas horas.

Agencia AFP

037

Filipinas: virtual amnistía para los soldados golpistas

MANILA, 6 (UPI). – El comandante en jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, aprobó hoy un plan que permitiría reintegrarse al servicio activo a centenares de soldados que participaron en el intento de golpe de estado del 28 de agosto, dijo en un comunicado de prensa.

Se agregó que, aunque Ramos ha dado órdenes de "disparar a matar" contra el cabecilla de la sublevación, el coronel Gregorio "Gringo" Honasán, el jefe militar accedió a que regresen a las Fuerzas Armadas los oficiales y efectivos que estarían "menos implicados" en el motín.

La presidenta Corazón Aquino dijo el miércoles que algunos de los soldados sublevados que fueron capturados declararon a los investigadores que habían sido engañados para que se sumaran al intento de golpe de Estado, el quinto y el más grave sufrido por la Presidenta en los 18 meses que lleva en el gobierno.

Aquino relató que Honasán hizo que los soldados creyeran que estaban realizando un "ensayo de misión militar", y que algunos hasta llevaban cuadernos para tomar apuntes. Dijo que otros efectivos sublevados tenían informes radiofónicos falsificados que señalaban que el palacio presidencial estaba siendo atacado por rebeldes comunistas.

Ramos aprobó la recomendación presentada por el subcomandante de las Fuerzas Armadas, mayor general Eduardo Ermita, para enviar a 819 soldados sediciosos detenidos en dos buques de la Armada, en la bahía Manila, a sus respectivos batallones para que sean interrogados.

Ermita propuso que se formen 32 equipos de investigación para llevar a cabo las pesquisas en torno a 35 oficiales, 731 soldados y 53 policías detenidos en los buques.

Aseveró que de acuerdo con la investigación preliminar, 65 de los que se encuentran bajo custodia de la Armada "podrían ser los menos implicados en el motín", en el que murieron 53 personas.

Ermita dijo que las condiciones a bordo de los buques "crean dificultades para el interrogatorio táctico e investigación" de los sublevados.

Los soldados que cumplían un programa de reentrenamiento podrían posteriormente reincorporarse a filas castrenses, se señaló.

Envenenamiento

ZAMBOANGA, 6 (AP). – Diecinueve reclutas de la policía murieron y alrededor de otros 140 fueron hospitalizados por lo que se supone fue un envenenamiento masivo.

Los voceros dijeron que muchos de los 225 reclutas de la policía, pertenecientes a un centro de entrenamiento de esta ciudad, se sintieron enfermos ayer después de una práctica de trote de siete kilómetros.

La Nación 7/9/87

01-01

8709930.

037

Laurel listo para asumir en Filipinas



MANILA. — El [illegible] vicepresidente de Filipinas, Salvador Laurel, declaró ayer estar listo para convertirse en presidente si el ejército derrocara a Corazón Aquino.

En un discurso en la Asociación de Corresponsales Extranjeros en Filipinas Laurel, que renunció a su cargo de canciller el mes pasado, también dijo que quería el éxito del gobierno de Corazón Aquino y expresó dudas de que Estados Unidos cumpliera su amenaza de suspender la ayuda si la presidenta era destituida por un golpe.

Laurel dijo que rehusaría ser una figura decorativa si el ejército derrocara a Aquino y le ofreciera la presidencia.

El Día 20/10/87

MONTEVIDEO, LUNES 19 DE OCTUBRE DE 1987

Refuerzan medidas de seguridad en los alrededores del Palacio

Militar rebelde crea nueva sensación de golpe de Estado en las Filipinas

Un soldado rebelde que supuestamente robó un vehículo acorazado ligero del acuartelamiento de Fort Bonifacio de esta capital, originó durante la madrugada de ayer una caza de golpistas en las calles de la ciudad. Mientras millares de filipinos ayunaban en el estadio de fútbol Rizal preparándose para la canonización del primer santo en la historia del país.

MANILA (EFE).- Al menos dos decenas de periodistas filipinos habían sido convocados a las 4:00 de la madrugada (hora local) para ser trasladados al centro de la isla de Luzón para asistir a una rueda de prensa conjunta de los coroneles Gregorio Honasan y Reynaldo Cabauatan.

Honasan lideró el último intento de golpe de Estado el pasado 28 de agosto, y el coronel Cabauatan es líder de los militares leales al depuesto dictador Ferdinand Marcos, vinculado a anteriores complots desestabilizadores.

El encuentro con los militares golpistas más buscados en el país, no se llevó a cabo, sin embargo, una tanqueta abandonada en la Universidad Pontificia de Santo Tomás hizo presumir que las fuerzas gubernamentales abortaron una nueva conspiración golpista.

La oficina de prensa del palacio presidencial, señaló en un comunicado que las tropas gubernamentales desbarataron una conferencia de prensa de los militares rebeldes.

Asimismo indicó que el gobernador de la capital de Filipinas, Jejomar Binay, dijo que recibió informaciones en relación a un presunto ataque de las fuerzas leales a Marcos del coronel Cabauatan, contra el gobierno de Cory Aquino.

Según la misma fuente, el coronel Braulio Balbas, vicecomandante de la división de marines -la unidad de elite de las Fuerzas Armadas filipinas- señaló que el conductor de la tanqueta era un soldado mecánico del Parque Móvil, que logró abandonarla antes de su detención.

Las fuerzas gubernamentales recogieron del interior del vehículo acorazado documentos relacionados con la facción militar Guardianes, que lideró el coronel Cabauatan, así como planos del entorno del palacio presidencial.

Los conspiradores se llevaron toda la munición y una ametralladora M-16 de la tanqueta indicó el coronl Balbas.

Un jeep militar con 7 personas, hasta ahora sin identificar, prestó apoyo logístico al vehículo desde que salió del acuartelamiento.

En el palacio presidencial, las medidas de seguridad fueron reforzadas, mientras militares con armas automáticas y protegidos con sacos de arena, controlan los puestos de vigilancia en las vías de acceso al mismo.

Observadores destacados en la capital, describen la nueva acción de los rebeldes de ultraderecha, como un intento de probar la vulnerabilidad de los sistemas de defensa del palacio de Malacañang.

Todos los acorazados militares están bajo fuertes medidas de seguridad y Balbas describió la acción como un intento de indicar que los infantes de Marina no apoyan al gobierno de la Presidenta Aquino.

"Están equivocados", añadió.

Mientras, medio millar de personas leales al derrocado Presidente Ferdinand Marcos, celebraron una manifestación en la plaza Liwasang de Manila, en la que solicitaban la unidad del ejército contra el gobierno, al que acusan de gobernar en connivencia con los comunistas.

Sin embargo, la jornada en Manila, se caracterizó por un ambiente festivo debido a la canonización del beato Lorenzo Ruiz en el Vaticano, un mártir del siglo XVII que murió torturado en Japón en compañía de tres dominicos españoles.

"Personalmente creo que en Filipinas necesitamos fe. Necesitamos a la virgen María y necesitamos coraje", dijo la Presidenta Cory Aquino, en un mensaje a la nación antes de dar comienzo la ceremonia en Roma.

La jefa del Ejecutivo filipino, canceló su viaje al Vaticano, debido a la crisis desatada a raíz del intento golpista del coronel Honasan en agosto, que ocasionó 53 muertos y cerca de 300 heridos.

"De alguna forma, Filipinas es como Lorenzo Ruiz. Parece que todas las probabilidades están en nuestra contra. Problemas de la derecha con amenazas de golpe cada día y problemas de la izquierda con la amenaza de violencia desde las montañas, pero estamos a salvo en las manos de Dios", añadió la Presidenta.

01-01

8709989

037

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de: EL DIA 7-10-87

Asunto:

TEXTO:

Abortan en Filipinas un nuevo intento golpista

MANILA. — Veinte presuntos conspiradores fueron arrestados ayer en Manila, durante una importante operación militar destinada aparentemente a coartar otro intento de golpe contra Corazón Aquino, presidenta de Filipinas.

El coronel Juanito Lagasca, jefe de la Inteligencia policial, informó a los periodistas que los presuntos conspiradores fueron capturados en distintos operativos realizados en sitios que se sospechaba eran utilizados como guaridas en la región central de Manila.

Lagasca dijo que los desertores "leales al depuesto presidente filipino Ferdinand Marcos" se preparaban para tomar ayer el poder y esperaban obtener el apoyo del coronel Gregorio Honasan, quien el 28 de agosto encabezó otra tentativa de golpe. "La redada tuvo por objeto impedir otro intento", informó Lagasca.

Mientras la Policía detenía a los sospechosos, efectivos militares se desplegaban por Manila en un "ejercicio antisubversivo". Las sirenas de alarma hicieron salir a centenares de soldados de sus cuarteles para ocupar los puntos clave de la ciudad, incluyendo el palacio presidencial.

Camiones cargados de soldados, a los que seguían tanques y vehículos blindados, partieron del comando en jefe del Ejército, despertando rumores de que otro grupo militar había intentado una asonada.

"Este es sólo un ejercicio... pero existen informes de que alguien intenta otro golpe", dijo a los periodistas el general Alejandro Aguirre, comandante militar de Manila.

FILIPINAS 037

FILIPINAS: LA REBELION MILITAR, EL ACOSO GUERRILLERO Y EL DETERIORO ECONOMICO

Agencia AP



1.800 soldados de la Fuerza Aérea planteando ayer sus exigencias al vicepresidente Salvador Laurel: amnistía para los sublevados y reformas.

Murió un general en la zona de guerrilla

MANILA, 5 (Reuter y UPI). — El gobierno filipino anunció que el general Eugenio Ocampo, leal a la presidenta Corazón Aquino, murió hoy al estrellarse el helicóptero en que viajaba, sobre una zona donde operan los rebeldes comunistas.

La policía y los militares dijeron que un segundo general, Antonio Samonte, y otros cuatro soldados resultaron heridos en el accidente.

Personal especializado se dirigió a la zona para determinar las causas de la caída del helicóptero, que se registró a 80 kilómetros al este de Manila.

Nueve cadetes policiales recientemente reclutados perecieron esta mañana por la excesiva fatiga a causa de un trote de entrenamiento, dijeron las autoridades militares. Otros 32 cadetes fueron hospitalizados por la misma razón.

El comandante de la policía regional, general Lorenzo Rapanan, dijo que un contingente de 225 reclutas trotaba en un tramo de seis kilómetros, con destino al centro de entrenamiento en esta ciudad, a 865 kilómetros de Manila, cuando de pronto varios de ellos se desplomaron.

Rapanan dijo que nueve cadetes fueron declarados muertos al llegar al hospital-militar, donde señalaron que el estado de los otros 32 cadetes es "grave".

El coronel Dante Quibang dijo que las víctimas perecieron por insolación y fatiga, pero tampoco descartó la posibilidad de un envenenamiento por los alimentos consumidos previamente.

El golpe frenó la recuperación

MANILA, 5 (de "Los Angeles Times" y "The Washington Post", especial para Clarín).— El intento de golpe de Estado contra el gobierno de Corazón Aquino en Filipinas parece haber hecho trastabillar a un proceso de recuperación económica que se presentaba sorprendentemente fuerte. La perspectiva, hoy, es preocupante, por la desaceleración que se advierte y que tiende a incidir más en las áreas rurales, focos de reclutamiento de las guerrillas del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP).

El mundillo de los negocios registró el impacto de inmediato. "The Bussines Chronicle", un diario de Manila, informó que las estimaciones de un crecimiento del 6,5 por ciento en el Producto Bruto Nacional para este año ya se han comprimido al 5,8 por ciento. La Bolsa, que en la semana previa al golpe había registrado un incremento del 4 al 5 por ciento en el valor de las acciones, cayó un 3,9 por ciento después de la intentona del coronel Gregorio Honasán.

Con todo, José Concepción, ministro de Comercio e Industria, sostiene: "Todavía soy optimista".

♦ **De la dictadura a la prosperidad**

La democratización de Filipinas parecía haber cerrado un período de postergación en el que el estratégico archipiélago del Pacífico se mantuvo como la gran excepción entre los enclaves asiáticos de rápido crecimiento. En los primeros seis meses del año, la tasa de crecimiento registró en el país un incremento del 5 por ciento; el mercado de acciones se mostraba en ascenso y la inversión, que es considerada clave para una recuperación en el marco del "boom Pacífico", trepaba. Los economistas ubicaban ya a Filipinas a la par de Singapur y Tailandia, y en un lugar aventajado respecto de Malasia e Indonesia, países todos que forman parte de la Asociación de Naciones del Sudeste Asiático.

Mientras la industria de la construcción daba un importante salto cuantitativo, y las empresas cementeras superaban un largo período de alta capacidad ociosa, en el campo los proyectos auspiciados por el gobierno lograban crear trabajo en la construcción de carreteras, puentes y otras obras de infraestructura. Un impulso combinado con el reordenamiento social traducido en el funcionamiento de Consejos Económicos Populares en provincias, con la función de informar al gobierno nacional sobre las necesidades locales.

Por otra parte, la vida en el campo se vio modificada al comenzar a instalarse pequeñas industrias de interés local.

Aunque algunos problemas requerían todavía una mayor atención para los productores rurales —afectados por limitaciones en el otorgamiento de préstamos—, muchos granjeros se vieron favorecidos, en los últimos tiempos, por el logro de precios competitivos. Tal el caso del copra (fruto desecado del coco), que duplicó su precio en el pasado año, otorgando ganancias que en su mayor parte fueron derivadas a los productores.

El ministro Concepción advirtió en distintas oportunidades que el récord logrado en inversiones externas y locales no tenía todavía el reflejo esperado en el flujo de dinero, si bien ofrecía resultados en el incremento del consumo.

Pero la tendencia es positiva en los centros industriales, según Concepción, con plantas que un año atrás solo utilizaban el 40 por ciento de su capacidad, y hoy llegan al 80 por ciento. La industria textil, por ejemplo, con fábricas funcionando los siete días de la semana, podría absorber alrededor de mil millones de dólares en inversiones en la actualidad.

Si el "optimismo" que el ministro Concepción declara tiene fundamento y Filipinas se libera finalmente de las tensiones políticas, las inversiones podrían multiplicarse, entre otras cosas, porque el país cuenta con una fuerza de trabajo de gran aptitud para el entrenamiento, y que además maneja el idioma inglés.

Los analistas occidentales entienden, incluso, que no necesariamente la reiteración de asonadas militares como la que se produjo la semana pasada, ejercerán efecto negativo en los inversores, provocando su abandono del país.

Al respecto apelan al ejemplo de Tailandia, que ha demostrado en los últimos 30 años la posibilidad de mantener vigente la inversión extranjera pese a verse afectada por más de una docena de golpes de Estado o por lo menos intentos de interrupción del orden institucional.

870916

1.500 MILITARES PIDIERON AMNISTIA PARA LOS INSURRECTOS EN FILIPINAS

Anuncian que seguirá la revuelta contra Aquino

Mientras se intensifican en Manila las versiones sobre otro conato golpista, tres hechos conmovieron ayer al país asiático: la llamada Junta Provisional Nacionalista difundió un documento prometiendo "elecciones honestas" y una "democracia verdadera", mientras centenares de oficiales reclamaban amnistía para los amotinados. Pero impactó sobre todo una proclama radial del líder de los sublevados, coronel Gregorio Honasán, que juró no cejar en su lucha contra el gobierno de Corazón Aquino. El jefe militar leal, general Fidel Ramos, instó a rendirse al cabecilla rebelde, quien continúa prófugo.



Agencia Reuter

Coronel Gregorio Honasán, líder de los militares rebeldes, rindiendo homenaje a un soldado muerto por guerrilleros de izquierda.

MANILA, 5 (UPI, AP, ANSA, R., EFE y DPA).— El coronel rebelde Gregorio Honasán, el hombre más buscado de Filipinas, que dirigió el cruento intento golpista de la semana pasada, rompió ocho días de absoluto silencio a través de un mensaje magnetofónico difundido hoy por radio, en el que prometió seguir combatiendo al gobierno de la presidenta Corazón Aquino, a la que calificó de "desorientada e incapaz".

Paralelamente, mientras en esta capital persisten los rumores sobre otro posible estallido golpista, hoy se puso nuevamente de manifiesto el descontento militar durante un encuentro del vicepresidente, Salvador Laurel, con unos 1.500 efectivos de la base aérea Villamor, que fue brevemente controlada por los sublevados el 28 de agosto último.

En la reunión, los militares plantearon quejas por la paga, la falta de equipos y la supuesta presencia en el gobierno de simpatizantes comunistas, además de reclamar una amnistía para los amotinados. Las fuerzas armadas juzgan como pro comunista al consejero presidencial Joker Arroyo, señalado como "eminencia gris" del Palacio de Malacañang.

También hoy —y en lo que fue considerado el recrudecimiento de una campaña psicológica de insurgencia— los periodistas acreditados en Manila recibieron fotocopias de un "programa político" de los rebeldes, firmado en nombre de los siete miembros de la autotitulada "Junta de Gobierno Provisional Nacionalista", constituida a principios de semana.

El programa ofreció "elecciones honestas", la participación de la Iglesia en la verificación de una "recaudación fiscal honrada", concesiones culturales a los musulmanes (cuyos 15.000 militantes acaban de declararse en pie de guerra en apoyo a los rebeldes), mejoras en los sectores industrial, agrícola y educativo, y diversas reformas militares. Prometió asimismo "el establecimiento de una democracia verdadera y el camino de la prosperidad que se base en lo individual, en ti, hombre y mujer de las masas".

El mensaje de 15 minutos de Honasán, enviado a la radioemisora privada DZRH, fue difundido al día siguiente del arresto de su hermano Don, por posesión ilegal de armas, luego del allanamiento a una vivienda que según se informó pertenece al jefe de la oposición parlamentaria, el senador y ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile. Este fue destituido del cargo por Aquino en noviembre.

Proclama mesiánica

Honasán, de 37 años, dijo en la grabación que las acciones del 28 de agosto fueron los "pasos iniciales necesarios para establecer una nueva dirección para el país y para el pueblo". El coronel, que permanece prófugo, afirmó que no logró su objetivo a causa de "una líder considerada popular, sincera y comprometida, no importa cuán mal aconsejada, desorientada e incapaz sea".

Señalando que no existió el propósito de dañar a la presidenta o su familia, Honasán sostuvo que Filipinas está "encaminada hacia otros 20 años de desgobierno", pese al derrocamiento en febrero de 1986 del ex mandatario Ferdinando Marcos, cuya "incompetencia y corrupción se están duplicando". Advirtió: "No podemos permitirlo, y no lo permitiremos", y juró que continuará combatiendo contra el gobierno [illegible] que se haya unido a su lu[illegible] clusive el último ciudadano filipino".

Criticó asimismo a la mandataria por liberar a presos políticos y mantener "conversaciones sin sentido" con la guerrilla comunista del llamado Nuevo Ejército del Pueblo, surgida hace ya dos décadas, y dijo que Aquino ahondó la división entre el poder civil y los militares. Puso, como ejemplo de esto último, lo que rotuló de "casa de brujas contra los presuntos abusos de las fuerzas armadas".

Honasán describió el saldo de más de 50 muertos —incluyendo 23 civiles— de la asonada por él dirigida, como un hecho "lamentable e inexcusable", y arguyó que cuando las tropas gubernamentales atacaron, sus fuerzas decidieron no seguir la lucha para no derramar más sangre.

El jefe del Estado Mayor de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, dirigió pocas horas después por la misma emisora, un reto a los jefes rebeldes, para "que se entreguen al son profesional". Atribuyó a Honasán "avidez de poder" aunque admitió que despertó simpatías entre los 150.000 efectivos castrenses.

Por su parte, el portavoz presidencial, Teodoro Benigno, describió a Honasan como un "autoproclamado mesías con ilusiones de grandeza". Añadió que "si llegara a tomar el poder" lo haría para instaurar "una dictadura militar, abolir la nueva Constitución, disolver el Parlamento y reprimir la voluntad popular". Agregó que "Honasán suena el tambor de su paraíso imaginario, pero marcha bajo la bandera del más despiadado despotismo".

Vuelta de tuerca

La situación en Filipinas parece encaminada, según todos los indicios, a una definición crucial que tanto para puede implicar una asonada castrense más grave que las anteriores como un grave condicionamiento del gobierno de la presidenta Corazón Aquino. Los analistas han destacado que los militares rebeldes, liderados por el coronel Gregorio Honasán, se permiten ahora proclamas radiales casi de igual a igual con los mandos civiles y castrenses: el comandante máximo de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, debió responder al reto de los golpistas utilizando la misma emisora escogida por éstos. También debió reconocer, allí, que Honasán ha logrado concitar las simpatías de una parte de sus dirigidos, que exigen la amnistía para los amotinados de agosto.

En este sentido, los casi 300.000 efectivos de la oficialidad y tropa parecen estar hoy más divididos que nunca.

Por otro lado, la llamada Junta de Gobierno Provisional Nacionalista y el mismo Honasán adoptan ahora, para sus apelaciones públicas, un tono decididamente populista no abordado en anteriores asonadas: han decidido recurrir así a las más modernas técnicas de la propaganda contrainsurgente para intentar el respaldo de un amplio espectro de opinión, desde la Iglesia a las fuerzas vivas, educadores, minorías musulmanas y los propios militares, soliviantados por pagas insuficientes y notorios déficit de equipamiento.

Domingo 6 de septiembre de 1987
Clarín
Fundado por ROBERTO NOBLE el 28 de agosto de 1945
Directora: Ernestina Herrera de Noble

Inestabilidad en Filipinas

LA situación política filipina sigue mostrando, a más de un año de instaurado el gobierno democrático, signos de inquietante inestabilidad. El gobierno de Corazón Aquino sufrió sucesivas crisis militares que culminaron el 28 de agosto pasado en un nuevo y cruento intento de golpe de Estado que fue sofocado, pero cuyas consecuencias están lejos de agotarse. El primer escollo serio que debió sortear el gobierno de Manila se presentó en noviembre pasado, cuando el entonces ministro Ponce Enrile apareció encabezando un movimiento cuyo objetivo era desplazar a la presidenta Corazón Aquino. Esta consiguió, en cambio, separar del cargo al general sedicioso y recomponer su relación con las fuerzas armadas apoyándose en el jefe del Estado Mayor, general Fidel Ramos, quien aparece desde entonces como la principal garantía de la continuidad del gobierno civil.

La solución encontrada en noviembre estuvo lejos de cerrar el ciclo de la crisis.

Entre los elementos más significativos que la explican pueden contarse la insatisfacción de los militares por la política gubernamental ante la guerrilla comunista, la persistente crisis económica y la conspiración de los sectores pervivientes del marquismo. El mismo ex dictador Ferdinando Marcos resultó involucrado, en julio pasado, en una espectacular conspiración destinada a secuestrar a la presidenta Aquino, sublevar parte de las fuerzas armadas y reintegrar a Marcos al poder. El plan resultó frustrado, casi a último momento, por la investigación de parlamentarios norteamericanos.

El 28 de agosto pasado, finalmente, grupos rebeldes del ejército protagonizaron el más importante intento de golpe de Estado desde la asunción de Corazón Aquino. En esta ocasión los sublevados sostuvieron que su intento no era derrocar a la presidenta sino cuestionar al general Fidel Ramos por no combatir eficazmente a la guerrilla comunista.

No obstante su fracaso, los rebeldes anunciaron la creación de un gobierno provisional en la isla de Luzón, la más grande del archipiélago, en la que se encuentra Manila.

A su vez, la guerrilla del Frente Democrático Nacional, de orientación comunista, anunció que incrementará sus ataques al ejército, con el objeto de profundizar las divisiones ya existentes en él.

Las posiciones de los sectores descontentos del ejército y de la guerrilla han bloqueado hasta ahora el proyecto gubernamental de encontrar una salida negociada con la guerrilla y cuyo primer paso fue la tregua acordada en los primeros días de la nueva administración. Este intento fracasó, sin embargo, muy pronto, a raíz de una sangrienta represión de manifestantes campesinos.

Hasta el momento, las sucesivas crisis militares pudieron ser resueltas por la intervención de Fidel Ramos, pero también la figura del jefe del Estado Mayor se ha deteriorado entre los militares por su apoyo a la presidenta y, con ello, su capacidad para conjurar futuros problemas.

El gobierno filipino transita, en definitiva, un escenario muy complejo que hace temer por su estabilidad. Su suerte no sólo importa a los habitantes del archipiélago sino a la amplia zona del Pacífico, en la cual el país ocupa un lugar estratégico. Por eso mismo cabe esperar que los sectores en conflicto encuentren vías de negociación que contribuyan a la estabilización de la sociedad filipina y aventen el peligro de nuevas tensiones en el área en la cual está inserta.

01-01

8710118.

037

La Prensa 23-9-87

Temen que se agrave la crisis filipina

Manila, 22 (UP) – La rápida acción contra el último intento de golpe de estado impidió una guerra civil en Las Filipinas, pero el gobierno de la presidenta Corazón Aquino sigue enfrentando serios problemas, indicó hoy el jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos.

Ramos, cuyo cargo está en peligro desde el conato de golpe del 28 de agosto, dijo también que los militares estaban investigando la posiblidada de que el asesinato de un dirigente izquierdista durante el fin de semana significará el surgimiento de escuadrones de la muerte derechistas en la capital de la nación.

Ramos, en un almuerzo con corresponsales extranjeros, dijo que él había "evitado una guerra civil" al ordenar el bombardeo de su propia comandancia, en campo Aguinaldo, para expulsar de allí a las tropas del renegado coronel Gregorio "gringo" Honasan.

Sin embargo, Honasan sigue oculto, acompañado de unos 1.000 soldados, obligando al ejército a desviar fuerzas de su guerra contra los insurgentes comunistas y extremistas religiosos, mientras el gobierno de la presidenta es abatido desde adentro por disensiones y actos ilegales.

"Estuvimos entonces mucho más cerca a la guerra civil de lo que estamos ahora, pero todavía no hemos salido del bosque", señaló Ramos.

"La situación es claramente mala, pero con los recursos y poderes del gobierno, creo que todavía podemos tomar las medidas necesarias para reducir el problema y eventualmente solucionarlo".

01-01

Mensaje radial de los rebeldes filipinos

Manila (UP) – Los miembros de la autoproclamada "Junta Filipina" lanzaron una campaña de popaganda en esta capital para pedir apoyo a su programa político por medio de un mensaje radial grabado por el coronel fugitivo Gregorio "Gringo" Honsan, quien encabezó el reciente intento de golpe de estado.

Los militares opositores al gobierno de la presidente Corazón Aquino, que intentaron derrocarla el 28 de agosto, pidieron perdón por la pérdida de vidas civiles en el incidente y prometieron establecer un gobierno que hará de "las masas los verdaderos guardianes de la democracia y la libertad".

Funcionarios del gobierno calificaron las promesas como "palabras engañosas para enmascarar a una dictadura militar" y exigieron a los dirigentes del intento golpista que salgan de sus escondites.

El dirigente opositor Juan Ponce Enrile, en una ocasión el cerebro de la conspiración golpista, negó entre tanto tener conocimiento sobre el incautamiento de un arsenal de armas en un edificio de su propiedad y prometió cooperar con la policía.

La campaña de propaganda, acompañada por insistentes rumores sobre posibles bombardeos, disparos y movimientos militares, pareció ser parte de una cruzada psicológica de los líderes rebeldes, conocidas como técnicas de contrainsurgencia.

HR

FILIPINAS

037

Aquino destituyó a 17 militares

Manila (UP) — La presidenta, Corazón Aquino, se reunió con altos jefes militares para aprobar la destitución formal del fugitivo cabecilla del último intento de golpe de estado, el coronel Gregorio Honasan.

Además, ordenó la destitución de otros 16 militares y una pronta acción para terminar con "toda forma de terrorismo".

Entre tanto, cerca de 5.000 simpatizantes del dirigente de la Nueva Alianza Nacionalista, Leandro Alejandro, marcharon pacíficamente a través de la capital para protestar por el asesinato del jefe de esa organización izquierdista.

La marcha conincidió con el 15º aniversario de la ley marcial impuesta por Ferdinand Marcos, derrocado hace 18 meses.

El militar rebelde advirtió que hay otros grupos sediciosos en Filipinas

En su segunda declaración pública desde un lugar secreto, el líder de la intentona de golpe de Estado en Filipinas, coronel Gregorio Honasan, afirmó que no se rendirá hasta que la presidenta Aquino acepte discutir reformas, y sugirió que "otro grupo" rebelde persigue similares objetivos. Según el fugitivo, la insurrección no pretendía asesinar a la gobernante sino dar a conocer los sentimientos de los militares. Las autoridades civiles, que ya habían ordenado el arresto de Honasan, lo desafiaron a que se presentara para someterse a una corte marcial.

MANILA, 14 (AP, UPI). — El militar que encabezó el golpe de Estado del mes pasado en Filipinas declaró hoy que no intenta establecer una dictadura militar y que no se rendirá hasta que la presidenta Corazón Aquino esté dispuesta a discutir reformas.

En una entrevista difundida por la radio DZRH y publicada hoy por el diario "The Independent", el coronel Gregorio "Gringo" Honasan afirmó que la presidenta Aquino ha perdido el control del país.

Honasan también advirtió que grupos no especificados, que buscan explotar el caos creado por su intento de golpe del 28 de agosto, realizarían ataques terroristas. Prometió evitar medidas que atenten contra "la seguridad y el bienestar del pueblo, al que hemos jurado proteger".

"Por el momento, la rendición es algo no negociable", sostuvo. "No tenemos planes para cerrar ningún camino al diálogo. Sin embargo, lo que debería suceder es el inicio de un nuevo curso, una nueva dirección relacionada con reformas profundas."

Honasan declinó revelar su próxima movida. Alegó que ello pondría en peligro "los planes de un grupo más importante que el mío", en clara insinuación de que la presidenta Aquino podría sufrir nuevos intentos de golpes de Estado si no resuelve los problemas que demandan los sediciosos.

Reconoció que él "planeaba cosas contra el gobierno", pero aseguró que "no había nada que pudiera poner en peligro las vidas de civiles", como sucedió durante el intento de golpe.

"Será otra cosa, una manera menos confrontacional de hacerlo", dijo.

Preguntado cuáles eran sus opciones, respondió: "Bueno, ésas son opciones tácticas... así que creo que ustedes deberían acreditarnos alguna imaginación".

Esta entrevista es la segunda declaración pública emitida por Honasan desde el intento de golpe. El 5 de setiembre prometió, en una declaración difundida por radio DZRH, continuar su lucha contra el "inepto y desviado" gobierno de la presidenta Aquino.

Ambas declaraciones fueron difundidas ampliamente en los periódicos y las principales radios de Manila, que son los más importantes medios de información para la mayoría de los filipinos.

La presidenta Aquino se ha negado a negociar con Honasan, a quien acusó de intentar el establecimiento de una dictadura militar con sus ataques, el 28 de agosto, contra el palacio presidencial e instalaciones militares y de comunicaciones.

Al mismo tiempo, el gobierno de la presidenta Corazón Aquino repitió su demanda de que Honasan se entregue a las autoridades para ser procesado con justicia por una corte marcial.

"Si es un hombre de verdad, entonces debe venir y aparecer como un verdadero soldado, un oficial y un caballero ante una corte marcial", expresó el secretario ejecutivo de la presidencia, Joker Arroyo.

En el sangriento intento de golpe murieron 53 personas y cientos resultaron heridos, incluyendo el hijo de la presidenta, Benigno III. Honasan negó que sus tropas hayan disparado contra Benigno Aquino.

El intento de golpe generó la crisis política más seria de los 18 meses de gobierno de Aquino. Una de sus consecuencias fue la renuncia, el miércoles pasado, de los 25 ministros del gabinete.

El secretario de la presidencia afirmó también que la declaración de Honasan y el debate público de la renuncia del gabinete estaban ocultando el tema de fondo que, sostuvo, es el intento de los amotinados de asesinar a la presidenta. Honasan ha negado que tratara de asesinar a la señora de Aquino.

Por otra parte, el secretario de Defensa, Rafael Ileto, requirió hoy a altos jefes militares que ordenen establecido firme y claramente a sus tropas que los militares no son una alternativa al liderazgo civil. El intento de golpe del 28 de agosto ganó respaldo entre los militares, incluso en el cuerpo de cadetes de la academia militar filipina, que entrena a los futuros jefes de las fuerzas armadas.

La agencia gubernamental de noticias filipina, P.N.A., informó hoy que el brigadier general Bayani Fabio evitó el pasado fin de semana una "huelga de sentados" de tropas en el Campo Aquino en Tarlac, provincia natal de la presidenta. Prometió dar cuenta de esas quejas no especificadas a las "altas autoridades".

Agencia AFP



El coronel rebelde Gregorio Honasan, quien reveló ayer que existen otros grupos sediciosos.

Agencia Reuter



Soldados leales a la presidenta Corazón Aquino leen un diario que publica una entrevista con el coronel Honasan, quien continúa en la clandestinidad.

CLARIN 15-9-87

039

147

FILIPINAS

037

Formó Aquino un nuevo Consejo de Estado

Manila,8 (UP) –La presidenta Corazón Aquino respondió hoy a las críticas sobre su manejo del último intento golpista, estableciendo un nuevo Consejo de Estado y enviando a dos de sus asesores principales a enfrentar las acusaciones de un irritado congreso.

Entre tanto, las autoridades anularon los cargos de posesión ilegal de armas y dejaron en libertad a Don Honasan, hermano menor del Coronel Gregorio Honasan, quien estuvo al mando del frustrado golpe de estado que dejó 53 muertos y doscientos heridos.

Fuentes oficiales señalaron que la presidenta está dispuesta a solicitar al Congreso el uso de una cláusula constitucional que le concede poderes especiales en estado de emergencia. Dichos poderes estarían lejos de la ley marcial o la suspensión del derecho de "Habeas Corpus".

El nuevo Consejo de Estado, que se reunirá el jueves y asumirá un papel de asesor en materias de seguridad nacional, incluirá a funcionarios del gobierno, integrantes del alto mando militar, dirigentes del Senado y de la Cámara de Representantes y Miembros del sector privado.

La Prensa 9-9-87

POCO LEGIBLE

037

Afirmó Aquino que revisará sus políticas de gobierno

Manila, 1° (UP) – La presidenta Corazón Aquino admitió hoy que el conato de golpe de estado de la semana pasada demostraba que algo "faltaba" a su gobierno y opinó que había llegado el momento de revisar sus políticas.

Hablando desde su despacho en el palacio de Malacanang, la señora Aquino dijo que consideraba el intento de golpe del viernes "tanto un reto como una oportunidad para mejorar".

"Es verdad que hemos hecho todo lo mejor que hemos podido", afirmó la presidenta, "pero quizás nos falte algo a todos nosotros y ha llegado el momento de revisar nuestras políticas".

Mientras tanto, funcionarios dijeron que el gobierno consideraría negociar con los rebeldes.

"Estamos esperando sus demandas", dijo el vicedirector de prensa Danilo Gozo. "Si hay una demanda razonable, no hay razón por la cual el gobierno converse con ellos. Pero primero vamos a esperar su demanda oficial".

Declaraciones de Ramos

Por su parte, el jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, dijo que la proclamación de los rebeldes de un "gobierno provisional" había sido su último esfuerzo por salvar una causa perdida.

Hablando en una conferencia de prensa, Ramos expresó que sus fuerzas habían impedido una guerra civil al actuar con presteza y determinación para aplastar el intento de golpe encabezado por el coronel Gregorio "Gringo" Honasan y otros oficiales jóvenes.

"El verdadero objetivo del grupo de Honasan era tomar el poder. Eso ha quedado demostrado por su proclamación de un gobierno provisional dirigido por una junta", señaló Ramos.

"El asalto para apresar o asesinar a la presidenta y controlar el palacio presidencial y Camp Aguinaldo les falló", apuntó Ramos. "La junta es ahora un último esfuerzo por buscar apoyo para una causa perdida".

Ramos añadió que Honasan, con su complot, había "apoyado y satisfecho a los terroristas comunistas" que han [illegible] luchando contra el gobierno de Manila durante 18 años.

Agregó que después del intento de golpe, el rebelde "Ejército del Nuevo Pueblo", de 25.000 hombres, "hizo un llamado público para intensificar sus ataques" y sacar ventaja de las diferencias dentro de las Fuerzas Armadas.

"Este es el peor servicio que han hecho Honasan y sus seguidores a nuestro pueblo", apuntó Ramos.

Acusación de los rebeldes

La declaración rebelde, que circuló ayer entre los medios de prensa, acusó al gobierno de la señora Aquino de ser "extraordinariamente benevolente" con las guerrillas comunistas.

Dijeron los rebeldes ayer que la junta había puesto "a todo el país bajo su control" hasta "que las condiciones políticas se estabilicen y hasta que se realicen nuevas elecciones presidenciales".

Ramos no confirmó los rumores de que Honasan y varios de sus ayudantes renegados escaparon a las montañas de Cagayan, la provincia más norteña del país.

"Estamos haciendo múltiples esfuerzos para detectarlo y detenerlo", dijo Ramos. "Es mejor no tratar el asunto públicamene".

Detenciones

Por otra parte, se supo que en la academia militar de las Filipinas, en la norteña ciudad de Baguio, dos oficiales fueron detenidos por su supuesto apoyo al intento de golpe de estado.

Un panel de cinco oficiales investigará los casos y el viernes decidirá si deberán ser acusados.

La Prensa 2/9/87

01-01 8710200

FILIPINAS

037

La Mañana 24/10/87

Soldados previamente desarmados

Aquino visita campamento militar

MANILA (EFE).- La Presidenta Cory Aquino visitó ayer un campamento militar, próximo a la meridional ciudad de Davao, cuya guarnición está integrada por fuerzas especiales de batidores, y cuyos componentes habían sido previamente desarmados.

Aunque me advirtieron que mi vida pudiera estar en peligro si venía aquí no hice caso alguno a esa advertencia, porque mi deber es visitar a los miembros de las fuerzas armadas y comprobar que son bien atendidos, dijo la Presidenta en la alocución que dirigió a unos

Una compañía de batidores, equipada con fusiles a los que se había desprovisto de la munición por orden del coronel Roberto Saavedra, jefe del campamento, rindió honores militares a la Presidenta de Filipinas, quien llegó a bordo de un helicóptero procedente de Davao, ciudad situada a mas de 900 kilómetros al sur de Manila.

En el discurso que dirigió a los soldados, Aquino hizo un llamamiento en favor de que se mantenga la unidad en las fuerzas armadas.

18

FILIPINAS

1 01

031

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro. | Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

Un comando comunista asesinó a un mayor del Ejército filipino

La Prensa 18/10/87

Manila, 17 (UP) — La presidenta Corazón Aquino desmintió hoy cualquier participación norteamericana en los conflictos políticos del país, horas después que un comando comunista asesinara a un mayor del Ejército, frente a su casa en un suburbio de Manila.

Aquino también señaló que esperaba que las fuerzas de seguridad capturaran en las próximas horas al líder fugitivo, coronel Gregorio Honasán, acusado de sedición y rebelión, junto con 84 seguidores.

La presidenta fue interrogada durante la grabación de un programa radial para difundir mañana, si aceptaría la ayuda directa de Estados Unidos, para combatir al ejército rebelde comunista, Nuevo Ejército Popular (NPA), que lleva 18 años de insurrección, y que después del frustado golpe de estado que el 28 de agosto pasado dirigiera Honasán, comenzó una ofensiva de mayor envergadura.

"No, estamos bastante lejos de una situación tipo Vietnam", respondió Aquino, quien ha solicitado frecuentemente a Estados Unidos que apure el envío de armas adquiridas a ese país.

"Este es un problema interno para nosotros, los filipinos", agregó. "Tenemos fuerzas suficientes y capacidad para manejar una situación de esa naturaleza en caso que llegue a ocurrir".

El asesinato de hoy del mayor Edgardo Velasco, fue atribuido al temido escuadrón de la muerte del NPA, "sparrow", cuyo comando formado por dos hombres y una mujer, acribillaron al oficial del Ejército, cuando éste salía del estacionamiento de su casa.

Las guerrillas del NPA también han sido señaladas como culpables en el asesinato de ayer, del teniente coronel Agapito Pablico, comandante del batallón de la región norte de Ilocos.

01-01

871031 2

La Hora 26-9-87

037

Diputado filipino denuncia a la CIA

Manila (DPA). — Un parlamentario filipino culpó ayer a Estados Unidos y a la Agencia Central de Inteligencia norteamericana (CIA) de haber orquestado los recientes conflictos políticos en el país, para, según dijo, proteger los intereses norteamericanos en las Filipinas, en un esquema similar al aplicado en América Latina.

Según el diputado Gregorio Andolana, del Partido Ng Bayan (PNB), "muchos" altos oficiales de las fuerzas armadas filipinas han sido entrenados por la CIA, señalando la escuela militar de Fort Brag en Estados Unidos y el Instituto Asiático de Administración (AIM), con base en Manila.

Excepciones a esa regla, dijo, son el ministro de Defensa Rafael Ileto y el comandante en jefe del Ejército Fidel Ramos, ambos graduados en la academia militar de West Point.

Refiriéndose a los últimos incidentes políticos, dijo que éstos no parecían propiamente "filipinos", sino que serían una forma de controlar el país "para decir después que Estados Unidos es su único salvador", dijo Andolana.

La CIA, afirmó el diputado, está fomentando inquietud mediante asesinatos de líderes izquierdistas por grupos derechistas para provocar con ello al gobierno, en un esquema similar al que se encuentra en operación en América Latina.

Por otra parte, se informó aquí que el alto mando militar filipino envió una unidad especial de varios cientos de soldados a la región de Bicol, en el sur del país, para combatir al "Nuevo Ejército Popular", que opera en la región con una serie de ataques contra importantes instalaciones y vías de comunicación.

Las vías de comunicación terrestres entre Manila y Bicol, provincia pobre en el sur de las Filipinas, están interrumpidas desde que los guerrilleros del NEP volaron cuatro puentes así como vías férreas. El NEP aumentó sus actividades en Bicol tras la fracasada intentona golpista el pasado 28 de agosto del coronel Gregorio "Gringo" Honasan, quien sigue prófugo.

Según informó ayer en Manila un vocero militar, el ministro de Defensa Rafael Ileto mantiene en reserva otro batallón de "élite".

01-01 8710389

A partir de ahora "gobernará directamente"

Aquino advierte que se mantendrá hasta 1992

En su primera intervención importante después del abortado intento golpista protagonizado por el Coronel Gregorio Honasan el pasado 28 de agosto, la Presidenta filipina Corazón Aquino advirtió ayer a sus enemigos políticos que bloqueó todas las puertas de acceso al poder hasta las próximas presidenciales, previstas para 1992.

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Aludiendo al parecer a su anterior Ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, ahora su máximo rival político y líder de la derecha, Aquino dijo: son políticos fracasados que lograron los últimos lugares en las pasadas elecciones y ahora intentan regresar al poder por la puerta trasera.

En medio de la perenne crisis que rodea al Gobierno de Manila, desde que asumió la Presidencia hace 20 meses, agravada por un deterioro del orden público y repetidos intentos de golpe de estado de los militares de derecha, la Jefa del Ejecutivo filipino rompió su silencio ante más de mil empresarios.

La Presidenta explicó que a partir de ahora gobernará directamente al mismo tiempo que se autonombró como el único miembro de un Comité de Acción del Gobierno, y pidió al pueblo que le informe directamente de los casos de corrupción y soborno en su Administración.

Su programa político, que los analistas perciben como un giro hacia la derecha, lo resumió al término de su discurso, en tres frases: demasiado de comunistas. Bastante de golpes de Estado. Llegó el momento de luchar por la democracia.

SITUACION ECONOMICA

En lo económico, la Presidenta dijo que su gobierno terminó con los monopolios de la dictadura del régimen anterior, el PNB creció un 5,5 por ciento durante el primer semestre del año, la tasa de desempleo es del 11,2 por ciento, la inflación está contenida, hay reservas en el Tesoro de 2.400 millones de dólares e inversiones.

A pesar del crecimiento de los indicadores económicos, la deuda exterior, dijo, sigue siendo la lacra del desarrollo y el país está dedicando el 40 por ciento de los presupuestos a pagar unos 29.000 millones de dólares.

Sin embargo, añadió, nuestra prioridad es el crecimiento y si no hay dinero no vamos a pagar, una nueva tesis de su política más próxima a los países deudores iberoamericanos.

Señaló que el último intento golpista debilitó la economía y puso al descubierto las fisuras dentro del Ejército. Sin embargo, en cuanto al General Fidel Ramos, Jefe del Estado Mayor, dijo que "mantengo toda la confianza en el liderazgo profesional de las fuerzas armadas, la burbuja del golpe creo que ha explotado".

"HORA DE COMBATIR"

En el capítulo de la guerrilla, que prácticamente libra combates casi a diario con las tropas gubernamentales en todo el archipiélago, Corazón Aquino descartó la reanudación de las negociaciones de paz, explicando que pasó la hora de hablar y es hora de combatir, necesitamos victorias militares.

En una demostración de mando, Aquino dejó claro ante los empresarios que si llega el momento cogerá su fusil automático M-16, al mismo tiempo que acusó a los comunistas de intentar hundir en la miseria a la población.

Responsabilizó a la extrema derecha de golpes, explosiones de bombas y asesinatos en el país, en un intento desesperado de tomar las riendas del poder de nuevo, y Aquino dijo: les invito a que miren a su mentor (Marcos) en Hawai y que contemplen su suerte.

La Jefa del Ejecutivo ordenó la aplicación inmediata de medidas populares para la patronal, entre ellas el desmantelamiento de todas las huelgas y barricadas ilegales en las empresas, estabilidad de los precios de los carburantes hasta el final de año y reprivatización total de las firmas gubernamentales.

En este capítulo, Aquino señaló que tanto extranjeros como filipinos participarán en las mismas condiciones en las licitaciones públicas.

La Presidenta Aquino reafirmó la política anticomunista de su Gobierno, y en cuanto a los sindicatos radicales de izquierda, que protagonizaron tres huelgas generales en el último mes, dijo: no permitiré que sindicatos incontrolados contribuyan a una victoria comunista. El camino del poder es la urna y no la huelga.

Mientras, un artefacto hizo explosión en un local del Congreso de Diputados, causando daños de escasa consideración.

El incidente, sin embargo, acrecentó las tensiones que vive la capital de Filipinas en las últimas semanas, después que anoche tropas de los dos acuartelamientos más importantes se mantuviesen en posición de ataque ante supuestos movimientos irregulares de fuerzas en Manila y en la provincia de [illegible]

037

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro.	Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

Aquino ordenó investigaciones

MANILA. — La presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, ordenó a los ministerios de Defensa y Relaciones Exteriores la apertura de una investigación sobre el presunto papel desempeñado por un agregado militar de la Embajada de EE.UU. en Manila en la tentativa de golpe de Estado de agosto pasado, informó ayer la prensa.

El caso del teniente coronel Víctor Raphael, agregado militar adjunto de la Embajada de Estados Unidos, será evocado tal vez en la reunión semanal del gabinete el miércoles, añadieron las mismas fuentes que citan funcionarios no identificados.

La prensa filipina había afirmado que el teniente coronel Raphael había tratado de impedir a las tropas gubernamentales atacar a los amotinados, en el campamento de las Fuerzas Armadas de las afueras de Manila, durante la tentativa de "putsch" del 28 de agosto que había causado 53 muertos.

01 - 01 8710494

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO II (EXTERIOR)

Pedido de Informe Nro.

Asunto:

TEXTO:

Ayuda de EE.UU. a Filipinas

MANILA. — Estados Unidos entregó a Filipinas 10 carros blindados para transporte de personal para ser usados en la campaña contra la insurgencia comunista, informaron hoy fuentes norteamericanas.

El oficial estadounidense, mayor general Charles Oeeter, jefe de la Comisión Conjunta de Asistencia Militar, dijo que la entrega de los vehículos era una manifestación del apoyo de Washington a la presidenta Corazón Aquino.

El jefe de las Fuerzas Armadas filipinas, general Fidel Ramos, dijo durante la ceremonia de recepción de los vehículos que estos "aumentarían sustancialmente" la capacidad de la fuerza de 163.000 miembros que están destinados a combatir a los insurgentes comunistas y a los grupos golpistas de la extrema derecha.

Los diez vehículos de transporte de personal que recibió Ramos forman parte del programa de 100 millones de dólares de ayuda militar que Filipinas recibirá de Estados Unidos este año.

Ramos dijo que esperaba recibir otros 15 vehículos en lo que queda del año, a fin de completar una escuadra de más de 100. Además indicó que las Filipinas recibirá equipos de ingeniería, 150 camiones nuevos, 30 helicópteros de utilidad y un buen número de Jeeps M 51, con un poco de uso.

Dijo que con el fin de "estirar" los dólares que tenía disponible, había encargado los Jeeps usados, que podían ser reparados perfectamente con la experiencia mecánica de los filipinos y a su vez contribuir a la reducción del desempleo.

Denuncian presión de EEUU para derrocar a Cory Aquino

Pekín| Manila (PL). Estados Unidos presiona fuertemente para derrocar al gobierno de la presidenta Corazón Aquino y reemplazarlo por una junta militar que garantice plena continuidad a su presencia bélica en el archipiélago.

Esta es la convicción prevaleciente en amplios sectores políticos y sociales de ese país y en medios diplomáticos y especializados de la región, atentos al sustancial deterioro del panorama político conocido por esa nación en los últimos días.

La posible participación de ultraderechistas norteamericanos y la CIA en el último intento golpista encabezado por el coronel Gregorio "Gringo" Honasan fue denunciada desde el inicio y después el jefe del Estado Mayor, general Fidel Ramos y el titular de la Comisión de Defensa del Senado, Manglapus, anunciaron que está bajo investigación.

Directamente identificado con los preparativos golpistas se sindica al general retirado John Singlaub, ex jefe de las tropas en Sudcorea, jerarca de la Liga Anticomunista Mundial y suministrador de armas y fondos a la "contra" en Centroamérica al servicio de los organismos de espionaje de Estados Unidos.

Coincidente con estos pronunciamientos, Félix Bautista, un sacerdote de entera confianza del cardenal Sin, máximo prelado católico del país, aseguró que en medio de la asonada golpista de agosto, un funcionario diplomático norteamericano le solicitó por teléfono que convenciera a Aquino de la conveniencia de una junta militar, con puesto reservado para ella si aceptaba.

Bautista, con acceso diario a Sin, añadió: "a los norteamericanos solo les interesa sus bases militares en Filipinas, consideradas de valor estratégico vital e irremplazables", en revelación valorada como de singular trascendencia dada la importancia de Sin y sus conocidos nexos amistosos con la jefa de Estado.

En opinión de las organizaciones de izquierda, obreras, centristas y socialdemócratas; Bayan, Partido Popular, Sindicato Kilusayan Mayo Uno, Liga de los Estudiantes Filipinos, y el Movimiento por la Paz y la Democracia, la última identificada con el senador Agapito Aquino, cuñado de la Presidenta de la República, hay un intensificado programa de desestabilización ultraderechista en marcha, apoyado por Washington, y serios peligros de instauración de un régimen neofascista.

"Nunca toleraremos una dictadura militar o una junta cívico-castrense", fue uno de los lemas de la marcha dominical contra las andanzas golpistas de los ultraderechistas y de apoyo a Aquino y al sistema constitucional frente a los campos de Aguinaldo y Crame.

En respuesta directa a la propuesta de Junta Militar, Corazón Aquino aseveró que permanecerá hasta el fin del mandato y convocó a la población a marchas públicas de respaldo a su administración mientras renovaba el gabinete, con algunas concesiones significativas a las demandas de Estados Unidos y los militares.

Los dirigentes de las organizaciones antes mencionadas sospechan que la aceleración de la campaña desestabilizadora se relaciona con la intensificación de la lucha nacional por la retirada de las [illegible] norteamericanas del archipiélago, cuyas negociaciones formales comienzan en abril y la aprobación por el Congreso de varias resoluciones contrarias a la presencia de armamento nuclear en Filipinas.



Corazón "Cory" Aquino.

Varias de esas agrupaciones critican duramente a la administración Aquino, empero, por ineficiencia, debilidad y corrupción y por no enfrentar de lleno los graves problemas del país.

PROTESTA POR ASESINATO

Una caldeada atmósfera prevalecía ayer en Manila, donde miles de personas salieron a la calle para protestar por el asesinato del líder oposicionista Leandro Alejandro, mientras las fuerzas armadas permanecen en estado de alerta.

Una huelga de los trabajadores del transporte en solidaridad con los manifestantes, y un acto de partidarios del depuesto dictador Ferdinand Marcos por el 15 aniversario de la imposición de la ley marcial, contribuyeron a hacer más tensa la situación.

La presidenta Corazón Aquino se reunió con sus asesores y el jefe del Ejército, general Fidel Ramos, al término de la cual desmintió los rumores circulantes de que el gobierno suspendería los derechos constitucionales.

01·01

871:0536

18

038

Fidel Ramos aprobó la medida

Golpistas liberados

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- El jefe del Alto Estado Mayor de las Fuerzas Armadas Filipinas, general Fidel Ramos, aprobó la libertad provisional de 55 soldados capturados durante el fallido intento de golpe de Estado el pasado 28 de agosto.

Los militares golpistas, de un total de 1.026 que fueron capturados o se rindieron durante el complot que lideró el coronel Gregorio Honasan, eran reclutas que realizaban un curso especial de entrenamiento en la ciudad de Cabanatuan, a unos 200 kilómetros al norte de Manila, antes de ser licenciados.

Ramos explicó, que un comité investigador del Ejército, llegó a la conclusión de que los soldados desconocían que iban a atacar el acuartelamiento de Camp Aguinaldo, sede del cuartel general de las Fuerzas Armadas, el 28 de agosto último.

Durante la investigación, los aspirantes a Rangers (batidores), la unidad de elite de la infantería filipina, señalaron que les habían hecho creer que iban a realizar una misión de prueba, requisito previo para graduarse.

Un oficial instructor, les reunió durante la noche anterior al complot golpista del coronel Honasan y aunque formaron parte de las fuerzas rebeldes que ocuparon Camp Aguinaldo, no estuvieron implicados en el tiroteo con las fuerzas gubernamentales, durante la liberación de dicho cuartel.

Por otra parte, ayer se produjo un incendio en la segunda planta de un edificio de tres, en la que están instaladas la emisora de televisión Canal 4 y la emisora de Radio Nacional, ambas gubernamentales, informaron fuentes policiales.

Las fuentes dijeron que el incendio fue sofocado por los bomberos aproximadamente una hora después de haberse iniciado.

Ambas emisoras dejaron de emitir poco antes de las 21 horas locales, así como la emisora de televisión privada ABS-CBN, Canal, 2, que se encuentra en el mismo edificio, agregaron las fuentes, sin precisar más detalles.

La Mañana 28/10/87

01-01

8710575

037

Temen nuevos ataques contra las bases norteamericanas en Filipinas

La insurrección comunista reconoció que ha emprendido acciones "de sabotaje" en las Filipinas y amenazó con atacar a empresas y a instalaciones militares "del imperialismo". La presidenta Corazón Aquino anunció una investigación del atentado contra una base norteamericana.

Agencia AFP



Personal de la base Clark —en Manila— examina el cadáver del sargento Randy Davis asesinado el miércoles por tres hombres armados mientras se dirigía a su casa.

MANILA, 29 (UPI, ANSA). — Las autoridades incrementaron hoy las medidas de seguridad en las bases militares estadounidenses, tras el asesinato de tres soldados norteamericanos y las amenazas de los guerrilleros de realizar nuevos ataques a los extranjeros como represalia por la creciente ayuda de los Estados Unidos a las fuerzas armadas filipinas.

El jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, ordenó a la guardia paramilitar que aumentara "las patrullas de protección y seguridad" en las bases norteamericanas Clark (de la fuerza aérea), Subic (de la armada) y el Centro John Hay (de recreación).

Ramos afirmó que los guerrilleros comunistas están sufriendo el impacto de la ofensiva de las fuerzas armadas y "han recurrido cada vez más al terrorismo, al asesinato a sangre fría y al sabotaje, para sembrar el miedo en la mente de nuestro pueblo y proyectar una imagen de fortaleza".

Presuntos comandos "golondrina" del rebelde Nuevo Ejército del Pueblo, NEP —que cuenta con unos 23 mil combatientes— dieron muerte a balazos a siete personas en la capital, con lo cual elevaron a doce el número de víctimas del incremento de la violencia en tres días. En lo que va del año han sido atribuidas a los comandos "golondrina" 86 muertes en la capital, Manila.

La presidenta Corasón Aquino ordenó hoy la investigación del atentado de ayer, en el que además de los tres militares norteamericanos perdió la vida un filipino que intentó ayudar a una de las víctimas.

♦ Amenazas

En una declaración difundida por la red de televisión del Lejano Oriente, administrada por los norteamericanos, el comandante de la base Clark, mayor general Donald Snyder, declaró no creer que los estadounidenses estén fuera de peligro.

"Aún hay amenazas de ataques. Tomamos medidas para proteger a nuestra gente", sostuvo. Snyder añadió que las autoridades toman "muy en serio" los informes —no confirmados— de que habrá "más ataques" contra los norteamericanos.

Ang Bayan (La Nación), publicación oficial del comité central del proscripto Partido Comunista de las Filipinas, confirmó por primera vez que se está emprendiendo "operaciones de sabotaje" contra instalaciones militares y de servicios públicos.

La policía arrestó hoy a cuatro jóvenes sospechosos en relación con los asesinatos, en Ciudad Angeles, un poblado cercano a la Base Clark, 80 kilómetros al norte de Manila. Dos de los detenidos estaban armados con pistolas calibre 38 y admitieron ser miembros del NEP, aunque negaron su participación en los asesinatos, según indicó la policía.

A los jóvenes les fue secuestrado un documento con detalles de un plan "Amerto" (por la sigla, en inglés, de la frase "Estadounidenses como Blanco de Oportunidad") destinado a lograr reclutas y financiamiento para una "ofensiva táctica", indicó la policía.

Entretanto, ambas cámaras del Parlamento filipino y el Ministerio de Relaciones Exteriores emprendieron investigaciones independientes de los hechos de participación de funcionarios de la embajada estadounidense en el frustrado golpe de Estado de ultraderechistas sectores militares, el 28 de agosto. Ambas decisiones sobrevinieron pese a las repetidas aseveraciones de no injerencia de Washington.

Para reiterar que no había habido intervención de funcionarios de la embajada estadounidense, participaron activamente en los últimos días el embajador norteamericano, Nicholas Platt, y el adjunto del secretario de Estado, Michael Armacost, llegado a las Filipinas con ese propósito.

01 · 01

871 0609

1/2

037

Montevideo, jueves 29 de octubre de 1987 El Día

Guerrilleros comunistas asesinan en Filipinas a 3 militares de EE.UU.

MANILA. — Tres militares estadounidenses y un civil filipino murieron ayer en cuatro atentados perpetrados por presuntos comandos del "Nuevo Ejército del Pueblo", brazo militar del Partido Comunista, en las proximidades de la base aérea norteamericana de Clark, a unos 90 kilómetros al norte de Manila.

El portavoz de la base, comandante Thomas Boyd rehusó identificar a las víctimas mortales.

Por otra parte, el general Donald Snyder, comandante en jefe del ala 13 de la Fuerza Aérea de la base, dijo que el motivo de los ataques se desconocen hasta ahora, así como los responsables de los atentados.

"Hemos recomendado a todos los militares norteamericanos y sus familiares que no abandonen la base hasta un aviso posterior", añadió Snyder.

En unas declaraciones al canal de televisión de la base aérea, recogidas por el canal 7 de la televisión filipina, Snyder dijo que la situación "no está bajo control".

Uno de los atentados tuvo lugar en las cercanías del restaurante "McDonald's" en la localidad de Dau y los restantes en tres urbanizaciones cercanas a la base de Clark.

El coronel Manuel Caranza, oficial encargado de seguridad de las fuerzas filipinas en la base, dijo que testigos próximos indicaron que los autores de los atentados pertenecen a los comandos urbanos "gorriones" de la guerrilla comunista, por la forma de actuar y el tipo de armamento —pistolas del "45"— empleado.

En una entrevista con la emisora de Manila "Dzrh", la responsable de la agencia gubernamental de información de la provincia, Gilda Llamas, explicó que entre las víctimas mortales figuran un capitán perteneciente al escuadrón táctico.

Gerald Hatchel, portavoz de la Embajada estadounidense en Manila, señaló que es la primera vez que se ataca a "empleados" de una base militar en Filipinas, e indicó que la misión diplomática no ha recibido con anterioridad ninguna amenaza al respecto.

01-01 871 0638

HB

ARCHIVAR EN: Filipinas (034)

TEMA: EE.UU. Investigan Fuerzas Especiales URSS.

PROCEDENCIA : El País 3/11/87

ARCHIVADO EN: EE.UU (058)

8710645

01/01

037

Diputado filipino denuncia a la CIA

Manila (DPA). — Un parlamentario filipino culpó ayer a Estados Unidos y a la Agencia Central de Inteligencia norteamericana (CIA) de haber orquestado los recientes conflictos políticos en el país, para, según dijo, proteger los intereses norteamericanos en las Filipinas, en un esquema similar al aplicado en América Latina.

Según el diputado Gregorio Andolana, del Partido Ng Bayan (PNB), "muchos" altos oficiales de las fuerzas armadas filipinas han sido entrenados por la CIA, señalando la escuela militar de Fort Bragg en Estados Unidos y el Instituto Asiático de Administración (AIM), con base en Manila.

Excepciones a esa regla, dijo, son el ministro de Defensa Rafael Ileto y el comandante en jefe del Ejército Fidel Ramos, ambos graduados en la academia militar de West Point.

Refiriéndose a los últimos incidentes políticos, dijo que éstos no parecían propiamente "[illegible]", sino que serían una forma de controlar el país "para decir después que Estados Unidos es su único salvador", dijo Andolana.

La CIA, afirmó el diputado, está fomentando inquietud mediante asesinatos de líderes izquierdistas por grupos derechistas para provocar con ello al gobierno, en un esquema similar al que se encuentra en operación en América Latina

Por otra parte, se informó aquí que el alto mando militar filipino envió una unidad especial de varios cientos de soldados a la región de Bicol, en el sur del país, para combatir al "Nuevo Ejército Popular", que opera en la región con una serie de ataques contra importantes instalaciones y vías de comunicación.

Las vías de comunicación terrestres entre Manila y Bicol, provincia pobre en el sur de las Filipinas, están interrumpidas desde que los guerrilleros del NEP volaron cuatro puentes así como vías férreas. El NEP aumentó sus actividades en Bicol tras la fracasada [illegible] del pasado 28 de agosto del coronel Gregorio "Gringo" Honasan, quien sigue prófugo.

Según informó ayer en Manila un vocero militar, el ministro de Defensa Rafael Ileto mantiene en reserva otro batallón de "élite".

LA HORA 26/9/87

PARTES ILEGIBLE

91/01 871 0748

037

Continúa la violencia en Filipinas

MANILA (EFE).- Treinta guerrilleros del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP), brazo armado del Partido Comunista filipino, fueron víctimas mortales en un combate librado con las tropas gubernamentales el viernes, en la localidad de Sabat, Ilocos sur, según se informó ayer.

En el combate, que se produjo a unos 340 kilómetros de Manila, el ejército empleó helicópteros de combate y sus efectivos sufrieron una baja mortal y 9 soldados resultaron heridos en el curso de unas ocho horas de asalto contra unos 150 rebeldes del NEP, explicó el Coronel Enrique Mohammad Cuadra, jefe de las fuerzas gubernamentales en la zona.

91-01 871084O

037

INESTABILIDAD Y SUCESIVOS INTENTOS DE GOLPE EN FILIPINAS

Vivir en la incertidumbre

MANILA, Filipinas, 10 (Por Keith B. Richburg, de "The Washington Post", especial para Clarín) - El clima de incertidumbre política permanente que se vive en Filipinas está generando un difundido sentimiento de pesimismo antigubernamental y por otro lado, un nuevo y serio cuestionamiento sobre la habilidad de la presidenta Corazón Aquino para mantenerse en el poder, según afirman analistas políticos, líderes de la oposición y diplomáticos extranjeros.

Según estas fuentes la incertidumbre es alimentada por el miedo a sucesivos intentos de golpe, los osados ataques de la guerrilla comunista, y la aparente incapacidad del gobierno para articular una agenda que salve al país de sus penurias económicas.

Con respecto a un nuevo intento de golpe por parte de las fuerzas que desde agosto se mantienen leales al coronel Gregorio "Gringo" Honasan, se registró el miércoles un nuevo alerta rojo entre las agotadas tropas leales, informándose de un inusual movimiento de efectivos en el norte de esta ciudad.



Agencia Reuter

Soldados del ejército fuertemente armados custodian la entrada de Campo Aguinaldo, el comando central de las fuerzas armadas filipinas.

Cientos de ciudadanos fueron despertados esa mañana por el ruido de los aviones F-16 que hacían vuelos rasantes sobre la ciudad, desconociendo que los vuelos formaban parte de una previamente planificada demostración de la fuerza aérea de Estados Unidos.

El miércoles, el gobierno filipino se veía preocupado a raíz de un documento secreto con una presunta lista con los nombres de más de cien personas simpatizantes de los comunistas en el Congreso y en los niveles más altos de la administración. Por otro lado se trataba de determinar como otro coronel derechista, Reynaldo Cabautan, participante en el fallido intento de golpe de enero y que aún sigue prófugo, pudo llevar a cabo una conferencia de prensa televisada. Esto acrecentó la confusión y la inestabilidad, a pesar de que la presidenta Aquino trató de neutralizar la inseguridad y reforzar su imagen con una serie de viajes públicos por todo el país.

¿Cuánto tiempo más?

A 20 meses del momento en que Cory Aquino asumió el poder, respaldada por una popular revuelta militar que destituyó a Ferdinando Marcos, diplomáticos, periodistas y analistas políticos se preguntan seriamente cuánto más estará ella en el poder. "Está fuera de sus manos", dijo un diplomático muy bien informado. "Su supervivencia en el poder depende de lo que otros hagan en las próximas semanas" agregó, aclarando que los "otros" son tanto los militares leales como Honasan y sus hombres.

siado débil en la lucha contra la insurgencia comunista. Estudiosos sobre lo relacionado con el campo militar y analistas vinculados con la defensa extranjera insinúan que la mayor parte del personal de las fuerzas armadas sostienen los mismos argumentos de queja que los manifestados por Honasan. "Hay mucha simpatía por Honasan", dijo uno de los funcionarios que apoyan a Aquino. "Es un hombre de acción."

Voceros de la comunidad empresarial, de corte conservador, expusieron algunas de las críticas más duras que se le hacen a Aquino. Dicen que el fracaso para articular una agenda coherente y de largo plazo está asfixiando las oportunidades de inversión. "La comunidad empresarial quiere estabilidad", afirmó uno de sus miembros que apoya el gobierno de Aquino, "pero no hay clima de estabilidad ahora".

La poderosa Iglesia Católica también se volvió más crítica. El cardenal Jaime Sin, el influyente arzobispo de Manila, ha acusado públicamente al gobierno por no haber frenado los negociados y la corrupción y por haber abandonado los ideales que se proclamaron en la revolución de febrero de 1986.

La ruptura entre el gobierno de Aquino y el (hasta ese momento) vicepresidente, Salvador Laurel, fue considerado un movimiento de oportunismo político por los analistas que se encuentran en Filipinas. Su dimisión como ministro de Relaciones Exteriores, así mismo, parece probar el desmembramiento de la coalición que apoya a la presidenta.

01/02

El debilitamiento político de la presidenta Aquino ha producido divisiones entre los diplomáticos extranjeros. Los más cercanos a la política oficial tienden a pintar el cuadro con perspectivas optimistas. Los vinculados con los militares, con un aire abrumadoramente melancólico, ven al gobierno demasiado aturdido como para tener un combate exitoso contra la insurgencia.

Algunos de sus socios en la ANSEA (Asociación de Naciones del Sudeste Asiático) prefieren que la cumbre que se iba a llevar a cabo en diciembre en Manila sea transferida a otra jurisdicción.

La coalición Fuerza Popular que se formó el año pasado con el propósito de destituir al gobierno de Ferdinando Marcos y que está formada por izquierdistas, la comunidad empresarial, miembros de la clase media y la Iglesia Católica, parece estar resquebrajada. Hace dos semanas atrás, una encuesta sobre las personas que apoyaban a Aquino arrojó la escasa cifra de 3.000 individuos. "La estructura organizativa detrás de sus líderes", dijo un diplomático occidental.

Los miembros de la izquierda legal —incluyendo estudiantes y obreros— se alejaron del gobierno, acusándolo de girar a la derecha. Muchos de los manifestantes que acompañaron el funeral del líder izquierdista asesinado Lean Alejandro llevaban pancartas en las que se leía consignas contra La dictadura pro yanqui de Aquino".

Los jefes militares que intervinieron en la destitución de Ferdinando Marcos fueron incrementando sus disidencias con respecto al gobierno de Corazón Aquino. Ellos la acusan de tener tendencias antimilitaristas y de ser dema-

En entrevistas con empresarios, diplomáticos y políticos oficialistas y de la oposición, casi ninguno creyó posible que la presidenta, llegue al término de su mandato —del que restan 4 años— y entregue el poder a su sucesor legal en 1992. Muy pocos creen que Aquino dejará voluntariamente el poder, basado en el sentimiento que ella tiene con respecto a una especie de misión divina de salvar el país, luego del asesinato de su marido, Benigno Aquino, en 1973. Si ella deja el poder a alguna clase de consejo de decisión, será forzado, y provendrá, probablemente, del campo militar.

♦ Un fantasma

Según la observación de varios diplomáticos extranjeros, la renuncia de Laurel alejó a uno de los más temidos fantasmas en cuanto a la permanencia de Aquino en el poder. A pesar de sus públicas desmentidas, Laurel aparecía como asociado a la oposición, particularmente al ex ministro de Defensa Juan Ponce Enrile. Pero este hecho otorgaría a la oposición de derecha un aliado que *podría legal y constitucionalmente* sucederla si ella renuncia al poder antes de finalizado su mandato.

"Esta renuncia es un peligro", afirmó un diplomático occidental. "Puso, efectivamente, el poder de la vicepresidencia en manos de la oposición. El es un oportunista. Una alianza con Enrile debe envalentonar a cualquiera que tenga en la mira derrocarla".

El tema de la sucesión es crucial: un golpe militar implicaría un corte con la ayuda de Estados Unidos y otros países extranjeros, mientras que un recambio gubernamental encabezado por Laurel sería más potable para los gobiernos extranjeros.

143

037

Mueren 3 militares estadounidenses

Cuatro atentados en Filipinas

MANILA (ANSA, EFE y UPI).- Tres militares estadounidenses y un civil filipino murieron ayer en cuatro atentados perpetrados por presuntos comandos del Nuevo Ejército del Pueblo, brazo militar del Partido Comunista, en las proximidades de la base aérea norteamericana de Clark, a unos 90 kilómetros al norte de Manila.

El portavoz de la base, comandante Thomas Boyd, señaló en una entrevista telefónica que los incidentes se produjeron entre las 3:45 y las 4:00 de la tarde (8:00 gmt) y rehusó identificar a las víctimas mortales.

Por otra parte, el general Donald Snyder, comandante en jefe del ala 13 de la Fuerza Aérea de la base, dijo que el motivo de los ataques se desconoce hasta ahora, así como los responsables de los atentados.

"Hemos recomendado a todos los militares norteamericanos y sus familiares que no abandonen la base hasta un aviso posterior", añadió Snyder.

En unas declaraciones al canal de televisión de la base aérea, recogidas por el canal 7 de la televisión filipina, Snyder dijo que la situación no está bajo control.

Uno de los atentados tuvo lugar en las cercanías del restaurante McDonald's en la localidad de Dau y los restantes en tres urbanizaciones cercanas a la base de Clark.

TESTIGOS

El coronel Manuel Caranza, oficial encargado de seguridad de las fuerzas filipinas en la base, dijo que testigos próximos indicaron que los autores de los atentados pertenecen a los comandos urbanos gorriones de la guerrilla comunista, por la forma de actuar y el tipo de armamento -pistolas del 45- empleado.

En una entrevista con la emisora de Manila Dzrh, la responsable de la agencia gubernamental de información de la provincia, Gilda Llamas, explicó que entre las víctimas mortales figuran un capitán perteneciente al escuadrón táctico.

Gerald Hatchel, portavoz de la Embajada estadounidense en Manila, señaló que es la primera vez que se ataca a empleados de una base militar en Filipinas, e indicó que la misión diplomática no ha recibido con anterioridad ninguna amenaza al respecto.

La Tercera 28/10/87

01 - 01.   8710865

H3

Grupos: SUBV. LAT.

037

Violenta lucha en Filipinas

MANILA. — Violentos combates se registraron ayer en las Filipinas entre fuerzas del ejército y guerrilleros comunistas del "Nuevo Ejército del Pueblo", con un balance de 20 rebeldes muertos, comunicaron las autoridades de Manila.

Los combates se desarrollaron en la isla de Mindanao (sur de *Filipinas*), donde un comando de tres personas, que según las autoridades pertenecerían al "Nuevo Ejército del Pueblo", mató a un suboficial de policía que esperaba el ómnibus en una zona residencial de la capital, lo cual provocó la inmediata reacción de las fuerzas armadas que patrullaron el sector y sostuvieron recios enfrentamientos con los irregulares.

Hace unos días, la presidenta Corazón Aquino declaró que "no hay más lugar para negociaciones con la guerrilla comunista", después del fracaso de la tregua proclamada a comienzos del año.

El Día 22/10/87

01-01

871 0903

037

Ayuda económica de EE.UU. a Filipinas

Manila (UP) — Un enviado estadounidense de alto rango anunció la entrega de 75 millones de dólares en ayuda para las Filipinas y prometió el apoyo de Wáshington a la presidenta Corazón Aquino.

El subsecretario de estado para asuntos políticos, Richard Armacost, señaló a los periodistas que informó a la señora Aquino que los 75 millones de dólares serían entregados a su gobierno inmediatamente.

"Esta trasferencia corresponde al anuncio que hizo el secretario de estado (George Shultz) en su visita de este año, para otorgar 150 millones de dólares en apoyo directo al gobierno de las Filipinas en el actual año fiscal", dijo.

Los fondos siguieron a recientes entregas de equipo militar al gobierno de la señora Aquino, que enfrenta amenazas de golpes de insurgentes musulmanes y comunistas.

La entrega más reciente fue el sábado de 10 vehículos blindados para trasporte de personal V-150.

Armacost, cuya llegada en una visita de cuatro días, coincidió con una nueva ronda diplomática sobre el papel de los observadores militares estadounidenses durante un intento de golpe de estado, afirmó que estaba impresionado por la forma en que la presidenta ha manejado los problemas del país.

"Estoy aquí básicamente para reafirmar el apoyo del gobierno de los Estados Unidos" a las Filipinas, añadió.

Buenos Aires, jueves 29 de octubre de 1987 ★ CLAR

itares de los EE.UU.
)ase en las Filipinas

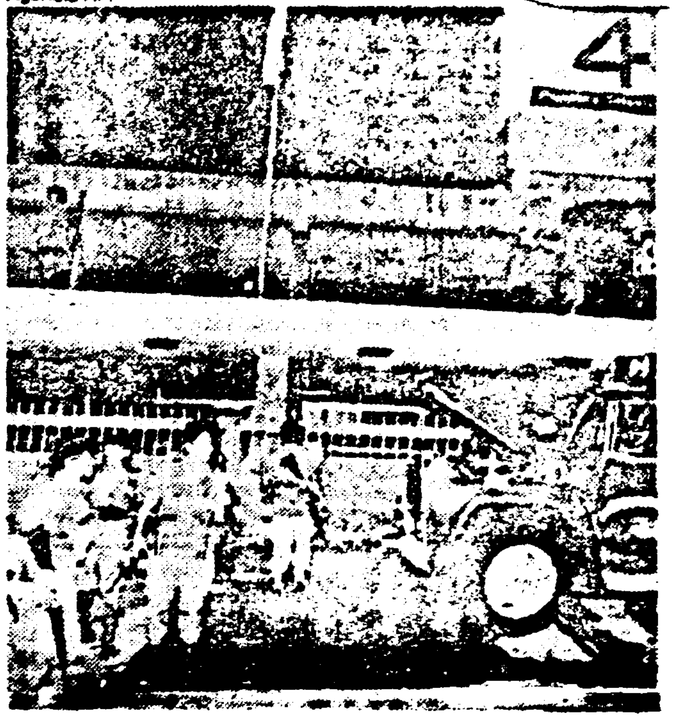
ados Unidos
nslado de su
pinas, quien
erido en las
iel Gregorio
ento intento
agosto pasa-

:ana en Ma-
declaración,
er Raphael,
tar "partirá
' tendrá una
Estados Uni-

: expresaron
ro indicaron
ctuara simi-
dos sucesos
ya presencia
filipinas du-
do.

nbajada no
os en un in-
el cual Rap-
fuerzas gu-
saltaran las
ronel Hona-
orme llegó a
de filtracio-

Agencia AFP



Soldados y bomberos tratan de extinguir el fuego en un canal de TV, producto de otro atentado rebelde en la ciudad de Quezón.

Conflicto y escalada

MANILA, 28 (Por Keith B. Richburg, de The Washington Post, especial para Clarín).— Las nuevas acusaciones de que personal de la embajada norteamericana en esta ciudad estuvo envuelto en el abortado intento golpista del 28 de agosto último, dadas a conocer en las últimas horas, implican una escalada que podría convertir ese tema en un litigio diplomático de envergadura para el gobierno de Corazón Aquino.

En efecto: en la víspera, los periodistas destacados en Manila informaron —lo que fue confirmado por la propia embajada estadounidense— que un agregado militar en esa legación, el mayor Dennis Fawler, quien durante aquellos sucesos se encontraba en el interior de la base aérea Villamor (durante cierto tiempo en poder de los rebeldes) sufrió el fuego graneado tanto de parte de éstos como de las tropas gubernamentales: su automóvil a prueba de balas fue tiroteado repetidamente.

Estos nuevos cargos acerca de una supuesta injerencia oficial norteamericana en los sucesos filipinos, siguieron a los desatados la última semana, en el sentido de que en el momento crucial del alzamiento castrense de agosto, el teniente coronel Victor Raphael, agregado militar en la embajada de EE.UU., se hallaba en el interior de Campo Aguinaldo, el cuartel central de las fuerzas armadas que estaba en manos de las fuerzas rebeldes.

La denuncia, en el periódico Malaya —de tendencia izquierdista— afirmó que Raphael en cierto momento intentó disuadir al comandante de las tropas de asalto gubernamentales, de atacar la base donde permanecía atrincherado el jefe rebelde, Gregorio Honasan.

Raphael es conocido como estrecho amigo de Honasan, y frecuente compañero de golf de muchos oficiales opositores.

Sin embargo, otras fuentes militares aseveraron que todo obedece a un alarmismo de la facción de Ramos, aunque el gobierno intenta evitar que esto derive en un incidente diplomático mayor, o dé lugar a la exacerbación de los sentimientos nacionalistas del pueblo. La situación, no obstante, es delicada: el propio vocero presidencial, Antonio Cuenco, advirtió el lunes que "un comité ha recibido instrucciones para hallar la verdad en cuanto a la supuesta intervención norteamericana".

037

Nueva acción guerrillera en Filipinas

Manila (UP) — Supuestos guerrilleros eludieron a las patrullas militares y robaron las armas de los guardias de seguridad de una subdivisión estadounidense, cerca de la base aérea Clark, donde tres norteamericanos y un filipino fueron asesinados la semana pasada.

En Manila, las autoridades presentaron cargos contra el presidente de la Universidad Politécnica de las Filipinas, Nemesio Prudente, diciendo que encontraron tres granadas en su oficina cuando se buscaba a grupos de ataque comunistas sospechosos de una decena de asesinatos cometidos la semana pasada.

El capitán policial, Nardo Ramos indicó que cinco hombres con fusiles M-16 entraron a la subdivisión de Don Bonifacio, a 2 kilómetros de las puertas principales de la base aérea Clark, tomando a dos guardias de seguridad filipinos por sorpresa.

Los hombres quitaron a los guardias sus armas y huyeron por un campo abierto, dijo el capitán.

"La persecución policial no logró encontrar a ninguno de los hombres armados", añadió Ramos. "La policía aún está haciendo lo que puede para perseguir a los sospechosos".

Ramos sugirió que los hombres podrían haber sido miembros del comunista "Nuevo Ejército del Pueblo", que están juntando armas para su guerra contra el gobierno. La Prensa 3/11/87

1 13

037

la mañana
MONTEVIDEO. SABADO 7 DE NOVIEMBRE DE 198[illegible]

Señaló el Jefe del Ejército

Marcos es una amenaza para la estabilidad

Manila, (EFE).- El ex Presidente, Ferdinand Marcos, es todavía una de las principales amenazas para la estabilidad filipina, dijo ayer el jefe del Estado Mayor de este país, general Fidel Ramos.

En unas declaraciones a un periodista australiano, que recoge el diario Chronicle de Manila, Ferdinand Marcos, exiliado en la isla de Hawai, llamó traidor al jefe del Ejército, y predijo el colapso del Gobierno democrático de la Presidenta Corazón Aquino antes de final de año.

La toma del poder por parte de los comunistas es imparable si el general Ramos no dimite. El Ejército está dividido y nuestros soldados asesinan y perpetran masacres contra soldados, añadió Ferdinand Marcos.

Fidel Ramos explicó que las declaraciones del ex Presidente Marcos son parte de una campaña de desprestigio contra [illegible] las Fuerzas Armadas.

Marcos cuenta con influencia y tremendos recursos para seguir intentando desestabilizar el país, añadió Ramos.

Sin embargo, el general filipino señaló que el Partido Comunista y su brazo militar, el Nuevo Ejército del Pueblo, es la principal amenaza para el país.

Mientras, dieciséis comunistas murieron y veinticuatro resultaron heridos, dos de ellos civiles, en combates con las tropas gubernamentales librados en la provincia de Isabela, a unos 350 kms. al noroeste de Manila.

01-01

8710994

037

Guerrilleros anuncian que lanzarán ataques

Advertencia a tropas de los EE.UU. en Filipinas

Las fuerzas comunistas, sospechosas del asesinato de tres soldados de Estados Unidos, hicieron saber ayer que los norteamericanos "serán objetivos de ataques" si se involucran en el conflicto que libran los rebeldes contra el gobierno de las Filipinas.

MANILA (ANSA, EFE, REUTER y UPI).- El Frente Nacional Democrático (FND), brazo político de la guerrilla comunista filipina, amenazó ayer con atacar a las Fuerzas Armadas estadounidenses acantonadas en el país y a civiles de la misma nacionalidad involucrados en asuntos internos.

Los norteamericanos pagarán un alto precio, en vidas y propiedades, por su intervención político-militar, señaló en un comunicado distribuido a los medios de información el portavoz del FND, Saturnino Ocampo.

Los insurgentes reclaman su derecho, y el del pueblo filipino, a defenderse de la injerencia estadounidense, a la vez que acusan al Gobierno de Corazón Aquino de colaborar descaradamente con Washington, violando el derecho de soberanía del país.

La guerrilla comunista filipina está considerada como la más potente del sudeste asiático, ya que cuenta con unos 24.000 hombres que operan en 68 de las 73 provincias del archipiélago.

OBJETIVOS

El comunicado agrega que todos los norteamericanos involucrados en la lucha contra los insurgentes son objetivos de ataque de las fuerzas revolucionarias.

Sin embargo, los insurrectos marxistas no se responsabilizaron del asesinato de tres militares estadounidenses, el pasado 28 de octubre, en las afueras de la base aérea de Clark, a unos 90 kilómetros al norte de Manila.

El portavoz de las fuerzas especiales para la defensa de la capital de Filipinas (CAPCOM), coronel Erville Gabuna, declaró que 128 policías y militares resultaron muertos o gravemente heridos en atentados perpetrados en Manila desde el pasado enero.

Comentaristas políticos en Manila advierten sobre una posible vietnamización del conflicto si el gobierno de Washington interviene abiertamente en la guerra contra los insurgentes, en la que han muerto unas 3.000 personas en los últimos diez meses.

La Nación 7/11/87

01-01

8711001

FILIPINA 037

Buenos Aires, lunes 5 de octubre de 1987 ★ CLARIN

EL VICEPRESIDENTE SE UNIRIA A LA OPOSICION

El coronel rebelde ofrece una negociación a Aquino

El vicepresidente filipino, Salvador Laurel, y el senador opositor Juan Ponce Enrile podrían formar una nueva alianza política para oponerse a la presidenta Corazón Aquino, en el marco de renovadas versiones de golpe de Estado. El coronel rebelde Gregorio Honasan dijo desde la clandestinidad que está dispuesto a iniciar conversaciones de paz con el gobierno de Aquino.

MANILA, 4 (Reuter y AP). — Un coronel rebelde del ejército filipino, en fuga desde que encabezó un frustrado golpe de Estado en agosto, anunció su predisposición a celebrar conversaciones de paz con el gobierno de la presidenta Corazón Aquino si el Ejecutivo lanza un programa de reformas políticas y militares.

Mientras tanto, cuatro batallones del ejército con apoyo de helicópteros realizaban anoche y en las primeras horas de hoy una serie de maniobras de guerra, como parte de su alistamiento para hacer frente a una nueva intentona golpista.

En un reportaje que publica el diario "Tempo", de Manila, en su edición de hoy, el coronel Gregorio "Gringo" Honasan dijo que las tropas que lo tienen como líder son capaces de crear "un disturbio de igual o mayor magnitud" que el alcanzado por la revuelta del 28 de agosto.

Agregó que la rebeldía de unos 2.000 soldados, que protagonizaron enfrentamientos que dejaron más de 50 muertos, fue un intento por hacer que Aquino "viera la luz". Los rebeldes se abstuvieron de ocupar el Palacio Presidencial, por que si no ella hubiera muerto, manifestó.

Los amotinados exigieron el cese de corrupción en el gobierno, una política más vigorosa contra los insurgentes comunistas y la introducción de una serie de reformas en el campo militar, incluido el presupuesto y los salarios de los uniformados.

Según "Tempo", Honasan advirtió al gobierno que optaría por una actitud "autodestructiva" si no adoptaba genuinas reformas. "Los empleados, los campesinos, no necesitan armas para derrocar al gobierno. Ellos lo pueden hacer con sus manos desnudas", acotó.

En el marco del segundo reportaje que concede desde la clandestinidad, Honasán afirmó que cualquier conversación con el gobierno debía transformarse en "un diálogo con honor para ambos".

"Mientras comiencen a adoptarse reformas tangibles, visibles, productivas... estaremos dispuestos a hablar", acotó.

El coronel puntualizó que los militares "se encontrarían con una gran sorpresa si decidiéramos llevar a esto una confrontación", refiriéndose a las declaraciones de altos jefes militares que puntualizaron que Honasan carece de apoyo entre sus colegas.

Los militares dicen que unos 1.300 de los rebeldes que participaron en el alzamiento fueron detenidos o se rindieron, aunque no ocultan su preocupación por la posibilidad de otra intentona.

Los ejercicios militares iniciados ayer, que sobresaltaron a los residentes en distintas zonas capitalinas, se prolongaron 12 horas e incluyeron la instalación de puestos carreteros de vigilancia y ataques contra supuestas "posiciones rebeldes".

Honasán rechazó las sugerencias en el sentido que el motín contó con respaldo de Estados Unidos.

"Si hubiéramos tenido apoyo norteamericano, podríamos haber ganado con el esfuerzo inicial", afirmó.

Mientras tanto, el vicepresidente Salvador Laurel, quien se desvinculó de la presidenta Aquino, se prepara para establecer una coalición con Juan Ponce Enrile, el máximo líder de la oposición, según el diario "Philipine Daily Inquirer".

Laurel, según el periódico, adoptó esa decisión ante la cólera que le provocaron las versiones sobre la actitud de varios legisladores oficialistas que amenazaron con someterlo a un juicio político después que el vicepresidente acusó a la administración de estar infiltrada por elementos pro comunistas.

Enrile y Laurel se han puesto de acuerdo en un encuentro en la localidad de Makati, en las afueras de Manila, en aunar las fuerzas políticas que los apoyan para crear una fuerte oposición contra el gobierno de Aquino. La formación de esa alianza estuvo a punto de ser concretada ya en setiembre último cuando Laurel dejó el cargo de canciller. El vicepresidente dijo que la razón de ese paso habían sido las profundas divergencias con la presidenta en cuestiones fundamentales de la lucha contra los guerrilleros comunistas. Además, según aseguró, se le había apartado a la hora de adoptar importantes decisiones políticas.



Un rebelde encapuchado fue fotografiado en las cercanías de Manila.

EN FOCO

¿Fortaleza o signo de debilidad?

¿De qué se trata esta sorpresiva oferta del coronel Gregorio Honasan? ¿Es que se siente débil o presume que la debilidad está instalada en el gobierno de Corazón Aquino?

Casi una adivinanza, pero ocurre que el coronel, al amparo de la clandestinidad, es, a lo sumo, una voz. A la luz, en cambio, ofreciendo la posibilidad del análisis, está Corazón Aquino. Y en principio pareciera, en efecto, que es más débil ella (su situación) que su desafiante.

La presidenta ha sido abandonada por su vicepresidente, Salvador Laurel, [illegible] aliado ahora, en una coalición partidaria, del ex ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile. Enrile es aquel que, mientras duró en su cargo, se encargó de preparar entre la oficialidad joven el terreno para la actual situación de desestabilización permanente.

Aquino es, al final, la mujer que heredó una debilidad estructural: la de liderar un movimiento amorfo que unió a la derecha, al centro, a la Iglesia y a la comunidad empresaria en la antipatía a Marcos... Sobró para el comienzo. Ahora, ya no alcanza. El objeto (el sujeto) odiado ya está lejos. Aquino pasó, de golpe, de las concentraciones multitudinarias y homogéneas, al poder. Poder sin tiempo, sin un programa de gobierno mínimo, consensual.

Se fue Marcos. Quedó su ejército. Quedó su administración recostada en la prebenda y la corrupción. Quedó la guerrilla alzando armas en procura de quebrar violentamente esquemas de opresión y niveles de pobreza desesperantes. Quedó, en fin, esa clase acomodada y poco dispuesta a ningún esfuerzo, que empieza a extrañar el aparato del dictador exiliado.

A la presidenta le queda un año y medio de gobierno por delante. Pero Honasan amenaza ahora. Un análisis —aun el que contenga toda clase de reservas y salvedades— indica que es fuerte, que puede darse el lujo de pedir un diálogo so pena de concretar lo que afirma haber podido hacer: voltear a Corazón Aquino. ¿Un "bluff"? Aquino tiene la respuesta. Deberá apostar para ver las cartas del coronel.

POCO LEGIBLE

01-01 8711146

Filipina 037

MEDIDAS DE PROTECCION ANTE NUEVAS AMENAZAS DE GOLPE

Rodean la sede presidencial filipina

Esta madrugada concluyó en Manila un "ejercicio de campaña" destinado a poner a prueba las defensas ante un presunto ataque rebelde, luego que la presidenta Corazón Aquino confirmó la existencia de informes secretos alertando sobre nuevos preparativos golpistas a cargo del coronel prófugo Gregorio Honasan. Tropas y unidades blindadas protegieron también el palacio presidencial tras una emboscada por un grupo no identificado contra un móvil policial, en la que perdió la vida un sargento. La jefa de Estado afirmó que cumplirá su mandato "con el apoyo del pueblo".

MANILA, 3 (AP, UPI, XINHUA y EFE).— En un clima de perceptible tensión, tropas y tanques fueron emplazados hoy en torno al Palacio Presidencial de Malacañang, en esta ciudad, luego de que un grupo no identificado emboscó en las proximidades del mismo a un automóvil de la policía, dando muerte a un suboficial y despertando temores de un nuevo intento golpista.

Después que, por la tarde, un grupo de hombres armados abatió a tiros a un sargento de la policía e hirió a otro a bordo de un vehículo de la repartición, soldados con uniforme de campaña tomaron posiciones en el Palacio y no menos de cuatro camiones blindados bloquearon los portones de entrada, además de cerrar al tránsito la zona.

Asimismo, unas 7.000 personas efectuaron hoy en Cebú, la segunda ciudad en magnitud del país, una imponente marcha-concentración contra cualquier clase de golpe: la misma estuvo encabezada por los directivos del recién formado Grupo contra la Conspiración, cuya sigla en inglés es Peace (Paz).

Al nutrido acto asistieron los senadores Alberto Rómulo y Aquilino Pimentel, entre otros legisladores.

También hoy el jefe de Estado Mayor de las fuerzas armadas, general Fidel V. Ramos, reiteró su deseo de retirarse del servicio activo en cualquier momento, a discreción de la presidenta, informó la agencia noticiosa oficial. Ramos, de 59 años, señaló que aspira al retiro para poder gozar de la vida —según las leyes filipinas, la edad de jubilación de un general es de 56 años—, pero que en tanto sea útil seguirá desempeñándose en cualquier cargo.

"El gobierno seguirá"

Entre tanto, a pocos centenares de metros de Malacañang, efectivos del ejército con ametralladores tendieron barricadas con alambres de púas a lo largo del estratégico puente Mendiola, principal acceso a las oficinas de la presidenta Corazón Aquino, quien se hallaba en una conferencia de prensa.

Simultáneamente, efectivos subordinados al Mando Nacional de Defensa de la región capital cumplieron desde la tarde de hoy y hasta pasada la medianoche un ejercicio de campaña, destinado a poner a prueba su capacidad de respuesta ante un ataque rebelde verdadero en una serie de puntos estratégicos de la metrópoli. Para ello, las autoridades declararon a Manila como zona de alerta rojo.

Según puntualizó la emisora DZXL, la jefa de Estado reveló que informes de Inteligencia recibidos por los comandos de las fuerzas armadas señalan que se planifica un nuevo conato golpista, el que sería liderado por el coronel Gregorio "Gringo" Honasan, que encabezó la cruenta intentona insurreccional del 28 de agosto último: en la víspera, Honasan anticipó en una entrevista para dos diarios hecha en la clandestinidad que en un lapso de dos semanas "nos moveremos, no podemos afrontar el desperdicio de esperar más tiempo."

No obstante, "Cory" Aquino reafirmó que su gobierno —que asumió hace 19 meses, tras el derrocamiento del dictador Ferdinando Marcos— continuará sus tareas con el apoyo del pueblo filipino, pese a las amenazas de los extremistas "de la extrema izquierda y de la ultraderecha, que desestabilizan a las instituciones.

"A pesar de lo que digan mis detractores, el país ha mejorado en lo político y lo económico con la restauración de la democracia", enfatizó Aquino.

01/01

871115

POCO LEGIBLE

Origen: EE.UU.

037

Pertrechos militares de los EE.UU. a Filipinas

MANILA, 24 (UPI y EFE). — Los Estados Unidos entregaron a Filipinas 10 carros blindados para transporte de personal, para ser usados en la campaña contra la insurgencia comunista, informaron hoy fuentes norteamericanas.

El oficial estadounidense, mayor general Charles Teeter, jefe de la Comisión Conjunta de Asistencia Militar, dijo que la entrega de los vehículos era una manifestación del apoyo de Washington a la presidenta Corazón Aquino.

El jefe de las fuerzas armadas filipinas, general Fidel Ramos, destacó durante la ceremonia de recepción de los vehículos, que estos "aumentarán sustancialmente" la capacidad de la fuerza de los 163.000 miembros que están destinados a combatir a los insurgentes comunistas y a los grupos golpistas de la extrema derecha.

Mientras tanto, fuentes militares dijeron que dos rebeldes, seis civiles y cuatro soldados murieron ayer en enfrentamientos armados con la guerrilla comunista del Nuevo Ejército Popular, que cuenta con un contingente de 23.000 miembros.

Casi todos los enfrentamientos se produjeron en la isla de Mindanao, mientras la presidenta Aquino visitaba el puerto de Davao, a 1.200 kilómetros al sur de Manila.

♦ Estilo fascista

La más importante organización de izquierdas en Filipinas, Bayan, (Nueva Alianza Patriotica), acusó hoy a la presidenta, Corazón Aquino, de gobernar "al estilo fascista" después de que esta ordenase a la Policía que "evitara todas las huelgas ilegales en las empresas del país.

Al menos 17 piquetes de huelguistas fueron dispersados por la fuerza y 33 huelguistas detenidos desde el martes 20, señala en un comunicado Bayan, que acusa a Corazón Aquino de intentar subyugar por la fuerza al pueblo filipino, explicando que la agitación popular no va a disminuir hasta que se rompan los intereses de la clase dominante.

El secretario general de dicha organización, Lean Alejandro, murió asesinado a quemarropa el pasado mes de septiembre, en una calle de Manila, la Policía no ha detenido hasta ahora a ningún sospechoso y la esposa de Alejandro responsabilizó al gobierno.

01-01

8711215

HB

FILIPINAS

037

Aquino niega presiones

Manila, 8 (UP) – La presidenta, Corazón Aquino, desmintió hoy los cargos de la oposición que dicen que su gobierno está bajo presión de Wáshington para que los soldados norteamericanos puedan poner medidas de seguridad en áreas fuera de las bases militares, después de que tres soldados norteamericanos fueron ametrallados el mes pasado.

"Yo no aceptaré que ningún gobierno extranjero ni que ningún extranjero venga a dictar nuestras medidas internas", dijo la señor Aquino en la entrevista radial que ofrece cada semana. "Sólo actuaremos en el interés del pueblo filipino y de eso ustedes pueden estar muy seguros".

Cuando le preguntaron si acaso aceptaría la presión de Wáshington, respecto a autorizar a los norteamericanos a asegurar áreas fuera de sus bases, la mandataria respondió que "la única presión que puede influenciarme es la presión que venga del pueblo filipino".

"Obligación con el pueblo"

Tras subrayar que ella es filipina y no una extranjera en su propia tierra, señaló que "tengo una obligación solemne con el pueblo que está siempre presente en cada una de mis decisiones".

"Por favor, no digan que nosotros somos muy dependientes de Estados Unidos, ya que somos un Estado completamente autónomo en la formulación de nuestra política interna e internacional", dijo la señora Aquino.

La Prensa 9/11/87

01-01

8711223

18

037

Clarín 26-10-87

Filipinas: investigan a un agregado militar de los EE.UU.

MANILA, 25 (AFP y AP). — La presidenta Corazón Aquino ordenó investigar la presunta participación de un agregado militar de la Embajada de los Estados Unidos en Filipinas en el cruento intento de golpe de Estado del 28 de agosto, según informan hoy los diarios Manila Standard, Malaya y Daily Globe.

Los diarios atribuyen a fuentes no identificadas del palacio presidencial haber afirmado que Corazón Aquino pidió a funcionarios de los ministerios de Relaciones Exteriores y Defensa que investigaran las versiones de que el coronel Víctor Raphael, agregado militar adjunto de la embajada norteamericana en este país, trató de detener los ataques de las fuerzas leales al gobierno contra los soldados rebeldes.

El Daily Globe dice que Raphael fue visto en Campo Aguinaldo, donde se atrincheraron la mayoría de los amotinados, y en Campo Crame, donde las fuerzas leales establecieron su cuartel general. Ambos campos están en los suburbios de Manila.

El diario Malaya informa por su parte haber obtenido documentos que revelan que Raphael mantuvo estrechos contactos con el líder del golpe, coronel Gregorio Honasan.

El embajador de los Estados Unidos, Nicholas Platt, negó que Raphael hubiese respaldado a los amotinados y aclaró que este trató simplemente de evaluar la situación en el cumplimiento de su deber y que continúa siendo un "miembro de confianza" del personal de la misión.

El jefe del ejército, general Fidel Ramos, dijo ayer que las fuerzas armadas han reunido y evaluado informes sobre las acciones de Raphael durante el intento de golpe, pero que es a las autoridades civiles a las que compete "actuar en el asunto en caso de que fuera necesario tomar otras medidas".

El intento de golpe del 28 de agosto causó la muerte de 53 personas y heridas a centenares. Fue el desafío más grave que ha enfrentado la presidenta Aquino desde que asumió el poder en la revuelta cívico-militar de febrero de 1983.

Por su parte, el diario Chronicle informa hoy que los líderes de la oposición están estrechando sus vínculos con sectores de derecha en los Estados Unidos para que Washington retire su apoyo al gobierno de Aquino.

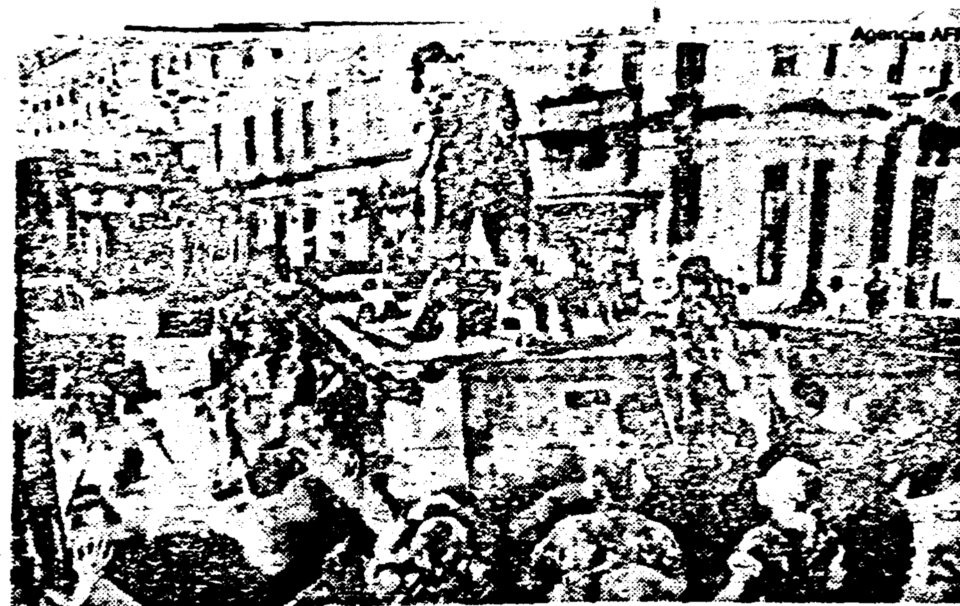
El diario atribuye a Francisco Tatad, vocero de la Gran Alianza por la Democracia, de tendencia derechista, haber dicho que los conservadores norteamericanos estaban considerando la propuesta de la oposición, que aspira a ser considerada como una alternativa política en la política de Filipinas.

FILIPINAS 037



Guardias presidenciales armados custodiaban ayer el Palacio Malacañang de Manila luego del hallazgo de un vehículo blindado abandonado por soldados disidentes que —presumiblemente— preparaban un nuevo intento de golpe.

Agencia AFP



Agencia AFP

FILIPINAS

¿Un nuevo intento de golpe de Estado?

MANILA, 18 (AP y AFP). — El gobierno filipino afirmó hoy que frustró un nuevo intento para derrocar a la presidenta Corazón Aquino, después que fue robado un blindado de un cuartel del ejército y abandonado a kilómetro y medio de la resistencia presidencial.

El gobernador interino de Manila, Jejomar Binay, afirmó que el teniente coronel rebelde Reynaldo Cabauatán planeaba un ataque a la residencia presidencial desde la Universidad de Santo Tomás, donde fue abandonado el blindado. Sus seis tripulantes huyeron con una ametralladora y municiones.

Cabauatán, prófugo desde el intento de golpe de enero, negó hoy estar implicado en el robo, al tiempo que el vocero presidencial Teodoro Benigno afirmaba que el incidente podría haber tenido el objetivo de desacreditar al gobierno, que aún procura restaurar la confianza pública tras el sangriento golpe del 28 de agosto, en el que murieron 53 personas.

El palacio presidencial y la Universidad fueron rodeados por tropas y tanques, y se reforzaron las medidas de seguridad en las instalaciones militares de la capital.

"La presidenta agradeció a las fuerzas militares leales y se alegró de que no hubiera derramamiento de sangre", dijo Binay tras informar a Aquino.

Por su parte, Cabauatán afirmó en declaraciones a la prensa internacional que el incidente señalaba una creciente oposición entre las filas a la "forma en que es conducido el gobierno por la señora Corazón Aquino".

Gobierno genuino

"Estoy seguro de que hay muchas organizaciones pequeñas en las fuerzas armadas, así como en el sector civil, que realmente se proponen derribar al gobierno y establecer un nuevo gobierno genuino y verdaderamente democrático que responda al interés del pueblo", dijo Cabauatán en su escondite en el centro de la isla de Luzón.

"Así que lo que pasó esta mañana debe ser obra de un grupo de soldados cuyos sentimientos no pueden ser reprimidos más. Y estoy seguro de que hay muchos así en las fuerzas armadas", añadió.

Por su parte, el jefe de policía de Manila, brigadier general Alexander Aguirre, informó que el cabo de la marina Abraham Sinsón logró sacar el transporte blindado fuera del Fuerte Bonifacio (en los suburbios de la capital) mediante una excusa que fue creída por los guardianes.

Cuando se supo que el cabo no tenía permiso, se dio la alarma y se lanzó una búsqueda del transporte blindado.

Las tropas rebeldes escaparon luego de abandonar el transporte V-150, de fabricación norteamericana, dentro de la Universidad de Santo Tomás. El vehículo fue hallado unas tres horas después, dijo el jefe de policía.

Un vocero de las fuerzas armadas añadió que al escapar, el cabo Sinsón se llevó una ametralladora Ultimax M-60 y municiones.

Infantes de la marina filipina abordaron ayer un vehículo blindado de fabricación norteamericana que fue hallado abandonado en la Universidad de Santo Tomás (izq.). Efectivos del gobierno filipino exhiben una bandera encontrada en el vehículo blindado (abajo).

Agencia Reuter



El brigadier general Aguirre dijo que el área alrededor de la Universidad Santo Tomás aparentemente era un lugar de cita de tropas que planeaban atacar al palacio presidencial.

"Afortunadamente estábamos preparados, así que no lograron llevar a cabo sus planes", afirmó.

Los militares filipinos se encuentran en estado de alerta desde el fallido golpe de Estado del 28 de agosto pasado, dirigido por el coronel Gregorio Honasan, en el cual hubo un ataque contra el palacio presidencial.

El brigadier general Aguirre dijo que los militares reforzaron la seguridad alrededor del palacio, luego de recibir informes, a fines del sábado, de que un grupo, dirigido por Reynaldo Cabauatán, "iba a hacer algo".

"POCO LEGIBLE"

03f

Filipinas: campaña contra la guerrilla

Manila, 7 (UP)- El jefe de las Fuerzas Armadas, general Fidel Ramos, proclamó hoy un "programa de acción" para combatir en 1988 a los insurgentes, quienes por primera vez han identificado a los norteamericanos como sus blancos de ataque.

La presidenta Corazón Aquino asistió a la sesión final de la conferencia militar que duró tres días, donde oficiales desarrollaron un programa diseñado para enfrentar la insurrección.

"El miedo, la pobreza, la injusticia, los abusos, los sobornos y la corrupción son los caldos de cultivo para la insurgencia que el PCF (partido Comunista de las Filipinas) explota", manifestó el coronel Clemente Mariano Aquino. "Estoy presentando una campaña a nivel nacional con la cual atacaremos a estos factores".

Advertencia comunista

El partido Comunista filipino, que tiene unos 23.000 miembros combatiendo en su Nuevo Ejército Popular, anunció ayer que cualquier norteamericano que participe en la "guerra total", entre ellos y el gobierno, será objeto de los blancos rebeldes.

La advertencia, indicando un cambio en las tácticas, se produjo después de nueve días en que escuadrones de la muerte ametrallaron a tres norteamericanos en una emboscada cerca de la base aérea Clark, a unos 80 kilómetros al norte de Manila.

Hasta el momento, una comisión conjunta filipino-estadounidense, no ha podido determinar la identidad de los asesinos, pero el portavoz de la embajada norteamericana, Gerald Huche, indicó que los norteamericanos residentes habían sido advertidos para que "tomaran todas las medidas de precaución que fueran necesarias para su seguridad personal".

Ramos, señalando que la conferencia de los mandos militares coincidían con el cumplimiento de los 37 años del cuerpo de Infantería de Marina de las Filipinas, señaló que "hemos logrado establecer lo que creemos que es el programa más efectivo para el año 1988". 8/1/88

KR/

037

Aquino no postulará a reelección

MANILA, (ANSA, EFE, REUTER y UPI).- La Presidenta de Filipinas, Corazón Aquino, confirmó ante la prensa su intención de que su mandato expire en 1992.

Corazon Aquino, dejó, sin embargo, muy clara su intención de no dar cuartel a sus enemigos políticos en la próximas elecciones locales, previstas para el 18 enero de 1988.

La Presidenta de Filipinas, en declaraciones al Daily Manila Chronicle, desmintió las informaciones que circularon a principios de la semana en la prensa local sobre su intención de presentarse a un segundo mandato presidencial.

Corazón Aquino explicó que su preocupación más inmediata es la selección de los candidatos que ocuparán los cargos de gobernadores en 73 provincias y los de alcaldes en 1.500 municipios.

HB

037

Presidenta Aquino ordena investigación

Atentado en Filipinas

MANILA, (EFE).- La presidenta filipina, Corazón Aquino, ordenó ayer la apertura de una investigación del atentado en el que resultó herido de consideración el presidente de la Universidad Politécnica de Manila, Nemesio Prudente.

En el mismo atentado, perpetrado por un grupo armado hasta ahora sin identificar al filo de la medianoche del martes, en una calle céntrica de Manila, resultaron heridas de gravedad otras dos personas que viajaban en el vehículo de Prudente.

Al término de una reunión en el palacio presidencial de Malacanang, el jefe de la policía de Manila, general Alfredo Lim, señaló que las fuerzas del orden, se enfrentan a una laguna en la investigación del atentado y pidió la colaboración ciudadana.

Prudente, conocido defensor de los derechos humanos, fue encarcelado durante la dictadura del ex presidente Ferdinand Marcos, acusado de pertenecer a la guerrilla Anak Pawis, del ilegal Partido Comunista Filipino (PCF).

REDADA

En una redada efectuada en la Universidad Politécnica la semana última, la policía detuvo a 34 personas, presuntos colaboradores de la guerrilla comunista, y confiscó dos granadas de mano en el despacho de Prudente.

Se especula que detras del atentado puedan estar grupos de extrema derecha, ya que durante el entierro del capitan de la policía de Manila, Eduardo Mediavillo, grupos de participantes gritaron muerte a Prudente y a destacados líderes de la izquierda.

Sin embargo, el gobierno no descartó una posible involucración de la extrema izquierda en un intento de convertir a Prudente en un nuevo héroe filipino, dijo el consejero de Defensa, Emmanuel Soriano.

Los observadores coinciden en que la rápida solución del atentado, despejará las incógnitas en cuanto al control del orden público del gobierno de la presidenta Aquino.

En el curso del último año murieron el presidente del sindicato de izquierda kilusang mayo uno', Rolando Olalia, así como el secretario general del movimiento Bayan, Lea Alejandro, y el fundador de la guerrilla, Bernab Buscayno, resultó con heridas.

La Nación 12/11/87

01 - 01

8711488

037

Filipinas: ayuda millonaria a guerrilleros

MANILA. — El Partido Comunista de Filipinas y su brazo armado, los guerrilleros del "Nuevo Ejército del Pueblo" (NEP) recibieron unos 8 millones de dólares durante 1987 en ayudas enviadas desde el extranjero, afirmó ayer el ministro de Defensa, Rafael Ileto.

Aunque el ministro filipino no reveló el origen de los fondos destinados a unos 24.000 rebeldes infiltrados en la quinta parte de las localidades del país, la agencia gubernamental "PNA" da algunos datos.

Según PNA, tres periodistas holandeses, cuya identidad no revela por motivos de seguridad, entregaron documentación al Ministerio de Exteriores en Manila confirmando que tres organizaciones de Holanda enviaron recientemente unos 50.000 dólares a los comunistas.

Armas y munición

Dichas organizaciones, añade, canalizaron sus contribuciones mediante el cura guerrillero filipino Luis Jalandoni, residente en Utrech, responsable de las Relaciones Exteriores del partido, al que responsabilizan de un cargamento de armas y munición enviado a Filipinas en 1983, por conducto de la Organización para la Liberación de Palestina (OLP).

Por otra parte, en una entrevista con el diario "Globe" de Manila, el anterior ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile, declaró que durante su mandato los insurgentes filipinos contaron con el apoyo financiero de grupos de Alemania Federal, que canalizaron la ayuda a través de organizaciones religiosas como el "Consejo Mundial de las Iglesias".

91-01

8711489

HR

Arch.

D37

Gobierno filipino intercepta envíos

China envía armas a rebeldes

MANILA, (UPI).— El máximo asesor de la seguridad de la presidenta Corazón Aquino reveló ayer que el gobierno desbarató el abastecimiento de armas a los rebeldes comunistas, enviadas desde China y Corea del Norte.

El director del consejo de la seguridad nacional, Emmanuel Soriano, dijo durante una convención de dirigentes empresariales filipinos que el gobierno de Manila, con la asistencia de "gobiernos amigos" pudo desbaratar la llegada de las armas a las manos de los guerrilleros.

La revelación de Soriano se produjo entre informes de que un comando comunista había perpetrado los asesinatos el mes pasado de tres norteamericanos y un filipino frente a la base aérea norteamericana Clark, junto con amenazas de los rebeldes de considerar a los soldados norteamericanos en las Filipinas como blancos legítimos de ataque.

"Hace apenas unas semanas, rastreamos un despacho de armas desde China que venía en camino, pero de alguna manera, con la ayuda de gobiernos amigos, pudimos persuadir a China a que desistiera de que los envíos llegaran", dijo Soriano.

"Lo mismo con Corea del Norte. Se supervisó un envío que venía en camino hacia acá y el barco desapareció", dijo Soriano, quien también preside el comité de administración de crisis de la presidenta Aquino.

Durante el simposio que siguió a la convención sobre la seguridad nacional y los 18 años de lucha contra la insurgencia del Nuevo Ejército del Pueblo, que cuenta con 23.000 guerrilleros, Soriano describió a China como un vecino "benigno, y no un grupo de presión de tipo maligno en nuestra área".

"Pero el problema es que ellos (los chinos) también están involucrados en la venta de armas a los insurgentes locales", agregó Soriano declinando entrar en detalles.

Esta es la primera vez en 15 años que un máximo funcionario de la seguridad nacional filipina admite que los rebeldes han tratado de obtener armas desde sus vecinos comunistas.

El desembarco de fusiles desde China en 1972 fue citado por ex el presidente Ferdinand Marcos como una de las razones para establecer poco después la ley marcial que duró ocho años.

La Habana
13/11/87

FILIPINAS
grupos TERRORISMO (NEP)

037

El País 21/11/82

MANILA: ASESINAN CORONEL

Manila, 13 (EFE).— Un coronel del Ejército filipino resultó muerto hoy viernes en un atentado perpetrado en una calle céntrica de Manila, por presuntos comandos urbanos de la guerrilla comunista del Nuevo Ejército del Pueblo (NEP).

El coronel Nepomuceno Cerquz, destinado en la Inspección General de las Fuerzas Armadas en el cuartel del Camp Crame, fue asesinado cuando iba en su coche por un grupo fuertemente armado que le disparó a quemarropa al detenerse en una señal de tráfico.

18

037

Negocian inclusión del grupo de Laurel

Filipinas: derecha une fuerzas ante elecciones

MANILA (EFE).- Los principales partidos filipinos de derechas, que se oponen al Gobierno de la Presidenta del país, Corazón Aquino, anunciaron ayer la formación de un frente unificado, el Partido Nacionalista, ante la convocatoria electoral del próximo 18 de enero para elegir a unos 1.500 alcaldes y gobernadores en todo el archipiélago.

"A pesar de nuevas posibilidades de fraude masivo y terrorismo, la oposición participará en las elecciones locales (...) La nación anda peligrosamente a la deriva y la presidenta ha fracasado en la dirección", explica en un comunicado el revitalizado Partido Nacionalista, el más antiguo de la historia política de Filipinas.

Aunque en el liderazgo de la nueva derecha figuran políticos de talante liberal, antiguos opositores al régimen dictatorial del ex presidente Ferdinand Marcos y representantes de la línea dura del marquismo que gobernaron el país durante dos décadas sucesivas, comentaristas políticos presumen que el principal motor detrás de la coalición contra el Gobierno de Aquino es el anterior Ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile.

En una rueda de prensa, Enrile explicó que el problema del orden público, la insurgencia comunista, reforma agraria, recuperación económica y capacidad para dirigir el país serán los temas más importantes que la oposición debatirá durante la campaña electoral.

A pesar del nuevo sistema multipardista refrendado en la Constitución -en Filipinas hay registrados 104 partidos políticos-, la derecha presume que la suerte política del futuro del país girará en torno a dos partidos.

Según portavoces del Partido Nacionalista, la derecha filipina está negociando la inclusión del grupo político que dirige el vicepresidente del país, Salvador Laurel.

Laurel, que dimitió por incompatibilidad en política contrainsurgente como titular de Asuntos Exteriores, a raíz de la crisis de gobierno derivada del fallido intento golpista del coronel Gregorio Honasan el pasado 28 de agosto, explicó recientemente que las fuerzas políticas de su partido posiblemente formen una alianza táctica con la nueva derecha, ante los comicios locales.

La Tercera 15/11/87

01 - 01

8711586

HR

037

Cory Aquino Ante una Tarea Ardua

En los cinco meses transcurridos desde que llegué de mi misión en Filipinas, repetidamente se me ha preguntado si la Presidente Corazón Aquino "podrá lograrlo, o no". Al principio respondía con una afirmación y un breve "así lo creo". Luego del intento de golpe militar sin embargo, el tema requiere una respuesta más completa.

Si lograrlo significa transformar a las Filipinas en un modelo de democracia en desarrollo estable, próspero y confiado en sí mismo, la respuesta es negativa. Los problemas son demasiado difíciles, el sentido de la nacionalidad muy débil, y el tiempo que le queda a la señora Aquino hasta el fin de su mandato, 1992, demasiado corto.

Si el punto en cambio significa que su gobierno puede sobrevivir y continuar graduales pero importantes progresos en la resolución de los problemas del país, mi respuesta sigue siendo afirmativa.

No obstante, a veces siento que la pregunta real no es tanto "si podrá lograrlo" como "si es capaz". ¿Es esta mujer obviamente sincera y valerosa lo suficientemente fuerte y dura como para prevalecer contra las fuerzas conjugadas contra ella: comunistas, coroneles agresivos, políticos sin escrúpulos?

Habiéndola contemplado de cerca en el primer año de su presidencia, mi respuesta es un sí rotundo. Sobre la base de lo que ha hecho y de las crisis a las que ha sobrevivido. Creo que está capacitada para el cargo. Ya no es un ama de casa inexperimentada como la describió Marcos, y además sola, durante la campaña electoral de dos años atrás.

Ha sorprendido a muchos en los últimos meses, incluso a algunos que al principio la apoyaban contra Marcos. A través de la campaña electoral y en los primeros meses de su presidencia muchos de los políticos experimentados que estaban de su lado asumieron que reinaría pero no gobernaría, y que a ellos les tocaría dirigir el país. Ello probó ser una lectura completamente equivocada de lo que es Corazón Aquino. Es inteligente y tenaz. Templada por la campaña electoral y su exitoso liderazgo de los filipinos durante los dramáticos sucesos que siguieron a la elección, y culminaron en la huída de Marcos de Manila, hacia un desasosegado exilio en Oahu.

Pero los primeros meses fueron difíciles. No sólo no tenía experiencia en administración pública, sino tambien el handicap de no haber trabajado jamás, de no estar disciplinada para un entorno de labor diaria. Era inteligente y laboriosa, pero tuvo que aprender a imponer su liderazgo sobre una colección diversa de hombres y mujeres ambiciosos, muchos de los cuales desplegaban agendas políticas incompatibles con las suyas.

Más aún, ni siquiera tuvo la ventaja de ser cabeza de un partido político con un programa coherente de gobierno, aunque fuera parcial. Dirigió un movimiento nacional amorfo, integrado por partidos políticos competidores, grupos orientados hacia una sola causa, la Iglesia y una moderna comunidad de negocios. En términos de ideología política, esos grupos iban desde la centro-derecha hasta la izquierda no comunista. Lo único que había llevado a esa diversidad de tendencias a unirse era una común antipatía por Marcos.

Una vez en el poder, el movimiento no tenía agenda política, ni tampoco había existido un período de transición en el cual desarrollarla. Un sábado de tarde estaban organizando movimientos de protesta contra Marcos, y al jueves siguiente detentaban el poder. No sólo no existía acuerdo en lo que había que hacer, tampoco había consenso respecto a los problemas.

Aquino ha sido ahora Presidenta por más de un año y medio. Se ha convertido en una administradora experimentada y sabe tomar decisiones. Ya sus días no están llenos de problemas que enfrenta por primera vez. Ha luchado con la política de elegir un gabinete y luego modificarlo. Preparó un presupuesto nacional, con todas las dificultades comerciales y prioridades nacionales que un presupuesto entraña para un gobierno penosamente pobre. Neutralizó a los que apoyaban a Marcos y habiendo ampliado el espacio para maniobrar, forzó la renuncia de su primer Ministro de Defensa Nacional, Juan Ponce Enrile.

Aún así, para ojos occidentales e incluso en las Filipinas, a veces se la vé como demasiado cauta. Se la critica por no sacar ventaja de su apoyo político para atacar problemas críticos con más vigor.

Los filipinos, por supuesto, tienen el derecho legítimo de ofrecer a su Presidente crítica y consejo. Es su país, y la libertad de opinión y de prensa están garantizadas por la nueva Constitución. Más aún, esa crítica es saludable y hasta necesaria en un sistema democrático, y la señora Aquino ha demostrado saber escuchar al pueblo.

Los estadounidenses sin embargo, deberían cuidarse de aconsejarla, no importa cuan sinceras sean sus intenciones. Lo que puede parecer excesiva cautela debe ser visto dentro de una cultura nacional en que el compromiso se valora más que la confrontación, y el riesgo se evita en lo posible.

Aquino cree profundamente en que no se convirtió en Presidenta para continuar la reciente tradición de gobierno de una sola persona. Si las Filipinas van a ser una democracia que funcione, argumenta, la gente debería aceptar una mayor medida de responsabilidad por su propio destino nacional, y la política nacional debe hacerse a través de instituciones democráticas y sus decisiones, y no por decreto presidencial.

A pesar de que quieren democracia, muchos filipinos, incluyendo las clases educadas, aspiran al confort emocional de un liderazgo fuerte, luego de tantos años en que Marcos tomó las decisiones por ellos.

STEPHEN W. BOSWORTH

Fuente: "The Washington Post".
Traducción: Blanca Giuria.
N. de R.: El autor fue Embajador de los Estados Unidos en Filipinas desde 1984 hasta abril pasado.

EL PAIS 23/IX/87

01-01.

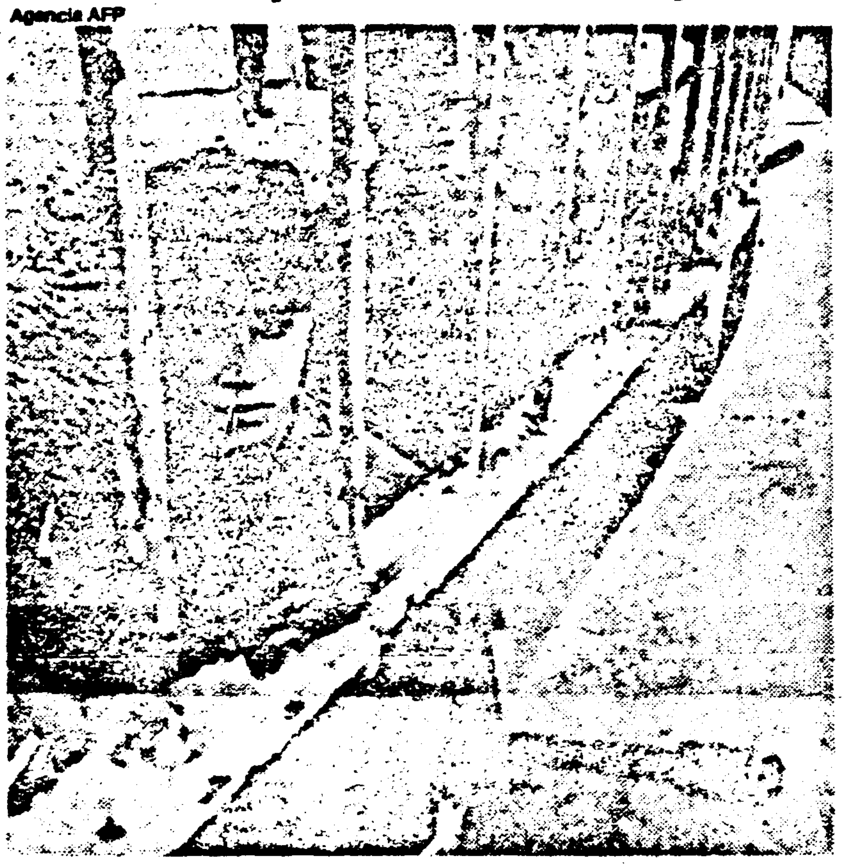
8711631

16 12 87

Desbaratan un nuevo golpe militar en Filipinas: hubo veinte arrestados

Miles de soldados apoyados por camiones, tanques y vehículos blindados realizaron ayer un gigantesco "ejercicio antisubversivo" en los puntos clave de Manila, en prevención de un inminente ataque de fuerzas rebeldes, según admitió el máximo responsable de la seguridad militar en la capital filipina. En operativos policiales paralelos fueron arrestados unos veinte civiles y militares desertores, que de acuerdo con los datos de inteligencia planeaban el derrocamiento de la presidenta Corazón Aquino.

Agencia AFP



Efectivos de seguridad filipinos montan ayer un simulacro de combate alrededor del palacio de gobierno de Manila, luego de las amenazas lanzadas por el líder del fallido golpe, coronel Gregorio Honasan.

MANILA, 6 (AP, EFE, Reuter y UPI). — **Unos veinte civiles y desertores del ejército fueron arrestados hoy en Manila cuando se aprestaban a lanzar otro golpe de Estado contra la presidenta Corazón Aquino.**

Las detenciones se realizaron mientras se cumplía **un gigantesco "ejercicio antisubversivo"** del que participaron **miles de soldados apoyados por tanques y vehículos blindados** por las calles de la capital filipina **y que causó alarma** entre la población, a la que no se había advertido de esas operaciones.

(1) El coronel **Juanito Lagasca**, jefe de la inteligencia policial, dijo que los desertores —leales al depuesto presidente **Ferdinando Marcos**— **se preparaban para tomar hoy el poder** y esperaban obtener el apoyo del coronel **Gregorio "Gringo" Honasan**, el cabecilla de la intentona golpista del pasado 28 de agosto que permanece **prófugo y al mando de tropa.**

Los presuntos conspiradores fueron capturados en distintos operativos realizados **en sitios sospechosos de ser utilizados como guaridas**, de acuerdo con los datos obtenidos por los servicios de inteligencia, dijo Lagasca.

Desde la mañana las **sirenas de alarma** hicieron salir a centenares de soldados de sus cuarteles para ocupar los **puntos clave** de la ciudad, incluido el **palacio presidencial de Malacañang.**

"Este es solo un ejercicio, pero existen informes **de que alguien intenta otro golpe**", dijo a los periodistas el general (2) Alejandro Aguirre, comandante militar de Manila.

"**Estamos simulando** una situación en que tropas rebeldes **penetraran las defensas** exteriores de Manila y nos viéramos en la necesidad de defender el palacio", reveló el capitán **Emiliano Templo**, vocero del comando de defensa de la capital.

♦ Temor en la población

Los movimientos de tropas y vehículos militares causaron **pánico** entre los pobladores de Manila, e incluso entre los hombres de prensa, a quienes los **insistentes rumores** sobre un inminente intento desestabilizador han alertado sobremanera en las últimas **dos semanas.**

Voceros gubernamentales dirigieron **mensajes** por radio y televisión a la población para explicarles que se trataba de un simulacro y pedirles que se tranquilizaran, ya que en los primeros momentos **las salidas de tropas de sus cuarteles fueron tomadas como actos hostiles contra el gobierno.**

Sin embargo, el propio general Aguirre **admitió** que las autoridades **esperaban un ataque de soldados insubordinados.** "Hay informes al respecto, acerca de algunos intentos por parte de algunas personas. Por esa razón es que tenemos que hacer ejercicios, **para prevenir** lo que van a hacer y al mismo tiempo **estar preparados**" para actuar, indicó el militar.

(3) Aguirre identificó al coronel **Reynaldo Cabauatan** como el cabecilla de los insubordinados, cuyo número estimó en unos **trescientos.**

Cabauatán fue uno de los líderes del levantamiento **de enero** pasado, cuando **tropas** rebeldes se apoderaron del **canal estatal de televisión** en un intento **por lograr** el retorno al país de Ferdinando Marcos, exiliado en **Hawaii desde** su deposición.

♦ Rumores alarmistas

La presidenta Aquino tuvo que salir en **desmentida** de ciertos rumores sobre su **presunto secuestro.** "¿Qué? ¿Dónde?", dijo a los periodistas cuando abandonaba su despacho en el palacio de gobierno. **"Tal como pueden ver, estoy bien viva"**, añadió.

Las versiones alarmistas sobre la suerte de Aquino han sido un **elemento constante de presión** desde el intento de agosto pasado dirigido por Honasan, **el más sangriento** de los cinco contra el actual gobierno, donde por los menos **cincuenta y tres personas perdieron la vida**, y unas trescientas resultaron heridas.

El cabecilla de aquel alzamiento volvió a entrevistarse con dos medios de prensa la semana pasada, y acusó al gobierno de Aquino de **haber "dado a la izquierda legal, o a la izquierda en general, espacio democrático".**

"**También** nos ha dado **una nueva debilidad**", añadió Honasan al acusar al gobierno de pensar que **"solo con oraciones, rosarios**, con el poder popular y con bailar, cantar y aclamar **va a llevar al Nuevo Ejército del Pueblo** (NEP, la guerrilla comunista) **a la mesa de negociaciones".**

La acusación sobre **"elementos izquierdistas" dentro del elenco gobernante** se ha convertido en el **principal argumento** de la oposición, liderada por el ex ministro de Defensa, **Juan Ponce Enrile**, y el actual vicepresidente **Salvador Laurel**, recientemente apartado del Ministerio de Relaciones Exteriores.

POCO LEGIBLE

037

ACELERARON LOS SUMINISTROS MILITARES A AQUINO

EE.UU. negó haber apoyado el intento de golpe en Filipinas

MANILA, 1º (AFP, Reuter y UPI). — **Estados Unidos aceleró los suministros de equipos militares a Filipinas a partir del ultimo intento de derrocamiento contra el gobierno de Corazón Aquino.**

Así lo [illegible] el embajador norteamericano [illegible] nila, Nicholas Platt, dur[illegible] con sectores empresarios [illegible] también negó que Washington [illegible] apoyado a las tropas rebeldes que el 28 de agosto pasado inten[illegible] un golpe.

Platt, que [illegible] ante el Rotary Club de Manila su primera intervención pública desde que asumió sus funciones el 23 de agosto último, dijo que helicópteros, vehículos blindados y camiones son despachados en forma urgente a la capital filipina por expreso pedido de Aquino.

El diplomático desmintió las versiones recogidas por la prensa local sobre un supuesto apoyo norteamericano al intento de derrocamiento acaudillado por el coronel Gregorio "Gringo" Honasán, quien permanece prófugo de la justicia militar en algún [illegible] de la isla Luzón, la principal del archipiélago filipino.

Platt precisó que un miembro de la embajada estadounidense había llam[illegible] a Honasán a la base de Campo Aguinaldo, cuartel general del ejército y bastión de los insurrectos durante la rebelión, para advertirle que la ayuda norteamericana sería "inmediatamente" suspendida si los amotinados triunfaban.

Desmintió que Honasán se haya refugiado en la base norteamericana de Clark, y prometió que antes de fin de año Washington entregará a Filipinas diez nuevos helicópteros de combate, diez transportes blindados y 150 camiones.

La Casa Blanca se comprometió a entregar 900 millones de dólares en ayuda civil y militar durante el período 1985-1990.

Las declaraciones de Platt se conocieron paralelamente a las denuncias de la agencia noticiosa oficial filipina sobre que elementos derechistas se preparan actualmente para lanzar una nueva tentativa para derrocar al gobierno de Aquino.

La agencia señaló que el complot en preparación es una "alianza táctica" entre las fuerzas del coronel Honasan, soldados aún leales al derrocado presidente Ferdinando Marcos y otros grupos insatisfechos dentro del ejército.

ClariN 2/10/87

PARTES ILEGIBLE

01-01

8711776

037

CLARIN ★ Buenos Aires, jueves 15 de octubre de 1987

Aquino abre el diálogo

La presidenta filipina propone una nueva negociación con los guerrilleros

MANILA, 14 (EFE). — El gobierno filipino considerará la reanudación de las negociaciones de paz con la guerrilla comunista "si lo solicitan formalmente", dijo hoy la presidenta Corazón Aquino.

"Hasta ahora no recibí ninguna petición formal y desconozco qué asuntos intentan tratar, pero si me lo piden (la guerrilla) abordaré el tema con el jefe de la Comisión de Paz del gobierno", declaró Aquino a los periodistas al final de un Consejo de Ministros.

Por su parte, Saturnino Ocampo, portavoz del Frente Nacional Democrático (F.N.D.), brazo político de los comunistas, explicó el lunes en un comunicado que la guerrilla está preparada para regresar a la mesa de negociaciones.

Agregó que el F.N.D. "desea negociar con el gobierno o con cualquier otro grupo político opuesto a la intervención de Estados Unidos en el país y a los esfuerzos de reimponer un régimen autoritario".

Tras el alto el fuego de 60 días de principios de año, la guerrilla comunista se retiró "indefinidamente" de la mesa de negociaciones, cuando doce agricultores murieron a las puertas del palacio presidencial durante una manifestación en la que pedían una reforma agraria.

♦ Nueva estrategia

Fuentes militares manifestaron que la nueva estrategia guerrillera es un indicador claro de que están "perdiendo la guerra", al mismo tiempo que descubre los problemas internos por los que está pasando la cúpula del Partido Comunista desde la captura de su líder, Rodolfo Salas.

♦ Desacuerdo

Las fuerzas armadas parecen estar en desacuerdo con una posible reanudación de las conversaciones, ya que el ministro de Defensa, Rafael Ileto, señaló que a la guerrilla "se le dio una oportunidad con la política de atracción, y no funcionó. Ahora estamos en la etapa de persuasión, o bajan o vamos por ellos".

01.01

8711780

Buenos Aires, jueves 8 de octubre de 1987 ★ CLARIN

EL JEFE DEL EJERCITO FILIPINO ADVIERTE A AQUINO QUE PUEDE ENFRENTAR OTRO GOLPE EN MENOS DE UN MES

Una transmisión rebelde desde bases de EE.UU.

El gobierno filipino alertó sobre la operación de cinco grupos civiles y militares que unirían sus fuerzas para derrocar a la presidenta Corazón Aquino y restituir al ex dictador Ferdinando Marcos en el poder. Tres emisoras radiales fueron clausuradas después de haber difundido una conferencia de prensa ofrecida por un militar rebelde desde una base aérea norteamericana cercana a Manila, para anunciar el próximo derrocamiento de Aquino.

MANILA, 7 (AFP, AP, Reuter y UPI). — El gobierno filipino clausuró hoy tres emisoras de radio que anoche reprodujeron una conferencia de prensa ofrecida por un militar rebelde desde la base norteamericana de Clark, para anunciar un inminente golpe.

La decisión del gobierno de Corazón Aquino se tomó para contrarrestar una campaña propagandística lanzada por cinco grupos conspiradores que planean dar un golpe de Estado durante el corriente mes, según dijo el portavoz presidencial Teodoro Benigno.

♦ Advertencia militar

El vocero hizo declaraciones a la prensa después de una reunión de gabinete donde el jefe de las fuerzas armadas, general Fidel Ramos, advirtió que de concretarse la reunión de los grupos conspiradores las fuerzas leales al gobierno podrían no ser suficientes para defender a las autoridades constituidas.

La clausura de las emisoras radiales sobrevino después que esas estaciones emitieran una conferencia de prensa ofrecida anoche por el coronel Reynaldo Cabauatán desde una casa dentro de la base aérea norteamericana de Clark, al norte de Manila, donde anunció que emprendería una nueva revuelta.

Cabauatán, prófugo de la justicia desde el intento golpista fallido de enero pasado y protagonista de otra rebelión anterior contra Aquino, ya estaba dentro de la base cuando los periodistas llegaron al lugar, según declararon después.

Poco Legible

01 | 02 8711821

CLARIN ★ Buenos Aires, jueves 8 de octubre de 1987

QUE PUEDE ENFRENTAR OTRO GOLPE EN MENOS DE UN MES

rebelde desde base de EE.UU.

Un vocero de la fuerza aérea estadounidense dijo a la agencia Reuter que no podía confirmar ni negar el informe de los hombres de prensa. "Vamos a preguntar por allí, pero no sé qué está sucediendo en los hogares individuales en la base", señaló.

Cabauatán fue identificado ayer por el general Alejandro Aguirre, comandante militar de Manila, como cabecilla de unos trescientos efectivos dados de baja del ejército que planean el derrocamiento de Aquino.

El militar rebelde dijo en su diálogo con los periodistas que ya había "infiltrado" el palacio presidencial de Malacañang, y que no tenía dudas sobre el éxito del inminente golpe.

"El gobierno tiene el perfecto derecho de defenderse de sus enemigos", dijo el portavoz Benigno al justificar la decisión de cerrar las emisoras, y explicó que la medida puede tomarse sin invocar el estado de emergencia, ya que esas radios operan bajo licencias temporarias.

♦ **Grupos golpistas**

El vocero presidencial identificó a cinco grupos diferentes, civiles y militares, que alcanzan "una muy importante dimensión política" en su coalición para derrocar al gobierno de Aquino y posibilitar el retorno del ex dictador Ferdinando Marcos, exiliado en Hawaii desde su derrocamiento en 1986.

Benigno se basó en el informe que poco antes había presentado el general Ramos para detallar los siguientes grupos:

- El del coronel Gregorio "Gringo" Honasan, líder del intento golpista del 28 de agosto pasado, desde entonces prófugo y al mando de tropa que le guarda lealtad;
- Partidarios del ex presidente Marcos dirigidos por Cabauatán;
- Miembros de la "Cofradía de los Guardianes", una organización militar disuelta en marzo pasado;
- Políticos de derecha de la Gran Alianza por la Democracia, dirigida por el ex ministro de Defensa y actual senador Juan Ponce Enrile, y del Movimiento por una Nueva Sociedad, fundado por Marcos;
- Empresarios allegados al ex dictador, entre los que se cuenta un primo de la presidenta Aquino, Eduardo Cojuangco.

♦ **Operación "Rambo"**

El informe presentado por el general Ramos alertó sobremanera a los miembros del gabinete cuando se señaló que las fuerzas leales podrían no ser suficientes para contener la ofensiva en preparación.

Emmanuel Soriano, director del comité de crisis ministerial, aclaró algo más esa posición cuando dijo que "si fuera un problema de militares contra militares, ellos mismos (los leales) podrían manejar la rebelión". A juicio del funcionario "este golpe involucraría el tipo de participación política que los militares no podrán dominar".

El general Aguirre trató de llevar tranquilidad: "Pueden hostigar, destruir, dañar e injuriar a la gente, pero no pueden derrocar al gobierno" sostuvo ante los periodistas.

El militar reveló que el golpe en preparación llevaba el nombre (en código) de "Rambo" traducción en inglés de las siglas del "Movimiento para el retiro de Aquino de Malacañang antes de octubre".

Los hombres de gobierno estiman que los insurrectos podrían aprovechar el clima de agitación provocado por una serie de huelgas en demanda de mejoras salariales que confluirán en un paro general, el lunes próximo, según anunció la central sindical Movimiento Primero de Mayo, de orientación izquierdista.

HR

037

Se desarrollará allí Cumbre asiática

Bomba en edificio filipino

MANILA (EFE y UPI).- La Policía desactivó ayer una bomba de fabricación casera que fue descubierta en el centro de convenciones donde los gobernantes de las naciones del sudeste asiático deberían reunirse en diciembre.

El secretario de Relaciones Exteriores, Raúl Manglapus, quien poco después del incidente partió hacia Bangkok para dar los toques finales a las preparaciones de la conferencia cumbre, restó importancia al hecho.

"Por supuesto", dijo Manglapus, cuando los periodistas le preguntaron si la conferencia se realizaría como estaba planeado, del 14 al 16 de diciembre en el Centro Internacional de Convenciones de las Filipinas. "No hay ninguna duda de ello".

El capitán Serafín Guiab, jefe de la escuadra que desactivó el explosivo, dijo que el artefacto consistía de 73 cartuchos de dinamita dentro de dos sacos, cada uno con un reloj y tres baterías. Guiab dijo que la bomba debía estallar al mediodía, pero que no contenía ningún mecanismo para hacer detonar los explosivos. Indicó que un empleado de limpieza encontró el artefacto a las 10 de la mañana.

Preguntado cómo era posible que le faltara a la bomba el mecanismo detonante, Guiab explicó que pudo habérsele olvidado a quien la construyó, o quizás la retiró deliberadamente para enviarle un mensaje a las autoridades de que alguien era capaz de penetrar en el edificio con una bomba.

Los sacos habían sido abandonados justo dentro de la entrada de los artistas, cerca del salón de recepciones y del salón de reuniones donde se encontrarían el mes entrante los líderes de la Asociación de Naciones del Sudeste Asiático — Singapur, Malasia, Indonesia, Brunei, Tailandia y las Filipinas.

El edificio alberga también oficinas del Departamento de Asuntos Exteriores, en el segundo piso.

"La bomba no habría destruido el edificio, pero habría causado serios daños", dijo Guiab. "Pero el mayor impacto hubiera sido el efecto posterior a la explosión".

"De hacer explosión, habría causado un gran impacto en la cumbre. Los líderes pudieran haberse retirado o pospuesto su reunión. Creo que ese fue el verdadero objetivo del atentado", dijo.

LA MAÑANA 4/11/87

01-01

8711848

HB/

FILIPINAS

037

Detienen en Manila a un lugarteniente del coronel rebelde

Manila, 21 (UP) – El jefe de las fuerzas de seguridad de Manila informó hoy que ha sido arrestado un asesor del ex coronel Reynaldo Cabauatan, el fugitivo cabecilla de intentos de golpe de estado.

El brigadier general Alexander Aguirre, jefe del comando regional de la capital, también dijo que se habían localizado 18 escondites utilizados por los escuadrones comunistas que han matado a tiros a más de 80 personas desde febrero.

Aguirre expresó que sus fuerzas habían atrapado a un asesor de Cabauatan, quien se cree estuvo detrás del asalto el domingo de un camión blindado, y la distribución de dinero para buscar reclutas para un nuevo intento de golpe.

El asesor, cuyo nombre no fue revelado, fue capturado durante redadas en varios escondites anoche y podría dar claves sobre dónde se encuentra Cabauatan, señaló Aguirre.

Cabauatan, destituido de las Fuerzas Armadas luego de un intento de golpe de estado en enero con el fin de devolver el poder al derrocado Ferdinand Marcos, ha mantenido confundido al Ejército con una serie de conferencias de prensa en lugares que van desde Manila a la base aérea Clark, operada por fuerzas de Estados Unidos.

Violentos combates

En tanto, violentos combates se registraron hoy entre fuerzas del Ejército y guerrilleros comunistas del "Nuevo Ejército del Pueblo", con un balance de 20 rebeldes muertos, comunicaron las autoridades de Manila.

Los combates se desarrollaron en la isla de Mindanao (sur de Filipinas), donde un comando de tres personas, que según las autoridades pertenecerían al "Nuevo Ejército del Pueblo", mató a un suboficial de policía que esperaba el ómnibus en una zona residencial de la capital, lo cual provocó la inmediata reacción de las Fuerzas Armadas que patrullaron el sector y sostuvieron recios enfrentamientos con los irregulares.

LA PRENSA 22/10/87

037



Filipinas, bajo el volcán

El Gobierno de Aquino trata de sobrevivir frente a los militares y la guerrilla.

UNA torrencial cortina de agua cae sobre el viejo edificio, que parece una isla en medio del lodazal, rodeada por una fronda de árboles, palmeras y cocoteros. En el horizonte, una cadena de imponentes volcanes hunden sus cimas entre los nubarrones. Las letras, casi disueltas, de un cartelón anuncian *Bayanihan*, centro de refugiados.

La humedad y el calor sofocante pudren las paredes, agrietan los techos y multiplican las goteras que mortifican, todavía más, a las 88 familias que se apiñan en habitaciones y pasillos. El suelo está colmado de niños, semidesnudos y macilentos, y mujeres silenciosas que protegen lo último que les queda: utensilios y alguna ropa empapada. Cristomo Rosales, joven encargado del centro, muestra la precaria sala de primeros auxilios y explica que hay otros tres centros similares, aunque en peor estado, con centenares de refugiados.

«Estamos tan agotados que ya ni nos quejamos», susurra al periodista Nelda Balauro, atrincherada en un rincón con sus once hijos. Sigue sin saber adónde está su marido, que huyó después de negarse a que dos de sus hijos adolescentes fueran reclutados por la guerrilla, una reticencia que se castiga con el degüello del infractor.

El *capitán de barangay* (jefe de aldea), Fidel Sarandon, un desdentado campesino entrado en años al que todos parecen respetar, indica: «Es aquí, en Polangui, donde han sido las peores matanzas entre guerrilleros y vigilantes. Y también represalias y desapariciones. Más de cinco muertos por día y sólo somos 6.000 personas en todo el distrito. Así que dejamos nuestras casas y los campos han quedado abandonados.»

Polangui, una pequeña ciudad a 56 kilómetros de Legazpi, la capital de la provincia de Albay, es el más sangriento escenario de los feroces combates y la violencia que campea por la península de Bicol, una región de 17.300 kilómetros cuadrados y 3.500.000 habitantes. El paisaje montañoso, revestido por una flora espesa, y la miseria del campesinado convierten a Bicol en un lugar ideal para las guerrillas.

Implantados en el área hace más de veinte años, los guerrilleros del Nuevo Ejército del Pueblo, brazo armado del Partido Comunista de Filipinas, lanzaron una fuerte ofensiva a comienzos de septiembre, aprovechando la confusión que provocó, entre los militares y el Gobierno, el fracasado golpe de Estado del 28 de agosto contra la presidenta Corazón Aquino. La intentona produjo 53 muertos, más de seiscientos heridos y una crisis institucional que acentúa día a día un clima de gran incertidumbre política. (Véase más información en páginas 99-101.)

En el cuartel general del Ejército y los *Constabulary*, una combinación de Policía y Gendarmería, ubicado en las afueras de Legazpi, las alambradas protegen pequeños edificios de madera repletos de soldados por donde circulan algunos civiles armados. Son los *vigilantes*, las milicias antiguerrilleras, que se multiplican en todo el país siguiendo el modelo de *Alsa Masa*, una organización de civiles armados creada por el coronel Franco Calida, comandante militar de Davao, la capital de la isla de Mindanao. La guerrilla había convertido la ciudad en un fortín y ahora ha sido parcialmente derrotada por la acción conjunta, y muchas veces, por encima de la ley, del Ejército y los vigilantes.

LOS GRUPOS VOLUNTARIOS CIVILES. «Aquí no los llamamos *Alsa Masa*, sino Grupos Voluntarios Civiles», confía a este enviado especial el teniente coronel Romeo Orbase, un piloto que oficia de portavoz del comandante de la región. Los vigilantes entusiasman a los militares. «Es a ellos a quienes más miedo tienen los guerrilleros, porque les conocen y los eliminan.»

¿Pero no es *eliminar* un acto ilegal?, inquiere CAMBIO16 ante el gobernador de la provincia de Albay, Crispín J. Rayala. «Por supuesto que es ilegal. Esos grupos tienen que ser escrupulosamente controlados. Ya tenemos un par de *vendettas* entre manos. Muy desagradable. Pero nosotros queremos que sean los militares los que ejerzan esa responsabilidad y ellos quieren endosarle el tema al poder civil», indica el gobernador. «Esta es una lucha política. Sólo mejorando las condiciones de vida se derrotará a la guerrilla. Aquí hay mucha miseria y la dictadura de Marcos tenía a Bicol completamente abandonada. Por eso, Cory ganó las elecciones por abrumadora mayoría. Teníamos esperanzas en que las conversaciones de paz con la guerrilla terminaran con la violencia, pero fracasaron. Ahora, todos los planes para mejorar la infraestructura, vivienda, alimentación y sanidad van quedando esterilizados por la destrucción que provoca la guerrilla», analiza Rayala.

Las etapas de esa ofensiva guerrillera están prolijamente señaladas en los mapas que el teniente coronel Orbase exhibe a CAMBIO16.

Han sido un centenar de acciones

muy bien coordinadas y que, según la escrupulosa contabilidad militar, fueron protagonizadas por 1.283 regulares con 1.043 armas de fuego apoyados por 2.300 activistas. Los tres frentes guerrilleros que operan en Bicol realizaron la seguidilla de embarcadas, 53 *eliminaciones*, las batallas contra los odiados vigilantes y, sobre todo, una cuidadosa destrucción de infraestructura encaminada a aislar la región.

Nueve torres de alta tensión han sido destruidas y su inutilización afecta, incluso, al abastecimiento eléctrico de Manila. Las guerrillas volaron, además, cuatro puentes estratégicos, obligando ahora al tráfico carretero a llegar a Manila después de un calvario por caminos muy precarios.

Pero la acción más audaz la realizaron en Sipoco, un nudo ferroviario. Después de coparlo, los guerrilleros ocuparon un tren y se dirigieron en una loca carrera a todo vapor por la línea que une los 500 kilómetros entre Nuga, la principal ciudad de la península de Bicol y Manila. Al llegar a la localidad de El Gallego, las guerrillas atacaron por sorpresa la guarnición policial, le causaron bajas y luego volvieron a recorrer en el tren el camino inverso, disparando desde las ventanillas contra todo uniformado que se les cruzara por delante. Cuando llegaron a Sipoco volaron el puente ferroviario, dejando inutilizada la línea.

«Pero ahora estamos a la ofensiva, los puentes están siendo reparados y los guerrilleros están a la desbandada», explica el teniente coronel Romeo Orbase. Acosados por la rebelión interna contra el Gobierno constitucional, los militares leales a Corazón Aquino lograron que la presidenta les autorizara una iniciativa que antes deseaba controlar más estrechamente, porque tiene un alto costo político para su prestigio democrático.

SORPRESIVA VISITA. «Y ahora ordeno lanzar una fuerte ofensiva para derrotar al movimiento comunista rebelde en la región de Bicol», exhortó Cory Aquino durante una sorpresiva visita que realizó en helicóptero el jueves 8. La presencia de Corazón Aquino en Bicol produjo bastante entusiasmo en la población civil y levantó el ánimo entre los militares, como pudo comprobar el enviado especial de CAMBIO16, que en ese momento se encontraba en el comando regional de Legazpi.

El gobernador Rayala está convencido que los guerrilleros han perdido prestigio por los *impuestos revolucionarios* con que agobiaban a los campesinos y pequeños comerciantes y la destrucción que han protagonizado estas semanas, que sólo «aumentará los padecimientos de nuestro pueblo».

Un sacerdote bicolano está de acuerdo con este diagnóstico, pero insiste en que «ambos bandos violan los derechos humanos».

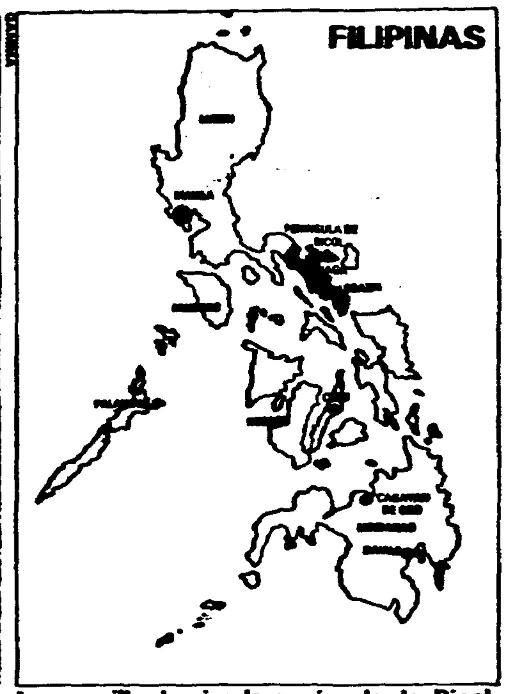
La ley de Reforma Agraria, que el Parlamento está a punto de aprobar, es una de las principales promesas de Cory Aquino, y sin ella no tiene posibilidades de ganar espacio político entre el campesinado. Pero los grandes terratenientes, en Mindanao o en las plantaciones de la isla de Cebú o Luzón central, amenazan con desatar una guerra civil. En medio del tembladeral en que se ha convertido la situación política, los terratenientes buscan la alianza de los militares golpistas, la complicidad de los *vigilantes* y también de la derecha nacional, que se nuclea en torno a las figuras del vicepresidente, Salvador Laurel, y el ex ministro de Defensa Ponce Enrile.

En torno a esta trama se mueve otro tipo de personajes. El ex fiscal general de los Estados Unidos, Ramsey Clark, representando a varias asociaciones de defensa de los derechos humanos, denunció que el general (retirado) John Singlaub, un fanático ultraderechista, es uno de los organizadores de esa trama antidemocrática. El general Singlaub ha viajado, con diversos pretextos, a las zonas más críticas, como Mindanao y Negros. Ramsey Clark y los otros cinco integrantes de la comisión investigadora, todos norteamericanos, no dudan en afirmar que se trata de otra maniobra, tipo *Irangate*, dirigida contra el Gobierno de Corazón Aquino y conducida en las sombras por algún sector vinculado a la CIA.

Pero los vigilantes, por lo menos en Bicol, son también un síntoma de la reacción del campesinado a los excesos de la guerrilla. «Los grupos han sido una reacción contra quienes aplicaban *impuestos revolucionarios*, se llevaban jóvenes por la fuerza y asesinaban a cualquiera que quisiera oponerse a su voluntad», explica Romeo González, un comerciante con siete hijos y alcalde de la sufrida Polangui. González explica que los *Alsa Masa*, así los denomina, están organizados en seis grupos y operan igual que los guerrilleros.



Campo de entrenamiento de la insurgencia comunista.



La guerrilla domina la península de Bicol.

«Los insurgentes —indica a esta revista— estaban tan implantados en la zona que muchos militares creen que tenían aquí su cuartel general. Por eso, la lucha ha sido tan terrible. Querían liquidar los grupos *Alsa Masa* de Polangui para desalentar a los que quisieran hacerles frente en otras zonas vecinas.»

Un camino precario lleva desde Polangui hasta las temidas *tierras altas*. El viejo automóvil se arrastra por el lodazal. La espesura de las plantaciones envuelve el camino como un túnel verde. Cuando cae la lluvia no se ve absolutamente nada y hay que detenerse hasta que escampe. En los campos no hay un alma. Sólo en una pequeña aldea se divisan los soldados o los grupos de vigilantes que se apresuran a exigir el salvoconducto del comando militar. Un oficial explica que los guerrilleros se han esfumado ante la ofensiva combinada de tropas de guarnición local y cuatro batallones de rangers llegados apresuradamente en un puente aéreo desde Manila.

¿Pero quiénes son los guerrilleros? En el campo de refugiados de Polangui, un grupo de ex miembros del Nuevo Ejército del Pueblo evoca la llegada de jóvenes de zonas vecinas, los primeros adeptos que convencen a otros y las largas conversaciones sobre cómo terminar con la miseria y el abandono. «Un jornal de trabajo, cuando se puede ganar, equivale a quince pesos (unas cien pesetas). No morimos de hambre en las tierras altas, porque hay mangos y plátanos.»

LA DISUASION DE LOS «ALSA MASA». Los campesinos recuerdan el creciente autoritarismo de los guerrilleros y las exacciones económicas, que parecen haber sido su principal error político. Y las matanzas que impulsaron a muchos a unirse a los *Alsa Masa* y a una cadena de venganzas que terminó por dispersar a los vecinos y aniquilar familias enteras. «Algunos capitanes de barangay se han refugiado en Legazpi por miedo a las guerrillas, y otros en Manila por temor a los *Alsa Masa*», explica el alcalde de Polangui.

Toda la zona está marcada por la lucha. La ruta entre Polangui y Legazpi es un continuo de tragedias. «Aquí, en Puente Banan, emboscaron y mataron a veinte policías», informa nuestro guía. Esta plantación, Ligao, estaba llena de guerrilleros. Ahora es una guarnición militar rodeada por trincheras y blocaos.

Lo peor parece haber sucedido en Camalig. La alcaldía está rodeada por toscas, pero eficaces, barreras de troncos, alambre espino y trincheras protegidas con sacos de arena. Un nutrido grupo de vigilantes, pletóricos de ametralladoras, revólveres y machetes, parece encantado con la visita. «Tres veces nos atacaron; la última, en pleno mediodía, cuando menos los esperábamos.» Está claro que, para la guerrilla, rodear las zonas urbanas desde el campo, como lo enseñaba Mao, es una estrategia firme, que continuará en cuanto se reorganice.

La carretera llega de pronto a una mansión siniestra: la prisión provincial, un edificio cochambroso rodeado de enormes alambradas, con ventanales enrejados donde se amontonan los presos buscando el aire. Muy cerca, en la pista del aeropuerto de Legazpi. Una avioneta de la Armada norteamericana aterriza y se pierde por uno de los costados del campo. Las calles de Legazpi, con sus *jeepneys* (jeeps carrozados para transporte público) y sus *triciclos* (motos con sidecard) parecen formar parte de un mundo distante.

Ya le habían advertido al enviado especial sobre este súbito abismo y la trampa del olvido. En la pobrísima vivienda que comparte con otro sacerdote en Polangui, el padre Vicente Antonio Vera, un muchacho filipino que acaba de salir del seminario, comentó: «En sólo aquí se entiende la profundidad del drama que vive Filipinas. Por eso es que es tan difícil elegir el camino de la paz y la democracia. A todo el mundo lo tientan el autoritarismo y la violencia. Pero la verdad es que no tenemos otra alternativa que la democracia. Lo contrario será una tragedia peor que la que estamos padeciendo.»

Juan Carlos Algañaraz
(Enviado especial)



Cory Aquino o el acoso despiadado a la democracia

A la «mariposa de hierro» comienzan a fallarle las alas.

La presidenta de Filipinas lucha a brazo partido para mantener el régimen constitucional contra una trama de militares golpistas, nostálgicos de la dictadura de Marcos, y la alianza del vicepresidente Laurel y el ex ministro de Defensa, Ponce Enrile, que buscan su reemplazo por vías legales.

La confusa arquitectura colonial del Palacio de Malacañang, residencia presidencial en Manila, vuelve a poblarse de tanques, barricadas, nidos de ametralladoras y un constante ir y venir de militares. En los salones que vieron partir hace veinte meses al dictador Ferdinand Marcos y a su esposa, Imelda, albergan ahora a una mujer, la «mariposa de hierro», que debe soportar todos los días un acoso despiadado a su magistratura.

Corazón (Cory) Aquino, el ama de casa que encabezó el movimiento que terminó con la tiranía, en febrero de 1986, ha visto despedazarse en pocas semanas la coalición que llevó al poder a su revolución pacífica, el poder popular.

Los logros del gobierno democrático han sido inmensos para la convivien-

cia y el Estado de derecho: el pueblo ha votado libremente, se ha elegido limpiamente un Parlamento y votado por muy amplia mayoría una Constitución moderna y liberal.

Pero la clase política y muchos medios de difusión que disfrutan por primera vez de una libertad de prensa total han multiplicado los obstáculos de la transición democrática.

«Es sintomático —explica un alto diplomático occidental a CAMBIO16— que se comenzó comparando históricamente la situación filipina con la transición española y ahora se la mide con las tribulaciones del presidente argentino, Raúl Alfonsín.»

HERENCIA DEL DICTADOR. Gran parte de las dificultades del gobierno de la señora Aquino provienen de la desastrosa herencia que dejó el dictador Marcos, que ahora no cesa de alentar todo tipo de conspiraciones y alzamientos desde su exilio en Hawai. Filipinas es una nación dislocada económicamente, con el ochenta por ciento de la población sumergida en la miseria y el subdesarrollo.

La llegada de la democracia con una Constitución moderna y liberal, y la movilización popular que acompañó el ascenso del liderazgo de Corazón Aquino, generó una revolución en las expectativas de millones de marginados. Satisfacer sus demandas hubiera sido imposible para cualquier estadista. Pero la señora Aquino tenía además una serie de graves contradicciones en su movimiento que a la larga han terminado por explotar.

En primer lugar, la inexperiencia y la confusión política y social de la presidente.

Cory Aquino pertenece por familia y matrimonio a dos de los grandes clanes que hacen y deshacen el poder y la vida política de la historia contemporánea de Filipinas.

La señora Aquino se lanzó a la acción política para reivindicar la figura de su marido, el senador Benigno Aquino, un líder carismático asesinado por los allegados a la dictadura. Pero su movimiento tuvo siempre metas demasiado amplias, centradas en la necesidad de instaurar un Estado de derecho.

A la vasta conjunción de clases, grupos de intereses y partidos que se fueron añadiendo en torno a la señora Aquino, a medida que se derrumbaba el régimen de Marcos, se añadieron las Fuerzas Armadas y los sectores más oportunistas del gobierno, como, por ejemplo, el ubicuo ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile.

Enrile y el general Fidel Ramos, el más prestigioso jefe de las Fuerzas Armadas y hombre de confianza de Estados Unidos, dieron el golpe de gracia a Marcos.

Los meses que siguieron han presenciado un intento renovado de los partidarios civiles y militares de Marcos de retomar el poder a través de intentonas fracasadas que han deteriorado la imagen de autoridad de la presidenta, siempre demasiado dispuesta a! perdón, o la conciliación.

El tema más espinoso, las guerrillas musulmanas y, sobre todo, las del Nuevo Ejército Popular, marcaron la ruptura con los sectores de la izquierda y renovaron la lucha armada de los 25.000 guerrilleros que combaten en 63 de las 73 provincias.

La falta de iniciativas sociales audaces, ajenas a la sensibilidad al equipo de empresarios que dirige la economía, promovió el distanciamiento de la izquierda moderada en torno al movimiento Bayan, tres de cuyos líderes cayeron asesinados.

Las guerrillas y el anticomunismo se convirtieron en el principal tema de



Malacañang se llenó de ametralladoras durante el golpe.

agitación de las Fuerzas Armadas, nostálgicas en gran parte de un protagonismo perdido desde que el dictador Marcos impusiera la ley marcial en 1972.

El malestar en las Fuerzas Armadas culminó con la insurrección del coronel de ultraderecha Roberto «Gringo» Honasan el 26 de agosto pasado, y en una batalla que dejó 53 muertos y centenares de heridos. Desde entonces, la señora Aquino parece retroceder ante las demandas de los militares para conservar el poder.

El panorama político cotidiano es desolador: se habla constantemente de un nuevo golpe de Estado y se suceden una y otra vez las alertas militares a los ejercicios de bloqueo de los accesos de la ciudad. El gobierno y el general Fidel Ramos han adoptado un aire fatalista: aceptan que habrá nuevas intentonas golpistas, pero aseguran que ganarán la partida.

Es casi un hecho que el golpe de Honasan contaba con la complicidad política de Ponce Enrile, que se dio de baja en el gobierno hace meses, cuando no pudo controlar la voluntad de la presidenta.

Otra deserción de gran importancia ha sido la del vicepresidente Salvador Laurel, un hombre de gran significación política y miembro de una familia poderosísima. Laurel renunció al ministerio de Asuntos Exteriores, pero se quedó ladinamente con la presidencia.

ASOCIACION DE DESERTORES. Ahora le es posible asociarse con Ponce Enrile y revivir el viejo Partido Nacionalista, haciendo retumbar el anticomunismo. Laurel ha denunciado la existencia de una lista de más de cien altos funcionarios y parlamentarios de secretas adhesiones comunistas. El directorio se lo proporciona al vicepresidente nada menos que el general que dirige los servicios de inteligencia. Laurel y Enrile pueden ofrecer la alternativa de una transición constitucional que reemplace a Cory Aquino por el vicepresidente.

De la ceremonia de confusión toman parte, en primera fila, los coroneles Honasan, que hasta convoca el golpe de Estado por la radio y la televisión, y su colega Cabuatan, quien anuncia un acuerdo con los guerrilleros musulmanes, desde un local ubicado dentro de la gigantesca base estadounidense de Clark.

Los norteamericanos insisten en que apoyarán sin reservas a Cory Aquino, pero la desconfianza abunda. ¿Qué hacía el coronel Cabuatan en la base Clark? ¿Cuál es el papel que jugó en el golpe de Honasan el agregado militar norteamericano, según propias informaciones del general Fidel Ramos?

En este clima, sin atreverse a convocar al pueblo que tanto la acompañó, Corazón Aquino sostiene con valentía el régimen democrático. Jura que del Palacio Malacañang tendrán que sacarla porque no se irá, como Marcos, en un helicóptero norteamericano con las luces de posición apagadas.

J. C. A.

Reagan apoya a Cory... y a sus militares

Estados Unidos apoya a Cory Aquino, pero comienza a verla como una presidenta débil. El coronel Ramos empieza a parecer a los norteamericanos una garantía más sólida.

UNA vez más, el pueblo norteamericano se hizo la pregunta de rigor: ¿sobrevivirá Corazón Aquino? Algunos creen que no. Creen que será depuesta o asesinada. Pero otros, menos pesimistas, confían en que el respaldo incondicional que Ronald Reagan dio a la presidenta filipina y a su tambaleante democracia, unido al incremento de la ayuda económica, la sacará del atolladero. La viuda Aquino es un símbolo resucitado del cadáver de su esposo. Para un sector ultraderechista influyente en la Casa Blanca, Aquino se ha mostrado incapaz de gobernar una nación de sesenta millones de seres, cuya mayoría sigue viviendo en la pobreza (120 dólares para una familia de seis) y sin expectativas cercanas de salir de ella.

El motín sangriento, encabezado por el coronel *Gringo* —Gregorio Honasan—, distrajo la atención norteamericana del golfo Pérsico y recordó al contribuyente que en Filipinas Estados Unidos mantiene una presencia importantísima: once instalaciones militares con un total de 16.068 hombres. La base naval de Clark es, según el Pentágono, la mayor de cuantas existen en el extranjero. La de Subic Bay, dedicada a reparaciones para la flota en el Pacífico, se considera muy ventajosa económicamente, ya que la mano de obra es barata y de probada calidad. Las Fuerzas Aéreas norteamericanas cuentan con más de nueve mil hombres destacados permanentemente en las islas. Y ese complejo defensivo es fundamental para la seguridad de Estados Unidos, que se benefició los últimos quince años del régimen corrupto y sin libertades del dictador Ferdinand Marcos, amigo de Ronald Reagan hasta su derrocamiento.

Pasado el susto del motín, la Administración norteamericana no oculta su deseo de que Corazón Aquino preste atención al descontento de los militares y, sobre todo, al tratamiento que debería dar a la guerrilla comunista. También espera que las insinuaciones que tiempo atrás hizo sobre la reducción de la presencia norteamericana en Filipinas no se reaviven. «Para el Pentágono, el general Ramos es el militar amigo y Ponce Enrile ha pasado a ser el político de confianza», comentó a CAMBIO16 un analista de la situación. El Pentágono no quiere arriesgar sus bases con experimentos milagrosos de líderes femeninas que juntan las manos para agradecer al Todopoderoso haberles salvado la vida. El Pentágono junta los pies sobre la tierra y no tolera que nadie se los mueva de allí.

En cuanto a la Casa Blanca, acostumbrada a seguir una doble política exterior en secreto, no cabe hoy otra posición razonable que no sea la de proclamar la defensa de la democracia filipina, aunque en los pasillos del Consejo de Seguridad Nacional los coroneles son gente de buena estrella: el coronel *Gringo*, cabecilla del motín, sólo sería una especie tercermundista del modelo Oliver North.

Casi tan olvidada como los Marcos en su exilio hawaiano está la imagen de Corazón Aquino, quien, hace ahora un año, paseó triunfalmente por Estados Unidos abriendo los brazos de amistad y las manos para pedir ayuda. Lo primero no le faltó en ningún momento. Lo último —dólares— lo recibió en menor abundancia. En tono candoroso, un editorial del *Washington Post* (1 de septiembre) recordaba que «hay fundamento más que suficiente para enviar más ayuda, a fin de que los efectos se perciban rápidamente». Y añadía que, de lo contrario, el peligro de que se agrave el desorden político es inminente.

Pero no se puede dar lo que no se tiene. Hoy, Estados Unidos ha acumulado un déficit pavoroso y su artífice, Ronald Reagan, aspira, ya que no a un lugar excepcional en el cuadro de honor de los presidentes, sí, al menos, a que no le abucheen antes de abandonar la Casa Blanca. Incrementar donativos para evitar el retorno de las tiranías no figura, de momento, como una previsión presupuestaria. A lo más que llegó el Departamento de Estado fue a manifestar, por medio del subsecretario de Asuntos Políticos, Michael Armacost, que «conforme a la ley estamos obligados a suspender la ayuda militar cuando se produce un golpe».

La presidenta filipina se apercibió del alcance político de la insurrección y, siguiendo el *modelo Alfonsín*, pasó de una actitud inicial en la que anunció el castigo sin contemplaciones de los amotinados a otra, final, en la que cabe anticipar que serán escuchados y, tal vez, perdonados. Y el Pentágono confesó que, a pesar de informes de la inteligencia norteamericana que revelaban el descontento de los militares en Filipi-



REAGAN *todavía apoya incondicionalmente a Cory Aquino.*

Filipinas: ocho intentos en un año

6 de julio de 1986. Intento de golpe de Estado de Arturo Tolentino, estrecho colaborador del ex dictador. No pudo proclamarse presidente y anunciar el retorno de Marcos.

Septiembre de 1986. Enfrentamientos entre Juan Ponce Enrile y Fidel Ramos, jefe de las Fuerzas Armadas.

9 de noviembre de 1986. Aprovechando el viaje de Cory Aquino al Japon, Enrile intenta un nuevo golpe de Estado. En esta ocasión pretendía nombrarse primer ministro y relegar a la presidenta a un papel honorífico. Aquino destituyó a Enrile.

27 de enero de 1987. Quinientos soldados ocuparon una emisora de televisión durante tres días, con el fin de restablecer el régimen del ex presidente Ferdinand Marcos. Cien de estos amotinados fueron detenidos y están actualmente pendientes de juicio.

12 de abril de 1987. Cuatrocientos soldados fracasan en una nueva intentona golpista cuando pretendían asaltar la Escuela Internacional. Estos soldados pertenecían a una organización clandestina.

18 de abril de 1987. Un grupo de militares rebeldes asalta un importante cuartel del Ejército, exigiendo la dimisión de la presidenta.

10 de julio de 1987. Estados Unidos hace fracasar un golpe de Estado en Manila, dirigido por Marcos, en el que se iba a tomar como rehén a Corazón Aquino.

27 de agosto de 1987. El sector *reformista* del Ejército protagoniza un nuevo intento frustrado de golpe de Estado, poniendo en evidencia el mito de la unidad interna del Ejército.



La población se manifiesta en las calles de Manila en apoyo de Cory Aquino, después del último intento de golpe, en agosto

Sygma

nas, «nadie aquí sabía nada acerca de este hecho (el motín) concreto».

Para diplomáticos y analistas en Manila, sin embargo, la verdadera prueba de fuego de la presidenta Cory Aquino será la reforma agraria, que se comprometió a llevar a cabo en un discurso pronunciado ante el Congreso a fines de julio. Ningún presidente filipino ha sido hasta ahora capaz de llevarla a cabo, y de hacerlo se alteraría de una manera fundamental el equilibrio social de la nación y se asestaría un golpe al predominio de unas cuantas familias feudales, causantes del retraso económico de Filipinas.

A los ojos del pueblo norteamericano aparece el general Ramos como el protector físico de la democracia instaurada por Corazón Aquino, mientras que la presidenta es la salvaguardia de una libertad deseada por su pueblo siempre que se le alimente mejor que en la época del nepotismo de Marcos.

Los elementos duros de la Administración Reagan no están de acuerdo con Corazón Aquino en el tratamiento que ésta viene dando a la guerrilla comunista. Creen que está condenado al fracaso. No les ha causado ninguna sorpresa el *aviso* militar del coronel *Gringo*. Si a la guerrilla se le ofrece amnistía, se preguntan los militares, ¿por qué se acusa a algunos soldados de violación de derechos humanos? ¿No se invocará en Filipinas la obediencia debida como salida de emergencia del vandalismo militar? ¿Acaso es más fuerte Aquino que Alfonsín, más sólida la democracia en Manila que en Buenos Aires?

Ignacio Carrión *(Washington)*

N.º 824.14-9-87

Aumenta el prestigio internacional de Aquino

por MELCHOR P. AQUINO

MANILA — El fracaso de la última conspiración armada por derrocar el gobierno parece haber elevado el prestigio internacional de la Presidenta Aquino y su administración.

Su durabilidad como líder de un país democrático ha sido subrayada por la prensa mundial y el aplauso de los jefes de estado y gobiernos, empezando por el Presidente Reagan de los Estados Unidos.

Washington y Tokio no sólo se apresuraron a expresar su apoyo a la Presidenta Aquino, sino que también sugirieron un aumento de la ayuda a la administración de 18 meses de duración de Aquino. Desde los primeros momentos del intento de golpe, el Presidente Reagan declaró: "Los Estados Unidos condenan este intento como una acción extraconstitucional. Deseo poner absolutamente en claro el apoyo incuestionable de los Estados Unidos a la Presidenta Aquino". Tras el colapso de la conspiración, el Presidente Reagan se apresuró a indicar que se sentía "satisfecho y aliviado" de que la Presidenta Aquino se las arreglara para sofocar la rebelión militar en su país.

Las 12 naciones del Mercado Común declararon: "Los 12 estados miembros de la Comunidad Europea renuevan su pleno apoyo a la Presidenta Aquino, la democracia constitucional en las Filipinas, y a sus recién electos representantes".

España, China y los países de la ASEAN (Asociación de Naciones del Sudeste Asiático) manifestaron apoyos similares a la Presidenta Aquino y al sistema democrático presidido por ella.

La prensa occidental ha destacado el hecho de que la administración de Aquino ya ha capeado varios intentos de subversión particularmente el incidente del Hotel Manila, los intentos por apoderarse de la Base Aérea de Villamor y del Canal 4 de la televisión, así como el "motín militar" del viernes anterior.

Durante el incidente del Hotel Manila, el antiguo Senador Arturo M. Tolentino buscó, con el apoyo de un contingente de oficiales y soldados, instalarse como "Presidente Ejecutivo" de la República. Los intentos por capturar la Base Aérea de Villamor y el Canal 4 fracasaron miserablemente. Para sorpresa del público en general y de los observadores extranjeros, las partes involucradas en ambos intentos de golpe permanecieron sin castigar.

El "motín" del viernes anterior fue, con mucho, el intento mejor organizado, más sangriento, y más destructivo por derribar el orden establecido y la autoridad legítimamente constituida. La Presidenta Aquino expresó que "los traidores" serán castigados.

De acuerdo con lo expresado por expertos y analistas extranjeros, la Presidenta Aquino ha demostrado que "ella puede gobernar" y que cuenta con el seguro apoyo de un pueblo comprometido con la libertad y la democracia. Esta evaluación es posible que compense, a la larga, el inmediato revés que su esfuerzo por estimular las inversiones extranjeras ha sufrido como consecuencia del último y abortado intento del viernes por derribar su gobierno.

Los comentarios de los medios informativos y los pronunciamientos oficiales en los países extranjeros casi uniformemente instan a la Presidenta Aquino a perseverar en su defensa de la libertad y la democracia y en su afán por fortalecer las instituciones libres en las Filipinas.

Es de notar que los socios comerciales de las Filipinas han mostrado constante simpatía por el programa de recuperación económica de la administración de Aquino.

Señalando que los problemas que confrontan las Filipinas son principalmente económicos, el Senador Richard Lugar, prominente líder Republicano, ha sugerido que el gobierno de los Estados Unidos asegure una pronta entrega de ayuda económica norteamericana a las Filipinas.

De modo que la administración de Aquino tiene una nueva oportunidad de librar una masiva campaña diplomática en el extranjero para obtener mejores condiciones de cooperación comercial y económica con los aliados y socios comerciales del país. La Presidenta Aquino estaría negociando desde una posición de fuerza.

INTERCO PRESS



Corazón Aquino entre dos fuegos

13

FILIPINAS

03f

Redada en una universidad de Manila

Manila (UP) — La policía efectuó una redada en una Universidad del centro de Manila y arrestó a 24 sospechosos de ser subversivos. entre protestas de grupos de derechos humanos respecto a que el gobierno utiliza las mismas tácticas que emplearon los invasores japoneses durante la Segunda Guerra Mundial.

Más de 1.000 personas han sido detenidas en redadas en áreas pobres de Manila esta semana en busca de los rebeldes acusados de los asesinatos de 10 policías y civiles en la capital y de tres efectivos militares de los Estados Unidos y un filipino en las afueras de la base aérea Clark.

La mayoría de los detenidos fue posteriormente liberada.

En la última redada, la policía y los soldados armados con fusiles M-16 se lanzaron a la Universidad Politécnica de las Filipinas y arrestaron a 24 personas entre más de 100 refugiados temporalmente albergados luego de haber escapado de grupos anticomunistas en la isla de Leyte.

El jefe de la policía de Manila, brigadier general Alfredo Lim, afirmó que los arrestados son miembros del rebelde "Nuevo Ejército del Pueblo".

Entre tanto, el teniente coronel Amado Espino, jefe policial en el pueblo de Angeles en las afueras del Clark, a 80 kilómetros al norte de Manila, dijo que 200 personas habían sido detenidas para ser interrogadas en relación con una emboscada en la que murieron los tres militares norteamericanos y un filipino.

PRIORIDAD: ¿LA DEMOCRACIA O VENCER A LA GUERRILLA?

Filipinas: la ambivalencia norteamericana

Informe elaborado especialmente para AQUI con servicios especiales

Los ecos golpistas de las Filipinas resuenan aun en los pasillos del laberíntico edificio del "State Department" en Washington, o en los de la Casa Blanca, donde un aturdido jefe de estado debe demostrar que es él y no otros, quien manda. Hay ambigüedad, hay "ambivalencia en el ocaso" en la política exterior norteamericana en torno a este tema. Por un lado, un público apoyo a la democracia instaurada por Corazón Aquino. Por otro lado, la secreta certeza de que son los golpistas quienes mejor enfrentarían a la insurgencia guerrillera. La administración Reagan no parece tener claro que el apoyo incondicional a la democracia ha de ser un objetivo prioritario; que el golpismo, al igual que la guerrilla comunista, atentan contra esa democracia. En el siguiente informe elaborado especialmente para AQUI, se analizan las contradicciones de la posición norteamericana en torno al tema filipino.

El reciente intento golpista contra el gobierno de Filipinas que preside Corazón Aquino, y las bajas sufridas por los efectivos militares frente a la guerrilla comunista en ese país, han atrapado la atención de los medios oficiales en Washington y suscitado diversas demandas en favor de alguna iniciativa estadounidense al respecto.

Sin embargo, qué es lo que corresponde hacer es aún un interrogante abierto para la administración de Ronald Reagan, en vista de la naturaleza sensitiva de dichos problemas y los severos recortes en los fondos para ayuda exterior.

Días atrás, Henry Hyde, diputado por el estado de Illinois y columnista especializado del diario Los Angeles Times se preguntaba: "¿Pero qué es lo que puede hacer Estados Unidos para ayudar en este proceso?" El columnista manifiesta así su opinión: "Es de suma importancia que los norteamericanos sigamos apoyando el proceso democrático y rechacemos claramente, y sin hesitación, todo intento ilícito para apoderarse del poder. En ese sentido, el presidente Ronald Reagan hizo lo correcto –y rápidamente– al expresarle a la señora Aquino su "apoyo incondicional" en las horas difíciles que debió sortear."

Altos funcionarios de los departamentos do Estado y de Defensa han consagrado muchas horas a analizar la situación filipina desde que, el pasado 27 de agosto, la sublevación militar incrementó la preocupación acerca del gobierno de Cory Aquino, en especial sobre su flanco militar. Pero, de acuerdo con los propios implicados en esas discusiones, nadie ha presentado un plan de acción de Estados Unidos allí. Algo que, dijeron esas fuentes, "podría variar si dispusiéramos de mayores recursos".

Al parecer, las vacilaciones norteamericanas se centran en la debilidad del gobierno de Cory para enfrentar a la guerrilla comunista.

Estas son las mismas preocupaciones que manifiestan los golpistas.

El diputado Hyde lo expresa claramente en Los Angeles Times al decir que: "En caso de que el golpe hubiera tenido éxito, EE.UU., conforme al artículo 513 de la Ley de Asistencia Extranjera de 1987 –que prohibe la ayuda a aquellas naciones cuyos jefes de gobierno hayan sido derrocados por un golpe militar o decreto– hubiera suspendido su asistencia al nuevo gobierno "lícito". **Lo cual hubiera tenido consecuencias devastadoras para los esfuerzos de recuperación económica de Filipinas".** (el subrayado es nuestro). Como se observa, para este integrante de la Comisión de Relaciones Exteriores de la Cámara de Representantes, el tema es delicado. Es decir que lo delicado es dejar sin apoyo a virtuales triunfadores golpistas.

Esta ambivalencia del diputado coincide con las expresiones públicas de Estados Unidos, que se resumen en una política consistente en expresar un fuerte respaldo a Aquino y un no menos fuerte rechazo de la intentona golpista, manifestando además la esperanza de que "Cory" manejará vigorosamente los formidables problemas que enfrenta. La implicación no dicha de todo ello, es que la presidenta ha desplegado escaso vigor en algunas de sus actitudes.

Un hecho en torno al cual hay amplia coincidencia, es que Aquino y la democracia filipina gozan de un inusualmente amplio respaldo en todos los sectores del espectro político norteamericano. Ha sido así desde los dramáticos sucesos de comienzos del año pasado, que comprometieron a republicanos y demócratas por igual y cautivaron a gran parte de la opinión pública en Estados Unidos. Desde entonces, los expertos en política exterior –tanto de la derecha como de la izquierda– han sido dinamizados por sus respectivos enfoques sobre las amenazas contra la estabilidad institucional filipina.

Para los grupos conservadores de Estados Unidos, la amenaza del comunista Nuevo Ejército del Pueblo ha devenido la más seria para un país donde Estados Unidos ha radicado grandes instalaciones militares y enormes intereses en materia de seguridad, y la ineficacia del gobierno filipino para enfrentar esta insurgencia sería aún más peligrosa.

He aquí pues, una de las puntas que claramente explican la ambivalencia norteamericana y los timbeos de un representante como Henry Hyde a negarse a colaborar con un eventual gobierno militar. ¿Cuál es la prioridad? ¿La democracia filipina (controlando la guerrilla y el golpismo)? ¿O el aniquilamiento de la guerrilla aún a costa de un golpe militar?

La conservadora Fundación Heritage afirmó, la semana pasada, que no obstante el reciente atentado golpista "no es el militarismo filipino sino la guerrilla comunista el factor más amenazante para Aquino y la democracia". El informe recomienda, con la firma del analista político Richard D. Fisher, duplicar la asistencia militar estadounidense, proveer mayor información de Inteligencia y urgir a Aquino a que desenvuelva un plan contrainsurgente coordinado entre civiles y militares.

El documento de la Fundación desarrolla una visión pesimista sobre el estado de las fuerzas armadas filipinas, redactado en julio por el general retirado Richard G. Stilwell, quien fue un destacado asesor en política exterior de la actual administración y cuyos puntos de vista reflejan los de algunos activos oficiales militares y de Inteligencia: "Las fuerzas armadas filipinas no son capaces ahora de asumir los desafíos que confrontan en el ámbito de la contrainsurgencia", escribió Stilwell, quien hace poco regresó de Manila.

En cambio, los liberales norteamericanos y otros sectores comprometidos con el proyecto democratizador de Aquino han visto [illegible] una amenaza diferente: los [illegible] intentos de golpe a cargo de las fuerzas leales al ex presidente Ferdinand Marcos y, en la actualidad, una [illegible] aún más riesgosa representada por los militares autotitulados "reformistas".

Si el "triunfo de la democracia" logrado en febrero de 1986 fuera frustrado por un golpe [illegible], ello significaría un trago amargo para todos aquellos que [illegible] a Aquino e implicaría un enorme revés para la autoestima y las banderas de libertad y democracia tradicionalmente sostenidas por Estados Unidos, afirma esta última corriente. ◆

Cory: la presidenta que reza

A lo largo de la reciente rebelión militar que amenazó con derribar a su gobierno, la presidenta filipina, Corazón Aquino, hizo lo que había hecho en las anteriores crisis: rezó.

"Durante tanto tiempo como el país me necesite, Dios estará conmigo", declaró ayer la gobernante, para añadir: "Estoy convencida de que seremos capaces de emerger de esta crisis; por fortuna nos hemos visto favorecidos con una serie de milagros". Una frase que documenta la fortaleza y la debilidad de "Cory" para liderar efectivamente a esta nación de 60 millones de personas a través de uno de sus más convulsionados períodos, signado por crisis recurrentes e inestabilidad política continuada, en la era posterior a Marcos.

El solitario aislamiento de la jefa de Estado en medio del caos, proyecta un aire de calma serenidad –cercana a la santidad, según algunos de sus colaboradores–, que los atribulados filipinos reciben como un reaseguro durante la turbulencia de asesinatos en las ciudades, de tenaz insurgencia comunista en todo el país, estallidos de bombas y repetidas sublevaciones militares. Pero, al propio tiempo, los analistas políticos locales señalan que el estilo de Cory aparece a menudo como el reflejo de un peligroso distanciamiento de la realidad: ella acude a la televisión después de cada crisis, y pronuncia discursos en tono muy áspero, pero no se hace nada en realidad. Hay quienes la llaman por ello "Alicia en el País de las Maravillas".

Por otra parte, para sus millares de partidarios y para la gente del pueblo, que tiende a ser muy protectora de sus gobernantes en apuros, Corazón Aquino mantiene una enorme popularidad personal. Ese factor, se ha señalado, contribuye decisivamente a sostener su gobierno durante las crisis, aunque sus críticos afirmen que "el Parlamento carece de directivas, y siente la falta de un liderazgo presidencial". ◆

037

Manifestación contra las bases norteamericanas en Filipinas

Cientos de manifestantes realizan una concentración en los alrededores de la embajada de Estados Unidos en Manila, en demanda del desmantelamiento de las instalaciones militares de Estados Unidos en las Filipinas. En tanto, la policía ayudada por la información de un asesino confeso, arrestó a dos hombres y una mujer, miembros del "Nuevo Ejército del Pueblo", supuestamente implicados en la muerte de tres soldados norteamericanos. La detención se produjo durante una redada en las cercanías de la base aérea estadounidense de Clark. Los tres comunistas estaban en una lista de 13 nombres que suministró un preso, que confesó haber actuado como centinela en dos de los crímenes. Los tres detenidos enfrentan cargos de asesinatos, lo mismo que los dos arrestados anteriormente

LA PRENSA 14/11/87

Manila: voluntarios contra la guerrilla

Manila (UP) — Cerca de 5.000 voluntarios se presentaron en las comisarías de Manila para alistarse en los grupos armados de vigilantes que están siendo organizados para combatir a los guerrilleros urbanos que operan en la capital de las Filipinas, informaron las autoridades.

"Tendría que haberlos visto llegar, en torrentes, en masa", dijo el teniente coronel de la policía Conrado Francisco, el coordinador general del programa en Manila.

Las solicitudes para alistarse en los llamados "Cruzados por la Paz y la Democracia" fueron aceptadas por docenas en las comisarías por primera vez, y Francisco dijo que no había habido tiempo todavía para hacer un recuento del total de instancias presentadas. "Pero creo que van a ser cerca de 4.000 o 5.000", dijo.

El movimiento vigilante, que se ha desarrollado rápidamente en las provincias en el último año, provocando el desconcierto de los grupos que velan por los derechos humanos, fue aprobado recientemente por la presidenta, Corazón Aquino, y el mes pasado recibió un impulso cuando fueron asesinados 10 agentes de seguridad en una sola semana.

"Esto es estrictamente voluntario", resaltó Francisco. "Es un grito de la gente a unirse para protegerse, la gente cree que está luchando por la democracia".

01 · 01 8711971

HB

19226

037

Laurel pasaría a la oposición en las Filipinas



(Radiofotografía de Reuter)

Juan Enrile, depuesto secretario de defensa, que encabeza la oposicion filipina

Manila, 14 (UP) — El vicepresidente, Salvador Laurel, señaló hoy que podria retirar a su partido Unido de la coalición de gobierno a fin de sumarse a la reorganizada oposición encabezada por el depuesto secretario de defensa, Juan Ponce Enrile.

Enrile, en la actualidad jefe de la bancada opositora del Senado, anunció hoy la formación de un reunificado partido Nacionalista con la participacion de elementos hostiles a la presidenta, Corazón Aquino, justo a tiempo para presentar candidatos a las cruciales elecciones para gobernador y alcalde programadas para enero.

El presidente de la comisión del Senado sobre defensa nacional instruyó entretanto a oficiales del Ejército que mantengan un conteo diario de todos los efectivos norteamericanos que lleguen a la Base Aérea Clark, donde tres estadounidenses fueron muertos el mes pasado por "escuadrones de la muerte" comunistas.

"Deben mantener una protección total del personal norteamericano de la base y esta información deben tenerla en el escritorio todos los días", señaló el senador Ernesto Maceda al coronel César Go durante una visita al área. Go es responsable por la seguridad de la base bajo un tratado que gobierna las bases estadounidenses en las Filipinas.

Han circulado persistentes rumores de que grandes números de fuerzas norteamericanas han sido trasladadas a la base desde los asesinatos ocurridos el 30 de octubre, pero Go sólo dijo uqe habian llegado 44 nuevos aviadores a la base desde el intento de golpe de estado del 28 de agosto.

01-01

La violencia más allá de la Ley

Ejércitos privados en Filipinas

Los intentos de golpe de Estado continúan reiterándose en Filipinas y la presidente Corazón Aquino hace esfuerzos desesperados por mantener la estabilidad institucional en ese país asiático atravesado por la violencia. Distintos sectores sociales pugnan por hacer oír sus reivindicaciones y algunos recurren a las armas.

El 29 de Marzo de 1986, el General Fidel V. Ramos, comandante en jefe de las Fuerzas Armadas Filipinas bajo la administración democrática de Corazón Aquino, hizo un urgente desmentido público sobre una versión que indicaba la voluntad del nuevo gobierno de desmantelar su guardia privada —una fuerza paramilitar de 40.000 hombres cuya misión es proteger al Presidente de la República, entre tantos otros cometidos, como veremos.

La iniciativa tuvo su origen, en realidad, en algunos miembros renovadores del nuevo gabinete de Aquino. La intención pretendía lograr desarticular no solo la guardia presidencial, sino iniciar el desmantelamiento de un sinnúmero de ejércitos y fuerzas paramilitares privadas, de mayor o menor envergadura, acusados de miles de violaciones a los derechos humanos que van desde secuestros y asesinatos hasta desapariciones. Pero el principal problema pasa por el hecho de que estos ejércitos privados controlan territorios, zonas en las cuales la policía local no tiene autoridad de hecho. La misma guardia presidencial controla parte de la capital filipina —Manila— sin que la policía tenga control sobre dichas zonas.

Para hacer un análisis más profundo de esta particular situación de violencia grupal, clasificaremos a los diversos grupos y ejércitos en 4 clases: 1) Las Fuerzas Armadas Nacionales; 2) Los ejércitos privados al servicio de poderosas figuras de carácter cuasi-feudal, ya sean políticos, terratenientes u hombres de negocios; 3) Los grupos armados con metas ideológicas de cambio en la estructura de gobierno de Filipinas, y que son dos: la guerrilla comunista (el NPA) y la guerrilla musulmana (MNLF); 4) Los escuadrones de la muerte de ultraderecha encubiertos por la Policía que actúan básicamente en el sector metropolitano de Manila.

Si bien en Filipinas la categorización de "ejércitos privados" sólo se aplica a los agrupados en el item (2), todas las organizaciones descriptas pueden ser vistas como actuando, en mayor o menor medida, de acuerdo a su propio mandato y mandos respectivos, y en todos los casos, totalmente fuera de la Ley y de la estructura judicial nacional.

Fuerzas Armadas Nacionales

Los grupos englobados en esta categoría se aproximan a las dos docenas. Su surgimiento data de la primera ley marcial promulgada por Marcos en 1972 que prácticamente desintegró la unidad de las Fuerzas Armadas para fraccionarse en múltiples comandos locales autónomos. Hoy resulta difícil pensar en acciones conjuntas, aun contra la guerrilla tanto musulmana como comunista, fundamentalmente por las rivalidades entre los comandantes de las diversas unidades.

El cuerpo de ejército que de alguna forma sí tiene carácter nacional es la Guardia Presidencial antes mencionada y más comúnmente conocida por la sigla CHDF (Civilian Home Defense Force). Actuando como enlace para coordinar a los diversos grupos de ejército dispersos en las diversas localidades, goza de una reputación de mayor legitimidad que la que puedan tener los demás grupos armados. Pero esta Guardia también últimamente ha sido cuestionada por el hecho de que ha comenzado a brindar protección a multiplicidad de grupos



étnicos que han conformado sus propios ejércitos privados, quienes a su vez se dedican al secuestro, asesinato y pillaje.

Volviendo a las actividades de los diversos comandos autónomos militares, su supervivencia está sustentada, al igual que con los demás grupos armados privados, por la extorsión, secuestros, asesinatos y actividades armadas por encargo. De acuerdo a observadores confiables, esta es sólo parte de la actividad criminal que realizan estas fuerzas armadas. A modo de ejemplo, algunos grupos contrainsurgentes armados y protegidos por estas mismas fuerzas armadas en zonas de actividad guerrillera comunista, se disfrazan de guerrilleros para poder actuar con mayor impunidad cuando realizan actos criminales en contra de los civiles de la región.

El mando central del gobierno —con Fidel Ramos a la cabeza— tiene una cierta ascendencia sobre todos estos cuerpos de ejércitos fragmentados. No obstante, las constantes rebeliones de comandantes aislados en contra de la administración Aquino, hablan de que aún no hay un consenso alrededor de este punto.

Los señores feudales y sus seguidores

En el segundo grupo encontramos a la cómoda "élite" filipina compuesta por terratenientes, comerciantes y políticos pro-Marcos en su mayoría que se han visto en la "necesidad" de crear y sustentar verdaderos ejércitos privados para salvaguardar sus intereses. Estos ejércitos abundan fundamentalmente en las zonas de actividad insurgente tanto comunista como musulmana. Según estadísticas gubernamentales del año 1985 entre los años 1981 y 1985 fueron muertos 2.230 militares y 2.602 civiles en actividades contrainsurgentes.

La guerrilla presiona a los terratenientes y comerciantes para que paguen un monto prefijado como "protección" al mejor estilo mafioso. Si uno accede, ningún problema. Si decide no hacerlo, deberá estar en condiciones económicas para poder armar su propio ejército y protegerse de las consecuencias.

Estos ejércitos privados han tenido múltiples fines. En períodos electorales, actúan presionando a los sectores anti-Marcos mediante intimidaciones y coerciones que pueden llevar al asesinato y las desapariciones. Y uno se pregunta, ¿de dónde sale todo este dinero para solventar estos grupos, calculados hoy en día en más de 130 alrededor del país? La población filipina es una de las más pobres de toda Asia. Y la polarización es inmensa: la clase media prácticamente no existe. Hay una élite económicamente poderosísima en un país de 55 millones de habitantes con un crecimiento anual de 2.2% que permite acceder a mano de obra muy barata para armar estos pequeños ejércitos que en ningún caso baja el millar de efectivos.

Los ejércitos ideológicos

En primera instancia, está la guerrilla comunista establecida en Mindanao con unos 14.000 miembros estimados. Su meta pasa por liberar a las Filipinas de la histórica dependencia con los Estados Unidos tanto en el terrano económico como en el estratégico. Más allá de la imagen justiciera que intentan vender, al atacar a los terratenientes y a la casta política corrupta, desde hace ya varios años han entrado en la misma dinámica de secuestros y asesinatos por encargo que es la norma de supervivencia en todos estos grupos en el archipiélago.

La guerrilla musulmana, por otra parte, se agrupa alrededor del Frente Moro de Liberación Nacional (MNLF) y contaría, según estimaciones oficiales, de unos 5.000 hombres bien pertrechados. Actúan básicamente en el sur de las islas, e intentan lograr un apoyo cada vez mayoritario entre el 23% de musulmanes que componen el total de la población filipina. Si bien numéricamente no son importantes, el apoyo libio que reciben los ha convertido en un enemigo a tener en cuenta. Aún no hay pruebas, pero no sería extraño, en este contexto, que también actuaran como bandas de pillaje y saqueo para obtener mayores recursos.

Los escuadrones de la muerte

Formando parte en primera instancia de la Metro-Com (Comando de Policía Metropolitano) de Manila, ya en el año 1982 pasaron a conformar una rama auxiliar de la policía actuando en ropas de civil. Esta sección de apoyo poco a poco comenzó a ganar fama por sus intervenciones en defensa de la población de Manila contra los robos, crímenes y secuestros. Una mística se conformó alrededor de estos particulares vigilantes quienes, de a poco, comenzaron a actuar como escuadrón de la muerte ejecutando a ladrones y asesinos.

Marcos intentó disolverlos, ilegitimándolos. Pero de nada sirvió; simplemente pasaron a la clandestinidad. Han seguido actuando, desde entonces, y se calcula que más de la mitad de los actuales efectivos de la Metro-Com forman parte de estos escuadrones de la muerte. No obstante, su actividad ha decrecido respecto al año pasado, donde la ejecución de múltiples inocentes elevó una ola de críticas sobre estas actividades por parte de la Iglesia Católica y los defensores de los Derechos Humanos.

La violencia institucionalizada

Las bandas armadas forman parte, de cierta manera, del paisaje cotidiano filipino, inclusive de su estructura política. Para las hordas de miserables desocupados en Filipinas de hoy, el hecho de ingresar a una banda armada —cualquiera sea ella— significa aumentar el status, las oportunidades, y llevar una vida mucho más digna.

Aparentemente muchos grupos armados están a punto de surgir, por primera vez, en escena. Son aquellos principalmente vinculados a sectas de fanáticos religiosos anticomunistas. También hay informes bastante fidedignos sobre varios centenares de ex-oficiales del ejército de Marcos que estarían organizando un movimiento de resistencia nacional en contra de Corazón Aquino.

En el bando oficial las cosas tampoco están quietas. En Agosto de 1986 circularon informes respecto a que Aquino estaría armando su propio ejército; un par de meses más tarde, se confirmó que comandos israelíes pertenecientes al Mossad (Servicio Secreto Israelí) estaban entrenando unos dos mil efectivos de un ejército llamado "Fuerza Amarilla" —el amarillo es el color del partido político de Cory.

Los cables que diariamente nos llegan sobre la situación filipina no logran transmitir este caos. Quizá después de leer esto podamos comprender realmente lo que significa el mantenimiento de las instituciones democráticas en un clima tal de violencia institucionalizada.

Laszlo Gustavo Erdelyi

87 12 184

- 28/10/87

12

037

CLAUSULA CONTRA ARMAS ATOMICAS

Ponen condiciones a las bases en Filipinas

Las naciones del sudeste asiático celebrarán el mes próximo una cumbre de sus jefes de Estado para analizar el retiro de armas nucleares, instalaciones y tropas extranjeras de esa región. El canciller de Filipinas, Raúl Manglapus, condicionó ayer la permanencia de las bases norteamericanas en su país a que Washington respete una cláusula constitucional contra armamento atómico.

MANILA, 10 (EFE, DAN, Reuter y Xinhua). — **La permanencia de las bases militares estadounidenses en Filipinas dependerá de que Washington respete la cláusula antinuclear de la Constitución** promulgada por el gobierno de **Corazón Aquino.**

Así lo declaró hoy el ministro de Relaciones Exteriores, **Raúl Manglapus,** al regreso de una gira por **Malasia, Tailandia y Singapur,** donde analizó la estrategia de los países del sudeste asiático sobre la **cuestión de los armamentos en la región.**

El actual **convenio** entre Manila y Washington sobre las bases norteamericanas en el archipiélado **expira** en **1991,** y el año próximo se iniciarán las conversaciones bilaterales para la renegociación de un nuevo tratado.

Mangiapus dijo que la posición oficial del gobierno filipino es "mantener todas las opciones abiertas hasta 1991", pero al mismo tiempo consideró "**irrazonable**" que su país sea el **único donde los Estados Unidos mantengan instalaciones** para la defensa de toda la región del sudeste asiático.

Washington ha defendido el mantenimiento de las bases en el archipiélago filipino por su **papel estratégico** para la seguridad en esa zona, y especialmente a raíz de lo que juzga un **aumento de la presencia militar soviética desde el fin de la guerra con Vietnam.**

El canciller Manglapus admitió que las bases norteamericanas "son **necesarias** para mantener el **balance de poder** en la región **entre las dos superpotencias,** y su presencia se justifica temporariamente, pero no tienen por qué estar necesariamente en Filipinas".

Recordó que la **Asociación de Naciones del Sudeste Asiático (ASEAN)** tienen firmada, desde 1971, la **Declaración de Kuala Lampur,** que convierte el área en **zona neutral.**

Además de los tres países visitados recientemente por el canciller filipino, integran la ASEAN Indonesia y Brunei. La organización celebrará el 14 de diciembre una **cumbre de sus jefes de Estado,** en la que se analizará el **retiro de armas nucleares, instalaciones militares y tropas extranjeras de la región.**

Puntos conflictivos

Las dos bases norteamericanas en Filipinas, **Subic** (naval) y **Clark** (aérea), han sido **blanco de duras críticas** de la oposición izquierdista y hasta de grupos moderados cercanos al gobierno de Aquino, que acusan a Washington de utilizarlas para **interferir en los asuntos internos filipinos.**

El punto sobre la instalación de armas nucleares en esas unidades no ha sido **nunca completamente aclarado,** pero los **sectores de la oposición que reclaman su desmantelamiento aseguran** que ese tipo de armamento **forma** parte de los arsenales norteamericanos.

El senador **Wigberto Tanada** dijo hoy **que** el gobierno de Aquino debe exigir a Washington que sus fuerzas nucleares sean **desmanteladas y retiradas inmediatamente** de las costas filipinas.

El legislador apoyó su reclamo en la necesidad de dar cumplimiento al mandato dado por la nueva **Constitución** filipina, aprobada por un referendo nacional en febrero pasado, que **prohíbe la introducción de armas atómicas en el territorio nacional.**

Dos leyes **pendientes de aprobación** por el Senado imponen además una prohibición total a la entrada de esa clase de armamentos al país, inclusive a **las aguas territoriales y al espacio aéreo** filipinos.

Las críticas contra la presencia norteamericana se acrecentaron en los últimos meses, a causa de un **reforzamiento del patrullaje** que las tropas estadounidenses realizan en las zonas periféricas de esas instalaciones, **después que el 28 de agosto tres militares de los EE.UU. fueran asesinados** en las inmediaciones de la base Clark, unos 90 kilómetros al norte de Manila.

Clarín. 11/11/87

87 12420

01 - 01

18

037

Honasan habría respondido positivamente

Negocian la rendición de militares rebeldes filipinos

MANILA (ANSA, EFE, REUTER y UPI).- Los militares admitieron ayer que han estado negociando indirectamente para la rendición del líder del intento de golpe de agosto, el coronel Gregorio Honasan, y dijeron que había "alentadores" signos de que Honasan saldrá de su escondite antes de mañana en la noche, cuando se vence el plazo que le dieron.

La Presidenta Corazón Aquino, entretanto, exhortó a una renovación de la sociedad filipina para terminar con la arraigada corrupción que ha resultado ser más resistente a la reforma de lo que ella esperaba.

El vocero de las Fuerzas Armadas, el coronel Oscar Florendo, dijo a los periodistas que las conversaciones con Honasan se estaban llevando a cabo a través de intermediarios, incluyendo familiares, amigos y compañeros en la academia militar del fugitivo coronel que encabezó un sangriento motín el 28 de agosto.

El retirado general Dionisio Ojeda, un estrecho amigo del desaparecido padre de Honasan, acompañó a Florendo en la sesión informativa.

Consultado si Honasan había respondido positivamente a las conversaciones, Florendo respondió que "sí, ha habido algunos alentadores informes sobre esta actitud hacia estas gestiones".

"Esto ha estado sucediendo por algún tiempo y hasta ahora no hemos recibido palabra alguna de los negociadores de que los ha rechazado", indicó Florendo.

LAS CONDICIONES NO HAN VARIADO

"Las condiciones formuladas por la Presidenta Aquino no han variado: entregarse sin condiciones, ser investigados y si son acusados ser juzgados por un consejo de guerra", agregó el coronel filipino.

Honasan, otros 25 oficiales y 109 reclutas continúan fugitivos de entre más de 2.000 que participaron en el intento de golpe de agosto, el que dejó 53 muertos y por varias horas amenazó con derrocar al gobierno de la señora Aquino.

Los reglamentos militares estipulan que cualquier miembro de las Fuerzas Armadas que se ausente sin permiso oficial será eliminado de las listas de personal activo después de 90 días, perdiendo de esta forma todos los beneficios y privilegios.

Si no se entrega antes del lunes en la noche, los militares dijeron que la familia de Honasan será desalojada de su casa en Campo Aguinaldo, el cuartel general de las Fuerzas Armadas.

REDADA

Durante la noche del viernes, la Policía de Manila intervino un importante alijo de municiones, que se sospecha pertenece a los militares rebeldes en la casa de un hombre de negocios del céntrico distrito de Sampaloc (Manila).

En la redada fueron confiscadas unas 23.000 balas del calibre 50 y diferentes partes de una ametralladora, mientras se especula que el teniente coronel Reynaldo Berroya, un íntimo colaborador del Honasan, se entregó, información sobre la que no se quiso pronunciar el portavoz del ejército.

Sin embargo, fuentes militares dijeron que las perspectivas para una eventual rendición de la línea dura de los militares golpistas que encabeza el coronel Gringo siguen siendo muy oscuras, debido a las presiones de importantes grupos que apoyaron su rebeldía al poder constitucional.

La Nación 29/11/87

01-01 0712541

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL

DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA

A. G. I. I.

DIV. MICROFILMACION

ROLLO N° 992
(SJ)

ACTA DE CIERRE DE MICROFILMACION:

LUGAR DE LA MICROFILMACION: (ORGANISMO) DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA.-

FECHA DE FINALIZACION DE LA MICROFILMACION: 22 de marzo de 1991.-

DENOMINACION DE LA DOCUMENTACION: DOCUMENTOS DEL DPTO.II/D.G.I.D. DEL AÑO 1987 (PAISES).-

IDENTIFICACION DEL ULTIMO ORIGINAL MICROFILMADO: R.E.NRO.87012541 FS.001/1 CARPETA NRO.037 CORRESPONDIENTE A: FILIPINAS HONG KONG.-

OPERARIO/S: Sdo.1ra.M.Cosentino y Sdo.1ra.J.Sarraute.-

REDUCCION DE IMAGEN: 29 X

SISTEMA EMPLEADO: STANDARD

ROLLO SIMULTANEO: NO

VISTO: Una vez comprobadas las características que contiene el último documento microfilmado en el cierre del acta, se da por finalizada la microfilmación, firmando para su constancia el funcionario responsable y la Dirección de la Oficina, como aval de la autenticidad de este rollo.-

El Encargado de la División Microfilmación
S.O.M. Juan Carlos Martínez

El Jefe del AGII DE LA D.G.I.D.
Cnel. Pedro Barneix

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL - DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA - Cnel. A.G.I.I. - República Oriental del Uruguay

IMAGE EVALUATION TEST TARGET (MT-1)

3 L/MM

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890$¢£/%#½¼¾—=+×°@*

SHOULD MEASURE
.20" AT DESIRED REDUCTION

30x 28x 24x 20x 16x 12x 0

1.0 1.1 1.25 1.4 1.6 1.8 2.0 2.2 2.5 2.8 3.2 3.6 4.0 4.5 5.0

A B C D

Photographic Sciences Corporation

23 WEST MAIN STREET
WEBSTER, N.Y. 14580
(716) 872-4503

10 SQ/IN

FIN ROLLO

992

ANEXO ROLLO

992

IMAGE EVALUATION TEST TARGET (MT-1)

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890$¢£/%#½¼¾—=+×°@*

Photographic Sciences Corporation

23 WEST MAIN STREET
WEBSTER, N.Y. 14580
(716) 872-4503

SHOULD MEASURE
.20" AT DESIRED REDUCTION

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL

DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA

A. G. I. I.

DIV. MICROFILMACION

(SJ)

ACTA DE APERTURA

ANEXO AL ROLLO N° 992

LUGAR DE LA MICROFILMACION (ORGANISMO) DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA.-

FECHA DE INICIACION DE LA MICROFILMACION: 07 de mayo de 1991.-

DENOMINACION DE LA DOCUMENTACION QUE SE VUELVE A MICROFILMAR: DOCUMENTOS DEL DPTO.II DE LA D.G.I.D.- (PAISES) AÑO 1987.-

IDENTIFICACION DE PRIMER ORIGINAL MICROFILMADO: R.E.NRO.8710925 Fs.001/1, REF. A: RECORTE DE PRENSA DE "CLARIN" DE FECHA 29.10.87 pag.28.- CARP.037(2)FILIPINAS.-

OPERARIO/S: Sdo.1ra.J.Sarraute.-

REDUCCION DE IMAGEN: 29 X

SISTEMA EMPLEADO: STANDARD

ROLLO SIMULTANEO: NO

DESCARTE: Personal del Dpto.II/D.G.I.D.

PREPARACION DOCUMENTAL: Personal del Dpto.II/D.G.I.D.-

CONTROL: Personal del Dpto.II/D.G.I.D.-

VISTO: Una vez comprobadas las características que contiene el primer documento en la apertura del Acta, se procede a la iniciación de la microfilmación, firmando para su constancia el funcionario responsable y la Dirección de la Oficina.-

El Encargado de la División Microfilmación

S.O.M. Juan Carlos Martínez

El Jefe del AGII de la DGID

Cnel. Pedro Barneix

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL — DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA — A.G.I.I. — República O. del Uruguay

DOC. AÑO 1987

MESA

PAISES

Matan a 3 militares de los EE.UU. cerca de una base en las Filipinas

MANILA, 28 (AFP y UPI). — Tres militares norteamericanos, uno de ellos retirado, y un civil filipino fueron asesinados hoy cerca de la base aérea de Clark, en cuatro ataques diferentes, anunció el comandante Thomas Boyd, vocero de la base estadounidense.

Los ataques, que no fueron reivindicados, se produjeron en la ciudad de Angeles —tres de ellos— y el cuarto en Mabalacat. En esta última localidad fue abatido el sargento de la fuerza aérea norteamericana Steven Faust.

Por su parte, el sargento Randy Davis fue asesinado cuando regresaba a su domicilio. Un militar retirado, que le seguía en un camión, resultó muerto en el mismo incidente.

Desconocidos también abrieron fuego contra el automóvil del capitán Raymond Puhalfer, que circulaba por las calles de Angeles, pero no fue alcanzado por los disparos.

Asimismo, un ciudadano filipino, identificado como Estreliano Manganto, murió al ser baleado por los atacantes del sargento Davis, cuando el civil intentó auxiliar al militar norteamericano.

Los mandos advirtieron a las tropas estadounidenses que la situación "no está bajo control" y les aconsejaron que no salgan de la base de Clark, ubicada a 80 kilómetros al norte de Manila, salvo para desplazamientos esenciales.

Al mismo tiempo, los Estados Unidos informaron hoy acerca del traslado de su agregado militar en las Filipinas, quien fue acusado de haber interferido en las operaciones contra el coronel Gregorio Honasan, durante el sangriento intento de golpe de Estado del 28 de agosto pasado.

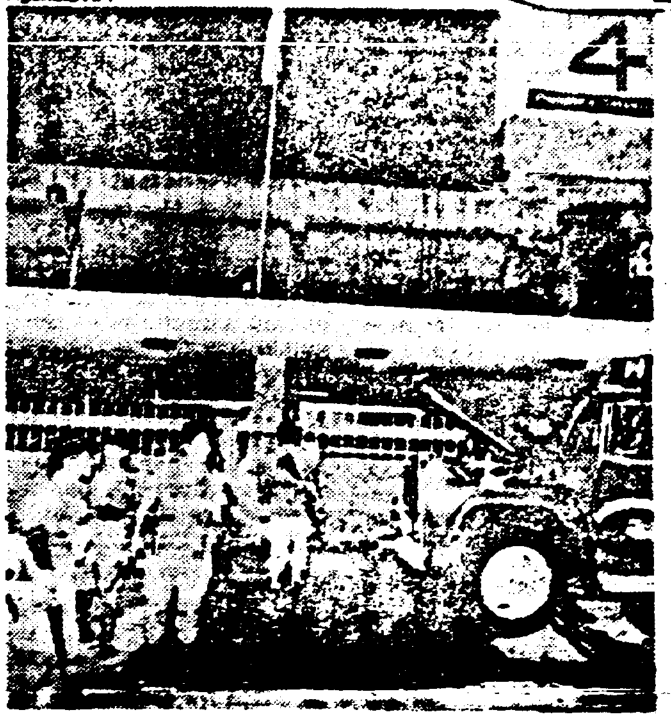
♦ Anuncio de la embajada

La embajada norteamericana en Manila señaló, mediante una declaración, que el teniente coronel Victor Raphael, ayudante del agregado militar "partirá esta semana de vacaciones y tendrá una asignación temporal en los Estados Unidos".

Las autoridades filipinas expresaron satisfacción con la medida, pero indicaron que no era probable que se actuara similarmente en el caso de otros dos asesores militares estadounidenses cuya presencia fue observada en las bases filipinas durante ese levantamiento rebelde.

La declaración de la embajada no mencionó los cargos contenidos en un informe militar filipino, según el cual Raphael intentó persuadir a las fuerzas gubernamentales para que no asaltaran las posiciones del sublevado coronel Honasan. El contenido de este informe llegó a la prensa de Manila a través de filtraciones.

Agencia AFP



Soldados y bomberos tratan de extinguir el fuego en un canal de TV, producto de otro atentado rebelde en la ciudad de Quezón.

Conflicto y escalada

MANILA, 28 (Por Keith B. Richburg, de The Washington Post, especial para Clarín).— Las nuevas acusaciones de que personal de la embajada norteamericana en esta ciudad estuvo envuelto en el abortado intento golpista del 28 de agosto último, dadas a conocer en las últimas horas, implican una escalada que podría convertir ese tema en un litigio diplomático de envergadura para el gobierno de Corazón Aquino.

En efecto: en la víspera, los periodistas destacados en Manila informaron —lo que fue confirmado por la propia embajada estadounidense— que un agregado militar en esa legación, el mayor Dennis Fowler, quien durante aquellos sucesos se encontraba en el interior de la base aérea Villamor (durante cierto tiempo en poder de los rebeldes) sufrió el fuego graneado tanto de parte de éstos como de las tropas gubernamentales: su automóvil a prueba de balas fue tiroteado repetidamente.

Estos nuevos cargos acerca de una supuesta injerencia oficial norteamericana en los sucesos filipinos, siguieron a los desatados la última semana, en el sentido de que en el momento crucial del alzamiento castrense de agosto, el teniente coronel Victor Raphael, agregado militar en la embajada de EE.UU., se hallaba en el interior de Campo Aguinaldo, el cuartel central de las fuerzas armadas que estaba en manos de las fuerzas rebeldes.

La denuncia, en el periódico Malaya —de tendencia izquierdista— afirmó que Raphael en cierto momento intentó disuadir al comandante de las tropas de asalto gubernamentales, de atacar la base donde permanecía atrincherado el jefe rebelde, Gregorio Honasan.

Raphael es conocido como estrecho amigo de Honasan, y frecuente compañero de golf de muchos oficiales opositores.

Sin embargo, otras fuentes militares aseveraron que todo obedece a un alarmismo de la facción de Ramos, aunque el gobierno intenta evitar que esto derive en un incidente diplomático mayor, o dé lugar a la exacerbación de los sentimientos nacionalistas del pueblo. La situación, no obstante, es delicada: el propio vocero presidencial, Antonio Cuenco, advirtió el lunes que "un comité ha recibido instrucciones para hallar la verdad en cuanto a la supuesta intervención norteamericana".

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL

DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA

A. G. I. I.

DIV. MICROFILMACION

(SJ)

ACTA DE CIERRE

ANEXO AL ROLLO: 992

LUGAR DE LA MICROFILMACION (ORGANISMO): DIRECCIO GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA.-

FECHA DE FINALIZACION DE LA MICROFILMACION: 07 de mayo de 1991.-

DENOMINACION DE LA DOCUMENTACION QUE SE MICROFILMO: DOCUMENTOS DEL DPTO.II DE LA D.G.I.D.-

IDENTIFICACION DEL ULTIMO ORIGINAL MICROFILMADO: R.E.NRO.8710925 Fs.001/1, REF. A: RECORTE DE PRENSA DE "CLARIN" DE FECHA 29.10.87 pag.28.-

OPERARIO/S: Sdo.1ra.J.Sarraute.-

REDUCCION DE IMAGEN: 29 X

SISTEMA EMPLEADO: STANDARD

ROLLO SIMULTANEO: NO

VISTO: Una vez comprobadas las características que contiene el último documento microfilmado en el cierre del Acta, se da por finalizada la microfilmación firmando para su constancia el funcionario responsable y la Dirección de la Oficina, como aval de la autenticidad de este rollo.-

El Encargado de la División Microfilmación
S.O.M.
Juan Carlos Martínez

El Jefe del AGII de la D.G.I.D.
Cnel.
Pedro Barneix

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL – A.G.I.I. – República O. del Urug.

FIN ANEXO ROLLO

992

ANEXO

2do ORIGINAL

AL ROLLO

992

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL

DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA

A. G. I. I.

DIV. MICROFILMACION

A C T A   D E   A P E R T U R A

ANEXO AL ROLLO Nº 992 (2) (2º ORIGINAL) (PG)

LUGAR DE LA MICROFILMACION (ORGANISMO): DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA.-

FECHA DE INICIACION DE LA MICROFILMACION: 17.DIC.93.-

DENOMINACION DE LA DOCUMENTACION QUE SE VUELVE A MICROFILMAR: POR RAZONES DE SEGURIDAD EN VIRTUD DE QUE EL 1er.ORIGINAL PRESENTO PROBLEMAS DE HUMEDAD (DOCUMENTOS DEL DEPARTAMENTO II DE LA D.G.I.D. (PAISES).AÑO 1987.-

IDENTIFICACION DE PRIMER ORIGINAL MICROFILMADO: FLASH DE CARPETA Nro. 033(1)

OPERARIO/S: Sdo.1ra.G.Pose.-

REDUCCION DE IMAGEN: 29 x

SISTEMA EMPLEADO: STANDARD

ROLLO SIMULTANEO: NO

DESCARTE: PERSONAL DEL DPTO.II/D.G.I.D.

PREPARACION DOCUMENTAL: PERSONAL DEL DPTO. II/D.G.I.D..

CONTROL: PERSONAL DEL DPTO. II/D.G.I.D..

VISTO: Una vez comprobadas las características que contiene el primer documento en la apertura del Acta, se procede a la iniciación de la microfilmación, firmando para su constancia el funcionario responsable y la Dirección de la Oficina.-

El Encargado de la División Microfilmación
S.O.M. Juan Carlos Martínez

El Jefe del AGII de la DGID
Cne. Walter A. Mesa.

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL — DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA — A.G.I.I. — República O. del Uruguay

DOC. AÑO 1987

MESA

PAISES

CARP. Nº 033

(1)

NO TIENE DOCUMENTOS

CARP. Nº 033

(2)

033/2

REPUBLICA NACIONALISTA
TAIWAN

8700347-8712560

ARCH

EL DIA 07/12/86

PN

EL MUNDO

Buena votación obtuvo la oposición en Taiwan

TAIPEI, China. — El primer partido de oposición organizado de Taiwan logró un impresionante comienzo en las elecciones nacionales de ayer reclamando la victoria en las dos ciudades más grandes de la isla.

Con todos los votos contabilizados en Taipei y en el puerto sureño de Kaohsiung, siete de los 10 candidatos del opositor Partido Democrático Progresista ganaron asientos en la asamblea nacional y en la cámara legislativa, informó la Comisión Central Electoral.

Al menos otros dos prominentes candidatos opositores, incluyendo al hermano de un exiliado dirigente disidente, Hsu Hsin-Liang, quien no pudo regresar a casa para las elecciones, estaban consiguiendo mayorías en los distritos de Taoyuan y del condado de Taipei.

Un total de 157 asientos en los dos cuerpos legislativos fueron disputados en todo el país por 306 candidatos —44 de ellos demócratas progresistas. Los primeros resultados sólo estuvieron disponibles en Taipei y Kaohsiung.

En la elección de ayer, el PDP capturó alrededor del 30 por ciento de la votación en Taipei y Kaohsiung, pero fuentes del gobierno pronosticaron que las cifras caerían a menos del 20 por ciento una vez que se conocieran los cómputos de todo el país.

La radio oficial dijo que el presidente Chiang Ching-Kuo y su esposa votaron apenas se abrieron las mesas electorales.

Los analistas políticos estimaron que era posible que ayer acudieran más del 66,43 por ciento de los 11,8 millones de votantes de Taiwan, en una marca establecida en las elecciones legislativas de 1980.

El PDP ha pedido la "autodeterminación" para los 19 millones de habitantes de Taiwan, lo que le dio interés a las elecciones.

Se trata del primer grupo opositor que desafía el mando del gobernante Partido Nacionalista. Los taiwaneses nativos conforman el 86 por ciento de la población y no comparten el fervor de los nacionalistas para una reunificación con China continental.

Los nacionalistas gobiernan Taiwan bajo la ley marcial, desde que dos millones de seguidores del general Chiang Kai-Shek se refugiaron en la isla en 1949, cuando los comunistas lograron el control de China.

Aunque el PDP es técnicamente ilegal, Taipei anunció en octubre que la ley marcial se levantará el próximo año y no ha prohibido al nuevo grupo.

PARTES POCO LEGIBLE

RCH

LA NACION 08/12/86

Se refuerza la oposición en Taiwan

TAIPEI, 7 (UPI). - Jubilosos miembros del primer partido opositor de Taiwan afirmaron hoy que el resultado de las elección legislativa de este fin de semana muestra que la ciudadanía acepta las reformas políticas y la autodeterminación de la isla.

En la primera elección a la que acude la oposición en Taiwan, 23 de los 44 candidatos del Partido Progresista Democrático opositor, conformado hace dos meses, obtuvieron escaños en la Asamblea Nacional y en la Legislatura (Yuan Legislativo).

Los resultados finales publicados por la Comisión Central Electoral muestran que el Partido Nacionalista logró 127 bancas, el PPD 23 y los independientes siete. En total, 306 candidatos compitieron por 157 bancas legislativas.

La comisión dijo que el 65,4 por ciento de los 11,8 millones de votantes registrados acudieron ayer a las urnas.

El nuevo partido, cuyos velados llamados a la independencia alarman a Taipei y Pekín, predijo la semana pasada que obtendría entre 20 y 22 asientos.

"En cinco distritos triunfamos por gran mayoría", acota.

"Esto muestra que nuestro partido, su plataforma y nuestros ideales políticos tienen aceptación en el pueblo", dice.

8700351

RCH

LA NACION 08/12/86

Se refuerza la oposición en Taiwan

TAIPEI, 7 (UPI). - Jubilosos miembros del primer partido opositor de Taiwan afirmaron hoy que el resultado de las elección legislativa de este fin de semana muestra que la ciudadanía acepta las reformas políticas y la autodeterminación de la isla.

En la primera elección a la que acude la oposición en Taiwan, 23 de los 44 candidatos del Partido Progresista Democrático opositor, conformado hace dos meses, obtuvieron escaños en la Asamblea Nacional y en la Legislatura (Yuan Legislativo).

Los resultados finales publicados por la Comisión Central Electoral muestran que el Partido Nacionalista logró 127 bancas, el PPD 23 y los independientes siete. En total, 306 candidatos compitieron por 157 bancas legislativas.

La comisión dijo que el 65,4 por ciento de los 11,8 millones de votantes registrados acudieron ayer a las urnas.

El nuevo partido, cuyos velados llamados a la independencia alarman a Taipei y Pekín, predijo la semana pasada que obtendría entre 20 y 22 asientos.

"En cinco distritos triunfamos por gran mayoría", acota.

"Esto muestra que nuestro partido, su plataforma y nuestros ideales políticos tienen aceptación en el pueblo", dice.

01-01

ECONOMIA El Día 4/11/86

Mosca firmó acuerdos por US$ 3: con Taiwan

TOKIO, (Exclusivo para EL DIA por Raúl Ronzoni). — [illegible] a Taiwan por 25 millones de dólares para 1987 [illegible] la delegación de nuestro país a la Cuarta Conferencia sobre Cooperación Económica entre la República de China y Uruguay, según informó a EL DIA el subsecretario de Economía y Finanzas, Luis Mosca.

Asimismo se obtuvo asistencia económica en las áreas agropecuarias, industrial y de proyectos especiales por un monto de 3 millones de dólares.

La delegación uruguaya a esa reunión fue presidida por el subsecretario de Economía y Finanzas, Luis Mosca, y estuvo integrada además por el director general de Comercio Exterior, Isidoro Hodara, el director general del Ministerio de Agricultura, Ganadería y Pesca, Carlos del Piazo, el vicepresidente de la Administración Nacional de Puertos, José Bello, el director de Zonas Francas, Alvaro Mastroianni, y representantes del sector privado.

El gobierno de Taiwan se comprometió a comprar en 1987 un total de 200 toneladas de tabaco, 70 mil toneladas de soja, 320 toneladas de tops de lana, 110 mil frazadas, 800 mil pies cuadrados de cuero para capellada y 150 mil cajas de citrus (naranjas, limones y pomelos).

Cooperación técnica

Además, según pudo confirmar EL DIA, se firmaron acuerdos de cooperación técnica por más de 3 millones de dólares, y el gobierno de la República de China ofrecerá además apoyo para el entrenamiento de técnicos uruguayos en aquella nación.

Entre los acuerdos se destaca la donación de 150 mil dólares para la construcción de un laboratorio de acuicultura marina, 100 mil dólares para la compra de equipos para la lucha contra la fiebre aftosa, 1.5 millones de dólares para promover cultivos de soja y maíz, 270 mil dólares para el Centro de Investigaciones "Alberto Boerger" y 300 mil dólares para obras de infraestructura de zonas francas.

Las becas otorgadas por Taiwan incluyen a dos funcionarios de la Dirección de Zonas Francas que estudiarán en esa nación la experiencia recogida sobre el tema.

Importantes contactos

Durante su estada en la República de China, el subsecretario de Economía y Finanzas de nuestro país, Luis Mosca, se reunió con el vicepresidente, Teng-hui Lee, el primer ministro, Yu Kuo-hwa, el canciller, Fu-sung Chu y el ministro de Finanzas, Robert Chun Chien, entre otras autoridades.

Quedaron pendientes de estudio varias propuestas de la delegación de nuestro país, de cuyos resultados podrían surgir nuevas ventas a aquella nación.



Luis Mosca

La delegación china señaló "el deseo que las relaciones económicas y de comercio exterior sean cada vez más estrechas y amplias".

Interés de Citicorp por Bank of America

[illegible] Lawrence Cohn, analista [illegible]

Dólar subió por acuerdo con el yen

MADRID. — El dólar norteamericano subió ayer [illegible]

01-91 8700609

que nada se resolverá sin la retirada completa del proyecto de reforma [illegible] rechazaron las marchas de duelo, y en [illegible] contundentes.

Satisface a la oposición en Taiwán el resultado comicial

LA PRENSA 08/12/86

Taipei, Taiwán, 7 (UP.) – Los miembros del nuevo partido opositor, al que se le permitió competir en las elecciones por primera vez, señalaron hoy que la fuerte actuación de la agrupación demostraba el apoyo del público para la reforma política y la autodeterminación.

En las primeras [illegible] la historia de Taiwán nacionalista, 23 de los [illegible] candidatos del partido Democrático Progresista ganaron escaños en la Asamblea Nacional y la Legislatura, muchos de ellos por un amplio margen.

Los resultados finales de la Comisión Electoral Central revelaron que el gobernante partido Nacionalista logró 127 bancas, el partido [illegible] e independientes [illegible].

Un total de [illegible] candidatos compitieron por 157 bancas en las elecciones [illegible].

La comisión señaló que el 64.5 por ciento de los 12 millones de votantes registrados acudieron a las urnas.

Sorpresa

Los analistas expresaron su sorpresa por el resultado, y estimaron que los 19 millones de habitantes de Taiwán, por primera vez en los [illegible] años de gobierno nacionalista de [illegible] isla, están preparados para un sistema [illegible].

Tanto el partido Democrático Progresista, que tiene su mayor apoyo en la mayoría taiwanesa, y los nacionalistas, que se trasladaron a la isla cuando los comunistas tomaron control de China en 1949, proclamaron sus triunfos.

El partido Democrático Progresista, cuyo llamado a la independencia para [illegible] alarmado a China comunista y el gobierno de Taipei, predijo la semana pasada que ganaría 20 ó 22 bancas.

"A poco menos de dos meses de haber formado nuestro partido, hemos ganado las elecciones y las hemos ganado en grande", indicó una declaración opositora difundida hoy.

"Esto demuestra que la formación de nuestro partido, nuestra plataforma y nuestras creencias políticas han sido aceptadas por el pueblo".

El PDP ha pedido la "autodeterminación" para los 19 millones de habitantes de Taiwán, lo que le dio interés a las elecciones.

Es el primer grupo opositor que desafía al partido Nacionalista de gobierno. Los [illegible] forman el 80 por ciento de la población y no comparten el fervor de los nacionalistas para una reunificación con China continental.

Ma Shu-Li, secretario general del partido Nacionalista, expresó: "La exitosa elección ha demostrado la determinación del partido en el poder para lograr la democracia. La mayoría de nuestros candidatos ganaron la elección, demostrando nuevamente que el pueblo apoya a nuestro partido y nuestras políticas".

Mayoría oficialista

A pesar del impresionante debut del partido Democrático Progresista, los nacionalistas [illegible] grandes mayorías en ambos cuerpos legislativos.

El gobierno [illegible] Pekín considera a Taiwán una provincia de China y condena como sedicioso cualquier llamado independentista. Pekín ha advertido que atacará a Taiwán si ésta declara su independencia.

Poco legible

01-01 visto 8700610

Se realizó ayer el Seminario Sino-Uruguayo

Concretarán inversiones desde Taiwan



Importantes propuestas fueron realizadas en la pasada jornada por dirigentes empresariales y jerarcas de la Administración de nuestro país ante la delegación de inversores de la República de China.

En la oportunidad, se analizó la posibilidad de que dicho país oriental canalizara inversiones hacia los 250 millones de habitantes que conforman el mercado de la ALADI.

Se mencionó asimismo, la factibilidad de que nuestro país tuviera un papel protagónico en la triangulación del canal de inversiones hacia el mercado que conforman los países integrantes del organismo regional.

Como se recordará la República de China tiene un excedente de divisas del orden de los U$S 53.000 millones y la única posibilidad que tiene para su drenaje es la inversión exterior.

La calificada delegación de la República de China, a través del Jefe de la misión, David Liu, invitó a nuestro país para analizar en Taiwan -de la misma forma que lo han hecho EE.UU. y México recientemente- proyectos conjuntos de inversiones y "joint venture".

SEMINARIO

En la víspera, se realizó el Seminario de Comercio e Inversión Sino-Uruguayo que organizara la Cámara de Comercio Uruguay-China con la presencia de la delegación que el pasado domingo arribara a Uruguay y representantes oficiales y de la industria y el comercio de nuestro país.

El Seminario comenzó con comentarios de Jorge Fernández, Presidente de la Cámara de Comercio Sino-Uruguaya a lo que le siguieron palabras de bienvenida del Embajador de la República de China, Henry C. Y. Wang; y posteriormente el Subsecretario del Ministerio de Economía y Finanzas, Ec. Luis A. Mosca y el Subsecretario del Ministerio de Industria y Energía, Cr. Gustavo E. Cola Cancela se refirieron a la importancia de la presencia de la citada delegación y las futuras posibilidades de inversión en territorio uruguayo.

El Ec. Isidoro A. Hodara, Director General de Comercio Exterior destacó las oportunidades comerciales en el Uruguay y sobre inversiones en zonas francas el Esc. Alvaro Mastroianni, Director General de Zonas Francas realizó un pormenorizado detalle de la actual y futura reglamentación (actualmente a consideración del Parlamento) que rigen a tales efectos en el Uruguay.

La Cdra. Graciela Morlán, Directora de la Dirección Nacional de Industrias habló sobre las oportunidades en cooperación industrial.

Los presentes tuvieron oportunidad de escuchar al Jefe de la Misión Comercial, David Liu que disertó sobre el estado actual y desarrollo económico en la República de China a lo que finalmente le siguieron preguntas de los interesados que estaban presentes que recibieron las respuestas de los miembros de la delegación.

PARTES ILEGIBLES



Un aspecto del simposio llevado a cabo ayer, y que contó con la presencia de autoridades nacionales y representantes de importantes gremiales del país. El Jefe de la Misión de la República de China, David Liu, fue el encargado de responder a las numerosas interrogantes que le fueron formuladas

033
M.E.B.

Taipei: aprueban Ley de Seguridad del Estado

TAIPEI. — Una [illegible] "ley de seguridad del estado" [illegible] de [illegible] en Taipei [illegible] de la República de China (Taiwan).

La ley, que obtuvo todos los votos del partido gubernamental, [illegible] en que se estableció la República de China en la isla de Taiwan.

Se cuenta con que el presidente de la República de China, Chiang Ching-Kuo (77 años), presidente del Kuomintang —hijo mayor de Chiang Kai-Chek, fallecido en 1975— firme la nueva ley en los próximos días, para que el Parlamento la ponga en vigor antes del comienzo de las vacaciones parlamentarias, a mediados de julio.

[illegible] unanimidad de los nacionalistas contrastó la [illegible] de los 12 [illegible] del [illegible] Partido Democrático del Progreso, [illegible] televisiones internacionales, encara la ley, que —en su opinión— significará únicamente la continuación de la ley marcial.

El gobierno taiwanés intentó justificar la ley [illegible] China sigue estando prácticamente en guerra con la República Popular China [illegible], y ha de hacer frente a [illegible] y subversiones organizadas desde el continente.

La ley marcial en Taiwan —promulgada en 1949, cuando el régimen [illegible] de Chiang Kai-Chek, se refugió en la isla huyendo de los comunistas chinos, dirigidos por Mao Tse-Tung— fue aplicada [illegible] hasta principios del decenio del setenta y dio poderes casi ilimitados a las autoridades militares y policíacas, sobre todo al llamado servicio secreto militar ("Taiwan Garrison Command"), para reglamentar la vida en Taiwan (18.800.000 habitantes, 36.200 kilómetros cuadrados).

Como resultado de la ley marcial, ha sido [illegible] la prensa [illegible] y extranjera y [illegible] que no se refieren a los comunistas como "bandidos y usurpadores".

25/6/8[illegible]

POCO LEGIBLE

R. A. China

(Fichas)

Visto

01-01

8705178

RS

033

CHINA

PEKIN

Taiwan: un tímido paso hacia la democratización

La liberalización en China comunista, a la que ahora se da en cierta medida marcha atrás, estimula la introducción de reformas similares en la China nacionalista. Esta curiosa y paradójica situación está dando lugar a situaciones que, a pesar de las distancias ideológicas con la China continental, no dejan de tener similitud.

El Gobierno de Taiwan se apresta a un relevo generacional de sus cuadros directivos con el anuncio de una liberalización sobre todo en el terreno económico y en materia de prensa. Recientemente se suspendieron algunos controles estatales y se prometió el levantamiento del estado de vigilancia para fin de año.

Los acontecimientos vienen forzados desde la calle en cierta medida. Las últimas protestas de la Universidad Nacional de Taiwan tenían como objetivo denunciar la influencia política del Partido Nacionalista y de la administración de esa casa de estudios superiores.

De acuerdo con fuentes gubernamentales, el Gobierno del presidente Chiang Ching-Kuo se está preparando para hacer frente a la creciente exigencia de la oposición.

Además de una mayor flexibilidad con los medios de comunicación, hasta ahora en su mayor parte progubernamentales, y algunos simples órganos de propaganda, parece que el Partido Nacionalista (gubernamental) quiere desprenderse de sus células [illegible] (delegados) en colegios, institutos de enseñanza y empresas públicas. La presencia de estos controles ha sido comparada por la oposición con organismos similares de China Popular.

La aparición del *Journalist Weekly*, cuyo lanzamiento previsto para el próximo mes de abril, en Taipei, marca lo que a todas luces promueve una nueva era en la historia de la prensa en Taiwan. El [illegible] de los periodistas será el esfuerzo de un grupo de periodistas y académicos liberales, a cuya cabeza está su editor, Antonio Cheng, quien recientemente estuvo en Hong-Kong. En declaraciones brindadas al final del Congreso Internacional de Periodistas, celebrado en el territorio británico el pasado mes de febrero, el periodista taiwanés afirmó que la nueva publicación estará por encima de políticas partidarias y será independiente tanto del partido en el Gobierno, Kuomintang, como de la flamante fuerza de oposición, el Partido Demócrata Progresista.

En el campo económico, el Gobierno ha acentuado sus esfuerzos para liberalizar la economía, alentar las inversiones, elevar los impuestos aduaneros y abrir la bolsa de valores a operaciones realizadas por extranjeros.

Esta línea de pensamiento es la de los teóricos de Taiwan, que afirman que la mejor manera de combatir el comunismo es con una sociedad cada vez más abierta y democrática.

Entre tanto, Taiwan está con los ojos puestos en el cumplimiento de las promesas de Pekín con respecto a Hong-Kong y Macao, dándoles un tratamiento de «zonas especiales» en las que se garantice la continuación del sistema capitalista.



CHIANG CHING-KUO
quiere aflojar las restricciones.

El sentimiento de unión con la patria continental podrá ser muy grande, pero es dudoso que Taiwan esté dispuesta a brindarle en sacrificio todo lo conseguido en casi cuatro décadas de esfuerzo sólo a cambio de las promesas de Pekín. La psicosis de vivir en un estado de sitio permanente —los mejores hoteles de Taipei tienen las señales indicando los refugios antiaéreos— responde a las amenazas apenas veladas provenientes de más allá del estrecho de Formosa. De agotarse los medios de persuasión pacíficos —el propio Deng Xiao Ping lo dijo expresamente el año pasado— China buscaría la reunificación de los territorios separados por la forma que fuera necesaria. Y esto, sin duda, influirá en los años por venir en la evolución política de Taiwan, alimentando con buena leña el fuego de lo que vaya quedando de la «vieja guardia», que todavía mira como punto de referencia histórica, inmune al paso de los años y a la cosmética de los cambios, al blanco e impresionante mausoleo del líder Chiang Kai Shek, en pleno centro de Taipei.

A. C. M.
(Hong-Kong)

30 de Marzo de 1987

POCO LEGIBLE

01-0

8705546

(visto)

033

RNE4

PERLA

Decretaron en Taiwán, después de 39 años, el levantamiento de la ley marcial

Taipei, 14 (UP – El presidente Chiang Ching-kuo decretó hoy la finalización de 39 años de la ley marcial, que otorgaba al gobierno amplios poderes de control de las actividades políticas en la isla.

El anuncio, dado a conocer por la Oficina de Información del gobierno, especificó que el presidente ordenó la abolición a partir de la medianoche de hoy, de la controvertida medida de emergencia impuesta en 1948.

Ley de seguridad nacional

Las autoridades sostuvieron que la ley de seguridad nacional del 1° de julio tomará efecto a partir del momento en que la ley marcial sea abolida.

Er-Hsuan huang, vocero del opositor partido Democrático Progresista, inmediatamente dijo que la orden del presidente fue "un poco tarde y no demasiado" para lograr la democracia en el país.

Huang dijo que la medida y otras "leyes anormales" de los últimos cuarenta años, "sólo restringen los derechos de la gente" como la ley marcial.

El vocero del gobierno, Yu-Ming shaw, advirtió en reiteradas oportunidades que aunque el levantamiento de la ley marcial y la implantación de la nueva legislación de seguridad eran parte de un sólo paquete de medidas enviadas al Congreso, no significa que sean "de manera alguna, el reemplazo" de una con la otra.

Ma Ying-jeou, secretario general asistente del gobernante Kuomintang y experto legal del partido, también afirmó que "el espíritu de la nueva ley es garantizar la seguridad de la nación con mínima restricción de la libertad de la gente".

Liberan a 23 presos

El Ministerio de Defensa anunció que fueron liberados hoy después del anuncio del levantamiento de la ley marcial, 23 presos civiles que habían sido acusados por cortes militares.

Un vocero militar declinó confirmar cuántos de los 23 detenidos cumplían sentencias por cargos de sedición y podían ser clasificados de presos políticos.

La declaración del ministerio señaló que las sentencias de 170 personas que permanecen detenidas por "crímenes de sedición", fueron reducidas, en muchos casos a la mitad o menos.

"Pero según la información, "algunos sediciosos" y otros detenidos por actos terroristas no serían incluidos en la amnistía que el presidente prometió la semana pasada y que sería introducida junto con la abolición de la ley marcial.

La ley marcial, que en varias ocasiones fue calificada como el mayor obstáculo de la democratización del país, fue impuesta en Taiwán por los nacionalistas en 1948, un año antes de que el gobierno comunista asumiera en China.

Medidas restrictivas

Entre las medidas restrictivas de la ley, se destaca el amplio poder con que cuentan las Fuerzas Armadas para juzgar, e imponer sentencias extensas a los disidentes políticos.

También otorga poder a las Furzas Militares para suspender o cerrar publicaciones nuevas, prohibir la formación de partidos políticos y la publicación de artículos contra el gobierno ó a favor del comunismo.

La nueva ley anula el poder de los militares de enjuiciar a los civiles por cualquier crimen o de controlar a la prensa.

PERLA La Prensa 15/7/87

POCO LEGIBLE

01-01

visto

8706917

Acusación de Pekín a Taiwán

Pekín (UP) – China responsabilizó a Taiwán por frecuentes ataques contra pesqueros que tuvieron lugar en los últimos tres meses, y que provocaron por lo menos ocho heridos y daños por un monto que equivale a miles de dólares.

La agencia oficial de noticias china Xinjua señaló que pescadores de la provincia sureña de Fuji, ubicada frente a la costa de Taiwán, están "indignados" por los ataques, y las autoridades chinas están "siguiendo de cerca el desarrollo de los acontecimientos".

El incidente más reciente ocurrió el 15 de junio cuando marinos a bordo de un buque de una administración de pesca de Taiwán abordaron un barco de pesca de Fuji en el estrecho de Taiwán, dijo Xinjua.

Agregó que en esa oportunidad, los taiwaneses destruyeron algunas de las maquinarias y lanzaron la carga al mar.

El 1° de junio, integrantes de la tripulación de un barco taiwanés no identificado, atacaron dos barcos de pesca de Fuji que estaban anclados a unos 50 kilómetros de la costa de China, agregó la agencia.

Según la información, los taiwaneses habrían utilizado "rocas y válvulas de alta presión" para provocar heridas a seis pescadores y daños en las cabinas, vidrios, detectores de peces y equipos de comunicación.

0 (8

033

China: separarían las funciones del PC y del Gobierno

PEKIN, 30 (UPI). – Los medios informativos oficiales comenzaron hoy a publicar un trascendental discurso de Deng Xiaoping sobre la reforma política, según la cual se separarían las funciones del Partido Comunista y las del gobierno.

Se espera que la reforma sea aprobada en el próximo congreso del PC, en octubre.

Diplomáticos occidentales opinaron que la publicación del discurso puede indicar el inicio de una campaña encaminada a familiarizar al país con los objetivos más profundos de las reformas que se abordarán en el congreso.

La publicación del discurso "es de un gran significado inmediato", dijo la agencia noticiosa oficial Xinhua.

La agencia transmitió un despacho en el que se citaron partes del discurso e información de fondo sobre el tema.

El discurso "establece la orientación de las reformas políticas de China", dijo Xinhua. El texto completo será publicado en separata para conmemorar el 66º aniversario de la fundación del Partido Comunista Chino, el 1º de julio.

Xinhua dijo que se espera que el plan de reformas políticas sea discutido en el XIII Congreso Nacional, que comenzará a sesionar en octubre.

También se espera que durante el congreso, que se celebra regularmente cada cinco años, se nombre a un nuevo jefe del partido y se elija un nuevo Buró Político y su Comité Ejecutivo.

En su discurso, dividido en cinco partes, Deng proclamó la promoción de dirigentes jóvenes y profesionales y criticó la "concentración del poder en unas pocas personas".

El jefe chino, de 82 años, y el individuo más influyente en China desde 1978, anunció el domingo que pensaba pedir un semi retiro durante el congreso de octubre, aunque añadió que se mantendría en su actual "papel".

Diplomáticos occidentales opinaron que Deng habría decidido abandonar algunos de sus cargos actuales para forzar a viejos veteranos a hacer lo mismo.

Se ha dicho que uno de los objetivos de Deng en el congreso sería lanzar el "rejuvenecimiento" del partido, aunque el proceso podría durar unos 10 años.

Diplomáticos occidentales dijeron que el discurso fue publicado en momentos en que corre gran cantidad de rumores de que en julio se realizaría una sesión plenaria especial del partido para fijar la agenda que se tratará en el congreso de octubre y donde se decidirá la lucha por el poder entre reformistas y comunistas "de línea dura", que se ha incrementado este año.

01-01

La Mañana
MONTEVIDEO, MIERCOLES 2 DE SETIEMBRE DE 1987

PERLO

Luchar contra vietnamitas hasta recobrar soberanía

China apoya coalición de Kampuchea

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- El líder chino Deng Xiaoping reafirmó ayer el apoyo de China Popular al Gobierno de coalición tripartita de Kampuchea en su lucha contra la agresión vietnamita hasta que Kampuchea (antes Camboya) recobre por completo su independencia, soberanía e integridad territorial.

Deng, presidente de la comisión asesora del Partido Comunista chino, se expresó así en una entrevista con el Presidente de Kampuchea democrática, Príncipe Norodom Sihanouuk, que encabeza una delegación de tres partidos opuesta al actual régimen de Heng Samrin.

Deng dijo que aceptamos el hecho de que Kampuchea no practicara el socialismo tras su victoria sobre Vietnam, pero esperamos que Kampuchea continúe siendo dirigida por Samdech Norodom Sihanouk.

También expresó su convicción de, que una lucha justa por una nación independiente sea culminada con la victoria.

A juicio del líder chino, la Unión Soviética y Vietnam cambiaron su postura sobre Kampuchea, pero Vietnam no ha cambiado su estrategia respecto a una federación indochina, al Moscú ha abandonado su respaldo a la agresión vietnamita contra Kampuchea.

Recientemente, Pekín calificó este apoyo soviético a la presencia vietnamita en Kampuchea como el mayor obstáculo en el acercamiento chino-soviético.

La delegación, compuesta además por el ex Primer Ministro Son Sann y el Vicepresidente de Kampuchea Democrática, Khieu Samphan, está en Pekín desde el pasado fin de semana, y ha recibido una acogida favorable de la prensa oficial.

033

PERLA 1º de julio de 19[illegible]

Campaña en China en favor de la reforma política

Pekín, 30 (UP) – Los órganos informativos oficiales chinos comenzaron hoy a publicar un trascendental discurso del líder Deng Xiaoping sobre la reforma política, según la cual se separarían las funciones del partido Comunista (PC) y del gobierno.

Se espera que la reforma sea aprobada en el próximo congreso del PC, previsto para octubre.

Diplomáticos occidentales opinaron que la publicación del discurso puede indicar el camino de una campaña encaminada a familiarizar a China con los objetivos más profundos de las reformas que se acordarán en el congreso partidario.

"Significado inmediato"

La publicación del discurso, pronunciado por Deng en una reunión del buró político en agosto de 1980, "es de un gran significado inmediato", señaló la agencia noticiosa oficial china Xinhua citando a "observadores".

La agencia noticias trasmitió un despacho en el que se citaron partes del discurso e información de fondo sobre el tema.

Titulado "sobre la reforma en el sistema del partido y la dirección del estado", el discurso "establece la orientación de las reformas políticas de China", expresó Xinhua. El texto completo del discurso será publicado en una separata para conmemorar el 66º aniversario de la fundación del partido Comunista chino, el 1º de julio.

En su discurso, dividido en cinco partes, Deng proclamó la promoción de dirigentes jóvenes y profesionales y criticó la "concentración de poder en manos de un sólo individuo o unas pocas personas".

El líder chino, de 82 años de edad, y el individuo más influyente en China desde 1978, anunció el domingo pasado que pensaba pedir un retiro parcial durante el congreso de octubre, aunque añadió que se mantendría en su actual "papel".

01-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Irán probó en el Golfo misiles posiblemente comprados a China

PROCEDENCIA: LA PRENSA 8/8/87

ARCHIVADO EN: IRAN (040)

01-01 8707164

ARCHIVAR EN: R. CH. (033)

TEMA: TAIWAN: NEW SECRETARY-GENERAL OF THE KMT du 30/7/87 (B/0763)

PROCEDENCIA: [illegible] N° 1227/87 du 18/8/87

ARCHIVADO EN: ENLACE INGLES (35/C)

01-01 8707204

R.P. CHINA 033

METAS ECONOMICAS CHINAS

Igualar a Corea y a Taiwan

Las medidas económicas que se han puesto en vigencia o se planean para China son similares a las que hicieron mejorar las economías de Corea del Sur y de Taiwan.

La primera etapa de desarrollo de un país es el paso en el cual el P.B.N. medio anual por persona de 300 dólares llega a ser de 2.000 dólares. Eso implica el paso de una economía agrícola en la que las familias sacan su alimento de la tierra a otra en el que el 40 % de la población está en el agro y el resto en la industria, servicios, etcétera.

En la actualidad el P.B.N. por persona en China está entre 300 y 500 dólares (una variación que resulta de las distintas paridades que dan para el dólar las monedas locales de distintas regiones). Cuando tomó el poder el Partido Comunista el P.B.N. per capita era de 130 dólares de hoy. En los treinta últimos años se logró un cambio pero el objetivo confesado de Deng es cuadruplicar los ingresos reales y llevarlos a 2.000 dólares, el nivel actual de Corea del Sur y de Taiwan.

Evidencias

Uno de los primeros indicadores del cambio es la migración de los campesinos para hacer asentamientos precarios cercanos a las ciudades que se industrializan. Esto no es todavía evidente en China, porque el Partido Comunista no desea que haya una migración del 25 % de su población rural (lo que pasó en Corea del Sur) e impone controles para evitar que 1/4 de los 300 millones de campesinos se vuelquen a las ciudades.

En China la transformación industrial tiene lugar en dos formas distintas: la producción bruta industrial ha aumentado a un índice anual de 12 % durante los últimos 5 años y además los agricultores están invirtiendo sus ahorros de un modo tal que en 1983-86 la producción de la industria rural (es decir de la que se inició en el campo) creció no menos de 266 % y los campesinos empezaron a comprar televisores y se trasladaron al pueblo cercano para buscar trabajo en las nuevas fábricas.

Esta industrialización en dos niveles está cambiando el perfil de vida de los chinos, la estructura de su economía y hasta al mismo Partido Comunista chino.

El poder del Partido Comunista chino surge del apoyo de las enormes masas campesinas: sus cuadros dirigentes están compuestos de hijos de campesinos, sus medidas más importantes —la abolición del poder de los terratenientes, en 1950, el cuidado preventivo de la salud en regiones remotas hecho por los médicos descalzos— estuvieron dirigidas a ayudar a los campesinos.

En términos de ingreso, China está entre los países más pobres del mundo pero si observamos indicadores como el promedio de vida, mortalidad infantil y nivel de educación, es comparable a un país con el doble o el triple de sus ingresos.

Desde 1949 hasta 1978, a pesar de las declaraciones de Mao, la participación de la agricultura en el P.B.N. bajó y la de la industria aumentó rápidamente, mientras que el comercio con el exterior era prácticamente inexistente.

Otra característica negativa era la desigualdad entre distintas zonas en cuanto a ingreso: un ciudadano de Shangai produce más de 11 veces lo que produce un ciudadano de la provincia de Guizhou, mientras que el pueblo más rico, Qianzhou, es 35 veces más rico que el más pobre, Dongve.

Desde 1978 se ha aumentado la importancia de la agricultura, China ha pasado a ser el país más destacado como importador del Tercer Mundo y se están estrechando las brechas de riqueza.

En los nueve años posteriores a 1978 la producción del agro aumentó 4% por año para granos y 15% anual para el algodón. Los agricultores chinos aumentaron sus ingresos más que en los otros 30 años de dominación comunista, de 134 yuan en 1978 a 424 yuan en 1986 y el país pasó a ser exportador neto. Los agricultores chinos ahora son ricos, pero, aunque no se malogrará lo obtenido hasta ahora, si no se modifican las políticas se desacelerará el ritmo de crecimiento.

PERLA
Bloque 17/8/87

Poco LEGIBLE

01-01 870733

CHINA (TAIWAN) 033

Seminario sobre política, cultura y economía en Taiwán

Una delegación académica de la República de China (Taiwan), inauguró un seminario sobre el desarrollo económico y la evolución política y cultural en su país. En el acto de inauguración se hizo presente el subsecretario de Educación y Cultura, Julio Aguiar, quien señaló que la experiencia de Taiwan constituye un ejemplo para Uruguay en momentos en que nuestro país enfrenta el desafío de la modernización.

La misión está integrada por docentes universitarios y su jefe, Chen Yes-hong, es el rector de la Universidad Tamkang de Taiwan. Los representantes de esta misión expresaron sus deseos de que se incrementen los lazos de cooperación e intercambio económico, comercial y cultural, entre los dos países, e indicaron que empresarios chinos están estudiando la posibilidad de concretar inversiones económicas en la zona sudamericana.

A este respecto Aguiar resaltó la necesidad de Uruguay de relacionarse y conocer las experiencias de otros países, y manifestó que el caso de Taiwan es un ejemplo para nuestro país, que está viviendo una etapa de cambio. Expresó que "no debemos quedarnos fijos en una etapa histórica y cultural que está superada. Hoy con humildad venimos a aprender, a conocer esta experiencia (de Taiwan)".

El jefe de la delegación, tras agradecer la buena acogida por parte del gobierno uruguayo, dijo que ambas naciones están unidas por un mismo ideal, que es el mantenimiento de la democracia y la libertad. Por ese motivo, agregó, vienen a conocer la realidad uruguaya y a ofrecer su experiencia, y recordó que 40 años atrás Taiwan se encontraba en una situación económica y social típica de un país tercermundista pero que la puesta en práctica de un plan de desarrollo económico la llevó a estar hoy entre los países más desarrollados del mundo.

Un miembro de la delegación, haciendo una disertación sobre este plan de desarrollo iniciado a fines de los años 40, explicó que las metas propuestas fueron tres: el crecimiento, la detención de la inflación y una redistribución de la riqueza del país. Con respecto al crecimiento económico indicó que entre los años 1953 y 1986 tuvo un promedio del 8,7 anual, siendo de 10,8 el crecimiento correspondiente al año pasado.

En ese lapso la actividad agrícola pasó de representar el 36% del Producto Bruto Interno, a ser el 6% en el año 1986, en tanto que la actividad industrial, que en los años 40 significaba el 6% del PBI, alcanza en la actualidad el 50%. La inflación, por su parte, que tenía un índice del 100% anual en 1949, es ahora del 6% anual. Las diferencias entre los sectores de mayor y menor ingreso disminuyeron 20 veces en los últimos 40 años.

La primera etapa del plan de desarrollo adoptado por el gobierno de fines de la década del '40 fue la instrumentación de una reforma agraria con el lema "tierra para quien la cultiva", para incentivar la producción agrícola. Los terratenientes fueron indemnizados con el otorgamiento de acciones de empresas estatales, con lo que también se incentivó la actividad industrial, apoyada con medidas proteccionistas y restricciones a las importaciones que fueran competitivas con la industria nacional.

Se solucionó de esa forma el problema de la mano de obra desocupada, pero surgió la desventaja de la ineficiencia burocrática y la corrupción administrativa, señaló el representante de la delegación.

En los años '60 Taiwan entró en una nueva etapa de su política económica, cuando debido a la saturación del mercado interno se toma la decisión de expandir su producción industrial hacia el exterior. Ello determinó una total liberalización de la economía, con eliminación de medidas proteccionistas, para que la producción alcanzara un nivel competitivo en el mercado internacional.

Hoy Taiwan ocupa el lugar número 16 entre los principales exportadores mundiales, y su ingreso anual per cápita es de 5.000 dólares. El año pasado tuvo un superávit comercial de 15.600 millones de dólares.

PERIÓDICO 25/7/87

01-01

Destacan posibilidad de agroindustria en Uruguay

El director general de desarrollo industrial de la República de China Shih Chen Yang, sostuvo que existen excelentes condiciones en Uruguay para la implantación de industrias de procesamientos agrícolas. En una reunión de prensa mantenida ayer como culminación de la misión que visitó Montevideo, el director calificó de muy importantes los logros obtenidos para la futura cooperación entre los dos países.

Expresó que confiaba en que las relaciones comerciales e industriales entre los dos países aumentarán como consecuencia del amplio intercambio de opiniones mantenido entre ambos gobiernos y los sectores empresariales. La misión realizó estudios sobre la futura implantación de zonas industriales en nuestro país, así como también la utilización de las zonas francas.

El Día 28/1/87

01-01

8707380

B8

R.P. China.

033

China compra frazadas

La República de China efectuó una compra de frazadas por un monto de más de dos millones de dólares a empresas nacionales, en una operación que según voceros de la embajada de ese país, se inscribe en el marco de cooperación y amistad que las dos naciones mantienen.

El convenio fue suscrito ayer por el embajador de la República de China, Henry C.J. Wang, y los representantes de las empresas "La [illegible]", "Suiza" y "Campomar", en la sede de la Cámara de Comercio Uruguay-China.

El volumen de la compra es de 2.964.750 dólares y es la tercera operación de este tipo que la República de China efectúa con nuestro país.

El Día 29/7/81

FICHAR

01-01

8707384

Analizaron el Milagro Económico de Taiwan y Perspectivas de Cooperación en Seminario

Un Seminario sobre la Republica de China, realizado durante el dia de ayer en el Hotel Victoria Plaza, analizo el desarrollo económico de ese pais y sus perspectivas de cooperación con América Latina, la educación y las politicas y factores sociales en la experiencia de Taiwan. Las exposiciones despertaron el interes del público, integrado por técnicos, legisladores, periodistas, quienes participaron activamente por medio de preguntas que permitieron una mayor proyección de los temas tratados.

El Seminario comenzó con la palabra del Subsecretario de Educación y Cultura Dr. Julio Aguiar, a continuación disertó el Jefe de la Misión Académica de la Republica de China, Prof. Dr. Chen Yea-Hong.

DOCUMENTO SOBRE DESARROLLO ECONOMICO DE LA CHINA

Dos documentos fueron presentados durante la mañana con la moderación del Dr. Juan B. Schroeder, el del Sr. Shih Chi Ping, sobre desarrollo economico, y el de la Dra. Tai-Chun Kuo, referente a un análisis de la experiencia de Taiwan politicas y factores sociales. Se informó que el área de Taiwan fue retornada a la soberanía de la República de China por Japón en 1945, tras finalizar la Segunda Guerra Mundial. De tal manera, al cabo de 41 años, se puede considerar el proceso de su evolución y las estrategias utilizadas en cada etapa del mismo, y así lo hizo el Sr. Shih Chi Ping. Se transcribe la parte final del documento sobre "Perspectivas de la Cooperación con Centro y Sudamérica". Un concepto que existe en la cultura tradicional de la Republica de China es "ayudarse a si mismo y ayudar al prójimo" para procurar la armonia universal. En la etapa inicial de su desarrollo económico, los recursos básicos eran escasos, por lo que fue necesario depender de la ayuda norteamericana. Posteriormente, cuando las condiciones para el desarrollo económico mejoraron grandemente bajo la estrecha colaboración y esfuerzo entre el gobierno y pueblo, dejamos la dependencia de la ayuda estadounidense para procurar un crecimiento por medio y esfuerzos propios; al mismo tiempo ofreció la parte en que más se especializó, las técnicas agricolas, como ayuda a las necesitadas naciones en vías de desarrollo.

Entre estas naciones sobresalen aquellas de Africa y Centro y Sudamérica, donde los programas de ayuda técnica de la Republica de China no sólo han ayudado a incrementar la amistad mutua entre nuestros países, sino que ha sido considerado como uno de los ejemplos de cooperación económica más importante en la posguerra. La República de China no solo valora esta experiencia, sino que de acuerdo a la subsecuente maduración de sus condiciones de desarrollo económico, prosigue fortaleciendo este esfuerzo.

Acorde al analisis anteriormente hecho, hemos indicado que la República de China se encuentra en estos momentos acelerando la liberalización e internacionalización de su economía, por ende, sólo está abriendo su mercado interno al mundo exterior, sino que también bajo la persistente revalorización del Nuevo dólar taiwanés y las presiones del proteccionismo comercial estadounidense, se nota un interés más activo de los sectores de producción en invertir en el exterior, y el área de Centro y Sudamérica es precisamente una de las regiones en que se han puesto mayor atención. A mi entender, los empresarios de la República de China están sumamente interesados en esta área, el gobierno también ha puesto su atención a este desenvolvimiento y envisiona dichos proyectos de inversiones y cooperación, no solo como artífices de un mejor desarrollo bilateral, sino que también fortalecerá el entendimiento mutuo y la amistad entre nuestro pueblos. Estamos seguros que las perspectivas son muy prometedoras, abrimos nuestras puertas y recibimos calurosamente la cooperación con nuestros amigos y hermanos de centro y sudamérica.



Autoridades de gobierno, líderes políticos y calificados técnicos participan activamente en el Seminario.

LA EXPERIENCIA DE TAIWAN

La Dra. Tai-chun Kuo se refirio a la reconstrucción de Taiwan, cuando el gobierno de la República de China movió su asiento desde Taipei en 1949. Entonces, el ingreso per cápita era de US$ 42, la inflación era un problema importante y la falta de armas y equipos hacía pensar a los observadores políticos extranjeros que los comunistas chinos tomarían la isla en cuestión de meses. "El Milagro de Taiwan fue explicado por la Dra. Tai-chun Kuo en base a una variedad de factores internacionales, culturales, sociales y económicos involucrados, ya que pese a sus escasos recursos naturales, Taiwan tiene muchas ventajas domesticas.

Dice así el documento presentado al Seminario: "Como en otras naciones subdesarrolladas, los salarios eran bajos, lo cual ayudó a que sus exportaciones fuesen competitivas. Pero a diferencia de muchas naciones subdesarrolladas tenía una infraestructura construida por los japoneses.

Los aspectos de la cultura indigena, aun cuando fuesen considerados por muchos academicos como un obstaculo para la modernización, posteriormente fueron considerados como propicios para el desarrollo económico. Los mismos incluían la cohesion familiar, respeto por la autoridad, enfasis en la educacion y habilidad economica.

La Elite: El influjo de una elite desde el continente siguiendo a la rebelion comunista le dio a la Nación una amplia base de talentos administrativos, económicos y tecnológicos de alto nivel, que ayudaron enormemente al desarrollo.

Reforma Agraria: La reforma agraria y el enfasis en el crecimiento agricola durante inicios de los años cincuenta ayudaron a mejorar la subsistencia de los agricultores, aumentar la estabilidad politica, inspirar el desarrollo industrial y acelerar el crecimiento económico. Más importante, una tal politica pacifica y gradual evitó la preocupación con la industrialización que muchas naciones del Tercer Mundo sufrieron posteriormente.

Politicas económicas bien diseñadas: La mayoria de los economistas estan de acuerdo que el éxito económico de Taiwan yacía en las políticas de desarrollo diseñadas por el liderazgo de la República de China. Primero, el gobierno hizo claro que el San Min Chu I o Tres Principios del Pueblo del Dr. Sun Yat-sen —Nacionalismo, Democracia y Bienestar social— servirían de directrices de su desarrollo. Un cuerpo auto-gobernante fue electo tan temprano como 1951 y fue posteriormente expandido para permitir mayor representación popular. Segundo, el gobierno redistribuyó la propiedad rural para aumentar el número de pequeños propietarios privados. Tercero, el gobierno decidió que Taiwan debería dar bienvenida al capital y la tecnología extranjeras, se debería alentar la dependencia en la exportación, y se adoptaron políticas monetarias y fiscales para desarrollar la industria moderna. Cuarto, el estado construiría la infraestructura necesaria para las nuevas industrias manufactureras. También se mantuvo la ley y el orden, se expandieron las oportunidades educativas y se fortaleció la defensa nacional".

EDUCACION EN LA REPUBLICA DE CHINA

En horas de la tarde y con la moderacion del Rev. Luis del Castillo S.J., el Dr. Chen Yea-Hong se refirio al tema de la educación en la Republica de China. En una parte del documento presentado por el Rector de la Universidad de Tamkang, referido a las generalidades y a los principios filosoficos que informan dicha educación, el Dr. Chen Yea-Hong dijo:

"La educacion de la Republica de China procura hoy practicar el ideal de los Tres Principios del Pueblo por medio de la educación moral, la educación democrática y la educación cientifica. La educación moral educando a cada uno para desempeñar su papel propio en la sociedad y mantener relaciones normales según los preceptos de la moralidad con los demás.

Según eso, la enseñanza escolar acentua el amor y atencion del personal docente a los estudiantes, el respeto y aprecio de los estudiantes por sus maestros. La educación democratica tienen como fundamento el principio de derechos del pueblo de los Tres Principios; su contenido mas importante es el pensamiento filosófico y la moral fundamental de los Tres Principios del Pueblo. La politica educativa de la República de China se pone en ejecución solo después de haber sido discutida y aprobada por el Yuan Legislativo. Ese paso es el fundamento democrático de la educación. Además, el principio del bienestar del pueblo en cuanto atañe a la vida del pueblo es revisado y adaptado constantemente segun normas cientificas buscando en esa forma la solución a los problemas pertinentes, por lo que la educación cientifica es uno de los contenidos más importantes de la educación de los Tres Principios del Pueblo. La educación cientifica da la mayor atención al desarrollo de la cultura individual, tomando como objetivos de la investigación el desarrollo cientifico-técnico para beneficio del pueblo y bienestar y felicidad de toda la población.

"En resumen, la educación de la Republica de China tiene por fin disponer a la practica de los Tres Principios del Pueblo para alcanzar el objetivo de "del pueblo (gobierno), por el pueblo y para el pueblo" y para promover la fraternidad universal".

R.P. CHINA 033

Viceministro de RR.EE. de China visitará Uruguay en este mes

El viceministro de Relaciones Exteriores de la República de China, Charles Shu-chi King visitará Uruguay entre el 16 y 19 de julio, motivo por el cual fue declarado huésped oficial del gobierno, según establece una resolución del Poder Ejecutivo. Se señala que la visita se basa en el interés de profundizar las relaciones bilaterales con aquel país y eventualmente dinamizar el comercio recíproco.

Por otro decreto, el gobierno nominó al doctor Felipe Paolillo como nuevo representante de la República en la Comisión Técnico Mixta del Frente Marítimo, en sustitución de Luis Alberto Solé quien asumió la embajada uruguaya en el Reino Unido de Gran Bretaña e Irlanda del Norte.

Mientras tanto el doctor Didier Operti fue designado para representar al país en la renegociación del Acuerdo de Transporte Aéreo con Estados Unidos de América, instancia ésta que se desarrollará en Washington el lunes y martes próximos.

A través de otro acuerdo del presidente Sanguinetti con los titulares de Educación y Cultura, Defensa Nacional, Industria y Energía y Ganadería, Agricultura y Pesca se designó a Herbert Donner como miembro titular del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, en sustitución de Egon Sady a quien le fueron agradecidos los servicios prestados.

Congreso

Finalmente fueron declarados como de Interés Nacional, diversos acontecimientos científicos y culturales a realizarse en nuestra capital.

Se trata del Primer Congreso Uruguayo de Medicina y Ciencias del Ejercicio y el Primer Congreso Sudamericano de Medicina del Deporte, a realizarse en el Centro de Conferencias del Palacio Municipal entre el 28 de setiembre y el 2 de octubre; la 10ª Feria Internacional del Libro a efectuarse en la Explanada Municipal de Montevideo entre el 27 de octubre y el 15 de noviembre de 1987 y la Tercera Muestra Internacional de Teatro de Montevideo prevista del 16 al 24 de abril del año próximo.

El Día 3/7/87

H9

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Cambios recientes en puestos políticos en el Consejo de Estado. (Traducción)

PROCEDENCIA: Enlace China 15/9/87 Doc. N°65/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (/35/B)

01-01 8707540

HA/ Fichaje R.N. CHINA

033

Llega vicecanciller de República China

El viceministro de Relaciones Exteriores de la República de China (Taiwan), Charles Shu-Chi King arribará hoy a Uruguay encabezando una misión diplomática de su país que buscará incrementar los lazos de intercambio económico, comercial y cultural entre las dos naciones.

La visita incluirá entrevistas del vicecanciller, con autoridades nacionales y con parlamentarios, con los que suscribirá el acta de creación de una sociedad parlamentaria para la amistad entre ambos países.

Shu-Chi King arribará al Aeropuerto Internacional de Carrasco a las 13:35 horas, para iniciar una serie de audiencias con ministros y legisladores. Se entrevistará primeramente con la ministra de Educación y Cultura, Adela Reta, luego con el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Pedro Bonino, y a las 18 horas se dirigirá al Palacio Legislativo, donde mantendrá audiencias con el vicepresidente Enrique Tarigo y con el presidente de la Cámara de Diputados, Víctor Cortazzo.

Allí procederá a firmar el Acta de Instalación de la Sociedad Parlamentaria de Amistad Uruguay-República de China, junto con parlamentarios uruguayos.

Mañana proseguirá su actividad con una entrevista y almuerzo con el ministro interino de Relaciones Exteriores, Alberto Rodríguez Nin, para luego entrevistarse con el ministro de Economía y Finanzas, Ricardo Zerbino, con el ministro interino del Interior, Raúl Lago, y con el secretario de la Presidencia, Miguel Semino.

A las 20 horas asistirá a la recepción de bienvenida ofrecida por el embajador Henry Wang en el hotel Victoria Plaza, para concluir su visita oficial el sábado a las 10:30 horas en que dejará nuestro país.

01/02

8707569

Impulso en las relaciones anunció vicecanciller chino

El viceministro de China Nacionalista, Charles Shu-Chi King, declaró que ha venido con la finalidad de impulsar más aun las relaciones entre su país y Uruguay, al arribar ayer por la tarde al Aeropuerto Internacional de Carrasco. Señaló que había decidido visitar Uruguay, país del cual le habían hablado tanto y en el que tantas amistades tiene, antes de dirigirse a Asunción del Paraguay donde presidirá una conferencia de diplomáticos acreditados en el área de América Latina.

Las relaciones entre Uruguay y China Nacionalista han sido tradicionalmente buenas, afirmó, y dijo estar seguro de que en el futuro "vamos a seguir mejorándolas para beneficio mutuo".

Shu-Chi King expresó que los planes de cooperación a nivel técnico-agrícola llevados a cabo en Uruguay han dado sus frutos. "Hemos estado presentes en un programa de extensión del cultivo del arroz y en otro relativo al desarrollo de la soja, los cuales fueron complementados con otros renglones de alta productividad económica para el país".

Agregó el viceministro chino que Taiwan estaba considerando la forma de estimular esta clase de cooperación para beneficio común de ambos países.

En cuanto a la posibilidad de que se produzca un aumento de las inversiones de China Nacionalista en nuestro país, el visitante la consideró real y señaló: "nuestro gobierno ha estado estimulando a la empresa privada para que realice inversiones en el extranjero, donde exista un clima sano y seguro".

Como un paso concreto de ese estímulo informó que llegará próximamente a Uruguay una delegación presidida por el director de industrias del Ministerio de Economía de la República de China. Esta delegación tendrá el cometido de explorar la factibilidad de proseguir la corriente de inversiones en Uruguay.

En el Parlamento

De "momento histórico en las relaciones entre ambos países", calificó ayer, el vicecanciller chino Shu-Chi-King la constitución en el Parlamento nacional de una Asociación de Amistad Uruguay-China, que fue suscrita en la tarde de ayer, en presencia de numerosos legisladores.

Shu-Chi-King, visitó en la tarde de ayer el Palacio Legislativo, donde fue recibido por el vicepresidente Enrique Tarigo y por el presidente de la Cámara de Representantes, Víctor Cortazzo, y posteriormente, participó en la ceremonia de firma del acta de instalación de la asociación de amistad de parlamentarios de Uruguay y China Nacionalista, en la Sala de Comisiones del Senado. EL DIA 17/

02/02

033

LUIS BARRIOS TASSANO EN CHINA CONTINENTAL. — El embajador uruguayo Luis Barrios Tassano se encuentra desde hace varios días en Pekín.

Consultados sobre el hecho, voceros del gobierno confirmaron dicho viaje y aseguraron que se trata de una visita particular, en respuesta a una invitación de la nación asiática.

Barrios Tassano es amigo personal y colaborador del presidente Julio María Sanguinetti, y actualmente se desempeña como jefe de la Embajada de nuestro país en Argentina. 11/8/8[illegible]

01/01 8707576

RNBH-

033

Taiwan y su ayuda al desarrollo

TAIPEI. — Taiwan, que ocupa el segundo lugar en el mundo en materia de reservas de divisas, tiene en estudio el establecimiento de un fondo de ayuda a los países en vías de desarrollo por un monto de 3.000 millones de dólares.

El ministro de Economía, Lee Ta-hai dijo ayer en conferencia de prensa que el fondo sería utilizado para proporcionar préstamos a bajo interes a las naciones del Tercer Mundo para importar productos de Taiwan, incluyendo equipos de transportes, cemento Portland y maquinaria para la industria textil.

Dijo que el Ministerio de Economía discutirá en breve el plan con otros ministerios y el Banco Central.

Taiwan busca desesperadamente reducir sus reservas de efectivo por 63.000 millones de dólares las mayores después de Japón. Las reservas convierten a Taiwan en blanco del proteccionismo estadounidense y amenazan con desatar una espiral inflacionaria.

Taiwan ofrece asistencia técnica gratuita, principalmente en el rubro agricultura, a la mayor parte de los 23 países que todavía reconocen al gobierno nacionalista chino.

Fue uno de los fundadores del Banco de Desarrollo Asiático, pero no asiste más a las reuniones del mismo y sus contribuciones a la organización regional se ven amenazadas por problemas políticos surgidos de la participación de Pekín.

"Somos actualmente la nación comercial número 15 del mundo y queremos brindar ayuda financiera a los países en desarrollo," dijo Lee.

Tercera

01/01 8707579

33

PERLA

China: anuncio sería inminente

EL DIA 20/8/87

CONCEPCION DEL URUGUAY, Argentina. — Una alta fuente gubernamental reveló ayer a EL DIA que es inminente una decisión del Poder Ejecutivo para el establecimiento de relaciones diplomáticas con la República Popular China.

La fuente, que reclamó no ser identificada, precisó que desde la instalación del actual gobierno democrático el tema estuvo a estudio, entendiendo que la resolución "es cuestión de días".

Dijo que seguramente a fines de setiembre la decisión se daría a conocer oficialmente.

Consultado el canciller Enrique Iglesias reconoció que esta posibilidad no puede descartarse, aunque subrayó que el tema se encuentra en la órbita del Poder Ejecutivo.

01/01

8707584

R.P.Ch

033

"Capitalismo primitivo": nuevo objetivo chino

PEKIN, 20 (UPI). — Algún capitalismo "primitivo" es necesario en China para lograr una eficiente economía socialista, dijo hoy el primer ministro y jefe interino del Partido Comunista, Zhao Ziyang.

La clave de las reformas económicas chinas es el uso de "medidas diversificadas" para desarrollar una economía gobernada por las fuerzas del mercado que promueva el crecimiento y la productividad "bajo condiciones socialistas", afirmó Zhao al visitante canciller de Burundi, Egide Nkuriyingoma.

"Eso es lo que queremos decir por seguir políticas más flexibles y reformar la economía", dijo Zhao, según la agencia noticiosa Xinhua.

No saltar etapas

"China está construyendo el socialismo sobre la base del subdesarrollo económico y cultural y el capitalismo primitivo", indicó.

Pero agregó que no hay lugar por un capitalismo "totalmente desarrollado" en los planes económicos de Pekín.

"No podemos saltar por sobre el período de desarrollo de una economía de intercambio, y tenemos que realizar esta tarea, que debiera haber sido lograda en una economía capitalista, bajo condiciones socialistas", dijo Zaho.

Según la teoría marxista, el capitalismo es un estadio intermedio necesario en el desarrollo del feudalismo al comunismo. China se movió directamente de un sistema semifeudal a uno comunista en 1949.

Pero "mientras realiza las reformas y abre su política, China nunca puede desviarse del socialismo", enfatizó Zhao.

En una reunión con el canciller de Tailandia, Siddhi Savetsila, Zhao también dijo que un crucial congreso del partido programado para octubre esbozaría las teorías para las amplias reformas orientadas al mercado que han reintroducido la empresa privada en China.

Diplomáticos occidentales afirman que el gobierno de Pekín trata de crear una ideología para justificar las reformas introducidas por el dirigente principal Deng Xiaoping en 1979. Algunos de los cambios han sido criticados por ideólogos de línea dura, por apartarse demasiado de la ortodoxia marxista.

Zhao indicó que las reformas políticas que apuntan a separar las funciones del partido de las gubernamentales serán reveladas en el Congreso, que tiene lugar cada cinco años.

"Para adelantar la reestructuración económica del país debe realizarse la reforma política", dijo Zhao. Los cambios se centrarán en "construir la democracia en el país y el sistema legal".

Ofensiva reformista

Desde la obligada renuncia del ex jefe del partido, Hu Yaobang, en enero pasado, reformistas y ortodoxos replantearon sus pujas internas por el control político con la vista puesta en un objetivo clave: el congreso de octubre próximo.

Las declaraciones de Zhao fueron interpretadas por analistas occidentales como una avanzada de la línea reformista, cuando resta poco más de un mes para ese encuentro, e inferían de ellas el preanuncio de resonantes cambios en la cúpula partidaria.

Recordaron recientes comentarios de Zhao, cuando mencionó las dificultades con que tropiezan los intentos aperturistas, principalmente entre los dirigentes más antiguos. "Lo que ofrecen es volver a los (años) 50, y ¿quién puede querer eso?".

Los aperturistas se empeñan ahora por reforzar este tipo de manifestaciones públicas, ya que la vieja guardia de la ortodoxia se han encaramado en el manejo de muchos medios de comunicación, y desde allí han desatado una velada campaña antirreformista.

Las vinculaciones entre la actividad privada y los hechos delictivos se ha convertido en el principal argumento de los ultraortodoxos, pero los seguidores de Deng esperan octubre para asentar sus argumentos también en el plano partidario.

CLARIN 21/8/87

LA NEGOCIACION MOSCU-PEKIN SOBRE CAMBOYA

Jugadas de apertura

BANGKOK y PHNOM PENH, 20 (De "Los Angeles Times" y "Le Monde", especial para Clarín). — La Unión Soviética y la República Popular China podrían estar dirimiendo estos días, en sus diálogos sobre "temas fronterizos" en curso en Pekín, los aspectos más controversiales que impidieron hasta hoy concretar la llamada "negociación coctel" entre el gobierno comunista provietnamita —y por ello, prosoviético— de Camboya y las importantes fracciones guerrilleras camboyanas que se le oponen y que exigen el retiro de las fuerzas de ocupación de Vietnam.

Esta posibilidad fue destacada, en la víspera, por observadores diplomáticos en las capitales tailandesa, Bangkok, y la camboyana, Phnom Penh, pese a las desmentidas de Moscú en cuanto a que no interferirá en la libertad de maniobra de sus aliados en ese país.

Las fracciones adversas al actual gobierno de Camboya, encabezado por Heng Samrin, al que califican de "títere" de Vietnam, e implicadas en la posible "fórmula coctel", reúnen desde 1981 en un frente unitario tanto a las huestes comunistas prochinas del Khmer Rojo como a sus anteriores enemigos, los movimientos no comunistas que responden al ex rey Norodom Sihanouk (quien reside en Corea del Norte) y al líder nacionalista Son Sann, ex premier de este último.

Esas organizaciones, coligadas tras el anuncio en tal sentido hecho en París por Sihanouk el 24 de junio de 1981, son el Frente Nacional para una Camboya Independiente, Neutra y Cooperativa (Funcinpek) del propio ex monarca, los lúgubremente célebres Khmer Rojo y el Frente Liberador del Pueblo Khmer (F.N.L.P.K.), de Sann.



Agencia AP

El príncipe Norodom Sihanouk entre los guerrillas que le responden; interrumpió su retiro de un año y ahora se prepara para viajar a China, escenario de las primeras escaramuzas diplomáticas.

Precisamente, el aún muy influyente Sihanouk —quien luego del dominio total de su país logrado en 1975 por el Khmer Rojo siguió un tiempo como jefe de Estado, fue sometido más tarde a arresto domiciliario y enviado en 1979 a la ONU como vocero del régimen para denunciar la ocupación vietnamita de Camboya ese año, declaró esta semana que entre el 29 de agosto y 2 de setiembre próximos pondrá "entre paréntesis" su "licencia por un año" en Pyonyang como cabeza del Estado camboyano en la resistencia, con asiento en la ONU; licencia tomada por disidencias con el Khmer Rojo.

Sihanouk, según dijo, decidió reasumir en plenitud sus títulos a fin de efectuar entre esas fechas una visita oficial de tres días a China, liderando una delegación conformada también por M. Khieu Samphan, uno de los principales jefes del Khmer Rojo.

La denominada "propuesta coctel", todavía no concretada y aparentemente enfrentada a posiciones poco menos que irreductibles de las partes, había sido anunciada en julio por el ministro de Relaciones Exteriores de Indonesia, Mochtar Kusumaatmadja: al llegar a Bangkok para encontrarse con los gobernantes tailandeses, luego de una reunión de cinco horas con el canciller vietnamita Nguyen Co Thach, Mochtar dijo que Vietnam había avalado esa propuesta tendiente a posibilitar conversaciones informales en Indonesia entre los bandos.

Agregó Mochtar que los líderes del gobierno provietnamita de Camboya se reunirían con representantes de las tres fracciones de resistencia, "sobre una base igualitaria, sin condiciones previas y sin rótulos políticos." Indonesia invitaría luego a "participar en una etapa posterior a otras naciones involucradas, incluyendo a Vietnam", según precisó un comunicado conjunto emitido en la ciudad vietnamita Ho Chi Minh (ex Saigón). La alusión a la no aceptación de "rótulos políticos" tiende a dejar de lado a los Khmer Rojos como tales —rechazados por los gobiernos camboyano y vietnamita—, si bien podrán intervenir a título personal.

La anticomunista Asociación de Naciones del Sudeste Asiático (ASEAN), integrada por Tailandia, Indonesia, Singapur, Malasia, Filipinas y Brunei, dio su aval el 16 de agosto a la "fórmula coctel" pero supeditándola a un plan de ocho puntos planteado por Sihanouk y la resistencia. Hanoi rechazó tal planteo el 19, subrayando que las conversaciones deberían buscar la "reconciliación camboyana" con la eliminación de los Khmer Rojos. Cada parte reafirmó así sus posiciones.

20/8/87

APERTURA AL COMERCIO PRIVADO EN CHINA

Fiebre de ganancias

PEKIN, 19 (Por Patrice de Beer, de "Le Monde", especial para Clarín). — El gobierno chino anunció este miércoles una nueva reglamentación relativa al comercio privado. Prácticamente inexistente hacia el final de la Revolución Cultural, el comercio privado afecta ahora a 18,6 millones de personas y va en aumento constante.

Esta medida aspira tanto a proveer de derechos a los pequeños comerciantes frente al abuso de una administración que repara en minucias, y que por momentos aparece como corrupta, como a asegurar que el sector privado no abuse de su posición para "devorar" a sus clientes o defraudar al fisco.

♦ La magia del dinero

Uno de los efectos más sorprendentes de la apertura y de la reforma económica en China es el frenesí de ganancias a cualquier precio. La magia del dinero que se ha apoderado de una gran parte de la población. La semana pasada la crónica diaria registró el siguiente drama: una estudiante de Chengdu (Sichuan) se ahogó delante de unas cuarenta personas, que permanecieron totalmente indiferentes. En respuesta a las súplicas de sus compañeros, algunos dijeron: "¿Cuánto me pagas? Nadie haría eso por menos de 200 ó 300 yuans" (dos o tres veces el salario mensual urbano). Cuando la joven murió la familia tuvo que pagar 30 yuans para recuperar el cadáver y 175 para llevarla a su casa.

Un funcionario del Ministerio de Salud, este aceite contiene "productos químicos tóxicos, como derivados del benceno" pero que no serían mortales.

"Resulta chocante que empresas del Estado se dediquen a prácticas como éstas para ganar dinero", declaró el funcionario.

La venta de productos intoxicados o inadecuados —destinados al consumo— no deja de crecer: en Shanxi, 20.000 personas resultaron envenenadas con un aceite de algodón de mala calidad. Hubo ciento treinta muertes. Un alcohol adulterado a base de metanol produjo también la muerte de 129 personas y encegueció a 38.

Los insecticidas matan decenas de personas por año. Entre un 20 y un 30 % de los productos alimenticios cocidos que se venden en el país no son aptos para el consumo.

Según indican las "noticias comerciales", un millón y medio de fabricantes y vendedores de alimentos en mal estado fueron sancionados desde 1984.

♦ Saqueos

En Gansu, Fujian, Shanxi, Sichuan, Jiangxi, Henan... los saqueadores de tumbas y los traficantes de antigüedades se dedican durante las horas del día a depredaciones catastróficas y a un tráfico desenfrenado.

Por lo general se trata de campesinos pero también de integrantes del Partido o de maestros que se sienten atraídos por el dinero.

En Henan y en Hebei, cientos de personas roban a diario —valiéndose de decenas de camiones— centenares de toneladas de mineral de oro en las minas del estadio de Xiaoqinlin, Shanggong y Zhangjiakou.

Según las noticias que llegan del ambiente metalúrgico, la policía local libera a los ladrones aun cuando se los descubra "con las manos en la masa".

Algunas minas se vieron tan afectadas por esta ola de mineros que malgastaban dinamita que debieron ser cerradas para volver a ser puestas en condiciones.

Al mismo tiempo, Pekín se ha embarcado en una vasta campaña contra la negligencia y la burocracia de los cuadros que le cuestan al Estado miles de millones de yuans y varias vidas humanas.

Como el caso de esas 28 chiquitas de Jiangxi que murieron por el derrumbe de los baños de su escuela primaria construidos sin ninguna consideración por las normas de seguridad.

Estas son las lecturas de verano para los chinos, antes de que se vean sumergidos en los textos políticos por el próximo congreso del Partido Comunista Chino.

Son lecturas que apuntan a mostrarles que las autoridades se preocupan por estas situaciones, que con el alza de los precios y la corrupción alimentan la imagen de falta de reformas y dan —si es preciso— argumentos a aquellos conservadores favorables al statu quo.

01.02

8707737

• Inocencia de campesinos

En el campo, personas empresas poco escrupu-...as se aprovechan de la ...ocencia de los campesi-...os para enriquecerse. ...un cuando saben que ...na vez engañados ...rriesgan su fuente de ...rabajo o incluso una ba-...a en la nuca (la bala co-...rre por cuenta de la fami-...lia del condenado). En Guangxi, 50.000 hectáre-...as de arrozales fueron destruidas por pastos de mala calidad importados de otras provincias.

En Hubei, cientos de hectáreas fueron consideradas "impropias a la cultura" porque un vendedor de insecticidas había recomendado a los campesinos aumentar diez veces la dosis normal.

En Shansi, un campesino fue arrestado por haber vendido semillas falsas a funcionarios de otra provincia que habían aceptado sus sobornos...

Los diarios están colmados de este tipo de información, ya que la actualidad política en época estival no es mucha o bien es "disimulada" por los dirigentes de los centros balnearios.

Hace poco se inició una investigación sobre la importación de 50.000 toneladas de aceite de uso industrial que fueron reacondicionadas como "aceite de mesa". Según

02-02

8707737

RNCH.

D3 37

15/7/87

TAIWAN: ABROGACION LEY MARCIAL. – Taipei, 14 (ANSA). — El presidente de la República de China (Taiwan), Chiang Ching-kuo, abrogó hoy la ley marcial en vigor en la isla desde 1949.

01-01

8707774

Avanza cautelosamente la democracia en Taiwan

Mientras que Corea del Sur camina torpemente en una lucha cada vez más violenta hacia la democracia, la otra nación dividida de Asia no comunista avanza cautelosamente hacia la misma meta. El 23 de junio, la legislatura taiwanesa aprobó una *nueva ley de* seguridad nacional para reemplazar la ley marcial bajo la cual han sido gobernados durante los últimos 38 años los 20 millones de habitantes de la isla.

"Esperamos que esto nos permita dar un gran paso adelante hacia la democracia", dijo Yao Ying-chi del Partido *Kuomintang* (Nacionalista) de gobierno. Incluso la oposición parece estar de acuerdo: "Nuestro estilo de expresión política es totalmente diferente ahora", dijo en abril un activista político de la oposición. "Incluso el partido de gobierno ha cambiado".

Es el mismo presidente Chiang Ching-kuo el que ha desatado el cambio, ya que sabe que no puede simplemente entregarle el poder del Kuomintang a algún otro miembro de su familia de la misma forma en que él lo heredó *de su padre Chiang Kai-shek*. Taiwan es ahora un lugar diferente.

Es un milagro económico aun más impresionante que el de Corea del Sur, con un ingreso per cápita que ahora se acerca al de algunos países europeos. Pero hay un problema: desde que los nacionalistas perdieran la guerra civil china en 1949 y se retiraran a la isla de Taiwan, el gobierno y el ejército han estado dirigidos, sobre todo, por los refugiados del continente.

Sin embargo, los continentales son una minoría anciana que se está reduciendo. Los taiwaneses nativos, que hablan un dialecto chino incomprensible para los continentales de lengua mandarina, son el 85% de la población de la isla, y de alguna manera deben ser colocados en posiciones de poder si se espera que el partido y el régimen perduren.

De modo que efectivamente, Chiang Ching-kuo ha comenzado a negociar con ellos. *Desde* que anunciara su programa de liberalización en marzo de 1986, ha estado promoviendo activamente a nativos taiwaneses para importantes posiciones dentro del Kuomintang y ha estado abriendo el proceso político.



Aunque los partidos de la oposición estaban todavía prohibidos debido a la ley marcial, Chiang le permitió a la mayoría de los grupos de oposición existentes el unirse como Partido Progresista Democrático para las elecciones del mes de diciembre pasado. Al PPD le fue muy bien, obtuvo alrededor de un cuarto de la votación y eligió a 13 miembros al Yuan (*cuerpo legislativo*).

A fines de mayo el PPD se alió con jóvenes miembros del Kuomintang para forzar cortes presupuestarios que favorecían a antiguas causas ideológicas como la "Comisión Planificadora para la Recuperación de China Continental' (que existe principalmente para darle empleos a los viejos partidarios del Kuomintang). Mucha gente presa debido a ofensas políticas ha sido liberada, y una nueva ley liberalizará sustancialmente los controles estrictos a la prensa.

Sin embargo, todavía vendrán grandes levantamientos, ya que el *PPD* defiende casi abiertamente el que Taiwan se declare a sí mismo independiente de China. "Aquí no podemos decir 'independencia' porque seríamos encarcelados", dijo Daisy Hsin-i Pen, editor de una revista de oposición. "De modo que decimos autodeterminación. Esto significa que la gente de Taiwan tenga el derecho de elegir su futuro".

La línea oficial nacionalista es que los "bandidos" comunistas han tomado temporalmente el control de las provincias del continente *—pero algún día el Kuomintang volverá*. Mientras tanto, cualquier conversación sobre separar a Taiwan del resto del país es una traición. En lo que respecta al gobierno de Beijing, ha advertido repetidamente que invadiría si es que hay algún intento por separar a Taiwan constitucionalmente del resto de China.

El peligro sería real si el nacionalismo taiwanés abandona el control, pero en algún sentido es un asunto falso. Taiwan ya es independiente de China para todos los propósitos prácticos. "Independencia" es solamente un slogan político porque el Koumintang usa la *ficción de que sigue siendo el gobierno de toda China* para justificar su dominio absoluto sobre la política taiwanesa.

De modo que, por ejemplo, sólo 73 de los 324 miembros del Yuan son electos en una elección local. Todos los otros escaños son llenados por nombrados del Koumintang que nominalmente representan a distritos electorales del continente en donde es "temporariamente" imposible tener elecciones. Si Chiang es realmente serio respecto a la apertura de la política taiwanesa, este tipo de tergiversaciones *podrían terminarse* sin abandonar la necesaria ficción diplomática de que China es todavía un único país.

Probablemente Beijing no objetaría violentamente esto. El problema real es ver si Chiang puede hacer que los conservadores dentro de su propio partido acepten esta retirada del poder absoluto. Ahora tiene 77 años y está achacoso, y el resultado probablemente dependerá de si vive lo suficiente como para forzar los cambios.

Gwynne Dyer

CHINA

R.P. 033

E[illegible] CHINO

En un gesto de relativa liberalización, el régimen comunista chino, permitió viajar por un mes a Italia, a una conferencia internacional de su especialidad, al astrofísico chino, Fanz Liezhi, quien fuera destituido de su cargo de vicedirector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de Heifei y expulsado del Partido Comunista, por haber sido presuntamente inspirador de las manifestaciones estudiantiles del invierno pasado.

A su regreso del viaje, el científico, a quien se conoce en los círculos intelectuales con el apodo de "Sajarov chino", dijo en una rueda de prensa convocada por su esposa, electa recientemente miembro de la Asamblea Popular local de Pekín, que las protestas estudiantiles fueron justificadas y pusieron en evidencia la necesidad de hacer reformas.

Fanz Liezhi abogó claramente por la democratización y su llamado no tuvo aparentemente consecuencias negativas para su persona. El hecho revela que la lucha entre conservadores autoritarios y progresistas demócratas prosigue en el gigantesco país asiático y que felizmente, por ahora, las diferencias no se arreglan ni con las cárceles ni con la horca.

El País · 4|7|87

01-01 8707806

CHINA
033

...AIS ...ernes 3 de Julio de 1987

La Economía China Está Prosperando Abriendo el Paso a Iniciativa Privada



DINGXI, China (Por Jim Abrams de The Associated Press).— En esta parte del mundo la mayoría de la gente gana el equivalente a 57 dólares al año, pero Yan Lide es una excepción: fabricando cuchillas de arado obtiene más de 1.000 dólares.

Zheng Rang, su vecino de al lado, gana 540 dólares vendiendo sofás, y calle abajo, Chen Duo reúne 270 fabricando fideos.

Yan, Zheng y Chen son beneficiarios de las reformas rurales en China, que desde 1980 han permitido el funcionamiento de industrias rurales y de "negocios especiales" en las casas de gente con iniciativas.

"Las cosas están hoy diez veces mejor que hace diez años", dijo Yan, padre de dos hijas. Desde que empezó su negocio de arados en 1981 se ha construido una casa nueva, compró televisor y dice que come carne casi todos los días. "Tengo todo lo que puedo necesitar".

Yan [illegible] que ganaba menos de 100 yuan (27 dólares) anuales por fabricar arados en el antiguo sistema comunal. También recuerda los años sesenta cuando sobrevivía comiendo papas y plantas silvestres, y pasó años sin comer carne.

Zhang dijo que en 1974, cuando una tormenta destruyó su cultivo de trigo, muchas gente pasó hambre.

La vida sigue siendo ardua, de todas maneras, en este condado de Digxi en la provincia de Gansu, una zona polvorienta y seca en el centro-Oeste de China.

Como 2.290 000 de los 2.390.000 habitantes de Dingxi, Yan y sus vecinos siguen cultivando la tierra en parcelas de 0.4 hectáreas. En los años mejores, producen apenas lo suficiente como para alimentar a sus familias.

"Pero aquí se dice que de cada diez años, hay nueve de sequía", afirmó Wang Xingbang, Director del Comité de Agricultura del condado.

Este año en Neiguanying, la aldea de Yan de 30.000 habitantes, se demoró una quincena la plantación debido a la falta de lluvia, y el granizó destruyo los primeros cultivos.

Los gobiernos nacional y provincial suministraron a Dingxi unos 30 millones de yuan (8,1 millones de dólares) para mantener a la gente alimentada y vestida, construir sistemas de irrigación y desarrollar nuevas fuentes de ingresos.

En Neiguanying, mil personas encontraron empleo en diez industrias rurales, mientras muchas más han creado sus propios trabajos, a menudo con préstamos locales.

Más de 200 personas, en su mayoría mujeres, trabajan en una fábrica de bolsos de plástico que, hasta mayo pasado, había obtenido en lo que va del año una ganancia de 18.800 dólares. Los trabajadores, que ganan [illegible] al mes, son dueños de parte de la operación y recibirán un bono a fin de año de unos 55 dólares si el negocio sigue floreciente.

Ye Tienyu, director de una fábrica de 130 empleados que fabrica fibra de vidrio para cubiertas de equipos de perforación petrolera, dijo que trabajaba día y noche en su empleo, pero ganando el doble de los 16 dólares que recibía como funcionario local.

A fines de 1985, unos 70 millones de los 370 millones de trabajadores en el interior de China se dedicaban a tareas no agrícolas, y el gobierno espera elevar esa cifra a 100 millones para 1995.

En 1986, la producción bruta de los negocios rurales alcanzó 89.000 millones, superando por primera vez el valor de la producción agrícola.

Las industrias rurales han tenido graves problemas al comienzo, como conseguir materias primas, cortes de energía, contaminación, seguridad y baja calidad.

Los aldeanos, pese a sus nuevas fuentes de ingreso, están todavía lejos de poder escapar a la pobreza. Las nuevas casas exhibidas orgullosamente por Yan y sus vecinos, son hogares de una sola habitación con pisos de concreto o de ladrillo e iluminadas por una sola bombilla eléctrica.

No hay plomería y una cama alcanza para toda la familia.

Chen, el fabricante de fideos, quién se mudó a su casa el año pasado, dijo que es el doble de su vivienda anterior, pero el espacio de la casa nueva, de 7 por 3 metros, debe alojar a siete personas, incluyendo dos ancianos.

Zhang, fabricante de sofás, afirma que su nuevo objetivo es abrir un negocio de reparaciones con sus ganancias. "Haré todo lo que pueda para ganar más dinero", afirma.

China concretará donación para mejorar infraestructura de soja

TREINTA Y TRES. — "Este año, continuando con la misma política que comenzara en 1985, tenemos previsto concretar la tercera parte de la donación, destinada a mejorar la infraestructura en la producción de soja", manifestó el diplomático de la República de China, Pedro Whaingh, quien viajó a esta ciudad en compañía de asesores en materia agrícola, económica y cultural.

La donación, consistente en un millón y medio de dólares, es similar a la efectuada en dos oportunidades anteriores y permitirá la construcción de más plantas de silos de almacenamiento y secado, principalmente en la zona de Rincón, 3° sección del departamento.



Intendente municipal Wilson Elso Goñi, diplomático Pedro Whaingh y asesor, ingenieros agrónomos Gonzalo Gardil y Eduardo Lena.

Adquiere especial importancia el diálogo mantenido con los dirigentes de la Asociación Nacional de Productores de Soja, en el cual, de acuerdo a lo que expresara el ingeniero Gonzalo Gardil, se conversó "sobre la producción y el muy especial momento de expansión que tiene el cultivo, lo que da como un hecho el incremento del área a sembrarse, aunque todavía no pueda hablarse de cifras definitivas".

Es voluntad de la República de China, dijo Gardil, ser un mercado seguro para esta producción que se está gestando, "lo que estimo la expectativa de mayor trascendencia en el actual mercado agropecuario". Para aquellos que se están iniciando en el cultivo de la soja que se encuentra en su fase de preparación, es fundamental y les da tranquilidad el saber que existe la posibilidad cierta del mercado de Taiwan. Otro tema muy importante, el de la industrialización, vendrá en etapas posteriores, aseguró el ingeniero Gardil.

Sobre la cosecha anterior, que se comercializó totalmente, entiende que los precios obtenidos han sido buenos, "no tanto en relación al sacrificio que significa plantar soja, sino a la depresión mundial que existe para los granos en general, y además suficientes para iniciar una nueva etapa".

Consultado el diplomático chino sobre los resultados de esta entrevista, manifestó que "con los dirigentes sojeros se discutieron todos los aspectos de la promoción, producción y comercialización".

Por su parte, el intendente municipal, Wilson Elso, acompañado por el director del servicio de Extensión Agropecuaria, ingeniero Eduardo Lena, planteó la posibilidad de que el gobierno de Taiwan apoye, técnica y económicamente, la implantación del cultivo en predios pequeños ubicados en los alrededores de los centros poblados del departamento.

Llegarán Inversores de la República de China

El Vice Ministro Shu-King Anunció el Interés de su País en Zonas Francas

Las relaciones diplomáticas y comerciales con el Uruguay representan un objetivo muy especial para nuestros sentimientos no sólo por lo que tenemos en común en cuanto a ideales de libertad y democracia en los que vuestro país tiene una larga tradición sino por vuestra línea política de apoyo a nuestro pueblo y nación desde que tuvimos que huir de la opresión".

Por eso, en todo este largo tiempo no hemos escatimado ni esfuerzos ni apoyo a vuestro país no tan sólo por solidaridad sino en la convicción de alentar en lo político y económico a una joven nación que es un ejemplo tradicional para nosotros de dignidad republicana". Así se expresó en una entrevista exclusiva para EL PAIS el Sr. Vice Ministro de Relaciones Exteriores de la República de China Licenciado Charles Shu-King quien acaba de visitarnos encabezando una destacada misión de amistad y acercamiento entre ambos países.

El excelentísimo Vice-Ministro de Relaciones Exteriores sostuvo durante varios días importantes encuentros con hombres de nuestro gobierno en cuyas circunstancias la China Democrática ratificó ante el Uruguay su voluntad de apoyo en lo comercial, industrial como en lo referente a la aportación de tecnología para llevar adelante numerosos proyectos de desarrollo industrial y comercial. En este sentido cabe señalar que desde hace varios años la República de China está haciendo esfuerzos en diversos sectores de nuestra actividad nacional con su apoyo y aportación económica y tecnológica. No han faltado tampoco desinteresadas aportaciones económicas a modo de solidaridad social. Recordamos en este sentido un remolcador que ahora está trabajando en el lago de Tacuarembó, en la investigación agrícola e ictiológica, en materia de puertos, silos, instrumental científico, etc.

"Hemos sostenido conversaciones sumamente alentadoras con hombres de vuestro gobierno y en general además de testimoniar nuestra profunda amistad por el Uruguay hemos delineado algunos objetivos de carácter comercial. Por ejemplo el próximo domingo (19 de Julio) arribará aquí a Montevideo una delegación presidida por el Director del Departamento Industrial del Ministerio de Economía quienes luego de tomar contacto con el sector oficial y privado del Uruguay harán una evaluación para indagar en qué sectores industriales o comerciales del país se podrán hacer inversiones. Ellos harán un relevamiento —continúa diciendo el Vice Ministro chino— con la finalidad de detectar aquellos sectores donde la inversión y el "Know how" chino podrán participar directamente para desarrollar las mismas u otras industrias paralelas de interés para el Uruguay. En esta voluntad de servir a nuestros amigos del Uruguay incluimos también la viabilidad de realizar estudios y experiencias sobre las zonas francas en cuyo sector nos consideramos una nación con reconocida experiencia".

Preguntado más adelante el Vice-Ministro Shu-chi King sobre las posibilidades prácticas de que ambos países puedan coincidir en proyectos de interés común dijo "Definitivamente nosotros estamos seguros que habrá enormes posibilidades de trabajar en conjunto con mutuo beneficio porque es nuestro propio gobierno que está apoyando esta voluntad con el país amigo".

EL TEMA POLITICO

Naturalmente, el tema político se plantea y sobre el mismo el Vice-Ministro con una singular claridad de pensamiento ofrece una visión esclarecedora sobre el presente y futuro de la República de China.

"La República de China sostiene relaciones comerciales con más de 130 países y naturalmente nos sentimos orgullosos de esta conexión mundial pero también tenemos vínculos culturales con todos ellos y esto nos demuestra que no estamos solos. Con otros mantenemos además vínculos diplomáticos y en esta línea estamos siempre haciendo esfuerzos para estrechar los vínculos no sólo en la confraternidad y amistad sino también en aspectos prácticos de la actividad humana. Pero permanentemente estamos trabajando para hacer nuevos amigos en el concierto mundial.

LA REUNIFICACION

Sobre la posibilidad de alcanzar en algún momento la reunificación con la China Popular el Vice-Ministro de Relaciones Exteriores de la República de China dijo: "obviamente la China del continente se ha visto obligada a efectuar cambios económicos en algunos sectores y hemos asistido a algo que se llama apertura. Pero en realidad han sido cambios mínimos por necesidades materiales, en el fondo no han podido cambiar porque es un régimen que no admite cambios. En realidad los escasos cambios económicos y políticos que han trascendidos y fueron promovidos por Teng Sio Ping han sido resistidos por los tradicionales o sea por la guardia vieja que han rechazado su revisionismo. En una palabra la esencia misma de China Comunista no ha cambiado y esto se ha visto reflejado en la última primavera como los recientes desórdenes y manifestaciones promovidas por los estudiantes de China Roja. Y estos son hechos ocurridos por los sucesos registrados en la cúpula del comunismo.

La reunificación de China es nuestro objetivo y el de todos los chinos pero esta reunificación sólo tendrá lugar el día que se operen cambios en su economía, en su sistema político, educacional, y en las normas de ética moral".

Nosotros creemos que sólo podrá haber reunificación cuando los comunistas del continente renuncien a su sistema totalitario y violento. Por lo demás, sabemos que dentro del continente el pueblo chino ya sea por los mínimos cambios que han tenido lugar, por un mayor contacto con el mundo occidental, porque tiene mayores oportunidades de viajar, se está formalizando por parte del pueblo un deseo de que mejore la situación interna y se imite a Taiwan. Es por eso, que la cúpula comunista quiere que desaparezca nuestro país para que de esta forma no haya parámetros de comparación entre un sistema y otro y evitar así las ansiedades populares".

Por eso están tratando por todos los medios de aislarnos, destruirnos para que su pueblo no se mire en el nivel de desarrollo político, social y económico que hemos alcanzado en Taiwan y que ya el pueblo de China conoce muy bien.

EL MILAGRO DE TAIWAN

La República de China en Taiwan es un ejemplo palpable y real de como una nación en libertad y voluntad de triunfo puede alcanzar objetivos de riqueza y prosperidad para su país. Y a menudo este hecho, que hoy día Taiwan ocupe los primeros lugares en muchísimos aspectos de la actividad humana nos lleva con simplismos a atribuir estos resultados a "milagros" como por ejemplo el "milagro alemán", el "milagro japonés", etc.

Sobre este tema el Vice Canciller taiwanés dice "Bueno nosotros hemos tenido un gobierno con una cúpula gobernante bien dirigida con líderes ágiles, dinámicos y capacitados y con una buena y sana política. La popularización de la educación al extremo que hoy día tenemos en las escuelas de Taiwan una asistencia de 99.8% una de las más altas del mundo ha sido otra de nuestras



El Vice Ministro de Relaciones Exteriores de la República de China adelantó el interes de su país en distintas areas comerciales e industriales por parte de sectores oficiales y privados

cartas de triunfo. Pero nada habríamos logrado sin un amplio y comprensivo espíritu de sacrificio de nuestro pueblo, una gran entrega hacia el trabajo por parte del pueblo. La puesta en marcha de una auténtica, justa y racional reforma agraria fue también un mecanismo de desarrollo, un engranaje que cuando comenzó a funcionar provocó una revolución económica dentro de la isla. La reforma agraria incentivó todos los aspectos de la agricultura, eso a su vez movilizó la industria liviana, luego se pasó a la industria mediana y por último a la industria pesada. Todos estos elementos se conjugaron sin duda para hacer eso que en muchas partes del mundo se llama el "milagro de Taiwan".

Antes de partir para su país el Vice Ministro de la República de China envió por nuestro intermedio un caluroso saludo al pueblo y gobierno del Uruguay remarcando la voluntad del gobierno de Taiwan de colaborar con nuestro país en todo lo que podamos entender como conveniente.

h. P. eH.
033

EL PAIS — EDITORIALES

CHINA ROJA DE REVOLUCION



Las movimientos de paquidérmica
agilidad que la nueva dirigencia so-
viética viene realizando, tratando de
modernizar el país bajo su gobierno,
responden antes que nada a las fuer-
zas de la necesidad. Sin embargo,
hay un acontecimiento que creemos
debe tenerse presente en relación
con este fenómeno, consistente en
los cambios literalmente espectacu-
lares que se vienen operando desde
hace unos años en China Comunista.
Parte de Siberia y el puerto de
Vladivostock, en el Pacífico, pertene-
cieron en el pasado a China e inte-
gran el complejo de diferencias que
históricamente han separado a esos colosos. En custodia de
sus fronteras, la Unión Soviética tiene actualmente en este
límite asentada una fuerza militar de 750.000 hombres,
testimonio elocuente de la rivalidad allí latente, que no es
sólo territorial.

Los grandes cambios que tienen proyecciones cultura-
les, políticas, económicas y sociales, se originaron con la
conducción de Deng Xiao-ping. Uno de sus aspectos más
trascendentes, se ubica en los pasos dados con prolijo
pragmatismo para encaminar la economía de China roja bajo
el signo del lucro, los principios del mercado y la sociedad de
consumo, lo que ha llevado a este país a un crecimiento anual
promedio de un 8 %, en los últimos años.

Bueno es recordar que en su área mundial de existencia,
bajo el imperio de estos cánones, conviven con un extraordi-
nario desarrollo Hong-Kong, Corea del Sur, China naciona-
lista y, nada menos que Japón, los que con la medida de sus
realizaciones, se han encargado de desmentir las bondades
de la ortodoxia comunista, que planificación, burocracia,
larga marcha, revoluciones culturales y libro rojo de Mao
mediante, se tradujo en el considerable estancamiento conti-
nental. Si bien por su tamaño China roja representa la novena
economía del mundo, cuando se toma en cuenta el volumen
de población que posee, los resultados adquieren otro
sentido, ya que el ingreso per capita es de trescientos
cincuenta dólares, lo que la asimila en este aspecto a Haití o
Guinea.

Para el proceso importante y vigoroso de hoy en día, se
ha convocado tanto a la surgente pequeña empresa privada
nacional, como a las grandes compañías extranjeras, de las
que se han recibido y se esperan capital y tecnología.
Mientras tanto, en un devenir a veces imprevisible, subsisten
junto a lo nuevo, las empresas estatales ganadas por la
burocracia y la ineficiencia. Dentro del marco descrito para
éstas últimas también rige un nuevo desafío, y muchas de
ellas han demostrado que sabrán adaptarse a las reglas de
juego y al enfrentamiento con la competencia por la conquis-
ta del mercado.

Hacia el futuro las predicciones políticas no son fáciles y
no podemos aspirar a contemplar desde la distancia, con
ojos risopiltenses, las alternativas de un mundo que nos es
geográfica y espiritualmente distante. Lo que importa es que
en este coloso asiático, según lo registrara el periódico del
Partido Comunista "Diario del Pueblo", se anuncia que: "No
podemos esperar que las ideas sostenidas en el pasado por
Marx y Lenin resuelvan todos los problemas de hoy".

No hay duda por lo expuesto de que esta verdadera
revolución asiática de logros importantes, deja en evidencia
al estancamiento de la URSS, incide en sus políticas contem-
poráneas y dicta un fallo inapelable contra una caduca
ideología.

Ricardo Reilly Salaverri

RPCH.

033

REPLICA

Si a la China vas por Lana...

...el resultado puede ser que luego de comprarla en grandes volúmenes todo se termine de la noche a la mañana.

Coincide es nuestra posición en favor de mantener nuestras relaciones con la China libre basándonos tan sólo en las realidades económicas de obras realizadas, convenios cumplidos y contratos firmados.

Hemos señalado también en innumerables ocasiones lo inconexo que resultaba manejar el análisis económico de lo que rinde cada uno de los mercados chinos en base a las cifras recientes de comercio exterior, favorables al intercambio con China roja. En efecto lo importante es analizar las repercusiones que en el mediano y largo plazo pueden producirse en el país de acuerdo a los rubros que una y otra están dispuestas a comprar y a apoyar.

La asistencia en infraestructura aportada por la China libre es algo que quedará aquí para siempre en beneficio del sector. Y por supuesto el impacto en el medio rural derivado de un fuerte crecimiento agrícola en algunos rubros de comercialización asegurada por años es mucho mayor que el esperado por compra de lanas. El caso de la soja además es particularmente importante pues se trata de un rubro relevante no solo en el Este para las rotaciones arroceras, sino que quizás sea la única puerta agrícola de entrada a los sistemas de producción con pasturas en la zona norte y central.

Pero si todo lo dicho no fuera suficiente, nada mas oportuno que unas declaraciones del Sr. Pablo Seremini, ex Presidente de Central Lanera, quien al referirse al posible impuesto que China roja aplicaría a nuestras lanas dejándonos así totalmente fuera de mercado, desestimó las consecuencias negativas de este hecho en el país. No somos cautivos de ese mercado, expresó, y luego, con gran sentido común agregó que si antes el Uruguay producía 60 millones de kilos y los vendía todos sin contar a China roja como comprador, ahora con 30 millones más, de los cuales aquel país compra 20, no parece que se llegue a una cifra tan difícil de comercia''zar.

En definitiva lo que queda claro es que aunque las cifras puedan ser de momento favorables a China roja, su importancia es muy menor en lo que a promoción de actividad se refiere. Si no nos compran lana en definitiva no pasa básicamente nada a juzgar por lo declarado por Seremini que resulta absolutamente lógico. En cambio lo permanente es esa promoción en infraestructura, —los silos y secadores donados— ese crecimiento en rubros nuevos, esa seguridad de colocación en rubros dinamizadores pero de mercados normalmente difíciles. Tal el aporte de Taiwan, que no podemos perder.

El País 11/7/82

Carpeta NORA

¿POR QUE VENDERNOS A LA CHINA ROJA?

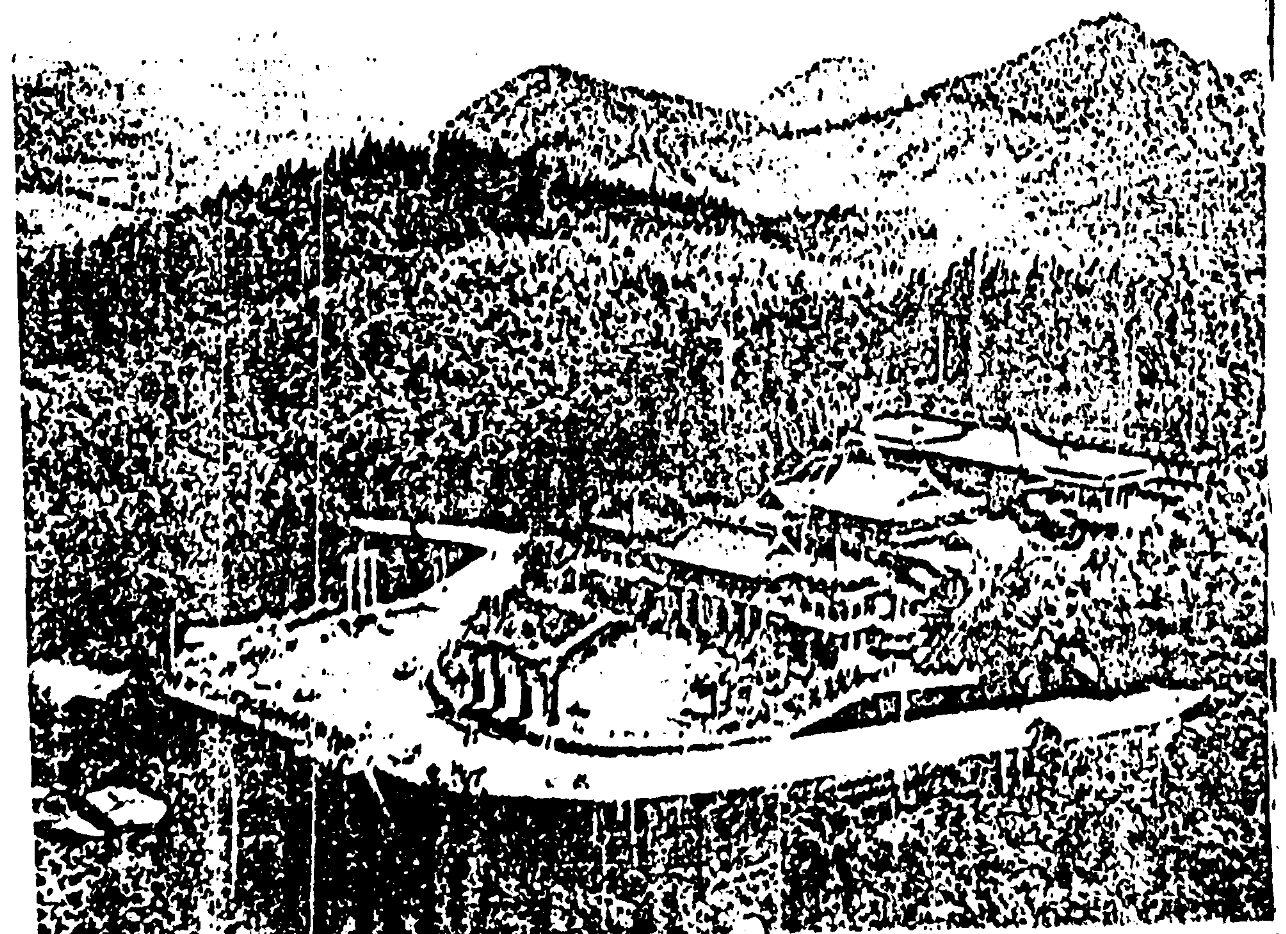
El juego, evidentemente, es entre varios.

Están, por supuesto, los "nuevaoleros" dentro de los partidos tradicionales y los políticos que responden no a los intereses del país sino a los de la izquierda internacional; están también las expectativas político-personales de algunas figuras con vocación internacionalista que bajo este gobierno han encontrado el camino expedido para promoverse en los grandes foros mundiales; están también los intereses económicos —muy respetables, en la medida que respondan a apuntalar el esfuerzo del trabajo—; están los verdaderos artífices del desarrollo del juego, ésos que utilizan a los medios de comunicación para zarandear el tema de tanto en tanto y que se encargan de ofrecer versiones de "fuentes confiables" que después no se confirman pero que dejan abierto el resquicio de la duda.

Así, en esta maraña de intereses, la definición de nuestro gobierno respecto a las relaciones diplomáticas con China nacionalista o con China continental parece haber entrado en el definitivo período en que ya no se puede seguir especulando.

LA SOJA Y LA LANA

Los que pretendan ver, bajo esta no tan sorda pulseada que una vez advenido este gobierno comenzó a jugarse, una confrontación de intereses entre sojeros y productores de lana, están equivocados. Porque si así fuera, la opción de mantener nuestras relaciones con la China de Taiwán o la de establecerlas con la China roja —con la imposición por los rojos del rompimiento de los vínculos diplomáticos que nos ligan con la isla— ni siquiera se



01-02

8707958

habría planteado.

Y si no, véase.

Sin entrar a considerar la asistencia sostenida que Taiwán nos ha prestado y presta para el desarrollo y formidable crecimiento del cultivo de la soja, sin contar con que han enseñado al agricultor uruguayo los secretos del cultivo, sin contar el compromiso de adquisición del producto mucho más allá en volúmenes de los que hasta el momento se produce, manejemos únicamente cifras.

El año pasado la extensión dedicada al cultivo abarcó 36 mil hectáreas habiéndose colocado la totalidad de la producción en el mercado de Taiwán. Se prevé que para la próxima siembra el área se extenderá a 50 mil hectáreas, siendo notorio que año a año la mayor dedicación de suelos a esta actividad se ha acompasado con una mayor productividad y un mayor rendimiento por hectárea.

La colocación asegurada de la cosecha, por otra parte, ha incentivado a los productores para persistir en su dedicación, a lo que debe sumársele la demostrada conveniencia y compatibilidad de alternar —en suelos aptos para otros cultivos— la plantación de la soja, por los valores nutrientes que enriquecen las áreas sembradas.

Aparentemente para urgir una definición a nivel diplomático tendiente a establecer relaciones con el régimen comunista de Pekín (que nos impone cortar vínculos de la misma naturaleza con Taipei) se trae al tapete "el problema" de la lana. Esta producción —no toda— es comprada por el gran imperio chino continental bajo un régimen de entrada de nuestro producto que se beneficia de alguna preferencia. Esa preferencia —se ha informado— cesa en fecha próxima si no se renuevan las cláusulas de un acuerdo ya muy cerca de su extinción y para cuya nueva realización los rojos imponen a Uruguay el establecimiento de relaciones diplomáticas y la ruptura con Taiwán.

Vale decir, que somos sometidos a un vulgar chantaje.

En esta zafra lanera se han obtenido más de 90 millones de kilos; y tanto ahora como antes, cuando se producían 65 millones, los chinos rojos nos compraban 20. Si el saldo de 70 millones de k los tenemos que colocarlo en otros mercados que no nos otorgan preferencia, ¿no se podrá hacer lo mismo con los 20 que en la actualidad nos compra la China comunista?

LA "POLITICA" Y LA POLITICA

Palmariamente, entonces, hay que desechar la falsa alternativa que deliberadamente se quiere ofrecer para tratar de justificar la presunta encrucijada que a nivel de sus relaciones internacionales enfrenta el país. No es del caso, por otra parte, señalar los antecedentes de incumplimiento de convenios y acuerdos suscritos en el pasado por otras naciones con el régimen comunista de Pekín, cuya confiabilidad ha quedado muchas veces deshecho en el camino. Tampoco vale esgrimir la potencialidad del mercado consumidor de mil millones de habitantes, si tenemos en cuenta que la abrumadora mayoría de ese teórico mercado consumidor carece de poder adquisitivo.

Más bien entran a jugar en el problema los factores a que aludimos en el comienzo.

El concepto de la "política" de los políticos de toda la izquierda de este país, obediente a las digitaciones de cualesquiera de las dos grandes centrales de irradiación, la URSS y la China roja; una censurable frivolidad en la práctica política de algunas jóvenes y no fogueadas figuras de los partidos tradicionales con irrefrenables ansias viajeras y de vertiginoso aumento de "status"; y las ansias —también irrefrenables— de otras figuras que más preocupadas por su carrera personal en el jet-set de las relaciones internacionales que del propio país al que representan, no vacilan en impulsar (algunos por lo menos dando la cara, otros no tanto) una decisión injusta, inconveniente, poco ética y desagradecida para un país que ha demostrdo sobradamente ser amigo del nuestro.

Porque si así no fuera, y si la opción que parece avecinarse se debiera exclusivamente a la "necesidad" de colocar la lana, esos entreguistas de ahora serán culpables de haber traicionado el ideario de nuestro fundador al no haber recordado su sentencia de perdurable vigencia: "No venderé el rico patrimonio de los Orientales, al bajo precio de la necesidad".

Claro: Artigas era Artigas y tenía en alta estima dignidad y la del pueblo que representaba, que en ese momento era el único y "rico patrimonio de los Orientales"; y estos otros son simplemente "otros", como otros serán los "patrimonios" que han puesto a la venta.

He ahí la gran diferencia.

02-02

8707958

PUGNA TENAZ

Hace ya días, el Servicio de Noticias de China, que es la agencia oficial del régimen comunista para los vínculos con la prensa extranjera, emitió un comunicado señalando que el Partido ha pedido que la prensa dedique más espacio a las reformas económicas y menos a la crítica de las tendencias capitalistas en la economía.

Este cambio de tono, después de cinco meses de agrias críticas a las tendencias occidentales, ha sido interpretado por analistas como un avance de los reformistas en la tenaz pugna que libran con los elementos conservadores.

La lucha entre ambas corrientes sigue a todo vapor y que ambos bandos buscan una definición antes del Congreso del Partido Comunista, que tendrá lugar en octubre.

Como se ve, entre marchas y contramarchas, también los comunistas chinos van marchando hacia la economía liberalizada.

EL PAIS

1[illegible] AGO. 1987

SOBRE RELACIONES CON CHINA

La Asociación Nacional de Productores de Soja, en Asamblea que tuvo lugar en Treinta y Tres, declaró lo siguiente:

"La Asociación Nacional de Productores de Soja, se considera en la necesidad de advertir a la opinión publica y autoridades nacionales, sobre el tema de nuestras relaciones con la Republica de China (Taiwan) que ha significado uno de los puntales fundamentales para el resurgimiento del cultivo de la soja, asegurándonos una muy buena opción de mercado y apoyo al desarrollo de la infraestructura necesaria para dicho rubro".

Señala luego la resolución de los productores que "vemos con inquietud que se están realizando evaluaciones exclusivamente cuantitativas de las relaciones actuales y pasadas con China Nacionalista y es así como sentimos el deber de recalcar que el impulso que le ha dado al cultivo de soja el comercio con esta nación, ha tenido consecuencias tangibles en cuanto se está promoviendo un cultivo desarrollista, restando terreno a la ganaderia extensiva, y dando lugar a una explotación agricola ganadera, que da empleo, utiliza y mejora las tierras de peor calidad del país, colonizando con caminos y obras de infraestructura, zonas que antes de la soja eran prácticamente inaccesibles e improductivas".

H1

R.P.CH.

03

EL PAIS

14 AGO. 1987

BARRIOS TASSANO: ¿DE CHINA A MINISTRO?

PERLA

"LE confirmo plenamente la noticia que le adelanté hace 48 horas: el embajador uruguayo en la Argentina se encuentra en plenas negociaciones en China comunista", dijo el Duende a lo largo de un almuerzo con varios informantes en "Morini".

—Le puedo adelantar como "dato posta, posta" que el diplomático desde hace tiempo venía negociando un convenio a 5 años con los chinos continentales.



Iglesias: Siguen las versiones sobre su alejamiento

—Pero me dijeron, repito que me dijeron, que los chinos para firmarlo, como también para mantener el ritmo de compra de lana industrializada sin recargos, exigen el reconocimiento diplomático uruguayo y la ruptura simultánea con China Nacionalista.

—¡Pero la batahola será enorme!, ¿se imagina a los plantadores de soja, entre otros?, ¿a todos aquellos que no admiten de ninguna manera una presión diplomática que obligue a romper relaciones con un país amigo?

—¡Espere, espere!, la última palabra no está dicha, en las propias filas del Gobierno hay gran resistencia.

—¿Y por qué Barrios Tassano ha sido el hombre para este tipo de negociaciones?

—Me dijeron, repito que me dijeron, que por dos razones, argumentó el que había pasado en Buenos Aires el primer dato y que ahora de vuelta en Montevideo sumaba más novedades.

—Cuente, cuente.

—Bué... usted sabe que las conversaciones se canalizaron a través del Embajador Chino en Buenos Aires y además piense que muchos sostienen que si el Canciller Iglesias se aleja para ocupar un cargo internacional antes de fin de año, el indicado para sentarse en el Palacio Santos sería Luis Barrios Tassano, una persona de indudable confianza y desde larga data muy próximo al primer mandatario.

—Pero esto de China levantará mucha polvareda.

—Le insisto, aún hay quiénes resisten.

D1-01

HR

China Comunista

033

EL PAIS

02 [illegible] 1987

[illegible] RESURGE HU YAOBAN



[illegible] nombre de Hu Yaoban, [illegible] ex-secretario general del Partido Comunista Chino (PCCH) caído en desgracia el mes de enero, volvió a emerger hoy en grandes titulares en todos los periódicos chinos, con ocasión del 60 aniversario del Ejército.

Yu Yaoban perdió su puesto como consecuencia de la contraofensiva conservadora que siguió a las manifestaciones estudiantiles de diciembre pasado, y varios intelectuales de la corriente "liberal" fueron igualmente "purgados" del Partido.

Su aparición en el acto de ayer, sentado a la izquierda del presidente de la nación, Li Xiannian, y su citación hoy en cuarto lugar en la nómina de los siete principales participantes, concuerdan con las versiones que circulan últimamente en la colonia británica de Hong Kong, que aseguran una segunda vida política al británico de Hong Kong, que aseguran una segunda vida política al ex-favorito de Deng Xiaoping, el hombre fuerte de China. EFE

1HB R.P.CHINA

033

PERLA

La ganadería en China

En un mundo en que casi las dos terceras partes de quienes lo habitan padecen hambre, resulta siempre confortante toda noticia relativa a incrementos en la producción de alimentos. En ese sentido el aumento experimentado por China continental en el volumen de su ganado, que lo ha convertido en el primer productor de carne porcina y el segundo de carnes rojas, revela un sostenido esfuerzo digno de ser emulado.

Como dato ilustrativo sobre la magnitud de sus rebaños, bastará con señalar que hace cuatro años, China tenía 476 millones de porcinos, vacunos y ovinos, que superaban holgadamente los 192 millones con que contaban los Estados Unidos. Un ambicioso programa en elaboración, apunta a lograr que la nación asiática obtenga 120 millones de toneladas de forrajes a fin del presente siglo, superando en nada menos que 25 veces lo producido hace apenas un lustro.

Especialistas en la materia han señalado que en gran medida, este incremento derivó de los cambios de la política gubernamental que alentaron la propiedad privada. Ello se tradujo en un mayor engorde del ganado, aumento de las compras oficiales, ampliación de las tierras disponibles para uso de particulares, y la creación de la industria doméstica de forrajes. No cabe duda de que en una nación, donde a pesar del régimen político imperante y el desarrollo urbano alcanzado, subsiste un elevado porcentaje de población asentada en las zonas rurales, la desestatización –aunque sólo sea parcial– de la economía agropecuaria, ha constituido un estímulo para la laboriosidad de esas grandes masas de habitantes.

Tan significativos progresos resultan claramente indicativos de la superioridad de los sistemas de libertad económica, y el reconocimiento más absoluto del fracaso de los delirios estatizantes, propios de la burocracia totalitaria, que condena a los pueblos donde está impuesta al retroceso, o, en el mejor de los casos al estancamiento y a la limitación.

LA PRENSA 31.8.82

033

EL PAIS 11-8-82

CHINA: "CORRE POR QUIEN LO DICE..."

"¿OBservó que siguen meneando el tema d[e] las dos Chinas?", manifestó uno de l[os] que no ha perdido detalles de l[os] vaivenes que oficiosamente hablan de compras, romp[i]mientos, etc.

—Mire, le puedo decir que no hay duda que se [ha] movilizado la cosa. Me consta que China Roja anunc[ió] que dejaba de comprar lana uruguaya a partir d[e] setiembre si no se le reconocía y se rompía relacione[s] con Taiwan. Tampoco olvide el viaje del Embajador D[e] Barrios Tassano. ¿Usted piensa que fue en tren d[e] turista?

—No entiendo a qué conclusiones quiere llegar co[n] esta repetición de hechos y preguntas.

—A ninguna. Sólo le reitero realidades que ha[n] ocurrido, pero le agrego que no hay novedades y qu[e] nadie piensa en las alturas en decisiones drásticas.

—¿Y la versión de que las cosas se precipitaban e[n] setiembre?

—Mire, no quiero poner nada en boca mía. [El] Canciller Iglesias consultado ayer sobre esas informac[io]nes, sin ocultar su molestia, respondió: "Corren p[or] cuenta del matutino que las publicó". ¿Pero se afirm[a] que se reconocerá a China Comunista?, "pregúntenle[s a] ellos que son los que lo dicen".

—Entonces, violín en bolsa y a no insistir con [el] problema. Usted sabe que "a río revuelto..."

01-01

8708134

R. N. CHINA
033

18 AGO 1987

28/8/87 La Mañana

Apoyo técnico a los plantadores de soja

Delegación china en Treinta y Tres



Una delegación de la Embajada de la República de China visitó el departamento de Treinta y Tres, manteniendo diversos contactos con representantes departamentales, así como también con distintas instituciones productivas en el marco de un programa de cooperación tecnicoagrícola.

TREINTA Y TRES. (Por nuestro corresponsal. Francisco Antonio Rodríguez Correa).— El grupo visitante estuvo encabezado por Pedro Hsiung Yen Chu Encargado del Programa de Cooperación de la Embajada del país asiático, a quien acompañó el Ing. Lo ... Shroung Young, Jefe de ... isión Tecnicoagrícola de China nacionalista, con sede en esta ciudad.

Los ilustres visitantes fueron recibidos por autoridades departamentales, el Intendente Municipal, Wilson Elso Goñi; integrantes de la Junta Departamental, directivos de la Cooperativa Agropecuaria Ltda de Treinta y Tres (CALITT), representantes de la Asociación Nacional de Plantadores de Soja, productores sojeros, técnicos de la Estación Experimental del Este y fuerzas vivas del departamento.

PROGRAMA DE COOPERACION

Se mantuvo una importante reunión de trabajo con directivos de CALITT y con la Asociación de Plantadores de Soja.

El alto funcionario de la Embajada de China nacionalista sintetizó este encuentro en esos términos: "Tuvimos una conversación con la Asociación Nacional de Plantadores de Soja, discutiendo de una manera muy franca, todos los aspectos de la promoción, producción y comercialización de la soja".

Recordó que "a partir de 1985 el Gobierno de la República de China ha derivado sus esfuerzos con la colaboración del MGAP, para promover el Plan de Soja. Este año, nosotros seguimos trabajando con la misma política, teniendo previsto concretar la tercera parte de la donación, con el propósito de mejorar la infraestructura de esta producción. Esperamos que la parte uruguaya, con el mismo entusiasmo, continúe colaborando con nosotros".

Con el Intendente Wilson Elso Goñi y técnicos del Departamento Agroindustrial de la Intendencia que dirige el Ing. Eduardo Lena, el delegado visitante mantuvo una reunión, donde se estudió la posibilidad de que la Embajada de la República de China apoye dicho programa (el cual ya ha sido informado por La Mañana).

En ese sentido, trascendió que habría la posibilidad de que si los productores granjeros próximos a la ciudad de Treinta y Tres, tuvieran interés en volcarse hacia la soja, es factible algún tipo de cooperación china, a través del MGAP, órgano nacional que administra y canaliza los términos de esa cooperación bilateral.

PEQUEÑOS Y MEDIANOS PRODUCTORES HACIA LA SOJA

El Ing. Eduardo Lena, Director del Programa Agroindustrial, sobre el particular manifestó que los motivos de la reunión fueron "para lograr apoyo a pequeños y medianos productores en las cercanías de Treinta y Tres y donde viven muchas familias trabajando sus predios con muy pocos recursos económicos".

Sobre las conversaciones realizadas, dijo que "concretamente se habló sobre la posibilidad de que esos predios se pudieran utilizar para la producción de soja en pequeña escala, pero que sumados pueden ser de enorme importancia, no solo para el departamento sino para la producción sojera en general. Nuestro planteo no se agota en la soja sino que abarca otras producciones, y donde el trabajo familiar puede ser importante, los predios pequeños pueden ser rentables si se produce una adaptación a ellos, y donde puedan volcar su esfuerzo, además del jefe de la familia, los otros miembros de la misma".

Posteriormente se informó a La Mañana que se tienen cifradas esperanzas en estas posibilidades, lo que permitiría la explotación de un número importante de predios cercanos a la ciudad de Treinta y Tres los que sumados y en base a ese programa de cooperación entre la Embajada del país asiático y la Intendencia Municipal reportará resultados muy provechosos, fundamentalmente para productores de pequeños y medianos predios, que hoy no tienen rentabilidad.

Gardil: aumento importante del área

Importantes declaraciones brindó a la prensa el Ing. Gonzalo Gardil, Presidente de la Asociación Nacional de Plantadores de Soja, en oportunidad de la visita a esta ciudad de una destacada delegación de la Embajada de la República de China encabezada por el Encargado del Programa de Cooperación de la citada representación diplomática, Consejero Pedro Hsiung Yen-Chu.

TREINTA Y TRES. (Por nuestro corresponsal, Francisco Antonio Rodríguez Correa).— Gardil informó sobre los planteamientos de la Asociación a la Embajada de China así como otros aspectos relacionados con la mora de este cultivo.

Comenzó diciendo que "hemos establecido un franco diálogo referente a todos los aspectos del cultivo de la soja, su producción y el especial momento de expansión del mismo. Sé de la buena voluntad de ese país como mercado seguro para esta producción que se está gestando".

Más adelante hizo referencia al futuro de este cultivo y al incremento en la extensión a sembrar.

Dijo que "no hay una estimación del área a sembrar, pero si uno va rescatando de distintas áreas y viendo y participando del entusiasmo con que se va a iniciar esta zafra para el período 87/88, pienso que nosotros podemos darles términos definitivos a este acuerdo con la República de China la máxima importancia y tranquilidad para aquellos productores que se inician".

NUEVA DONACION DE LA RPCA. DE CHINA

Señaló Gardil que "el tercer tramo del préstamo -la nueva etapa- incluye una importante inversión en el departamento de Treinta y Tres (zona de Rincón).

Zona que más necesidades tiene de una planta de silos, cuya obra civil ya está realizada y que a través de este nuevo tramo de donación será terminada.

Esto da una posibilidad de almacenamiento y secado muy importante. La industrialización vendrá en etapas posteriores. La República de China, tal vez tome contacto a través de otras áreas con este tema, no la específica que nosotros estamos tratando".

Con respecto a la comercialización de la cosecha anterior, el Ing. Gardil expresó que se comercializó totalmente. "Una parte fue exportada a China, otra absorbida por la industria nacional y también hubo una exportación a Brasil. Los precios que se lograron en los distintos negocios son, dentro de un entorno, por lo menos suficientes para iniciar una nueva etapa, no tanto en relación a lo que es el sacrificio de producir soja, sino teniendo en cuenta la depresión mundial que existe, para los granos en general", finalizó expresando el Ing. Gonzalo Gardil.

¿Poco LEGIBLE

01-01

8708158.

Int[illegible]ar el p[illegible]er

Pekín: descubren sociedad secreta

PEKIN (ANSA, EFE y UPI). La Policía arrestó a 11 presuntos responsables de la creación de una sociedad secreta, que intentaba tomar el poder provocando desórdenes y volando puentes, informó ayer la agencia de noticias China.

Desde el 26 de enero hasta el 8 de junio, más de 15.000 panfletos contrarrevolucionarios, afiches y cartas que atacaban al Partido Comunista fueron hallados en 11 condados alrededor de la capital de la provincia de Sichuan, Chengdu, señaló la información periodística.

Agregó que "en raras ocasiones se vio un caso de este tipo" desde que los comunistas asumieron el poder en China en 1949.

La agencia dijo que las autoridades de Chengdu "inmediatamente" lanzaron una operación policial de gran escala para encontrar a los culpables.

El 8 de junio, "los criminales cometieron otro crimen", dijo el diario. "Con clara evidencia", la Policía estableció que Zhang Jinsheng del condado de Pujiang, fue el principal "criminal", dijo la agencia noticiosa.

Agregó que Zhang fue arrestado el 19 de junio y confesó que había organizado "una sociedad reaccionaria secreta y utilizó un régimen feudal para realizar actividades contrarrevolucionarias".

En la casa de Zhang, la Policía halló tres sellos de madera, más de 300 panfletos que aún no habían sido distribuidos, 65 banderas revolucionarias, explosivos, detonadores y dinero, según la información.

"Hasta ahora, 11 personas cayeron en la red de la justicia", agregó.

Las investigaciones policiales determinaron que Zhang y sus secuaces planeaban "ascender al trono" provocando desórdenes y colocando bombas en los puentes cercanos a Chengdu.

R. Nac. 033 PÉRIA China

Asociación Parlamentaria Afianzará los Vínculos Entre Uruguay y Taiwan

En su visita al Parlamento Nacional, el vicecanciller de la República de China, Charles King, firmó el acta constitutiva de la Asociación de Parlamentarios de la República Oriental del Uruguay y de la República de China, haciéndolo en representación de nuestro país el senador Dardo Ortiz del Partido Nacional.

Por la referida acta, ambos países se comprometen a afianzar los vínculos de cooperación ya establecidos. Como Presidente honorario de esta Asociación, fue designado el embajador de la República de China en el Uruguay, Henry Wang, quien desempeñará ese cargo durante un año.

El acta también luce las firmas del referido diplomático y del senador Bernardo Pozzolo del Partido Colorado y una vez cumplida la ceremonia, el Senador destacó los avances sociales, tecnológicos, culturales y económicos logrados en las últimas tres décadas por una "pequeña, maravillosa isla", que en 1946 comenzó siendo la isla de Formosa y hoy es la República de China.

El vicecanciller chino agradeció las palabras pronunciadas por el senador Ortiz y consideró que todos los pueblos que puedan vivir en democracia y en libertad, teniendo como meta la cooperación, lograrán los objetivos y avances obtenidos por su nación.

La ceremonia se cumplió en una de las Salas de Comisiones del Senado y con ella culminó la parte oficial del primer día de visitas del viceministro Charles King.

Estuvieron presentes en el acto el diputado Julio Daverede de la Unión Cívica, Rubens W. Francolino del Partido Nacional y Walter Isi del Partido Colorado, el senador Eduardo Paz Aguirre del Partido Colorado y el Subsecretario de Relaciones Exteriores, embajador Alberto Rodríguez Nin.

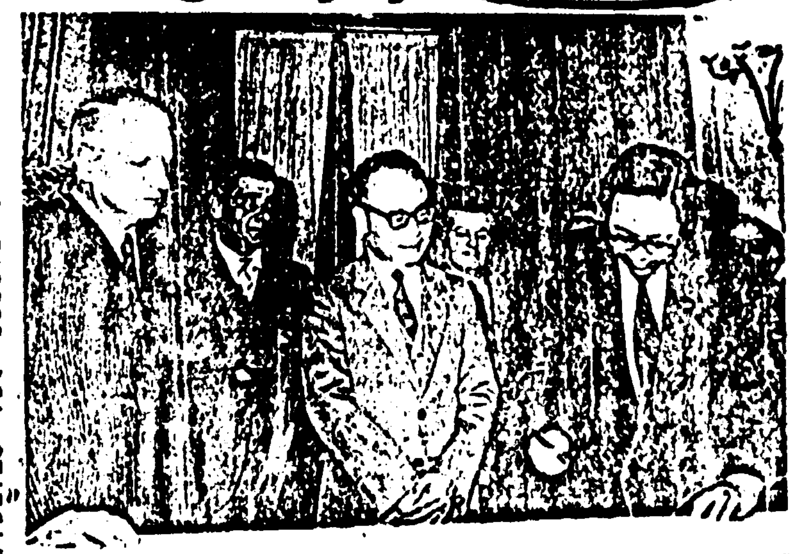
En diálogo mantenido por EL PAIS con el Vicecanciller Charles King, éste señaló que "ambas naciones tenemos en común, como asimismo nuestros gobiernos, un amor por la democracia que es el fundamento de la paz y de la libertad. Todos los pueblos que sustentan esos principios son acogidos por nuestro país y deseamos estrechar relaciones con ellos".

"Partiendo de este fundamento, es que creo que esta sociedad que acaba de ser fundada, podrá cumplir de manera activa su rol en la cooperación de los pueblos", agregó King.

Consultado si este acuerdo firmado era una forma de afianzamiento de los vínculos ya establecidos entre ambas naciones, King expresó que este documento ha sido una prueba más de la convicción popular en el ámbito legislativo del Uruguay de fortalecer las relaciones entre los dos países.

"Estos deseos son mutuos" afirmó King y agregó que no se debían solamente a la política exterior desplegada por el gobierno de la República de China.

Preguntado sobre si la conferencia que se realizará la semana próxima en Asunción del Paraguay, que congregará a embajadores chinos ante los países de América Latina y el Caribe, se enmarca en la mencionada política exterior citada anteriormente, así como los temas a abordarse en dicha reunión, King manifestó que ésta no será la primera reunión de esta naturaleza que se realiza entre los representantes diplomáticos taiwaneses y en esta ocasión "intentaremos analizar formas para viabilizar el mejor desarrollo de las relaciones con todos los países donde estamos representados oficialmente. Ponemos acento en que el desarrollo económico es esencial para los pueblos y nosotros queremos coadyudar a que todas las naciones amigas obtengan el mismo nivel de desarrollo que el nuestro", concluyó.



Representantes diplomáticos chinonacionalistas, junto al vicecanciller Charles King, ayer en el Parlamento.

01-01 8708238

NO SE TRATA DE OPTAR SINO DE RECHAZAR EL CHANTAJE

Tanto se ha escrito desde el punto de vista de los principios que sostienen la posición uruguaya en materia de soberanía, que hoy traemos expresamente a primer plano, sin posponer aquella, cuáles serían las ventajas económicas que le reportarían al país romper relaciones diplomáticas con la República de China establecida en Taiwan, para acceder al discutido privilegio de inaugurarlas con China comunista.

Yendo a cifras, China nacionalista es —con el Japón, Alemania Federal y Corea del Sur— la constelación de países que absorben la mayor cantidad de reservas internacionales de todo el mundo.

Sus reservas se sitúan hoy en sesenta mil millones de dólares, en tanto la China de Pekín, en estrepitosa caída, las ha disminuido de doce mil millones a tres mil millones de dólares en 1986.

Juan Bautista Schroeder, abogado y profesor de Economía Política de la Facultad de Derecho, reflexiona: "...si pensamos que China comunista tiene relaciones diplomáticas con más de ciento veinte países, y Taiwan apenas con veintidós, es fácil deducir que la [illegible] de comercio con [illegible] por cada de sus amigos y aliados, son infinitamente mejores que las hipotéticas posibilidades que Pekín le puede ofrecer al Uruguay, un país que sólo le interesa —vamos a no engañarnos— por razones políticas".

Schroeder va al ejemplo cercano y regional: "Fíjese en Bolivia, que al término del mandato de Siles Suazo se le ocurrió romper con Taiwan e inaugurar relaciones diplomáticas con la República Popular China. Perdió toda la ayuda de la isla y no obtuvo de Pekín ninguna de las ventajas comerciales que le habían prometido".

En este momento, el Uruguay cuenta con el apoyo incondicional de Taiwan en considerable cantidad de áreas de desarrollo, con un aporte concreto y real de treinta millones de dólares anuales en el [illegible], aparte de donaciones varias por más de seis millones y medio de dólares.

[illegible] ejemplo, son anuales y sostenidos los aportes del pequeño país insular, extensivos a una permanente cooperación técnico agrícola, industrial, en zonas francas, deportivas, en el puerto de Montevideo, en la pesca y en los preparados de la carne. Todo ello sin perjuicio de la seguridad que representa para el país y sus productores la fijación de cuotas de importación de soja y cereales uruguayos hasta 1990.

Aparte de lo dicho, el comercio privado entre empresarios uruguayos y taiwaneses, muestra un espectro de compra de productos uruguayos muy diversificado, con perspectivas ciertas de crecimiento en el futuro inmediato.

Pekín —alude directamente el Dr. Schroeder—, no está en condiciones de ayudar tecnológica ni económicamente al Uruguay, a pesar de su enorme extensión territorial y a sus mil millones de habitantes: es un país pobre y atrasado.

En cuanto al comercio actual del Uruguay con la China continental, muestra en los últimos años compras relativamente importantes en algunos rubros exportables. Estas adquisiciones han coincidido con la tremenda presión que se ejerce sobre el Uruguay para que rompa con Taiwan.

"Este es el precio de la aceptación de imposiciones inadmisibles, verdadero chantaje del gobierno de Pekín sobre nuestro gobierno".

Para Schroeder, el Uruguay, país pequeño y principista, deberá tener en cuenta, prioritariamente, aunque parezca redundante, razones de principios.

La cuestión, dice, no debe plantearse en si hay que tener o no relaciones diplomáticas con China comunista sino saber si se deben aceptar sus imposiciones para tener relaciones con ella. Pekín exige ruptura de relaciones con Taiwan, y aquí va lo peor: solemne declaración previo a todo vínculo con Pekín, de que Taiwan es una provincia de China sometida al gobierno de la República Popular China.

Esta exigencia implica una afrenta a la soberanía nacional, como no la ha sufrido el país desde su irrupción en el siglo pasado a la vida republicana, sin perjuicio de la implicancia en convalidar una anexión territorial que contraría las normas del Derecho Internacional y las tradiciones del Uruguay en la materia.

CH El País 1/9/87

Poco Legible

01-01 8708253

R.P. CHINA

033

Uruguay acelera cuestión china

La apertura de relaciones diplomáticas entre Uruguay y la República Popular China sería inminente, informó ayer el diario oficialista "El Día", aunque otras fuentes gubernamentales aseguraron, en el transcurso de la semana, que una decisión en ese sentido recién se adoptaría a principios del próximo año.

En tanto, son fuertes las presiones que vienen ejerciendo algunos sectores exportadores uruguayos —apoyados por la Unión Colorada y Batllista— para que no se inicie el relacionamiento diplomático con China Popular y que se mantenga con Taiwan.

El Ministro Enrique Iglesias dijo que la inminencia de un pronunciamiento "no podía descartarse".

China Popular se ha comprometido a absorber las exportaciones de Uruguay con Taiwan, al tiempo que se informó que una nueva delegación parlamentaria China llegará a nuestro país el próximo 9 de setiembre.

La misión estará presidida por Zhang-Xiangshan, funcionario de enlace Internacional del Partido Comunista Chino con rango de viceministro.

01-01 8708261

01-01 8708261

R.P.CH.

033

Regresa de China Barrios Tassano

Mientras que está previsto para hoy el regreso desde China Popular del Embajador uruguayo en Buenos Aires, Luis Barrios Tassano, el Canciller Enrique Iglesias afirmó que el tema de las relaciones diplomáticas con ese país "está en estudio".

Como se sabe, Barrios Tassano concurrió a aquel país especialmente invitado por el embajador de Pekín en la Argentina, Shen Yunao.

Al consultársele al Canciller Iglesias sobre el viaje del diplomático, y si el mismo estaría relacionado con el rompimiento de relaciones con China nacionalista, respondió: "Hay una enorme dosis de imaginación en todo ello".

De acuerdo a lo señalado por Iglesias, lo único cierto que hay "es la invitación a Barrios Tassano de su colega chino en Buenos Aires para visitar ese país en las vacaciones. No hay nada más que eso".

La Mañana 15-Ago-87

033

La Mañana
MONTEVIDEO, VIERNES 14 DE AGOSTO DE 1987

Conversaciones

El Embajador uruguayo en Buenos Aires visita Pequín

Como hemos anunciado, el Embajador uruguayo en Argentina, Dr. Luis Barrios Tassano, se halla en Pekín desde hace unos días. Se trata de la continuación a otro nivel de conversaciones iniciadas con su colega de China Popular en Buenos Aires.

Su presencia en aquel país se relaciona con el estudio de factibilidad en cuanto a la reanudación de nuestras relaciones con la nación más poblada del mundo, a la vez el mayor adquirente de nuestra producción lanera.

Seguramente las gestiones no resultan fáciles, dadas las vinculaciones de nuestro país con Taiwan y su fuerte y activa presencia en varios renglones de exportación.

Y, como es sabido, China Popular condiciona la apertura de relaciones con cualquier nación a la ruptura con Taiwan en el caso que las tenga, obviamente situación en que se halla Uruguay.

R.P. CHINA

R.P.CH.
033

EL PAIS

5 AGO 1987

VENEN

UN EMBAJADOR EN CHINA ROJA

"EL Duende en sus [illegible], en sus vueltas, se enteró que el Embajador del Uruguay en la Argentina, estaba de viaje, en largo, larguísimo viaje. "¿Está enterado del periplo del Dr. Luis Barrios Tassano?", le preguntó un amigo de sobretodo de piel de camello y engominada y traje lustroso, cuando se cruzó con el hombre de "La Trastienda" por plena avenida Santa Fé el último fin de semana.

—Algo había oído, unos me dijeron que tomó rumbo a los EE.UU. otros al viejo Continente, pero nadie me concretó.

—No estuvo muy equivocado el que le dijo que fue hacia el país del norte, lo que pasa es que se olvidó de agregarle que voló en escala hacia China Popular.

—¿Cómo?, ¿un Embajador en Buenos Aires en misión a China Roja?.

—¡Epa, epa!, no se adelante a los acontecimientos, despacio por las piedras, nadie mencionó que en tarea oficial, usted se está aventurando.

—Pues, le puedo refutar, como dato "posta, posta", que don Luis Barrios desde hace tiempo viene manejando el tema relaciones con China Comunista.

—¡Usted se equivoca de medio a medio!, Barrios Tassano está acreditado sólo ante el Gobierno de don Raúl Alfonsín y nunca fue designado como embajador concurrente ante ningún otro país. Además, recuerdo que con China Comunista no mantenemos relaciones.

—Y yo le insisto que Barrios viene conversando con el embajador de China Continental en Buenos Aires desde buen tiempo atrás. Ahora está dialogando con gente de las alturas en Pekín, mientras come arroz con palitos.

—¡Oh, la, la!, esta noticia sí que va a traer cola y puede que algún intento de desmentido. Pero el dato es "posta, posta".

—No dudo la batahola cuando lean "La Trastienda", porque no hay duda que se venía manejando entre "gallos y...

D1-01 8708331

R.P.CH
033

DESDE CHINA ROJA CON... EL SABADO

"¿LE dijeron que mañana sábado retorna de China roja el embajador uruguayo en Buenos Aires, Dr. Luis Barrios Tassano?", preguntó uno de los de la rueda de cafés al Duende.

—Estaba enterada. Sé que llega el diplomático acreditado ante el Gobierno de Raúl Alfonsín, que dejó esta vez temporariamente sus contactos con el Canciller Dante Caputo, para atender lo que se dice "una invitación personal del embajador de Pekín en la Argentina, Shen Yunao".

—¿Y?

—Mire, le reitero que hay resistencia por todos lados al reconocimiento diplomático de China Continental, como le digo que las presiones son muchas y también los llamados de atención en torno a la compra sin recargos de tops, la promesa de "pingües" convenios comerciales a cinco años, etc., etc. ¡Ah! y no olvidar la exigencia de que se rompan relaciones con Taiwan.

—¡Espere, espere, no cree que del otro lado se quedarán quietos! Nadie cae de brazos cruzados. No olvide la compra de la producción de soja, las obras del puerto y un crédito de miles de dólares que habría que reintegrar. Y en especial recuerde que son orientales que apoyan en todo las ideas del mundo occidental.

—Mire, por ahora esperar a que llegue Barrios sorpresivo emisario, luego a los contactos que ha[y] Iglesias en la ONU en setiembre.

—Sabe una cosa, a pesar de todo, la veo verd[e] todavía. ¡Abur!.

01-01

8708334

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: KOHL viaje a la China y el Tibet.

PROCEDENCIA: El PAís 12/7/87

ARCHIVADO EN: R. F. Alemania (003)

01-01 8708345

HR

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Que gran parte de la Opinión del PAís vive preocupada ante aventuras peligrosas como el convenio del pacto con la URSS.

PROCEDENCIA: El PAís 14/7/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

8708354

01-01

Según Deng Xiaping cuestión Camboya impide acercamiento

Relaciones China-Unión Soviética

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- El principal obstáculo para la mejora de las relaciones entre China y la Unión Soviética es la negativa de Vietnam a retirar sus tropas de Camboya (Kampuchea), aseguró ayer el líder chino Deng Xiaoping, según la agencia oficial de noticias Xinhua.

En una entrevista con el ministro tailandés de Asuntos Exteriores, Siddhi Savetsila, en el centro veraniego de Beidaihe, en el norte de China, Deng insistió en que Vietnam debe retirar sus tropas de Camboya, cesar su agresión contra este país y permitir que recobre su independencia.

Recordó que los otros dos escollos para el acercamiento chino-soviético son la presencia soviética en Afganistán y el despliegue de tropas soviéticas en la frontera con China.

Deng subrayó que, después de que las tropas vietnamitas hayan salido de Camboya, este país debe ser independiente y neutral y estar en paz bajo su verdadero dirigente, el príncipe Norodom Sihanouk.

Por su parte, el canciller tailandés expresó su coincidencia con la postura china respecto de Camboya, agregando que Bangkok seguirá apoyando la coalición tripartita de la oposición.

La Unión Soviética apoya a Hanoi desde los tiempos de la guerra de Vietnam, tanto política como estratégicamente.

Al hablar del próximo congreso del Partido Comunista Chino, que se celebrará en octubre, Deng Xiaoping aseguró a su interlocutor tailandés, actualmente en visita oficial a su país, que el rumbo político de China no cambiará y que se harán más esfuerzos en pro de las reformas y la apertura hacia el exterior.

HR

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Entrevista entre Kohl y Zhao Ziyang.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 14/7/87

ARCHIVADO EN: R. F. Alemania (003)

01-01 8708482

033

R.P.CH
China - Kampuchea

Luchar contra vietnamitas hasta recobrar soberanía

China apoya coalición de Kampuchea

PEKIN. (ANSA, EFE y UPI).- El líder chino Deng Xiaoping reafirmó ayer el apoyo de China Popular al Gobierno de coalición tripartita de Kampuchea en su lucha contra la agresión vietnamita hasta que Kampuchea (antes Camboya) recobre por completo su independencia, soberanía e integridad territorial.

Deng, presidente de la comisión asesora del Partido Comunista chino, se expresó así en una entrevista con el Presidente de Kampuchea democrática, Príncipe Norodom Sihanouuk, que encabeza una delegación de tres partidos opuesta al actual régimen de Heng Samrin.

Deng dijo que aceptamos el hecho de que Kampuchea no practicara el socialismo tras su victoria sobre Vietnam, pero esperamos que Kampuchea continúe siendo dirigida por Samdech Norodom Sihanouk.

También expresó su convicción de que una lucha justa por una nación independiente sea culminada con la victoria.

A juicio del líder chino, la Unión Soviética y Vietnam cambiaron su postura sobre Kampuchea, pero Vietnam no ha cambiado su estrategia respecto a una federación indochina, ni Moscú ha abandonado su respaldo a la agresión vietnamita contra Kampuchea.

Recientemente, Pekín calificó este apoyo soviético a la presencia vietnamita en Kampuchea como el mayor obstáculo en el acercamiento chino-soviético.

La delegación, compuesta además por el ex Primer Ministro Son Sann y el Vicepresidente de Kampuchea Democrática, Khieu Samphan, está en Pekín desde el pasado fin de semana, y ha recibido una acogida favorable de la prensa oficial.

01·01

8708498

P.CH.

033

Plantea apertura al exterior

Xiaoping reafirma rumbo reformador

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).- El líder chino, Deng Xiaoping, reafirmó ayer que es imposible seguir con el desarrollo de China sin las reformas y la apertura al mundo exterior, informó la agencia oficial Xinhua.

El hombre fuerte chino pronunció estas palabras durante una entrevista con el estadounidense Armand Hammer, Presidente de la American Occidental Petroleum Company (OXY), que se encuentra en el país para concertar la explotación de las mayores minas de carbón nacionales.

Deng subrayó que el proyecto recién acordado con Hammer es otra prueba de que China hace lo correcto, al seguir el camino de las reformas y la apertura al resto del mundo.

Elogió a Hammer por valentía en los negocios, opinó que algunos empresarios extranjeros aún no tienen el valor necesario para emprender grandes empresas como el de las minas de Antaibao, en la provincia de Shanxi, con una capacidad anual de quince millones de toneladas de carbón.

Por su parte, Hammer declaró que se ha tardado dos años en completar los preparativos de la producción, que forma parte de uno de los mayores proyectos concertados entre China y una firma extranjera.

El multimillonario norteamericano es conocido por sus excelentes contactos con los países del Este europeo, sobre todo con la Unión Soviética, donde mantuvo relaciones comerciales con Lenin.

La Nación 14/9/85

01 - 01 870852T

China Popular desea establecer relaciones diplomáticas, comerciales y culturales

El Presidente de la delegación del Partido Comunista de China Popular afirmó que es su deseo establecer relaciones diplomáticas para desarrollar en mejores condiciones relaciones comerciales, económicas y culturales.

"Mi pueblo y el Partido Comunista Chino (PCCH) desean establecer relaciones completas con Uruguay" —señaló Shang Xianshan— Presidente de la delegación de ese país en su corto viaje por Montevideo. Afirmó también que es "nuestro interes establecer relaciones completas en todos los terrenos, y una vez establecidas las relaciones diplomáticas, habrá mejores condiciones para desarrollar las relaciones comerciales, económicas y culturales".

El consultor del departamento de enlace del PCCH vaticinó un futuro de cooperación y colaboración en las relaciones comerciales como así también señaló una amplia gama de coincidencias con los principios uruguayos de política exterior.

También se pronunció sobre el proceso de reformas económicas en la Unión Soviética definiéndolas como una alternativa al estancamiento, a la vez que anunciaba las próximas reformas políticas "para acompañar las reformas económicas, la descentralización de las empresas y la puesta en juego de la iniciativa y el entusiasmo del pueblo", puntualizó Zhang Xianshan.

La visita de la delegación integrada por personalidades políticas y diplomáticas sucede a la de las delegaciones juveniles y parlamentarias que realizaron anteriormente representantes de nuestro país a China Popular.

"Reviste una importancia aún mayor, destacó el integrante del Comité Central del PCCH, a partir del establecimiento de la democracia en el Uruguay, delegaciones del Partido Colorado y del Partido Nacional estuvieron en China, visita que ahora retribuimos para profundizar aún más los lazos de amistad entre el PCCH y el Partido Colorado".

"Estoy seguro —agregó— que estas relaciones se desarrollarán aún más, ya que coincidimos en torno a una serie de problemas internacionales y además, en los últimos años cobró un considerable incremento el intercambio comercial, que estoy seguro tendrá un desarrollo ulterior".

Asimismo indicó que "China respalda que América latina deba ser una zona [illegible] armas nucle[illegible], el reclamo de soberanía de las 200 millas marítimas, los esfuerzos pacifistas del Grupo de Contadora y la no intervención al conflicto centroamericano".

En relación a la deuda externa, el alto jerarca del PCCH indicó "que China coincide con la mayoría de los países de América latina. Nos oponemos a que los acreedores fuercen el pago de los servicios de la deuda, que sólo pueden ser satisfechos sobre la base de un desarrollo económico de los países deudores, pues es lo único que aumentará su capacidad de amortización".

La Mañana 14/9/87

NO RA

R.P. CH.

33

01-01

8708525



13o. Congreso del PC Chino

Pekín (PL). La elección de un *nuevo* y más joven *cuerpo dirigente* y la aceleración de la implantación de las reformas en *curso* serán los dos temas claves del 13 Congreso del Partido Comunista de China, propuesto para comenzar el 25 del mes próximo.

En el informe se pasará revista a los logros, deficiencias y problemas encarados durante el pasado sexenio de implantación inicial de las reformas y la estrategia de apertura al exterior y enfatizará, en lo teórico, en la importancia y la necesidad de profundizar y acelerar ese rumbo, reveló Deng Xiaoping.

EL NUMERO UNO DE CHINA Y EL PROCESO DE REFORMAS

El retiro de Deng

BEIJING, China, 12 (Por Daniel Southerland, de "The Washington Post", especial para Clarín). — El principal líder chino, Deng Xiaoping, abandonará, a la brevedad, dos posiciones de alto nivel, pero seguirá siendo el líder con mayor influencia del país, según afirmaron diplomáticos occidentales y asiáticos.

Los diplomáticos, a la vez, declararon que Deng conservaría su cargo de presidente de la comisión militar del Partido Comunista, lo cual lo deja en pleno control del ejército.

Por otra parte, los diplomáticos manifiestan que Deng se refirió a sus planes de "retiro" en una reunión con Susumu Nikaido, ex vicepresidente del Partido Demócrata-Liberal de Japón, en un encuentro llevado a cabo aquí.

Los diplomáticos afirmaron que Deng, de 83 años, se retirará del Politburó y de la presidencia de la comisión asesora central del Partido Comunista. Según se presume, estas maniobras están destinadas, en parte, a convencer a otros dos líderes de edad avanzada, quienes se habían mostrado reacios a apoyar las reformas económicas de Deng, a que se retiren como miembros del Politburó.

Estos dos líderes son Li Xiannian, de 81 años, quien ya ha declarado que es su intención abandonar el Politburó, y Chen Yun, de 82, un prestigioso economista que cuestionó los efectos colaterales de los cambios económicos que introdujo Deng.

Los mismos diplomáticos aseveraron que el prestigio de Deng, así como su experiencia y sus vitales conexiones con otros líderes, le permitirán mantener una gran influencia.

Hace unos años, Deng negoció dos de sus cargos, vicepremier y vicepresidente del partido, para obligar a sus opositores a renunciar. Deng se desprendió de sus títulos sin ceder en su verdadera autoridad.

De acuerdo con el consenso general, el alejamiento de Chen Yun, quien dio una imagen de debilidad en su última aparición pública hace más de un mes, eliminaría un obstáculo importante en la obtención de nuevos cambios económicos, esta vez más innovativos.

Por su parte, los analistas declararon que Li Xiannian, que se encuentra en un estado de salud delicado, puede seguir en sus funciones de presidente —un puesto altamente ceremonial— hasta la próxima primavera, cuando el Parlamento posiblemente confirmaría su renuncia.

Sin embargo, el paso más importante a tomar por Li sería su alejamiento del Politburó, un organismo compuesto por 20 miembros que rige sobre las políticas más importantes del país.

Deng y su protegido, actual jefe del Partido Comunista Zhao Ziyang, salieron a la ofensiva recientemente en una maniobra que supuestamente continuará "hasta los últimos minutos", ante el congreso del partido, según las fuentes chinas.

Algunas fuentes manifestaron que los líderes aún tienen que acordar con respecto a quien debería ser designado premier, en reemplazo de Zhao, del que se espera se convierta en el líder del Partido Comunista.

El congreso del partido, que originalmente se llevaría a cabo a fines de setiembre o a principios de octubre, fue pospuesto hasta el 25 de octubre.

Tanto fuentes occidentales como chinas ahora dicen que aún podría haber muchos cambios en las cinco semanas anteriores al congreso.

En una maniobra aparentemente destinada a fortalecer la reforma, mientras tanto, se tomó una decisión para abolir ciertos comités del Partido Comunista que existen en todos los niveles del gobierno, según el periódico pro comunista Wen Wei Po en Hong Kong.

"Si esta decisión es aprobada por el congreso del partido, se convertirá en un paso importante para la reforma", precisó el periódico.



Agencia Reuter

Deng Xiaoping, número uno en China.

01-01

8708547

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: El Gobierno de Bonn hacia el de Pekin.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 4/9/87

ARCHIVADO EN: R. F. Alemania (003)

01-01

8708556

R.P.CH.
033

Deng abogó por reformas

CHINA

PEKIN. (ANSA). El máximo dirigente chino, Deng Xiaoping abogó el jueves por una mayor intensidad y rapidez de las reformas y la apertura hacia el exterior de su país.

Según la agencia oficial Xinhua, Deng hizo estas declaraciones durante una entrevista con el ex Secretario de Estado norteamericano, Henry Kissinger, que se encuentra desde el martes en Pekín.

El político dijo que la situación en China es muy estable y digna de confianza, y que eso es esencial para el levantamiento económico nacional.

Aseguró a su interlocutor estadounidense que la sociedad chino-norteamericana, fundada hace poco tiempo, cobrará una creciente relevancia en el fomento de la amistad entre los pueblos chino y estadounidense.

Las declaraciones de Deng sobre la necesidad de seguir el rumbo político de reformas y apertura hacia el exterior coinciden con los indicios cada vez más claros de una pugna entre reformadores y conservadores en la cúpula del Partido Comunista China, antes de su congreso del próximo octubre.

La Nación 4/9/87

01-01 8708567

033

Llegó misión industrial de la República de China

Arribó a nuestra capital una delegación industrial de la República de China, integrada por representantes oficiales y del sector privado.

Durante su permanencia en nuestro país, procurarán darle un nuevo impulso a los planes y acuerdos de cooperación entre ambos países.

Como informara "La Mañana", el arribo de esta misión fue acordado en la 4° Conferencia Binacional de Cooperación Económica realizada en Taipei en octubre del año pasado.

INCREMENTAR COOPERACION

Donde se acordó incrementar la cooperación técnica en el área industrial ofreciendo la delegación china el envío de un equipo de consultores de alto nivel para asesorar en los proyectos de desarrollo industrial, crear condiciones de inversión en el Uruguay y estudiar las medidas efectivas a encarar para atraer la inversión mejorando las condiciones vigentes.

Por otro lado, los representantes de la industria privada china vienen a nuestro país a fin de investigar las circunstancias de inversión y comercio en el Uruguay.

La misión industrial, que estará presidida por Shih Chien-yang, Director General de la Dirección General para el Desarrollo de la Industria, estará integrada además por el Subdirector de la Administración de Zonas de Procesamiento para la Exportación del Ministerio de Asuntos Económicos, Kuei Sheng-wang; por el especialista del Centro Industrial de Desarrollo e Inversión del Ministerio de Asuntos Económicos, Ning Son-wang; el Senador Chien Han-sen y tres representantes de industrias laneras y aceiteras: Tan Ting-lin, Chih Ying-cheng y Wang Hsien-kun.

La delegación china permanecerá en nuestro país hasta el martes 28 de julio, y durante su estadía tienen previsto entrevistarse con el Subsecretario de Industria y Energía, Gustavo Cola Cancela, para analizar el desarrollo de la cooperación en el área industrial. Visitarán además las ciudades de Paysandú, Nueva Palmira y Colonia, y mantendrían contactos con otras autoridades.

La Mañana 21.7.87

01-02

8708596

La Mañana
MONTEVIDEO, LUNES 20 DE JULIO DE 1987

Acuerdos de cooperación e inversión

Delegación industrial de China está en Montevideo

Arribó en la víspera a nuestra capital una delegación industrial de la República de China, integrada por representantes oficiales y del sector privado.

Durante su permanencia en nuestro país, procurarán darle un nuevo impulso a los planes y acuerdos de cooperación entre ambos países.

Como informara La Mañana, el arribo de esta misión fue acordado en la 4ª Conferencia Binacional de Cooperación Económica realizada en Taipei en octubre del año pasado, donde se acordó incrementar la cooperación técnica en el área industrial ofreciendo la delegación china el envío de un equipo de consultores de alto nivel para asesorar en los proyectos de desarrollo industrial, crear condiciones de inversión en el Uruguay y estudiar las medidas efectivas a encarar para atraer la inversión mejorando las condiciones vigentes.

PRIVADOS: INVERSION Y COMERCIO

Por otro lado, los representantes de la industria privada china vienen a nuestro país a fin de investigar las circunstancias de inversión y comercio en el Uruguay.

La misión industrial, que estará presidida por Shih Chien-yang, Director General de la Dirección General para el Desarrollo de la Industria, estará integrada además por el Subdirector de la Administración de Zonas de Procesamiento para la Exportación del Ministerio de Asuntos Económicos, Kuei Sheng-wang; por el especialista del Centro Industrial de Desarrollo e Inversión del Ministerio de Asuntos Económicos, Niag Son-wang; el Senador Chien Han-sun y tres representantes de industrias laneras y aceiteras: Yau Ting-lin, Chih Ying-cheng y Wang Hsien-kun.

IRAN AL INTERIOR

La delegación china permanecerá en nuestro país hasta el martes 28 de julio, y durante su estadía tienen previsto entrevistarse con el Subsecretario de Industria y Energía, Gustavo Cola Cancela, para analizar el desarrollo de la cooperación en el área industrial. Visitarán además las ciudades de Paysandú, Nueva Palmira y Colonia, y mantendrán contactos con otras autoridades.

P2-02

870P596

La Mañana
MONTEVIDEO, MARTES 15 DE SETIEMBRE DE 1987

A personas mayores de 55 años

Taiwan facilitaría visados para visitar China

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- El Gobierno de Taiwan podría estar estudiando la adopción de medidas que faciliten los contactos entre parientes separados tras la división de China.

Según informaciones procedentes de la colonia británica de Hong Kong llegadas a Pekín, las personas mayores de 55 años podrán viajar a China continental (comunista) si conservan en ella parientes hasta de tercer grado.

Los militares y funcionarios no podrán beneficiar de la medida.

Taiwan y la República Popular China se separaron en 1949, tras la guerra civil entre los partidos que hoy siguen a la cabeza de sus respectivos territorios y que se acusan mutuamente de usurpadores.

Durante décadas, los ataques verbales y la tensión fue el único contacto entre ambas márgenes del estrecho de Taiwan.

En los últimos años, con la apertura de China al mundo exterior y el ascenso de generaciones más jóvenes en Taiwan, los contactos no oficiales se multiplicaron.

Se calcula que el comercio bilateral mediante intermediarios alcanza los 1.200 millones de dólares anuales.

El líder chino, Deng Xiaoping, propuso a las autoridades del Kuomintang (partido nacionalista) volver al jirón, conservando su capitalismo, una amplia autonomía y su propio Ejército.

A cambio de ello, reclama la representación internacional de ambas Chinas.

Para dar credibilidad a su propuesta, Deng formuló el principio de un país, dos sistemas, que ya permitió terminar con éxito las negociaciones con Londres y Lisboa para la reintegración de Hong Kong y Macao a la soberanía de Pekín, a final del siglo pasado.

Las autoridades del Kuomintang, por su parte, se han opuesto rotundamente hasta ahora a todo tipo de contacto o negociación con los bandidos comunistas.

De llevarse a cabo, las nuevas normas para facilitar visados simplificarán la vida de miles de isleños, que tenían que hacer un circuito clandestino por Hong Kong o Macao para poder viajar a China.

033

Cortazzo recibe a delegación de China

Una delegación de la República Popular de China visitará hoy la Presidencia de la Cámara de Representantes.

En horas de la tarde, el Prof. Víctor Cortazzo recibirá a los seis visitantes, según las informaciones proporcionadas a La Mañana. Preside el grupo el asesor a jerarquía de Viceministro del Departamento de Enlace Internacional del Comité Central del Partido Comunista de aquel país, Zhang Xiang shan, quien también se desempeñará como Vicepresidente miembro del Comité permanente del Consejo Consultivo Político Nacional. Asimismo, fue Director General de la Administración de Radiodifusión de la Nación.

Le acompañaría en la instancia el Vicepresidente del Instituto Chino-Latinoamericano, el Subjefe de Dirección del Departamento de Enlace Internacional del Comité Central del Partido Comunista de China, el Jefe de Sección del mismo departamento y dos funcionarias.

LA MAÑANA 10/11/87

RNCH

033

Plan inversor para Uruguay

Integración de capital chino

El Departamento de Inversión y la Dirección General de Industria del Ministerio de Economía de la República de China llevaron a cabo una planificación para construir una zona industrial en nuestro país, y de esa forma atraer a fábricas e industrias de Taiwan a hacer inversiones en Uruguay y poder lograr un desarrollo que beneficiará al desarrollo económico.

La idea es parte de un proyecto que [illegible] con [illegible], luego podría ampliarse a otros países latinoamericanos.

En esta primera etapa de planificación, Taiwan suministrará expertos, capital y técnica. Como la base industrial en el Uruguay se limita principalmente al campo de la ganadería y agricultura, las autoridades chinas habrían de enviar expertos para investigar y planificar y, a su vez, organizar con los industriales chinos la integración de capitales.

ENTRECHINAS
033

La Prensa 18/9/87

Satisface a Pekín una actitud de Taiwán

Pekín (EFE) — La prensa de la República Popular China comenta favorablemente la intención del gobierno de Taiwán de facilitar el contacto entre familias chinas separadas tras la división del país en dos, en 1949.

Ultimamente han circulado insistentes rumores en la colonia británica de Hong Kong sobre una próxima declaración del gobierno de Taiwán (China nacionalista) de permitir el libre desplazamiento a china comunista de los mayores de 55 años que no sean funcionarios ni militares.

"Tal posibilidad ha tenido gran repercusión en Taiwán", dice Xinhua, agencia oficial del gobierno de Pekín, que alienta igualmente está política de reunión de las familias separadas y los vínculos entre las dos comunidades chinas.

A pesar de la prohibición oficial del Kuomintang (partido en el poder en China nacionalista) de mantener cualquier tipo de contacto o de efectuar cualquier especie de transacción con el territorio comunista, éstos no han cesado de incrementarse en los últimos años.

Se calcula que el comercio bilateral mediante intermediarios alcanzó en 1986 los 1.200 millones de dólares, y que los visitantes llegados de Taiwán al continente, dando un rodeo a través de territorio neutral, fueron unos 10.000.

HR/

ARCHIVAR EN: Ref. Nac. China (033)

TEMA: TAIWAN: ABOLITION OF MARTIAL LAW.

PROCEDENCIA: ENLACE Sudafricano 7/10/87 Doc. 1510/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Sudafrica (135)

01-01 8708718

HK

CHINA

033

Bonomi: un convenio muy trascendente

La República de China confirmó compra de lanas

27/9/87

La Embajada de la República de China en nuestro país anunció oficialmente la decisión de su Gobierno de realizar compras de lana uruguaya por un valor total de 10 millones de dólares anuales a partir de la víspera y por un tiempo indeterminado.



El Embajador de la República de China, Henry Wang, en momentos de hacer oficial el interés en la compra de lana. Junto al diplomático, el Presidente de la Asociación Rural del Uruguay, Julio Bonomi, y el Presidente de la Cámara Mercantil de Productos del País, Héctor Sarno Beramendi.

La República de China lleva a cabo dichas compras en base a su deseo de incrementar y fortalecer el intercambio comercial con Uruguay.

Diez millones de dólares anuales serán invertidos en la compra de lana, por un plazo indefinido, dicha cuota ha sido fijada y se espera que los laneros uruguayos puedan aprovecharla.

Uruguay será uno de los países de Latinoamérica que contará con una mayor inversión de la República de China.

En estos términos se refirió sobre el particular el Embajador de la República de China en el Uruguay, Henry Wang.

UN CONVENIO TRASCENDENTE

El Presidente de la Asociación Rural del Uruguay, Julio Bonomi, al ser consultado en la oportunidad, en torno a la importancia de este convenio logrado entre Uruguay y la República de China, dijo que el mismo "es muy trascendente, si tenemos en cuenta que año a año se va aumentando la producción de las razas ovinas, y que sin duda se ve reflejado en las toneladas de lana que se obtienen, por eso es inobjetable que en estos momentos el ovino está ocupando un papel muy importante en el país, pero indudablemente que un punto principal es asegurar que esa colocación de la lana en el exterior no se vea limitada, de ahí la importancia que le adjudicamos a este convenio".

Posteriormente Bonomi resaltó que "también estamos luchando para que la carne ovina pueda obtener sus mercados. En nuestra opinión, creemos que en buenas condiciones es loable lograr una comercialización de la carne de dichas razas".

Finalmente, el presidente de la ARU destacó que "se busca brindar una tranquilidad al productor, para que reafirme la explotación ovina en nuestro país, teniendo la certeza de que sus productos podrán ser comercializados".

01-01

9708735

R.N.Ch.

033

La Mañana

MONTEVIDEO, SABADO 12 DE SETIEMBRE DE 1987

Llega trigo desde Arabia

Repca. de China comprará lanas por U$S 10:

NORA

Según fuentes fidedignas, la industria textil de la República de China se compromete a adquirir lana uruguaya por un monto estimado en los US$ 10:000.000 (diez millones de dólares), y brinda, al mismo tiempo, la promesa de continuar comprando en los próximos años, por un monto no inferior al anteriormente mencionado.

Esta operación, según se pudo saber, será considerada fuera de los convenios binacionales que actualmente existen de cooperación económica Sino-Uruguaya.

01-01 8708749

033

INTERCHINAS

EN MEDIO DE PRESIONES

A FIN DE AÑO RESOLVERAN RELACIONES CON CHINA

En medio de importantes presiones de la Unión Colorada y Batllista y de algunos sectores industriales y de la agropecuaria, el gobierno de nuestro país se apresta a definir si establece relaciones diplomáticas con China Popular o bien continúa su vínculo con la China insular, Taiwan. Fuentes gubernamentales aseguraron a "La Razón" que son fundamentales para adoptar decisión al respecto, las conclusiones a que llegue el embajador uruguayo en Buenos Aires, Luis Barrios Tassano, tras las reuniones mantenidas con autoridades de Pekín.

El semanario "Búsqueda", informó que Barrios Tassano habría llegado a un entendimiento con China Popular en torno a un acuerdo comercial por 5 años. El diplomático negó la especie pero, a pesar del desmentido, trascendieron algunas cláusulas del acuerdo. Este incluiría importantes compras de lana y transacciones compensatorias, en caso de pérdida de la corriente comercial con Taiwan, puesto que Pekín, exige la ruptura con China insular para acordar negocios.

LOS INTERESES

Taiwan, por su parte, viene realizando ingentes esfuerzos para "bloquear" un posible entendimiento con la China roja y en este sentido, se han verificado contactos con personalidades del oficialismo, fundamentalmente del sector liderado por Pacheco Areco. Por otro lado, sectores empresariales que mantienen un fluido comercio con la isla, se han transformado en serios obstáculos para establecer relaciones con la República Popular China.

Mientras los exportadores de Soja presionan a las autoridades en este sentido, el sector exportador de lanas —que comercia con Pekín— ha manifestado su preocupación ante la indecisión del gobierno, que comenzó a analizar el problema apenas instalado en 1985, dando cumplimiento a la decisión de "abrir las fronteras", independientemente del gobierno imperante en cada país.

Los exportadores de lana han advertido sobre la fecha de vencimiento de las exoneraciones de gravámenes cedidas por China, las que no serían renovadas el próximo primero de setiembre, según confirmó el Director de Comercio Exterior, Isidoro Hodara. Este agregó que la medida es aplicada por China Popular sólo en aquellos países con los que mantiene relaciones normales.

LA DECISION

Según pudo saber "La Razón", el gobierno uruguayo tendrá una decisión tomada a principios del próximo año y es posible que el Presidente Sanguinetti dé a conocer la decisión en oportunidad de su viaje al Lejano Oriente en marzo próximo. El mandatario no ha obtenido consenso dentro del coloradismo y la polémica seguirá seguramente hasta fin de año.

La Razón 20/8/87

01-01

8708765

KNEH 033



El embajador chino Henry Wang ratificó ayer la compra de lana.

El Día 17/8/87

China comprará lana

[illegible] de la República de China, Henry Wang, anunció oficialmente ayer la disposición de su país a realizar compras de lana uruguaya por un valor de 10 millones de dólares anuales y por un plazo indeterminado, y señaló el "deseo de "incrementar y fortalecer el intercambio comercial".

Wang efectuó el anuncio en el transcurso de una reunión de prensa desarrollada en el Club de Golf, a la que concurrieron representantes del sector productor, de la industria textil y algunos parlamentarios.

Precisó que los interesados deberán conectarse con el agregado comercial, Jaime Chen, en Scoseria 2871 bis/201, 788711 o 709439.

Por su parte, Chen dijo a EL DIA que "la decisión obedece a una expresión de esfuerzos por incrementar el [illegible]intercambio comercial" y [illegible] énfasis en destacar que "[illegible] aumento será indefinido".

Dijo que las compras [illegible] efectuarán preferentemente [illegible] producto industrializado [illegible] que ha notado "un fuerte inte[illegible]rés de los industriales uru[illegible]guayos". Preguntado respecto al precio que China está dispuesta a pagar, respondió: "De eso se habla entre empresarios".

01-01

8708817

Analizan convenio comercial a 5 años con China Popular

China Popular está dispuesta a absorber el costo comercial que pueda causar de la ruptura con la República de China en caso de establecer relaciones diplomáticas con nuestro país, aseguraron a EL DIA fuentes de la Cancillería uruguaya.

En tal sentido se estudian los detalles de un convenio comercial a cinco años, que será analizado entre el Canciller Enrique Iglesias y el ministro de Relaciones Exteriores de China Popular, Wu-Xueqian, este mes, durante la Asamblea General de Naciones Unidas.

Iglesias hará uso de la palabra el 25 de setiembre, pero los voceros advirtieron que aunque el establecimiento de relaciones es "inminente", no puede precisarse la fecha, acción que compete al Poder Ejecutivo.

Aclararon que la eventual ruptura de relaciones diplomáticas con la República de China —condición impuesta por China Popular— no supone cortar los vínculos comerciales.

Ventas

Los voceros dijeron que Taiwan mantiene "excelentes vínculos comerciales con gran parte de los países con los que no tiene relaciones, tomando en cuenta, en ese caso, la relación calidad-costo.

Las ventas de nuestro país a la República de China ascienden a unos 25 millones de dólares, mientras las que se realizan a China Popular oscilan en los 60 millones de dólares", las que se incrementarían tras el convenio.

Como elemento indicador de que las negociaciones avanzan, las fuentes mencionaron las ventas de lana.

El gobierno de Pekín grava todo producto de países con los que no tiene relaciones diplomáticas en un 10 por ciento. En el caso de Uruguay, ante la decisión a estudio, resolvió no aplicar el gravamen hasta el pasado 1° de setiembre.

En agosto, poco antes de vencer el plazo, el embajador uruguayo en Argentina, Luis Barrios Tassano, viajó a China Popular manteniendo conversaciones al más alto nivel de gobierno.

Productores laneros consultados por EL DIA dijeron que tienen concretadas operaciones "sin el 10 por ciento", las que se extienden "más allá de noviembre".

Convenio comercial con China Popular

Consideran relaciones diplomáticas

Los términos de un convenio comercial a cinco años, entre Uruguay y China Popular, serán definidos antes de fin de mes por el canciller Enrique Iglesias y su colega Wu-Xuekian, durante la Asamblea de las Naciones Unidas, aseguraron a EL DIA calificadas fuentes diplomáticas.

Agregaron que este sería el primer paso hacia el establecimiento de relaciones diplomáticas "inminentes," pero no "antes de dos meses".

Iglesias disertará ante el foro universal el próximo 21 de setiembre presidiendo la delegación uruguaya.

PAGINA 10

033

Visita Uruguay misión de asesoramiento de China

Hasta el martes 28 permanecerá en el Uruguay una delegación industrial de la República de China, integrada por representantes oficiales y del sector privado. Es presidida por Shih-Chien Yang, director general de la Dirección General para el Desarrollo de la Industria, y le acompañan Kuei-Sheng Wang, subdirector de la Administración de Zonas de Procesamiento para la Exportación del Ministerio de Asuntos Económicos, Ning-Son Wang, especialista del Centro Industrial de Desarrollo e Inversión del Ministerio de Asuntos Económicos, el senador Chien Hsi-Sun y tres representantes de industrias laneras y aceiteras.

El arribo de la misión había sido acordado durante la Cuarta Conferencia Binacional de Cooperación Económica, realizada en Taipei, en octubre de 1986, donde se acordó incrementar la cooperación técnica en el área industrial, ofreciendo la delegación china el envío de un equipo de consultores de alto nivel, para asesorar en proyectos de desarrollo industrial, crear condiciones de inversión en el Uruguay y estudiar las medidas efectivas a encarar, para atraer inversores, mejorando las condiciones vigentes.

Busqueda 27/7/87 PERLA

01-01

870882 4

Sanguinetti postergó audiencias con sectores exportadores

23/7/87

El gobierno se replantea los aspectos económicos y comerciales de sus relaciones con las dos Chinas

Los alcances de una decisión del Gobierno, estableciendo relaciones diplomáticas con China Popular (continental) y la consecuente ruptura con la República China (Taiwán) fueron analizados por el canciller Enrique Iglesias con sus asesores, confirmaron a Búsqueda fuentes oficiales.

En tanto, voceros empresariales indicaron que el presidente Sanguinetti postergó por el momento audiencias destinadas a discutir el tema con los sectores directamente involucrados en el comercio con ambos países (lana y soja).

Por su parte, un miembro del Partido Colorado admitió a Búsqueda que el embajador de Uruguay en Buenos Aires, Dr. Luis Barrios Tassano, alcanzó recientemente un entendimiento con su colega de China Popular, en torno a los términos de un acuerdo comercial por cinco años. Entre sus cláusulas incluiría importantes compras de lanas y transacciones comerciales compensatorias de una eventual pérdida de la corriente comercial actualmente sostenida con Taiwán.

No obstante, se indicó que la firma de dicho acuerdo estaría supeditada al reconocimiento diplomático de Pekín.

La necesidad de una definición parece perentoria, al acercarse el vencimiento —el próximo 1º de setiembre— del acuerdo comercial por el cual China continental exonera de gravámenes a la importación de lanas uruguayas. La anulación del beneficio dejará dicha materia prima fuera de competencia en ese mercado.

Mientras tanto, la ruptura de relaciones con Taiwán, implícita en la decisión de establecerlas con Pekín, significaría el cierre de un mercado en desarrollo para la producción de soja. En el curso del presente año se exportaron con ese destino 26 000 toneladas, en usufructo del compromiso chino de adquirir 140 000 toneladas, las que no podrán ser cubiertas por la producción uruguaya.

■ Inquietud empresarial

La inminencia de la definición originó gestiones de los sectores empresariales interesados. Los exportadores de lana admitieron a Búsqueda que han recibido informaciones provenientes de fuentes diplomáticas que indican [illegible] comprador en importancia de montos, a ocupar el primer lugar en la zafra 1986/87 (ver Cuadro II).

Por su parte, Taiwán, desde ocupar el décimo lugar en la zafra inicialmente citada, alcanzó al noveno puesto entre los clientes de Uruguay en la última zafra.

■ Aportes extraordinarios

Al margen del volumen de comercio que se ha generado, la República China (Taiwán) ha realizado diversas contribuciones en carácter de donación al país. Entre las más significativas se encuentra el aporte material para la construcción de silos en Tacuarembó, Vichadero y Treinta y Tres, un secador de granos para la localidad de Castillos, el equipamiento de laboratorios para las cuatro plantas citadas, microcomputadoras para el Centro de Investigaciones Alberto Boerger, asistencia de técnicos en producciones de arroz y soja, un laboratorio de análisis de calidad industrial de semillas para la Dirección de Granos, aporte de recursos para mejorar la infraestructura portuaria en materia de cargas de cereales.

Taiwán comenzó la compra de granos, entre otros productos, en 1984. En febrero de ese año, en oportunidad de realizarse en Taipei la segunda reunión binacional de comercio, se acordó una escala de exportaciones que alcanzará a los tres millones de toneladas en seis años.

Las cuotas establecieron compras de sorgos por 110 000 toneladas en 1987; 120 000 en 1988 y 150 000 para 1989 y 1990. De trigo se venderán 70 000 toneladas por año hasta 1990. De maíz se comprometen 160 000 toneladas en 1987; 230 000 toneladas en 1988; 280 000 toneladas en 1989 y 300 000 toneladas en 1990. Finalmente, las compras de soja previstas, alcanzan a 140 000 toneladas en 1987 y 1988; 240 000 toneladas en 1989 y 280 000 toneladas en 1990.

■ El proceso histórico

En 1949, tras el triunfo de la revolución china encabezada por Mao Tse Tung, el gobierno dirigido por Chiang Kai-Shek y sus seguidores, se recluyó en la isla de Taiwán y su entorno insular [illegible] paña informó en esa oportunidad "El País" de Madrid, en su edición del día 16 de ese mes, que "el ministro chino de Asuntos Exteriores, Wu Xueqian, pidió a su homólogo español, Fernando Morán, que España influya sobre los once países de Latinoamérica que aún reconocen al gobierno de Taiwán, para que establezcan relaciones diplomáticas [illegible] Pekín".

Sin que existan evidencias sobre su relación con este pedido, seis meses después, Bolivia procedía al reconocimiento de Pekín, rompiendo relaciones con China nacionalista.

El reconocimiento del gobierno de China roja implica la ruptura de relaciones con el gobierno de China insular, dado que aquél no admite la simultaneidad de las mismas.

Mientras tanto, la problemática del reconocimiento por parte de Uruguay del gobierno de Pekín, ya constituía una preocupación en el año 1955, cuando fue planteado formalmente por el líder batllista Luis Batlle Berres.

CUADRO I

INTERCAMBIO COMERCIAL CON LAS REPUBLICAS CHINA (TAIWAN) Y POPULAR CHINA (en millones de dólares)

	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987 (1)
EXPORTACIONES									
A Taiwan	0.96	8.07	7.81	12.37	12.53	25.77	15.09	17.76	4.1
A China Continental	—.—	0.64	0.36	9.05	12.17	38.34	43.12	60.01	10.1
IMPORTACIONES									
De Taiwan	4.46	11.10	11.04	5.76	1.86	4.54	2.09	5.06	1.7
De China Continental	1.29	3.06	4.27	2.19	0.55	0.54	0.59	0.80	0.6
SALDO									
Taiwan	— 3.50	— 3.03	— 3.22	6.61	10.67	21.23	12.19	12.16	2.4
China Continental	— 1.29	— 2.42	— 3.91	6.86	11.62	37.83	42.54	59.81	9.5

(1) Hasta marzo/87.

CUADRO II

PRINCIPALES COMPRADORES DE LANA Y PRODUCTOS DE LANA

PAISES (1/10/85 AL 31/03/86)	U$S	PAISES (1/10/86 AL 31/03/87)	U$S
1 URSS	20.199.038	1 CHINA CONTINENTAL	20.467.260
2 ALEMANIA FEDERAL	15.654.208	2 URSS	19.593.663
3 ESTADOS UNIDOS	12.747.387	3 ALEMANIA FEDERAL	16.628.420
4 CHINA CONTINENTAL	12.254.718	4 ESTADOS UNIDOS	15.888.170
5 IRAN	10.158.715	5 REINO UNIDO	13.649.217
6 ITALIA	7.548.556	6 ITALIA	12.245.091
7 CHECOSLOVAQUIA	7.299.345	7 HONG KONG	6.929.168
8 REINO UNIDO	5.040.718	8 JAPON	5.122.129
9 JAPON	3.410.678	9 CHINA TAIWAN FORMOSA	4.800.538
10 CHINA TAIWAN FORMOSA	2.558.038	10 PAISES BAJOS	4.117.184

Fuente: Elaboración Secretariado Uruguayo de la Lana, en base a información proporcionada por el Banco de la República Oriental del Uruguay.

INTERCHINA

uruguayas. La situación del beneficio dejará dicha materia prima fuera de competencia en ese mercado.

Mientras tanto, la ruptura de relaciones con Taiwán, implícita en la decisión de establecerlas con Pekín, significaría el cierre de un mercado en desarrollo para la producción de soja. En el curso del presente año se exportaron con ese destino 26 000 toneladas, en usufructo del compromiso chino de adquirir 140 000 toneladas, las que no podrán ser cubiertas por la producción uruguaya.

■ **Inquietud empresarial**

La inminencia de la definición originó gestiones de los sectores empresariales interesados. Los exportadores de lana admitieron a Búsqueda que han recibido informaciones provenientes de fuentes diplomáticas, que indican que no se renovará la exoneración arancelaria, por lo que resultaría cortada la corriente vendedora a China continental.

Advirtiendo sobre la situación, han remitido memorándum a las principales autoridades que deben actuar en el problema.

Por su parte, los productores de soja también han manifestado preocupación por el cierre de un mercado para la producción que se venía afianzando.

■ **SUL: prescindente**

El Secretariado Uruguayo de la Lana (SUL), según informó a Búsqueda su presidente, Ing. Agr. Carlos Coubrough, no opinará sobre el tema. De acuerdo a reciente resolución "objetivamente aportará todos los datos necesarios para facilitar una decisión de las autoridades", pero sin "tomar posición sobre el tema de fondo".

■ **El intercambio comercial**

El intercambio comercial de Uruguay con China roja muestra un importante incremento en el último año, alcanzando a los 61,41 millones de dólares.

El volumen global del comercio con Taiwán mantuvo en 1986, en términos generales, su nivel habitual, llegando a 23,36 millones de dólares (ver Cuadro I).

Uno de los rubros más importantes de ventas, está constituido por las lanas. En este rubro, China continental pasó de ser en la zafra 1985/86 el cuarto

... millones de toneladas en seis años.

Las cuotas establecieron compras de sorgos por 110 000 toneladas en 1987; 120 000 en 1988 y 150 000 para 1989 y 1990. De trigo se venderán 70 000 toneladas por año hasta 1990. De maíz se comprometen 160 000 toneladas en 1987; 230 000 toneladas en 1988; 280 000 toneladas en 1989 y 300 000 toneladas en 1990. Finalmente, las compras de soja previstas, alcanzan a 140 000 toneladas en 1987 y 1988; 240 000 toneladas en 1989 y 280 000 toneladas en 1990.

■ **El proceso histórico**

En 1949, tras el triunfo de la revolución china encabezada por Mao Tse Tung, el gobierno dirigido por Chiang Kai-Shek y sus seguidores, se recluyó en la isla de Taiwán y su entorno insular.

En esta primera instancia histórica, la mayoría de los países del mundo no reconocieron al nuevo régimen comunista de China continental, manteniendo sus relaciones con el gobierno confinado en las islas.

La situación se fue revirtiendo con los años, sumándose los reconocimientos, hasta que en el año 1971 fue la propia comunidad internacional, la que admitió a China roja en las Naciones Unidas, en sustitución de China nacionalista, que hasta ese momento ocupaba asiento permanente en el Consejo de Seguridad.

Esta sustitución y la sonada reunión, entre el presidente Richard Nixon y Mao, que tuvo lugar un año después, afianzaron la posición de China Popular en el mundo. Hoy día, en el continente viven más de mil millones de chinos, en tanto en las islas lo hacen poco más de veinte millones.

A la fecha, restan reconocer a China Popular 23 Estados en todo el mundo.

Además de Uruguay, mantienen sus relaciones diplomáticas con Taiwán en Latinoamérica: Paraguay, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Haití, Honduras, Nicaragua, Panamá, República Dominicana, San Vicente y las Granadinas.

Promediando el mes de noviembre de 1984, el presidente Li Xiannian, de China Popular, realizó una visita oficial a Es...

INTERCA...

8708825

China anunció política monetaria restrictiva

PEKIN. — China reducirá la concesión de créditos y la circulación monetaria y ejercerá un control más estricto sobre los precios en 1988, según las reformas previstas por el gobierno.

El periódico "China Daily" informó que el viceprimer ministro Yao Yilin hizo esas declaraciones el martes en una reunión nacional sobre los planes de desarrollo económico y de reforma.

"Las fluctuaciones de precios siguen siendo un problema, causado por el desequilibrio entre la oferta y la demanda, y podríamos enfrentarnos a graves situaciones en la reforma y el desarrollo económico de China si no lo solucionamos", dijo Yao.

Según el político, el gobierno central aumentará la producción agrícola y de sus derivados, fomentará la industria textil y el desarrollo de la industria ligera, y garantizará la construcción de los proyectos más importantes, pero reducirá o cesará los no relacionados con la producción.

Las reformas económicas del plan económico para 1988 —continuó Yao— se concentrarán en la dirección empresarial, las inversiones, las materias primas y las operaciones que generan divisas.

K.P.CH.

033

China El País 16/8/87

SORPRENDENTE DECLARACION

El periodismo, obliga a escuchar toda clase de opiniones; y, con sesenta y nueve años recién cumplidos, "EL PAIS" ha recogido o piadosamente ignorado un variado arsenal de disparates.

Creíamos estar curados de espanto y a prueba de nuevas sorpresas.

Debemos confesar, sin embargo, que lo que nunca pensamos escuchar, ni mucho menos ver publicado en carácter de exclusiva en un diario de la trayectoria de "El Día", fue un reportaje al integrante del Comité Central del Partido Comunista Chino, el PCCH, un tal Zhang Xianshen, que no sabemos si en español, en ruso, o en chino, —eso justificaría un error en la traducción—, "consideró que la recuperación y consolidación democrática en proceso en América Latina, es un acontecimiento positivo que contribuye a afianzar nuestras relaciones".

Lo que no dice la crónica es si lo dijo en serio, se sonrió o se puso colorado, porque en China Popular, ni antes del régimen comunista, ni durante el régimen maoísta, ni después, se ha dado ese "acontecimiento positivo" de un régimen democrático.

Ante aquella sorprendente afirmación, los ancestros del colega tienen que haberse conmovido.

CHINA: POR AHORA SOLO CHARLAS (I)

"LO vi ayer 'vichando' la entrada de la misión de China Popular a la Comisión de Asuntos Internacionales", afirmó uno de los amigos del Duende cuando ambos se retiraban del Palacio Legislativo.

—Exacto, no quería perderme detalles de la entrada de la delegación de los chinos rojos para conocer si la cosa venía para rumbear hacia las relaciones o no.

—¿Y qué conclusión sacó?

—Algo le adelanté ayer, el asunto va para largo, pese a que hay gente que presiona y presiona.

—Bue…, vamos al grano, ¿cómo fue lo de la Comisión?

—Mire, estaban los diputados León Morelli, que la preside, Julio Daverede (cívico), Javier Barrios Anza (Mov. de Rocha), Roberto Asiaín (Lista 85) y Yamandú Fau, además de los delegados de sector Nelson Lorenzo y Gilberto Ríos (Frente Amplio) y Carlos Fila (independiente). No asistieron el Esc. Guillermo Stirling (Batllismo Unido) y Oscar Piedra (colorado).

—¿Hubo decisión?

—¡Por favor!, está más inquieto que Asiaín. Los chinos dieron cuenta de que los motivos de su visita (presidía la misión de 6 personas invitada por el Partido Colorado: Zhan Xianshan) obedecía al deseo de estrechar lazos.

—¿Y?

—Se habló de cosas generales, aunque se aclaró perfectamente que el asunto de la política exterior dependía exclusivamente del Poder Ejecutivo.

—En una palabra, mucha conversación, mucha conversación, pero por ahora se vuelven con las manos vacías. ¿Todo queda como está?

—Así es. Un importante legislador de las tiendas coloradas, que balconeó la cosa, fue categórico: No agite las aguas que no hay nada. Evite hacer ruido. En las máximas alturas por este año no mueven un dedo, se lo aseguro.

LA GENTE DE TAIWAN CONTRAATACA (II)

"LE digo que la insistencia de algunos por estos lares de imponer las relaciones con China Comunista ha movido a la gente de la República China", aseguró uno de los informantes al Duende.

—¡Por favor!, me lleva a confusión, para tener un panorama más claro que pueda entender, hábleme de los demócratas y los comunistas.

—Está bien, le insisto que los demócratas ante el avance de los rojos no quieren perder posiciones. No amenazan con cortar compras de "tops" desde setiembre como los continentales, pero obligados plantean un panorama comercial mucho más favorable que hasta ahora.

—"A río revuelto…"

—Bue…, no se pase, pero cuénteme: ¿qué ofrecen de las tiendas taiwanesas?

—Le puedo afirmar que fuentes fidedignas de la industria textil me dijeron, repito que me dijeron, que la República China se compromete a comprar este año lana uruguaya por un monto de diez millones de dólares y agrega la promesa de continuar la adquisición cada año en el futuro por un total no menor a la del '87. ¿Qué me dice?

—Le indico que esta operación es extra, que no está incluida en los convenios de la Comisión Nacional de Cooperación Económica Sino-Uruguaya.

—Veo que los representantes del país fundado por Chiang Kai Sek salieron de su modorra.

—¡Epa, epa!, no olvide que China comunista promete, promete y siempre pone por delante que son 600 millones de habitantes para consumir y comprar, pero en concreto, poco, poco.

—¡Usted está cada día más materialista! Jamás me habla del intercambio cultural.

—Usted sabe que a buen comercio buenas relaciones políticas y diplomáticas.

—Puede ser, pero le agrego que China (Taiwan) está próxima a concretar los detalles de la obra de infraestructura de zonas industriales y de ampliación del Puerto de Montevideo.

870B842

01-01

Perla

Luego de casi 40 años de régimen autoritario

Lenta liberalización del sistema político en Taiwan

por Daniel Sutherland

Con la formación, el año pasado, de un partido político de oposición, y el levantamiento —este mes— de la ley marcial, Taiwan se está moviendo después de casi 40 años de régimen autoritario en un partido único, hacia un sistema menos autoritario, posiblemente más democrático.

Mientras Taiwan parece estar lindando con las mismas metas que Corea del Sur, el progreso es muy lento en esta isla de 19.5 millones de habitantes. Pero hasta ahora, por lo menos está viviendo una transición sin manifestaciones masivas, sin la violencia y sin la confusión política que recientemente llevó al caos a Corea del Sur.

"La política surcoreana es 'política Karate'", manifestó Antonio Chiang, el editor de una revista cercana a la nueva oposición taiwanesa.

"En Taiwan, todo es una 'disputa imaginaria' y de proceso lento", agregó.

En el único ámbito donde la transición es más viva y más abierta es en el Parlamento, otrora sereno y unánime. Cuando abrió a comienzos de este año los diputados lucharon, se empujaron y se presionaron mutuamente. Cuando cerró, la semana pasada, un legislador golpeó el escritorio de un oponente con su zapato.

Los opositores al gobierno chino nacionalista, que ha detentado el poder por 38 años, dicen que el ejemplo de las protestas públicas surcoreanas en apoyo a la democracia los ha alentado.

No obstante, la mayoría de los analistas políticos señalan que, por las grandes diferencias entre Taiwan y Corea del Sur, el impacto surcoreano ha sido hasta ahora limitado. Taiwan nunca experimentó un gobierno sustentado por generales como Corea.

■ Chiang Kai Shek y su hijo

A pesar de haber sido gobernada por el 'generalísimo' Chiang Kai-Shek hasta su muerte en 1975, lo sucedió su hijo, quien no era un general. Los militares Taiwaneses tampoco han jugado el importante papel que en la política diaria cumplen las Fuerzas Armadas surcoreanas.

Las manifestaciones registradas en Taiwan en mayo y junio en contra de la ley marcial fueron mucho menores comparadas a las que sacudieron a Corea del Sur.

El presidente Chiang Ching Kuo suspendió la ley marcial el 14 de julio, después de casi 40 años de existencia. El hecho no causó celebración alguna. Muchos ciudadanos comunes apenas sabían, en primer lugar, que la ley existía.

Si el gobernante Kuomintang —Partido Nacionalista— mantiene sus promesas, el levantamiento de la ley marcial será sólo el primero de una serie de pasos hacia la liberalización del sistema político y para ampliar la base de apoyo del Kuomintang antes que el poco saludable presidente salga de escena.

■ Mini potencia económica

Ubicado a sólo 100 millas de China Continental, Taiwan se transformó en una mini potencia económica en la década de los '60 y '70. Gracias a sus exportaciones, esta pequeña isla se ha convertido en uno de los más grandes socios comerciales de Estados Unidos. Tiene una de las reservas de moneda extranjera más importantes del mundo, valuada en 62.000 millones, sólo excedida por las de Japón y Alemania occidental.

Pero durante años, grupos activistas de derechos humanos, tanto taiwaneses como extranjeros, han criticado al gobierno nacionalista por su monopolio del poder político, el encarcelamiento de militantes opositores y las restricciones que implantó para las publicaciones independientes que criticaban al régimen. Aún sin la ley marcial, el gobierno planea continuar imponiendo medidas estrictas a una prensa en expansión y a las manifestaciones callejeras.

Chiang, de 77 años, hijo mayor de Chiang Kai-Shek, y un pequeño grupo de asesores que se fueron de China después de la derrota nacionalista por parte de los comunistas en 1949, aún sustentan casi la totalidad del poder político.

Taiwan continúa declarándose a sí misma como el gobierno de toda China, y la gran mayoría de las bancas de los tres cuerpos legislativos nacionales son ocupadas por miembros vitalicios que fueron electos en los distritos continentales en 1947.

El Kuomintang nunca permitió elecciones generales para el principal cuerpo parlamentario, Yuan, de 318 miembros. Pero elecciones complementarias han permitido el acceso de un número limitado de diputados más jóvenes al llamado "club de los hombres viejos".

El problema del Kuomintang ahora es cómo retirar a los hombres viejos e incorporar a nuevos legisladores sin sacrificar la imagen de un Parlamento que se supone representa a toda China.

"Reformar la legislatura será mucho más difícil que levantar la ley marcial" dijo Lu Ya Li, un reconocido científico político taiwanés.

■ La oposición en el Parlamento

Sólo 13 legisladores pertenecen al Partido Progresista Democrático, el principal grupo de oposición que se formó el año pasado. La mayoría de sus miembros son nativos de Taiwan. Junto con un número de representantes del Partido Nacionalista, relativamente jóvenes y de mentes liberales, este grupo opositor ha convertido al Parlamento en un vivo foro de debates.

En diciembre pasado, a pesar de que su status era técnicamente ilegal, el Partido Progresista Democrático obtuvo alrededor de un 25% de los votos en una elección para un número limitado de bancas legislativas. Pero desde entonces, el nuevo partido ha tenido dificultades para obtener nuevos miembros y dinero para seguir adelante.

Según Kang Ning Hsiang, un líder del Partido Progresista Democrático y miembro de la legislatura, el partido de 11 meses de existencia "se está rompiendo".

"La gente tiene miedo de afiliarse a un nuevo partido", dijo Kang. Otro problema del nuevo partido es que no tiene un líder claro. Además, sus miembros parecen estar divididos respecto al principio de "autodeterminación" para Taiwan.

Para algunos, la autodeterminación simplemente significa obtener poder político. Pero para otros, significa declarar a Taiwan una nación independiente, algo que podría provocar a los comunistas de China Continental y al Kuomintang.

Kang también reconoce otro problema. El presidente Chiang ha jugado lento, pero firme, para reformar el sistema político, "robando cartas" del nuevo partido.

Una de las demandas claves de la oposición era que el Kuomintang levantara la ley marcial, y el anuncio de Chiang en octubre pasado de que lo haría, disminuyó el impacto que podría haber tenido, como tuvo en Corea del Sur el giro hacia la democracia.

"No tenemos una tradición democrática, y es algo que debe ser aprendido paso por paso" expresó Huang Chu Wen, un legislador liberal —de 40 años— del Kuomintang.

Los políticos de la oposición no han aprendido aún cómo unificar y enfocar sus esfuerzos, de acuerdo con el editor Antonio Chiang. (DPA · The Washington Post · Especial para Búsqueda)

Poco legible

01-01.

8708865

033

PACHEQUISMO, LOS CHINOS Y EL PARTIDO

"LE aseguro que la gente de la Unión Colorada y Batllista está muy, pero muy molesta con sus correligionarios colorados por la invitación formulada oficialmente a la delegación de China Roja para visitar Uruguay y también la vieja e histórica Casa del Partido en la calle Martínez Trueba", comentó uno de los amigos de "La Trastienda" cuando entraba a "Morini", para su habitual almuerzo.

—Algo había escuchado en boca de un legislador de la gente del embajador Jorge "Bocha" Pacheco Areco.

—Pues le digo que en carta dirigida al Presidente del Comité Ejecutivo Departamental del Partido Colorado señalan "su desagrado y disconformidad... porque en la sede de nuestro partido, de neta tradición y vocación democrática se brinde reconocimiento a una delegación de un partido internacional como lo es el Partido Comunista..."

—¿Y quiénes firman?

—Los representantes de la U.C. y B. en el citado Comité: Andrés F. Merino Pacheco, Héctor Mario Fraud, Dr. Eduardo Olivera Piaggio y Heriberto Billig Lowe.

—Le digo antes de despedirme que no será el primero ni el último encontronazo por este tema entre los sectores colorados. Ya lo verá.

El País 26/9/87

033

Delegación de China Popular se Reúne hoy con Iglesias

NUEVA YORK, Naciones Unidas (por Carlos Paoletti).— Una intensa agenda de contactos y reuniones está manteniendo en las Naciones Unidas el ministro de Relaciones Exteriores, Cr. Enrique Iglesias, que se desarrolla paralelamente a los trabajos de la Asamblea General.

EL PAIS pudo saber que el canciller Iglesias se reunió con el ministro de Relaciones Exteriores de Alemania Federal, Hans Dietrich Genscher, para considerar la marcha de las relaciones bilaterales y la aplicación de los distintos convenios signados en ocasión de la visita del presidente Sanguinetti a ese país en junio pasado.

Del mismo modo, el Canciller mantuvo un casual encuentro de pocos minutos con el secretario de Estado estadounidense George Shultz, con quien tendrá una reunión formal la próxima semana. Luego de participar ayer por la mañana en un desayuno de trabajo con el Ministro de Relaciones Exteriores de España, el Canciller se reunió con su colega de Chile Ricardo García, analizando varios temas, fundamentalmente la truncada negociación entre ese país y Bolivia por una salida al mar de este último. Las informaciones en nuestro poder señalan que la postura chilena no ha variado sustancialmente, y por lo tanto no se vislumbran posibilidades de reanudación del diálogo cuya última instancia se cumplió en Montevideo.

El Canciller estuvo además reunido con su similar de Cuba, Isidoro Malmierca, tratando aspectos referidos a las relaciones comerciales entre Uruguay y esa nación, y al mediodía participó de un almuerzo organizado por la New York Society, en el cual disertó sobre el desarrollo político y económico del Uruguay.

En horas de la tarde, el titular de la diplomacia uruguaya participó de la reunión realizada entre los Cancilleres del Grupo de los Ocho latinoamericanos, esto es Argentina, Uruguay, Perú, Colombia, Venezuela, Brasil, México y Panamá con los doce Ministros de Asuntos Exteriores de la Comunidad Económica Europea, para considerar el apoyo al panorama económico de emergencia para América Central, y el inicio de un diálogo intercontinental sobre todos los aspectos de interés, entre ellos políticos, económicos, culturales, comerciales y sociales.

Esta mañana, en un salón del edificio de las Naciones Unidas, el Cr. Iglesias recibirá al Ministro de Relaciones Exteriores de la República Popular de China, quien le solicitó una entrevista. Y aunque no trascendieron los temas a plantearse, resulta obvio que la delegación asiática planteará el asunto del restablecimiento de relaciones diplomáticas con el Uruguay, sobre el cual todavía no habría un pronunciamiento de parte del gobierno uruguayo.

Posteriormente, la agenda prevé contactos con el Canciller de Hungría, una reunión plenaria con el presidente Oscar Arias de Costa Rica, quien se encuentra aquí, y que servirá para analizar la marcha del plan de paz para América Central en aplicación, y un encuentro entre los Ministros del Grupo de los Ocho para tratar la preparación de la cumbre presidencial que se realizará en México en noviembre próximo.

El País 24/9/87

01-01

8709024

INTERCHINA
033

Taiwan en procura de acercamiento con Pekín

El Caso 15/9/87

TAIPEI. — El gobierno de la República de China señaló que estaba a estudio la modificación de las normas vigentes para permitir que los ciudadanos mayores de 55 años que no sean funcionarios de la administración pública viajen a la República Popular China, únicamente para reunirse con sus familiares.

Miles de ciudadanos de Taiwan, aprovechando la falta de vigilancia de las normas en los últimos años, ya han visitado China continental utilizando la vía de la colonia británica de Hong Kong.

Los analistas occidentales afirman que Pekín, que pretende desde hace tiempo se establezcan lazos más fuertes con Taipei, podría acceder al permiso oficial que al respecto pudiera solicitar China nacionalista.

Paralelamente, dos periodistas de Taiwan, ignorando las advertencias de su gobierno, viajaron ayer con destino a Pekín, convirtiéndose así en los primeros reporteros que viajan públicamente desde la isla nacionalista hacia el país comunista.

Los periodistas, Hsu Lu, de 30 años de edad, y Lee Yung-Teh, de 33, ambos del periódico "Independence Post Evening", se dirigieron primero a Tokio para abordar un avión con rumbo a Pekín. Afirmaron que tienen la intención de permanecer entre 10 y 15 días en China, y que evitarán cualquier contacto con funcionarios del gobierno de Pekín.

Los representantes del Servicio de Noticias de China, perteneciente al gobierno de Pekín, se trasladaron al aeropuerto de esta capital para recibir a los periodistas, y dijeron que la agencia noticiosa estaba dispuesta a facilitar la visita de los reporteros de Taiwan.

Al viajar a Pekín, los dos periodistas violaron la prohibición contra las visitas a China que Taiwan ha dictado

visto

033

República de China comprará lana por US$ 10 millones

La industria textil de la República de China se comprometió a comprar este año lana uruguaya por un monto de US$ 10 millones, según informó a EL DIA la Oficina de Prensa de la respectiva Embajada.

Esa fuente indicó también que China asume el compromiso de efectuar compras de la fibra uruguaya en el futuro por un monto no inferior al indicado en forma anual y aclaró que esta decisión es independiente de las derivadas del convenio binacional sino-uruguayo de cooperación económica, marco en el cual se operó hasta por US$ 2,5 millones.

01-01

8709030

033

Montevideo, viernes 11 de setiembre de 1987 HORA

La República de China suministrará expertos capital y tecnología

La República de China (Taiwán) suministrará expertos, capital y técnica a Uruguay en los campos de la ganadería y la agricultura fundamentalmente, aunque también en áreas de la industria, según reveló el diario "Central Daily News", órgano del gobierno de ese país.

El Departamento de Inversión y la Dirección General de Industria del Ministerio de Economía de la República de China desarrollaron una planificación para construir una zona industrial en Uruguay para atraer a las fábricas e industrias de Taiwán a hacer inversiones en este país y desarrollar la industria y fábricas que ayudarán al desarrollo de la economía, agrega la citada fuente.

Es una primera base que si resulta con buen éxito, luego va a ampliarse a otros países de Sudamérica, establece.

En esta primera etapa de la planificación, Taiwán suministrará expertos, capital y técnica. A causa de la base industrial en Uruguay, que se limita principalmente al campo de la agricultura y ganadería, la autoridad china va a enviar una vez más expertos para investigar y planificar y también se empieza a organizar con los industriales chinos sobre la integración de capitales, precisó el "Central Daily News".

La tintorería china

Todos los legisladores presentes en la reciente sesión de la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Diputados, en la cual se recibió a la delegación del Partido Comunista chino, se pronunciaron a favor del establecimiento de relaciones diplomáticas con China Popular.

Las expresiones de los legisladores fueron bien recibidas por los visitantes, quienes no tocaron en cambio el tema, ya que aclararon que el tema de las relaciones diplomáticas es competencia del gobierno de su país. Ellos, como representantes de su partido, llegaron a Uruguay a estrechar vínculos con los partidos uruguayos.

También hubo momentos de buen humor, que fueron compartidos pese a la barrera idiomática. El diputado Yamandú Fau dijo a los visitantes que "teniendo en cuenta la experiencia de los chinos en tintorería, deben ayudar a nuestro país a limpiar la mancha que representa no tener aún relaciones con su país". Por su parte, el diputado Roberto Asiain señaló que en el tema "comienza a verse la luz al final del túnel", lo cual fue ratificado con sonrisas por la delegación china.

El Día 15/9/87

01-01 8709042

033

LOS PASOS DEL DESARROLLO

Se ha hablado últimamente, con persistencia, de la República de China Nacionalista, tanto con motivo de la visita de su vice Ministro de Relaciones Exteriores, Licenciado Charles Shu-kung, encabezando una distinguida delegación, como a consecuencia del rumor de un estrechamiento de nuestros vínculos con la China Popular, circunstancia esta que implicaría la ruptura con Taiwan, a todas luces lamentable.

Mas no es ese el tema de la presente nota. Del llamado "milagro de Taiwan" deseamos destacar el orden y el método de las acciones que a él condujeron, tan bien concebidas y ejecutadas que no podían dejar de producir los resultados que a la vista están. El triunfo de China Nacionalista no es un milagro realmente; es la consecuencia de haber emprendido, la totalidad de sus habitantes, en armonía, un difícil camino preconcebido, de haber realizado un sacrificado y tesonero trabajo con esa comunidad de sentimientos, intereses y propósitos que, según el gran Renán, define las condiciones esenciales para constituir un pueblo: "Tener ciertas glorias comunes en el pasado, una voluntad común en el presente, haber llevado a término juntos grandes empresas y pretender acometer otras..."

El pueblo taiwanés fue, de ese modo, dando pasos firmes, mesurados. No pretendió saltar de golpe del subdesarrollo a la tecnología más avanzada y a una industrialización a ultranza. No omitió ninguno de los escalones del desarrollo bien entendido: reforma agraria, crecimiento agrícola, autoabastecimiento, industrialización, exportación... Todo ello sustentado por una cohesión familiar que es tradicional.

China Nacionalista, que partió de cero pocos decenios atrás, ocupa hoy el 16º lugar en el mundo por su comercio exterior, previéndose que hacia el año 2000 será una de las diez naciones más ricas del mundo.

Esta lejana nación asiática está, pues, señalándonos un camino.

¿No habrá llegado, realmente, el momento en que todos los uruguayos, sin excepciones, pongamos en juego esa famosa reserva moral que sin duda poseemos, para luchar codo con codo, por encima de discrepancias, intereses e individualismos mal entendidos, en pro del bien común y del engrandecimiento de nuestra patria?

01-01

8709158

033

CHINOS ROJOS SE MUEVEN, PERO...

NOTA

¿SE enteró que una misión de China Comunista recorrió ayer los ambientes parlamentarios y la sede central o la casa del Partido Colorado?, preguntó uno de los amigos del Duende.

—Mire, los vi reunidos durante algo más de media hora con legisladores blancos en la sala Verde: Carlos Julio Pereyra, Luis José Martínez, Alem García, Gandini, Juan Pablo Crocci y Carlos Rodríguez Labruna.

—¿De qué hablaron?

—Los visitantes dieron un panorama de China roja e invitaron a viajar a los legisladores nacionalistas, que quedaron en estudiar la posibilidad.

—¿Ni sí, ni no?

—Exactamente, en cambio después que estuvieron con el senador Dr. Jorge Batlle, también algo más de media hora, el líder quincista se mostró partidario del establecimiento de relaciones diplomáticas.

—¡Oh, la, la!, categórico don Jorge.

—Espere, espere, más tarde la comitiva, que la integran dirigentes y un legislador de aquel país, concurrió al edificio de la calle Martínez Trueba, sede del Partido Colorado donde conversaron con el Secretario General, Dr. Enrique E. Tarigo. Fueron acompañados durante todo el tiempo por el gigantesco diputado de la lista 85, Roberto Asiaín, quién muy sonriente los llevó de recorrida por la antigua casona, hoy en etapa de remodelación.

—¿Y dicen que Iglesias durante su concurrencia a la Asamblea de la ONU hablará del tema con el ministro de China Popular?

—Eso afirman. Veo que la cosa es a fuego lento.

—Tiene razón, pero le advierto que escuché a algunos legisladores, que tienen su peso político, que no les gustaba en este momento el asado. ¡Abur!

Dia 11/9/87

8709221

01-01

033

Sistema mercantil en China Popular

Pekín (PL). A partir del año próximo, China Popular establecerá gradualmente un "sistema mercantil socialista" en la consolidación del actual proceso de reformas de su estructura económica.

La decisión fue difundida ayer por Li Tieyung, ministro a cargo de la Comisión Estatal de Reestructuración de la Economía, quien precisó que en el nuevo sistema el Estado controlará el mercado y éste guiará a las empresas en la producc

La Hora 26-9-82

BUSQUEDA ■ Jueves 30 de julio de 1987 ■ Pág. 28

Control de natalidad en China

Política de un hijo por pareja crea generación de "pequeños emperadores"

Ocho años después de que la nación más populosa del mundo —China— pusiera en marcha su controvertido programa de planeamiento familiar limitando a la mayoría de las parejas a tener solamente un hijo, uno de los resultados más claros ha sido el surgimiento de una generación de "pequeños emperadores", que en occidente serían conocidos por "mocosos impertinentes".

La prensa oficial está llena de historias sobre tales niños. El año pasado, el diario Noticias de la Juventud China publicó una serie de 12 artículos titulada: "Los pequeños hijos de nuestras vidas", que retrataban algunos casos.

Los padres de un niño de tercer grado escolar, por ejemplo, le compraban todo lo que él quería. Mientras él comía pastel de carne, sus padres comían avena. Rechazaba la ropa que había sido usada por otro alguna vez. Después que su abuelo lo retó por haber comenzado una pelea en la escuela, el muchacho tomó unas tijeras y amenazó con matarse si el abuelo no se disculpaba y le compraba un traje nuevo.

"¿Cuál será el resultado si los padres permiten este tipo de reacciones?", se preguntó el articulista del diario.

China tiene 337 millones de niños menores de 14 años. De ellos, alrededor del 9 % —unos 30.5 millones—, son chicos sin hermanos, la mayoría concentrados en los más bajos grados escolares, expresaron funcionarios de planeamiento familiar. Con el reciente énfasis en la política de "un hijo por pareja", es probable que la proporción aumente a un 90 % en los próximos cinco años, de acuerdo con Liu Bin, vice ministro de la Comisión de Educación del Estado.

Muchos hijos únicos son tan atendidos por sus familias que se vuelven tímidos, altivos, haraganes, auto-indulgentes o despectivos hacia los trabajos físicos, señalaron los funcionarios. La mayoría de estos niños tienen "puntos débiles, como por ejemplo baja capacidad para cuidar de sí mismos, son egoístas, caprichosos y arrogantes", dijo Liu.

"El tema de los hijos únicos causa problemas sociales" manifestó Zhou Huayin, un funcionario de educación en Beiling —Pekín—. Estropeados por su crianza, estos niños se convierten en "malhumorados e irrespetuosos para con sus padres y personas de generaciones más viejas", agregó.

Los médicos también se preocupan, porque muchos de estos chicos no solo son "mocosos", sino "mocosos" gordos. Hay un número creciente de jovencitos con sobrepeso, la mayoría de los cuales son hijos únicos, según Yan Chun, director del Departamento de Medicina Interna del Hospital de Niños de Beijing. La obesidad en los niños se da por falta de ejercicio y por comer demasiado, mientras sus padres, actuando bajo la creencia tradicional de que "más gordito es más sano y mejor", les embuten chocolates y dulces, dijo.

En un país donde la bondad colectiva aún es algo supremo, por lo menos en teoría, el emergente fenómeno social de niños malcriados se está convirtiendo en un tema de creciente preocupación.

Para el año 2000, los chinos de 20 años formarán parejas y cada uno tendrá un solo hijo. "¿Qué tipo de generación será esa?", se pregunta la publicación mensual Revista de la Juventud China. "¿Cuál será el impacto de estos niños sin hermanos ni hermanas en el desarrollo de China?".

En 20 años, los productos de las parejas actuales estarán trabajando, "y escribirán un nuevo capítulo en la historia de China. Estos padres no solo están alimentando y vistiendo a sus niños, o acompañándolos al kindergarten, están haciendo historia".

El Estado ha dejado en claro que la política de "un hijo por pareja" es vital para los logros de la política económica del país y para limitar la población a 1.2 mil millones para el año 2000.

Como parte de sus esfuerzos propagandísticos, el Estado es muy veloz en puntualizar los beneficios de tener un solo hijo. El hijo único tiene un mejor desarrollo físico, intereses más amplios, un mejor sentido de la competencia y una mayor sed de conocimiento, expresó un despacho de una agencia de noticias china citada por Liu.

Estos chicos también se benefician de la capacidad de sus padres para acceder a los lujos de las actividades extracurriculares, como deportes y clases de música, agregó.

Algunas escuelas dan clases para padres una vez al mes. Para conseguir la asistencia, los padres reciben justificación especial para ausentarse de sus trabajos. Estas clases comenzaron hace tres años, después de un sondeo realizado entre escolares, muchos de ellos hijos únicos. Estos niños mostraron tener expectativas poco realistas de su futuro. Muchos dijeron que deseaban ser primeros ministros, muy poquitos deseaban ser trabajadores comunes. Casi la mitad de los chicos encuestados dijeron ser castigados por sus padres si sacaban un puntaje inferior al 80 % en sus pruebas y exámenes.

Funcionarios estatales expresaron tener confianza en su capacidad para resolver el problema a través de propaganda y enfocando la educación de los niños hacia el trabajo físico. En la escuela, se asignan tareas simples, como por ejemplo que los niños laven sus propios pañuelos, como ejercicio para que aprendan a cuidar de sí mismos. Los colegios para padres recomiendan que obliguen a sus hijos a ayudar en las tareas domésticas: preparar la cena, barrer y lavar los platos.

Pero los padres que tienen un solo hijo siempre tienden a malcriarlos y a sucumbir a sus deseos y caprichos.

"Sé que no debería darle más soda", suspiró un padre de 37 años, mientras miraba a su hijo de 18 meses de edad, que alegremente tomaba su quinta taza de soda de naranja. "¿Qué quiere que haga?, solo tengo un hijo".

Vo.Bo.-

El Jefe del Departamento III(FCE)
Tte.Cnel.

P E R E Z

R.P.04

033

Comunistas combaten marxismo

PEKIN. — Un dirigente chino vaticinó que la destrucción de las ideas y doctrinas sobre el marxismo que están pasadas de moda demandará mucho tiempo e insinuó la existencia de un profundo debate dentro del Partido Comunista sobre las actuales reformas.

Se han planteado muchas anomalías y fricciones entre los dos sistemas económicos que actualmente coexisten en China. El de la economía planificada con rigurosos controles por parte del Estado, cuotas fijas y bajos precios, y la economía de mercado.

01-01 8709352

033

MARTES 15 DE SETIEMBRE DE 1987

CHINA POPULAR Y LA INDUSTRIA TEXTIL

En asamblea realizada el pasado cuatro de setiembre, el Congreso Obrero Textil (COT) se decidió "reclamar al gobierno que defina qué quiere hacer con la industria textil". En uno de los numerales de la resolución el COT plantea que "la indefinición ante el compromiso asumido hace dos años y medio, de reanudar relaciones con China Popular, compromete no sólo el principal mercado comprador de nuestros tops (y potencial gran mercado para otros productos textiles y de otras industrias), sino que crea el peligro de la rebaja de la cotización de los productos textiles en el mercado internacional".

El Popular 19/7/87

DESPUES DE 20 AÑOS

El PIT-CNT en China Popular



El cartel de la bienvenida a los dirigentes del PIT-CNT, Oscar Groba y Eduardo Fernández, frente a una fábrica de motos de Shangai.

RESPONDIENDO a una invitación de la Federación de Sindicatos de China (FSCh), viajaron a Pekín los dirigentes sindicales Oscar Groba y Eduardo Fernández. La visita se desarrolló entre el 25 de junio y el 4 de julio manteniendo diversas reuniones con las máximas autoridades del movimiento obrero chino, recorriendo la capital, la ciudad-puerto de Shangai y la populosa villa de Hangchou.

En su despacho de la sede central del PIT CNT, el secretario de Relaciones Internacionales de nuestra central, OSCAR GROBA nos refirió de la siguiente forma las impresiones recogidas en su visita al gigante asiático.

¿Cuáles son las sensaciones que se experimenta al encontrarse en un país con más de mil millones de habitantes?

—La imagen gráfica más elocuente es la comparación de cualquier calle o avenida pekinesa o de Shangai o de cualquier otra ciudad, con un domingo de clásico a la salida del estadio. Verdaderas multitudes, que caminan, viajan en coche, en bicicleta, en autobuses. En una palabra, gente y más gente a cualquier hora del día o de la noche.

—¿Qué visitas efectuaron?

—En Pekín estuvimos en una gigantesca fábrica de artesanías, naturalmente en la Gran Muralla, en el Mausoleo del Emperador y en el Palacio Imperial.

En Shangai visitamos el complejo siderúrgico de Baoshan, lugar donde laboran más de 25.000 operarios, presenciamos muestras maravillosas de acrobacia y malabarismo. Estuvimos también en distintas fábricas (de camisas, plástico, de fantasías) y en un tambo. Pero lo más impresionante de esta impresionante ciudad puerto de 12 millones y medio de habitantes es el río Guan Pu. Es una verdadera "arteria industrial". En sus riberas trabajan más de 60.000 obreros en las más diversas ocupaciones, que reciben la materia prima a través del río, se trasladan de un sitio a otro en embarcaciones, etc. En una palabra, el río es el principal elemento. En Hangchou recorrimos una fábrica de seda y visitamos una casa de reposo y de salud para los obreros.

—En el Uruguay se habla, fundamentalmente de parte de los voceros más destacados del gobierno de la necesidad de "modernización" y en China, desde hace 10 años comenzó un proce- [illegible]

per cápita oscila en los U$S 400 anuales lo que a primera vista parece poco, pero se debe tener en cuenta que el Estado brinda gratuitamente la asistencia médica, la educación y se están produciendo avances mayúsculos en la órbita de la vivienda, esfera ésta donde la situación hace una década era terrible. Compara tú, un país de 1.000 millones sin índice de desocupación, con el Uruguay donde más allá de las estadísticas oficiales, el flagelo de la falta de fuentes de trabajo o de su cierre, carcome nuestra sociedad. El programa chino de modernización prevé para el año 2000 alcanzar un per cápita de 4000 U$S anuales. El impulso dado a la tecnología y la implantación del criterio de "tanto trabajas, tanto recibes" significó un enorme aumento de la productividad del trabajo y una ampliación considerable del mercado interno, y también de los rubros exportables.

En el campo es donde más se aprecian los cambios. Muchas de las más difíciles realidades, de los más grandes dramas chinos se ubicaban en el medio rural como consecuencia de las desviaciones de la banda de los cuatro y de la revolución cultural, al decir de mis anfitriones. Hoy el incremento del bienestar colectivo se aprecia fundamentalmente en el campo. Se construyen viviendas por decenas de miles, se agilizó el sistema de aprovisionamiento, se calificó al máximo los elementos culturales puestos a disposición del campesinado, se buscaron nuevas formas económicas. Se destacan las parcelas individuales de cada campesino, su posibilidad de comercializar los productos directamente en el mercado, etc.

—¿Qué información manejaban los anfitriones sobre nuestro país?

—Conocían naturalmente el período dictatorial que acabamos de vivir, manejaban bastantes elementos sobre nuestra realidad, pienso que fundamentalmente fruto de las visitas de delegaciones del Partido Colorado, de núcleos de empresarios, etc. Pero se notaba ausencia de noti

plejo siderúrgico de Baoshan, lugar donde laboran más de 25.000 operarios, presenciamos muestras maravillosas de acrobacia y malabarismo. Estuvimos también en distintas fábricas (de camisas, plástico, de fantasías) y en un tambo. Pero lo más impresionante de esta impresionante ciudad puerto de 12 millones y medio de habitantes es el río Guan Pu. Es una verdadera "arteria industrial". En sus riberas trabajan más de 60.000 obreros en las más diversas ocupaciones, que reciben la materia prima a través del río, se trasladan de un sitio a otro en embarcaciones, etc. En una palabra, el río es el principal elemento. En Hangchou recorrimos una fábrica de seda y visitamos una casa de reposo y de salud para los obreros.

—En el Uruguay se habla, fundamentalmente de parte de los voceros más destacados del gobierno de la necesidad de "modernización" y en China, desde hace 10 años comenzó un proceso trascendente bajo la consigna de Modernizar al país. ¿Qué impresión te merece este fenómeno modernizador?

—Es conocida nuestra posición acerca del proyecto modernizador colorado, por lo tanto te describiré lo que pude apreciar e informarme de la realidad china. La modernización en la China subdesarrollada (tal la definición de sus dirigentes) viene operando en base a un programa humanizador. Es decir sin afectar traumáticamente a enormes contingentes de hombres y mujeres. Mientras dura la reinserción laboral se les abona el 90 % del salario mientras se realizan profundos cursos de reciclaje de la mano de obra. Modernización en China no ha significado desocupación o rebaja de salarios. Y eso solo el socialismo lo puede brindar. Actualmente el ingreso consecuencia de las desviaciones de la banda de los cuatro y de la revolución cultural, al decir de mis anfitriones. Hoy el incremento del bienestar colectivo se aprecia fundamentalmente en el campo. Se construyen viviendas por decenas de miles, se agilizó el sistema de aprovisionamiento, se calificó al máximo los elementos culturales puestos a disposición del campesinado, se buscaron nuevas formas económicas. Se destacan las parcelas individuales de cada campesino, su posibilidad de comercializar los productos directamente en el mercado, etc.

—¿Qué información manejaban los anfitriones sobre nuestro país?

—Conocían naturalmente el período dictatorial que acabamos de vivir, manejaban bastantes elementos sobre nuestra realidad, pienso que fundamentalmente fruto de las visitas de delegaciones del Partido Colorado, de núcleos de empresarios, etc. Pero se notaba ausencia de noticias acerca de algunos importantes aspectos de nuestra realidad. Por ejemplo ignoraban lo concerniente a la Concertación Nacional Programática y sobre todo desconocían que el salario real, en democracia, ha sufrido rebaja real.

—¿Y sobre futuros contactos PIT CNT-FSCh?

—Cursamos dos invitaciones. Una para el próximo 1o. de Mayo y otra sin fecha, que quizás pueda producirse en el corriente año. Está prevista la visita de una delegación gubernamental, invitada por el Partido Colorado para agosto, y nosotros esperamos que los sindicalistas chinos tengan el mismo trato en cuanto a visas y documentación que la delegación invitada por el P. Colorado.

Daniel Mañana

01-01

● **Misión partidaria.** *Una misión partidaria de China Popular llegará a Uruguay el 9 de setiembre para mantener contactos con los partidos políticos y el Parlamento.*

La delegación estará presidida por Zhang-Xiangshan, funcionario de enlace internacional del Partido Comunista Chino con rango de viceministro.

Durante su estadía la misión se entrevistará con las comisiones de Asuntos Internacionales del Parlamento y con el Ministro de RR.EE., Enrique Iglesias.

033

Planifican incrementar negocios

Delegación china realizó evaluación

El Mercurio 22/9/87

TREINTA Y TRES (Por Fco. Antonio Rodríguez Correa).— Una importante delegación compuesta por integrantes de la Cámara de Comercio Chino-Uruguaya, donde se nuclean exportadores nacionales y sectores de negocios de China Nacionalista, visitó la capital olimareña, en el marco de un programa de evaluación de relaciones, precisamente es una región donde el gobierno de Taiwán coopera activamente.

La idea es el incremento de las relaciones comerciales entre ambos países, por lo que los visitantes mantuvieron entrevistas y jornadas de trabajo con importantes sectores productores de la zona.

CON EL INTENDENTE OLIMAREÑO

La delegación compuesta por su presidente el Sr. Jorge Fernández, el Sr. Edison Exailez, jefe de Exportaciones de CALFORU, fueron acompañados por el Gerente de CALITT, Juan Carlos Cabrera, realizándose una entrevista con el Intendente Wilson Elso.

El tema central de la misma giró sobre el significado en la actualidad de las relaciones comerciales entre el Gobierno de China Nacionalista y el uruguayo, precisamente tan fundamental para Treinta y Tres y toda la región productiva en el área sojera.

Como es de conocimiento, casi toda la soja producida y que cuenta con importante infraestructura donada por el gobierno del país asiático, es exportada hacia ese país, asegurándose de esa forma, no solo colocación (mercado) sino la obtención del precio internacional.

GRAN ENCUENTRO REGIONAL

Luego de esta reunión, se acordó que para los últimos días del presente mes de setiembre, se realizará un gran encuentro regional de Productores, autoridades y demás sectores interesados en el tema.

Dentro de la temática a abordar, se incluyen tópicos tales como el rompimiento de relaciones comerciales de nuestro gobierno con la República de China. Dicha eventualidad tiene preocupados a productores de la región, en vista del apoyo que China Nacionalista le ha prestado a nuestro país, fundamentalmente en la producción sojera.

En ese encuentro de insistiría en resaltar los perjuicios que tal decisión acarrearía a la producción regional, como lo expresara la resolución final del recientemente realizado Congreso de la Asociación Nacional de Productores de Soja, que preside el Ing. Gonzalo Gardil.

En aquella oportunidad se fijó posición frente al problema, advirtiendo a las autoridades nacionales y opinión pública, la importancia ha significado —señalaron— un puntal fundamental para el resurgimiento del cultivo de la soja, asegurando mercados y colaborando con donaciones al levantamiento de la infraestuctura necesaria para el manipuleo de dicho cultivo.

CON OTROS SECTORES

Además de lo analizado, esta delegación de la Cámara de Comercio Chino-Uruguaya que visitó Treinta y Tres, realizó una visita a la Planta de Silos-Soja de la 7a. sección de Treinta y Tres y mantuvo entrevistas con otros sectores productivos de la zona.

0330

China es el primer productor mundial de carne porcina

Según un economista agrícola, el avance en esa materia se debe en parte a la política de alentar la propiedad privada

WASHINGTON (UPI).– Tras el notable incremento registrado en su producción cárnica desde 1979, China se ha convertido actualmente en el mayor productor mundial de carne porcina y el segundo de carnes rojas en general después de los Estados Unidos, aseguraron investigadores del sector.

El suministro per cápita de carnes rojas aumentó a 14,9 kilogramos por año entre 1979 y 1984, incrementándose el rendimiento y el tamaño del animal para faena, en tanto un ambicioso programa chino de desarrollo ganadero apunta a producir hasta 120 millones de toneladas de forraje para el año 2000, desde 5,1 millones de toneladas de 1982.

El consumo hogareño de productos tales como carne, leche, huevos y pollo es dos veces más alto en las ciudades que en las áreas rurales de China, aunque estas últimas producen la mayoría de esos rubros. El economista agrícola Francis Tuan señala que China posee una tasa relativamente baja de suministro de productos ganaderos, pese a contar con uno de los mayores inventarios mundiales de porcinos, bovinos, ovinos y caprinos.

En el '83, por ejemplo, China tenía 476,5 millones de porcinos, vacunos y ovinos en comparación con los 192,3 millones de EE.UU. El valor de sus productos ganaderos representaba un 19% del valor de la cosechas del país. En los EE.UU. alcanzaba el 50 por ciento.

Dificultades

Entre los problemas del país asiático, comenta Tuan, puede considerarse el hecho de que los precios del ganado no reflejan las condiciones de la oferta y la demanda. El sistema de precios favorece la producción de porcinos pesados y de abundante grasa, aunque los consumidores prefieren la carne menos gorda.

Además, los precios no presentan variaciones suficientes como para alentar el envío de animales a regiones donde hay demanda de carne. De todos modos, observa el especialista, el sector ganadero ha hecho "progresos significativos" desde fines de los años 70.

"En gran medida, el incremento en la producción de carnes derivó de los cambios de la política gubernamental que alentaron la propiedad privada y el engorde del ganado, aumentaron los precios de compras oficiales, ampliaron las tierras disponibles para uso privado y la producción de la industria doméstica de forrajes", agrega Tuan.

Tales cambios de política, adoptados en el '86, deberían proporcionar más incentivos a los ganaderos para producir cerdos –afirma–, y el crecimiento en el ingreso de los consumidores debe llevar a una demanda creciente de productos cárnicos en mayor cantidad y de mejor calidad.

Otros cambios

Esto significará presiones hacia más avances en el sector, incluyendo razas superiores de cría, mejores forrajes y un sistema más moderno y eficiente para el transporte y almacenamiento de los productos.

"Hacia fines de la década –dice Tuan– China tal vez deba aumentar gradualmente sus importaciones de forrajes a menos que puedan superarse rápidamente los obstáculos que existen para la transferencia doméstica de superávit de cereales forrajeros de una región a otra.

"Asimismo –concluye–, si China no puede ampliar su área de cultivo de soja o reducir su dependencia de los granos molidos para uso como fertilizantes, y si no puede reducir los subproductos tóxicos generados por las harinas de semillas de algodón y colza probablemente empezará a importar harinas."

01-01

8709447

China Popular desea relaciones "completas" con nuestro país

Se incrementará comercio, afirmó dirigente del Partido Comunista

"El pueblo chino, su gobierno y el Partido Comunista Chino (PCCH) desean establecer relaciones completas con Uruguay", afirmó el presidente de la delegación de ese país que visitó Montevideo entre el miércoles y el viernes, el integrante de su Comité Central del PCCH, Zhang Xianshan, en entrevista exclusiva de EL DIA.

"Queremos establecer relaciones completas en todos los terrenos. Y una vez establecidas las relaciones diplomáticas, habrá mejores condiciones para desarrollar las relaciones comerciales, económicas y culturales", puntualizó.

El consultor del departamento de enlace exterior del PCCH señaló asimismo una amplia gama de coincidencias con los principios uruguayos de política exterior y las posiciones sustentadas en diversas materias, incluyendo la de deuda externa y vaticinó un futuro de colaboración y cooperación en las relaciones multilaterales.

También se pronunció sobre el proceso de reformas económicas iniciado en la Unión Soviética, a los que definió como una alternativa al estancamiento y anunció próximas reformas políticas en China "para acompañar las reformas económicas, la descentralización de las empresas y la puesta en juego de la iniciativa y el entusiasmo del pueblo".

La delegación estaba integrada también por el vicepresidente de la Asociación Latinoamericana de China, Yang Baiping, Lui Peigen, Suo Yuanzang y la secretaria de la Embajada de China Popular en Buenos Aires, Lin Alli.

Esta visita sucede a la de delegaciones juveniles y parlamentarias y Xianshan destacó que la presente "reviste una importancia aún mayor. A partir del establecimiento de la democracia en Uruguay, delegaciones del Partido Nacional y del Partido Colorado estuvieron en China, visita que ahora retribuimos para profundizar aún más los lazos de amistad entre el PCCH y el Partido Colorado, fomentando la amistad entre los dos pueblos".

"Estoy seguro —agregó— que estas relaciones se desarrollarán aún más, ya que coincidimos en torno a una serie de problemas internacionales muy importantes y además, en los últimos años cobró un considerable incremento el intercambio comercial, que estoy seguro que tendrá un desarrollo ulterior".

Coincidencias

El visitante adhirió a los principios de la política exterior uruguaya de no intervención y respeto a la autodeterminación de los pueblos: "China —agregó— sostiene al respecto cinco principios: respeto de la mutua soberanía y a la integridad territorial, no agresión, no intervención, beneficio recíproco y coexistencia pacífica".

"Sobre la base de estos principios queremos establecer relaciones con todos los países del mundo. Y en este campo coincidimos creo que totalmente", explicó.

Especificó asimismo que China respalda "el establecimiento de América Latina como zona libre de armas nucleares, el reclamo de soberanía sobre las 200 millas marítimas, los esfuerzos pacifistas del Grupo de Contadora y la solución pacífica del conflicto centroamericano, sin intervención foránea".

"Ambos países coincidimos en la necesidad de fortalecer la cooperación sur-sur —recordó— y sostenemos que el actual orden económico internacional es injusto: somos partidarios de establecer uno nuevo, más justo y razonable, que permita prosperidad a todos los países".

En relación a la deuda externa, Xianshan dijo que la posición china "coincide con la de la mayoría de los países de América Latina. Nos oponemos a que los acreedores fuercen el pago de los servicios de la deuda, que sólo pueden ser satisfechos sobre la base de un desarrollo económico de los países deudores, pues es lo único que aumentará su capacidad de amortización".

"También respaldamos —dijo— que los países deudores coordinen su posición mediante consultas ante la negociación con los países acreedores".

Experiencia similar

De acuerdo a la visión del presidente de la comisión china, ambos países atravesaron "situaciones similares: fuimos víctimas de la dominación colonial e imperialista y libramos luchas heroicas por nuestra respectiva independencia y soberanía. No sé cómo se ve a China desde Uruguay —agregó— pero somos un país socialista del Tercer Mundo, en vías de desarrollo".

Sostuvo asimismo que "la amplia gama de coincidencias (entre Uruguay y China) incluye la aplicación en cada uno de los países de una política de apertura".

Proteccionismo

Xianshan se pronunció en forma terminante contra "el proteccionismo comercial que pretenden implantar una parte de los congresistas norteamericanos y algunos de los países desarrollados de Europa", considerando que "esta práctica no es favorable al intercambio comercial internacional" y especificando que China lo sufre actualmente en su relación comercial con Japón, que constituye el 30% de su volumen global.



Zhang Xianshan

En relación a la perspectiva comercial con Uruguay, dijo no conocer muchos detalles "pero estoy seguro de que avanzamos hacia un mayor desarrollo. Por el momento el volumen es muy escaso. Con Brasil tenemos otra práctica: nosotros les compramos, entre otros, mineral de hierro y ellos nos compran petróleo y carbón, con lo que accedemos a un mayor ritmo de intercambio. Pienso que este modelo es factible con Uruguay y a través de las consultas amistosas entre las autoridades competentes de ambos países, se llegará a un feliz acuerdo".

Xianshan recordó que la producción china de petróleo fue de 125 millones de toneladas en 1986 y la de carbón de 870 millones, "con lo que tenemos capacidad exportable".

Democracia

El visitante consideró que la recuperación y consolidación democrática en proceso en América Latina "es un acontecimiento positivo que contribuye a afianzar nuestras relaciones. También en China nos estamos esforzando en construir una democracia aún superior".

En relación al proceso en su país, Xianshan relató que se había efectuado una reforma económica de fondo para eliminar el centralismo, por el que la dirección de las empresas estaba emplazada "en los departamentos gubernamentales, en los Ministerios del Consejo de Estado, nuestro gobierno nacional o los gobiernos provinciales".

"Antes —dijo— los planes estatales tenían todos el carácter de orden y se determinaba centralmente el producto a fabricar, su variedad y cantidad, porque las empresas no gozaban de autonomía".

"Para poder poner en juego la iniciativa de las empresas, hemos descentralizado el poder de modo que gocen de amplia autonomía y ahora, para que la estructura política pueda estar a la altura del desarrollo económico, el próximo congreso del PCCH definirá en octubre un proyecto de reforma política".

Andrés Alsina

CHINA NAC

033

Parlamentarios de Uruguay y China

Ayer quedó constituida la Sociedad Parlamentaria de Amistad Uruguay-República de China en la sala 220 de comisiones del Senado, con motivo de la visita del Viceministro de Relaciones Exteriores de la República de China, Charles King. Asistieron el distinguido visitante, su comitiva, integrada, entre otras personas, por periodistas. Asistieron legisladores integrantes de las comisiones de Asuntos Internacionales de ambas cámaras, el presidente de la Cámara de Diputados, Víctor Cortazzo, invitados especiales y representantes de la prensa.

ACTA DE CONSTITUCION

El acto comenzó con la lectura del acta de constitución de la entidad internacional, en cuyo artículo 1º se establecía que la finalidad de la sociedad que se creaba era contribuir al mutuo entendimiento y cooperación entre los dos países. En los artículos siguientes se establecía que cualquier miembro del Parlamento será miembro de la entidad y que el embajador de la República de China será miembro honorario.

En lo que refiere a la Asamblea de esta entidad, queda establecido que se reunirá una vez al año, convocada por su presidente, que será, en este primer ejercicio, el Esc. Dardo Ortiz, siendo el senador Luis Bernardo Pozzolo el vicepresidente.

LA ORATORIA

Hizo uso de la palabra el senador Esc. Dardo Ortiz, quien dijo que, al parecer, parecía extraño constituir esta entidad cuando se trataba de dos países tan alejados y aparentemente con tan poco en común. "Es que, en realidad, China nos ha conquistado porque la hemos conocido y cuando más la hemos recorrido más la hemos admirado."

Dijo que la isla de Formosa la conocíamos solamente por lecturas de Salgari, hasta que, después de 1946, supimos lo que era una nación que nació en ese año, por más que su cultura fuera milenaria. Recordó que cuando los japoneses abandonaron la isla de Formosa, dejaron un territorio sin petróleo y sin recursos naturales mayores, pero con una población dispuesta a salir adelante. "Ese fue el milagro de Taiwán, que salió adelante con su comercio, su industria y su cultura."

LA MAÑANA 7/7/87

01-01 8709460

CHINA

033

EL SINDROME DE CHINA

En su destierro de Santa Elena, dijo Napoleón: "El día en que China se despierte temblará el mundo".

También Guillermo II de Alemania tembló ante el "peligro amarillo" y envió un regimiento a China a sofocar la rebelión de los "boxer". Lenin, poco ante de morir, recordó en uno de sus últimos escritos la frase de Napoleón. Y casi 80 años después, el Ministro Alain Peyrefitte escribía con parejo título un ensayo sobre el coloso asiático.

Pero el despertar anunciado no se produjo con la revolución republicana y anti-mandarina de Sun Yat-sen, ni con la revolución marxista y anti-republicana de Mao. Curiosamente, el despertar —no profetizado— se produjo en la pequeña isla de Taiwan.

Más ahora, el sucesor y corrector de Mao, Deng Xiaoping, quiere poner al día a la China Continental. Y para muchos países del mundo occidental, y "urticantemente" para nosotros, la China Comunista con sus mil millones de habitantes, se convierte en el nuevo "El Dorado". Sólo que la diversa significación de los países y su distinta inserción en la coyuntura mundial, plantea situaciones y perspectivas muy diferentes.

En los parámetros económicos en que funciona el mundo moderno, China significa un importante mercado de consumo. Pero el país debe despe[illegible]rse primero en el ámbito de la producción industrial y los servicios para que el poder de consumo de cada chino acelerada con el aumento del salario real y la llamada renta per cápita que aún hoy son bajísimos.

Por ello, las potencias industriales de Occidente se vuelcan a China Comunista y el Canciller alemán realiza su reciente periplo a Pekín. El propósito: venderle a China toda la tecnología desarrollista que esas naciones producen. Y como la transacción se realiza de gobierno a gobierno, los negocios son claros para Occidente.

Nosotros queremos subirnos al tren en marcha, pero para nosotros las circunstancias y condiciones son muy diferentes. China necesita ahora comprar tecnología, no alimentos ni fibras. Nos impone el rompimiento con Taiwán avasallando nuestra soberanía (que tanto defendemos en otras áreas). Y para colmo, falta que China cumpla su primera fase desarrollista para que sus mil millones de habitantes lleguen a la capacidad de ser buenos consumidores de nuestros productos.

En el minúsculo Uruguay China no tiene ningún interés comercial, pero estableciendo relaciones diplomáticas y con el anzuelo de sus compras suma un voto más —que sí le importa— en los foros internacionales. Logrado eso, el famoso mercado chino, seguirá aún por muchos años cerrado a nuestros reales intereses. Mientras tanto, habremos roto con Taiwán, estropeado nuestro buen comercio con la isla y llevado a la ruina a miles de trabajadores de la soja. Si las relaciones con China Comunista son fructíferas para los inversionistas y los países industriales desarrollados, son nefastas para nosotros. Habrá entonces que ver cuál es el "criterioso cangrejo" que anda debajo de esta piedra del coqueteo con China.

ALEX PEREYRA FORMOSO

01-01 8709471

148

República de China

033

El País 20/9/87

NO SER FURGON DE COLA

En el enfoque del tema chino, esto es, si [illegible]bemos perm[illegible] nuestra amis[illegible] con la [illegible]pública de China, [illegible] incurrir en [illegible] acto de des[illegible]ente e inde[illegible]roso para el país, reconociendo a los [illegible]munistas de Pekín, se han dicho muchas [illegible]sas y se han usado diversas argumenta[illegible]nes.

De toda esa literatura, en algunos casos [illegible]hemente, nos place reproducir una opi[illegible]ón que inevitablemente debe considerarse [illegible]licsa por venir de quien viene y que tra[illegible]nta acierto y seriedad.

Nos referimos a un artículo escrito por el [illegible]ctual Presidente de la República, Dr. San[illegible]uinetti, en el diario "Acción", el 21 de mayo [illegible]e 1973.

Dice así el mencionado artículo en sus [illegible]ltimos párrafos:

"Uruguay ha estado hasta hoy vinculado [illegible] China Nacionalista y cometería, a nuestro [illegible]uicio, un error si se apresurara a alinearse en la posición de [illegible], abandonando una línea que tiene tradición, mantiene una vinculación democrática y reafirma la presencia de un Estado pequeño, cosa que nunca un país como el nuestro puede perder de vista.

"El espejismo comercial de China comunista no pasa de ser eso, una ilusión. Mientras China nacionalista, en cambio, puede ser la perspectiva cierta para nuestro país, de entendimientos fecundos y de alcance en campos como el de la pesca o el simple intercambio comercial.

"Ser furgón de cola en Pekín no significará nada para nuestro país, salvo el abandono de una relación histórica, que puede hoy ofrecer nuevos terrenos de desarrollo. La prudencia sería hoy el consejo más adecuado que podría ofrecérsele a la diplomacia del Palacio Santos (firma) Julio Mª Sanguinetti".

Inútil sería agregar que participamos íntegramente de lo expresado en el artículo del Dr. Sanguinetti, publicado en el diario que interpretaba entonces el modo de pensar del sector batllista liderado por D. Luis Batlle Berres.

Sus expresiones no sólo reflejan una sólida posición en la materia, sino que, en algún pasaje, contienen frases con algo de profético, especialmente cuando dice que China nacionalista puede ser la perspectiva cierta para nuestro país de entendimientos fecundos... agregando en el párrafo siguiente, que no se debe abandonar una relación histórica que puede ofrecer nuevos terrenos de desarrollo.

035

LA TORTURA ES CONSTANTE Y GENERALIZADA EN CHINA COMUNISTA

Amnistía Internacional formuló una declaración el reciente martes 8 de setiembre del año actual, afirmando que el uso constante de la tortura en China, por la Policía, los funcionarios del Partido Comunista y las unidades de seguridad, está entorpeciendo los esfuerzos del Gobierno para poner fin a estos abusos.

En un nuevo informe, la organización mundial de Derechos Humanos afirma que la preocupación del Gobierno por la tortura se deduce claramente de la "publicidad sin precedentes" que se ha dado a la cuestión en los últimos años en las publicaciones controladas por el Estado. Pero estas informaciones también han demostrado que la tortura es más generalizada de lo que se sospechaba, y Amnistía Internacional pide que se introduzcan cambios fundamentales en la legislación china para impedir que ocurran esas "graves violaciones" de los Derechos Humanos de los detenidos por delitos comunes y políticos.

Amnistía Internacional afirma que las informaciones indican que los sospechosos han sido golpeados, azotados, colgados de los brazos y agredidos brutalmente con porras eléctricas en comisarías de policía y centros de detención, con el fin de obtener sus confesiones.

En un caso ocurrido en abril de 1986, la policía torturó a más de 100 de un grupo de 201 detenidos ilegalmente, al tratar de obtener confesiones relacionadas con dos robos perpetrados en la ciudad de Baoshan, provincia de Yunnan. Una de las víctimas murió y dos se suicidaron.

Los presos y los detenidos también han sido tratados con crueldad para castigarlos, humillarlos o intimidarlos.

Una persona recluida en el centro de detención de Huangpu, Shanghai, en 1986 denunció: "Entre los castigos más severos estaba el 'aeroplano colgante', que consistía en que le colgaban de las dos manos atadas a la espalda. Lo peor eran las palizas..."

Un interno recluido en el mismo centro con anterioridad, comunicó a Amnistía Internacional que los guardias blandiendo porras obligaban regularmente a más de una docena de reclusos a entrar en una celda de tres metros cuadrados hasta que quedaban apiñados en el suelo con las cabezas juntas, "como el pescado congelado".

Otras torturas consistían en apretar las esposas para que cortaran la carne "hasta que se viera el hueso". Las quejas sobre la forma de utilizar las esposas en las comisarías de policía, han sido generalizadas.

También ha habido casos de presos que han estado recluidos en régimen de aislamiento durante años, sin contacto con sus familias ni con otros reclusos. Algunos han perdido el juicio como consecuencia de ello.

Un preso de conciencia [illegible] encerrado varios meses, durante 1986, en una celda sin ventanas a la que se accedía por una trampilla situada en el techo.

Amnistía Internacional declara que el debate abierto en la prensa china sobre el uso de la tortura, parece estar dedicado inicialmente a restablecer la confianza pública en la policía. En 1985, un comentarista de temas políticos describió la tortura como una "enfermedad rebelde, que produce en las masas la impresión errónea de que si alguien entra en una comisaría de policía será golpeado inevitablemente". Altos funcionarios han sido acusados públicamente de "hacer la vista gorda" ante el empleo de la tortura por la policía.

Otras víctimas de la tortura han sido detenidas ilegalmente por funcionarios del partido o por miembros de alguna de las muchas unidades no oficiales de seguridad existentes en China.

El secretario del partido en una población de la provincia de Guizhou, fue encarcelado por tres años, en enero de 1987, después de que, junto con unidades de seguridad, detuviese ilegalmente y torturase a dieciséis mujeres para obtener sus confesiones en un caso relacionado con un envenenamiento de alimentos.

En setiembre de 1986, un miembro del Parlamento de China y secretario del partido en la provincia de Shaanxi, fue procesado por detener ilegalmente a 72 aldeanos y por haber ordenado la tortura de diecisiete de ellos por el robo de una parte del timbre de su bicicleta.

Según las informaciones, estas violaciones de Derechos Humanos aumentaron en 1986.

Amnistía Internacional ha afirmado que, pese a la condena pública de la tortura por altas instancias de China, las penas impuestas a algunos torturadores declarados culpables, se han destacado por su escasa severidad. En 19[illegible], un agente de policía que supuestamente dejó tullidos a veintiséis sospechosos cuando intentaba que confesaran, fue declarado culpable de torturar a diez personas y condenado a seis meses de prisión.

La organización ha manifestado que las autoridades han otorgado prioridad a la formación de los agentes de policía y a tratar de que se investiguen los casos de torturas. Pero, en opinión de Amnistía Internacional, la legislación china no contiene suficientes garantías contra la violación de los Derechos Humanos de los detenidos.

Amnistía Internacional pide especialmente que se impongan límites legales a la reclusión en régimen de incomunicación y garantías de que los detenidos serán puestos, sin demora, a disposición de los jueces y podrán comunicarse regularmente con sus familiares, abogados y médicos.

El País 20/5/87

01-01

8709473

D33

China Popular Aporta Uranio Para Nuevo Reactor Chileno

SANTIAGO DE CHILE, 19 (EFE).— La República Popular China suministrará uranio enriquecido, U-235, para fabricar elementos combustibles para el segundo reactor experimental chileno, según informó la Comisión Chilena de Energía Nuclear.

La versión recogida por la prensa local señaló que el envío de uranio se verificará antes de fin de año, cuando deberá entrar en operación el reactor experimental de 10 megavatios.

En Viena, la Agencia Internacional de Energía Atómica aprobó ayer un acuerdo de seguridad a través del cual Chile se somete voluntariamente a los controles del organismo.

Mientras tanto, el Jefe de Estado chileno, General Augusto Pinochet, dijo que el deber del Ejército "es continuar garantizando el cumplimiento del proceso establecido en la Carta Fundamental de la República aprobada por la mayoría ciudadana en el plebiscito de 1980".

Hizo esa afirmación en un mensaje difundido por una red nacional de radioemisoras con motivo del "Día de las Glorias del Ejército", al cumplir Chile 177 años de vida independiente.

El militar chileno recordó que el golpe de estado del 11 de setiembre de 1973 se produjo en un momento en que el país "sintió amenazada su integridad y su libertad... librándose una nueva batalla para no ser sometidos a extranjeras doctrinas muy ajenas a nuestro ser nacional".

"Hoy enfrentamos un nuevo desafío —dijo Pinochet—, pues la nación se encuentra al inicio de una trascendente etapa institucional".

01-01 8709476.

La Mañana
MONTEVIDEO, VIERNES 17 DE JULIO DE

Impulsan relaciones entre ambos países

Destacan importancia de visita comercial china

El Vicecanciller de la República de China, Charles Shu Chi-king destacó la importancia del arribo de una misión comercial de su país al Uruguay, integrada por autpridades oficiales y del sector privado, a poco de llegar a Montevideo. Calificó las actuales relaciones como "muy buenas" y se mostró optimista en que "en el futuro van a seguir mejorándose para mutuo beneficio".

El alto diplomático chino, que permanecerá hasta mañana en Montevideo, fue recibido en el Aeropuerto Internacional de Carrasco, por el Embajador de su país, Henry Wang, y representante del Ministerio de Relaciones Exteriores de nuestro país.

-Hemos visto que en su agenda va a desarrollar contactos fundamentalmente en las áreas de la agricultura, de la educación y de la economía. ¿Esos serán los puntos a analizar en estas conversaciones cómo forma de mejorar las relaciones bilaterales?

-He venido con el propósito de observar y ver la manera de impulsar más aún las relaciones de cooperación y de amistad que existen entre los dos países. También había querido venir especialmente para saludar a viejos amigos tales como la Ministra de Educación, Dra. Reta, con la cual me une una gran amistad.

MISION COMERCIAL

-Dentro de esa posibilidad de mejoramiento en relaciones, ¿existe la posibilidad de que aumenten las inversiones de su país en el Uruguay?

-Las posibilidades existen, y nuestro Gobierno ha estado estimulando a la empresa privada de nuestro país para que haga inversiones en el extranjero, siempre que cuenten con una clima de inversión sano y seguro. Como un paso concreto al estímulo de estas inversiones en el extranjero, va a llegar próximamente al Uruguay una delegación presidida nada menos que por el Director de Industrias del Ministerio de Economía de la República de China. La delegación explorará y verá las facilidades existentes para que nuestros inversores vengan para seguir con esa corriente de inversiones.

BENEFICIO MUTUO

-¿Cómo calificaría las actuales relaciones entre Uruguay y su país?

-Nuestras relaciones han sido tradicionalmente buenas, en un marco de cooperación y sincera amistad, y estoy seguro que en un futuro vamos a seguir mejorándolas para un beneficio mutuo.

-¿Van a seguir incrementándose inversiones en el sector arrocero?

-Los planes de cooperación agrícola-técnico que se han estado llevando a cabo en el país, han dado sus frutos. Hemos realizado un programa de extensión del cultivo del arroz. También hemos estado en un programa del desarrollo de la soja, y en otros renglones más de alta productividad económica para el país. Estamos estudiando los mecanismos de lograr estimular esta clase de cooperación, como así también de darles un mayor impulso en busca de un beneficio común.

-En el ambiente parlamentario, y también a nivel del Poder Ejecutivo, se ha manejado la posibilidad de que nuestro país restablezca relaciones diplomáticas con China comunista. ¿Cuál es su opinión al respecto? ¿Y en caso de así concretarse, qué repercusiones podría tener eso en China nacionalista?

-Nuestras relaciones con el Uruguay, como le decía anteriormente, están basadas de manera bastante sólidas, desde hace muchos años. Las hemos llevado adelante con la mayor felicidad. Ahora, tenemos algo común en lo político, y es la aspiración de democracia, de libertad. Con la democracia existe la paz y la libertad.

No creo yo que teniendo nosotros ideologías tan comunes puedan influenciar en nuestras relaciones. En otro aspecto, estamos haciendo todos los esfuerzos posibles para concretar una mayor y sustanciosa relación entre nuestros dos países, por lo que puedo decirle sin temor a equivocarme que veo las cosas desde un punto de vista por demás optimista y ese optimismo creo que puede ser compartido con las autoridades del Gobierno uruguayo.

-¿Cuál es el motivo de su próximo viaje a Asunción?

-Presidiré allí una Conferencia de diplomáticos acreditados en el área de la América latina.

R.N.CH.

033

01-01 8709506

EL PAIS

Fundado el 14 de Setiembre de 1918
Directores: Martín Aguirre, Washington Beltrán y Daniel Rodríguez Larreta

Montevideo, Sábado 10 de Octubre de 1987

EL DOBLE DESAFIO CHINO

CASI veinte millones de chinos establecidos en Taiwan e islas adyacentes, y varios millones más radicados en ultramar, festejan hoy el 76º aniversario de la fundación de la República de China —la primera de Asia— por el Dr. Sun Yat-Sen.

El acontecimiento encuentra al milenario pueblo dividido en dos partes irreconciliables: por un lado, la continental, sumida en la pobreza y el subdesarrollo y atenaceada por un régimen totalitario y liberticida; por el otro, la República de China en Taiwan, ejemplo sin precedentes de avance hacia el progreso, de pasaje de un estado de penuria a otro de elevada calidad de vida.

Probablemente no haya nada más fácil que comparar una y otra y deducir que el abismo que las separa no está representado por una estrecha faja de mar, sino por dos concepciones opuestas, por dos sistemas económicos disímiles, por dos tradiciones —una auténticamente china y la otra distorsionada por el anticonfucianismo rojo— y por dos resultados palpables al menor golpe de vista: por el éxito isleño y por el fracaso pekinés.

PERO no es ésta la finalidad que perseguimos con la evocación de la conmemoración nacional de China Libre, sino la de poner de manifiesto que aquellos Tres Principios del Pueblo con los que el Dr. Sun fundamentaba su revolución —Nacionalismo, Democracia y Bienestar Social— han sido respetados y alcanzados, en forma creciente, por la República de China en Taiwan.

En menos de cuarenta años, en efecto, los lúcidos conductores del gobierno de Taipei han planificado de tal manera el desarrollo económico del territorio bajo su jurisdicción directa, que los habitantes del mismo se encuentran, hoy en día, entre los privilegiados integrantes de las quince naciones más ricas del planeta.

Esta incontrastable afirmación se vuelve más categórica aún por el hecho de que el bienestar social es realmente universal, es decir, llega a todas las capas de la población, ya que la brecha entre los más ricos y los que no lo son, es menor en la China Libre que en la mayoría de los países del mundo.

EL llamado "milagro económico" de la República de China no es discutido por nadie: sencillamente, mueve al asombro y cada estadística, cada guarismo envejece rápidamente ante el empuje de su incesante crecimiento.

Quizás haya que hablar, ahora, de su "milagro político".

Porque la verdad es que este país canaliza sus energías no sólo hacia los logros económicos propios de una sociedad industrial, sino, al mismo tiempo —ambos son inseparables— hacia metas políticas de creciente democracia.

La evolución política de China Libre avala la tesis de que la democracia es un refinado producto que implica madurez popular, educación generalizada, existencia de clases medias definidas y est[illegible]s y una justicia distributiva básica.

No es un simple traje de confección que puede vestir el que lo descuelgue de la percha de la Historia, sino un traje a la medida que debe ser hecho según las peculiaridades de un cuerpo determinado.

CUANDO el gobierno nacionalista se refugió en Taiwan, tuvo que encarar una situación excepcional: debió ordenar a una creciente población convulsionada por la pobreza, el desánimo y la derrota; enfrentar la corrupción, la falta absoluta de recursos y la permanente amenaza comunista.

En esas condiciones, la democracia hubiera sido un absurdo artículo de importación. Por ello se estableció la ley marcial con un decreto de emergencia que recién fue derogado el 14 de julio de 1987.

Con esta abolición se consagró un proceso de democratización acelerada que tuvo lugar en los últimos años. Desapareció, además, la prohibición de formar nuevos partidos políticos (antes de aprobada esta ley comenzó a actuar el opositor Partido Demócrata Progresista que recogió el 30% de los votos en las elecciones de diciembre/86) y desapareció toda injerencia del gobierno en los medios de comunicación masiva.

Pero para que la implantación de la nueva democracia liberal y pluralista fuera posible, tuvieron que darse algunas condiciones.

EN primer lugar, la seguridad nacional tuvo que ser afianzada. Actualmente, la República de China posee un poder militar que obra como eficaz disuasivo ante cualquier agresor previsible. En el ámbito interno, a su vez, ha logrado un consenso popular que hace que toda su población se sienta solidaria en la magna empresa de mantener al país con su presente organización y con su escala de valores vigente.

En segundo lugar, hubo que brindar oportunidades de participación política a niveles limitados para ir creando el clima ideológico adecuado que permitiera efectuar la síntesis entre la tradicional estructura política autoritaria—propia de la cultura china— y las normas de juego democrático. Y en tercer lugar —pero no al menos importante— hubo que superar las preocupaciones por la simple subsistencia, formar una población educada, crear cuadros académicos suficientes, modernizar la administración y desarrollar el deseo de ser el protagonista de una Nación en marcha mediante la amplia difusión de noticias y el respeto a la opinión pública (30 diarios, cuatro millones de ejemplares, TV en todos los hogares).

HABLABAMOS de los abismos que separan a la República de China, en Taiwan, de la República Popular de China.

No son sólo económicos, reiteramos.

Son, también, políticos. En forma gradual, inteligente y pacífica, la democracia constitucional crece y se fortalece en Taiwan. Sin choques traumatizantes, sin patotas regimentadas, sin represiones callejeras, sin falsos mesianismos.

En este Doble Diez de 1987, la República de China lanza al gobierno marxista que sojuzga a sus compatriotas del continente un Doble Desafío: el de su riqueza y el de su democracia.

Es un desafío que también debería ser recogido por todas las naciones subdesarrolladas del mundo, porque así como éstas lo son ahora, la República de China en Taiwan lo fue en el pasado reciente, y, gracias a su esfuerzo y a sus principios éticos, emergió de esa condición, la superó y ostenta hoy una firme posición de innegable relevancia entre los pueblos más pujantes de la tierra.

Ante su ejemplo, rendimos tributo de admiración.

República de China Adquiere Lanas Uruguayas por U$S 10

Recientemente se hizo el anuncio oficial por la Embajada de la República de China en nuestro país, a través de su propio titular, Henry Wang que su gobierno había tomado la decisión de realizar compras de lana uruguaya por un valor total de 10 millones de dólares anuales, a partir del momento en que él hacía el anuncio (setiembre 15 próximo pasado) y por un plazo indeterminado.

El propio embajador Henry Wang destacó en la oportunidad con esa resolución del gobierno de su país responde al deseo del mismo de fortalecer e incrementar el intercambio comercial entre las dos naciones.

Por su parte el Agregado Comercial de dicha misión diplomática, James M. S. Chen significó que "esperamos ir progresivamente aumentando el volumen de lanas a Uruguay". Puntualizó asimismo que "estamos analizando el aumento de compra de lana industrializada y la industria, de acuerdo a las consultas realizadas, está toda muy interesada en escuchar información sobre compras".

Agregó el citado diplomático en sus declaraciones que "este año ya se concretará ese aumento de nuestras compras, como expresión de la sinceridad de nuestros propósitos de aumentar el intercambio; y respecto a precios, sobre ellos se habla y se hablará con empresarios".

Asimismo es de significar que a nivel de dirigentes rurales uruguayos y de empresarios esa decisión de la República de China fue muy bien recibida, considerándose muy importante la intervención de esa nación como compradora de nuestras lanas. Las cifras —expresaron esas fuentes— determinan que la República de China andaría ubicada este año entre los ocho principales compradores de nuestra fibra. También se expresaron en consideraciones como ésta: es una manifestación de buena voluntad que la recibimos con mucho agrado y sin duda en el marco que tiene el Uruguay hoy, en el que gobierno y empresarios estamos todos contestes en que la economía nacional y el país se fortifican con la exportación, hechos como éste, son trascendentes.

Otra apreciación a nivel de las fuentes de referencia sobre esta decisión del gobierno de China Nacionalista fue esta: El hecho de que la República de China haga este anuncio de esa compra que, incluso, dice que es anual y por un lapso indeterminado, por un valor de U$S 10:000.000 y que puede crecer, en el momento que comienza la zafra nuestra, es realmente positivo y bueno, y hay que reconocerlo como tal. Además, mirando las estadísticas y sabiendo un poco de cuáles son los países compradores tradicionales a Uruguay, la proyección de la República de China va aumentando y lo va haciendo en porcentaje de casi un 70 a un 80%. Si este año nos compra por esa suma de dólares y el año pasado lo hizo por U$S 5:800.000 y en 1985 nos compró por 3 millones y pico, esta progresión de sus compras es realmente buena, positiva y optimista. Es por cierto una tranquilidad que le puede dar a todos los sectores productivos el saber que nuestras lanas pueden tener penetraciones en una forma mejor.

01-01

8709612

R.P.Ch.

033

26/9/87

Sistema mercantil en China Popular

Pekín (PL). A partir del año próximo, China Popular establecerá gradualmente un "sistema mercantil socialista" en la consolidación del actual proceso de reformas de su estructura económica.

La decisión fue difundida ayer por Li Tieying, ministro a cargo de la Comisión Estatal de Reestructuración de la Economía, quien precisó que en el nuevo sistema el Estado controlará el mercado y éste guiará a las empresas en la producción.

01-01 8709634

R.P.e14

032

DISTURBIOS EN LASA

[illegible] [illegible] que en [illegible] manifestaciones anti-gubernamentales realizadas en la capital del Tibet, hubo [illegible] muertos y 19 policías gravemente heridos. Al parecer, en una de las dos manifestaciones, unos 3000 tibetanos, [illegible] por monjes, quemaron un destacamento policial. Los violentos estallidos de [illegible] son considerados como la más sangrienta demostración contra la dominación china del Tibet, desde el fallido intento del Dalai Lama de expulsar a los chinos en 1959.

Desde hace mucho tiempo imperaba en el mundo la opinión de que Tibet había sido totalmente asimilado por la China y que los tibetanos virtualmente se habían resignado a ser una provincia de Pekín.

Pero, indudablemente, la antigua cultura tibetana no está dispuesta a desaparecer y los chinos tendrán que repensar su política, si es que no quieren enfrentar un movimiento independentista cada día más pujante.

R.P.CH.

033

El Día 04/10/87

CHINA

Aparente calma reina en capital del Tibet

PEKIN. — Diplomáticos occidentales dijeron ayer que Lhasa se encuentra en calma después de los sangrientos disturbios por la independencia y que la capital se encuentra bajo intenso patrullaje policial.

Un funcionario del gobierno tibetano señaló que a los periodistas no se les permite obtener informaciones por teléfono, pero un diplomático occidental que se mantiene en contacto con Lhasa informó que no se produjeron nuevos enfrentamientos desde el lunes por la noche.

Las medidas dispuestas por China, que restringen el ingreso de los extranjeros a la capital tibetana se aplicaban parcialmente, añadió el funcionario.

Pekín aseguró que unos 30 extranjeros tuvieron participación directa en los motines antichinos del 1° de octubre durante los cuales, según fuentes tibetanas, hubo 19 muertos. La versión oficial sobre el número de víctimas fatales es que éstas fueron seis.

Los funcionarios de migración chinos comunicaron a los gerentes de los hoteles que deberán desalojar a los extranjeros que no hayan llegado a la ciudad junto con grupos organizados de turistas. Además, los chinos se negaron a vender pasajes de avión a los extranjeros, tanto periodistas como viajeros en general, que procuraban volar a la capital tibetana.

Sin embargo, algunos turistas occidentales tomaron ayer en Chengdu, sudoeste de China, un avión que los llevó a Tibet, destacó el diplomático.

El gobierno regional de Tibet comunicó que los alborotadores que no se hayan rendido a la policía antes del 15 de octubre serán severamente castigados.

Un funcionario con el que se logró establecer hoy contacto telefónico dijo que las autoridades de Lhasa no permiten que los periodistas reciban información por teléfono.

El funcionario agregó que está a cargo de la Oficina de Relaciones Exteriores de Tibet, pero se negó a dar a conocer su nombre.

76º aniversario de la Revolución Nacional

Mensaje del Embajador de la República de China



Embajador Henry C.Y. Wang

El 10 de octubre de cada año celebramos el advenimiento de un nuevo aniversario de la fundación de la República de China, el 76º Aniversario de la Revolución Nacional de 1911, que condujo al establecimiento de la Primera República en Asia, hace vibrar hoy con especial intensidad los corazones del pueblo chino, en el recuerdo de su emancipación política, basada en los Tres Principios del Pueblo: Nacionalismo, Democracia y Bienestar Social, promulgados por el Padre de la Padria, Dr. Sun Yat-sen y las conquistas llevadas a cabo por su continuador, el Generalísimo Chiang Kai-shek.

Los Tres Principios del Pueblo han constituido la permanente fuente de inspiración que guió a un liderazgo enérgico, honesto e inteligente, representado por el Presidente Chiang Chink-kuo y sus colaboradores.

Bajo la acertada dirección del Presidente Chiang, con una inconmovible convicción, una fe inquebrantable en nuestro propio destino y respetuosos de nuestra Constitución, alcanzamos en lo político logros dignos de mención, entre otros, la abolición de la Ley Marcial, los esfuerzos realizados para lograr una total democratización de [illegible] instituciones y una plena apertura respecto a la libertad de expresión y de prensa.

En lo económico, seguimos manteniendo un alto crecimiento que nos ha hecho gozar de una envidiable prosperidad, estando previsto que, para fines del presente año, nuestro ingreso per cápita sea de US$ 5.000. El Gobierno del Presidente Chiang se encuentra actualmente orientando a nuestra economía nacional hacia niveles más avanzados de tecnología industrial. El restablecimiento de nuevos institutos de investigación técnica altamente especializados, entre otros esfuerzos, ha contribuido a elevar a la República de China a la posición de miembro privilegiado de la comunidad internacional más industrializada y próspera. Hoy en día, la República de China en Taiwan ocupa el 14º lugar dentro del grupo de los principales países exportadores del mundo entero.

Y el futuro nos encontrará siempre dispuestos a seguir cooperando con los pueblos de buena voluntad, amantes de la paz y del progreso social, para así lograr el cordial entendimiento internacional que nos conduzca a la Gran Armonía Universal preconizada por nuestro Maestro Confucio.

Hacia el año 2000 proyectamos ser una de las naciones más ricas del planeta. Así, el siglo XXI encontrará a la República de China avanzando con pasos firmes, cautelosos y oportunos, por el camino de la democracia occidental, pero con raíces netamente chinas, hacia una sociedad de pleno bienestar y de completa estabilidad.

Deseo agradecer al Ilustre Gobierno de la República Oriental del Uruguay, por la buena disposición y benevolencia que me ha brindado para el mejor cumplimiento de mi Misión, reafirmando la confianza que nos asiste para que nuestras variadas relaciones de cooperación en los diferentes aspectos del quehacer nacional, tan intensas y fecundas de por sí, sigan dando sus frutos en aras de un beneficio común.

Por último, en nombre del Gobierno y Pueblo de la República de China, formulo mis mejores votos por la creciente prosperidad de esta nación amiga y por la continua felicidad de su noble Pueblo.

Montevideo, 10 de octubre de 1987

033

Iglesias con colega chino

El Ministro de Relaciones Exteriores, Cr Enrique Iglesias, se reunirá en Buenos Aires con el Vicecanciller de China Zhu Qizhen, quien llegó el domingo a la capital argentina, de acuerdo con lo anunciado en la víspera por el rotativo "La Nación".

Zhu Qishen se entrevistará hoy con el Canciller Dante Caputo, quien le acompañará a la Residencia Presidencial de Olivos, donde le recibirá el Presidente de la Nación Argentina, Dr. Raúl Ricardo Alfonsín.

La Mañana
14/10/87

01-01

8709723

Tercera en menos de dos semanas

Tíbet: sofocan protesta

PEKIN (ANSA, EFE y UPI). El Ejército y la policía china disolvieron una manifestación de unos 80 monjes tibetanos el martes en Lasa, capital de la región autónoma china del Tíbet, que protestaban contra la detención de otros monjes en días pasados, según fuentes occidentales de Pekín.

Esta es la tercera protesta independentista en esta región en menos de dos semanas, tras las del 27 de septiembre y del 1 de octubre que causó al menos seis muertos y 19 heridos, aunque otros informes señalan que hubo hasta 19 muertos.

Unos trescientos soldados y policías armados con armas automáticas y cascos con viseras redujeron el martes, a unos 80 monjes, que fueron después transportados en camiones.

Para ayer también estaban previstas mas actividades contra el gobierno de Pekín con motivo del 37 aniversario de la invasión de las tropas chinas en esta región, el 7 de octubre de 1950.

China acusó al líder espiritual tibetano Dalai Lama y a sus seguidores de provocar estas manifestaciones y pidió a la población china en el Tíbet que indendifique y denuncie a los participantes en las manifestaciones independentistas de los pasados días.

Por su parte, grupos de tibetanos en el exilio en la India se ofrecieron a ir al Tíbet a luchar por la independencia de su país.

CONTROLES

La región fue cerrada a los extranjeros que quieran viajar individualmente al Tíbet, pero parece no haber obstáculos para viajes turísticos organizados, de acuerdo con informes llegados a Pekín.

La embajada china en Katmandú dejó de conceder visados a turistas que quieran entrar al Tíbet desde Nepal, señalaron fuentes occidentales.

Afirmaciones del Secretario General Zhao Ziyang

China: Congreso será histórico

PEKIN ([illegible] y UPI).- El Comité Central del Partido Comunista Chino (PCCH), con 210 miembros y 138 suplentes, celebrará el próximo 20 de octubre la séptima sesión plenaria del XII Congreso del Partido, cinco días antes de su apertura.

En la sesión plenaria, cuya duración no fue precisada, se aprobará el informe sobre el congreso, calificado por el secretario general en funciones del PCCH, Zhao Ziyang, de histórico por las decisiones que en él se tomarán.

Fuentes occidentales en Pekín apuntaron que en esta reunión se discutirá la situación en Tibet, tras los incidentes de las últimas semanas, el asunto de Taiwan (China Nacionalista) y temas económicos como la suba de los precios de bienes de consumo.

A menos de dos semanas del congreso, el líder Deng Xiaoping reiteró ayer la necesidad de seguir adelante con la reforma económica y la apertura de su país al exterior.

Según la agencia oficial Xinhua, Deng hizo estas declaraciones durante una entrevista con el secretario general del Partido Socialista Obrero Húngaro (PSOH), Janos Kadar, que se encuentra de visita oficial en China desde el pasado sábado.

Deng criticó los errores izquierdistas del pasado, ante todo el gran salto adelante y la revolución cultural, que hizo perder mucho tiempo a China.

En una clara alusión al fracaso de estas dos campañas políticas, Deng añadió que durante la revolución china y en los primeros años de edificación del socialismo (después de 1949) el líder Mao Zedong lo hizo muy bien al combinar el marxismo-leninismo con la práctica.

Calificó de objetivo principal desarrollar las fuerzas productoras y acabar con la pobreza.

Dijo que lo que China consiga con esta política pertenecerá al pueblo entero y que no surgirá una nueva burguesía en esta evolución, aunque sí habrá algunas diferencias de nivel de vida conforme al principio de a cada uno según su trabajo.

La política de apertura al exterior -iniciada por el propio Deng- es parte de la reforma, y el congreso del PCCH quiere no sólo acelerar la reforma económica, sino también emprender la de la estructura política.

ERRORES

Agregó que en los siete años posteriores a la fundación del Estado chino, en 1949, el desarrollo fue bueno, pero que a partir de 1957, con el salto adelante, lo que aconteció fue contrario a la política del octavo Congreso del Partido.

Deng culpó de ello a los errores izquierdistas, que condujeron a extremos como la revolución cultural.

Por su parte, Kadar replicó que Hungría ha vivido un gran número de cambios y que, tras haber rechazado el dogmatismo, su país está edificando el socialismo de acuerdo con el pragmatismo.

Resaltó la relevancia de la reforma porque sólo ésta puede impulsar la causa del socialismo y agregó que Hungría se adhiere a la mejora de la productividad en la medida que lo permita la realidad.

R.P.CH

033

LA RAZON DE LOS TIBETANOS: QUE SE VAYAN LOS CHINOS

LHASA (Tibet), 25 (AP).– Las autoridades chinas cerraron hoy los caminos a monasterios budistas cuyos miembros han encabezado manifestaciones en favor de la independencia tibetana y se informó que la policía ha cerrado el cerco a los monjes.

"Los chinos han gobernado de una manera violenta en nuestro país y queremos que se vayan del Tibet", dijo un comunicado de dos páginas, impreso en prensas de un Monasterio, y que fue repartido a turistas.

"Pedimos a las Naciones Unidas y a todos los países del mundo que apoyen nuestra causa. Estamos sufriendo", dice el documento.

Los monjes de los tres principales monasterios hicieron otros llamamiento parecido hoy por la mañana temprano y una de las copias llegó a manos de The Associated Press.

"Nosotros los tibetanos hemos pedido a los chinos que tienen ocupado a nuestro país que se vayan", dice el primer documento, emitido por los líderes religiosos de los monasterios de Sera, Ganden y Drepung.

Los tibetanos fijaron cartelones anoche desmintiendo relatos oficiales chinos sobre los sucesos ocurridos el 27 de setiembre y el jueves.

"Ellos (los chinos) han matado a 10 (tibetanos)", dice un cartel. "Pero sacrificaremos 20, 40, 100. Tanto como se necesiten". La policía arrancó hoy los carteles.

Médicos norteamericanos, suecos y alemanes radicados en Lhasa sólo pudieron confirmar que hubo seis tibetanos muertos el jueves durante una manifestación, la mayor y más violenta de dos protestas habidas hasta el momento. Los chinos dijeron que hubo seis policías muertos.

La policía levantó barricadas en los caminos que conducen a los monasterios de Sera, Ganden y Drepung.

01-01 8709763

R.P.01

033

El País, Madrid

Desde París Llaman a la Sublevación en el Tibet

PARIS y PEKIN, 6 (EFE y ANSA).— Pema Gyalpo, hermana del Dalai Lama, principal líder espiritual del Tibet, animó hoy a los tibetanos a que se subleven contra los chinos, en una entrevista difundida por el quinto canal de la televisión francesa.

"Todos los tibetanos —dijo—, estén en el extranjero o en el Tibet, esperan tener su propio país, gozar de los derechos humanos y tener derecho a la independencia".

Gyalpo recordó que los tibetanos vienen sublevándose desde hace tiempo, pero que hasta ahora no se había sabido nada en Occidente.

Los incidentes sangrientos ocurridos en la capital del Tibet, Lhasa, en los últimos días fueron objeto ayer en París de una protesta por parte de la comunidad tibetana en Francia.

En un comunicado difundido el lunes, este grupo de refugiados políticos, cuya cifra no alcanza el centenar, denunció "la continuación del genocidio tibetano" y pidió al pueblo francés que apoye y exija con ellos el "término de estas violencias".

OFENSIVA DE PRENSA CHINA

Entretanto en Pekín, con imágenes de destrucciones provocadas por las manifestaciones independentistas y artículos de fondo sobre los progresos del Tibet en casi cuatro décadas de comunismo amanecieron hoy todos los diarios chinos.

Mientras tanto, reina la incertidumbre sobre la evolución de la situación en Lhasa, la capital tibetana, donde 13 personas murieron durante las protestas de la semana anterior.

El aislamiento geográfico de Lasa —situada en el "techo del mundo" a 4.400 metros de altitud y unida sólo por avión y por dos servicios de autobuses a otras regiones de China— posibilita este control informativo.

El "Diario del Pueblo", en sus versiones "nacional" y para chinos "de ultramar", publica sendos editoriales destinados a vanagloriar los cambios producidos desde 1952 hasta la fecha en la agricultura, la industria, las comunicaciones y la educación en la meseta tibetana, de 1.300.000 kilómetros cuadrados y unos dos millones de habitantes.

La producción cerealera se triplicó y se realizó un gran esfuerzo para desarrollar las comunicaciones, señalan ambos rotativos.

El diario en lengua inglesa "China Daily", por su parte, reitera la legitimidad histórica de la pertenencia del Tibet a la soberanía china y recuerda las diversas pruebas de subordinación dadas al poder imperial de Pekín por los sucesivos Dalais Lama, que practicaron a lo largo de los siglos un sistema de gobierno teocrático-esclavista.

El vespertino "Wenhui Bao", de Shanghai, recibido esta mañana en la capital china, se contenta con incluir en su primera página fotos de desmanes cometidos por los "divisionistas de la patria" durante las reciente protestas.

LAMAS CONTINUAN PROTESTAS

Por su parte, desafiando la explícita prohibición de la policía, unos ochenta lamas del monasterio de Drapung, a siete kilómetros de Lhasa, manifestaron hoy por las calles para pedir la liberación de los lamas arrestados después de la revuelta antichina del jueves pasado.

Los lamas desfilaron por las calles adyacentes al monasterio a las puertas de Lhasa, entonando estribillos anti-chinos y arrancando los afiches colocados por las autoridades este fin de semana, en los que se condenan las revueltas.

01-01 8709764

EL PAIS — Martes 6 de Octubre de 1987 PAGINA TRES

Pekín Impone la Censura Informativa

ARRESTAN MONJES BUDISTAS: PIDEN LIBERTAD DEL TIBET

LHASA (Tibet), 5 (ANSA). — Aún hoy seguía siendo muy tensa la situación que vivía Lhasa, donde desde hace dos días se reiteran los arrestos e interrogatorios de los Lama, los monjes budistas que la semana pasada organizaron una manifestación antichina, reclamando independencia para el Tibet.

Se trata de las noticias enviadas por la cronista de ANSA que logró transmitir un breve despacho desde la oficina telefónica de la capital tibetana, [illegible] en manos de fuerzas policiales, que controlan atentamente cada palabra que se envía.

Un anuncio de la policía, que fue colocado en los muros de la ciudad, y sobre todo en los lugares más frecuentados por los turistas, reitera la prohibición absoluta para los extranjeros de detenerse a observar lo que define "eventuales incidentes" provocados por pequeños grupos de "separatistas" y de enviar "noticias distorsionadas o no verdaderas" sobre la situación.

Anoche, algunos desconocidos colocaron en los alrededores de la plaza frente al templo de Jokhang, desde donde partió la revuelta del jueves pasado, algunos afiches que fueron arrancados a la madrugada. "El tiempo aún no maduró, pero la lucha continúa", se leía escrito en tibetano en los afiches, según testigos oculares.

Numerosos templos y monasterios de Lhasa y de los suburbios de la ciudad, siguen cerrados y marcados por agentes.

Los peregrinos que llegan masivamente al templo de Jokhang, uno de los lugares sagrados del budismo tibetano, cuentan que en muchas de las vías que llevan a Lhasa se instalaron puestos de control.

Las fuerzas de policía, concentradas sobre todo cerca de los templos y monasterios, no interfieren con los cronistas que entrevistan a los tibetanos que hablan chino. De estas conversaciones se conoció el arribo de refuerzos para las tropas chinas en el Tibet.

Los mismos tibetanos afirman que los inspiradores de la disidencia anti-china y de los sentimientos nacionalistas son sobre todo los religiosos. Insistieron en que quienes gozan de los sentimientos nacionalistas son sobre todo los religiosos, que tienen una gran ascendencia entre la población, mientras que los jóvenes tienden a olvidar las antiguas reivindicaciones y cada vez más se sienten más atraídos por la búsqueda del bienestar material.

Algunos tibetanos también dijeron haber sabido que, entre los lamas arribados la semana pasada desde Lhasa, hay algunos provenientes de la India, el país donde hace 28 años se refugió el Dalai Lama, suprema autoridad de los tibetanos.

Inmediatamente después de los desórdenes del jueves pasado que provocaron la muerte de [illegible] personas, las autoridades chinas acusaron al Dalai Lama de haber inspirado las palabras de orden entonadas por los religiosos durante la manifestación.

Los viajeros occidentales que llegaron en estos días hasta Lhasa reciben el pedido frecuente de los tibetanos de una cierta edad de fotografías del Dalai Lama.

Finalmente, según trascendió, los dos viajeros norteamericanos que la semana pasada habían sido demorados, fueron puestos en libertad a cambio de la promesa de dejar el Tibet con el primer medio a disposición.

Los viajeros habían sido demorados por la policía, porque en sus efectos personales fueron encontradas dos banderas nacionales tibetanas. Las mismas banderas, con un león y una montaña nevada, habían sido enarboladas por los Lama durante las dos manifestaciones de la semana pasada.

Esta mañana, un periodista de una agencia de prensa norteamericana (AP) fue demorado brevemente mientras esperaba para enviar un despacho.

Algunos viajeros occidentales que se encontraban esta mañana en el aeropuerto de la capital tibetana dijeron que habían visto numerosos soldados armados desembarcar de aparatos de transporte de la aeronáutica militar china. Los militares se em-[illegible] transporte militares.

01-01

8709782

Un ortodoxo sería el nuevo primer ministro en China

En un encuentro con una delegación japonesa, en Beijing, el presidente Li Xiannian anunció su alejamiento como presidente y como miembro del Politburó. Expresó, también, su apoyo a Li Peng como futuro primer ministro, lo que lleva a pensar en un fortalecimiento de la línea ortodoxa del comunismo chino, en relación con las nuevas reformas económicas.



Agencia Reuter

El portero Liu, en la entrada del restaurante Kentucky Fried Chicken, en Pekín.

BEIJING, 26 (Por Daniel Southerland, de "The Washington Post", especial para Clarín). — El presidente Li Xiannian dio pautas muy claras, el viernes, con respecto a que el nuevo primer ministro de la China sería el actual vicepremier Li Peng, un tecnócrata de 59 años considerado como un comunista ortodoxo.

El viernes, después de una reunión entre una delegación del Japón y el presidente Li, fuentes japonesas informaron que el presidente chino consideró al vicepremier como un hombre preparado para un cargo de mayor jerarquía. Esto fue tomado, por algunos analistas como un signo inequívoco de que Li Peng está destinado al puesto de premier. "Es un hombre muy joven y muy hábil", dijo Li Xiannian.

Según la misma fuente, Li informó también a la delegación japonesa que pensaba retirarse de sus dos cargos: el de presidente y el de miembro del Politburo (él es uno de los cinco poderosos miembros que lo conforman), después del Congreso del Partido Comunista que tendrá lugar el 25 de octubre. La delegación japonesa estaba presidida por Ryoichi Kawai, presidente de la Asociación de Comercio y Economía chino-japonesa.

Diplomáticos y analistas coincidieron, tanto en Beijing como en Hong Kong, que todos los indicios señalan a Li Peng como el próximo primer ministro, quien asumiría a principio del año que viene o tal vez antes. El actual premier, Zhao Ziyang, ha tenido que duplicar sus tareas haciéndose cargo también de la jefatura del Partido Comunista desde el alejamiento de ese lugar de Hu Yaobang, el pasado invierno (boreal). Se espera que Zhao deje el cargo de premier para concentrarse en la dirección del Partido.

♦ Li Peng, un comunista ortodoxo

Diplomáticos y analistas dijeron que el mayor líder de la China, defensor de rápidos cambios económicos, llegó a un compromiso con sus rivales más conservadores con respecto a las modificaciones que se harían en la plana mayor del gobierno, los que serían sancionados en el próximo congreso del partido —quienes tienen reparos con respecto a la extensión, marcha y efectos secundarios de las reformas económicas introducidas por el líder Deng Xiaoping— han expresado que ellos conservaron una cantidad de posiciones clave a través de las cuales seguirán ejerciendo influencia. Algunos de estos viejos políticos, como el economista Chen Yun, declaró estar a favor del lanzamiento de Li Peng como premier.

Trascendió asimismo que Li Xiannian dijo a la delegación japonesa que China no dialogará con el resto del mundo sobre sus reformas o sobre su política de puertas abiertas. Un analista japonés observó que esto podría ser considerado peligroso porque Li Peng como premier puede significar que la China está moviéndose en una dirección ideológicamente más "conservadora". "Li Peng no está orientado con mayor énfasis en lo ideológico. Es un tecnócrata", dijo.

Li Peng es un ingeniero especializado en fuerza hidráulica, entrenado por especialistas soviéticos. Está ligado a muchos de los más antiguos jerarcas del Partido chino. Cuando su padre murió, durante la guerra de la revolución, Li Peng tenía tres años. Fue adoptado, entonces, por el que posteriormente sería premier chino, Chou En Lai, y su esposa, Deng Yingchao.

01-01

8709840

R.P.C.

033

Activistas convocan manifestación

China envía un contingente militar al Tíbet

NUEVA DELHI (ANSA, EFE y UPI).- Grupos activistas tibetanos, en los que figuran monjes budistas, han convocado a la población de Lhasa para que el miércoles próximo se manifiesten protestando contra la anexión del Tíbet por parte de China hace 37 años.

Coincidiendo con este llamamiento a la población llegó ayer al Tíbet un fuerte contingente militar chino, transportado en aviones, para reforzar a las tropas destacadas en el país, en previsión de que puedan producirse nuevos brotes de violencia mañana, aniversario de la ocupación del Tíbet por China.

El ambiente en Lhasa es de normalidad tras los incidentes ocurridos el jueves pasado, que causaron la muerte a [illegible] personas y culminaron con el asalto e incendio de una comisaría de policía.

Las autoridades chinas mantienen el toque de queda, a partir de las diez de la noche, impuesto a raíz de los incidentes. Esta disposición no afecta a los turistas que visitan el país, a quienes se ha aconsejado que no se inmiscuyan en las actividades de los separatistas tibetanos.

Mientras tanto un portavoz del Dalai Lama, que vive exiliado en la India desde 1959, ha afirmado en Nueva Delhi que este no tiene responsabilidad alguna en los sangrientos sucesos ocurridos la semana pasada en Lhasa.

El portavoz afirmó que todas las propuestas que ha hecho siempre el Dalai Lama son de carácter pacífico y de reconciliación, y que solamente las autoridades de China son responsables de lo que ocurre en el Tíbet.

La Hora [illegible] 6/III/8[illegible]

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Chinese Communists To Expand Export of Light Industrial Products.

PROCEDENCIA: ENLACE China 14/10/87 Doc. 1673/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

01-01 8710041

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Chinese Communists Set Up "Youth Ideological Education Centre" To Promote Political work in Schools.

PROCEDENCIA: ENLACE China 14/10/87 Doc. 1674/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

01-01 8710043

HB

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Remarks Made by Peiping's Vice Minister of Finance on Enterprise Contract System.

PROCEDENCIA: Enlace China 14/10/87 Doc. 1681/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01 8710044

HB

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Crackdown on Illegal Publishing Activities by Chinese Communists.

PROCEDENCIA: Enlace China 14/10/87 Doc 1683/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01 8710045

HR/

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Dispute Between North Korea and Chinese Communists Denied.

PROCEDENCIA: Enlace China 14/10/87 Doc. 1684/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01 8710046

HR/

R.P. China (033)

TEMA: Chinese Communists Celebrate 40Th Anniversary of Inner Mongolian Autonomy.

PROCEDENCIA: Enlace China 14/10/87 Doc. 1678/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

8710047

01-01

HB

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Analysis of Second Round of Border Talks between Chinese Communists and Soviet Union

PROCEDENCIA: ENLACE China 15/10/87 Doc. 16771/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (35/B)

01-01 8710048

HR

ARCHIVAR EN: Rep Pop China (033)

TEMA: Military Conflicts in Indochina Peninsula and Along Sino-Vietnamese Border.

PROCEDENCIA: Enlace China 14/oct./87 1675/87

ARCHIVADO EN: Enlace China 135/B

01-01 8710050

P.C. CHINO
033

El País 15/5/87

—QUE ha [illegible] [illegible] que representantes del Partido Comunista chino, hayan sido invitados por el Partido Colorado y visitado formalmente su sede.

01-01 8710091

03B11

JUNTA DE COMANDANTES EN JEFE
SERVICIO DE INFORMACION DE DEFENSA
DEPARTAMENTO ... EXTERIOR

Pedido de Informe Nro. | Ejemplar Nro.

Asunto:

TEXTO:

Pekín: diario defiende reforma política

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- El órgano de prensa del Partido Comunista Chino (PCCh), "Diario del Pueblo", culpa al izquierdismo en este período de todos los errores y fracasos cometidos desde la fundación de la República Popular e insta a combatir esta tendencia en el futuro.

Con motivo de celebrarse ayer el 38 aniversario de la fundación de la república, el periódico, atacó a los sectores conservadores dentro del partido y defendió la reforma política y económica y la apertura al exterior propiciadas por el líder Deng Xiaoping desde 1978.

Según el editorial, el próximo congreso del partido, que comenzará el 25 de octubre, acelerará las reformas económicas y de la estructura política y revitalizará al partido y a la causa socialista.

Por otra parte, el diario resalta los logros de la república en sus 38 años de existencia, aunque admite que ha habido "cambios de dirección y curvas", en alusión a las campañas políticas lanzadas por el líder Mao Tsétung, como el gran salto adelante y la revolución cultural.

El comentario, atribuido a los sectores reformistas, constata que la historia ha demostrado que China debe estar bajo la dirección del Partido Comunista y tomar el camino socialista sin abandonar los cuatro principios básicos: socialismo, dictadura democrática popular, papel rector del partido y pensamiento marxista-leninista y de Mao.

El miércoles, el Primer Ministro y Secretario General en funciones del PCCh, Zhao Ziyang, en una recepción al cuerpo diplomático, periodistas e invitados extranjeros, también se manifestó a favor de las reformas económicas y políticas.

KPCH.

033

Comité Central aprueba reformas

Estructura política del partido comunista chino

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- El Comité Central del Partido Comunista Chino (PCCh) discutió y aprobó en principio, ideas generales sobre la reforma de la estructura política del partido en el informe previo al XIII Congreso, que se inaugura el domingo.

Según un comunicado divulgado ayer por la agencia oficial Xinhua, esta decisión fue tomada en el séptimo y último pleno del XII Congreso del PCCh, al que asistieron sus 202 miembros y 122 miembros suplentes.

El secretario general en funciones del PCCH, Zhao Ziyang, el líder chino Deng Xiaoping, Chen Yun y Hu Yaobang, todos ellos miembros de la Comisión Permanente del Politburó, presidieron la reunión de varias horas.

El Comité Central también confirmó la decisión de aceptar la dimisión de Hu Yaobang, el 16 de enero pasado, a raíz de las manifestaciones estudiantiles en varias ciudades, y la de elegir a Zhao Ziyang como secretario general del partido en funciones.

La sesión refirmó la decisión del 14 de julio de expulsar del Comité Central a Shen Tu, ex director general de las líneas aéreas chinas CAAC.

Durante el desempeño de su cargo, ocurrieron varios accidentes aéreos, un secuestro de avión a Corea del Sur y otras deficiencias en el servicio.

CONGRESO HISTORICO

La reunión de ayer transcurrió en un clima de democracia, unidad y actividad, señaló el comunicado de Xinhua.

Este Congreso ha sido calificado de histórico por Ziano Ziyang por las importantes decisiones sobre la reforma económica y política, así como por el cambio en la dirección del poder que deberá operarse.

Por su parte, la Comisión Central de Inspección de Disciplina del PCCH, reunida el lunes, indicó que la clave para rectificar el estilo de trabajo del partido consiste en mejorar las cualidades generales de sus miembros, dijo la agencia Xinhua.

La Nación 9/10/86

HR

ARCHIVAR EN: R. NAc. China (033)

TEMA: TAiwan: Upgrading of Defence.

PROCEDENCIA: Enlace Sudafricano 4/III/87 Doc 246/87

ARCHIVADO EN: Enlace Sudafrica (35)

01-01 8710474

HR

ARCHIVAR EN: R. NAcional de China (033)

TEMA: Reformas en COREA del SUR y TAIWAN.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 27/7/87

ARCHIVADO EN: COREA del SUR (032)

01-01 8710527

033

Compró casi 5: de lis de lana

China Popular se retiró del mercado

Los precios en el mercado local de lanas, se encuentran entre un 25 y un 30% por encima de los precios internacionales, lo que ha provocado el retiro de una de las principales firmas compradoras de la China Continental.

La firma "China--Tex", que en la zafra pasada compró en nuestro país aproximadamente 15 millones de kilos, por un monto de 50 millones de dólares, resolvió orientar sus operaciones hacia la República Argentina, habiendo adquirido en Uruguay, hasta el momento, entre 4 y 5 millones de kilos, en operaciones concretadas un mes atrás.

Tong Yin Ming, representante de la "China—Tex", dijo a La Mañana que por la lana uruguaya en este momento se les ha pedido entre U$S 4,60 y U$S 4,70 precio F.O.B. por kilo base limpia, mientras que en Nueva Zelandia, la semana pasada, el precio para el mismo micronaje era de entre U$S 4,40 y U$S 4,50 C.I.F. por kilo base limpia.

Afirmó que en recientes negocios concretados en el vecino país, la firma pagó por el vellón lavado y del mismo micronaje U$S 4 F.O.B.

DESTACO LA RESISTENCIA

Tong Yin Ming señaló que la intención de la firma que representa es adquirir en Uruguay el mismo volumen que en la zafra 86/87, pero agregó que por el momento eso se hace imposible por los niveles actuales de los precios.

Esta tarde la delegación de la "China—Tex" viajará a la República Argentina, para continuar concretando operaciones en ese mercado.

El representante chino afirmó que normalmente la firma realiza sus compras en Argentina y Uruguay, pero indicó que "quisiéramos comprar más lanas uruguayas porque si bien es de calidad inferior a la de Nueva Zelandia o Australia, es superior a la de Argentina, Chile o Brasil".

Destacó de nuestras lanas, fundamentalmente el largo de la mecha y la resistencia, aunque aclaró que "el color es un poco amarillento".

Tong Yin Ming, al ser consultado sobre que explicaciones había obtenido sobre la situación uruguaya en cuanto al mercado lanero y los niveles de precios referidos, dijo que "no es que los exportadores no quieran vender, sino que el dueño pide mucho" y agregó que de esa manera al industrial no se le hace rentable elaborar los tops y venderlos al extranjero.

La Mañana 28/10/87

01 · 01   8710574

033

Pequeño paso hacia la democracia en China

PEKIN. — El Partido Comunista Chino (PCCh) dio ayer un pequeño paso hacia la democracia al anunciar que los delegados a su Congreso podrán elegir entre distintos candidatos cuando voten esta semana a sus nuevos dirigentes.

El presidium del Congreso, encabezado por el jefe interino del PCCh y primer ministro Zhao Ziyang, decidió que los candidatos a miembros plenos del Comité Central deberán ser cinco más que la cantidad de puestos a cubrir, informó ayer la agencia oficial de noticias Nueva China.

"Esta es la primera vez que ocurre algo así en la historia del Partido Comunista Chino", dijo un veterano militar de la agrupación.

"Es el comienzo de un nuevo sistema democrático", comentó un diplomático asiático.

El actual Comité Central, designado en 1982, cuenta con 210 miembros, pero no se sabe si ese número de integrantes será disminuido en esta ocasión.

Un portavoz del Congreso manifestó que las elecciones finales se realizarán el domingo, jornada de clausura del Congreso de ocho días, y ese día se permitirá el ingreso de los periodistas extranjeros.

Según Nueva China, se utilizará el sistema de voto secreto. Mientras el presidium del Congreso —un comité de notables formado por 187 miembros delibera en la Gran Sala del Pueblo para decidir los procedimientos electorales y examinar las listas de nombres de los candidatos, un ministro convocó a una infrecuente conferencia de prensa para explicar la política en materia de ciencia y tecnología.

8710582

01-01

El Día 27/10/87

033

República Popular China

Congreso del Partido decisivo sobre marcha de las reformas

Para Deng Xiao Ping, el anciano (83 años), líder, el 13er. Congreso del Partido Comunista Chino (PCC) que comenzará el próximo domingo 25 de octubre —y que es el 25° en 66 años de historia del PCC— resulta decisivo para asegurar que su programa de reformas continuará. Deng es jefe del PCC desde 1978.

Un periódico especializado de la región, publicado en inglés (1) ha analizado los cambios que se estima van a producirse en el Congreso, cuya duración es impredecible, pues puede realizarse de corrido o interrumpirse y reanudarse más adelante.

El análisis periodístico se basa en declaraciones efectuadas en una serie de entrevistas con visitantes extranjeros, en las cuales Deng ha ido delineando su estrategia: a) El y otros líderes de la vieja guardia cederán sus puestos a políticos más jóvenes y menos conservadores; b) Zhao Ziyang, quien ha administrado las reformas económicas durante 8 años, será designado jefe del PCC; c) Las reformas económicas serán promovidas y dinamizadas; d) El Congreso producirá reformas políticas; e) El Congreso celebrará las reformas y la política de puertas abiertas de Deng.

PERO HAY TENSION

No obstante, dentro del PCC se sabe que existe una seria tensión por rivalidades entre grupos competidores, ideológicamente encontrados.

Esto llevará a que los resultados del Congreso sean compromisorios, emergentes de transacciones, cargados de elementos quizás en algunos casos obstaculizadores para su buena marcha.

Se supone, por ejemplo, que el Congreso dará nuevos lineamientos a la organización y funcionamiento de órganos principales del Estado, como el Comité Central de 209 miembros, el Politburó de 20 miembros y la élite del Politburó, el Comité de 5 miembros. Aquí las negociaciones serán sumamente delicadas.

En el aspecto personal, los 3 dirigentes mayores se supone que se retirarán a integrar un Comité Asesor.

Una interrogante es saber como Zhao Ziyang se consolidará como jefe del Partido.

Ha ganado reputación como administrador y no como un decisor en casos graves. También ha demostrado habilidad para hacer compromisos con conservadores del Partido. Probablemente, es aceptable para las poderosas Fuerzas Armadas chinas.

Pero el viceprimier Li Peng es candidato a premier. Un síntoma, dicen los observadores, es que ha recibido más visitantes extranjeros, en los últimos tiempos, que cualquier otro líder del PCC, algo que en China tiene gran importancia.

La última indicación que recogió el periódico (1) surgió el viernes 25 de setiembre, después que Ryoichi Kawai, presidente de la Asociación Japonesa-China para la Economía y el Comercio, entrevistó a Li Xiannian, quien es presidente del Estado. En esa oportunidad, Li Xiannian habría dicho a Kawai que la próxima vez que visite China deberá entrevistar a Li Peng, para tratar asuntos económicos. Y en China la economía es responsabilidad del premier.

Li Peng aparentemente podría constituirse en el favorito del ala conservadora del PCC. Su ascenso podría comprometer la dinámica de las reformas.

Poco se sabe acerca de la relación entre Zhao Ziyang y de Li Peng y sobre como trabajarían juntos.

EL FUTURO PREVISIBLE

En realidad el Congreso es una reunión del PCC y técnicamente no puede designar un premier. Pero, lo que allí se comprometa, se hará.

El nuevo premier tendrá un período difícil.

Las reformas económicas han creado un sistema en el cual la inflación ha provocado distorsiones (2) y la reciente aparición de tres precios, que dependen de donde uno compra, e incluso de las vinculaciones que tiene: a) precios estatales que son los más bajos; b) precios negociados, que tienen un tope oficial acordado con el productor; y c) precios de mercado, que son los más altos. Esto ha provocado lo que Zhao llama "el nerviosismo de las masas" (2).

El temor de avivar la inflación, inhibe a los líderes a continuar la profundización de la reforma de los precios, aún cuando economistas chinos y occidentales están de acuerdo en que sin esas reformas, otras reformas corren peligro de no ser efectivas.

Ante esta situación, hay observadores que creen que más que avanzar en el irritante tema de los precios, el Congreso hará un llamado a más amplios experimentos en reformas empresarias, y que procurará empujar el sistema de la responsabilidad de los directores que es actualmente probado como experimental en las empresas, donde antes solo funcionarios el Partido podían ser supervisores (3). Con esta iniciativa, que comenzó a aplicarse hace tres años y que no ha tenido el éxito que se esperaba quizás por la sorda resistencia que la esteriliza en buena medida, los gerentes de las plantas se supone que asumirán autoridad decisoria de los funcionarios del PCC.

Otro tema que el Congreso autorizaría, sería la reforma del sistema de inversión. La Comisión de Planificación Estatal, que es un bastión del pensamiento conservador, será reducida en tamaño, y su papel como agencia planificadora, gradualmente sería diluido. La Comisión entonces asumiría la planificación de la política de largo plazo. Dentro de la nueva política de inversiones, los bancos serían impulsados a hacer detalladas decisiones sobre inversiones. La reforma bancaria comenzó en 1984 (4) cuando el Banco Central quedó transformado en un Banco Central independiente. En 1986 tres firmas estatales emitieron acciones, y se abrieron Bolsas de Valores.

LAS REFORMAS POLITICAS

Existe cierto consenso entre los observadores, referente al limitado alcance que tendrían las reformas políticas emergentes del Congreso, que serían deliberadamente vagas.

Los temas principales, de acuerdo a declaraciones que se hicieron públicas de Lu Youghun, miembro de la Comisión Estatal para Reestructuración del Sistema Económico, serán: a) separación de gobierno y partido; b) creación de políticas fiscales y monetarias efectivas de modo que el gobierno central pueda controlar las localidades y regiones; c) disminución de la burocracia; d) permitir más participación de las bases en los asuntos políticos; e) mejorar el sistema legal. El congreso será, indudablemente, un hito importante en la historia de la República Popular China.

Héctor H. Di Biase

(1) The Asian Wall Street Journal, 28/09/87.
(2) "La Semana".
(3) "La Semana" 18/04/87.
(4) "La Semana" 28/03/87.

8710585

033

SIGNOS INUSUALES EN EL CONGRESO DEL COMUNISMO CHINO

CLARIN 30-X-87

¿Apertura o propaganda?

PEKIN, 29 (Por Francis Deron, de Le Monde, especial para Clarín) — El congreso del Partido Comunista Chino del que participan los periodistas extranjeros desde el domingo pasado en Pekín es, decididamente, muy inusual. Los hombres de prensa nunca habían estado en contacto tan directo con las maniobras de los diversos campos y en presencia de la "cúpula" del aparato, tradicionalmente inclinada al mayor de los secretos. Podría creerse que Deng Xiaoping —experto en el arte de forjar su imagen en el extranjero— los utiliza para lograr —como desea— su retiro, dejando la dirección a los tecnócratas de su elección.

La balanza parecía volcarse cada vez más en favor del retiro de Deng del comité permanente del buró político, hoy, jueves, tres días antes de la clausura del congreso (el 1° de noviembre) luego de declaraciones vertidas por universitarios durante el curso de una conferencia de prensa en donde la cuestión del retiro del "hombres fuerte del régimen" volvió, por supuesto, a estar sobre el tapete.

Con una unanimidad desprovista de toda naturalidad, los tres universitarios —delegados del congreso— expresaron su "consejo personal" con términos casi idénticos: "Deng Xiaoping debería quedarse, pero respetamos su decisión y comprendemos que el hecho de que una generación nueva tome el relevo redundará, a largo plazo, en el interés del partido y del país".

Campaña a la occidental

Los reformistas chinos no están haciendo una campaña electoral "a la occidental", pero el uso que hacen de los medios se asemeja mucho... Los centenares de millones de telespectadores chinos tienen acceso a imágenes que muestran a estos periodistas extranjeros formulando mil y una preguntas a los funcionarios sobre temas que antes eran considerados "tabúes".

La avalancha de "conferencias de prensa", organizadas al margen del congreso sobre todos los aspectos de las reformas contribuye a mantener una presión constante sobre aquellos delegados que se opondrían o desearían moderar su ritmo.

Hace diez años se celebró en Pekín un congreso del PC chino sin que los interlocutores chinos de los periodistas extranjeros se dignaran a confirmar su realización antes de su clausura. Hoy, los mismos hombres o sus reemplazantes se encargan minuciosamente de las preguntas más directas, sin ofuscarse. "¿Les gustó?", llegan a preguntar algunos al término de algunas conferencias de prensa...

El clima distendido que prevaleció en el congreso fue incluso la razón de la tímida reserva en la que se encerraron los periodistas chinos.

Un informe radial de Pekín llegó a tocar un punto particularmente sensible al formular preguntas sobre la contratación de gerentes de Occidente para poner en orden a las empresas chinas, exentos sin embargo de "poner en la calle" a los empleados más haraganes.

Los funcionarios debieron incluso dar explicaciones sobre las desigualdades creadas por las reformas, sobre los precios que aumentan, sobre las amenazas de quiebra y las suspensiones y hasta sobre la suerte corrida por disidentes, como el físico en astronomía Fang Lizhi, expulsado del partido durante la crisis del invierno pasado.

Este congreso no logrará dar todas las respuestas a los debates entre ortodoxos y reformistas, pero la publicidad que lo rodea provocará seguramente animadas discusiones en los hogares chinos. No cabe duda de que esto es lo que esperan los jóvenes tecnócratas, decididos a romper con los métodos de la vieja guardia.

Si este no fue el mensaje, ¿por qué estacionaron en el Gran Palacio del Pueblo —bien a la vista del camino que recorren dos veces por día los periodistas extranjeros— sillas de rueda que son utilizadas para trasladar a los inválidos de la generación histórica que están viviendo su último congreso?

01-01

8710608

033

Sorpresa occidental ante el rotundo triunfo de los renovadores en China

Pekín — El primer ministro Zhao Ziyang, estrecho aliado del máximo dirigente Deng Xiaoping y uno de los defensores de las reformas económicas iniciadas por éste, fue elegido ayer de manera formal jefe del Partido Comunista de China.

El Comité Central del Partido eligió a Zhao, a Hu Qili, y a los viceprimeros ministros Li Peng, Yao Yilin y Qiao Shi al Comité Permanente del Politburó, la entidad más poderosa del país.

• Reelección

En una medida sorprendente, el ex jefe del partido, Hu Yaobang, quien había caído en desgracia, fue reelegido al Politburó, junto con otros 11 funcionarios del partido, muchos de los cuales son acérrimos partidarios de los cambios políticos y económicos llevados a cabo por Deng a lo largo de los últimos nueve años.

Las designaciones fueron anunciadas ayer al término de la primera sesión plenaria del nuevo Comité Central, el decimotercero, que fue elegido el domingo por el congreso quinquenal.

• Designación

Deng, quien renunció a su cargo en el Comité Permanente del Politburó, fue designado para encabezar la Comisión Militar Central, lo que le concede el control sobre las Fuerzas Armadas del país, que cuentan con tres millones de efectivos.

Zaho también fue elegido vicepresidente de la Comisión Militar, lo que los analistas calificaron como sumamente importante porque prácticamente garantiza que el nuevo jefe del partido contará con el respaldo de dirigentes militares de línea dura y asegura que Zhao heredará el poder que ostenta actualmente Deng Xiaoping.

• Politburó

Diplomáticos occidentales se mostraron asombrados por la nueva composición del Politburó, y señalaron que los siete nuevos miembros son partidarios de Zhao y de la campaña de reformas.

"Han elegido los reformistas más destacados de varias provincias y los funcionarios gubernamentales más progresistas", dijo un diplomático occidental, "no hay ni un conservador entre ellos", comentó.

Las reformas económicas emprendidas por Deng tienen como objetivo liberalizar la economía china y disminuir el control del partido sobre las actividades comerciales y del gobierno.

01-01 871 0620

R.P.c

033

CLARIN 3/11/87

A largo plazo

PEKIN, 2 (Por Francis Deron, de *Le Monde*, especial para Clarín). — El líder chino Deng Xiaoping logró una hazaña sin precedentes en la historia del Partido Comunista al arrastrar junto con él —hacia un estado de semiretiro— a la vieja guardia de los compañeros de Mao Tse-Tung. Sin embargo, esta espectacular barrida no basta para garantizar una sucesión exenta de problemas.

Este es el balance mitigado de este decimotercer congreso partidario que clausuró sus sesiones este domingo luego de una semana de trabajos que terminaron confirmando a Zhao Ziyang en el cargo de secretario general.

Además de Deng Xiaoping, casi todos los veteranos de la larga marcha (aún con vida) abandonaron el comité central. En total, nueve de los veinte miembros del antiguo buró abandonan la arena política.

Sin embargo, este rejuvenecimiento introducido en China tiene sus límites —que la prensa oficial mencionó este lunes—, y es que la edad promedio del nuevo comité central —un poco más de los 55 años— logró una baja de tan solo cuatro años. Esta dificultad que experimenta el régimen chino para renovar a su equipo dirigente es, sin duda, consecuencia de los años de caos de la revolución cultural que decapitó a sus "elites" y por los cuales el país sigue pagando su precio.

Este esfuerzo que aspira a ascender a las jóvenes generaciones deberá continuarse pero solo comenzará a *mostrar* sus frutos dentro de varios años.

Además, este rejuvenecimiento de los cuadros partidarios fue bastante selectivo. Mientras que el general Yang Dezhi —jefe del estado mayor del ejército hasta ahora— se va con 77 años, se queda en su puesto otro veterano: el general Yang Shangkun de 7[illegible] más.

Otro de los logros de Deng fue lograr que el partido apruebe una revisión de los estatutos que introduce de manera cautelosa pero significativa el principio de la separación de poderes.

Pero otro capítulo de la revisión de los estatutos refleja muy bien las dificultades a las que debe hacer frente Deng Xiaoping y la necesidad de seguir estando "presente" como nunca antes hubiera esperado: a la cabeza de la comisión militar del comité central —el órgano más poderoso de todo el aparato de gobierno—. La revisión operada ya no obliga más a elegir como en el pasado a su jefe entre los miembros del comité permanente del buró político

Por ende, todo sigue apoyándose todavía y sin embargo, sobre la personalidad de Deng.

Poca precisión

Paradójicamente, en el punto en el que se mostró menos decisivo el Congreso fue en lo que concierne al contenido preciso y al calendario de las reformas económicas. Los responsables de esta área lo explican, sin duda, a raíz de la separación de roles entre el partido y el gobierno.

Esta separación es, desde ya, totalmente relativa. Zhao Ziyang conservará durante algunos meses todavía —hasta la sesión anual de la asamblea nacional popular en la primavera— el cargo de primer ministro antes de cedérselo al hijo adoptivo de Zhou En Lai, Li Peng.

033

ZHAO ZIYANG FUE NOMBRADO JEFE DEL PC CHINO

Reformadores dominan el Politburó

PEKIN, 2 (Xinhua, AFP, Reuter y UPI). — El primer ministro Zhao Ziyang, estrecho aliado del máximo dirigente Deng Xiaoping y uno de los defensores de las reformas económicas iniciadas por este, fue elegido hoy nuevo jefe del Partido Comunista chino.

El comité central del partido eligió asimismo a Zhao, a Hu Qili, y a los viceprimeros ministros Li Peng, Yao Yilin y Qiao Shi para integrar el Comité Permanente del Politburó, la entidad más poderosa del país.

La nueva dirección del partido tiene una coloración reformista que constituye la más segura garantía para la continuación de la política de apertura y reformas en China, estimaron los analistas.

No obstante, Zhao Ziyang, electo secretario general del PCCh, estará rodeado en el comité permanente, de dos conservadores: Li Peng, llamado a ser el futuro primer ministro, y Yao Yilin.

Li Peng, de 59 años, y Yao Yilin, de 70, son economistas y partidarios de una política menos liberal que la aplicada desde hace diez años, desde la llegada al poder de Deng Xiaoping.

Los otros dos miembros del comité permanente, Hu Qili, de 58 años, y Qiao Shi, de 62, son favorables a las reformas, a pesar de que puede haber reservas respecto de la personalidad de Qiao Shi, durante mucho tiempo dirigente de los servicios secretos chinos, y quien sigue siendo partidario de la estricta autoridad del partido sobre la vida pública.

♦ **Comisión militar**

En el activo de los reformadores, hay que señalar el mantenimiento previsto de Deng Xiaoping en la presidencia de la comisión central militar, y la significativa designación de Zhao Ziyang como vicepresidente de esa misma comisión, lo que es otro signo de que el secretario general del PCCh será probablemente el sucesor del número uno chino.

Con la nominación de Chen Yun, de 82 años, en la presidencia de la comisión de consejeros, anteriormente dirigida por Deng, los conservadores se ven atribuir solo un puesto honorífico, ya que esta comisión se ha convertido con los años prácticamente en un retiro para los ex dirigentes del régimen.

El nuevo equipo dirigente sigue en la línea de Deng Xiaoping, que a los 83 años se jubila parcialmente, y de Zhao Ziyang, de 69, gracias al buró político, del que los siete recién llegados son partidarios de las reformas económicas.

La edad promedio de los 17 miembros del buró político es levemente superior a los 64 años, contra 71 en el anterior. El nuevo comité permanente también se rejuvenece, con un promedio de edad que pasa de más de 77 años a unos 64, conforme con los deseos expresados por Deng Xiaoping.

Este rejuvenecimiento es para el líder chino una de las condiciones para acelerar las reformas económicas y organizar el nuevo proyecto de reformas políticas para separar el papel del partido y el del gobierno, adoptado el domingo por el Congreso.

♦ **Conferencia de prensa**

Por primera vez en China la nueva dirección del PCCh —Zhao, acompañado por sus cuatro nuevos miembros del comité permanente del PC— se presentó ante unos 400 periodistas extranjeros y chinos invitados especialmente y alternó libremente durante más de una hora con los reporteros.

"Preveo presentar mi renuncia a la Comisión Permanente de la Asamblea Nacional (ANP, Parlamento chino), que se reunirá en un futuro próximo", declaró Zhao.

El nuevo secretario general del PCCh se rehusó dar el nombre de su sucesor que dirigirá interinamente el gobierno chino hasta marzo próximo y debería ser confirmado en ese cargo en el transcurso del plenario del ANP. Agregó sin embargo: "Les puedo decir una cosa, y es que será más joven que yo".

Li Peng, 59 años, considerado como un probable sucesor de Zhao al frente del gobierno chino, estaba a su lado, advirtieron los observadores.

01-01

RP214.

033

Acercamiento con China continental

"El Gobierno está sensibilizado estudiando como corresponde el momento oportuno de resolver el tema" de las relaciones diplomáticas con China continental, dijo el diputado Roberto Asiain, quien agregó que existen "avances muy importantes" en materia de acercamiento político, partidario y parlamentario.

Asiain dijo más adelante que el intercambio comercial entre 1980 y el presente se ha multiplicado 250 veces y que "China es uno de los principales clientes que tiene Uruguay", al que exporta por 60 millones de dólares.

Hablando en el edificio Libertad, el parlamentario subrayó que la próxima visita del presidente del gobierno español Felipe González "habla a las claras de que el nuestro ya no es un país que se sobrevuela, sino una nación en la que interesa estar presente por el protagonismo que tiene dentro de la comunidad internacional y, en particular, en el ámbito regional".

El presidente de la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Representantes destacó la participación uruguaya y "los esfuerzos de paz en Contadora y en lo referente a la constitución del Grupo de Río que tanto importa a los países socialistas como a los occidentales".

Consideró estas acciones como "un nuevo foro político dentro de América Latina que no pretende enfrentarse con nadie, sino que constituye un ámbito y un espacio de discusión de ocho gobiernos democráticos".

El Día 30/1/87

01 · 01 8710632

EL PAIS

Fundado el 14 de Setiembre de 1918
Directores: Martín Aguirre, Washington Beltrán y Daniel Rodríguez Larreta

Montevideo, Sábado 12 de Setiembre de 1987

AMNESTY DESNUDA A CHINA COMUNISTA

EN tanto algunos grupos se muestran proclives a instaurar relaciones con la República Popular China, es buena cosa que se conozcan, por parte de la ciudadanía, algunos aspectos del documento de Amnesty Internacional con relación a la sistemática violación de los derechos humanos en que incurre el gobierno de Pekín.

Desde hace varios años, Amnesty ha venido manifestando su inquietud y preocupación por el encarcelamiento masivo de personas ulteriormente calificadas "presos de conciencia" y por el empleo generalizado de la pena de muerte.

El 28 de febrero de 1983 la organización presentó al gobierno de China comunista un memorándum y, posteriormente, ofreció publicar cualquier respuesta que dicho gobierno quisiese proporcionar, sin que haya habido reacción alguna hasta la fecha.

EN setiembre de 1984, Amnesty publicó un informe sobre la violación de los derechos humanos en China, en donde se puso de relieve la existencia de cárceles, centros de detención y campos de trabajo esparcidos por el gigantesco territorio, en los cuales se albergan presos de conciencia, detenidos exclusivamente por el ejercicio no violento de derechos humanos fundamentales.

En algunos casos han sido hallados culpables de "delitos contrarrevolucionarios", de conformidad con artículos de la legislación china, que han sido y siguen siendo aplicados para suprimir cualquier disensión no violenta, mientras que en otras ocasiones, han sido recluidos sin acusación o juicio previo en campos de "reeducación por el trabajo".

Allí fueron a parar trabajadores y estudiantes activos en el movimiento democrático sacerdotes católicos fieles al Vaticano y tibetanos acusados de apoyar la independencia de la región.

La pena de muerte, según el documento publicado por Amnesty, ha venido siendo utilizada de modo generalizado con condenas colectivas. A fines de 1983 tuvo lugar una ola de ejecuciones en masa, como parte de una campaña para atajar el crimen, en la que murieron miles de personas en menos de tres meses.

El Obispo católico de Shangai, de 84 años de edad, fue condenado a cadena perpetua en 1955, acusado de dirigir un grupo contrarrevolucionario con el pretexto de la religión. Al parecer, su detención se debió a su clara postura de independencia entre Iglesia y Gobierno.

SI bien las ejecuciones públicas debían haber cesado con la Ley de Procedimientó Penal de enero de 1980, los informes recibidos parecen indicar que siguen efectuándose, con exhibición posterior de los cadáveres ante la población.

Periodistas japoneses en gira por la provincia de Anhui, llegaron hace algún tiempo a un campo de ejecución en donde los cadáveres de diez hombres que acababan de ser ejecutados, se hallaban rodeados por dos mil personas. "Entre ellos el verdugo, quien se encontraba de pie con un cigarrillo en una mano y la pistola en la otra..." (Washington Post, enero 20 de 1984).

Este breve muestrario constituye apenas un pequeño capítulo en la cuenta de un interminable rosario de arbitrariedades, con todo tipo de violaciones de los derechos humanos. Inmensos campos de concentración han puesto a buen recaudo a miles de presos de conciencia. La pena de muerte es un procedimiento cotidiano en la República Popular China, en donde tampoco han cesado las olas de ejecuciones públicas dentro del vasto territorio de mil millones de habitantes.

EN el otro confín, apenas renacida la democracia en el Uruguay, razones de posible conveniencia económica [illegible] a políticos y diplomáticos uruguayos que ven en Pekín la panacea para todos los males nacionales. Aunque así fuese, que no lo es, porque la China comunista es un país pobre y atrasado, no forma parte de nuestros principios abandonar a nuestros amigos. Y menos cediendo a imposiciones porque en definitiva se tratan aunque no lo parezca, "de no vender el rico patrimonio de los orientales al bajo precio de la necesidad".

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Aún se tortura en China, dice Amnistía

PROCEDENCIA: LA PRENSA 8/7/87

ARCHIVADO EN: AMNESTY INTERNACIONAL (237)

01-01 8710752

CHINA Congreso
Orden Cor 8/8 Provenance 033

La Nación 26/10/87

Continuaría apertura hacia el exterior

Reformistas chinos logran victoria en el Congreso

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).- A juicio de un observador con larga experiencia en la escena política china, los primeros indicios de esta conferencia de siete días apuntan hacia el triunfo de los defensores de la continuidad de la reforma y la apertura hacia el exterior.

La presencia en la mesa presidencial del congreso de Hu Yao Bang, destituido de su cargo de secretario general del partido en enero a raíz de las manifestaciones estudiantiles, reafirma que los reformadores han vencido la oposición de los ortodoxos respecto a la continuidad de la reforma y los cambios en la estructura política.

Ante todo, la anunciada separación de funciones entre partido y gobierno es un argumento que convence a los escépticos.

Esta política no supone, sin embargo, en modo alguno, una renuncia a los principios marxistas y mucho menos una aceptación del modelo político capitalista, como habían reivindicado estudiantes e intelectuales en las protestas del pasado enero.

El informe presentado ayer en la apertura del XIII Congreso del Partido Comunista Chino (PCCH) supone una clara victoria para los abogados de la reforma introducida por el líder Deng Xiaoping en 1979.

El secretario general en funciones del PCCH, Zhao Ziyang, que leyó el informe del Congreso, hizo una amplia exposición de los beneficios de la reforma para los más de mil millones de habitantes chinos, aunque previno de un excesivo optimismo, porque los problemas a los que nos enfrentamos son mucho más numerosos de lo que suponíamos.

Zhao ha advertido de los peligros de la liberalización burguesa y de las ideas fosilizadas de algunos camaradas si se quiere evitar que la nación china no quede aún más a la zaga y pierda el puesto que le corresponde en el mundo.

Este es un congreso de innovaciones que los líderes consideran inaplazables para la marcha del país.

Quizá la más profunda es la anunciada separación de funciones entre el partido y el gobierno, que ha propugnado ayer nuevamente Zhao Ziyang.

No deja de ser irónico que el orador sea al mismo tiempo primer ministro y secretario general del partido en funciones, desde que sustituyó a Hu Yaobang en enero, tras las protestas estudiantiles.

Si Zhao Ziyang es confirmado en su puesto al frente del partido, renunciará, posiblemente, a su cargo de jefe del gobierno, que podría recaer en Li-peng, un joven tecnócrata de 58 años, fiel a los postulados marxistas, que estudió en la Unión Soviética.

GRAN ESCOLLO

Sin embargo, el escollo más visible para seguir adelante con la reforma es el relevo de la vieja guardia al frente del PCCH, pese a las exhortaciones en este sentido de Deng Xiaoping.

El artífice de la reforma afianzó definitivamente su política en el partido en el último congreso de setiembre de 1982 y ha reiterado su deseo de retirarse para dejar paso a los más jóvenes con el fin de garantizar la reforma y la estabilidad política.

El informe de la apertura recordaba ayer que para lograr un renacimiento de la nación, crear un porvenir brillante y llevar a cabo la modernización socialista, hace falta la gran masa de jóvenes y que el partido y el pueblo siempre han depositado su mayor esperanza en la juventud.

Este congreso también ha sido un recordatorio de los fracasos izquierdistas desde el gran salto adelante en 1958 hasta la desastrosa década de la revolución cultural de 1966 a 1976.

033

Reformadores dominan nuevo Politburó chino

PEKIN. — El nuevo Politburó del Partido Comunista Chino (PCCh) está dominado, por políticos reformistas que aprendieron el marxismo en las aulas y no acompañando al ejército guerrillero de Mao Tsé Tung en la Larga Marcha.

"El Politburó está repleto de representantes de la nueva China que han estado al frente de los experimentos económicos y políticos", señaló un diplomático occidental.

En el organismo, integrado por 18 miembros, hay siete rostros nuevos y sólo quedan dos militares frente a los cuatro que había antes.

Otro diplomático occidental destacó que Hu Yaobang, ex secretario del PCCh que renunció en desgracia en enero último pero ahora permaneció en el Politburó, tendrá en el cuerpo colegiado numerosos aliados con ideas semejantes a las suyas en un momento en que China inicia una nueva fase en su proceso de modernización.

"Esta es una gran victoria para Deng Xiaoping y una derrota para el pensamiento de Deng Liqun", expresó un periodista chino.

Deng Liqun, un representante conspicuo de la línea dura, se desempeñaba como jefe del comité de propaganda. Ahora perdió inclusive su puesto en el Comité Central.

El Politburó ha quedado sustancialmente renovado tras el éxito de la maniobra de Deng Xiaoping para desplazar a una media docena de veteranos revolucionarios y reemplazarlos por tecnócratas y administradores.

Uno de los típicos nuevos integrantes del Politburó es el alcalde de la ciudad industrial de Tianjin, Li Ruihuan, de 53 años, quien ha sido objeto de elogios por el dinamismo con que se desempeñó para atraer inversiones extranjeras a la ciudad.

Otra de las personalidades que pasaron al primer plano con el congreso es Yang Rudai, de 63 años, secretario del PCCh en la provincia de Sichuan, que trabajó con el primer ministro Zhao Ziyang cuando éste consolidó su prestigio lanzando un plan de reformas económicas que posteriormente se extendió a todo el país.

Li Tieying es otra de las caras hasta ahora secundarias que se identifica con los puntos de vista de Zhao. Reemplazó al actual jefe del partido cuando éste dejó en abril el puesto de ministro a cargo de la Comisión Estatal para la Reestructuración del Sistema Económico.

Diplomáticos señalaron que en el Comité Permanente del Politburó la distribución de cargos entre ortodoxos y reformistas es más equilibrada.

Zhao, el único integrante del Comité Permanente en su anterior composición que permanecerá en el cargo, será acompañado por Hu Qili —un reformista— y por el viceprimer ministro Li Peng —quien sería designado primer ministro por el Parlamento cuando éste se reúna en marzo.

El Día 3/11/87

01-01 8710797

RPCH

033

La Nación 28/10/87

Discuten separación entre Partido y Gobierno

Congreso analiza reforma en China

Mientras una intensa discusión tiene lugar en el XIII Congreso del Partido Comunista Chino (PCCH), sobre la separación de funciones entre el Partido y el Gobierno, se informó que la permanencia de Deng Xiaoping en la cúspide del poder será sometida a votación secreta.

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- El tema de la separación de funciones entre el Partido y el Gobierno, viene siendo arduamente discutido en el seno del XIII Congreso del Partido Comunista chino.

Esta división fue incluida en el programa del Congreso, inaugurado el pasado domingo, y forma parte de la reforma de la estructura política anunciada por el secretario general en funciones del PCCH, Zhao Ziyang.

La prensa escrita, la televisión y delegados del Partido, han comentado esta reforma, que supondría la retirada de las células del Partido de los 45 ministerios. Sun Weiben, secretario del Comité del PCCH en la provincia de Helongjiang, declaró ayer en una discusión con otros delegados del Congreso que la dirección del Partido no puede fortalecerse a menos que sean separadas estas funciones, según la agencia oficial Xinhua.

Si el PCCH se ocupa de todos los asuntos del Gobierno, no tendrá tiempo de dirigir sus cuestiones y descuidará la edificación del Partido, con el consiguiente debilitamiento de su dirección, dijo el funcionario.

Sin embargo, subrayó que el existente modelo que combina las actividades de Partido y Gobierno se puso en práctica a principios de la década de los años 50, y jugó un papel positivo en la revolución comunista y el levantamiento del país.

El principal problema ahora, según Sun Weiben, radica en el hecho de que el fortalecimiento de la dirección del Partido se ha convertido en una práctica que le permite manejarlo todo.

A juicio de un alto funcionario del PCCH de la provincia de Hunan, la división de las funciones entre Partido y Gobierno es un paso de importancia histórica.

Otro miembro del PCCH de la provincia de Zhejiang dijo en una rueda de prensa que esta modificación no supone una reducción del poder en la dirección del Partido, ya que éste no representa a los intereses de un grupo determinado, sino de toda la sociedad.

MONTEVIDEO, JUEVES 29 DE OCTUBRE DE 1987

Líder reiteró deseo de retirarse

Permanencia de Xiaoping se votará en secreto

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI). La permanencia del líder chino Deng Xiaoping en la cúspide del poder será sometida a votación secreta, según revelaron ayer en Pekín delegados del XIII Congreso del Partido Comunista Chino (PCCH) en rueda de prensa.

La sola mención en público de la forma de elección de los máximos dirigentes, ya constituye una novedad en un país que incluso ha mantenido en secreto la celebración de los congresos del partido, apuntaron observadores de la capital.

Li Zemin, secretario del partido en Shenyang, provincia de Liaoning, recordó que Deng reiteró su deseo de retirarse de sus cargos en entrevistas con invitados extranjeros y que el Congreso mostrará si acepta su petición.

El alcalde de Canton, Zhu Senlin, dijo que Deng es el máximo dirigente, que las elecciones son secretas y que piensa guardar el secreto sobre su decisión.

Liao Bokang, secretario del partido en Chongqing, provincia de Sichuan -de donde es oriundo Deng-, dijo que mucha gente en el partido intentó convencerle para que permanezca en sus cargos, pero que también estamos siendo persuadidos para que se vaya.

Nosotros en Sichuan sentimos especial aprecio hacia él. Ha introducido la reforma y la apertura hacia el exterior en el país. Tomaré una decisión difinitiva cuando se formule esta pregunta en el Congreso del partido, dijo Liao Bokang.

Zhao Zaoiang, alcalde de Wuhan, dijo que confía en que Deng no se vaya del Politburó, pero que últimamente le dio una importante razón para irse.

En cualquier caso, el alcalde expresó su esperanza de que el veterano político siga desempeñando una tarea importante en la política.



PEKIN.- El líder chino Deng Wiaoping ajusta su audífono durante la sesión inaugural del XIII Congreso del Partido Comunista. Delegados al mismo dijeron que existían distintas posiciones en relación a si el anciano dirigente debería retirarse. (Radiofoto Reuter).

VALIOSO LIDER

Por su parte, el secretario del partido de Shenyang añadió que el camarada Deng es un valioso líder del partido y que tanto si abandona puestos importantes como si no, lo hará en función de los intereses del partido y del pueblo.

La decisión sobre el futuro de Deng Xiaoping en el poder se tomará, previsiblemente, en la primera sesión plenaria del Comité Central del PCCH, tras la clausura del Congreso el domingo.

El veterano político pertenece a la influyente Comisión Pe... [illegible] del Politburó (cinco miembros) y preside la Comisión Central de Asesoramiento y la Comisión Militar del partido.

Fuentes diplomáticas en Pekín apuntaron la posibilidad de que Deng permanezca solo en esta última instancia que le puede permitir ejercer gran influencia sobre los militares.

La radio y la televisión retransmiten cada día, a veces integramente, las conferencias de prensa en las que se abordan temas considerados prohibidos hasta ahora, como la sucesión de los líderes, la prostitución y el juego en Cantón o la corrupción de funcionarios y empresas.

En el principal programa informativo de ayer, se retransmitió una discusión entre delegados de la ciudad portuaria de Tianjing sobre el problema creado por los sobornos que aceptan empresas rurales para conseguir contratos.

033

Por primera vez habrá voto secreto para algunos cargos en el PC chino

La política de reformas impulsada por las autoridades chinas no está exenta de cierto tinte nacionalista, que incluye a Taiwán entre los objetivos para la "reunificación de la patria". El domingo próximo los delegados al XIII Congreso del Partido Comunista, por primera vez en la historia, elegirán a los integrantes del comité central por el sistema de voto secreto y por listas con más de un candidato para cada cargo.

PEKIN, 27 (AFP, ANSA, AP y Reuter). — Los delegados al XIII Congreso del Partido Comunista Chino (PCCh) elegirán a la nueva dirigencia con opciones entre distintos candidatos, por primera vez desde la instauración del sistema socialista en ese país.

El Presidium del Congreso, encabezado por el titular interino del PCCh y primer ministro Zhao Ziyang, decidió hoy que los postulantes a miembros plenos del comité central partidario deberán ser cinco más que la cantidad de puestos a cubrir, y serán designados por sistema de voto secreto, indicó la agencia Nueva China.

El actual comité central, designado en 1982, cuenta con 210 integrantes, pero no se especificó si ese número será disminuido con la implantación del nuevo sistema, tal como se especula en círculos allegados a las deliberaciones partidarias.

Una portavoz del congreso indicó que las elecciones finales se realizarán el domingo, jornada de clausura del encuentro de ocho días, y entonces se permitirá el ingreso de los periodistas extranjeros al recinto.

"Esta es la primera vez que ocurre algo así en la historia del partido", dijo un veterano militante del PCCh a la agencia Reuter, al tiempo que un diplomático asiático que prefirió el anonimato comentaba: "Es el comienzo de un nuevo sistema democrático".

Los observadores destacaron el espíritu aperturista de la nueva estructura para la designación de los cargos, así como una mayor transparencia en la comunicación de las decisiones tomadas en el seno del plenario partidario.

Recordaron al respecto que entre los periodistas extranjeros acreditados para la cobertura del congreso figura, por primera vez desde la instauración del sistema comunista en Pekín, un periodista de Taiwán (ver nota aparte).

Libertades a intelectuales

Mientras el Presidium del congreso —un comité de notables formado por 187 miembros— deliberaba en la Sala del Pueblo para examinar las listas de los candidatos, un alto funcionario convocó a una conferencia de prensa para explicar la política en materia de investigaciones científicas.

El ministro de Ciencia y Tecnología, Song Jian, destacó la labor de conocidos científicos disidentes en el campo de las investigaciones, y garantizó que los intelectuales chinos no sufrirán nuevamente las persecuciones de una Revolución Cultural.

El ministro hizo referencia a un caso concreto: "Todos estamos de acuerdo en que el profesor Fang Lizhi es un destacado astrofísico, y él tiene todo nuestro apoyo, sea o no miembro del partido", señaló Song

Fang fue expulsado del PCCh en enero último, acusado de incitar a los estudiantes que iniciaron una ola de manifestaciones en todo el país para reclamar mayor democracia y libertad.

El disidente también fue destituido de su cargo de vicerrector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei, en el este del país, pero fue autorizado a continuar sus investigaciones en Pekín.

"No creo que Fang sea un politicólogo y menos aún un marxista. Es solo un experto en astrofísica. Tenemos un elevado concepto sobre su trabajo de investigación y haremos todo lo posible por ayudarlo en su labor académica", sostuvo el ministro Song.

Cuando se le preguntó si los intelectuales estarían a salvo de persecuciones como las que se produjeron durante la Revolución Cultural impulsada por Mao Tse Tung entre 1966 y 1976, el funcionario aclaró: "Aprendimos las lecciones de ese período. Yo también las sufrí

Agencia AFP



El periodista taiwanés Pi Chieh-t sing conversa con colegas en las afueras del Gran Salón del Pueblo donde tiene lugar el XIII Congreso del Partido Comunista chino.

D1-02

871 0874

FACETA INEDITA EN LA POLITICA DE PEKIN

El nacionalismo

PEKIN, 27 (Por Françols Deron de Le Monde, especial para Clarín). — El decimotercer Congreso del Partido Comunista chino da lugar en estos días en Pekín a un retorno del nacionalismo en la ideología del régimen, tal como lo ilustran las diferentes manifestaciones que van del chauvinismo deportivo al operativo de seducción hacia Taiwán a raíz de su regreso a la "madre patria".

En las calles de la capital, una sorprendente manifestación de jóvenes festejó ruidosamente, este lunes a la tarde, la victoria —ese mismo día en Tokio— del equipo nacional de fútbol frente a Japón y su clasificación para los Juegos Olímpicos de Seúl, por primera vez en la historia deportiva china. Las autoridades, sin embargo, no hicieron nada para impedirlas a pesar de que las manifestaciones callejeras están prohibidas desde las protagonizadas el invierno (boreal) pasado por los estudiantes contestatarios.

Este martes, los periodistas extranjeros fueron testigos y protagonistas involuntarios de una escena del mismo tenor cuando llegó al gran palacio del pueblo —para asistir a una conferencia de prensa— un colega de Taiwán, Pi Chia-Hsing —primer corresponsal venido de la isla controlada por el Kuomintang que recibe acreditación en Pekín para participar de un congreso del Partido Comunista. Sin embargo, este enviado especial logró movilizar la atención general durante bastante tiempo, más que el orador oficial.

Estrategia de seducción

Esta innovación tiene lugar luego de la visita el mes pasado de dos periodistas de Taipei. La medida está incluida en forma manifiesta en la estrategia de seducción adoptada por el régimen comunista hacia sus compatriotas de Taiwan, autorizados desde hace poco por su gobierno a viajar al continente bajo determinadas condiciones.

El jefe del Partido Comunista, Zhao Ziyang, no pudo ser más elocuente sobre este plan en su apoyo político destinado a la "renovación de la nación china" que persiguen las reformas. Evocando, por ejemplo, los acuerdos celebrados con Gran Bretaña y Portugal sobre la suerte de Hong Kong y Macao, Ziyang subrayó con énfasis que ellos constituyen "una gran creación de la sabiduría política de la nación china, para lograr la reunificación de la patria". Pekín espera restaurar su soberanía en la isla de Taiwán sobre el modelo de estos acuerdos garantizando la conservación del sistema capitalista en ambas colonias hasta mediados del siglo próximo.

Sin embargo, a los asuntos externos Zhao Ziyang les dedicó un breve párrafo, bien vago, al final de su informe y como "para reparar un olvido". En cuanto al ejército, este fue felicitado por su papel en la defensa y por su participación en las grandes catástrofes y en la acción económica.

La manifestación de los simpatizantes del equipo de fútbol ilustró, sin embargo, los riesgos de descalabro inherentes a este tipo de movimiento tácitamente aprobado y hasta alentado por las autoridades.

Los manifestantes, cuyo número ascendía a varios millares, se abstuvieron ciertamente de mostrarse abiertamente hostiles hacia Japón. Pero la delicada fase por la que atraviesan las relaciones entre Pekín y su rico socio asiático fue claramente perceptible detrás de toda esa alegría deportiva de la que informa, hoy, la prensa oficial. La policía, como preocupación, había rodeado herméticamente —con un dispositivo impresionante— todos los barrios donde se hallan las embajadas, incluida la nipona.

Hasta bien entrada la noche, la Plaza Tienanmen fue escenario de esta efervescencia extraña que desembocó en el pasado en violentos incidentes en ocasión de algún encuentro deportivo, pero también durante circunstancias mucho más políticas.

02-02 871 0874

RPCH

033

LA HORA 30/10/87

Relaciones con China: deciden próximamente



Roberto Asiain

El diputado Roberto Asiain concurrió ayer al Edificio Libertad. Afirmó que "hoy la República Popular China es uno de los principales clientes comerciales que tiene Uruguay, con una exportación nuestra de 80 millones de dólares anuales. Enfatizó además Asiain que "Uruguay no puede estar ajeno en materia diplomática a uno de los cinco miembros del Consejo de Seguridad de la ONU, a un país que concentra la quinta parte de la población mundial".

Recordó el diputado colorado que 135 naciones del mundo incluidos todos los países importantes de Occidente tienen relaciones con este país. Expresó confianza en que el Ejecutivo, que tiene a estudio el establecimiento de relaciones diplomáticas con China Popular pueda resolver a la brevedad este importante asunto.

Comentando otros aspectos de la realidad internacional Asiain resaltó la importancia de la constitución del Grupo de los Ocho como un nuevo foro político de Latinoamérica.

RPCH

033



Agencia Reuter

El líder chino Deng Xiaoping escucha los debates del XIII Congreso del Partido Comunista.

Discuten retiro de Deng del PC chino

PEKIN, 28 (Reuter). — Un delegado del congreso del Partido Comunista chino ofreció un raro indicio de desunión al aceptar hoy que hay desacuerdo dentro del partido acerca del retiro del principal líder Deng Xiaoping.

Liao Bokang, jefe del partido en la ciudad de Chongqing, afirmó en conferencia de prensa que había dos opiniones en la agrupación sobre el tema, que debe ser solucionado por el congreso antes de finalizar el domingo.

Deng es el líder indiscutido de China, aunque sus puestos formales no incluyen la titularidad del partido o del gobierno.

"Desde el punto de vista del presente, Deng no debe retirarse", dijo Liao. "Sin embargo, si bien goza de buena salud —agregó—, en vista del intento de finalizar con el sistema de empleos vitalicios, debería retirarse."

Los delegados al congreso apoyan ambos puntos de vista, mientras que "yo personalmente quiero que Deng permanezca en su cargo", declaró.

Clarín 29/10/87

01-01 8710895

RPCH.
033

PCCH pide reducción de gastos

PEKIN. — El Congreso que el Partido Comunista Chino (PCCH) celebrará a partir del domingo, debe evitar gastos que agraven la situación económica del país, según su órgano oficial, el "Diario del Pueblo".

El periódico hace un llamamiento para que no se malgaste el dinero y los recursos humanos en la celebración del Congreso y publica una carta de un lector, quien advierte del costo de los previstos festejos y fuegos de artificio en su inauguración.

Con el título "No se puede derrochar para festejar el XIII Congreso", el diario hace un llamamiento al pueblo a economizar y aumentar la producción y a estar alerta por las formalidades que ocasionaron en el pasado grandes pérdidas al partido y al pueblo.

Mientras tanto, continúan los preparativos para el Congreso cuya ceremonia inaugural y clausura se celebrarán en el Gran Palacio del Pueblo y a las que tendrán acceso más de 400 periodistas de todo el mundo.

Al Congreso está previsto que asistan 1936 delegados, en representación de los 46 millones de afiliados al Partido Comunista Chino, que elegirán en su primera sesión plenaria un nuevo Comité Central.

Este órgano del partido debe elegir, a su vez, un nuevo Politburó (20 miembros más dos suplentes), una Comisión Permanente del Politburó (cinco miembros), y un Secretariado (once miembros).

Salvo contadas excepciones, el Comité Central representa a la dirección política, económica y militar de la República Popular China.

Epoca 22/10/87

RREH

033

IGLESIAS EN BAIRES: ¿CHINA Y ALGO MAS?

"¿SE enteró que el titular del Palacio Santos, el Cr. Enrique Iglesias, luego del sorpresivo viaje a Hamburgo, invitado para dictar una conferencia a principios de esta semana, se encontraba ayer en Buenos Aires y hoy, en la mañana, regresaba a Montevideo?", fue la interrogante planteada por uno de los de la rueda del Duende.

No me extraña, en esta época a veces hay dificultades para lograr pasaje en el día en el puente aéreo. El Canciller debe haber llegado de Europa y se vio obligado a permanecer una noche en la Argentina.

¡No es así!, me dijeron, repito que me dijeron, que Iglesias estaba en la vecina orilla por preparativos para la reunión del "Grupo de los 8", de apoyo a Contadora que se realizará el 24 y 25 en Punta del Este, y también con motivo de la visita que está llevando a cabo a aquel país el vicecanciller de China roja, Zhu Qizhen.

¿Otra vez el tema China continental en el tapete?

Usted no debe olvidar que el embajador Luis Barrios Tassano fue el que viajó a Pekín y conversó sobre las bases para un convenio comercial de 5 años.

Bué... le señale que para Uruguay esas posibles conversaciones con los chinos eran muy confidenciales, pero parecé que para los argentinos no, ya que el matutino "La Nación", anunció la llegada de Enrique Iglesias y también la entrevista.

Pues como el dicho español: "Todo Madrid lo sabía..."

EL PAIS · 18/10/87

8710909

01-01

APE

033

EL DALAI LAMA

Retorno imposible

PEKIN 3 (Reuter) — El Dalai Lama, jefe espiritual del Tíbet, podría no retornar nunca a su patria desde el exilio como consecuencia de los violentos motines contra el gobierno que se registraron en Lasa, capital tibetana.

China ha acusado por los incidentes del jueves al Dalai Lama, quien debió abandonar el Tíbet junto con miles de sus partidarios después de la frustrada rebelión de 1959 contra Pekín.

"La actitud de China frente al Dalai Lama se endureció. Nunca se habló de él en términos tan severos", afirmó un diplomático occidental.

"Las dos partes ya estaban bastante distanciadas, los acontecimientos de Tíbet podrían impedirle retornar definitivamente".

Antes de las protestas Pekín invitó al Dalai Lama a regresar a China, pero no con el carácter de "Dios-rey" con el que se lo reconoció en Tíbet hasta 1959. Además, el gobierno chino había propuesto al Dalai Lama quedarse a vivir en Pekín, aunque no en Lasa.

El "Diario de China", perteneciente al gobierno, acusó hoy al Dalai Lama por los motines y dijo que su viejo aspiración de fundar un Tíbet independiente está destinada al fracaso.

- **Dos corrientes**

En Nueva Delhi, colaboradores del Dalai Lama negaron la responsabilidad de éste en los motines y lamentaron la violencia. Al mismo tiempo, advirtieron que es posible que se produzcan más protestas dentro y fuera de Tíbet.

Aparentemente hay dos corrientes de opinión en la comunidad tibetana en el exilio.

"El Dalai Lama preconiza negociaciones pacíficas con Pekín. Pero otros sectores estiman que por este camino no se ha conseguido nada y se pronuncian por una política más radicalizada, más violenta, que aproveche los aniversarios de este mes", afirmó el diplomático occidental.

Pero el plan de paz de cinco puntos para el Tíbet expuesto por el Dalai Lama a un comité del Congreso estadounidense cuando visitó Washington una semana antes de los episodios de Lasa, tuvo un carácter netamente político.

El diplomático opinó "Las visitas previas a Estados Unidos fueron más religiosas. El Dalai Lama parece haber decidido quemar sus puentes con Pekín".

Clarín 6/10/87

RFEH

033

REPRESION EN EL TIBET

Una vez más las agencias noticiosas han hecho saber al mundo que China Comunista arreció la represión contra los monjes budistas del Tibet, cerrando los caminos montañosos que conducen a milenarios monasterios.

Amnesty Internacional ha denunciado reiteradamente el atropello permanente de Pekín, que acaba de celebrar el 37° aniversario de la entrada del ejército invasor chino en el Tibet.

Los reclamos de independencia para el Tibet, encabezados por monjes pacifistas, son cortados violentamente por efectivos de la policía militar china que en estos días se abalanzó sobre Lasha.

La entidad mencionada recibió a su vez denuncias de que durante la "revolución cultural" se había llevado a cabo detenciones, "simplemente por poseer fotografías del Dalai Lama, líder espiritual exiliado de los budistas tibetanos, o por tener cuadros y escritos religiosos".

La filosofía eterna de los monjes budistas los ha llevado a sostener, cada vez con más ahínco, "que si bien aún el tiempo no maduró, la lucha continúa".

Los chinos mataron, días pasados, una decena de tibetanos. No obstante, carteles que fueron exhibidos a turistas, expresan que "sacrificaremos veinte, cuarenta o cien; tantos como se necesiten".

La policía levantó barricadas en los senderos que conducen a los monasterios de Sera, Ganden y Drepung, impidiendo de este modo la visita de viajeros occidentales que son compelidos a irse del Tibet.

En nuestro país, en tanto, parecen apagarse por la fuerza contundente de los hechos, las voces que reclamaban la ruptura con Taiwan para establecer relaciones diplomáticas con Pekín.

Hoy se reprime en el Tibet, como ayer tuvieron lugar los horrores de la "revolución cultural". Los chinos comunistas estuvieron cuatro veces en guerra con sus vecinos, y, fuera de su inmenso territorio apoyaron al Kmer-Rojo, protagonista de una de las masacres más espantosas de todos los tiempos.

América no se salvó del apoyo terrorista de los chinos: El movimiento subversivo de Sendero Luminoso cuenta con su respaldo. Bien cabe que nos preguntemos nuevamente si a nuestro vapuleado país le puede llegar a convenir, como dice el Dr. Schroeder Otero, un socio con semejantes antecedentes.

El País 15/10/87

RPCH.

033

23/10/87

El fracaso tibetano

Los enfrentamientos que en varias ciudades del Tibet han opuesto a los lamas y sus fieles con la policía china subrayan el fracaso de siete años de esfuerzos, por parte de Pekín, para apaciguar los resentimientos provocados por décadas de régimen comunista. Testimonio de ello fue el imponente dispositivo de seguridad desplegado en la región, el pasado 7 de octubre, con motivo del trigésimo séptimo aniversario de la invasión china.

Desde 1980, Pekín ha reconocido la existencia de "problemas de extrema izquierda" en la administración del Tibet, y las autoridades chinas han intensificado las aperturas en dirección al dalai lama, jefe espiritual y temporal de la comunidad, exiliado en India. Trataron de seducir a los tibetanos reconstruyendo monasterios destruidos durante la revolución cultural y acelerando el desarrollo del "techo del mundo".



Los chinos tienen que admitir, hoy por hoy, que estas iniciativas no han dado el menor fruto. Los refuerzos policiales y militares enviados al Tibet, luego de las primeras manifestaciones, no han impedido que se realicen nuevos mitines, brutalmente dispersados.

No sólo los manifestantes enarbolaron la bandera tradicional del Tibet, sino que sus monjes lanzaron varios llamados a la independencia. Todos los testimonios recogidos en el terreno han destacado la hostilidad abierta de los tibetanos respecto de los chinos y su aspiración al retorno del dalai lama.

Los chinos han reconocido que en el pasado "se han cometido errores en materia religiosa". Parece, además, que los servicios de seguridad cedieron al pánico, el 1º de octubre, cuando dispararon sobre los manifestantes en Lhassa. Subsiste el hecho de que ha corrido sangre y que, nuevamente, los principales monasterios están ocupados. Pekín, que acusa al dalai lama de estar en el origen de los disturbios —lo que éste ha desmentido— está condenado a repensar una política de liberalización de la cual uno de sus capítulos —la restauración de los monasterios— había atraído ya numerosos turistas extranjeros.

Estas tensiones son tanto más inoportunas para Deng Xiaoping cuanto tienen lugar a pocos días del XIII Congreso del PC chino, cuya inauguración está prevista para el 25 de octubre en Pekín. El "lobby" conservador, en el seno del PC, podrá argumentar que la "liberalización" en el Tibet no ha llevado a ninguna parte. El debate sobre la "apertura" del régimen chino se anuncia duro, en estas condiciones.

Sería prematuro concluir que Pekín —una vez que se restablezca el orden en el Tibet, lo que aún no es el caso— vaya a optar por la mano dura. Son numerosos los que piensan —y tal es el caso, en especial, de la administración estadounidense— que Pekín va a reaccionar invirtiendo más en el Tibet y otorgándole a la región una más amplia autonomía. Pero nada indica que estos esfuerzos, si se llegan a confirmar, permitan resolver el problema.

Por otra parte, la imagen de China en el extranjero se encuentra desde ya empañada. Si bien la administración Reagan parece tener confianza en los chinos para acelerar el desarrollo del Tibet, no es el caso del Senado que, el martes 6 de octubre pasado, aprobó una resolución vinculando todo suministro de material militar a China con la situación de los derechos humanos en el Tibet. Para Pekín, el repecho se anuncia muy difícil de remontar.

RPCH.

033

Monjes rebeldes

LASA 5 (Reuter) — Los monjes guerreros del "techo del mundo" afirman que están dispuestos a rebelarse nuevamente contra China.

Miles de monjes murieron en combate o partieron al exilio en 1959 cuando Tíbet protagonizó su último alzamiento en gran escala contra China.

Ahora, muchos de esos monjes piensan que su destino es volver a luchar con la esperanza de que su jefe, el Dalai Lama, regrese para gobernar un Tíbet independiente.

Por lo menos tres monjes murieron durante los motines del 1° de octubre cuando, según testigos occidentales, policías cercados abrieron fuego contra una multitud que les arrojaba piedras.

Esa jornada comenzó con una marcha pacífica de los monjes del monasterio de Lasa, que enarbolaban banderas tibetanas y coreaban estribillos independentistas.

Los monjes habían firmado un pacto por el que se obligaban a morir por sus creencias, y cuando la policía los detuvo se iniciaron los incidentes, que arrojaron un saldo de 19 muertos.

Algunos de los monjes fueron vistos en el momento en que se trababan en lucha a mano limpia con policías de civil sobre el techo del templo de Jokhang, en el centro de la ciudad.

Fundado en el siglo XV el pequeño ejército de monjes guerreros de Sera fue un cuerpo temido y su carácter levantisco en algunas ocasiones amenazó la estabilidad misma del Estado tibetano.

● **Los oráculos**

Abundan las leyendas sobre las proezas atléticas de los monjes tibetanos, quienes tradicionalmente son entrenados para luchar valiéndose de sus manos.

"El jueves la gente peleó con los puños. Puños contra armas", afirmó un anciano monje que pasó 21 años en un campo de trabajo chino.

Los oráculos tibetanos señalan que el karma o destino de esa tierra montañosa ha cambiado y que ahora se encuentra en el umbral de una nueva era, agregó el monje en tono calmo durante una entrevista realizada en su monasterio.

A la pregunta de si los monjes están dispuestos a usar armas, el entrevistado respondió afirmativamente pero agregó que no cuentan con ellas.

"Nuestro sueño es que en el futuro el Tíbet ocupe su lugar entre las naciones del mundo y que el Dalai Lama regrese a Potala (su palacio de Lasa)", manifestó.

En otro de los monasterios de Lasa, un monje de alto rango habló de las pasiones religiosas y patrióticas que estuvieron subyacentes en los enfrentamientos del 1° de octubre.

"Durante 28 años China ha destruido nuestra religión y cultura, y matado un millón de personas. Lo que se ve ahora en los monasterios es solo para los turistas", aseguró.

RPCH-

D33

12712

Permanecerá en la Presidencia de la Comisión Militar del Partido

Deng Xiaoping se retiró del Comité Central

PEKIN, (EFE).- El líder chino Deng Xiaoping fue persuadido para permanecer en la presidencia de la Comisión Militar del Partido Comunista Chino (PCCH), que ocupa desde 1981, aunque logró retirarse finalmente del Comité Central, dijo ayer la agencia oficial de noticias Xinhua.

Según una nota biográfica, Deng, de 83 años; el presidente de la República, Li Xiannian, 82, y el economista Chen Yun, 82, acordaron ser los primeros en retirarse del Comité Central para contribuir al rejuvenecimiento del partido.

El XIII Congreso del PCCH, clausurado el domingo en Pekín, ha servido de marco para el mayor cambio generacional de la dirección de este partido en los últimos años.

Diez de los veinte miembros del Politburó no fueron reelegidos ayer en la primera sesión plenaria del Comité Central, y el secretario general del PCCH, Zhao Ziyang, fue el único de los cinco miembros del Comité Permanente del Politburó, que seguirá en esta organizacion, máximo exponente del poder en China.

Deng Xiaoping, que fue miembro del Comité Permanente y presidente de la Comisión Asesora del partido y de la Comisión Militar, sólo conservará este último cargo, como se había rumoreado estos días.

Para ello fue necesario cambiar los estatutos del partido, que antes requerían que el presidente de la comisión fuera elegido entre los miembros del Comité Permanente del Politburó.

BIOGRAFIA

Según la biografía oficial, Deng fue víctima de la desastrosa revolución cultural, junto con el presidente Liu Shaoqi, y recuperó sus puestos en 1973. Los volvió a perder en 1976 y en 1977 los recuperó de nuevo.

Fue el promotor de la idea de un país y dos sistemas para solucionar el problema de la colonia británica de Hong Kong y de la portuguesa de Macao. Esta fórmula servirá como principio razonable para solventar la cuestion de Taiwan (china nacionalista) y lograr su reunificación con la china continental, escribe la agencia oficial Xinhua.

Además de gozar de gran prestigio en el partido y ante el pueblo por sus contribuciones, es el diseñador general de la reforma y de la apertura hacia el exterior.

Deng abrió un camino para Chi[...] vivió también [...] golpes duros, com[...] volución cultural, [...] fin de edificar e[...] lismo con carac[...] Chinas, abriendo [...] nueva página en la [...] del partido y de [...] blica Popular.

Está casado co[...] lin, y tiene dos hij[...] hijos. Sus aficio[...] correr, andar y [...] bridge, concluye [...] grafía.

La Nación 3-11-87

RPCH 033

17 11 87

Considerado el motor de las reformas

Zhao Ziyang es ahora el hombre con más poder en China

El secretario general del Partido Comunista Chino (PCCH), Zhao Ziyang, se convirtió ayer en el hombre con más poder de China, al ser confirmado en este cargo y acceder a la vicepresidencia de la Comisión Militar del Partido. El veterano Deng Xiaoping permanecerá en la presidencia de la Comisión Militar, tras haber salido el domingo del Comité Central y de la presidencia de la Comisión Asesora del PCCH.

PEKIN, (EFE).- El Comité Central del PCCH, en su primera sesión plenaria celebrada ayer en Pekín, confirmó a Zhao en este cargo, que había desempeñado desde el pasado enero interinamente, tras ser destituido su antecesor Hu Yaobang a raíz de las manifestaciones estudiantiles.

Se cumplen así las consignas anunciadas por Deng Xiaoping de que el recién terminado XIII Congreso del Partido debe ser una conferencia de rejuvenecimiento y de reforma.

Zhao Ziyang está considerado como el motor de las reformas y la apertura hacia el exterior, introducidas por Deng Xiaoping en 1979.

Además, fue nombrado ayer vicepresidente de la Comisión Militar del PCCH, un cargo nuevo que le da control directo sobre el Ejército.

El único puesto que Deng Xiaoping mantendrá será el de presidente en esta Comisión, aunque su peso político se seguirá sintiendo en las altas esferas del Partido.

En una rueda de prensa en el Gran Palacio del Pueblo, Zhao dijo hoy que cuando se presenten cuestiones difíciles consultará a Deng, quien le ha izado al poder del PCCH.

El nuevo hombre fuerte chino anunció también que pronto pedirá su dimisión como primer ministro y propondrá el nombramiento de un primer ministro interino, que será más joven que él.

El proceso de rejuvenecimiento de la dirección del PCCH, preconizado por Deng Xiaoping, ha tenido éxito en gran parte, puesto que los miembros salientes del Comité Permanente eran todos mayores.

Estos son Deng Xiaoping, (83 años), Hu Yaobang (72), que permanecerá en el Politburó, el economista ortodoxo Chen Yun (82) y el presidente de la República, Li Xiannian (82).

INTEGRACION

El Politburó, que tenía antes 20 miembros, ha pasado a tener sólo 17, de ellos seis nuevos: Jiang Zemin, Li Tieying, Li Ruihuan, Li Ximing, Yang Rudai y Song Ping.

Los más conocidos entre los diez miembros salientes son Deng Xiaoping; el presidente de la República, Li Xiannian; el conservador Peng Zhen; el jefe de los sindicatos, Ni Zhifu, y el militar Yang Dezhi.

El nuevo estilo de apertura de Zhao quedó patente ayer en una recepción ofrecida a la prensa, en la que presentó a los otros cuatro miembros del Comité Permanente del Politburó, que le acompañarán en su labor.

Rechazó la división que hacen algunos periodistas extranjeros entre conservadores y reformadores en el seno del Partido, y señaló que los que basan sus análisis en estas dos facciones al estudiar la situación en China cometen un error tras otro.

Dijo, sin embargo, que entre los 46 millones de miembros del PCCH hay algunos que se oponen a la reforma, pero que la mayoría la apoya, como quedó demostrado por la votación unánime a su favor por los 2.000 delegados del XIII Congreso, que terminó ayer.

Tampoco en China, como en ningún país del mundo, existe libertad absoluta de disentir de las posturas políticas, indicó el nuevo líder chino.

Agregó que China tiene aún muchos problemas por resolver y que la consecución de la reforma necesitará más tiempo que el previsto al comienzo, pero que existe la confianza de que los experimentos iniciados serán llevados a buen término.

Con el XIII Congreso, Deng Xiaoping ha traspasado el poder a Zhao, que en sus siete años al frente del Gobierno se ha destacado por su excelente labor en el campo económico.

Según una biografía divulgada hoy por la agencia oficial Xinhua, Deng Xiaoping ha logrado retirarse del Comité Central, pero pudo ser persuadido de permanecer en la presidencia de la Comisión Militar del PCCH.

La Razón 3/11/87

01-01

8710973

APEH.

033

Li Peng cuenta con grandes posibilidades

Futuro Primer Ministro

PEKIN. (EFE).- Li Peng, que ascendió ayer al Comité Permanente del Politburó del Partido Comunista Chino (PCCH), tiene grandes posibilidades de ser el sucesor de Zhao Ziyang en el cargo de primer ministro.

Tecnócratra, de 59 años, hijo adoptivo del desaparecido primer ministro Zhou Enlai, Peng fue nombrado viceprimer ministro en 1983.

Zhao Ziyang, secretario general del partido y máxima figura en la jerarquía política, declaró ayer en rueda de prensa que propondrá a un sucesor que sea mas joven que él (69 anos), cuando Li Peng se encontraba a unos pasos de distancia.

De los cinco viceprimeros ministros chinos, dos son mayores que Zhao: Wan Li (71 anos) y Yao Yilin (70). Tian Jiyun (58) y Qiao She (64) podrían, en principio, competir con Li Peng.

En los intentos por categorizarlo entre las corrientes del partido, se le considera más bien como un discreto conservador que se distancia de las pugnas cotidianas por el poder y, que estando abierto al exterior, permanece fiel a los postulados del marxismo.

Li Peng nació en Chengdu, capital de Sichuan, en 1928. Sus padres fueron asesinados por el Kuomintang (Partido Nacionalista) y fue adoptado por Zhou Enlai a temprana edad.

Ingresó en el PCCH en 1945. Estudió física en Moscú de 1948 a 1955 y, a su vuelta a China, trabajó en dos centrales eléctricas. En 1966 fue responsable de la oficina de electricidad de Pekín.

Algunos analistas han exagerado su supuesta simpatía hacia el sistema político y la economía centralizada de la Unión Soviética, atribuyendolo a su estancia en Moscú.

No existen datos sobre su paradero durante la revolución cultural (1966-1976). A partir de esta catastrófica fase para China, Li Peng empieza su carrera política.

En 1980 ocupa el cargo de director y jefe ingeniero de la planta hidroeléctrica de Fengman y, en abril del mismo año, es nombrado viceministro de Energía Eléctrica.

Entre 1981 y 1982 fue ministro de la nueva cartera de Hidroelectricidad y, en el XII Congreso del PCCH, en *septiembre de 1982, ingresó en su Comité Central.*

En junio de 1983 fue designado viceprimer ministro y encargado especial de cuestiones energéticas, ante todo energía nuclear.

China tiene ahora dos plantas eléctricas en construccion en el sur del país, que deberán entrar en funcionamiento a principios de la próxima década.

El Comité Central lo elevó ayer al Comité Permanente de cinco miembros del Politburó, convirtiendose en un miembro de la joven generación de dirigentes que el líder Deng Xiaoping desea colocar en el país para asegurar la continuación de la reforma.

La Nacion 3/11/87

Rtc 033

La Prensa 21/10/87

Designan a Zhao como jefe del PC en China

Pekín, 20 (UP) – Unos de los lugartenientes del líder Deng Xiaoping fue nombrado hoy como secretario general interino del partido Comunista chino, durante una reunión plenaria del comité central del PC.

Al mismo tiempo fueron respaldadas varias propuestas que se supone facilitarán el avance de las reformas económicas y políticas impulsadas por Deng.

La reunión del comité central preparó el terreno para la inauguración del XIII Congreso del Partido Comunista este fin de semana. El Congreso se centrará en una serie de cambios en las altas esferas y debatirá las medidas que definirán el futuro de la nación más poblada del mundo.

El comité central anunció, después de su breve reunión, que había nombrado a Zhao Ziyang, mano derecha de Deng, como jefe interino del partido, y aprobado varias propuestas de enmiendas a la Constitución partidaria, hechas por Deng, una medida que se espera facilite el camino de las reformas y el semiretiro del líder chino.

Se espera que Zhao, un propulsor de las reformas de Deng, dirigidas a introducir elementos del mercado libre en la economía china, mantenga el cargo de secretario general después del Congreso.



(Radiofotografía de Reuter)

Zhao Ziyang

Destitución de Hu

La reunión del comité central, primera desde septiembre de 1986, también confirmó la destitución del ex jefe del partido, Hu Yaobang.

Cientos de policías, incluyendo unidades elite de las tropas fronterizas, tomaron posiciones alrededor de las calles que conducen al Palacio del Pueblo, donde se celebró la reunión.

Las autoridades también limitaron el turismo hacia la capital, requiriendo cartas de presentación de autoridades para comprar pasajes por tren hacia Pekín, dijeron fuentes chinas.

Desde hace semanas la policía de Pekín realiza una operación de "limpieza" de las calles de la ciudad, expulsando a cientos de personas sin residencia en la capital, como preparación del Congreso del partido.

La agencia noticiosa oficial Xinhua indicó que la cita de hoy del comité central, que identificó como "séptima reunión plenaria del XII Congreso del partido", confirmó la fecha del 25 de octubre para la inauguración del XIII Congreso.

El Congreso será el primero en cinco años y asistirán 1.[illegible] delegados.

Se supone que Deng se retirará de algunos cargos, como es su deseo, y mantendría sólo el puesto de director de la comisión de asuntos militares.

Analistas occidentales han dicho que Deng desea apartarse para dar paso a sus jóvenes asesores, pero que continuará siendo el líder de China hasta su muerte.

Los analistas han dicho también que Deng ha tenido que hacer algunas concesiones a los "comunistas de línea dura" en relación a los que serán elegidos en el Congreso y en una subsecuente reunión plenaria del comité central.

Deng ha insistido en que el Congreso debe nombrar a toda una gama de dirigentes más jóvenes, con mentalidades menos rígidas y más capaces de realizar las reformas que necesita el país.

Las reformas de Deng han sido estancadas por la burocracia y elementos ideológicos y políticos.

HR

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Exchange of Information Contents. September 1987.

PROCEDENCIA: Enlace China 27/11/87 Doc 1802/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01 8710989

RNCH.

033

"No compartimos exigencias de China Popular"

UCB contraria a ruptura con China Nacionalista

"La Unión Colorada y Batllista es contraria a la ruptura de relaciones con Taiwan y así se lo hicimos saber al Ministro de Relaciones Exteriores en la oportunidad en que él consultó opiniones de sectores parlamentarios.

En aquella ocasión nos mostramos absolutamente partidarios de mantener las relaciones con la República de China y no acceder a la imposición que aparece como violatoria de nuestra ciudadanía de la China Continental que no plantea solamente entablar relaciones con Uruguay, sino que exige previamente la ruptura con Taiwan, es algo que se constituye en lesivo para nuestro país".

Así se expresó el *Diputado* Mario Cantón sobre el tema de las relaciones diplomáticas con las dos Chinas.

Cantón sostuvo que se debía mantener la relación con Taiwan, no ceder a las presiones de China Continental, y mantener la convicción de que más allá del número de habitantes que tiene China Popular las relaciones con Taiwan siempre han sido amistosas, fructíferas para el país, y nos ha ayudado de muchas maneras en el plano econó[illegible] [illegible]que hay planes que se vienen concretando [illegible] función de esa ayuda y señaló que [illegible]ría un paso tan injusto como inamistoso con ellos, como inconveniente para nuestro país".

El Dr. Cantón dijo que la estrategia de China Continental ya la había sufrido en carne propia España, cuando Felipe González concurrió con un muy importante número de empresarios a ese país a raíz de promesas que se les había hecho y se comprobó, después de entabladas las relaciones, el engaño a que fue sometida.

Manifestó que entendía que no estaba muy claro que le convenga al Uruguay romper con un país amigo que nos ha servido, ayudado, que nos está ayudando, y que mantiene planes muy importantes para el país que se están concretando -citó en carácter de ejemplo a la soja- para entablar relaciones con otro que promete mucho y concede poco.

El Diputado colorado reconoció finalmente la potestad privativa del Poder Ejecutivo en cuanto a la toma de decisión final, aunque aclaró que las mayorías parlamentarias deben ser atendidas y conocer cómo se distribuyen las opiniones. Expresó que tiene entendido que en el Parlamento hay diversidad de pareceres en tal sentido y fundamentalmente aclaró que ello se daba dentro de los partidos tradicionales.

La Mañana 7/11/87

H

RPCH

033

La rebelión en el Tíbet

Largos años de ocupación china en el pequeño Estado asiático del Tíbet determinaron que cayese algo así como una espesa cortina de silencio, ocultando al mundo los padecimientos de aquel país sometido por la fuerza.

Empero, noticias recientes han reactualizado el tema, al trascender la existencia de un brote de rebeldía entre los oprimidos, cuyas autoridades legítimas —con el Dalai Lama a la cabeza— están en el exilio desde hace casi treinta años.

La situación, se afirma, reviste contornos dramáticos. Las manifestaciones callejeras habrían sido brutalmente reprimidas, registrándose un doloroso saldo de personas muertas y heridas, mientras muchas más han sido reducidas a la triste condición de presos políticos.

La responsabilidad del régimen de Pekín por estos episodios se muestra agravada, toda vez que sea considerado un dato básico en el planteo de esta cuestión: los tibetanos constituyen una sociedad tradicionalmente pacífica, dedicada —podría decirse— casi por entero a la práctica de la religión y aislada de sus vecinos durante siglos, en parte a causa de sus costumbres y en parte también debido a la ubicación geográfica de su comarca.

La República Popular China se anexó el Tíbet por frías razones estratégicas, obrando de tal manera como lo hiciera la Unión Soviética cuando invadió Afganistán en 1979. Hoy día, mientras Pekín se empeña en exhibir hacia el exterior una imagen de cierto liberalismo, en contraste con la hosquedad de los tiempos de Mao (1949-76), el alzamiento tibetano desmiente, en la práctica, la autenticidad del "nuevo rostro" con el que China pretende confundir a la opinión internacional. Es importante tenerlo en cuenta para evitar interpretaciones erróneas. La realidad de los sistemas totalitarios incluye una fuerte dosis de imperialismo, consustancial a su naturaleza misma y quien deje de verlo así se sentirá defraudado, tarde o temprano.

La Nación 4/11/87

Paume

033

R.P.CH

ADMITEN FUERTE OPOSICION A LOS CAMBIOS

Profundizan en China la reforma en el campo

El viceministro de la Comisión Estatal para la Restructuración del sistema económico, Gao Shanquan, reconoció ayer que el gobierno chino enfrenta la oposición de ciertos sectores que se oponen a las reformas económicas promovidas por Deng Xiaoping. Está en estudio la posibilidad de autorizar a los granjeros a que negocien libremente sus derechos de tierra.

PEKIN, 26 (AP y UPI). — La República Popular China autorizará a los granjeros a traspasar sus tierras, medidas que llevaría aún más lejos las reformas agrícolas que han determinado el desmantelamiento de las comunas y fomentado la formación de fincas familiares en este país.

Du Runsheng, director de la Oficina de Investigaciones sobre Política Rural del Partido Comunista, dijo hoy en rueda de prensa que los granjeros tendrán la posibilidad de negociar libremente sus derechos de tierras y recibir pagos al respecto.

Du Runsheng se reunió con periodistas chinos y extranjeros durante el segundo día de sesiones del XIII Congreso Nacional del Partico Comunista, en el que el líder Deng Xiaoping se esfuerza por lograr la confirmación de su política dirigida a introducir reformas económicas en el país.

Los casi dos mil delegados que asisten al congreso sostuvieron hoy reuniones a nivel del grupo, basadas en el discurso pronunciado ayer por el jefe interino del partido, Zhao Ziyang, que apoyó incondicionalmente las medidas reformistas de Deng Xiaoping.

La política a seguir propuesta en el campo de los traspasos de tierras en el interior del país forma parte de una iniciativa en gran escala emprendida para hacer frente al problema de la mano de obra excedente que hay en el interior de China, donde viven ochocientos millones de los mil millones de habitantes del país.

Unos setenta millones de personas abandonaron en esta década las labores agrícolas para incorporarse a florecientes industrias rurales y el objetivo a alcanzar ahora es reducir la población agrícola en 100 millones de personas para 1995.

♦ No a la propiedad privada

Du afirmó que los granjeros que deseen abandonar sus tierras podrán traspasarlas a personas dispuestas a cumplir con sus contratos de producción. Subrayó que "no introduciremos la propiedad privada", y que el Estado continuará siendo el propietario de todas las tierras.

Añadió que las reformas terminarán con el sistema igualitario de jornales del pasado y que una serie de medidas para aumentar el número de industrias contratadas a individuos o colectivas acompañarán la reforma en su administración.

Por su parte, el viceministro de la Comisión Estatal para la Restructuración del Sistema Económico, Gao Shangquan reconoció hoy que el gobierno enfrenta cierta oposición a la introducción de reformas económicas.

Gao Shangquan, dijo que de todas formas el gobierno y el partido impulsarán las reformas, que incluyen la colocación en el mercado de parte de las acciones de las empresas estatales.

Gao admitió que "ciertos sectores sufrirán" a medida que entren en vigor las reformas económicas, que se basan en los factores del mercado y tienen el fin de conceder más control a los gerentes empresariales para revitalizar las compañías chinas.

"Esta gente puede volverse bastante resistente si pierde su poder o sus intereses", dijo Gao.

♦ Bancarrota

En los últimos meses, sectores de línea dura del partido han criticado el alcance y el ritmo de algunos aspectos de las reformas, entre ellos los esfuerzos por aprobar una ley de bancarrota, la introducción de acciones, el arrendamiento de tierras, y la anulación del control gubernamental sobre los precios.

Agencia AFP

SOSPECHA — Por Landrú



—¿Tendrá algo que ver en esto Al Zhao Gorey?

01-01

8711049

033

RPCH

Grupos congreso (del P.C.Ch.)

CHINA COMUNISTA ACEPTARA QUE EL EMPRESARIO EXITOSO ENRIQUEZCA

PEKIN, 25 (EFE y AP).— El máximo dirigente chino, Deng Xiaoping, de 83 años, inauguró esta mañana en Pekín el XIII Congreso del Partido Comunista Chino (PCCH), en el que se decidirá la línea de reformas y la apertura al exterior de China Popular en los próximos cinco años.

Deng apareció sonriente en el Gran Palacio del Pueblo de la capital china y recibió una larga ovación de los 1.936 delegados asistentes que representan a 29 provincias, regiones autónomas y municipios.

En el Congreso del mayor Partido Comunista del mundo, con 46 millones de miembros, se acometerán las reformas y la apertura hacia el exterior comenzadas por el líder chino a finales de 1978; el cambio generacional en la cúspide del poder, cuyas dimensiones exactas se desconocen hasta ahora, y la separación de poderes entre gobierno y Partido del país que acoge a una quinta parte de la Humanidad.

Seguidamente a Deng inició un informe de dos horas y media el jefe del Partido Comunista chino, Zhao Ziyang, lamentándose del tiempo perdido y afirmando que era momento de dar paso a la iniciativa privada dentro de un paquete de reformas económicas para salvar a China de la pobreza.

Zhao respaldó ideales como la gerencia industrial independiente, emisión de acciones, empresa privada y la aceptación de que los empresarios exitosos tienen el derecho a enriquecerse.

Hablando en el gran salón del pueblo, Zhao también pidió mayor responsabilidad al partido y la creación de un servicio civil moderno.

Alabó al dirigente Deng Ziaoping, el hombre que cambió drásticamente el curso del socialismo en la China, por su "visión y sagacidad".

Por primera vez el discurso implícitamente da a Deng un status similar a Mao Tse-tung como un dirigente que inició "un gran paso histórico" en la ideología marxista.

Sin nombrarlo, Zhao se refirió al programa de reformas políticas y económicas de Deng como el segundo de tales pasos en la historia de China. El primer paso fue la revolución campesina de Mao.

Deng estuvo acompañado por los otros cuatro miembros del Directorio del Comité político, incluyendo a Hu Yaobang, el ex jefe del Partido que fue destituido en enero para fracasar en enfrentar las expresiones pro democráticas de los estudiantes.

Durante la reunión de ocho días, el Congreso se comprometerá a seguir el programa de reformas orientadas a una economía de mercado de Deng que ha vuelto a poner a China en pie después del fracaso de la revolución cultural de 1966-76.

Zhao, que también es primer ministro, dedicó más de la mitad de su discurso de dos horas y media al programa de reforma económica del país en los últimos nueve años.

Dijo que "hemos perdido mucho tiempo en el pasado" en el intento de tratar de imponer un socialismo radical a los 1.000 millones de habitantes de China. Esta política fracasó, dijo, en una nación donde casi un cuarto de su población es analfabeta o semianalfabeta y 7.000 millones de campesinos siguen utilizando herramientas de mano para sobrevivir. Muchas industrias están "casi un siglo retrasadas en comparación con los niveles actuales".

El principal objetivo de China será aumentar la producción, introducir tecnología moderna, abrir sus puertas a ideas e inversiones extranjeras y buscar alcanzar mejores niveles en la demanda del consumidor, dijo.

Dijo que se deben adoptar pasos para controlar "el excesivo incremento de precios", generado por la demanda, mientras se eliminan los controles de precios de bienes básicos que han llevado a la especulación, la corrupción y la carencia de bienes.

Propuso la creación de un servicio civil profesional en los que los empleados del gobierno que no participan en trabajo político puedan lograr puestos en base a un examen. Los sueldos y las promociones también deberían basarse en méritos.

Aparentemente hay apoyo general para las reformas de Deng, pero muchos en el partido objetan el ritmo del cambio, que ha favorecido la inflación, la corrupción, la diferencia entre ricos y pobres y la apatía ideológica.

Zhao, de 68 años, espera ser confirmado como nuevo secretario general del partido en una reunión del Comité Central inmediatamente después del Congreso.

01-01

8711093

R.P. CHINA

033

TROPAS DEL EJERCITO CHINO BLOQUEARON TODOS LOS ACCESOS A LASA

Imponen el toque de queda en el TIBET

Tropas chinas bloquearon los principales caminos de acceso a la capital tibetana y cerraron monasterios y el Palacio Potala, ex residencia del líder espiritual del Tibet, el Dalai Lama. Testigos de los enfrentamientos del jueves pasado aseguraron que los muertos ascienden a 19. Monjes budistas anunciaron nuevas manifestaciones para el 7 de octubre cuando se cumpla un nuevo aniversario del ingreso del ejército chino al Tibet. Helicópteros recorrían la ciudad en vuelos rasantes, al tiempo que era implantado el toque de queda a partir de las 22. Numerosos turistas quedaron bloqueados en Lasa al acordonar efectivos del ejército todos los caminos de acceso a la capital. Igualmente las autoridades chinas advirtieron a los visitantes que no se mezclaran en los disturbios.

POCO LEGIBLE

LASA, Tibet, 4 (AP y Reuter). — Las autoridades chinas impusieron hoy el toque de queda y trataron de evitar que un autobús cargado de turistas extranjeros abandone la capital tibetana tras las manifestaciones pro independentistas en las que, según testigos, murieron por lo menos 19 personas.

Disidentes tibetanos colocaron carteles callejeros en chino y en tibetano, según los cuales quienes murieron en el asalto del jueves, contra una comisaría policial, perecieron por todo el pueblo, [illegible].

Un grupo de monjes budistas en el monasterio de Sera, en las afueras de Lasa, dijo que esperaba organizar otra manifestación el 7 de octubre, día en que las tropas comunistas chinas invadieron el Tibet para anexarlo a China en 1950.

Soldados y policías acentuaron hoy su control sobre la capital tibetana, bloqueando caminos y cerrando monasterios después que hasta 19 personas habrían muerto en un disturbio ocurrido el jueves contra el gobierno chino.

El saldo oficial de muertos fue estimado en seis pero fuentes fidedignas tibetanas dijeron que hasta nueve manifestantes y 10 policías habían muerto. Los manifestantes muertos incluyen a tres monjes budistas, dijeron.

El toque de queda fue implantado anoche. Helicópteros del ejército efectuaron vuelos rasantes sobre la capital tibetana y poco antes de medianoche un convoy de unos 30 camiones de la policía y jeeps patrullaban calles en su mayor parte desiertas, haciendo sonar sus sirenas.

El palacio Potala, ex residencia del líder espiritual del Tibet, el Dalai Lama, también estaba cerrado.

● **Caminos bloqueados**

Todos los caminos principales de salida de Lasa estaban bloqueados por policías armados que ordenaron a los periodistas que intentaban visitar los monasterios a alejarse del lugar.

Los caminos hacia Xhigatse hacia el oeste y Golmud en el norte estaban también bloqueados y viajeros occidentales dijeron que ellos y los lugareños fueron obligados a retornar a Lasa.

El toque de queda desde las 22 estaba en vigencia y altavoces difundieron el domingo en la noche declaracio-

01-02

871150

nas oficiales en calles vacías patrulladas por los jeeps policiales.

Nacionalistas tibetanos dijeron que la campaña punitiva se orientaba a impedir más manifestaciones el 7 de octubre.

Las autoridades chinas colocaron avisos en varios hoteles advirtiendo a los extranjeros que no se mezclen en los altercados, dijo un turista.

El visitante agregó que las advertencias estaban escritas en tibetano.

• Censura del gobierno

El principal periódico del país, el "Diario del Pueblo" (Renmin Ribao), imprimió hoy una historia detallada con fotografías sobre las manifestaciones del jueves. El noticiero vespertino de la televisión proyectó por primera vez película de la protesta. En ella se vio a una multitud que acudió a la plaza del templo Jokhang de Lasa y apedreó a los agentes policiales y la comisaría situada en ella.

Sin embargo, y pese a esta cobertura noticiosa oficial desacostumbrada, las autoridades de la capital decretaron que los télex enviados desde un hotel por los turistas extranjeros fueran censurados y no pudieron ser logradas conferencias de larga distancia con el exterior.

Además, un turista dijo a la prensa que logró abandonar hoy Lasa después que varios soldados detuvieran un autobús cargado de turistas que iba al aeropuerto de la capital y les ordenaron que regresaran a su hotel, aunque 10 minutos después les permitieron partir...

POCO LEGIBLE

Versión oficial

PEKIN, 4 (Reuter). — El más importante diario de China publicó hoy la primera información detallada sobre los disturbios que tuvieron lugar en Lasa, la capital de Tíbet.

El "Diario del Pueblo" también incorporó en su edición de hoy cuatro fotografías que muestran una subestación policial y vehículos que resultaron incendiados por la acción de alborotadores, las columnas de humo que se elevaban sobre la ciudad y varios monjes que portan banderas tibetanas independentistas.

Un turista estadounidense puntualizó que las personas ultimadas por la policía fueron nueve: tres monjes, tres civiles tibetanos, dos mujeres y un niño.

Al formular declaraciones en Katmandú, adonde llegó en avión procedente de Lasa, el viajero recordó haber observado muchos tibetanos heridos y decenas de policías chinos, bomberos y fotógrafos lesionados por pedradas o golpeados por la multitud.

El "Diario del Pueblo" dijo que los desórdenes comenzaron cuando la policía condujo a una subestación a los líderes de un grupo que llevaban la bandera de Las montañas nevadas y los Leones, que exige la independencia.

Esa bandera fue utilizada por el ejército de Tíbet antes de llegar los comunistas al poder en China, en 1949.

El periódico añadió que "un grupo de personas" comenzó a atacar la subcomisaría con piedras y ladrillos. Posteriormente los revoltosos liberaron a los detenidos y dejaron atrapados en el interior de la dependencia a unos 20 policías, mientras uno de los incursores arrebataba una ametralladora a uno de los uniformados.

La muchedumbre también atacó a seis autobombas que llegaron para combatir el incendio, agregó.

El "Diario del Pueblo" consignó seguidamente que los alborotadores ofrecieron 0,6 yüan (16 centavos de dólar) a los niños que se encontraban en el lugar para que arrojaran piedras contra los policías y amenazaron con atacar las casas de quienes no se unieran a los disturbios entre los que participaron en los incidentes había dos extranjeros que exhortaban a los presentes para que atacaran a los policías.

El periódico puntualizó que dos reporteros gráficos de la agencia de noticias Nueva China fueron apaleados y golpeados por más de 20 alborotadores, que les arrebataron sus cámaras y los dejaron con lesiones y hemorragias.

Los policías debieron abandonar la subcomisaría, que comenzó a quemarse cuando los atacantes lanzaron botellas llenas de combustible, posteriormente saquearon las instalaciones.

El "Diario del Pueblo" añadió que "en medio de la confusión se escucharon unos pocos disparos", pero sin brindar detalles sobre víctimas. El mismo periódico informó ayer que los incidentes dejaron seis muertos y 19 policías gravemente heridos.

• Sorpresa

Fuentes locales se manifestaron sorprendidas por la rapidez con que la prensa oficial china, rigurosamente controlada por el gobierno, publicó tantos detalles de un hecho negativo, estimando que los responsables del "Diario del Pueblo" siguieron la orden confidencial que impartió a principios de este año Hu Qiaomu, uno de los principales ideólogos marxistas del Partido Comunista chino.

"Hu dijo que resultaba ridículo que los chinos deban depender de los rumores y las radioemisoras extranjeras para saber lo que ocurre en el propio país, porque sus propios medios de comunicación no les dicen nada", explicaron.

02-02

871150

R.P. China 033



Agencia UPI



Agencia Reuter

Dos secuencias de la violencia en el Tibet. Un monje budista aparece parado al lado de un vehículo que fue incendiado. Manifestantes tibetanos arrojan piedras a una estación central de policía.

LOS SANGRIENTOS INCIDENTES EN EL TIBET

La elección del momento

BEIJING, 3 (Por Daniel Southerland, de "The Washington Post", especial para Clarín). – La violencia que se desató este jueves entre tibetanos y chinos tiene lugar en un momento "delicado" para China —que el jueves pasado celebró el 38° aniversario de la fundación de la República Popular China—. Según opinión de algunos observadores, el 36° aniversario de la entrada del ejército chino en el Tibet es el próximo siete del corriente, fecha que podría convertirse en epicentro de nuevas protestas.

La visita del Dalai Lama a Estados Unidos coincidió con la manifestación del domingo en la localidad de Lhasa (capital del Tibet) y precedió a la gran manifestación del jueves pasado. Durante su estada en EE.UU., el Dalai Lama presentó un plan de paz de cinco puntos que exige el retiro de las tropas chinas y un acuerdo negociado sobre el Estatus del Tibet.

Diplomáticos extranjeros que se encuentran en Beijing señalaron que los funcionarios chinos están seguros de que existe alguna relación entre la visita a EE.UU. del Dalai Lama y las protestas.

Un diplomático de Occidente comentó que era evidente que los manifestantes se habían sentido "alentados" por la atención que recibió el Dalai Lama en EE.UU. de parte de congresistas y simpatizantes.

Los diplomáticos observaron también que los exiliados jóvenes —los del Congreso Tibetano de la Juventud por ejemplo— estarían impacientes por la lentitud que muestra el Dalai Lama en las agitaciones para que se introduzcan cambios.

• El gobierno, perplejo

"El gobierno chino debe estar perplejo. Debe sentir que está haciendo todo lo que puede... enviando grandes cantidades de subsidios al Tibet", comentó un diplomático de Occidente.

Para recibir el apoyo de la provincia y para unirla más a Beijing, el gobierno dice estar dándole gran prioridad a los programas de energía, comunicaciones y educación del Tibet. Dice haber invertido más de 2.000 millones de dólares en proyectos no militares para el Tibet desde comienzos de la década del 50, y que esa cifra no incluye a varios proyectos de construcción.

Sin embargo, los analistas extranjeros sostienen que gran parte de esos fondos fueron destinados a la administración de diversos programas (en el Tibet) en lugar de ayudar a desarrollar una economía más productiva. Durante mucho tiempo, el Tibet fue la región más pobre durante el gobierno chino.

"Básicamente, existe una economía colonial", declaró un diplomático del Oeste europeo que visitó a Tibet a principios de este año.

"Los chinos invirtieron mucho dinero pero gastaron mucho también. Muchos fondos fueron usados por y para los chinos" añadió este diplomático.

China restauró varios templos budistas tibetanos que habían sido destruidos o dañados por radicales chinos durante los años de la Revolución Cultural (1966-76). También contribuyó al crecimiento del turismo en el Tibet.

Según estimaciones chinas, solo algunos miles de turistas visitaron el Tibet en 1983. Mientras que el año pasado, el número llegó a 30.000. Para este año se espera la llegada de cerca de 40.000.

• Evitar que trascienda...

La agencia oficial de noticias Nueva China había informado a principios de esta semana sobre una manifestación "independentista" ocurrida el domingo pasado en Lhasa. Este viernes, la agencia guardó silencio.

Empleados de Beijing del área de correos y teléfonos indicaron que las autoridades chinas habían cortado todas las comunicaciones cablegráficas y telefónicas con Lhasa, en un intento aparente de evitar que las noticias sobre disturbios en el Tibet fueran difundidas en el resto del mundo.

En realidad, nunca se había tenido noticia de ninguna manifestación como la del jueves pasado desde 1959, cuando los chinos reprimieron brutalmente un gran levantamiento que hizo que más de 100.000 tibetanos escaparan a la vecina India. Entre ellos se encontraba el Dalai Lama, el líder budista del Tibet.

Los turistas que pudieron presenciar los disturbios indicaron que los [illegible]

01-01 8711154

[illegible] de algunos observadores, el 30° aniversario de la entrada del ejército chino en el Tibet es el próximo siete del corriente, fecha que podría convertirse en epicentro de nuevas protestas.

La visita del Dalai Lama a Estados Unidos coincidió con la manifestación del domingo en la localidad de Lhasa (capital del Tibet) y precedió a la gran manifestación del jueves pasado. Durante su estada en EE.UU., el Dalai Lama presentó un plan de paz de cinco puntos que exige el retiro de las tropas chinas y un acuerdo negociado sobre el Estatus del Tibet.

Diplomáticos extranjeros que se encuentran en Beijing señalaron que los funcionarios chinos están seguros de que existe alguna relación entre la visita a EE.UU. del Dalai Lama y las protestas.

Un diplomático de Occidente comentó que era evidente que los manifestantes se habían sentido "alentados" por la atención que recibió el Dalai Lama en EE.UU. de parte de congresistas y simpatizantes.

Los diplomáticos observaron también que los exiliados jóvenes —los del Congreso Tibetano de la Juventud por ejemplo— estarían impacientes por la len-[illegible] grandes cantidades de subsidios al Tibet", comentó un diplomático de Occidente.

Para recibir el apoyo de la provincia y para unirla más a Beijing, el gobierno dice estar dándole gran prioridad a los programas de energía, comunicaciones y educación del Tibet. Dice haber invertido más de 2.000 millones de dólares en proyectos no militares para el Tibet desde comienzos de la década del 50, y que esa cifra no incluye a varios proyectos de construcción.

Sin embargo, los analistas extranjeros sostienen que gran parte de esos fondos fueron destinados a la administración de diversos programas (en el Tibet) en lugar de ayudar a desarrollar una economía más productiva. Durante mucho tiempo, el Tibet fue la región más pobre durante el gobierno chino.

"Básicamente, existe una economía colonial", declaró un diplomático del Oeste europeo que visitó a Tibet a principios de este año.

"Los chinos invirtieron mucho dinero pero gastaron mucho también. Muchos fondos fueron usados por y para los chinos" añadió este diplomático.

Según estimaciones chinas, solo algunos miles de turistas visitaron el Tibet en 1983. Mientras que el año pasado, el número llegó a 30.000. Para este año se espera la llegada de cerca de 40.000.

Evitar que trascienda...

La agencia oficial de noticias Nueva China había informado a principios de esta semana sobre una manifestación "independentista" ocurrida el domingo pasado en Lhasa. Este viernes, la agencia guardó silencio.

Empleados de Beijing del área de correos y teléfonos indicaron que las autoridades chinas habían cortado todas las comunicaciones cablegráficas y telefónicas con Lhasa, en un intento aparente de evitar que las noticias sobre disturbios en el Tibet fueran difundidas en el resto del mundo.

En realidad, nunca se había tenido noticia de ninguna manifestación como la del jueves pasado desde 1959, cuando los chinos reprimieron brutalmente un gran levantamiento que hizo que más de 100.000 tibetanos escaparan a la vecina India. Entre ellos se encontraba el Dalai Lama, el líder budista del Tibet.

Los turistas que pudieron presenciar los disturbios indicaron que los jóvenes tibetanos arrojaron piedras a la policía y que ésta detuvo a un número no determinado de turistas y confiscó sus rollos de fotos o películas.

"Vi a un hombre desangrándose en la calle... Oímos muchos disparos...", relató un turista a la agencia France-Presse.

Por su parte, la cadena norteamericana CBS News informó que dos estadounidenses fueron arrestados durante la manifestación del domingo que fue dirigida por monjes budistas. Un viajante procedente de Lhasa identificó a los norteamericanos como: John Ackerly de Cambridge (Massachusetts) y Blake Kerr, de East Hampton (Nueva York).

Leon Schadeberg, un fotógrafo "free lance" de Londres, indicó a la agencia Associated Press de Chengdu —ubicado a 1200 kms al este de Lhasa— que la violencia del jueves se había iniciado luego que ocho monjes comenzaron a protestar por el arresto de 21 compañeros ocurrido el domingo anterior.

Schadeberg agregó que los manifestantes incendiaron una central de policía y por lo menos cuatro vehículos policiales. Testigos precisaron que un número no determinado de monjes, que habían sido detenidos, logró escapar de la estación policial en llamas.

POCO LEGIBLE

01-01 8711154

R.P. CHINA

2ª

033

Clarín SEGUNDA SECCION

Buenos Aires, domingo 4 de octubre de 1987

VIOLENTAS MANIFESTACIONES NACIONALISTAS EN LHASA

Ocho muertos y 100 heridos por la represión china en Tibet

Dawa Thondup, funcionario del gobierno en el exilio del líder espiritual del Tibet, afirmó que los incidentes allí producidos son "el inicio de la lucha por la libertad tibetana". Testigos occidentales afirmaron que los choques entre los manifestantes y la policía ocasionaron ocho muertos y casi cien heridos, algunos de ellos de gravedad. Las autoridades chinas señalaron que los disturbios son el resultado directo de las actividades secesionistas del Dalai Lama, quien reiteró en las últimas semanas sus reivindicaciones en favor de la independencia tibetana.

PEKIN, 3 (EFE, ANSA, REUTER y AP). — Ocho personas murieron y alrededor de un centenar resultaron heridas —20 de ellas de gravedad—, tras violentos choques entre sectores independentistas tibetanos y la policía china, confirmaron hoy turistas procedentes de la región del Tibet.

Las autoridades chinas admitieron por su parte, la muerte de 6 personas y 20 heridos e impusieron una fuerte restricción a las informaciones de este incidente ocurrido en Lhasa, la capital tibetana, el jueves pasado.

Dawa Thondup, funcionario del gobierno en el exilio del Dalai Lama, condenó hoy duramente las "brutalidades chinas" en Lhasa y dijo que los choques que se registraron allí son "el inicio de la lucha por la libertad del Tibet".

Turistas extranjeros que presenciaron el incidente señalaron que la policía china utilizó armas automáticas contra varios miles de tibetanos que incendiaron una estación policial, destruyeron vehículos y dispararon contra los agentes.

La agencia oficial china Xinhua, dijo que la demostración del jueves se inició cuando "varias docenas" de personas portando la bandera de las montañas nevadas y el león, el emblema nacionalista tibetano, marcharon hacia el centro de la ciudad gritando consignas por la independencia.

Cuando la policía trató de sofocar la protesta "los manifestantes arrojaron piedras a los agentes y luego procedieron a incendiar la subestación policial y destruyeron numerosos vehículos" añadió la información oficial.

No obstante, testigos occidentales aseguraron que los agentes dispararon con armas automáticas contra miles de tibetanos que se encontraban en las cercanías del templo Jokhang, el lugar sagrado más importante del budismo en el Tibet.

Los informantes señalaron que la multitud exigía la liberación de 20 monjes budistas que se encontraban detenidos en la cercana estación de la policía.

Los monjes habían sido arrestados el domingo pasado, después de encabezar una marcha a través de Lhasa en favor de la independencia tibetana, mientras las autoridades consignaron que el arresto se produjo debido a que los budistas habían golpeado y herido a varios policías que trataban de disolver la manifestación.

Thondup, jefe de la división internacional del gobierno en el exilio, advirtió que los acontecimientos vividos en Lhasa "podrían llegar a un punto de convertirse en un levantamiento popular en todo Tibet".

"Nuestras informaciones —añadió— son que los sentimientos antichinos y las manifestaciones callejeras se están ampliando a otras áreas del Tibet. Habrá un movimiento masivo, una lucha popular, un movimiento de liberación"

Mientras tanto, la policía hindú tuvo que hacer frente en Nueva Delhi a unos 1.000 manifestantes tibetanos en las adyacencias del Parlamento para evitar que ingresaran al distrito diplomático, a unos tres kilómetros de ese lugar.

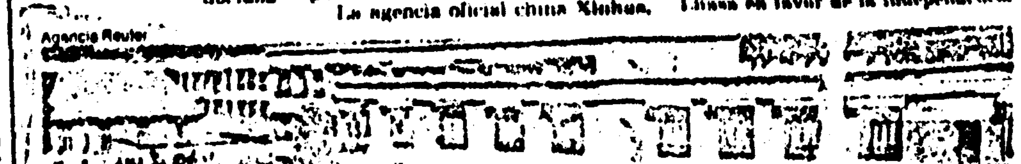
La prensa oficial china responsabilizó al Dalai Lama, líder espiritual tibetano que se encuentra exiliado en la India, de "provocar los incidentes" por sus "actividades secesionistas". En las últimas semanas, el Dalai Lama reiteró sus reivindicaciones en favor de la independencia tibetana durante su estancia en territorio estadounidense.

En 1959, el Lama huyó del Tibet, con más de cien mil seguidores, cuando las tropas chinas sofocaron una sublevación popular en esta región.

Pekín insiste en que el Tibet forma parte inseparable de China, a la que está unida por 700 años de historia común. Sin embargo, las relaciones entre ambos han sido tensas desde que se firmó el acuerdo de "liberación pacífica" entre los dos pueblos en 1951.

Fuentes occidentales señalaron [illegible]

Agencia Reuter



POCO LEGIBLE

ENFOCO

Un brote insurgente

Los disturbios producidos en Lhasa arrojan repentinamente a la remota región del Tibet al primer plano de la actualidad.

Desde la perspectiva de Pekín, el rebrote independentista no ocurre en cualquier momento: faltan apenas semanas para que tenga lugar el XIII Congreso del Partido Comunista.

Hay coincidencias que no parecen casuales. Los graves incidentes que estallaron el jueves se sobreimprimen con la celebración del 38º aniversario de la fundación de la República Popular China, a pocos días de cumplirse 36 años de la entrada de las tropas chinas al Tibet, y la visita del líder espiritual tibetano, el Dalai Lama, a Estados Unidos.

Esta historia se remonta a comienzos de siglo. En 1911 el Tibet, bajo la dominación china desde el siglo XVIII,

01-01

871156

[illegible] disturbios produ-
cidos en Lhasa arrojan
repentinamente a la re-
mota región del Tibet al
primer plano de la ac-
tualidad.

Desde la perspectiva de Pekín, el rebrote independentista no ocurre en cualquier momento: faltan apenas semanas para que tenga lugar el XIII Congreso del Partido Comunista.

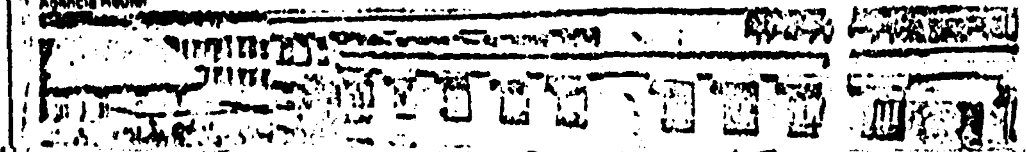
Hay coincidencias que no parecen casuales. Los graves incidentes que estallaron el jueves se sobreimprimen con la celebración del 38° aniversario de la fundación de la República Popular China, a pocos días de cumplirse 36 años de la entrada de las tropas chinas al Tibet, y la visita del líder espiritual tibetano, el Dalai Lama, a Estados Unidos.

Esta historia se remonta a comienzos de siglo. En 1911 el Tibet, bajo la dominación china desde el siglo XVIII, declara su independencia e implanta un régimen teocrático, budista y lamaísta. Pero el siete de octubre de 1951 las tropas chinas ingresan en territorio tibetano y dos años después instalan allí un gobierno comunista. En 1959 las fuerzas de Pekín aplastan una sublevación popular independentista y el Dalai Lama debe exiliarse, junto a un gran número de seguidores, en la India.

Tres décadas después vuelven a agitarse en esta exótica región las consignas en favor de la independencia enarbolando la bandera de "las montañas nevadas y el león", el emblema nacionalista tibetano.

La celebración del Congreso del P.C. de China Popular no podrá dejar de lado la situación allí planteada y seguramente, deberá revisar y en todo caso afinar la política frente al Tibet. Un funcionario del Dalai Lama ya advirtió: "Es el inicio de la lucha por la libertad tibetana".

y casi cien heridos, algunos de ellos de gravedad. Las autoridades chinas señalaron que los disturbios son el resultado directo de las actividades secesionistas del Dalai Lama, quien reiteró en las últimas semanas sus reivindicaciones en favor de la independencia tibetana



Agencia Reuter

pasado.

Dawa Thondup, funcionario del gobierno en el exilio del Dalai Lama, condenó hoy duramente las "brutalidades chinas" en Lhasa y dijo que los choques que se registraron allí son "el inicio de la lucha por la libertad del Tibet".

Turistas extranjeros que presenciaron el incidente señalaron que la policía china utilizó armas automáticas contra varios miles de tibetanos que incendiaron una estación policial, destruyeron vehículos y dispararon contra los agentes.

La agencia oficial china Xinhua,

No obstante, testigos occidentales aseguraron que los agentes dispararon armas automáticas contra miles de tibetanos que se encontraban en las cercanías del templo Jokhang, el [illegible] sagrado más importante del budismo en el Tibet.

Los informantes señalaron que la multitud exigía la liberación de 20 monjes budistas que se encontraban detenidos en la cercana estación de la policía.

Los monjes habían sido arrestados el domingo pasado, después de encabezar una marcha a través de Lhasa en favor de la independencia

ras se están ampliando a otras áreas del Tibet. Habrá un movimiento masivo, una lucha popular, un movimiento de liberación".

Mientras tanto, la policía hindú tuvo que hacer frente en Nueva Delhi a unos 1.000 manifestantes tibetanos en las adyacencias del Parlamento para evitar que ingresaran al distrito diplomático, a unos tres kilómetros de ese lugar.

La prensa oficial china responsabilizó al Dalai Lama, líder espiritual tibetano que se encuentra exiliado en la India, de "provocar los incidentes" por sus "actividades secesionistas". En las últimas semanas, el Dalai Lama reiteró sus reivindicaciones en favor de la independencia tibetana durante su [illegible] en territorio estadounidense.

En 1959, el Lama huyó del Tibet, con más de cien mil seguidores, cuando las tropas chinas sofocaron una sublevación popular en esta región.

Pekín insiste en que el Tibet forma parte inseparable de China, a la que está unida por 700 años de historia común. Sin embargo, las relaciones entre ambos han sido tensas desde que se firmó el acuerdo de "liberación pacífica" entre los dos pueblos en 1951.

Fuentes occidentales señalaron hoy que la situación en Lhasa era de relativa calma, mientras patrullas del ejército recorrían las principales calles de la capital tibetana.

(Información en la página 9)

POCO LEGIBLE

01-01

033

REFORMAS ECONOMICAS Y CAMBIO DE GUARDIA GENERACIONAL

Congreso decisivo del PC chino

PEKIN, 20 (AFP, EFE y UPI). — El Comité Central del Partido Comunista chino adoptó hoy el informe sobre introducción de reformas políticas y modificación de estatutos, que será presentado el próximo domingo al XIII Congreso del partido.

En el mismo plenario, último del duodécimo Comité Central, sus 334 miembros titulares y suplentes confirmaron la decisión de enero pasado de "aceptar la renuncia" del ex secretario general del PC, Hu Yaobang, y su sucesión provisional por el primer ministro Zhao Ziyang.

Zhao será confirmado definitivamente en la Secretaría General por el XIII Congreso. La "renuncia" de Hu siguió a las [illegible] manifestaciones estudiantiles del pasado invierno boreal y dio lugar a una grave crisis de gobierno.

Según la agencia Nueva China Nueva, el plenario del Comité Central, al que precedieron cinco días de "reuniones preparatorias", transcurrió en un ambiente "caracterizado por la democracia, la unidad y la vivacidad". Asistieron los cinco miembros del Comité Permanente, incluidos el renunciante Hu Yaobang y el "hombre fuerte" del régimen, Deng Xiaoping.

El informe sobre reforma política y modificación de los estatutos del partido será sometido a deliberación durante los trabajos del inminente congreso.

Se señaló, asimismo, que el Comité Central aprobó también varias propuestas de enmiendas a la constitución partidaria, hechas por Deng, una medida que se espera facilite el camino de las reformas y el semirretiro del líder chino.

Se supone que Deng Xiaoping se retirará de algunos cargos, como es su deseo, y mantendrá solo el puesto de director de la Comisión de Asuntos Militares.

Analistas occidentales han manifestado que Deng desea apartarse para dar paso a sus jóvenes asesores, pero que continuará siendo el líder de China hasta su muerte.

Han señalado, además, que Deng ha tenido que hacer algunas concesiones a los "comunistas de la línea dura" en relación con los que serán elegidos en el Congreso y en una subsecuente reunión plenaria del Comité Central.

El líder chino ha insistido en que el Congreso debe nombrar a toda una gama de dirigentes más jóvenes, con mentalidades menos rígidas y más capaces de realizar las reformas que necesita el país.

Algunas de ellas, impulsadas por Deng, han sido estancadas por la burocracia y elementos ideológicos y políticos.



Agencia AFP

Vista de la reunión del Comité Central celebrada ayer en Pekín. Los delegados aparecen con sus manos en alto.

EN FOCO

Factores en juego

Las sesiones celebradas ayer en Pekín por el Comité Central del Partido Comunista chino, destinadas a preparar el trigésimo congreso de esa organización política —que, como es obvio, se ajusta a una férrea disciplina pero sufre desde tiempo atrás los vaivenes de una sorda lucha posicional—, depararon al menos un anticipo de la pugna por venir entre reformistas y antirreformistas.

En efecto: una personalidad en neto ascenso dentro de la constelación china de poder, Zhao Ziyiang, considerado uno de los más fieles lugartenientes del líder máximo, Deng Xiao-ping, no solo fue designado jefe interino del PCCH; además, Zhao se encargó de comportarse como tal desde su ingreso mismo al Gran Salón del Pueblo, el recinto que sería durante toda la jornada magno escenario de la ceremonia de recepción.

Si bien se esperaba que el Congreso a inaugurarse el próximo domingo convalide el semirretiro de Deng —sus 83 años pesan en exceso—, todo hacía presumir que el diminuto gran líder retendrá el estratégico cargo de titular de la Comisión Central de Asuntos Militares: esta canaliza el control partidario sobre unas fuerzas armadas muy poco dispuestas a los aires renovadores. No extraña entonces que el astuto Deng esté bregando para que sus lemas de "Un lugar para los jóvenes" y "La reforma ante todo" se en-

MAS GASTO SOCIAL, Y ARTICULOS DE CONSUMO

Sesión del Soviet Supremo

MOSCU, 20 (AP, DAN, EFE y UPI). — El Soviet Supremo de la URSS aprobó hoy un presupuesto equivalente a 715 100 millones de dólares para 1988, que destina amplios márgenes al gasto social y a la mejora de la producción de artículos de consumo.

Al mismo tiempo se anunció para mañana una sorpresiva reunión del Comité Central del Partido Comunista soviético (PCUS), precisamente en la víspera de la llegada a Moscú del secretario de Estado norteamericano, George Shultz.

Las sesiones parlamentarias terminadas hoy aprobaron importantes modificaciones en la legislación vigente sobre denuncias de ilícitos de los funcionarios públicos, que tienden a facilitar al ciudadano demandas sus reclamos ante la justicia.

La enmienda permite presentar las quejas directamente ante la Corte; hasta ahora las denuncias debían ser previamente depositadas ante un organismo administrativo superior.

El ministro de Finanzas, Boris Gostev, dijo que los 1.500 delegados aprobaron una partida anual de 153 millones de rublos (unos 225 millones de dólares) para "mejoramiento de instituciones médicas y culturales, compra de equipos, adecuación de escuelas en áreas rurales" y otros rubros sociales.

El portavoz del Ministerio de Relaciones Exteriores soviético, Gennady Gerasimov, confirmó esta tarde la celebración del pleno del Comité Central del PCUS para mañana, un anuncio que sorprendió a los observadores occidentales, ya que habitualmente ese encuentro se realiza antes de la sesión parlamentaria.

Aunque no trascendieron los temas que abordarán los 300 miembros del Comité Central partidario, la reunión se centraría en el informe que presentará el próximo 2 de noviembre el secretario general del PCUS, Mijail Gorbachov, con motivo del 70º aniversario de la Revolución Rusa.

01-01

8711160

sesión provisional por el primer ministro Zhao Ziyang.

Zhao será confirmado definitivamente en la Secretaría General por el XIII Congreso. La "renuncia" de Hu siguió a las [illegible]ndes manifestaciones estudiantiles del pasado invierno boreal y dio lugar

de los estatutos del partido será sometido a deliberación durante los trabajos del inminente congreso.

Se señaló, asimismo, que el Comité Central aprobó también varias propuestas de enmiendas a la constitución partidaria, hechas por Deng, una medida que se espera facilite el camino de las reformas y el semirretiro del líder chino.

Se supone que Deng Xiaoping se retirará de algunos cargos, como es su de-



seo, y mantendrá sólo el puesto de director de la Comisión de Asuntos Militares.

Analistas occidentales han manifestado que Deng desea apartarse para dar paso a sus jóvenes asesores, pero que continuará siendo el líder de China hasta su muerte.

Han señalado, además, que Deng ha tenido que hacer algunas concesiones a los "comunistas de la línea dura" en relación con los que serán elegidos en el Congreso y en una subsecuente reunión plenaria del Comité Central.

El líder chino ha insistido en que el Congreso debe nombrar a toda una gama de dirigentes más jóvenes, con mentalidades menos rígidas y más capaces de realizar las reformas que necesita el país.

Algunas de ellas, impulsadas por Deng, han sido estancadas por la burocracia y elementos ideológicos y políticos.

[illegible] aparecen con sus manos en alto.

MAS GASTO SOCIAL, Y ARTICULOS DE CONSUMO

Sesión del Soviet Supremo

MOSCU, 20 (AP, DAN, EFE y UPI). — El Soviet Supremo de la URSS aprobó hoy un presupuesto equivalente a 778 700 millones de dólares para 1988, que destina amplios márgenes al gasto social y a la mejora de la producción de artículos de consumo.

Al mismo tiempo se anunció para mañana una sorpresiva reunión del Comité Central del Partido Comunista soviético (PCUS), precisamente en la víspera de la llegada a Moscú del secretario de Estado norteamericano, George Shultz.

Las sesiones parlamentarias terminadas hoy aprobaron importantes modificaciones en la legislación vigente sobre denuncias de ilícitos de los funcionarios públicos, que tienden a facilitar al ciudadano común sus reclamos ante la justicia.

La enmienda permite presentar las quejas directamente ante la Corte: hasta ahora las denuncias debían ser previamente depositadas ante un organismo administrativo superior.

El ministro de Finanzas, Boris Gostev, dijo que los 1.500 delegados aprobaron una partida anual de 153 millones de rublos (unos 225 millones de dólares) para "mejoramiento de instituciones médicas y culturales, compra de equipos, adecuación de escuelas en áreas rurales" y otros rubros sociales.

El portavoz del Ministerio de Relaciones Exteriores soviético, Gennady Gerasimov, confirmó esta tarde la celebración del pleno del Comité Central del PCUS para mañana, un anuncio que sorprendió a los observadores occidentales, ya que habitualmente ese encuentro se realiza antes de la sesión parlamentaria.

Aunque no trascendieron los temas que abordarán los 300 miembros del Comité Central partidario, la reunión se centraría en el informe que presentará el próximo 2 de noviembre el secretario general del PCUS, Mijail Gorbachov, con motivo del 70° aniversario de la Revolución Rusa.

[illegible] los vaivenes de una sorda lucha posicional—, depararon al menos un anticipo de la pugna por venir entre reformistas y antirreformistas.

En efecto: una personalidad en neto ascenso dentro de la constelación china de poder, Zhao Ziyang, considerado uno de los más fieles lugartenientes del líder máximo, Deng Xiaoping, no sólo fue designado jefe interino del PCCH; además, Zhao se encargó de comportarse como tal desde su ingreso mismo al Gran Salón del Pueblo, el recinto que sería durante toda la jornada magno escenario de la ceremonia de recepción.

Si bien se esperaba que el Congreso a inaugurarse el próximo domingo convalide el semirretiro de Deng —sus 83 años pesan en exceso—, todo hacía presumir que el diminuto gran líder retendrá el estratégico cargo de titular de la Comisión Central de Asuntos Militares: esta canaliza el control partidario sobre unas fuerzas armadas muy poco dispuestas a los aires renovadores. No extraña entonces que el astuto Deng esté bregando para que sus lemas de "Un lugar para los jóvenes" y "La reforma ante todo" se encarnen en el fiel Zhao y en los cinco viceprimiers que lo rodearon en la sala de banquetes; todos ellos son "jóvenes", con edades que van de los 58 a los 71 años.

De cualquier modo, la actual inflación que amenaza con batir records y deteriorar el creciente bienestar, notorio con relación al anterior congreso de 1982, y el peso que aún ejercen los grupos ortodoxos, sin duda obligarán a Deng a respetar los límites de las líneas de fuerza partidarias. Lo contrario sería intentar una victoria a lo Pirro.

01-01

8711160

ARCHIVAR EN: República de China (033)

TEMA: MEMORANDUM N° 040/87 Apreciación de Situación de la República de China.

PROCEDENCIA : SPTO II 18/11/87

ARCHIVADO EN:

MEMORANDUM (084)

01-01

8711176

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Emprendimientos conjuntos con la República Popular China

PROCEDENCIA : D. FINANCIERO 23/10/87

ARCHIVADO EN:

Argentina (084)

8711211

01-01

SE ABRE HOY EL XIII CONGRESO DEL PC CHINO

Lucha por las reformas

No hace falta erigirse en augur para señalar que el *decimotercer congreso* —a inaugurarse mañana en Pekín— del Partido Comunista Chino, un gigante que hace 66 años solo reunía a 12 "iluminados" y hoy congrega a 46 millones de miembros, marcará una nueva y aún más ardua vuelta de tuerca en la batalla entre reformistas y conservadores. Un enfrentamiento que, sin embargo, debe ser visto a la luz de sus múltiples matices y subtendencias, y de la asombrosa fluidez exhibida en años recientes. Y que, casi con seguridad, no ha de quedar zanjado por completo en este congreso.

En sus rasgos fundamentales, tal batalla viene planteándose con especial énfasis desde 1978 —a partir de las audaces innovaciones motorizadas por Deng Xiaoping— en ese todavía enigmático laboratorio comunista asiático; el mismo que ahora, sin desmentir sus profundas e intransferibles raíces, intenta *esforzadamente* abrirse en mayor grado hacia el resto del planeta e inclusive incorporar reformas y métodos catalogados, por los núcleos más ortodoxos, como "desviaciones liberales".

¿Quién hubiera pensado en 1960, por ejemplo, que el poderoso Partido Comunista Chino, supuesto depositario de los deseos y voluntad de las masas, adoptara como está haciendo ahora, el sistema occidental de las encuestas de opinión a fin de conocer y prever los sentimientos de las bases?

La sola idea de modernizar esta nación de 1.100 millones de habitantes esparcidos sobre 9,5 millones de kilómetros cuadrados, que durante décadas se impregnó hasta la médula con la mística ideológica maoísta (convertida en todo un estilo de vida y pensamiento), resulta apabullante, y podría sonar utópica, si no fuera el fruto de una necesidad intrínseca en vez de brotar del capricho de un grupo de reformistas.

En efecto: al cabo de tres décadas de autarquía absoluta y dogmatismo, los propios grupos conservadores o tradicionalistas admitían la necesidad de implementar, en mayor o menor grado, reformas destinadas a reactivar la economía y aumentar la productividad, observó esta semana el corresponsal europeo Bernard Degioanni, destacado en la capital china.

Las estadísticas parecen, desde este ángulo, más que persuasivas: la producción de granos creció un tercio desde el 78, lapso en el cual el ingreso de los campesinos se triplicó y la producción nacional aumentó más del 100 por ciento. Más impresionante aún resulta el incremento del comercio exterior, que se catapultó hasta registrar un valor siete veces superior al de entonces.

Pero, como un muy cuestionable revés de la medalla, también se han incrementado —o, inclusive, han surgido por primera vez— fenómenos que, como la vitriólica inflación o la corrupción detectable en muchos sectores, son catalogados por los tradicionalistas como efectos de esta creciente "extranjerización liberalizadora" y de su mecánica "burguesa", capaz de engrosarse como una temible bola de nieve.

Así, los pagos a los vendedores de los mercados al aire libre hechos con bonos de racionamiento aunque ilegales están a la orden del día en las grandes urbes. En agosto, la policía pequinesa desató verdaderas razias contra las vertiginosas escaladas de precios en almacenes privados, restaurantes, barberías y otros establecimientos. Y no ayudan a la tranquilidad de un pueblo austero, las frecuentes escenas de extranjeros, o chinos ricos que llegan desde el exterior y se movilizan en enormes automóviles, ostentando sus sacones de cuero y relojes de oro.

Agencia Reuter

♦ Los sables de guerra

El anunciado retiro de Deng de sus cargos en el Politburó con su posible atrincheramiento en la decisiva comisión de Asuntos Militares, coincide con la sorda lucha por ver si se confirma a Zhao como premier, o si accede a ese puesto el brillante tecnócrata afín al ala más conservadora Li Peng u otra figura de este tipo. Un punto nodal de esta disputa serán las tan ambiciosas como difíciles de ejecutar propuestas de Zhao y Deng, para separar las *células partidarias* de la conducción diaria del Estado: un aspecto trascendente para el éxito o fracaso de cualquier reforma modernizadora, que pretenda ir más allá del corset ideológico del momento.

Curiosamente, la ola de descontento estudiantil de principios de año, expandida por diez ciudades al grito de "*más libertad y más democracia*" fortaleció a esos conservadores que parecían vencidos: hoy son más fuertes e intransigentes que hace cinco o 10 años. Al *mismo resultado contribuyeron* los relativos retrasos y fracasos parciales en el plan reformista: drásticos cambios para racionalizar el régimen de fijación de precios, fueron abandonados en este año. También se dilata la reforma industrial tendiente a conceder mayor autonomía y aires "privatistas" a las empresas estatales.

Incluso, se ve zarandeada por serias dificultades la iniciativa, más modesta, de abrir el partido al debate de nuevas ideas. Y el conflicto con Estados Unidos en torno a la imputación de ventas chinas de armas a Irán (negadas por Pekín) o de menosprecio a los derechos humanos en el Tíbet auxilian a los sectores duros.

Mejor, aunque también trabado en muchos aspectos, es el panorama en lo que hace a las reformas basadas en *desplazar* el sistema de comunas populares en el campo, en favor de regímenes de explotación familiar que aúnan la *propiedad* colectiva y el interés individual. Y es motivo de inmensa expectativa todo lo que ocurra con la *pequeña experiencia* piloto de Shenzen, una región abierta a las inversiones de grandes consorcios extranjeros en el *marco* de nuevas empresas mixtas. Asimismo, los sables de *guerra* de los grupos enfrentados están muy atentos a lo que suceda en el seno de las bolsas de valores, otra novedad que hubiera provocado síncopes en cadena en la época maoísta.

Jorge Ariel Modrazo

01-01

871213

Incógnitas sobre el futuro de Deng, por sus 83 años

El destino de la política modernizadora implantada en China desde 1978 por el anciano líder Deng Xiaoping —que remueve postulados maoístas—, y la relación entre el Estado y el Partido Comunista de esa nación, estarán en juego en los debates del decimotercer congreso partidario que sesiona desde hoy en Pekín. El propio Deng preside las cruciales deliberaciones, en tanto se confirmó a su delfín, Zhao Ziyang como secretario general del PCCH.

BEIJING, 24 (Xinhua, TASS y EFE). — Deng Xiaoping, máximo líder de la República Popular China, presidirá aquí mañana la ceremonia inaugural del Decimotercer Congreso Nacional del Partido Comunista chino (PCCH), que ha suscitado enorme expectativa en el país y el extranjero y será transmitido en directo por la televisión, según indicó un portavoz partidario.

Simultáneamente se conoció que el primer ministro Zhao Ziyang, nombrado en ese cargo hace siete años y que se perfiló como el motor de las reformas propiciadas por Deng a partir de 1979, fue confirmado en su puesto de secretario general del PCCH. Zhao desempeñó este cargo desde el cese en tal función de Hu Yaobang el 16 de enero pasado, a causa de las multitudinarias manifestaciones estudiantiles.

Por otra parte, en Moscú el diario Pravda señaló que China marcha hacia este evento "con un espíritu práctico, sin alharacas ni declaraciones victoriosas", y señaló que el Partido Comunista chino "conduce a los trabajadores por el camino del socialismo."

El portavoz del cónclave, Zhu Muzhi, al ser interrogado sobre el futuro político de Deng, de 83 años —quien ya señaló su voluntad de retirarse del comité permanente del buró político partidario—, recordó que aquél ha manifestado reiteradamente el deseo de renunciar a todo puesto directivo, pero que muchos miembros del partido no están de acuerdo con ello: "Hay que esperar los resultados del congreso para ver si logró convencerlas", dijo Muzhi.

Ante otra pregunta indicó que [illegible] su juicio no será presentado al congreso el caso del ex secretario general Hu Yaobang. Asimismo, Muzhi aludió al rejuvenecimiento de los cuadros dirigentes y a las reformas económicas y políticas.

Clarín 25.10.87

01-01

8711214

RPCh. Congreso Comunista

033

DEFINICIONES DE ZHAO ZIYANG EN LA APERTURA DEL CONGRESO COMUNISTA

China: "El momento para dar paso a la iniciativa privada"

Tal como se esperaba, el 13er Congreso del Partido Comunista Chino adoptó la línea reformista impuesta por su hombre fuerte, Den Xiaoping y su delfín, Zhao Ziyang, lo que significó la derrota de los ortodoxos, hostiles al aceleramiento de las reformas. Zhao Ziyang responsabilizó claramente a la izquierda del partido por ser el obstáculo más grave a la modernización del país. En su discurso de apertura, anunció que "es el momento para dar paso a la iniciativa privada", y agregó que China no podrá retornar a un modelo de sociedad cerrada.

PEKIN 25 (AFP). — El hombre fuerte chino, Deng Xiaoping, colocó hoy a su país firmemente en la vía del aceleramiento y profundización de las reformas políticas y económicas, con el discurso inaugural del Congreso del Partido Comunista chino pronunciado por su delfín, Zhao Ziyang.

En una alocución de 150 minutos, el primer ministro Zhao Ziyang, de 69 años, quien casi seguramente será elegido nuevo líder del partido, afirmó ante los 1.936 delegados que "la reforma es el único proceso por el cual China puede revitalizarse, proceso que es irreversible y que coincide con la voluntad del pueblo y la tendencia general de acontecimientos".

El informe de Zhao Ziyang apuntó a retomar firmemente el camino reformista iniciado por Deng Xiaoping en 1979 y a dar definitivamente vuelta la página de 30 años de maoísmo, estimaron los analistas.

Este informe anuncia una victoria de la tendencia renovadora del partido sobre sus adversarios ortodoxos hostiles al aceleramiento de las reformas y a la apertura al mundo, estimaron los diplomáticos occidentales.

♦ **Fin de la inestabilidad**

El detallado informe reformista de Zhao Ziyang constituye una parte esencial del 13er. congreso y dominará sus debates durante una semana, antes del anuncio de un profundo rejuvenecimiento de los órganos dirigentes del partido, estimaron los analistas. Deng Xiaoping y otros ancianos líderes dejarían sus puestos.

Zhao Ziyang responsabilizó claramente a la izquierda del partido como el obstáculo más grave a la modernización del país, colocando en un segundo plano la lucha contra la "liberalización burguesa" y las derivas derechistas del partido, caballo de batalla de los veteranos ortodoxos.

"Dado que los antiguos hábitos «izquierdistas» están profundamente arraigados y constituyen el principal obstáculo a las reformas y a la política de apertura, la primera tarea, por un largo período, será globalmente la de triunfar sobre las ideas osificadas", declaró el jefe de gobierno.

En una vibrante apología de la apertura añadió que "no podremos jamás regresar a la sociedad cerrada del pasado, cuando se prohibía que la gente entrase en contacto con tendencias ideológicas de tipos diferentes", frase que según los analistas encierra la promesa de mayor liberalización intelectual.

Vestido con un traje occidental y una corbata colorada, sentado a la izquierda de Deng Xiaoping en la tribuna oficial, el nuevo número dos de China anunció además un programa relativamente audaz de reformas políticas, tendiente a separar los papeles del partido y del gobierno, y finalizar con la enorme burocracia de millones de cuadros del partido heredada de la época maoísta.

"La clave de la reforma de las estructuras políticas es la separación entre partido y gobierno", declaró, y subrayó que debe desaparecer la injerencia del partido de todos los sectores económicos de China.

♦ **Sin calendario**

A pesar de su gran especificación de las reformas políticas proyectadas, sobre las que Deng Xiaoping habla desde 1980, Zhao Ziyang no definió un calendario para su aplicación.

El informe de Zhao Ziyang enmarca claramente en el modelo socialista chino a las futuras reformas a ser aplicadas por el nuevo equipo dirigente más joven que dirigirá los destinos de China después del congreso.

Al subrayar que era necesario adaptar el marxismo a las actuales necesidades de China, Zhao Ziyang precisó que "la vía capitalista es un callejón sin salida para China". Todas las reformas se desarrollarán bajo la dirección única del Partido Comunista chino y de ninguna manera se adoptará un sistema de separación de poderes como en los países occidentales, afirmó.

Sin embargo, añadió: "Este es el momento de dar paso a la iniciativa privada"

Zhao respaldó las ideas de vivienda privada, gerencia industrial independiente, emisión de acciones, empresa privada y la aceptación de que los empresarios exitosos tienen el derecho a enriquecerse.

Hablando en el Gran Salón del Pueblo, Zhao también pidió mayor responsabilidad al partido y la creación de un servicio civil moderno.

Alabó al dirigente Deng Xiaoping, el hombre que cambió drásticamente el curso del socialismo en China, por su "visión y sagacidad".

Sin nombrarlo, Zhao se refirió al programa de reformas políticas y económicas de Deng como el segundo de tales pasos en la historia de China. El primer paso fue la revolución campesina de Mao.

Afirmó que "hemos perdido mucho tiempo en el pasado" en el intento de tratar de imponer un socialismo radical a los 1.000 millones de habitantes de China. Esta política fracasó, dijo, en una nación "retrasada", donde casi un cuarto de su población es analfabeta o semianalfabeta y 700 millones de campesinos siguen utilizando herramientas de mano para sobrevivir. Muchas industrias están "casi un siglo retrasadas".

Agencia AFP

POCO LEGIBLE

01 - 04 871216

O

UN INFORME "ESPECIFICO"

Sorpresa en Occidente

PEKIN, 25 (UPI). — Analistas occidentales expresaron sorpresa ante el detallado programa presentado hoy, al inaugurarse el 13er. Congreso del Partido Comunista Chino para eliminar el poder que tiene el partido sobre el gobierno y pasar la administración y la economía a manos de los profesionales.

El proyecto de reforma presentado por el premier y actual secretario general interino del partido, Zhao Ziyang, fue descripto por los analistas occidentales como balanceado, pero sobre todo "el más específico" desde que el líder Deng Xiaoping lanzó sus programas de reformas, combatidas por los "ideólogos de línea dura".

"El programa de reformas es mayor y mucho más detallado de lo que esperaba", dijo un diplomático occidental, que declinó ser identificado. "Esperaba en realidad más compromisos y un documento repleto de palabras vagas, pero este es mucho más específico".

El programa de reformas de Deng, dirigidas a permitir que la economía nacional se rija por las leyes naturales de mercado y a eliminar el estricto control del partido sobre la producción y el gobierno, ha chocado con fuerte oposición dentro del partido.

Pero en su discurso inaugural Zhao hizo un llamado directo por la abolición de las células del partido en órganos estatales.

Otro diplomático occidental opinó que el documento marcaba "un progreso sorprendente y significativo. Es prácticamente uno de sus dos grandes logros del momento".

El segundo, dijo, fue la definición de Zhao de que "China está ahora en la primera etapa del socialismo".

"Esto les ofrece un arco ideológico muy poderoso para hacer toda una serie de cosas", dijo un académico occidental. "Por ejemplo, saca del tablero la acusación de que están introduciendo el capitalismo. Posiblemente esa sea la parte más importante del documento".

Zhao dijo que durante "la primera etapa", que se espera dure hasta bien entrado el siglo que viene, China comerciaría con las acciones y permitiría ganancias no productivas, elemento fuertemente criticado por los de "línea dura" por su tendencia capitalista.



El jefe del Partido Comunista Chino, Zhao Ziyang, pronunció ayer en Pekín el discurso de apertura del decimotercer congreso partidario. A su izquierda Deng Xiaoping.

PARTES POCO LEGIBLE

02

8711216

LA NUEVA GENERACION

Cuatro influyentes

PEKIN, 25 (De The Washington Post, especial para Clarín). — En China, en donde varias figuras de setenta u ochenta y pico de años siguen ocupando importantes cargos políticos, los de cincuenta y sesenta años son considerados "jóvenes".

Estos últimos son precisamente los nuevos líderes de China. Aún no ejercen un control absoluto pero están avanzando hacia posiciones de gran influencia.

Zhao Ziyang —de 68 años y jefe del Partido Comunista chino— tiene que lidiar no sólo con las figuras más antiguas del partido sino también con esta nueva generación. Algunos de sus integrantes son sus aliados pero otros podrían llegar a convertirse en sus rivales.

En su mayoría son tecnócratas que cuentan con una educación mejor que la de sus mentores revolucionarios [illegible] del prestigio y experiencia de la "vieja guardia" (los que participaron de la larga marcha por China en 1934-35).

Los analistas chinos mencionan frecuentemente a cuatro hombres de la nueva generación que podrían ayudar significativamente —u obstaculizar— en los intentos de Zhao Ziyang para consolidar su poder en el partido e insistir con el punto de las reformas económicas.

Firmes competidores

Tres de estos cuatro son —según aseguran ellos mismos— firmes competidores para el cuerpo de toma de decisiones más poderoso del país: el comité permanente del Politburó.

Estas cuatro figuras son: Li Peng, ingeniero entrenado por los soviéticos y especialista en energía nuclear. Peng pasó la mayor parte de su carrera trabajando en ministerios en donde se pone el acento en la planificación central. Tiene 59 años y antecedentes [illegible] "impecables". Luego de la muerte de su padre (asesinado por chinos nacionalistas) Li Peng fue adoptado a temprana edad por el ex premier Chou En-lai, quien fue el encargado de hacer que fuera aceptado por los veteranos del partido —tradicionalistas o conservadores—. Considerado como un rival en potencia de Zhao Ziyang, Peng no le debe nada al premier a quien se espera, además, que reemplace.

A pesar de las inclinaciones tradicionalistas de Peng, [lo]s empresarios norteamericanos dicen poder trabajar con él. Respetan su capacidad. En tanto que los diplomáticos que jugaron al tenis con Peng dicen que le gustan [lo]s golpes fuertes.

Hu Qili: "protegido" del expulsado jefe de partido [H]u Yaobang, Qili —de 58 años— se distanció a principio[s] de este año de su viejo mentor. De todos modos se [co]nsidera que está a favor de reformas económicas [in]mediatas y se ha aliado con Zhao Ziyang. Es uno de los [po]cos líderes chinos capaz de pronunciar un discurso en un inglés "aceptable". Zhao Ziyang lo ha puesto a cargo de las áreas de propaganda, trabajo ideológico y reforma política. De los deportes le gusta el tenis, único interés que comparte con Li Peng.

El más misterioso

Qiao Shi: este hombre de 63 años es "el misterio" [de lo]s nuevos líderes. Es el funcionario más importante que tiene que ver con el cumplimiento de la ley. Est[uvo] a cargo, en estos últimos años, de los departamentos [de] Policía e Inteligencia. Se pronunció a favor de [la im]plementación de un sistema legal más eficaz pero [sus] opiniones sobre otros aspectos, como la reforma ec[onó]mica, no se conocen prácticamente. Llegó al poder [de la] mano de Hu Yaobang, pero avanzó —desde la caída [de H]u— hacia una dirección más conservadora. Es vi[sto co]mo el candidato que presidirá posiblemente la com[isi]ón central de inspección de disciplina del partido, [un] organismo nuevo que juega un papel de guardián frente [a la] corrupción.

Tian Jiyun: excelente experto financiero —de [illegible] años— [illegible] a Zhao Ziyang. Es considerado un ri[val d]e Li Peng y será seguramente el elegido de Zhao [Zi]yang para ocupar el cargo de primer ministro. Sin e[mba]rgo, hace algunos meses, Jiyun —gran defensor de [las] reformas— pareció perder terreno frente a Li Peng. [Es] considerado un candidato para el comité permanente [del] Politburó pero con posibilidades inciertas.

PARTES ILEGIBLE

Los ritmos del cambio

"La contribución a la expansión de las fuerzas productivas debe ser el punto de partida para la consideración de todos nuestros problemas", afirmó ayer el jefe del Partido Comunista Chino, Zhao Ziyang.

En realidad, Zhao —tanto como su mentor Deng Xiaoping— estaba apuntando al final de una era y al comienzo de otra: que la propiedad privada y el socialismo son compatibles. Pero aun más: adoptar el pragmático punto de vista de que el fin justifica los medios, es decir, las reformas económicas y la apertura hacia el oeste significan para China la médula para su desarrollo.

Esta enunciación habría hecho empalidecer a Mao, quien estaba convencido del poder ilimitado de los mil millones de chinos para modernizar el país sin asistencia de capitales ni de tecnología extranjera.

En el discurso de Zhao quedó explícito que nadie podrá ser acusado, como en el pasado, de defender la vía del capitalismo si propone instrumentos de la economía de mercado como la ganancia, la liberalización de precios y la privatización del comercio.

La política de reformas y apertura lanzada hace nueve años por Deng tienen desde ayer sistematización teórica por cuanto deja de lado la fase puramente experimental para convertirse en el símbolo de un socialismo a la china.

Y en medio de estos conceptos, la puja entre el ala reformista y los conservadores del PC. Una pugna que será posible analizar cuando, en siete días, se elijan los nuevos órganos directivos del partido. Por ahora, la embestida de los nostálgicos de las grandes enunciaciones ideológicas de la China de Mao se debilita cada vez más. El camino parece irreversible.

Poco LEGIBLE

04-04

8711216

RPCH.

033

Directora Ernestina Herrera de Noble

Clarín 7/10/87

El pueblo tibetano

LA eclosión de sentimientos nacionales largamente reprimidos en el Tíbet coloca en estos días ante un significativo desafío a los dirigentes de la República Popular China. Por primera vez la prensa de Pekín reconoció la existencia de descontentos y malestares en la población de la región autónoma constituida en 1959 y admitió graves errores de conducción política.

Ello se debe tanto a la magnitud de las protestas cuanto a los cambios producidos en la propia orientación del gobierno central, que procura liberalizar y modernizar la administración del Estado creado por Mao Tse-tung sobre el gigantesco territorio que alguna vez fue el imperio del Centro. El Tíbet nunca había sido anexado en forma absoluta por los soberanos de las diversas dinastías que se sucedieron en el trono de la Ciudad Prohibida, pero a partir del siglo XVII los dignatarios lamaístas del enorme país de 1.200.000 kilómetros cuadrados que se extiende al norte del Himalaya aceptaron un vasallaje nominal.

Dicho estatuto, que otorgaba a las autoridades chinas el control de las relaciones exteriores y la jurisdicción militar sobre el Tíbet, fue renovado en 1950, cuando el recién instalado gobierno maoísta envió sus primeros destacamentos de tropas y sus primeros funcionarios para negociar con los lamas de Lasa el futuro del territorio. Tíbet, presionado por los británicos que dominaban la India, había proclamado en 1911 su independencia total, logrando en cambio que el Reino Unido no transformara sus pretensiones de influencia en una posesión colonial directa.

La importancia geopolítica de su vasto territorio es innegable para el control de toda el Asia central y meridional.

Las zonas desérticas septentrionales abren el paso al corazón mismo de China y los pasos del Himalaya fueron atravesados por numerosos invasores de la India. Era ingenuo suponer que el nuevo régimen instalado en 1949 en Pekín pudiera soslayar esa cualidad del Tíbet y corriera el riesgo de que los dignatarios lamaístas se cobijaran bajo el manto protector de otro país vecino o de alguna potencia adversa.

El régimen lamaísta había sido instaurado en el Tíbet en el siglo XVI y mantenía a sus cerca de dos millones de habitantes en un sistema feudal inmovilizado, controlado por los monjes de una forma peculiar de budismo en sociedad con un puñado de nobles guerreros. La mayor parte de la población era campesina.

La supervivencia de este estado de cosas era evidentemente incompatible con el nuevo curso de China, y en 1959 se produjo el estallido frontal. Impulsados por los guerrilleros de las tribuas khambas del nordeste, los lamas de Lasa intentaron un alzamiento, que culminó con la ocupación masiva del territorio por tropas chinas y con la huida a la India del Dalai Lama. Este, como reencarnación de una de las manifestaciones históricas del Buda, era considerado el soberano del Tíbet.

Se inició entonces un proceso de acelerada incorporación de pautas culturales dictadas por el gobierno de Pekín, que llegó a sus extremos entre 1966 y 1976, los años de la Revolución Cultural. Ella conoció en Tíbet, según ahora reconocen los propios dirigentes chinos, sus extremos más exagerados y dogmáticos. Miles de templos fueron cerrados y aun arrasados y el progreso prometido que se había iniciado con la reforma agraria y con la construcción de carreteras, escuelas y hospitales, se convirtió en un intento exasperado por borrar la historia, la cultura y la tradición de un pueblo.

Los chinos maoístas repetían el mismo papel "civilizador" que antaño se habían arrogado los colonialistas europeos en otros puntos de Asia, África y América y que llegó a ser teorizado como "la carga del hombre blanco". No era aquí ya cuestión del color de piel, pero los chinos adherentes a la versión maoísta del marxismo-leninismo ensayaron modificar por la fuerza y sin contemplaciones el estadio medieval de los tibetanos para lanzarlos a un proclamado socialismo.

A partir de 1978 esa tendencia se corrigió sensiblemente. Otro dirigente religioso del país, el Panchen Lama, un buda encarnado de Shigatsé, fue elegido vicepresidente del Congreso del Pueblo Chino. Al año siguiente el secretario general del Partido Comunista Chino visitó por primera vez Lasa.

Se permitió reanudar voluntariamente la vida monástica a un gran número de lamas; el país fue abierto al turismo extranjero, atraído por las expresiones de una cultura tan particular, y la modernización trató de adecuar sus ritmos a las espectativas y deseos de la población. Evidentemente ello no bastó, y ahora los tibetanos demuestran la fuerza irreprimible del sentimiento de identidad de todo pueblo.

La rueda de la historia no puede volver atrás y los tibetanos no regresarán nunca, seguramente, a un régimen feudal y teocrático, pero el gobierno chino deberá armonizar la defensa de su integridad territorial y de su seguridad con las aspiraciones a la autonomía y a la libertad de un pueblo también milenario, en virtud, por otra parte, de los mismos principios que predica como su fundamento. De lo contrario, Tíbet se convertirá en una espina cada vez más peligrosa en el cuerpo del gigante.

033

SE CUMPLE HOY EL 37º ANIVERSARIO DE LA ANEXION CHINA

Reprimen manifestaciones en el Tíbet

Están anunciados para hoy en el Tíbet la realización de actos independentistas, en coincidencia con el 37º aniversario de la entrada de las tropas chinas a la región. La policía detuvo ayer en Lasa a casi cien personas que participaban de una marcha antichina. En Xigatse, la segunda ciudad tibetana, se produjeron incidentes entre separatistas y fuerzas de seguridad.

PEKIN, 6 (AFP, Reuter, AP y DPA) — La policía militar china reprimió hoy una manifestación de monjes tibetanos en Lasa, la capital del Tíbet, y detuvo a casi un centenar de ellos.

Según informes de varios testigos, la policía y soldados chinos portando fusiles AK 47 y pistolas automáticas, avanzaron hacia los manifestantes y detuvieron a casi cien personas, la mayoría se cree que eran lamas.

Las autoridades habían reforzado Lasa por temor a nuevas marchas antichinas. Soldados y unidades paramilitares fueron transportados a la capital tibetana desde regiones vecinas.

Se estima que los monjes llegaron a la ciudad desde el monasterio de Drepung, situado a varios kilómetros de Lasa.

Luego de la violenta manifestación del jueves último, que culminó con la muerte de varias personas, la policía colocó nuevos puestos de control en las rutas de acceso a Lasa y se informó que se cerró la frontera entre el Tíbet y Nepal.

Los independentistas sostienen que el objetivo de esta medida es impedir que los tibetanos que viven en Nepal y la India viajen a Lasa para participar en los actos independentistas que se llevarán a cabo mañana, en coincidencia con el 37º aniversario de la entrada de las tropas chinas a la región.

Fuentes tibetanas han señalado que la policía china arrestó a unas cuarenta personas que trabajaban para el gobierno, de quienes se sospecha que han contribuido con el movimiento independentista tibetano.

Un vocero del gobierno declaró hoy que los principales dirigentes regionales no se encontraban en el Tíbet cuando se produjeron los incidentes del 1º de octubre, durante los cuales los manifestantes apedrearon e incendiaron una estación policial después de la detención de veinte monjes que participaban de una marcha antichina.

"La situación es calma, está bajo control", dijo el vicedirector de la Oficina de Relaciones Internacionales, Yan Xiansu.

El funcionario agregó que no cree que ningún empleado gubernamental pierda su cargo como consecuencia de las protestas y afirmó que los culpables de los incidentes son una "pequeña minoría de separatistas respaldados por el Dalai Lama", líder espiritual del Tíbet.

En Xigatse

Un viajero chino afirmó hoy que en otra ciudad tibetana, Xigatse, se realizaron en los últimos días manifestaciones en favor de la independencia tibetana, tras los disturbios del jueves pasado en la capital, Lasa.

Agregó el informante que dos extranjeros fueron detenidos durante esas manifestaciones, por portar banderas con el emblema independentista tibetano en el monasterio Tashilumpo de Xigatse, aunque dijo desconocer el día en que se efectuaron las manifestaciones y la nacionalidad de los detenidos.

Xigatse, de 40.000 habitantes, es la segunda ciudad del Tíbet y está ubicada a unos 350 kilómetros al oeste de Lasa.

La oficina de asuntos tibetanos de Chengdú afirmó hoy no tener noticias de la situación en Xigatse. "No sabemos demasiado bien lo que está pasando en el Tíbet", respondió un vocero consultado telefónicamente.

Por su parte, el servicio telefónico de Chengdu, capital de Sechuán, provincia que bordea el Tíbet, señaló que todas las comunicaciones telefónicas con ese país estaban cortadas y que por lo tanto era imposible comunicarse con Xigatse.

Fuentes en la capital china manifestaron hoy que alrededor de 600 efectivos de la policía militar china fueron transportados desde Chengdu a la capital tibetana en aviones, para reforzar las medidas de seguridad.



Una familia tibetana transporta madera quemada de una estación de policía hasta un mercado que resultó destruido durante las manifestaciones del 1º de octubre en Lasa, capital del Tíbet.

EL REGIMEN DE PEKIN

Problemas étnicos

PEKIN, 6 (AFP). — Los sangrientos acontecimientos que acaban de oponer en el Tíbet las fuerzas del orden a los tibetanos revelan el fracaso de la política de asimilación que el régimen comunista chino quiso aplicar con las 55 minorías étnicas que viven en China, estimaron hoy los analistas.

Actualmente, a pesar de la política más tolerante llevada a cabo desde hace 10 años, China recibe los contragolpes del autoritarismo practicado por Pekín en las costu[illegible] —generalmente contra su voluntad— a miles de han (responsables políticos, ingenieros, jóvenes diplomados) a esas regiones para que aseguraran el control político, administrativo y económico.

Aún hoy todos los órganos de la dirección en esas regiones están en poder de los han, señalaron los observadores, y si bien es cierto que los gobernadores o presidentes de parlamentos regionales son miembros de una minoría étnica, éstos [illegible] do esas dos provincias ha podido comprobar en las calles, al contacto con la población, que el resentimiento de los tibetanos contra los han llega hasta el odio declarado y que en Xinjiang musulmanes y han se ignoran, para tolerarse mejor.

Esta incompatibilidad —evidente en el Tíbet que reclama su independencia— dificulta la política del líder chino Deng Xiaoping con respecto a las minorías étnicas, que se [illegible]

01-01

8711238

nuevas marchas antichinas. Soldados y unidades paramilitares fueron transportados a la capital tibetana desde regiones vecinas.

Se estima que los monjes llegaron a la ciudad desde el monasterio de Drepung, situado a varios kilómetros de Lasa.

Luego de la violenta manifestación del jueves último, que culminó con la muerte de varias personas, la policía colocó nuevos puestos de control en las rutas de acceso a Lasa y se informó que se cerró la frontera entre el Tibet y Nepal.

Los independentistas sostienen que el objetivo de esta medida es impedir que los tibetanos que viven en Nepal y la India viajen a Lasa para participar en los actos independentistas que se llevarán a cabo mañana, en coincidencia con el 37° aniversario de la entrada de las tropas chinas a la región.

Fuentes tibetanas han señalado que la policía china arrestó a unas cuarenta personas que trabajaban para el gobierno, de quienes se sospecha que han contribuido con el movimiento independentista tibetano.

Un vocero del gobierno declaró hoy que los principales dirigentes regionales no se encontraban en el Tibet cuando se produjeron los incidentes del 1° de octubre, durante los cuales los manifestantes apedrearon e incendiaron una estación policial después de la detención de veinte monjes que participaban de una marcha antichina.

"La situación es calma está bajo control", dijo el vicedirector de la Oficina de Relaciones Internacionales, Yan Xianyu.

El funcionario agregó que no cree que ningún empleado gubernamental pierda su cargo como consecuencia de las protestas y añadió que los culpables de los incidentes son una "pequeña minoría de separatistas respaldados por el Dalai Lama", líder espiritual del Tibet.

En Xigatse

Un viajero chino afirmó hoy que en otra ciudad tibetana, Xigatse, se realizaron en los últimos días manifestaciones

del Tibet y está ubicada a unos 350 kilómetros al oeste de Lasa.

La oficina de asuntos tibetanos de Chengdú afirmó hoy no tener noticias de la situación en Xigatse. "No sabemos demasiado bien lo que está pasando en el Tibet", respondió un vocero consultado telefónicamente.

Por su parte, el servicio telefónico de Chengdu, capital de Sechuán, provincia que bordea el Tibet, señaló que todas las comunicaciones telefónicas con ese país estaban cortadas y que por lo tanto era imposible comunicarse con Xigatse.

Fuentes en la capital china manifestaron hoy que alrededor de 800 efectivos de la policía militar china fueron transportados desde Chengdu a la capital tibetana en aviones, para reforzar las medidas de seguridad.

Arrestos masivos

NUEVA DELHI, 6 (Reuter) — Cientos de tibetanos fueron arrestados luego de las revueltas del jueves en Lasa, en las que murieron unas 20 personas, dijo hoy el portavoz del Dalai Lama.

Tsani Wangdi, vocero del exiliado líder tibetano en Nueva Delhi, agregó que otros muchos tibetanos, incluidos los heridos en las refriegas del jueves al chocar con la policía china, se han escondido por miedo a ser arrestados.

"De acuerdo con los últimos informes de Katmandú —Nepal— al menos varios centenares de tibetanos, incluso monjes, han sido arrestados por las fuerzas de seguridad", se aseveró.

"Mucha gente que fue lastimada pasó a la clandestinidad por temor a los interrogatorios y a la tortura a manos de la policía china", manifestó Wangdi.

El vocero del líder espiritual añadió que los monjes tibetanos también realizaron protestas, indignados por la "vociferante campaña" contra la visita del Dalai Lama a Estados Unidos montada por la radio oficial del Tibet.

Aseveró que funcionarios tibetanos fueron obligados a criticar esa visita, durante la cual el Dalai Lama hizo un llamamiento por la libertad tibetana.

PARTES ILEGIBLE



Una familia tibetana transporta madera quemada de una estación de policía hasta un mercado que resultó destruido durante las manifestaciones del 1° de octubre en Lasa, capital del Tibet.

EL REGIMEN DE PEKIN

Problemas étnicos

PEKIN, 6 (AFP). — Los sangrientos acontecimientos que acaban de oponer en el Tibet las fuerzas del orden a los tibetanos revelan el fracaso de la política de asimilación que el régimen comunista chino quiso aplicar con las 55 minorías étnicas que viven en China, estimaron hoy los analistas.

Actualmente, a pesar de la política más tolerante llevada a cabo desde hace 10 años, China recibe los contragolpes del autoritarismo practicado por Pekín en las regiones habitadas por minorías a comienzos de 1950, cuando llegaron los comunistas al poder.

Paradójicamente, fue la política de apertura y de reformas lanzada en 1978, y que representó para esas minorías un real progreso social lo que les permite hoy expresar abiertamente su oposición, durante tanto tiempo ocultada por temor a las represalias.

Estas 55 minorías, que representan el 6 por ciento de la población china, evaluada en más de 1.000 millones de personas, viven en las regiones más desheredadas, que ocupan un 62 por ciento del territorio chino, según estadísticas oficiales.

Tibet es fronterizo con la India. El Xinjiang provincia del nordeste de China donde viven ocho millones de musulmanes, linda con cinco países: Unión Soviética, Pakistán, Afganistán, Mongolia e India. Las provincias de Yunnan y de Guangxi (sur), tienen una frontera común con Vietnam, país al que Pekín, tras el conflicto armado de 1979 con Hanoi, reclama la partida de las tropas vietnamitas de Camboya.

A partir de 1950 China envió —generalmente contra su voluntad— a miles de han (responsables políticos, ingenieros, jóvenes diplomados) a esas regiones para que aseguraran el control político, administrativo y económico.

Aun hoy todos los órganos de la dirección en esas regiones están en poder de los han, señalaron los observadores, y si bien es cierto que los gobernadores o presidentes de parlamentos regionales son miembros de una minoría étnica, éstos son siempre elegidos en razón de su subordinación al poder central.

Según estadísticas oficiales, solo un 7 por ciento de la población que vive en Tibet es han y más del 60 por ciento de los cargos de responsabilidad están ocupados por tibetanos, pero en Xinjiang, más del 40 por ciento de la población es han.

Los desplazamientos forzados de poblaciones causó mucho descontento, tanto en las minorías, que consideraban la presencia han como una ocupación, como entre los propios han, que se veían obligados a vivir durante años en regiones con culturas y formas de vida diferentes a las suyas.

Las regiones de Tibet y Xinjiang, situadas a más de 3.000 kilómetros de Pekín, son los ejemplos más evidentes. Tibetanos y uighures (etnia musulmana de Xinjiang) no hablan chino y en consecuencia no pueden comunicarse con los han.

Cada comunidad tiene sus escuelas, hospitales y periódicos y las televisiones locales difunden programas en chino y en diferentes dialectos hablados por las poblaciones, demostrando el fracaso de la asimilación.

Todo extranjero que haya visitado esas dos provincias ha podido comprobar en las calles al contacto con la población, que el resentimiento de los tibetanos contra los han llega hasta el odio declarado y que en Xinjiang musulmanes y han se ignoran, para tolerarse mejor.

Esta incompatibilidad —evidente en el Tibet que reclama su independencia— dificulta la política del líder chino Deng Xiaoping con respecto a las minorías étnicas, que se había caracterizado por una reducción del control político, una mayor tolerancia religiosa y un aporte financiero al desarrollo de esas regiones, donde el poder adquisitivo es 50 por ciento inferior a la media nacional.

Un ejemplo: China celebrará el 7 de octubre el 37° aniversario de su liberación del Tibet con la entrada de las tropas chinas en Lasa, pero para los tibetanos este es el aniversario de la anexión del Tibet a China.

Los analistas estiman que China carece de solución para este conflicto, puesto que "volver a cerrar el Tibet sería reconocer el fracaso de una política de apertura que da credibilidad a China en el exterior desde 1978".

"China debe ahora elegir entre persuasión o represión —actitudes que han fracasado ya—, y el margen de maniobra es casi nulo", estimó un diplomático.

Los analistas estiman que China actuará con prudencia por miedo a que el movimiento de protesta en el Tibet no se propague en Xinjiang, donde en 1985 más de 10.000 estudiantes uighures llevaron a cabo manifestaciones pidiendo una mayor autonomía política.

01-01

871123

China: nuevo estilo en el Partido Comunista

PEKIN. — El recién elegido secretario general del Partido Comunista Chino (PCCH), Zhao Ziyang, ha introducido un nuevo estilo de franqueza y apertura sin precedentes en la historia de la dirección del partido.

Pocas horas después de su confirmación como jefe del partido, Zhao, de 68 años, presentó a la prensa china y extranjera en el Gran Palacio del Pueblo de Pekín a los nuevos mandatarios del partido y habló con soltura durante una hora de temas políticos, económicos y generales.

Comparado con la reclusión en que han vivido los anteriores dirigentes chinos y el secreto del que han estado rodeadas sus vidas, esta aparición supone un cambio radical hacia los medios de comunicación, que ha recordado a algunos observadores la ascensión al poder del líder soviético Mijail Gorbachov.

El gran ausente en esta recepción fue Deng Xiaoping, que se retiró el domingo del Comité Central del partido, junto con otros ancianos dirigentes para dar paso a la nueva generación.

En la persona de Zhao Ziyang se agrupan ahora los cargos de jefe del partido y del gobierno, vicepresidente de la Comisión Militar del partido y miembro del Comité Permanente del Politburó.

El líder comunista bromeó sobre el corte de sus trajes con los reporteros y brindó con los que le desearon éxito en la reforma emprendida hace nueve años por el recién jubilado Deng Xiaoping.

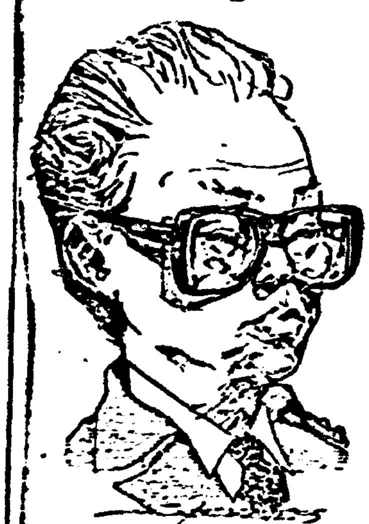
Dijo que en breve renunciará a la jefatura del gobierno, que desempeña desde 1980, y que propondrá a un sucesor más joven y más abierto.

033

LA NACION — Domingo 8 de noviembre de 1987

Cuestiones, países, personas

La flor que resplandece



Zhao Ziyang

Cuando apareció en el XIII Congreso del Partido Comunista chino con traje occidental y corbata colorada, Zhao Ziyang, sucesor de Deng Xiaoping, pareció querer demostrar que esa ruptura con el ascetismo maoísta constituía el mejor símbolo de las reformas políticas y económicas que el nuevo equipo dirigente se propone impulsar para acelerar la modernización del país.

Conocido por su pragmatismo y sus cualidades de administrador, Zhao es un tecnócrata de 68 años que está haciendo bastante irresistible la comparación con Mikhail Gorbachov y su *perestroika*.

Actualmente –dijo hace unos meses– el deber más urgente consiste en elevar el nivel de vida y las condiciones materiales del pueblo. Si para lograr ese objetivo es necesario adoptar algunas prácticas capitalistas o colaborar con el capitalismo, no hay motivos para inquietarse."

Casado, padre de cinco hijos, famoso por su gran capacidad de trabajo, es uno de los pocos dirigentes chinos que tiene una amplia experiencia internacional y no se ruboriza cuando debe predicar el modernismo aun en la vida cotidiana. "Me gusta que las mujeres se embellezcan, se pinten los labios y cuiden su peinado", confesó recientemente.

Zhao fue una de las primeras víctimas de la Revolución Cultural. En 1967, acusado de estar "frenéticamente comprometido en un complot criminal para restaurar el capitalismo", fue obligado desfilar por las calles de Cantón con un bonete de asno sobre la cabeza. Pero apenas los "reaccionarios" Deng Xiaoping y el presidente Liu recuperaron el poder, le confiaron la difícil misión de rehacer la economía de la provincia de Sichuan, que se convirtió en el laboratorio experimental de la reforma rural, lanzada oficialmente en 1978.

Allí consolidó su reputación de hombre pragmático y eficiente, dos condiciones que lo catapultaron a la esfera central del poder en Pekín, en 1979, donde se convirtió en la mano derecha de Deng. Después de un período de prueba, en septiembre de 1980 reemplazó a Hua Guofeng –el sucesor de Mao– en el cargo de primer ministro. Pero su verdadera consolidación en el poder se produjo en enero último, cuando reemplazó en forma interina al secretario general del partido, Hu Yaobang, víctima de las manifestaciones estudiantiles que estremecieron al país a fines del año pasado.

Diez meses después de haber tomado el timón en plena tormenta, Zhao ha logrado frenar las impaciencias de los partidarios de una reforma acelerada y calmar los temores de los conservadores. Por eso, al verlo junto a Deng en el XIII Congreso, fue casi inevitable evocar la frase del célebre moralista chino Lao Tse: "Una flor se marchita y otra resplandece".

RPCH
Grupo Argentina

033

Martes 13 de octubre de 1987 La Nación

Comenzará hoy su actividad oficial el vicecanciller de China

Iniciará hoy su actividad oficial el vicecanciller de China, Zhu Qizhen, quien llegó al país el domingo.

Sería intención de las autoridades chinas establecer lazos comerciales más efectivos sobre la base de un intercambio equilibrado, pues la balanza es altamente favorable a nuestro país.

Programa

El distinguido visitante rendirá, a las 10, homenaje al General San Martín y a continuación mantendrá una reunión con su colega, la secretaria de Estado de Relaciones Internacionales, Susana Ruiz Cerutti, recientemente designada, quien le ofrecerá un almuerzo en el Palacio San Martín.

Acompañan al vicecanciller chino los funcionarios del área latinoamericana de la cancillería de Pekín, Zhu Xiangzhong, Chen Duqing y Shi Longzhuang, quienes mantendrán reuniones con el director del área Asia del Ministerio de Relaciones Exteriores, embajador Ricardo Elizondo.

Zhu Qizhen saludará mañana al canciller Dante Caputo, quien lo acompañará a Olivos, donde será recibido por el presidente de la Nación.

Como informó LA NACION, el ministro de Relaciones Exteriores del Uruguay, Enrique Iglesias, vendrá al país en viaje privado para reunirse con el canciller chino con el fin de conversar sobre el establecimiento de vínculos diplomáticos entre ambos países.

RP847.

033

Emitirá títulos en marcos alemanes

Acentúa China su apertura económica

Pekín (Reuter) — El ministerio chino de Finanzas anunció ayer que colocará en Frankfurt en los próximos 11 días un título denominado en marcos alemanes.

Esta será su primera emisión de títulos en ultramar desde que los comunistas llegaron al poder en 1949.

Banqueros occidentales indicaron que el ministerio había proyectado originalmente realizar la emisión en Tokio pero optó por trasladar la operación a Frankfurt, por temor a no lograr una clasificación máxima y la emisión tiene mucho que ver con rivalidades entre diferentes ramas del gobierno chino.

El portavoz del ministerio informó que la emisión está siendo manejada por el Dresdner Bank y el dinero que se recaude con la operación será aplicado a proyectos de infraestructura y a pagar intereses sobre deudas previas.

Esta emisión constituye un hito más en el ingreso de China a los mercados financieros mundiales. El viernes, el Banco de China debe firmar formalmente un título de 200 millones de dólares en Londres.

Esto sigue a un acuerdo suscripto entre Gran Bretaña y China en junio, que resolvió todas las reivindicaciones pendientes sobre títulos, que databan de la época en que los comunistas accedieron al poder en Pekín en 1949.

- **Planteo**

Funcionarios del Ministerio de Finanzas plantearon primero la cuestión de la emisión de títulos en el exterior durante una reunión con una delegación del Japan Economic Journal en abril.

El principal problema, dijo un banquero nipón, es el temor del Ministerio de Finanzas de que la emisión reciba una clasificación menos favorable en el mercado de Tokio que el Banco de China, que ha emitido títulos allí con una clasificación "AAA".

"Es una cuestión de imagen. Emitir un título en los Estados Unidos también requiere una clasificación, pero en el mercado de Londres o en el germano federal eso no hace falta.

01-01

8711315

RPCh

033

Masiva purga en PC chino

PEKIN. — El Partido Comunista de China dijo ayer que expulsó a más de 150.000 miembros en purgas realizadas entre 1982 y 1986 y advirtió que continuará siendo "estricto" con los opositores a las políticas de reforma económica.

Fue la primera indicación oficial de la extensión de las purgas, pero ello también muestra la resistencia que han presentado los miembros de línea dura a las reformas impulsadas por el líder Deng Xiaoping.

"La labor de mejorar el estilo de trabajo del partido es una misión a largo plazo", dijo la comisión central para inspección disciplinaria del PC, en un informe difundido por la agencia noticiosa oficial XINHUA.

"El informe destacó la necesidad de ser estrictos con los miembros del partido y hacer cumplir la disciplina del partido para que éste pueda pasar la prueba de reforma y apertura", dijo XINHUA.

El informe fue hecho público luego del cierre del XIII Congreso Nacional del partido la semana pasada, visto como una mayor victoria para Deng y el nuevo secretario general del partido Zhao Ziyang, quien ha dirigido una campaña para rejuvenecer las filas del PC y consolidar el apoyo para la modernización y políticas de "puertas abiertas".

El informe dijo que 650.141 miembros del partido fueron "disciplinados" entre 1982 y 1986 por violar las regulaciones. De ellos, 151.935 fueron expulsados del partido, que cuenta ahora con 46 millones.

Muchos de los "disciplinados" fueron blanco de la primera purga formal del partido desde la década de 1940, una "campaña de rectificación" lanzada en octubre de 1983 para sacar de las filas a los radicales que favorecieron la caótica revolución cultural de 1966-1976.

ELDÍA 5/11/87

01-01 8711355

033

Acercamiento con China continental

[illegible] zado estudiando como corresponde el momento oportuno de resolver el tema de las relaciones diplomáticas con China continental, dijo el diputado Roberto Asiaín, quien agregó que existen "avances muy importantes" en materia de acercamiento político, partidario y parlamentario.

Asiaín dijo más adelante que el intercambio comercial entre 1980 y el presente se ha multiplicado 250 veces y que "China es uno de los principales clientes que tiene Uruguay", al que exporta por 60 millones de dólares.

Hablando en el edificio Libertad, el parlamentario subrayó que la próxima visita del presidente del gobierno español Felipe González "habla a las claras de que el nuestro ya [illegible] país que se sobrevuela, sino una nación en la que interesa estar presente por el protagonismo que tiene dentro de la comunidad internacional y, en particular, en el ámbito regional".

El presidente de la Comisión de Asuntos Internacionales de la Cámara de Representantes destacó la participación uruguaya y "los esfuerzos de paz en Contadora y en lo referente a la constitución del Grupo de Río que tanto importa a los países socialistas como a los occidentales".

Consideró este mecanismo como "un nuevo foro político dentro de América Latina que no pretende enfrentarse con nadie, sino que constituye un ámbito y un espacio de discusión de ocho gobiernos democráticos".

El Día 30/10/87

933

Directora Ernestina Herrera de Noble

El gran cambio de China

LA tendencia renovadora del Partido Comunista Chino ha logrado consolidarse ampliamente en el Decimotercer Congreso que se celebró la semana pasada en Pekín. El líder Deng Xiaoping arrastró con su renuncia a otros 92 viejos dirigentes y dejó las puertas abiertas para el asentamiento institucional de los hombres que representan el nuevo curso, al que seguirá inspirando desde su papel de orientador sin cargo alguno.

Si ello no obstara para que continúe su influencia, al menos por la etapa que consienta la evolución de los acontecimientos y su propia edad, el alejamiento de los puestos de comando significará para otros, lisa y llanamente, la derrota de una prolongada línea política. Esta, con distintos avatares, es la que presidió el surgimiento del nuevo Estado chino en 1948 y dio lugar al "gran salto adelante" primero y a la Revolución Cultural después, y que comenzó a entrar en su crisis definitiva en los últimos años de la década del '70.

Fue una línea impregnada de rigorismo principista y de voluntarismo, una línea que llamó a las cosas por un nombre diferente y que vivió la ensoñación de tomar por realidades lo que eran simples denominaciones ideológicas. No es que en China no se hubiesen producido cambios. Por el contrario, los hubo y gigantescos, pero no se correspondían con las formulaciones teóricas.

En un país sujeto por siglos al dominio de un estado despótico y constituido por una mayoría de campesinos misérrimos y analfabetos, un pequeño grupo de intelectuales imbuidos de principios marxistas —en la versión leninista— logró convertirse en un partido comunista que si no representó a la casi inexistente clase obrera, sí fue el motor de una transformación sustancial del sistema. Bajo la conducción de Mao Tse-tung, el milenario "imperio del centro" devino la República Popular China, escenario de un gigantesco experimento social de notable incidencia para el futuro de la humanidad.

No es nuestro propósito efectuar aquí el balance de sus errores y de sus aciertos, de sus logros y de sus fracasos, pero a nadie puede ya escapar, y menos a los actuales dirigentes chinos, que la rigidez teórica y el voluntarismo a ultranza demoraron y limitaron muchos de los proyectos enunciados, al margen de su bondad o conveniencia. El desprecio por el desarrollo auténtico de su base material condujo al enorme país asiático a un callejón sin salida.

Los miembros de la clase dirigente que lograron superar con vida los tormentosos años de predominio de la "banda de los cuatro" comprendió la necesidad urgente de adoptar una orientación más racional y realista, acorde con los cambios operados en el mundo industrializado y de los que China se encontraba cada vez a mayor distancia.

Sin embargo, como dijimos en esta columna al comentar a principios de este año la sustitución como primer ministro del moderado Hu Yaobang por el renovador Zhao Ziyang, también designado ahora secretario general del partido, "las sucesivas estrategias para abrirse al exterior y flexibilizar la conducción centralizada de la economía fueron acompañadas, como era lógico suponer, por el surgimiento de tendencias al cambio en el interior de la sociedad china".

Tales tendencias, alentadas en un principio por los dirigentes, también los atemorizaron. Los propios promotores de las medidas tendientes a agilizar el desarrollo tecnológico e industrial del país no aceptaron en su integridad encarar una paralela flexibilización política y social.

El actual desplazamiento de los conservadores más empedernidos implica un paso adelante en ese sentido, pero la conducción del proceso sigue monopolizada por el Partido Comunista. Tal vez, como añadíamos en nuestro comentario, "el precio político que los dirigentes no han querido pagar hasta el presente por el progreso económico, puede llegar a ser ineludible en un futuro muy lejano, pero sus respuestas inmediatas no parecen encaminarse hacia tal posibilidad".

Sin embargo, no puede dejar de apreciarse como trascendente el cambio operado. En un panorama internacional caracterizado por los signos de la distensión y por la búsqueda de nuevas fórmulas de coexistencia internacional, la dirigencia china se presenta decidida a ocupar su lugar con una óptica remozada. Sus relaciones con las otras naciones se muestran cada vez más orientadas a obtener mediante el intercambio razonable los aportes tecnológicos y de capital imprescindibles para modernizar su atrasada economía, a la vez que se aceptan para la actividad interna reglas de juego que antes eran anatematizadas como "capitalistas".

Todo ello no es poco ni simple. La admisión por parte de los dirigentes chinos de que se aprestan a iniciar la "primera etapa socialista" significa mucho más que el abandono de la soberbia dogmática que lustros atrás los impulsaban a definirse como el modelo más acabado del socialismo, en desmedro de los "revisionistas" soviéticos. Significa, en última instancia, que China se apresta a iniciar la acumulación y la industrialización necesarias para el desarrollo de una nación de más de 1.000 millones de habitantes. Esto también repercutirá, inevitablemente, sobre el resto del mundo y colocará nuevos hitos para demarcar los equilibrios internacionales y para encarar los conflictos y las tensiones.

Cabe esperar que contribuya a hacerlo por los senderos de la convivencia pacífica y de la cooperación equitativa, en beneficio tanto de los chinos como de los otros pueblos que componen nuestra atribulada humanidad.

La Nación

RPCH.
Cruzar con Relig.

033



Jóvenes budistas oran en Lhasa (AP)

Tibet: detienen a monjes budistas

LHASA, 6 (Reuter).– La policía militar china reprimió hoy una manifestación protagonizada por unos 80 monjes budistas, primera expresión de protesta desde los motines del jueves ultimo, informaron testigos.

La policía detuvo a un grupo de monjes en el centro de Lhasa y golpeó a algunos de ellos, que llegaron a la ciudad desde el monasterio de Drepung, situado a varios kilómetros de la capital.

Testigos precisaron que los monjes fueron arrestados frente a la sede del gobierno regional.

Poco después, camiones que transportaban a unos 150 efectivos de la policía militar se dirigieron a toda velocidad al monasterio de Sera, donde habitan los afamados monjes guerreros.

Control en la frontera

Un periodista de Reuter fue detenido en un puesto de control policial situado frente al monasterio de Sera, que ha permanecido cerrado al público desde hace cinco dias. Los agentes manifestaron que hay problemas en el lugar y ordenaron al cronista que retornara a Lhasa.

La policía instalo nuevos puestos de control en las rutas de acceso a Lhasa y funcionarios chinos informaron que se cerró la frontera entre Tibet y Nepal y no se permite el ingreso de nadie proveniente de allí.

Los separatistas sostienen que el objetivo de esta última medida es impedir que los tibetanos que viven en Nepal y la India viajen a Lhasa para participar en los actos independentistas que se llevaran a cabo mañana, 37° aniversario de la entrada de las tropas chinas en la región.

Los funcionarios chinos de Chengdu, principal escala en la ruta de los aviones a Lhasa, recibieron órdenes de no vender pasajes a extranjeros que se dirijan a la capital tibetana.

Fuentes del Tibet destacaron que los militares se hicieron cargo de las oficinas del gobierno regional.

Esas fuentes agregaron que la policía arresto a unas 40 personas que trabajaban para el gobierno, de quienes se sospecha que han contribuido con el movimiento independentista.

Declaraciones oficiales

Un vocero del gobierno, entrevistado hoy, declaro que los principales dirigentes regionales no se encontraban en Tibet cuando se produjeron los motines del 1° del actual, durante los cuales los manifestantes independentistas apedrearon e incendiaron una estación policial después de la detención de 20 monjes que participaban de una marcha.

El jefe del Partido Comunista local, Wu Jinghua, se encontraba en Pekín preparando el congreso nacional del partido, que se efectuará este mes. El gobernador de la región estaba de vacaciones y el alcalde de Lhasa había viajado a los Estados Unidos.

"La situación es calma, está bajo control", manifestó el vicedirector de la Oficina de Relaciones Internacionales, Yan Xianxu.

El vicedirector agregó que no cree que ningun funcionario pierda su cargo como consecuencia de las protestas y anadio que los culpables de los incidentes son una pequeña minoria de separatistas respaldados por el Dalai Lama, lider espiritual del Tibet.

La prensa oficial china no se ha pronunciado sobre las declaraciones de una decena de testigos segun los cuales la policía abrio fuego sobre los manifestantes el jueves cuando estos atacaban una de las estaciones situada junto al santuario mas venerado de Tibet, el templo Jokhang.

Incitación a la sublevación

PARIS, 6 (EFE).– Pema Gyalpo, hermana del Dalai Lama, principal lider espiritual del Tibet, animó a los tibetanos a que se subleven contra los chinos, en una entrevista difundida por el canal 5 de la televisión francesa.

"Todos los tibetanos estan en el extranjero o en el Tibet, esperan tener su propio país, gozar de los derechos humanos y tener derecho a la independencia", dijo.

01-01 8711416

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Felipe González afirmó que no pago de deuda externa desataría consecuencias penosas.

PROCEDENCIA : — —

ARCHIVADO EN: España (008)

01-01 8711427

INTERNACIONAL

13er. Congreso del P. C. chino

Zhao Ziyang, proseguirá las reformas



El 13er. Congreso del Partido Comunista Chino (PCCH) iniciado el 25 de octubre y clausurado el 1° de noviembre eligió como nuevo líder a Zhao Ziyang (68 años), quien reúne ahora los cargos de jefe del partido, jefe del gobierno, miembro del comité permanente del Politburó y vicepresidente de la comisión militar del PCCH. Pocas horas después de su elección Zhao presentó a la prensa china y extranjera en el gran Palacio del Pueblo de Pekín a los otros cuatro miembros del Comité Permanente del Politburó: Li Peng (57), Quiao Shi (63), Hu Quili (58) y Yao Yilin (70) y a otros mandatarios del partido. Zhao anunció que en breve renunciaría a la jefatura del gobierno, que desempeña desde 1980 y que designaría a un sucesor más joven y abierto. La nueva generación presentada representa una victoria de Zhao y de la tendencia reformista del partido, que ha renovado la mitad de los 20 miembros del Politburó quienes tenían entre 60 y 90 años, por hombres cuya edad promedio es 65 y que ha disminuido la participación militar en el congreso al 14% de los 1.963 delegados, cuando en el 9° Congreso de 1969, el porcentaje de militares había sido del 50 por ciento. Una excepción la constituye la designación, como vicepresidente permanente de la comisión militar del partido, del general Yang Shangkun (80), quien permanece en el Politburó. Zhao Ziyang reiteró en rueda de prensa que hay opositores a las reformas que se introducen desde 1979, pero afirmó que es un grupo minúsculo y que los periodistas extranjeros se equivocan cuando dividen los políticos chinos en reformadores y conservadores. Zhao ha recibido todo el apoyo de su antecesor, Deng Xiaoping (83), quien renunció voluntariamente a sus cargos y quien hasta último momento reiteró la necesidad de seguir adelante con la reforma económica y con la apertura del país hacia el exterior, criticando los errores de la izquierda del partido en el pasado, que hicieron perder tiempo al país.

LOS ANUNCIOS DE ZHAO

El pensamiento de Zhao Ziyang fue explicitado en un discurso de 2 horas y media pronunciado el día de la inauguración del congreso. Con un traje muy bien cortado y corbata púrpura, Zhao presentó una clarísima visión de las reformas, con frases sorprendentemente concretas (1).

Dijo que el país acelerará las reformas económicas y usará técnicas vinculadas al capitalismo si ellas promueven el crecimiento. También detalló planes para "reformas políticas", un proceso difícil, cuya sustancia está en quitar el partido del gobierno y de las empresas. "Sin reformas en la estructura política, las reformas en la estructura económica no pueden en definitiva tener éxito", sostuvo. Para aplacar los ánimos, Zhao advirtió que el partido no debería acusar a personas que son "demasiado liberales" de estar abogando por "una liberalización burguesa" o por no deseadas ideas occidentales. Pero tampoco debería el partido, cuando una persona no se acompasa con las reformas, acusarlo de ser demasiado rígido en su pensamiento. Habló de los "principales defectos" del sistema político. El partido, afirmó, es demasiado burocrático, demasiado centralizado y demasiado "feudal". Dijo: "Es difícil para personas jóvenes y promisorias desplegar totalmente sus talentos y es difícil evitar prácticas inconvenientes.

Abogó por separar el partido del gobierno y ofreció algunos ejemplos. Anunció que los comités del PCCH en todo el país deberán dejar de ubicar miembros que no tienen posiciones de gobierno en cargos de operaciones gubernamentales. Incluso dijo que ciertos departamentos del partido deberían ser suprimidos si ellos se sobreponen a unidades gubernamentales.

El poder en el partido también debería ser descentralizado y debería darse a las ciudades, empresas e instituciones, más autoridad. "La devolución del poder se ha mostrado efectiva en reformas rurales y debería ser hecha en otros campos", afirmó Zhao.

REFORMAS ECONOMICAS

Sobre temas económicos, Zhao anunció que China continuará agresivamente sus reformas de puertas abiertas. Dijo que Beijing mejorará el clima para inversores extranjeros. Ofreció pocos detalles acerca de ideas específicas de reformas económicas, pero apoyó varias reformas que han sido consideradas particularmente controversiales, incluyendo la emisión de bonos para la venta al público y permitiendo mercados en estado real y anunciando que la venta de acciones en empresas del gobierno continuará "sobre la base de ensayos". Se refirió a varios problemas causados por reformas adoptadas, incluyendo inflación (2), corrupción y una diseminada disparidad en los ingresos. Dijo que China tendrá que incrementar la producción de granos en la próxima década. Este es un punto sensible, porque líderes conservadores (como Chen Yun), habían advertido durante años que había que ser cauto en la introducción de reformas en el agro para evitar la falta de suficiente producción cerealera. Zhao reconoció que "tomará más tiempo construir el marco estructural de lo que habíamos estimado". Sugirió que algunos aspectos de la economía podrían pasar a ser controlados más severamente (2). En referencia a la delicada reforma en los precios, expresó que los niveles de vida no deberían ser deprimidos en el proceso. Anunció que el gobierno tendrá que incrementar el control de precios para atacar la inflación. Dijo que el Estado debe orientar las inversiones, algo que ha sido descentralizado en los últimos años. Anunció no obstante que la propiedad estatal seguirá siendo dominante en la economía china, aunque la experimentación debería continuar en asuntos tales como entregar fábricas estatales a particulares por el sistema de leasing. También admitió la entrega por venta o leasing de ciertas pequeñas fábricas estatales a empresas colectivas o individuales.

Para resolver el problema ideológico de usar métodos capitalistas en un Estado socialista, los planificadores han formulado una teoría que dice que China todavía está en la "primer etapa" del socialismo. Zhao explicó esa noción en su discurso, marcando por primera vez que reformistas habían intentado crear una ideología comprensiva apuntalando cambios iniciados por Deng Xiaoping. Dijo que en la primera etapa, comenzada en 1950, China experimenta con varios sistemas económicos hasta que el país pueda "poner un fin a la pobreza y al atraso". La meta de Zhao para completar el proceso es la mitad del siglo veintiuno. En el corto plazo, dijo Zhao, China espera duplicar su producto nacional bruto para el año 2.000. En el largo plazo sin embargo, China no va a ser capitalista, advirtió Zhao. "El camino capitalista es una avenida ciega para China", dijo, agregando: "la única vía es la vía socialista".

Las metas han sido fijadas, los ejecutores han sido designados, sus posiciones han sido declaradas. Ahora mil millones de personas dependen de cómo se lleven a cabo esas reformas.

Héctor N. Di Biase

(1) The Asian Wall Street Journal, 26/10/87, pág. 1 y 8.
(2) LA SEMANA, 24/10/87, pág. 2
(3) The Economist, 31/05/87, pg. 37.

El conflicto suscitado en Argentina los derivaría a Uruguay

Unos 130 pesqueros de la República de China operarían en nuestro puerto

Unos 130 pesqueros taiwaneses operaría desde el próximo año en el puerto de Montevideo, lo que permitirá un ingreso global y anual de unos 50 millones de dólares, teniendo en cuenta el aporte de otros 320 buques de otras nacionalidades dedicados a la pesca en el Atlántico Sur, dijeron a La Mañana calificados voceros del sector privado.

Este incremento cuantitativo posibilitará acrecentar para el próximo año, en más de un 20 por ciento, lo recaudado por servicios portuarios con destino al puerto de Montevideo, afirmaron nuestras fuentes que pidieron no ser identificadas.

El estado actual de las relaciones entre la República de China y la República Argentina, y un enérgico comunicado emitido días atrás por la Cámara de Armadores de Pesqueros Congeladores de la Argentina (CAPECA), contraria a permitir que unos 130 barcos pesqueros taiwaneses operaran desde el puerto de *Bahía Blanca*, habrían originado una tenaz ofensiva por parte de agencias que operan en Montevideo dirigida a consolidar la operativa desde nuestro propio puerto.

Así, y en tal sentido, se concretaron gestiones ante las autoridades de Taiwan y la Administración Nacional de Puertos para instrumentar un conjunto de medidas tendientes a facilitar los servicios portuarios desde nuestra costa.

Los voceros consultados indicaron a La Mañana que paralelamente el próximo martes llegará a nuestra capital una misión consultora -procedente de la República de China- que trabará contacto con jerarcas de la A.N.P. sobre la base de un proyecto ya presentado que procura la ampliación de las actuales instalaciones portuarias con el fin de alojar unos 40 buques taiwaneses.

OFENSIVA GENERAL

Nuestras fuentes manifestaron que todas las agencias navieras que constituyen el puente natural entre los barcos que desarrollan esta actividad y nuestro país vienen llevando a cabo a todo nivel una ofensiva promocional del puerto de Montevideo, para que éste se convierta en un *eficiente e importante* vendedor de servicios.

En el corriente año, y cuando faltan poco más de dos meses para culminar el ejercicio, sólo la flota taiwanesa ha dejado por concepto de estos servicios entre U$S 28 y 30 millones, confiaron nuestros voceros.

Este rubro, de importancia trascendental para el país, está constituido por ítems tales como alimentos, cajas de cartón, combustibles, servicios médicos, servicios portuarios, en un abanico difícilmente cuantificable, que es vendido no sólo en nuestro puerto sino a través de envíos que las agencias realizan desde Montevideo a la propia zona de pesca.

ACTUAL OPERATIVA

En la actualidad unos 76 pesqueros taiwaneses vienen pescando en el Atlántico Sur, siendo los calamares el objeto de captura, señalaron nuestros entrevistados.

Los servicios portuarios -fundamentalmente el trasbordo de la captura a los buques congeladores- se viene realizando en Port Stanley, en las Islas Malvinas.

Dicho puerto, confiaron se ha constituido, luego del conflicto bélico en una verdadera "ciudad flotante" en base a la gran cantidad de barcos que han solicitado la correspondiente licencia a las autoridades británicas.

En efecto, dijeron, pesqueros taiwaneses, coreanos, japoneses, polacos, griegos, holandeses, soviéticos, de Alemania oriental, búlgaros y españoles entre otros, vienen operando de tal forma.

No obstante, los escasos suministros que puede ofrecer Port Stanley, el hecho de que se trata de una pequeña villa, los costos elevados, especialmente en lo que refiere al combustible, hicieron que algunas flotas procuraran utilizar los puertos atlánticos argentinos.

RECHAZO ARGENTINO

Bajo el título "Oposición a que la flota pesquera taiwanesa opere en Bahía Blanca", el matutino de la vecina orilla "La Nación" [illegible] días atrás un comunicado de la Cámara de Armadores de Pesqueros Congeladores de la Argentina (CAPECA).

En su edición del 2 de noviembre pasado, La Nación reprodujo el resumen de este comunicado en la siguiente forma:

"Es sumamente inconveniente y peligroso permitir el acceso a puertos argentinos a buques extranjeros. En particular, de este origen dado que no existe ninguna relación bilateral, económica o diplomática que genere reciprocidad equitativa en el tratamiento con lo que se vulnera el principio de igualdad en las relaciones exteriores.

Se estaría facilitando la actual actividad de buques que, con el pretexto de operar fuera de las 200 millas argentinas, penetran en la Zona Económica Exclusiva (ZEE) en forma clandestina, frente a las dificultades de control que provoca la extensión de nuestro litoral marítimo.

Estos buques capturan recursos asociados o idénticos a los explotados por la flota nacional, con lo que se afecta el ecosistema y las disponibilidades de recursos para la industria nacional.

La facilidad de utilizar un puerto cercano a los cardúmenes incrementará los rendimientos y la eficiencia de estas flotas extranjeras y su directa competencia en el mercado internacional, lo que aumentará la oferta y causará la caída de precios en los mercados como ocurre desde 1982.

Otorgar un puerto en estas condiciones implicaría a su vez, contradecir la política sustentada por las autoridades pesqueras y por la Cancillería, toda vez que está dirigida al desarrollo de la pesca nacional y a las negociaciones bilaterales que ofrezcan oportunidad para el crecimiento del sector empresario, en condiciones de intercambio convenientes y en el contexto de aspectos geopolíticos que resultan de interés para la Nación.

MALESTAR POLITICO

Autoridades municipales de las Provincias de Río Negro, Tierra del Fuego y Santa Cruz, se preocuparon seriamente ante el planteamiento de Taiwan, y viajaron expresamente a aquel país para obtener el concurso de la flota de 130 pesqueros.

Las tensiones de diferentes gremiales de armadores y la posición de algunos sectores internos argentinos, mitigaron hasta el momento la intencionalidad de estas autoridades municipales, confiaron nuestros voceros.

Por su parte, el sector privado uruguayo realizó una verdadera ofensiva promocional de nuestro puerto, y las calificadas fuentes consultadas manifestaron que se concretará la operativa de la flota taiwanesa desde Montevideo.

18

ARCHIVAR EN: R. P. China (033

TEMA: Gobierno filipino interceptó en Iloilo China envía armas a rebeldes.

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 23/11/87

ARCHIVADO EN: Filipinas (037)

01-01 8711502

INTERCHINAS 033

Contactos entre Taiwan y Pekín

El gobierno de Taiwan acaba de levantar la prohibición de viajar a China impuesta a sus habitantes hace 38 años, cuando el general Chiang Kai Shek abandonó el continente para refugiarse en la isla, acompañado por 4 millones de compatriotas. La población de Taiwan se acerca, en estos momentos, a los 19 millones de habitantes, muchos de los cuales están vinculados por lazos de parentesco con ciudadanos de la República Popular, con quienes les era imposible el contacto personal.

El Partido Nacionalista en el poder informó, en una breve declaración, que ha decidido levantar las restricciones de viajar al continente por "razones humanitarias", y la prensa oficial de Pekín respondió rápidamente que "los compatriotas de Taiwan serán bienvenidos al continente para visitar a sus familiares".

El primer encuentro entre representantes de ambas repúblicas desde el fin de la guerra civil se produjo el año pasado, cuando se encontraron en Hong-Kong para negociar la devolución de un avión comercial con el que un piloto taiwanés había huido -precisamente para visitar a su familia- en la República Popular. Este hecho, en apariencia menor, tenía, sin embargo, gran significación, como lo hicimos notar en su momento en estas columnas. Era una excepción a las estrictas posiciones que ambas partes habían adoptado 37 años antes. Pekín, negándose a reconocer al gobierno de Taiwan por entender que es parte de su territorio; y este último por aplicación del "triple no" que mantuvo vigente sin excepciones: no hacer contactos, no hacer negocios, no ceder ante Pekín.

A despecho de su declarada actitud intransigente, la República Popular China formuló desde 1972 hasta la fecha reiteradas invitaciones a Taiwan para mantener contactos, con pretextos deportivos, por ejemplo, pero también para lograr la reunificación del país por medios pacíficos que otras veces había considerado imposibles, pues sólo apreciaba valederos los argumentos de la fuerza.

Es notorio que China y Taiwan han tenido una evolución sustancialmente diversa a lo largo de los años transcurridos desde la ruptura. Taiwan es una sociedad democrática, que supo aprovechar el aporte de los países altamente industrializados y, no obstante su reducidísimo territorio, mantiene un crecimiento del 10 % anual y un comercio exterior que ronda los 50.000 millones de dólares anuales. Del otro lado, la República Popular ha logrado la unidad política, intenta alejar el fantasma de sus periódicas crisis económicas y parecería procurar una modernización sustentada en la tecnología occidental y la atracción del capital extranjero.

Se cree actualmente en Taiwan que quienes viajan al continente podrían favorecer una mejor comprensión de lo que es una sociedad abierta y de las diferencias que median con los países comunistas, mientras para Pekín la decisión implica, de alguna manera, que se ha accedido a sus reiteradas propuestas, que no habían tenido éxito hasta el momento.

LA NACION 24/10/87

01 - 01

871524

CHINA NACIONALISTA

033

TAIWAN

PRENSA

OBTENIENDO DELANTERA HACIA EL PODER

Los reformistas K M T están ganando terreno sobre los conservadores y la izq.

En las galerías donde se sitúa el público, de la legislatura de Taipei, se encontraba gran cantidad de gente entre observadores y curiosos, que si de antemano anticipaban un espectáculo, no salieron defraudados. En lapsos entre festivos y violentos, los políticos de la oposición, atacaron duramente a antiguos parlamentarios del vigente Partido Nacionalista K M T, la mayoría de los cuales ostenta sus escaños desde que fueron electos en China hace 40 años.-

- " Uds. viejos ladrones ", gritó Chu Kao-cheng, de 33 años el disidente incendiario cuya afición a treparse a mesas y causar conmoción le valió el apelativo de Rambo. - Pagan impuestos sus electores? - les espetó - Donde están vuestros electores? " Oradores de la oposición, iniciaron entonces un violento altercado con miembros del KMT para obtener el control del podio. Luego de hacer sonar repetidamente la campanilla, en un vano intento por reintegrar el orden, el Pte. del Parlamento Nieh Wen-ya, abandonó el recinto hasta que cesara la conmoción.-

El tumulto que estalló a principios de Noviembre en el Legislativo Yuan de Taiwan, no hubiera podido imaginarse, tan sólo unos años atrás, y refleja los vaivenes políticos que están teniendo lugar en el país.- Luego del levantamiento de la Ley Marcial, y habiendo desproscripto a nuevos partidos de oposición en julio último, el Pte. Chiang Ching-kuo, está tratando de acelerar las reformas democráticas, que alteran las configuraciones de poder.-

A pesar de su fuerza y aparatosidad dentro de la legislatura, el Partido Progresista Democrático (PPD) de oposición, se ha visto seriamente minado por las liberalizaciones de Chiang y se encuentra más fraccionado que nunca. La planificación de Chiang de introducir en los cargos gubernamentales a nativos taiwaneses ha puesto a la defensiva a los antiguos cuadros del KMT.
Entretanto una facción más nueva y liberal del KMT, está logrando firme influencia dentro de la legislatura; algo que Chiang (77), aprueba cautelosamente.
El objetivo de Chian, es poner jóvenes de orientación democrática como legisladores, para asegurar que su agenda de reformas lo sobreviva.-

Los viejos Cuadros: De seguro el K M T, permanece firme en el mando y no muestra intenciones de renunciar al actual control que ha ejercido desde 1949.
Pero habiendo introducido un mínimo de competición política, Chiang debe confrontar las crecientes demandas de la influyente y bien educada población de su país, en pos de mayores reformas democráticas.
Como resultado, Chiang está tratando de remodelar la legislatura de 315 miembros, cuya vasta mayoría de escaños la tienen los integrantes de línea dura del KMT, quienes efectivamente, fueron elegidos de por vida. Los legisladores están debatiendo una propuesta a fin de retirar a la mayoría de los miembros de mayor edad del KMT e incrementar el número de representantes taiwaneses de 73 a 170. Este proyecto ha revitalizado la habitual indolencia de la Vieja Guardia del KMT quienes han aumentado sus ataques durante los últimos meses, contra sus colegas reformistas.
El Delegado Sec.Gral. del KMT Ma Ying - jeou de 37 años expresa: "los antiguos miembros saben que si se quedan quietos, estarán acabados.".-
Sin demasiado cuestionamiento, parecería que los parlamentarios de línea dura, están librando una batalla perdida de antemano.
Cientos de representantes continentales murieron desde 1949, y desde entonces el promedio de edad de los que permanecen en los cargos, es de 82 años, por lo que la reorganización legislativa parece invenitable. Existe además presión de parte de la fracción Jovénes Turquestanos del KMT para una reorganización.-
Aunque firmemente comprometidos con las reglas del KMT, estos parlamentarios electos, simpatizan con las demandas de sus contituyentes en cuanto a que el Partido renuncie a una mayor copartición de poder. Muchos de ellos apoyan el llamamiento del PPD, de oposición, acerca de una total reelección de la legislatura para 1989, sin ningún escaño reservado a los ancianos miembros del KMT nacidos en China.

Las reformas moderadas del gobierno, también han minado al PPD,en los últimos meses. Desde que Hiang, levantó la ley marcial y liberó algunas de las restricciones, para viajar a China, dos aspectos fundamentales de la estridente plataforma de oposición anti KMT, la de los antiguos PPD,ha encontrado serios tropiezos.

La lucha de facciones entre los miembros que favorecen el camino parlamentario hacia una reforma democrática, y los radicales que desean forazar concesiones por parte de los KMT, a través de protestas callejeras, se ha visto incrementada.-

Durante el congreso anual del Partido en Taipei, el miembro del PPD, Chu - normalmente un político moderado - enarboló una silla por la cabeza de un miembro, exigiendo un gobierno independiente que no se adjudique la representación de toda China, una postura que muchos miembros PPD, rechazan. El jefe del PPD, Yao Chia - wen, quien admite que su partido, sufrirá fuertes presiones a fin de efectuar cruciales decisiones políticas, afirmó que les falta experiencia organizativa.-

Apoyo Popular: Quizás la amenaza mayor que debe enfrentar el PPD, sea la de la defección de sus jerarcas. A principios de mes, el líder de la oposición Wang Yi - hsiung, un legislador que representa a la sureña ciudad industrial de Kaohsiung, disintió para formar el Partido Laboral, bajo el lema " - mejorar el nivel social de los 4 millones de Trabajadores de Taiwan." Wang insiste en que su partido no competirá con el PPD., pero parece bien encaminado a obtener el apoyo popular que hasta el momento ha sido esquivo a la oposición. Con una moderada plataforma que no aboga por un Taiwan independiente o la lucha violenta, el P.Laboraista puede atraer muchos de los nativos taiwaneses., quienes se habían alineado por la retórica radical de los extremistas del PPD. Algunos son del parecer que el P.Lab. puede atraer además a trabajadores del continente y sus hijos, que por mucho tiempo formaron la base de apoyo del KMT. - Los jóvenes del continente, sienten que el KMT favorece el manejo y el afincamiento , según lo expresó el profesor en ciencias políticas de la Universidad Nacional de Taiwan, Lu Ya - li. _Se sienten muy perjudicados y algún día podrían optar por votar el P. Lab.-

Una nueva y movilizadora clase trabajadora, podría cambiar drásticamente el panorama político de Taiwan que podría reunir además grupos desafectados incluyendo estudiantes, estudiosos del medio ambiente y feministas, quienes en la actualidad se muestran políticamente más activos.-
Consciente de esto, el gobierno está tratando de evitar el masivo apoyo al P. Lab., instalando oficinas en toda la isla a fin de escuchar las demandas y quejas de los trabajadores. Pero por el momento, Chiang parece confiado en seguir con las liberaciones manteniendo a la vez, el timon del partido. Muchos políticos del KMT, preven un sistema dentro del cual, el partido dominante no se vea despojado del poder, sino que pueda ser criticado y guiado por pequeños partidos rivales. Esto puede no ser una democracia verdadera, pero traería aparejado, una legislación mejor ilustrada y más flexible para Taiwan.-

NC.





Edging toward democracy: *Oppositionist Chu (right) scuffles with a KMT legislator in Parliament, President Chiang*

Jockeying for Power

KMT reformists are gaining ground on conservatives and the left

The gallery overlooking Taipei's legislature was packed with curious observers—and if they were anticipating a lively show, they were not disappointed. By turns feisty and furious, opposition politicians lambasted the senior parliamentarians of the ruling Nationalist Party, the KMT, most of whom have held their seats since they were elected in China 40 years ago. "You old thieves!" shouted Chu Kao-cheng, 33, the dissident firebrand whose penchant for climbing atop tables and causing commotion on the chamber floor has earned him the nickname Rambo. "Do your constituents pay taxes?" he sneered. "Where are your constituents?" Opposition orators then began tussling with KMT members for control of the podium. After repeatedly pounding his gavel in a vain attempt to restore order, Parliament president Nieh Wen-ya left the room in disgust, waiting for the chaos to subside.

The tumult that broke out early this month in the Legislative Yuan, Taiwan's Parliament, would have been unthinkable just a few years ago—and it reflects the momentous political shifts that are taking place in Taiwan. After lifting martial law and removing the ban on new opposition parties last July, President Chiang Ching-kuo is moving apace with democratic reforms that are altering the configurations of power. Despite its fierce bombast in the legislature, the opposition Democratic Progressive Party (DPP) has been seriously undermined by Chiang's liberalizations and is more splintered than ever. Chiang's plans to bring more native Taiwanese into the government have also put the KMT's conservative Old Guard on the defensive. Meanwhile, a younger, more liberal KMT faction is steadily gaining influence in the legislature—a development that Chiang, 77, cautiously approves. Chiang's goal: to put younger, democratic-minded legislators in the majority to ensure that his reform agenda will survive him.

Old Guard: To be sure, the KMT remains firmly in control and shows no intention of relinquishing the rule it has exercised since 1949. But having introduced a modicum of competition to politics, Chiang confronts growing demands from his country's affluent and well-educated population for even more democratic reforms. As a result, *Chiang is now attempting to remold the* 315-member legislature, where the vast majority of seats are held by KMT hard-liners who have effectively been elected for life. The legislature is debating a proposal to retire most of its older KMT members and increase the number of native Taiwanese representatives from 73 to as many as 170. That prospect has reinvigorated the KMT's normally somnolent Old Guard, who have stepped up attacks on their reformist colleagues in recent months. Says 37-year-old KMT Deputy Secretary General Ma Ying-jeou: "Senior members know that if they keep silent, they'll be finished."

There is little question that parliamentary hard-liners are fighting a losing battle, however. Hundreds of mainland-born representatives have died since 1949, and since the average age of those remaining in office is 82, wholesale reorganization of the legislature appears inevitable. Moreover, pressure from the KMT's Young Turks for an overhaul is growing. Though firmly committed to KMT rule, these elected parliamentarians sympathize with their constituents' demands that the party relinquish a greater share of power. Many of them support the opposition DPP's call for the total re-election of the legislature by 1989—without any seats reserved for aging

04

8711541

KMT members who were born in China.

The government's moderate moves have also seriously undermined the DPP in recent months. Since Chiang lifted martial law and eased restrictions on travel to China—two key aspects of the opposition's strident anti-KMT platform—the year-old DPP has been floundering. Factional infighting between members who favor a parliamentary path to democratic reform and radicals who want to force concessions from the KMT through street protests has increased. At the party's annual congress in Taipei last week, DPP member Chu—normally a man of moderate politics—smashed a chair over the head of one member demanding an independent government that will not claim to represent all of China—a position that some DPP members reject. "We lack experience in organizing," says DPP chairman Yao Chia-wen, who admits that his party will be hard pressed to make crucial policy decisions.

Popular support: Perhaps the biggest threat facing the DPP is defection from its ranks. Early this month opposition leader Wang Yi-hsiung, a legislator representing the southern industrial city of Kaohsiung, bolted to form the Labor Party, with the goal of "improving the social standing" of Taiwan's 4 million workers. Wang insists his party will not compete with the DPP, but it seems well poised to gather the popular support that has eluded the opposition so far. With a moderate platform that does not ad[illegible]ate an independent Taiwan or violent struggle, Labor could attract many native Taiwanese who've been alienated by the radical rhetoric of DPP extremists. Some Taiwanese believe Labor might even attract working-class mainlanders and their children, who have long formed the bedrock of support for the KMT. "Young mainlanders feel the KMT favors the establishment and management," says Lu Ya-li, a political-science professor at National Taiwan University. "[illegible]y have lots of grievances, and could vote for Labor one day."

A newly mobilized working class could drastically change Taiwan's political landscape; it could also join other disaffected groups—including university students, environmentalists and feminists—which are now becoming more politically active. Mindful of that, the government is trying to pre-empt support for the Labor Party by setting up offices around the island to hear w[illegible]rs' complaints. But for the moment, Ch[illegible]g appears confident that he can proceed with liberalizations while keeping his party at the helm. Many KMT politicians foresee a system in which one dominant party is never ousted from power, but criticized and guided by its smaller rivals. That may not be a true democracy, but it will bring Taiwan more enlightened and sensitive rule.

PAULA C[illegible] [illegible] in [illegible]

05/05 8711541

RPCH Compras EEUU

033

CLARIN 1°/10/87

OB → Observaciones

Revelaron un complot para vender cazas F-14 a China

Altos funcionarios gubernamentales de China pidieron ayer al líder Den Xiaoping que no renuncie a la presidencia del comité militar del Partido Comunista. En Estados Unidos se reveló un complot para vender misiles y cazas de combate F-14 norteamericanos a aquel país: esa transacción está prohibida por el Congreso.

NEWARK, NUEVA JERSEY y PEKIN, 30 (Reuter, UPI y AP) — Las autoridades develaron hoy un complot para exportar misiles y aviones cazas F 14 norteamericanos a China, en el cual estaban involucrados altos funcionarios de Pekín, señaló un tribunal.

La revelación ocurrió durante una vista de detención del empresario Chang-Yao Chi, de 65 años, residente de Nueva York, quien fue arrestado el domingo.

Chi "tiene vínculos con "altos miembros de la delegación (china) en las Naciones Unidas y en la República Popular China", dijo el fiscal asistente norteamericano, Mark Olinsky.

El F 14 es la primera aeronave de combate de la marina norteamericana que Estados Unidos nunca la ha vendido a China. Los misiles involucrados son del tipo Tow y Sidewinder [illegible].

El magistrado norteamericano Stanley Chesler ordenó la detención de Chi sin fianza luego de determinar que había riesgo de que fugara debido a sus contactos diplomáticos y gubernamentales quienes tendrían "la capacidad y deseos" de ayudarlo.

Según la querella, Chi se reunió con un individuo de nombre Charles Chang el 7 de setiembre para discutir aspectos del embarque de los misiles robados.

Chang fue arrestado en agosto como parte del presunto esquema y convino en grabar la conversación en la cual los dos discutieron el embarque con Chi asumiendo el rol de representante de funcionarios chinos, dice el documento judicial.

El abogado Alan Zegas dijo que Chi ha residido en Estados Unidos durante nueve años y anteriormente vivió en Taiwan durante 30 años.

Zegas negó que Chi estuviera involucrado en el complot, y dijo que una transcripción que había preparado de un diálogo grabado, en idioma chino, tuvo "significativas variaciones" de la versión dada por el gobierno norteamericano.

El Sidewinder es un misil de corto [illegible], aire aire, con sistema de orientación de rayos infrarrojos. Puede ser usado en la [illegible] [illegible] guerra del aire [illegible].

[illegible] norteamericano normalmente disparado desde un transporte personal, un jeep o un trípode, es el misil antitanque más poderoso usado por la infantería. Puede igualmente ser montado en helicópteros Cobra.

Pedido a Deng

Altos funcionarios del gobierno pidieron al líder chino Deng Xiaoping que no renuncie a su puesto como presidente de la comisión central militar, durante el congreso del Partido Comunista que se realizará el mes entrante, declaró hoy el miembro del Politburó Yu Qiuli.

Otro miembro del Politburó confirmó que el XIII Congreso del P.C. ratificará el primer paso de una reforma política destinada a separar las funciones del partido y el Estado, eliminando las células partidarias.

"Nosotros insistimos en que Deng Xiaoping permanezca como jefe de la comisión central militar: él no debe jubilarse", dijo Yu, de 73 años, a la prensa durante una recepción con motivo del aniversario nacional chino, que se celebra el 1° de octubre.

"El es la mejor persona para estar a cargo del ejército popular de liberación" manifestó Yu, refiriéndose a los tres millones de miembros de las fuerzas armadas chinas.

Deng ha dicho en [illegible] renunciar a alguno de sus cargos durante el congreso que [illegible] el 25 de octubre. Deng, de 83 años, también es presidente de la comisión central asesora y miembro del comité permanente del Politburó.

"Uno no puede juzgarlo por su edad, él todavía es muy [illegible] y tiene mucha sabiduría y energía", dijo Yu.

Se estima que el congreso aprobará las renuncias de otros dirigentes de avanzada edad que han indicado sus deseos de jubilarse.

PARTES ILEGIBLES

Bahía Blanca albergaría los pesqueros de Taiwan

Los altos costos de la operativa portuaria de Montevideo llevaron a compañías pesqueras taiwanesas a iniciar negociaciones de anclaje y abastecimiento para 134 barcos de esa bandera en el puerto alternativo de Bahía Blanca, de acuerdo a agentes navieros consultados ayer por EL DIA.

La no concreción de la negociación en marcha con agentes uruguayos para la atención de estas flotas implicará la pérdida de ingresos por 42 millones de dólares anuales para el país, según se especificó.

De esos 134 barcos, 76 utilizaron durante 1987 el puerto de Montevideo para su reaprovisionamiento, reparación, cambio de tripulación y trasbordo de captura al buque factoría, complementando la operación con puerto Stanley en las islas *Falkland*.

La conflictividad del puerto de Montevideo, los altos costos de su operativa, la falta de comodidades y medios técnicos y la lejanía de las aguas de captura inciden actualmente para comenzar a considerar la alternativa de Bahía Blanca, de acuerdo a lo informado.

La opción por Bahía Blanca entra en consideración en una zafra en la que las compañías taiwanesas aumentan su operativa de 76 a 134 barcos pesqueros, e implica disminuir también su presencia en puerto Stanley.

Los pesqueros están actualmente en viaje hacia estas aguas en momentos en que se replantean las negociaciones y de acuerdo al esquema original, deberían entrar en el puerto de Montevideo en enero para su primer cambio de tripulación.

033

El País 18/XI/80

NO A PEKIN

Corren insistentes rumores sobre la posibilidad de que el gobierno adopte finalmente una resolución respecto al problema de las relaciones con China. Incluso se habla de la fecha en que se produciría el anuncio del establecimiento de vínculos diplomáticos con la dictadura comunista de Pekín y la consiguiente y obligada ruptura con Taipei.

Otros rumores llegan hasta precisar el lugar y la oportunidad en que el presidente Sanguinetti –en uno de sus próximos viajes– anunciaría ese lamentable cambio en nuestra política exterior.

Sin embargo, no está perdida la causa del mantenimiento de relaciones con la República de China en Taiwan.

La opinión democrática uruguaya se considerará afectada y menoscabada por cualquier pronunciamiento favorable al totalitarismo rojo y, con seguridad, hará sentir su voz.

Las fuerzas vivas de la nación, por su parte, son conscientes de que el gobierno de Taipei constituye una garantía para incentivar nuestro progreso agrario, nuestras actividades pesqueras y para incorporar valiosa tecnología en diversas áreas de la industria nacional. Sin duda alguna, también presionarán para que el absurdo cambio no se produzca.

Igualmente, ha trascendido que varios e influyentes núcleos parlamentarios, blancos y colorados, manifestarán su discrepancia con las intenciones que se le adjudican al Poder Ejecutivo y señalarán los graves perjuicios que produciría al país el abandono de las relaciones con una sociedad próspera, avanzada y amigable –como es China Libre– para sustituirlas por el nexo con un gobierno poco confiable, poco respetuoso en cuanto al cumplimiento de los tratados que ha firmado y poco afín a nosotros en materia de principios y de normas de convivencia.

Domingo 18 de octubre de 1987

Clarín

Fundado por ROBERTO NOBLE el 28 de agosto de 1945

Directora: Ernestina Herrera de Noble

Un dato positivo

EL gobierno de Taiwan acaba de levantar la prohibición de viajar a China Popular, que regía para los ciudadanos de la isla hace ya treinta y ocho años.

Esta medida es un paso más de un lento y sinuoso acercamiento que los dos países mantienen hace años, procurando cerrar una brecha creada dramáticamente en 1949.

Fue en ese año cuando las fuerzas del Partido Comunista, liderado por Mao Tse-tung, concluyeron su campaña militar instaurando la República Popular. El entonces derrotado Chiang Kai-shek se refugió en la isla de Formosa, distante tan solo ciento cincuenta kilómetros del continente y formó otra república.

Los dos nuevos regímenes mantuvieron durante los primeros años una separación tajante. En China nacionalista estaba prohibido que sus ciudadanos mantuvieran cualquier tipo de contacto con el continente donde habían quedado amigos y familiares. Los retratos de Mao eran censurados hasta en las publicaciones extranjeras. La única relación que el gobierno nacionalista concebía con el continente era su reconquista. La actitud de Pekín era más o menos similar. Con el correr de los años cada paíc transitó rumbos muy diferentes, nada exentos de paradojas que conducirían, también paradójicamente, a un relativo acercamiento.

Formosa, con el aporte de capitales externos y utilizando una disciplinada mano de obra, se desarrolló como una próspera factoría de exportación, integrada al circuito comercial occidental.

China Popular, luego de pasar por diversas fases de su proceso revolucionario, concluyó, en los últimos años, con una progresiva apertura hacia Occidente, buscando inversiones y tecnología.

El gobierno de China Popular fue imponiendo su presencia diplomática en el mundo y logrando el reconocimiento de la mayoría de los países que, consecuentemente, fueron rompiendo relaciones con la isla de Formosa y manteniendo con ella vínculos puramente comerciales.

Paralelamente, China Popular inició un proceso de acercamiento a Taiwan proponiendo negociaciones para una futura unificación, formalmente anunciada en 1979 en un mensaje público del gobierno comunista a los ciudadanos de la isla.

La fórmula elaborada contempla el respeto del sistema político, de los intereses de los habitantes y de las relaciones exteriores de Taiwan, y se inspira en el tratado realizado entre China Popular y Gran Bretaña por la cual la primera recuperará en 1997 la soberanía de Hong Kong sin que ésta sufra cambios en su actual sistema económico.

El gobierno taiwanés rechazó siempre tales propuestas, manteniendo su postura de recuperar el dominio del continente. Mantuvo también su juramento, realizado en 1949, de no sostener negociaciones de tipo alguno con Pekín. Ello no obstante, reconociendo el peso de una realidad innegable como es la consolidación del gobierno comunista y el atractivo económico del continente, realiza un tímido acercamiento con la autorización a sus ciudadanos a viajar a China Popular.

Este paso fue interpretado por diversos analistas como un abandono tácito de la política taiwanesa de confrontación bélica, lo que contribuirá sin duda a reducir las tensiones entre los dos países y en su zona de influencia.

El comentado acercamiento está, además, en consonancia con la búsqueda de mejores relaciones entre países socialistas y occidentales, el emprendimiento de nuevas formas de cooperación económica y, en fin, la distensión que suponen las negociaciones de desarme que llevan a cabo las dos grandes superpotencias. La nueva fase de las relaciones entre China y Taiwan puede tomarse, por lo tanto, como un dato alentador en el complejo escenario mundial contemporáneo.

8711640

01-01

HY

RPCH.

033

Fuerte Embarque de Pescado Para China

En el buque frigorífico "Humboldt Rex" se [illegible] car una segunda partida de pescado no tradicional para China Continental. En la oportunidad, este barco que operó en Montevideo el pasado fin de semana llevó alrededor de 1.800 toneladas de pescado congelado que tienen por destino el puerto de Tian Jin próximo a Peking.

Sobre este embarque consultamos al Sr. Ricardo Balsamo, ejecutivo de la empresa Bivar S.A. quien destacó su importancia en razón "que Uruguay estaba colocando en ese novel mercado pescado de tipo no tradicional lo cual abre magníficas posibilidades para este sector de la actividad pesquera".

Nuestra empresa embarcó en esta nave unas 1.100 toneladas de las cuales alrededor de 400 toneladas son corvinas que por cierto tienen muy buen mercado en muchas áreas del mundo. Pero el resto del embarque —continuó diciendo el Sr. Balsamo —consiste de sabalo, lacha, papamosca, pescadilla, lisa y palometa. El sabalo por ejemplo fue pescado en el Río Negro por profesionales y lo mismo podría decirse de la lacha que se obtuvo de la costa de Pajas Blancas. El papamosca que por lo general se desecha porque no se adapta a las exigencias locales tiene mercado en China Continental y esto hace que sea valioso y conveniente negociar pescado con este país porque es una oportunidad de [illegible] variedades que no tienen andamiento acá o por lo menos no tanto como las conocidas.

LLEGA REPRESENTANTE CHINO

El Sr. Balsamo nos señaló que se encuentra en nuestro país realizando una gira de contactos comerciales (Argentina y Uruguay) el Sr. Zheng Yanxi que es el Presidente de la empresa estatal China National Fisheries que es la compradora de estos embarques de pescado. "Tenemos esperanzas en este contacto personal con el representante chino de incentivar en el futuro nuestros negocios de pescado con ese inmenso país".

El Sr. Balsamo señaló finalmente que el pasado 31 de agosto su empresa había vendido a China Continental el primer lote de pescado no tradicional y también corvina por un volumen de 730 toneladas. Con las que se embarcaron ahora se llega al total de 1.800 toneladas que fue lo pactado hace algunos meses atrás. Como le dije tenemos esperanzas de continuar esta corriente comercial que incluye variedades no tradicionales que para el gusto rioplatense no tienen aceptación pero en cambio para los chinos con una tradición milenaria en la alimentación con productos del mar son variedades aceptables que incluso convierten en platos finos con los aderezos que ellos saben darles.

Jefe de Estado chino en Italia



ROMA.— Durante la visita oficial a Italia del Jefe de Estado Chino Li Xiannian (82), no habrá ningún contacto oficial entre la delegación china, integrada por 60 personas, y el Vaticano, según se informó ayer extraoficialmente en Roma.

En 1957 la República Popular China rompió relaciones diplomáticas con la Santa Sede. Ultimamente diversos portavoces de la Iglesia expresaron reiteradamente el deseo de normalizar las relaciones con Pekín, pero ahora no hubo reacción alguna de los dirigentes chinos.

En la actualidad se sigue con gran interés el viaje a China del cardenal filipino Jaime Sin, quien habló en Pekín de una ligera mejoría en las relaciones Iglesia-Estado en la República Popular China.

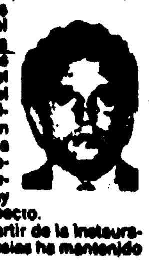
033

R.P.C.H. Edición 26 de ... 87

Canciller Chino Planteó Establecimiento de Relaciones

No hay Decisión Oficial del Gobierno Uruguayo con Respecto a China Roja

NUEVA YORK, Naciones Unidas (Por Carlos Pauletti). — El Ministro Iglesias se reunió el jueves, primeramente, con el Canciller de China Popular, Wu Xuquian, con el cual abordó temas como la situación económica internacional, el plan de paz y la crisis de América Central, y el estado de relaciones entre los dos países, particularmente las comerciales. De acuerdo con nuestros informes, el Ministro chino habría planteado el tema del establecimiento de relaciones diplomáticas, a lo que el Canciller uruguayo habría respondido que todavía no hay decisión oficial del gobierno uruguayo al respecto.



Debemos aclarar que todos los años, a partir de la instauración del régimen democrático, el Canciller Iglesias ha mantenido reuniones con todos los miembros del Consejo de Seguridad, tanto los permanentes como los que no lo son.

Luego sostuvo una reunión con el Canciller de Hungría en la que se habló de la situación económica internacional y la de aquel país, las reformas que se llevan a cabo tendientes a liberalizar e incentivar la empresa privada, el estado del comercio entre Hungría y Uruguay, como la forma de incrementarlo. Se manejaron distintas posibilidades entre las que se destacó una que ya existe y está en práctica, que es el establecimiento de empresas conjuntas.

Estas están funcionando en forma de "trading" y como empresas comerciales, y hasta el momento se ha logrado un interesante aumento en el nivel de intercambio entre ambas naciones.

PRESIDENTES EN MEXICO, EN NOVIEMBRE

También ayer de tarde, el Canciller Iglesias se reunió con sus pares del Grupo de los Ocho, donde se definieron y ajustaron algunos detalles de la agenda que regirá en la reunión presidencial de México. Definitivamente se fijaron el 27 y 28 de noviembre como días de reunión, con llegada prevista de los ocho Presidentes a Acapulco para el día 26. La agenda prevé dos reuniones de trabajo, la primera de carácter público con presencia de la prensa.

El día 29, posteriormente a las reuniones de trabajo, se verificará la firma del documento y se realizará una conferencia de prensa.

De acuerdo a lo manifestado a la prensa por el Canciller de México, Bernardo Sepúlveda, podrían firmarse algunos acuerdos y un Tratado de Seguridad Alimentaria que trasciende el Grupo de los Ocho, y se aplicaría para toda Latinoamérica.

Ayer, la jornada del Canciller uruguayo comenzó con un desayuno de trabajo con el Ministro paraguayo, donde se plantearon distintos aspectos de las relaciones bilaterales y la situación de la niña Mariana Zaffaroni. Iglesias trasmitió la preocupación y el interés humanitario del gobierno uruguayo, aunque se reconoce la imposibilidad de cualquier acción jurídica dado que el delito de secuestro fue cometido en la Argentina. Igualmente Iglesias planteó la necesidad de una solución, y el tema seguirá siendo motivo de conversación en las Naciones Unidas entre los Cancilleres de Argentina y Paraguay, Dante Caputo y Carlos Saldívar respectivamente. Próximamente, podrían producirse nuevos contactos entre autoridades del gobierno uruguayo y el paraguayo.

REUNION DE CANCILLERES EN DICIEMBRE

También se realizó un desayuno de los Cancilleres de la Cuenca del Plata, ofrecido por Brasil, en el que se convocó a una reunión formal de Cancilleres en Santa Cruz de la Sierra para la segunda quincena de diciembre. Allí se analizarán todos los proyectos de integración existentes a nivel de la Cuenca del Plata, y el lanzamineto de una serie de iniciativas a estudio que estarán prontas para esa oportunidad.

Iglesias se entrevistó seguidamente con el Canciller de Corea del Sur, momento en que éste informó sobre el proceso democrático que se está llevando a cabo en esa nación. Se abordaron asimismo los temas de interés para ambos países, el intercambio comercial, y lo que está ocurriendo en la Ronda Uruguay del GATT y el apoyo coreano a distintas iniciativas que se están planteando allí.

El Grupo de los Ocho mantuvo una reunión con Canadá, fundamentalmente sobre la situación en América Central y los proyectos de desarrollo del grupo, con buena disposición de Canadá para evidenciar su apoyo tanto en lo político como en lo económico, lo cultural, social e intercambio tecnológico.

Culminó la jornada con una cena que ofreció el Canciller Iglesias al Embajador estadounidense ante la ONU, Vernon Walters, donde se tratarán aspectos de las relaciones entre ambos países pero a nivel de la ONU, ya que lo fundamental será tema de la reunión con Shultz, este lunes.

D1-01

R.P.CH.
Origen ARGENTINA

033

Una delegación de China Popular visitó a Cafiero

LA PRENSA 27/5/87

El electo gobernador de la provincia de Buenos Aires, Antonio Cafiero, recibió en la sede central del Justicialismo a una delegación de la República Popular China, presidida por el asesor del Departamento de Enlace Internacional del comité central del partido Comunista de ese país, Zhang Xiangshan, para "estrechar los lazos de amistad" entre ambos partidos e incrementar "el intercambio cultural, económico-financiero y tecnológico" de la provincia con la nación asiática.

En la reunión, que se realizó a puertas cerradas, la delegación cursó una invitación a los dirigentes peronistas para que una comisión mixta, integrada por miembros del partido, empresarios y representantes gremiales, visite una provincia china para analizar el posible intercambio.

Dicha invitación –según explicó el diputado nacional Alberto Pierri– será analizada en una futura reunión partidaria.

El legislador manifestó a "La Prensa" que Antonio Cafiero "se mostró muy interesado" en la experiencia china de trasformación de las empresas públicas en sociedades mixtas, que el gobernador electo "pretende llevar adelante" en la provincia de Buenos Aires.

La delegación china, que permanecerá en nuestro país hasta el próximo lunes, estuvo integrada, además, por el vicepresidente del Instituto Chino-Latinoamericano, Yan Baibing; el subjefe de dirección del Departamento de Enlace Internacional del comité central del partido Comunista chino, Liu Peigen; el jefe de sección de dicho organismo, Guo Yuanzen, y la diplomática, Lin Aili.

01-01

HB

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Visitantes extranjeros en Parlamento

PROCEDENCIA : El Dia 11/9/87

ARCHIVADO EN:

Suecia (024)

01-01 8711698

TRATARAN LA SITUACION DEL TIBET

Congreso comunista en China

PEKIN, 13 (EFE, UPI y Xinhua). — El Comité Central del Partido Comunista Chino anunció hoy que celebrará la próxima semana —el martes 20— la séptima sesión plenaria del XII Congreso del partido, cinco días antes de su apertura. En el marco de esa sesión plenaria, cuya duración no fue especificada, se aprobará el informe sobre el Congreso, calificado de "histórico" por el secretario general del P.C.Ch., Zhao Ziyang.

En referencia a ese Congreso, que delineará la política china para el próximo quinquenio, fuentes occidentales de Pekín apuntaron que allí se discutirá la situación en el Tibet, tras los incidentes de las últimas semanas, así como también el asunto de Taiwan y temas económicos específicos, como la suba de los precios de bienes de consumo.

Los analistas coincidían hoy en que las recientes manifestaciones antichinas en el Tibet serán también probablemente analizadas en el plenario, aunque ese tema seguramente será estudiado más en detalle por los 1.936 delegados que integran el XII Congreso, que es el primero de los últimos cinco años. Como se recordará, por lo menos tres grandes manifestaciones contra la administración de Pekín se han registrado desde el inicio del mes en Lhasa, la capital tibetana, y se informó que aún subsiste la tensión en esa ciudad, con patrullas policiales chinas armadas en las calles y en puntos de inspección.

Otros observadores especulaban con que esas protestas —que han dejado un saldo de varios muertos— podrían ser utilizadas por los miembros de la línea dura en la dirección del partido. Estos afirman que la apertura china hacia el mundo exterior está impulsando la intranquilidad política.

01-01 8711725

CLARIN ★ Buenos Aires, miércoles 14 de octubre de 1987

Alfonsín recibe hoy al vicecanciller chino

El viceministro de Asuntos Exteriores de la República Popular China, Shu Qi-Zhen, acompañado por sus colaboradores y por el embajador acreditado ante el gobierno argentino, Shen Yunao, se reunión con la secretaria de Asuntos Internacionales, Susana Ruiz Cerrutti, por espacio de dos horas en la cancillería argentina, reunión que prosiguió en horas de la tarde.

Shu Qi-Zhen, que ha venido acompañado por tres jefes del Departamento Américas y Oceanía de su cancillería y un intérprete, seguirá estudiando las posibilidades de incrementar el comercio exterior de los dos países con su colega argentina, y hoy presentará sus saludos al presidente de la Nación y al ministro de Relaciones Exteriores y Culto, Dante Caputo.

♦ **Jornadas**

Miembros de la misión china que participan aquí de las jornadas sobre Tecnología y Equipamiento de la Industria de la Alimentación analizan con representantes de ese sector y funcionarios oficiales las posibilidades de intercambio entre ambos países en ese sector de la producción.

Las jornadas fueron inauguradas, ayer, en la sede del Instituto de Investigaciones Económicas de la Confederación General de la Industria (IIE-CGI) y contaron con la presencia del subsecretario de la Pequeña y Mediana Empresa, Miguel Beta, el secretario de Ciencia y Técnica, Manuel Sadosky, y el titular del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet), Carlos Abeledo.

También participaron representantes de la Comisión Nacional de Energía Atómica (CNEA) y del Instituto Nacional de Tecnología Industrial (INTI).

En la oportunidad, habló el subsecretario de Cooperación Técnica del Ministerio de Relaciones Exteriores, embajador Oscar Yunovsky.

♦ **Integrantes**

La misión del Centro de Intercambio Chino de Ciencia y Tecnología, integrada por Qi Beyu, vicepresidente del referido centro, Hu Yongqi, jefe del Departamento América y Oceanía de la entidad, Zao Roguain, representante de la provincia de Fu Tian y miembro del centro.

033 KPCH.

Miembros que dejaron Politburó chino eran reacios a innovaciones

Congreso reflejó victoria reformista

La nueva generación de líderes en el Partido Comunista Chino (PCCH) denota una clara victoria de los abogados de las reformas introducidas por Deng Xiaoping, el primer dirigente chino que se ha retirado voluntariamente del poder.

PEKIN (EFE).- Los indicadores al final del XIII Congreso del PCCH y los nombramientos para los principales puestos acordados en la primera sesión plenaria del Comité Central arrojan un saldo favorable para los reformadores.

El secretario general del Partido, Zhao Ziyang, subrayó el lunes de noche en rueda de prensa que hay opositores a las reformas preconizadas hace ocho años, pero agregó que este grupo es minúsculo y que están en un error los periodistas extranjeros que dividen la situación política china en reformadores y conservadores.

La campaña de rejuvenecimiento lanzada por Deng ha culminado con la retirada de unos 90 dirigentes del Partido, que superan los 80 años y que en algunos casos eran los más recalcitrantes a las innovaciones socioeconómicas y políticas.

A este sector se atribuye la mitad de los 20 miembros que dejaron el lunes el Politburó y cuya edad, salvo uno, oscila entre los 71 y 85 años.

También la permanencia de Hu Yaobang en el Politburó, pese a su caída en desgracia en enero, que le costó la jefatura del Partido, tras las manifestaciones estudiantiles, se interpreta en Pekín como un fortalecimiento de la corriente reformadora en el Partido.

Hu salió del Comité Permanente del Politburó y fue relevado del Secretariado del Comité Central, pero ha sido uno de los pocos septuagenarios que ha permanecido en el Politburó.

El triunfo reformador se llevó a cabo en detrimento del Ejército, pese a que este grupo fue el mejor representado en el XIII Congreso, con el catorce por ciento de los 1.963 delegados.

ANTECEDENTE

A título orientativo, en el IX Congreso de 1969, el porcentaje de oficiales del Ejército en el Comité Central era casi del 50 por ciento.

Una excepción en esta tendencia es el general Yang Shangkun, de 80 años, que fue nombrado vicepresidente permanente de la Comisión Militar del Partido y que permanece en el Politburó, pese a su avanzada edad.

En todo caso, Deng Xiaoping conserva la presidencia de la Comisión Militar, y Zhao Ziyang ha sido designado su vicepresidente, un cargo nuevo para controlar de cerca al Ejército desde el Partido, según los observadores.

Entre los veteranos revolucionarios que han sido relevados por la joven generación está el economista Chen Yun, de 82 años, un íntimo aliado del líder Mao Zedong, que en 1985 se pronunció con bastante franqueza contra las reformas de Deng.

También ha dejado el Comité Permanente del Politburó el octogenario Li Xiannian, Presidente de la República y considerado partidario de la economía centralizada y de la industria pesada.

Otro jubilado del Politburó es Peng Zhen, de 85, Presidente del Congreso Popular Nacional (Parlamento), a quien se tiene por un conservador preocupado por el abandono de la ideología en pro de la actitud más pragmática de la escuela de Deng Xiaoping.

El miembro del Politburó Hu Qiaomu y ex secretario personal de Mao está considerado como conservador y el ideólogo de más peso.

Sus operaciones más destacadas fueron las campañas contra la contaminación espiritual en 1983 y contra la liberalización burguesa este año, tras las manifestaciones estudiantiles.

Otro conservador jubilado es Deng Liqun, ex miembro del Secretariado del Comité Central e ideólogo.

El Comité Permanente del Partido reúne, además de Zhao Ziyang, a los cuatro hombres que deberán promover las reformas ratificadas en el XIII Congreso: los tres viceprimeros ministros, Li Peng, Qiao Shi y Yao Yilin, y Hu Qili, todos ellos promotores del nuevo camino emprendido por su maestro, Deng Xiaoping.

Al menos esa fue la impresión que procuraron dar en el Congreso y en su encuentro de ayer con la prensa china y extranjera.

033

Críticas en Pekín

PEKIN, 1° (UPI). — Las ideas ultraizquierdistas han causado desaciertos en China desde la revolución comunista de 1949 y Pekín debe combatir tendencias similares para que sus reformas económicas tengan éxito, afirmó hoy el "Diario del Pueblo", órgano oficial del Partido Comunista chino.

El severo editorial en el diario del Partido Comunista fue el más reciente de una serie de ataques a los que se oponen a las reformas económicas chinas con orientación de mercado.

"En el pasado hemos dicho frecuentemente que hay una gran iniciativa socialista entre las masas, pero ¿cómo podemos llevarla a cabo en su totalidad?", preguntó el editorial de primera plana en el aniversario de la fundación de China comunista, el 1° de octubre de 1983.

"Por muchos años no pudimos encontrar la respuesta correcta, y bajo la guía de las ideas ultraizquierdistas, sería imposible encontrar la respuesta", dijo el diario. China generalmente describe como ultraizquierdistas aquellas opiniones que critican y ponen en duda las reformas; como paradigma del ultraizquierdismo se alude a la Revolución cultural que impulsó Mao Tsé-tung entre 1966 y 1976.

El "Diario del Pueblo" elogió las reformas lanzadas por el líder Deng Xiaoping en 1979 como la "llave dorada" que abrió la puerta a la iniciativa de las masas.

Diario 21/10/83

POCO LEGIBLE

01-01 8711744

RPCH
Chinas: ISRAEL.

033

Reunión de Israel y China

NUEVA YORK, (Naciones Unidas), 1º (Por Charles Lescaut, de Le Monde, especial para Clarín). — Los ministros de Relaciones Exteriores de China e Israel se reunieron, por primera vez en la historia de estos dos países, el miércoles 30, en el marco de la Asamblea General de la ONU.

Shimon Peres y Wu Xuequian conversaron, según dijo el representante de Pekín, sobre una eventual conferencia [illegible] nacional en Medio Oriente. "Todas las partes, incluida la OLP, deben tener sus representantes con igualdad de oportunidades", dijo, acorde con el histórico apoyo chino a la OLP.

Por su parte, fuentes israelíes informaron que, en la reunión, ambos países convinieron en establecer un calendario de encuentros regulares.

CLARIN 2/10/80

POCO LEGIBLE

01-01

8711775

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Ministerio de la Abundancia y el Conde de LAMPEDUSA.

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 5/11/87

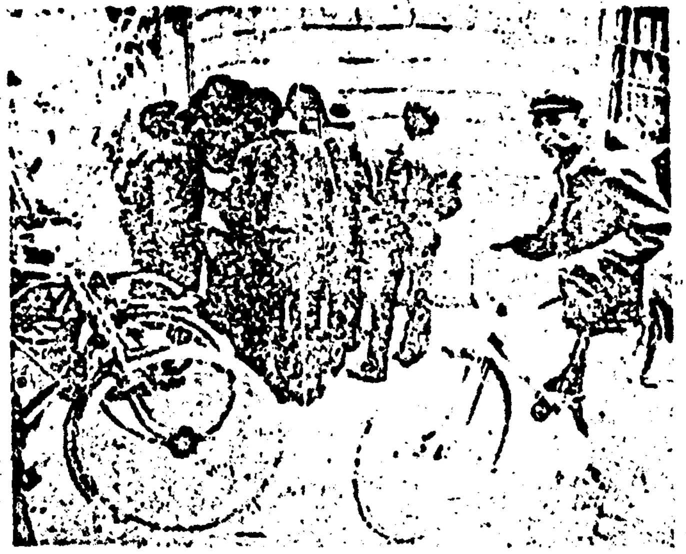
ARCHIVADO EN: URSS (026)

Ramos

01-01 8711778

El Dalai Lama exigió al gobierno de Pekín la desmilitarización del Tíbet

El Senado estadounidense aprobó, en forma unánime, una resolución no vinculante por la cual señala que Washington únicamente debe considerar pedidos de armas de Pekín si China soluciona la situación de los derechos humanos en Tibet. Desde su exilio de la India, el Dalai Lama, líder espiritual del budismo, instó a los tibetanos a continuar la campaña de protestas pacíficas. Mientras tanto, en el escenario de los hechos, policías fuertemente armados custodiaban el área, al cumplirse el trigésimo séptimo aniversario de la entrada de tropas chinas en Tibet.





Agencia AFP

Grupos de tibetanos leen afiches del gobierno en los cuales se aconseja a la población no participar de ninguna protesta.

DHARMSALA, India, 7 (UPI, AFP, Reuter y DPA). — El Dalai Lama, jefe espiritual de los tibetanos, instó hoy a su pueblo a acentuar la campaña de protestas pacíficas y desobediencia civil contra el dominio chino y dijo que estaba "dispuesto" a mantener conversaciones con Pekín sobre la independencia del Tíbet.

Al mismo tiempo, el Senado de Estados Unidos opinó, en una resolución no vinculante, aprobada anoche, que Washington solo debe tomar en consideración nuevos pedidos de armas de China si la Casa Blanca tiene la seguridad de que Pekín se esfuerza por "solucionar el problema de los derechos humanos en el Tíbet".

"Es importante que los gobernantes chinos sepan, y que también el mundo sepa, que el pueblo tibetano no está feliz", expresó en su exilio de la India el Dalai Lama, en coincidencia con el 37° aniversario de la ocupación militar china al Tíbet.

"Mi idea de la manifestación es sin violencia física. Creo que la violencia no es lo mejor. Seis millones de tibetanos nativos no están felices. La gente dentro del Tíbet debe expresar estos sentimientos profundos", añadió.

Tras rechazar las acusaciones de Pekín sobre que él era el responsable por la violencia alcanzada en las protestas contra China, admitió que su reciente viaje a Estados Unidos fue "un factor" que incidió en las manifestaciones.

En el transcurso de la conferencia de prensa, el líder budista explicó que la desmilitarización del Tíbet y el fin de la transferencia de chinos son "las dos demandas más importantes que deben ser atendidas".

En el Senado

La resolución no vinculante aprobada por unanimidad por el Senado norteamericano instó, asimismo, al presidente Ronald Reagan a entrevistarse con el Dalai Lama, el máximo representante budista.

Al respecto, el Departamento de Estado criticó esa decisión y expresó preocupación de que la aprobación del documento pueda tener consecuencias negativas sobre las relaciones chino-norteamericanas, sin aportar ventajas a la población tibetana.

China ya reaccionó negativamente a una carta enviada por seis senadores estadounidenses a autoridades de Pekín, en la cual se apoya un plan diseñado por el Dalai Lama para la creación de una "zona de paz" en el Tíbet.

Las fuentes del Departamento de Estado subrayaron que Washington apoya tradicionalmente el punto de vista de Pekín respecto de la situación tibetana, ocupada por los chinos en 1950.

Estados Unidos reconoció en las últimas cuatro décadas la soberanía china en el Tíbet y desde 1978 considera oficialmente este territorio como integrante de la República Popular China.

El documento del Senado afirma que China transfirió "millones de personas al Tíbet buscando transformar a los tibetanos en una minoría en su propia tierra", y solicitó un nuevo informe al Departamento de Estado sobre la situación de los derechos humanos en la región, dentro de sesenta días.

Estas afirmaciones fueron definidas como "imprecisas, incompletas y no verdaderas" por las fuentes de la cancillería norteamericana, las cuales acusaron a los legisladores de no haber querido tener en cuenta "significativos cambios" en la actitud china, tendiente a un mejoramiento de la situación de los derechos humanos.

Intensifican medidas

Policías fuertemente armados custodiaban hoy las calles de Lasa para evitar manifestaciones antichinas, al cumplirse el trigésimo séptimo aniversario de la entrada del Ejército Rojo en el Tíbet.

"La situación parecía ser razonablemente normal esta mañana, pero la tensión persiste allí todo el tiempo", declaró una ciudadana inglesa que vive en Nepal.

Más de mil miembros de las fuerzas de seguridad impiden el acceso a los monasterios budistas y levantaron barreras en puntos estratégicos de la ciudad, en prevención de nuevas manifestaciones en favor de la independencia tibetana.

Un periodista que llegó a las puertas del monasterio de Sera, uno de los más importantes del Tíbet, fue interceptado por la policía, que le comunicó que el edificio estaba cerrado y que su interior estaba ocupado por numerosos efectivos militares, hecho que se repitió en el templo Jokjang, el santuario más venerado y centro de la reciente agitación.

01-01

8/11/87 033 8711823

EPEK 033

La moda en China

LA NACIÓN

Del uniforme revolucionario a la revolución del vestido

Por Paulette Flahavin

PEKIN (The Christian Science Monitor). – El rojo revolucionario fue el gran color de moda el verano último en Pekín.

Y "revolucionarios" el modo como uno de los expertos de la moda china califica los cambios que han ocurrido en la forma en que se visten en las ciudades chinas.

Las personas jóvenes, educadas, están a la vanguardia de esta revolución en el color, el estilo y la actitud. Son las iniciadoras y las sostenedoras del cambio de la moda.

No vacilan en gastar dinero para mejorar su aspecto. A diferencia de sus padres, a la misma edad, no ahorran. Muchos dicen que hay demasiadas cosas que comprar y pocas razones para ahorrar.

"Muchos cambios psicológicos han ocurrido en años recientes", dice Bu Yuan, un estudiante de 24 años del Instituto de la Tecnología del Hierro y del Acero de la Universidad de Pekín.

"Ahora la gente se fija en su propio aspecto. Empezamos a vestirnos mejor, no como hace cinco o siete años cuando jamás prestábamos atención a la manera en que estábamos vestidos. Nos limitábamos a amoldarnos a los demás, a la sociedad."

Para tener una perspectiva de cuán grandes son los cambios, sólo hay que remontarse a 1966, el comienzo de la Gran Revolución Cultural Proletaria (1966-76). Fue un tiempo en que, como lo expresa un anciano chino, la desdeñosa descripción que los occidentales hacían de ellos como "hormigas azules" no era inexacta.

Lei Lili tenía 13 años cuando comenzó la Revolución Cultural de Mao Tse-tung.

"Recuerdo que al comienzo de la misma los guardias rojos cortaban la ropa de las mujeres cuando la consideraban demasiado vistosa o demasiado a la moda", dice ella.

Los colores de los 10 años calamitosos eran azul, verde, gris, blanco y negro. Para los adultos, el unisex y la severidad eran los estilos vigentes.

China abre sus puertas

"Todo lo que concernía a la belleza, al amor o incluso a lo recreativo era considerado burgués –dice Zhu Beilan–. Cuanto más sencilla su ropa, más revolucionaria la tildaban a usted."

Hasta los zapatos de cuero eran tabú, ya que también se los consideraba "burgueses". Un periodista chino recuerda una inspección que hicieron los guardias rojos en un ómnibus de Pekín. Los que tenían la desgracia de usar zapatos de cuero tenían que volver a su casa sin ellos.

Cuando se abrieron las puertas de China al mundo exterior, a fines de 1970, los estilos occidentales empezaron a afluir. En ese momento, Pekín estaba mal preparada para los cambios. Sólo había una fábrica de ropa. La compañía de indumentaria de Pekín. Actualmente hay 100 fabricantes locales que producen artículos para el mercado interno y 10 compañías que fabrican ropa para la exportación.

Muchas personas dicen que la aprobación oficial de la moda data de noviembre de 1981, cuando el premier Zhao Ziyang concurrió al mayor desfile de moda que hubo en Pekín. Entonces él y el ex dirigente partidario Hu Yaobang dijeron que las mujeres chinas deberían usar linda ropa.

¿Pero qué se entiende exactamente por lindo? Aun a principios de los años 80 la gente se esforzaba no tanto por dar una respuesta individual a la pregunta, sino más bien se planteaba qué era aceptable para la sociedad. Los vestigios de la Revolución Cultural y, como afirmarán muchos chinos, un pasado feudal, tenían que ser borrados. Los habitantes de las ciudades al igual que los demás temían el juicio de los otros.

En 1983, los periodistas norteamericanos Jay y Linda Mathews escribieron: "Las mujeres chinas de cualquier edad son tan temerosas de parecer provocativas en lo más mínimo que ocultaban su figura con blusas de tamaño mucho más grande y con chaquetas con relleno. Cualquier mujer que se mete la camisa dentro del pantalón o que exhibe una o dos curvas corre el riesgo de ser acusada de promiscua".

21/10/87

revolución del vestido

Pero en el verano de 1986 las jovenes no sólo ajustaban sus cinturones para lucir sus cinturas, sino que descubrían sus brazos al usar soleras con breteles muy finos, y casi descubrían sus piernas al andar en shorts.

Cambios más atrevidos

La mayoría de las mujeres jóvenes usan medias transparentes con los shorts. Una mujer dice que usar éstos sin [illegible] sería demasiado provocativo. Y, por otra parte, las medias disimulan el aspecto de las piernas que, según temen muchas mujeres, dice [illegible], no resulta atractivo.

La primavera de 1987 trajo cambios aún más atrevidos. En los primeros meses de la estación, los pantalones negros muy ajustados se habían puesto de moda. Zhu Beilan dice que ahora las mujeres no están preocupadas por lo que la gente dirá de su carácter si usan esa ropa, sino por lo que dirá de su figura.

Este año las mujeres empezaron también a usar polleras mucho antes que lo usual. La vieja norma era que no se podía usar pollera hasta junio, por más calor que hiciera. Una mujer madura cuenta que hace unos años las amigas le hicieron bromas una vez por usar pollera con blusa de mangas largas y suéter. Era evidentemente prematuro usar pollera si también tenía que abrigarse, dijeron. La norma: las polleras deben usarse sólo con blusas de mangas cortas.

Pan Xuejin, una estudiante de 23 años graduada en inglés, dice que actualmente la gente joven se contesta a sí misma la pregunta: "¿Qué es lo lindo?"

"Rara vez nos preocupan los comentarios de los demás. Nos vestimos para nuestro propio placer, para afirmar nuestra individualidad."

Su compañera de promoción Wang Xiaoping dice que los cambios en las actitudes de la gente son positivos. "Indican que la sociedad está avanzando." (c) LA NACION

(Traducción de Eduardo Paz Leston)

02-02

8711844

Chugo Kick

033

Taiwan permitirá viajes a China luego de 38 años de separación absoluta

Voceros del gobierno de China popular exhortaron ayer a las autoridades de Taiwan a abolir las limitaciones impuestas a los chinos continentales para visitar la isla. Taipei anunció, al mismo tiempo, que el gobernante Partido Nacionalista aprobó el levantamiento de la prohibición impuesta, tras la guerra civil china, que impedía a los ciudadanos taiwaneses trasladarse al continente. Se exceptúa de esta medida al personal militar y funcionarios gubernamentales.

TAIPEI, 14 (AP y ANSA). — El gobernante Partido Nacionalista de Taiwan aprobó hoy levantar la prohibición impuesta hace 38 años y permitir que sus ciudadanos puedan viajar a China comunista, sentando así las bases para la reunificación de familias separadas desde la guerra civil china.

El partido dijo en una breve declaración que el comité central nacionalista, encabezado por el presidente Chiang Ching-Kuo, decidió levantar las restricciones por razones humanitarias.

En Pekín, la prensa oficial china respondió rápidamente, afirmando que "los compatriotas de Taiwan son bienvenidos al continente para visitar a sus parientes".

La declaración nacionalista afirma que los ciudadanos de Taiwan, con excepción del personal militar y funcionarios gubernamentales, podrán visitar a sus parientes "sanguíneos o políticos" en la China continental.

Agregó que la política entrará en efecto después que el Yuan ejecutivo o gabinete resuelva los detalles.

Esta medida, largamente esperada, es vista como un cambio en la política de Taiwan de no mantener contactos con la China continental, puesta en efecto por primera vez por Chiang Kai-Shek, padre del actual mandatario, cuando su gobierno nacionalista huyó a Taiwan después de perder la guerra civil contra los comunistas en 1949.

Voceros de China popular señalaron que los taiwaneses serán bienvenidos a su territorio y exhortaron a las autoridades de la isla a abolir las limitaciones impuestas a los chinos para visitar Taiwan.

Peng Huai En, director de la revista mensual "Fengyung" (Fama), manifestó que el presidente Chiang Ching-Kuo "aparentemente quiere superar la situación y hacer más fácil para la próxima generación acercarse a China para una posible reunificación".

Por su parte, Tony Liao, un importante conferencista de la Universidad china de Hong Kong, estudioso de las relaciones China-Taiwan, dijo que el cambio significa que los nacionalistas han abandonado su política de confrontación bélica con el continente, porque se han dado cuenta que "el contacto entre los dos pueblos reducirá las hostilidades".

Sin embargo, la declaración nacionalista subraya la política anticomunista del partido y la determinación de recuperar el continente del que sostienen son los verdaderos gobernantes.

El anuncio de la anulación de la prohibición fue amplio y ansiosamente esperado en Taiwan. Alrededor de dos millones de chinos, ya prácticamente con pocos años de vida, que huyeron con los nacionalistas a la isla en 1949, quieren antes de morir ver a sus amigos y parientes que se quedaron en el continente.

Varios grupos privados constituidos principalmente por personas nacidas en Taiwan, que son la mayoría de la población compuesta por 19,3 millones de habitantes, también solicitaron que se levante la prohibición para viajar a territorio de China continental, adonde pueden buscar sus raíces ancestrales y culturales.

Con esta medida, se legaliza lo que de alguna manera era ya una realidad. El año pasado, de acuerdo con estimaciones fidedignas, por lo menos unos 20.000 taiwaneses visitaron China comunista vía Hong Kong, desafiando la prohibición.

Recientemente, dos periodistas taiwaneses violaron las disposiciones vigentes y viajaron a Pekín y desde allí enviaron crónicas a sus respectivos periódicos en la isla.

Por otra parte, el jefe del gobierno taiwanés, Yu Kuo-Hwa reiteró hace pocos días que la isla seguía manteniendo su política frente a la República Popular China y estaba firmemente decidida a recobrar el poder en Pekín.



Agencia AFP

Chiang Ching-Kuo, presidente de Taiwan, basó su decisión en "razones humanitarias".



Agencia AFP

Deng Xiaoping: la reunificación de las dos Chinas, una de sus principales metas.

EN FOCO

La nueva situación

El Kuomintang —el gobierno de Taiwan— dio señales ayer de un intento aperturista en las relaciones entre las dos Chinas: abolió las restricciones para que sus ciudadanos visiten el territorio continental. Pero este paso, sin duda una modificación sustancial, no debe hacer pensar en la inmediatez de una reunificación.

Todavía hay muchas cosas por superar. Diferencias políticas, económicas y una historia de 38 años de división que separa a Pekín y a Taipei.

Deng Xiaoping, el líder de la República Popular China, ya había ofrecido a las autoridades taiwanesas iniciar un proceso tendiente a la reunificación y señaló que Pekín aceptaba que la isla conservara las estructuras esenciales de su sistema político y económico. La respuesta de Taipei fue una rotunda negativa.

El ofrecimiento de Deng parecía contener ciertas similitudes con el acuerdo alcanzado con Gran Bretaña para el traspaso en 1997, a China, de la soberanía de Hong Kong en una conjugación de intereses territoriales, económicos y políticos. Tras perder la guerra civil contra los comunistas

01-01

871186 2

impedía a los ciudadanos taiwaneses trasladarse al continente. Se exceptúa de esta medida al personal militar y funcionarios gubernamentales.

En Pekín, la prensa oficial china respondió rápidamente, afirmando que "los compatriotas de Taiwan son bienvenidos al continente para visitar a sus parientes".

La declaración nacionalista afirma que los ciudadanos de Taiwan, con excepción del personal militar y funcionarios gubernamentales, podrán visitar a sus parientes "sanguíneos o políticos" en la China continental.

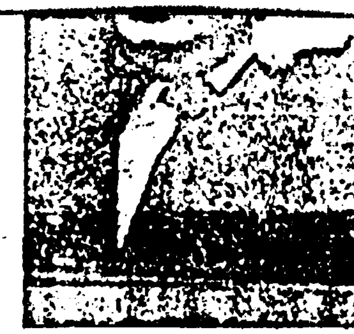
Agregó que la política entrará en efecto después que el Yuan ejecutivo o gabinete resuelva los detalles.

Esta medida, largamente esperada, es vista como un cambio en la política de Taiwan de no mantener contactos con la China continental, puesta en efecto por primera vez por Chiang Kai-shek, padre del actual mandatario, cuando su gobierno nacionalista huyó a Taiwan después de perder la guerra civil contra los comunistas en 1949.

Voceros de China popular señalaron que los taiwaneses serán bienvenidos a su territorio y exhortaron a las autoridades de la isla a abolir las limitaciones impuestas a los chinos para visitar Taiwan.

Peng Huai En, director de la revista mensual "Fengyung" (Fama), manifestó que el presidente Chiang Ching-Kuo "aparentemente quiere superar la situación y hacer más fácil para la próxima generación acercarse a China para una posible reunificación".

Por su parte, Tony Liao, un importante conferencista de la Universidad china de Hong Kong, estudioso de las relaciones China-Taiwan, dijo que el cambio significa que los nacionalistas han abandonado su política de confrontación bélica con el continente, porque se han dado cuenta que "el contacto entre los dos pueblos reducirá las hostilidades".



Chiang Ching-Kuo, presidente de Taiwan, basó su decisión en "razones humanitarias".

Sin embargo, la declaración nacionalista subraya la política anticomunista del partido y la determinación de recuperar el continente del que sostienen son los verdaderos gobernantes.

El anuncio de la anulación de la prohibición fue amplio y ansiosamente esperado en Taiwan. Alrededor de dos millones de chinos, ya prácticamente con pocos años de vida, que huyeron con los nacionalistas a la isla en 1949, quieren antes de morir ver a sus amigos y parientes que se quedaron en el continente.

Varios grupos privados constituidos principalmente por personas nacidas en Taiwan, que son la mayoría de la población compuesta por 19,3 millones de habitantes, también solicitaron que se levante la prohibición para viajar a territorio de China continental, adonde pueden buscar sus raíces ancestrales y culturales.



Deng Xiaoping: la reunificación de las dos Chinas, una de sus principales metas.

Con esta medida, se legaliza lo que de alguna manera era ya una realidad. El año pasado, de acuerdo con estimaciones fidedignas, por lo menos unos 20.000 taiwaneses visitaron China comunista vía Hong Kong, desafiando la prohibición.

Recientemente, dos periodistas taiwaneses violaron las disposiciones vigentes y viajaron a Pekín y desde allí enviaron crónicas a sus respectivos periódicos en la isla.

Por otra parte, el jefe del gobierno taiwanés, Yu Kuo-Hwa reiteró hace pocos días que la isla seguía manteniendo su política frente a la República Popular China y estaba firmemente decidida a recobrar el poder en Pekín.

El Kuomintang —el gobierno de Taiwan— dio señales ayer de un intento aperturista en las relaciones entre las dos Chinas, abolió las restricciones para que sus ciudadanos visiten el territorio continental. Pero este paso, sin duda una modificación sustancial, no hace pensar en la inmediatez de una reunificación.

Todavía hay muchas cosas por superar. Diferencias políticas, económicas y una historia de 38 años de división que separa a Pekín y a Taipei.

Deng Xiaoping, el líder de la República Popular China, ya había ofrecido a las autoridades taiwanesas iniciar un proceso tendiente a la reunificación y señaló que Pekín aceptaba que la isla conservara las estructuras esenciales de su sistema político y económico. La respuesta de Taipei fue una rotunda negativa.

El ofrecimiento de Deng parecía contener ciertas similitudes con el acuerdo alcanzado con Gran Bretaña para el traspaso en 1997, a China, de la soberanía de Hong Kong en una conjugación de intereses territoriales, económicos y políticos. Tras perder la guerra civil contra los comunistas en 1949, el gobierno nacionalista de Taiwán, liderado entonces por Chiang Kai-Shek, se refugió en la isla y juró no entablar nunca negociaciones con el régimen de Pekín. Ahora, su hijo y sucesor, Chiang Ching-Kuo, mencionando "razones humanitarias" intenta, aparentemente, superar esa situación y se pone a la cabeza de una decisión que implica un cambio, a pocos días de la apertura del Congreso del Partido Comunista Chino, en un marco de consolidación de reformas.

01-01

8711862

HP

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Presidente Chino inicia hoy su visita a Francia.

PROCEDENCIA : LA MAÑANA 9/11/8?

ARCHIVADO EN: FRANCIA (011)

81-01 8711865

REPORTAJE

Los jóvenes revolucionan a China

La apertura llevada adelante por Deng Xiao Ping produce cambios espectaculares en las costumbres. Pero las reformas provocan también problemas y una fuerte oposición. Este es el trasfondo del debate del XIII Congreso del Partido Comunista.

Juan Carlos Algañaraz

EN el parque de la Cultura una pareja se besa discretamente. Ella con un gracioso vestido de colores vivos y él luciendo unos *blue-jean* y botas vaqueras. Varios jóvenes, con gafas oscuras y camisas agobiadas de dibujos y leyendas en inglés, alteran la paz de algunos ancianos, con el fragor de sus motocicletas japonesas.

Para los nuevos ricos de Shangai hay salas de fiesta con espectaculares *shows* a la occidental: muchas luces, trajes rutilantes y muchachas ligeras de ropas.

Cinco jóvenes ensayan un recital de *rock*. Su banda, *Fu Ban*, suena muy bien. Ganan mucho dinero y olvidan que uno era músico de la Filarmónica de Pekín; otro, acróbata, y los demás, graduados de la Universidad.

El *rock* avanza por las ciudades, con el *walk-man*, el sexo premarital, las ropas occidentales y una presión cada vez mayor por la libertad de expresión.

En los mercados florece la libre empresa. Los campesinos siguen con sus ropas *Sun Yat Sen* (el llamado *traje Mao* en Occidente), pero comen cada vez mejor, la gastronomia china está plenamente reivindicada y todos tienen sus radios. La televisión llega también a todos los rincones y acelera los cambios de costumbres en esta sociedad milenaria, apegada a las tradiciones.

A los tres años, Li Ning es un pequeño tigre que se mueve como una tromba por la estrecha vivienda de su





El pequeño Li Ning, de tres años, será uno de los artífices de su país en el siglo XXI

familia. Sus abuelos maternos, ambos pensionados, cuidan que el alboroto del niño no destroce sus nuevas y preciadas propiedades: televisor, tocadiscos, nevera y máquina de lavar.

Los padres de Li Ning son obreros y obtienen, para los niveles salariales de China, buenos ingresos. Pero hace tres años que la familia, con esa ejemplar disciplina y concentración en el trabajo de los chinos, hace reparaciones a domicilio de artefactos eléctricos.

«Nuestros ingresos se han duplicado gracias a la nueva etapa. Y tenemos amigos y vecinos que también han mejorado mucho su vida», explica el padre de Li Ning.

El pequeño tigre escucha y ríe. Es uno de los *nuevos chinos* que serán los artífices de su país en el siglo XXI. Co

mo manda la política oficial contra el crecimiento demográfico, que es una de las mayores causas del atraso y el empobrecimiento de China (1.100 millones de habitantes, un quinto de la humanidad), Li Ning es hijo único.

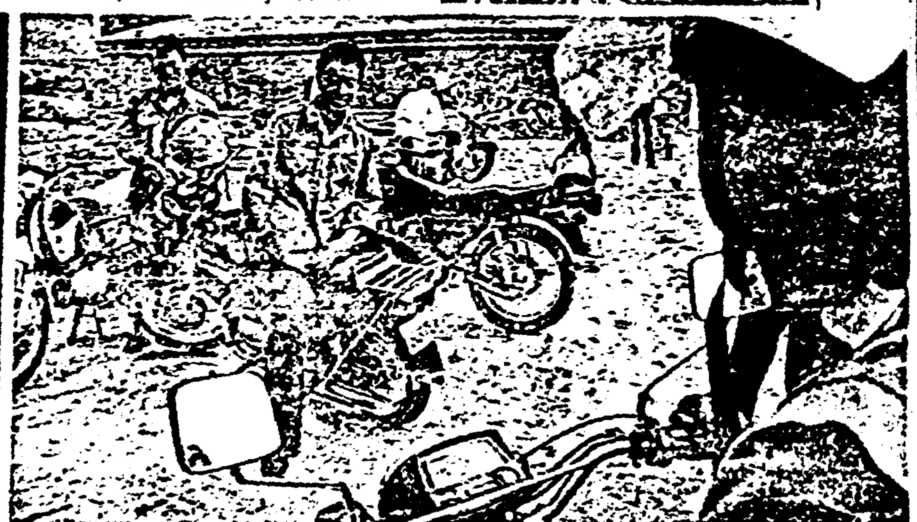
Abuelos y padres miman y echan a perder al niño. Han crecido unos en medio de espantosas guerras y hambrunas y los más jóvenes saben de los rigores de la revolución cultural y la arbitrariedad de los burócratas. La bo-

Cuando despierte asombrará al mundo», sentenció Napoleón. El mundo se enteró de las dimensiones del nuevo gigante político cuando el maestro-poeta, Mao Tse Tung, entró en la Ciudad Prohibida de Pekín y proclamó la República Popular en 1949.

China inició una experiencia de planificación centralizada y de férreo control por el Partido Comunista, que dio asombrosos resultados en el plano económico, educacional y sanitario. El









el consumismo, las efusiones amorosas en público y el desenfado juvenil probablemente no serán vistos como plagas capitalistas.

nanza en que viven los convierten en firmes partidarios del líder Deng Xiao Ping y su política de modernizaciones económica, política, social, científica y militar.

Pero para llegar a esta etapa, que está llena de conflictos y tiene una amplia zona social y política de oposición, ha sido necesaria una larga marcha para la sociedad china.

«China es un gigante dormido.

premio Nobel de Economía Leontiev contestó hace años a CAMBIO16 cuando le preguntó cuál era el país que había obtenido logros más espectaculares. Leontiev, un teórico de la economía capitalista que conoce el mundo entero, no vaciló un segundo en responder: «China, porque ha terminado con el hambre en pocos años y asegura un mínimo de vida digna a sus ciudadanos.»

El progreso económico planteó inevitablemente a los chinos mayores necesidades y deseos de una más amplia libertad económica y política.

La respuesta del Partido Comunista se dividió entre quienes deseaban una apertura y los maoístas.

Entre los primeros destacaba un joven revolucionario, Deng Xiao Ping, tres veces caído en desgracia, inconmovible en la independencia de sus juicios

mo manda la política oficial contra el crecimiento demográfico, que es una de las mayores causas del atraso y el empobrecimiento de China (1.100 millones de habitantes, un quinto de la humanidad), Li Ning es hijo único.

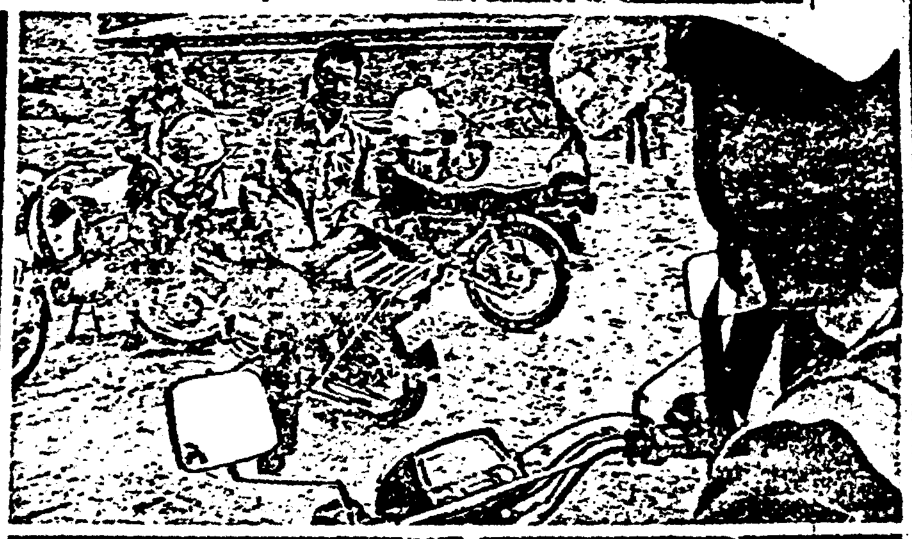
Abuelos y padres miman y echan a perder al niño. Han crecido unos en medio de espantosas guerras y hambrunas y los más jóvenes saben de los rigores de la revolución cultural y la arbitrariedad de los burócratas. La bo-

Cuando despierte asombrará al mundo», sentenció Napoleón. El mundo se enteró de las dimensiones del nuevo gigante político cuando el maestro-poeta, Mao Tse Tung, entró en la Ciudad Prohibida de Pekín y proclamó la República Popular en 1949.

China inició una experiencia de planificación centralizada y de férreo control por el Partido Comunista, que dio asombrosos resultados en el plano económico, educacional y sanitario. El









el consumismo, las efusiones amorosas en público y el desenfado juvenil probablemente no serán vistos como plagas capitalistas.

nanza en que viven los convierten en firmes partidarios del líder Deng Xiao Ping y su política de modernizaciones económica, política, social, científica y militar.

Pero para llegar a esta etapa, que está llena de conflictos y tiene una amplia zona social y política de oposición, ha sido necesaria una larga marcha para la sociedad china.

«China es un gigante dormido.

premio Nobel de Economía Leontiev contestó hace años a CAMBIO16 cuando le preguntó cuál era el país que había obtenido logros más espectaculares. Leontiev, un teórico de la economía capitalista que conoce el mundo entero, no vaciló un segundo en responder: «China, porque ha terminado con el hambre en pocos años y asegura un mínimo de vida digna a sus ciudadanos.»

El progreso económico planteó inevitablemente a los chinos mayores necesidades y deseos de una más amplia libertad económica y política.

La respuesta del Partido Comunista se dividió entre quienes deseaban una apertura y los maoístas.

Entre los primeros destacaba un joven revolucionario, Deng Xiao Ping, tres veces caído en desgracia, inconmovible en la independencia de sus juicios

02 8711880.

y, desde 1978, líder indiscutido de los partidarios de la modernización acelerada de China.

Los excesos ideológicos y la feroz represión que acompañaron a la revolución cultural dirigida por la Banda de los Cuatro hicieron retroceder a China en todos los planos de su economía y cultura. Fue Deng Xiao Ping quien lideró a la nueva dirigencia que se lanzó a las más audaces reformas de la sociedad comunista.

Como sucedería años más tarde con Mijail Gorbachov en la Unión Soviética, fue el retraso impuesto por la Banda de los Cuatro —o Leonid Breznev, Constantin Chernenko y sus aliados—



Los grupos musicales chinos se interesan por el rock.



El progreso tecnológico, una asignatura que aún está pendiente.

el factor que impulsó con fuerza inusitada la política de modernización.

Las primeras medidas estuvieron dirigidas hacia los campesinos, el inmenso ochenta por ciento de la población china.

Se autorizaron todo tipo de iniciativas para la producción agrícola y ganadera, se concedieron parcelas privadas a las familias y el Gobierno puso en marcha todo tipo de estímulos a la competencia individual.

APERTURISMO INTELECTUAL. También en la ciudad se autorizó el funcionamiento de pequeñas empresas privadas de todo tipo. Al mismo tiempo se produjo una espectacular apertura política y cultural que favoreció un intenso debate de los intelectuales, de los cuales había abominado la revolución cultural y los cuadros del Partido Comunista, acostumbrados a obedecer sin chistar.

En la producción, los aumentos fueron de un ocho por ciento anual, dos veces y media superior a los promedios de los precedentes veintiséis años, y en la industria llegó a cifras superiores, al veinte por ciento.

Deng Xiao Ping dio entonces otro paso adelante: abrir el Imperio Central a los bárbaros, los extranjeros. Catorce ciudades se convirtieron en zonas



Los jóvenes intentan imitar la forma de vestir occidental.

03

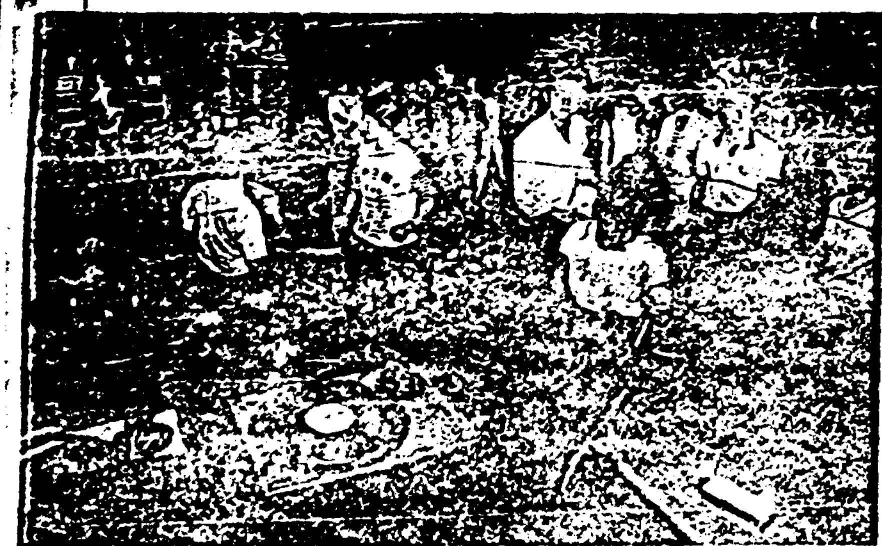
8711880

abiertas a la inversión y las empresas extranjeras.

Centenares de hombres de negocio, entre ellos casi un centenar de delegaciones españolas en 1986, llegaron a China e iniciaron actividades. El choque entre culturas de valores y hábitos disímiles se hizo sentir de inmediato. Hubo quejas, encontronazos y grandes fallos, pero la experiencia ha continuado desarrollándose.

Todavía, el número de empresas privadas es considerablemente pequeño y débil, en relación a las casi noventa mil grandes empresas que controlan el setenta por ciento de la economía china.

El atraso del campo y de las tecnologías industriales es abrumador en muchas zonas. Todavía se cultiva la tierra o se cría el ganado como hace milenios en vastas áreas de la China rural.



A los nuevos ricos de Shangai les gusta divertirse en discotecas y salas de fiestas.

El ingreso *per cápita* de los chinos es el de un país subdesarrollado, 350 dólares (unas 42.000 pesetas), y este nivel quiere ser drásticamente aumentado por Deng Xiao Ping y la dirección del Partido a los 800 dólares *per cápita* (96.000 pesetas) cuando llegue el siglo XXI. (El ingreso actral de España supera los 5.000 dólares *per cápita*.)

Sin embargo, la intensidad del desarrollo de las reformas ha producido también inmensos problemas. Hace un año que el Gobierno y el Partido han disminuido la intensidad de la modernización. Están pasando revista a los fracasos más evidentes y ha surgido, también, una oposición considerable en el seno del Partido, en sectores sociales perjudicados y entre los militares.

La iniciativa privada, el individualismo, es bastante contrario a las tradiciones chinas, ligadas a la disciplina familiar y a las estrictas reglas sociales del confucionismo, que marcan la obediencia a los mayores, a los funcionarios y al Estado.

El súbito *enriquecimiento* de quienes aprovecharon los nuevos vientos de renovación aceleró las diferencias sociales, los enfrentamientos y el *«mal del ojo rojo»*, como los chinos denominan a la envidia.

La catarata de objetos de consumo antes desconocidos, las nuevas ropas, el desenfado de los jóvenes y la pasión por todo lo que provenga del extranjero, en un país de tradiciones tan xenófobas como China, revolucionaron las expectativas de millones de personas. Y no todas pueden ser satisfechas.

Los ingresos medios son en China de 752 yuanes (27.000 pesetas) mensuales en la ciudad y 360 en el campo (13.500 pesetas).

«Hay ahora gentes ricas que ganan más de mil yuanes (37.000 pesetas) y muchos creen que esto es injusto», se queja un obrero de una empresa de Shanghai.

No le faltan buenas razones al descontento proletario ni a sus compañeros de trabajo. Los incentivos a la producción benefician a las fábricas mejor organizadas. Pero la mayoría tienen que contentarse con sus salarios habituales.

Y las reformas económicas han traído algunos ángeles del capitalismo (más productos de consumo), pero también ciertos demonios inesperados, como la inflación y el despido de los obreros que no cumplen con las normas de producción en las fábricas más competitivas.

Dos mil productos aumentaron fuertemente sus precios durante el año pasado y los subsidios que ha autorizado el Gobierno a los obreros que sólo cuentan con su trabajo no compensan el deterioro del nivel de vida.

Las protestas no se han dejado de producir y han originado una nueva ley de impuestos que determina once tipos distintos de gabelas a quienes ganan más de 400 yuanes al mes (15.000 pesetas).

ANHELO DE LIBERTAD. Como era inevitable, con la libertad económica y el incremento del individualismo llegó también el anhelo de una mayor libertad política. Fueron, como en muchos otros países, los estudiantes quienes, en diciembre pasado, en Shanghai y otras ciudades, protagonizaron insólitas demostraciones con consignas que literalmente evocaban las reinvindicaciones de la Revolución Francesa.

Este panorama se refracta en el interior del Partido Comunista y provoca un debate intenso que tendrá una dimensión institucional en el XIII Congreso, que se iniciará el 25 de octubre.

Es una incógnita el resultado de la pugna interna, pero la línea modernizante está ya sólidamente implantada. Se habla incluso de que Deng Xiao Ping pudiera anunciar su retiro.

Como sea, el resultado de la experiencia modernizante y renovadora en China tendrá una influencia inmensa sobre la cultura política del mundo entero.

Si fracasa, por ejemplo, la centralización del poder ganará una baza en los regímenes comunistas y en muchos países del Tercer Mundo. Su triunfo, apoyará, sin duda, a otra experiencia históricamente decisiva como la de Mijail Gorbachov. ■



n.º 830 26-10-87

04/04 8711880

EDITORIAL

Definir el tema chino

3/10 Agosto '87

Cuando asumió el gobierno colorado, hace dos años y medio, el problema de nuestras relaciones con las dos Chinas cobró una desacostumbrada vigencia.

En aquel momento, desde las más variadas esferas gubernamentales, se dijo que el tema iba a ser analizado y resuelto a la brevedad y que para ello, en primera instancia, se iban a iniciar conversaciones.

Sin embargo, el tiempo ha transcurrido entre charlas, acuerdos verbales y plazos, sin que se haya tomado una resolución definitiva.

Lo más grave del caso, que tiene muchos aspectos que así permitirían catalogarlo, es que el próximo primero de setiembre, es decir, menos de un mes, vence el plazo otorgado por China Continental para mantener la actual política arancelaria en la importación de nuestros productos. Si se llega a ese extremo, todo lo realizado hasta ahora habrá sido en vano.

Lo poco que oficialmente se sabe, es que las negociaciones se han sucedido sin solución de continuidad y que las "presiones" han impedido una rápida toma de posición.

Las versiones sobre reuniones del Canciller de la República, los "acuerdos" logrados por el embajador uruguayo con el Embajador chino en Buenos Aires, etc., etc., son sólo parte de una historia que desde hace tiempo exige un digno final.

Parece poco creíble, por ejemplo, que a menos de un mes que culmine un acuerdo arancelario, se busque ahora una nueva prórroga que encierra, sin lugar a la menor duda, un nuevo intento de evitar enfrentarse a los verdaderos acontecimientos, los que se vinculan al tema por el lado político y no por el mero intercambio comercial.

Y es precisamente en el sector político, donde más se ha confundido a la opinión pública y a los empresarios, no fijándose posiciones claras y evitando una discusión seria y real sobre el punto. Las cifras sobre el comercio con ambas Chinas, de las que nos ocuparemos seguidamente, desde un punto de vista objetivo y práctico, no parecerían hacer dudar sobre el camino a seguir y más allá de argumentos comprometidos, todo parece indicar que "es mucho más rentable" optar por China continental, llegando así a la inevitable opción de romper vínculos diplomáticos con una para establecerlos con la otra.

Si esto es así —aunque se discuta, démoslo por cierto por un instante, aunque sea—, ¿cuáles son los otros argumentos que pesan para que el gobierno ya no haya resuelto?

¿Qué poderosa razón nos mantiene vinculados a un pequeño grupo de países en el mundo —veintitrés, en total— "liderando" en algunos casos, naciones casi inexistentes que mantienen relaciones diplomáticas con Taiwán?

¿Cómo es posible que se difiera, en una forma hasta poco seria, este aspecto trascendental de nuestra política exterior y de exportación, y se llegue a extremos de no tener, durante muchos meses, un embajador acreditado en Taiwan?

Todas estas preguntas, cuyas respuestas no aparecen en la prensa, están diariamente en la mente de todos, los exportadores hacia aquellos dos destinos y también en la de toda la ciudadanía.

Pero, para ahondar en el tema y que los lectores comprendan de la importancia de lo que se está hablando, vamos a manejar, una vez más, algunas cifras.

La República Popular China, se ha transformado, en el correr de los últimos años, en el principal comprador del Uruguay. Según estimaciones sobre datos oficiales proyectados, se estima que este año, las compras alcanzarán los 100 millones de dólares, buena parte de los cuales surgen de la adquisición de tops.

Los que, comercialmente, defienden esta opción, insisten en señalar los problemas que se presentarán a las industrias topistas y, en definitiva, el país, si China elimina las ventajas arancelarias y se retira del mercado comprador de lanas.

Según esas fuentes, puede asegurarse desde ya, que más de 3.500 obreros quedarán paralizados en todo el sector a partir de la próxima zafra.

Otro tanto, podría decirse de los productores laneros, más de 20.000, que verían desaparecer sus expectativas de precios, hoy sostenidas por una definida demanda china.

Por otra parte, insisten en destacar el acceso de China al Gatt, lo cual implica el compromiso de cumplir ciertas reglas comerciales y de no cambiar sus políticas en la materia. Desde el punto de vista político y refiriéndonos sólo a las relaciones internacionales, de optarse por esta vía Uruguay se estaría vinculando a uno de los cinco miembros del Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas, sumándose así a la inmensa mayoría de las naciones del orbe.

Con respecto a Taiwan, las cifras de exportación no han variado sustancialmente en los últimos años, llegando a superar los 23 millones de dólares en 1986.

Dentro del principal rubro, se encuentra la soja, y existe en vigencia un convenio por el cual Uruguay recibe en sus zonas productoras donaciones de infraestructura y accede a la posibilidad de colocar hasta 280.000 toneladas para el año 1990.

Esa ambiciosa meta, por el momento, puede ser catalogada como exagerada si tenemos en cuenta que durante 1986 la producción total del país no alcanzó las 40.000 toneladas, y para este año se habla de llegar a las 52.000.

Los productores de soja son, aproximadamente unos 300, con una superficie cultivada de 35.000 hectáreas, con chacras de 100 hás. promedio.

En cuanto al mercado internacional del producto, puede sostenerse que Brasil, coyunturalmente, es un comprador atractivo y que Yugoslavia realiza desde hace 2 años importantes gestiones para lograr un acuerdo similar al de Taiwan.

Frente a ese panorama de incertidumbre que hablábamos al principio, ¿cuál puede ser la actitud de los topistas, de los productores de lana y de soja, separados por sus

chino

intereses pero preocupados por una sola resolución?

En ambos casos, la falta de definición del gobierno, les impide fijar metas a largo plazo, encarar inversiones y, fundamentalmente, aumentar su productividad.

Ese es el caso concreto de los agricultores, que, pese al convenio con Taiwan, no han desarrollado sustancialmente las áreas sembradas.

Y aquí está el aspecto más lamentable de toda la historia. Que desmiente las frases huecas y los discursos sin contenido de algunos al referirse a la industria.

La obligación del gobernante es crear las mejores condiciones económicas para el país y su gente. Y los industriales y empresarios viven en este país y son parte de su población.

Definir algo tan trascendente como la política exterior y comercial, está dentro de lo exigible por parte de los sectores productivos.

El problema de las dos Chinas, no será más fácil de germinar porque el tiempo transcurra. Además, los innumerables ejemplos del mundo, donde casi todos los países mantienen relaciones diplomáticas con China continental y comerciales con Taiwan, están marcando el camino. No tomarlo ahora, realmente exige explicaciones.

No podemos olvidar, como decía hace algunas semanas el Cr. Julio Franco en un editorial, que:

"...Necesitamos una identidad, precisamos definir un país, una economía nuestra, libre aun de monitoreos; saber qué somos y hacia donde vamos. Como dijo el señor Presidente de la República 'nos tenemos a nosotros mismos'; pero para que todos podamos definir nuestras aspiraciones a través de los electos que no es lo mismo que los elegidos; debemos crear nuevos ámbitos de discusión y posibilitar nuevos mecanismos de decisión. En materia de política económica y de política comercial externa el país no podrá soportar durante mucho tiempo la dependencia exagerada de factores externos sin hacer algo desde dentro y menos demorar exageradamente en hacerlo. El mundo avanza rápidamente, avanzar lentamente, es sencilla y relativamente, atrasarse cada vez más."

033

Montevideo, del 24 al 31 de Agosto de 1987

Relaciones con China Popular

El regreso de Pekín del embajador uruguayo en Argentina Luis Barrio Tarsano estuvo rodeado de total hermetismo en la Cancillería, pero "El Día" anunció el pasado jueves 20, atribuyéndole a una "alta fuente gubernamental" que "es inminente una decisión del Poder Ejecutivo para el establecimiento de relaciones diplomáticas con la República Popular China".

La "fuente", que se encontraba en Concepción de Paraguay en ocasión de la entrevista entre los presidentes de Uruguay y Argentina —según reza el origen de la nota— y que "reclamó no ser identificada" dijo que la decisión era "cuestión de días" y que "seguramente a fines de setiembre la decisión sería dada a conocer oficialmente".

Por su parte el diario "El País", de conocida postura adversa a este paso diplomático consignó el viernes 21 que el canciller Enrique Iglesias, consultado al respecto, dijo que esas informaciones "corren por cuenta del matutino que las publicó", refiriéndose al diario codirigido por el vicepresidente Enrique Tarigo y el ministro Hugo Fernández Faingold.

01/01 8711908

alternativa
exterior
Montevideo,
12 de noviembre

Periscopio

China opta por el cambio

"Abran las ventanas para que entre el aire e, inevitablemente, penetrarán algunas moscas, pero ésa no es la razón para mantener cerrada la ventana", afirmó Deng Xiaoping el año pasado, en medio de la remezón ideológica que como un profundo maremoto sacudía al partido Comunista Chino (PCCh). Los resultados del 13er. Congreso realizado del 25 de octubre al 1o. de noviembre confirmaron ese vaticinio y también la decisión de afrontar el riesgo de "algunas moscas".

En verdad, esta dura y larga batalla se definió meses antes, entre agosto y setiembre, en el transcurso de las vacaciones que los líderes chinos pasaron en el balneario de Beidaihe. Allí Deng puso como condición que su propio retiro significaría también el retiro de otros líderes de la línea ortodoxa, cuya presencia elevaba el promedio de edad del Comité Central a los 70 años. La mitad de los 20 integrantes del Comité Central son nuevos y con ellos, el promedio de edad desciende a 60 años. El heredero de Deng, es Zhao Ziyang (68 años) que acumula los cargos de miembro del Comité Central, secretario general del Partido y vice presidente del comité militar.

Ziyang y sus compañeros de dirección fueron electos por el voto secreto de los delegados: un hecho sin precedentes en la historia del comunismo chino.

La batalla que se dilucidó —esta vez de manera incruenta— fue entre ortodoxos y reformistas. Los primeros, mantenían firmes su adhesión a lo que califican como principios básicos del comunismo chino: fidelidad al pensamiento marxista-leninista y al de Mao, aceptación de la dictadura del proletariado y al papel de conductor del Partido. Esto implica la defensa, en nombre del leninismo, de la planificación centralizada, tal como se practicó durante la década del 50 y de la industria pesada como motor del desarrollo oponiéndose al consumismo que combaten, no sólo por la producción de elementos que consideran prescindibles, al menos en esta etapa, sino por sus secuelas de orden ético que señalan como grave peligro.

Pero no es lo único: también critican una posible escasez de granos si la producción centralizada queda a merced de las decisiones individuales -algo muy real pues los campesinos han optado por otros cultivos que les resultan más rentables— y en China hablar de hambrunas no es teórico sino experiencia vivida por millones de personas.

Por su parte los ortodoxos están a favor de liberalizar los precios, aún corriendo el riesgo de la inflación —el precio de los productos básicos no había cambiado en los últimos 20 años—, disminuyendo el control del Partido en la vida diaria, eliminando a miles de burócratas y montañas de formularios inútiles. En otras palabras, dicen ellos, los funcionarios del partido deben trabajar en la organización partidaria y en el desarrollo ideológico y dejar que los técnicos, especialistas y administradores sean quienes tomen las decisiones empresariales. También propician una mayor tolerancia, aceptan la diversidad y hasta el disenso intelectual.

Los cambios producidos en el máximo órgano de conducción partidaria, señalan que el triunfo ha sido de los reformistas que supieron primero luchar unidos con los ortodoxos, contra la corriente ultra izquierdista desarrollada entre el 66 y el 76 y de la cual ambos fueron víctimas. Derrotados aquellos extremistas que impulsaban la "revolución cultural", los renovadores dieron cuenta ahora, "civilizadamente" de los conservadores.

El escándalo que provocaron las modificaciones introducidas y también los resultados de la aplicación de algunas de ellas —fundamentalmente en el campo económico— fueron respondidas oportunamente por Deng cuando explicó que China se halla recorriendo la primera etapa del socialismo. Su seguidor, Ziyang, afirmó en su discurso inaugural que era necesario experimentar con variados sistemas para vencer el atraso y la pobreza, una meta que piensan alcanzar a mediados del próximo siglo. Pero junto con eso, una afirmación rotunda: China no será nunca capitalista, la única vía es el socialismo. Plagada de contradicciones que el pensamiento occidental tiene grandes dificultades para desentrañar, un pueblo de mil millones de seres y con miles de años de tradición opta por el cambio, a la búsqueda de una vida plena. Cambia de hombres y acepta nuevas propuestas. Para ello empieza modificando su pensamiento.

T. Greco

01/01

8711911

8711911

03B

CRONICAS ECONOMICAS NORA

Montevideo, del 14 al 21 de Setiembre de 1987

China Popular mantiene preferencia arancelaria

Los negocios laneros con China Popular se han concretado ultimamente con la preferencia arancelaria habitual, pese a que estas condiciones iban a caducar al 1° de setiembre si no se normalizaba la situación diplomática con este país, dijeron a CRONICAS ECONOMICAS fuentes empresariales.

China Popular mantuvo con Uruguay una preferencia arancelaria en la compra de tops que usualmente no aplica con los países que no mantienen relaciones diplomáticas.

Las fuentes coincidieron en señalar que esta actitud está ligada al reciente viaje del embajador uruguayo en Argentina, Luis Barrios Tassano, y el inminente anuncio —no desmentido— de que Uruguay establecerá el vínculo diplomático tras los contactos entre el Canciller Enrique Iglesias y su colega de China continental durante la Asamblea General de las Naciones Unidas, que comienza a medidados de mes en Nueva York.

Acercamiento a China Popular (II)

LA REFORMA DEL COMERCIO EXTERIOR

En 1979 comienza la apertura de China Popular al mundo exterior y un marcado desarrollo del multilateralismo.

Actualmente comercia con más de 170 países y regiones del mundo, participa del GATT, entre cuyos miembros vuelca el 86% de su comercio y ha consolidado casi un centenar de acuerdos bilaterales.

La obsesión china en el intercambio es la importación de tecnología de avanzada, pero sus posibilidades se ven limitadas por la disponibilidad de divisas.

Al ir ganando espacio los nuevos enfoques políticos, China se abocó a la reforma de su sistema de comercio exterior, abandonando la fuerte centralización de la década del 50, cuando una docena de empresas estatales monopolizaban el intercambio bajo la férrea conducción del Ministerio de Comercio Exterior y la gestión se diversifica.

De esta manera se autorizó a diferentes departamentos y empresas a comerciar, hasta totalizar hacia 1986 más de 800 empresas de importación y exportación, donde se comprenden organizaciones especializadas en comercio exterior y conglomerados de empresas industriales y comerciales.

Se autorizó incluso a empresas extranjeras, mixtas y a cooperativas a realizar sus propios negocios para exportar productos e importar bienes de capital.

MOFERT REGULA

Este proceso fue acompañado por la racionalización del comercio exterior a través del tipo de cambio, los gravámenes, los impuestos aduaneros y la política de crédito, bajo el control administrativo del MOFERT y sus delegaciones en todo el país.

El MOFERT es el departamento ejecutivo del gobierno en lo que refiere a aplicación de la política exterior china en lo comercial, la regulación del sistema y la definición de políticas a mediano y largo plazo.

Las empresas autorizadas a comerciar se inscriben en este organismo que además racionaliza el uso de las divisas disponibles.

La planificación del comercio exterior es obligatoria en algunos rubros, indicativa en otros, y deja una porción a la regulación del mercado.

SISTEMA ARANCELARIO

La reglamentación arancelaria de los 50 ha quedado básicamente modificada en la actual etapa de la economía china y ahora se rige por el "Reglamento Para la Imposición de Derechos de Importación" y el "Arancel de Derechos de Importación y Exportación" que rigen desde marzo de 1985.

Durante la "reconstrucción", el arancel se orientó a la defensa de la industria local, pero tras la reforma, las empresas se han independizado en gran medida y el arancel ha jugado un rol más bien regulador.

La política se dirige a alentar la exportación y la importación de bienes necesarios al desarrollo económico.

Para los productos indispensables que faltan en el país el arancel de importación es bajo o nulo y se acentúa en las materias primas inferiores. También se efectúan rebajas arancelarias para las piezas e instrumentos que escasean en el país o que son de baja calidad y se elevan para los que se fabrican localmente o no resultan indispensables.

China aplica en su comercio con determinados países la cláusula de "nación más favorecida" otorgando derechos aduaneros mínimos.

Este tipo de acuerdos está bastante generalizado entre los países de la OCDE y en algunos países en desarrollo.

Hacia esos últimos sectores, además de la ventaja de "nación más favorecida", se establecen listas indicativas de productos de intercambio y acuerdos de pagos.

China ha realizado además acuerdos preferentes con casi todos los países del área socialista, que representan un 8% del comercio total del país.

En el nuevo sistema de estímulo a las empresas exportadoras se otorgan créditos preferenciales a quellas que eleven sus niveles de eficiencia y calidad y, si los resultados económicos son altos, se permite otorgar primas en dinero a sus empleados.

PRECIOS: MULTIPLE FIJACION

De la fijación estatal de los precios a importaciones y exportaciones se pasó a un régimen múltiple.

Para los productos de importación comercializados en el mercado interno el precio lo fijan los propios agentes, lo que contribuyó grandemente a elevar las compras en el exterior. De esta situación se exceptúa a productos estratégicos como el acero, los cereales o los fertilizantes cuyo precio es regulado por el Estado, que asume eventuales pérdidas.

Para las exportaciones encomendadas a las empresas autorizadas los precios son fijados por éstas de acuerdo a sus costos y a la situación del mercado internacional. Las empresas reciben por sus operaciones una comisión.

En materia de cambios China, que es miembro del FMI, aplica un sistema de control centralizado de movimiento de divisas de acuerdo al art. 14 del convenio de la entidad financiera internacional.

El ente rector es el Banco Popular de China a través de la Administración del Estado para el Control de Cambios.



Los 6 mil metros de muralla china, un recuerdo de los tiempos en que aislamiento era supervivencia.

La moneda local de intercambio convertible a divisa es el renminbi, pero los ciudadanos utilizan el yuan.

El sistema oficial de asignación oficial de las divisas fue sustituido por el de retención autorizando regladamente a las empresas y organismos la compra de la moneda extranjera, lo que aumenta la independencia en materia de decisiones comerciales. Sin embargo no pueden realizar operaciones de divisas entre las empresas.

Las rigideces que aún se perciben en el sistema obedecen a la enorme dificultad de obtención de divisas y esto ha determinado también la apertura de la economía a la inversión extranjera.

Alejandro Nogueira

01-01 8711916

Choques y toque de queda en la capital del Tibet

LHASA, 4 (AP). – Las autoridades chinas impusieron el toque de queda y trataron de evitar que un ómnibus cargado de turistas extranjeros abandonara hoy la capital tibetana tras las manifestaciones en favor de la independencia en las que murieron por lo menos seis personas.

Opositores tibetanos colocaron carteles callejeros en chino y en tibetano, según los cuales quienes murieron en el asalto del jueves contra una comisaría "perecieron por todo el pueblo tibetano, no por ellos".

Un grupo de monjes en el monasterio budista de Sera, en las afueras de esta capital, dijo que esperaba organizar otra manifestación el 7 del actual, día en que las tropas comunistas chinas invadieron el Tibet para anexarlo a China en 1950.

Un diplomático norteamericano destinado en Chengdu, la ciudad importante más cercana al Tibet, dijo que dos norteamericanos detenidos por la policía en Lhasa tras una manifestación separatista el 27 de septiembre, fueron liberados y al parecer se encuentran en Lhasa.

Toque de queda

Las autoridades decretaron un toque de queda a partir de las 22 para los tibetanos, aunque los extranjeros pueden desplazarse por las calles pasada una hora.

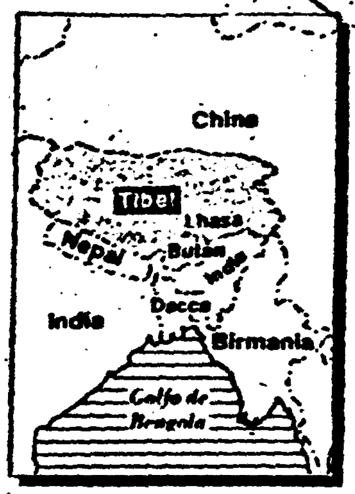
Las autoridades chinas colocaron avisos en varios hoteles y advirtieron a los extranjeros que no se mezclaran en los altercados, explicó un turista.

El visitante agregó que las advertencias fueron escritas en tibetano.

El principal periódico del país, el Diario del Pueblo Renmin Ribao, imprimió hoy una historia detallada con fotografías sobre las manifestaciones del jueves.

El noticiero vespertino de la televisión proyectó por primera vez, secuencias de la protesta. En ella se vio a una multitud que acudió a la plaza del templo Jokhang de Lhasa y apedreó a los agentes policiales y la comisaría situada en ella.

Sin embargo, y pese a esta cobertura noticiosa oficial desacostumbrada, las autoridades de la capital decretaron que los télex enviados desde un hotel por los turistas extranjeros fueran censurados y no pudieron establecerse conferencias de larga distancia con el exterior.



El Tibet autónomo; el nordeste fue incorporado a China

La versión oficial

PEKIN, 4 (EFE). – La agencia china Xinhua dio hoy una versión oficial más detallada de los disturbios ocurridos el pasado 1º en la capital tibetana, Lhasa, no dijo cómo murieron seis personas.

Según relató un testigo a la agencia, en la mañana del 1º de octubre reinaba un ambiente de alegría y felicidad en la capital de la región autónoma del Tibet.

En el parque de Norbulingka, fuera de la ciudad –agregó el testigo–, comenzó una fiesta a la que había acudido mucha gente, que cantaba y bailaba, cuando de repente algunas personas empezaron a gritar en la puerta del templo de Johkang.

La manifestación

Al mismo tiempo una decena de tibetanos con ropas religiosas desfilaban por las calles con la bandera tibetana de las "Montañas", mientras gritaban "el Tibet quiere independencia".

Mucha gente fue a ver lo que hacían y varias personas no identificadas les siguieron, haciendo mucho ruido y causando confusión en la calle.

Según testigos occidentales, el número de manifestantes sería de alrededor de 2000.

Mientras la policía condujo a los dirigentes de la manifestación a la comisaría para ser interrogados una multitud rodeó el edificio.

Varias personas empezaron a tirar piedras a las ventanas, asaltaron la comisaría y golpearon a los agentes de seguridad, llevándose a los organizadores de los disturbios.

Un joven se apoderó del arma automática de un policía y además, siete vehículos de la policía, aparcados en frente de la comisaría, fueron incendiados.

Según Xinhua, los alborotadores siguieron tirando piedras a la policía y se llegaron a oír algunos disparos en medio de tanta confussión.

Mientras un turista norteamericano que presenció los disturbios dijo desde Lhasa que un niño de siete años falleció por los disparos de la policía, otros desmentían este extremo.

Los manifestantes impidieron a los bomberos extinguir el fuego que se había propagado en la comisaría y un bombero fue herido en la cabeza por una piedra.

El Dalai Lama

La versión oficial agrega que algunos alborotadores corrían por las calles y llamaban a las puertas de los vecinos gritando: "El Dalai Lama está convirtiendo el Tibet en un país independiente y todos debemos seguirle, los que se nieguen a unirse a la manifestación verán sus casas destruidas".

Entre los manifestantes había dos extranjeros que gritaban y animaban a la gente a atacar a los policías, según el relato oficial.

Voceros de Pekín señalaron hoy que dos súbditos norteamericanos que entraron en el país hace unos tres meses habían sido retenidos en Lhasa y que un diplomático de la embajada norteamericana en Pekín había viajado para prestarles ayuda.

Por la noche, los alborotadores –sigue la versión oficial– empezaron a dispersarse mientras la comisaría seguía ardiendo.

033

INTE: CHINA

DISCULPE 10/11/87

LAS RELACIONES CON CHINA NACIONALISTA

Según ha trascendido, el Ministerio de Relaciones Exteriores ha consultado a los distintos sectores parlamentarios sobre la posibilidad de concretar relaciones diplomáticas con la República Popular de China (la China continental comunista).

Como es sabido, ésta última impone como condición para establecer dichas relaciones, que previamente nuestro país rompa las que mantiene con China Nacionalista (Taiwan).

"La Unión Colorada y Batllista es contraria a la ruptura de relaciones con Taiwan y así se lo hicimos saber al Ministro de Relaciones Exteriores en la oportunidad en que él consultó la opinión de los sectores parlamentarios", declaró a la prensa el diputado pachequista Dr. Mario Cantón. Este sostuvo que la imposición de China comunista aparece como violatoria de nuestra soberanía y se constituye en algo lesivo para nuestro país.

Cantón expresó *"que se debía mantener la relación con Taiwan, no ceder a las presiones de la China continental, y mantener la convicción de que más allá del número de habitantes que tiene China Popular, las relaciones con Taiwan siempre han sido amistosas, fructíferas para nuestro país, y nos ha ayudado de muchas maneras en el plano económico"*. Por otro lado enfatizó que hay planes que se vienen concretando en función de esa ayuda, y señaló que *"sería un paso tan injusto como inamistoso con ellos, como inconveniente para nuestro país"*.

Reiteró que entendía que no estaba muy claro que le convenga al Uruguay romper con un país amigo que nos ha servido, ayudado, que nos está ayudando, y que mantiene planes muy importantes para nuestro país que se están concretando, como en el caso de las plantaciones de soja, para entablar relaciones con otro que promete mucho y concede poco.

El Dr. Cantón -refiriéndose a este último punto- acotó que la estrategia diplomático-comercial de China comunista ya la había sufrido en carne propia la misma España, cuando Felipe González concurrió con un muy importante número de empresarios a ese país, a raíz de promesas que se les había hecho, comprobándose -después de entabladas las relaciones- el engaño a que había sido sometida la nación ibérica.

El diputado pachequista reconoció que el Poder Ejecutivo tiene la potestad privativa en cuanto a la decisión final con respecto a las relaciones con una u otra China; pero aclaró que las mayorías parlamentarias debían ser atendidas en relación a tan importante resolución, máxime cuando en el Parlamento hay diversidad de pareceres, fundamentalmente dentro de los partidos tradicionales.

Demás está decir que compartimos en todos sus términos lo expresado por el diputado Dr. Mario Cantón, que refleja la opinión de la bancada pachequista y -en último y principal extremo- la del líder de su grupo.

Al efecto recordamos que semanas atrás, mientras el embajador uruguayo en Argentina Barrios Tassano visitaba China comunista en una aparente misión oficial, Pacheco Areco concurría a Taiwan en visita particular, que para observadores objetivos significó una toma de posición tan franca como evidente.

Y una vez más, conociendo sus opiniones vertidas en el diario "Acción" sobre este mismo tema, no sabemos cómo hará el Presidente Dr. Julio María Sanguinetti para firmar el establecimiento de relaciones diplomáticas con la China comunista y a la vez romper con China Nacionalista, borrando con el codo lo que escribiera el Dr. Julio María Sanguinetti periodista. Si eso ocurriera -y todo parece indicar que finalmente ocurrirá, al triunfar el empeño de Iglesias, Asiain y compañía- puede ser que el señor Presidente de la República o alguno de sus voceros, conteste la pregunta que venimos formulando desde hace mucho tiempo, sin obtener respuesta: ¿QUIEN CAMBIO: SANGUINETTI O TAIWAN?

01:01

8711955

033

Postergan congreso escritores chinos

La Prensa 15/1/83

Pekín (UP) — La principal organización de los escritores chinos desistió de sus planes de celebrar su primer congreso nacional en los últimos tres años debido a los temores desatados por la represión política cultural del gobierno.

El congreso que la semioficial Asociación de Escritores Chinos debía celebrar este año fue aplazado indefinidamente debido a la incertidumbre que rodea a la política cultural del gobierno, dijeron fuentes oficiales.

Entre los más de 3.000 miembros de la Asociación de Escritores Chinos se cuentan las más prominentes figuras literarias del país, como por ejemplo, Ba Jin, autor de "Familia" y uno de los pocos escritores chinos cuyas obras han sido publicadas en el mundo occidental.

Las fuentes, pidiendo no ser identificadas, dijeron a United Press que la redada el invierno pasado en contra de las tendencias liberalizantes dejaron a los escritores en tal perplejidad que el congreso nacional no será vuelto a convocar por lo menos hasta fines del próximo año.

Poco legible

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: China envia una delegación a Hbeni

PROCEDENCIA: Clarín 6/11/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

8711985

01/01

Contactos políticos entre Uruguay y China Popular

Recibiendo a una invitación del Partido Colorado una [illegible] Popular mantuvo durante la pasada semana contactos con dirigentes de los principales partidos uruguayos.

La delegación, encabezada por Zhang Xiangshan, encargado de relaciones internacionales del Partido Comunista chino, se entrevistó también con las Comisiones de Asuntos Internacionales del Parlamento y con miembros de la Cancillería.

Dirigentes políticos de todos los sectores —a excepción del diputado Julio Daverede de la Unión Cívica— coincidieron en que el tema diplomático pendiente entre ambos países deberá resolverse a corto plazo.

Federico Bouzá, lista 15

"Es absurdo ignorar a China Popular"



Cree que el Uruguay tiene que tener relaciones diplomáticas con todos los países del mundo y es absurdo ignorar a China Popular que tiene una de las poblaciones más grandes del mundo e integra el Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas" —opinó el legislador de la lista 15, Federico Bouzá.

Consideró que existía el "inconveniente" de que ambos países hacían de sus relaciones diplomáticas algo excluyente, pero dijo que "en el balance" de reconocer a uno o a otro, "Uruguay tiene que inclinarse a reconocer a quien tiene una presencia política tan trascendente" como China continental.

Bouzá se mostró partidario de intentar mantener las relaciones comerciales con Taiwan y consideró que con respecto a China Popular nuestro país deberá tener "una acción más agresiva" en este terreno.

Analizando las posibilidades de que China Popular otorgue compensaciones por eventuales pérdidas en el rompimiento con Taiwan, Bouzá se mostró partiario de que "Uruguay plantee esto en las conversaciones".

El gobierno de China anunció en otras ocasiones que estaría dispuesto a este tipo de medidas, pero también se refirió a que aplicaría los recargos arancelarios a las compras de nuestras lanas si no se establecen relaciones "y esto es un serio peligro para una corriente comercial ya muy estable que tenemos hoy —dijo. Establecida la negociación política, Uruguay tendrá una posición fuerte como para reclamar todas las ventajas comerciales que sean posibles en un mercado de tanta dimensión."

El representante de "Unidad y Reforma" consideró que "habrá que hacer un esfuerzo de presencia en China y de promoción de nuestras producciones" para "sacar los frutos económicos y comerciales" derivados de la decisión política".

Xiangshan: "relaciones económicas y políticas cobrarán desarrollo integral"

Cuando se restablezcan las relaciones diplomáticas entre China y Uruguay "las relaciones económicas y políticas cobrarán un desarrollo integral" porque ambos países "coinciden en los principios fundamentales" en materia de política exterior, afirmó Zhang Xiangshan en reportaje exclusivo concedido a CRONICAS ECONOMICAS.

El dirigente comunista manifestó que de acuerdo a los contactos políticos realizados en Uruguay se aprecia que "todos los partidos políticos coinciden en desarrollar aún más las relaciones entre ambos países".

—¿Cuál ha sido su impresión de los contactos mantenidos con los distintos partidos políticos uruguayos?

—Las entrevistas han sido todas muy francas y sinceras. A través de estos contactos tengo la impresión de que todos los partidos políticos coinciden en desarrollar aún más las relaciones entre China y Uruguay.

Expresamos nuestro reconocimiento y respeto a estos viejos amigos por sus esfuerzos en las relaciones entre ambos países.

—En nuestro medio se ha informado recientemente que la cuestión diplomática entre nuestro país y la República Popular de China tendrá una solución a corto plazo. ¿Qué opinión le merece como miembro prominente del Partido Comunista chino esta posibilidad?

—Estimo que existe una base política muy favorable para establecer las relaciones diplomáticas entre ambos países porque los dos coinciden en los principios fundamentales.

Hemos podido apreciar que uruguay sostiene los principios de autodeterminación de los pueblos y de no intervención. Sobre esta base establece relaciones con todos los países del mundo.

China sostiene los cinco principios: respeto mutuo a la soberanía e integridad territorial, no agresión, no intervención, beneficio recíproco y coexistencia pacífica.

Sobre estos principios también queremos establecer relaciones con todos los países del mundo.

Por otro lado las relaciones económicas y comerciales entre China y Uruguay datan de mucho tiempo: los últimos dos años estas relaciones han cobrado un desarrollo aún más acelerado.

El desarrollo de estas relaciones económicas ha sentado una buena base para el establecimiento de relaciones diplomáticas.

Además, el intercambio de visitas de políticos y delegaciones de ambos países ha profundizado el entendimiento y la confianza mutua.

Tanto el pueblo chino, como el gobierno y el Partido Comunista desean establecer relaciones diplomáticas cuanto antes sea posible.

—Algunos sectores políticos uruguayos han cuestionado el hecho de que a nuestro país le sea impuesta su ruptura con el régimen de Taiwan. ¿Puede explicarnos qué enfoque tiene su país sobre este tema?

—He explicado nuestros principios fundamentales en materia de política exterior.

En el problema de Taiwan nosotros persistimos en el principio de que hay una sola China; y esto nos rige en el establecimiento de vínculos diplomáticos con todos los países del mundo.

—Usted se ha referido a la importante corriente comercial entre Uruguay y China. ¿Qué impresión existe en el PCCH sobre la evolución de ese aspecto de nuestras relaciones una vez establecidas las relaciones diplomáticas?

En ese caso, las relaciones económicas y políticas cobrarían un desarrollo integral.

NO ROMPER RELACIONES CON TAIWAN

Daverede: un problema de soberanía

No sólo mi opinión, sino también de mi partido, la Unión Cívica, entendemos que deben mantenerse relaciones con la República de China, esto es Taiwán, porque no vemos ningún elemento que amerite una ruptura de relaciones y para instalarse estas relaciones con la República Popular de China.

Si no existiera esta exigencia por parte de la República Popular de china no veríamos ningún inconveniente en que estas se realizaran porque el Uruguay debe tener relaciones con todos los países del mundo, cualquiera sea su ideología. Pero ante esta exigencia de romper con un país que es amigo, que ha colaborado y que está colaborando tanto con Uruguay, cuando la realidad con China Popular ya la conocemos, a través de uno solo de nuestros renglones que es la lana peinada, no sabemos cual será la conclusión a que en materia comercial podrá arribarse ya que la experiencia de otros países que han roto relaciones con la República de China y las han establecido con la República de China y las han establecido con la República Popular han tenido después de los primeros negocios que sufrir las consecuencias o de no poder cobrar o de no poder seguir comerciando.

Nos parece que esto no tiene un fundamento muy grande sino que miramos las cosas desde un punto de vista realista y objetivo, pero además está el problema principista que yo señalo en dos aspectos: el primero es el problema ideológico, que no afectaría por cuanto mi partido entiende que las relaciones internacionales más allá de este aspecto, pero sí afecta en cuanto a que se roza la soberanía nacional cuando una potencia extranjera está exigiendo al gobierno a la nación uruguaya que rompa relaciones con otra si queremos mantenerlas con ella. Esto es inaceptable desde el punto de vista ético internacional, creo que no se ajusta a los principios del Derecho Internacional, me parece que por ese camino el Uruguay no debe transitar porque siempre ha sido muy celoso de lo que significa su propia soberanía.

En cuánto a quien representa a la nación china, cuál de los dos regímenes, no hay que olvidar que la China ne-

cionalista fue empujada por el régimen de Mao que a través de una revolución ocupó la China Continental. Los chinos nacionalistas se dicen los auténticos representantes de la China clásica, tradicional. A su vez, los de China Popular se dicen que son los representantes porque mantienen la mayor parte del territorio y que tienen la mayoría de la población. Esto es así, pero también hay una situación de fuerza que impera en aquel país, donde hay un pueblo que está limitado absolutamente en su expresión en todo lo que tiene que ver con los derechos humanos y evidentemente donde no existe libertad.

El hecho de que la mayoría de la comunidad internacional haya reconocido mayoritariamente a China Popular se explica porque se han manejado con el criterio del comercio internacional, y esto ha pesado evidentemente.

Pero esto no puede valer para un país tan celoso de los principios y de la soberanía como es el nuestro. Creo que aquí hay aspectos de tipo ideológicos y de derecho que naturalmente no pueden ser pasados por alto. Conviene repetir en estos casos la frase de Artigas: "No venderé el rico patrimonio de los orientales al bajo precio de la necesidad". Si vamos a romper con un país amigo porque necesitamos negociar con otro porque es más poderoso creo que hasta el nombre de orientales nos quedaría mal colocados.

Luis Hierro López (85)

"Es el momento de actuar en este tema" y será por "razones de moral internacional"

El diputado Luis Hierro López (Libertad y Cambio) admitió que "estamos en vísperas" de que Uruguay establezca relaciones con China Popular y lo definió como algo "natural", que obedece, a su juicio, a razones morales y no económicas.

"El establecimiento de relaciones con China Popular tendría que darse aún cuando al país no le conviniera —afirmó—. Hay razones políticas y de moral internacional que justifican este paso aún cuando suponga como costo el rompimiento con Taiwan."

Hierro dijo que atendiendo el aspecto comercial "la relación con China va a ser de interés especial para Uruguay si puede hacerse entender a ese país, como a todos los países grandes, que los países pequeños también tenemos derecho a vender nuestros productos manufacturados".

El legislador de la 85 recordó que antes de su visita a China Popular en 1985 preguntó al presidente Sanguinetti su opinión sobre la cuestión diplomática y qué quería que se trasmitiera a las autoridades de ese país.

"El Presidente Sanguinetti me dijo lo mismo que le dijo Luis Batlle a los Estados Unidos en la década del 50: que Uruguay tiene derecho a vender su lana manufacturada y no su lana sucia", explicó.

Para Hierro "Uruguay va a hacer un buen acuerdo" y "si es que el embajador Barrios Tassano ha tenido algo que ver como se informó en la prensa, estoy seguro que nuestros intereses estuvieron muy bien representados."

"El acuerdo que se haga tiene que partir de la idea de que los trabajadores uruguayos tienen que defender su mano de obra y a Uruguay le convendría mucho un acuerdo a cinco años como estimo que puede lograrse", dijo.

Hierro consideró "lamentable" la ruptura con Taiwan pero no descartó que "pasado ese momento" se puedan establecer con ese país "buenas relaciones comerciales" como hacen muchos países en todo el mundo.

Consideró que una decisión política de nuestro país en este tema "no supone menoscabo a nuestra soberanía" porque esto "es una elección soberana y legítima que hace el país".



"Ha llegado el momento de que el gobierno actúe en este tema y creo que establecer lazos con China Popular es la línea correcta", afirmó.

El representante de "Libertad y Cambio" dijo que presumía que el acuerdo del gobierno uruguayo tendrá en cuenta las "compensaciones" por eventuales pérdidas del nexo con Taiwan, "no en términos estrictos" pero sí "en términos genéricos", porque el país "va a salir ganando en los cinco primeros años".

Diputado Luis José Martínez (PN)

Comercio con China Popular ha sido espectacular

Mi opinión ya la he adelantado en ocasión de elaborar el informe que sobre este problema presentamos conjuntamente con el Senador Ferreira bastante tiempo atrás a las Comisiones de Asuntos Internacionales de ambas cámaras.

También he vertido a nivel periodístico un punto de vista que es compartido por un amplio contingente de dirigentes del Partido Nacional, según el cual la política internacional del país no puede rehuir el reconocimiento de las realidades.

El gobierno de China popular ejerce efectivamente la soberanía sobre un vasto territorio, congrega a un núcleo humano de más de 1.000 millones de personas, integra el Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas con carácter de miembro permanente, y ha sido reconocido por la inmensa mayoría de los países del orbe: más de 130 naciones.

Entre tanto, el gobierno de Taiwán muy respetable para nosotros como expresión de una entidad política en esa región, es reconocido por poco más de veinte países en esa región, y en América del Sur sólo por Uruguay y Paraguay. Es notorio que China popular ha sido inflexible en cuanto a que el establecimiento de relaciones con ese país implica que no puedan mantenerse relaciones de igual rango con Taiwán.

•

En algunos círculos esto es considerado como una forma de presión indebida y de ataque a la soberanía. Hemos contestado a esta crítica sosteniendo que tal ataque a la soberanía existiría si nos fuese arrebatado o impuesto una decisión política y no cuando como en este caso el país puede o no adoptarla.

Hay en esto necesidades bastante claras en cuanto a cuál es la realidad de la representación de la nación China, hay por otra parte realidades en cuanto a perspectivas en cosas más pragmáticas si se quiere, mucho más tangible como lo son las vinculaciones de tipo comercial y lo que tiene que ser el cumplimiento por parte del Poder Executivo de su función de velar por los intereses del país, la promoción de corrientes exportadoras, el incremento de corrientes comerciales con diversos países del mundo y el establecimiento de metas a mediano y largo plazo que aseguren un mínimo de estabilidad en las políticas, particularmente en cuanto al sector exportador.

Nosotros nos inclinamos decididamente por la necesidad de establecer relaciones con China Popular, entre otras cosas porque el incremento de nuestras relaciones comerciales con esta nación ha sido francamente espectacular, aún en ausencia de relaciones diplomáticas formales. La experiencia de algunos países vecinos denota que el establecimiento de tales vínculos diplomáticos ha redundado en incrementos aún más notorios de las corrientes comerciales.

VIAJARON "SAFARIS" DE DIPUTADOS A TAIWAN (FA)

Negro: con China Popular aumentaría intercambio comercial

Creo que esto tendría que haberse resuelto ya décadas atrás, es indudable que la situación se complicó para reanudar las relaciones por el hecho de que el tiempo fue pasando, fueron quedando pocos países y algunos intereses que había a nivel nacional impedían que estas relaciones se hicieran efectivas de inmediato.

Me consta que el Ministro de Relaciones Exteriores y un sector muy importante del partido de gobierno, más parte del Partido Nacional y el Frente Amplio estaban de acuerdo en la reanudación de relaciones.

Es indudable que si Naciones Unidas y la gran mayoría de los países del continente reconocen a China como tal, que China es una sola no nos queda más remedio, con ese razonamiento, que reanudar las relaciones.

Por los trascendidos de prensa y lo manifestado por los propios chinos en conversaciones particulares ellos están dispuestos a resolver el problema de las compensaciones por la ruptura de relaciones con Taiwán. El intercambio comercial que tenemos con Taiwán lo tendríamos también con China y aumentaría sensiblemente el actual intercambio.

En cuanto a las manifestaciones contrarias de algunos sectores del Partido Colorado y del Partido Nacional, creo que hay presiones de todo tipo. Es cierto que acá hay sectores de la población —no digo legisladores— que están interesados en el mantenimiento de las relaciones porque ellos un flujo comercial que creo que asciende a los 16 millones de dólares que es con contrapartida. Eso lo perderían algunas empresas que seguramente tienen vinculación con algunos políticos.

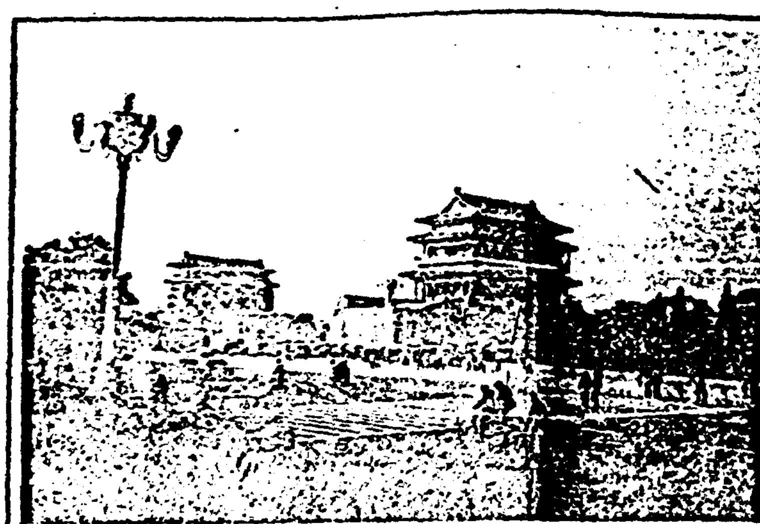
Por otro lado una forma de presión que no sé que efecto ha tenido, pero que no es ético, son las invitaciones a Taiwán, que fueron muy numerosas y donde viajaron prácticamente "safaris" de la Cámara de Diputados.

Acercamiento a China Popular (I)

033

Los rasgos de la apertura

El gobierno parece disponerse a resolver la cuestión diplomática planteada con China Popular y a que Uruguay asuma plenamente su vinculación con uno de los cinco grandes, donde habita la cuarta parte de la población del planeta. Es momento de ampliar el conocimiento sobre uno de nuestros principales socios comerciales, al que se involucra la principal decisión diplomática que deberá tomar el régimen democrático en esta etapa.



En el corazón de Pekín, la perspectiva espacial de la Plaza de la Paz Celestial, donde descansan los restos de Mao, venerado por el pueblo pero cda vez más superado por la dirigencia política y los economistas.

OTRO MILAGRO ASIATICO

Tras los cataclismos de la "Revolución Cultural" y luego de la muerte de Mao Tse-Tung y la "descentralización" de la economía de la República Popular China, el crecimiento productivo tanto o más espectacular que los "milagros económicos" de Taiwan y Corea del Sur, si tenemos en cuenta la diferencia poblacional con esos países.

De la parálisis y la hambruna, China pasó a tener un crecimiento promedio del [illegible]% anual y a cuadruplicar su comercio exterior, surgieron nuevos sectores sociales (propietarios rurales, comerciantes minoristas urbanos, etc.) y un fuerte incremento del 50% del ingreso per capita. Hacia 1985 el valor total de la producción industrial y agrícola alcanzó los 454 mil millones de dólares.

Sin embargo, el nivel de vida del pueblo chino, pese a la notoria mejoría, continua bajo: un muestreo de hogares realizado en 1985 arrojó que el ingreso medio anual neto por habitante es de alrededor de 136 dólares, en un país que cuenta con un 80% de población rural. En las ciudades los ingresos son mayores, alcanzando los [illegible] dólares anuales per cápita.

Las urgencias que impulsaron el proceso de descentralización y desarrollo se mantienen, pero China Popular sigue siendo sustancialmente un país de economía planificada y propiedad pública: se trata, ahora, de un ensayo de "socialismo a la china". Las exigencias de la producción obligan a China a crear y mantener un sistema multiforme de propiedad de los medios de producción, pese a la dominancia señalada, y junto a las empresas estatales o colectivas han surgido las empresas privadas, mixtas y de propiedad exclusivamente extranjera.

Entre 1981 y 1985 el PBI agropecuario creció solamente un 1% (del 8 al 9%) pero registró picos del 13,1% y del 12,9% en el 82 y el 84. El crecimiento significativo se registró en el PBI industrial que evolucionó sostenidamente entre el 2,5% de 1981 y el 16,5% de 1985.

HACIA AFUERA

Los esfuerzos de la nueva política china se orientaron hacia el comercio exterior y a la importación de tecnología selectiva, rompiendo el aislamiento del período maoista.

Según datos oficiales (Ministerio de Comercio Exterior) entre 1975 y 1986 las exportaciones pasaron de los 7.26 billones de dólares (valor CIF) a 31.65 billones, en tanto las importaciones pasaron de los 7.49 billones a 50.

Esta evolución no fue, naturalmente, lineal. Entre 1982 y 1983 China necesitó dólares y restringió las importaciones. Hacia 1986 se produjo un abrupto crecimiento de las compras en el exterior, lo que generó un abultado déficit de 20 billones de dólares.

El aumento relativo de los ingresos de la población aumentó su capacidad de consumo y por tanto de la demanda de productos alimenticios. Esta tendencia se vio acrecentada con la urbanización, que aumentó además la demanda de alimentos preparados. El surgimiento de una nueva clase propietaria rural ocasionó simultáneamente un aumento de consumo y un incremento de la producción que transformó a China en un exportador de alimentos y un país ávido de nuevas tecnologías en la materia. Pero este proceso se ha desarrollado desigualmente: mientras caen las importaciones de granos se mantienen las demandas de productos lácteos, frutas y vegetales y aumentan considerablemente las necesidades de harinas, azúcar, café y bebidas alcohólicas.

Las exportaciones chinas de carne, pescado, café, té, cacao y especies aumentaron marcadamente en los últimos diez años.

La industria alimenticia tiene hoy prioridad para el gobierno chino, que reconoce, por otra parte, que su tecnología es obsoleta.

China se propone además, de acuerdo a su sexto plan quinquenal, enfrentar un 40 o 50% sus importaciones, aumentar el uso de inversiones externas e introducir en el menor tiempo posible toda la tecnología que pueda absorber.

Toda una batería de leyes y disposiciones fue inaugurada para esto: normas para joint-ventures, para protección de la *propiedad industrial*, sistema impositivo, arbitrajes, etc. La idea es mostrar que China es un socio confiable.

EL SEPTIMO PLAN

La herencia burocrática es aún fuerte en China y su desarrollo gira en torno a los "planes" (quinquenales, globales, sectoriales), a comisiones, ministerios (que son 33) y toda su red de oficinas provinciales y regionales. Tambien pesan los objetivos cuantitativos de producción escrupulosamente preestablecidos.

El Estado controla la asignación de los recursos, sus transferencias y el manejo del sistema de subsidios a las distintas actividades que producen déficits.

Hasta hace poco la carne se seguía distribuyendo mediante cupones de racionamiento y con precios fijados políticamente.

Pero ahora se ha abierto paso la idea de la ganancia, o dicho en lenguaje chino, los "incentivos económicos". Antes no importaba la [illegible] o la calidad sino la cantidad establecida en el plan, aunque hubiera pérdidas. Ahora la empresa estatal debe dar utilidades es decir, que los empresarios estatales chinos deben velar por cuidar el costo energético, la disciplina laboral, el pago de impuestos, la selección de los proveedores y el sistema de ventas.

Durante el maoismo si había ganancias las empresas lo volcaban a Rentas Generales; desde 1983 comenzó a aplicarse experimentalmente que las empresas retuvieran sus utilidades y pagaran impuestos al Estado. Paralelamente cambiaba radicalmente el sistema de crédito y la determinación de las tasas de interés.

NO EN LA MISMA OLLA

La consecuencia: una revolución en el sistema de precios. Algunos productos alimenticios llegaron a aumentar un 150 %.

El control estatal sobre los precios ha comenzado a relajarse y muchos se fijan ahora según los planes generales de la política económica y en base a las leyes del mercado.

La idea es comenzar a desterrar el principio igualitario que rigió la administración maoista, donde "todos comen de la misma olla".

Se ha escalonado el sistem salarial, aumentó la diferencia entre los sueldos de los técnicos y mandos medios con respecto al personal no especializado, se incentiva la productividad a través de primas, los salarios se gradúan respecto a la dificultad, la intensidad y la responsabilidad que entraña el trabajo.

Para los precios hay tres modalidades: 1) fijados por el estado, para un número reducido de productos agrícolas o industriales de primera importancia y para los servicios esenciales de la comunidad; 2) precios fijados por orientación estatal dentro de una escala y; 3) precios fijados por el mercado en los márgenes autorizados por las leyes y reglamentos.

La planificación continúa, pero los chinos definen que se transita en un cambio entre la planificación centralizada y la planificación en el sector de los productos.

LOS PRINCIPIOS DE LA RELACION COMERCIAL

La política exterior es de apertura y se basa en tres principios: independencia, igualdad y beneficio mutuo.

En este marco se produjo la apertura costera de China en las *provincias de Guangdong y Fujian* con políticas especiales y más flexibles que comprenden cuatro zonas económicas especiales (Shenzhen, Zhuhai, Shantou y Xiamen), 14 ciudades litoraleñas (entre ellas Shangai, Tianjin, Guangzhou, Quingdao y Dalian) y tres zonas del delta (en los ríos Changjiang y Zhujiang y la zona triangular de Xiamen en la provincia de Fujian).

Estas zonas son las principales bocas de entrada de la tecnología que necesita China, donde se produce la absorción mayor de capitales extranjeros y es, en suma, la cabecera de puente de la modernización china.

Alejandro Nogueira

Poco Legible

8712004

01 - 01

033

Negocian en Nueva York relaciones con China Popular

La Asamblea General de la Naciones Unidas que comienza este mes será la instancia decisiva para la definición de las relaciones diplomáticas entre Uruguay y China Popular.

Los cancilleres de ambos países mantendrán contactos en Nueva York y se estimaba inminente en medios gubernativos el anuncio del reconocimiento al régimen de Pekín.

Simultáneamente se ajustarían las bases de un convenio comercial hasta 1989 que aseguren las colocaciones uruguayas en ese mercado, superando los actuales guarismos. Se indicó que China Popular está dispuesta a compensar eventuales pérdidas para Uruguay en su comercio con Taiwán, con quien deberá suspender relaciones diplomáticas si se establecen con China

01/01 871 2024

Acercamiento a China Popular (III)

El poder político en un estado socialista





En 1982 la República Popular China reformó su constitución, adecuando su organización política a los nuevos tiempos. Su carácter se mantuvo dentro de la concepción socialista del Estado, la definición de la propiedad es netamente social, pero la nueva carta no menciona al Partido Comunista chino, consagra la descentralización administrativa y protege formas subsidiarias de propiedad individual.

El poder central se encarna en la Asamblea Popular Nacional que ejerce la función legislativa y designa el Consejo de Estado que encabeza el Primer Ministro, donde reposa la función ejecutiva. La función jurisdiccional recae en el Tribunal Supremo Popular.

"La base del sistema económico socialista de la República Popular China es la propiedad social socialista de los medios de producción, o sea la propiedad de todo el pueblo y la propiedad colectiva de las masas trabajadoras" enuncia la Constitución.

Así se distingue el sector estatal de la economía de la propiedad en manos de las comunas populares rurales, las cooperativas de producción, crédito y comercialización.

La propiedad privada queda reservada al comercio minorista y algunos servicios y a los ahorros, vivienda y otros bienes personales de los ciudadanos, que, además, pueden heredarse.

EL ROL DEL PARTIDO

La ausencia de toda referencia al Partido Comunista en la constitución china no impide que, como ocurrió desde la revolución de 1949, esta organización sea el eje del Estado y de la sociedad toda.

En este sentido, los por algunos llamados "vientos democráticos" posteriores a la "Revolución Cultural" no significaron nada similar al pluralismo político.

Con 40 millones de afiliados al PCCH ocupa en el más abierto de los órganos chinos, la Asamblea Popular Nacional, el 63% de los 2.978 representantes.

Los restantes cargos están reservados a otras colec-Hylcades políticas (partidos satélites) o a personalidades no afiliadas.

Existen siete u ocho organizaciones políticas menores integradas al sistema: las dos más importantes son el Guomintang y el Partido Democrático y juntos suman unos 100 mil afiliados reclutados principalmente entre intelectuales y profesionales urbanos. Existen también grupos de origen religioso.

El control del aparato estatal en todos los niveles a través de los miembros del partido asegura el flujo de decisiones desde el bureau político comunista.

La personalidad más influyente es sin duda Deng Xiaoping que no ocupa ningún cargo político. En la estructura gubernamental la primacía pertenece al Primer Ministro que desplazó al Presidente del Comité Central del Partido que antaño ejercía el máximo poder.

No obstante, de la presencia avasallante del PCCH en la vida del pueblo chino hasta mediados de la década del 70, hoy se evidencia una injerencia menor.

ESTRUCTURA DEL PODER

Además de la Asamblea Popular y de su Comité Permanente (155 miembros que sesionan bimensualmente) la función legislativa se realiza también en las Asambleas Populares locales a nivel de las provincias, distritos y municipios del país, que coexister con sus respectivos gobiernos populares locales.

La Asamblea designa al Presidente y al Vicepresidente de la República y al Consejo de Estado que constituye el gobierno popular central.

Este consejo está integrado por el Primer Ministro, los viceprimer ministros, los consejeros de estado, los ministros, los presidentes de comisiones, el auditor general (supervisor de ingresos y gastos financieros) y el secretario general.

La justicia es ejercida a través de los tribunales populares, encabezados por el Tribunal Popular Supremo y por las fiscalías populares, que se ejercen en toda la estructura gubernamental.

El poder político radica en Pekín, también nominada Beijing, de más de diez millones de habitantes.

SOCIEDAD JERARQUIZADA

La sociedad china aparece a los ojos occidentales como fuertemente jerarquizada y esto no obedece solamente a la estructura centralizada del PCCH. El prolongado desarrollo feudal chino y su breve pasaje por la "etapa capitalista" impidieron el desarrollo de formas sociales más horizontales y definieron una impronta de tipo autoritario en la idiosincracia de su pueblo.

El nivel de vida de sus ciudadanos es austero pero cubre las necesidades mínimas de la enorme población y esta situación debe ponderarse en relación a la inmensidad del territorio y a la escasez de recursos de capital que encaró el gobierno revolucionario, acentuado por los errores reconocidos por sus propias autoridades.

El trabajo humano es el principal recurso de China y frecuentemente suple las carencias de tecnología, energía y capital.

La producción agropecuaria, pese a los avances surgidos en la reforma rural encarada en la última etapa, es más bien primitiva. El transporte de productos se desarrolla principalmente por vía fluvial o en base a recursos humanos.

La televisión es el principal medio de comunicación, incluso en las zonas rurales, y actualmente se divulgan en casi todo el territorio muchos programas provenientes del mundo occidental.

La cultura se halla bastante democratizada y se difunden unas 4 mil publicaciones de todo tipo, entre las que se destaca el "Diario del Pueblo" órgano oficial del PCCH con un tiraje de 5 millones de ejemplares.

Alejandro [illegible]

HR

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: País mirando al Sudeste (Asiático)

PROCEDENCIA: O. Económicas 31/8/87

ARCHIVADO EN: Asia (028)

01.01 8712070

FPCH.

O33

La Prensa 22/11/87

Reconocimiento del socialismo

Por ROBERTO H. CACHANOSKY

Días pasados veía por televisión un programa en el cual se pasaba parte de una conferencia de prensa que ofreció Felipe González en su reciente paso por la Argentina. Ante una serie de preguntas de carácter económico, Felipe González empezó a ponerse nervioso porque trataba de sostener una ideología socialista pero, al mismo tiempo, reconocía en la economía de mercado el mecanismo más adecuado para generar riqueza y bienestar. Lo que pude percibir, entonces, fue que Felipe González estaba casi tratando de disculparse por aplicar reglas de mercado en la economía de su país.

En realidad Felipe González es sólo un ejemplo entre otros casos en que gobernantes de izquierda empiezan a descubrir que la economía de mercado es el único sistema que permite incrementar el nivel de vida de la población. Estos cambios, que se perciben en España y China, están ocurriendo desde mi punto de vista, no tanto por un convencimiento pleno basado en el estudio de los principios de la economía liberal, sino como consecuencia de los duros golpes que los izquierdistas han recibido de la realidad. Digamos, entonces, que aparentemente, los cambios a los que estoy haciendo referencia responde no a la convicción sino a la realidad.

Pero a pesar de que los cambios en los países mencionados resultan del hecho de que la realidad tiene cara de hereje, la modificación que los gobiernos de izquierda le están dando a sus discursos y las medidas que finalmente adoptan constituyen un ejemplo a tener en cuenta por parte de la mayoría de nuestros políticos.

El caso chino

Durante la década del '80 la China comunista ha realizado una serie de reformas de política económica a través de las cuales la actividad privada ha sido aceptada en varios sectores de la producción. Esta mayor participación privada, especialmente en el sector agropecuario, ha rendido frutos tan importantes que a los gobernantes chinos les ha abierto los ojos sobre los beneficios que tiene la iniciativa privada.

Los cambios que se produjeron en otros sectores de la economía, a partir del éxito de la reforma en la actividad agropecuaria, está inclinando cada vez más a las autoridades chinas a seguir en la senda de la liberación. La reciente designación de Zhao Ziyang, artífice de la reforma agrícola en China, en reemplazo de Xioping muestra que los cambios en China van a continuar.

El informe de trabajo ante el Congreso Nacional del partido Comunista de China del 26 de octubre último es un documento que vale la pena analizar porque en el mismo se advierte un claro reconocimiento, por parte de los socialistas, de que el socialismo no ha logrado generar un estándar de vida ni siquiera cercano al que disfrutan los pueblos de los países capitalistas. En este sentido es sumamente claro el siguiente párrafo que el tema le dedica a Zhao Ziyang en el documento señalado: "Ahora bien, el hecho de que nuestro socialismo haya nacido de las entrañas de una sociedad semicolonial y semifeudal y que el nivel de sus fuerzas productivas esté muy por debajo del de los países capitalistas desarrollados, determina la necesidad de atravesar por una etapa primaria muy prolongada para hacer realidad la industrialización, así como la mercantilización, socialización y modernización alcanzada por muchos otros países bajo condiciones capitalistas".

Por supuesto que Ziyang también se esforzó por marcar las diferencias que existen entre el socialismo y el capitalismo al sostener que "La distinción esencial entre la economía mercantil socialista y la capitalista reside en su diferencia base en términos de propiedad de los medios de producción". Pero, agrega luego: "El mecanismo de funcionamiento de la economía debe consistir, en términos generales, en que al Estado le corresponde regular el mercado y a éste, a su vez, le corresponde orientar las empresas". Obsérvese que aun negando la propiedad privada, la necesidad de incrementar la producción lleva a que Ziyang reconozca en el mercado al más eficiente orientador para el accionar de las empresas.

Pero los nuevos dirigentes comunistas de China también advierten que el mercado tiene la virtud de consolidar a los productores eficientes y desplazar a los ineficientes. Esta condición, sobre la que se basa la economía capitalista, tantas veces combatida por los intervencionistas y los izquierdistas, ahora también es reconocida como la única manera de asignar eficientemente los recursos y, por lo tanto, incrementar la productividad. Ziyang dijo: "Es necesario fomentar, en los terrenos de la circulación de mercancías, del comercio exterior y de las finanzas, organizaciones de nuevo tipo que funcionen en forma autónoma y por su cuenta y riesgo". Lo que Ziyang está incorporando a la economía China es el concepto de riesgo empresarial de la economía capitalista cosa que, en el pasado, para los comunistas era una manía de la burguesía capitalista.

Pero el nuevo líder chino también quiere incorporar un concepto del capitalismo mucho más difícil de digerir para los marxistas. Estos es: la ganancia. En el documento que estoy comentando se puede leer: "debemos llevar a efecto inconmoviblemente la estrategia de conceder gran importancia a la rentabilidad económica, elevar la calidad, asegurar un desarrollo armónico y mantener un crecimiento sostenido". De manera que si Zhao Ziyang consigue profundizar las reformas económicas en China, este país socialista habría incorporado dos elementos esenciales de la economía capitalista. A saber: la ganancia y el riesgo empresarial.

Pero, además, mientras en la Argentina seguimos mirando de reojo y con gran desconfianza el capital extranjero, los comunistas chinos ya están de vuelta de este infantilismo de los nacionalistas y zurdos. Y ésto se ve claramente cuando Ziyang afirma que: la "inversión exclusivamente extranjera también constituye un complemento indispensable y provechoso de la economía socialista de nuestro país". Agregando más adelante que es necesario "proteger efectivamente los derechos y los intereses de los inversionistas extranjeros y mejorar el ambiente para las inversiones, de modo que los empresarios extranjeros puedan abrir y manejar empresas en China como se acostumbra hacerlo en todo el mundo".

Por supuesto que los chinos también se dieron cuenta de que el mejor estímulo para el trabajo es una remuneración mayor para aquellos que trabajan más y mejor. Por eso en el documento bajo análisis Ziyang propone que "nuestra política de distribución debe, por un lado, contribuir al enriquecimiento, antes que los demás, de aquellas empresas que sepan manejar bien sus negocios y de aquellos individuos que trabajen con honradez, aumentando de modo racional las diferencias de ingresos, y por otro lado, tratar de evitar una excesiva disparidad entre ricos y pobres".

Evidentemente los párrafos comentados sobre la reforma que se está operando en China no pretenden mostrar que este país se ha vuelto capitalista ni muchos menos. Lo que pretenden mostrar es que aquellos países que han aplicado el comunismo con toda su crudeza hoy advierten su fracaso.

Enseñanza

Si alguna enseñanza se puede extraer tanto de Felipe González como de Zhao Ziyang, es que, con todos sus defectos, han aceptado la realidad tal cual es. Luego de pelearse con la realidad porque ésta no respondía a sus necesidades políticas, han optado por cambiar de política antes de que la realidad los terminara devorando.

Este, quizá, sea el mayor éxito de estos gobiernos de izquierda. Obviamente, a un liberal no le causa gracia que se utilice el liberalismo como el mal menor, ni que los socialistas, como Felipe González, traten de robarle banderas al liberalismo diciendo que le pertenecen al socialismo. Por ejemplo, cuando hoy los socialistas dicen que el mantenimiento de las cuentas del sector público en forma equilibrada no es una cuestión de ideologías sino de necesidad, se equivocan. Porque la ausencia de déficit fiscal es una cuestión de necesidad y de ideología. De ideología porque en el pasado han sido los liberales los que han luchado a brazo partido para demostrar los perjuicios de los déficit estatales, mientras que populistas y socialistas veían en el equilibrio presupuestario un interés de los sectores de mayores ingresos. Y es una cuestión de necesidad porque hoy, ningún gobierno quiere cargar con los perjuicios de la inflación.

De todas manera, el liberalismo tiene motivos para darse por satisfecho. La realidad le ha dado la razón y los mismos socialistas hoy lo empiezan a reconocer. Esperemos que, en un futuro no muy lejano, ocurra lo mismo en la Argentina.

La apertura en China

En los primeros días de noviembre finalizó en Pekín el XIII Congreso del Partido Comunista, que constituyó una consolidación y profundización del programa de reformas lideradas por Deng Xiaoping. Iniciadas luego de la muerte de Mao, impulsor de la dramática revolución cultural, estas reformas han tenido expresión en la liberalización de la economía, la integración en el mundo, la descentralización de las decisiones y la aceptación de la iniciativa privada. En el terreno político, sus manifestaciones son mucho más lentas, aunque igualmente perceptibles.

El Congreso designó jefe del partido al primer ministro Zhao Ziyang, uno de los seguidores de Deng, ejecutor de importantes reformas, entre ellas la liquidación de las comunas agrarias y su reemplazo por unidades cultivadas por las familias agricultoras. Deng, ya octogenario, abandonó los varios cargos que desempeñaba para pasar a la jefatura de la Comisión Militar Central, desde donde continuará ejerciendo su influencia, comparable, según los sinólogos, a la que tuvo Mao, aunque con una orientación distinta, de tono modernizante y constructivo. También el influyente Buró Político estará presidido por Zhao e integrado por otros cuatro jerarcas, con predominio de los llamados reformistas.

La nueva orientación del extenso y populoso país, que posee alrededor del 20 % de la población mundial, comenzó en 1979 con la citada eliminación de las comunas agrícolas y siguió con la incorporación de capitales extranjeros asociados a las actividades locales; con una gradual apertura al mundo; con su integración a los organismos crediticios, monetarios y comerciales internacionales y con creciente descentralización económica. Tuvo lugar una sustitución de las corrientes comerciales, que se volcaron al Japón y al mundo occidental y se aceptaron algunas reglas de juego del capitalismo privado.

Al promediar la década actual, aparecieron dudas en relación con la continuidad de esta política por la reacción de los sectores conservadores del partido y la influencia de la burocracia, desplazada de sus posiciones de guardianes de las actividades políticas, culturales y productivas. Se esgrimió la existencia de una gran corrupción, la aparición de síntomas de inflación acelerada y de desequilibrio de las cuentas externas. Surgieron críticas por la vulneración del igualitarismo y de los dogmas del marxismo, que, a la luz de las designaciones recientes, han resultado nuevamente derrotados. Las protestas estudiantiles de Pekín fueron interpretadas como un signo de impaciencia por la lentitud de las reformas y no como una señal de peligro para la estabilidad del régimen.

Desde el punto de vista político, las decisiones del Congreso del Partido Comunista han significado reformas, más bien tibias, consistentes en la aceptación del principio de la disidencia intelectual, la introducción del voto en la elección de las cúpulas y el debilitamiento del dogma igualitario. China seguirá teniendo, sin embargo, un régimen autoritario.

En materia económica, las reformas continúan su curso. Se ha aceptado ahora la negociación de los derechos de posesión de las tierras de propiedad estatal, a efectos de facilitar la movilidad social; se reconoce el derecho a enriquecerse; se permite la emisión de acciones y el principio de la privatización y se ha abierto una bolsa de valores en Shanghai. Las empresas privadas podrán aumentar el número de personal ocupado, que hasta ahora estaba limitado a ocho personas y se acepta el despido y la bancarrota, aportando ingredientes novedosos a la actividad industrial y de servicios, a los que se quiere colocar en los carriles que permitieron mejorar la agricultura.

Las decisiones adoptadas en China constituyen una consolidación importante para ese país y para el mundo. En el este de Asia, donde existe un progreso notable, estos pasos de Pekín significarán una inyección saludable. En el mundo socialista introduce una nueva evidencia de los cambios existentes, que permiten ver a la apertura soviética como una manifestación bastante tardía de la realidad. Algunos países del este europeo pujan desde la década del 50 por mayor libertad política y económica y China lo hace desde fines de la década del 70.

Resulta de sumo interés el análisis de la realidad internacional en un mundo que abandona el socialismo por necesidad, después de más de medio siglo de fracasos y frustraciones. Nuestro país y América latina en su conjunto tienen buen material para la reflexión con lo que está sucediendo en el este asiático y en el mundo comunista en general. La sujeción a ideas obsoletas y principios fracasados debe ser aquí dejada de lado, si queremos abandonar la mediocridad y el estancamiento.

China: entre la necesidad y la ideología

James Raytton

En 1966, el secretario del Partido Comunista Chino (PCCh) en la provincia de Guangdong, Zhao Ziyang, fue destituido de su cargo por los guardias rojos de la Revolución Cultural, y arrastrado por las calles de Cantón con un bonete de burro sobre la cabeza. Miembro de la tendencia moderada que orientaba Deng Xiaoping, Zhao Ziyang fue defenestrado junto con su líder. En una de esas curiosas y dramáticas volteretas que tiene la historia, el 1º de noviembre último, al clausurarse el 13er. congreso del Partido Comunista Chino, Deng Xiaoping, con 83 años sobre sus espaldas, consolidó las reformas que impuso al país desde 1979 (había sido rehabilitado tras la muerte de Mao Tse-tung), abandonó la mayoría de sus cargos (sólo conservó la jefatura del ejército), y dejó firmemente establecido en el poder a Zhao Ziyang, quien asumió la secretaría general del Partido y mantuvo el puesto de primer ministro.

REJUVENECIMIENTO DEL PARTIDO

La renuncia de Deng arrastró las de otros 92 antiguos dirigentes del PCCh, que se oponían a su política de reformas. El nuevo comité central, de 175 miembros, es un fiel reflejo de los aires que ahora soplan sobre el inmenso y varias veces milenario país. Pero Deng debió desplegar toda su astucia y experiencia para imponerse sobre los ortodoxos e impulsar la renovación y el rejuvenecimiento. El día anterior a la clausura del congreso

68, casi puede ser considerado un adolescente al lado de los ancianos que ahora se retiran a cuarteles de invierno.

Deng, el gran triunfador y el primer alto dirigente chino que abandona sus puestos voluntariamente, hará lo mismo aunque no totalmente. Los observadores estiman que continuará siendo el poder detrás del trono, y un inevitable hombre de consulta respecto al proceso que él mismo desencadenó. Por otro lado, quiso mantener la presidencia de la comisión militar central, función que equivale a la de comandante supremo del ejército. Para ello fue necesario modificar la Constitución, dado que ese cargo debía ser ocupado por un miembro del comité central.

LA ETAPA PRIMARIA DEL SOCIALISMO

Con 9:561.000 km2 y más de mil millones de habitantes, China no ha salido del subdesarrollo, pese a la revolución triunfante en 1949. El logro más importante del régimen, y por cierto no despreciable, es haber terminado con el hambre. Pero China continúa siendo una nación en la que todavía se emplea el arado de madera. La férrea disciplina, el autoritarismo y las distintas experiencias que fueron del estalinismo puro al voluntarismo de la Revolución Cultural, pasando por la etapa del "gran salto adelante", no sirvieron para capitalizar el país. El ortodoxo Mao, en sus últimos años, advirtió el problema y, junto a Henry Kissinger, aceptó la "diplomacia del ping-pong" y la necesidad de una apertura del régimen. Sus herederos, aunque virtualmente negando los principios del fundador de la nueva China, continuaron una tarea que, con este 13er. congreso, alcanza un punto de inflexión decisivo.

Ningún dirigente quiere reconocer el abandono de los principios socialistas ni que el marxismo-leninismo haya dejado de ser el foco inspirador del sistema. Pero la necesidad impone un pragmatismo que fue gráficamente explicado por Deng: "Si caza ratones, no importa que el gato sea blanco o negro". El nuevo líder, Zhao Ziyang, bebe en las mismas fuentes que el anterior. Pero busca cubrir las apariencias y demostrar que sus posiciones están enraizadas en la doctrina marxista. Sostiene que China vive la "etapa primaria del socialismo", la cual exige determinadas medidas económicas y sociales que pueden parecer de corte capitalista. Pero no lo son —sostiene Zhao—, sino que son meros instrumentos para conseguir el objetivo final. En los meses previos al congreso difundió por todo el país este argumento, y salió airoso ante las críticas de los ortodoxos. Su propia experiencia avalaba sus tesis: durante varios años fue secretario del Partido en la provincia de Sichuan, a la que sacó de una prolongada crisis y la transformó en exportadora de alimentos. Zhao sostenía que los problemas de Sichuan (un territorio con la superficie de Francia y cien millones de habitantes) se originaban en el centralismo burocrático y en la falta de incentivos a los productores. Reorganizó las empresas industriales y agrarias, y les permitió retener parte de los beneficios para estimular a los trabajadores. En cinco años, la producción creció en más de un ochenta por ciento.

Ahora se propone hacer lo mismo en todo el país, a través de una mayor apertura a las inversiones extranjeras, la concesión de estímulos materiales, el desarrollo de ciertas formas de propiedad privada y el aflojamiento de los controles políticos y sociales. En este último aspecto, llamó la atención la amplia discusión que precedió al congreso, así como que se permitiese la asistencia de la prensa occidental a la mayoría de las sesiones. Incluso se aceptó la acreditación de un periodista de Taiwán.

Para los analistas re-

China: entre la necesidad y la ideología

James Raytton

En 1966, el secretario del Partido Comunista Chino (PCCh) en la provincia de Guangdong, Zhao Ziyang, fue destituido de su cargo por los guardias rojos de la Revolución Cultural, y arrastrado por las calles de Cantón con un bonete de burro sobre la cabeza. Miembro de la tendencia moderada que orientaba Deng Xiaoping, Zhao Ziyang fue defenestrado junto con su líder. En una de esas curiosas y dramáticas volteretas que tiene la historia, el 1º de noviembre último, al clausurarse el 13er. congreso del Partido Comunista Chino, Deng Xiaoping, con 83 años sobre sus espaldas, consolidó las reformas que impuso al país desde 1979 (había sido rehabilitado tras la muerte de Mao Tse-tung), abandonó la mayoría de sus cargos (sólo conservó la jefatura del ejército), y dejó firmemente establecido en el poder a Zhao Ziyang, quien asumió la secretaría general del Partido y mantuvo el puesto de primer ministro.

REJUVENECIMIENTO DEL PARTIDO

La renuncia de Deng arrastró las de otros 93 antiguos dirigentes del PCCh, que se oponían a su política de reformas. El nuevo comité central, de 175 miembros, es un fiel reflejo de los aires que ahora soplan sobre el inmenso y varias veces milenario país. Pero Deng debió desplegar toda su astucia y experiencia para imponerse sobre los ortodoxos e impulsar la renovación y el rejuvenecimiento. El día anterior a la clausura del congreso

68, casi puede ser considerado un adolescente al lado de los ancianos que ahora se retiran a cuarteles de invierno.

Deng, el gran triunfador y el primer alto dirigente chino que abandona sus puestos voluntariamente, hará lo mismo aunque no totalmente. Los observadores estiman que continuará siendo el poder detrás del trono, y un inevitable hombre de consulta respecto al proceso que él mismo desencadenó. Por otro lado, quiso mantener la presidencia de la comisión militar central, función que equivale a la de comandante supremo del ejército. Para ello fue necesario modificar la Constitución, dado que ese cargo debía ser ocupado por un miembro del comité central.

LA ETAPA PRIMARIA DEL SOCIALISMO

Con 9:561.000 km2 y más de mil millones de habitantes, China no ha salido del subdesarrollo, pese a la revolución triunfante en 1949. El logro más importante del régimen, y por cierto no despreciable, es haber terminado con el hambre. Pero China continúa siendo una nación en la que todavía se emplea el arado de madera. La férrea disciplina, el autoritarismo y las distintas experiencias que fueron del estalinismo puro al voluntarismo de la Revolución Cultural, pasando por la etapa del "gran salto adelante", no sirvieron para capitalizar al país. El ortodoxo Mao, en sus últimos años, advirtió el problema y, junto a Henry Kissinger, aceptó la "diplomacia del ping-pong" y la necesidad de una apertura del régimen. Sus herederos, aunque virtualmente negando los principios del fundador de la nueva China, continuaron una tarea que, con este 13er. congreso, alcanza un punto de inflexión decisivo.

Ningún dirigente quiere reconocer el abandono de los principios socialistas ni que el marxismo-leninismo haya dejado de ser el foco inspirador del sistema. Pero la necesidad impone un pragmatismo que fue gráficamente explicado por Deng: "Si caza ratones, no importa que el gato sea blanco o negro". El nuevo líder, Zhao Ziyang, bebe en las mismas fuentes que el anterior. Pero busca cubrir las apariencias y demostrar que sus posiciones están enraizadas en la doctrina marxista. Sostiene que China vive la "etapa primaria del socialismo", la cual exige determinadas medidas económicas y sociales que pueden parecer de corte capitalista. Pero no lo son —sostiene Zhao—, sino que son meros instrumentos para conseguir el objetivo final. En los meses previos al congreso difundió por todo el país este argumento, y salió airoso ante las críticas de los ortodoxos. Su propia experiencia avalaba sus tesis: durante varios años fue secretario del Partido en la provincia de Sichuan, a la que sacó de una prolongada crisis y la transformó en exportadora de alimentos. Zhao sostenía que los problemas de Sichuan (un territorio con la superficie de Francia y cien millones de habitantes) se originaba en el centralismo burocrático y en la falta de incentivos a los productores. Reorganizó las empresas industriales y agrarias, y les permitió retener parte de los beneficios para estimular a los trabajadores. En cinco años, la producción creció en más de un ochenta por ciento.

Ahora se propone hacer lo mismo en todo el país, a través de una mayor apertura a las inversiones extranjeras, la concesión de estímulos materiales, el desarrollo de ciertas formas de propiedad privada y el aflojamiento de los controles políticos y sociales. En este último aspecto, llamó la atención la amplia discusión que precedió al congreso, así como que se permitiese la asistencia de la prensa occidental a la mayoría de las sesiones. Incluso se aceptó la acreditación de un periodista de Taiwán.

Para los analistas re-

el poder a Zhao Ziyang, quien asumió la secretaría general del Partido y mantuvo el puesto de primer ministro.

REJUVENECIMIENTO DEL PARTIDO

La renuncia de Deng arrastró las de otros 92 antiguos dirigentes del PCCh, que se oponían a su política de reformas. El nuevo comité central, de 175 miembros, es un fiel reflejo de los aires que ahora soplan sobre el inmenso y varias veces milenario país. Pero Deng debió desplegar toda su astucia y experiencia para imponerse sobre los ortodoxos e impulsar la renovación y el rejuvenecimiento. El día anterior a la clausura del congreso era incierto el que pudie[illegible]nuncias, aunque esa dimisión implicase el precio por la consolidación de las reformas. Curiosa paradoja propia de la cultura y de la mentalidad orientales: si ganaba, Deng debía irse; pero si perdía, tendría que quedarse en sus cargos. Después de forzar varias votaciones fue evidente que los congresistas respaldaban, con una gran mayoría, los postulados del anciano líder. Deng dimitió, asumió el convertirse en el político más influyente del país aunque no conservase sus funciones, y abrió las puertas para que importantes personajes perdieran sus posiciones partidarias. Entre éstos figuran el presidente Li Xiannian (82 años), el presidente del Congreso Nacional del Pueblo Peng Zhen (85), y el economista ortodoxo Chen Yun (82).

El rejuvenecimiento del comité central no es espectacular: de un promedio de 59.1 años se pasa a 55.2. Pero es importante al nivel de las primeras figuras, puesto que pocas de ellas no alcanzaban los 80 años. Zhao Ziyang, con

la presidencia de la comisión militar central, función que equivale a la de comandante supremo del

es haber terminado con el hambre. Pero China continúa siendo una nación en la que todavía se emplea

ta negando los principios del fundador de la nueva China, continuaron una tarea que, con este 13er.

apariencias y demostrar que sus posiciones están enraizadas en la doctrina marxista. Sostiene que Chi-

les permitió retener parte de los beneficios para estimular a los trabajadores. En cinco años, la producción creció en más de un ochenta por ciento.

Ahora se propone hacer lo mismo en todo el país, a través de una mayor apertura a las inversiones extranjeras, la concesión de estímulos materiales, el desarrollo de ciertas formas de propiedad privada y el aflojamiento de los controles políticos y sociales. En este último aspecto, llamó la atención la amplia discusión que precedió al congreso, así como que se permitiese la asistencia de la prensa occidental a la mayoría de las sesiones. Incluso se aceptó la acreditación de un periodista de Taiwán.

Para los analistas resulta obvio que China no retornará a un capitalismo puro, y mucho menos al feudalismo anterior a la revolución maoísta. La gran nación vive sin duda un período fermental en el que se contraponen la necesidad y la ideología. En estos momentos gana aquélla, pero ésta mantiene sus defensores y, además, debe cumplir un papel de imagen de un régimen que no ha renunciado, al menos formalmente, a sus raíces doctrinarias. Por otro lado, se recuerda que los chinos, antes que nada, son nacionalistas. Y tienen muy claro que las reformas despiertan la avidez de las multinacionales y variadas especies de inversores, tentadas por la importancia de un mercado de más de mil millones de personas que han sufrido muchas privaciones y aspiran a adquirir hábitos de consumo cercanos a los del Occidente capitalista. Zhao lo sabe, y por eso los observadores creen que de ahora en más el desarrollo de la política china no será lineal sino pendular o, si se lo lleva a una gráfica en el papel, sumamente quebrado e irregular.

033 RPCH.

LOS DERECHOS HUMANOS EN CHINA

Durante largos años hemos pasado escuchando, leyendo y viendo los informes de Amnisty International nos hacía llegar sobre las violaciones a los derechos humanos que sólo en los países Occidentales, según ellos, sucedían.

Allí escuchamos, leímos y vimos airados ataques a diferentes gobiernos, la formulación de directivas concretas y el anuncio de fechas para nuevas visitas, que prácticamente amenazaban a esos países si no se concretaban las mejoras por ellos expuestas.

Con fecha 8 de setiembre ppdo., se publicó en la prensa nacional un resumen del informe de este organismo internacional sobre un país donde gobierna la ideología marxista-leninista. Se trata de China comunista.

¿Será ésta una nueva forma de hacernos creer que también actúan en la otra mitad del globo?. De ese informe hemos extractado algunas frases por su alto significado:

"... *el uso constante de la tortura en China, por la policía, los funcionarios del Partido Comunista y las Unidades de Seguridad, está entorpeciendo los esfuerzos del gobierno para poner fin a estos abusos. La preocupación del Gobierno por la tortura se deduce claramente de la publicidad sin precedentes que se ha dado a la cuestión en los últimos años en las publicaciones controladas por el Estado. Amnisty International pide que se introduzcan cambios fundamentales en la legislación china para impedir que ocurran esas graves violaciones de los derechos humanos de los detenidos por delitos comunes y políticos...*".

Al tomar conocimiento de estos problemas, evidentemente surgen especiativas muy especiales de quienes estamos acostumbrados a leer los anteriores informes.

En primer lugar, es muy alentador conocer que la organización mundial de derechos humanos se dedica en estos nuevos tiempos a analizar, visitar e investigar a países que están detrás de la cortina de hierro o de bambú.

Y lo más significativo es que se reconozca que en ellos no sólo existen presos comunes, sino que también hay presos políticos.

En segundo lugar vemos que según el informe, el gobierno de China comunista hace increíbles esfuerzos para evitar las torturas. Y para ello utiliza un medio bastante inadecuado para ese tipo de régimen, como son las publicaciones controladas por el Estado -que allí son todas ya que los involucrados parecen ser todos empleados de ese Estado. Esa situación nos hace pensar que con sólo ajustar algunos resortes, o sea disponiendo algunas medidas de control y algunas órdenes que tan comunes son en los países comunistas para otros fines, se pueda dar una solución inmediata al problema. Se nos ocurre que hasta con una pequeña purga

-método tan conocido por aquellas latitudes- sería más que suficiente para terminar en forma definitiva con las torturas.

Pero el asunto no termina aquí, lamentablemente, ya que si leemos la recomendación de Amnisty International, concluimos en que esto es una verdadera farsa. Porque pedirle al gobierno chino que modifique su legislación "para impedir que ocurran esas graves violaciones de los derechos humanos", es como pedirle a un pez que no viva en el agua.

Conociendo cómo se manejan las acciones en países como China, nos sentimos defraudados por la recomendación planteada. ¿Es posible que los integrantes de Amnisty International desconozcan tanto a un país como ése?. ¿Es posible que puedan siquiera pensar que el mundo acepte como efectiva una recomendación de ese tipo?. ¿Es posible que nos crean tan crédulos?.

Todo esto da para pensar y para hacernos seguir de cerca los futuros acontecimientos que tengan relación con el tema. Porque no deja de llamar la atención el hecho de que Amnesty International, que jamás aceptó como positivas las medidas que países occidentales tomaban para mejorar las condiciones de los derechos humanos, ahora -con la extensa experiencia que debe haber adquirido- haga un informe con una recomendación que sabe muy bien que no habrá de ser cumplida.

Discurre 28/10/87

01-01

8712099.

033

CHINA COMUNISTA Y LA LANA

Los nuevaoleros juveniles de la política, particularmente algunos que militan en el partido de gobierno, ésos que se dejan seducir por las modas ("*las modas son y no hay duda que hoy el maoísmo es la minifalda de la ideología marxista*", escribía el ahora Presidente Sanguinetti en el diario "Acción"), acaban de recibir otro balde de agua fría para bajar la fiebre que los hace delirar por la China comunista celosa y dominante, que quiere imponernos la ruptura de la buena amistad que mantenemos con China nacionalista.

Sabido es que el principal argumento para dar la espalda a quienes mucho nos han ayudado en la presunta colocación de nuestros productos -principalmente la lana, poderosos intereses incluidos-, es el potencial gigantesco mercado de los chinos continentales (el presunto "filón ilimitado" a que aludía el actual Presidente).

Ahora resulta que no es tan fácil acceder a ese mercado, y que -como en todo negocio- allí donde se dan las toman; y cuando el "negocio" no lo es tanto, no se hace y a otra cosa.

Lo termina de decir Tong Yin Ming, representante de la firma "China-Tex", que se fue a comprar lana en Buenos Aires después de adquirir acá una cantidad que no llega a los 5 millones de kilos, porque los precios del país vecino son más bajos. En la zafra pasada la misma firma, originaria y establecida en la China comunista, había adquirido en el mercado local aproximadamente 18 millones de kilos por un monto de alrededor de 50 millones de dólares.

El chino comunista dijo que en esta oportunidad la lana que Uruguay ofrecía en venta estaba entre un 35 y un 30 por ciento más cara que en otros lados, por lo que la lana se queda acá y los dólares no entran. Así de simple.

No obstante estamos convencidos que los "muchachos" seguirán insistiendo en lograr de cualquier manera el rompimiento con China nacionalista para abrazarse gozozos a la China continental. Ellos sabrán por qué. Nosotros lo intuimos.

ALEJANDRO TRÁPANI

01/01

8712100

Se afirman las reformas en China: cambio generacional en la cúpula

Jóvenes, vestidos con trajes de calle y corbata (no con el "cuellito Mao"), esa es la imagen que trasmitió la nueva cúpula china. El histórico 13er. Congreso del Partido Comunista Chino confirmó el triunfo de la línea encabezada por el anciano Deng Xiaoping. Este, al retirarse de la dirección del partido, arrastró consigo a otros 92 viejos dirigentes para rejuvenecer las estructuras partidarias y del Estado. Zhao Ziyang es el directo heredero de la política consolidada por Deng.

La frase le pertenece: "Si caza ratones, no importa que el gato sea blanco o negro". El pragmático Deng Xiaoping terminó una maniobra vasta, paciente, china hasta la médula. Movió la última pieza (la sesión final del 13º Congreso del Partido Comunista) y sus rivales debieron reconocer mansamente la derrota.

Se fue sin irse; se quedó sin quedarse. La historia dirá si tanto virtuosismo dará el resultado que busca. Deng arrastró consigo a otros noventa y dos ancianos –muchos de ellos absolutamente opuesto a sus ideas– y abrió el camino a un grupo amplio de jóvenes embarcados en sus planes renovadores.

La composición de nuevo Comité Central del Partido Comunista Chino (PCCh), implicó la consolidación de la tendencia renovadora y un triunfo personal para el líder Deng Xiaoping, quien se retiró de la dirección del partido pero conservará la jefatura suprema del ejército. Por su parte, Zhao Ziyang fue confirmado en su cargo de primer ministro.

El líder da un paso atrás no para desaparecer sino, al contrario, para poder ver con mayor claridad el espectáculo que montó concienzudamente. Será el poder entre bastidores, el director de la obra. Su primer actor será Zhao Ziyang, aquel que, por su encargo, recuperó económicamente a la gigantesca provincia de Sichuán. Zhao será secretario general del partido además de conservar su puesto de primer ministro.

El nuevo jefe del Partido Comunista Chino (PCCh), sobrevivió a las humillaciones a que lo sometieron los Guardias Rojos en los años de la Revolución Cultural para más tarde ganar fama como coherente reformista.

Zhao ganó prestigio internacional de innovador pragmático en el terreno de la economía a fines de la década del 70 cuando puso en práctica las reformas de corte capitalista inspiradas por Deng, precisamente en Sichuan, provincia natal del viejo líder.

En 1980 Zhao reemplazó en el cargo de primer ministro al hombre que Mao Tsé–tung había escogido para sucederlo, Hua Guofeng.

Siete años más tarde, el primer ministro se hacía cargo, con carácter interino, de la jefatura del partido cuando Hu Yaobang fue obligado a dejar el cargo acusado de mostrarse débil en el campo ideológico.

Zhao, a principios de 1987, detuvo la creciente influencia de una tendencia de línea dura que propugnaba el retorno a una ortodoxia intransigente.

El primer ministro es considerado uno de los principales mentores de la política económica orientada por el mercado que contraviene los postulados del marxismo en su versión clásica.

El partido concluyó su 13º Congreso con la elección de un nuevo comité central de 175 miembros, en el que por propia voluntad no fue reelecto el anciano número uno Deng Xiaoping, ni tampoco otros varios líderes octogenarios opuestos a su programa de reformas económicas y políticas.

Es la primera vez en la historia que un líder chino abandona voluntariamente sus cargos más importantes, destacaron los observadores.

Deng, de 83 años, seguirá ejerciendo no obstante su liderazgo y desempeñando su papel de "principal arquitecto" de las políticas de reforma del partido.

Todo fue hecho con suma precisión. Incluso el cambio de 10 de los 50 artículos de los estatutos del partido, de manera que Deng pueda manejar la comisión militar –virtual jefatura de las fuerzas armadas– sin la condición de que sus miembros deben ser integrantes de la comisión permanente del Politburó.

El líder ya no necesita cargos. Los reformistas se han impuesto. El puente entre aquellos y los conservadores puede desaparecer. El papel de conductor no lo dan los puestos sino las ideas. Comienza la etapa de anciano consejero.

Se inicia –así lo indica lo actuado en el congreso– una nueva y muy distinta larga marcha. El informe de Zhao Ziyang afirma que China está en la etapa primaria del socialismo. Un socialismo, dijo el delfín de Deng "con peculiaridades chinas".

Por otra parte el nuevo jefe de gobierno ha contribuido a afirmar la nueva imagen de la cúpula dirigente china en el exterior. Tras abandonar la tradicional chaqueta de corte Mao y adoptar los trajes de corte europeos, Zhao genera la impresión de un dirigente con el que Occidente puede tratar.

Zhao Ziyang nació en 1919 en el seno de una familia de terratenientes de la provincia de Henan.

A los 20 años se afilió al PCCh y se desempeñó como funcionario local y activista rural durante las guerras contra Japón y contra los chinos nacionalistas de Chan Kai-shek.

En 1950, un año después de la victoria comunista sobre los nacionalistas, fue nombrado secretario del PCCh en la provincia de Guangdong.

Se alió con la tendencia moderada del partido que orientaba Deng y su protector, el presidente Liu Shaopi.

Debido a esto se convirtió en blanco para los Guardias Rojos, protagonistas de la Revolución Cultural lanzada por Mao Tsé–tung en 1966.

Zhao fue destituido de su cargo y arrastrado por las calles de Cantón con un bonete de burro.

Pero en 1971 retornó a la función pública al ser designado para ocupar un puesto en Mongolia y, en 1975, volvió a ser secretario del partido en Guangdong.

Afirmó su prestigio cuando, a partir de 1975, se desempeñó como secretario del PCCh en la provincia de Sichuan. Esa designación fue promovida por el mismo Deng.

Analistas occidentales estimaron que el partido concedera a Deng su deseo de mantener la presidencia de la comisión militar central, cargo que equivale a la jefatura suprema del ejército chino, dado que el Congreso modificó su Constitución para permitir que ese puesto sea ocupado por alguien que no integra el comité central.

Detentador [illegible] el poder desde 1977, Deng Xiaoping fue el hombre que puso fin a 30 años de autocracia e igualitarismo impuestos por Mao Tse-tung con su programa de reformas políticas y económicas, que comenzó a aplicarse en 1979.

Junto a Deng, quien seguirá siendo el líder chino más influyente, según diplomáticos occidentales, también se retiraron del comité central otros varios líderes octogenarios, conservadores adversarios de las reformas.

La retirada de estos hombres no sólo saca del medio a los principales opositores del programa de reformas de Deng sino que también abre la vía para el rejuvenecimiento más importante del liderazgo del partido desde que la República Popular China fue fundada en 1949. ♦

LEVANTAN PROHIBICION DE VIAJAR

Taiwán: gesto de apertura hacia China Popular

Voceros del gobierno de China popular exhortaron a las autoridades de Taiwan a abolir las limitaciones impuestas a los chinos continentales para visitar la isla Taipei anunció, al mismo tiempo, que el gobernante Partido Nacionalista aprobó el levantamiento de la prohibición impuesta, tras la guerra civil china, que impedía a los ciudadanos taiwaneses

mité central nacionalista encabe- vil contra los comunistas en anticomunista del partido y la de-

bio en la política de Taiwan de no mantener contactos con la China continental, puesta en efecto por primera vez por Chiang Kai-Shek, padre del actual mandatario, cuando su gobierno nacionalista huyó a Taiwan después de perder la guerra civil contra los comunistas en 1949.

Voceros de China popular se-

ministro.

El líder da un paso atrás no para desaparecer sino, al contrario, para poder [illegible] con mayor claridad el espectáculo [illegible] montó concienzudamente. Será el poder entre bastidores, el director de la obra. Su primer actor será Zhao Ziyang, aquel que, por su encargo, recuperó económicamente a la gigantesca provincia de Sichuán. Zhao será secretario general del partido además de conservar su puesto de primer ministro.

El nuevo jefe del Partido Comunista Chino (PCCh), sobrevivió a las humillaciones a que lo sometieron los Guardias Rojos en los años de la Revolución Cultural para más tarde ganar rino, de la jefatura del partido cuando Hu Yaobang fue obligado a dejar el cargo acusado de mostrarse débil en el campo ideológico.

Zhao, a principios de 1987, detuvo la creciente influencia de una tendencia de línea dura que propugnaba el retorno a una ortodoxia intransigente.

El primer ministro es considerado uno de los principales mentores de la política económica orientada por el mercado que contraviene los postulados del marxismo en su versión clásica.

El partido concluyó su 13° Congreso con la elección de un nuevo comité central de 175 miembros, en el que por sión. Incluso el cambio de 10 de los 50 artículos de los estatutos del partido, de manera que Deng pueda manejar la comisión militar –virtual jefatura de las fuerzas armadas– sin la condición de que sus miembros deban ser integrantes de la comisión permanente del Politburó.

El líder ya no necesita cargos. Los reformistas se han impuesto. El puente entre aquellos y los conservadores puede desaparecer. El papel de conductor no lo dan los puestos sino las ideas. Comienza la etapa de anciano consejero.

Se inicia –así lo indica lo actuado en el congreso– una nueva y muy dis-

[illegible] provincia de Hunan.

A los 20 años se afilió al PCCh y se desempeñó como funcionario local y activista rural durante las guerras contra Japón y contra los chinos nacionalistas de Chan Kai-shek.

En 1950, un año después de la victoria comunista sobre los nacionalistas, fue nombrado secretario del PCCh en la provincia de Guangdong.

Se alió con la tendencia moderada del partido que orientaba Deng y su protector, el presidente Liu Shaopi.

Debido a esto se convirtió en blanco para los Guardias Rojos, protagonistas de la Revolución Cultural lanzada por Mao Tsé-tung en 1966.

tos por Mao Tse-tung con su programa de reformas políticas y económicas, que comenzó a aplicarse en 1979.

Junto a Deng, quien seguirá siendo el líder chino más influyente, según diplomáticos occidentales, también se retiraron del comité central otros varios líderes octogenarios, conservadores adversarios de las reformas.

La retirada de estos hombres no sólo saca del medio a los principales opositores del programa de reformas de Deng sino que también abre la vía para el rejuvenecimiento más importante del liderazgo del partido desde que la República Popular China fue fundada en 1949. ♦

LEVANTAN PROHIBICION DE VIAJAR

Taiwán: gesto de apertura hacia China Popular

Voceros del gobierno de China popular exhortaron a las autoridades de Taiwan a abolir las limitaciones impuestas a los chinos continentales para visitar la isla Taipei anunció, al mismo tiempo, que el gobernante Partido Nacionalista aprobó el levantamiento de la prohibición impuesta, tras la guerra civil china, que impedía a los ciudadanos taiwaneses trasladarse al continente. Se exceptúa de esta medida al personal militar y funcionarios gubernamentales.

El Kuomintang –el gobierno de Taiwan– dio señales hace 10 días, de un intento aperturista en las relaciones entre las dos Chinas: abolió las restricciones para que sus ciudadanos visiten el territorio continental. Pero este paso, sin duda una modificación sustancial, no tiene por qué hacer pensar en la inmediatez de una reunificación.

Se levantó así una prohibición impuesta hace 38 años que permite que sus ciudadanos puedan viajar a China comunista, sentando así las bases para la reunificación de familias separadas desde la guerra civil china.

El partido de gobierno dijo en una breve declaración que el comité central nacionalista, encabezado por el presidente Chiang Ching-Kuo, decidió levantar las restricciones por razones humanitarias.

En Pekín, la prensa oficial china respondió rápidamente, afirmando que "los compatriotas de Taiwan son bienvenidos al continente para visitar a sus parientes".

La declaración nacionalista afirma que los ciudadanos de Taiwan, con excepción del personal militar y funcionarios gubernamentales, podrán visitar a sus parientes *"sanguíneos políticos"* en la China continental.

El ofrecimiento de Deng parecía contiene ciertas similitudes con el acuerdo alcanzado con Gran Bretaña para el traspaso en 1997, a China, de la soberanía de Hong Kong en una conjugación de intereses territoriales, económicos y políticos. Tras perder la guerra civil contra los comunistas en 1949, el gobierno nacionalista de Taiwán, liderado entonces por Chiang Kai-Shek, mencionado "razones humanitarias" intenta, aparentemente, superar esa situación y se pone a la cabeza de una decisión que implica un cambio, a pocos días de la apertura del Congreso del Partido Comunista Chino, en un marco de consolidación de reformas.

Por su parte, Tony Liao, un importante conferencista de la Universidad china de Hong Kong, estudioso de las relaciones China-Taiwan, dijo que el cambio significa que los nacionalistas han abandonado su política de confrontación bélica con el continente, porque se han dado cuenta que "el contacto entre los dos pueblos reducirá las hostilidades".

Sin embargo, la declaración nacionalista subraya la política anticomunista del partido y la determinación de recuperar el continente del que sostienen son los verdaderos gobernantes.

Con esta medida, se legaliza lo que de alguna manera era ya una realidad. El año pasado, de acuerdo con estimaciones fidedignas, por lo menos unos 20.000 taiwaneses visitaron China comunista vía Hong Kong, desafiando la prohibición.

Recientemente, dos periodistas taiwaneses violaron las disposiciones vigentes y viajaron a Pekín y desde allí enviaron crónicas a sus respectivos periódicos en la isla.

Todavía hay muchas cosas por superar. Diferencias políticas, económicas y una historia de 38 años de división que separa a Pekín y a Taipei.

Pero esta medida, largamente esperada, es vista como un cambio en la política de Taiwan de no mantener contactos con la China continental, puesta en efecto por primera vez por Chiang Kai-Shek, padre del actual mandatario, cuando su gobierno nacionalista huyó a Taiwan después de perder la guerra civil contra los comunistas en 1949.

Voceros de China popular señalaron que los taiwaneses serán bienvenidos a su territorio y exhortaron a las autoridades de la isla a abolir las limitaciones impuestas a los chinos para visitar Taiwan.

Peng Huai-En, director de la revista mensual "Fengyung" (Fama), manifestó que el presidente Chiang Ching-Kuo *"aparentemente quiere superar la situación y hacer más fácil para la próxima generación acercarse a China para una posible reunificación".*

Deng Xiaoping, el líder de la República Popular China, ya había ofrecido a las autoridades taiwanesas iniciar un proceso tendiente a la reunificación y señaló que Pekín aceptaba que la isla conservara las estructuras esenciales de su sistema político y económico. La respuesta de Taipei fue una rotunda negativa. ♦



obreros de una planta taiwanesa instalada en China

Taiwán y China: primeros pasos

Después de casi cuatro décadas de tenaz aislamiento, hay indicios de acercamiento entre las "dos Chinas": la enorme masa continental y Taiwán, o isla de Formosa. El empuje es sobre todo económico, y basado en los recientes cambios de postura de ambos regímenes enfrentados

Cuando en 1949 las tropas nacionalistas de Chiang Kai-Shek emprendieron la retirada de China continental, ante la victoria de las fuerzas comunistas, casi dos millones de nacidos en el continente comenzaron a vivir en un aislamiento que iba a prolongarse a lo largo de casi cuatro décadas. El gobierno de Taipei insistió, durante ese período en que era el auténtico gobierno de China, y que alguna vez regresaría a conquistar el continente. A nivel internacional la afirmación, contradicha por los hechos, era promovida por el juego de las superpotencias: Washington apoyaba su pretensión, manifestaba ese a[illegible] con ayuda económica y militar abundante, y sostenía a Taiwán en la ONU.

A nivel interno, existe la prohibición absoluta de viajar al continente, con fuertes penas legales. El modo en que se ha ido modificando el contexto internacional y económico, sin embargo, ha comenzado a aflojar las restricciones extraoficialmente. En 1979 la República Popular China fue reconocida en la ONU y pasó a integrar su Consejo de Seguridad. El [illegible] se tradujo en un mayor aislamiento diplomático para Taiwán. A su vez el bienestar económico provocado por la evolución de la industria liviana y sus abundantes importaciones produjo, como en Corea del Sur, el crecimiento de una capa de clase media con inquietudes políticas, que presiona cada vez más por una liberalización en los planos político y social.

Entretanto, al otro lado del estrecho de Taiwán la apertura progresiva de China a [illegible]



Antiguos líderes y nuevas realidades: Chiang-Kai-Shek y Mao

espera que este año la cifra aumente en un 50%.

Pero los empresarios desean participar más activamente en el proceso de apertura al exterior de China, aprovechado por países de leyes menos rígidas al respecto, como Corea del Sur, Singapur y el propio Hong Kong. De modo casi clandestino, varios empresarios se han animado a abrir camino participando en empresas mixtas del continente. Los empuja fundamentalmente el deseo de aprovechar los costos mucho más reducidos de producción: la apreciación del dólar taiwanés y el aumento de los salarios ha vuelto atractivo el costo continental, donde el salario obrero es unas 15 veces inferior al de la isla.

A ello se agregan los términos especiales con que recibe Pekín a los inversores taiwaneses, ofreciéndoles ventajas impositivas, importación libre de recargos y exenciones superiores a las de los inversores de otras nacionalidades.

Por el momento los movimientos son lentos y en pequeña escala. El gobierno de Taipei sigue manteniendo su fachada de severidad, y teme que el [illegible] en las relaciones pueda repercutir [illegible] en la política interna.

El año pasado se permitió la formación del Partido del Progreso Democrático (PPD). En julio se levantaron restricciones del estado de sitio. Si en la población la relación entre nativos y ex "continentales" favorece abrumadoramente a los primeros (que forman el 85%), en el Parlamento la relación se invierte, y el Kuomintang domina las dos terceras partes. El PPD, que [illegible]

con ayuda económica y militar abundante, y sostenía a Taiwán en la ONU.

A nivel interno, existe la prohibición absoluta de viajar al continente, con fuertes penas legales. El modo en que se ha ido modificando el contexto internacional y económico, sin embargo, ha comenzado a aflojar las restricciones extraoficialmente. En 1979 la República Popular China fue reconocida en la ONU y pasó a integrar su Consejo de Seguridad. El movimiento se tradujo en un mayor aislamiento diplomático para Taiwán. A su vez el bienestar económico provocado por la evolución de la industria liviana y sus abundantes importaciones produjo, como en Corea del Sur, el crecimiento de una capa de clase media con inquietudes políticas, que presiona cada vez más por una liberalización en los planos político y social.

Entretanto, al otro lado del estrecho de Taiwán la apertura progresiva de China a las inversiones extranjeras, y la relativa liberalización de su propio régimen, ha ayudado a crear un clima propicio para un acercamiento. Tal atmósfera ha ido acompañada por medidas concretas. Desde 1979 Pekín insiste en lo que han bautizado la "ofensiva sonriente": la oferta de ventajas económicas para inversores taiwaneses y facilidades para el intercambio comercial y las visitas de parientes de ambas regiones.

Taiwán y China: primeros pasos

LA RAZON 18/10/87

Sólo para mayores

En el correr de este año el gobierno taiwanés comenzó a mostrar señales de flexibilidad, a diversos niveles, desde los detalles de lenguaje (ha dejado de tratar de "bandidos comunistas" a los líderes de la República Popular China), hasta hacer la vista gorda económica (ha permitido que empresarios locales intenten aventuras económicas al otro lado del estrecho) o estudiar medidas concretas, explícitas. Una de ellas permitirá que por primera vez los mayores de 55 años que tengan parientes en el continente puedan viajar legalmente a visitarlos.

Hasta ahora el contacto se hacía a través de un viaje triangular y costoso, que incluía como puente a Hong Kong o Tokio. En el último par de años se han multiplicado las oportunidades de contacto, con la excusa de campeonatos de bridge o acontecimientos sociales semejantes. Se espera que el desbloqueo relativo provoque una afluencia masiva a la provincia continental de Fujian, tierra natal de la mayoría de los residentes de Taiwán.

También en el plano cultural se advierte el deshielo: en China continental se publican con frecuencia obras de escritores taiwaneses (a quienes se les pagan los derechos mediante cuentas bancarias anónimas de Hong Kong); en la provincia de Pujian un teatro presenta obras de origen taiwanés; en agosto de este año una feria en la "zona especial" (una de las creaciones del nuevo régimen chino) de Shenshen presentó una feria de libros taiwaneses sobre política, temas militares y economía; la propia liberalización del continente ha provocado un afloje de la censura en Taiwán, aunque en pequeña medida (se ha permitido el crecimiento de un mercado de videos pirateados con paisajes de China; o la edición de los recuerdos de Kao Chun, un poeta que visitó clandestinamente el continente en 1981).

En parte la nueva actitud, después de décadas de una política de rechazo total ("ni acuerdo, ni negociacion, ni contacto") depende de las crecientes presiones de los propios taiwaneses, que vinculan la libertad de viajar, con libertades más específicamente políticas, como la de vivir en un sistema democrático.

Por su parte el gobierno de Taipei confía en que la flexibilidad redunde en un efecto propagandístico: el ingreso per cápita de la isla es netamente superior al del continente, y los viajeros dan testimonio de esa diferencia. Es lo que ocurrió con dos periodistas que hicieron el "viaje prohibido" a fines de setiembre, y que informaron sobre las difíciles condiciones de vida de las aldeas campesinas chinas, comparadas con zonas del propio Taiwán. Aun así el gobierno se sintió obligado a seguir manteniendo una fachada de severidad y prometer castigo, en un "doble discurso" que se hará cada vez más difícil de sostener a medida que los contactos aumenten.

Mano de obra barata

Donde se han advertido con mayor claridad indicios de cambio es en el plano económico. Los empresarios taiwaneses realizan intercambio desde hace tiempo a través de Hong Kong: se calcula en 1.000 millones de dólares (según datos del gobierno de Hong Kong) el monto de lo negociado en el intercambio en los dos sentidos en 1986. Se [illegible] inferior al de la isla.

A ello se agregan los términos especiales con que recibe Pekín a los inversores taiwaneses, ofreciéndoles ventajas impositivas, importación libre de recargos y exenciones superiores a las de los inversores de otras nacionalidades.

Por el momento los movimientos son lentos y en pequeña escala. El gobierno de Taipei sigue manteniendo su fachada de severidad, y teme que el deshielo en las relaciones pueda repercutir negativamente en la política interna.

El año pasado se permitió la formación del Partido del Progreso Democrático (PPD). En julio se levantaron restricciones del estado de sitio. Si en la población la relación entre nativos y ex "continentales" favorece abrumadoramente a los primeros (que forman el 85%), en el Parlamento la relación se invierte, y el Kuomintang domina las dos terceras partes. El PPD, que nuclea a masas jóvenes sin vínculos de nostalgia con el continente, ha comenzado a sugerir que desea la "autodeterminación" de la isla, algo que rechazan con la misma intensidad el régimen local y el de China continental.

Si por una parte el temor de "desborde" se corporiza en los recientes tumultos de Corea del Sur, por otra, soluciones como la de Hong Kong (donde la devolución a China se hará según un proyecto de "dos sistemas y un solo estado"), o el acercamiento entre las dos Alemanias (concretado en la reciente visita de Honecker a Berlín) vuelve especulativamente posible el fin del aislamiento entre la isla y el continente.

E.K.

POCO LEGIBLE

Las dos Chinas

Taiwán

Territorio: 35.961 km2.
Población: 19.000.000 de habitantes.
Religión: predomina el budismo chino; le siguen el taoísmo y el confucianismo. Minorías musulmana y cristiana.
Idiomas: chino (oficial), en especial el dialecto de Amoy [illegible]
Política: Predominio absoluto del Kuomintang (Partido Nacionalista Chino) [illegible] apoyan al Partido de China Joven y el Partido Socialdemócrata de China. La oposición ha comenzado a nuclearse alrededor del Partido del Progreso Democrático.

República Popular China

Territorio: 9.596.961 km2.
Población: 1.100.000.000 de habitantes.
Religión: predomina el budismo; le siguen el taoísmo y el confucianismo.
Idiomas: chino oficial. Numerosos dialectos, entre los que predomina [illegible]
Política: [illegible]

712107

China

033

LA NACION 22/01/87

La deuda china

PEKIN.– La deuda externa de China no superará el 20 por ciento de sus entradas por exportaciones y actualmente representa solamente el 8,5 por ciento de las mismas, según el viceministro de Finanzas, Tian Yinung.

El diario oficial World Economic Herald cita a Tian como diciendo que la deuda externa no superará el 13 por ciento, sin dar otros detalles.

Hasta agosto pasado, China había firmado préstamos externos por 28.900 millones de dólares entre 1979 y fines de 1986, de los cuales 20.700 millones habían sido utilizado.

01-01 8712172

033

KPCH.

JAQUE 14/10/87

El derecho de autodeterminación

Tibet: "que los chinos se vayan"

Rodeado por las montañas más altas de la tierra, que lo hacen casi inaccesible, el territorio del Tibet ha ejercido desde tiempos lejanos una extraña atracción sobre el hombre occidental.

Estos últimos días ha vuelto a ser foco de atención. El 7 de Octubre se cumplieron 37 años de la ocupación del territorio tibetano, lo que permitió un nuevo levantamiento de elementos nacionalistas en contra de las autoridades comunistas chinas que administran el territorio desde que éste contra la voluntad de la amplia mayoría de los tibetanos, se convirtió en la quinta región autónoma de la República Popular de China.

Al igual que en acontecimientos similares —el levantamiento de 1959, a modo de ejemplo— sucede algo que llama poderosamente la atención: las informaciones son fragmentadas, tardías y confusas. A pesar de los avances tecnológicos que en materia de comunicaciones nos ha dejado nuestro siglo, la geografía del Tibet sigue siendo una barrera impenetrable que dificultó tremendamente el trabajo de los aprox. 15 corresponsales extranjeros que lograron llegar, días atrás, a Lhasa, capital del territorio.

Los focos de la revuelta fueron nuevamente los Lamasterios —Monasterios, para los occidentales— desde donde los Lamas, que conforman la casta religiosa y gobernante del Tibet, incitaron a la revuelta que degeneró en enfrentamientos con la policía, en el saqueo de varios puestos policiales, y en el incendio del principal cuartel de la Guardia Policial en el centro de Lhasa. Los últimos cables nos informan que el saldo de estos choques ascendería a una veintena de muertos entre policías y manifestantes.

El Lamasterio de Sera, en los suburbios de Lhasa, fue aparentemente uno de los focos principales



de la revuelta. La policía y tropas chinas cercaron inmediatamente el lugar, impidiendo incluso el ingreso de varios periodistas occidentales al mismo. No obstante, los Lamas lograron imprimir un comunicado de dos páginas que fue repartido entre turistas; un ejemplar logró llegar hasta las oficinas de una agencia noticiosa norteamericana con sede en Nueva Delhi, especificándose en el claramente que "Nosotros los Tibetanos hemos pedido a los chinos que ocupan nuestro territorio que se vayan". El documento afirmaba que se habían sucedido múltiples enfrentamientos en los cuales fallecieron hasta 10 Lamas, pero que de ser necesario habría muchos otros tibetanos muertos, si ello era la precondición para lograr la independencia del Tibet.

Muchos de los exiliados tibetanos en India —durante la revuelta de 1959 lograron huir cerca de 100.000— han iniciado movimientos de protesta en Nueva Delhi. Manifestaciones frente a la embajada de China en la capital hindú terminaron en enfrentamientos con la policía, con varios arrestados. Varios Lamas, representantes de los Lamasterios más poderosos y antiguos, se hicieron presentes en Naciones Unidas para lograr algún apoyo para los movimientos independentistas, así como para intentar consagrar un reconocimiento al gobierno Tibetano en el exilio.

La situación hoy sigue tensa, aunque aparentemente los enfrentamientos entre policías y manifestantes se han calmado. Las autoridades chinas han establecido una rígida censura de prensa: se cortaron las líneas telefónicas y de télex para el exterior, lo que limita toda la información a lo que puedan observar los viajeros que abandonen Tibet a través del aeropuerto internacional de Lhasa. Se estaría gestionando una orden de expulsión de todos los corresponsales extranjeros argumentando que su ingreso no fue autorizado por las autoridades.

El territorio del Tibet ha sido ocupado, desde tiempos inmemoriales, por diversos ejércitos. Quienes más reivindican sus potestades sobre el territorio montañoso de clima árido y con apenas 2 millones de habitantes son los chinos. Lograron legalizar su ocupación en 1950, luego de un tratado firmado entre la Unión Soviética y Gran Bretaña en el cual reconocían los derechos chinos sobre la región. Aquí, una vez más, el derecho de autodeterminación de los pueblos se ignoró. Los tibetanos quieren ser independientes, y las consecuencias que derivan de algunas injusticias históricas se están observando.

L.G.E.

P.N.CH.

033

CALAMARES A TAIWAN.

El buque frigorífico "W[illegible] Jeong Tay" está cargando una [illegible] partida de calamares.

En efecto la nave zarpará con destino a Taiwan en China Nacionalista una partida de 1.200 toneladas de calamares provenientes de capturas de pesqueros chinos.

01-01

871207

033

Tibet

Nacionalismo y budismo



Cuando en las resoluciones de las NN.UU., de la UNESCO, la UNCTAD u otros organismos internacionales se menciona la tragedia de una nación sin Estado, siempre se hace referencia al pueblo palestino. Como si el mismo drama no lo tuviesen otras naciones sin Estado: los kurdos, los armenios, los tamiles, los tibetanos y muchos más. De los últimos, casi nada se comenta en la prensa internacional. Al menos hasta hace poco, exactamente hasta el 1° de octubre, fecha en la cual un centenar de lamas (monjes), rodeando el Jokhang, el templo más sagrado del budismo tibetano, manifestaban contra las autoridades chinas al grito de "Tibet para los tibetanos".

Los lamas fueron encarcelados por los chinos y eso desencadenó una verdadera rebelión popular en que miles de habitantes de la capital, Lhassa, atacaron la sede de la policía central, produciéndose una masacre que determinó el renacer del nacionalismo tibetano.

Invasión del santuario

Nadie se inmutó en 1950 cuando el ejército popular chino invadió Tibet derrotando a las tropas del Dalai-Lama, que hasta ese momento regía los destinos de un gobierno teocrático, con un territorio independiente de hecho desde siglos atrás y protegido por su situación geográfica que lo sitúa en un altiplano a 5.000 metros de altura, rodeado de montañas. Hasta 1956 las tropas chinas se instalaron en el país sin intervenir mayormente en la administración, pero a partir de esa fecha China crea órganos de supervisión del territorio, impone una reforma agraria y obliga a los monjes a casarse y a cultivar las tierras.

Como el Dalai-Lama es la reencarnación de Buda y los lamas son sus ayudantes directos, eso cayó como un sacrilegio a los tibetanos y los khampas (guerreros) promovieron una violenta revuelta que fue sofocada por los chinos y en 1959, el Dalai-Lama se refugió en la India con miles de seguidores. Como consecuencia de todo esto China dinamitó los monasterios. De varios miles que había, al paso de la revolución cultural quedaron sólo varias decenas. Condenó el acceso a la orden de nuevos monjes, impidió el cultivo tradicional tibetano —la cebada— imponiendo la siembra de arroz y de trigo y prohibió la práctica religiosa, que es el fundamento mismo de la cultura tibetana.

Luego, desde 1979 en adelante, las autoridades chinas —revisionismo del maoísmo, mediante— perciben sus errores y cambian su táctica, liberalizando bastante la práctica religiosa y algo la economía, fomentando el turismo y las inversiones.

Nacionalismo renaciente

En ese contexto más liberal de la China pos-Mao, el gobierno de Pekín invita a volver al Dalai-Lama, pero no a Lhassa, sino a la capital china, ofreciendo reconocerle su estatus de jefe espiritual, a cambio de su aval en la integración del Tibet a la República Popular. La reencarnación de Buda no acepta, acusando a los hombres de Deng Xiaoping, de querer "chinatizar" su nación.

El 21 de setiembre de este año el Dalai-Lama explaya sus penas ante el Congreso de EE.UU., proponiendo crear una zona desmilitarizada en el Tibet, lo cual provocó una acusación de los chinos de querer independizar el altiplano y de intervenir en asuntos internos. Simultáneamente los jefes lamas de los tres monasterios más grandes, exponen su causa ante la asamblea general de las NN.UU. y todo esto es lo que provoca la manifestación de los monjes del 1° de octubre, con la cual comenzamos esta nota.

Para China Popular el problema es serio, por el mal ejemplo que conlleva y porque en el año 1986 unos 40.000 turistas dejaron buenas divisas en Tibet y los últimos sucesos con expulsiones de extranjeros y ocupación de monasterios, han determinado un retraimiento lógico del flujo de visitantes. Por su parte, el Senado de EE.UU. adopta una resolución que liga las ventas de armas a China Popular a la finalización de las violaciones de los derechos humanos en lo que se ha dado en llamar el "techo del mundo".

Mientras tanto, el Dalai-Lama apela el 7 de octubre a la desobediencia civil no violenta contra el ocupante chino, —al mejor estilo de Mahatma Gandhi— y la propaganda de Pekín habla de "separatistas y terroristas" refiriéndose a los lamas en rebelión acusando al Dalai de haber organizado los incidentes.

Pero lo concreto es que los 5 y pico de millones de tibetanos, que tienen los ojos puestos en su jefe espiritual, han visto el renacer del nacionalismo o como dijo el gobierno en exilio desde su sede india de Dharamsala: "El inicio de la lucha de liberación nacional tibetana". Quizás sean vanas esperanzas y difícilmente puedan terminar con la presión de un invasor que cuenta con una población de 1.000 millones de personas. Pero al menos, por las muestras recientes, los tibetanos no van a facilitar las cosas a Pekín. (1)

Alfredo Costa Mills

EL DIA [illegible]

(1) Dada la particular sensibilidad que tienen algunos con el asunto de la relaciones diplomáticas con China, no quisiéramos que esta nota se interprete como una defensa indirecta al régimen de Taiwan. A ese tema nos referiremos en su momento.

01-01 8712276

DISCULPE.
16/9/87

NORA



¿QUIEN CAMBIO? ¿SANGUINETTI O TAIWAN?

En el diario "ACCION" del 21 de mayo de 1973, figura el artículo que a continuación transcribimos firmado por JULIO MARIA SANGUINETTI. Hoy que está a punto de decidirse si supeditamos nuestra amistad con la China ***democrática a la venta de unos vellones de lana, que es lo mismo que decidir si nos vendemos a la China comunista rompiendo -por imposición*** *de esta última- con nuestra amiga Taiwan, es bueno que recordemos lo que entonces opinaba el hoy Presidente de la República sobre esa posibilidad, cuando es muy factible que sea él quien rubrique la infamia de un acuerdo con la China roja. Y es bueno que él también lo recuerde. Porque si finalmente firma el establecimiento de relaciones diplomáticas con la China de Pekín rompiendo las que mantenemos con China nacionalista, tendrá que explicar -y ser muy claro en sus conceptos- si el que cambió fue él o fue Taiwan.*

Aclaramos que los subrayados nos pertenecen.

TAIWAN, UNA VOLUNTAD DE SUPERVIVENCIA

nacidos y criados ya en el contorno geográfico y cultural del nuevo país.

Taipei, la capital de Taiwan, es una ciudad de 1.600.000 habitantes. Rodeada de colinas de hermosa vegetación, que el hombre trabaja con sistemática paciencia, la capital crece y se moderniza constantemente, resolviendo sobre la marcha los problemas urbanísticos de ese desarrollo acelerado.

Tanto Taipei como las demás ciudades de la isla no son viejas capitales. Han nacido del esfuerzo de estos años, sobre la base de pequeños núcleos que servían a una población enteramente agrícola. Hoy, la población urbana alcanza ya a la mitad de los habitantes como consecuencia natural del empuje industrial de una nación que va diversificando su economía mediante ambiciosos planes de desarrollo económico.

CHINO SIEMPRE CHINO

El chino mantiene sus costumbres, su tradición, los hábitos emergentes de su cultura milenaria. Las necesidades del mundo contemporáneo le han impuesto, lógicamente, una adaptación a las condiciones de vida de una sociedad industrial. Pero ello no ha cambiado las bases éticas de una vida que sigue rigiéndose en Confucio y sus sabias máximas, código moral que predica la confraternidad humana, el desarrollo de la persona humana y la afirmación del sistema familiar.

La propia lucha contra los comunistas, que han enterrado la religión y sus tradiciones, conduce a la reafirmación tradicionalista como un modo de afirmación del ser nacional. Que se mantiene tanto en el plano filosófico como en el diario vivir. Así, el chino sigue devoto a su comida tradicional, que en pequeños platitos ofrece variedad infinita de gustos y sabores. A diferencia de nosotros, que comemos mucho de pocos platos, el chino -sabiamente- come poco de muchos y muy variados platos, que sazona y condimenta con variadas salsas, multiplicando las combinaciones de sabor. Una comida normal en una casa de familia consta de cinco o seis platos (mariscos o carne de gallina o cerdo, legumbres, sopa, arroz), una comida formal pasa la docena de platos, que el chino ofrece al visitante como tributo de amistad y forma de su milenaria hospitalidad.

VOLUNTAD DE SOBREVIVENCIA

El desvío de la diplomacia norteamericana frente a China, con el resonante acercamiento de Nixon y Mau, ha puesto un signo de interrogación sobre China nacionalista. A la distancia, ese signo se agiganta, cuando simplistamente se pregunta cómo podrá sobrevivir este pequeño Estado, de 15 millones, frente a la superpotencia continental con sus 700 millones de habitantes, que crecen vertiginosamente pese a los esfuerzos disuasivos del gobierno.

Recorriendo Taiwan la interrogante cede a una respuesta clara, cuando se mide la inequívoca voluntad de sobrevivencia de un pueblo, que construye su desarrollo mediante el trabajo y vela su soberanía con un poderoso ejército. La economía crece, las exportaciones se elevan, el standard de vida sube sin cesar a ritmo acelerado. Todo ello se hace, sin perjuicio de mantener un ejército regular de 550 mil hombres, equipados con los últimos elementos, que salvaguardan la integridad de la República.

Contra esa voluntad, ninguna diplomacia podrá. Los que hoy abandonan a China, mañana deberán reconocerla, cuando el tiempo muestre que no sólo sobrevive sino que, aún pequeña, muestra formas de vida y de economía superlativamente superiores al de ese gigantesco hormiguero marxista que regimenta hombres en la perfección de un sistema educativo de adiestramiento y un lavado de cerebro constante y sistemático.

LA MODA DE MAO

Cualquiera entiende que no era sensato que una China con 700 millones de hombres pudiera ser ignorada por la organización internacional, veinte años después de su advenimiento como Estado. La lógica lo indica, aunque las respectivas políticas internacionales impongan un enfrentamiento que obligue a romper a todo otro Estado que haya reconocido al rival.

Del mismo modo la lógica también señala que es ridícula la posición de Estados que hoy ignoran a China nacionalista, con la misma solidez conque hasta ayer sostenían la posición contraria. Las modas son y no hay duda de que hoy el maoísmo es la minifalda de la ideología marxista, ahora que Moscú aparece como una vetusta y burocrática estructura aburguesada. En ese nuevo [illegible] ha caído también EEUU que se ha pasado de un extremo al otro y hoy exhibe su nueva amistad con ingenuidad juvenil.

Pero todo esto pasará, como pasará la ilusión de algunos Estados que hoy se abalanzan sobre el mercado chino, pensando que allí hay un [illegible] ilimitado, sin advertir que esos 700 millones consumen muy poco, que el gobierno restringe al mínimo toda variante de vestimenta y comida y que no concede nada

01-01

8712294

En el diario "ACCION" del 21 de mayo de 1973, figura el artículo que a continuación transcribimos, firmado por JULIO MARIA SANGUINETTI. Hoy que está a punto de decidirse si supeditamos nuestra amistad con la China democrática a la venta de unos vellones de lana, que es lo mismo que decidir si nos vendemos a la China comunista rompiendo -por imposición de esta última- con nuestra amiga Taiwan, es bueno que recordamos lo que entonces opinaba el hoy Presidente de la República sobre esa posibilidad, cuando es muy factible que sea él quien rubrique la infamia de un acuerdo con la China roja. Y es bueno que él también lo recuerde. Porque si finalmente firma el establecimiento de relaciones diplomáticas con la China de Pekín rompiendo las que mantenemos con China nacionalista, tendrá que explicar -y ser muy claro en sus conceptos- si el que cambió fue él o fue Taiwan.

Aclaramos que los subrayados nos pertenecen.

TAIWAN, UNA VOLUNTAD DE SUPERVIVENCIA

En los apenas 35 mil kilómetros de la isla de Taiwan, "Formosa" para el navegante portugués que la descubrió, viven hoy 5 millones de chinos, que aún bajo la patriarcal advocación del Generalísimo Chiang Kai-Sek, levantan las banderas liberales frente al poderío multitudinario de la China Roja. Desde 1949, en que Chiang mudó su gobierno para allí ante el avance maoista, se ha construido un país en lo que era apenas una isla que históricamente había pasado de mano en mano, y donde todo hubo de hacerse al impulso de la necesidad y en medio de la superpoblación (una densidad de 450 habitantes por kilómetro) más alta del mundo. Así, bajo la constante amenaza, ese pueblo ha superado todos los obstáculos y aún en medio del aislamiento diplomático conque se le ha ido cercando, ofrece el espectáculo de un desarrollo económico y social vigorosamente en ascenso.

PUEBLOS CIUDADES

Los 15 millones de chinos que se agolpan en la isla de Taiwan proceden de toda China, pero especialmente del Sur. Pocos rastros se advierten en la población de la ocupación japonesa, que se arrastró desde 1895 hasta 1945, al término de la guerra. El fenómeno demográfico y cultural importante es que, unido al chino continental y a los pocos aborígenes de la isla -de origen polinesio- van creciendo los nativos de Taiwan, nacidos y criados ya en el contorno geográfico y cultural del nuevo país.

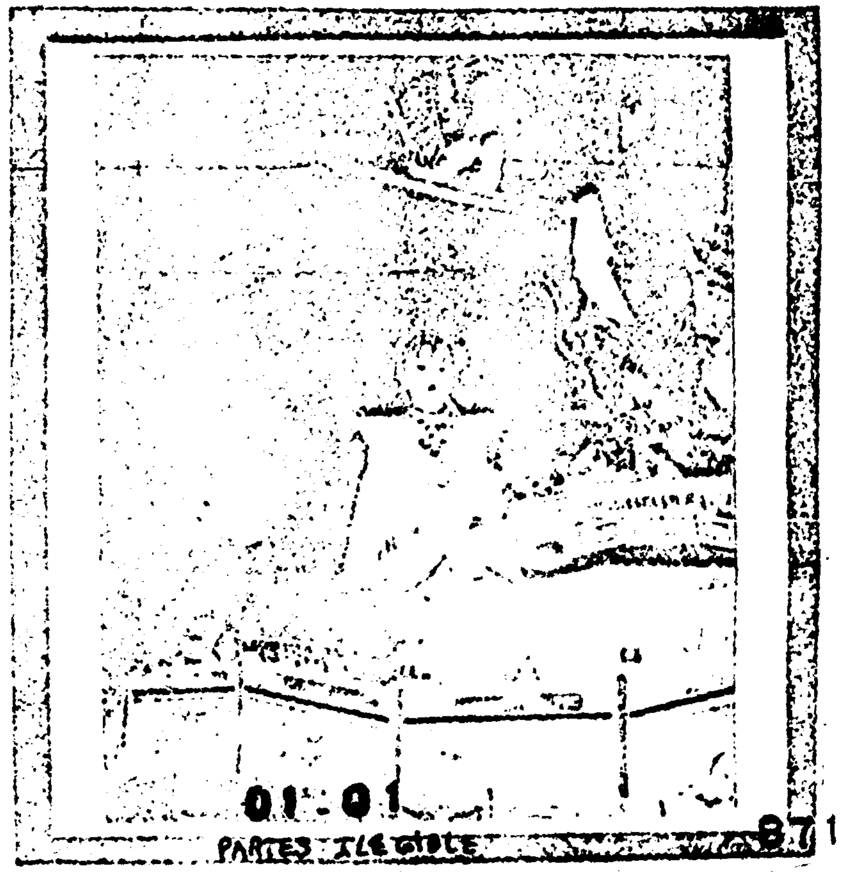
Taipei, la capital de Taiwan, es una ciudad de 1.600.000 habitantes. Rodeada de colinas de hermosa vegetación, que el hombre trabaja con sistemática paciencia, la capital crece y se moderniza constantemente, resolviendo sobre la marcha los problemas urbanísticos de ese desarrollo acelerado.

Tanto Taipei como las demás ciudades de la isla no son viejas capitales. Han nacido del esfuerzo de estos años, sobre la base de pequeños núcleos que servían a una población enteramente agrícola. Hoy, la población urbana alcanza ya a la mitad de los habitantes como consecuencia natural del empuje industrial de una nación que va diversificando su economía mediante ambiciosos planes de desarrollo económico.

CHINO SIEMPRE CHINO

El chino mantiene sus costumbres, su tradición, los hábitos emergentes de su cultura milenaria. Las necesidades del mundo contemporáneo le han impuesto, lógicamente, una adaptación a las condiciones de vida de una sociedad industrial. Pero ello no ha cambiado las bases éticas de una vida que sigue rigiéndose en Confucio y sus sabias máximas, código moral que predica la confraternidad humana, el desarrollo de la persona humana y la afirmación del sistema familiar.

La propia lucha contra los comunistas, que han enterrado la religión y sus tradiciones, conduce a la reafirmación tradicionalista como un modo de afirmación del ser nacional. Que se mantiene tanto en el plano filosófico como en el diario vivir. Así, el chino sigue devoto a su comida tradicional, que en pequeños platitos ofrece variedad infinita de gustos y sabores. A diferencia de nosotros, que comemos mucho de pocos platos, el chino -sabiamente- come poco de muchos y muy variados platos, que sazona y condimenta con variadas salsas, multiplicando las combinaciones de sabor. Una comida normal en una casa de familia consta de cinco o seis platos (mariscos o carne de gallina o cerdo, legumbres, sopa, arroz), una comida formal pasa la docena de platos, que el chino ofrece al visitante como tributo de amistad y forma de su milenaria hospitalidad.



LA MODA DE MAO

Cualquiera entiende que no era sensato que una China con 700 millones de hombres pudiera ser ignorada por la organización internacional, veinte años después de su advenimiento como Estado. La lógica lo indica, aunque las [illegible] tivas políticas internacionales impongan un enfrentamiento que obligue a romper a todo otro Estado que haya reconocido al rival.

Del mismo modo la lógica también señala que es ridícula la posición de Estados que hoy ignoran a China nacionalista, con la misma soltura conque hasta ayer sostenían la posición contraria. Las modas son y no hay duda de que hoy el maoísmo es la minifalda de la ideología marxista, ahora que Moscú aparece como una vetusta y burocrática estructura aburguesada. En ese nuevo [illegible] ha caído también EEUU que se ha pasado de un extremo al otro y hoy exhibe su nueva amistad con ingenuidad juvenil.

Pero todo esto pasará, como pasará la ilusión de algunos Estados que hoy se abalanzan sobre el mercado chino, pensando que allí hay un mercado ilimitado, sin advertir que esos 700 millones consumen muy poco, que el gobierno restringe al mínimo toda variante de vestimenta y comida y que no concede nada a los hábitos de comodidad de su pueblo. Es más, las maquinarias que hoy los chinos comunistas compran en algunos países capitalistas, sólo tienen como destino el ser copiadas, para ir logrando un auto-abastecimiento paulatino de esos elementos que, con cuenta-gotas, se van incorporando a su economía.

NUESTRA POSICION

Uruguay ha estado hasta hoy vinculado a China nacionalista y cometería a nuestro juicio un error si se apresurara a [illegible] en la posición de moda, abandonando una línea que tiene tradición, mantiene una vinculación democrática y reafirma la presencia de un Estado pequeño, cosa que nunca un país como el nuestro puede perder de vista.

El espejismo comercial de China comunista no pasa de ser eso, una ilusión. Mientras China nacionalista, en cambio, puede ser la perspectiva cierta para nuestro país, de entendimientos fecundos y de alcance en campos como el de la pesca o el simple intercambio comercial.

Ser furgón de cola en Pekín no significará nada para nuestro país, salvo el abandono de una relación histórica que puede hoy ofrecer nuevos terrenos de desarrollo. La prudencia sería hoy el consejo más adecuado que podría ofrecérsele a la diplomacia de nuestro Palacio Santos.

Julio Ma. Sanguinetti

INTERCHINAS

033

Embajador visitó Rocha

Relaciones con China Popular

VER DE CHINA

LA MAÑANA 30/11/87

ROCHA (Por Mario Barcelò). El Embajador de la República de China, Henry Wang, analizó la posibilidad de que nuestro país establezca relaciones con China Popular, en el curso de una gira por Rocha, Treinta y Tres y Cerro Largo donde mantuvo reuniones con los Intendentes y cultivadores de soja.

Consultado por "La Mañana" sobre las razones de su visita a la región estableció que "el principal propósito que me mueve al venir al interior, es hacer llegar los saludos de mi Gobierno a los amigos de la República de China y apreciar las etapas que se están cumpliendo en el cultivo de la soja. El plan nacional es un programa que tiene gran importancia para la transformación de la estructura de la región. Estamos seguros que mi Gobierno tiene sumo agrado en ver que ese plan se ha llevado a cabo de manera cada vez de mayor beneficio para las comunidades de Rocha, Treinta y Tres y Cerro Largo".

"La Mañana" preguntó al Embajador sobre el futuro de las relaciones diplomáticas con Uruguay, a la vista del eventual establecimiento de vínculos con el Gobierno de la República Popular de China a lo que respondió: "Las relaciones entre la República de China y la República Oriental del Uruguay se han estado llevando a cabo por espacio de más de treinta años y ,claro, cada Estado tiene derecho soberano de establecer nuevas relaciones o buscar nuevos amigos con quien desee. A ese respecto nuestro Gobierno no tiene ninguna opinión. Sin embargo, sobre la base de una vieja amistad de nuestros Estados, nuestro punto de vista es que cualquier relación que se lleve a cabo, no vaya en detrimento de nuestras relaciones.

— Precisamente cuando esas relaciones se llevan a cabo con muchas condicionantes, creemos que si esas condiciones imponen al Gobierno uruguayo romper relaciones con otro país con quien ya las tiene, pues creemos que eso es injusto. A la larga, esas relaciones con condiciones no van a durar mucho. El Gobierno de la República de China y el de Uruguay han mantenido relaciones de amistad basadas en un sincero deseo de respeto mutuo y de beneficio común".

Entrevistado sobre el futuro de los convenios actualmente en vigencia, Wang dijo que: "Nada se me ha dicho desde la parte oficial. Me cabe a mí solamente expresarle que estoy aquí desde hace dos años para lograr que estos convenios culminen de manera feliz".

Finalmente, sobre el futuro de las relaciones entre los dos Gobiernos chinos dijo que. "este asunto compete al pueblo chino y esperamos que a la hora de constituirse el mismo decida qué es lo que más conviene a sus intereses y que pueda hacerlo en entera libertad".

01-01

87/2324

033

CLARIN 20/1/87

Agencia Reuter



Desertó un piloto chino

El piloto chino Liu Zhiyuan, quien voló a Taiwán en su MiG 19. El desertor aterrizó en la base militar de Ching Chuan Kang, luego de haber sido escoltado por unidades de la fuerza aérea de Taipei, apenas ingresó al espacio aéreo de Taiwán. Este es el segundo avión chino cuyo piloto se pasa a la isla nacionalista en los últimos cuatro años.

Pese a que en el terreno ideológico persiste la ortodoxia comunista

Acentúa la nueva conducción china su política de liberalización económica

Escribe
Alejandro A. Tagliavini

La sensatez sigue imponiéndose en el mundo, es así que Zhao Ziyang, jefe del Partido Comunista Chino (PCC), el 25 de octubre próximo pasado durante la inauguración del XIII Congreso Nacional del PCC, reafirmó las reformas económicas que tanto progreso han traído a este país, y que incluyen ideas como vivienda privada, gerencia industrial independiente, emisión de acciones, y, lo que es aun más importante, la aceptación de la idea de que los empresarios exitosos tienen derecho a enriquecerse violentando la tradicional teoría marxista de la plus valía. Pero Zhao ha ido aun más lejos y ha lamentado el tiempo perdido y el atraso conseguido con la política cerrada y centralizada de la era maoísta.

Estas reformas económicas fueron iniciadas por Deng Xiaoping quien las ha justificado diciendo: "Nosotros debemos integrar la verdad universal del marxismo con las realidades concretas de la China, encontrar un camino propio y construir un socialismo con características chinas. Esta es la conclusión básica a la que hemos llegado luego de sumar una larga experiencia histórica". (1)

Los reflejos de esta nueva "integración" pueden verse en cualquier edición del "The New York Times" en donde pueden leerse anuncios de exposiciones de pintura moderna china en Nueva York, giras turísticas por este país asiático o una carta de lectores quejándose por la falta de higiene y toallas en el baño durante un vuelo de China Airways (2), o leer en "Business Week" el anuncio de una nueva revista internacional de negocios, publicada en chino juntamente con el gobierno comunista de este país. (3)

• Meca económica de Mao

Mao Zedong, luego de tomar el poder, inicia inmediatamente la comunización de la economía, logrando, con la utilización de una política caracterizada por la brutalidad, hacer desaparecer todo vestigio de libertad económica sumiendo al pueblo en la miseria. Pero Mao, lejos de recapacitar frente al fracaso evidente, endurece aun más su posición ejecutando aquella famosa "Gran Revolución Cultural Proletaria", produciendo tal ruina y caos que se ve obligado a recurrir al Ejército para restaurar el orden. Al morir en 1976, su viuda Jiang Qing y la célebre "Banda de los Cuatro", intentan continuar su política, pero se suceden una serie de luchas internas hasta que finalmente Deng Xiaoping se impone como el hombre fuerte.

• 'Cuatro modernizaciones'

Este nuevo personaje, consciente del rotundo fracaso de la política maoísta, anuncia las "cuatro modernizaciones" consistentes en la abolición del sistema agrícola colectivizado, permitiendo que los campesinos siembren sus propios productos, los vendan en el mercado y compren el equipo necesario con lo que pudiera sobrarles; la reducción en la planificación económica central permitiendo que las unidades económicas locales sean responsables por la adquisición de materia prima; el incentivo al desarrollo tecnológico para aumentar la producción y, finalmente, la realización de proyectos conjuntos, con firmas extranjeras, permitiendo de esta manera la inversión de capitales foráneos, para lo cual se crearon zonas económicas especiales como las de Shenzhen, Zhuhai, Xiamen y Shantou.



Zao Ziyang

Sin embargo, cuando el estudiante Wei Jingsheng pegó un panfleto en la "pared de la democracia" demandando la "Quinta Modernización", la democracia; fue arrestado, enjuiciado y sentenciado a un largo periodo de cárcel, y la pared clausurada.

• Los resultados

Esta relativa liberalización ha conseguido que el crecimiento de la economía durante 1985 fuera de 12,4 %, mientras que su sector industrial aumentó 18 %, y en 1986 el crecimiento económico fue de 9,2 %. Para tener una idea comparativa, durante 1985 el PBI en los EE.UU. creció 2,7 %. (4).

Otro logro importante sin duda, es el afianzamiento de la paz. Durante años los autores clásicos han venido señalando que la libertad de comercio, además de enriquecer a los pueblos, crea entre ellos una interrelación que va suavizando cualquier aspereza que pudiera existir. Es así que las tradicionalmente tensas relaciones con Taiwan, cuyas exportaciones están creciendo a un ritmo de 36 % anual y que este año -probablemente lleguen a los 50.000 millones de dólares, están dando paso a la cooperación económica. "Que cada chino use un producto taiwanés, es mucho mejor propaganda que la propaganda política", asegura Jaw Shau-Kong, legislador en Taipei. (5)

033

LA NACION 27/10/87

China permitirían permutas de tierra

El vocero del PC aclaró, no obstante, que la propiedad privada no será restablecida

PEKIN, 26 (AP).– China está considerando el autorizar a los granjeros para traspasar sus tierras, medida que llevaría aún más lejos las reformas agrícolas que han determinado el desmantelamiento de las comunas y fomentado la formación de fincas familiares.

Du Runsheng, director de la Oficina de Investigaciones sobre Política Rural del PC, dijo hoy en conferencia de prensa que a los granjeros se les permitirá negociar libremente sus derechos de tierras y recibir pagos al respecto.

Los delegados que asisten al XIII Congreso del PC analizaron hoy a nivel de grupo el discurso del jefe interino del Partido, Zhao Ziyang, que apoyó incondicionalmente las medidas reformistas de Deng Xiaoping.

La política sobre los traspasos de tierra en el interior forma parte de una iniciativa en gran escala emprendida para hacer frente al problema de la mano de obra excedente que hay en las provincias donde viven 800 de los mil millones de habitantes.

Unos 70 millones de personas abandonaron las labores agrícolas en esta década para incorporarse a florecientes industrias rurales y el objetivo actual es reducir la población agrícola en cien millones más de personas para 1966.

Du dijo que los granjeros que deseen abandonar sus tierras podrán traspasarlas a personas dispuestas a cumplir con sus contratos de producción.

Subrayó que "no introduciremos la propiedad privada" y que el Estado continuará siendo el propietario de todas las tierras.

(Más información en la página 2)

Panorama internacional

¿Taiwan está muy lejos de CHINA?

¿Logrará China el reintegro territorial de Taiwán? Ese es uno de los principales objetivos del gobierno orientado por Deng Xiaoping. Sus iniciativas, sobre la base de la fórmula "un país, dos sistemas", no han prosperado hasta ahora. Los taiwaneses quieren despejar varias incógnitas. Una de ellas consiste en saber qué pasará cuando Deng se aleje del poder en Pekín (por inexorables razones de edad). Otra estriba en la evolución de Hong Kong, a partir del momento en que los británicos se retiren (en 1997) y comiencen allí una experiencia dual equivalente, destinada a durar medio siglo. Ver para creer, parecen decir.

No es el único obstáculo. En los últimos tiempos el régimen de Taipeh ha decidido liberalizar en parte su férreo dominio político sobre la antigua isla de Formosa. La oposición, que antes se presentaba a elecciones como "tangwai" (sin partido), ha podido ahora reunirse bajo el rótulo de la democracia progresista. Ha sacado aproximadamente los mismos votos de siempre (alrededor de un 20 %), pero está organizada. En la capital su presencia es todavía más ostensible (un 30 %). Y sus ideas significan un intento de renovación con respecto al viejo Kuomintang que, a la muerte del mariscal Chang Kaishek, quedó en manos de su hijo Chang Ching-kuo.

En el pasado, los chinos naturales de la isla de Formosa y los llegados del continente mantuvieron una aguda rivalidad, acentuada incluso por el hecho de que hablaban distintos dialectos. Los formoseños habían vivido, asimismo, bajo la colonización portuguesa y, en una época posterior, bajo el dominio japonés. Ello determinaba la influencia de otros factores culturales. Pero han pasado cuatro décadas y la población taiwanesa es ahora más homogénea. La integran generaciones que no conocieron la China continental. Y la oposición plantea el derecho a la autodeterminación.

En forma muy moderada, puesto que la doctrina imperante en Taipeh hace exacto "pendant" con la de Pekín: son el gobierno de toda China y tarde o temprano extenderán su jurisdicción al continente. De manera que la tesis "independentista" no llega a formularse en forma neta. Los demócratas progresistas hacen más hincapié en la liberalización del régimen político. Chang ha prometido levantar la ley marcial, pero seguirá habiendo una legislación restrictiva.

Tal es el marco en el cual cabe ubicar el "pequeño paso" dado por Taiwán en el sentido de autorizar a sus habitantes a visitar a sus familias en el continente. La iniciativa fue presentada como "humanitaria", pues para la cultura china la familia tiene un alto valor. Pero fue asimismo interpretada como un reconocimiento de que no se apelará ya a la fuerza para buscar la reintegración. En realidad los viajes, los contactos, existían desde hace tiempo. Pero la admisión oficial no resulta intrascendente.

Es que, además de todo cuanto se menciona, hay factores objetivos para el acercamiento. Deng está interesado en una experiencia que ostenta altas tasas de crecimiento del producto (11 % en 1986) y una gran capacidad de evolución industrial y penetración en los mercados mundiales. Taiwán, a su vez, cuenta con unos 20 millones de habitantes y ese mercado interno le resulta exiguo (como son exiguos su territorio y sus recursos) para un despliegue que no dependa en forma estricta de las fluctuaciones del mercado externo. A la vez, la isla consagra el [illegible] de su presupuesto a solventar su ejército, lo cual representa una carga sensible.

La evolución (en cierto modo alucinante) de la economía taiwanesa puede ser descripta de la manera siguiente: como no disponía de energía ni de materias primas, la antigua isla de Formosa vivía de la agricultura y de la pesca. Tampoco generaba recursos como para implantar capitales y técnicas. A partir de 19[illegible], Taiwán comenzó a exportar ciertos productos sofisticados de la tierra (como espárragos a Francia), y a constituir pequeñas empresas textiles o mecánicas. Luego admitió fábricas de armado (a favor de una mano de obra abundante, que no necesitaba para eso una calificación especial y trabajaba por bajos salarios). Sin derechos sociales, sin sindicalización (luego se admitieron sindicatos por empresas y no por ramas de industria), esos trabajadores pasaron a desempe-

POCO LEGIBLE

01-02

8712488

...está muy lejos de China?

...larse en "zonas francas" donde los grandes consorcios instalaban uno de los eslabones de su cadena productiva. La producción —al comienzo tipificada por paraguas o por aparatos de TV en blanco y negro— se exportaba a todos los países industrializados, pero preferentemente a los Estados Unidos y al Japón. Estos dos últimos titularizan hoy el 90 % de las inversiones externas en la isla, por partes iguales.

De tal manera, los taiwaneses alcanzaron al comienzo de esta década un ingreso por habitante/año que decuplicaba el de los chinos continentales y era, después del Japón, el más elevado de Asia. A la vez, se ubicaba como una de las 25 primeras potencias comerciales del mundo. La clase media florecía. Y el "gap" entre los sectores de más bajos y más altos recursos era menor que en países latinoamericanos que también se industrializaban (como Brasil y México).

Finalmente, los taiwaneses se orientaron hacia la biotecnología para potenciar su agricultura y crearon un instituto de investigación tecnológica (en Hsinchu, a unos 50 kilómetros de Taipeh) donde se asociaron con empresas extranjeras para estudiar las nuevas tecnologías y ponerlas a disposición de sus propias empresas. Entretanto, las costumbres y el vestuario se habían occidentalizado totalmente.

El despliegue industrial mostró una cierta dosis de ingenio. Por ejemplo, cansados de armar "chips" por cuenta de otros, comenzaron a crear su propio modelo. Cuando ni los Estados Unidos ni el Japón podían ya competir en computadoras de bolsillo (por la incidencia de su mano de obra), tomaron el relevo. Pensando en el vasto mercado chino (no solo de China sino de todo el sudeste asiático), ensayaron una computadora "bilingüe". Y así siguieron.

Los límites del "modelo" surgen por sí mismos. Fue edificado sobre la base de una población inicialmente sin calificación productiva y pagada con bajos salarios. A medida que evolucionó, se hizo más y más dependiente del costado externo. En tales condiciones, es escasa la posibilidad de un desarrollo integrado. A la vez, la contención salarial estaba vinculada a la rigidez del sistema político. Pero a medida que surgía una clase media, reclamaba liberalización política. El paso a la "alta tecnología" es una consecuencia de ello. Se entra así en un terreno en el cual la competencia mundial es feroz. Si se lo emprende con medios propios, entonces la renovación técnica en Japón o en los Estados Unidos es mucho más rápida. La investigación local depende a su vez de asociaciones con empresas externas. Y si se encara la "alta tecnología" mediante las "zonas francas", ello se hace obviamente bajo el supuesto de márgenes comprimidos de ganancia. La influencia de las actitudes proteccionistas (los Estados Unidos) se manifiesta, a su vez, con mucha fuerza.

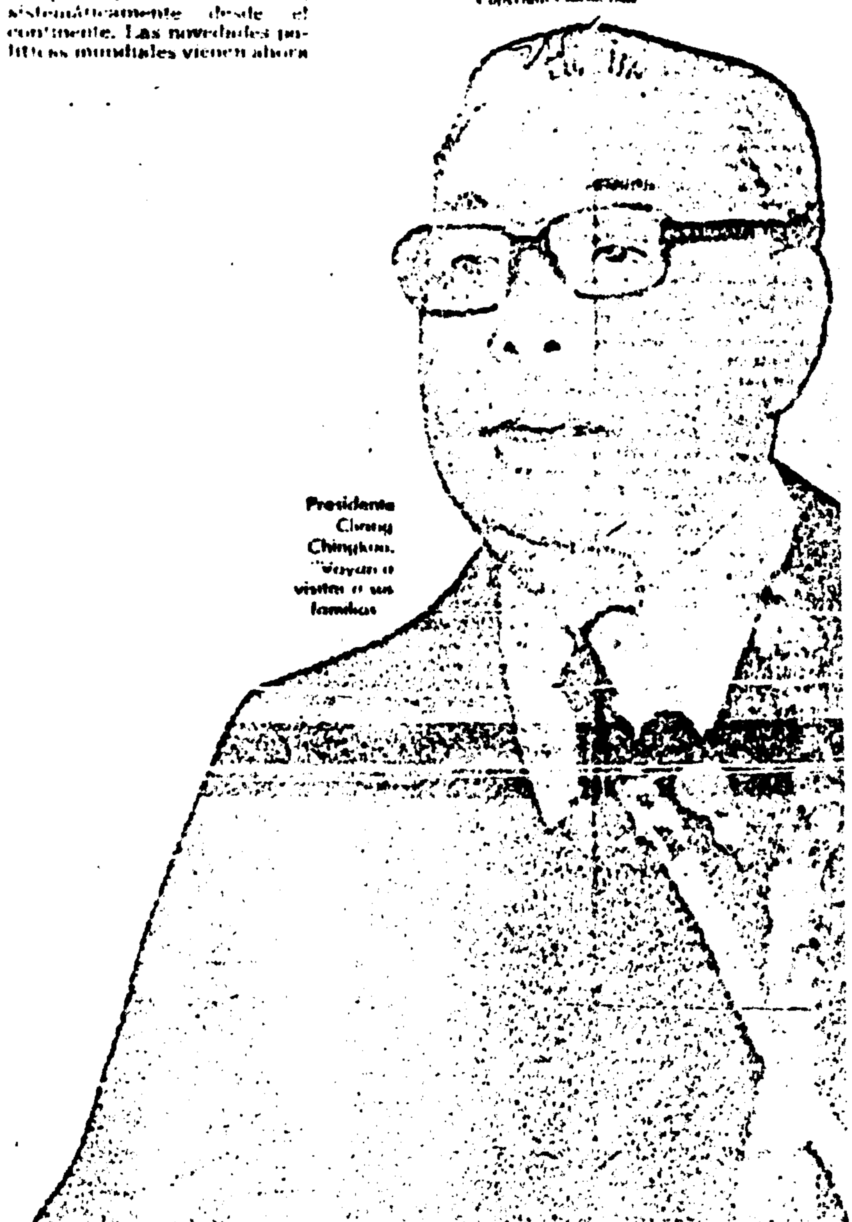
De manera que el proyecto de ser "el Japón del año 2000" no parece estar todavía a la mano de Taipeh. Tampoco puede pensarse que el crecimiento económico de la isla haya dependido del juego espontáneo de las fuerzas del mercado. Según explicó en 1983 un enviado de Le Nouvel Observateur, Gerard Bonnot, el gobierno de Taiwán, aunque "solo jura por las virtudes del liberalismo, siempre condujo firmemente la economía, fijando los objetivos, orientando las inversiones, jugando a veces al proteccionismo, y en caso necesario, no vacilando en financiar grandes obras para relanzar la actividad".

Por otra parte, el papel de Taiwan como bastión anticomunista le permitió aprovechar el interés de los Estados Unidos en sostenerlo. La cercanía del Japón invitó, asimismo, a una gran fluidez en los movimientos del comercio y los capitales. Las dudas que se generan sobre su futuro dependen, entonces, de los límites de su crecimiento en las condiciones asociadas en que este tiene lugar y, sobre todo, de las características restrictivas del mercado internacional. Taiwan no cuenta con un mercado interno amplio en el cual apoyarse en los momentos de tormenta o de reconversión productiva. Ese es su principal "talón de Aquiles". Pues, en la medida misma en que logra éxitos económicos, sus problemas dejan de poder resolverse por la metodología del "enclave" y el conocimiento técnico que absorbe se esterilizaría de no ser aplicado a una producción autosostenida, que depende antes que nada de un mercado interno consistente.

En tales condiciones, ¿no podría pensarse en una suerte de "joint-venture" entre Taiwan y China? Y si esto ocurriese, ¿la reintegración territorial sería una utopía? Estamos muy lejos de la época en que el islote de Quemoy era bombardeado sistemáticamente desde el continente. Las novedades políticas mundiales vienen ahora a caballo de la revolución tecnológica. Y el núcleo nacional de esa transformación es insoslayable. Pues ni la economía ni la técnica existen para sí mismas. Se relacionan con sociedades humanas concretas, cuyo bienestar es la otra cara de la eficiencia que persiguen los gobiernos.

Enrique Alonso

[illegible]



Presidente Chiang Ching-kuo. [illegible]

POCO LEGIBLE

02-02 8712488

057

Existe oposición a las reformas en el seno del comunismo chino

PEKIN, 26 (UPI). – Mientras el Partido Comunista chino realiza una trascendental asamblea para impulsar una amplia gama de reformas económicas y políticas, un alto funcionario reconoció hoy que existe oposición a tales intentos.

Pero el viceministro de la Comisión Estatal para la Reestructuración del Sistema Económico, Gao Shangquan, dijo que de todas formas el Gobierno y el Partido impulsarán las reformas, que incluyen la colocación en el mercado de parte de las acciones de las empresas estatales.

"No podemos decir que no hay resistencia a las reformas", dijo en una conferencia de prensa en el gran salón del pueblo durante el segundo día del XIII Congreso del Partido Comunista.

La televisión estatal mostró imágenes de algunos de los 1936 delegados al congreso, analizando el programa de reformas que presentó ayer el primer ministro y secretario general interino del Partido, Zhao Ziyang, en la sesión inaugural.

Intereses creados

Gao, uno de los más cercanos colaboradores de Zhao, dijo que cuando las reformas entren en vigencia "dañarán algunos intereses creados".

"Esas personas ejercerán alguna resistencia al perder su poder e intereses", acotó.

Los analistas occidentales opinaron que quienes más sufrirán por las reformas son los dirigentes de mando medio del Partido, que perderán su influencia ya que la alta dirección del Partido pasará el poder de decisión a los administradores de empresas y técnicos, con vínculos e intereses directos en la producción y sin trabas ideológicas que puedan mermar la eficiencia productiva.

Los secretarios de las células partidarias en las fábricas, generalmente de una menor educación y sin experiencia en el mercado, han tenido hasta ahora una gran influencia en la política administrativa de las empresas.

Los analistas occidentales consideran que los dirigentes de línea dura han criticado las reformas impulsadas por Deng Xiaoping en los últimos ocho años, porque las reformas intentan mermar la influencia del Partido en la sociedad china.

Sin embargo, Zhao dio un fuerte impulso a las reformas de Deng durante el presente Congreso, con una propuesta muy detallada y específica que defiende inclusive los experimentos con la venta libre de acciones.

Bolsa de Shanghai

La primera bolsa de valores China después de 1949 se abrió experimentalmente en la ciudad de Shanghai en septiembre del año último.

Preguntado si esos experimentos continuarían a pesar de la caída del sistema financiero internacional de la última semana, Gao dijo que el problema no había tenido "gran repercusión en China, que tiene sólo una pequeña cantidad de acciones en el mercado internacional".

Señaló que Pekín estudia la crisis, pero que de todas formas impulsará la formación de nuevas bolsas de valores en el país que, dijo, "pueden ser utilizadas tanto por países capitalistas como socialistas".

Gao señaló que China también reintroducirá las leyes de bancarrota, explicando que "hay muchas condiciones" para la ratificación de una ley sobre empresas industriales, primer paso para hacer responsables de las pérdidas o ganancias a los gerentes de las empresas.

En lo que hace al alza de precios, fuente de un creciente descontento popular en las ciudades, se mostró muy prudente, señalando que la reforma de los precios era "inevitable" y que debería continuar "etapa por etapa" con el fin de "preservar la estabilidad social".

La inflación en China es de seis a siete por ciento anual, según una estimación oficial que los expertos occidentales juzgan ampliamente subestimada y que ellos calculan en 15 por ciento y más.

El igualitarismo

Agregó que el igualitarismo, un dogma maoísta, subsiste en China pese a que "algunas tendencias" fueron dominadas en este aspecto. En su informe Zhao criticó el mantenimiento de la "tendencia principal", cual es el igualitarismo en China.

Los responsables chinos estudian también cuál es el número de empleados que una empresa privada puede absorber. Actualmente esta cifra es de ocho, pero ciertas empresas poseen hasta cien asalariados, añadió Gao, asegurando que un esfuerzo legislativo será realizado para "proteger los derechos" del nuevo sector privado chino que cuenta con 18 millones de habitantes.

Por su parte, Ru Runsheng anunció que China importará de cuatro a cinco millones de toneladas suplementarias de cereales en el transcurso del año, con lo cual las importaciones sobrepasarán a las exportaciones.

POCO LEGIBLE

01-01 8712499

RPCH

033

Jueves 19 de noviembre de 1987

Clarín

Fundado por ROBERTO NOBLE el 28 de agosto de 1945

Directora Ernestina Herrera de Noble

Relaciones chino-indias

LA nueva ronda de negociaciones entre la India y la República Popular China se abrió en Nueva Delhi en un clima de cauto, pero sensible optimismo. Es la octava oportunidad desde 1981 que representantes de los dos países más poblados del mundo se reúnen para tratar de resolver las cuestiones fronterizas que en 1962 los enfrentaron en una guerra abierta, seguida por una tregua quebrada por frecuentes escaramuzas hasta cinco años después.

Las relaciones chino-indias habían sido estrechas y amigables en los primeros años de la posguerra, cuando se consolidaban los respectivos regímenes: el de la India independiente surgida al término del dominio británico y el de la China maoísta. La primera crisis se produjo en 1959, cuando el gobierno de Pekín incorporó formalmente al Tibet como región autónoma.

El país del Himalaya había sido ya objeto de controversias y conflictos entre el viejo imperio chino y la India británica. El límite entre la India y Tibet fue establecido en forma bastante vaga en 1914 por el entonces secretario de Relaciones Exteriores del gobierno virreinal, sir Henry McMahon, tras negociar con el régimen teocrático de los lamas de Lhasa.

Las autoridades de China Popular sostuvieron que el Tibet carecía de los atributos de soberanía para firmar acuerdos de ese tipo, pues desde el siglo XVII sus gobernantes habían aceptado delegar en el soberano chino los asuntos externos y la defensa.

Como en otras regiones del mundo que habían sido sometidas en forma directa al dominio colonial o, al menos, a la influencia de las potencias imperiales, los nuevos regímenes de la India y de China veían entorpecida su convivencia por las cuestiones heredadas. Si el entendimiento y la voluntad de cooperación impusieron inicialmente una tregua virtual en las viejas disputas, ello se disipó con la cuestión tibetana y poco después fue puesta en discusión toda la frontera que separa a las dos grandes naciones. Actualmente China reclama derechos de soberanía en 90.000 kilómetros cuadrados sobre los que no tiene control y que están administrados por la India en la zona de Bhutan.

Al enfrentamiento de los años '60 siguió una convivencia precaria. Los temas de controversia no fueron resueltos, pero sí tácitamente eludidos. Los tormentosos tiempos de la revolución cultural no fueron por cierto propicios para renovar la amistad con la India, pero a partir de sus postrimerías ya se intentaron acercamientos que fructificaron en relaciones más cordiales a partir de la caída de la "banda de los cuatro".

Las relaciones tensas entre la China y la India no sólo disminuyen el peso específico de uno y otro país en las cuestiones internacionales, sino que limitan sus posibilidades de maniobra para encarar otros conflictos tanto internos como externos que mantienen ambos países. Son, por lo tanto, una carga innecesaria y peligrosa para ambas partes.

Por ello es presumible que dentro de la nueva óptica inaugurada por la etapa de distensión internacional que impulsan las grandes superpotencias, se intensifiquen los esfuerzos para hallar una solución estable. La [illegible] de sentimientos nacionales en el Tibet, paradójicamente, tal vez contribuya ahora a la búsqueda de acuerdos.

China Popular ha seguido en los últimos tiempos una política prudente y negociadora, que al dejar de lado los rigorismos ideológicos le permitió encontrar una salida inteligente para la descolonización de Hong Kong y encarar con nuevas perspectivas [illegible].

La [illegible] de esos mismos principios a la cuestión tibetana le consentiría probablemente hallar una solución que sin desmedro de su integridad territorial y su seguridad pudiese satisfacer al mismo tiempo los [illegible] de autonomía e identidad cultural de los tibetanos.

Dentro de esa misma estrategia podrían tratarse las cuestiones limítrofes pendientes con la India. Si ha llegado el momento se verá ahora en Nueva Delhi, pero es evidente que el nuevo curso de la política china y los nuevos rumbos de la política internacional influirán decididamente sobre el futuro de las negociaciones en un sentido positivo para la paz y la cooperación.

PARTES ILEGIBLE

01.01

8712536

INTERCHINA 033

13/12/87 EL PAIS

LO MISMO PERO EN OTROS ODRES

EN reciente Conferencia, en la que evocábamos la figura del Dr. Eduardo Rodríguez Larreta analizando su gestión cuando actuó al frente del Ministerio de Relaciones Exteriores, nos referimos al concepto de "diplomacia", expresando que el mero empleo de esa palabra ponía en guardia al interlocutor que, por aprendizaje histórico y experiencia cotidiana, asociaba, con el automatismo del reflejo condicionado, ese vocablo con la idea de intriga, de solapado desplazamiento, de cálculo que no rehuye la mezquindad o del estricto rastro materialista sobre el llamado de los principios.

Pero anotábamos que el Uruguay podía, hasta ahora, enorgullecerse de no hallarse embretado en el cartabón común. Nos ceñíamos a otras reglas. Quizá, porque éramos un país pequeño, y como tal, al no tener vocación expansionista ni estar empujados por la ambición de ocupar espacios de poder, podíamos darnos la satisfacción de hacer, de nuestra conducta exterior, algo opuesto al arte del engaño o de la sugestión estomacal. O quizá, esa línea de proceder no era sino el eco de una sensibilidad especialmente aguzada de nuestro pueblo, que por razones genéticas o por formación cultural, estuvo siempre militante en la solidaridad con la víctima, con el inmolado, con el oprimido.

PERO este juicio tenía un hito. Destacábamos el "hasta ahora". Porque ese bagaje ético-político lo integraba un recorrido analizado hasta el momento en el que se estampaba la opinión.

Ponemos el énfasis separatista sobre el ayer que honra, porque el hoy desafía la incertidumbre de la fidelidad a una trayectoria, o la triste y desoladora entrega de ese acervo.

Que no otra cosa que esto, todo esto se halla en juego en la controversia de las dos Chinas, periódicamente resucitada. Con el agregado, en la última reaparición, de un ingrediente que hasta ahora no había figurado: la deformación de los términos del enfrentamiento.

Una versión periodística ubicada en el privilegiado centro de atención que es la primera plana de un diario, dio cuenta, recientemente, que se habría producido un "cambio fundamental en la política de Taiwan", en función del cual el gobierno de ese país "está dispuesto a conservar sus vínculos con Uruguay, aún en el caso que se establezcan relaciones con China Popular".

No somos amigos de prejuzgar intenciones. Pero la información confunde tanto los términos de la cuestión, al mismo tiempo que taponea con tal intensidad las principales baterías de defensa de la pos- [illegible]

De ser cierto la noticia que criticamos, este argumento de dignidad soberana pierde toda eficacia. Porque expresar que Taiwan ha rectificado su política, para admitir ahora que es posible mantener sus lazos diplomáticos con el Uruguay, aunque esta tierra tuviera representación oficial en China Popular, es señalar que, hasta el momento, Taiwan proclamaba la inconcibiabilidad de esa coincidencia. Lo que colocaría, a quienes nos oponemos a la ruptura con ella, en la misma posición lesiva de nuestra soberanía de quienes demandan ese rompimiento.

Bueno es señalar que, ante la rectificación que de inmediato se hizo de aquel anuncio, el cronista que divulgó éste, lo ratificó señalando que se enteró por "fuentes empresarias". No dudamos de su buena fe. Ponemos en cambio, en el congelador de la reserva, la intención de quien o quienes fueron surtidores del reporte.

DE octubre del '86 a setiembre de este año, las exportaciones de lana a China comunista se acercan a los 12.000.000 de kilos. Un grupo económico, sólo un grupo económico, envió el 85% de ese caudal.

Como es sabido, aquel país, sobre formular la agraviante pretensión que hemos comentado, pasó al terreno de la amenaza, que ya ha empezado a concretarse. Se ha hablado de aranceles que gravarían nuestras exportaciones de textil si no nos desvinculábamos de Taiwan. Y las cifras de lo importado hasta el momento y en comparación al año pasado, se han abatido. Es, así, un socio de conveniencia, cuya fiabilidad es totalmente negativa. Que ha mostrado las zarpas, anticipando ya las apreturas con que puede estrujarnos cuando, conseguido lo que busca, su voluntad sea el único manantial de decisión.

EL problema que analizamos lo hemos desarrollado en el plano estricto de los principios.

Lo que no obsta para los que, por añadidura, miran consecuencias, tengamos en cuenta:

1) Que en el país se ha desarrollado sorprendentemente el cultivo de soja, con adopción de nueva tecnología, porque Taiwan aportó ésta y aseguró su comercialización, con excelente precio y en cantidades progresivas, de la leguminosa.

2) Que los convenios cerealeros llevarán la exportación de cereales hasta las 280.000 toneladas en 1990.

3) Que entre 1985-1987, la cooperación financiera a nuestro país ha sido de U$S 30.000.000 y la técnico-agrícola, la acuicultura, la deportiva, etc., totalizan U$S 6.500.000.

01-01

8712542

Que no otra cosa que esto, todo esto se halla en juego en la controversia de las dos Chinas, periódicamente resucitada. Con el agregado, en la última reaparición, de un ingrediente que hasta ahora no había figurado: la deformación de los términos del enfrentamiento.

Una versión periodística ubicada en el privilegiado centro de atención que es la primera plana de un diario, dio cuenta, recientemente, que se habría producido un "cambio fundamental en la política de Taiwan", en función del cual el gobierno de ese país "está dispuesto a conservar sus vínculos con Uruguay, aún en el caso que se establezcan relaciones con China Popular".

No somos amigos de prejuzgar intenciones. Pero la información confunde tanto los términos de la cuestión, al mismo tiempo que tapona con tal intensidad las principales baterías de defensa de la pos-tura principista, que esa alteración de la realidad lleva a los extremos de la sorpresa.

CONFUNDE los términos del problema. Porque el debate se plantea, no porque Taiwan nos imponga el deber de elegir entre ella y la China comunista, sino porque China comunista —el hecho es público y notorio— se ha ceñido, como norma de política exterior, a ésta: para establecer relaciones con ese país, hay que previa o simultáneamente romper las que se tiene con la ejemplar isla. En ningún momento, que nosotros sepamos, Taiwan nos enfrentó a la disyuntiva de una u otra. Al contrario. Respetuosa de nuestra soberanía, deja librado a nuestra decisión, la coetaneidad de ambos vínculos diplomáticos. La verdad, pues, está en la antípoda de la versión. Que además de desnaturalizar los hechos en perjuicio de China nacionalista, desarma a sus defensores.

¿CUAL es el principal argumento contra el establecimiento de relaciones con China comunista? Que ésta, al exigir la opción, pone un precio afrentoso para nuestra soberanía. Podríamos desvincularnos de Taiwan por múltiples razones. Manejando hipótesis a los efectos dialécticos, el maltrato a compatriotas podría ser motivo. El agravio a símbolos nacionales o la falta reiterada de compromisos, o notas descomedidas, serían también móviles legítimos. Como podrían configurar, igualmente, factor de distanciamiento hechos de menor entidad que magnificaríamos. Hay sólo una causa, una sola causa por la que no podemos interrumpir esas relaciones: porque nos mandan hacerlo. Porque una potencia extranjera nos indica dónde podemos tener embajadas y dónde no. Esto estremece de indignación hasta la raíz del cabello.

el único manantial de decisión.

EL problema que analizamos lo hemos desarrollado en el plano estricto de los principios.

Lo que no obsta para los que, por añadidura, miran consecuencias, tengamos en cuenta:

1) Que en el país se ha desarrollado sorprendentemente el cultivo de soja, con adopción de nueva tecnología, porque Taiwan aportó ésta y aseguró su comercialización, con excelente precio y en cantidades progresivas, de la leguminosa.

2) Que los convenios cerealeros llevarán la exportación de cereales hasta las 280.000 toneladas en 1990.

3) Que entre 1985-1987, la cooperación financiera a nuestro país ha sido de U$S 30:000.000 y la técnico-agrícola, la acuicultora, la deportiva, etc., totalizan U$S 6:500.000.

4) Que el hecho de ser Montevideo base de operaciones de la flota pesquera en el Atlántico Sur, supone para el Uruguay un ingreso de U$S 10:000.000 anuales.

5) Que como se ha hecho público, se comprará, a partir de 1987 lana por valor de U$S 20:000.000 anuales.

6) Que Taiwan financiará la ampliación del puerto de Montevideo —modernización y ampliación— por un importe de U$S 5:800.000, en la primera etapa y, de U$S 13:000.000 en la segunda, si es necesario hacerla.

7) Que ofrece una cooperación en la infraestructura de zonas francas y parques industriales sumados a inversiones, capaz de revolucionar, transformando en proceso de avance, el panorama económico nacional.

8) Que puede considerar el otorgamiento prioritario a nuevos planes de financiación, por intermedio del BID, para obras de ingeniería.

9) Que el gobierno chino está estudiando la creación de un Fondo para el Desarrollo de la Cooperación Económica con Ultramar, de U$S 500:000.000 en 5 años, para el que el Uruguay estaría en condiciones de prioridad.

NO obstante todos estos antecedentes, el rumor, difuso y sin rostro, adelanta que en febrero del próximo año se tomará decisión, por el gobierno, sobre el problema.

Esperemos que no se aproveche que el Parlamento está en receso para decidir, evitando así la tempestad crítica que tal resolución puede desatar. Que eso sería el proceder furtivo del quien rehuye el debate esclarecedor y resonante, porque tiene un juicio de su propia determinación, [illegible]

033

Comunistas palestinos visitan Pekín

PEKIN (ANSA, EFE, REUTER y UPI).- El Partido Comunista de China anunció ayer el establecimiento de relaciones oficiales con el Partido Comunista de Palestina, al cual encomió por librar "una lucha heroica" contra los israelíes.

La agencia oficial Xinjua dijo que Naim Abas Al Ashjab, jefe de la primera delegación del PCP que visita China y un miembro del buró político de ese Partido, se reunieron ayer con Hu Qili, miembro del comité interino del politburó del PCCh.

Xinjua dijo que Hu "encadió sus congratulaciones" por el establecimiento de vínculos entre ambos partidos, que dijo "ayudarán" a los pueblos palestino y chino y a la paz mundial.

La acción ocurrió a pesar de [illegible] de que Pekín se encamina al mejoramiento de sus relaciones con Israel, con el cual no tiene vínculos diplomáticos. Funcionarios chinos e israelíes de alta jerarquía se han reunido en meses recientes en las Naciones Unidas.

"El Partido Comunista Palestino, apoyado por su pueblo, ha librado una lucha heroica contra los israelíes que ocupan su tierra", dijo Hu según fue citado por Xinjua. "El partido se ha convertido en una fuerza importante en la lucha del pueblo palestino por sus derechos nacionales".

Hu dijo que China continuará "apoyando firmemente la lucha justa del pueblo palestino".

La reunión, que ocurrió en el decimosegundo día de una visita de la delegación palestina por dos semanas a China, tuvo además la participación de Yousef Rajeb Radji, jefe de la misión de la Organización de Liberación Palestina en Pekín.

Xinjua dijo que la delegación del PCP ha realizado una serie de conversaciones con su contraparte china durante el viaje, que incluyó una gira por las ciudades orientales de Nanjing y Xiamen. La delegación partirá mañana de China.

La [illegible] 28/1/87

INFO.

033

El País 16/12/87

CHINA: HOY DEFINIRIAN LOS BLANCOS

¿QUE pasó con la entrevista que los legisladores Jude, Ortiz y Cantón iban a solicitar al primer mandatario para trasmitirle la preocupación que dominaba a un grupo grande de senadores y diputados blancos y colorados en torno al anuncio del rompimiento con Taiwan?", inquirió uno de los amigos del Duende.

—Mire, el trámite sigue su curso, pero ahora tengo una novedad que es más próxima y urgente. El tema de China sería considerado hoy a nivel del Directorio del Partido Nacional.

—¡Qué sorpresa! No había escuchado nada hasta el momento.

—Le puedo afirmar que en estos últimos días se han registrado contactos, al más alto nivel, discutiendo el anunciado establecimiento de relaciones con China Comunista y el rompimiento con la gente de la Isla.

—¿Y se formó posición en las filas de Saravia?

—Mire, de plantearse la cosa en el "Honorable" como vaticinaban anoche altos dirigentes, existían dos criterios mayoritarios: uno en el sentido de emitir una declaración, otro, de solicitar audiencia al Presidente de la República y plantear directamente el sentir nacionalista en este momento.

—Por favor corríjame si me equivoco. Pero me dijeron, repito que me dijeron, que hay mayoría entre los blancos que estima que el asunto de las Chinas encierra toda una política de Estado, que no se puede adoptar una resolución sin que exista consenso. Y que es evidente que en la actualidad se provocaría una enorme división en los partidos tradicionales y en la ciudadanía. Y la cúpula blanca no estaría dispuesta a que este tema abriera una profunda grieta en las filas nacionalistas; por lo tanto aconsejaría dejar "todo como está" hasta que se logre consenso entre los uruguayos...

—Una clara y razonable posición. ¿Y el gobierno qué hará?

—Usted escuchó que el canciller Iglesias no ocultó que el tema "está a estudio y exclusiva decisión del Presidente Sanguinetti".

—¿Pero si divide a los uruguayos?

HB

033

Flexibilización de Taipei en su política externa

La disposición del gobierno de Taiwan a mantener sus relaciones diplomáticas con Uruguay aun en el caso que se establezcan relaciones con China Popular, informada ayer en forma exclusiva por EL DIA, implica la flexibilización de los criterios sustentados en materia de política internacional desde que el Partido Nacionalista (Kuomintang) constituyó a Taipei en la capital de China, en diciembre de 1949.

Este cambio fundamental de orientación se produce en momentos en que el gobierno de Taipei mantiene relaciones con un total de 23 países en el mundo, cuatro de ellos en América Latina: Costa Rica, Panamá, Paraguay y Uruguay.

El proceso de aislamiento —también extenso en los otros continentes— se aceleró a partir de 1971, cuando la lucha diplomática paralela entre los dos gobiernos por obtener el reconocimiento exclusivo por parte de las distintas naciones, tuvo un vuelco decisivo con el reconocimiento de la Asamblea General de las Naciones Unidas a la República Popular China como "el único representante legítimo de China", el 25 de octubre de ese año.

Entre el 21 el 28 de febrero de 1972, el entonces presidente norteamericano realizó una histórica visita a Pekín, estableciendo en el comunicado conjunto final que "Taiwan es parte de China y los EE.UU. no desafían esa posición".

ED 27.12.83

8712557

01-01

033

COMERCIO POR U$S 52 MILLONES Y CREDITOS POR U$S 30 MILLONES CON REPUBLICA DE CHINA

Más de 32 millones de dólares, sin contar la cuota anual de compra de lana por valor de 20 millones a partir de 1987 que acaba de fijarse, ha significó a Uruguay el comercio con China Nacionalista entre enero y agosto de este año. Entre el año 1985 y 87 por otra parte, la República de China aportó 30 millones de dólares en préstamos financieros y más de 6 millones de dólares en donaciones.

De acuerdo a cifras confiables que recabó EL PAIS, el comercio entre ambas naciones de enero a agosto de 1987, incluyendo 4 millones en lana y 5 millones en soja, sumó 16 millones de dólares. A ello hay que agregarle dos convenios firmados por la compra de frazadas, uno en agosto y otro en noviembre pasado, por 3 millones de dólares cada uno.

La compra anual de lana a nuestro país, a partir del presente año, se ha fijado en 20 millones de dólares. Con el agregado de que si China Continental suspendiera por razones políticas sus compras de lana al Uruguay, el gobierno de la República de China estaría dispuesto a ayudar a colocar ese excedente en otros mercados.

El puerto de Montevideo, como base de operaciones de toda la flota pesquera de Taiwan en el Atlántico Sur, recibe más de 10 millones de dólares. Para las obras de ampliación del mismo además, el gobierno chino financiaría cerca de 6 millones de dólares en una primera etapa, y de ser necesaria la continuación de las obras las apoyaría con una cantidad adicional en el entorno de los 15 millones de dólares.

■ TREINTA MILLONES DE DOLARES EN PRESTAMOS

Entre 1985 y 1987, la cooperación financiera de Taiwan sumó 30 millones de dólares en préstamos y más de 6 en donaciones en distitas áreas, que a continuación se detallan.

Concepto	Monto
COOPERACION FINANCIERA	
En BROU - New York, sin restricciones de uso	U$S 10.000.000
En BROU - New York, Financiación de Soja	U$S 7.000.000
Financiación Proyectos por B.I.D.	U$S 13.000.000
COOPERACION TECNICO - AGRICOLA	
Erradicación de Aftosa - Donación (1986)	U$S 500.000
Erradicación de Aftosa - Donación (1987)	U$S 100.000
Equipos Lab. Investigación Soja	U$S 300.000
Equipos Lab. en Control Cuarentena y Plaguicidas	U$S 75.000
Silos y Secadoras en distintos Dptos. (Donación 86)	U$S 3.000.000
Silos y Secadoras en Distintos Dptos. (Donación 87)	U$S 1.500.000
Donación para Unidades Experimentales Demostrativas: Comunicación, Audiovisual, Equipos Computación	U$S 270.000
Donación para construcción de invernáculos, adquisición de Tractores	U$S 100.000
Programa de cultivo de Maíz a partir de Set. 86 donación centrífugas de alta velocidad	U$S 30.000
COOPERACION EN ACUICULTURA	
Desarrollo cría de Camarones: donación primer Lab. Piscicultura (1986)	U$S 110.000
donación segundo Lab. Piscicultura (1987)	U$S 150.000
COOPERACION INDUSTRIAL	
Estudio para reactivación de URINSA; donación equipos computadoras para Banco de datos de la Dirección Nacional de Industrias	U$S 30.000
Comisiones de Cooperación Industrial Bilaterales	
COOPERACION EN ZONAS FRANCAS	
Proyección de zonas francas	
2 becas a funcionarios (Donación)	
Donación para obras de infraestructura	U$S 300.000
Donación de computadoras	U$S 20.000
COOPERACION DEPORTIVA	
Donación equipos deportivos C.U.F.	U$S 40.000
Donación equipos a Federación de Deportivos	U$S 30.000

No se tienen en cuenta, en este resumen, los distintos convenios suscritos entre empresas de ambos países por comercialización de harina de pescado, cueros, frazadas, etc.

■ IMPLANTARIAN ZONAS INDUSTRIALES

Surge, por otra parte, de la información recibida por EL PAIS, que el gobierno de Taiwan, de acuerdo a su experiencia y éxitos logrados, está dispuesto a implantar en el Uruguay modelos de Zonas Industriales, proporcionando el financiamiento necesario. En el corto plazo, plantearían traer la inversión de fábricas textiles, eléctricas y de zapatos, así como la instalación de una fábrica de repuestos para automóviles que significa, en el total del proyecto, una millonaria inversión en dólares.

Además de la financiación de obras de infraestructura en zonas francas y parques industriales, el gobierno chino podría considerar el otorgamiento prioritario a nuevos planes de financiación por intermedio del BID para otras obras de ingeniería, como ya lo hizo el año pasado por valor de 13 millones de dólares.

En el marco de la cooperación en preparados de carne que se adquirían a nuestro país, Taiwan proyecta el envío de un técnico en la materia, a fin de que supervise la adaptación de recetas adecuadas y condimentos necesarios para consumidores chinos.

■ PRIORIDAD URUGUAYA EN FONDO PARA DESARROLLO

Finalmente, el gobierno chino está considerando la creación de un Fondo para el Desarrollo de la Cooperación Económica con Ultramar, cuyo monto inicial será de 500 millones en cinco años. Cabe destacar que los países con los cuales se mantienen relaciones diplomáticas oficiales tendrán prioridad en esta cooperación, y al respecto Uruguay podrá ser considerado de manera prioritaria, con ayuda inmediata. Taiwan, según trascendió, espera la respuesta de las autoridades uruguayas para concretar.

También trascendió que si bien abundan los ejemplos de ayuda por parte de la República de China a nuestro país, no es menos cierto que lo mismo ocurre con los casos de incumplimiento por parte de China Continental, en lo que se refiere —en casos concretos— a convenios celebrados con Canadá, Alemania Occidental, Estados Unidos, España y Japón.

Una explicación podría encontrarse en las diferencias que registran cifras comparativas. Mientras la reserva de divisas de Taiwan asciende a 60.000 millones de dólares, la de China Continental sólo alcanza a 10.000 millones. Mientras la deuda externa de Taiwan suma 2.000 millones de dólares, la de China Continental es de 20.000 millones.

En lo que se refiere al total del comercio exterior, las cifras para 1986 indican que el de Taiwan ascendió a 64.000 millones de dólares con más de 15.000 millones de superávit en la balanza de pagos. El de China Continental fue de 74.000 millones de dólares, pero con un déficit superior a los 12.000 millones.

Las diferencias señaladas adquieren más relieve si se tiene en cuenta que el territorio de China Continental ocupa 9.561.000 kilómetros cuadrados, mientras la superficie de Taiwán es de 35.988 kilómetros cuadrados. Menos de la quinta parte del Uruguay.

01-01

8712554.

033

EL PAIS — Domingo 13 de Diciembre de 1987

Pekín Intenta Aplicar Violencia Moral Contra Uruguay, Dijo Jude

"Se pretende que Uruguay, no por decisión soberana, no por existencia de causales propias, no por el libre albedrío de su conciencia, sino por el imperio, por mandato y por orden de Pekín, rompa con Taiwan", afirmó el senador Reinaldo Jude (Unión Colorada y Batllista) en una exposición que efectuó en la Cámara de Senadores sobre las relaciones diplomáticas con la República de China.

"Pekín pretende que este país reniegue y abjure de su historia, que se olvide de sus tradiciones. Pekín pretende que el país pierda su principismo por imperio de su prepotencia imperialista, ejerciendo una violencia moral propia de la filosofía maoísta", enfatizó, como paso previo a manifestar que "Uruguay, por la esencia misma de su historia, nunca podrá renegar del principio, bajo cuyo palio se transforma en país libre e independiente: el principio de autodeterminación de los pueblos. La invocación y el ejercicio de este principio fueron el marco legal de la Convención Preliminar de Paz de 1828, donde surge Uruguay como país libre e independiente de todo tipo de reivindicación territorial de Argentina y Brasil".

Añadió que "resulta obvio que el sentido de autodeterminación de los pueblos tiene un sentido mucho más cabal y legítimo en Taiwan que en Pekín. Taiwan es un país libre y democrático; Pekín es un régimen totalitario, ayer invariablemente unido a la dictadura moscovita, hoy prodigando su apoyo irrestricto a movimientos guerrilleros esparcidos en el mundo, desestabilizadores de gobiernos libres, y violentando en toda su expresión a la libre determinación de los pueblos. ¡Como ejemplo: en América existe su estigma, que lo constituye el atroz testimonio de Sendero Luminoso en Perú".

CONVENIOS INCUMPLIDOS

Jude también abordó aspectos de la relación comercial con China Comunista. Sostuvo que "el intercambio refiere a una mínima diversificación de productos importados, fundamentalmente lanas y cueros uruguayos, y desde el año 1981 llevan fundamentalmente tops". Pero, advirtió que existe la posibilidad a mediano plazo que Pekín monte su propia industria topista y que se trata de un producto que no presenta dificultades serias de colocación en el mercado internacional.

Agregó que "en materia de carnes sólo se han realizado importaciones mínimas por Pekín, y ello es lógico, pues no es costumbre la dieta con carnes rojas. Tampoco consumen manteca ni queso, por lo cual la exportación de nuestros lácteos resultaría de difícil concreción".

Jude manifestó que si Uruguay rompe relaciones con la República de China, el régimen de Pekín estaría dispuesto a compensar el monto de exportaciones que se realiza a aquélla.

"Esta propuesta es absolutamente inmoral e inaceptable por sí misma", advirtió, antes de enumerar una serie de incumplimientos y fracasos de convenios comerciales entre China Comunista, Bolivia, Canadá y España.

"Nuestro intercambio con Taiwan ofrece ventajas claras. Todas nuestras exportaciones, con excepción de la harina de pescado, obtienen un precio superior al competitivo internacional", dijo Jude.

NO SOLO ECONOMIA

"Otra característica importantísima es la diversificación del mercado. A diferencia de Pekín, Taiwan importa cueros, trigo, sorgo, harina de pescado, mantas y frazadas, tops, etc.

Existen también con Taiwan cooperaciones e inversiones en el área de la pesca, en la utilización del Puerto de Montevideo por la flota de ultramar china que opera en el Atlántico. Existen proyecciones futuras como lo es la financiación de ampliaciones portuarias con una aportación en dos etapas de más de 18 millones de dólares. Obras de infraestructura en zonas francas. Ayuda a través del BID y de un fondo chino para la cooperación económica con ultramar por 500 millones de dólares y en el que Uruguay podría tener prioridad.

Por último, referiríamos un producto que puede muy bien servir de ejemplo de lo que son y serán nuestras relaciones con Taiwan: el ejemplo de la soja, que de acuerdo con lo expresado por el embajador chino en su visita a Treinta y Tres, se prevé un intercambio que asegura una producción en aumento y se fija como meta una exportación para Taiwan en 1990 de 280.000 toneladas.

En un terreno hipotético si supusiéramos que Uruguay no tuviera relaciones, ni diplomáticas ni comerciales, ni con Pekín ni con Taiwan, y tuviera que optar por una de ellas por razones estrictamente económicas las ventajas que le ofrece Taiwan son infinitamente más importantes que las de Pekín.

Pero, no es esto de lo que se trata; no se trata de ventajas o desventajas económicas.

La economía es importante, pero nunca lo suficiente como para condicionar conductas morales e hipotecar principios políticos y éticos. Este tipo de evaluación de conducta es lo que ha permitido a lo largo de la historia que Uruguay, a pesar de su intrascendencia económica a nivel mundial, siempre fuera considerado, no obstante ello, un país enjundioso y pródigo en materia de derecho internacional".

CARP. Nº 033

(3)

033/3

REPUBLICA POPULAR CHINA
PEKIN

8700067-8706543

RPCh

033

CHINA COMUNISTA PRESIONA DURAMENTE (I)

"Le digo que estoy vivamente impresionado por la presión que ejerce China comunista para el restablecimiento de relaciones diplomáticas", comentó un observador político al Duende cuando caminaba ayer por el "lobby" del Victoria Plaza.

—¿No me diga que apura al Gobierno uruguayo?, preguntó uno de los que normalmente integra la peña de "La Trastienda".

—Mire, no sé si lo pone entre la espada y la pared, pero que emplea términos de coacción, los emplea.

—¿No me diga? Cuente, cuente.

—Bueno, ayer le señalé que la misión que conversó sobre la compra de "lana peinada", condicionó el negocio al reconocimiento de China Roja.

—Lo recuerdo perfectamente, pero la cosa se puso más dura al mediodía cuando formuló declaraciones Sen Tao, miembro del Comité Permanente de la Asamblea Popular Nacional que desde ayer visita Montevideo.

—No estoy enterado, por favor déme detalles.

—Mire, el hombre en cuestión señaló textualmente: "Un país que quiera establecer relaciones diplomáticas con mi nación, tendrá necesariamente que romper relaciones diplomáticas con Taiwan. Mi país no permite que existan dos Chinas. Las relaciones comerciales serán consideradas con las autoridades de Uruguay, pero ello no constituye el motivo de nuestra visita, ya que fuimos invitados por el Parlamento Uruguayo".

—¡Oh, la, la, que presiona don Sen Tao. Parece que estuviera "parao" y no "sentao" sobre los pedales.

—Le digo que es una declaración bastante intimidatoria para un país que mantiene relaciones comerciales y que en algún sector del Gobierno hay interés para establecer relaciones.

—Pero no hay duda que sonríen comercialmente, siempre que atrás venga la ruptura con Taiwan y el reconocimiento diplomático.

—¿Qué le parece?

—Y que aquí sí que cabe la frase con "el cuchillo bajo el poncho".

033

RPQi

EL PAÍS | 3/9/86

LA OTRA CARA DE LAS CHINAS (II)

El hombre que se encontraba en el "lobby" del Victoria mirab[illegible] un lado y veía un chino, miraba para el opuesto y observava otro chino". ¿Qué pasa acá?, ¿Invasión?, se planteó las interrogantes con verdadero asombro. Y la verdad es que por el ascensor, por las escaleras aparecían orientales elegantemente vestidos.

—No se alarme, es que justo hoy coincidieron en el Hotel Victoria Plaza las dos delegaciones: la que anunciamos ayer, la Comercial de Taiwan y la de China Roja invitada por el Parlamento Uruguayo, cuyo presidente formuló las detonantes declaraciones de "comercio con relaciones o nada".

—¡Con razón! Entonces era una de entrar y salir chinos que todo parecía [illegible] de la película "Chinatown".

—Tiene razón. Más le digo para los cabalistas que los de Taiwan están en el cuarto 1409 y los rojos en el 1309, uno arriba del otro.

—¿Qué le parece?

—Que no me extraña. Mas, le señaló que hubo cierto malestar de los de China Nacionalista donde vieron a los del continente colocar una ofrenda floral en el monumento a Artigas con la bandera de la República Popular.

—¡Justo! le puedo decir que un alto funcionario de la Embajada de Taiwan, me dijeron que podría ser el propio embajador, se entrevistó con el subsecretario Embajador Alberto Rodríguez Nin.

—Bué... esto ultima noticia es más bien anecdótica, pero la anterior es para poner "las barbas en remojo". No hay duda que presionan los Chinos rojos. ¿Qué opina la Cancillería?

—Le puedo decir lo que me dijo un alto funcionario: "No ha habido decisión de cambio del status actual".

PARTES ILEGIBLE

RPCP

POR EL MUNDO

★ COREA DEL SUR: VIOLENTA REPRESION IMPIDE MANIFESTACION

Seúl, 29 de nov. (DPA). — Una manifestación [illegible] contra el régimen surcoreano fue impedida hoy en Seúl por nutridos efectivos policiacos.

[illegible] 50.000 [illegible], con cascos, escudos, [illegible] y caretas [illegible] interceptaron los accesos a la capital e hicieron imposible la concentración del [illegible] de manifestantes convocados.

[illegible] dirigentes y activistas opositores quedaron [illegible] en arresto domiciliario, entre ellos Kim Dae Jung, que encabeza extraoficialmente la [illegible], y los manifestantes detenidos pasan de [illegible], indicaron en círculos de la oposición.

El "Nuevo Partido Democrático de Corea", el [illegible] de la oposición en Corea del Sur, había [illegible] la manifestación para mostrar su respaldo popular con vistas a una reforma constitucional en la que el jefe del estado sería designado directamente por el censo electoral.

★ CHILE: CONDENAN A MUERTE A TRES MIEMBROS DEL MIR

[illegible] militar de Chile con[illegible] acusados de haber [illegible] de Santiago, el general [illegible] el 30 de agosto de 1983.

[illegible] fiscal militar Samuel Rojas afecta a [illegible] Jorge Palma Donoso y Carlos Araneda [illegible], acusados de pertenecer al [illegible] Movimiento de Izquierda Revolucionaria [illegible] se encuentran recluidos en un [illegible] de esta capital.

★ ARMAS CHINAS A TAILANDIA CONTRA VIETNAM Y KAMPUCHEA

Pekín, (PL). — Un número indeterminado de [illegible] en apoyo a Tailandia como [illegible] del gobierno chino, que suele ante [illegible] a sus vecinos sureños una cantidad considerable de cañones de 130 milímetros.

La información, revelada por la revista hongkonesa Far Eastern Economic Review, sigue a la reciente visita oficial del canciller Tai Siddhi Savetsila a China para nuevas coordinaciones de acciones contra Vietnam y Kampuchea y muy amenazantes declaraciones del primer ministro pekinés Zhao Ziyang contra Hanoi en la frontera común.

Durante la visita de Siddhi, las máximas autoridades chinas le ratificaron completo apoyo político y militar a Tailandia al igual que a las fuerzas antigubernamentales kampucheanas y al mismo tiempo amenazaron a Vietnam que seguirán en adelante presionándolo militarmente en la frontera como hasta ahora.

PAJ

Las Horas 30/11/86

PARTES ILEGIBLE

RCH U??

LA MAÑANA 07/12/86

La concurrencia a las urnas fue masiva

La oposición triunfa en dos ciudades de Taiwan

El primer partido de oposición organizado en Taiwan logró un impresionante comienzo en las elecciones nacionales de ayer, reclamando la victoria en las dos ciudades más grandes de la isla.

TAIPEI, Taiwan (ANSA y UPI).- Con todos los votos contabilizados en Taipei y en el puerto sureño de Kaohsiung, siete de los 10 candidatos del opositor Partido Democrático Progresista ganaron asientos en la Asamblea Nacional y en la Cámara legislativa, informó la Comisión Central Electoral.

Al menos otros dos prominentes candidatos opositores, incluyendo al hermano de un exiliado dirigente disidente, Hsu Hsin-liang, quien no pudo regresar a casa para las elecciones, estaban consiguiendo mayorías en los distritos de Taoyuan y del condado de Taipei.

Un total de 157 asientos en los dos cuerpos legislativos fueron disputados en todo el país por 306 candidatos, 44 de ellos demócratas progresistas. Los primeros resultados solo estuvieron disponibles en Taipei y Kaohsiung.

En la elección de ayer, el PDP capturó alrededor del 30 por ciento de la votación en Taipei y Kaohsiung, pero fuentes del Gobierno pronosticaron que las cifras caerían a menos del 20 por ciento una vez que se conocieran los cómputos de todo el país.

La agencia central de noticias de Taipei dijo que los votantes fueron muchos más que los registrados en las elecciones legislativas de hace tres años.

Las 9.818 mesas electorales de la isla funcionaron entre las ocho de la mañana y las cinco de la tarde.

SOLO INCIDENTES MENORES

La Policía y las autoridades electorales dijeron que la votación fue pacífica en toda la isla, con algunos incidentes menores pero sin importancia.

La radio oficial dijo que el Presidente Chiang Ching-kuo y su esposa votaron apenas se abrieron las mesas electorales.

Los analistas políticos estimaron que era posible que acudieran más del 66,43 por ciento de los 11,8 millones de votantes de Taiwan, en una marca establecida en las elecciones legislativas de 1980.

El PDP ha pedido la "autodeterminación" para los 19 millones de habitantes de Taiwan, lo que le dio interés a las elecciones.

Se trata del primer grupo opositor que desafía el mando del gobernante Partido Nacionalista. Los taiwaneses nativos conforman el 86 por ciento de la población y no comparten el fervor de los nacionalistas para una reunificación con China continental.

Los nacionalistas gobiernan Taiwan bajo la ley marcial, desde que dos millones de seguidores del general Chiang Kai-shek se refugiaran en la isla en 1949, cuando los comunistas lograron el control de China.

Aunque el PDP es técnicamente ilegal, Taipei anunció en octubre que la ley marcial se levantará el próximo año y no ha prohibido al nuevo grupo.

El Gobierno nacionalista, como Pekín, considera a Taiwan una provincia de China y condena como sedicioso cualquier llamado independentista. Pekín ha advertido que atacará a Taiwan si ésta declara su independencia.

RPCH

033

China plantea exigencias para reconocer al Vaticano

PEKIN, 29 (UPI y EFE).— La Iglesia Católica de China, autorizada por el gobierno, aprobó hoy un estatuto que aboga por el socialismo como la única solución para "salvar" a ese país, y advirtió al Vaticano que no interfiera en sus asuntos, según informó en Pekín la agencia noticiosa oficial Xinhua.

El vicepresidente de la Asociación Patriótica Católica, obispo Tu Shihua, al hablar en esta ciudad durante la sesión de clausura del cuarto Sínodo de la organización, describió como "absolutamente correcto" el principio de la independencia y autogobierno de la Iglesia china, indicó la agencia.

Pekín no reconoce al Vaticano, del cual la Iglesia china se escindió en 1957, tras proclamar que Roma no tenía derecho a dictaminar sobre los asuntos religiosos de un Estado soberano.

El documento revisado reclamó que para poder mantener buenas relaciones con la autoridad papal, "el Vaticano debe romper relaciones con Taiwan, reconocer a la República Popular China" como el único gobierno legal, "y dejar de interferir en los asuntos internos" chinos, según dijo al congreso el integrante del Politburó del Partido Comunista, Xi Zhongxun.

El cónclave también aprobó una resolución según la cual "los asuntos de la Iglesia Católica en China deben ser manejados por el clero y los laicos chinos, a la luz de las condiciones de China en el presente y en el futuro."

Advertencia a los católicos

En una clara referencia al Vaticano, Xi Zhongxun expresó: "El gobierno chino apoya a nuestros amigos de círculos religiosos para que aumenten sus contactos con otros países, pero no permitiremos a ninguna organización religiosa o individuo que interfiera en los asuntos religiosos de nuestro país, y que gobierne nuestras iglesias."

La grave acusación fue más explícita aún al continuar diciendo el dirigente: "El Vaticano debe cesar su política de interferencia en los asuntos internos de China."

Estas palabras, dichas ante una reunión de 200 jerarcas católicos, fueron interpretadas por los observadores occidentales como una seria advertencia a los católicos que desean mantener, o mantienen, contactos extraoficiales con la jerarquía vaticana.

En China hay unos 10 millones de cristianos, de los cuales la tercera parte son católicos. En los últimos seis años se han abierto o reconstruido unas 1.900 iglesias de culto católico, así como diversos seminarios y conventos. Igualmente, entre 1982 y 1985 fueron consagrados una veintena de obispos.

La Iglesia Católica Patriótica de China depende, por su parte, de una entidad estatal dentro de la organización del Partido Comunista China, y reivindica el no mantenimiento de relaciones con el Vaticano. Pero muchos fieles y sacerdotes exigen esta relación con Roma y someterse a la guía y autoridad del Papa, algo inherente —afirman— a la condición de católico.

CLARIN 30/11/86

POCO LEGIBLE

RPCH

8P. Dia 9/11/86

China busca aumentar los lazos militares con mundo occidental

PEKIN. — El ministro de Defensa de China, Zhang Aiping, pidió una cooperación militar más estrecha con Estados Unidos, Gran Bretaña y otras "naciones amigas", reveló ayer el periódico oficial "China Daily".

Zhang dijo a un oficial británico, que esta de visita, que aunque para China el criterio basico es mantener su autonomía defensiva, Pekín quiere fortalecer sus lazos militares con otros países.

"El intercambio de tecnología defensiva y de personal militar será intensificado con todos los paises amigos, entre ellos Estados Unidos y Gran Bretaña", dijo el periódico, citando declaraciones de Zhang en charlas con el mariscal de campo Edwin Bramall, ex jefe de comando británico.

Zhang dijo que China ha descartado el punto de vista de Mao Tse Tung, en sentido que es inevitable una guerra mundial.

"Por ello, el país ha modificado sus alertas de guerra, con excepción de algunas fronteras importantes y áreas que potencialmente pueden ser agredidas, como la frontera chino-soviética", acotó la autoridad militar china.

China y Vietnam han denunciado varias escaramuzas a lo largo de su frontera común, luego de una guerra que durante un mes sostuvieron en 1979, poco después que Hanoi enviara tropas a Camboya para expulsar al régimen del Khmer Rojo, respaldado por Pekín.

Se estima que en su frontera norte con Unión Soviética, China tiene un millón de soldados desplazados, donde Moscú por su lado tiene 53 divisiones.

RPCH

033

China, pionera de la piscicultura

16/0?6 La Nación

Por Rob Pease

BOSTON (The Christian Science Monitor). - "Cuando mis peces salen a la superficie, jadeantes, arrojo una cantidad de sal a la laguna de agua dulce", explicó un campesino chino, que se dedicaba a la piscicultura, a un grupo de asesores de la FAO. Algunos de estos se rieron de el y los funcionarios chinos se sintieron molestos. Sin embargo, los calculos posteriores demostraron que la sal ayudaba realmente a oxigenar el agua, y actuaba sobre los desperdicios de los peces.

"¿Quién sabe desde cuando hacen esto? ¿Mil... dos mil años? Quizá ya han probado todos los demas métodos. Ese hombre, un analfabeto, sabia que el suyo daba resultado aun sin comprender el porque", comentó Ron Zweig, experto en planificacion computada de sistemas de acuacultura (*) y miembro del equipo de la FAO.

En la actualidad, China provee el 25 % de la producción pesquera mundial; el 60 % de su producción proviene de un sistema de lagunas de agua dulce sumamente integrado.

Segun cuenta la leyenda, la cria de peces en China se remonta a tres milenios, más exactamente a la época en que el emperador Li prohibió el consumo de una variedad de carpa común denominada, precisamente, "li".

Un refugiado resolvió prontamente el problema que planteaba la veda, e ideó un método económico que permitia criar diversas variedades de carpa en una sola laguna. Algunas se alimentaban de residuos vegetales que flotaban en la superficie; otras, de algas profundas; las demás, en fin, extraian su alimento del fondo de la laguna.

Con el tiempo, el sistema se integró más estrechamente a la producción agroganadera, de manera bastante similar a como lo hacen los ecosistemas naturales: el desecho que deja cada componente "revive" en forma de alimento o fertilizante de otro.

Lo que mas interesa a Zweig es la estrecha integracion del sistema. "Si arrojo un atomo de nitrogeno a la laguna como alimento, un pez lo consume, de el pasa nuevamente al agua y, al regar con ella los cultivos, enriquezco la tierra. Luego, los residuos vegetales retornan a la laguna como alimento".

Y añade: "Por eso me consagro por entero al estudio de estas estructuras de recuperación de recursos. El concepto de los sistemas globales es decisivo para su mantenimiento por periodos prolongados".

Lleva 15 años estudiando estos sistemas. Ultimamente ha trabajado en el Instituto de la Nueva Alquimia, de Cape Cod, entidad especializada en la busqueda de metodos alternativos para producir energia y alimentos.

Zweig fue uno de los primeros cientificos occidentales que visitaron a China, y aprovechó el acercamiento a Occidente iniciado por Deng Xiaoping en la decada del 70. Allí vio practicar la piscicultura en una escala que, hasta entonces, solo habia existido en su imaginacion.

Finanzas vs. nutrición

En su segundo viaje de asesoramiento, Zweig se dirigió a Guangdong. Los chinos pensaban dedicar 7284 hectareas a la cria de peces. Era el proyecto mas grandioso que se habia trazado hasta entonces y el primero que requeria la obtención de préstamos internacionales.

El gobierno chino necesitaba tractores para acelerar las obras y la FAO envió a Zweig en calidad de analista económico. Los nuevos criaderos de peces darian trabajo a decenas de miles de personas y alimentarian a varios millones. No obstante, el proyecto, tal como habia sido propuesto, dejaria una utilidad inferior al 1 %; este indice, excesivamente bajo, desalentaba la concesión de préstamos.

Por un tiempo, Zweig quedó atrapado entre las exigencias de las finanzas occidentales y los intereses chinos en materia de trabajo y alimentación. Analizó más a fondo el problema y se le ocurrió una modificación que aumentaria el margen de utilidad a un 25 o 30 por ciento.

Si en los terraplenes de las lagunas se plantaba pasto comun en vez de caña de azucar se obtendria mas alimento para los peces al sumarse la hierba a las algas. China consiguio el prestamo.

En estos momentos, Zweig se encuentra nuevamente en China, en su tercera misión importante encomendada por la FAO: un estudio de campo del potencial que ofreceria la piscicultura en 23 distritos.

En los intervalos entre sus viajes al exterior, Zweig dirige el grupo Ecologic, una institución sin fines de lucro fundada por el. Trabaja en colaboracion con su esposa, Christina Rawley, quien perteneció durante mucho tiempo a la comisión directiva del Instituto de la Nueva Alquimia y actualmente prepara su doctorado en Harvard.

"El grado de atención que se presta a los sistemas acuaticos constituye una diferencia fundamental entre Oriente y Occidente -señala Rawley-. Los occidentales no se interesan por ellos, porque poseen tierras en abundancia."

Ecologic intenta fomentar en los Estados Unidos la aplicación, en pequeña escala, de los métodos eficientes y ecológicamente sanos que el matrimonio Zweig ha visto practicar tan extensamente en China.

Los datos recogidos por Zweig indican que la cria de peces en lagunas y el cultivo hidropónico de plantas (para el que se emplea una solución nutritiva, en vez de tierra) son económicamente factibles. Sin embargo, resulta dificil fundar este tipo de empresas.

Con todo, la acuacultura ha logrado algunos progresos en el frente educacional: las instituciones de crédito internacionales van habituándose gradualmente a los métodos de producción locales, que absorben una mano de obra numerosa, y, en un informe, la Fundación Carnegie ha recomendado la acuacultura como una importante materia de enseñanza.

Zweig también ha tenido halagos personales: en 1987 dictará un curso en la Institución Oceanográfica Woods Hole, al que asistirán 30 analistas politicos de diferentes paises.

(Traduccion de Zoraida J. Valcarcel)

(*) Disciplina que abarca la piscicultura propiamente dicha, la mitilicultura, ostricultura y los cultivos acuáticos en general, ya sea en el mar, lagunas de agua dulce o estanques instalados en recintos cerrados.

033

29.09.86 [illegible]

Bolsa abre na China com filas para comprar ações

Pequim — A primeira bolsa de valores a ser aberta na China desde 1949 está funcionando em Xangai desde sexta-feira. A novidade de mais essa ousada investida das autoridades chinesas contra a ortodoxia marxista, para arregimentar capitais extremamente necessários e reformar o atrasado sistema financeiro do país, levou os interessados a formar filas durante pelo menos três horas e a negociar papéis no equivalente a 26 mil dólares, segundo o jornal Wen Hui Bao.

Um detalhado artigo publicado por Tong Dalin, eminente economista do regime, no Diário do Povo, no início do mês, forneceu toda a justificação ideológica e pragmática de que a empreitada necessitava. "Na China", dizia ele, "as ações vêm há muito sendo consideradas uma característica do capitalismo, e os dividendos são condenados como sinal de exploração do trabalho humano. Preocupa os chineses a possibilidade de que o mercado de ações crie uma classe que vive de lucros, e não se de seu próprio trabalho."

Esta é uma visão incorreta, pondera o artigo, acrescentando: "Para os indivíduos que compram ações, seus dividendos não constituem uma forma de exploração dos empregados, mas recompensa por apoiarem a construção econômica do país." Tong Dalin argumenta ainda que uma empresa que emite ações torna-se uma entidade independente, mais eficientemente administrável por não sofrer interferência direta do Estado. E pondera que a emissão de ações mobiliza capitais ociosos e os dirige para as utilizações mais eficientes, já que as melhores empresas atrairão mais capitais.

Já segundo Wen Hui Bao, as duas principais vantagens do mercado de valores são: desviar o dinheiro dos gastos de consumo para a produção; e pressionar a administração das empresas emissoras de papéis, no sentido de terem um melhor desempenho produtivo. E o jornal cita o presidente de uma das empresas cujas ações estão à venda: "A venda demonstra que os compradores têm grande confiança no futuro de nossa empresa. Mas a competição torna-se cada vez mais intensa, de modo que certamente deveremos fazer melhor uso deste capital".

Mais de 1 mil 400 empresas de Xangai, o principal centro industrial da China, emitiram títulos e ações avaliados em mais de 225 milhões de yuans (ou 61 milhões de dólares) desde o início do ano passado. E por toda a China são milhares as que fizeram o mesmo para obter capitais muito necessários, mas que os bancos não podem fornecer. A imprensa oficial informou no mês passado que empresas estatais também venderam ações a seus empregados pela primeira vez, em três fábricas de Cantão, e que outras fariam o mesmo, já que aumentou sua produtividade e eficiência.

A emissão de ações é mais uma mudança radical das que vêm ocorrendo no sistema financeiro chinês nos últimos três anos. A China contava com apenas dois bancos até 1984, ano em que transformou um deles em banco central, que hoje supervisiona as atividades de cinco bancos especializados e dezenas de outras instituições financeiras nas províncias.

Em agosto, Lui Hongru, vice-presidente do Banco Central, disse que o velho sistema de financiar tudo através dos bancos já não é viável. Segundo ele, a China precisa dispor de outros meios de levantar capitais, pois por muito tempo os bancos não terão fundos suficientes para atender à demanda.

PC aprova o "socialismo humano"

Pequim — O Comitê Central do Partido Comunista da China aprovou um longo documento, com 10 mil caracteres, contendo as novas diretrizes para o desenvolvimento de um "socialismo humano" no país de um bilhão de habitantes. O texto, aprovado na 6ª sessão plenária, reafirma a política de portas abertas ao exterior e define a adaptação do marxismo às condições da China atual.

"A edificação de uma sociedade socialista com cultura e ideologia avançada deve ser capaz de promover a modernização da China e abertura ao mundo exterior", diz o texto divulgado logo após pela agência oficial de notícias Nova China.

Ao mesmo tempo em que lembrava que essas reformas permitirão à população da China "participar, em maior número que agora, dos processos de opinião e decisão", o documento pede por uma maior moralidade pública para elevar "os critérios ideológicos e éticos da nação". Respondendo a críticos conservadores que afirmam a política de portas abertas de corromper o país, o texto diz que "a história moderna do mundo mostra que nenhum país pode progredir se se nega a aceitar os elementos de avanço da ciência e cultura exteriores".

Segundo diplomatas ocidentais em Pequim, o documento invalida uma campanha de "contaminação ideológica" lançada em 1983 contra influências ocidentais. Outro diplomata lembrou que as diretrizes querem prevenir os jovens para que não sobreponham o desejo da riqueza aos ideais marxistas.

Com o aval dos cinco principais líderes do país — a começar pelo homem forte do regime, Deng Xiaoping —, os 325 delegados e membros do partido decidiram convocar reformas no sistema de liderança a partir do próximo congresso, em outubro de 1987, no qual profundas substituições na cúpula do poder deverão acontecer. O objetivo, segundo diplomatas, é o de rejuvenescer o partido com uma nova geração. O próprio Deng, de 82 anos, disse que gostaria de se retirar nessa oportunidade.

01-01

8700094

033

RPCh

Pekín: plan de [illegible]rma del dominio estatal

PEKIN, (UPI) — Los economistas chinos han propuesto un plan en varias fases para terminar la propiedad estatal de varias empresas en favor de la administración individual o colectiva, al urgir más estudios del funcionamiento del capitalismo, dijo ayer el periódico Diario del Pueblo.

Las empresas fiscales reaccionan muy lentamente a la actividad del mercado y por ello debe reformarse el sistema de propiedad pública, dijo el periódico, citando opiniones de varios economistas chinos.

"El camino hacia una economía socialista requiere una adecuada estructura de propiedad, y por ello una de las reformas económicas más importantes es modificar la propiedad estatal", señalaron los economistas, en una reciente sesión sobre teoría de la producción de bienes.

También urgieron la venta a individuos o colectividades de las varias pequeñas empresas públicas del país, además de la emisión de valores para las empresas de la nación, a fin de elevar el interés de los trabajadores en la producción.

La propuesta es una de las más ambiciosas que se hacen en China, dentro de su plan para reactivar las empresas estatales. La propiedad estatal de los medios de producción es considerada uno de los pilares de la economía socialista.

040986

El Dia

RPCH

033

La Nación 29/9/86

Reafirman en China la política de apertura

PEKIN, 28 (Reuter). - El Partido Comunista que gobierna China aprobó hoy una extensa resolución reafirmando su política de apertura y haciendo un llamado para incrementar la moralidad pública. Estableció también que aún se puede aprender mucho de los países capitalistas, aunque subrayó la supremacía del marxismo.

La agencia noticiosa Nueva China informó que la resolución fue aprobada hoy en la VI Reunión Plenaria del XI Comité Central del Partido, presidida por los cinco jefes más importante.

La agencia citó la resolución de 10.000 caracteres estableciendo que la política aperturista, tanto en la faz ideológica como en términos económicos, era una "política estatal básica e inalterable".

Esta política, que finalizó con el aislamiento de China destacando el pragmatismo sobre la pureza ideológica y las reformas económicas asociadas con ellas han llevado a partir de 1979 a disparidades en los ingresos por primera vez desde 1949. Estas desigualdades son defendidas en la resolución.

"No deberíamos condenar las diferencias justificables en los ingresos... China debe incentivar a parte de su pueblo a ser más próspera en principio, antes que el objetivo de prosperidad común sea alcanzado", expresa.

El documento también hace un llamado para el mejoramiento de las éticas profesionales y condena el abuso del poder para provecho personal, defraudaciones y extorsiones. Tales malas prácticas aparecieron bajo la política aperturista.

La resolución establece que China debe esforzarse en adquirir avances científicos, tecnología y conocimientos de otros países, incluidas las naciones capitalistas más avanzadas.

Además, pidió reformas y mejoras en el partido y en el sistema de liderazgo estatal, así como también del "sistema legal socialista".

Reafirmó la principal importancia del marxismo-leninismo y del pensamiento de Mao Tse-tung. "China va a modernizarse y construir una sociedad socialista ideológicamente avanzada".

Un diplomático occidental dijo que la resolución trasuntaba preocupación entre los jerarcas de que el pueblo, especialmente los jóvenes, no deben olvidar los ideales marxistas en el vértigo por llegar a ricos.

Manifiesta también que el liderazgo caminaba por un delgado límite entre la embestida de la reforma económica y la necesidad de conservar las cualidades básicas del sistema socialista de China.

El plenario también decidió celebrar el XII Congreso Nacional del Partido en octubre de 1987, período durante el cual se esperan cambios de mayor envergadura en el liderazgo por el poder entregado a una nueva generación.

Deng, que se ubicó en el centro de los cinco hombres que presidieron la reunión de hoy, dijo a comienzos de este mes que deseaba retirarse para el Congreso de 1987 pero que sus colegas se habían opuesto.

91-01

8700096 A

RPCh

033

Reformarán economía china

Las ambiciosas reformas del líder Deng Xiaoping para descentralizar el sistema económico de su país están provocando una gran cantidad de controversias entre los economistas chinos, dijo hoy la agencia noticiosa Xinhua. Varios economistas han recomendado que China adopte los puntos "fuertes" de la planificación central, y no sólo los del sistema de mercado libre, mientras se implementan las reformas, dijo Xinhua. El inusual debate aparentemente destaca las dificultades que encuentran los líderes chinos en su intento por crear un sistema que combine las leyes del mercado libre con la planificación de la economía al estilo soviético. "Debemos escoger como modelo administrativo el crear planes de guía como factor dominante", fue el veredicto de varios economistas que asisten en Pequín a una conferencia nacional sobre administración económica, dijo Xinhua. "Esto significa que el Estado debe regular y controlar el mercado, y que luego debe guiar la producción", dijo Xinhua citando a un economista. En octubre de 1984, China adoptó una serie de reformas económicas urbanas que reemplazaron la planificación central en un intento por estimular la producción y hacer más eficiente la economía.

"Pero aun donde la fuerza reguladora del mercado se ha impuesto, el Estado debe mantenerse utilizando sus medidas administrativas para dominarlo, de manera que pueda guiar la producción de acuerdo a las necesidades económicas del país", dijo uno de los participantes. El Estado debe mantener un control directo sobre algunas operaciones económicas para lograr el equilibrio del sistema de mercado libre, añadió. Diplomáticos occidentales opinaron que las reformas están originando una creciente resistencia por parte de miembros conservadores del partido que temen que la falta de planificación central provoque fluctuaciones de precios, y por parte de burócratas que están perdiendo su poder. Otros participantes expresaron su apoyo a las reformas, dijo Xinhua. "Creo que el mercado debe asumir la mayor parte de las funciones reguladoras de la economía china", dijo un economista. "Sólo cuando esto sea efectivo el Estado deberá ejercer regulaciones suplementarias". "Muchos de los participantes coincidieron en que la descentralización y la simplificación administrativa no han logrado aún grandes resultados", dijo la agencia noticiosa.

Nelly 180982

110986
LA NACIÓN

China deja de lado el izquierdismo

destructivo del Pasado

Por Jim Abrams

PEKIN (AP). - China ha cambiado en la década transcurrida desde la muerte de Mao Tse-tung. Las ganancias comerciales, la felicidad personal y la reforma política –algunas de las principales preocupaciones de los chinos de hoy– son conceptos que el finado caudillo habría considerado anatemas.

La muerte de Mao, el 9 de septiembre de 1976, a los 82 años, aceleró el fin de una década de caos izquierdista conocido como Revolución Cultural que dejó a la nación sumergida en el desorden social y político.

Su sucesor como dirigente principal, Deng Xiaoping, también tiene 82 años, pero aparentemente goza de vigor y buena salud y controla firmemente la Segunda Revolución, como ha sido llamada la campaña para traer la prosperidad económica a este país de mil millones de habitantes.



Deng Xiaoping

Los restos de Mao reposan en su mausoleo, en la enorme plaza Tiananmen, de Pekín, y su recuerdo es venerado por haber llevado a los comunistas al poder en 1949.

Pero, en general, es culpado por el torbellino económico del gran salto hacia adelante de 1958, que precipitó el establecimiento de comunas y acerías con medios primitivos. También es responsabilizado de los excesos de la Revolución Cultural durante la cual millones de personas sufrieron persecuciones por presuntas impurezas en su lealtad al maoísmo.

Deng, dos veces destituido de sus posiciones por sus desviaciones capitalistas, resurgió en 1977 después del derrocamiento de la "pandilla de los cuatro" que incluía a la viuda de Mao, Jiang Qing, quien pretendió adueñarse del poder tras la muerte del caudillo.

Modernización económica

El actual gobernante encaminó a China por una senda de modernización económica que ha traído a la que fue en un tiempo la más comunista de las naciones, mercados competitivos, libre empresa y, recientemente, mayor libertad de expresión.

Los reformistas de Deng actuaron rápidamente para desmantelar las comunas y alentar a los agricultores a que, una vez cumplidas sus cuotas de producción, cultivasen y comercializasen sus propias cosechas.

Las comunas populares fueron un fracaso. El Partido tiene ahora la sensatez de no interferir en el trabajo de los campesinos, dijo en una entrevista el director del Instituto de Marxismo, Leninismo y Maoísmo de la Academia de Ciencias Sociales, Su Shaozhi.

Los reformistas también establecieron "zonas económicas especiales" y abrieron el acceso a ciudades costeras para estimular la inversión y la tecnología extranjeras en China.

Por todas partes han aparecido mercados libres y en centenares de esquinas vendedores privados ofrecen de todo, desde pollos vivos hasta prendas de alta costura de Hong Kong.

La plaza Tiananmen, en un tiempo lugar de concentración de un millón de fervorosos jóvenes Guardias Rojos que agitaban sus "pequeños libros rojos" de pensamientos de Mao, está ahora abarrotada por turistas chinos con sus cámaras fotográficas distintivas.

Deng ha ordenado a burócratas y a funcionarios del Partido Comunista que den paso a administradores profesionales capacitados para transformar las fábricas ineficientes de la nación en empresas lucrativas. El gobernante sopesa los conceptos capitalistas de quebrantos comerciales, bonos flotantes y mercados de valores.

El nivel de vida

El nivel de vida del pueblo ha mejorado notablemente. El ingreso per cápita de los 800 millones de residentes rurales, aunque todavía es uno de los más bajos del mundo, ascendió a 400 yuan (108 dólares) en 1985, o sea tres veces más que en 1978. El ingreso urbano se acercó a los mil yuan (270 dólares), un aumento del 50 por ciento sobre el de 1978.

Más del 93 por ciento de las familias urbanas poseen aparatos de televisión, la mitad tiene grabadores de cinta y un 36 por ciento, máquinas lavarropas. Las ventas de receptores de TV quintuplicaron el año pasado el volumen de 1980, en tanto que las compras de refrigeradores, todavía un artículo suntuario, aumentaron 60 veces.

El consumo de carne porcina, el manjar predilecto de los chinos, subió un 100 por ciento en los últimos siete años, y el de cereales, un 25 por ciento.

"Los campesinos pueden comprar carne todos los días. Algunos tienen ventiladores y aparatos de televisión, algo inimaginable hace unos años", dijo Su.

Actualmente hay en China 17 millones de trabajadores independientes, cien veces más que en 1978. Los colegios universitarios de la nación, cerrados durante gran parte de la Revolución Cultural, diplomaron a 287.000 graduados el año pasado. Otros 36.000 jóvenes fueron enviados a estudiar al extranjero entre 1978 y 1985.

La política de puertas abiertas atrajo el año último a tres millones de turistas extranjeros, el triple del nivel de 1978, que ahora pueden visitar 244 ciudades sin necesidad de permisos especiales. El comercio exterior alcanzó el año último los 60.000 millones de dólares, un aumento del 50 por ciento con respecto a 1980.

Graves problemas

Lo que Deng define como "socialismo con características chinas" también enfrenta serios problemas. El apresuramiento por consolidar las reformas económicas ha provocado un aumento de la delincuencia. Se tiene entendido que más de 10.000 malhechores fueron ejecutados desde que comenzó una campaña de represión del delito en 1983.

La corrupción y el favoritismo burocrático persisten a pesar de los esfuerzos para reducir el número de funcionarios y reprimir sus abusos.

Millares de jóvenes confinados en remotos poblados rurales durante la Revolución Cultural todavía no pueden regresar a sus lugares de origen, mientras que muchos sufren las consecuencias de haber perdido una década de educación.

"Hay un vacío espiritual entre los jóvenes que vivieron las aberraciones de la Revolución Cultural. Aun cuando puedan ganar dinero con la venta de ropas en un puesto callejero, fueron privados de la oportunidad de alcanzar su pleno potencial", comentó un intelectual pequinés.

El hambre, que causó la muerte de unos diez millones de personas a comienzos de la década de 1960, después del "gran salto hacia adelante" de Mao, ha sido en gran medida superada, pero los gobernantes chinos admiten que 60 millones de habitantes viven por debajo de lo que este país pobre considera su límite de pobreza.

En las ciudades, muchos trabajadores asalariados fueron afectados por la inflación desatada el año último a raíz de la eliminación de algunos subsidios alimentarios. La vivienda es todavía un problema grave, ya que el promedio de espacio para cada residente urbano es de apenas 6,3 metros cuadrados en edificios carentes en muchos casos de baños privados.

La libre expresión

En 1979, Deng reprimió el "movimiento de democracia mural", el medio empleado por grupos de jóvenes para criticar al Gobierno, al

01.02

sobreestimar los alcances de la nueva atmósfera liberal.

Pero a partir del año pasado, el Gobierno, más confiado en su apoyo popular, ha alentado el debate abierto en las artes, la ciencias e incluso en la prensa oficial, fundamentado en la consigna formulada por Mao en 1957: "Dejad que un centenar de capullos florezcan, dejad que un centenar de corrientes de pensamiento compitan".

Los artistas recuerdan que el último movimiento de "cien flores" fue seguido de una represión hacia quienes osaron expresar públicamente sus ideas, pero la mayoría confía en que las nuevas libertades sean permanentes.

Deng también propone ahora la aplicación del concepto de "democracia", no solamente a los foros académicos sino también al ámbito político.

En materia de relaciones exteriores, China ha puesto énfasis en su papel de defensora de las causas del Tercer Mundo, pero también ha reforzado significativamente sus vínculos políticos y, en un grado limitado, los militares, con Occidente desde la normalización de relaciones con los Estados Unidos en 1979.

En 1984, suscribió con Gran Bretaña un trascendental acuerdo para la devolución de Hong Kong a la soberanía china en 1997. Los gobernantes de Pekín esperan que el ejemplo de Hong Kong persuada eventualmente al régimen nacionalista de Taiwan a iniciar conversaciones de reunificación.

Las relaciones de China con la Unión Soviética se agriaron en 1960 cuando Mao acusó a Nikita Khrushchev de tratar de dominar el campo socialista.

Los lazos continúan tirantes debido a la oposición china a la presencia soviética en Afganistán, al respaldo del Kremlin a la ocupación de Camboya por fuerzas vietnamitas y al ingente despliegue de tropas soviéticas a lo largo de la frontera entre los dos grandes países comunistas.

Pero en años recientes se ha registrado un gradual acercamiento en los ámbitos económico y cultural, y los dirigentes chinos se han mostrado receptivos a las declaraciones del jefe soviético, Mikhail Gorbachev, en favor de un entendimiento.

La mayoría de los chinos piensa que su país ha aprendido tanto las buenas como las malas lecciones de Mao y no retrocederá hacia el izquierdismo destructivo del pasado.

Mercado de divisas autorizan en China

Pekín (UPI) — China inauguró un mercado de cambio de divisas de clientela limitada, respondiendo a quejas de inversores extranjeros de que las restricciones cambiarias chinas perjudicaban sus negocios, informó ayer la agencia oficial de noticias "Xinhua".

La agencia señaló que cuatro clientes cambiaron fondos equivalentes a 100.000 dólares en el primer día de operaciones del Centro de Ajuste de Moneda Extranjera, en la ciudad portuaria de Shanghai.

La casa de cambios, que opera exclusivamente con clientes que usan capital extranjero, permite que las compañías con grandes entradas de divisas extranjeras, tales como hoteles y agencias turísticas, vendan sus excedentes a empresas cuya entrada principal es en moneda local, que es inconvertible.

"Necesitamos yuanes para pagar los salarios a nuestros empleados y para otros gastos", dijo el administrador del Servicio de Desarrollo Turístico, Ye Angi, uno de los primeros clientes del centro.

Previamente, sólo los bancos podían procesar la compra y venta de moneda local y extranjera de empresas conjuntas, entre China e inversionistas extranjeros, un trámite que podía tomar varios meses a causa de que el gobierno chino limitó la salida de divisas al perder reservas.

El "Diario de China" citó a funcionarios gubernamentales de Shanghai que afirmaban que "los precios de las transacciones serán determinados por el gobierno a favor de los vendedores". Pero no dio mayores detalles.

01-01. 8700099

RPeH 033

CICATRICES DE LA REVOLUCION CULTURAL

Después de la pesadilla. Por Liang Heng y Judith Shapiro. 300 páginas. Knopf.

Si bien China llegó a tratar a sus intelectuales mucho peor de lo que lo hizo la Unión Soviética con los suyos, la China moderna nunca produjo esa clase de disidente que se establece en Occidente y lanza ataques contra su patria. Los intelectuales chinos siempre sintieron un deber casi confuciano de cambiar la sociedad y el gobierno mediante la crítica, en lugar de irse disgustados. Liang Heng es un buen ejemplo. Un disidente chino de 32 años nacido en Hunán, que ahora vive en Nueva York, critica apasionadamente a su patria, pero sigue pareciendo tener una responsabilidad por ella. Su último libro: "Después de la pesadilla", registra las experiencias recogidas en una amplia gira que Liang y su esposa y coautora, la norteamericana Judith Shapiro, hicieron en 1985 para apreciar el efecto de las reformas de Deng Xiaoping. el resultado era un espléndido fresco de la vida en la China de hoy, desde los altos funcionarios que dirigen los organismos de planificación de las reformas, hasta los empresarios campesinos que son potencialmente los mayores beneficiarios de su implementación.

El libro comienza con una patética reunión familiar. El padre de Liang, un ex-periodista del diario de Hunán, cuya vida fue arruinada por la Revolución Cultural, tuvo que soportar las duras faenas campestres, la crítica y luego el abandono por parte de sus ex-colegas.

Liang, accidentalmente, promueve un encuentro entre su padre y su madre, quienes se divorciaron durante la campaña anti-derechista en 1957. Su dolorosa reunión da el tono para otras historias. Una y otra vez, los autores se encuentran con personas cuyo pasado está enterrado pero no olvidado. Un capítulo "Tres mujeres en Guiyang" presenta un trío de dramáticos relatos. Una mujer sigue de duelo por el suicidio de su única hija durante la Revolución Cultural; otra es una musulmana cuya familia fue masacrada en una batalla religiosa en 1975; la otra rehúye el tema de sus sufrimientos durante la Revolución Cultural y anuncia que sólo aspira a enriquecerse.

Junto a los amargos recuerdos del pasado hay un deseo de olvidar y de concentrarse en hacer dinero. Pero no todos son lo suficientemente afortunados como para obtener ventajas de las reformas. Los campesinos en el sur de Hunán no tienen medios de hacer llegar su grano al mercado y siguen siendo tan pobres que no pueden permitirse comer carne. Los antiguos modelos agrícolas son ahora retrógrados. Liang y Shapiro yuxtaponen constantemente el pasado izquierdista y el presente utilitario y el efecto es deliberadamente inquietante.

CUADROS INFANTILES: "Después de la pesadilla" es más pesimista sobre el éxito de las reformas de lo que podría complacer a los líderes chinos. Sin embargo, los problemas que Liang y Shapiro plantean son los que los propios chinos critican: los cuadros infantiles que se consideran por encima de la ley, los burócratas locales que odian ver que los campesinos ganan más dinero que ellos, las provincias del interior del país que son demasiado subdesarrolladas como para beneficiarse de la reforma.

El mayor temor de los autores es que China, una vez más, caiga en el izquierdismo y la anarquía que caracterizaron a la Revolución Cultural.

Desafortunadamente, este temor sólo es discutido al final del libro, de manera demasiado superficial. Un error más serio es la incapacidad de los autores de situar los acontecimientos de China en un contexto más amplio. Por ejemplo, no analizan si los actuales cambios están o no ligados al mismo impulso burgués que guía a las comunidades chinas en el extranjero. Los autores tampoco ubican a las reformas de Deng en un amplio espectro histórico de 100 años de reformas. "Nuestra sobrevivencia como nación depende en gran medida de si las lecciones de la Revolución Cultural serán transmitidas a las generaciones futuras", escribe Liang. Pero la sobrevivencia de China depende también de muchas otras cosas; no es suficiente ver a China solamente a través del prisma de la Revolución Cultural.

La primera colaboración de Liang y Shapiro fue su muy elogiado libro "Hijo de la revolución" (1983). El texto versaba sobre el pasado: contaba la vida de Liang, se concentraba en la década de la Revolución Cultural y narraba la implacable persecución de la familia de Liang como intelectuales derechistas. Vista a través de los ojos de un muchacho, la Revolución Cultural se reveló en toda su estúpida retórica y su idealismo distorsionado. En su nuevo libro, Liang y Shapiro enfrentan el presente. Ahora el narrador es un hombre y puede no sólo ver los acontecimientos, sino también reflexionar sobre ellos.

NERVIOSOS PARTIDARIOS DE LA LINEA DURA: Como analistas de la China moderna, el prestigio de Liang y Shapiro va en incremento. Shapiro, una graduada de Princeton y la Universidad de California, en Berkeley, y una de las primeras norteamericanas invitadas a enseñar en China después de la normalización de las relaciones con los Estados Unidos, se encontró con Liang en el Instituto de maestros de Hunán. Además de colaborar con Shapiro en los dos libros, Liang fundó "El intelectual chino", una revista en ese idioma. Ya en su tercer año de existencia, la revista que aparece cuatro veces por año, se distribuye en China, los Estados Unidos y otras partes: publica artículos sobre la cultura norteamericana y textos de especialistas sobre China.

"Mi revista es muy controvertida en China" dice Liang. "A los reformadores y a los intelectuales les gusta. Obtienen de ella mucha información sobre Occidente. Pero los partidarios de la línea dura están muy nerviosos respecto a su difusión". "Hijo de la revolución" fue recibido por un silencio hostil en China, a pesar de que el liderazgo repudió a la Revolución Cultural y a los responsables de ella. "Después de la pesadilla", indudablemente habrá de tener un destino similar.

CARROLL BOGERT

([illegible])

130986 EL PAIS

Poco LEGIBLE

30.09.86 Jornal do Brasil

Deng acha que é preciso provar que socialismo é melhor opção

Pequim — "A China ainda precisa provar que o socialismo é melhor do que o capitalismo — precisa construir uma sociedade afluente ou não estará qualificada para falar sobre a superioridade do socialismo". As surpreendentes palavras do líder máximo chinês, Deng Xiaoping, saudaram o presidente da Polônia, Wojciech Jaruzelski, que inaugurou a nova fase de aproximação entre Pequim e os países do bloco soviético.

Considerada corajosa pelos diplomatas ocidentais, a declaração de Deng foi feita apenas um dia após o Comitê Central do PC ter aprovado uma nova resolução estimulando a população chinesa a trabalhar para enriquecer sob as reformas econômicas voltadas para o mercado. Segundo a resolução, o direito a uma vida mais próspera faz parte dos novos rumos do "socialismo humano" que a China quer desenvolver.

Deng afirmou que o objetivo do comunismo é fazer a população prosperar e não mantê-la na pobreza. Acrescentou que "no passado não se perguntava o que é o socialismo e nem se a pobreza pode existir num regime socialista".

Pela primeira vez, o pragmático Deng abria claramente uma nova discussão: mais do que o sucesso ou fracasso do programa de reforma econômica da China, ele colocou em questão a própria essência do socialismo, afirmaram especialistas em Pequim.

O líder chinês, que anunciou recentemente sua intenção de se aposentar em breve, afirmou que a China espera aproximar-se do nível econômico dos países desenvolvidos nas primeiras cinco décadas do próximo século. "Somente então seremos capazes de afirmar que a China, com sua enorme população, contribuiu para o desenvolvimento da humanidade".

Aos 82 anos, Deng considera a sociedade comunista ideal aquela cuja riqueza é distribuída para cada pessoa de acordo com sua necessidade e pergunta: "Se a esta altura ainda estivermos numa situação de pobreza, o que poderemos oferecer para ser distribuído?"

Critica a ênfase dada no passado à luta de classes — "durante a Revolução Cultural praticamos um socialismo pobre" — em vez do desenvolvimento econômico.

Jaruzelski, que enfrenta dificuldades econômicas sérias em seu próprio país, ouviu atentamente as declarações de Deng, sem fazer comentários. A visão de Deng se viu refletida no domingo, quando o Comitê Central do PC anunciou as tentativas de conciliar as reformas econômicas voltadas para o mercado com a filosofia marxista e a idéia da prosperidade do povo num regime socialista.

Jaruzelski afirmou que outras nações socialistas estão acompanhando de perto as reformas chinesas, descritas por Deng como "uma grande experiência". A visita do presidente polonês, que durará três dias, é a primeira retomada dos contatos entre Pequim e um dos mais próximos aliados de Moscou no bloco socialista desde que China e União Soviética romperam relações em 1960.

Ontem à tarde, o dirigente polonês reuniu-se com o líder do PC chinês, Hu Yaobang. No mundo socialista, os laços entre os partidos são tão importantes quanto as relações diplomáticas a nível de governo. "Observamos com grande atenção a maneira como as relações entre a China e outros países socialistas estão se desenvolvendo", declarou Jaruzelski, que aproveitou para convidar Hu a visitar a Polônia. As duas nações, disse Jaruzelski, compartilham muitas idéias semelhantes, mas ainda discordam em algumas questões.

A gafe do general Jaruzelski

Pequim — Presidente de uma das nações aliadas mais próximas do governo soviético — a Polônia —, o General Wojciech Jaruzelski estreou a nova política de aproximação da China com os países do bloco socialista cometendo uma gafe. Ao ser recebido por Deng Xiaoping, o homem forte da China, no Grande Salão do Povo, Jaruzelski saudou seu anfitrião com a frase Todos os caminhos levam a Pequim — um slogan da Revolução Cultural, ultrapassado na China pragmática de Deng.

O líder chinês, que condena o estilo Mao do culto à personalidade, respondeu que "Pequim ainda está muito atrasada", embora se venha "praticando o socialismo há 30 anos".

30.09.86 Jornal do Brasil

Hu: em busca de uma nova imagem

Nada do que os dirigentes chineses vêm afirmando nos últimos dias — do documento aprovado domingo pelo PC chinês às declarações de ontem de Deng Xiaoping ao recepcionar o presidente polonês — é novidade para quem acompanha de perto o processo de reformas desencadeado na China depois da Revolução Cultural e a partir da ascensão de Deng. Novidade é a maneira aberta e clara que os líderes chineses parecem ter adotado recentemente para criticar o socialismo do passado e vislumbrar o socialismo do futuro.

Em recente entrevista a jornalistas estrangeiros publicada na revista americana Newsweek, o secretário-geral do Partido Comunista chinês, Hu Yaobang, admitiu que há alguns problemas com o socialismo, a nível internacional, no campo da democracia e dos direitos humanos, e que a imagem do regime socialista sofreu arranhões nos últimos anos "porque os socialistas não fizeram um bom trabalho".

"Temos que restaurar esta boa imagem com o trabalho árduo de nossas próprias mãos", disse Hu. "Não é apenas na China, é um fenômeno mundial. O desenvolvimento econômico não tem sido muito rápido nos países socialistas".

Hu afirmou que a meta é construir em alguns anos uma civilização socialista espiritual, mas com uma civilização material altamente desenvolvida. Segundo ele, já se pode detectar um "suave progresso" nesse sentido porque a reforma "trouxe benefícios materiais enormes, tanto para o país quanto para a população".

Resistência? Para Hu a resistência às reformas se deve à falta de experiência. "Qualquer diretriz que empurre a História para frente, diz ele, não navegará em calmaria". "Apenas a prática e a experiência provarão o que está certo e o que está errado".

Aos 71 anos, Hu é considerado o herdeiro e provável sucessor de Deng, se este se aposentar, como vem se dizendo, logo após o 13º Congresso Nacional do PC no próximo ano.

Fichaje

Protagonistas



Hu Yaobang

EL LIDER CHINO DE SACO Y CORBATA

Cuando China y la URSS anunciaron simultáneamente la pasada semana el avance en las negociaciones bilaterales y la reducción de tropas en la zona fronteriza, los observadores internacionales volvieron a centrar su atención en Hu Yaobang, un hombrecito vivaz, ávido lector de la prensa nacional y extranjera, que desde 1978 ejerce las funciones de secretario general del Partido Comunista Chino.

Los medios de comunicación occidentales suelen referirse a Hu como el *protegido* de Deng Xiaoping y un minucioso seguimiento de los primeros tramos de su vida parece confirmarlo. Nacido en 1913 en Hunan, participa a los dieciocho años de la Larga Marcha, resulta herido en la batalla de Kweichow y ya a fines de la década del 40 ocupa la jefatura del departamento político de un regimiento perteneciente al Segundo Cuerpo de Ejército. El comisario político era por entonces el controvertido Deng. En 1952 se lo promueve a secretario de la Liga de las Juventudes en tanto Den Xiaping ocupa la secretaría del partido. Como la mayor parte de los máximos dirigentes debe abandonar sus funciones ante el embate contestatario de la Revolución Cultural que lo hace objeto de incisivas críticas en los famosos *dazibao* o diarios murales, reprochándosele entre otras cosas su reconocida afición por un juego tan occidental como el *bridge*.

La caída de la "banda de los cuatro" lo devuelve a los primeros planos. Deng lanza entonces la consigna de "*buscar la verdad en los hechos*", un modo sutil de incitar a no buscarla en las machaconas citas de Mao Tse Tung. Montado sobre la cresta de esta ola, Hu Yaobang impulsa un conjunto de reformas graduales aunque profundas como encargado de la dirección de la escuela central del partido. Su estrella sigue en ascenso y en ocasión del tercer plenario del PCCH es designado secretario, un cargo en ese momento inexistente que es reinventado para consagrar su creciente influencia, facilitar el cambio de guardia en la cumbre y acelerar el relevamiento del cuestionado Hua Kuofeng. Tres años más tarde, en 1981, se convertirá en su sucesor al ser designado para ocupar la presidencia del partido, transformada luego en secretaría general para evitar cualquier parangón con la investidura del fallecido Mao. A partir de allí la manifiesta habilidad negociadora de Hu lo convierte en el fiel de la balanza del poder, y su acción mediadora, que se desarrolla siempre en el seno del propio grupo reformista, se torna imprescindible para ordenar el maremagnum de tendencias internas que amenazan con anarquizar las rígidas estructuras partidarias.

En 1983 da la voz de orden de "*reformar todo en todos los campos de la vida china*", incluyendo el abandono del tradicional traje Mao y su reemplazo por el saco y la corbata, decisión que fundamenta alegando que "*si la revolución de 1911 de Sun Yat Sen hizo que los chinos se cortaran la coleta, ahora se hace necesario liberar también a los cuellos de la tiranía del viejo uniforme revolucionario*". También se deben a su iniciativa las pautas directrices de la reforma económica y la puesta en práctica del gigantesco relevo de los grupos dirigentes operada en los últimos tiempos.

Pero si hay un terreno en el que su influencia resulta indiscutible, éste es el de las relaciones internacionales. Hu es el primero entre los jerarcas chinos, en promover el apoyo a los movimientos pacifistas y en aportar iniciativas dirigidas a negociar una salida al dilema camboyano. También advierte permanentemente sobre el peligro de que la prolongación del conflicto con Vietnam lleve a un enfrentamiento directo entre Moscú y Pekín y plantea la urgencia de restablecer la *tradicional amistad chino-vietnamita*. Los últimos años de la década del 70, plenos de invocaciones a la unidad contra el principal enemigo, el "*hegemonismo soviético*", han quedado atrás y Hu Yaobang interpretando sagazmente los nuevos tiempos fija un objetivo prioritario: mejorar las relaciones con la Unión Soviética y afianzar la "*tercera vía*" que parte de la preservación del no alineamiento y el rechazo de todo tipo de alianzas o vínculos estratégicos con las dos grandes potencias.

Un claro indicio de esta voluntad lo constituye el envío de una delegación a Moscú para felicitar al "camarada" Gorbachov en circunstancias de su elección como secretario del Partido Comunista de la URSS y su reciente decisión de efectuar una gira por el continente europeo.

Mao Tse Tung sostenía que la disputa geopolítica entre chinos y soviéticos podría demorar 10.000 años en solucionarse. Hoy Hu Yaobang tiene la oportunidad histórica de desmentirlo volcando todos sus esfuerzos a la tarea –difícil pero no imposible– de reconciliar a los dos gigantes del mundo comunista.

DANIEL VILA

RPGH 033

El comunismo en entredicho

La categórica afirmación del líder de China Popular, Deng Xiaoping, en el sentido de que al cabo de cuatro décadas de experiencia revolucionaria en ese país no se ha podido comprobar la superioridad del socialismo sobre el capitalismo, plantea una concepción revisionista de los postulados ideológicos del comunismo formulada desde las propias entrañas de una colectividad marxista, e incluso una tácita admisión de eventuales yerros o falsedades en la doctrina que lo sustenta.

En cuanto a lo primero, es decir el esquema revisionista, la declaración que nos ocupa no constituye sino la ratificación de las reformas puestas en vigor en la nación asiática, tendientes a liberalizar su economía y a ampliar la esfera de la propiedad privada, sustituyendo el agobiante monopolio estatal de las actividades productivas por un régimen orientado a las leyes del mercado y de la competencia que lo acerca al sistema capitalista occidental. En lo referente a lo segundo, o sea la rectificación de los principios marxistas, se manifiesta en la duda exteriorizada por el dirigente chino acerca de si la sociedad socialista resulta eficaz como solución para desterrar la pobreza.

La respuesta negativa a esa pregunta esencial pareciera surgir del contexto de sus mismas expresiones, al señalar la imposibilidad de un equitativo reparo de bienes cuando se carece de ellos para hacerlo. Los frutos de la revolución comunista china son, en ese aspecto, tan desalentadores como aleccionadores, ya que después de cuarenta años de su férrea instauración en el poder no ha servido para mejorar sustancialmente el atrasado nivel de vida de su población, y exhibe un estancamiento agropecuario e industrial que distancia cada vez más a esa nación del desarrollo alcanzado por otras vecinas a ella, como Japón y Corea del Sur, en el mismo lapso, pero adheridas al sistema económico libre.

Sea como fuere, las aseveraciones del líder oriental tienen el significativo valor de haber puesto en entredicho, o por lo menos en tela de juicio, la intangibilidad del sistema comunista por quien hasta hace poco tiempo era un fiel adherente a su doctrina. Ese solo hecho comporta la antesala de su negación, porque su propia naturaleza requiere la aceptación sumisa de sus dogmas y principios. Toda discusión acerca de ellos atenta contra su integridad, y quien la plantee es considerado un heresiarca del credo político marxista.

Del otrora intransigente Mao Tse-tung a la flexibilidad de que hace gala su sucesor actual media la distancia que va de un cerrado fanatismo a una fundada actitud dubitativa. Ese camino se ha recorrido en pocos años, y la revisión que preanuncia -en algunos aspectos ya puesta en ejecución- comporta una saludable aunque tardía rectificación.

1/10/86 La Prensa

8700103

01-01

033

Ambito Financiero
Lunes 15 de diciembre de 1986 Pág. 21

Más impuestos pagarán en China

Beijing — A partir del primero de enero de 1987, todos los ciudadanos chinos con residencia e ingresos en China tendrán que pagar un impuesto de regulación de ingresos.

El Consejo de Estado ha promulgado "reglamentos provisionales sobre impuestos de regulación de ingresos individuales", la cual está destinado a disminuir la diferencia de ingresos, ahora que la política del Estado estimula a una parte de los ciudadanos a alcanzar primero la prosperidad mediante una labor honesta.

La tasa de impuestos y la parte de tributación de los ingresos de los habitantes variarán entre las once "zonas salariales", sistema que consiste en otorgar diferentes remuneraciones a los trabajadores de la misma categoría en zonas donde las condiciones de vida y los precios varían.

Por ejemplo en Beijing, que pertenece a la sexta zona se recaudará impuesto sobre un ingreso mensual individual que exceda de 400 yuanes.

El nuevo impuesto comprende salarios y otros ingresos.

Gracias a la reforma económica, más y más personas están obteniendo ingresos extra.

Al orientar los esfuerzos a la eliminación del igualitarismo, dijo un funcionario, es posible que algunos ciudadanos logren ingresos excesivamente altos, creando así problemas en el suministro de productos.

RPch

China fija impuesto al ingreso personal

PEKIN, 11 (UPI) — China impondrá en 1987 un impuesto al ingreso personal, en un intento por reducir la brecha entre ricos y pobres, que aumenta rápidamente, anunció la agencia noticiosa oficial Xinhua (que aclaró que la medida no afecta "la política de estímulo al desarrollo personal").

Las "provisiones sobre regulación del impuesto al ingreso personal", emitidas por el Consejo de Estado, se aplicarán a todos los ciudadanos chinos con residencia e ingresos en China.

El impuesto, que entrará en vigencia desde el 1º de enero, es parte de un intento gubernamental por reducir la brecha de ingresos "ahora que la política estatal alienta a algunos pocos a ser los primeros en lograr prosperidad a través del trabajo honesto", dijo Xinhua.

La tasa del impuesto y la parte imponible del ingreso variarán según 11 zonas o regiones de salarios diferentes para obreros de igual rango y donde las condiciones de vida y precios varían.

En Pekín, dentro de la 6ª zona, el impuesto será aplicado a los que reciban un ingreso mensual de más de 110 dólares, y la tasa aumentará progresivamente.

El impuesto cubrirá "sueldos y otros ingresos, incluyendo a los obtenidos de contratar tareas específicas, transferencias de contratos y patentes, servicios de trabajo, alquileres de propiedades, honorarios, así como intereses, dividendos y bonos".

Es improbable que el nuevo impuesto afecte a gran parte de la población rural, cuyo ingreso anual promedio fue el año pasado de 107 dólares; el promedio del salario urbano fue de 263 dólares.

Pero el impuesto puede afectar a trabajadores que reciben bonos cada vez mayores de sus unidades de trabajo, como incentivos a la producción (aprobados por el gobierno).

CLARIN 12/12/86

PARTES ILEGIBLE

Marx y los mandarines continúan en el poder

en CHINA

Por Guy Sorman
(Para LA NACION)

Guy Sorman estuvo en China, donde, a instancias de la Academia de Ciencias Sociales de Pekín, dio una conferencia sobre el renacimiento del liberalismo. En esta nota nos cuenta sus impresiones y sintetiza el debate

PEKIN. - China cambia poco, menos rápidamente, en todo caso, que la mirada que posamos en ella o que nuestras ilusiones: el hecho de que una empresa china fuera declarada en quiebra recientemente no quiere decir que China se haya hecho capitalista. China sigue siendo socialista y, aun más, es inmutable. El retrato de Mao preside siempre el centro de Tien Anmen; se dice que es el último en el país, pero se encuentra en el sitio más simbólico de la nación.

Las multitudes en Pekín están, como siempre, vestidas de azul y al acercarse el invierno sacan a relucir sus pesados capotes de abrigo y sus gorros de piel. Las callejuelas de la capital están siempre atestadas de peatones y de bicicletas negras por millares, que, haciendo sonar las bocinas, se abren camino entre la muchedumbre indisciplinada. Es cierto que Pekín cuenta ahora con algunos hoteles internacionales y con taxis japoneses, pero la notable desenvoltura del personal basta para recordar que el sistema continúa siendo burocrático y de escaso incentivo.

Clima intelectual

Lo más nuevo en la China de hoy es, quizás, el clima intelectual, una especie de retorno al período llamado de las Cien Flores, de hace 30 [illegible] cuando Mao invitó a los intelec[illegible] ... ción liberal para China. Este ejercicio de acrobacia intelectual no es nuevo para los chinos: desde que el imperio se vio enfrentado con Europa sus intelectuales se dedican a reconciliar la "sustancia y la función", lo que, en términos claros, quiere decir introducir las técnicas occidentales sin modificar la organización de la sociedad.

China tiene tanto menos vocación de tornarse liberal cuanto que su socialismo de hoy es la versión moderna de su sistema jerárquico tradicional. Marx, en cierta forma, ha aportado una "legitimidad científica" y moderna a un eterno control social fundado en otros tiempos en el emperador y en Confucio.

Este debate parecerá abstracto, pero está sin embargo en el centro de las preocupaciones de los economistas chinos: éstos han sido encargados por el Gobierno y el Comité Central del Partido Comunista de reconciliar la ideología y la economía, la China eterna con la técnica moderna.

Estos economistas pertenecen a dos generaciones distintas que reflejan bien la composición del público de la Academia de Ciencias Sociales: un grupo restringido e influyente de los que tienen más de 60 años y una generación joven de 20 a 30 años. Entre ambas falta un eslabón, el de los de 40-50 años, caídos en el pozo negro de la Revolución Cultural.

Los economistas han sido los últimos en volver del campo y de los campamentos de trabajo hacia 1979, cuando el poder se dio cuenta de que tenía necesidad de ellos también. La observación me fue hecha con humor por el profesor Yu Guangyuan; él mismo tuvo que criar cerdos durante diez años en el Sichuan, y considera que no le fue mal, porque la región no era del todo desfavorable a la cría de cerdos.

El ejemplo Renault



Mao Tse-tung

tración y el sector público: los fran[illegible] ... mia de Ciencias Sociales se desarro[illegible]

01-02

8700343

PEKIN. - China cambia poco, menos rápidamente, en todo caso, que la mirada que posamos en ella o que nuestras ilusiones: el hecho de que una empresa china fuera declarada en quiebra recientemente no quiere decir que China se haya hecho capitalista. China sigue siendo socialista y, aun más, es inmutable. El retrato de Mao preside siempre el centro de Tien Anmen; se dice que es el último en el país, pero se encuentra en el sitio más simbólico de la nación.

Las multitudes en Pekín están, como siempre, vestidas de azul y al acercarse el invierno sacan a relucir sus pesados capotes de abrigo y sus gorros de piel. Las callejuelas de la capital están siempre atestadas de peatones y de bicicletas negras por millares, que, haciendo sonar las bocinas, se abren camino entre la muchedumbre indisciplinada. Es cierto que Pekín cuenta ahora con algunos hoteles internacionales y con taxis japoneses, pero la notable desenvoltura del personal basta para recordar que el sistema continúa siendo burocrático y de escaso incentivo.

Clima intelectual

Lo más nuevo en la China de hoy es, quizás, el clima intelectual, una especie de retorno al período llamado de las Cien Flores, de hace 30 años, cuando Mao invitó a los intelectuales a dar pruebas de imaginación. Como entonces, y es de desear que por más tiempo, el debate floreció nuevamente, pero dentro de las fronteras ideológicas de un socialismo, tan difícil de delimitar como de definir. El socialismo chino -me dice el profesor Ma Jiaju- es "el crecimiento y la justicia social".

Fue en esta jaula entreabierta donde fui invitado por la Academia de Ciencias Sociales de Pekín a evocar lo que podría significar una solución y moderna a un eterno control social fundado en otros tiempos en el emperador y en Confucio.

Este debate parecerá abstracto, pero está sin embargo en el centro de las preocupaciones de los economistas chinos: éstos han sido encargados por el Gobierno y el Comité Central del Partido Comunista de reconciliar la ideología y la economía, la China eterna con la técnica moderna.

Estos economistas pertenecen a dos generaciones distintas que reflejan bien la composición del público de la Academia de Ciencias Sociales: un grupo restringido e influyente de los que tienen más de 60 años y una generación joven de 20 a 30 años. Entre ambas falta un eslabón, el de los de 40-50 años, caídos en el pozo negro de la Revolución Cultural.

Los economistas han sido los últimos en volver del campo y de los campamentos de trabajo hacia 1979, cuando el poder se dio cuenta de que tenía necesidad de ellos también. La observación me fue hecha con humor por el profesor Yu Guangyuan; él mismo tuvo que criar cerdos durante diez años en el Sichuan, y considera que no le fue mal, porque la región no era del todo desfavorable a la cría de cerdos.



Mao Tse-tung

El ejemplo Renault

Estos economistas manifiestan un interés particular por Francia, pero por razones paradójicas.

Este país es visto en China como el laboratorio de la planificación indicativa *de un sector público vasto y bien administrado*. ¡el ejemplo más frecuentemente citado es el de la Renault!

Esta falsa perspectiva tiene su origen sin duda en el hecho de que los intercambios entre Francia y China están monopolizados por la administración y el sector público: los franceses que viajan a China en el marco de ese intercambio son en su mayor parte funcionarios o investigadores de la Comisión Nacional de Investigaciones Científicas (CNRS). Me entero así, no sin cierta ironía, de que una misión china visitó a París en febrero último, justamente un mes antes de las elecciones, con el fin de estudiar la gestión de empresas públicas actualmente en vías de privatización.

Una vez establecidos los límites ideológicos, el debate en la Academia de Ciencias Sociales se desarrollaría esencialmente en torno de la reforma. La reforma es la gran empresa de China, a menudo interpretada en Occidente como el abandono del socialismo, por cierto que equivocadamente.

Inaugurada en 1979, en las zonas rurales, esta nueva política ha dejado sin efecto la colectivización de la tierra, sin por ello restituirla a la *propiedad privada*. El campesino chino está ligado por contrato al Estado, que le asigna una parcela de

tierra y una cuota de producción que deberá entregar obligatoriamente a los almacenes oficiales a un precio establecido.

La gran innovación reside en la libertad concedida a los campesinos de vender el excedente en el mercado libre. Esta compleja combinación de exigencia e incentivo ha transformado los campos de China y los mercados han invadido Pekín. El espectáculo, irrelevante en cualquier otra parte, de una granjera que vende coles en el mercado a precios que se discuten es considerado en China como una nueva revolución. De ahí la idea de aplicar a la industria el mismo régimen.

Pero, en este punto, los obstáculos parecen hoy a mis interlocutores chinos poco menos que insuperables. Liberalizar la industria, en efecto, constituye un asalto directo contra los tabúes fundamentales, el papel del proletariado en la edificación del socialismo y la autoridad de una administración pletórica que controla e impone gabelas a todas las fábricas del país.

¿Liberalismo de Estado?

La principal proposición de los economistas chinos más abiertos, como el profesor Ma Hong o Jiang Jiwei, sería crear un "mercado de trabajo" -sin usar ese término aborrecible-, en la medida de lo posible. Los gerentes de fábrica serían nombrados por un período establecido por contrato; los nuevos asalariados serían igualmente reclutados por contrato por un tiempo determinado y los salarios podrían variar en función del cometido de cada uno.

Para comprender cuánto tiene de audaz el proyecto hay que tener en cuenta que, por regla general, los directores de empresas en la actualidad son designados por un año; que los efectivos son fijados por una oficina administrativa de la mano de obra, sin considerar las necesidades reales de la empresa, y que los salarios son prácticamente idénticos para todo el mundo.

Las consecuencias de este sistema son, por supuesto, la ausencia aparente de desocupación y la igualdad en los ingresos; pero los burócratas se benefician con numerosas ventajas no salariales, y en tales condiciones es poco menos que imposible administrar una empresa de acuerdo con criterios de eficiencia. Ma Hong y Jiang Jiwei agregan que las administraciones nacional y locales gravan estas empresas con impuestos considerables que anulan toda posibilidad de inversión.

Mi papel en este asunto es el de contribuir a resolver la cuadratura del círculo al proponer lo que el profesor Ma Hong llama un "liberalismo de Estado". El camino, como se puede ver, es estrecho, pero me pareció evidente que más vale apoyar este modesto esfuerzo de liberalización, con todas sus paradojas, antes que adoptar por mi parte una actitud de estricta ortodoxia liberal.

Marx y los mandarines

Si admitimos, pues, la hipótesis de que el gobierno chino está empecinado en mantener la propiedad pública, el trabajo obligatorio y una planificación central, sugiero a mis interlocutores dos prioridades: conferir a los dirigentes de empresas la estabilidad y la autoridad, particularmente la de hacer variar de hecho los salarios; ello sería, a mi juicio, más importante que el derecho de despido, inconcebible por la desocupación que provocaría.

El segundo eje consistiría en reforzar en China la defensa en derecho contra la arbitrariedad: esto pasaría en particular por el establecimiento de una fiscalización clara, estable y previsible, en lugar de la intervención directa de la administración en la vida de las empresas.

Estas proposiciones parecerán modestas si se consideran en el contexto de la vulgata liberal tal como se las profesa en Europa. Pero, a la medida de Pekín, son de una audacia temeraria, y no estoy muy seguro de que tengan muchas probabilidades de abrirse camino.

He de agregar que la joven generación de economistas chinos me da la impresión de que es menos liberal que sus mayores. Cuando, al término de los largos debates de la Academia, visité una institución "de punta", llamada la Universidad de los Negocios y del Comercio Exterior, tuve la decepción de enterarme de que el cincuenta por ciento de los diplomados en ella iban a engrosar las filas de la administración económica central y que se trataba, naturalmente, de los mejores. Marx y los mandarines continúan en el poder en Pekín, y probablemente por mucho tiempo. Pero podría equivocarme, porque ¿quién tendría la pretensión de conocer a China? (c) La Nación

(Traducción de Jorge Ortiz Barili)

8700343

D2-02

Visitó las plantas siderúrgicas de Baoshan

Presidente mexicano en Shangai

PEKIN, (ANSA y UPI).— El Presidente de México, Miguel de la Madrid, visitó las plantas siderúrgicas de Baoshan en Shanghai y asistió ayer a un banquete estatal ofrecido por el alcalde Jiang Zhemin, informó la agencia noticiosa oficial Xinjua.

De la Madrid pasó la mañana viendo esculturas y estatuas que datan de la Dinastía Tang (618-907) en la antigua capital de Xian antes de volar hacia Shanghai, dijo Xinjua.

En Shanghai, la ciudad china más poblada con 11 millones de habitantes, De la Madrid fue recibido en el aeropuerto por el alcalde Jiang Zhemin, dijo Xinjua. El presidente mexicano está en una visita de una semana a China, la tercera de un presidente mexicano.

El Ministro chino de la Industria Metalúrgica, Qi Yuanjiang, acompañó posteriormente a de la Madrid en su gira por las obras en acero de Baoshan de Shanghai, señaló Xinjua.

A la noche De la Madrid, acompañado por su esposa y cuatro ministros del gabinete, asistieron a un banquete ofrecido por el alcalde de Shanghai, dijo la agencia noticiosa.

De la Madrid pasó la primera parte de su visita en Pekín donde sostuvo conversaciones con el dirigente Deng Xiaoping, el Primer Ministro Zhao Ziyang y el jefe del Partido Comunista, Hu Yaobang.

Luego de las conversaciones, China y México firmaron una convención consular y otros tres acuerdos con el fin de estimular el intercambio económico.

La visita del presidente mexicano es principalmente para fortalecer el comercio bilateral, que es de 180 millones de dólares al año con un excedente a favor de México.

De la Madrid se reunirá el martes con su similar chino Li Xiannian en Shanghai antes de partir a la ciudad industrial de Cantón. Se espera que viaje de China hacia Hong Kong el miércoles.

Los documentos fueron un tratado consular, un acuerdo sobre planeamiento social y económico, otro de cooperación entre el Consejo Chino para la Promoción del Comercio Internacional y el Banco Nacional de Comercio Exterior de México, y un acuerdo de crédito recíproco.

No se dieron detalles sobre los convenios.

De la [illegible] aseveró que los intercambios económicos y comerciales entre China y México "están en [illegible]ajo nivel", lo que no [illegible]a las excelentes relaciones políticas entre las dos naciones.

LA MAÑANA 05/12/86

PARTES ILEGIBLE

RCA

Regresaron Mario Cantón y Fá Robaina

Positiva visita a la República de China

Retornaron ayer de la República de China los legisladores Mario Cantón y Juan Carlos Fa Robaina, al cabo de 10 días de permanencia en su territorio.

Según expresara a La Mañana el Diputado colorado Mario Cantón, a escasas horas de su arribo a Montevideo, el viaje obedeció a una invitación especial formulada a ambos parlamentarios por el gobierno chino. En tal sentido, destacó que se mantuvieron una serie de importantes contactos con el Vicecanciller de la República de China, así como con el Presidente del "Yuang" Legislativo y del "Yuang" de Control (dos de los Poderes establecidos en la Carta Magna de dicha nación). Asimismo, durante la estadía en la capital (Taipei) se realizó una visita a un establecimiento penitenciario destinado a menores de edad.

En cuanto a las impresiones recogidas durante el viaje, el Representante Mario Cantón definió de "muy fecunda" la visita, remarcando también el "fortalecimiento en el progreso y el incremento progresivo en el estandard de vida de la población china", que tuviera oportunidad de constatar.

En ese orden de cosas, tuvo palabras de elogio hacia el clima de paz y de disciplina que evidencia el aludido pueblo, enfatizando además en lo que atañe a la organización y la planificación en todos los órdenes de "aquella pequeña gran nación".

El viaje, que incluyó una profusa agenda, había sido previsto inicialmente por el término de siete días, prolongándose luego en tres más.

R Pelt

EL DIA 07-12-86

México y Pekín han estrechado sus relaciones

PEKIN. — El líder máximo de China, Deng Xiaoping, dijo ayer al presidente mexicano Miguel de la Madrid que los recientes esfuerzos de China para reformar su sistema político requieren de "valentía y prudencia", informó la agencia oficial de noticias "Xinhua".

"Las relaciones entre nuestros países han progresado desde su establecimiento (en 1972)", dijo Deng a de la Madrid en el tercer día de una visita de una semana que hace a China el mandatario mexicano.

"Tenemos una larga historia de entendimiento mutuo", agregó. La agencia oficial Xinhua dijo que Deng informó a de la Madrid sobre los recientes esfuerzos de China para reformar su estructura política a través de una reducción de la interferencia del Partido Comunista en las acciones diarias del gobierno.

"Una reestructuración del sistema político de China requiere primero, de valentía y resolución, y segundo, de prudencia, ya que involucra miles y miles de personas", dijo Deng, de 82 años.

Reveló la intención de China de mantener su política de "puerta abierta" a la inversión extranjera.

De la Madrid respondió que México "sigue con gran interés" el progreso de la China, puesto que ambos países están preocupados por la paz mundial.

De la Madrid, que se convirtió en el tercer presidente mexicano en visitar China, calificó de "muy importantes" sus conversaciones con el primer ministro Zhao Ziyang.

Poco LEGIBLE

01-01 8700346

RDCH

AMBITO FINANCIERO 04-12-86

China consigue crédito por u$s 475 millones

Pekín (UPI) — La Occidental Petroleum Corp., y el Banco de China firmaron ayer un préstamo sindicado de 475 millones de dólares para financiar la explotación de una mina de carbón a tajo abierto en la provincia de Shansi, que es la mayor empresa conjunta chino-estadounidense.

El préstamo, conducido por Bank of America, es el mayor paquete financiero organizado por bancos extranjeros en China y requirió tres años de difíciles negociaciones a menudo enturbiadas por incertidumbre en torno de los declinantes precios del carbón y a la atmósfera para la inversión en China.

Otros bancos que participaron en la conducción del préstamo son Bank of China, Crédit Lyonnais, The Industrial Bank of Japan Ltd., y The Royal Bank of Canada. El Bank of America es la única entidad estadounidense entre los 39 bancos participantes, la mayoría de los cuales son japoneses.

"Es una gran muestra de confianza cuando hoy en día los bancos prestán 475 millones de dólares para una empresa conjunta que unos pocos años atrás todos eran escépticos en que sería concretada", le expresó el titular de la Occidental Armand Hammer al vice primer ministro chino, Li Peng, antes de la ceremonia de la firma.

La mina es una de las más grandes del mundo a tajo abierto y se estima que producirá 15 millones de toneladas de carbón al año.

01-01 8700348

RFdt

Radares para Pekín

WASHINGTON, 5 (Reuter). — China firmó un acuerdo para comprar radares estadounidenses y otros elementos electrónicos para los aviones caza F-8 de fabricación china, por valor de 550 millones de dólares.

El Departamento de Defensa norteamericano señaló que el acuerdo se logró después de la visita que realizó a ese país el secretario de esa cartera, Caspar Weinberger.

Es ésta la mayor compra militar de Pekín a Washington desde la instauración del gobierno comunista en aquel país.

El teniente coronel de aviación Don Brownlee, vocero del Pentágono, dijo que "la venta incluirá en su mayor parte artículos «standard» disponibles en nuestra industria de aviación".

El Pentágono indicó que China está modernizando sus fuerzas armadas, y la administración Reagan ofreció este año venderle equipos defensivos de aviación, incluidos radares aerotransportados, equipos de navegación y computadoras.

Clarín 6/11/86

01-01

8700349

RPCh
Fichaje

EL DIA 17-12-86

Libertad preocupa a Pekín

PEKIN — Un importante funcionario de la actividad literaria en China afirmó ayer que Pekín está "muy preocupado" en cuanto a si permitir o no cartelones con leyendas políticas, como los colocados la semana pasada por grupos de estudiantes durante demostraciones instando a más democracia y libertad en la nación.

Kie Yongwang, un vocero de la asociación de Escritores Chinos, patrocinada por el Estado y editor de noticias de arte y literatura, expresó "satisfacción" por el reciente aflojamiento de los controles culturales y manifestó confianza en que esa política continuará.

01-01 8700350

RPCH
Fichaje

La Prensa 6/11/86

Exposición de armas en Pekin

Pekín (UP) — El ministro de defensa, Zhang Aiping, inauguró la mayor exhibición internacional de armas en China, que incluye una muestra sin predecentes de equipos militares chinos.

Cientos de especialistas en armas se reunieron en el Centro Internacional de Exhibiciones de Pekín, para inspeccionar mas de 1 000 muestras, desde mascaras de gas, hasta fusiles, cañones y vehiculos blindados.

La exposición de tecnología de defensa del continente asiático, llamadas Asiande, incluye la primera amplia exhibicion de equipos militares chinos ofrecidos en el mercado internacional, y muestras de 158 contratistas de defensa y organizaciones gubernamentales de 11 países.

Entre los participantes de la muestra se encuentran Gran Bretaña, Canadá, Italia, Alemania occidental, Francia y los Estados Unidos.

China invito a compradores de armas de 37 paises, especialmente del "tercer mundo", para asistir a la presentacion que fue organizada por el consejo chino para la promoción de comercio internacional y por la corporación china Nueva Era, un conjunto de empresas que representa a las seis industrias del Ministerio de Defensa.

PARTES POCO LEGIBLE

RPCH — Importante — Relación c/ Uruguay

Viernes 19 de setiembre de 1986

Relaciones con China, o de realidades y falacias

El eventual establecimiento de relaciones diplomáticas con Pekín, sigue dando lugar a variados comentarios. A medida que esa decisión parece más próxima, arrecian las críticas por parte de quienes intentan impedirla.

Tales críticas son de diversa índole. Aquí nos ocuparemos de la afirmación de que esas relaciones sólo pueden ser establecidas bajo condición de renunciar a prerrogativas esenciales, inherentes a nuestra soberanía.

Es sabido que el gobierno de China Popular (o comunista o continental, que de tales maneras indistintamente es conocida), proclama ser el único representante legítimo de la nación china, y no acepta por ello que otros Estados mantengan simultáneamente relaciones diplomáticas con Taiwan. Esa postura ha sido sostenida consecuentemente por aquel gobierno, y de este modo todos los países que intercambiaron embajadores con Pekín, incluido según es notorio Estados Unidos de Norteamérica, retiraron su personal estrictamente diplomático —no así sus representantes comerciales— de la China insular.

La tesis de ciertos impugnadores es, decíamos, que el gobierno chino pretende imponernos condiciones lesivas de nuestra dignidad y que, por ello, debemos mantener el "statu quo".

Esa tesis es errónea. Y es, además, particularmente injusta.

Es errónea, no ya porque la postura de China continental es sustentada desde hace muy largo tiempo y frente a todos los Estados —desde que no por ello dejaría de ser lesiva para nosotros si tal resultare por su naturaleza—, sino porque no puede hablarse propiamente de una imposición, esto es, de un constreñimiento irresistible de nuestra voluntad. En todo caso es claro que —más allá de que se ponga de por medio una condición que no nos agrada— no se nos ha amenazado con una acción ilegítima dirigida contra el país, ni con la omisión de un hecho debido, a nuestro favor, según las reglas del derecho internacional.

Si la posición china fuese entendida de ese modo, casi no habría negociación de clase alguna entre Estados, e incluso entre personas privadas, en que una de las partes no fijase condiciones lesivas para la dignidad de la otra. El intercambio de mercancías, el ingreso a uniones aduaneras o a mercados comunes, el otorgamiento de créditos o la refinanciación de deudas, están regularmente sujetos a requisitos gravosos. Baste como ejemplo la exigencia de comprar ciertos productos extranjeros como contrapartida de la venta de bienes de producción nacional. No hablemos ya del condicionamiento que significa la fijación de determinadas políticas económicas y financieras —y el sometimiento a los controles del caso— para obtener el favor de ciertos organismos multinacionales de crédito, e inclusive para acceder a fuentes privadas de financiamiento. Porque aquí sí que la diferencia ya no es de grado, sino de esencia.

Por otra parte, los supuestos de hecho en que la impugnación se basa, frecuentemente no coinciden con la realidad. A modo de ejemplo, las informaciones que ciertos órganos de difusión brindaron con motivo de la reciente visita de una delegación china, difirieron regularmente con los hechos. Se llegó al extremo de que el contenido de alguna nota periodística relacionada con esa visita, nada tenía que ver con su detonante título.

La tesis es, por ello y en buena medida, infundada, en el estricto plano de la realidad. Pero es, sobre todo, profundamente injusta, en cuanto coloca a quienes consideramos que el país debe normalizar sus vínculos diplomáticos con Pekín, en la lista de los que resignarían prerrogativas irrenunciables de la nación a cambio de tales o cuales ventajas supuestas. Claro está que la vocinglería de quienes pretenden que el Uruguay no mire lo que sin embargo no puede dejar de ver, no perfila por sí sola una defensa consecuente de la soberanía nacional, ni coloca a quienes opinan de diferente modo en el bando contrario. Los hechos y, por encima de todo, las conductas, continúan siendo, por suerte, más elocuentes que las palabras.

Luis José Martínez

01-01

8700365

RP.CA

033

Iglesias: más vínculos con China Popular

PEKIN. — El canciller Enrique Iglesias dijo que China y Uruguay "tienen gran interés en continuar promoviendo las relaciones bilaterales para normalizar y completar las relaciones diplomáticas en un momento dado".

En una entrevista concedida a la agencia oficial "XINHUA" en Naciones Unidas, Iglesias expresó que Uruguay "quiere estrechar sus relaciones con China en todos los campos".

Uruguay y Paraguay son únicos países sudamericanos que aún no mantienen relaciones diplomáticas con China Popular.

La mayoría de los países que aún reconoce a Taiwán (República de China) son los situados en Centroamérica, con la excepción de Nicaragua que recientemente abrió su Embajada en Pekín.

Iglesias recordó a la agencia "XINHUA" que las relaciones económicas entre su país y China se han desarrollado últimamente y que ambos países han mantenido frecuentes contactos diplomáticos y políticos desde que el gobierno constitucional fue formado en 1985 en Uruguay.

También se refirió a la entrevista mantenida el año pasado en Naciones Unidas entre el presidente Sanguinetti y el canciller chino Wu Xueqian.

"Esta entrevista" —dijo— "muestra que ambas partes tienen gran interés en continuar promoviendo sus relaciones hasta normalizarlas por completo en un momento dado".

En los últimos meses las visitas de delegaciones políticas y económicas tanto chinas a Uruguay como de este país a China se han multiplicado.

Respecto de los esfuerzos realizados por el Grupo Contadora y el Grupo de Apoyo, para lograr una solución política al conflicto de Centroamérica, Iglesias dijo que aunque últimamente tuvieron algunos problemas no van a cesar en sus esfuerzos pacificadores.



Enrique Iglesias

Iglesias señaló que la solución al problema de la deuda externa de los países de Latinoamérica radica en que se dé oportunidad a las naciones deudoras para que puedan pagar su deuda mediante el desarrollo de sus respectivas economías.

01-01 8700367

RPCh

Xangai será grande centro de comércio

Pequim — A China está decidida a transformar Xangai, a maior cidade do país, num dos mais importantes centros de comércio da costa ocidental do Pacífico, segundo noticiou ontem o jornal Diário da China. O plano, recentemente aprovado pelo poderoso Conselho de Estado, prevê grandes melhoramentos em cinco anos na infra-estrutura da cidade de mais de 12 milhões de habitantes e está buscando um empréstimo de 100 milhões de dólares separados pelo Banco Mundial.

"O Plano Global da Cidade de Xangai pode por melhorias a antigas reclamações de habitantes e homens de negócios em relação ao congestionado tráfico, falta de moradia, telecomunicações ineficientes e energia inadequada", comentou o jornal.

Pelo Plano, que será supervisionado por uma comissão especialmente designada por Pequim, sete cidades satélites de Xangai serão expandidas e ligadas por estradas e ferrovias, o mesmo acontecendo com nove áreas industriais e centros de comércio ao redor da cidade. Aeroportos e portos serão ampliados, os rios Suchou e Hangchou passarão por dragagens e uma área específica, a de Pudong, se tornará "uma nova base para finanças, comércio, cultura, educação e informação", diz o Diário da China.

Um projeto de tão grande dimensão não poderia deixar de lado o problema populacional de Xangai. Uma das cidades mais densamente habitadas no mundo, ela deve chegar ao ano 2000 com não mais de 13 milhões de pessoas — em 14 anos a população cresceria em menos de 1 milhão de habitantes — o que, segundo o jornal, ajudaria a "criar um clima mais atrativo para investimentos estrangeiros".

• As autoridades chinesas, preocupadas com a migração interna para Pequim, estão aumentando seu controle sobre os residentes temporários a fim de evitar o fluxo de criminosos e mendigos, que, informa o jornal China Daily, de língua inglesa, constituem "séria ameaça" à ordem social. Com as novas medidas, os visitantes só poderão permanecer três dias na capital.

25/08/86

RPCH

24/8/71 La Prensa

Desertó un piloto de China roja

Seúl, 24 (UPI) — Un piloto de combate de China comunista desvió hoy un avión MIG-19 hacia Corea del Sur, en lo que parecía ser una deserción de su país, informó el Ministerio de Def[illegible].

El avión chino fue interceptado sobrevolando el mar Amarillo y fue acompañado a una base aérea cerca a Chongju, a 112 kilómetro al sudeste de Seúl, dijo un vocero del ministerio.

Se trata de la segunda vez que un piloto chino deserta este año a Corea del Sur y la cuarta desde 1983.

El 7 de agosto, un piloto chino utilizó un avión MIG-21 para trasladarse a Taiwán, en busca de asilo político.

La versión china del avión soviético IL-28 efectuó un aterrizaje de emergencia el 25 de agosto de 1985 en un sembradío de arroz en Taiwán, donde las autoridades le concedieron asilo político.

Otro piloto chino desertó el 19 de abril, tras dirigirse a Corea del Sur a bordo de un MIG-19.

Los aviones siempre han sido devueltos a China.

El vocero del ministerio dijo que el avión y el piloto están bajo la protección de las autoridades de Corea del Sur, y que se están esperando los resultados de una investigación sobre el caso.

En Taiwán, las autoridades señalaron que su embajada en Seúl estaría buscando la liberación del piloto y que el mismo podría dirigirse a Taiwán si así lo desea.

8700369

01-01

RPolt

Presidente de la RDA viajará a China Popular

Berlín (ADN) – Mi viaje a la República Popular China proseguirá las relaciones tradicionalmente amistosas entre los pueblos de la RDA y China, las cuales tienen su origen en las batallas de la clase obrera alemana y china contra el imperialismo, la opresión, el fascismo y la guerra. Esto lo subrayó el jefe de partido y de estado de la República Democrática Alemana, Erich Honecker, en una entrevista concedida aquí a "Renmin Ribao" y a la agencia Xinhua.

Honecker calificó esta visita de muy oportuna. El inminente intercambio de opiniones sobre cuestiones internacionales y bilaterales contribuirá a mejorar el entendimiento mutuo y a dar nuevos impulsos a la obra común en la construcción socialista y en la lucha por la paz y la seguridad internacional, afirmó, al tiempo que aludió al continuo desarrollo positivo de las relaciones entre la RDA y la RPCH en las esferas política, económica y cultural en beneficio de los dos estados socialistas y sus pueblos y en interés de la paz.

Honecker dijo que el orden social socialista en ambos países y sus potencias económicas constituyen una buena premisa para acelerar el desarrollo de la cooperación económica y científico - técnica. Ante los progresos alcanzados ya por los esfuerzos conjuntos, se expresó muy optimista en cuanto al continuo desarrollo de las relaciones. La visita, agregó, profundizará la amistad y abrirá una nueva etapa en las relaciones en beneficio recíproco.

Refiriéndose a cuestiones del aseguramiento de la paz en el mundo, Erich Honecker destacó la responsabilidad especial de la RDA, armas acumuladas particularmente en el continente europeo para liberar, finalmente, al mundo de esas peligrosas armas de exterminio en masa. Señaló que la RDA se empeña constructivamente en favor de la creación de una atmósfera de la confianza y la cooperación de buena vecindad, "con el fin de asegurar el porvenir pacífico de la humanidad. llevamos el diálogo objetivo con todos quienes estén dispuestos a participar en él", declaró.

LA HORA 18/10/86

APol

Socialismo y capitalismo

PEKIN, 29 (UPI). – El líder Deng Xiaoping dijo hoy al premier de Polonia, general Wojciech Jaruzelski, que China todavía no ha probado que el socialismo sea mejor que el capitalismo, a casi 40 años del triunfo de la Revolución.

Un diplomático occidental calificó como atrevida la declaración de Deng de que China tiene que construir una sociedad de riquezas para "ser capaz de hablar de la superioridad del socialismo".

Deng hizo sus comentarios durante una reunión con Jaruzelski, quien visita el país, en la Gran Sala del Pueblo, un día después de que el Comité Central del Partido Comunista adoptó una resolución que promueve la empresa privada bajo las reformas económicas orientadas al mercado.

30.09.86 La Nación

01-01

RPch

China

Hablándole al general

En vísperas de la visita oficial del dictador polaco Wojciech Jaruzelski a Beijing, el Partido Comunista Chino aprobaba, en su sesión plenaria anual, una resolución favorable a la instalación de una *"civilización espiritualmente socialista"*, la que debería *"servirse de la ciencia y la tecnología, la gestión económica y otros adelantos útiles de las naciones capital[illegible] más avanzadas"*. Pagando tributo al *"marxismo-leninismo y al pensamiento de Mao Dsedong como una teoría directiva"*, los comunistas chinos instaron a no considerar el marxismo como *"un dogma rígido"*, al tiempo que alertaban contra la tendencia a *"celebrar ciegamente las filosofías burguesas y sus doctrinas sociales"*. No obstante, el Comité Central afirma que no se debe *"condenar las diferencias justificables en los ingresos de la gente... China debe estimular a parte de su pueblo a ser más próspera en principio, antes que el objetivo de prosperidad común sea alcanzado"*.

Esta peculiar lectura del marxismo, respaldada con la autoridad de los 325 miembros titulares y alternos del Comité Central del PCCh (entre los que se encontraban el pequeño Deng Xiaobing, así como el Secretario General Hu Yaobang, el Primer Ministro, Zao Ziyang, y el Presidente Li Xiannian, pasaba por un necesario diagnóstico: *"nuestro país está apenas en la etapa inicial del socialismo (por lo que) debemos aplicar el principio de la distribución de acuerdo al trabajo y desarrollar la economía de mercado socialista y la competencia"*. Si bien se asegura que la posición dominante será la del sector público, dice el PCCh que se *"estimulará a algunas personas a que se enriquezcan primero, antes que se logre el objetivo de prosperidad común... rechazando firmemente todos los aspectos feos y decadentes del capitalismo"*.

La lección fue bien aprendida. Horas después llegaba a Beijing Jaruzelski, encargado, precisamente, de restañar las distancias políticas entre la Europa Oriental y el régimen comunista chino. Pues bien, ante el mismo dictador polaco Deng expresó que *"China todavía no ha probado que el socialismo sea mejor que el capitalismo, a casi cuarenta años del triunfo de la Revolución"*. *"En el pasado,* aclaró Deng, *no tuvimos respuestas a las preguntas sobre qué es el socialismo, o si la pobreza puede existir con el socialismo"*. En una sociedad comunista, afirmó, la riqueza debería distribuirse a cada cual de acuerdo a sus necesidades. *"Pero"*, culminó, *"si a esta altura todavía estuviéramos en una situación de pobreza, ¿qué es lo que podríamos distribuir?"*. No fue Jaruzelski quien respondió a la pregunta.

RPCH
E Tecnológicos
Inf.

Satélites con fines comerciales

Pekín (UP) — China, que se prepara a ingresar en el lucrativo negocio mundial de los lanzamientos espaciales con fines comerciales, anunció que completó con éxito la misión orbital de su 19º satélite.

El anuncio ocurrió un día después que el secretario de defensa de los Estados Unidos, Gaspar Weinberger, que visita un centro espacial en la provincia de Sichuan, afirmara que China tiene "evidentemente la capacidad para realizar lanzamientos comerciales".

"Un satélite de relevamiento de recursos terrestres, que trasportaba valiosos datos tecnológicos, retornó a China según lo programado", informó la agencia noticiosa Xinjua.

Un funcionario del programa espacial afirmó a Xinjua que el satélite fue lanzado el lunes desde el centro de lanzamientos Jiquan en la provincia de Gansu.

"Todos los instrumentos en el satélite funcionaron normalmente y retornaron a tierra según lo planeado", sostuvo el funcionario.

Xin Guirong, presidente de la Academia China de Tecnología informó que el satélite de relevamiento de esta semana, estaba equipado con "tecnología especial" que resultó en fotografías más nítidas.

"Las fotos del satélite y otros datos se usarán para relevar la tierra del país, para hacer propección de recursos, dibujar mapas de tierra adentro y las costas, y para planificar ciudades", agregó.

RPCH-Nicaragua

PEKIN REGALO 20 MILLONES DE DOLARES

Pekín. — China otorgó un préstamo por valor de veinte millones de dólares a Nicaragua sin intereses ni plazo de devolución, en señal de solidaridad política y económica, anunció el Presidente Daniel Ortega en Pekín.

El primer mandatario nicaragüense habló en una rueda de prensa, punto final de su visita oficial de cuatro días a China.

Ortega declaró estar muy satisfecho por los resultados de su visita a China, primera que realiza un presidente de país centroamericano, porque "abrió perspectivas para reforzar y desarrollar las relaciones sino-nicaragüenses".

El presidente del gobierno sandinista dijo que la posición China es de "total rechazo de la agresión norteamericana a Nicaragua y de apoyo a una solución pacífica, a alcanzar con el diálogo y las negociaciones".

Ortega no quiso especificar si la ayuda china incluye también armas, pero dijo que durante sus entrevistas en China, tuvo ocasión de explicar ampliamente a las autoridades la situación de Nicaragua y sus necesidades. "La respuesta fue positiva", agregó.

Los veinte millones de dólares serán empleados en ayuda al pueblo de Nicaragua e incluye también productos alimenticios y bienes de consumo.

China, por su parte, ha sostenido siempre que no dará armas a Nicaragua.

Ortega opinó que el presidente norteamericano Ronald Reagan "es sumamente peligroso", porque "es como un niño caprichoso, pero con armas atómicas y soldados".

China y Nicaragua entablaron relaciones diplomáticas en diciembre del año pasado y Pekín apoyó desde un principio al gobierno sandinista en su lucha contra los "contras" respaldados por Estados Unidos.

Ortega se entrevistó también hoy con el líder chino Deng Xiaoping. Según la agencia "Nueva China", Deng insistió en "la oposición de China a todo intento de hegemonía practicado por pequeñas o grandes potencias y su apoyo a toda acción que conduzca a la paz mundial".

190986

RPCH enojado con URSS

Hoy comienza novena ronda de conversaciones sino-soviéticas

Pekín, (PL) – La Unión Soviética está lista para discutir con China cualquier cuestión que interese a las dos partes en beneficio de la normalización de las relaciones bilaterales, expresó ayer el vicecanciller soviético Igor Rogachov.

En declaraciones a la prensa en el aeropuerto a su arribo a la capital pekinesa para la novena ronda de conversaciones entre representantes especiales de los dos países, Rogachov aseguró que las relaciones entre las dos naciones están en franco proceso de desarrollo.

El nuevo representante de la URSS en las negociaciones puntualizó que por su parte actuarán acorde con la serie de propuestas presentadas personalmente por el líder soviético Mijail Gorbachov el pasado 28 de julio en Vladivostok para mejorar sustancialmente los nexos con China Popular.

La serie de propuestas incluye negociar el diferendo fronterizo subsistente, para lo cual convinieron ya reanudar conversaciones el año próximo y la reducción de las tropas en la frontera común, elevar a los más altos niveles el diálogo político, y extender la cooperación mutua a nuevas áreas, incluidas la espacial para lo cual Moscú mostró su disposición a entrenar a cosmonautas del país asiático.

La novena ronda de conversaciones, se iniciará hoy con Rogachov, el nuevo vicecanciller encargado de la zona, encabezando la parte soviética por la local, el vicecanciller Qian Qichen, el interlocutor habitual de China en esta pláticas.

El encuentro es el primero de su categoría después de las propuestas presentadas por Gorbachov en Vladivostok, y la visita del primer vicepremier soviético Nikolai Talyzin a China y las extensas conversaciones de los cancilleres de las dos naciones en Nueva York la semana pasada.

Las conversaciones entre enviados especiales de los dos países se reanudaron a fines de 1982, y desde entonces las relaciones bilaterales conocen progresivo avance de los campos político, económico, comercial, científico, tecnológico, cultural, educacional, y otros.

Durante la etapa restablecieron las relaciones de cooperación en los terrenos económico, científico y tecnológico, firmaron el primer convenio comercial quinquenal, y reanudaron los contactos entre los parlamentos y organizaciones sociales y de masas respectivas, luego de más de 20 años de suspensión.

En la esfera comercial, los intercambios mutuos aumentaron nueve veces durante el cuatrienio hasta alcanzar el año pasado el nivel récord de dos mil 400 millones de dólares y hay acuerdo oficial para elevarlo a siete mil 500 millones de dólares para fines del presente quinquenio.

06 09 86 20 Hora

01 - 01

8700375

RPOH

Relaciones sino-soviéticas: sin cambios

Pekín (UP) — China dijo que la novena ronda de conversaciones entre Pekín y Moscú no logró "cambios sustanciales", pero que la Unión Soviética aceptó discutir por primera vez sobre temas considerados por China como obstáculos para una mejora en las relaciones bilaterales.

Ambos países anunciaron que las conversaciones, estancadas tras la invasión soviética a Afganistán en 1979, serán reanudadas en febrero.

Diplomáticos occidentales y fuentes europeo-orientales dijeron que a pesar de no haberse logrado grandes avances en las conversaciones, el lado soviético mostró mayor flexibilidad que en las sesiones previas.

Antes de partir hacia Moscú, el viceministro de relaciones exteriores de la Unión Soviética, Igor Rogachev, expresó satisfacción por las "constructivas" discusiones de la semana pasada en Pekín.

Pero el vicecanciller chino, Qian Qichen, dijo a los periodistas que el encuentro logró "cambios sustanciales" especialmente en lo referido a Camboya.

161036

Rpett

EL PAÍS 12/10/86

CHINA TAMBIEN PRESIONA

Mijail Gorbachov también quiere acercarse a China Roja, quizá para contrarrestar el incremento de las relaciones sino-norteamericanas. Los vecinos y gigantes asiáticos se mantienen separados desde 1960, cuando se dieron la espalda por agudas diferencias ideológicas. Desde entonces, salvo una reunión que tuvo lugar en 1969 entre los primeros ministros Alexei Kosygin y Chou En-lai, ambos países mantienen una fría relación protocolar.

La ofensiva diplomática soviética comenzó este año con una propuesta del Kremlin para concertar una reunión con dirigentes chinos de alto nivel, pero la misma fue desechada. Más tarde, a fines de julio, Gorbachov pronunció en Vladivostok un discurso conciliador, destinado a mejorar las relaciones soviéticas con China y otros países de Asia y el Pacífico. Sus palabras fueron seguidas por una concesion aparentemente unilateral para solucionar un diferendo fronterizo que mantenía con Pekín, y sugerencias sobre un posible retiro de tropas de Mongolia. Estas iniciativas no alcanzaron para seducir a China.

La respuesta de Deng Xiaoping se hizo esperar hasta setiembre, y sólo fue para anunciar que estaría dispuesto a reunirse con Gorbachov, si éste adopta medidas concretas para lograr que Vietnam retire sus tropas de Campuchea (Cambodia). Los vietnamistas invadieron ese país a fines de 1978, dejando en su territorio entre 160.000 y 180.000 soldados que cooperan con el gobierno títere en la lucha contra el Frente de Liberación Popular Khmer, y un grupo que encabeza el depuesto Príncipe Norodom Shianouk, unidos en el intento de recobrar la independencia perdida.

En rigor, los chinos citan tres obstáculos para reanudar las conversaciones con Moscú. Ademas de la ocupación vietnamita de Cambodia, Pekín objeta la invasión de Afganistán por parte del Ejército Rojo y la masiva presencia de tropas rusas a lo largo de la extensa frontera sino-soviética. Como se puede apreciar, china también resiste la apetencia neo-colonialista de Moscú.

RPch [illegible]

Pekín, Moscú y Camboya

Una respuesta cortés más que una arremetida decisiva. Tal es la interpretación dada por diversos observadores a las expresiones de Deng Xiaoping, que se declaró dispuesto a ir a la URSS para encontrarse con Gorbachov si Moscú "presiona a Vietnam para que ponga fin a su agresión a Camboya y para que retire sus tropas".

El 28 de julio, en su discurso en Vladivostok, el número uno soviético implícitamente había descrito tal encuentro. Deng Xiaoping aceptó en principio ponérsele una condición, la más difícil de cumplir, indudablemente, para el Kremlin. ¿O sea que el dirigente chino se contentó con devolver la pelota al campo adversario?

Existen diversas razones para pensar que su gesto puede ir más lejos. En la entrevista al canal estadounidense de televisión CBS, en el curso de la cual tuvo esas expresiones, Deng Xiaoping evocó igualmente las relaciones entre China y Estados Unidos. Presentó como un "inmenso obstáculo" al desarrollo de estas relaciones el apoyo dado por Washington al régimen de Taiwan. Pocas veces había sido puesto en evidencia en forma tan clara la preocupación por la equidistancia china respecto de las dos superpotencias.

121070

Es igualmente significativo el hecho de que Deng Xiaoping entre personalmente por el camino de un mejoramiento de las relaciones sino-soviéticas. De todos los miembros de la dirección china, es él, en efecto, quien hasta el momento ha manifestado la mayor desconfianza respecto de Moscú, donde se lo considera desde hace mucho tiempo como un interlocutor particularmente difícil.

Por último, y sobre todo, la eventualidad de un encuentro en la cumbre entre chinos y soviéticos es evocada en un momento en que las relaciones entre los dos países entran en una fase activa. El pasado 8 de setiembre viajó a Pekín, Nikolai Taleya, primer viceprimer ministro y miembro suplente del Buró Político del PC soviético. El objetivo de las tratativas de Talyzn, que es igualmente presidente del Gosplan, era en principio de orden sobre todo económico con vistas a la firma de nuevos acuerdos de cooperación. Sin embargo las cuestiones políticas no estuvieron ajenas en el orden del día de las conversaciones.

Ahora bien, se destacó a este respecto la presencia en la delegación soviética, junto a Talzyn, de Igor Rogatchev nuevo viceministro de Relaciones Exteriores encargado del sector Extremo Oriente que el pasado verano (boreal) se dirigió en misión a las tres capitales indochinas, a Hanoi especialmente. ¿Fue un complemento, por otra parte, si el príncipe Sihanouk, jefe de la coalición antivietnamita en Camboya, se encontraba al mismo tiempo en la capital china?

Lo [illegible] que se puede decir es que, si se quiere hablar entre chinos y soviéticos del "obstáculo camboyano", las condiciones ya están reunidas, en todo caso, como para poder hacerlo. ¿Conversación imposible? Quizás no, si se comprenden bien las opiniones de Deng Xiaoping, que no ha hecho del retiro de las tropas vietnamitas una condición previa para su encuentro con Gorbachov, sino que sólo pide a los soviéticos que ejerzan una presión en este sentido sobre Hanoi. Queda por saber en qué momento estas "presiones" serán consideradas suficientemente significativas en Pekín y hasta qué punto la URSS —que no puede desautorizar a su aliado vietnamita— está en condiciones de ejercerlas.

PARTES POCO LEGIBLE

D1-01

8700378

ARCHIVAR EN: Reb Sop Clínic (033)

TEMA: Relaciones de clínic en países de Europa Oriental -

PROCEDENCIA:

ARCHIVADO EN: Fulano clínic (135/B)

01-01 8700379

Lunes 15 de diciembre de 1986 • LA PRENSA

Convenio entre la Facultad de Derecho y el gobierno chino

Presidido por el rector de la Universidad de Buenos Aires, doctor Oscar Julio Shuberoff, se realizó en el salón del Consejo Superior de la casa de altos estudios el acto protocolar de firma del acuerdo celebrado por la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales y el Ministerio de Justicia de la República Popular China, mediante el cual la mencionada Facultad formará a cincuenta abogados chinos.

Asistieron el embajador de aquella República, Shen Yunao; el director de Asuntos Culturales de la Cancillería, embajador Ramiro de Casasbellas; el decano de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales, doctor Jorge Alberto Sáenz; representantes del cuerpo diplomático chino, y otras autoridades universitarias.

En virtud del mencionado convenio, la carrera de posgrado para Abogados de la Empresa dictará un curso acelerado de doscientas horas de clases, en la ciudad de Chongqing, para el entrenamiento de cincuenta abogados chinos procedentes de distintos centros de ese país, con el objeto de prepararlos para la negociación internacional de adquisición de tecnología y recepción de capitales extranjeros. El curso será dirigido por el profesor Liao Junchang, del Instituto de Ciencias Políticas y Jurídicas del Suroeste Chino, y por el director de la citada carrera, profesor Remo F. Entelman.

Hablaron el doctor Shuberoff, el consejero político de la embajada china, Tang Yonggui, y el profesor Entelman.

El rector manifestó que "es un orgullo para esta Universidad el motivo que nos congrega, fundamentalmente porque se enmarca en la política que el Consejo Superior viene desarrollando, en el sentido de abrir todos los canales posibles para nuestro contacto con la ciencia y la cultura universal. Normalmente estamos abocados —dijo— en la tarea de abrir compuertas para recibir aquello que tanto nos está haciendo falta en esta complicada misión de regenerar los valores de la Universidad.

"En este caso -añadió- es un legítimo motivo la satisfacción para la Universidad, y en particular para la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales, la firma de un convenio mediante el cual esta Universidad se compromete a prestar asistencia académica en la República Popular China para la formación de posgrado en un tema que es sumamente crítico en las presentes circunstancias".

Por su parte el consejero político de la embajada china, Tang Yonggui, expresó que "con la firma de este acuerdo entre la Universidad de Buenos Aires y el Instituto de Ciencias Políticas y Jurídicas del Sudoeste de la República Popular China, vamos a dar un paso muy concreto en el estrechamiento de las relaciones existent entre mi país y la República Argentina".

El doctor Entelman dijo que "La Facultad de Derecho considera una nota de prestigio y una seria distinción el poder haber llegado a efectuar este acuerdo que supone la trasferencia de una tecnología que hemos desarrollado recientemente, y que originariamente surgió por la ambición de entregar a la comunidad argentina abogados formados de otra manera para prestar servicios al sector empresario".

RPer

AW

PEKIN (ANSA y EFE).- La Reina Isabel II de Inglaterra finalizó ayer en Guangzhou (Cantón) su histórica visita a China de seis días de duración y emprendió viaje hacia la colonia británica de Hong Kong.

La visita de la soberana inglesa no fue, ni mucho menos, un mero trámite protocolario para sellar el destino de Hong Kong. La reina se entrevistó con la plana mayor de los dirigentes chinos -Deng, el presidente Li, el premier Zhao y el secretario general Hu- y auspició la firma de importantes contratos.

China puso especial interés en brindar a la Reina y a su esposo, el Duque de Edimburgo, un recibimiento grandioso -sin precedentes, dicen los observadores-, desplegando su hospitalidad y cortesía, como lo prueba el inhabitual hecho de que el propio Deng Xiaoping se desplazara a la residencia de la Reina para entrevistarse con ella.

Tampoco es corriente que el Presidente Li Xiannian viaje a Shanghai para asistir a un acto oficial organizado por un dignatario extranjero, y menos aún si se trata, como en esta ocasión, de un banquete de retribución ofrecido por la Reina a bordo del yate real Britannia.

Sin embargo, la ocasión bien lo merecía, pues esta fue la primera visita de un monarca inglés a China, un símbolo diáfano del acercamiento entre ambos países desde la firma del acuerdo sobre Hong Kong y un fiel reflejo de que quedaron definitivamente atrás las guerras del opio del siglo pasado.

En este sentido, en círculos diplomáticos se hacían cábalas sobre si China no se ha excedido en su recibimiento a la soberana inglesa.

Fuentes diplomáticas dijeron que China se ha apartado de su habitual política de tratar a todos los países, sean grandes o pequeños, por igual. Hay países más iguales que otros, agregaron.

Otras fuentes consideraron que el programa de la visita y las atenciones prodigadas a la pareja real fueron tan abrumadoras que llegaron a incomodar a la Reina y sobre todo al Príncipe Felipe, mucho menos paciente que su esposa.

En todo caso, parece casi seguro que la Reina Isabel II y su esposo repitan visita en un futuro. Los dirigentes chinos han reiterado las invitaciones en este sentido, y la soberana inglesa ha afirmado que desearía visitar el campo en su próximo viaje, posiblemente no tan histórico como éste.

China y Gran Bretaña aprovecharon su luna de miel para estrechar vínculos comerciales y firmar una docena de acuerdos, entre los que destaca una empresa siderúrgica mixta con un coste total de 4.000 millones de dólares y un contrato de telecomunicaciones por valor de 20 millones de dólares.

La Reina Isabel II quedó especialmente impresionada con los guerreros de terracota que protegen la tumba del primer emperador que unificó China, cerca de Xian, la antigua capital imperial.

19/10/86

8700596

01-01

Clarín. 26/11/86.

ALEMANIA FEDERAL

Diplomático chino asilado

BONN 25 (AP y DPA) — El primer secretario de la embajada china en Alemania Federal, Tu Pingju, pidió asilo político en esta capital, con su esposa, dijeron fuentes del gobierno alemán. Las fuentes confirmaron así un anuncio de una organización de derechos humanos, emitido hoy en Francfort, de que el diplomático chino y su esposa, Chu Meilan, habían solicitado asilo a primera hora del lunes.

Un funcionario dijo a periodistas occidentales que el informe era correcto y que el matrimonio se había asilado en Bonn.

"En este momento no conocemos sus razones y no tenemos informes sobre su paradero", dijo a la prensa el funcionario, que declinó ser identificado.

La Sociedad Internacional de Derechos Humanos, un grupo de Francfort, dijo esta tarde que "el alto diplomático chino dio ayer ese paso espectacular porque ha rechazado desde hace largo tiempo el sistema comunista en su patria".

El comunicado agregó que "tratamos de restablecer contacto con él, con el fin de aconsejarlo, si así lo desea".

El grupo dijo que recibió la información de "fuentes fidedignas de Bonn" que tampoco identificó.

En la lista de diplomáticos de Bonn aparece un individuo identificado como Tu Pingju como primer secretario de la sección comercial de la embajada china, quien llegó aquí, según la lista, con su esposa Chu Meilan el 1° de abril de 1984.

La fuente dijo empero que a pesar de la diferencia en la escritura de ambos nombres, se trataba de la misma persona que pidió asilo.

Un individuo que respondió el teléfono en la embajada china dijo a las agencias internacionales que no había ningún vocero disponible para responder a preguntas de la prensa.

En la historia de la República Popular China son muy raros los casos de funcionarios que se pasen a Occidente y pidan asilo político. Además, las autoridades de Pekín silenciaron, casi siempre con éxito, los pocos casos que luego trascendieron. Las instancias gubernamentales alemanas no dieron detalles mayores sobre el caso de Tu Pingju —coincidían hoy los observadores— en un intento para evitar tensiones en las buenas relaciones que mantienen las dos capitales.

POCO LEGIBLE

01-01 8700597

China fija impuesto al ingreso personal

PEKIN 11 (UPI) – China impondrá en 1987 un impuesto al ingreso personal, en un intento por reducir la brecha entre ricos y pobres, que aumenta rápidamente, anunció la agencia noticiosa oficial Xinhua (que aclaró que la medida no afecta "la política de estímulo al desarrollo personal").

Las "provisiones sobre regulación del impuesto al ingreso personal", emitidas por el Consejo de Estado, se aplicarán a todos los ciudadanos chinos con residencia e ingreso en China.

El impuesto que entrará en vigencia desde el 1° de enero es parte del intento gubernamental por reducir la brecha de ingresos "ahora que la política estatal alienta a algunos para a ser los primeros en lograr prosperidad a través del trabajo honesto", dijo Xinhua.

La tasa del impuesto y la parte imponible del ingreso variarán según 11 zonas o regiones de salarios diferentes para obreros de igual rango y donde las condiciones de vida y precios varían.

En Pekín, dentro de la 6ª zona, el impuesto será aplicado a los que reciban un ingreso mensual de más de 110 dólares, y la tasa aumentará progresivamente.

El impuesto cubrirá "sueldos y otros ingresos, incluyendo a los obtenidos de contratar tareas específicas, transferencias de contratos y patentes, servicios de trabajo, alquileres de propiedades, honorarios, así como intereses, dividendos y bonos".

Es improbable que el nuevo impuesto afecte a gran parte de la población rural, cuyo ingreso anual promedio fue el año pasado de 107 dólares; el promedio del salario urbano fue de 283 dólares.

Pero el impuesto puede afectar a trabajadores que reciben bonos cada vez mayores de sus unidades de trabajo, como incentivos a la producción (aprobados por el gobierno).

CLARIN 12/11/86

PARTES POCO LEGIBLE

8700598

01-01

CLARIN 27-12-86

Arrestos en China por las protestas estudiantiles

PEKIN 26 (UPI, AP, AFP y ANSA). — Las autoridades chinas confirmaron hoy por primera vez que se practicaron detenciones, durante uno de los actos que formaron parte de los disturbios y manifestaciones que este mes congregaron a millares de estudiantes, apoyados por diversos núcleos de trabajadores y población, al menos en nueve ciudades del país.

Aunque, según testigos, durante las manifestaciones en favor de reformas democráticas, mayor autonomía estudiantil y libertad de prensa se habría producido gran número de arrestos desde el viernes 19 hasta hoy inclusive, dicha versión fue desmentida oficialmente.

Sin embargo, la agencia noticiosa estatal Xinhua reportó en la fecha la detención el miércoles del obrero de fundición Wang Guizhou y del mecánico de autobuses Xue Wenrong, por "perturbación del orden público y deterioro intencionado de la propiedad pública y privada" en el curso de una manifestación efectuada frente a la alcaldía de Shanghai, la ciudad más grande de China.

La agencia añadió que Wang trepó a un automóvil e incitó a los manifestantes a volcar y quemar el vehículo, y luego intentó hacerlo junto con Xue y otras personas.

Paralelamente, el gobierno de Pekín y de otras de las ciudades afectadas por los actos de protesta, los de mayor magnitud registrados desde 1976 —cuando concluyeron los diez años de la llamada "Revolución Cultural"—, reglamentaron hoy en forma estricta la futura realización de manifestaciones.

El Congreso del Partido pekinés declaró ilegales tales manifestaciones, a menos que sean previamente autorizadas por la policía, para lo cual deben presentarse las solicitudes con cinco días de antelación. La reglamentación es similar a la impuesta el lunes en Shanghai.

- **Advertencias oficiales**

En esta metrópoli las protestas disminuyeron de intensidad el martes pasado, tras cinco días consecutivos de agitación, pero se confirmó que esta semana hubo otras expresiones contestatarias masivas en Pekín, en el puerto oriental de Tianjin y en Nankín, antigua capital no lejos de Shanghai.

Allí, entre 2.000 a 3.000 estudiantes manifestaron los últimos cuatro días a los gritos de "abajo los burócratas" y "queremos libertad y democracia", según informó hoy un dirigente estudiantil no identificado.

El mismo dirigente explicó que numerosos dazibaos (carteles murales manuscritos) seguían cubriendo hoy los muros de las diversas facultades. El miércoles y jueves, grupos de estudiantes desarrollaron una gran campaña de "concientización" en el centro de la ciudad, reuniendo a enormes grupos de ciudadanos que siguieron atentamente sus discursos.

Nankín, de [illegible] habitantes, fue una de las últimas ciudades chinas en sumarse al impresionante movimiento de protesta estudiantil iniciado a principios de este mes. La manifestación más importante reunió el sábado último, en Shanghai, a cerca de 70.000 estudiantes y obreros.

A lo largo y ancho del país, los medios de comunicación han desplegado entre tanto una gigantesca campaña para insistir en la necesidad de mantener "la unidad y estabilidad" políticas, "no dificultar la reforma" estructural en curso y que sea el Partido Comunista el que adopte la iniciativa de cualquier cambio.

En Pekín hay inclusive indicios de que el Partido está dispuesto a preparar contramanifestaciones: ya en la Universidad de Qinghua hubo una pequeña concentración de estudiantes con la bandera de la "Liga Comunista Joven" y en aparente apoyo a la línea oficial.

Mientras, los altavoces universitarios allí y en otras ciudades difundieron todo el día artículos y editoriales de la prensa, incitando a los estudiantes a no manifestar y con la advertencia de consecuencias graves si lo hacen.

China-EE.UU.: el "triángulo" pesa

Por Claudio Uriarte

Hay signos de enfriamiento en las relaciones Estados Unidos-China. Hu Yaobang, secretario general del Partido Comunista, postergó por otro año sus planes de viajar a Washington y, del lado norteamericano, la administración indicó recientemente que no cedería a las presiones de Pekín para que actúe como intermediaria ante Taiwan por la propuesta china de abrir vínculos comerciales, de comunicación y de transporte. Simétricamente, el rompecabezas se completa con la "apertura" promovida por el líder soviético Mijail Gorbachov hacia China y, del lado chino, una sutil redefinición teórica: los soviéticos ya no son "socialimperialistas" sino meramente "hegemonistas".

Una simplificación extrema del juego de fenómenos indicaría un giro prosoviético de la dirección china. El "péndulo", en un examen más sobrio, debe ser interpretado como un elemento de peso propio dentro de un complejo equilibrio de fuerzas: si crecen las tendencias "distensionistas" entre EE.UU. y la URSS, China tiende a abroquelarse en su antisovietismo ante el peligro de un arreglo a sus expensas; si, por el contrario, aumentan las tendencias de confrontación, China puede estirar su margen de regateo con EE.UU. sin poner su seguridad en peligro. Hay una importante nota al pie de página: el programa de modernización económica exige reducir el gasto militar, lo que se ve espejado por una similar necesidad soviética, en una etapa de acumulación diferente.

Analogías

Algo empareja la historia de China y la de la URSS: las dos revoluciones se plantearon a sí mismas como universalistas, para luego encerrarse de puertas adentro como forma de superar el atraso. El resultado fue que ambas direcciones pasaron a identificar el triunfo de su causa con los objetivos de su política externa. Otra simplificación es afirmar que la URSS es socialista, y que China está volcándose al capitalismo. Si se mide el socialismo por parámetros clásicos —propiedad privada de los medios de producción, modos de representación política directa— ninguna de las dos sociedades es socialista. Sin embargo, si se considera que el Estado monopoliza los medios de producción tanto en la URSS como en China —un dato solo matizado por los experimentos de mercado libre— ambos gigantes se retratan en etapas transicionales paralelas. Aquí aparecen las diferencias: los puntos de arranque están a diferentes alturas, lo que se refleja en políticas externas distintas.

La digresión es útil para discernir los signos de diferencias que puedan aparecer en la conducta de la dirección del P.C.CH. El líder chino Deng Siaoping fijó tres condiciones para mejorar relaciones con Moscú: disminución de efectivos fronterizos, retiro de tropas vietnamitas de Camboya, y soviéticas de Afganistán. Hu Yaobang, por su parte, podría expresar un emergente: un sector que privilegie una "detente socialista" para impulsar mejor una modernización socialista. El resultado político parece situarse en el espectro de superposición de estas configuraciones diferentes de un mismo conjunto de necesidades legítimas.

El problema se complica con cuestiones de inestabilidad política en EE.UU. Washington, desde Richard Nixon hasta Ronald Reagan, ha privilegiado alternativamente distintos aspectos de una política única: triangularizar la relación bipolar. Las idas y venidas de las administraciones sucesivas desde y hacia China reflejaban el componente central: las relaciones con Moscú.

El tono de la relación con la segunda superpotencia determinaba la política a seguir ante el "tercero en discordia". Hay una continuidad: el Comunicado de Shanghai, de 1972; el acuerdo de normalización de relaciones, de 1979, y el Comunicado de 1982, afirmaron y reafirmaron que existe una sola China, cuya capital es Pekín. Comercio, tecnología y ventas de armas han tendido a actuar como variables secundarias de esta definición básica.

La administración Reagan acopió un expediente desafortunado en todo esto. Insinuó, para comenzar, una vuelta a los tiempos de Dean Rusk y del "lobby taiwanés"; seguidamente, descuidó preocupaciones esenciales chinas sobre tecnología y comercio; y, por último, pareció peligrosamente al borde de cerrar, en Reikiavik, un acuerdo de redistribución misilística con Moscú que habría trasladado a la frontera asiática los misiles de alcance medio que la URSS tiene actualmente apuntados contra Europa. Al mismo tiempo, la "era Gorbachov" despuntaba en el Kremlin.

Motivaciones

Cualquier análisis del "triángulo" debe considerar las motivaciones centrales de sus componentes:

- Washington busca compensar su pérdida de hegemonía en Asia con una China independiente de Moscú que, al mismo tiempo, sirva para controlar el equilibrio regional en términos aceptables para el Departamento de Estado. La política de este programa consiste en fomentar el impulso nacionalista de la dirección china, lo que generalmente termina entrando en conflicto con las tendencias distensionistas implícitas en la modernización económica.

- Moscú busca recomponer, desde el actual statu quo (conservación del triángulo Vietnam - Camboya - Laos), los términos de su relación con los fragmentos más rebeldes del mosaico socialista asiático. Conviene entender que se trata de un impulso conservacionista: la "modernización" de Gorbachov tiene escaso margen para tolerar conflictos desgastantes que, además, puedan terminar minando su prestigio. El enfoque es coherente con una política exterior que ya no juega a la desestabilización revolucionaria del entorno sino a la adquisición de una estatura diplomática central en el contexto del Tercer Mundo.

- China busca crecer desde adentro. La operación tiene dos caras de política externa: oscilación permanente entre EE.UU. y la URSS, y afirmación de una posición "tercermundista" propia. Internamente, las oscilaciones se expresan bajo la forma de las tendencias contradictorias que moviliza el impulso modernizador: se trata de constreñir en límites de propiedad estatal los gérmenes microcapitalistas con que se busca dinamizar el crecimiento.

La tarea no es fácil, y envuelve marchas y contramarchas. Afuera, las tendencias internas se mueven entre los polos. Internamente, la ola de manifestaciones estudiantiles de diciembre sugieren que puede haber estallado una disputa partidaria interna.

CLARIN 27-12-86

8700600

SHANGHAI, China (Especial para Clarín). -- "Diez mil años es demasiado esperar para la democracia", dice uno de los carteles en las paredes de la Universidad de Jiaotong, en Shanghai. "La queremos ahora".

Los manifestantes estudiantiles de Shanghai y muchos de sus colegas de las universidades de otras partes de China están seguros de que quieren un sistema democrático y lo quieren rápidamente —por lo menos, más rápido de lo que el gobierno quiere permitirlo.

Más allá de eso, muchos de los estudiantes entrevistados aquí durante cinco días seguidos de manifestaciones por la democracia, tienen ideas apenas vagas acerca de lo que quieren en cuanto a cambios sustanciales de política para el largo plazo.

Pero tienen, por lo menos, algo agendado para el corto plazo, y lo que esto presenta al gobierno chino por el momento podría ser descripto mejor como una explosión de sentimientos sobre la democracia entre estos estudiantes que como un movimiento con un programa político.

Los estudiantes prefieren hacer responsables a los miembros de la enorme burocracia china y Shanghai es una de las ciudades donde los burócratas se destacan por resistir los cambios.

Mantienen que los que están a cargo de hacer cumplir las leyes del país —la policía—, a menudo parecen ser los más ignorantes del contenido de las leyes.

Algunos de los estudiantes dicen que querrían ver a más de un candidato presentarse en las elecciones para ciertos puestos de provincias y no solo a un candidato nominado por el Partido Comunista.

Quieren ver una prensa abierta a una mayor diversidad de ópticas y que informe con lealtad las opiniones de los estudiantes, algo que no es probable que aliente el Gobierno.

También quieren garantías constitucionales del derecho de fijar carteles proclamando sus opiniones y el derecho de mantener debates públicos.

Pero pocos estudiantes quieren sacar al Partido Comunista. La mayoría parece desear *reformar* el sistema desde su interior.

Muchos de los estudiantes muestran una visión ingenua y poco informada de los sistemas democráticos occidentales.

Algunos de ellos afirman que querrían ver establecidos a más partidos políticos no comunistas en China, pero no parecen darse cuenta de que esto sería imposible bajo un sistema comunista.

Las demostraciones evidenciaron ...



Un estudiante de Shanghai y un aviso por tarjetas de Navidad en la Universidad. Las demandas apuntan a obtener reformas, no a voltear al gobierno.

Lo que piden los estudiantes al poder socialista

Por Daniel Southerland

... tudiantes habían puesto un poster de la Estatua de la Libertad sobre un lado del escenario.

Los estudiantes dijeron que querían mantener una conferencia de prensa del tipo frecuente en los países occidentales para dar sus opiniones.

Pero no hay precedentes de un Partido Comunista que permita la libertad de prensa o partidos políticos no comunistas viables.

Sin embargo, Deng y sus colegas en el liderazgo parecen sentir que algún ...

Durante varios años, Deng ha tratado de promover a los intelectuales y darles mayor status para que contribuyan a la modernización. Perseguidos en el pasado pero ahora apreciados por el gobierno por sus conocimientos, están pidiendo por lo menos ser escuchados.

Cómo viven

Algunos de los estudiantes entrevistados durante los últimos días declararon que apoyan las reformas económicas de Deng pero quieren verlas implementadas con mayor rapidez y equidad. Varios de ellos le dijeron a un periodista británico que estaban preocupados por la inflación resultante de las modificaciones de precios y por el tratamiento especial que reciben los hijos e hijas de los funcionarios de alto rango, por ejemplo autorización para estudiar en el exterior.

Algunos parecen estar preocupados por sus propias condiciones de vida. La comida provista por las universidades chinas generalmente es considerada de lo peor y casi todos los estudiantes viven en mezquinos y abarrotados dormitorios. En la Universidad de Tongji, supuestamente de elite, en la que se forman arquitectos, ingenieros y otros profesionales, en muchos casos se alojan hasta ocho en un cuarto.

Por su enorme población de casi 12 millones, Shanghai puede proveer aún menos lugar para vivir a los estudiantes que la mayoría de las ciudades chinas.

No es sorprendente para los chinos que entre una media docena de ciudades que han tenido manifestaciones en las últimas semanas, Shanghai haya tenido el mayor número de manifestantes. Esta ciudad posee una gran población estudiantil en las casi 50 instituciones de alta enseñanza, que es tradicionalmente contestataria.

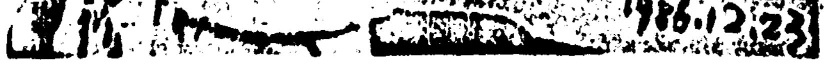
En la década de 1940 tuvieron el rol director en la oposición al gobierno nacionalista chino. En la Revolución Cultural de 1966-76 estuvieron entre los radicales que apoyaban a la "Banda de los Cuatro". Con estos antecedentes es probable que el gobierno use la persuasión en vez de la fuerza para tratar con los estudiantes.

El miércoles un vocero del gobierno retiró los cargos de que los manifestantes estudiantiles de Shanghai hubieran golpeado a 31 policías el sábado a continuación de una "sentada" frente al Departamento de Policía. Los estudiantes habían ridiculizado estos cargos, que fueron dados a conocer originalmente por la agencia Nueva China. Con el ...

1986.12.23

Lo que piden los estudiantes al poder socialista

Por Daniel Southerland



Un estudiante de Shanghai y un aviso por tarjetas de Navidad en la Universidad. Los demandas apuntan a obtener reformas, no a voltear el gobierno.

destacan por resistir los cambios.

Mantienen que los que están a cargo de hacer cumplir las leyes del país —la policía—, a menudo parecen ser los más ignorantes del contenido de las leyes.

Algunos de los estudiantes dicen que querrían ver a más de un candidato presentarse en las elecciones para ciertos puestos de provincias y no solo a un candidato nominado por el Partido Comunista.

Quieren ver una prensa abierta a una mayor diversidad de ópticas y que informe con lealtad las opiniones de los estudiantes, algo que no es probable que aliente el Gobierno.

También quieren garantías constitucionales del derecho de fijar carteles proclamando las opiniones y el derecho de mantener debates públicos.

Pero pocos estudiantes quieren sacar al Partido Comunista. La mayoría parece desear reformar el sistema desde su interior.

Muchos de los estudiantes muestran una visión ingenua y poco informada de los sistemas democráticos occidentales.

Algunos de ellos afirman que querrían ver establecidos a más partidos políticos no comunistas en China, pero no parecen darse cuenta de que esto sería imposible bajo un sistema comunista.

Las demostraciones evidenciaron que los estudiantes están mal organizados y, a menudo, actúan espontáneamente en vez de hacerlo sobre la base de cálculo y planificación.

¿Fue por Deng?

Pero el solo hecho de que esto pase en una sociedad que por tanto tiempo estuvo cerrada a las ideas del exterior y que tiene una larga tradición de regímenes autoritarios, es digno de mención. Muchos de los observadores lo ven como el resultado de la decisión del anciano líder Deng Xiaoping de abrir China a más contacto con el Oeste.

Cuando los estudiantes de la Universidad Tongji de Shanghai mantuvieron el martes una caldeada reunión con funcionarios de educación para discutir sus pedidos, un testigo notó que los estudiantes habían puesto un poster de la Estatua de la Libertad sobre un lado del escenario.

Los estudiantes dijeron que querían mantener una conferencia de prensa del tipo frecuente en los países occidentales para dar sus opiniones.

En algunos puntos, el gobierno y los estudiantes no están demasiado alejados. Deng hace mucho que se ha manifestado a favor de reducir la burocracia y hacerla más responsable. Desde hace un tiempo el gobierno trabaja para presentar nuevas leyes y hacer que los procesos legales sean más predecibles, en un país donde la autoridad del hombre casi siempre ha sobrepasado a la autoridad de la ley.

También el gobierno ha estado experimentando, hasta ahora de una manera harto limitada, la mayor participación en los congresos del pueblo al nivel local. Igualmente ha acordado, como resultado de una manifestación estudiantil en Hefei, que los estudiantes universitarios deben tener más peso en la selección de los candidatos para un congreso del pueblo provincial, por lo menos para una localidad.

Pero no hay precedentes de un Partido Comunista que permita la libertad de prensa o partidos políticos no comunistas viables.

Sin embargo, Deng y sus colegas en el liderazgo parecen sentir que algún tipo de reformas políticas es necesario para poner freno a la burocracia y a los cuadros del Partido Comunista que se resisten a las reformas económicas.

Deng y los demás han permitido que tuviera lugar un considerable debate sobre las reformas políticas posibles dentro de institutos patrocinados por el gobierno y en publicaciones académicas. Los estudiantes quieren participar en esta deliberación.

Lo que hace a todo esto aún más delicado para Deng es que algunos de los estudiantes que revistan en las demostraciones son parte de una elite que está siendo educada para tomar el mando, como ingenieros, científicos y arquitectos, en el programa de modernización del país. Un diplomático dijo que el hecho de que sean vitales para este programa debe darles bastante confianza.

man arquitectos, ingenieros y otros profesionales, en muchos casos se alojan hasta ocho en un cuarto.

Por su enorme población de casi 12 millones, Shanghai puede proveer aún menos lugar para vivir a los estudiantes que la mayoría de las ciudades chinas.

No es sorprendente para los chinos que entre una media docena de ciudades que han tenido manifestaciones en las últimas semanas, Shanghai haya tenido el mayor número de manifestantes. Esta ciudad posee una gran población estudiantil en las casi 50 instituciones de alta enseñanza, que es tradicionalmente contestataria.

En la década de 1940 tuvieron el rol director en la oposición al gobierno nacionalista chino. En la Revolución Cultural de 1966-76 estuvieron entre los radicales que apoyaban a la "Banda de los Cuatro". Con estos antecedentes es probable que el gobierno use la persuasión en vez de la fuerza para tratar con los estudiantes.

El miércoles un vocero del gobierno retiró los cargos de que los manifestantes estudiantiles de Shanghai hubieran golpeado a 31 policías el sábado a continuación de una "sentada" frente al Departamento de Policía. Los estudiantes habían ridiculizado estos cargos, que fueron dados a conocer originalmente por la agencia Nueva China. Con el retiro de los cargos, el gobierno señaló su voluntad de adoptar un enfoque más conciliador.

Pero la gran cantidad de carteles de protesta que han sido puestos en Shanghai en los últimos días muestran lo difícil que sería para el gobierno satisfacer algunas de las demandas de los estudiantes.

No obstante, el gobierno siempre ha tenido los medios para ejercer discretas presiones sobre el estudiantado y hacerlo volver a sus libros. Es él quien asigna a la mayoría de los estudiantes sus trabajos después de la graduación: puede darle a un revoltoso un puesto por debajo de sus calificaciones o, lo que es peor, mandarlo a un remoto lugar de China.

Pi!)

Fue reprimida en China otra manifestación de universitarios

PEKIN, 1 (UPI). — Millares de manifestantes que gritaban "viva la democracia" desfilaron hoy desafiantes por el centro de la capital china pero fueron rechazados por centenares de policías cuando intentaron ocupar la histórica plaza Tienanmen.

Unos 2.000 estudiantes que exigían la liberación de por lo menos 24 compañeros supuestamente detenidos por la policía se manifestaron en torno del predio de la Universidad de Pekín. Los estudiantes, que coreaban el himno nacional chino y gritaban "suelten a nuestros camaradas", amenazaron con realizar otra marcha callejera ilegal, la que efectivamente se efectuó momentos después.

Mas de 1000 estudiantes marcharon a través del cinturón universitario de Pekín insistiendo en la liberación de los detenidos.

Los manifestantes, agitando los brazos y coreando "liberen a nuestros camaradas", salieron de la Universidad de Pekín y marcharon hacia la cercana Universidad de los Pueblos, uniéndose en el trayecto a sus filas varios centenares de personas.

Poco después de salir de esta universidad, se encontraron con alrededor de 300 policías que formaban una barricada humana en una intersección cubierta de nieve. Los manifestantes, empero, proclamando la "unidad de la Universidad de Pekín" forcejearon con los policías.

Estos, con megáfonos, aconsejaban a los manifestantes regresar a sus universidades mientras otros los filmaban.

Antes de salir de la Universidad de Pekín, millares de estudiantes marcharon a la casa del presidente de la institución, Ding Shisun, para entregarle varias demandas, incluyendo un pedido para la liberación de 24 colegas detenidos en una primera manifestación de hoy en la plaza Tianamen.

Liberación de detenidos

Ding, de quien se informó que estaba en contacto con el alcalde de Pekín, Chen Xitong, y otros miembros del poderoso comité central del Partido Comunista dijo más tarde, para regocijo de los estudiantes, que los 24 detenidos serían liberados.

A pesar del anuncio de Ding, alrededor de 3000 estudiantes salieron de los predios universitarios insistiendo en la liberación de sus compañeros.

Ding apareció otra vez para decir a los manifestantes que había enviado ya ocho vehículos al centro de Pekín en busca de los detenidos, pero para entonces otro grupo de manifestantes ya estaba varias cuadras más allá.

Los estudiantes pidieron también que no se tomen represalias contra los manifestantes, la cobertura noticiosa completa de las marchas en la prensa oficial y una "exacta evaluación" de las manifestaciones por parte de las autoridades de la ciudad, la universidad y funcionarios del comité central del Partido Comunista. La manifestación de horas antes por el centro de Pekín se realizó en desafío a una prohibición de las protestas, impuesta hace una semana, e ignoró las advertencias de las autoridades de que los manifestantes serían "castigados en forma severa".

"Fue algo fantásticamente corajudo y fantásticamente estúpido", dijo un diplomático extranjero acerca de la protesta.

Por los menos 20 personas fueron vistas cuando eran llevadas a rastras por la policía, pero no hubo informes inmediatos sobre heridos. Las autoridades citadas por la agencia noticiosa oficial Xinhua dijeron que "varios revoltosos fueron detenidos para educación e interrogatorios".

La manifestación

La marcha por el centro comenzó cuando unos 400 o 500 estudiantes y trabajadores intentaron quebrar un fuerte cordón policial que rodeaba el Monumento a los Héroes del Pueblo en el centro de la vasta plaza Tienanmen. Los manifestantes que gritaban "no nos golpeen, no nos arresten", fueron expulsados de la plaza después de una refriega de 40 minutos con la policía.

Las filas de los manifestantes aumentaron entonces a unos 3000 al sumarse transeúntes y otros estudiantes en el cercano bulevar Changan, en una espontánea demostración de apoyo.

Cantando el himno revolucionario La Internacional, los manifestantes primero se alejaron de Tienanmen, luego decidieron retornar porque, como dijo uno de ellos "ése es el sitio tradicional de reuniones".

Cuando volvían a aproximarse a Tienanmen los manifestantes coreaban "viva la democracia, viva la libertad" y hacían la señal de la victoria a los espectadores. Los pasajeros de un ómnibus atascado, se inclinaron fuera de las ventanillas y devolvieron el saludo.

Los manifestantes, precedidos por una camioneta policial sobre la cual se hallaba montada una cámara de filmación, también portaban carteles en los que se leía "apoyamos a (el líder chino) Deng Xiaoping, "apoyamos las reformas" y "crear un sistema legal democrático".

En Tienanmen, la multitud empujó al cordón policial hasta que llegaron unos 100 efectivos de refuerzo, y hubo varias golpizas entre agentes y manifestantes.

Millares de policías eventualmente llegaron a Tienanmen. Mientras los manifestantes y los transeúntes observaban desde el otro lado de la calle, varios centenares de policías se formaron a espacios de un metro tendiendo un cordón en torno de la plaza.

Algunos detenidos

A pesar de los intentos por dispersar a la muchedumbre, unas 3000 personas permanecieron cerca de la escalinata frontal del Museo de la Revolución China hasta tarde, cuando comenzó a caer nieve. Testigos vieron a los policías llevándose a rastras por lo menos a cinco personas escaleras arriba hacia adentro del museo.

Muchos de los policías llegaron a Tienanmen poco después del amanecer en un intento por impedir que se congregaran más manifestantes en la plaza, a una cuadra del predio gubernamental de Zhongnanhai, corazón del poder en China.

Alrededor de las cuatro de la mañana, un camión derramó agua sobre el centro de la plaza dejando una sólida capa de hielo. Las autoridades también organizaron una ceremonia en la plaza en la que participaron unos 4000 jóvenes pioneros, que actuaron como amortiguadores detrás de las líneas policiales.



Manifestación estudiantil en Pekín

"Parece que las autoridades centrales han hecho grandes esfuerzos por mantener a los estudiantes fuera de la plaza", dijo un diplomático extranjero. "Ello demuestra cuán preocupados están por toda esta agitación".

El diplomático dijo que la policía demostró considerable moderación al tratar con los manifestantes cuya marcha fue descripta por Xinhua como "abortada e ilegal".

Por lo menos 11 ciudades chinas se han visto afectadas por manifestaciones en favor de la democracia en las últimas cuatro semanas.

Nuevas demostraciones

PEKIN, 2 (AFP). — Más de 4000 estudiantes seguían manifestando en la noche del jueves al viernes en Pekín, pese a que un responsable de la universidad de la capital anunció la liberación de sus

01-01

8700602

...eprimida en China otra ...festación de universitarios

...ares de mani- ...viva la demo- ...safiantes por ...a pero fueron ...s de policias ... la historica

...que exigian la ...nos 24 com- ...tenidos por la ...rno del predio ...kin. Los estu- ...mino nacional ...a nuestros ca- ...con realizar ...legal, la que ...omentos des-

... marcharon a ...sitario de Pe- ...cion de los de-

...agitando los ...n a nuestros ...a Universidad ...la la cercana ...os, uniendose ...varios cente-

...esta universi- ...alrededor de ...n una barri- ...ersección cu- ...estantes, em- ...ad de la Uni- ...aron con los

...consejaban a ... a sus univer- ...filmaban ...iversidad de ...ntes marcha-

ron a la casa del presidente de la institución, Ding Shisun, para entregarle varias demandas, incluyendo un pedido para la liberacion de 24 colegas detenidos en una primera manifestacion de hoy en la plaza Tiananmen.

Liberación de detenidos

Ding, de quien se informó que estaba en contacto con el alcalde de Pekin, Chen Xitong, y otros miembros del poderoso comite central del Partido Comunista dijo más tarde, para regocijo de los estudiantes, que los 24 detenidos serian liberados.

A pesar del anuncio de Ding, alrededor de 3000 estudiantes salieron de los predios universitarios insistiendo en la liberacion de sus compañeros.

Ding apareció otra vez para decir a los manifestantes que habia enviado ya ocho vehiculos al centro de Pekin en busca de los detenidos, pero para entonces otro grupo de manifestantes ya estaba varias cuadras más allá.

Los estudiantes pidieron también que no se tomen represalias contra los manifestantes, la cobertura noticiosa completa de las marchas en la prensa oficial y una "exacta evaluacion" de las manifestaciones por parte de las autoridades de la ciudad, la universidad y funcionarios del comite central del Partido Comunista. La manifestación de horas antes por el centro de Pekin se realizó en desafio a una prohibición de las protestas, impuesta hace una semana, e ignoró las advertencias de las autoridades de que los manifestantes serian "castigados en forma severa".

"Fue algo fantásticamente corajudo y fantásticamente estúpido", dijo un diplomático extranjero acerca de la protesta.

Por lo menos 20 personas fueron vistas cuando eran llevadas a rastras por la policia, pero no hubo informes inmediatos sobre heridos. Las autoridades citadas por la agencia noticiosa oficial Xinhua dijeron que "varios revoltosos fueron detenidos para educación e interrogatorios".

La manifestación

La marcha por el centro comenzó cuando unos 400 o 500 estudiantes y trabajadores intentaron quebrar un fuerte cordón policial que rodeaba el Monumento a los Héroes del Pueblo en el centro de la vasta plaza Tienanmen. Los manifestantes que gritaban "no nos golpeen, no nos arresten", fueron expulsados de la plaza después de una refriega de 40 minutos con la policia.

Las filas de los manifestantes aumentaron entonces a unos 3000 al sumarse transeúntes y otros estudiantes en el cercano bulevar Changan, en una espontánea demostración de apoyo.

Cantando el himno revolucionario La Internacional, los manifestantes primero se alejaron de Tienanmen, luego decidieron retornar porque, como dijo uno de ellos "ése es el sitio tradicional de reuniones".

Cuando volvian a aproximarse a Tienanmen los manifestantes coreaban "viva la democracia, viva la libertad" y hacian la señal de la victoria a los espectadores. Los pasajeros de un ómnibus atascado, se inclinaron fuera de las ventanillas y devolvieron el saludo.

Los manifestantes, precedidos por una camioneta policial sobre la cual se hallaba montada una cámara de filmación, también portaban carteles en los que se leia "apoyamos a (el líder chino) Deng Xiaoping, "apoyamos las reformas" y "crear un sistema legal democratico".

En Tienanmen, la multitud empujó al cordón policial hasta que llegaron unos 100 efectivos de refuerzo, y hubo varias golpizas entre agentes y manifestantes.

Millares de policias eventualmente llegaron a Tienanmen. Mientras los manifestantes y los transeúntes observaban desde el otro lado de la calle, varios centenares de policias se formaron a espacios de un metro tendiendo un cordón en torno de la plaza.

Algunos detenidos

A pesar de los intentos por dispersar a la muchedumbre, unas 3000 personas permanecieron cerca de la escalinata frontal del Museo de la Revolución China hasta tarde, cuando comenzó a caer nieve. Testigos vieron a los policias llevándose a rastras por lo menos a cinco personas escaleras arriba hacia adentro del museo.

Muchos de los policias llegaron a Tienanmen poco después del amanecer en un intento por impedir que se congregaran más manifestantes en la plaza, a una cuadra del predio gubernamental de Zhongnanhai, corazón del poder en China.

Alrededor de las cuatro de la mañana, un camión derramó agua sobre el centro de la plaza dejando una sólida capa de hielo. Las autoridades también organizaron una ceremonia en la plaza en la que participaron unos 4000 jóvenes pioneros, que actuaron como amortiguadores detras de las lineas policiales.



Manifestación estudiantil en Pekín (AFP)

"Parece que las autoridades centrales han hecho grandes esfuerzos por mantener a los estudiantes fuera de la plaza", dijo un diplomático extranjero. "Ello demuestra cuán preocupados están por toda esta agitación".

El diplomático dijo que la policia demostró considerable moderación al tratar con los manifestantes cuya marcha fue descripta por Xinhua como "abortada e ilegal".

Por lo menos 11 ciudades chinas se han visto afectadas por manifestaciones en favor de la democracia en las últimas cuatro semanas.

Nuevas demostraciones

PEKIN, 2 (AFP). - Más de 4000 estudiantes seguian manifestando en la noche del jueves al viernes en Pekin, pese a que un responsable de la universidad de la capital anunció la liberación de sus camaradas detenidos en la mañana de hoy.

El vicepresidente de la Universidad de Pekin, Xia Jiankun, afirmó a los manifestantes que todos los estudiantes detenidos habian sido liberados y que por ello debian estar satisfechos, pero no fue escuchado cuando les solicitó que regresaran a sus residencias universitarias, indicó un corresponsal, testigo de los hechos.

Los estudiantes ovacionaron al responsable, pero prosiguieron su marcha en compañía de Xia hacia la plaza Tiananmen, y desbordaron sin violencia a varios puestos de la policía.

Por otra parte unos 200 policias solicitaron en vano con altavoces a los estudiantes que detuvieran su marcha y no alteraran el orden publico, en momentos en que éstos se encontraban a una hora y media a marcha del centro de Pekín.

01-01

870060 2

Buenos Aires, sábado 3 de enero de 1987 • CLARIN

REIVINDICACIONES ESTUDIANTILES EN CHINA

¿Conflicto generacional?

PEKIN, 2 (Por Patrice de Beer, de "Le Monde", especial para Clarín) — En el campus de Beida, principal universidad de Pekín, la temperatura descendía catorce grados bajo cero y soplaba un viento helado. Esto no impidió que centenares de estudiantes se congregaran aún frente a los paneles donde aparecen decenas de "dazibao", carteles de grandes caracteres confeccionados por estudiantes anónimos en papel de computadora y escritos en un estilo florido, en ocasiones muy contundente. Frente a cada cartel, un estudiante declama el texto que otros registran en minigrabadores y que pasará de mano en mano hasta llegar a estudiantes de otras universidades. En la actualidad, el grabador ha reemplazado al lápiz y papel en este nuevo "muro de la democracia".

Todos ellos saben que cuando se vayan a dormir, los equipos de limpieza van a arrancar los "dazibao". El periódico de Pekín recordó a la población el lunes que los carteles no están considerados por la ley y que todo ciudadano tiene el derecho, y aún el deber, de arrancar los que encontrara en el camino. La prohibición no intimidó a los estudiantes de Beida, que se sumaron tardíamente a la ola de manifestaciones que sacude a China desde hace tres semanas, pero que se han decidido a participar. Ellos se burlan de la prohibición y pegan nuevos carteles. A los funcionarios que denuncian la vinculación entre las manifestaciones recientes y aquéllas de la "revolución cultural", el máximo insulto para estos estudiantes, optan por responderles: ¿Acaso los verdaderos responsables de la revolución cultural fueron los "dazibao" o los estudiantes?

• La democracia buscada

Uno de los afiches cuestiona "los cuatro principios fundamentales" en que se basa el poder del partido: orientación del partido, socialismo, dictadura de la democracia popular, el pensamiento de Mao. Uno de los nuevos principios propone como representante del estudiantado ante la asamblea nacional popular a Fang Lizhi, vicerrector de la Universidad de Hefei, donde tuvieron lugar las primeras manifestaciones. "Si nuestras elecciones pueden expresar realmente las inquietudes populares, entonces podríamos aspirar al nivel de las elecciones en Filipinas". Se trata de las que llevaron al poder a Cory Aquino, de un profundo impacto en China. "Si cada uno de nuestros votos tuviera el mismo peso que el del camarada Deng Xiaoping, entonces sin duda Fang resultaría electo viceprimer ministro o incluso presidente".

El ogro de los estudiantes chinos no es Deng, sino el viceprimer ministro Wan Li, quien declaró en la universidad de Hefei que "la democracia es solamente algo que se ofrece como un regalo" para ellos la democracia es un derecho y a quienes declaman que "la representan a la mitad del estudiantado de Beida insisten en su voluntad de desarrollar "la democracia y la libertad". Pero "de manera concreta y no abstracta como los manifestantes del 18 de setiembre de 1985", según afirma uno de ellos. Otro agrega: "Sabemos bien que no veremos resultados inmediatos, porque no contamos con la fuerza. Pero estamos dispuestos a proseguir la lucha durante años: queremos un auténtico multipartidismo, y no la opresión de la mayoría por una minoría". Este estudiante espera poder difundir las ideas de las manifestaciones en su propia localidad, adonde él regresa ahora aprovechando las vacaciones por las fiestas de fin de año.

• "Nuestros padres nos apoyan"

Otro compañero cree que esas ideas no son realistas. "Los trabajadores todavía no nos comprenden", agrega otro. "Pero hoy nosotros decimos en voz alta lo que ellos piensan en voz baja. Usted puede escuchar nuestras consignas en las conversaciones privadas de familia o en los transportes. Por eso, aunque nuestros padres no lo expresen en voz alta, en el fondo del corazón nos apoyan". Es por esto que las consignas suenan un poco duras. El periódico de Pekín cita solo una de ellas, cuya traducción podría ser: "Los principios fundamentales se pueden ir al diablo".

Oímos decir a los estudiantes que los "partidos democráticos" tolerados por el P.C. son una burla; que se hace necesario un bipartidismo aun entre el P.C. y el Kuomintang, que tal bipartidismo existe ya de hecho en el seno del P.C. entre los sectores conservadores y los progresistas; que de ser preciso, y si el pueblo lo desea, habrá que modificar completamente el Partido Comunista chino, tratar de reemplazarlo por alguna otra cosa.

No obstante, no se debe deducir que los estudiantes pretenden un cambio radical del régimen. Son inteligentes, estudian y quieren conseguir un buen trabajo. Pero al igual que sus compañeros de Francia, están muy decepcionados y padecen el conflicto generacional. No toleran el discurso uniforme del partido, aunque éste se muestre dispuesto a introducir reformas en el camino de la liberalización. Debido a que solo un pequeño porcentaje de los estudiantes ha participado en las manifestaciones, mientras que la mayoría trabaja, y que sus métodos inquietan "la estabilidad y unidad" indispensables para dar curso a las reformas, muchos intelectuales jóvenes no coinciden con los recientes hechos.

• Actitud oficial

El principal temor de las autoridades es que la protesta estudiantil se extienda a otras capas sociales, lo que explica el arresto de implicados en las manifestaciones que no son estudiantes, y el llamado a la población de respetar





Agencia AFP

Los estudiantes universitarios reclaman libertad de expresión y de publicación (arriba). La policía procede a desalojar a los jóvenes de la plaza de Tienanmen, donde todos los días se reúnen para formular nuevos pedidos al gobierno central.

ceministro de la Comisión del Estado ... sobre un candidato. Es evidente que el

01-01

8700603

manas, pero que se han decidido a participar. Ellos se burlan de la prohibición y pegan nuevos carteles. A los funcionarios que denuncian la vinculación entre las manifestaciones recientes y aquéllas de la "revolución cultural", el máximo insulto para estos estudiantes, optan por responderles: ¿Acaso los verdaderos responsables de la revolución cultural fueron los "dazibao" o los estudiantes?

♦ La democracia buscada

Uno de los afiches cuestiona "los cuatro principios fundamentales" en que se basa el poder del partido: orientación del partido, socialismo, dictadura de la democracia popular, el pensamiento de Mao. Uno de los nuevos principios propone como representante del estudiantado ante la asamblea nacional popular a Fang Lizhi, vicerrector de la Universidad de Hefei, donde tuvieron lugar las primeras manifestaciones. "Si nuestras elecciones pueden expresar realmente las inquietudes populares, entonces podríamos aspirar al nivel de las elecciones en Filipinas". Se trata de las que llevaron al poder a Cory Aquino, de un profundo impacto en China. "Si cada uno de nuestros votos tuviera el mismo peso que el del camarada Deng Xiaoping, entonces sin duda Fang resultaría electo viceprimer ministro o incluso presidente".

El ogro de los estudiantes chinos no es Deng, sino el viceprimer ministro Wan Li, quien declaró en la universidad de Hefei que "la democracia es solamente algo que se ofrece como un regalo" para ellos la democracia es un derecho y a quienes declaman que "la democracia burguesa occidental" no es una auténtica democracia", contestan que tampoco lo es la que rige en China, y que en EE.UU. existe efectivamente la libertad de prensa.

Se expresan con tranquilidad, están ansiosos de tomar contacto con los periodistas extranjeros. Dicen que represente cuya traducción podría ser: "Los principios fundamentales se pueden ir al diablo".

Otros decir a los estudiantes que los "partidos democráticos" tolerados por el P.C. son una burla, que se hace necesario un bipartidismo aun entre el P.C. y el Kuomintang, que tal bipartidismo existe ya de hecho en el seno del P.C. entre los sectores conservadores y los progresistas; que de ser preciso, y si el pueblo lo desea, habrá que modificar completamente el Partido Comunista chino, tratar de reemplazarlo por alguna otra cosa.

No obstante, no se debe deducir que los estudiantes pretenden un cambio radical del régimen. Son inteligentes, estudian y quieren conseguir un buen trabajo. Pero al igual que sus compañeros de Francia, están muy decepcionados y padecen el conflicto generacional. No toleran el discurso uniforme del partido, aunque éste se muestre dispuesto a introducir reformas en el camino de la liberalización. Debido a que solo un pequeño porcentaje de los estudiantes ha participado en las manifestaciones, mientras que la mayoría trabaja, y que sus métodos inquietan "la estabilidad y unidad" indispensables para dar curso a las reformas, muchos intelectuales jóvenes no coinciden con los recientes hechos.

♦ Actitud oficial

El principal temor de las autoridades es que la protesta estudiantil se extienda a otras capas sociales, lo que explica el arresto de implicados en las manifestaciones que no son estudiantes, y el llamado a la población de respetar la dirección del partido y abstenerse de apoyar a los "factores de intranquilidad". No se descarta que hoy se produzcan nuevos disturbios, ya que los estudiantes se han dado cita en la plaza de Tiananmen, donde se ha prohibido todo tipo de reuniones públicas.

En una conferencia de prensa, el viceministro de la Comisión del Estado Para la Educación, He Dongchang, reconoció que, si bien no era aceptable manifestar en las presentes circunstancias, era posible hacerlo en 'circunstancias especiales'.

Según el funcionario, "en cierto sentido" las demostraciones recientes "no son algo malo" y podrían ayudar a corregir errores y "el grave problema de la burocracia". Dongchang agregó que "es comprensible" que la mayoría de los estudiantes deseen una aceleración en las reformas políticas. Pero es preciso dejar al partido la tarea de la democracia...

♦ Debate interno y moderación

La televisión difundió por primera vez el lunes imágenes de las manifestaciones en Shanghai. Hasta entonces, los chinos interesados en los disturbios debían contentarse con el informe del programa "La voz de América".

Otro signo de tolerancia es la publicación de los nuevos reglamentos para la elección de representantes en las asambleas locales, que en 1987 elegirán a los futuros delegados ante la asamblea nacional popular. Por primera vez, no solo el partido sino también las "organizaciones sociales" y los grupos de individuos, en un mínimo de diez, podrán presentar una lista de candidatos. Gracias a la reforma los electores podrán enfrentarse con diversas opciones, cuando antes solo podían pronunciarse sobre un candidato. Es evidente que el P.C. siempre tendrá la mayoría y que, de un modo u otro, encontrará la forma de pronunciarse en favor o en contra de los demás candidatos. La decisión habría sido tomada el 2 de diciembre, es decir, antes de haberse producido las primeras manifestaciones.

Hasta la fecha los principales dirigentes del país se han abstenido de tomar partido públicamente. De hecho en la actualidad existe un severo debate en el seno de la dirección partidaria, entre quienes prefieren la mano dura y los más moderados. Cada sector busca aprovechar en su favor los episodios recientes: así, los conservadores esperan imponer la opinión de que las reformas demasiado rápidas solo pueden ocasionar disturbios y resucitar fantasmas de antaño. Los reformistas, por el contrario, buscan demostrar que el deseo de cambio es profundo y auténtico y que no se debe contradecirlo, sino canalizarlo.

Hasta hoy la represión ha sido moderada: no fue arrestado ningún estudiante, solo un puñado de agitadores no universitarios. Sin embargo habrá que esperar la vuelta de los estudiantes a las aulas, a mediados de febrero, para constatar la actitud del gobierno. Muchos se preguntan a estas horas si la protesta estudiantil volverá a ser una de las constantes de la vida política en China.



Los estudiantes universitarios reclaman libertad de expresión y de publicación (arriba). La policía procede a desalojar a los jóvenes de la plaza de Tienanmen, donde todos los días se reúnen para formular nuevos pedidos al gobierno central.

PARTES POCO LEGIBLE

01-01

8700603

Sábado 3 de enero de 1987 ♦ LA PRENSA

Piden en China castigos para los agitadores anticomunistas



(Radiofotografía de Reuter)

Estudiantes chinos sostienen un cartel con una leyenda por la cual se convoca a luchar por la libertad y la democracia, mientras son contenidos por efectivos policiales en Pekín

Pekín, 2 (UP) – La prensa oficial de China pidió hoy castigos más severos para los "agitadores anticomunistas", a quienes se acusa de haber hecho demostraciones en favor de la democracia, en el corazón mismo de la capital de la nación.

Sin embargo, los más decididos estudiantes de la Universidad de Pekín, que participaron en marchas que terminaron esta mañana, colocaron pancartas acusando –a su vez– a los dirigentes chinos de no comprender a la juventud.

En un relato publicado en primera página, "El Diario de Pekín" dice que cientos de personas que ayer al mediodía manifestaron durante 20 minutos en la plaza de Tiananmen, gritaron consignas en apoyo del sistema comunista de China, "creyendo que de ese modo burlaban las reglamentaciones vigentes en esos casos".

"Pero entre sus filas había gente que gritaba abajo la tiranía y otras consignas contra los cuatro principios básicos" de la constitución de China: el liderazgo del partido Comunista, la supremacía del pensamiento marxista-leninista-maoísta, la construcción socialista y la dictadura del proletariado.

También señala que un estudiante difundió un mensaje grabado en la plaza de Tiananmen, llamando a participar en las protestas y pidiendo la liberación de "los presos políticos".

El periódico aseveró que los manifestantes, que no pudieron romper un cerco policial en su intento de entrar a la plaza Tiananmen, era "instigados por individuos hostiles al sistema socialista".

Añade que "un pequeño grupo de personas con motivaciones ulteriores" empujaron a los estudiantes a las manifestaciones "incluso llegando a golpear a aquellos que rehusaban participar".

El periódico trascribe declaraciones del secretario general de la Academia de Ciencias Sociales, Wu Jiemin, quien dijo que "los enemigos del sistema socialista son quienes pretenden el caos". Wu pidió "castigos severos" para esas personas.

Pero, el diario dijo que los detenidos durante las protestas, unas 24 en total, según testigos, fueron liberados tras ser "educados".

"Gente vieja"

Mientras tanto cientos de estudiantes estaban hoy congregados en la Universidad de Pekín, leyendo un cartel escrito a mano titulado "carta abierta al líder de China Deng Xiaoping".

Al explicar los motivos de las protestas los estudiantes dicen que "hay gente vieja que trata de aplastarnos".

"Queremos que nuestros dirigentes entiendan a nuestro pueblo. Sabemos que Deng Xiaoping es un excelente jugador de bridge. También debiera ser capaz de elegir dirigentes", dice el texto.

También la radio oficial china acusó hoy a elementos "antisocialistas" de provocar los disturbios de ayer.

Durante el día, cientos de estudiantes se concentraron y manifestaron en la principal plaza de Pekín para pedir reformas democráticas profundas.

Varios estudiantes y otros manifestantes, hasta un total de 24, según algunas fuentes, fueron detenidos por la policía.

Una manifestación posterior, para conseguir la libertad de estos detenidos, duró casi seis horas, hasta bien avanzada la madrugada y recorrió 16 kilómetros desde la Universidad de Beida hasta la plaza de Tiananmen.

Los manifestantes, en número superior a mil, se dispersaron cuando uno de los que habían sido detenidos les aseguró que todos habían sido ya puestos en libertad.

La agencia china Xinhua recogió declaraciones de un residente de Pekín en las que ataca las emisiones en chino de la emisora estadounidense La Voz de América.

Es la segunda vez, en esta ocasión citando el nombre, que en los medios de comunicación chinos se ataca a esa emisora de onda corta cuya audiencia es muy numerosa en el país.

En una reciente nota del gobierno municipal de Pekín se acusó a la emisora de propagar "emisiones inflamatorias" sobre las manifestaciones estudiantiles.

La Prensa 4/1/87

Primera bolsa de valores en Pekín

Pekín (UP) – El primer mercado de valores de la capital de China abrió ayer al público y realizó transacciones por el equivalente de casi 150 millones de dólares, dijeron informes oficiales.

La televisión nacional mostró a ciudadanos apiñándose en los mostradores del nuevo mercado, que ofrece servicios de créditos, préstamos interbancarios, compra-venta de acciones y títulos y consultorías financieras.

Xinhua afirmó que el mercado hizo transacciones por 550 millones de yuan (149 millones de dólares) en el día.

Otras ciudadas abrieron mercados similares el año pasado por primera vez en China desde 1949, como parte de los esfuerzos gubernamentales por estimular la economía alentando a los ciudadanos a invertir sus ahorros en la industria, reduciendo así el uso de fondos estatales para la inversión.

01-01 8700605

La Prensa 4/1/87

Primera bolsa de valores en Pekín

Pekín (UP) – El primer mercado de valores de la capital de China abrió ayer al público y realizó transacciones por el equivalente de casi 150 millones de dólares, dijeron informes oficiales.

La televisión nacional mostró a ciudadanos apiñándose en los mostradores del nuevo mercado, que ofrece servicios de créditos, préstamos interbancarios, compra-venta de acciones y títulos y consultorías financieras.

Xinhua afirmó que el mercado hizo transacciones por 550 millones de yuan (149 millones de dólares) en el día.

Otras ciudades abrieron mercados similares el año pasado por primera vez en China desde 1949, como parte de los esfuerzos gubernamentales por estimular la economía alentando a los ciudadanos a invertir sus ahorros en la industria, reduciendo así el uso de fondos estatales para la inversión.

RPCh

Reiteráronse en Pekín los reclamos por la democracia

LA NACION 06-1-87

PEKIN, 4 (Reuter). – En la Universidad de Pekín reaparecieron hoy carteles ("dazibao") ilegales que urgen a Deng Xiaoping a responder a los reclamos de democracia y llaman a los estudiantes a quemar ejemplares del Diario de Pekín, órgano del Partido Comunista, por la inexactitud de sus informaciones.

Testigos dijeron que había por lo menos tres carteles en la casa de estudios, entre ellos una carta abierta de cuatro páginas dirigida a Deng. Ayer los funcionarios de la universidad arrancaron todos los carteles menos uno.

"Tenemos que escribirle porque no nos quedan otros canales de expresión. Por favor, respóndenos", decía una carta abierta dirigida a Deng y firmada por Guo Jichuan, estudiante del último año de matemáticas.

La carta decía que los estudiantes darían a Deng 10 días para responder antes de decidir sus próximas acciones.

Los estudiantes dijeron que la prensa oficial había distorsionado las noticias sobre las manifestaciones del jueves y del viernes, cuando mil estudiantes recorrieron 15 kilómetros hasta la plaza Tienanmen para reclamar la liberación de por lo menos 24 estudiantes detenidos en la protesta del jueves.

La carta de Guo, leída ávidamente por los estudiantes, dijo que la policía había sido demasiado dura con los estudiantes el jueves. "Nuestras manifestaciones fueron todas ordenadas... Ya han terminado, pero habríamos marchado en vano durante siete horas y media si nuestros reclamos de democracia son distorsionados por los diarios".

Deng y otros miembros del Politburó gobernante se han abstenido de opinar públicamente sobre las marchas, lo que llevó a especular que los dirigentes del Partido Comunista no tienen un criterio unánime al respecto.

"Los diarios deberían informar, no dar opiniones. Hay demasiadas opiniones y demasiada información inexacta, que ha llevado a los ciudadanos de Pekín a oponerse a los estudiantes", decía la carta.

Junto a ella había dos carteles sin firma, uno de los cuales proponía a los estudiantes a asistir a una quema pública de ejemplares del Diario de Pekín mañana por la tarde, debido a su "información distorsionada" sobre las protestas, que estaba separando a los estudiantes de las masas.

El otro acusaba al diario de provocar intranquilidad con su información parcializada y decía que era "la voz de los izquierdistas".

Los estudiantes de la universidad dijeron que probablemente no realizarían más protestas debido a los inminentes exámenes, pero algunos prometieron asistir a la quema del periódico.



Un estudiante emplea una linterna para leer los carteles (Reuter)

Advertencia del PC

PEKIN, 4 (UPI). – El Partido Comunista chino emitió hoy un severo mensaje a dirigentes y funcionarios de toda la nación advirtiendo que aquellos que abusen de su cargo, sean incompetentes o violen la ley enfrentan la remoción o despido y una reducción de salario.

Aunque el partido ha hecho progresos en asegurar que su conducción sea más revolucionaria, joven, mejor educada y más profesional, "una minoría muy pequeña" aún no está debidamente calificada, expresa la circular emitida por el Departamento de Organización del poderoso comité central del partido.

Dirigentes no debidamente calificados son aquellos que son "incompetentes, violan la ley, carecen de cualidades de conducción o abusan de sus cargos para su propio beneficio", señaló el comunicado de cinco puntos difundido por televisión durante el noticioso nacional.

La actuación de funcionarios partidarios y gubernamentales de nivel de distrito y superior será evaluada anualmente por sus subordinados directos y por líderes de las unidades subordinadas mediante voto secreto, añade la circular.

Los funcionarios que "no obtengan el voto favorable de la mayoría serán examinados por autoridades superiores para decidir si deben ser degradados y transferidos", señala más adelante.

RPCC

la capital china

Pekín: estudiantes queman ejemplares del diario oficial

Pekín, 5 (UP) – Más de 300 estudiantes de la Universidad de Pekín quemaron hoy centenares de copias de un periódico oficial que acusó a los manifestantes que están en favor de la democracia de oponerse al comunismo e impulsar la anarquía.

Los estudiantes, enojados por una ola de críticas en los órganos de prensa estatales, se congregaron durante aproximadamente 45 minutos en torno de las dos fogatas hechas con el "Diario de Pekín" y otras publicaciones.

Mientras cantaban "quemen, quemen, quemen el 'Diario de Pekín'", arrojaron petardos y botellas de licor a las llamas, celebrando cada vez que una nueva copia del periódico era lanzada al fuego.

La protesta ocurrió a la hora de almuerzo cerca de un lugar en que se colocan boletines con informaciones universitarias, donde había varios carteles críticos del "Diario de Pekín" y pronunciándose por una mayor democracia y libertad de prensa, que fueron colocados el domingo por la noche y a tempranas horas de hoy.

Uno de los carteles alababa a la radio estadounidense La Voz de América, cuyas informaciones sobre las recientes manifestaciones en pro de la democracia han sido atacadas por la prensa oficial china.

"Esperamos que la situación por la cual La Voz de América es más rápida y más verídica que nuestras propias informaciones cambiará en el futuro", se leía en el cartel.

Acusación

Los estudiantes hicieron blanco de sus protestas al "Diario de Pekín", que hoy acusó a los manifestantes de "usar una falsa democracia capitalista para practicar la anarquía".

También fueron quemadas otras publicaciones, entre ellas el "Diario del Pueblo" del partido Comunista chino.

Desde las ventanas de un dormitorio cercano también fueron arrojados periódicos en llamas, entre los aplausos de 300 a 400 estudiantes.

Los estudiantes del tercer piso de uno de los dormitorios hicieron descender hasta el suelo un letrero hecho con numerosas páginas de periódicos pegadas entre sí sobre las cuales se había escrito con grandes caracteres negros: "Al diablo con el 'Diario de Pekín'".

Las autoridades universitarias no trataron de poner fin a la protesta, pero sí intentaron requisar películas tomadas por periodistas extranjeros.

El artículo de primera página del "Diario de Pekín" en que acusó a los estudiantes de oponerse al comunismo y de apoyar la democracia capitalista fue leído en la televisión nacional.

LA PRENSA 06-1-87

ESTUDIANTES CHINOS

Diarios del P.C., a la hoguera

PEKIN, 5 (Por Jasper Becker, de "The Guardian", especial para Clarín). — Al grito de "fuego, fuego, fuego", trescientos estudiantes chinos quemaron este lunes copias del "Diario del Pueblo" (órgano del Partido Comunista) y de otra publicación oficial, el "Pekín Daily", en señal de protesta por la cobertura periodística que este medio dio sobre sus recientes manifestaciones.

Algunos jóvenes le prendieron fuego a carteles que decían "Diario de Pekín, vete al diablo" y los arrojaron a la calle desde las ventanas de una universidad. Otros hicieron una gran fogata con ediciones de "Bandera Roja", "Diario de Pekín" y demás órganos de prensa del partido.

Pero el medio que mayor indignación despertó entre los estudiantes fue el "Pekín Daily", que sigue encabezando los ataques periodísticos contra los estudiantes.

Este lunes, un espinoso editorial acusaba a los estudiantes de pretender defender tan solo los "cuatro principios básicos" del régimen del Partido Comunista, durante la manifestación del jueves pasado en la Plaza Tiananmen.

El editorial indicaba sin embargo: "No distinguen entre la democracia capitalista y la socialista. En realidad, desean usar al liberalismo burgués para defender el anarquismo. Están envenenados por el liberalismo burgués y enarbolan la bandera roja para oponerse a esta misma insignia", en alusión a un eslogan de la Revolución Cultural.

Los estudiantes, por su parte, acusan al diario de ser "la lengua y garganta" de los "izquierdistas" responsables de la Revolución Cultural.

El "Pekín Daily" recurrió a la autoridad máxima e invocó a Deng Xiaoping, quien en 1980 habría recomendado normas que prohibían la realización de manifestaciones sin autorización y la existencia de publicaciones y organizaciones ilícitas.

El diario continuó culpando a los agitadores "externos" y publicó una nota en primera página sobre Xue de Yuan, el ex estudiante que fue detenido la semana pasada por incitar a sus compañeros universitarios.



Agencia Reuter

Un estudiante de la Universidad de Pekín sostiene una copia en llamas del "Diario de Pekín", ayer, durante una manifestación realizada en el complejo universitario.

Con anterioridad a las protestas, "el señor Xue y otro criminal" vendieron, al parecer, poemas y publicaciones ilícitas que defendían "la libertad y democracia burguesas" e incitaban al "anarquismo".

Xue y sus cómplices son tenidos como responsables de orquestar la propuesta y oponerse "desenfrenadamente a los cuatro principios básicos".

Xue habría pronunciado un discurso en el que habló a favor de la abolición de una norma del partido y de la implantación de un sistema multipartidario.

Las manifestaciones de los estudiantes chinos son demasiado desorganizadas, sin embargo, como para dar crédito a la suposición de que son manipuladas por foráneos.

Al perseguir a gente como Xue —que no es estudiante—, el gobierno estaría tratando de desalentar a los trabajadores de unirse a los jóvenes —que están libres de proceso aparentemente—. Algunos estudiantes de Pekín tenían la esperanza de que los trabajadores —preocupados por el alza de los precios— se unieran a ellos, como ocurrió en Shanghai.

♦ **Ambiciones ingenuas**

Rong Yiren, el principal capitalista de China y con la reputación de ser el hombre más rico del país, se pronunció también en contra de los estudiantes. Opinó que sus ingenuas ambiciones ponen de manifiesto su falta de conocimiento sobre el pasado de la nación.

Yiren declaró para la revista "Outlook": "Participé del movimiento estudiantil cuando estaba equivocado, y también entoné los slogans de democracia y libertad, pero llegué a la conclusión de que la democracia debe ir de la mano del centralismo. Podemos aprender algo de los países capitalistas, pero ello no quiere decir que todo esté bien en estas naciones". Rong Yiren es presidente de la China International Trust & Investment Corporation.

Yiren enfatizó, en otro orden de cosas, el "deber sagrado" que tiene la generación de los mayores de educar a los jóvenes.

Algunos diplomáticos de Occidente estiman que estas protestas reflejan la importancia de la brecha generacional en China. Yiren y los de su generación fueron castigados por todos los cambios políticos, y él mismo fue una de las principales víctimas de la Revolución Cultural.

Los estudiantes chinos pertenecen a la impaciente generación posterior a la Revolución Cultural, educados durante la época del programa de reforma y con grandes expectativas de libertad personal.

Algunos de los agitadores externos —por los que está tan preocupado el gobierno— pertenecerían a la castigada generación de la Revolución Cultural.

Ellos fueron —como grupo más duro y organizado— los que encabezaron el movimiento democrático de la "primavera de Pekín", luego del arresto de "la banda de los cuatro".

Entretanto, el "Diario del pueblo" y demás medios han hecho saber que se realizarán cambios en el sistema. Difundieron de hecho una vieja circular del Comité Central sobre la degradación de jerárquicos no aptos.

La circular precisaba que a partir de ahora la labor de los funcionarios de gobierno y de partido, a nivel de condado y por encima, será evaluada por sus subordinados directos a través de votos secretos. La nota agregaba que aquellos que no obtengan el voto de la mayoría serán examinados por autoridades más altas que decidirán si son degradados o transferidos.

033

La Prensa 04/1/87

Primera bolsa de valores en Pekín

Pekín (UP) – El primer mercado de valores de la capital de China abrió ayer al público y realizó transacciones por el equivalente de casi 150 millones de dólares, dijeron informes oficiales.

La televisión nacional mostró a ciudadanos apiñándose en los mostradores del nuevo mercado, que ofrece servicios de créditos, préstamos interbancarios, compra-venta de acciones y títulos y consultorías financieras.

Xinhua afirmó que el mercado hizo transacciones por 550 millones de yuan (149 millones de dólares) en el día.

Otras ciudadas abrieron mercados similares el año pasado por primera vez en China desde 1949, como parte de los esfuerzos gubernamentales por estimular la economía alentando a los ciudadanos a invertir sus ahorros en la industria, reduciendo así el uso de fondos estatales para la inversión.

Trabajadores se unen a las protestas de los estudiantes en Shanghai

Continuaron por tercer día consecutivo las manifestaciones estudiantiles en demanda de democracia y libertad en la ciudad de Shanghai, la mayor de China. A los jóvenes se unieron en gran cantidad trabajadores preocupados por rumores de aumentos de los precios. No se produjeron incidentes, pero la agencia Nueva China denunció agresiones a policías y perturbación del orden.

SHANGHAI, 21 (Reuter y UPI). — La policía dispersó esta noche a una multitud de miles de personas que se encontraban frente a la municipalidad local y arrestó por lo menos a siete jóvenes, en la tercera jornada consecutiva de intranquilidad estudiantil en demanda de mayor democracia, según indicaron testigos.

Agregaron que unos 200 policías se introdujeron entre la muchedumbre congregada en el principal bulevar costanero junto a la municipalidad y arrestaron a los jóvenes luego de formar un cordón para alejar al gentío.

Por lo menos siete jóvenes fueron llevados a la rastra, aparentemente por instigar a la multitud a desbordar el cordón.

Había decenas de miles de estudiantes y curiosos frente a la municipalidad y en las calles vecinas cuando la policía intervino aproximadamente a las 21.30 (11.30 en la Argentina).

Los testigos revelaron que en cuanto la policía comenzó a introducirse entre la multitud, los estudiantes bajaron los carteles que reclamaban democracia y optaron por retirarse o entremezclarse con los grupos de espectadores.

A la media hora de su intervención, la policía había despejado un área de 300 metros a lo largo de la amplia avenida.

Numerosos policías desarmados provistos de intercomunicadores montaban guardia entre cercas rotas y decenas de bicicletas que cubrían la calzada, mientras gritaban a los jóvenes, encaramados a otras cercas y árboles, que se fueran.

Los estudiantes, apoyados por grupos de trabajadores, se habían congregado frente a la municipalidad para expresar su disconformidad con la respuesta del alcalde, Jiang Zemin, a una lista de reclamos que sus dirigentes habían presentado en una reunión el viernes.

♦ **Demandas rechazadas**

Dijeron que Jiang había rechazado las demandas de mayor democracia y libertad de prensa, aunque aceptó el pedido de que su acción de protesta fuese considerada legal y que su seguridad fuese garantizada.

Los estudiantes sostuvieron que el alcalde había roto su palabra, ya que ayer hubo unos 200 arrestos y la policía había golpeado a una docena de personas.

Las protestas de Shanghai son las mayores de una serie de manifestaciones estudiantiles que han afectado en las últimas semanas a más de una decena de ciudades.

Trabajadores airados por rumores de próximos aumentos de precios se sumaron hoy a decenas de miles de estudiantes que protestaban por presunta "brutalidad policial" en el tercer día de protestas en favor de la democracia en Shangai, la ciudad más grande de China.

Se estima que los estudiantes habrían logrado congregar a entre 30.000 y 50.000 personas, y recibieron hoy el apoyo de gran número de trabajadores de Sanghai, algunos de los cuales expresaron su descontento por rumores sobre aumentos de precios a comienzos del año próximo.



Manifestantes estudiantiles —algunos portando pancartas— se congregaron ayer frente a la municipalidad de Shanghai, China, [illegible] democráticas.

♦ **"Perturban el orden"**

La tensión creció hoy cuando los miles de manifestantes que reclamen reformas democráticas prometieron pasar una "tercera noche en las calles".

Cantando y gritando consignas bajo un colorido mar de pancartas y banderas, marcharon de a 20 en fondo por las arterias que convergen en el edificio municipal, e interrumpieron totalmente el tránsito y se mofaron de las exhortaciones a la dispersión difundidas por un sistema de altavoces.

No menos de 500 policías habían acompañado a los manifestantes y se habían alineado en apretadas filas bajo las columnas corintias del ayuntamiento y a lo largo del bulevar marítimo.

"Manifestantes estudiantiles golpearon en Shanghai a 31 policías y se introdujeron en las oficinas municipales", afirmó la agencia oficial Nueva China citando a un vocero gubernamental de la ciudad.

POCO LEGIBLE

01-01

8700928

U2-

RACH

LA NACIÓN 26-12-86

Reunión de la cúpula militar

PEKIN, 25 (EFE). - La comisión militar central del Partido Comunista chino, el organismo más importante de la estructura militar del país, está reunido en Pekín desde el 11 del actual, informó la agencia oficial Xinhua.

Aunque la agencia no relaciona la reunión con los últimos acontecimientos de orden público, podría interpretarse como un intento de mostrar que el poder militar y el poder político están en buenas relaciones.

Xinhua dijo que se trata de la reunión más numerosa de este organismo desde fines de 1978, año en el que se inició el proceso de reforma económica en el país.

El principal dirigente chino, Deng Xiaoping, presidente de esta comisión, se reunió hoy con varios altos jefes militares.

En la reunión "se discutió la consolidación de la constitución del ejército en la nueva situación", indicó la agencia, que no dio más explicaciones para ampliar el significado de la frase.

Al reunirse con los jefes militares de varias regiones, Deng Xiaoping comentó: "Nuestros jefes militares son realmente mucho más jóvenes", refiriéndose al proceso emprendido desde hace tiempo para reemplazar a los veteranos jefes con gente joven y más preparada.

Los jefes militares se reunieron también con el secretario general del Partido Comunista, el primer ministro y el presidente de la Asamblea Popular Nacional, tres de los políticos de mayor rango en el país en estos momentos.

En una información aparte, la agencia consignó que desde hace más de un año, el Ejército Popular de Liberación (EPL) ha reducido sus efectivos en 410.000 hombres.

En la reunión anterior, Deng Xiaoping anunció el propósito del Gobierno de reducir los efectivos en un millón de soldados, aproximadamente una cuarta parte.

El proceso de reducción de efectivos militares se está desarrollando sin problemas y con un avance destacado, añadió la agencia.

La actual reorganización del ejército chino supone la reducción de los "grandes mandos (o zonas) militares", de once a siete.

8700929

Advertencia oficial a los estudiantes en China

SHANGAI, 25 (Reuter). - Los diarios oficiales, las radios y la televisión chinas intensificaron sus advertencias contra las demostraciones estudiantiles en favor de una mayor democracia, y afirmaron que la ola de protestas podría llevar a la anarquía.

El Diario del Pueblo, órgano del Partido Comunista, trazó paralelos con los acontecimientos de la Revolución Cultural de 1966-76, y dijo que la llamada "gran democracia" había causado confusión y desgracia, especialmente para los estudiantes jóvenes.

"Todo el pueblo, incluidos los estudiantes jóvenes, que se muestran preocupados por la reestructuración política, jamás permitirá que una tragedia histórica semejante se repita bajo ninguna consigna por hermosa que sea", agregó.

El diario dijo que la reforma política sólo podría llevarse a cabo bajo el liderazgo del partido. Agregó que las campañas en favor de la "gran democracia" podrían conducir al anarquismo, con los derechos de las mayorías hollados por un pequeño número de personas ignorantes de la ley y que hacen lo que quieren.

La Revolución Cultural

Mao Tse Tung, quien condujo la revolución comunista de 1949, llevó a cabo en 1966 la Revolución Cultural, de extrema izquierda, durante la cual depuso al presidente Liu Shaoqi y purgó al Gobierno y al partido de sus seguidores.

Radio Estación, de Shangai, la mayor ciudad de China, también criticó las demostraciones en las universidades diciendo que las indisciplinadas movilizaciones estudiantiles podrían llevar a la anarquía.

Un líder estudiantil dijo que las facciones radicalizadas estaban presionando en favor de la realización de una gigantesca demostración en la que participen las 48 instituciones de altos estudios de Shanghai.

Dijo a Reuter que no se había fijado aún una fecha para la reunión debido a que muchos estudiantes universitarios se están preparando para sus exámenes de mitad de año a principios del mes próximo.

El plan radicalizado también es fuertemente atacado por los estudiantes moderados que temen que provoque derramamientos de sangre que podrían contradecir sus objetivos declarados de búsqueda de la democracia y de reformas pacíficas, dijo.

Varios estudiantes anunciaron la noticia de la inminente movilización a los transeúntes de la plaza del Pueblo, escenario de la movilización que contó con la adhesión de 10.000 personas el fin de semana última.

Las autoridades advirtieron que cualquier reunión pública sin autorización oficial sería prohibida y reprimida severamente por la policía.

El gobierno anunció hasta el momento sólo el arresto de dos obreros fabriles que volcaron un automóvil en la plaza el domingo, pero maestros extranjeros dijeron que creían que algunos estudiantes habían sido detenidos.

En un juicio televisado, ambos hombres fueron acusados ayer de provocar desórdenes públicos y de intento de incendio intencional.

La central televisiva de Pekín, realizó esta noche entrevistas con funcionarios del gobierno y un trabajador fabril y ambos se quejaron de que las movilizaciones habían ocasionado inconvenientes a los trabajadores.

Heridos en manifestaciones

PEKIN, 25 (AFP). - Varios enfrentamientos se produjeron hoy entre estudiantes y la policía china frente a la sede de gobierno de la ciudad de Tianjin (nordeste de China), donde se produjeron varios heridos en el curso de manifestaciones que reunieron unas 3000 personas, indicó un testigo de los acontecimientos.

Por su parte, un responsable del gobierno de la ciudad, interrogado por teléfono, desmintió que hubiese enfrentamientos y heridos, pero reconoció que los estudiantes acudieron a manifestar delante de la sede del gobierno y que una delegación se encontraba dentro de los locales "para discutir con las autoridades".

Los incidentes

Los enfrentamientos se produjeron delante del edificio de la gobernación de Tianjin cuando la policía trató de impedir la entrada de los estudiantes al mismo, indicó el testigo en una entrevista telefónica.

Asimismo indicó que había unos 300 policías pero no pudo precisar el número de heridos y si hubo detenciones.

La policía filmó las primeras filas de los manifestantes y las autoridades indicaron que la ley se aplicaría a los responsables de los incidentes.

JORNAL DO BRASIL 28/12/86 — Internacional

Febre de reformas ataca os países do mundo comunista

Silvia S. Costa

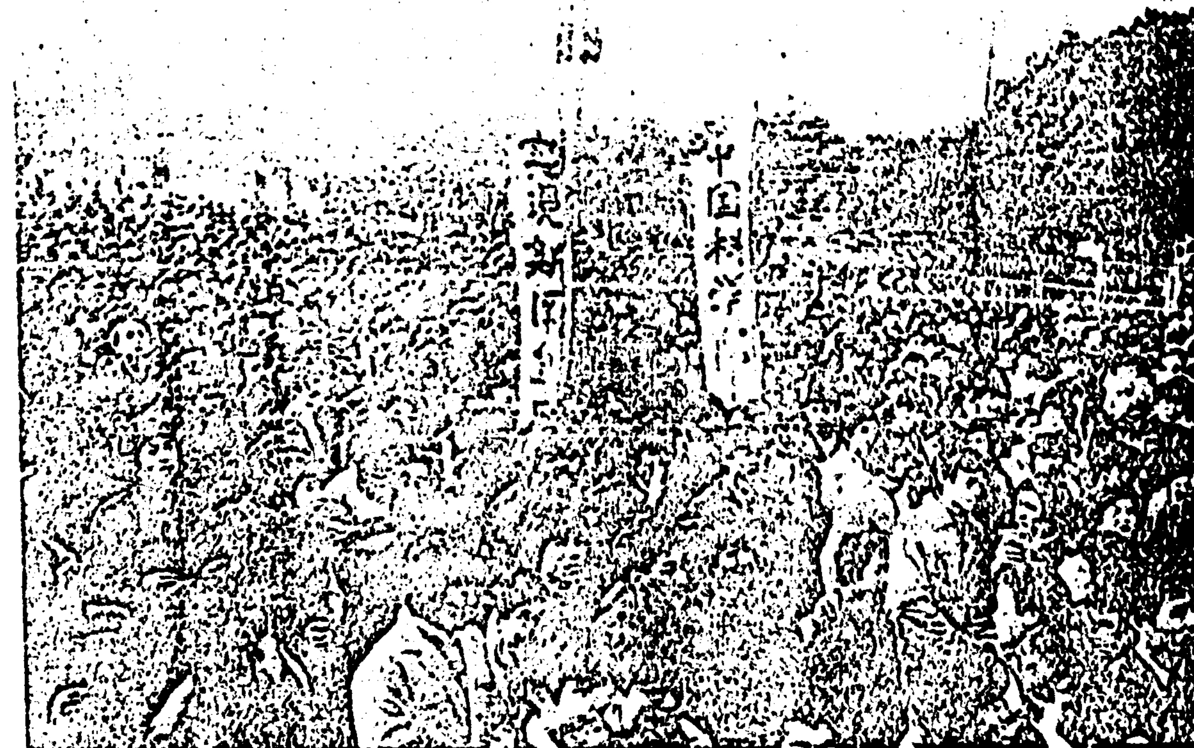
Não há nada de errado com o socialismo, garantem os líderes do mundo comunista, mas vários países que adotaram esse regime — a começar pela própria União Soviética, que abriu a lista de adesões, em 1917 — atravessam uma maré de autocríticas que está surpreendendo e intrigando o Ocidente. Embora os Estados Unidos afirmem que se tratam de mudanças internas sem reflexos, até agora, na política externa, sabe-se que o líder soviético, Mikhail Gorbachev, há 20 meses no poder, deflagrou sua glasnost (abertura) com um olho nos problemas internos e outro na repercussão no exterior.

As mudanças na área econômica e a liberalização no terreno cultural, promovidas por Moscou ao longo deste ano, foram reforçadas agora em dezembro com a permissão para que o físico Andrei Sakharov e sua mulher Yelena Bonner deixassem o exílio em Gorki e retornassem ao seu apartamento da rua Chkalov, na capital soviética. Gorbachev encarregou-se pessoalmente de telefonar para o dissidente para dar a boa notícia.

Sakharov voltou a Moscou depois de sete anos, reassumiu o seu posto no Instituto de Física da Academia de Ciências e retomou as críticas à presença soviética no Afeganistão e à existência de presos políticos em seu país. O chefe do Departamento de Direitos Humanos do Ministério de Relações Exteriores, Yuri Kashlev, garantiu que não há qualquer problema em relação às declarações do dissidente: "Se ele comentar honestamente assuntos internacionais, não será punido.".

Há quem diga que Sakharov só foi libertado para atenuar as reações à morte na prisão de outro dissidente, Anatoly Marchenko. Outros vêem o fim de seu exílio como uma tentativa da nova liderança soviética de remover o símbolo mais visível das violações aos direitos humanos. Mas o próprio Sakharov manifestou seu "grande respeito" por Gorbachev e disse que a imprensa moscovita publica hoje informações que, quando fornecidas por dissidentes nos anos 70, podiam levar à prisão.

O líder soviético marcou pontos ainda ao permitir a saída do país de alguns doentes que precisam de tratamento e ao receber o senador democrata, Gary Hart, candidato a candidato à presidência dos Estados Unidos, e assegurar-lhe que Moscou deseja concluir um acordo de controle de armas com Washington. O fe-



Pequim — AP

Milhares de estudantes saíram às ruas das principais cidades chinesas para pedir reformas

Indochina renova para superar reveses

Barbara Crossette

The New York Times

Bancoc — Para as três nações da Indochina, tem sido um período de introspecção e mudança de liderança. Essas renovações são a marca registrada dos Partidos Comunistas dirigentes, de Moscou a Havana, um reflexo da dificuldade de se motivar sociedades com uma economia centralizada e uma ideologia que, em sua maior parte, não admite heresias. Para o Vietnam, Camboja e Laos, o problema se torna mais exacerbado devido a sérios reveses econômicos.

Em congressos do PC em Hanói, semana passada, e no Laos no mês passado, ouviu-se uma extraordinária cascata de autocríticas.



Arquivo

os burocratas ineptos por criarem má imagem.

A turbulência na Indochina está provocando preocupação em outros lugares — incluindo Moscou, que continua empenhado em manter os aliados à tona. Em Hanói, na semana passada, Yegor Ligachev, um substituto de Mikhail Gorbachev, prometeu duplicar a assistência econômica não-militar ao Vietnã, de cerca de 1 bilhão de dólares para quase 2 bilhões por ano, durante os próximos cinco anos — apesar das queixas soviéticas de que sua ajuda está sendo desperdiçada.

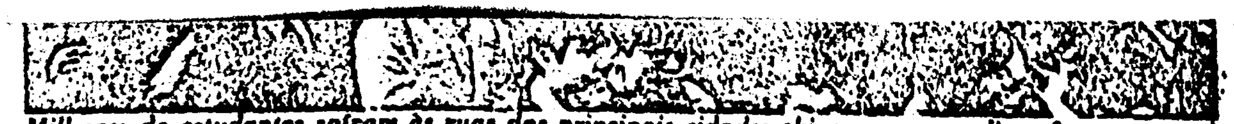
"Moscou atribui grande importância ao Vietnam. Sua integração ao bloco soviético atingiu um ponto sem volta", diz Thai Quang Trung, professor vietnamita que vive em Paris.

"Hanói não pode se permitir fracassar ou

... O chefe do Departamento de Direitos Humanos do Ministério de Relações Exteriores, Yuri Kashlev, garantiu que não há qualquer problema em relação às declarações do dissidente: "Se ele comentar honestamente assuntos internacionais, não será punido.".

Há quem diga que Sakharov só foi libertado para atenuar as reações à morte na prisão de outro dissidente, Anatoly Marchenko. Outros vêem o fim de seu exílio como uma tentativa da nova liderança soviética de remover o símbolo mais visível das violações aos direitos humanos. Mas o próprio Sakharov manifestou seu "grande respeito" por Gorbachev e disse que a imprensa moscovita publica hoje informações que, quando fornecidas por dissidentes nos anos 70, podiam levar à prisão.

O líder soviético marcou pontos ainda ao permitir a saída do país de alguns doentes que precisam de tratamento e ao receber o senador democrata, Gary Hart, candidato a candidato à presidência dos Estados Unidos, e assegurar-lhe que Moscou deseja concluir um acordo de controle de armas com Washington. O fato mais surpreendente, contudo, foi o noticiário sobre os distúrbios estudantis no Cazaquistão, motivados pela substituição do nativo Dinmukhamed Kunayev pelo russo Genadi Kolbin.



Milhares de estudantes saíram às ruas das principais cidades chinesas para pedir reformas

Indochina renova para superar reveses

"Poco Legiblo"

Barbara Crossette
The New York Times

Bancoc — Para as três nações da Indochina, tem sido um período de introspecção e mudança de liderança. Essas renovações são a marca registrada dos Partidos Comunistas dirigentes, de Moscou a Havana, um reflexo da dificuldade de se motivar sociedades com uma economia centralizada e uma ideologia que, em sua maior parte, não admite heresias. Para o Vietnam, Camboja e Laos, o problema se torna mais exacerbado devido a sérios reveses econômicos.

Em congressos do PC em Hanói, semana passada, e no Laos no mês passado, ouviu-se uma extraordinária cascata de autocríticas, expressas nas usuais palavras-chave, como deficiências, erros graves, egoísmo, preguiça e corrupção. O Camboja também reconheceu seus problemas, remanejando sua liderança nas últimas semanas.

No Laos, que, como o Camboja, foi atraído para a órbita de Hanói através da cooperação economica e a presença de tropas e assessores vietnamitas no país, o líder do PC, Kaysone Phomvihan, relacionou 12 áreas — da saúde à manutenção da lei — que necessitam de atenção imediata.

Mas a avaliação mais dura partiu de Truong Chinh, secretário-geral do PC vietnamita, que na semana passada aparentemente perdeu a luta para manter seu cargo. No congresso do partido, ele atacou "fenômenos corruptores na máquina do Estado" e destacou o fracasso em melhorar a economia do Vietnam ou inspirar seu povo, nos quase 12 anos decorridos do fim da "guerra americana".

"Os erros e negligências cometidos pela liderança nos campos econômico e sócio-econômico se originaram da negligência nas atividades do Partido, ideológicas e de organização, e no trabalho dos quadros", disse ele.

Todos os três países se preocupam com a inadequada segurança nacional. O Camboja e o Vietnam, envolvidos numa guerra contra guerrilheiros apoiados pela China, demitiram seus ministros da Defesa. E o Laos, embora procure melhorar as relações com a vizinha Tailândia e, em menor escala, com a China, aumentou o recrutamento militar e tem procurado tornar mais eficientes suas Forças Armadas.

Em meio a críticas e advertências, há apelos por "renovação": melhor administração, contabilidades mais honestas, trabalho mais duro. Os líderes argumentam que nada há de errado com o sistema socialista e culpam os burocratas ineptos por criarem má imagem.

A turbulência na Indochina está provocando preocupação em outros lugares — incluindo Moscou, que continua empenhado em manter os aliados à tona. Em Hanói, na semana passada, Yegor Ligachev, um substituto de Mikhail Gorbachev, prometeu duplicar a assistência econômica não-militar ao Vietnã, de cerca de 1 bilhão de dólares para quase 2 bilhões por ano, durante os próximos cinco anos — apesar das queixas soviéticas de que sua ajuda está sendo desperdiçada.

"Moscou atribui grande importância ao Vietnam. Sua integração ao bloco soviético atingiu um ponto sem volta", diz Thai Quang Trung, professor vietnamita que vive em Paris.

"Hanói não pode se permitir fracassar ou se constituirá num mau exemplo para a região", diz Thai. "Além do mais", acrescentam diplomatas, "Moscou está decidido a impedir que Hanói descambe para o herético pragmatismo econômico da China. O Vietnam é uma valiosa base para as forças soviéticas no Oriente e decisivo para novo impulso diplomático de Moscou no Sudeste Asiático e no Pacífico.

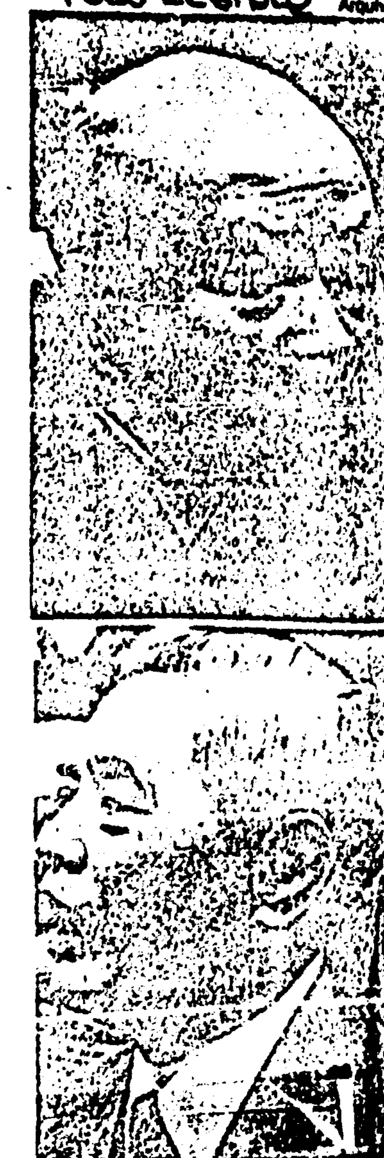
Os problemas da Indochina se tornam mais agudos em contraste com seus vizinhos não comunistas. A brecha entre a Indochina e os membros da Associação de Países do Sudeste Asiático — Tailandia, Filipinas, Malásia, Cingapura, Indonésia e Brunei — continua a aumentar, mesmo numa época de declínio econômico. Um economista da ONU na Tailândia recentemente chamou Vietnam, Laos e Camboja de "novas cestas de lixo do mundo".

Que remédios têm proposto os líderes indochineses ? Observadores que têm estudado os planos laosianos e vietnamitas — o Camboja, mergulhado na guerra civil, é um caso à parte — dizem que os dois países estão empenhados em revitalizar suas economias. Mas os especialistas ressaltam que isso será realizado numa atmosfera de moderação, refreando tanto os radicais que desejam uma marcha mais rápida em direção ao socialismo, através da coletivização, e os pragmatistas, favoráveis às forças do livre mercado.

O planejamento econômico estalinista, que coloca a ênfase na indústria pesada, será abandonado, dizem os líderes vietnamitas. Os esforços serão para aumentar as exportações para fora do bloco socialista e a formação de joint ventures (empreendimentos conjuntos). As autoridades sabem que a juventude inquieta não se comove com apelos ao sacrifício.

"As pessoas suportam qualquer dificuldade em tempo de guerra. Mas numa época de paz, suas exigências se tornam muito grandes" diz um diplomata vietnamita.

Arquivo



O veterano Troung Chinh (alto) foi substituído na chefia do Partido por Nguyen Van Linh

01-02

8700931

Estudantes

Mais do que as informações sobre os protestos e a rapidez com que elas foram divulgadas — algo absolutamente novo na imprensa local —, surpreendeu a revelação de conflitos entre as etnias não-russas e russas, com sua longa tradição de domínio político e cultural do país. Analistas ocidentais afirmam que, ao invés de representar uma perda de controle por parte de Moscou, a divulgação dessas notícias significa uma clara mensagem às demais repúblicas soviéticas para que se "mantenham na linha".

Quase ao mesmo tempo em que os estudantes do Cazaquistão tinham seus protestos anunciados aos quatro cantos do planeta, seus colegas chineses iam às ruas em diversas províncias pedindo mais democracia e liberdade. Desde o fim da Revolução Cultural, em 1976, a China não via manifestações de 50 mil jovens, como ocorreu em Xangai, há uma semana. Diplomatas ocidentais acreditam que o objetivo dos estudantes é pôr à prova a tolerância de Pequim em relação às dissidências e o propalado compromisso do líder Deng Xiaoping com a democratização política e [illegible]

Os jovens chineses pedem melhor alimentação nas cantinas universitárias, redução das taxas escolares, mais iluminação em suas salas e, no caso da Universidade de Pequim, liberdade sexual. Mas a principal causa dos protestos é, sem dúvida, a reivindicação por mais democracia, que eles desejam que se traduza em eleições livres para os vários níveis das administrações locais e regionais. Querem também respeito aos direitos humanos e liberdade de imprensa, tal qual os soviéticos.

O descontentamento da futura elite chinesa, até então insuspeitado pela atual liderança, poderia ter um caráter pró-Ocidental. Só que os manifestantes admitem pouco saber sobre as outras democracias do outro lado do mundo e dizem que ficariam contentes com algumas melhorias na estrutura chinesa de poder, que permite o funcionamento de um único partido político. O movimento estudantil que põe em xeque a abertura de Xiaoping pode beneficiar a ala conservadora do regime, sempre influente e disposta a conter quaisquer inovações.

A febre reformista que vem atingindo mais vigorosamente a União Soviética e a China já provocou efeitos nos demais países socialistas. No início deste mês, o presidente cubano Fidel Castro disse, num acesso de franqueza, que a corrupção e a má administração dos sindicatos, entre outros problemas, impedem que o país atinja suas metas econômicas. No trigésimo aniversário do levante húngaro, em outu-

A luta da imprensa alternativa polonesa

Ricardo Arnt

Desde a implantação do Estado de Guerra, em dezembro de 1981, mais de mil publicações da imprensa underground apareceram na Polônia: jornais, revistas, livros, boletins de circulação periódica, volantes, panfletos, cartas, etc. A diversidade dos títulos, sua pluralidade política e as condições de edição e produção das notícias não têm contrapartida em nenhum regime de corte comunista.

Na República Popular da Polônia, todo tipo de material impresso destinado à distribuição pública é censurado — de obituários a cartões de visita. O Escritório Geral de Imprensa, Publicações e Eventos, em Varsóvia, encarrega-se de impedir que qualquer informação inconveniente ao governo chegue ao conhecimento público. A estrita promoção dos interesses do Partido Comunista na imprensa oficial, sua imediata identificação como voz do Estado, é a maior causa do apoio popular à imprensa clandestina e da multiplicação das publicações independentes, desde 1976.

Entretanto, atingida as dimensões que o fenômeno alcançou na Polônia, as publicações [illegible]

Os leitores da imprensa underground devem estar acostumados a comparar os tipos e técnicas de impressão para detectar falsificações, ainda que os jornais possam mudar de impressão a cada edição para surpreender os falsificadores. Um procedimento de segurança extremo é considerar adulterado, a priori, todo jornal, lê-lo com atenção, comparar os artigos com as tendências conhecidas dos autores e procurar confirmar as informações em outros exemplares. Ler um jornal é, um pouco, decifrar um palimpsesto.

As adulterações e as sabotagens são constantes. No final de 85, na edição nº 53 do Nosso Tempo, jornal da seção clandestina do Sindicato Solidariedade de Gdansk, Lech Walesa fornecia números e avaliações das eleições parlamentares de 13 de outubro de 1985 diferentes daqueles fornecidos aos correspondentes estrangeiros. Toda a edição do jornal tinha sido adulterada.

Em 28 de julho de 1982, apareceram duas versões diferentes do nº 22 do Semanário Mazowsze, de Varsóvia. Uma, continha um apelo da TKK, a Comissão Coordenadora Provisória do Solidariedade, assinado por seus quatro membros. [illegible]

"mantenham sempre à mão um índice de nomes e pseudônimos de jornalistas para checar suas posições e atitudes com escritos anteriores".

Mas a credibilidade não é um bem precioso a ser defendido apenas das ameaças externas. Ela pode ser corroída por dentro. Nas condições de clandestinidade, as informações são precariamente recolhidas. O uso de telefone é arriscado; telex e telegrama muito mais, uma vez que revelam, imediatamente, a identidade do emissor. Em geral, só os maiores jornais da imprensa alternativa dispõem de uma rede de correspondentes espalhada pelo país. As Agências Alternativas de Notícias dão uma contribuição fundamental, mas, via de regra, nem a informação proveniente delas pode ser devidamente checada. Informações de segunda mão, observações parciais, intuições, subjetivismos, conduzem a informações imprecisas, enganos, paranóias e distorções. O número 12 do jornal Solidarność, de Gdansk, explica: "Nós operamos sempre em condições precárias, ameaçados constantemente pela traição, a espionagem e a prisão. Precisamos confiar não só na nossa habilidade e na nossa intuição, mas também na boa vontade dos [illegible]

02-02

Estudantes

"Mais do que as informações sobre os protestos e a rapidez com que elas foram divulgadas — algo absolutamente novo na imprensa local —, surpreendeu a revelação de conflitos entre as etnias não-russas e russas, com sua longa tradição de domínio político e cultural do país. Analistas ocidentais afirmam que, ao invés de representar uma perda de controle por parte de Moscou, a divulgação dessas notícias significa uma clara mensagem às demais repúblicas soviéticas para que se mantenham na linha".

Quase ao mesmo tempo em que os estudantes do Cazaquistão tinham seus protestos anunciados aos quatro cantos do planeta, seus colegas chineses iam às ruas em diversas províncias pedindo mais democracia e liberdade. Desde o fim da Revolução Cultural, em 1976, a China não via manifestações de 50 mil jovens, como ocorreu em Xangai, há uma semana. Diplomatas ocidentais acreditam que o objetivo dos estudantes é pôr à prova a tolerância de Pequim em relação às dissidências e o propalado compromisso do líder Deng Xiaoping com a democratização política e ...

Os jovens chineses pedem melhor alimentação nas cantinas universitárias, redução das taxas escolares, mais iluminação em suas salas e, no caso da Universidade de Pequim, liberdade sexual. Mas a principal causa dos protestos é, sem dúvida, a reivindicação por mais democracia, que eles desejam que se traduza em eleições livres para os vários níveis das administrações locais e regionais. Querem também respeito aos direitos humanos e liberdade de imprensa, tal qual os soviéticos.

O descontentamento da futura elite chinesa, até então insuspeitado pela atual liderança, poderia ter um caráter pró-Ocidental. Só que os manifestantes admitem pouco saber sobre as outras democracias do outro lado do mundo e dizem que ficariam contentes com algumas melhorias na estrutura chinesa de poder, que permite o funcionamento de um único partido político. O movimento estudantil que põe em xeque a abertura de Xiaoping pode beneficiar a ala conservadora do regime, sempre influente e disposta a conter quaisquer inovações.

A febre reformista que vem atingindo mais vigorosamente a União Soviética e a China já provocou efeitos nos demais países socialistas. No início deste mês, o presidente cubano Fidel Castro disse, num acesso de franqueza, que a corrupção e a má administração dos sindicatos, entre outros problemas, impedem que o país atinja suas metas econômicas. No trigésimo aniversário do levante húngaro, em outu-

A luta da imprensa alternativa polonesa

Ricardo Arnt

Desde a implantação do Estado de Guerra, em dezembro de 1981, mais de mil publicações da imprensa underground apareceram na Polônia: jornais, revistas, livros, boletins de circulação periódica, volantes, panfletos, cartas, etc. A diversidade dos títulos, sua pluralidade política e as condições de edição e produção das notícias não têm contrapartida em nenhum regime de corte comunista.

Na República Popular da Polônia, todo tipo de material impresso destinado à distribuição pública é censurado — de obituários a cartões de visita. O Escritório Geral de Imprensa, Publicações e Eventos, em Varsóvia, encarrega-se de impedir que qualquer informação inconveniente ao governo chegue ao conhecimento público. A estrita promoção dos interesses do Partido Comunista na imprensa oficial, sua imediata identificação como voz do Estado, é a maior causa do apoio popular à imprensa clandestina e da multiplicação das publicações independentes, desde 1976.

Entretanto, atingida as dimensões que o fenômeno alcançou na Polônia, as publicações

Os leitores da imprensa underground devem estar acostumados a comparar os tipos e técnicas de impressão para detectar falsificações, ainda que os jornais possam mudar de impressão a cada edição para surpreender os falsificadores. Um procedimento de segurança extremo é considerar adulterado, a priori, todo jornal, lê-lo com atenção, comparar os artigos com as tendências conhecidas dos autores e procurar confirmar as informações em outros exemplares. Ler um jornal é, um pouco, decifrar um palimpsesto.

As adulterações e as sabotagens são constantes. No final de 85, na edição nº 53 do *Nosso Tempo*, jornal da secção clandestina do Sindicato Solidariedade de Gdansk, Lech Walesa fornecia números e avaliações das eleições parlamentares de 13 de outubro de 1985 diferentes daqueles fornecidos aos correspondentes estrangeiros. Toda a edição do jornal tinha sido adulterada.

Em 28 de julho de 1982, apareceram duas versões diferentes do nº 22 do *Semanário Mazowsze*, de Varsóvia. Uma, continha um apelo da TKK, a Comissão Coordenadora Provisória do Solidariedade, assinado por seus

"mantenham sempre à mão um índice de nomes e pseudônimos de jornalistas para checar suas posições e atitudes com escritos anteriores".

Mas a credibilidade não é um bem precioso a ser defendido apenas das ameaças externas. Ela pode ser corroída por dentro. Nas condições de clandestinidade, as informações são precariamente recolhidas. O uso de telefone é arriscado; telex e telegrama muito mais, uma vez que revelam, imediatamente, a identidade do emissor. Em geral, só os maiores jornais da imprensa alternativa dispõem de uma rede de correspondentes espalhada pelo país. As Agências Alternativas de Notícias dão uma contribuição fundamental, mas, via de regra, nem a informação proveniente delas pode ser devidamente checada. Informações de segunda mão, observações parciais, intuições, subjetivismos, conduzem a informações imprecisas, enganos, paranóias e distorções. O número 12 do jornal *Solidarnósc*, de Gdansk, explica: "Nós operamos sempre em condições precárias, ameaçados constantemente pela traição, a espionagem e a prisão. Precisamos confiar não só na nossa habilidade e na nossa

administrações locais e regionais. Querem também respeito aos direitos humanos e liberdade de imprensa, tal qual os soviéticos.

O descontentamento da futura elite chinesa, até então insuspeitado pela atual liderança, poderia ter um caráter pró-Ocidental. Só que os manifestantes admitem pouco saber sobre as outras democracias do outro lado do mundo e dizem que ficariam contentes com algumas melhorias na estrutura chinesa de poder, que permite o funcionamento de um único partido político. O movimento estudantil que põe em xeque a abertura de Xiaoping pode beneficiar a ala conservadora do regime, sempre influente e disposta a conter quaisquer inovações.

A febre reformista que vem atingindo mais vigorosamente a União Soviética e a China já provocou efeitos nos demais países socialistas. No início deste mês, o presidente cubano Fidel Castro disse, num acesso de franqueza, que a corrupção e a má administração dos sindicatos, entre outros problemas, impedem que o país atinja suas metas econômicas. No trigésimo aniversário do levante húngaro, em outubro, 122 pessoas assinaram um documento denunciando a intervenção soviética e pedindo democracia e não foram presas. Na Polônia, a Igreja católica continua desafiando o regime do general Jaruselski, que recentemente anistiou mais de 100 presos políticos.

Essas mudanças já contagiaram até mesmo os três países comunistas da Indochina: Vietnam, Laos e Camboja. No 6º Congresso do Partido Comunista do Vietnam, este mês, o então secretário-geral Truong Chinh admitia a estagnação da economia de seu país. Os dirigentes do Laos reconheceram, no mês passado, que "erros, negligência e corrupção" têm impedido o desenvolvimento. E o governo do Camboja ainda tenta pôr fim à guerra civil que vem destruindo o país desde os anos 70, dividido entre adeptos de uma marcha mais acelerada em direção ao socialismo e pragmáticos favoráveis a uma economia de mercado.

Ricardo Arnt

Desde a implantação do Estado de Guerra, em dezembro de 1981, mais de mil publicações da imprensa *underground* apareceram na Polônia: jornais, revistas, livros, boletins de circulação periódica, volantes, panfletos, cartas, etc. A diversidade dos títulos, sua pluralidade política e as condições de edição e produção das notícias não têm contrapartida em nenhum regime de corte comunista.

Na República Popular da Polônia, todo tipo de material impresso destinado à distribuição pública é censurado — de obituários a cartões de visita. O Escritório Geral de Imprensa, Publicações e Eventos, em Varsóvia, encarrega-se de impedir que qualquer informação inconveniente ao governo chegue ao conhecimento público. A estrita promoção dos interesses do Partido Comunista na imprensa oficial, sua imediata identificação como voz do Estado, é a maior causa do apoio popular à imprensa clandestina e da multiplicação das publicações independentes, desde 1976.

Entretanto, atingida as dimensões que o fenômeno alcançou na Polônia, as publicações *underground* defrontam-se com uma questão crucial para a imprensa, seja ela qual for: credibilidade. Evidência disso é o artigo do jornalista polonês independente Michael Kolodziej, publicado no último número da *East European Reporter* (vol. 2, nº 2), revista editada em Londres especializada na cobertura dos movimentos de oposição no Leste Europeu. Kolodziej considera que a imprensa alternativa polonesa está ameaçada por vários desafios.

O primeiro, naturalmente, é a repressão. O Serviço de Segurança do Estado (SB) está determinado a desmantelar a imprensa clandestina, reduzir sua influência ou sabotá-la. Para isso, vários métodos são usados. A polícia pode produzir textos apócrifos e inseri-los no lugar de textos genuínos de uma edição. Pode produzir uma edição inteira falsa, respeitando os originais, adulterando apenas um ou dois textos. Pode, através de agentes, infiltrar informações falsas que serão erroneamente aproveitadas em edições clandestinas.

Os leitores da imprensa *underground* devem estar acostumados a comparar os tipos e técnicas de impressão para detectar falsificações, ainda que os jornais possam mudar de impressão a cada edição para surpreender os falsificadores. Um procedimento de segurança extremo é considerar adulterado, a priori, todo jornal, lê-lo com atenção, comparar os artigos com as tendências conhecidas dos autores e procurar confirmar as informações em outros exemplares. Ler um jornal é, um pouco, decifrar um palimpsesto.

As adulterações e as sabotagens são constantes. No final de 85, na edição nº 53 do *Nosso Tempo*, jornal da seção clandestina do Sindicato Solidariedade de Gdansk, Lech Walesa fornecia números e avaliações das eleições parlamentares de 13 de outubro de 1985 diferentes daqueles fornecidos aos correspondentes estrangeiros. Toda a edição do jornal tinha sido adulterada.

Em 28 de julho de 1982, apareceram duas versões diferentes do nº 22 do *Semanário Mazowsze*, de Varsóvia. Uma, continha um apelo da TKK, a Comissão Coordenadora Provisória do Solidariedade, assinado por seus quatro membros. Só um leitor informado saberia que, desde o começo daquele mês, a TKK passara a ser composta por cinco membros. O texto adulterado pedia que a população se abstivesse de manifestações de protesto pelo segundo aniversário da vitória das greves de agosto de 1980. A segunda versão trazia, ainda, uma entrevista forjada com Zbigniew Bujak (o líder da TKK preso em maio de 1986), na qual o operário advertia que a opinião pública mundial não estava interessada na desestabilização da Polônia e pedia que os poloneses dessem três meses de crédito para a WRON (a então Junta Militar presidida pelo General Jaruzelski) realizar suas promessas. Falsificações como essa visam gerar suspeita e incompatibilizar grupos e tendências entre si.

Os leitores poloneses também devem atentar para o estilo de cada jornalista. Somente alguns, os que estão na clandestinidade, geralmente, assinam com o nome verdadeiro; a maioria usa um ou vários pseudônimos. Kolodziej chega a recomendar que os leitores "mantenham sempre à mão um índice de nomes e pseudônimos de jornalistas para checar suas posições e atitudes com escritos anteriores".

Mas a credibilidade não é um bem precioso a ser defendido apenas das ameaças externas. Ela pode ser corroída por dentro. Nas condições de clandestinidade, as informações são precariamente recolhidas. O uso de telefone é arriscado; telex e telegrama muito mais, uma vez que revelam, imediatamente, a identidade do emissor. Em geral, só os maiores jornais da imprensa alternativa dispõem de uma rede de correspondentes espalhada pelo país. As Agencias Alternativas de Notícias dão uma contribuição fundamental, mas, via de regra, nem a informação proveniente delas pode ser devidamente checada. Informações de segunda mão, observações parciais, intuições, subjetivismos, conduzem a informações imprecisas, enganos, paranóias e distorções. O número 12 do jornal *Solidarnosc*, de Gdansk, explica: "Nós operamos sempre em condições precárias, ameaçados constantemente pela traição, a espionagem e a prisão. Precisamos confiar não só na nossa habilidade e na nossa intuição, mas também na boa vontade dos nossos informantes, na honestidade e na agudeza da observação deles. E apesar disso, as notícias que publicamos são corretas e as distorções possíveis raras".

Mais perigoso é quando a razão da militância se sobrepõe. Às vezes, admite Kolodziej, "os editores nem sempre querem contar a verdade. Situações afloram em que a verdade não é conveniente para um editor ou para as idéias que ele representa. A verdade que o editor objetivamente conhece poder, assim, estar deliberadamente destorcida". Ou seja, o problema do jornalista continua, paradoxalmente, o mesmo, de braços com o pode ou na clandestinidade, como Kolodziej conclui: "A generalizada falta de confiança na imprensa como um todo só pode ser superada, no caso da imprensa clandestina, se ela aderir rigidamente — até onde for possível — ao estrito princípio de divulgar informações verdadeiras, independente de serem convenientes ou não aos autores e aos editores dos jornais".

D33

RPet

Perla

Estudiantes golpean a policías en Shanghai

SHANGAI. — Manifestantes estudiantiles golpearon a una treintena de policías e irrumpieron en dependencias del gobierno municipal de Shanghai donde este fin de semana hubo grandes protestas en demanda de mayor democracia, dijo hoy lunes 22 la agencia noticiosa "Nueva China".

En su primer despacho sobre las protestas juveniles en la mayor ciudad de China, la agencia agregó que varios miles de estudiantes habían perturbado el orden social, agravando la congestión del tránsito e impedido trabajar a la gente.

"Un pequeño número de personas intenta perturbar la estabilidad y la unidad, desarticular la producción y el orden social aprovechándose del celo patriótico de los estudiantes y sus aspiraciones de democracia y libertad", dijo un vocero municipal citado por la agencia.

Dirigentes estudiantiles acusaron a la Policía de golpear ayer domingo a una decena de manifestantes y de arrestar a unos 200, pero nada dijeron de que estudiantes hubiesen atacado a la Policía.

Aunque la agencia publicó anteriormente declaraciones oficiales acerca de que el pueblo chino tenía el derecho constitucional de manifestar, el despacho de la agencia fue sumamente crítico respecto de las concentraciones de Shanghai.

"Ustedes quieren libertad, pero nos privan de la libertad de ir al trabajo y de volver a casa", dijo, según la agencia, el pasajero de un autobús a los estudiantes, cuyas concentraciones en una avenida principal bloquearon el transporte público.

"Después de la revolución cultural hemos conseguido cierta paz. ¿No es bastante el sufrimiento producido por la revolución cultural?", dijo otro de acuerdo con la aencia.

Anoche, testigos dijeron que la Policía había dispersado a una multitud de varios miles de personas congregadas frente a la municipalidad y arrestado a por lo menos siete jóvenes en la tercera jornada consecutiva de intranquilidad.

Apoyo

También trabajadores, airados por rumores de próximos aumentos de precios, se sumaron ayer a decenas de miles de estudiantes que protestaban por presunta "brutalidad policial" en el tercer día de protestas en favor de la democracia en esta ciudad, la más grande de China.

Se estima que los estudiantes habían congregado entre 30.000 y 50.000 personas.

Al caer la noche, más de 20.000 de los manifestantes se reunieron frente a la Alcaldía, donde una mujer munida de un altavoz los conminó a dispersarse.

Los manifestantes pedían la liberación de unos 200 compañeros, supuestamente detenidos ayer, cuando cientos de policías [illegible] en la Plaza del Pueblo, en el centro de Shanghai.

Al mediodía los estudiantes, cantando y gritando consignas, llevaban banderas con pedidos de libertad y democracia.

Entre los manifestantes estaban unos 500 estudiantes que hicieron una vigilancia nocturna frente a la legislatura local, luego de un marcha realizada ayer para presionar por reformas democráticas, a la que acudieron más de 30.000 estudiantes.

Las manifestaciones de ayer, no autorizadas por el gobierno, fueron las más grandes desde las de 1976, al término de los diez años de la revolución cultural.

La protesta iniciada el viernes 19 en Shanghai, con unos 10.000 estudiantes que llegaron hasta la Alcaldía, es la más importante de las ocurridas en por lo menos seis ciudades de China, incluso en Pekín, en las dos pasadas semanas.

3/1/87

Internacional

China acusa "Voz da América" de incitar protesto estudantil

Pequim — O governo chinês voltou a endurecer o tom de suas críticas ao movimento estudantil, depois de dois dias de protestos na Praça da Paz Celestial (Tiananmen), a principal de Pequim. A agência oficial Nova China (Xinhua) acusou a rádio Voz da América, que pertence ao governo americano, de incentivar os protestos dos estudantes pela democracia e liberdade de expressão. Segundo a Xinhua, um repórter da rádio conclamou os jovens a "não desanimarem".

Da tarde do dia 1º até a madrugada de ontem, cerca de 1 mil estudantes marcharam 16 quilômetros sob intensa neve, do complexo universitário até a Praça Tiananmen, em protesto contra a prisão de 24 colegas durante a manifestação da véspera do Ano Novo.

Ao passar em frente ao complexo Zhongnanhai, onde fica a sede do PC e vários altos funcionários têm seus escritórios, eles cantaram o hino da Internacional Socialista e gritaram slogans como "viva a liberdade" e "viva a democracia". Ontem de manhã o governo anunciou que todos os detidos tinham sido liberados, após "serem advertidos pelo departamento de segurança pública".

O Diário de Pequim afirmou que a manifestação do dia 1º foi "um evento ilegal instigado por elementos anti-socialistas". Segundo o jornal, o protesto "prejudicou o tráfego, causou distúrbios à ordem social e desobedeceu as regulamentações para manter a tranquilidade na praça Tiananmen".

"Uma fita encontrada no bolso de um estudante preso mostrou que o protesto tinha sido planejado, passo a passo", disse a rádio oficial. O Diário de Pequim citou Wu Jiemin, secretário-geral da Academia de Ciências Sociais, segundo o qual os estudantes "devem aumentar a vigilância para não se deixarem enganar por esses elementos". Wu pediu "punição severa" para os inimigos do socialismo.

A agência Nova China atacou duramente a rádio Voz da América, afirmando que "enquanto as autoridades chinesas tomam medidas para educar os estudantes, a Voz da América reproduz declaração de um tal de Stone, dizendo esperar que os jovens não sejam desencorajados". A agência referia-se a comentários do jornalista americano I. F. Stone, transmitidos logo após a marcha que terminou na madrugada de ontem.

Segundo estimativas não oficiais, citadas pela agência UPI, a Voz da América (VOA) é a rádio estrangeira de maior audiência na China, entre 12 e 50 milhões de ouvintes.

Pequim — Reuters



Libertado após 12 horas de detenção, o estudante Zhang Yanxi foi carregado pelos companheiros

Chineses querem reforma mais rápida

Pequim — A maioria dos chineses quer reformas econômicas que melhorem suas oportunidades de trabalho e terminem com o sistema de distribuição de empregos pelo Estado, revelou uma pesquisa feita com 3 mil 300 pessoas de 29 províncias e divulgada pela agência Nova China. Segundo a agência, 41% dos entrevistados disseram que as reformas estão sendo implementadas "lentamente" e 10% que "muito lentamente." Só 21% acham que o ritmo das reformas é "adequado".

Muitos entrevistados, de acordo com a Nova China, expressaram desagrado em relação à distribuição de empregos vitalícios nas empresas estatais: 33% disseram que têm "grande vontade" de mudar de emprego e 27,1% responderam apenas "sim" à mesma pergunta. Só 20% afirmaram não ter vontade de trocar de emprego. Entre os que desejam outro trabalho, a maioria acha que o atual não aproveita todo seu potencial e iniciativa.

Mais de 55% se declararam contra o emprego vitalício e 70% disseram que prefeririam procurar empregos sem a interferência estatal. Entretanto, 55% afirmaram que não trocariam de emprego se lhe oferecessem maior salário em um outro.

Na Universidade de Pequim, a mais prestigiosa da capital chinesa, os estudantes que se reuniram ao redor de vários novos dazibaos (cartazes) pregados perto da cantina, para avaliar as últimas manifestações, afirmaram apoiar o socialismo e as reformas implementadas pela atual liderança chinesa, mas queixaram-se principalmente da falta de canais próprios de comunicação e dos relatos geralmente incompletos e deturpados que a imprensa oficial faz do seu movimento.

Entre os dazibaos, havia uma "carta aberta a Deng Xiaoping" (o líder máximo da China) em que os estudantes pediam dirigentes que os entendam. "Alguns velhos líderes querem nos impedir de falar", dizia o cartaz. "Nós apoiamos Deng Xiaoping e as reformas", disse uma jovem que participou da marcha do dia 1º. "Nós opomos aos conservadores", completou ela.

Outro estudante comentou que "as reformas fizeram bem à China". "Somos contra as coisas que bloqueiam as reformas, como o burocratismo e os privilégios", afirmou ele. Um cartaz criticava duramente o *Diário de Pequim* e a Rádio Pequim por divulgarem notícias sobre as manifestações que os estudantes consideram "falsas". "Não nos opomos ao socialismo; a Faculdade de Direito deveria processar os dois (o jornal e rádio) por essa distorção", dizia o cartaz, referindo-se à acusação de que o protesto foi instigado por "elementos anti-socialistas".

Jerusalém — AFP

8 / 00933

01-01

RPolt

Elogio chino de la libertad económica

Recientemente, la Agencia Oficial Nueva China, con sede en Pekín, emitió un comentario laudatorio a propósito del ejemplo de un cultivador de perlas que había sido capaz de amasar una fortuna a través de su labor personal. Este caso se ubicaba a la cabeza de otros trabajadores de la misma condición a quienes el gobierno chino otorgó libertad para producir y vender. Esta medida se incluye dentro de las actuales reformas económico-políticas resultantes de la [illegible] de un sistema que Mao impuso en su momento y cuya quiebra es más notoria cada vez.

Emerge aquí nuevamente la necesidad de reconocer el valor de la iniciativa individual y el beneficio que resulta del ejercicio de la libertad de producir, comerciar y desarrollar toda industria útil. La concepción marxista condujo a la cancelación de la filosofía de la libertad, que había originado la expansión económica de los tiempos modernos. Gradualmente, el tiempo histórico redescubre los principios que cimentaron la riqueza de las naciones.

A la inversa de las premoniciones agoreras que Marx lanzó con referencia a los regímenes que sustentan la propiedad privada de los medios de producción, parecería que la extensión maoísta del comunismo encontró sus límites en la ineficacia de la propiedad colectiva. Por ello vuelve hoy a reconocer gradualmente el perfil de una necesidad constante: la de afirmar los principios básicos de la libertad económica.

Hace muy pocos días se comentaron en estas columnas los retos que Fidel Castro propinó a su pueblo debido a la ineficiencia productiva. Su llamativa autocrítica denunciaba un estado de cosas, lo que puede ser el punto de partida para revisiones mayores. Comparativamente, el gobierno chino parece estar ubicado en un espacio de mayor avance. La información que comentamos deja traslucir que hay ya un diagnóstico orientado a establecer las causas de la ineficiencia y que insinúa una política de remoción de errores.

Acaso esta reacción se halle vinculada con las raíces culturales de la dialéctica propia de la cultura taoísta, más sutil que la del marxismo, puesto que permite penetrar con profundidad en el necesario juego de los opuestos, que configuran una esencial unidad.

LA NACION 28-12-86

033

RPCh

China: la prensa insta a retornar a las ideas marxistas

Pekin. 8 (UP) – La prensa china advirtio hoy que algunos teoricos están tratando al marxismo con indiferencia y pidieron un renovado enfasis en el entrenamiento ideologico, mientras parecia que las manifestaciones estudiantiles se habian debilitado.

Los comentarios en los diarios son los mas recientes de una serie de editoriales en que se convoca al retorno a los principios marxistas y la oposicion al "liberalismo burgues", descrito como una negacion del socialismo favorecedor del capitalismo.

Diplomaticos occidentales afirmaron que el llamado para un mayor entrenamiento ideologico es apoyado por el lider Deng Xiaoping y otras altas autoridades, quienes temen que los estudiantes que han participado en las recientes manifestaciones en favor de la democracia en China hayan sido "envenenados" con ideas foraneas.

Un comentario de primera pagina en el diario "Guangmig", una publicacion para intelectuales, se quejo de que los teoricos chinos han ignorado el marxismo a favor del pensamiento occidental.

"Aquellos que han utilizado los puntos de vista y metodos del marxismo para explicar los problemas practicos... frecuentemente los han estado ignorando", indico el diario. "Aquellos que venden la filosofia de la burguesia occidental y sus teorias politicas han sido bien venidos".

Sin embargo sostuvo que China no puede cerrar sus puertas a occidente.

Editoriales similares han sido publicadas en el diario de "La Liberacion Armada y Noticias Jovenes de China", recordando a los lectores que "sin la suprema direccion del partido Comunista, China estaria en el caos".

Entretanto la policia de Pekin establecio hoy un estricto control de seguridad en la plaza Tiananmen, en un aparente intento por evitar que manifestantes prodemocracia se reunieran para celebrar el decimo primer aniversario de la muerte del primer ministro Chou Enlai.

LA PRENSA 09-1-87

8700935

01-01

RPCH

Purga en el PC chino

PEKIN, 10 (Reuter). - El destacado científico chino Fang Lizhi fue expulsado del Partido Comunista por su presunto papel en las recientes protestas estudiantiles, informó hoy uno de sus ex alumnos.

El joven confirmó las versiones adelantadas por diplomáticos occidentales en torno de la medida contra Fang, un eminente astrofísico y vicerrector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei, ciudad donde hace un mes comenzaron las demostraciones.

Los estudiantes de por lo menos 12 universidades de todo el país protagonizaron demostraciones para demandar libertad de prensa y democracia.

"Fang está en Pekín bajo vigilancia", dijo el estudiante.

La expulsión de Fang se produjo después de una ola de críticas en la prensa oficial contra miembros del partido a los que se acusó de sabotear el socialismo.

El diario oficial Wen Hui Bao destacó hoy que algunas personalidades prominentes han abogado por la "libertad capitalista".

El periódico agregó que estas figuras predican la occidentalización china y critican al socialismo.

Estudiantes de Shanghai, donde decenas de miles de jóvenes se lanzaron a las calles el mes último, informaron que, antes de las protestas, Fang les había hablado sobre la necesidad de democracia.

01.01 8700936

033

RC#

La Prensa 11/1/87

Victoria oficialista en Taiwán

Taipei (UP) — El oficialista partido Kuomintang conquistó una victoria abrumadora en las elecciones por el control del ente gubernamental más poderoso en Taiwán, el Control Yuan, en comicios caracterizados por violentas manifestaciones.

De las 22 bancas postuladas, el Kuomintang obtuvo 18; el recién formado partido Democrático Progresivo, una, y partidos independientes, tres.

Cientos de miembros del partido Democrático Progresivo realizaron manifestaciones en Taipei, Taichung y Kaoshiung, en un intento por lograr que se anularan los comicios. Según afirmaron, hubo fraude por parte de miembros del Kuomintang.

El Control Yuan supervisa a funcionarios gubernamentales y tiene el poder de enjuiciar a aquellos que estén involucrados en actividades ilegales. Tiene 65 bancas, 51 de ellas en poder del partido oficialista.

Los miembros del ente son elegidos por miembros del Concejo Provincial de Taiwán y de la ciudad de Taipei y Kaoshiung, dos ciudades bajo la jurisdicción directa del gobierno central.

visto

8700937

01-01

033

RPCH

EL FINANCIERO 2-1-87

Detuvieron en Pekín a 15 estudiantes chinos

Pekín (UPI-Reuter) — No menos de 15 estudiantes fueron detenidos ayer por la policía china, durante el transcurso de una marcha de protesta en Pekín.

La manifestación, de algo más de 3000 personas, marchó por el principal paseo pekinés concentrándose entre el Pekín Hotel y la vecina plaza Tiananmen portando cartelones en demanda de libertad de prensa y de más democracia para China, en abierto desafío de una prohibición municipal de realizar protestas no autorizadas.

Al grito de "Viva la libertad" y "Viva la democracia", entre 400 y 500 chinos, la mayoría estudiantes y trabajadores, presionaron al cordón policial que los rodeaba en un intento de alcanzar el monumento a los héroes del pueblo en el centro de la plaza, cerca de donde se encuentra el mausoleo del extinto líder Mao-Tsé-Tung.

La policía introdujo a la fuerza en los vehículos policiales a los estudiantes, mientras otros fueron apresados por agentes de civil entremezclados con la multitud. Un vocero policial informó que los estudiantes no habían sido arrestados sino llevados para someterlos a un periodo de "educación", y que pronto recuperarían la libertad.

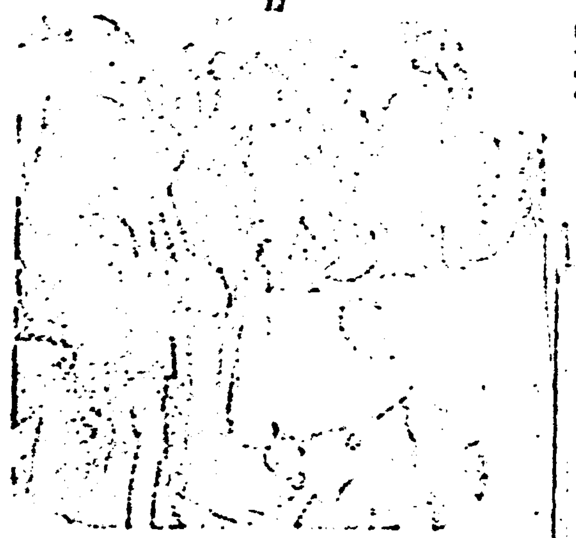
La confrontación con la policía duró cerca de dos horas y cedió hacia finales de la tarde. No obstante los arrestos, los restantes manifestantes estaban exultantes y una advertencia por los altavoces para que se retiraran para no correr peligro de engriparse fue recibida con sonoras carcajadas. Uno de los estudiantes dijo que la finalidad de la protesta era promover los derechos humanos, otro dijo a las líneas policiales: "Ustedes son la policía del pueblo, deberían estar de nuestro lado". Al final, comenzaron a alejarse de la inmensa plaza en medio de una temperatura bajo cero y en plena nevada.

8700938

01 01

057

Estudiantes reclaman de cambios políticos



Estudiantes y trabajadores se reúnen en Pekín para reclamar una serie de cambios políticos.

que, según versiones, formuló un llamado a implantar un sistema político multipartidario.

"El se opone al partido (Comunista) y al socialismo", decía el afiche. "¿El es bueno o es malo? ¿Por qué se opone al partido y al socialismo? ¡Porque él ama a nuestra tierra!", afirmaba más adelante.

La prensa oficial china menciona hoy por primera vez a Nankin como sitio de una gran protesta estudiantil, al tiempo que anuncia reformas electorales en una acción aparentemente encaminada a satisfacer demandas de la juventud descontenta.

La agencia oficial Xinhua, en un despacho publicado en primera plana por los principales diarios, dice que en Nankin "un pequeño número de elementos desenfrenados aprovechó la oportunidad para causar dificultades, perturbando el orden social de la zona". Agrega que los residentes del lugar se sintieron molestos por las actividades estudiantiles y expresaron la esperanza de que los jóvenes "se den cuenta de la importancia de la actual situación de estabilidad y unidad".

Fue la primera versión periodística en mencionar esa ciudad oriental china de 3 millones de habitantes, donde durante seis días consecutivos, hasta ayer, se efectuaron manifestaciones callejeras en favor de la democracia. Acusa a los elementos desenfrenados de dañar automóviles y comercios, golpear a peatones, insultar a las mujeres, pisotear las plantas y dañar los semáforos de tránsito.

Un reportero de AP informó anoche desde Nankin que hasta 5.000 estudiantes y residentes se reunieron en una esquina para participar en un amplio debate sobre la democracia y el futuro de China. La policía no intervino y no hubo incidentes.

8700939

01-01

Sábado 10 de enero de 1987 • LA PRENSA

Pekín anunció que la lucha con Vietnam ha concluido

Bangkok, 9 (UPI) – China anunció hoy que la lucha fronteriza con Vietnam había terminado después de tres días de encuentros armados, que dejaron más de 1.900 soldados muertos, según versiones de ambos bandos.

Tanto Hanoi como Pekín señalaron que sus respectivas fuerzas habían repelido a las tropas invasoras.

"Se ha sabido que el ingreso de tropas vietnamitas fue repelida en la noche del 7 de enero", destacó un vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores de China.

Interrogado si ello significaba que la lucha había terminado, el funcionario respondió afirmativamente.

No dio mayores detalles de los encuentros armados que se iniciaron el lunes, y que constituyeron el más sangriento enfrentamiento militar desde la guerra que sostuvieron en 1979.

Informaciones vietnamitas oficiales señalaron que unidades civiles y fronterizas rechazaron el avance de soldados chinos, en puntos estratégicos en el distrito de Vi Xuyen, en la provincia de Ha Tuyen el martes y miércoles.

Radio Hanoi aseguró que los chinos sufrieron "fuertes derrotas".

Informes contradictorios

"De acuerdo con las estadísticas aún incompletas, nuestras Fuerzas Armadas locales y el pueblo dieron muerte a casi 1.500 soldados enemigos, diezmaron cinco regimientos, destruyeron muchas trincheras, fortificaciones, depósitos de municiones, un buen número de armas enemigas y otro material bélico", dijo la emisora de Hanoi.

En una versión ligeramente diferente, la agencia oficial de noticias de Vietnam aseguró que "casi 1.500 chinos fueron muertos, heridos o capturados".

China proclamó el miércoles que sus tropas habían dado muerte "a 200 vietnamitas y aniquilado una compañía vietnamita, que habitualmente consiste entre 100 y 200 hombres.

Los informes no pudieron ser confirmados en forma independiente. Diplomáticos occidentales puntualizaron que las cifras de bajas dadas por ambos países parecían ser exageradas.

Informes vietnamitas destacaron hoy que China lanzó una ofensiva de artillería durante 12 horas anteayer, disparando más de 60.000 proyectiles de cañón y morteros, en la acción más intensa de esta naturaleza en un solo día en los enfrentamientos fronterizos entre las dos naciones en años recientes.

La Nación 14/1/87

RPCH

Deng no toma en serio al "uno por ciento de la población estudiantil"

Por Mark O'Neill

PEKIN, 13 [illegible] — El líder chino Deng Xiaoping rompió hoy su silencio respecto de las mayores movilizaciones realizadas en el país en la última década, diciendo que las ideas antisocialistas representan una amenaza mayor que miles de estudiantes protestando.

Deng hizo sus primeros comentarios públicos sobre las protestas a Noboru Takeshita, secretario general del Partido Democrático Liberal del Japón (en el gobierno), cuya reunión programada con el jefe del Partido Comunista, Hu Yaobang, fue cancelada.

La cancelación provocó conjeturas en el sentido de que Hu, un protegido de Deng, estaba en apuros políticos, si bien el departamento de coordinación del Partido Comunista dijo a Reuter que Hu no se entrevistaba con visitantes extranjeros porque estaba enfermo.

En Tokio, la agencia de noticias japonesa Kyodo dijo que Deng criticó airadamente a Hu y otros funcionarios por no haber podido evitar que las protestas estudiantiles se extendieran.

Kyodo citó fuentes chinas no identificadas en Pekín y dijo que Hu recibió el reproche más fuerte en una reunión de emergencia a la que también asistieron el primer ministro Zhao Ziyang, el viceprimer ministro Wan Li, y el miembro del Politburó Hu Qili.

Takeshita se entrevistó con Deng en el Gran Salón del Pueblo, en Pekín, y más tarde hizo comentarios a los periodistas.

Dijo que Deng no tomó en serio "al uno por ciento" de la población estudiantil que participó de las demostraciones en varias ciudades de China durante el último mes en reclamo de mayor democracia y libertad de expresión.

"Unas pocas demostraciones protagonizadas por un reducido número de estudiantes no pueden derribar el sistema político chino", dijo, según Takeshita.

"Pero tenemos algunos problemas en el plano ideológico", dijo Deng.

El líder chino expresó que había elementos perniciosos dentro y fuera del partido que provocaron a los estudiantes y que se oponen al liderazgo del partido y al socialismo y abogan por la occidentalización."

Desde 1979, la política de puertas abiertas de China ha llevado a realizar cambios sin precedentes con el mundo exterior, e introdujo nuevas ideas e influencias en todos los terrenos de la vida china.

Las demostraciones estudiantiles reclamaron mayor participación del pueblo en el gobierno y libertad de prensa y de publicación. Muchos de ellos invocaron el modelo de los países occidentales.

La prensa oficial de Deng ha aclarado que estos reclamos son inaceptables, que no se permite ningún desafío al Partido Comunista y que el mismo, por sí solo, decidirá sobre la paz y sobre el grado de democratización.

"Lo importante es que no vamos a cambiar nuestra política. Las movilizaciones no tienen influencia sobre nuestra política de puertas abiertas", dijo Deng.

PARTES POCO LEGIBLE

APCH
Fichaje

Vietnam se acercaría hacia China

El Día 29-12-86

MOSCU. — El viceministro de Relaciones Exteriores de Vietnam, Vo Dong Giang, dijo en una entrevista publicada ayer en el diario "Izvestia" que su país está dispuesto a "hacer todo lo posible" para restaurar relaciones normales con China, y con ese fin pidió conversaciones a cualquier nivel, en cualquier lugar.

Pero Dong no ofreció un retiro de las tropas vietnamitas de Camboya, el principal obstáculo para mejorar las relaciones entre China y Vietnam. Vietnam tiene unos 140.000 soldados en Camboya y, a raíz de su ocupación de ese país, luchó durante cuatro meses con China en 1979.

8700942

01-01

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033

TEMA: PEIPING REAFFIRMS ITS "THREE-SELF" RELIGIOUS POLICY

PROCEDENCIA: Adj. SECRETARIA APTO. II Nº 0138/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE - CHINA (435/B)

01-01 8701125

CHINO

LA NACION 11-1-87

Fichaje

Los protagonistas del relevo

Hu Yaobang, el relevado secretario general del Partido Comunista chino, durante decenios fue un estrecho compañero de lucha del actual hombre fuerte de Pekín, Deng Xiaoping, artífice de su encumbramiento y, ahora, de su ocaso.

La militancia común de Hu y Deng se remonta a la legendaria larga marcha con la que Mao Tse-tung inició la prolongada batalla que culminaría con la proclamación de la República Popular China, en 1949.

A los 71 años Hu ha tenido que ceder la jefatura del PC chino, que cuenta con 44 millones de afiliados, por no poder controlar las recientes manifestaciones estudiantiles en favor de la apertura de una brecha en el cerrado dogmatismo del régimen. Hasta entonces, la estrella de Hu estaba tan alta que nadie dudaba de sus perspectivas para suceder a Deng Xiaoping.

Hijo de campesinos pobres de Liuyang, en la provincia de Hunan, Hu nació en 1915 y a los 20 años ya se encontraba participando activamente en la histórica larga marcha de 1934/35. De aquellos años de guerra data su estrecha relación con Deng, de quien fue su lugarteniente, y también, paradójicamente, con su sucesor, el actual primer ministro Zhao Ziyang.

En 1956 Hu se convirtió en el miembro más joven del poderoso comité central del PC. Sus indudables dotes de mando lo condujeron a la secretaría general del partido en 1980, a la caída de Hua Guofeng, cargo que, pese a la enorme responsabilidad que entraña, no le hizo perder su popularizado sentido del humor y su vivacidad, características infrecuentes en líderes de su talla.



Hu Yaobang (AFP)



Zhao Ziyang (AP)

Una destreza perdida

Sin embargo, la hábil mano de conductor de Hu perdió su destreza en ocasión de las protestas estudiantiles de diciembre, cuando numerosas manifestaciones de universitarios rompieron la monótona calma en trece ciudadades chinas. La ocasión fue aprovechada por los sectores más conservadores del partido para echarse sobre Hu y provocar su caída.

Aunque su experiencia en política exterior era escasa -sólo llegó a visitar Japón, Australia y Nueva Zelanda- y no hablaba ninguna lengua extranjera, Hu se había convertido en abanderado de la apertura de su país hacia el exterior, objetivo que gracias a él quedó impreso en el partido.

Bajo la dirección de Hu, y con el asentimiento nunca explícito de Deng, la prensa oficial china comenzó a debatir abiertamente la posibilidad de introducir reformas en los distintos órdenes de la vida política. Algunos ideólogos del partido llegaron incluso a reclamar el establecimiento de mecanismos de control político. Esto alarmó a la vieja guardia conservadora del partido, que utilizó las protestas universitarias para reclamar mayor disciplina en el seno del partido, estocada que conduciría al decapitamiento político de Hu.

El sucesor

Por su parte, Zhao Ziyang, el primer ministro chino de 67 años al que se le confió interinamente la secretaría general del Partido Comunista, es el arquitecto de las reformas económicas del país, y alcanzó prominencia nacional con su trabajo como gobernador de la provincia de Szechwan.

Considerado menos liberal en asuntos políticos que el depuesto jefe de su partido, Zhao también es un protegido de Deng y se ha convertido en los últimos años en modelo para los jóvenes tecnócratas encargados de los ambiciosos planes de modernización propuestos por Deng.

Zhao, quien ganó reputación como experto agrícola, ha viajado ampliamente durante su gestión como primer ministro y su imagen es la personificación misma de la habilidad para cambiar de un cómodo e inmaculado traje occidental a la tradicional chaqueta de Mao.

Nació en la provincia de Henan, en el seno de una familia de terratenientes y se unió a la Liga de la Juventud Comunista en 1932. Seis años más tarde fue miembro pleno del partido.

Cuando en la década del 50 se desempeñaba como funcionario regional del partido en el sur de China, planificó una virulenta purga en la provincia de Guangdong contra dirigentes acusados de corrupción, vínculos con Taiwán y oposición a la reforma agraria.

En 1957 supervisó una campaña de "rectificación" cuyo costo fue el destierro al área rural de 80.000 funcionarios para ser "aleccionados".

Un "burro" en Cantón

Pero Zhao tampoco escapó a los vaivenes y enconos de la política china, y también resultó víctima de las frecuentes purgas de dirigentes. En 1967 se lo obligó a desfilar por las calles de Cantón con una gorra de burro en su cabeza y entonces nadie dudó de que su carrera política había llegado ya, irremisiblemente, a su fin.

Pero no fue así. Poco después, enarboló duros ataques a los tabúes de la era Mao, como la empresa privada, la libertad de contratación y los incentivos materiales, y su campaña le sirvió para emerger de la desgracia pública.

De 1971 a 1975, como secretario del partido en Mongolia y funcionario en la provincia de Guandong, ganó espacio para su administración agrícola.

En 1976, cuando Deng cayó en desgracia por decisión de los maoístas acérrimos, Zhao pidió públicamente que se dieran a conocer los "delitos" del ahora líder máximo de China, episodio que, evidentemente, Deng no olvidaría.

Como gobernador de Szechwan, la provincia china de mayor población, logró eliminar una virtual hambruna y encaminar la región hacia una época de bonanza mediante el desmantelamiento del sistema comunitario, la restauración de las parcelas privadas, la creación de empresas rurales privadas y la introducción de un bono por méritos.

Entre 1977 y 1980 el aumento de la producción agrícola de la provincia llegó a un [illegible] por ciento y el de la industria, al 81 por ciento.

Con la llegada de Deng al poder, en 1978, Zhao fue promovido en 1980 como miembro del politburó y viceprimer ministro. Seis meses después fue nombrado primer ministro en reemplazo de Hua Guofeng, designado por Mao como sucesor y destituido por Deng.

Zhao ya había retomado su parcela de poder.

(c) LA NACION

870 1281

[illegible] participando activamente en la histórica larga marcha de 1934/35. De aquellos años de guerra data su estrecha relación con Deng, de quien fue su lugarteniente, y también, paradójicamente, con su sucesor, el actual primer ministro Zhao Ziyang.

En 1956 Hu se convirtió en el miembro más joven del poderoso comité central del PC. Sus indudables dotes de mando lo condujeron a la secretaría general del partido en 1980, a la caída de Hua Guofeng, cargo que, pese a la enorme responsabilidad que entraña, no le hizo perder su popularizado sentido del humor y su vivacidad, características infrecuentes en líderes de su talla.

Una destreza perdida

Sin embargo, la hábil mano de conductor de Hu perdió su destreza en ocasión de las protestas estudiantiles de diciembre, cuando numerosas manifestaciones de universitarios rompieron la monótona calma en trece ciudadades chinas. La ocasión fue aprovechada por los sectores más conservadores del partido para echarse sobre Hu y provocar su caída.

Aunque su experiencia en política exterior era escasa -solo llegó a visitar Japón, Australia y Nueva Zelanda- y no hablaba ninguna lengua extranjera, Hu se había convertido en abanderado de la apertura de su país hacia el exterior, objetivo que gracias a él quedó impreso en el partido.

Hu Yaobang (AFP)

Bajo la dirección de Hu, y con el asentimiento nunca explícito de Deng, la prensa oficial china comenzó a debatir abiertamente la posibilidad de introducir reformas en los distintos órdenes de la vida política. Algunos ideólogos del partido llegaron incluso a reclamar el establecimiento de mecanismos de control político. Esto alarmó a la vieja guardia conservadora del partido, que utilizó las protestas universitarias para reclamar mayor disciplina en el seno del partido, estocada que conduciría al decapitamiento político de Hu.

El sucesor

Por su parte, Zhao Ziyang, el primer ministro chino de 67 años al que se le confió interinamente la secretaría general del Partido Comunista, es el arquitecto de las reformas económicas del país, y alcanzó prominencia nacional con su trabajo como gobernador de la provincia de Szechwan.

Zhao Ziyang (AP)

Considerado menos liberal en asuntos políticos que el depuesto jefe de su partido, Zhao también es un protegido de Deng y se ha convertido en los últimos años en modelo para los jóvenes tecnócratas encargados de los ambiciosos planes de modernización propuestos por Deng.

Zhao, quien ganó reputación como experto agrícola, ha viajado ampliamente durante su gestión como primer ministro y su imagen es la personificación misma de la habilidad para cambiar de un cómodo e inmaculado traje occidental a la tradicional chaqueta de Mao.

Nació en la provincia de Henan, en el seno de una familia de terratenientes y se unió a la Liga de la Juventud Comunbista en 1932. Seis años más tarde fue miembro pleno del partido.

Cuando en la década del 50 se desempeñaba como funcionario regional del partido en el sur de China, planificó una virulenta purga en la provincia de Guangdong contra dirigentes acusados de colaboracionismo [?]... partido en Mongolia y funcionario en la provincia de Guandong, ganó espacio para su administración agrícola.

En 1976, cuando Deng cayó en desgracia por decisión de los maoístas acérrimos, Zhao pidió públicamente que se dieran a conocer los "delitos" del ahora líder máximo de China, episodio que, evidentemente, Deng no olvidaría.

Como gobernador de Szechwan, la provincia china de mayor población, logró eliminar una virtual hambruna y encaminar la región hacia una época de bonanza mediante el desmantelamiento del sistema comunitario, la restauración de las parcelas privadas, la creación de empresas rurales privadas y la introducción de un bono por méritos.

Entre 1977 y 1980 el aumento de la producción agrícola de la provincia llegó a un [illegible] por ciento y el de la industria, al 81 por ciento.

Con la llegada de Deng al poder, en 1978, Zhao fue promovido en 1980 como miembro del politburó y viceprimer ministro. Seis meses después fue nombrado primer ministro en reemplazo de Hua Guofeng, designado por Mao como sucesor y destituido por Deng.

Zhao ya había retomado su parcela de poder.

(c) LA NACION

Inusual despliegue de tropas soviéticas en Kabúl

KABUL, 16 (AP). - El ejército soviético desplegó hoy sus contingentes en esta ciudad en número calificado de insólito por diplomáticos occidentales, y sus tropas asumieron posiciones en torno a la estación de radio, zona residencial soviética e intersecciones claves de esta capital.

Se dijo que el emplazamiento de fuerzas es el más intenso de épocas recientes en Kabul, si se exceptúa la reciente llegada de una delegación de alto nivel del Kremlin.

Los movimientos de tropas ocurrieron al segundo día de un alto el fuego declarado por el gobierno y en plena operación de relaciones públicas para lograr algún tipo de reconciliación nacional.

También siguieron a varios días en que los diplomáticos residentes en Kabul dijeron que el ejército soviético había reducido su presencia visible en las calles de la ciudad como parte de los preparativos para la llegada de medio centenar de periodistas extranjeros, que vinieron desde Moscú para una visita vinculada con la campaña de paz del gobierno.

La razón del emplazamiento soviético no se hizo evidente de inmediato.

Diplomáticos basados en Kabul, que declinaron ser identificados, dijeron que los soviéticos podrían temer una operación urbana de las fuerzas musulmanas que combaten el gobierno promoscovita de Afganistán desde abril de 1978.

También los soldados soviéticos toman posiciones en la ciudad para impedir que las distintas facciones desaten entre sí actos de violencia.

Pero los diplomáticos dijeron que los soviéticos también podrían estar preparándose para recibir a invitados extranjeros.

Testigos vieron por lo menos dos docenas de vehículos de transporte blindado de personal en distintos puntos de Kabul.

Un tanque T-62 vigilaba un puente que conduce hacia el distrito residencial en que viven gran número de ciudadanos soviéticos y miembros del partido en el poder, según los informantes.

A lo largo de la calle principal del barrio se vieron vehículos blindados que estaban estacionados en las esquinas, y seis de ellos fueron emplazados en torno a Radio Afganistán durante unas dos horas, de acuerdo a los informes.

Una columna de siete tanques soviéticos entró a la carretera periférica de Kabul, y avanzó hacia el centro de la ciudad, según los testigos.

Gritan contra nuestra Constitución

Prensa oficial de China pide castigos severos para los manifestantes

La prensa oficial de China pidió ayer castigos más severos para los "agitadores anticomunistas", a quienes se acusa de haber hecho una manifestación donde se gritaron consignas contrarias a los cuatro principios básicos de la constitución de China, en el corazón mismo de la capital de la Nación.

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).- A pesar de las amenazas los más decididos estudiantes de la Universidad de Pekín, que participaron en manifestaciones que terminaron ayer de mañana, colocaron pancartas acusando a los dirigentes de China de no comprender a la juventud china.

En un relato publicado en primera página, en diario de Pekín dice que cientos de personas que ayer al mediodía manifestaron durante 20 minutos en la plaza de Tiananmen, gritaron consignas en apoyo del sistema comunista de China "creyendo de ese modo burlaban las regulaciones vigentes en casos de manifestaciones".

"Pero entre sus filas había gente que gritaba abajo la tiranía y otras consignas contra los cuatro principios básicos" de la Constitución de China, el liderazgo del Partido Comunista, la supremacía del pensamiento marxista-leninista-maoísta, la construcción socialista y la dictadura del proletariado.

También dijo que un estudiante difundió un mensaje grabado en la plaza de Tiananmen, llamando a los estudiantes a participar en las protestas y pidiendo la liberación de los "presos políticos".

El periódico aseveró que los manifestantes, que no pudieron romper un cerco policial en su intento de entrar a la plaza de Tiananmen, era "instigados por individuos hostiles al sistema socialista".

Añade que "un pequeño grupo de personas con motivaciones ulteriores" empujaron a los estudiantes a las manifestaciones "incluso llegando a golpear a aquéllos que rehusaban participar".

El periódico transcribe declaraciones del Secretariado General de la Academia de Ciencias Sociales, Wu Jiemin, que dijo que "los enemigos del sistema socialista son quienes pretenden el caos".

Wu pidió "castigos severos" para esas personas.

Pero el periódico dijo que los estudiantes detenidos por la policía durante las protestas, unas 24 en total, según testigos, fueron liberados tras ser "educados".

Mientras tanto cientos de estudiantes estaban ayer congregados en la Universidad de Pekín, leyendo un cartel escrito a mano titulado "Carta abierta al líder de China Deng Xiaoping".

Al explicar el motivo para manifestar, los estudiantes dicen que "hay gente vieja que trata de aplastarnos".

Setenta mil personas recibieron su saludo

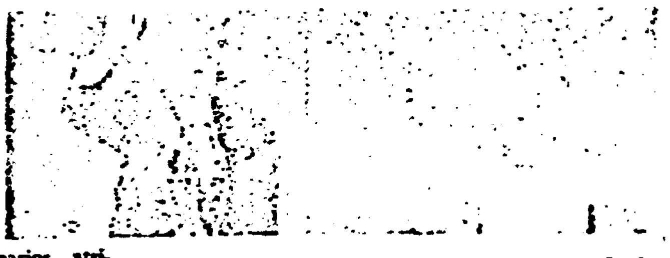
Hirohito realizó su tradicional y única presentación en público

TOKIO, (ANSA, EFE y UPI).- El Emperador Hirohito, el más viejo de los monarcas vivos del Mundo, saludó ayer por año nuevo desde su balcón de cristal a prueba de balas a las personas que se reunieron para presenciar su tradicional y única presentación anual en público.

Funcionarios del Palacio Imperial dijeron que la multitud de este año era casi la mitad de la del 2 de enero del año pasado, una de las pocas oportunidades en que se abren las puertas del solemne palacio para permitir la entrada del público.

El año pasado se congregaron unas 137.000 personas para ver al Emperador.

TOKIO.- El emperador Hirohito y la emperatriz Nagako responden a los saludos de la multitud desde el Palacio Imperial.



Los funcionarios atribuyeron la disminución de asistentes a la temperatura y a la salud del anciano.

El Emperador, de 85 años de edad, parecía cansado pero firme y sonriente cuando saludó y deseó un feliz año a los allí reunidos. Estaba flanqueado por su hijo, el Príncipe Akihito, su nieto, el Príncipe Hido, y su nuera, la Princesa Michiko.

La razón por las escasas presentaciones públicas del anciano Emperador es su avanzada edad, dijeron los funcionarios. La emperatriz Nagako, de 83 años de edad, apareció sólo en dos breves oportunidades en la ceremonia.

El año pasado Hirohito celebró el sesenta aniversario de su reinado, que ha visto atravesar a Japón desde una enorme maquinaria militar hasta una superpotencia económica, pasando por su derrota en la Segunda Guerra Mundial.

El propio Emperador logró cambiar su imagen de la de un Dios viviente a un monarca constitucional. Pero aún sigue siendo el símbolo de su Nación.

CHINO

Dimitió Hu como jefe del PC chino

Admitió haber cometido errores; lo reemplazará el premier Zhao Ziyang

PEKIN, 16 (AP). – El secretario general del Partido Comunista chino, Hu Yaobang, renunció hoy después de reconocer haber cometido errores "en importantes aspectos de principios del partido".

La renuncia fue aceptada por una reunión ampliada del comité político central, que se reunió hoy.

Voceros dijeron que Hu, de 71 años, había sido criticado por el máximo dirigente, Deng Xiaoping, por su manejo de las recientes manifestaciones estudiantiles y de intelectuales pro occidente, ahora en desfavor del partido.

Hu, víctima de la revolución cultural, no había sido visto en público durante casi tres semanas, generando rumores de que tenía problemas políticos. Tampoco estuvo presente en importantes reuniones con dignatarios extranjeros, y funcionarios dijeron que estaba agotado por exceso de trabajo.

En reemplazo de Hu el comité político eligió unánimemente al primer ministro Zhao Ziyang, como secretario del Partido Comunista chino, que cuenta con 44 millones de afiliados.

El comité político, cuerpo principal en la toma de decisiones, dijo que las determinaciones adoptadas sobre Hu y Zhao deberán ser sometidas a la próxima reunión plenaria del Comité central para su confirmación.

Los participantes en la reunión "ofrecieron al camarada Hu Yaobang una crítica seria y cordial, y al mismo tiempo reconocieron sus logros", informó la agencia oficial de noticias Xinhua.

La versión agregó que Hu mantendrá sus puestos como miembro del Politburó y del comité permanente de ese organismo.

La importancia de Deng

PEKIN, 16 (Reuter). – El desplazamiento del jefe del Partido Comunista chino, Hu Yaobang, debilita al dirigente máximo Deng Xiaoping y sus esfuerzos reformadores, manifestaron hoy diplomáticos occidentales.

Explicaron que el episodio plantea interrogantes sobre la capacidad de Deng para garantizar que sus ambiciosos proyectos apuntados a cambiar el rostro de China puedan continuar después de su muerte.

Un comunicado dado a conocer por una reunión ampliada del Politburó expresa que Hu incurrió en errores políticos y diplomáticos. Extranjeros señalaron que las recientes manifestaciones estudiantiles para exigir una democra-

(Continúa en la página 2, col. 1)

LA NACION 17-1-87

DOC. INCOMPLETO

CHINA

ENTRE LA LIBERALIZACION ECONOMICA Y LA HEGEMONIA DEL PARTIDO

Por qué cayó Hu Yaobang

Hay pocas dudas de que la remoción de Hu Yaobang como secretario general del Partido Comunista chino fue un sacrificio transaccional que el número uno Deng Xiaoping debió ofrendar a los "centralistas" del partido, las fuerzas armadas y los aparatos de seguridad (liderados por Peng Zhen, del Comité Permanente del Congreso del Pueblo) para conservar intacta la política de liberalización económica. Sin embargo, la ecuación no se sostiene fácilmente: la liberalización económica no puede realizarse plenamente sin liberalización política; segmentar una política por la mitad constituye un compromiso de [illegible], no necesariamente una respuesta coherente.

Las pruebas están a la vista. Las declaraciones públicas de Hu se diferencian poco de las de Deng, quien recientemente reconoció que "una profunda reforma económica debe ser acompañada por su correspondiente reforma política". Zhao Ziyang, el ex primer ministro quien ahora reemplaza a Hu, difícilmente conforma el arquetipo del "centralista" dogmático y provinciano, a tal punto que los corresponsales extranjeros en China no encuentran nada más notable que marcar que su afición a los trajes de tres piezas, las costumbres occidentales y su impulso económico reformista. Los tres hombres, lo que es más, fueron "purgados" en la época de la Revolución Cultural y es improbable que Deng y Hu, que pasaron 40 años en las mismas trincheras, descubran ahora una repentina incompatibilidad ideológica.

Los informes coinciden en algo: los centralistas venían gestando una revuelta contra Deng desde hace por lo menos seis meses, y las manifestaciones estudiantiles pro democráticas de diciembre precipitaron los acontecimientos. Súbitamente, los periódicos chinos comenzaron a atacar a fines de año las tendencias al liberalismo burgués, por lo que implicaban la posibilidad de elecciones y mecanismos de libre discusión que pudieran cuestionar la realidad del P.C.CH. como partido único. Los reformistas de Deng transitan una delgada línea: el microcapitalismo fragmentado que impulsan tiende a fortalecer una burguesía campesina, que podría empezar a disputar sus derechos políticos; simultáneamente, necesitan liberalizar [illegible] mejor quienes sienten que pueden decidir su destino.

♦ Manifestaciones y crisis

El movimiento estudiantil chino tiene una distinguida historia como vanguardia y palanca de cambios. 1915, 1919 y 1935 marcaron hitos movilizado-



Agencia Reuter

Un grupo de ciudadanos chinos lee el comunicado oficial del Comité Central del Partido Comunista en el que se informa la renuncia del secretario general, Hu Yaobang.

Las manifestaciones de diciembre de 1986 tuvieron un claro paralelo histórico: la Primavera de Pekín, de 1978-1979, que fue impulsada por Deng para afianzar su poder pero que, en definitiva, fue un movimiento que adquirió una dinámica propia y debió ser suprimido por el mismo jefe que lo había lanzado a volar. Wei Jingsheng y otros disidentes —que ahora languidecen en las cárceles— lanzaron un concepto original desde sus diarios murales: se trataba de impulsar la quinta modernización, la democracia, para que el programa de 4 modernizaciones económicas de Deng pudiera tener éxito.

Carcelero y prisionero parecieron coincidir por encima de los años en 1986. Hu, Deng y Zhao hablaron con una sola voz sobre este tema durante el curso del año: la "democracia socialista" definía el cuadrante, y el reclamo no era muy distinto del que había formulado Wei. Cuando las manifestaciones brotaron en Hefei el 5 de diciembre, los líderes chinos y la prensa oficial elogiaron a los estudiantes cálidamente. Fue suficiente, sin embargo, que los estudiantes propagaran su movimiento a Shangai y Pekín (entre diez ciudades más) para que el paternalismo comprensivo se trocara por el áspero vozarrón del Estado.

Aquí conviene reseñar las características del movimiento. Los estudiantes constituyen una elite privilegiada: programas de estudio data de la década del '50, y los disidentes pueden esperar empleos en lugares distantes al finalizar sus carreras.

El movimiento de diciembre tuvo características reformistas. Aunque las consignas eran la libertad y la democracia, se pedía en rigor algunos mecanismos electorales y un fin a la omnipresencia del partido. Adicionalmente, algunos de los estudiantes hicieron a Deng el flaco favor de reivindicar sus políticas de apertura, y algunos carteles de la Universidad de Pekín manifestaron preocupación por la suerte de Deng, Hu y Zhao, reclamando en un momento su aparición en público.

La movilización llegó a su climax a finales de mes. Hubo dos razones: 1) los estudiantes chocaron con la policía, como resultado de su desobediencia a un nuevo edicto gubernamental, requiriendo una autorización seis días por adelantado; 2) se aproximaba el fin de año, y los exámenes de principios de enero.

La efervescencia se extinguió en el frente estudiantil, pero las consecuencias empezaron a verificarse en la política interna del P.C.Ch.

Las expulsiones empezaron poco después. Los primeros en caer fueron Guan Weiyen y Fang Lizhi, quienes fueron separados de sus cargos como rector y vicerrector de la Universidad de Hefei.

En esta cadena de eventos, parecería ingenuo el intento de convertir a Deng en un "hombre en el medio" víctima de las presiones simétricas de los conservadores del partido y los estudiantes liberales. La verdadera filiación de Deng corresponde más bien a la de un centrista que actúa bonapartísticamente: surge de un desequilibrio permanente y maniobra entre fracciones.

Conviene explicar sumariamente este punto. A comienzos de la década, Deng lanzó una orientación cuya genealogía más próxima en el bloque socialista estaba en la Nueva Política económica aplicada por V. I. Lenin y diseñada por Nikolai Bujarin para la Rusia soviética de la posguerra civil. El esquema consistía en permitir la difusión de mecanismos de mercado, acumulación capitalista personal e islotes de microcapitalismo para incentivar a los productores y dinamizar la economía. El peligro es la transformación del instrumento en ente autónomo: los nuevos ricos pueden reclamar poder.

Hace falta una traducción política. La liberación no es lo mismo que la democracia, capitalista o socialista. A la vez, el concepto de democracia socialista no necesariamente significa partido único. El experimento democratizante impulsado por Deng distaba —y dista— de ser democrático por una razón: se impulsaba una reforma desde arriba, pero no se modificaba la pirámide de poder. El P.C.CH. impulsaba la democratización, a condición de que la identidad entre partido y Estado se conservara intacta. Impulsaba, de algún modo, una dictadura benevolente.

Visto desde el ángulo económico se permite la difusión de invernaderos capitalistas, pero no se modifica la propiedad estatal de los medios de producción. El vuelco capitalista que algunos observadores occidentales creen percibir en China constituye una ilusión óptica: se trata de una figura distinta que se dibuja desde el mismo trazado de lápiz.

Aquí se pueden distinguir tres niveles. Uno, central y dominante, es el impulso liberalizador de Deng; otro, de los "centralistas", tiende a la preservación de los antiguos feudos de poder y muestra una novedosa participación militar; un tercero remite a la movilización estudiantil y configura un enigma programático: apoya la "libertad y la democracia" pero no se define sobre las cuestiones clave del partido, el Estado y la propiedad.

China, país atrasado, conoció su primera traducción del Manifiesto Comunista en 1920. Seis décadas y media después, la definición de la sociedad china es un rompecabezas conceptual que no

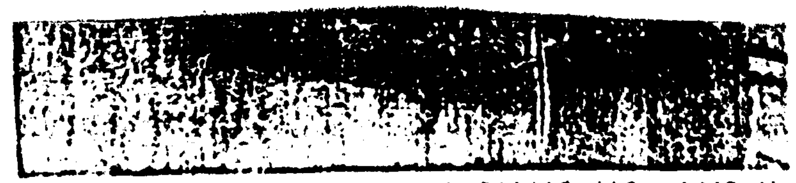
870 R84

... declaraciones públicas de Hu se diferenciaban poco de las de Deng, quien recientemente remarcó que "una profunda reforma económica debe ser acompañada por su correspondiente reforma política". Zhao Ziyang, el ex primer ministro quien ahora reemplaza a Hu, difícilmente conforma el arquetipo del "centralista" dogmático y provinciano a tal punto que los corresponsales extranjeros en China no encuentran nada más notable que mencionar que su afición a los trajes de tres piezas, las costumbres occidentales y su impulso económico reformista. Los tres hombres, lo que es más, fueron "purgados" en la época de la Revolución Cultural y es improbable que Deng y Hu, que pasaron 40 años en las mismas trincheras, descubran ahora una repentina incompatibilidad ideológica.

Los informes coinciden en algo: los centralistas venían gestando una revuelta contra Deng desde hace por lo menos seis meses y las manifestaciones estudiantiles pro democráticas de diciembre precipitaron los acontecimientos. Súbitamente, los periódicos chinos comenzaron a atacar a fines de año las tendencias al liberalismo burgués, por lo que implicaban la posibilidad de elecciones y mecanismos de libre discusión que pudían cuestionar la realidad del P.C.CH como partido único. Los reformistas de Deng transitan una delgada línea: el microcapitalismo fragmentado que impulsan tiende a fortalecer una burguesía campesina, que podría empezar a disputar sus derechos políticos. Simultáneamente, necesitan liberalizar [illegible] mejor quienes sienten que pueden decidir su destino.

- **Manifestaciones y crisis**

El movimiento estudiantil chino tiene una distinguida historia como vanguardia y portavoz de cambios. 1915, 1919 y 1935 marcaron hitos movilizadores contra el imperialismo japonés; Mao Tse-tung, en 1966, reclutó a los estudiantes como los Guardias Rojos de su Revolución Cultural; Deng, en 1976, los lanzó contra la Banda de los 4, que constituía el residuo de aquel experimento político.



Un grupo de ciudadanos chinos lee el comunicado oficial del Comité Central del Partido Comunista en el que se informa la renuncia del secretario general, Hu Yaobang.

Las manifestaciones de diciembre de 1986 tuvieron un claro paralelo histórico: la Primavera de Pekín, de 1978-1979, que fue impulsada por Deng para afianzar su poder pero que, en definitiva, fue un movimiento que adquirió una dinámica propia y debió ser suprimido por el mismo jefe que lo había lanzado a volar. Wei Jingsheng y otros disidentes —que ahora languidecen en las cárceles— lanzaron un concepto original desde sus diarios murales: se trataba de impulsar la quinta modernización, la democracia, para que el programa de 4 modernizaciones económicas de Deng pudiera tener éxito.

Carcelero y prisionero parecieron coincidir por encima de los años en 1986. Hu, Deng y Zhao hablaron con una sola voz sobre este tema durante el curso del año: la "democracia socialista" definía el cuadrante, y el reclamo no era muy distinto del que había formulado Wei. Cuando las manifestaciones brotaron en Hefei el 5 de diciembre, los líderes chinos y la prensa oficial elogiaron a los estudiantes cálidamente. Fue suficiente, sin embargo, que los estudiantes propagaran su movimiento a Shangai y Pekín (entre diez ciudades más) para que el paternalismo comprensivo se trocara por el áspero vozarrón del Estado.

Aquí conviene reseñar las características del movimiento. Los estudiantes constituyen una elite privilegiada en China: sólo hay 2 millones en las 1.061 instituciones de enseñanza terciaria de un país de 1.060 millones de habitantes; el año pasado, sólo un 4 % de los 12,6 millones de egresados secundarios accedieron a la Universidad. La vida universitaria es dura: la mayoría de los programas de estudio data de la década del '50, y los disidentes pueden esperar empleos en lugares distantes al finalizar sus carreras.

El movimiento de diciembre tuvo características reformistas. Aunque las consignas eran la libertad y la democracia, se pedía en rigor algunos mecanismos electorales y un fin a la omnipresencia del partido. Adicionalmente, algunos de los estudiantes hicieron a Deng el flaco favor de reivindicar sus políticas de apertura, y algunos carteles de la Universidad de Pekín manifestaron preocupación por la suerte de Deng, Hu y Ahao, reclamando en un momento su aparición en público.

La movilización llegó a su clímax a finales de mes. Hubo dos razones: 1) los estudiantes chocaron con la policía, como resultado de su desobediencia a un nuevo edicto gubernamental, requiriendo una autorización seis días por adelantado; 2) se aproximaba el fin de año, y los exámenes de principios de enero.

La efervescencia se extinguió en el frente estudiantil, pero las consecuencias empezaron a verificarse en la política interna del P.C.Ch.

Las expulsiones empezaron poco después. Los primeros en caer fueron Guam Weiyen y Fang Lizhi, quienes fueron separados de sus cargos como rector y vicerrector de la Universidad de Hefei.

El 14 del corriente, el P.C.Ch. expulsó de sus filas, bajo la acusación de "liberalismo burgués", al dirigente, escritor y crítico literario Wang Ruowang.

- **Liberalización y democracia**

A pesar de la transparencia de esta de mecanismos de mercado, acumulación capitalista personal e islotes de microcapitalismo para incentivar a los productores y dinamizar la economía. El peligro es la transformación del instrumento en ente autónomo: los nuevos ricos pueden reclamar poder.

Hace falta una traducción política. La liberación no es lo mismo que la democracia, capitalista o socialista. A la vez, el concepto de democracia socialista no necesariamente significa partido único. El experimento democratizante impulsado por Deng distaba —y dista— de ser democrático por una razón: se impulsaba una reforma desde arriba, pero no se modificaba la pirámide de poder. El P.C.CH. impulsaba la democratización, a condición de que la identidad entre partido y Estado se conservara intacta. Impulsaba, de algún modo, una dictadura benevolente.

Visto desde el ángulo económico se permite la difusión de invernaderos capitalistas, pero no se modifica la propiedad estatal de los medios de producción. El vuelco capitalista que algunos observadores occidentales creen percibir en China constituye una ilusión óptica: se trata de una figura distinta que se dibuja desde el mismo trazado de lápiz.

Aquí se pueden distinguir tres niveles. Uno, central y dominante, es el impulso liberalizador de Deng; otro, de los "centralistas", tiende a la preservación de los antiguos feudos de poder y muestra una novedosa participación militar; un tercero remite a la movilización estudiantil y configura un enigma programático: apoya la "libertad y la democracia" pero no se define sobre las cuestiones clave del partido, el Estado y la propiedad.

China, país atrasado, conoció su primera traducción del Manifiesto Comunista en 1920. Seis décadas y media después, la definición de la sociedad china es un rompecabezas conceptual que no responde a los parámetros capitalistas ni a los ideales socialistas. Similarmente, tampoco se sabe si las manifestaciones de diciembre se inscribieron en el horizonte de una revolución política o de una revolución social.

Claudio Uriarte

PARTES ILEGIBLE

01.01

0701284

CHINO

En el Principal Centro Universitario de Pekín Apareció Carta a Deng

El País 5.1.87

PEKIN, 4 (Nota sobre Fuentes de ANSA y EFE) – La protesta estudiantil continúa en las principales ciudades chinas y a pesar de la explícita prohibición de colocar carteles o "dazibaos", hoy en la principal universidad de Pekín apareció una carta abierta al líder chino Denga Xiao Ping.

La mayor parte de los estudiantes chinos, en efecto, apoyan al octogenario Deng y sus reformas, pero quisieran que las mismas fueran más efectivas.

La carta dirigida a Deng, firmada por uno de los líderes estudiantiles, Guo Ji Zhuan, estudiante de matemáticas, también fue enviada a los diarios nacionales, pidiendo su publicación en nombre de "la libertad de prensa".

Después del inicio de las manifestaciones, a principio de diciembre, en las cuales los estudiantes pedían una reforma política más incisiva que la propuesta por el liderazgo de Pekín y una mayor libertad de prensa, la prensa china desató una insistente campaña acusando a los estudiantes de hacerse instrumentar por quienes quieren "destruir el clima de unidad y estabilidad del país".

Por su parte, los estudiantes colocaron junto a la carta para Deng Xiao Ping un ejemplar del "Diario de Pekín" con la crónica de la manifestación difundida por fuentes oficiales, escribiendo arriba, con grandes caracteres: falso.

Un ex estudiante y un obrero fueron detenidos en los últimos días por incitar a manifestaciones ilegales dentro de la actual campaña estudiantil para conseguir más libertad y democracia en China.

01-01 8701285

CHSFD

Tras la remoción de Hu Yaobang

Deng tranquiliza a inversores externos

Pekín (UPI) — El líder Deng Xiaoping, que preside una creciente campaña contra las tendencias capitalistas, dijo ayer que China debe abrir más sus puertas al mundo exterior. Durante sus conversaciones con el primer ministro de Zimbabwe, Robert Mugabe, que se halla de visita en Pekín, Deng también dijo que China había tratado de ir demasiado rápido y que se había esperado demasiado de sus reformas económicas y sociales. "Nuestros objetivos ahora son realistas y prácticos", dijo Deng, según informó la agencia noticiosa oficial Xinhua.

"Los errores de China cometidos hace unos cuantos años se debieron a una velocidad excesiva y a la sobredemanda, sin tener en cuenta las realidades del país", sostuvo. Deng, de 82 años, que ha dirigido una lucha contra el "liberalismo burgués" o influencias capitalistas, defendió su política de abrirse al mundo exterior. "Si hay algunos errores en mejorar nuestra política de puertas abiertas, el principal es que China necesita abrirse más", dijo Deng en un aparente intento por tranquilizar a los inversores extranjeros, preocupados por la perspectiva de nueva inestabilidad en la nación más grande del mundo.

Sin embargo, insistió en que los contactos con otras naciones "de ninguna manera afectarán al sistema socialista de China". Algunos dirigentes de la línea dura del Partido Comunista han culpado a la política de puertas abiertas por el esparcimiento de "ideas capitalistas decadentes" en China.

Ayer también en Pekín se informó que dos personas más fueron arrestadas en conexión con las manifestaciones estudiantiles en pro de la democracia, que se realizaron en por lo menos trece ciudades chinas entre el 5 de diciembre y el 1 de enero.

Los periódicos más importantes de China publicaron ayer notas en primera página condenando al físico Fang Lizhi, un académico liberal que fue expulsado el lunes del Partido Comunista por supuestamente incitar a los estudiantes a que realizaran manifestaciones.

Fang es el segundo intelectual que es expulsado del Partido, como parte de la campaña contra las tendencias capitalistas. El conocido escritor de Shangai Wang Ruowang fue expulsado el 14 de enero.

Algunos analistas creen que Fang fue apoyado por Hu Yaobang, que dimitió como secretario general del Partido Comunista el pasado viernes, tras admitir errores en temas políticos "importantes".

21/1/87 PN

LA HORA 11-1-87

China: confirman disturbios en fábricas

Pekín, (PL). Un alto responsable sindical chino confirmó que recientemente ocurrieron disturbios de carácter antisocialista y prooccidental en algunas fábricas y urgió a la clase obrera a elevar su vigilancia para frustrar tales actos.

En la primera información oficial sobre esos incidentes, el vicepresidente de la Federación Sindical Nacional Luo Gan afirmó que los disturbios fueron rápidamente controlados.

En exposición ante el consejo sindical de la municipalidad capitalina subrayó que los trabajadores rechazan firmemente la "occidentalización total" promovida por una "minoría de gente mala" que pretende imponer el caos en la nación y negar el papel dirigente del Partido Comunista y el carácter socialista del régimen.

Llamó seguidamente a la clase obrera a estar en la vanguardia de la lucha por la afirmación de los principios socialistas básicos y la oposición a las corrientes de "liberalización burguesa" proliferantes en el país y especificó que la prensa y tribunas de los sindicatos están vedadas para los elementos prooccidentales.

D1-01

0701287

ANALIZAN EN CHINA LA SITUACION POLITICA Y LAS REFORMAS ECONOMICAS

Reunión en el más alto nivel del P.C.

El buró político del Partido Comunista chino convocó ayer, con carácter de "urgente", a un plenario de dirigentes de todo el país para analizar la situación interna y nacional luego de las manifestaciones estudiantiles realizadas en demanda de mayores libertades, en noviembre y diciembre últimos. Las autoridades del P.C. chino resolvieron también la expulsión del escritor Wang Rouwang acusado de "debilidad ideológica".

PEKIN, 14 (AFP, EFE y ANSA). — La cúpula del Partido Comunista Chino (P.C.Ch.) resolvió hoy expulsar al escritor y crítico literario Wang Rouwang, acusado de "defender la liberalización burguesa", al tiempo que convocó a una sesión de trabajo para "estudiar la situación" política después de las manifestaciones estudiantiles.

El máximo dirigente chino, Deng Xiaoping, responsabilizó a Wang de promover las ideas capitalistas que dieron origen al movimiento estudiantil y lo acusó de oponerse a los cuatro principios fundamentales del Estado chino: fidelidad a la dirección del partido, al socialismo, al marxismo-leninismo y maoísmo y a la dictadura del proletariado.

Wang es el primer dirigente expulsado del P.C.Ch. desde el comienzo de la crisis política iniciada el 5 de diciembre como consecuencia de las demostraciones estudiantiles en demanda de mayor democracia y libertad. Las revueltas provocaron también la separación de sus cargos del rector y del vicerrector de la Universidad de [illegible], Guan Weiyan y Fang Lizhi, quienes, a diferencia de Wang, no fueron excluidos del partido.

La expulsión del escritor, considerado de tendencia liberal, fue interpretada como la decisión del P.C.Ch. de continuar con su política de reforma económica con mayor disciplina en el terreno ideológico ante el ataque frontal contra el partido a través de las proclamas estudiantiles del último mes.

"No habrá barrida"

Fuentes bien informadas de Pekín aseguraron que "no va a haber barrida de reformistas" pero que "deberán mantener una línea ideológica más firme", descartando así nuevas expulsiones de dirigentes a los que se les imputa "debilidad ideológica".

Otro de los políticos acusados de ser "demasiado débiles" ante las recientes manifestaciones estudiantiles es precisamente el secretario general del Partido Comunista Chino, Hu Yaobang, considerado hasta hace muy poco el número dos del país y probable sucesor del anciano Deng.

En un editorial publicado hoy, el Diario del Pueblo —órgano del P.C.Ch.— se critica a "algunos camaradas" que "se obstinan en defender el liberalismo burgués y se niegan a cambiar de opinión. Obrando así -concluye el artículo-demuestran haber perdido los requisitos necesarios para ser miembros del partido y deben salir de él".

"Sesión de trabajo"

Al margen de la expulsión de Wang, las autoridades del partido resolvieron también convocar a un plenario de dirigentes que comenzó a sesionar esta tarde en la capital china para analizar la situación política interna y nacional luego de las manifestaciones estudiantiles de noviembre y diciembre. La reunión no es la primera desde el comienzo de la crisis: la preceden otras dos del buró político del P.C.Ch. Pero se desarrolla "en un clima típico de la víspera de importantes decisiones", según indica un cable de la agencia noticiosa italiana ANSA.

Desafío al poder de Deng

PEKIN, 14 (Por Jim Mann, de "Los Angeles Times", especial para Clarín). — Hay evidencias crecientes en China de que un grupo de líderes conservadores del Partido Comunista, los aparatos de seguridad y las fuerzas armadas, bajo el liderazgo del veterano dirigente Peng Zhen, han [illegible] un significativo desafío interno a Deng Xiaoping, actual "número uno".

Las fuerzas conservadoras han presionado e inducido al régimen chino a dar un dramático y abrupto golpe de timón. Un indicio: el Partido Comunista, de ahora en [illegible], [illegible] estrictamente como un partido leninista ortodoxo. Otra indicación: todos sus miembros estarán obligados a adherir a la doctrina del partido y a [illegible] están siendo impulsadas por el partido día a día corresponden principalmente a las de Peng Zhen y los conservadores.

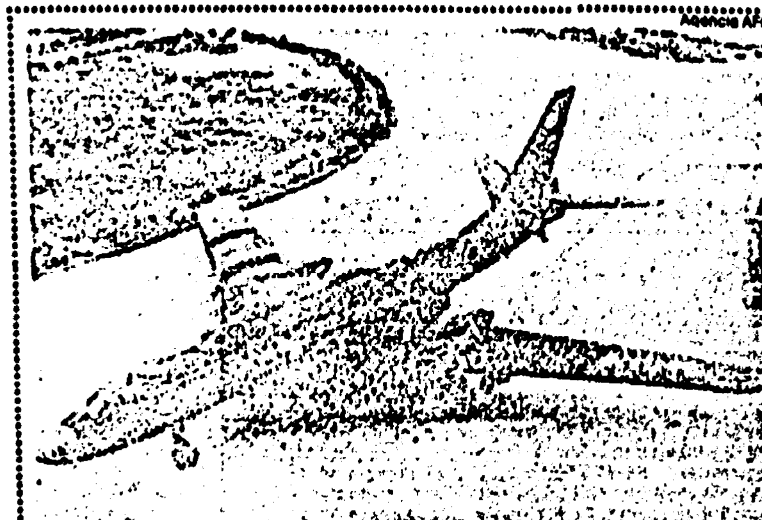
El eje de los combates partidarios internos ha sido nada menos que el futuro político del comunismo chino. Además, los conservadores han cuestionado la noción de que un solo hombre, Deng, deba ser considerado la autoridad suprema en China, diciendo que, en lugar de eso, el partido es el último depositario del poder.

Generalmente, Peng y los conservadores han estado dispuestos a permitir ciertas reformas económicas, pero en tanto y en cuanto no cuestionen la autoridad del partido. Sus creencias, en algunos sentidos, pueden no ser demasiado distintas de las del mismo Deng. [illegible] aparato interno de seguridad y defensa.

El primer signo de lucha interna vino en un discurso de Peng en noviembre que implicó nada menos que un ataque contra el líder chino.

En setiembre pasado, Deng había dicho al jefe del estado polaco, general Wojciech Jaruzelski: "Si tenemos éxito, mostraremos la superioridad del socialismo sobre el capitalismo. Caso contrario, no estaremos capacitados para hablar de la superioridad del socialismo, para no hablar de nuestro ideal de llegar a la etapa de la sociedad comunista".

El 26 de noviembre, en un discurso al Congreso del Pueblo, Peng realizó un ataque feroz contra personas que no nombró y que restan importancia al ideal del comunismo o [illegible]



Agencia AFP

Los nuevos aviones de combate

Uno de los flamantes bombarderos B6-D que la armada de China acaba de desarrollar para incorporar a su flota. La fabricación de estos aviones y de otras naves de combate se inscribe en las recientes medidas adoptadas por las fuerzas armadas chinas a fin de modernizar y ampliar su arsenal bélico, en el marco de las múltiples reformas encaradas también en los sectores económico y financiero.

8701288

PARTES ILEGIBLE

Mann, de "Los Angeles Times", especial para Clarín). — Hay evidencias crecientes en China de que un grupo de líderes conservadores del Partido Comunista, los aparatos de seguridad y las fuerzas armadas, bajo el liderazgo del veterano dirigente Peng Zhen, han [illegible] un significativo desafío interno a Deng Xiaoping, actual "número uno".

Las fuerzas conservadoras han presionado e inducido al régimen chino a dar un dramático y abrupto golpe de timón. Un indicio: el Partido Comunista, de ahora en [illegible], [illegible] estrictamente como un partido leninista ortodoxo, otra indicación: todos sus miembros estarán obligados a adherir a la doctrina del partido y a obedecer las órdenes de la dirección.

Las discusiones de reformistas e intelectuales sobre el derecho a disentir, y sobre la necesidad de un juego de controles y balances sobre el poder del partido, han sido abandonadas. Algunos diarios chinos que el año pasado ventilaron ideas nuevas ahora reciben órdenes de operar nuevamente como órganos propagandísticos convencionales.

Por ahora, sigue Deng

Al parecer, las poderosas fuerzas del conservadorismo están dispuestas por ahora a seguir adelante con Deng en su programa económico reformista de orientación al mercado y su política de puertas abiertas, pero en tanto y en cuanto Deng mantenga bajo control aquellos líderes partidarios que querían descentralizar las operaciones del P.C. chino y dar nuevas libertades a los intelectuales.

Deng sigue siendo el líder chino pero la autoridad de algunos de sus [illegible]ores que buscaban [illegible] reforma política es [illegible]ra materia de duda, y [illegible] línea oficial y las políticas que actualmente es[illegible] por el partido día a día corresponden principalmente a las de Peng Zhen y los conservadores.

El eje de los combates partidarios internos ha sido nada menos que el futuro político del comunismo chino. Además, los conservadores han cuestionado la noción de que un solo hombre, Deng, deba ser considerado la autoridad suprema en China, diciendo que, en lugar de eso, el partido es el último depositario del poder.

Generalmente, Peng y los conservadores han estado dispuestos a permitir ciertas reformas económicas, [illegible] en cuanto no cuestionen la autoridad del partido. Sus creencias, en algunos sentidos, pueden no ser demasiado distintas de las del mismo Deng, quien nunca fue un partidario fuerte de la liberalización política.

Sin embargo, algunos de los principales asesores de Deng, incluyendo al secretario general del partido, Hu Yaobang, y el miembro del Politburó, Hu Qili, quien estaba siendo puesto en la línea de la sucesión, han dicho que las reformas económicas no tendrán éxito si no son acompañadas por cambios políticos significativos que limiten el poder del Partido.

Antecedentes

El desafío contra Deng y los líderes reformistas se montó en los últimos dos meses. La ola reciente de manifestaciones estudiantiles puede haber acelerado las cosas, pero las maniobras intrapartidarias proceden a los desórdenes y se remontan a más de medio año atrás.

El referente a las fuerzas conservadoras ha sido Peng Zhen, el rígido ex alcalde de Pekín que es actualmente presidente del Comité del Congreso Nacional del Pueblo, el Parlamento chino. Bajo el ex presidente Mao Tsé-tung, Peng fue una vez un aliado de Deng, pero actualmente constituye una figura independiente de fuertes vínculos en el [illegible]ridad y defensa.

El primer signo de lucha interna vino en un discurso de Peng en noviembre que implicó nada menos que un ataque contra el líder chino.

En setiembre pasado, Deng había dicho al jefe del estado polaco, general Wojciech Jaruzelski: "Si tenemos éxito, mostraremos la superioridad del socialismo sobre el capitalismo. Caso contrario, no estaremos capacitados para hablar de la superioridad del socialismo, para no hablar de nuestro ideal de llegar a la etapa de la sociedad comunista".

El 26 de noviembre, en un discurso al Congreso del Pueblo, Peng realizó un ataque feroz contra personas que no nombró y que restan importancia al ideal del comunismo o hablan de él como algo que se encuentra en el futuro remoto. En lugar de eso, dijo Peng, el ideal comunista es "una cuestión de importancia inmediata".

"El ideal comunista fue, es y será siempre una fuente de fuerza y un pilar espiritual para nosotros los comunistas y los elementos avanzados", dijo Peng.

También atacó a quienes proponen una democracia del tipo occidental, diciendo que "la democracia en los países capitalistas está más y más a la merced del capital monopólico".

Por último, Peng criticó la moción del "gobierno personal" en China, argumentando que "lo más fundamental e importante es confiar en el sistema".



Los nuevos aviones de combate

Uno de los flamantes bombarderos B6-D que la armada de China acaba de desarrollar para incorporar a su flota. La fabricación de estos aviones y de otras naves de combate se inscribe en las recientes medidas adoptadas por las fuerzas armadas chinas a fin de modernizar y ampliar su arsenal bélico, en el marco de las múltiples reformas encaradas también en los sectores económico y financiero.

0701288

01-01

ANTES

ILEGIBLE

EL PAIS 02-1-87

La República de China Duplicará Compras de Granos en Uruguay

CANELONES (Por Daniel Palma, Corresponsal). — El Embajador de la República de China Nacionalista Henry Wang acompañado por su Sra. esposa y su hija, y por el Consejero de la Embajada, Sr. Rómulo Chang, visitaron el departamento de Canelones, accediendo a una invitación realizada por el Intendente Hackembruch, con el propósito de aumentar las relaciones que se mantienen con ese país, en el ámbito protocolar y comercial.

El Embajador Wang luego de una breve recorrida realizada por la capital canaria expresó su agradecimiento a las autoridades departamentales por la sincera demostración de afecto recibida y destacó su impresión de que Canelones posee un potencial de desarrollo muy importante, justificado en parte por el dinamismo de sus gobernantes.

PROMOCION DE PRODUCTOS

En lo que se refiere a las relaciones comerciales entre nuestro país y China Nacionalista, el Embajador Wang destacó que además de importar corned beef en cantidades que van en aumento (procedentes del departamento de Canelones) y la importación de granos que se espera duplicar para 1990, en el mes de marzo de 1987 se realizará en Taipei auspiciado por el gobierno chino una campaña de promoción de los productos uruguayos considerados no tradicionales, para lo cual se están realizando contactos en nuestro país con diversas industrias del área.

ASISTENCIA TECNICA

Otro de los aspectos sobre los que la Embajada China está actuando como nexo entre su país y el nuestro a través del Ministerio de Agricultura, Ganadería y Pesca, es en lo referente a el aporte de la asistencia técnica necesaria para encarar un proyecto de recuperación de suelos en el departamento canario, destacando a modo de ejemplo la donación realizada recientemente por el gobierno chino a nuestro país de una lancha totalmente equipada para la erradicación de la fiebre aftosa.

Finalmente el Embajador Henry Wang informó al Intendente Hackembruch que su país estará presente oficialmente en la Expo-Atlántida '87, evento que sin lugar a dudas ha de concitar la atención del público que visite la Costa de Oro entre el 23 de enero y el 8 de febrero próximos.

visto

CHINA

ANALISIS

LA MAÑANA 22/1/87

Santiago Rompani

Mao Tse-tung y su sombra



No hace muchos días resté toda importancia a las manifestaciones estudiantiles realizadas, al parecer sorpresivamente, en la China continental. Dije entonces que, a mi parecer, era inexplicable cómo podían filtrarse ideas filocapitalistas en el seno deun estudiantado totalmente absorbido por las directivas del Gobierno, es decir, por las resoluciones del partido, es decir, por las órdenes de su secretario general.

No creo que el secretario general del politburó tenga más importancia que el politburó, del cual no es más que un megáfono. En algún momento se dijo que las manifestaciones estudiantiles que, al parecer, pedían "democracia y libertad", palabras éstas que no sé cómo se tradujeron al chino de modo que pudiera entederlas un adolescent después de medio siglo de régimen totalitario, habían sido, si no promovidas, por lo menos facilitadas por elementos desafectos al secretario general para, hablando mal y pronto, "moverle el piso" y "serrucharle las patas a la silla".

Algo de eso pudo haber. No sólo el secretario sustituto, prontamente designado sobre la aceptación no menos pronta de la renuncia del secretario anterior, explicó por qué éste había sido removido, sino que, además, como parece ser de precepto, el secretario más o menos renunciante confesó sus errores y cantó el "mea culpa" como el más humilde militante de cualquier religión, "opio de los pueblos".

ooOoo

Se ha marcado el acento en dos cosas: primero, en que la responsabilidad del secretario renunciante no afecta en nada la confianza depositada en el anciano líder Deng Kiao-ping; y, segundo, que las reformas de carácter comercial, tecnológico, financiero y económico no se suprimirán, pero que ya no sea alentadas.

Es decir: que Pekín comprará lo que no puede producir, invertirá capitales extranjeros bajo la tutela oficial, venderá aquello contra lo que nadie podrá competir y se valdrá de todos los adelantos técnicos queios funestos capitalistas de Occidente han logrado ya y que en China no se han podido obtener.

La purga no se detiene allí. No será Hu Yao-bang elúnico protervo condenado a las calderas del infierno de la proscripción, sino que también lo será, entre otros, Fang Lizhi, el "Andrei Sajarov de China", Vicerrector de la Universidad de Tecnología y Ciencia Nacional que, al parecer describiera, omnosamente, al sistema comunista como un "feudalismo moderno" y que habría urgido a los estudiantes a que "sacudieran a la sociedad" para exigir más democracia. Recordamos que habían pedido mayores facilidades de ingreso al partido, que cuenta con 44 millones de afiliados, en un país provisto de mil millones de habitantes.

Confieso que me asombra la importancia que la prensa occidental ha conferido al movimiento operado en la "dirigencia" (como horriblemente ahora se dice) de partido del gobierno, es decir, del gobierno de la China comunista.

El partido ha insistido en reaccionar contra los "liberales" injertados en el régimen. Es decir: "volver a Marx y a Lenin". No olvidemos que ellos han insistido siempre en que [illegible] más realistas que cualquier otro rey y, por tanto, másmarxistaleninistas que cualquier otro marxistaleninista. Recordemos que el bien llamado "maoísmo" supuso un "retorno a las fuentes" y representó la radicalización extrema de todas las izquierdas. Si hay algo que sigue vigente, inconmovible y casi sacralizado es el famoso librito rojo de Mao: el catecismo de la religión del Estado totalitario. A saber: "El enemigo no desaparecerá por sí solo", "una revolución es un acto de violencia" y "el sistema socialista terminará por reemplazar al sistema capitalista según una ley objetiva independiente de la voluntad del hombre". "Hay que fortalecer el prato del Estado, principalmente el ejército popular, la policía popular y los tribunales populares", porque, "nuestro Estado es una dictadura", arego yo, no ha dejado de serlo.

ooOoo

Estoy proponiendo un ejercicio de memoria, no u programa de acción. La pureza de nuestras convicciones propias de lo que ellos, "los otros", llaman despecivamente "democracia libera capitalista y burguesa" no debe impelernos a privarnos de todo contacto pecaminoso con regímenes distintos a los nuestros. Sería lo mismo que imitar a Robinson Crusoe. O al señor aquel que bebía agua destilada, porque es el agua más pura, pero es la única que no sirve para beber.

Pekín mantiene intata su política interior. Y también su política exterior: sabido es que ninguna gracia le causa tener tan cerquita a sus cofrades de la Unión Soviética, en la frontera siberiana, en la guerra de Afganistán y en la agreión constante de Vetnam a Kampuchea, el Cambodge de mis estudios escolares.

Cada maestro con su librito y cada uno con el sayo que le caiga en suerte. No sólo de pan vive el hombre. Pero comienza por vivir de pan. Para aprender a nadar hay que empezar por tirarse al agua. Y desués, veremos.

CHINO

LA NACION 9.1.87

Continúa la purga en Pekín

PEKIN, 19 (UPI). - El nuevo jefe del Partido Comunista, Zhao Ziyang, dijo que su antecesor, Hu Yaobang, era muy "blando" hacia las tendencias capitalistas y que trató de llevar a cabo las reformas liberales demasiado rápido, dijeron hoy fuentes de Europa oriental.

Al mismo tiempo, en una creciente campaña contra las tendencias capitalistas, el partido anunció la expulsión del académico Fang Lizhi por incitar las protestas estudiantiles democráticasque se realizaron en 12 ciudades.

La campaña eliminó ya al secretario general Hu Yaobang, quien entregó el viernes su cargo al primer ministro Zhao Ziyang, tras admitir errores sobre importantes temas políticos, según un comunicado del PC.

No hubo detalles públicos sobre los errores de Hu, pero las fuentes dijeron que Zhao lo acusó de oponerse a la política de Deng Xiaoping desde que ocupó el cargo en 1980.

Indicaron que Zhao, quien retuvo el cargo de primer ministro, hizo sus comentarios en una reunión, ayer en Pekín, con Havasi Ferenc, dirigente del Partido Socialista de los Trabajadores de Hungría.

Zhao dijo que Hu, aliado de Deng por cuatro décadas y considerado su probable sucesor, quería ir mucho más lejos que Deng en la implementación de reformas, dijeron las fuentes.

Las fuentes dijeron que Zhao acusó a Hu de ser muy suave con el liberalismo burgués, una frase dedicada a las tendencias capitalistas a las que se atribuye oficialmente la causa de las protestas estudiantiles." Varios analistas creen que Hu apoyaba al físico Fang Lizhi, cuya expulsión se anunció hoy.

Purga

PEKIN. - El físico Fang Lizhi, conocido entre los estudiantes como "el Andrei Sakharov de China," describió al sistema comunista como un feudalismo moderno y urgió a los estudiantes a que sacudan a la sociedad para exigir más democracia, informó hoy la prensa oficialista.

La agencia de noticias Kinhua dijo que Fang, de 51 años, fue expulsado del Partido Comunista chino el sábado por defender el capitalismo e incitar a los estudiantes a que realizaran manifestaciones en por lo menos 13 ciudades entre el 5 de diciembre y el 1 de enero.

01-01 8701291

Salió lana y pescado a varios destinos

Embarcaron tabaco nacional para República de China

LA MAÑANA 5/1/85

Los productos que lograron mayor volumen, en las exportaciones por vía marítima durante la semana que pasó, fueron la lana y el pescado, concretándose también, buenos embarques de otros productos, como el de 200 tons. de tabaco nacional, para la República de China.

Con las lanas se superaron las 1.800 tons. que en muy diversos tipos, se embarcó para puertos del Reino Unido, continente, Mediterráneo, EE.UU., China, Corea y Japón.

Con respecto a los embarques de pescado, se superaron con ellos las 1.700 tons. y estuvieron dirigidos a EE.UU., Israel, España, Australia, Reino Unido y Le Havre.

Con la carne, los embarques concretados estuvieron en el orden de las 660 tons. que salieron para puertos del Norte europeo, y los de cornef beef, que alcanzaron las 171 tons. cargados para puertos del Reino Unidos y EE.UU.

Se produjeron, además del ya mencionado embarque de tabaco para China, buenas partidas de diversos productos no tradicionales, como zapatos, textiles, velcro, recortes de cuero, azulejos, y accesorios para baño, para EE.UU. destacando que respecto a los azulejos, hubo también partidas para el Reino Unido e Israel, país este último para donde salieron también frazadas y harina de pescado.

Pequeñas partidas de ágatas y amatistas para China y Europa, vinos para Kobe, caseína para Le Havre, granito para oriente e Italia, uvas y glicerina para el Norte de Europa.

LLEGA PAPA DE CANADA

Se produce el arribo del buque JAMES, agenciado por Universal Shipping, con una nueva partida de papas, esta vez de 3.200 tons. procedente de Canadá.

Damos a continuación, el detalle, por buque del movimiento portuario.

NORTE DE EUROPA

ESTRELLA DEL MAR. De MONTEMAR S.A. agenciado por Latinoamericana S.A. lleva para el Reino Unido 740 tons. de diversos tipos de lanas, a Rotterdam 1 ton. de efectos personales y 37 tons. de carne sin hueso, Bremen 28 tons. de lana y finalmente para Vigo 16 tons. de mondongo y 300 tons. de pescado.

CMB MEMLING. Agenciado por Schandy S.A. lleva para el puerto de Rotterdam 1 contenedor con uvas,, y 2 más con carne, Hamburgo 1 contenedor con cueros, 1 con cueros, lana y efectos personales, 10 contenedores con carne, y 2 con pescado, Bremen 4 contenedores con lana y 3 con pescado, y para Amberes 1 contendor con glicerina y 2 más con lana.

Por A. Mitrano lleva para Le Havre 25 tons. de caseína, tejidos de lana y 3 automóviles antiguos (1927, 30 y 48), para Flushing vía Rotterdam 17 tons. de lana sucia. Hamburgo 10 tons. de tejidos de lana y cueros lanares, Bremen 50 tons. de lana lavada y tops, además de 19 tons. de pulmones vacunos congelados, y para Le Havre 70 tons. de pescado carne congelada.

Por Briss Lines (Houlder - J. R. Williams) con destino a Tilbury, lleva 6 tons.de cueros curtidos, 97 tons. de lana sucia, 23 tons. de azulejos, 143 tons. de corned beef, 112 tons de pescado y 194 tons. de carne congelada.

Por Piñón, Sáenz y Vidal lleva para Bremen 68 tons. de lana tops y cueros curtidos, para Hamburgo 69 tons. de lana tops, cueros curtidos, textiles, ágatas, y amatistas, además de 139 tons. de carne. Amberes 148 tons. de lana 41 tons. de carne congelada y enfriada, finalmente en tránsito para Australia 8 contenedores con pescado.

Por Dodero S. A. lleva a Rotterdam 5 tons. de textiles, a Bremen 14 tons. de lana tops, y Hamburgo 5 tons. de textiles, a Bremen 14 tons. de lana tops y Hamburgo 5 tons. de efectos personales.

Por Macican y Stapledon, lleva 20 tons. de lana tops (tránsito) con destino a Bremen.

RIO NEGRO II. De Elma S.A. lleva para el puerto de Hamburgo 40 tons. de maní paraguayo y para Lisboa 10 tons. de efectos personales, luego de descargar 250 tons. de materias primas para la industria.

ORIENTE

VALERIA. De NYK LINE, agenciado por Latinoamericana S.A. tiene salida prevista hoy y lleva para Kobe 134 tons. de granito y 2 tons. de vinos, Yokohama 33 tons. de granito. Honk Kong 3 tons. de aletas de tiburón, Busa y Singapur 22 tons. de madera paraguaya. Shanghai 30 tons. de cueros y para Sidney 4 tons. de efectos personales.

NEDLLOYD NAGOYA. Agenciado por Dodero S. A. lleva para Durban 2 tons. de cueros curtidos. Singapur 1 ton. de figuras cerámicas. Hong Kong 4 tons. de textiles, 40 tons. de carne congelada y 160 tons. de lana tops. Taiwan 3 tons. de ágatas, 200 tons. de harina de pescado, 200 tons. de tabaco nacional y 13 tons. de lana tops, y para Corea y Japón 150 tons. de lana tops.

COSTA ESTE

SAN MARTIN I. De Iva-

01-01

para donde salieron también frazadas y harina de pescado.

Pequeñas partidas de

Reino Unido 740 tons. de diversos tipos de lanas, a Rotterdam 1 ton. de efectos personales y 37 tons. de

jidos de lana y cueros lanares, Bremen 50 tons. de lana lavada y tops, además de 19 tons. de pulmones vacunos congelados, y para Le Havre 70 tons. de pescado carne congelada.

Por Briss Lines (Houlder - J. R. Williams) con destino a Tilbury, lleva 6 tons.de cueros curtidos, 97 tons. de lana sucia, 23 tons. de azulejos, 143 tons. de corned beef, 112 tons de pescado y 194 tons. de carne congelada.

Por Piñón, Sáenz y Vidal lleva para Bremen 65 tons. de lana tops y cueros curtidos, para Hamburgo 69 tons. de lana tops, cueros curtidos, textiles, ágatas, y amatistas, además de 139 tons. de carne. Amberes 145 tons. de lana tops, y ágatas. Rotterdam 3 tons. de cueros curtidos y

tons. de aletas de tiburón, Bara y Singapur 22 tons. de madera paraguaya. Shanghai 30 tons. de cueros y para Sidney 4 tons. de efectos personales.

NEDLLOYD NAGOYA. Agenciado por Dodero S. A. lleva para Durban 2 tons. de cueros curtidos. Singapur 1 ton. de figuras cerámicas. Hong Kong 4 tons. de textiles, 40 tons. de carne congelada y 160 tons. de lana tops. Taiwan 3 tons. de ágatas, 200 tons. de harina de pescado, 200 tons. de tabaco nacional y 13 tons. de lana tops, y para Corea y Japón 150 tons. de lana tops.

COSTA ESTE

SAN MARTIN I. De Ivaran Lines, agenciado por E. J. Rohr lleva para Montreal 4 tons. de textiles. Boston 60 tons. de lana, 8 tons. de zapatos y 15 tons. de textiles. N. York 8 tons. de zapatos, 7 tons de velcro, 7 tons. de recortes de cuero, 10 tons. de accesorios para baño, 30 tons. de productos textiles, 10 tons. de cueros curtidos, 8 tons. de efectos personales y 12 tons. de aceites esenciales, para Baltimore 18 tons. de corned beef y para Miami 54 tons. de azulejos.

ICELANDIC. De Seatrade, agenciado por Universal Shipping, lleva 850 tons. de pescado, de las que 750 de ellas fueron cargadas en el puerto de La Paloma, y el resto en el de Montevideo.

MEDITERRANEO

GREAT CONCERT. De Zim, agenciado por Schandy S. A. lleva para Valencia 2 contenedores de 40 pies con pescado, Barcelona 4 de 20 con cueros, Génova 1 de 40 con cueros, 3 de 20 con tripas y 12 de 20 con lana tops. Livorno 430 tons. de granito, 1 contenedor de 20 contextiles, 5 de 20 y 1 de 40 con lana tops, y 3 más de 40 con pescado. Finalmente para Haifa 1 contenedor de 20 con efectos personales, 510 tons. de harina de pescado, 3 contenedores de 20 con cospeles (tránsito) 1 de 20 con textiles, 1 de 40 con pescado, 4 de 20 con frazadas, 2 de 20 con azulejos y 2 más de 20 con efectos personales.

01-01

1701292

Auspiciosos signos en China y la URSS

Se advierten signos inequívocos de transformación en Rusia y China continental, con una serie de hechos altamente significativos, y donde por primera vez en ambos países suena en la calle a "grito pelado" la palabra libertad.

Los estudiantes en la China comunista, pese a las restricciones que todos conocemos, se han lanzado a la calle pidiendo libertad de prensa y opinión y su gobierno se encuentra impotente para controlar a esos miles de muchachos que parecen haber asimilado y valorado el modus vivendi de Occidente y la oscura cárcel donde viven actualmente.

Y, hasta la fecha, han sido vanos los esfuerzos del gobierno chino para evitar esas ruidosas manifestaciones estudiantiles y lo que es peor, explicar a sus adeptos el significado de esta revolución social, de neto corte democrático, que busca el cese de la aplicación de una ideología tiránica.

En tanto en la URSS, Gorbachov, con una visión mucho más clara del panorama interno de su país, donde las drogas, la corrupción, el alcoholismo y el descontento han calado hondo en muchos estratos sociales, con extrema prudencia pero con mano firme, empieza a suprimir algunas de las crueles disposiciones que dieron mérito a colocarla a la cabeza en materia de violación de los derechos humanos.

El cese del destierro del disidente Sajarov y su traslado a Moscú y su permiso para dialogar con la prensa internacional y sus críticas —sin la tajancia de otrora—, prueban de manera fehaciente el primario interés de Gorbachov de abandonar —por ahora en parte— el rígido contralor de su pueblo, y su inclinación a buscar un entendimiento con Estados Unidos.

Se ha iniciado el año con características disímiles a las anteriores. El fantasma del holocausto nuclear parece alejarse definitivamente, ya que los líderes de las grandes potencias nuevamente buscarán en un diálogo distinto, las soluciones a los graves y acuciantes problemas que azotan a la humanidad.

N/NOTICIAS 10-1-87

22

CHINA

LA MAÑANA 08-1-87

Temen extensión de descontento estudiantil

Pekín: advierten a obreros

Pekín, (EFE).- Mientras los estudiantes chinos hablan de nuevas manifestaciones, autorizadas y no autorizadas, el 'Diario de los Obreros' advirtió hoy de la presencia de 'saboteadores y elementos anticomunistas' en las fábricas.

El periódico, en un tono que recuerda el de las grandes campañas políticas izquierdistas, pidió a los trabajadores que estén alerta ante estas infiltraciones.

El editorial, leído ayer íntegramente en los espacios informativos de la televisión estatal, es una nueva indicación de que el gobierno teme que el descontento estudiantil y su campaña 'pro democracia' se extienda a las fábricas.

'La clase obrera es la clase dominante', afirmó el diario oficial de los sindicatos, que pidió a las masas 'mantenerse en primera fila de los que se oponen al liberalismo burgués'.

La prensa oficial china, en su condena del movimiento estudiantil, se ha referido varias veces al peligro del liberalismo burgués, o lo que es lo mismo, según la definición oficial, 'defender el capitalismo y negar el socialismo'.

Nuevos carteles aparecieron en las últimas horas en la universidad 'del Pueblo', de Pekín, criticando la disposición municipal de diez puntos, que prohíbe manifestaciones espontáneas, y en favor de la democracia y la libertad.

Los estudiantes consideran que la disposición vulnera sus derechos constitucionales de libertad de manifestación y de expresión.

En Beida, la más importante universidad de Pekín, se informó que varios estudiantes quemaron copias del 'Diario del Pueblo', el órgano oficial del Partido Comunista, por su actitud de dura crítica contra los estudiantes, a los que califica de 'envenenados por el liberalismo burgués'.

Muchos creen que la frustración por la falta de expresión y las constantes críticas en la prensa pueden impulsar a los estudiantes a salir de nuevo a la calle.

PU La Mañana 22/1/87

Dirigentes comunistas de línea dura presionan

Reformas en China serán gradualmente descartadas

PEKIN (ANSA y UPI).— Diplomáticos occidentales predijeron ayer que algunas de las reformas en China serán limitadas o gradualmente descartadas, ante las presiones de los dirigentes comunistas de línea dura, y señalaron que ya se ha iniciado en tal sentido una campaña en la prensa y las esferas culturales.

Sin embargo, un alto funcionario chino declaró que los cambios en la dirección del Partido Comunista y la campaña contra las tendencias capitalistas no tendrán efecto adverso en las políticas exterior y doméstica de Pekín.

La agencia noticiosa oficial Xinhua informó del cierre de la Oficina Estatal de Publicaciones, que fuentes chinas dijeron había sido "fuertemente criticada" por no lograr el control ideológico sobre los medios de comunicación.

Xinhua dijo que la oficina sería sustituida por la Oficina de Publicaciones y Medios directamente bajo el gobernante Consejo de Estado. Agregó que la nueva entidad supervisará la publicación de noticias y casi todos los aspectos editoriales en China.

Una fuente china dijo que Bian Chunguang, director de la oficina ahora cerrada, fue severamente criticado por las autoridades del partido el año pasado por no controlar el contenido de los medios de información, particularmente en la provincia de Guandong, cerca de Hong Kong.

"Esto representa un mayor control sobre los medios", dijo la fuente. "Inmediatamente después de los disturbios estudiantiles (de diciembre) en Shanghai, hubo una reunión de publicaciones nacionales en Pekín y este es un resultado directo de ello".

"LIBERALISMO BURGUES"

El vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, Ma Yuzhen, en un aparente intento por calmar los temores de otro mayor cambio en la política china, defendió el retiro del viernes del jefe del partido Comunista Hu Yaobang y la nueva campaña contra el "liberalismo burgués" o las tendencias capitalistas.

Hu, un cercano colaborador del líder Deng Xiaoping, dejó su cargo como secretario general del partido de 44 millones de miembros luego de reconocer que había cometido errores en "importantes asuntos". El primer ministro Zhao Ziyang tomó su cargo de manera interina.

"El reciente cambio en el Comité Central y la actual lucha contra el liberalismo burgués no tendrá de ninguna manera efecto adverso en la implementación de la línea del partido, sus principios o en sus políticas externas e internas", dijo Ma en una conferencia de prensa semanal a la prensa extranjera.

Sin embargo diplomáticos occidentales dijeron que los comentarios de autoridades chinas en la semana pasada demostraban un fuerte resurgimiento de una facción conservadora dentro del partido Comunista que favorece la planificación centralizada y un mayor control ideológico.

Embajador soviético niega interferencias

Política de las Filipinas

MANILA, (ANSA y UPI) — El embajador soviético en las Filipinas calificó ayer de "puras mentiras" los informes de que Moscú está interfiriendo en los asuntos internos del país.

Durante una conferencia de prensa, el embajador Vadim Shabalin acusó indirectamente a Estados Unidos de hacer circular tal versión de forma que Washington podría tomar "medidas urgentes" para "rescatar el país".

"Las afirmaciones de que la URRS está participando en actividades que contradicen las normas de relaiones entre Estados mutuamente aceptadas, son puras mentiras", dijo Shabalin.

"No tenemos contacto con subversivos", agregó el embajador a través de un intérprete.

Un político lanzó acusaciones la semana pasada de que armas soviéticas habían llegado a bordo de un barco para ser destinadas a un campamento rebelde comunista en la isla de Samar. Dos rebeldes también dijeron recientemente que la Unión Soviética les había ofrecido "todas las armas y la ayuda monetaria que necesitamos".

Durante una conferencia de prensa, Jalandoni también advirtió al ejército de que las guerrillas "contraatacarían efectivamente" si los soldados seguían adelante con su amenaza de vengarse por las bombas.

Antes del anochecer explotaron bombas en tres puentes cerca de Iloilo. Sólo causaron daños menores y no hubo víctimas.

01-01   8701295

China

ILUSIONES CHINAS

La apertura en China enfrenta su peor invierno desde que el venerado Deng Xiaoping lanzó las reformas económicas —llamadas liberales— para alcanzar las cuatro modernizaciones: agricultura, industria, fuerzas armadas y ciencia y tecnología. No le ha faltado audacia, pero es todavía frágil el paso dado por el sucesor de Mao.

Una señal de eso está en la caída de la más alta cabeza entre todas las que cayeron en los últimos días, acusadas de errores que van desde la "violación de la pureza ideológica", hasta la "occidentalización exagerada". Estudiantes, intelectuales, sectores ponderables de la sociedad habían tomado demasiado en serio los ademanes de Deng.

¿Estará China en los principios de cambios más grandes? La respuesta probablemente sólo será conocida en el futuro. Forma parte del acervo chino el culto a la incertidumbre. El propio Deng Xiaoping, que ahora parece decir al pueblo "haz lo que yo digo pero no lo que yo hago", es severo con las infidelidades ajenas, después de entrar en la historia cabalgando en las suyas.

Deng fue infiel a Mao, al Partido, al ejército, a sus ideas. Sin embargo, en su desobediencia a lo que es ortodoxo residió todo su mérito. Por sus manos China está en el camino de la ruptura de los dogmas, como el de la infalibilidad del partido comunista, y a las puertas de la modernización. Pero las dificultades que tiene por delante son grandes.

Es una ilusión suponer que China pueda transformarse en el sueño de gran potencia en el siglo XXI, como desea Deng Xiaoping, apenas con reformas económicas. Sin reformas políticas en programa corre el riesgo de no salir de los límites de las contradicciones ideológicas. Sin su amigo Hu Yaobang al frente del Partido Comunista, todo se hace más difícil.

La iniciativa de renovación del país trajo algunos importantes cambios económicos.

Con todo, se empantanó en la inquietud estudiantil y en la toma de posición de los que ya no resisten a expresar sus ansias democráticas. Puestas a prueba de la libertad, las reformas amenazan fracasar.

Las reacciones de Deng Xiaoping y del Partido Comunista, apoyados por la prensa oficial, no dejan margen a las dudas.

El rector y el vice-rector de la Universidad de Pekín, escritores, periodistas y militantes no ortodoxos, fueron destituidos de sus puestos o expulsados del partido, anticipando la desgracia de Hu Yaobang.

Estos hechos indican que a pesar de comenzar a restaurar la tradición china, Deng Xiaoping ha sido incapaz de sobreponerse a la máquina burocrática del partido. A los 82 años y con problemas de salud, el hombre fuerte de China deja que se procesen a su sombra los juicios que condenan a los liberales a la marginalización total.

Los que ahora son recriminados y apartados son los mismos con los cuales debería estar contando Deng Xiaoping para tornar irreversible el soplo liberal en el interior del Partido Comunista y en sus estructuras de poder. Los estudiantes y todos los chinos, atónitos con lo que viene aconteciendo, reclaman los beneficios de la democracia y de la libertad. Se sienten, en consecuencia, coherentes con las reformas prometidas por el propio régimen. ¿Qué hay de reaccionario o de conspiración capitalista en eso?

(de Jornal de Brasil)

El País
22/1/86

01-01

18/1/87 EL DIA —

China inicia ofensiva diplomática por crisis

PEKIN. — Las autoridades chinas comenzaron una ofensiva diplomática para tranquilizar al resto del mundo sobre la crisis interna y el hecho que la destitución del secretario general del Partido Comunista, Hu Yaobang, anunciada en el marco de una campaña contra elementos considerados de derecha, no frenará la política de apertura y las reformas económicas.

Al recibir a un diplomático de Europa occidental pocas horas después del anuncio de la renuncia de Hu Yaobang, el canciller Wuy Xueqian dijo que la política de apertura china, en particular hacia Europa occidental, no cambiará a causa de las novedades en el partido y en el gobierno.

Una de las primeras reacciones de preocupación fue la de los ambientes financieros de Hong Kong. Una fuente económica de la colonia británica (que dentro de diez años volverá bajo soberanía china) dijo que se esperaba una baja del precio de las acciones en la reapertura de la bolsa mañana lunes.

La renuncia de Hu Yaobang, el más íntimo colaborador del líder Deng Xiao Ping, fue precedida por una ola de manifestaciones universitarias que pedían más democracia en el país. Hu Yaobang era promotor de reformas radicales a las que se oponían las fuerzas más conservadoras del partido. Su renuncia fue el resultado de la lucha entre las fuerzas conservadoras y las progresistas dentro del partido.

Perplejidad

Los chinos se mostraban ayer perplejos pero serenos debido a la repentina caída en desgracia de uno de los dos hombres más poderosos del país, el secretario del Partido Comunista, Hu Yaobang.

En la histórica plaza Tiananmen, en el centro de Pekín, la gente posaba para los fotógrafos y remontaba cometas bajo un sol brillante, aparentemente indiferente al desplazamiento de Hu.

Muchos de ellos manifestaron que no les preocupaba quién fuera el líder mientras continúe la actual política económica sin modificaciones.

Los diarios publicaron informes escuetos sobre la renuncia de Hu y editaron sólo el comunicado oficial según el cual el secretario había cometido graves errores políticos y por ello lo había reemplazado el primer ministro Zhao Ziyang.

El cambio de figuras no fue objeto de editoriales ni de artículos que proporcionaran pistas a partir de las cuales se pudieran elaborar hipótesis explicativas de los hechos.

Diplomáticos opinaron que la crisis parece haberse iniciado como consecuencia de las recientes demostraciones estudiantiles para reclamar mayor democracia y libertad.

Jóvenes pertenecientes a la Universidad de Pekín expresaron que dudan de que sus manifestaciones puedan ser la única causa de la remoción de Hu.

Sucesor

Pronto sería designado el sucesor del ex premier Zhao Ziyang, quien reemplazó como jefe del Partido Comunista al renunciante secretario general Hu Yaobang, dijeron ayer diplomáticos occidentales, quienes comentaron que no se puede esperar demasiado tiempo.

"No veo cómo podrían esperar", dijo uno. "Zhao Ziyang no puede ocupar ambos cargos. Me parece que adoptarán pronto una decisión".

El diplomático expresó que la sucesión podría anunciarse durante la actual sesión del comité permanente del Congreso Nacional Popular, que puede aprobar los cambios en el puesto de primer ministro. No se anunció fecha para la conclusión de esa reunión.

Diplomáticos dijeron que los principales candidatos para el cargo eran el viceprimer ministro Li Peng y Li Ruihuan, alcalde de la ciudad norteña de Tianjin. Varios analistas creen que Li Peng sería preferido por la línea dura, mientras que Li Ruihuan lo sería por los reformistas.

EL DÍA 16/1/87

CHINO

Se confirman purgas en comunismo chino

PEKIN. — Dos autorizadas intervenciones publicadas ayer por la prensa oficial china confirman que la campaña de purgas en el partido comenzada en estos días no es producto de las manifestaciones estudiantiles de estos dos últimos meses sino la culminación de una operación comenzada hace por lo menos cinco meses para marginar a los elementos considerados de derecha.

Las manifestaciones estudiantiles que comenzaron el mes pasado, escribe un comentario la agencia oficial "Nueva China", "son el resultado de la expansión de los años pasados de la idea de la 'liberalización burguesa' y de la falta de resolución de algunos camaradas para contrastarla". Pero la necesidad de combatir estas tendencias, agrega el comentario, ya surgió en setiembre pasado cuando el partido aprobó una resolución sobre los principios guía para la "construcción de una sociedad socialista cultural e ideológicamente avanzada". "Por lo tanto se puede decir, escribe la agencia, que la lucha contra la liberalización burguesa no es para nada una cosa de estos días".

Ideas burguesas

Según el comentario los promotores de estas ideas "burguesas" intentaron llevar al país sobre la vía del capitalismo, aprovechando de las reformas económicas y de la reforma del sistema político propuesto el año pasado por la misma conducción.

En un segundo comentario, la misma "Nueva China" afirma que los promotores de la liberalización burguesa se escondieron detrás del "slogan" "Que cien flores broten y cien escuelas del pensamiento disputen" para difundir sus ideas, invocando el derecho a expresar "un punto de vista diferente".

01-01 8701298

CHINA

Ideas de Fang citadas en carteles chinos

Académico acusado de propagar el capitalismo

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).— Un expresivo académico cuyo criterio liberal sobre la democracia inspirara a los participantes de las recientes protestas estudiantiles fue acusado por un diario oficial ayer de intentar dirigir hacia el capitalismo a China.

Fang Lizhi, del que fuentes chinas decían que sería expulsado del Partido Comunista en lo que sería una señal del comienzo de una purga nacional contra "liberales burgueses", no fue citado por su nombre en el comentario, aparecido en el Diario de Guangming.

Pero el comentario de primera página cita a "un camarada que es vice presidente de una universidad" como uno entre quienes promueven la "occidentalización total" de China y el abandono del socialismo.

Los medios de prensa estatales citaron a un dirigente sindicalista cuando advertía a los trabajadores que no se asociaran con los activistas estudiantiles.

Diplomáticos decían que el comentario estaba obviamente dirigido contra Fang, un físico de 51 años que es vice presidente de la Universidad Nacional de Ciencias y Tecnología en la oriental ciudad de Hefei.

Decían que el uso por el Diario de Guangming del título "camarada" indicaba que Fang no fue expulsado aún del partido.

Por lo menos otros dos hombres, ambos escritores, deberían ser expulsados con Fang, dijo una fuente china. Dijo que cualquier anuncio formal sobre las expulsiones no aparecería hasta alrededor del día 20, cuando los estudiantes estén de vacaciones.

IDEAS LIBERALES

Las ideas liberales de Fang sobre la democracia fueron citadas en carteles estudiantiles y gritadas por manifestantes durante las protestas estudiantiles chinas del mes pasado. La primera de por lo menos 13 manifestaciones pro-democracia sucedió en Hefei el día 5 de diciembre. Fang dijo que entendía las frustraciones de los estudiantes, pero no concordaba con sus métodos.

El Diario de Guangming, un impreso de intelectuales, decían que hay gente que intenta eliminar los "cuatro principios básicos" de la Constitución — pensamiento Marxista-Leninista-Mao Tse-tung-ista, socialismo, dictadura del proletariado y liderazgo del Partido Comunista.

"Esa gente tiene un nuevo criterio llamado "total occidentalización", decía el comentario. "Por ejemplo, un camarada que es vice presidente de una universidad ha declarado abiertamente: aprecio el punto de vista de la occidentalización total".

El comentario decía que quienes desean la occidentalización total buscan importar la ciencia y la tecnología, la cultura, la ideología, los principios morales y los sistemas políticos occidentales".

CHINO

Mutuas Acusaciones Entre Pekín y Hanoi

BANGKOK, 7 (EFE).— Tropas chinas y vietnamitas combaten hoy por tercer día consecutivo en la frontera entre ambos países, que se acusan mutuamente de haber provocado esta nueva ronda del enfrentamiento iniciado en 1979.

La agencia oficial de noticias china, Xinjua, informó hoy que las tropas vietnamitas han lanzado una docena de ataques desde la mañana del lunes hasta la d, hoy, contra posiciones chinas en la provincia fronteriza de Yunnan.

El Ministerio chino de Asuntos Exteriores indicó, por su parte, que en los "últimos días, guardias fronterizos chinos realizaron poderosos contraataques contra las provocaciones de las tropas vietnamitas".

Un portavoz del Ministerio calificó de "total exageración" la cifra de 500 bajas que Hanoi afirma que sus fuerzas han causado a las tropas chinas.

El portavoz no dio cifras sobre bajas propias o enemigas en los combates, pero la agencia Xinjua indicó que 200 soldados vietnamitas murieron el lunes pasado al ser "aniquilada" una compañía militar de Vietnam por tropas chinas.

"Las llamadas victorias de los vietnamitas son una total exageración. Su propósito es defraudar al pueblo vietnamita y a la opinión mundial", dijo el portavoz del Ministerio chino de Exteriores, Ma Yuzhen.

01-01 0701300

La destitución de Hu Yaobang ha sembrado inquietud en los medios financieros

China: suspicacia inversora ante cambios

Pekín (Reuter)— La Comunidad empresaria extranjera se muestra cautelosamente optimista sobre la posibilidad de que la renuncia del secretario general del Partido Comunista, Hu Yaobang, no afecte las inversiones y la política comercial.

Empresarios occidentales, banqueros y diplomáticos dijeron que se sienten alentados por las repetidas garantías de la cúpula gobernante en el sentido de que el proceso de reformas y la política de puertas abiertas no experimentarán cambios, pero sin embargo adoptaron por ahora una actitud de espera atenta.

El anuncio de la renuncia de Hu debido a "errores políticos" fue formulado el viernes y el primer ministro Zhao Ziyang fue nombrado secretario general interino del partido.

La prensa oficial desde entonces no dejó de repetir que las políticas fundamentales de apertura al mundo exterior y de reforma no serán modificadas. "Los cambios de personas no afectarán nuestra línea y nuestra política pero nos pondrán en condiciones de implementarlas más correctamente", dijo Zhao.

Un diplomático occidental expresó: "Zhao todavía está al timón, lo que representa un reaseguro para los extranjeros. El secretario general está estrechamente vinculado con la política reformista. Pero podría haber otros cambios dentro del gobierno que podrían afectar los negocios".

Señaló que los inversores extranjeros podrían sentirse preocupados si el viceprimer ministro Li Peng sucediera a Zhao como jefe de gobierno. Li, educado en la Unión Soviética, habla más de disciplina y de planificación central que de reformas, agregó. Pekín no precisó si Zhao continuará al mismo tiempo como primer ministro y como jefe del partido.

El diplomático destacó que China todavía tiene que ganar la confianza de los extranjeros. Las cifras oficiales muestran que las inversiones extranjeras contratadas cayeron el año último a 2900 millones de dólares, a partir de los 5850 millones de dólares de 1985, mientras que las inversiones directas disminuyeron a 1500 millones de dólares desde los 1570 millones del año previo.

Pero algunos empresarios se mostraron más pesimistas: "El cambio nos ha vuelto más cuidadosos que antes", dijo el representante en Pekín de una importante compañía japonesa.

• "Liberalismo burgués"

"La apariencia y la realidad en China son siempre diferentes. La política de puertas abiertas al extranjero se desacelerará si el gobierno sigue insistiendo en su campaña propagandística contra el liberalismo burgués", añadió.

"Liberalismo burgués" es la expresión utilizada por los medios de difusión oficiales para criticar a los acusados de abogar por la imposición de ideas y un sistema democrático de modelo capitalista en China.

"Me siento intranquilo", señaló un banquero de Hong Kong; "esta campaña propagandística es una regresión que me recuerda las de la década del '60", agregó.

"El gobierno dice que esta campaña y la política de puertas abiertas son dos temas diferentes y que no están relacionadas, pero lo están. La política y la economía en China están estrechamente vinculadas. ¿Qué significado tiene la protección legal en un país donde el partido lo controla todo?", dijo.

El banquero opinó que la mayor barrera para las reformas son los millones de cuadros intermedios con un bajo nivel educativo. "Cuando me encuentro con ellos, me dan una pequeña lección sobre los males del liberalismo burgués antes de hablar de negocios", manifestó.

Martin Weil, representante en Pekín del Consejo Nacional de Comercio Chino-estadounidense, opinó que no parece que hubiera habido cambios en la política.

Weil agregó que el principal problema es el sentimiento de inestabilidad. "Esperamos que los acontecimientos que se produzcan en China en el futuro próximo disipen las suspicacias sobre la estabilidad política."

China anunció en octubre último medidas dirigidas a mejorar la situación de los inversores extranjeros y revertir la caída de las inversiones.

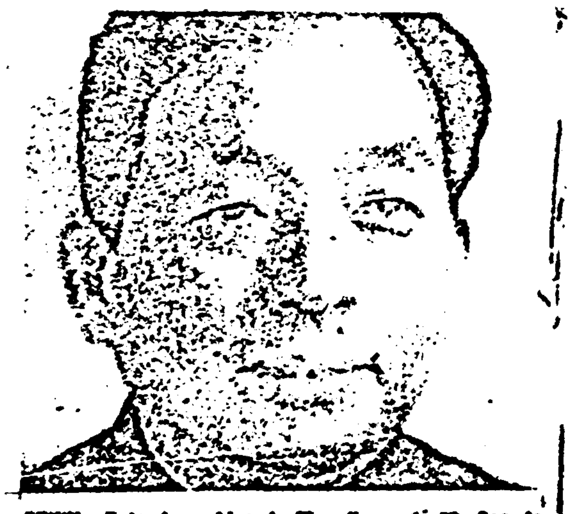
La "Revista de Pekín" dijo ayer que si los chinos se mantienen en guardia podrán rechazar las "lacras del capitalismo" y asimilar lo mejor del extranjero para desarrollarlo en la práctica.

MONTEVIDEO, MIERCOLES 21 DE ENERO DE 1987

Afirmaciones del dirigente Deng Xiaoping

"China debe abrir más sus puertas al mundo exterior"

El líder Deng Xiaoping, que preside una creciente campaña contra las tendencias capitalistas, dijo ayer que China debe abrir más sus puertas al mundo exterior.



PEKIN.- Foto de archivo de Tian Jiyun, de 57 años de edad, el cual según rumores es considerado candidato a ocupar el puesto de Premier de China. El actual Premier, Zhao Ziyang, ha sido nombrado jefe interino del Partido Comunista después de la renuncia de Hu Yaobang la semana pasada. (Radiofoto Reuter).

PEKIN (ANSA y UPI).- Durante sus conversaciones con el Primer Ministro de Zimbabwe, Robert Mugabe, que se halla de visita en Pekín, Deng también dijo que China había tratado de ir demasiado rápido y que se había esperado demasiado de sus reformas económicas y sociales.

"Nuestros objetivos ahora son realistas y prácticos", dijo Deng, según informó la agencia noticiosa oficial Xinhua.

"Los errores de China cometidos hace unos cuantos años se debieron a una velocidad excesiva y a la sobredemanda, sin tener en cuenta las realidades del país", sostuvo.

Deng, de 82 años, que ha dirigido una lucha contra el "liberalismo burgués" e influencias capitalistas, defendió su política de abrirse al mundo exterior.

"ABRIRSE MAS"

"Si hay algunos errores en mejorar nuestra política de puertas abiertas, el principal es que China necesita abrirse más", dijo Deng en un aparente intento por tranquilizar a los inversionistas extranjeros preocupados por la perspectiva de nueva inestabilidad en la nación más grande del mundo.

Sin embargo, insistió en que los contactos con otras naciones "de ninguna manera afectarán al sistema socialista de China".

Algunos dirigentes de línea dura del Partido Comunista han culpado a la política de puertas abiertas por el esparcimiento de "ideas capitalistas decadentes" en China.

ARRESTOS

Se informó que dos personas más fueron arrestadas en conexión con las manifestaciones estudiantiles prodemocracia, que se realizaron en por lo menos 13 ciudades chinas entre el 5 de diciembre y el 1° de enero. En la provincia norteña de Shanxi 19 personas fueron arrestadas.

El periódico oficial de Shanxi dijo que los hombres fueron arrestados por llevar a cabo actividades "contrarrevolucionarias". También dijo que escribieron cartas alentando a los estudiantes a que se manifestaran.

Todos los periódicos más importantes de China publicaron ayer notas en primera página condenando al físico Fang Lizhi, un académico liberal que fue expulsado el lunes del Partido Comunista por supuestamente incitar a los estudiantes a que realizaran manifestaciones.

La expulsión de Fang se hizo una semana después de que fuera despedido como Vicepresidente de la Universidad Nacional de Ciencia y Tecnología de la ciudad de Hefei, donde se informó que tuvo lugar la primera manifestación de estudiantes.

Fang es el segundo intelectual que es expulsado del partido, como parte de la campaña contra las tendencias capitalistas. El conocido escritor de Sanghai Wang Ruowang fue expulsado el 14 de enero.

Algunos analistas creen que Fang fue apoyado por Hu Yaobang, que dimitió como secretario general del Partido Comunista el pasado viernes, tras admitir errores en temas políticos "importantes".



SEUL, Corea del Sur.- Escena registrada durante una concentración en memoria de un estudiante asesinado la semana pasada. (Radiofoto Reuter).

PRIMERAS DECLARACIONES DE DENG XIAOPING SOBRE LA CRISIS DEL P.C.

"China seguirá siendo socialista"

En una nueva expresión de la actual campaña contra el "liberalismo burgués" y las influencias capitalistas, Deng Xiaoping reiteró que el sistema socialista del país no será alterado, pero aclaró que la apertura hacia el mundo exterior debe hacerse aún mayor. Fueron éstas las primeras declaraciones públicas del líder chino tras la renuncia de Hu Yaobang como jefe del partido.

PEKIN 20 (AFP, UPI y EFE). — Deng Xiaoping, máximo líder chino, afirmó hoy que "se había intentado avanzar demasiado rápidamente y se había esperado demasiado de las reformas económicas y sociales", pero reafirmó que "China debe abrir aún más sus puertas al mundo exterior".

♦ Errores del pasado

El dirigente, en diálogo con el primer ministro de Zimbabwe, Robert Mugabe —quien cumple una visita oficial en Pekín— afirmó: "Nuestros objetivos ahora son realistas y prácticos."

La agencia informativa oficial china, Xinhua, indicó que Deng sostuvo ante su invitado: "Los errores que China cometió hace unos cuantos años se debieron a una velocidad excesiva y a la sobredemanda, sin tener en cuenta las realidades del país."

Deng Xiaoping, de 82 años, dirige una campaña contra el "liberalismo burgués" —expresión utilizada para aludir a las "influencias capitalistas"— pero defiende su política de apertura al mundo exterior, circunscripta a lo concerniente a tecnología y capitales, pero no a política o ideología.

"Si hay algunos errores en el mejoramiento de nuestra política de puertas abiertas", afirmó, "el principal es que China necesita abrirse aún más".

Esta expresión fue interpretada por analistas occidentales como un intento de tranquilizar a los inversionistas extranjeros, preocupados por la perspectiva de inestabilidad en la nación más grande del mundo.

El "pequeño timonel" de la era posmaoísta —referencia a la designación de "gran timonel" aplicada anteriormente a Mao Zedong— insistió en que los contactos con otras naciones "de ninguna manera alterarán el sistema socialista de China".

En los últimos días otros dirigentes chinos han enfatizado también que la apertura es sólo de naturaleza económica y que se rechazará la entrada al país de ideologías políticas y prácticas capitalistas. La insistencia de tales declaraciones se registra, presumiblemente, ante la preocupación expresada en varios países, principalmente en el Japón, que tienen importantes intereses económicos en China.

♦ El ejército, con Zhao

Según lo expresado por Deng ante Mugabe, "la política china de abrirse al exterior y de vigorizar la economía está destinada a liberarnos de la pobreza".

Por otra parte, analistas militares occidentales en Pekín estimaron hoy que el nuevo secretario general del Partido Comunista chino, y primer ministro, Zhao Ziyang, contará con el apoyo del ejército, que ayudó a la caída de su antecesor, Hu Yaobang.

"Nunca, desde su instalación al frente del P.C.Ch., en 1980, Hu hizo un gesto dirigido a la jerarquía militar; por lo contrario, acumuló errores y mostró un autoritarismo que le valió la hostilidad de los oficiales superiores", afirmaron los expertos occidentales.

♦ El poder

De acuerdo con dichas fuentes, en China ningún político puede plantearse el ejercicio del poder sin contar con el apoyo del Ejército Popular de Liberación, que con cerca de 3 millones 200 mil hombres, es hoy numéricamente el mayor del mundo.

El E.P.L. contribuyó a la caída de Hu al oponerse una vez más a su designación, el 25 de diciembre último, como jefe de la Comisión Militar Central del P.C.Ch., cuyo presidente es Deng. En las previsiones para suceder a Deng, Hu habría debido ocupar la titularidad de dicha comisión desde octubre de 1987.

PARTES ~~[illegible]~~ ILEGIBLE

La política del realismo práctico

PEKIN 20 (por Jasper Becker, de "The Guardian", especial para Clarín). — Las declaraciones formuladas hoy por el líder chino Deng Xiaoping y algunos economistas sugieren que el programa de reformas económicas de China disminuirá su ritmo.

"Nuestros objetivos son ahora realistas y prácticos" dijo Deng, en su primera declaración pública desde la renuncia de Hu Yaobang a la dirección del Partido Comunista chino, el viernes último.

Según Deng, los errores del pasado fueron debidos a un "exceso de velocidad" y a la "sobredemanda", mientras actualmente la orientación tiende a "liberarnos de la pobreza". Paralelamente con estas expresiones del máximo dirigente, el "Diario del Pueblo" publicaba comentarios de economistas "conservadores" referentes a un retorno a los conceptos económicos tradicionales.

La producción de granos debe ser nuevamente prioritaria porque en China "no habrá estabilidad sin agricultura y habrá desorden sin granos", afirmaron miembros del influyente comité de la Asamblea Nacional Popular.

Tales palabras parecen una cita directa de las observaciones planteadas por el veterano economista Chen Yun en un congreso partidario de 1985. A menudo considerado como dirigente de la facción conservadora y rival de Deng Xiaoping, Chen había atacado en aquella oportunidad, cuando la producción granífera cayó por primera vez en seis años, las recientes reformas económicas.

La aparente advertencia de Chen fue considerada entonces como evidencia de peligrosas desavenencias en la cúpula dirigente respecto de las reformas.

Los miembros del comité también se hicieron eco de los puntos de vista de Chen Yun respecto de la necesidad de volver a reforzar la planificación centralizada. China no debe ser indulgente con el "consumismo" ni con el "alto consumo" en "absolutamente necesario propiciar una dura lucha y oponerse a la extravagancia".

La cuestión de la necesidad de mayores controles sobre los gastos fue levantada también por Li Peng, el principal candidato para transformarse en primer ministro si es que Zhao deja esa jerarquía para consagrarse al cargo partidario.

Los puntos de vista de la línea dura conservadora comienzan a imponerse también en las artes. En una continua indicación de que toda libertad expresiva puede resultar restringida a partir de ahora, el ministro de Cultura, Wang Meng —quien según ciertos rumores recientemente debió hacer una autocrítica por sus propios enfoques liberales— se sumó al ataque contra el "liberalismo burgués".

Wang se había hecho pasible de un castigo en 1957, durante una campaña antiderechista por su obra como escritor, y después de asumir el ministerio de Cultura (el año pasado) estimuló la libertad de expresión de los artistas.

8701303

01-01

DENG SACRIFICA A HU AL QUE SE LE CREIA SUCESOR

PEKIN, 12 (ANSA).— El Secretario General del Partido Comunista Chino, Hu Yaobang, considerado hasta hoy el más probable sucesor de Deng Xiaoping como guía de China, parece haber caído en desgracia.

Los rumores en este sentido que circulan desde hace dos días en Pekín, parecen confirmados porque Hu Yaobang (71 años) no podrá recibir al Secretario General del Partido Liberal Democrático japonés, Noboru Takeshita, como se había previsto.

Trascendió que Hu decidió pasar un período de descanso fuera de Pekín por consejo de los médicos en lugar de recibir al dirigente japonés, a causa de una "gran postración física".

La sustitución de Hu habría sido decidida por el mismo Deng, sacrificando a un valioso aliado para contrarrestar los ataques de quienes, en el buró político del Partido Comunista y en las fuerzas armadas, preconizan más fidelidad a los dictados marxista leninista en la vida económica y social del país.

El malhumor de algunos sectores de la dirección china se fue acumulando desde hace un año por una serie de fenómenos negativos vinculados a la aplicación de las reformas y a la apertura del país al exterior. Estos van desde el escaso rendimiento de algunos sectores de la economía hasta las corrientes liberalizadoras surgidas de los intelectuales y economistas, en abierta oposición a los principios del "socialismo real".

La oleada de manifestaciones en las principales universidades del país, que se verificó en las últimas semanas, hizo de catalizador para el descontento del ala más ortodoxa.

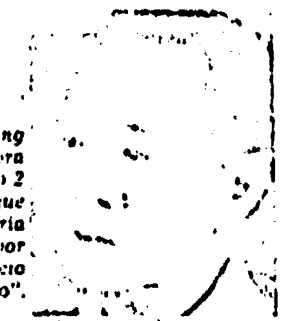
Esto obligó a Deng a tratar de resolver el problema con una purga, que ya afectó a algunos intelectuales y parece que llegó incluso a la cumbre del Partido.

Si se confirma, la caída de Hu pondrá nuevamente en discusión el problema de la renovación de la máxima dirigencia del país, que se esperaba para el 13° Congreso del Partido, programado para octubre.

Hu asumió la Secretaría General del Partido Comunista en 1980 y desde entonces se empleó a fondo junto a Deng, en la aplicación de las reformas económicas, conocidas como "nuevo curso" chino.

Deng y Hu anunciaron que tenían la intención de retirarse de la vida política activa antes que termine este año, para abrir camino a elementos más jóvenes.

Pero una eventual salida de escena de Hu Yaobang, se dice en medios bien informados, privaría a los reformadores de uno de sus elementos más valiosos, además de eliminar al más obvio sucesor de Deng como líder de China. Esto obligaría al anciano dirigente a seguir en su cargo.



Hu Yao Bang hasta ahora el número 2 de China que se retiraría por "cansancio físico".

INTELECTUALES LIBERALES "PAGARAN EL PATO"

PEKIN, 12 (EFE).— Intelectuales liberales, que se atrevieron a hablar claro durante el reciente período de permisividad, pagarán los platos rotos de la actual crisis política.

Como en otras ocasiones en el pasado, el Partido Comunista habló de un nuevo clima de tolerancia y de emancipación para los intelectuales para después "cortar las cabezas" de los que más se atrevieron a sobresalir.

El "Diario de la Claridad", periódico pensado para los intelectuales, se refirió claramente a un destacado científico e intelectual chino, Fang Lizhi, al que acusó de promover la total entrada de ideas capitalistas en China.

Paradójicamente, el propio diario publicó hace tres meses una entrevista al profesor en la que éste defendía crear una atmósfera de democracia y libertad que permita a los intelectuales cultivar su conciencia.

En ese momento se estimulaba a los intelectuales a exponer sus opiniones y criterios sin miedo.

Ahora se les acusa de fomentar "ideas liberales y burguesas que llevan a China por el camino del capitalismo".

Otro de los que están en la lista de "reos" es Liu Bingyan, un escritor liberal, articulista del "Diario del Pueblo", que ya tuvo problemas en la famosa campaña de Mao "de las cien flores", en la que se apeló a la independencia de los intelectuales.

01-01

8701304

Chile

LA NACION 11-1-87

La renuncia de Hu al PC chino

(Continuación de la página 1, col. 1)

cia de estilo occidental y libertades precipitaron la crisis.

El anuncio fue una sorpresa porque Hu, de 71 años, es un viejo aliado de Deng y fue éste quien lo eligió para que orientara al Partido Comunista en medio del proceso de cambios.

"Deng está debilitado y los reformadores también", estimó un diplomático occidental.

"Los adversarios de Deng deben estar frotándose las manos alegremente", dijo otro diplomático.

"El principal mensaje oficial en los próximos días será que este cambio no afectará el proceso de reformas", agregó.

Hu era impopular entre la línea dura del Partido Comunista y el Ejército, pero siempre contó con todo el apoyo de Deng.

Diplomáticos opinaron que Hu cayó en desgracia con Deng cuando quiso llevar el proceso de reforma y liberalización hasta un punto que el líder chino no estaba dispuesto a consentir.

El primer ministro Zhao Ziyang, otro protegido de Deng, fue nombrado jefe interino del partido, pero aún no fue posible determinar si retendrá los dos cargos indefinidamente o si en breve transferirá uno de los puestos a otro dirigente.

En los últimos días circularon los nombres de varios posibles sucesores de Zhao, entre ellos el viceprimer ministro Li Peng.

Uno de los miembros del politburó, Hu Quili, un seguidor de Hu Yaobang, fue considerado el principal candidato para reemplazar al primer ministro, decisión que se podría haber oficializado durante la reunión del congreso del partido en septiembre. Pero diplomáticos dijeron que ahora la designación de Hu es poco probable.

Retiro del líder

Deng manifestó en varias ocasiones su deseo de retirarse y de dejar el país en manos de sus herederos, Hu y Zhao, pero la remoción de Hu indica que todavía tendrá que seguir cumpliendo sus funciones por un buen tiempo.

"Si alguien piensa en el retiro de Deng, es mejor que lo olvide", señaló un diplomático.

La política económica de puertas abiertas y otras reformas ya instituidas seguirían en vigor, pero las iniciativas para extenderlas inevitablemente se desacelerarían en los próximos meses.

La remoción de Hu también tendrá un efecto desalentador sobre los intelectuales chinos, que el año último fueron convocados por el partido a olvidar las purgas del pasado y sumarse con entusiasmo al proceso de reformas.

"Los intelectuales están muy preocupados por los efectos de estos cambios", expresó un diplomático.

Otros diplomáticos opinaron que los hechos llevan a plantearse la pregunta de si el control que Deng ejerce sobre la política china no estará comenzando a resquebrajarse.

"Deng ahora tiene 82 años, y debe enfrentar el hecho de que en algún momento no estará para seguir controlando las cosas", dijo un diplomático. "Esto arroja dudas sobre toda la estrategia de sucesión y lleva a uno a preguntarse cuánto tiempo se mantendrá en el poder".

chino

EL MUNDO EL DÍA 02-1-87 PN

Estudiantes chinos demandan democracia

PEKIN. — Miles de manifestantes que gritaban "Viva la democracia", desfilaron ayer desafiantes por el centro de la capital china, pero fueron rechazados por cientos de policías cuando intentaron ocupar la histórica plaza Tienanmen.

Unos 2.000 estudiantes que exigían la liberación de por lo menos 34 compañeros supuestamente detenidos por la Policía, manifestaron en torno al predio de la Universidad de Pekín. Los estudiantes, que coreaban el himno nacional chino y gritaban "Suelten a nuestros camaradas", amenazaron con realizar otra marcha callejera ilegal, la que efectivamente se efectuó momentos después.

Más de 3.000 estudiantes marcharon a través del cinturón universitario de Pekín insistiendo en la liberación de los detenidos.

Los manifestantes, agitando los brazos y coreando "Liberen a nuestros camaradas", salieron de la Universidad de Pekín y marcharon hacia la cercana Universidad de los Pueblos, uniéndose en el trayecto a sus filas varios centenares de personas.

Poco después de salir de esta universidad, se encontraron con alrededor de 300 policías que formaban una barricada humana en una intersección cubierta de nieve. Los manifestantes, empero, proclamando la "Unidad de la Universidad de Pekín" forcejearon con los policías.

Los policías con megáfonos aconsejaban a los manifestantes a regresar a sus universidades, mientras otros los filmaban.

Antes de salir de la Universidad de Pekín, miles de estudiantes marcharon a la casa del presidente de la institución, Ding Shisun, para entregarle varias demandas, incluyendo un pedido para la liberación de 34 colegas detenidos en una primera manifestación de ayer en la plaza Tienanmen.

Ding, de quien se informó que estaba en contacto con el alcalde de Pekín, Chew Xitong, y otros miembros del poderoso comité central del Partido Comunista, más tarde dijo, para regocijo de los estudiantes, que los 34 detenidos serían liberados.

A pesar del anuncio de Ding, alrededor de 3.000 estudiantes salieron de los predios universitarios insistiendo en la liberación de sus compañeros.

Ding apareció otra vez para decir a los manifestantes que había enviado ya ocho vehículos al centro de Pekín en busca de los detenidos, pero para entonces otro grupo de manifestantes ya estaba varias cuadras más allá.

Los estudiantes pidieron también que no se tomen represalias contra los manifestantes, la cobertura noticiosa completa de las marchas en la prensa oficial y una "exacta evaluación" de las manifestaciones por parte de las autoridades de la ciudad, la universidad y funcionarios del comité central del Partido Comunista.

Democracia en el comunismo es como pedir peras al olmo

Las manifestaciones estudiantiles con que se ha cerrado 1986 en China comunista son un hecho a analizar y a tener en cuenta, tanto para conocer el comunismo y sus tácticas como para evaluar la verdadera situación del continente chino respecto a la democracia y a Occidente.

En todo el mundo comunista se viene observando un esfuerzo sostenido por disimular o congelar temporariamente las taras ideológicas que le impiden alcanzar el progreso económico y tecnológico del Occidente capitalista. Pero, con la misma claridad, también se observa que los principios básicos de la estructura totalitaria del Estado comunista, así como los objetivos sustanciales de la evolución histórica de la humanidad, se mantienen férreamente intactos y, ante eventuales "desviaciones", se subrayan enérgicamente como advertencia a los "revoltosos" que piden democracia.

En una docena de grandes ciudades de China comunista se han multiplicado las manifestaciones de estudiantes universitarios que, en columnas que han superado en algunos casos los treinta y cuarenta mil y a las que se han sumado también contingentes importantes de trabajadores, han exhibido elocuentes consignas en sus pancartas: "Viva la democracia", "Queremos libertad"; o han condenado el "tratamiento nazi" de la policía. En un contexto de "libertad económica" para inversores extranjeros en áreas restringidas, o de habilitaciones parciales para alguna que otra actividad económica privada, es evidente que lo que estas masas estudiantiles reclaman no son parches o pragmatismos económicos para superar el subdesarrollo y el bajo nivel de vida que les da el comunismo, sino un sistema entero de libertades políticas, como el que ellos ven en las democracias occidentales. Exigen libertad política, pluripartidismo, elecciones libres y todo aquello que implica el protagonismo del individuo, libremente asociado, en la conquista de su destino social y de su dignidad humana y personal.

*Pero eso no es permitido en un Estado comunista. En una declaración oficial a la prensa extranjera, una alta autoridad educativa lo recordó: **"El Partido Comunista chino quiere construir una sociedad democrática. Pero ello sólo es posible si se respetan cuatro principios de la revolución: la vía socialista, la dictadura democrática del pueblo, el liderazgo del Partido Comunista y los principios del marxismo leninismo".** Cualquiera entiende que, si en China comunista no se puede pensar fuera de los esquemas marxistas leninistas, si no se puede optar por ningún camino que no sea el socialista impuesto por una élite iluminada, etc., todas las reformas y concesiones de Deng Xiaoping en materia económica no tienen nada que ver con la democracia y la libertad de los hombres, sino con una eficiencia que el comunismo no puede tener en materia económica y tecnológica. En definitiva, pues, quienes responden a los señuelos que China está ofreciendo, confirman una vez más el famoso pronóstico de Lenin sobre la cuerda que el mismo capitalismo se afanará en tejer para ser ahorcado por el comunismo. La caricatura sobre los tratados de Yalta de un diario madrileño: "Engordar al cerdo para luego no poderlo matar".*

Nadie puede engañarse sobre ciertas aperturas seudoliberales de una ideología tan dogmática y cerrada como la comunista. Las empresas privadas familiares (sin empleados, sólo para trabajar en el tiempo libre y sólo para familiares que viven juntos) que en mayo empezarán a funcionar en Rusia, sólo tratan de paliar el descontento de grandes masas de consumidores ante la ineficiencia de las empresas estatales de la Unión Soviética. El simulacro cubano de un parlamento democrático sólo es una pantalla de la tiranía: no ha sido invitado a la "Cuarta Conferencia de Parlamentos Iberoamericanos" a celebrarse en Madrid, provocando las iras de Fidel Castro, que ha calificado (¡tan luego él!) de "tipejo fascitoide" al Presidente del Congreso Español por haber descartado a un engendro comunista de lo que sólo es para "cámaras legislativas de carácter representativo y plural".

Y así muchos casos más de remedos más o menos groseros, siempre parciales y utilitarios, de instituciones y mecanismos democráticos; pero ninguno, jamás, de principios sustanciales del sistema democrático libre y dignificador de la persona.

¿Serán la excepción el comunismo uruguayo y sus socios?

(Continua en la pág. 8 col. 1)

Ofensiva diplomática china para atenuar repercusiones

Pekín, 17 (ANSA) – Las autoridades chinas comenzaron una ofensiva diplomática para tranquilizar al resto del mundo sobre el hecho de que la destitución del secretario general del partido Comunista, Hu Yaobang, anunciada ayer en el marco de una campaña contra elementos considerados de derecha, no frenará la política de apertura y las reformas económicas.

Al recibir a un diplomático de Europa occidental pocas horas después del anuncio de la renuncia de Hu Yaobang, el canciller Wuy Xuequian señaló que la política de apertura china, en particular hacia Europa occidental, no cambiará a causa de las novedades en el partido y en el gobierno.

Una de las primeras reacciones de preocupación fue la de los ambientes financieros de Hong Kong. Una fuente económica de la colonia británica (que dentro de diez años volverá bajo soberanía china) dijo que se esperaba una baja del precio de las acciones en la reapertura de la bolsa, el lunes próximo.

La renuncia de Hu Yaobang, el más íntimo colaborador del líder Deng Xiao Ping, fue precedida por una ola de manifestaciones universitarias que pedían más democracia en el país. Hu Yaobang era promotor de reformas radicales a las que se oponían las fuerzas más conservadoras del partido. Su renuncia fue el resultado de la lucha entre las fuerzas conservadoras y las progresistas, dentro del mismo.

Mientras tanto continúan las reuniones de alto nivel tras el nombramiento del premier Zhao Ziyang como secretario general del partido en lugar de Hu Yaobang. Según los observadores, a breve plazo será designado un nuevo premier. Al respecto se señala que el comité político consultivo de la Asamblea del Pueblo (Parlamento), a la que corresponde la ratificación del nombramiento del premier, está reunido desde hace unos días.

El nombre que fuentes chinas consideran más probable entre los candidatos al cargo de "premier" figura el del actual alcalde de la ciudad de Tianjin, Li Ruihuan, un ex albañil y sindicalista que tiene el mérito de haber sabido explotar a fondo las oportunidades ofrecidas por las reformas para comenzar el proceso de desarrollo industrial de su ciudad.

La "purga" de elementos acusados de "liberalización burguesa" no habría terminado, según los observadores, tras la expulsión del partido de algunos intelectuales. Desde hace una semana la prensa oficial no menciona al ministro de cultura Wang Weng, cercano a Hu Yaobang, pero según aseguró un vocero del ministerio aún no hay cambios.

Duros ataques al renunciante

La renuncia de Hu Yaobang fue publicada hoy en primera página en los principales periódicos de China. El hombre que se pensó que un día conduciría los destinos del país, fue atacado por su actitud permisiva hacia las nuevas tendencias capitalistas.

Una declaración publicada hoy por el periódico del partido Comunista, "Diario del Pueblo", afirma que el luchar contra el "liberalismo burgués", en referencia al capitalismo, es una "tarea urgente".

"Algunas organizaciones, especialmente jefes de partido, ven (las tendencias capitalistas) pero dicen que no las ven, oyen pero no escuchan, son permisivos y apáticos", señala el artículo en clara referencia a Hu.

"Su posición no es clara frente a las nuevas tendencias liberales, su actitud no es firme, son débiles

AN

LA PRENSA 18-1-87

PARTES POCO LEGIBLE

CHINO

Reemplazarían al jefe del partido Comunista chino

Pekín, 13 (UP) – El líder chino, Deng Xiaoping, y otros funcionarios evitaron hoy comentar la ausencia pública desde hace dos semanas del jefe del partido Comunista, Hu Yaobang, incrementando los rumores de que se considera su reemplazo a raíz de las protestas estudiantiles exigiendo más democracia en China.

Una fuente china, reiterando informes del diario del partido comunista italiano, "L'Unita", y la agencia noticiosa yugoslava, Tanjug, señaló que se espera que Hu sea reemplazado por el primer ministro Zhao Ziyang en el vigésimo tercer congreso partidario que se efectuará en octubre.

Posible sucesor

Los informes no confirmados estimaron que Zhao sería reemplazado en su cargo actual por el alcalde de Tianjin, Li Ruihuan, de 52 años de edad.

En su primera declaración pública sobre las manifestaciones estudiantiles, Deng dijo al visitante dirigente del partido Democrático Liberal japonés, Noboru Takeshita, que "varios conocidos miembros del partido Comunista comparten esas ideas" (de los manifestantes).

Deng mencionó al físico Fang Lizhi y a los escritores liberales Liu Binyan y Wang Ruowang, según fuentes japonesas.

Según fuentes chinas, los tres podrían ser expulsados del partido Comunista chino, de 44 millones de miembros.

Críticas de los manifestantes

En relación a las protestas estudiantiles, Deng afirmó que los manifestantes eran anticomunistas y partidarios de una "total occidentalización", término que oficialmente significa el apoyo del capitalismo y la negación del socialismo.

Fang, conocido entre los estudiantes como "el Andrei Sakharov de China", fue destituido ayer de su cargo como vicepresidente de la Universidad de Ciencias Naturales y Tecnología de la ciudad oriental de Hefei por supuestamente incitar a los estudiantes a protestar.

El presidente Guan Weiyan también fue destituido.

Cuando Takeshita le pidió que deseara a Hu una pronta mejora, Deng sólo respondió: "Gracias", dijeron los diplomáticos.

El diario del partido Comunista italiano, "L'Unita", informó que Deng podría estar preparando el reemplazo de Hu, con Zhao Ziyang, y el traslado del alcalde de Tianjin, Li Ruihuan, al puesto de Zhao.

Hu ha mantenido una estrecha relación con Deng hace más de 40 años, alianza que lo ayudó a alcanzar el liderazgo del partido en 1980.

Desmentida

Por otra parte, un vocero gubernamental desmintió una versión aparecida en la prensa oficial de que Jiang Qing, la viuda de Mao Tse-Tung, quien está encarcelada por haber encabezado la "banda de los cuatro", sufre de cáncer y está agonizando en un hospital de Pekín.

El vocero del Ministerio de Seguridad Pública, Wang Jingrong, señaló que Jiang, de 73 años, está sufriendo de males "tal como otra gente vieja" y "está cumpliendo su sentencia de cárcel normalmente".

LA PRENSA 14-1-87

PARTES POCO LEGIBLE

01-01 8701309

LA [illegible] 19/1/87

CHINO

Zhao Ziyang: "no existe inestabilidad"

Pekín, 18 (UPI). El [illegible] chino y jefe del partido Comunista Zhao Ziyang descartó como "injustificados" los temores de que la renuncia del ex líder Hu Yaobang llevaría a la inestabilidad a China.

Zhao habló en una reunión con el visitante [illegible] del partido de T[illegible] [illegible]alistas de Hungría [illegible] su primer acto oficial como secretario general del PC chino desde que fue electo para reemplazar a Hu, el viernes.

"Los temores de inestabilidad política son injustificados", acotó Zhao, añadiendo que los cambios en el [illegible] del partido están "dirigidos a asegurar la continuidad y estabilidad de nuestras políticas".

Los cambios de dirigentes recientemente aprobados por la reunión expandida del Politburó de ninguna manera afectarán los planes, direcciones y políticas internas y externas del partido", aseguró una trasmisión radial a todo el país en que se citó a Zhao.

Zhao también descartó ansiedades de que una nueva purga nacional de "liberales burgueses" -así definidos aquellos que se oponen al socialismo y favorecen el [illegible] desarrollaría en una campaña a gran escala.

"Somos un partido maduro", dijo Zhao. "Nos oponemos al liberalismo burgués, pero no vamos a librar campañas".

El viceprimer Li Peng le aseguró a los intelectuales -las primeras víctimas de la campaña de purga de "liberales burgueses"- que China tiene una total confianza en ellos.

PARTES ILEGIBLES

8701310

CHINO PICNO

Hacen más cargos a Hu en China

PEKIN, 19 (AFP, AP y EFE). — Hu Yaobang, hasta el pasado viernes secretario general del Partido Comunista chino "se resistió durante siete años a las directrices políticas del máximo dirigente Deng Xiaoping", según una nueva acusación lanzada ayer por el nuevo secretario general del P.C., Zhao Ziyang, a modo de explicación de la decisión del buró político del comité central para forzar la dimisión de aquel. La explicación fue dada por Zhao a Havasi Ferenc, secretario del Partido Socialista de los Obreros Húngaros, con quien sostuvo una reunión.

Hu fue asimismo acusado de ser "blando" en su posición a la infiltración de la corriente "liberalizadora burguesa" dentro del Partido Comunista chino. Anteriormente, Hu había sido acusado de aplicar medidas de reforma política "con demasiada rapidez" y de actuar erróneamente durante la crisis ocasionada por las recientes manifestaciones estudiantiles.

Zhao, que sustituyó el viernes a Yaobang, aseguró a los intelectuales que no serán perseguidos en la campaña que se libra actualmente contra las ideas liberales de Occidente, dijo en un despacho la agencia oficial china Xinhua.

♦ Mayor cooperación

Xinhua atribuyó a Zhao haber manifestado hoy que "el cambio de personas no afectará nuestra línea ni nuestras políticas, sino que nos permitirá llevarlas a cabo más correctamente". Zhao agregó que "continuaremos con la política de apertura al mundo exterior, ampliaremos, en lugar de reducir, nuestra cooperación con los países extranjeros en las esferas del comercio, economía, técnica y otros campos. Esta cooperación será ampliada en extensión y en profundidad".

Zhao, de 67 años, es firme partidario de las reformas económicas iniciadas por Deng cuando asumió el poder (en 1978) para modernizar a la nación.

La campaña contra la denominada "liberalización burguesa" o contra las actitudes antisocialistas y antipartido continuaron hoy con la publicación de un extenso artículo en el "Diario del Pueblo", que cita extractos de discursos pronunciados por Deng entre 1979 y 1986. El artículo del "Diario del Pueblo" señala que los discursos de Deng de esa época demuestran que el líder chino "se opuso resueltamente, desde hace tiempo, a la ola de liberalización burguesa".

La agencia Xinhua dijo que Zhao manifestó hoy que "China no lanzará un nuevo movimiento político ni tampoco recurrirá a las prácticas izquierdizantes del pasado".

POCO LEGIBLE

01.01

8701311

LA PRENSA 21/2/87

FICHO

Dimitió el segundo jerarca en China

Pekin, 16 (UPI) – Hu Yaobang, considerado el segundo hombre mas poderoso de China por cerca de siete años, renuncio hoy como secretario general del partido Comunista mas grande del mundo, aparentemente victima de una nueva campaña contra las tendencias capitalistas.

La radio y la television anunciaron que una sesion plenaria especial del gobernante politburo eligio por unanimidad al primer ministro Zhao Ziyang, de 67 años, como secretario general interino del partido Comunista de China, que cuenta con 44 millones de militantes, en reemplazo del dimitente.

Zhao es un reformista urbano que gano su reputacion como el maximo dirigente del partido Comunista en la provincia central de Sichuan, donde trasformo la atrasada region en un modelo para la nacion.

El nuevo dirigente del partido ha sido primer ministro desde 1980, cuando fue traido a Pekin por el anciano lider Deng Xiaoping. Los anuncios no indicaron si continuara en el cargo.

Fuentes chinas señalaron que es posible que sea reemplazado por el viceprimer ministro Li Peng o por el alcalde de Tianjin, Li Ruihuan.

Un comunicado del politburo indico que Hu, de 71 años, "hizo una autocritica de sus errores sobre importantes principios politicos en violacion del principio del partido de la direccion colectiva".

No dio detalles y agrego que Hu solicito que el comite central aprobara su renuncia. La decision aparentemente termino una estrecha asociacion con Deng que duro mas de 40 años.

"Los participantes en la reunion hicieron al camarada Hu Yaobang una seria y amistosa critica y al tiempo reconocieron sus logros en el trabajo", expreso el comunicado.

El anuncio puso fin a varios dias de especulaciones de que Hu, que no fue visto en publico por mas de dos semanas, habia caido en desgracia por no adoptar una linea lo suficientemente dura contra el "liberalismo burgues" en China.

D1-01

0

El Mercurio 21/I/87

Rpca. Popular de China

Deng alienta la inversión extranjera

PEKIN, 20 (UPI). - El líder Deng Xiaoping, que preside una creciente campaña contra las tendencias capitalistas, dijo hoy que China debe abrir más sus puertas al mundo exterior.

Durante sus conversaciones con el primer ministro de Zimbabwe, Robert Mugabe, que se halla de visita en Pekín, Deng también dijo que China había tratado de ir demasiado rápido y que se había esperado demasiado de sus reformas económicas y sociales.

"Nuestros objetivos ahora son realistas y prácticos", dijo Deng, según informó la agencia noticiosa oficial Xinhua.

"Los errores de China cometidos hace unos cuantos años se debieron a una velocidad excesiva y a la sobredemanda, sin tener en cuenta las realidades del país", sostuvo.

Deng, de 82 años, que ha dirigido una lucha contra el "liberalismo burgués" o influencias capitalistas, defendió su política de abrirse al mundo exterior.

"Si hay algunos errores en mejorar nuestra política de puertas abiertas, el principal es que China necesita abrirse más", dijo Deng en un aparente intento por tranquilizar a los inversionistas extranjeros, preocupados por la perspectiva de nueva inestabilidad en esa nación.

01-01

8701313

R.P. CHINA

Hu sigue sin aparecer

PEKIN, 15 (EFE). — El secretario general del Partido Comunista Chino, Hu Yaobang, canceló hoy definitivamente una entrevista prevista con el presidente del Partido Comunista Finlandés, Arvo Aalto.

Un portavoz de la Embajada de Finlandia en Pekín anunció que la entrevista fue cancelada por "indisposición" del secretario general.

Este fue el segundo compromiso internacional suspendido por Hu Yaobang en los últimos tres días y se produce en medio de rumores de todo tipo sobre su inmediato futuro político.

La visita de la delegación comunista finlandesa fue lo mas importante en los últimos 20 años.

La delegación fue recibida esta mañana por el principal dirigente chino, Deng Xiaoping.

Un portavoz del Partido dijo que Hu Yaobang continua indispuesto, pero a la pregunta de si aun es secretario general respondió "no puedo confirmarlo, ni negarlo".

Hu Yaobang, de 71 años, podría ser una víctima de la crisis política originada por un mes de manifestaciones estudiantiles en pro de la democracia y libertad en, al menos, doce ciudades de todo el país.

E. Colon 15/1/87

LA MAÑANA 13-1-87

China: anuncian dos expulsiones

PEKIN (ANSA, EFE Y UPI).- El Partido Comunista Chino anunció ayer la destitución del rector y vicerrector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de China, en Hefei, cuna del movimiento estudiantil prodemocracia.

Guan Weiyan, rector, y Fang Lizhi, vicerrector, considerado este último inspirador ideológico del movimiento estudiantil, fueron expulsados de sus cargos y acusados de favorecer la liberalización burguesa en la universidad.

Fang Lizhi, que algunos han calificado como el Sajarov chino, fue acusado de defender la liberalización burguesa (negar el socialismo y promover el capitalismo), difamar a la dirección del partido y sus dirigentes, negar los logros de éste en las últimas décadas y calumniar el sistema socialista.

Por su parte, el rector de la universidad fue acusado de hacer oidos sordos a los hechos y palabras en favor de la liberalización burguesa.

Guan fue también acusado de la mala influencia causada a nivel nacional por los problemas estudiantiles habidos en su universidad.

Hefei, la capital de la provincia de Auhui, al este de China, fue la cuna del movimiento estudiantil prodemocracia iniciado el cinco de diciembre.

Las manifestaciones cesaron hace unos días después de una fuerte presión estatal y amenazas contra los participantes.

01-01 8701315

MUNDO BOR 13/1/87

CHINA

"Error de estudiantes" dice Deng

PEKIN, 13 (EFE). — El máximo dirigente chino, Deng Xiaoping, dijo hoy que las recientes manifestaciones estudiantiles fueron "un gran error" y que el gobierno no cambiará su política.

En su primera declaración pública sobre las protestas estudiantiles pro-democracia, Deng Xiaoping dijo que los estudiantes no tuvieron "una buna guía" (ideológica) y el partido deberá trabajar ahora en ello.

El dirigente chino habló en una entrevista que mantuvo hoy con el secretario general del Partido Liberal Democrático japonés, Takeshita Noboru.

"Sólo un uno por ciento de los estudiantes del país tomó parte en las manifestaciones. No podemos considerarla, pues, un movimiento extraordinario", dijo Deng.

Se refirió también a algunas personas que han abogado por la total "occidentalización" de China, y nombró a tres: Fang Lizhi, profesor de astrofísica, y los escritores Liu Binyan y Wang Ruowang.

El primero fue expulsado de su cargo de vicerrector de la Universidad en Hefei, cuna, del movimiento estudiantil.

Los otros dos son escritores liberales —uno del periódico del partido "Diario del pueblo"— y, al parecer han sido expulsados de sus cargos

01-01

8701316

CHINO

COMBATES

BANGKOK, 8 (ANSA).— Las tropas chinas [illegible] intensificando sus ataques contra un punto de ingreso al territorio vietnamita a lo largo de la frontera entre los dos países, la misma zona donde hubo duros combates durante la guerra entre ambos países comunistas en 1979, según informó hoy un vocero de la Embajada de Hanoi en Bangkok.

Según fuentes chinas los combates, 225 kilómetros al norte de Hanoi, prosiguieron hoy por cuarto día consecutivo, pero según la agencia de prensa oficial vietnamita (VNA) Hanoi quiere mejorar las relaciones con Pekín.

BOMBARDEO

PARIS, 8 (ANSA).— La chi[illegible]

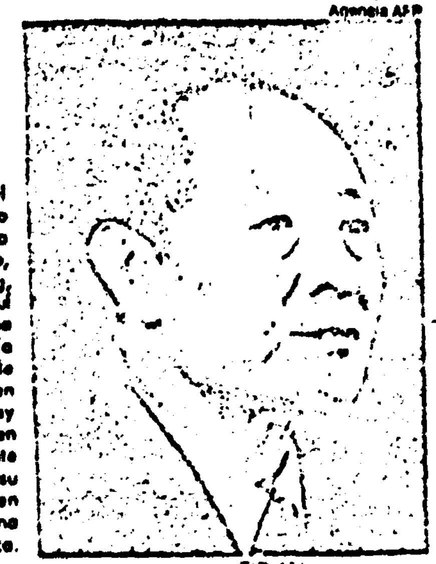
01-01

8701317

Cambios y remociones en China a raíz de protestas estudiantiles

La destitución por el Partido Comunista chino de las máximas autoridades académicas de la Universidad de Hefei, acusadas de instigar las recientes manifestaciones estudiantiles así como de "defender la liberalización burguesa y calumniar al sistema socialista", se vio acompañada en las últimas horas por crecientes versiones sobre posibles cambios en la más alta dirigencia del partido: su secretario general, Hu Yaobang, no recibió a dos líderes partidarios del exterior. Otros trascendidos sobre remociones en el interior del país.

Agencia AFP



El líder del Partido Comunista chino, Hu Yaobang, aparece aquí en una fotografía que se le tomó en 1984. Hay inquietud en Occidente por su ausencia en la escena política.

PEKIN, 12 (AFP, UPI, EFE, Reuter, ANSA y "The Washington Post", especial para Clarín). — El rector y el vicerrector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei fueron expulsados de sus cargos por orden del Partido Comunista chino, acusados de promover las revueltas estudiantiles que durante diciembre último afectaron a más de una docena de ciudades en todo el país, informó hoy la agencia oficial Xinhua (Nueva China).

También en la fecha trascendió que se habrían producido cambios y remociones, aún no confirmados oficialmente, en el Departamento de Propaganda e Información del propio partido.

Simultáneamente suscitó crecientes especulaciones entre los observadores occidentales el anuncio de que el secretario general partidario, Hu Yaobang, no pudo recibir al jefe del Partido Democrático-Liberal japonés, Noburu Takeshita, por hallarse en un estado de "extrema fatiga", según dio a conocer un diplomático nipón.

Hu, de 71 años, al frente del P.C.Ch. desde 1980 y tenido por firme aliado del líder máximo Den Xiaoping, fue visto por última vez en público el 28 de diciembre, cuando se encontró con el primer secretario del Partido Socialista francés, Lionel Jospin.

Varios observadores y medios diplomáticos occidentales sugirieron que el anuncio respecto de Hu podría estar vinculado con posibles cambios en el liderazgo del partido chino, de 44 millones de miembros.

Una fuente china, cuya identidad no fue revelada, señaló a informantes occidentales que Hu Yaobang y el viceprimer ministro Wan Li fueron blanco de veladas críticas por parte de Deng durante un encuentro, el 4 de este mes, de siete altos funcionarios que discutieron la ola de inquietud universitaria.

Funcionarios finlandeses dijeron, por su parte, haber sido informados de que habrá nuevos cambios en la agenda de un ya retrasado encuentro entre Hu y otro visitante a China, el presidente del Partido Comunista de Finlandia, Arvo Aalto, que llegó a Pekín el 6 de este mes en visita de 10 días y es el primer dirigente comunista de su país que arriba a China en más de dos décadas. provincial.

♦ El "Sajarov chino"

En cuanto a las destituciones en la Universidad de Hefei, que fue cuna del movimiento estudiantil en reclamo de reformas democráticas, su titular Guan Weiyuan fue sancionado por negligencia en el cumplimiento de su deber, "que trajo consigo el abandono del trabajo ideológico y político" en dicha ciudad capital de la provincia de Anhui, al este del país.

A su vez, el vicerrector Fang Lizhi —prestigioso profesor de astrofísica destinado ahora a un observatorio astronómico en Pekín—, cesó en su cargo por defender "la liberalización burguesa, difamar a la dirección del Partido, negar los logros de éste en las últimas décadas y calumniar al sistema socialista", según la información.

Lizhi, llamado por muchos "el Sajarov chino" —en alusión al físico disidente soviético Andrei Sajarov— y considerado el inspirador ideológico de las movilizaciones estudiantiles surgidas a partir del 5 de diciembre, había sido elogiado como un "científico modelo" por la prensa oficial, hace sólo tres meses.

♦ Otra expulsión

El académico, que pronunció numerosas conferencias en el exterior, además de recibir premios internacionales, habría sido también expulsado del Partido Comunista según versiones. Sus artículos, leídos y hechos circular en las reuniones estudiantiles, propiciaban una "representación más democrática" en las Asambleas Legislativas.

Anoche, la televisión retransmitió una reunión del claustro profesoral de Hefei, en la cual un miembro del Comité Central, Zhu Guangzhao informó de la medida contra Weiyuan y Lizhi.

Las sillas de ambos aparecían vacías en una sala colmada. Zhu insistió largamente en la "culpabilidad" de Fang, calificando a sus ideas de "liberales burguesas, opuestas al socialismo, a la dictadura democrática popular, a la dirección del partido, al marxismo-leninismo" y "al pensamiento de Mao Tsé-tung".

01-01

China: nuevo detenido por incitar manifestaciones

Un trabajador de la localidad costera de Qingdao, Yu Chunyan, fue detenido el sábado por la Policía acusado de incitar a estudiantes a manifestarse durante la campaña prodemocracia y libertad del mes de diciembre.

CHINA (EFE).— Según la Policía, Yu Chunyan dirigió cartas a estudiantes de varias ciudades, entre ellas Pekín, Shanghai y Nanjing "instigando a los estudiantes a manifestarse y a boicotear los exámenes".

La Policía local describió a Yu como "hostil al sistema socialista" y añadió que a mediados de 1986 intentó formar una organización política "contrarrevolucionaria" denominada "Nuevo Partido Nacional Social Demócrático".

Con éste se eleva a catorce el número de personas detenidas por su participación en instigar o secundar manifestaciones prodemocracia que desarrollaron una crisis política que el viernes supuso la caída del Secretario General del Partido Comunista chino, Hu Yaobang.

El nuevo Secretario General, Zhao Ziyang, que aún conserva su título anterior de Primer Ministro, aseguró ayer a un alto funcionario húngaro que la política básica de China no cambiará.

"Los temores de inestabilidad y de cambio de política son infundados. China y el Partido Comunista mantendrán su política interior y exterior", dijo Zhao.

La prensa china lanzó ayer duras críticas contra el escritor Wang Ruowang, expulsado del Partido Comunista hace poco, después de haber permanecido en él cincuenta años.

Wang fue acusado de pregonar la total occidentalización de China, el camino capitalista y un sistema político multipartidista.

Un artículo en el "Diario del Pueblo" órgano del Partido Comunista, sentenció: "Nunca permitiremos que nadie intente negar el sistema socialista para introducir totalmente el capitalismo".

[illegible] del Partido descartó temores de inestabilidad

PEKIN, (ANSA y UPI).— El premier chino y jefe del Partido Comunista, Zhao Ziyang, descartó ayer como "injustificados" los temores de que la renuncia del ex líder del partido Hu Yaobang lleve a la inestabilidad a China.

Zhao habló en una reunión con el visitante secretario del Partido de Trabajadores Socialistas de Hungría, Havasi Ferenc, su primer acto oficial como Secretario General del Partido Comunista chino desde que fue electo para reemplazar a Hu, el viernes.

"Temores de inestabilidad política son injustificados", dijo Zhao, añadiendo que los cambios en el liderato están "dirigidos a asegurar la continuidad y estabilidad de nuestras políticas".

"Los cambios de dirigentes recientemente aprobados por la reunión expandida del Politburó de ninguna manera afectarán los planes, direcciones y políticas internas y externas del partido", dijo una transmisión radiada a todo el país en que se citó a Zhao.

Zhao también descartó ansiedades de que una nueva purga nacional de "liberales burgueses" — definidos como aquellos que se oponen al socialismo y favorecen el capitalismo — se desarrollaría en una campaña a gran escala.

"PARTIDO MADURO"

"Somos un partido maduro", dijo Zhao. "Nos oponemos al liberalismo burgués, pero no vamos a librar campañas".

El vicepremier Li Peng le aseguró a los intelectuales — las primeras víctimas de la campaña de purga de "liberales burgueses" — que China tiene una total confianza en ellos.

"Alguna gente está tratando de incitar a los intelectuales contra el partido, asegurándoles que serán las primeras víctimas de una campaña contra el liberalismo", citó la agencia Xinhua a Li.

"Pero esto es una mentira y una calumnia", apuntó.

Hablando en una reunión para criticar ideas "burguesas", varios altos académicos advirtieron que todo debate en China "tiene que ser guiado por el marxismo", dijo un informe publicado en los periódicos ayer.

"Alguna gente considera el marxismo como una de entre cientos de escuelas", dijo el filósofo He Lin, en referencia al llamado de Mao Tse-tung "Que florezcan cien flores, que rivalicen cien escuelas de pensamiento", que Hu revivió el año pasado en un intento por alentar un debate más vigoroso y abierto entre los intelectuales de China.

"Pero aun bajo la política de permitir un centenar de escuelas de pensamiento, el marxismo no es una más, sino la dominante y la que tiene la función de guiar a las restantes", apuntó.

01-01

CHINO

Jiang Qing aquejada de cáncer

Viuda de Mao está en estado de coma

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).- Jiang Qing, la viuda de Mao Zedong, se encuentra en un hospital chino al borde de la muerte, aquejada de cáncer de garganta, según informa un semanario chino.

Una breve información en una revista semanal publicada en la provincia de Anhui dice que Jian Qing fue trasladada desde la cárcel a un hospital para recibir tratamiento.

La enferma se encuentra en una habitación individual del hospital al borde de la muerte, señala la revista.

Jiang Qing, tercera esposa de Mao Zedong, fue condenada a muerte en 1981 por formar parte de un grupo contrarrevolucionario junto con otras tres personas que integraban la banda de los cuatro.

Su sentencia fue posteriormente conmutada a cadena perpetua.

La banda de los cuatro fue declarada culpable de haber llevado a cabo la revolución cultural, ahora llamada la década del caos, el periodo más izquierdista y radical de la historia de China, desde 1966 a 1976.

LA MAÑANA 13-1-87

CHINO

LA MAÑANA 15-1-87

Fang Lizhi sería expulsado

Reemplazarían al Jefe del Partido Comunista chino

PEKIN. (UPI).- El líder chino Deng Xiaoping y otros funcionarios evitaron ayer comentar la ausencia pública desde hace dos semanas del jefe del Partido Comunista Hu Yaobang, incrementando los rumores de que se considera su reemplazo a raíz de las protestas estudiantiles exigiendo más democracia en China.

Una fuente china, reiterando informes del diario del Partido Comunista italiano, L'Unita, y la agencia noticiosa yugoslava, Tanjug, dijo que se espera que Hu sea reemplazado por el Primer Ministro Zhao Ziyang en el vigesimotercer Congreso partidario que se efectuará en octubre.

Los informes no confirmados estimaron que Zhao sería reemplazado en su cargo actual por el alcalde de Tianjin, Li Ruihuan, de 52 años de edad.

En su primera declaración pública sobre las manifestaciones estudiantiles, Deng dijo al visitante dirigente del Partido Democrático Liberal japonés, Noboru Takeshita, que "varios conocidos miembros del Partido Comunista comparten esas ideas" (de los manifestantes).

Deng mencionó al físico Fang Lizhi y a los escritores liberales Liu Binyan y Wang Ruowang, según fuentes japonesas.

Según fuentes chinas, los tres podrían ser expulsados del Partido Comunista chino, de 44 millones de miembros.

CAMBIOS ADMINISTRATIVOS

El encuentro de Takeshita y Deng, de 82 años de edad, se produjo en medio de rumores de un inminente cambio administrativo, aumentados por el retiro de un alto asesor del Departamento de Propaganda del partido y la ausencia de la vista pública hace dos semanas de Hu, secretario general del PC.

A1

"China necesita abrirse aún más al exterior", aseguró Deng

LA PRENSA 21/1/87

Pekín, 20 (EFE, ANSA y UPI) — En un nuevo intento de rechazar la preocupación por una involución política en China, el máximo dirigente de este país, Deng Xiaoping, señaló que "China necesita abrirse aún más".

En una entrevista con el primer ministro de [illegible] Robert Mugabe, de visita en China, Deng aseguró que "si hay algunos errores en la puesta en práctica de nuestra política de apertura, el principal es que China necesita abrirse aún más. Nuestros objetivos ahora son realistas y prácticos", agregó, según informó la agencia noticiosa oficial Xinhua.

"Los errores de China cometidos hace unos cuantos años se debieron a una velocidad excesiva y a la sobredemanda, sin tener en cuenta las realidades del país", sostuvo.

Deng, de 82 años, que ha dirigido una lucha contra el "liberalismo burgués" o influencias capitalistas, defendió su política de abrirse al mundo exterior, en un aparente intento por tranquilizar a los inversionistas extranjeros preocupados por la perspectiva de nueva inestabilidad en la nación más grande del mundo. Sin embargo, insistió en que los contactos con otras naciones "de ninguna manera afectarán al sistema socialista de China".

Temores y desconfianza

En los últimos días, los dirigentes chinos advirtieron que la apertura es sólo de tipo económico y que no quieren la entrada en el país de ideologías políticas o costumbres capitalistas.

La insistencia en estas declaraciones sobre la continuidad política de China se produce ante la preocupación expresada en varios países, principalmente Japón, que tienen importantes intereses económicos en China.

Los temores fueron alentados por el reciente cese del Secretario General del partido Comunista, Hu Yaobang, un reformista, y el lenguaje izquierdista de la prensa china en las últimas semanas.

[illegible] de las palabras de Deng Xiaoping y del nuevo secretario general del partido Comunista, Zhao Ziyang, sobre la continuidad de la reforma económica, muchos analistas temen que el ritmo de ésta va a disminuir. Suponen que vendrá un aumento del control del partido en fábricas y centros de trabajo y una menor capacidad de maniobra para empresarios que hasta ahora se han guiado por criterios de mercado para desempeñar su actividad.

Más arrestos

Se informó que dos personas más fueron arrestadas en conexión con las manifestaciones estudiantiles pro democracia, que se realizaron en por lo menos 13 ciudades chinas entre el 5 de diciembre y el 1° de enero. En la provincia norteña de Shanxi 19 personas fueron arrestadas.

El periódico oficial Shanxi informó que los arrestos se debieron a actividades "contrarrevolucionarias". También acotó que escribieron cartas alentando a los estudiantes a que se manifestaran.

Todos los periódicos más importantes de China publicaron hoy notas en primera página condenando al físico Fang Lizhi, un académico liberal que fue expulsado el sábado del partido Comunista por supuestamente incitar a los estudiantes a que realizaran manifestaciones.

La expulsión de Fang se hizo una semana después de que fuera despedido como vicerrector de la Universidad Nacional de Ciencia y Tecnología de la ciudad de Hefei.

PARTES ILEGIBLE

Perspectivas de una evolución

La Prensa 20/1/87

Taiwán como modelo para China roja

Por Alphonse Max

En varias ciudades de China comunista se han registrado revueltas estudiantiles en que se exigía "libertad" y "democracia".

El fenómeno es nuevo y, como el lector se podrá imaginar, muy significativo. Revela entre otras cosas que cierta parte de la joven generación ya no tiene, como sus padres, tanto miedo y terror a manifestar sus ideas en público. Existe en la actualidad, por lo menos en las universidades, cierto margen para discrepar más allá de la protesta individual. Esto es muy distinto a lo que ocurre en la Unión Soviética, donde el disentimiento, cuando tiene oportunidad de articularse, es casi siempre a nivel personal, prácticamente nunca grupal.

Los hechos recientes están estrechamente vinculados con la política pretendidamente liberal del mandamás de China comunista, Deng Xiaoping. ¿Y cuáles son las perspectivas de evolución de esta tendencia? Contemplando la situación desde lejos, se nos ocurre que hay dos caminos que podrían recorrer China roja:

Dos caminos

1° — que el gobierno permita que las aperturas que hicieron su aparición en los últimos años, comenzando con tibias oportunidades para la iniciativa privada, se profundicen y se extiendan de la economía a otros sectores, entre ellos el estudiantil;

2° — que el partido Comunista, en vista de las consecuencias funestas de este taimado liberalismo para el ejercicio de su poder, de marcha atrás.

En el primer caso es probable la formación de una avalancha que paulatinamente abarcaría a todos los sectores de China continental, o sea a más de mil millones de seres humanos, y que barrería con el régimen comunista. Tal desarrollo transformaría a China en una nación libre, con economía de mercado, democracia pluralista, independencia intelectual, etcétera.

Si éste fuera el camino elegido, en la práctica no significaría otra cosa que el triunfo ideológico de la doctrina del doctor Sun Yat-sen y de sus tres principios del pueblo, y una victoria política de la China Nacionalista, obra de Chiang Kai-shek. Pues lo que ha estado ensayando China continental es una imitación, a escala muy [illegible], del modelo seguido por Taiwán. Si la modesta apertura que tiene lugar en China comunista siguiera sus impulsos naturales, dentro del [illegible] no habría mayores obstáculos para una reunificación con la República China en Taiwán, cuyo éxito [illegible] como el de Hong Kong está constantemente a la vista de los chinos del continente. Como los taiwaneses han aplicado sistemas económicos, políticos y sociales que, a pesar de un marco de condiciones adversas, funcionan, no se necesita mucha perspicacia para darse cuenta de que los acalambrados intentos de Pekín de modernizar a su enorme país están basados en el [illegible] del gobierno en Taipei.

Las consecuencias posibles

Evidentemente los líderes de China comunista no ignoran que a esta altura de los acontecimientos la población entera se pregunta cómo es posible que una parte del pueblo chino, los 19 millones que viven en una pequeña isla montañosa y difícilmente explotable, disfruten de prosperidad y libertad crecientes mientras que en el continente se pasan penurias bajo la mano férrea del Estado.

El segundo camino podría ser la consecuencia de reacciones adversas de parte de distintos sectores. La cúpula del partido o de las Fuerzas Armadas, por ejemplo, reconociendo el desastre que el comunismo ha significado para el pueblo chino, tendrá motivos más que suficientes para temer que si el liberalismo sigue su marcha ininterrumpidamente, le sea adjudicada la responsabilidad de haber causado o contribuido a la debacle anterior. En caso de operarse una verdadera liberalización y modernización en China, los líderes serían llamados ante los tribunales para responder por sus crímenes, amén de ser excluidos, ellos y sus familias, del goce del poder. En consecuencia, si los epifenómenos de la apertura china —manifestaciones públicas contrarias al régimen, aparición de una nueva clase de ejecutivos privados y una incipiente clase burguesa— siguen expandiéndose, el gobierno podría decidir poner freno total a la liberalización mientras todavía está en condiciones de hacerlo. En ese caso, China continental volvería a su punto de partida: el maoísmo.

Conveniencia de Moscú

Una reflexión final. La Unión Soviética, por múltiples motivos, la mayoría de los que ciertamente nada tienen que ver con ideología, difícilmente tolerará que al otro lado de su larga frontera se cree un Estado que, superando al comunismo, se trasforme en una sociedad liberal. Por consiguiente, es de esperar que el Kremlin apoye a aquellas fuerzas en China roja que temen al progreso, o sea las que adopten la posición más reaccionaria y retrógrada. Para la Unión Soviética es imprescindible que China siga siendo débil e inoperante. Una comparación de la Unión Soviética con China continental que le sea favorable a ésta, entre otras cosas haría mucho daño a su imagen en los países satélites y los del llamado tercer mundo.

Los comunistas de todas las latitudes saben muy bien que no les conviene el progreso social de la población. En las naciones que son dominadas por ellos, la miseria y las carencias que allí inexorablemente existen paralizan a las masas y sofocan cualquier amago de resistencia.

CHINO

EL DIA 09-1-87

Brotes de racismo en Pekín

PEKIN. — Alrededor de [illegible]00 estudiantes africanos se manifestaron esta mañana en la capital china para protestar por los "prejuicios raciales" de los que son víctimas en el país.

Los estudiantes recorrieron más de diez kilómetros a pie desde el instituto de lenguas hasta la sede de varias embajadas africanas.

El embajador de Marruecos, decano del cuerpo diplomático africano, les recibió y prometió transmitir a las autoridades su petición de más seguridad

También pidieron que las autoridades, y especialmente la Policía, tenga menos prejuicios contra ellos cuando surgen problemas de convivencia.

La actitud de los estudiantes fue estimulada por una carta de una desconocida "Asociación de estudiantes chinos", dirigida a todas las embajadas africanas en la que se acusa a los estudiantes negros de incultura, malos modales; molestar a muchachas chinas y ser vagos.

La federación de estudiantes chinos denunció la carta por "maliciosa y truculenta" pero los estudiantes africanos dijeron que sólo es un episodio más de la hostilidad de muchos chinos hacia la raza negra.

Los estudiantes partieron a las ocho de la mañana para su marcha de más de dos horas y media tras ignorar las advertencias policiales de que la manifestación era ilegal.

01-01

8701324

TEMA: CHINESE COMUNISTS AND NORTH KOREA WOULD FIGHT SIDE BY SIDE; COMMANDER CH'EN CHI-WEI OF PEKING MILITARY REGION EMPHASIZES

PROCEDENCIA: DOC. SECRET. DPTO. II Nº 0125/87 del 24/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701479

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: CHINESE COMMUNIST STATE PRESIDENT LI HSIEN-NIEN VISITS NORTH KOREA

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARÍA DPTO. II Nº 0156/87 del 23/4/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701480

PROCEDENCIA: Doc. SECRETARÍA DPTO. II Nº 0156/87 del 23/2/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 0701480

ARCHIVAR EN: R.P.CH. (033)

TEMA: SERIOUS DISPUTES OCCURRED IN CHINESE COMMUNIST "PAI TAI HO CONFERENCE".

PROCEDENCIA: Doc. SECRETARÍA DPTO. II Nº 0131/87 del 22/2/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 0701482

TEMA: ASSESSMENT ON PEIPING ECONOMIC SITUATION IN FIRST HALF OF 1986

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARÍA DPTO. II Nº 0154/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701483

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: CHINESE COMMUNISTS CARRYING OUT ALL-OUT PARTY RECTIFICATION IN RURAL AREAS

PROCEDENCIA: DOC. SECRET. DEL DPTO. II Nº 0132/87 del 22/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE CHINA (135/B)

01-01 8701484

PROCEDENCIA: SR. SECRET. del DPTO. II Nº 0132/87 del 22/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE CHINA (135/a)

01-01 0701484

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: CHINESE COMMUNISTS INCREASE THEIR CONTACT AND COOPERATION WITH SOVIET UNION

PROCEDENCIA: Nº IDENTIF. SECRETARIA DPTO. II 0198/87 del 30/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/a)

01-01 0701485

TEMA: CHINESE COMMUNISTS LIKELY TO SEND MISSILES TO NICARAGUA

PROCEDENCIA: DOC. SECRET. DPTO. II Nº 0134/87 del 24/4/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701487

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: PERFORMANCE OF "SPECIAL ECONOMIC ZONES" SAID UNSATISFACTORY

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARIA DPTO. II Nº 0124/87 del 01/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701493

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARIA DPTO. II Nº 0124/87 del 01/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/8)

D1-01 0701493

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: CHINESE COMMUNISTS AID SIKKIM ANTI-INDO ORGANIZATION WITH WEAPONS AND TRAINING

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARIA DEL DPTO. II Nº 0135/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/8)

D1-01 0701496

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: COMMENT ON "PROPAGANDA NEWSLETTER" PUBLISHED BY PROPAGANDA DEPARTMENT OF CCP KWEICHOW PROVINCIAL COMMITTEE (WITH ORIGINAL TEXT)

PROCEDENCIA: Doc. SECRETARIA del DPTO. II Nº 0126/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

D1-01 0701499

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: ORGANIZATIONAL STRUCTURE AND MAJOR TASKS OF KWANGTUNG PROVINCIAL "DEPARTMENT OF STATE SECURITY"

TEMA: COMMENT ON "PROPAGANDA NEWSLETTER" PUBLISHED BY PROPAGANDA DEPARTMENT OF CCP KWEICHOW PROVINCIAL COMMITTEE (WITH ORIGINAL TEXT)

PROCEDENCIA: Doc. SECRETARIA del DPTO. II Nº 0126/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701499

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: ORGANIZATIONAL STRUCTURE AND MAJOR TASKS OF KWANGTUNG PROVINCIAL "DEPARTMENT OF STATE SECURITY"

PROCEDENCIA: Doc. SEC. DPTO. II Nº 0127/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701500

PROCEDENCIA: Doc. Sec. Dpto. II Nº 0127/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE DE CHINA (135/8)

D1-01 8701500

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: CHINESE COMMUNISTS STICK AT THEIR BASIC POLICY IN SUPPORT OF BURMESE COMMUNISTS

PROCEDENCIA: Doc. SECRETARÍA DEL DPTO. II Nº 0128/87 del 21/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE DE CHINA (135/8)

01-01 8701501

TEMA: ANALYSIS OF ROUND 9 "NORMALIZATION OF RELATIONS" TALKS BETWEEN PEIP'ING AND MOSCOW.

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARIA DPTO. II Nº 0129/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701502

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: GENERAL ANALYSIS OF RECENT SUCCESSIVE VISITS TO CHINESE MAINLAND BY CHIEFS OF EAST EUROPEAN COUNTRIES

PROCEDENCIA: DOC. SECR. DPTO. II Nº 0130/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE DE CHINA (135/B)

01-01 8701503

PROCEDENCIA: DOP. SECR. DPTO. II Nº 0130/87 del 21/01/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE DE CHINA (135/8)

D1-01 8701503

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: PROBLEMS EXISTING IN DEVELOPMENT AND TRANSFER OF SCIENCE AND TECHNOLOGY AS SURVEYED BY CENTER FOR PROMOTION, DEVELOPMENT, AND RESEARCH OF SCIENCE AND TECHNOLOGY UNDER PEIPING'S STATE SCIENCE AND TECHNOLOGY COMMISSION.

PROCEDENCIA: DOP. SECRET. DPTO. II Nº 0133/87 del 21/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/8)

D1-01 8701508

...N CHAN BUSINESSMEN'S INTEREST ON CHINESE MAINLAND MARKEDLY WANES

PROCEDENCIA: DOE ~~[illegible]~~ SECRETARIA DPTO II. Nº 0150/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701511

ARCHIVAR EN: R.P. CHINA (033)

TEMA: SITUATION CONCERNING PEACE TALKS BETWEEN PEIPING-BACKED BURMESE COMMUNISTS AND BURMESE GOVERNMENT

PROCEDENCIA: DOP. SECRETARIA DPTO. II Nº 0151/87 del 22/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701514

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: ANNUAL CONSCRIPTION STARTED BY CCP

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARIA DPTO. II Nº 0244/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

D1-01 0701510

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: THAI POLICE CRACK DOWN SEVERAL WEAPON SMUGGLING CASES NEAR BORDER WITH CAMBODIA

PROCEDENCIA: DOC. SECRETARIA DPTO. II Nº 0152/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

D1-01 0701515

TEMA: YOUTHS ON CHINESE MAINLAND LOSE FAITH IN COMMUNISM: HU YAO-BANG

PROCEDENCIA: ADO. SECRETARIA DPTO. II Nº 0148/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (125/8)

8701516

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: YOUTHS ON CHINESE MAINLAND LOSE FAITH IN COMMUNISM: HU YAO-BANG

PROCEDENCIA: ADO. SECRETARIA DPTO. II Nº 0148/87 del 23/1/87

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (125/8)

01-01 8701516

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: CHINESE COMMUNISTS LOBBY LAOTIAN RESISTANCE LEADER JOINING PRO-PEIPING FRONT

ARCHIVADO EN: CARPETA ENLACE de CHINA (135/B)

01-01 8701521 -

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Assessment of Hu Yao-Pang's Remarks Calling For correct Handling of Intra-Party Contradictions.

PROCEDENCIA: Enlace China del 30/1/87 Doc. 0191/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01 8701536

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Peiping's Religious Policy as Seen From Expansion OF Its Internatio nal UNITED Front Activities.

PROCEDENCIA: Enlace China del 30/1/87 Doc. 0192/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B

01-01 8701540

ARCHIVAR EN:

TEMA: Peip'ing's Religious Policy as Seen From Expansion OF Its Internatio nal UNITED Front Activities.

PROCEDENCIA: ENLACE Chino del 30/1/87 doc.0192/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Chino (135/B

01-01 8701540

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Chinese and Brazilian Communists Restore "Party to Party" Relations.

PROCEDENCIA: ENLACE China del 30/1/87 doc.0193/87

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B

8701541

01-01

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Vietnamese Refugees Receiving Military Training on Chinese Mainland

PROCEDENCIA: Enlace China 30/1/87 Doc. 0193/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01 8701542

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Keynote Speech by Gorbachev at Recent Plenum of CPSU's Central Committee.

PROCEDENCIA: Enlace China 30/1/87 Doc. 0195/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

8701544

TEMA: Keynote Speech by Gorbachev at Recent Plenum of CPSU'S Central Committee.

PROCEDENCIA: Enlace China 30/1/87 Doc. 0195/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01 8701544

ARCHIVAR EN: R. P. China (833)

TEMA: Analysis of Hu Yao-Pang's Policy To Develop Relations with East European Countries.

PROCEDENCIA: Enlace China 21/2/87 Doc. 0187/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01 8701545

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Peiping's Policy To Aid Burmese Communists Remains Unchanged.

PROCEDENCIA: Embajada China 30/1/87 Doc. 0194/87

ARCHIVADO EN: Embajada China (035/B)

01-01 8701546

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: The Situation in Mainland China: Recent Changes and Future Development

PROCEDENCIA: Emb. Rep. China 30/1/87 Doc. 0196/87

ARCHIVADO EN: Liga Anticomunista Mundial (044)

01-01 8701547

Deng Xiaoping afirmó que no puede dejar la política

El líder Deng Xiaoping dijo que las recientes manifestaciones estudiantiles constituían un "obstáculo derechista" a la modernización de China. Al recibir al secretario del partido Liberal-Demócrata japonés, Noboru Takeshita, Deng agregó que no abandonará este año —como lo deseaba— la actividad política. Dos periodistas —Liu y Wang— podrían ser expulsado del P.C. chino.

PEKIN, 13 (ANSA y AFP). — El iniciador del nuevo curso chino, Deng Xiaoping, de 82 años, dijo hoy, en su primera aparición pública de este año que, contra sus deseos, no podrá dejar este año la vida política activa.

Recibiendo hoy al secretario del Partido Liberal-Demócrata japonés, Noboru Takeshita, Deng dijo: "Parece que tendré que seguir trabajando porque ningún dirigente está de acuerdo en que me vaya".

El año pasado, Deng había dicho repetidamente que quería retirarse para que lo sustituyese un elemento más joven. Se rumoreó que su sustituto iba a ser el actual secretario general del Partido Comunista, Hu Yaobang, de 71 años.

Se afirma que Hu cayó en desgracia. Según fuentes chinas, está fuera de Pekín observando un período de reposo que los médicos le prescribieron para superar un estado de profunda postración física.

En este sentido hay que señalar que desde hace días ninguna fuente oficial china menciona al jefe de Propaganda del Partido Comunista, Zhu Houze ni al ministro de Cultura, Wang Meng, nombrados a comienzos del año pasado con el patrocinio de Hu.

En el ámbito de la actual campaña contra el "liberalismo burgués", Peng Zhen, presidente del Comité Permanente de la Asamblea e influyente miembro del buró político, dijo hoy en el cuartel general de la policía que se debe combatir contra la "contaminación espiritual", lo que hace eco a una campaña de 1983 contra los influjos occidentales.

Los estudiantes

"Las recientes manifestaciones de estudiantes en favor de la libertad y la democracia constituyen un obstáculo derechista a la modernización en China", declaró hoy Deng Xiaoping, anunciaron fuentes japonesas en Pekín.

"Existen diversos tipos de obstáculos a las cuatro modernizaciones", declaró Deng a Noboru Takeshita, secretario general del Partido Liberal-Demócrata en el poder en Japón, según dichas fuentes.

Las cuatro modernizaciones son las de la agricultura, la industria, el ejército y las ciencias y las técnicas.

"*En el pasado*, agregó Deng, los obstáculos venían de la izquierda, pero esta vez, con las manifestaciones de estudiantes, encontramos obstáculos a la derecha". Los obstáculos de la izquierda son una alusión a los medios chinos opuestos a todo tipo de reformas.

"Hemos tenido problemas con nuestro trabajo ideológico. No supimos dirigir bien a nuestros estudiantes y esto es un grave error", dijo estimando que aunque menos del uno por ciento de los estudiantes participó en las manifestaciones de diciembre, esos acontecimientos deben ser considerados como un "hecho grave".

Durante las manifestaciones, ciertos estribillos criticaban la dirección del Partido Comunista y el sistema socialista.

"Malos elementos influenciaron a los estudiantes preconizando una occidentalización completa y entre ellos se encontraban ciertas personas célebres, como los intelectuales Fang Lizhi, Liu Binyan y Wang Ruowang", dijo Deng.



Deng Xiaoping, hombre fuerte de China

01-01 8701597

Destituyen a dirigentes de la Universidad de Hefei

Pekín, (PL) —La dirección del Partido Comunista de China reafirmó la continuidad de las reformas y la denominada apertura al exterior, y rechazo los intentos, de elementos que no identifica, de negar el socialismo en beneficio del capitalismo.

En editorial del órgano central, "Renmin Ribao" las autoridades admiten que en los últimos tiempos proliferan aquí partidarios de la llamada occidentalización total que, remarcó no es más que negación del socialismo y pretensión de restauración del capitalismo.

La lucha contra estas tendencias debe incrementarse para servir, subraya, a la continuidad de la estrategia de reformas y apertura a la cooperación con el exterior y la consolidación de lo que califican de socialismo con características chinas.

Según estiman los especialistas, con ese editorial las autoridades chinas pretenden por un lado reiterar la desaprobación de tales corrientes, y por el otro puntualizar que no hay cambios en la estrategia impulsada por el líder Deng Xiaoping desde hace un sexenio.

Para los opuestos a ese rumbo, las recientes manifestaciones antisocialistas en medios estudiantiles, intelectuales y obreros es fenómeno inseparable de los cambios en curso en el sistema de propiedad, la creciente privatización y en el orden internacional los estrechos nexos de cooperación, incluso militar, tejidos por Pekín, durante, el periodo con Estados Unidos, Europa occidental y Japón.

En conexión con esta problemática, los periódicos hongkoneses "Wen Hui Pao" y "Ta Kung Pao" relacionados con las autoridades pekinesas afirman que durante una reciente reunión gubernamental de emergencia Deng Xiaoping urgió a expulsar del Partido Comunista a los promotores de las tesis de liberalización burguesa.

DESTITUIDOS DIRIGENTES DE UNIVERSIDAD CHINA

La dirección del Partido Comunista y el gobierno de China destituyó al rector y vice-rector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei, Anhui y los acusó de posiciones antisocialistas y procapitalistas.

Como nuevos dirigentes del centro de estudio por donde comenzaron hace cuatro semanas las manifestaciones estudiantiles que han sacudido el país fueron nombrados los viceministros de las comisiones estatales de ciencia y técnica y educación Teng Teng y Peng Peiyun.

Al informar en Hefei sobre la decisión el representante del Comité Central del Partido Comunista Zhou Guangzhao acusó al ex-rector Guan Weiyan de incumplir sus obligaciones en particular en el área ideológica y política y al ex vice rector Fang Lizhi de posturas abiertamente antipartido, antisocialistas y procapitalistas.

En exposición sobre el caso, Li Guizian, secretario del comité provincial del Partido en Anhui, responsabilizó a Fang Lizhi de promover los recientes disturbios estudiantiles en la universidad y de negar el régimen socialista en favor del capitalista, informó la Radio Nacional.

ESTADO AGONICO DE LA VIUDA DE MAO

La tercera esposa y viuda de Mao Zedong, Jiang Qing, de 73 años, está ingresada en grave estado en un hospital de esta capital, según reveló la publicación semanal de la provincia china de Anhui en su última edición.

En medios locales se recordó que Jiang Qing, condenada a muerte en 1981, por formar parte de la llamada "Banda de los cuatro" y cuya sentencia le fue conmutada por la de cadena perpetua, estaba internada en la prisión de Qin Cheng, a unos 30 kilómetros al norte de aquí.

La "Banda de los cuatro" fue señalada como la responsable de una violenta represión desde 1966 a 1976 en la etapa conocida como la "Revolución cultural" donde cientos de miles de personas desaparecieron y otras fueron perseguidas, entre ellas, el máximo dirigente chino actual, Deng Xiaoping.

La información del semanario dice que Jiang Qing padece de cáncer en la garganta y está en un estado de salud crítico.

La URSS perfecciona sus armas en el margen de los acuerdos

Moscú, (Por Ricardo Saxlund) —Sólo en los límites de los Salt y en respuesta a las nuevas armas estadounidenses es que la URSS moderniza los cohetes SS, asevera ayer en "Pravda" Yuri Maximov, general del ejército y comandante en jefe de las tropas coheteriles de designación estratégica de la URSS.

Desmiente en absoluto las afirmaciones de Richard Perle, asesor del secretario de Defensa de EE.UU., en cuanto a que la URSS ha elaborado un nuevo cohete "pesado", un cohete balístico intercontinental. Esa patraña, dice el alto jefe soviético, está dirigida a personas que no conocen el contenido del acuerdo SALT II."No elaboramos ningún cohete "pesado" nuevo y solo realizamos algunos tra-

grado.

En todo el país se reanudaron ayer las clases de los demás grados y niveles tras las vacaciones invernales que esta vez fueron verdaderamente de invierno.

Desde hace décadas no se registra una ola de frío intenso tan prolongada como la presente. Al corresponsal le tocó vivirla en Tallin, la capital de Estonia, donde el frío de termómetro se incrementa por el viento húmedo del golfo y hace entumecer manos y pies. En el suelo soviético, más allá de naturales inconvenientes en el transporte y algunos servicios en las zonas más afectadas —sin descartar consecuencias para la producción agrícola— la vida es normal: el trabajo dicta sus normas y las casas son cáli-

de la URSS en una entrevista publicada este domingo por el diario de la organización juvenil "Komsomolskaya Pravda".

Alexandr Vlasov aprueba la iniciativa de los jóvenes de organizar "grupos no formales" para contribuir a mantener el orden público en ciudades y poblados. También se pronuncia el ministro —en respuesta a preguntas de lectores— contra cualquier medida coactiva a los jóvenes de "extraña apariencia exterior (punks, metalistas y otros fanáticos) que choca a adultos y exhorta a los dirigentes juveniles a dialogar con esos grupos.

También señala Vlasov que no hay objeciones al uso de videocasetes excepto cuando se trata de material pornográfico o belicista.

En la URSS rige el control

exterior y la consolidación de lo que califican de socialismo con características chinas.

Según estiman los especialistas, con ese editorial las autoridades chinas pretenden por un lado reiterar la desaprobación de tales corrientes, y por el otro puntualizar que no hay cambios en la estrategia impulsada por el líder Deng Xiaoping desde hace un sexenio.

Para los opuestos a ese rumbo, las recientes manifestaciones antisocialistas en medios estudiantiles,

UNIVERSIDAD CHINA

La dirección del Partido Comunista y el gobierno de China destituyó al rector y vice-rector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei, Anhui y los acusó de posiciones antisocialistas y procapitalistas.

Como nuevos dirigentes del centro de estudio por donde comenzaron hace cuatro semanas las manifestaciones estudiantiles que han sacudido el país fueron nombrados los viceministros de las comisiones estatales

en el margen de los acuerdos

Moscú, (Por Ricardo Saxlund) —Sólo en los límites de los Salt y en respuesta a las nuevas armas estadounidenses es que la URSS moderniza los cohetes SS, asevera ayer en "Pravda" Yuri Maximov, general del ejército y comandante en jefe de las tropas coheteriles de designación estratégica de la URSS.

Desmiente en absoluto las afirmaciones de Richard Perle, asesor del secretario de Defensa de EE.UU., en cuanto a que la URSS ha elaborado un nuevo cohete "pesado", un cohete balístico intercontinental. Esa patraña, dice el alto jefe soviético, está dirigida a personas que no conocen el contenido del acuerdo SALT II."No elaboramos ningún cohete "pesado" nuevo y solo realizamos algunos tra-

grado.

En todo el país se reanudaron ayer las clases de los demás grados y niveles tras las vacaciones invernales que esta vez fueron verdaderamente de invierno.

Desde hace décadas no se registra una ola de frío intenso tan prolongada como la presente. Al corresponsal le tocó vivirla en Tallin, la capital de Estonia, donde el frío de termómetro se incrementa por el viento húmedo del golfo y hace entumecer manos y pies. En el suelo soviético, más allá de naturales inconvenientes en el transporte y algunos servicios en las zonas más afectadas —sin descartar consecuencias para la producción agrícola— la vida es normal: el trabajo dicta sus normas y las casas son cáli-

de la URSS en una entrevista publicada este domingo por el diario de la organización juvenil "Komsomolskaya Pravda".

Alexandr Vlasov aprueba la iniciativa de los jóvenes de organizar "grupos no formales" para contribuir a mantener el orden público en ciudades y poblados. También se pronuncia el ministro —en respuesta a preguntas de lectores— contra cualquier medida coactiva a los jóvenes de "extraña apariencia exterior (punks, metalistas y otros fanáticos) que choca a adultos y exhorta a los dirigentes juveniles a dialogar con esos grupos.

También señala Vlasov que no hay objeciones al uso de videocasetes excepto cuando se trata de material pornográfico o belicista.

realizan los ensayos pertinentes. Estas operaciones se ajustan asimismo a la declaración del gobierno soviético formulada el 5 de diciembre último. El nuevo cohete balístico intercontinental ligero, llamado SS 24 en Estados Unidos, se elaboró en respuesta al despliegue por Estados Unidos del misil de primer golpe MX, hecho también según los límites del SALT II sostiene el general Maaximov.

Las declaraciones de Perle, dice, busca distraer de las violaciones al Salt hechas por EE.UU. con vistas a lograr superioridad militar.

SUSPENDEN CLASES

El pertinaz frío que en zonas de la URSS se mantiene por debajo de los 60 grados, y en la capital llega hasta menos de 40 bajo cero por la noche, manteniéndose sobre los 30 grados durante el día, llevó a suspender la reanudación de las clases de escolares hasta el tercer (cercano a 35 grados bajo cero en el aeropuerto) y por la mañana había poca gente en las calles y avenidas. Ayer, día laboral, con buen abrigo, los moscovitas, más urgidos que de costumbre, practican normalmente sus actividades.

NUEVA TAREA DE LA JUVENTUD

La mayor cooperación entre los militantes del Komsomol (Juventud Comunista) y la milicia en la lucha contra los ingresos ilícitos, la borrachera y el parasitismo fue resaltada por el ministro del Interior fascistas y su función de propagandista del imperialismo yanqui, acotamos.

Por lo demás el ministro del Interior soviético informa a los lectores del gran trabajo a cargo de su ministerio para limpiar de las filas a los comprometidos en infracciones de las leyes, mejorar la política de cuadros y publicitar más la actividad de la milicia. Afirma la necesidad de revisar el código Penal, sin cambios durante un cuarto de siglo, desajustado a las nuevas condiciones sociales y el ambiente moral de la sociedad soviética.

8701598

01-01

97

Rocl

Las relacion
con la Comun

BRUSELAS, 13 (EFE). — Las autori anunciaron a la Comunidad Económica Eur su intención de "privilegiar" las importaci ado Común, en la reunión del comité mixto celebrada en esta ciudad.

El comunicado conjunto, publicado hoy de esta reunión de altos funcionarios, señala "la cooperación entre la Comunidad y China rrollado considerablemente en los últimos a volumen como en diversidad".

También se constata que se ha producid crecimiento de los intercambios durante 198 ñado de una disminución sensible del déficit c

La CEE es el tercer socio comercial de absorber un 11,9 por ciento de sus exportac delante de Estados Unidos (10,7 %) y detrá (30,1 %) y Hong Kong (17,8 %).

La Europa comunitaria vende, sobre tod maquinaria, calderas y material de transporte que el 37 % de las importaciones totales de China son productos textiles.

En 1985 China importó productos de la valor de 3.802 millones de ECU (alrededor de en dólares), mientras que la CEE vendió a Ch doble, 6.534 millones de ECU.

China ve en las relaciones con Europa una va fundamental a la bipolarización del mund incrementa su interés comercial hacia la Ce Europea, señalaron fuentes próximas a la CEE

Las relaciones entre la CEE y China se ri acuerdo de cooperación económica y comercial en mayo de 1985, cuyo funcionamiento fue exam la reunión del comité mixto.

En esta reunión, según fuentes comunitaria ha expresado su deseo de mejorar la imagen ante los empresarios europeos dada la escasa de los inversores europeos hacia ese país asiáti encuestas realizadas por la propia CEE.

Una de las cuestiones concretas planteada delegación China ha sido el pedido a la CEE de tura de un contingente de importación a arance do de 600.000 toneladas anuales durante tres a las papas dulces y de 330.000 toneladas de mandi

Esta petición ya le fue comunicada al presi la comisión europea, Jacques Delors, en su viaje en julio del año pasado, y una decisión al respect ser tomada por los ministros de Relaciones Exte la CEE en su reunión del próximo 26 de enero en les.

[illegible] comité mixto estuvo encabez [illegible] directora adjunta del ministerio [illegible] económicas internacionales, y por [illegible] general adjunto de relaciones exterior [illegible]

PARTES ILEGIBLE

01-01

8701600

CLARIN 14-1-87

Las relaciones Hanoi-Pekín

MOSCU, 28 (UPI). — El viceministro de Relaciones Exteriores de Vietnam, Vo Dong Giang, declaró en una entrevista publicada hoy en el diario "Izvestia" que su país está dispuesto a "hacer todo lo posible" para restablecer relaciones normales con China, y que con ese fin ha pedido conversaciones en cualquier nivel, en cualquier lugar".

Pero Dong no ofreció un retiro de las tropas vietnamitas de Kampuchea, el principal obstáculo para mejorar las relaciones entre China y Vietnam.

Vietnam tiene unos 140.000 soldados en Kampuchea y, a raíz de la ocupación de ese país, luchó durante cuatro meses con China en 1979.

"Los pueblos de Vietnam y de China están ligados por muchas eras de amistad, por la experiencia de la lucha contra el imperialismo", dijo Dong. "Vietnam valoriza altamente la amistad entre ambas naciones y hará todo lo necesario para restaurarla tan pronto como sea posible", agregó.

"Hemos presentado diversas propuestas para la normalización de relaciones entre Vietnam y China, y estamos dispuestos a comenzar conversaciones sobre este problema en cualquier nivel y en cualquier lugar", aseguró Dong a "Izvestia".

Dong afirmó que Vietnam apoya la intención del gobierno de Kampuchea de "comenzar conversaciones con los grupos de oposición con el objetivo de lograr un acuerdo nacional".

Pero agregó que las conversaciones deben excluir a los seguidores de Pol Pot, el dirigente kampucheano que fue derribado del poder

En agosto, los cancilleres de Vietnam, Kampuchea y Laos emitieron una exhortación similar a realizar conversaciones con China.

China: los una serie

CLARIN 29/12/86

No decrece en China la inquietud desencadenada entre el estudiantado universitario: la agitación se ha extendido a la capital y a la ciudad de Nankín. En Pekín, un numeroso grupo de jóvenes desafió el frío y la nieve para escuchar la lectura de un mural que reclamaba democratización y mayores libertades. Similares reivindicaciones fueron planteadas en Nankín, así como en otras diez ciudades.

PEKIN, 28 (UPI-AP). — Estudiantes de la Universidad de Pekín se congregaron esta noche frente a esa casa de estudios, desafiando un viento helado y bajo la nieve, para escuchar —dando muestras de aprobación— la lectura de un largo mural que expresaba apoyo a un sistema político multipartidario, demandaba libertad de prensa e instaba a luchar por cambios en el gobierno.

Un estudiante leyó a la luz de una linterna los caracteres del mural colocado en uno de los muros de la universidad, considerada una de las más prestigiosas de la nación. "Debemos tomar medidas", decía. "Nosotros mismos debemos movernos para cambiar el sistema de política de gobierno".

Entretanto, las autoridades de Nanjing, a mil kilómetros al sur de Pekín, anunciaron el arresto de tres trabajadores que participaron el viernes en una manifestación en demanda de reformas políticas, lo que elevó a ocho el número de detenciones anunciadas en toda China, debido a las recientes protestas.

El mural en la universidad local, cuya lectura fue interrumpida varias veces por la risa excitada de los estudiantes presentes y frecuentes gritos de "¡bien dicho!", exhortaba a apoyar las protestas prodemocráticas que han estallado este mes en por lo menos diez ciudades, "porque no podemos esperar diez años por lo que queremos".

El afiche atacaba además a los medios de comunicación gubernamentales por las críticas publicadas contra los miles de personas que han tomado parte en las manifestaciones de protesta. "Los estudiantes están furiosos", decía. "Cada día el gobierno nos presiona a través de los diarios".

"Queremos hablar. Queremos nuestros propios diarios. Diarios para el pueblo. Ahora el partido del gobierno controla todo", demandaba el mural, que asimismo expresaba apoyo a un vicepresidente de la Universidad de Hefei

RPCH

MANIFESTACIÓN DE OBREROS Y ESTUDIANTES EN SHANGHAI

El País 22-12-86

PEKIN, 21 (EFE) — Miles de estudiantes, a los que se unieron obreros y viandantes, se manifestaron hoy por tercer día consecutivo en Shanghai en demanda de mayores libertades políticas en la República Popular China. El número de manifestantes aumentó a lo largo del día hasta llegar a la cifra aproximada de unos 20.000, según testigos presenciales. La manifestación, centrada por la tarde frente a las oficinas del gobierno municipal y del comité local del Partido Comunista chino, transcurrió de forma ordenada y no se registraron incidentes ni actos de violencia. Por primera vez hoy hubo informaciones de que grupos de obreros se unieron a las manifestaciones y los viandantes aprovecharon para quejarse por los aumentos de precios.

En algunas pancartas de los congregados se podía leer "viva la democracia" y "fuera la burocracia". Otras pedían libertad de prensa y respeto a los derechos humanos.

La manifestación transcurrió en orden durante todo el día y no hubo tensiones ni enfrentamientos. Se observó una fuerte presencia policial pero las fuerzas del orden se limitaron a vigilar la concentración.

Las nuevas versiones que circulaban hoy desmintiendo o suavizando las que refirieron detenciones masivas y brutalidad de la policía en la masiva concentración del sábado contribuyeron a calmar los ánimos.

Junto a las oficinas del gobierno municipal se invitó a los estudiantes a dispersarse pero los dirigentes estudiantiles anunciaron que la protesta seguirá de forma indefinida.

MAYOR LIBERTAD Y DEMOCRACIA

En otro lugar de la ciudad, en la llamada Plaza del Pueblo, continuó la concentración de estudiantes, que ha permanecido allí casi de forma ininterrumpida desde el inicio de la actual protesta, el pasado viernes.

Alrededor de las 21:00 horas (13.00 GMT) el número de congregados en la plaza era superior a los tres mil, según testigos, y al igual que en el otro foco de concentración, junto al paseo marítimo, el ambiente era distendido.

Según informaciones llegadas hoy a Pekín, manifestaciones similares en la ciudad meridional de Kunming se prolongaron durante cuatro días y concluyeron el pasado viernes.

Además de reivindicaciones específicamente estudiantiles, los manifestantes pedían libertades políticas y mayor democracia y representatividad.

En esa ciudad los estudiantes trataron de conseguir que grupos de trabajadores secundaran la protesta, pero al parecer no hubo una respuesta sensible por parte de éstos, como tampoco a los intentos de cortar el tráfico ferroviario en la ciudad.

Mientras tanto el país aún no ha sido informado de esta serie de protestas estudiantiles en los últimos quince días y el gobierno mantiene por ahora silencio sobre los hechos.

Unas declaraciones de un alto funcionario de la comisión estatal de Educación, reconociendo el derecho de los estudiantiles a manifestarse, sólo fueron difundidas en medios de comunicación destinados al exterior.



Protesta

Estudiantes chinos exigen ante la municipalidad de Shangai libertad y reformas democráticas. Foto de la agencia japonesa Kyodo. (AP)

ADVERTENCIA OFICIAL

En la primera información oficial sobre las recientes manifestaciones de Shanghai, la agencia oficial china "Xinhua" mostró el completo desagrado de las autoridades.

La agencia de noticias lanzó una seria advertencia a los estudiantes para que no sigan "perturbando el orden social" y les acusó poco menos que de "falta de patriotismo".

La agencia reconoció la existencia de varias manifestaciones en los tres últimos días, en las que se mostraron pancartas con las inscripciones "democracia", "libertad" y "derechos humanos".

"Xinhua" recogió las declaraciones de un [illegible] en las que comparó los problemas causados por l[illegible] manifestantes con parecidas situaciones durante la "revolución cultural".

Ello podría indicar que, si los estudiantes persisten en su actitud, el gobierno podría aplicar severas medidas.

En su información, la agencia acusó a los estudiantes de "agravar la ya congestionada situación del tráfico", de "desbaratar la producción normal y el orden social", y de "crear completo desorden".

Según "Xinhua", 31 policías fueron golpeados por los estudiantes cuando aquellos trataron de desalojar las oficinas municipales ocupadas por un grupo de manifestantes.

DESMIENTEN DETENCIONES

La agencia citó a un portavoz del gobierno municipal de Shanghai que aseguró que "nunca hubo casos de cargas policiales ni de detenciones de estudiantes".

Los rumores de masivas detenciones fueron ocasionadas por el hecho de que la policía utilizó autobuses "para mandar a los estudiantes a sus escuelas".

Según la información, el alcalde de Shanghai dialogó con los estudiantes el día 18 y les expuso su deseo de que sus acciones se mantuvieran dentro de los requisitos constitucionales y de los "cuatro principios" básicos de la política china (dictadura del proletariado, liderazgo del partido comunista y adhesión al pensamiento marxista-leninista y de mao zedong)



Exigen liberación de compañeros

Continúan protestas estudiantiles en la capital china

Miles de universitarios marcharon ayer en la madrugada hacia una jefatura de policía en el centro de Pekín para exigir la liberación de sus compañeros detenidos durante una manifestación en la plaza de Tian Anmen en un acto de desafío a la prohibción gubernamental de manifestarse en ella.

PEKIN, (ANSA, EFE y ... Heron de la Universidad de ... Ding, quien según se

Rebeldes rechazan propuesta

Proponen en Afganistán una cesación del fuego

MOSCU, (ANSA, EFE y UPI).— El gobernante de Afganistán, Najib, propuso una cesación del fuego a partir del 15 de enero como primer paso en un programa de reconciliación nacional, informó ayer la agencia noticiosa oficial soviética TASS.

En Islamabad, Paquistán, el vocero de los rebeldes Mujahideen, Mohammad Nabi Mohammad, calificó la propuesta como un fraude y dijo que los guerrilleros rechazaban la tregua.

Najib anunció asimismo una amnistía para los presos políticos durante una sesión del Comité Central del Partido Democrático Popular afgano realizada ayer en Kabul, según el despacho de TASS fechado en la capital afgana.

Tropas afganas apoyadas por fuerzas soviéticas han estado combatiendo a los rebeldes musulmanes desde la invasión soviética en diciembre de 1979.

Mujahideen, que agrupa a siete importantes grupos guerrilleros, afirmó en la capital paquistaní que "no se puede confiar en Najib".

Según las palabras de Najib, la reconciliación nacional comenzará con una cesación de fuego a partir del 15 de enero en todo el país, informó TASS.

Las negociaciones para poner fin a la guerra se han prolongado por varios años bajo los auspicios de las Naciones Unidas, pero el Secretario General soviético Mijail Gorbachov ha dicho repetidas veces que espera una solución política, y recientemente retiró unos 8.000 efectivos soviéticos como gesto simbólico de sus intenciones.

Najib, ex jefe de la policía secreta que reemplazó en mayo al presidente Babrak Karmal, estuvo en Moscú a mediados de diciembre para mantener conversaciones con Gorbachov, que según diplomáticos extranjeros estuvieron centradas en el posible retiro de las tropas soviéticas estimadas en unos 110.000 efectivos.

La lucha ha sido intensa recientemente y cinco profesionales afganos que huyeron a Paquistán dijeron que cada vez son mayores las dificultades en su país. La prensa de los rebeldes afganos afirmó ayer que los combatientes derribaron 206 aeronaves soviéticas y destruyeron otras 36 en tierra durante 1986.'

Entre las metas de la reconciliación citadas por Najib se cuentan la paz y la seguridad, el fortalecimiento de la revolución y la amistad con la Unión Soviética.

Finalizó período de vergüenza

Discurso de Corazón Aquino

MANILA (UPI).— La presidenta Corazón Aquino dijo ayer a sus compatriotas que 1986 pasará a la historia como un año cuando los filipinos pusieron fin a un período de vergüenza, al derrocar al régimen de 20 años de Ferdinand Marcos.

En un mensaje de año nuevo difundido a todo el país por la televisión estatal, Aquino dijo que 1987 es el año "para revitalizar nuestra economía y dar vida y vigor perdurable a las instituciones de una democracia plena".

Aquino advirtió empero que la tarea de reconstruir la democracia en las Filipinas sigue siendo "prolongada y

8701627

PN

Continúan protestas estudiantiles en la capital china

Miles de universitarios marcharon ayer en la madrugada hacia una jefatura de policía en el centro de Pekín para exigir la liberación de sus compañeros detenidos durante una manifestación en la plaza de Tian Anmen en un acto de desafío a la prohibición gubernamental de manifestarse en ella.

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).— Más de 4.000 estudiantes, con los brazos entrelazados y gritando "libertad para nuestros compañeros" y "viva la democracia" se abrieron paso empujando a través de por lo menos dos barreras humanas formadas por unos 300 policías que intentaban detener la protesta no autorizada.

Los estudiantes, que desafiaron una fuerte tormenta de nieve, afirmaron que marcharían durante la noche hacia el Ministerio de Salud Pública para exigir la liberación de sus compañeros detenidos durante una manifestación en la plaza Tienanmen.

La marcha a la medianoche comenzó cuando unos 3.000 estudiantes salieron de la Universidad de Pekín y desfilaron frente a la cercana Universidad del Pueblo, donde otros cientos de personas se sumaron a sus filas.

Los policías con megáfonos instaron a los manifestantes a volver a sus predios universitarios, mientras otros agentes filmaban la protesta.

PRESENTAN VARIAS DEMANDAS

Antes de salir de la Universidad de Pekín, miles de estudiantes se congregaron en la residencia del Rector Ding Shisun para presentar varias demandes, incluyendo la liberación de 24 alumnos detenidos horas antes en Tienanmen.

Ding, quien según se dijo se puso en contacto con el Alcalde de Pekín, Chen Witong y un miembro no identificado del Comité Central del Partido Comunista, luego dijo a los estudiantes que todos los detenidos habían sido liberados, y los jóvenes estallaron en ovaciones.

A pesar de las garantías dadas por Ding, unos 3.000 estudiantes manifestaron fuera del precio universitario, exigiendo la liberación inmediata de sus compañeros.

La agencia noticiosa oficial Winjua informó que "algunos estudiantes" detenidos durante el incidente en la plaza Tienanmen, habían sido devueltos a sus Facultades, pero no indicó cuántos eran.

01-02

■ Finalizó período de vergüenza

Discurso de Corazón Aquino

MANILA (UPI).— La presidenta Corazón Aquino dijo ayer a sus compatriotas que 1986 pasará a la historia como un año cuando los filipinos pusieron fin a un período de vergüenza, al derrocar al régimen de 20 años de Ferdinand Marcos.

En un mensaje de año nuevo difundido a todo el país por la televisión estatal, Aquino dijo que 1987 es el año "para revitalizar nuestra economía y dar vida y vigor perdurable a las instituciones de una democracia plena".

Aquino advirtió empero que la tarea de reconstruir la democracia en las Filipinas sigue siendo "prolongada y dura" y que "los desafíos son grandes".

Las Filipinas dominaron los titulares en 1986. Además de su sensacional ascenso al gobierno y la huida de Marcos, Aquino fue noticia al sobrevivir a dos complots, uno de los cuales concluyó con la destitución del Ministro de Defensa, Juan Ponce Enrile en noviembre.

Otro logro significativo en 1986 fue la apertura de históricas negociaciones con el poderoso movimiento rebelde en un esfuerzo por poner fin a 17 años de guerra de guerrillas.

El jefe de las fuerzas armadas, General Fidel Ramos, atacó indirectamente a Aquino por sus intentos de hacer las paces con el nuevo ejército popular que cuenta con unos 23.000 guerrilleros y el el brazo armado del Partido Comunista de las Filipinas.

El general insistió en que el gobierno debe poner coto a lo que calificó como una enorme "campaña de propaganda" de los rebeldes desde que entró en vigencia la cesación de fuego el 10 de diciembre.

Los guerrilleros han realizado conferencias de prensa casi cada día desde que comenzó la tregua de 60 días. Los rebeldes abrieron una oficina a poca distancia del palacio presidencial, y sus negociadores, que son inmunes al arresto durante la cesación de hostilidades, han disfrutado de una extraordinaria atención de la prensa.

LA MAÑANA 2/1/87

Taiwan sigue siendo un obstáculo

Según Pekín relaciones con EE.UU. son "estables"

PEKIN. (ANSA, EFE y UPI).- El Ministro de Relaciones Exteriores Wu Xueqian, dijo que las relaciones con Estados Unidos son "básicamente estables" pero que la controversia en torno a Taiwan sigue siendo un obstáculo de importancia a un mayor desarrollo de los vínculos bilaterales.

Pasando revista a la política exterior china durante 1986, difundida por la agencia noticiosa Xinhua, Wu también dijo que los lazos políticos con la Unión Soviética no mostraron "sustancial progreso" durante el año.

Según Xinhua Wu dijo que "las relaciones chino - norteamericanas han sido básicamente estables y han continuado desarrollándose en cierta medida".

El ministro agregó que los contactos a varios niveles entre las dos naciones "han ampliado el entendimiento mutuo" mientras que las relaciones económicas han permanecido a los niveles de años anteriores.

"Al mismo tiempo, la cooperación técnica y científica y el intercambio cultural y educativo entre las dos naciones, como también los contactos entre sus fuerzas armadas se han expandido" dijo Wu según Xinhua.

"No obstante la cuestión de Taiwan continúa siendo un obstáculo de importancia a un mayor desarrollo de las relaciones chino-norteamericanas", añadió.

"Espero que el gobierno de Estados Unidos se guíe por los tres comunicados conjuntos chino—norteamericanos y tome medidas efectivas para eliminar este obstáculo de manera que las relaciones chino-norteamericanas puedan lograr un crecimiento continuo y sostenido" expresó Wu.

la ola de protesta estudiantil

Como "un asunto muy serio, aunque no aterrador", calificó ayer el "Diario del Pueblo" la ola de manifestaciones estudiantiles por la democracia en China, en lo que constituye la primera admisión oficial formal de la gravedad del problema. Al mismo tiempo, el editorial fustiga a "algunos camaradas" por haber permitido la difusión del "liberalismo burgués", en una exteriorización de crecientes disensos entre un sector ortodoxo y el liderazgo reformista de Deng Xiaoping.

Escenas de las manifestaciones de Pekín: crecieron hasta abarcar más de 150 universidades y al menos 17 ciudades chinas en diciembre pasado; ahora, refluye la ola.

PEKIN, 6 (AFP, ANSA, AP, DPA, EFE, Reuter, UPI y "Le Monde", especial para Clarín) — El "Diario del Pueblo" sostuvo hoy en su editorial que las manifestaciones estudiantiles son "el producto inevitable de la debilidad de algunos camaradas en su lucha contra la difusión de la liberalización burguesa", lo que fue interpretado por los observadores como un signo de que la influencia de los conservadores y ortodoxos dentro del Partido Comunista estaría en ascenso.

Además, el editorial, publicado en la primera plana del "Diario", reconoció por primera vez que las manifestaciones "son hechos importantes y graves", y fuentes bien informadas de Pekín sostuvieron que las marchas por la libertad y la democracia afectaron más de 150 universidades y al menos 17 ciudades de China el mes pasado, ampliándose a fines de diciembre a Harbín y Dellan, en el Nordeste, y el 1º de enero a Yangzuha, en el delta del Yangtze.

Hoy, mientras la calma parecía retornar a la Universidad de Pekín, los estudiantes respondieron con humor a las acusaciones del diario de esa ciudad, en el sentido de que eran "ingenuos y deberían tener vergüenza" (ver recuadro). "¿Avergonzarnos? Al contrario, estamos orgullosos de lo que hicimos, y lo haríamos nuevamente", declaró un estudiante, congregado junto con algunos compañeros de estudios frente a una hilera de carteles ilegales que satirizaban la ortodoxia del "Diario de Pekín".

♦ Ahora, el "despertar"

"Algunos camaradas han cerrado los ojos ante la tendencia del liberalismo burgués", sostuvo el "Diario del Pueblo". "Ahora es el momento de despertar".

Conviene recordar que los manifestantes reivindicaron la figura del líder chino Deng Xiaoping, artífice del programa de reformas. El editorial de hoy parecía un tiro por elevación contra la figura de Deng.

Con todo, el diario también citó una frase de Deng, de 1979, diciendo que "algunos miembros del partido dieron apoyo indirecto" a ideas anticomunistas, agregando que "si el liberalismo burgués sigue sin ser revisado, las reformas y la política de puertas abiertas podrían sufrir un serio revés".

Y añadió: "El liberalismo burgués es ciertamente una tendencia que está envenenando a nuestra juventud, poniendo en peligro la estabilidad y unidad de nuestra sociedad, alterando nuestras reformas y nuestra política de puertas abiertas, e impidiendo la modernización".

El editorial dijo que el desvío al que llevan las ideas capitalistas es un desafío que enfrenta el Partido Comunista y pidió a las organizaciones partidarias que pongan el tema "en la agenda diaria".

También se califica a la ola de protestas como "un asunto muy serio, aunque no aterrador".

Un diplomático occidental dijo que el "fuerte" editorial en el "Diario del Pueblo" pareció reflejar la posición de los dirigentes chinos y podría dar paso a una campaña para estimular la educación ideológica entre los estudiantes del país.

El oficial "Diario Económico" también criticó a los miembros del partido por "no prestar atención" al problema del liberalismo burgués.

"Algunos de ellos llevan la insignia del partido, pero sus palabras y sus acciones no tienen la menor similitud con las comunistas", sostuvo.

♦ Contestan los "dazibaos"

Aplacadas las manifestaciones, los enfrentamientos parecían canalizarse hoy en forma escrita, entre las críticas del "Diario del Pueblo" y del "Diario de Pekín" a los estudiantes (que ayer quemaron ejemplares de esos diarios) y la respuesta estudiantil expresada a través de los "dazibaos", o periódicos murales.

Como respuesta al editorial del "Diario del Pueblo", los estudiantes dijeron hoy en sus carteles que la liberalización que piden no es de orden burgués, y que piensan que la reforma política que está estudiando la dirigencia china debe estar acompañada por una "reforma radical de la forma de pensar" de gobernantes y de gobernados.

Admiten, seguidamente, que este cambio no podrá ser tan rápido como las reformas aplicadas en los últimos seis meses por los líderes del "nuevo curso", pero dicen que es indispensable "para sacar al país del atraso".

Otro cartel, pretendidamente en nombre del gobierno de la ciudad, enumera diez normas aplicables a la difusión de noticias falsas, satirizando las diez reglamentaciones fijadas el mes pasado para regular las manifestaciones.

"Antes de dar a conocer noticias falsas, la unidad de trabajo deberá someter una solicitud a la Oficina de Seguridad Pública con cinco días de antelación, explicando el nombre, lugar, hora de publicación y contenido de la noticia fraudulenta", dice el cartel.

Los jóvenes universitarios, que acaban de comenzar dos semanas de exámenes, repiten, entretanto, que ya no tienen intención alguna de realizar manifestaciones, que deben preparar sus vacaciones y sacar pasajes de tren.

Algunos de ellos señalan que nada debería suceder antes de las elecciones locales, previstas para marzo. Con todo, algunos observadores extranjeros no descuentan la posibilidad de provocaciones surgidas de sectores ortodoxos del aparato estatal.

La dirigencia china está unida para criticar a los estudiantes, pero no tanto en lo que concierne al fondo del problema. Según los observadores, el hecho de que sea prácticamente imposible recoger comentarios, al margen de las publicaciones oficiales, indica que el debate interno continúa, y seriamente.

"Algo se está movi...

"Algo se está moviendo"

PEKIN, 6 (Por Daniel Southerland, de "The Washington Post", especial para Clarín). — Algo está moviéndose detrás de las críticas de la prensa oficial a los estudiantes chinos, y los observadores creen que puede haberse abierto una fractura en la cúspide del Partido Comunista (P.C.Ch.).

El "Diario" de Pekín, en su editorial del lunes, llegó próximo a calificar a los estudiantes como títeres de los enemigos de clase, un término equivalente a contrarrevolucionario. Se cree que estas críticas provienen de marxistas conservadores o dogmáticos, disgustados con la idea de hacer cambios importantes en el sistema político del país.

Algunos observadores creen que Wu Weicheng, el director del "Diario" de Pekín, es uno de esos conservadores, pero pocos diplomáticos occidentales y observadores extranjeros tienen conocimientos suficientes para afirmarlo con seguridad.

Críticas

El editorial del "Diario" de Pekín dijo que los estudiantes eran "ingenuos".

Agregó que debían "evitar participar en actos planeados e instigados por elementos hostiles al socialismo, denunciar sus planes, y criticar profundamente las tendencias de pensamiento del liberalismo burgués, que se han extendido mucho últimamente".

El "Diario" dijo que los estudiantes que habían desfilado por el centro de la capital el día de Año Nuevo decían adherir a los cuatro principios explicitados por el líder chino Deng Xiaoping. Tales principios exhortan a sostener el rol directivo del Partido Comunista, el socialismo, el marxismo leninismo y el pensamiento de Mao Tsé-tung.

Sin embargo, el editorial agrega que los estudiantes insistieron en realizar su manifestación a pesar de advertencias de los voceros municipales en el sentido de que "elementos hostiles" planeaban aprovechar la marcha para crear "caos" en Pekín y otras ciudades.

"No podemos encontrar ni un gramo de adhesión al marxismo en esto", sostuvo el editorial.

Aunque Deng y los reformistas principales del país, el líder partidario Hu Yaobang y el premier Zhao Ziyang, no han dicho nada desde que empezaron las marchas cuatro semanas atrás, algunos diplomáticos occidentales creen que está en el interés de los reformistas dejar que los conservadores expongan sus puntos de vista sobre las manifestaciones estudiantiles.

Según un diplomático "las declaraciones de los conservadores presionan a los estudiantes a que se detengan, y les muestran que existe el peligro de una fracción conservadora".

Comentó: "Actualmente, Deng no debe tener muchos problemas con estas declaraciones, ya que probablemente está de acuerdo con lo que dicen en el sentido de la necesidad de preservar la estabilidad y la unidad."

Muchos estudiantes dicen que apoyan las reformas de Deng, pero quieren acelerar los cambios, particularmente los políticos.

Y el lunes, algunos estudiantes de la Universidad de Pekín dijeron que no querían continuar con las manifestaciones, porque esto haría el juego a los oponentes conservadores de Deng.

También ayer, un pequeño cartel en la universidad decía que Deng, Hu y Zhao no había aparecido en las noticias por cierto tiempo, y que esto preocupaba a los estudiantes.

Temores

Un intelectual chino que escribe artículos teóricos y que se considera ideológicamente un liberal dijo que temía el advenimiento de una ola represiva en los campos ideológico y cultural.

Sin embargo, diplomáticos occidentales dicen que hay signos en la prensa china que indican que Deng y sus colegas están impulsando reformas económicas e incluso políticas a pesar de la línea dura adoptada por los conservadores.

Uno de estos signos, según lo describió un diplomático, fue una directiva del comité central del Partido Comunista, publicada en la edición del lunes del "Diario del Pueblo", el principal diario comunista. La directiva llama a remover de sus cargos a los cuadros partidarios ineficientes a escala nacional, algo que aparentemente ha ocurrido en niveles locales.

Vale la pena recordar que las manifestaciones del lunes tuvieron lugar en una parte de la universidad repleta de carteles que pedían más libertad y democracia. Otros estudiantes tiraban ejemplares del "Diario de Pekín" desde sus ventanas, y un cartel urgía al diario a enviar algunos de sus redactores al campus para participar de un debate abierto.

Todo esto se produjo tras cuatro semanas de manifestaciones, donde una de las demandas centrales fue por la libertad de prensa.

... de estudios frente a una hilera de carteles ilegales que satirizaban la ortodoxia del "Diario de Pekín".

Ahora, el "despertar"

"Algunos camaradas han cerrado los ojos ante la tendencia del liberalismo burgués", sostuvo el "Diario del Pueblo". "Ahora es el momento de despertar".

... país.

El oficial "Diario Económico" también criticó a los miembros del partido por "no prestar atención" al problema del liberalismo burgués.

ю 117 - Número 41 356

ıás

1987

ɔndena
ıdental"

ıes sobre cuestiones im-

ıecto de la representación
ıras locales no fue men-
ficamente en el reciente
diantil en Pekín, fue uno
les temas mencionados en
s efectuadas en otras ciu-

os años hubo indicios de
turas locales han estado
pel cada vez más impor-
rmulación de leyes, y en
llemas locales como vi-
ıos y trabajos para sumi-

ı como organismos repre-
ıa visto obstaculizada por
ıe el Partido Comunista
iendo en las decisiones po-
nivel.

rega que el comité perma-
ı aprobó normas para res-
manifestaciones, limitán-
llas que sean autorizadas
y para las que se efectuen
gares de esta capital.

dice que el jefe de la poli-
Su Zengxiang, indicó que
ıue regulen las manifesta-
formuladas por los go-
ıs, y que manifestó que el
elaborar su sistema legal
arrollar la democracia so-
eger la estabilidad unidad
líticas de la capital.

rte, el principal diario del
Ribao (Diario del Pueblo)
rimera plana que la "demo-
esa occidental" ejerce una
erniciosa en la juventud

ıes de prensa forman parte

ıtinúa en la página 2 col 2)

8701629

Apell

Elecciones en Ch

(Continuación de la página 1, col. 8)

de una nueva gran campaña de los medios de difusión que durante la semana criticaron a los manifestantes, tras las protestas efectuadas en Shanghai con la participación de decenas de miles de estudiantes.

Los manifestantes reclamaban reformas políticas en el actual sistema, mejoras que se aproximen a la democracia de estilo occidental, y una mayor libertad académica, entre otros aspectos.

Nuevas protestas

PEKIN, 27 (UPI). – Los estudiantes de Pekín, desautorizados a continuar con sus manifestaciones en favor de la democracia, levantaron hoy pancartas demandando el fin del "despotismo" en China y elogiando con "vivas" a la democracia.

Se informó que las universidades estaban tranquilas en varias ciudades, donde las tres semanas pasadas tuvieron lugar una serie de manifestaciones estudiantiles.

En Pekín, así como la radio y televisión nacionales, difundieron los diez puntos de las "regulaciones temporales para manifestaciones y protestas", que fueron emitidos ayer por el Consejo Municipal.

Los diplomáticos señalaron que sería el modelo por aplicarse en otras ciudades del país. En Shanghai y Tianjin, al Norte, también se anunciaron nuevas reglas para las manifestaciones y protestas.

En la Universidad de Pekín, los estudiantes estaban congregados hoy ante unos boletines, copiando dos manifiestos políticos con fuertes críticas al régimen.

Una pancarta decía que a pesar de que el gobierno comunista de China no se refiera a sí mismo como el "patrón", en todo aspecto "es idéntico a los despotismos feudales más tiránicos que hayamos tenido".

El texto anota que un ciudadano chino puede ser encarcelado por sus creencias religiosas o políticas.

Discusión

El otro manifiesto se refería a una supuesta discusión sobre la democracia entre el viceprimer ministro Wan Li y el vicepresidente de la Universidad de Ciencia y Tecnología de la ciudad de Hefei, ocurrida a fines de noviembre.

Los estudiantes de Hefei citaron ese debate como una de las razones por las cuales hicieron manifestaciones este mes.

El texto cita a Wan Li diciendo que la democracia "no es un derecho, sólo puede ser concedida a alguien como un favor".

También menciona las manifestaciones estudiantiles en Hefei, Shanghai y Nanjing, citando al final varias consignas, "vivas" a la democracia y "abajo el despotismo", subrayado en rojo.

En un comentario de primera página, el diario de Pekín advirtió hoy a la ciudadanía a protegerse de personas

02-02

PARTES ILEGIBLE

LA NACI

...ol

..."objetivos diabólicos" que ...sacrificar" a los estudiantes ...as con el liderazgo del Par...sta.

...señala que ciertos manife...taron consignas contra la ...y los cuatro principios bási...samiento marxista, leninista ...el liderazgo del Partido Co... construcción socialista, y la ...el proletariado.

...tanto, en Shanghai, las auto...nciaron el arresto de otros ...adores, acusándoles de va...e insultar mujeres; con ellos ...es detenidos en relación con ...staciones ocurridas entre el ...el actual en esta capital.

...ilitar

...parte, la poderosa Comisión ...ilitar, dirigida por el diri...ng Xiaoping, concluyó su reu...umerosa desde 1978, según el ...Pueblo.

...e calificó como significativa...tórico el encuentro, informó ...a principal fue el trabajo polí...rmación de la ética socialista ...as armadas.

...grantes de la comisión ... el plan de reducción del ...e Liberación Popular, de 4 mi...efectivos a sólo un millón.

...es oficiales publicadas ayer ...ue el ejército no había logrado ..., que debía alcanzarse a fin de ...y que sólo 410.000 soldados ha...dados de baja.

8701629

Apei

SIN TITULO

PEKIN, 27 (AP). --- En aparente reacción a las recientes protestas estudiantiles en reclamo de democracia, el Congreso Popular Municipal de Pekín anunció hoy que realizará elecciones para legislaturas locales a partir de principios del año próximo, y que aplicará mayores medidas democráticas en el proceso electoral.

El anuncio del Comité Permanente del Congreso Municipal, o legislatura, dijo que las elecciones para congresos populares de distritos, condados, poblaciones y aldeas se desarrollarán durante el primer semestre del año entrante.

La decisión sobre lo que informó la agencia noticiosa Xinhua, se adoptó durante una reunión de tres días en que también se resolvió adoptar severas restricciones para efectuar manifestaciones en la Capital.

El diario "Peking Daily", dice hoy que las últimas elecciones tuvieron lugar en 1984, y que el mandato de los representantes locales vencerá en breve.

Pero el anuncio fue considerado como una aparente respuesta a las protestas estudiantiles desarrolladas durante la semana pasada en por lo menos nueve ciudades. En la más reciente, registrada anoche en Nankín, participaron alrededor de 4.000 estudiantes, se informó.

No se aclaró cuáles serán las medidas electorales para introducir mayores medidas democráticas en tales procesos, pero se informó que el vicepresidente del comité She Diking, manifestó que la labor electoral desarrollará plenamente la democracia.

She dijo que el Gobierno pondrá énfasis en la participación pública durante las elecciones de candidatos, y una mayor intervención popular en los debates y decisiones sobre cuestiones importantes.

Si bien el aspecto de la representación en las legislaturas locales no fue mencionado específicamente en el reciente activismo estudiantil en Pekín, fue uno de los principales sistemas mencionados en manifestaciones efectuadas en otras ciudades.

En los últimos años hubo indicios de que las legislaturas locales han estado teniendo un papel cada vez más importante en la formulación de leyes, y en enfrentar problemas locales como viviendas, caminos y trabajos para suministro de agua.

Pero su tarea como organismos representativos se ha visto obstaculizada por el dominio que el partido comunista continúa ejerciendo en las decisiones políticas a todo nivel.

El "Peking Daily" agrega que el Comité Permanente también aprobó normas para restringir las manifestaciones, limitándolas a aquéllas que sean autorizadas por la policía, y para las que se lleven a cabo en diversos lugares de esta Capital.

La versión dice que el jefe de la policía de Pekín, Su Zongxiang, indicó que las normas que regulen las manifestaciones serán formuladas por los gobiernos locales, y que manifestó que el país necesita elaborar su sistema legal nacional, desarrollar la democracia socialista y proteger la estabilidad, unidad y reformas políticas de la Capital.

Por su parte, el principal diario del país, "Renmin Ribao" (Diario del pueblo), dice hoy en primera plana que la "democracia burguesa occidental" ejerce una influencia perniciosa en la juventud china.

Las versiones de prensa forman parte de una nueva gran campaña de los medios de difusión que durante la semana criticaron a los manifestantes, tras las protestas efectuadas en Shanghai con la participación de decenas de miles de estudiantes.

M. COLOR 27-12-86

01-01

8701630

La Mañana 19/1/87

Aumenta a catorce personas acusadas

China; nuevo detenido por incitar manifestaciones

Un trabajador de la localidad costera de Qingdao, Yu Chunyan, fue detenido el sábado por la Policía acusado de inicitar a estudiantes a manifestarse durante la campaña prodemocracia y libertad del mes de diciembre.

CHINA (EFE).— Según la Policía, Yu Chunyan dirigió cartas a estudiantes de varias ciudades, entre ellas Pekín, Shanghai y Nanjing "instigando a los estudiantes a manifestarse y a boicotear los exámenes".

La Policía local describió a Yu como "hostil al sistema socialista" y añadió que a mediados de 1986 intentó formar una organización política "contrarrevolucionaria" denominada "Nuevo Partido Nacional Social Democrático".

Con éste se eleva a catorce el número de personas detenidas por su participación en instigar o secundar manifestaciones prodemocracia que desarrollaron una crisis política que el viernes supuso la caída del Secretario General del Partido Comunista chino, Hu Yaobang.

El nuevo Secretario General, Zhao Ziyang, que aún conserva su título anterior de Primer Ministro, aseguró ayer a un alto funcionario húngaro que la política básica de China no cambiará.

"Los temores de inestabilidad y de cambio de política son infundados. China y el Partido Comunista mantendrán su política interior y exterior", dijo Zhao.

La prensa china lanzó ayer duras críticas contra el escritor Wang Ruowang, expulsado del Partido Comunista hace poco, después de haber permanecido en él cincuenta años.

Wang fue acusado de pregonar la total occidentalización de China, el camino capitalista y un sistema político multipartidista.

Un artículo en el "Diario del Pueblo" órgano del Partido Comunista, sentenció: "Nunca permitiremos que nadie intente negar el sistema socialista para introducir totalmente el capitalismo".

Zhao: "Somos un partido [illegible]"

Jefe del Partido descartó temores de inestabilidad

PEKIN, (ANSA y UPI).— El premier chino y jefe del Partido Comunista, Zhao Ziyang, descartó ayer como "injustificados" los temores de que la renuncia del ex líder del partido Hu Yaobang llevaría a la inestabilidad a China.

Zhao habló en una reunión con el visitante secretario del Partido de Trabajadores Socialistas de Hungría, Havasi Ferenc, su primer acto oficial como Secretario General del Partido Comunista chino desde que fue electo para reemplazar a Hu, el viernes.

"Temores de inestabilidad política son injustificados", dijo Zhao, añadiendo que los cambios en el liderato están "dirigidos a asegurar la continuidad y estabilidad de nuestras políticas".

"Los cambios de dirigentes recientemente aprobados por la reunión expandida del Politburó de ninguna manera afectarán los planes, direcciones y políticas internas y externas del partido", dijo una transmisión radiada a todo el país en que se citó a Zhao.

Zhao también descartó ansiedades de que una nueva purga nacional de "liberales burgueses" — definidos como aquellos que se oponen al socialismo y favorecen el capitalismo — se desarrollaría en una campaña a gran escala.

"PARTIDO MADURO"

"Somos un partido maduro", dijo Zhao. "Nos oponemos al liberalismo burgués, pero no vamos a librar campañas".

El vicepremier Li Peng le aseguró a los intelectuales — las primeras víctimas de la campaña de purga de "liberales burgueses" — que China tiene una total confianza en ellos.

"Alguna gente está tratando de incitar a los intelectuales contra el partido, asegurándoles que serán las primeras víctimas de una campaña contra el liberalismo", citó la agencia Xinhua a Li.

"Pero esto es una mentira y una calumnia", apuntó.

Hablando en una reunión para criticar ideas "burguesas", varios altos académicos advirtieron que todo debate en China "tiene que ser guiado por el marxismo", dijo un informe publicado en los periódicos ayer.

"Alguna gente considera el marxismo como una de entre cientos de escuelas", dijo el filósofo He Lin, en referencia al llamado de Mao Tse-tung "Que florezcan cien flores, que rivalicen cien escuelas de pensamiento", que Hu revivió el año pasado en un intento por alentar un debate más vigoroso y abierto entre los intelectuales de China.

"Pero aun bajo la política de permitir un centenar de escuelas de pensamiento, el marxismo no es una más, sino la dominante y la que tiene la función de guiar a [illegible]", apuntó [illegible]

01-01

CHINO

20/1/87

Manifestaciones estudiantiles revelan disidencias dentro del P. C. chino

Las manifestaciones estudiantiles en China pusieron en evidencia la existencia de diferencias en el seno del Partido Comunista chino, entre los sectores que defienden las reformas llevadas adelante por Deng Xiaoping y aquellos que ven en ellas una peligrosa "occidentalización" del régimen. Aunque las aspiraciones de los estudiantes buscaban únicamente una mayor liberalización social, si algo consiguieron fue que tanto los reformistas como los ortodoxos del Partido coincidieran en la condena total del movimiento.

El estallido de manifestaciones estudiantiles en China no puede verse como un hecho aislado o nuevo en la China comunista. En 1967 cuando Mao Tse-Tung lanzó su "Revolución Cultural", los primeros sectores sociales que se movilizaron fueron los estudiantiles, en especial los universitarios. A dos décadas de aquel fenómeno, las autoridades chinas consideran a la Revolución Cultural como un ejercicio que llevó al país a la "anarquía", por lo que no pudieron ocultar su preocupación por los episodios de diciembre y enero.

Las manifestaciones se iniciaron el 5 de diciembre del año pasado y tuvieron como foco de irradiación la ciudad de Shangai. Allí, el carácter multitudinario de las mismas hizo que la policía fuera movilizada para ejercer un férreo control. Los contactos entre los líderes estudiantiles y las autoridades de la ciudad no fructificaron y pronto cerca de 150 universidades y 17 ciudades de todo el país se contagiaban con el fenómeno. Las demandas de los estudiantes eran la intervención en las discusiones sobre reformas políticas que está llevando adelante el Partido Comunista chino, participación en el manejo de la Educación, permiso para volver a colocar en los muros los clásicos "dazibaos" (rústicos cartelones pintados a mano y que constituyeron la principal forma de realizar críticas durante la Revolución Cultural) y una mayor libertad de prensa. Precisamente fue a través de la prensa que se formularon las máximas críticas a las movilizaciones estudiantiles, a las que catalogaron de "desviación burguesa".

La preocupación de las autoridades se manifestó además en la información de que desde el 11 de diciembre se hallaba reunida la Comisión Militar Central del Partido Comunista Chino. Los "hijos de la Nueva China" —como los denominó el viceministro de Educación He Dongchang— no se amilanaron por esto o por la prohibición expresa del gobierno a las manifestaciones, sino que continuaron con las mismas hasta los primeros días de enero, teniendo lugar la principal en la Plaza Tiananmen de Pekín, el primer día del año.

Reformistas y ortodoxos condenaron las movilizaciones a través de la prensa oficial. Así, el Diario de Pekín sostuvo que los estudiantes eran "ingenuos y títeres de los enemigos de clase". Agregó además que "debían evitar participar de actos planeados e instigados por elementos hostiles al socialismo, denunciar sus planes y criticar profundamente las tendencias del liberalismo burgués que se han extendido mucho últimamente". Sostuvo además que a pesar de que los estudiantes manifestaron su adhesión a los cuatro principios de Deng Xiaoping (rol directivo del PC, socialismo, marxismo leninismo y el pensamiento de Mao), en la creación de caos en las ciudades "no se puede encontrar ni un gramo de adhesión al marxismo".

Por su parte, el principal órgano de prensa chino, el Diario del Pueblo, expresó que "el liberalismo burgués es ciertamente una tendencia que está envenenando a nuestra juventud, poniendo en peligro la estabilidad y unidad de nuestra sociedad, alterando nuestras reformas y nuestra política de puertas abiertas, impidiendo nuestra modernización". Recién el día 6 de enero este diario reconoció que las manifestaciones eran "hechos importantes y graves" además de "producto inevitable de la debilidad de algunos camaradas en su lucha contra la difusión de la liberalización burguesa".

Estos "camaradas débiles" parecen estar empezando a caer. Por orden del Partido Comunista, fueron expulsados de sus cargos el rector y el vice rector de la Universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei, una de las cunas de las manifestaciones. El vice rector, Fang Linzhi, es conocido como "el Sakharov chino" y es un prestigioso astrofísico que solo tres meses atrás había sido catalogado por la prensa oficial como "científico modelo". Fang es considerado como el instigador de las manifestaciones ya que sus escritos propugnando "una representación más democrática en las Asambleas Legislativas" son muy populares en los círculos estudiantiles. Habría también cambios a nivel del Departamento de Propaganda e Información del propio Partido. Finalmente, parece que en la cúpula política habría caído en desgracia el secretario general del Partido Hu Yaobang (de 71 años), hasta hace poco aliado de Deng y particularmente silencioso en las últimas semanas.

Si las autoridades respondieron en forma unánime a los estudiantes, no pudieron en cambio dejar de traslucir las diferencias internas del propio Partido Comunista. Allí, los sectores más ortodoxos han criticado las reformas llevadas adelante por Deng y los suyos, a las que consideran como una peligrosa "occidentalización" del régimen. Deng los ha dejado manifestarse, sobre todo contra los estudiantes, debido a que "ello presiona a aquellos a que se detengan, ya que existe el peligro de una reacción conservadora", al decir de un observador diplomático. "Probablemente está también de acuerdo con lo que dicen sobre los estudiantes, en el sentido de que es necesario preservar la estabilidad y la unidad", agregó.

Deng por su parte, mantuvo prudencial silencio durante el pasado mes de diciembre. En enero, el líder de 82 años catalogó a las movilizaciones de "obstáculo derechista", además de afirmar que la situación impedía su retiro de la política en este 1987

Los estudiantes por su parte, manifestaron no estar avergonzados de lo realizado y que "lo haríamos nuevamente". En sus "dazibaos", los estudiantes afirman que no continuarán con las manifestaciones debido al período de exámenes y a las vacaciones pero que sus solicitudes de liberalización no son de origen burgués y que la reforma política que está estudiando la dirigencia china "debe estar acompañada por una reforma radical de la forma de pensar de gobernantes y gobernados".

01-01

...no de corte soviético.

Recrudece protesta estudiantil en China

Pekín (UPI) — El "Diario del Pueblo", órgano oficial del Partido Comunista Chino, advirtió ayer a los estudiantes que han efectuado manifestaciones en once ciudades de la nación demandando reformas democráticas, que las autoridades castigarán a quienes traten de socavar el sistema socialista de gobierno.

Un comentario editorial aparecido en el diario y que por la noche fue leído en toda su extensión por la red nacional de televisión, al finalizar el noticiero vespertino, advirtió que "Era errónea y confundida" la creencia de que la democracia puede lograrse "sin la conducción del Partido Comunista y sin el sistema socialista".

Ayer por la madrugada, estudiantes de por lo menos cuatro universidades de Pekín, reiteraron sus demandas de libertad y democracia en una marcha a la luz de antorchas y al batir de tambores por las calles cubiertas de nieve de Pekín, que al amanecer había atraído unos 3000 participantes.

Los estudiantes de la Universidad de Pekín, además de desafiar la prohibición oficial contra manifestaciones no autorizadas participando en esa marcha, convocaron en un nuevo desafío a celebrar una marcha el primero de enero en la céntrica Plaza de Tienanmen.

• Distorsión

"Describir el sistema capitalista como un mundo libre con democracia por doquier y al sistema socialista como una autocracia sin democracia es una distorsión deliberada o carece del más elemental conocimiento", dice una traducción del comentario editorial, difundida por la agencia noticiosa oficial Xinhua.

"El sistema democrático de países capitalistas es en esencia una forma de gobierno burgués, sirviendo a la propiedad privada capitalista. Llevar a cabo una campaña electoral en países capitalistas, por ejemplo, no es una oportunidad para todos porque es muy costoso", añade el comentario, pero admite: "Es innegable que el sistema socialista de China necesita ser perfeccionado", agrega.

"Recibimos con agrado cualquier sugerencia positiva y críticas bien intencionadas en cuanto a la construcción de la democracia. Pero hay unas pocas personas, con motivos ulteriores que tratan de vilipendiar la conducción del partido y el sistema socialista para confundir y envenenar las mentes de las gentes exagerando las dificultades temporarias del país y hasta esparciendo rumores".

ECOS DE LA DESTITUCION DE HU YAOBANG

"No hay inestabilidad en China", dijo Zhao Ziyang

El flamante titular del Partido Comunista Chino —el más grande del mundo— aseguró que los recientes cambios en la cúpula del P.C.Ch. no significan el comienzo de una nueva orientación política. Zhao Ziyang desmintió además que las reformas propuestas por Deng Xiaoping estén en dificultades y garantizó que no se recurrirá a métodos izquierdistas para hacer frente al "liberalismo burgués".

PEKIN, 18 (Reuter) — El secretario general interino del Partido Comunista Chino (P.C.Ch.), Zhao Ziyang, aseguró hoy que el desplazamiento del ex jefe partidario Hu Yaobang no tendrá efectos sobre la política china al tiempo que calificó como "infundados" los temores sobre inestabilidad.

"Los cambios en la dirección dados a conocer el viernes último después de la reunión ampliada del politburó tienen por finalidad garantizar la continuidad y la estabilidad de la línea política. Los cambios de personas aprobados no afectarán en absoluto los planes, la dirección o la política interna o exterior" afirmó Zhao en su primera declaración pública desde que se hizo cargo de la jefatura del partido en lugar de Hu. El dirigente comunista desmintió también versiones según las cuales los cambios en la cúpula partidaria significan que las reformas introducidas por el líder Deng Xiaoping atraviesan dificultades.

Hasta hace unos pocos días Hu era considerado la mano derecha de Deng y su sucesor más posible, pero las recientes manifestaciones estudiantiles en demanda de mayor libertad de expresión precipitaron una crisis en la cúpula del P.C.Ch.

"No cambia la orientación"

Zhao recalcó que los reemplazos de personas no representan la inauguración de una orientación política distinta de la vigente.

El titular del P.C.Ch. hizo estas declaraciones al término de un encuentro que mantuvo con una delegación del Partido Comunista de Hungría y añadió: "Algunas personas temen que esta reunión pueda afectar la estabilidad y continuidad de nuestra política. Estas preocupaciones son innecesarias. Exactamente al contrario. La reunión tuvo por objetivo garantizar la continuidad y la estabilidad de la política del partido".

Zhao precisó que los fundamentos de esa política son proseguir con los procesos de reforma y de "puertas abiertas", además de la vigencia de los "cuatro principios básicos": China debe avanzar en la vía del socialismo, del pensamiento marxista-leninista-maoísta, la dirección a cargo del Partido Comunista y la dictadura del proletariado.

Respeto por los intelectuales

Zhao reiteró las imputaciones de "liberalismo burgués" que el P.C.Ch. viene utilizando para referirse a las naciones occidentales de democracia y libertad de expresión reclamadas por los estudiantes en las manifestaciones de diciembre, pero agregó que no se permitirá que esa denuncia alcance una dimensión que escape al control partidario.

Concluyó diciendo que "no se recurrirá a métodos izquierdistas para solucionar el problema" y aseguró que el partido siente un gran respeto por los intelectuales.

Como consecuencia de la crisis política tres intelectuales fueron acusados de difundir ideas impregnadas de "liberalismo burgués" y de haber propuesto una "completa occidentalización" de China: el rector y el vicerrector de la Universidad de Hefei y el escritor Wang Ruowang.





El por ahora nuevo jefe del P.C. chino, Zhao Ziyang, junto con Deng Xiaoping (der.) quien continúa siendo el verdadero líder de la potencia asiática.

Pekín minimiza incidentes

PEKIN, 18 (Por Patrice de Beer y Francis Deron de "Le Monde", especial para Clarín). — China minimizó en forma drástica los incidentes de la semana pasada en la frontera con Vietnam. Al recibir a Didier Bariani, secretario de Estado para Asuntos Exteriores de Francia, su homólogo chino encargado de cuestiones asiáticas, Liu Shuqing indicó este lunes que los combates del 5 y del 7 de enero provocaron quinientas víctimas entre las filas vietnamitas y sólo "algunas decenas" entre soldados de la armada popular por la liberación china. El funcionario no se mostró inquieto por los enfrentamientos, que para China parecen estar en el orden de lo habitual, mientras que en Hanoi se les adjudicó gran importancia.

Por el contrario, el secretario chino insistió en el problema de Camboya y requirió de Francia "un compromiso más importante" dentro de la resistencia camboyana. Por su parte, Bariani confirmó la voluntad de París de aportar ayuda comunitaria a la resistencia no comunista, al proporcionar a los partidarios del derrocado príncipe Norodom Sihanuk, y eventualmente a los de Son Sann ayuda consistente en información y auxiliares médicos. Hay dos cuestiones en que los gobiernos de París y Pekín no coinciden: Francia excluye el reconocimiento de los kmer rojos y no tiene intención de dejar de suministrar ayuda a Vietnam.

Por otra parte, Bariani expresó la conformidad de Francia con el plan de ocho puntos del príncipe Sihanuk, que China apoya y constituye "el punto de partida".

Liu conversó con el secretario francés sobre su reciente visita a Laos, país aliado de Vietnam, ya que Pekín y Vientiane han retomado el diálogo, aunque sin progresos de importancia. Según Liu, los laosianos no disponen de un margen de maniobra suficiente en vista de los vietnamitas. Asimismo, Bariani destacó ante los chinos el problema del Pacífico sur, y pidió que se reconsidere la intención china de firmar los protocolos del tratado de Rarotonga sobre la desnuclearización de la zona, que los soviéticos acaban de ratificar, al tiempo que admitió lo difícil que resulta para China no sumarse a esta iniciativa de los países del Pacífico. El secretario Bariani reconoció que "China no puede más que beneficiarse con las múltiples intenciones de echar a Francia del Pacífico".

La visita del alto funcionario francés a Pekín coincide con la inauguración de la primera fase de catorce centrales telefónicas instaladas en Pekín por la empresa francesa Alcatel. También se inscribe en el marco de los convenios de intercambio comercial que se han concretado en los últimos tiempos, como la llegada al puerto de Tianjin de las primeras locomotoras eléctricas encargadas por China a París.

8701908

01-01

Reformas socio-económicas

La Prensa 22/1/87

Predicen limitaciones en China

Pekín, 21 (UP y ANSA) – Diplomáticos occidentales predijeron hoy que algunas de las reformas en China serán limitadas o gradualmente descartadas, ante las presiones de los dirigentes comunistas de línea dura, y señalaron que ya se ha iniciado en tal sentido una campaña en la prensa y las esferas culturales.

Sin embargo, un alto funcionario chino declaró que los cambios en la dirección del partido Comunista y la campaña contra las tendencias capitalistas no tendrán efecto adverso en las políticas exterior y doméstica de Pekín.

La agencia noticiosa oficial Xinhua informó del cierre de la Oficina Estatal de Publicaciones, que fuentes chinas dijeron había sido "fuertemente criticada" por no lograr el control ideológico sobre los medios de comunicación.

Xinhua informó que sería sustituida por la Oficina de Publicaciones y Medios directamente bajo el gobernante Consejo de Estado. Agregó que la nueva entidad supervisará la publicación de noticias y casi todos los aspectos editoriales en China.

Una fuente china señaló que Bian Chunguang director de la oficina ahora cerrada, fue severamente criticado por las autoridades del partido el año pasado por no controlar el contenido de los medios de información, particularmente en la provincia de Guandong, cerca de Hong Kong.

Mayor control

"Esto representa un mayor control sobre los medios", añadió la fuente. "Inmediatamente después de los disturbios estudiantiles (de diciembre) en Shanghai, hubo una reunión de publicaciones nacionales en Pekín y este es un resultado directo de ello".

El vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, Ma Yuzhen, en un aparente intento por calmar los temores de otro mayor cambio en la política china, defendió el retiro del viernes del jefe del partido Comunista Hu Yaobang y la nueva campaña contra el "liberalismo burgués" o las tendencias capitalistas.

Hu, un cercano colaborador del líder Deng Xiaoping, dejó su cargo como secretario general del partido de 44 millones de miembros luego de reconocer que había cometido errores en "importantes asuntos".

"El reciente cambio en el comité central y la actual lucha contra el liberalismo burgués no tendrá de ninguna manera efecto adverso en la implementación de la línea del partido, sus principios o en sus políticas externas o internas", afirmó en una conferencia de prensa.

Sin embargo diplomáticos occidentales señalaron que los comentarios de autoridades chinas en la semana pasada demostraban un fuerte resurgimiento de una facción conservadora dentro del partido Comunista que favorece la planificación centralizada y un mayor control ideológico.

Negociaciones con Moscú

Por otra parte, se informó que el próximo 9 de febrero comenzará en Moscú la primera sesión de las nuevas conversaciones entre China y la Unión Soviética para la delimitación de las fronteras, donde hubo serios incidentes en 1969 y 1970. Lo informó hoy en Pekín un vocero de la cancillería, quien agregó que el gobierno chino "tomó nota" del anunciado retiro de las tropas soviéticas destacadas en Mongolia.

PD

POCO LEGIBLE

01-01

8701909

CHINO

LA PRENSA ◆ Domingo 25 de enero de 1987

Un periodista fue expulsado del partido Comunista chino

Pekín, 24 (UP y ANSA) — Un periodista especializado en escribir sobre el lado oscuro del socialismo chino, se convirtió hoy en el tercer intelectual prominente que es expulsado este mes del partido Comunista en una creciente campaña contra las ideas capitalistas.

Liu Binyan, escritor del "Diario del Pueblo", cuyas atrevidas exposiciones acerca de los errores oficiales lo convirtieron en el periodista más popular de China, fue expulsado por sus críticas al partido Comunista chino y calificar al marxismo "obsoleto", afirmó la agencia de noticas oficial Xinhua.

El despacho señaló que la expulsión de Liu fue ordenada el 23 de enero por la comisión de inspección de disciplina del partido, que también acusaba al escritor de describir los principios comunistas como "frases desgastadas que han llevado a China a calamidades en varias ocasiones".

La expulsión fue decidida por no haber respetado los cuatro puntos básicos de la Constitución: adhesión al socialismo, a la dictadura democrática popular, al principio de liderazgo del partido y al pensamiento de Mao. Liu definió a estos principios como buenos en la letra pero reaccionarios en los hechos".

Ha violado, gravemente, los principios periodísticos de respetar los hechos y comprobarlos para que sean exactos", afirmó Xinhua parafraseando la decisión del partido. "Al escribir reportajes Liu incluso fue más lejos fabricando hechos para atacar al partido y confundir a los lectores inconscientes de la verdad".

También expresó que Liu, quien fue perseguido como "derechista" durante la revolución cultural y rehabilitado en 1979, rehusó aceptar el liderazgo del partido Comunista.

El periodista, quien también es vicepresidente de la Asociación de Escritores Chinos, fue acusado de ridiculizar la táctica propagandística de alabar a los trabajadores modelo. Xinhua sostuvo que Liu calificó tales esfuerzos como "un intento de convertir a la gente en tontos serviles".

01 - 01

Chino

Llamado de Hanoi a concluir la ocupación de Camboya

PEKIN, 25 (UPI y Xinhua). — A ocho años de que Vietnam invadiera Camboya, China hizo hoy un llamado a Hanoi para que retire sus tropas y procure un arreglo político a la convulsa situación de esa nación del sudeste asiático.

Al mismo tiempo, concluyó la visita del vicecanciller chino Liu Shuqing a Laos, país que se ubica dentro de la órbita vietnamita, pero que calificó la presencia de Shuqing como "un primer paso hacia la normalización y mejoramiento de las relaciones entre los dos países".

• Plan para Camboya

En una declaración dada a conocer por el ministerio de Relaciones Exteriores de China se reiteró el apoyo a un plan de ocho puntos propuesto en marzo por la coalición antivietnamita que encabeza el príncipe Norodom Sihanouk.

El plan propone un retiro escalonado de las tropas vietnamitas bajo la supervisión de la Organización de las Naciones Unidas y el establecimiento de un gobierno de coalición formado por cuatro partidos con Sihanouk como presidente.

Vietnam invadió Camboya en diciembre de 1978 derrocando, a principios de enero, el gobierno de Khmer Rouge, que contaba con el apoyo de Pekín. En febrero siguiente tropas chinas invadieron a Vietnam y ambos países sostuvieron enfrentamientos armados en la zona fronteriza durante un mes.

"Vietnam está acosado por la crisis económica en lo doméstico, y en una posición de aislamiento sin precedentes en el mundo", indicó la declaración. "La causa de ello es la invasión y ocupación de Camboya."

"Sin embargo las autoridades vietnamitas no tienen ni el coraje de enfrentar esta realidad ni la intención de cambiar sus políticas erróneas de beligerancia, agresión y expansionismo", agregó.

Según la declaración, después del retiro de las tropas vietnamitas "los problemas internos de Camboya deberían ser atendidos por el pueblo camboyano y por varias de las fuerzas políticas de Camboya a través de consultas en igualdad de condiciones y libres de cualquier interferencia externa. . ."

En el pasado, Vietnam ha permanecido indiferente a los reclamos de China. Ahora, sin embargo, se especula que la crisis y el aislamiento vietnamitas, así como la política de distensión alentada por el líder soviético Mijail Gorbachov, hacia China podrían modificar esta postura.

• Visita

La agencia oficial Xinhua, por otra parte, dijo que Liu Shuqing mantuvo esta mañana una "conversación amistosa" con Phoun Sipaseuth, vicepresidente del Consejo de Ministros y ministro de Relaciones Exteriores de Laos. Sipaseuth, según la agencia, afirmó que las conversaciones habían sido favorables para mejorar la comprensión mutua.

A su vez, Shuqing señaló que el deseo común de ambos pueblos era restaurar las relaciones de buena vecindad y amistad.

La visita de Shuqing tuvo lugar a raíz de una invitación laosiana.

Clarín 26/12/86

LA PRENSA ♦ Miércoles 17 de diciembre de 1986

Preocupación en China por las demandas estudiantiles

Pekín, 16 (UP) — Un importante funcionario de la actividad lite-raria en China afirmó hoy que Pekín está "muy preocupado" en cuanto a si permitir o no cartelones con leyendas políticas, como los colocados la semana pasada por grupos de estudiantes durante demostraciones instando a más democracia y libertad en la nación.

Satisfacción

Xie Yongwang, un vocero de la Asociación de Escritores Chinos, patrocinada por el Estado y editor de noticias de arte y literatura, expresó "satisfacción" por el reciente aflojamiento de los controles culturales y manifestó confianza en que esa política continuará.

"En el año pasado, los escritores chinos se han encontrado en una atmósfera muy libre y vivaz", declaró durante una conferencia de prensa ofrecida por 10 prominentes miembros de la asociación. Xie citó en la oportunidad un trabajo crítico de aspectos de las reformas económicas emprendidas por el gobierno.

Pero Xie declinó decir si aprobaba "cartelones", como los colocados la semana pasada por estudiantes en predios universitarios en Pekín, Hefei y Wuhan. La mayoría de los cartelones, pidiendo más libertad y democracia en China, fueron arrancados por las autoridades durante el fin de semana.

Advertencia

"Si los estudiantes tienen demandas, pueden discutirlas y estudiarlas con otros estudiantes", dijo Xie a United Press tras la conferencia. El dirigente literario agregó que no estaba al tanto de lo expresado en los "posters", pero advirtió que "si atacaban la Constitución o los principios básicos de la nación comoel socialismo, entonces son malos".

"En lo que respecta a lo que yo pienso en la materia prefiero no decirlo en este momento porque el gobierno está muy preocupado por este problema", respondió al preguntársele si se debía permitir a los estudiantes colocar cartelones instando a una mayor democracia.

Diplomáticos con sede en Pekín afirmaron que los afiches demuestran la creciente influencia occidental en la juventud china.

Advertencia de Deng contra las endencias capitalistas en China

(UPI) — El líder chino Deng Xiaoping que el partido Comunista no toleraría capitalistas, mientras que un alto fun- bernamental estimó que habrá "una batalla" contra los esfuerzos para libe- ina.
lar los rumores de que la campaña endencias capitalistas acabará derro- retario general del partido Comunista. . un portavoz del partido rehusó co- l aún permanecía en el cargo.
ítico occidental señaló que la negativa dicó que Hu se encontraba "en serios

do ausente de la vista pública desde dos semanas.

reunión

china informó que dirigentes munici- nciales se congregaron en Pekín para que podría convertirse en una sesión entral del partido.
endría que ratificar cualquier cambio go.
hinos notaron que la televisión cen- Hu plantando un árbol en un progra- mbellecimiento de Pekín, pero no se car cuándo fue grabado el film.
fue citado en un discurso publicado riódico del partido Comunista, "Dia- o".
rado el segundo hombre más podero- urante los últimos siete años, ha sido Deng por ser demasiado suave con los liberales, según la agencia noticiosa japonesa Kyodo.

La agencia noticiosa oficial Xinhua citó a Deng, quien le comentó al visitante jefe del partido Comunista de Finlandia, Arvo Aalto, que "en este momento existe una tendencia ideológica que apoya la liberalización burguesa".

"Los marxistas de China no estarán de acuerdo con esto", añadió, según Xinhua.

El término "liberal burgués", frase utilizada por dirigentes chinos para referirse al capitalismo, ha sido aplicado a la ola de protestas estudiantiles a favor de más democracia en China. Se realizaron manifestaciones que afectaron a por lo menos 13 ciudades desde el 5 de diciembre hasta el 1° de enero.

Reunión cancelada

El partido canceló hoy una reunión entre Hu y el jefe del partido de Finlandia, reiterando un anuncio anterior de que Hu "no está bien de salud" y le es imposible reunirse con dignatarios extranjeros que visitan China.

Aalto es el funcionario más importante del partido Comunista de Finlandia que visita China en 20 años.

Según una fuente china, los que se oponen a Hu están utilizando la reciente ola de protestas para derrocarle.

La fuente añadió que Hu se ausentó de la vista pública luego de saber que sería reemplazado por Zhao Ziyang en el vigésimo tercer congreso del partido que se realizará en octubre.

Agregó que Zhao sería sustituido por el alcalde de Tianjin, Li Ruihuan, de 52 años de edad.

Hu, durante 40 años un aliado estrecho de Deng, sería colocado en el puesto ceremonial de presidente de la conferencia consultiva política del pueblo.

Control de precios

Por otra parte, el gobierno reimpuso controles de precios en un intento de mantener la estabilidad social tras la ola nacional de desórdenes estudiantiles, informó hoy la agencia noticiosa oficial.

"Esta es una clara reafirmación de que el gobierno se preocupa por los precios y el efecto que pueden tener en los niveles de vida y la moral", señaló un diplomático occidental. "Tratan de que la gente se sienta segura".

En una circular de ocho puntos emitida ayer, el Consejo de Estado ordenó controles más estrictos de los precios en un intento de estabilizar el costo de los bienes esenciales en 1987, indicó Xinhua.

"Los precios de los bienes básicos son un tema de principal importancia para la estabilidad general económica y social de China, que es de interés inmediato para las masas", afirmó la circular.

Fuentes diplomáticas manifestaron que las autoridades temían que los trabajadores, empujados por recientes rumores sobre alzas de precios, se unieran a la reciente ola de protestas estudiantiles ocurridas en por lo menos 13 ciudades desde diciembre.

LA PRENSA 16-1-87

CRISIS EN LA CUPULA DE PODER EN PEKIN CLARIN 17/1/87

Renunció el secretario general del P.C. de China

...enunció Hu Yaobang a la jefatura del ...rtido Comunista Chino, el más grande ...mundo, con 44 millones de miembros. ...sí lo informó un comunicado tras una ...nión del buró político, señalando que ...hizo una "autocrítica" de sus errores. ...l segundo hombre más importante de ...a después de Deng Xiaoping seguirá siendo miembro del buró. Su sucesor, Zhao Ziyang, fue primer ministro y es considerado un activo reformador.

Agencia AFP

PEKIN, 16 (UPI, DPA y Reuter). — Hu Yaobang renunció hoy como jefe del Partido Comunista más grande del mundo, aparentemente víctima de una nueva campaña contra las tendencias capitalistas.

La radio y la televisión anunciaron que una sesión plenaria especial del gobernante Politburó eligió por unanimidad al primer ministro Zhao Ziyang, de 67 años, como secretario general interino del Partido Comunista de China, que cuenta con 44 millones de militantes, en reemplazo del dimitente.

Zhao es un reformista urbano que ganó su reputación como el máximo dirigente del Partido Comunista en la provincia central de Sichuan, donde transformó la atrasada región.

El nuevo dirigente del partido ha sido primer ministro desde 1980, cuando fue traído a Pekín por el anciano líder Deng Xiaoping. Los anuncios no dijeron si continuará en el puesto de primer ministro. Fuentes chinas señalaron que es posible que sea reemplazado por el viceprimer ministro Li Peng o por el alcalde de Tianjin, Li Ruihuan.

- **"Autocrítica"**

Un comunicado del Politburó dijo que Hu, de 71 años, "hizo una auto- ... de sus errores sobre impor- ... principios políticos en viola- ...al principio del partido de la ...ción colectiva".

...dio detalles y dijo que Hu soli- ...e el comité central aprobara ...uncia. La decisión aparente- ... terminó en una estrecha aso- ... con Deng que duró más de 40

...nuncio puso fin a varios días ...peculaciones de que Hu, que no ...sido visto en público por más ... semanas, había caído en des- ... por no adoptar una línea lo ...ntemente dura contra el "li- ...mo burgués" en China.

"El liberalismo burgués" ha sido culpado oficialmente de las manifestaciones estudiantiles en pro de la democracia y la libertad que se produjeron en por lo menos trece ciudades entre el 5 de diciembre y el 1° de enero.

Fuentes chinas dijeron que Hu, que había sido líder del partido desde febrero de 1980 y que se esperaba que sucediera a Deng, fue objeto de crecientes críticas después de las protestas estudiantiles.

Un diplomático occidental —anotando que el estilo de Hu irritaba tanto a reformistas como a conservadores— dijo que su salida era "muy probablemente el resultado de una lucha por el asunto de la sucesión" y que fue causada por las marchas estudiantiles.

"El acabar sumariamente con el número uno del partido afirma que no todo es estable en China", dijo otro diplomático.

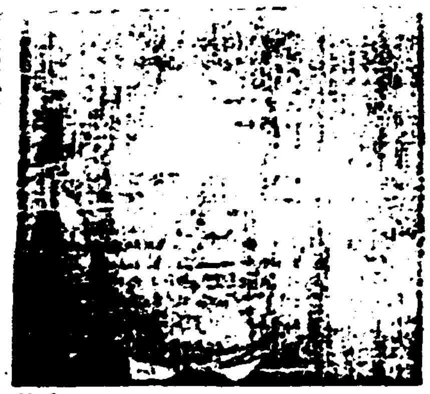
- **Línea política**

Añadió que la reunión del Politburó —a la que asistieron por lo menos 43 dirigentes del partido— urgió al P.C. a que continuara implementando su "línea política, principios y varias políticas domésticas y extranjeras".

El comunicado de dos minutos fue leído en la televisión nacional por un anunciador vestido de azul marino en "traje Mao".

Indicó que el partido continuará ejecutando las reformas iniciadas por Deng a fines de la década de 1970, incluso la política de "abrir el país al resto del mundo y reforzar la economía doméstica, continuar la promoción de la democracia socialista y mejorar el sistema legal socialista".

El comunicado también pidió a los miembros del partido que combatieran la "liberalización burguesa".



Hu Yaobang, secretario general del Partido Comunista, acaba de renunciar tras admitir "errores" en la política reformista de China.

Comunicado oficial

PEKIN, 16 (ANSA, AFP y UPI). — Difundido al término de la reunión del buró político, un comunicado afirma que Hu Yaobang hizo la autocrítica de los errores cometidos durante su administración del partido.

"Tales errores —dice el documento— atañen a la violación del principio del liderazgo colectivo del partido".

La oficina política "hizo al compañero Hu Yaobang una crítica seria y fraternal, reconociéndole al mismo tiempo que supo obtener buenos resultados en su trabajo".

En la misma reunión se estableció elegir a Zhao Ziyang para cubrir el cargo de secretario general interino y presentar esta decisión, para la necesaria confirmación, en la próxima sesión plenaria del comité central.

Hu Yaobang, a firma el comunicado, conserva los cargos de miembro del comité permanente del buró político del partido y de miembro del mismo buró político.

El comunicado invitó al partido a seguir apoyando los cuatro principios vitales de la Constitución (adhesión al socialismo; al principio del rol-guía del partido; a la dictadura del proletariado y al marxismo-leninismo, y al pensamiento de Mao Tsé-tung) y a combatir la "liberalización burguesa".

Gesto conciliatorio soviético

MOSCU, 16 (EFE, Reuter y UPI). — La Unión Soviética intenta reactivar la laboriosa tarea de la normalización de sus relaciones con China, a través de un nuevo gesto dirigido al otro gigante comunista, como fue el anuncio de que en la próxima primavera se retirarán de la frontera chino-mongol un regimiento motorizado y otros grupos de soldados soviéticos.

La numerosa presencia de soldados soviéticos en la frontera entre China y Mongolia es uno de los tres clásicos "obstáculos" que Pekín presenta siempre como base de su resistencia a una normalización de relaciones con la URSS, por ello, la iniciativa soviética de retirar un regimiento motorizado y otros grupos de soldados la próxima primavera, que ya había sido anunciada aunque sin fecha concreta por Mijail Gorbachov el pasado mes de julio en Vladivostok, supone un intento de la URSS por superar, o al menos limar, este "obstáculo" chino.

Según Pekín la Unión Soviética mantiene en la frontera de Mongolia con la República Popular China 100.000 soldados, cifra rebajada hasta 60.000 por fuentes occidentales.

URSS: un "gesto"

Los expertos señalan también que éste es un "gesto" realizado de cara a la reanudación de las negociaciones sobre sus fronteras que los dos grandes del comunismo comenzarán el próximo mes de febrero tras una interrupción de más de veinte años.

Las negociaciones entre China y la URSS se rompieron en 1964 como una consecuencia más del distanciamiento ideológico que se produjo en aquella época entre los dos grandes del comunismo.

Aunque hasta el momento Pekín no se ha pronunciado sobre el anuncio de la retirada de una parte de los soldados soviéticos en Mongolia a partir del próximo mes de abril, las autoridades chinas le restaron importancia al afirmar que se trataba de un gesto simbólico e impreciso.

Chinos duros

Los expertos destacan además que la postura de mayor dureza de China con respecto a la URSS y a una normalización de relaciones se concentra en el apoyo de Moscú a Vietnam, con la ocupación de Camboya y Laos de fondo. Los otros dos obstáculos, la militarización de la frontera común y la presencia soviética en Afganistán, serían más "negociables" para Pekín y más fáciles de superar para la URSS, según estos círculos.

Desde la incorporación de Mijail Gorbachov a la dirección del Kremlin, hace casi dos años, la URSS ha lanzado una activa ofensiva de acercamiento a China.

Gorbachov

En su discurso de Vladivostok, localidad siberiana situada a tan solo 80 kilómetros de la frontera con China, Gorbachov señaló que las relaciones de ambos países son de extrema importancia, "porque somos vecinos, compartimos la frontera más extensa del mundo, y nosotros, nuestros hijos y nuestros nietos están destinados a vivir cerca siempre".

Como parte de estos esfuerzos de acercamiento a Pekín, Moscú propuso un encuentro entre Mijail Gorbachov y Deng Xiaoping, que recibió la típica respuesta de Pekín de que China favorecería la celebración de dicho encuentro si ayudaba a superar los clásicos "tres obstáculos".

.02

8701914

ZHAO ZIYANG

Un gran reformador

PEKIN, 16 (UPI, EFE y DPA). — El nuevo secretario general del Partido Comunista de China, Zhao yang, es un hombre que no se preocupa por mantener la tradición, descartando viejos patrones económicos.

De estilo occidental, con sus trajes de tres piezas y modales urbanos, Zhao, de 67 años, no parecería ser to para el papel de duro líder del Partido Comunista la grande del mundo.

Sin embargo, según analistas, a diferencia del hasta hoy secretario general del Partido Comunista, Hu obang, quien renunció, Zhao es un hombre al que y que respetar.

Zhao logró una reputación como el hombre más portante del partido en la provincia central de Sichuán, de 1975 a 1980, convirtiendo a la atrasada ren en un modelo para el resto de la nación al desear las tradicionales teorías comunistas y reemplazarlas con incentivos propios del libre mercado.

En 1980, el líder Deng Xiaoping recompensó a so con el cargo de primer ministro.

Desde allí, Zhao fue adquiriendo confianza y argead hasta convertirse en el principal ejecutor de las ormas de corte capitalista impulsadas por Deng.

Ministro reformista

La capacidad y cautela de Zhao como administra contrastó con la reputación de Hu de comentarios o diplomáticos.

Como los chinos suelen decir: "Hu Shuo, Zhao ", juego de palabras que se traduciría en "Hu la tonterías mientras Zhao hace el trabajo".

Zhao nació en 1919 con el nombre de Zhao Xiug, hijo de un rico agricultor en la provincia central Henan.

Se sumó a la Liga de la Juventud Comunista en y al Partido Comunista en 1933, luego de cursar educación primaria en Henan.

Desde la década de 1940 hasta mediados de la da de 1960, ocupó varios cargos a nivel intermedel partido, principalmente en el sur de China, y identificado con su labor por la reforma rural.

En 1965, Zhao ascendió a un importante cargo jefe del partido en la provincia de Guangdong, fronteriza con Hong Kong.

Sin embargo, su período fue corto.

Durante la Revolución Cultural de 1966 a 1976 fue dado con el presidente Liu Shaoqi, el blanco prinl a principios de la revolución, y denunciado como revisionista contrarrevolucionario".

Acusado de espía

A Zhao se le obligó a desfilar por Cantón luciendo "sombrero de burro" y se le acusó de ser un espía ético.

Sin embargo, comenzó a regresar lentamente al r en 1971, resurgiendo en el ámbito como funcio del partido en Mongolia, antes de volver a ngdong.

Cuando se mudó a Sichuan en 1975 a sugerencia de g, Zhao encontró que muchas personas en la prola se estaban muriendo de hambre.

"Vine para dar de comer al pueblo", dijo Zhao al r a Sichuan. Instaló un camastro en la parte de de un camión y viajó a través de los campos de uan, visitando comunas sin previo aviso y rehuo banquetes en su honor.

Al cabo de tres años, Zhao había llevado a Sichuan a su posición tradicional en China como la región de la "divina cornucopia".

Zhao se sacó la camisa de fuerza maoísta y utilizó elementos de una economía liberal, permitiendo mercados libres, terrenos privados e industrias privadas aparte de la economía estatal.

Otorgó a las industrias más poder para decidir sus propias estrategias de producción.

El dicho "Si deseas comer trigo para apaciguar tu hambre, busca a Zhao Ziyang" se difundió a través de Sichuan.

♦ Pragmático y sutil

Como socio estrecho de Deng, Zhao fue reclutado para lograr la misma transformación nacionalmente que la que realizó en Sichuan.

Zhao es visto por Deng y sus socios de edad ya avanzada como una de las garantías de que China continuará en un curso hacia la modernización después que mueran éstos, en lugar de caer nuevamente en las luchas internas maoístas.

Luego de una pugna por el poder entre Deng y el sucesor seleccionado por Mao, Hua Guofeng, Zhao se convirtió en primer ministro en 1980.

Al igual que Deng, Zhao es calificado como pragmático, sutil y duro. También es rápido con la sonrisa.

A pesar de que muestra una preocupación profunda por los campesinos, con sus suaves manos y cuerpo poco atlético, se les parece poco.

Cuando sus deberes se lo permiten, hace trote con un radio transistor en la mano para escuchar las noticias.

—HU YAOBANG—

Una política agotada

WASHINGTON, 16 (UPI y AFP). — Hu Yaobang, jefe del mayor Partido Comunista del mundo desde 1980 hasta su caída hoy, fue el segundo hombre más poderoso de China. Hijo de campesinos pobres, Hu (71 años) sobrevivió a la larga marcha de la década de 1930 y la humillación amarga de la Revolución Cultural de la década de 1960, lapso durante el que vivió en un establo durante más de dos años.

Su íntima alianza con el actual líder Deng Xiaoping durante cuatro décadas propulsó a Hu a los cargos más altos del país, pero solo después de que Deng defenestrara al sucesor elegido de Mao Tse-Tung: Hua Guofeng.

Extranjeros que conocieron al duro y alto Hu lo consideraban un pensador con un atractivo [illegible], con un conocimiento [illegible] de la realidad china y muchas ideas sobre la marcha hacia la era moderna.

Pero varios funcionarios chinos que defienden el legado de Mao, particularmente entre los militares y los conservadores, aclararon su criterio de que las ideas de Hu eran demasiado "liberales" y agudamente divergentes de los puntos cardinales del marxismo-leninismo y del pensamiento de Mao Tse-tung.

Preguntado una vez cuál de los pensamientos de Mao era aplicable a la campaña china de modernización económica, Hu replicó: "Creo que ninguno".

Respuestas como ésa dieron a Hu la reputación de ser más pragmático y más crítico de Mao que Deng Xiaoping.

Su tendencia a alentar a escritores y artistas, y el hábito de improvisar sus reacciones, contribuyeron a su caída, trascendió.

♦ **Críticas de Deng**

Tras las manifestaciones estudiantiles pro democráticas, Deng dijo que varios "dirigentes del partido" eran "muy entusiastas" en su oposición a las tendencias izquierdistas pero "no tan entusiastas" al oponerse a los derechistas, una advertencia para Hu sobre su estilo de dirección del Partido Comunista.

Nacido en 1915 en una familia campesina de la provincia central de Hunan, Hu es considerado por sus asociados como "decidido, franco y audaz", una persona empeñada en seguir con constancia toda política que cree correcta. Visitantes extranjeros señalaron que es "picante y claro" en su conversación y es conocido por su persuasiva oratoria.

Hu ingresó al Partido Comunista a los 14 años, cuando se unió al Ejército Rojo para luchar en sus bases montañosas como soldado niño.

Autodidacto en gran medida y un especialista en propaganda y trabajo de organización, comenzó su asociación con Deng en 1941, cuando él era funcionario político en un grupo militar y Deng comisario político.

Acentuaron su amistad cuando ambos ocuparon secretariados del partido en la provincia de Sichuan en 1949 y fueron transferidos juntos al liderazgo central del partido.

Hu logró dominio sin rivales de la Liga Juvenil Comunista durante la década de 1950 y mantuvo su contacto con Deng.

♦ **"Con las vacas"**

Pero cayó en desgracia en 1966, cuando fue condenado por los guardias rojos como contrarrevolucionario y fue purgado.

"Durante dos años y medio —indicó—, dormí en un establo, con las vacas", tras ser enviado al campo para purgar sus "errores".

Retornó brevemente en 1972 y para 1975 estaba nuevamente junto a Deng en los corredores del poder.

Pero ambos cayeron luego en desgracia en 1976. Fueron forzados a ponerse "gorros de burro" ante una multitud.

Hu dijo de la revolución cultural (1966-1976): "Me dijo que o me haría matar o el poder de la Banda de los Cuatro duraría 10 años". La banda fue derrocada poco después de la muerte de Mao Tse-tung en 1976.

A fines de 1977, Hu fue nombrado director del Departamento de Organización del comité central del partido y pocos meses después tomó el control del importante Departamento de Propaganda.

Estaba rodeado de un equipo de fieles colaboradores, todos ellos formados bajo su dirección en la liga de la Juventud Comunista. El más influyente de ellos es hoy Hu Qili, miembro del buró político del P.C.Ch. considerado hasta ahora como su sucesor probable.

♦ **Jefe del P.C.**

En febrero de 1980 fue elevado al poderoso comité permanente del Politburó y se convirtió en secretario general del P.C., tomando el control del manejo diario del Partido Comunista de 44 millones de miembros.

Hasta hace dos semanas era el hombre que la mayoría de los analistas consideraban sucesor de Deng Xiaoping.

Hu tomaba posiciones audaces en materia de derechos humanos, pero tenía también la reputación de dejarse llevar por su entusiasmo y de incurrir por ello en "metidas de pata" en materia de política internacional.

Hu era poco conocido en el extranjero. Su último viaje fuera de las fronteras chinas se remonta al mes de junio de 1986, cuando realizó una gira por Gran Bretaña, Francia, Italia y la República Federal Alemana.

POCO LEGIBLE

04.04

8701914

CLARIN ★ Buenos Aires, domingo 25 de enero de 1987

Pekín: periodista expulsado del P.C.

PEKIN, 24 (UPI). — Un periodista, especializado en escribir sobre el lado oscuro del socialismo chino, se convirtió hoy en el tercer intelectual prominente de este mes que es purgado del Partido Comunista en una creciente campaña contra las ideas capitalistas.

Liu Binyan, periodista del "Diario del Pueblo", cuyas atrevidas exposiciones de equivocaciones oficiales le convirtieron en el periodista mas popular de China, fue expulsado por "calificar" al Partido Comunista chino como "degenerado" y llamar al marxismo "obsoleto, dijo la agencia de noticias oficial Xinhua.

El despacho señaló que la expulsión de Liu fue ordenada el 23 de enero por la Comisión de Inspección de Disciplina del partido, que también acusaba al escritor de describir los principios comunistas como frases desgastadas que han llevado a China a calamidades en varias ocasiones.

Una mujer que contestó el teléfono de Liu en su residencia de Pekín hoy por la noche dijo que él no quería hablar con la prensa. También dijo que no sabía si Liu, de 61 años, podría dejar su trabajo en el "Diario de las Gentes", el órgano oficial del Partido Comunista.

TIBIO ACERCAMIENTO CHINO-SOVIETICO

Un paso adelante

PEKIN, 24 (Por Daniel Southerland, de "The Washington Post", especial para Clarín). — Un vocero del ministerio de Relaciones Exteriores chino anunció que China y la Unión Soviética han acordado reanudar conversaciones sobre su disputa fronteriza a principios del mes entrante. El diálogo entre ambas naciones se rompió hace ocho años.

A pesar de que diplomáticos de Occidente vaticinaron que estas conversaciones serán largas y complejas —teniendo en cuenta la diferencia en las posiciones de ambas partes— uno de ellos calificó al acuerdo sobre la reanudación del diálogo como "otro modesto paso adelante" en las alguna vez tensas relaciones sinosoviéticas.

Qian es un veterano de la diplomacia que se desempeñó como principal negociador de China con la URSS durante encuentros de "normalización" política que se celebraban dos veces por año. Estos encuentros se prolongaron por espacio de más de cuatro años —sin producir resultados significativos, aparentemente—.

Durante el anuncio hecho a la prensa este miércoles en la cancillería china, el vocero del ministerio reaccionó con indiferencia frente a la divulgación soviética, la semana pasada, de retirar de Mongolia una división de efectivos entre abril y junio de este año.

Según diplomáticos de Occidente que se encuentran en Moscú, este retiro equivaldría a sacar de Mongolia entre 10.000 y 12.000 soldados (de un total de 70.000). Cabe recordar que Mongolia es aliado de la Unión Soviética.

Los chinos se muestran particularmente sensibles a la presencia en Mongolia de efectivos soviéticos, ya que éste sería el escenario natural de cualquier invasión a Pekín.

La presencia soviética en la frontera china es uno de los tres obstáculos que cita China como impedimento para la normalización de las relaciones sinosoviéticas. Los otros dos son el apoyo de la URSS a la ocupación vietnamita de Camboya y la presencia soviética en Afganistán.

Ultimamente, los chinos han puesto toda su atención en el tema Camboya que es, también, la zona en donde los soviéticos tienen, probablemente, menos capacidad para responder.

El acuerdo para reanudar las conversaciones se vio acelerado, aparentemente, por una concesión hecha en julio pasado por el líder soviético Mijail Gorbachov. Durante el discurso que pronunció el 28 de julio en la ciudad de Vladivostok, Gorbachov indicó que la URSS estaba dispuesta a aceptar la posición china de que la frontera entre ambos países —ubicada a lo largo del río Amur— pase por el principal canal navegable.

01-01 8701915

Clarín 23/1/87.-

Sigue en China una purga política

PEKIN, 22 (Reuter, AFP, Xinhua y "Newsday"). — El jefe de propaganda del Partido Comunista Chino, Zhu Houze, fue destituido hoy de su cargo, y paralelamente el comité permanente de la Asamblea Nacional Popular (Parlamento) reemplazó al presidente y al vicepresidente de la Academia de Ciencias, en sendas medidas que se interpretan como continuidad de la campaña contra el "liberalismo burgués".

Según fuentes chinas consultadas por las agencias occidentales, Zhu, de 56 años, era íntimo allegado de Hu Yaobang, el hasta hace pocos días secretario general del P.C.Ch., y fue depuesto debido a sus posiciones liberales en el campo ideológico. El año pasado había formulado audaces declaraciones políticas que abogaban por una mayor libertad en el debate de las ideas.

Zhu había reemplazado, en setiembre de 1985, a Deng Liqun, considerado como un ultraconservador al comenzar la campaña contra la "contaminación espiritual" de fines de 1983

Las fuentes indicaron que probablemente Zhu había sido acusado de "falta de supervisión de la propaganda", tras las recientes manifestaciones estudiantiles en varias ciudades del país. Además, estimaron probable que el cargo de Zhu fuera ocupado por su segundo, Wang Daming, o bien por el director del "Diario de Pekín", el ortodoxo Xu Weicheng, quien es al mismo tiempo secretario adjunto del comité de la capital del P.C.Ch.

También hoy, durante la decimonovena sesión del comité permanente de la Asamblea Popular Nacional —que se clausuró en la fecha— fueron destituidos Lu Jiaxi, presidente de la Academia de Ciencias, y Yan Dongsheng, vicepresidente.

Para sustituirlos se designó a Zhou Guangzhao y a Teng Teng.

Zhou, un científico, fue quien había anunciado el 12 de enero la expulsión de las filas del partido del astrofísico Fang Lizhi, vicepresidente de la universidad de Hefei cuando estallaron las protestas estudiantiles. Era hasta ahora vicepresidente de la academia.

Teng —56 años—, un ingeniero químico formado en la URSS, había ocupado los cargos de subjefe de propaganda del comité central del P.C.Ch., viceministro a cargo de la Comisión Científica y Tecnológica, vicerrector de la universidad de Qinghua, y, desde principios de la semana pasada, rector de la universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei.

♦ La sucesión de Deng

Deng Xiaoping mantiene firmemente el control de los destinos de China, y pronto procurará definir a su propio sucesor al frente del máximo liderazgo, según estiman fuentes responsables.

El actual primer ministro, Zhao Ziyang, quien alcanzó el segundo rango tras la renuncia de Hu Yaobang el viernes último, no es considerado un titular firme. La comisión permanente del Parlamento concluyó hoy sus sesiones sin decidir el nombramiento de un nuevo ministro, razón por la cual Zhao seguirá ocupando los dos puestos quizá por largo tiempo.

La más próxima ocasión para que se concreten definiciones es probablemente el congreso partidario, previsto para octubre venidero.

Deng, de 82 años, enfrenta la necesidad de hallar un nuevo rostro antes de su largamente ambicionado retiro. Por el momento, Hu Qili, un intelectual de 57 años, es considerado como el candidato con más probabilidad de asumir el liderazgo que Deng deje vacante.

Graduado universitario e integrante de la alta jerarquía partidaria, Hu Qili es una rareza. Fue alcalde de Tianjin, la tercera ciudad china. Alcanzó la calidad de miembro del secretariado partidario cuando el entonces secretario general Hu Yaobang intentaba imponer las reformas que finalmente lo enfrentaron a la "vieja guardia" y provocaron su caída.

Fichaje

Fichaje

LA NACION 18-1-87

pa internacional

laciones de los dirigentes chinos

...les a un mal ...lo camaradado ...particular con... comunista. El ...s posibilidades. ...rios dirigentes ...líder máximo, ...tribulaciones ...ecos son, por ...r.

...udientiles que ...o conmovieron ...chinas fueron ...tabilidad con... ...dad tan rapida... ...es la de China, ...ualidad

...n el filo de este ...por la tajante ...general del ...Yaobang, en... ...clidad existía. ...dudas, de una ...la como fuerza ...ntes compro... ...renovadora, a ...mas recientes ...ertura al Occi... ...de las lineas

...l sector duro ...como el suce... ...ntivo. Obliga, ...da cavilación ...les y objetivos ...es, para equi... ...as delicados, ...por el líder ...ia, de la cual ...s global y en ...ado.

...as manifesta... ...n China como ...siempre dis... ...uardia de las ...s, en esta co... ...atmósfera de ...sido canali... ...dos sosados. ...on orientada ...res ortodoxos ...uar impor... ...ayores, no se ...mismo, prima... ...r en alterna...

...a demostrar ...la misma ... ...su pragma... ...des orienta... ...o salir a ... ...tos.



El líder chino, Deng Xiaoping

Hasta saber ahora si esa actitud responde efectivamente a una convicción del anciano líder o es solamente una concesión forzada por la presión de los sectores ortodoxos, que, en definitiva, habrían de cobrar el alto precio de la destitución de Yaobang.

Acaso muchos observadores hayan sido conducidos a error por exceso de optimismo. *En efecto*, hubo quienes sugirieron, veladamente, que China viraba imperceptiblemente hacia un socialismo de otro cuño. Propuesta muy osada, pese a la aparente liberalización propugnada por Deng.

Hu Yaobang, acaso víctima de este equívoco y renunciante después de afrontar las críticas duras de la asamblea del Politburó del Comité Central, debió hacerlo por haberse excedido en los términos fijados por las estructuras partidarias.

Va de suyo que también sería muy apresurado deducir que la caída de Yaobang y su reemplazo por el primer ministro, Zhao Ziyang, constituyen, en definitiva, un revés político de Deng.

Estas circunstancias hasta pueden haber afirmado al anciano líder en su papel de árbitro de toda alternativa. Máxime cuando en ningún momento demostró oposición al desacato a las peticiones del *Politburó*. Este organismo, tras la renuncia de Yaobang, recitó fórmulas bien conocidas como sustento de su intransigencia: todos los miembros del partido deben adherir a los principios de apoyo al socialismo, al comunismo, a la dictadura democrática del pueblo y al pensamiento marxista-leninista-maoísta.

Toda una definición -pese a su carácter repetitivo- para un Estado que, como sucede con China, busca todavía redefinirse tras el fallecimiento de Mao Tse-tung.

Error de apreciación

La cautela es la mejor arma para manejar cualquier prospectiva acerca de la situación china. De lo contrario, las cavilaciones pueden conducir al error.

El juicio anterior no invalida, por cierto, la posibilidad de manejar hipótesis acerca del futuro de la apertura. Curiosamente, en torno del tema coincidieron opiniones tan dispares como las de los editorialistas de la agencia Nueva China y los analistas norteamericanos. Mientras que los voceros de los dirigentes orientales sostuvieron "que nadie abrigue dudas de que el país continuará sus reformas y su política de apertura", los segundos adhirieron a la tesis de que no habrá cambios de fondo en las grandes líneas políticas.

Si se quiere, unanimidad previsible. China no puede resignar la política de apertura, esencialmente en el campo económico, si, tal cual lo han manifestado reiteradamente sus autoridades máximas, procura dialogar igualitariamente con las superpotencias.

El visitante del Papa

"La conversación fue seria, clara y profunda. Permitió un análisis de los problemas de la sociedad polaca, las relaciones entre la Iglesia y el Estado en Polonia y tratar asuntos relativos a la paz internacional."

Dos polacos astutos, apasionados y amantes -cada uno a su manera- de la patria, en esos momentos lejana, se encontraron en el Vaticano. Juan Pablo II es soberano de uno de los Estados más pequeños del mundo y, al mismo tiempo representa a la fuerza espiritual de mayor importancia que pueda concebirse. Wojciech Jaruzelski, además de general del ejército polaco es un dirigente cuyo papel todavía no fue sometido al juicio de la historia: como un dios pueda conocerse en concreto aquello que todavía no dejó el plano de las suposiciones: la afirmación de que aceptó someter a sus compatriotas para evitarles un mal mayor, el de la intervención soviética.

La reunión de ambos líderes tuvo valores significativos. No es un secreto que la Iglesia Católica desea consolidar sus relaciones con Polonia, una de las naciones más profundamente católicas del orbe. El establecimiento de relaciones diplomáticas no sólo representaría una victoria moral de vasto alcance. Permitiría, también, asentar un bastión de fe absolutamente definida dentro del coto circunscripto por la Cortina de Hierro.

Polonia tampoco es impermeable a la intención de solidificar las relaciones. Si la entrevista con Juan Pablo II fue, en cierta forma, una carta de aval para Jaruzelski, la vinculación con la Iglesia puede ser el camino idóneo para limar asperezas que aún hoy enrarecen la relación entre el gobierno de Polonia y el pueblo polaco, sensibilizado por episodios -caso Solidaridad- cuyo recuerdo está vigente.

Prudentemente, el gobernante polaco no arriesgó comentarios acerca de los temas tratados en la entrevista. La situación de la patria común debe de haber ocupado gran parte de los casi sesenta minutos del diálogo. Pero tampoco hay dudas de que el Papa es suficientemente sagaz como para no haber forzado definiciones que impongan mayor decantación. Al fin y al cabo, está próxima su visita a Polonia. Allí no sólo podrá continuar la conversación sino que tendrá oportunidad de demostrar hasta dónde pesa su jefatura espiritual

...ES ILEGIBLE

LA NACION 18-1-87

AP

Elegirían a un nuevo premier en China

PEKIN, 17 (UPI). - Pronto sería designado el sucesor del "premier" Zhao Ziyang, quien reemplazó como jefe del Partido Comunista al renunciante secretario general Hu Yaobang, dijeron hoy diplomáticos occidentales.

Las primeras páginas de los diarios anunciaban en forma dominante el comunicado del partido sobre la renuncia ayer de Hu, considerado el segundo hombre más poderoso del país desde que se convirtió en 1981 en secretario general del partido de 44 millones de miembros.

El comunicado dijo que Hu admitió errores sobre "importantes temas" políticos en una aparente indicación de que se lo culpó por no haber reducido las protestas estudiantiles prodemocracia sucedidas en 13 ciudades entre el 5 de diciembre último y el primero de este mes.

El partido señaló que el primer ministro Zhao, de 67 años, sería un secretario general temporal hasta su confirmación por una reunión plenaria del comité central.

Diplomáticos occidentales dijeron que pronto podría anunciarse el nombre del reemplazante de Zhao, quien fue el principal jefe ejecutivo del gobernante Deng Xiaoping y sus audaces reformas económicas desde que asumió el cargo en 1980.

"No veo cómo podrían separar", dijo uno. "Zhao Ziyang no puede ocupar ambos cargos. Me parece que adoptarán pronto una decisión".

El diplomático expresó que la sucesión podría anunciarse durante la actual sesión del comité permanente del Congreso Nacional Popular, que puede aprobar los cambios en el puesto de primer ministro. No se anunció fecha para la conclusión de esa reunión.

Diplomáticos manifestaron que los principales contendores para el cargo eran el viceprimer ministro Li Peng y Li Ruihuan, alcalde de la ciudad norteña de Tianjin. Varios analistas creen que Li Peng sería preferido por la línea dura, mientras que Li Ruihuan lo sería por los reformistas.

Aunque carece de la antigüedad de Li Peng, Li Ruihuan se convirtió en uno de los dirigentes más respetados por sus logros en reconstrucción urbana y planificación económica en Tianjin.

Campaña intensa

PEKIN, 17 (AP). - La televisión china prosiguió hoy su reciente campaña contra la liberalización de su sistema de gobierno, pero no mencionó el caso de Hu Yaobang, el secretario general del Partido Comunista chino que fue obligado a renunciar ayer, según se dijo, debido a que permitió la propagación de ideas liberales en el país.

La prensa estatal china, si bien desplegó hoy la renuncia de Hu en sus primeras planas, no ha ofrecido detalles acerca de su caída en desgracia.

Aunque no se dieron ulteriores explicaciones, fuentes diplomáticas y chinas afirmaron que fue el dirigente máximo, Deng Xiaoping, quien obligó a Hu a renunciar debido a su manejo de las recientes manifestaciones estudiantiles en favor de la democratización del país y la adopción de ideas liberales por parte de intelectuales y afiliados al partido.

01-01

8701918

R. P. China 033

L. Mañana 24/12/86

Más de mil universitarios marcharon por las calles de Pequín

Manifestaciones estudiantiles se extienden hasta la capital china

Se extienden a toda China las manifestaciones de los estudiantes, al grito de "libertad y democracia". La portesta llegó ayer a Pekín, después de su estallido en Hefei, al Este del país, y de extenderse por todas las universidades y colegios de las principales ciudades.

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- Más de mil estudiantes de Pekín marcharon ayer por las calles de la capital en solidaridad con las demostraciones en demanda de reformas democráticas ocurridas en los últimos días en Shanghai y en otras ciudades chinas.

Residentes de la capital dijeron que los manifestantes salieron de la Universidad de Pekín alrededor de las nueve de la noche (1300 GMT) y se dirigieron a la cercana Univesidad del Pueblo expresando solidaridad

dad de Tongji para discutir las demandas estudiantiles.

DESAFIO

Los estudiantes les exigieron que hoy a la mañana a más tardar las autoridades de la ciudad respondan a las demandas que han presentado y que abarcan desde libertad de prensa hasta una disculpa pública del alcalde.

En desafío de una prohibición de manifestaciones no autorizadas impuesta el lunes, los estudiantes de Tongji efectuaron ayer una marcha por quinto día consecutivo. Unos tres mil estudiantes, encabezados por un gran cartelón con una imagen de la Estatua de la Libertad, marcharon le Tongji en dirección a Shanghai entonando consignas pidiendo más democracia.

Aunque la policía no trató de cerrarles el paso, a mitad de camino los manifestantes regresaron a predios de la universidad para celebrar la reunión con cinco funcionarios del gobierno. En el auditorio de la universidad varios estudiantes empleando megáfonos vocearon desde el escenario la serie de demandas, saludadas con

recienes protestas, acusando a los medios de prensa controlados por el estado de haber "dañado la reputacion de los estudiantes".

Los estudiantes desmintieron las informaciones aparecidas en la prensa china de que en el curso de sus protestas habian agredido a agentes de la policía y por el contrario acusaron a las fuerzas de seguridad de haber apaleado a varios manifestantes.

Los funcionarios del gobierno prometieron que se tomará acción legal contra los efectivos responsables si los estudiantes tienen prueba de la agresión.



Arriba: Un oficial de la Universidad de Shanghai indica a corresponsales extranjeros a que abandonen el local. Abajo: estudiantes universitarios leen afiches en los que se desmiente informes oficiales que acusan a manifestantes de haber golpeado a policías y haber volcado autos durante recientes protestas. (Radiofoto Reuter)

01-01 870 2018

noche (1300 GMT) y se dirigieron a la cercana Universidad del Pueblo expresando solidaridad con los miles de estudiantes que están enfrentando a las autoridades de Shanghai.

Esta fue la primera marcha de este tipo que se registra en la capital desde que el 4 de este mes comenzaron en la ciudad de Hefei, cerca de Nanking, las manifestaciones demandando democracia.

En Shanghai, la ciudadanía grande de China, unos 5.000 estudiantes acallaron a gritos a un grupo de funcionarios municipales que les habían pedido poner fin a las demostraciones prodemocráticas, durante una reunión celebrada en el auditorio de la Universi-

estudiantes empleando megáfonos vocearon desde el escenario la serie de demandas, saludadas con ovaciones por unos cinco mil estudiantes presentes.

"Si no responden a nuestras demandas, hoy marcharemos", dijo un vocero de los estudiantes a lo que la audiencia respondió con un coro de "¡marchemos, marchemos, marchemos!".

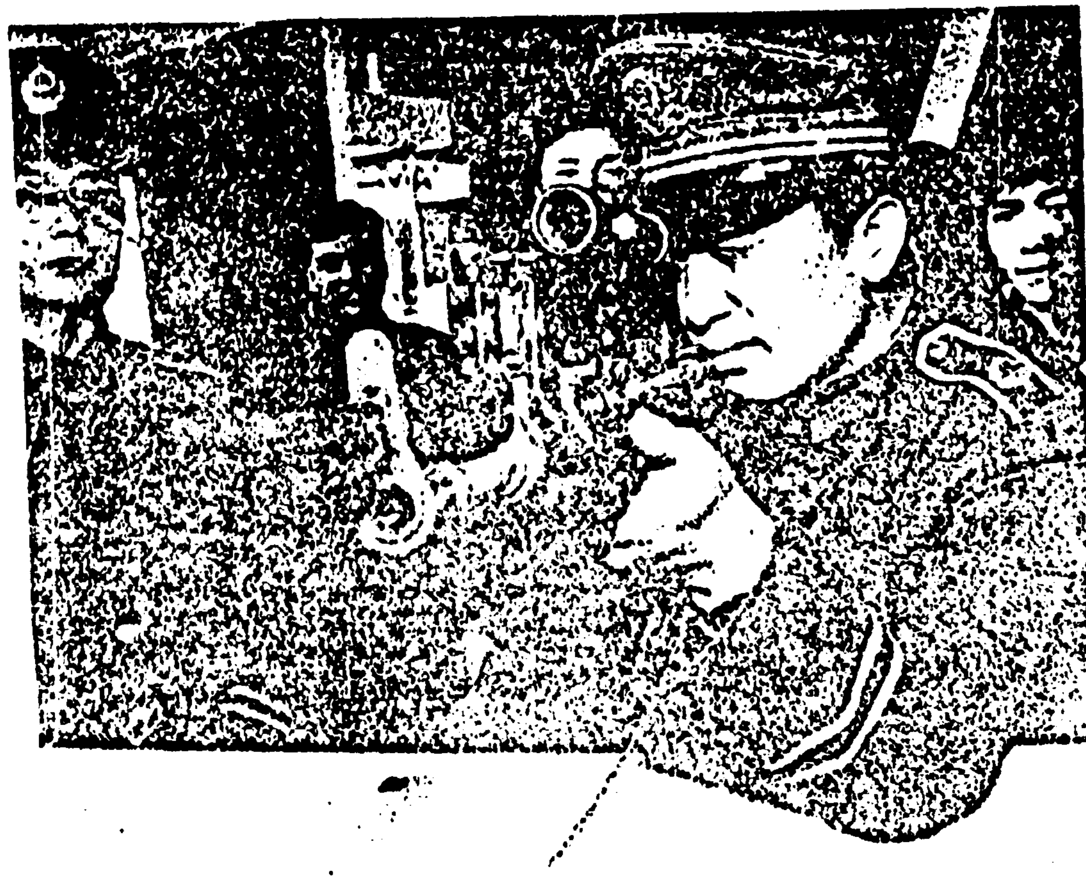
Los estudiantes demandaron que las autoridades reconozcan sus protestas como "patrióticas, legales y justas". El gobierno municipal aceptó el lunes reconocer como legales las protestas.

Por otra parte, los estudiantes demandaron permiso para convocar a una conferencia de prensa para dar su versión de las



8702018

01-03



PEKIN.- Un policía chino prueba la mira de un arma de entrenamiento fabricada en Francia en la stand de la fábrica de armas Giat, durante la Exhibición Asiática de Tecnología de Defensa que se realiza en esta capital. (Radiofoto Reuter)

Diario comunista advierte

Reacciones a las demandas

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).— El diario del Partido Comunista chino, en una aparente reacción a las protestas estudiantiles que han surgido en por lo menos siete ciudades, advirtió ayer que "acciones extremas" podrían afectar la estabilidad y la unidad de la nación.

En un comentario en la página uno del Diario del Pueblo se anctó que tanto el Partido Comunista y el gobierno "da la bienvenida a las críticas y sugerencias del pueblo".

Dijo que los últimos ocho años han sido los mejores desde la fundación de la República Popular China en 1949 y destacó que el gobierno está comprometido a llevar a cabo reformas económicas y mejorar "la democracia y la legalidad socialista".

"La reforma es una revolución profunda", señaló el comentario difundido por la agencia oficial Xinhua. "En el curso de la reforma, es normal que haya nuevos problemas a ser estudiados y solucionados, y debe de haber puntos de vista diferentes sobre temas concretos".

"Sin embargo, si los puntos de vista llevan a acciones extremas, de hecho afectarán la estabilidad y unidad, la libertad de trabajar de otras personas, el estudio y la vida e interferirá con el progreso de construcción y reforma".

"Incluso si su intención es buena, su acción podría llevar a lo que no desean e incluso podría ser utilizado por pocas personas que tienen deseos ocultos y desean ver al mundo en medio del caos".

El comentario fue luego de tres días de protestas pro democráticas por decenas de miles de estudiantes en Shanghai y otras protestas este mes en por lo menos otras seis ciudades. Sin embargo el comentario no mencionó directamente las protestas.

El Diario del Pueblo dijo que la gente joven representa el futuro y esperanza de China "y deben de tener un claro entendimiento de la situación, distinguir entre el bien y el mal y hacer contribuciones positivas para la mejora de la estabilidad y unidad".

China

92

8702018

Realizan nuevas protestas públicas en China Popular

Pekín, (PL). Carteles demandando mayor democracia y libertad de prensa aparecieron en la universidad de Beijing, la principal del país, luego de las manifestaciones públicas de idéntico corte en dos provincias.

Las demostraciones callejeras tuvieron lugar en el curso de la semana en las capitales de las provincias de Anhui y Hubein, donde varios miles de personas, según diversas fuentes extranjeras, demandaron mayor democracia en la elección de los delegados a las Asambleas Populares.

En uno de los carteles colocados hoy en la universidad de Beijing se plantea que la democratización debe comenzar por las áreas rurales donde reside la inmensa mayoría de la población china y, una vez consolidada, extenderse a las ciudades.

En otro de los murales se ataca explícitamente al Partido Comunista por, subrayan, el estricto control que ejerce sobre la prensa y se demanda plena libertad en la esfera.

Estos movimientos parecen íntimamente vinculados, pues uno de los carteles colocados en el centro docente capitalino aparece firmado por supuestos representantes de los círculos protestantes de Anhui, quienes solicitan apoyo y solidaridad de sus compatriotas.

En medios diplomáticos ha llamado poderosamente la atención esta secuencia de acontecimientos, coincidentes con las discusiones en la dirección del Partido Comunista sobre la implantación de la reforma política en preparación y la convocatoria dentro de diez meses del 13 congreso de la agrupación gobernante.

Justo en torno al primer problema subsiste aguda polémica, pues mientras algunos responsables y teóricos reclaman una llamada redistribución del poder político, las máximas autoridades del país aseguran que la reforma en preparación persigue fortalecer y no debilitar el régimen socialista y en particular el rol dirigente del Partido Comunista.

Entroncado con la polémica y en evidente respuesta a los defensores de modos políticos de tipo occidental, el presidente de la Asamblea Nacional Peng Zhen alertó días atrás sobre la naturaleza opresiva de la denominada democracia burguesa y las abrumadoras ventajas para las masas populares de la democracia socialista.

Las manifestaciones de protestas curiosamente surgen poco después del reciente pleno del Partido Comunista que reafirmó categóricamente el curso socialista de la nación y rechazó la ideología y sistema capitalistas como alternativa válida para China.

Sombras confusas

En las últimas semanas la atención de la prensa mundial, en primera página, centróse en la difusión y comentarios de lo que –aparentemente insólito– estaba ocurriendo en China. Manifestaciones estudiantiles —algunas de ellas integradas por 50.000 jóvenes– desfilaron por las calles de nueve ciudades para peticionar a las autoridades en favor de una apertura hacia la "democracia" y la "occidentalización del país" según rezaban las pancartas y los discursos de los líderes universitarios. Estos hechos, resulta lógico admitirlo. asombraron al mundo y provocaron una ola de juicios y análisis en su mayoría inclinados a un optimismo que un análisis más detenido no hubiese autorizado. La historia no conoce acontecimientos repentinos o súbitos. ni en lo que se refiere a revoluciones políticas o trasformaciones sociales. ni a descubrimientos científicos. No hay suceso sin proceso, y no hay adelanto que escape a la evolución de las condiciones que lo posibilitan y estimulan.

De ahí que cuánto viene ocurriendo en China deba ser puesto bajo la lente de la experiencia histórica (especialmente del comunismo) para analizar, previamente, cuál es el grado de espontaneidad de las manifestaciones estudiantiles: si éstas no han gozado de una suerte de "media palabra" previa de un sector (Deng Xioaping) del gobierno y si aún admitiendo que han obrado por su propia cuenta. lo que estamos lejos de desechar, tienen en este momento posibilidades de lograr éxito en sus demandas. No debemos olvidar que los regimenes comunistas incluido el chino, son formaciones esclerosadas a lo largo del tiempo –por eso van a la zaga del mundo moderno– en razón de lo cual resulta ilusorio toda creencia en cambios sustanciales por lo menos a breve plazo. En 1979, después de una "primavera" vivida diariamente por los estudiantes en Pekín frente al Muro de la Democracia, movidos por la palabra esperanzadora de Deng Xiaoping. fue éste, y no otro, quien ordenó el cese de las "manifestaciones reaccionarias", (reclamo de "libertad de expresión"). Se había ido demasiado lejos. Deng Xiaoping estaba arriesgando más de lo que podía en el marco del delicado equilibrio del poder que se vive estos días en China.

Así autoriza a creerlo la virtual contraofensiva que los servicios de seguridad. acaso con la venia cómplice del propio Deng Xiaoping en prosecución de su propio juego, ordenando golpizas, detenciones y prohibiciones. Es decir. "se acabó lo que se daba". Pocas dudas caben de que en las alturas del poder de Pekín se desarrolla estos días un enfrentamiento que podría ser dramático y aun sangriento, según sean sus alternativas. El octogenario jefe del gobierno representa sin duda una concepción más matizada de lo que debe entenderse por régimen comunista, pero no está tan distante de Lenín como algunos pretenden. Obviamente, no quiere regresar al mandarinado de Mao Tse-tung, mas de allí a la instauración de un sistema democrático, media un largo camino. Pruebas al canto: el físico Fang Lizhi. de 51 años, vicepresidente de la Universidad Nacional de Ciencias y Tecnología de la ciudad de Hefei, denostado oficialmente por el criterio liberal que preside sus manifestaciones (las pocas que han trascendido, entre otras su propuesta de "occidentalizar" a China y repudiar al comunismo como sistema de gobierno) ha sido acusado por un diario oficial de intentar dirigir a China "hacia el capitalismo". Sus ideas inspiraron las consignas orales y escritas de las recientes manifestaciones estudiantiles.

Lo que ocurre hoy en China va más allá de todo examen simple. Es sin duda complejo, y acaso en el congreso del partido Comunista que se realizará próximamente (su agenda incluye el reemplazo o la reelección de Deng Xiaoping) el panorama se aclare. Hasta ahora las cosas no han ido más allá de una proyección de sombras confusas.

LA PRENSA 29/1/87

01/04

8702093

En el Principal Centro Universitario de Pekín Apareció Carta a Deng

PEKIN, 4 (Nota sobre Fuentes de ANSA y EFE) – La protesta estudiantil continúa en las principales ciudades chinas y a pesar de la explícita prohibición de colocar carteles o "dazibaos", hoy en la principal universidad de Pekín apareció una carta abierta al líder chino Denga Xiao Ping.

La mayor parte de los estudiantes chinos, en efecto, apoyan al octogenario Deng y sus reformas pero quisieran que las mismas fueran más efectivas.

La carta dirigida a Deng, firmada por uno de los líderes estudiantiles, Guo Ji Zhuan, estudiante de matemáticas, también fue enviada a los diarios nacionales, pidiendo su publicación en nombre de "la libertad de prensa".

Después del inicio de las manifestaciones, a principio de diciembre, en las cuales los estudiantes pedían una reforma política más incisiva que la propuesta por el liderazgo de Pekín y una mayor libertad de prensa, la prensa china desató una insistente campaña acusando a los estudiantes de hacerse instrumentar por quienes quieren "destruir el clima de unidad y estabilidad del país".

Por su parte, los estudiantes colocaron junto a la carta para Deng Xiao Ping un ejemplar del "Diario de Pekín" con la crónica de la manifestación difundida por fuentes oficiales, escribiendo arriba, con grandes caracteres: falso.

Un ex estudiante y un obrero fueron detenidos en los últimos días por incitar a manifestaciones ilegales dentro de la actual campaña estudiantil para conseguir más libertad y demo[illegible] en China.

★ AUMENTAN INVERSIONES EXTRANJERAS EN CHINA

Pekín, (PL) Las autoridades chinas aprobaron el establecimiento en el país en 1986 de mil 454 empresas con inversiones extranjeras para totalizar siete mil 730 durante el último sexenio.

Al informar sobre el particular un vocero del Ministerio de Relaciones Económicas y Comercio con el Exterior señaló ayer que de ese conjunto 870 correspondieron a entidades mixtas, , 560 a negocios de administración cooperativa y 18 a empresas de exclusiva propiedad de extranjeros, más seis contratos para la explotación de petróleo submarino.

El portavoz precisó que los mayores inversionistas provienen de Hong Kong y Macao, seguidos de Estados Unidos y Japón.

Desde 1979, resumió, China aprobó el establecimiento en total de tres mil 210 empresas mixtas, cuatro mil 390 de administración cooperativa y 130 de propiedad exclusiva de capital foráneo, la mitad de las cuales están ya en operaciones.

LA HORA 26/1/87

03

8702093

CHINO

La Prensa 24/12/86

En Pekín se suman a la marcha por la democracia de Shanghai

Shanghai, 23 (UP) — Más de mil estudiantes de Pekín coreando "queremos democracia", marcharon hoy por las calles de la capital en una muestra de apoyo a sus colegas de Shanghai, donde se tienen previstas otras expresiones por sexto día consecutivo.

Las manifestaciones de Pekín son las primeras en esa ciudad desde que comenzaron las demostraciones en favor de la democracia en China, a comienzos de diciembre.

Los estudiantes, coreando "queremos democracia, queremos libertad", comenzaron sus demostraciones esta tarde en la prestigiosa universidad Qinghua. Luego desfilaron por el sector universitario, pidiéndole a los demás estudiantes que se sumaran a la manifestación.

En la Universidad del Pueblo, los guardias vigilaron las puertas cerradas, pero los estudiantes las abrieron para unirse a sus colegas.

Los manifestantes anduvieron más de cuatro kilómetros hacia el centro de la capital, vigilados de cerca por policías en motocicletas. Un portavoz gritaba consignas durante la manifestación, haciendo un llamado por un sistema político multipartidista, especie de tabú en el país.

Solidaridad

"Queremos mostrarle nuestra solidaridad a los estudiantes de Shanghai", dijo uno de los manifestantes en relación a los cinco días de demostraciones en la ciudad sureña.

Dos veces la policía acordonó la avenida por donde desfilaban los estudiantes, pidiéndoles que se retiraran, mientras filmaban las escenas.

Después de breve discusión, un grupo de 400 estudiantes atravesó la segunda línea policial, y encontró poca o ninguna resistencia. Pero los manifestantes se dispersaron después de sobrepasar unos 200 metros el último cordón policial, alrededor de las 24.

Los manifestantes dijeron que habría más manifestaciones en Pekín.

En Shanghai, la ciudad más grande de China, unos 5.000 estudiantes acallaron a gritos a un grupo de funcionarios municipales que habían pedido poner fin a las demostraciones pro democráticas. Durante una reunión celebrada en el auditorio de la universidad de Tongji para discutir las demandas estudiantiles.

Los estudiantes les exigieron que mañana a la mañana a más tardar las autoridades de la ciudad respondan a las demandas que han presentado y que abarcan desde libertad de prensa hasta una disculpa pública del alcalde.

En desafío de una prohibición de manifestaciones no autorizadas impuesta ayer, los estudiantes de Tongji efectuaron hoy una marcha por quinto día consecutivo. Unos tres mil estudiantes, encabezados por un gran cartelón con una imagen de la Estatua de la Libertad, marcharon de Tongji en dirección a Shanghai entonando consignas pidiendo más democracia.

04-04

ARCHIVAR EN: R. P. CHINA (033)

TEMA: MIRADOR INTERNACIONAL "CHINA ROJA EN LA ENCRUCIJADA

PROCEDENCIA: EL PAÍS DEL 5/2/87

ARCHIVADO EN: MAX

01-01 870212.0

133

EL MUNDO

China: plan contra el liberalismo

PEKIN. — El Partido Comunista sugirió ayer a los mil millones de habitantes de China que estudien la línea oficial sobre el "liberalismo burgués" y señaló que se colocarán carteles en todas las aldeas y fábricas para explicar por qué deben combatirse las ideas prooccidentales.

La agencia de noticias "Nueva China" dijo que el partido había convocado a una campaña publicitaria de alcance nacional para detener la propagación del "liberalismo burgués", una designación para calificar las libertades y democracia de modelo occidental, a las que se culpa de haber provocado los incidentes estudiantiles de diciembre pasado.

Las nuevas directivas ponen el acento en los principios partidarios que incluyen el liderazgo indiscutido del comunismo, agregó la agencia.

Nueva China no se extendió sobre el contenido de la campaña pero señaló que tendrá por finalidad "reforzar la atención del público".

El Día 8/2/87 — TE

01/05 8702315

Un mes de manifestaciones estudiantiles provocan un sacudón en el Partido: la renuncia de Hu Yaobang, acompañada de una escueta y genérica autocrítica, es interpretada como un giro conservador de la dirección china que, sin embargo, no puede pensar en culminar exitosamente su estrategia de las "Cuatro Modernizaciones" sin una mayor democracia. Esta es la visión de la revista norteamericana Time.

La imagen de apertura de un noticioso nocturno chino, hace unas semanas, mostraba de inmediato que algo importante estaba en marcha. En vez de su traje y corbata de estilo occidental acostumbrados, el locutor llevaba un severo traje Mao azul-gris. Tras su cabeza, una cortina con caracteres chinos deletreaba la leyenda: "Anuncio de una reunión general del Politburó". El informe del reportero fue breve... y asombroso. Hu Yaobang, el hombre considerado como el más firme candidato para suceder en el timón de China a Deng Xiaoping, de 82 años, había renunciado. Más aun, había renunciado como jefe del Partido Comunista "después de efectuar una autocrítica de sus errores en temas importantes". Hu seguiría siendo miembro del Politburó y conservaría su puesto en la poderosa Comisión Permanente, pero su cargo partidario pasaría al premier Zhao Ziyang.

Tal anuncio ponía de pronto en cuestión el curso de la Segunda Revolución china. Un país que ha pasado a través de varios cambios abruptos de dirección política en los últimos 40 años tal vez estaba por enfrentar otro desplazamiento considerable. Durante la última década, Deng lideró el más riesgoso programa de reforma económica llevado a cabo alguna vez por un país comunista, y Hu, de 71 años, era su firme mano derecha en la cúpula. Ambos impulsaron una liberalización económica que libró al país de la mano de hierro de los planificadores centrales y abrió un camino que parecía conducir eventualmente a más libertades personales.

Pero la revolución de Deng ha enfrentado desde un principio el dilema de combinar la liberalización económica y política. ¿Podría China liberar su economía sin aflojar el sistema político y permitir mayor democracia? Durante el último mes el tema fue discutido en las calles. Miles de estudiantes en todo el país manifestaron en favor de mayor libertad política, quemando a menudo periódicos del Partido Comunista y denunciando a líderes del partido.

Deng, el Reformador siempre ha sido una especie de enigma. Ha apoyado con energía el cambio económico mientras se mantenía cauteloso con las reformas políticas. Las experiencias personales durante los caóticos años de Mao, en especial la anarquía de la Revolución Cultural (1966-76), convencieron a Deng que incluso una cantidad modesta de disenso podría girar rápidamente hasta descontrolarse. Incómodo, permitió que su protegido explorase posibles caminos de cambio. Bajo la dirección de Hu, los integrantes del Partido Comunista llegaron incluso



FOTOGRAFIA DE A. FRIEND

Turbulencias estudiantiles en Shanghai: piden apertura

vas para detener las protestas estudiantiles. Hu también irritó a Deng al defender a escritores que han criticado el partido y su rígida política.

Por más rencorosos que hayan sido los intercambios entre los dos líderes máximos de China, es improbable que Deng actuara impetuosamente basado en un choque de voluntades. Al desalojar a Hu del puesto número dos del país, Deng sabía que destruiría su pro-

comparada con el movimiento contra la "contaminación espiritual" montada por el gobierno hace tres años. Pero, como apuntó un diplomático occidental, "la campaña de 1984 fue sobre todo retórica. Esta es una purga".

Incluso antes del derrocamiento de Hu, el ajuste de tuercas al disenso estaba en marcha. A principios de la tercera semana de enero tres destacados inte-

[illegible] explicó un analista de Europa del Este que vive en Pekín. "Quieren mantener un equilibrio entre liquidar el disenso y asustar a todos los intelectuales."

Aun así la atmósfera en Pekín en la segunda quincena de enero recordaba épocas más represivas. La remoción pública de Hu por cierto no fue tan cruel como el tratamiento brutal que recibió durante la Revolución Cultural, cuando le afeitaron la cabeza y fue obligado a caminar en cuatro patas. Pero el doloroso retorno a la autocrítica forzada no pareció lejano cuando Hu reconoció "errores en temas cruciales de principios políticos". Los periódicos chinos también emplearon la autocrítica, disculpándose extrañamente por historias escritas en el otoño chino pasado. No menos escalofriantes fue el grupo de científicos que apareció en el noticiero nocturno a hablar contra Fang dos días después del despido del astrofísico. "Estos días", declaró un maduro oficinista pequinés, "huelen a pólvora de la Revolución Cultural".

El olor es más intenso en los círculos intelectuales. Las expulsiones del Partido dejaron a muchos académicos, artistas y escritores preguntándose si los intelectuales chinos se habían equivocado una vez más. En 1956 Mao lanzó la campaña de las Mil Flores, que invitaba a la crítica de los actos del Partido. [illegible] del antiguo dicho chino: "Que florezcan mil flores, y que mil escuelas de pensamiento compitan". Quienes se atrevieron a hablar, sin embargo, se convirtieron en blancos de la ira oficial cuando la línea del gobierno se volvió conservadora. Los intelectuales chinos temen haber sido alentados una vez más a asomar la cabeza, sólo para descubrir que se las cortan.

El apoyo de los intelectuales y especialistas es crucial si se piensa continuar con las reformas en industria, agricultura, ciencia y tecnología, las áreas de las Cuatro Modernizaciones de Deng. El lunes 19 de enero el premier Zhao se dirigió a 19 científicos y especialistas. "Los últimos ocho años fueron testigos del mejor período de desarrollo económico", dijo. "En esos años los intelectuales chinos se vieron libres por entero de preocupaciones". Como es comprensible los intelectuales son escépticos y cautelosos. Un indicio de su nerviosismo es que en las últimas semanas a los diplomáticos y los periodistas extranjeros les resulta cada vez más difícil entablar contacto con integrantes de la élite intelectual china.

A pesar del nuevo ajuste de tuercas, Deng jura que las reformas económicas de China continuarán. "La reforma debiera ser llevada a cabo de modo [illegible]



02

870 2315

través de varios cambios abruptos de dirección política en los últimos 40 años tal vez estaba por enfrentar otro desplazamiento considerable. Durante la última década, Deng lideró el más riesgoso programa de reforma económica llevado a cabo alguna vez por un país comunista, y Hu, de 71 años, era su firme mano derecha en la cúpula. Ambos impulsaron una liberalización económica que liberó al país de la mano de hierro de los planificadores centrales y abrió un camino que parecía conducir eventualmente a más libertades personales.

Pero la revolución de Deng ha enfrentado desde un principio el dilema de combinar la liberalización económica y política. ¿Podría China liberar su economía sin aflojar el sistema político y permitir mayor democracia? Durante el último mes el tema fue discutido en las calles. Miles de estudiantes en todo el país manifestaron en favor de mayor libertad política, quemando a menudo periódicos del Partido Comunista y denunciando a líderes del partido.

Deng, el Reformador siempre ha sido una especie de enigma. Ha apoyado con energía el cambio económico mientras se mantenía cauteloso con las reformas políticas. Las experiencias personales durante los caóticos años de Mao, en especial la anarquía de la Revolución Cultural (1966-76), convencieron a Deng que incluso una cantidad modesta de disenso podría girar rápidamente hasta descontrolarse. Incómodo, permitió que su protegido explorase posibles caminos de cambio. Bajo la dirección de Hu, los integrantes del Partido Comunista llegaron incluso a cuestionar el derecho del Partido a gobernar, y alentaron una mayor libertad de expresión entre los artistas y los intelectuales.

Cuando las protestas estudiantiles brotaron en diciembre, sin embargo, Deng abortó el experimento. El movimiento convenció a algunos observadores de China de que Deng sacrificaría cualquier [illegible] que arriesgar convulsiones [illegible]. Su posición dura respecto a [illegible] quedó en evidencia en la primera directiva de 1987 emitida por el Comité Central. Citaba estas palabras de Deng: "Cuando es necesario, debemos enfrentarnos severamente a quienes desafíen las órdenes. Podemos permitirnos derramar algo de sangre. Sólo traten, hasta donde sea posible, de no matar a nadie."

Parece haber pocas dudas de que Deng preparó personalmente la caída de Hu. Se afirma que los dos hombres, que habían sido amigos y aliados ideológicos durante 40 años, habían discutido amargamente durante las dos semanas previas. Se informó que Deng había reprendido a Hu por fallar en [illegible] vas para detener las protestas estudiantiles. Hu también irritó a Deng al defender a escritores que han criticado el partido y su rígida política.



Turbulencias estudiantiles en Shanghai: piden apertura

Por más rencorosos que hayan sido los intercambios entre los dos líderes máximos de China, es improbable que Deng actuara impetuosamente basado en un choque de voluntades. Al desalojar a Hu del puesto número dos del país, Deng sabía que destruiría su propio sistema sucesorio, cuidadosamente estructurado, y que alimentaría una reacción conservadora que presentaría graves obstáculos a sus reformas económicas. El movimiento de Deng puede haber sido defensivo, un golpe previsor destinado a detener a las fuerzas conservadoras, que se precipitaron a explotar las manifestaciones estudiantiles tratando de hacer retroceder las reformas económicas y sociales. En pocas palabras, es muy posible que Deng sacrificara sencillamente a Hu para salvar su apreciado programa de modernización.

Ahora Deng parece propenso a demostrar que no es el reformador liberal que los optimistas habían esperado. En general se cree que ha ordenado el actual ajuste de tuercas al "liberalismo burgués" en Pekín, referido esencialmente a cualquier tipo de conducta que se aparte del comunismo ortodoxo. "Deng no fue llevado por la fuerza a una posición débil por los conservadores", declaró un diplomático occidental en Pekín. "Cuenta con [illegible] comparada con el movimiento contra la "contaminación espiritual" montada por el gobierno hace tres años. Pero, como apuntó un diplomático occidental, "la campaña de 1984 fue sobre todo retórica. Esta es una purga".

Incluso antes del derrocamiento de Hu, el ajuste de tuercas al disenso estaba en marcha. A principios de la tercera semana de enero tres destacados intelectuales fueron acusados de "tendencias burguesas". El lunes 19 se anunció en televisión que el astrofísico Fang Lizhi, acusado de difamar a integrantes del Partido y de injuriar el socialismo, había sido despedido de su cargo de vicepresidente en la Universidad de Ciencia y Tecnología de Hefei, donde las protestas estudiantiles comenzaron a principios de diciembre. Guan Wiyan, jefe de Fang, fue acusado de no mantener a Fang en línea y también fue despedido de su empleo. El escritor Wang Ruowang, reprendido por sostener ideas liberales, fue expulsado del Partido Comunista. Existe una opinión más cínica de los delitos de los tres hombres: habían aplaudido las recientes acciones de los estudiantes, apoyado el pluralismo político occidental y disfrutado en algún momento del patrocinio de Hu.

Según pautas recientes chinas, la purga fue suave. Los dos funcionarios universitarios fueron rápidamente reubicados en puestos de investigación en Pekín, y el escritor Wang no perdió esencialmente más que la tarjeta del [illegible]

El olor es más intenso en los círculos intelectuales. Las expulsiones del Partido dejaron a muchos académicos, artistas y escritores preguntándose si los intelectuales chinos se habían equivocado una vez más. En 1956 Mao lanzó la campaña de las Mil Flores, [illegible] del antiguo dicho chino: "Que florezcan mil flores, y que mil escuelas de pensamiento compitan". Quienes se atrevieron a hablar, sin embargo, se convirtieron en blancos de la ira oficial cuando la línea del gobierno se volvió conservadora. Los intelectuales chinos temen haber sido alentados una vez más a asomar la cabeza, sólo para descubrir que se las cortan.

El apoyo de los intelectuales y especialistas es crucial si se piensa continuar con las reformas en industria, agricultura, ciencia y tecnología, las áreas de las Cuatro Modernizaciones de Deng. El lunes 19 de enero el premier Zhao se dirigió a 19 científicos y especialistas. "Los últimos ocho años fueron testigos del mejor período de desarrollo económico", dijo. "En esos años los intelectuales chinos se vieron libres por entero de preocupaciones". Como es comprensible los intelectuales son escépticos y cautelosos. Un indicio de su nerviosismo es que en las últimas semanas a los diplomáticos y los periodistas extranjeros les resulta cada vez más difícil entablar contacto con integrantes de la élite intelectual china.

A pesar del nuevo ajuste de tuercas, Deng jura que las reformas económicas de China continuarán. "La reforma [illegible]biera ser llevada a cabo de modo [illegible]tenado", declaró. "Eso significa que debemos ser audaces y cautelosos". Ahora la cautela está asegurada, pero queda en duda si el nuevo clima sostendrá la audacia. Parece razonable suponer que las reformas que ya están en marcha continuarán. Pero parece improbable que la China de Den dé algún paso adelante de peso durante cierto tiempo.

El hombre que Deng eligió para reemplazar a Hu como jefe del Partido Comunista difícilmente presione por mayor libertad política. Zhao, de 67 años, que tendrá el título de Secretario General actuante hasta que el Comité Central confirme su designación, es un experto agrícola que apoya con ardor las reformas económicas de Deng. Como número tres de la jerarquía, ha sido considerado menos liberal que Hu en cuestiones políticas, y considerablemente menos franco. Después de un mes de estudiantes indóciles, parece ser justo lo que Deng necesita.

Time, 20 de enero de 1987
Información de Jaime A. FlorCruz
y Richard Hornik, en Pekín.

4/2/87

CHINA
Ficha

Propulsor de "liberalismo"

Dirigente chino removido

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).— El Partido Comunista chino anunció ayer la remoción de su liberal jefe de propaganda, Zhu Houze, la segunda víctima de más alto rango en la feroz campaña de este año contra las influencias occidentales.

Un vocero del partido dijo que "Zhu Houze ya no está trabajando" como jefe del departamento de propaganda, que debe velar por la educación [illegible] y diseminar la línea partidista.

Dijo que Zhu ha sido reemplazado por Wang Renzhi, subeditor de la publicación teórica del partido, Bandera Roja. Wang, que diplomáticos occidentales, como es de línea fuerte, es también uno de los 209 miembros del Comité Central del Partido.

El vocero no dijo si Zhu, uno de los principales propulsores de las reformas liberales y la liberación del dogma marxista, fue transferido a otro cargo y no dio razón alguna por la reorganización. Fuentes chinas, sin embargo, dijeron que la remoción de Zhu fue vinculada a una campaña contra las tendencias políticas occidentales lanzada por el partido el mes pasado en respuesta a manifestaciones estudiantiles en favor de la democracia que surgieron en por lo menos 13 ciudades.

CHINA
FICHAS

Nuevo secretario de comunistas chinos subrayó la continuidad

Pekín, (DPA) - El nuevo secretario general del Partido Comunista Chino, Zhao Ziyang, subrayó en Pekín, en su primera actuación pública en el nuevo cargo, que la República Popular de China no variará su rumbo político.

Zhao, primer ministro de Pekín hasta que el viernes relevó a Hu Yaobang en la secretaría del Partido, manifestó hoy a una delegación visitante del Partido Comunista de Hungría que su país no alterará su línea política y que no había razón para temer un período de inestabilidad en China.

Según Radio Pekín, Zhao rechazó cualquier especulación sobre la posibilidad de que el programa de reformas internas del país estuviera atravesando dificultades y dijo que los recientes cambios en la conducción política de Pekín estaban orientados a "garantizar la estabilidad y continuidad de nuestra política".

El hasta ahora Primer Ministro fue designado el viernes por el buró político del PCCH nuevo Secretario General, en sustitución de Hu Yaobang, que según fuentes oficiales de Pekín admitió no haber respetado el principio de la dirección colectiva.

La opinión general es que Hu, estrecho colaborador durante decenios de Deng Xiaoping, fue sustituido por no haber podido frenar las espectaculares protestas estudiantiles de diciembre pasado en favor de "más democracia" en China.

Por iniciativa de Deng, el PCCH inició recientemente una creciente campaña contra el "liberalismo burgués", expresión empleada contra los intelectuales iniciadores de la protesta estudiantil, acusados de pretender llevar al país hacia formas democráticas "occidentales", incompatibles con los principios socialistas.

La Hora 19/1/87

INTERNACIONAL

China: ¿Por qué salieron los jóvenes a la calle?

por Pablo Aragón

La escena es hija de la contradictoria realidad que la ha hecho posible: abigarrados grupos de jóvenes universitarios chinos se reúnen en torno a anónimos escritos pegados a los muros de los centros de estudio ("dazibaos"), herencia peculiar de una forma de expresión colectiva china. El papel, sin embargo, es el empleado en modernas computadoras, y mientras uno de los estudiantes lee en voz alta lo que allí reza, muchos de sus compañeros graban sus palabras en mini-computadoras japonesas.

Es la conjunción de estas realidades la que los ha reunido allí.



Los jóvenes celebran: el atrevido *"dazibao"* (que las autoridades retirarán durante la noche) reclama *"libertad"* y *"democracia"*, consignas que miles de estudiantes hicieron suyas el pasado mes de diciembre en una decena de importantes ciudades chinas. En el origen del reclamo, sin embargo, se encontró la inquietud planteada por los jóvenes en torno a la elección de delegados ante la Asamblea Nacional Popular, hasta hoy nominados por el Partido Comunista.

Pero la impaciencia ha ganado a los estudiantes mientras los dirigentes estudian sus reclamos. Casi 70.000 son los que salen a las calles de Shangai el 19 de diciembre en protesta por el silencio oficial. Los reclamos masivos tienen ya diez días, pero Shangai es la ciudad más importante de China, la "vidriera" a Occidente, un reducto del antiguo régimen que conserva su polémico perfil a pesar de la *"furia roja"* de la Revolución Cultural (1966-1976) a pesar de los intentos de conciliar lo mejor de dos mundos por parte del actual hombre fuerte, Deng Xiaoping. *"¡Viva la democracia!"*, gritan los integrantes de una columna de casi un kilómetro que circula por la avenida Nanjing de Shangai, mientras la policía los filma y vigila, bien que sin interrumpir su tránsito. Primera reacción oficial: un comunicado reconoce el *"derecho a manifestar"* de los ciudadanos. *"Es comprensible"*, aclara, *"que los estudiantes estén inquietos con respecto a la reestructuración del sistema político y [illegible] puntos de vista sobre estos problemas"*. Frente al consulado norteamericano en Shangai los estudiantes vocean sus consignas. *"El mundo debe estar informado"* anuncia un joven.

¿Revolución cultural?

Dos días después la protesta es ya una crisis de delicada solución. ¿Hay arrestos, como denuncian los jóvenes? Un nutrido grupo de po-

para China un proceso de mayor dinamismo económico. Pero también conflictos.

La realidad le recuerda todo esto a Jiang horas más tarde. Una economía libre de las trabas feudales del socialismo también supone carestías, inflación, acaparamiento de mercaderías. Y la población tra-

vida se apaga. Pero no confía en los bolsones de nostálgicos. O en los oportunistas. O en los apresurados. Para él el fin del año debía ser auspicioso. Con la reunión de la Comisión Militar Central del Partido pensaba poner en evidencia el respaldo castrense a sus programadas reformas: un millón de soldados, la-

fueron los estudiantes quienes impulsaron la insania de 1966. En Shangai un grupo radical propone una manifestación gigantesca que reúna a los estudiantes de los 46 centros de estudios de la ciudad. La propuesta es desestimada por los moderados que dirigen el reclamo, hasta ahora pacífico. La modernización también les dice a estos muchachos que el próximo mes de enero es el del período de exámenes, y que de su desempeño depende el acceso a los nuevos empleos que esa modernización crea. Quieren, sin embargo, información sobre lo que sucede en los otros escenarios de protesta, y se muestran insatisfechos con las respuestas oficiales, que se reducen en algún caso a nuevas disposiciones que requieren de los manifestantes una solicitud presentada con cinco días de antelación para poder manifestar en la vía pública.

El día de Navidad, en tanto, las autoridades confirman la existencia de arrestos. Dos obreros, se afirma, son acusados de perturbar el orden público. El régimen controla su mano. Al fin de cuentas esos jóvenes son los legatarios del esfuerzo modernizador: hostilizarlos podría precipitar a la burocracia gobernante en una guerra interna que los nódulos maoístas se cuidarían bien de utilizar en su provecho. En Pekín se habla de posibles contramanifestaciones organizadas por la Liga de la Juventud Comunista, pero ellas no se materializan.

Dejar que las protestas continúen, en tanto, tampoco sería prudente. Sobre el fin de año los *"dazibaos"* pekineses reclaman un sistema multipartidario de gobierno. *"No podemos esperar diez años por lo que queremos"*, razonan los anónimos autores, *"si dos mil años de falta de democracia no son suficientes, ¿qué lo es?"*. *"Diarios para el pueblo"*, piden otros. *"Los principios fundamentales del Partido*

05

820 2315

...dinamismo económico. Pero también conflictos.-

La realidad le recuerda todo esto a Jiang horas más tarde. Una economía libre de las trabas feudales del socialismo también supone carestías, inflación, acaparamiento de mercaderías. Y la población trabajadora de Shangai se muestra inquieta. Si los jóvenes ven en la modernización un preámbulo a la democracia política, sus mayores sienten la inseguridad de ver un mundo que cambia con las horas y sin rumbo cierto. La intranquilidad de ambos se traduce en lo mismo, y el 21 de diciembre son estudiantes y obreros los que desfilan por las calles de Shangai. Ahora exigen una disculpa pública por parte del Alcalde. Y se mofan de sus representantes, y de la prensa oficial que, desde el *"Diario del Pueblo" "ha dañado la reputación de los estudiantes"*.

Pero ahora es Pekín el escenario de nuevas protestas. *"¡Solidaridad con los camaradas de Shangai!"*, proclaman varios miles de jóvenes que, en medio de temperaturas de casi 20 grados bajo cero, logran llegar hasta la plaza de Tien An Men, burlando el cerco policial. Allí, como en Shangai, el aire recoge las mismas palabras: democracia, libertad...

¿Revolución cultural?

Dos días después la protesta es ya una crisis de delicada solución. ¿Hay arrestos, como denuncian los jóvenes? Un nutrido grupo de policías se infiltra entre los manifestantes y procede a dispersarlos. Los cartelones que pedían democracia se bajan apresuradamente. Los jóvenes buscan confundirse con los espectadores. El alcalde de Shangai, Jiang Zemin tiene en sus manos una lista de reclamos que van desde la fórmula abstracta (*"mayor democracia"*) hasta la concreta demanda de *"libertad de prensa"*. A cierta altura busca razonar con los representantes de una población estudiantil de cerca de 200.000 miembros. *"¿Acaso fuimos nosotros quienes lo elegimos como alcalde?"*, pregunta un estudiante.

Jiang no contesta. Representa un sistema que transita una de sus etapas más comprometidas. Jóvenes como éstos fueron los que en abril de 1976 protestaron por el retiro de ofrendas florales a la memoria del fallecido Chou Enlai. La era Mao y sus delirios revolucionarios llegaba, así, a su fin. De ahí en más sobrevendría lo inevitable: no más *"revolución cultural"*, la caída de la *"banda de los cuatro"*, la muerte de Mao, el ascenso de Deng Xiaoping, la modernización de China. Jiang sabe, sin embargo, que el programa modernizador entraña riesgos: mayor productividad, apertura de mercados, bienvenida al capital extranjero, eliminación de las irracionales reglamentaciones pergeñadas por el maoísmo, prometen

También el ejército

Ahora sí debe hablar el régimen. Y sus palabras deben ser medidas. Deng sabe que sus reformas despiertan serias resistencias entre los burócratas civiles y militares del Partido Comunista Chino. Confía en los jóvenes cuadros que promociona con la misma ineluctabilidad con que su bolsones de nostálgicos. O en los oportunistas. O en los apresurados. Para él el fin del año debía ser auspicioso. Con la reunión de la Comisión Militar Central del Partido pensaba poner en evidencia el respaldo castrense a sus programadas reformas: un millón de soldados, la cuarta parte del Ejército Popular, serían dados de baja, junto con la reducción de once a siete comandos. El fusil también sería objeto de modernización. Pero los jóvenes protestan en las calles.

El editorial del *"Diario del Pueblo"* del 23 de diciembre es el fruto de estos encontrados sentimientos. Primer recuerdo: la *"revolución cultural"* de 1966 fue el fruto de un empeño por exaltar *"a la gente, en primer lugar a los estudiantes, para que expusieran sus puntos de vista libremente y formaran grandes debates"*. Y advertencia: *"si alguien calcula mal la situación y trata de empujar a la gente hacia una 'gran democracia', en un intento de apartarse de la dirección del partido y desviarse de la orientación hacia el socialismo, interrumpir las reformas y perjudicar la producción y construcción del país, nunca triunfará, y tendrá que comerse su propio fruto amargo. La reestructuración política es un proceso de autoperfeccionamiento del sistema socialista y debe ser dirigida por el partido"*.

propuesta estudiantil

La protesta ahora alcanza también a la ciudad de Tiajin y a la antigua capital de Nankín. *"¡Abajo los burócratas!"*, exclaman en esta última ciudad los estudiantes. Los *dazibaos* de Pekín recuerdan que no *dazibaos* pekineses reclaman un sistema multipartidario de gobierno. *"No podemos esperar diez años por lo que queremos"*, razonan los anónimos autores, *"si dos mil años de falta de democracia no son suficientes, ¿qué lo es?"*. *"Diarios para el pueblo"*, piden otros. *"Los principios fundamentales del Partido se pueden ir al diablo"*. El lunes 29 el régimen informa por televisión sobre las manifestaciones; los ciudadanos ven secuencias de las marchas, diez días después que éstas ganaran la atención internacional, veinte desde que se iniciaran en las diez ciudades más importantes de China. Las organizaciones sociales y grupos de ciudadanos independientes podrán postular candidatos a la Asamblea Nacional Popular. Fang Lizhi, vicerrector de la Universidad de Hefei (donde comenzara la protesta) podrá representar al estudiantado en caso de ser electo. La medida electoral, se apresura a informar el vocero oficial, ya había sido tomada con anterioridad a los movimientos callejeros.

Con el nuevo año las protestas se acallan. Deng sabe, sin embargo, que el silencio de hoy es todo menos silencio. Abrir a China para la contemporaneidad implica una revolución de las expectativas que las reformas aún no pueden satisfacer. Hoy son los estudiantes los que muestran su frustración. ¿Serán mañana los obreros? Pero la modernización debe continuar, aun cuando el último año no probó ser tan impetuoso como los dos precedentes. Deng lo sabe: es difícil equilibrar las urgencias de dos mundos. Y allí estuvieron los jóvenes para recordárselo.

8702315

18 - 8/1/87

05-05

Parcial rehabilitació[n]

PEKIN, 23 (Reuter). - ...
quien renunció a su puesto ...
general del Partido Comun[ista] ...
semana última después de ...
gracia, sería puesto a carg[o] ...
mismo sector con el objeto ...
imagen, informaron fuentes ...
Agregaron que Hu seri[a] ...
presidente de la Conferen[cia] ...
Consultiva del Pueblo Chi[no] ...
una entidad que no tiene po[der] ...
que agrupa a distinguidas fi[guras] ...
comunismo y extrapartidarias.
Hu reemplazaría a la actu[al] ...
la Cpcpch, Deng Yingchao, ...
primer ministro Chou Enlai, ...
tirara debido a su avanzada ...
festaron las fuentes. Deng ...
cumplirá 83 años y cuando ...
público es acompañada por e...

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Peiping's Newly Promulga[...] Regulations Concerning Status [...] Issuance and Aplication o[...]

PROCEDENCIA: Enlace Chino 20/2/87 Doc.

ARCHIVADO EN: Enlace Chino [...]

870

01-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Communist Official Discloses [...]ing's Agricultural Developme[...] Goals.

PROCEDENCIA: Enlace Chino 20/2/87 Doc. [...]

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/[...]

01-01

8702356

Clarín 12-1-87

ANALISIS DEL DEPARTAMENTO DE ESTADO SOBRE CHINA

Todo seguirá igua

WASHINGTON, 11 (Reuter). — Estados Unidos sigue de cerca los tumultos estudiantiles en China, pero no considera que los acontecimientos en ese país impliquen una amenaza a las políticas reformistas de Pekín ni un desafío a su líder Deng Xiaoping, señalaron círculos diplomáticos de esta capital.

El Departamento de Estado se limitó a decir, por su parte, que las manifestaciones de protesta en favor de diversas medidas democráticas que arreciaron en China el mes pasado, y los últimos esfuerzos de seguridad para reducirlas, son "un tema interno" y están al margen de comentarios.

Pero los analistas de dicho departamento siguieron con detenimiento el desarrollo del movimiento estudiantil chino, y entienden que se inició con gran consenso, señalaron esos medios diplomáticos.

Manifestaron que Washington desestimaba algunas elaboradas teorías que circulaban entre los expertos chinos para explicar los orígenes de las protestas.

Según una de ellas, los tumultos pudieron ser fomentados o manipulados por fuerzas conservadoras de la cúpula de Pekín, para subrayar los supuestos peligros de una erosión del poder del Partido Comunista, a causa de la campaña reformista oficial en marcha.

Otra teoría expresa que Deng podría haber promovido las protestas y su represión, durante la semana pasada, como una forma de asegurar que "no se acelerara demasiado" el momento hacia una mayor libertad política.

Expertos estadounidenses opinan que, cualesquiera hayan sido los orígenes de los disturbios, Deng reafirmó su autoridad al ordenar una línea más dura contra los desórdenes, definiendo en el proceso los límites del debate político público.

Michael Feeney, un veterano analista del Centro de Estudios Estratégicos e Internacionales de Washington, una organización privada de investigación, señaló que el dirigente chino pareció haber emergido de los acontecimientos con un completo control de la situación.

"Límites de la tolerancia"

Por su parte, analistas oficiales y especialistas académicos norteamericanos ven las manifestaciones como el reflejo de un fermento entre la elite educada, estimulado por movimientos hacia una economía más libre.

"Es claro que las reformas despertaron muchas expectativas", señaló al respecto un funcionario.

Pekín permitió, claramente, que las protestas alcancen a las ciudades provinciales, donde se iniciaron como una advertencia para los opositores a las reformas, impulsadas oficialmente, en cuanto al apoyo con que cuentan los intentos de descentralización, opinan los analistas.

Merle Goldman, profesor de historia china de la Universidad de Boston, dijo que "aunque las protestas estudiantiles exigen reformas de más largo alcance, Deng y su grupo reformista las utilizaron para presionar a los líderes más importantes a fin de conseguir el logro de reformas de alcance más limitado".

Sin embargo, los expertos estadounidenses consideran que las manifestaciones fueron más allá de lo esperado.

"Parecen haber elegido un momento propicio, y Deng y los otros pueden haber quedado desconcertados", señaló un funcionario, agregando: "Se alcanzaron los límites de la tolerancia".

Goldman, escribiendo para el periódico "The New York Times", bosquejó un paralelo con el movimiento democrático de fines de la década de 1970, que inicialmente sirvió a los intereses de Deng para promocionar la reforma, pero fue demasiado lejos.

"La historia china reciente sugiere que las manifestaciones —manipuladas para presionar a los dirigentes de alto nivel—, generan ideas y prácticas que los que las manejan no pueden extinguir de forma total" señaló Goldman.

Considerando el largo plazo, los analistas creen que el futuro del programa de reforma no parecía estar en duda, aunque la cúpula de Pekín puede verse ante coyunturas crecientemente delicadas al manejar las reformas políticas que inevitablemente van de la mano con el cambio económico.

2371

01/01

0702378

033

RPCH

Gobierno chino declina hacer comentarios sobre Hu Yaobang

Pekín, (PL) Un vocero del Comité Central del Partido Comunista de China declinó confirmar o desmentir las versiones extraoficiales circulantes sobre la supuesta hospitalización de urgencia del recientemente destituido secretario general de la agrupación, Hu Yaobang.

Consultado sobre el particular por Prensa Latina, el portavoz se limitó a declarar que desconocía esa situación, respuesta valorada en medios periodísticos como harto significativa pues no desmiente los rumores.

Según las versiones ampliamente circulantes aquí desde hace días, Hu Yaobang, de 71 años, fue ingresado de urgencia en el hospital militar número 301 de esta capital por padecimientos no conocidos, tras rechazar la medida de destitución dispuesta contra él por la dirección del partido gobernante, el mes pasado.

Hasta el momento no hay una información oficial completa sobre las causas de la remoción de quien hasta su desaparición de la vida política nacional, a fines de diciembre último, era presentado como el sustituto principal del líder chino Deng Xiaoping, salvo la escueta nota suministrada sobre la destitución.

El texto, aprobado en reunión ampliada del buró político el 16 de enero, señala que Hu Yaobang fue severamente criticado por sus colegas por la comisión de graves errores ante importantes problemas políticos del país (no especificados) y la violación del principio de dirección colectiva de la organización.

En información sobre el caso, el representante de China en Hong Kong, Xu Jiatun, reveló que Deng Xiaoping le aseguró que la destitución de Hu Yaobang se debió a errores cometidos durante los últimos cuatro años, originados por no escuchar los consejos formulados por veteranos revolucionarios que no identificó.

La Época 13/2/87

01-01

8702497

TRFU

Clarín 19/2/87



Zhao Ziyang, premier chino.

Denuncia de Pekín

PEKIN, 18 (Xinhua). — Los guardias fronterizos chinos rechazaron las provocaciones vietnamitas a lo largo de la frontera, declaró un vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores de China.

"Las tropas vietnamitas cañonearon el territorio chino, dando muerte e hiriendo a campesinos que labraban en el campo. Además se enviaron agentes especiales al territorio chino para realizar hostigamientos y ataques".

"Es natural y justo, el rechazo de las provocaciones perpetradas por Vietnam", dijo el vocero.

01-01

8702499.

Se suma así al Tratado de Rarotonga, en el Pacífico Sur

Tokio/Pekín, (PL). — China firmó el tratado acordado en 1985 por los 13 Estados miembros del Foro del Pacífico Sur que declara zona desnuclearizada a la región.

Esta posición fue reiterada por el ministro de Relaciones Exteriores Wu Xueqian en carta al primer ministro de Fiji, Kamisese Mara, presidente del foro.

El contenido de la misiva fue difundido en coincidencia con la firma por parte de China en Fiji de los protocolos uno y dos del tratado.

El documento fue acordado en el foro integrado por Australia, Nueva Zelandia, Islas Cook, Fiji, Nauru, Islas Salomón, Papua-Nueva Guinea, Vanuatu, Tonga, Kiribati, Tuvalu, Niue, la Federación de las Islas de la Micronesia y Samoa Occidental.

El acuerdo, suscrito en Rarotonga, Islas Fiji, compromete a los Estados miembros a no ensayar, fabricar o almacenar armas nucleares, y exhorta a las potencias atómicas a respetar la zona desnuclearizada, al tiempo que proscribe el uso de la región como basurero atómico.

En respuesta a este llamamiento, Estados Unidos comunicó la semana pasada, su negativa a firmar el tratado sumándose a la actitud de Francia, que lleva a cabo un programa de ensayos nucleares en la Micronesia, específicamente en el polígono del atolón de Mururoa.

Por su parte, Gran Bretaña no se ha pronunciado aún sobre el asunto.

Aunque el tratado no incluye entre sus prohibiciones la visita de barcos portadores de armas nucleares o de propulsión atómica, sí expresa la determinación de los pueblos de la región de convertirla en una zona desnuclearizada y de paz en el mundo.

Nueva Zelandia, de acuerdo con la política antinuclear de su gobierno, puso en crisis el pacto militar "Anzus" en agosto de 1986, al decidir Wellington prohibir el arribo de buques de guerra con propulsión nuclear o armas del mismo tipo a los puertos del país.

ANUNCIAN REFORMAS EN EL SISTEMA DE PROPIEDAD INDUSTRIAL

China acometerá este año una profunda reforma del sistema de propiedad y de la administración de su industria ligera, con el arriendo a particulares de las entidades estatales pequeñas y la conversión de algunas grandes en sociedades por acciones.

La decisión fue anunciada por el ministro del ramo, Yang-Bo, y difundida en primera plana en el diario oficial "Renmin Ribao" y otros, en rotunda ratificación de la continuidad de las reformas económicas en curso, cuestión puesta en duda por algunos especialistas en cuestiones chinas tras los recientes cambios en la dirección del gobernante Partido Comunista.

Al revelar las líneas esenciales del programa, el titular precisó que la experimentación con el sistema de acciones comenzará este año en las empresas de cosméticos, equipos electrodomésticos, química, papel, procesamiento de alimentos y otras, e incluirá —dijo— a un reducido número de entidades estatales de tamaño mediano y grande.

Las empresas medianas y pequeñas, añadió, serán arrendadas a particulares unas y entregadas otras a la administración de grupos del sector privado, mientras algunas se transformarán en propiedades colectivas y sociedades por acciones.

01-01

870250 0

PARA UN BALANCE DEL MAOISMO

Han pasado diez años desde la muerte de Mao, una buena ocasión para revisar su trayectoria. Diez años no son muchos, pero vuelven más honda la perspectiva, más evidentes las proporciones. El problema es que poco interesa hoy la historia: interesan las historias, cuanto mas pequeñas mejor. Por eso en Italia, los medios de comunicación se ocupan más de Aldo Brandirali (maoísta italiano de los años 70) que de Mao, preguntándose estupefactos cómo existieron en un país inteligente, o sea el nuestro, muchos que se dijeron maoístas. Entre éstos estábamos nosotros. ¿Todavía?

He leído el editorial de **Il Manifesto** de hace diez años. Su título era: "Rebelarse es justo". Me sigue pareciendo justo. Decía que Mao planteó en el movimiento comunista los únicos interrogantes verdaderos que interesan a las sociedades avanzadas en Occidente. Lo sigo pensando. Pero considerando los tiempos que corren, supongo que debo explicarlo.

Mao era tolerante. En los años de las ejecuciones en los países del Este, no cortó cabezas; en su ensayo de 1956 *Sobre la correcta solución de las contradicciones en el seno del pueblo*, invita a no ver contrarrevolucionarios en cada disidencia, y que se abrieran cien flores parecía hermoso. China *abre* se decía, y si todavía habla del "Estado-guía", es para evitarse problemas con la Unión Soviética, pero Mao sigue haciendo lo que le parece. Y lo que le parece significaba dar de comer dos veces *por* día, una cobija de lana pesada para el invierno y una liviana para el verano, un juego de ropa para el invierno y otro para el verano, un lecho o una gruta para cientos de millones de personas que nunca los habían tenido, prohibir la venta de niños, liberar a las mujeres. Espero que, aun en la vasta estupidez que nos inunda, nadie objete que una empresa de estas dimensiones no deja de ser "economicismo". Quien iba a la India o a Hong Kong y veía aquella hambre, suciedad y enfermedad, y después pasaba a la China pobre y limpia como una moneda de plata, se preguntaba, con razón, cómo había sido posible.

En 1958 desapareció esta China doméstica: eso escapó a nuestra comprensión progresista, que nos había hecho amar la conquista de los derechos más sencillos. Cuando vuelva a aparecer como punto de referencia, ya no será para los mismos, sino para aquellos otros –nuevos jóvenes, nuevos estudiantes, nuevos obreros– que criticaban el progresismo planteándole sus porqué y sus para quién. Y creían posible y querían una revolución radical como la de Mao, pero diversa de la tradición bolchevique.

¿Cómo fue que los *dazibao* de la Universidad de Pekín en 1966 fueron iguales que los de Berkeley, París, Turín, Berlín, Trento en 1968? ¿Y que el problema para los estudiantes chinos fuera, exactamente como entre nosotros, no tanto el derecho cuanto la calidad del estudio y los modos de transmisión del saber? Esta es una demanda que se plantea a partir de cierto nivel de derechos adquiridos a la cual nadie ha dado respuesta. Del mismo modo, tanto en la Sorbona como en Tsing-hua se tenía la misma percepción del saber como forma sutil de una pedagogía de la obediencia.

Tanto en China como entre nosotros la crítica a la escuela remitía al conjunto de la formación social y de sus roles. No es una casualidad que los obreros de la gran ciudad, la más internacionalista, Shanghai, plantearan el mismo tipo de pregunta radical y antiprogresista sobre el trabajo: ¿Por qué la división técnica se convierte en jerarquía? ¿De dónde viene esta "objetividad"? ¿Por qué no la recomposición de tareas en lugar del ciego trabajo parcelizado? ¿Por qué no administrar la fábrica? ¿Y por qué la sociedad no se autogestiona?

No conozco ningún dirigente comunista, salvo Mao, que comprendiera y apoyara estas preguntas. Ellas pasan exactamente sobre la línea que divide progresismo y comunismo. Y por lo menos desde 1957, cuando participó en la Conferencia de Partidos Comunistas después del trágico balance de 1956, Mao se preguntaba, no qué defecto de los dirigentes había conducido a esos desgarramientos, sino qué idea del socialismo había llevado a coagular nuevos poderes, subordinaciones, opresiones y un rencor tan inmenso de la gente. La respuesta que Mao se dio, y que se trasluce aún en el prudente "Discurso sobre las diez grandes relaciones", era que lo que había creado señoríos y subordinaciones, y empobrecido durante un tiempo insoportable a una parte de la población para financiar a la otra, respondía a la lógica propia del modelo de desarrollo escogido por la Unión Soviética: no sus errores, sino su paradigma.

Mao pensó primero en una corrección que detuviera un empobrecimiento ulterior de los campesinos, una mayor compresión de los consumos. Esperaba que bastaría avanzar con ritmos más lentos, pero homogéneos en todo el terreno productivo, que no aumentasen las distancias. Era 1957: al año siguiente debió convencerse de dos cosas. Una, que la simple corrección del modelo soviético no funcionaba, porque su tendencia a la descomposición social es intrínseca; la otra, que es inherente a ese modelo un sistema jerárquico, que desde la *fábrica se extendía* a la sociedad, o si se quiere al partido –Estado, otro tema difundido en nuestros movimientos de 1968 en adelante.

La primera "utopía" de Mao –¿cómo hubieran sido las cosas si no hubiese tenido en contra a todos y a todo?– es el Gran Salto Adelante. ¿Cuál es la riqueza de China? Abundancia de brazos, y una tradición de trabajo inteligente. ¿Por qué no intentar de inmediato aquello que, de lo contrario, sobrevendría en plazos tan largos que obligarían a generaciones enteras a vivir en la miseria? ¿Por qué no intentar la unificación agricultura-industria, en todas partes, inmediatamente, transformando los instrumentos de trabajo o el producto agrícola a través de la instalación de laboratorios rudimentarios, hornos, fábricas de cemento, un nivel técnico suficiente para acortar los tiempos y recomponer las tareas, y al mismo tiempo para modificar al campesino convirtiéndolo en un tipo diferente de productor? Esto habría significado un desarrollo extensivo sobre el territorio, la prioridad a la unidad productiva pequeña o medio-pequeña, un paisaje (y por lo tanto una comunidad) agrícola-urbano en crecimiento equilibrado. ¿Locuras? ¿Pero no eran éstas, no lo son acaso, las preocupaciones de los urbanistas modernos? ¿No es la tendencia a la descentralización que hoy se recomienda?

Es cierto, hacía falta tiempo. Pero un tiempo utilizado en la unificación de los saberes y en el estímulo a las diferencias, porque este tipo de producción no se planifica desde el centro, sino que se autogestiona. El poder pasaba a las comunas. *Estado* y partido veían reducirse sus campos de intervención, mientras se les asignaba un papel de compensadores y proveedores de grandes servicios unificadores. Se puede suponer, razonablemente, que a la *mayoría* terminó por parecerle que ese "tiempo" faltaba. La Unión Soviética, literalmente, enloqueció frente al [illegible]nado e incontrolable proyecto. Dejó de dar cobertura a China; de golpe le quitó el escudo atómico y, ante la *primera crítica* en el movimiento comunista, retiró en dos días sus técnicos y su ayuda, contando con que el sobreviviente colapso obligaría a Mao a la rendición.

El Gran Salto duró *menos* del tiempo de un ensayo. Mao se convenció de que no se habrían podido dar con el partido el salto sobre el río turbio de la transición y la construcción acelerada de las bases materiales de la igualdad. El partido es una estructura de poder. Por más que esté dirigida al servicio del pueblo, tiene la lógica de conservación propia de las estructuras.

Así, cuando en 1966 una señorita colgó el primer *dazibao* contra las autoridades académicas, Mao le envió una carta de apoyo –lo cual dice mucho sobre su escasa voluntad de discutir la cuestión en las "instancias correctas". Cuando el partido trató de cabalgar sobre el movimiento para controlarlo, Mao colgó su cartel: "Bombardeen el cuartel general".

Mao arriesgó todo sobre la hipótesis de que la revolución o es social, o no existe. O pasa a través de la gente, o no existe. O cada uno la toma en sus manos, o no existe. O tiene lugar a través *de* un proceso que en cada etapa libere las posiciones límite y "después" se equilibre al centro, o no tiene lugar. ¿Quién se atreve a negar hoy que el mecanismo de los socialismos reales se ha trabado y hay una regresión? Pero Mao fue el único dirigente comunista que lo pensó, y por eso su crítica al modelo de Stalin se movió en dirección opuesta a la crítica de deracha (la cual, por lo demás, no es viable en China, tal como se dará cuenta Deng).

Pero la relación entre sociedad civil y política, base y cúspide, masas y partido, personas e instituciones, ¿no ha sido también el problema agudo de los movimientos, el lugar de su crisis, el de la crisis actual de la política? Mao hablaba de lo que hoy nos atormenta. También es el terreno donde, como él, fuimos derrotados. Porque el nudo de los nudos, el punto verdaderamente no resuelto, está en lo que él trató de correr hasta el fondo y *no resultó* verdadero: que esas masas, en el conflicto, habrían crecido hasta reequilibrarse por sí mismas; que en la revolución cultural se habrían herido ellas, el partido, el ejército, pero para arribar a una relación más avanzada. Este fue su único error: la subestimación del cúmulo de frustraciones, atraso y violencia que explotó en aquel punto y la amargura y el rencor que provocó en el partido. Ambos incontrolables, pese a su carisma, pese a una antigua y probada solidaridad.

03B

Ficha

IRDCH

China se pronuncia a favor de las relaciones con los Estados Unidos

Pekín, (PL). El Secretario norteamericano de Estado, George Shultz, será recibido por los principales dirigentes de este país, durante su próxima visita a China prevista del 1 al 6 de marzo, se informó en medios oficiales de esta capital.

Al referirse al tema, el portavoz Ma Yuzheng precisó que Shultz sostendrá conversaciones con el Ministro de Relaciones Exteriores, Wu Xueqian, y después de ser recibido por los líderes chinos viajará por Guilin, Dalian, Shandong y Shangai, al suroeste, nordeste y este.

A preguntas sobre el 15 aniversario este año, de la firma del comunicado de Shangai, que sentó las bases para el ulterior desarrollo de las relaciones bilaterales, el vocero señaló que los vínculos actuales son "básicamente estables" y hay desarrollo en ciertos campos "específicos", aunque prosiguen algunos obstáculos entre las partes.

Remarcó que esperaban que cumpliendo lo estipulado en el documento, las relaciones chino-norteamericanas puedan proseguir desarrollándose.

votantes negros y de la comunidad hispánica.

En Chicago, dede hace más de medio siglo ningún republicano ha logrado obtener el cargo de alcalde, posición que siempre han ocupado los demócratas.

La Prensa 26/2/87

01-01 8702510

RPdt

Irán y Taiwán son temas de la visita de Shultz a China

Pekín (EFE) – El secretario de estado estadounidense, George Shultz, comenzó hoy su tercera visita a China, que se produce en un momento en que los dos países afrontan serios problemas internos.

Los Estados Unidos están inmersos en el escándalo Irán-"contras" que ha hundido a la administración de Wáshington en una profunda crisis, y China se encuentra embarcada en una lucha contra la "liberalización burguesa" en el marco de una nueva pugna por el poder.

Shultz llegó hoy a Pekín procedente del sur de China, donde había hecho una escala turística en la ciudad de Guilin.

El secretario de Estado Norteamericano fue recibido por el viceministro de asuntos exteriores chino, Zhu Qizhen, en el aeropuerto de Pekín, desde donde se dirigió al centro de la capital para un recibimiento oficial por su colega Wu Xueqian y una comida ofrecida en su honor en el gran Palacio del Pueblo.

Shultz comenzará el lunes sus conversaciones formales, que incluyen encuentros con Wu Xueqian y con el secretario general del partido Comunista en funciones y ex primer ministro, Zhao Ziyang.

El próximo martes tendrá una entrevista con el veterano Deng Xiaoping, artífice de la reforma y apertura económicas emprendidas por China.

Es probable que Shultz le transmita la preocupación de los Estados Unidos y de los países industrializados de Occidente en general por el impacto que dicha campaña pueda tener sobre las relaciones económicas y comerciales.

Según declaró el secretario de estado antes de emprender su viaje, otro de los puntos que tratará con sus interlocutores chinos es el malestar de Wáshington por los suministros de armas chinas a Irán.

Otro de los problemas que gravitan sobre la visita, y que fue apuntado ya en el comunicado oficial chino de anoche, lo constituye Taiwán, también en relación con los ministros militares.

Aunque los Estados Unidos hayan reducido a poco más de 20 millones de dólares sus ventas de armas a Taiwán desde que establecieron relaciones diplomáticas con China en 1972, Wáshington ha rechazado hasta ahora la demanda china de cortar esos suministros.

Una vez terminados sus contactos oficiales en Pekín, Shultz viajará a la ciudad industrial de Dalian y al lugar de nacimiento de Confucio, en la provincia oriental de Shandong, y terminará su estancia de cinco días en China con una visita a Shanghai, antes de emprender su viaje de regreso, con escalas en Corea del Sur y Japón.

La Prensa 2/3/87

01-01 8702601

RyPCh

Clarín 15/2/87

Reformas en China

PEKIN 14 (Reuter). — China prometió hoy reformar su estructura política y continuar con las reformas económicas, pero advirtió que una vuelta al capitalismo solo provocaría un retorno del feudalismo.

El diario del Partido Comunista "Bandera Roja", citado por la agencia oficial de noticias Nueva China, dijo que China debe permanecer dentro del socialismo aun cuando todavía es imperfecto.

El diario también atacó a tres importantes intelectuales expulsados del partido este año, durante una campaña en contra de las ideas pro occidentales. Dijo que los tres negaban logros hechos por China.

"Adherir al socialismo es un imperativo para continuar la política de apertura hacia el resto del mundo. China incluso planea una apertura mayor al mundo externo.

APeH

LA PRENSA 28-2-87

Visita de Shultz a Pekín

Pekín (EFE) — El secretario de estado norteamericano George Shultz iniciará el fin de semana una visita de cinco días a China, viaje considerada importante por producirse en un momento de incertidumbre política.

La comunidad empresarial internacional espera respuesta de una serie de interrogantes surgidos en los últimos meses a raíz del cese del secretario general del partido Comunista y el cambio en el clima político del país.

Shultz es el político occidental más importante que visita China desde el inicio de la crisis, y muchos observadores creen que si China tiene algo importante que decir aprovechará la publicidad que tendrá la visita de Shultz.

Desde la caída de Hu Yaobang al frente del partido Comunista, el 16 de febrero, China ha estado viviendo un resurgir de la ideología izquierdista que se ha traducido en una intensa campaña contra las influencias capitalistas y occidentales.

Simultáneamente, los políticos chinos pretenden convencer al mundo de que nada ha cambiado y que la política de apertura y de reforma es un hecho irreversible.

033
RPCH

Pekín exige igual seguridad en Asia

PEKIN, 4 (AFP, Reuter y especial de "Le Monde" para Clarín). — El canciller soviético, Eduard Shevardnadze reconoció ayer como un hecho el aumento de la presencia soviética en el Pacífico norte mientras el gobierno chino reiteraba su pedido de una "reducción simultánea y equilibrada de misiles de alcance intermedio de Europa y Asia por parte de la Unión Soviética y de Estados Unidos".

Las dos declaraciones ganan importancia en el momento en que parece gestarse una concreta posibilidad de acuerdo entre las dos superpotencias para el desarme del teatro europeo, que podría tener como contrapartida, en principio, la concentración del resto admitido de los respectivos arsenales de misiles de alcance intermedio en territorio de Asia (ver crónica aparte).

Fue precisamente como comentario al avance de las negociaciones de desarme de Ginebra en el tema de los euromisiles que un portavoz de la cancillería de China señaló que, para Pekín, "la seguridad de Europa y Asia tienen la misma importancia y deben recibir igual atención; como nación asiática, China está naturalmente preocupada en relación con los misiles de alcance intermedio desplegados en Asia".

El vocero agregó que "hemos sostenido permanentemente que la reducción de misiles de alcance intermedio instalados en Europa y Asia por la Unión Soviética y Estados Unidos debería ser simultánea y equilibrada y tendría que cumplirse con el mismo principio hasta su total destrucción".

• **"Sólo una respuesta".**

Shevardnadze, por su parte, abordó el tema de la estrategia militar soviética en las costas orientales de Asia en el curso de una visita a Australia, en el marco de una gira que también incluye a los países de la región de Indochina.

Al brindar absolutas seguridades a las autoridades australianas sobre la decisión de Moscú de no tener actividad militar en el Pacífico sur, el canciller asumió como cierta, en cambio, una mayor presencia armada soviética en el Pacífico norte. "Esto representa, únicamente, la respuesta a la expansión de las fuerzas norteamericanas en esa región", aseguró Shevardnadze.

CLARIN 5/3/87

01-01 8702664

33
RPCH

Campaña contra el liberalismo en el Ejército de China roja

Pekín, 17 (UP) – El Ejército chino ordenó a sus 3.5 millones de miembros a reunirse en masa para criticar las tendencias capitalistas, intensificándose la campaña política contra las ideas occidentales, informaron los medios oficiales.

El diario del Ejército de Liberación señaló que el departamento político de esa rama de las Fuerzas Armadas emitió una circular para que "todos los oficiales, soldados y personal militar tomen parte en la campaña de siete semanas contra el "liberalismo burgués".

"La oposición al liberalismo burgués es una seria lucha política", indicó el documento.

Agregó que las autoridades políticas deberían enseñar a las tropas a ser leales al partido Comunista y al sistema socialista chino y oponerse al "liberalismo burgués".

Todo el personal militar debería estudiar los recientes discursos del dirigente Deng Xiaoping y los trabajos básicos de Marx.

"Luego de estudiar los documentos, deben organizarse en masa y discutir y dar unas cuentas leídas a discursos típicos del liberalismo burgués para analizarlos y criticarlos", dijo.

Señaló que los colegios militares deberían dar clases de política, medida que recuerda la revolución cultural de 1966-1976 [illegible]

D[illegible] la revolución cultural, [illegible] ha intentado reducir el papel político del Ejército, provocando resentimiento entre algunos oficiales.

PARTES POCO LEGIBLE

01-01 8703241

El gobierno chino intenta controlar ideas políticas

El jefe interino del Partido Comunista chino, Zhao Ziyang, está trabajando silenciosamente para limitar el impacto de las maniobras contra las ideas políticas occidentales, según informó una alta fuente al corresponsal del The Washington Post en China, Donald Southerland.

La fuente expresó que Zhao, con la total cooperación del principal líder chino, Deng Xiaoping, está realizando todos los esfuerzos para preservar las reformas económicas y la política de apertura hacia el occidente llevadas adelante por Deng, y para prevenir que las maniobras ideológicas no se extiendan dentro de la economía.

Zhao está intentando asegurar a los ejecutivos de las empresas extranjeras que China es un país estable y que es redituable invertir en él, prosiguió la fuente.

Al mismo tiempo, Zhao está procurando demostrar que los intelectuales chinos tienen poco que temer a pesar de las recientes expulsiones de tres miembros del partido.

"Las manifestaciones estudiantiles y las críticas de los intelectuales pueden enlentecer el avance de las reformas" continuó la fuente, que tiene acceso a los asesores de Zhao. "Pero nadie quiere cerrar las puertas abiertas y nadie quiere detener las reformas".

Los recientes eventos en China han dado un nuevo giro al viejo adagio chino "Maten al pollo y asusten al mono", expresó Carroll Bogert en un editorial publicado en el The Washington Post. El proverbio ilustra una táctica política para asustar al oponente que se tiene, atacando a aquellos que lo rodean.

Pero con la expulsión de Hu Yaobang, Secretario General del partido, Deng Xiaoping ha matado al mono. Y muchos pollos en China ahora deben de estar muy, pero muy nerviosos.

Los pollos en este caso son los intelectuales, de quienes la modernización de China depende. Tomaron parte el año pasado, cuando altos funcionarios del partido, liderados por Hu Yaobang, hicieron un llamado a la creatividad, más críticas a los errores, y claridad en los conceptos. A pesar de décadas de promesas quebradas por el partido, muchos intelectuales creyeron que su gobierno realmente quería, en la frase que Mao utilizó 30 años atrás, "dejar a cien flores crecer".

El éxito de la reforma económica de China depende de buenas nuevas ideas, plantea Carroll Bogert. Y Deng Xiaoping lo sabe. El siempre intentó dar a los intelectuales una mayor voz. Recién ahora, de repente, no le gusta lo que dicen.

La expulsión de Hu marca el fin de la política del crecimiento de las "doscientas" flores. Hu protegía a varios de los más famosos intelectuales chinos. Su salida demuestra cuán profundo es el resentimiento de los viejos conservadores con los discursos libres que comenzaron a amenazar la autoridad del Partido Comunista. La caída de Hu por lo tanto significa para cada intelectual chino que "si no pueden decir algo bueno, mejor no digan nada".

Los intelectuales, definidos por los chinos como cualquier persona que tenga una educación secundaria completa, son un grupo cuyas opiniones son diversas y no pueden ser categorizados con precisión. Pero los más jóvenes quieren claramente más democracia. Cientos de miles de estudiantes han manifestado alrededor de todo el país en pos de la democracia. Algunos intelectuales más viejos simpatizan con las demandas de los más jóvenes. Los directores de empresas, frustrados con el manejo económico del partido, han estado entre los principales sustentadores de la democracia. Ciertamente hay intelectuales que apoyan una mayor estabilidad y otros son genuinos creyentes del sistema comunista.

Carroll Bogert expresa que los intelectuales chinos no son como sus contrapartes soviéticos. Históricamente, han jugado un rol al estilo Confucio, como servidores del gobierno y asesores del emperador. Tienden a ser leales al Estado aun cuando el régimen al poder no los favorezca. Los disidentes chinos son un fenómeno relativamente poco común, y en occidente no hay grupos chinos comparables a los de emigrados soviéticos.

La animosidad entre los reformistas y conservadores ha dado comienzo. Probablemente la lucha no se convertirá en una guerra a gran escala —como lo fue durante la Revolución Cultural— pero sí complicará en gran forma la difícil tarea de gobernar. Mas aún, Deng Xiaoping no ha designado a un sucesor en el puesto de Hu Yaobang, y el futuro se ve aún más incierto. Zhao Ziyang y Deng se enfrentan a una batalla para poder continuar con la reforma económica. Necesitan del total apoyo de los intelectuales chinos, pero probablemente no lo obtengan.

Atención madre...

China: intensifican educación política

Pekín (EFE) — Los estudiantes chinos recibirán a partir de ahora más educación política contra la ideología capitalista y realizarán trabajos en el campo, las fábricas y en el Ejército, según la Comisión Estatal de Educación.

En las nuevas clases establecidas para ampliar sus conocimientos políticos, los alumnos deberán estudiar los discursos del máximo dirigente chino, Deng Xiaoping, sobre la necesidad de que el país se mantenga en el camino socialista, acepte la dirección del partido Comunista chino (PCCH), la dictadura del proletariado y el pensamiento marxista, leninista y maoísta.

La Liga Comunista Joven organizará este semestre "actividades prácticas" para los estudiantes en el campo, las fábricas y también en el Ejército.

Un dirigente de la Liga, en la Universidad de Pekín, dijo que este tipo de actividades permitirá "ampliar el campo de conocimientos de los estudiantes, aumentará su conciencia política y desarrollará el espíritu de trabajo duro".

PROCEDENCIA: Enlace Inglés 30/3/82 Doc. 05/7/87
ARCHIVADO EN: Enlace Inglés (35/c)

8703260

01/01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Sino-Vietnamese Border Clashes

PROCEDENCIA: E. Inglés 30/3/82 Doc. 05/25/87
ARCHIVADO EN: Enlace Inglés (35/c)

8703261

01/01

PROCEDENCIA: E. Ingles 30/3/87 Doc. 0525/87
ARCHIVADO EN: Enlace Ingles (135/c)

8703261

01/01

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Chinese Communists to Shrink Construction Scale.

PROCEDENCIA: Enlace China 24/4/87 Doc. 0590/87
ARCHIVADO EN: Enlace China (135/3)

8703263

01/01

TEMA: Sino-Vietnamese Border Clashes

PROCEDENCIA: E. Inglés 30/3/87 Doc. 0525/87

ARCHIVADO EN: Enlace Inglés (/35/C)

8703261

01/01

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Chinese Communists to Shrink Construction Scale.

PROCEDENCIA: Enlace China 24/4/87 Doc. 0590/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (/35/B)

8703263

01/01

PROCEDENCIA: E. Chino 24/4/87 Doc. 0584/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/B)

8703265

01/01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Document To Curb Bourgeois Liberalization Issued by Chinese Communists.

PROCEDENCIA: Enlace Chino 24/4/87 Doc. 0582/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/B)

8703266

01/01

Enlace Chino (135/B)

8703266

01/01

ARCHIVAR EN: R. P. Chino (033)

TEMA: Politburo Action on Hu Yao-Bang's Resignation.

PROCEDENCIA: Enlace Chino 20/4/87 Doc. 0593/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/B)

8703272

01/01

PROCEDENCIA: Enlace Chino 24/4/87 Doc 0595/87
ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/B)

01 | 01 8703273

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Chinese Communists To Build Piers For Colombia

PROCEDENCIA: Enlace Chino 27/4/87 Doc 0602/87
ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/B)

8703277

PROCEDENCIA: Enlace Chino 27/4/87 Doc 0602/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (35/B)

01|01 8703277

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: ON Peip'ing's Efforts to Introduce Course of "Militaristic Dialectics" in Military Schools.

PROCEDENCIA: Enlace Chino 27/4/87 Doc. 0600/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (35/B)

01|01 8703278

ARCHIVAR EN: R.P. China (033)

TEMA: Assessment of Peiping's Efforts to Better Ties with Communist Parties of Other Countries.

PROCEDENCIA: Enlace China 27/4/87 Doc. 0601/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B

8703279

01|01

PEKIN.
uniejan con IRAN

033

LA NACION 4/3/87

DN

Shultz se entrevistó con Deng Xiaoping

China seguirá vendiendo armas a Irán

PEKIN, 3 (Reuter). – Una nota discordante empañó hoy las conversaciones del secretario de Estado norteamericano, George Shultz, con funcionarios chinos, al insistir éstos en la prerrogativa de Pekín de seguir vendiendo armas a Irán, a pesar de las sugerencias en contrario formuladas por Washington.

Shultz dijo que los dirigentes chinos habían "preguntado" si las ventas de armas a Irán realizadas por Washington no eran un argumento que invalidaba la campaña norteamericana para evitar que otros países provean pertrechos a Teherán.

"Lógicamente, nos ha causado algunos problemas, pero, básicamente, nuestra posición radica en los méritos del caso", dijo Shultz.

Adujo que negarse a entregar pertrechos a Irán por ser éste el bando del conflicto del golfo Pérsico que rehusa negociar "es una forma de ejercer presión sobre Teherán para que cese la lucha".

"La respuesta que recibí fue que debíamos esperar que China siguiera actuando como hasta ahora", agregó.

China niega estar vendiendo armas a Irán, pero Washington sostiene que Pekín es el principal proveedor de armas que tiene Teherán y que también está entregándolas a Irak.

La discrepancia sobre las ventas de armas a Irán se vio compensada en las conversaciones de Shultz por coincidencias en otros campos.

Shultz informó que en sus discusiones con el líder Deng Xiaoping y otros importantes dirigentes, éstos insistieron en que seguirá adelante la reforma económica y se mantendrá la apertura hacia Occidente. "Se esforzaron en poner de relieve ese punto y no tengo motivos para dudar de su sinceridad", dijo.

Sectores intransigentes

Manifestó que los dirigentes chinos le señalaron que "China se embarcó en el camino de la reformas hace varios años. Los cambios han dado resultados y el pueblo está ahora mejor, gracias a ellas. Todo eso tiene sentido".

Sin embargo, funcionarios norteamericanos advirtieron en privado que seguramente las reformas seguirán a un ritmo más lento, teniendo en cuenta el resurgimiento de la influencia de sectores opuestos a los cambios.

Tal opinión fue avalada por pronunciamientos chinos de las últimas horas. La agencia noticiosa Nueva China informó, por ejemplo, que el presidente Li Xiannian declaró que "algunos extranjeros parecen esperar que China abandonará totalmente la economía planificada, practicará sólo la economía de mercado y abrazará el capitalismo y la occidentalización total".

Problemas superados

"Eso es pura ilusión", agregó Li en obvia referencia a la insistencia de Shultz en una reforma económica acelerada, orientada hacia el mercado.

El debate en China sobre el asunto provocó una convulsión política y una campaña contra el "liberalismo burgués", que culminó con la separación del jefe del Partido Comunista, Hu Yaobang.

01·01 8703351

CLARIN – Buenos Aires

China reiteró que se harán las reformas

HONG KONG, 17 (Por Jasper Becker, de "The Guardian", especial para Clarín). — La evidencia de una continua lucha por el poder dentro del Partido Comunista Chino como consecuencia de la forzada renuncia del secretario general Hu Yaobang sigue presente ante las declaraciones formuladas el martes por figuras importantes.

El nuevo jefe del Partido Comunista, Zhao Ziyang, declaró que las reformas del país y la política de puertas abiertas no se vieron amenazadas en ningún momento por la campaña actual contra las ideas occidentales.

las ideas occidentales.

Cabe citar que el ejército de China ordenó a las tropas estudiar a Marx y realizar exámenes masivos para extirpar tendencias [illegible], según informaron medios de la prensa. También, y como parte de este programa de educación ideológica, el departamento político del ejército hizo un llamado a que se estudien los trabajos del líder chino Deng Xiaoping.

Wang Zhen, una figura líder conservadora, instó a los maestros a que fortalezcan la instrucción ideológica y patriótica dirigida a los chicos de la escuela primaria y secundaria. Apoyó las sugerencias de otra figura conservadora, Hu Qiaomu, de que las escuelas lleven a cabo ceremonias en las que se ice la bandera todas las semanas, que se visiten las tumbas de los mártires revolucionarios y otros [illegible] revolucionarios.

El lunes, el ministro de Educación Li Peng, quien se postula como futuro primer ministro, precisó que las universidades también serán el blanco de la maniobra en contra de la llamada "liberalización burguesa" y previno que los estudiantes deben ser "políticos y académicamente correctos", si es que quieren encontrar trabajo después de graduarse en la universidad.

Al referirse al día en que los estudiantes chinos vuelven de sus vacaciones, Li declaró que el culpable de las manifestaciones del año pasado son "los años de actitudes vagas e imprecisas con respecto a la [illegible]

des vagas e imprecisas con respecto a la [illegible]

[illegible] [illegible]".

Wang Zhen manifestó que la [illegible] ideológica comenzó hace ocho años, pero que los ataques previos a las influencias occidentales enfrentaron serios "obstáculos".

Las reformas económicas de Deng fueron lanzadas hace ocho años, pero se cree que Deng siempre estuvo al frente de los ataques contra esta liberalización burguesa.

A pesar de la aceptación de las osadas desavenencias ideológicas entre los líderes, Zhao precisó que la actual maniobra ideológica "solamente conducirá a la estabilidad y a la unidad y no a la confusión".

Clarín 18/1/87

PARTES ILEGIBLES

01-01

8703420

24/3/87 La Mañana

Aprensión en zonas rurales

Lucha contra el liberalismo en China causa pánico

La nueva campaña contra las tendencias capitalistas está causando pánico en el campo a pesar de los esfuerzos de Pekín por limitarla a las ciudades, según informes de medios oficiales llegados ayer a la capital china.

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).- Un editorial de primera página en el Diario de Sichuan dijo que varios funcionarios, campesinos y trabajadores de zonas rurales, están "aprehensivos" acerca de la campaña de siete semanas, lanzada en respuesta a los desórdenes estudiantiles de diciembre en demanda de democracia.

Indicó que varios residentes rurales de la central Provincia de Sichuan temen apoyar a la empresa privada, comprar valores o iniciar industrias domésticas "porque podrían ser acusados de practicar el liberalismo burgués".

"Varias empresas privadas se preparan para reducir sus operaciones y no se atreven a dedicarse con audacia y libertad a la producción ni a actividades empresariales", dijo el editorial.

Manifestó que el pánico frenó los esfuerzos por implementar y mejorar las reformas económicas rurales.

El editorial dijo que debería lanzarse una campaña de propaganda para informar a los residentes rurales sobre la decisión del Partido Comunista de fines de enero de que la campaña anticapitalista no debe librarse sólo dentro del partido y que no debe afectar las zonas rurales ni la economía.

LIMITAR TEMORES

El diario publicó también un informe sobre los esfuerzos por limitar los temores de los campesinos en el condado Pengxi de Sichuan, donde por lo menos un empresario viajó cuatro veces a la capital del condado para informarse sobre la política última.

Dijo que funcionarios han estado realizando encuentros, redactando informaciones y transmitiendo textos radiales para persuadir a los residentes de que no se preocupen.

Problemas similares hicieron noticia en el Diario Hebei del jueves.

El diario citó a Xing Chongzhi, secretario del partido en la provincia norteña, al decir que varias empresas privadas de transporte quieren entregar sus vehículos a entes colectivos, que la gente que planeaba instalar empresas está devolviendo la maquinaria que compró y que las empresas privadas suspendieron sus operaciones.

Diplomáticos occidentales creen que los esfuerzos de Pekín para limitar la campaña están siendo dañados por dirigentes partidarios de línea dura y funcionarios locales celosos y opuestos a varias de la reformas económicas de orientación de mercado del líder Deng Xiaoping.

Con esas reformas, el ingreso campesino aumentó en un promedio anual del 16,9 por ciento entre 1979 y 1985, comparado con el 3,3 por ciento promedio de crecimiento de los anteriores 26 años.

Corporaciones presentes

Se inicia la exposición de China Popular

Desde el próximo viernes y hasta el 5 de abril, tendrá lugar en la Sala de Exposiciones del Palacio Municipal de Montevideo, en la calle Soriano 1375, una importante muestra de la República Popular China.

Sobre un área total de 500 metros cuadrados, la Exposición Económica y Comercial de ese país, una amplia gama de artículos textiles, artesanales, autóctonos y animales, de la industria ligera, aparatos electrónicos, etc. serán dados a conocer al público uruguayo.

La muestra permanecerá abierta, en el horario de 16 y 30 a 21 y 30, habiendo previsto sus autoridades la venta de los diferentes artículos que se presentarán en los respectivos 'stands'.

Las más importantes corporaciones de importación y exportación de productos chinos estarán presentes en esta exposición que tendrá carácter económico y comercial. Entre las corporaciones chinas que participarán en la exposición, figuran con sus respectivos productos las siguientes:

- La Corporación Nacional China para Importación y Exportación de Productos de la Industria Ligera, que exhibirá utensilios de hierro esmaltado, manufacturas de vidrio, utilería de cocina, vajillas, artículos deportivos, material didáctico y educativo, relojes, zapatos, juguetes, etc.
- La Corporación Nacional China para Importación y Exportación de Productos Autóctonos y Animales, que expondrá un amplio surtido de las afamadas alfombras, frazadas de terciopelo, productos artísticos en cera, etc..
- La Corporación Nacional China para Importación y Exportación de Productos Textiles, que participará mostrando diversidad de telas, tejidos de algodón, tejidos de punto, confecciones y vestidos, etc..
- La Corporación Nacional China de Seda, que aportará muestras de la famosa seda de diversas especies, incluyendo seda natural, seda cruda, réplicas, etc.
- La Corporación Nacional China para Importación y Exportación de Productos Artesanales, sucursal de Beijing, estará presente con bellas esculturas en marfil, en jade, obras de bronce esmaltado (cloisonné), miniaturas en vidrio, réplicas de antiguas porcelanas, adornos artísticos en laca, reproducción de los famosos esmaltados tricromos de la Dinastía Tang, muebles, etc..
- La Corporación Nacional China para Importación y Exportación de Productos Electrónicos, que presentará televisores, equipos de acústica y sonido, diversidad de casetes, teléfonos, pianos electrónicos, juguetería electrónica, computadoras, equipos electrónicos para acupuntura, etc..

IMPORTANTE DELEGACION

Desde hace varios días, tal como lo anunciáramos en ediciones anteriores, se encuentra en nuestro país una importante delegación de la República Popular China.

Vino encabezada por el Presidente de la Exposición Económica y Comercial de ese país, Liu Fugui, y viene manteniendo intensos contactos a todos los niveles para dar a conocer al público uruguayo "una visión general de los logros de China en su desarrollo económico", y "apreciar cómo, desde que China ha puesto en práctica su política de apertura al mundo exterior y de revitalización de su economía, han aumentado enormemente la variedad, la calidad y el colorido de las mercaderías". Esto, "contribuye a una mejor posibilidad de desarrollo de los contactos comerciales de China con el resto del mundo".

Mañana, a las 12 y 30 horas, en el lugar donde se realizará la mencionada exposición, la delegación de China Popular agasajará a los periodistas de nuestro país.

La apertura de la muestra comercial y económica, se llevará a cabo el próximo viernes a las 19 y 30 horas, habiéndose cursado invitaciones entre otras, a distinguidas personalidades del quehacer político nacional.

(R.P.CH.)
033

Pekín: piden controles para los estudiantes

PEKIN, 12 (UPI). — Un viejo dirigente del Partido Comunista, de línea dura, advirtió hoy que podrían estallar nuevas protestas estudiantiles en demanda de democracia, si no se somete a los estudiantes a un severo control ideológico.

Deng Liqun, miembro del poderoso secretariado del partido y dirigente conservador opositor a varias de las reformas actuales, dijo que Pekín no puede descuidar el problema de la inquietud estudiantil.

"Si no la enfrentamos con efectividad, habrá desorden", acotó Deng al periodismo, en Pekín.

Deng, quien perdió el cargo de jefe de propaganda del Partido en 1985 por exceso de celo en una abortada campaña contra la "polución espiritual occidental", reemergió como fuerza rectora después de la reciente "lucha" contra las tendencias "liberales burguesas" capitalistas.

La última campaña antiliberal fue lanzada tras las protestas estudiantiles sucedidas en trece ciudades, entre el 5 de diciembre y el primero de enero. Desde entonces no hubo protestas públicas. Las universidades han estado cerradas desde mediados de enero por las vacaciones de invierno y abrirán la próxima semana.

"Debemos tener en mente que algunos jóvenes no han pensado bien las cosas y dicen que pueden hacer líos porque quieren democracia, libertad y derechos humanos", dijo Deng en un discurso del 25 de enero publicado por primera vez.

"Hasta creen que nuestro partido, gobierno y gobernantes son completamente inaceptables", expresó el dirigente comunista. "Si este problema de su criterio no se cambia, volverán a protestar cuando se les presente la oportunidad".

Citó al gobernante Deng Xiaoping al decir que "si no tenemos estabilidad y unidad, no tenemos nada", y advirtió que los desórdenes podrían detener las reformas económicas y políticas, entre ellas la de abrir el país al mundo.

CLARIN
13/2/87

ARCHIVAR EN: China (033)

TEMA: En España: la revuelta estudiantil y un móvil oculto: la desocupación

PROCEDENCIA: La Noticias 29/01/87

ARCHIVADO EN: España (008)

8703623.

01-01

CHINA

[illegible]IZAR CON PORTUGAL

033

Acuerdo luso-chino por Macao

PEKIN. — Un acuerdo que prevé el retorno de Macao a la administración de China en diciembre de 1999, está a punto de ser firmado por Pekín y Lisboa y un comunicado conjunto al respecto debe ser publicado en breve en esta capital.

Las delegaciones portuguesa y china se reunieron ayer durante más de cinco horas, en tres sesiones, y fuentes portuguesas afirmaron que Lisboa intenta conseguir de China algunas concesiones sobre la nacionalidad de una parte de la población del enclave.

Ahora el principal tema en discusión es, en efecto, el de la nacionalidad de 80.000 a 100.000 personas [illegible] Macao antes de 1979 y que, según la ley de Portugal pueden pretender la nacionalidad

El Día
20/3/87

TEMA: Las Negociaciones Sino-Soviéticas.

PROCEDENCIA: La Prensa del 14/3/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

01-01 8703812

ARCHIVAR EN: China (033)

TEMA: China: Political Reform.

PROCEDENCIA: E. Inglés 13/5/87 + Doc. 2488/87

ARCHIVADO EN: Enlace Inglés (135/c.

8703820

TEMA: China: Political Reform.

PROCEDENCIA: E. Ingles 13/5/87 + Doc. 2488/87

ARCHIVADO EN: Enlace Ingles (135/C.

8703820

D1-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Peiping's Assessment of development of International situation in Next Five Years

PROCEDENCIA: Enlace Chino 15/5/87 Doc 07/5/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/B)

8703895

ENLACE China (135/B)

01-01 8703896

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Hu Tzo-Pao('s) Ranking in CCP Ruling Politburo Dropped to Bottom.

PROCEDENCIA: E. China 5/5/82 20c ob34/82

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

RS

01-01 8703897

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Hu Tzo-Pao('s) Ranking in CCP Ruling Politburo Dropped to Bottom.

PROCEDENCIA: E. China 5/5/82 20c ob34/82

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/B)

RS

8703897

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Chinese Communist Chung[illegible] Paper N° 1 1987 and [illegible] of [illegible] Li [illegible] Speech on Student Demonstrations

PROCEDENCIA: Enlace China 5/5/87 [illegible]

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/3)

D1-01

8703898

LA NACION 15/4/87

Transformación del grupo empresarial más grande de China

Un holding multinacional... socialista

Por Mark O'Neill

PEKIN, 14 (Reuter).- El empresario más importante de China anunció hoy al mundo comunista la formación del primer "conglomerado socialista", dirigido de acuerdo con modelos occidentales pero con beneficios destinados a la mejoría del nivel de vida del país.

Rong Yiren, de 70 años, tiene todo el aspecto del heredero de una de las familias de capitalistas más ricas de China antes de la revolución comunista de 1949, al dar una conferencia de prensa vestido con un traje gris cruzado en el rascacielos que alberga su firma.

Rong es presidente de China International Trust and Investment Corp (CITIC), creada en 1979 con el objetivo de traer tecnología y capitales extranjeros a su país. La empresa creció tan rápidamente que sus activos casi se cuadruplicaron entre 1984 y 1986.

El empresario manifestó que debido a la velocidad con que se desarrolló Citic el Consejo de Estado en febrero resolvió convertirla en un "conglomerado socialista" de subsidiarias que operan en la banca, el comercio, la inversión, el turismo, la actividad inmobiliaria y las colocaciones de capital en el exterior.

"Nuestros métodos y practicas no serán muy diferentes de las de Occidente, pero somos socialistas, pertenecemos al sector público, y los beneficios son sólo un medio de desarrollar la productividad y la economía nacional y de elevar el nivel de vida de la poblacion", señaló.

El imperio empresario de Citic incluye una industria maderera en los Estados Unidos, siderurgia en Australia, un banco en Hong Kong y el 12,5 por ciento de las acciones de la línea aérea Cathay Pacific, de Hong Kong.

Fuentes de Europa del Este señalaron que no hay ninguna organización en el mundo comunista que supere el espectro de operaciones y la independencia financiera de CITIC.

Mayor independencia

Rong expresó que, mientras otras organzaciones chinas necesitan la aprobacion para proyectos de mas de 200 millones de yens (54 millones de dolares), Citic no lo precisa, ya que está en condiciones de obtener por sí misma energía, transporte y materias primas. Estos rubros son escasos en China.

Rong confirmó las noticias proporcionadas por la prensa británica según las cuales Citic compró sus acciones de Cathay Pacific en enero, sin dar cuenta de ello a la línea aerea nacional china CAAC, que compite con la primera en la ruta que une Hong Kong con diversas ciudades chinas.

"Para los grandes proyectos, informamos al Consejo de Estado. Pero éste no interviene para nada en otros aspectos", señaló el empresario.

A la pregunta de cómo un conglomerado socialista puede hacer negocios con Chile, donde los socialistas son enviados a la cárcel o corren una suerte aún peor, Rong respondió que no se había enfrentado con ese problema. Citic todavía está estudiando una inversión en un proyecto de explotación cuprífera en Chile, precisó.

Agregó que, hacia fines del año pasado, Citic había tomado parte en 177 proyectos en lo que se recurrió a inversiones o tecnología extranjeras en China, con capitales propios por un valor de 2640 millones de yens (710 millones de dolares).

Desde 1982 obtuvo más de 720 millones de dolares a través de la colocación de bonos en Japón, Hong Kong y Alemania Federal, agregó.

En América latina

PEKIN, 14 (EFE).- La compañía china Citic mantiene también contactos comerciales con Mexico y Brasil dentro de sus operaciones internacionales, dijo hoy aquí su presidente.

Después de la Luna de Miel

EMPRESAS BINACIONALES EN CHINA

En lo que va del año las inversiones extranjeras en China han caído 20% (US$ 1,24 billones en contratos) comparado a igual período del año 85. Menos de la tercera parte de las 2.600 compañías mixtas están actualmente funcionando. De las restantes, un gran porcentaje han sido reducidas o reunificadas debido a los altos costos, escasa rentabilidad y problemas de administración. En marzo, "Beatrice Companies", el grupo americano de alimentos, dijo que, luego de una experiencia de dos años en Guangdong entregaría su parte a sus socios chinos en un plazo de dos años, a causa de problemas de administración. En mayo, "American Motors" anunció su paralización por dos meses en la producción de jeeps a causa de dificultades con divisas.

El primer ministro Zhao Ziyang, reconoció estos problemas el 7 de agosto, ofreciendo permisos especiales a empresas mixtas que exporten sus productos o reinviertan sus ganancias en China.

El presidente del Banco de China, Sr. Wang Deyan, dijo que de ahora en adelante la política de préstamo favorecería a empresas extranjeras exportadoras o proveedoras de alta tecnología. Los empresarios extranjeros reaccionaron cautelosamente ante estas declaraciones, ya que no encuentran ningún camino para resolver los problemas diarios de administración (salarios, alquileres, entrenamiento, etc.) que los envuelve. Las sobrevivientes empresas mixtas están luchando en procura de solucionar estos problemas. Por ejemplo, la Compañía aeroespacial americana "Mc Donnell Douglas". Su acuerdo con (SAIC) "Shanghai Aviation Industrial Corporation" para construir 26 aviones MD-82, llevó seis años de negociaciones. La gestión comprendió gran transferencia de tecnología y mayor entrenamiento en obra que cualquier acuerdo previo. Un MD-82 tuvo que ser ensamblado en Long Beach, California, y los otros 25 serán parcialmente ensamblados allí y embarcados a China para su finalización, entre 1987 y 1991.

Este proyecto ha tenido dificultades desde el inicio. Su primer presidente chino liquidó el personal y los recursos. Solamente a través de la intervención personal del Sr. Zhao, fue reemplazado. Su sucesor, Sr. Jing Deyuen, es entusiasta pero, como muchos otros oficiales de su rango, está agobiado por problemas del personal que debieran ser transferidos a subalternos de estar en Occidente.

"Mc Donnel Douglas" intentó introducir al proyecto obreros chinos no especializados, de acuerdo a un sistema rejilla aconsejado por el Sr. Robert Blake y la Srta. Jane Mouton, dos académicos americanos. Básicamente, sostienen que la información y autoridad fluya en diferentes direcciones de acuerdo al problema a ser resuelto. Este sistema es un grito lejano de las maoístas "sesiones de lucha" que suplantaron el trabajo productivo durante la Revolución Cultural —sin mencionar el generalizado hábito chino de derivar los problemas hacia autoridades superiores.

Otros han tomado menos fielmente las ideas de Blake y Mouton. No solamente los administradores chinos son renuentes a compartir información esencial con sus socios occidentales (por ejemplo una mera lista de empleados experientes) sino también son temerosos de la represión política y dudan al tomar decisiones o dejar sentada por escrito sus opiniones.

Afortunadamente, el deseo chino de obtener la aprobación de los aviones del "America's Federal Aviation Administration", ha eliminado la común argumentación en las empresas mixtas sobre calidad.

Sin embargo, los 600 manuales de procedimiento de "Mc Donnel Douglas" (de los cuales sólo 200 han sido traducidos) van contra la manera china de hacerlo. Algunos operarios están ahora atemorizados de hacer algo que no está dictado en el manual.

Ninguna experiencia administrativa está a prueba en la compañía "Shenda Telephone", empresa mixta entre "Cable and Wireless" y su socia china en Shenzhen, en la zona económica especial en el límite con Hong Kong. El Sr. Richard Goswell, gerente de planta, prefiere una llave pequeña, con asiento cercano. Esto incluye la complicada tarea de proyectar un sistema basado en la toma de posesión que ellos comenzaron y que luego los administradores chinos revertirán a su propio sistema una vez que el personal de occidente o los chinos de Hong Kong se marchen.

El problema de "Cable and Wireless" ha sido hacerles tomar conciencia de la importancia del mantenimiento. En sus dos primeros años, "Shenda" mantuvo la tradicional separación entre personal de instalación y de mantenimiento. Ambos eran pequeños grupos, ya que muchas instalaciones telefónicas eran realizadas por contratistas externos y el mantenimiento era mínimo. "Cable and Wireless" insistió en que debían combinarse ambas para vencer la idea china que los servicios consisten en una serie de tareas individuales. "Shenda", como "Mc Donnell Douglas", tuvieron problemas con el personal. Ambas confiaron inicialmente en la existencia de mano de obra en fábricas. Ambas subestimaron el levantamiento que un nuevo proyecto causaría. "En la primera mañana, nosotros esperamos simplemente la llegada del personal", dice el Sr. Goswell. Los trabajadores no se ponían de acuerdo en quiénes harían el nuevo proyecto, por lo que debió esperar durante semanas.

Obtener personal especializado fue también un problema porque otras compañías son reticentes a ceder sus mejores trabajadores.

"Cable and Wireless" decidió pagar la educación de tres potenciales empleados bajo un programa de educación ministerial. "Comprar" personal de esta manera significa demora, pero permite a las empresas extranjeras planificar el futuro, otro concepto no conocido por los trabajadores chinos.

María Lizardo M.

(Traducido de "The Economist", agosto 16 de 1986)

China se aventura por caminos inexplorados

Por Flora Lewis

CHONQING, China (The New York Times). - Esta ciudad, (*) que fue capital de China durante la ocupación japonesa, en la Segunda Guerra Mundial, debe desempeñar una vez más un papel especial.

Es la mayor "ciudad experimental" y, en verdad, también es la ciudad más grande del país, con 14 millones de habitantes contra los 12 millones de Shanghai, y se espera que demuestre que la reforma urbana puede transformar las ciudades industriales, del mismo modo en que la reforma agraria cambió el campo.

Nadie duda del éxito de esta última. Hoy día, China puede alimentar a sus mil millones de habitantes, lo cual es una hazaña extraordinaria si se la compara no sólo con la necesidad que tenía, pocos años atrás, de importar enormes cantidades de cereales, sino también con la constante obligación soviética de comprar alimentos.

Los principios de la reforma urbana no difieren de los aplicados en el agro: proporcionar incentivos al trabajo, reducir la interferencia de la administración pública en las decisiones económicas, asignar un papel a las fuerzas del mercado y proceder con suficiente cautela para poder corregir los errores antes de que lleguen a cometerse en gran escala.

No obstante, modificar el modo de actuar de la industria es mucho más complicado que autorizar a los campesinos a reanudar sus métodos tradicionales de labranza y comercialización de sus productos, basados en el grupo familiar. Además, las nuevas disposiciones van mucho más a contrapelo de las prácticas ortodoxas comunistas.

El modelo económico

La política actual se denomina oficialmente "economía socialista de los artículos de consumo", sólo que "socialista" significa "planificada" y "artículos de consumo" es un eufemismo por "mercado".

Con todo, no cabe esperar nada parecido a la idea occidental de una economía mixta, porque no se abolirán los controles básicos y la apertura hacia las empresas privadas seguirá limitada a la pequeña industria.

Aquí y allá se introducen prácticas habituales en las economías capitalistas: la quiebra, pero sólo en casos limitados y extremos; el contrato de trabajo, en vez del empleo vitalicio; la emisión muy restringida de títulos y acciones, eso sí, no comerciables, y, sobre todo, una ampliación del papel desempeñado por las fuerzas competitivas del mercado y el derecho de los gerentes de fábricas a responder a ellas.



Deng Xiaoping

China no se está volviendo capitalista. Los espíritus simplistas que disciernan cualquier decisión de ese tipo en sus incursiones por caminos inexplorados de la economía social sólo generarán decepciones.

China busca, quizás, una nueva definición de qué se entiende, presumiblemente, por "sociedad comunista". Hasta ahora el modelo de esa sociedad derivaba principalmente de Stalin. El hecho en sí es apasionante y podría acarrear consecuencias de alcance mundial.

Por ahora, toda la atención se concentra en los esfuerzos por modernizar el país, reparando apenas lo suficiente en los cánones teóricos como para evitar los debates tediosos acerca de la fidelidad al credo marxista.

Actitud del pueblo

Basta recorrer un poco el país para encontrar fácilmente a toda clase de gente ansiosa de explicar que ha cambiado... pero no qué significa el cambio.

Cuesta creer que éstas son las mismas personas que apoyaron la Revolucion Cultural. Como dijo el director de un diario, deseoso de demostrar que aquello no podía repetirse: "El fracaso puede ser la mejor garantía del éxito". ¿O acaso estamos simplemente ante otro sistema de pensamiento masivo?

Los funcionarios manifiestan una confianza absoluta en su capacidad para "aprender de los hechos" (como dijo Deng Xiaoping), porque lo que es "correcto" será obvio para todos. ¿Han abierto los ojos o se someten una vez más a la autoridad del líder?

Río abajo, siempre sobre el Yangtsé, está la ciudad de Wuhan, con tres millones de habitantes. Es un puerto fluvial y otra floreciente "ciudad experimental".

Su teniente de alcalde, Wang Ming Quan, un hombre de 30 años rebosante de entusiasmo y orgullo local, explica que la reforma agraria significó "que algunos campesinos pudieron enriquecerse primero"; ahora, la reforma urbana significará "que algunas ciudades podrán enriquecerse antes que otras".

Wuhan lo está haciendo al estilo de Chicago. Ha resucitado sus antiguas prácticas comerciales, transformándose en un emporio que enlaza las florecientes ciudades de la costa oriental con las zonas más atrasadas del interior. La prosperidad se huele en medio del bullicio.

El cambio deriva particularmente de la reactivación del comercio. Todos reconocen en ella a un acicate de la producción... y ésta es el tema exclusivo de las reformas.

Uno de los cambios importantes es la "división del trabajo" entre el secretario del Partido Comunista de cada empresa y el gerente. Deng le ha dicho al partido que debe hacerse a un lado y dejar actuar a los gerentes.

En la fábrica de máquinas-herramientas de Chongqing, su gerente, Chen Zisheng, de 46 años, nos dijo que ahora era claramente responsable de las decisiones. El secretario del partido, Zhang Xiaochuan, de su misma edad, que lo escuchaba con una sonrisa tensa, admitió: "Como miembro del partido, debo acatar su decisión con respecto al papel asignado al gerente".

Sin embargo, añadió que éste debía asumir un riesgo personal, junto con su responsabilidad.

Estos pantallazos apenas si nos proporcionan una noción básica del significado que va adquiriendo la reforma económica en China. Sin duda, seguirá adelante, pero no necesariamente con tranquila fluidez. Absorbe casi totalmente la atención de los chinos y, aunque ellos la buscan, la ayuda extranjera no será decisiva. Este es un drama interno, con connotaciones mundiales. (c) LA NACION

(*) En la grafía antigua: Chung-king.

(Traducción de Zoraida J. Valcárcel)

02/02

8703928

090987

Reforma radical propugnan para economía china

HONG KONG. — Para dar mayor impulso a su economía, China se propone aumentar la independencia de los dirigentes de empresa respecto de los organismos dependientes del Partido Comunista: es esta una de las claves de la reforma iniciada por el número uno del régimen, Deng Xiaoping.

Desde ahora se aplicará el "sistema de responsabilidad", ya experimentado a partir de 1984 en 28.000 empresas estatales, sistema acuerda a los dirigentes mayor poder de administración.

Simultáneamente se conoció que las empresas estatales acrecientan las deudas: a mediados del pasado setiembre 6.800 de ellas señalaban un déficit del 70 por ciento mayor que en 1985 en la misma fecha, y el resultado negativo se atribuía a la mala administración de las autoridades superiores.

A partir de este mes, los trabajadores que sean admitidos en las empresas industriales estatales en las zonas urbanas tendrán un contrato de trabajo que les asegura la ocupación sólo por un período fijo, concluido el cual podrá ser o no renovado por el trabajador o por la empresa, según la más reciente reforma económico-social aplicada en China.

Con el nuevo decreto se considera el trabajo casi del mismo modo que los otros factores de producción. También si esta prevista una indemnización de desocupación, es este un ulterior importante factor en la construcción de un sistema de mercado que se acompaña a la más acentuada autonomía de las empresas y a una cauta reforma del sistema de los precios.

Diez años después de la muerte de Mao, la creación de nuevas instituciones económicas y las políticas realizadas por los nuevos dirigentes políticos han hecho la China no reconocible.

Las nuevas instituciones económicas se están orientando hacia un "socialismo de mercado". En el campo fueron progresivamente abolidas, a partir de 1978, las comunidades rurales, sustituyéndoselas por empresas familiares. En efecto, aboliendo el criterio de la remuneración al campesino en base al trabajo efectuado y haciéndola depender sólo del resultado se mira obviamente a la familia campesina como a la unidad productiva de base. Y los resultados productivos han sido tan positivos para todo el mundo rural que puede decirse que se ha logrado el secular objetivo de la autosuficiencia alimenticia, haciendo inútiles los acopios estatales de cereales.

En las áreas urbanas se ha creado un sector privado y cooperativo que partiendo de las actividades artesanas y comerciales se ha extendido al sector industrial a través de formas de alquiler de empresas también de medias dimensiones.

Es un modelo original que se está desarrollando, basado en la norma guía de la ganancia, creando nuevos grupos sociales y obviamente también nuevas inestabilidades. Estas reformas son realmente radicales respecto al modelo de salida de tipo soviético, y necesitan lógicamente políticas económicas distintas. Introducción de fuertes incentivos materiales, privilegio de los consumos personales y abertura de la economía. Han sido éstas, en síntesis las líneas de política económica adoptadas a partir de 1978, con resultados excelentes.

Particularmente positiva resultó la apertura hacia el mundo exterior. Pero el programa de adquirir tecnología y atraer inversiones para financiar la modernización está encontrando obstáculos en la vinculación de las reservas monetarias (caídas a aproximadamente 10.000 millones de dólares correspondientes a tres meses de importaciones) y al fuerte atraso de las infraestructuras.

¿Qué ocurrirá en el futuro? Todas las políticas económicas realizadas, así como los cambios institucionales se inspiran en la descentralización. Esta supone fuertes incentivos productivos, con inestabilidad económica y social.

Además en términos políticos descentralización quiere decir difusión de poder hacia nuevos centros periféricos.

¿Es esto compatible con el monopolio como del poder económico? El problema, para los dirigentes de Pekín, es que más las reformas estimulan la eficiencia, más se pone en discusión el poder del Partido Comunista.

Se comprende como China tenga ahora que hacer frente a situaciones peligrosas. En efecto, las reformas económicas han llegado a un punto tal que no se puede volver atrás, so pena de una fuerte caída productiva, y ya ponen en discusión el sistema político.

Al cumplirse diez años de la muerte de Mao, China refleja rápidos cambios

"BUSQUEDA" 11/9/87

por Jim Mann

Pekín. Li Baisheng era estudiante de la secundaria una década atrás, y como decenas de millones de personas en China, recuerda haber escuchado las noticias de la radio en aquella época.

"Recuerdo que era un día oscuro, sin sol, aunque tampoco estaba demasiado nublado". Li, que ahora tiene 25 años y trabaja como técnico en una fábrica de Pekín, expresó hace pocos días mientras charlaba con un periodista: "alrededor de las tres de la tarde, hubo un anuncio diciendo que todos debían encender sus radios a las cuatro de la tarde, porque se transmitiría un anuncio importante. Cuando lo escuchamos, era como si nos hubieran dicho que nuestro padre había muerto".

La noticia: esa mañana, 9 de setiembre de 1976, Mao Tse-Tung, el arquitecto de la Revolución Comunista china y el líder de la República de China Popular había muerto a la edad de 82 años.

Por más de cuatro décadas, Mao había sido la figura dominante en la vida de China. La victoriosa "guerra popular" que llevó adelante en contra del gobierno nacionalista de China se volvió un modelo para las insurgencias guerrilleras en todo el mundo. Luego de la victoria comunista de 1949, Mao tenía poder sobre un cuarto de la población mundial, poder que en oportunidades excedía el de su contraparte soviética, José Stalin.

El pasado martes 9 fue el décimo aniversario de la muerte de Mao. A lo largo de la última década, China ha sido testigo y protagonista de cambios en la dirección y en la ideología del Partido Comunista, en la forma de su economía socialista, en la vida cotidiana, e incluso en la propia visión de Mao.

¿Mao en el olvido?

¿Cuál ha sido el legado de Mao? Después de una década, ¿cuánto ha quedado de [illegible]

las palabras "China se ha levantado".

La estructura política que impuso Mao en aquel momento ha permanecido intacta, y diez años después de su muerte el Partido Comunista aún mantiene un gran control sobre toda actividad política. Los signos de discrepancia con el gobierno del Partido o del sistema socialista son regularmente suprimidos.

No obstante, en sus políticas económicas y en la ideología oficial del Partido Comunista, parece ser que China ha decidido ignorar a Mao



Mao Tse Tung

y a sus ideas visionarias, por lo menos por el momento.

Los anuncios oficiales transmitidos por la radio el día en que Mao murió, comprometían a la población china para que llevara adelante la voluntad de Mao persistiendo en la lucha de clases, continuando con la política de auto-confianza, e intensificando la crítica de las masas hacia "la contrarrevolucionaria línea revisionista" del dimitido premier Deng Xiaoping.

Lucha de clases: error ideológico

Ahora, Deng gobierna en China. La política de auto-confianza ha sido cambiada por una que abre más a China hacia el mundo exterior. El Partido Comunista ha decla- [illegible]

expertos, ha abierto el camino para una reverencia oficial a la ciencia y a la tecnología.

El cuerpo de Mao yace en un "memorial hall" en Tian An Men, visitado diariamente por no menos de 40.000 personas. Ocasionalmente, alguno de ellos, generalmente los chinos de mayor edad, dejan escapar algunas lágrimas frente al monumento. Sin embargo, la mayoría pasa rápidamente con la misma imagen que brindan los turistas cuando recorren la Casa Blanca.

Desde 1983, Mao ha tenido que compartir ese espacio con monumentos a otros tres líderes chinos: el premier Chou En-Lai, el mariscal del ejército rojo Chu Teh, y el ex jefe de estado Liu Shao-Chi. Durante la "Revolución Cultural", Liu, a quien Mao había considerado un rival para su ejercicio del poder, murió en la oscuridad luego de habérsele negado asistencia médica.

Hace pocas semanas, un vocero del Tian An Mon manifestó a un periodista que no estaba seguro si habría alguna ceremonia para conmemorar los diez años de la muerte de Mao.

"Será decidido por el departamento de Propaganda expresó el vocero; "por ahora no tenemos instrucciones".

El radical cambio del Partido Comunista chino se dio en dos fases, una sorprendentemente inmediata y otra más gradual.

La primera ocurrió después de menos de cuatro semanas de la muerte de Mao, la que derivó en un golpe de estado. En la noche del 6 de octubre, bajo el liderazgo del premier Hua Goufeng y el ministro de Defensa Ye Jianying, las tropas chinas arrestaron a la esposa de Mao, Jiang Qing, y a sus tres principales aliados en el politburó del partido.

Habían habido signos de que estos cuatro líderes, quie- [illegible]

materiales, el aprendizaje de la experiencia de otros, y la apertura de China hacia el mundo exterior.

Deng mismo volvió a Pekín en julio siguiente, a menos de un año de la muerte de Mao, y rápidamente comenzó a tomar el control, tanto del Partido como del aparato de gobierno.

Desde entonces, en forma tenaz y continua, Deng y sus seguidores han estado moviendo al Partido y a la nación por el camino de la modernización económica. El cambio ha sido lento. Pero a lo largo de una década, los cambios instrumentales han logrado llevar al Partido a adoptar medidas económicas y posiciones ideológicas que en otros tiempos hubieran sido impensables.

Existen diferencias en el seno del Partido respecto a Mao y a las políticas actuales. Hay quienes creen que Deng ha llegado muy lejos, y que la apertura de China hacia el mundo exterior los ha llevado a sufrir "decadentes" influencias del mundo occidental.

Veredicto sobre Mao

Por ello, en junio de 1981, el Comité Central del Partido adoptó una resolución, un "veredicto" sobre Mao, que aún tiene reconocimiento oficial. Dice que Mao "fue un gran marxista y un gran revolucionario del proletariado, estratega y teórico". Además dice que "si juzgamos sus actividades como un todo, sus contribuciones a la Revolución China son muchísimo mayores que sus errores". Pero también expresa que Mao cometió "grandes errores" durante la "Revolución Cultural", que su "arbitrariedad personal" socavó al partido y que "su culto a su personalidad se agravó más y más" en sus últimos años.

La visión convencional de Mao fue mejor resumida por Chen Yu —uno de los líderes del Partido— en un discurso publicado en el "Pekín Re- [illegible]

01-02

870393O

Mao? Después de una década, ¿cuánto ha quedado de su visión de la China? ¿Por qué ha sido posible que China sufriera un giro tan rápido después de su muerte? ¿Es que los chinos se han "olvidado" de él o de los principios que embanderaba?

La fotografía de Mao aún se encuentra en la plaza Tian An Men, en el corazón de Pekín, debajo del portón en donde, el 1º de octubre de 1949, declaró la fundación de la República Popular con

Partido Comunista ha declarado oficialmente que el concepto que Mao sostenía sobre continuar con la lucha de clases, era un error ideológico, y su llamado a la "Revolución Cultural" es considerado como un terrible desastre.

Las comunas populares, a través de las cuales Mao implementó la colectivización a lo largo de las provincias de China, han desaparecido. La desconfianza de Mao en los

que estos cuatro ... quienes habían sujetado el ala más izquierdista del partido, estaban planeando tomar el poder. Desde entonces, los chinos se han referido al intento de esta "banda de cuatro" como el final de la "Revolución Cultural" de Mao.

Este hecho clarificó el camino para la eventual toma del poder de Deng y sus aliados —el ala pragmática del partido, que apoyaba a la modernización, los incentivos

publicado en ... view" pocos años atrás: "Si Mao hubiera muerto en 1956, no hubieran existido dudas de que fue un gran líder del pueblo chino. Si hubiera muerto en 1966, sus meritorios logros hubieran sido algo discutidos, pero en su totalidad muy buenos. Pero realmente murió en 1976, y no hay nada que podamos hacer al respecto".

Pero es entre los chinos más jóvenes, particularmente aquellos activistas que embanderan la democracia y los derechos humanos, que se manejan juicios más duros respecto a Mao.

A pesar de las críticas, la memoria de Mao aún ejerce gran influencia en la vida política china.

Millones de chinos de edad aún le hacen reverencia, e incluso miles de jóvenes, particularmente los que se han desencantado con las maniobras actuales de modernización. Muchos de los que han tenido un bajo estatus en la China de Deng, y que disfrutaban de una mejor posición una década atrás —entre ellos los trabajadores de las fábricas, soldados y cadetes de rangos bajos y medios del Partido— se encuentran tentados de mirar hacia la era de Mao con orgullo. (DPA - Los Angeles Times - Especial para Búsqueda).

01.02

8703930

• Fusilamiento en China

PEKIN: — Un ex funcionario del Partido Co[...] ejecutado ayer por un pelotón de fusilamiento por h[...] de 800 dólares en sobornos y estafar 25.000 dólares, [...] sido estatal.

La televisión central china dijo que Huang Yuhui, [...]rio del Partido Comunista en el condado de He[...] Guangxi, fue sentenciado a muerte por corrupción p[...] Popular Intermedia de la provincia y ejecutado des[...] Corte Suprema confirmó el veredicto.

Huang "se aprovechó de su posición para usu[...] yuan (25.000 dólares) y aceptar 3.000 yuan (800 dól[...] bornos", dijo la transmisión.

EL DÍA

Gran incendio petrolero en China

PEQUIN, 16 (Reuter).- Desde hace 16 días a[...] uno de los mayores yacimientos de petróleo chi[...] dida de 100.000 dólares diarios.

Al respecto se informó que el siniestro se regi[...]miento de Zhongyuan y le causó una explosión.

02.02

Noticias de China

Por Arturo Uslar Pietri

Caracas, octubre de 1988

Las noticias que llegan de China son desconcertantes. Después de muchos años de aislamiento, de monolito ideológico y político, de tentativa desesperada de cortar radicalmente, no sólo con la contemporaneidad occidental sino con el propio pasado, que caracterizó el régimen de Mao, China parece querer cambiar de rumbo y emprender un nuevo tiempo político, cultural y social.

El régimen de Mao se había ido haciendo cada vez más cerrado sobre sí mismo, terminó por ver con radical hostilidad todo lo que podía venir de afuera, particularmente de Occidente, y hasta por reaccionar, suicidamente, contra su propio pasado. La llamada Revolución Cultural fue una tentativa paranoica de arrebatarle a aquel pueblo, varias veces milenario, su memoria y su herencia histórica. Hacer una tabla rasa, cortada del resto del mundo y enemiga de su propio pasado.

Era una posición absurda e insostenible que no sobrevivió ni un momento a la desaparición física de Mao. Quien se asoma a la China actual tiene la impresión que el maoísmo está tan perdido en la noche de los tiempos como la dinastía Ming.

El maoísmo pretendió crear una nueva sociedad, una nueva cultura, una nueva mentalidad de la que el pasado y lo contemporáneo estuvieran ausentes, no sólo ausentes sino condenados como perniciosos e indeseables. Con sorprendente rapidez se está produciendo un cambio general y acelerado en la situación china. En primer lugar, se ha abierto ampliamente al mundo, a la economía y a la cultura mundial. Al rigorismo ascético de la economía de Mao ha sucedido una apertura audaz hacia la economía mundial y a adaptar, en todo lo posible, los métodos de producción y mercadeo de los occidentales. Se observa el comienzo de una economía de mercado, de formas de beneficio personal y concurrencia, de colaboración con las grandes empresas internacionales, pero, al mismo tiempo, se ha levantado sensiblemente la pesada regimentación que asfixiaba la vida cultural. Escritores y artistas chinos pueden viajar ampliamente al resto del mundo, se hacen traducciones y exposiciones de escritores y artistas extranjeros, que hasta hace poco no sólo estaban prohibidos sino condenados como esencialmente contrarevolucionarios.

Se ensaya, con audacia, un cine libre y una literatura libre, hasta un punto que hubiera sido inconcebible hace apenas diez años. Bertolucci, el famoso cineasta, realiza en Pekín una grande y costosa producción cinematográfica, sobre la vida dramática de Henri Pu Yi, el último ser que alcanzó a ostentar el título imperial, a principios de este siglo. No ha dejado de haber quienes, a propósito de Bertolucci y de su nuevo film, hayan bautizado jocosamente a éste "El último tango en Pekín".

¿Hasta dónde llega esta sorprendente novedad? No es fácil responder. Desde el punto de vista del control del partido oficial sobre la sociedad entera no ha habido cambio. Sigue habiendo un sistema vertical rígido, sin ninguna forma de representación o participación popular efectiva, pero el sistema comienza, no sólo a tolerar formas y actividades que eran prohibidas y condenadas antes, sino que

hasta par[…]
congruen[…]
nidamen[…]
efectivo d[…]
con un s[…]
tico y aut[…]
inevitabl[…]
nada más[…]

Los nu[…]
suscitado[…]
zo de su[…]
flores, d[…]
pensami[…]
pasó de[…]
Hoy par[…]
chinos s[…]
za y ca[…]
Algunos[…]
ciertam[…]
ahora u[…]
que pue[…]

Se pod[…]
encierr[…]
el mund[…]
Con igu[…]
bos. Ta[…]
les par[…]
como el[…]
la músi[…]

En el[…]
cias ten[…]
pasar c[…]
go sue[…]
abunda[…]
iebran[…]
vo y se[…]
huma[…]

imularlas. Semejante la-
podrá mantenerse indefi-
uede coexistir un creci-
ad económica y cultural
ideológicamente dogmá-
. O la liberalización llega
a la política o será elimi-
que tarde.

bernantes chinos han re-
que lanzó Mao al comien-
: "Dejemos florecer cien
debatir cien escuelas de
Todos saben que eso no
se muy pronto olvidada
intelectuales y artistas
ierto grado de desconfian-
acia la nueva situación.
even más que otros, pero
cambio ha revestido hasta
ensión y una profundidad
cerlo irreversible.

ir que China emerge de su
maoísmo para redescubrir
a rodea y su propio pasado.
z se ha lanzado sobre am-
es y atrayentes novedades
onfucio y la Opera China
ostracto, el cine moderno e
k".

asado no faltaron las profe-
que hablan de lo que podía
China despertara de su lar-
atraso y aislamiento. Hoy,
rofecías optimistas que ce-
na haya despertado de nue-
re a la hora presente de la

Murió Ye Jianying, uno de los estrategas de Mao



Ye Jianying (AP)

El mariscal Ye Jianying, el hombre que en agosto de 1977 advirtió que "los Estados Unidos y la Unión Soviética están unidos en una creciente y encarnizada lucha por la hegemonía en la arena internacional" y que, por ello, subrayó el imperativo de acelerar los esfuerzos para fortalecer las fuerzas armadas, las milicias populares, la producción de armas modernas -misiles guiados y cohetería nuclear- y las industrias dedicadas a la defensa del país, y uno de los principales estrategas de la "Larga Marcha" que, a través de 12.500 kilómetros, consolidó la lenta génesis de una China comunista, murió a los 90 años.

Integrante del reducido grupo de ancianos líderes que trabajó con Mao Tse-Tung y Chou En-Lai, renunció en 1985 a su último cargo importante en el comité permanente del buró político del Partido Comunista. Su dimisión, que coincidió con las de más de ciento cincuenta veteranos dirigentes del PC respondió a la necesidad de Pekín, con Deng Xiaoping en el poder, de allanar la transferencia de la conducción en su más alto nivel, a una nueva generación que sería la encargada de promover las políticas de apertura.

Ye Jianying integró el "ejército rojo" y el Ejército de Liberación del Pueblo durante medio siglo. Entre 1975 y 1978, se desempeñó como ministro de Defensa. Pero más allá de las distintas jerarquías que jalonaron su existencia, a las que se deben agregar su titularidad en la Comisión Militar de Control, la comandancia de la región militar de Guangdong, en las proximidades de Hong Kong, y la vicepresidencia de la Comisión Militar Central, Ye Jianying habría sido -este aspecto nunca fue expresado con total claridad- el responsable de montar la campaña para desacreditar y encarcelar a la viuda de Mao y otros miembros de la denominada "banda de los cuatro" a Jiang Qing, que concluyó con la implantación de la Revolución Cultural (1966-1976) y sentó las bases para que Deng Xiaoping -otro de los revolucionarios "venerable"- accediera al poder.

Lo que sí se conoce es que concluido el episodio de la "banda de los cuatro", se constituyó en uno de los críticos de los intentos de Deng por modernizar el país y el ejército y por reducir al pasado gran parte del legado de Mao Tse-Tung.

La dimisión de la vieja guardia, que en 1985 lo incluyó, conformó un hecho político de una China que, conducida por Deng, decidió, en nombre de una ideología menos ortodoxa que la soviética, aceptar los beneficios del siglo XX -especialmente en los tecnológicos y económicos-, apartándose del esquema del enfrentamiento entre el Este y el Oeste, al menos, como estrategia para el desarrollo.

En febrero de 1983 renunció como presidente del comité de gobierno del Congreso Nacional del Pueblo, responsabilidad equivalente a la del presidente y, en forma lenta, comenzó a ser pasado, al igual que otros militares que dieron forma y contenido a la revolución china.

Tras su deceso, ocurrido anteayer, el secretario general del PC chino, Hu Yaobang, dijo por televisión: "Debo informarles con dolor que nuestro querido camarada Ye Jianying murió esta madrugada. Le pido observar tres minutos de silencio en su memoria". Tal silencio data de años atrás y rodeó al veterano líder en un país que comenzó a serle extraño una vez pasado el tiempo del heroísmo y de la guerra. Ye Jianying es un símbolo de China encerrada en sus fronteras, de un ayer que sucumbió mucho antes que él.

033
RPCh
Tecnología

Millonario contrato de China para la tecnología nuclear

China reafirmó su decisión de desarrollar la industria nucleoenergético al formalizar su mayor contrato comercial de la historia, con firmas francesas y británicas, para la construcción de una planta nuclear, con un costo de 3.700 millones de dólares. Se anunció la primera venta de cohetes chinos para el lanzamiento de satélites a una empresa norteamericana. Deng Xiaping aseguró que su país está dispuesto a contribuir al crecimiento tecnológico y económico del Tercer Mundo.

PEKIN y NUEVA YORK, 23 (ANSA, Reuter, UPI, y por James Bernstein, de "Newsday", especial para Clarín). — China firmó hoy el mayor contrato comercial con el exterior, de su historia al formalizar, en una ceremonia realizada en la Gran Sala del Pueblo, en Pekín, los acuerdos con empresas francesas y británicas para la construcción de una central nuclear en Bahía Daya, 50 kilómetros al nordeste de la isla de Hong Kong, con un costo estimado en cerca de 3.700 millones de dólares.

Se trata del primer [illegible]royecto de construcción [illegible] una planta nuclear [illegible]obado tras el desastre [illegible] central soviética de [illegible]nobyl, en el pasado [illegible] abril. Desde aquel [illegible]te, la resistencia de [illegible] habitantes de H[illegible]ng a la construcción [illegible] planta de Bahía Daya fue creciendo notoriamente, hasta el punto de que, en los últimos días, un petitorio elaborado en la isla para exigir la anulación del proyecto logró juntar alrededor de un millón de firmas.

Cuando estén en funcionamiento los dos generadores de la planta de Bahía Daya —está previsto que el primero se ponga en marcha en 1992 y el segundo un año más tarde—, los 5,5 millones de habitantes de Hong Kong se beneficiarán con alrededor del 70 por ciento de la energía proporcionada por ellos.

La planta de Bahía Daya tendrá una capacidad total de 1970 megavatios, producidos por los generadores que proveerá la compañía británica General Electric.

La firma francesa Framatome, por su parte, aportará dos reactores de agua presurizada de 900 megavatios cada uno, mientras que el diseño y construcción de la planta correrá por cuenta de Electricité de France.

En total, los contratos con las firmas francesas y británicas alcanzan a los 3.300 millones de dólares, que serán financiados a plazo promedio de 15 años por 7 bancos franceses, liderados por el Banco Nacional de París, y el Midland Bank de Londres.

China está representada en el proyecto por una compañía mixta, la Empresa de Energía Nuclear Guangdong, formada por la Compañía de Inversiones de la provincia de Guangdong —donde estará ubicada la planta— y la Compañía Nuclear de Inversiones de Hong Kong. La primera de ellas participará en el proyecto con 300 millones de dólares y la segunda con 100 millones.

Como una implícita respuesta a las protestas surgidas en Hong Kong por la puesta en marcha del proyecto, poco antes de la firma de los acuerdos el primer ministro chino Zhao Ziyang señaló que "China no cambiará su política tendiente al desarrollo de la energía núcleo-eléctrica, como una de las formas de resolver su problema energético, aun cuando la industria núcleo-eléctrica no ocupa un lugar importante en el plan de crecimiento económico nacional".

De todos modos, afirmó que "debemos poner gran atención a la seguridad de las plantas nucleares luego del accidente en la estación de Chernobyl".

• Tercer Mundo y cohetes

Mientras se concretaba la firma de este contrato sin precedentes, el líder chino Deng Xiaoping aseguró que su país "como nación en vías de desarrollo, no se olvidará jamás de sus amigos pobres del Tercer Mundo".

Deng hizo esta reiteración del "tercerismo" chino al recibir al científico paquistaní Abdus Salam, Premio Nobel de Física, quien el año próximo presidirá en Pekín la segunda conferencia de la Academia de Ciencias del Tercer Mundo.

Las afirmaciones de Deng coincidieron también con el anuncio, formulado en Nueva York, de que la compañía estadounidense Terrant Inc., especializada en lanzamientos de satélites, se convirtió en la primera empresa de su país en contratar cohetes fabricados en China para concretar la puesta en órbita de sus productos.

PARTES ILEGIBLE

D1-01 8703933

033
RPC
Tecnología

 840916 P1 La Prensa

Millonario contrato de China para la tecnología nuclear

China reafirmó su decisión de desarrollar la industria nucleoenergético al formalizar su mayor contrato comercial de la historia, con firmas francesas y británicas, para la construcción de una planta nuclear, con un costo de 3.700 millones de dólares. Se anunció la primera venta de cohetes chinos para el lanzamiento de satélites a una empresa norteamericana, Deng Xiaping aseguró que su país está dispuesto a contribuir al crecimiento tecnológico y económico del Tercer Mundo.

PEKIN y NUEVA YORK, 23 (ANSA, Reuter, UPI, y por James Bernstein, de "Newsday", especial para Clarín). — China firmó hoy el mayor contrato comercial con el exterior, de su historia al formalizar, en una ceremonia realizada en la Gran Sala del Pueblo, en Pekín, los acuerdos con empresas francesas y británicas para la construcción de una central nuclear en Bahía Daya, 50 kilómetros al nordeste de la isla de Hong Kong, con un costo estimado en cerca de 3.700 millones de dólares.

Se trata del primer proyecto de construcción [illegible] una planta nuclear [illegible] tras el desastre [illegible] central soviética de [illegible]nobyl, en el pasado [illegible] abril. Desde aquel [illegible]te, la resistencia de [illegible] habitantes de [illegible] a la construcción [illegible] planta de Bahía Daya fue creciendo notoriamente, hasta el punto de que, en los últimos días, un petitorio elaborado en la isla para exigir la anulación del proyecto logró juntar alrededor de un millón de firmas.

Cuando estén en funcionamiento los dos generadores de la planta de Bahía Daya —está previsto que el primero se ponga en marcha en 1992 y el segundo un año más tarde—, los 5,5 millones de habitantes de Hong Kong se beneficiarán con alrededor del 70 por ciento de la energía proporcionada por ellos.

La planta de Bahía Daya tendrá una capacidad total de 1970 megavatios, producidos por los generadores que proveerá la compañía británica General Electric.

La firma francesa Framatome, por su parte, aportará dos reactores de agua presurizada de 900 megavatios cada uno, mientras que el diseño y construcción de la planta correrá por cuenta de Electricité de France.

En total, los contratos con las firmas francesas y británicas alcanzan a los 3.900 millones de dólares, que serán financiados a plazo promedio de 15 años por 7 bancos franceses, liderados por el Banco Nacional de París, y el Midland Bank de Londres.

China está representada en el proyecto por una compañía mixta, la Empresa de Energía Nuclear Guangdong, formada por la Compañía de Inversiones de la provincia de Guangdong —donde estará ubicada la planta— y la Compañía Nuclear de Inversiones de Hong Kong. La primera de ellas participará en el proyecto con 300 millones de dólares y la segunda con 700 millones.

Como una implícita respuesta a las protestas surgidas en Hong Kong por la puesta en marcha del proyecto, poco antes de la firma de los acuerdos el primer ministro chino Zhao Ziyang señaló que "China no cambiará su política tendiente al desarrollo de la energía núcleo-eléctrica, como una de las formas de resolver su problema energético, aun cuando la industria núcleo-eléctrica no ocupa un lugar importante en el plan de crecimiento económico nacional".

De todos modos, afirmó que "debemos poner gran atención a la seguridad de las plantas nucleares luego del accidente en la estación de Chernobyl".

Tercer Mundo y cohetes

Mientras se concretaba la firma de este contrato sin precedentes, el líder chino Deng Xiaoping aseguró que su país "como nación en vías de desarrollo, no se olvidará jamás de sus amigos pobres del Tercer Mundo".

Deng hizo esta reiteración del "tercerismo" chino al recibir al científico paquistaní Abdus Salam, Premio Nobel de Física, quien el año próximo presidirá en Pekín la segunda conferencia de la Academia de Ciencias del Tercer Mundo.

Las afirmaciones de Deng coincidieron también con el anuncio, formulado en Nueva York, de que la compañía estadounidense Teresat Inc., especializada en lanzamientos de satélites, se convirtió en la primera empresa de su país en contratar cohetes fabricados en China para concretar la puesta en órbita de sus productos.

PARTES ILEGIBLE

01-01 8703933

RECLAMO DE CHINA A LA UNION SOVIETICA DURANTE LA VISITA DE WEINBERGER

Desmantelamiento de misiles en Asia

China manifestó su satisfacción por la efectivización de la reunión cumbre de Islandia entre Ronald Reagan y Mijhail Gorbachov, tras la tercera ronda de conversaciones en Pekín entre funcionarios chinos y soviéticos para mejorar sus relaciones, virtualmente fracturadas desde hace dos décadas. Pero, en el mismo marco, el gobierno chino instó a la URSS a levantar las baterías de misiles emplazadas en Asia. Arribó a Pekín el secretario de Defensa norteamericano, Caspar Weinberger.



Agencia AP

El secretario de Defensa estadounidense, Caspar Weinberger (der.), se levanta para tomar una fotografía de su colega chino Zhang Aiping

PEKIN, 8 (AP, EFE y Reuter). — China demandó hoy que la Unión Soviética desmantele los misiles SS-20 emplazados en Asia, durante el tercer día de conversaciones para normalizar las relaciones entre los dos países, virtualmente fracturadas hace dos décadas. La petición coincidió con la visita a Pekín del secretario de Defensa norteamericano, Caspar Weinberger, quien aseguró a funcionarios chinos que en la conferencia cumbre de Islandia, el presidente norteamericano Ronald Reagan adoptará "un punto de vista global" sobre la retirada de los misiles soviéticos.

Ma Yuzhen, director de la Secretaría de Información china, dijo también que en la próxima cumbre Reagan-Gorbachov "hay que prestar importancia no solo a la seguridad de Europa, sino también a la de Asia". La declaración china —que mantiene un lenguaje duro hacia la URSS— se produjo en coincidencia con la llegada a la capital de Weinberger y de un grupo de funcionarios soviéticos.

Los analistas coincidían también en que el viaje del secretario de Defensa norteamericano tiene lugar en medio de dos reuniones de nivel internacional, cada una con un significado "simbólico" para la triangular relación que existe entre Washington, Moscú y Pekín. Precisamente la llegada de Weinberger tiene lugar cuando las relaciones de Estados Unidos con China (económicas, militares y diplomáticas) se encuentran en una encrucijada y en momentos en que, paralelamente, la Unión Soviética trata de mejorar sus relaciones con China que se vieron prácticamente "congeladas" durante casi 20 años.

"Contamos hoy con una gran oportunidad con los chinos", comentó hoy una fuente del Departamento de Estado norteamericano, en Washington, que solicitó mantenerse en el anonimato.

Al término de la tercera rueda de conversaciones, China dijo que no era conveniente hablar, por ahora, ni del tono ni del contenido de las mismas. En tanto, una fuente soviética dijo a la agencia española EFE que el curso de las negociaciones "va bien", pero agregó que, por ahora, no hay nada para informar, ya que las sesiones son secretas.

El portavoz oficial chino, en su habitual reunión semanal con la prensa, dijo que China aplaude la celebración de la próxima cumbre y espera que las dos superpotencias acuerden una rápida reducción de armamentos "para relajar la tensión internacional" y mantener la paz. Pero agregó que "China, como país asiático, no puede dejar de sentir preocupación por la amenaza que representa para la región la presencia de misiles de alcance medio".

"Los misiles de alcance medio desplegados por la Unión Soviética y Estados Unidos en Europa —puntualizó el portavoz oficial chino— deben ser reducidos en una forma simultánea y equilibrada, o simplemente destruidos."

Otros analistas señalaban hoy que el actual estado de cosas entre China y la URSS pasa porque mientras en el aspecto económico "se han producido avances sustanciales", en las relaciones políticas "no se ha conseguido ningún progreso significativo".

En tanto Pekín y Moscú desarrollan esta "guerra de palabras", el gobierno chino dio nuevas muestras de un mayor acercamiento hacia los países socialistas de Europa en las últimas 24 horas: el canciller Wu Xueqian asistió a una recepción en la embajada de la República Democrática Alemana, en un gesto que fue descripto como "de acercamiento y amistad" ante la próxima visita a Pekín del jefe de Estado de la R.D.A., Erick Honecker. También se anunció que es inminente la llegada a [illegible]

01-01

INCOMPLETO

8703934

RECLAMO DE CHINA A LA UNION SOVIETICA DURANTE LA VISITA DE WEINBERGER

Desmantelamiento de misiles en Asia

China manifestó su satisfacción por la efectivización de la reunión cumbre de Islandia entre Ronald Reagan y Mijhail Gorbachov, tras la tercera ronda de conversaciones en Pekín entre funcionarios chinos y soviéticos para mejorar sus relaciones, virtualmente fracturadas desde hace dos décadas. Pero, en el mismo marco, el gobierno chino instó a la URSS a levantar las baterías de misiles emplazadas en Asia. Arribó a Pekín el secretario de Defensa norteamericano, Caspar Weinberger.



Agencia AP

El secretario de Defensa estadounidense, Caspar Weinberger (der.), se levanta para tomar una fotografía de su colega chino Zhang Aiping

PEKIN, 8 (AP, EFE y Reuter). — China demandó hoy que la Unión Soviética desmantele los misiles SS-20 emplazados en Asia, durante el tercer día de conversaciones para normalizar las relaciones entre los dos países, virtualmente fracturadas hace dos décadas. La petición coincidió con la visita a Pekín del secretario de Defensa norteamericano, Caspar Weinberger, quien aseguró a funcionarios chinos que en la conferencia cumbre de Islandia, el presidente norteamericano Ronald Reagan adoptará "un punto de vista global" sobre la retirada de los misiles soviéticos.

Ma Yushen, director de la Secretaría de Información china, dijo también que en la próxima cumbre Reagan-Gorbachov "hay que prestar importancia no solo a la seguridad de Europa, sino también a la de Asia". La declaración china —que mantiene un lenguaje duro hacia la URSS— se produjo en coincidencia con la llegada a la capital de Weinberger y de un grupo de funcionarios soviéticos.

Los analistas coincidían también en que el viaje del secretario de Defensa norteamericano tiene lugar en medio de dos reuniones de nivel internacional, cada una con un significado "simbólico" para la triangular relación que existe entre Washington, Moscú y Pekín. Precisamente la llegada de Weinberger tiene lugar cuando las relaciones de Estados Unidos con China (económicas, militares y diplomáticas) se encuentran en una encrucijada y en momentos en que, paralelamente, la Unión Soviética trata de mejorar sus relaciones con China que se vieron prácticamente "congeladas" durante casi 20 años.

"Contamos hoy con una gran oportunidad con los chinos", comentó hoy una fuente del Departamento de Estado norteamericano, en Washington, que solicitó mantenerse en el anonimato.

Al término de la tercera rueda de conversaciones, China dijo que no era conveniente hablar, por ahora, ni del tono ni del contenido de las mismas. En tanto, una fuente soviética dijo a la agencia española EFE que el curso de las negociaciones "va bien", pero agregó que, por ahora, no hay nada para informar, ya que las sesiones son secretas.

El portavoz oficial chino, en su habitual reunión semanal con la prensa, dijo que China aplaude la celebración de la próxima cumbre y espera que las dos superpotencias acuerden una rápida reducción de armamentos "para relajar la tensión internacional" y mantener la paz. Pero agregó que "China, como país asiático, no puede dejar de sentir preocupación por la amenaza que representa para la región la presencia de misiles de alcance medio".

"Los misiles de alcance medio desplegados por la Unión Soviética y Estados Unidos en Europa —puntualizó el portavoz oficial chino— deben ser reducidos en una forma simultánea y equilibrada, o simplemente destruidos."

Otros analistas señalaban hoy que el actual estado de cosas entre China y la URSS pasa porque mientras en el aspecto económico "se han producido avances sustanciales", en las relaciones políticas "no se ha conseguido ningún progreso significativo".

En tanto Pekín y Moscú desarrollan esta "guerra de palabras", el gobierno chino dio nuevas muestras de un mayor acercamiento hacia los países socialistas de Europa en las últimas 24 horas: el canciller Wu Xuegian asistió a una recepción en la embajada de la República Democrática Alemana, en un gesto que fue descripto como "de acercamiento y amistad" ante la próxima visita a Pekín del jefe de Estado de la R.D.A., Erick Honecker. También se anunció que es inminente la llegada a [illegible]

01-01

INCOMPLETO

NZAL RPER

33

Relaciones de China con la URSS: una larga marcha de pequeños pasos

por Jim Hoagland

Pekín. Mientras enérgicamente intenta alejar a su país del comunismo al estilo soviético, Deng Xiaoping está lanzando a China con una larga marcha hacia la mejora de las relaciones diplomáticas con la Unión Soviética y sus aliados de Europa Oriental.

Para Deng y sus seguidores, las dos políticas no están en conflicto. Surgen de la misma fuente: la determinación de China para modernizar su economía para fines de siglo, y dar prosperidad a algunos de los 1 000 millones de ciudadanos.

Vuelta de asesores soviéticos

Si se abandonan las peores facetas del sistema soviético y se adoptan mecanismos de libre mercado dentro de una economía de estado, puede ayudar a lograr esta meta. Los funcionarios del gobierno chino creen que si aumentan el comercio con la Unión Soviética, permitiendo que asesores económicos soviéticos vuelvan a las fábricas chinas, y además disminuyen la tensión en la frontera mientras recortan el presupuesto militar, será más fácil obtener resultados.

Creen además que pueden lograr todo esto siguiendo su exquisito y tortuoso cronograma. Mientras toman cada pequeño paso en respuesta a las iniciativas soviéticas, echan un vistazo a Washington y miden los problemas que los seguidores de Taiwan pueden causarles, acusando a Deng de jugar cínicamente con los soviéticos en contra de los estadounidenses.

Como resultado, la lenta apertura de Pekín hacia Moscú debería significar un aumento de poder para Mikjail Gorbachov, —quien ha estado cortejando seriamente a los chinos en los últimos meses—, cuando se siente la semana próxima junto a Ronald Reagan en Islandia.

Invitación rechazada

Los chinos respondieron a esos efectos tanto a Washington como a Moscú rechazando una invitación secreta soviética para promover visitas oficiales.

La invitación se realizó durante las conversaciones entre el premier Nicolai Talyzin y el premier chino Zhao Ziyang. Inesperadamente, Talyzin extendió una invitación a Zhao para que este fuera a Moscú en visita oficial. Zhao negó la invitación inmediatamente, y permitió que su negativa circulara entre la comunidad diplomática.

Los chinos exigirán un progreso en las conversaciones sobre los problemas fronterizos que se desarrollarán el próximo año como precio para el intercambio de visitas entre los ministros de relaciones exteriores chino y soviético. Recién en ese momento Zhao estará dispuesto a considerar una visita a Moscú.

Relaciones partidarias

Será más difícil mejorar las relaciones partidarias con Moscú, ya que el liderazgo chino siente que esto implicaría una medida de acuerdo político con sus ex camaradas soviéticos.

Pero la recién acabada visita del líder del gobierno y del partido polaco, Wojciech Jaruzelski, demuestra que los chinos están dispuestos a ser más flexibles en sus relaciones con Europa Oriental, en donde pueden existir chances de recoger simpatías por el esfuerzo chino de reformar al marxismo como doctrina política y económica.

"Tenemos una cantidad de experiencias para intercambiar con los europeos orientales", expresó Huan Xiang, un analista de políticas exteriores, y vocero del pensamiento del liderazgo chino. "En problemas concretos como la reforma de precios, podemos aprender mucho de ellos".

Para los soviéticos la forma de por lo menos tener un pequeño rol en China es a través de los cientos de fábricas que los rusos construyeron en los años 50, muchas de las cuales necesitan ahora ser renovadas, y China sólo puede pagar por esto con materias primas que otros países no tomarían, pero que los rusos necesitan.

Huan manifestó que los rusos pronto comenzarán a "modernizar 17 fábricas de las que construyeron en los '50, y que unos pocos técnicos vendrán a supervisar".

Los diplomáticos notan un cambio significativo en el tono de los funcionarios soviéticos cuando se refieren a las reformas económicas chinas. Talyzin no ofreció críticas cuando se le preguntó sobre este tema, y Gorbachov citó al experimento chino durante un discurso ofrecido en el mes de julio en Vladivostok sin criticarlos y en el que dejó entrever un nuevo interés soviético en Asia.

Este énfasis está siendo examinado cuidadosamente por los chinos, quienes tal vez intenten un nuevo esfuerzo para competir políticamente con los soviéticos en la región del Pacífico. Por ejemplo, probablemente los chinos llamen a un foro de las naciones del Pacífico Sur, para hacer de esa región una zona nuclear libre, como respuesta a indicaciones similares soviéticas. (DPA — The Washington Post — Especial para Búsqueda).

01-01 8703935

PEKIN: EL SERVICIO SECRETO PIERDE SU ESPIA FAVORITO

La KGB soviética y la CIA estadounidense son sin duda los servicios de inteligencia más famosos del mundo. Pero por lejos, el más importante y más secreto pertenece a China. La vasta vigilancia del servicio de Pekín se ocupa de una nación con un billón de habitantes. Aun así, y durante décadas, casi nadie, ni chino ni extranjero, supo gran cosa de su trabajo interno.

La cortina de bambú se entreabrió la semana pasada cuando fuentes chinas, no oficiales pero de altas esferas, confirmaron que uno de los más relevantes espías del país, Yu Zhensan, había huido a Occidente el año pasado. Su paradero no se conoce, pero ha sido identificado como el Director de Asuntos Extranjeros del Ministerio de Seguridad chino.

La defección de Yu constituye un golpe importante para la inteligencia occidental y un desastre para la de Pekín. El maestro de espías de China comunista, de quien se dice tiene cerca de 40 años y es hijo de prominentes revolucionarios chinos, parece ser el oficial de más alto rango que desertó desde que los comunistas se apoderaron del poder en 1949.

Aparentemente conoce todas las operaciones de inteligencia china en el exterior, y está íntimamente relacionado con las de seguridad interna del país. De hecho, en muchos medios se ha especulado que fue Yu el que informó a los agentes estadounidenses, que un muy bien ubicado empleado de la CIA, Larry Wu-tai Chi, habría estado canalizando secretos a la inteligencia china durante tres décadas.

Chin, un traductor retirado y experto en China, se suicidó en la celda de su prisión dos semanas después de ser condenado, en febrero pasado. Durante el juicio, dijo creer que había sido traicionado por un desertor. Altos funcionarios de la inteligencia estadounidense le dijeron recientemente a "Newsweek" que efectivamente era así, pero que el desertor no había sido Yu. Ello plantea la intrigante posibilidad de que la inteligencia occidental haya podido hacerse de otro oficial superior del espionaje chino.

Estos hechos plantean un dilema a los zares de la seguridad en Pekín. Las defecciones y la infiltración extranjera continuarán aumentando a medida que la nación prosiga con su política de "puertas abiertas", engranaje que le sirve para aumentar el comercio, el turismo y la amistad internacional. Sin embargo, esas mismas metas podrían verse seriamente amenazadas por una rajadura en el sistema de seguridad.

Pekín, por lo tanto, ha adoptado el mismo tipo de represalia que Moscú en el caso Daniloff-Zakharov. La reacción china, no obstante, ha sido tan sutil que muchos expertos en inteligencia no están seguros de si se trata de una reacción directa.

Lo que se sabe luego de la defección de Yu y la condena de Chin, es que el Ministerio de Seguridad adoptó dos medidas. En julio detuvo, y luego expulsó, a John Burns, corresponsal del "New York Times", por recorrer zonas restringidas. En agosto sentenció al chino-americano Roland Shensu Loo a doce años de prisión, bajo la acusación de haber espiado para Taiwan. Aparentemente es el primer ciudadano estadounidense que se encarcela en China por espía, desde que los dos países reanudaron relaciones diplomáticas en 1979.

La cuestión clave que se plantea ahora, es qué alcance tiene el espionaje que practica Pekín para los extranjeros que residen en China. A pesar de que el aparato de seguridad del Estado es menos opresivo que el de la Unión Soviética, China continúa siendo un país autoritario.

Aunque 224 ciudades y áreas turísticas están abiertas a los extranjeros, la mayor parte del país permanece cerrada y sólo puede ser visitada —en caso de que se permita con una autorización previa y en algunos casos con escolta oficial.

Aun en el clima político menos asfixiante de la actualidad, sospechar de los extranjeros es parte de la forma de vida en China. Hombres de negocios, periodistas y diplomáticos, no contratan su personal local; sus empleados chinos le son asignados por organizaciones del Estado y a éstas reportan. Los salarios se pagan a través del gobierno, porque Pekín no desea que los empleados chinos se sientan tentados a tener lealtad hacia los extranjeros para los cuales trabajan.

Como algo que ni se discute, la mayoría de los extranjeros asumen que sus ayudantes chinos, traductores y chauffeurs, son informantes, siempre a la búsqueda de datos. Los diplomáticos dejan bajo llave las cintas de las máquinas de escribir cuando tienen que salir, los ejecutivos encienden la radio cuando discuten un negocio. Un diplomático cuenta que, recientemente, al levantar el teléfono de su casa, escuchó su propia voz en una grabación de una conversación anterior; otros hablan del "síndrome del mármol rodante", un sonido en el techo que parece señalar la actividad de aparatos de espionaje.

Esto también tiene su lado jocoso. Se ha sabido de extranjeros que se han puesto a gritar ante las paredes desnudas de sus cuartos de hotel, con la esperanza de obtener mejor servicio. Y las jóvenes chinas de Shangai fueron recientemente autorizadas a bailar con extranjeros, siempre y cuando no "revelaran secretos de Estado". Esto resulta problemático, porque nunca se sabe con certeza qué clase de conversación se puede convertir en un secreto de Estado para el siempre vigilante Ministerio de Seguridad.

Michael Meyer

Fuente: "Newsweek"
Traducción: Blanca Gaune

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Present Agricultural Crisis on Chinese Mainland

PROCEDENCIA: Enlace China 13/5/77 Doc. 18/3/77

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

8703960

01-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Enterprises on Chinese Mainland Are Not Given Free Hand

PROCEDENCIA: Enlace China 13/5/87 Doc. 1811/86

ARCHIVADO EN: Enlace China ( )35/3.

8703961

D1-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Chinese Communists Improving Ties with Cuba.

PROCEDENCIA: Enlace China. 22/5/87 Doc. 0732/87

ARCHIVADO EN: Enlace China ( )35/3

8703962

D1-01

PAISES CHINA

Situación política actual en el continente chino

Chang Chen-pang

Mao Tse-tung murió en septiembre de 1975; un mes después la pandilla de los cuatro fue derrocada. Estalló entre los comunistas chinos una furiosa lucha por el poder entre dos facciones rivales — la de Teng Hsiao-ping y la de Hua Kuo-feng. Teng Hsiao-ping salió por fin victorioso, pero la lucha no terminó; ha continuado aunque en otra forma. Porque los problemas surgidos en el continente chino durante los más de 30 años de tiranía comunista, en particular los creados por los 10 años de la revolución cultural, no podían ser resueltos por esa contienda entre Teng y Hua. Los problemas que abruman hoy a Teng Hsiao-ping y a su facción son mucho más espinosos que la empresa de arrebatar el mando del partido de manos de Hua Kuo-feng. Se ofrece aquí un breve análisis de tres de esos asuntos, desde el punto de vista político; son la rectificación del partido, la eliminación de la "contaminación espiritual", y la vigorización de la paz y del orden sociales.



La mujer de Teng Hsiao-ping detesta las Obras Selectas de su marido, en cambio se pirra por las canciones de Teresa Teng.

1. Rectificación del partido

En septiembre de 1981 el 12° congreso nacional del partido comunista chino resolvió efectuar una rectificación general del estilo de trabajo (conducta) del partido y de sus organizaciones. Esa limpieza del partido empezaría en el segundo semestre de 1982 y se prolongaría por tres años. El 11 de octubre del año pasado la segunda sesión plenaria del 12° comité central del partido aprobó una "resolución sobre la rectificación del partido" fijando el invierno siguiente para su comienzo. Teng Hsiao-ping había preparado sus hueste a lo largo de todo un año, y se sentía dispuesto a dar comienzo a una nueva tanda de lucha en gran escala. Esta vez no apunta sus cañones a unos pocos cabecillas hostiles, sino más bien a los rangos intermedios e inferiores de dirigentes y miembros del partido.

Al ir disponiendo los ánimos para la gran limpieza, los cabecillas comunistas han comparado muchas veces esta "rectificación" con la campaña de hace muchos años hecha en Yenan con el mismo fin. Señalan que mientras en aquella ocasión la rectificación tuvo por fin prepararse para arrebatar el poder político en el continente chino, en esta el fin es disponer las condiciones necesarias para ejecutar las cuatro modernizaciones. ¿Qué impacto tendrá esta campaña en la tarea de modernización? La respuesta será posible cuando haya transcurrido el tiempo necesario. Fuera de eso, la rectificación presente tiene algo en común con la realizada en Yenan. Como es sabido, Mao Tse-tung desencadenó la campaña de rectificación del partido en Yenan en 1942 con dos fines principales: unificar el pensamiento o la ideología, y deshacerse de los que lo contradecían. Quería que todo el

partido se ajustara estrictamente al "pensamiento de Mao Tse-tung". Cuando la campaña se aproximaba a su fin, en 1945, el 7° congreso nacional del partido adoptó específicamente "el pensamiento de Mao Tse-tung" como guía del pensamiento del partido en todas sus tareas. Mao quería acabar con Wang Ming, jefe de la facción internacional que tenía el apoyo de la Tercera Internacional. El movimiento de rectificación en Yenan barrió a Wang Ming y a su facción internacional.

Examinando el movimiento de rectificación del partido iniciado ahora por Teng Hsiao-ping encontramos que tiene los mismos fines, o los mismos motivos que Mao Tse-tung en aquellos tiempos. El 1 de julio de 1982 los comunistas chinos celebraron el aniversario de la fundación de su partido publicando "las Obras Selectas de Teng Hsiao-ping". Siguió enseguida una circular mandando que todos los dirigentes y miembros de partido estudieran ese libro para prepararse ideológicamente a la gran limpieza. En otras palabras, se trata de unificar el pensamiento del partido según el pensamiento de Teng Hsiao-ping. La resolución sobre la rectificación del partido indicaba que uno de los objetivos más importantes era la purificación de las organizaciones partidarias, para lo cual sería necesario expulsar del partido a "tres clases de personas". Esas tres clases son: los secuaces de Lin Piao y de la pandilla de los cuatro que ascendieron a posiciones importantes durante la revolución cultural; los "obsesionados con ideas faccionalistas" con detrimento de la unidad partidaria; y los que se dan a actos delictivos como golpear a otros, romper cosas y saquear. La gente en esas tres clases son los dirigentes y miembros del partido que se oponen más reciamente a Teng Hsiao-ping y a sus compinches. En conjunto son gran parte de los 18 millones que ingresaron al partido durante la revolución cultural. En ese aspecto, por lo tanto, lo que Teng Hsiao-ping hace ahora no se diferencia de lo que Mao Tse-tung hizo años atrás.

Hay algo que algunos observadores no observan suficientemente en el comunismo chino y que tiene mucho que ver con el apremio de estas campañas de rectificación. El yugoslavo Milovan Djilas en el libro *La Nueva Clase* acusó al comunismo soviético de haberse convertido en una nueva clase, en la burocracia privilegiada, manipulando toda la riqueza y todo el poder. Lo mismo ha ocurrido con los comunistas chinos. Si en algo se diferencias estos de los comunistas rusos es en ser más corrompidos que sus camaradas soviéticos. Se puede dar un paso más y afirmar que entre la docena o más de gobiernos comunistas en el mundo, el régimen comunista chino ocupa el primer puesto en términos de corrupción. Noticias de los mismos comunistas chinos lo confirman. Uno de los cabecillas veteranos, Chen Yun, hombre de gran prestancia en el partido y en el régimen actual, llegó a decir: "El estilo (la conducta) del partido es cosa de vida o muerte para el régimen y para el mismo partido". Con la campaña de rectificación los comunistas chinos esperan amputar la corrupción, reavivar la vitalidad del partido y restaurar "las tradiciones revolucionarias" para perpetuar su dominio en el Continente chino. Por eso se puede llamar a la campaña de rectificación "campaña de salvación del partido". La "resolución sobre rectificación del partido" ha subrayado con gruesas líneas la necesidad y la urgencia de la campaña.

Sin embargo, las dolencias que aquejan a los comunistas chinos — confusión ideológica, relajamiento de la disciplina, la mala conducta y el desbarajuste organizativo — no son males recientes; se han ido acumulando a lo largo de más de 30 años. No se trata de indisposiciones pasajeras sino de enfermedades crónicas, muy arraigadas, que han invadido cada celula del cuerpo comunista chino. No hay medicina que puede curar esos males en poco tiempo. Hu Yao-pang expresó la esperanza de que el estilo del partido mejoraría fundamentalmente en cinco años. Teng Hsiao-ping, con más experiencia, fue menos optimista; en el discurso inaugural del 12° congreso nacional del partido dijo que unos 20 años podrían ser necesarios para extirpar los delitos económicos y otros y para completar la rectificación del partido.

2. Eliminación de la "contaminación espiritual"

La resolución de rectificar el partido tomada por los comunistas chinos contiene la decisión de "eliminar la contaminación espiritual" del pensamiento, de la literatura y las artes y de la sociedad. "Contaminación espiritual" es un término nuevo, usado por los comunistas chinos desde no hace mucho tiempo. Le dan un ámbito más amplio que a la ideología, pero esencialmente es un problema ideológico. Los comunistas chinos, como es sabido, dan gran importancia a la cuestión de la mentalidad de cada uno. Por eso han dado el primer lugar en esta campaña de rectificación a la uniformidad de pensamiento. Sin unidad de pensamiento no hay unidad de acción, y la unidad de acción es necesaria para lograr los

fines que se proponen.

Tratamos de comprender primero qué es eso de la "contaminación espiritual". Chu Mu-chih, ministro de cultura del régimen de Peiping dió algunas explicaciones en una reunión del 31 de octubre de 1982. En esta campaña de rectificación del partido – dijo Chu – hay que acentuar las ideologías para resolver el problema de la contaminación espiritual, y eso especialmente en lo tocante a doctrinas, a las artes y a la literatura. En términos generales la contaminación espiritual ocurre en dos categorías: una es el abandono del marxismo-leninismo para propagar en su lugar ideas abstractas de valores humanos, de humanismo y de las llamadas "aberraciones socialistas"; la otra es el estilo de vida burguesa decadente que da publicidad a la obscenidad y a la sexualidad, a los asesinatos, al terror, a cosas fabulosas, y que busca satisfacción en comodidades materiales depravadas. Ambas cosas son perniciosas, pero mientras las de la segunda clase son fácilmente reconocidas, las de la primera, la propagación de valores humanos, del humanismo y otras herejías, resultan más difíciles de señalar. Siendo incapaces de reconocerlas, algunos camaradas no les dan importancia, y no faltan los que ven en eso la manifestación de gran viveza mental. No llegan a percibir que esas cosas propagan ideas reaccionarias y corrompidas de la clase burguesa y de otras clases explotadoras y engendran dudas acerca del partido y del socialismo. Chu concluyó su perorata diciendo: "Es un asunto íntimamente ligado con la clase de gente que tendremos en la generación siguiente, y que decidirá el destino de nuestro partido y de nuestra nación". Evidentemente es un asunto muy grave para los comunistas chinos. Lo que se debate ahora con referencia a la ideología es si el socialismo ha degenerado. En ese sentido, los cabecillas del partido han obligado a Chou Yang, uno de los teóricos prominentes del partido y figura destacada en literatura, a "autoexaminarse". En marzo del año pasado los comunistas chinos tuvieron una sesión académica para conmemorar el primer centenario de la muerte de Marx. Chou disertó allí y en el curso de su exposición afirmó que caprichos y extravagancias ideológicas, políticas, y económicas en las sociedades socialistas habían hecho tambalear al marxismo y sacudido los fundamentos de todos los gobiernos comunistas apoyados en él.

Conviene indicar aquí las circunstancias en las cuales "la contaminación espiritual" ha llegado a ser un problema en el continente chino. Todo tiene origen en el desastre de los experimentos comunistas en el continente por más de 30 años. Nunca como ahora ha habido en la historia del partido comunista chino tal alboroto ideológico entre los dirigentes y miembros de ese partido. La revolución cultural por espacio de diez años produjo una profunda "crisis de fe"; todos en el continente, incluyendo a gran parte de los dirigentes y miembros del partido, quedaron desilusionados del comunismo. De ahí se ha extendido en el continente estos últimos años la idea de que "el comunismo está condenado". Por la otra parte, sin embargo, existe todavía una obstinada fuerza izquierdista extrema que se aferra a la línea radical de Mao Tse-tung y choca de frente con las políticas de Teng Hsiao-ping, en particular con la reprobación de los errores de Mao. Un caso patente es el de Chao I-ya, con participación del "Diario del Ejército de Liberación", ocurrido poco antes del 12° congreso del partido. Cuando tuvo el poder en sus manos, Teng Hsiao-ping adoptó la política de apertura al exterior, con lo que ideas occidentales de libertad y de democracia penetraron en el continente con gran impacto en la ideología de la población. Los comunistas chinos declararon su oposición a las tendencias liberales burguesas y en la segunda sesión plenaria del 12° congreso iniciaron el movimiento de limpieza de la contaminación espiritual. Esos hechos han causado mayor desorden ideológico en el continente; el mismo Teng Hsiao-ping ha acentuado ahora el antiizquierdismo, ahora el antiderechismo, oscilando como un péndulo de izquierda a derecha. Por fin, en esa segunda sesión, Teng anunció que en adelante el tema en el frente ideológico sería la oposición al derechismo, lo que se debe a que en la misma facción de Teng hay divergencias en el asunto. Esa situación obstaculiza la consolidación del poder que Teng y su facción siguen procurando. De cualquier modo, la mentalidad del pueblo del continente se conforma según las realidades imperantes en el continente y no puede ser torcida por medidas subjetivas de los cabecillas en el poder. No les será fácil unificar el pensamiento de los miembros del partido y de la población con "Las Obras Selectas de Teng Hsiao-ping".

3. Paz y orden en la sociedad

Los más de 30 años de dominio comunista en el continente, y en particular los 10 años de la revolución cultural, han dado origen a otro problema muy serio – el quebranto de la paz y del orden en la sociedad. En estos últimos

años todas las ciudades grandes y medianas han sido sacudidas por asesinatos, violaciones, robos y explosiones en gran cantidad, que han trastornado por completo el orden social. Las autoridades comunistas han echado mano a todos los medios disponibles, hasta al uso del ejército, para contener esos desbordes, pero sin conseguirlo. Consideraron, pues, que antes de iniciar la campaña de rectificación del partido sería necesario mejorar la paz y el orden sociales y lanzaron una violenta campaña contra el crimen.

Desde julio del año pasado ha habido "juicios populares" en Tangshan, Peiping, Kueiyang, Chingachen (Kiangsi), Wuhan, Shanghai, Shengyang, Cantón, Shenchen, Fanyu (Kwangtung), Foochow, Hangchow, Liaoyang, Kunming, Nanchang y otras ciudades. Han ejecutado a un gran número de delincuentes. En Peiping, al fin de un juicio popular ejecutaron a 30 en el mismo lugar. Según periodistas extranjeros estacionados en Peiping, a partir de aquella fecha 300.000 culpables de varios delitos habían sido arrestados en ciudades grandes y medianas. Unos 5.000 de esos, la mayoría jóvenes, habían sido ejecutados. El quebrantamiento del orden social es tan grave que ha sacudido los cimientos del régimen comunistas.

En abril del año pasado el régimen comunista anunció el establecimiento de una "fuerza policial popular armada" para proteger mejor la paz y el orden sociales. Además, se agregó al consejo de estado un nuevo ministerio, de "seguridad del estado", diferente del ya existente de seguridad pública, que se hizo cargo de la investigación y represión de actividades contrarrevolucionarias y de espionaje. Confirmando y coordinando esas medidas, la segunda sesión del comité permanente del sexto Congreso Nacional Popular, que se reunió del 25 de agosto al 2 de septiembre del año pasado, aprobó cinco resoluciones sobre paz, orden y justicia. Las dos más importantes son sobre juicio rápido y castigo severo de delincuentes, y es conveniente explicarlas aquí.

La primera, sobre el "juicio rápido de criminales que afectan seriamente la paz y el orden de la sociedad" tiene por fin despachar prontamente esos juicios. Establece la resolución que (1) los delincuentes que han cometido homicidio, violación, robo a mano armada, que han causado explosiones u otros actos que hacen peligrar seriamente la seguridad pública y que merecen la pena de muerte habiendo excitado la indignación pública, deben ser juzgados inmediatamente después de haberse confirmado las pruebas de esos crímenes, sin sujetarse al artículo 110 del código en lo referente al límite de tiempo para la entrega de copia de la acusación y notificación al acusado; (2) Los delincuentes mencionados arriba tendrán tres días para apelar, en ves de los 10 días establecidos por el art. 131 del mismo código. La fiscalía popular tendrá también tres días para impugnar la sentencia.

Conforme a esas disposiciones los acusados de aquellos delitos pueden ser juzgados prontamente y después de ser sentenciados a muerte la sentencia se puede ejecutar dentro de tres días si en ese tiempo no ha habido apelación o impugnación.

La segunda resolución, sobre castigo severo, establece pesados castigos a los delitos graves. Anteriormente los acusados de herir corporalmente a otros, de ocuparse en el comercio de esclavos, en la fabricación, el comercio o el transporte ilegales de armas y municiones, de propagar supersticiones, de organizar asociaciones feudales o religiosas clandestinas con fines contrarrevolucionarios, de inducir a mujeres a la prostitución, podían ser condenados a sólo siete años de prisión. Ahora todos pueden y deben ser condenados al máximo prescripto y más, hasta la pena de muerte. El criterio para la aplicación de la pena se ha extendido, prácticamente sin límite. La misma resolución dispone asimismo los castigos a los que inducen a otros al crimen; en casos menores de tres años de prisión como máximo; en ofensas graves de cinco o más años, y en las muy graves de cadena perpetua o muerte. Todas esas resoluciones fueron aprobadas por el comité permanente del congreso nacional popular, no por el mismo congreso que es, estrictamente, el cuerpo legislativo de los comunistas chinos. Esas resoluciones implican modificaciones de las leyes. Una vez más los cabecillas comunistas chinos han manipulado las leyes arbitrariamente para hacerlas servir sus fines políticos, en este caso para fortalecer "la dictadura del proletariado".

4. Conclusión

Habiendo expuesto brevemente esos tres tópicos podemos extraer una simple conclusión: aunque Teng Hsiao-ping y su facción hayan ganado la última vuelta de la lucha por el poder, el régimen comunista chino no ha conseguido mayor estabilidad. Parecería que, al contrario, la situación es ahora más desfavorable a Teng y a sus compinches que cuando arrebataron el poder. Teng Hsiao-ping tiene ya 80 años y no vivirá mucho más. Nadie sabe de cierto qué pasará en el continente cuando le llegue la hora. ■

PROCEDENCIA: Sudáfrica 13/5/87 Doc. 0036/86

ARCHIVADO EN: Enlace Sudáfrica (/35)

01-01 8703964

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Laotian Communists Call Their 4th Party Congress, Resolve To Improve Relations with Chinese Communists

PROCEDENCIA: Enlace China 22/5/87 Doc. 0333/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (/35/a)

RS

01-01 8703974

Enlace Chino / 135/B

8703974

01-01

RS

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Development of Party-to-Party Relations Between Peiping Regime and Communist Bloc in Eastern Europe

PROCEDENCIA: E. Chino 22/5/87 Doc. 0734/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/B)

01-01 8703375

TEMA: Analysis of Tenfist Abolishment of Old-Tied Leadership Concept.

PROCEDENCIA: E. Chino 22/5/87 Doc. 07 35/87

ARCHIVADO EN: E. Chino ( )35/B

01-01 8703976

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

RS

TEMA: Mexican President's Visit To Chinese Mainland

PROCEDENCIA: Embajada Chino 20/5/87 Doc. 07 28/87

ARCHIVADO EN: Embajada Chino ( )35/B

01-01 8703977

RS

TEMA: Mexican President's Visit to Chinese Mainland

PROCEDENCIA: Enlace Chino 22/5/87 Doc. 0736/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/B)

01-01 8703977

RS

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: CCP and PCP Begin to Thaw Their Relations

PROCEDENCIA: E. Chino 22/5/87 Doc 0737/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino (135/B)

8703978

01-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Comprehensive Analysis of Recent Development in Peip'ing - Moscow Ties.

PROCEDENCIA: Enlace Chino 22/5/87 Doc 8738/87

ARCHIVADO EN: Enlace Chino C/35/B

01-01 8703979

ARCHIVAR EN: CHINA COMUNISTA (033

TEMA: ALIANZA MOSCU-PEKIN

PROCEDENCIA: EZ PERIODISTA

ARCHIVADO EN: FICHAJE CAJ. 6

01-01 8703980

China

AN

Ambito Financiero
Martes 21 de abril de 1987 Pag 15

Pekín se queja de la lentitud de los permisos de exportación de Washington

China importaría más pero no la dejan

Escribe Mark O'Neill
de la agencia "Reuter"

Pekín — China acusó a los Estados Unidos de demorar la aprobación de ventas de productos de alta tecnología a China y desperdiciar así oportunidades de exportar. La revista oficial "Peking Review", dijo en una nota editorial que los Estados Unidos aprobaron sólo 60 por ciento de las exportaciones de tecnología que China solicitó el año pasado y habían mantenido restricciones injustificadas a la transferencia de tecnología. Dijo que las restricciones deberían haber sido levantadas cuando los Estados Unidos trasladaron a China a una categoría menos restrictiva para productos de tecnología "crítica" en 1983.

El editorial apareció en vísperas de una visita del secretario de Comercio estadounidense, Malcom Baldrige, que copresidirá la quinta sesión de una comisión conjunta sobre comercio e intercambio que revisará las relaciones comerciales entre los dos países.

Fue Baldrige quien anunció en diciembre de 1985 que los Estados Unidos acelerarían la aprobación de las exportaciones de tecnología a China, y que en la lista de aprobación rápida se incluirían 27 categorías de productos, en lugar de siete.

El editorial dice que a veces los Estados Unidos aprueban ventas de tecnología después de haber descubierto que otros países vendían a Pekín los mismos productos, o demoraban tanto la aprobación que lo que China recibía finalmente estaba relativamente atrasado.

La revista sostiene que China nunca ha violado acuerdos transfiriendo a un tercero tecnología o equipos de avanzada importados de los Estados Unidos o de cualquier otro país.

Países que "adoptan hacia China una política de apertura y transfieren tecnología en condiciones favorables estarán por cierto en una posición comercial ventajosa y competitiva con China", agregó. "Muchos países son muy conscientes de esto".

01 - 01 8703989

EXTERIOR

Vacilan los inversores extranjeros en China

Pekín, (Reuter) — El funcionario chino a cargo de las inversiones extranjeras declaró que los empresarios extranjeros se sienten recelosos por la campaña contra las ideas políticas occidentales pero pronosticó que las inversiones foráneas volverán a aumentar este año.

El consejero de Estado Gu Mu manifestó en conferencia de prensa que algunos inversores del extranjero se retrajeron tras la campaña contra el "liberalismo burgués", término que se aplica a las concepciones políticas occidentales en China.

Esos inversores no comprenden que tal campaña no modificará las políticas económica, comercial o de inversiones, añadió.

Indicó que las inversiones extranjeras con contratos firmados en el primer trimestre de este año son aproximadamente iguales a las del mismo período del año pasado y aumentarán levemente en todo el año 1987, con relación a 1986.

Las inversiones extranjeras concertadas por China el año anterior bajaron de los 6300 millones de dólares a que habían llegado en 1985 a 3308 millones de dólares. Algunos empresarios atribuyeron el descenso a un inadecuado sistema legal, demasiada burocracia, deficiente infraestructura (caminos, ferrocarriles, etc.) y falta de acceso al mercado local.

Gu admitió que subsisten muchos de esos problemas. "Debido a nuestro prolongado autoaislamiento en el mundo, no tenemos suficiente personal interiorizado en comercio exterior. La burocracia es excesiva y la eficiencia escasa", reconoció, y añadió que China está poniendo énfasis en mejorar su sistema legal y en capacitar personal.

Un escaparate de la política china de inversiones es la zona económica de Shenzhen, próxima a Hong Kong, donde dos diarios y una revista fueron clausurados durante la campaña contra el liberalismo burgués. Gu indicó que si bien Shenzhen es una zona económica especial, no es una zona política especial.

Shenzhen ha sido criticada en el pasado por vender gran parte de su producción al resto de China en lugar de exportarla, como había proyectado el gobierno. Pero Gu manifestó que más de la mitad de la producción total de Shenzhen en 1986 fue destinada a la exportación obteniendo ganancias y comenzando a amortizar los fondos invertidos en su desarrollo.

01-01

8703990

ARCHIVAR EN: R. P. China (033).

TEMA: Communist China Crude Oil Exports.

PROCEDENCIA: E. China 13/5/87 Doc. 18/10/87

ARCHIVADO EN: Embajada China (135/13)

01/01 8704020

Fichas

PPC

Jaruzelski en Pekín

Como "invitado del gobierno, no del partido", el jefe de Estado polaco, general Wojciech Jaruzelski, se convirtió ayer en el representante más destacado de Europa oriental, aliada a la URSS, en visitar China. Simultáneamente, el P.C.Ch. culminaba un plenario con una resolución que subraya la política aperturista y llama a una sociedad "espiritualmente socialista".

PEKIN y VARSOVIA, 28 (ANSA, AP y Reuter). — El general Wojciech Jaruzelski, jefe del gobierno polaco, llegó hoy a esta capital convirtiéndose en el visitante de más alto rango de los estados de Europa oriental aliados a la URSS desde la división sinosoviética de principios de los años 60.

Jaruzelski, quien recientemente amnistió a la casi totalidad de los presos políticos de su país, fue recibido en el aeropuerto de esta capital por el canciller chino Wu Xueqian y tenía previsto celebrar una reunión más tarde con el premier Zhao Ziyang, quien también ofrecerá un banquete de honor al dirigente polaco.

Al mismo tiempo, en Polonia, el dirigente sindical Lech Walesa, del proscripto sindicato Solidaridad, dijo que éste querría actuar ahora dentro del marco legal, como próximo paso de distensión interna después de la amnistía.

Invitado del gobierno

Un funcionario de la cancillería china declaró a los periodistas en la terminal aérea que Jaruzelski visita el país en condición de invitado del gobierno chino, no del Partido Comunista.

"De los partidos comunistas de Europa oriental, el P.C.Ch. solo mantiene relaciones normales con los de Yugoslavia y Polonia", explicó.

"Las relaciones partidarias con Polonia no han sido normalizadas aún. Este tema será tocado durante las conversaciones de Jaruzelski con los líderes chinos, pero yo no puedo vaticinar el resultado", acotó.

Jaruzelski, quien habría llegado a Pekín vía Moscú, donde habría sostenido

Admite el P.C. de China bondades del capitalismo

PEKIN, 28 (AFP, DPA, Reuter, UPI y "The Washington Post", especial para Clarín). — El Partido Comunista de China aprobó hoy en su sesión plenaria anual una resolución que concilia los principios para crear "una civilización espiritualmente socialista" con la necesidad de "servirse de la ciencia y la tecnología, la gestión económica y otros adelantos útiles de las naciones capitalistas más avanzadas".

La resolución, de 10.000 caracteres, aprobada por el comité central del P.C.Ch. tras cinco días de deliberaciones, sostiene que "no deberíamos condenar las diferencias justificables en los ingresos de la gente... China debe estimular a parte de su pueblo a ser más próspera en principio, antes que el objetivo de prosperidad común sea alcanzado", agrega el texto, que según los observadores lleva la impronta del actual "hombre fuerte" de Pekín, Deng Xiaoping.

Enfasis en los principios

Con todo, el énfasis de la resolución, titulada Sobre la edificación de una sociedad socialista con cultura e ideología progresistas, parece puesto en los principios socialistas: indica que para modernizar al país sigue siendo "esencial adherir al marxismo leninismo y al pensamiento de Mao Tse Tung como una teoría directiva", agregando que sería "erróneo considerar al marxismo como dogma rígido", del mismo modo que lo sería "celebrar ciegamente las filosofías burguesas y sus doctrinas sociales".

El documento presenta como "tarea fundamental" la "elevación de los criterios ideológicos y éticos de la nación" a fin de lograr una "modernización socialista" que apunte hacia una "sociedad socialista humana". También formula un llamado para el mejoramiento de las éticas profesionales y condena el abuso de poder para provecho personal, defraudes y extorsiones, todas prácticas que aparecieron con la política aperturista y de las cuales el ala conservadora del partido trató de servirse para resistir a Deng.

Sobre el aperturismo, la definición del documento es clara: tanto en el aspecto ideológico como en el económico, se trata de una "política estatal básica e inalterable". Los 325 miembros y miembros suplentes del comité central resolvieron también un congreso partidario para 1987 [illegible]

8704039

después de la amnistía.

• Invitado del gobierno

Un funcionario de la cancillería china declaró a los periodistas en la terminal aérea que Jaruzelski visita el país en condición de invitado del gobierno chino, no del Partido Comunista.

"De los partidos comunistas de Europa oriental, el P.C.Ch. solo mantiene relaciones normales con los de Yugoslavia y Polonia", explicó.

"Las relaciones partidarias con Polonia no han sido normalizadas aún. Este tema será tocado durante las conversaciones de Jaruzelski con los líderes chinos, pero yo no puedo vaticinar el resultado", acotó.

Jaruzelski, quien habría llegado a Pekín vía Moscú, donde habría sostenido conversaciones con altos funcionarios del Kremlin, y que también volverá por esa vía, tiene previstas reuniones con el líder chino Deng Xiaoping, el presidente Li Xiannian y el jefe partidario Hu Yaobang. Abandonará China el martes por la mañana.

Según fuentes bien informadas, los principales temas de las conversaciones del dirigente polaco con los líderes chinos serían las relaciones sinosoviéticas y de índole bilateral. Además, los miembros de la comitiva de Jaruzelski firmarán con sus colegas chinos un acuerdo de cooperación cultural.

El viaje también tiene una importante dimensión económica. El intercambio comercial sino-polaco llegaría a 938 millones de dólares este año, comparable con los 294 millones de 1984.

El comercio chino con Europa oriental en su conjunto también ha crecido. El volumen de 1985 fue de 2.640 millones de dólares, lo que representa un salto del 70 por ciento respecto de 1981.

Con todo, el énfasis de la resolución, titulada Sobre la edificación de una sociedad socialista con cultura e ideología progresistas, parece puesto en los principios socialistas: indica que para modernizar al país sigue siendo "esencial adherir al marxismo leninismo y al pensamiento de Mao Tse Tung como una teoría directiva", agregando que sería "erróneo considerar al marxismo como dogma rígido", del mismo modo que lo sería "celebrar ciegamente las filosofías burguesas y sus doctrinas sociales".

El documento presenta como "tarea fundamental" la "elevación de los criterios ideológicos y éticos de la nación" a fin de lograr una "modernización socialista" que apunte hacia una "sociedad socialista humana". También formula un llamado para el mejoramiento de las éticas profesionales y condena el abuso de poder para provecho personal, defraudes y extorsiones, todas prácticas que aparecieron con la política aperturista y de las cuales el ala conservadora del partido trató de servirse para resistir a Deng.

Sobre el aperturismo, la definición del documento es clara: tanto en el aspecto ideológico como en el económico, se trata de una "política estatal básica e inalterable". Los 323 miembros y miembros suplentes del comité central resolvieron también un congreso partidario para 1987 a fin de lograr un rejuvenecimiento del aparato de conducción.

Deng, quien se ubicó en el centro de los cinco hombres que presidieron la reunión de hoy, dijo a comienzos de este mes que deseaba retirarse para el Congreso de 1987.

La televisión de Pekín mostró hoy a Deng junto al jefe partidario Hu Yaobang, el premier Zhao Ziyang y el presidente Li Xiannian.

• El Estado, primero

El documento sostiene: "Como nuestro país está apenas en la etapa inicial del socialismo, debemos aplicar el principio de distribución de acuerdo al trabajo y desarrollar la economía de mercado socialista y la competencia".

"Siempre se asegura la posición dominante del sector público", dice el P.C.Ch., agregando que el partido "estimulará a algunas personas a que se enriquezcan primero, antes que se logre el objetivo de prosperidad común", pero "rechazando firmemente" todos los "aspectos feos y decadentes del capitalismo".

Ante los críticos conservadores que juzgan que la política de puertas abiertas está corrompiendo al país, el documento sostiene que "la historia moderna de China y el mundo demuestran que ningún país puede progresar si se niega a aceptar los elementos del avance de la ciencia y la cultura modernas. Cerrar un país al contacto externo solo resulta en el estancamiento", advierte.

Los conservadores del P.C.Ch. usaron en el pasado la promoción de una "civilización espiritual" como consigna de agrupamiento. En 1983, Deng Liqun, un importante ideólogo y, por entonces, jefe de propaganda del partido, lanzó una campaña, que duraría poco, contra la "polución espiritual" del "Occidente decadente".

China gasta más de lo que gana

Pekín (UPI) — China registró un déficit fiscal de 1910 millones de dólares el año pasado y esa cifra aumentará en 1987 mientras Pekín trata de superar los problemas derivados de sus amplias reformas económicas, dijo ayer el ministro de Finanzas, Wang Bingqian.

En un informe ante el Congreso Nacional del Pueblo, sobre la situación económica del año pasado y las previsiones presupuestarias para 1987, Wang atribuyó el déficit a la evasión impositiva generalizada, a las deficientes inversiones de capital, salarios que rápidamente aumentan y a la "ostentosa malversación" de fondos públicos. Dijo que el año pasado China tuvo ingresos por 222 mil millones de yuans, unos 60 mil millones de dólares, mientras que sus gastos fueron equivalentes a 62 mil millones de dólares.

• **Fracaso.**

Los planificadores tenían previsto equilibrar el presupuesto en 1986, evitando un déficit que llegó a 1910 millones de dólares, luego de los excedentes de 800 millones de dólares de 1985. Wang proyectó un déficit aun mayor para 1987, equivalente a 2160 millones de dólares. "El consejo estatal reducirá los gastos fiscales diez por ciento en base a cifras del año pasado, con excepción de los precios subsidiados y para el pago de capitales e intereses de los créditos internos y externos" aseveró Wang.

Se estima que los subsidios a los precios subirán este año en 39 por ciento, llegando al equivalente de unos 9100 millones de dólares. "Los subsidios tendrán que terminarse", dijo un diplomático occidental, anotando que "la medida es por temor de la insatisfacción de parte de los trabajadores."

Además de los subsidios a los precios, el gobierno de Pekín gastó 8800 millones de dólares para compensar pérdidas en fábricas del Estado. Wang añadió que posiblemente este año esa cifra alcance 9700 millones de dólares. Los gastos militares representarán ocho por ciento del presupuesto, dos puntos menos en relación a 1985, en un reflejo del énfasis que Pekín está poniendo en la economía civil, afirmó el ministro de Finanzas.

Exterior
R.P. China

8704123

01-01

La Mañana — MONTEVIDEO, DOMINGO 12 DE ABRIL DE 1987

Remueven Ministro de Seguridad

China: cambios en el Gabinete

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).— El Parlamento de China aprobó ayer la remoción del Ministro de Seguridad Pública, Ruan Chongwu, quien fue responsable de dirigir a las fuerzas policiales del país durante las masivas manifestaciones estudiantiles por la democracia que se produjeron a lo largo y ancho del país en diciembre último.

En la sesión de clausura del Congreso Nacional del Pueblo, que se efectúa anualmente, también se votó por nuevos Ministros para los rubros de salud pública, industria de luz y reforma económica, y se tomaron resoluciones que llamaron al ahorro y la confianza, así como a tomar medidas enérgicas respecto a las tendencias capitalistas.

Ruan, de 53 años, vicealcalde de Shangai que fue designado Ministro de Seguridad Pública en setiembre de 1985, fue destituido con el rechazo de sólo cinco de los 2.674 delegados en el gigantesco Gran Salón del Pueblo.

No se dio explicación alguna sobre la deposición de Ruan, pero algunos analistas occidentales creen que pudo deberse al manejo moderado que hizo de las manifestaciones estudiantiles que pedían democracia y libertad, y que estallaron en por lo menos 20 ciudades en diciembre pasado.

Ruan, quien no tenía currículo conocido en el trabajo policial, pudo haber sido un protegido del depuesto líder del Partido Comunista, Hu Yaobang, la víctima mayor de la campaña contra las tendencias al capitalismo que Pekín lanzó como respuesta al disturbio estudiantil.

Hu, cuya renuncia fue anunciada el 16 de enero, no concurrió a la sesión de clausura del Congreso, dejando un conspicuo asiento vacío en la fila de los líderes del Partido Comunista en el podio. La única aparición pública de Hu desde su remoción ocurrió durante la ceremonia de apertura del Congreso, el 25 de marzo.

Fichaje
R.P. China

01-01

8704142

China Comunista

Ratifican en China la política de reformas internas

Pekín, 25 (UP) – Al inaugurar la sesión del Parlamento de China, el primer ministro, Zhao Ziyang, declaró hoy que a pesar de los graves problemas económicos y la oposición de los sectores intransigentes "que mentalmente no están emancipados lo suficiente", Pekín, seguirá presionando con sus reformas internas.

Diplomáticos occidentales calificaron de "positivo y seguro" al discurso de Zhao, destinado a apaciguar los ánimos de los sectores que temen que la reformas económicas hayan ido demasiado lejos, y al mismo tiempo señalando que esas trasformaciones seguirán adelante.

Entre los 2.719 diputados congregados en el gran Salón del Pueblo, para la inauguración del Congreso Nacional del Pueblo, que durará 16 días, estaba Hu Yaobang, ex jefe del partido Comunista.

Fue su primera aparición pública desde su destitución el 16 de enero, acusado de no poder frenar la expansión del "liberalismo burgués" en China.

Hu es la víctima más prominente de la campaña contra las ideas "capitalistas" que se lleva a cabo en Pekín.

En palabras dirigidas a calmar a sus críticos, Zhao, de 67 años, señaló que el gobierno debe dar más atención a la deficiente producción agrícola, promover más la producción que el consumo, reducir los gastos fiscales e implantar la austeridad estatal y "combatir con energía la liberalización burguesa".

Los sectores intransigentes han criticado la baja producción agrícola de China en los dos pasados años, culpando a la descentralización implantada en ese sector por el gobierno.

Zhao admitió que un incontrolado gasto en bienes de consumo ha producido un derroche de los fondos públicos, generando un estilo de vida ostentoso y extravagante que "podría corromper la moral social".

Sin embargo, Zhao acotó que los problemas económicos de China sólo podrán ser resueltos con "reformas más profundas" y se comprometió a llevar adelante sus correcciones en el sistema de precios y en el político. También dijo que reducirá la influencia de la burocracia del partido Comunista en la industria y la reestructuración de las finanzas y la banca.

"Algunas personas partidarias de las reformas y la apertura no son mentalmente muy sobrias, así como muchos que se aferran a los principios marxistas no están mentalmente emancipados", afirmó Zhao.

Un diplomático occidental calificó el discurso de Zhao como la advertencia más dura contra los intransigentes del partido Comunista, anotando que "mostró mucha decisión".

El Siglo 26/3/87.

033

China

Declaraciones del Vicepremier Yao Yilin

China no descarta uso de la fuerza para recuperar Taiwan

PEKIN. (ANSA, EFE y UPI).- China, con planes ya listos para la reanudación de la soberanía sobre Hong Kong y Macao, no descarta el uso de la fuerza en su objetivo de recuperar Taiwan antes de fin de siglo, dijo ayer el viceprimer ministro Yao Yilin.

Yao, hablando en una conferencia conjunta con los viceprimeros ministros Li Peng y Tian Jiyun, dijo que el primer ministro Zhao Ziyang continuará en el puesto de secretario general interino del Partido Comunista hasta noviembre.

"Esperamos que la reunificación entre el continente y Taiwan se logre lo más pronto posible", dijo Yao, que hizo la declaración dos días después que China y Portugal pusieron sus iniciales en un acuerdo para el retorno de Macao al gobierno chino en 1999.

Funcionarios chinos describieron el acuerdo, que es casi idéntico al pacto firmado hace tres años entre Pekín y Londres para el retorno de Hong Kong en 1997, como un "importante paso" en "el gran objetivo de China de reunificar a la madre patria" antes de fin de siglo.

Yao dijo que "me es imposible hacer predicciones" de cuándo China continental recuperará el control de Taiwan, pero agregó que "es nuestra esperanza que se logre a través de medios pacíficos".

"Pero no hemos eliminado la posibilidad de recurrir a medios no pacíficos para alcanzar ese proceso", apuntó Yao. Negó una sugestión de un periodista de Hong Kong de que la reciente publicidad de China sobre el entrenamiento de su cuerpo de infantería de marina tenía por fin indicar que se está preparando para usar la fuerza contra Taiwan.

China ha considerado a Taiwan como una provincia rebelde desde que el ejército nacionalista de Chiang Kai-shek huyó allí en 1949 después que los comunistas se apoderaron del país.

033

China Comunista cunzar con Brasil

Aviones chinos de combate

PEKIN, 9 (Reuter).- China ganó un importante contrato para la venta de aviones de combate a Brasil, en lo que diplomáticos occidentales calificaron como su mayor operación aeronáutica con el exterior.

El Diario del Pueblo, citando fuentes bien informadas, dijo que China y Brasil estaban negociando una venta de aviones caza F-7, copia del MIG-19 soviético, y agregó que las tratativas progresan.

Se ignora el número de aparatos que entran en la operación, aunque se estima que serían varias docenas.

Un diplomático latinoamericano dijo que el negocio implicaría un canje que permitiría al Brasil absorber la avanzada tecnología del avión.

Brasil, dijo, no está en posición de gastar miles de millones de dólares en armamentos, aunque existe la posibilidad de que el acuerdo pueda incluir el canje de los F-7 por algunos aviones de fabricación brasileña.

Los F-7 son interceptores monoplaza que desarrollan una velocidad máxima de 2230 kilómetros por hora y que pueden transportar misiles y cohetes aire-aire y aire-tierra.

La Nación 10/4/82

01-01 8704209

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Assessment of Peipling's 1987 Economic Situation Development.

PROCEDENCIA: Enlace China 24/4/87 Doc. 0574/87

ARCHIVADO EN: Enlace China /235/B

8704220

01-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Survey of decline of Peipling's industrial Development.

PROCEDENCIA: Enlace China 4/6/87 Doc. 0833/87

ARCHIVADO EN: Enlace China /238/B

01-01 8704221

Ø33 RPCH

300487

China ingresó al Banco Asiático de Desarrollo

Osaka, (DPA) La vigésima conferencia anual del Banco Asiático de Desarrollo (BAD) finalizó ayer en la ciudad nipona de Osaka, tras tres días de sesiones. Lo más importante de la conferencia fue el ingreso en la institución de la República Popular China.

La Unión Soviética envió por primera vez una delegación para observar el desarrollo de las sesiones, pero no tomó decisión alguna sobre si tiene la intención de entrar en el BAD, que cuenta con 47 países miembros, en los que vive la mitad de la población del planeta.

La conferencia, a la que asistieron unos 2.000 banqueros, se vio dominada por el tema de las paridades monetarias. El lunes, el día de la inauguración, la cotización del dólar cayó en el nivel más bajo desde 1945 con 137,25 yens. EEUU y Japón son para la mayoría de miembros del banco los países más importantes a la hora de conceder créditos, por esta razón, las repercusiones económicas de las fluctuaciones de las paridades de las monedas de los dos países tienen una gran importancia en toda la zona asiática.

El presidente del BAD, Masao Fujioka, anunció al fin de la conferencia que este año la institución bancaria concederá un crédito a China. Los detalles, dijo Fujioka, no se han fijado aún, pero cree que la cuantía oscilará entre 100 y 120 millones de dólares.

01-01 8704222

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Chinese Communist appraisal of The Southeast Asia situation.

PROCEDENCIA: Enlace China 4/6/87 Doc. 0836/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

8704224

01-01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Peiping's Policy-related objectives in The Third world and its tactics to fulfil such objectives.

PROCEDENCIA: Enlace China 4/6/87 Doc 0835/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

01-01

8704225

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

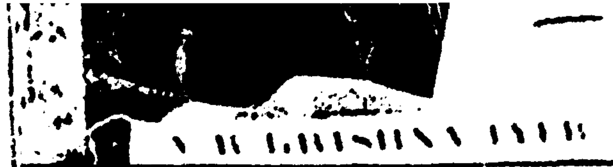
TEMA: Peiping's Foreign Policy and Its Relations with The World.

PROCEDENCIA: Enlace China 4/8/87 Doc 0434/87

ARCHIVADO EN: Enlace China (135/B)

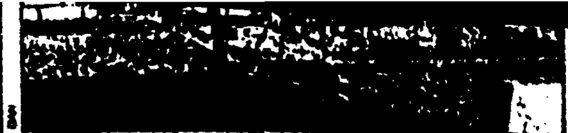
01-01

8704226





Moscú



Desfile militar en Pekín.

Mijail Gorbachov y Deng Xiaoping: cinco años después de Breznev y diez años después de Mao. Casi dos generaciones y tres décadas de dramáticos acontecimientos los separan. Y sin embargo, nunca como ahora habían parecido tan semejantes los problemas que los líderes de las dos potencias socialistas deben enfrentar.

En Pekín, Deng lanza una profunda campaña de reformas económicas: se desmantelan las comunas, grandes zonas de China se abren a las inversiones extranjeras y a sofisticados intercambios comerciales y financieros; hasta la legendaria Bolsa de Shangai, en otros tiempos la más famosa de Oriente, reabre sus puertas.

En Moscú, de una forma no menos espectacular y decidida, Gorbachov y sus hombres destituyen burócratas y proclaman como meta la eficiencia del sistema socialista.

A fines del año pasado, mientras los estudiantes chinos salían a la calle a reclamar libertad y democracia, los desórdenes de Alma Ata (la capital de la república soviética del Kazajstán, en Asia Central) y la resistencia de los burócratas sometían a dura prueba el liderazgo de Gorbachov.

Hay, por otra parte, intercambios de gestos, iniciativas y concesiones por parte de Moscú y Pekín. Al discurso pronunciado por Gorbachov en Vladivostok el 18 de julio pasado, tendiendo la mano a los chinos, siguió la inmediata respuesta de Deng, quien se manifestó dispuesto a entrevistarse, sin importar dónde, con el jefe de los soviets.

¿Son suficientes estas señales para sacar la conclusión de que las dos simultáneas reformas contribuirán a agrietar la barrera de hielo que separa a ambos estados? Este interrogante orienta la siguiente conversación con el sinólogo Jean Chesneaux, de la Universidad de París, con Enrica Collotti Pischel, de la Universidad de Milán, y con los académicos chinos Lu Feng y Huang Weiping, profesores de economía en la Universidad del Pueblo de Pekín.

–Los procesos actualmente en marcha en la Unión Soviética y China exhiben rasgos paralelos en más de un sentido. ¿Atribuyen ustedes esto a una coincidencia sólo temporal o a razones de carácter político e ideológico?

Huang Weiping. –El modelo stalinista suponía un altísimo grado de concentración de la economía, en pos de los dos objetivos: eficiencia e igualdad. Ninguno de ellos fue logrado. De ahí, pues, las reformas de Gorbachov. Nuestra reforma ha sido inspirada por motivos que, en muchos aspectos, son similares. Pero hay una diferencia: la URSS tiene tras de sí setenta años de experiencia.

En China, por el contrario, la historia del socialismo es mucho más reciente. Esa es la primera causa de ciertos errores cometidos. Suele mencionarse como segunda causa el exceso de población, que ha constituido un freno al desarrollo económico de China. Pero si tomamos en cuenta a un país como el Japón, carente de materias primas y superpoblado, vemos que en poco más de treinta años los japoneses han logrado convertirse en la segunda potencia económica del mundo. Debemos convencernos, entonces, de que en nuestros razonamientos y en nuestros justificativos hay algo que no funciona. Miremos un poco a Europa: los Países Bajos, Bélgica e Italia, que en relación con su territorio poseen mayor densidad de población que China, han sabido resolver admirablemente sus problemas económicos y tecnológicos. Lo real es que en el Japón, ni Italia, ni los países del Benelux han conocido un período oscuro, como lo fue el de la Revolución Cultural China. Las consignas de Mao, y la voz de orden que nos imponía concebir a la lucha de clases como el eje único de la acción política, llevaron a China a sufrir un profundo deterioro.

Tal vez se argumente que la economía también está estancada en la Unión Soviética y en los países del este de Europa, que tampoco conocieron una experiencia como la de la Revolución Cultural, pero, en todo caso, lo que se puede deducir de esto es que el sistema impuesto en su momento por Stalin era estructuralmente erróneo. El exceso de planificación, en efecto, impide aprovechar los recursos disponibles de la mejor manera, y distribuirlos adecuadamente.

Lu Feng –La coincidencia entre ambas reformas no es casual. Tanto la URSS como China poseen un sistema centralizado de propiedad estatal. Hay, con todo, una diferencia, y es que nosotros, los chinos, además del objetivo de la eficiencia, buscamos el del enriquecimiento colectivo. Consideramos útil, y perfectamente compatible con el sistema, que una parte de la población pueda llegar a enriquecerse antes que el resto. La consecuencia de ello será que en lo inmediato surgirán diferencias de riqueza y de bienestar entre las distintas capas de la población. Pero a largo plazo crecerá el bienestar, y se verá favorecido el enriquecimiento general. Logrado eso, habremos conseguido la igualdad a un nivel alto, no, como sucedió hasta ahora, la igualdad a bajo o a bajísimo nivel.

Chesneaux –Yo veo una coincidencia en el hecho de que, sobre todo, la URSS y China consideran al Occidente industrializado como su interlocutor privilegiado. Deng ha renunciado ya al principio de que la economía y la tecnología pueden desarrollarse contando sólo con las propias fuerzas. Gorbachov, por su parte, sabe muy bien que sus objetivos estratégicos sólo pueden ser alcanzados mediante un entendimiento global con Occidente y, más particularmente, con Estados Unidos. Ahora bien, de esta coincidencia de objetivos puede surgir la reaproximación entre ambas superpotencias comunistas.

–¿Pero no existe el peligro de que las reformas puedan servir de detonante para peligrosas tensiones sociales y, por lo menos en lo que se refiere a China, provoquen un reflorecimiento de las tendencias extremistas?

Huang Weiping –No; en China no es muy grande ese riesgo. En estos años la gente ha podido ver con sus propios ojos que las reformas son necesarias y útiles, y que producen resultados tangibles. Yo sería algo más cauto en lo que se refiere a la Unión Soviética, pues en ese país las apelaciones y las consignas reformistas han sido muchas, en tanto que las reformas verdaderamente instauradas son muy pocas.

Lu Feng –También en China la reforma tendrá que superar grandes dificultades. Si no logramos controlar los precios y la inflación, las masas protestarán. En la difícil etapa de transición –entre lo viejo que muere y lo nuevo que nace– pueden llegar a desarrollarse las que nosotros definimos como *tendencias malsanas*: corrupción, favoritismo, privilegios... Hay dos cosas, sobre todo, que determinarán el resultado: el aumento de productividad y el incremento de los ingresos reales de la población. Y el crecimiento del grado de libertad y de democracia depende también de esos dos factores.

Huang Weiping –En China aún sobrevive una tendencia extremista de izquierda, firmemente asentada en una base social bien definida. Pero no creo que el punto de referencia de esa *izquierda* sea la que se ha definido como la Banda de los Cuatro. No, las tendencias extremistas están vinculadas con una ideología que tiene fuertes raíces en China, y cuyos orígenes se remontan a una época muy anterior a la de la Revolución Cultural.

Collotti Pischel –China y la URSS tienen hoy un interés común: el de luchar contra la ineficiencia y el burocratismo. Y una característica que también comparten es la existencia del Estado-Partido. En este terreno pueden nacer instancias de mayor pluralismo. Pero mi impresión es que no se trata tanto de extender las fronteras de la libertad, sino de ampliar las posibilidades de iniciativa de los individuos y las empresas en el ámbito económico. En el momento en que el reclamo de mayor libertad económica desemboque en reivindicaciones *subversivas* pueden surgir nuevos problemas. De todos modos, no veo en China ni en la URSS, por ahora al menos, el surgimiento de fenómenos pluralistas que puedan limitar el poder de los respectivos

01-02

8704263

Deng Xiaoping



partidos

–¿Qué es lo que ha cambiado realmente en estos últimos diez años, vale decir desde la muerte de Mao, en las relaciones entre China y la Unión Soviética?

Huang Weiping –Lo que cambió fue, fundamentalmente, esto: Gorbachov, al contrario de sus predecesores, tomó medidas políticas y económicas concretas para mejorar las relaciones con China. Pero eso no significa, ciertamente, que se vuelva a las estrechas relaciones que fueron la característica durante los años '50.

Culiotti Pischel –Este cambio es muy anterior al ascenso al poder de Gorbachov. En mi opinión, arranca del momento en que los chinos, durante su duro enfrentamiento armado con Vietnam, se dan cuenta de que los soviéticos no apoyan militarmente a Hanoi, como hubieran debido hacerlo ... Estados Unidos. Lo cual era otra forma de aplicar la antigua estrategia china de *"oponer un bárbaro a otro bárbaro"*. Pero esa estrategia fue instrumentada exasperadamente, hasta el punto de apoyar a Pinochet en Chile y a Jonas Savimbi en Angola, o de oponerse a los sandinistas, considerados como el largo brazo moscovita en Centroamérica.

–Afganistán, Vietnam, problemas de frontera. Son los tres temas que, según los chinos, impiden la normalización de las relaciones con Moscú. ¿Cuál de ellos es hoy el más importante para Pekín?

Huang Weiping –Los tres problemas, los tres escollos, son los que se han señalado. Cuando un país debe vérselas con un poderoso aparato militar, como el que los soviéticos han desplegado en sus fronteras con China, es muy difícil hablar de

Desarme

NACE UN DESAFIO

Con su última iniciativa sobre la eliminación de los euromisiles, Gorbachov acaba de lanzar un llamado al que será difícil responder negativamente.

Cuando apenas habían transcurrido diez días desde la clausura del Foro de Moscú (ver EL PERIODISTA Nº 128) Mijail Gorbachov dio una impresionante muestra de haber comprendido plenamente las expectativas e inquietudes de sus interlocutores occidentales. En un sorprendente comunicado difundido la semana pasada, el líder soviético abrió el *"paquete"* de Reykjavik y ofreció tratar por separado la cuestión de los euromisiles con el objetivo de eliminar en el plazo de cinco años todos los proyectiles atómicos de mediano alcance instalados por Estados Unidos y la URSS en el escenario europeo y reducir a cien las cabezas nucleares en la región asiática de la Unión Soviética.

Esta es la respuesta inequívoca y radical a los pedidos que una parte de Occidente –aquella que ha declarado su deseo de avanzar por el camino abierto en Reykjavik– había formulado al gobierno soviético. La oferta de Moscú –que confirma la línea elegida por el nuevo liderazgo– irrumpe de este modo en el debate ya abierto en Occidente con respecto a la reanudación del diálogo Este-Oeste. Gorbachov advirtió, con excepcional prontitud, los primeros signos que los países europeos occidentales habían exhibido, dos semanas atrás, sobre el tema crucial de la *interpretación* del tratado ABM (firmado en 1972 entre la URSS y Estados Unidos, destinado a limitar los misiles antibalísticos). Frente a la interpretación *"amplia"* que propone Washington como caballo de Troya para sepultar finalmente el tratado (así definió la situación el ministro de Relaciones Exteriores italiano Giulio Andreotti durante su reciente visita al Kremlim), estos gobiernos europeos optaron por presionar a Estados Unidos promoviendo el respeto del acuerdo sobre la base de su *"interpretación estricta"*. Europa –o al menos una parte de ella– demuestra haber comprendido que entre la guerra de las galaxias y la cancelación del acuerdo que veta la creación de un sistema antimisilístico existe un nexo indiscutible. No intentar poner freno a la marcha de la Administración Reagan hacia la destrucción del tratado ABM hubiera significado un retroceso grave e irremediable con respecto a Reykjavik.

Por el momento, Gorbachov no cuenta más que con indicios de la disposición europea en ese sentido. Pero esto le bastó para hacer una concesión radical. Y esta vez será mucho más difícil responderle negativamente.

El paquete se abrió frente a una Europa que comienza a comprender –como ha dicho Gorbachov– *"la grandeza y la tragedia"* de Reykjavik. Grandeza por un acuerdo que estaba al alcance de la mano, y tragedia porque *"poderosas fuerzas se opusieron a él"*. Desde entonces, en Washington todos los gestos se orientaron a *marcar una marcha atrás* con respecto a los fallidos acuerdos de la cumbre. Moscú intenta ahora revertir el curso de los acontecimientos con un fuerte golpe de acelerador cuyos efectos están destinados a agitar las aguas en ambas costas del Atlántico. Y la declaración de Gorbachov abre, al mismo tiempo, la vía para resolver también los dos problemas que fueron planteados por los europeos occidentales frente a la perspectiva de una *"opción cero"* para los euromisiles: el de los proyectiles tácticos-operativos y los de corto alcance.

"Apenas se haya firmado el acuerdo para liquidar los misiles de los teatros de operaciones soviéticos y norteamericanos en Europa, la URSS retirará de la República Democrática Alemana y de Checoslovaquia los misiles tácticos operativos que fueron instalados como respuesta al despliegue de los Pershing 2 y Cruise en Europa occidental", declaró Gorbachov. Y con respecto a los misiles de corto alcance el líder soviético manifestó que *"estamos dispuestos a emprender inmediatas negociaciones para su reducción y completa liquidación"*.

(En Roma) GIULETTO CHIESA

LOS BLANCOS DE GORBACHOV

AOL1263

33

RPGH- Uruguay

Uruguay 088 COMERCIALIZ MUNDIAL

China y URSS, principales compradores de lana

China Popular se constituyó en el principal comprador de lanas uruguayas, con 18,75 % del volumen neto exportado, durante la zafra 1985/86 (del 1º. de octubre de 1985 al 30 de setiembre de 1986), según información aportada por la Cámara Mercantil de Productos del País.

La base sucia de las compras de China Roja alcanzaron al 20,99 % de la producción vendida al exterior.

El total neto exportado alcanzó a 66:660.75 kilogramos en todas sus formas. La base sucia que originó esas ventas al exterior fue de 86:456.841 kilogramos.

La Unión Soviética se erigió en el segundo comprador en volumen neto, con 15.86 % del total. La República Federal Alemana adquirió el 13,07 %, el Reino Unido el 10,09 % y Checoslovaquia el 6,94 % del volumen exportado.

Las compras de Taiwan, de distintas fibras de lana, alcanzaron al 0.83 %.

Las cinco principales firmas exportadoras fueron Otegui Hnos. S.A, que colocó el 15,09 % del volumen neto; Hart S.A. (8.41 %); Alberto Puig & Cía. (8.24 %); Central Lanera Uruguaya (8.76 %) y Woolmonte S.A. (7.70 %).

033

China

Instalara avanzados armamentos

China modernizará sus fuerzas

PEKIN, (ANSA, EFE y UPI).— La armada de China emprenderá la expansión de sus fuerzas de combate y la instalación de avanzados armamentos y equipos de comunicación, según consta en un plan de 13 años anunciado ayer por el periódico oficial, el Diario de China.

"La tarea principal en los próximos años será la de modernizar, revolucionar, y elevar el nivel de nuestras fuerzas", dijo el comandante Liu Huaquing según la cita del diario que se publica en inglés.

Liu dijo que la armada, que cuenta con 300.000 efectivos, decidió ejecutar un programa de tres etapas de cara a su desarrollo hasta el año 2000, manteniendo a la vez su estrategia de "defensa marítima positiva".

La publicación no reveló los detalles del plan, pero según una declaración de Liu, "dado un presupuesto limitado, nuestra prioridad será el desarrollo de las fuerzas navales de combate, entre ellas barcos de guerra, submarinos y aviones".

La Armada china cuenta actualmente con más de 100 submarinos de propulsión convencional, varios submarinos de propulsión nuclear, más de 40 barcos de combate de gran tamaño, y unos 800 aviones de combate.

"Para sentar una base sólida de cara al futuro, vamos a dotar a nuestras tropas de equipos de mando y comunicación electrónicos, misiles, y otros sistemas ofensivas avanzados", señaló Liu.

Según una fuente de un astillero estatal citada por la publicación oficial, dicha industria está acelerando la construcción de nuevas clases de submarinos, destructores, y dragaminas este año.

Liu reveló que la Armada ha llevado a cabo una reducción de personal ordenada por el gobierno de Pekín en 1985, que pretende recortar el conjunto de la fuerzas armadas chinas en un millón de hombres.

Al eliminar 80 unidades de diverso tamaño a lo largo de los últimos dos años, la Armada china logró una estructura más racional y unos equipos de mando más eficaces y móviles, explicó Liu.

La Razón 13/4/87

ARCHIVAR EN: CHINA (033)

TEMA: MANIFESTACIONES ESTUDIANTILES EN CHINA

PROCEDENCIA: LA MAÑANA 24/2/87

ARCHIVADO EN: FICHAJE (8)

01-01 8704294

RS

033

China

CRUZAR CON ARGENTINA

La Prensa 20/2/87

China y la Argentina, 15 años de relaciones

Pekín (EFE) — China y la Argentina pueden ayudarse entre sí y complementarse, ya que la cooperación entre las dos naciones dispone de enormes potenciales, declaró el canciller chino Wu Xueqian.

Wu pronunció estas palabras en el transcurso de un acto celebrado en la embajada de la República Argentina para conmemorar el decimoquinto aniversario del establecimiento de relaciones diplomáticas entre los dos países.

"Los últimos 15 años transcurridos han sido testigos del expedito desarrollo que han registrado las relaciones entre los dos países", dijo el canciller refiriéndose a la expansión de la cooperación bilateral en [illegible].

Por su parte, el embajador de la Argentina en China, Arturo Enrique Ossorio Arana, dijo que a través de [illegible] ambos países han "tejido una trama sólida sobre la cual estamos ya en condiciones de elaborar nuevas fórmulas imaginativas de colaboración".

El embajador Ossorio recordó la coincidencia de criterios de ambos países en el tema del no alineamiento, la oposición a la carrera armamentista y el desequilibrio Norte Sur.

PARTES POCO LEGIBLE

01-01 8704301

China

En el apogeo de las relaciones bilaterales

LA NACION 2/3/87

Respalda Washington las reformas en China

El secretario de Estado norteamericano, George Shultz, lo expresó en un discurso al iniciar una nueva visita de cinco días a Pekín

PEKIN, 1 (Reuter). – El secretario de Estado norteamericano George Shultz, inició hoy una visita de cinco días, dando un decidido respaldo a los planes de reforma encarados por China, que han encontrado una tenaz resistencia en los círculos comunistas ortodoxos.

Shultz, que habló durante un banquete con el que le dieron la bienvenida a esta capital, recurrió a las palabras de uno de los principales jerarcas marxistas para sugerir que los cambios deben ser audaces.

Una cita de Zhao

"Recuerdo que, en 198[illegible] el primer ministro Zhao declaró que la clave del progreso radica en los esfuerzos por emancipar nuestro pensamiento de manera osada, llevar a cabo reformas con decisión, encarar nuevos [illegible] con [illegible]", dijo Shultz.

Zhao está [illegible] también como secretario general [illegible] del Partido Comunista [illegible] que Hu Yaobang fuera separado de ese cargo en enero por [illegible] manifestaciones estudiantiles en favor de mayor democracia.

Esas protestas desataron una campaña contra el "liberalismo burgués", término que se aplica aquí a las ideas e influencias políticas occidentales, que sumió a los sinólogos en un debate sobre el futuro inmediato de las reformas políticas y económicas.

Apr[illegible]

Washington ha dicho públicamente que aún no está preocupado por la batalla política que se ha desatado en Pekín, [illegible] que se atiene a las palabras de los dirigentes chinos, quienes se han [illegible] comprometido a no abandonar la política de apertura a Occidente.

Pero esta [illegible] de Shultz parece evidenciar cierta aprensión al alinearse claramente junto al bando de los reformistas más audaces.

Shultz, en su tercera visita a China en casi cinco años como secretario de Estado, dijo durante el viaje a Asia que está sumamente interesado en interiorizarse de las complejas batallas políticas que se libran en China en estos momentos y de lo que podrían representar para sus políticas.

Algunos diplomáticos occidentales estiman que los ortodoxos han impuesto su posición y frenarán el ritmo de la reforma.

Añaden que esos políticos, que sostienen que lo que se necesita es cambiar las prácticas de administración y no el sistema político, podrían incluso llegar a detener totalmente la campaña de cambios que impulsa el régimen.

Relaciones

Shultz declaró esta noche que las relaciones entre China y los Estados Unidos "han superado incluso los sueños más exagerados" que pudieron acariciarse cuando el Comunicado de Shanghai, firmado en 1972, abrió el camino para la reanudación de relaciones diplomáticas en 1979.

"No obstante, no podemos conformarnos con lo ya logrado" –manifestó–, agregando que el actuar con franqueza es crucial para afianzar los progresos obtenidos y alcanzar otros en una relación de la que ambas partes se han beneficiado.

PARTES POCO LEGIBLE

¿Qué pasa en Pekín?

Apertura económica con severidad ideológica

El cauteloso discurso de Zhao Ziyang, primer ministro y jefe del Partido Comunista chino, ante los 2.700 integrantes del Congreso Nacional del Pueblo (Parlamento) el 25 de marzo, reveló sin dudas un conflicto interno en el partido y que, ante la necesidad de mantener la confianza de los eventuales inversores y socios comerciales, el gobierno está dispuesto a respetar las reformas económicas, aunque seguirá adelante con las reformas ideológicas y políticas, tendientes a borrar todo vestigio de "liberalismo burgués" que pueda haberse infiltrado en el pensamiento y en la acción de gobernantes y gobernados.

El informe anual "Sobre el estado de la nación" de Zhao Ziyang estuvo signado por compromisos que reflejan la continuidad del conflicto ideológico en el liderazgo chino.

DEFICIT E INFLACION

Zhao fue franco al referirse a los problemas económicos, revelando que en 1986 se sufrió un serio déficit presupuestal. Sugirió que China tenía un arma para combatir esas dificultades: "mayor producción, economía práctica, aumentar los ingresos y reducir los gastos". Afirmó que será necesario deprimir la demanda y tener un "espíritu pionero", afirmaciones que no hubieran sido posibles en un discurso ortodoxo enmarcado en los lineamientos ideológicos puros de 1959. Permitió entrever la preocupación por el aumento de precios que ha demorado planes tendientes a reducir subsidios a la producción. Declaró que las modificaciones de precios serían limitadas a un "muy pequeño número de productos este año", agregando: "Los incrementos de precios durante las reformas inevitablemente provocarán la pregunta de si el Estado, empresas y público podrán soportar la tensión económica y sicológica".

La tensión política es un evidente problema. Zhao atacó a algunos reformistas por no ser "desapasionados" y atacó a ideólogos por no haber sido "mentalmente emancipados". También urgió a los ideólogos a sentirse alentados por "el obvio logro de nuestras reformas" y, haciendo eso, admitió la presencia de fracciones en el liderazgo.

Retomó el ataque contra el pensamiento "liberal burgués" recordando la necesidad de evitar que esas tendencias resurjan.

En un discurso que muchos supusieron tendría su parte fundamental en el anuncio de una reforma revolucionaria en la conducción de las empresas, Zhao se limitó a decir que los obreros delegados "deberán asumir plena responsabilidad" por la gestión de la empresa, pero no precisó como el Estado garantizaría el poder de esos delegados obreros que deberían sustituir a los actuales delegados del Partido Comunista.

Al día siguiente de ese discurso el jueves 26, el Gobierno presentó un proyecto de Presupuesto para el año 1987 que incluye un déficit de 8.000 millones de Yuan (2.100 millones de dólares) con una previsión de crecimiento del producto de 7%. El déficit es superior al de 1986, que totalizó 7.000 millones de Yuan, y que había sido el más alto desde 1980. Song Ping, ministro de Planeamiento, y Wang Bingqian, ministro de Finanzas, atacaron los "gastos innecesarios" y condenaron la "falta de disciplina financiera". El crédito externo será de 3.800 millones de dólares, frente a 2.000 millones solicitados en el exterior en 1986, de Gobierno a Gobierno (en 1986 el endeudamiento externo total de China aumentó en 5.000 millones de dólares).

EL RELEVO DE HU

Un síntoma revelador del proceso de ajustes en el Partido se evidenció el viernes 16 de enero, cuando renunció a su cargo el jefe del Partido Comunista chino, Hu Yaobang, después de admitir que había cometido "errores políticos" durante las manifestaciones estudiantiles celebradas en todo el país a partir del 5 de diciembre en demanda de democracia y libertad. Se informó que para sustituirlo había sido designado el primer ministro, Zhao Ziyang. La agencia "Nueva China" (Xinhua) informó que Hu, de 72 años, mantenía sus puestos en el Politburó y en el Comité Central del partido. Hu había llegado a la jefatura del partido de la mano de Deng Xiaoping en 1981, en sustitución de Hua Guofeng. La agencia "Xinhua" aseguró que las reformas implantadas por Deng en 1978 —de las que Hu fuera uno de los principales instrumentos— proseguirían su curso, y que el "liberalismo burgués" sería combatido. Hu no volvió a aparecer en público hasta el 25 de marzo.

Otro dato a tomar en cuenta se había dado el 7 de marzo, cuando Deng aseguró que las luchas políticas habían concluido y que las reformas no estaban en peligro. Aseguró que las dudas respecto a la continuación de las reformas habían sido motivadas por una falta de comprensión de los observadores. De esta manera, procuraba calmar a los radicales alarmados por la evidente disminución de los comentarios anticapitalistas antes y durante la visita del secretario de Estado de EE.UU. G. Shultz, quien estuvo en Pekín del primero al seis de marzo. Los líderes chinos le aseguraron reiteradamente que todo estaba estable en el país y que China no cerraría sus puertas al extranjero, ni cambiaría la dirección ni la profundidad de sus reformas económicas. ("LA SEMANA" del 28/03/87, pág. 4).

DESAFIO PARLAMENTARIO

Pero, una semana después de esas declaraciones de Deng Xiaoping, el 13 de marzo, en abierto desafío, un grupo de parlamentarios criticó la propuesta gubernamental destinada a reducir la influencia del Partido en las empresas industriales del país. La propuesta, una de las más importantes de las planteadas por Deng, concedería responsabilidad plena en el manejo de las fábricas a los administradores de las plantas, sustituyendo a los delegados del secretariado del partido.

Zhao Ziyang había tratado de calmar a los parlamentarios, en dos discursos pronunciados el 15 y el 16 de marzo. En el primero aseguró que se continuaría la campaña contra el liberalismo burgués, y que China persistiría en su apertura económica, importando los productos que se consideren positivos de la cultura y de la tecnología occidental. Había asegurado que la situación de China es buena y que su mercado "está floreciendo". "Las reformas actuales han ayudado a resolver una serie de viejos problemas" afirmó, destacando que el PNB se ha duplicado en los últimos 8 años. En el otro discurso, dirigido al Departamento de Propaganda del Partido, había afirmado que la campaña para eliminar las tendencias capitalistas ha sido exitosa, y que la lucha "contra el liberalismo burgués" no debe afectar a las reformas económicas. La campaña debe ser "limitada estrictamente" al Partido Comunista de 44 millones de "militantes" y "a los campos político e ideológico". Zhao explicó que la campaña "tiene por fin resolver cuestiones de principio y de orientaciones políticas fundamentales y no incluirá pautas para reformas económicas ni rurales".

La cautela de su discurso del 25 de marzo, revela claramente que el gobierno no arriesgaba otro enfrentamiento público. El proyecto de ley sobre la reforma de las empresas industriales, con el alcance de que las funciones de las secretarías del partido deben restringirse a la educación y al trabajo ideológico con las masas, estaba incluido en la agenda del Parlamento para la sesión plenaria del 25 de marzo, y el tema hubiera merecido de parte de Zhao Ziyang algo más de decisión, si el gobierno hubiera considerado que podía ser aprobado.

¿Qué pasa en Pekín?

Héctor N. Di Biase

30/4/87 01-01 8704343

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: H2C20 – R. P. China Un Pais, dos sistemas.

PROCEDENCIA: Izque 24/4/87

ARCHIVADO EN: H2C20 (050)

01-01 8704363.

Mayor acercamiento

Acuerdos China-Checoslovaquia

PEKIN, (UPI).— El líder chino Deng Xiaoping le dijo ayer al Primer Ministro de Checoslovaquia, Lubomir Strougal, que los dos países deben dejar de lado más de 25 años de diferencias políticas y que "deben avanzar hacia el futuro".

"Compartimos un lenguaje común en muchos asuntos", dijo Deng en una reunión matutina con Strougal, el funcionario checo de mayor rango que visita China desde la agria disputa entre Pekín y la mayoría de los países del bloque soviético a mediados de la década de los años 60.

"Nuestras relaciones han crecido satisfactoriamente en los últimos años", dijo la agencia oficial china de noticias Xinhua al citar los comentarios del líder de 82 años.

"El pasado ha terminado. Avancemos hacia el futuro continuamente", dijo el líder chino según la agencia de noticias.

Xinhua informó que la reunión en el decorado Gran Salón del Pueblo "se desarrolló en una atmósfera de amistad y sinceridad".

Strougal "ha coincidido completamente con los conceptos de Deng sobre las relaciones bilaterales y la evaluación que esas relaciones han ingresado a una nueva fase", dijo la agencia de noticias.

Deng señaló a Strougal que Checoslovaquia se ha desarrollado mejor que China. "Estamos mejorando en los últimos ocho años", dijo Deng. "Pero en el pasado hemos soportado muchos tropiezos, particularmente la Revolución Cultural".

"Nosotros mismos hemos creado nuestros desastres y problemas", dijo Deng, quien pasó los dos primeros años de la Revolución Cultural de 1966-76 en un confinamiento solitario calificado como un "roedor capitalista".

"Pero lo bueno de la Revolución Cultural es que nos ha enseñado una lección, y ese es un importante beneficio", dijo.

En la tarde del domingo, Strougal y el Premier Chino Zhao Ziyang concurrieron a la ceremonia de la firma de un acuerdo para establecer una compañía naviera sino-checoslovaca.

Strougal, quien llegó a China el jueves para una visita de seis días, después se dirigió a Shanghai, terminando la visita a Pekín del primer líder checo desde 1957.

Pekín oficialmente normalizó sus relaciones con Praga en marzo, al restaurar los lazos de amistad durante la visita del Ministro de Relaciones Exteriores de China, Wu Xueqian, a Praga.

01-01 8704364

030

China

 LA NACION 2/6/87 (PERLA)

Más de 200.000 sancionados en el Partido Comunista de China

PEKIN, 1 (AP). – El Partido Comunista Chino expulsó a más de 33.000 militantes y sancionó a otros 184.000 durante los tres años y medio que duró una campaña de rectificación, dijo Bo Yibo, alto dirigente del partido en un discurso publicado hoy.

El diario del partido, Renmin Ribao (Diario del Pueblo), y otros importantes periódicos publicaron el texto del discurso pronunciado el martes pasado por Bo, vicepresidente de la Comisión de Consolidación de Gobierno, en una reunión de la alta conducción del partido.

En el discurso, Bo declaró que la campaña de rectificación era exitosa, pero que aún persisten problemas en los rangos del partido que tiene 44 millones de miembros.

La campaña fue iniciada en 1983 para desembarazarse de los ultraizquierdistas que se unieron al partido durante la revolución cultural 1966-76 y fue posteriormente ampliada para incluir sanciones por corrupción.

Partes de los discursos de Bo y del primer ministro Zhao Ziyang en la reunión de la semana pasada que marcó el fin de la campaña, fueron publicados por la prensa oficial, pero el texto completo del discurso sólo apareció hoy.

En todo el país, excepto en la región autónoma de Guangxi Zhuang, en el Sur, fueron expuestas en público 5.440 personas por cometer acuchillamientos, saqueos y otros desmanes, dijo Bo.

También fueron expuestos otros 43.074 por cometer serios errores.

En Guangxi, 27.919 personas, entre ellas 6042 dirigentes y 13.154 que incurrieron en serios errores, fueron igualmente expuestos por violar la ley y la disciplina del partido.

No explicó por qué las cifras de Guangxi eran tan altas y se mencionaron en forma separada del resto de la nación.

Bo explicó que 33.896 personas fueron expulsadas del partido y otros 184.071 fueron objeto de la disciplina interna al someterseles a investigaciones, destituciones de sus cargos, recomendaciones de suspensión de cargos no partidistas y serias advertencias.

A 90.098 no se les permitió reinscripción en el partido y a otros 145.456 sólo se les inscribió a prueba por un periodo, dijo.

Dijo que se emplearon métodos de crítica y autocrítica para dar la solución adecuada a los problemas.

"La campaña ayudó a la gente a descubrir que las actividades promovidas durante la revolución cultural bajo la bandera de la lucha de clases estaban equivocadas, y fortaleció la capacidad del partido para resistir al capitalismo y a la ideología feudal decadente", dijo Bo.

"Pero el trabajo de rectificación no ha sido balanceado", expresó. "Algunas unidades de trabajo, incluyendo las de alto nivel, asumieron la rectificación con informalidad y sus problemas de debilidad en la tarea de rectificar aún esperan solución".

033

China cruzan con G. Bretaña

...postterritoriales que recupere tenga el tipo de democracia sólida, al estilo de Occidente, que pueda llegar a generar oposición al régimen comunista en el continente.

En estos últimos meses, líderes chinos de diferente jerarquía —de Dang para abajo— han estado ejerciendo una gran presión sobre el gobierno británico para que demore las reformas políticas que desembocarían en elecciones directas para Hong Kong.

El canciller chino Wu Xueqian se reunió en dos oportunidades con su colega británico, sir Geoffrey Howe, para discutir el desarrollo político de Hong Kong. Y el mes pasado, el mismo Deng advirtió que Hong Kong no debería tratar de imitar sistemas políticos democráticos como el de Gran Bretaña o Estados Unidos.

Lo que importa —señaló— es "que el territorio sea manejado por gente de Hong Kong que sea patriota y que ame a su tierra", añadió que las elecciones generales no garantizan, necesariamente, que los que sean electos cumplan con estos requisitos.

Deng aclaró también que no es "realista" pensar que China dejará a Hong Kong completamente solo y que le permitirá ser políticamente independiente de Pekín.

Un simple cambio de dictadores

Un importante empresario de Hong Kong, que se negó a revelar su nombre en público, confesó con pesar que todo parece indicar que Gran Bretaña se limitará simple-...

...la colonia en forma paternalista, sin preocuparse por las sutilezas de la democracia que predominaba en el Viejo Continente.

El gobernador de Hong Kong, nombrado por la cancillería británica en nombre del soberano, detenta una autoridad casi ilimitada sobre el territorio. Hasta hace unos pocos años, el Consejo Legislativo de la colonia estaba integrado, por completo, por empleados públicos y hombres designados por el gobernador.

Pero tres años atrás, poco antes de la firma del acuerdo con China, los británicos adoptaron un plan para la democratización "restringida" de Hong Kong. Anunciaron que en 1985, 24 de los 56 miembros del Consejo Legislativo serían elegidos no por el gobernador sino a través de elecciones indirectas por grupos profesionales de abogados y banqueros o por representantes de los barrios de Hong Kong seleccionados localmente.

Se estimaba que esta elección era el primer paso hacia el cambio político. El gobierno británico prometió revisar el sistema otra vez antes de las próximas elecciones legislativas (en 1988) y señaló que estaba abierta la posibilidad de que al menos algunas bancas sean elegidas a través de elecciones directas.

Pero una fuente familiarizada con las recientes discusiones entre China y funcionarios británicos comentó: "Los chinos dejaron bien en claro que no desean que haya elecciones directas en 1988. Piensan que serían un factor desestabilizante para Hong Kong, en especial durante el perío-...

01-01

033

China cruzan con G. Bretaña

...pere tenga el tipo de democracia sólida, al estilo de Occidente, que pueda llegar a generar oposición al régimen comunista en el continente.

En estos últimos meses, líderes chinos de diferente jerarquía —de Dang para abajo— han estado ejerciendo una gran presión sobre el gobierno británico para que demore las reformas políticas que desembocarían en elecciones directas para Hong Kong.

El canciller chino Wu Xueqian se reunió en dos oportunidades con su colega británico, sir Geoffrey Howe, para discutir el desarrollo político de Hong Kong. Y el mes pasado, el mismo Deng advirtió que Hong Kong no debería tratar de imitar sistemas políticos democráticos como el de Gran Bretaña o Estados Unidos.

Lo que importa —señaló— es "que el territorio sea manejado por gente...

...ta, sin preocuparse por las sutilezas de la democracia que predominaba en el Viejo Continente.

El gobernador de Hong Kong, nombrado por la cancillería británica en nombre del soberano, detenta una autoridad casi ilimitada sobre el territorio. Hasta hace unos pocos años, el Consejo Legislativo de la colonia estaba integrado, por completo, por empleados públicos y hombres designados por el gobernador.

Pero tres años atrás, poco antes de la firma del acuerdo con China, los británicos adoptaron un plan para la democratización "restringida" de Hong Kong. Anunciaron que en 1985, 24 de los 56 miembros del Consejo Legislativo serían elegidos no por el gobernador sino a través de elecciones indirectas por grupos profesionales de abogados y banqueros o por representantes de los barrios de Hong Kong se...

8704428

ARCHIVAR EN: China (033)

TEMA: Ministro Japonés realiza histórica visita a China

PROCEDENCIA: La Habana 31/5/87

ARCHIVADO EN: Fichaje (8)

01-01 8704430

El Partido Comunista chino combate la penetracion Occidental

PEKIN (The Christian Science Monitor) – La campaña emprendida por el Partido Comunista chino contra las ideas occidentales no ha sido tan limitada como lo prometió su jefe, Zhao Ziyang, sino que ha penetrado profundamente en muchos sectores de la sociedad china, afectando a intelectuales y estudiantes, militares y policías, gerentes de fábricas y obreros.

De acuerdo con los informes periodísticos, algunos comités provinciales del partido se han adherido a ella con entusiasmo y, en unos pocos casos, la han extendido a las zonas rurales.

Hasta ahora, la "campaña contra el liberalismo burgués" ha consistido principalmente en una acción de tipo pasivo (ejercida por medio de la propaganda y la educación política), pero psicológicamente coercitiva, tendiente a asegurar el conformismo político de los miembros del partido y del pueblo chino en general.

Al mismo tiempo se refuerzan los "cuatro principios": el socialismo, el liderazgo del partido, la ideología marxista-leninista y de Mao Tse-tung y la dictadura democrática del pueblo.



Zhao Ziyang

Su blanco principal

La propaganda apunta con especial rigor a los estudiantes universitarios, sometiéndolos a dosis adicionales de estudios políticos. Los funcionarios docentes alegan que los jóvenes –cuyas manifestaciones de protesta para pedir reformas políticas, a fines del año pasado, motivaron la ofensiva del partido contra las ideas occidentales– no comprenden adecuadamente la historia reciente de su país ni su actual situación política y económica.

Según ellos, esa falta de comprensión los hace "pasibles de adquirir ideas equivocadas". La prensa oficial, que últimamente se caracteriza por sus constantes comentarios políticos, los acusa de ser crédulos con respecto a las teorías políticas occidentales y hacer comparaciones "no científicas" entre China y Occidente.

Dichos comentarios describen las protestas estudiantiles como una forma de "anarquismo". Durante las vacaciones de invierno se envió a algunos estudiantes "de regreso al campo", para que aprendieran de los campesinos y adoptaran una actitud más realista.

En las principales universidades de Pekín se han formado grupos de estudio, dirigidos por miembros del partido, en los que se enseña cuidadosamente a los jóvenes a refutar las críticas políticas de dos intelectuales destacados, expulsados recientemente del partido: Fang Lizhi y Liu Binyan.

La campaña ha alcanzado igualmente a los obreros fabriles y se ha ordenado a los gerentes de empresas que refuercen su adiestramiento ideológico, por ejemplo, mediante sesiones de estudios políticos organizadas en las mismas fábricas.

Autocríticas y castigos

Los chinos tienden a tolerar este adiestramiento, denominado "educación positiva", que es, en gran parte, una reiteración de los ejercicios políticos que vienen practicando obligatoriamente desde hace años.

No obstante dicen que la campaña ha impelido a muchos compatriotas a mostrarse más cautos y menos dispuestos a correr riesgos, al imponer enérgicamente el predominio del Partido Comunista sobre la sociedad china.

Aparte de las reuniones que concluyeron con la expulsión del partido de Fang Lizhi y Liu Binyan, no se tiene noticia de que haya habido otras sesiones de crítica y, mucho menos, luchas como las libradas durante la Revolución Cultural de 1966-1976, cuando se humillaba y golpeaba a los acusados de crímenes contrarrevolucionarios.

Algunos intelectuales han debido escribir declaraciones de autocrítica, entre ellos Liu Xinwu, director de Literatura del Pueblo, la principal revista literaria china, quien fue acusado, junto con su cuerpo de redactores, de haber publicado unos cuentos cortos sobre Tibet que, supuestamente, violarían las normas del partido. Liu Xinwu fue suspendido "temporariamente".

Según parece, otros universitarios y escritores, así como varios periodistas, han corrido la misma suerte. Algunos de ellos han sido mencionados como blanco de críticas específicas y han faltado a sus trabajos durante muchas semanas. Poco se

China

117

la penetración occidental

[illegible]

[illegible] acerca de por qué motivos y de qué modo fueron elegidos.

Al profesor Fang Lizhi lo acusaron de haber sido el principal instigador de las protestas estudiantiles y de figurar entre los partidarios de la "occidentalización total" y el "liberalismo burgués". Sin embargo, las autoridades le permitieron presentar un trabajo científico en una reunión celebrada a principios de marzo, como si quisieran convencer al público de que hasta las personas más vilipendiadas en la actual campaña política pueden llevar una vida normal.

Actitud de los militares

Las Fuerzas Armadas han sido el campo de batalla más curioso dentro de esta ofensiva política.

A fines de enero, Yu Qiuli, jefe del departamento político del Ejército de Liberación del Pueblo, dijo que éste había mantenido una conducta ejemplar durante la campaña política y señaló, como hecho significativo, que ni un solo alumno de las academias e instituciones militares (son más de un centenar) había apoyado en forma manifiesta las protestas de los estudiantes civiles.

Con todo, varias semanas después, Yu Qiuli impartió una directiva en la que expresaba que, a diferencia de los civiles, todos los militares, incluida la plana mayor, debían participar en la "formal lucha política" contra el liberalismo burgués.

Aquí, en Pekín, los observadores dicen que, aparentemente, los militares habían sido los menos afectados por las ideas occidentales. Algunos diplomáticos extranjeros especulan con la hipótesis de que los altos oficiales están respaldando a los conservadores que controlan actualmente los órganos de propaganda del partido, y pugnan por obtener un mayor dominio sobre éste y el Gobierno.

Un diplomático occidental opinó que, tal vez, están tratando de recuperar su fama de chinos ideológicamente puros, dignos de ser emulados por todos sus compatriotas. Añadió que en un tiempo desempeñaron ese papel y ahora les gustaría reclamarlo para sí.

La estrategia de combatir las ideas occidentales por medio de la reeducación fue mencionada públicamente por primera vez el 29 de enero de este año por Zhao Ziyang, secretario general del partido, quien declaró que la tarea de oponerse al liberalismo burgués "se limitaría estrictamente al Partido Comunista chino y se llevaría a cabo, principalmente, en el campo político e ideológico", acotando que no se extendería a las zonas rurales. (c) LA NACION

(Traducción de Zoraida J. Valcárcel)

La Nación 6/5/87

02-02

8704455

033

Simposio sobre reforma agraria realiza China

En la República de China, organizado por autoridades de su gobierno se realizará un Simposio sobre reforma agraria y desarrollo rural, con el objetivo de proceder a una evaluación de los efectos de la modificación de la estructura agraria sobre el desarrollo rural.

El gobierno de la República de China ha invitado a participar en dicho Simposio a especialistas altamente calificados en el tema y con amplia experiencia, así como también a profesores vinculados al mismo.

Entre los participantes se cuenta el Ing. Agr. Augusto Eufacio, vicepresidente del Instituto Nacional de Colonización quien viajó en la tarde de ayer con ese destino.

La nominación del Ing. Eufacio fue dispuesta por resolución del Directorio del I.N.C., por unanimidad de votos de los cuatro miembros restantes. Y contó con el beneplácito del Poder Ejecutivo.

El Simposio tendrá una duración estimada de dos semanas a partir del próximo día 31 y como es norma del gobierno del país invitante, todos los gastos son de su cargo.

El Ing. Agr. Augusto Eufacio aprovechará la oportunidad de su estadía en la República de China, para mantener contactos con jerarcas de servicios oficiales pertinentes a los efectos de evaluar posibilidades de concretar un intercambio tecnológico en relación con los trabajos de producción y rubros que los comprenden, de pequeños y medianos productores y que, en caso afirmativo, podría configurar una apertura de perspectivas muy interesantes para los integrantes de los núcleos del Instituto Nacional de Colonización y de intercambio.

U. Noticias. 28/5/87

Fichaje

China

01-01 8704530

853

China

China acusó a Hanoi de violación territorial

PN

Pekín, 15 (UP) – China acusó hoy a Vietnam de violar su soberanía territorial al ocupar una disputada isla del mar de China meridional, y advirtió que Pekín retiene el derecho a recuperar su "sagrado territorio".

El vocero del Ministerio de Relaciones Exteriores, Li Zhaoxing, señaló que Vietnam debe retirar sus tropas de la isla Bojiao "ocupada ilegalmente". La isla Bojiao está situada estratégicamente en el importante archipiélago de Nansha.

El grupo de islas situadas cerca de vitales rutas marítimas comerciales, posiblemente contiene yacimientos de petróleo, y también ha sido reclamado por Taiwán, Malasia y Filipinas.

Las islas Nansha, varias de las cuales ya estaban ocupadas por Vietnam, se encuentran al norte de Borneo y al oeste de las islas Filipinas de Palawan, en el mar de China meridional.

"Recientemente, las autoridades vietnamitas una vez más han abusado de la integridad territorial y soberanía de China al enviar descaradamente tropas a la isla Bojiao de las islas Nansha de China y ocuparlos ilegalmente", declaró Li en una reunión semanal de prensa.

El gobierno de Pekín ha reclamado firmemente las islas Nanshas y otros tres grupos del mar de China meridional como "el sagrado territorio chino", según dijo Li.

Advertencia

"China tiene indiscutibles derechos soberanos sobre esas islas y sus aguas adyacentes, y no tolera el abuso por ningún país bajo ninguna excusa ni en ninguna forma", declaró Li.

"El gobierno chino condena severamente a las autoridades vietnamitas por su ilegal invasión y ocupación de algunas de las islas Nansha de China y demanda firmemente que la parte vietnamita retire sus tropas".

Agregó que, "el gobierno chino se reserva el derecho de recuperar esas ocupadas islas en un momento apropiado". La Prensa 16/4/87

Las islas Nansha son inhabitables, pero de gran importancia estratégica debido a su posición cercana a importantes rutas marítimas comerciales entre el este asiático y el norte de Asia por una parte y por otra el océano Indico.

La ocupación de Camboya

Bangkok, 15 (ANSA) – Vietnam terminará la ocupación militar de Camboya si China deja de pretender el regreso al poder de los Khmer Rouge de Pol Pot, lo afirmó el secretario del partido Comunista vietnamita, Nguyen Van Linh en una entrevista trasmitida anoche por la agencia de prensa oficial de Vietnam.

Vietnam invadió Camboya en 1978 para derrocar al sangriento régimen de los Khmer Rouges, apoyados por Pekín y actualmente mantiene en el país una fuerza de 110 mil soldados. Contra estos y el régimen provietnamita de Heng Samrin, combaten los guerrilleros gobierno del tripartito en el exilio de la Kampuchea Democrática encabezado por el príncipe Sihanouk.

01-01

8704579

033

R.P. China (fichaje)

Campaña ideológica en escuelas chinas

Pekín (UP) – El ministro de educación, Li Peng, advirtió a los maestros que su tarea principal no es la creación de académicos sobresalientes, sino el desarrollo de talentos que ayuden al sistema comunista, informaron los medios oficiales de prensa.

Li también exhortó a mantener una campaña de largo plazo para erradicar las tendencias capitalistas en las escuelas de China, indicó la agencia Xinjua.

Las declaraciones de Li, formuladas al clausurar la conferencia del Sindicato de Trabajadores de la Educación, ocurrieron en medio de esfuerzos de los gobernantes chinos por ajustar el control ideológico sobre las universidades, despues de las manifestaciones estudiantiles en favor de la democracia y la libertad registradas en diciembre en unas 20 ciudades.

El ministro Li señaló que "la tarea fundamental" de una escuela es producir "talentos útiles a la causa del socialismo" más que académicos destacados.

Li indicó que los educadores asimismo deben defender los principios básicos del comunismo en China y luchar contra la "liberalización burguesa".

La Prensa 4/5/87

Trágico saldo por una explosión en China

PEKIN, 16 (AP, AFP y UPI). — Una violenta explosión en una fábrica de aceite de lino en la ciudad de Harbin, en el noroeste del país dejó un trágico saldo de por lo menos 45 operarios muertos y otros 188 heridos, algunos con gravísimas quemaduras. El accidente ocurrió en la madrugada de ayer y el diario "Noticias Legales de China", que suministró la información, señaló que aún no se habían establecido las causas de la explosión y el posterior incendio.

El tremendo estallido ocurrió exactamente a las 2.30 de la víspera momentos en que en la fábrica estaban trabajando 470 operarios, en el turno más reducido de la importante planta.

La prensa china destaca que cuatro plantas colindantes, pertenecientes al mismo emporio, dedicadas a la fabricación de tejidos de lino, también resultaron seriamente dañadas por el siniestro.

Decenas de dotaciones de bomberos y unos 400 policías y médicos especializados concurrieron inmediatamente al lugar de la tragedia para auxiliar en las iniciales tareas de rescate, remoción de escombros y posterior remisión de heridos y quemados a diez centros asistenciales de la ciudad y de otras localidades cercanas.

Se trata, recordó la prensa local, de la mayor tragedia fabril que se haya producido en la región en los últimos veinte años.

♦ **Clausuras**

Por lo menos tres publicaciones de dos provincias chinas fueron recientemente clausuradas por haber publicado artículos favorables a la "liberalización burguesa", afirmaron hoy fuentes en Pekín. El jefe de redacción de "Tribuna de la Juventud", de la ciudad de Hubei, en el centro de China, Zhao Zuchay, dijo que su revista fue acusada de haber difundido "la liberalización burguesa" y que sus periodistas están siendo objeto de una investigación.

Por su parte, You Lihua, redactora jefa de la revista quincenal "Ciencias", de Anhui —al este del país— indicó que su publicación fue clausurada hacia mediados del pasado mes, invocándose motivos similares. Esta revista se publicaba en uno de los más activos centros del movimiento de protesta estudiantil de diciembre del pasado año.

Observadores y diplomáticos occidentales coincidían en que estas medidas se inscriben en el marco de la campaña ideológica "lucha contra el liberalismo burgués", lanzada en la República Popular de China en enero pasado en reacción a las masivas manifestaciones estudiantiles.

Clarín 17/3/87

R.P. China

Relevaron en China a cuatro ministros: puja por el poder

Agencia Reuter



El líder chino Deng Xiaoping, es saludado durante la sesión de la Asamblea Nacional del Pueblo, que concluyó ayer.

PEKIN, 11 (AP, DPA, EFE y UPI). — Signos de indefinición en la puja por el poder ofreció la clausura de la sesión anual de la Asamblea Nacional del Pueblo, El Parlamento chino, en la que se aprobaron al mismo tiempo —sin que se reiterara la tradicional unanimidad en los votos de las distintas decisiones— el informe sobre la situación nacional efectuado por el primer ministro y secretario general del Partido Comunista, Zhao Ziyang, y su desplazamiento como responsable de la comisión estatal para la reestructuración del sistema económico, con rango de ministerio.

En total, fueron cuatro los relevos en los ministerios, el más importante de los cuales —junto con el contradictorio desplazamiento de Ziyang, quien sigue siendo primer ministro— es el del de Seguridad Pública, Ruan Chongwu, en apariencia como resultado de su actitud relativamente moderada frente a las manifestaciones estudiantiles de diciembre pasado, las que exigían una mayor liberalización del sistema.

La Asamblea aprobó con solo dos abstenciones el discurso de apertura sobre la situación nacional de Zhao Ziyang, de la cual se exaltaron los beneficios del experimento chino de ocho años con un mercado orientado a la economía, al tiempo que se señalaban los problemas económicos y políticos en el país.

Hubo especulaciones de que los conservadores de la Asamblea forzarían cambios en el discurso. Sin embargo, su aceptación puede mostrar el grado de solidez que tienen los principales reformistas como Zhao y el veterano líder Deng Xiaoping.

En cuanto a los motivos del relevo de Chongwu, las manifestaciones estudiantiles en más de una docena de ciudades en diciembre pasado fueron reprimidas por alentar lo que se llamó una liberalización burguesa y promoción del occidentalismo y capitalismo sobre el socialismo. Ruan, ingeniero y diplomático de 52 años, fue reemplazado por Wang Fang, un jefe provincial del Partido Comunista con amplia experiencia en seguridad pública.

Ruan había exhortado a la policía china a mejorar su imagen y terminar con el maltrato a los sospechosos. Si su cambio tiene conexión con las manifestaciones estudiantiles se convertiría en el más alto funcionario removido de su cargo por esos motivos desde la destitución del secretario general del Partido Comunista, Hu Yaobang, el 16 de enero, por tolerar las ideas liberales de Occidente.

Hu, quien asistió a la sesión de apertura de la Asamblea en su primera aparición pública desde su apartamiento, estuvo ausente de la clausura.

Otros cambios

En los otros cambios ministeriales, Chen Winzhang, ex director del hospital y viceministro de Salud Pública, reemplazó a Cui Yueli como titular de la cartera. Zeng Xianlin, ingeniero y viceministro de la Comisión Estatal de Planificación reemplazó a Yang Bo como ministro de Industria Ligera y Li Tieying, ministro de Industria Electrónica, asumió en lugar de Ziyang en la Comisión Estatal para la Reestructuración del Sistema Económico. Li, tuvo 21 votos de oposición.

El Congreso, al aceptar el informe de Zhao, remarcó en una resolución la necesidad de incrementar la producción granera, combatir la dilapidación e ineficiencia en el gobierno, recortar la construcción e inversiones sin control y mantener los principios de "autoconfianza y dura lucha".

En la línea centrista de Zhao, el Congreso dijo que China debe eliminar las tendencias a la burguesía liberal y, al mismo tiempo, ampliar las reformas económicas y continuar la apertura china al mundo.

13-

Eichefe

R.P. China

Olvidemos viejos [illegible]

Epoca 8/5/87



PEKIN. — Con la visita del líder búlgaro Todor Zhivkov, en curso en estos días en Pekín, los dirigentes chicos indicaron la voluntad de poner a un lado definitivamente la disputa ideológica con los países del bloque soviético (que se arrastra desde hace más de veinte años), incluso con un país totalmente alineado con la URSS como Bulgaria, y de abrir un nuevo capítulo en las relaciones con Europa Oriental. Lo indicó hoy en términos explícitos el líder chino Deng Xiaoping, el cual, recibiendo a Zhivkov, invitó al huésped búlgaro a "poner de lado cuestiones dejadas abiertas en la historia" y a "trabajar para el futuro".

"Nosotros tenemos nuestros defectos, pero tampoco ustedes están en lo justo", dijo Deng, agregando que "el mejor modo de resolver estos problemas es olvidarlos del todo o mirar en cambio hacia adelante".

01-01 8704836

CLARIN ★ Buenos Aires, lunes 16 de marzo de 1987

CONTRA EL CONSERVADORISMO

Zhao Ziyang exhortó a la moderación ideológica

Mientras China y la Unión Soviética dan señales de mejorar sus relaciones diplomáticas, y en ese marco solucionar sus diferencias en el sudeste asiático, Zhao Ziyang, secretario general del P.C. chino, exhortó a la moderación en la campaña ideológica.

PEKIN, 15 (AFP). — El líder del Partido Comunista chino, Zhao Ziyang, lanzó este fin de semana un llamado a la moderación en la actual campaña contra el "liberalismo burgués", lo cual podría anunciar una nueva ofensiva del sector reformista del partido contra el sector conservador, según los observadores.

"China no se opondrá a la liberalización burguesa" pues tal oposición significaría una merma de la democratización, dijo el sábado Ziyang durante una reunión de científicos chinos. Declaraciones que además son reproducidas hoy en la primera página de todos los periódicos del país.

Apelando a un refuerzo de la democracia en China, pero siempre con la dirección del Partido Comunista, el nuevo secretario general interino del mismo, y también primer ministro, dijo que su país debía mostrar más respeto por sus intelectuales y por sus obras.

Ziyang mostró una prudente reserva respecto de las fuertes declaraciones de los viejos responsables ortodoxos y conservadores, que últimamente volvieron a cobrar importancia en la escena política china, lo que hizo pensar a los diplomáticos que analizan la situación que el dirigente reformista se halla en una situación delicada.

"Deben abrirse canales de discusión y de diálogo entre los dirigentes y los intelectuales, para que éstos puedan expresar sus puntos de vista, y, con un espíritu tranquilo, contribuir aún más a la modernización socialista", añadió Ziyang.

En otro discurso pronunciado el sábado durante una reunión de más de 70 encargados de la propaganda, que también aparece hoy en la primera página de los diarios chinos, Ziyang subrayó que la campaña ideológica debe quedar limitada al interior del partido, y no cuestionar ni la política de reformas económicas ni las reformas en las zonas rurales.

◆ **Golpe conservador**

Numerosos diplomáticos occidentales estiman que los dirigentes conservadores, la mayoría de los cuales posee más de 70 años, se hallan comprometidos desde fines del año pasado en una encarnizada batalla por el poder contra los reformistas.

Para ello, los conservadores aprovechan que China vive actualmente la más dura crisis política de la última década y el impulso que tomaron luego a raíz del "golpe palaciego" con que lograron el alejamiento de Hu Yaobang.

Los llamados de Ziyang a la moderación se producen en un momento en que China debe afrontar cruciales decisiones. La dirección del partido y el gobierno deben decidir rápidamente quiénes serán los hombres que dirigirán el país en los próximos años, cuya designación será oficializada en un congreso del P.C. en setiembre próximo.

SIGNOS DE ACERCAMIENTO

Relaciones Pekín-Moscú

PEKIN, 15 (Por Patrice de Beer de "Le Monde", especial para Clarín). — La aceleración de las reformas propuestas por Mijail Gorbachov tomó a los dirigentes chinos por sorpresa. La reunión del Comité Central del Partido Comunista soviético tuvo lugar en enero, en el momento mismo en que el partido comunista chino daba marcha atrás a sus reformas a consecuencia de las manifestaciones estudiantiles.

Pekín había recibido de buen grado la noticia de la elección de Mijail Gorbachov. Cuando el nuevo secretario general soviético comenzó a sacudir la burocracia de su país, los chinos interpretaron que sus propias reformas bien podían servirles de ejemplo. Al mismo tiempo, con discreción y siempre "sotto voce", les inquietó el riesgo que la dinamización de la URSS representaba para los chinos, para el resto de Asia y para el Pacífico.

Las manifestaciones de Pekín, no obstante, marcaron un cambio. La estabilidad política se volvió de pronto ilusoria ante la renuncia repentina del secretario general del P.C.Ch., Hu Yaobang. El reformismo inicial de Deng Xiaoping sufrió un duro revés con la vuelta al primer plano de los conservadores. Entretanto, los peones de Gorbachov avanzaban en el ajedrez del plenario del Comité Central. La prensa china, que hasta entonces apuntaba escrupulosamente los esfuerzos modernizadores de la URSS, hizo gala de una discreción ejemplar. La nueva agencia de noticias de Pekín se conformó con algunos despachos vagos y circunspectos.

Los contactos y tratativas, en particular las de las últimas semanas, siguieron multiplicándose, pero Pekín no ha dejado de temer la actitud conquistadora de la URSS. Los militares chinos, cuya influencia política va en aumento, son decididamente antisoviéticos, particularmente porque de esa nacionalidad son las armas que los vietnamitas emplean para encararlos, como soviética es la ayuda que reciben para ocupar Camboya.

Esta desconfianza de China hacia la URSS debería impedir un acercamiento rápido. El armamento producido o comprado por China se destina a proteger las fronteras con la Unión Soviética o sus aliados, pese a que Moscú es un socio comercial potencial. Ya sea que Gorbachov gane o pierda la pulseada interna, los chinos consideran que una alianza informal y limitada con EE.UU. sigue siendo útil.

Hay un ingrediente que podría poner en duda esta posición de los chinos: la existencia de aquello que algunos especialistas extranjeros de Pekín denominan un "lobby pro soviético", en particular alrededor de Li Peng, miembro del Politburó y viceprimer ministro con formación soviética, un conservador conocido por su simpatía con el Kremlin.

China dispone de un importante contingente de técnicos y dirigentes formados en la Unión Soviética durante los años cincuenta que, contrariamente a lo que ocurre en otros países del Tercer Mundo, no han adoptado opiniones antisoviéticas

33

CHINA

AUN SON MUCHOS

Aparte de los cambios sufridos en los últimos tiempos por la economía y la política chinas, un factor problemático sigue subyacente a todo movimiento de superficie: el crecimiento sostenido de la población, que pone en jaque la prosperidad del país. Si en 1949 había 540 millones de habitantes en el gran país asiático, actualmente ya superan los 1.000 millones.

Las técnicas empleadas por el gobierno han sido múltiples: desde la promoción de casamientos tardíos y familias de un solo hijo, hasta diversas técnicas anticonceptivas. Tales medidas dieron resultado sobre todo en el quinquenio 1980-1985, arrivando a este último año con 14 millones de nacimientos menos de los establecidos por el plan oficial. Desde entonces, sin embargo, el crecimiento demográfico parece haber recobrado el terreno perdido, y amenaza con superar por lejos la cifra oficial de 1.200 millones de habitantes para el año 2.000.

Hacia 1983 la aplicación estricta de la exigencia de que cada familia tuviese un solo hijo había provocado consecuencias como el asesinato de niñas al nacer: en 1984 se estaban investigando 2.000 casos de ese tipo en Chenking. Algunos funcionarios de China del Sur presionaron a los padres para que se esterilizaran después del primer hijo (técnica también empleada en la India), o aplicaban castigo a las familias con más de un hijo, consistente en la negativa de ayuda estatal y raciones alimenticias.

La excesiva presión oficial comenzó a provocar resistencia popular, lo que a su vez llevó a un relajamiento relativo a partir de 1984. En los últimos años las reformas agrícolas, que impulsaron la responsabilidad individual de las familias por lo que cultivan y cosechan, han sido un factor impulsor de las familias de más de un hijo (ya que se emplean sus manos en el campo). A su vez la cantidad de parejas que están por establecer vida en común y familiar ha aumentado en esta segunda mitad de la década del '80. El tema no dejará de desempeñar su papel en la delicada balanza entre reformas y endurecimiento por la que está pasando toda la sociedad china.

LA RAZON

033

R.P. China

Más de 33.000 miembros

China: purga en Partido Comunista

PEKIN (ANSA, EFE y UPI).— El Partido Comunista de China ha expulsado a 33.869 miembros a lo largo de una purga iniciada hace tres años y medio, pero aún existe el problema del faccionalismo y "otras perniciosas secuelas feudales", dijo un veterano ideólogo chino en un discurso publicado ayer.

Diplomáticos occidentales consideraron el discurso de Bo Yibo, vicedirector de la comisión asesora de la rectificación del partido, como un indicio de que los elementos que se oponen al ritmo y al alcance de las reformas económicas pretenden retrasar algunos de los cambios que se están llevando a cabo.

Un total de 33.869 militantes comunistas fueron expulsados en la purga, declaró Bo, en una conferencia que marcaba el fin de la iniciativa emprendida en octubre de 1983 por el líder Deng Xiaoping. El texto del discurso fue publicado en la primera plana del periódico oficial del Partido, el Diario del Pueblo.

La divulgación representa la primera vez que las autoridades chinas han revelado cuántas personas han sido obligadas a abandonar las filas del partido. La cifra es menor de la que se había difundido en un principio, cuando fuentes del Partido calculaban que unos tres millones de miembros serían expulsados.

La purga estaba destinada a excluir del partido a los que no cumplían estrictos criterios morales, sobre todo los ultraizquierdistas, a los que seguían tendencias faccionalistas y a los que habían cometido "asaltos, destrozos y saqueo" durante la llamada revolución cultural de 1966-1976.

PV, RCh

La Nación 21/4/87

01-01 8705047

Primer ministro chino llegó en visita oficial a la RDA

Berlín (PL). Zhao Ziyang, primer ministro de China, llegó ayer a esta capital en visita amistosa de cinco días para fortalecer las ya buenas relaciones económicas y comerciales entre su país y la República Democrática Alemana.

El también secretario General interino del Comité Central del Partido Comunista de China vino a Varsovia, donde culminó una visita similar de cinco días en compañía de una delegación amplia de dirigentes de alto nivel del gobierno y partido de su país.

En el aeropuerto de Berlín-Schoenefeld fue recibido por su anfitrión, el secretario general del Partido Socialista Unificado de Alemania (PSUA) y presidente del Consejo de Estado de la RDA, Erich Honecker, así como varios miembros del Buró Político y dirigentes y personalidades de esta república.

Tras recibir los honores correspondientes a su cargo, Zhao Ziyang expresó su satisfacción por encontrarse en este país, "que en difíciles condiciones superó las secuelas de la segunda guerra mundial, y logró desarrollar un Estado [illegible] con altos [illegible] en los campos científico-técnicos".

Tras la ceremonia de recepción el premier chino y sus acompañantes salieron de la instalación aérea, para recibir el saludo fraternal de la ciudadanía berlinesa a lo largo de su recorrido desde Shoenefeld a la casa de protocolo, donde se hospeda.

Unos minutos después comenzó a cumplir el amplio programa de actividades contempladas para su estancia aquí, dirigiéndose primeramente al Monumento a los Luchadores Antifascistas caídos, donde depositó una ofrenda floral en homenaje a los que murieron en la lucha contra el nazifascismo.

El plan comprende además encuentros con Honecker y con el primer ministro Willi Stoph, participación en un acto para designar una escuela berlinesa con el nombre de un patriota chino, visitas a la Escuela Superior de la Economía Socialista, centros científico-técnicos capitalinos y a Dresde.

Zhao Ziyang y la delegación que le acompaña terminarán su estancia en la RDA el 11 próximo y viajará a Checoslovaquia, donde continuará su gira de 18 días por los países socialistas europeos.



[illegible] Estado de la RDA, Erich Honecker, en ocasión de su visita a [illegible] Popular de China, a fines del [illegible]

8705058

01-01

Profunda purga en el PC chino

PEKIN. — Aproximadamente seis millones de afiliados al Partido Comunista de China en áreas rurales han sido transferidos o expulsados de sus filas en la purga con la que durante los últimos tres años y medio la organización de 44 millones de afiliados trató de deshacerse de los izquierdistas y corruptos, informó ayer el diario oficial del partido.

La rectificación partidaria nacional a nivel de aldeas de cerca de un millón de dependencias del partido que comprendió a 20 millones de miembros del partido, "básicamente está completa", informó el "Diario del Pueblo".

La "rectificación partidaria" fue lanzada por el veterano dirigente Deng Xiaoping a fines de 1983, y entró en su última etapa, una inspección a nivel de los miembros de las bases en el sector campesino, a principio de este año.

"En la consolidación del partido, todas las regiones rectificaron y ajustaron aquellos cuerpos dirigentes que estaban débiles o flojos, así como problemas y aquellos que no se adaptaban a las exigencias", indicó el diario.

"El alcance del ajuste llegó entre un quinto y un tercio" de los integrantes del partido en las zonas rurales informó el periódico en la primera indicación oficial que muchos conservadores en las organizaciones campesinas del partido han sido destituidos.

El Día PM 9/4/87

R.P. China

3 M.E.B.

E.B.

8705237

01-01

ARCHIVAR EN: R.P. China (033.

H.E.B.

TEMA: Enfoques Año I Nº 6 Junio 1982. CAUSA Análisis y Comentarios.

PROCEDENCIA: 22/7/82 Doc. 1083/82

ARCHIVADO EN: Secta Moon (067)

01-01 8705284

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Portugal devolverá la colonia Macao a China 1999.

H.E.B.

PROCEDENCIA: LA NACION 24/3/82

ARCHIVADO EN: Portugal (023

01-01 8705322

MEB.

TEMA: Enfoques Año I Nº 6 Junio 87.
CAUSA Análisis y Comentarios.

PROCEDENCIA: 23/7/87 Doc. 1083/87
ARCHIVADO EN: Secta Moon (067)

01-01 8705284

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Portugal devolverá la colonia Macao a China 1999.

MEB.

PROCEDENCIA: LA NACION 24/3/87
ARCHIVADO EN: Portugal (023

01-01 8705322

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Conversaciones Macao-Pequín. Primer Ministro Portugués en Pequín.

MEB.

PROCEDENCIA: —
ARCHIVADO EN: URSS (026)

01-01 8705325

INTERNACIONAL

Liberalización en China

Un paso adelante, dos atrás

POR un momento en Occidente se pensó que la Muralla China iba a dejar de ser barrera contra los vientos liberalizadores que intentan penetrar en el mundo comunista. Hu Yaobang, el ahora defenestrado secretario general del partido, también lo creyó. Sin embargo, esa gerontocracia de más de ochenta años de media, se opone a las reformas. Den Xiao Ping, de cuya mano podían haber llegado los cambios, se bandea entre unos y otros, en una nueva Larga Marcha.

Alberto C. Márquez (Hong Kong)

ZHOU Jihu, un joven de Wuhan, en la China Popular, fue citado recientemente en una información oficial como «un ejemplo a seguir». Se elogiaba su contribución al progreso tecnológico y a la medicina. El meritorio trabajo de este granjero de veintisiete años consiste en regentar, con pingües ganancias (100.000 yuanes al año o 25.000 dólares norteamericanos), un establecimiento modelo dedicado a la cría de escorpiones. Zhou Jihu tiene ya 14 empleados y proporciona materia prima para uno de los renglones de la medicina tradicional china, la utilización de escorpiones, después de ser cuidadosamente preparados para ingerirlos, para aliviar los penosos síntomas del reumatismo, dolores de cabeza intensos y otras dolencias. Pero Zhou Jihu es también un ejemplo del equilibrio delicado del experimento reformista que se llevaba a cabo hasta muy recientemente, aunque este otro aspecto no haya conocido una gran publicidad.

Todavía se recuerda aquí en Hong Kong un célebre discurso del ahora defenestrado Hu Yaobang, en el cual y apenas dos años atrás se aleccionaba a los extranjeros, y en particular a los *China watchers*, «observadores de China», clásicamente estacionados en este territorio británico, advirtiéndoles que no existía una división en los cuadros superiores del partido entre «liberales» y «conservadores». En su momento, este desplante ortodoxo no tuvo mucho recibo, aunque alentó esperanzas de que esta pretendida unidad ayudara a llevar adelante la apertura y las reformas necesarias para que China comenzara a sintonizar mejor con el mundo.

Ahora ya se sabe no sólo que existe la fractura y la división en dos campos difícilmente conciliables, sino que esta situación ha conducido al partido y al país a la peor crisis de la última década.

A principios de mes, después de una reunión de una hora con el secretario de Estado norteamericano, *George Shultz*, voceros oficiales chinos aseguraron que los problemas ideológicos internos estaban solucionados. Nadie está muy seguro de esto y las contradicciones están a la vista. El propio

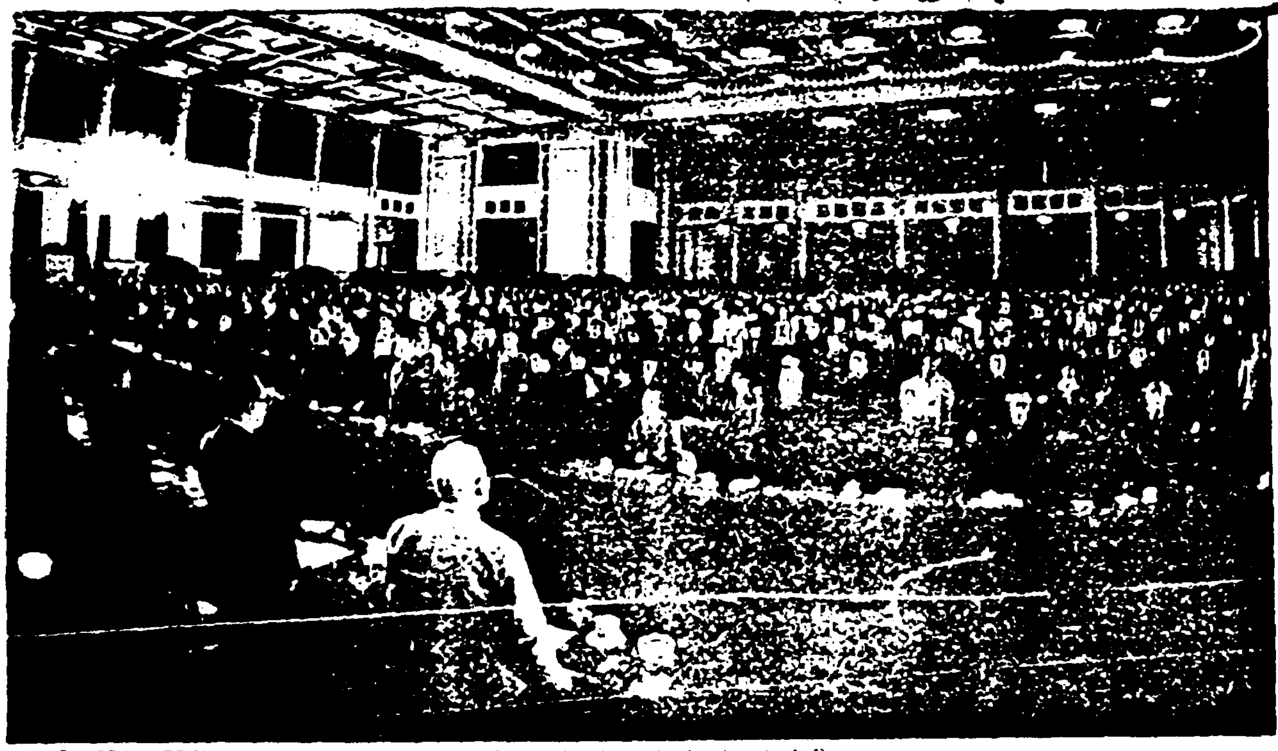


LAS REVUELTAS de los estudiantes no fueron totalmente apoyadas por Den Xiao Ping.

Deng Xiao Ping, en dos discursos dirigidos a cuadros del partido en enero último, empleó un estilo y conceptos sumamente duros. Refiriéndose a la situación imperante en China y al ejemplo de Polonia, expresó: «Esto demuestra que sin dictadura no se funciona. No se puede sólo hablar de métodos dictatoriales, esos métodos tienen que ser aplicados cuando el momento llega.» Luego, en un alarde de patriotismo y ortodoxia, dijo: «La lucha contra el liberalismo burgués es una que no podemos perder y no debemos temer que los extranjeros digan que estamos desafiando a nuestra propia imagen.» «China debe seguir su propio camino y construir el socialismo con características chinas; todo lo que se necesita es que los extranjeros perciban que hay una situación política estable.»

Aparte de que nadie todavía ha acc[illegible]tado a definir qué es exactamente el denostado «liberalismo burgués», circula una versión que habla de que es «todo aquello que atenta contra el espíritu y la aplicación de las directivas del partido, los antirreformistas están centrando también sus campañas en la denuncia de "actividades contrarrevolucionarias"».

Esta es una acusación, dentro del universo ideológico chino, mucho más grave que el ser etiquetado de «liberal burgués», y comprende un espectro



LA GERONTOCRACIA *se enfrenta con el aparato del partido a la tímida liberalización de Deng.*



HU YAOBANG *creyó en las reformas y fue defenestrado.*



DEN XIAO PING, *jugando a todas las barajas.*

muy amplio de casos. Entre ellos el de personas acusadas de «ser espías de Taiwán», o el caso de un estudiante chino recientemente llegado de los Estados Unidos enjuiciado también de contrarrevolucionario. Es interesante observar que la procedencia geográfica de estas denuncias está casi siempre situada en las grandes ciudades de la franja costera, como Shanghai, y en Pekín. El *contagio* de los *males occidentales* ha encontrado eco múltiple en capas de población de cierto nivel de vida, y allí han hecho nido las *lacras* que los chinos consideran más reprobables. Se han publicado en diarios pro chinos de Hong Kong casos de redes de prostitución, consumo de drogas, una historia de grupos de *gays* y lesbianas de Hong Kong yendo a frecuentar sus círculos correspondientes en ciudades meridionales chinas, los primeros casos de SIDA entre chinos y demás. La opinión de los observadores es que esto es sólo la parte que aflora del iceberg y que algo de la virulencia de la embestida antirreformista viene influida por esta «decadencia de costumbres socialistas». Han menudeado en las últimas semanas los llamados a la «austeridad partidaria» y los recordatorios, exhumándolos del olvido, de pensamientos de Mao de épocas perdidas en la bruma casi mitológica de la historia del Partido Comunista Chino.

EN momentos de grave crisis, cuando la razón de ser misma del partido y su papel directivo y omnipresente en la sociedad china buscan ser revitalizados por el veterano liderazgo reaccionario, se desentierran los iconos ideológicos y las piezas oratorias de décadas atrás con intenciones de amonestación y advertencia.

Si bien el líder Deng Xiao Ping no se ha volcado ostensiblemente a favor de una de las dos facciones en pugna, ha reiterado que «los recientes cambios en el liderazgo no alterarán las políti-

PERU

cas nacionales establecidas». Pero igual que hace un cuarto de siglo Deng batalló contra los excesos de la izquierda iconoclasta dentro del partido, y en no escasa medida contra directivas del propio Mao, ahora también aparece como un árbitro de la situación. Con la diferencia de que en 1987 ha brindado un importante apoyo, se desconoce hasta qué punto las circunstancias han influido en él en ese sentido a los puristas de la gerontocracia, antiguos camaradas suyos, para corregir evidentes «desviacionismos». Los integrantes de la denominada «banda de los viejos» y que aparecen como la punta de lanza de la cruzada antiliberal-burguesa son Peng Zhen, presidente del Congreso Nacional del Pueblo, de ochenta y cuatro años; el veterano jerifalte del partido Wang Zhen, setenta y ocho, y el presidente Li Ziannian, och[illegible]a y dos años.

FRENTE a ellos, con un apoyo algo velado pero vital de Deng, libra su combate para mantener la riada antirreformista dentro de ciertos límites y no asestar golpes debilitantes a la política económica de «puertas abiertas» el nuevo primer ministro, Zhao Ziyang.



LI XIAN NIAN
o la gerontocracia.

Las manifestaciones estudiantiles de diciembre y enero últimos, así como la decisiva actitud de Deng de no apoyarlas, proporcionaron a los veladores de las esencias partidarias una magnífica excusa para extender las purgas más allá de los [illegible]bitos del partido. La *blitzkries* sobre las artes, por ejemplo, ha caído sobre periodistas, escritores, poetas, pintores, realizadores cinematográficos, etcétera.

Tal ha sido el caso del relevante escritor Lui Xiawu, relevado de sus funciones como editor del *People's Literature Journal* («Periódico Literario del Pueblo») por haber escrito una novela en la que «se violan las políticas del partido y del Estado en materia de arte, nacionalidades y religión». Según un comunicado de la agencia de noticias Nueva China, se acusa al escritor cesado de haber escrito una novela asqueante y vulgar, haciendo uso de un lenguaje sensacionalista para distorsionar las costumbres sociales tibetanas, que ha mostrado que el autor tiene «deseos carnales despreciables y se muestra indulgente consigo mismo en la búsqueda de ganancias monetarias».

Freud y Sartre, para citar dos casos, han sido reiteradamente atacados desde las columnas de la Prensa china du-



LOS ... TUDIANTES *queman la prensa oficial.*

rante las últimas semanas. En el periódico oficial, *Guangming Daily*, se afirmó que el interés de los chinos en la psicología sexual de Freud había resultado de una «pornografía obscena» producto de «una influencia vil». En el mismo comentario de primera página el autor afirmaba que «debemos estudiar aspectos del extranjero, pero sin endiosarlos ni adorarlos». También decía que no se explica por qué los trabajos existencialistas de Sartre están siendo presentados a la juventud china sin acompañarlos de un texto crítico.

EL impulso contra los «burgueses» y «liberales» —a pesar de declaraciones en sentido contrario— se ha extendido también a la Policía Arma[illegible] del Pueblo (600.000 hombres), a la cual se ha pedido que esté «vigilante» contra los que buscan corroer y distorsionar el liderazgo del partido. También en el seno del Ejército Popular de Liberación (PLA, en su sigla inglesa) circulan directrices en este sentido, y es sabido que las Fuerzas Armadas de China, una vez más (aunque en esta oportunidad con signo contrario), han puesto su peso en reacción contra las manifestaciones estudiantiles recientes y el posterior enderezamiento de las políticas partidarias.

Lo que resulta evidente, dentro de la proverbial dificultad para prever el sesgo de los acontecimientos políticos en China, es que la actual pugna va a continuar. Simultáneamente seguirá la depuración de elementos no gratos a la ortodoxia. Un veterano líder conservador del partido, Bo Yibo, se encargó de resumirlo así: los cuadros del partido deben estudiar la teoría marxista-leninista para «imprimirle valor al espíritu de una vida sencilla y de trabajo duro».

RS

033

China

China ingresó al Banco Asiático de Desarrollo

Osaka, (DPA) La vigésima conferencia anual del Banco Asiático de Desarrollo (BAD) finalizó ayer en la ciudad nipona de Osaka, tras tres días de sesiones. Lo más importante de la conferencia fue el ingreso en la institución de la República Popular China.

La Unión Soviética envió por primera vez una delegación para observar el desarrollo de las sesiones, pero no tomó decisión alguna sobre si tiene la intención de entrar en el BAD, que cuenta con 47 países miembros, en los que vive la mitad de la población del planeta.

La conferencia, a la que asistieron unos 2.000 banqueros, se vio dominada por el tema de las paridades monetarias. El lunes, el día de la inauguración, la cotización del dólar cayó en el nivel más bajo desde 1945 con 137,25 yens. EEUU y Japón son para la mayoría de miembros del banco los países más importantes a la hora de conceder créditos, por esta razón, las repercusiones económicas de las oscilaciones de las paridades de las monedas de los dos países tienen una gran importancia en toda la zona asiática.

El presidente del BAD, Masao Fujioka, anunció al fin de la conferencia que este año la institución bancaria concederá un crédito a China. Los detalles, dijo Fujioka, no se han fijado aún, pero cree que la cuantía oscilará entre 100 y 150 millones de dólares.

La Hora 30/4/87

01/01

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Conversaciones de la URSS y China.

PROCEDENCIA: LA HORA 29/4/87

ARCHIVADO EN: URSS (026)

01/01 8705367

…iaoping?" LA PRENSA 11.5.87 PN

…o político y …de Deng

…cado y despedido), el premier Zhao Ziyang (otro íntimo aliado de Deng, que sucedió a Hu como jefe del partido), el vicepremier Li Peng, el también vicepremier Wan Li, el miembro del Politburó, Hu Qili, y Dongchang, jefe de educación.

Se dice que Deng aclaró su posición: China está abierta a los países extranjeros, usa tecnología y capital extranjeros, pero "China es China, no un país occidental, y sigue el camino socialista". Y en política internacional, "la carta china está en manos de los chinos".

"Que florezcan miles de flores…"

Una caricatura publicada por el "Sydney Morning Herald", recorrió el mundo, apareciendo en los periódicos de Europa, América y Asia. En ésta se ve a un líder del partido caminando por un campo de flores, pero tras él hay otro que camina con una cortadora de césped, segando las flores. Al pie de la caricatura se lee: "Que florezcan miles de flores… China reforma".

El gran interrogante sobre China es: ¿Continuará la tendencia reformista y la "acomodación estratégica" con Occidente, especialmente con los Estados Unidos frente a la amenaza soviética (Afganistán, la ocupación vietnamita de Camboya, y las 43 divisiones soviéticas en la frontera siberiana) después de Deng, que ya tiene 83 años, o tomará el poder algún maoísta de "línea dura"? La respuesta de los seguidores de Deng ha sido que por décadas se ha ido formando una nueva dirigencia de mentalidad reformista que, silenciosamente, proseguirá la política de "Deng sin Deng". Pero ahora se plantea otra incógnita: ¿está Deng todavía a la cabeza?

Algunos observadores opinan que después de la caída de Hu, el propio Deng se ha debilitado. Pero la mayoría de los "expertos en China" creen que Deng Xiaoping "sigue firme en la montura". La inquietud estudiantil ha pasado, la economía está mejorando; la producción industrial y agrícola aum tó un 8 por ciento y las export nes alcanzaron un récord de 28.0… millones de dólares.

No hay dudas de que Deng Xiaoping es uno de los grandes líderes de este siglo. Siendo el de menor estatura en el Comité Central (Mao se burlaba algunas veces de la diminuta figura de Deng), se elevó hasta revestir caracteres de líder nacional de importancia histórica, comparable sólo con Mao Tse-tung y Chou-enlai. Debido a su oposición a Mao, cayó tres veces, y en dos ocasiones fue enterrado políticamente, pero resistió y subió hasta la cima.

El largo camino hacia la cima

En el último número de la revista "China Gráfica", un escritor chino, Wang De, escribió un artículo sobre la larga vida de Deng Xiaoping, que "no quiere una biografía escrita". La excepción fue cuando, en 1936, habló con Edgar Snow, un periodista norteamericano. El nombre original de Deng era Xixian; nació el 22 de agosto de 1904 en la villa de Sichuan. Su madre murió cuando él era todavía niño; su madrastra era hija de un botero. A los 16 años, Deng fue a Francia, trabajó en la fábrica de automóviles Renault, fue fogonero de tren y camarero en un restaurante. Se hizo marxista y por un tiempo vivió en Europa en el mismo apartamento con Chou-enlai. Se hizo propagandista comunista. Después fue a Moscú a estudiar en las universidades Oriental y Sun Yat-sen; fue compañero de clase de Chiang Jingguo, hijo de Chiang Kai-shek. Regresó a China pasando a través de Mongolia.

Deng trabajó en la clandestinidad y

se… de… Ja… co… da… na… mi… Ce… sa… ex… se… cu… en… ta"… Pe… Co… fue… "de…

E… los… en… fue… el… La… so…

De…

U… de… las… ca… cia… oc… co… se… Pr… ac… cio… cu… pr… co… am… bri…

China

0 01-01

8705407

unió a la Larga Marcha del Camino Yenán. En la guerra contra el pón y contra los nacionalistas, fue mandante del Ejército. Tras la fun- ción de la República Popular Chi- , fue ministro de finanzas, vicepre- er, y secretario general del Comité ntral; pero a comienzos de la de- strosa "Revolución Cultural", fue pulsado y cayó en desgracia. Pasó a obrero manual de una fábrica, ltivó hortalizas y crió pollos. Sin bargo, "siempre se sintió optimis- y, en 1973, estaba de regreso en kín; en 1975 era vicepresidente del mité Central. Pero criticó a Mao, y e expulsado de nuevo, acusado de esviacionista de derecha".

Entonces, en 1976, la "Pandilla de s Cuatro" –los "espíritus del mal torno a Mao"– cayó y en 1977 Deng e rehabilitado; entonces "cambió curso de la historia con una nueva rga Marcha de la modernización cialista", escribió Wang De.

eportista y hombre de familia

Jna breve visión de la vida privada Deng: Hace treinta años se fracturó piernas; entonces aumentó sus minatas y subió montañas. En Fran- , era fanático de fútbol, "es una sión vendió una chaqueta para nprar la entrada a un juego" y no perdía los juegos por la televisión. ictica la natación todavía en la ualidad. Además del fútbol, se afi- nó en Francia a los "croissants"; ndo estuvo en París en 1974, com- un centenar de croissants y los npartió con Chou-enlai y otros igos. Sus entretenimientos: el dge y el billar; Deng es un jugador de bridge de categoría mundial y en el billar "puede anotarse 100 puntos en una vuelta".

Deng es un devoto hombre de fami- lia: tiene una familia de 16 miembros de 4 generaciones. Pero su familia ha pasado por amargos períodos. Su hijo mayor, Deng Pufang, destacado estu- diante de la Universidad de Pekín, fue apaleado por la "guardia roja" de la "Revolución Cultural" hasta tal punto que quedó paralítico de por vida. Los otros tres hijos fueron en- viados a un remoto lugar del interior del país para ser "reeducados"; su esposa, Zhuo Lin, su madrastra y su hija menor, Deng Rong, puestas bajo vigilancia en otra provincia remota. Una de sus hijas vive ahora en los Estados Unidos, en donde estudia junto con otros 10.000 estudiantes chinos; el año pasado Deng tuvo un nieto, nacido en Rochester, Nueva York.

El número de "China Gráfica" (que obtuvimos en las Naciones Unidas) publicó también once fotos de Deng Xiaoping, subiendo montañas, nadan- do en el mar, visitando a Francia en 1974 (cuando advirtió que se debía estar en guardia contra la amenaza soviética a Europa occidental), mon- tando a caballo, etcétera. También hay una foto de una manifestación estudiantil, en la que los estudiantes llevan un letrero que pregunta: "¿Cómo está usted, Xiaoping?" Tras las protestas estudiantiles y los cam- bios en el partido, la pregunta se repite de nuevo, en espera de una respuesta de Deng: "¿Cómo está us- ted, Xiaoping?"

033 M.E.B.

CLARIN ★ Buenos Aires, miércoles 1° de julio de

PERIA

PROMOVERAN LA DESCENTRALIZACION DEL PODER

Impulsan reformas en

PEKIN, 30. (AFP y UPI).— Un extenso discurso pronunciado por el líder Deng Xiaoping en agosto de 1980 fue publicado parcialmente hoy por los órganos informativos oficiales chinos, acompañado de detallada información sobre la reforma política que sería aprobada en octubre por el congreso del Partido Comunista. El discurso, titulado "Sobre la reforma en el sistema del partido y la dirección del Estado", contiene las propuestas de cambios y su fundamentación, y fue calificado por la agencia noticiosa Xinhua como de un gran significado inmediato.

Deng Xiaoping anticipó en aquella oportunidad la madurez de "las condiciones para iniciar la tarea de reformar y mejorar el sistema de la dirección del partido y del gobierno", con el objetivo de quebrar la burocracia y separar el papel y los poderes de las organizaciones política y gubernamental.

Recientemente el líder chino de 84 años reiteró que el próximo congreso decidirá un profundo rejuvenecimiento en la cumbre del partido, y las reformas tenderán a expurgar a China de su "burocracia tentacular". Deng habló también en tono crítico de la centralización excesiva de los poderes, los métodos patriarcales, los cargos de responsabilidad vitalicios y los privilegios de todo tipo, prácticas que —dijo— acercan el peligro de "alejarse gravemente de las masas".

La agencia oficial china subrayó que el discurso —que será publicado mañana, al cumplirse el 66° aniversario de la creación del P.C., en separata por la

pr ye tu pr

I se co lo fu lo mi to ca re cia ên vía

China

H.E.B.

ARCHIVAR EN: R. P. China (033)

TEMA: Relations Between Chinese Communists and East Germany May Be Greatly Improved.

PROCEDENCIA: ENLACE China 20/7/87 Doc. 1052(87)

ARCHIVADO EN: ENLACE China (135/3)

01-01 8705533

11

Sábado 9 de mayo de 1987 LA NACION

China se debate para alcanzar de producción cerealer

Por Mark O'Neill

PEKIN (Reuter). – China hace intensos esfuerzos para alcanzar sus metas de producción cerealera a pesar de una intensa sequía, pero empresarios y diplomáticos occidentales coinciden en que el país tendrá que importar más granos este año para poder alimentar a su población de más de mil millones de habitantes.

Se incrementaron las importaciones de fertilizantes y los subsidios estatales para los cereales, en un esfuerzo por lograr una ambiciosa meta cerealera, fijada en el nivel de la cosecha récord de 1984 en 405 millones de toneladas.

"El propósito de la revolución comunista era alimentar al pueblo de China", –dijo un diplomático asiático a Reuter–. "Si el partido no puede alimentarlo, el pueblo perderá su fe en él."

Las exuberantes cosechas obtenidas entre 1978 y 1984 dieron la posibilidad a China de transformarse en 1985, por primera vez, en un neto exportador de granos y reducir radicalmente las importaciones que alcanzaron el nivel récord de 16.150.000 toneladas en 1982.

Pero un diplomático occidental estimó que una grave sequía reduciría la cosecha de trigo de 1987 en dos o tres millones de toneladas de los 89 millones del año anterior.

"La lluvia del mes pasado significó que será buena la producción en la superficie cultivable –manifestó–, pero la superficie es poca."

Fuertes gastos

Señaló que las dos provincias cerealeras más importantes que había visitado, Hebei y Shandong, no escatimaban gastos para alcanzar su meta e incrementar drásticamente los gastos en fertilizantes y proyectos hídricos.

Las últimas cifras aduaneras disponibles muestran que en los dos primeros meses de 1987 las importaciones cerealeras fueron de 945.226 toneladas, inferiores a las 984.735 del mismo período del año anterior, y las exportaciones de 1,020 millón de toneladas, también inferior a 1,250 millón.

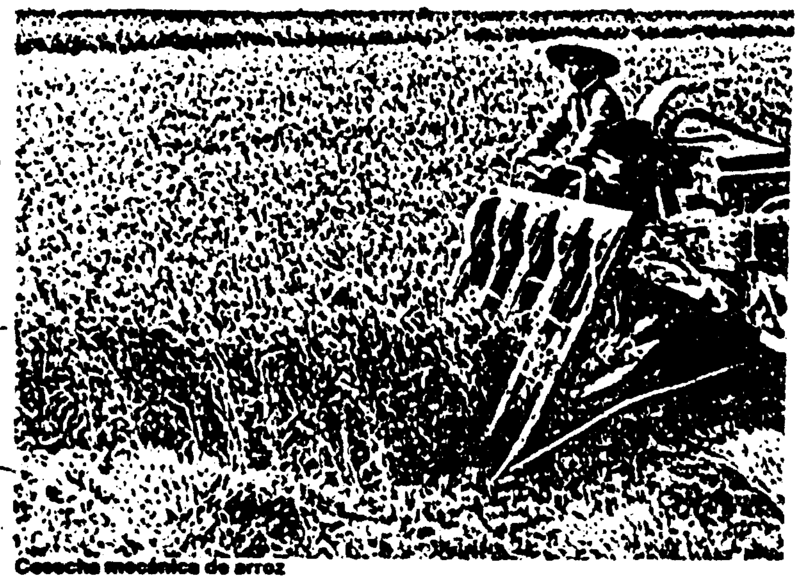
Pero las cifras de aduana indican que las importaciones de fertilizantes en enero y febrero sumaron 1,156 millón de toneladas, con un aumento del 131 y 204 %, respectivamente, sobre los meses correspondientes del año anterior.

El Diario del Pueblo dijo en un artículo de primera plana a comienzos de este mes que deben emplearse todos los medios para alcanzar la meta cerealera.

Dio ejemplos de cómo las provincias habían incrementado drásticamente su inversión en la agricultura, importado más fertilizantes y creado fondos de desarrollo agrícola con dinero proveniente de impuestos y de las industrias rurales.

La medida más importante tomada para incrementar la producción cerealera fue aumentar el precio que el Estado paga a los agricultores por el maíz y el arroz, con vigencia desde el 1 de abril.

El dinero provendrá del erario nacional, dado que el Gobierno descartó aumentar los precios que los 200 millones de habitantes de la ciudad pagan por el grano, pero los costos de esta política crecen.



Cosecha mecánica de arroz

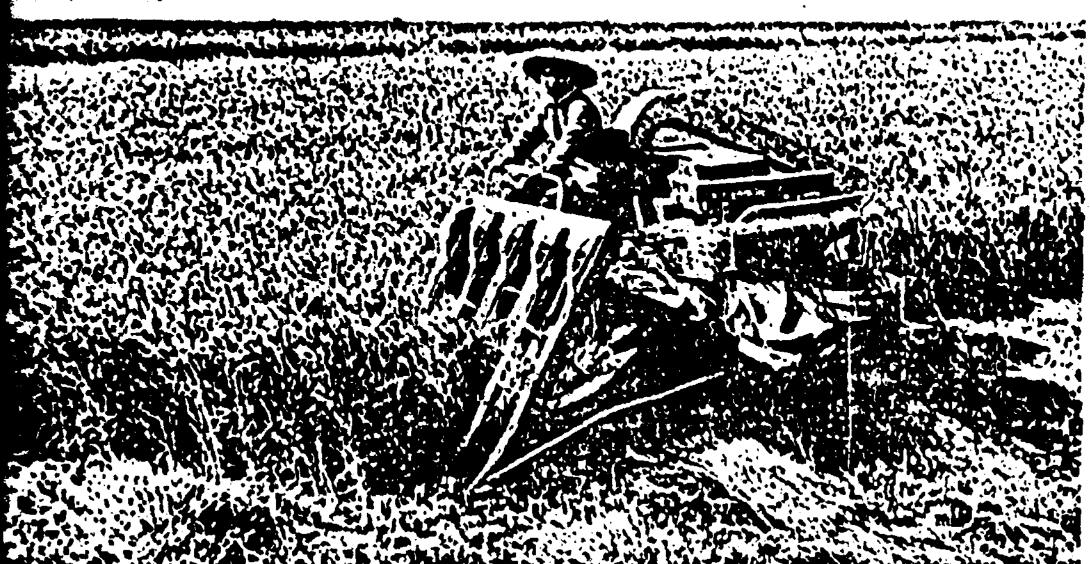
Presupuesto

En su discurso del mes pasado sobre el presupuesto, el ministro de Finanzas, Wang Bingqian, situó el costo de los subsidios a los precios agrícolas en 1987, en 33.723 billones de yuanes (9000 millones de dólares), más del siete por ciento del gasto fiscal total y superior a los 24.200 millones (6500 millones de dólares) de 1986.

01.01 8703627

ebate para alcanzar su meta producción cerealera

Por Mark O'Neill



secha mecánica de arroz (Archivo)

...tado paga a los agricultores por el ...aiz y el arroz, con vigencia desde el 1 ... abril.

El dinero provendrá del erario na...onal, dado que el Gobierno descartó ...umentar los precios que los 200 mi...ones de habitantes de la ciudad pa...an por el grano, pero los costos de ...ta política crecen.

Presupuesto

En su discurso del mes pasado sobre el presupuesto, el ministro de Finanzas, Wang Bingqian, situó el costo de los subsidios a los precios agrícolas en 1987, en 33.723 billones de yuanes (9000 millones de dólares), más del siete por ciento del gasto fiscal total y superior a los 24.200 millones (6500 millones de dólares) de 1986.

"Parece que no hay muchas posibilidades de que los subsidios a los precios puedan ser abolidos en el futuro cercano", dijo el viceprimer ministro Tian Jiyun en una conferencia de prensa el mes pasado.

Esto sólo puede ocurrir gradualmente, señaló, "mientras nuestras reformas económicas estructurales se profundizan y el sistema de precios es gradualmente puesto en orden".

El aumento de la demanda interna también obliga a China a reducir sus exportaciones. Un comerciante japonés indicó que los embarques de maíz caerán en 1987 a tres millones de toneladas, cuando el año pasado fueron de 5,340 millones de toneladas de una producción cerealera total de 9,240 millones.

"China continuará exportando maíz al Japón y la Unión Soviética a quienes considera sus clientes más importantes. No venderá a otros", afirmó.

"Las exportaciones cayeron porque la demanda interna es sostenida, los precios internacionales están bajos y existe una brecha de hasta 30 dólares por tonelada entre los precios cerealeros locales y los internacionales, lo que obliga a China a pagar un subsidio sobre cada tonelada que exporta", señaló el comerciante.

China está decidida a no depender de las importaciones. El periódico Ming Pao, de Hong-Kong, citó el mes pasado al líder chino Deng Xiaoping, diciendo que su país debe evitar la situación de los últimos años de importar más de 10 millones de toneladas anuales.

Las importaciones del año pasado crecieron a 7,73 millones de toneladas,de 5,97 millones en 1985, y las exportaciones a 9,420 millones de los 9,330 anteriores.

Un diplomático occidental situó las importaciones de este año en 9,650 millones de toneladas y las exportaciones en 7,200 millones. (c) LA NACION

870562

033

Advertencia china acerca de las ideas capitalistas

Beijing, 15 (UP).—El primer ministro Zhao Ziyang, al comentar las recientes protestas estudiantiles en China, advirtió hoy que el partido Comunista nunca más permitirá que las ideas capitalistas provoquen divisiones internas.

Zhao, quien es también presidente del partido Comunista, afirmó que la vida modesta y el "combate contra el liberalismo burgués", como han nombrado la campaña contra las tendencias cpaitalistas, son las principales prioridades de China.

Las dos políticas han sido citadas repetidamente por los comunistas de línea dura desde que se realizaron varias manifestaciones estudiantiles en demanda de reformas democráticas en 13 ciudades chinas, en diciembre pasado.

Zhao, uno de los más importantes reformistas del actual liderazgo chino, fue citado por la oficial agencia noticiosa Xinhua diciendo a los miembros de un organismo asesor del Parlamento que la modernización del país depende del éxito de la lucha contra el liberalismo burgués.

"Menos del uno por ciento de los estudiantes universitarios estuvo involucrado en las manifestaciones, que duraron un corto período" señaló Zhao.

"Además, la gente en las ciudades y en el interior, permaneció en calma. Esto demuestra que el 99 por ciento de la gente odia el desorden", agregó

Zhao advirtió, sin embargo, que para prevenir futuras manifestaciones de los estudiantes, "el partido Comunista debe emitir un comunicado a todo el país para decir que nunca permitirá que el liberalismo burgués vuelva a interrumpir nuestra campaña hacia la modernización".

El dirigente agregó que, al llevar a cabo esta campaña contra el capitalismo, China debe persistir en sus reformas de apertura al resto del mundo, que según sus políticas consiste en importar sólo los productos que se consideran elementos positivos de la cultura y la tecnología occidental.

Algunas de las principales reformas de Zhao están siendo cuestionadas por los conservadores chinos, y sus comentarios de hoy al parecer tuvieron la intención de calmar a los dirigentes de línea dura y promover sus políticas.

China

Ø33

La Nación 16/1/87

China no permitirá el capitalismo

PEKIN, 15 (UPI). - El primer ministro Zhao Ziyang, al comentar sobre las recientes protestas estudiantiles, advirtió hoy que el Partido Comunista nunca más permitirá que las ideas capitalistas provoquen divisiones internas.

Zhao, quien también es presidente del Partido Comunista, dijo que la vida modesta y el "combate contra el liberalismo burgués" son las principales prioridades de China.

Zhao, uno de los más importantes reformistas de la actual conducción china dijo a los miembros de un organismo asesor del Parlamento que la modernización del país depende del éxito de la lucha contra el liberalismo burgués.

Zhao advirtió, sin embargo, que para prevenir futuras manifestaciones de los estudiantes, "el Partido Comunista debe emitir un comunicado a todo el país para decir que nunca permitirá que el liberalismo burgués vuelva a interrumpir nuestra campaña hacia la modernización".

China

Taipei se perfila como principal centro financiero en sustitución de Hong Kong

Tres plazas: Tokio, Singapore y Taipei, se perfilan como candidatas a reemplazar a Hong Kong como centro financiero de Asia, una vez que Pekín asuma el poder en esta colonia británica, lo que ocurrirá en 1997.

C. Hayes, presidente financiero del Banco Nacional de París en Hong Kong, efectuó una pormenorizada evaluación de las posibilidades y en sus conclusiones sostiene que si el gobierno de la República China, insiste en adoptar una efectiva política financiera, las perspectivas de que Taipei asume el status desempeñado hoy por Hong Kong, son elevadas.

Esta última plaza ganó el rol de centro financiero, al amparo de la experiencia de sus ejecutivos, el papel secundario del que se cuidó de no salir el propio gobierno de la colonia británica, y la total libertad de entrada y salida de capitales. Sin embargo, con la sombra de la nueva administración comunista, al cabo de la próxima década, es dudoso que mantenga el dominio de las finanzas.

Aparecen entonces las posibilidades de las tres plazas citadas. Tokio tiene el respaldo de su continua expansión, el poder de su economía, sus reservas y el volumen de sus transacciones en los mercados externos. Pero según Hayes, Tokio comparativamente está lejos del sureste asiático. Además, el costo de vida allí es muy alto, todo lo cual es desventajoso para que la metrópoli japonesa sea el nuevo centro financiero.

Pese a que existen algunas regulaciones estrictas en torno a los negocios financieros, Singapore se erige como el candidato con mayor potencia, según el banquero. Tiene la ventaja de su proximidad geográfica al sureste asiático y la mayor parte de su gente tiene buen conocimiento del inglés. En la práctica, sus operadores tienen menor dominio de los negocios en comparación con Tokio o Taipei.

Frente a estas dos opciones se erige Taipei con aspectos superiores en términos geográficos y en el potencial de su desarrollo económico, a poco que el gobierno de Taiwán reaccione rápidamente, modificando algunos aspectos de su política financiera y las respectivas regulaciones.

033

Síntomas de libertad en China continental

Que las diferencias entre los regímenes comunistas que sojuzgan a diferentes países existen, existen. No hay duda.

Y si no, véase —o, mejor dicho, sépase— que la "perestroika" soviética del camarada Gorbachov no es lo mismo que la "campaña de rectificación" del camarada Zhao Ziyang, que al cabo de tres años de aplicación en la China continental, determinó la reciente expulsión del Partido Comunista de 33 mil militantes y series medidas disciplinarias para otros 184 mil, acusados de malversaciones pecuniarias y desviaciones ideológicas.

Pero la campaña de moralización china tiene también su contrapartida. No todo habrá de ser sanciones y, aunque a paso de tortuga, la "perestroika" recién alumbrada por el comunismo ortodoxo moscovita, parece dirigirse camino a Pekín, adonde llegaron sus primeros adelantados.

Obedeciendo a los principios rectores del sistema que introduce ciertas reformas, la férrea dictadura termina de autorizar a que los chinos continentales bailen. Así pudo saberse entre nosotros —que nos alegramos por la conquista de las parejas pekinesas— a través de la agencia noticiosa internacional Reuter, que en un cable fechado en Pekín dice: (transcribimos textual) "Pekín, Reuter. Los bailes han sido autorizados en la ciudad de Pekín, siempre que las luces alumbren bien, que no se sirvan bebidas alcohólicas y que actúe una banda que sepa dos canciones y que use trajes iguales.

Los postulantes deben ser registrados en la policía, obtener una licencia del Ministerio de Cultura y un permiso comercial del Departamento Estatal de Industria y Comercio, se hizo notar. Los conjuntos musicales deben llevar el mismo traje todos sus miembros, tener por lo menos cuatro integrantes y conocer, por lo menos, dos piezas. La única música autorizada es la que ya ha sido legalmente editada, o emitida por radio y TV. La noticia aclaró que no existen normas acerca del tipo de danzas que puedan bailar los concurrentes".

Si la "perestroika" soviética consigue apurar el paso, siglo llegará en el cual los comunistas chinos podrán bailar alguna música distinta a la autorizada por ahora. Principio quieren las cosas.

ÚLTIMAS NOTICIAS 4/6/87

China

01/01

8705896 .

28

033

China

34 altos oficiales

China: siguen recortes del personal militar

PEKIN, (UPI).— El ejército de China pasó a retiro a 34 oficiales de alto rango del área de Pekín siendo este el grupo más numeroso de oficiales pasados a retiro de una vez desde que se iniciaron los recortes de personal militar hace dos años, informó ayer el Diario China.

El diario indicó que la decisión fue aprobada por el máximo dirigente Deng Xiaoping, quien es el presidente de la Comisión Central Militar.

"El Ejército Popular de Liberación (EPL) pasó a retiro a 34 oficiales de alto rango en el área militar de Pekín en un gran esfuerzo por rejuvenecer su liderazgo", señaló el Diario China.

Todos los oficiales cuyas carreras datan de principios de la década de 19 30, se desempeñaban en importantes puestos más altos que el rango de "comandante del ejército" indicó la información.

Fueron elogiados por sus "extraordinarias contribuciones" a la modernización del EPL por el comandante en jefe Qin Jiwei y el comisario político Yang Baibin de la zona militar de Pekín.

El diario destacó que éste ha sido el número más grande de oficiales de alto rango que han sido pasados a retiro desde que el EPL, que incluye la armada y la fuerza aérea, inició hace dos años un programa para reducir en un millón sus efectivos.

La Mañana 23/6/87

PP05897

01/01

¿Quién gobierna en China?

PEKIN, 11 (Por Patrice de Beer, de "Le Monde", especial para Clarín). — Los conservadores acaban de aferrarse de algunas otras citas de Deng Xiaoping para justificar la nueva mano dura.

Las posibilidades actuales son que Deng haya dado un giro completo y reniegue ahora de su pragmatismo anterior o bien que se ha visto obligado a comprometerse ante los conservadores. Resta la interpretación de que está luchando desde la última fila contra esta ola de ortodoxia que amenaza con aplastar su política de reformas. ¿Podemos pensar que Deng es víctima de esa vieja práctica de "agitar la bandera roja para combatir a la bandera roja"?

Los antiguos métodos son difíciles. La prensa reflota textos viejos que sirven a la polémica actual y retoma el hábito del ataque indirecto, como cuando se denunciaba la política de Kruschev a través de críticas al mariscal Tito... Los primeros ataques se dirigen a los intelectuales de renombre. ¿Son ellos lo suficientemente poderosos como para poner en cuestión el poder comunista, o bien la cultura sigue siendo la arena de lucha privilegiada entre las facciones políticas?

Este tipo de críticas revive malos recuerdos: las denuncias recíprocas, las autocríticas, las campañas contra las "obras aborrecibles". Los textos elogiados ayer se convierten en desagradables brulotes a los que se les achaca una verdad poco halagadora: cierto artículo del periodista Liu Binyan sobre la corrupción de algunos dirigentes de la ciudad de Xian, publicado hace dos años en el "Diario del Pueblo", hoy es declarado reprochable porque "reabre viejas heridas". Sigmund Freud, "rehabilitado" en 1984, y Jean Paul Sartre sufren hoy una nueva embestida...

¿Quién gobierna en China? Los chinos se lo preguntan con angustia; ahora, cuando creían que el pasado estaba enterrado para siempre. Se preguntan también a quién deben recurrir en caso de ambigüedad o si podrán "seguir con sus negocios". "Retrocedimos diez años", nos comenta alguien con apuro, pues se siente observado por la omnipresente policía china.

La incertidumbre es aún mayor en el interior, donde las noticias llegan con atraso, al punto de ser ya perimidas, superadas por nuevos acontecimientos. En el Cantón cierto funcionario nos confió a mediados de febrero que desde la dimisión de Hu Yaobang se temió un regreso a los sucesos de la revolución cultural.

En el aspecto económico, la puerta abierta se ha entornado. Las discusiones comerciales parecen dificultarse y los negociadores chinos habrían recibido la instrucción de alargar los procedimientos. La actitud de Pekín hacia el problema de la democratización de Hong Kong se ha endurecido y han vuelto a la primera fila los cuadros militares más conservadores, sujetos con rienda corta en los últimos años. Ahora han regresado y reclaman el crédito y el poder que les corresponde.

Resulta dudoso que Zhao llegue a consolidar su poder a la cabeza del partido comunista chino. Hoy asistimos a una verdadera pulseada por la sucesión de Deng aún antes de que éste haya abandonado la escena. Ocurre que no está solo en juego su cargo, sino también la política a seguir en los próximos años.

No obstante hay grandes divergencias con el pasado. En la actualidad vida cotidiana transcurre como si n hubiera ocurrido.

P.P.

China

01-01

8706035

033

CHINA ROJA DA CUENTA DE PURGA IDEOLOGICA Y MALVERSACIONES

BEIJING, (EFE y AP).— El cinco por ciento del dinero destinado a varias instituciones de educación pública fue a dar a otras arcas durante dos años consecutivos, informa el diario "Claridad".

Malversaciones de alrededor de 500 millones de yuanes (unos 135 millones de dólares) fueron descubiertas por los organismos de inspección en 2.700 distritos y unos 10.000 centros de enseñanza.

Las sumas, destinadas en principio a renovar escuelas e instalaciones vetustas, se aplicaron a la construcción de oficinas y hoteles, cuando no a la compra de automóviles o a otras actividades comerciales.

Algunos de los administradores inmovilizaron en el banco parte del dinero vertido, en detrimento de la seguridad de las aulas.

A pesar de la gravedad de esta situación, los departamentos de inspección financiera manifiestan cierto optimismo en cuanto a su evolución, pues en años anteriores las malversaciones podían alcanzar en algunas zonas hasta un nueve por ciento del presupuesto de educación, añade "Claridad".

EXPULSADOS

Se supo asimismo que el Partido Comunista chino expulsó a más de 33 000 militantes y disciplinó a otros 184 000 durante los tres años y medio que duró una campaña de rectificación, dijo un alto dirigente del partido en un discurso publicado.

El diario del partido, Renmin Ribao (diario del pueblo), y otros importantes periódicos publicaron el texto del discurso pronunciado el martes pasado por Bo Yibo, vicepresidente de la comisión de consolidación de gobierno, en una reunión de la alta dirigencia del partido.

En el discurso, Bo declaró que la campaña de rectificación era exitosa, pero dijo que aún persisten problemas en los rangos del partido que tiene 44 millones de miembros.

La campaña fue iniciada en 1983 para desembarazarse de los izquierdistas que se unieron al partido durante la revolución cultural radical 1966-76 y fue posteriormente ampliada para incluir sanciones por corrupción.

Partes de los discursos de Bo y el Primer Ministro Zhao Ziyang en la reunión de la semana pasada que marcó el fin de la



ZHAO ZIYANG; en pleno proceso de crítica y autocrítica

campaña, fueron publicados por la prensa oficial.

LOS DATOS

En todo el país, excepto la región autónoma de Guangxi Zhuang del sur de China, fueron expuestas en público 5.449 personas por incurrir en golpizas, acuchillamientos y saqueos, dijo Bo.

También fueron expuestos otros 43.074 por cometer serios errores.

En Guangxi, 27.919 personas, entre ellas 6.042 dirigentes y 13.154 que incurrieron en serios errores, fueron igualmente expuestos por violar la ley y la disciplina del partido.

No explicó por qué las cifras de Guangxi eran tan altas y se mencionaron en forma separada del resto de la nación.

Bo dijo que 33.896 personas fueron expulsadas del partido y otros 184.071 fueron objeto de la disciplina interna al someterseles a investigaciones, destituciones de sus cargos, recomendaciones de suspensión de cargos no partidistas y serias advertencias.

A otras 90.069 no se les permitió reinscripción en el partido y a otros 145.456 solo se les inscribió a prueba por un periodo, dijo.

Dijo que se emplearon métodos de crítica y autocrítica para dar la solución adecuada a los problemas.

INFORMALIDAD

"La campaña ayudó a la gente a descubrir que las actividades promovidas durante la revolución cultural bajo la bandera de la lucha de clases estaban equivocadas y fortaleció la capacidad del partido para resistir el capitalismo y la ideología feudal decadente", dijo Bo.

"Pero el trabajo de rectificación no ha sido balanceado", dijo. "Algunas unidades de trabajo, incluyendo las de alto nivel, asumieron la rectificación con informalidad y sus problemas de debilidad en la tarea de rectificar aún esperan solución", dijo.

"Algunos de ellos sólo emitieron documentos y apelaciones, pero no hicieron un verdadero trabajo de rectificación", dijo.

Dijo que entre los problemas que aún subsisten se hallan el mal empleo de los contactos personales, remanentes de faccionalismo y feudalismo, la práctica de actos reñidos con la ley debido a que era una orden de un funcionario poderoso y el uso del poder para el beneficio personal.

Algunos de los que cometieron esos errores no han sido aún expuestos en público o expulsados, sino severamente tratados, dijo Bo.

LOS LIBERALES

"En la corrección de los errores izquierdista, no se ha prestado la debida atención a los errores derechistas y una tendencia al liberalismo burgués, la occidentalización y el capitalismo sobre el socialismo", dijo Bo.

La mayor acción contra el liberalismo burgués fue llevada a cabo en enero pasado en respuesta a la intranquilidad estudiantil en manifestaciones prodemocracia.

Bo dijo que algunos miembros del partido han participado en la propagación del liberalismo burgués.

"Debido a que algunos importantes funcionarios terminaron en 1983 una campaña contra la polución espiritual, el resultado fue que los promotores del liberalismo burgués se creyeron con derecho a protección", dijo.

U NOTICIAS 21/1/87

R.P.

China

01/01

8706039

ARCHIVAR EN: China (033

TEMA: China: INTERNAL SITUATION

PROCEDENCIA: ENLACE Ingles 3/8/87 Doc 1099/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Ingles (135/C)

01-01 8706118

ARCHIVAR EN: China (033)

TEMA: China: THE ECONOMY AND REFORM.

PROCEDENCIA: ENLACE Ingles 3/8/87 Doc. 1101/87

ARCHIVADO EN: ENLACE Ingles (135/C)

01-01 8706137

P.P.
033

China

CRUZAR CON URSS

PERTA

Buenos Aires, ... 12 de julio de 1987 ★ CLARIN

LOS PROCESOS DE REFORMA EN CHINA Y EN LA URSS

La pugna en el poder chino.

PEKIN, 11 (AP, "Los Angeles Times" y "The Washington Post" especial para Clarín). — Hay signos concretos e inconfundibles de que la selectiva ortodoxia que dominó la política china en los últimos seis meses es en la actualidad blanco de crecientes ataques por parte de otros dirigentes partidarios que auspician las reformas económicas y sociales propulsadas por el veterano líder Deng Xiaoping. Sin duda, el indicio más claro es que la agencia noticiosa oficial, Xinhua, informó de las críticas efectuadas por el primer ministro chino y secretario general del Partido Comunista, Zhao Ziyang, a aquellos funcionarios que consideran que las reformas introducidas hace ocho años atentan contra el socialismo. "La mayoría de los principales cuadros ya eran demasiado ancianos hace años —dijo el primer ministro—. El problema de la enorme cantidad de dirigentes viejos no ha sido superado." Xinhua difundió el párrafo donde Zao decía: "Trabajar a puertas cerradas en un vivero es mucho más cómodo, pero las flores cultivadas así son más frágiles y vulnerables a las tormentas. No podemos abandonar las reformas, dejar de abrirnos al mundo exterior y reforzar la economía y, al mismo

81/02

8706153

CLARIN ★ Buenos Aires, do[illegible] 12 de [illegible]

PERLA

poder chino

[illegible]tiempo, volver a trabajar en las mismas condiciones que ayer".

Zhao, que formuló estas declaraciones el 13 de mayo durante una reunión de especialistas en propaganda, teoría y periodismo, dijo que "la publicidad que se dé a estas reformas es una tarea delicada, que debe llevarse a cabo con suma prudencia y cautela".

La difusión de su discurso sigue a una serie de artículos aparecidos recientemente en medios de información y declaraciones de Deng, favorables a reimpulsar las reformas a fin de reducir la burocracia y aumentar la democracia con vistas al próximo congreso del partido, que tendrá lugar en octubre.

Residentes occidentales en Pekín infieren que crecerá aún más la lucha entre las distintas tendencias a medida que se aproxime el Congreso que se realiza cada cinco años, marca la dirección general de la política y designa a los futuros dirigentes. Cierto diplomático europeo observaba que "evidentemente los reformistas de Zhao han tomado la ofensiva".

La ortodoxia, sin programa

Desde que el antiguo jefe del partido Hu Yaobang debió renunciar en enero, tomó la hegemonía de los medios y la dirección política una coalición de ortodoxos intransigentes que bien pronto trató de sofrenar las medidas liberalizadoras impulsadas por Deng. Ultimamente, sin embargo, los medios vuelven a publicar advertencias de Deng y Zhao sobre los graves peligros del izquierdismo paralizante y de la "osificación" que producen las ideas anticuadas. Es que, como reflexionan algunos analistas, "los conservadores no tienen ninguna alternativa [illegible] que no tienen un programa económico. Lo que ofrecen es volver a los '50, y ¿quién puede querer eso?: nadie".

Los ortodoxos, sin embargo, no miran la creciente influencia de Zhao con los brazos cruzados: los periódicos chinos de las últimas semanas también exhiben generosamente casos de malversaciones cometidas por empresarios privados y crímenes morbosos con fines económicos. La criminalidad y los delitos financieros son el blanco preferido de quienes creen que las innovaciones apartan a China del comunismo e inducen al caos social.

Por su parte, el mensaje simbólico de los reformistas equipara el izquierdismo ciego con la pobreza. La frase "pobreza socialista" recuerda a muchos chinos la historia de la Revolución Cultural, entre 1966 y 1976, cuando Mao Tse-tung y sus aliados sostenían las ventajas de "comer el pasto socialista" antes que compartir el alimento del capital. Incluso el órgano teórico del partido, el periódico "Bandera Roja", un foro exclusivo de los ortodoxos desde enero, defiende hoy las reformas económicas. "Sin una política de apertura y reformista, nuestro socialismo se habría osificado y estancado, y la construcción de un socialismo de características chinas hoy no significaría nada", rezaba un reciente editorial.

Por primera vez en los últimos seis meses se está discutiendo el esbozo de un programa para separar al Partido Comunista del aparato administrativo estatal. Esta semana, Deng confirmó a cierto dirigente yugoslavo, de visita en Pekín, que "la reforma política está a la orden del día y será el centro del debate en el próximo congreso".

Por lo demás, ¿qué será de China sin su anciano líder? En círculos diplomáticos occidentales se especula que Deng, de 83 años, podría llegar a renunciar al Politburó, en parte porque desea facilitar el camino a los líderes más jóvenes pero también como una estrategia para obligar a dimitir a los conservadores, tan viejos como él. Aunque Deng renunciara, seguiría ejerciendo una enorme influencia en el partido y el gobierno. "Mientras esté vivo, el viejo líder conservará el control", opinaba ayer un empresario europeo.

Un totalitarismo caótico e ineficaz

Más allá de conjeturas y especulaciones —nadie sabe aún cómo se definirá la pulseada—, todavía permanece intacta la estructura originalmente rígida que China constituyó con la ayuda de la Unión Soviética tras la revolución del '49. En la teoría, el Es[illegible]tado controla cada aspect[illegible] de la actividad human[illegible] decide cuándo se casan lo[illegible] individuos, dónde vivirá[illegible] y cuándo tendrán hijos. E[illegible] este país que todavía hon[illegible]ra a José Stalin y levant[illegible] la bandera de "la dictadu[illegible]ra del proletariado", al Es[illegible]tado cada vez le cuest[illegible] más conservar el contro[illegible]

POCO LEGIBLE

033

Cooperación chino - búlgara

Pekín (PL). El presidente búlgaro, Todor Yivkov, iniciará en las próximas horas una visita oficial a China consagrada a la cooperación bilateral y la lucha por la paz y el desarme, informó ayer a Prensa Latina un vocero oficial del país europeo.

Esta será la primera vez que un primer secretario del Partido Comunista y presidente del Consejo de Estado búlgaro visite a la República Popular China en los anales de la historia entre ambas partes.

En declaraciones a la prensa china publicadas ayer, Yivkov consideró que las partes deben esforzarse por mejorar y diversificar los intercambios políticos, científicos, tecnológicos, comerciales y culturales y expandir la cooperación industrial y agrícola, donde —indicó— subsisten muchas áreas vírgenes.

El portavoz señaló que al término del periplo, que durará cinco días, Yivkov y el primer ministro chino Zhao Ziyang firmarán un acuerdo general para la promoción de la cooperación mutua en los campos económico, comercial y tecnológico.



Todor Yivkov.

LA HORA 5/5/87

China cruzar con BULGARIA

01/01

8706197

R. 201 (12)
033

a Popular

Montevideo, 20 de Julio de 1987.-

AGENCIA DE NOTICIAS XINHUA (CHINA COMUNISTA).-

- Gestionaron en 1985 ante ANTEL, su establecimiento en el país, por intermedio de Agustín Jorge COUTO(sin antecedentes) quien trabaja en la empresa José María FACAL y Compañía, Colon 1572, Telf.:93 - 69 - 05, y se domicilia en 21 de Setiembre 2415, Telf.:70 - 93 - 35. Dicha gestión aún no está terminada.-
- El Nº. de Telex internacional de la Agencia es 23643 - [illegible] - AR.
- La agencia se encuentra en la calle Cerecé Nº.543 Ap. 601 del Edificio JUCANE, Telf.:70 - 09 - 47.
- El Nº. de Telex de Uruguay es XINHUA - UY 6321.
- Se efectuaron 2 llamados telefónicos consecutivos a la misma y atendieron 2 personas diferentes de marcado acento extranjero.-

POCO LEGIBLE

MINISTERIO DE DEFENSA NACIONAL

DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA

A. G. I. I.
DIV.MICROFILMACION

ACTA DE CIERRE

ANEXO AL ROLLO: 992 (2) (2ºORIGINAL)
(PG)

LUGAR DE LA MICROFILMACION (ORGANISMO): DIRECCION GENERAL DE INFORMACION DE DEFENSA.-

FECHA DE FINALIZACION DE LA MICROFILMACION: 17.DIC.93.-

DENOMINACION DE LA DOCUMENTACION QUE SE MICROFILMO: POR RAZONES DE SEGURIDAD EN VIRTUD DE QUE EL 1er.ORIGINAL PRESENTO PROBLEMAS DE HUMEDAD
:
DOCUMENTOS DEL DEPARTAMENTO II DE LA D.G.I.D.-(PAISES)- AÑO 1987

IDENTIFICACION DEL ULTIMO ORIGINAL MICROFILMADO: R?E?8706543 FS.01/01;

REF.A.:Agencia de Noticas XINHUA (China Comunista)

OPERARIO/S: Sdo.1ra.G.Pose.-

REDUCCION DE IMAGEN: 29 X

SISTEMA EMPLEADO: STANDARD

ROLLO SIMULTANEO: NO

VISTO: Una vez comprobadas las características que contiene el último documento microfilmado en el Cierre del Acta, se da por finalizada la microfilmación firmando para su constancia el funcionario responsable y la Dirección de la Oficina, como aval de la autenticidad de este rollo.-

El Encargado de la División Microfilmación
S.O.M. Juan Carlos Martínez

El Jefe del A.G.I.I. de la D.G.I.D.
Coronel Walter A. Mesa